



A T L A S do esporte no Brasil

Atlas of Sports in Brazil

Lamartine DaCosta | organizador |

CONÓRCIO

CONFED

SESI

SESC

FENABB

ACM

CBC

COB

C O N S Ó R C I O

Conselho Federal de Educação Física Serviço Social da Indústria Serviço Social do Comércio

Federação Nacional das Associações Atléticas Banco do Brasil Associação Cristã de Moços

Confederação Brasileira de Clubes Comitê Olímpico Brasileiro Comitê Paraolímpico Brasileiro

Fundação Getúlio Vargas / Escola Brasileira de Administração Pública e Empresas

Fórum Nacional dos Secretários e Gestores Estaduais de Esporte e Lazer Ministério dos Esportes

Atlas do Esporte no Brasil

Atlas do Esporte, Educação Física e
Atividades Físicas de Saúde e Lazer no Brasil

Atlas of Sports in Brazil

*Atlas of Sports, of Physical Education and
of Physical Activities for Health and for Leisure in Brazil*

Logo da Editora

Lamartine DaCosta ORGANIZADOR
Ana Miragaya EDITORA ASSOCIADA
Évlen Bispo PROGRAMAÇÃO VISUAL

Ficha catalográfica

ORGANIZAÇÃO E EDIÇÃO

ORGANIZATION AND EDITORIAL STAFF

Lamartine P. DaCosta (Org.)

Ana Miragaya (Editora Associada/ *Associate Editor*)

Evlen Bispo (Programação Visual/ *Visual Programming*)

EDITORES

EDITORS

Antônio Carlos Bramante

Cátia Duarte

Heloisa Guimarães Peixoto Nogueira

Ionara Thompson Ferreira

Janice Mazo

José Carlos Eustáquio dos Santos

José Geraldo Carmo Salles

José Koff

Leandro Nogueira

Leonardo Mataruna

Valéria Bitencourt

Vera Lúcia Costa

Verônica Périssé Nolasco

PUBLISHER

Dante Gastaldoni

ADMINISTRAÇÃO E INFORMÁTICA

MANAGEMENT AND COMPUTER TECHNOLOGY

Íbea Menezes

Ivan Pessanha

Luciana A. Prado

HOMENAGEM

Henrique Nicolini (SP) e **Henrique Licht** (RS),
pioneiros da memória do esporte no espaço brasileiro

IN MEMORIAM

Paulo Roberto Bassoli (MG),

Voluntário do Atlas, digno professor e amigo

Esporte: o bom do Brasil

O esporte, como as atividades físicas em geral, constitui o bom do Brasil. E assim acontece porque expressa a identidade polissêmica, multicultural e miscigenada de seu povo. Além disso, o esporte historicamente em meio à diversidade nacional sobrevive por ser comunitário em sua essência e por ter como base o voluntariado e, por vezes, a excelência entendida por boas práticas. Como tal, o esporte brasileiro possui valores intrínsecos e distintos das instituições do país e de seu governo ao ser observado como manifestação cultural, social, comunitária e até mesmo econômica. Em resumo, o esporte reflete mais o povo brasileiro do que caracterizações descritivas e analíticas a ele atribuídas, sempre limitadas.

Esta percepção teve suas primeiras evidências empíricas nos levantamentos de dados do “Diagnóstico da Educação Física e Desportos no Brasil” de 1971, quando se confirmou o grande potencial comunitário dos pequenos e médios clubes esportivos brasileiros. Naquele estágio de conhecimento dos fatos sociais do país, era corrente a interpretação inversa, ou seja, de que as práticas comunitárias no Brasil eram reduzidas ou inexistentes. Nestes termos, por ser o esporte nacional atípico, supõe-se que tenha sido pouco compreendido e, portanto, tenha sido nivelado à ordem comum e reducionista. Daí se explicaria a opção predominante da mídia ao associar o esporte ao espetáculo e este ao futebol. Coerentes com esta falácia, oscilações de intelectuais desinformados – ou preconceituosos – têm surgido quer se manifestando com a desgastada tese da manipulação das massas ou a interpretação festiva e mística da supremacia da improvisação do brasileiro. Por sua vez, os políticos do poder central, em número importante, estariam se conciliando com a percepção do esporte como espetáculo, também dando prioridade ao tão propalado “país do futebol” e pondo de lado a maioria silenciosa que se identifica com o associativismo esportivo, o lazer e a saúde em suas diversificadas práticas.

A conseqüência mais grave destas interpretações superficiais, ou por outras razões adversas, é a marginalização do esporte e, sobretudo, das atividades físicas voltadas para saúde, educação, lazer e inclusão social, nas estatísticas nacionais. Há, então, um desconhecimento do porte e significado dos esportes em conjunto e em escala nacional, embora o setor em foco possa ser uma das maiores, senão a maior das atividades sócio-culturais do país. Tem prevalecido, portanto, a intuição das lideranças e dos gestores governamentais em suas intervenções e nas poucas iniciativas de políticas públicas envolvendo o esporte e a Educação Física em seus percursos históricos.

Outro desconhecimento em nível macro das práticas físicas no país é o indevido agravamento de suas instituições por impostos como se atuassem com produtos e serviços supérfluos. No caso das atividades comunitárias e da oferta de práticas para a saúde, estar-se-ia diante da taxaço do exercício da cidadania e de sua proteção quanto à integridade física. Esta peculiaridade representaria o grau máximo de incompreensão do setor e revela a sobrevivência residual do entendimento do esporte – e da própria Educação Física – como mero passatempo de pessoas afluentes. Enfim, a desinformação – ora pretensamente associada a preconceitos históricos das elites política e intelectual – constitui o motivo central da produção da presente obra, a qual se pode associar a um certo cansaço dos profissionais, líderes e aficionados do setor na espera de um levantamento amplo de seus campos de intervenção e de responsabilidades sociais.

Pressupostos do empreendimento De fato, houve uma tentativa censitária relacionada ao esporte, à Educação Física e às atividades de lazer correlatas a estas práticas, no já aqui citado “Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil”, financiado à época pelos Ministérios do Planejamento e da Educação e Cultura. Embora tenha sido constatado por este levantamento, uma nítida e crescente expansão do setor, jamais houve continuidade e sequer monitoramento dos dados revelados. Retornou-se então à intuição como ferramenta de gestão e à percepção casuística e aos preconceitos como forma de compreensão. Neste particular, os gestores e líderes do esporte de livre iniciativa também carentes de uma visão macro da sua área de atividade, têm aparentado não alcançar o próprio valor sócio-econômico de suas intervenções e responsabilidades.

A conclusão geral que se extrai destas incompreensões, refere-se às atividades físicas ordenadas e/ou espontâneas no Brasil como subestimadas por quem faz, administra, legisla e/ou lidera, além da opinião pública em geral. Portanto, não é surpreendente que no início do Governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva, em 2003, o Ministério do Esporte foi um dos mais rejeitados de modo explícito por diferentes partidos e linhas ideológicas quando da mudança do Governo Federal e respectiva escolha de um novo ministério. As declarações então abertas à mídia confirmaram que o esporte e demais atividades físicas profissionalmente organizadas ou em versões comunitárias estavam sendo bem mais consideradas como meios de diversão do que vetores de desenvolvimento. Haveria, então, prejuízos para a sociedade brasileira partindo dos poderes centrais da nação, distanciados quanto a uma das poucas áreas de intervenção que produz impactos simultâneos na educação, saúde, economia, lazer, cultura e inclusão social.

O contraste dessas circunstâncias com o tratamento que os países avançados dão ao setor esportivo e atividades correlatas é sintomático na medida de que hoje este setor movimenta nestas nações algo entre 2% e 3% do PIB. Esta cifra ao se ampliar pela incorporação das atividades de turismo, lazer e entretenimento define simplesmente o

Sports: a new Brazil

This book has been written to generate the following benefits to the target reader:

- *The most comprehensive databank of sport and physical education and sports in Brazil;*

- *Detailed information about Brazilian physical education, sports (traditional, Olympic, non-Olympic, extreme, adventure, clusters), physical education, recreational activities (leisure and traditional games), publications, educational institutions, organizations related to sports, military organizations, professionals, athletes, human resources, health clubs, health programs, sport for all, sports industries, sports marketing, among others;*

- *All chapters with descriptive texts containing summaries, survey of facts of memory, historical background, bibliography, and references;*

- *Detailed maps showing where sports are played in the country with quantitative data of inventory and of tendencies; where laboratories, sports facilities, physical education schools and other supportive structures are located;*

- *Complete tables and figures of market sizes and other quantifiable information;*

- *Interpretations of facts by scientists and experts of respective areas;*

- *Bilingual information (Portuguese and English);*

- *Survey of areas of knowledge about sports, physical education, and physical activities of health and leisure, which give meaning to the practices of the country.*

Sports and athletic activities in general are a Brazilian treasure because they express the polysemous, multicultural and miscegenational identity of the Brazilian people. Sports have come through Brazilian rich cultural diversity not only because the essence of Brazilian sports is community-based, with volunteers at their foundations polishing the gems, but also because good practice along the years has been translated into excellence. These facts reflect the perspective from which this book has been produced. The major objective of this work was to survey facts of memory and inventory of physical activities in Brazil not only as sports practices and/or Physical Education practices but also as physical activities geared towards health and/or leisure. The chapters of this book and CD ROM were written in Portuguese (complete texts) and in English (summaries of texts and subtitles of maps, tables and figures) to reach the following target publics: politicians and government authorities; media; sports and physical education leaders and professionals; managers and directors of sports confederations (national level), federations (state level), leagues (municipal level) and clubs (local level); researchers and teachers in Brazil and abroad. The institutional and financial support has been provided by 11 leading organizations associated in a “Consórcio” (consortium), a unique instrument in Brazil when it comes to the sports area and similar activities in education, leisure and health. Because of the gigantic size of the task and the large number of sources used, this publication was only made possible by the mobilization of almost 400 volunteers including editors and authors who devoted their time to the accomplishment of such a challenging project. The procedures used were similar to the one that gave origin to Brazilian sports clubs, and, which in essence has still been keeping them historically active: (1) the appeal to the common cause and (2) team work aiming at concrete and successful results. This editorial task is also unique in Brazil and perhaps in the world due to its accomplishments, and short-term purposes leading to long-term developments. Therefore, to the volunteers the compliments and honors this work ever receives.

The Editors

maior setor da economia de qualquer país desenvolvido, como também o de maior geração de empregos. Isto posto, entende-se porque em muitos países os praticantes esportivos já constituam um dos grupos dominantes da sociedade, por vezes equiparando-se, ou mesmo ultrapassando em número, aos devotos dos serviços religiosos. Neste particular, o projeto do Atlas do Esporte no Brasil em seu esboço original – dado a público no início de 2003 - partiu da hipótese de que no Brasil estariam ocorrendo tendências similares aos dos países ricos no âmbito das atividades físicas, resguardando-se as devidas proporções relativas.

Em resumo, o projeto do Atlas nasceu de diversas constatações de que há um fundamental desconhecimento quanto ao potencial econômico do setor de esporte, Educação Física e atividades físicas de lazer e de saúde em escala nacional, aliado à incompreensão de suas contribuições sócio-culturais na dinâmica do desenvolvimento brasileiro. Ou seja: o esporte e demais atividades físicas profissionalmente organizadas ou em versões informais podem estar sendo bem mais consideradas como meros passa-tempos do que vetores de desenvolvimento. A este desvio pode-se incluir os profissionais do setor hoje limitados por desconhecimento público de suas potencialidades.

Um exemplo significativo da lacuna a ser preenchida pelo Atlas refere-se ao Conselho Federal de Educação Física – CONFEF, a partir do qual se podem tipificar necessidades de outras instituições do esporte e da Educação Física em geral. Em princípio, ao CONFEF impõe-se fazer evoluir seu planejamento de expansão de atividades o mais próximo possível da realidade nacional no interesse de suas atribuições legais. Sem embargo, a Administração Pública, a opinião pública e os próprios profissionais da área ainda conhecem insuficientemente efeitos sociais e inter-relacionamentos da Educação Física em sua diversidade de expressões no Brasil, simplesmente devido à carência de dados. Por outro lado, a melhoria daí a ser obtida pode em tese direcionar adequadamente as relações do CONFEF com a sociedade que o abriga - principalmente no concernente à divulgação – e com os profissionais registrados, atendendo portanto seus requisitos legais de responsabilidade social de modo mais efetivo (Lei 9696/98).

Objetivo geral Diante das hipóteses e evidências antes aqui arroladas, foi idealizada a obra ora em apresentação. Como tal, trata-se de um produto que teve como objetivo geral a produção de um estudo sobre a dinâmica de desenvolvimento do esporte e atividades correlatas na perspectiva de suas categorias centrais de importância regional e nacional. E como investigação, pretendeu-se que tivesse acesso facilitado e compreensão junto à opinião pública, aos poderes do país e aos profissionais do setor, de modo a inserir no devido lugar o papel de tais atividades na sociedade brasileira. Esta delimitação para o presente estudo deveu-se à necessidade de se ter um resultado de curto prazo, de baixo custo e de maior benefício possível, reduzindo o risco de empreender um projeto de metodologia mais apurada porém de longo prazo e assim sujeito ao abandono diante das dificuldades habituais das organizações nacionais em meio a sucessivas crises econômicas e institucionais.

Outro risco a cogitar de uma investigação preliminar de uma metodologia simplificada reside nas críticas das áreas acadêmicas sempre exigentes quanto à consistência de dados quantitativos. Tal postura perfeitamente justificada foi entendida pela equipe de Editores e pelo Organizador do Atlas, como legítima numa etapa posterior à coleta dos dados existentes e estimativas elaboradas como ponto de partida a processos mais refinados de tratamento de dados. Em termos mais precisos, a aceitação de dados provisórios foi uma estratégia do projeto Atlas a fim de gerar maior intervalo de confiabilidade por sucessivos aperfeiçoamentos metodológicos. Com a publicação do Atlas, portanto, estará instalado um desafio a ser respondido futuramente pelas instituições das áreas de atividades físicas e esportivas, responsáveis originais dos dados aqui coletados e / ou estimados.

Objetivos operacionais

- (a) Elaborar mapeamentos (ver capítulo sobre metodologia do Atlas adiante) por meio de levantamento de fatos de memória e de inventário das condições presentes de ocorrências de atividades físicas no Brasil, quer como práticas esportivas e/ou de Educação Física, quer como atividades físicas voltadas para a saúde e/ou lazer de seus praticantes, constituindo um conjunto de dados espaciais (mapas) e / ou de dados quantitativos (tabelas e quadros) e qualitativos (textos descritivos e analíticos resumidos), com as respectivas interpretações que possam render significados setoriais, regionais e nacionais.
- (b) Estabelecer um conjunto de informações e análises resumidas, constituindo ao final uma unidade com a denominação de “Atlas” (definição técnica adiante) voltado para dimensionamentos, estimativas e indicações de desenvolvimento, expansão, insuficiência ou regressão, assim oferecendo justificativa técnica e viabilidade preliminares a futuros levantamentos censitários e/ou amostrais a serem levados a efeito por entidades governamentais e/ou entidades privadas do setor em estudos.
- (c) Preparar uma base de informações qualitativas e quantitativas que possa dar sustentação e regularidade a futuros envolvimento do IBGE com estatísticas no tema das atividades físicas e esportivas, em modo semelhante aos demais setores de importância econômica e sócio-cultural do país.
- (d) Operar com estimativas diante da inexistência de dados confiáveis a fim de se discernirem publicamente as lacunas de informação e as entidades e / ou funções que necessitam de aperfeiçoamento.
- (e) Confrontar, sempre que possível e necessário, dados de várias fontes e estimativas feitas por critérios diversos, de modo a gerar reações de melhoria contínua de levantamento e interpretações de dados.
- (f) Gerar um ponto de partida de desenvolvimento, isto é, organizar as informações coletadas pelo Atlas à vista de possibilitar a substituição por dados cada vez mais confiáveis ou de validade estatística.

(g) Formatar os textos e figuras para que se cumpra o objetivo anterior como também se atenda aos padrões mínimos de Banco de Dados.

Impactos esperados Este livro e o CD ROM - que constitui sua versão de acesso público de baixo custo -, diante das propostas anteriores apresentam as seguintes expectativas:

- (1) Criação de um todo perceptível para as diferentes áreas de atividades físicas, dando unidade e idéia de tamanho a um setor que ainda é compreensível somente de modo parcelado pelos profissionais, líderes, praticantes e público em geral.
- (2) Aceitação das deficiências de dados numa primeira abordagem de modo que se possam delimitar correções a serem feitas e identificar áreas de insuficiência.
- (3) Passagem do entendimento do esporte por jurisdição de cada parte para o valor econômico de um todo e de suas partes.
- (4) Maior e mais efetivo alcance do poder econômico do esporte de modo a justificar a inclusão do setor nas estatísticas nacionais e no respectivo envolvimento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE na coleta sistemática de dados.
- (5) Definição de um quadro de memória para as diferentes formas de abordagens das atividades físicas no Brasil, dando lugar e motivação a futuros estudos de história do esporte e áreas afins. Outro impacto esperado desta organização simplificada de fatos de memória refere-se ao seu levantamento imediato, em razão de seu sempre presente risco de desaparecimento.
- (6) Desdobramento desta obra coletiva em outras da / com a mesma formatação e organização visando-se focalizar sucessivamente estados e municípios, ou seja, buscar sentidos crescentemente nas partes em perspectiva local, a partir dos significados-macro delineados pelo Atlas.
- (7) Mobilização das organizações nacionais, também partindo do nacional para o local, para que adotem estimativas preliminares seguidas de posturas de levantamento de dados com procedimento básico administrativo.
- (8) Criação de passos essenciais para a geração futura de uma cultura de coleta e uso de dados nas organizações brasileiras da área esportiva e congêneres.
- (9) Início da padronização de nomenclatura e das definições para o estabelecimento das estatísticas nacionais esportivas e de atividades físicas, de acordo com os padrões testados pelo Atlas diante da necessidade de comparações internacionais.

Públicos – Alvo O presente livro e CD ROM têm seus capítulos apresentados nas línguas portuguesa (textos completos) e inglesa (resumos dos textos e legendas de mapas, tabelas e figuras), prestando-se então a atingir os seguintes públicos: (i) Todos os membros do Congresso Nacional; (ii) Dirigentes de primeiro escalão de órgãos governamentais (federais, estaduais e municipais) dos setores esporte, saúde, educação, economia e trabalho; (iii) Jornalistas das principais mídias, especializados em esporte e economia; (iv) Lideranças atuantes e/ou influentes da Educação Física, esporte e atividades físicas no Brasil; (v) Profissionais de Educação Física e outras áreas de afinidades com práticas físicas; (vi) Indivíduos, grupos e instituições com interesses diversificados no esporte e atividades congêneres; (vii) Dirigentes esportivos de confederações, federações, ligas e clubes; (viii) Instituições de Ensino Superior, pesquisadores e professores do Brasil e do exterior; (ix) Entidades e autoridades do exterior que procedem decisões sobre a escolha de sedes no Brasil de Jogos Olímpicos, Campeonatos Mundiais e Continentais e outros de grande porte; (x) Comitê Olímpico Internacional e seus desdobramentos (CONs, FIs etc); (xi) Entidades de governo e da área privada, universidades e pesquisadores do exterior vinculadas ao esporte, Educação Física e atividades de lazer; (xii) professores e alunos do ensino médio e fundamental.

Chancela institucional Dadas as proporções do empreendimento do Atlas e seus esperados benefícios, o CONFEF convidou outras entidades do setor esportivo e de atividades físicas atuantes em escala nacional que poderiam compartilhar do projeto na perspectiva de se tornarem futuros produtores, usuários e/ou distribuidores de dados relacionados ao setor ao qual pertencem, em conjugação com o pretendido envolvimento com o IBGE. Os atuais parceiros do CONFEF para a produção e publicação do Atlas e como tais chancelam esta obra são: Serviço Social da Indústria-SESI, Serviço Social do Comércio-SESC, Associação Cristã de Moços-ACM, Federações das AABB-FENABB, Confederação Brasileira de Clubes-CBC, Comitê Olímpico Brasileiro-COB, Fundação Getúlio Vargas / Escola Brasileira de Administração Pública e Empresas-FGV/EBAPE, Ministério dos Esportes, Fórum Nacional dos Secretários e Gestores Estaduais de Esporte e Lazer, e o Comitê Paraolímpico Brasileiro. O arranjo institucional que une estas onze organizações líderes em suas abrangências nacionais, foi denominado de “Consórcio”, sendo inédito no Brasil em se tratando da área esportiva e atividades afins de educação, lazer e saúde. E, nestas circunstâncias, tal parceria de interesse mútuo pode servir de exemplo a outras ações de responsabilidade social no esporte como tem ocorrido com as empresas brasileiras em geral. Vislumbrando-se a possibilidade de futuros empreendimentos no âmbito da cidadania corporativa, o Consórcio de Informações Técnicas e Estatísticas do Esporte define-se apenas por meio de objetivos estipulados por comum acordo, mantendo cada parceiro sua identidade e independência institucional. Nestas condições, a responsabilidade das informações apresentadas neste Atlas atém-se aos autores e editores e não às instituições do Consórcio, de modo a desobrigá-las de críticas naturais nos trabalhos pioneiros.

Voluntariado O porte da obra e o grande número de fontes a serem consultadas implicou na mobilização de voluntariado, cujo número total oscilou próximo a 400 pessoas durante a elaboração da obra. Pela própria natureza do voluntariado houve entradas e saídas em determinados capítulos até que se completassem as tarefas necessárias. Mas sendo uma realização coletiva a participação de cada um foi respeitada, mantendo-se a autoria de todos de forma igualitária. Assim, no final desta obra encontra-se um repertório de currículos reduzidos ou referências de localização de seus colaboradores. Com este procedimento comunitário, o projeto do Atlas tornou-se viável em termos financeiros garantindo a fase de elaboração do livro e do Banco de Dados.

Editores Na elaboração do Atlas, a coordenação do mutirão ficou a cargo e sob responsabilidade de Lamartine P. DaCosta, autor do Diagnóstico de 1971, que atuou formalmente como “Organizador” e que convidou para compartilhar da equipe de Editores os seguintes componentes: Ana Miragaya (Editora Associada) e Evlen Bispo (Programação Visual); Antônio C. Bramante, Cátia Duarte, José Carlos Eustáquio, José Geraldo C. Salles, José Koff, Leandro Nogueira, Valéria Bitencourt, Vera Lúcia Costa, Verônica Périssé, Ionara Thompson Ferreira, Heloisa G. P. Nogueira, Janice Mazo e Leonardo Mataruna (Editores Setoriais); e Íbia Menezes, Luciana A. Prado e Ivan Pessanha (Administração e Informática). Os Editores Setoriais dedicaram-se a uma ou várias “Seções” (conjunto de capítulos com afinidades temáticas) como também se empenharam em tarefas eventuais fora de suas especialidades sempre que necessário e possível. A Editora Associada elaborou a versão em inglês do Atlas, que por si só constituiu uma obra à parte e de coerência interna própria, voltada para públicos não familiarizados com peculiaridades brasileiras. Os demais editores operaram também como autores e podem ser identificados nas seções relacionadas aos seus temas.

Autores A composição do mutirão de voluntários para a elaboração dos capítulos do Atlas foi feita passo-a-passo pelo Organizador e pelos Editores à vista dos seguintes critérios de identificação:

- Especialistas de renome e/ou dirigentes com experiência adequada para a produção de estimativas e de interpretações de dados na área em que atuam, de modo individual ou em grupo, complementados com profissionais iniciantes, mas já especializados e com experiência suficiente para as tarefas de mapeamento previstas no projeto. Este grupo mais jovem foi planejado para somar cerca de 25% dos colaboradores do Atlas, prevendo-se o atendimento da formação de quadros de especialistas.
- Membros de entidades e personalidades locais de acordo com as necessidades de coleta e interpretação de dados em nível estadual, ou estudos já existentes em cada Estado.
- Produtores de estudos e investigações na temática do Atlas, sobretudo mestrandos e doutorandos em Educação Física, professores da graduação em Educação Física, consultores de entidades esportivas, especialistas de empresas de pesquisas etc.
- Equipes formadas no Sistema CONFEF-CREF com participantes sempre que possível associados às instituições estaduais de esporte, Educação Física e atividades físicas de saúde e lazer.
- Membros do Consórcio e das instituições principais do setor atuantes em nível nacional (confederações e federações esportivas, associações científicas, clubes, laboratórios etc) de acordo com seus interesses e possibilidades.

Homenagens Esta publicação somente foi possível de se tornar realidade pela adoção do voluntariado de editores e autores. Se as quase 400 pessoas envolvidas na obra fossem remuneradas, o projeto Atlas não teria sido deslanchado por ser financeiramente inviável. Entre os editores há apenas profissionais nos serviços administrativos, programação visual e revisão de textos, tendo a maioria se disponibilizado em nome da causa criada pela proposta do Atlas. O modelo adotado para a mobilização de editores e autores foi o mesmo que deu origem e, em essência, mantém historicamente os clubes esportivos brasileiros: apelo à causa comum e “vestir a camisa”, isto é, trabalhar em mutirão visando-se a resultados concretos e sucessivos. Esta tarefa comunitária e editorial é também inédita no Brasil e talvez no plano internacional, pelo seu porte e propósitos de curto prazo com desdobramentos no longo prazo. Aos voluntários, portanto, cabem as homenagens que esta obra venha auferir.

Os Editores

Instituições participantes do Consórcio do Atlas do Esporte no Brasil

Por ordem do ano de fundação

Sponsoring Consortium of the Atlas of Sports in Brazil

Participating institutions per foundation year



A primeira Associação Cristã de Moços-ACM no Brasil foi fundada na cidade do Rio de Janeiro em 1893. Em 1901 outra associação foi fundada na cidade de Porto Alegre e em 1902 o trabalho acemista foi iniciado na cidade de São Paulo. A Aliança Brasileira das ACMs do Brasil foi formada em 1903 e tornou-se membro da Aliança Mundial das ACMs em 1905. Em 1960 na renovação do estatuto social, o nome da Aliança Brasileira das ACMs do Brasil passou a ser Federação Brasileira das ACMs. Hoje, a ACM brasileira conta com 86 unidades e atende mais de 190.000 associados (0,01% da população brasileira), oferecendo diferentes tipos de serviços e programas. O trabalho das ACMs no Brasil enfatiza as atividades de esportes e lazer, programas de desenvolvimento social, educação formal e não formal e programas de meio ambiente. A ACM introduziu o basquetebol, o voleibol no mundo, criou as primeiras regras de futebol de salão no Brasil e é pioneira em atividades de acampamento para jovens. Nestas condições, a ACM se associa às demais instituições que apoiam o Atlas do Esporte no Brasil, um projeto que valoriza as tradições do esporte e lazer no nosso país além de estabelecer bases para o nosso futuro comum.

Luiz Carlos Gonzaga
Secretário Geral da Federação Brasileira das ACMs



O Comitê Olímpico Brasileiro vê com satisfação a publicação do Atlas do Esporte. Consideramos extremamente importante o esporte brasileiro contar com um levantamento dessa envergadura, já que possibilitará a todos – entidades esportivas, profissionais de Educação Física, atletas, técnicos e demais segmentos ligados ao esporte – uma fonte a fim de orientar as pesquisas e o acompanhamento dos projetos em andamento. O COB acredita que a informação e a extensão do conhecimento são fundamentais para o desenvolvimento do esporte no Brasil. Nosso dever é apoiar e possibilitar os mais variados mecanismos e instrumentos que permitam a disseminação de propostas e projetos que tenham como interesse comum a evolução da prática esportiva em nosso país, desde o esporte de base até o esporte de alto rendimento. Acreditamos que o Atlas do Esporte cumprirá um papel importante no âmbito da informação, tornando-se uma importante peça do acervo bibliográfico do esporte brasileiro.

Carlos Arthur Nuzman
Presidente do Comitê Olímpico Brasileiro



O Sesi é uma instituição comprometida com o futuro desde a sua criação em 1946, estando hoje presente em 1.447 municípios dos 26 estados e do Distrito Federal. Este compromisso se traduz na determinação de transmitir por meio dos programas e serviços nas áreas de esportes, cultura, lazer, educação e saúde, a elevação da qualidade de vida do trabalhador em seu ambiente profissional e nas unidades do Sesi, contribuindo para a melhoria das condições de competitividade da empresa industrial, propiciando o exercício da sua responsabilidade social e reafirmando o princípio de que empresas saudáveis e produtivas pressupõem trabalhadores saudáveis e felizes, fazendo do Sesi o maior e o mais tradicional gestor das políticas sociais do segmento industrial. As ações de esporte no Sesi, além dos inúmeros programas de iniciação esportiva, transformam anualmente mais de meio milhão de industriários em atletas de nível local, estadual, regional e nacional, que podem representar suas empresas e o país em competições internacionais para trabalhadores realizadas no Brasil e no exterior. Com o suporte de informações a ser dado pelo Atlas, teremos novas e amplas garantias de alcance de nossos compromissos.

Rui Lima do Nascimento
Diretor-Superintendente do Departamento Nacional do Sesi

O incentivo à prática esportiva e ao desenvolvimento físico é uma das atividades que o SESC utiliza para melhorar a qualidade de vida de seus beneficiários – o trabalhador do comércio de bens e serviços e seus dependentes – e, ainda, das comunidades em que está inserido. Nas unidades operacionais do SESC, funcionando nas capitais e em algumas cidades do interior de todo o Brasil, ginásios e quadras poliesportivas, parques aquáticos e academias de ginástica e musculação, dotadas de modernos equipamentos e orientadas por profissionais especializados, a prática correta da atividade física proporciona saúde corporal e redução do estresse valorizando o lúdico, o conhecimento, a autonomia e a expressão corporal. Por sua abrangência e atuação nas capitais e cidades de médio e pequeno porte, o SESC foi escolhido pelo Ministério do Esporte como um dos parceiros o Projeto Segundo Tempo. A partir de 2004, milhares de jovens carentes, de 7 a 17 anos, terão acesso às práticas esportivas nas instalações do SESC com reforço alimentar, educação para a saúde e ocupação do tempo livre em que estão fora das salas de aula. Assim é o trabalho do SESC: contemporâneo, dinâmico, criativo. E este é o sentido da parceria do SESC com o Atlas, um trabalho fundamental para o futuro.

Maron Emile Abi-abib

Diretor Geral do Departamento Nacional do SESC



A Fundação Getulio Vargas sente-se honrada em poder participar do Atlas do Esporte no Brasil, a maior radiografia já realizada das atividades deste setor no país. Entende a sua participação no Consórcio organizado pelo Conselho Federal de Educação Física como reconhecimento ao trabalho que a Fundação Getúlio Vargas vem desenvolvendo no âmbito da administração esportiva, em cujo MBA, desde 1998, já se especializaram mais de 350 profissionais, hoje à frente de entidades e de iniciativas de direção do esporte brasileiro. A experiência acumulada desde então, fez da Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da FGV, uma referência para as entidades de gestão do esporte no Brasil e para os órgãos governamentais dedicados ao segmento esportivo. O Plano de Modernização do Futebol Brasileiro, desenvolvido a pedido da Confederação Brasileira de Futebol, e a Elaboração do Dossiê Vencedor da Candidatura da Cidade do Rio de Janeiro aos Jogos Pan-Americanos de 2007, desenvolvido a pedido da Prefeitura do Rio e do Comitê Olímpico Brasileiro, são exemplos significativos da contribuição que a FGV vem dando ao crescimento do esporte nacional.

A FGV é parte desse esforço. É parte desse orgulho.

Bianor Scelza Cavalcanti

Diretor Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas – EBAPE / FGV



A Confederação Brasileira de Clubes–CBC, fundada em 9 de janeiro de 1990, com a experiência adquirida, pode sentir que desde a criação dos primeiros clubes no Brasil, eles estavam intimamente ligados à comunidade onde estavam sendo fundados, integrados no seu desenvolvimento e progresso total. O Projeto ATLAS retoma este fundamento e portanto tocou sensivelmente os propósitos da CBC, que também havia constatado de que há desconhecimento quanto ao potencial econômico no esporte, aliado à incompreensão de suas contribuições sócio-culturais na dinâmica do desenvolvimento brasileiro. Sentimos também que o Projeto ATLAS poderá criar aberturas junto aos clubes tornando-os mais práticos. O Projeto ATLAS revela por muitas vias a capacidade de potencializar os clubes, mostrando as vantagens economicamente sadias de se fazer todas as modalidades esportivas. Pela qualidade, competência e experiência de seus autores, editores e o apoio do público alvo, com certeza o Projeto ATLAS atingirá suas metas, abrindo escalas para que o Brasil venha a ser, também, uma potência olímpica esportiva.

Arialdo Boscolo

Presidente da Confederação Brasileira de Clubes



O Atlas do Esporte representa o esforço inédito de aglomerar, em um único documento, a história e a experiência acumulada do esporte no Brasil. O volume e a diversidade de dados aqui reunidos direcionam no sentido da criação e manutenção de um banco de dados ágil e eficiente, capaz de oferecer à comunidade esportiva e aos órgãos oficiais, bases para otimizar suas decisões relacionadas à educação, ao lazer e à saúde e propiciar elementos para melhor alavancagem das políticas públicas no que diz respeito aos processos de inclusão social. Os dados apurados indicam que as práticas esportivas em conjunto e em escala nacional constituem uma das poucas áreas que produz simultaneamente impactos na educação, na saúde, na economia, no lazer e na cultura e podem, se bem orientadas, representar uma das maiores atividades sócio-culturais do país, vetores de desenvolvimento econômico e de inclusão social. O profissional de Educação Física e o CONFEF, apoiados no Artigo 217 da Constituição Brasileira que respalda o direito ao esporte, são os gestores pedagógicos naturais deste processo, capazes de ampliar seu alcance e resultados. O CONFEF parabeniza as entidades membros do Consórcio que deram forma à idéia do Atlas e particularmente aos voluntários que lhe deram vida, sob liderança de seu Organizador, o Prof. Dr. Lamartine Pereira da Costa.

Jorge Steinhilber

Presidente do Conselho Federal de Educação Física





A FENABB – Federação Nacional das Associações Atlético Banco do Brasil - considera o Atlas do Esporte no Brasil uma fonte rica de pesquisa na área esportiva e vem preencher uma lacuna existente no Brasil de bibliografias completas sobre o assunto. Neste propósito, a FENABB junta-se às demais instituições que compõem o Consórcio de entidades apoiadoras do Projeto, como forma de criar novos valores sociais. Valores que a Federação, conhecida como a maior rede de clubes do mundo, dissemina por meio do incentivo à prática esportiva e pelo desenvolvimento de atividades sociais, educacionais e culturais. São 26 anos de existência e 1.245 AABBs instaladas de norte a sul do país, trabalhando para a melhoria da qualidade de vida dos funcionários do Banco do Brasil e da comunidade onde está inserida. É uma história longa e envolvente de trabalho e dedicação. Muito mais que isso, é uma história marcada por gente. Por pessoas que se dedicam ao propósito de levar qualidade de vida ao próximo. Tal como ocorreu com a elaboração deste Atlas do Esporte no Brasil, sendo este basicamente um produto de voluntários, quer aficionados ou especialistas. Um belo trabalho que vai ficar de registro para a história do esporte nacional.

Reinado Fujimoto
Presidente da FENABB



A atividade física voltada para o processo de inserção e reabilitação de pessoas com deficiências, com enfoque na prática esportiva, é muito recente. Data da metade da década de 1940. No Brasil, as primeiras iniciativas, vêm do final da década de 1950. Em 1995, surge o Comitê Paraolímpico Brasileiro - CPB, com o objetivo de organizar, coordenar e dirigir a prática esportiva das pessoas com deficiências em nosso País. Todos nós sabemos da importância da prática esportiva para o processo de inclusão social do nosso povo; da força que tem no sentido de afastar das drogas, das ruas, da marginalidade, as crianças, os adolescentes e os jovens brasileiros. Para as pessoas com deficiências, além das enumeradas vantagens, acrescenta-se o condão de devolver a vontade de viver para significativos contingentes da população que, em dado momento da vida, imaginam-se sem perspectivas, sem rumo. No campo do esporte propriamente dito, experimentamos uma nova era. O Esporte Paraolímpico protagoniza o segundo maior evento esportivo do mundo: os Jogos Paraolímpicos. Neste contexto, o Atlas do Esporte no Brasil com o intuito de coletar informações, de criar um banco de dados, terá um grande valor para todo o Movimento e principalmente para o segmento Paraolímpico, na medida em que temos uma grande carência de dados para subsidiar nossas ações. O CPB se sente honrado em fazer parte desse consórcio que publicará o primeiro Atlas.

Vital Severino Neto
Presidente do Comitê Paraolímpico Brasileiro



O Atlas do Esporte é uma publicação que fazia falta na bibliografia nacional. Nunca houve em momento algum de nossa vitoriosa, porém tantas vezes pouco divulgada história esportiva, uma iniciativa desta natureza. Algo que sozinho congregasse tanta informação pertinente, tanta densidade e fidedignidade. Para atletas, dirigentes e principalmente para nós gestores públicos do esporte, o Atlas configura fonte indispensável de pesquisa, de informações básicas para postulação de propostas e confecção de programas, para justificativas de ações e correções de rumo. Eu, em nome do Fórum Nacional de Secretários e Gestores Estaduais de Esporte, recomendo veementemente o seu uso. Sua publicação bilíngüe e em meio eletrônico permite que sua amplitude seja ainda maior e que aquilo que faz parte da nossa cultura esportiva esteja ao alcance de, literalmente, todo o mundo. Espero que este Atlas possa permanecer vivo e que suas futuras edições continuem a contribuir de maneira decisiva nos rumos do esporte nacional. Aos autores deixo minha mais profunda admiração pelo extenso trabalho. Aos leitores, meu desejo que este compêndio possa servir de referência privilegiada e de leitura não só informativa, mas também prazerosa. Bons ventos!

Lars Graef
Presidente do Fórum Nacional dos Secretários e Gestores Estaduais de Esporte e Lazer

Momento Histórico



O *Atlas do Esporte* nasce num momento histórico. No Brasil, agora o esporte é visto como atividade essencial, que consta da lista de prioridades do governo. Em definitivo, o esporte passa a ser uma questão de Estado. O desejo de mudança se manifestou já na criação de um ministério para tratar exclusivamente deste tema. Mas era apenas o começo. Em pouco tempo, deu-se início à implantação de uma Política Nacional de Esporte, com mudança de conceito e foco na inclusão social. Milhões de pessoas já são atendidas por programas oficiais. Um deles, o Segundo Tempo, criou um turno a mais na escola, com reforço alimentar e atividades esportivas e de lazer para milhões de crianças. Também foram definidas novas fontes de financiamento em todos os níveis de esporte. Obtivemos bons resultados em competições internacionais e novos avanços na organização do futebol. Realizamos a Conferência Nacional do Esporte, um amplo debate nacional. E está em curso um Diagnóstico do Esporte no Brasil. Isso tudo não é fruto apenas de ações de governos. A força do esporte brasileiro está na mobilização da sociedade. E este *Atlas* reflete isso. É um trabalho de imenso valor.

Agnelo Queiroz
Ministro do Esporte

Metodologia do Atlas e apresentação dos capítulos

LAMARTINE DACOSTA

Origem e definições A trajetória dos atlas ao longo da história tem representado marcos de memória da evolução das diversas concepções do mundo. A primeira destas obras surgiu no século XVI na Itália, sob o título *Geographia* e com conteúdo escrito no século II d.C. por Claudius Ptolomeu. Esta versão foi produzida por correções dos 27 mapas de Ptolomeu e adição de novos já como resultado da descoberta do Novo Mundo e das façanhas marítimas do Renascimento europeu. O termo ‘Atlas’ como designação de uma coleção de mapas, foi cunhado pelo cartógrafo italiano Antonio Lafredi ao usar a figura mitológica Atlas da Grécia Antiga na capa de sua publicação sobre terras e mares do então mundo de definição renascentista. A partir desses eventos, os Atlas passaram a incorporar progressivamente informações que pudessem dar maior compreensão ao entorno dos países, regiões, cidades e acidentes geográficos. Hoje, nos Atlas atuais, esta compreensão abrange dados de diferentes naturezas de conhecimento – sobretudo socioculturais e econômicas – deslocando o nexo cartográfico para perspectivas espaciais das quais se extraem significados e explicações quer qualitativas ou quantitativas. Desta possibilidade de representação dos fenômenos humanos e da natureza derivou-se uma metodologia de pesquisa: o mapeamento.

Este curso de investigação estimulou a combinação de dados particulares e localizados com visões do todo espacial, a qual resulta em se ter maior discernimento, derivando então o nexo de ‘lugar’ para as situações pesquisadas. Surgiram, então, atlas especializados com mapeamentos voltados para enfoques específicos, tais como turismo, agricultura, doenças tropicais etc., enfatizando-se o conceito de lugar em que as ocorrências ganham peculiaridades quantitativas e qualitativas. Os Atlas de esportes e de atividades de lazer lançados nos últimos anos são decorrentes deste método de referenciação da parte no todo, com menor precisão mas com maior compreensão do conjunto. Antecipando-se a este estágio de desenvolvimento científico e metodológico, Arnold Van Gennep produziu um mapeamento sócio-cultural e ecológico no tema de jogos tradicionais em 1937, cobrindo todo o território da França. Para isso teve de utilizar dados numéricos de pouca confiabilidade, porém necessários para a identificação de fenômenos de modo localizado e caracterizado. Isto porque, segundo este prestigiado antropólogo da cultura popular de nacionalidade belga, a natureza e a localização das manifestações culturais submetidas a descrição e mapeamento precedem a análise e interpretação (Van Gennep, 1937). O uso do mapeamento pelo viés de dados preliminares pela própria natureza do método, encontra-se também no livro *The War Atlas* publicado por Kidron, M. & Smith, D., em 1983, na Inglaterra. Nesta obra, as situações econômicas e sociais de países em preparativos bélicos apoiaram-se em dados estimados de baixa confiabilidade por ausência de informações ou mesmo pela indisponibilidade em face a razões de segurança nacional. Neste caso, a justificativa da publicação de dados de pouca validade estatística foi então explicitada pelos autores citados: “O que é mostrado neste Atlas é o que nós sabemos, não o que é. Como resultado, o Atlas muitas vezes enfatiza expressões de poder militar em lugar de sua realidade” (*What we show in this Atlas is what is known, not what is. As a result, the Atlas very often depicts expressions of military power rather than its reality*) (Kidron & Smith, 1983, p.6). Em resumo, o presente Atlas do Esporte no Brasil inclui-se na linha de conta dos levantamentos de pouca validade estatística, mas necessário para registro do que se sabe e não do que é na realidade. Sua legitimidade científica, portanto, situa-se na condição preliminar que lhe reveste, gerando assim a necessidade futura de se ampliar o intervalo de confiabilidade dos dados por outros levantamentos como também de se identificar ausências de informações nos temas abordados pelos autores e sintetizados pelos editores (ver capítulo “Introdução” neste Atlas). Esta opção, reproduzida como padrão em todos os capítulos que se seguem, tem fatos de memória que lhe dão justificativas históricas, técnicas, científicas e operacionais, como se descreve a seguir de modo cronológico atendendo a experiência nacional de obras similares e avanços internacionais relacionados com a metodologia ora em apresentação.

1893 Eduardo Pacheco, aficionado dos esportes, publica “Chronica do Turf Fluminense”, edição do Jockey Club do Rio de Janeiro, com amplo estudo estatístico de todas as atividades do turfê no RJ, incluindo dados do Jockey e demais clubes da então capital federal: Derby, Turf e Hippódromo Nacional. O turfê nesta época dividia com o remo as preferências esportivas da população da cidade do RJ (ver capítulo “Turfê” neste Atlas). Este estudo é provavelmente o primeiro levantamento de dados no tema dos esportes no Brasil, incluindo uma comparação entre instalações físicas dos citados clubes.

Atlas methods and foreword to the chapters

The evolution of atlases throughout History has represented cornerstones of memory in the evolution of diverse concepts of the world. The first atlas appeared in the 16th century in Italy, with the title ‘Geographia’, whose content had been written in the 2nd century by Claudius Ptolemy. In terms of sports, although the first studies relating practices to geographical places date from mid 20th century, studies of inventory (availability of offers) by institutions and places had already appeared in the 19th century. In Brazil, the very first study of local sports inventory is from 1893, held at the Turf Club of Rio de Janeiro. Atlas of Sports in France (Mathieu & Praicheux, 1987) and in the U.S. (Rooney & Pillsbury, 1991), and sports inventories of places in Portugal and Cuba, produced by government institutions, were published in the 1980s. The book ‘Sport, Space and City’, by John Bale, published in 1993 reflects a further step of conceptual and theoretical nature. The Atlas of Sports in Brazil represents a synthesis of these developments once the chronology of memory facts was used as framework for each chapter and for the work as a whole, similarly to Rooney & Pillsbury’s and John Bale’s. Both of the atlases produced in Portugal and Cuba showed the relevance of spatial inventory, which appears in all of the chapters of the Atlas of Sports in Brazil in “Situação atual” (“Current situation”). This method, here called ‘mapping’, has been used because it presents temporary estimates and quantitative data, as progressive updating has already been planned.

For these methods to be adequately applied to the various sports themes approached by the Atlas, the definition of sports adopted was the one used by the European System of Sports Statistics (COMPASS), which is the model chosen to organize the data at the end of the mapping so that they become comparable with data from other countries, and therefore more analytical and conclusive. Such definition considers sports as “all forms of physical activity which, through casual or organized participation, aim at expressing or improving physical fitness and mental well-being, forming social relationships or obtaining results in competition at all levels”. Through this instrumental concept Atlas of Sports in Brazil was organized in chapters put together in 20 sections of content out of a total of 24, which also includes two chapters of introduction and two chapters of additions at the end. These sections were planned to guide reading and research of specific points, either in book or databank format proposed for the Atlas in its comprehensive 2004 version, as it comprises the multiple forms sports and physical activities are expressed in the country.

O mapeamento do Atlas do esporte brasileiro portanto é típico e distinto de seus congêneres de outros países desde que procura aprofundamentos sucessivos do conhecimento após uma primeira ordenação por lugares. Esta feição avançada prende-se ao fato de que a tecnologia atual de informação permite associar suportes diferentes e complementares, incluindo papel impresso com arquivos digitalizados. Esta natureza modular integrada da proposta brasileira de mapeamento abrange também os produtores de informação – autores, no caso do Atlas – que foram articulados por especialização, interesse, disponibilidade etc, segundo acompanhamento dos editores. Assim se fez na versão do Atlas ora em apresentação, o que explica a existência de vários autores num mesmo capítulo, como também a participação de editores em determinados capítulos ao cobrir hiatos de conhecimento e inventário. Eventualmente, colaboradores foram mobilizados para buscas específicas de informação (ver por exemplo o capítulo “Jogos Estudantis Brasileiros-JEBs” neste Atlas), constando também nos créditos quando assim o desejaram. Por outro lado a natureza modular das informações de mapeamento e o necessário trabalho coletivo para a sua execução implicou em se evitar ao máximo possível a imposição de opiniões ou de correntes de pensamento nos textos como também de julgamento de valor por parte dos autores. A tolerância ocorreu quando críticas tornavam-se explicativas de certos casos de retrocesso ou desvio num determinado tema.

Neste contexto de se privilegiar o que existe e o que se sabe em lugar do dever ser, procurou-se um afastamento da idéia de diagnóstico do esporte pondo-se ênfase na concepção do Atlas como ferramenta de conhecimento e preliminar às intervenções por parte de instituições, líderes e gestores. Esta particularidade incide na própria definição de ‘esporte’ que no Brasil é influenciada por interesses setoriais do esporte tradicional e profissionais do mundo acadêmico ao buscar isolamento de partes do todo das atividades físicas, além das dificuldades epistemológicas inerentes à tal atividade. Acrescente-se a estes fatos, a tradição da legislação esportiva brasileira que criou jurisdição por partes do todo esportivo que hoje necessita ter uma visão integrada em razão de seus impactos econômicos e sociais. Outro exemplo de conhecimento a ser construído antes da intervenção por pessoas e instituições, refere-se aos esportes que eventualmente possam ofender ou mesmo desequilibrar o meio ambiente natural em que são praticados, ou outros que pressupõem incentivar a violência por parte de seus praticantes. A abordagem metodológica, no caso, foi a de não se adotar julgamentos a priori de modo a serem mantidos os critérios de inventário e de memória. Portanto, a inclusão no Atlas desses pretensos esportes nocivos não constitui uma chancela mas apenas registro de existência visando-se a futuros estudos e avaliações. Afinal, inventário e memória são indicações comuns para a identificação de pesquisas a serem elaboradas, uma outra utilidade importante para um mapeamento como ora desenvolvido por este Atlas.

Em resumo, há critérios operacionais quanto à elaboração do livro e do Banco de Dados do Atlas que foram ajustados à metodologia do mapeamento, como também há uma estratégia de construção de conhecimento, levando em consideração necessidades de atualização dos saberes relacionados ao esporte, Educação Física e atividades físicas de saúde e de lazer, conforme praticados no Brasil. Daí a ênfase, por exemplo, no levantamento conceitual para as interpretações dos esportes de inclusão social, na busca de variedade quanto à apreciação dos esporte radicais e de aventura discutida com a respectiva editora Valéria Bitencourt, na eleição – juntamente com Antônio Carlos Bramante, editor da área de lazer – da ‘cidade’ como locus do resgate histórico das práticas do lazer físico-esportivo no Brasil e sobretudo na prioridade posta em todas as seções em termos de participação feminina nos esportes – de comum acordo com Ana Miragaya, editora associada – diante da possibilidade de ser este o fato novo principal de todos os demais esmiuçados pelo Atlas. Assim introduzidas, as seções da presente publicação – além da ‘Apresentação’, ‘Prólogo’ e, na parte final, uma seção de fotos e figuras e outra com os currículos dos autores – são descritas a seguir, para orientação de leituras e de consultas pontuais, quer no formato livro ou de Banco de Dados propostos para o Atlas em sua versão de 2004:

Raízes Reúne abordagens de jogos e versões esportivas nativas do Brasil (tradições indígenas) e também atividades de criação regional ou aculturadas localmente de origens diversas. Estes capítulos de abertura valorizam a tradição ainda não descaracterizada por apelos comerciais e outras influências, constituindo portanto patrimônio cultural do país.

Tradições Formada pelos três esportes principais de origem nacional que se adaptaram aos modelos de competição normatizada e por vezes assumindo identidades alienígenas. Em contraponto, os esportes desta seção tem tido sucesso em se impor no exterior mantendo os traços típicos de identidade original.

Clusters esportivos Seleciona oito casos de cidades e regiões que se tornaram pólos de influência sócio-econômica que deu surgimento a uma variedade de práticas esportivas de lazer e de competição que se realimentaram - ou se realimentam - entre si. Esta concepção de relações espaciais do esporte em termos de desenvolvimento local integrado é uma inovação lançada pelo Atlas-2004 no Brasil embora seja um nexos já explorado por alguns estudos de nível internacional. Aparentemente, a abordagem de cluster esportivo no Brasil poderá explicar várias situações de desenvolvimento no passado ou gerar projeções futuras dada a natureza continental do país e sua organização espacial em “ilhas” de progresso. Em termos de objetivos prioritário do Atlas-2004, esta seção se ajusta à dimensão econômica do esporte e das atividades físicas de saúde e de lazer, servindo de exemplo para novos estudos nesta vertente de conhecimento.

Sistemas esportivos nacionais Congrega nove instituições de abrangência nacional em suas ações de modo a se apreciar o comportamento do grande porte institucional diante do imperativo de cobrir a extensão geográfica do país. O foco neste caso, é o da multiplicidade de atividades físicas administrada por um único sistema com variados graus de descentralização que caracteriza cada instituição esportiva selecionada para o levantamento. A dimensão

econômica está naturalmente implícita na escala destas instituições mas é abordada apenas de modo superficial nesta versão pioneira do Atlas, devido à dificuldade no trato de dados financeiros no país.

Militares Faz perfilar as entidades principais nesta área que tiveram grande influência no passado esportivo do país e até hoje são importantes pela sua cobertura local, regional e nacional. Estas instituições se destacam por terem bons inventários e por prestigiar suas tradições, respondendo portanto às demandas básicas do Atlas.

Infra-estrutura Compõe-se de duas partes: (1) Recursos humanos e instalações – Crefs e (2) Academias e clubes, com destaque no primeiro item por constituir um levantamento produzido pelos Conselhos Regionais de Educação Física-Crefs, por estado da Federação (instalações) e por instituições (formação profissional e profissionais atuantes). A parte (2) aborda as entidades principais – no julgamento preliminar do Atlas – no tema da infra-estrutura atual do esporte e das atividades físicas no país. A experiência no lidar com as categorias clubes e academias para os propósitos desta obra, revelou que se trata de assuntos de prioridade no aperfeiçoamento das próximas versões do Atlas.

Esportes olímpicos Dedicar-se aos esportes que fazem parte do programa dos Jogos Olímpico, os quais por definição são os de maior número de praticantes em perspectiva internacional. Esta escolha também acompanhou o COMPASS, ainda na previsão de se permitir comparações de dados brasileiros com de outros países. Entretanto, nesta versão piloto do Atlas incluíram-se capítulos de esportes não olímpicos a fim de facilitar a recuperação de informações no Banco de Dados numa mesma “família” de modalidades esportivas. Assim, a natação máster esta presente no conjunto de esporte aquáticos embora não pertença ao programa olímpico; no grupo de modalidades da ginástica, a aeróbica acompanha as demais embora no estágio atual não seja “olímpica” mas passível de ser pelo que indica a Carta Olímpica (ver capítulo correspondente neste Atlas). Outro complemento foi feito com o futebol que tem por capítulo adicional um estudo econômico. De resto, cabe esclarecer que esta seção atende tanto aos esportes olímpicos de verão como de inverno, pela ascensão deste últimos no Brasil, em anos recentes.

Os atletas Focaliza os personagens centrais das competições de alto nível surgidos no Brasil de acordo com seus papéis de heróis populares do país. Nesta variação temática, a intenção do Atlas foi a de criar suporte sociológico e antropológico à prática e à administração do esporte no país, em alguns casos localizados. Houve ênfase também no fator “excelência” uma vez que este concerne à repercussão pedagógica do esporte sobre a população do país, principalmente crianças e jovens.

Esportes não-olímpicos Constitui um grupo de esportes que pelo modelo do COMPASS (ver ‘Cenário de tendências gerais dos esportes’ neste Atlas) são os de maior preferência numa determinada população depois dos olímpicos. Nesta obra piloto, o critério de seleção foi o de acompanhar o porte de participação (número de praticantes), a inclusão nos Jogos Pan-americanos, os impactos produzidos no passado, a inovação esportiva e atender a área de artes marciais e lutas, pressuposta como de grande aceitação no Brasil. Assim se decidiu em razão do grande número de modalidades disponíveis – estimado em mais de cinco centenas – e da impossibilidade de mapear tal montante na conformidade da metodologia escolhida.

Esporte radicais e de aventura Inclui os de maior preferência popular e os de inovação tecnológica e esportiva, dentro do mesmo critério da seção anterior. Para este agrupamento, a decisão de dar-lhe um status próprio correu por conta da crescente expansão de praticantes e da íntima relação com lugares geográficos. Além de naturalmente corresponder a uma valorização econômica e mercadológica também crescente de tais modalidades alavancadas pelo turismo, há um viés de mudança no sentido da prática esportiva que tem sido revelado pelo estudo dos radicais e de aventura. Neste particular foi inevitável a existência de sobreposição entre modalidades que atendiam diferentes critérios de seleção: o Triathlon, por exemplo, é hoje um esporte olímpico como também um radical típico. A escolha então teve como referência a classificação de maior impacto na ordenação do COMPASS. Situações semelhantes se repetiram nas duas seções que se seguem, desde que são atividades aparentadas entre si. Estas circunstâncias fizeram com que no ‘Cenário de tendências gerais dos esportes’ houvesse uma classificação geral – esportes *outdoor* – que pudesse reunir todos os esportes abordados pelas três seções aqui mencionadas. De qualquer modo, o Atlas-2004 não adotou posturas de solucionar as questões de classificação de esportes por estarem fora da delimitação da metodologia adotada.

Esportes de praia Define um grupo de esportes que seguem as previsões das duas seções anteriores, porém necessitam de enfoque próprio por razões culturais e geográficas como indica o Cenário ‘bases geográficas’ no final desta obra. Portanto, a seleção foi de esportes que pudessem demonstrar a variedade de possibilidades na prática a beira mar e em praias. A estes foi adicionado um capítulo introdutório mais genérico e de sentido inventariante, com alguns suportes de memória.

Aeroesportes Aglutina as seis principais modalidades que encontram coerência no espaço aéreo, mas são passíveis de atenderem critérios das seções “Esportes não-olímpicos” e “Esportes radicais e de aventura”. As razões neste caso são voltadas para as tradições esportivas – sendo o Brasil um dos líderes deste setor no plano internacional – como também econômicas e tecnológicas, caindo no enfoque preferencial do Atlas-2004.

Educação Física Cria um primeiro conjunto de demonstração de temas para que haja uma oferta maior de informações na medida que o Banco de Dados do Atlas progrida, após o lançamento da versão livro. Pelo porte e variedade de abordagens deste âmbito de conhecimento, o método do mapeamento torna-se arbitrário de acordo com os interesses do pesquisador. Mas é possível contornar este desvio montando uma estrutura de expansão em

1913 A ACM brasileira lança a revista “A Mocidade”, de circulação entre suas sedes brasileiras (RJ, SP e RS), contendo dados de gestão e de inventário de instalações esportivas e culturais.

1919 Publicação em Porto Alegre do “Álbum d’O Rio Grande do Sul Sportivo” tendo A. Lemos e E. Carvalho como editores (Livraria do Globo), contendo informações em estilo de catálogo sobre atividades esportivas praticadas no estado.

1924 A Federação de Associações Alemãs do RS organiza um levantamento das associações e clubes alemães no estado, sob direção do Padre Amstadt recebendo informações de cerca de metade destas entidades comunitárias existentes no Estado. Os dados recebidos de 320 clubes foram publicados em diversas fontes em língua alemã publicadas no RS durante a década de 1920 (ver capítulo ‘Cluster esportivo do RS’ neste Atlas).

1928 Tomás Mazzoni publica em São Paulo-SP, o “Almanaque Esportivo” contendo dados sobre atividades esportivas em SP, no Brasil e alguns outros países, tais como resultados de competições, vida em clubes, conselhos sobre práticas etc. Este Almanaque teve várias edições de frequência anual, sendo atualizado em 1929, 1930, 1931, 1933, 1942 e 1943.

1940 Inezil Penna Marinho publica no Rio de Janeiro, o livro “Educação Física – Estatística”, com um levantamento de dados sobre os métodos ginásticos praticados nos estabelecimentos de ensino secundário do RJ. Tratava-se de um acompanhamento por fichas de registro em 565 escolas, realizado em 1938 e 1939.

Década de 1940 Amaro Júnior publica três edições do Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul (1942, 1943 e 1944), pela Tipografia Esperança de Porto Alegre-RS, contendo dados gerais dos clubes e locais de práticas.

Década de 1950 No Brasil, neste período, teve início o aparecimento de especialistas e diletantes em resultados esportivos, sendo o pioneiro Adolpho Schermann, autor de “Os Desportos em Todo o Mundo”, edição da Revista da AABB, 1954, Rio de Janeiro (dois volumes, 1434 páginas). Esta obra em particular, publicou dados históricos e inventários dos clubes e federações além dos resultados de competições.

1971 Lamartine DaCosta publica o “Diagnóstico da Educação Física e Esporte no Brasil”, primeiro censo de alguns setores esportivos (clubes, por exemplo) em adição a levantamento de setores selecionados de modo a se ter um diagnóstico do conjunto de atividades relacionadas ao esporte, Educação Física e lazer em escala nacional. O produto final foi um livro com 392 páginas tendo como conclusão um estudo comparativo das regiões do país em face às disponibilidades de meios para o desenvolvimento local integrado do esporte e atividades congêneres.

1983 Na França, Chaliand & Rageau, lançam o “Atlas Stratégique – Géopolitique des Rapports de Forces dans le Monde”, adotando o conceito de longa duração para a interpretação dos temas abordados no estudo, os quais foram examinados de formas múltiplas, na expectativa de gerar percepções diferentes em torno de um mesmo tópico focalizado. Em outras palavras, a perspectiva histórica aliada à representação geográfica oferecia o necessário suporte à identificação dos avanços e retrocessos seja no âmbito das manifestações socioculturais ou no das intervenções.

1987 Publicação do *Atlas des sports en France* de Mathieu & Praicheux, da Université de Besançon, na França, constituindo “uma visão completa da prática dos esportes em suas nuances e oposições locais”. A obra de explícita especialização geográfica enfatizou a dimensão econômica e sobretudo as mudanças culturais provocadas pelo esporte em seus desdobramentos espaciais.

1988 Publicação em Portugal de um mapeamento de instalações esportivas com dados demográficos para uso local, em estudo promovido pelo Ministério da Educação – Direcção-Geral dos Desportos, sob o título “Carta das Instalações Desportivas Artificiais” (dois volumes), Lisboa, 1988.

Década de 1990 Inicia-se a publicação de *Sport Place: An International Journal of Sports Geography*, uma revista científica destinada à publicação de pesquisas e textos analíticos sobre “aspectos geográficos do esporte de competição e atividades recreativas”. Seu editor na origem foi John F. Rooney, Department of Geography, Oklahoma State University, nome de reputação na temática em questão e autor do Atlas do esporte nos EUA (ver adiante). A publicação contudo teve desde então problemas de continuidade e de contribuições sugerindo que a área de geografia do esporte ainda estava sem massa crítica para sua sustentação.

1991 Lançamento em Havana, Cuba, da obra coletiva “Atlas de la Cultura Física y Del Deporte - Cuba”, organizada pelo Instituto Nacional de Deportes, Educación Física y Recreación juntamente com o Instituto Cubano de Geodésia y Cartografía. Este estudo é essencialmente um inventário de instalações e atividades esportivas sob forma de distribuição espacial de ofertas.

1992 Neste ano, John F. Rooney e Richard Pillsbury, publicam nos EUA o livro *The Atlas of American Sport* relacionando mapas de atividades localizadas com significados históricos e fatos de memória social e cultural dos lugares identificados.

1992 Van Mele and Renson, no livro *Traditional Games in South America* produzem um mapeamento sócio-cultural comparativo no tema de jogos indígenas, declarando que *the dispersion patterns and the suggested explanations only represent tentative hypotheses, which will have to be completed and revised once that more complete data will be available* (“o padrão de dispersão e as explicações sugeridas somente representam hipóteses tentativas que terão de ser completadas e revisadas ao se disponibilizar dados mais confiáveis”).

1993 Na Inglaterra, aparece um estudo que passará a constituir modelo nos anos seguintes para a pesquisa dos esportes em suas manifestações espaciais a partir de interpretações históricas e sociológicas: *Sport, Space and City*, de John Bale (ver capítulo ‘Geografia do esporte’ neste Atlas). Antes, em 1989, o mesmo autor abordava o tema se sua especialidade através de uma obra conceitual: *Sports Geography*, publicada em Londres pela editora E. & F.N. Spon.

2000 Publicação do *British Columbia Recreational Atlas*, pelo Governo da Província do mesmo nome no Canadá. Este obra revela a feição de inventário como prioritária ao se examinar atividades de lazer em enfoques espaciais. Na atualidade há muitas variantes deste tipo de publicação sobretudo voltadas para a área de turismo, excursionismo e esportes de aventura e radicais.

2000 Surgimento de uma pesquisa usando a metodologia do mapeamento numa abordagem sócio-cultural comparativa no tema de jogos e esportes tradicionais: DaCosta, L.P., *Mapping Worldwide Trends of Traditional Sports and Games*. Symposium ISHPES – TAFISA – ICSSPE “*Games of the Past-Sports for the Future?*”, June 16-19, 2000, Duderstadt – Alemanha. Esta investigação internacional abrangeu cinco continentes, com dados históricos e espaciais de 28 países respondentes e abordagens explicativas de ordem sócio-cultural. Neste mesmo ano, em outra pesquisa internacional DaCosta & Miragaya descreveram em termos práticos usos e limites da metodologia do mapeamento na área esportiva: *Mapping the Worldwide Trends of Sport for All*, publicado no ICSSPE Bulletin, no. 29, May 2000, pp. 16-17.

2001 Em Portugal, faz-se um mapeamento de um centro urbano com a finalidade de se estabelecer uma estratégia de intervenção governamental em termos de esportes e atividades físicas de lazer e turismo: Sarmento, J. P., Ferreira, J.A. , Ripoli, G. e Coelho, J., *Carta Desportiva Municipal do Porto*, em publicação da Câmara Municipal daquela cidade portuguesa. O enfoque central desta obra foi o das instalações esportivas, em prosseguimento ao já citado estudo feito em 1988 no mesmo país.

2002 Klaus J. Meyer-Arendt do *Department of Environmental Studies, University of West Florida*, em associação com Alan A. Lew, *Department of Geography, Planning and Recreation, Northern Arizona University*, publicam neste ano um levantamento sobre trabalhos de pesquisa no tema do esporte conduzidos por geógrafos dos EUA e Canadá entre 1988 e 1998. Neste estudo constatou-se que esta vertente de conhecimento era mais prática do que teórica, mas com tendências já identificadas nos anos de 1990 para abordagens teórico-interpretativas.

Situação atual A revisão do conhecimento produzido desde 1893 – de lavra brasileira e/ou internacional –, com relações diretas e indiretas com o Atlas ora em apresentação, confirma o mapeamento tendo como base memória e inventário dos fatos esportivos em lugares sociais, culturais e espaciais do espaço territorial brasileiro (ver capítulo ‘Introdução’ neste Atlas). Assim se conclui pela freqüência que estas duas categorias de levantamento de pesquisa sobressaem nas obras revisadas, em convivência com as tradições e a multiplicidade de conhecimentos que explicam o esporte e que lhes dão significados por diferentes interpretações e localizações. Por outro lado, os livros pioneiros da França (Mathieu & Praicheux) e dos EUA (Rooney & Pillsbury) das décadas de 1980 e de 1990, indicaram a validade de se ter lugares do esporte situados por dados históricos como suporte do conjunto de informações do Atlas. Por conseguinte, no presente estudo optou-se pela cronologia de fatos de memória como sustentação de cada capítulo e do conjunto da obra. O Atlas brasileiro do esporte, assim sendo, é um documento de memória e não de história, a qual poderá ser mobilizada para as devidas interpretações, se julgadas convenientes por outros estudos. Por seu turno, os exemplos de Atlas produzidos em Portugal e Cuba – outrossim gerados nos anos de 1980 e 1990 – mostraram a pertinência da ênfase no inventário espacial, o que foi traduzido na versão brasileira pelo item presente em todos os capítulos sob a denominação de “Situação atual”. O modelo para esses capítulos completa-se então por uma introdução denominada de “Origens e definições” que estabelece uma identificação inicial e necessária do tema a ser descrito e analisado pelo mapeamento. Em resumo, o Atlas-2004 do esporte brasileiro foi elaborado como uma síntese da experiência internacional e na intenção de constituir um avanço neste tipo de pesquisa.

Isto posto, legitimam-se os objetivos operacionais da primeira elaboração deste Atlas, conforme enunciados do capítulo anterior ‘Introdução’, como também admite-se na perspectiva de 2003, ano base da primeira versão do Atlas, uma definição de esporte que se ajuste plenamente aos pressupostos do mapeamento antes aqui cogitados. A escolha para a elaboração do Atlas incidiu sobre a definição usada pelo sistema europeu de estatísticas do esporte – formalmente denominado de COMPASS – o qual de resto é o modelo optado para ordenar os dados no final do presente mapeamento, de modo a se tornarem comparativos com outros países e portanto mais analíticos e conclusivos (ver capítulo ‘Cenário de tendências gerais dos esportes e atividades físicas no Brasil’ no final deste Atlas). Tal definição identifica o esporte “como todas as formas de atividades físicas que, por meio de participação casual ou organizada, objetivam expressar ou promover a forma física e o bem estar mental, formando relações sociais ou obtendo resultados em competições de todos os níveis” (Mussino, 2002).

Por meio deste conceito instrumental, o Atlas foi organizado em capítulos reunidos em 20 seções de conteúdo de um total de 24, somando-se dois primeiros de introdução e dois últimos de adendos. Os capítulos, por sua vez, foram organizados de forma a serem atualizados por módulos de informação adicional a ser atualizada periodicamente. Assim, o livro “Atlas-2004” é uma base fixa do desenvolvimento do esporte no Brasil e o Banco de Dados é o seu desdobramento previsto para atualização permanente. Esta atualização já existe na primeira versão desde que a maior parte dos capítulos tem partes modulares (boxes, quadros e tabelas) adicionais à cronologia dos fatos de memória e aos inventários. O formato modular explica, por outro lado, a existência de repetições de fatos e de dados encontrados em capítulos diferentes e em abordagens distintas.

módulos que possa ampliar continuamente as contribuições em número e abrangência. Nesta primeira abordagem optou-se por focalizar o ensino Superior de Educação Física, a Educação Física escolar e duas atividades – dança e ioga – que atendem ao critério de adesão popular estabelecido pelo COMPASS.

Lazer – cidades e regiões Apresenta, como na seção antecedente, exemplos demonstrativos tendo como base a localização espacial. Como o conhecimento da área indica, o lazer pode ser abordado de forma multidisciplinar e por variadas opções de atividades, diluindo classificações e critérios de seleção para estudos espaciais e econômicos. No caso do presente Atlas foi estabelecido capítulos demonstrando abordagem abordando grandes áreas urbanas do país, cidades médias e municípios de pequeno porte. Para este propósito, foi deixado em aberto aos autores a seleção de atividades locais de modo a se fixar o foco principal nos lugares e não em opções de lazer. Estes primeiros inventários adotam o nexo de COMPASS que dá flexibilidade ao esporte como atividade física e de opção de lazer e recreação. Como na seção anterior prevê-se uma oferta maior de informações na medida que o Banco de Dados do Atlas progrida, cobrindo as diferentes regiões do país.

Saúde, lazer e inclusão social Destaca primeiramente as iniciativas de prática de grande número de pessoas (‘Esporte para Todos’ na expressão técnica internacional) por capítulos relativos às ações de maior porte visando-se à saúde e o lazer, evoluindo depois para a inclusão social por meio do esporte. Esta última abordagem é a fronteira mais recente das atividades físicas no Brasil, o que obrigou aos editores e autores do Atlas a esforços de levantamento junto a instituições e projetos em andamento. Juntamente com os esportes radicais, esta é a área de atividades e de saberes que mais tem crescido nos últimos anos no país, obrigando portanto ao Atlas a esforços conceituais e de interpretação de mudanças.

Ciências do esporte e Educação Física Incide atenções sobre as bases de sustentação das práticas esportivas em perspectivas institucionais (entidades científicas, tecnologia, serviços e indústria) e de conhecimento produzido e aplicado no Brasil. Este tipo de abordagem não foi encontrado nos Atlas já publicados no exterior, mas foi julgado fundamental para se observar o valor econômico do esporte e seus sucedâneos.

Associações & movimentos de abrangência nacional Aborda as instituições que representam os profissionais de várias naturezas que atuam no âmbito do esporte; as que cuidam da ética e demais saberes de intervenção no esporte; e as que mobilizam comunidades e voluntários para apoio ao esporte. Este enfoque relaciona-se à responsabilidade social e serve para se examinar as atividades esportivas como meio de desenvolvimento comunitário, e por repercussões, do econômico.

Associações & movimentos de ação nacional – internacional Relaciona as entidades de sede no Brasil que se projetam no exterior, representado o impacto institucional e de conhecimento da produção nacional em outros países. Este grupo poderia ser incluído na seção “Ciências do esporte e Educação Física”, mas optou-se por um enfoque mais destacado visando-se ao levantamento de situações de desenvolvimento avançado em termos científicos e tecnológicos.

Mega-eventos no Brasil Põe ênfase através de exemplos históricos e de experiências atuais, na capacidade do país sediar e organizar eventos de grande porte no estilo de Jogos Olímpicos, Copa do Mundo de Futebol e Jogos Pan-americanos. Como na seção anterior o tema é o da relação do Brasil com os demais países diante de seu potencial atual e tradições construídas no passado.

Epílogo: tendências sociais e econômicas Dispõe oito cenários resumindo, sintetizando e interpretando dados e análises de todas as seções anteriores. Nesta parte final do Atlas, os propósitos de se examinar o esporte nacional e as atividades físicas de saúde e de lazer sob os prismas econômico, social e cultural são finalmente implementados na forma de tendências identificadas.

“... a geografia foi uma das primeiras ciências humanas a se renovar graças ao desenvolvimento da geografia humana... Daí a importância da cartografia para a história nova, grande produtora e consumidora de mapas, não de simples mapas de orientação ou de ilustração, mas de mapas de pesquisa e de explicação, justificadas pelo desejo de longa duração inscrita no espaço, de quantificação (encarnada nas localizações) e de hipóteses explicativas sugeridas pelas correlações entre fenômenos nas áreas confundidas e discordantes.”

Jacques Le Goff, A História Nova.
Martins Fontes Editora, São Paulo, 2001
(4ª edição), pp. 26-27

La Nouvelle Histoire, Paris, 1998

Fontes Menegat, R. (ed.) O Atlas ambiental de Porto Alegre, 2003; Van Gennep, A. *Manuel du Folk Français Contemporain*. Edition August Piccard, Paris, 1937; Kidron, M. & Smith, D., *The War Atlas*. Pan Books, London, 1983; Carvalho, N.O.R. (ed), Jockey Club Brasileiro – 130 anos. Edição do Jockey Club Brasileiro, Rio de Janeiro, 1998; Janice Mazzo, Bibliografia do esporte no RS para o Atlas, 2003; DaCosta, L.P., “Diagnóstico da Educação Física e Esporte no Brasil”. MEC – Ministério do Planejamento. IPEA / Editora FENAME, Brasília, 1971; G. Chaliand & J.P. Rageau, Atlas Stratégique – Géopolitique des Rapports de Forces dans le Monde, Fayard, Paris, 1983; Mathieu, D. & Praicheux, J. *Atlas des sports en France*. Editions Fayard – Reclus, Paris, 1987; Meyer-Arendt, K.J. & Lew, A. A., *Recreation, tourism and sport geography: a North American summary and online bibliography*. Tourism Geographies, Vol.1, No.4, pp. 477-487, 2002; Van Mele, V. and Renson, R. *Traditional Games in South America*. Verlag Karl Hofmann, Schorndorf, 1992; Bale, J., *Sport, Space and City*, Blackburn Press, London, 1993; DaCosta, L.P., *Mapping Worldwide Trends of Traditional Sports and Games*. Symposium ISHPES – TAFISA – ICSSPE, Duderstadt, 2000; DaCosta, L.P. and Miragaya, A. *Mapping the Worldwide Trends of Sport for All*. ICSSPE Bulletin, no. 29, May 2000, pp. 16-17; Sarmento, J. P., Ferreira, J.A. , Ripoli, G. e Coelho, J., Carta Desportiva Municipal do Porto. Câmara Municipal do Porto, Porto - Portugal, 2001; Bale, John. *Sports Geography*. London, E. & F.N. Spon, 1989; Atlas de la Cultura Física y Del Deporte – Cuba. Instituto Nacional de Deportes, Educación Física y Recreacion & Instituto Cubano de Geodésia y Cartografía, La Habana, 1991; www.geog.nau.edu/tg/contents/v1n4refs.html; Antonio Mussino, COMPASS 2002 - Progress report. Roma, 2002.

Sumário

15 Prólogo:
Metodologia do Atlas e apresentação dos capítulos
LAMARTINE DaCOSTA

29 Siglas dos estados do Brasil e siglas mais utilizadas

RAÍZES

33 Jogos tradicionais indígenas
MARIA BEATRIZ ROCHA FERREIRA, MARINA VINHA, ITAMAR ADRIANO TAGLIARI, JOSÉ RONALDO FASSHEBER E MARIA CECÍLIA DONALDSON UGARTE

35 Jogos tradicionais e brincadeiras infantis
ALEXANDRE MORAES DE MELLO

TRADIÇÕES

39 Capoeira
SERGIO LUIZ DE SOUZA VIEIRA

41 Peteca
JOSÉ GERALDO DO C. SALLES, INEZ MOTTA E CICERO CERQUEIRA PEREIRA JR.

43 Rodeio
RHODES SERRA

CLUSTERS ESPORTIVOS CIDADES, REGIÕES, ESTADOS

47 Cluster esportivo do Rio Grande do Sul – Clubes Turnen
LEOMAR TESCHE

49 Cluster esportivo do rio Tietê – SP
HENRIQUE NICOLINI

51 Cluster esportivo de São Luís do Maranhão, 1860 – 1910
LEOPOLDO VAZ

53 Cluster esportivo de Juiz de Fora – MG
MAURÍCIO GATTÁS BARA FILHO, MARCELO DE OLIVEIRA MATTA, JOSÉ AUGUSTO PEREIRA, JOSÉ MARQUES NOVO JR. E RENATO MIRANDA

55 Cluster esportivo de Rio Claro – SP
JOSÉ ROBERTO GNECCO E AMÉRICO VALDANHA NETO

57 Cluster sócio-recreativo e esportivo de Belém do Pará, 1840 – 1905
JOSILÉIA VALLINOTO

59 Cluster esportivo-recreativo de Pelotas e Rio Grande-RS, 1880 – 1920
GILMAR MASCARENHAS

61 Cluster esportivo de Santa Cruz do Sul – RS
ADEMIR MULLER

SISTEMAS ESPORTIVOS NACIONAIS

65 Associação Cristã de Moços no Brasil – ACM
MILTON KAZUO HIDAKA E ARY DE CAMARGO SEGUI

76 Comitê Olímpico Brasileiro – COB
NEÍSE ABREU, RAUL HECKSHER, MÁRCIA FRANCESCHI E BERNARD RAJMAN

80 Confederação Brasileira de Clubes – CBC
ARIALDO BOSCOLO, EDSON GARCIA E RENATA RONDINI

82 Serviço Social da Indústria – SESI (I)
RUI CAMPOS
COLABORADORES: MARMENHA ROSÁRIO, CLÁUDIA MARTINS RAMALHO, LUIZ CARLOS MARCOLINO, MARIA MERCEDES CARVALHO PASSERI, JOSÉ ODAIR MEIRELES NUNES, ELZA FRANCISCA PATRIARCA DE ALBUQUERQUE, GEORGIA ANTONY GOMES DE MATOS COSTA SILVA, GABRIELA VIEIRA LEITÃO, KATIÚSCIA NEGREIROS PAES LANDIM, LÚZIA DE FÁTIMA ALVES MARQUES, ROSÂNGELA RODRIGUES FARIA E TÉCNICOS EM ESPORTE E LAZER DAS 27 DIRETORIAS REGIONAIS DO SESI

85 SESI (II) Esporte e lazer
RUI CAMPOS

90 SESI (III) – Programas
RUI CAMPOS

93 Serviço Social do Comércio – SESC I
ROSIMEIRI MARTINS GIL
COLABORADORES: IRLANDO TENÓRIO MOREIRA, FERNANDO DYSARZ, SERGIO PANTOJA LEITE, LEILA LUNA RINALDI, JOSÉ ROBERTO SILVA DE JESUS, VERA LUCIA AUGUSTO DO NASCIMENTO E RUI DE MATOS MACIEL

99 Serviço Social do Comércio-SESC II: esporte, lazer e bem-estar social
ROSIMEIRI MARTINS GIL

102 Federação Nacional das Associações Atléticas Banco do Brasil – FENABB
REINALDO FUJIMOTO, FERNANDO ANTONIO JAYME GUIMARÃES, HAROLDO DO ROSÁRIO VIEIRA, LUIZ ANTONIO CARELI E MESSIAS LIMA AZEVEDO

107 Ministério do Esporte
AGNELO QUEIROZ - MINISTRO DO ESPORTE
MINISTÉRIO DO ESPORTE - ORGANIZAÇÃO E SUPERVISÃO DO CAPÍTULO

116 Conselho Federal de Educação Física – CONFEF
JORGE STEINHILBER

119 CONFEF – Perfil do profissional de Educação Física registrado em SC
ALEXANDRO ANDRADE, MARIO CÉSAR NASCIMENTO E MARINO TESSARI

121 CONFEF – Perfil do profissional de Educação Física registrado no RJ em relação ao Código de Ética
ANA FLÁVIA PAES LEME

MILITARES

127 Exército Brasileiro – Atividades físicas e esportivas
RENATO SOUZA PINTO SOEIRO

129 Escola de Educação Física do Exército – EsEFEx
RENATO SOUZA PINTO SOEIRO E RAFAEL PINHEIRO

131 O esporte na Marinha do Brasil
FERNANDO GARRIDO E ÂNGELA LAGE

134 Aeronáutica – esporte, Educação Física e aptidão física
SÉRGIO BASTOS MOREIRA

136 Polícias Militares do Brasil – Atividades físicas e esportivas
RENATO MARTINS BOUÇAS, ADALBERTO DE SOUZA RABELO E ROGÉRIO FIGUEREDO DE LACERDA

138 Escola de Educação Física da Polícia Militar do estado de São Paulo
NESTOR SOARES PUBLIO E IVENS MARTINI CATALANO

140 Corpo de Bombeiros no Brasil – esporte e Educação Física
JOSÉ DA SILVA

142 Comissão Desportiva Militar do Brasil – CDMB
ROBERTO CORREIA

INFRA-ESTRUTURA

147 Recursos humanos e instalações esportivas – levantamentos do Sistema Confef/Cref
IONARA THOMPSON FERREIRA

147 Cref 1 – Conselho Regional de Educação Física dos estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo
ERNANI BEVILAQUA CONTURSI, ANA CRISTINA MELO E ANDRÉA CARVALHO BRAGA

149 Cref 2 – Conselho Regional de Educação Física do estado do Rio Grande do Sul
JEANE ARLETE MARQUES CAZELATO, VANESSA CAZELATO E BRUNO PEREIRA ROSA

150 Cref 3 – Conselho Regional de Educação Física do estado de Santa Catarina
MARINO TESSARI, MARLI TRENTIN E TATIANA MACCARINI SCHABBACH

151 Cref 4 – Conselho Regional de Educação Física do estado de São Paulo
FLÁVIO DELMANTO, CLARISSE PINHEIRO MACHADO E JOSÉ MARIA DE CAMARGO BARROS

152 Cref 5 – Conselho Regional de Educação Física dos estados do Ceará, Maranhão e Piauí
ANTÔNIO RICARDO CATUNDA DE OLIVEIRA E SÔNIA REGINA FRANCISCO

154 Cref 6 – Conselho Regional de Educação Física do estado de Minas Gerais
CLAUDIO AUGUSTO BOSCHI, DANILO DO PATROCÍNIO SOUZA E IONARA THOMPSON FERREIRA

155 Cref 7 – Conselho Regional de Educação Física do Distrito Federal e dos estados de Goiás e Tocantins
LÚCIO ROGÉRIO GOMES DOS SANTOS, GISELE CORREIA BANHOTTO E PAULO RODRIGO G. MOREIRA

157 Cref 8 – Conselho Regional de Educação Física dos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia e Roraima
OTÁVIO AUGUSTO ANIBAL CATTANI FANALI, RODRIGO CÉSAR BARROSO DE VASCONCELLOS DIAS E MARIA DA CONCEIÇÃO C. FELGUEIRAS

159 Cref 9 – Conselho Regional de Educação Física do estado do Paraná
FELIX D'ÁVILA, MÁRCIA CORDOVIL E TAKAO TOMITA

160 Cref 10 – Conselho Regional de Educação Física dos estados da Paraíba e Rio Grande do Norte
IGUATEMY MARIA DE LUCENA MARTINS, VÂNIA REZENDE, JOÃO JOAQUIM SOARES E ELIZABETH JATOBÁ BEZERRA TINOCO

161 Cref 11 – Conselho Regional de Educação Física dos estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul
DOMINGOS SÁVIO DA COSTA, LEILA CARDOSO MACHADO E JOÃO BATISTA COMPAGNANI FERREIRA

162 Cref 12 – Conselho Regional de Educação Física dos estados de Alagoas e Pernambuco
ALBANIZI MIRINDIBA BONFIM, JOSÉ ACIOLY DE CARVALHO, VALÉRIA SALES E ROSEANE CRUZ

163 Cref 13 – Conselho Regional de Educação Física dos estados da Bahia e Sergipe
CARLOS DE SOUZA PIMENTEL E ANA CLAUDIA COUTINHO LEMOS

164 Totais Brasil

164 Dados por região, 2003

169 Profissionais em atividade por estado

171 Instalações esportivas por estado

174 Academias de ginástica e condicionamento físico – origens
JOSÉ MAURÍCIO CAPINUSSÚ

176 Academias de ginástica e condicionamento físico – Desenvolvimento
GILBERTO J. BERTEVELLO

178 Academias de ginástica e condicionamento físico – Sindicatos & associações
GILBERTO BERTEVELLO

180 Clubes esportivos e recreativos
LAMARTINE P. DaCOSTA

186 Clubes esportivos e recreativos em Porto Alegre-RS
JANICE MAZZO

191 Clubes esportivos e recreativos em Niterói-RJ
MÁRIO RIBEIRO CANTARINO FILHO

197 Clubes de imigrantes em São Paulo-SP
CLAUDIA MARIA GUEDES, SUSAN GAIL ZIEFF E PLÍNIO JOSÉ LABRIOLA C. NEGREIROS

200 Atividades físicas e esportivas nas associações e clubes japoneses no Brasil
EMMI MYOTIN

202 Clubes e sociedades esportivas das cidades de Florianópolis, Blumenau e Joinville, SC
GIOVANA ZARPELLON MAZO

205 Clubes sociais e esportivos no estado do Paraná
FERNANDO MEZZADRI

208 Clubes – Interior de São Paulo
JOSÉ MARIA CAMARGO DE BARROS

ESPORTES OLÍMPICOS

- 213 Remo**
HENRIQUE LICHT, WILSON REEBERG E JÚLIO CÉSAR DE NORONHA E SANTOS
- 216 Esportes hípicos**
MARTHA ROESSLER E BJARKE RINK
- 220 Ginástica – Federação Internacional de Ginástica-FIG – Confederação Brasileira de Ginástica-CBG**
JOSÉ CARLOS EUSTÁQUIO DOS SANTOS, NESTOR SOARES PUBLIO, HELOÍSA ALONSO, INGEBORGE CRAUSE, MARIA EDUARDA POLI, SÉRGIO DE A. BASTOS E MARGARETH DE PAULA AMBRÓSIO
- 222 Ginástica Geral (GG)**
JOSÉ CARLOS EUSTÁQUIO DOS SANTOS
- 224 Ginástica Artística (GA)**
NESTOR SOARES PUBLIO
- 226 Ginástica Rítmica (GR)**
HELOÍSA ALONSO E INGEBORGE CRAUSE
- 227 Aeróbica Esportiva (AER)**
MARIA EDUARDA POLI
- 229 Trampolim (TRA)**
SÉRGIO DE A. BASTOS
- 231 Esportes Acrobáticos (ACRO)**
MARGARETH DE PAULA AMBRÓSIO
- 232 Natação**
VERÔNICA PÉRISSÉ NOLASCO, ROBERTO DE CARVALHO PÁVEL E RICARDO DE MOURA
- Natação em águas abertas
ALCEU VERNIERI VAZ E ARNALDO FERNANDES
- 236 Natação feminina**
FABIANO DEVIDE
- 238 Pólo aquático**
SÍLVIO DE CÁSSIO C. TELLES
- 240 Pólo aquático feminino**
LILA PERES
- 241 Saltos ornamentais**
FERNANDO TELLES RIBEIRO, ALICE KOHLER, GIOVANI CASILO E LANA PERES
- 244 Nado sincronizado**
SÔNIA HERCOWITZ E ANA MARIA LOBO
- 246 Natação máster**
WALDYR MENDES RAMOS
- 248 Atletismo**
ROBERTO GESTA DE MELO E BENÉ TURCO
- As corridas de rua no Brasil – um resumo
TOMAZ LOURENÇO
- 250 Atletismo feminino nos Jogos Olímpicos**
GABRIELA ARAGÃO SOUZA DE OLIVEIRA E JULIANA SANTOS COSTA
- 251 Esgrima**
LILIANA LOHMANN E RÉGIS TROIS DE ÁVILA
- A esgrima brasileira: 200 anos
MARIO RIBEIRO CANTARINO FILHO
- A Esgrima do Brasil nos Jogos Olímpicos e Pan-Americanos
ALEXANDRE M. CARVALHO
- 257 Futebol**
RONALDO HELAL, ANTONIO JORGE G. SOARES E JOSÉ GERALDO DO CARMO SALLES
- 260 Futebol e desenvolvimento econômico no RS**
GILMAR MASCARENHAS
- 262 Futebol feminino**
MARCIA MOREL E JOSÉ GERALDO DO C. SALLES
- 264 Basquetebol masculino**
ROBERTO MALUF DE MESQUITA, LUCIANA MARINS NOGUEIRA PEIL E NELSON SCHNEIDER TODT
- 266 Basquetebol feminino**
LUCIANA MARINS NOGUEIRA PEIL E ROBERTO MALUF DE MESQUITA
- Destaque em desenvolvimento local de Basquetebol:
Florianópolis-SC
GIOVANA ZARPELLON MAZO
- 268 Vela**
GUILHERME BORGES PACHECO PEREIRA

- 274 Voleibol masculino e feminino**
CÉLIO CORDEIRO FILHO E MARCIA ALBERGARIA
- 277 Vôlei de praia feminino e masculino**
ROBERTA CAROLINA V. DA TRINDADE
- 278 Tênis**
JUAREZ MUELLER E MÁRCIA MIRANDA
- 281 Handebol**
EDGAR HUBNER E CLÁUDIO REIS
- 285 Tênis de mesa**
IVAN VINHAS E ALAOR GASPAR PINTO AZEVEDO
- 289 Ciclismo**
GIANNINA DO ESPÍRITO-SANTO
- 293 Mountain bike – MTB**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 295 Bicicross – BMX**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 297 Boxe**
MARIO FEITOSA, NÍVEA LEITE E AMANDA LIMA
- 301 Judô**
EMERSON FRANCHINI E ALFREDO DORNELLES
- Cenário geral de lutas e artes marciais no Brasil
KASUO NAGAMINI

- 303 Tiro**
ANDRÉA KRAUS
- 305 Tiro com arco**
MICHELE HEINEN
- 306 Luta olímpica**
DIRCEU GAMA
- 307 Beisebol**
OSSAMI FUKUDA E JULIUS STANGANELLI
- 309 Triathlon – Ironman**
VALÉRIA BITENCOURT E LAUTER NOGUEIRA
- 312 Levantamento de Peso**
ALEXANDRE CARVALHO E LUIZ DOS SANTOS
- 313 Badminton**
LEANDRO NOGUEIRA
- 314 Hóquei sobre a grama e indoor**
LEANDRO NOGUEIRA
- 314 Taekwondo**
LEANDRO NOGUEIRA
- 315 Pentatlo Moderno**
RICARDO DE ALMEIDA CASTILLO
- 319 Canoagem**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 322 Esportes de Inverno I – Ski e Snowboard**
CRIS COSTA
- Hóquei no Gelo
ARIALDO BOSCOLO
- 324 Esportes de Inverno II**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM

OS ATLETAS

- 327 O atleta olímpico**
OTÁVIO TAVARES
- Values and conceptions of the Olympic athlete: hero, performer or mediator?* (texto em inglês)
OTÁVIO TAVARES
- 330 Medalhistas Olímpicos brasileiros**
KATIA RUBIO
- 334 Atletas do vôlei de praia**
ROBERTA CAROLINA VALLE DA TRINDADE
- 336 Ex-atletas e treinadoras**
GABRIELA ARAGÃO SOUZA DE OLIVEIRA
- 338 Atletas-referência da natação feminina**
FABIANO PRIES DEVIDE
- 339 Atletas de excelência do Brasil**
ANA MARIA MIRAGAYA, DIEGO MIRAGAYA AMBRÓSIO, DANIEL MIRAGAYA AMBRÓSIO E FABIANO DEVIDE

ESPORTES NÃO-OLÍMPICOS

- 343 Futsal**
JOSÉ GERALDO DO CARMO SALLES E HELDER BARRA DE MOURA
- 345 Squash**
TATIANA KELAB
- 348 Xadrez**
LUIZ LOUREIRO
- Xadrez na Escola
SYLVIO REZENDE
- 365 Turfe**
VICTOR DE ANDRADE DE MELLO E PAOLA MURTA MAIA
- 367 Boliche**
DENISE GRECO E JAQUELINE CONCEIÇÃO
- 371 Halterofilismo**
LUIZ DOS SANTOS
- 373 Rugby**
CARLOS JOSÉ BARCELLOS DE OLIVEIRA E FERNANDO LUÍS DE OLIVEIRA
- 375 Automobilismo**
MYRIAM DELAMARE, AMÉRICO TEIXEIRA E BRENO MAIA
- Kart no Brasil
VALÉRIA BITENCOURT
- 380 Karatê**
EDGAR FERRAZ DE OLIVEIRA, ALVARO REGO MILLEN NETO E THAIS JORDÃO
- 381 Jiu-Jitsu brasileiro**
FERNANDO DE MELO GUIMARÃES
- As origens e desenvolvimento do Jiu-Jitsu Brasileiro na perspectiva de Belém-PA
AMANDA LIMA
- 385 Kung Fu – Wushu**
MARIANA NASCIBEM BLASER, LUIZ CARLOS NASCIMENTO DA SILVA E APARECIDO MARRERA
- 386 Capoeiragem**
ANDRÉ LACE LOPES
- 389 Disco – Frisbee**
ROBERTO HUCKE, EMILIA TOLEDO E MARCO A. SANCHES
- 390 Bocha**
JANICE MAZO E ELAINE RIZZUTI
- 393 Pesca**
JORGE B. FABRI
- 397 Punhobol**
ANA MIRAGAYA E JANICE MAZZO
- 398 Luta de braço**
ANA MIRAGAYA
- 400 Tchoukball**
NELSON SCHAVALLA
- 401 Culturismo e Musculação**
ALEXANDRE PAGNANI
- 403 Esporte universitário**
GEORGIOS HATZIDAKIS
- 406 Jogos e esportes tradicionais – Kabaddi e Sepaktakraw**
RAQUEL PEDERCINI
- Mapping the worldwide trends of traditional sports and games* (texto em inglês)
LAMARTINE P. DACOSTA

ESPORTES RADICAIS E DE AVENTURA

- 411 Surfe / Esportes radicais**
VALÉRIA BITENCOURT, SIMONE AMORIM, JOANA ANGÉLICA VIGNE E PATRÍCIA NAVARRO
- 417 Bodyboard – Morey boogie – Kickboard – Surfe de Peito**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 419 Skate**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 422 Rally – Off Road**
SIMONE AMORIM, PATRÍCIA NAVARRO E VALÉRIA BITENCOURT
- 424 Paintball**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM

- 424 Zorbing**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 425 Wakeboard**
VALÉRIA BITENCOURT, SIMONE AMORIM E TATIANA KELAB
- 427 Prancha à vela**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 429 Rafting**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 431 Kitesurfe**
VALÉRIA BITENCOURT E PATRÍCIA NAVARRO
- 433 Canoa Havaiana – Outrigger**
VALÉRIA BITENCOURT, SIMONE AMORIM E PATRÍCIA NAVARRO
- 434 Acqua Ride e Bóia-Cross**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 434 Tiroleza**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 435 Arvorismo**
VALÉRIA BITENCOURT, SIMONE AMORIM E PATRÍCIA NAVARRO
Arvorismo Educacional
NEÍSE GAUDENCIO ABREU
- 436 Rapel**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 437 Canionismo**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 439 Corrida de Orientação**
PAULO NOLETO QUEIROZ FILHO E CARLOS ALBERTO P. SANTOS
- 441 Jet Ski – Moto Aquática**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 443 Mergulho – Pesca Subaquática**
VALÉRIA BITENCOURT, SIMONE AMORIM E CLÉCIO MAYRINK
- 446 Motociclismo**
VALÉRIA BITENCOURT, SIMONE AMORIM E JULIO CAMARGO CARONE
- 450 Hóquei sobre patins – Esportes com patins**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 452 Patinação artística (gelo – rodas – corrida)**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 454 Bungee Jump – Scad dive**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 455 Trekking – Enduro/Rally a pé**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 457 Corrida de Aventura**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 458 Bike Trials**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM

ESPORTES DE PRAIA

- 463 Esportes de praia**
VERA L.M.COSTA, FERNANDO GARRIDO E JULIO V. COSTA NETO
- 466 Flag football e Futebol americano**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 467 Carrovelismo**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 468 Esqui aquático**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 470 Sandboard & Skimboard**
VALÉRIA BITENCOURT, PATRÍCIA NAVARRO E SIMONE AMORIM
- 471 Tamboréu**
VALÉRIA BITENCOURT

AEROESPORTES

- 475 Acrobacia aérea / aeroesportes**
JOSÉ KOFF, LUIZ G. RICHIERI E LUIZ CARLOS DELL’AGLIO
- 477 Ultraleve**
JOSÉ KOFF, GUSTAVO HENRIQUE ALBRECHT E JOSÉ AUGUSTO SANTANA
- 479 Vôo Livre**
JOSÉ KOFF E NADER COURI RAAD FILHO

- 479 Vôo à vela**
JOSÉ KOFF E THOMAS MILKO
- 481 Pára-quedismo**
VALÉRIA BITENCOURT, SIMONE AMORIM, AUGUSTO RIBEIRO E JOSÉ KOFF

- 483 Aerodelismo**
JOSÉ KOFF E EDSON MALUF

- 485 Balonismo**
VALÉRIA BITENCOURT, PATRÍCIA NAVARRO E JOSÉ KOFF

EDUCAÇÃO FÍSICA

- 489 Ensino superior em Educação Física**
MARIO RIBEIRO CANTARINO FILHO E LAMARTINE P. DaCOSTA

- 495 Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo**
CLAUDIA GUEDES

- 499 Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Física**
HELDER GUERRA DE REZENDE

- 503 Educação Física escolar**
JOÃO CARLOS JACCOTTET PICCOLI
Agenda de Berlim 1999
TRADUÇÃO DE MARCIO TURINI

- 511 A Educação Física escolar no Rio Grande do Sul**
JOÃO CARLOS PICCOLI

- 515 Dança em Educação Física, esporte e lazer – I: Dança e ballet clássico**
CÁTIA PEREIRA DUARTE, RENATA VASCONCELOS E MÔNICA NASCIMENTO

- 517 Dança em Educação Física, esporte e lazer – II: Dança moderna, dança contemporânea, dança jazz e sapateado**
CÁTIA PEREIRA DUARTE, RENATA VASCONCELOS E MÔNICA NASCIMENTO

- 519 Dança em Educação Física, esporte e lazer – III: Danças de salão e danças nacionais populares**
CÁTIA PEREIRA DUARTE, RENATA VASCONCELOS E MÔNICA NASCIMENTO

- 521 loga**
ALMERINDA ALICE MENDES, DARCYMIREs DO RÉGO BARROS, HILDA CASTELO DE LACERDA, IÉDA OLIVEIRA ALDRIGHI, JOSÉ MARIA COUTINHO, MARIA FERNANDA L. SOUZA, MARIA HELENA FERREIRA SCHMIDT, NEUZA VERÍSSIMO MEIRELES, NORMA PINHEIRO ALVES, PAULO MURILO ROSAS E SONIA MARIA RICETE COSTA

LAZER – CIDADES E REGIÕES

- 525 Lazer – cidades e regiões**
ANTÔNIO CARLOS BRAMANTE

- 527 Lazer e esportes no Rio de Janeiro – RJ**
FERNANDO GARRIDO

- 533 O lazer na cidade de São Paulo – SP**
LUIZ OCTÁVIO LIMA DE CAMARGO

- 538 Atividades esportivas e lazer em Porto Alegre – RS**
JANICE ZARPELLON MAZO

- 548 Lazer em Belo Horizonte – MG**
MARILITA APARECIDA ARANTES RODRIGUES

- 552 Lazer em Campinas – SP**
JACQUELINE MARTINS BATISTA E ROBSON APARECIDO MAZZOCATO

- 553 Lazer em Morungaba – SP**
LUCIANA WALKER E RICARDO PENTEADO

- 554 Cluster esporte e lazer de Santos – SP**
LUCIANA VAZ

- 556 Lazer em Presidente Prudente – SP**
ROSÂNGELA BENITO

- 557 Lazer em Santo André – SP**
EDUARDO TADEU COSTA, PAULO HENRIQUE DOS SANTOS E ROSANA ABADE BARBOSA

- 559 Lazer em Sorocaba – SP**
ANTONIO CARLOS BRAMANTE E ELCIE HELENA COSTA RODRIGUES

- 561 Lazer e Esportes em Aracajú-SE**
AILTON FERNANDO S. DE OLIVEIRA, ACÁCIO SANTOS NASCIMENTO, WAGNER OLIVEIRA, DIOGO GOMES LOBO, PRISCILA GOMES SILVA, MANOELA DE ARAÚJO ANDRADE, MARIA EUGÊNIA LIMA PODEROSO, VERUSKA DOS SANTOS COSTA, JOSÉ ROBSON DOS SANTOS E ÂNGELO DE ALMEIDA PAZ

- 564 Lazer e esporte em Lagarto-SE**
JOSÉ LUIZ ANDRADE, REGINALDO NASCIMENTO E VÂNIA MARIA DE AZEVEDO SANTANA

- 565 Lazer e esportes em Maceió-AL**
EDUARDO MONTENEGRO, PATRÍCIA CAVALCANTI AYRES MONTENEGRO, NEIZA FREDERICO FUMES, BÁRBARA TENÓRIO DE ALBUQUERQUE VITAL, BRUNO BARBOSA GIUDICELLI, CÍCERO OLIVEIRA DOS SANTOS, DANTE WANDERLEI LIMA DE OLIVEIRA, JAILSON ELIAS DOS SANTOS, JOSÉ EDSON RODRIGUES FERREIRA, JOSÉ MAÉRIO TENÓRIO, MARIA JANAINA MARQUES DA SILVA, NINA KÁTIA SILVER COSTA BEZERRA DE OLIVEIRA, NILSON MONTEIRO NÉRI, PAULO SÉRGIO PAES BARRETO E MENDES, RICARDO DE MEDEIROS SOARES, RICARDO LUIZ DE SOUZA, RICARDO JORGE NUNES DE OLIVEIRA, SANDRA MARIA PONTES, VANNINA DE OLIVEIRA ASSIS E WCEUTON OLIVEIRA SILVA

- 567 Lazer e esportes em Palmeira dos Índios-AL**
ANA PAULA VILARINS, HILDÊNIA VIEIRA E SILVA, JOSEFA GOMES DA SILVA, LENUSA DA SILVA ALVES E EDUARDO MONTENEGRO

SAÚDE, LAZER E INCLUSÃO SOCIAL

- 571 Lazer Esportivo e Esporte para Todos**
EDISON FRANCISCO VALENTE E JAPSON MACÉDO DE ALMEIDA FILHO

- 576 Atividades físicas na empresa**
GIULIANO GOMES DE ASSIS PIMENTEL

- 578 Agita São Paulo – Agita Brasil**
VICTOR RODRIGUES MATSUDO, SANDRA MAHECHA MATSUDO, TIMOTEO LEANDRO ARAUJO, DOUGLAS ANDRADE, ERINALDO ANDRADE, LUIS DE OLIVEIRA E GLAUCIA BRAGGION

- 580 Dia do Desafio – SESC São Paulo / Coordenação do Continente Americano**
MARIA LUIZA SOUZA DIAS E MARIA APARECIDA CECILIANO DE SOUZA

- 582 Dia mundial da caminhada – Brasil**
JOÃO FERNANDO BRINKMANN DOS SANTOS

- 588 Promoção da saúde através da atividade física**
ANA MIRAGAYA

- 597 Projetos de Inclusão Social I – História e conceitos**
HELOISA G. P. NOGUEIRA, NILDA TEVES, LEONARDO MATARUNA E LAMARTINE DaCOSTA

- 602 Projetos esportivos de Inclusão Social-PIS – Crianças e jovens**
MARTA CORRÊA GOMES E MARCIO TURINI CONSTANTINO

- 613 Esporte e Inclusão Social – Mulheres**
LUDMILA MOURÃO E SEBASTIÃOVOTRE

- 615 Esporte e Inclusão Social – Mulheres na gestão esportiva brasileira**
EUZA MARIA DE PAIVA GOMES

- 617 Esporte e Inclusão Social – Atividades físicas para idosos I**
ALFREDO FARIA JUNIOR
COLABORADORES: IVONE COGO, RAFAEL BOTELHO, GUSTAVO GONÇALVES CARDOZO, ANA PAULA SOUSA DA SILVA, REGINA CELI LEMA SANTOS, PAULO FARINATTI, MARCOS AVELLAR DO NASCIMENTO, ANA CLÁUDIA ROMEU CRAVEIRO, SILVIO TELLES, MARIENI BELLO CORRÊA, ALESSANDRA BROD, EDUARDO PIRES RODRIGUES, EDMUNDO DE DRUMMOND ALVES JUNIOR E IVANETE OLIVEIRA

- 622 Esporte e Inclusão Social – Atividades físicas para idosos II: Produção e disseminação do conhecimento, e formação de recursos humanos**
ALFREDO FARIA JUNIOR E RAFAEL G.
COLABORADORES: IVONE COGO, CRISTINA DA CRUZ DE OLIVEIRA, SILVIO TELLES, REGINA CELI LEMA SANTOS, PAULO FARINATTI, PLÍNIO DECARO, MARIENI BELLO CORRÊA, ALESSANDRA BROD, EDMUNDO DE DRUMOND ALVES JUNIOR E IVANETE OLIVEIRA BOTELHO

- 632 Esporte e Inclusão Social – Atividades físicas para idosos III: Uma tentativa preliminar de mapeamento regional**
PAULO DE TARSO VERAS FARINATTI E LEONARDO GOMES DE OLIVEIRA LUZ

- 634 Esporte e Educação Física de Inclusão Social – Surdos**
LEONARDO MATARUNA, CELBY RODRIGUES VIEIRA DOS SANTOS, HELOISA NOGUEIRA, FERNANDA COSTA E SILVA E WALESKA ROCHA DE SOUZA

- 638 Inclusão Social – Esporte para deficientes visuais**
LEONARDO MATARUNA, CIRO WINCKLER DE OLIVEIRA FILHO, MÁRIO SÉRGIO FONTES E JOSÉ JULIO GAVIÃO DE ALMEIDA

- 645 Esporte adaptado, Paraolimpíadas e Olimpíadas Especiais**
CLAUDIA APARECIDA STEFANE, EFRAIN MACIEL E SILVA, LEONARDO MATARUNA E SÉRGIO JOSÉ DE CASTRO

- 650 Inclusão Social – Esporte para portadores de nanismo**
LEONARDO MATARUNA E LUCIANA DE OLIVEIRA BARROS

653 Dança em cadeira de rodas
MÁRIA BEATRIZ ROCHA FERREIRA E ELIANA LUCIA FERREIRA

CIÊNCIAS DO ESPORTE E EDUCAÇÃO FÍSICA

657 Fisiologia do exercício
MAURÍCIO ROCHA, CLÁUDIO GIL SOARES DE ARAÚJO,
PAULO SERGIO GOMES E ATTILA FLEGNER

661 Sociedade Brasileira de Fisiologia do Exercício
PAULO DE TARSO V. FARINATTI

663 Rede de Centros de Excelência Esportiva – CENESP
ADROALDO GAYA

665 Medicina do esporte
ANTONIO CLAUDIO LUCAS DA NÓBREGA,
RENATA RODRIGUES TEIXEIRA DE CASTRO,
MARCOS AURÉLIO BRAZÃO DE OLIVEIRA E EDUARDO HENRIQUE DE ROSE

667 Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte – CBCE
FERNANDA SIMONE LOPES DE PAIVA

669 Pesquisa em Educação Física e esportes no Exército Brasileiro
RENATO S. PINTO SOEIRO E EDUARDO C. MARTINEZ

671 Biomecânica do esporte
LUIZ ALBERTO BATISTA E ALBERTO CARLOS AMADIO

675 Psicologia do esporte – SOBRAPE
JOÃO ALBERTO BARRETO E LUIZ SCIPÍÃO RIBEIRO
Psicologia do Esporte no Brasil e na América Latina
BENNO BECKER JR.

677 Psicofisiologia no Brasil
LUIZ CARLOS SCIPÍÃO RIBEIRO, MAURÍCIO BARA FILHO, EMERSON FILIPINO
COELHO E RENATO MARTINS BOUÇAS

678 História da Educação Física, esporte, dança e lazer
EDISON FRANCISCO VALENTE E JAPSON MACÉDO DE ALMEIDA FILHO

688 Colégio Brasileiro de Atividade Física, Saúde e Esporte – COBRASE
JOSÉ FERNANDES FILHO E ESTÉLIO HENRIQUE MARTIN DANTAS

690 Brasil – Resultados esportivos I: Jogos Olímpicos e Jogos Pan-Americanos
ALEXANDRE M. CARVALHO

712 Brasil – Resultados esportivos II: Campeonatos Mundiais e Paraolímpicos
ALEXANDRE M. CARVALHO

717 Conhecimento Positivista da Educação Física e Esporte
EDIVALDO GOIS JUNIOR

718 Direito do esporte
ALBERTO DOS SANTOS PUGA BARBOSA

719 Geografia do esporte
GILMAR MASCARENHAS

720 Meio ambiente e esporte – Produção do conhecimento
CARMEM LUISA B. A. DACOSTA

722 Esporte e mídia
LUIZ POZZI E CARLOS HENRIQUE V. RIBEIRO

725 Turismo esportivo
ARIANNE CARVALHEDO

727 Treinamento esportivo
MANOEL GOMES TUBINO E LAMARTINE DACOSTA
Métodos e técnicas do treinamento esportivo no Brasil, 1909 – 1938
ANA MARIA MIRAGAYA
Genética e treinamento esportivo: o uso prático da dermatoglia
JOSÉ FERNANDES FILHO, PAULO MOREIRA SILVA DANTAS E
PAULA ROQUETTI FERNANDES

732 Didática da Educação Física no Brasil
ALFREDO FARIA JUNIOR

739 Inovações tecnológicas e científicas I: Esporte, Educação Física, atividades físicas e lazer no Brasil
DIRCEU GAMA

743 Inovações tecnológicas e científicas II
MARCOS SANTORO

745 Congressos / Eventos científicos em Educação Física
MÁRIA CECÍLIA DE PAULA SILVA E WALMIR VINHAS

748 Feiras e exposições em esportes, atividades físicas e lazer
TERESINHA DANINGER ISOBE, ERNANI CONTURSI E HELOISA G. P. NOGUEIRA

751 Estudos olímpicos – Academia Olímpica Brasileira – Educação olímpica
OTÁVIO TAVARES, CRISTIANO BELÉM, LETÍCIA GODOY, MARCIO TURINI,
MARTA GOMES E NELSON TODT

754 Instalações Esportivas – Planejamento e desenvolvimento
FERNANDO TELLES RIBEIRO

757 Filosofia do esporte, ética e Educação Física, fair play
ANDRÉ CODEA, HERON BERESFORD, LAMARTINE DACOSTA E
ALBERTO REPPOLD
A philosophical approach to Olympism (texto em inglês)
LAMARTINE DACOSTA

760 Administração/ Gestão esportiva
VERÔNICA PERISSE NOLASCO, VALERIA BITENCOURT, PRÓSPERO BRUM
PAOLI, EUZA GOMES E MÔNICA CASTRO

762 Sociologia e antropologia do esporte
BRUNO ABRAHÃO, JOSÉ DA SILVA,
ANA PAULA VASCONCELOS E SILVIA PIRES

764 Marketing esportivo
FRANCISCO PAULO DE MELO NETO E MARIO FEITOSA

767 Memória e museu do esporte
SILVANA VILODRE GOELLNER

769 Centro Esportivo Virtual – CEV
LAÉRCIO ELIAS PEREIRA E LEOPOLDO GIL DULCIO VAZ

771 Esporte e religião
CARLOS NAZARENO FERREIRA BORGES

773 Esporte e arte / Esporte no cinema brasileiro
VICTOR ANDRADE DE MELO

776 Publicações periódicas de ensino, de técnicas e de magazines em Educação Física e esporte
AMARÍLIO FERREIRA NETO

778 Publicações periódicas científicas em Educação Física e esporte de instituições universitárias
AMARÍLIO FERREIRA NETO

780 Publicações periódicas científicas em Educação Física e esporte de Sociedades científicas e Associações de categoria profissional
AMARÍLIO FERREIRA NETO

782 Editoras de livros de esporte, Educação Física e lazer
ESTÉLIO HENRIQUE MARTIN DANTAS E DANTE GASTALDONI

ASSOCIAÇÕES & MOVIMENTOS DE ABRANGÊNCIA NACIONAL

787 Associações de Professores de Educação Física – APEF
SERGIO SARTORI

789 Associação Cristã de Moços – Movimento voluntário da Educação Física no Brasil
MARIO RIBEIRO CANTARINO FILHO
COLABORADOR: LAMARTINE DACOSTA

790 Antidoping no esporte brasileiro
ANTONIO CLAUDIO LUCAS DA NÓBREGA E
RENATA RODRIGUES TEIXEIRA DE CASTRO
Código Mundial Antidoping
ALBERTO PUGA E ÁLVARO RIBEIRO
LADETEC / LAB DOP. Laboratório de controle de dopagem
RAFAELA CASTRO COSTA

793 Voluntariado no esporte
ANDRÉA D'AIUTO E ANTÔNIO CARLOS BRAMANTE
Esporte, voluntariado e o Terceiro Setor
CARLOS HENRIQUE V. RIBEIRO

ASSOCIAÇÕES & MOVIMENTOS DE AÇÃO NACIONAL-INTERNACIONAL

799 FIEP – Federação Internacional de Educação Física
MANOEL J. GOMES TUBINO E ALMIR A. GRUHN

801 Clubes Panathlon e Panathletismo
LUIZ BACCALÁ

803 Rede de atividade física das Américas / Agita Mundo
VICTOR K. R. MATSUDO E SANDRA MAHECHA MATSUDO
Manifesto de São Paulo para a
Promoção da Atividade Física nas Américas

MEGA-EVENTOS NO BRASIL

809 Jogos Estudantis Brasileiros-JEBs
IONARA THOMPSON
COLABORADORES: WALFRIDO JOSÉ AMARAL, CARLOS ALBERTO GARCIA E
RENATO MEDEIROS DE MORAES
Educação Física e Jogos Escolares em Niterói-RJ, 1835 – 1943
MARIO RIBEIRO CANTARINO
Jogos do estado de SP
FÁBIO SABBA

812 Jogos Olímpicos Latino-Americanos de 1922 – Rio de Janeiro
CESAR R. TORRES
The IOC and Latin American Olympics-1922, Rio de Janeiro (texto em inglês)
LAMARTINE P. DACOSTA

814 Brasil – futuras cidades Olímpicas: São Paulo
JOSÉ ROBERTO GNECCO

818 Brasil – futuras cidades Olímpicas: Rio de Janeiro. Sede dos Jogos Pan-Americanos 2007
FERNANDO TELLES RIBEIRO
Urban reconstruction through Olympic Games (texto em inglês)
HOLGER PREUSS

EPÍLOGO: TENDÊNCIAS SOCIAIS E ECONÔMICAS

825 Cenário de tendências gerais dos esportes e atividades físicas no Brasil
LAMARTINE P. DACOSTA
COLABORADORES: VALÉRIA BITENCOURT, LEANDRO NOGUEIRA, ANA MARIA
MIRAGAYA, VICTOR MATSUDO, ROSÂNGELA NOÉ E ALEXANDRE CARVALHO

839 Cenário da prática de atividades físicas e da epidemia de excesso de peso no Brasil
LUIZ ANTONIO DOS ANJOS E CRISTINA PINHEIRO MENDONÇA

842 Cenário internacional dos resultados esportivos – Situação do Brasil
ALEXANDRE MEDEIROS JORGE DE CARVALHO

852 Cenário de bases geográficas do esporte e atividades físicas no Brasil
GILMAR MASCARENHAS
Coubertin – historian, geographer and politician (texto em inglês)
LAMARTINE DACOSTA

854 Cenário da indústria do esporte e do marketing de eventos
VALÉRIA BITENCOURT
COLABORADOR: LAMARTINE DACOSTA

857 Cenário de tendências econômicas dos esportes e atividades físicas no Brasil
JOSE ANTONIO BARROS ALVES

859 Cenário de tendências de emprego na área de esportes e atividades físicas
RODRIGO FORTINI BOSCHI

860 Cenário da formação profissional em Educação Física, esportes e atividades físicas no Brasil
JOÃO BATISTA ANDREOTTI GOMES TOJAL

FOTOS E FIGURAS

861 Quem fez acontecer
EDITORES E AUTORES DO ATLAS
COLABORADORES: ROLAND RENSON (SPORT MUSEUM FLANDERS) E OSÍRIS
LABATUT RODRIGUES (TEMAS MILITARES)

893 AUTORES – CURRÍCULOS

Contents

- 15 Prologue: Atlas methods and foreword to the chapters**
LAMARTINE DaCOSTA
- 29 States of Brazil – abbreviations**
- ROOTS**
- 33 Traditional Native Brazilian (Indian) games**
MARIA BEATRIZ ROCHA FERREIRA, MARINA VINHA, ITAMAR ADRIANO TAGLIARI, JOSÉ RONALDO FASSHEBER E MARIA CECÍLIA DONALDSON UGARTE
- 35 Traditional games and children's games**
ALEXANDRE MORAES DE MELLO
- TRADITIONS**
- 39 Capoeira – The Brazilian Martial Art**
SERGIO LUIZ DE SOUZA VIEIRA
- 41 Indiaca**
JOSÉ GERALDO DO C. SALLES, INEZ MOTTA E CICERO CERQUEIRA PEREIRA JR.
- 43 Rodeo**
RHODES SERRA
- SPORTS CLUSTERS
CITIES, REGIONS, STATES**
- 47 Sports cluster of Rio Grande do Sul – Turnen clubs**
LEOMAR TESCHE
- 49 Sports cluster of the Tietê River - SP**
HENRIQUE NICOLINI
- 51 Sports cluster of São Luís – MA, 1860 – 1910**
LEOPOLDO VAZ
- 53 Sports cluster of Juiz de Fora – MG**
MAURÍCIO GATTÁS BARA FILHO, MARCELO DE OLIVEIRA MATTA, JOSÉ AUGUSTO PEREIRA, JOSÉ MARQUES NOVO JR. E RENATO MIRANDA
- 55 Sports cluster of Rio Claro – SP**
JOSÉ ROBERTO GNECCO E AMÉRICO VALDANHA NETO
- 57 Recreation and sports cluster of Belém – PA, 1840 – 1905**
JOSILÉIA VALLINOTO
- 59 Sports and recreation cluster of Pelotas and Rio Grande – RS, 1880 – 1920**
GILMAR MASCARENHAS
- 61 Sports cluster of Santa Cruz do Sul – RS**
ADEMIR MULLER
- BRAZILIAN SPORTS SYSTEMS**
- 65 Young Men's Christian Association in Brazil**
MILTON KAZUO HIDAKA E ARY DE CAMARGO SEGUI
- 76 National Olympic Committee – Brazil**
NEISE ABREU, RAUL HECKSHER, MÁRCIA FRANCESCHI E BERNARD RAJMAN
- 80 Brazilian Confederation of Clubs - CBC**
ARIALDO BOSCOLO, EDSON GARCIA E RENATA RONDINI
- 82 SESI (I) – Social Service of Brazilian Industry**
RUI CAMPOS
COLABORADORES: MARMENHA ROSÁRIO, CLÁUDIA MARTINS RAMALHO, LUIZ CARLOS MARCOLINO, MARIA MERCEDES CARVALHO PASSERI, JOSÉ ODAIR MEIRELES NUNES, ELZA FRANCISCA PATRIARCA DE ALBUQUERQUE, GEORGIA ANTONY GOMES DE MATOS COSTA SILVA, GABRIELA VIEIRA LEITÃO, KATIÚSCIA NEGREIROS PAES LANDIM, LUZIA DE FÁTIMA ALVES MARQUES, ROSÂNGELA RODRIGUES FÁRIA E TÉCNICOS EM ESPORTE E LAZER DAS 27 DIRETORIAS REGIONAIS DO SESI
- 85 SESI (II) – Sport and leisure**
RUI CAMPOS
- 90 SESI (III) – Programs**
RUI CAMPOS
- 93 Social Service of Brazilian Commerce – SESC I**
ROSIMEIRI MARTINS GIL
COLABORADORES: IRLANDO TENÓRIO MOREIRA, FERNANDO DYSARZ, SERGIO PANTOJA LEITE, LEILA LUNA RINALDI, JOSÉ ROBERTO SILVA DE JESUS, VERA LUCIA AUGUSTO DO NASCIMENTO E RUI DE MATOS MACIEL
- 99 SESC II: sports, leisure and wellness**
ROSIMEIRI MARTINS GIL
- 102 Bank of Brazil Sport Clubs National Federation – FENABB**
REINALDO FUJIMOTO, FERNANDO ANTONIO JAYME GUIMARÃES, HAROLDO DO ROSÁRIO VIEIRA, LUIZ ANTONIO CARELI E MESSIAS LIMA AZEVEDO
- 107 Ministry of Sport**
AGNELO QUEIROZ
ORGANIZATION AND SUPERVISION OF CHAPTER / MINISTER OF SPORT
- 116 Federal Council of Physical Education – CONFEF**
JORGE STEINHILBER
- 119 CONFEF – Profile of adherence of Physical Education professionals in Santa Catarina**
ALEXANDRO ANDRADE, MARIO CÉSAR NASCIMENTO E MARINO TESSARI
- 121 CONFEF – Profile of Physical Education professionals registered in the state of Rio de Janeiro in relation to the Code of Ethics**
ANA FLÁVIA PAES LEME
- BRAZILIAN MILITARY,
POLICE FORCE AND FIREFIGHTERS**
- 127 Brazilian Army – Physical and sporting activities**
RENATO SOUZA PINTO SOEIRO
- 129 The School of Physical Education of the Army – EsEFEx**
RENATO SOUZA PINTO SOEIRO E RAFAEL PINHEIRO
- 131 Sports in the Brazilian Navy**
FERNANDO GARRIDO E ÂNGELA LAGE
- 134 Air Force – sports, physical education and fitness**
SÉRGIO BASTOS MOREIRA
- 136 Brazilian Police Forces – Physical activities and sports**
RENATO MARTINS BOUÇAS, ADALBERTO DE SOUZA RABELO E ROGÉRIO FIGUEREDO DE LACERDA
- 138 The Physical Education School of São Paulo State Police Force**
NESTOR SOARES PUBLIO E IVENS MARTINI CATALANO
- 140 Firefighters in Brazil – sports and physical education**
JOSÉ DA SILVA
- 142 Brazilian Military Sports Commission – CDMB**
ROBERTO CORREIA
- INFRASTRUCTURE**
- 147 Human resources and sports facilities – Confef /Cref system's surveys**
IONARA THOMPSON FERREIRA
- 147 Cref 1 – Regional Council of Physical Education: States of Rio de Janeiro and Espírito Santo**
ERNANI BEVILAQUA CONTURSI, ANA CRISTINA MELO E ANDRÉA CARVALHO BRAGA
- 149 Cref 2 – Regional Council of Physical Education: State of Rio Grande do Sul**
JEANE ARLETE MARQUES CAZELATO, VANESSA CAZELATO E BRUNO PEREIRA ROSA
- 150 Cref 3 – Regional Council of Physical Education: State of Santa Catarina**
MARINO TESSARI, MARLI TRENTIN E TATIANA MACCARINI SCHABBACH
- 151 Cref 4 – Regional Council of Physical Education: State of São Paulo**
FLÁVIO DELMANTO, CLARISSE PINHEIRO MACHADO E JOSÉ MARIA DE CAMARGO BARROS
- 152 Cref 5– Regional Council of Physical Education: States of Ceará, Maranhão and Piauí**
ANTÔNIO RICARDO CATUNDA DE OLIVEIRA E SÔNIA REGINA FRANCISCO
- 154 Cref 6 – Regional Council of Physical Education: State of Minas Gerais**
CLAUDIO AUGUSTO BOSCHI, DANILO DO PATROCÍNIO SOUZA E IONARA THOMPSON FERREIRA
- 155 Cref 7– Regional Council of Physical Education: States of Goiás and Tocantins, and Brazil's capital / Distrito Federal**
LÚCIO ROGÉRIO GOMES DOS SANTOS, GISELE CORREIA BANHOTTO E PAULO RODRIGO G. MOREIRA
- 157 Cref 8 – Regional Council of Physical Education: States of Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia and Roraima**
OTÁVIO AUGUSTO ANÍBAL CATTANI FANALI, RODRIGO CÉSAR BARROSO DE VASCONCELLOS DIAS E MARIA DA CONCEIÇÃO C. FELGUEIRAS
- 159 Cref 9 – Regional Council of Physical Education: State of Paraná**
FELIX D'ÁVILA, MÁRCIA CORDOVIL E TAKAO TOMITA
- 160 Cref 10 – Regional Council of Physical Education: States of Paraíba and Rio Grande do Norte**
IGUATEMY MARIA DE LUCENA MARTINS, VÂNIA REZENDE, JOÃO JOAQUIM SOARES E ELIZABETH JATOBÁ BEZERRA TINOCO
- 161 Cref 11 – Regional Council of Physical Education: States of Mato Grosso and Mato Grosso do Sul**
DOMINGOS SÁVIO DA COSTA, LEILA CARDOSO MACHADO E JOÃO BATISTA COMPAGNANI FERREIRA
- 162 Cref 12 – Regional Council of Physical Education: States of Alagoas and Pernambuco**
ALBANIZI MIRINDIBA BONFIM, JOSÉ ACIOLY DE CARVALHO, VALÉRIA SALES E ROSEANE CRUZ
- 163 Cref 13 – Regional Council of Physical Education: States of Bahia and Sergipe**
CARLOS DE SOUZA PIMENTEL, ANA CLAUDIA COUTINHO LEMOS, ALBANIZI MIRINDIBA BONFIM, JOSÉ ACIOLY DE CARVALHO, VALÉRIA SALES E ROSEANE CRUZ
- 164 Main trends of IES and physical education undergraduate programs data per region, 2003**
- 169 Active professionals per state**
- 171 Sports facilities per state**
- 174 Health & fitness facilities, gyms, sports clubs – Historical milestones**
JOSÉ MAURÍCIO CAPINUSSÚ
- 176 Health & fitness facilities, gyms, spas, sports clubs – Development**
GILBERTO J. BERTEVELLO
- 178 Health & fitness facilities, gyms, sports clubs – Unions & associations**
GILBERTO BERTEVELLO
- 180 Sports and recreation clubs**
LAMARTINE P. DaCOSTA
- 187 Sports and recreation clubs in Porto Alegre-RS**
JANICE MAZZO
- 191 Sports and recreation clubs in Niterói - RJ**
MÁRIO RIBEIRO CANTARINO FILHO
- 197 Sports clubs of ethnic groups in São Paulo - SP**
CLAUDIA MARIA GUEDES, SUSAN GAIL ZIEFF E PLÍNIO JOSÉ LABRIOLA C. NEGREIROS
- 200 Physical activities and sports in Japanese clubs in Brazil**
EMMI MYOTIN
- 202 Clubs and sport associations of the cities of Florianópolis, Blumenau and Joinville, SC**
GIOVANA ZARPELLON MAZO
- 205 Social and sports clubs in Paraná state**
FERNANDO MEZZADRI
- 208 Sports clubs – Interior of São Paulo state**
JOSÉ MARIA CAMARGO DE BARROS

OLYMPIC SPORTS

- 213 Rowing**
HENRIQUE LICHT, WILSON REEBERG E JÚLIO CÉSAR DE NORONHA E SANTOS
- 216 Equestrian sports**
MARTHA ROESSLER E BJARKE RINK
- 220 Gymnastics / International Gymnastics Federation - FIG / Brazilian Gymnastics Confederation - CBG**
JOSÉ CARLOS EUSTÁQUIO DOS SANTOS, NESTOR SOARES PUBLIO, HELOÍSA ALONSO, INGEBORGE CRAUSE, MARIA EDUARDA POLI, SÉRGIO DE A. BASTOS E MARGARETH DE PAULA AMBRÓSIO
- 222 General Gymnastics**
JOSÉ CARLOS EUSTÁQUIO DOS SANTOS
- 224 Artistic Gymnastics**
NESTOR SOARES PUBLIO
- 226 Rhythmic Gymnastics**
HELOÍSA ALONSO E INGEBORGE CRAUSE
- 227 Sport Aerobics**
MARIA EDUARDA POLI
- 229 Trampoline**
SÉRGIO DE A. BASTOS
- 231 Sports Acrobatics**
MARGARETH DE PAULA AMBRÓSIO
- 232 Swimming**
VERÔNICA PÉRISSÉ NOLASCO, ROBERTO DE CARVALHO PÁVEL E RICARDO DE MOURA
Open water swimming
ALCEU VERNIERI VAZ E ARNALDO FERNANDES
- 236 Women swimmers**
FABIANO DEVIDE
- 238 Water Polo**
SILVIO DE CÁSSIO C. TELLES
- 240 Water Polo Women**
LILA PERES
- 241 Diving**
FERNANDO TELLES RIBEIRO, ALICE KOHLER, GIOVANI CASILO E LANA PERES
- 244 Synchronized swimming**
SÔNIA HERCOWITZ E ANA MARIA LOBO
- 246 Masters Swimming**
WALDYR MENDES RAMOS
- 248 Athletics**
ROBERTO GESTA DE MELO E BENÉ TURCO
The rustic races in Brazil – a summary
TOMAZ LOURENÇO
- 250 Women's athletics in the Olympic Games**
GABRIELA ARAGÃO SOUZA DE OLIVEIRA E JULIANA SANTOS COSTA
- 251 Fencing**
LILIANA LOHMANN E RÉGIS TROIS DE AVILA
Brazilian Fencing: 200 years
MARIO RIBEIRO CANTARINO FILHO
Brazilian Fencing in the Olympic and Pan-American Games
ALEXANDRE M. CARVALHO
- 257 Football – Soccer**
RONALDO HELAL, ANTONIO JORGE G. SOARES E JOSÉ GERALDO DO CARMO SALLES
- 260 Soccer and economic development in RS**
GILMAR MASCARENHAS
- 262 Women's football – soccer**
MARCIA MOREL E JOSÉ GERALDO DO C. SALLES
- 264 Men's basketball**
ROBERTO MALUF DE MESQUITA, LUCIANA MARINS NOGUEIRA PEIL E NELSON SCHNEIDER TODT
- 266 Women's basketball**
LUCIANA MARINS NOGUEIRA PEIL E ROBERTO MALUF DE MESQUITA
Basketball local development feature: Florianópolis-SC
GIOVANA ZARPELLON MAZO
- 268 Sailing**
GUILHERME BORGES PACHECO PEREIRA
- 274 Volleyball – Men and women**
CÉLIO CORDEIRO FILHO E MARCIA ALBERGARIA

- 277 Beach volleyball – Women and men**
ROBERTA CAROLINA V. DA TRINDADE
- 278 Tennis**
JUAREZ MUELLER E MÁRCIA MIRANDA
- 281 Handball**
EDGAR HUBNER E CLÁUDIO REIS
- 285 Table tennis**
IVAN VINHAS E ALAOR GASPAR PINTO AZEVEDO
- 289 Cycling**
GIANNINA DO ESPÍRITO-SANTO
- 293 Mountain bike – MTB**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 295 Bicycross – BMX**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 297 Boxing**
MARIO FEITOSA, NIVEA LEITE E AMANDA LIMA
- 301 Judo**
EMERSON FRANCHINI E ALFREDO DORNELLES
General scenary of fighting sports and martial arts in Brazil
KASUO NAGAMINI
- 303 Shooting**
ANDRÉA KRAUS
- 305 Archery**
MICHELE HEINEN
- 306 Olympic wrestling**
DIRCEU GAMA
- 307 Baseball**
OSSAMI FUKUDA E JULIUS STANGANELLI
- 309 Triathlon – Ironman**
VALÉRIA BITENCOURT E LAUTER NOGUEIRA
- 312 Weightlifting**
ALEXANDRE CARVALHO E LUIZ DOS SANTOS
- 313 Badminton**
LEANDRO NOGUEIRA
- 314 Field and indoor hockey**
LEANDRO NOGUEIRA
- 315 Modern pentathlon**
RICARDO DE ALMEIDA CASTILLO
- 319 Canoeing**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 322 Winter sports I – Skiing and snowboarding**
CRIS COSTA
Ice hockey
ARIALDO BOSCOLO
- 324 Bobsled – Luge – Skeleton**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM

THE ATHLETES

- 327 The Olympic athlete**
OTÁVIO TAVARES
Values and conceptions of the Olympic athlete: hero, performer or mediator? (text in English)
OTÁVIO TAVARES
- 330 Brazilian Olympic medal winners**
KATIA RUBIO
- 334 Beach volleyball athletes**
ROBERTA CAROLINA VALLE DA TRINDADE
- 336 Former women athletes and coaches**
GABRIELA ARAGÃO SOUZA DE OLIVEIRA
- 338 Women athletes of excellence in swimming**
FABIANO PRIES DEVIDE
- 339 Brazilian athletes of excellence**
ANA MARIA MIRAGAYA, DIEGO MIRAGAYA AMBRÓSIO, DANIEL MIRAGAYA AMBRÓSIO E FABIANO DEVIDE

NON-OLYMPIC SPORTS

- 343 Indoor football – Futsal**
JOSÉ GERALDO DO CARMO SALLES E HELDER BARRA DE MOURA

- 345 Squash**
TATIANA KELAB
- 348 Chess**
LUIZ LOUREIRO
School chess
SYLVIO REZENDE
- 365 Turf / Horse racing**
VICTOR DE ANDRADE DE MELLO E PAOLA MURTA MAIA
- 367 Bowling**
DENISE GRECO E JAQUELINE CONCEIÇÃO
- 369 Mountaineering**
CRIS COSTA
- 371 Weightlifting**
LUIZ DOS SANTOS
- 373 Rugby**
CARLOS JOSÉ BARCELLOS DE OLIVEIRA E FERNANDO LUÍS DE OLIVEIRA
- 375 Auto racing**
MYRIAM DELAMARE, AMÉRICO TEIXEIRA E BRENO MAIA
Kart in Brazil
VALÉRIA BITENCOURT
- 380 Karate**
EDGAR FERRAZ DE OLIVEIRA, ALVARO REGO MILLEN NETO E THAIS JORDÃO
- 381 Brazilian Jiu-Jitsu-BJJ**
FERNANDO DE MELO GUIMARÃES
The development of Brazilian Jiu-Jitsu from its very beginning in Belém-PA
AMANDA LIMA
- 385 Kung Fu – Wushu**
MARIANA NASCIMBEM BLASER, LUIZ CARLOS NASCIMENTO DA SILVA E APARECIDO MARRERA
- 386 Capoeiragem – Brazilian old street fight**
ANDRÉ LACE LOPES
- 389 Frisbee**
ROBERTO HUCKE, EMILIA TOLEDO E MARCO A. SANCHES
- 390 Bocce**
JANICE MAZO E ELAINE RIZZUTI
- 393 Fishing**
JORGE B. FABRI
- 397 Fistball**
ANA MIRAGAYA E JANICE MAZZO
- 398 Armwrestling**
ANA MIRAGAYA
- 400 Tchoukball**
NELSON SCHAVALLA
- 401 Body building and weight training**
ALEXANDRE PAGNANI
- 403 University sport**
GEORGIOS HATZIDAKIS
- 406 Traditional games and sports – Kabaddi and Sepaktakraw**
RAQUEL PEDERCINI
Mapping the worldwide trends of traditional sports and games (text in English)
LAMARTINE P. DACOSTA

EXTREME AND ADVENTURE SPORTS

- 411 Surfing**
VALÉRIA BITENCOURT, SIMONE AMORIM, JOANA ANGÉLICA VIGNE E PATRÍCIA NAVARRO
- 417 Bodyboarding – Morey boogie – Kickboarding – Body surfing**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 419 Skateboarding**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 422 Rally – Off road racing**
SIMONE AMORIM, PATRÍCIA NAVARRO E VALÉRIA BITENCOURT
- 424 Paintball**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM

- 424 Orbit ball**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 425 Wakeboarding**
VALÉRIA BITENCOURT, SIMONE AMORIM E TATIANA KELAB
- 427 Windsurfing**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 429 Rafting**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 431 Kite surfing**
VALÉRIA BITENCOURT E PATRÍCIA NAVARRO
- 433 Outrigger**
VALÉRIA BITENCOURT, SIMONE AMORIM E PATRÍCIA NAVARRO
- 434 Acqua ride and Tubing**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 434 Tyrolean traverse**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 435 Canopy walking/Tree climbing**
VALÉRIA BITENCOURT, SIMONE AMORIM E PATRÍCIA NAVARRO
Educational canopy walking
NEISE GAUDENCIO ABREU
- 436 Rappelling**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 437 Canyoning/Canyoneering**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 439 Orienteering**
PAULO NOLETO QUEIROZ FILHO E CARLOS ALBERTO P. SANTOS
- 441 Jet skiing**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 443 Diving – Underwater fishing**
VALÉRIA BITENCOURT, SIMONE AMORIM E CLÉCIO MAYRINK
- 446 Motorcycling**
VALÉRIA BITENCOURT, SIMONE AMORIM E JULIO CAMARGO CARONE
- 450 Roller hockey – Roller sports**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 452 Figure skating (ice skating, roller skating and speed skating)**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 454 Bungee jumping – Scad diving**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 455 Hiking/Rally a pé**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 457 Adventure racing**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 458 Bike trials**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM

BEACH SPORTS

- 463 Beach sports**
VERA L.M.COSTA, FERNANDO GARRIDO E JULIO V. COSTA NETO
- 466 Flag football and American football**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 467 Land sailing or Land yachting**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 468 Water skiing**
VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM
- 470 Sandboarding & skimboarding**
VALÉRIA BITENCOURT, PATRÍCIA NAVARRO E SIMONE AMORIM
- 471 Tamboreu**
VALÉRIA BITENCOURT

AIR SPORTS

- 475 Air sports and aerobatics**
JOSÉ KOFF, LUIZ G. RICHIERI E LUIZ CARLOS DELL'AGLIO
- 477 Microlight/Ultralight**
JOSÉ KOFF, GUSTAVO HENRIQUE ALBRECHT E JOSÉ AUGUSTO SANTANA
- 480 Hang gliding & Paragliding**
JOSÉ KOFF E NADER COURI RAAD FILHO

- 480 Gliding**
JOSÉ KOFF E THOMAS MILKO
- 481 Sport parachuting**
VALÉRIA BITENCOURT, SIMONE AMORIM, AUGUSTO RIBEIRO E JOSÉ KOFF
- 483 Aeromodelling**
JOSÉ KOFF E EDSON MALUF
- 485 Ballooning**
VALÉRIA BITENCOURT, PATRÍCIA NAVARRO E JOSÉ KOFF

PHYSICAL EDUCATION

- 489 Undergraduation in Physical Education**
MARIO RIBEIRO CANTARINO FILHO E LAMARTINE P. DaCOSTA
- 495 School of Physical Education and Sport – University of São Paulo**
CLAUDIA GUEDES
- 499 Physical Education – Graduate School (Master's and Ph.D. Programs)**
HELDER GUERRA DE REZENDE
- 503 School Physical Education**
JOÃO CARLOS JACCOTTET PICCOLI
Berlin Agenda 1999
MARCIO TURINI (PORTUGUESE VERSION)
- 511 School Physical Education in Rio Grande do Sul**
JOÃO CARLOS PICCOLI
- 515 Dance in physical education, sport and leisure – I: Dance and classical ballet**
CÁTIA PEREIRA DUARTE, RENATA VASCONCELOS E MÔNICA NASCIMENTO
- 517 Dance in physical education, sport and leisure – II: modern dance, contemporary dance, jazz dance and tap dance**
CÁTIA PEREIRA DUARTE, RENATA VASCONCELOS E MÔNICA NASCIMENTO
- 519 Dance in physical education, sport and leisure – III: Ballroom dancing and national popular dances**
CÁTIA PEREIRA DUARTE, RENATA VASCONCELOS E MÔNICA NASCIMENTO
- 521 Yoga**
ALMERINDA ALICE MENDES, DARCYMIRE DO RÉGO BARROS, HILDA CASTELO DE LACERDA, IÊDA OLIVEIRA ALDRIGHI, JOSÉ MARIA COUTINHO, MARIA FERNANDA L. SOUZA, MARIA HELENA FERREIRA SCHMIDT, NEUZA VERÍSSIMO MEIRELES, NORMA PINHEIRO ALVES, PAULO MURILO ROSAS E SONIA MARIA RICETE COSTA.

LEISURE – CITIES AND REGIONS

- 525 Leisure – cities and regions**
ANTÔNIO CARLOS BRAMANTE
- 527 Leisure and sports in Rio de Janeiro-RJ**
FERNANDO GARRIDO
- 533 Leisure activities in the city of São Paulo-SP**
LUIZ OCTÁVIO LIMA DE CAMARGO
- 538 Sport activities and leisure in Porto Alegre-RS**
JANICE ZARPELLON MAZO
- 548 Leisure in Belo Horizonte-MG**
MARILITA APARECIDA ARANTES RODRIGUES
- 552 Leisure in Campinas-SP**
JACQUELINE MARTINS BATISTA E ROBSON APARECIDO MAZZOCATO
- 553 Leisure in Morungaba-SP**
LUCIANA WALKER E RICARDO PENTEADO
- 554 Sports and leisure in Santos-SP**
LUCIANA VAZ
- 556 Leisure in Presidente Prudente-SP**
ROSÂNGELA BENITO
- 557 Leisure in Santo André-SP**
EDUARDO TADEU COSTA, PAULO HENRIQUE DOS SANTOS E ROSANA ABADÉ BARBOSA
- 559 Leisure in Sorocaba-SP**
ANTONIO CARLOS BRAMANTE E ELÇIE HELENA COSTA RODRIGUES
- 561 Leisure and sports in Aracaju-SE**
AILTON FERNANDO S. DE OLIVEIRA, ACÁCIO SANTOS NASCIMENTO, WAGNER OLIVEIRA, DIOGO GOMES LOBO, PRISCILA GOMES SILVA, MANOELA DE ARAÚJO ANDRADE, MARIA EUGÉNIA LIMA PODEROSO, VERUSKA DOS SANTOS COSTA, JOSÉ ROBSON DOS SANTOS E ÂNGELO DE ALMEIDA PAZ

- 564 Leisure and sport activities in Lagarto-SE**
JOSÉ LUIZ ANDRADE, REGINALDO NASCIMENTO E VÂNIA MARIA DE AZEVEDO SANTANA
- 565 Leisure and sports in Maceió-AL**
EDUARDO MONTENEGRO, PATRÍCIA CAVALCANTI AYRES MONTENEGRO, NEIZA FREDERICO FUMES, BÁRBARA TENÓRIO DE ALBUQUERQUE VITAL, BRUNO BARBOSA GIUDICELLI, CICERO OLIVEIRA DOS SANTOS, DANTE WANDERLEI LIMA DE OLIVEIRA, JAILSON ELIAS DOS SANTOS, JOSÉ EDSON RODRIGUES FERREIRA, JOSÉ MAÉRIO TENÓRIO, MARIA JANAINA MARQUES DA SILVA, NINA KÁTIA SILVER COSTA BEZERRA DE OLIVEIRA, NILSON MONTEIRO NÉRI, PAULO SÉRGIO PAES BARRETO E MENDES, RICARDO DE MEDEIROS SOARES, RICARDO LUIZ DE SOUZA, RICARDO JORGE NUNES DE OLIVEIRA, SANDRA MARIA PONTES, VANNINA DE OLIVEIRA ASSIS E WCEUTON OLIVEIRA SILVA

- 567 Leisure and sports in Palmeira dos Índios-AL**
ANA PAULA VILARINS, HILDÊNIA VIEIRA E SILVA, JOSEFA GOMES DA SILVA, LENUSA DA SILVA ALVES E EDUARDO MONTENEGRO

HEALTH, LEISURE AND SOCIAL INCLUSION

- 571 Leisure Sport Activities and Sport for All**
EDISON FRANCISCO VALENTE E JAPSON MACÉDO DE ALMEIDA FILHO
- 576 Occupational physical activities**
GIULIANO GOMES DE ASSIS PIMENTEL
- 578 Get Moving São Paulo – Get Moving Brazil**
VÍCTOR RODRIGUES MATSUDO, SANDRA MAHECHA MATSUDO, TIMOTEO LEANDRO ARAUJO, DOUGLAS ANDRADE, ERINALDO ANDRADE, LUIS DE OLIVEIRA E GLAUCIA BRAGGION
- 580 Challenge Day – SESC São Paulo / Coordination for the Americas**
MARIA LUIZA SOUZA DIAS E MARIA APARECIDA CECILIANO DE SOUZA
- 582 World Walking Day – Brazil**
JOÃO FERNANDO BRINKMANN DOS SANTOS
- 588 Promotion of health through physical exercise**
ANA MIRAGAYA
- 597 Projects of Social Inclusion I – History and concepts**
HELOISA G. P. NOGUEIRA, NILDA TEVES, LEONARDO MATARUNA E LAMARTINE DaCOSTA
- 602 Sports projects for Social Inclusion – Children and adolescents**
MARTA CORRÊA GOMES E MARCIO TURINI CONSTANTINO
- 613 Sports and Social Inclusion – Women**
LUDMILA MOURÃO E SEBASTIÃO VOTRE
- 615 Sports and Social Inclusion – Women in Brazilian sports management**
EUZA MARIA DE PAIVA GOMES
- 617 Physical activities for the elderly I – Intervention procedures**
ALFREDO FARIA JUNIOR
COLABORADORES: IVONE COGO, RAFAEL BOTELHO, GUSTAVO GONÇALVES CARDOZO, ANA PAULA SOUSA DA SILVA, REGINA CELI LEMA SANTOS, PAULO FARINATTI, MARCOS AVELLAR DO NASCIMENTO, ANA CLÁUDIA ROMEU CRAVEIRO, SILVIO TELLES, MARIENI BELLO CORRÊA, ALESSANDRA BROD, EDUARDO PIRES RODRIGUES, EDMUNDO DE DRUMMOND ALVES JUNIOR E IVANETE OLIVEIRA
- 622 Physical activities for the elderly II – Production of knowledge and human resources development**
ALFREDO FARIA JUNIOR E RAFAEL G.
COLABORADORES: IVONE COGO, CRISTINA DA CRUZ DE OLIVEIRA, SILVIO TELLES, REGINA CELI LEMA SANTOS, PAULO FARINATTI, PLÍNIO DECARO, MARIENI BELLO CORRÊA, ALESSANDRA BROD, EDMUNDO DE DRUMMOND ALVES JUNIOR E IVANETE OLIVEIRA BOTELHO
- 632 Physical activities for the elderly III – a preliminary regional mapping**
PAULO DE TARSO VERAS FARINATTI E LEONARDO GOMES DE OLIVEIRA LUZ
- 634 Inclusive sports & Physical education – Deaf sports**
LEONARDO MATARUNA, CELBY RODRIGUES VIEIRA DOS SANTOS, HELOISA NOGUEIRA, FERNANDA COSTA E SILVA E WALESKA ROCHA DE SOUZA
- 638 Social full inclusion – Blind sports**
LEONARDO MATARUNA, CIRO WINCKLER DE OLIVEIRA FILHO, MÁRIO SÉRGIO FONTES E JOSÉ JULIO GAVIÃO DE ALMEIDA
- 645 Adapted Sport, Paralympics e Special Olympics**
CLAUDIA APARECIDA STEFANE, EFRAIN MACIEL E SILVA, LEONARDO MATARUNA E SÉRGIO JOSÉ DE CASTRO
- 650 Social Inclusion – sports for short-statured people**
LEONARDO MATARUNA E LUCIANA DE OLIVEIRA BARROS
- 653 Wheelchair dancing**
MARIA BEATRIZ ROCHA FERREIRA E ELIANA LUCIA FERREIRA

SPORTS SCIENCES AND PHYSICAL EDUCATION

- 657 Exercise physiology**
MAURÍCIO ROCHA, CLÁUDIO GIL SOARES DE ARAÚJO,
PAULO SÉRGIO GOMES E ATTILA FLEGNER
- 661 Brazilian Society of Exercise Physiology**
PAULO DE TARSO V. FARINATTI
- 663 CENESP Network of Centers for Excellence in Sports – Laboratories**
ADROALDO GAYA
- 665 Sports medicine**
ANTONIO CLAUDIO LUCAS DA NÓBREGA,
RENATA RODRIGUES TEIXEIRA DE CASTRO,
MARCOS AURÉLIO BRAZÃO DE OLIVEIRA E EDUARDO HENRIQUE DE ROSE
- 667 Brazilian College of Sport Sciences – CBCE**
FERNANDA SIMONE LOPES DE PAIVA
- 669 Research in physical education and sport in Brazilian Army**
RENATO S. PINTO SOEIRO E EDUARDO C. MARTINEZ
- 671 Sport biomechanics**
LUIZ ALBERTO BATISTA E ALBERTO CARLOS AMADIO
- 675 Sports psychology – Brazilian Society of Sport Psychology-SOBRAPE**
JOÃO ALBERTO BARRETO E LUIZ SCIPIÃO RIBEIRO

Sport Psychology in Brazil and in Latin America
BENNO BECKER JR.
- 677 Psychophysiology in Brazil**
LUIZ CARLOS SCIPIÃO RIBEIRO, MAURÍCIO BARA FILHO,
EMERSON FILIPINO COELHO E RENATO MARTINS BOUÇAS
- 678 History of physical education, sports, dance and leisure in Brazil**
EDISON FRANCISCO VALENTE E JAPSON MACÉDO DE ALMEIDA FILHO
- 688 Brazilian College of Physical Activity, Health and Sports – COBRASE**
JOSÉ FERNANDES FILHO E ESTÉLIO HENRIQUE MARTIN DANTAS
- 690 Brazil – Sports results I: Olympic Games and Pan-American Games**
ALEXANDRE M. CARVALHO
- 712 Brazil – Sports results II: World Championships and Paralympic Games**
ALEXANDRE M. CARVALHO
- 717 Positivist basis of physical education and sports**
EDIVALDO GOIS JUNIOR
- 718 Sports law**
ALBERTO DOS SANTOS PUGA BARBOSA
- 719 Sport geography**
GILMAR MASCARENHAS
- 720 Environment and sport – Production of knowledge**
CARMEM LUISA B. A. DACOSTA
- 722 Sport and media**
LUIZ POZZI E CARLOS HENRIQUE V. RIBEIRO
- 725 Sports tourism**
ARIANNE CARVALHEDO
- 727 Theory and methods of sports training/coaching**
MANOEL GOMES TUBINO E LAMARTINE DACOSTA

Methods and techniques of sports training/coaching in Brazil, 1909 - 1938
ANA MARIA MIRAGAYA

Genetic technology in fingerprint identification for sports training/coaching
JOSÉ FERNANDES FILHO, PAULO MOREIRA SILVA DANTAS E PAULA ROQUETTI FERNANDES
- 732 Physical education teaching in Brazil**
ALFREDO FARIA JUNIOR
- 739 Technological and scientific innovations I: Sports, physical education, physical activities and leisure in Brazil**
DIRCEU GAMA

- 743 Technological and scientific innovations II: Scientific innovations of Brazilian soccer in the 1970 World Cup – Mexico**
MARCOS SANTORO
- 745 Physical education scientific conferences and congresses**
MARIA CECÍLIA DE PAULA SILVA E WALMIR VINHAS
- 748 Fairs and exhibitions of sports, physical activities and leisure**
TERESINHA DANINGER ISOBE, ERNANI CONTURSI E HELOISA G. P. NOGUEIRA
- 751 Olympic studies – National Olympic Academy of Brazil – Olympic education**
OTÁVIO TAVARES, CRISTIANO BELÉM, LETÍCIA GODOY, MARCIO TURINI, MARTA GOMES E NELSON TODT
- 754 Sports facilities – Planning and development**
FERNANDO TELLES RIBEIRO
- 757 Philosophy of sport, ethics and physical education, fair play**
ANDRÉ CODEA, HERON BERESFORD, LAMARTINE DACOSTA E ALBERTO REPPOLD

A philosophical approach to Olympism (text in English)
LAMARTINE DACOSTA

- 760 Sports management**
VERÔNICA PERISSE NOLASCO, VALERIA BITENCOURT, PRÓSPERO BRUM PAOLI, EUZA GOMES E MÔNICA CASTRO
- 762 Sports sociology and anthropology**
BRUNO ABRAHÃO, JOSÉ DA SILVA, ANA PAULA VASCONCELOS E SÍLVIA PIRES
- 764 Sports marketing**
FRANCISCO PAULO DE MELO NETO E MARIO FEITOSA
- 767 Sport memory and museum**
SILVANA VILODRE GOELLNER
- 769 Virtual Sport Center – CEV**
LAÉRCIO ELIAS PEREIRA E LEOPOLDO GIL DULCIO VAZ
- 771 Sport and religion**
CARLOS NAZARENO FERREIRA BORGES
- 773 Sports and art/ Sports in the Brazilian cinema**
VICTOR ANDRADE DE MELO
- 776 Publication of teaching journals, technical journals and magazines in physical education and sports**
AMARÍLIO FERREIRA NETO
- 778 Sports and physical education journals published by universities**
AMARÍLIO FERREIRA NETO

- 780 Journals on physical education and sports published by scientific societies and professional associations**
AMARÍLIO FERREIRA NETO
- 782 Physical education, sports and leisure publishers**
ESTÉLIO HENRIQUE MARTIN DANTAS E DANTE GASTALDONI

ASSOCIATIONS AND NATIONAL MOVEMENTS

- 787 Associations of Physical Education Teachers – APEF**
SÉRGIO SARTORI
- 789 Young Men's Christian Association-YMCA – voluntary movement for physical education in Brazil**
MARIO RIBEIRO CANTARINO FILHO
COLABORADOR: LAMARTINE DACOSTA
- 790 Anti-Doping in Brazilian sports**
ANTONIO CLAUDIO LUCAS DA NÓBREGA E RENATA RODRIGUES TEIXEIRA DE CASTRO

World Anti-Doping Code
ALBERTO PUGA E ÁLVARO RIBEIRO

LADETEC / LAB DOP. Doping control laboratory
RAFAELA CASTRO COSTA
- 793 Sports volunteers**
ANDRÉA D'AUTO E ANTÔNIO CARLOS BRAMANTE

Sport, volunteerism and the third sector
CARLOS HENRIQUE V. RIBEIRO

ASSOCIATIONS & NATIONAL AND INTERNATIONAL MOVEMENTS

- 799 International Federation of Physical Education-FIEP**
MANOEL J. GOMES TUBINO E ALMIR A. GRUHN
- 801 Panathlon clubs and Panathletics**
LUIZ BACCALÁ
- 803 The Physical Activity Network of the Americas / World Health Day**
VICTOR K. R. MATSUDO E SANDRA MAHECHA MATSUDO

The São Paulo Manifesto for the Promotion of Physical Activity in the Americas

MEGA EVENTS IN BRAZIL

- 809 Brazilian School Games-JEBs**
IONARA THOMPSON
COLABORADORES: WALFRIDO JOSÉ AMARAL, CARLOS ALBERTO GARCIA E RENATO MEDEIROS DE MORAES

Physical education and school games in Niterói-RJ, 1835–1943
MARIO RIBEIRO CANTARINO
São Paulo state Games
FÁBIO SABBA
- 812 1922 Latin American Olympics – Rio de Janeiro**
CESAR R. TORRES

The IOC and Latin American Olympics-1922, Rio de Janeiro (text in English)
LAMARTINE P. DACOSTA
- 814 Brazil – future Olympic cities: São Paulo**
JOSÉ ROBERTO GNECCO
- 818 Brazil – future Olympic cities: Rio de Janeiro. 2007 Pan American Games site**
FERNANDO TELLES RIBEIRO

Urban reconstruction through Olympic Games
HOLGER PREUSS

EPILOGUE: SOCIAL AND ECONOMIC TENDENCIES

- 825 Scenario of the general trends of sports and physical activities in Brazil**
LAMARTINE P. DACOSTA
COLABORADORES: VALÉRIA BITENCOURT, LEANDRO NOGUEIRA, ANA MARIA MIRAGAYA, VICTOR MATSUDO, ROSÂNGELA NOÉ E ALEXANDRE CARVALHO
- 839 Scenario of physical activities, obesity and overweight epidemic in Brazil**
LUIZ ANTONIO DOS ANJOS E CRISTINA PINHEIRO MENDONÇA
- 842 International scenario of sport results – the Brazilian situation**
ALEXANDRE MEDEIROS JORGE DE CARVALHO
- 852 Scenario of geographic bases of sports and physical activities in Brazil**
GILMAR MASCARENHAS

Coubertin – historian, geographer and politician
LAMARTINE DACOSTA
- 854 Scenario of the Brazilian sports industry and event marketing**
VALÉRIA BITENCOURT
COLABORADOR: LAMARTINE DACOSTA
- 857 Scenario of economic trends of sports and physical activities in Brazil**
JOSE ANTONIO BARROS ALVES
- 859 Scenario of employment trends in sports and physical activities**
RODRIGO FORTINI BOSCHI
- 860 Scenario of professional training in physical education, sports and physical activities in Brazil**
JOÃO BATISTA ANDREOTTI GOMES TOJAL

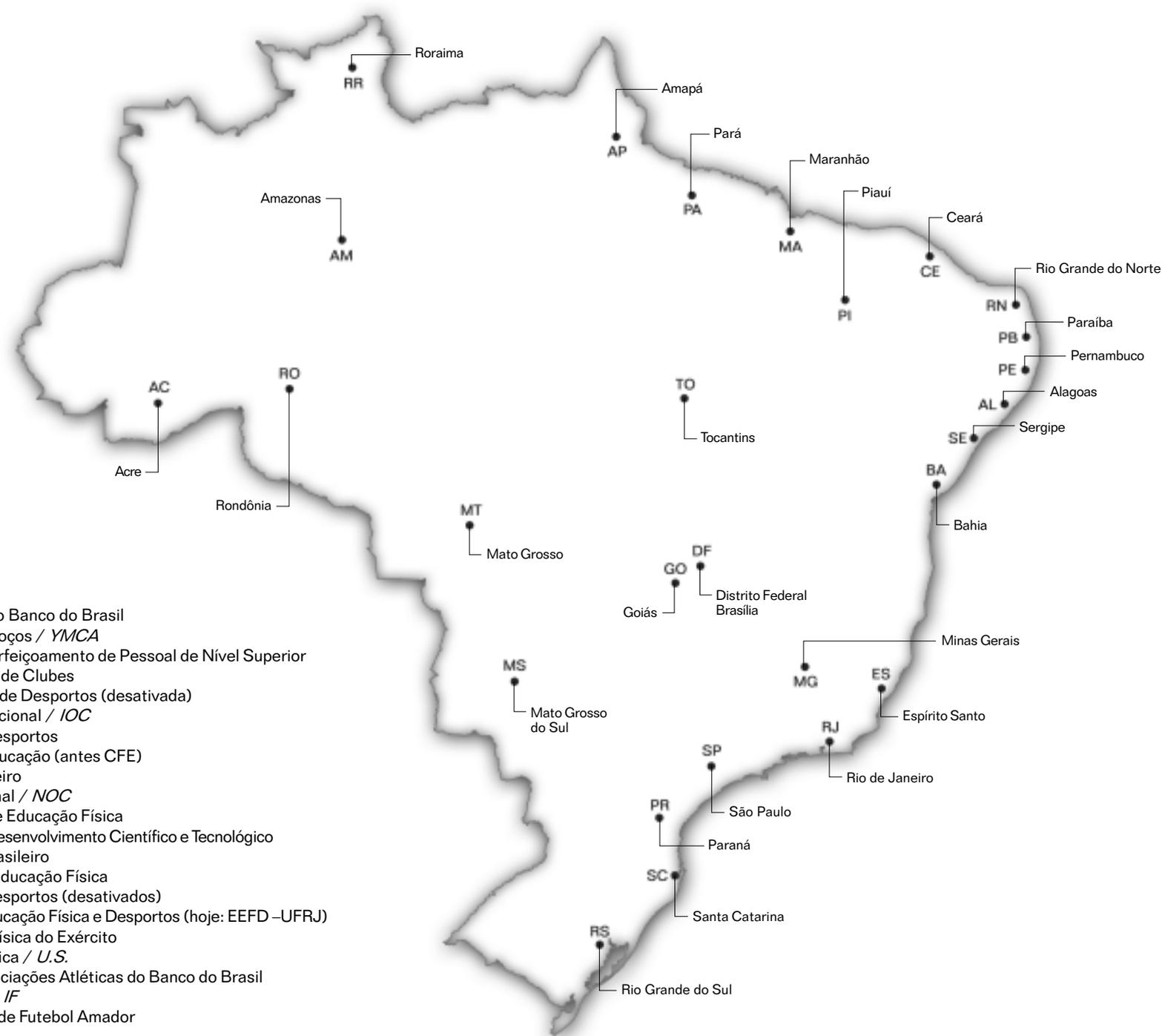
PHOTOS AND PICTURES

- 861 Who made it happen**
ATLAS EDITORS AND AUTHORS
COLABORATORS: ROLAND RENSON (SPORT MUSEUM FLANDERS) E OSÍRIS LABATUT RODRIGUES (MILITARY ADVISER)

- 893 AUTHORS' BIOS**

Siglas dos estados do Brasil e siglas mais utilizadas

States of Brazil – abbreviations



Siglas mais utilizadas

Common abbreviations

- AABB** Associação Atlética do Banco do Brasil
- ACM** Associação Cristã de Moços / *YMCA*
- CAPES** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CBC** Confederação Brasileira de Clubes
- CBD** Confederação Brasileira de Desportos (desativada)
- COI** Comitê Olímpico Internacional / *IOC*
- CND** Conselho Nacional de Desportos
- CNE** Conselho Nacional de Educação (antes CFE)
- COB** Comitê Olímpico Brasileiro
- CON** Comitê Olímpico Nacional / *NOC*
- CONFED** Conselho Federal de Educação Física
- CNPq** Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- CPB** Comitê Paralímpico Brasileiro
- CREF** Conselho Regional de Educação Física
- CRD** Conselho Regional de Desportos (desativados)
- ENEFD** Escola Nacional de Educação Física e Desportos (hoje: EEFD – UFRJ)
- EsEFEx** Escola de Educação Física do Exército
- EUA** Estados Unidos da América / *U.S.*
- FENABB** Federação das Associações Atléticas do Banco do Brasil
- FI** Federações Internacionais / *IF*
- FIFA** Federação Internacional de Futebol Amador
- FGV** Fundação Getúlio Vargas
- IBC** Instituto Benjamin Constant
- IBGE** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IES** Instituições do Ensino Superior
- JEB** Jogos Estudantis Brasileiros / Jogos Escolares Brasileiros
- JUB** Jogos Universitários Brasileiros
- MEC** Ministério de Educação e Cultura
- OMS** Organização Mundial da Saúde / *WHO*
- SENAC** Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
- SENAI** Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
- SESC** Serviço Social do Comércio
- SESI** Serviço Social da Indústria
- UFRJ** Universidade Federal do Rio de Janeiro
- UFRGS** Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- UGF** Universidade Gama Filho
- UNICAMP** Universidade Estadual de Campinas
- URSS** União das Repúblicas Socialistas Soviéticas / *USSR*
- USP** Universidade de São Paulo

Significados de expressões típicas no Brasil

Expressions of Brazilian usage

Confederação – conjunto de federações estaduais por modalidade esportiva

Confederation – association of state federations per sport discipline

UF... (seguida de nome de estado ou cidade) – Universidade Federal de ...

UF... (followed by state ou city name) – Federal University of...

Esporte – palavra de uso cotidiano (Dicionário Aurélio, 13a. edição, p. 571) / *sport*

Desporto – expressão consagrada na legislação esportiva brasileira (João Lyra Filho *in* 'Desporto e Trópico', Gelsa, RJ, 1968, p.7) / *archaic word for sport*

Nota sobre referências bibliográficas e fontes

Note: There is no standard references for sources included in each chapter

Dada a variedade de fontes de informação usadas pelos autores deste Atlas e o caráter não acadêmico de muitas delas, não foi estabelecido um sistema padrão para as referências bibliográficas.



Jogos tradicionais indígenas

MARIA BEATRIZ ROCHA FERREIRA, MARINA VINHA, ITAMAR ADRIANO TAGLIARI, JOSÉ RONALDO FASSHEBER E MARIA CECÍLIA DONALDSON UGARTE

Traditional Native Brazilian (Indian) games

Traditional Native Brazilian (Indian) games are physical activities with playful characteristics in which myths and cultural values can be found. In Brazil there are 217 Indian tribes that include 350,000 natives, whose games have been object of research by Brazilian anthropologists since 1908. In the 1980s, physical education professionals took over the

Origens As raízes dos jogos tradicionais advêm da capacidade dos primeiros hominídeos de usar a imaginação, criar representações sociais e significantes. Todo jogo significa alguma coisa e, nas sociedades tradicionais, até mesmo hoje em dia, verifica-se no jogo a criação de imagens do real através do mundo imaterial. Os jogos foram sendo criados pelos povos, difundidos através do contato e re-significados com as transformações das civilizações e sociedades. As culturas dos Povos Indígenas contemplam uma noção integradora do Universo, mas cada povo tem sua própria noção cosmológica, mitológica e ritualística. Estas características permeiam todas as atividades culturais, inclusive os jogos tradicionais, as brincadeiras, as danças e até as atividades esportivas contemporâneas praticadas nas aldeias. No Brasil, apesar do extermínio da maioria da população indígena, a riqueza dos jogos tradicionais pode ainda ser observada nas 595 Terras Indígenas (Tis), habitadas pelos 217 povos, totalizando aproximadamente 350 mil indivíduos e detectores de 180 línguas diferentes.

Definição Os jogos tradicionais indígenas são atividades corporais, com características lúdicas, pelas quais permeiam os mitos e os valores culturais. Eles requerem um aprendizado específico de habilidades motoras, estratégias e/ou chances. Geralmente, são jogados em rituais, para agradar a um ser sobrenatural e/ou para obter fertilidade, chuva, alimentos, saúde, condicionamento físico, sucesso na guerra, entre outros. Visam, também, a preparação do jovem para a vida adulta, a socialização, a cooperação e/ou a formação de guerreiros. Os jogos ocorrem em períodos e locais determinados, as regras são dinamicamente estabelecidas, não há geralmente limite de idade para os jogadores, não existem necessariamente ganhadores/perdedores e nem requerem premiação, exceto prestígio. A participação em si está carregada de significados e promove experiências que são incorporadas pelo grupo e pelo indivíduo. No contato com os colonizadores e, depois, com a sociedade contemporânea alguns jogos se mantiveram, outros entraram em desuso e outros foram esvaziados do sentido sócio-cultural original. Atualmente, com o reconhecimento, ainda que tardio, da riqueza das culturas dos povos indígenas que fazem parte da construção da cidadania brasileira, incentiva-se a retomada desses jogos tradicionais e sua re-significação no contexto da atualidade. Neste contexto, impõe-se o registro da memória dessas manifestações, para se conhecer e compreender a riqueza da ludodiversidade humana, entendida como a imensurável variedade de formas de jogar e dos significados dessas expressões humanas.

Século XIV – XIX Os primeiros relatos de jogos indígenas constam dos registros de missionários, cronistas e viajantes, geralmente europeus. Este primeiro grupo inferiu o *ethos* cristão em seus registros, apontando a vida indígena como desprovida de certos valores morais, condizentes com os das sociedades européias de onde vieram. Mesmo assim, a riqueza descritiva mostrando o contexto da situação sociocultural traz importantes subsídios de análises.

1902 – 1903 Stuart Culin publica o livro sobre jogos tradicionais na América do Norte e faz alusões ao Brasil. Enfatiza que por trás das cerimônias e jogos existe uma explicação mitológica. Os jogos usualmente consistem na descrição de uma série de contextos, nos quais a entidade representada pela força supra humana, ou o primeiro homem, o herói cultural ganha do

research in this theme in Brazilian universities, utilizing frameworks based on anthropology and sociology. Today besides the increasing interchange between researchers and Indian native cultures, more contact is found in the Jogos Nacionais Indígenas (National Indian Games). These games have been organized as an action led by the local Indian

opponent, de um inimigo humano, pelo exercício de uma astúcia superior, habilidade ou mágica.

1908 No Brasil, Telêmaco Borba publica um livro sobre os jogos Caingire e Pingire do Povo Kaingãng em que simula os campos de batalhas.

Décadas de 1940 – 1980 Pesquisas de etnólogos destacam os jogos como elemento fundamental na cultura indígena, destacando-se Levi-Strauss, E. Pedro Lima, Francisco Prado, Carmem Junqueira, Eduardo Galvão, Darcy Ribeiro, Viveiros de Castro e outros. A ênfase situou-se em pesquisas tendo o jogo como preocupação central, especialmente a corrida de toras e lutas corporais, tais como as pesquisas de Curt Nimuendaju (1946-48) entre os Timira, Tucuna; Harald Shultz (1959-66) no Xingu; Robert H. Lowie (1963) entre os Gê (Bororo, Canela, Timbira, Caiapó, Xerente, Apinaye), e Peter Nabokov (1981).

1957 Inezil Penna Marinho faz alusões aos jogos indígenas nas obras "Educação Física, Recreação e Jogos" e "História Geral da Educação Física". Aponta para atividades como a "corrida de pé", a natação, a "equitação", a canoagem em cascas de árvores e o arco e flecha presentes nas aldeias indígenas do Centro-Oeste e do Norte Brasileiro, exaltando a coragem e força física dos índios, mas sem abordar significados culturais.

1958 O Conselho Nacional de Proteção aos Índios, hoje FUNAI, publica "Brinquedos de nossos Índios".

1988 – 1992 Jurgen Dieckert e Jacob Nehringer pesquisam *in loco* a cultura corpóreo-ludicomotora do grupo Canela, no Maranhão. Em seus trabalhos científicos e documentários em vídeo fazem uma interface entre as áreas de Educação Física e Antropologia.

1988 Aprovação do Art. 217 da Constituição de 1988, tornado dever do Estado proteger, resgatar, registrar e divulgar as manifestações culturais de caráter esportivo que vinculem às nossas raízes etno-históricas. Para implementar esse dispositivo constitucional, o Ministério Extraordinário dos Esportes cria em 1996, o "Programa Esporte de Criação Nacional", privilegiando temas indígenas.

Décadas de 1980 - 2000 Os jogos tradicionais indígenas passam a ser objetos de estudos em universidades brasileiras; categorias de análises principais em pesquisas, por profissionais de Educação Física, com interfaces com a Antropologia e/ou Sociologia.

1992 Veerle Van Mele e Roland Renson, com formação em Educação Física e Antropologia, publicam 'Jogos Tradicionais na América do Sul', abordando jogos dos povos indígenas. Enfocam as mudanças conceituais antropológicas do século XX que, através de novas teorias, refletem nos estudos dos jogos tradicionais. Os jogos e os esportes passam a ser interpretados como elementos de uma cultura, desenvolvidos para preencher uma função específica ou para ocupar uma posição específica dentro da estrutura social e, portanto, a estrutura do jogo em si torna-se objeto de análise.

1993 – 1994 Tizuko Morchida Kishimoto, do Laboratório de Brinquedo da Universidade de São Paulo publica "Jogos Infantis: o jogo, a criança e a educação" e "Brincadeiras indígenas, africanas e européias no contexto das brincadeiras tradicionais", enfatizando o elemento indígena nos jogos tradicionais infantis.

representatives themselves, national leaders and state and federal government institutions specialized in sport since 1997. These events aim not only to contribute to a greater visibility of the Indian physical culture but also to value and to permit a new positioning of traditional games and sports in today's tendency to globalization.

1994 – 2003 O Laboratório de Antropologia Bio-Cultural da Faculdade de Educação Física da Universidade de Campinas - UNICAMP desenvolve pesquisas etnográficas em Terras Indígenas, sob a responsabilidade de Maria Beatriz Rocha Ferreira (profissional de Educação Física e Antropologia). Nas publicações desses e outros trabalhos, os processos de significação e re-significação dos jogos tradicionais e a interface com o esporte são tratados (ver quadro sinótico no mapa).

1998 Publicação do Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. A Educação Física Indígena é enfatizada nos aspectos da saúde, aprendizado dos esportes e "resgate de jogos tradicionais em desuso" visando à revitalização da cultura corporal.

1999 Teses de doutorado e outras publicações em Ciências do Desporto, pela Universidade do Porto, sob a supervisão de Rui Manuel Proença de Campos Garcia e Jorge Olímpio Bento, abordando a ludicidade e os rituais dos indígenas brasileiros (ver quadro).

2001 – 2003 Desenvolvimento de eventos etno-científicos sobre "Cultura Corporal" organizados pelo Laboratório de Antropologia Bio-cultural da Faculdade de Educação Física – UNICAMP; Grupos de Pesquisas da Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná; e os Povos Indígenas Kaingãng e Guarani (PR) e Kadiwéu (MS), com a finalidade de propiciar o intercâmbio de conhecimentos entre a academia e os povos indígenas; contribuir para uma maior visibilidade da cultura corporal indígena; e valorizar e propiciar a re-significação dos jogos tradicionais e esportes.

Situação Atual Além do crescente intercâmbio das áreas de saber em Educação Física e outras com as culturas indígenas, têm sido organizados, desde 1997, os Jogos Nacionais Indígenas como uma ação liderada pelos próprios representantes indígenas locais, líderes nacionais como os irmãos Marcos e Carlos Terena, e promovida pelo Ministério do Esporte e Secretarias Estaduais de Esporte. Estes eventos objetivam incentivar a prática dos jogos e divulgar as manifestações esportivas e culturais de cada nação indígena, estimulando a integração entre as diversas etnias. A localização destes eventos e os tipos de jogos praticados seguem no mapa deste capítulo.

Fontes Borba, T. (1980) Actualidade Indígena. Curitiba: Imprensa Paranaense; Culin, S. (1975) Games of the North American Indians (1902-1903). New York; Fassheber, J.R.M. & Rocha Ferreira, M.B. (2002) A Eficácia Social do Futebol entre os Kaingãng. Anais da 23ª Reunião Brasileira de Antropologia. Gramado/RS; Junqueira, C. (1978) Os índios de Ipavu. Um estudo sobre a Vida do Grupo Kamaiurá, Editora Ática; Mehringer, J. e Dieckert, Running to keep the world going. The log race performed by Brazilian Canela Indians seen from an "emic" point of view. In: Journal of Comparative Physical Education and Sport. 19 (1997), 2, 85-95; Rocha Ferreira, M.B. Jogos tradicionais e esporte em terras indígenas (2002). In: Cultura e Contemporaneidade na Educação Física e no Desporto. E Agora? Coleção Casa da Prata – Edição Especial, p. 193-196. Van Mele, Veerle & Renson, R. (1992) Traditional Games in South América. Schorndorf: Hofmann.

Exemplos de jogos indígenas por povo e localização / Jogos tradicionais indígenas – local / ano

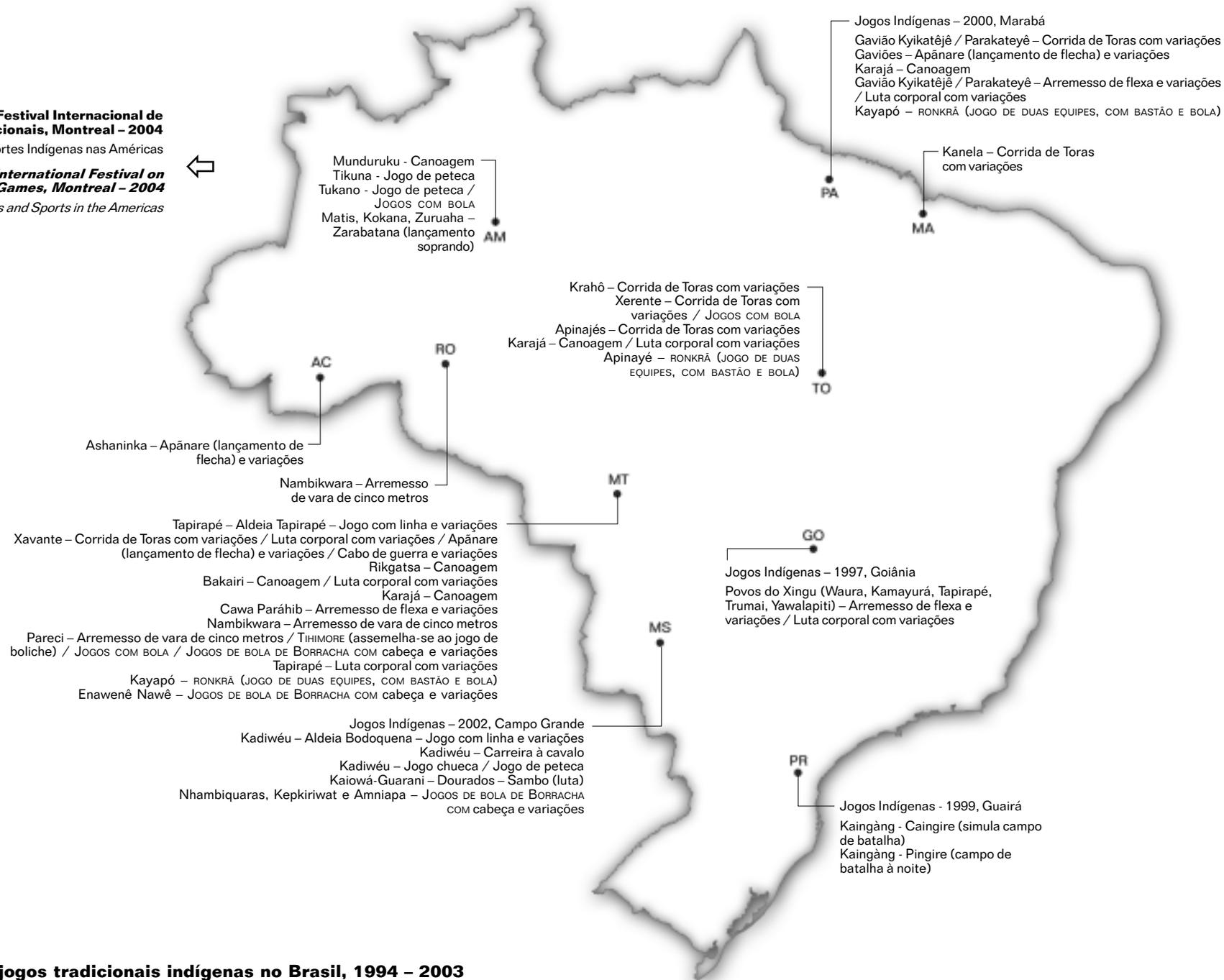
*Selected native Brazilian games by ethnic group & location /
Traditional Native Brazilian games – event location / year*

Festival Internacional de Jogos Tradicionais, Montreal – 2004

Tema principal: Jogos e Esportes Indígenas nas Américas

International Festival on Traditional Games, Montreal – 2004

Main theme: Indian Games and Sports in the Americas



Pesquisas recentes sobre jogos tradicionais indígenas no Brasil, 1994 – 2003

Recent research on traditional Native Brazilian games in Brazil, 1994 – 2003

Autores / Authors	Universidade – país /ano Country/ year	Título pesquisa – teses e dissertações de Doutorado e Ms Research title – PhD and Master's dissertations
Tavares, S.C.	Campinas, BRA, 1994 - 2003	"A Reclusão pubertária de Ipawu, num enfoque bio-cultural"
Vinha, M.		"Memórias de guerreiro, sonhos de atleta: jogos tradicionais e esporte entre jovens Kadiwéu" e "Trajetória do Corpo Kadiwéu: jogo e esporte"
Fassheber, J.		"Etnodesporto Kaingàng"
Tagliari, A.	Porto, POR, 1999	"Cultura Corporal em Crianças Kaingàng"
Silva, J.J.		"Universo Mítico-Ritual do Povo Tikuna: Análise Centrada nas Atividades Lúdicas"
Soares, A.A.	São Paulo, BRA, 2003	"Significado do Corpo em Sociedades Indígenas da Amazônia: um Estudo com o Povo Tikuna"
Viana, F.		"A bola, os brancos e as toras: futebol para índios Xavantes"

Provas dos Jogos

Tradicionais Indígenas, 1997 – 2002

Tournaments of Native Brazilian Traditional Games, 1997 – 2002

Tradicionais: Akô, Apânare, Arco e Flecha, Arremesso de Lança, Corrida de 100 metros, Cabo de Guerra, Canoagem, Corrida de Fundo, Corrida de Tora, arco e flecha, lutas corporais, zarabatana, travessia individual de natação, tirimore e xikuharaty.

Não-Tradicionais: futebol de campo, natação e atletismo.

Jogos tradicionais e brincadeiras infantis

ALEXANDRE MORAES DE MELLO

Traditional games and children’s games

Traditional sports and games (TSG) are playful activities, competitive and/or cooperative, which reflect the cultural identity of a particular ethnic group. This makes TSG distinct from sports of international appeal that are subject to organizational standards and to universal rules and regulations. Children’s traditional games and plays are activities that are handed down from generation to

Definições Jogos e esportes tradicionais são atividades lúdicas, competitivas e/ou cooperativas, que refletem a identidade cultural de um determinado grupo étnico, distinguindo-se dos esportes de apelo internacional sujeitos a padrões organizacionais e regras universais. Já os jogos e brincadeiras tradicionais infantis são atividades passadas de geração a geração, em geral aprendidas pelas crianças mais novas com as de mais idade, durante o próprio ato de brincar. No Brasil, a denominação de jogo é mais apropriada quando existe o caráter competitivo, enquanto que o termo brincadeira engloba os jogos, mas também atividades não competitivas, como o faz-de-conta, brincadeiras-de-roda, atividades com areia, terra, água, etc. Embora o termo brinquedo tenha sido utilizado por alguns autores em substituição a jogo ou brincadeira – como, por exemplo, Câmara Cascudo desde a primeira edição do Dicionário do Folclore Brasileiro, datada de 1954 –, os pesquisadores atuais indicam como brinquedo o objeto utilizado na ação de brincar.

Os jogos tradicionais são também denominados de jogos populares, sejam aqueles praticados por adultos ou pela população infantil, principalmente por crianças integrantes de famílias menos privilegiadas. Estes ocorrem com frequência em calçadas, ruas, quintais, terrenos baldios e pátios escolares, ao passo que aqueles se tornam parte da vida cotidiana de seus praticantes em seus momentos de tempo livre e de oportunidade de encontro grupal. Focalizando-se o grupo infantil, o de maior proeminência no Brasil rural e rural-urbano, admite-se geralmente que as brincadeiras de faz-de-conta são atividades baseadas nas representações de situações adultas construídas pelas crianças, em geral observadas no seu cotidiano. São praticadas desde cedo, quando as crianças entram na etapa das atividades simbólicas. Exemplos são as brincadeiras de casinha, escolinha, ônibus, vendinha, etc. As brincadeiras-de-roda são acompanhadas por cantigas e possuem certa movimentação do grupo, geralmente disposto em círculo. São exemplos: a canoa virou, atirei o pau no gato, carneirinho-carneirão, ciranda-cirandinha, entrei na roda, fui no Iitororó, pirulito que bate-bate, o cravo brigou com a rosa, sambalêlê, Terezinha de Jesus e outras.

Origem Os jogos tradicionais são manifestações de criação regional ou nacional mas com raízes de identificação entre países de cultura similar ou mesmo distantes. O surgimento de vários desses jogos e brincadeiras infantis está ligado à apropriação pelas crianças e reprodução à sua maneira, de práticas culturais observadas entre adultos. O jogo de amarelinha ou academia parece ter origem na Roma e Grécia antigas, a partir de práticas culturais de adultos. Na Grécia foi registrado há séculos o jogo de pedrinhas (jogo das cinco pedras) a partir de desenho numa ânfora exposta no Museu de Nápoles, e anteriormente jogado com pequenos ossos ou em peças de marfim e outros materiais.

Contudo, precisar a origem dessas atividades é impróprio dado a que ela se confunde com a origem dos entes humanos. Daí na obra intitulada “Homo Ludens – O jogo como elemento da cultura”, Johan Huizinga indica que a origem do jogo antecedeu a origem da cultura. Isso porque a constituição da cultura pressupõe a existência da sociedade humana, enquanto o jogo já aconteceria entre os animais antes do surgimento do homem. Portanto,

generation, picked up by young children during their play with older children. In Brazil TSG have been either inherited from Native Brazilians or acquired from European immigrants, especially Italian and German. Italian bocce, for instance, is the traditional game most practiced in the country today. Adult TSG have been kept alive either as a form of leisure or as a way to preserve group and

conhecer os jogos de um grupo humano é conhecer sua cultura e a partir dela conhecer como seus participantes lidam com o jogo.

Século XVI e XVII No Brasil, jogos e brincadeiras na forma encontrada em várias partes do mundo, na sua maioria, indicam ter vindo com os colonizadores, muito embora fosse rica a cultura lúdica infantil indígena como já observada quando da chegada dos primeiros navegantes às costas brasileiras. Há registros de brincadeiras naquele período, como por exemplo, o que expressa o depoimento do Padre Fernão Cardin, descrito por Florestan Fernandes na coletânea de textos sobre as práticas educacionais na sociedade tupinambá: “(...) têm seus jogos, principalmente os meninos, muitos vários e graciosos, em os quais arremedam muitos gêneros de pássaros, e com tanta festa e ordem que não há mais que pedir”.

Semelhante à cabra-cega praticada pelas crianças brasileiras, Philippe Ariès identificou através da análise de uma tapeçaria do século XVI, o jogo sendo realizado na França por adultos e, em quadros holandeses da segunda metade do século XVII, observou adultos e crianças que participavam conjuntamente desse mesmo jogo. Verificou também, através do diário de um médico da corte de Henrique IV de França, que ainda criança, Luis XIII (nascido em 1601) também brincava de cabra-cega, esconde-esconde e outros jogos. A existência em alguns gráficos da amarelinha, desenhados no chão pelas crianças e nos quais figuram o céu e o inferno, significando o acesso ao céu resultado de uma jogada bem sucedida e ao inferno de uma jogada errada, aparece em pinturas da Idade Média, o que pode indicar ser o registro da influência marcante da igreja católica naquele período.

A cultura brasileira possui fortes elementos de origem africana. O Brasil é um dos países de maior contingente populacional negro do mundo. Entretanto, provavelmente pela própria opressão imposta à população negra, não se observam muitos registros quanto às influências na prática dos jogos tradicionais tanto de adultos como infantis ao longo do tempo. Através da oralidade, muitos jogos, brincadeiras e brinquedos devem ter recebido influências africanas que se incorporaram à cultura brasileira. Alguns estudos sociológicos e antropológicos registram passagens sobre brincadeiras entre meninos de engenho e meninos escravos nas casas-grandes e senzalas, onde a dominação branca era reproduzida na atividade infantil. No Maranhão, estado de significativa população negra, há o registro do jogo capitão-de-campo-amarra-negro, que retrata a captura de escravos foragidos, mas que, por sua vez, possui um determinado espaço físico onde não podem ser pegos – a mancha, que provavelmente representa a área de resistência em que se constituíam os quilombos. Entre os jogos de adultos, a capoeira é a herança mais evidente desta fuga lúdica e emancipatória.

Século XIX e XX Em determinadas áreas do Brasil as colonizações mais recentes, como, entre outras, a alemã e a italiana no sul, a japonesa e a italiana em São Paulo, através da sua cultura trouxeram influências para as atividades lúdicas das crianças além de introduzir na cultura local seus jogos de adultos. Quanto maior a interação dos imigrantes com a população brasileira, mais as atividades se enriqueceram. É o caso da influência italiana em São Paulo, onde se pode citar a capucheta, um tipo de pipa feita com jornal e sem varetas, como resultante dessa interação entre as crianças. A bocha,

community identity. It is possible to notice that there has been some evident reduction in TSG practices in both versions – children’s and adults’. However, there seems to be another way to preserve of TSG brought to light by national and international studies: the pedagogical use of TSG, which would include the development of sport and physical education.

por sua vez, tem tido indicações de ser o jogo tradicional mais praticado no país nos dias presentes, embora seja uma manifestação típica italiana.

Situação Atual Com denominações diferentes e variações em forma, jogos e brincadeiras tradicionais estão presentes em todas as regiões geográficas do Brasil. Grande número está concentrado nas áreas urbanas, principalmente nas periferias, onde há mais espaços físicos disponíveis para adultos e crianças interagirem de forma autônoma. No meio rural são registrados também jogos e brincadeiras diversas, porém com estímulos sazonais devido às suas características, como, por exemplo, a pipa ou papagaio que depende da frequência dos ventos, ou a finca, jogo em que a criança desloca-se lançando um objeto pontiagudo no solo, puxando linhas até completar um percurso, e que depende do chão molhado do período de chuvas.

Os jogos infantis tradicionais mais praticados no Brasil têm sido levantados e caracterizados por Alexandre de Mello com o apoio de colaboradores de várias regiões do país, como se pode apreciar no mapa deste capítulo. Vários jogos estão preservados nos dias atuais por interesse de crianças e até de adolescentes. Entretanto, a redução do número de quintais, as questões de segurança, os programas televisivos e as novas opções de atividades lúdicas através da informática têm reduzido a sua frequência de modo sensível.

Como parte das atividades das instituições de educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental, as brincadeiras-de-roda são em geral orientadas pelas professoras e professores e realizadas com grande entusiasmo pelas crianças. Entretanto, mesmo na escola e principalmente fora dela, a sua frequência tem apresentado redução. Quanto aos jogos de adultos, a sobrevivência no Brasil tem ocorrido como uma alternativa de lazer, tanto quanto de manutenção de identidade grupal e comunitária. E em ambas as dimensões – infantil e adulta – a perspectiva revelada por estudos internacionais (vide mapa) é a do uso educacional dos jogos, o que incluiria no caso o desenvolvimento do esporte e da Educação Física em qualquer país.

Fontes Mello, A. M. Psicomotricidade, educação física e jogos infantis. São Paulo: Ibrasa, 2002; Mello, A.M. Jogos Populares e educação física. Boletim de Intercâmbio (SESC/AN) 1981, g, 37-45; Aries, P. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981; Cascudo, L. C. Dicionário do folclore brasileiro. São Paulo: Melhoramentos, 1979; Fernandes, F. Folclore e mudança social na cidade de São Paulo. Petrópolis: Vozes, 1979; DaCosta, L.P. Mapping the worldwide trends of traditional sports and games. Proceedings of Symposium on Traditional Games, Duderstadt 2000; Holanda, S.B. Raízes do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979; Huizanga, J. Homo ludens – O jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1971; Medeiros, E.B. Jogos para recreação infantil. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961; Melo, V. Folclore infantil. Rio de Janeiro: Cátedra/INL, 1981; Miranda, N. 200 jogos infantis. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983; Souza, L.C. Concepção da professora da pré-escola sobre a função dos brinquedos cantados: um estudo descritivo e etnográfico. Rio de Janeiro: EEFD/UFRJ, Dissert. de Mestrado, 1994; INDESP. Esporte como identidade cultural – Coletânea. Brasília, 1996; Marina Vinhas e Beatriz Ferreira (UNICAMP).

Principais jogos infantis praticados no Brasil por estado

Major children's games found in Brazil per state

Principais jogos tradicionais do Brasil por estado e região

Major traditional games found in Brazil per state and region

Jogos tradicionais sazonais e não-sazonais

Seasonal and non-seasonal traditional games – %
Percentuais em Grandes Regiões e Brasil / per region

Periodicidade	N	NE	SE	S	CO	BRASIL
Sazonal	12	20	26	15	35	21
Não-sazonal	88	80	74	85	65	79

Número médio de crianças participantes por jogo tradicional em Grandes Regiões e Brasil

Average number of participating children per game and region

Grande Região	Número Médio de Participantes
N	9
NE	14
SE	7
S	9
CO	10
BRASIL	9 a 10

Idades de maior frequência na participação de jogos tradicionais por Grande Região e Brasil*

Ages of most participating children in TSG per region
(n = 13 million) – Brazil 2000

Grande Região	Idade de Maior Frequência
N, NE, SE, S, CO	7 a 10 anos / 7 to 10 years
BRASIL	7 a 10 anos / 7 to 10 years

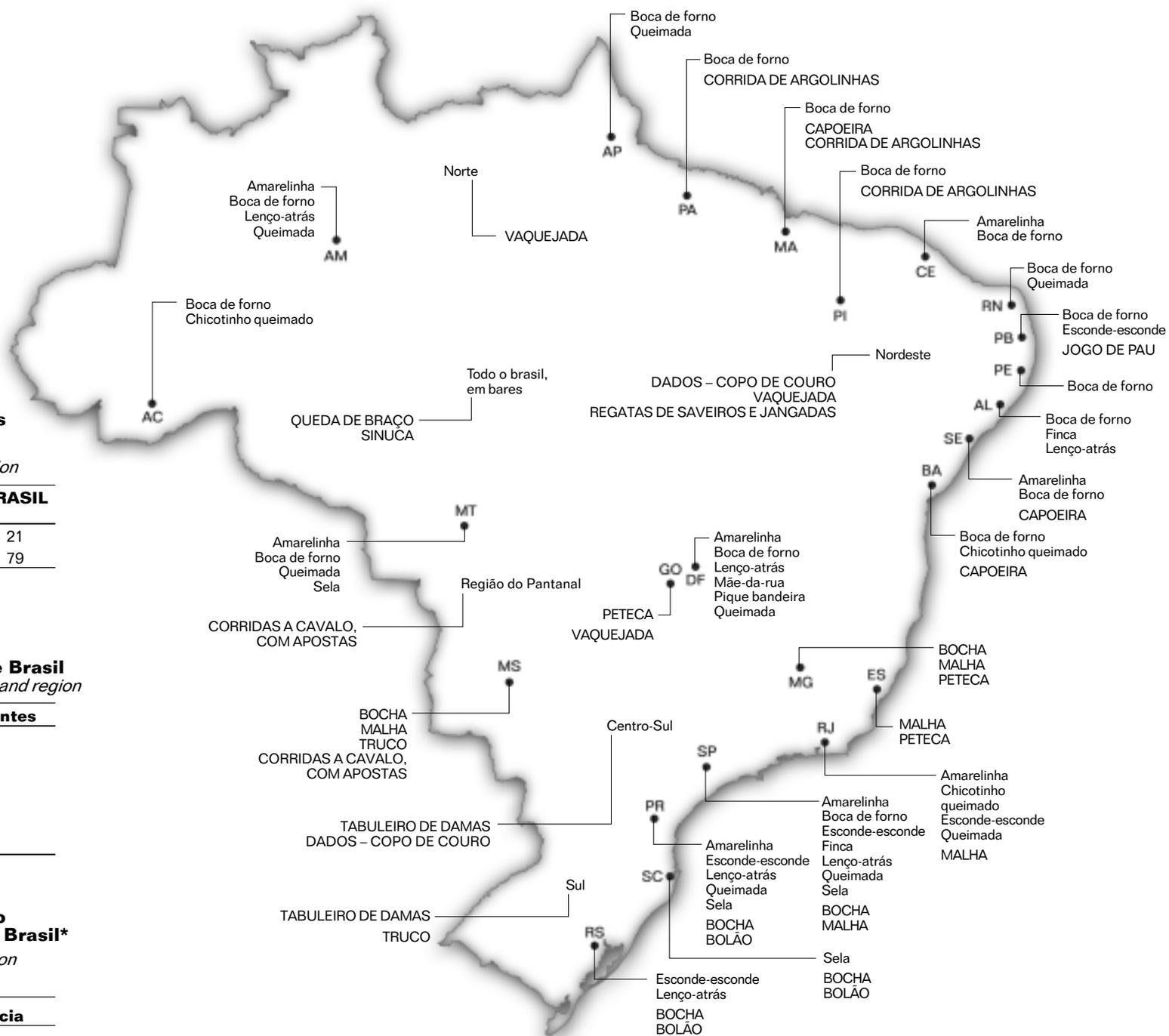
*População de crianças de 7 a 10 anos no Brasil: 13 182 595
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

Locais de maior frequência dos jogos tradicionais por Grande Região e Brasil

Preferred places of traditional games practices per region

LOCAIS	N	NE	SE	S	CO	BRASIL
Ruas / streets	4°	2°	3°	3°	2°	2°
Terrenos baldios/ Idle lots	5°	4°	4°	5°	5°	5°
Quintais / backyards	2°	2°	2°	4°	4°	2°
Pátios escolares/ School patios	1°	1°	1°	1°	2°	1°
Outros* / others	3°	5°	5°	2°	1°	4°

*Outros: praças, clubes, balneários, praias, açudes, lagos, rios, salões, quadras de esportes, campos de futebol, áreas residenciais, etc.



Tendências gerais dos esportes e jogos tradicionais (TSG), 2000

(n = 28 países de cinco continentes – 35 especialistas respondentes)

Traditional sports and games (TSG) – General trends – 2000 (n = 28 countries of five continents – 35 respondent experts)

Escolhas acumulativas Tendências identificadas Identified trends	Accumulative choices					total
	EUROPE	ASIA	AFRICA	LATIN AMERICA	NORTH AMERICA	
TSG como meio educacional TSG as an educational tool	7	5	1	5	1	19
Revigoroamento dos TSG Revival of TSG	2	3		4		9
Expansão dos TSG com adaptações Increase of TSG with adaptations	3	3		3		9
Expansão dos TSG devido à globalização Increase of TSG as a result of globalization	4	5		1	1	11
Revigoroamento dos TSG Revival of TSG children's games	8	3	1	2	1	15
Redução ou extinção dos TSG Decrease or extinction of TSG	1	1	1	3		5

Fonte / source: DaCosta, L.P., Mapping the worldwide trends of traditional sports and games. Proceedings of Symposium on Traditional Sport and Games, Duderstadt, 2000.



Capoeira

SERGIO LUIZ DE SOUZA VIEIRA

Capoeira – The Brazilian Martial Art

Capoeira is one of the Brazilian national sports today. It had its origins in the 18th century as a product of the acculturation process of the physical combats and dances of African slaves, Portuguese colonists and Native Brazilians. This dance-fight had been forbidden by law and repressed by the police until 1940, but it became an

Origens e Definições A capoeira é hoje um dos esportes nacionais do Brasil, embora sua origem seja controversa. Há uma tendência dominante entre historiadores e antropólogos de afirmar que a Capoeira surgiu no Brasil, fruto de um processo de aculturação ocorrido entre africanos, indígenas e portugueses. Entretanto, não houve registro de sua presença na África bem como em nenhum outro país onde houve a escravidão africana. Em seu processo histórico surgiram três eixos fundamentais, atualmente denominados de Capoeira Desportiva, Capoeira Regional e Capoeira Angola, os quais se associaram ou se dissociaram ao longo dos tempos, estando hoje amalgamados na prática. Desde o século XVIII sujeita à proibição pública, ao longo do século XIX e até meados do século XX, ela encontrou abrigo em pequenos grupos de praticantes em estados do sudeste e nordeste. Houve distintas manifestações da dança-luta na Bahia, Maranhão, Pará e no Rio de Janeiro, esta última mais utilitária no século XX. Na década de 1970 sua expansão se iniciou em escala nacional e na de 1980, internacional.

Embora sejam encontrados diversos significados para o vocábulo “capoeira”, cada qual referindo-se a objetos, animais, pessoas ou situações, em termos esportivos, trata-se de um jogo de destreza corporal, com uso de pernas, braços e cabeça, praticado em duplas, baseado em ataques, esquivas e insinuações, ao som de cânticos e instrumentos musicais (berimbau, atabaque, pandeiro, agogô e reco-reco). Enfocada em suas origens como uma dança-luta, acabou gerando desdobramentos e possibilidades de emprego como: ginástica, dança, esporte, arte, arte marcial, folclore, recreação e teatro, caracterizando-se, de modo geral, como uma atividade lúdica.

1577 Primeiro registro do vocábulo “capoeira” na língua portuguesa: Padre Fernão Cardim (SJ), na obra “Do Clima e da Terra do Brasil”. Conotação: vegetação secundária, roça abandonada.

1640 Início das invasões holandesas. Desorganização social no litoral brasileiro. Evasão dos escravos africanos para o interior do Brasil. Aculturação afro-indígena. Organização de dezenas de quilombos. Surgem as expressões: “negros das capoeiras”, “negros capoeiras” e “capoeiras”.

1770 A mais antiga referência da Capoeira enquanto uma forma de luta surge neste ano, vinculando-a ao tempo do Vice-Rei Marquês do Lavradio no Rio de Janeiro, em que já havia o sentido de “amotinados” aos seus praticantes (Edmundo, 1938).

1821 Decisão governamental de 5 de novembro, determinando providências que deveriam ser tomadas contra os negros capoeiras na cidade do Rio de Janeiro.

1831 Decisão de 27 de julho no RJ: manda que a junta policial proponha medidas para a captura e punição dos capoeiras e malfeteiros.

1832 Postura de 17 de novembro no RJ, proibindo o “Jogo da Capoeira”.

1888 Lei Áurea. Abolição da escravatura em 13 de maio.

1888 Surge o primeiro livro sobre a Capoeira: o romance “Os Capoeiras”, de Plácido de Abreu, em que aparece a primeira nomenclatura de movimentos.

1889 Proclamação da República. Deportação dos capoeiras considerados criminosos para o Arquipélago de Fernando de Noronha. Nasce a proposta da Ginástica Nacional, a partir do reaproveitamento dos movimentos da Capoeira. Esta forma esportiva foi liberada pela polícia.

1890 Decreto 847: Introdução da Capoeira no Código Penal da República, no Capítulo XIII “Dos Vadios e Capoeiras” em seus artigos 402, 403 e 404. Continuidade ao processo de prisão e deportação

institutionalized sport in 1941, when it started its national and then international expansion. Today there are 6 million ‘capoeiristas’ in approximately 35,000 training centers in all regions of Brazil. There are also 24 state federations and 92 regional and municipal leagues, all of which linked to the Confederação Brasileira de Capoeira

dos capoeiristas criminosos para o Presídio de Fernando de Noronha e para a Colônia Correccional de Dois Rios na Ilha Grande - RJ.

1904 Edição do livreto apócrifo “Guia do Capoeira ou Gymnástica Brasileira”. Nele, a autoria é feita pelas iniciais “O.D.C.” que significam à época: ofereço, dedico e consagro.

1928 Surge no Rio de Janeiro o primeiro Código Desportivo de Capoeira sobre o nome de “Gymnástica Nacional (Capoeiragem) Methodizada e Regrada”. Este trabalho, de autoria de Annibal Burlamaqui (Zuma), trouxe uma nomenclatura ilustrada de golpes e contragolpes, área de competição, regulamento de competição, critérios de formação de árbitros, fundamentos históricos, uniformes etc.

1936 Em 13 de março o Jornal a Gazeta da Bahia trouxe um depoimento de Manoel dos Reis Machado (Mestre Bimba) afirmando que “a polícia regulamentará estas exhibições de capoeiras de acordo com a obra de Annibal Burlamaqui (Zuma) editada em 1928”.

1937 Mestre Bimba funda o Centro de Cultura Física e Luta Regional, através do Alvará nº 111, da Prefeitura de Salvador. Enfocando seu trabalho no campo esportivo, obtém aceitação social, passando a ensinar para as elites econômicas, políticas, militares e universitárias.

1940 Decreto 2848. Instituiu o novo Código Penal Brasileiro. Neste ato não é citada a Capoeira. A partir desta data o uso da palavra “capoeira” tem transitado sem conotações policiais.

1941 Decreto 3.199 que estabeleceu as bases da organização dos esportes no Brasil. Com apoio neste ato foi constituída a Confederação Brasileira de Pugilismo - CBP que já na fundação instituía o Departamento Nacional de Luta Brasileira, que foi o embrião da Confederação Brasileira de Capoeira. Este foi o primeiro reconhecimento esportivo oficial da modalidade.

1945 Inezil Penna Marinho publica o livro “Subsídios para o Estudo da Metodologia do Treinamento da Capoeiragem”. Esta obra também foi explicitamente inspirada em Annibal Burlamaqui.

Década de 1950 Em 1952, criou-se a Fundação do Centro Esportivo Capoeira Angola, em Salvador, tendo à frente o Mestre Vicente Ferreira Pastinha. Seu enfoque é eminentemente esportivo e cultural da Capoeira. No ano seguinte, o Conselho Nacional de Desportos expediu a Resolução 071, estabelecendo critérios para a prática desportiva da Capoeira, sendo este o segundo reconhecimento oficial. Ao longo desta década notabilizou-se Sinhozinho, na área mais afluenta do Rio de Janeiro, adotando uma Capoeira eclética e utilitária.

1961 Publicação do livro “Capoeiragem – A Arte da Defesa Pessoal Brasileira”, de Lamartine Da Costa, que introduziu o tema no meio universitário brasileiro sob forma de pesquisa da luta-dança em seus movimentos e além das tradições.

1966 Participação dos representantes da chamada Capoeira Angola, sob a liderança de Mestre Pastinha, no Primeiro Festival de Artes Negras de Dakar. A delegação brasileira volta do Senegal afirmando que não existia Capoeira na África. Passam então a reivindicar uma posição nacional, afirmando que a “Capoeira Angola” é a verdadeira “Luta Brasileira”, uma vez que Mestre Bimba havia registrado com o nome “Luta Regional”.

1968 Primeiro evento acadêmico sobre Capoeira em universidade brasileira, dirigido por Alberto Latorre Faria na Universidade Federal do Rio de Janeiro, tendo como palestrantes Lamartine Da Costa e André Lace Lopes (praticantes e pesquisadores); João Lira Filho (sociólogo) e Waldemar Areno (médico); e Luis Peixoto (professor de box e capoeira na UFRJ).

(Brazilian Confederation of Capoeira). The Federação Internacional de Capoeira (International Federation of Capoeira) includes seven national federations (Canada, Argentina, Portugal, Holland, France, Germany and Australia) and acknowledges the practice of capoeira in 156 other countries.

1967 – 1969 A Força Aérea Brasileira-FAB organizou o Primeiro e o Segundo Congresso Nacional de Capoeira. Nestes dois eventos, aviões da FAB trouxeram mestres de todo o Brasil com o objetivo de dar uma organização nacional efetiva à prática da luta.

Década de 1970 Iniciou-se a fundação das Federações Estaduais de Capoeira, sob a jurisdição da CBP. E nesta mesma década começa a expansão da Capoeira por todo o país, a qual antes estava limitada a poucas iniciativas e localizações. Neste estágio, passam a convergir e se consolidar vários suportes para o desenvolvimento da Capoeira tais como a institucionalização da luta (livros e publicações, gestão por federações, etc); multiplicação de mestres (imigração entre regiões do Brasil e para o exterior, festivais de grupos renomados etc); melhoria do conhecimento (pesquisa, ensino em universidades, etc); e reconhecimento público do seu valor cultural e esportivo.

1981 Inezil Penna Marinho apresenta o Projeto Técnico-Científico da Ginástica Brasileira, inspirada na Capoeira, ao Congresso Mundial da Associação Internacional de Escolas Superiores de Educação Física, realizado no RJ (Universidade Gama Filho).

1992 Fundação da Confederação Brasileira de Capoeira através do desmembramento do Departamento Nacional de Capoeira da CBP.

1993 Realização do Primeiro Congresso Técnico Nacional de Capoeira, na cidade de Guarulhos–SP. Objetivo: padronização de procedimentos técnicos, culturais e esportivos.

1995 Reconhecimento da Capoeira e vinculação da Confederação Brasileira de Capoeira ao Comitê Olímpico Brasileiro.

1997 Homologação do Superior Tribunal de Justiça Desportiva da Capoeira pela Ordem dos Advogados do Brasil. Organização do Segundo Congresso Técnico Nacional de Capoeira.

1999 Realização do Terceiro Congresso Técnico Nacional e Primeiro Congresso Técnico Internacional de Capoeira, na Cidade de São Paulo. Aprofundamento das padronizações técnicas e difusão para o exterior. Fundação da Federação Internacional de Capoeira, em São Paulo. Fundação da Associação Brasileira de Árbitros de Capoeira, em São Paulo.

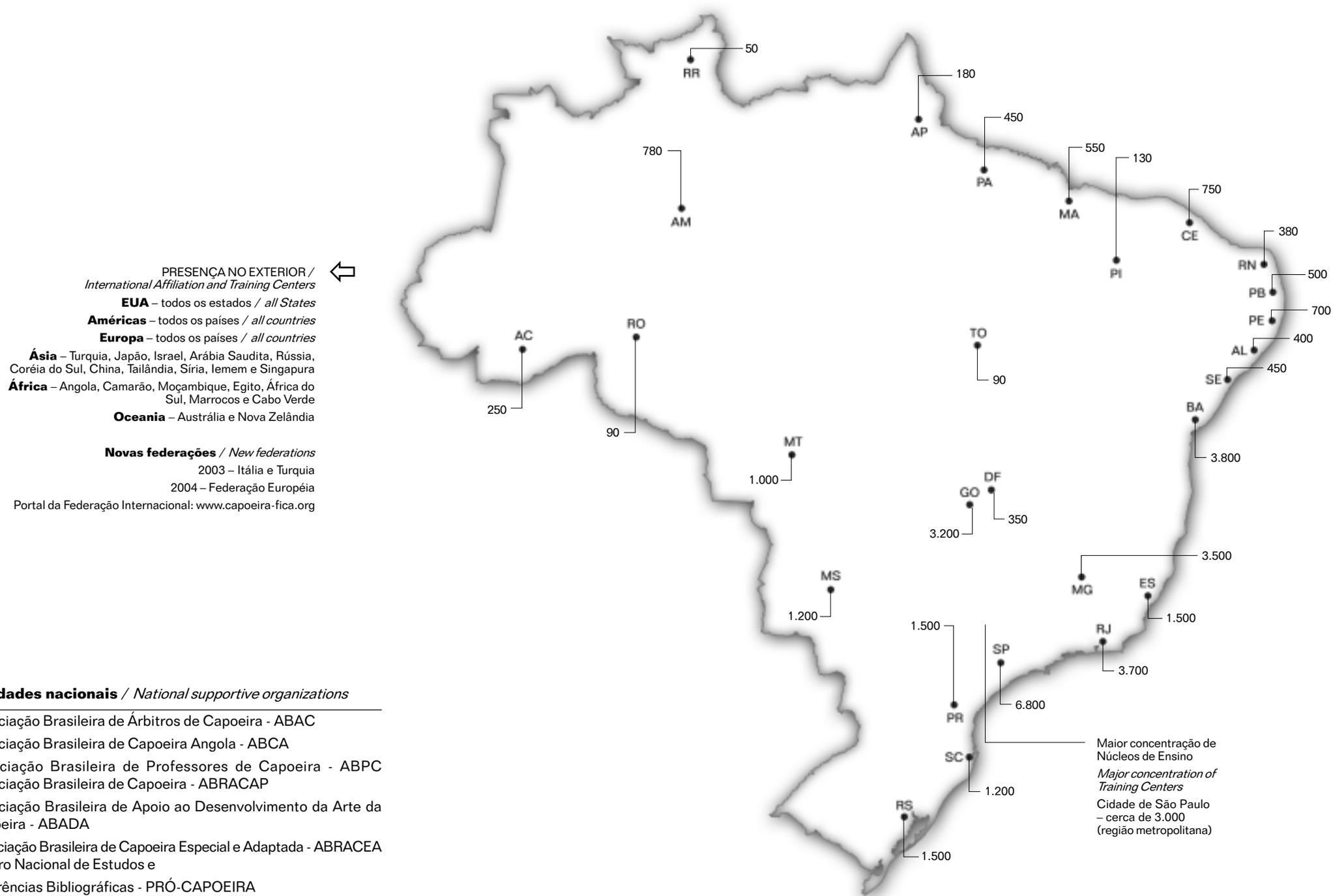
2002 Introdução da Capoeira como modalidade oficial nos Jogos Regionais e Abertos do Interior dos Estados de São Paulo e de Goiás. Realização do Quarto Congresso Técnico Nacional e Segundo Congresso Técnico Internacional, realizado em novembro, na cidade de Vitória – ES. Estabelecimento do Regulamento Internacional de Capoeira e dos saberes, competências e habilidades para os técnicos, treinadores e alunos.

Situação Atual Após três décadas de expansão no Brasil e no exterior, a Capoeira tornou-se uma das principais práticas esportivas do país, contando um total estimado de seis milhões de praticantes em cerca de 35 mil núcleos de ensino em todas as regiões brasileiras. Há também 24 federações estaduais e 92 ligas regionais e municipais, vinculadas à Confederação Brasileira de Capoeira. Por sua vez, a Federação Internacional de Capoeira já soma sete federações nacionais (Canadá, Argentina, Portugal, Holanda, França, Alemanha e Austrália), além de identificar a presença da luta em outros 156 países.

Fontes Edmundo, L. O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis. Rio de Janeiro: Aurora, 1938; Soares, S. M. et alii. Documentação Jurídica Sobre o Negro no Brasil 1800 – 1888 Índice Analítico. Salvador: EGB, 1989; Pastinha, Vicente Ferreira. Capoeira Angola. Salvador: N. Sra. Loreto, 1964; Rego, W. Capoeira Angola. Salvador: Itapoá. 1968.

Número estimado e localização de núcleos de ensino de capoeira por estado, 2003

Estimated number and location of capoeira training centers per state, 2003



Entidades nacionais / National supportive organizations

Associação Brasileira de Árbitros de Capoeira - ABAC
 Associação Brasileira de Capoeira Angola - ABCA
 Associação Brasileira de Professores de Capoeira - ABPC
 Associação Brasileira de Capoeira - ABRACAP
 Associação Brasileira de Apoio ao Desenvolvimento da Arte da Capoeira - ABADA
 Associação Brasileira de Capoeira Especial e Adaptada - ABRACEA
 Centro Nacional de Estudos e
 Referências Bibliográficas - PRÓ-CAPOEIRA

Principais grupos / Main groups

Cativeiro, Angolinha, Senzala, Novos Baianos, Tradição, Ladainha, Angola Pelourinho, Beribazu, Gerais, Abada, Capoeira Brasil, Muzenza, Candeias, Chapéu de Couro, Rosa Baiana, Cordão de Ouro, Oxossi, Guerreiros de Oxossi, Resistência, Maltas, Nação, e Filhos de Bimba.

Nomenclatura oficial de movimentos / Main movements denomination

Ginga, Guarda, Esquiva Lateral, Cocorinha, Aú, Aú Batido, Negativa, Role, Rasteira, Benção, Martelo, Chapa, Xulipa, Calcanheira, Joelhada, Chapa de Costas, Meia Lua de Frente, Queixada, Esporão, Ponteira, Giro, Armada, Rabo de Arraia, Meia Lua de Compasso, Queda de Rins, Cabeçada, Escorrumelo, Palma, Godeme, Galopante, Telefone, Forquilha, Cutila, Cotovelo, Desprezo, Bochecho, Presilha, Presilha de Rins, Arrastão, Baiana, Vingativa, Baú, Banda Lisa, Banda Traçada, Banda de Costas, Tesoura de Frente, Tesoura de Costas, Arpão de Giro, Chapéu de Couro, Tranco, Amarrada, Volta do Mundo, Chamada da Palma de Frente, Chamada Aberta de Frente, Chamada Aberta de Costas, Chamada de Entrada na Barriga, Chamada do Sapinho, Apanhada, Arqueado, Arqueado de Costa, Açoite de Braço, Açoite de Cruz, Balão Cinturado, Balão de Lado, Gravata Baixa, Gravata Alta, Crucifixo, Cruz, Cruzilha, Dentinho, Giro da Sereia, Cintura Robusta, Tombo da Ladeira, Arpínio, Pescocinho, Armiloque, Buzina, Leque, Quebra Mão, Quebra Perna, Quebra Pescoço, Colar de Força, Dubliesse, Escurinho, Sapinho, Pantana, Vôo do Morcego, Mortal, Suicídio e Asfixiante.

Peteca

JOSÉ GERALDO DO C. SALLES, INEZ MOTTA E CÍCERO CERQUEIRA PEREIRA JR.

Indiaca

Indiaca as a sport originated from a traditional game of the Native Brazilians and is played today with rules, standardized equipment and administered by leagues and federations. In terms of organization of space and control of the game Indiaca adopted part of the volleyball structure and procedures such as: net height, scoring points, and skills (touching, spiking, serving, blocking). In its process of adaptation to the Brazilian culture, indiaca found its home in the state of Minas

Definição A peteca é uma modalidade esportiva de tradição regional de origem indígena brasileira, surgida em forma de competição no estado de Minas Gerais. Trata-se de uma modalidade que se apropriou de parte da estrutura do voleibol na organização do espaço e do controle de jogo, tais como: a altura da rede, a contagem de pontos, os fundamentos (toque, cortada, saque, defesa). Utiliza-se um implemento (a peteca propriamente dita) que é golpeado ou tapeado de um lado para o outro da quadra, em toque único, isto é, não se permite a armação de jogadas como no voleibol. O objetivo é fazer a peteca tocar no espaço de jogo adversário delimitado pelas linhas laterais e de fundo. Pode ser praticado individualmente ou em duplas.

Origem A origem da peteca é cheia de nuances como foram as origens de tantas outras modalidades. O implemento do jogo tem uma versão asiática – em Singapura, por exemplo –, onde se tornou muito popular como brincadeira infantil. Por outro lado, a peteca é um jogo tradicional de indígenas da região centro-sul do Brasil. Assim, alguns historiadores sugerem que a peteca já estava presente na cultura dos índios brasileiros, mesmo antes da chegada dos portugueses. Além disso, a peteca teria sido utilizada como recreação de crianças e moças brancas e negras durante o Brasil Colônia, se estendendo até a atualidade. Inicialmente era um brinquedo confeccionado artesanalmente com penas de aves domésticas, palha de milho e pequenas pedras e fazia parte do folclore mineiro. A peteca passou também a ser fabricada por empresas de brinquedo infantil que as confeccionavam coloridas e macias. De geração em geração, os antepassados foram transmitindo esta atividade que se espalhou pelo Brasil, mas, sem a forma competitiva na feição hoje encontrada em Minas Gerais. Todavia, a peteca originou uma terceira forma de jogo, como se pode presenciar nas praias cariocas. Portanto, o brinquedo peteca deu origem ao esporte peteca. Pela simplicidade das ações que envolvem o jogo (regras e elementos técnicos) rapidamente tornou-se atrativo em clubes e colégios de MG como forma de atividade física e de lazer. Hoje se torna inconcebível que exista algum clube recreativo e esportivo em Minas Gerais que não tenha quadras demarcadas para esta modalidade. Todavia, apesar de muito difundido no estado de MG, ainda é pouco conhecida em outros estados, embora a expansão da modalidade oficial tenha se dado pelas fronteiras com os estados do ES, DF, GO, BA e SP. O auge da peteca ocorreu na década de 1980, quando foi criada a Copa Itaú em Belo Horizonte. Este evento foi considerado a segunda maior participação de atletas no Brasil, naquele período, perdendo apenas para a corrida de São Silvestre. O apoio da mídia a Copa Itaú fazia com que o esporte ganhasse notoriedade. Hoje não existe um evento que tenha a mesma repercussão, embora o Banco Itaú mantenha um torneio no Triângulo Mineiro.

1920 A peteca surge como recreação e aquecimento para nadadores da equipe brasileira que participou dos V Jogos Olímpicos de Antuérpia, Bélgica. Nesta ocasião supõe-se que tenha despertado o interesse de atletas e treinadores de outras nações que presenciavam a novidade brasileira. Segundo testemunhos, a partir destes fatos surgiram os primeiros pedidos vindos dos finlandeses a José Maria Castelo Branco, chefe da delegação brasileira, naquele evento. Teriam solicitado ainda, a elaboração de regras e a padronização do jogo.

1936 O professor alemão K.H. Krohn “descobre” o jogo de peteca passeando na praia de Copacabana, Rio de Janeiro-RJ. Ao voltar a Alemanha promove o novo esporte sob a denominação “indiaca”, a qual sobrevive até hoje tendo sido incluído no dicionário Brockhaus. Este registro léxico identifica a “indiaca” como jogo tradicional indígena do Brasil.

Década de 1940 Minas Gerais inicia a versão competitiva no jogo, realizando prélios internos nos clubes de Belo Horizonte,

Gerais-MG – Southeastern Brazil – with reduced participation of the neighboring states. Indiaca in MG has been developed in 18 cities (see map), which worked as diffusion centers to neighboring areas. The largest center is Belo Horizonte, capital of MG, where there are 3,900 courts and two factories of indiaca that produce 1,100 units per day. In the whole state of MG there are 1.2 million indiaca players and the state championship of the sport puts together

pioneiros do esporte. À época, algumas residências em Belo Horizonte já tinham uma quadra de peteca em suas dependências.

1973 As primeiras codificações das regras da peteca são estabelecidas e assim surge a participação maciça de homens, mulheres, idosos, jovens e crianças que passam a praticá-la, seguindo as regras padronizadas.

1974 A Federação Atlética Alemã-DTB declara o “indiaca” como o esporte do ano.

1975 Em 15 de julho é fundada a Federação Mineira de Peteca - FEMPE, confirmando o pioneirismo no esporte em MG.

1977 O Conselho Nacional de Desportos-CND, através do Decreto nº 80.228, considera a peteca uma atividade física genuinamente brasileira.

1978 O Mobral edita o livreto “Vamos jogar Peteca”, elaborado por técnicos do centro Cultural e do Grupo Executivo da Campanha “Esporte para Todos” - GECET, do Ministério da Educação - supervisão da Profª Maria Luiza Gonçalves Cavalcanti. Posteriormente a Secretaria de Educação Física e Desporto do MEC colaborou com a divulgação do esporte em todo território brasileiro via Campanha Esporte para Todos.

1985 Sob esforços de Outorgantino Magalhães Dias “Tote” é aprovada em Brasília no dia 17 de agosto a oficialização do esporte, na segunda sessão do Plenário do Conselho Nacional de Desporto - CND, resolução nº 15/85, cabendo a Confederação Brasileira de Desporto Terrestre - CBDT a incumbência de codificar e estruturar o desporto como determina a lei.

1986 Em 1º de abril, a CBDT nomeou o esportista Walter José dos Santos para dirigir o Departamento de Peteca, bem como codificar as regras e regulamentos. Neste mesmo ano, em 6 de novembro, realiza-se em Belo Horizonte-MG a primeira reunião especialmente convocada para o estudo de providências, na qual estiveram presentes representantes de várias entidades incentivadoras da modalidade: Outorgantino Magalhães Dias (FEMPE), Walter José dos Santos (CBDT), Waldemar Aluysio Pereira (AABB), José Ely Rasuck (Minas Tennis Clube), Eneidir das Graças de Souza (ACM), Marcílio Menezes (Cruzeiro E. Clube) entre outros.

1987 Foi realizado em Belo Horizonte o 1º Campeonato Brasileiro de Peteca.

1991 Realização do 1º Campeonato brasileiro de interclubes de seleções estaduais.

1993 1ª Copa Itaú de Peteca de Uberlândia, organizada pelo Praia Clube. Esta Copa acontece sem interrupção até a presente data.

1996 A Peteca passa a fazer parte do programa dos Jogos Universitários Brasileiros – JUBs realizado em Florianópolis – SC.

1998 Fundação da Liga Mineira e Entidades de Peteca - LIMEPE em Belo Horizonte, em 30 de março. Também foi fundada por atletas veteranos a Liga Máster de Peteca no triângulo mineiro com equipes de Minas Gerais, Goiás e Brasília. É uma liga independente, sem vínculos com clubes sociais ou federações. Já foram realizados 21 encontros ao longo de sua existência. Como exigência do estatuto desta liga, os atletas interessados devem ter no mínimo 46 anos, além de terem em suas equipes (que é formada por trios), um atleta com idade superior a 51 anos.

2000 Fundação da Confederação Brasileira de Peteca-CBP, sendo fundador o Sr. Lazaro Soares, que assumiu a presidência.

2003 Realização da X Copa Itaú de Peteca em Uberlândia.

an average of 48 cities represented by 1,200 athletes. The sport of indiaca, called “peteca” in Brazil, has been recently adopted by a number of countries such as Japan (1 million players), Estonia, Slovakia, Switzerland, and Germany (20,000 players). The Germany-based International Indiaca Association – IIA, which has organized two editions of the Indiaca World Cup, was founded at the end of the 1990s. The next Cup will take place in Japan in 2004.

Situação atual No plano internacional houve um avanço da modalidade peteca por poder ser praticada por qualquer pessoa, em qualquer idade e em qualquer lugar. Por isso, no final da década de 1990, foi criada a *International Indiaca Association* – IIA, com sede na Alemanha. Nesta entidade há dois brasileiros (Antônio Abreu, como vice presidente, e Paulo Oliveira, como membro da Comissão Técnica) que se juntam a membros dos países em que o esporte se desenvolveu: Japão (um milhão de praticantes), Alemanha (20 mil praticantes), Estônia, Eslováquia e Suíça. Neste particular já houve duas Copas do Mundo de Peteca, realizadas na Eslováquia em 2000, e em Berlim, em 2002. A Copa de 2004 acontecerá no Japão. No Brasil, as federações e a confederação tem organizado competições para distintas faixas etárias, tanto masculinos como femininos em um mesmo evento. Este procedimento difere de praticamente todas as outras modalidades, quando os eventos acontecem em períodos distintos e nem sempre organizados pelas federações e confederações.

O departamento de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa - UFV, entendendo a importância da peteca na cultura mineira, criou nos anos de 1990 uma disciplina específica sobre a modalidade, visando atender aos interesses dos alunos do curso de formação profissional. A peteca, por ter se originado de um jogo tradicional brasileiro e de brincadeira infantil, basicamente recreativo, sofre, ainda, um forte preconceito, pois muitos não a compreendem como um esporte de competição. Portanto, apesar do brinquedo peteca ser amplamente conhecido, o esporte peteca ainda é algo meio abstrato para a maioria das pessoas que não moram na região sudeste e especificamente em Minas Gerais. Os campeonatos oficiais brasileiros são organizados em forma de torneio, que em geral acontecem em apenas um final de semana. Isto é, os eventos são curtos e o período de preparação dos atletas muito longo. A falta de um calendário mais freqüente dos eventos faz com que a modalidade seja geralmente mais praticada como atividade recreativa. Os prêmios oferecidos aos atletas vencedores dos principais eventos, quando existem são simbólicos, os quais não permitem que a modalidade tenha atletas profissionais, aqueles que possam se dedicar cotidianamente ao treinamento da modalidade. A maioria dos clubes não é filiada às federações estaduais, o que dificulta o controle dos eventos, embora estes ocorram com freqüência nos diversos clubes praticantes. Em geral, são eventos para os próprios associados e convidados, com divulgação interna e precária. Somente no primeiro semestre do ano de 2003 a FEMPE apresentou um calendário oficial constando 15 eventos.

O Campeonato Mineiro de 1994, promovido pela Federação Mineira de Peteca – FEMPE, reuniu cerca de 1.200 atletas, representantes de 48 cidades. Os Jogos do Interior de Minas também demonstram a expansão da peteca no estado. A dimensão da quadra de peteca favorece condomínios e prédios residenciais que podem incentivar a prática, inclusive, a quadra de peteca nas plantas destes empreendimentos funciona como atrativo para a venda dos imóveis. Uma vantagem da peteca sobre as demais modalidades é a realização simultânea de competição oficial em diversas categorias em função da idade, tanto masculina como feminina. Somente no primeiro semestre de 2003, a Liga Mineira e Entidades de Peteca - LIMEPE noticiou em seu calendário a existência de 11 eventos abertos no estado. Entre as décadas de 1970 e 1990 várias copas auxiliaram o processo de difusão da modalidade. Essas copas eram patrocinadas pelas empresas que recebiam seu nome: Copa Itaú, Copa Bamerindus, Copa Chevrolet, Copa Kaiser, entre outras. Hoje a ordem de grandeza dos praticantes de peteca em MG é estimada no mínimo em 1,2 milhões de pessoas. Entretanto, somente há 21 clubes filiados a FEMPE, dos quais 10 são de Belo Horizonte. Os dois pólos de prática de peteca em MG são Belo Horizonte (dados no mapa deste capítulo) e o Triângulo Mineiro. A produção diária de petecas nas duas principais fábricas de MG é de 1100 unidades.

Cidades pólo da prática da peteca em Minas Gerais

Main cities acting as centers of diffusion of indiacas in MG



Fontes Pereira Jr, Cícero C. (1996). Peteca: esporte ou recreação? Ouro Preto. INDESP; Pereira Jr, Cícero C. (1979). Peteca: Esporte ou Recreação. Belo Horizonte; Andrade, Eduardo B. & Procópio, Mário M. (1982). O jogo de peteca. Belo Horizonte: Editora Comunicação; Paula, José C. (2000). Guia prático de peteca. Editora UFV. Viçosa; Enciclopédia Mirador Internacional (1986). Rio de Janeiro. V.12, p.6538-39; Informativo - Federação Mineira de Peteca, Ano I, nº 02 (maio/junho/julho/agosto) 2002. Belo Horizonte; Confederação Brasileira de Peteca - Informativo, nº 05, dez/2002. Uberlândia; Federação Mineira de Peteca - FEMPE (1994). Regras Oficiais do desporto da peteca. Belo Horizonte, FEMPE; www.jarbas.com.br/frame.php/?link; www.febrape.hpg.jg.com.br; www.sedese.mg.gov.br; www.peteca.com.br; Ionara Thompson (visita às fabricas de petecas em Belo Horizonte); www.indiacas.de/

Pólo de peteca na Região Metropolitana de Belo Horizonte - MG, 1995

Indiacas cluster of Belo Horizonte metropolitan area, 1995

Em clubes: 1200 quadras

Escolas públicas: 120 quadras

Escolas particulares: 70 quadras

Em condomínios, prédios residenciais e sítios, são aproximadamente 2500 quadras com marcação para o jogo de peteca.

Total estimado: aproximadamente 3 900 quadras somente na região metropolitana

Fábricas principais de petecas: Pequita e Bonfim Sportes

Total de clubes praticantes: 200; incluindo-se: Minas Tênis Clube, Cruzeiro Esporte Clube, Country Clube, Mackenzie Esporte Clube, Associação Recreativa Telemig, Jaraguá Country Clube, Clube dos Oficiais da Polícia Militar, Clube Belo Horizonte, late Tênis Clube, Pampulha late Clube, Clube Libanês, Olímpico Clube, Clube Atlético Mineiro, Clube Recreativo Forense, Associação Atlética Banco do Brasil, Associação Cristã de Moços, Associação Recreativa e Cultural dos Empregados da CEMIG, Círculo Militar, Barroca Tênis Clube, Granada, Samarkan, Colina, Banco do Brasil, Associação Cristã de Moços, Associação Recreativa e Cultural dos Empregados da CEMIG, Campestre, Umuarama, Oásis etc.

Rodeio

RHODES SERRA

Rodeo

The Brazilian rodeo is a blend of the American rodeo brought to Brazil in the 1950s and the influence of the Brazilian “vaquejada”, a traditional game of Brazilian rural areas since the 16th century. This means that the sport that was done on the back of horses was added to the one that was done on the back of bulls producing a Brazilian version of the rodeo as a local festival, which has then been adapted to suit the rules of international

Definições e Origens O rodeio originou-se na Espanha, foi adotado pelos mexicanos e logo após a guerra com os norte-americanos, no século XIX, adaptou-se à América colonial inglesa. No Brasil, o rodeio é um sincretismo do esporte importado dos EUA. na década de 1950. Esta última versão do rodeio que hoje convive com a vaquejada - um jogo tradicional praticado desde o século XVI em todo o país - consiste em montar touros e cavalos não domados, com o cavaleiro permanecendo no mínimo oito segundos na montaria segurando apenas com uma das mãos, e se apoiando em uma corda, presa ao animal.

Nos EUA, a primeira competição de rodeio aparece em 1869 e desde 1975 esta manifestação tem sido interpretada como um esporte com regras de aceitação internacional, provas credenciadas e profissionalismo. Tal tendência estendeu-se em épocas subseqüentes ao Canadá, Austrália, Nova Zelândia e Brasil, com adaptações locais em termos de organização e práticas. Daí a versão brasileira manter traços de uma outra modalidade de esporte equestre, isto é, a vaquejada, e clima de festa, associando-se a disputas artísticas, jogos de futebol, desfiles, danças, músicas e comidas típicas. Enquanto tal, o rodeio brasileiro é hoje um modelo de conciliação de folclore com marketing e competição esportiva, distinguindo-se todavia da influência norte-americana por não ter uma entidade central de filiações mas um pólo de radiação do esporte (cluster) representado pela cidade de Barretos-SP. Nesta origem, o rodeio assumiu uma postura de festa associando-se a disputas artísticas, jogos de futebol, desfiles, danças, músicas e comidas típicas, segundo a cultura de Barretos, considerada, na época, a capital da pecuária nacional.

1955 Um grupo de jovens da cidade de Barretos funda um clube batizado de “Os Independentes”, que tinha como regra inicial para participação, a exigência do interessado ser independente economicamente, solteiro e ter mais de 21 anos.

1956 Por iniciativa do clube de jovens “Os Independentes” tem lugar o primeiro rodeio oficial na cidade de Barretos, então denominado de “Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos”, realizada no mês de agosto em um velho picadeiro de circo de touradas. A partir deste ano, sempre no mês de agosto, as festas passaram a fazer parte do calendário oficial de festividades da cidade, e a mobilizar adesões nos municípios vizinhos.

Década de 1960 A festa de peões e boiadeiros de Barretos assume progressivamente alcance e renome nacional.

1964 A fama dos rodeios começa a atrair turistas do Chile, Peru, Bolívia, Paraguai e Uruguai. Neste ano o evento foi declarado como de utilidade pública em Barretos, em função de sua contribuição para o desenvolvimento econômico do município e benefício a várias entidades assistenciais.

Década de 1980 O local da festa em Barretos foi se revelando insuficiente para atender ao crescimento do número de seus participantes. Fez-se, então, um projeto para uma nova

acceptance, official contests and professionalism. Barretos, a city in the interior of the state of São Paulo, has become the main Brazilian reference for the rodeo, which is practiced today all over the south of Brazil. Rodeo competes against soccer as the most popular sport in several regions of Brazil. In international terms the Brazilian rodeo is only overcome by the American rodeo in relation to public, financial resources involved

arena em contrato com Oscar Niemeyer. Em 1986, inaugurava-se o Parque do Peão em formato de ferradura e capacidade para 35 mil pessoas sentadas, hoje considerado uma das maiores arenas de rodeio do mundo.

1993 Na cidade de Barretos realizou-se o primeiro “Rodeio Internacional”, com presença de *cowboys* americanos e canadenses.

1994 A internacionalização da “Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos” incluiu também peões da Nova Zelândia, Austrália e Cuba. Ainda neste ano, o país conhece seu primeiro campeão mundial de montaria em touros, o brasileiro Adriano Moraes que teve seu nome gravado no *Guinnes Book*, por ter “parado” em 10 touros seguidos, um em cada dia, na final mundial de rodeios realizados nos EUA.

1998 No último domingo do mês de agosto, data do encerramento da 43ª Festa de Barretos e do 16º “Freio de Ouro”, realizado em Esteio, no Rio Grande do Sul, o número de assistentes totalizou 45 mil, superando naquele dia o público dos estádios de futebol, em quatro jogos de campeonato brasileiro, realizados em São Paulo, que contabilizaram um número de 33.448 torcedores. Neste mesmo ano empresários americanos do Texas visitaram no mês de setembro o Jaguariúna Rodeio Festival, em São Paulo, a fim de observar a organização e o mercado em expansão do rodeio brasileiro.

Interpretação do Desenvolvimento – anos 1990 Nesta década consolidou-se o rodeio no Brasil como festival esportivo popular a partir do cluster de Barretos. A evidência deste fato foi o crescimento da cobertura de revistas, jornais, rádios e TV aos rodeios organizados em todo o sudeste e sul do Brasil. Além do reforço dado pela internacionalização de eventos, gerou-se nesta década um estilo de roupas, objetos de uso pessoal e musica popular relacionada tanto ao rodeio como ao mundo rural – e sertanejo – brasileiro em geral, com grande apelo mercadológico. A estes eventos e produtos típicos associaram-se feiras de equipamentos e veículos já resultantes do importante impulso econômico pelo qual passava o meio rural do país na década em foco. Outras cidades de referência do rodeio surgiram neste período seguindo o impacto de Barretos. Em conseqüência, também surgiu uma nova fonte de turismo interno e externo com impacto na arrecadação de vários municípios até então sem notoriedade. Além de Barretos, outras cidades como Jaguariúna, Americana, São José do Rio Preto, Presidente Prudente e outras ficaram conhecidas como pontos de referência de rodeios fora do interior do Estado de SP, como localidades de Mato Grosso do Sul, Paraná, Minas Gerais e Goiás.

Situação atual O Brasil pode ser identificado, no momento, como o segundo país do mundo no tocante ao nível técnico e organizacional de rodeios, considerando-se a reconhecida liderança neste esporte exercida pelos EUA. Tal posição é freqüentemente relacionada ao número de eventos por ano

and the use of media and marketing. Key features in Brazil: 1,300 competition festivals per year; 140 arenas; market of approximately US\$2 billion per year in direct and indirect businesses; in 2000, the rodeo festivals in Barretos attracted around 1,2 million visitors who spent US\$90 million; paying public per season: 26 million; direct and indirect jobs per year: approximately 240,000.

produzidos no país, estimado em cerca de 1300 festivais de competição, sobretudo concentrados nas regiões sudeste e centro-sul. O número de arenas já ultrapassa 140, num mercado avaliado em US\$ 2,2 bilhões por ano entre negócios diretos e indiretos. Somente no ano de 2000, o rodeio de Barretos atraiu em torno de 1,2 milhões de visitantes movimentando US\$ 90 milhões, segundo cálculos do Sebrae-SP.

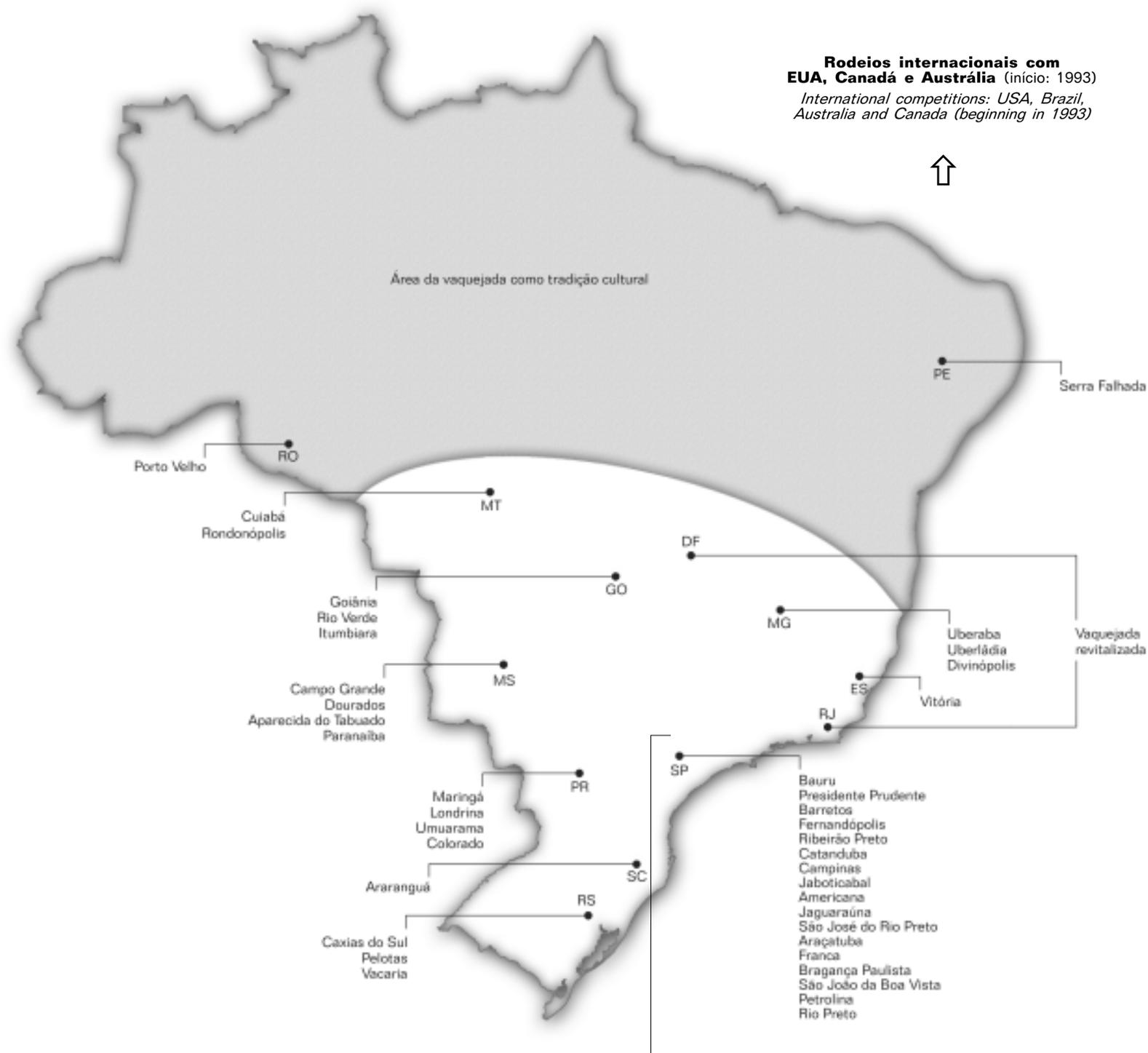
O público pagante por temporada nos rodeios apresenta-se em torno de 26 milhões e gera aproximadamente 240 mil empregos diretos e indiretos por ano. Seus patrocinadores são bancos, seguradoras, agências de turismo, fabricantes de automóveis, bebidas, confecções, calçados, eletrônicos etc., que compõem a “Indústria Brasileira do Rodeio” já considerada como a segunda maior do mundo. A credibilidade e a valorização do rodeio em relação aos demais esportes ficou evidente no ano de 2001, quando da regularização da profissão do peão de boiadeiro. Uma segunda lei regulamentou a realização dos rodeios no Brasil a partir de 17 de julho de 2002, determinando que haja uma fiscalização sanitária; que todos os animais sejam vacinados; e que nenhum material utilizado pelos peões e animais ponham em risco a integridade física dos touros e cavalos.

Tais medidas somam-se ainda às normas e critérios impostos por associações tais como a Federação Nacional de Rodeio Completo; a Cowboy Forever – Rodeio Universitário; a Confederação Nacional de Rodeio; a Prótouro – Associação dos Proprietários de Touros de Rodeio; e a Federação de Rodeio do Estado de São Paulo, as quais vem contribuindo para a melhoria do nível de organização e credibilidade no esporte rodeio. À parte deste desenvolvimento, cabe relevar que a tradição da vaquejada parece estar sendo revitalizada pelo rodeio uma vez que arenas deste jogo tradicional têm aparecido recentemente próximo a grandes centros urbanos tais como Rio de Janeiro (Xerém) e áreas contíguas ao Distrito Federal, Estado de Goiás. Em seu todo, a tradição da vaquejada continua prevalecendo nas regiões nordeste e norte do país sugerindo uma realimentação mutua entre o esporte e o jogo.

Fontes Barros, K. (2000), A história do rodeio – a brincadeira que virou esporte. Revista Rodeo Country. Ano 3, nº 28, p. 17; Beting, J. (2000), *As patas do (T)ouro*. O Globo, Economia, 19/ 8, Rio de Janeiro , p.36; Pimentel, G. A. (1997), *A mídia na construção social do rodeio esporte*. Anais do 10º Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 1, pp.544-551; Serra, R. A. A. (1999), *A cultura e a etnografia desportiva dos rodeios e sua prática por crianças e jovens*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Educação Física. UERJ. Rio de Janeiro; Serra, R. A. A. (2002), *O rodeio como uma manifestação esportiva de identidade cultural do interior de São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em Ciência da Motricidade Humana. Universidade Castelo Branco. Rio de Janeiro; Serra, R. (2000), *Rodeio: uma paixão!*. Gryphus, Rio de Janeiro.

Localização de rodeios por estados e municípios – Eventos principais do Brasil, 2003

Main rodeo competition locations per state and municipalities, 2003



Barretos -SP: o cluster do rodeio no Brasil – destaques

Barretos – SP: The rodeo cluster in Brazil - features

- Considerada a maior festa de rodeio do mundo
- Já promoveu 46 festas anuais até 2002
- Recebe em média 1 milhão de visitantes por ano
- O parque do peão conta com uma área de 1,3 milhões m²
- Camping com 21 mil m²
- Pavilhão de shows com 1.800 m²
- Reserva florestal com 24.200 m²
- Leva-se 10 meses para preparar cada festa anual que envolve cerca de 3.000 pessoas
- Movimenta 200 milhões de reais por ano
- Consumo *per capita* médio de US\$ 30,00
- Investimento médio de 10 milhões de reais por festa anual
- Gera em torno de 5 mil empregos diretos e 15 mil indiretos
- Faixa etária dos visitantes vai de 15 a 35 anos (média)
- Estado Civil: 58,64% solteiros e 33,64% casados
- Escolaridade: 48,8% possuem 2º grau; 39,25% nível superior; 19,16% 1º grau; e 0,7% analfabetos

Clusters esportivos
– cidades, regiões, estados



Cluster esportivo do Rio Grande do Sul – Clubes Turnen

LEOMAR TESCHE

Sports cluster of Rio Grande do Sul – Turnen clubs

The German immigrants that came to Brazil settled in six states, especially in Rio Grande do Sul (RS). There these individuals produced approximately 600 community associations, from which 320 were surveyed in 1924 including 47 that belonged to the Turnen movement. These Gymnastics clubs were created from a main reference, i.e., the

Definições e Origens A imigração alemã no RS iniciou-se em 1824 e uma de suas mais importantes conseqüências foi a criação de cerca de 600 associações de variados propósitos, sendo 320 identificadas em um levantamento de 1924, nas comemorações do centenário da colonização alemã. Na região de Santa Cruz do Sul, por exemplo, surgiram 97 entidades comunitárias de imigrantes (Clube Teuto-Brasileiro de Lanceiros B. Gaúcho, Sociedade de Cavalaria Schwerin, Clube Ulanos, Clube de Atiradores Germânia, etc). No total identificado no RS, havia 47 dedicadas à ginástica e exercícios físicos (*Turnverein*). Estes clubes apoiaram-se originalmente no Movimento *Turnen* que preservava a identidade étnica dos alemães (*Deutschtum*) fora de seu país de origem. Tal iniciativa, desde 1867, seguia uma combinação de pedagogia de exercícios ginásticos com a ideologia da germanidade posta em circulação nas primeiras décadas do século XIX, tendo Friedrich Ludwig Jahn (*Turnvater*) como figura central. Além do associativismo local, as igrejas protestantes e católicas de origem alemã que disputavam adeptos entre os imigrantes, adotaram o ideário do *Turnen* em seus estabelecimentos escolares a partir de 1852. Nos primeiros anos de 1900, as escolas católicas passaram da ginástica de Jahn para as referências do Colégio Pedro II – RJ, então modelo nacional, e na Segunda Guerra Mundial o Governo Vargas nacionalizou escolas e clubes de alemães e seus descendentes em todo o Brasil, encerrando-se o ciclo *Turnen* no RS.

A influência do *Turnen* no espaço geográfico do Rio Grande do Sul, tanto por efeito comunitário (*Volkstum*) como religioso e escolar (havia vinculação entre a escola e o Clube na prática do Turnen), dispôs-se em três pólos de concentração de vilas, cidades e/ou municípios, cujo mais importante constituiu-se na região do entorno de Porto Alegre com acessos interconectados pelos rios Sinos, Taquari, Caí e Jacuí. Um segundo grupo menor do que o anterior conformou-se na região central e na região noroeste do RS, e um terceiro compôs-se ao sul da Lagoa dos Patos (vide mapa).

A proximidade e intercâmbio das associações e escolas desses agrupamentos de áreas urbano-rurais produziram de modo progressivo uma passagem para práticas recreativo-esportivas a partir do *Turnen*. A criação do *Deutscher Turnverein* (atual clube SOGIPA de Porto Alegre) em 1867, constituiu uma comprovação da tendência à esportivização que se processou até o início da Segunda Guerra Mundial.

Releve-se, neste caso, que a prática esportiva em outras regiões de colonização alemã – tais como Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo – teve causa em outros fatores distintos do RS, embora em todas estas localizações houvesse reflexos da tradição do país de origem. Por exemplo, a primeira sociedade de ginástica do Brasil foi fundada em Joinville – SC (primeira da América Latina) e o primeiro clube de jogos comunitários do país, em 1821 (Sociedade Germânia, no Rio de Janeiro-RJ), ambos pressupondo vínculos diretos com a Alemanha pela proximidade com portos.

1851 Contratação, pelo Governo Imperial Brasileiro de 1800, de legionários alemães – *Brummer* (veteranos das barricadas de 1848 e guerra contra a Dinamarca na região de Schleswig-Holstein) - para lutarem pelo Brasil contra Rosas, na Argentina. Estes mercenários permaneceram no Rio Grande do Sul após serem desmobilizados e passaram a influenciar a comunidade local de língua alemã por seus costumes libertários e atitudes politizadas. Como iluministas assumidos, na vida associativa propugnavam pela

SOGIPA Club of Porto Alegre, founded in 1867. The Turnenbund Federation promoted the network development of the Turnen clubs that started out in 1892. The spatial occupation of these clubs took place in successive waves starting from Porto Alegre, following the same routes of the German colonization until the 1930s. During World War II the

aconfessionalidade das associações, atuando nelas e por meio delas com o objetivo, juntamente com os colonos e também entre eles, de preservar a germanidade.

1867 Criação em Porto Alegre da associação *Deutscher Turnverein* (depois denominada SOGIPA) com 120 participantes, por iniciativa de Alfred Schütt e Wilhelm Ter Brügggen, ambos *Brummer*. Schütt foi quem trouxe para o Estado do RS a ginástica de aparelhos. A partir de 1888 Jacob Aloys Friedrichs consolidou este centro de irradiação do *Turnen* promovendo a fundação de outras sociedades de ginástica em localidades vizinhas e posteriormente em outras aglomerações da colonização alemã no RS.

1869 A sociedade criada dois anos antes passou a se denominar *Deutscher Turner und Schützenverein* (Sociedade Alemã de Ginástica e Tiro ao Alvo), incorporando uma nova atividade esportiva.

1885 Neste ano surgiram o *Leopoldenser Turnverein*, de São Leopoldo, e o *Turnverein Santa Cruz*, de Santa Cruz do Sul. Estes eventos indicam que o sentido da irradiação do cluster repetiu as direções originais da expansão alemã no RS, dirigiu-se para o norte de Porto Alegre seguindo o curso dos rios Sinos, Taquari, Caí e Jacuí, como também para região central do Estado.

1887 – 1890 Fundação de cinco *Turnverein* situados num raio de 80 quilômetros de Porto Alegre (vide mapa).

1892 Fusão das sociedades *Turnen* existentes no RS através da liderança de Jakob Aloys Friedrichs sob forma de uma liga *Turnerbund*. Esta nova federação, três anos depois de fundada, em 1895, somava 495 sócios além das sociedades de ginástica até então existentes; em 1902; adicionalmente a liga contava com 170 crianças praticantes somente em Porto Alegre. Nestas duas décadas de expansão geográfica, já se evidenciava que a versão do *Turnen* no RS tornara-se menos competitivo – embora registrando-se excelentes ginastas -, favorecendo seu sentido comunitário voltado para o próprio grupo teuto-brasileiro.

1894 – 1900 Fundação de oito *Turnverein* (vide mapa). Neste estágio, uma parcela da expansão dos clubes de *Turnen* dirigiu-se para o sul de Porto Alegre, próximo a fronteira do Uruguai. Contudo, o anel de associações *Turnen* em torno de Porto Alegre foi reforçado, confirmando assim o papel de catalizador exercido pelo *Deutscher Turner* (SOGIPA).

1903 Georg Black Sen assume a direção do *Turnen* no *Turnerbund*, isto é, da sediada em Porto Alegre, como complemento às suas atividades de instrutor de *Turnen* em diversas escolas daquela cidade e de seus arredores. Esta personalidade de grande liderança, formado profissionalmente na Alemanha (*Turnerlehrer – Patent*), acabou produzindo uma nova fase no desenvolvimento da Educação Física do RS, não somente por promover o *Turnen* mas sobretudo por consolidar o sentido educacional daquela atividade. Este esforço do professor Black Sen foi contínuo e de longa duração, perdurando até 1938. Por isso, sua figura tornou-se central na história do SOGIPA que passou a se confundir com a liga sob sua direção, tanto quanto simbólica por sua grande influência entre os membros das colônias alemães.

1903 – 1927 Crescimento da rede de associações *Turnen* de modo radial no RS, atingindo a região central do Estado, a fronteira norte com Santa Catarina e a fronteira oeste com a Argentina. A liga fundou neste período 16 associações (vide mapa).

Turnen Associations and other German sport and recreation clubs were submitted to Federal Government's intervention, which caused the decadence of the sports activities. The SOGIPA club has survived the years and today it is one of the biggest sports clubs in Brazil with 30,000 members and 5,000 beginning athletes (talents) in 17 sports disciplines.

1924 A Federação de Associações Alemães organiza um levantamento das associações e clubes alemães no RS, sob direção do Padre Amstadt (1924) recebendo informações de cerca de metade destas entidades comunitárias existentes no Estado. Pelos dados recebidos de 320 clubes e depois publicados (ver tabela), verifica-se que além do movimento *Turnen*, as comunidades alemães adotaram uma postura de diversificação esportiva e recreativa. Os esportes preferidos neste primeiro século de expansão esportiva foram o tiro ao alvo, atividades hípcas e bolão. Por outro lado, a atividade não esportiva mais freqüente foi o canto coral, por vezes associado a um ou mais esportes. As informações do levantamento também revelaram que o esporte praticado por mulheres nos clubes germânicos já era uma realidade desde o século XIX. No tiro ao alvo, por exemplo, havia vários clubes femininos da modalidade em Santa Cruz, Ijuí e Rio Pardo. O número de sócios por clube, a julgar por análise em um grupo selecionado de municípios, oscilava entre 20 e 200 membros.

Décadas de 1920 – 1930 Fase da diversificação da Educação Física com base no *Turnen* nas escolas de origem alemã luteranas e jesuítica das cidades e vilas do entorno de Porto Alegre, resultando numa maior participação feminina e expansão do futebol, handebol e punhobol. Criação de sete novas associações (vide mapa).

1939 – 1945 Nacionalização imposta nas escolas e clubes esportivos de cultura e língua alemã em todo o sul do Brasil, dissolvendo portanto o intercâmbio entre essas entidades e, conseqüentemente, estagnando o desenvolvimento de suas atividades físico-recreativas e competitivas no RS. Conseqüentemente, as manifestações esportivas das tradições teuto-brasileiras construídas desde meados do século XIX, concentraram-se no Clube SOGIPA de Porto Alegre.

Situação Atual A rede interconectada de associações Turnen é hoje uma reminiscência, com alguns clubes sobrevivendo apenas por terem antigos prédios e instalações. Mas o centro do cluster – o SOGIPA - manteve-se, sendo na atualidade um dos clubes brasileiros de maior importância por seu porte, tradição e excelência no esporte de competição. Com 30 mil sócios, o SOGIPA possui 6 piscinas (3 abertas e 3 térmicas), toboágua, centro de esportes com mais de 15 mil m2 de área construída em 3 pavimentos, 9 ginásios com academias de ginástica e musculação, estádio de atletismo para 5 mil pessoas, e sede social com 11250 m2. O clube mantém ainda escolinhas de 17 esportes com 5 mil participantes. Entre estes esportes, o punhobol (*Faustball*) é incentivado como tradição no clube, inclusive sendo o SOGIPA uma das sedes do campeonato mundial de Seleções de Punhobol. Sobrevive no clube, finalmente, o grupo de escoteiros Georg Black, o mais antigo do Brasil, que completa 89 anos em 2003.

Fontes Tesche, L., *A Prática do Turnen entre imigrantes alemães e seus descendentes no Rio Grande do Sul: 1867 – 1942*. Ijuí: Unijuí, 1996 e *O Turnen, a Educação e a Educação Física nas Escolas Teuto-brasileiras no Rio Grande do Sul: 1852 – 1940*. Ijuí: Unijuí, 2002; Tesche, L., Rambo, A. Reconstructing the Fatherland: German Turnen in Southern Brazil. In *Europe, Sport World: Shaping Global Societies*. Ed. JA Mangan. London: Frank Cass, 2001, p.5 – 22; DaCosta, L.P., Fascist Aesthetics in a South American Setting. In *Global Fascism*. Ed. JA Mangan. London: Frank Cass, 2000, 103 – 180; “Cem Anos de Germanidade no Rio Grande do Sul, 1842 – 1924”, Federação das Associações Alemães do RS e P. Amstadt, Unisinos, 1999 (Tradução A. B. Rambo).

Impactos espaciais e legados do cluster Turnen do RS

Impacts & legacies from the Turnen cluster in RS state

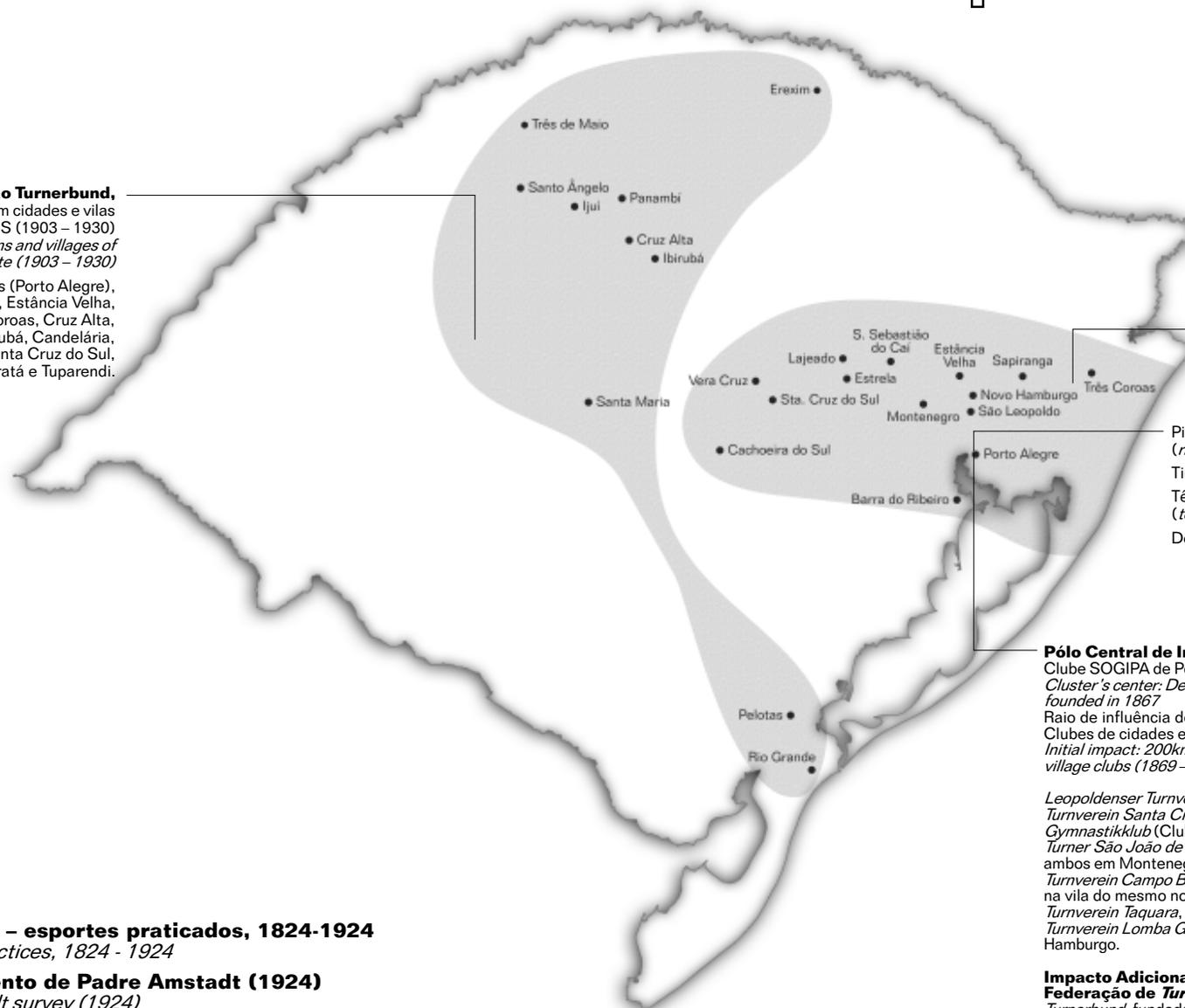
Colonização alemã – legados esportivos

German sport legacies in Brazil

1º Clube de Ginástica da América Latina (1858), Joinville - SC
 1º Clube de Jogos e Esportes do Brasil (1821), Rio de Janeiro - RJ



Influência da Federação Turnerbund.
 Criação de clubes em cidades e vilas no centro e fronteiras do RS (1903 – 1930)
Turnerbund impact, towns and villages of North and West areas, RS State (1903 – 1930)
 Santa Maria, Vera Cruz, Estrela, Navegantes (Porto Alegre), Cachoeira do Sul, Teutônia, Três Coroas, Estância Velha, Panambi, Ijuí, Taquara/Três Coroas, Cruz Alta, Santo Ângelo, Três de Maio, Erechim, Ibirubá, Candelária, Venâncio Aires, Barra do Ribeiro, Santa Cruz do Sul, Porto Alegre, Canela, Maratá e Tuparendi.



Conexão dos clubes Turnen – Rio Taquari
Taquari River as a link between Cluster clubs

Piscina fluvial (river swimming pool) 1885
 Tiro (shooting) – 1869;
 Tênis e ciclismo (tenis and cycling)
 Década de 1890 (1890s)

Pólo Central de Irradiação:
 Clube SOGIPA de Porto Alegre (1867)
Cluster's center: Deutscher Turnverein, founded in 1867
 Raio de influência de até 200 km
 Clubes de cidades e vilas (1869 – 1900)
Initial impact: 200km – Towns and village clubs (1869 – 1900)

Leopoldenser Turnverein, São Leopoldo; Turnverein Santa Cruz, Santa Cruz do Sul; Gymnastikkklub (Clube de Ginástica) e Turner São João de Montenegro, ambos em Montenegro; Turnverein Campo Bom, na vila do mesmo nome; Turnverein Taquara, Taquara; Turnverein Lomba Grande, em Novo Hamburgo.

Impacto Adicional da Federação de Turnen
Turnerbund, fundada em 1895 (200 – 400 km) Turnen Federation adicional impact, beginning 1895 (200 – 400km)

Turnverein Novo Hamburgo, Candelária, Hamburgo Velho (Novo Hamburgo), São Sebastião do Caí, Sapiroanga e Lageadenser Turnverein Jahn de Lajeado; Pelotenser Turnerschaft de Pelotas e Turnverein de Rio Grande.

Clubes comunitários alemães no RS – esportes praticados, 1824-1924

German community clubs in RS – sport practices, 1824 - 1924

Seleção de municípios do levantamento de Padre Amstadt (1924)

Selected municipalities from father Amstadt survey (1924)

Número de clubes por atividades (número de associados – variação) / Municípios

Number of clubs per activity (number of members - variation) / Municipalities

Atividades <i>Activities</i>	Turnen <i>Gymnastics</i>	Tiro ao alvo <i>Shooting</i>	Bolão <i>Bowling</i>	Cavalaria & Lanceiros <i>HorseRiding</i>	Esportes Diversos <i>Othersports</i>	Música & canto <i>Music</i>	Outras Atividades <i>Others</i>
Taquara (45 – 200)	1	-	-	-	4	14	6
Venâncio Aires (n/d)	-	16	2	3	2	13	12
Santa Cruz (21 – 140)	1	24	2	36	14	4	14
Santo Ângelo (61 – 146)	-	3	2	-	-	2	-
Sobradinho (60 – 160)	1	2	1	1	2	2	-
Ijuí (60- 160)	1	1	-	1	-	1	-
Serro Azul (30 – 85)	-	4	-	-	2	-	4
Cruz Alta (20 – 150)	1	1	-	2	1	5	1
Santa Maria (n/d)	1	4	-	1	-	2	3
São Leopoldo (60 – 133)	-	2	-	-	5	5	3
Montenegro (53 – 102)	-	3	-	-	2	2	1
Lajeado (n/d)	1	-	-	-	3	1	2
Porto Alegre (n/d)	1 (Federação Ginástica)	2	-	-	12	6	20
São Lourenço (40 – 210)	1	3	-	-	7	3	5
Rio Pardo (34 – 215)	-	10	1	5	-	4	2

Fonte / source: Amstadt (1924)

Cluster esportivo do rio Tietê – SP

HENRIQUE NICOLINI

Sports cluster of the Tietê River – SP

The Tietê River is a crucial geographic element in the State of São Paulo specially because it was the way the first Portuguese colonizers had to the interior (16th and 17th centuries) of the state. The river not only runs across the whole state but it also touches its capital, the City of São Paulo. At the end of the 19th century, Italian and German immigrants settled in São Paulo due to the growing industrialization process that took over the city. These ethnic groups found sports to be an effective means to maintain their cultural roots. That happened particularly because one of the bends of the Tietê River was surrounded by forests that together with the fresh water made it very attractive

Origens e Definições Entre 1889 e 1942, no rio Tietê que circunda a região norte da cidade de São Paulo, ocorreu uma concentração espontânea de clubes esportivos cuja consequência foi a de multiplicar eventos de competição, novos clubes e atletas de elite com repercussões na cidade como um todo, no próprio Estado de São Paulo e até mesmo no país. Este cluster esportivo, assim sendo, introduziu novos valores sociais na cidade de São Paulo como também popularizou atividades esportivas antes confinadas a grupos de imigrantes que tipificavam à época aquele centro urbano. Tal influência, por contágio progressivo, aconteceu acompanhando o crescimento da cidade e de sua transformação em centro industrial. Neste contexto de mudanças, a população da cidade passou de 70 mil habitantes em 1890 para 239 mil em 1900, e para 587 mil em 1917. Com esta expansão, certos grupos de afinidades culturais e/ou étnicas buscaram áreas bucólicas disponíveis na periferia urbana a fim de instalar suas associações dedicadas a atividades de lazer e práticas de esportes. Estes, ainda no alvorecer do século XX, eram preferidos quando se relacionavam ao meio aquático – basicamente remo e natação – o que explica, em princípio, a escolha do rio Tietê e de suas margens para sediar clubes.

1889 Fundação do Clube Esperia (raízes italianas) na Chácara Floresta, situada na margem direita do rio Tietê próximo à bifurcação do curso fluvial que formava a Ilha dos Amores e a Ponte Grande, local balizador do fim da linha de bonde elétrico que conectava a região ao centro da cidade (Santana). Neste espaço coberto de árvores e de vegetação ribeirinha foram criados mais sete clubes até 1936. A partir de 1907, mais quatro clubes se instalaram na área acima da Chácara Floresta, completando um ciclo de desenvolvimento que somente terminaria em 1942.

1903 A primeira “regata” de remo do rio Tietê teve lugar no dia 13 de outubro daquele ano, promovida pelo Clube Esperia e com remadores vindos da cidade de Santos, onde se competia desde 1897 com clubes fundados a partir de 1893 (ano da criação do Clube de Regatas Santista). Reportagens de jornais da época destacaram o acontecimento tanto na sua feição esportiva como social. Também em 1903, registra-se a primeira importação pelo Esperia de barcos de competição fabricados em Gênova. O ápice desta fase de competições ocorreria em 1942, quando a prova “Fundação da Cidade de São Paulo” para *out-rigger* a oito remos, patrocinada pelo Esperia, foi precedida de um desfile náutico com 200 barcos de diversos clubes do Tietê.

1905 Início das competições de natação no rio Tietê, como comemoração do aniversário do Clube Esperia, evento que sobreviveu até a década de 1920. As provas de 100 e 350 metros em trechos do rio realizavam-se entre as competições de remo num mesmo programa. Guilherme Schollz, Walter von Kutzleben e José Rubião foram os grandes nomes da natação do Tietê até a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Abrahão Saliture do RJ, maior nadador brasileiro deste período, comparecia como convidado a estas competições e jamais foi superado. Este atleta e Adolpho Wellisch, produto da primeira geração do Tietê, estavam entre os primeiros nadadores brasileiros a participar nos Jogos Olímpicos (Antuérpia, 1920).

for many clubs to build their facilities right on that area. Furthermore, electric streetcars made the access to this area easy not only for club members but also for the public in general. Between 1889 and 1942, 12 sports clubs were active in the region, working as a cluster for sports development. Using the fresh and clear water, the clubs’ sportspeople trained and participated in tournaments of various sports for the benefit of the neighborhood. Rowing tournaments started in 1903, swimming in 1905, women’s rowing in 1913 and women’s swimming in 1919. Therefore, it is not difficult to infer that most of the Brazilian athletes that went to the 1920 Olympic Games

1907 Primeira participação de remadores do Esperia em competição internacional quando dos “Jogos Olímpicos” (não autorizados) de Montevideu, com a vitória de Otavio Giovani, Salvatore Pastore e Ernesto Cervi (patrão).

1913 Inclusão de provas femininas nos festivais de remo promovidos pelo Esperia. Pioneira remadora do rio Tietê: Paulina Haslinger.

1917 Início da fabricação artesanal de barcos de competição em oficina montada pelo Esperia. Na década de 1920, Carlos Remedi instalou um estaleiro autônomo próximo à Ponte Grande, para atender aos clubes da área. A culminância deste empreendimento aconteceria nas décadas de 1930 e de 1940 sob direção de Ariodante Mateucci, que conseguiu aproximar-se da qualidade de barcos importados. Nesse ano, inicia-se, outrossim, a busca de novos locais de provas a remo como repercussão das promoções do Tietê. A primeira localização foi a represa de Santo Amaro (nas adjacências da cidade de São Paulo) também com conexão com o bonde elétrico. Posteriormente, as provas de remo se desdobraram para a represa Billings (década de 1950); para Riacho Grande (década de 1960) e para a Raia Olímpica da Cidade Universitária, já na década de 1980.

1919 Inclusão de mulheres nas provas de natação promovidas pelo Esperia. Primeira nadadora do rio Tietê: Blanche Pironnet, hoje ainda viva, com 98 anos.

Década 1920 – 1930 Construção de piscinas nos clubes do Tietê, como reação ao avanço de clubes situados em outras áreas da cidade de São Paulo a partir de 1926 (data da inauguração da piscina do Clube Atlético Paulistano, com 33 metros). No Tietê surgiram piscinas na Associação Atlética São Paulo (1929, tanque com 25 x 12 metros), Esperia (1933, semi-olímpica), Germania (1933, olímpica 50 metros) e Tietê (1934, olímpica 50 metros). Este estágio marca, por outro lado, o auge da natação como efeito do cluster: criação da Federação Paulista de Natação; intercâmbio com atletas do exterior (Hindu Clube da Argentina e nadadores japoneses apoiados pela Liga de Esportes da Marinha – RJ); e seleção de competidores aos Jogos Olímpicos de Berlin (1936), na qual se destacou Maria Lenk, recordista mundial em 1940 (200 e 400 metros, nado de peito) e expressão máxima da natação brasileira no período em foco. Note-se que este avanço não foi diminuído pela Revolução Constitucionalista de 1932 iniciada em SP, que naturalmente reduziu as atividades de um modo geral no Estado.

1924 Início da “Travessia de São Paulo a Nado” (5.500 metros) que se estendeu até 1944 como uma promoção de “A Gazeta Esportiva de São Paulo” (responsabilidade assumida em 1932). Esta prova teve impacto popular de massa dando suporte ao desenvolvimento dos clubes do Tietê por duas décadas. E seu encerramento, devido a poluição nas águas do rio, marca a dissolução do cluster por deslocamento dos clubes para outras regiões da cidade. Em termos de atletas participantes, no ano de inauguração houve um total de 63 nadadores (10 femininos) e no auge da prova, em 1941, atenderam 1.957 nadadores (133 femininos). Carlos de Campos Sobrinho, Maria Lenk, João Havelange (futuro presidente da Federação Internacional de

- Antwerp were from the Tietê River cluster. The competition “Travessia de São Paulo a Nado” (Swimming Across São Paulo, 5.500 metros/5,500 meters) started in 1924 and had 1957 swimmers (107 women) in 1941, with an audience of 50,000 people (5% of the population of the city). Because of the increasing pollution of the river, the clubs had to move to other areas. However, the effects of the cluster were long lasting as coaches and elite swimmers migrated to the cities of the interior of São Paulo state. Today 75% of the national swimming teams come from the cities that inherited Tietê’s legacy.

Futebol Amador-FIFA e atual membro decano do Comitê Olímpico Internacional-COI), João Podboy Jr. e outros grandes nomes da natação brasileira foram presenças constantes na Travessia.

Décadas de 1940 – 1960 Este período marca o retorno dos clubes do rio Tietê às áreas mais densamente urbanizadas da cidade e emigração de atividades, treinadores e praticantes para o interior do Estado. Outro efeito da dissolução do cluster foi o da reabilitação de esportes originais dos clubes ou de ênfase sobre esportes menores praticados na área do Tietê. A ginástica *Turnen* e o futebol, por exemplo, estavam na origem dos clubes de etnia alemã, abaixo e acima da Ponte Grande, como o ciclismo em velódromo estava para os italianos. Contudo o retorno ao meio urbano e terrestre, implicou na adoção de posturas esportivas ecléticas e/ou certas especializações como ocorreu no pedestrianismo e atletismo (Clubes Esperia, São Paulo F.C., Corinthians Paulista e Tietê, o qual possuía uma pista nos terrenos da Chácara Floresta); no pugilismo (Esperia, com as famílias Zumbano e Jofre); no tênis (Esperia e Tietê, clube de Maria Ester Bueno, tricampeã em Wimbledon); e no basquetebol (Tietê, Esperia, São Bento, Corinthians e A. A. São Paulo, clube que construiu um ginásio de esportes na beira do rio).

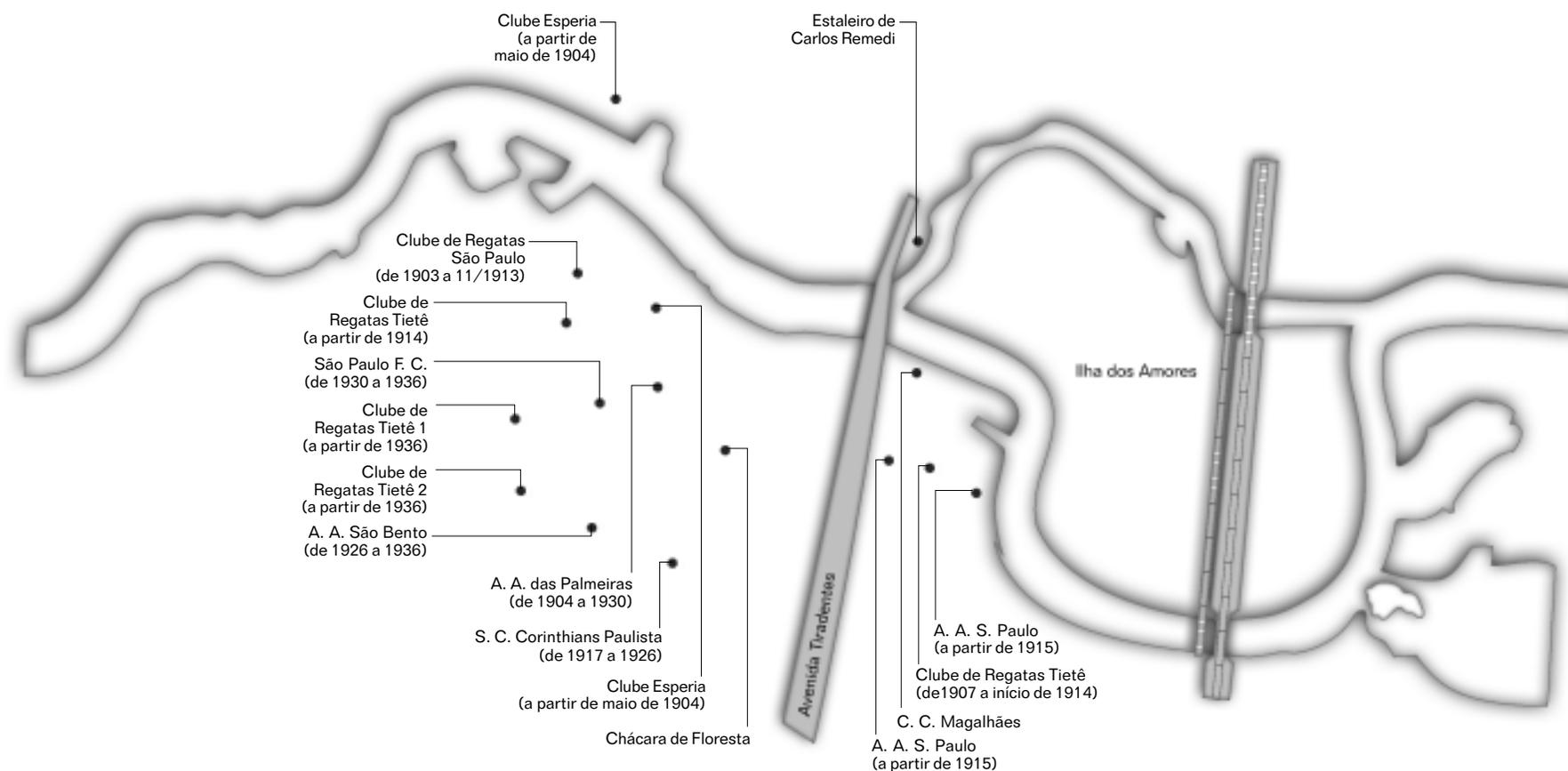
Situação Atual A influência mais visível do cluster Tietê deuse na natação, ao se expandir para o interior do Estado de SP, via construção de piscinas em clubes locais. Após o surto da década de 1930 nos clubes da Chácara Floresta, surgiram novas instalações aquáticas de competição em Jundiaí, Campinas, Ribeirão Preto e Mococa. Num segundo estágio, já na década de 1950, piscinas e equipes de competição apareceram em Rio Claro, Marília e São José do Rio Preto. Com consequência, o eixo de desenvolvimento da natação em SP deslocou-se da capital do Estado entre 1960 e 1964, uma vez que neste período o número de clubes do interior filiados à Federação Paulista de Natação-FPN, cresceu de 18 para 144. Em 2001, a FPN possuía 150 clubes filiados, tornando-a uma das maiores federações regionais de natação do mundo ao se levar em conta os registros da Federação Internacional de Natação-FINA. No final da década de 1990, cerca de 75% dos participantes das representações nacionais de natação originavam-se da FPN.

Quanto aos clubes remanescentes do cluster que continuaram ativos em outras localizações, destacam-se o Esperia e o Pinheiros (antigo Germania), ambos renovados pelo ecletismo esportivo após grandes dificuldades enfrentadas durante a Segunda Guerra Mundial, por seus respectivos vínculos italianos e alemães. O primeiro possui instalações em 90 mil metros quadrados e 16 mil associados; e o segundo, tornou-se o maior clube do Brasil em instalações esportivas e associados, com 17 hectares de espaços verdes e de construções na sua sede do Jardim Europa, uma das áreas mais valorizadas da cidade de São Paulo.

Fontes Nicolini, H. Tietê – O Rio do Esporte. Phorte Editora, São Paulo, 2001; Lenk, M. Braçadas & Abraços. Gráfica Bradesco, Rio de Janeiro, 1986; Devide, F. História das Mulheres na Natação Brasileira no Século XX. Tese de Doutorado em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2003.

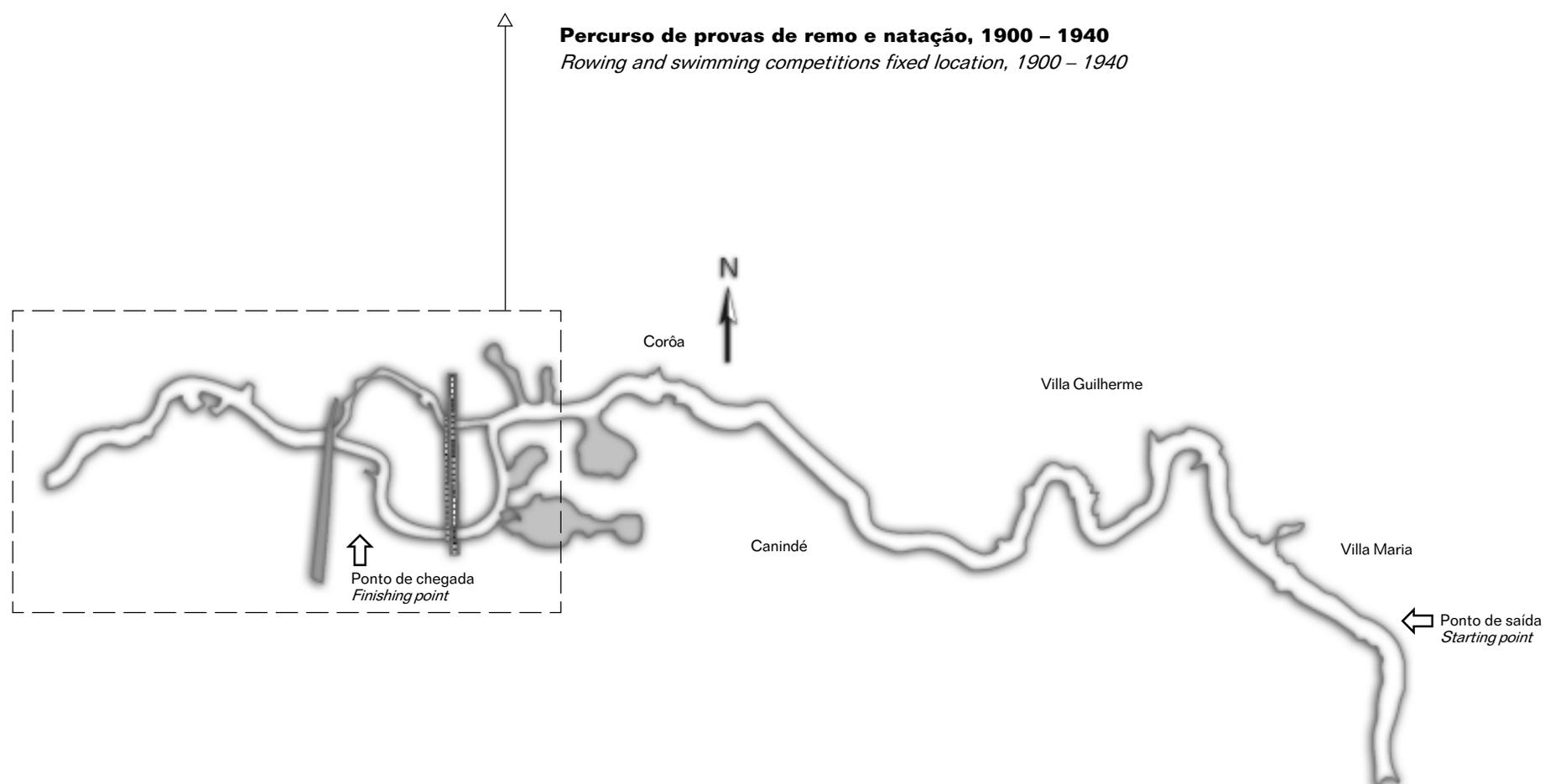
Concentração de clubes esportivos no rio Tietê-SP, décadas 1900 – 1940

Concentration of sports clubs along the Tietê River, 1900 – 1940



Percurso de provas de remo e natação, 1900 – 1940

Rowing and swimming competitions fixed location, 1900 – 1940



Cluster esportivo de São Luís do Maranhão, 1860 – 1910

LEOPOLDO VAZ

Sports cluster of São Luís – MA, 1860 – 1910

The city of São Luís do Maranhão was founded in 1612. It then became a French colony, a Dutch colony, a Portuguese colony and finally it was annexed to the Brazilian Empire in 1823. In the 1860s, local sports activity boomed as both the city's textile industry and the port grew in volume. Such expansion came right after the American Civil War (1861-1865), when the cotton from Maranhão partly substituted the

industrial demand for this product in England. The cluster of São Luís do Maranhão, known for its economic nature, had social and sports consequences that lasted until the 1950s, when it began to decline. The very first signs of this decaying process started to be observed when the Clube Euterpe Maranhense closed down in 1910. This club had been an association that included the city's social and economic

elite offering games and sports as main activities. Within the period of development and expansion of sport, the elite of the city experienced the same sports disciplines Europe had at that time at local clubs that promoted both competitions and recreational activities. The popularization of sport produced by soccer spread out to the traditional clubs adding to the economic depression that dissolved the cluster.

Origens e Definição São Luís do Maranhão foi fundada em 1612, como uma colônia francesa – a França Equinocial. Retomada pelos portugueses, em 1616, foi invadida pelos holandeses no período de 1640-43; novamente retomada pelos portugueses, se constituiu na cabeça do Estado Colonial do Maranhão até ser “anexada” ao Império Brasileiro, em 1823. Desde então recebeu as denominações de “Atenas brasileira”, “Jamaica brasileira” e outras até perder sua tradição de vínculos externos ao mundo lusófono. Nesta perda, incluiu-se o esporte que se expandiu ao longo de século XIX e início do XX por influência de pessoas e idéias vindas da Europa – Inglaterra em especial -, mas depois se dissolvendo em sua proeminência diante da retração econômica que passou a dominar a região. O impulso do esporte acompanhou o surto da indústria têxtil na cidade e o crescimento da sua movimentação portuária. Tal expansão decorreu da Guerra Civil dos EUA na década de 1860, quando o algodão maranhense substituiu, em parte, a demanda industrial deste produto pela Inglaterra.

Este cluster de natureza econômica, com conseqüências sociais e esportivas, repercutiu até a década de 1950, que marca o término da era têxtil de São Luís e a decadência de seu porto. Mas tal retrocesso teve sua primeira sinalização com o fechamento do Clube Euterpe Maranhense, em 1910, uma associação da elite social e econômica da cidade, que tinha os jogos e esportes como sua principal atividade. A partir deste evento, o esporte foi deixando progressivamente de ser uma atividade de um pequeno grupo de pessoas abastadas e se popularizou, ajustando-se à uma tendência de ordem nacional. A definição do cluster esportivo de São Luís refere-se, assim sendo, à geração de um pólo de influência sócio-econômica que deu surgimento a uma variedade de práticas esportivas de lazer e de competição. Os clubes que ofertavam estas atividades foram sempre importantes na cidade mas restritos em participação e sujeitos a oscilações e crises. Contudo, foram manifestações similares às que ocorriam na mesma época no Rio de Janeiro e São Paulo – então os centros urbanos de maior importância do Brasil –, embora em menores proporções e notoriedade.

1679 O jogo da argolinha é a primeira manifestação recreativa-esportiva com registro histórico relacionado à cidade de São Luís. Em outras fontes há menção à uma “Casa de Instrução e Recreio” do século XVIII, que os jesuítas mantinham, nos arrabaldes da cidade – hoje Bairro da Madre Deus –, destinada às recreações dos alunos do Colégio Máximo.

1822 Aparece na cidade o bilhar francês e, em 1827, o Jogo da Péla (que daria origem ao *law tennis* e ao *squash*) com campeonatos e torneios, a partir de 1902, no Café Richie; no Clube Euterpe Maranhense, fundado em 1904; e no Fabril Atlético Clube-FAC, fundado em 1907, já no auge do pólo algodoeiro e portuário de São Luís.

1835 Primeiros registros sobre capoeira, que em 1855 passa a ser coibida pela Polícia e, posteriormente, identificada com o nome de “carioca”. No ano de 1877 aparece, sob a forma de competição, sinalizando a adesão popular ao esporte, em paralelo à sua feição elitista.

1841 Anúncio de uma apresentação de Ginástica (sic) no Teatro de São Luís, por um discípulo de Amóros – líder do movimento em prol da Educação Física na França -, Mister Willis, e um seu auxiliar.

1844 – 1864 Aparecimento da Educação Física, em 1844, com a fundação do primeiro colégio feminino (nas escolas masculinas,

só aparece a partir de 1864) de São Luís, pela fidalga espanhola D. Martinha Alvarez de Castro Abranches - o “Colégio Nossa Senhora das Graças”, mais conhecido como o Colégio das Abranches - juntamente com sua filha Amância Leonor que se tornou, pretensamente, a primeira professora desta atividade educacional no Brasil.

1851 Início da prática de banhos de mar na Praia do Caju, criando uma tradição na cidade que deu origem ao ensino da natação (vide mapa).

1861 Com a criação da Escola de Aprendizes Marinheiros na cidade, em 1861, a esgrima passa a fazer parte da instrução militar dos alunos, embora praticada desde 1829 por manifestações eventuais. Posteriormente, após 1907, os Aprendizes Marinheiros costumavam se apresentar nos eventos esportivos promovidos pelo FAC que incluíam futebol e combates com armas brancas (baioneta, espada, florete).

1870 Na casa da família Abranches, foi montada uma academia de ginástica, com pesos, onde os companheiros do Liceu de Dunshe de Abranches iam se exercitar. A partir de fins dos anos de 1880 a elite maranhense passa a praticar a ginástica sueca.

1881 Em 9 de agosto, houve uma primeira tentativa de implantar o Turfe, pelo comerciante inglês Septimus Summer, fundador do “Racing Club Maranhense”. Esse clube durou até dezembro daquele ano.

1893 Em janeiro deste ano, por iniciativa de Virgílio Albuquerque, no bairro do João Paulo, ergueu-se o Prado Maranhense. Decorridas dez programações, foi realizada a última corrida a 28 de maio de 1893. Nova tentativa, sem sucesso, só nos anos 1950.

1900 Os “*sportmen*” de São Luís implantam o remo na cidade, utilizando-se dos rios Anil e Bacanga. É fundado o “Clube de Regatas Maranhense”, por Alexandre Collares Moreira Nina. Sua prática, com alguma dificuldade, sobreviveu até 1929. Ainda neste ano, uma outra modalidade começa a ter suas primeiras manifestações, o ciclismo.

1907 Este ano marca a culminância da prática esportiva em São Luís, por influência dos jovens portadores de “idéias novas”, filhos de uma elite industrial local em conjunto com empregados das diversas companhia inglesas instaladas na cidade. Entre estes destacou-se Joaquim Moreira Alves dos Santos - Nhosinho Santos – que estudou na Inglaterra, e retornando em 1905, trouxe diversos implementos para a prática dos esportes; assumindo a direção técnica da fábrica têxtil da família, fundou o FAC. Nhosinho Santos introduziu em São Luís o *foot-ball association*, o atletismo, o *cricket*, o *crockt*, e reabilitou *law tennis* local.

1910 Em 2 de setembro, o ciclismo já existente na cidade, ganha impulso pela fundação da “União Velocipédica Maranhense”, com seu velódromo instalado no Tívoli (hoje, Bairro dos Remédios). Como em outras tentativas de introdução de uma modalidade esportiva, durou pouco, até o final dos anos de 1920.

1915 Surge a figura do cônsul inglês Charles Clissold, que se junta aos dirigentes do FAC, e passa a incentivar a prática de vários esportes. O clube revive seus grandes dias oferecendo várias modalidades em atletismo, como salto em altura simples, com vara, distância; corridas de velocidade, de resistência, com obstáculos; lançamento de peso, de disco, do martelo; além de tênis; placekick (pontapé na bola, colocando-a na maior distância); cricket; crocket; ping-pong (tênis de mesa); bilhar; luta de tração, etc.

Década de 1910 Desaparece o hábito de repousar nos fins de semana, substituído pelas festas, corridas de cavalo, partidas de tênis, regatas, corso nas avenidas, matinês dançantes, e pelo futebol. A “gymnástica” e a esgrima eram praticadas pelas elites, que contratavam aulas particulares, conforme se depreende de anúncios publicados nos jornais. Antes deste estágio, o Clube Euterpe já difundia outras atividades esportivas, como tiro ao alvo (sic), tênis, tênis de mesa (ping-pong), etc. Também no ano marco de 1910, Miguel Hoerhan começa a prestar seus serviços como professor de Educação Física da Escola Normal. Ele funda também o Club Ginástico Maranhense que foi o pioneiro do boxe no Estado do Maranhão. É ainda nesse ano que o esporte maranhense experimenta a primeira de suas inúmeras crises: alguns sócios do FAC se desentendem e se afastam, fundando novas agremiações. Gentil Braga cria diversas equipes de futebol para a população pobre e, no final da década, reúne os clubes que praticavam o esporte nas ruas e praças de São Luís.

Década de 1920 O movimento popular de futebol põe-se em oposição à Liga Maranhense de Futebol (fundada em 1917) que reunia os clubes das elites – dos industriais e comerciantes estrangeiros, especialmente ingleses -, pois a população, de um modo geral, não participava dessas atividades. A base de suporte deste movimento liderado por Gentil Braga deslocou-se para um clube denominado de Onze Maranhense (fundado em 1911) que, além do futebol, antes desenvolvera outras atividades esportivas: tênis, croquet, basquetebol, bilhar, boliche, ping-pong e o xadrez. O futebol acabou por predominar e surgiram várias equipes de competição. Porém, o movimento sobreviveu apenas até o final desta década. Os novos clubes de futebol emergidos da população pobre afinal tornaram-se também meios de socialização – como o Sampaio Corrêa Futebol Clube, fundado em 1927 – formalizando uma liga com nove clubes disputantes. Portanto, os anos de 1920 podem ser considerados de transição com o esporte e o lazer deslocando-se de seu cluster relacionado à elite industrial para grupos menos abonados da cidade e mais dispersos em hábitos e interesses.

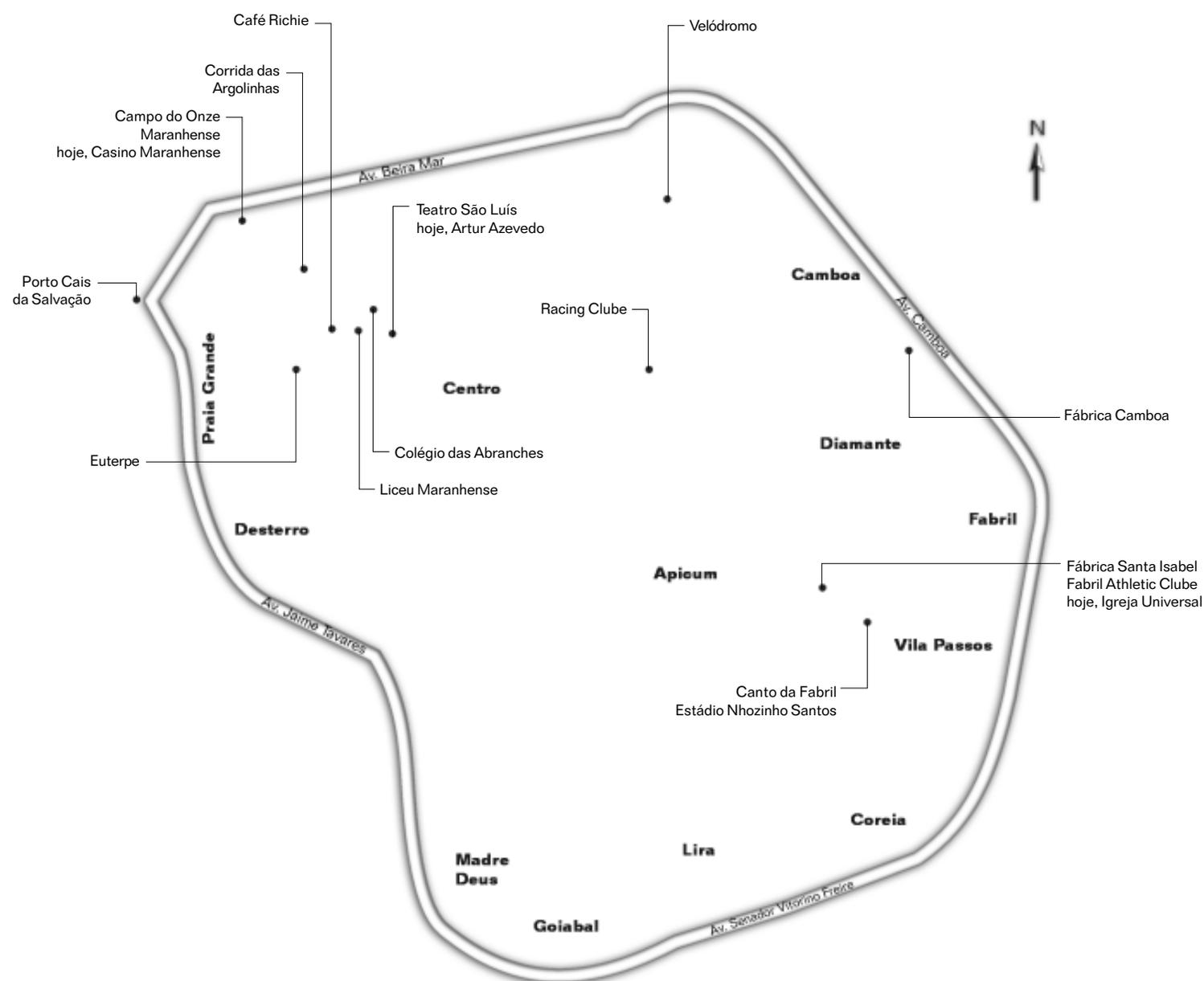
Década de 1930 Consolidou-se o futebol no Maranhão, com o surgimento de vários clubes, como o Moto Clube de São Luís. Esta associação foi fundada em 1932, por César Abboud, industrial que adquirira a fábrica da família de Nhosinho Santos, utilizando-se das instalações do FAC. Posteriormente foram fundados o Maranhão Atlético Clube e a Sociedade Esportiva Tupã, clubes de notoriedade local.

Década de 1940 Fase da culminância do futebol já popularizado no Maranhão, com seus clubes destacando-se nacionalmente e revelando jogadores para as principais equipes do sul, inclusive para a seleção nacional. No final desse período, em 1948, começa-se a praticar o futebol de salão. Deste período em diante, o esporte maranhense passa a ser compreendido pela cultura regional e nacional em suas essencialidades. Mas na década de 1970 funda-se no Maranhão a primeira Secretaria de Estado, no Brasil, dedicada aos Esportes e Lazer, sugerindo que ainda era sobrevivente o empreendedorismo esportivo em São Luís.

Fontes Denise Martins de Araújo; Correio d’Anúncios, 3 de fevereiro de 1851; Vaz, Leopoldo. Introdução do Esporte (moderno) em Maranhão. VIII Congresso de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança. Ponta Grossa, 2002.PA

Área urbana da cidade de São Luís – Instalações e eventos do cluster

Urban area of São Luís – cluster's facilities and events



Natação no cluster – legados / Swimming in the cluster – legacies

Cronologia do desenvolvimento da natação em São Luís – MA , 1851-1983	
1851	Início costume do banho de mar, na Praia do Caju, hoje Av. Baira-Mar
1852	Antônio Francisco Gomes, em 1852, propõe além da ginástica, exercícios de natação, esgrima, dança, jogo de malha e jogo da pella para ambos os sexos
1869	Abertura do Colégio da Imaculada Conceição Quinta da Olinda, no Caminho Grande, fora do centro da cidade, possuindo tanque para banhos e gymnástica (sic)
1925	Construção da primeira Piscina, para natação, por Simão Félix, no Genipapeiro, servindo de local de recreação para os jovens esportistas da época
1953	Antonio Maria Zacarias Bezerra de Araújo, professor de natação oferece aulas em duas piscinas instaladas em residências
1956	O Clube Recreativo Jaguarema é fundado e construída sua piscina. Os jovens da "geração de 53" deixam de praticar natação em residências e passam a nadar em clubes. Contudo, durante as décadas de 1960 e 1970 sobrevive a tradição de aulas de natação em residências
1983	Funda-se a primeira escola de natação de São Luís, com piscina própria – a "Viva Água" – dirigida pelos Professores Denise Martins de Araújo e Oswaldo Telles de Sousa Neto

Referência: Levantamento de fontes primárias por Leopoldo Gil Dulcio Vaz e Denise Martins de Araújo (2003).

Cluster esportivo de Juiz de Fora – MG

MAURÍCIO GATTÁS BARA FILHO, MARCELO DE OLIVEIRA MATTÁ, JOSÉ AUGUSTO PEREIRA, JOSÉ MARQUES NOVO JR. E RENATO MIRANDA

Sports cluster of Juiz de Fora – MG

Juiz de Fora is considered today one of the Brazilian cities that have the best quality of life. It has reached the HDI of 0.828 in 2000. Historically speaking, Juiz de Fora has been known as reference in terms of development since the middle of the 19th century, when British investors put up textile industries in the region, reason for the nickname “Manchester Mineira” (Manchester of Minas Gerais). In the 1990s, after a national

survey, the Mercedes Benz industry chose Juiz de Fora to establish its automobile industry in Brazil. It needed a neighborhood with technological capability – educational institutions –, mainly, subsidiary industry, and efficient communication and transportation systems. Besides being an industrial city, Juiz de Fora can also be considered as a sports cluster as shown in the data collected in 2001 in the 127 municipalities around Juiz de Fora. Among the

evidences found, it is possible to point out the progressive substitution of the volunteers of the smaller towns by professionals graduated in Juiz de Fora. The influence of Juiz de Fora as a main center is such that while the sporting activities of the great Juiz de Fora area are re-active, the sporting activities of the reference city are pro-active, with permanent beneficial effects from this regular interchange.

Origem e Definições Juiz de Fora – MG localiza-se próxima aos maiores centros econômicos, sociais e políticos do Brasil, Rio de Janeiro (a 180 km) e São Paulo (a 450 km). Com mais de 450 mil habitantes, Juiz de Fora é hoje considerada uma das cidades de melhor qualidade de vida do país, com PIB per capita R\$ 6,2 mil e um elevado Índice de Desenvolvimento Humano – IDH: 0,828 alcançado em 2000.

Historicamente, Juiz de Fora tem atuado como um pólo de desenvolvimento desde meados do século XIX quando foram instaladas, na região, com capitais ingleses, fábricas de têxteis. Nestas condições, houve uma expansão econômica que gerou a denominação de “Manchester Mineira” pelo papel de irradiação representado por Juiz de Fora sobre os municípios próximos, mais voltados para a produção agrícola e pecuária. A vida cultural, por sua vez, acompanhou o progresso da região, reforçando-o de modo a criar a segunda cidade do Estado, depois de Belo Horizonte, em fatos marcantes da literatura e outras manifestações intelectuais, como o Museu Mariano Procópio e o Cine Teatro Central, um dos mais tradicionais do país, surgidos já em meados do século XX. Mais recentemente, o Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, a Biblioteca Municipal Murilo Mendes, a realização de festivais internacionais de Música Colonial, de Coros e de Folclore, tem marcado a vida cultural de Juiz de Fora. Nestes avanços, cabe incluir os esportes com o destaque dos primeiros jogos de futebol na cidade no final do século XIX, antes, portanto da iniciativa de Charles Miller em SP, culminando com a inauguração de um grande estádio na cidade, em 1988.

1892 Realização dos primeiros jogos de futebol no Brasil, organizados pelo Instituto Granbery, da Igreja Metodista.

Décadas de 1940 – 1950 Destaque para o basquetebol da cidade, que culminou com a realização de um amistoso internacional entre o Olímpico A. C. de Juiz de Fora e o *University of Utah*, dos Estados Unidos.

Década de 1960 A equipe de futebol do Tupi FC foi considerada o “fantasma do Mineirão” por vencer seguidamente as equipes da capital mineira.

Década de 1970 Crescimento da participação de equipes de futebol, voleibol, natação e judô em competições estaduais e surgimento de handebol, juntamente com os jogos estudantis e universitários.

1973 Funda-se a Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, tendo em seu conjunto de ofertas o curso de Educação Física e Desportos, tornando-se uma unidade acadêmica (faculdade) no início da década de 1990. Esta entidade, desde então, somada à formação similar promovida pela Universidade Federal de Viçosa - UFV – tem fornecido recursos humanos em sua especialização para toda a região em que se situa. Nesta década, a cidade e sua região de entorno ganham um impulso de importância pela passagem dos colégios de renome para uma educação universitária de maior impacto sócio-econômico, incluindo-se as atividades esportivas por suas ligações históricas com a cidade pólo.

Década de 1980 Destaque para o voleibol de Juiz de Fora com a equipe feminina do Sport Club conquistando o bi-campeonato mineiro (83/84) e disputando o Campeonato Brasileiro, e o atleta José Eduardo Bara integrando a Seleção Brasileira no Mundial da modalidade, em 1986, na França. Participação da equipe de handebol da Associação Desportiva Granbery no Campeonato Brasileiro de Clubes Campeões, em 1988.

1988 Construção do Estádio Municipal de Juiz de Fora (Estádio Radialista Mario Helênio) para 35 mil espectadores.

1992 Giovane Gavio torna-se o primeiro atleta da cidade a conquistar a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Barcelona na modalidade de voleibol.

1996 Márcia Cunha “Fú” conquista a medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Atlanta, na modalidade de voleibol.

1998 Ronaldo da Costa, natural do município de Descoberto, bate o recorde mundial da maratona em Berlim.

1999 Viviany Anderson ganha a medalha de bronze na maratona nos Jogos Pan-americanos de Winnipeg.

Década de 1990 Os anos da década de 1990 vão encontrar Juiz de Fora num segundo estágio de sua vocação de pólo industrial, quando a empresa Mercedes Benz instala-se na cidade após um levantamento nacional para localizar sua fábrica de automóveis de modo a ter, em sua vizinhança, meios de capacitação tecnológica – entidades educacionais, sobretudo –, indústria subsidiária, comunicação e transportes eficientes. Esta escolha teve, como significado, a confirmação de uma vocação e um sentido de desenvolvimento de cerca de um século e meio de duração. Hoje, uma interpretação corrente e de ampla aceitação é a de que Juiz de Fora tem historicamente influenciado no desenvolvimento econômico, social, cultural e educacional de toda a Zona da Mata, Mantiqueira e Vertentes, envolvendo um total de 127 municípios.

2000 Com o objetivo de promover o esporte na região, a UFJF juntamente com a TV Panorama (afiliada da TV Globo), iniciou o Projeto Esporte XXI. Esse projeto consistiu até o ano de 2003 em ações como a realização de eventos esportivos, cursos de atualização profissional, treinamento de acadêmicos da UFJF e pesquisas científicas sobre o esporte na região. A principal pesquisa do Esporte XXI foi um extenso levantamento de dados com o objetivo de verificar o perfil dos profissionais que atuam no esporte das 127 cidades envolvidas.

2001 – 2003 A seleção brasileira de voleibol campeão do mundo em 2002 e da Liga Mundial (2001 e 2003) conta com Giovane Gavio e André Nascimento, dois atletas que iniciaram suas carreiras em Juiz de Fora. O Tupi FC conquista, pela primeira vez, uma vaga para disputar a Copa do Brasil de futebol 2004.

Situação Atual O movimento esportivo da região há mais de um século e em síntese, os dados da pesquisa Esporte XXI sugerem que o movimento esportivo da região de Juiz de Fora funciona como um cluster de desenvolvimento esportivo tal com ocorre com a economia local, considerando-se a área geográfica de influência da cidade. Levando-se esta constatação ao conceito, as atividades esportivas dos 127 municípios do entorno são re-ativas, ao passo que as de Juiz de Fora são pró-ativas, embora haja um efeito de intercâmbio benéfico tanto ao centro como à periferia. Uma confirmação desta assertiva foi feita comparando-se a cidade de Juiz de Fora com as micro-regiões de Barbacena, Cataguases, Muriaé, Ubá e Viçosa, para determinar as semelhanças e diferenças do maior centro (Juiz de Fora) em relação aos menores em termos de atividades esportivas. Para este estudo, utilizou-se um questionário estruturado, conforme elaboração do Centro de Pesquisas Sociais - CPS da UFJF, que entrevistou um total de 668 profissionais atuantes na área de esporte nas citadas regiões.

Assim disposto, surgiu uma primeira evidência: a mútua relação entre centros urbanos pequenos e um grande, ao se comparar rendas dos profissionais atuantes nas atividades esportivas. Juiz de

Fora se diferencia das demais micro-regiões, tendo 86,7% de seus profissionais como principal fonte de renda a atuação na área do esporte. Entretanto, os dados coletados apontam a existência de dois blocos: I- Barbacena (66,6%) e Muriaé (74,6%); e II – Cataguases (50,8), Ubá (51,5%) e Viçosa (57,5%), sugerindo que o profissional de esportes possui outra fonte de renda no bloco dois, ou atua de modo voluntário. Um dado que deve ser ressaltado é o índice de 26,5% de voluntários que trabalham com o esporte nas micro-regiões sem nenhum tipo de renda. Fato esse que não ocorre em Juiz de Fora, onde apenas 3,6% encontram-se em tal situação.

Contudo, não se constataram diferenças importantes entre os grandes municípios e os pequenos quanto à organização de eventos esportivos, mesmo com participação importante de voluntariado nos de menor porte. Na área de Juiz de Fora, por exemplo, a concentração de horas semanais dedicadas a este tipo de tarefa foi de 11 – 20 horas por profissional, a qual foi identificada numa maioria de 29,4% dos municípios com mínimas oscilações entre si. Em resumo, os diferentes municípios do cluster têm equivalência na frequência de atividades esportivas, mas na cidade pólo há mais geração de emprego e renda. Daí infere-se a existência de uma influência cultural dominante do esporte que deva estar ainda em processo de nivelamento, na sua contrapartida econômica.

Outro ajuste em andamento, detectado entre municípios em relação ao pólo de desenvolvimento representado por Juiz de Fora, foi concernente à faixa etária dos profissionais atuantes no esporte. Esta teve incidência maior entre os 20 e 30 anos de idade (55%) em Juiz de Fora, diferentemente das demais cidades, que apresentaram uma distribuição entre 23,5% em Ubá e 32,55% em Viçosa. A pressuposição, no caso, é a de que essa realidade possa ser decorrente das duas cidades com maiores valores possuírem ensino superior público em Educação Física há cerca de 40 anos e, portanto, poderem absorver maior mão de obra recém formada. Já os dados referentes ao grau de escolaridade apontam disparidades entre Juiz de Fora e as demais micro-regiões. Juiz de Fora apresenta, em seu quadro de profissionais, um total de 85,3% de indivíduos com formação superior completa em Educação Física ou em curso e pós graduados, realidade totalmente diferente das outras regiões, com valores entre 36,4% (Barbacena) e 42,9% (Muriaé). Essa disparidade é verificada da mesma forma no número de profissionais pós graduados na área de Educação Física. Isso reflete o fato de Juiz de Fora ser o maior centro e, também, de possuir uma maior facilidade de capacitação por maior oferta de cursos de pós-graduação *lato sensu* na cidade.

Finalmente, ao se comparar comportamentos dos profissionais dos municípios periféricos em relação aos do município pólo, os dados revelaram que enquanto 82,5% dos profissionais de Juiz de Fora sabem o que é exatamente o Conselho Regional de Educação Física - CREF, nas outras localidades somente 40% possuem esse conhecimento que implica na formalização legal do exercício profissional. No entanto, a quantidade de profissionais registrados no CREF de Minas Gerais é semelhante entre Juiz de Fora e toda região (aproximadamente 30 a 38%), indicando que os profissionais dos municípios menores são mais inclinados à agregar valor nas suas ocupações esportivas diante do *status* profissional já conquistado. Em suma, os dados computados sob o enfoque do cluster esportivo não somente identificaram um fenômeno de desenvolvimento, mas sobretudo sua dinâmica espacial.

Fontes Relatórios de Pesquisa com Profissionais do Desporto de Juiz de Fora e Região, UFJF / FEFD / Centro de Pesquisas Sociais / Projeto Esporte XXI, 2002; Tenreiro, F., Distribuição Espacial da Actividade Desportiva. Ministério da Educação, Lisboa, 1988.

Comprovações de Juiz de Fora–MG como pólo central de cluster esportivo por comparações entre microrregiões, 2003

Evidence of Juiz de Fora, MG, as Sports cluster center: comparison with other smaller regions, 2003



Número de instalações esportivas das principais microrregiões x Juiz de Fora

Number of sport facilities of Juiz de Fora and other smaller regions

Instalações/ cidades	Juiz de Fora	Barbacena	Viçosa	Muriaé	Ubá
Quadras Poliesportivas	366	8	20	28	12
Quadras de Tênis	17	1	10	2	3
Pistas de Hipismo	2	2	1	4	0
Campos de Futebol	86	3	8	20	6
Piscinas	26	2	4	26	7
Pistas de Atletismo	3	1	1	1	1
Ginásio de Ginástica Olímpica	3	1	1	0	0

Distribuição da renda por fontes e por regiões

Distribution of income per main source of payment and regions

Fontes de renda	Regiões					
	Juiz de Fora	Barbacena	Cataguases	Viçosa	Muriaé	Ubá
Atuação na área do esportes	86,7%	66,6%	50,8%	57,5%	74,6%	51,4%
Outras fontes	13,3%	33,4%	49,2%	42,5%	25,4%	48,6%

Grau de conhecimento do CREF – Conselho Regional de Educação Física

Acknowledgement of CREF – Conselho Regional de Educação Física / Regional Council of Physical Education

Grau de Conhecimento	Região					
	Juiz de Fora	Barbacena	Cataguases	Viçosa	Muriaé	Ubá
* Conhece e sabe exatamente o que é	82,5%	41%	36,1%	45%	42,8%	44,2%
* Ouviu falar, mas não sabe ao certo o que é	14,3%	14,8%	16,4%	15%	17,5%	8,8%
* Nunca ouviu falar	3,2%	44,2%	47,5%	40%	39,7%	47%

Profissionais de esporte por gênero

Sport professionals – gender

Região/gênero	Masculino	Feminino
Barbacena	68,8%	31,2%
Cataguases	80,3%	19,7%
Muriaé	84,1%	15,9%
Ubá	82,4%	17,6%
Viçosa	72,5%	27,5%
Juiz de Fora	53,6%	46,4%

Profissionais formados em Educação Física na rede pública de ensino

P.E. full professional teachers in public school system

Cidades	Juiz de Fora	Barbacena	Viçosa	Muriaé	Ubá
Nº de Profissionais	188	12	10	10	3

Cluster esportivo de Rio Claro – SP

JOSÉ ROBERTO GNECCO E AMÉRICO VALDANHA NETO

Sports cluster of Rio Claro – SP

The city of Rio Claro has around 168,000 inhabitants and is located in the state of São Paulo, in the micro-region of Campinas, which concentrates high-tech industries and outstanding universities. The sports development from 1896 until today shows that Rio Claro has followed out-of-town sports events in the first place. In a second phase, starting in the 1920s, clubs and sports practices of leisure and of competition emerged from local communities. In

the third stage, which started in 1949, after housing the Jogos Abertos do Interior de SP (Open Games of the Interior of São Paulo) for the first time, Rio Claro became a sports cluster and headquarters of enterprises and events that reached state, national and international recognition. Basketball is in the heart of the cluster. The fact that Rio Claro is geographically located right in the center of São Paulo state made it easier for the city to

be the home of four editions of the Jogos Abertos do Interior in 35 years (1949-1984). Because Rio Claro brings sports values together, it was chosen by the Universidade Estadual Paulista (Paulista State University – UNESP) as the best location for its Departamento de Educação Física (Department of Physical Education). This decision has made Rio Claro one of the centers of national reference in Physical Education.

Origem e Definições Rio Claro foi fundada em 10 de junho de 1827 e, em 1845 tornou-se município. Tem como padroeiro São João Batista e comemora seu aniversário no dia 24 de junho. Possui uma área de 499,9 km² e se localiza a leste do Estado de São Paulo. A cidade está distante da capital 157 km em linha reta e 173 km através das rodovias Bandeirantes, Anhangüera e Washington Luiz. Situada na região de Campinas (segundo pólo industrial do Estado de SP), faz parte de uma micro-região bastante desenvolvida e em constante expansão econômica. Rio Claro encontra-se a 240 km do porto de Santos, a 85 km do Aeroporto Internacional de Viracopos e a 200 km do Aeroporto Internacional de Guarulhos, na região metropolitana da capital. O município, segundo dados do Censo 2000 do IBGE, tinha uma população de 168.087 habitantes, com uma densidade demográfica de 336,84 hab/km², números estes que surpreenderam as expectativas de vários estudos de progressão populacional. Em termos de esporte, o município tem atuado, historicamente, como um pólo de atração de eventos, instituições e práticas esportivas, do mesmo modo que tem polarizado atividades industriais e de serviços, por ser um entroncamento de vias de acesso ao conjunto de municípios do entorno de Campinas. Em princípio, o cluster econômico, tecnológico e esportivo ora definido tem sua origem a partir das estradas de ferro que se instalaram na região, durante o século XIX.

1876 Este ano marca a chegada da Companhia Paulista de Estradas de Ferro na região de Rio Claro dando início, naturalmente, ao impulso econômico que lhe caracterizaria nas décadas seguintes, bem como ao desenvolvimento sócio-cultural que incluiria o esporte.

1896 Fundação do Grêmio Recreativo dos Empregados da Cia Paulista de Estradas de Ferro, clube que exerceria importante influência no tempo livre da população local com repercussões até os dias presentes.

1902 Fundação do “Pery Futebol Clube” em Rio Claro, já como repercussão da prática de Futebol que ocorria como novidade, na capital do Estado.

1909 Neste ano, o Grêmio dos empregados da Cia Paulista de Estradas de Ferro se desdobra dando origem ao “Rio Claro Futebol Clube”, acompanhando a expansão do Futebol no Estado.

1910 Por influência de imigrantes portugueses é fundado um clube de Ciclismo na cidade, o “Velo Clube”. A fundação foi marcada com a construção de um Velódromo em uma área doada pela prefeitura. Note-se que este esporte era popular no início do século na cidade de São Paulo que contava com o Velódromo Paulista, uma referência social, à época. Este fato sugere que o Ciclismo, como o Futebol, foi produto da repercussão de um costume social a partir de um centro urbano maior e criador de modismos.

1920 Início do aparecimento de iniciativas do esporte rio-clarense como forma de auto-afirmação e identidade da cidade: começaram a aflorar atletas que se destacariam nas próximas décadas; fundaram-se clubes que ofereciam oportunidades de prática esportiva; e a popularização do esporte tornou-se visível quer por praticantes em número crescente quer por fiéis torcedores.

1920 Com a queda das práticas do Ciclismo, o “Velo Clube” se une ao “Comercial Futebol Clube” e é fundada a “Associação Desportiva Velo Clube Rio Clarense”. Releve-se, neste propósito, que a redução de atividades e a fusão de clubes de Ciclismo com outras modalidades aconteceu em outras regiões do Estado, dando privilégio ao Futebol. Nesse mesmo ano, no Horto Florestal de Rio Claro, então sede de pesquisas e plantação de eucaliptos para a fabricação de dormentes para a Companhia Paulista de Estradas

de Ferro, foi construída a primeira quadra de Tênis da cidade. A prática viria agradar e, em 1927, a Companhia Paulista autorizou a construção de uma quadra, no Grêmio de seus empregados.

1925 – 1930 Acompanhando uma tendência dos grandes centros urbanos do país e da capital do Estado, começam a nascer as principais equipes que formariam o Futebol amador na cidade.

1928 Chega a Rio Claro, por meio de um professor do colégio Joaquim Ribeiro, a prática do Basquetebol. Esta modalidade passou por diferentes estágios de crescimento na cidade e teve sua culminância nos anos subseqüentes até alcançar representatividade internacional.

Década de 1930 Destaca-se em Rio Claro, João Rehder Neto, um jovem atleta do “Velo Clube Rio Clarense” que treinava “competindo” em corridas com os trens que passavam pela cidade; conhecido como o maior decatleta do Brasil, campeão de competições paulistas, brasileiras e sul-americanas, obteve recordes e notoriedade. Convocado para a equipe brasileira de Atletismo nas Olimpíadas de Berlim 1936, ele sofreu um acidente nas vésperas da competição. À parte dos valores individuais, esta foi uma década de ouro para a cidade. Em 1933, foi fundado por um grupo de jovens que, por conta de seus afazeres na Companhia Paulista, praticavam esportes na madrugada, o “Esporte Clube Bandeirantes”. Esta associação foi muito incentivada por um comerciante libanês que teve em Rio Claro grande importância no desenvolvimento esportivo: Felipe Karan. Ainda nesse ano foi realizada a primeira edição da “São Silvestre de Rio Claro”, prova realizada anualmente, até os dias atuais. Em termos gerais, tornou-se evidente na década o entusiasmo da população da cidade por suas equipes de Futebol, de Basquetebol e Atletismo; o desenvolvimento do Tênis continuou e a Companhia Paulista investia na ampliação do Grêmio Recreativo dos funcionários. Em 1939, a família Koelle, formada por imigrantes alemães que chegaram à região no final do século XIX, construiu no Colégio do mesmo nome e dirigido pela família, a primeira piscina da cidade. Surgiram também do Colégio Koelle os primeiros relatos da prática do Voleibol em Rio Claro.

1949 A cidade torna-se sede da XIV edição dos Jogos Abertos do Interior e, na ocasião, foi construído o Ginásio Felipe Karan em apenas oito meses. Para isso, contou-se com o apoio do governo do Estado, doações financeiras, mão de obra voluntária da população e uma participação importante da Cia Paulista que doou todo madeiramento do telhado e sua mão de obra. A mobilização para conclusão da obra foi algo que tem encantado as histórias da cidade até hoje. Nos Jogos, compareceram atletas de 60 cidades e o Basquete de Rio Claro, que já havia sido campeão dos Jogos Abertos em 1942 na cidade de Ribeirão Preto, sagrou-se campeão com as equipes masculina e feminina.

1951 Criou-se um clube de Xadrez que se reúne até os dias atuais na Biblioteca Municipal José Banchi.

1955 A cidade torna-se Vice Campeã dos Jogos Abertos do Interior.

1966 31ª edição dos Jogos Abertos do Interior, tendo outra vez Rio Claro como sede e recebendo representantes de 50 cidades.

1979 Acontece a famosa “invasão” de torcedores do Velo Clube no Estádio Brinco de Ouro da Princesa, na cidade vizinha de Campinas. Na ocasião, este clube de Rio Claro conquistou a ascensão à série principal do Futebol paulista.

Décadas de 1980 e 1990 Neste período Rio Claro ganha imagem internacional por meio do Basquetebol. Esta modalidade foi massificada na cidade e surgiram torcidas organizadas. A origem deste impacto fez-se pela fusão das equipes de Basquetebol do Clube Bandeirantes e do Clube de Campo. A partir daí, os

campeonatos locais e a seleção da cidade passaram a ter os melhores jogadores e técnicos que havia no Brasil. Vários atletas norte-americanos foram incorporados às equipes principais que participavam então de campeonatos e torneios paulistas, brasileiros, sul-americanos e europeus.

1982 Mais uma vez a cidade é sede dos Jogos Abertos do Interior e 43 cidades estiveram representadas por seus atletas.

1984 Tem início o Curso de Educação Física do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho-UNESP, *campus* de Rio Claro. Em 1986, nas instalações da universidade, foram realizadas algumas competições dos Jogos Abertos do Interior, que pela quarta vez era sediado na cidade. E mais uma vez, a cidade se mobilizou para receber os atletas das 116 cidades que estavam sendo representadas.

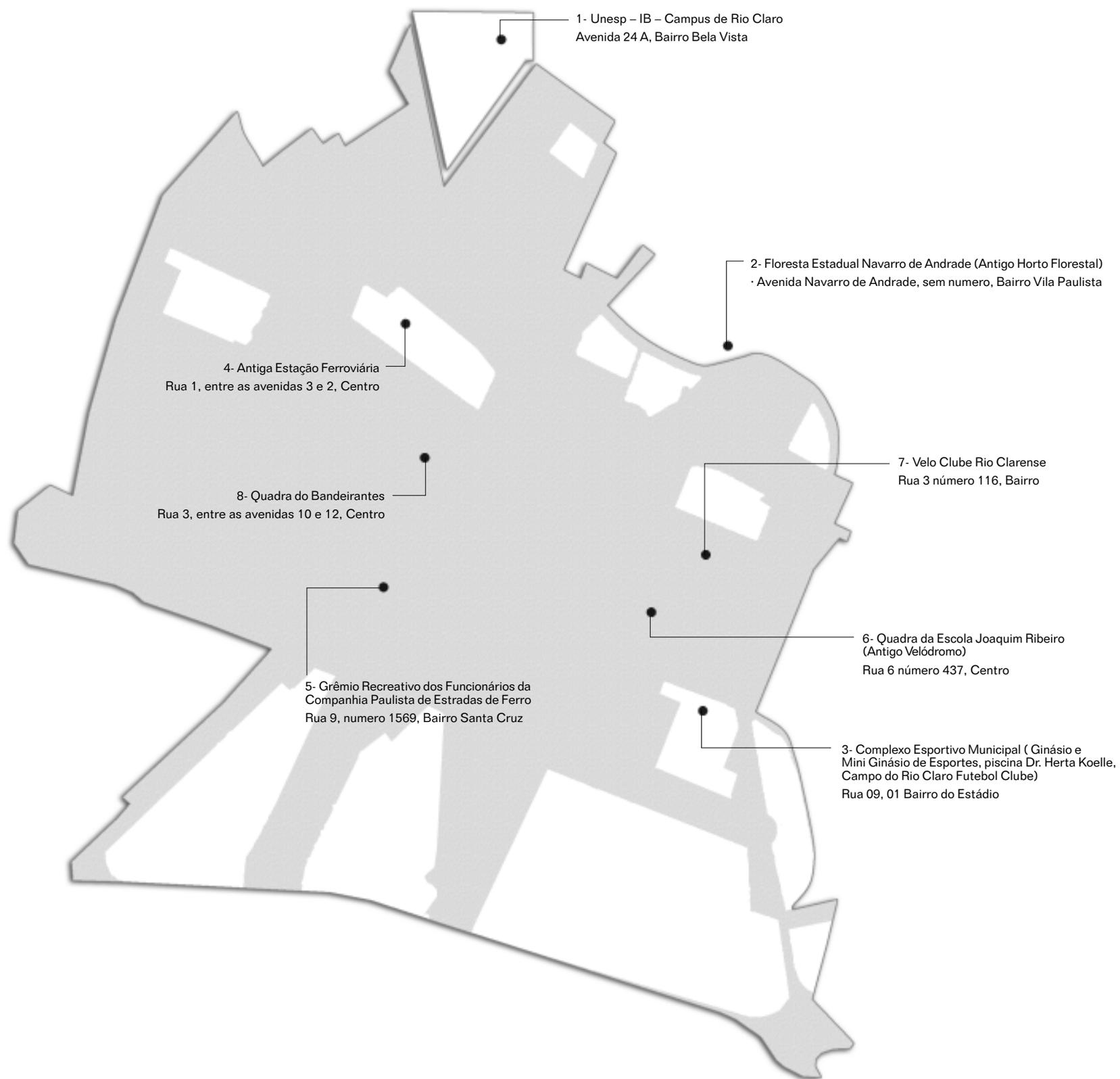
1981 – 1996 Período em que o Basquetebol de Rio Claro se consolida, após a fundação do Clube de Campo e até o aparecimento de patrocínio de grandes empresas como CESP, Blue Life e Polti Vaporetto. Um balanço do período mostra que os clubes locais e a seleção da cidade conquistaram 8 títulos dos Jogos Regionais da Zona Leste, 4 títulos dos Jogos Abertos. 6 títulos paulistas da divisão A, 3 títulos brasileiros, Campeão da Copa das Américas, vice sul-americano e outros.

Situação Atual A análise dos fatos de memória de 1896 até hoje, mostra que a cidade de Rio Claro primeiramente espelhou-se em acontecimentos esportivos externos. Em uma segunda fase, a partir dos anos de 1920, clubes e práticas esportivas de lazer e de competição emergiram por estímulos comunitários locais. De 1949 em diante, após abrigar pela primeira vez os Jogos Abertos do Interior de SP, Rio Claro, passou a operar como um cluster esportivo tornando-se sede de empreendimentos de repercussão estadual, nacional e internacional. No centro do cluster posicionou-se o Basquetebol, mas o fato da cidade ter sediado quatro edições dos Jogos Abertos do Interior em 37anos (1948-1986), pressupõe que sua vocação esportiva e posição de pólo geográfico no Estado de SP tenha pesado na escolha. Confirmando esta condição de agregação de valores esportivos, Rio Claro foi escolhida pela UNESP para localizar seu Departamento de Educação Física, surgindo, assim, um dos centros de referência nacional em Educação Física. Hoje há um fluxo regular de pesquisas e anualmente cerca de 60 profissionais são formados para o mercado de trabalho.

A atualidade de Rio Claro, com decréscimo no basquetebol de alta competição e outras atividades clubísticas, fez com que a vocação histórica da cidade se manifestasse por outras vias além da liderança da UNESP. Destaca-se, neste propósito, a Prefeitura Municipal, para a qual a democratização das práticas esportivas tem relevante consideração para o bem estar da população. Os projetos que atendem os municípios estão divididos dentro de um grande programa implantado na cidade em 1997: o “Programa Esporte”, subdividido em três grandes programas (Esporte de Base, Manutenção e Especial), que atende à cerca de 4.000 alunos por mês em todas as faixas etárias a partir dos 6 anos de idade, em 15 modalidades esportivas. A Secretaria Municipal de Esportes-SEME também promove eventos tais como: Campeonato Municipal de Futebol Dente de Leite (07 a 16 anos), sempre com mais de 1.600 atletas participantes; Copa Municipal de Futsal (07 a 16 anos), média de 1.200 atletas inscritos; Pró-Natação fase municipal (07 a 15 anos) média de 300 nadadores; Mini Olimpíada Estudantil (10 a 16 anos) envolvendo cerca de 300 alunos de Escolas Particulares, Festivais Pedagógicos das modalidades praticadas na Secretaria, Provas Pedestres, Caminhadas, Ruas de Lazer e Concurso de Pipas.

Área urbana de Rio Claro – Lugares do cluster

Urban area of Rio Claro – Cluster's places



Cluster sócio-recreativo e esportivo de Belém do Pará, 1840 – 1905

JOSILÉIA VALLINOTO

Recreation and sports cluster of Belém – PA, 1840 – 1905

Belém was founded on the Amazon River in 1616 and became an important port in the middle of the 19th century. Belém's economic development depended on the exploitation of forest products for export until the first decades of the 19th century. The port activities only reached a climax with the production and exportation of latex for rubber production during the second half of the 19th century but declined

Origens e Definição Belém foi fundada às margens do Rio Amazonas em 1616, tornando-se um porto de importância em meados do século XIX. Seu desenvolvimento econômico, até as primeiras décadas do século XIX, pautou-se na exploração das “drogas do sertão” e outras atividades extrativas de subsistência ligadas à exportação. Somente a partir da segunda metade do século XIX, o porto culminou com a produção e exportação do látex, decaindo em seguida, vítima da crise produzida pela competição com produtores de borracha da Ásia. A nova ordem econômica impunha além da reordenação da cidade, através de uma política de saneamento e embelezamento, a remodelação dos hábitos e costumes sociais. Em consequência, Belém experimentou também um surto de expansão em termos de atividades de lazer e esportes. Em princípio, este efeito multiplicador da economia configura um caso de cluster de lazer e de esporte pois a cidade de Belém atuou como um pólo de atração e manutenção de um estilo de vida cujas representações sociais chegavam pelo porto vindas da Europa. Após o “ciclo da borracha”, a economia em Belém tem um novo cume ao ressurgir na segunda metade do século XX como a metrópole da região norte, a maior em extensão geográfica do Brasil.

Século XVII Com o lento crescimento de Belém, até a primeira metade do século, a população resumia-se a 80 moradores, excluindo os religiosos, militares e nativos. As dificuldades enfrentadas na vida econômica refletiam na vida social das pessoas. As mulheres pouco participavam da vida em sociedade, saíam de suas casas de madrugada para ouvir à missa. A religiosidade neste período é o único registro da vida social do povoado.

Século XVIII A vida social dos moradores no início deste século não era muito diferente do anterior, ou seja, pouco expressiva. As primeiras manifestações de recreio da população, com registro histórico, relacionam-se às festas religiosas. A organização do Círio de Nazaré – festa religiosa até hoje existente – data de 1793. As festas nos arraiais encerravam as comemorações religiosas, havendo danças, sensualidade, bebidas, promiscuidade. Há registros de 1784 sobre escritos de viajantes sobre a falta de espaços para passeio e divertimento como sociedades civis ou literárias, ginástica (*sic*), motivo pelo qual as pessoas permaneciam muito tempo em casa. A única exceção era o “Retiro de Nazaré” mas a estrada para o local era muito ensolarada. Dentre os viajantes, Alexandre Ferreira relatou em seus escritos de 1786, que “como divertimento só os banhos de rio, apesar do perigo do Carandiru” (peixe pequeno atacante de pessoas).

Século XIX A vida cultural neste período tornou-se mais intensa. O progresso urbano influenciou nos costumes dos moradores da cidade, e em específico, nas suas condutas sócio-recreativas. Houve uma verdadeira reforma nos hábitos dos moradores. Amavam os divertimentos e prazeres, mas os nativos eram pouco dados à prática de jogos. As festas religiosas eram cada vez mais identificadas com momentos de recreio público. Após o término da parte religiosa o povo participava de bailes, jogos, assistia a queima de fogos de artifício e outros divertimentos nos quais entravam gratuitamente. Na vida sócio-recreativa em Belém, na primeira metade do século, destacavam-se as famílias reunindo-se à noite nas portas de suas residências em grupos; os passeios à cavalo pelas ruas da cidade; e os passeios a pé pelas ruas e praças que oferecessem maior conforto. Nesse sentido, foram criados “*círios de recreio*” (*sic*) como o “Horto Botânico” e o “Jardim das Especiarias”. Ao final, a participação nas cerimônias religiosas que também eram de recreio, e nas atividades e obrigações sociais não chegavam a modificar efetivamente os hábitos simples da

soon after that due to Asian competition. Leisure activities and sports in Belém also expanded during this growth phase. The multiplying effect of the economy instituted a case of cluster of leisure and sports as the city of Belém was center of attraction and maintenance of a lifestyle whose social representations arrived from Europe through the port. As a result, leisure associations started to appear in the city

população local. Aproximando-se à segunda metade do século e a partir daí, encontram-se registros de outras variadas formas de diversão e entretenimento, como se segue.

1840 Registro sobre banda de música nos festejos, proporcionando prazer e alegria ao povo. No educandário “Casa das educandas”, o recreio era com as flores no jardim. Registros de teatros promovendo divertimentos ao povo, entre eles: “Teatro União”, “Teatro Providência”, “Sociedade Teatral Fraternal”.

1843 Companhias e circos difundiam, através de exhibições, a ginástica (*sic*) na cidade durante a festividade de N. Sr^a de Nazaré.

1846 Expandiu-se neste ano a formação de sociedades de diversos propósitos. Esses agrupamentos institucionalizaram a recreação na cidade, almejando o “divertimento honesto da dança, da música e do jogo carteadado”. Pioneira, a “Sociedade Recreação Paraense” realiza seu primeiro encontro em janeiro, seguida seis meses depois pela “Sociedade de Baile União Paraense”. A educação física nas escolas era de competência dos pedagogos e seguia aos “salutares preceitos” da ginástica (expressão usada à época). Os jornais divulgavam a venda de livros voltados ao recreio como “O recreio das famílias” (1837) e “O tratado do jogo de voltarete” (sd).

1847 Nos artigos das “Posturas da Câmara Municipal” de Belém, publicados nos jornais da época, identificam-se ruas, praças, largos, tabernas, botequins, casas de pasto e casas de bilhar como locais de encontros da população. Entretanto, nesses locais assim como em qualquer lugar público, não eram permitidos os chamados “jogos proibidos” e nem a permanência de escravos.

1850 Muitos anúncios do “Teatro Providência”, com significativo destaque nas páginas dos jornais.

A física, a química e a literatura são apresentadas nos circos e nos teatros como forma de recreio.

1858 O cosmorama, o polyorama e o jogo de argolinhas, foram difundidos no período pelo “Circo de Napoleão”, além da diversão de tomar choques numa máquina. Os bailes de máscaras aparecem em alta mesmo fora do período do carnaval, na Festa de Nazaré, nos hotéis e em “casas de sorte” próximas ao arraial. Há também registros de memória, relacionados ao arraial, sobre os “pulos de barreiras” e “apostas de carreiras”, disputados por cavalheiros mascarados. Encontram-se, então, neste ano, os primeiros registros de esporte não institucionalizado, as provas de atletismo na cidade.

1863 A literatura como uma das formas de difusão na cidade, oferece obras voltadas ao recreio e ao esporte em língua portuguesa. Dentre as obras destacavam-se: “Leitura recreativa”, “A arte de navegar”, “As corridas de cavalos”, “Manual de gymnástica”, “Velocipedia prática”, “Tratado completo do jogo de florete”, “Gymnástica de natação prática”, “Toureiros e touradas”, “Tauromachia”, “Manual de esgrima”.

1876 Inaugurado em junho com uma “corrida”, o “Club de Regatas”, inscreveu “Srs. amadores” de embarcações a remo ou a vapor. Na segunda corrida, uma semana após a inauguração, houve disputa em páreos, os amadores em separado e a disputa do “vencedor dos vencedores”, todas com premiação por páreos e categorias. Os passeios ao ar livre e a ginástica são reconhecidos por seus efeitos benéficos e higiênicos. As casas de café divulgam em seu recinto o jogo de bilhar, encontro e distração a preços baixos. As irregulares casas de jogos proibidos, os jogos de cartas, são ditas “antros de desgraça” e muito criticadas pela imprensa. A obesidade é

in the 1840s. Books on fencing, gymnastics, cycling, horseracing, and swimming were already being published in Belém in the 1860s. The first sports club, “Club de Regatas”, a rowing club, appeared in 1876. The sports diversification increased until the beginning of the 20th century when the city abandoned the European lifestyle and started to follow Brazilian southern trends.

criticada nas páginas dos jornais. Incentivava-se ao regime e ao exercício: “todos os dias um exercício enérgico até a fadiga e que provoque o suor, os passeios prolongados, a esgrima, a gymnástica, etc...”

Divulgam-se diversos divertimentos para o “Arraial de Nazaré”, o “Club de gymnastas” com exercícios acrobáticos e de equilíbrios e ginástica “au clair de la lune”. Os jogos também faziam parte da programação profana, entre eles, o “jogo do pato”, a “corrida do porco”, o “torneio do saco”, o “mastro de cocagne” e, os intitulados, “jogos olímpicos”. As apresentações de dança também marcavam presença com “toadas melancólicas”, “cordões dançantes” e “dança da corda bamba”, realizados por moradores.

1890 Os jornais que antes publicavam os acontecimentos recreativos nas “notas sociais”, passam a divulgar os eventos esportivos em coluna específica: as “notas esportivas”. Dentre as instituições esportivas, destacam-se neste período o “Coliseu paraense”, o “Jockey Club”, o “Grupo velocipédico” e o “Sport Club”. As touradas, as corridas de cavalos, o tiro ao alvo, o bilhar destacavam-se entre as modalidades esportivas em desenvolvimento na cidade.

1894 As aulas de ginástica desenvolvidas no “Lyceu Paraense”, dotadas de aparelhos, eram comparadas às da Europa pelo diretor da escola, em relatório apresentado ao Governador. A Educação Física, denominada então de “recreio”, era comum nas escolas. Entretanto, eram reivindicadas para estas, áreas convenientes de “terreno livre, plano e arborizado e professor habilitado para “guiar” os alunos nas aulas de ginástica.

1899 Entre o pessoal técnico e administrativo do “Instituto Lauro Sodré”, foi nomeado o “Professor de gymnástica, Aureliano Pinto Lima Guedes”, em 20 de julho deste ano.

1901 Notas nos jornais sobre campeonato de boliche no “Club Euterpe”. Inaugurada em 6 de outubro a pista do “Velódromo Paraense”, com curvas cimentadas e retas “solidificadas”.

1902 Indicação de construção do novo Bosque Municipal, com vias de acesso ao trânsito de bicicletas, automóveis (*sic*), “cavalleiros” e peões, além de lagos naturais ou artificiais para a prática de natação e remo.

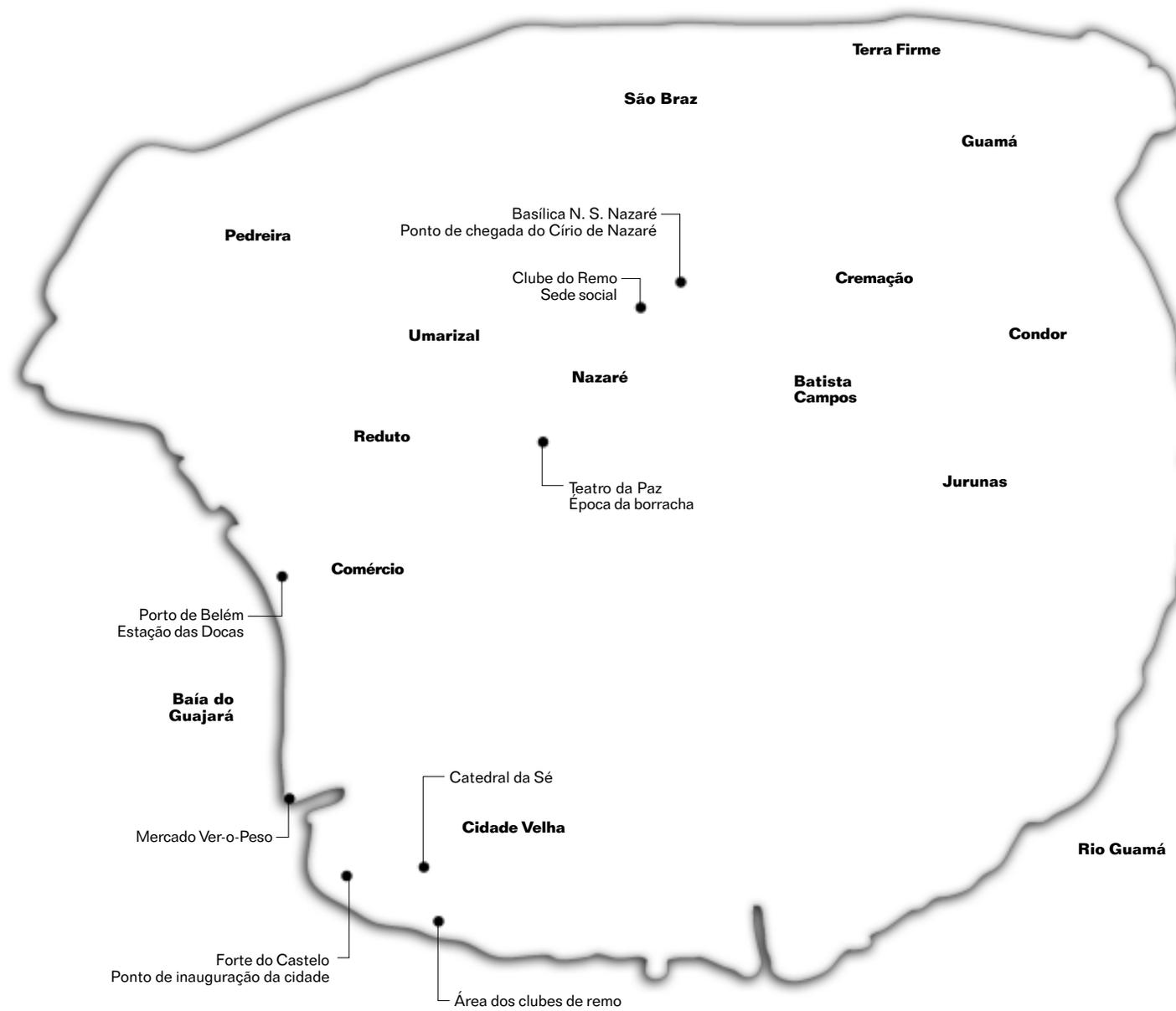
1904 No “Velódromo Paraense”, são realizadas corridas de bicicletas e de “pedestres” Os jornais locais divulgam o “mais novo genero de sport em nosso meio”, o “pelotares”. A “Associação Dramática e Recreativa Beneficente” estava se constituindo num “centro de instrução physica e gymnástica” apresentava um “grupo velocipédico” com “velódromo” próprio e outras atividades como tiro ao alvo, aulas de dança e ensaios de ginástica, uso aos aparelhos de ginástica, piscina para natação.

1905 Um grupo de “sportmen” que pertencia ao “Sport Club”, após dissidência no clube, fundou o “Clube do Remo”, existente até os dias atuais. A partir deste período, cresceu o número de clubes, primeiramente de remo, depois de futebol, e Belém foi se ajustando aos costumes vindos do sul do país e perdendo sua condição de cidade autônoma em termos nacionais que assumia tendências vindas diretamente do exterior.

Fonte Vallinoto, Josiléia Lira, Origens da institucionalização esportiva: a vida recreativa em Belém do Pará de 1840 a 1905. Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro: PPGF/UGF/UEPA/UFGA, 2000 (Orientador: Lamartine P. DaCosta).

Área urbana de Belém – Lugares e eventos do cluster

Urban area of Belém – Cluster's places and events



Cluster esportivo-recreativo de Pelotas e Rio Grande-RS, 1880 – 1920

GILMAR MASCARENHAS

Sports and recreation cluster of Pelotas and Rio Grande-RS, 1880 – 1920

The cities of Pelotas and Rio Grande in the Southern state of Rio Grande do Sul have always made up a unique center of economic and cultural development not only because both are neighboring cities but also because Pelotas is a port and Rio Grande is an industrial city. Recreational activities and sports, especially soccer, flourished in the region between the 1850s and the early 20th century due to the prominent economic boom brought by German

and British immigrants, who introduced new cultural habits after the whole region was colonized by the Portuguese and the Spanish. As a result, sports (in particular cycling, rowing, and sea bathing) turned out to be one of the main activities of both cities in the 1890s soon followed by soccer in 1900, which became the region's favorite sport. In the following two decades the soccer clubs of Pelotas-Rio Grande brought soccer to the municipalities of the

interior of the state. As the local economy went through a very difficult period in the 1920s, the regional influence of the two cities faded away, sporting activities included. Evidence of the no-longer existing sports cluster can be observed today, especially in the location of the sports facilities in Pelotas, which still show traces of the social inequities brought about by the economic development of the region also reflected in sports (see map).

Origens e Definições Por sua proximidade e porte semelhante, mas sobretudo pela complementaridade acentuada de suas economias, Pelotas e Rio Grande sempre formaram um verdadeiro “par de cidades”. Devem portanto ser analisadas respeitando-se este aspecto peculiar. Juntas, formaram o maior pólo econômico e demográfico da região sul do Brasil, entre meados do século XIX e início do seguinte. De incontestável importância estratégica na ocupação do extremo sul do Brasil, Rio Grande é a primeira povoação oficial da província gaúcha, fundada em 1737. Devido à sua localização excepcional, situada na desembocadura da Lagoa dos Patos, é o único porto na imensidão inóspita dos cordões arenosos que formam a retilínea costa do Rio Grande, e duplamente terminal: oceânico e lacustre. Devido às charqueadas, ao longo de todo o século XIX seu movimento portuário foi o maior do Brasil Meridional, somente sendo ultrapassado por Porto Alegre no início do século XX. Destaca-se a presença inglesa nos negócios: criam e dominam a Câmara do Comércio, e implantam toda a infraestrutura urbana. Por volta de 1880, já era o mais importante centro industrial do estado, e nesta atividade é expressiva a presença alemã: a fábrica de tecidos Rheingantz, de 1874, foi durante décadas o maior estabelecimento fabril do Rio Grande do Sul. Neste ambiente cosmopolita, a vida cultural era intensa e sofisticada: as companhias de teatro, ópera e ballet européias, a caminho de Buenos Aires e Montevidéu, incluíam Rio Grande em seu roteiro, lotando o majestoso Teatro Sete de Setembro. Seguindo o padrão burguês de entretenimento, se implanta o banho de mar com fins de lazer e diversas atividades esportivas: em suma, os ingleses praticam regularmente seus esportes e os alemães implantam o hábito da ginástica, o remo e o tiro.

Em função das charqueadas, a cidade de Pelotas, situada no extremo sul do Brasil, fundada em 1812, viveu um período de intenso crescimento econômico e progresso sócio-cultural. O chamado “ciclo do charque” se inicia efetivamente por volta de 1860 e até o final de século praticamente todo o gado gaúcho era abatido em Pelotas. Por sua localização privilegiada, entre a Campanha e o único porto disponível na região (o porto de Rio Grande), Pelotas se torna a capital da “aristocracia do charque”. Em tal medida foi o êxito desta atividade econômica, que pelo menos onze charqueadores receberam do Império Brasileiro títulos nobiliárquicos. Com a expansão dos negócios, as prósperas famílias de origem luso-brasileira logo deixaram a dispersa moradia rural junto aos escravos para erigir suntuosas residências no centro de uma cidade que, embora recém-fundada, já se tornava o maior centro urbano não apenas do Rio Grande do Sul, mas de todo o Brasil Meridional. Esta classe senhorial pelotense envia seus filhos a estudar na Europa, adquirindo hábitos refinados. A acumulação de capitais provenientes das charqueadas propiciou um autêntico surto de industrialização e investimentos em infra-estrutura, incluindo ferrovias, telégrafo, bondes, telefone e navegação a vapor, culminando com a criação do Banco Pelotense, em 1906, o maior do Rio Grande do Sul. A dinâmica cidade também se moderniza nos marcos da influência cultural parisiense: cafés, teatros e amplos parques ajardinados. Neste contexto de prosperidade, floresceu um ambiente de rica atividade esportiva e recreativa, com destaque para o futebol.

Década de 1870 Surgem várias associações de cunho esportivo em Pelotas, com destaque para o Jockey Club.

Década de 1880 Exibições de renomadas companhias teatrais, óperas e saraus. Início do lazer balneário.

1883 Criação do Parque Souza Soares, mais conhecido por Parque Pelotense. De iniciativa totalmente privada (o Sr. José de Souza Soares,

proprietário do terreno, é seu mentor e realizador), o parque abrangia mais de dois hectares de acurado tratamento paisagístico. Uma linha de bonde foi prolongada até a entrada do parque, para que a elite pelotense pudesse desfrutar de suas amenidades: bandas musicais, exposições de flores, modinhas portuguesas, bailes noturnos no verão e outros “civilizados” rituais de lazer. Corridas a pé e jogos populares eram também ali realizados. Naquele momento, poucas cidades brasileiras dispunham de um equipamento recreativo deste porte.

1885 Em Rio Grande, autoriza-se o funcionamento do Balneário Cassino, que reúne as camadas sociais privilegiadas da região, a exemplo dos famosos balneários europeus, dotados de cassino e outras atividades. Notar que nesta cidade a difusão do banho de mar como entretenimento se realiza simultaneamente à capital do país, considerada pioneira no gênero.

Década de 1890 As touradas agitam Pelotas. Na Praça das Carretas, toureiros espanhóis como Miguel de Almarra e Isidro de Sepúlveda se apresentam. Seguindo a tradição ainda hoje existente na cidade espanhola de Pamplona, realizam-se também nas ruas centrais de Pelotas atividades de tauromaquia. A numerosa comunidade britânica em Rio Grande permanece realizando seu entretenimento de forma auto-segregada, no interior de seus “clubs”. Os técnicos alemães da fábrica Rheingantz iniciam a prática esporádica do futebol. O ciclismo atinge seu auge na cidade. Início da prática organizada do remo.

1893 Inaugura-se o Parque Rio Grandense, no mesmo estilo monumental do congênere pelotense.

1897 Funda-se um clube de remo em Rio Grande. No ano seguinte, realiza-se o primeiro campeonato estadual de remo, reunindo somente equipes desta cidade e da capital. Todas as equipes são de origem germânica, sendo por conseguinte o alemão o idioma oficial das atas.

Década de 1900 Destaque para a implantação do futebol, e declínio definitivo das touradas e do ciclismo. Chegada do cinema.

1900 A partir da comunidade alemã, surge o Sport Club Rio Grande-SCRG, o mais longo clube de futebol brasileiro. Iniciativa da juventude economicamente privilegiada do Clube Germânia, sob a liderança de Johannes Minnemann, nascido em Hamburgo, recém-chegado ao Brasil. A primeira exibição futebolística ocorre no Tiro Alemão, a 14 de julho de 1900, perante um notável público de 600 pessoas. Dos trinta e nove fundadores do clube, apenas três apresentam sobrenome luso-brasileiro. Também havia alguns britânicos, a convite do Club Germânia, que garantiram o fornecimento de bolas, uniformes e outros apetrechos importados. Neste mesmo ano, em Pelotas, realiza-se a primeira exibição cinematográfica, no luxuoso Theatro 7 de Abril, colocando-a entre as primeiras cidades brasileiras a desfrutar desta inovação na indústria do entretenimento.

1901 As bolas, uniformes, traves e redes, e os jogadores do SCRG viajam de trem até Pelotas, para uma exibição da novidade esportiva “européia”, em partida entre seus dois times, na ausência de adversários. Foram recebidos com banda de música e aclamações. O evento se realizou no dia 04 de outubro, no famoso Parque Pelotense, em terreno improvisado. Como a maioria dos presentes desconhecia as regras do jogo, foi distribuído um panfleto explicativo.

1903 Após um ano de troca de correspondências com a nata da juventude porto-alegrense, o SCRG chega à capital para, num dia repleto de atividades festivas, inaugurar o futebol. Menos de duas

semanas após a exibição riograndina, estavam fundadas duas agremiações futebolísticas em Porto Alegre. O SCRG se propõe a ser um clube missionário do futebol.

1904 Surge o primeiro clube de futebol pelotense, o Athletico Foot-Ball Club. Em Rio Grande, a Intendência Municipal concede terreno ao SCRG para construção do Estádio das Oliveiras, concluído alguns anos depois. Trata-se de um dos primeiros estádios do Brasil, e muito provavelmente o primeiro a contar com apoio do poder público. O primeiro estádio de Pelotas, por sua vez, data de 1908, com capacidade para três mil pessoas.

1905 O maestro Angelo Tagnin compõe uma marcha para piano intitulada “Football”, em homenagem ao SCRG. Pode ter sido a primeira composição musical dedicada ao futebol no Brasil.

1906 O SCRG conclui sua missão difusora ao visitar a cidade de Bagé, resultando na fundação imediata de dois clubes. E propõe a criação de uma federação estadual de futebol, reunindo clubes das quatro cidades gaúchas.

1907 Criada a Liga Pelotense de Foot-Ball, que realiza seu primeiro campeonato no ano seguinte. Trata-se de uma das primeiras ligas de futebol no Brasil, pois apenas São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador já possuíam tal organização.

1909 Ao regressar de Pelotas, efusivo centro futebolístico, F. Essenfelder cria o primeiro clube de futebol em Curitiba, para desafiar os ingleses de Ponta Grossa.

Década de 1910 Popularização do futebol, com formação de clubes operários, grande público nos estádios e ampla cobertura da imprensa local. Implantação do “amadorismo marrom”. Destaque para Pelotas, que conta com quase duzentas fábricas em 1910.

1910 Sport Club Fábrica Tulio e S.C. União Fabril são fundados em Rio Grande.

1912 A Livraria Universal, em Pelotas, publica o abrangente “Guia Football Association”, possivelmente um dos primeiros livros dedicados exclusivamente a este esporte no Brasil. Funda-se a liga de futebol de Rio Grande.

1915 Existem vários estádios em Pelotas. O do Sport Club Rio Branco inaugura neste ano sua iluminação noturna, muito provavelmente o pioneiro no Brasil. São Paulo reivindica para si tal realização, porém para o ano de 1923; o mesmo faz o Rio de Janeiro para 1928, e Porto Alegre para 1931.

1917 – 1919 A “aquisição” ou “aluguel” de jogadores talentosos, muitos trazidos da Campanha Gaúcha e do Uruguai, já é uma prática consolidada em Pelotas. Patrocinado pelo industrial Simões Lopes, um clube pelotense de origem operária, o Grêmio Esportivo Brasil (notar a terminologia nacionalizada) organiza uma equipe poderosa, incluindo indivíduos pobres e afro-descendentes, oriundos de ligas varzeanas. Erige um magnífico estádio em 1918, em plena zona industrial, com telhas francesas e pedra de granito, e torna-se o primeiro campeão estadual em 1919, após conquistar o tri-campeonato pelotense. Somente quatro anos mais tarde, um clube carioca (o Vasco da Gama), apoiado por abastados comerciantes portugueses, repete a fórmula e o feito, que se considera erradamente como pioneirismo. Seu estádio, também situado em zona industrial e fruto de grande investimento privado, foi inaugurado somente em 1927.

Década de 1920 A nova “capital das charqueadas” é a cidade de Bagé, que não por acaso disputa seis decisões dos oito

certames do futebol gaúcho nesta década. Rio Grande deixa de ser o principal porto gaúcho. A decadente elite regional, agora interessada no tênis, abandona o futebol, que mergulha em profunda crise organizacional, para reerguer-se a seguir enquanto circuito popular. Sem investimentos, o futebol local deixa de pertencer à elite estadual.

Situação atual Rio Grande e Pelotas, desde os anos de 1920, deixaram de se destacar no cenário esportivo estadual e nacional. O baixo dinamismo econômico se estende a toda a Campanha Gaúcha, caracterizando na atualidade a metade sul do Rio Grande do Sul como sua zona deprimida, condição que afeta diretamente a prática esportiva. Em perspectiva do tempo presente, contudo, pode-se assumir que houve um cluster esportivo particularmente em Pelotas por irradiar práticas esportivas em sua região de entorno, mas desigualdades sociais permaneceram neste pólo de

desenvolvimento. No mapa que se segue, revela-se a dimensão social do futebol em Pelotas na segunda década do século XX, quando atingiu o auge de sua popularidade e força no cenário estadual. Refletindo a clara distinção entre a elite aristocrática e as camadas populares, o confronto que até os dias presentes se mantém como o "clássico" pelotense (o "Bra-Pel") se espacializa na cidade em plena consonância com sua organização espacial segregada: o estádio do SC Pelotas situa-se na área central, então lugar das mansões senhoriais, enquanto o estádio do GS Brasil se localiza marginalmente, em bairro operário, zona de expansão industrial, em terrenos alagadiços junto à estação ferroviária.

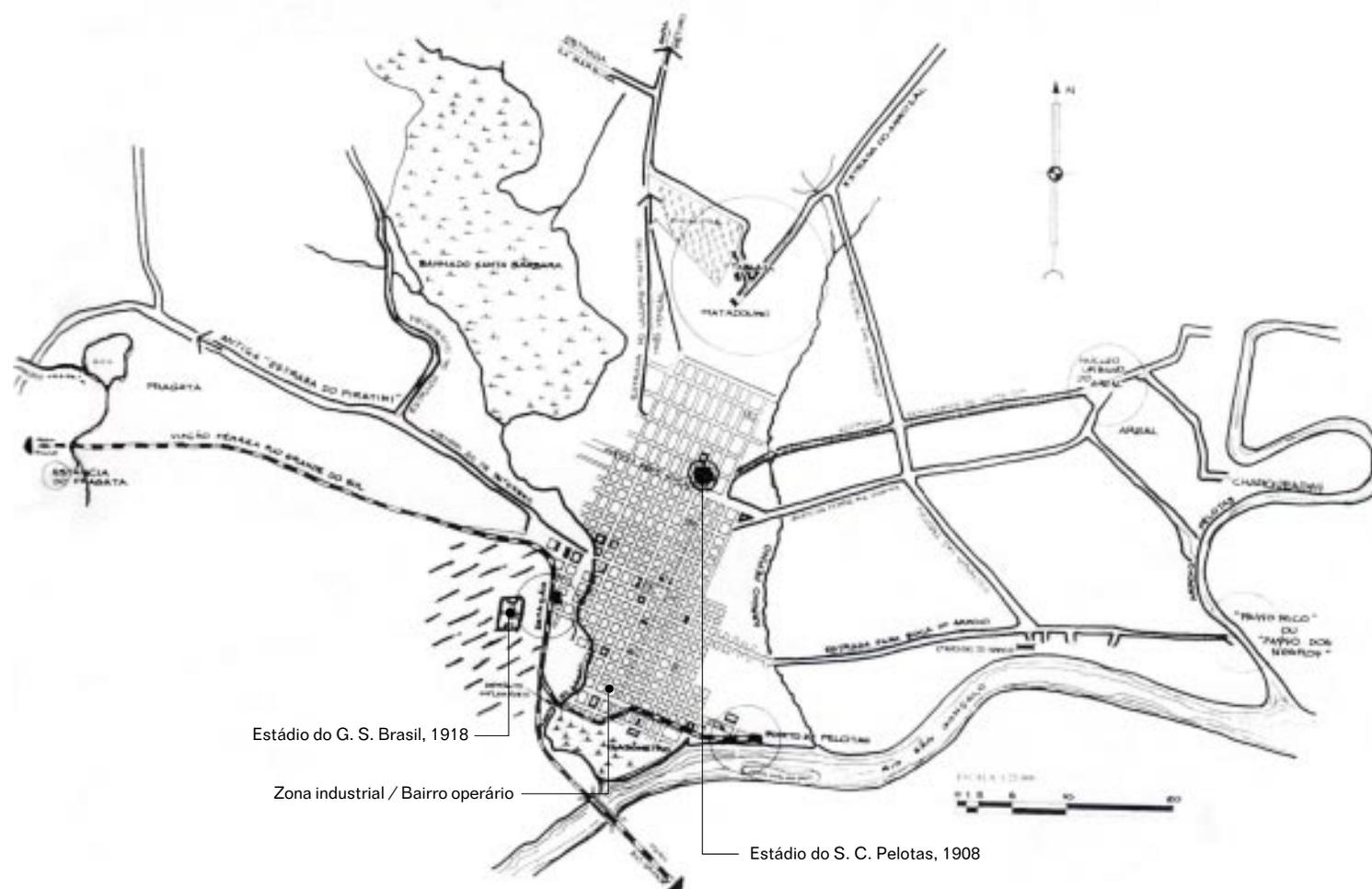
Fontes Alves, Eliseu de Mello. O Futebol em Pelotas. Pelotas: Livraria Mundial, volume I, 1984; Damo, Arley Sander. Futebol e identidade social. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2002;

Magalhães, Mário Osório. Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: Livraria Mundial e Editora da UFPel, 1993; Mascarenhas, Gilmar. Imigrantes desportistas: os alemães no sul do Brasil. III Colóquio Internacional de Geocrítica: migración y cambio social. Barcelona, mayo de 2001. <http://www.ub.es/geocrit>; Mascarenhas, Gilmar A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Geografia) Programa de pós-graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, 2001c; A via platina de introdução do futebol no RS. LECTURAS: Educación Física y Deporte – Revista Digital – Buenos Aires – Año 5 – N° 26 – Octubre de 2000; Pegas, Luis. Assim nasceu o futebol no RS: resumo histórico do Sport Club Rio Grande. Rio Grande: 1972; Ramos, Miguel Glaser. Sport Club Rio Grande: centenário do futebol brasileiro. Rio Grande: editora da FURG, 2000.

Segregação sócio – espacial no cluster esportivo de Pelotas, 1908 – 1918

Social and spatial segregation in the Pelotas sports cluster, 1908 – 1918

Localização dos principais estádios / Location of main stadiums



Cluster esportivo de Santa Cruz do Sul – RS

ADEMIR MULLER

Sports cluster of Santa Cruz do Sul – RS

The city of Santa Cruz do Sul, located in Vale do Rio do Pardo in the state of Rio Grande do Sul, 155 km from Porto Alegre, has 107,000 inhabitants, most of German descent. It is the main center of development of this region, which has 24 municipalities also inhabited by German descent groups. In Santa Cruz do Sul, the per capita income is of

US\$10,000 and literacy reaches 95.6% of the population, which is a high rate for today's Latin America. The city is industrialized and the local university with 12,000 students is the hub of the whole region. The colonization of the area began in 1849 and since the very beginning sports have greatly contributed for the identification and cultural unity

of the region. This chapter describes historical facts in order to highlight the cluster of Santa Cruz pointing out (i) its sport-cultural meaning related to its German ethnicity and tradition (1866– 1924), (ii) the social-economic tendency (1931-1994), and (iii) the influence of the university and of the city hall as mediators of the sports local legacy today.

Origens e Definições O Município de Santa Cruz do Sul, localiza-se na encosta inferior do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, distante 155 km de Porto Alegre. Possui uma área total de 794,49 km², sendo 133,40 km² de área urbana e 661,09 km² de área rural. Com mais de 107.000 habitantes o município e conhecido como a “Capital Mundial do Fumo”, pois reúne um grande parque de industrialização e beneficiamento de fumo, além de fábrica de cigarros. Sendo considerada a 6ª economia do Estado do RS, Santa Cruz do Sul possui um parque industrial diversificado. Em termos históricos, Santa Cruz do Sul foi um dos principais núcleos de colonização alemã do sul do país e recebeu seus primeiros imigrantes do Reno e da Silésia, em 1849. Estes se estabeleceram na Colônia de Santa Cruz – Picada Velha, hoje conhecida como Linha Santa Cruz. Entre 1854 e 1855, foi povoado o Faxinal do João Faria, origem da atual cidade de Santa Cruz do Sul. Com a extensão administrativa da Colônia em 1872, Santa Cruz passa a distrito de Rio Pardo, sendo emancipado em 1878, com a instalação da Câmara Municipal. A 19 de novembro de 1905, Santa Cruz recebe a visita do então Governador Borges de Medeiros, para inaugurar a ferrovia que ligaria Santa Cruz a Ramiz Galvão. Surpreendido pelo desenvolvimento do lugar, o Governador elevou a Vila à condição de Cidade, no mesmo dia. A partir de 1944, a cidade adotou o cognome de “Santa Cruz do Sul. Capital Nacional do Fumo”. Destacam-se na região atualmente as indústrias do vestuário, alimentação, mobiliário, plásticos, metalurgia e borracha colocando Santa Cruz do Sul entre as cidades que mais arrecadam tributos tanto a nível estadual como federal.

Santa Cruz do Sul é sede da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, universidade com apenas 10 anos de existência, possuindo em 2003 cerca de 12.000 alunos, polarizando o estudo superior da região, oferecendo 39 cursos de graduação (com 52 habilitações); 30 cursos de especialização em andamento; 3 cursos de mestrado (dois próprios e um interinstitucional); 2 cursos de doutorado (um próprio e um interinstitucional), em seu moderno campus situado em 42 ha de área verde nos arredores da cidade. O índice de alfabetização em Santa Cruz do Sul é elevado em termos nacionais (95,6% da população é alfabetizada.) e a renda média percapita é de US\$ 10 mil, três vezes maior do que a média nacional. O comércio e serviços são bem desenvolvidos, tendo como ícone o florido calçadão da rua Marechal Floriano. A cidade conta também com dois hospitais muito bem equipados. Instituições de caráter religioso, esportivo, cultural e econômico têm sido utilizadas historicamente pelos imigrantes alemães e seus descendentes como agentes vinculadores do “germanismo” (*Deutschtum*), procurando manter as tradições, costumes e preservando laços de amizade (Gertz, 1991). O imigrante alemão que chegou na região de Santa Cruz do Sul com a idéia de melhorar suas condições de vida e a de seus familiares, encontrou dificuldades e preocupou-se, logo depois de tomadas as providências necessárias à sua subsistência, em cultivar seus costumes e manter suas tradições culturais e, entre estas, principalmente, a língua alemã (Kipper, 1968). Este conjunto de condições faz de Santa Cruz do Sul o pólo de uma micro-região composta de 24 municípios delimitados pelo Vale do Rio do Pardo (ver mapa), em que a economia e a homogeneidade sócio-cultural criaram um efeito de cluster cultural-esportivo (relações mútuas provocando um desenvolvimento das partes como reflexo do centro e vice versa). Esta particularidade torna-se mais evidente quando se levanta a memória esportiva da região, como se relata na cronologia a seguir. Por estes resumos de fatos históricos, pretende-se delinear o cluster de Santa Cruz primeiramente pelo seu significado cultural-esportivo com base na etnia germânica (1866 – 1924), posteriormente pelo viés sócio-econômico (1931-1994) e, finalmente, pela influência da universidade e da prefeitura da cidade, atuando como intermediárias do legado esportivo local nos dias presentes.

Turnen

1866 – 1893 Na busca da manutenção dos laços de afetividade, preservação da cultura e tradições alemãs, muitas sociedades de cunho esportivo e recreativo foram criadas no Brasil, no Rio Grande do Sul e, mais especificamente, na região hoje definida pelos 24 municípios do Vale do Rio Pardo. Tanto os imigrantes como os descendentes de imigrantes alemães, além de se reunirem em comunidade com o objetivo de se defender e amparar mutuamente, cultivavam o lazer como uma das formas de manter suas raízes culturais, e este espírito associativo deu origem a sociedades culturais, recreativas e esportivas. Em Santa Cruz do Sul, no ano de 1866, se dá o surgimento da primeira cancha de bolão do Estado do Rio Grande do Sul e a fundação de uma sociedade deste esporte, o Club União. Tanto o bolão quanto a sociedade são ainda fortes no município. Outra atividade a destacar foi a ginástica. Na Alemanha a ginástica tinha grande importância e ocupava espaço importante na vida cotidiana, figurando entre as principais ocupações, principalmente entre os jovens. Nas escolas, os alunos não eram dispensados da prática de educação física (Oliveira, 1987), pois a ginástica, em toda a Alemanha, era obrigatória. Todos os professores de ginástica tinham que, necessariamente, conhecer a origem histórica, o valor da prática para o processo educacional e os efeitos anátomo-fisiológicos da atividade que lecionavam. No Brasil, buscando manter a tradição esportiva tão arraigada na cultura de seu país de origem, o imigrante alemão criou sociedades onde pudesse cultivar a prática esportiva, o que na fase inicial de assentamento e instalação, não pôde ser feito por questões de sobrevivência (Kipper, 1968).

As sociedades de cavalaria criadas em Santa Cruz do Sul (Rio Pardinho) foram as pioneiras do Estado e tinham como principal objetivo lembrar o passado e o país de origem, além de oferecer a seus membros oportunidade de mostrar sua habilidade no manejo do cavalo. Alguns fundadores destas sociedades, antes de imigrarem para o Brasil, ocupavam postos no exército alemão (Kipper, 1968). Torneios de lanceiros montados, que buscavam acertar um alvo com uma lança, já eram conhecidos entre as legiões romanas, e chamavam-se “Quintana”. Na literatura medieval, festivais de lanceiros são inúmeras vezes mencionados. No começo da Idade Moderna os torneios de lanceiros eram muito comuns entre a nobreza, mas também ocorriam nas cidades. Já no começo do século XIX, tais torneios começaram a se tornar comuns entre a população camponesa da Alemanha, onde especialmente os jovens solteiros exercitavam-se em suas montarias para participar dos torneios em que tentavam com lanças de dois metros de comprimento, alcançar um alvo suspenso confeccionado de couro com furos ou um anel feito do mesmo material (Petzoldt, 1983). As finalidades destas sociedades para com os jovens associados tinha como meta o aspecto esportivo e o convívio coletivo, mas na prática os exercícios sobre montarias tinham cunho militar, demonstrando a estreita ligação entre recreação e adestramento. A primeira sociedade que foi criada em Santa Cruz do Sul foi a Turnverein Santa Cruz (Sociedade Ginástica), fundada em 15 de setembro de 1893. A sociedade criada com fins sociais, culturais e esportivos sendo grande a adesão de novos associados, demonstrando grande motivação por parte da população local em relação à prática de exercícios físicos que proporcionavam a educação do corpo. A finalidade das sociedades de cavalaria encontra exemplo nos estatutos do “*Deutschbrasilianischer Cavallarie Stechklub*” de Ponte Rio Pardinho, que teve a sua fundação em 1899 e cujos preceitos eram: a) exercitar-se no cavalgar e com a lança acertar o alvo; b) a sã recreação social, conservação das boas maneiras e dos bons costumes (Kipper, 1968, p. 69). O clube Turnverein Santa Cruz, atual Sociedade Ginástica, teve sua primeira sede localizada ao lado do

atual Museu do Colégio Mauá, na rua Marechal Floriano. A sociedade foi criada com fins sociais, culturais e esportivos sendo grande a adesão de novos associados.

1905 – 1924 O canto, a música e a ginástica impulsionaram a Sociedade Ginástica, onde, a partir de 1905, foi introduzida a modalidade de futebol que teve grande aceitação por parte dos associados. Na ata de nº 2, de 1910, foi registrada a criação do departamento de esgrima. Em 1916 foi construída uma cancha de bolão para o qual 5 grupos se estruturaram, houve também a instalação de uma mesa de “billard” e foi criando um grupo de escoteiros. Aos poucos, foram sendo introduzidas outras modalidades esportivas como o atletismo. Em 1924, a sociedade participou, com atletas, de uma maratona realizada na cidade em comemoração ao centenário da imigração alemã.

Basquetebol

1931 Edgar Harth, nascido em Santa Cruz do Sul, é o responsável pela primeira apresentação do basquetebol, neste ano, à comunidade, em uma quadra improvisada na chácara de Rudolfo Neumann. A partida foi realizada por dois quadros da Sociedade Ginástica que logo adotou esse novo esporte.

1939 Fundação do Corinthians Foot Ball Club, atual Corinthians Sport Club, cuja atividade inicial resumia-se à prática do futebol amador. A primeira partida realizada pela equipe de basquetebol do Corinthians em Estrela, no dia 27 de maio de 1940, sendo derrotada pela equipe local. A partir de 1941, o basquete passou a ser o esporte mais praticado no Clube, ficando o futebol em segundo plano, o que fez com que fosse abandonado, por falta de atletas. Em 1945 a direção do Clube contrata o primeiro professor de Educação Física, Ari Soares de Oliveira, com o propósito de proporcionar aos jogadores mais resistência e agilidade durante os jogos.

1941 Ocorre o primeiro clássico entre os dois clubes de maior tradição em basquetebol de Santa Cruz do Sul, Ginástica x Corinthians, o famoso (GiGo) sendo vitoriosa a equipe da Sociedade Ginástica.

1942 Realizou-se o primeiro Campeonato Citadino, reunindo as duas agremiações esportivas. De um lado, a Sociedade Ginástica, pioneira no basquetebol desde 1931; de outro lado, o Corinthians Sport Club, que implantara o seu departamento em 1939, e que no primeiro ano e meio de sua implantação não havia vencido qualquer partida. O prélio em foco foi vencido pela equipe do Corinthians numa melhor de três partidas.

1944 Criação do Grêmio Esportivo Sampaio, alocado provisoriamente na Sociedade Aliança, atualmente denominado “Clube dos Subtenentes e Sargentos -CSS”, possuindo hoje sede própria.

1945 O Corinthians Sport Club torna-se Tricampeão Citadino

1946 A Sociedade Ginástica e o Corinthians Sport Club fazem uma parceria e juntos patrocinam a realização do Campeonato Estadual de Basquetebol em Santa Cruz do Sul. A Sociedade Ginástica consagrou-se Campeã do Interior e Vice-Campeã Estadual, perdendo apenas para o Internacional de Porto Alegre.

1951 O Corinthians Sport Club sedia o primeiro Campeonato Estadual de Basquetebol na categoria juvenil, consagrando-se campeão neste evento. No ano seguinte, essa categoria obteve o Vice-Campeonato Estadual Juvenil.

1955 Outorga-se, ao Corinthians Sport Club, a Ordem de Honra ao Mérito da Confederação Brasileira de Basquetebol – CBB, sendo este o primeiro clube do Brasil a receber tal reconhecimento.

1958 O Corinthians Sport Club obtém o primeiro título de Campeão Estadual, sendo disputada em Santa Cruz do Sul, no ginásio do Corinthians Sport Club. A equipe local disputou seis jogos, não perdendo partidas. Nesse campeonato, o Corinthians Sport Club conseguiu o primeiro lugar por equipe certame de lance livre.

1959 Embora o Corinthians fosse Pentacampeão cidadão e o Campeão Estadual de 1958, foi a Sociedade Ginástica, após vencer no Campeonato Cidadino, que representou Santa Cruz do Sul no VIII Campeonato Estadual neste ano. A equipe perdeu a partida final para o Internacional por apenas um ponto, 47 X 46.

1960 – 1970 Este período foi a fase de decadência do basquetebol de Santa Cruz do Sul, pois Corinthians e Ginástica romperam relações. Apesar de todas as dificuldades, a sociedade Ginástica consegue obter o título de Campeã Estadual na categoria juvenil, em 8 de outubro de 1972, contra a equipe do Ipiranga de Rio Grande-RS.

1983 O Corinthians Sport Club alcança o título de Campeão Estadual, após vencer o seu maior rival, a Sogipa de Porto Alegre. A partida se deu no ginásio do Corinthians Sport Club. O mesmo título foi obtido em 1984 e 1986.

1990 O Corinthians Sport Club resolve que o Departamento de Basquetebol adulto deixa de ser amador e passa a ser profissional. Esta medida só foi possível graças à aliança com a Empresa Arcal. A partir de 1992 surgiram outros patrocinadores com o intuito de veicular seus nomes na grande mídia esportiva. Neste sentido, o suporte da modalidade em foco passou da etnia germânica para a capacidade econômica da indústria e comércio local.

1992 Houve a inauguração do Ginásio Municipal chamado provisoriamente de Poliesportivo com capacidade para 7.500 espectadores, com vistas à promoção de grandes espetáculos e também para incentivar o Basquetebol.

1994 O Corinthians obteve o título de Campeão da Liga Nacional de Basquete. O jogo foi transmitido para todo o país.

Tradição e folclore teuto-riograndense

1977 Neste ano, foi instituída a Semana da Imigração Alemã no Governo Prefeito Arno Frantz e Vice Armando Wink, realizada até os dias atuais. Segundo Ademir Müller (mentor da Semana) esse evento veio substituir o Dia do Colono. A semana da Imigração Alemã pode ser creditada ao longo de suas 27 edições até 2003, um avanço no desenvolvimento da Integração entre os produtores rurais dos distritos de Santa Cruz do Sul e também na aculturação das tradições e dos jogos germânicos ainda praticados pelos descendentes.

1984 Foi idealizada e executada, dentro do Governo Armando Wink, pelo Secretário Municipal de Transporte, Desporto e Turismo Ademir Muller, a segunda maior festa germânica do país e a terceira maior do mundo: a Oktoberfest. Este evento vem sendo realizado deste 1984 agora já está na sua 19ª edição. Vários grupos de Dança Folclórica Alemã ressurgiram por esta iniciativa; a gastronomia típica alemã, que é um ponto alto do evento, tem se solidificado; e os Jogos Germânicos e o desfile típico tem recebido incentivo, o que resgata e desenvolve a tradição dos antepassados imigrantes.

O antigo Turnen

Nos dias presentes ainda sobrevive esta modalidade de Ginástica através do Colégio Mauá, que é uma escola que possui laços com a Alemanha, pois cultiva a língua através de seu curso de alemão, sendo também uma escola ligada a religião Evangélica. E com este retrospecto segue a tradição, tendo como destaque várias ginastas em competições regionais e estaduais. Como consequência, houve derivações do Turnen para outras modalidades, como no caso da atleta Natália Eidt, que tem integrado a equipe de Ginástica Rítmica adulta da Universidade do Oeste do Paraná-UNOPAR. Esta equipe hoje constitui a Seleção Brasileira de Ginástica Rítmica que tem apresentado bons resultados internacionais e venceu o Campeonato Pan-Americano da modalidade, realizado em Cancun, no México em 1998, conquistando três medalhas de ouro: classificação geral e aparelhos (maça, bola e corda). Natália também conquistou medalhas no Campeonato Pan Ame-

ricano Individual (1998), no Campeonato Sul Americano (1999), e na Copa 4 Continentes (2001).

Atletismo

Em 2000, o Atletismo passou a ser incentivado na UNISC e os resultados desse esforço resultaram nos seguintes destaques: Fabiano Peçanha. Após ser a grande revelação da UNISC no Troféu Brasil de Atletismo, vencendo a prova dos 1500 metros, ele foi medalha de ouro nos 800 metros e nos 1500 metros rasos do Campeonato Sul-Americano disputado em Barquisimeto, na Venezuela. Com o tempo de 1 min 46seg32 na final dos 800 metros, Fabiano ficou abaixo do índice B do mundial, de 1 min47seg; Christiane Ritz dos Santos (800m) – Vice-campeã sul-americana dos 800m. Primeira do ranking sul-americano 2003 com 2:00.98 (São Paulo, 28/06/2003). Iniciou seus treinamentos na UNISC e hoje treina e compete pela Universidade Luterana do Brasil-ULBRA, sediada no RS; Sabine Heitling - disputou o Campeonato Sul-Americano Juvenil da modalidade em Guayaquil, no Equador, chegando em segundo lugar nos 1500 metros rasos. Ela foi a única atleta gaúcha na delegação brasileira que participou do campeonato. E integrou a equipe da UNISC que disputou o Troféu Brasil de Atletismo, em São Paulo. Com apenas 15 anos de idade, ela chegou em oitavo lugar nos 1500 metros rasos, enquanto Adriana Motta e Camila Vieira de Souza, todas do infanto-juvenil, fizeram boa prova, mas ficaram fora das finais nos 800 metros. Com os resultados obtidos pelos seus quatro representantes, a equipe de atletismo da UNISC terminou em 12º lugar na competição, que é a maior do país na modalidade.

Voleibol

No período 2000-2003, outro destaque aconteceu no voleibol de praia em que a dupla Cabelo e Menegaz, patrocinada pela UNISC, conquistou o hexacampeonato do Circuito Gaúcho da modalidade. A última etapa, que reuniu 28 duplas gaúchas e uma catarinense, foi realizada na cidade de Parobé - RS, nas quadras da Associação dos Funcionários da Azaléia, promotora da etapa. Foi o 6º título estadual consecutivo da dupla. Os santa-cruzenses fizeram finais em todas as seis etapas da temporada, conquistando cinco delas.

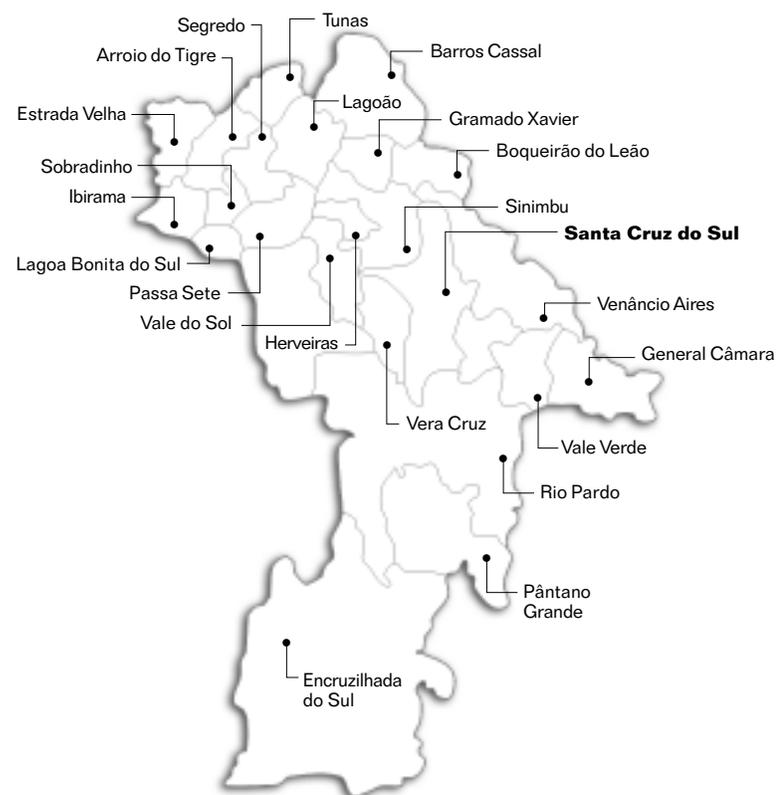
Basquetebol renovado

Em 1995, o Corinthians entra em crise originada pelas cinco derrotas consecutivas da equipe na Liga Nacional. No dia 17 de janeiro de 1996 a equipe do Corinthians conquista o hexacampeonato estadual ao vencer o Minuano/Bira de Lageado, e fechar, de forma invicta, o Play Off de 3 partidas válidas pelo campeonato Estadual da temporada 1995/1996. Na temporada seguinte, o Corinthians é eliminado do Campeonato Sul-Americano, pois se recusou a enfrentar a equipe Los Piratas do Peru. Apesar do descontentamento dos atletas por essa eliminação, a atenção voltou-se para o Campeonato Brasileiro. Neste evento, embora o título tenha sido conquistado pela equipe do Corinthians paulista, as duas equipes fizeram uma final excepcional, pautada pelo equilíbrio técnico no qual o Corinthians de Santa Cruz do Sul sagrou-se vice-campeão. Na temporada 2000/2001, a equipe sequer conseguiu vencer o campeonato Gaúcho o que a habilitaria para disputar a Liga Nacional. Além disso, as categorias de base do clube tiveram suas atividades encerradas. Atualmente o basquetebol de Santa Cruz do Sul, já destacado nacionalmente, encontra-se com dificuldades, pois o Corinthians Sport Club está de licença da Federação Gaúcha e da CBB. Com a preocupação de que o basquetebol viesse a morrer na região, UNISC e SESI intermediados por um abnegado ex-atleta e hoje empresário, Flávio Haas, elaboraram um projeto que conta com o apoio da Prefeitura Municipal e o Corinthians, denominado de "Projeto Cestinha". Este atinge a mais de 300 crianças, tendo como base a difusão do esporte e, no segundo momento, o incremento das competições esportivas baseadas nas escolinhas locais de basquetebol.

Fontes Gertz, R. O perigo alemão. Porto Alegre: UFRGS, 1991. Kipper, M.H. Sociedades de cavalaria em área de colonização germânica, Estudos Leopoldenses, São Leopoldo, n°.6, 1968. Oliveira, P.G. A imigração alemã e a introdução do punhobol no R.G.S. Santa Maria: Universidade de Santa Maria, 1987. (Dissertação, Mestrado em Educação Física). Petzoldt, L. Volkümliche Feste. Ein Führer zu Volksfesten, Märkten und Messen in Deutschland. München: Beck, 1983. Weis, G.F. O basquetebol em Santa Cruz do Sul. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998; Wink, Ronaldo. Santa Cruz do Sul: urbanização e desenvolvimento. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002

Santa Cruz do Sul e os 24 municípios do Vale do Rio do Pardo – RS

Location of Santa Cruz do Sul in the Rio do Pardo Valley – RS



Sistemas esportivos nacionais



Associação Cristã de Moços no Brasil – ACM

MILTON KAZUO HIDAKA E ARY DE CAMARGO SEGUI

Young Men´s Christian Association in Brazil

The Young Men´s Christian Association (YMCA) was founded in London, England, on June 6, 1844, in response to unhealthy social conditions arising in the big cities at the end of the Industrial Revolution (roughly 1750 to 1850). George Williams and a group of fellow drapers organized the first YMCA to substitute Bible study and prayer for life on the streets. The YMCA idea, which began among evangelicals, was unusual because it crossed the rigid lines that separated all the different churches and social classes in England in those days. This openness was a trait that would lead eventually to including in YMCAs all men, women and children, regardless of race, religion or nationality. Also,

Origens Uma mudança radical nos hábitos e costumes de uma geração, acostumada à tranquilidade do campo e tendo que migrar para a cidade grande para jornadas de trabalho diárias de até 14 horas com o surgimento da Revolução Industrial (1750-1850), foi a inspiração de George Williams para a criação da *Young Men´s Christian Association* ou YMCA, na Inglaterra. Esta instituição surgiu em 6 de junho de 1844, marcada pela leitura de textos bíblicos. O objetivo era proporcionar aos jovens que se aglomeravam nas cidades em busca do trabalho, atividades saudáveis e motivadoras. A ACM se expandiu rapidamente. Apesar da origem inglesa, foi nos Estados Unidos que ela mais cresceu, unindo a prática esportiva ao objetivo inicial do seu fundador: o cultivo das virtudes do caráter e do espírito, da disciplina do corpo e, principalmente, do lado comunitário e humano. No Brasil, com o advento da República, em 1889, e Ruy Barbosa, no ano seguinte, ferindo fundo o radicalismo religioso com seu decreto de 7 de janeiro que proclama a Igreja livre no Estado livre, separando, enfim, a Igreja do Estado, as portas foram abertas para a vinda do movimento acemista para o Brasil. E esta primeira ACM instalou-se na então capital do país, Rio de Janeiro, em 1893. Em 1901 uma outra sede é inaugurada no Rio Grande do Sul e, um ano mais tarde, a movimentada e aristocrática sociedade acemista de São Paulo-SP. Depois surgem as ACMs de Minas Gerais, Brasília, Paraná, Amazonas e um acampamento em Porto Trombetas (Pará).

Definições A Associação Cristã de Moços é uma instituição que congrega pessoas sem distinção de raça, posição social, crença religiosa, política ou de qualquer natureza. Muito embora a expansão dessa instituição no Brasil tenha sido pautada no crescimento das atividades econômicas concernentes às atividades esportivas, a ACM não é um clube. Ela tem buscado sua missão: dar aos jovens um novo estilo para as suas vidas, mostrando-lhes a necessidade de cultivar a vida espiritual. Em resumo, identifica-se a transformação da ACM de entidade presbiteriana original em instituição filantrópica, esportiva e social como estratégia de sobrevivência, como disposição dos atores sociais em manter a instituição funcionando, e não como forma de mudança funcional, pois se fosse desse modo, a ética protestante nunca poderia ser abandonada.

1887 George Chamberlain propõe a fundação de uma ACM no Brasil na conferência de Northfield, nos EUA. Myron Clark, assistente do Secretário Geral da ACM de Kansas City, foi escolhido pelo Comitê Internacional das ACMs nos Estados Unidos para se desincumbir da missão.

1891 Dia 15 de maio, Myron Clark pede demissão da ACM de Kansas e, no mês de julho, embarca para o Brasil. Instala-se, primeiramente, na cidade de São Paulo, então capital do evangelismo no Brasil. Entretanto, Myron Clark sentiu dificuldades de criar uma ACM em São Paulo. Vai para o Rio de Janeiro. O apoio financeiro de José Luiz Fernandes Braga e as idéias liberais de Myron Clark encontraram ressonância no caráter cosmopolita da então capital da República, e a partir de uma reunião com 24 jovens no prédio da Sociedade Bíblica Americana, resolvem formar a ACM do Rio de Janeiro.

1893 Em 04 de junho deste ano, Myron Augusto Clark funda a ACM do Rio de Janeiro, a primeira da América Latina.

1897 No período de 1897 a 1921, a ACM do Rio de Janeiro realizou importantes trabalhos: ofertou aulas de inglês gratuitas; criou o Departamento de Instrução e uma escola, a mais conceituada do Rio de Janeiro; iniciam-se as aulas de ginástica como também o

its target of meeting social need in the community was dear from the start. YMCA expanded rapidly around the world combining sports practice with its initial objective of cultivation of character and spirit, body discipline and the communitarian and human side. In 1893, YMCA (Associação Cristã de Moços –ACM) was founded in Rio de Janeiro, Brazilian capital at that time: the very first YMCA in Latin America. The second Brazilian ACM was founded in São Paulo in 1901 and the third in Porto Alegre-RS in 1902. In the following years other ACMs came up in different parts of Brazil as show in the set of tables at the end of this chapter. The Brazilian ACMs brought basketball, volleyball

Departamento de Educação, o Departamento Espiritual, a Seção de Menores e, finalmente, o célebre Instituto Técnico. Este, apoiado pela escola de Montevidéu, dotou a ACM do Rio de Janeiro de Secretários preparados moral, intelectual e fisicamente para o desempenho de suas nobres e humanitárias funções. A esses homens, conscientes de seus deveres e de suas responsabilidades, se deve, em grande parte, o bom nome que a ACM goza hoje em todo o Brasil. Outro retumbante triunfo, por onde se pode aferir bem o grau de simpatia e de influência que, já a essa altura, desfrutava a ACM no seio da comunidade carioca, foi a célebre Campanha do novo edifício, que encheu de entusiasmo e manteve em permanente ebulição toda a população da cidade, durante oito dias de sua duração. Recordam-se, com profunda emoção, as nobres e generosas palavras que Ruy Barbosa endereçou, nessa ocasião, ao Sr. Francisco Castro, chefe do grupo nº 5: “Meu caro Francisco Castro: aí vai, com um cheque de um conto de réis, a minha modesta contribuição para a Associação Cristã de Moços. Só o que sinto, é em vez de um só, não lhe poder dar todos os quatrocentos. Seu colega e amigo Ruy Barbosa”.

1901 Fundação da Associação Cristã de Moços de Porto Alegre, em 26 de novembro, sendo eleita a primeira Diretoria da Instituição. Ao longo dos 100 anos de trabalho na capital do Rio Grande do Sul, muitas foram as contribuições da ACM. Como exemplo, cita-se a introdução da prática do voleibol, basquetebol e futebol de salão na cidade de Porto Alegre, por intermédio de intercâmbio com demais ACMs do país e da América Latina. Atualmente, esta ACM conta com mais de 40 atividades esportivas, 2 ginásios, piscina semi-olímpica, 3 escolas, 3 cursos técnicos, atendimento médico e odontológico, aconselhamento sócio-pedagógico, creche turno integral, oficinas de aprendizagem, cursos de informática etc.

1902 Dia 23 de dezembro ocorre a fundação da ACM de São Paulo. A Instituição paulista sofreu nos seus primeiros anos com a falta de estrutura física para o desenvolvimento de suas atividades. As primeiras atividades restringiam-se a palestras, aulas, festividades, recreação e os tradicionais estudos bíblicos. Marcam essa época a palestra do Dr. Vital Brasil sobre o tratamento de ataques de cobras venenosas e a do Dr. Victor Godinho sobre a tuberculose. No início do século, programas de esporte e lazer eram realizados ao ar livre, sendo constantes as atividades nas margens do Rio Tietê, grande centro de lazer na cidade à época.

1906 Realiza-se em São Paulo a primeira Convenção Nacional de ACMs. As convenções permitiram uma maior unificação de procedimentos entre as instituições brasileiras.

1917 Introdução, pela ACM de Porto Alegre-RS, das primeiras corridas de rua na cidade.

1918 Pioneirismo nas práticas de pólo aquático e natação, como também, a comemoração do “Dia das Mães” no mês de maio por parte da ACM gaúcha, inspirando a mesma festividade em São Paulo, sendo oficializada em todo o país por Getúlio Vargas em 1931.

1922 A ACM de Porto Alegre executa importante trabalho sócio-esportivo com presos na Casa de Correção de Porto Alegre. Primeira atividade com caráter de recuperação de apenados na Cidade.

1924 A ACM de Porto Alegre inicia projeto de trabalho de educação com pequenos jornaleiros na cidade, que se estende até 1944.

1926 Inicia-se, com auxílio financeiro do *International Committee*, a construção do edifício da ACM de Porto Alegre, localizado na rua

and futsal to Brazil and became a reference in terms of Physical Education for the whole country during the first half of the 20th century. Today the Brazilian ACM continues to be the largest in Latin America and reaches the 5th position in the world, with 186,000 members, 5,080 volunteers and 2,146 professionals (2002 data). ACM offers of activities became eclectic at the end of the 20th century following the modern tendencies of sports and of leisure activities, which explains the existence of 1,116 facilities and equipment to serve the clientele in 65 buildings located in eight cities and in different locations in the country.

Araújo Porto Alegre, na Esplanada do Castelo. Concluído o edifício, inicia a ACM uma nova fase na sua existência.

1928 Neste ano, a ACM de São Paulo adquire um amplo terreno na Rua Santo Antônio, iniciando a construção de sua sede própria que foi inaugurada em 1937. A partir deste momento, as atividades esportivas, intelectuais e religiosas centralizaram-se em único local. Neste período ocorre a consolidação da ACM paulista, cujo fato importante foi a resolução de algumas divergências internas que datavam desde a década de vinte. Estas consistiam no pedido de alguns acemistas ligados às igrejas protestantes de estender regras evangélicas, como guardar os domingos e não fumar, para todos os sócios da ACM. Chegou-se à conclusão de que a ACM é uma instituição ligada às igrejas protestantes por sua origem, contudo, aberta a qualquer cristão, independentemente do grupo religioso que almejasse o desenvolvimento físico, e/ou moral e intelectual, sendo ou não protestante. Com isso, a ACM abriu suas portas ao relacionamento com a sociedade paulista, como autoridades, círculos sociais, que colaboraram com a consolidação da entidade. Outro fator importante para o surpreendente crescimento da ACM paulista, deve-se à Revolução Constitucionalista de 1932, com o projeto Casa do Soldado, que oferecia diversos atendimentos voluntários aos soldados constitucionalistas.

1930 A ACM de Porto Alegre organiza o Primeiro Corpo de Correspondência Militar, composto por voluntários acemistas colocados à disposição de Osvaldo Aranha para acompanhar as tropas revolucionárias de 1930. Institui-se, pela primeira vez na cidade, a obrigatoriedade do exame médico para a prática esportiva.

1940 A partir desta data, estendendo-se à década de 1950, a ACM de São Paulo desenvolve trabalho com populações de baixa renda em favelas na região da Bela Vista, resultando no conceito de trabalho dos atuais Clubes da Criança e do Adolescente. Nas décadas seguintes, com o crescimento das desigualdades sociais no país, a ACM de São Paulo deu início às atividades dos centros sociais com programas mais complexos, chegando, atualmente, a 18 pontos de atendimento social, sendo 2 em implantação. Além da programação regular, que inclui esportes, reforço escolar, alimentação e cursos profissionalizantes, cada unidade apresenta um trabalho diferente, rico em arte, beleza, fantasia e pesquisa. Participa deste projeto a população de baixa renda, em sua maioria as crianças e adolescentes, com idade entre 6 e 14 anos, estudantes. Os Centros Sociais apresentam uma variedade de atividades, que educam e divertem seus participantes. Algumas delas são direcionadas à família, uma oportunidade de crescimento e melhoria da qualidade de vida. Por ano são atendidas gratuitamente mais de 16 mil pessoas.

1941 Grande e efetivo auxílio às vítimas da grande enchente que assolou Porto Alegre neste ano, promovido pela ACM desta cidade.

1942 Movimento iniciado em 1940, para construção de um novo edifício, mais amplo, para atender ao crescente número de pessoas ávidas de participar das atividades da ACM no Rio de Janeiro. Mas somente numa Assembléia Geral, realizada em 5 de dezembro de 1942, foi autorizada a venda do prédio. Em 23 do mesmo mês, efetiva-se a transação pela importância de CR\$ 18.000,00 (Dezoito milhões de cruzeiros) que convertidos ao câmbio da época, representaram US\$ 1.000.000,00 (um milhão de dólares), dos quais pagou-se ao *International Committee* a importância de CR\$ 1.400.000,00, ou seja, correspondente em moeda americana ao débito referente à dívida hipotecária.

1943 A ACM de São Paulo alcança mais de mil e oitocentos associados. O crescimento da instituição paulista acompanha a industrialização da capital, e o conseqüente crescimento demográfico, pois a cidade já contava com mais de 2 milhões de habitantes, aproximando-se do Rio de Janeiro, então a maior cidade e capital do país.

1944 Promoção de jantares e eventos pela ACM de Porto Alegre, em conjunto com outras entidades sociais, a fim de levantar dinheiro para fundos de auxílio a desabrigados pela 2ª Grande Guerra.

1951 Antecipando-se à orientação mundial que ocorreu em 1955, a ACM paulista reformulou seu estatuto, permitindo a representação católica. Podemos destacar nessa fase a atuação e colaboração do professor e médico Flaminio Fávero, presidente da Associação entre 1933-1946, consolidando princípios higienistas às atividades religiosas da mesma. E ainda de 1945-1973, a liderança do professor de Educação Física João Lotufo como Secretário Geral, reforçou ainda mais, a missão esportiva da ACM. João Lotufo despontou como um importante líder na área de Educação Física. Contudo já a partir dos anos de 1930, a Educação Física era destaque na atuação acemista, pois, em termos governamentais, tornara-se ferramenta imprescindível de formação do homem e da mulher brasileiros, fato que consolidou a freqüência feminina nas atividades acemistas.

1951 Surge a Associação Cristã de Moços de Minas Gerais, que continuou propagando sua missão: colocar em prática para todos os princípios cristãos, através de atividades que formem um corpo, uma mente e espíritos sadios, promovendo a união fraterna de todas as pessoas sem distinção de cor, sexo, classe ou nacionalidade e valorizando e aplicando permanentemente a dimensão ecumênica da ACM: para que todos sejam um.

1952 A ACM de Porto Alegre participa da fundação da Federação Gaúcha de Basquetebol.

1953 A ACM de Porto Alegre participa da fundação da Federação Gaúcha de Voleibol.

1954 Em fins de 1954, a ACM do Rio de Janeiro transferiu-se para nova sede, na rua da Lapa, 86 (centro da cidade), sem que suas instalações sociais estivessem concluídas. As obras terminaram em 1960, apesar de muitas dificuldades. Neste mesmo ano, funda-se o Triângulo Vermelho de Sorocaba-SP, a partir de um sonho de um jovem professor de Educação Física, José Carlos de Almeida. A primeira sede foi alugada no centro da cidade, servindo de local para reuniões e jogos, sendo que no fundo do terreno fora construída uma quadra de esportes que, apesar de precária, tinha boa freqüência.

1956 O Triângulo Vermelho passa a ser a ACM de Sorocaba. Foi em Sorocaba que, pela primeira vez, o "Triângulo Vermelho" se transformou em uma ACM autônoma em todo país. Com novas atividades e programas, foi necessário um espaço maior para os associados, sendo alugado o prédio vizinho da sede. Ainda em 1956 foi realizada a primeira campanha financeira, que teve apoio da comunidade, para aquisição da sede própria. Essa campanha ultrapassou o alvo fixado e recebeu ajuda das ACMs dos Estados Unidos, que representava na época, cerca de 40% do valor da sede. Neste mesmo ano, a ACM de Porto Alegre participa da fundação da Federação Gaúcha de Futebol de Salão.

1958 Desapropria-se a antiga sede da ACM de São Paulo, na rua Santo Antônio, pela prefeitura de São Paulo, para reformas no centro da cidade. Simultaneamente, concluem-se as reformas da nova sede situada na rua Nestor Pestana, com instalações modernas, contando com ginásios e uma piscina aquecida, além de imponente prédio principal. A partir de então, o crescimento da ACM paulistana tem sido vertiginoso. Nos anos de 1970, a ACM paulistana viu-se diante do dilema entre quantidade e qualidade de atendimento, buscando dessa forma, uma dinamização dessa atuação. Também, reforçou-se o espírito do voluntariado e do atendimento social às classes pobres. Como entidade filantrópica, a ACM de São Paulo buscou sua intervenção social, sendo modelo dessa iniciativa o programa Uirapuru, que atende uma favela de Guarulhos, possibilitando o acesso às atividades lúdicas. Atualmente, a entidade conta com 12 unidades e 18 pontos de desenvolvimento comunitário; 730 funcionários; número de voluntários: 2.800; número de sócios: 70.000 em 1996; número de pessoas atendidas: 220.000.

1962 As ACMs brasileiras passam a ser reconhecidas pelo governo como entidades filantrópicas.

1962 Criam-se três Triângulos Acemistas no Rio de Janeiro: o primeiro no Méier e depois transferido para Rua Pernambuco, 484,

em Engenho de Dentro; o segundo em Campo Grande, terreno próprio, e o terceiro em Copacabana, com instalação de uma grande barraca na praia, onde se reuniam os associados. O segundo e o terceiro triângulos acemistas acabaram por ser desativados por não preencherem as pretensões da ACM.

1964 A ACM paulista funda em Sorocaba seu próprio centro de formação de secretários da ACM, desvinculando-se do centro uruguaio. Também é marcante na década de sessenta, a transformação de instalações locais da ACM em bairros paulistanos, chamados de "triângulos vermelhos", em filiais com maior independência da sede central. Exemplos são as filiais da Lapa, Pinheiros, Santos Amaro, Vila Mariana, Santana, Itaquera, Osasco e Guarulhos.

1965 Iniciados os estudos em 1963, somente neste ano tem início a primeira fase de construção do prédio da ACM de Sorocaba, compreendendo um ginásio, um conjunto de vestiários, a piscina, o vestiário de menores e instalações de fisioterapia entregues aos sócios três anos depois. Neste mesmo ano, a ACM de Brasília foi fundada, em uma sede provisória no Setor Comercial Sul, Ed. José Severo. Iniciou-se com vendas de títulos para a construção de sua sede própria. Durante 10 anos, a ACM de Brasília desenvolveu suas atividades em locais alugados e emprestados. Seus professores e monitores ministravam cursos em períodos determinados no clube dos previdenciários de Brasília.

1971 Efetua-se a compra do terreno que passou a sediar o acampamento da ACM de Sorocaba, nas margens da represa de Itupararanga, distante 24 km da cidade. Também, neste ano, a mesma ACM compra um imóvel que faz fundos com a ACM Centro, na Rua 7 de Setembro.

1975 Em 06 de junho, a ACM de Brasília começou a funcionar em sede própria, com uma piscina semi-olímpica e uma quadra descoberta. Atualmente, esta ACM conta com o maior parque aquático privativo do DF com 04 (quatro) piscinas semi-olímpicas, 02 (dois) ginásios poli-esportivos, salas de ginástica, sala de manutenção e condicionamento físico, sala de judô e sala de dança.

1978 A ACM de Sorocaba inicia e conclui a transferência da Faculdade de Educação Física, uma escola que existia desde 1971 e que estava enfrentando uma série de problemas. Entre estes, a dificuldade no mercado de trabalho por falta de instalações necessárias para a continuidade do trabalho de formação dos futuros profissionais em Educação Física. Ao final, a entidade transferida passou a chamar-se Faculdade de Educação Física da ACM de Sorocaba. Hoje conta com mais de 700 alunos.

1980 Tem início o funcionamento do Instituto Técnico de Preparação de Profissionais da ACM, na ACM de Sorocaba.

1982 Na ACM de MG, criam-se a unidade de desenvolvimento e a oficina-escola Leonor Askar Abjaodi, com cursos profissionalizantes e curso pré-escolar, oferecendo, inclusive, distribuição de tíquetes de leite. Hoje a oficina-escola já fez história e se arraigou em solo mineiro, com um trabalho que se volta, primordialmente, para diminuir a desigualdade social existente hoje naquele estado.

1983 Com a "Casa do Acemista" (três andares de alojamento), ficou praticamente encerrada a construção do prédio de oito andares da sede da ACM de Sorocaba. Neste ano, esta mesma ACM compra o Clube de Campo do Automóvel Clube de Sorocaba, ampliando seu espaço: uma área de 50.000m², transformando-se na ACM Jardim São Paulo.

1984 Por iniciativa de um grupo de pessoas preocupadas com os rumos da juventude local, em 1983, iniciaram-se os contatos para a formação da ACM em Itapeva, cidade localizada a 280km de São Paulo e população estimada em 86.000 habitantes. Em 30 de abril de 1983, o Rotary Club de Itapeva recebe uma visita de uma comitiva da ACM de Sorocaba, indicada pela Federação Brasileira das ACMs, para estudar as viabilidades da fundação da ACM nessa cidade. Aproximadamente um ano mais tarde, em 14 de março de 1984, a Sociedade Anônima Indústrias Votorantin abraça a idéia que foi sendo amadurecida, e cede as suas instalações do conjunto esportivo na Vila Isabel para a ACM poder iniciar seus serviços. Finalmente, funda-se no dia 06 de Junho de 1984 (mesmo dia da fundação da primeira ACM do mundo em Londres – Inglaterra 06/06/1844), a ACM de Itapeva. Uma curiosidade sobre esta ACM merece ser lembrada: Itapeva, quando ainda se chamava Faxina, deu as boas vindas a Myron Clark, Secretário Executivo da ACM dos Estados Unidos, que, chegando ao Brasil em 1892, veio para Faxina familiarizar-se com a língua portuguesa e aqui se casou com Chiquita Pereira de Moraes, resultando dessa união 5 filhos. Myron Clark e sua Família partiram de Faxina para o Rio de Janeiro e em 4 de

Abril de 1893 quando ele fundou a primeira ACM no Brasil e na América Latina. Oitenta e um anos após o fundador da ACM no Brasil ter passado por Faxina, funda-se a ACM na Capital dos Minérios.

1985 Ampliação da sede da ACM de Sorocaba, na Rua da Penha, com a construção de um novo prédio na Rua Sete de Setembro, que conta com dois ginásios e quatro salas de aula, salas para jogos e vestiários. Possui, também, uma clínica médica para atendimento aos carentes assistidos pela ACM, um laboratório e escola de informática para carentes e a Faculdade Aberta para Terceira Idade-FAATI, totalmente gratuita e aberta à comunidade de pessoas com mais de 50 anos, contando, hoje, com 160 alunos. A ACM de Sorocaba recebeu o prêmio das 400 maiores entidades beneficentes do Brasil, em pesquisa realizada da Kanitz & Associados. No Estado de São Paulo classificou-se entre as 13 melhores e, no Brasil, entre as 52 maiores e melhores que mais realizaram na área de Desenvolvimento Social. A ACM de Sorocaba, atualmente conta com aproximadamente 27.218 associados.

1992 Tem início, neste ano, na ACM de Minas Gerais, o programa internacional ICCP, base para outros programas internacionais como BIPs e Youth Exchange. A ACM de Minas é representante deste trabalho no país, e a ela recorrem as co-irmãs. O ICCP é voltado para jovens de 18 a 29 anos, com fluência na língua inglesa e que queiram participar de colônias de férias nos Estados Unidos, durante três meses do ano. O Youth Exchange também é voltado para adolescentes e se traduz em encontro cultural com acemistas de outros países. BIPs é a corrente inversa, a ACM de Minas Gerais recebe os jovens americanos que participam e desenvolvem no Estado, programas de acordo com suas áreas de atuações. Também, foi da ACM mineira a bem sucedida idéia da criação do Dia do Amigo, em 20 de julho, que se tornou marco em Minas Gerais e no Brasil.

1994 A partir do idealismo de Nair Guimarães, funda-se, na ACM de Minas Gerais, o Centro de Terapia Floral-CTF, através do trabalho de terapeutas, cuja renda é revertida para causas sociais. O CTF possui o seu próprio laboratório de manipulação, onde são aviadas as receitas após consulta. Hoje, a ACM de Minas Gerais mantém 08 unidades em funcionamento, marcantes nas áreas esportivas e de lazer. Estão elas nos municípios e localidades de Aimorés, Recanto, Monlevade, Caiçara, Nova Lima, Cidade Nova, Califórnia, Monte Claros e Veu da Noiva. O Veu da Noiva caracteriza-se por ser uma unidade de Turismo, na Serra do Cipó, a 100 quilômetros de Belo Horizonte. Possui total infra-estrutura para campistas, famílias e visitantes, que fazem do local um dos mais procurados no Estado. O Camping possui quadras esportivas, a cachoeira Veu da Noiva, que jorra de uma altura de 70 metros, piscinas naturais, bateria de chuveiros, lava-pratos e fraldário, lanchonete e restaurante. A natureza em que o camping está inserido é privilegiada, com fauna e flora abundantes e ricas, e trilhas percorridas pelos escravos, fazendo parte da história de Minas Gerais.

Situação Atual Nestes 157 anos de história, a ACM já está atuando em mais de 130 países, contando com 14.000 sedes e aproximadamente 30 milhões de associados atuando nas áreas do esporte, lazer, voluntariado, educação e assistência social. No Brasil, segundo levantamento dado a público em 31 de dezembro de 2002, a ACM tem 147.607 associados, 287 projetos, contando 35.758 pessoas atendidas e 1.872.568 atendimentos, entre crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, famílias, comunidades, pessoas portadoras de deficiência, necessidades especiais e altas habilidades e mobilização social. A ACM brasileira conta com 5.080 voluntários e 2.146 profissionais, com recursos financeiros orçados para 2003 no valor de R\$ 64.039.065,64 (US\$21,3 million). São 51 prédios próprios, tendo uma área de 4.006.855,22m², 19 comodatos (1.663.593,09m²) e 5 alugados. No contexto mundial, o movimento acemista brasileiro ocupa a 5ª posição, com 186.195 membros; e a 8ª posição de acordo com o pagamento à Aliança Mundial das ACMs. O conjunto de Tabelas a seguir oferece um perfil do Movimento das ACMs no Brasil por dados quantitativos e por comparações entre os anos de 2001 e 2002.

Fontes ACM. ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS DE SÃO PAULO. ACM São Paulo 1902-2002: 100 anos servindo a juventude. São Paulo: Árvore da Terra, 2002; SEGUI, Ary C. Associação Cristã de Moços no Brasil: de Igreja à Clube Esportivo. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 1998; Periódicos Acemistas publicados pela Aliança das ACMs no Brasil e, posteriormente, pela Federação das ACMs no Brasil; Perfil das ACMs no Brasil-2003. Federação Brasileira das ACMs. São Paulo, 2003; site oficial da YMCA www.ymca.net/index.jsp

Perfil das ACMs no Brasil por dados quantitativos em 31 dezembro de 2002

Brazilian YMCAs profile per quantitative data on December, 31st, 2002

Unidades da ACM no Brasil / YMCA operational units in Brazil⁽¹⁾

#	ACM	Unidade Administrativa	Lazer & Esporte	Desenvolvimento Social	Escolas	Acampamentos & Colônia de Férias	Terreno	Total
01	Brasília - DF	-	01	-	01	-	-	02
02	Itapeva - SP	-	02	02	-	-	01	05
03	Londrina - PR	-	01	-	-	-	-	01
04	Minas Gerais(1)	01	06	02	01	01	04	15
05	Porto Alegre - RS	01	02	03	04	02	-	12
06	Rio de Janeiro - RJ	-	04	-	01	02	01	08
07	São Paulo - SP	-	12	13	02	01	02	30
08	Sorocaba - SP	-	02	03	06	01	-	12
09	Federação	01	-	-	-	-	-	01
Totais ano 2002		03	30	23	15	07	08	86
Totais ano 2001		03	33	25	12	08	08	89

⁽¹⁾A referência a Minas Gerais, aqui, representa as unidades da ACM nos municípios de Aimorés, Recanto, Monlevade, Caiçara, Nova Lima, Cidade Nova, Califórnia, Montes Claros e Vêu da Noiva.

Número de associados / Membership

#	ACM	Quadro social	Desenvolvimento social	Escola	Total
01	Brasília	3.890	731	134	4.755
02	Itapeva	5.764	3.450	-	9.214
03	Londrina	1.171	145	-	1.316
04	Minas Gerais	24.057	309	59	24.425
05	Porto Alegre	9.453	4.589	1.544	15.586
06	Rio de Janeiro	16.657	3.694	259	20.610
07	São Paulo	60.276	16.565	126	76.967
08	Sorocaba	26.339	6.275	1.699	34.313
Totais ano 2002		147.607	35.758	3.821	187.186
Totais ano 2001		160.937	71.221	3.242	235.400

Projetos de desenvolvimento social / Social inclusion projects

Grupos Alvo	Nº de Projetos	Nº de atendidos	Nº de atendimentos
Crianças e Adolescentes	100	11.227	1.466.278
Atendimento a Famílias	26	1.361	38.700
Atendimento a Jovens e Adultos	63	5.082	148.880
Atendimento a Idosos	22	3.483	156.710
Atendimento a Comunidade	21	11.648	43.640
Atendimento a Pessoas Portadoras de Deficiência, Necessidades Especiais e Altas Habilidades	16	1.160	18.360
Mobilização social	39	1.797	-
Toais ano 2002	287	35.758	1.872.568
Totais ano 2001	346	71.221	5.445.337

Número de associados / Membership

ACM	Individual Pagante	Familiar Pagante	Familiar Dependente	Gratuitos	Outros	Total	Ano
Brasília	237	481	1.467	3.029	997	6.211	2000
	217	425	1.352	3.520	1.102	6.616	2001
	181	303	1.330	656	1.420	3.890	2002
Itapeva	274	814	3.256	842	-	5.186	2000
	250	861	3.496	905	-	5.512	2001
	280	1.000	3.590	894	-	5.764	2002
Londrina	147	596	1.519	175	183	2.620	2000
	240	326	978	38	183	1.765	2001
	97	214	642	35	183	1.171	2002
Minas Gerais	1.977	5.709	27.720	384	3.699	39.489	2000
	1.995	5.055	15.102	526	3.753	26.431	2001
	1.564	4.052	13.879	374	4.188	24.057	2002
Porto Alegre	3.230	1.104	3.108	407	865	8.714	2000
	4.315	1.282	3.205	544	1.062	10.408	2001
	3.936	1.281	2.413	540	1.283	9.453	2002
Rio de Janeiro	7.160	2.275	4.075	1.048	2.223	16.781	2000
	7.718	1.671	2.728	1.098	3.020	16.235	2001
	10.454	-	566	664	4.973	16.657	2002
São Paulo	29.167	20.553	17.023	3.017	29	69.789	2000
	27.484	9.252	26.618	3.438	-	66.792	2001
	23.978	8.501	24.231	3.566	-	60.276	2002
Sorocaba	1.689	5.153	17.622	3.600	-	28.064	2000
	1.650	5.100	16.268	4.200	-	27.218	2001
	1.600	5.040	15.399	4.300	-	26.339	2002

Atendimento a famílias / Target group: families

ACM	Segmento	Nº de Projetos	Nº de Atendidos	Nº de Atendimentos	Unidade ACM	Nome do Programa	Parcerias
Brasília	-	-	-	-	-	-	-
Itapeva	Famílias	01	12	144	Creche ACMentinha	Projeto Fortalecendo as Famílias	Fundo Municipal de Assistência Social
		01	40	480	Centro Educacional N.S. Fátima		
		01	20	100	Vila Santa Maria	Construção e Moradia (HFHI)	
		01	01	01	V. Novo Horizonte	Atendimento e Alfabetização Familiar Segurança Alimentar	KFHI
		01	245	1.925	Itararé	Cursos para Mães de Internos na FEBEM	
		01	10	120	Centro Ed. Creche ACMentinha		
Londrina	-	-	-	-	-	-	-
M. Gerais	Famílias	-	-	-	-	-	-
P. Alegre	Famílias	03	60	5.978	Fundação	Núcleo de Atendimento à família	CMDCA, CMAS, FASC, Y's Men Club
		03	50	18.185	Cazemio Bruno Kurtz	Saúde para Todos	
		01	20	925	Unidade Antonio Moreno Morales Vila Restinga Olímpica	Centro de Atendimento	
R. Janeiro	Famílias	01	130	2.048		PACE	SMDS / Demillus Victore Assências SKM Elétron Eletrônica MTU do Brasil/ Escritório de Advocacia Regina Cores Monteiro DKT do Brasil CDI/ Rio Voluntário Viva Rio/ 1º Vara da Infância e da Juventude (BECA) /2º Vara da Infância e da Juventude (SIMEPASE) SMS/ SME/ SMDS
		01	70	1.248	Centro	Iniciação ao Trabalho	
		01	206	412	Centro	Iniciação à Informática	
		01	26	42	Centro	Consultório Dentário	
		04	150	3.240	Ilha Eng. De Dentro	Treinamento Iniciação ao Trabalho, Domingo Alegre, Acentinha	
São Paulo	Famílias	-	-	-	-	-	-
Sorocaba	Famílias	05	321	3.852	Centro e Ed. São Paulo	Cesta Básica, Remédios, Alimentação Atendimento Médico, Odontológico	-
Totais 2002		26	1.361	38.700			
TOTAIS 2001		43	9.095	1.016.362			

Atendimento a idosos / Target group: the elderly

ACM	Segmento	Nº de Projetos	Nº de atendidos	Nº de Atendimentos	Unidade ACM	Nome do Programa	Parcerias
Brasília	Idosos	01	101	14.544	Sede	Clube da Melhor Idade	Comunidade
Itapeva	Idosos	-	-	-	-	-	-
Londrina	Idosos	01	130	10.150	Vila Lobos	Clube de Veteranos	-
M. Gerais	Idosos	-	-	-	-	-	-
P. Alegre	Idosos	01	20	755	Fundação Cazemio Bruno Kurtz	Grupo Vida Nova	FASC, Y'S Men Club
		01	30	2.313	Unidade Antônio Morenolez	Grupo Unidos da Esperança	
R. Janeiro	Idosos	01	390	405	Eng. De Dentro	3º Idade	Hospital Pedro II
São Paulo	Idosos	13	1.604	114.047	-	-	-
Sorocaba	Idosos	04	1.208	14.496	Centro	Recreação, Palestra, Desporto, lazer, Ginástica	-
Totais 2002		22	3.483	156.710			
Totais 2001		29	6.022	212.852			

Atendimento a jovens e adultos / Target group: youngsters and adults

ACM	Segmento	Nº de Projetos	Nº de Atendidos	Nº de Atendimentos	Unidade ACM	Nome do Programa	Parcerias
Brasília	Jovens e Adultos	01	250	36.000	Sede	Projeto Saúde	DPF
		01	100	100	Sede	Jovens Contra as Drogas	
Itapeva	Jovens e Adultos	01	46	8.280	Centro Educacional	Cursos Profissionalizantes Grupos Recreativos	SENAI FEBEM (KFHI) (KFHI) (KFHI) Fórum
		01	975	975	Nossa Senhora de Fátima / Agencia SENAI Itapeva Sede	Cursos Profissionalizantes	
		01	129	1.548	Vila Santa Maria	Atendimento Comunitário	
		01	75	375	Vila Santa Maria	Atendimento Comunitário	
		01	150	700	V. Novo Horizonte	Programa SPC – fórum	
		01	50	350	Itararé – SP		
		01	17	204	Centro Educacional		
Londrina	-	-	-	-	-	-	-
Minas Gerais	Jovens e Adultos	02	23	230	Recanto	Curso de Corte e Costura	-
		03	31	341	Recanto	Curso de Cabeleireiro	-
		03	14	154	Recanto	Cursos de Peças Intimas	-
		04	34	374	Recanto	Curso de Depilação	-
		02	07	77	Recanto	Curso de Maquiagem	-
P. Alegre	Jovens e Adultos	10	20	13.348	Fundação Cazemio,B. Kurtz	Capacitação Profissional	CMDCA, CMAS, Y's Men Club
		02	20	2.648	Unidade Antônio M. Moralez	Saúde para Todos	
R. de Janeiro	Jovens e Adultos	-	-	-	-	-	-
São Paulo	Jovens e Adultos	26	3.023	81.760	-	-	-
Sorocaba	Jovens e Adultos	02	118	1.416	Centro	Recreação, Lazer, Desporto, Socialização, Ênfase Cristã	-
TOTAIS 2002		63	5.082	148.880			
Totais 2001		63	27.314	1.857.873			

Atendimento a comunidade / Target group: communities

ACM	Segmento	Nº de Projetos	Nº de Atendidos	Nº de Atendimentos	Unidade ACM	Nome do Programa	Parcerias
Brasília	Comunidade	-	-	-	-	-	-
Itapeva	Comunidade	01	900	10.800	Comunidade e Vilas	Atendimento a Família	-
Londrina	Comunidade	-	-	-	-	-	-
M. Gerais	Comunidade	-	-	-	-	-	-
P. Alegre	Comunidade	01	2.714	4.510	Fundação Cazemio B. Kurtz	Plantão Social Programa Saúde para Todos	FASC, PMPA, Escola Municipal de Porto Alegre
		01	250	500	Unidade Antonio M Moralez		
		02	2.964	5.010			
R. Janeiro	Comunidade	01	-	372	Centro	Ciclo de Palestras	Dkt do Brasil Viva Rio Associação de Moradores Creche Comunitária - SMDS
		01	-	200	Centro	Treinamento contra a Dengue	
		01	600	600	Ilha	ACM na Comunidade	
		01	59	59	Ilha	Vista uma Criança no Natal	
		01	1.000	1.000	Ilha	Festa Papai Noel	
		01	50	100	Eng. De Dentro	Análise Comunitária PBE-A	
São Paulo	Comunidade	06	1.709	2.331			
		06	5.369	17.027			
Sorocaba	Comunidade	06	706	8.472	Centro	Alimentação Recreação e Lazer	-
		06	706	8.472			
Totais 2002		21	11.648	43.640			
Totais 2002		40	7.577	74.583			

Atendimento a pessoas portadoras de deficiências e necessidades especiais / Target group: individuals with disabilities and special needs

ACM	Segmento	Nº de Projetos	Nº de atendidos	Nº de Atendimentos	Unidade ACM	Nome do Programa	Parcerias
Brasília	PPD PPNE PPAH	01	05	720	Sede	Atividade Física Especial	-
Itapeva	PPD PPNE PPAH	-	-	-	-	-	-
Londrina	PPD PPNE PPAH	-	-	-	-	-	-
M. Gerais	PPD PPNE PPAH	-	-	-	-	-	-
P. Alegre	PPD PPNE PPAH	02	45	4.320	Unidade I	Projeto Borboleta Projeto Vaga-lume	-
R. Janeiro	PPD PPNE PPAH	-	-	-	-	-	-
São Paulo	PPD PPNE PPAH	-	-	-	-	-	-
Sorocaba	PPD PPNE PPAH	13	1.110	13.320	Centro	Recreação, Lazer e Desportos	-
Totais 2002		16	1.160	18.360			
Totais 2001		13	995	14.600			

Mobilização social / Social mobilization

ACM	Segmento	Nº de Projetos	Nº de Atendimentos	Unidade ACM	Nome do Programa	Parcerias
Brasília	Mobilização Social	01	-	Sede	Campanha de Alimento	
		01	-	Sede	Campanha de Agasalho	
		01	-	Sede	Campanha de Brinquedo	
		03	-			
Itapeva	Mobilização Social	02	-	Sede	Campanha de Arrecadação e Novo Associado	
		02	-	Sede		
		04				
Londrina	Mobilização Social	-	-	-	-	
M. Gerais	Mobilização Social	-	-	-	-	
P. Alegre	Mobilização Social	01	-	Área Desenvolvimento	Esporte Clube Cidadão	Inst. Dunga, Dese Brasil, Telecom, E Ministério do Esp
		01				
R. Janeiro	Mobilização Social	03	-	Centro	Campanhas Assistenciais, Campanha do Agasalho Campanha Dia das Crianças, Campanha de Natal Apoio Institucional de Baixa Renda Doações	
		06		Ilha		
		12				
São Paulo	Mobilização Social	-	-	-	-	
Sorocaba	Mobilização Social	19	-	Centro	Campanhas(2) Fraldas Descartáveis(4) Alimentação (3) Remédios (2) Doação de Sangue(5) Roupas(1) Chocolates(2) Cobertores.	
		19	1.360			
Totais ano 2002		39	1.360			
Totais ano 2001		32	2.800			

Redes sociais / Social networks

ACM	Esfera	Rede Social	Impacto
Brasília	Nacional Distrital	SENAD – Séc. Nacional Anti- Drogas Conselho do Idoso	- Formação da Rede de Serviço para 3º Idade
Itapeva	-	-	-
Londrina	-	-	-
M. Gerais	-	-	-
P. Alegre	Municipal	Conselho Municipal dos Diretores da Criança e Adolescente Conselho Municipal de Assistência Social, Rede dos Serviços Fórum de Educação, Comissão Regional de Assistência Social União de Vilas, Rede Creche, Instituto C&A , Rede acemista, Fórum de Entidade.	Envolvimento indireto no atendimento de mais de 40.000 crianças e 20.000 adolescentes através da participação dos conselhos municipais. Organização e capacitação contínua e mais de 358 entidades com um total de 1.700 programas realizados
R. Janeiro	Municipal(*) Municipal(*) Municipal(*) Municipal(*) Municipal(*) Municipal(**) Estadual(*)	CMDCA SMDS CMAS Fórum Rio Fórum Popular Permanente de Direito à Assistência Social do Município do Rio de Janeiro PAM – Ilha Fórum ONG's /AIDS	(*) Participação da ACM/RJ NOS Fórum e Conselhos Municipais e Estaduais, veio contribuir para o intercâmbio e divulgação do trabalho da Área Social. (**) Atendimento a família portadoras do vírus HIV.
São Paulo	Municipal	Conselho Municipal de Assistência Social de São Paulo –COMAS (Presidência).	Inscrição das Entidades Sociais no Conselho. Fortalecimento do COMAS nos níveis Municipais, Estadual, e Nacional.
Sorocaba	Municipal Estadual Federal	Conselho Municipal da Criança e Adolescente Conselho Estadual da Criança e Adolescente Conselho Municipal do Idoso Conselho Municipal de Assistência Social Conselho Estadual de Assistência Social Conselho Tutelar Associação Paulista de Cirurgia Dentista Curso de Enfermagem da Pontifícia Católica Associação Médica de Sorocaba	-

Educação formal / Formal education

ACM	Natureza	# aluno	Atividade	Observação	Local
Brasília	Pré-Escola	134	Educação Infantil	-	Espaço da Criança
Itapeva	-	-	-	-	-
Londrina	-	-	-	-	-
Minas Gerais	-	59	Pré Alfabetização	-	Oficina Escola Leonor Askar
Porto Alegre	Pré-Escola	54	Educação Infantil	-	Escola ACM Cidade Baixa
	Ciclo Básico	64	Ensino Fundamental	-	Escola ACM Cidade Baixa
	Ciclo Básico	351	Ensino Fundamental	-	Colégio ACM Centro
	Ciclo Médio	179	Ensino Médio	-	Colégio ACM Centro
	Pré Escola	15	Educação Infantil	-	Escola ACM Zona Norte
	Ciclo Básico	166	Ensino Fundamental	-	Escola ACM Zona Norte
	Outros	1.544	Cursos Técnicos	-	Centro Tecnológico
Rio de Janeiro	Pré-Escola	259	Educação Infantil	-	Escola ACM Ilha do Governador
São Paulo	Pré-Escola	68	Educação Infantil	-	CDC Julian Haran
	Pré-Escola	58	Educação Infantil	-	ACM Guarulhos
		126			
Sorocaba	Superior	1.420	Ensino Superior	-	Fefiso
	FAATI	12			Instituto de Liderança
	Centro Educacional	160			Faculdade da 3º Idade
	Cursos Diversos	95			Menores Projetos
	Alfabetização de Adultos	12			Sementinha
		1.699			
Totais ano 2002		3.821			
Totais ano 2001		3.242			

Classificação das ACM nacionais no contexto mundial

Classification of Brazilian YMCAs worldwide perspective

Colocação	Movimento Nacional	Total de Membros	Observação
Primeiro	Estados Unidos	5.577.609	
Segundo	Inglaterra	750.000	
Terceiro	Canadá	587.511	
Quarto	Alemanha	250.000	
Quinto	BRASIL	186.195	31/12/2002
Sexto	Coréia	131.529	
Sétimo	Filipinas	125.000	
Oitavo	Austrália	110.300	
Nono	Japão	92.774	
Décimo	Suécia	69.088	

Ordem das ACM nacionais segundo contribuições financeiras à Aliança Mundial das ACM

National YMCAs according to financial contributions to YMCA World Alliance

Colocação	Movimento nacional	Francos suíços
Primeiro	Estados Unidos	750.000
Segundo	Inglaterra	233.886
Terceiro	Canadá	223.000
Quarto	Alemanha	150.000
Quinto	Japão	115.000
Sexto	Hong Kong	60.000
Sétimo	Noruega	45.000
Oitavo	BRASIL	40.000
Nono	Suíça	36.000
Décimo	Dinamarca	35.000

Acordo mútuo de cooperação entre ACMs / Mutual agreement between Brazilian YMCAs and other countries'

#	Assoc	ACM/ YMCA/ ACJ	Cidade	País	ACM	País
01		ACJ de Santiago	Santiago	Chile	ACM Brasília	BRASIL
02		ACJ de Bogotá	Bogotá	Colômbia	ACM Brasília	BRASIL
03		ACJ de Santiago	Santiago	Chile	ACM Itapeva	BRASIL
04		YMCA Boise	Idaho	USA	ACM Itapeva	BRASIL
05		Y's Men's Club Echuca	Echuca	Austrália	ACM Itapeva	BRASIL
06		Y's Men's Club Kagoshima	Kagoshima	Japão	ACM Itapeva	BRASIL
07	3794	YMCA of the Ozarks	Patosi, St. Louis	USA	ACM Minas Gerais	BRASIL
08		YMCA Espanha	Madrid	Espanha	ACM Porto Alegre	BRASIL
09		ACJ Montevideú	Montevideú	Uruguai	ACM Porto Alegre	BRASIL
10		ACJ Buenos Aires	Buenos Aires	Argentina	ACM Porto Alegre	BRASIL
11		ACJ Chile	Santiago	Chile	ACM Porto Alegre	BRASIL
12		ACJ de Venezuela	Caracas	Venezuela	ACM Porto Alegre	BRASIL
13		ACJ de Santiago	Santiago	Chile	ACM São Paulo	BRASIL
14		YMCA of the Rockies	Denver, CO	USA	ACM São Paulo	BRASIL
15		Blue Ridge Assembly YMCA	Black Mountain, CO	USA	ACM São Paulo	BRASIL
16		International YMCA N. York	New York	USA	ACM São Paulo	BRASIL
17		YMCA Camp Elphinstone	Vancouver	Canadá	ACM São Paulo	BRASIL
18		YMCA International College	Vancouver	Canadá	ACM São Paulo	BRASIL
19		Abbey Christian School	Londres	Inglaterra	ACM São Paulo	BRASIL
20		Insearch Institute, ITS	Sydney	Austrália	ACM São Paulo	BRASIL
21		Silver Bay YMCA Training Center		USA	ACM São Paulo	BRASIL
22		Sherman Lake YMCA O. Center		USA	ACM São Paulo	BRASIL
23		ICCP Int. Camp Counselor Progr.		Inglaterra	ACM São Paulo	BRASIL
24		GAP Int. Project for youth Exch.		Inglaterra	ACM São Paulo	BRASIL
25		YMCA English and French L. Inst.	Vancouver	Canadá	ACM São Paulo	BRASIL
26		IEC European Centre for English		Malta	ACM São Paulo	BRASIL
27		YMCA of Greater Miami	Miami	USA	ACM São Paulo	BRASIL
28	3201	Greater Saint Paul YMCA	Saint Paul, MN	USA	ACM Sorocaba	BRASIL
29		YMCA Mendip	Mendip	England	ACM Sorocaba	BRASIL
30		YMCA Atlanta	Atlanta	USA	ACM Sorocaba	BRASIL
31		ACJ Santiago	Santiago	Chile	ACM Sorocaba	BRASIL
32		ACJ de Montevideú	Montevideú	Uruguai	ACM Sorocaba	BRASIL
33		YMCA Savanna		USA	ACM Sorocaba	BRASIL
34		ACJ Chihuahua	Chihuahua	México	ACM Sofocaba	BRASIL
35		Springfield College	Springfield, MA	USA	ACM Sorocaba	BRASIL
36		Miami	Flórida, USA	USA	ACM Sorocaba	BRASIL
37		Universidade do México	Cidade do México	México	ACM Sorocaba	BRASIL
38		Springfield College	Springfield	USA	Federação Brasileira	BRASIL
39		Al. Nacional ACMs de Portugal	Belmonte	Portugal	Federação Brasileira	BRASIL

Imóveis – número e área construída / Real estate – per number and constructed area

GERAL ANO 2001

Próprios	45	3.995.385,10 m ²
Comodato	18	370.968,07 m ²
Alugado	05	12.812,45 m ²
TOTAL	68	4.379.165,50 m²

GERAL ANO 2002

Próprios	51	4.006.855,22 m ²
Comodato	19	1.663.593,09 m ²
Alugado	05	4.047,00 m ²
TOTAL	75	5.674.495,31 m²

Voluntários e profissionais / Volunteers and professionals

ACM	Voluntários	Profissionais	Total
Brasília	54	58	112
Itapeva	116	52	168
Londrina	35	21	56
Minas Gerais	228	173	401
Porto Alegre	555	456	1.011
Rio de Janeiro	225	361	586
São Paulo	2.722	795	3.517
Sorocaba	1.067	224	1.291
Federação Brasileira de ACMs	78	06	84
Totais ano 2002	5.080	2.146	7.226
Totais ano 2001	6.049	2.131	8.180

Perfil dos voluntários / Volunteers' profile

ACM	Diretores	Cons/Com.	Jovens Líder	Desenv. Social	Y's Men	Outros	Total
Brasília	06	33	10	05	-	-	54
Itapeva	15	15	03	15	08	60	116
Londrina	15	15	-	05	-	-	35
Minas Gerais	38	70	110	10	-	-	228
Porto Alegre	18	255	160	94	28	-	555
Rio de Janeiro	27	60	86	51	01	-	225
São Paulo	300	1.712	151	330	215	14	2.722
Sorocaba	15	510	95	202	-	245	1.067
Feder. Bras. ACMs	64	06	-	-	-	08	78
Totais 2002	498	2.676	615	712	252	327	5.080
Totais 2001	475	2.785	480	1.260	270	779	6.049

Perfil dos profissionais / Professionals' profile

ACM	Secretários	Aspirante a Secretário	Programa	Desenvolvimento Social	Administração	Serviços Gerais	Estagiários	Outros	Total
Brasília	03	02	07	02	07	09	24	04	58
Itapeva	04	-	07	24	04	06	-	11	52
Londrina	02	-	01	-	03	11	04	-	21
Minas Gerais	05	-	28	08	47	85	-	-	173
Porto Alegre	09	01	262	-	74	75	35	-	456
Rio de Janeiro	10	-	107	13	72	91	65	03	361
São Paulo	23	02	180	115	155	212	90	18	795
Sorocaba	10	01	92	16	30	30	10	35	224
Federação	01	-	-	-	04	01	-	-	06
Totais 2002	67	06	684	178	396	520	228	71	2.146
Totais 2001	68	03	571	234	413	556	225	60	2.130

Afiliações, registros e utilidade pública / Affiliation, registration and public utility

ACM	Afiliações	Registros	Utilidade Pública
Brasília	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Aliança Mundial das ACMs ◆ Federação Brasileira das ACMs ◆ Rede Mundial das ACMs Urbanas ◆ Aliança Americana das ACMs ◆ Federações Esportivas: Judô, Karatê 	CNPJ: 00.640.466/0001-51	Lei Federal # 0.8000.00.9332/2001-51 Lei Estadual # - Lei Municipal # -
Itapeva	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Aliança Mundial das ACMs ◆ Federação Brasileira das ACMs ◆ Rede Mundial das ACMs Urbanas ◆ Aliança Americana das ACMs ◆ Federações Esportivas: Federação Paulista de Karatê 	CNPJ: 50.802.388/0001-12 de 11/10/1984 CEAS: 2.807/88 de 29/09/1988 Conselho Municipal dos Direitos da Criança e Adolescente: 001/94 de 02/05/88 Conselho Nacional de Assistência Social: 28.996.020437/94-11 de 15/09/94 Coordenadoria de Ação Regional-CAR: 4.441 de 31/03/1988 SENAI - 0882 Cartório de Registro de Títulos -18.402 (Estatuto) de 14/02/97	Lei Federal # 2.037/96-91 de 20/06/1997 Lei Estadual # 7.902 de 15/06/1992 Lei Municipal # 153/86 de 05/03/1986
Londrina	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Aliança Mundial das ACMs ◆ Federação Brasileira das ACMs ◆ Rede Mundial das ACMs Urbanas 	CNPJ: 78.318.292/0001-00 Conselho Nacional de assistência Social: 01803/1988 Conselho Municipal de Assistência Social - 083	Lei Federal # 2470 de 22/01/1998 Lei Estadual # 12630 de 12/07/1999 Lei Municipal # 1713 de 27/08/1970
Minas Gerais	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Aliança Mundial das ACMs ◆ Federação Brasileira das ACMs ◆ Rede Mundial das ACMs Urbanas ◆ Aliança Americana das ACMs ◆ Federações Esportivas: Lazer, Turismo, Ecologia 	CNPJ: 17.209.859/0001-08 CNSS: 38.758/59 de 03/09/1959 CEAS: 1351 Conselho Municipal da Criança e Adolescente: 406 Conselho Nacional de Assistência Social: 44006.005495/97-85	Lei Federal # 73.649 de 14/02/1974 Lei Estadual # 2.059 de 08/01/1960 Lei Municipal # 1.220 de 31/12/1965
Porto Alegre	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Aliança Mundial das ACMs ◆ Federação Brasileira das ACMs ◆ Confederação Latinoamericana das ACMs ◆ Confederação Brasileira de Clubes ◆ Associação Comercial de Porto Alegre ◆ Federação Gaúcha de Clubes Sociais, Esportivos e Culturais ◆ Federação das Empresas do Rio G. Sul ◆ Associação Brasileira dos Cemitérios ◆ SINEP ◆ Programa Gaúcho de Qualidade ◆ Federações Esportivas: Vôlei, Basquete, Futsal, Karatê e Judô 	CNPJ: 92.863.000/0001-33 Conselho Municipal - 023/98 de 11/05/1998 Conselho Nacional de Assistência Social: Resolução 57 de 30/04/1997 Conselho Estadual de Educação: 107 de 08/10/1996 Secretaria do Trabalho, Justiça e Cidadania: 101508 de 22/10/1993	Lei Federal # 22450 de 14/01/1947 Lei Estadual # 925 de 03/12/1949 Lei Municipal # 269 de 10/09/1949
Rio de Janeiro	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Câmara do Comércio Americana ◆ Fórum Municipal de Assistência Social ◆ Fórum ONGs/AIDs (Estado) ◆ Fórum Rio ◆ Aliança Mundial das ACMs ◆ Federação Brasileira das ACMs ◆ Rede Mundial das ACMs Urbanas ◆ Aliança Americana das ACMs ◆ Conselho Nacional de Assistência Social ◆ Conselho Municipal de Assistência Social ◆ Conselho Municipal dos Direitos da Criança e Adolescente ◆ Federações Esportivas: Voleibol, Aquática, Handbal, Superfederação de Futsal, Associação de Futsal, 	CNPJ: 33.559.162/0002-02 de 20/02/1974 Inscrição Municipal: 00898902	Lei Federal # 948 de 04/05/1962 Lei Estadual # 4866 de 13/06/1934 Lei Municipal # 1803 de 13/10/1938 02/262/457 de 14/07/1999 259/00 de 18/01/2000
Sorocaba	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Aliança Mundial das ACMs ◆ Federação Brasileira das ACMs ◆ Rede Mundial das ACMs Urbanas ◆ Aliança Americana das ACMs ◆ Federações Esportivas: Voleibol 	CNPJ: 71.488.928/0001-05 CEAS: 2020/85 de 12/07/1985 Conselho Regional: 1032 de 10/04/1958 Conselho Nacional de Assistência Social: 37512/58 de 23/05/1958	Lei Federal # 46.139 de 04/06/1959 Lei Estadual # 4.838 de 04/09/1958 Lei Municipal # 500 de 23/05/1957
São Paulo	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Aliança Mundial das ACMs ◆ Federação Brasileira das ACMs ◆ Rede Mundial das ACMs Urbanas ◆ Aliança Americana das ACMs ◆ Federações Esportivas: Federação Paulista de Basquetebol, Desportos Subaquáticos, Judô e Karatê 	CNPJ: 60.982.576/0007-23 Conselho Nacional de Assistência Social: 011521/39 Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social - 402 Secretaria Bem Estar Social - 044-6 Conselho Regional de Desportos de SP - 448 Conselho Nacional de Auxílios e Subvenções - 685/85 Conselho Municipal de Auxílios e Subvenções - 0400-6 Conselho Municipal da Criança e Adolescente/PMSP: 206 - CMDCA/94 CONSEAS: 0116/SP/2000 COMAS: 194/2002	Lei Federal # 24.181 de 09/12/1947 Lei Estadual # 4.629 de 08/01/1958 Lei Municipal # 4.730 de 01/06/1960
Federação das ACMs	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Aliança Mundial das ACMs ◆ Rede Mundial das ACMs Urbanas ◆ Aliança Latinoamericana e Caribenha das ACMs 	CNPJ: 34.117.192/0001-32	Lei Federal # - Lei Estadual # - Lei Municipal # -

Instalações e equipamentos / Facilities and equipments

#	Instalação	Brasília	Itapeva	Londrina	Minas Gerais	Porto Alegre	Rio de Janeiro	São Paulo	Sorocaba	Total
01	Creches	-	02	-	01	04	-	01	-	08
02	P. Infantil/Play Ground	-	03	01	06	04	-	-	02	16
03	Quadra externa	01	02	01	21	08	02	05	03	43
04	Ginásio coberto	02	01	01	04	03	05	11	05	32
05	Piscina ao ar livre	04	04	03	23	01	06	08	03	52
06	Piscina coberta	-	-	02	01	01	01	10	01	16
07	Quadra Tênis externa	-	01	-	-	01	02	02	02	08
08	Quadra Tênis coberta	-	-	03	-	-	-	-	-	03
09	Vestiários	04	09	02	22	06	19	33	18	113
10	Sauna	-	01	02	07	01	04	12	02	29
11	Condicionamento Físico	01	01	01	04	01	12	10	02	32
12	Auditório	-	01	-	-	01	01	03	01	07
13	Salas de Reuniões	-	03	01	05	07	07	15	18	56
14	Salas de Aulas	10	10	01	02	42	17	40	23	145
15	Sala de Jogos	-	02	02	02	06	05	07	10	34
16	Salão de festas	-	02	-	01	-	01	03	07	14
17	Restaurante	-	01	-	01	02	01	04	01	10
18	Lanchonete	01	01	01	09	04	03	06	03	28
19	Instalações resid/Quartos	-	05	-	02	19	-	-	12	38
20	Recepção/Área Atendto.	01	02	01	11	08	05	11	05	44
21	Lojinha / Boutique	01	-	-	-	01	01	09	03	15
22	Futebol de campo / Society	01	02	01	04	-	-	06	02	16
23	Pista corrida	-	-	-	-	-	01	01	01	03
24	Cabeleireiro	01	-	-	01	-	01	03	-	06
25	Capela ecumênica	-	-	-	-	16	01	-	-	17
26	Cozinha	01	03	01	-	06	02	12	05	30
27	Biblioteca	-	02	-	-	02	-	05	02	11
28	Salas para escritórios	05	03	03	25	36	-	44	30	146
29	Refeitório	01	03	01	01	06	-	11	03	26
30	Estacionamento	02	02	-	-	03	01	09	03	20
31	Almoxarifado	01	01	01	01	07	04	15	03	33
32	Horta	-	01	01	-	02	01	01	04	10
33	Exame médico/Enfermaria	01	-	-	-	07	04	10	05	27
34	Farmácia	-	-	-	-	-	-	01	01	02
35	Circo	-	-	-	-	-	-	-	01	01
36	Camarins	-	-	-	-	-	-	-	02	02
37	Área coberta p/ atividades	-	-	01	-	-	-	02	14	16
38	Lavanderia	-	-	-	-	-	-	-	02	02
39	Clinica Médica	-	-	-	-	-	-	-	01	01
40	Clinica de Informática	-	-	-	-	-	-	-	01	01
41	Clinica Odontológica	-	-	-	-	-	-	-	01	01
42	Centro Educacional	-	-	-	-	-	-	-	01	01
Totais ano 2002		38	68	31	154	205	107	311	202	1.116
Totais ano 2001		38	68	31	155	185	109	298	181	1.068

Recursos financeiros / Financial resources (budgets in R\$)

ACM	Orçamento 2002 - em reais		Orçamento 2003
	Orçado	Realizado	Orçado
Brasília	1.510.726,70	1.636.942,88	1.964.330,00
Itapeva	1.051.000,00	1.193.585,95	1.500.000,00
Londrina	276.975,66	236.341,37	283.609,64
Minas Gerais	3.889.882,00	2.106.848,07	2.165.806,00
Porto Alegre	10.418.192,00	8.927.782,00	10.088.518,00
Rio de Janeiro	7.492.800,00	6.395.598,64	7.571.100,00
São Paulo	32.058.000,00	28.478.129,37	31.590.870,00
Sorocaba	7.649.000,00	6.582.806,00	8.384.000,00
Federação Bras. ACMs	526.000,00	507.824,04	490.832,00
Total	64.932.576,36	56.065.858,32	64.039.065,64

Comitê Olímpico Brasileiro – COB

NEÍSE ABREU, RAUL HECKSHER, MÁRCIA FRANCESCHI E BERNARD RAJMAN

National Olympic Committee – Brazil

The International Olympic Committee (IOC) was founded in 1894 by the French educator Baron Pierre de Coubertin, who wanted to revive the Olympic Games of Greek antiquity. The IOC is an international non-governmental non-profit organization and the creator of the Olympic Movement. The IOC exists to serve as an umbrella organization of the Olympic Movement. It owns all rights to the Olympic symbols, flag, motto, anthem and Olympic Games. Its primary responsibility is to supervise the organization of the summer and winter Olympic Games. The movement to create National Olympic Committees-NOCs was also initiated in order to encourage the renaissance of the Olympic Games under the ideals of the Games of Ancient Greece and according to the Modern Era. The first NOC of South America was the Comitê Olímpico Brasileiro

(Brazilian Olympic Committee- COB) created in 1913, the same year in which Pierre de Coubertin propounded the Olympic symbol of five rings with distinct colors representing the five continents. Coubertin attributed the yellow color explicitly to Brazil among the selected countries as an example. Brazil participated for the first time in the Olympic Games of Antwerp in 1920, and organized the Latin American Olympic Games in Rio de Janeiro in 1922 (see text in English about this specific theme in this Atlas), which then became the platform of the IOC for the creation of NOCs in South American countries. In the following years, the city of Rio de Janeiro presented its candidacy to be the host for the Olympic Games of 1936 and 1948, which took place in Berlin and in London, respectively. After a long period devoted to the support of its affiliated confederations,

the COB returned to the international scene in 1995 with new international policies and administration philosophy. From 2002 to 2004, in partnership with the Municipality of Rio de Janeiro-RJ, the COB conducts both the organization of the city for the Pan-American Games of 2007 and the candidacy of Rio de Janeiro to host the Olympic Games of 2012. The structure of affiliations of the COB indicates an increase of 8.3% in the number of state federations of Olympic sports from 539 in 2000 to 584 in 2002 and another increase of 35.2% in 2003 (in relation to 2000), when the total number reached 729 units in the whole country. Figures 1 to 7, as well as Tables 1 and 2 show operational conditions of the federations that belong to the sphere of the COB, when we compare 2000 with 2002.

Origens e definição O Comitê Olímpico Internacional (COI) foi fundado em 23 de junho de 1894 pelo educador francês, Barão Pierre de Coubertin, para reviver os Jogos Olímpicos da Antiga Grécia. O COI é uma organização internacional não-governamental e sem fins lucrativos, criadora do Movimento Olímpico. O COI existe para servir de organização superior do Movimento Olímpico, que possui todos os direitos dos símbolos olímpicos, da bandeira, lema, hino e dos Jogos Olímpicos. Sua primeira missão é supervisionar a organização dos Jogos Olímpicos de verão e de inverno. O COI foi criado em 1894 com o propósito de se ter uma instituição para divulgar os Jogos Olímpicos (JO) em escala mundial. Iniciou-se, então, também o movimento de se criarem Comitês Olímpicos Nacionais a fim de estimular o renascimento dos Jogos Olímpicos sob o ideário dos Jogos da Grécia Antiga e nos moldes da Era Moderna. A primeira Carta Olímpica começou a ser escrita naquele ano marca, durante o Congresso Internacional de Paris então realizado a fim de consolidar, sistematizar e regular os ideais Olímpicos e seus princípios fundamentais. Este documento – até hoje em vigor e após atualizações sucessivas – enfatiza os direitos e deveres dos Comitês Olímpicos Nacionais-CON, das Federações Internacionais-FI e do COI, assim como orienta a organização e administração dos Jogos Olímpicos no que se refere à participação e aos programas e cerimônias envolvendo estas entidades. Os treze integrantes que fundaram o COI representando seus países foram os que deram início e presidiram os primeiros CON. Após a fundação do COI, entretanto, seus membros passaram a ser eleitos interpares e deixaram a condição única de representantes de seus países. Sem embargo, muitos destes membros atuam duplamente: presidem ou têm funções diretivas nos CON e agem como “embaixadores” (expressão usada por Coubertin) do COI em seus países.

O conjunto do COI, CON e FI constitui o núcleo central do chamado Movimento Olímpico Internacional. Neste âmbito, os CON são organizações oficializadas pelo COI que representam o Olimpismo e difundem o ideal olímpico em cada país. Hoje, existem 201 Comitês Olímpicos Nacionais divididos em cinco associações continentais e dedicados ao desenvolvimento e apoio do esporte em geral e aos programas esportivos em particular. Devem também participar e organizar programas educativos para administradores esportivos, assim como garantir a participação de seus atletas nos Jogos Olímpicos. Apenas os CON podem selecionar e enviar equipes e competidores para a participação nos Jogos Olímpicos. Os CON em seus respectivos países supervisionam a seleção preliminar de possíveis cidades candidatas antes de competirem com outros países. Neste caso, os CON então nomeiam para o COI a cidade vencedora dentro de cada país como candidata a sediar os Jogos Olímpicos.

No Brasil, data de 20 de maio de 1935 a institucionalização do Comitê Olímpico Brasileiro-COB, segundo as leis brasileiras e dentro dos princípios da Carta Olímpica. Entretanto, desde 1913 já havia um “Comitê Olímpico Brasileiro” reconhecido pelo COI e articulado com as entidades esportivas do país. Estas circunstâncias de operação *ad hoc* de determinados CON eram comuns nas origens do Movimento Olímpico Internacional em razão de eventuais dificuldades de deslocamento entre continentes e/ou políticas em algumas regiões do mundo. Em resumo, o levantamento da memória

e do inventário da situação atual do COB torna-se pertinente numa perspectiva histórica de cerca de um século na referência internacional e de 90 anos nos seus significados nacionais.

1894 Congresso Olímpico Internacional sediado em Paris e organizado pelo Barão Pierre de Coubertin, em que se decide oficialmente o renascimento dos Jogos Olímpicos.

1896 Primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna, sediados em Atenas, Grécia.

1905 Primeira outorga do Diploma Olímpico para personalidades que eram modelos internacionais de praticantes de esportes de acordo com o ideário olímpico do COI. Santos Dumont do Brasil foi um dos três escolhidos além de Théodore Roosevelt (EUA) e Fridjhof Nansen (Noruega), por se dedicar ao então já considerado esporte da aeronáutica no qual possuía diversos recordes homologados pela *Fédération Aéronautique Internationale-FIA*, uma das FI pioneiras.

1913 Raul do Rio Branco, diplomata e filho do Barão do Rio Branco, foi eleito Membro do COI em sua 13ª Sessão (04/05/1913), em Lausanne, passando também a conduzir os assuntos relacionados ao Brasil junto àquela entidade, pois residia em Berna, Suíça. Rio Branco – praticante dileitante do atletismo e do futebol – foi o primeiro dirigente olímpico do Brasil, sendo também amigo pessoal de Coubertin. O COB foi o primeiro CON da América do Sul reconhecido pelo COI, sendo por vezes denominado de “Comitê Olímpico Nacional” na documentação corrente. Raul do Rio Branco nas décadas de 1920 e de 1930 permaneceu na Suíça, onde continuou a participar diretamente das atividades do COI, sobretudo quando este se deslocou para Lausanne em meados da década de 1920.

1914 Em 8 de junho deste ano, houve uma reunião por iniciativa da Liga Metropolitana de Esportes Atléticos na sede da Federação Brasileira das Sociedades de Remo, no Rio de Janeiro, para discutir a oficialização de um órgão brasileiro que seria a primeira versão do COB. Esta reunião contou com a participação de representantes de sociedades esportivas brasileiras atuantes na época. O Presidente do então Comitê Olímpico Nacional passou a ser o Dr. Fernando Mendes de Almeida até o ano de 1921. As entidades que apoiaram a nova entidade foram usando-se expressões da época: Liga Metropolitana de Sport Athletico, Federação Brasileira das Sociedades do Remo, Automóvel Club Brasileiro, Comissão Central de Concursos Hípicos, Club Gymnastico Portugez, Centro Hippico Brasileiro, Jockey Club Brasileiro e Aereo Club Brasileiro. As primeiras áreas de atuação do Comitê foram eleitas como se segue: Automobilismo, Hipismo e Equitação, Turismo, Aviação, Sports Athleticos, Natação e Remo, Tiro e Gymnastica, Pesos e Alteres. A Comissão Executiva do Comitê Olímpico Nacional foi composta por Fernando Mendes de Almeida; Ernani Pinto; James Andrews; Raul de Carvalho; Armando Jorge; Candido Mendes de Almeida; Jorge Mollor; Ricardo Kirck; Alvaro Zamith; Mario Pollo; G. De Almeida Brito; Raul Cesar de Faria Ramos; Arovisto de Almeida Rego; Antonio de Oliveira Castro; Alberto Mendonça; Bernardo de Oliveira; Alberto Pereira Braga; J. Pinheiro Barbosa; J. Pedro Dias. Fernando Mendes de Almeida foi o presidente desta entidade no período de 11 de junho de 1914 a 19 de maio de 1935.

1914 A apresentação oficial por Pierre de Coubertin da Bandeira Olímpica, que foi idealizada pelo mesmo no ano de 1913, em comemoração ao vigésimo aniversário do restabelecimento dos Jogos Olímpicos. Este símbolo assumiu cinco anéis como representativos dos cinco continentes (logotipo mais reconhecido no mundo atualmente), com cores que os distinguiam. O amarelo foi explicitamente relacionado ao Brasil entre os países selecionados por Coubertin como exemplos.

1920 O Brasil, por intermédio de Raul do Rio Branco, foi convidado a participar dos Jogos Olímpicos da Antuérpia, em 1920, na Bélgica. Neste ano, a bandeira olímpica foi utilizada pela primeira vez, durante os Jogos Olímpicos. O “Jornal do Brasil”, RJ, de 4 de julho de 1920, ao se referir ao embarque dos brasileiros que iriam participar dos citados JO, faz referência à presença do Senador Mendes de Almeida, presidente do “Comitê Olímpico Nacional” e de Arovisto de Almeida Rego, presidente da Confederação Brasileira de Desportos-CBD, o que sugere que ambas as entidades colaboravam entre si à época. No dia 27 de agosto de 1920, em Antuérpia, o chefe da delegação brasileira homenageou o Barão de Coubertin e Elwood S. Brown (representante da Associação Cristã de Moços junto ao COI). Nesta cerimônia, o COI chancelou publicamente a realização da primeira edição dos Jogos Olímpicos regionais (denominação genérica do COI à época) no Rio de Janeiro, em 1922, sob a denominação de Jogos Latino-Americanos. O evento estava inserido nas comemorações do Centenário da Independência do Brasil. O apoio do Comitê Olímpico Internacional daria aos Jogos do Centenário o reconhecimento internacional e a autorização para que os Jogos fossem denominados de “Olympicos”. Antecedendo a celebração, o Jornal do Brasil (RJ) de 24 de agosto de 1920 publicou a seguinte nota: “A comissão dos Jogos Olympicos em reunião desta noite aprovou uma moção reconhecendo os Jogos Latino-americanos de 1922 como parte integrante do movimento Olympico...” (p.06).

1922 Realização dos Jogos Olímpicos Latino-Americanos no Rio de Janeiro, com a participação de Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai, no período de 27 de agosto a 15 de outubro. Concorreram em 12 modalidades esportivas cerca de 500 atletas, juntamente com mais 700 de outros eventos esportivos internacionais paralelos, com um público total de 162.000 espectadores. Durante o evento fez-se um acordo histórico internacional no sentido de se criarem Comitês Olímpicos Nacionais na América do Sul. Os brasileiros foram a alavanca principal para evitar a separação da América do Sul do Movimento Olímpico Internacional, uma tendência existente no continente desde os anos de 1910. Daí a presença do Conde Henri de Baillet Latour, vice presidente do COI, na celebração e seu envolvimento direto na elaboração do acordo dos CON sul-americanos (ver capítulo sobre estes Jogos no presente Atlas). Outro destaque deste evento de 1922, foi Roberto Trompowsky Junior um dos organizadores brasileiros dos Jogos Latino-Americanos e a partir deles um dos grandes divulgadores e incentivadores do Movimento Olímpico no Brasil.

1923 Arnaldo Guinle e José Ferreira Santos foram eleitos membros do COI (21ª Sessão, Roma), juntando-se a Raul do Rio Branco que veio a se afastar a pedido adiante em 1938. Arnaldo Guinle terminou seu mandato em 1961 (tornou-se membro honorário) e José Ferreira Santos, em 1962 (falecimento). Este último dirigente, em particular,

participou da Comissão Executiva do COI, inaugurando a tradição de membros brasileiros na alta direção da entidade olímpica maior. Outra tradição então estabelecida foi de se ter dois membros do COI de nacionalidade brasileira, mantida até a presente data e atribuída a alguns poucos países.

1926 A partir dessa data a documentação corrente no âmbito do COI passa a chamar o então “Comité Olympico Nacional” de Comitê Olímpico Brasileiro.

1927 Na sessão do COI em Mônaco, a cidade do Rio de Janeiro solicitou pela primeira vez a candidatura para sediar os Jogos Olímpicos de 1936.

1935 Em 20 de maio deste ano o COB foi definitivamente constituído. O presidente do Comitê Olímpico Brasileiro nessa nova etapa foi Antônio Prado Junior no período de 20 de maio de 1935 até primeiro de julho de 1947. A Comissão Executiva do Comitê Olímpico Nacional – COB foi composta por Alaor Prata; Antonio Prado Junior; Arnaldo Guinle (Membro Nato representante do COI); Attila Aché; Benedicto Montenegro; Casper Libero; Erasmo Assumpção Júnior; Herbert Moses; José Ferreira Santos (Membro Nato – representante do COI); Max de Barros Ehrardt; Newton Cavalcanti; Oswaldo Palhares; Octavio da Rocha Miranda.

1936 A partir dos Jogos Olímpicos de Berlim, realizados neste ano, o COB, reorganizado, passou a ser o órgão responsável oficialmente pelas Delegações Brasileiras enviadas à competição. Antes disso, o órgão encarregado era a então chamada Federação Brasileira de Sports, criada em 1914, e depois transformada em Confederação Brasileira de Desportos-CBD. Nestes JO, houve duas delegações do Brasil – a do COB e a da CBD – implicando na intervenção direta do Governo Federal na contenda, finalmente criando-se uma representação única em Berlim. O impacto desta disputa influenciou o Governo Federal brasileiro nas intervenções que se produziram nos anos subseqüentes.

1938 Neste ano, o Rio de Janeiro apresentou-se para sediar os Jogos de 1944 (não houve) ou os de 1948. Eleito Antonio Prado Junior para membro do COI (37ª Sessão, Cairo) em substituição a Raul do Rio Branco; seu afastamento ocorreu em 1955.

1941 Neste ano foi outorgado o Decreto Lei 3199, do Governo Federal, que reorganizou o esporte brasileiro. No que correspondeu aos esportes olímpicos, a nova legislação oficializou no Brasil as prerrogativas e deveres destas modalidades sob a égide do COI e do seu único representante no país, o COB. Embora desde então tenha havido sucessivos atos legais alterando a organização do esporte nacional, continua em vigor no presente estágio o reconhecimento do dispositivo de autonomia e exclusividade da relação COI-COB, de modo idêntico aos demais países participantes do Movimento Olímpico Internacional.

1947 Arnaldo Guinle assume a presidência do COB permanecendo até 08/10/1950.

1950 José Ferreira Santos, médico de profissão, assume a presidência do COB e permanece até 1963. Na eleição de 1963 foi criado um mandato de transição até que fossem estabelecidas condições estatutárias de substituição do presidente que se afastava. Áttila Monteiro Ache exerceu esta função.

1963 Sylvio de Magalhães Padilha é eleito para presidente do COB, mantendo-se neste exercício até 1990. Nestas três décadas consolida-se a organização do COB em torno da formação das representações nacionais aos JO e Jogos Pan-Americanos, com respectivo estreitamento das relações com as Confederações esportivas relacionadas aos esportes olímpicos e esportes do programa Pan-Americano (olímpicos ou não).

1963 Eleição para membro do COI (60ª. Sessão, Baden-Baden) de Jean Marie Faustin Godefroid Havelange, que se mantém na função até hoje e na condição de decano das Assembléias da entidade olímpica maior.

1964 Eleição de Sylvio de Magalhães Padilha para Membro do COI (62ª Sessão, Tóquio). O Major Padilha, oficial reformado do Exército Brasileiro, foi membro da Comissão Executiva do COI de 1970 a 1978 e de 1983 a 1998, como também vice-presidente do COI de 1975 a 1978. Tornou-se membro honorário em 18/12/95, ao se afastar da função.

1990 André Gustavo Richer substitui Sylvio de Magalhães Padilha na presidência do COB, aperfeiçoando o sistema representações nacionais – Confederações – modalidades esportivas, cerne das disposições estatutárias da entidade. André Richer permaneceu na função até 1995.

1995 - 2003 Em 1995, André Richer passa a presidência para Carlos Arthur Nuzman, que exerce a função até a presente data. Nesta eleição, a vice-presidência foi ocupada por André Richer. A tônica da administração do COB foi então dirigida para melhoria contínua das representações nacionais em conjunto com as Confederações filiadas ao COB, vinda da presidência anterior, como também para a expansão e projeção externa do COB. Para tais propósitos, o COB passou a enfatizar a função de marketing e sua projeção política de modo a gerar recursos governamentais, à vista de suas atuações internacionais e nacionais. Nestas condições, o COB acompanhou a elaboração e votação da Lei Agnelo/Piva (ver destaque abaixo), aprovada em 2001, como também assumiu a condução . em associação com diversas entidades de governo do país, e sobretudo com a Prefeitura do Rio de Janeiro-RJ - das candidaturas da cidade do Rio de Janeiro à sede dos Jogos Pan-Americanos de 2007 e Jogos Olímpicos de 2012 (ver neste Atlas o capítulo “Brasil – futuras cidades olímpicas: Rio de Janeiro”) Antes, nos últimos anos da década de 1990, Brasília e o Rio de Janeiro, tentaram a candidatura dos Jogos Olímpicos . 2000 e 2004, respectivamente . fora das tradições olímpicas vindas dos origens do COI, causando prejuízos financeiros e de imagem ao esporte nacional. Em 2001, Carlos Nuzman foi eleito Membro do COI, cumprindo uma tradição iniciada em 1923, como antes reportada nesta cronologia de fatos de memória.

2002 Realização dos Jogos Sul-Americanos no Brasil sob organização e condução do COB. Este evento foi sediado no Brasil em condições de emergência devido à desistência da Colômbia, realizando-se em diversas cidades de modo a prover as melhores condições possíveis de instalações para as competições. Em 24 de agosto, a cidade do Rio de Janeiro vence a competição com a cidade de San Antonio, Texas, EUA, para sediar os Jogos Pan-Americanos de 2007. A associação do COB com a Prefeitura do RJ mostrou-se efetiva e eficiente nesta candidatura, consolidando o modelo preconizado pelo COI.

2003 A cidade do Rio de Janeiro se apresenta como candidata aos Jogos Olímpicos de 2012 depois de disputar com a cidade de São Paulo e ganhar a seleção nacional conduzida pelo COB em 7 de julho. Nestas condições, a parceria Prefeitura RJ - COB ainda neste mesmo ano dava início a obras relacionadas aos dois eventos (Pan-Americanos e Olimpíadas), uma vez que se previu o uso das instalações do Pan nos Jogos de 2012, caso a cidade fosse vencedora.

2004 Acompanhando modelo instituído pelo COI, o COB lançou em março deste ano a Agência Olympo Marketing e Licenciamento, sua própria agência de marketing, presidida por Carlos Nuzman, também presidente do COB, e dirigida por Leonardo Gryner, especialista na área. A agência foi planejada para comercializar patrocínios, licenciamentos, concessões em eventos, direitos multimídia e bilheteria, etc, e atender também ao Comitê Organizador dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 (CO-Rio).

Situação Atual O Comitê Olímpico Brasileiro vivencia hoje de modo prioritário com seus parceiros e patrocinadores, a organização dos Jogos Pan- Americanos 2007, desde que a candidatura do Rio de Janeiro dirigida para 2012 não se completou junto ao COI. Com este propósito, o CO-Rio está operando na estrutura interna do COB em paralelo com entidades homólogas da Prefeitura do RJ. Além da projeção internacional obtida a partir de 1995, o COB apóia-se atualmente numa assessoria técnica de anti-dopagem de classe mundial e uma Academia Olímpica que se alinha entre as primeiras do Movimento Olímpico Internacional, complementando os esforços de suas 30 confederações filiadas. Em termos de filiação, o COB atual deu um novo impulso à tendência de expansão das confederações de esportes olímpicos vinda de décadas anteriores, ora renovada por repercussões da Lei Agnelo-Piva. Acompanhando-se os diagnósticos elaborados anualmente pelo COB, sabe-se que havia 539 federações estaduais de esportes olímpicos em 2000, as quais alcançavam um total de 584 em 2002, revelando um aumento de 8,3% no número destas entidades. Dados preliminares de 2003 indicam que as federações de filiação olímpica já estariam totalizando 729 unidades em todo o país, projetando-se um aumento em relação a 2000 de 35,2%. Uma perspectiva de resultados qualitativos

levantados junto às federações do segmento estadual sugere que há uma melhoria no funcionamento destas entidades, compatível com avanço quantitativo identificado. Esta conclusão situa-se na apreciação das Figuras de 1 a 7, como também das Tabelas 1 e 2, que expõem algumas condições operacionais das federações pertencentes à esfera de atuação do COB, comparando-se os anos de 2000 com 2002. Adicionalmente a este diagnóstico de ordem geral, há um Box que mostra a lista atual de confederações filiadas e vinculadas, bem como outro que informa sobre a Lei Agnelo/Piva.

Confederações Brasileiras O COB opera diretamente com as Confederações Brasileiras, que têm suas modalidades esportivas integrando o programa dos Jogos Olímpicos. São elas com grafia adotada por cada entidade *per se*: Associação Brasileira de Hóquei sobre Grama e Indoor; Confederação Brasileira de Desportos na Neve; Confederação Brasileira de Atletismo; Confederação Brasileira de Badminton; Confederação Brasileira de Basketball; Confederação Brasileira de Beisebol e Softbol; Confederação Brasileira de Boxe; Confederação Brasileira de Canoagem; Confederação Brasileira de Ciclismo; Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos; Confederação Brasileira de Desportos no Gelo; Confederação Brasileira de Esgrima; Confederação Brasileira de Futebol; Confederação Brasileira de Ginástica; Confederação Brasileira de Handebol; Confederação Brasileira de Hipismo; Confederação Brasileira de Judô; Confederação Brasileira de Levantamento de Peso; Confederação Brasileira de Lutas Associadas; Confederação Brasileira de Pentatlo Moderno; Confederação Brasileira de Remo; Confederação Brasileira de Taekwondo; Confederação Brasileira de Tênis; Confederação Brasileira de Tênis de Mesa; Confederação Brasileira de Tiro com Arco; Confederação Brasileira de Tiro Esportivo; Confederação Brasileira de Triatlo; Confederação Brasileira de Voleibol; Federação Brasileira de Vela e Motor; e Confederação Brasileira de Bicicross (esporte olímpico a partir de 2003).

Confederações Vinculadas São as responsáveis por esportes que não participam dos Jogos Olímpicos: Associação Brasileira de Vôlei e Vela; Confederação Brasileira de Automobilismo; Confederação Brasileira de Desportos Terrestres; Confederação Brasileira de Esqui Aquático; Confederação Brasileira de Futebol de Salão; Confederação Brasileira de Golfe; Confederação Brasileira de Hóquei e Patinação; Confederação Brasileira de Jiu-Jítsu; Confederação Brasileira de Karatê; Confederação Brasileira de KungFu; Confederação Brasileira de Motociclismo; Confederação Brasileira de Orientação; Confederação Brasileira de Pára-quedaismo; Confederação Brasileira de Pesca e Desportos Subaquáticos; Confederação Brasileira de Rugby; Confederação Brasileira de Squash; Confederação Brasileira de Surf; Confederação Brasileira de Xadrez; Confederação Brasileira do Desporto Universitário.

Lei Agnelo/Piva Sancionada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso em 16 de julho de 2001, a Lei nº 10.264 – conhecida como Lei Agnelo/Piva por causa do nome de dois de seus autores, o senador Pedro Piva (PSDB-SP) e o então deputado federal e atual ministro do Esporte Agnelo Queiroz (PC do B-DF) – estabelece que 2% da arrecadação bruta de todas as loterias federais do país sejam repassados ao Comitê Olímpico Brasileiro (85%) e ao Comitê Paraolímpico Brasileiro (15%). Da fatia que lhe cabe, o COB é obrigado a aplicar 5% no esporte universitário e mais 10% no esporte estudantil. Em agosto de 2001, o COB criou o “Fundo Olímpico”, a partir do qual as verbas oriundas da Lei Agnelo/Piva são distribuídas às Confederações Brasileiras Olímpicas conforme rigorosos critérios técnicos estipulados pelo COB. A Lei Agnelo/Piva é um projeto de lei de autoria do senador Piva, do então deputado Agnelo Queiroz e do deputado federal Gilmar Machado (PT-MG). A aprovação da lei representou o maior volume de recursos já destinados ao desenvolvimento do esporte olímpico no Brasil.

Fontes www.cob.org.br/site/downloads/downloads/Lei_Agnelo_Piva_integra.pdf; Abreu, Neise Gaudencio. *Multicultural Responses to Olympism – An Ethnographic Research in Ancient Olympia, Greece (Doctor Thesis)*. Rio de Janeiro, 1999; DaCosta, Lamartine. *Olympic Studies*. Editora UGF/RJ, 2002; www.cob.org.br; www.olympic.org/uk/organisation/ioc/index_uk.asp; De Franceschi Neto, Márcia. A Participação do Brasil no Movimento Olímpico Internacional de 1896 a 1925. Rio Janeiro, PPGEF/UGF, 1999; Fontes documentais do COI: *Amateur Athletic Foundation of Los Angeles*, acessado em www.aafa.org; Arquivos do COB e da antiga CBD (Rio de Janeiro).

Condições operacionais das confederações filiadas ao COB, 2000 – 2002

Operational conditions of confederations affiliated to COB, 2000 – 2002

Fonte / source: Lei Agnelo-Piva, Prestação de Contas-2002, COB, 2003

Tabela 1 / Table 1

Esporte olímpicos – número de federações estaduais, 2002

Olympic sports – number of state federations, 2002

Esportes das confederações filiadas ao COB <i>Confederations affiliated to COB - sports</i>	Federações <i>Federations</i>
Atletismo, Basquetebol, Ciclismo Estrada, Ciclismo M. Bike, Futebol, Handebol, Natação, Taekwondo, Vôlei de Praia e Voleibol	27
Judô	26
Boxe, Tênis de Mesa e Tênis	24
Ginástica Artística Feminina, Ginástica GRD e Tiro Esportivo	19
Pólo Aquático	17
Hipismo	16
Canoagem – Velocidade e Triathlon	15
Lutas e Remo	13
Vela	12
Natação Sincronizada e Ginástica Artística Masculina	10
Badminton e Tiro com Arco	07
Beisebol, Canoagem – Slalom e Softbol	06
Ginástica – Trampolim e Saltos Ornamentais	05
Ciclismo – Pista e Esgrima	04
Bobsled, Skeleton e Luge, Pentatlo Moderno e Ski e Snowboard	03
Levantamento de Peso	02
Total	584
Aumento em relação a 2000 (total em 2000 = 539)	8,3%

Figura 1

Equipes olímpicas permanentes

Permanent olympic representative teams

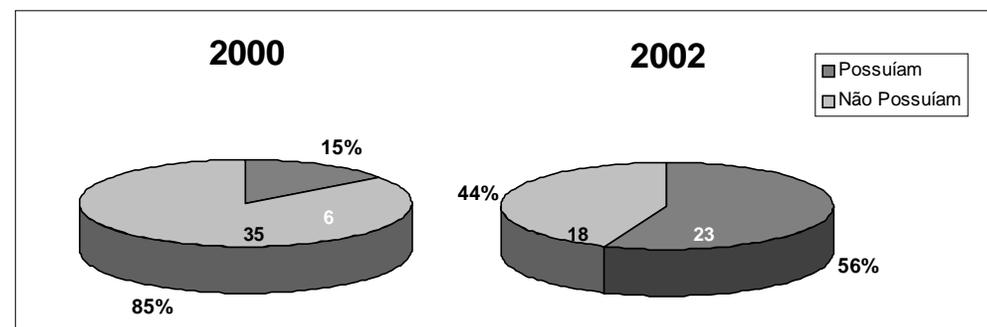


Figura 2

Técnicos estrangeiros

Foreign coaches hired

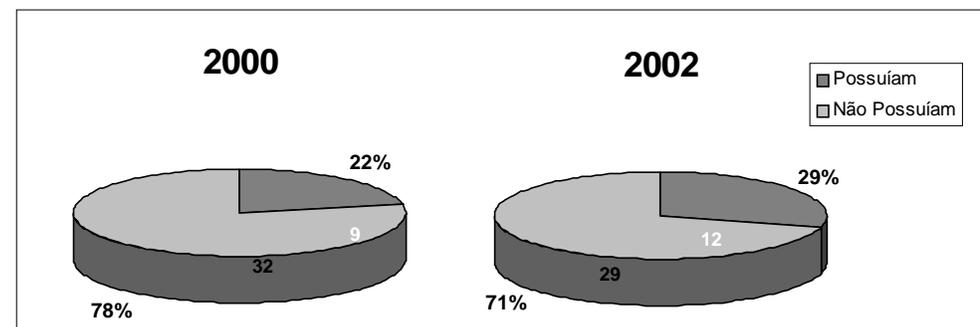


Figura 3

Fornecedor de Material esportivo

Sports equipment suppliers

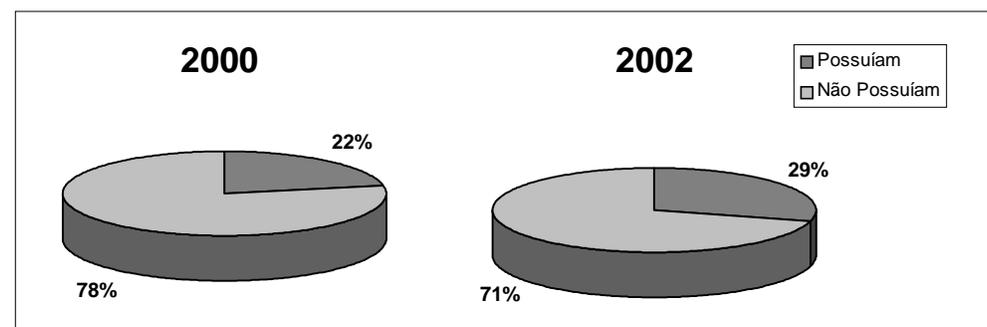


Figura 4

Patrocínio

Sponsorship

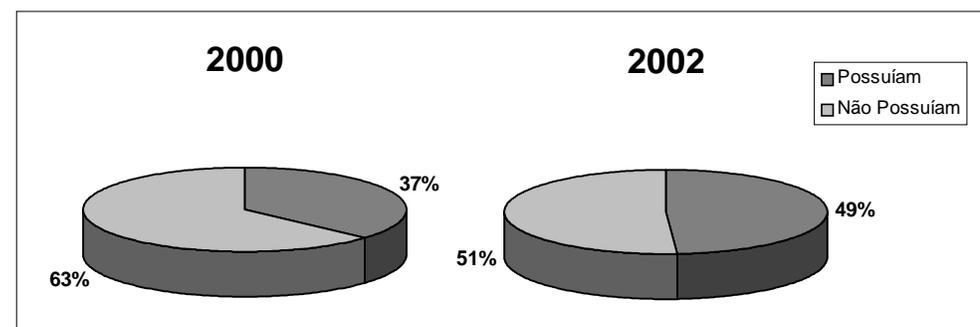


Figura 5
Centros de treinamento
Training centers

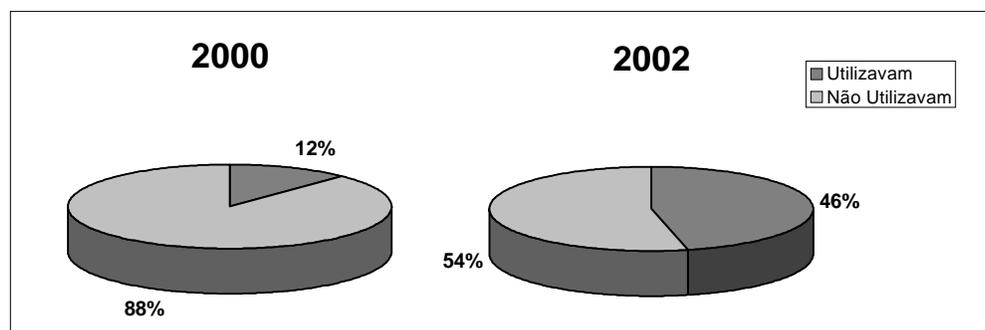


Figura 6
Sedes das entidades
Headquarters (rent, n/available, own, lent)

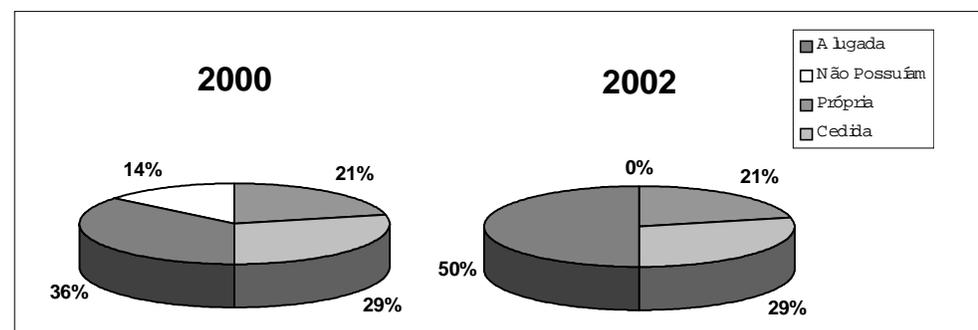


Figura 7
Nível técnico
(critérios de aferição na Tabela 2)
Technical level – see Table 2

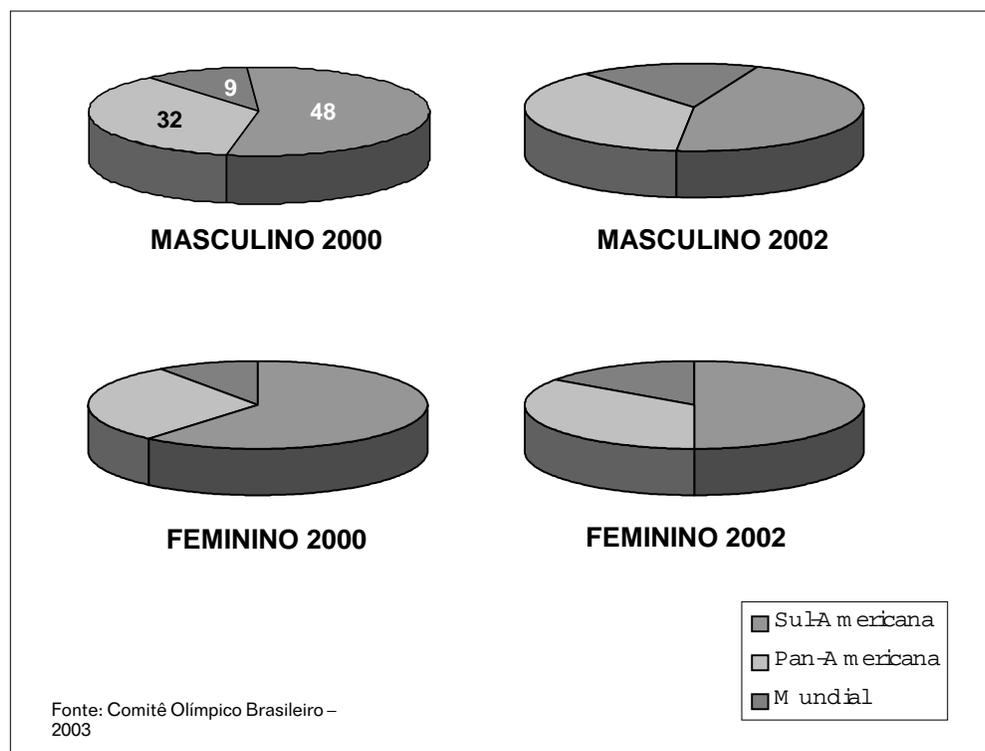


Tabela 2 / Table 2 (ref. Figura 7)
Critérios do COB para classificação das confederações por nível técnico
COB selection criteria for classification of confederations by technical level

Nível Técnico <i>Technical level</i>	Definição / <i>Definition</i>
Sul-Americano <i>South American</i>	Esportes coletivos e individuais que disputam Campeonatos e Jogos Sul-Americanos com possibilidade de conquistar medalhas
Pan-Americano <i>Pan American</i>	Esportes coletivos e individuais que conquistam medalhas nos Campeonatos e Jogos Sul-Americanos e que têm possibilidade de conquistar medalhas nos Campeonatos e Jogos Pan-Americanos
Mundial <i>World</i>	Esportes coletivos e individuais que conquistam medalhas nos Campeonatos e Jogos Sul-Americanos e Pan-Americanos. E que nos Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos, nos esportes coletivos, estejam entre os primeiros oito colocados e nos esportes individuais participem das finais

Confederação Brasileira de Clubes – CBC

ARIALDO BOSCOLO, EDSON GARCIA E RENATA RONDINI

Brazilian Confederation of Clubs - CBC

The Confederação Brasileira de Clubes (The Brazilian Confederation of Clubs – CBC) was founded in 1990 as a civil society and non-profit institution defining itself as belonging to the third sector in which sports, recreational and social clubs are affiliated. The missions of CBC are (i) to serve the needs of the clubs by promoting the continuous improvement of the service they render according to the quality required, and (ii) to attract,

develop and encourage the clubs to increase the representation of the segment, protecting their interests. The CBC is the only representative of the segment of clubs in Brazil with 6,500 affiliated clubs in all states of the country today. The CBC has encouraged the development of State Unions since 1996 so that they could represent the clubs in actions in their respective states. The CBC considers that the clubs serve one third of the Brazilian

population and because of the social impact of the clubs on the country, the CBC is carrying out a survey of the jobs generated in this sector. The CBC also organizes two mega sports events a year with the participation of the affiliated clubs. The CBC inaugurated a corporate university in the state of São Paulo in 2003 that aims at the technical improvement of the people who work in clubs in Brazil.

Definições A Confederação Brasileira de Clubes – CBC é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, tendo como finalidade principal apoiar e amparar os legítimos interesses dos Clubes de todo o país. A CBC define-se na defesa de ações que forem tomadas em benefício do clube, se opondo a qualquer medida ou iniciativa que for, de alguma maneira, prejudicial aos seus filiados. Atualmente está representada nos principais estados brasileiros. O Terceiro Setor conceitua-se como o conjunto de organismos, organizações ou instituições dotadas de autonomia e administração própria que apresentam como função e objetivo principal de atuar junto à sociedade civil visando o seu aperfeiçoamento. Recentemente começou-se a reconhecer a importância desse setor no âmbito da sociedade e da economia brasileira pela sua capacidade de mobilização de recursos e seu caráter estratégico. A CBC e seus filiados estão inseridos neste Setor, com mais de 6.500 clubes no Brasil, crescendo gradativamente desde a fundação da entidade. A missão da CBC é atender as necessidades dos clubes, promovendo a melhoria contínua da prestação de serviços, de acordo com a qualidade exigida, bem como atrair, desenvolver e motivar os clubes a aumentar a representatividade do segmento, para garantir a excelência destes serviços. A CBC é a única representante do segmento representado por seus filiados no Brasil.

Origens A Confederação Brasileira de Clubes foi fundada em 1990 como uma sociedade civil, tendo como ação principal oficializar anualmente o Congresso Brasileiro de Clubes, hoje em sua 14ª edição. Este era realizado pela entidade representativa do estado anfitrião, criando um espaço importante para deliberar assuntos comuns aos clubes, daí surgindo a necessidade de uma confederação a fim de cobrir todo o país.

1996 A partir deste ano, a CBC começou a incentivar a constituição de Sindicatos Estaduais, para que os mesmos representassem os clubes em ações nos respectivos estados. Criaram-se também as primeiras consultorias para assessorar os dirigentes dos clubes filiados.

2000 A CBC iniciou uma nova fase, desenvolvendo meios de comunicação constantes, tais como o *site* (www.cbc-clubes.com.br) e o jornal “CBC e os Clubes”. Implantou um Plano de Metas, buscando aumentar e melhorar a sua prestação de serviços. Iniciou um trabalho de articulação junto ao Congresso Nacional visando defender os interesses dos clubes nas Legislações.

2001 Constituiu-se o Conselho Superior Interclubes, órgão que dá o respaldo político, auxiliando a CBC a traçar estratégias de ações. É uma linha de frente compacta e atuante, com os mais representativos clubes do Brasil, sendo eles: Alphaville Tênis Clube, Automóvel Clube de São Paulo, Club Atlético Paulistano, Clube Paineiras do Morumbi, Esporte Clube Pinheiros, Esporte Clube Sírio, Palestra Esporte Clube, Sociedade Harmonia de Tênis e Sociedade Hípica de Campinas, de São Paulo; Clube Curitibano, Graciosa Country Club e Santa Mônica Clube de Campo, do Paraná; Minas Tênis Clube, Pampulha late Clube e Praia Clube de Uberlândia, de Minas Gerais; Rádio Clube, do Mato Grosso do Sul; Assembléia Paraense, do Pará, Associação Atlética Banco do Brasil, da Bahia; Clube de Natação e Regatas Alvares Cabral, do Espírito Santo; Clube Jaó, de Goiás; Grêmio Náutico União, do Rio Grande do Sul; late Clube de Brasília, do Distrito Federal; Lagoa late Clube, de Santa Catarina e Tijuca Tênis Club, do Rio de Janeiro. Além de ser a comissão de frente da CBC, o Conselho Superior Interclubes também tem uma forte influência sobre a diretoria da Confederação. Ao Conselho compete sugerir diretrizes para as ações da gestão administrativa da entidade, ou seja, tem a missão

de indicar os caminhos para que a CBC trace o seu plano de trabalho. E também propõe temas de interesse para a realização do Congresso anual da entidade, que sempre acontece em novembro.

2002 Realizou-se o Primeiro Congresso Brasileiro de Clubes sobre total responsabilidade da CBC, com recorde de participantes. O evento reuniu 522 congressistas, representando 20 Estados brasileiros, com o objetivo de promover a profissionalização e o desenvolvimento da comunidade clubística e de seus interesses. Como resultado do Congresso, que contou com a presença do Deputado Federal Gilmar Machado (relator do projeto de lei do Estatuto do Desporto) e do então Deputado Federal e, atual Ministro do Esporte, Agnelo Queiróz, foram elaboradas 19 emendas que foram encaminhadas ao legislativo sugerindo mudanças no Projeto de Lei do Estatuto do Desporto. Tais emendas beneficiam os clubes, incentivando e fortalecendo o desenvolvimento do esporte de base. A aprovação final do projeto está prevista para 2004 e com este ato confirmado, o Estatuto do Desporto terá uma regulamentação única no setor, o que facilitará o desenvolvimento do esporte nacional. Neste ano, também se implantou uma assessoria jurídica específica para incentivar ainda mais a constituição de Sindicatos Estaduais, custeando todo o processo.

2003 A CBC participou ativamente da discussão do Estatuto do Torcedor, conseguindo introduzir o artigo 43, deixando claro que esta Lei aplica-se ao esporte profissional. A CBC é oficializada pelo Ministro de Esporte como membro do Conselho Nacional do Esporte-CNE, formado por representantes de vários Ministérios, Congresso Nacional e Sociedade Civil. O Conselho tem a função de assessorar o Ministério do Esporte no desenvolvimento de Políticas do Desporto Nacional. Fazem parte da composição do CNE, além da representante dos clubes, a CBC, um representante do COB – Comitê Olímpico Brasileiro, CPB – Comitê Paralímpico Brasileiro, CBF – Confederação Brasileira de Futebol, CNA – Comissão Nacional de Atletas e Fórum Nacional de Secretários Estaduais de Esporte e Lazer. A Confederação neste ano assina também o Protocolo de Intenções com o Ministro do Esporte, promovendo uma parceria entre as entidades filiadas e o Governo Federal. Este projeto visa estabelecer ações esportivas e sociais entre as partes.

Situação Atual A CBC estima que 1/3 da população brasileira esteja vinculada a clubes, o que comprova explicitamente a importância dessas entidades na sociedade brasileira. Atualmente são 14 Sindicatos/Federação filiados à CBC, localizados nos principais Estados do Brasil. Além da realização anual do Congresso Brasileiro de Clubes, a CBC disponibiliza aos seus filiados equipes jurídica, administrativa e esportiva de forma gratuita para esclarecer dúvidas e expor soluções, mantém canais de comunicação ativos e eficientes, sempre abordando notícias e fatos relevantes para a comunidade clubística e disponibiliza suporte jurídico e financeiro para constituição de sindicatos estaduais, fortalecendo a representatividade e melhorando a prestação de serviços. Nestas ações, o foco principal da missão da entidade é de defender os legítimos interesses dos clubes diante dos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário. E neste contexto, o foco suplementar – e não menos importante – refere-se à valorização da sociedade brasileira pelo viés do associativismo esportivo e de lazer. Neste particular, a CBC entende o clube também como um meio gerador de empregos.

A CBC, realizou em 2003, uma pesquisa piloto com os clubes que integram o Conselho Superior Interclubes sobre a geração de empregos do setor, consistindo num questionário a ser respondido

por 21 dos 24 clubes que integram o Conselho. As respostas indicaram que havia 6.655 funcionários contratados (o menor número de funcionários por clube é 67 e o maior 970) e 1.143 funcionários terceirizados (o menor número de funcionários terceirizados por clube é zero e o maior 287). Estas cifras correspondem a uma média de 370 empregados por clube e neste caso, estas entidades poderiam ser classificadas como de mão de obra intensiva. Mas esta estimativa incorpora muitas limitações de conceitos e de cálculos, o que sugere se obter dados mais detalhados e específicos sobre o tema. Na perspectiva de um aperfeiçoamento da pesquisa inicial, a CBC já fechou contrato com a Fundação Getúlio Vargas-FGV para efetuar estudos sobre o segmento clube em termos de emprego e mão de obra. E também em negociação com o Ministério do Esporte, o IBGE efetuará levantamento sobre o Esporte Nacional quando o segmento clube deverá ser mais detalhado.

As batalhas em prol dos clubes que a CBC está enfrentando são a de aprovação da proposta de Lei Bolsa Atleta, do Estatuto de Desporto e de Incentivo Fiscal para o Desporto, as quais a entidade tem acompanhado exaustivamente, com sugestão de ações e idéias que desenvolvem o esporte nacional. Em particular na proposta da Lei de Incentivo Fiscal, o Ministério do Esporte solicitou a CBC sugestões para o projeto e foram encaminhadas diversas propostas visando sempre beneficiar a comunidade clubística. Afinal esta tem seu valor no cenário esportivo, já que a base dos grandes campeões se constrói nos clubes. Dois eventos promovidos pela comunidade clubística são exemplos da força desse segmento na sociedade e do cumprimento da meta dos clubes de serem o celeiro de atletas, além de local de recreação, lazer e esporte para a população. O primeiro é a Olimpsec, maior Olimpíada Interclubes do Brasil, é promovida anualmente desde 1976 pela Apesec (Associação dos Presidentes de Entidades Sociais e Esportivas de Campinas- SP). Em sua primeira edição, o torneio que hoje tem como objetivo a integração sócio-esportiva dos clubes filiados à APESEC, incentivando a prática do esporte, reuniu sete clubes disputando cinco modalidades. A XVIII Olimpsec, que aconteceu em 2003, tornou-se a maior realização esportiva do Estado de São Paulo, promovida sem o patrocínio governamental. O evento teve a participação de cerca de 10 mil atletas, de 29 clubes, disputando 23 modalidades. Ao longo de três meses de competição foram realizados 2.500 jogos. Desde 07 de janeiro de 2000, a Prefeitura Municipal de Campinas-SP, por intermédio da Câmara Municipal, oficializou a Olimpsec e a introduziu no Calendário Esportivo Oficial do Município, através da Lei n.º 10.406.

Outro evento de destaque é o Pepac “Programa Esportivo para Associados de Clube”, criado em 1999 pelo Sindi-Clube (Sindicato dos Clubes Esportivos do Estado de São Paulo), com o objetivo de fomentar o esporte entre todos os associados de clubes, independente de seu nível técnico. Esta iniciativa movimentou em 2003, por intermédio da prática esportiva, cerca de 5 mil atletas (crianças, jovens e principalmente adultos), em várias modalidades esportivas, em eventos que acontecem dentro dos próprios clubes com duração de até 09 meses. O Pepac vem firmando convênios com as federações esportivas oficiais de cada modalidade para maior desenvolvimento do programa. A última edição teve a participação de 50 clubes da Grande São Paulo, em quatro esportes: vôlei, futebol de campo, futsal e handebol.

Em 2003, o Sindicato dos Clubes do Estado de São Paulo-Sindi-Clube, filiado à CBC, criou a Universidade Corporativa Sindi-Clube (www.sindiclubesp.com.br). A proposta é capacitar novos profissionais e reciclar aqueles que já atuam na área, por intermédio

de cursos, os quais com duração de mais de 60 horas, cederão diploma de conclusão aos participantes e os com carga menor, somente certificado. São cursos cuidadosamente elaborados e com os conteúdos bem direcionados, ministrados por profissionais especializados e com larga experiência nos temas. Entre os temas que já integram o calendário da Universidade estão: "Administração de departamentos de esportes e lazer em clubes e instituições esportivas"; "Excelência no atendimento ao cliente" e "Estatuto Social: elaboração, modificação e modernização- face ao Novo Código Civil". A CBC estabeleceu uma parceria com o Sindi-Clube de modo a que todos os clubes filiados à Confederação terão os

mesmos benefícios que os pertencentes ao quadro associativo do Sindicato Estadual. Há também projeto de levar os cursos da primeira universidade de clubes para outras regiões do Brasil. A Universidade surge como uma importante fonte de reciclagem, atualização e desenvolvimento já que muitas das atividades que antes eram prerrogativas dos clubes – como, por exemplo, centros

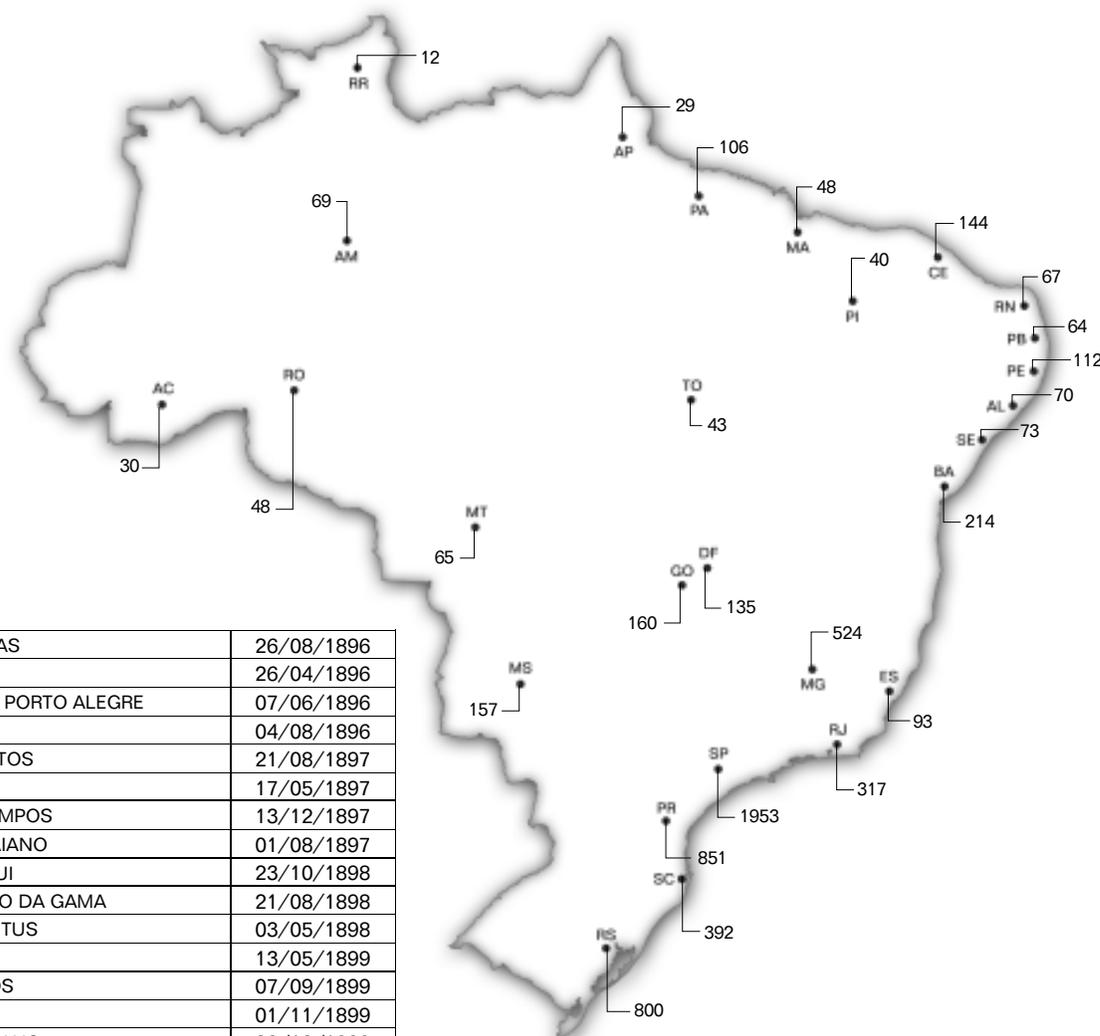
esportivos - foram absorvidas por outros segmentos, tais como escolas, escolas de esportes, hotéis, condomínios e academias. De acordo com esta tendência à oferta variada de opções, a demanda por profissionais qualificados cresce a cada dia.

Fontes www.sindicclubesp.com.br; www.cbc-clubes.com.br

CBC – Clubes cadastrados por estado, 2003 (n = 6616)^(*)

CBC – Inventory of clubs per state, 2003 (n = 6616)^()*

Clubes mais antigos⁽¹⁾ <i>Older clubs⁽¹⁾</i>	FUNDAÇÃO <i>/ Startup date</i>
SOCIEDADE GERMANIA	23/06/1855
CLUBE SEMANAL DE CULTURA ARTÍSTICA	16/07/1857
SOCIEDADE HARMONIA LYRA	31/08/1858
ASSOCIAÇÃO LEOPOLDINA JUVENIL	24/06/1863
CLUBE UNIÃO	10/04/1866
GRÊMIO LITERÁRIO E RECREATIVO PORTUGUÊS	29/09/1867
SOCIEDADE GINÁSTICA PORTO ALEGRE - SOGIPA	10/08/1867
CLUBE INTERNACIONAL DE REGATAS - SANTOS	24/05/1898
CLUBE XV	12/06/1869
CLUBE CONCÓRDIA	04/04/1869
CLUBE CONCÓRDIA	17/05/1870
CLUBE 12 DE AGOSTO	12/08/1872
BAHIA BRITSCH CLUB	25/05/1874
JOCKEY CLUBE DE SÃO PAULO	14/03/1875
CLUBE COMERCIAL	21/03/1876
JOCKEY CLUB CAMPINEIRO	17/09/1877
CLUBE LITERARIO DE PARANAGUÁ	09/08/1878
ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMÉRCIO	07/03/1880
CLUBE CURITIBANO	25/09/1881
CLUBE RIOGRANDENSE	20/08/1881
SOCIEDADE THALIA	04/04/1882
CLUBE ARARAQUARENSE	03/1882
CLUBE LITERÁRIO E RECREATIVO GUARATINGUETAENSE	01/01/1882
SOCIEDADE BENEFICENTE E PROTETORA DOS OPERARIOS	28/01/1883
CLUBE SÃO CRISTOVÃO IMPERIAL	16/12/1883
SOCIEDADE BENEFICENTE GARIBALDI	01/06/1883
CLUBE RIO BRANCO	19/07/1884
SOCIEDADE HARMONIA JAGUARÃO	14/10/1884
CLUBE INTERNACIONAL DO RECIFE	17/07/1885
ASSOCIAÇÃO SUL-RIOGRANDENSE DOS VIAJANTES COMERCIAIS	05/12/1885
SOCIEDADE GINÁSTICA DE SÃO LEOPOLDO	01/09/1885
CLUBE COMERCIAL DE BAGÉ	03/06/1886
CLUBE REPUBLICANO R.	21/08/1887
CLUBE DE REGATAS GUAIBA	21/11/1888
CLUBE CARNAVALESKO MIXTO DAS PÁS	19/03/1888
CLUBE ATLÉTICO SÃO PAULO	12/05/1888
SOCIEDADE ALIANÇA DE NOVO HAMBURGO	04/05/1888
CLUBE VENÂNCIO AYRES	02/02/1888
SOCIEDADE DE CANTO CONCÓRDIA NOVA HARTZ	01/01/1888
SANTOS ATLÉTICO CLUBE	15/08/1889
CLUBE CARNAVALESKO MIXTO VASSOURINHAS	06/01/1889
CLUBE DUQUE DE CAXIAS	07/12/1890
ASSOCIAÇÃO DE DESPORTOS RECREATIVA BANCRÉVEA	23/06/1891
GRÊMIO ATIRADORES DE NOVO HAMBURGO	18/07/1892
CLUBE CONGRESSO RECREATIVO	15/11/1892
CLUBE COMERCIAL DE URUGUAIANA	13/08/1893
CLUBE DE REGATAS SANTISTAS	03/04/1893
CLUBE 15 DE NOVEMBRO	03/03/1893
CLUBE CAIXEIRAL DE BAGÉ	14/10/1894
SOCIEDADE GINÁSTICA DE NOVO HAMBURGO	11/06/1894
SOCIEDADE DE CANTO UNIÃO	01/07/1894
SOCIEDADE RECREATIVA ESPORTIVA PINHALENSE	18/04/1895
CLUBE DE REGATAS DO FLAMENGO	15/11/1895
CENTRO PORTUGUÊS DE SANTOS	06/12/1895
CLUBE GUAIRA	28/02/1896



(continuação)

CLUBE ATLÉTICO CAMPINAS	26/08/1896
ALIANÇA SANTA CRUZ	26/04/1896
CLUBE DO COMÉRCIO DE PORTO ALEGRE	07/06/1896
SOCIEDADE RIO BRANCO	04/08/1896
SOCIETÀ ITALIANA DI SANTOS	21/08/1897
CLUBE ITAJUBENSE	17/05/1897
CLUBE PRINCESA DOS CAMPOS	13/12/1897
CLUBE RECREATIVO ATIBAIANO	01/08/1897
SOCIEDADE GINÁSTICA IJUI	23/10/1898
CLUBE DE REGATAS VASCO DA GAMA	21/08/1898
SOCIEDADE UNIÃO JUVENTUS	03/05/1898
ESPORTE CLUBE VITÓRIA	13/05/1899
ESPORTE CLUBE PINHEIROS	07/09/1899
CLUBE ESPERIA	01/11/1899
CLUB ATHLÉTICO PAULISTANO	29/12/1900
CLUBE UNIÃO CAÇAPAVANA	20/05/1900
SOCIEDADE ESPORTIVA BANDEIRANTE	16/06/1900
GRÊMIO RECREATIVO DOS EMPREGADOS DA CIA. PAULISTA DE ESTRADA DE FERRO - JUNDIAÍ	15/11/1900
ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA PONTE PRETA	11/08/1900
CLUBE COMERCIAL SÃO LOURENÇO	10/07/1900
CAIXEIRAL CAMPESTRE TÊNIS CLUBE	27/05/1901
ASSOCIAÇÃO CRISTÁ DE MOÇOS PORTO ALEGRE	26/11/1901
SOCIEDADE FILARMÔNICA PIETRO MASCAGNI	21/04/1901
CLUBE 19 DE JULHO	19/07/1901
CLUBE NÁUTICO CAPIBARIBE	07/04/1901
FLUMINENSE FOOTBALL CLUBE	21/07/1902
GRÊMIO PAULISTA DE JAÚ	18/02/1902
CLUBE DE XADREZ DE SÃO PAULO	12/06/1902
CLUBE DE REGATAS ITAPAGIPE	07/09/1902
CENTRO LITERÁRIO PEDRO NESTOR	02/06/1902
CLUBE DO COMÉRCIO DE ARROIO GRANDE	02/02/1902
CLUBE GAÚCHO	02/02/1902
GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE	15/09/1903
CLUBE ENCRUZILHADENSE	12/07/1903
PARÁ CLUBE	05/04/1903
TUNA LUSO BRASILEIRA	01/01/1903

⁽¹⁾Nota dos editores do Atlas: segundo a CBC, nesta lista constam apenas clubes mantidos em funcionamento há mais de cem anos e com documentação comprobatória; há, contudo outros levantamentos que listam clubes brasileiros a partir de 1821 / *Note from the editors: according to CBC, this list includes only clubs that are older than 100 years and that offer regular activities; nevertheless, there are other surveys that list Brazilian clubs that started up from 1821 onwards.*

Federações e sindicatos estaduais filiados à CBC, 2003 *Federations and unions affiliated to CBC per state, 2003*

- Federação dos clubes e associações do estado do Rio de Janeiro
- Federação dos clubes do estado de Minas Gerais
- Federação dos clubes sociais de Goiás
- Federação dos clubes sociais de Alagoas
- Federação de clubes sociais, esportivos e culturais do Rio Grande do Sul
- Sindicato dos clubes esportivos do estado de São Paulo
- Sindicato dos clubes esportivos, de cultura física e hípicas do estado Paraná
- Sindicato dos clubes do estado da Bahia
- Sindicato dos clubes do estado do Ceará
- Sindicato dos clubes do estado do Rio de Janeiro
- Sindicato dos clubes sociais, esportivos e recreativos do estado de Pernambuco
- Sindicato dos clubes sociais do estado do Pará
- Sindicato dos clubes, associações esportivas, culturais, de entretenimento e lazer do estado do Espírito Santo
- Sindicato de clubes e entidades de classe, promotoras de lazer e de esportes do Distrito Federal e entorno

Serviço Social da Indústria – SESI (I)

RUI CAMPOS

Colaboradores: Marmenha Rosário, Cláudia Martins Ramalho, Luiz Carlos Marcolino, Maria Mercedes Carvalho Passeri, José Odair Meireles Nunes, Elza Francisca Patriarcha de Albuquerque, Georgia Antony Gomes de Matos Costa Silva, Gabriela Vieira Leitão, Katiúscia Negreiros Paes Landim, Luzia de Fátima Alves Marques, Rosângela Rodrigues Faria e Técnicos em Esporte e Lazer das 27 Diretorias Regionais do SESI

SESI (I) – Social Service of Brazilian Industry

The Social Service of the Industry-SESI is the largest sports system of national scope in Brazil. It can be included among the most important in the world. SESI was created in 1946 by the Confederação Nacional da Indústria (National Confederation of Industry-CNI), a private institution that brings together associations that represent the industries in all states of the country. From its very beginning, SESI carried on workers' sports traditions which had started in the first decades of the 20th century and which were

linked to workers' clubs and to union movements. Later on SESI devoted itself to services that promoted educational support, health and cultural participation integrated through sporting activities. SESI has already reached its former objectives by developing integrated actions in the areas of education, health and leisure in order to improve the quality of life of both workers and their communities. Therefore, it is possible to say that SESI has thoroughly adopted the concept of social responsibility, which has

been preserved throughout its 57-year old practice. SESI has a very large operational structure in order to cater for the services generated by its interventions at local level in each of the 27 states of the country, which includes 2,370 units, 358 Activity Centers and 1,584 Operational Units reaching 1,860 municipalities. Other data that complement such structure are found in the Tables below. The main programs of the institution related to both sports and leisure are presented in chapters II and III.

Origens e Definições No período que se sucedeu ao fim da Segunda Guerra Mundial, o Brasil vivia o desfecho da Ditadura do Estado Novo. A eleição de Eurico Gaspar Dutra acenava para a democracia e a liberdade. A confrontação de interesses entre patrões e empregados poderia prejudicar o desenvolvimento econômico do país. Neste cenário, a convicção de alguns empresários, entre eles, Roberto Simonsen, de São Paulo, e Euvaldo Lodi, do Rio de Janeiro, de que o crescimento do país exigia tranquilidade social e solidariedade entre empregados e patrões resultou, em 25 de junho de 1946, na edição do Decreto-lei que atribuía a Confederação Nacional da Indústria-CNI a criação, direção e organização do Serviço Social da Indústria-SESI. No dia 7 de agosto de 1946, o SESI foi criado como uma entidade de direito privado, mantida e administrada pela indústria brasileira com a função de prestar serviços sociais de saúde, educação, lazer, cultura, alimentação e de promoção da cidadania, visando à melhoria da qualidade de vida do trabalhador da indústria, transportes, comunicação e pesca, bem como a de seus dependentes.

Década de 1940 A escassez e alto custo dos gêneros de primeira necessidade nas grandes cidades causada pelo pós-guerra, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, e a missão pedagógica e educacional orienta os primeiros passos do SESI para dois setores: abastecimento e alimentação e educação social.

1946 O SESI herda da Fundação de Assistência ao Trabalhador postos de abastecimento que foram sendo multiplicados por todo o Estado de São Paulo, fornecendo a baixo custo gêneros alimentícios e utilidades domésticas. Segundo o primeiro relatório de atividades deste ano, foram atendidas 35 mil famílias operárias. No mesmo ano, a entidade formou a primeira turma de educadores sociais que integrariam os quadros do SESI.

1947 A entidade cria os cursos populares com o objetivo de alfabetizar adultos. Estes cursos eram oferecidos em instalações alugadas denominadas de Núcleos Educacionais.

1948 São oferecidos aos usuários serviços nas áreas de alimentação, assistência jurídica e econômica, assistência social, educação social, educação física, recreação e lazer.

1949 Criação dos Centros de Aprendizado Doméstico, objetivando o atendimento às famílias dos trabalhadores, especialmente as mulheres. Eram oferecidos cursos de artesanato, corte costura e culinária.

Década de 1950 Expansão de sua atuação em todo o país, na medida em que surgem as Federações de Indústrias nos estados. Os serviços oferecidos pelo SESI também foram se diversificados e o Lazer Artístico-Cultural tornou-se uma nova frente de atuação da entidade.

1953 São fundados os Departamentos Regionais-DRs do Pará, do Rio de Janeiro e de Goiás, ampliando-se os serviços anteriormente oferecidos pelas Delegacias Regionais. Os atendimentos são realizados nas áreas médica, dentária, jurídica, social e programas de recreação e esportes, desenvolvidos em conformidade com as características de cada estado e a demanda de seus trabalhadores.

1955 A Delegacia Regional do Rio Grande do Norte transforma-se em Departamento Regional-DR. No período, é dada ênfase aos programas culturais e recreativos, tais como cinema educativo, com projeção de filmes em sindicatos e empresas, reuniões festivas em comemoração às datas cívicas e religiosas e investimento em

bibliotecas circulantes, formada por estantes portáteis levadas às principais indústrias da capital potiguar.

1958 Criação da Divisão de Educação Fundamental, com o objetivo de organizar e padronizar a área de educação do SESI, a saber, cursos de educação fundamental e de ensino supletivo, instalação de bibliotecas, realização de estudos sobre educação, planejamento e promoção de eventos educacionais e culturais.

Década de 1960 O SESI inicia a construção de um conjunto de obras, os Centros de Atendimento ao Trabalhador -CATs, com o objetivo de expandir sua participação na melhoria da qualidade de vida do trabalhador e de suas famílias. Foi também nessa época que o Departamento Nacional-DN apressa-se em desenvolver políticas para padronizar as ações do SESI no país, principalmente na área de educação e higiene e segurança industrial.

1960 Inaugura-se o primeiro CAT do Estado de São Paulo com a presença do então Presidente da República Juscelino Kubitschek.

1961 O programa “Ensino Primário” mantido pelas empresas faz com que a rede de atendimento do SESI tenha um crescimento singular: de 65 classes, totalizando 1.600 alunos para 1.683 classes e cerca de 67.775 alunos, no período de um ano.

1964 A incorporação da mulher ao mercado de trabalho estimula o desenvolvimento de atividades de educação infantil no SESI que, atendendo a solicitações de industriais e das famílias operárias, instala 114 unidades pré-primárias atendendo 3.527 crianças de 4 a 6 anos, somente no Estado de São Paulo.

Década de 1970 O SESI realiza levantamento no âmbito regional e nacional com o objetivo de conhecer as reais necessidades de sua clientela para orientar os campos de atuação da entidade. Desenvolve um intenso programa de saúde preventiva, principalmente dentro das indústrias. No campo do lazer estabelece um planejamento visando promover uma formação de base para a melhoria da aptidão física da comunidade. O objetivo geral é transformar o Brasil em uma nova potência do esporte amador. Para tanto, desenvolve o programa de “Iniciação Esportiva” nas unidades do SESI espalhadas por todo o país.

1975 O SESI, em parceria com o Ministério do Trabalho e o Serviço Social do Comércio - SESC promove o Encontro Nacional sobre o Lazer que reúne no Rio de Janeiro, no Hotel Glória, vários especialistas nacionais e estrangeiros que, a partir dos debates, lançam subsídios para uma Política Nacional de Lazer. Neste ano, o DR da Bahia realiza o I Simpósio de Comissões Internas de Prevenção de Acidentes -CIPAS.

1976 Os DRs ampliam assistência odontológica ao trabalhador no ambiente de trabalho e inauguram CATs e Clubes dos Trabalhadores em todas as regiões, aumentando as dimensões físicas do SESI.

1979 Desenvolve-se o projeto “Manhãs de Recreio”, que leva às praças momentos de lazer, gerando qualidade de vida para as comunidades atendidas. Dessa forma, mobilizando recursos materiais e humanos, o SESI coloca em prática uma nova concepção de lazer comunitário.

Década de 1980 O SESI prima pelo incentivo à construção de mais unidades nos estados e pela modernização dos equipamentos e técnicas necessárias à atualização e expansão dos programas de ação. Segundo dados estatísticos da entidade, há um crescimento no número de

matrículas e nos atendimentos realizados nas áreas de educação e saúde, destacando as ações curativas e preventivas da odontologia.

1980 Inauguração do CAT de Irati e do campo de futebol do clube do trabalhador no Estado do Paraná. O DR de São Paulo inaugura quatro núcleos de atendimento.

1987 O DR da Paraíba registra em seu relatório um crescimento acentuado no número de matrículas realizadas na área de educação e através de ações, tais como a promoção de competições regionais e municipais, participação em torneios esportivos internos e externos, “Domingos no SESI”, realização de jogos recreativos, entre outras atividades, ampliando o atendimento à sua clientela na área de Lazer.

Década de 1990 O SESI passa a intensificar suas atividades em busca de modernização do processo de gestão social e do desenvolvimento de novas tecnologias e metodologias. Para tanto firma vários convênios com órgãos nacionais e internacionais, entre eles, Ministério da Educação, Ministério dos Esportes e Turismo, Instituto Ayrton Senna, Unesco e OIT com o objetivo de intensificar sua atuação nas áreas de educação, saúde, lazer e cooperação social.

1994 Efetuadas 713.776 matrículas nas escolas do SESI em atividades de educação infantil, ensino fundamental para crianças e adolescentes, jovens e adultos e atividades de suprimento e qualificação, onde atuaram 15.703 profissionais, segundo os relatórios dos DRs. Na área de Lazer destaca-se o convênio firmado com a Universidade Federal de Minas Gerais, para a realização do Curso de Especialização pós-graduação “lato sensu” em Lazer, formando 25 especialistas do SESI. Organizado de forma a se tornar um pólo aglutinador de experiências vivenciadas em torno da temática lazer, o curso foi um espaço de reflexão sobre esta área do conhecimento, de crescente demanda na atualidade brasileira.

1995 Em parceria com entidades de grande expressão nacional, como a Fundação Roberto Marinho, o SESI desenvolve programas educacionais como o “Telecurso 2000”, o programa “RÁ-TIM-BUM”, e “Sesinho Multimídia Interativa” na educação infantil que demonstra a iniciativa do SESI na busca de novas metodologias para a área de educação.

1996 Na área do Lazer são realizadas parcerias com a Confederação Esportiva Internacional do Trabalhador - CSIT e a Confederação Pan-Americana de Desporto do Trabalhador – COPADET com o objetivo de projetar a marca SESI no exterior, por meio de competições esportivas.

Situação Atual Responsabilidade social é um conceito novo e reflete uma prática antiga do SESI que há 57 anos desenvolve ações integradas nas áreas de educação, saúde e lazer para a melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores e da comunidade. Para atender a toda esta demanda, o SESI conta com uma estrutura física que abrange os 26 estados e o Distrito Federal composta por 2.370 unidades, 358 Centros de Atividades e 1.584 Unidades Operacionais atingindo 1.860 municípios.

Fontes SESI/DN. Estatísticas SESI 2001. Brasília, 2001; SESI 30 anos: 1946/1976. Rio de Janeiro, 1976; Plano de recreação, educação física e desporto: iniciação esportiva. [S. l.], [19—]; SESI 50 anos. São Paulo: DBA, 1996; SESI 50 anos. [Brasília], 1996; Encontro Nacional sobre Lazer (Cultura, Recreação e Educação Física), 1, 1975, Rio de Janeiro. Anais, Rio de Janeiro: SESC, 1975; SESI 35 anos. Rio de Janeiro, 1981; Braz, Maria. Divisão de educação fundamental. São Paulo: Paulo de Castro Correia, 1965; SESI Em Ação. Lazer. Rio de Janeiro: SESI, ano 4, n. 6, 1978. 33 p; SESI/DN.

SESI – Instalações físicas no Brasil por estado, 2002
SESI – Operational units in Brazil per state, 2002

DR <i>Regional Departments</i>	TOTAL	UNIDADES DE ATENDIMENTO <i>Operational units</i>		
		Centros de Atividades (CAT)	Unidade Operacional (UOP)	Unidade Móvel (UMO)
BRASIL	2.358	348	1.559	451
Região Norte	84	17	25	42
Acre	4	-	4	-
Amapá	11	1	1	9
Amazonas	13	1	8	4
Pará	27	7	4	16
Rondônia	12	4	3	5
Roraima	7	1	1	5
Tocantins	10	3	4	3
Região Nordeste	237	62	68	107
Alagoas	16	1	11	4
Bahia	36	7	11	18
Ceará	30	11	4	15
Maranhão	15	3	7	5
Paraíba	27	8	3	16
Pernambuco	46	15	7	24
Piauí	30	5	21	4
Rio Grande do Norte	26	5	4	17
Sergipe	11	7	-	4
Região Sudeste	1.145	162	892	91
Espírito Santo	59	12	37	10
Minas Gerais	474	79	360	35
Rio de Janeiro	70	21	6	43
São Paulo	542	50	489	3
Região Sul	591	88	357	146
Paraná	51	32	1	18
Rio Grande do Sul	115	35	-	80
Santa Catarina	425	21	356	48
Região Centro-Oeste	301	19	217	65
Distrito Federal	33	4	4	25
Goiás	93	9	64	20
Mato Grosso	15	1	14	-
Mato Grosso Sul	160	5	135	20

Fonte / *source*: Relatório Anual dos Departamentos Regionais - 2002

SESI – Recursos humanos por estado, 2002
SESI – Human resources per state, 2002

DR <i>Regional Departments</i>	TOTAL	NATUREZA FUNCIONAL <i>Functional classification</i>				
		SESI <i>Employees</i>	Integração	Parceiros <i>Partners</i>	Prestadores de Serviço <i>Outsourcing</i>	Estagiários <i>Trainees</i>
BRASIL	54.791	26.407	489	19.901	5.831	2.163
Região Norte	4.637	1.500	38	1.569	1.130	400
Acre	926	147	13	597	-	169
Amapá	163	104	10	-	49	-
Amazonas	1.342	299	-	666	185	192
Pará	712	477	11	118	99	7
Rondônia	275	246	-	-	29	-
Roraima	167	99	1	50	7	10
Tocantins	1.052	128	3	138	761	22
Região Nordeste	7.790	4.185	38	2.290	624	653
Alagoas	282	188	4	-	53	37
Bahia	1.271	562	18	76	214	401
Ceará	1.300	680	1	391	207	21
Maranhão	499	422	-	-	2	75
Paraíba	754	215	11	495	-	33
Pernambuco	1.137	987	-	150	-	-
Piauí	579	466	-	2	72	39
Rio Grande do Norte	1.717	417	1	1.176	76	47
Sergipe	251	248	3	-	-	-
Região Sudeste	17.898	13.832	91	-	3.537	438
Espírito Santo	873	669	77	-	-	127
Minas Gerais	1.592	1.190	-	-	402	-
Rio de Janeiro	4.407	2.287	14	-	2.050	56
São Paulo	11.026	9.686	-	-	1.085	255
Região Sul	19.455	4.887	310	13.679	237	342
Paraná	4.849	478	-	4.251	65	55
Rio Grande do Sul	10.279	1.935	310	7.676	71	287
Santa Catarina	4.327	2.474	-	1.752	101	-
Região Centro-Oeste	5.011	2.003	12	2.363	303	330
Distrito Federal	1.392	1.069	-	156	70	97
Goiás	949	423	-	260	78	188
Mato Grosso	1.941	312	-	1.611	-	18
Mato Grosso Sul	729	199	12	336	155	27

Fonte / *source*: Relatório Anual dos Departamentos Regionais - 2002

SESI – Atendimentos – Matrículas na Educação do Trabalhador, 2002
SESI – Participants – Enrollment in workers' education, 2002

DR	Níveis de Ensino Learning levels Total / Primary / Literacy / Secondary					
	TOTAL	Ensino Fundamental	Alfabetização	1ª a 4ª série	5ª a 8ª série	Ensino Médio
BRASIL	870.301	629.477	97.023	143.646	388.808	240.824
Região Norte	96.521	72.238	18.993	8.499	44.746	24.283
Acre	28.618	17.013	377	1.774	14.862	11.605
Amapá	1.721	1.721	401	103	1.217	-
Amazonas	28.003	23.834	1.379	5.285	17.170	4.169
Pará	5.973	3.275	74	140	3.061	2.698
Rondônia	10.267	7.299	72	750	6.477	2.968
Roraima	1.481	1.389	107	447	835	92
Tocantins	20.458	17.707	16.583	-	1.124	2.751
Região Nordeste	126.394	108.311	28.011	41.155	39.145	18.083
Alagoas	21.644	21.570	19.374	1.622	574	74
Bahia	9.108	7.873	2.344	4.759	770	1.235
Ceará	9.812	5.385	49	1.348	3.988	4.427
Maranhão	4.543	3.742	559	504	2.679	801
Paraíba	39.344	36.664	4.258	15.237	17.169	2.680
Pernambuco	22.475	13.732	1.037	5.454	7.241	8.743
Piauí	1.825	1.702	245	314	1.143	123
Rio G. do Norte	17.278	17.278	-	11.779	5.499	-
Sergipe	365	365	145	138	82	-
Região Sudeste	184.729	127.336	13.409	35.685	78.242	57.393
Espírito Santo	3.366	1.143	-	115	1.028	2.223
Minas Gerais	46.019	24.953	-	5.251	19.702	21.066
Rio de Janeiro	76.750	63.480	13.409	19.220	30.851	13.270
São Paulo	58.594	37.760	-	11.099	26.661	20.834
Região Sul	373.541	245.996	17.796	40.132	188.068	127.545
Paraná	139.391	92.521	6.037	27.991	58.493	46.870
Rio Grande do Sul	90.663	72.903	8.023	1.408	63.472	17.760
Santa Catarina	143.487	80.572	3.736	10.733	66.103	62.915
Região C.-Oeste	89.116	75.596	18.814	18.175	38.607	13.520
Distrito Federal	5.462	2.080	69	-	2.011	3.382
Goiás	6.244	4.114	296	268	3.550	2.130
Mato Grosso	41.824	38.456	17.357	10.367	10.732	3.368
Mato Grosso Sul	35.586	30.946	1.092	7.540	22.314	4.640

Fonte / source: Relatório Anual dos Departamentos Regionais - 2002

SESI – Consultas médicas
Medical appointments, 2002

DR	TOTAL DE CONSULTAS MÉDICAS
BRASIL	1.617.764
Região Norte	152.415
Acre	43.098
Amapá	4.213
Amazonas	53.626
Pará	20.965
Rondônia	25.988
Roraima	2.759
Tocantins	1.766
Região Nordeste	482.070
Alagoas	8.998
Bahia	61.240
Ceará	75.943
Maranhão	1.402
Paraíba	28.278
Pernambuco	183.495
Piauí	17.752
Rio G. do Norte	62.846
Sergipe	42.116
Região Sudeste	477.193
Espírito Santo	37.131
Minas Gerais	35.610
Rio de Janeiro	305.999
São Paulo	98.453
Região Sul	307.019
Paraná	45.664
Rio Grande do Sul	195.311
Santa Catarina	66.044
Região C.-Oeste	199.067
Distrito Federal	130.500
Goiás	692
Mato Grosso	23.018
Mato Grosso Sul	44.857

SESI (II) Esporte e lazer

RUI CAMPOS

SESI (II)– Sport and leisure

The SESI programs of sport development offer courses of introduction to various sports and organize tournaments for children and adolescents all around Brazil. SESI also organizes championships between industries, making it possible for the industry worker to become a 'worker-athlete', promoting the name of the companies they work for nationally and internationally. Such initiative began with the Primeiros Jogos Desportivos Operários (First Sports Games of the Industry Workers), which took place in São Paulo-SP in 1947 with the participation of 2,500 worker-

Origens Desde o início de suas atividades, o SESI vem contribuindo para o desenvolvimento de milhares de empresas por meio do esporte. Em todo o Brasil, promove cursos de iniciação esportiva em diversas modalidades e torneios, com a participação de crianças e adolescentes. Realiza também campeonatos entre empresas, possibilitando a transformação do industrial em “trabalhador-atleta”, projetando nacional e internacionalmente a marca de suas empresas. Atletas reconhecidos no Brasil e no Exterior passaram pelo SESI e valorizam o apoio da instituição no início de suas trajetórias. Éder Jofre, João do Pulo, Joaquim Cruz, Daniele Hypólito, Ana Moser, Elizângela Adriano, Aduino Domingues, Montanaro, Dante, Robson Caetano, Marcelo Vido e Zequinha Barbosa, são alguns exemplos de sucesso.

Década de 1940 Através do esporte, a presença do SESI passou a ser marcante, principalmente nas cidades do interior do país.

1947 O SESI realiza no Estádio Municipal do Pacaembu, em São Paulo, sua primeira competição oficial, os Primeiros Jogos Desportivos Operários. Participam do evento cerca de 2,5 mil atletas industriários vindos de todo o estado que desfilarão em delegações com carros alegóricos e bandas marciais pelas ruas da capital paulista em 1º de maio.

1948 A Ponta da Praia, em Santos, no litoral paulista, é transformada em uma arena poliesportiva onde os funcionários do Departamento Regional-DR de São Paulo organizam torneios de tamboréu e também de vôlei de praia.

1949 Em Porto Alegre, o DR do Rio Grande do Sul promove o primeiro campeonato de futebol amador entre os trabalhadores.

Década de 1950 Depois de promover muitos jogos estaduais, o SESI passa a realizar grandes eventos esportivos contando com a participação de atletas trabalhadores representantes de empresas de todo o país.

1953 O SESI realiza em Curitiba a 1ª Olimpíada Operária Brasileira, primeiro evento esportivo em âmbito nacional organizado pelo SESI. A abertura do evento toma as ruas da cidade em 1 de maio. Participam da Olimpíada delegações de São Paulo, Minas Gerais, Alagoas, Santa Catarina e Rio Grande do Sul que disputam as modalidades futebol, bocha, xadrez, basquete e corrida rústica.

1956 Os Jogos Operários tornam-se grandes o suficiente para atrair centenas de trabalhadores-atletas e ganhar o apoio do futuro Presidente da República, Jânio Quadros.

Década de 1960 O Lazer Artístico-Cultural é incentivado pelo SESI através da criação de cursos de artesanato, valorização dos grupos folclóricos e investimentos para construção de teatros.

1961 O DR do Espírito Santo deu início às atividades esportivas com a promoção do Campeonato de Futebol de Campo com jogos realizados em Cachoeiro do Itapemirim e Vitória.

1963 Inaugurado oficialmente o Teatro Popular do SESI, em São Paulo, com a peça “Cidade Assassina”, de Antônio Callado. Neste mesmo ano, o DR do Ceará organiza o primeiro Grupo de Artesanato para valorização do trabalho artístico das mulheres rendeiças da cidade de Paracuru.

1968 O DR de Goiás funda o SESI Clube do Trabalhador oferecendo aos trabalhadores e suas famílias uma moderna infra-estrutura.

athletes from the whole state of SP. Today this event has another name: Jogos Nacionais do SESI (SESI National Games), and it brings together worker-athletes from the whole country to SESI's permanent headquarters in Blumenau-SC. In 2000, 91 companies sent 550 worker-athletes to compete in 9 disciplines. The industries and the workers selected in this event have the chance to participate in competitions of the Confédération Sportive Internationale du Travail (International Sports Confederation of Labor-CSIT) and of the Confederação Pan-Americana de Desporto do Trabalhador (Pan-

1969 Realização dos Jogos Industriários promovidos pelo DR do Pará. O evento conta com a participação de 32 empresas e 1.500 trabalhadores que disputam medalhas nas seguintes modalidades: futebol de campo, voleibol de quadra, basquetebol e tênis de mesa.

Década de 1970 O SESI desenvolve o programa “Iniciação Esportiva”, que oferece nas escolinhas cursos especializados em várias modalidades esportivas de acordo com a infra-estrutura e recursos de cada Departamento Regional. O público-alvo são crianças e adolescentes entre 7 e 14 anos. A idéia é aprimorar os pequenos atletas por meio do processo educativo-formativo, proporcionando-lhes a participação em diversas competições.

1974 O SESI promove o seu I Curso de Informação de Medicina Esportiva. A primeira turma é composta por 46 médicos interessados na prevenção e recuperação de atletas. No mesmo ano, foi elaborado pelo Departamento Nacional, o Plano de Recreação, Educação Física e Desporto, que tem como proposta um programa de desenvolvimento pessoal utilizando-se de atividades recreativas e desportivas com ênfase no aspecto educativo. De acordo com o relatório desse ano, o SESI movimentou em todo o país mais de um milhão de participantes e igual número de espectadores em atividades esportivas.

1975 É realizada em Fortaleza a I Olimpíada Nacional do SESI, com a participação de 910 atletas na faixa de 16 anos divididos em oito delegações. As modalidades disputadas são judô, natação, vôlei, basquete, handebol e ginástica de solo. O evento conta com a presença de Ademir Ferreira da Silva, campeão mundial e olímpico de atletismo. Paralelamente à realização da Olimpíada em Fortaleza, o SESI realiza o I Seminário de Medicina Esportiva.

Década de 1980 Na área de lazer, registra-se um salto de 3,5 milhões para perto de 10 milhões de usuários. Este aumento é atribuído à grande oferta de atividades e eventos realizados pelos DRs.

1982 2ª Olimpíada Nacional, realizada em Belo Horizonte, Minas Gerais. Conta com a participação de equipes de Pernambuco, Minas Gerais, Paraná, Ceará, Mato Grosso do Sul e Sergipe competindo em 20 modalidades, entre elas futebol de salão, futebol de campo, tiro ao alvo, malha, natação e vôlei.

1983 Funda-se o Clube do Trabalhador em Mato Grosso do Sul com a proposta de proporcionar aos trabalhadores da indústria um local para a prática esportiva estimulando o espírito de amizade e solidariedade entre os usuários. Sua ampla área de lazer possui diversas quadras esportivas; campo de futebol e futebol; quadras de areia; parque aquático; ginásio de esportes com capacidade para 4.500 pessoas; quiosques com churrasqueiras; restaurante; academia de ginástica e equipamentos para atividades infantis como cama elástica e piscina de bolinhas.

1985 Objetivando integrar os industriários e seus familiares e divulgar a cultura maranhense, o DR do Maranhão promove o Carnaval do Industrial que tem média de público de 3.000 pessoas.

1986 É realizada a 3ª Olimpíada Nacional sediada em Blumenau. Participam do evento mais de 800 atletas divididos em 22 delegações representantes dos estados brasileiros. Tem como modalidades disputadas o vôlei, futebol de salão, futebol suíço, bocha, atletismo e natação.

1988 Teve início o processo de Diagnóstico no Campo do Lazer do SESI, estruturado a partir de três estudos distintos e

American Sports Confederation of Workers –COPADET). In 2003, during the Assembléia Geral da CSIT (General Assembly of CSIT), which took place in Vantaa, Finland, SESI guaranteed the realization of international competitions directed to workers within Brazilian territory in the disciplines of futsal, track and field, volleyball, swimming and basketball from 2004 to 2008. The end of this chapter displays demonstrative data about SESI's availability of facilities, personnel and organization of sports competitions and leisure activities today.

complementares: Pesquisa de Caracterização da Clientela, levantamento de dados e Reuniões Técnicas com profissionais de Lazer de todo o Brasil. O referido estudo foi a matéria prima para subsidiar a construção da Política e Diretrizes de Ação do SESI no Campo do Lazer, com a participação de representantes de todo o país, nas várias instâncias organizacionais e hierárquicas. Outro destaque foi a realização da 4ª Olimpíada Nacional do SESI sediada em Pernambuco que registra em 16 modalidades do atletismo marcas superiores à edição anterior da competição.

1989 Com a inauguração do DR do Acre, em Rio Branco, o primeiro evento promovido são os Jogos Industriários, que reúnem trabalhadores de 18 empresas do estado. Já em São Paulo, o Grêmio Esportivo Sesi – Santo André, conquista o tricampeonato do Troféu Brasil de Atletismo.

Década de 1990 São realizadas parcerias com órgãos internacionais e nacionais para promover a realização de programas (SESI Esporte, SESI Ginástica na Empresa, Esporte Solidário) que visam à cooperação social, integração, qualidade de vida por meio do esporte e atividade/exercício físico.

1991 O DR de São Paulo a partir de um plano elaborado conjuntamente com a Universidade de Campinas-UNICAMP cria o Programa Atleta do Futuro, que promove atendimento gratuito a meninas e meninos de 7 a 15 anos de idade, tanto filhos de industriários quanto garotos da comunidade que se inscrevem nos cursos de iniciação e aperfeiçoamento, disponíveis em 13 modalidades esportivas. Embora o programa encaminhe atletas a clubes e associações esportivas, como a campeã olímpica de ginástica Daniele Hypólito e a medalha de bronze na última Olimpíada pela seleção brasileira de basquete – Adrianinha, o intuito do projeto não é a obtenção de resultados, mas o exercício da cidadania e a formação humana, por meio do esporte.

1992 Realização do projeto “Jogos da Criança”, iniciativa realizada em parceria com a Secretaria Especial dos Desportos do Ministério da Educação e Cultura – então denominada SEDES-MEC. Dos seis DRs participantes, o DR de Tocantins foi o único Regional que garantiu a continuidade deste importante investimento social, envolvendo, desde a sua primeira edição, 78.898 participantes no Estado.

1993 É lançado o “Prêmio SESI de Teatro”, com o objetivo de estimular a montagem de espetáculos inéditos com textos de autores brasileiros. Posteriormente o SESI publica a coletânea dos melhores textos inéditos, vencedores do prêmio, com o intuito de divulgar o trabalho de autores, atores e diretores que merecem o reconhecimento. No mesmo ano, é inaugurado o “Ginásio de Esportes Rui Lima do Nascimento”, na cidade de Rio Branco, no Acre, com a presença dos medalhistas olímpicos Rui Campos e Adhemar Ferreira da Silva.

1994 Em parceria com o Instituto de Desenvolvimento do Esporte-INDESP, o SESI começa a realizar em todo o país cursos de Educação Física e Desportos para Pessoas Portadoras de Deficiência, capacitando aproximadamente, 1.200 pessoas.

1995 É realizada a 5ª Olimpíada Nacional do SESI no Ginásio do Ibirapuera em São Paulo, com a participação de cerca de 2.000 trabalhadores-atletas que disputam provas nas modalidades atletismo, futebol, futsal, natação e voleibol. Esse evento contou com o apoio e presença do então Ministro dos Esportes, Edson Arantes do Nascimento, Pelé, como patrono. São realizados também

os Jogos da Terceira Idade, mobilizando 1,5 mil atletas entre 55 e 85 anos, nas modalidades de peteca, caminhada com revezamento, jogo de damas, natação, pingue-pongue, vôlei adaptado, buraco e dominó. Com o objetivo de filiar-se à Confederação Esportiva Internacional do Trabalho – CSIT, o SESI atende ao convite feito pela Central das Federações Francófonas do Esporte Trabalhista da Bélgica – CFFSTB para participar de uma corrida rústica, o tradicional “*Cross d’Évère*”, sendo a primeira vez que uma delegação de trabalhadores-atletas do SESI compete no exterior, conquistando os primeiros lugares nas categorias masculina e feminina. Destaca-se a participação do DR da Bahia através da sua escola especial “*Erwin Mongerohi*” na etapa mundial das Olimpíadas Especiais disputadas nos Estados Unidos.

1996 O SESI filia-se à Confederação Esportiva Internacional do Trabalho-CSIT e à Confederação Pan-Americana de Desporto do Trabalhador–COPADET, projetando-se também no exterior, por meio de competições esportivas. Também faz parceria com o Ministério da Cultura e realiza 15 fóruns de divulgação da Lei Federal de Incentivo à Cultura nos estados do Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Mato Grosso do Sul, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Rio Grande de Sul, Rondônia, Santa Catarina e São Paulo. O objetivo dos fóruns é divulgar junto à classe empresarial, os benefícios oriundos da Lei Rouanet. Neste ano o DR do Rio de Janeiro cria o projeto “Atleta Rio Atletismo SESI-FARJ” em parceria com a Federação de Atletismo do Rio de Janeiro-FARJ objetivando desenvolver um programa de ação comunitária, tendo como público-alvo crianças e adolescentes dos diversos segmentos da sociedade, principalmente das comunidades mais carentes.

1997 Atletas do DR do Rio Grande do Norte vencem o 1º Campeonato de Vôlei de Praia, em Albena, na Bulgária. É a primeira participação de uma delegação do SESI como membro efetivo da Confederação Esportiva Internacional do Trabalhador–CSIT.

1998 É realizada a primeira edição dos Jogos Regionais do SESI, competição organizada em comitês (Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Nordeste e Norte), que vem reunindo anualmente até hoje cerca de 3.000 trabalhadores-atletas de centenas de empresas. Os Jogos representam a fase seletiva para as empresas para depois ir para a fase nacional, realizada nos anos pares, bem como para a fase internacional do calendário CSIT e COPADET. Nesse mesmo ano, em parceria com a *World Leisure and Recreation Association-WLRA* o SESI promove a tradução da Carta Internacional de Educação para o Lazer. O DR de Minas Gerais desenvolve o Programa de Iniciação Esportiva para Portadores de Deficiência, que está fundamentado na prática da atividade física e esporte, como uma das atividades de lazer e instrumento de educação para a vida e se destina a crianças, adolescentes e adultos, portadores de deficiência, de famílias de baixa renda. Na área cultural, o DR de Rondônia leva o primeiro e o terceiro lugares no Festival de Dança de São Paulo, resultado do esforço de seu grupo de balé. Em parceria com o Instituto Ayrton Senna, o SESI desenvolve o programa “Largada 2000”, que objetiva contribuir para a construção de políticas públicas para a juventude. O programa promove o desenvolvimento de competências pessoais, sociais, cognitivas e

produtivas. São mais de 70 mil jovens que participam do programa em seis estados. Com o objetivo de promover o esporte como relevante espaço de educação e socialização de trabalhadores, o DR da Bahia deu início à realização da Copa “S” de Futebol que envolve trabalhadores do Sistema S (SESI, SESC e Serviço Segurança do Trabalho – SEST).

1999 Por meio da Unidade Móvel de Lazer, o DR de Roraima desenvolve o programa “SESI em movimento”, que leva à sua clientela um caminhão-baú que se transforma em palco, com equipamento de som, camas elásticas, videokê, jogos de mesa (dominó, dama e xadrez) e jogos de salão (sinuca e tênis de mesa).

2000 A partir de sua 6ª edição, a Olimpíada Nacional do SESI passa a ser denominada Jogos Nacionais do SESI. Este evento é sediado em Blumenau, Santa Catarina e conta com a participação de 550 trabalhadores-atletas de 91 empresas, competindo em nove modalidades: futsal, futebol sete máster, voleibol, vôlei de praia, atletismo, tênis de mesa e xadrez. Os Jogos Nacionais têm apoio institucional do Comitê Olímpico Brasileiro-COB, Organização Internacional do Trabalho-OIT e da UNESCO. Resultados expressivos são alcançados após esta competição, pois 7 empresas competindo em 5 modalidades participam de torneios no exterior e outras 2 empresas representam o Brasil na Copa do Mundo do Trabalhador. O SESI também promove e organiza em Sertãozinho, no interior de São Paulo, a Copa do Mundo do Trabalhador de Futebol. Trezentos jogadores operários de treze países se unem para disputar essa competição que faz parte do calendário de competições da CSIT, representada por 33 entidades filiadas.

2001 O SESI Nacional realiza no Parque do Aeroclube, Praia da Armação, em Salvador, Bahia, a Copa do Mundo do Trabalhador – Vôlei de Praia. O evento é a segunda competição internacional em parceria com a CSIT. Além do Brasil, outros nove países participam da competição, totalizando 150 trabalhadores-atletas. Em parceria com o Ministério do Esporte, o SESI publicou o livro “Lazer, atividade física e esporte para portadores de deficiência”. O DR de Alagoas lança a “Caixa de Lazer/Videokê”, que proporciona lazer de intervalo proporcionando aos trabalhadores industriários entretenimento e integração no seu próprio local de trabalho. A Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais-APAE, unidade de Campina Grande, Paraíba, une-se ao SESI Paraíba para a prática de natação na piscina do Clube do Trabalhador. Por sua vez, o DR de Pernambuco promove a sua primeira edição dos Jogos da 3ª Idade, contanto com a participação de 600 idosos. Outro destaque do ano é a criação pelo DR de Santa Catarina da UniSESI, uma universidade criada com o objetivo de oferecer qualificação profissional na área de esporte e promover educação continuada em temas emergentes nas áreas de educação, saúde, lazer, responsabilidade social, qualidade de vida e gestão de negócios.

2002 Acontece a 7ª edição dos Jogos Nacionais do SESI, realizados no Centro Esportivo Eurico Gaspar Dutra–CEGAD em Taguatinga, Distrito Federal. Participam 580 trabalhadores-atletas em nove modalidades esportivas: futebol, futsal, futebol sete-master, voleibol, vôlei de praia, atletismo, xadrez, tênis de mesa e natação.

As fases estaduais e regionais antecedem os Jogos Nacionais do SESI e os vencedores ganham a oportunidade de representar o SESI nas competições internacionais. Os atletas do Karatê do DR da Bahia e integrantes do programa “Largada 2000” conquistam cinco medalhas no Campeonato Mundial da Organização Mundial de Karatê, disputado na cidade de Birmingham na Inglaterra. Nesse mesmo ano as unidades de Blumenau e São José do DR de Santa Catarina receberam certificados ISO 9001/2000 pelos produtos do lazer desenvolvidos.

2003 O SESI garante para a sua clientela, na Assembléia Geral da CSIT, realizada em Vantaa, Finlândia, o acontecimento de competições internacionais voltadas para trabalhadores, em território brasileiro, nas modalidades de futsal, atletismo, voleibol, natação e basquete, de 2004 a 2008, organizadas pelo mesmo. Destaca-se o convite feito pela Confederação Brasileira de Voleibol–CBV, à equipe de voleibol feminino formadas na Unidade do SESI de Gravatás, em Minas Gerais, para disputar a Superliga Nacional.

Situação atual É de entendimento do SESI que a busca da ocupação prazerosa do tempo livre, por meio do esporte e lazer, é fundamental para a melhoria da qualidade de vida do trabalhador e sua família, bem como para a prática da responsabilidade social das empresas. Assim reflete sua atuação, seja no lazer social, físico-esportivo e artístico-cultural, como direito de cidadania, previsto na Constituição Brasileira. O SESI coloca à disposição de sua clientela, instalações físicas espalhadas por todo o território nacional totalizando 122 clubes do trabalhador, 244 campos de futebol, 640 quadras esportivas, 449 piscinas, 207 ginásios esportivos, 41 estádios, 73 pistas de atletismo, 62 academias, 108 alojamentos, 13 colônias de férias, 134 auditórios, 2 cinemas e 33 teatros. Para somar-se a toda esta rede física, o DR de Mato Grosso está na fase final de construção do primeiro grande parque temático da instituição, o Sesipark, que na sua infra-estrutura contará com restaurante, lanchonetes, salão de eventos, piscinas, quadra polisportiva, campo de futebol sintético, Clubinho e Vila do Sesinho, oferecendo jogos educativos e atividades teatrais para crianças. Será realizada a Copa do Mundo do Trabalhador de Futsal simultaneamente aos Jogos Nacionais do Sesi, de forma inédita, em março de 2004, em Recife.

Fontes SESI/DN. Estatísticas SESI 2002. Brasília, 2003. 135 p; Diagnóstico do campo de lazer. [S. l.], 1990; Manual operacional SESI esporte. Brasília, [2001]. 81 p; Plano de recreação, educação física e desporto: iniciação esportiva. [S. l.], [19—]; SESI NACIONAL: Jornal do Serviço Social da Indústria. Brasília: SESI/DN, ano 3, n. 20, mar. 2000. 12 p; Institucional esportes. São Paulo: TVN, 2002. 1 fita de vídeo (9 min), VHS, son., color; SESI EM AÇÃO. Arte, esporte, cultura: os caminhos para o bom aproveitamento do tempo livre. Rio de Janeiro: SESI, ano 1, n. 1, jan./mar. 1975. 34 p; SESI EM AÇÃO. Mil atletas na 1ª Olimpíada de Fortaleza. Rio de Janeiro: SESI, ano 1, n. 3, out./dez. 1975. 34 p; SESI EM AÇÃO. Lazer. Rio de Janeiro: SESI, ano 4, n. 6, 1978. 33 p; SESI EM AÇÃO. Serviço Social. Rio de Janeiro: SESI, ano 5, n. 8, 1979. 38p; SESI.DN. SESI esporte: manual operacional. Brasília, 2001. 81p.

SESI – Instalações para atividades de lazer e esportes recreativos, 2002
SESI – Leisure activities and recreational sports facilities, 2002

DR	Instalações de prática e de apoio Practices and support facilities Key: quadras & campos / courts & fields; piscinas / swimming pools; ginásios / gyms; pistas / tracks; academia / health club																
	Auditório	Cinema	Teatro	Colônia de Férias	Alojamentos	Quartos	Quadras Esportivas	Campos de Futebol	Clube do Trabalhador	Piscinas Infantis	Piscinas Olímpicas	Piscinas Semi-Olímpicas	Piscinas de Salto	Ginásio Esportivo	Estádio	Pista de Atletismo	Academia
BRASIL	134	2	33	13	108	281	640	244	122	225	12	206	6	207	41	73	62
Região Norte	11	-	3	-	2	4	41	24	5	17	2	12	1	14	2	2	7
Acre	1	-	-	-	-	-	3	2	1	2	-	1	-	1	-	1	1
Amapá	1	-	1	-	-	-	4	2	-	2	-	2	-	-	-	-	-
Amazonas	5	-	-	-	-	-	7	1	1	1	1	1	1	2	1	-	1
Pará	3	-	1	-	2	4	7	8	-	6	-	6	-	3	1	-	2
Rondônia	-	-	-	-	-	-	4	3	1	2	1	-	-	1	-	-	1
Roraima	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Tocantins	1	-	1	-	-	-	16	6	2	4	-	2	-	7	-	1	2
Região Nordeste	37	-	3	6	79	78	82	38	25	33	4	35	1	45	3	4	5
Alagoas	-	-	-	-	-	-	3	4	3	3	1	2	-	4	-	1	1
Bahia	7	-	1	1	2	-	17	5	5	8	1	6	-	5	-	1	-
Ceará	12	-	2	2	-	2	20	2	9	6	1	6	1	11	1	1	3
Maranhão	2	-	-	-	-	-	9	3	2	5	-	5	-	3	-	-	-
Paraíba	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pernambuco	4	-	-	1	52	76	22	12	-	1	-	10	-	5	-	-	-
Piauí	5	-	-	2	25	-	1	1	2	5	-	1	-	1	1	-	-
Rio G. do Norte	6	-	-	-	-	-	8	2	3	4	1	3	-	2	1	1	1
Sergipe	1	-	-	-	-	-	2	9	1	1	-	2	-	14	-	-	-
Região Sudeste	57	-	25	3	7	121	351	91	76	139	3	125	2	76	31	57	16
Espírito Santo	8	-	1	1	-	-	15	8	6	10	-	8	-	4	5	1	2
Minas Gerais	36	-	4	1	7	97	156	43	4	63	-	63	-	15	-	-	-
Rio de Janeiro	13	-	4	1	-	24	21	19	17	17	3	14	-	14	2	3	14
São Paulo	-	-	16	-	-	-	159	21	49	49	-	40	2	43	24	53	-
Região Sul	25	1	1	2	5	10	99	50	6	2	1	9	-	60	2	5	11
Paraná	17	-	-	-	-	-	18	3	1	-	-	6	-	21	-	-	-
Rio Grande do Sul	1	1	1	1	1	10	63	32	-	-	-	-	-	27	1	1	-
Santa Catarina	7	-	-	1	4	-	18	15	5	2	1	3	-	12	1	4	11
Região C.-Oeste	4	1	1	2	15	68	67	41	10	34	2	25	2	12	3	5	23
Distrito Federal	-	1	1	-	-	-	17	4	2	7	1	5	1	3	1	1	4
Goiás	1	-	-	1	14	66	30	17	1	17	1	11	1	5	2	1	13
Mato Grosso	1	-	-	-	-	-	14	15	6	6	-	6	-	-	-	3	2
Mato Grosso Sul	2	-	-	1	1	2	6	5	1	4	-	3	-	4	-	-	4

Fonte / source: Relatório Anual dos Departamentos Regionais - 2002

SESI – Atendimento na área de lazer, 2002
SESI – Participation in leisure activities, 2002

DR	Total de atendimentos / <i>Participation</i>				
	<i>Turmas Classes</i>	<i>Matrículas Enrollment</i>	<i>Eventos Events</i>	<i>Participantes Participants</i>	<i>Espectadores Spectators</i>
BRASIL	35.369	747.819	58.729	25.595.981	4.241.461
Região Norte	1.115	13.040	1.405	451.651	491.913
Acre	8	720	35	23.045	9.320
Amapá	8	204	8	29.926	1.900
Amazonas	45	1.851	1.150	199.807	269.724
Pará	187	4.251	50	71.175	11.968
Rondônia	68	1.400	51	24.982	33.300
Roraima	41	432	80	24.020	17.401
Tocantins	758	4.182	31	78.696	148.300
Região Nordeste	1.597	33.673	24.828	1.948.998	1.491.947
Alagoas	75	961	122	225.734	208.268
Bahia	534	8.019	476	315.467	151.035
Ceará	203	8.128	860	283.360	560.000
Maranhão	40	932	13	33.552	27.646
Paraíba	82	2.463	6.411	166.905	69.990
Pernambuco	494	8.561	15.485	750.952	293.773
Piauí	12	380	581	12.531	40.342
Rio Grande do Norte	91	3.411	835	152.560	139.693
Sergipe	66	818	45	7.937	1.200
Região Sudeste	29.274	633.489	19.999	20.122.480	1.309.268
Espírito Santo	179	26.995	2.399	231.623	123.956
Minas Gerais	675	15.246	3.934	1.614.867	580.620
Rio de Janeiro	498	20.213	678	69.435	71.750
São Paulo	27.922	571.035	12.988	18.206.555	532.942
Região Sul	2.080	35.390	7.846	2.135.331	628.148
Paraná	1.500	8.725	406	847.078	124.987
Rio Grande do Sul	516	11.192	6.675	884.735	503.161
Santa Catarina	64	15.473	765	403.518	-
Região Centro-Oeste	1.303	32.227	4.651	937.521	320.185
Distrito Federal	631	16.472	635	507.066	203.048
Goiás	360	13.404	2.751	206.230	62.574
Mato Grosso	42	901	1.247	152.681	37.091
Mato Grosso Sul	270	1.450	18	71.544	17.472
Fonte / <i>source</i> : Relatório Anual dos Departamentos Regionais - 2002					

SESI – Recursos humanos da área de lazer, 2001
SESI – Human resources: leisure and recreation, 2001

DR / Regional Departments per state	TOTAL
BRASIL	1978
Região Norte	257
Acre	28
Amapá	3
Amazonas	61
Pará	68
Rondônia	13
Roraima	19
Tocantins	65
Região Nordeste	316
Alagoas	24
Bahia	32
Ceará	86
Maranhão	5
Paraíba	43
Pernambuco	36
Piauí	13
Rio Grande do Norte	67
Sergipe	10
Região Sudeste	739
Espírito Santo	48
Minas Gerais	77
Rio de Janeiro	124
São Paulo	490
Região Sul	247
Paraná	46
Rio Grande do Sul	155
Santa Catarina	46
Região Centro-Oeste	419
Distrito Federal	62
Goiás	252
Mato Grosso	59
Mato Grosso do Sul	46
Fonte / <i>source</i> : Relatório Anual dos Departamentos Regionais – 2001	

SESI – Atividades competitivas, segundo os departamentos regionais, 2002
SESI – Sports competitions per states (regional departments), 2002

DR	Atividades competitivas								
	Eventos / <i>Events per companies and others</i>			Participantes / <i>Participants per companies and others</i>			Espectadores / <i>Spectators per companies</i>		
	TOTAL	Empresas	Público em Geral	TOTAL	Empresas	Público em Geral	TOTAL	Empresa	Público em
BRASIL	8.633	4.985	3.648	924.679	607.391	317.288	1.483.718	635.215	
Região Norte	134	45	89	128.644	69.060	59.584	408.468	229.000	
Acre	2	1	1	1.556	1.016	540	9.320	6.240	
Amapá	-	-	-	-	-	-	-	-	
Amazonas	56	25	31	63.057	52.301	10.756	227.958	187.180	
Pará	22	8	14	25.323	7.443	17.880	10.220	1.900	
Rondônia	15	-	15	940	-	940	7.200	-	
Roraima	8	6	2	1.472	1.372	100	5.470	5.380	
Tocantins	31	5	26	36.296	6.928	29.368	148.300	28.300	
Região Nordeste	3.486	2.484	1.002	138.999	63.497	75.502	404.930	156.394	
Alagoas	32	14	18	8.587	630	7.957	23.806	2.184	
Bahia	2	2	-	30.889	89	30.800	123.600	400	
Ceará	200	-	200	12.880	-	12.880	60.000	-	
Maranhão	6	6	-	7.877	7.877	-	10.296	10.296	
Paraíba	429	429	-	9.126	9.126	-	24.139	24.139	
Pernambuco	2.281	1.627	654	50.957	36.267	14.690	109.754	93.640	
Piauí	93	2	91	4.798	624	4.174	15.288	5.417	
Rio G. do Norte	421	386	35	11.595	7.204	4.391	37.477	19.928	
Sergipe	22	18	4	2.290	1.680	610	570	390	
Região Sudeste	3.266	1.989	1.277	387.858	284.749	103.109	253.132	44.688	
Espírito Santo	813	813	-	24.899	24.899	-	44.388	44.388	
Minas Gerais	306	-	306	39.508	-	39.508	202.267	-	
Rio de Janeiro	60	5	55	5.446	680	4.766	6.477	300	
São Paulo	2.087	1.171	916	318.005	259.170	58.835	-	-	
Região Sul	1.082	295	787	239.308	177.335	61.973	300.589	162.066	
Paraná	133	133	-	19.565	19.565	-	124.987	124.987	
Rio Grande do Sul	864	77	787	168.631	106.658	61.973	175.602	37.079	
Santa Catarina	85	85	-	51.112	51.112	-	-	-	
Região C.-Oeste	665	172	493	29.870	12.750	17.120	116.599	43.067	
Distrito Federal	196	53	143	8.275	2.035	6.240	42.155	-	
Goiás	427	104	323	13.337	5.959	7.378	50.962	27.482	
Mato Grosso	25	-	25	3.242	-	3.242	7.010	-	
Mato Grosso Sul	17	15	2	5.016	4.756	260	16.472	15.585	
Fonte / <i>source</i> : Relatório Anual dos Departamentos Regionais - 2002									

SESI (III) – Programas

RUI CAMPOS

SESI (III) – Programs

SESI programs that aim at the promotion of leisure actions are innovative mechanisms which reduce work accident rates and which encourage integration among the workers, the companies and the community. SESI developed 5 programs in 2003. Two of these programs are described in this chapter: (i) “SESI Ginástica na Empresa” (“SESI In-Company Workout Program – SGE”) and (ii) “Esporte Solidário” (“Solidarity Sports Program”). “SESI Ginástica na Empresa” includes

Origens e definições Na área de educação o SESI oferece formação continuada presencial e à distância, e desenvolve programas “SESI Educação do Trabalhador”: mais de 1 milhão de aluno em 3 anos; “Formação de Formadores em Educação de Jovens e Adultos”: 25 mil profissionais em 5 anos; “SESI Por um Brasil Alfabetizado”, “SESI Gestão de Iniciativas Sociais”; “Sesinho Ecologia” e “Sesinho Brasil 500 anos” que ajudam a mudar o cenário da educação no Brasil elevando a escolaridade média do trabalhador brasileiro, capacitando profissionais da área de educação e social e criando produtos interativos para o público infantil. Trabalhando com o conceito de indústria saudável, direcionado para as questões de saúde, segurança e meio ambiente, o SESI presta atendimento e orientação estimulando a prevenção de doenças, hábitos seguros e a preservação do meio ambiente de forma integrada por meio desenvolvimento dos programas “SESI Saúde e Seguranças no Trabalho”, “SESI Prevenção ao Uso de Drogas”, “SESI Prevenção as DST/AIDS nas Empresas”, “SESI Empresa e Família Qualidade de Vida” e “SESI Saúde Bucal do Adulto”. Outro destaque são as ações de lazer com mecanismos inovadores para a redução dos acidentes de trabalho, o aumento da produtividade e a integração entre os trabalhadores, as empresas e as comunidades. Os principais programas desenvolvidos pela área são nominalmente “SESI Ginástica na Empresa”, “Esporte Solidário”, “SESI Lazer na Empresa”, “SESI Esporte”, “Terceiro tempo” e “Largada 2000”. Adiante são pormenorizados os dois primeiros.

Programa SESI Ginástica na Empresa

Origens e Definições O programa SESI Ginástica na Empresa-SGE nasceu com o objetivo de contribuir para um ambiente de trabalho favorável, garantindo a integração dos trabalhadores, o aumento da produtividade, com conseqüente fortalecimento da indústria. As atividades desenvolvidas são voluntárias e de cunho educativo, preventivo, lúdico e visam o bem-estar e o enriquecimento nas relações inter-pessoais. As atividades são executadas de 8 a 12 minutos da jornada de trabalho e no próprio local, sem necessidade de roupas ou equipamentos especiais.

1925 Lançada na Polônia a primeira publicação sobre o tema, intitulada “Ginástica de Pausa”. Na Rússia, milhares de operários passam a praticar ginástica de pausa adaptada a cada ocupação.

1950-1960 Na Europa, países como a Bulgária, Suécia, Bélgica e a antiga Alemanha Oriental apresentam movimentos a favor da prática da Ginástica Laboral. No Japão, tornar-se obrigatória a sua prática em todas as indústrias e serviços do país.

1974 Cerca de 50 mil empresas nos Estados Unidos possuem programas diários de ginástica durante a jornada de trabalho.

1978 Compreendendo a importância da ginástica para o bem-estar do trabalhador, o Departamento Regional-DR do Rio Grande do Sul participa do projeto de “Ginástica Laboral Compensatória” em parceria com a Escola de Educação Física da Federação dos Estabelecimentos de Ensino Superior de Novo Hamburgo. Nesse mesmo ano, em Betim, na fábrica Fiat de automóveis, por iniciativa do DR Minas Gerais iniciou-se o “Programa de Ginástica na Empresa-PGE”, fundamentado nos princípios da ginástica laboral, estudados a partir de visitas técnicas de profissionais desse DR aos estaleiros da Ishibrás para observação da ginástica então aplicada aos trabalhadores.

1980 O DR de Minas Gerais adota a ginástica na empresa no atendimento às indústrias do estado e aprofunda no estudo e na operacionalização deste programa, difundindo-o em outros Regionais por meio de palestras, cursos e visitas técnicas.

relaxation movements, stretching and breathing exercises all blended with educational content for the workers to improve their quality of life. The program is planned by Physical Educational professionals and adapted according to different working groups’ preferences and needs. Today there are more than 1,000 companies catered for and more than 300,000 workers benefited from SGE in the whole country. “Esporte Solidário” is a program geared towards low-income

1984 O DR do Ceará inicia seu PGE. As primeiras empresas atendidas são os Correios, a Petrobrás e a Embratel.

1997 O PGE é apontado como o programa de maior incidência e impacto entre empresas e trabalhadores, pela avaliação dos projetos de execução do “Programa Nacional de Lazer junto as Empresas”, apesar da falta de procedimentos comuns em âmbito nacional. O DR de Minas Gerais avança no estudo e na operacionalização do programa, criando metodologia e conceitos próprios, não mais focados nos moldes da ginástica laboral. Assim, desenvolve um software de gestão técnico-operacional que posteriormente é difundido para todo o país, após capacitação ministrada pela equipe do DR de Minas Gerais aos profissionais representantes dos 26 DRs.

1998 O Departamento Nacional-DN constitui um grupo técnico para elaborar o SGE e oferecer aos DRs uma metodologia comum para o desenvolvimento das atividades, com vistas à promoção da saúde e qualidade de vida no local de trabalho. Nesse mesmo ano o PGE desenvolvido no DR de Minas Gerais recebe a Certificação ISO-9002/94.

2000-2001 Iniciativas de destaque ficam por conta da implantação do SGE na plataforma da Petrobrás, a 178 KM da costa de Itajaí realizado pelo DR de Santa Catarina, com atendimento diário a 100 trabalhadores e a promoção do programa pelo DR de Minas Gerais nas Usinas de açúcar de Caeté Delta e Caeté Volta Grande em Uberaba, atendendo a 5.000 trabalhadores rurais.

2002 Objetivando qualificar os profissionais que atuam no SGE e construir diretrizes técnico-operacionais que possibilitem a identidade nacional do programa, são realizadas três capacitações: Ouro Preto, Recife e Belém. As atividades envolvem 100 profissionais representantes dos 27 DRs e do DN. Na etapa de Ouro Preto, conta-se com a parceria acadêmica da UniSESI Esporte.

Situação Atual A ginástica na empresa, constituída basicamente de exercícios de alongamento muscular, respiração e de relaxamento, agregados a conteúdos educativos para a qualidade de vida, é planejada por profissionais de Educação Física e adaptada conforme as atividades específicas de cada grupo de trabalho. Atualmente, são mais de 1000 empresas atendidas e mais de 300 mil trabalhadores beneficiados com o SGE em todo o país.

SESI – Esporte Solidário

Origens e Definições O Ministério Extraordinário do Esporte, por meio do Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto-INDESP, lançou em 1995 o “Programa Esporte Solidário”, que tem como objetivo o desenvolvimento de ações educativas para o atendimento prioritário de crianças e adolescentes das populações de baixa renda, tendo o esporte como princípio sócio-educativo. O “Esporte Solidário” se dava de forma integrada a outras formas de atendimento pessoal e social alicerçado em cinco pilares básicos: esporte, reforço escolar, educação para a saúde, arte-educação e reforço alimentar. Este programa buscou atingir regiões carentes de todo o país e realizou-se por meio de parceria com Estados, Municípios e com o SESI.

1996 O SESI, a CNI, em parceria com o INDESP implantam o programa “Esporte Solidário”, destinado a crianças e adolescentes com idade entre 7 e 14 anos, de famílias de baixa renda. O objetivo do programa é prestar assistência esportiva, associada a ações na área de educação, saúde, lazer, alimentação e integração social, visando à formação integral do cidadão. O DN é o responsável

communities and caters for children’s and adolescents’ needs in an integrated manner based upon 5 essential aspects: sports practice, school attendance, education for health, art-education and nutritional programs. This program aims to reach needy regions in the whole country and it takes place by means of partnerships with states, municipalities and with SESI. In 2002, the program was conducted in 21 states and benefited 38,690 participants (see Tables below).

técnico pelo andamento deste projeto. Neste ano, cerca de 2.500 crianças e adolescentes são atendidos pelo programa em 6 DRs – Distrito Federal, Mato Grosso, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Rondônia.

1997 O programa atende a 15.970 crianças e adolescentes, em 14 unidades da federação, abrangendo 104 municípios. Na capacitação de pessoal, neste mesmo período, são gastas 1.200 horas, envolvendo profissionais dos DRs como: médicos, dentistas, assistentes sociais, nutricionistas, professores de Educação Física, pedagogos, psicólogos, 634 estagiários e 24 monitores. Em 8 de outubro, promove o “Dia Nacional do Esporte Solidário”, com a participação dos 14 regionais em teleconferência, abordando o tema “Esporte Solidário” e culminando com o concurso de cartazes denominado de “Pintando o Esporte Solidário”. Entre os 12 participantes premiados, 8 são do SESI.

1998 O programa apresenta resultados expressivos, com amplo alcance social, beneficiando crianças de 105 municípios brasileiros.

1999 O SESI desenvolve o programa em treze estados: Acre, Bahia, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Mato Grosso, Pernambuco, Paraíba, Rondônia, Rio Grande do Norte, Roraima, Rio Grande do Sul, São Paulo e Santa Catarina, atendendo a 16.000 crianças e adolescentes nas modalidades de atletismo, basquetebol, ginástica, natação, futebol, futsal, voleibol, bem como aquelas específicas de maior interesse da região – como capoeira, peteca, e as artes marciais.

2000-2002 De acordo com as estatísticas, mais oito estados brasileiros aderem ao programa, são eles: Amazonas, Amapá, Espírito Santo, Goiás, Pará, Tocantins, Ceará e Paraná totalizando 38.690 atendimentos às crianças e adolescentes, em 21 DRs. As modalidades mais procuradas são: atletismo, basquetebol, ginástica, natação, futebol, futsal e voleibol, destacando-se a participação dos alunos nas atividades artísticas.

Situação atual O SESI garante a continuidade, de forma independente e auto-sustentada, do atendimento a 10.000 crianças e adolescentes nos DRs da Bahia, Minas Gerais, Paraná e São Paulo, reiterando seu compromisso ético-político com a qualidade de vida e o desenvolvimento humano. A partir do segundo semestre de 2003, o SESI firma nova parceria com o Ministério do Esporte, para implementação do programa, agora denominado “Segundo Tempo”, com a adesão de 27 DRs e ampliação do atendimento a 40.000 crianças e adolescentes. O SESI insere-se como ator nesse processo, num momento de construção da Política de Juventude institucional, motivado pela vontade de cumprir seu papel na construção de um projeto de nação. A sua contribuição ao programa se dá por meio da incorporação de sua competência no atendimento em rede nacional de crianças e adolescentes, fundamentado no Lazer enquanto ação sócio-educativa para a autonomia e na pedagogia social construída a partir dos eixos da Declaração Mundial de Educação para todos: o aprender a ser, a conviver, a fazer e a aprender, no contexto da responsabilidade social das empresas industriais.

Fontes NOSSO JORNAL: Informativo do Sistema Confederação Nacional da Indústria. Brasília: CNI, ano 5, n. 52, dez. 1998. 8 p; O esporte ensinando a viver. Brasília, 1997. 16 p. Programa SESI – Esporte solidário; ESPIN: espaço informativo. Juazeiro do Norte, CE: SESI, ano 8 n. 84, 4 fev. 2002. Disponível em: www.sfipec.org.br/espino/jn/espino84.htm; SESI NACIONAL: Jornal do Serviço Social da Indústria. Brasília: SESI/DN, ano 5, n. 41, jun. 2002. 20 p; SESI/DN; Ginástica na empresa: subsídios técnicos para implantação. Brasília, 1996.

SESI – Programa Ginástica na Empresa (SGE), 2002

SESI – In-company Workout Program (SGE), 2002

DR	Programa SGE / SGE Program					
	Realizado / Results			Meta Prevista para 2002 Targets for 2002		
	Empresas Companies	Trabalhadores Workers	Participantes Participants	Empresas Companies	Trabalhadores Workers	Participantes Participants
BRASIL	1.211	267.664	311.561	1.096	247.235	176.513
Região Norte	98	23.517	46.932	87	23.910	14.404
Acre	35	2.662	5.990	28	1.300	1.000
Amapá	3	353	1	14	290	-
Amazonas	20	7.269	7.287	20	9.000	-
Pará	5	2.751	2.751	12	4.400	4.400
Rondônia	22	1.899	22.584	-	-	-
Roraima	6	271	7	3	120	4
Tocantins	7	8.312	8.312	10	8.800	9.000
Região Nordeste	234	72.555	35.333	183	45.125	10.866
Alagoas	45	22.639	235	35	12.000	200
Bahia	100	11.449	11.449	103	10.660	10.660
Ceará	20	10.300	8.590	12	7.250	-
Maranhão	3	1.997	10	7	2.000	6
Paraíba	27	15.049	15.049	...	7.115	-
Pernambuco	33	9.659	-	20	4.700	-
Piauí	-	-	-	-	-	-
Rio G. do Norte	6	1.462	...	6	1.400	-
Sergipe	-	-	-	-	-	-
Região Sudeste	352	87.375	5.085	346	80.772	3.708
Espírito Santo	92	15.574	-	70	8.500	-
Minas Gerais	207	56.913	-	210	55.000	-
Rio de Janeiro	20	5.085	5.085	18	3.972	3.708
São Paulo	33	9.803	-	48	13.300	-
Região Sul	436	62.617	126.427	366	76.500	31.901
Paraná	188	41.617	-	152	31.500	-
Rio Grande do Sul	83	21.000	95.279	60	45.000	-
Santa Catarina	165	-	31.148	154	-	31.901
Região C.-Oeste	91	21.600	97.784	114	20.928	115.634
Distrito Federal	25	9.181	9.181	25	4.200	4.200
Goiás	34	8.729	86.621	40	11.470	107.004
Mato Grosso	7	1.708	...	6	828	-
Mato Grosso Sul	25	1.982	1.982	43	4.430	4.430

Fonte / source: Relatório Anual dos Departamentos Regionais - 2002

SESI – Programa Esporte Solidário, 2002

SESI – Sport Solidarity Program, 2002

DR	Programa Esporte Solidário / <i>Sport Solidarity Program</i>							
	Realizado / <i>Results</i>				Meta Prevista para 2002 / <i>Targets for 2002</i>			
	Empresas <i>Companies</i>	Trabalhadores <i>Workers</i>	Eventos <i>Events</i>	Participantes <i>Participants</i>	Empresas <i>Companies</i>	Trabalhadores <i>Workers</i>	Eventos <i>Events</i>	Participantes <i>Participants</i>
BRASIL	306	18.299	1.237	59.101	107	1.000	53	20.554
Região Norte	32	8	77	7.059	-	-	1	6.220
Acre	-	-	1	320	-	-	1	320
Amapá	-	-	-	640	-	-	-	-
Amazonas	-	-	1	100	-	-	-	-
Pará	32	8	75	809	-	-	-	800
Rondônia	-	-	-	1.200	-	-	-	1.200
Roraima	-	-	-	890	-	-	-	800
Tocantins	-	-	-	3.100	-	-	-	3.100
Região Nordeste	80	938	38	7.258	100	1.000	-	3.394
Alagoas	-	-	-	-	-	-	-	-
Bahia	-	-	...	1.094	-	-	...	1.094
Ceará	80	2.300	100	2.000
Maranhão	-	-	-	-	-	-	-	-
Paraíba	...	938	-	914	...	1.000	-	300
Pernambuco	-	-	-	1.150	-	-	-	-
Piauí	-	-	-	-	-	-	-	-
Rio G. do Norte	-	-	38	1.800	-	-	-	-
Sergipe	-	-	-	-	-	-	-	-
Região Sudeste	166	17.353	977	28.474	-	-	-	8.010
Espírito Santo	-	-	40	700	-	-	-	-
Minas Gerais	-	-	417	8.933	-	-	-	8.010
Rio de Janeiro	-	-	-	-	-	-	-	-
São Paulo	166	17.353	520	18.841	-	-	-	-
Região Sul	18	-	20	7.415	-	-	-	-
Paraná	16	...	20	5.265	-	-	-	-
Rio Grande do Sul	-	-	-	1.700	-	-	-	-
Santa Catarina	2	-	-	450	-	-	-	-
Região C.-Oeste	10	-	125	8.895	7	-	52	2.930
Distrito Federal	-	-	-	-	-	-	-	-
Goiás	-	-	40	5.760	-	-	-	-
Mato Grosso	-	-	2	560	-	-	2	560
Mato Grosso Sul	10	-	83	2.575	7	-	50	2.370
Fonte / <i>source</i> : Relatório Anual dos Departamentos Regionais - 2002								

Serviço Social do Comércio – SESC I

ROSIMEIRI MARTINS GIL

Colaboradores: Irlando Tenório Moreira, Fernando Dysarz, Sergio Pantoja Leite, Leila Luna Rinaldi, José Roberto Silva de Jesus, Vera Lucia Augusto do Nascimento e Rui de Matos Maciel.

Social Service of Brazilian Commerce – SESC I

The Serviço Social do Comércio (Social Service of Commerce - SESC), founded in 1946, is a pioneer Brazilian institution that aims to establish harmony and balance between capital and labor. It was created from the ideal of bringing economic growth and social justice together. Since its very beginnings SESC has been managed by its founders: the private sector's entrepreneurs of goods and services. The basic mission of SESC is to democratize people's access to leisure, education, culture, health and sport, therefore providing a better quality of life to workers and to the communities in general. SESC has branches in all of the 26

Brazilian states and in Distrito Federal (Federal District), Brasília. The activities offered at the SESC Operational Units have emphasized leisure activities and sports since the early 1970s. Physical and recreational activities were already considered as fundamental tools in SESC's educational action to improve the conditions of life of commercial workers in 1978. Today SESC facilities include 1,393 specific locations for sports and leisure distributed all around the country with capacity to cater 147,215 people at the same time (Table 2). This infra-structure supports programs and activities with around 1,200,000 participants. It had

around 18 million participations in 2003. Other qualitative and quantitative features are shown in Tables 2 to 8, and in the programs and activities of SESC described in this chapter and in the one that follows. One of these programs deserves prominence due to its international cause: the Challenge Day. It works in the three Americas and puts together approximately 38 million participants doing physical exercise every 4th Wednesday of May. In 2003, 1,548 cities of 24 countries participated in the event. This is one of the largest promotions of physical activities in the world (see chapter about the theme in this Atlas).

Definições e origens Criado em 13 de setembro de 1946, o SESC – Serviço Social do Comércio – é uma instituição pioneira que nasceu de um ideal ainda presente e atual: conciliar o crescimento econômico com a justiça social, visando garantir uma sociedade democrática baseada na harmonia entre capital e trabalho. Inspirado na consciência social de empreendedores à frente de seu tempo, o SESC é, até os dias de hoje, mantido e administrado por seus representantes, os empresários do setor de comércio de bens e serviços. E é em função de sua origem que a instituição tem suas ações orientadas pela defesa de valores fundamentais como a liberdade, a democracia e o exercício da cidadania, essenciais para o alcance do bem-estar social, individual e coletivo. A missão do SESC é contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, democratizando o acesso ao lazer, à educação, à cultura, à saúde e ao esporte, promovendo deste modo a qualidade de vida, tanto do comerciário como do público em geral. Foi assim que, em mais de cinco décadas de existência, o SESC chegou a todos os estados da federação, enfrentando o desafio permanente de atender, com excelência, às necessidades de sua clientela em um país de dimensões continentais. Por ser uma organização que imprime o caráter educativo a todas as suas ações, o SESC busca muito mais que eventuais benefícios imediatos para sua clientela. Seu objetivo é a construção de novas realidades sociais através da informação, capacitação e desenvolvimento pessoal, possibilitando aos trabalhadores condições efetivas de modificar sua vida e o mundo que os cerca.

Hoje, o SESC está presente no Distrito Federal e em todos os vinte e seis estados brasileiros. As instalações da entidade, espalhadas por todo o país, oferecem infra-estrutura adequada às metas de valorizar e desenvolver o usuário e sua família. São Centros de Atividades, Colônias de Férias, Centros Educacionais, Bibliotecas, Teatros, Galerias de Arte, Salas de Aula, Salas de Cinema, Parques Aquáticos, Quadras Poliesportivas, Ginásios de Esportes e Unidades Móveis, onde a instituição trabalha cotidianamente para o desenvolvimento humano e a inserção do ser humano na sociedade como agente ativo capaz de modificá-la. Sempre reafirmando seu compromisso com o social, o SESC adota em todas as suas ações o conceito de Educação Permanente, perfeitamente adequado a uma sociedade complexa e em constante mutação. É assim – proporcionando às pessoas as bases para um desenvolvimento continuado e um papel ativo em sua comunidade – que o SESC se distancia de uma agência meramente assistencial para se inscrever como organização única no seu gênero. Contam ainda com unidades móveis como as carretas do OdontoSESC, projetos inovadores como os Centros Educativos SESC LER, e a Rede Nacional de Programas contra a Fome e o Desperdício de Alimentos-MESA BRASIL.

Por suas características de organização que opera com grupos sociais, o SESC considera “atendimento” como quantitativo de vezes que um participante, aluno e/ou matriculado comparece e atua em determinada oferta de projeto, programa e/ou atividade, tendo em vista uma unidade de tempo (dia, mês, ano etc). Este grupo de pessoas atendidas é denominado de “clientela”, por vezes definidas por “turmas” e geralmente identificadas por “modalidades” de oferta. A Tabela 1 apresenta estas duas dimensões relacionadas às atividades de recreação e esportes ofertados pelo SESC em todo o país.

1946 Em 13 de setembro de 1946, o então Presidente Eurico Gaspar Dutra assina o Decreto-Lei n. 9.853, criando o SESC, uma instituição pioneira, resultado da ação de empresários e sindicatos

do comércio, tendo como prioridade a ação social. O SESC é inicialmente implantado nos estados de RJ, RS e SP.

1947 As Linhas Gerais do Plano de Ação do SESC apontavam como objetivo primeiro da nova Entidade, aumentar a capacidade aquisitiva do comerciário, devendo para tanto promover solução dos problemas domésticos, saúde, alimentação, higiene, educação, prestação de serviços, barateamento dos artigos de consumo e outras atividades secundárias como cursos, clubes, grêmios, esportes, colônias de férias etc. É implantado nos estados de PE, GO, MA, PA, ES, BA, SC e MT.

1948 O documento “Sugestões para a composição do Plano de Trabalho do SESC Nacional”, propõe que a estrutura dos Departamentos Regionais-DRs inclua serviços de recreação e esportes, com um programa de ação composto de 1) Colônia de Férias para solteiros e famílias; 2) Excursionismo, piqueniques, passeios etc.; 3) Escotismo; 4) Teatro do Comerciário; 5) Shows artísticos, rádio; e 6) Educação Física, competições e torneios das diversas modalidades esportivas. É implantado nos estados de AL, PI, PR, CE, AM, SE e MG.

1949 O SESC desacelerou sua atuação no campo da assistência à saúde. Progressivamente desativou sua rede de serviços médico-assistenciais, até sua completa extinção, iniciando-se o processo de transferência das unidades operacionais e equipamentos para os institutos de aposentadoria. É implantado o SESC no RN.

Década de 1950 O primeiro desafio foi a luta contra a tuberculose, principal *causa mortis* à época, com o trabalho em torno da saúde social estendendo-se na assistência à maternidade e à infância. A partir daí, para atender melhor sua clientela crescente – o trabalhador do comércio-, o SESC planejou e construiu uma rede de atividades em todo o país, com infra-estrutura destinada às atividades educacionais, culturais, recreativas e médico-assistenciais.

1950 O documento SESC “Origens e Finalidades”, do Departamento Nacional (órgão gestor do SESC para o país como um todo), arrolava, entre 9 funções assumidas pela Entidade, as “funções relativas ao lazer e aos desportos” (as demais eram as relativas “à família ou ao indivíduo”; “ao trabalho e à capacidade aquisitiva”; “à alimentação”; “à habitação”; “à educação”; “à saúde” e “à cultura e à arte”) assim descritas: 1. Educativas – Conselhos através de palestras pelo rádio, publicações, cinema, etc; 2. Associativas – Patrocínio de formação de clubes esportivos e atividades análogas; 3. De organização e orientação – Facilitação de passagem e estadia em lugares adequados para os comerciários em gozo de férias; 4. De suplementação – Fornecimento gratuito ou com abatimento de entradas de cinema e teatro, para comerciários necessitados e dependentes. Provavelmente, a relevância concedida à saúde enquanto campo prioritário de ação em nível oficial e institucional, conferisse à atuação em lazer nos primeiros 5 anos do SESC um caráter básico de recuperação psicossomática. Até 1950, cinco regionais – PE, SP, RS, PB e PR, já atuavam em Colônia de Férias Coletivas e Balneário – atividades que, por sua natureza, tanto se prestam a esse objetivo. Realizou-se, neste ano, em SP, o campeonato de Futebol do comerciário reunindo 109 equipes e 3.041 atletas.

1951 Início das Convenções Nacionais de Técnicos. As convenções constituíram marcos significativos na vida do SESC, pois a tarefa

de revisão e de análise veio naturalmente estabelecer uma melhor adequação entre as atividades exercidas pela instituição e os interesses da coletividade comerciária, no sentido de seu bem-estar social. Neste mesmo ano, instalou-se a primeira Convenção Nacional dos Técnicos do SESC em Bertioga-SP. Surgiu então a preocupação de indiretamente ouvir a clientela, expressa nas recomendações quanto à necessidade de pesquisas sociais que orientassem as ações. A Convenção propôs e ratificou a primeira transformação significativa na linha programática da Entidade: o deslocamento do eixo básico de atuação da área da saúde para a área de ação educativa. Deste modo, a educação constituiu a tônica da Entidade até 1973, embora passando por sucessivas transformações. Em termos de proposições, a Convenção dispôs que as Colônias de Férias mantivessem em seus quadros, agentes de educação social, a fim de poderem realizar ação educativa de desenvolvimento do espírito associativo e de solidariedade de classe; que o SESC, pelos meios adequados, incentivasse a criação e desenvolvimento de Clubes de Comerciários e promovesse a organização de Centros Sociais; que realizasse pesquisas médico-sociais, para determinação das principais causas de absenteísmo; que promovesse a realização, em cooperação com empregadores, de campanhas educativas, principalmente pela ação direta junto ao empregado absenteísta, para eliminação das causas de ausência ao trabalho. A partir desta I Convenção, quando o SESC fez uma opção clara pela linha de ação educativa numa perspectiva de educação informal, ganharam relevo as realizações hoje englobadas no Programa Lazer – práticas recreativas, associativas e culturais -, iniciando-se diversas atividades para todas as idades, como esporte, atletismo, recreação, escotismo, bandeirantismo, teatro, cinema educativo, canto, férias e fins de semana. Portanto, a prática de lazer passou a ser abordada não como fim, mas como meio, inicialmente como instrumento complementar à atuação em saúde, no que favorecesse a recuperação psicossomática. Após 1951, o lazer afigurou-se como veículo por excelência de educação social, não constituindo ainda um programa, mas um conjunto de realizações voltadas para o objetivo maior da instituição.

1952 A partir da I Convenção, surge a preocupação de indiretamente auscultar a clientela, expressa nas recomendações quanto à necessidade de pesquisas sociais que orientem a ação.

1954 As práticas hoje entendidas como de lazer tinham, neste período e perpassando pelos documentos e ações desenvolvidas, um caráter básico de veículos da ação educativa, não havendo preocupação manifesta com a diversão em si mesma. Eram, portanto, práticas consideradas propícias à participação em grupo e, por isso mesmo adequadas aos objetivos educacionais perseguidos pelo SESC.

1956 II Convenção Nacional de Técnicos, realizada em Belo Horizonte. Ratificou-se, então, a linha da educação social, vigente desde 1951, afirmando a necessidade de se aprofundar a linha de trabalho, deslocando-se a ênfase do atendimento em grupo para o trabalho de comunidade. Aprofundada a partir desta II Convenção, e ao longo da conjuntura, a atuação em lazer é concebida, como subproduto da ação educativa. Entre as teses apresentadas nessa Convenção que trataram de matéria pertinente a Colônias de Férias e a Férias Coletivas, destacam-se as “Regras Pertinentes às Atividades de uma Colônia de Férias”, encaminhadas pelo futuro Ministro do Trabalho, Arnaldo Lopes Sussekind. O autor lembra a universalização do direito do trabalhador a repouso diários, semanais

e anuais, e chama a atenção para a necessidade de adequado aproveitamento das horas de lazer do trabalhador, com vistas a restaurar seu “equilíbrio biológico” e “integrá-lo na comunidade”. Atribui ao lazer os objetos da educação e recreação, visando a uma maior adaptação social ao grupo, elevação do nível de vida e do nível do conhecimento, “conforto espiritual”, “preparação para o trabalho”, “enrijecimento do corpo”, “predisposição à alegria sã” e “novos hábitos morais”. Ressalta também que os organismos internacionais criados para supervisão e execução do sentido do melhor aproveitamento das horas de folga dos trabalhadores, tomavam por objetivo do uso desse tempo educar e recrear, salientando que “(...) a recreação não corresponde simplesmente a divertimento, como muitos supõem, porquanto os processos de que se utiliza objetivam, em relação ao recreando: a) elevar o seu nível educacional; b) restaurar ou preservar o seu equilíbrio biológico; c) proporcionar por sua maior integração social”. Aqui torna-se clara a ênfase no caráter educativo da prática de lazer, encarado o aspecto recreativo apenas como meio de educação social.

1960 Ao iniciar-se a década de 1960 o SESC reestrutura-se para incorporar as solicitações implícitas nos movimentos sociais da época.

1961 A resolução 139, interna da Entidade, cria a Divisão de Formação e Treinamento de Pessoal, compreendendo a Seção de Orientação e Programas e o Centro de Preparação de Pessoal – CPP, para dar treinamento sistemáticos à preparação de pessoal. O aparecimento de novas profissões voltadas para o bem-estar social valorizou a existência do CPP que se transformou numa espécie de laboratório pedagógico.

1961 III Convenção Nacional de Técnicos, realizada em Macaé-RJ. As resoluções reiteram o “teor educativo dos programas, das atividades e das técnicas de trabalho, em consonância com o conhecimento da realidade nacional”. Ao longo da conjuntura, e através das duas Convenções Nacionais de Técnicos (1956 e 1961), ratifica-se e aprofunda-se a prioridade à ação educativa, através da educação social e das técnicas de ação comunitária. O lazer continuou a ser desenvolvido como natureza básica de campo da ação educativa, com a função recreativa em papel subalterno, apenas um meio de educação social. Entretanto, a opção por esse campo não foi casual. Ao contrário, se a educação social visa à integração do indivíduo aos hábitos e valores socialmente dominantes, cabe ao lazer uma importância como função integradora, qual seja permitir o extravasamento, de forma culturalmente controlada, das tensões e frustrações inerentes às condições de trabalho vigentes. Além dessa função de adaptação social, o lazer contribui para a recuperação psicossomática da fadiga decorrente do trabalho excessivo e monótono, reduzindo os efeitos nocivos da divisão social do trabalho.

1964 Implantado SESC no Distrito Federal, com a denominação interna DECAP.

1965 Realizou-se o Seminário sobre Educação e Esporte de 1 a 15 de julho, organizado pelo Centro de Preparação de Pessoal, que objetivou examinar o relacionamento entre as diretrizes educacionais adotadas pelo SESC e as atividades esportivas desenvolvidas. Já se possuía então uma consciência clara da relação entre as diretrizes, o que permitiu a atualização de técnicas esportivas e propiciou aos participantes uma troca de experiências de trabalho dentro e fora do SESC.

1965 Enfatizando a educação social através da Educação Física e Desportos, foi criado no DR/PR, o Serviço de Educação Física e Desportos. Realização do 1º Encontro de Técnicos em Educação Física.

1967 É inaugurado o Centro Cultural e Desportivo “Carlos de Souza Nazareth”, em São Paulo-SP, em discurso do então Presidente Costa e Silva reconhece a ajuda da classe empresarial do comércio ao programa governamental de “dignificação do homem”. Nesta fala, viu-se no edifício que estava sendo inaugurando um símbolo de união, compreensão e dignidade.

1969 IV Convenção Nacional de Técnicos, realizada em Petrópolis-RJ: “Considerando a presente conjuntura, o SESC julgou oportuno reformular suas diretrizes gerais da ação e seus métodos e procedimentos de trabalho. Sintetizou-se a política de ação do SESC cujo fim último, político-social, é a paz social entre trabalhadores no comércio e seus empregadores, sendo indicados os campos de atuação prioritários: Lazer, Educação e Alimentação”. Foi a partir das resoluções da IV Convenção, que decorreu a implantação definitiva do Programa

de Lazer, estabelecendo que a entidade “aproveitará o tempo livre e a disposição psicológica do indivíduo, fora de suas ocupações obrigatórias, para motivá-lo à sua autopromoção social, através, entre outros procedimentos, do incentivo ao aprimoramento de sua formação e do estímulo à sua atualização em face das mudanças”. A Convenção reconheceu, todavia, três funções do lazer: 1. liberar o indivíduo da fadiga, reparando as deteriorações físicas ou nervosas; 2. liberar o homem dos efeitos negativos do trabalho especializado e fragmentado, do trabalho sem criatividade, mecanicamente realizado; e 3. propiciar o desenvolvimento da personalidade do indivíduo, na medida em que o libera dos condicionamentos, que lhe automatizam o pensamento e a ação.

Década de 1970 Os anos de 1970 marcaram uma maior preocupação com o bem-estar e o lazer do trabalhador, criando-se colônias de férias e centros campestres nas principais regiões do país, com as unidades do SESC dando maior ênfase à prática esportiva, educação física e atividades de recreação. Nestas condições, o SESC de São Paulo passa a oferecer atividade física específica para pessoas acima de 55 anos. No final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980 são incluídas as modalidades esportivas adaptadas.

1970 – 1973 Nestes anos o campo de lazer foi o responsável pelo maior volume, absoluto e relativo, dos atendimentos da Instituição.

1973 V Convenção dos Técnicos realizada em Iparana-CE. Tratou-se então do anteprojeto das Normas para Aplicação das Diretrizes Gerais de Ação do SESC, incluindo os programas de lazer, nutrição, saúde e de educação formal.

1973 A Resolução nº 229/73, de 16 de março de 1973, estabeleceu as “Diretrizes Gerais de Ação do SESC”, em vigor até hoje, tendo como substrato de sua programação a educação, cuja área de atuação passou a envolver Lazer; Nutrição; Educação e Saúde revogando a Resolução SESC de 1961, que havia estabelecido anteriormente o Plano Geral de Ação. A diretriz básica do SESC continua sendo a de um trabalho eminentemente educativo e que contribua para o desenvolvimento econômico e social do país. Na ação programática, o documento contém uma dupla fixação: campos de ação fundamentais (educação e saúde) e campos prioritários de ação (lazer e nutrição). Nesses últimos, registra-se a concentração de recursos.

1973 É realizado em Campinas-SP, o Seminário “Nossa Cidade – Humanização e lazer”.

1974 Após a Convenção, pela primeira vez na história da entidade, o lazer passou a ser oficialmente considerado campo prioritário, ao lado da nutrição, da educação e da saúde, fixados como campos de ação fundamentais, relacionados, diretamente, com a área estratégica do fortalecimento da infra-estrutura social.

1974 Realiza-se em Caiobá-PR o I Seminário Nacional sobre o Lazer com 350 participantes que estudaram o papel do desenvolvimento econômico nas oportunidades de lazer e suas implicações com a tecnologia.

1975 O I Encontro Nacional Sobre Lazer promovido pelo SESC, juntamente com o Ministério do Trabalho e com o SESI, ocorrido no Rio de Janeiro objetivou coletar subsídios para a Política Nacional do Lazer, a cargo do Ministério do Trabalho. O Ministro Arnaldo Prieto afirmou que o descanso do trabalhador deve ser considerado na economia moderna como um fator de preservação da pessoa humana. Com base nos debates efetivados, foi encaminhado ao Ministério o documento elaborado pela Assessoria Técnica do Encontro, no qual se propôs uma ação multi-setorial, envolvendo o sistema de educação, o sistema de trabalho, as instituições de bem-estar social públicas e privadas, o setor empresarial e o setor de planejamento urbano. Neste ano, o SESC foi credenciado representante da Fundação Van Clé no Brasil como também para promover o Congresso Mundial do Lazer, a se realizar na Bélgica em 1976. No Encontro Nacional Sobre Lazer, a preocupação da comissão técnica foi priorizar as conferências para obter sugestões visando a uma política nacional do lazer, em nível nacional. Foram realizadas conferências, painéis, relato de experiências e círculos de estudo. As Conferências foram: “Van Clé Foundation e o Congresso Mundial do Lazer”; “Lazer nas Sociedades em Desenvolvimento”; “Lazer e formação sócio-cultural” – Prof. Joffre Dumazedier; “Esporte para Todos” – Lamartine Pereira DaCosta, Miriam Delamare, Marco Antônio de Moraes e Cleide Ramos.

1975 I Salão de Comunicação Esportiva ocorreu de 5 a 12 de dezembro. É realizado pelo SESC Nacional para discussão da Política de Ação Esportiva do SESC, fundamentada em princípios orientadores da atividade esportiva: Programas de Educação Física e Esportiva revestidos de caráter informal e recreativo, que proporcionem amplas oportunidades de participação da clientela.

1975 Continua a preocupação de ouvir a clientela, expressa nas recomendações quanto à necessidade de pesquisas sociais que orientem a ação. Uma pesquisa feita pelo Departamento Nacional mostrou que quase a metade da população de Maceió-AL não aproveitava adequadamente suas horas de lazer. Tal situação levou o DR local a organizar a “Feira do Lazer”. Objetivando conscientizar a população para o evento, foi realizado um Seminário sobre o lazer no sul do país. Participaram médicos, advogados, professores, pedagogos e especialistas de entidades ligadas ao bem-estar, saúde, menor, cultura e arte de todo o Brasil.

1976 Primeiro Encontro Nacional de Recreação realizado no RJ, quando foram apresentadas as experiências desenvolvidas nos DRs a partir da implantação em 1968 de um sistema de treinamento em Recreação. Este sistema foi desenvolvido conforme os princípios pedagógicos em que a recreação, como as demais formas de lazer, é concebida como um processo de educação permanente. Inicialmente o treinamento foi implantado em Rondônia, e no ano seguinte no Acre e no Amapá.

1976 É editado o Estudo preparado na Divisão de Estudos e Planejamento do Departamento Nacional do SESC – Hábitos de Lazer da População Comercial – no período de 1972/75, com objetivos de servir de subsídio ao planejamento da ação programática da entidade em Lazer. Pesquisa feita em 10 capitais define o perfil da população comercial: faixa etária jovem (62% com menos de 28 anos), solteiros (60%) com renda de até 2 salários mínimos (64%), forma mais freqüente de utilização do tempo livre – descanso, chegando a atingir 62%. Divertimentos preferidos: praia (40%), cinema (35%) assistência a esportes (22%) e TV.

1978 O Lazer é visto como instrumento fundamental na ação educativa voltada para melhoria das condições de vida dos comerciários. O SESC continua assumindo o custo de grande parte das atividades de lazer proporcionadas ao comerciário, dependentes e estendidas a toda comunidade. Uma parcela inexpressiva do salário é canalizada para as necessidades de Lazer

1982 Regulamentado pela Portaria SESC nº 315/82, o Programa Cultura que “compreende o conjunto de ações voltadas à preservação e disseminação do conhecimento presente no patrimônio social, o cultivo do desenvolvimento da aptidão física e esportiva, bem como o estímulo a práticas recreativas e informais”, foi estruturado com dois subprogramas: 1 – Difusão Cultural: Atividades de Biblioteca, Comemorações, Recreação, Recreação Infantil, Expressões Artísticas e Desenvolvimento Artístico-Cultural; e 2 – Educação Física: Atividade Desenvolvimento Físico-Esportivo.

1982 – 1984 Triênio em que as Diretrizes e Prioridades do Departamento Nacional destaca o lazer como “O espaço mais específico assumido pelo SESC e cujo valor pouco compreendido, precisa se tornar mais evidente, tanto por seu conteúdo, quanto pela sua forma”.

1982 – 1986 É editado o Estudo preparado na Divisão de Estudos e Pesquisas do Departamento Nacional do SESC (Maria Heloisa de Araújo Fiore). Para o tópico Condições de Vida da clientela SESC, o estudo abordou o Tempo Livre e Lazer, no período de 1982/86, que cobriu 14 capitais com objetivos de servir de subsídio ao Plano Nacional de Ação do SESC – PLANESC. Atividades realizadas nas horas de folgas dos dias de trabalho e dias livres consistiam em assistir televisão. Nas aspirações por lazer, as diversões preferidas: ir à praia ou piscina.

1987 É lançado o Projeto SESCiência. É oferecida a itinerância de mostras de vídeos científicos, e após um ano, itinerâncias de mostras interativas científicas. É implantado em Roraima.

1988 – 1990 Através do I PLANESC – Plano Nacional de Ação do SESC, o Conselho Nacional do SESC, considerando o objetivo de contribuir para a consolidação da identidade nacional do SESC e da sua imagem institucional, e a necessidade de uma orientação geral à ação programada pelo SESC para o triênio 1988/90, estabeleceu 9 atividades como prioritárias: Desenvolvimento Físico-Esportivo, Assistência Odontológica, Refeições, Temporada de

Férias, Recreação Infantil, Recreação, Biblioteca, Cursos de Atualização de Conhecimentos e Expressões Artísticas.

1991 – 1993 O II PLANESC foi formulado com vistas a racionalizar recursos e fortalecer os objetivos da Entidade, preservando a autonomia de cada Departamento Regional e dando seqüência ao esforço da Instituição no sentido de ordenar sua ação iniciada com o I PLANESC em 1988. Manteve a Saúde e a Cultura como campos de ação prioritários.

1991 É lançado o “Brincando nas férias”, projeto de colônia de férias que atinge 8 estados e 2.572 crianças. Em 1993, o evento passa para 14 estados e registra 6.532 inscrições e 128.682 atendimentos. É desenvolvido o projeto “Jornada Esportiva” que atende 7 estados com 62.756 atendimentos.

1992 É lançado, em cerca de 80 municípios, o Projeto Feira de Livros, investindo na formação de leitores e difundindo a produção literária para crianças e jovens.

1995-1997 Levando-se em conta os objetivos do III PLANESC, foram definidos seis Projetos Nacionais a serem executados no triênio 1995/1997, entre os quais “A Ação Finalística do SESC”, considerando-se para seu desenvolvimento as seguintes referências: a Entidade e seus objetivos permanentes; a função educativa e transformadora; a função propositiva; a realidade social da clientela e suas necessidades; os programas e as atividades atuais, seu valor social e resultados alcançados em relação à melhoria das condições de vida da clientela; diretrizes e prioridades programáticas e revisão dos documentos normativos

1995 Ação Finalística do SESC: documento norteador da ação do SESC, editado pelo Departamento Nacional, no qual é apresentado no Campo do Lazer que a “...a Entidade deve cuidar para que as atividades desenvolvidas neste campo objetivem não só o atendimento das necessidades humanas de recuperação física e mental, mas também das necessidades de participação, solidariedade e integração sócio-cultural”.

1996 Integrante do Modelo da Atividade, é construído o módulo político da Atividade Desenvolvimento Físico-Esportivo, com a intenção de estabelecer diretrizes referenciais da Entidade junto aos Departamentos Regionais do SESC, numa tentativa de garantir uma unidade de orientação política e técnico-administrativa. Referendado pela legislação e preceitos institucionais, sem perder de vista o panorama político, econômico e social da nossa sociedade, o documento trata as práticas físicas e esportivas, existentes e legitimadas no Sistema, e as concepções de trabalho na área da Educação Física. Objetiva uma reflexão coletiva dos profissionais da área no SESC, no atendimento às finalidades e princípios estabelecidos, considerando as necessidades da clientela e as limitações da estrutura existente.

1996 Inicia-se o SESC Pantanal, projeto que se realiza na parte norte do Pantanal, em Mato Grosso Sul, considerado patrimônio da humanidade pela Unesco. Ali se estimulam o desenvolvimento sustentável, a preservação e a conservação, a educação ambiental, a pesquisa científica e o ecoturismo social. Cerca de 30 mil visitantes do Brasil e do exterior desfrutam todo ano da ampla infra-estrutura de hospedagem e lazer, participando do programa que envolve estudos sobre a região e ação social com as populações locais.

1997 – 1999 O Documento da Atividade Desenvolvimento Físico-Esportivo é apresentado às Equipes de Esporte de todos os Departamentos Regionais do SESC, em capacitações com fundamentação político-filosófica, envolvendo aproximadamente 200 profissionais da área.

1997 Apresentação oficial à comunidade científica, o Projeto SESC Pantanal no evento World Ecotur’97, realizado no mês de dezembro, no Rio de Janeiro.

1998 Criação do Projeto SESC Ler com uma proposta educacional de alfabetização e escolarização até a 4ª série, para instrumentalizar alunos jovens e adultos para o exercício pleno de cidadania em municípios distantes nas regiões do Brasil. Hoje esta promoção está implantada em 62 municípios de diferentes estados brasileiros.

1998 Projetos do campo de cultura são lançados e desenvolvidos até hoje por meio da promoção “Palco giratório e dramaturgia: leituras em cena”, com atividades de encenação e reflexão, que incentivam a leitura de textos inéditos ou consagrados, fazendo

chegar obras teatrais em regiões normalmente carentes desse tipo de atividade cultural. Na área musical, o Sonora Brasil, também desde 1998, traça um panorama histórico da música brasileira, apresentando conjuntos musicais das mais diversas origens.

1999 Implantou-se o Projeto OdontoSESC, com a proposta de oferecer atendimento odontológico nas periferias das grandes cidades ou em localidades onde não existam Unidades Operacionais do SESC. A iniciativa conta hoje com a utilização de 30 unidades móveis funcionando em 23 estados brasileiros. Empreendendo ações integradas de educação para a saúde com atividades clínicas, o OdontoSESC objetiva estimular a participação social com ações que mobilizem a comunidade em prol da saúde bucal. Todo esse processo é viabilizado graças às parcerias estabelecidas com órgãos locais e representantes comunitários, que buscam garantir a continuidade das ações depois da saída da unidade.

2000 O SESC SP, em parceria com o Comitê Olímpico Brasileiro-COB, promove a Semana Olímpica, evento com a intenção de difundir o Movimento Olímpico. A realização da Semana Olímpica e a Corrida do Dia Olímpico comemoram a criação do Comitê Olímpico Internacional-COI e procuram estimular a prática esportiva do cidadão comum, reforçando as características lúdicas e educativas do esporte, como meio para a inclusão social.

2000 O Dia do Desafio (*Challenge Day*), que acontece na última quarta-feira do mês de maio, realizado no Brasil desde 1995, é coordenado no Continente Americano pelo SESC de São Paulo desde 2000, tem como objetivo inserir a atividade física no cotidiano das pessoas, a fim de melhorar sua qualidade de vida. Nesse dia, o desafio consiste em mobilizar o maior número de participantes em torno da idéia de praticar pelo menos 15 minutos consecutivos de qualquer atividade física ou esportiva. Em 2003 participaram do evento 1.548 cidades de 24 países do Continente Americano, totalizando 38.244.746 de participantes. O Dia do Desafio é atualmente uma das maiores promoções de atividades físicas do mundo (ver capítulo referente ao tema neste Atlas).

2001 No âmbito interno do SESC, a modalidade Recreação esportiva que fazia parte das estatísticas da Atividade Desenvolvimento Físico-Esportivo (esporte) passa a contemplar a atividade Recreação que apresenta uma expansão de 72,67%. A Tabela 1 refere-se ao crescimento deste setor no período 1997 – 2003.

2002 Lançamento do Programa MESA BRASIL – Rede Nacional de Programas contra a fome e o desperdício de alimentos.

2003 Esporte Social – O SESC formata projeto esportivo, complementado com ações sócio-educativas das áreas de cultura, educação e saúde voltado para crianças e adolescentes provenientes de famílias de baixa renda. Esse trabalho busca estabelecimento de parcerias com outras instituições para sua viabilização.

Situação Atual O SESC faz parte do Sistema CNC, que abriga a CNC, o SESC e o SENAC. Com um total de 2.880.532 matriculados e 351.222.772 atendimentos em 2002, essa entidade de direito privado está presente nos 26 estados da União e no Distrito Federal com uma estrutura descentralizada e autônoma, tanto para a gestão como para a criação e execução de projetos e atividades, orientadas por diretrizes propostas pelo Departamento Nacional e aprovadas pelo Conselho Nacional do SESC.

Infra-estrutura O SESC atende 244 municípios nos 26 estados, Distrito Federal e no Pantanal, totalizando 28 Departamentos Regionais com 344 Unidades Operacionais e 47 Odontosec, incluindo balneários, colônia de férias, hospedaria e Centro Educacionais localizados em 244 municípios (vide MAPA).

Espaços Esportivos As instalações compreendem 1.393 espaços específicos para as Atividades Desenvolvimento Físico-Esportivo e Recreação distribuídos por todo o país com capacidade para atender 147.215 pessoas simultaneamente (Tabela 2).

Recursos Humanos Atuam diretamente no Programa Lazer do SESC em todo Brasil 1.117 profissionais da área. A Atividade DFE Desenvolvimento Físico Esportiva atua com 904 profissionais de Educação Física e do Lazer incluindo todos os estados brasileiros. O profissional com perfil de Educador, preocupado com o desenvolvimento geral do ser humano, conduz suas ações na programação em DFE, dentro das diretrizes apontadas no módulo Político da Atividade DFE. No programa Especial de Bolsa de

Estágio, a distribuição de bolsas por unidade resulta em 173 o total por DFE mais 40 de recreação. O Programa Especial de Bolsa de Estágio, desenvolvido por 26 Departamentos Regionais, objetiva o incentivo à formação profissional. Para os estagiários há o oferecimento de orientação profissional e técnica, havendo complementação da formação e o primeiro contato com o mundo do trabalho. O SESC por sua vez recebe além de cooperação quantitativa por parte dos estagiários, renovação dos métodos e processos, e atualização teórica, além de manter laços com as instituições de ensino. No seu todo o setor de Lazer – que inclui atividades de recreação e esportes – ocupa cerca de 50% dos atendimentos, correspondendo a aproximadamente 7.500 empregos diretos no SESC, incluindo profissionais de Educação Física de Lazer, estagiários da área e serviços de gestão e auxiliares.

Produtividade A “Clientela” registrada refere-se aos beneficiários matriculados (comerciários e dependentes) e usuários que usufruíram as diversas atividades do SESC. O mesmo “Cliente/Comerciário” pode participar de uma ou mais atividades, razão pela qual o número da clientela difere do número de matrículas, uma vez que a matrícula é única para cada beneficiário. Nas notas relativas aos Departamentos Regionais constam os registros dos “usuários” (não matriculados). Entende-se por “atendimentos” o número de serviços prestados em cada atividade, de acordo com a respectiva natureza. (Tabela 3).

Programas e Atividades A classificação funcional programática do SESC compreende os programas de Educação, Saúde, Cultura, Lazer e Assistência. (Tabela 4).

Programa Lazer Conjunto de ações lúdicas, recreativas e de entretenimento voltadas para o aproveitamento do tempo livre. Compreende as Atividades de Recreação, Turismo Social e Atividade DFE - Desenvolvimento Físico Esportivo. (Tabela 5).

Atividade recreação Esta atividade consiste em ações voltadas para o entretenimento da clientela através de práticas lúdicas e informais. Compreende as realizações mais freqüentes de Recreação Esportiva, Jogos de Salão, Manhãs, Tardes e Noites de Recreio, Banhos de Piscina, Reuniões Dançantes, Assistência a TV, Serestas, Sessões de Vídeos, Festas de Confraternização e Assistência a Eventos Esportivos de Caráter Competitivo (Tabela 6).

Atividade Turismo Social Ações destinadas a proporcionar o descanso e o lazer da clientela, estimulando o conhecimento histórico, cultural e social dos pontos turísticos. Compreende as modalidades de turismo emissor, turismo receptivo, hospedagem e as realizações mais freqüentes de excursões, passeios, passeio local, traslado e diárias.

Atividade DFE – Atividade desenvolvimento físico-esportivo Esta atividade consiste em ações destinadas aos exercícios físico-esportivos, através das modalidades de Ginástica e Desporto em Geral. Compreende as realizações mais freqüentes de Exercícios Sistemáticos de Ginástica, Desportos em Geral com caráter de cursos, Competições e Treinos Sistemáticos com orientação e realizações complementares de Sauna, Duchas e Massagens (Tabela 7).

Atividade DFE – Brasil – 2002 Discriminação das realizações por modalidades desenvolvidas. As realizações Desportos em Geral – Cursos e Exercícios Sistemáticos de Ginástica são estimativas, pois os Departamentos Regionais de MA, PI, BA, SP, RJ, não apresentam seus dados por modalidades esportivas (Tabela 8).

Fontes Matrículas e Atendimentos – Anuário Estatístico do SESC – GEP /DPD – DN; Estrutura Física de Atendimento da Clientela – GIN /DPS – DN; Informe Estatístico – período de 01/01/2002 até 31/12/2002; SESC-Sistema de Dados Estatísticos; Cadastro Imobiliário do SESC, GIN/DPS; SESC, Carta da Paz Social. Rio de Janeiro, 1971; SESC: Os Fatos no Tempo. 30 anos de ação social –Editado pela Assessoria de Divulgação e Promoção Institucional do Departamento Nacional do SESC. 1977; SESC. Encontro Nacional sobre Lazer, 1, Rio de Janeiro, 1975. Anais... Rio de Janeiro, 1977; Stepansky, Daizy Valmorbidia & Velloso, Henrique Eduardo Antony. Origens e criação do Serviço Social do Comércio. Rio de Janeiro, SESC, 1979; SESC. Análise dos aspectos econômicos, sociais e políticos da sociedade brasileira e suas determinações no campo do lazer. Seção de Estudos e pesquisas do Centro de Estudos e Informações (SEP/CEI). SESC/DN, 1979; Maria Heloisa M. de Araújo Fiore (Coord.), Origens e Implantação do programa de Lazer no SESC – Departamento Nacional (DN)– Rio de Janeiro –.CEI/SEP:1981.

SESC – Número de Unidades Operacionais por estado e projeto esportivo de maior impacto local, 2003

SESC – Number of Operational Units per state and local sports projects with higher impact, 2003

N = 334 Unidades Operacionais (localização em 244 municípios)

N = 334 Operational Units (244 municipalities)

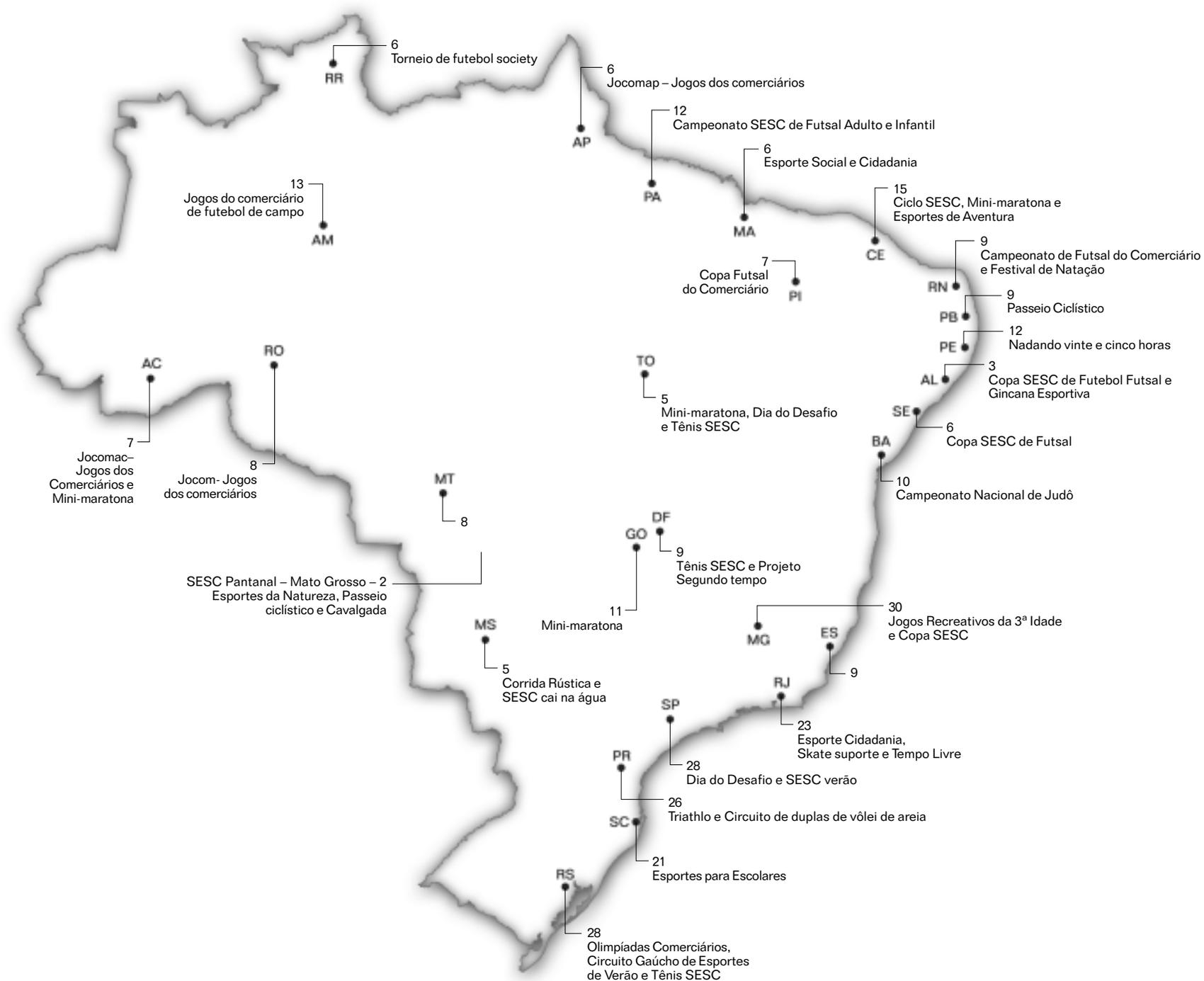
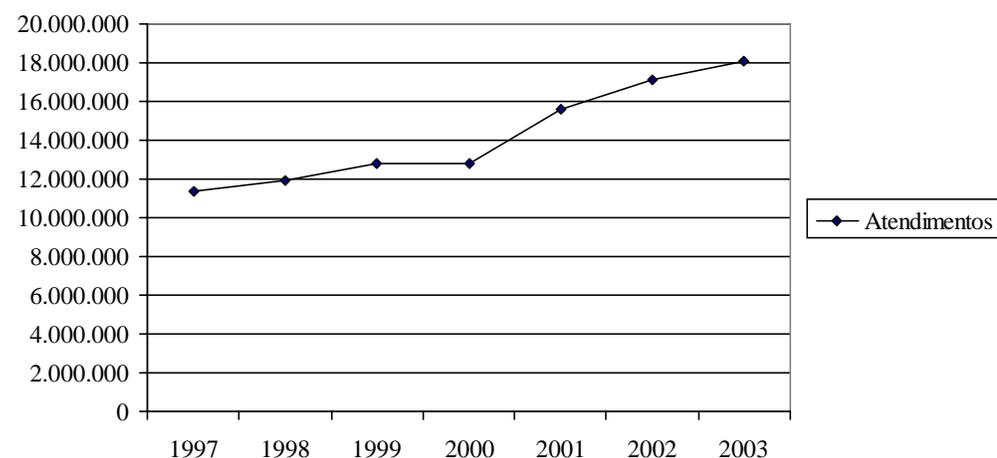
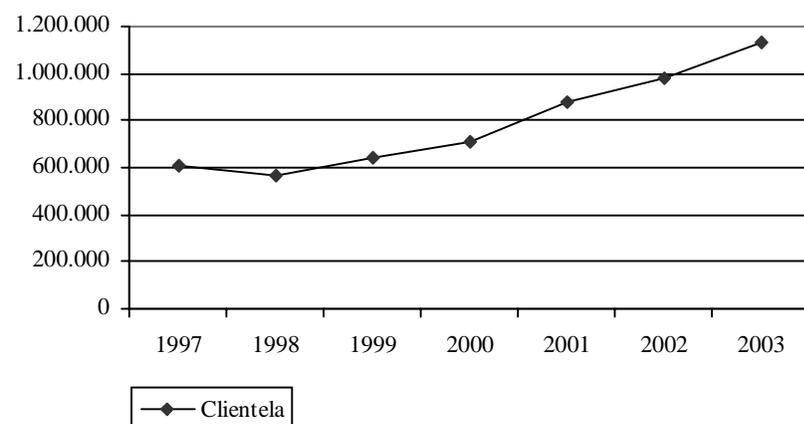


Tabela 1 / Table 1

Recreação e esporte: clientela e atendimentos, 1997 - 2003 (*)

Recreation and sports: participants and participation (attendance / year), 1997 - 2003(*)



(*) Dados sujeitos a retificações
(*) Data subject to change

Tabela 2 / Table 2

SESC-Brazil: total instalações esportivas, 2003

SESC-Brazil: Total sport facilities, 2003

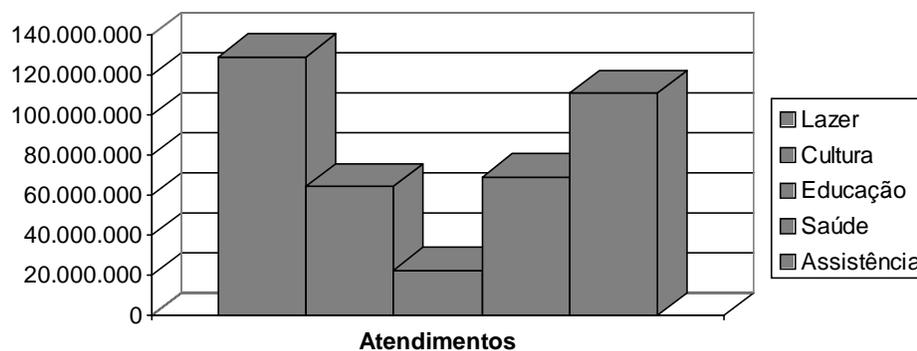
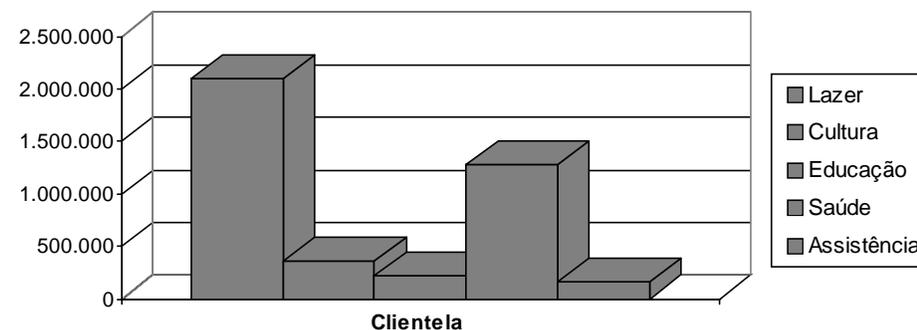
Instalações / Facilities	Quantidade / Quantity	Área (m²) / Area (m²)	Capacidade / Capacity
Mini-Campo Futebol	69	105.419,16	14.216
Parque Infantil	159	45.801,63	-----
Piscina Adulto	157	116.711,89	57.843
Piscina Infantil	124	26.805,60	13.439
Pista de Atletismo	11	13.324,32	36
Pista de patinação	3	865,00	-----
Quadra de Boliche	4	960,84	80
Quadra de Tênis	22	14.311,68	3.350
Quadra de Vôlei	40	11.227,46	3.027
Quadra Polivalente	187	121.074,99	49.137
Sala Artes Marciais	36	2.907,43	-----
Sala de Dança	55	5.131,09	-----
Sala de Ginástica	153	15.700,12	3.990
Sala de loga	7	405,58	136
Sala de Massagens	13	250,58	21
Sala de Musculação	90	8.963,01	1.940
Salão de Festas	96	27.025,37	-----
Salão de Jogos	133	19.107,47	-----
Sauna	34	1.169,89	-----
Total	1.393	537.163,11	147.215

Tabela 3 / Table 3

SESC- Brasil: Clientela e atendimentos (Produtividade) por programa, 2003(*)

SESC-Brazil: Participants and participation (attendance / year) per program, 2003(*)

Programa / Atividade / Program / Activities	Clientela / Inscrições / Participants	Atendimentos / Participation
Lazer / leisure (sports included)	2.097.231	129.363.243
Cultura / culture	363.603	64.223.615
Educação / education	224.707	22.719.031
Saúde / health	1.274.994	69.335.889
Assistência / social benefits	156.722	111.310.448
Total dos Programas	4.117.257	396.952.226



(*) Dados sujeitos a retificações
(*) Data subject to change

Tabela 4 / Table 4

Classificação Funcional Programática do SESC / Produtividade, 2003

Classification of SESC programs per function, 2003

Programa / Atividade	Clientela / Inscrições	Atendimentos
Desenvolvimento Físico-Esportivo / Sports development	1.135.667	18.097.350
Recreação / Recreation	-	107.957.781
Turismo Social / Social tourism	961.564	3.308.112
Lazer	2.097.231	129.363.243
Biblioteca	318.753	13.837.499
Apresentações Artísticas	-	44.837.588
Desenvolvimento Artístico-Cultural	44.850	5.548.528
Cultura	363.603	64.223.615
Educação Infantil	18.969	2.988.913
Educação Fundamental	2.808	1.953.548
Educação Complementar	142.703	15.700.631
Cursos de Valorização Social	60.109	2.054.644
Creche	118	21.295
Educação	224.707	22.719.031
Nutrição (Lanches e Refeições)	-	51.504.097
Assistência Odontológica	498.002	2.474.725
Educação em Saúde	8.830	13.250.901
Assistência Médica	768.162	2.106.166
Saúde	1.274.994	69.335.889
Trabalho com Grupos	103.285	5.199.891
Ação Comunitária	45.218	106.037.752
Assistência Especializada	8.219	72.805
Assistência	156.722	111.310.448
Total dos Programas	4.117.257	396.952.226

Obs.: Dados sujeitos a retificações
Obs.: Data subject to change according

Tabela 5 / Table 5

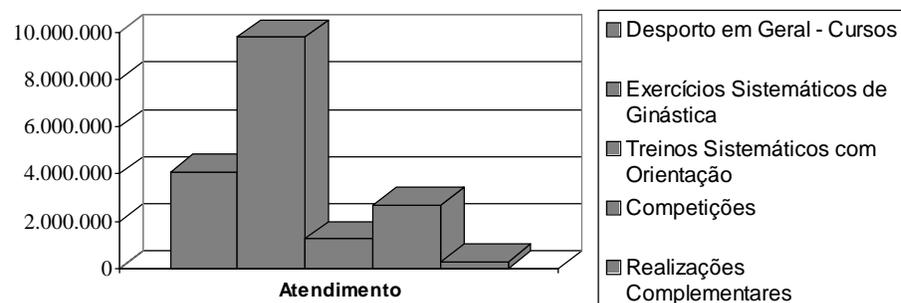
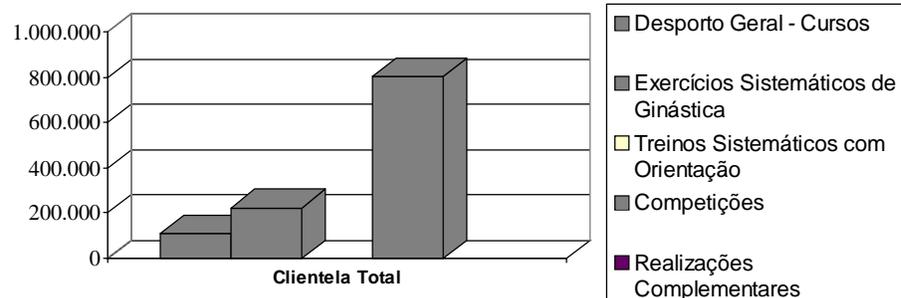
Produtividade por Atividade – Programa Lazer, 2003
Participants and participation (attendance / year) – Program Leisure, 2003

Programa / Atividade	Clientela / Inscrições	Atendimentos
Desenvolvimento Físico-Esportivo <i>Sports development</i>	1.135.667	18.097.350
Recreação / <i>Recreation</i>	-	107.957.781
Turismo Social / <i>Social tourism</i>	961.564	3.308.112
Lazer	2.097.231	129.363.243

Tabela 7 / Table 7

Atendimentos da Atividade Desenvolvimento Físico-Esportivo – Programa Lazer, 2003 (*)
Sports development activities participation/year – Program Leisure, 2003 (*)

Atividades	Clientela Total	Atendimento
Desporto em Geral – cursos <i>Sports learning courses</i>	109.796	4.077.231
Exercícios sistemáticos de ginástica <i>Gymnastics – regular training</i>	223.141	9.779.690
Treinos Sistemáticos com Orientação <i>Coached regular training</i>	-	1.258.567
Competições / <i>competitions</i>	802.780	2.694.088
Realizações Complementares <i>Complementary activities</i>	-	288.589
Total	1.135.717	18.098.165



(*) Dados sujeitos a retificações
 (*) Data subject to change

Tabela 6 / Table 6

Atendimentos das atividades de Recreação – Programa Lazer, 2003 (*)
Recreation activities participation/year – Leisure Program, 2003 (*)

Atividades	Atendimento
Assistência e Eventos Esportivos de Caráter Competitivo	49.330,01
Recreação Esportiva	17.086.797
Manha Tarde e Noite de Recreio	42.730.300
Banhos de Piscina	15.085.703
Jogos de Salão	11.028.437
Reuniões Dançantes e Serestas	4.616.395
Festas de Confraternização	3.117.311
Sessões de vídeo	892.676
Assistência a TV	8.448.111
Outras	19.050
Total	107.957.781

(*) Dados sujeitos a retificações
 (*) Data subject to change

Tabela 8 / Table 8

SESC – Brasil: Discriminação das atividades por modalidades desenvolvidas, 2002 (*)
SESC – Brazil: Breakdown of activities per sport disciplines, 2002 (*)

Activities: Natação – Swimming; Futebol de Salão – Futsal; Outras – Other

Atividades	Clientela	Atendimentos
Esportes em Geral - Cursos		
Natação	69.483	1.761.811
Futebol de Salão	18.260	770.355
Futebol	7.567	402.156
Capoeira	3.700	177.724
Caratê	3.319	161.261
Judô	1.796	103.792
Vôlei	9.863	377.249
Basquete	2.364	80.802
Outras	8.424	280.031
Total	124.777	4.115.181
Exercícios Sistemáticos de Ginástica		
Musculação	84.484	4.012.712
Hidroginástica	41.132	1.495.181
Ginástica	57.165	2.209.236
Alongamento	3.508	139.714
Yoga	5.108	189.355
Outras	9.554	452.293
Total	200.952	8.498.490
Treinos Sistemáticos / Regular training activities		
Total		1.563.422
Competições / Competitions		
Total	657.418	2.657.577
Total	657.418	2.657.577

(*) Estimativas sujeitas a retificações
 (*) Estimates subject to change

Serviço Social do Comércio-SESC II: esporte, lazer e bem-estar social

ROSIMEIRI MARTINS GIL

SESC II: sports, leisure and wellness

SESC influenced commerce workers' free time from its origin in 1946 to 1973, when intervention became a priority. SESC specialists meetings in the 1950s and 1960s turned out to be expressive milestones as SESC's procedures were revised and analyzed to make the activities offered by the institution more naturally adequate to the interests of the clientele and more directed to

their social welfare. Therefore, both the definition and delimitation of the role played by leisure in the institution were developed in successive stages. In 1978, leisure was already seen as a fundamental tool in the educational action that aimed at the improvement of life conditions of commerce workers. SESC has established five principles for the development of its activities: (i)

playfulness and free choice, (ii) participation, (iii) autonomy, (iv) ethics in competition and (v) active life. SESC's sport department has always targeted at the various publics: children, adolescents, adults and the elderly. They are primarily commerce workers of low income, their dependents, and the population in general. A sample of these priorities is included at the end of the chapter.

Definições O processo de intervenção do SESC nas práticas de tempo livre vem desde sua origem até o momento se torna, em 1973, um campo prioritário de ação. Neste ano, o Programa de Lazer é estruturado por uma Convenção de Técnicos, quando então são aprovadas as Diretrizes Gerais de Ação e das Normas para sua aplicação. As Convenções realizadas nas décadas de 1950 e 1960 constituíram marcos expressivos na vida do SESC, pois a tarefa de revisão e de análise a que se voltaram, veio estabelecer naturalmente uma melhor adequação entre as atividades exercidas pela instituição e os interesses da coletividade comerciária, no sentido de seu bem-estar social. Nesse contexto, a definição e a delimitação da função lazer na Entidade, deu-se por etapas sucessivas conforme relatadas a seguir. Ao final deste capítulo encontram-se os projetos ora em andamento em destaque especial.

1946 Quando surge o SESC, distam já três anos da Consolidação das Leis do Trabalho (1943) e a luta por tempo livre converge para outras reivindicações, ocupando papel secundário nas reivindicações trabalhistas. A preocupação oficial e empresarial com a área da educação popular muitas vezes é responsável pela inclusão do lazer em programas assistenciais, ou no caráter de veículo da ação educativa ou, por se conceberem as práticas de educação como lazer, ocorrendo fora do horário de trabalho.

1947 Na ocasião o papel do lazer era tido como atividade secundária. Ensaio preliminares das atividades de lazer realizam-se nos Departamentos Regionais do SESC, ou DRs. Organizam-se programas de férias coletivas para temporadas de 15 dias em hotéis, bem como manifestações esparsas de recreação e desportos.

1948 – 1958 Na evolução das atividades do SESC neste período o lazer e o esporte encontram-se ao se classificar como atividades de grupo: biblioteca; cursos; atividades associativas; recreação infantil e jardim de infância; colônia de férias, férias coletivas e balneário; e como atividades associativas; atividades recreativas, esportivas, culturais e artísticas, bandeirantismo e escotismo. As atividades associativas, em seu conjunto, totalizaram 74.613 pessoas em 1948, representando 98% dos atendimentos do SESC em lazer, distribuindo-se por 7 Estados, com peso maior nos Regionais do Rio Grande do Sul (56.063) e São Paulo (12.000). Como não há dados específicos sobre as diversas atividades aí incluídas, não conhecemos os conteúdos de lazer mais desenvolvidos pelo SESC, no âmbito das atividades associativas. Neste período, notabiliza-se o incremento das atividades associativas (146%), cujo total de freqüências cresce para 183.424, distribuídas basicamente em SP, seguido do RS e da BA. Assim, em 1950, estavam concentrados nestas atividades 96% dos atendimentos em lazer.

1949 É criado o primeiro Departamento Esportivo do SESC e SENAC (entidade de treinamento profissional de comerciários), que segue a concepção do esporte como elemento aglutinador do trabalhador. Realizam-se em SP, os I Jogos Comerciários com 8 equipes de vôlei, 6 de basquete e 8 de futebol.

1950 O SESC divulga o documento "SESC: Origens e Finalidades", do Departamento Nacional, que arrolava as 9 funções assumidas pela Entidade, entre elas as funções relativas ao lazer e aos esportes, as relativas à família ou ao indivíduo, ao trabalho e à capacidade aquisitiva, à alimentação, à habitação, à educação, à saúde e à cultura e à arte. A explicitação das atividades constam no capítulo SESC I.

1951 Primeira Convenção Nacional dos Técnicos do SESC. A partir desta Convenção, o SESC fez uma opção clara pela linha de ação educativa numa perspectiva de educação informal, ganhando relevo as realizações hoje englobadas no Programa Lazer – práticas

recreativas, associativas e culturais -, iniciando-se diversas atividades para todas as idades, como esporte, atletismo, recreação, escotismo, bandeirantismo, teatro, cinema educativo, canto, férias e fins de semana. A prática de lazer passou a ser abordada não como um fim, mas como meio, inicialmente instrumento complementar à atuação em saúde, no que favorecesse à recuperação psicossomática. Após 1951, o lazer afigurou-se como veículo por excelência da educação social, não constituindo ainda um programa, mas um conjunto de realizações voltadas para o objetivo maior da instituição.

1951-1956 O lazer assume o caráter de veículo por excelência da educação informal. Essa prática informal continua a serviço da ação educativa no período pós 1964. A Colônia de Férias Getúlio Vargas no Rio de Janeiro-RJ oferece banhos de piscinas e prática de diversas modalidades esportivas. Das cinco diretrizes aprovadas pela I Convenção, quatro preconizavam veículos ideais para as práticas de lazer: 1ª. – Preferência para a criação e desenvolvimento de obras recreativas, associativas e culturais; 2ª. – Criação e desenvolvimento de Colônias de Férias; 3ª. Incentivo, criação e desenvolvimento de clubes de comerciários e organização de centros sociais; 4ª. – Instalação de bibliotecas; e 5ª. Criação de escolas ou cursos de trabalho social, para treinamento do pessoal.

1955 No nível da sociedade brasileira, o SESC assume um caráter pioneiro na prestação de serviços nessa área, antecipando-se em muitas décadas à iniciativa de outras instituições públicas, privadas, ou da sociedade civil. Surgem, também em caráter pioneiro no país, em Bauru-SP, competições de futebol de salão.

1956 Neste período, ocorre a II Convenção Nacional de Técnicos, em Belo Horizonte. A partir da Convenção e ao longo da conjuntura, a atuação em lazer se aprofunda como subproduto da ação educativa. Fica clara a ênfase no caráter educativo da prática de lazer, encarado o aspecto recreativo apenas como meio de educação social.

1957 Estabeleceu-se um convênio com a União dos Escoteiros do Brasil tendo em vista o desenvolvimento de atividades como acampamentos e acantonamentos. Realizam-se em Marília-SP as primeiras competições de beisebol da região.

1961 III Convenção Nacional de Técnicos realizada em Macaé/RJ, cujas resoluções reiteram o teor educativo dos programas, das atividades e das técnicas de trabalho, em consonância com o conhecimento da realidade nacional.

1962 O lazer continua a ser desenvolvido como natureza básica de campo da ação educativa; a função recreativa é subalterna, apenas meio de educação social. Entretanto, a opção por esse campo não é casual; ao contrário, se a educação social visa à integração do indivíduo aos hábitos e valores socialmente dominantes, cabe ao lazer uma importante função integradora, qual seja permitir o extravasamento, de forma culturalmente controlada, das tensões e frustrações inerentes às condições de trabalho vigentes. Além dessa função de adaptação social, o lazer contribui para a recuperação psicossomática da fadiga decorrente do trabalho excessivo e monótono, reduzindo os efeitos nocivos da divisão social do trabalho. Realização do I Seminário do Comerciário do Nordeste e o I Campeonato de Futebol de Salão.

1965 É realizado o Seminário sobre Educação e Esporte, de 1º a 15º de julho, que objetivou examinar o relacionamento entre diretrizes educacionais adotadas pelo SESC e as atividades esportivas desenvolvidas. Permitiu a atualização de técnicas esportivas e propiciou aos participantes uma troca de experiências

dentro e fora do SESC.

1969 IV Convenção Nacional de Técnicos, realizada em Bonclima, Petrópolis-RJ. Essa Convenção sintetizou que o SESC é uma entidade cujo fim último, político-social, é a paz social entre trabalhadores no comércio e seus empregadores. Nela foram indicados os campos de atuação prioritários: Lazer, Educação e Alimentação.

1969 IV Convenção Nacional de Técnicos. Em decorrência das resoluções dessa Convenção é implantado definitivamente o Programa de Lazer, ficando definido que a Entidade aproveitará o tempo livre e a disposição psicológica do indivíduo, fora de suas ocupações obrigatórias, para motivar sua autopromoção social, através, entre outros procedimentos, de incentivar o aprimoramento de sua formação e o estímulo à sua atualização em face das mudanças.

1970 A partir dos anos de 1970 o SESC de São Paulo dá início à atividade física específica para pessoas acima de 55 anos.

1970-1973 O campo de lazer foi o responsável pelo maior volume, absoluto e relativo, dos atendimentos da Entidade. O Programa de Lazer do SESC, a partir de 1973, constitui um novo objeto, inclusive por sua influência cultural na assimilação do lazer enquanto valor dominante na sociedade – o que não tinha se mostrado como realidade em fases mais remotas.

1974 A Portaria SESC nº 177/74 aprova as normas gerais para aplicação das diretrizes gerais da ação do SESC em 11 de fevereiro de 1974. O Programa de Lazer apresenta como subprogramas: Férias e Fins de Semana; Cultura e Orientação Social; Educação Física e Desportos; Recreação; Educação Física e Desporto; consta de Atividades de Ginástica, de esportes e outras, que contribuem para o equilíbrio físico, psíquico e social dos indivíduos, com a aplicação de técnicas adequadas. Ficou definido, através deste subprograma, que os Departamentos Regionais devem oportunizar a participação de diversos grupos etários; ajustar as atividades aos conhecimentos da medicina desportiva e à prática da educação sanitária, provendo sistematicamente o controle médico; incentivar o desenvolvimento das atividades de ginástica isoladamente, ou como fase preparatória para os jogos desportivos; estimular o desenvolvimento em diversas modalidades; na falta de equipamento necessário que o Departamento Regional disponha pelo menos de Recursos Humanos; aproveitar as atividades desportivas como excelentes instrumentos para abordagem das comunidades. O esporte deve estar vinculado ao planejamento da ação comunitária.

1975 Primeiro Encontro Nacional sobre Lazer promovido pelo SESC, juntamente com o Ministério do Trabalho e com o SESI, no Rio de Janeiro. Para realização do Encontro o SESC manteve contatos com a Fundação Van Clé/UNESCO que indicou o SESC como responsável pelo relatório do Lazer no Brasil, a ser apresentado no II Congresso Mundial. A preocupação da comissão técnica foi priorizar as conferências para obter sugestões visando à política nacional do lazer, em nível nacional.

1975-1976 Geração de diretivas pelo processo interno de decisões, produção de documentos pelas áreas técnicas. Esta fase é distinta da anterior que se caracterizou por diagnósticos sucessivos.

1978-1979 O SESC-SP lança o programa Mini Esporte que é desenvolvido até meados da década de 1980 com o objetivo de facilitar o acesso do público infantil – 06 a 13 anos – a uma participação esportiva mais lúdica e criativa. O projeto foi desenvolvido em 14 cidades do Estado de SP e atendia anualmente

10.000 crianças, com atuação de mais de 100 técnicos de esportes e médicos esportivos. No ano seguinte foi implantado em Mato Grosso do Sul.

1980 No final dos anos 1970 e início de 1980, o SESC São Paulo, em continuidade com a atividade física para pessoas acima de 55 anos, inclui algumas modalidades esportivas. Em 1983 um grupo de profissionais do SESC realiza um estudo sobre o assunto e a implantação sistemática do esporte adaptado. Ao longo desse período, algumas modalidades esportivas como o voleibol, basquetebol, handebol, natação e outras foram adaptadas e apresentadas aos idosos, porém foi o voleibol que teve maior identificação com esse público, estando hoje extremamente popularizado.

1984 Implantação da Mini-maratona SESC com objetivo de estimular o hábito da corrida de rua como exercício sistemático e benéfico à saúde, valorizando e estimulando o desenvolvimento do esporte amador no país. Realizada inicialmente nas Delegacias Executivas do SESC no Amapá, Rondônia e Acre, contou com aproximadamente 600 corredores, comerciários, dependentes e da comunidade em geral.

1985 Tem início em Santos-SP o Festival Móbil de Ginástica e Dança. Festival para manifestação da atividade física como forma de expressão, favorecendo o processo de formação de uma cultura local. É realizado em várias cidades, apresentando mais de 50 horas de espetáculos produzidos por 134 academias e grupos, com aproximadamente 3.400 ginastas e bailarinos de 24 cidades, assistidos por um público de 134.000 pessoas. É encerrado em 1989.

1989 – 1999 A Mini-maratona SESC é promovida em 22 estados e em mais de 80 cidades, totalizando uma participação anual aproximada de cerca de 22.000 corredores. Os vencedores passaram a representar o SESC do próprio Estado na Corrida Internacional de São Silvestre-SP, realizada anualmente, em 31 de dezembro. Em 1999, a promoção foi encerrada com a prova realizada em Porto Alegre-RS. O Evento ainda hoje é realizado por alguns Departamentos Regionais (ver destaques no final do capítulo).

1989 Neste ano inicia-se o Short Triatlo – SESC Praia, promovido pelo DR/PR, em Caiobá e Curitiba, no Paraná. Prova esportiva contendo as modalidades de corrida, natação e ciclismo. Em 1999 ampliou-se a prova para distâncias olímpicas além do Short Triatlo, obtendo-se crescente participação de triatletas estrangeiros, e alcançando a média de 600 participantes por evento. A partir de 2001 realiza-se a prova na categoria de Triatlo Infante-Juvenil. Em 2002 o evento completou sua 14ª. edição.

1990 É realizada a Jornada Esportiva com o objetivo de promover atividades esportivas, recreativas, culturais e ações de capacitação técnica em torno de um tema relacionado ao corpo e movimento. O evento, elaborado pelo SESC Nacional, é promovido com os Departamentos Regionais junto às comunidades.

1993 Clube da Escalada – DR/SP – Clubes da Caminhada: programação regular, com roteiros urbanos e trilhas fora da cidade. Atualmente atende 2.000 pessoas por mês. Além das turmas das modalidades, as instalações são utilizadas intensivamente na realização de eventos esportivos, principalmente nos turnos da noite e, em algumas Unidades Operacionais do SESC (sigla UO), também nos finais de semana. Os canais de comunicação do evento são: TVs do SESC e do SENAC; o Programa “Sintonia SESC/SENAC” em 12 estações de rádio comunitárias; a Internet com *home page* nacional e estaduais; e as revistas dos Departamentos Regionais.

1993 É lançado um projeto de marketing interno denominado Gincana Esportiva. O projeto propunha a integração de várias modalidades esportivas e recreativas vinculando a experiência da clientela de todas as faixas etárias nessas práticas. A primeira Gincana realiza-se atendendo os estados de SE e RJ, com 330 inscrições e 2.697 atendimentos, com continuidade até 1994, e a participação de outros estados.

1993 É implantado o Projeto Tênis SESC (popularização do tênis) em parceria com o DR do DF (que inclui Brasília), com objetivo de popularizar e difundir a modalidade tênis, através de uma proposta democrática, possibilitando o acesso da clientela de menor poder aquisitivo. O SESC foi um dos pioneiros no país a aplicar métodos e planejamento uniformizados de ensino-aprendizagem, por meio de uma pedagogia lúdica e de qualidade técnica; acompanhar e avaliar resultados, e criar condições de acesso a equipamentos – bolas, raquetes e instalações modernas – a baixo custo. Ao longo de 10 anos foram realizados, aproximadamente, 309.000 atendimentos somando-se as turmas sistemáticas, subprojetos e campeonatos. Até o presente estágio, foram atendidos 4.283 participantes por 7 professores de Educação Física, com formação superior na área e 6 sem formação. O projeto atua com 11 rebatedores, os auxiliares dos professores (meninos entre 14 a 18 anos). Detalhes nos destaques do final deste capítulo.

1993 – 2002 Além do DR/DF quanto à aprendizagem de tênis o DR/SP desenvolveu em 1993 projetos nessa modalidade: implantou-se o projeto “Tênis na Escola” para escolares de 7 a 14 anos. Em 1994 ocorre o Projeto “Tênis em Ação para espaços e público ampliado”. Em 1995: “Lazer SESC nas Ruas de Lazer”, em que o

tênis é a atividade âncora. Em 1996: o “Tênis no Parque”, com oferta de tênis para população carente. Em 2002: oferta da modalidade tênis nos estados de MG, SC, AP, AC, RS, PA, SP e DF, com 883 alunos totalizando 13.267 atendimentos.

1995 SESC Verão: é lançado o projeto que acontece anualmente nos meses de janeiro e fevereiro no SESC/SP reunindo aproximadamente 1 milhão de pessoas em diversas praias daquele Estado. Este ano também marca o início da promoção “Dia do Desafio” sob condução do SESC/SP, num acordo internacional com a TAFISA, organização internacional promotora do Esporte para Todos. O projeto envolveu o treinamento de técnicos do SESC na Alemanha, no ano seguinte. A proposta inicial foi levada a efeito pelo Prof. Lamartine DaCosta, que representava a TAFISA no Brasil, neste período (ver capítulo sobre o evento neste Atlas).

1997 – 1999 Apresentação pelo SESC Nacional do Módulo Político da Atividade às Equipes de Esporte de todos os Departamentos Regionais do SESC, em capacitações com fundamentação político-filosófica, envolvendo aproximadamente 200 profissionais da área.

Situação Atual A Atividade Desenvolvimento Físico-Esportivo tem a missão de democratizar as práticas da cultura corporal e colaborar com a promoção e o exercício da cidadania. O Módulo Político da Atividade – fundamentado nos documentos da Carta da Paz Social e Ação Finalística do SESC – estabelece cinco princípios para o desenvolvimento da Atividade: (i) Ludicidade e Livre escolha; (ii) Participação; (iii) Autonomia; (iv) Ética na Competição e (v) Vida Ativa. O esporte no SESC deve buscar sempre o público de crianças, adolescentes, adultos e idosos, prioritariamente comerciários de baixa renda e seus dependentes, e a população em geral.

O esporte no SESC tem compromisso com o trabalho de base e com a inclusão no esporte, garantindo a participação de todos, com ou sem talento esportivo. Propõe-se a capacitar o indivíduo em qualquer dimensão do esporte na vida social, seja como meio de lazer, de promoção da saúde, seja para a vivência de um esporte especializado. Hoje, metodologicamente, atua nas dimensões de: aprendizado de modalidades esportivas; prática recreativa e competitiva de esportes; formação de público/platéia; potencialização, e a preservação das capacidades físicas, funcionais e psicossociais dos indivíduos. O SESC legitima seu compromisso com o esporte, no cenário nacional, através do desenvolvimento de uma programação que, por meio de aulas, eventos, festivais e competições, contempla os esportes em geral; exercícios físicos sistemáticos competições/eventos; e projetos especiais.

SESC – Destaques dos projetos especiais, 2002 – 2003

SESC – Special projects features, 2002 – 2003

O SESC prioriza os projetos e programas que contemplam o atendimento ao maior número possível de pessoas, confirmando o compromisso com a democratização e a popularização das modalidades esportivas e a prática de atividades físicas.

3ª Idade – Atividade física / *Physical activities for seniors*

A partir dos anos de 1970 o SESC São Paulo dá início à atividade física específica para pessoas acima de 55 anos. No final dos anos 1970 e início dos anos 1980 são incluídas as modalidades esportivas adaptadas. Em 1983 um grupo de profissionais do SESC realiza um estudo sobre o assunto e a implantação sistemática do esporte adaptado. Ao longo do período, algumas modalidades esportivas como o voleibol, basquetebol, handebol, natação e outras, foram adaptadas e apresentadas aos idosos, porém foi o voleibol que teve a maior identificação para com esse público, estando hoje extremamente popularizado. Dados estatísticos referentes ao ano 2002: Cursos Físico-Esportivos: 299 turmas, 10.492 inscritos e 581.559 atendimentos; Aulas Abertas: 5.933 atendimentos; Recreação Esportiva: 52.827 atendimentos; Caminhada: 5.574 atendimentos. Atualmente todos os Departamentos Regionais trabalham com atividades físicas para 3ª Idade, a maioria deles desenvolvendo trabalhos integrados e sistemáticos.

Distribuição nos cursos regulares / 2002

Training courses per activities and participants

	MODALIDADE	INSCRITOS	TURMAS	ATENDIMENTOS
CURSOS	NATAÇÃO	507	19	23.378
FÍSICO	VOLEI	244	8	9.383
ESPORTIVOS	ESPORTES E JOGOS ADAPTADOS	272	9	14.960
	TENIS	19	6	438
	GINÁSTICA	3.098	101	197.877
	HIDROGINÁSTICA	5.212	96	273.855
	GINÁSTICA INTEGRADA	0	0	0
	ALONGAMENTO	630	31	31.722
	YOGA	345	17	22.109
	PRÁTICAS CORPORAIS	66	9	2.660
	TAI-CHI-CHUAN	99	3	5.177
	TOTAL CURSOS	10.492	299	581.559

Dia do Desafio / *Challenge Day*

O Dia do Desafio, que acontece na última quarta-feira do mês de maio, sendo realizado no Brasil desde 1995 e coordenado no continente americano pelo SESC de São Paulo desde 2000, tem como objetivo inserir a atividade física no cotidiano das pessoas, a fim de melhorar sua qualidade de vida.

Nesse dia, o desafio consiste em mobilizar o maior número de participantes em torno da idéia de praticar pelo menos 15 minutos consecutivos de qualquer atividade física ou esportiva.

Essa realização demanda esforço e criatividade, especialmente por estimular a integração de diferentes segmentos das comunidades que competem construtivamente entre si, fato verificado pelo aumento considerável das cidades participantes: em 2003 participaram do evento 1.548 cidades de 24 países do continente americano, totalizando 38.244.746 de participantes.

Tênis SESC (popularização do tênis) / *SESC Tennis for all*

Projeto Tênis SESC em parceria com o DR/DF desde 1993, com objetivo de popularizar e difundir a modalidade tênis, através de uma proposta democrática, possibilitando o acesso da clientela de

menor poder aquisitivo. O SESC foi um dos pioneiros no país a aplicar métodos e planejamento uniformizados de ensino-aprendizagem, por meio de uma pedagogia lúdica e de qualidade técnica; acompanhar e avaliar resultados e criar condições de acesso a equipamentos – bolas, raquetes e instalações modernas – a baixo custo. Ao longo de 10 anos foram realizados, aproximadamente, 309.000 atendimentos, somando-se as turmas sistemáticas, sub-projetos e campeonatos. Números do projeto: N° de alunos desde início 4.283 ; n° de professores de Educação Física – 7; n° de professores não formados em Educação Física – 6; n° de rebatedores (meninos auxiliares dos professores com idades entre 14 e 18 anos) – 11.

Tênis	DRs	Total	Atend.
Esportes em geral	MG, SC, AP e AC	312	10.209
Treinos Sistemáticos com Orientação	MG, RS	88	2.280
Competições	PA, MG, SP, PR, RS, AP	443	778
Total		883	13.267

Dados de 3/6/2003

Além do SESC Nacional com o DR/DF, o DR/SP desenvolveu projetos nesta modalidade:

Em **1993** implantou-se o projeto "Tênis na Escola" para escolares de 7 a 14 anos.

Em **1994** Projeto "Tênis em Ação para espaços e público ampliado".

Em **1995** – "Lazer SESC nas Ruas de Lazer" – onde o tênis é a atividade âncora.

Em **1996** – O "Tênis no Parque" – tênis para população carente.

Mini-maratona (popularização da corrida de rua) / *Short marathons for all*

Em 1984 é implantada a Mini-maratona SESC com o objetivo de estimular o hábito da corrida de rua como exercício sistemático e benéfico à saúde, valorizando e estimulando o desenvolvimento do esporte amador no País. Realizada inicialmente nas Delegacias Executivas do SESC no Amapá, Rondônia e Acre, contou com aproximadamente 600 corredores, comerciantes, dependentes e da comunidade em geral. De 1989 até 1993 é promovida em 22 estados e em mais de 80 cidades, totalizando a participação aproximada de cerca de 22.000 corredores. Os vencedores passaram a representar o SESC do seu estado na Corrida Internacional de São Silvestre, realizada anualmente, no dia 31 de dezembro em São Paulo. O Departamento Nacional continua promovendo o evento de 1994 a 1999, ano de encerramento com prova realizada em Porto Alegre-RS. Posteriormente alguns regionais continuaram realizando a corrida, já manifesta em calendários esportivos de várias cidades.

SESC Ativo / *Active SESC*

Está sendo elaborado o Programa SESC Ativo sobre a importância da atividade física para a população como promoção da saúde e qualidade de vida. A proposta envolve o estímulo à atividade física sistemática e à adoção de hábitos alimentares saudáveis, visando à maior autonomia das pessoas para adoção de um estilo de vida saudável. O SESC Ativo surge em resposta à demanda expressa para o desenvolvimento de programas de Qualidade de Vida nas Empresas do comércio e comunidade, viabilizando a sistematização de ações e práticas para um estilo de vida ativo, numa perspectiva de intensificação e ampliação da função do SESC.

Esporte social – Projeto Segundo Tempo / *Social inclusion sports project for kids*

Em outubro de 2003 foi assinado um protocolo de intenções entre o Ministério dos Esportes e a Confederação Nacional do Comércio para o desenvolvimento de ações na área esportiva e social, junto do Governo Federal. Entre essas iniciativas encontra-se o Programa Segundo Tempo, lançado pelo Presidente Luís Inácio Lula da Silva, buscando a inserção social de crianças e adolescentes carentes. É um Programa do Ministério do Esporte em parceria com o SESC Nacional que visa à inserção social de jovens e adolescentes através de ações sócio-educativas, com ênfase no desenvolvimento humano. A meta inicial do programa é atender 20.000 crianças em todo o país.

Federação Nacional das Associações Atlético Banco do Brasil – FENABB

REINALDO FUJIMOTO, FERNANDO ANTONIO JAYME GUIMARÃES, HAROLDO DO ROSÁRIO VIEIRA, LUIZ ANTONIO CARELI E MESSIAS LIMA AZEVEDO

Bank of Brazil Sport Clubs National Federation – FENABB

In 2003, the 1,247 AABB clubs (Associações Atlético Banco do Brasil – Banco do Brasil Sports Clubs) counted 250,000 members (more than 1 million people if members' dependents – spouses, children, etc – were included) attending the clubs for the many recreational purposes. The AABB clubs make up the largest network of recreational and sports clubs of just one organization. The AABB clubs were subsidized in their very beginning by Banco do Brasil (federal government bank), which considered the clubs as benefits for officials and clerks, especially in locations that offered no leisure alternatives. The tradition of sports clubs attended by bosses and employees, all members of the same institution, started in Brazil in 1903 and had government support as of

the 1930s. In the following three decades, the AABBs participated in local sports championships (municipal and state) bringing together institutions related to workers from other sectors: industry, commerce, services in general and civil service. During this period the AABB clubs were kept autonomous by legal definition. This situation started to change in the 1970s, when federal legislation related to sports clubs started to be revised through various government acts, including the foundation of the Federação Nacional das Associações Atlético Banco do Brasil (National Federation of the Sports Clubs of Banco do Brasil – FENABB) in 1977. This law turned the isolated and autonomous clubs into a network of the 721 clubs that existed at that time all over

Origens e Definições O esporte de trabalhadores teve origem na Europa por meio de clubes próprios, criados por grupos autônomos ou sindicatos no início do século XX. Por coincidência, o Clube de futebol da Fabrica Bangú, no Rio de Janeiro, surgiu em 1903, reunindo patrões e empregados numa única equipe. Posteriormente, o movimento sindical brasileiro, de ideário anarquista em suas origens, incentivou a criação de grupos de praticantes de jogos e de futebol, prevendo maior integração entre associados. Na década de 1920, o movimento internacional de esporte dos trabalhadores – sediado na Europa, em sucessivos países – teve como um de seus líderes Pierre de Coubertin, o famoso recriador dos Jogos Olímpicos. No Brasil, na mesma década, surgem as primeiras associações de funcionários do Banco do Brasil. Estes grêmios, destinados às práticas esportivas, de lazer e de experiências culturais, tornaram-se “classistas” na década de 1940, ao se ajustarem ao Decreto Lei 3199, de 1941, que organizou basicamente o esporte brasileiro, por níveis de destinatários e localização regional. Nas três décadas seguintes, as AABB, em termos esportivos, participaram então de campeonatos locais (municipais e estaduais) reunindo outras entidades relacionadas aos trabalhadores da indústria, do comércio, dos serviços e funcionários públicos. Neste estágio, os clubes AABB mantiveram-se autônomos, por definição legal, uma situação que começou a se alterar nos anos de 1970 ao se revisar, por diversos atos, a legislação federal relativa aos clubes esportivos. Em meio às mudanças legais, foi criada em 1977, a Federação Nacional das Associações Atlético Banco do Brasil – FENABB passando, de clubes isolados e autônomos para uma rede de 721 clubes (dois satélites), então existentes por todo o território nacional. Desde então, implantou-se um processo de sinergia no desenvolvimento das AABB, com mútuo proveito de suas singularidades regionais e com base em tradições de meio século de atividades esportivas e culturais, observadas em conjunto. Hoje, a FENABB é a maior rede de clubes autônomos do mundo, localizada em um único país e gerida de modo unificado.

1928 Inaugura-se o primeiro clube sócio-esportivo e cultural dos funcionários do Banco do Brasil, em Belém-PA, no dia 10 de março. No dia 17 de maio, às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas, entre os bairros de Ipanema e Leblon, Rio de Janeiro-RJ, foi fundada a AABB-Rio-Lagoa.

1928-1977 Nos 49 anos que se sucederam até à criação da FENABB, as AABB, na perspectiva de seus associados, principalmente nas pequenas cidades, atuavam como alternativas locais à inexistência de opções de lazer e de esporte. Neste mesmo período, em grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, as AABB de maior porte vieram a ultrapassar, em número de associados, os grandes clubes brasileiros locais. Neste sentido, o volume de atividades esportivas e culturais movimentado pelas AABB gerou destacado potencial de marketing. A partir de 1974 já se discutia a viabilidade de criação de uma Federação que congregasse todos as AABB do país.

1977 Em 9 de fevereiro de 1977, Karlos Heinz Rischbieter assumiu a presidência do Banco do Brasil. Inspirado nas experiências de outras associações como a Associação Cristã de Moços – ACM e a Federação Nacional das Associações Econômiárias-FENAE, e apoiado na Lei do Desporto Nacional n. 6251/75, regulamentada pelo Decreto 80228/77, foram traçadas as diretrizes e políticas que regulariam a nova Federação. O universo de programas cobertos pela FENABB incluía desde o incentivo à confraternização do funcionalismo e seus familiares,

a busca do aperfeiçoamento gerencial pelos empregados, até a promoção de atividades sociais, culturais e artísticas e o desenvolvimento da Educação Física e o estímulo à prática de desportos amadoristas. Assim, a inicialmente chamada FENAB, logo a seguir FENABB, passou a abranger as AABB de todo o país. Fundada em 12.10.1977, a sede da Federação passou a ser em Brasília sob a égide de um Conselho Deliberativo Nacional.

1978 Durante este período, a Federação estruturou-se como órgão gerenciador dos vários programas esportivos, culturais e educacionais, muitos deles mantidos até hoje, em edições repetidas anualmente, com as adaptações e melhoramentos, quando necessários. Entre outras medidas, cada AABB passou a elaborar um plano diretor e uma planta de ocupação de seus terrenos, estabelecendo a ordem de prioridade de cada benfeitoria a implantar. Estabeleceram-se políticas de relacionamento e responsabilidade com outros órgãos do Banco do Brasil de maneira a que os dirigentes da FENABB pudessem, a qualquer tempo, acompanhar a tramitação de qualquer projeto de suas Filiadas. O estudo sobre a viabilidade de construção dos ginásios de esportes nas AABB passou a merecer atenção especial, pelo status que agregavam ao clube e pelo alto custo que representavam. Por exemplo, na escolha das AABB que participariam das Jornadas Esportivas, foi convenicionado levar em conta os interesses da FENABB, o custo/benefício da obra na relação de grêmios que seriam aquinhoados com ginásios esportivos. O setor administrativo abriu credenciamento para firmas fornecedoras em todo o país criando um banco de dados disponibilizado às Filiadas. Desta forma, conhecendo-se os preços básicos dos diversos investimentos nas diferentes regiões do país, tornava-se mais fácil aferir se os preços orçados estavam razoáveis. Essa medida provocou, em consequência, uma significativa redução dos custos. Além disso, foi elaborada uma agenda de compromissos das AABB, alertando seus administradores sobre o dia de pagar impostos e salários, bem como as peculiaridades a serem observadas nos contratos de trabalho. Tantos cuidados visavam evitar a improvisação, a desordem ocupacional e a fixação de estruturas inadequadas e de prioridade duvidosa. Ensinava-se, por exemplo, que uma AABB devia priorizar uma quadra esportiva polivalente, antes da quadra de tênis, pois da primeira vários atletas se utilizariam, ao passo que o segundo empreendimento tinha um alcance numérico limitado. Neste período inicial implantaram-se grandes programas culturais, como Salão de Pintura, Concurso de Fotografias, lançamento de discos culturais, festival de música, concurso nacional de reportagem e concursos literários. Além disso, a FENABB patrocinou eventos de radioamadorismo, escotismo e corais. Na área esportiva, houve o início das já mencionadas Jornadas Esportivas, com o respectivo Regulamento Geral de Competições, os códigos e regimentos próprios, o cadastro de árbitros, a regulamentação de modalidades regionalmente praticadas. A FENABB chegou a contar, neste período, com quase 200 mil participantes/ano presentes às programações esportivas patrocinadas pela Federação, organizadas entre as Filiadas e as comunidades locais, além de eventos de integração social. Ainda neste estágio inaugural, o número de clubes associados ascendeu a 784.

No ano de 1978, a FENABB promoveu ainda o VIII Campeonato Sul-Americano de Futebol dos Clubes de Bancos Oficiais da América do Sul e obteve a participação de esportistas brasileiros, além de atletas oriundos do Chile, da Argentina, Paraguai e Uruguai. Ainda em

the country. In 1990, the federal government issued Law n° 99,509, which prohibited Banco do Brasil to transfer resources to FENABB and to the AABBs. As a result, the number of clubs dropped dramatically. This situation was only reversed in the mid-1990s, when the management of each club became entrepreneurial. Today the AABB network includes several initiatives that provide support for its development: (i) carefully elaborated training programs for their club managers; (ii) a large number of local and national activities; (iii) intensive use of partnership; (iv) permanent search for integration with institutions of the network itself, and (iv) support from the FENABB system as a unit.

novembro do mesmo ano, organizou a Olimpíada do funcionalismo do Banco do Brasil. Idealizou os jogos entre as AABB filiadas, preparou os regulamentos e códigos disciplinares. Ocupou-se da coordenação, das arbitragens, do deslocamento e da acomodação de centenas de pessoas. Dividiu o país em regiões geográficas e patrocinou a primeira edição das JERAB – Jornadas Esportivas Regionais de AABB. Desse processo classificatório saíram quinze AABB que se juntaram a outras duas qualificadas, formando um conjunto de dezessete que alcançaram o direito de disputar a fase final, intitulada JENAB – Jornada Esportiva Nacional de AABB. A sede da primeira JENAB foi a AABB-Brasília-DF, em cujas instalações foi disputada a maioria dos jogos. O evento teve a participação de 865 pessoas, entre elas 464 atletas e dirigentes. As modalidades de esporte praticadas na competição foram: basquete, tênis de mesa masculino e feminino, futebol de salão, voleibol masculino e feminino, tênis de campo e xadrez. Participaram 17 associadas, a saber: Porto Alegre, Blumenau, Santa Cruz do Sul, Jaraguá do Sul, Lages, Curitiba, Brasília, Belém, São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Aracajú, Fortaleza, João Pessoa, Natal, Niterói e Mogi-Mirim. Saíram campeãs as AABB de São Paulo – em tênis de mesa masculino, Belém – em futebol de salão, Fortaleza – em voleibol feminino, Porto Alegre – em tênis de campo e Brasília – em tênis de mesa feminino.

1980 A Segunda Jornada Esportiva Nacional de AABB – JENAB, ocorreu neste período em Curitiba-PR, e teve o envolvimento de 23 associadas. As fases anteriores obtiveram significativa participação: as disputas microrregionais-JEMAB, com 31.510 pessoas; as estaduais-JESAB, com 4.164 e as regionais-JERAB, com 1589 pessoas. O encontro nacional reuniu mais de 1.000 pessoas, das quais 610 delas eram atletas e dirigentes. As modalidades disputadas foram vôlei masculino, vôlei feminino, basquete, futebol de salão, xadrez, tênis de mesa masculino, tênis de mesa feminino e tênis. No mesmo período, para comemorar o terceiro aniversário da FENABB foi lançado o disco LP Momentos Musicais.

1981 Realizada a Terceira JENAB, também conhecida como Campeonato Brasileiro de AABB, em Fortaleza-CE, reunindo um total de 49 associadas. O evento contou com mais de 1.000 pessoas, entre elas 642 integrantes oficiais. As modalidades disputadas foram futebol de salão, basquete, vôlei feminino, natação e judô. O evento também prestigiou a área sócio-cultural realizando o Primeiro Salão Nacional de Pintura e lançando três discos culturais – Chorando Callado. Ainda no mesmo período, ocorreu o primeiro festival de música – Canto do Brasil 1, em São Paulo-SP.

1982 Participação da FENABB numa outra edição do campeonato sul-americano, no IX Campeonato, realizado em Montevideo-Uruguai. No final deste ano foi realizada a IV JENAB, o Segundo Salão Nacional de Pintura e segundo festival de música Canto do Brasil 2, em Brasília-DF, com a presença de 61 AABB. Somente em participantes oficiais, os jogos reuniram 767 pessoas. As modalidades disputadas foram futebol de salão, basquete, vôlei masculino, vôlei feminino, tênis de mesa masculino adulto, tênis de mesa masculino infanto-juvenil, tênis de mesa feminino adulto, tênis de mesa feminino infanto-juvenil, tênis, xadrez, natação masculino, natação feminino. No mesmo período ainda, ocorreu o lançamento do Álbum Cultural – Noel Rosa.

1983 Este período contou com a maior participação de AABB-73 associadas, na V JENAB. O evento foi realizado em Blumenau-SC

com a presença de 1.300 pessoas, entre as quais 823 participantes oficiais. As modalidades disputadas foram futebol de salão, futebol sete, vôlei masculino, vôlei feminino, basquete, tênis de mesa masculino adulto, tênis de mesa masculino infanto-juvenil, tênis de mesa feminino adulto, tênis de mesa feminino infanto-juvenil, natação masculino, natação feminino, corrida rústica masculino e corrida rústica feminino. No mesmo período, realizou-se em Belo Horizonte-MG, o Terceiro Salão Nacional de Pintura e lançado o Álbum Cultural –Banda de Música (de ontem e de sempre). Enquanto isso, em Londrina-PR, realizava-se o terceiro festival de música -Canto do Brasil 3.

1984 No início do ano foi realizada a VI JENAB, desta vez em Recife-PE. Por motivos financeiros, o evento teve dimensões acanhadas reunindo aproximadamente 700 pessoas. As modalidades disputadas foram voleibol feminino, voleibol masculino, futebol de salão, futebol soquete e corrida rústica. No campo cultural, no final de 1984 realizou-se o Quarto Salão Nacional de Pintura, o lançamento do disco LP – Recordações de um Sarau Artístico e o Primeiro Concurso de Poesias da FENABB – Onestaldo Pennafort, além do Concurso Nacional de Reportagem.

1986-1987 Em maio de 1986, o Banco do Brasil, preocupado com as medidas restritivas de estabilização de preços e empenhado na valorização da nova moeda, cogitou sobre a extinção das atividades da FENABB. Por quase dezesseis meses, as atividades da Federação foram paralisadas. Apesar disso, foi realizada no período de 1986, em São Paulo-SP, a VII JENAB. O evento contou com a participação de 21 AABB, reunindo 620 pessoas. As modalidades disputadas foram futebol de salão, futebol soquete, vôlei masculino e vôlei feminino. No campo sociocultural, foi lançado o Álbum Musical – Os Pioneiros. Neste período foram criados os CESABBs – Conselhos Estaduais de AABB, diretamente subordinados à FENABB, com o objetivo de prestar assessoramento à Federação e atuar como seu órgão de representação junto às AABB da sua jurisdição.

1987 Data deste período o desenvolvimento do Programa Integração AABB-Comunidade. Envolveu, além da FENABB, outras entidades públicas e privadas como prefeituras municipais e/ou entidades civis sem fins lucrativos, no esforço conjunto de beneficiar a infância e a juventude mais carente do país. O Programa se beneficiava das estruturas disponíveis das AABB para realizar atividades integradas nas áreas de educação, saúde, cultura e desporto, de acordo com as características culturais de cada região. Como objetivos, o Programa visava: a) promover a integração entre os vários segmentos da comunidade e desta com o Banco do Brasil; b) auxiliar a comunidade no processo de desenvolvimento educacional, complementando sua ação nas áreas sócio-cultural, desportiva e de saúde; c) propiciar atividades orientadas, em espaço adequado, ocupando instalações e equipamentos das AABB, nos horários disponíveis ou de pouca utilização pelos associados; e d) promover ações voltadas ao resgate da cidadania. O Programa foi lançado em caráter experimental em dezesseis AABB, contemplando 2.266 crianças. Destas dezesseis AABB, destaca-se Erechim-RS, onde o Programa continua em funcionamento até os dias atuais. As AABB de São Miguel do Oeste-SC e Aracajú-SE aderiram logo a seguir e também mantiveram as atividades ao longo dos últimos onze anos. A população-alvo do Programa foi composta por crianças e adolescentes carentes, na faixa etária de 7 a 17 anos, de ambos os sexos, matriculados nas escolas da rede pública da comunidade. Entretanto, até 25% do total das vagas foi destinado, preferentemente, a crianças que ainda não ingressaram na escola ou a estudantes evadidos, porém dispostos a retomar de imediato as atividades escolares, mediante orientação e apoio das AABB. Cada atividade foi programada com antecedência e eram exigidos, das crianças, exames médicos, odontológicos e laboratoriais. Todas as crianças recebiam alimentação nos dias em que participam do Programa. Recebiam, também, juntamente com os monitores, um kit contendo desde itens de vestuário até artigos de banho. No período de execução, recebiam ainda materiais didáticos. O Programa estava dividido em três fases: desenvolvimento global, desenvolvimento de talentos e especialização. Na primeira, as crianças têm acompanhamento educacional, aprendem noções de higiene, iniciação profissional e desenvolvem atividades esportivas, sócio-culturais e artísticas. Na segunda fase, era realizado trabalho específico com as crianças que, na primeira fase, demonstraram aptidão em qualquer das atividades desenvolvidas. Já a terceira fase visava investir nas crianças e grupos oriundos da fase dois, incentivando sua profissionalização. Os monitores responsáveis

pela realização das atividades recebiam treinamento específico, ministrado por instrutores do Núcleo de Trabalhos Comunitário-NTC da Pontifícia Universidade Católica-SP. Desta forma, capacitavam-se com instrumentos e metodologias adequadas para a missão de maneira que, no decorrer do Programa, repassassem o treinamento para educadores da comunidade.

1988-1991 No período de 1988 foi realizado, em Brasília-DF, o Sexto Salão Nacional de Pintura e lançado o Álbum – Choro aos Mestres com ternura e o I Encontro Nacional de Coros da AABB. Durante aproximadamente uma década, a FENABB promoveu o Programa Competições Citadinas envolvendo, no esforço, todos os componentes do Sistema AABB (clube, CESABB e FENABB). O Programa, que visa otimizar o desenvolvimento das AABB e do esporte em geral, promove a realização de jogos e atividades de integração entre associados da AABB e dependentes, empregados do Banco, familiares, clientes, colégios, empresas e entidades da comunidade. No período de 1991 ocorreram 128 eventos, abrangendo 113 AABB. Na ocasião, a FENABB distribuiu inúmeros troféus como bolas, redes, taças e medalhas de ouro, entre outros. O total de gastos da FENABB para o Programa ascendeu a, na época, CR\$17.377.002,36. No campo cultural, foram prensados 6.000 álbuns duplos, 3.000 CD e 1.000 fitas cassetes.

1990 Neste ano foi editado o Decreto nº 99.509, de 05.09.90, que proibiu o Banco de repassar recursos a FENABB e as AABB, a qualquer título.

1991-1992 Os eventos desse ano somaram 156, patrocinados por 145 AABB. A FENABB auxiliou as Filiadas com 643 bolas e 632 redes, além de apitos, baralhos, medalhas de ouro e prata, troféus, etc. No ano, o dispêndio da Federação com o Programa foi de CR\$724.716,00. Comemorando o 15º aniversário da FENABB, ainda foram editados 4.000 álbuns duplos e mais 3.500 CD duplos. Naquele período, o Programa de Integração AABB-Comunidade estava reduzido a apenas 5 AABB, mantidas em atividade mesmo não constando da programação anual, objetivando lançá-lo novamente quando da entrada de novos recursos. Neste período a FENABB contou com a ajuda do Satélite Esporte Clube (SP), SEGASP – Seguro AABB-São Paulo (SP), Seguro AABB-Porto Alegre (RS) e Associação dos Antigos Funcionários do Banco do Brasil-AAFBB. Essas Entidades também ajudaram na tentativa de aprovação de projeto de lei que autorizasse a cessão de funcionários às AABB. A partir de 1991, a FENABB e as AABB deixaram de ser mantidas pelo Banco do Brasil. Iniciou-se, então, o período de conscientização, de que os clubes deveriam procurar a sua auto-sustentação e que o paternalismo do Banco era coisa do passado. Em 1991 foram realizadas 128 “Competições Citadinas” e 43.453 atletas participaram do Programa “Largue o Cigarro Correndo”. Em 1992 foram realizadas 156 “Competições Citadinas” e 42.716 atletas participaram do Programa “Largue o Cigarro Correndo”. Foram também realizadas 29 JEMABs 12 JESABBs. Mesmo com a escassez de recursos, toda a programação vinha sendo cumprida. No final deste período, a FENABB contava apenas com um Presidente e um Vice-Presidente. Com a abertura à admissão de sócios-comunitários, as AABB deixaram de ser vistas com clubes de elite, privativo dos funcionários do Banco do Brasil. Este fato contribuiu muito para a auto-sustentação dos clubes e proporcionou maior interação com as comunidades.

1993 Após um período de grandes dificuldades, a Diretoria foi em busca de fontes alternativas de recursos, conseguindo assinar, com o Banco do Brasil, o Convênio em que a Federação passou a ser a estipulante do Seguro Ouro Vida. Com a entrada desses recursos, a Diretoria incrementou todos os programas que estavam em andamento e implantou o Programa de “Assistência Financeira” às AABB. A partir daí, quando muitos pensavam que o sistema AABB tinha se acabado, nasceu uma nova FENABB, cujo período ficou marcado como “A GRANDE VIRADA”. Neste ano, o presidente do Banco do Brasil convocou oito funcionários, dentre os quais o presidente da FENABB, para fazer parte de um grupo encarregado de elaborar projetos para colaborar com o Betinho e o Dom Mauro Morelli na campanha de combate à fome e à miséria, hoje denominado de COEP. Dentre os trabalhos apresentados, foi novamente lançado o Programa de Integração AABB-Comunidade, para ser desenvolvido junto com a Fundação Banco do Brasil. Centenas de Comitês da Cidadania foram criados nas AABB e distribuídos livros de receitas sobre o uso da multimistura na alimentação e orientações sobre o cultivo em hortas comunitárias.

Neste ano foi editado o disco “Ary Barroso – 90 anos”, com uma tiragem de 8.000 LP’s e 7.000 CD’s, que recebeu elogios de grandes jornais e revistas. Foram realizadas 203 “Competições Citadinas”, 37 JEMABs e 12 JESABs e prestou assistência financeira a 123 AABB. Neste ano, mesmo sem a parceria com o Ministério da Saúde, foi realizada a corrida “Largue o Cigarro Correndo”, da qual participaram 23.918 corredores, quais foram entregues camisetas e diplomas. Aos vencedores foram entregues medalhas.

1994-1995 Durante os dois períodos anuais, a FENABB comprometeu-se com a realização de, pelo menos, 410 eventos concedendo, para o Programa, bolas, redes, troféus, medalhas, raquetes e outros. Somente no ano de 1994, foram disputadas 2502 partidas de futebol de salão, 3135 de futebol sete, 2019 partidas de vôlei, 162 de basquete, 890 partidas de tênis de mesa e 148 de tênis de campo, além de 59 partidas de xadrez, 531 de sinuca e 1925 de outras modalidades. No ano de 1995, foram patrocinados 198 eventos, bancados por 160 AABB. De 1992 até 1996, a Diretoria da FENABB, que é composta por um presidente e quatro vice-presidentes, atuou com apenas o presidente e um Vice-presidente. A Diretoria tentou, junto ao Banco, a recomposição do seu quadro mas não logrou êxito, tendo em vista as restrições impostas pelo Decreto nº 99.509 de 05.09.90. Em 1994 foi elaborado o treinamento para dirigentes de AABB, cujo objetivo é dotá-los de conhecimentos básicos que lhes permitam uma visão sistêmica do clube. Em parceria com o Ministério da Saúde, foi realizado o programa “Largue O Cigarro Correndo”, que movimentou cerca de 60.000 pessoas de várias categorias, masculino e feminino, inclusive deficientes físicos. A Federação recebeu correspondência do Ministério da Saúde, parabenizando-os pelo sucesso alcançado. Em 1995, foi contratado serviço de consultoria para elaboração do Planejamento Estratégico da Federação. Vários grupos de trabalho foram montados, com a participação de presidentes de CESABB e AABB para discussão do Sistema AABB. Foram enviados 27.004 itens de materiais esportivos e das 15.119 competições realizadas participaram 181.813 atletas. Foram também realizadas 207 “Competições Citadinas”, 51 JEMABs e 15 JESABs e assistência financeira a 207 AABB. Na reunião do Conselho Consultivo da Federação, composto pelos presidentes de CESABB de todo o País, foi entregue ao presidente do Banco do Brasil, Alcir Augustinho Calliari, o Ante-Projeto de Parceria AABB-Banco, que consiste nas ações empreendidas pelas filiadas para proporcionar incremento nas atividades negociais do Banco. Todas as ações e programas da FENABB, de alguma forma, eram voltados para a parceria com o Banco, sua integração e melhoria de sua imagem e de seus funcionários junto às comunidades. Informada de que o Banco venderia as suas unidades no Edifício CONIC, localizadas no 3º e 4º andares, a Diretoria adquiriu, da empresa ENCOL, 6 salas no edifício América Office Tower, no centro de Brasília, hoje incorporadas ao patrimônio da Federação. Neste período foi criado o curso para dirigentes de AABB. Reconhecendo as AABB como “entidades capazes de otimizar o ambiente negocial do Banco, a FENABB foi inserida na Estratégia Macrofunção Pessoal do Banco. Em busca de melhores alternativas, participamos ativamente de reuniões com órgãos da Direção Geral do Banco, o que valeu o respeito e o apoio incondicional de muitos Diretores”.

1995 Iniciadas as tratativas com a Fundação Banco do Brasil para retorno do “Programa de Integração AABB-Comunidade”. Contratado serviço de Consultoria para elaboração do Planejamento Estratégico da Federação. Foram realizadas 198 “Competições Citadinas”, 40 JEMABs, 10 JESABs e 193 assistências financeiras às AABB. Desde o seu início, em 1993, até 1995 foram atendidas 523 AABB, num total de R\$ 2.878.565,80. Foram enviados 21.749 itens de materiais esportivos e realizadas 13.076 competições, das quais participaram 181.578 atletas. Neste período foram realizadas inúmeras reuniões e formação de grupos de trabalho para discussão do sistema FENABB/CESAB/AABB. Firmou Convênio de Cooperação Mútua com a AJUFE – Associação dos Juizes Federais do Brasil; ANAMATRA – Associação Nacional dos Magistrados da Justiça do Trabalho; ANPR – Associação Nacional dos Procuradores da República e ANPT – Associação Nacional dos Procuradores do Trabalho, para associação com as AABB. Participou de todas as reuniões sobre o fórum “Repensando o Banco do Brasil”.

1996 Tendo em vista as eleições para o período 1996 / 1999, a Diretoria conseguiu, do Banco, a liberação dos Diretores eleitos, baseada em lei e com o consentimento do Tribunal de Contas da União. Em junho, toda a Diretoria eleita foi empossada. Em janeiro,

foi assinado o convênio com a Fundação Banco do Brasil para nova implantação do Programa de Integração AABB-Comunidade.

1996 Este ano também foi marcado por uma mudança estrutural por parte da FENABB. A Federação passou a se assumir como uma instituição com visão estratégica e empresarial, focada nos negócios. O projeto da nova FENABB redundou na definição de duas diretrizes básicas para o negócio: a) a manutenção estreita e estrita das relações com o Banco do Brasil, conjugando interesses recíprocos e construindo parcerias, e o entendimento das AABB como células facilitadoras de negócios, divulgadoras, sempre que legalmente possível, de produtos do Banco; e b) prosseguir na busca da integração efetiva das Filiadas com a comunidade, facilitando os canais de relacionamento do Banco com a clientela. Àquele momento, a Federação congregava quase 1400 clubes, representando aproximadamente 220 mil associados diretos, com um mercado próprio potencial, consumidor de 800 mil a um milhão de pessoas, entre dependentes e familiares. Para otimizar as operações, agora também negociais, a FENABB estabeleceu parcerias com o empresariado em inúmeras áreas: clube de férias, setor automotivo (venda direta e consórcios), setor creditício (leasing e financiamento de automóveis), seguridade, serviços (edificações esportiva, grama sintética, revestimento de piscinas, cobertura inflável de instalações esportivas), eletrodomésticos e material esportivo. Para criar sinergia entre as áreas, foi instituída a área de comunicação e desenvolvimento, responsável pela integração da FENABB com os órgãos correlacionados e pela formatação da nova identidade visual e comunicacional da Federação, inclusive pela inauguração da nova sede, em Brasília. Novas funções passaram a ser desempenhadas pela Federação. Foram realizadas JEMABs, 13 JESABs, 2 JERABs e 350 AABB receberam auxílio financeiro. O "Programa de Integração AABB-Comunidade", reimplantado em Janeiro, já contava com mais 12 AABB.

1997 Neste ano foi lançado o programa Atleta FENABB no qual atletas de diversas regiões, antes assistidos pelo programa "Promoção Nacional", registrados nas federações esportivas, em nome das AABB, passaram a receber patrocínio para treinar e competir, visando alcançar os primeiros lugares em nível nacional e internacional. O objetivo do Programa era promover o desenvolvimento das AABB e do esporte em geral, através do apoio a atividades esportivas e ao aperfeiçoamento técnico de atletas individuais ou de equipe, contribuindo para a difusão da imagem do Banco do Brasil e do Sistema AABB. Os prêmios em dinheiro que os atletas viessem a conseguir seriam utilizados como reinvestimento no Programa, de modo a beneficiar novos atletas. Foram realizadas também, no mesmo período, 158 Competições Citadinas, onde Minas Gerais e Paraná tiveram o maior número (28 e 17, respectivamente), 50 JEMABs, 13 JESABs, 3 JERABs e 216 assistências financeiras às AABB. 48 AABB implantaram o "Programa de Integração AABB-Comunidade". Comemorando os 20 anos de atividades, a FENABB realizou duas programações culturais: o Concurso Literário –Castro Alves – O Poeta da Liberdade, e a edição do CD triplo VivaNoel.

1998-1999 Para comemorar seus 21 anos de existência, a FENABB realizou em Brasília-DF, a JENAB ESPECIAL/1998. Participaram 26 AABB. As modalidades disputadas foram futebol de salão, futebol mini campo, sinuca, vôlei feminino, tênis de mesa masculino e tênis de mesa feminino. Ainda no primeiro período, foram patrocinadas Competições Citadinas em 135 associações,

com a concessão de R\$ 423.777,36, atendendo à quase totalidade dos estados da federação, tendo o Acre recebido a maior quantia isolada. No período de 1999, houve o patrocínio de Competições Citadinas em 104 associações, com a concessão de R\$ 279.325,96. O estado de Minas Gerais foi o maior beneficiário, recebendo o equivalente a 14,8% do total investido. Em 1998 foram realizadas 65 JEMABs, 20 JESABs, 4 JERABs e 1 JENAB, além de 222 assistências financeiras às AABB e 74 AABB do Programa de Integração AABB-Comunidade. Em 1999 foram realizadas 75 JEMABs, 21 JESABs, 178 assistências financeiras às AABB e 66 AABB implantaram o Programa de Integração AABB-Comunidade.. Firmado convênio com a AIEC – Associação Internacional de Educação Continuada – Universidade Virtual, curso de graduação, pós-graduação e módulos à distância, na área de Administração de Empresas e outras áreas, em convênio com entidades educacionais parceiras. Realizado o CINFAABB – Campeonato de Integração dos Funcionários Aposentados do Banco do Brasil, agora com o patrocínio parcial da FENABB.

2000 Neste ano foi assinado o Convênio de Cooperação Mútua entre o Banco do Brasil e a FENABB. Esse convênio representa o reconhecimento do Banco pelo trabalho que é desenvolvido pelo Sistema AABB. Foram realizadas 108 "Competições Citadinas", 67 JEMABs, 23 JESABs; 03 JERABs, 01 JENAB, 138 assistências financeiras às AABB e 121 AABB implantaram o Programa de Integração AABB-Comunidade.

2001 A FENABB promove o curso "O Conselheiro Regional no Sistema AABB", assinando convênio com a Rede Tropical de Hotéis, para proporcionar descontos especiais nas diárias dos hotéis da rede a todos os associados de AABB. A FENABB enviou ao Banco a proposta de alteração dos seus Estatutos. Firmou Convênio de Cooperação Mútua com a Fundação Ruben Berta, mantenedora da VARIG, para que seus funcionários possam associar-se às AABB. A tentativa de fazer da FENABB uma instituição com visão estratégica e empresarial, focada dos negócios não trouxe resultados, implicando na desativação da Diretoria de Assuntos Negociais-DIRAN. Os assuntos negociais passaram a ser conduzidos pela Vice-Presidência Financeira.

2002 A FENABB completou 25 anos. A data foi comemorada no dia 12 de outubro, na AABB-Brasília, com uma grande festa. A FENABB lançou neste ano o programa "Jogos entre Funcionários do Banco do Brasil". Foram realizados 59 eventos com o público estimado de 21.000 participantes, com um investimento de R\$ 209.450,00. Também foram realizadas 185 "Competições Citadinas", 63 JEMABs, 23 JESABs, 4 JERABs e 1 JENAB. A área de Comunicação lançou a nova página da Federação na Internet, com informações sobre todo o Sistema AABB. Providenciou a confecção de brindes como: camisetas, bonés, pastas, canetas, para distribuição às AABB em eventos específicos. Também produziu material de divulgação como cartazes, faixas, banners e toda a programação visual que divulga a marca da FENAAB e do Seguro Ouro Vida. Ao longo do ano foram distribuídos 915.000 exemplares do jornal "FENABB Notícias", informativo bimestral dirigido a todos os sócios das AABB; 13.500 exemplares do "Jornal do Educador", informativo voltado para os educadores do "Programa de Integração AABB-Comunidade" e 37.600 exemplares do jornal "O Dirigente AABB". A FENABB Sócio-Educativa é a área responsável pela implantação e manutenção de programas de treinamento para o Sistema AABB. Foram realizados os seguintes investimentos:

Treinamento FENAAB: R\$ 44.361,39; Treinamento do Sistema AABB: R\$ 225.859,21, com um total de 249 dirigentes treinados: Curso Tendências e Cenários na Administração Moderna, com 26 dirigentes treinados; Graduação a Distância em Administração Geral, com 22 turmas e um total de 658 alunos. Participações no III Encontro de Mulheres e no XIII Congresso Brasileiro de Clubes. A área financeira destinou o montante de R\$ 3.570.959,51 a 228 AABB. No campo sócio-cultural, a FENABB mantém o patrocínio em cinco atividades: o Evento Super, a FENABB cultural, o Coral, as Jornadas Culturais e a premiação para o Mérito AABB.

Situação Atual Neste ano de 2003, as 1.247 associações AABB contam com cerca de 250.000 associados, resultando em torno de 1 milhão de pessoas participantes nestas entidades, considerando-se os dependentes (cônjuges, filhos, etc). No seu todo, a rede de clubes contava neste ano com 6907 funcionários próprios e 3660 terceirizados, totalizando 10.269 empregos diretos. Trata-se, em resumo, da maior rede de clubes recreativos e esportivos do mundo reunidos em uma única organização. E, neste contexto, integração, lazer e qualidade de vida continuam sendo os propósitos perseguidos pela FENABB através dos programas esportivos, sócio-culturais e sócio-educacionais oferecidos para as AABB e seus associados. Seus objetivos atuais consistem em buscar a integração entre os associados das AABB e seus dependentes; ampliar a participação da comunidade e de sócios nos eventos da AABB; promover a imagem do Sistema AABB junto a seus vários públicos, associados, funcionários do Banco, meio desportivo, cultural, educativo e público em geral; contribuir para a auto-sustentação das AABB e estimular a realização de atividades nas dependências das AABB. Assim, a programação de atividades está sendo norteadas segundo quatro princípios:

Integração – A utilização dos programas deve facilitar a integração e a participação dos funcionários do Banco do Brasil, das agências do Banco e das AABB e de todos os integrantes do Sistema AABB.

Auto-Sustentação – Cada programa tem uma finalidade específica. Alguns, quando bem executados, favorecem a auto-sustentação do próprio programa, outros promovem a auto-sustentação da AABB e outros ainda do Sistema AABB. Tudo depende de como a atividade vai ser montada e executada ao longo do tempo. Todas as atividades da FENABB trazem resultados para o clube.

Continuidade – A proposta da FENABB é que a relação entre as AABB e parceiros/patrocinadores se prolongue para além da data dos eventos: por exemplo, quando a AABB realiza uma competição dentro de suas instalações e traz os participantes para conhecer o clube. Dar continuidade a este trabalho é fazer com que esse grupo continue a freqüentar o clube, seja como sócios ou por meio de outros eventos.

Parceria – A FENABB propõe que as atividades sejam realizadas de forma que todos obtenham resultados positivos com a parceria, concretizando bons relacionamentos.

Fontes Solange Rech, História da FENABB, Brasília, Athalaia Gráfica e Editora Ltda, Edição FENABB-Federação das AABB, 2000; Material institucional da FENABB – Programação Anual 2003; Arnold Souza Aguiar, ex-presidente e atual assessor da presidência da FENABB; Fernando Antônio Jayme Guimarães, ex-presidente e atual Vice-Presidente da FENABB; e Heloísa Nogueira (Atlas do Esporte no Brasil -RJ).

Número de associações recreativas e esportivas AABB por estado, 2003

Number of AABBSport and recreation clubs per state, 2003

(n = 1247)



Clubes AABBSport por regiões

AABBSport clubs per regions

Centro-Oeste	11,18%
Nordeste	25,82%
Norte	6,28%
Sudeste	29,85%
Sul	26,87%

FENABB – Instalações esportivas da rede de clubes, 2002

FENABB – Total of sport facilities in clubs, 2002

Camping – área total: 626.008 m²; capacidade: 6.109 barracas
 Salão de jogos: 606
 Sauna: 474
 Sala de ginástica: 119; sala de musculação: 121
 Alojamento: 320; capacidade: 929 pessoas
 Biblioteca: 315; computadores: 760
 Piscinas – infantil: 999; adultos: 806
 Piscinas – semi-olímpica: 225; olímpica: 6
 Piscina com vestiário: 625; c/ arquibancadas: 29
 Quadra peteca: 175; quadra de bocha: 232
 Quadra poli-esportiva: 788; cobertas: 122; c/ arquibancadas: 281
 Pista boliche: 31
 Ginásio de esportes: 133; capacidade total: 150.466 pessoas
 Quadra tênis: 279; c/ arquibancada: 43
 Quadra de areia: 319
 Campo futebol society: 875, c/ arquibancada: 139
 Campo de futebol (dimensões oficiais): 407; c/ arquibancadas: 28
 Playground: 725
 Salas de aula: 937

FENABB – Ações e projetos dos programas anuais, 1991 – 2002

FENABB – Programs: actions and projects per year, 1991 – 2002

Programas	Eventos / Events											
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Assistência Financeira	-	-	123	207	193	350	216	222	178	138	152	228
Competições Citadinas	128	156	203	207	198	206	158	135	104	108	151	185
JEMAB	07	29	37	51	40	50	50	65	75	67	56	63
JESAB	11	12	12	15	10	13	13	20	21	23	23	24
JERAB	-	-	-	-	-	2	3	4	5	3	4	4
JENAB	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	1
Corrida Largue o Cigarro	43	42	23	58	-	-	-	-	-	-	-	-
Correndo – 1.000 participantes	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
AABB-Comunidade	5	5	5	5	4	12	48	74	66	121	54	39
Eventos Sócio-Culturais	25	19	18	19	32	31	21	10	13	1	-	-
Promoção Nacional	-	10	6	16	13	31	7	6	11	3	9	5
Disco Cultural	1	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-
Exposição Permanente Fotografias	-	-	-	-	-	-	7	7	-	-	-	-
Exposição Carybé	-	-	-	-	-	-	-	34	16	-	-	3
CINFAABB	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1	1
Evento Super	-	-	-	-	-	-	-	-	-	43	50	89
Jogos entre Funcionários	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	59
Atleta Fenabb	-	-	-	-	-	-	11	15	14	6	5	3
Chalés	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	1	1
AIEC – Universidade Virtual	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-
Fenabb Cultural	-	-	-	-	-	-	-	6	28	30	4	18
Promoção de Campanhas	-	-	-	-	-	-	-	3	3	3	-	-
Projeto Coral	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13	11	34
Exposições Itinerantes	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10	-

Fontes / sources: Relatórios anuais da FENABB

Associações AABB que constituíram a FENABB em sua fundação, 1977
Participating AABBB clubs in FENABB foundation, 1977

Aracajú -SE	Pelotas-RS	Juiz de Fora-MG
Belém-PA	Porto Alegre-RS	Londrina-PR
Belo Horizonte-MG	São Luís-MA	Maceió-AL
Blumenau-SC	São Paulo-SP	Manaus-AM
Brasília-DF	Vitória-ES	Natal-RN
Campinas-SP	Santo André / São Caetano do Sul-SP	Santos-SP
Campo Grande-MT	Florianópolis-SC	São Bernardo do Campo-SP
Caxias do Sul-RS	Fortaleza-CE	Recife-PE
Cuiabá-MT	Goiânia-GO	Ribeirão Preto-SP
Curitiba-PR	João Pessoa-PB	Rio de Janeiro-RJ
Niterói-RJ	Joinville-SC	Salvador-BA

Beneficiários do Programa Atleta FENABB

Sponsored participants of the FENABB Athletes Program

Cidade/Estado <i>City / state</i>	Modalidade <i>Sport</i>	Atleta/Equipe <i>Athlete / team</i>
Fortaleza-CE	Triatlon	Maxilene Holanda Batista
Brasília-DF	Natação	Tatiana M. dos Santos
Brasília-DF	Kung-Fu	Paula Amidani S. Azevedo
São Luís-MA	Natação	Ana Zélia Jansen Gomes
Recife-PE	Natação	Diego M. Soares de Menezes
Recife-PE	Natação	Rafael Martins Reis
Rio de Janeiro-RJ	TaeKwonDo	Manoela Pontual Gonçalves
Currais Novos-RN	Atletismo	Franciéllo de Souza Medeiros
Currais Novos-RN	Atletismo	Teresa Cristina da Silva Pires
Passo Fundo-RS	Tênis de campo	Marcos Diniz Daniel
Joinville-SC	Tênis de mesa	Danielle Faust Cruz
Meleiros-SC	Atletismo	Claudinei Ribeiro
Marília-SP	Tênis de mesa	Thiago Carvalho Takayama
São José do Rio Preto-SP	Tênis de campo	Thiago Hernandes Alves

Eventos esportivos da FENABB – definições

FENABB sport events – definitions

Jornadas Esportivas Promoção de atividades esportivas com ênfase nos princípios da confraternização entre os associados das AABB e seus dependentes. É a concretização do espírito olímpico e do congraçamento dos participantes. Tem como objetivo estimular a integração entre as AABB, elevar o nível motivacional e melhorar a qualidade de vida dos associados além de estimular a prática desportiva recreativa, favorecendo o surgimento de novos valores no cenário esportivo. A atividade é desenvolvida em quatro fases: a Jornada Esportiva Microrregional-JEMAB, a Jornada Esportiva Estadual-JESAB, a Jornada Esportiva Regional-JERAB e a Jornada Esportiva Nacional-JENAB. As despesas dos eventos são rateadas entre as AABB participantes e a FENABB.

JEMAB Representam a primeira fase da Jornada Esportiva entre as AABB. Nesta etapa, participam as AABB de uma mesma microrregião geográfica, que competem entre si, disputando a classificação para a etapa seguinte, a JESAB.

ESABJ Representa a fase estadual da jornada, da qual participam as AABB campeãs de cada microrregião (JEMAB), em todas as modalidades oficiais. Nesta etapa, todo o Estado é representado.

JERAB E JENAB Na JERAB participam as campeãs das jornadas estaduais (JESAB) e na JENAB as vencedoras das etapas regionais (JERAB), representando as AABB em âmbito nacional. Estas fases, por necessitarem de uma maior estrutura

e envolverem gastos com deslocamentos aéreos, terrestres e hospedagem, apresentam maiores custos, razão pela qual, a FENAAB e o Conselho Consultivo decidiram que sua realização ocorreria de dois em dois anos. As últimas JERAB e JENAB foram realizadas em 2001 e 2002, com valor total aproximado de R\$ 1.500.000,00, destacando-se que todas as despesas foram custeadas pela FENAAB. As AABB realizam o maior conjunto de eventos esportivos amador do Brasil, com público estimado de 150.000 participantes ligados ao Sistema Banco do Brasil.

Jogos entre funcionários do BB Promoção de competições esportivas entre funcionários do Banco do Brasil da ativa, aposentados e seus dependentes. Seus objetivos são: contribuir para a elevação do nível motivacional do funcionalismo do Banco, promover a integração entre os funcionários e seus dependentes, estimular a prática de atividades desportivas, buscar maior interação entre funcionários, aposentados e seus dependentes com o Sistema AABB e estimular a frequência e a associação dos funcionários e seus dependentes às AABB. A organização dos torneios é determinada pelas AABB e pelo Conselho Regional solicitante. A FENABB destina recursos no limite máximo de R\$3.000,00 para a realização do evento destinado a atividades esportivas, socioculturais e confraternização, e conta com a complementação de verba por parte das AABB e parceiros eventuais.

Competições Citadinas Promoção de jogos em diversas modalidades, envolvendo AABB, Banco do Brasil e vários

segmentos da comunidade. Tem como focos principais contribuir para os negócios do Banco e aumentar a base de sócios. O público-alvo destas atividades são clientes ou potenciais clientes e associados da comunidade onde está localizada a AABB local. O patrocínio é compartilhado pela FENABB, que se responsabiliza com a organização, divulgação e material esportivo, as AABB, participam das despesas não cobertas pela Federação e Terceiros, desde que não sejam concorrentes do Banco do Brasil ou da FENABB.

Campeonato de Integração dos Funcionários Aposentados do Banco do Brasil- CINFAABB Promoção de evento sócio-cultural e esportivo entre aposentados do Banco do Brasil e vinculados a PREVI (entidade de previdência privada dos funcionários do Banco do Brasil). Visa propiciar a integração, estimular a prática de atividades esportivas e culturais e melhorar a qualidade de vida entre seus participantes. Os patrocínios são divididos entre FENABB, a AABB sede e os participantes. A primeira auxilia no transporte interno e na alimentação, bem como na organização da competição, inclusive Coordenação Técnica. A AABB cuida das instalações, infra-estrutura, segurança, gandulas, coordenadores de modalidade, comissões (alimentação, recepção, transporte, hospedagem, etc) pessoal de apoio (limpeza, massagista, etc). Os participantes custeiam o seu transporte, hospedagem e alimentação. O evento é realizado uma vez por ano, no mês de abril.

Ações sócio-culturais da FENABB

FENAAB social and educational promotions

Programa de Integração AABB-Comunidade Promoção na qual crianças e adolescentes participam de ações complementares à escola. Tem como objetivos contribuir para a inclusão, não repetência e permanência na escola, de crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social; envolver as unidades familiares em propósitos e ações que visem ao desenvolvimento integral das crianças e adolescentes; promover a imagem do Sistema Banco do Brasil; demonstrar a viabilidade da adoção, pelo poder público, de projeto complementar de combate à evasão e repetência escolar, como

política social e, por fim, envolver os vários segmentos da comunidade com a sustentabilidade do Programa. O público-alvo corresponde a crianças e adolescentes de risco pessoal e social, pertencentes a famílias de baixa renda, na faixa etária de 7 a 18 anos incompletos, de ambos os sexos, matriculados em escolas da rede pública, que abandonaram a escola, ou que ainda nela não se integraram. As atividades se realizam durante o período letivo, no mínimo três vezes por semana, quatro horas diárias. O Programa foi implantado em mais de 300 AABB em que participam mais de 52.000 crianças.

Treinamento de Administradores do Sistema AABB A FENABB realiza ações de treinamento em sala de aula e à distância com vistas à profissionalização de administradores do Sistema AABB.

Ensino à Distância São desenvolvidos cursos de graduação, pós-graduação e módulos a distância, na área de Administração de Empresas e outras áreas, em convênio com entidades educacionais parceiras. O público-alvo deste programa inclui associados e funcionários das AABB e do Banco do Brasil, além do público em geral.

Ministério do Esporte

AGNELO QUEIROZ

Ministro do Esporte - Organização e supervisão do capítulo / *Minister of Sport*

Ministry of Sport

The Ministério do Esporte-ME (Ministry of Sport) was established in Brazil in 1995, but it only became an independent Ministry in 2003, when it left the control of other federal government agencies and ministries. At its very beginning, the most prominent federal agency that dealt with the sports area belonged at different hierarchical levels within the structure of the Ministry of Education through the years since 1937. These federal agencies that preceded the ME were in charge of the federal legislation in the sports area and promoted sports projects located in municipalities

Definições O Ministério do Esporte – denominação do atual do órgão político administrativo federal gestor das políticas públicas de esporte e de lazer – foi criado através da Medida Provisória nº 103, de primeiro de janeiro de 2003, e estruturado formalmente pelo Decreto 4.668, de 9 de abril de 2003. O governo federal definiu como missão do Ministério do Esporte-ME a promoção do “acesso ao esporte e ao lazer, formulando e operacionalizando políticas públicas sintonizadas com a perspectiva do desenvolvimento nacional e humano”. Ou seja, sua tarefa é proporcionar o acesso de todos a atividades esportivas e de lazer, como parte do compromisso do governo de reduzir – quando não eliminar – o quadro de injustiças, exclusão e vulnerabilidade social que aflige boa parte da população brasileira. Tendo como referência o princípio de que o Esporte é direito social garantido constitucionalmente e pelo dever do Estado de regulamentar e de promover o esporte, com prioridade para suas manifestações educacionais, o Governo Federal entendeu ser correto tratar estes setores e suas políticas como “questão de Estado”. Já em 2003, foi dado início à implantação de uma Política Nacional de Esporte, com mudança de conceito e foco na inclusão social. Milhões de pessoas são atendidas por programas sócio-esportivos. Estão sendo definidas novas fontes de financiamento em todos os níveis de esporte. O Brasil tem colhido bons resultados em competições internacionais. E o país tem avançado na organização do futebol.

Origens “E além do rio andavam muitos deles, dançando e folgando, uns diante os outros, sem se tomarem pelas mãos”. Este é um dos trechos em que Pero Vaz de Caminha, em sua carta ao rei D. Manuel, relata o comportamento dos índios encontrados aqui pelos portugueses, em 1.500. Ele fala de lutas, danças e brincadeiras dos primeiros habitantes do Brasil. O jogo de bola dos índios parecis, a corrida de tora e outras formas de esporte praticadas ainda hoje por várias etnias indígenas por certo antecedem ao Descobrimento. Cada uma dessas atividades com seu significado próprio na cultura dos que a praticam milenarmente. E passaram a conviver com outras práticas, introduzidas pelos europeus, em forma de danças, ritmos, jogos e lutas. Outras vieram com os escravos trazidos da África. E tantas mais nasceram aqui, como frutos dessa mistura e da necessidade de se criar formas de convivência ou de sobrevivência. A capoeira é um exemplo. É uma dança/luta que nasceu nas senzalas, sob a batida melódica do berimbau, um instrumento musical brasileiro. E gerou um esporte, hoje difundido mundo afora. No mundo inteiro, a trajetória do esporte se confunde com a história das sociedades – e não seria diferente no Brasil. Com maior ou menor interferência do sistema de poder vigente. Na Inglaterra, por exemplo, um tipo de jogo de bola que é tido como antecessor do futebol ficou proibido por quase 400 anos (de 1314 a 1681). Mas nunca deixou de ser jogado. Aqui, em muitos momentos, jogos e lutas esportivas também foram proibidos, mas não deixaram de existir. De todo modo, a história do esporte nos tempos modernos se confunde, em grande parte, com a presença do Estado brasileiro nessas questões. Pode ser constatada na própria evolução da organização social e política do País. Em especial, aquela construída já a partir da segunda década do século passado, quando o Brasil deixava o modelo agrário de então e se organizava no molde da industrialização capitalista. Essa mudança foi responsável maior pelo processo de urbanização vivido pela sociedade brasileira ao longo do século XX. Se tínhamos no início daquele século 9,40% de nossa população vivendo em cidades, já em meados de 1940 éramos 31,24%, chegando a expressivos 81,23% na sua última década. Desde meados do século XIX, porém, a elite brasileira tinha nas

and states, besides some international initiatives. After 2003, the ME has been encouraging access to sport and to leisure, formulating and putting into practice public policies related to the perspective of national and human development as part of the government plan to reduce and eliminate, when possible, injustice, exclusion and the social vulnerability that affects part of the Brazilian population. In this sense, this chapter presents the intervention programs of the ME in the Four-Year Plan (see Tables below), especially detailing the period 2004 – 2007, which was

‘atividades físicas’, nos moldes europeus, um valioso instrumento para a execução do seu projeto de eugeniação (aperfeiçoamento da raça humana) e higienização (melhoria das condições de higiene e saúde) da sociedade brasileira. Antes até, por influência dos Jesuítas já haviam sido introduzidos alguns jogos de largo uso na Europa. Mas, é do século XIX um dos principais determinantes da relação paradigmática da educação física com a ‘aptidão física’, que durou mais de um século.

As cidades, por sua vez, passaram a exigir dos governantes a construção de políticas públicas que respondessem aos enormes desafios dos cada vez maiores aglomerados urbanos. A recreação dos operários das fábricas e do restante da população incorporava essas práticas esportivas e corporais, inclusive como parte de uma estratégia para melhorar a produtividade.

Já na virada do século XIX para o XX, com a abolição da escravatura e com a chegada do futebol ao Brasil (1894), os esportes já haviam fugido dos recintos fechados. O negro liberto, mas sem terras nem empregos, buscava trabalho e ocupação do tempo nas cidades. Teve contato com o futebol como serviço nos clubes. Modalidade de poucas regras e barata de se praticar, o futebol caiu no gosto popular. Habitado às danças, às lutas e longas andanças, o negro impôs seu gingado e criou uma nova forma de jogar o futebol. Ainda que meio às escondidas e sem participar de competições oficiais, nos primeiros anos, o negro difundiu amplamente o futebol entre nós. Mantinha-se, porém, a idéia do esporte como gerador de saúde, reconhecida quase que exclusivamente em sua dimensão bio-fisiológica. Entretanto, foi só no período do Estado Novo (1937-1945) que o governo brasileiro passou a interferir mais diretamente no esporte. A Constituição de 1937 já definia a capacitação física dos trabalhadores como finalidade do esporte. Mas, havia também o interesse político, de relacionar o esporte com o espírito cívico-patriótico, em especial no reforço à aliança capital-trabalho que norteava o governo do então presidente Getúlio Vargas. E, em 1941, o Decreto-lei 3.199 se propunha a disciplinar, na expressão usada, o esporte. Foi ali que nasceu o Conselho Nacional dos Desportos-CND, que era para ser regulador, mas que, na prática, acabou como gestor da atividade esportiva no Brasil. Essa intervenção governamental sobreviveu ao fim do Estado Novo e a outras mudanças políticas. Durou 34 anos.

Quando essa legislação foi alterada, pela Lei 6.251 de 1975, durante o regime militar, foram mantidas basicamente as mesmas diretrizes e princípios orientadores do documento de 1941. Foi criada a Política Nacional de Educação Física e Esporte, mantendo a ‘aptidão física’ como base conceitual para as políticas públicas desse setor. Assim, Educação Física e Esporte continuaram confundidos com educação do físico, educação do corpo, do seu rendimento físico-esportivo. Portanto, simulacros da ordem da produtividade, eficiência e eficácia inerente ao modelo de sociedade no qual a brasileira encontrava identificação. Mais do que nunca, nesse período o esporte passou a ser usado como instrumento de poder, de clientelismo, de benefício pessoal, características que ainda sobrevivem em certa escala. Já o referencial histórico-social possibilitou a superação desse entendimento por um outro onde o preceito de saúde tem um significado mais amplo, de qualidade social de vida, do esporte como prática social e expressão da nossa cultura. Essa é uma visão secular, mas que ganhou força a partir de 1980, primeiro nos meios acadêmicos, depois entre gestores do esporte e do lazer e, hoje, pode-se dizer que é amplamente difundida no Brasil. A legislação criada na década de 1970, por sua vez, foi substituída por outra,

formulated during the current Federal Government. This chapter also includes a summary of the directions to be followed by the very first public policy for sports in the country as a whole. This national policy was established after a survey done on a consulting basis, which included 83,000 people in 873 municipalities, 26 states and the Federal District. Therefore, not only the whole society was represented in this system of participation but also the sports and leisure sectors, which confirmed that the main focus of the ME to be put into practice is social inclusion.

com a promulgação da Constituição brasileira de 05 de outubro de 1988, que recebeu o apelido de ‘Constituição Cidadã’. Com a nova Carta, o esporte passou a ser tratado como “direito de cada um” e deu-se autonomia às entidades e associações esportivas. Era o rompimento da tutela do Estado sobre o esporte brasileiro.

Surge, então, um novo conjunto de leis, constituído pela ‘Lei Zico’ (Lei 8672/93 e Decreto 981/93), alterada pela ‘Lei Pelé’ (Lei 9615/98 e Decreto 2574/98), que propõem princípios e diretrizes para a organização e funcionamento das entidades esportivas. Essas leis promoveram mudanças, principalmente nas questões do futebol. Entretanto, alvo de pressões de setores envolvidos, a Lei Pelé foi alterada pela Lei 9981/00, conhecida como Lei Maguito Vilela. Em vários momentos, o Congresso Nacional colocou em pauta o debate sobre o esporte. Um deles foi ainda em 1983, quando a Comissão de Esporte e Turismo da Câmara Federal realizou um ciclo de debates denominado ‘Panorama do Esporte Brasileiro’. Outro, nos de 2000, 2001 e 2002, por parte da Comissão de Educação, Cultura e Desporto. Raramente, porém, a sociedade foi convocada a debater. Também nesse período, duas Comissões Parlamentares de Inquérito, uma no Senado (CPI do Futebol) e outra na Câmara (CPI CBF/NIKE), deram trato a assuntos pertinentes ao esporte, em particular ao Futebol. Trouxeram conclusões indicativas de graves problemas na estrutura esportiva nacional, encaminhando esses resultados ao Ministério Público e à Justiça. Na esfera do Executivo, algumas iniciativas foram tomadas no sentido da formulação de propostas mais abrangentes para o esporte. A principal delas foi, sem dúvida, a criação da Câmara Setorial do Esporte que, em agosto de 2001, apresentou uma proposta de política nacional de esporte.

Ainda no âmbito Legislativo, leis importantes foram aprovadas, a saber: Lei 10.264/01 (Lei Agnelo/Piva), que destina 2% das loterias federais aos comitês Olímpico e Paraolímpico; Lei 3826/00, um projeto de autoria do deputado federal Agnelo Queiroz (PC do B/DF), que institui a Bolsa-Atleta, uma ajuda financeira para que atletas carentes possam treinar; Lei 10.671/03 (Estatuto do Torcedor), que dá ao torcedor a condição de consumidor e estabelece regras para o procedimento dos clubes, donos de estádios, dirigentes e dos próprios torcedores; e a Lei 10.672/03 (Moralização dos Clubes), que fixa regras de transparência aos clubes e dirigentes. Encontra-se, ainda, em tramitação na Câmara dos Deputados o projeto de lei 4.874/01 (Estatuto do Desporto), proposto no relatório final da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que investigou o contrato de patrocínio firmado entre a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e a empresa Nike. Este projeto tem por objetivo concentrar em um único diploma legal todo o ordenamento jurídico esportivo. Uma súmula dos atos legais relacionados com o esporte em âmbito federal segue na Tabela 1, apresentando a situação atual de cada um deles a partir de 1939.

No concernente às origens do Ministério de Esporte, o marco histórico da criação do CND em 1941 - resultado do trabalho da Comissão Nacional de Desportos, instituída pelo Decreto n. 1.056 de 17 de abril de 1939 - reveste-se de importância em face a que deu início à institucionalização do esporte no Brasil, de acordo com João Lyra Filho. O CND, embora não possa ser caracterizado como uma estrutura político-administrativa propriamente dita – fiscalizava, orientava e incentivava a prática desportiva, porém não executava qualquer política -, administrou o esporte no Brasil até a criação do Departamento de Desportos vinculado ao Ministério da Educação e Cultura-MEC, em 1970. É senso-comum na literatura

especializada que, até a constitucionalização do esporte em 1988, a partir da promulgação da Constituição Federal em 5 de outubro deste ano, pouca coisa mudou no setor esportivo nacional. Mesmo tendo surgido novas estruturas político administrativas para gerir o esporte a partir de 1970, somente após 5 anos de promulgada a nova Constituição que uma lei infra-constitucional é formulada para normatizar o esporte no Brasil, elaborada e aprovada na Câmara Federal, rompendo com mais de cinquenta anos de domínio exclusivo do Poder Executivo no setor. Porém, é apenas no governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva que o esporte adquire importância suficiente para merecer uma estrutura político-administrativa específica. O Ministério do Esporte-ME é criado pela primeira Medida Provisória do Governo Lula, em primeiro de janeiro de 2003. A estrutura organizacional do ME é definida quatro meses depois e passa a contar, além da estrutura de gabinete do ministro, quatro secretarias: uma responsável pelas atividades meios do ME – a Secretaria Executiva -, e três responsáveis pelas atividades fim do ME – a Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer - SNDEL; a Secretaria Nacional de Esporte Educacional – SNEED; e, por fim, a Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento – SNEAR. A Tabela 2 resume a evolução dos principais órgãos federais de esporte, listando seus dirigentes e períodos no exercício na função. Em adição a este inventário, expõem-se em ordem cronológica os principais fatos de memória relacionados com este dirigentes, com a Tabela 3 finalmente listando os presidentes do Conselho Nacional de Desportos e órgão equivalentes que lhe sucederam.

1937 A história institucional da Educação Física no plano federal do Brasil teve início neste ano, quando por intermédio da lei nº 378, de 23/01/37, foi criada a Divisão de Educação Física do Ministério da Saúde e da Educação–DEF/MSE, que teve como diretores, respectivamente: João Leite, Cornélio Caio Mario de Noronha Miranda, Alfredo Colombo, Antônio Pires de Castro Filho, Cornélio Genival de Freitas e Artur Orlando da Costa Ferreira.

1970 Com a inclusão da Educação Física e do Desporto, por intermédio do decreto N 66.967 de 27/07/70, a divisão foi transformada em Departamento de Educação Física e Desporto do Ministério da Educação e Cultura–DED/MEC, que teve como diretores: Eric Tinoco Marques e Osny Vasconcellos.

1978 Na seqüência, por decreto nº 81.454, de 17/03/78, veio a transformação do Departamento de Educação Física e Desporto–DED em secretarias de Educação Física e Desporto do Ministério de Educação e Cultura–SEED /MEC, que permaneceu atuando até 1989, e teve como secretário: Péricles de Souza Cavalcanti – 15/03/79 a 15/02/85 – (ministro Eduardo Mattos Portela, ministro Rubens Carlos Ludwig e ministra Ésther de Figueiredo Ferras), Bruno Luiz Ribeiro da Silveira – 18/03/85 a 15/02/87 – (ministro Marcos Antonio da Oliveira Maciel), Manoel Jose Gomes Tubino – 16/02/87 a 08/04/87 – Julio Cezar – 09/04/87 a 21/12/87 (ministro Jorge Konder Bornhausen), Alfredo Alberto Leal Nunes 06/01/88 a 21/02/89 (ministro Hugo Napoleão do Rego Neto) e por último Manoel Jose Gomes Tubino - março de 1989 a dezembro de 1989 – acumulado com a presidência do Conselho Nacional de Desporto (ministro Carlos Correia de Menezes Sant’Anna).

1990 Com a entrada do presidente Fernando Collor de Melo, por intermédio do decreto nº 99.187, de 17/03/90, a SEED/MEC é extinta e dá lugar a Secretaria de Desportos da Presidência da República–SEDES/PR, cujo primeiro secretário foi o ex-atleta Arthur Antunes Coimbra (Zico) – março de 1990 a abril de 1991 - que após pedido de exoneração foi substituído em 1991 por outro ex-atleta Bernard Rajzman – abril de 1991 a outubro de 1992;

1992 Em outubro, como o *impeachment* do presidente Fernando Collor de Melo, a Secretaria de Desporto–SEDES perde o vínculo com a Presidência da República e retorna ao Ministério da Educação (Murilo Hingel), sendo nomeado como Secretário, Marcio Baroukel de Souza Braga - novembro de 1992 a agosto de 1994 - que foi substituído pelo Marco André da Costa Berenguer – agosto de 1994 a janeiro de 1995.

1995 Com a entrada do presidente Fernando Henrique Cardoso, pela Medida Provisória número 813, de 01/01/1995, foi criado o cargo de Ministro de Estado Extraordinário dos Esportes, sendo nomeado o ex-atleta Edson Arantes do Nascimento (Pelé), cabendo à Secretaria de Desporto do Ministério da Educação e do Desporto SEDES/MEC (ministro Paulo Renato de Souza), ainda sob a chefia

de Marcos André da Costa Berenguer, prestar o apoio técnico e administrativo necessário ao seu desempenho.

1995 A SEDES /MEC, por intermédio da medida Provisória nº 962, de 30 /03/95, é transformada em Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto–INDESP, que é desvinculado do MEC e passa a ser subordinado ao Ministro de Estado Extraordinário dos Esportes, tendo como primeiro presidente Joaquim Ignácio Cardoso Filho – janeiro de 1995 a dezembro de 1997, Ruthênio de Aguiar (interino) – dezembro de 1997 a abril de 1998 e Luiz Filipe Cavalcante de Albuquerque – abril de 1998 a junho de 1999.

1998 O ministro Edson Arantes do Nascimento (Pelé) sai do Governo e o INDESP volta a ter vinculação com o Ministério da Educação e do Desporto–MEC (ministro Paulo Renato de Souza).

1999 Com a reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso foi criado o Ministério do Esporte e Turismo e o INDESP passa a fazer parte de sua estrutura, tendo como ministro o deputado federal Rafael Grecca e como presidente do INDESP, o professor Manoel Jose Gomes Tubino – junho de 1999 a outubro de 1999, que após a sua exoneração foi sucedido por Augusto Carlos Garcia de Viveiros outubro de 1999 a outubro de 2000. Com a saída do ministro Rafael Grecca, foi nomeado para o seu lugar, pelo decreto de 05/05/2000, o deputado federal Carlos Carmo Andrade Melles.

2000 O INDESP é extinto em seu lugar é criada a Secretaria Nacional de Esporte, na estrutura do Ministério do Esporte e Turismo (ministro Carlos Carmo Andrade Melles), cujo primeiro secretário foi José Otavio Germano - nomeado em dezembro de 2000. Este se exonerou em 12 fevereiro de 2001, ato contínuo foi nomeado Secretário, o esportista Lars Schmidt Graef (fevereiro de 2001 a janeiro de 2003).

2002 O ministro Carlos Carmo Andrade Melles pede exoneração do cargo e, em abril de 2002, Luiz de Carvalho foi nomeado pelo decreto de 02/04/2002, para substituí-lo, tendo permanecido até o fim do governo, em 31 de dezembro deste ano.

2003 Com o presidente José Inácio Lula da Silva, o Ministério do Esporte e Turismo foi transformado em Ministério do Esporte, tendo nomeado para o cargo de ministro o deputado federal Agnelo Santos Queiroz Filho e pelo decreto de 13/01/2003, como secretário nacional de esporte, Orlando Silva de Jesus Junior.

2003 Em 09/04/2003, o decreto número 4.668 institui a Estrutura Regimental e o quadro de Cargo e Funções do Ministério do Esporte, que passa a contar com três secretarias fim, a saber: a Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Esporte e de Lazer, para a qual foi nomeado, em 12/05 /2003 Lino Castellani Filho; a Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento, para a qual foi nomeada em 22/05/2003 a ex-atleta Maria Paula Gonçalves da Silva, a Magic Paula; e a Secretaria Nacional de Esporte Educacional, para a qual foi designado Orlando Silva de Jesus Júnior, que havia sido nomeado em 13/06/3003, como Secretário Nacional de Esporte e teve sua nomeação apostilada em 06/06/2003. Em 24/10/2003, a Secretária Nacional de Esporte de Alto Rendimento, Maria Paula Gonçalves da Silva, pediu a demissão do cargo que ocupava e foi substituída, interinamente, na mesma data por André Almeida da Cunha Arantes, diretor de Esporte de Base e de Alto Rendimento, da Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento. Em 19/11/2003, Orlando Silva de Jesus Junior, que havia sido nomeado em 13/01/2003, como Secretário Nacional de Esporte e teve sua nomeação apostilada em 06/06/2003, como Secretário Nacional de Esporte Educacional, foi nomeado secretário-executivo do Ministério do Esporte, sendo conseqüentemente exonerado do cargo que exercia anteriormente. Em 28/11/2003, Ricardo Leyser Gonçalves, foi nomeado secretário nacional de Esporte Educacional, em Substituição a Orlando Silva de Jesus Junior. Em 2/12/2003, André Almeida da Cunha Arantes, foi efetivado como secretário nacional de Esporte de Alto Rendimento do Ministério do Esporte.

Situação atual O relato da atualidade do Ministério do Esporte é ora exposto por seus programas e ações, segundo o enfoque das políticas públicas de esporte. A partir do ano de 1996, as políticas públicas no Governo Federal passaram a ser traduzidas em programas. Segundo o art. 3 do Projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias de 2003 (PLDO – 2003), entende-se por programa o instrumento de organização da atuação governamental visando à concretização dos objetivos pretendidos, sendo mensurado por

indicadores estabelecidos no Plano Plurianual-PPA. A definição de “programa” é introduzida a partir do projeto de lei para o orçamento federal de 2000. A definição de programa está intimamente ligada à identificação e à solução de problemas ou ao atendimento de uma necessidade ou demanda da sociedade. Portanto, programa “é o instrumento de organização da atuação governamental. Articula um conjunto de ações que concorrem para um objetivo comum pré-estabelecido, mensurado por indicadores divulgados no plano plurianual, visando a solução de um problema ou ao atendimento de uma necessidade ou demanda da sociedade (MPOG, SOF, Manual Técnico de Orçamento, 1992, p.14).” Um programa pode ser classificado em três tipos: 1. programas finalísticos, “são aqueles que resultam em bens e serviços ofertados diretamente à sociedade”; 2. programas de gestão de políticas públicas, “abrange as ações de gestão de governo e serão compostos de atividades de planejamento, orçamento, controle interno, sistemas de informação e diagnóstico de suporte à formulação, coordenação, supervisão, avaliação e divulgação de políticas públicas”; 3. programas de serviço de Estado, “são os que resultam em bens e serviços ofertados diretamente ao Estado, por meio de instituições criadas para esse fim específico (idem, p. 14-5).” Um programa pode conter ações que envolvem diferentes áreas de atuação do governo, envolvendo diversos ministérios, sendo que aquela predominante é que definirá em que função o programa será classificado. As ações dos programas governamentais também são categorizadas em três tipos: projetos, atividades e operações especiais. Um projeto é “um instrumento de programação para alcançar o objetivo de um programa, envolvendo um conjunto de operações, limitadas no tempo, das quais resulta um produto que concorre para a expansão ou aperfeiçoamento da ação do governo (Portaria n. 42/99 do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão).” Uma atividade “é um instrumento de programação para se alcançar o objetivo de um programa, envolvendo um conjunto de operações que se realizam de modo contínuo e permanente, das quais resulta um produto necessário à manutenção da ação do governo (idem).” Operações Especiais “são ações que não contribuem para a manutenção das ações de governo, das quais não resulta um produto e não geram contraprestação direta sob forma de bens e serviços” (MPOG, SOF, Manual Técnico de Orçamento, 1992, p.16).

O PPA 1996 – 1999 foi desenvolvido pelo INDESP conforme mostra a Tabela 4. Como destaque citam-se as ações previstas no Programa Desporto Amador deste estágio que visavam ao fomento do esporte social, com ampla repercussão social e educacional, sendo dotadas de mecanismos eficazes para o incentivo e desenvolvimento do esporte nas comunidades que contemplam sobretudo as crianças e adolescentes carentes, além dos portadores de deficiência física e atletas em geral.

No PPA 2000 – 2003, destacam-se os programas Esporte Solidário, Esporte na Escola e Brasil Potência Esportiva (Tabela 5). O Programa Esporte Solidário objetivava diminuir a situação de exclusão de idosos acima de 60 anos e de jovens e adolescentes carentes na faixa etária de 7 a 17 anos pela intensificação da prática desportiva. Entre suas principais ações podem ser citadas: 1. Apoio a projetos esportivos sociais para a infância e adolescência, com finalidade de garantir apoio à disponibilização de espaços físicos destinados a ações esportivas e sociais voltadas a socialização de crianças e adolescentes; 2. Promoção de eventos esportivos de identidade cultural e criação nacional, com por finalidade de resgatar práticas esportivas de tradição histórica, fazendo com que sejam cultuadas e cultivadas como formas vivas, e proporcionar condições básicas para que cada indivíduo e cada comunidade possam ativar seu imaginário lúdico com criatividade e liberdade; 3. Funcionamento de núcleos de esporte em comunidades carentes, com finalidade de possibilitar o desenvolvimento de atividades físico-desportivas, integradas com reforço escolar para crianças e adolescentes e de educação para a saúde, arte e meio-ambiente, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida e difusão da informação e conhecimento da prática esportiva; o Programa Brasil Potência Esportiva foi criado para melhorar o desempenho do atleta de rendimento brasileiro em competições nacionais e internacionais e promover a imagem do País no exterior.No PPA 2004 – 2007, pormenorizado na Tabela 6, podem ser destacados quatro programas: Esporte e Lazer da Cidade, Segundo Tempo, Rumo ao Pan, Inserção Social pela Produção de Material Esportivo e Gestão das Políticas de Esporte e de Lazer. Entretanto, o plano de ação do Ministério do Esporte abarca um conjunto de medidas que estão provocando uma verdadeira revolução neste setor. A começar pela

realização da 1ª Conferência Nacional do Esporte, cuja fase final ocorreu de 17 a 20 de junho de 2004, em Brasília. Em verdade, já foi dado início à implantação de uma Política Nacional de Esporte, com mudança de conceito e foco na inclusão social. Milhões de pessoas são atendidas por programas sócio-esportivos. Estão sendo definidas novas fontes de financiamento em todos os níveis de esporte. Há uma política permanente para o alto rendimento. E há avanços na organização do futebol. Na área do Esporte Social as ações são as que se seguem por programa.

Segundo Tempo Já no início do segundo semestre de 2004 foi atingida a meta de um milhão de crianças atendidas por este programa, que é elogiado por organismos internacionais e atrai parceiros entre empresários, ONGs e o sistema “S” (SESI, SENAI, SESC e SENAC). Ao criar um turno a mais na escola, com reforço alimentar, reforço escolar e material esportivo, sem novos investimentos em infra-estrutura, o programa viabiliza o ensino integral a um custo de R\$ 25,00 por criança/mês. Ao alcançar esta meta, o “Segundo Tempo” se transformou no maior programa social-esportivo do mundo. As metas estabelecidas para o programa Segundo Tempo para o ano de 2004 são atingir: 1 milhão de crianças e adolescentes atendidos; 2.300 professores em processo de capacitação (especialização); 3.500 estagiários em processo de capacitação (extensão); 3.500 bolsas estagiário/monitor distribuídas no país; mais de 600 municípios beneficiados; 26 Unidades da Federação e Distrito Federal beneficiados.

Pintando a Liberdade O programa, que produz material esportivo nas prisões para distribuição à rede pública de ensino, está consolidado, com 62 unidades em produção. Em 2004, em parceria com a Petrobrás, serão criadas 30 novas fábricas em comunidades carentes, gerando 9 mil empregos e duplicando a produção de material. Com o Programa Primeiro Emprego, serão criadas até junho-2004 dez novas unidades, empregando 500 jovens, em caráter piloto.

Esporte e Lazer da Cidade É um programa que busca garantir o acesso de toda a população a atividades esportivas e de lazer, numa ação junto aos municípios. Com o Ministério da Saúde, será utilizada a estrutura do SUS e do Programa Saúde da Família para incentivar a prática esportiva e de lazer. As metas do programa Esporte e Lazer da Cidade, propostas para o ano de 2004, é a de mobilizar 715 mil pessoas em 572 núcleos de Esporte e Lazer, gerando 3.813 postos de trabalho e atingindo a marca de 58 milhões de atendimentos.

Conferência Nacional do Esporte

Carta de Brasília (ver abaixo).

Ouvidoria Em janeiro de 2004, foi implantada a Ouvidoria do Ministério do Esporte.

Fóruns estaduais São mantidas reuniões periódicas do Fórum de Secretários Estaduais de Esporte, que funciona como órgão consultivo do Ministério.

Conselho Nacional de Esportes Revitalizado, este conselho passa a ter papel importante como órgão consultivo nas decisões do Ministério.

Diagnóstico Começou a ser realizado, com o IBGE, o primeiro Diagnóstico do Esporte no Brasil desde 1971.

Jogos nacionais Cinco importantes eventos esportivos nacionais já têm suas datas marcadas: da Juventude, Escolares, Universitários, Indígenas e dos Esportes de Aventura

Nova Loteria A “Timemania” é uma nova loteria destinada a alocar recursos para o futebol brasileiro. Significará, desde logo, o saneamento financeiro dos clubes. Com os recursos auferidos os clubes poderão fazer algo que, de outro modo, é visível que nunca conseguirão: quitar suas dívidas com a Previdência e com a Receita Federal. Serão 80 clubes beneficiados (dois de cada unidade da federação, mais os de melhor desempenho nas diversas regiões). O projeto da “Timemania” foi elaborado sob a coordenação técnica da Caixa Econômica Federal.

Conanda O Fundo Nacional da Criança e do Adolescente passará a ser importante fonte para o Esporte. Os empresários serão atraídos para esse mecanismo, destinando contribuições para entidades (ONGs, clubes, federações etc).

Bolsa-Atleta Esta bolsa significará um enorme avanço para o esporte de rendimento no Brasil. O atleta carente, e que não disponha de patrocínio, receberá um valor mensal (entre 340 e 2.400 reais) para poder se dedicar ao esporte de maneira digna e eficaz. O Ministério do Esporte tem previsão orçamentária para atender ao programa já em 2005, e promoverá o acompanhamento mensal do rendimento de cada atleta beneficiado, estabelecendo assim uma avaliação periódica.

Emenda do Orçamento para 2004

R\$ 10 milhões.

Olimpíadas de Atenas Os recursos previstos em lei, mais aqueles que, com o empenho do governo, foram obtidos com patrocinadores, garantem um alto nível técnico aos atletas brasileiros que participam das Olimpíadas, em agosto de 2004. O mesmo ocorre com os que participam da Para-Olimpíada. Dia 13 de junho de 2004, chegou ao Brasil (Rio de Janeiro) a Tocha Olímpica, num grande evento.

Pan 2007 Estão em andamento as obras de infra-estrutura para os Jogos Pan-americanos de 2007, no Rio de Janeiro. Os trabalhos são coordenados por uma comissão interministerial, que atua em conjunto com os governos do Estado e do Município e o Comitê Olímpico Brasileiro-COB. Uma das principais obras é a Vila Olímpica, que está sendo construída com financiamento da Caixa Econômica Federal-CEF. A vila conterà 25 edifícios, com 2.000 apartamentos, no bairro Barra da Tijuca, no Rio, e abrigará os 8.240 atletas do Pan-2007. Após os jogos, os apartamentos serão vendidos a particulares, sistema usado com sucesso nas olimpíadas de Barcelona, em 1992, e de Sydney, em 2000. A obra vai gerar 5.400 empregos diretos e 16.200 indiretos. Após o Pan, 7.200 pessoas continuarão empregadas no novo bairro.

Centros e Alto Rendimento Aproveitando estruturais já existentes, com poucos investimentos estão sendo implantados os Centros de Alto Rendimento de São Paulo-SP, Goiânia-GO e Manaus-AM, este já inaugurado. Eles serão referências regionais para os esportes olímpicos. Um quarto centro será criado no Nordeste.

Cooperação internacional África: em Moçambique e em Angola serão implantadas fábricas do Pintando a Liberdade. Em ambos, também, dar-se-á apoio técnico para implantação de programas nos moldes do Segundo Tempo. Negociações avançam também com São Tomé e Príncipe; Cuba: consolida-se em 2004 o acordo firmando com Cuba, que prevê apoio técnico cubano para o Alto Rendimento no Brasil, e do Brasil para o futebol cubano; Rússia, Canadá e China: também com esses países estão sendo implementados acordos similares do de Cuba; Uruguai e Paraguai: com tecnologia brasileira estão sendo implantadas fábricas de materiais esportivos nestes dois países.

Agenda legislativa Estatuto do Esporte: o ME está se empenhando em obter apoios no Congresso para assegurar a aprovação deste Estatuto, que será o marco regulador do setor de esportes no Brasil; Lei de Incentivo: com esta lei, pode-se dizer que a história do esporte brasileiro se divide em duas partes: antes e depois dela. É uma antiga reivindicação que unifica o mundo do esporte e terá apoio quase unânime no Congresso Nacional. Terá o mérito de atrair o setor privado para o financiamento da atividade esportiva. Na abertura da 1a. Conferência Nacional do Esporte, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva anunciou o envio ao Congresso de uma proposta de lei de incentivo. A Conferência apoiou a decisão por unanimidade, e fez constar esse apoiou no seu documento final, intitulado “Carta de Brasília”, transcrita adiante.

Futebol Segurança nos Estádios: está sendo criado o Conselho Nacional de Segurança nos Estádios. Uma campanha divulgará a idéia de que 2004 será o ano da Paz nos Estádios; A Força da Lei: O Ministério do Esporte está mobilizando a sociedade para a aplicação plena da lei. Os prazos fixados pelo Estatuto do Torcedor já venceram e, agora, a lei está em pleno vigor. A estratégia tem sido a de mobilizar os setores envolvidos para assegurar seu cumprimento; Código de Justiça Desportiva: uma comissão de juristas, criada pelo Ministério do Esporte, elaborou o novo Código, que entrou em vigor dia 1º de janeiro de 2004, como previa o Estatuto do Torcedor.

Conferência Nacional do Esporte A Conferência Nacional do Esporte foi criada pelo presidente Lula e regulamentada pelo ministro do Esporte, Agnelo Queiroz. É um evento inédito na história do Brasil. Nunca o esporte e o lazer foram temas de debate tão amplo, propiciando a elaboração de propostas que passaram a servir de referência para as políticas públicas do setor. O documento final do encontro resume seus resultados:

Carta de Brasília

Momento histórico

Este 20 de junho de 2004 já é parte importante da história do esporte e lazer brasileiros. Nós, participantes da 1ª Conferência Nacional do Esporte, com muita alegria em nossos corações, vemos que nossos sonhos começam a virar realidade. Estamos criando as condições para fazer do esporte e do lazer atividades essenciais na vida de todos os brasileiros e brasileiras. A própria realização da Conferência já é uma vitória. Jamais em nossa história tivemos, como temos agora, ampla participação da sociedade no processo de formulação das políticas públicas para o esporte e o lazer. É uma forte mobilização que se transforma num entendimento nacional pelo esporte e pelo lazer, num sentido amplo e democrático. Foram quatro dias de debates, deflagrados pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva em ato no belo Teatro Nacional de Brasília. Vínhamos com o respaldo de 83 mil pessoas que se mobilizaram em 873 municípios, 26 estados e Distrito Federal. Não representamos apenas o chamado segmento de esporte e lazer, mas toda sociedade. Aprovamos a política de esporte e lazer que vem sendo implantada, com foco na inclusão social. Estamos convictos de que é a política mais adequada para o nosso tempo. O tema “Esporte, Lazer e Desenvolvimento Humano” propiciou um debate amplo sobre todos os aspectos do esporte e lazer. E ficou claro: esta luta não tem donos. É de todos os brasileiros e brasileiras em favor de uma sociedade melhor. Desse intenso processo de debates, surgiu a vigorosa proposta de criarmos o Sistema Nacional do Esporte e Lazer, com eixos em políticas nacionais de gestão participativa e controle social, de recursos humanos e de financiamento. Será um sistema descentralizado e regionalizado. No campo do financiamento, pelo momento em que vivemos, desde logo destacamos nosso apoio à criação de uma Lei de Incentivo ao Esporte e o nosso desejo de rápida aprovação, pelo Senado Federal, da lei que cria a Bolsa-Atleta. Nos recursos humanos, sustentamos que todas as atividades esportivas e de lazer, quando orientadas, o sejam por trabalhadores qualificados. Isto, em caráter multiprofissional e multidisciplinar. No controle social, é unânime a tese de que a democracia participativa é que deve reger as ações também neste campo da vida em nosso país. As teses e propostas resultantes desta Conferência irão referenciar, a partir de agora, a Política Nacional de Esporte e Lazer. Brasília, 20 de junho de 2004

Fontes BRASIL. Legislação Desportiva. Brasília: MEC/SEED, s.d.; BRASIL/ME. Balanço Geral da União – ME. Brasília, ME, mimeo, 2003; BRASIL/ME. Mensagem Presidencial – esporte. Brasília, ME, mimeo., 2002; BRASIL/ME. Relatório de Gestão. Brasília, DF, 2003; BRASIL/MEC. Relatório de Gestão. Brasília, DF, 1994; BRASIL/MEC. Relatório de Gestão. Brasília, DF, 1995; BRASIL/MEC. Relatório de Gestão. Brasília, DF, 1996; BRASIL/MEC. Relatório de Gestão. Brasília, DF, 1997; BRASIL/MEC. Relatório de Gestão. Brasília, DF, 1998; BRASIL/MEC. Relatório de Gestão. Brasília, DF, 1999; BRASIL/MEC. Relatório de Gestão. Brasília, DF, 2000; BRASIL/MEC. Relatório de Gestão. Brasília, DF, 2001; BRASIL/MET. Relatório de Gestão. Brasília, DF, 2002; BRASIL/MPOG/SOF. Manual Técnico de Orçamento MTO – 2002, Brasília, 2001; LINHARES, Meily Assbú. A trajetória política do esporte no Brasil: interesses envolvidos, setores excluídos. Tese de Dissertação, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, 1996; MANHÃES, Eduardo Dias. Política de Esportes no Brasil. 2 ed., São Paulo, Paz e Terra, 2002; NOGUEIRA, Marco Aurélio. As possibilidades da política: idéias para a reforma democrática do Estado. Paz e Terra, São Paulo, 1998; RESENDE, Fernando e CUNHA, Armando. Contribuintes e Cidadãos: compreendendo o orçamento federal. Rio de janeiro, Editora FGV, 2002; TUBINO, Manoel. 500 anos de legislação esportiva brasileira. Rio de Janeiro, Shape, 2002. TUBINO, Manoel. O esporte no Brasil. Rio de Janeiro, Ibrasa, 1996; VERONEZ, Luiz Fernando C. As políticas de esporte no Brasil pós Constituição brasileira de 1988: quando o Estado joga a favor do privado. Mimeografado, 2003.

Tabela 1 / Table 1**Evolução da Legislação Esportiva Brasileira**
Brazilian sports laws at federal level – present conditions

Legislação	Ementa	Origem	Situação
01. DEC-1.056 de 19/01/1939	Institui a Comissão Nacional de Desportos	Executivo	Rev
02. DEC-3199 de 08/03/1941	Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país.	Executivo	Rev
03. DEC-3617 de 05/07/1941	Institui a confederação Brasileira de Desportos Universitários.	Executivo	
04. POR-254 de 01/10/1941	Instruções para organização dos estatutos das confederações e federações existentes no país	Executivo / MES	
05. DEC-9267 de 16/04/1942	Aprova o regimento do Conselho Nacional de Desportos	Executivo	Rev
06. DEC-4279 de 1942	Isenta entidades desportivas de impostos e taxas		
07. DEL-5342 de 25/03/1943	Dispõe sobre a competência do Conselho Nacional de Desportos e a disciplina das atividades desportivas, e dá outras providências.	Executivo	Rev
08. DEL-7332 de 20/02/1945	Dispõe sobre as subvenções federais a entidades desportivas.	Executivo	Rev
09. DEL-7674 de 25/07/1945	Dispõe sobre a administração das entidades desportivas	Executivo	Rev
10. DEL-8458 de 26/12/1945	Trata dos registros dos estatutos das sociedades esportivas.	Executivo	Rev
11. DCM-1452 de 11/10/1962	Institui grupo de trabalho para estudar legislação do desporto.	Executivo	Rev
12. DEC-53741 de 18/03/1964	Dispõe sobre Plano Diretor de Educação Física e dos Desportos	Executivo	Rev
13. Lei-006251 de 08/10/1975	Institui normas gerais sobre desportos, e dá outras providências.	Executivo	Rev
14. DEL-001924 de 20/01/1982	Destina ao Comitê Olímpico Brasileiro a renda líquida de um dos concursos de prognósticos esportivos nos anos em que não são realizados Jogos Olímpicos ou jogos Pan-Americanos.	Executivo	Rev
15. DEC-91452 de 19/07/1985	Institui comissão para realizar estudos sobre desporto nacional.	Executivo	Rev
16. RCN-000002 de 17/08/1988	Dispõe sobre a criação de Comissão Parlamentar Mista de Inquérito destinada a apurar as causas da crise no esporte, especialmente o futebol.	Legislativo	Exti
17. Lei-7752 de 14/04/1989	Dispõe sobre benefícios fiscais, na área do Imposto de Renda, concedidos ao desporto não-profissional, e dá outras providências.	Executivo	Rev
18. Lei-8672 de 06/06/1993	Institui normas gerais sobre desportos.	Legislativo	Rev
19. DEC-0981 de 11/11/1993	Regulamenta a Lei 8.672, de 06 de julho de 1993, que Institui Normas Gerais sobre Desportos.	Executivo	Rev
20. DEC-1437 de 04/04/1995	Aprova a estrutura regimental do Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto, e dá outras providências.	Executivo	Rev
21. Lei-9615 de 24/03/1998	Institui normas gerais sobre o desporto e dá outras providências.	Legislativo	Vige
22. DEC-2574 de 29/04/1998	Regulamenta a Lei 9.615, de 24 de março de 1998, que institui Normas gerais sobre o Desporto e dá outras providências.	Executivo	Vige
22. DEC-000000 de 21/12/1999	Institui grupo de trabalho para o estudo das fontes de recursos destinados ao desenvolvimento do desporto nacional, a que se refere a Lei 9.615, de 24 de março de 1998.	Executivo	Rev
23. Lei-9981 de 14/07/00	Altera dispositivos da Lei 9.615 de 24 de março de 1998, e dá outras providências.	Legislativo	Vige
24. Lei-10.264/01	Acrescenta inciso e parágrafos ao artigo 56 da Lei 9.615 de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre o desporto.	Legislativo	Vige
25. Dec-4.201 de 18/04/02	Dispõe sobre o Conselho Nacional do Esporte e dá outras providências.	Executivo	Vige
26. Lei-10.671 de 15/05/2003	Dispõe sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor e dá outras providências.	Legislativos	Vige
27. Lei-10.672 de 15/05/2003	Altera dispositivos da Lei n. 9.615, de 24/03/1998, e dá outras providências.	Legislativo	Vige
28. Lei -3826/00*	Institui bolsa atleta	Legislativo	Trar
29. Lei – 4.874/01*	Institui o Estatuto do Desporto	Legislativo	Trar

Fonte / source: Senado Federal

Tabela 2 / Table 2**Dirigentes dos órgãos federais do esporte***Federal bodies of sport – directors and governance periods*

Ano	Órgão	Ministério	Dirigentes	Pe
1941	DEF -Departamento de Educação Física	MES – Ministério da Educação e Saúde	Major João Barbosa Leite Cel. Cáo Mário de Noronha Miranda Prof. Alfredo Colombo Gal. Antônio Pires de Castro Filho Cel. Genival de Freitas Cel. Artur Orlando da C. Ferreira	Sem Inform Sem Inform Sem Inform Sem Inform Sem Inform Sem Inform
1970	DED – Departamento de Desportos e Educação Física	MEC – Ministério da Educação e Cultura	Cel. Eric Tinoco Marques Cel. Osny Vasconcellos	Sem Inform Sem Inform
1978	SEED –Secretaria de Educação Física e Desportos	MEC	Péricles de Souza Cavalcanti Bruno Luiz Ribeiro da Silveira Manoel José Gomes Tubino Júlio César Alfredo Alberto Leal Nunes Manoel José Gomes Tubino	03/1979 à (03/1985 à (02/1987 à (04/1987 à ' 01/1988 à (1989 à 12/
1990	SEDES – Secretaria de Desportos	Presidência da República	Arthur Antunes Coimbra (Zico) Bernard Rajzman	03/1990 à (04/1991 à '
1992	SEDES – Secretaria de Desportos	Ministério da Educação e do Desporto	Márcio Baroukel de Souza Braga Marcos André da Costa Berenger	11/1992 à (08/1994 à (Edson Arantes do Nascimento (Pelé)
1995		Ministro Extraordinário do Esporte		
1995	INDESP Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto	Ministro Extraordinário do Esporte	Joaquim Ignácio Cardoso Filho Asilófilo de Oliveira Filho Ruthênio de Aguiar Luiz Felipe Cavalcante de Albuquerque	01/1995 à (07/1995 à ' 12/1997 à (04/1998 à (-
1998	INDESP	Ministério da Educação e Desporto	-	-
1999	INDESP	Ministério do Esporte e do Turismo	Manoel José Gomês Tubino Augusto Carlos Garcia de Viveiros	06/1999 à ' 10/1999 à ' 12/2000 à (02/2001 à ' 01/2003
2000	Secretaria Nacional de Esporte	Ministério do Esporte e do Turismo	José Otávio Germano Lars Schmidt Grael Agnelo Queiroz	02/2001 à ' 01/2003
2003	Ministério do Esporte		Orlando Silva	02/2003 04
2003	Secretaria Nacional de Esporte	Ministério do Esporte	Lino Castellani Filho	04/2003 à .
2003	SNDEL – Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer	Ministério do Esporte		
	SNEAR – Secretaria Nacional do Esporte de Alto Rendimento		Maria Paula Gonçalves da Silva André Arantes	05/2003 à ' 10/2003 à..
	SNEED – Secretaria Nacional do Esporte Educacional		Orlando Silva Ricardo Laysen	04/2003 à ' 10/2003 à .

Fonte / source: Senado Federal**Tabela 3 / Table 3****Presidentes do Conselho Nacional de Desportos e órgãos equivalentes***Presidents of the National Sports Council (equivalent bodies included)*

Nome	Período
01. José Eduardo de Macedo Soares	21/08/1942 a 21/03/1944
02. João Lyra Filho	21/03/1944 a 21/08/1950
03. José Eduardo de Macedo Soares	21/08/1950 a 27/04/1951
04. Manoel do Nascimento Vargas Netto	27/09/1951 a 28/08/1954
05. Antônio Pires de Castro Filho	28/04/1955 a 21/03/1956
06. Fábio Carneiro de Mendonça	25/04/1955 a 21/03/1956
07. Geraldo Starling Soares	21/03/1956 a 06/04/1961
08. João Mendonça Falcão	06/04/1961 a 18/12/1963
09. André Broca Filho	22/04/1963 a 01/08/1963
10. Rogê Ferreira	01/08/1963 a 09/04/1964
11. Eloy Massey Oliveira Menezes	09/04/1964 a 28/01/1971
12. Jeronymo Baptista Bastos	28/01/1971 a 22/03/1979
13. Giulite Coutinho	23/03/1979 a 12/03/1980
14. César Montgna de Souza	13/03/1980 a 15/03/1985
15. Manoel José Gomes Tubino	15/05/1985 a 13/03/1988
16. Manoel José Gomes Tubino	05/05/1988 a 1990
17. Artur Coimbra (Zico) – CSD	03/1990 a 04/1991
18. Bernard Rajzman	04/1991 a 10/1992
19. Márcio Braga	11/1992 a 08/1994
20. Marcos Berenger	08/1994 a 01/1995
21. Joaquim Cardoso	01/1995 a 07/1995
22. Rafael Grecca – CNES	01/1999 a 04/2000
23. Carlos Melles	05/2000 a 03/2002
24. Caio de Carvalho	04/2002 a 12/2002
25. Agnelo Queiroz	A partir de 2003

Fonte / source: Senado Federal

Tabela 4 / Table 4**Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto - Plano Plurianual, 1996 – 1999***National Institute of Sport Development - Four-year Plan, 1996 - 1999*

Programa / Ações	Meta Física			
	1996	1997	1998	1999
I - Desporto Amador				
01. Construção e Equipamentos de Instalações Desportivas				
1.1. Infra-estrutura desportiva	40	40	40	40
02. Coordenação e Orientação das Políticas Governamentais				
03. Promoção do Desporto de Rendimento				
3.1. Realização de competições Nacionais e Internacionais	96	96	96	96
3.2. Publicações	48	48	48	48
3.3. Capacitação de atletas	48	48	48	48
04. Fomento do Desporto dos Estados e do DF	27	27	27	27
05. Mobilização da Sociedade pela Ação Desportiva				
5.1. Projetos desportivos educacionais – Esporte Educacional nas Escolas	1.160	1.160	1.160	1.160
5.2. Publicações técnico-científicas	160	160	160	160
5.3. Campanhas publicitárias	16	16	16	16
5.4. Eventos desportivos promovidos e apoiados	240	240	240	240
5.5. Comunidades assistidas – Esporte Solidário	940	940	940	940
5.6. Projetos Pessoas Portadoras de Deficiência – Esporte para Pessoas Portadoras de Deficiência	1.322	1.322	1.322	1.322
06. Desenvolvimento e Difusão Tecnológica e Científica do Desporto				
6.1. Apoio a estudos e projetos	48	48	48	48
6.2. Premiações a produções técnicas e científicas	4	4	4	4
6.3. Edição e distribuição material técnico e científico	288	288	288	288
6.4. Publicações técnicas de informações desportivas	160	160	160	160
6.5. Projetos com Universidades	20	20	20	20
6.6. Eventos científicos	120	120	120	120
6.7. Cooperação técnica	64	64	64	64
6.8. Pesquisas realizadas	60	60	60	60

Fonte / source: SOF

Tabela 5 / Table 5

Ministério do Esporte - Plano Plurianual, 2000 – 2003
 Ministry of Sport - Four-year Plan, 2000 - 2003

Programa / Ações	Índice	Meta Física		
		2000	2001	2002
Programa Esporte Solidário				
01. Apoio a projetos esportivos sociais para a infância e adolescência	Projeto apoiado	0,0	10	
02. Apoio a projetos preventivos de caráter social voltados ao esporte e à integração comunitária	Projeto apoiado	encerrado	encerrado	encerrado
03. Apoio ao esporte em comunidades carentes	Comunidade apoiada	0,0	0,0	
04. Atividades desportivas, socioculturais e de assistência à saúde para crianças carentes	Criança beneficiada	0,0	37.000	103.000
05. Capacitação de recursos humanos em esporte	Pessoa capacitada	1.496	8.160	10.000
06. Funcionamento de núcleos em esporte em comunidades carentes	Pessoa beneficiada	128.843	110.000	200.000
07. Implantação de infra-estrutura esportiva em assentamentos rurais	Infra-Estrutura implantada	0,0	3,0	
08. Implantação de infra-estrutura esportiva em comunidades carentes	Espaço esportivo implantado	Não apurado	1.711	Não apurado
09. Implantação de infra-estrutura esportiva em comunidades carentes para o portador de deficiência	Espaço esportivo para PPD implantado	0,0	0,0	
10. Implantação de núcleos de esporte em comunidades carentes	Núcleo implantado	615	0,0	
11. Modernização de infra-estrutura esportiva em comunidades carentes	Espaço esportivo modernizado	78	93	500
12. Promoção de eventos de esporte e de lazer em comunidades carentes	Evento realizado	6,0	39,0	50
13. Promoção de eventos esportivos de identidade cultural e criação nacional	Evento realizado	0,0	6,0	
Programa Brasil Potência Esportiva				
01. Avaliação de atletas de rendimento	Atleta avaliado	Não apurado	600	Não apurado
02. Capacitação de recursos humanos para o esporte de rendimento	Pessoa capacitada	50	390	
03. Capacitação de recursos humanos para o esporte de rendimento de pessoas portadoras de deficiência	Pessoa capacitada	390	370	1.000
04. Detecção de talentos esportivos	Atleta potencial identificado	0,0	100	100
05. Implantação de centros de excelência esportiva	Centro implantado	49	03	Não apurado
06. Modernização de centro científico e tecnológico	Centro de excelência modernizado	0,0	30	
07. Participação de delegação brasileira em competições nacionais e internacionais de rendimento	Delegação apoiada	205	40	
08. Participação de delegação brasileira em competições nacionais e internacionais de rendimento para PPDs	Delegação apoiada	24	10	
09. Promoção de eventos e intercâmbios científicos e tecnológicos no esporte	Evento realizado	0,0	17	
10. Promoção de eventos científicos de rendimento	Evento realizado	0,0	0,0	
11. Promoção de eventos esportivos de rendimento para PPDs	Evento realizado	17	9,0	
Programa Esporte Direito de Todos				
Extinto e substituído pelo Programa Esporte Solidário				
01. Capacitação de recursos humanos em esporte e lazer				
02. Modernização de centro científico e tecnológico para o esporte				
03. Promoção de eventos e intercâmbios científicos e tecnológicos no esporte				
04. Promoção de eventos esportivos de identidade cultural e criação nacional				
05. Modernização de infra-estrutura esportiva em comunidades carentes				
06. Concurso temático sobre o esporte				
07. Funcionamento de núcleos de esporte				
08. Implantação de núcleos de esporte				
09. Promoção de eventos de esporte e lazer				
10. Campanha na área do esporte				
Programa Gestão das Políticas de Esporte				
01. Implantação de metodologia de avaliação de programas				
02. Inventário da infra-estrutura esportiva nacional				
03. Estudos e pesquisas científicas e tecnológicas para o desenvolvimento do esporte				
04. Edição e distribuição de material técnico-didático do esporte				
Programa Reestruturação do Sistema Penitenciário				
01. Produção de material esportivo por detentos				
Programa Gestão da Participação em Organismos Internacionais				
01. Contribuição a Conferência dos Ministros responsáveis pelo desporto nos Países de Língua Portuguesa				
02. Contribuição ao Conselho Ibero-Americano do Desporto - CID				

Fonte / source: SOF/MPOG

Tabela 6 / Table 6

Ministério do Esporte - Plano Plurianual, 2004 – 2007
 Ministry of Sport - Four-year Plan, 2004 - 2007

Programa / Ações por Secretarias	Índice	Meta Fi	
		2004	2005
SECRETARIA NACIONAL DO DESENVOLVIMENTO DO ESPORTE E DO LAZER			
Programa Esporte e Lazer da Cidade			
01. Gestão e Administração do Programa			
02. Funcionamento de Centros de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e de Lazer – Rede CEDES	Centro mantido	3	3
03. Implantação de Centros de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e de Lazer – Rede CEDES	Centro implementado	2	2
04. Promoção de Eventos Científicos e Tecnológicos voltados ao Desenvolvimento de Políticas Sociais do Esporte Recreativo e de Lazer	Evento realizado	4	4
05. Funcionamento de Núcleos de Esporte Recreativo e de Lazer	Núcleo mantido	3	3
06. Modernização de Núcleos de Esporte Recreativo e de Lazer	Núcleo modernizado	41	41
07. Implantação de Núcleos de Esporte Recreativo e de Lazer	Núcleo implantado	48	48
08. Promoção de Eventos de Esporte Recreativo e de Lazer	Evento realizado	4	4
SECRETARIA NACIONAL DE ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO			
Programa Brasil no Esporte de Alto Rendimento			
01. Implantação de Centros Científicos e Tecnológicos para o Esporte	Centro implantado	2	2
02. Modernização de Centros Científicos e tecnológicos para o Esporte	Centro modernizado	4	4
03. Gestão e Administração do Programa			
04. Funcionamento de Núcleos de Categorias de Base do Esporte de Alto Rendimento	Atleta de base beneficiado	830	830
05. Captação e Promoção de Eventos Esportivos Internacionais de Alto Rendimento	Evento realizado	8	8
06. Promoção de Eventos Científicos e Tecnológicos para o Esporte de Alto Rendimento	Evento realizado	17	17
07. Funcionamento de Centros de Excelência Esportiva – Rede GENESP	Estudo/pesquisa publicada	4	4
08. Capacitação de Recursos Humanos para o Esporte de Alto Rendimento	Pessoa capacitada	1405	1405
09. Participação de Delegação Brasileira em Competições Internacionais de Alto Rendimento para Pessoas Portadoras de Deficiência	Atleta apoiado	42	42
10. Participação de Delegação Brasileira em Competições Internacionais de Alto Rendimento	Atleta apoiado	140	140
11. Promoção de Eventos Esportivos Nacionais de Alto Rendimento	Evento realizado	2	3
12. Promoção de Eventos Esportivos de Alto Rendimento para Pessoas Portadoras de Deficiência	Evento realizado	10	10
13. Publicidade e Utilidade Pública	Campanha realizada		
14. Avaliação de Atletas de Alto Rendimento	Atleta avaliado	1268	1268
15. Detecção de Talentos Esportivos	Atleta potencial beneficiado	12	12
Programa Rumo ao Pan			
01. Realização dos Jogos Pan-Americanos de 2007 no Rio de Janeiro	Evento realizado	2	2
02. Realização dos Jogos Para Pan-Americanos de 2007 no Rio de Janeiro	Evento realizado	2	2
02. Intercâmbio de Atletas de Alto Rendimento das Modalidades dos Jogos Pan-Americanos e Para Pan-Americanos em Centros de Excelência de renome Mundial	Atleta beneficiado	60	60
03. Implantação de Infra-Estrutura para a Realização dos Jogos Pan-Americanos de 2007 no Rio de Janeiro	Infra-Estrutura implantada	25	25
04. Publicidade e Utilidade Pública			
SECRETARIA NACIONAL DE ESPORTE EDUCACIONAL			
Programa Esportes de Criação Nacional e de Identidade Cultural			
01. Funcionamento de Núcleos de Esportes de Criação Nacional e de Identidade Cultural	Pessoa beneficiada	1066	1066
02. Fomento a Implantação de Centros de Memória do Esporte de Criação Nacional e de identidade cultural	Centro apoiado	1	1
03. Promoção de Eventos Esportivos de Identidade cultural e de Criação nacional	Evento realizado	1	1
Programa Segundo Tempo			
01. Gestão e Administração do Programa			
02. Participação de Delegação Brasileira em Competições Internacionais de Esporte Educacional	Atleta apoiado	100	100
03. Concessão de Prêmios sobre Esporte Educacional	Prêmio concedido	2	2
05. Promoção de Eventos de Esporte Educacional	Evento realizado	8	8
06. Funcionamento de Núcleos de Esporte Educacional	Aluno beneficiado	84.100	84.100
07. Implantação de Infra-Estrutura para o Desenvolvimento do Esporte Educacional	Instituição de ensino beneficiada	100	100
08. Publicidade e Utilidade Pública			
SECRETARIA EXECUTIVA			
Programa Gestão das Políticas de Esporte e Lazer			
01. Gestão e Administração do Programa			
02. Capacitação de Gestores de Esporte e de Lazer	Pessoa capacitada	21	21
03. Promoção da Cooperação e Intercâmbio Internacional	Convênio firmado	1	1
04. Avaliação das Políticas Públicas e de Programas de Esporte e de Lazer	Metodologia de aval. definida	5	5
05. Diagnóstico da Estrutura Nacional Esportiva e de Lazer	Diagnóstico realizado	1	1
06. Capacitação de Servidores Públicos federais em Processo de Qualificação e Re-qualificação	Servidor capacitado	140	140
07. Implantação do sistema Centro de Documentação e Informação do ME - CEDIME		25	25
Programa Apoio Administrativo			
01. Administração da Unidade			
02. Assistência Médica e Odontológica aos servidores, Empregados e seus Dependentes	Pessoa beneficiada		
03. Auxílio-Transporte aos servidores e Empregados	Servidor beneficiado		
04. Auxílio-Alimentação aos Servidores e Empregados	Servidor beneficiado		
Programa Inserção Social pela Produção de Material Esportivo			
01. Produção de Material Esportivo por Comunidades Carentes em Situação de Vulnerabilidade Social – Pintando a Cidadania	Material esportivo produzido	592.750	592.750
02. Produção de Material Esportivo por Detentos – Pintando a Liberdade	Material esportivo produzido	1.790.000	1.790.000
03. Produção de Material Esportivo por Menores em Conflito com a Lei – Pintando a Esperança	Material esportivo produzido	125.000	125.000

Fonte / source: Plano Pluri-Anual 2004 – 2007 / Projeto de Lei

O financiamento do esporte no Brasil

The funding of sports in Brazil

A maior parte das receitas do Orçamento Geral da União – OGU -, (aproximadamente 90%), são receitas vinculadas, isto é, não podem ser utilizadas para financiar despesas diferentes daquelas para as quais foram criadas. Por outro lado, há um crescimento contínuo de despesas obrigatórias. Esses dois fatores impedem uma flexibilidade que permita um aumento de recursos oriundos do OGU para o esporte. A origem dos recursos públicos e privados para financiar o esporte brasileiro, atualmente, está definida na Lei 9615 de 24 de março de 1998, mais conhecida como Lei Pelé. No artigo 56, esta lei determina que: “art. 56. os recursos necessários ao fomento das práticas desportivas formais e não-formais a que se refere o art. 217 da Constituição Federal serão assegurados em programas de trabalho específicos constantes dos orçamentos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, além dos provenientes de: I – fundos desportivos; II – receitas oriundas de concursos prognósticos; III – doações, patrocínios e legados; IV – prêmios de concursos prognósticos da Loteria Esportiva Federal não reclamados nos prazos regulamentares; V – incentivos fiscais previstos em lei; VI – dois por cento da arrecadação bruta dos concursos prognósticos e loterias federais e similares cuja realização estiver sujeita a autorização federal, deduzindo-se este valor do montante destinado aos prêmios; VI – outras fontes. § 1º Do total dos recursos financeiros resultantes do percentual de que trata o inciso VI do caput, oitenta e cinco por cento serão destinados ao Comitê Olímpico Brasileiro e quinze por cento ao Comitê Paraolímpico Brasileiro, devendo ser observado, em ambos os casos, o conjunto de normas aplicáveis à celebração de convênios pela União. § 2º Dos totais de recursos correspondentes aos percentuais referidos no § 1º, dez por cento deverão ser investidos em desporto escolar e cinco por cento, em desporto universitário. § 3º Os recursos a que se refere o inciso VI do caput.

Orçamento público federal para o esporte Os recursos utilizados para financiar os gastos governamentais, distribuídos entre grupos sociais diferenciados ou setores da sociedade civil, como no caso do esporte, são apropriados pelo Estado por intermédio de tributação. Estes recursos compõem o orçamento federal. Compreender o processo de elaboração do orçamento federal é fundamental para participar do debate sobre o financiamento do esporte no Brasil. O Orçamento Geral da União (OGU) é uma estimativa de receitas e despesas, cujos números se distribuem entre o Orçamento Fiscal, o da Seguridade Social e o do Investimento das Empresas Estatais (Resende, Fernando e Cunha, Armando, 2002, p.21). Embora constituído por valores expressivos (na ordem de aproximadamente um trilhão de reais para 2004), o OGU possui uma série de vinculações de receitas, isto é, “despesas específicas, de acordo com a legislação atual (idem)”. Estes autores chamam a atenção para o fato de que se por um lado “várias das vinculações asseguram recursos indispensáveis

a áreas indiscutivelmente importantes”, por outro lado, “é reduzido o espaço disponível no orçamento para fazer escolhas que eventualmente impliquem a redefinição de prioridades, quanto à alocação de receitas Idem, p. 27.” Os autores complementam: “Estas (as receitas) já estão, por assim dizer, ‘carimbadas’, restando ao Executivo e ao Legislativo escassa margem de manobra para alterar-lhes a destinação, a menos que introduzam mudanças nos correspondentes dispositivos legais, vários deles inscritos na própria Constituição Federal (idem, ibidem)”. Portanto, a fração do orçamento sobre a qual o Executivo e o Legislativo podem deliberar é muito pequena – segundo os autores aproximadamente apenas 10% do total. Deve-se levar em consideração também que as metas de superávit fiscal são calculadas sobre este percentual. Daí a dificuldade de aumentar os recursos para o esporte. Isso significaria criar outras fontes, ou seja, criar mais impostos ou re-alocar recursos de outras áreas. Para além dessas dificuldades, vale lembrar o fato de que o orçamento federal é baseado em perspectivas de receitas. Mudanças na economia alteram tais perspectivas, obrigando o governo a contingenciar recursos. Como decorrência disso há dificuldade de executar o orçamento, sendo que os recursos originalmente destinados a este ou aquele setor dificilmente são utilizados em toda a sua extensão.

Recursos Públicos e Privados para o Esporte: Fontes

Public and private funds for sport: sources

Origem	Público	Privado
01. Orçamento da União	X	
02. Orçamento dos Estados	X	
03. Orçamento dos Municípios	X	
04. Orçamento do Distrito Federal	X	
05. Fundos esportivos	X	X
06. Receitas de concursos prognósticos	X	
07. Doações, patrocínios, legados	X	X
08. Prêmios concursos prognósticos não reclamados	X	
09. Incentivos fiscais	X	
10. Arrecadação concursos Prognósticos / COB / CPB	X	
11. Outras fontes	X	X

Fonte: Lei 9615/1998 (Lei Pelé)

Conselho Federal de Educação Física – CONFEF

JORGE STEINHILBER

Federal Council of Physical Education – CONFEF

In the 1940s, right after the beginning of the first schools that offered B.A. in Physical Education (Teaching Certification Major) in Brazil, graduates from these schools located in the states of Rio de Janeiro, São Paulo and Rio Grande do Sul started together in order to create municipal and state associations of their new profession. The movement grew in number and in 1946 the Federação das Associações de Professores de Educação Física (Federation of the Associations of Physical Education Teachers) was created, which already demonstrated the intention to develop some kind of Order or of a Conselho Profissional de Professores de Educação Física (Professional Council of Physical Education Teachers). This objective was finally reached in 1998, when the

Definição O Conselho Federal de Educação Física – CONFEF – origina-se de legislação federal, aprovado pelo Congresso Nacional em 1998 (Lei nº 9696), resultado final da organização e do movimento associativo dos últimos 50 anos das Associações de Professores de Educação Física – APEF. Assim, o CONFEF se define como uma entidade civil baseada em princípios éticos, sem fins lucrativos, autônoma, administrativa e financeiramente, destinada a orientar, disciplinar e fiscalizar o exercício das atividades próprias dos profissionais de Educação Física. Neste particular, o novo Conselho acompanhou as demais entidades similares, resultantes da regulamentação profissional dentro da tradição jurídica brasileira. Veja-se, a respeito, no quadro deste capítulo, o texto legal que regulamenta a profissão do educador físico. Entretanto, colocando-se além daquela tradição, o CONFEF tem defendido como princípio explicitado em seu Código de Ética e corroborado posteriormente no encontro internacional que gerou a Agenda de Berlim de 1999, o papel de formador social da comunidade, na promoção de maior justiça social.

Origens Nos anos de 1940, logo após o surgimento das primeiras escolas de licenciatura em Educação Física no Brasil, iniciativas de professores egressos do Rio de Janeiro, de São Paulo e do Rio Grande do Sul direcionaram-se no sentido da criação das respectivas associações estaduais e municipais de classe. A mobilização ganhou corpo e, em 1946, se concretizou a fundação da Federação das APEF, isto é, das Associações de Professores de Educação Física, prenunciando já a intenção de criar a Ordem ou o Conselho Profissional de Professores de Educação Física. Nas décadas de 1940-1960, as APEF concentraram-se predominantemente no aperfeiçoamento profissional avançado de seus associados e da própria classe de professores de Educação Física por meio de cursos. A convivência com professores estrangeiros nestes eventos favoreceu a formação e o aperfeiçoamento de professores brasileiros em Educação Física e em diversas modalidades de esporte, cujas intervenções técnico-científicas passaram a se destacar no Brasil e no exterior, sobretudo em congressos internacionais, a partir dos anos de 1970.

1960 – 1978 Nos períodos entre 1960 e 1978 ocorreram vários encontros internacionais que posicionaram a importância da Educação Física no contexto da educação integral, entre eles se destacaram o Manifesto Mundial da Educação Física-FIEP, em 1960, a I Conferência Internacional de Ministros e Altos Funcionários Encarregados pela Educação Física e os Desportos -UNESCO/Paris/1976- e a Carta Internacional de Educação e do Esporte -UNESCO/1978. Os registros históricos revelam que a temática da regulamentação da profissão esteve sempre presente nos diversos fóruns da categoria. Nessa linha de orientação, destacou-se o III Encontro de Professores de Educação Física, no Rio de Janeiro, organizado pela Associação dos Professores de Educação Física da Guanabara (então denominação do estado do RJ), quando foi aprovada a proposta de criação dos Conselhos Regionais e Federal de Educação Física e destacada a preocupação com a ética profissional.

1980 – 1983 A partir da década de 1980, as atividades físicas se expandiram em todos os extratos da população brasileira, sobretudo em ambientes fora da escola. Multiplicaram-se academias de ginástica, clubes esportivos e outros locais de prática em todo o país. Cada vez mais, a atuação profissional na área não formal –

project was approved by the Brazilian Congress (both Senate and House of Representatives) and ratified by the President of Brazil. It then became Federal Law n.º 9696/98, ratifying the understanding that the professional Councils in Brazil are created and approved by law in the Brazilian Congress and have the mission of checking, orienting and disciplining legally, technically and ethically the exercise of their profession as well as defending society in their area of work. In the case of Conselho Federal de Educação Física (Federal Council of Physical Education – CONFEF), the regularization of the profession not only brings Physical Education to the same position other regularized professions occupy in Brazil but it also privileges it as one of the first to take on this role in the

isto é, não escolar – foi se ampliando juntamente com a diversificação da oferta de cursos de licenciatura em Educação Física. Durante o período de 1983, ocorreram vários encontros por todo o território nacional, com o propósito de discutir a regulamentação da profissão. Em particular, destacou-se a reunião entre os diretores de Escolas de Educação Física, realizada em Brasília-DF que gerou a discussão dos anteprojetos relativos à criação dos Conselhos Federal e Regionais de Educação Física.

1984 Este período abrigou vários eventos que marcaram o caminho para a regulamentação profissional. Entre estes, há de se destacar o Segundo Congresso Brasileiro de Esporte para Todos, que contou com a presença de lideranças e a participação de diversas Associações de Profissionais de Educação Física -APEF de todos os Estados brasileiros e gerou a Carta de Belo Horizonte. Nela, se destaca a urgência no debate sobre a elaboração de uma Ética Profissional de Educação Física tendo em vista a necessidade de regulamentar a prática da profissão, defender os interesses e direitos da categoria profissional e sensibilizar a comunidade. O documento, de produção coletiva, reforçou o suporte da ética como base da regulamentação profissional e a necessidade de um desenvolvimento da Educação Física brasileira apoiado em bases educacionais e em pesquisas científicas. Em Tramandai-RS, no mesmo ano, realizou-se o Primeiro Congresso Latino-Americano de Educação Física, Desporto e Recreação e o Xº Encontro Nacional de Professores de Educação Física, quando também foram deliberadas ações conclusivas referentes à regulamentação da profissão. Ainda neste ano, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul sediou o Primeiro Congresso Internacional de Ciências aplicadas à Educação Física e Esportes, promovido pela Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte. Como resultado do evento, foi encaminhado ao Congresso Nacional, em 12/11/1984, o primeiro projeto de regulamentação da profissão, lei nº 4.559 / 84 dispondo sobre o Conselho Federal e os Regionais dos profissionais de Educação Física, Desporto e Recreação.

1986-1987 Em julho de 1986, o projeto de lei foi aprovado na Câmara dos Deputados Federais e encaminhado ao Senado. Permaneceu, entretanto, engavetado até 1989 quando foram desenvolvidas articulações políticas específicas para aprová-lo no Senado Federal e encaminhá-lo à sanção presidencial. Com a Resolução 03/87 do então Conselho Federal de Educação, foram criados os cursos de bacharelado no país. Por esta inovação, o currículo mínimo de padrão nacional passou para um currículo de validade local, pressupondo um atendimento mais direto às demandas regionais.

1989 No final da década em foco, apesar do Senado Federal haver aprovado o projeto de lei de 1984, o Presidente da República vetou o documento na íntegra. Diversas manifestações eclodiram em prol da retomada da luta pela regulamentação da profissão, entre elas a Carta Brasileira de Esporte Educacional, emitida nos Jogos Escolares Brasileiros-JEB deste ano.

1994 O Oitavo Congresso Brasileiro da Federação Brasileira dos Profissionais de Educação Física-FBAPEF aprovou em sua Assembléia a retomada da luta pela regulamentação da Profissão, destacando, entre outras temáticas, a necessidade de constituir uma comissão para elaborar novo projeto de regulamentação da profissão.

international sphere. The creation of CONFEF resulted in the development of the Conselhos Regionais (Regional Councils – CREFs) that make up the Sistema CONFEF /CREFs (CONFEF /CREFs System) to act at the level of the states of the Brazilian federation. The Código de Ética do Profissional de Educação Física (Code of Ethics of the Physical Education Professional) was written in 1999. It is the basis for the interventions of Physical Education professionals of their field of work. The first results of these initiatives can be examined in the research works reported in the next two chapters. Fifty percent of physical education professionals were registered in the CREFs in all states of the country in 2003, five years after the establishment of CONFEF (see map).

1995-1996 No início deste período foi lançado o Movimento Nacional pela Regulamentação do Profissional de Educação Física durante o Congresso da Federação Internacional de Educação Física-FIEP, realizado em Foz do Iguaçu-PR. A mobilização visava difundir, mobilizar e articular os profissionais sobre as questões relativas à proposta de regulamentação da profissão. O então Deputado Federal Eduardo Mascarenhas apresenta na Câmara dos Deputados o Projeto de Lei que recebe o nº 330/95, dispondo sobre a Regulamentação da Profissão do Profissional de Educação Física. Mais do que monopolizar a ação profissional num mercado previamente delimitado ou discutir sobre o mérito e valor das atividades físicas, a regulamentação responderia à premente necessidade de definir o perfil de intervenção do profissional de Educação Física. O assunto propiciou o lançamento do livro de Jorge Steinhilber, titulado “Profissional de Educação Física... Existe?” e publicado no ano de 1996. Esta obra passou a servir de base para a argumentação dos profissionais atuantes, na promoção da regulamentação.

1998 Em 1º de setembro deste ano, o projeto foi sancionado pelo Presidente da República e se tornou Lei Federal sob o n.º 9696/98, ratificando o entendimento de que os Conselhos profissionais no Brasil são criados e aprovados por lei no Congresso Nacional e têm por função fiscalizar, orientar e disciplinar legal, técnica e eticamente o exercício da profissão, assim como defender a sociedade em sua área de atuação. No caso do Conselho Federal de Educação Física, a regulamentação da profissão vem situar a Educação Física no ambiente das demais profissões regulamentadas. Com a criação do CONFEF, instalam-se, por decorrência, os Conselhos Federal e Regionais -CONFEF e CREF-, respectivamente. Em reunião realizada no Rio de Janeiro em 8 de novembro do mesmo período, que contou com a participação de 25 Associações de Profissionais de Educação Física-APEFs e 80 Instituições de Ensino Superiores de Educação Física, foram eleitos os primeiros membros que trataram de definir as diretrizes, o estatuto, a estrutura e organização do Sistema CONFEF/CREFs. Hoje, o Conselho é composto por 24 membros, sendo 18 efetivos e 6 suplentes (estatuto, seção I, artigo 3º) e sua sede é no Rio de Janeiro-RJ.

1999 Uma das primeiras decisões do recém-instalado CONFEF foi a de organizar um Encontro na Universidade Castelo Branco do RJ, onde se discutiu academicamente o tema da ética profissional em Educação Física, sobretudo do ponto de vista deontológico e da experiência brasileira de outras profissões regulamentadas. Partindo das conclusões deste evento, três profissionais de Educação Física, doutores em filosofia - Lamartine P. DaCosta, Heron Beresford e Antônio Roberto R. Santos - elaboraram uma minuta do futuro Código de Ética do CONFEF. Isto posto, a Comissão de Ética do CONFEF recém formada, com conselheiros da entidade, produziu um documento final que foi disponibilizado na Internet para apreciação e sugestões dos demais profissionais da área. Neste caso, o princípio da ética impôs-se, não apenas em face à exigência legal, visando à identidade e à responsabilidade profissional – circunstância comum às demais profissões regulamentadas – mas, sobretudo, pela natureza intrínseca da Educação Física, cujas intervenções dirigiam-se para o ideal de atenção integral aos seus beneficiários.

1999 Atendendo ao momento de transição do século realizaram-se importantes encontros internacionais sobre os destinos da prática

de Educação Física e dos esportes. O primeiro evento nesta temática, realizado em Berlim-Alemanha, foi o World Summit on Physical Education, promovido pelo Conselho de Ciências da Educação Física e Esporte, órgão de maior hierarquia nestas áreas de conhecimento e vinculado à UNESCO. Nesta reunião de cúpula internacional foi gerada a Agenda de Berlim pela qual o entendimento sobre a atuação da Educação Física se amplia na perspectiva do fato social no âmbito da saúde, e não exclusivamente no prisma da ação educacional. Defende, ainda, a necessidade de uma Educação Física de qualidade que possa efetivamente mudar seu sentido histórico de intervenção. Ainda no mesmo período, realizou-se o III Encontro de Ministros e Responsáveis pelo Esporte e Educação Física-III MINEPS/UNESCO/Punta del Este, cujas conclusões constituíram a Declaração de Punta del Este, que ofereceu diretrizes para as ações governamentais a favor da Educação Física e do Esporte com vínculos administrativos nos respectivos ministérios de saúde em escala mundial. No ano em pauta, também se realizou, no Rio de Janeiro-RJ, a Conferência Mundial sobre Meio Ambiente e Esporte, promovida pelo Comitê Olímpico Internacional-COI e pelo Comitê Olímpico Brasileiro-COB durante a qual se enfatizou o papel chave da ética no esporte para o desenvolvimento sócio-cultural e ambiental. No conjunto, estes eventos confirmaram concepções antes já admitidas como válidas para a legitimação do CONFEF.

1999 Dando continuidade ao processo de implantação e organização do Conselho, em 27 de fevereiro deste ano, foi promulgado o Estatuto do CONFEF/CREF, pelo qual o Conselho assumiu, como finalidade última, defender os direitos e a promoção dos deveres da categoria profissional que esteja nele registrado, defender uma atuação de qualidade, o direito da sociedade e elaborar e alterar o Código de Ética profissional e funcionar como Tribunal Superior de Ética. Entre 13 e 16 de outubro do mesmo ano, ocorre o Primeiro Simpósio de Ética do Profissional de Educação Física, realizado no Rio de Janeiro-RJ, que estabeleceu as referências iniciais para a elaboração de um Código de Ética que balizasse o comportamento social dos profissionais registrados, sob o ponto de vista moral. Com vistas a organizar a categoria, logo a seguir teve início a Campanha de Arregimentação para o registro dos profissionais. A mobilização foi coordenada pelos Conselheiros Federais, distribuídos por região, de acordo com seu local de residência. Parcerias e ações descentralizadas foram implementadas para levar e conduzir a Campanha de Arregimentação a cada região e flexibilizar as estratégias e ações necessárias. Doze mil profissionais foram registrados e distribuídos regionalmente, conforme tabela anexada ao mapa.

2000 Neste ano ocorreu, em Foz do Iguaçu-PR, o Congresso Mundial da Federação Internacional de Educação Física-FIEP, em que foi lançado o Manifesto Mundial FIEP de Educação Física 2000. O Manifesto, ao assegurar o direito de todos praticarem a Educação Física, renovou o conceito ampliado de Educação Física, definido desde a regulamentação e firmado na Carta de Berlim, e estabeleceu as relações da mesma com as demais áreas, seja a Educação, o Esporte, a Cultura, a Ciência, a Saúde, o Lazer e o Turismo. O Manifesto ainda evidenciou o seu compromisso com os grandes problemas da Humanidade neste limiar de século, relacionadas com a exclusão social, os países subdesenvolvidos, pessoas com necessidades especiais, o meio ambiente e a cultura da paz. O Manifesto absorveu praticamente os principais documentos produzidos na segunda metade do século XX o que o fez caracterizar-se como uma síntese dos posicionamentos das declarações internacionais.

2000 Em 21 de fevereiro de 2000, culminando o debate promovido entre profissionais de Educação Física sobre a ética profissional, é editado o Primeiro Código de Ética do Profissional de Educação Física, apresentado pelo presidente da Comissão de Ética Profissional, Professor Dr. João Batista Andreotti Gomes Tojal. O documento afirma a profissão de Educação Física comprometida com o desenvolvimento corporal, intelectual e cultural, bem como com a saúde global do ser humano e da comunidade, devendo ser exercida sem discriminação e preconceito de qualquer natureza. Com a implementação do Código de Ética, o profissional de Educação Física assume, como sua responsabilidade, a permanente necessidade de elaborar uma prática profissional em bases científicas, comprometida com a qualidade. A necessidade de um constante e contínuo aperfeiçoamento profissional fica assegurada pelo caráter aberto do Código de Ética, ao não ser entendido como

um documento definitivo e acabado, mas um texto sempre em constante transformação, a fim de acompanhar as demandas sociais e a própria experiência e atuação dos profissionais de Educação Física. Estabeleceu-se uma prática de avaliação sistemática por parte da Comissão Ética, para que, de dois em dois anos fosse possível se levantar, discutir e selecionar as mudanças necessárias ao aperfeiçoamento do Código. Em seus doze itens, o Código de Ética norteou a aplicação do código deontológico que fixa a forma pela qual se devem conduzir os profissionais de Educação Física inscritos no CONFEF em prol da sociedade. Entre eles, fica definido que cabe somente aos profissionais formados e diplomados em curso superior de Educação Física e regularmente registrados no Sistema CONFEF-CREF, o direito pleno do exercício da profissão, o que vem demonstrar o zelo com que o Sistema trata a qualidade dos serviços a serem prestados ao indivíduo e à sociedade.

2000 Ainda no mesmo período, realizou-se, em Belo Horizonte-MG, o Primeiro Fórum Nacional de Dirigentes de Instituições de Formação Profissional e Educação Física –IESEF, com a participação de 85% das Instituições de Ensino Superior-IES em Educação Física do país, além de diversas outras personalidades ligadas à área. No evento, foi apresentada a Carta Brasileira de Educação Física e deu-se prosseguimento à discussão da temática da Intervenção Profissional. Inspirada nas posições defendidas no Manifesto, a Carta Brasileira afirma que, por seus valores, a Educação Física deve ser compreendida como um dos direitos fundamentais de todas as pessoas. Pelas naturais possibilidades de desenvolvimento das dimensões motora, afetiva, cognitiva e social das pessoas, principalmente crianças e adolescentes, a Educação Física é entendida como caminho privilegiado da Educação. Além disso, a Educação Física tem, como meio específico, a realização de atividades e práticas físicas formais e não-formais, exercidas a partir de uma intenção educacional nas formas de exercícios ginásticos, jogos, esportes, danças, lutas, atividades de aventura, relaxamento e ocupações diversas do lazer ativo. Em seu texto, a Carta Brasileira aponta que os profissionais de Educação Física devem possuir formação acadêmica sólida, estar organizados nos Conselhos Regionais de Educação Física e envolvidos com programas de aprimoramento técnico-científico e cultural. Para ser adjetivada como de Qualidade, a Educação Física deve ser entendida como direito fundamental e não como obrigação dos brasileiros. Deve prover os seus beneficiários com o desenvolvimento de habilidades motoras, atitudes, valores e conhecimentos, procurando leva-los a uma participação ativa e voluntária em atividades físicas e esportivas ao longo de suas vidas. Deve ser ministrada numa ambiência de alegria, em que as práticas corporais e esportivas sejam prazerosas, respeitando as leis biológicas de individualidade, do crescimento, do desenvolvimento e da maturação humana de maneira a propiciar experiências de solidariedade, cooperação e superação. Entre outros aspectos, o documento ainda aponta que as práticas esportivas, danças e jogos devem valorizar, em seus programas, aqueles que representam a tradição e a pluralidade do patrimônio cultural do país e de suas regiões.

2001 Entre junho e agosto deste ano realizaram-se os Fóruns Regionais de Educação Física, organizados pelos CREFs, com a presença da maior parte dos cursos de graduação em Educação Física existentes nas respectivas regiões. Os eventos socializaram as discussões sobre a intervenção do profissional de Educação Física e a Formação Profissional disponibilizando, na página virtual do CONFEF, uma minuta do documento produzido para que os profissionais a pudessem analisar, avaliar e apresentar sugestões.

2002 Em 2002 realizou-se, no Rio de Janeiro-RJ, o Segundo Fórum Nacional de IESEF no qual é preparado o documento que define e caracteriza as áreas de intervenção do profissional de Educação Física, quais sejam: Docência em Educação Física, Treinamento Desportivo, Preparação Física, Avaliação Física, Recreação em Atividade Física, Orientação de Atividades Físicas e Gestão em Educação Física e Desportos. O profissional de Educação Física aplica conhecimentos científicos, pedagógicos e técnicos sobre a atividade física, com responsabilidade ética o que o torna um especialista em atividades físicas nas suas diversas manifestações – ginásticas, exercício físicos, desportos, jogos, lutas, capoeira, artes marciais, danças, atividades rítmicas, expressivas e acrobáticas, musculação, lazer, recreação, reabilitação, ergonomia, relaxamento corporal, ioga, exercícios compensatórios à atividade laboral e do cotidiano, e outras práticas corporais. O documento

confirma o propósito das ações do profissional de Educação Física na prestação de serviços que favoreçam o desenvolvimento da educação e da saúde, contribuindo para a capacitação e/ou restabelecimento de níveis adequados de desempenho e condicionamento fisiocorporal dos seus beneficiários, visando à consecução do bem-estar e da qualidade de vida, da consciência, da expressão e estética do movimento, da prevenção das doenças, de acidentes, de problemas posturais e da compensação de distúrbios funcionais.

2002 No mesmo período foram realizados ainda o Primeiro e Segundo Encontro de Educação Física dos países do Mercosul, em Foz do Iguaçu-PR. Neste último, inclusive, no Segundo Seminário de Ética do Profissional em Educação Física foi culminada a revisão do Código de Ética Profissional, cujos termos foram discutidos por toda a comunidade acadêmica reunida para o evento. Em síntese, o encontro pretendeu avaliar os procedimentos do Sistema CONFEF-CREF com relação ao Código de Ética, como também trouxe à luz o debate ético *lato sensu* que opera, no caso, como uma moldura teórica de referência para a ética profissional. Em adição às abordagens teóricas e práticas, o documento aporta a contribuição de pesquisadores acadêmicos. O documento final gerou a edição de um livro, ainda no prelo, sob título “Ética Profissional em Educação Física”, organizado pelo Professor Dr. João Batista Andreotti Tojal e editado pelos Professores Dr. Lamartine P. DaCosta e Dr. Heron Beresford.

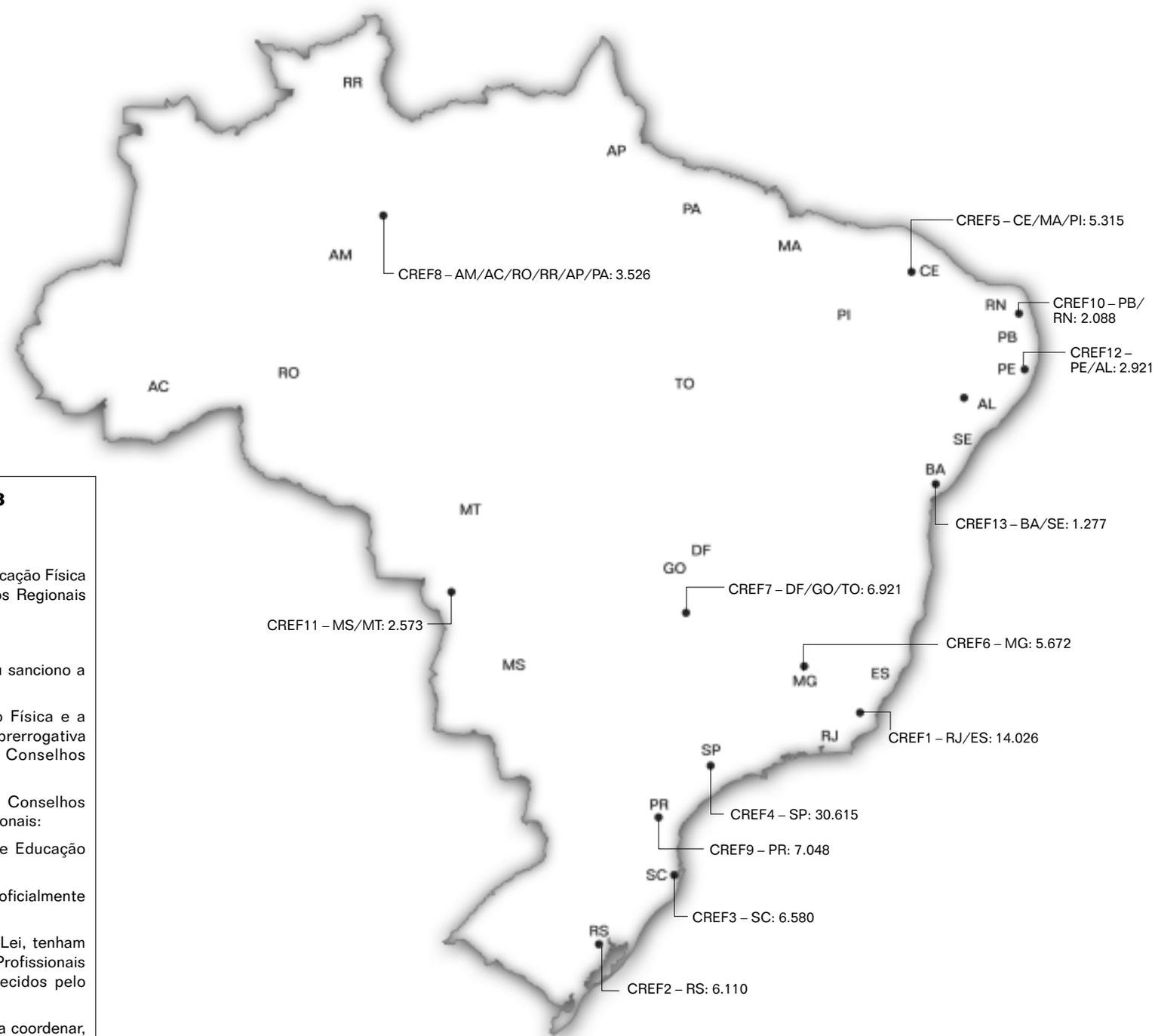
Situação Atual Ao estabelecer 2003 como o Ano da RESPONSABILIDADE ÉTICA, o CONFEF pretendeu evidenciar para a categoria profissional e para o universo social que dela se serve, a necessidade da atitude de responsabilidade ética nas prestações de atendimento de seus profissionais à sociedade. O crescimento do Sistema CONFEF/CREFs ocorreu fundamentalmente a partir da instituição dos Conselhos Regionais e das ações de orientação e fiscalização do exercício profissional. Atualmente, o CONFEF busca firmar parcerias com instituições correlacionadas direta ou indiretamente à Educação Física. Com tal objetivo, integrou-se ao Fórum permanente dos Conselhos Federais da área da Saúde e ao Conselho Nacional dos Esportes. Estabeleceu uma rede de interação com Instituições Superiores de Educação Física com vistas a buscar a qualidade na formação dos egressos. Estabeleceu vínculos com o Conselho Nacional de Educação, o Comitê Olímpico Brasileiro e diversas Confederações e Federações Esportivas. Entre outras ações, o CONFEF foi convocado pelo Ministério da Saúde a participar do projeto de prevenção da saúde do Sistema Unificado de Saúde-SUS através da Educação Física. Em conjunto com o Ministério do Trabalho, fez elaborar e classificar o quadro das ocupações dos profissionais de Educação Física, definindo a Família dos Profissionais de Educação Física na Classificação Brasileira de Ocupações-CBO. Além disso, criou documento de identificação para o profissional, facilitando suas possibilidades de atuação e habilitação para o exercício profissional. Para manter os filiados informados das ações empreendidas pelo CONFEF/CREFs, circula um Informativo que já está em seu 18º número. Atualmente, o CONFEF conta com um crescimento real de mais de 20.000 profissionais/ano e, para atendê-los, tem reformulado suas instalações e estrutura administrativa. A escala e a distribuição destes profissionais registrados podem ser apreciadas no mapa deste capítulo.

Fontes: Almeida, Ana Flávia P. L. (2002) Código de Ética Profissional de Educação Física: Analisando Adesão e Aplicabilidade. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro. PPGEF/UGF; APEPMIG(1984) Carta de Belo Horizonte. Belo Horizonte, Secretaria de Estado de Esportes, Lazer e Turismo (mimeo); Sartori, Sergio K.(1997). Perspectivas e Limites da Profissão de Educação Física. Tese de mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá; Steinhilber, Jorge.(1996) Profissional de Educação Física... Existe? Anais do V Ciclo de Palestras CAEFALF-UERJ, p. 43-58, Rio de Janeiro: CAEFALF-UERJ; Steinhilber, Jorge(1996) Profissional de Educação Física... Existe? Rio de Janeiro, Sprint; CONFEF(1999a) Estatuto do Conselho Federal de Educação Física In: www.confef.org.Br; CONFEF(2000a) Código de Ética. In: www.confef.org.Br; CONFEF(2000b) Resoluções e Portarias In: www.confef.org.Br; NOZAKI, Hajime T.(1996) Regulamentação da Profissão de Educação Física: etapa prioritária para a legitimação? In: www.cev.org.br/biblioteca/index.html

Sistema CONFEF-CREFs – Número de profissionais registrados, 2003*

CONFEF-CREF System – Number of professionals registered in CREF, 2003

Regiões de abrangência dos CREFs / Regions included in the CREFs



LEI nº 9.696, de 1º de setembro de 1998

Law nº 9696 of September 1st, 1998

D.O.U. - quarta-feira, 02 de setembro de 1998.

Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA:

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O exercício das atividades de Educação Física e a designação de Profissional de Educação Física é prerrogativa dos profissionais regularmente registrados nos Conselhos Regionais de Educação Física.

Art. 2º Apenas serão inscritos nos quadros dos Conselhos Regionais de Educação Física os seguintes profissionais:

I – os possuidores de diploma obtido em curso de Educação Física, oficialmente autorizado ou reconhecido;

II – os possuidores de diploma em Educação Física, oficialmente autorizado ou reconhecido;

III – os que, até a data do início da vigência desta Lei, tenham comprovadamente exercido atividades próprias dos Profissionais de Educação Física, nos termos a serem estabelecidos pelo Conselho Federal de Educação Física.

Art. 3º Compete ao Profissional de Educação Física coordenar, planejar, programar, supervisionar, dinamizar, dirigir, organizar, avaliar e executar trabalhos, programas, planos e projetos, bem como prestar serviços de auditoria, consultoria e assessoria, realizar treinamentos especializados, participar de equipes multidisciplinares e elaborar informes técnicos, científicos e pedagógicos, todos nas áreas de atividades físicas e do esporte.

Art. 4º São criados o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Educação Física.

Art. 5º Os primeiros membros efetivos e suplentes do Conselho Federal de Educação Física serão eleitos para um mandato tampão de dois anos, em reunião das associações representativas de Profissionais de Educação Física, criadas nos termos da Constituição Federal, com personalidade jurídica própria, e das instituições superiores de ensino de Educação Física, oficialmente autorizadas ou reconhecidas, que serão convocadas pela Federação Brasileira das Associações dos Profissionais de Educação Física – FBAPEF –, no prazo de até 90 (noventa) dias após a promulgação desta lei.

Art. 6º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 1º de setembro de 1998/ 177º da independência e 110º da República

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

*Profissionais: graduados e provisionados

Membros da gestão atual: mandato até novembro de 2004

Members of the present administration
to finish term in november of 2004

Presidente - Jorge Steinhilber; João Batista Andreotti Gomes Tojal; Renato Medeiros de Moraes; Sérgio Kudsi Sartori; Almir Adolfo Gruhn; Marcelo Ferreira Miranda; Alberto dos Santos Puga Barbosa; Antônio Ricardo Catunda de Oliveira; Carlos Alberto Oliveira Garcia; Claudio Augusto Boschi; Ernani Beviláqua Contursi; Flávio Delmanto; Jeane Arlete Marques Cazelatto; Gilberto José Bertevello; Iguatemi Maria de Lucena Martins; Jose Maria de Camargo Barros; Juarez Müller Dias; Lamartine Pereira da Costa; Lucio Rogerio Gomes dos Santos; Marino Tessari; Walfrido Jose Amaral; Walmir Vinhas.

Os 18 primeiros conselheiros do CONFEF The first 18 counselors of CONFEF

Alberto dos Santos Puga Barbosa; Almir Adolfo Gruhn; Antônio Ricardo Catunda de Oliveira; Carlos Alberto Oliveira Garcia; Edison Luiz Santos Cardozo; Flávio Delmanto; Gilberto José Bertevello; João Batista Andreotti Gomes Tojal; Jorge Steinhilber; Juarez Müller Dias; Laércio Elias Pereira; Manoel José Gomes Tubino; Marcelo Ferreira Miranda; Marino Tessari; Paulo Roberto Bassoli; Renato Medeiros de Moraes; Sérgio Kudsi Sartori; Walmir Vinhas.

CONFEE – Perfil do profissional de Educação Física registrado em SC

ALEXANDRO ANDRADE, MARIO CÉSAR NASCIMENTO E MARINO TESSARI

CONFEE – Profile of adherence of Physical Education professionals in Santa Catarina

The adherence of Physical Education professionals to the CONFEE-CREFs System (see preceding chapter) was investigated by a survey in the state of Santa Catarina (SC), where there was the largest proportional number of registrations in the country. In this survey, 765 professionals

filled out an individual questionnaire in 1999. The results are pictured in the tables and graphs that follow. Results show that most of the respondents are male, married, have a B.A. or B.S. and specialization in P.E. Most of them, who are either elementary and high school teachers or university professors,

work in the public school system. Registration at CONFEE in SC has developed from the professionals that hold graduate degrees to the ones that hold undergraduate degrees, with the predominance of the ones that work in the public school system.

Definições Esta pesquisa foi realizada com o objetivo de traçar um perfil do profissional de Educação Física (EF) do Estado de SC em fase inicial e preparatória de estudos mais detalhados. A pesquisa foi realizada através da aplicação de um questionário a 765 profissionais de EF de Santa Catarina em 1999, que aderiram ao registro no sistema CREF/SC e CONFEE (ver capítulo anterior para a descrição deste Sistema). O preenchimento foi individual e a estatística descritiva realizada através do spss v. 11.1.

Evolução dos registros no CREF/SC No processo de desenvolvimento do sistema CREF - CONFEE, constata-se claramente uma evolução dos registros e engajamento do profissional de Educação Física do Estado de Santa Catarina (gráfico 1), o que permitiu viabilizar a realização deste estudo. Esta evolução caracteriza numa adesão progressiva dos profissionais, fornecendo representatividade e segurança para o desenvolvimento do estudo do perfil profissional. Esta evolução visível de 5.816 registros em novembro de 2003 constitui aproximadamente 80% dos profissionais de SC, proporcionalmente o maior índice do país no período considerado.

Perfil dos Profissionais Dos profissionais pesquisados, 410 (53,7%) são homens e 354 (46,3%) mulheres, com idade média de 35,13 anos ($s=7,99$). Os casados representaram 60,2% (456), os solteiros 31,4% (238) e vivendo em outras situações são 8,4% (64). A tabela 01 mostra o ano de formação dos profissionais pesquisados, bem como o número total e o percentual por titulação, visíveis nos gráficos 2 e 3.

Em relação à formação profissional e acadêmica, encontramos 46,8% (358) destes profissionais graduados, 46,9% (359) especialistas, 4,1% (31) mestres, 0,9% (7) doutores e apenas 0,5% (4) pós-doutores e livre docentes. Não responderam a titulação

0,8% (6). Pode-se observar também que a maioria dos profissionais que apresentam titulação de graduação ou especialista (93,7%) formou-se a partir de 1949 e 1951 respectivamente, enquanto a minoria detentora de titulação de mestrado e doutorado (5%) formou-se a partir de 1979 e 1985 respectivamente.

Em relação ao ensino formal, fundamental e médio, são 496 (64,85%) profissionais atuantes, sendo 79,6% no ensino público, 13,2% no privado e 7,2% em ambos os sistemas (gráfico 3). Quanto ao ensino superior são 85 (11,1%) profissionais que atuam, sendo 52,9% no sistema público, 44,7% no privado e 2,4% em ambos (gráficos 4 e 5). Em adição a estas verificações iniciais, a tabela 2 apresenta a média do salário dos profissionais de Educação Física de SC, em salários mínimos, em função das diferentes áreas de atuação profissional.

Algumas considerações gerais podem ser feitas analisando as tabelas de salário em função da área de atuação e da titulação acadêmica dos profissionais de EF de SC. Com relação à área de atuação profissional, pode-se verificar que o profissional que atua no ensino superior é o que tem recebido a maior remuneração (12,73 SM), ganhando mais que o dobro dos demais profissionais que atuam em outras áreas. Os que menos recebem são os que atuam na iniciação desportiva (3,86 SM) e como técnicos desportivos (4,74 SM). Deve-se levar em conta que a indicação de apenas 1 SM como menor salário pago para um profissional que atua no ensino superior é um dado a ser reavaliado, pois seguramente não faz parte da normalidade salarial do universo de profissionais que atuam no ensino superior. Como vemos nas tabelas, a indicação de apenas 1 SM pode estar mascarando a média salarial de cada sub-grupo, de maneira mais marcante no grupo de ensino superior. Verifica-se também que ganham mais os profissionais que atuam com natação em clubes e academias em comparação com as demais

áreas, isto provavelmente por se tratar de uma atuação profissional mais tradicional no mercado alternativo da EF e por já contar com organizações coletivas específicas. A tabela 3 apresenta a média do salário dos profissionais de Educação Física de SC, em salários mínimos, em função da área de atuação e da titulação acadêmica.

Quanto à titulação (gráfico 6), constatamos o esperado: que a mais elevada titulação acadêmica resulta num aumento da remuneração dos profissionais de EF. A melhor remuneração é verificada junto aos possuidores de titulação de doutor, mestre, especialista e graduação respectivamente, em todas as diferentes áreas de atuação. Esta diferença é mais marcante junto aos profissionais que atuam no ensino superior, no qual as titulações de mestre e doutor têm sido exigidas como critério de entrada nos concursos, critério para integração de programas de pós-graduação lato e stricto sensu e serve como critério de avaliação institucional junto aos órgãos maiores como a CAPES, CNPq, CNE e CEE.

Situação Atual Embora estes resultados sejam preliminares, carecendo de maior análise estatística e interpretativa, há bases de interpretação das condições dos profissionais de EF de SC quanto às variáveis apresentadas e analisadas. Pode-se considerar preliminarmente que houve um crescimento significativo dos registros profissionais no CREF/SC e que a maioria dos pesquisados é do sexo masculino, casados, detentores de titulação de graduação e especialização. A ampla maioria é atuante no ensino público, tanto os que trabalham no I e II grau, como os do ensino superior. Quanto à remuneração, os profissionais que trabalham no ensino superior e os detentores de maior titulação, os mestres e doutores, recebem proporcionalmente os maiores salários. Em resumo, o registro no CONFEE em SC tem se desenvolvido dos graus maiores de qualificação profissional para os menores, predominando os registrados atuantes nas áreas públicas.

Gráfico 1 – Evolução dos registros no Sistema CREF/SC – CONFEE

Graph 1 – Registration in the CREF/SC – CONFEE System

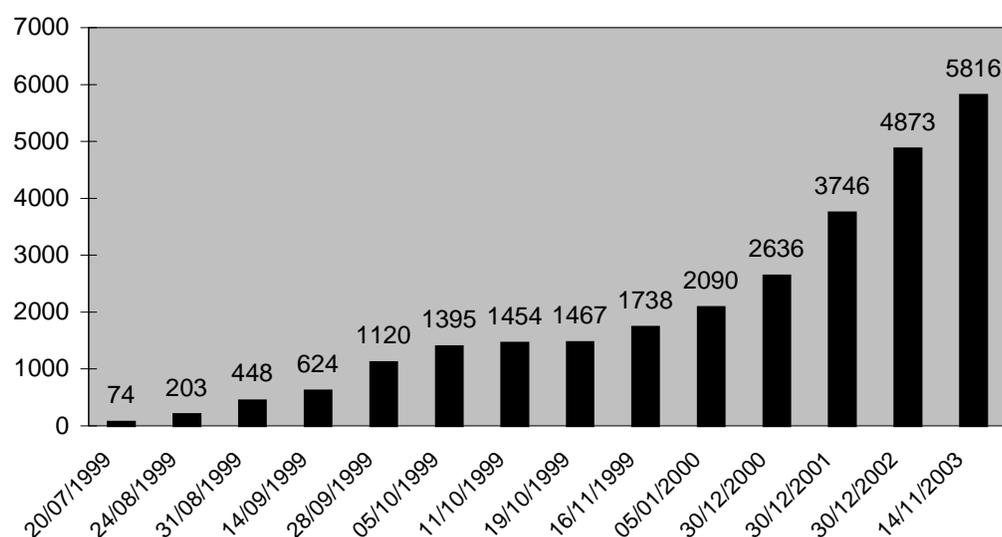


Tabela 1 – Ano de titulação

Table 1 – Year of Graduation

	N	%	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Graduação	358	46,8	1949	1999	1988	7,87
Especialização	359	46,9	1951	2000	1981	7,19
Mestrado	31	4,1	1979	2000	1994	6,20
Doutorado	07	0,9	1985	1999	1993,7	5,60
Pós-doutorado e Livre docência	04	0,5	1991	1997	1993	2,64

Gráfico 2 – Total de profissionais por titulação

Graph 2 – Number of professionals according to their academic background

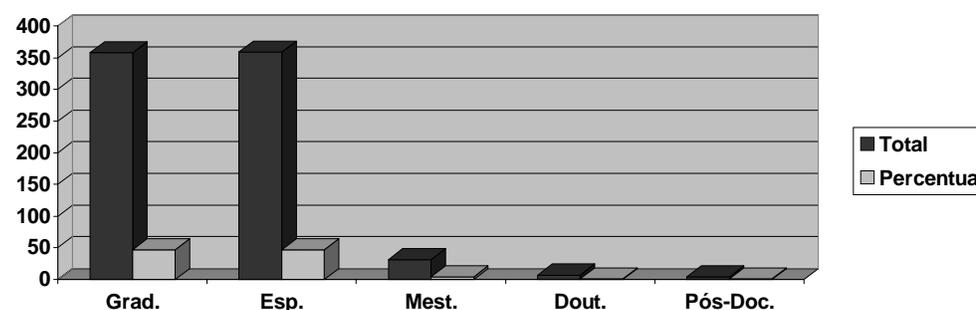


Gráfico 3 – Ano de titulação

Graph 3 – Year of Graduation

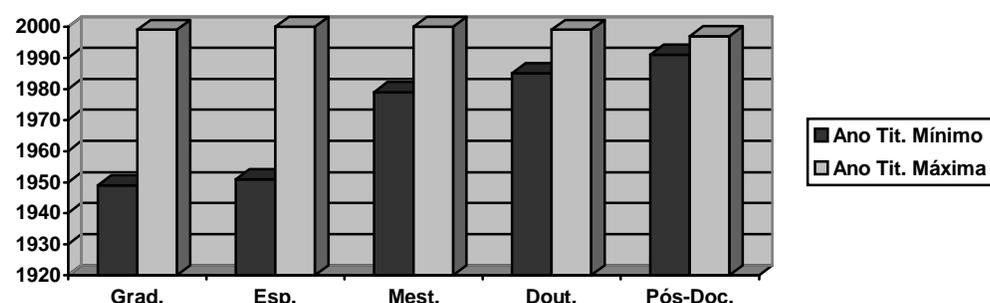


Gráfico 4 – Atuação dos profissionais no ensino fundamental e médio, no sistema público e /ou privado

Graph 4 – Professionals who work in elementary and high schools, in the public and/or private school systems

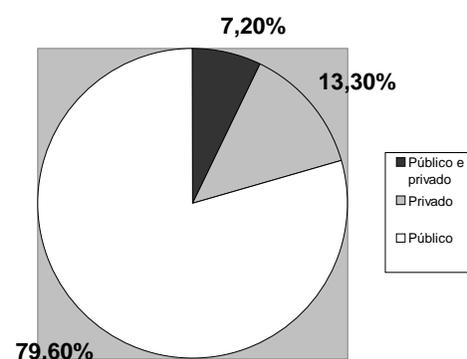


Gráfico 5 – Atuação dos profissionais no ensino superior, no sistema público e /ou privado

Graph 5 – Professionals who teach at the university and/or in the public and private school systems

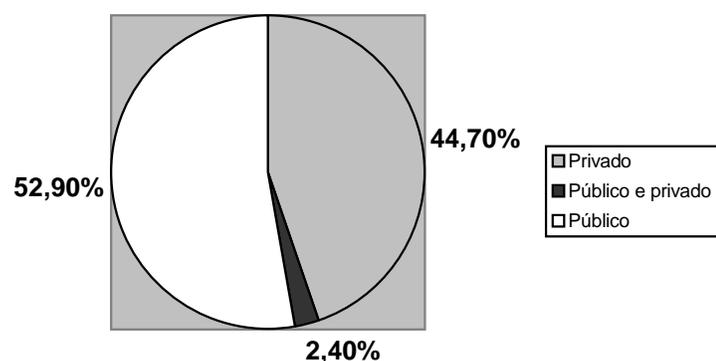


Gráfico 6 – Renda média mensal em salários mínimos dos profissionais em suas respectivas áreas de atuação e titulação acadêmica

Graph 6 – Average monthly income in minimum salaries according to the place professionals work and their academic degrees

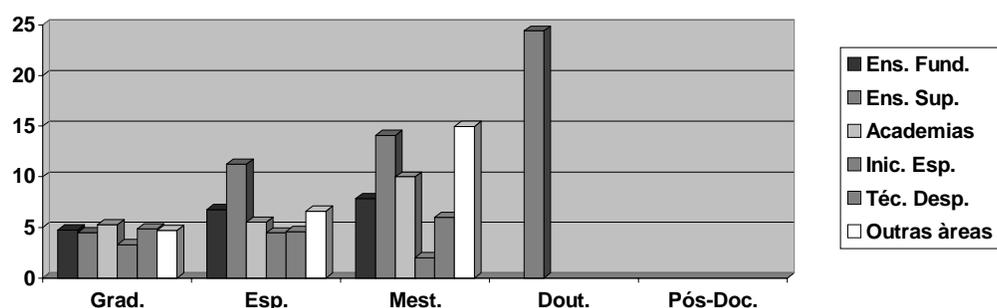


Tabela 2 – Renda média mensal em salários mínimos dos profissionais em suas respectivas áreas de atuação

Table 2 – Average monthly income in minimum salaries according to the place where professionals work

		Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Ensino Fundamental e Médio	Público	1	17	5,38	2,51
	Privado	1	20	6,98	4,68
	Misto	1	19	8,94	4,64
	Total da área	1	20	5,84	3,20
Ensino Superior	Público	3	40	17,32	9,91
	Privado	1	25	7,25	6,17
	Misto	1	19	10	12,73
	Total da área	1	40	12,73	9,68
Academias	Ginástica em geral	1	17	4,86	3,47
	Artes Marciais	1	13	5,11	3,76
	Natação	1	10	6,27	3,30
	Tênis	1	11	4,63	3,34
	Diversas dessas áreas	1	25	5,90	4,30
	Outras Áreas	1	22	5,65	4,24
	Total da área	1	25	5,44	3,82
Iniciação Esportiva	Natação	1	14	6,29	5,47
	Atletismo	5	5	5,0	-
	Tênis	1	10	4,0	3,34
	Artes Marciais	3	3	3,0	-
	Futebol	1	6	3,0	1,48
	Basquete	1	7	2,92	1,68
	Voleibol	1	8	2,66	1,76
Técnico Desportivo	Ginástica em geral	1	3,0	2,0	1,0
	Outras áreas	1	40	5,58	7,60
	Total da área	1	40	3,86	4,42
	Público	1	20	5,42	3,23
Diversas outras áreas	Privado	1	15	3,05	3,07
	Misto	2	8	4,67	2,42
	Total da área	1	20	4,74	3,29
	Recreação e Lazer	3	10	7,89	2,57
MÉDIA GERAL	Administração esportiva	1	19	7,71	4,41
	Eventos	4	12	6,50	3,70
	Preparador físico	2	15	5,67	4,44
	Hospital e clínicas	1	6	3,50	3,54
	Outras	1	20	4,78	4,07
	Total da área	1	20	5,80	4,13
	MÉDIA GERAL	-	-	-	6,40

Tabela 3 – Renda média mensal em salários mínimos dos profissionais em suas respectivas áreas de atuação e titulação acadêmica

Table 3 – Average monthly income in minimum salaries according to the place professionals work and their academic degrees

	Média	
Ensino Fundamental e Médio	Graduação	4,74
	Especialização	6,79
	Mestrado	7,86
	Doutorado	-
	Pós-Doutorado	-
Ensino Superior	Graduação	4,50
	Especialização	11,27
	Mestrado	14,09
	Doutorado	24,40
	Pós-Doutorado	*
Academias	Graduação	5,27
	Especialização	5,52
	Mestrado	10,0
	Doutorado	-
	Pós-Doutorado	*
Iniciação Esportiva	Graduação	3,29
	Especialização	4,47
	Mestrado	2,0
	Doutorado	-
	Pós-Doutorado	-
Técnico Desportivo	Graduação	4,85
	Especialização	4,59
	Mestrado	6,0
	Doutorado	-
	Pós-Doutorado	-
Diversas outras áreas	Graduação	4,70
	Especialização	6,63
	Mestrado	15,0
	Doutorado	-
	Pós-Doutorado	-

* Em análise não concluída.

CONFEEF – Perfil do profissional de Educação Física registrado no RJ em relação ao Código de Ética

ANA FLÁVIA PAES LEME

CONFEEF – Profile of Physical Education professionals registered in the state of Rio de Janeiro in relation to the Code of Ethics

The legislation of the federal government that established the Conselho Federal de Educação Física (Federal Council of Physical Education – CONFEEF) in 1998 demanded quality in the services provided by the professionals registered in this institution. CONFEEF was primarily in favor of the development of a Professional Code of Ethics, a tool that would regulate the rights and duties of Physical Education professionals and their relations with the civil society. The results of the survey conducted in 2001 with a group of 231 professionals registered in Rio de Janeiro

(indicative sample) are described and presented below through figures and tables. The study reached the following conclusions: (i) the subjects of the sample used in the survey were hypothetically inclined to self-knowledge and to their professional self-protection due to both the high level of academic training they had had and their number of years of experience; (ii) a wide variety of locations of work and a multiplicity of fields of intervention were reported; (iii) the respondents wanted to be recycled through specialized courses; (iv) most respondents

registered at CONFEEF for the control of professional duties and rights; (v) most of the respondents saw benefits in being registered at CONFEEF; in other words, most of the respondents legitimated CONFEEF by voluntary adherence; (vi) a great majority of the respondents declared to know and understand (77.1% and 68.5% respectively) the Code of Ethics, classifying it as important while the other respondents recognized the Code only because of its powers; and (vii) most of the respondents have adhered to the Code of Ethics.

Definições A legislação do Governo Federal que criou o Conselho Federal de Educação Física-CONFEEF em 1998 exigiu qualidade nos serviços pelos profissionais filiados a este órgão. Assim sendo, o CONFEEF manifestou-se primeiramente pela criação de um Código de Ética Profissional, instrumento regulador dos direitos e deveres dos profissionais de Educação Física em suas relações com a sociedade civil. Durante a implantação deste meio de referência do agir profissional, desenvolveu-se em 2001 uma pesquisa com 231 registrados no Conselho Regional do RJ (CREF-01) com o objetivo de se verificar qualitativamente a compreensão e a adesão por parte destes profissionais quanto às dimensões morais e éticas previstas no Código posto em prática desde 1999.

Metodologia O instrumento utilizado foi um questionário remetido a todos os profissionais registrados no CREF-01 em 2001. Os dados coletados dos respondentes foram submetidos ao objetivo de se definir um perfil de compreensão e adesão para futuras políticas do CONFEEF. As respostas ao instrumento foram analisadas pelo programa de estatística SAS System por vários cruzamentos. Considerando-se o total de 5641 questionários remetidos via postal, houve 231 retornos correspondendo a 4% de registrados no CREF-01 (RJ/ES). A remessa foi feita em junho de 2001, não havendo qualquer resposta do Estado do Espírito Santo, embora nesta Unidade Federada haja 1% dos profissionais inscritos no Conselho Regional em lide (verificação feita nos carimbos de postagem dos retornos). Em resumo, o retorno foi feito por voluntários respondentes e os dados daí interpretados são meramente indicativos do perfil dos registrados, sem validade estatística.

Resultados e discussão Primeiramente o perfil de instrução dos respondentes confirma a hipótese de auto-conhecimento, pois 40.3% dos questionários devolvidos foram preenchidos por profissionais com cursos de pós-graduação lato-sensu, em adição a 7.4% com mestrado e 0.9% com doutorado, alcançando um total de 48.6% do grupo pesquisado. Os respondentes com graduação em Educação Física somaram 42% e aqueles com o segundo grau, 6.1%. Outra caracterização do perfil dos respondentes concerne à predominância do sexo masculino (68%) no grupo pesquisado. Embora este dado seja significativo em percentual, não houve correlações identificadas com os demais itens do questionário, o que sugere, em futuras investigações, questionamentos pertinentes à reduzida participação feminina (32%) sugerida para as filiações ao CONFEEF na área RJ/ES. Com maior clareza de significado, entretanto, emergiram os dados sobre a experiência profissional em anos de atividades (Tabela 1). Nesta verificação, 60.1% dos respondentes declararam mais de dez anos de trabalho, com 41.1% do total incidindo em mais de 15 anos (Figura 2).

A pergunta referida a outra atividade profissional além da Educação Física teve como resposta 29.4% de frequência positiva, revelando um grupo dedicado à sua formação original. Mas, se de um lado inclina-se para dedicação exclusiva, por outro surge elevada variedade nos locais de trabalho (Tabela 2), sugerindo múltiplos vínculos dentro de uma mesma área profissional. Em termos hierárquicos, tais dedicações distribuem-se (1) academia (45%); (2) escola (30.7%); (3) clube (24.2%); (4) condomínio (6.1%); (5) áreas públicas de lazer (5.6%); e outros locais (16.9%). Ou seja: a sobreposição de vínculos (percentual total > 100%) indica que o profissional respondente confirma seus múltiplos envolvimento de trabalho, porém basicamente mantém-se no suporte histórico oferecido pela tríade academia-escola-clube no Brasil. Por sua vez, a multiplicidade de locais revela-se menor que a multiplicidade

de campos de intervenção profissional, sugerindo que o grupo respondente desenvolveu várias sub-especialidades, talvez para viabilizar colocações de emprego diante de múltiplas ofertas. A tabela 3 reproduz esta interpretação de sub-especialidades múltiplas com dados do levantamento, os quais anteriormente (Figura 1) incidiram em altos percentuais de formação em pós-graduação. Cabe, então, levar em conta a possibilidade que o registrado no CREF-01 fez sua adesão ao Conselho de sua profissão como um meio de melhoria profissional. Note-se, nestas circunstâncias, que há uma frequência maior de sobreposição de campos de intervenção (351) do que de locais de trabalho (297).

Pela análise da Tabela 3 podemos verificar também que há um maior número de profissionais atuando com atividades físico-esportivas na perspectiva da promoção da saúde, o que condiz com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº218, de 06 de março de 1997 que reconhece os profissionais de Educação Física como profissionais da saúde, seguida das atividades físico-esportivas na perspectiva da estética corporal, do campo da Educação Física escolar, das atividades físico-esportivas na perspectiva do esporte de rendimento, seguida do lazer e, por fim, da administração de empreendimentos e eventos físico-esportivos. A característica de empregabilidade identificada neste grupo é confirmada pela Regulamentação do CONFEEF como um dever e responsabilidade do profissional (Código de Ética Profissional de Educação Física, Art. 1º). Neste sentido, há uma maioria que procura atualizar seu conhecimento técnico e científico. Para se ter uma idéia de magnitude, 98.7% dos respondentes responderam afirmativamente que procuram se aprimorar por meio de atualizações. A Tabela 4 mostra os tipos de atualização preferidos pelos respondentes. Na exibição de frequências de atualização surgiu naturalmente uma sobreposição de posições e estas estão ordenadas por prioridade, a começar por cursos; em seguida aparecem: jornais e revistas, Internet, observação de aulas de colegas, trocas nas listas de discussão da Internet e finalmente, estágios em instituições. Em complementação a esta tipologia de aperfeiçoamento e informação profissional, houve uma pergunta no questionário cujas respostas aprofundam os achados da Tabela 4: número de textos técnico-profissionais lidos no último ano (Tabela 5). A Tabela 5, de fato, confirma um perfil de contínuo aperfeiçoamento do profissional do CREF-01, a julgar pelo grupo respondente da pesquisa. Desde que cerca de 90% dos profissionais lêem 3 ou mais de 3 textos num ano, confirma-se o elevado grau de comprometimento com a atualização (Tabela 4) e o alto nível de formação acadêmica do grupo respondente. Este perfil delineado nos leva ao exame das respostas relacionadas ao CONFEEF diretamente, tendo-se em conta a base de conhecimento levantada sobre a pessoa do profissional registrado.

A Tabela 6 inicia o reconhecimento dos vínculos com o CONFEEF. E, nesta composição de dados, constata-se que “amigos” é o fator de maior frequência para o conhecimento do CONFEEF (29.0%), seguido significativamente pelo fator “movimento pela regulamentação” (22.9%). Os dois itens que se seguem conciliam-se naturalmente com o contato pessoal e grupal dos dois primeiros fatores identificados, isto é, “cursos” (15.6%), e “graduação” (13.9%). O nítido vínculo pessoal como prioritário da Tabela 6, não se repete, contudo, no exame dos motivos que levaram os respondentes a se registrarem no CONFEEF. A Tabela 7 e a Figura 4 mostram, em pormenores estabelecidos previamente tais motivos, configurando-

se como principal “controle dos direitos e deveres” dos profissionais. Em seguida os motivos “mecanismo de valorização profissional” e “proteger o mercado de trabalho” somam 61.9%, certamente sobrepostos nas respostas de cada profissional do grupo pesquisado (Totais >231 e > 100%). Como o “controle de direitos e deveres” totaliza 40.7% das respostas, há 105.6% de incidências sobrepostas voltadas para o resguardo de direitos profissionais. Ou seja, os respondentes confirmam a tese de auto-proteção de seus empregos em coincidência com as críticas ao CONFEEF desde suas origens. Contudo, há uma valorização embutida no posicionamento do grupo indicativo que também é confirmada pela busca contínua de aperfeiçoamento. As distinções entre a busca da competência e a auto-proteção profissional neste caso solicitam pesquisas mais específicas. Entretanto, os baixos índices de escolha de “sugestão de amigos” (2.6%) e de “exigência do local de trabalho” (17.7%) não confirmam a crítica corrente de filiação induzida ou forçada ao CONFEEF.

A partir desta constatação, verifica-se uma simetria com a interpretação que os registrados estimulam entre si a busca de vínculos com o CONFEEF. Ao quesito apresentado aos respondentes sobre esta hipótese, 55.8% das escolhas incidiram sobre “freqüentemente”; com 29.9% sobre “ocasionalmente”; 5.2% sobre “raramente” e 9.1% sobre “nunca”. Em outras palavras, a decisão de se filiar tem uma mínima influência de amigos, mas aparentemente circula entre os profissionais de Educação Física um estímulo mútuo para a filiação. Este sentido de auto-proteção e de opção mais pessoal do que grupal encontra apoio no quesito relacionado ao conhecimento dos conselheiros do CREF. O propósito desta pergunta foi de verificar a existência de lideranças carismáticas ou de influência política exercendo efeitos sobre o processo de adesões. Neste particular, 66.8% das respostas incidiram sobre o conhecimento de “alguns” ou “nenhum”, ao passo que 18.0% escolheram a “maioria” e 15.4% optaram por “todos”. Daí pode-se inferir que o CONFEEF representa mais uma instituição do que um movimento ou corrente partidária. Em outra pergunta, buscou-se sondar benefícios para o registrado em se vincular ao Conselho e daí, em decorrência, se somou 81% de respostas “vê algum benefício em estar vinculado ao CREF”. Este resultado também se mostra conciliado com a auto-proteção já cogitada, além de legitimar a existência do CONFEEF a partir de uma perspectiva profissional e pessoal. Cabe relevar que nesta pergunta houve o maior índice de ausência de resposta nos questionários retornados, isto é, cinco opções por lacunas.

A Tabela 8 e a Figura 5 correspondem às questões de natureza ética e ao Código de Ética Profissional de Educação Física. Esta exibição de dados permite em princípio observar a percepção que o respondente faz de si, sob o ponto de vista ético, dos profissionais de Educação Física. Como resultado, 32.9% dos respondentes julgam o profissional de Educação Física como não compreendendo o valor da ética em sua profissão; 25% acham o profissional tecnicamente despreparado, e por tanto sem ética profissional; já 15.4% dos respondentes consideram o profissional ético; 9.2% julgam o profissional como indiferente à sua profissão; e 8.3% interpretam o profissional como corporativista. Em resumo, os respondentes são nitidamente críticos em relação à categoria profissional de Educação Física, o que legitima mais uma vez uma percepção do CONFEEF como uma instituição que possa fazer evoluir estes profissionais para um perfil ético aliado à competência em suas intervenções. Esta interpretação, por sua vez, pôde ser conferida

por respostas específicas segundo dispõem a Tabela 9. Com efeito, nesta última Tabela houve, por parte dos respondentes, uma especificação das necessidades identificadas na Tabela 8, ao assumirem em 88.3% das respostas que devem orientar os alunos, com a devida atualização profissional (87.9%) e competência técnica (76.2%). De resto 66.7% são a favor de "responsabilizar-se por falta cometida"; 57.9% pretendem "conhecer, vivenciar e difundir o espírito esportivo", enquanto 36.4% favorecem o dever ético de "guardar sigilo" com respeito aos benefícios de intervenções. Em suma, os respondentes vinculam os deveres previstos no Código de Ética às suas percepções de carências do profissional de Educação Física. Nesta peculiaridade, a solicitação observada pelos objetivos da presente investigação quanto ao conhecimento do Código emitido pelo CONFEF em 1999, será discutida adiante por meio de outro quesito do questionário.

Uma primeira abordagem de conhecimento e compreensão do Código de Ética é oferecida pela pergunta referida aos recursos apresentados ao Conselho, tendo em vista desvios profissionais. A Tabela 10 disponibiliza resultados obtidos diante de quatro possibilidades de ofensas e/ou impedimentos sofridos durante o exercício profissional. Pela ordem de grandeza de escolhas, o item "forçado a descumprir o código" com 80.5% revelou-se como o principal motivo para gerar recursos ao CONFEF por parte dos profissionais. Em seguida, posicionaram-se "prejuízos morais" (78.4%), "concorrência desleal" (69.3%) e "discriminação" (68.4%). A Tabela 11 oferece meios mais específicos para avaliar a compreensão do Código de Ética e consequente adesão a este instrumento de ordem e disciplina profissional gerado pelo CONFEF. Esta última Tabela pode ser entendida como complementação à Tabela 10, por ter levado aos respondentes modos operacionais de recursos e seus contrapontos, isto é, "depende" e "não conheço o Código".

Nesta disposição de dados, há pleno domínio da opção "recorreria ao Conselho se forçado a descumprir o Código de Ética Profissional" (71.3%), confirmando posição majoritária da Tabela 10. Coerentemente, 16.1% responderam que dependeria do juízo prévio que fizesse sobre o caso. Com menor incidência, as opções de não

recorrer (7.8%) e de não conhecimento do Código (4.8%) complementam as percepções dos respondentes quanto ao uso de recursos de natureza regulamentar. A Tabela 12 mostra as mesmas opções da Tabela 11 diante da pergunta: "Você acha que se deve denunciar ao CREF, as instituições no campo da Educação Física que não estiverem compatíveis com o Código de Ética ou sejam prejudiciais aos clientes?". Nesta nova perquirição há plena compatibilidade com as Tabelas 10 e 11, considerando que 79.2% dos respondentes declararam-se aptos a denunciar desvios dos preceitos éticos regulamentados pelo CONFEF. Nas demais opções da Tabela 12 há variações mínimas com relação à Tabela 11, indicando assim que, do conjunto das Tabelas 10, 11 e 12, é possível admitir a existência de uma adesão por maioria dos respondentes ao Código. Observe-se neste propósito, que apenas 4.8% das respostas da Tabela 11 e 3.5% da Tabela 12 declararam desconhecer o Código (Ver Figura 6 com dados da Tabela 12).

No contexto dessa possível adesão dos profissionais ao Código de Ética, incluem-se os dados gerados pelo quesito de responsabilidade a ser assumida por falta cometida na atividade profissional. Diante desta pergunta, 87.7% dos respondentes declararam-se dispostos a respeitar tal responsabilidade, confirmando a adesão ao Código (ausência de respostas em 3 questionários). Em outra pergunta de negação ou de aceitação, quanto à exigência legal de só poder ministrar atividades físico-esportivas por profissionais que possuam registro no CREF, como resultado, 90.4% dos respondentes concordaram com a exigência legal, confirmando tanto as evidências anteriores de auto-proteção profissional, quanto à adesão ao Código de Ética (ausência de respostas em 3 questionário). Mais objetivamente, o levantamento solicitou posicionamento quanto ao conhecimento do Código ou não. Neste formato mais simples e direto, 77.1% das respostas foram afirmativas, sugerindo que 13.3% dos respondentes apóiam o Código pelo seu possível efeito e não por conhecê-lo. De qualquer modo, esta variação entre 77.1% e 90.4% já é suficiente para admitir uma adesão da maioria dos respondentes ao Código de Ética. Outra pergunta – aquela vinculada ao conhecimento do Código – perguntou-se sobre "o nível de conhecimento do Código", obtendo 31.5% de classificação "razoável"; 55.6% de "bom" e 12.9% de "excelente". Estes resultados

consolidam a interpretação de plena aceitação do Código de Ética, mas sempre com resguardos à sua compreensão. Estas limitações dos respondentes a um Código que aceitam por princípio de valorização profissional podem ser comparadas às respostas do quesito sobre a importância do Código de Ética (Tabela 13 e Figura 7). Nesta outra entrada ao tema de adesão e compreensão do Código registraram-se, em termos de classificações, "muito importante" (68.5%) e "importante" (29.2%).

Conclusões Considerando-se os resultados discutidos anteriormente e em relação aos objetivos da presente investigação, é possível admitir que há um processo de adesão ao Código de Ética Profissional em andamento entre os registrados do CREF-01/RJ-ES. Contudo esta constatação delimita-se a um grupo de registrados dos quais se pode apenas delinear um perfil qualitativo e genérico. De modo mais específico, tal grupo amostral indicativo apresentou evidências de ter compreensão do Código de Ética bem como de responsabilidade profissional e de competência técnica. Enquanto tais, estas evidências manifestaram-se por meio das seguintes interpretações dos dados coletados: (i) O grupo amostral é hipoteticamente inclinado ao conhecimento de si e a auto-proteção profissional, devido ao alto nível de formação acadêmica e a quantidade de anos de experiência; (ii) Há uma elevada variedade de locais de trabalho e uma multiplicidade de campos de intervenção; (iii) Esta população busca se atualizar através de cursos especializados; (iv) A maior parte desta população se filiou ao CONFEF para o controle dos deveres e direitos profissionais; (v) A maior parte deles vê benefício em estar vinculado ao CONFEF, ou seja, a maior parte legitima o CONFEF por adesão voluntária; (vi) Uma nítida maioria dos respondentes declarou conhecer e compreender (77.1% e 68.5% respectivamente) o Código de Ética, classificando-o como importante, ao passo que os demais informantes reconheceram o Código apenas pelos seus cogitados efeitos; (vii) Há adesão ao Código de Ética profissional por parte da maioria dos respondentes; (viii) As futuras pesquisas devem definir uma amostra representativa do universo de registrados no CREF-01RJ/ES, como também um outro instrumento deve ser desenvolvido assim como validado a partir do perfil ora disposto pelo presente estudo.

Figura 1 – Nível de instrução
Figure 1 – Education

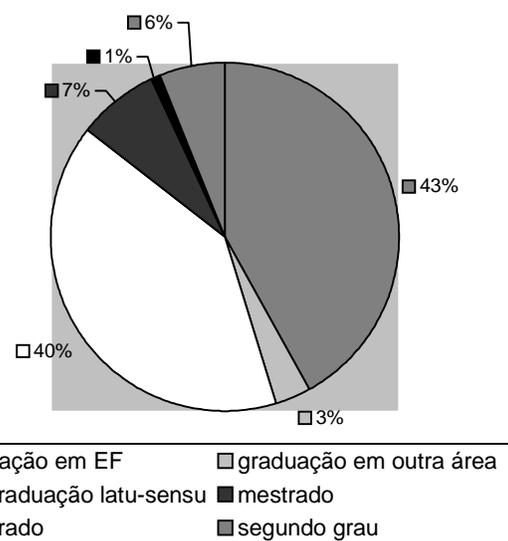


Tabela 1 – Qualificação dos respondentes por anos de trabalho

Table 1 – Respondents according to number of years of professional experience

ANOS	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL
0 a 5	41	17.7
6 a 10	51	22.1
11 a 15	44	19.0
> 15	95	41.1

Figura 2 – Qualificação dos respondentes por anos de trabalho
Figure 2 – Respondents according to number of years of professional experience

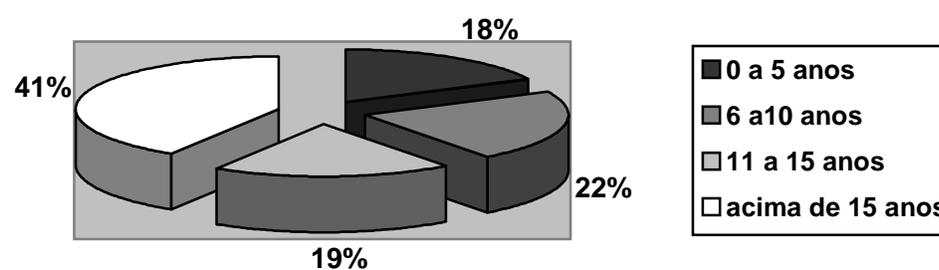


Tabela 2 – Locais de trabalho preferenciais
Table 2 – Preferred places of work

LOCAIS	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL
Academia	104	45.0
Clube	56	24.2
Escola	71	30.7
Condomínio	14	6.1
Áreas Públicas	13	5.6
Outros	39	16.9
Totais	297	128.5

(*) Frequência > 231 e Percentual > 100 = Sobreposição de Respostas

Tabela 3 – Opções de campo de intervenção
Table 3 – Options of fields of intervention

CAMPOS	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL
Esporte de Rendimento	46	19.9
Promoção de Saúde	112	48.5
Estética Corporal	60	26.0
Lazer	29	12.6
Administração	17	7.4
Educação Física	59	25.5
Escolar		
Outros	28	12.1
Totais	351	152.0

(*) Frequência > 231 e Percentual > 100 : Sobreposição de Respostas.

Figura 3 – Campo de intervenção profissional
 Figure 3 – Field of professional intervention

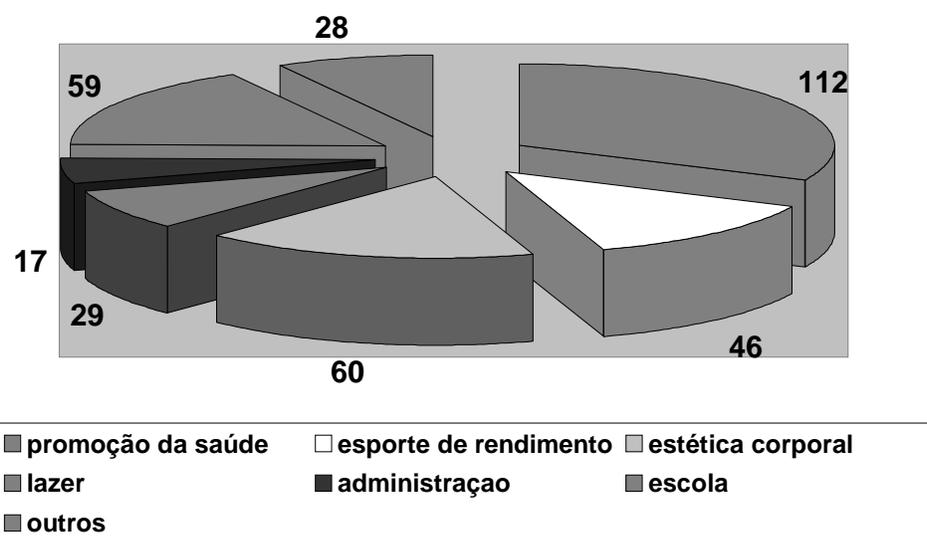


Figura 4 – Motivo para registro no CREF-01
 Figure 4 – Reasons for registration at CREF-01

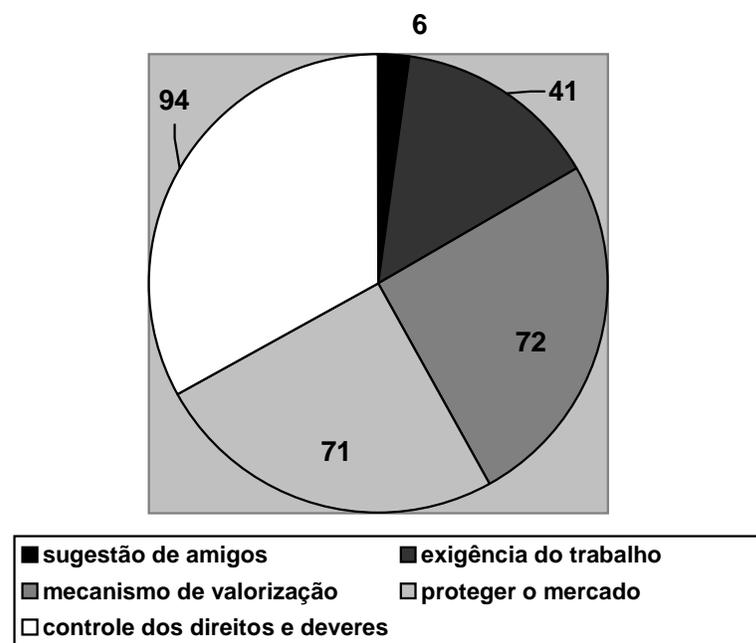


Tabela 4 – Tipos de aprimoramento profissional^(*)
 Table 4 – Types of continuous Improvement

PREFERÊNCIAS DE ATUALIZAÇÃO	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL
Cursos Especializados	176	77.2
Jornais e Revistas	155	68.0
Internet	97	42.5
Internet-Grupos de Discussão	17	7.5
Estágios	8	3.5
Observação Aulas de Colegas	45	19.7
Totais	498	218.4

(*) Frequência > 231 e Percentual > 100: Sobreposição de Respostas

Tabela 8 – Julgamento ético dos profissionais de Educação Física^(*)
 Table 8 – Ethical judgment of Physical Education professionals

OPÇÕES RESUMIDAS	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL
Ético	35	15.4
Não Compreende	75	32.9
Indiferente	21	9.2
Corporativista	19	8.3
Despreparado	57	25.0
Outros	21	9.2

(*) Ausência de Respostas = 3

Tabela 5 – Leitura de textos técnico-profissionais
 Table 5 – Reading: technical and professional texts

NÚMERO DE TEXTOS	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL
1 Texto	12	5.2
2 Textos	12	5.2
3 Textos	25	10.8
> 3 Textos	181	78.4
Nenhum	1	0.4

Tabela 6 – Conhecimento do CONFEF – meios e veículos
 Table 6 – Acknowledgement of CONFEF

MEIOS & VEÍCULOS	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL
Amigos	67	29.0
Jornais	18	7.8
Internet	1	0.4
Cursos	36	15.6
Movimentos	53	22.9
Graduação	32	13.9
Outros	24	10.4

Tabela 7 – Motivos de registro no CONFEF^(*)
 Table 7 – Reasons for registration at CONFEF

FATORES	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL
Sugestão de Amigos	6	2.6
Exigência do Trabalho	41	17.7
Mecanismo de Valorização	72	31.2
Proteger o Mercado	71	30.7
Controle dos Direitos e Deveres	94	40.7
Totais	284	122.9

(*) Frequência > 231 e Percentual > 100: Sobreposição de Respostas

Figura 5 – Percepção que o profissional faz de si
 Figure 5 – Self-perception of the Physical Education professional

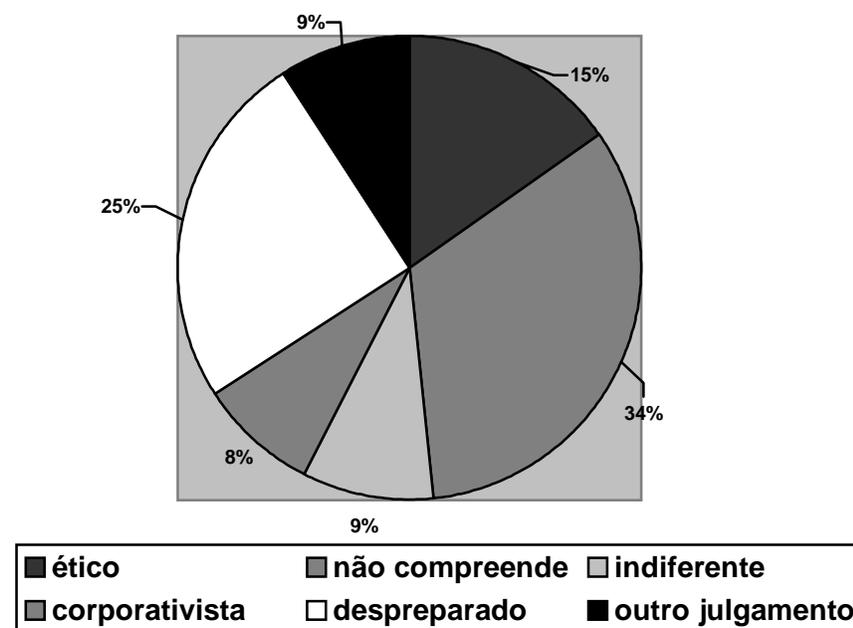


Tabela 9 – Percepção dos registrados sobre direcionamentos éticos
Table 9 – Perception of the registered professionals about ethical behaviors

DEVERES – INTERPRETAÇÕES (1)	FREQÜÊNCIA	PERCENTUAL
Competência Técnica	176	76.2
Atualização Profissional	203	87.9
Orientação dos Alunos	204	88.3
Guardar Sigilo	84	36.4
Responsabilidade sob Falta Cometida	154	66.7
Vivenciar “Espírito Esportivo”	132	57.1
Totais	953	412.6

⁽¹⁾Dimensões Morais e Éticas previstas no Código de Ética do CONFEF

Tabela 10 – Motivos geradores de recurso ao Conselho
Table 10 – Reasons professionals appealed to CONFEF

OFENSAS E IMPEDIMENTOS	FREQÜÊNCIA	PERCENTUAL
Prejuízos Morais	181	78.4
Discriminação	158	68.4
Concorrência Desleal	160	69.3
Forçado a Descumprir o Código	186	80.5

Tabela 11 – Opções a favor e contra recursos ao CONFEF^(*)
Table 11 – Reasons professionals would or not appeal to CONFEF

OPÇÕES PARA RECORRER AO CONFEF	FREQÜÊNCIA	PERCENTUAL
Sim, porque ele é o mecanismo legal de apoio ao profissional	164	71.3
Não, porque não acredito na eficácia de instituição desta natureza	9	3.9
Não, porque não acredito nos dirigentes do CONFEF/CREF	9	3.9
Depende do juízo prévio que eu faça sobre o caso	37	16.1
Não conheço o Código de Ética	11	4.8

^(*)Ausência de Informações a este quesito: 1 questionário

Tabela 12 – Iniciativas de denúncia ao CREF
Table 12 – Initiatives of denouncement to CREF

DENÚNCIAS POR DESVIOS DO CÓDIGO DE ÉTICA	FREQÜÊNCIA	PERCENTUAL
Sim, porque ele é o mecanismo legal de apoio ao profissional	183	79.2
Não, porque não acredito na eficácia de instituição desta natureza	4	1.7
Não, porque não acredito nos dirigentes do CONFEF/CREF	6	2.6
Depende do juízo prévio que eu faça sobre o caso	30	13.0
Não conheço o Código de Ética	8	3.5

Figura 6 – Denúncia ao CREF
Figure 6 – Denouncement to CREF

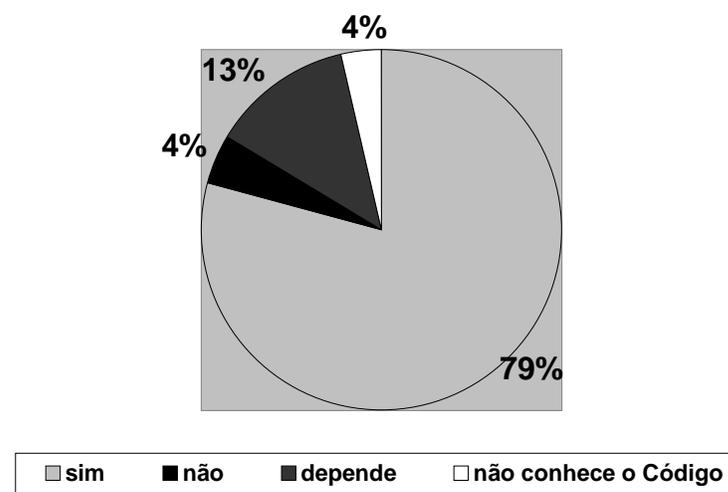
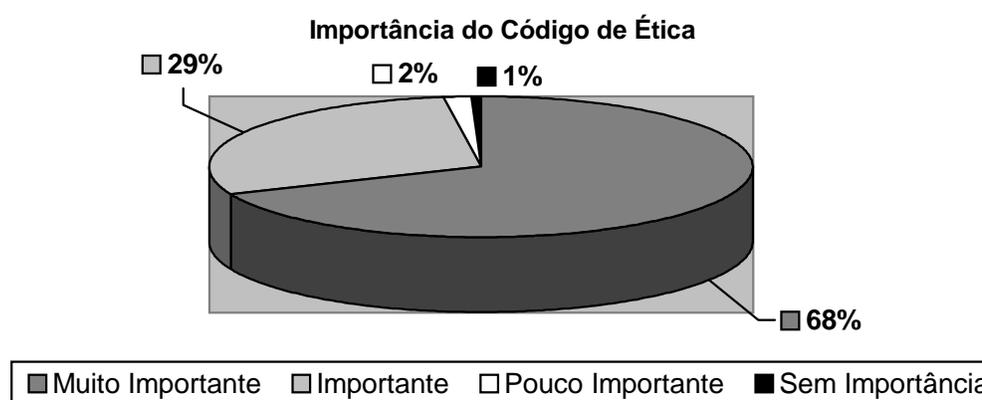


Tabela 13 – Importância do Código de Ética^(*)
Table 13 – Importance of the Code of Ethics

CLASSIFICAÇÃO DA IMPORTÂNCIA	FREQÜÊNCIA	PERCENTUAL
Muito Importante	122	68.5
Importante	52	29.2
Pouco Importante	3	1.7
Sem Importância	1	0.6

^(*)Só responderam a este quesito aqueles que conhecem o Código de Ética

Figura 7 – Importância do Código de Ética
Figure 7 – Importance of the Code of Ethics



Militares



Exército Brasileiro – Atividades físicas e esportivas

RENATO SOUZA PINTO SOEIRO

Brazilian Army – Physical and sporting activities

Since the beginning of the 19th century, the Exército Brasileiro (Brazilian Army –EB) has been blending physical training with sports practices not only for military preparation but also for participation in competitions with civilian institutions. In 1810, the most practiced sports among the military of EB were fencing, equestrian and swimming. In the 1910s, the EB military played in

Origens Desde sua criação, o Exército Brasileiro - EB tem valorizado a prática sistematizada de esportes e exercícios físicos como preparo militar e sobretudo disciplinar. Uma das primeiras manifestações esportivas no EB ocorreu na primeira metade de século XIX motivado pelo interesse demonstrado pelo Imperador D. Pedro II pela equitação. O Imperador trouxe para o Brasil o capitão de Cavalaria Luís Jácome, pioneiro na criação de cavalos e na equitação artística no Brasil. Um de seus discípulos, o tenente Armando Batista Jorge, em conjunto com um grupo de civis entusiastas, criaram o Clube Esportivo de Equitação, cujo picadeiro ainda hoje perdura nas dependências do Centro Hípico do Exército, em São Cristóvão, Rio de Janeiro. Outras atividades esportivas praticadas desde 1810 na Academia Real Militar eram a esgrima, a equitação e a natação.

1858 Em 1 de março deste ano, estabeleceu-se como norma, que dentre as práticas escolares figurariam a esgrima e a natação para os cursos de Infantaria e Cavalaria da Escola Militar. Nos anos seguintes, a localização da Escola Militar na Praia Vermelha, Urca, Rio de Janeiro, resultou em grande impulso aos esportes aquáticos. Os cadetes organizaram um clube em que praticavam a canoagem, esgrima e escaladas ao Pão de Açúcar e ao Morro da Urca.

1890 Pelo decreto n.º 330, de 12 de abril deste ano, determinou-se, entre outras disposições, que nas Escolas Militares do RJ e RS haveria uma sala d'armas, campo de exercício e linha de tiro, picadeiro, barca e mais aparelhos necessários aos trabalhos de guerra.

1911 Militares do EB já são identificados, em fontes da época, fazendo parte de equipes de futebol dos principais clubes do Rio de Janeiro. Diversos oficiais servindo na Vila Militar (zona norte da cidade, distante do centro) organizaram equipes em seus quartéis e foram iniciadas as competições amistosas utilizando o campo do 1º Regimento de Artilharia Motorizado. A iniciativa foi do então tenente Francisco Mendes, destacado atleta do Fluminense Football Club.

1915 Funda-se a Liga Militar de Futebol, com estatuto próprio e tendo como presidente, o Coronel Chripim Ferreira. Este fato pode ser interpretado como evidência de ambiente favorável à prática esportiva entre os militares do EB.

1920 A entidade dirigente maior de futebol no EB passou a denominar-se Liga de Sports do Exército (sic), sob a presidência do Coronel Estellita Werner. Mas a diversificação de práticas além do futebol somente tornou-se presente por influência da Missão Militar Francesa que além de uma nova doutrina militar, transmitiu para o EB – após a primeira Guerra Mundial – o ideal da generalização da prática esportiva, preconizada pela Escola de Joinville Le Pont (Paris).

1922 Em junho deste ano surge um sinal da diversificação estimulada pelo intercâmbio com o exterior, representado pela

civilian soccer clubs, which competed in military facilities as well. These facts led to the creation of the “Liga de Sports do Exército” (League of Sports of the Army), with military and civilians, in 1915. It organized the Regional Olympic Games of the IOC and of the YMCA in Rio de Janeiro in 1922. In 1947, the Departamento de Desportos do Exército (the Department of Sports of the Army –

organização das competições comemorativas do Centenário da Independência. A Liga reuniu-se com a Comissão Militar Sportiva (sic) e as comissões especiais da comemoração a fim de colaborar com a organização dos Jogos Olímpicos Latino-Americanos, sob liderança da então Confederação Brasileira de Desportos, e apoio internacional do Comitê Olímpico Internacional - COI e da Associação Cristã de Moços - ACM. Esta versão de Jogos Olímpicos Regionais incluiu os esportes hípicas, o atletismo, o tiro, a esgrima, o futebol e o pentatlo moderno, este pela primeira vez disputado na América do Sul.

1925 Já na fase eclética da Liga instituiu-se o primeiro campeonato divisionário com provas de atletismo, jogos e natação, realizadas na Vila Militar e na Praia da Urca. Em outubro inaugurou-se o estádio da Companhia de Carros de Combate onde passa a ter sede provisória, a Liga de Sports do Exército.

1927 As atividades da Liga ganham o status de solenidade militar ao serem inauguradas com duas destacadas festividades, efetuadas respectivamente em 6 de abril no estádio da Companhia de Carros de Combate com homenagens ao seu presidente General Malan, e em 28 de junho, no estádio da Fortaleza de São João, já quase concluído.

1929 Devido a dificuldades financeiras e de gestão foram suspensas as atividades da Liga. Mesmo assim, fez ela efetuar o quarto campeonato de pentatlo moderno. Pelo Aviso Ministerial 620 de 2 de setembro de 1931, extinguiu-se oficialmente a Liga de Sports do Exército.

1931 – 1947 Ausência no EB de um órgão central gestor das práticas esportivas, gerando-se então iniciativas assistemáticas de apoio a práticas, quer por parte de ex-integrantes da extinta Liga de Sports ou da Escola de Educação Física do Exército, a qual já despontara, no período, como promotora do esporte, vertente mais atraente da educação física.

1947 Designa-se uma comissão para reorganizar a extinta Liga de Sports do Exército, sob a presidência do veterano esportista General Edgard do Amaral. Conhecedores dos motivos que levaram à extinção e à ineficiência da Liga oficiosa e informal, optaram os membros da comissão pela organização de um departamento oficial diretamente subordinado ao Ministro da Guerra, solução já concebida em 1931, mas não implementada.

Assim, o Departamento de Desportos do Exército - DDE foi criado, como um órgão diretamente subordinado ao Ministro da Guerra. Seus regulamentos, códigos, diretrizes e instruções foram aprovados pelo Ministro da Guerra e constituíram ordem de execução para todos os elementos do Exército. Criou-se o Código Desportivo do Exército, com o objetivo de uniformizar as práticas esportivas em todo Exército, bem como fixar as modalidades, períodos de realização e procedimentos técnicos, para levar o Esporte Militar ao mais alto grau de aperfeiçoamento. Houve, em síntese, uma associação da doutrina militar – normativa em

DDE) replaced the League, and consolidated the association of the military doctrine – normative in its essence – with the community spirit, typical of sports organization. Today the EB has 1,247 military organizations with approximately 200,000 men and women, who participate in physical and sporting activities almost every day and who are assessed by means of fitness tests three times a year.

sua essência – com o caráter comunitário, típico da organização esportiva.

1956 A Lei 2851 de 25 de agosto do ano então corrente estabeleceu a nova organização básica do Exército e, nos seus artigos 13 e 61, extingue o DDE e cria a Comissão de Desportos do Exército - CDE, subordinada diretamente à Secretaria do Ministério da Guerra. Consolidou-se, portanto, o modelo híbrido do desenvolvimento esportivo promovido pelo EB, tendo à frente a CDE que até hoje opera como agência reguladora das atividades esportivas no Exército Brasileiro.

Situação Atual Atualmente, a Força Terrestre está presente em todo o território nacional, o qual é dividido em sete comandos militares de área - CMA. Esses grandes comandos são constituídos por divisões de exército, brigadas e organizações militares de diversas naturezas e, para fins de apoio logístico e defesa territorial, são divididos em regiões militares - RM. Estes comandos militares são responsáveis pelo planejamento, preparo e emprego das tropas em sua área, o que inclui tanto o desenvolvimento físico com a prática esportiva, devidamente monitorados. Dentro deste sistema, o Exército possui 1247 Organizações Militares-OM divididas da seguinte maneira: Comando Militar da Amazônia-CMA – 120 OM; Comando Militar do Nordeste-CMNE – 220 OM; Comando Militar do Oeste-CMO – 62 OM; Comando Militar do Leste-CML – 315 OM; Comando Militar do Planalto-CMP – 91 OM; Comando Militar do Sudeste-CMSE – 198 OM; Comando Militar do Sul-CMS – 241 OM.

O efetivo da Força tem oscilado, nas duas últimas décadas, entre 150 e 200 mil militares (homens e mulheres) que realizam atividades físicas e esportivas quase que diariamente e são avaliados três vezes por ano, através dos testes de flexão na barra, flexão de braço, abdominal, meio sugado e corrida de 12 minutos. As competições esportivas são realizadas pela Força Terrestre no âmbito dos comandos militares de área, divisões de exército, brigadas e organizações militares, com a finalidade de desenvolver as qualidades físicas e morais necessárias à vida castrense e contribuir com a revelação de talentos esportivos para o esporte nacional de alto nível.

Fontes Boletim do Exército de 10 de maio de 1947; Boletim do Exército de 01 de setembro de 1956; Estrutura Organizacional do Exército Brasileiro, em <http://www.exercito.gov.br/01instit/conheca/estrangeb.htm>; Jordão Ramos, J. Escola de Educação Física do Exército (1930 - 1965). Temas de Educação Física. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1966; SILVA, C. P.; Silva, E. B. O Desporto nas Grandes Unidades do Exército Brasileiro em 1999; Revista de Educação Física – EsFEEx. Rio de Janeiro: v. 69, n 125, p. 36 – 39, 2001; Silva, O. E. Os Desportos no Exército. Revista de Educação Física – EsFEEx. Rio de Janeiro: v. 15, n. 56, p. 3 -7, nov. 1947.

Número de instalações esportivas (IE) por Comando Militar de Área – CMA, 2003

Number of sport facilities (IE) Area Military Command – CMA, 2003

Preferência de esportes em competições esportivas nível de CMA (30 Brigadas)

Preferred Sports in Regional Competitions (n=30)

Modalidade	Frequência	%
Tiro	27	96
Orientação	25	89
Voleibol	25	89
Atletismo	24	86
Futebol	24	86
Pentatlo Militar	23	82
Corrida	20	71
Rústica		
Natação	15	54
Cabo de Guerra	10	36
Basquetebol	06	21
Tênis	04	14
Judô	02	07

OM participantes de competições esportivas Nível de CMA (18,5% x total)

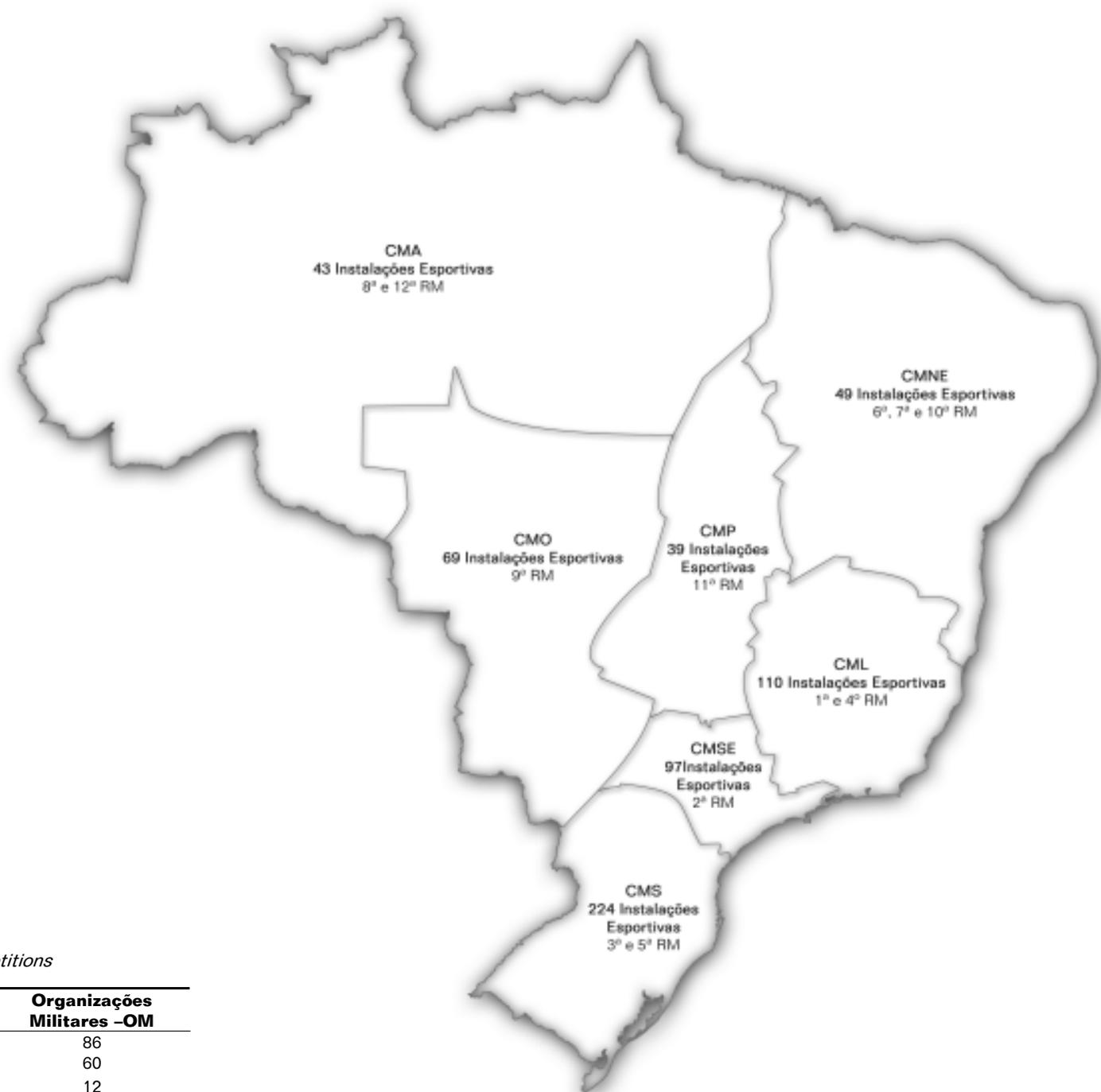
Military Organizations – OM in Regional Sport Competitions

Comando Militar de Área – CMA	Brigadas Pesquisadas	Organizações Militares –OM
Comando Militar do Sul (CMS)	11	86
Comando Militar do Leste (CM)	06	60
Comando Militar do Planalto (CMP)	01	12
Comando Militar do Oeste (CMO)	03	23
Comando Militar da Amazônia (CMA)	04	21
Comando Militar do Nordeste (CMNE)	02	17
Comando Militar do Sudeste (CMSE)	03	18
Total Geral	30	237

Número de instalações esportivas por CMA

Number of sport facilities by CMA location

Categoria / Localização	CMS	CML	CMP	CMO	CMA	CMNE	CMSE	TOTAL
Pista de Atletismo	36	15	09	14	02	04	24	104
Ginásio Esportivo	30	07	01	00	02	01	05	46
Quadra Esportiva (descoberta)	63	39	14	25	15	23	27	206
Campo de Futebol (11 jogadores)	56	27	09	17	09	09	25	152
Piscina (25 ou 50 m)	05	05	00	00	08	01	02	21
Estande de Tiro (25 a 300 m)	34	17	06	13	07	11	14	102



Escola de Educação Física do Exército – EsEFEx

RENATO SOUZA PINTO SOEIRO E RAFAEL PINHEIRO

The School of Physical Education of the Army – EsEFEx

The Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx - The School of Physical Education of the Army), founded in 1919, has produced national (until the 1980s) and international military and civilian instructors and trainers in physical education and sports. The school

Origens Em 1919, um grupo de oficiais e cadetes da Escola Militar - RJ, fundou a “União Atlética da Escola Militar” e se propôs a promover a sistematização da Educação Física nos meios militar e civil. Era um núcleo de idealistas influenciados pela Missão Indígena, cujos esforços culminariam com a criação da Escola de Educação Física do Exército. À frente deste movimento, achava-se o Tenente Newton Cavalcanti, seu incentivador maior, que mais tarde foi diretor da Escola. Neste contexto, o primeiro marco de fundação da EsEFEx situa-se em 10 de janeiro de 1922 (Boletim do Exército nº 431- 20/01/1922) quando se criou o Centro Militar de Educação Física - CMEF na Escola de Sargentos de Infantaria, Vila Militar – RJ, como parte da nova Organização do Exército. As atividades se iniciaram sob os auspícios da Liga de Sports do Exército, mas a Revolução de 1922 determinou seu fechamento não chegando, portanto, a formar sequer uma turma de instrutores.

1929 Sete anos após o fechamento do CMEF, ocorreu uma visita do Presidente da República Dr. Washington Luís, à Escola de Sargentos de Infantaria, acompanhado pelo Ministro da Guerra, General Nestor Sezefredo dos Passos. Entusiasmado com o trabalho produzido com os alunos da Escola de Sargentos de Infantaria, o Ministro Sezefredo determina providências imediatas para a criação do Curso Provisório de Educação Física, anexo à referida Escola. A condução dos trabalhos foi entregue aos Tenentes Ignácio de Freitas Rolim e Virgílio Alves Bastos, que selecionaram uma turma de 10 Oficiais, 28 Sargentos e 20 professores públicos do então Distrito Federal (hoje município do Rio de Janeiro). Deste grupo saiu a primeira turma de diplomados em Educação Física do Brasil, considerando-se um estabelecimento nacional e alunos militares e civis em igualdade de condições discentes.

1930 Neste ano, como as instalações da Escola de Sargentos de Infantaria eram precárias para a parte náutica, transferiu-se o núcleo formativo para a Fortaleza de São João, Urca, local que marca a fundação da cidade do Rio de Janeiro no século XVI. Na sua nova sede, o CMEF iniciou suas atividades com a abertura dos cursos de Instrutor, Especialização (Medicina) e de Monitor.

1933 Na data de 19 de outubro, o Governo Vargas pelo decreto 23252, muda a denominação do CMEF para Escola de Educação Física do Exército, dando-lhe nova organização, atualizando os seus currículos e ampliando os seus objetivos. Desde então, a EsEFEx assumiu uma função de formadora, com atuação em todo o território nacional, e freqüentemente, em condições pioneiras em diversas regiões. Esta vocação para influenciar a Educação Física em escala nacional – e mais tarde admitindo alunos do exterior – passou por estágios distintos, refletindo o próprio desenvolvimento do esporte e atividades físicas de lazer, ora em perspectiva militar (instrutores), ora civil (professores e médicos).

was the main supporter of sports medicine in the country in the 1930s and produced 6,137 professionals, 180 of whom from 12 countries, up to 2002. The EsEFEx also played a very important role in the set-up process of the sport sciences in Brazil in the 1970s.

1933 – 1941 Nesta primeira fase, a EsEFEx compartilha tanto da eugenia à época prevalecente no país – reforçando ideais do povo brasileiro como uma raça forte – como da formação e especialização em Educação Física e Medicina Esportiva como uma contribuição prioritária da EsEFEx para o desenvolvimento institucional destas áreas de intervenção profissional. Os marcos deste período foram os seguintes: criação, em 1929, do “Curso Provisório de Educação Física”; fundação, em maio de 1932, da “Revista de Educação Física”, considerada órgão oficial da EsEFEx; suporte, em 1939, para criação e desenvolvimento da Escola Nacional de Educação Física e Desportos – RJ; contribuição, em 1939, para a efetiva institucionalização da Medicina do Esporte no Brasil; criação, em 1936, da “Colônia de Férias”, uma das atividades precursoras do esporte recreativo como inclusão social no país, sob liderança do Capitão Ignácio de Freitas Rolim e do Sargento Custódio Batista Lobo.

1942 – 1967 Nesta segunda fase, a ênfase situou-se no uso do esporte para preparação do soldado; no compartilhamento de cargos em diversas confederações e federações esportivas brasileiras; na organização de eventos esportivos e publicações diversas como livros, artigos e manuais na área de Educação Física e esporte. Os marcos deste estágio foram os seguintes: realização de estágios, cursos e simpósios, permitindo acesso e atualização profissional quanto aos principais métodos de intervenção profissional; ocupação efetiva de cargos e direção de instituições da área por pessoal legitimado pela formação profissional; intercâmbio internacional, destacando-se o XII Campeonato Mundial de Pentatlo Militar em 1960, evento esportivo de repercussão mundial, no qual os encargos do treinamento atlético e organização couberam à EsEFEx; reedição da maior parte das obras elaboradas pela EsEFEx, após um convênio assinado com a Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura, para efeito de difusão no meio civil.

1968 – 1979 A “Fase de Cientificação do Treinamento Esportivo” seguiu-se como resultado da crescente influência das ciências na preparação atlética como também no incentivo dado pelo Ministro do Exército às práticas esportivas em todas as guarnições do país, afirmando a importância da preparação física e psicológica do combatente. Os marcos desta fase foram: a preparação física da seleção brasileira de futebol para a Copa do Mundo no México, em 1970, para a qual Cláudio Coutinho utilizou o programa “Aerobics”, adaptando a tabela de Cooper destinada a sedentários aos atletas; o impacto da conquista da Copa de 1970 pelo Brasil, dando surgimento a um grande movimento social de engajamento a programas de atividade física sistemática.

1980 – 1989 Neste período instalou-se uma fase de valorização dos esportes militares em face à mudança da conjuntura política do país e conseqüente retração da EsEFEx, voltando-se para dentro da instituição, conseqüentemente dando prioridade aos esportes militares e ao treinamento físico militar. Esta fase teve como marcos:

Today it is linked to the Centro de Capacitação Física do Exército (Center of Physical Preparation of the Army), which is the institution in charge of research and development of physical activities towards health and fitness in the preparation of the military.

a trajetória internacional bem sucedida da Equipe de Pentatlo Militar do Brasil que destacou a preparação física, psicológica e técnica do soldado brasileiro e o processo de cientificação do manual de Treinamento Físico Militar e do Teste de Avaliação Física no âmbito interno do Exército.

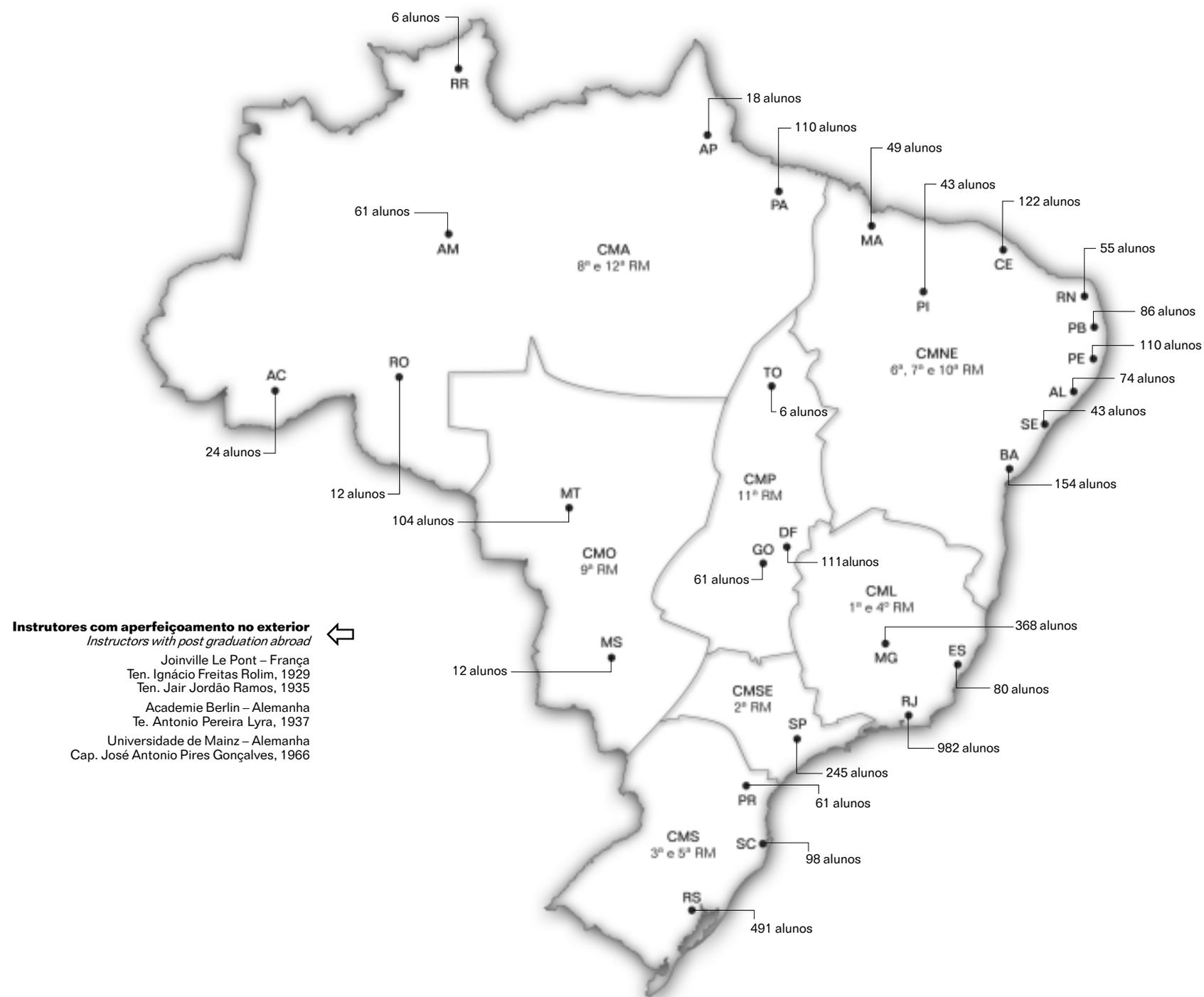
1990 – 2000 A fase de reestruturação, no sentido das Ciências do Esporte, derivou-se tanto da introspecção da EsEFEx que a afastou das instituições civis, tanto quanto do avanço destas últimas entidades no sentido do conhecimento e da pesquisa, sobretudo em termos de pós graduação. Dessa forma para que a EsEFEx não ficasse distante da modernização do esporte e da Educação Física, ela passou a ser enquadrada no Centro de Capacitação Física do Exército - CCFEx. Este foi criado para obter interdisciplinaridade entre o esporte, a saúde, a pesquisa e a preparação dos discentes. Nesta nova abordagem, o corpo docente da EsEFEx tem buscado o auto-aperfeiçoamento em universidades civis e cursos de pós-graduação em convênio com estabelecimentos de ensino superior do mundo civil têm sido realizados dentro da Escola.

Situação Atual Desde sua criação, até 2002, foram formados pela EsEFEx 6137 alunos, sendo 2606 do curso de instrutores, 3099 do curso de monitores, 152 do curso de medicina esportiva, 134 do curso de mestre d'armas, 92 do curso de massagem desportiva (realizado até 1953) e 54 do curso de técnico em esgrima (realizado até 1985). Os formandos originaram-se de todas as Unidades Federadas do país e de algumas nações amigas, sendo civis ou pertencentes ao Exército, Marinha, Aeronáutica, Polícia Militar, Corpo de Bombeiros, Forças Armadas de outros países. Hoje a EsEFEx continua cumprindo sua missão principal, que é habilitar oficiais, sargentos e civis para o desempenho de funções nas áreas da Educação Física, Medicina Esportiva e Mestre D'armas. E mantém sua contribuição para o esporte nacional, principalmente cedendo suas instalações para realização de treinamento e testes físicos de clubes, seleções nacionais e internacionais.

Fontes Molina, A. de M. A Escola de Educação Física do Exército: sua atuação em prol da Educação Física Nacional. Revista de Educação Física – EsEFEx. Rio de Janeiro: v. 4, n. 25, p. 5- 7, ago. 1935; REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA – EsEFEx. A Cerimônia de Inaugural do Gymnasio Leite de Castro. Rio de Janeiro: v. 1, n. 4, p. 1, jan. 1933; Ferreira Neto, A Pedagogia no Exército e na Escola: a educação física brasileira (1880-1950). Aracruz: Facha, 1999. 162p; Ferreira Neto, A Escola de Educação Física do Exército (1920-1945). VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física - Coletânea. Rio de Janeiro: Editora Universidade Gama Filh; IHGB: INDESP, 1998. p. 286-293; Soeiro, R. S. P. A Contribuição da Escola de Educação Física para O Esporte Nacional: 1933 a 2000. Rio de Janeiro, 2003. Dissertação (Mestrado em Motricidade Humana). Universidade Castelo Branco.

Relocação dos alunos formados na EsEFEx nos estados da Federação, 1933 – 2002

Relocation of former EsEFEx students in Brazilian States, 1933 – 2002



Instituição de origem dos alunos formados pela EsEFEx, 1933 – 2002^(*)

Institutional background of former EsEFEx students, 1933 – 2002
 n = 6137

	Curso de Instrutores	Curso de Monitores	Curso de Medicina Esportiva	Curso de Mestre D`Armas
Exército	2275	2537	67	89
Marinha	32	33	7	-
Aeronáutica	245	185	11	-
Polícia Militar	320	256	09	07
Corpo de Bombeiros	49	22	04	-
Estrangeiros	123	58	05	17
Civis	55	08	49	21

^(*)Estrangeiros / *Other countries*: Portugal – 6, Uruguai – 29, Paraguai – 28, Venezuela – 29, Guiana Inglesa – 5, Angola – 6, Chile – 21, Equador – 45, Guatemala – 4, Argentina – 1, Peru – 10 e Colômbia – 9 ; Total = 203

O esporte na Marinha do Brasil

FERNANDO GARRIDO E ÂNGELA LAGE

Sports in the Brazilian Navy

The Academia Real dos Guardas-Marinhas (The Royal Academy of Midshipmen) – today Escola Naval (Naval School) – was founded in the city of Rio de Janeiro in 1808. It trained future Navy officers born not only in Brazil, but also in England, France and Portugal. Practical lessons of shooting, fencing, horsemanship, and sailing were included in the training program and predominated between 1823 and 1915, particularly sailing, in the Marinha do Brasil (Brazilian Navy) and Escola Naval. The Liga de Esportes da Marinha (League of Sports of the Navy – LEM) introduced basketball, swimming, water polo and soccer when it was founded in 1915. Since the training program of Marinha do

Origem A instalação da Academia Real dos Guardas-Marinhas na cidade do Rio de Janeiro, atual Escola Naval, inaugurou em 1808 os estudos superiores no Brasil inclusive com a participação de alunos estrangeiros, tais como franceses, ingleses e portugueses. Na formação dos oficiais constavam aulas teóricas das disciplinas acadêmicas, aulas práticas das artes do marinheiro, exercícios militares e embarques. Dentre as atividades de caráter formativo, direcionadas à guerra e que tinham o sentido esportivo, encontravam-se: o manejo de armas brancas e de fogo, a equitação e o conhecimento e preparação de equipamentos e pilotagem de embarcações à vela. Desse modo, pode-se atribuir às Forças Armadas, em particular a Marinha do Brasil, o papel precursor do desenvolvimento dos esportes no Brasil, sobretudo quanto ao tiro, à esgrima, ao hipismo e à vela. Estas práticas ocorriam de forma lúdica ou em exibições e encontros amistosos. Dentre os primeiros alunos da Academia Real encontravam-se os futuros heróis da Marinha de Guerra, os Almirantes Visconde de Inhaúma, Wandenkolk e Barroso estudantes da turma de 1818, e Tamandaré, Patrono da Marinha, aluno da turma de 1823.

1823 Iniciam-se as viagens da Escola Naval em vários tipos de embarcações à vela. Eram grandes travessias com longas permanências no mar e objetivavam a formação dos aspirantes. Essas atividades marinheiras compreendidas como arrojadas façanhas na época podem ser comparadas nos dias atuais àquelas realizadas nas grandes travessias de aventura e longos trajetos de risco.

1851 Realiza-se em 1º de novembro na Baía de Guanabara, Rio de Janeiro, a primeira regata a remo da cidade, localizada na Enseada de Botafogo, promovida pelo Marquês de Abrantes e com a presença da família real. Entre os juízes estavam os futuros e famosos almirantes Tamandaré e Barroso (Licht, 2003).

1858 A formação de Guarda-Marinhas ganhava novos contornos após meados do século XIX. Os alunos da Academia de Marinha deveriam absorver as transformações mundiais disseminadas pela Revolução Industrial como o aparecimento da tecnologia a vapor que modificou por completo a guerra no mar. Neste ano, a ginástica e a natação, segundo Cantarino (1988) foram incluídas no currículo das escolas militares. O conceito de educação física durante o século XIX, foi permeado por aspectos higiênicos e de saúde.

1862 Surgem as primeiras competições de remo promovidas pela Marinha de Guerra, realizando-se neste ano duas regatas na Enseada de Botafogo-RJ. No programa constavam nove páreos para diferentes tipos de barcos. A segunda regata constituiu homenagem ao Marquês de Pombal e foi assistida pelo Imperador D. Pedro II, sua corte e grande público. Depreende-se por este fato que a população da cidade do Rio de Janeiro era envolvida quer de forma ativa ou passiva no esporte do remo, no sentido de competição e lazer. No ano seguinte, no mesmo local, novos tipos de embarcações e muitos remadores apareceram no anúncio de uma regata promovida pela Marinha de Guerra em 14 de julho.

1887 Na construção do prédio da Escola Naval na Ilha das Enxadas (Baía de Guanabara-RJ), valorizaram-se as condições higiênicas, pela ampliação dos espaços, a iluminação e a ventilação dos locais de estudos, refeitório, dormitório, de locais de aulas de ginástica e esgrima. Este procedimento impôs-se em face aos surtos de doenças

Brasil's athletes had been very carefully developed, it ceded athletes for the Brazilian Olympic team to participate in the Olympic Games of Antwerp in 1920. The Escola de Educação Física da Marinha (School of Physical Education of the Navy) was created in 1925 and started to train monitors of physical activities and sports for the ships and support institutions. The medical supervision of sailors in relation to their physical preparation through anthropometric measurements started in 1928. Navy swimmers made up the basis of the Brazilian swimming team that became leader in South America in the 1930s. As the Navies of Brazil and the United States worked together during WWII, an only method of physical

infecto-contagiosas recorrentes na cidade de Rio de Janeiro à época. Destacava-se então a prática de atividades físicas de sentido higiênico na sociedade brasileira em geral, em todas as regiões do país.

1892 Uma regata a remo de três páreos “para amadores” era realizada em 12 de novembro, em homenagem ao Almirante Barroso e promovida pela Marinha de Guerra. Denota-se que a disputa deveria ocorrer sob a concepção amadora, o que indicava a existência no esporte, em especial no remo, de uma prática sob a moral profissional apoiada na venda de *poules* (apostas).

1893 Realiza-se uma regata em Botafogo-RJ para mobilizar auxílio às vítimas do encouraçado Solimões, afundado em acidente marítimo. No Jornal do Brasil, publicação diária do Rio de Janeiro, anunciava-se no dia 23 de junho que o Clube Naval (entidade social, literária e esportiva fundada em 1884 no RJ, cujos sócios eram oficiais da Marinha de Guerra e dependentes, e cuja presidência de honra era do Imperador D. Pedro II) reabriria as aulas de esgrima nas quartas e sábados.

1896 O Clube Naval abriga o primeiro evento de organização institucional das provas de remo na Baía de Gunabara-RJ. Tal fato aconteceu em 31 de julho com a aprovação de estatuto e do código de regatas do campeonato de remo do Rio de Janeiro.

1915 Uma representação da Marinha foi convidada a disputar, no Rio de Janeiro, o 1º Campeonato de Basquetebol organizado pela Associação Cristã de Moços-ACM; tal fato motivou a criação de uma representação esportiva da Marinha, algo até então inexistente nesta entidade militar.

1915 Em 25 de novembro deste ano, um grupo de oficiais, reunidos no Clube Naval, decidiu criar a Liga de Esportes da Marinha-LEM. Aprovada pelo Aviso nº 1, de 4 de janeiro de 1916, tinha a finalidade de orientar e controlar atividades esportivas no âmbito da Força. De início, a LEM era uma associação civil, embora com foros de repartição pública; sua diretoria era eleita na forma de estatutos sociais. Ainda em 1915, ocorreram as primeiras competições internas nas modalidades de natação, pólo aquático e futebol. Em 1919, houve o primeiro campeonato de remo. Da primeira diretoria fizeram parte os capitães de corveta Adalberto Nunes e Amphilóquio Reis, o capitão-tenente Alberto Lemos Basto, os primeiros-tenentes Alfredo Sinay e Eleazar Tavares e segundo-tenente Benjamin Sodré.

1918 O esporte em caráter oficial tinha como ponto de referência a Escola Naval, na Ilha das Enxadas-RJ. Surgiram campos de atletismo, piscinas e competições entre os principais clubes e outras entidades militares. Os eventos aconteciam todos os fins de semana com competições de atletismo, natação, remo, pólo aquático, futebol, basquetebol e esgrima.

Década de 1920 As atividades esportivas da época visavam ao atendimento das finalidades básicas de higiene e saúde. Tais preocupações podem ser observadas pelas normas e determinações baixadas na época – por exemplo, a inclusão de esportes na rotina diária dos navios; da prática do banho de mar para as tripulações no porto; a proibição de jogos de futebol no verão, recomendando-se sua substituição pela natação; ou ainda a ênfase dada à prática das modalidades de vela, remo, natação e tiro, já tradicionais na Força. Em 1920, a Marinha do Brasil cedeu atletas para a

training was adopted. The next change took place in the 1960s, when the three Brazilian Armed Forces started to share similar procedures in their physical training and set up joint teams that would participate in international sports events. Today Marinha do Brasil has a Centro de Treinamento de Esportes (Center of Sports Training) in Rio de Janeiro-RJ and a Comissão de Esportes (Sports Commission) directly linked to the Minister of the Navy. Both the practice of Treinamento Fisico Militar (Military Physical Training) and the annual application of the Teste de Avaliação Física (Physical Evaluation Test - TAF) are obligatory procedures for all officers and personnel on board and on land.

representação nacional aos Jogos Olímpicos de Antuérpia deste ano, demonstrando seus avanços esportivos.

1922 O Estatuto da Liga de Esportes da Marinha é oficialmente aprovado neste ano, passando a LEM a ser responsável pelos instrutores que conduziram as atividades nas Unidades da Marinha. O Oficial Encarregado de Esportes passava a servir de ligação entre a LEM e o Comandante do navio ou organização de terra. No mesmo ano, a LEM organizou os Jogos Internacionais Navais do Centenário da Independência, contando com representações de Marinhas de vários países (Argentina, EUA, Inglaterra, Japão, México, Portugal e Uruguai), na disputa de modalidades esportivas que, a exceção do futebol, tinham caráter notadamente militar-utilitário (vela, remo, tiro, cabo-de-guerra, *aquática e atlética*). No remo aconteceu uma regata de 12 páreos na Enseada de Botafogo, com quatro provas Internacionais Navais patrocinadas pela Liga de Sports da Marinha. Dessa regata participaram remadores de sete países. No 1º páreo – canoas a 4 remos – 1.000 metros, os vencedores foram os aspirantes da Escola Naval do 1º ano. E do 4º páreo – canoas a 4 – 1.000 metros, os vencedores foram sub-oficiais e praças da Marinha do Brasil.

1922 A Liga de Sports da Marinha contratou o professor Abita Giovanni, italiano para a esgrima e a ginástica, e os professores Hebdem Corsam para a natação e Robert Fowler para o atletismo, ambos norte-americanos, com o objetivo de participar das comemorações do Centenário da Independência. Tal fato gerou a proposta daquela instituição ao Ministro da Marinha, Veiga de Miranda, para a criação do um “Serviço de Educação Física”. Nessa mesma época ocorria a modernização da Marinha do Brasil com a chegada da Missão Naval Americana que serviu de modelo de estudos para os aspirantes até 1971.

1925 A Escola de Educação Física da Liga de Esportes da Marinha foi criada e regulamentada por meio do Aviso nº 2.757 de 28 de julho de 1925, assinado pelo Ministro da Marinha, Almirante Alexandrino de Alencar. Dois anos depois, em 22 de julho de 1927, constituía-se, com 11 alunos, a primeira turma de monitores de Educação Física. O curso tinha a finalidade de formar pessoal qualificado a auxiliar oficiais ou Mestres na implementação da cultura física e jogos esportivos junto ao público interno. Dentre as disciplinas encontravam-se: esgrima, natação, atletismo e boxe. A qualificação profissional dos monitores habilitava-os a atuar também no meio civil; tal participação foi significativa no desenvolvimento do esporte e da Educação Física da época. Memorando do Ministro da Marinha criou então o destacamento da Ilha das Enxadas, com a missão de efetuar a conservação e manutenção do material esportivo, das pistas e piscinas, desta forma esquematizando fisicamente a primeira Organização Militar voltada ao esporte e Educação Física.

1927 A Confederação Brasileira de Desportos-CBD reconhece neste ano a Liga de Sports da Marinha e a Liga de Desportos do Exército como entidade oficiais das classes. Enfatizava-se que oficiais, alunos da Escola Naval e Militar, sub-oficiais e praças tinham a condição amadora, podendo, incluir nas suas representações internacionais atletas pertencentes às Ligas. As Ligas também poderiam participar dos campeonatos da CBD. Tem-se, nesta fase, a compreensão do fortalecimento do esporte sob o sentido de competição a ser desenvolvido pelas Forças Armadas.

1928 Acentuou-se a relação entre a atividade física e a medicina, com a criação e obrigatoriedade da “Ficha Antropométrica” e “Mapas de Coeficientes Físicos” para os aprendizes de marinheiros. Um ano depois, a Escola de Educação Física da Liga de Esportes da Marinha passou a denominar-se Escola de Educação Física.

Década de 1930 As transformações político-sociais por que passava a sociedade e as influências culturais da época refletiram-se na evolução da atividade física na Marinha, cada vez mais direcionada à busca da eugenia, ao aperfeiçoamento físico e à preparação para o trabalho, com atividades que objetivam a “conservação das condições de *robustez* do pessoal da Armada”. Ao mesmo tempo, os monitores de Educação passaram a compor as Divisões de Saúde dos Navios e Unidades de Terra, com subordinação direta ao Imediato.

1932 O Dr. Heriberto Paiva, da LEM, foi incluído como médico na Delegação do Brasil aos Jogos Olímpicos de Los Angeles, neste ano. Este oficial médico da Marinha fez contatos com a equipe japonesa de natação em Los Angeles, trazendo dois anos mais tarde o técnico Takashiro Saito ao Brasil para aperfeiçoar os nadadores de alta competição do país. Saito foi agregado à Escola de Educação Física da Marinha por 10 meses, gerando impacto na natação nacional, sobretudo nos métodos de treinamento. Também neste ano, os Aprendizes de Marinheiros passaram a ser classificados por Mapas de Coeficiente Físico, considerando suas idades e Estados de origem. No ano seguinte, a Liga de Esportes da Marinha passou a subordinação da Diretoria de Pessoal da Marinha. Com nova regulamentação, em 1934, a Escola de Educação Física teve sua denominação alterada para ‘Curso de Educação Física’ com supervisão técnica da Diretoria de Ensino da Marinha. Passou também a ser garantido àquele que concluiu o curso, a qualificação de ‘especializado’, com competência para ministrar exercícios de ginástica e ensinar jogos esportivos atléticos, não só no âmbito da Armada, como também no meio civil.

1933 Neste ano, a Liga de Sports da Marinha criou em 24 de novembro, o Prêmio Jair de Albuquerque em memória do fundador da Escola de Educação Física da Marinha.

1936 Nos Jogos Olímpicos de Berlim, militares da Marinha integram representações brasileiras, nas modalidades de natação e de esgrima. No Campeonato Sul-Americano de Boxe neste ano, em Santiago de Cuba, um marinheiro sagrou-se campeão na categoria peso leve. Dois anos depois, em resposta à preocupação com a presença do Estado em todo o território nacional, foram criadas, em 5 de maio, seções da LEM em Belém e Ladário.

Década de 1940 A proposta eugenista ainda se mantinha presente. No entanto, dado o advento da 2ª Guerra Mundial e os compromissos institucionais da Marinha, a preparação física do militar passou a ser o principal objetivo. Programas físicos específicos foram construídos para atender a necessidade de se efetuar a preparação do militar de forma mais árdua e realista. A década foi marcada também pela presença de militares da Marinha em cargos executivos e de direção nos órgãos civis esportivos nacionais, destacadamente no remo, natação, pólo aquático e vela; um exemplo é a dupla atividade do Almirante Lemos Bastos, como Diretor da Escola Naval e Presidente da Confederação Brasileira de Vela e Motor.

1940 Neste ano foi extinta a Liga de Esportes da Marinha e criado o Departamento de Educação Física da Marinha-DEFM, composto pelas Divisões de Cultura Física (englobando o Curso de Educação Física), de Esportes (responsável pelas atividades desportivas exercidas pela LEM) e de Medicina Esportiva. Três anos depois, surgia o Grêmio de Vela da Escola Naval, com papel de extrema relevância na sociedade civil. O DEFM não teve longa existência. Foi extinto em 1945 e suas tarefas e propósitos passaram a ser incumbência da Escola de Educação Física, então subordinada ao Centro de Instrução do Rio de Janeiro, atual Centro de Instrução

Almirante Wandenkolk. Criou-se, um ano depois, pelo Decreto-Lei nº 9.265, de 17 de maio de 1946, o Departamento de Esportes da Marinha, unidade com subordinação administrativa à Diretoria de Pessoal da Marinha e técnico-pedagógica à Diretoria de Ensino; suas tarefas principais eram formular, executar e controlar a aplicação do Plano de Educação Física da Marinha e formar monitores voltados a ministrar instrução física, orientar e dirigir a prática de esportes entre oficiais, aspirantes e praças. Ainda naquele ano, ocorreram as primeiras ‘Olimpíadas Navais’.

1941 Realiza-se a primeira regata de ida e volta à Ilha Grande-RJ, contornando-se o farol de Pau a Pino, num total de 120 milhas de percurso. O Almirante Lemos Basto, então Diretor da Escola Naval, foi também o iniciador das regatas de oceano no Brasil.

Década de 1950 A doutrina norte-americana teve influência significativa no treinamento físico voltado para a preparação do militar da Marinha. A área médica esteve então presente nos estudos que resultaram nos primeiros programas de atividades físicas direcionados ao combatente do mar. Intercâmbios e estágios foram estabelecidos propiciando a troca de informações técnicas e acesso aos principais métodos existentes. Deu-se ênfase à participação de atletas da Marinha em eventos esportivos no âmbito civil. Com a criação, em 1951, do Conselho Desportivo das Forças Armadas-CDFA, formou-se o embrião de uma nova estrutura organizacional esportiva militar, ampliando-se a possibilidade de a Marinha se fazer representar em eventos esportivos internacionais. Em 1953, para atender à demanda existente, foi criado o Centro de Esportes da Marinha, passando o Departamento de Esportes a integrar aquela Unidade como uma de suas seções.

Década de 1960 À luz da tendência da época, a Marinha iniciou estudos voltados para a implantação do treinamento científico aplicado ao esporte. No Campeonato Mundial de Pentatlo Militar (Rio de Janeiro, 1960), primeira competição do Conselho Internacional de Esportes Militares a realizar-se no Brasil, a equipe brasileira que se sagrou campeã teve como parte de seus integrantes os soldados Fuzileiros Navais: Barnabé e Ulisses. Em 1964, surge no Brasil o Pentatlo Naval. Sua introdução ocorreu a partir da ida, em 1963 à Suécia, do então Capitão-de-Corveta Heitor Alves Barreira Junior, em missão determinada pelo Estado Maior das Forças Armadas. O Brasil conquistou seu primeiro título mundial em 1967, quando o Cabo Belarmino sagrou-se campeão individual geral no Campeonato Mundial Militar, em Atenas, Grécia. Dois anos depois, o Brasil organizou, pela primeira vez, uma competição internacional de Pentatlo Naval e alcançou o vice-campeonato mundial. Em 1965, a representação das Forças Armadas do Brasil no Campeonato Mundial de Pentatlo Militar na Holanda (Arnhem) sagrou-se vencedora, tendo entre seus seis membros quatro da Marinha como também o técnico da equipe: Primeiro Tenente Lamartine DaCosta. Em 1968, nove professores de Educação Física foram admitidos, por concurso público, para ingresso na Escola Naval na função de Professor Efetivo de Práticas Educativas. Este mesmo grupo preparou e aplicou, já no ano seguinte, pela primeira vez na Marinha, testes específicos para avaliação física em um grande grupo. A partir do diagnóstico traçado, os aspirantes passaram a participar diariamente de atividades físicas dirigidas, dividindo-se em três grupos, conforme o rendimento inicial apresentado. Durante todo aquele ano, novas avaliações foram aplicadas e efetuados os necessários remanejamentos de turmas.

Década de 1970 O treinamento científico aplicado ao esporte e à preparação física dos militares tornou-se realidade. Surgiram na Marinha os primeiros programas de treinamento físico específicos, tendo como objetivo central o desenvolvimento e aperfeiçoamento da capacidade cárdio-respiratória. Baterias de testes físicos foram elaboradas e aplicadas aos candidatos e alunos dos diversos Órgãos de Formação da Marinha. Programas foram estruturados, considerando a aplicabilidade das valências físicas e habilidades específicas na vida naval e as características de cada Organização

Militar, incluindo-se os navios. A condução dos Programas de Treinamento Físico Militar e a elaboração de competições esportivas em toda a Marinha Brasileira passaram a ser reguladas por legislação específica. Em 18 de fevereiro de 1972, o Centro de Esportes da Marinha passou a chamar-se ‘Centro de Educação Física da Marinha’; no ano seguinte, seria criado, em seu lugar, o Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes-CEFAN, em novas instalações construídas em parceria pela Marinha do Brasil e o Ministério da Educação e Cultura, dentro dos mais modernos conceitos de arquitetura esportiva. Investimentos foram feitos na preparação, capacitação e recrutamento de pessoal técnico habilitado em de Educação Física, com a finalidade de tornar a termo a aplicação e o desenvolvimento de projetos na área. Concomitantemente, passaram-se a buscar valores esportivos dentre os jovens de sexo masculino em idade de cumprir o Serviço Militar Obrigatório. O desenvolvimento da área do treinamento desportivo na Marinha teve reflexos sentidos até o final da década seguinte. Em 1975, decreto do Presidente da República criou, na estrutura orgânica do Ministério da Marinha, a Comissão de Desportos da Marinha, Organização Militar de caráter permanente, subordinada, na época, diretamente ao Ministro da Marinha, com a finalidade de, como órgão central das atividades de educação física e de desportos da Marinha, dirigir, planejar, coordenar e controlar atividades desportivas, com apoio administrativo do CEFAN.

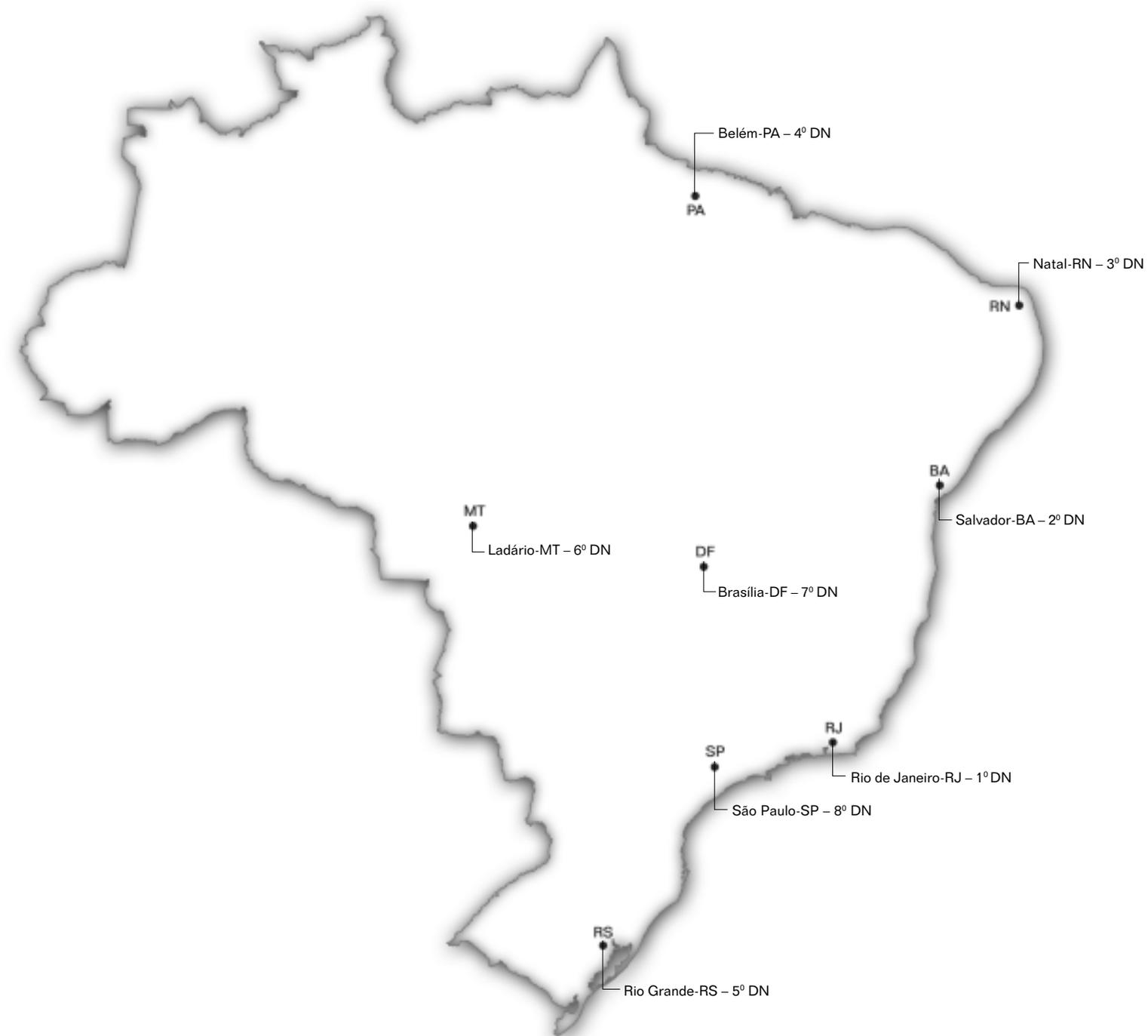
Décadas de 1980 – 1990 Os programas iniciados nos anos de 1970 prosseguiram, ao longo da década de 1980. Houve, no entanto, um processo de internalização das atividades esportivas. Reduziu-se o intercâmbio e a atividade aberta ao público civil. Tal tendência pode ser percebida até os primeiros anos da década de 1990, quando ocorreram novas iniciativas de aproximação com as entidades civis esportivas. Normas foram elaboradas para regular a Educação Física e o Desporto em toda a Marinha, destacando-se o Manual de Treinamento Físico Militar da Marinha e o Código Desportivo da Marinha. Reformularam-se testes físicos e prepararam-se outros para aplicação a candidatos aos quadros militares, em todos os níveis de recrutamento. Na década de 1990, passou a ter caráter obrigatório tanto a prática do Treinamento Físico Militar nas Organizações Militares de terra e nos navios quando atracados, quanto à aplicação anual do Teste de Avaliação Física-TAF, a todo o pessoal da Marinha. Em alguns casos, os resultados são considerados requisito para promoção ou indicação para cursos.

Situação atual A Marinha, sendo instituição integrante do Estado, tem suas atividades norteadas pelas tendências e determinações que resultam de sua vivência histórica – em síntese, do espírito da época. Atualmente, cabe à Diretoria Geral de Pessoal da Marinha, assessorada pela Comissão de Desportos da Marinha, a formulação das diretrizes para as atividades de Educação Física e Desportos. Nos últimos anos, quanto ao público interno, tem-se enfatizado o atendimento aos Órgãos de Formação, Distritos Navais e Bases, sobretudo no que se refere ao recrutamento e à distribuição de recursos humanos aplicados às atividades de educação física e desporto. A busca de novos valores tem ocorrido, basicamente, por meio de iniciativas sociais próprias ou, no âmbito de projetos do Governo Federal, utilizando a prática esportiva como instrumento de integração social entre a comunidade e a Marinha do Brasil. A valorização da cidadania, a capacitação de jovens de ambos os sexos para inserção no mercado de trabalho, a incorporação de atividades físicas, esportivas e de lazer como hábito de vida e como processo social de desenvolvimento, e da preservação da soberania, são princípios norteadores atuais, na busca da disseminação junto à sociedade do conceito de Defesa, mostrando a importância da força militar como fator de preservação da paz e da soberania nacional.

Fontes Biblioteca da Escola Naval; CEFAN; Henrique Licht; Lamartine DaCosta. Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Esportivo, DEF-MEC, Brasília, 1968; Arquivos do Jornal do Brasil-RJ; CDMB.

Marinha do Brasil – Localização dos Distritos Navais-DN por cidade sede, 2003

Brazilian Navy – Naval Districts –DN Headquarters location per city, 2003



Disponibilidade de instalações esportivas por áreas dos Distritos Navais, 2003

Number of sports facilities per type and location of Naval Districts, 2003

INSTALAÇÃO ÁREA	Quadra de Areia	Ginásio	Campo de Futebol	Pista de Atletismo	Quadra Poli-esportiva	Quadra de Tênis	Piscina	Campo de Futebol Society
1º DN	16	12	41	19	63	7	28	38
2º DN	3	-	2	-	6	-	1	4
3º DN	2	1	7	3	20	-	2	4
4º DN	7	1	5	1	22	1	3	3
5º DN	1	-	3	2	8	-	2	1
6º DN	2	-	2	-	1	-	1	3
7º DN	4	-	3	2	6	-	3	1
8º DN	1	-	1	-	6	-	1	-
Total	30	14	60	27	132	8	41	53

Aeronáutica – esporte, Educação Física e aptidão física

SÉRGIO BASTOS MOREIRA

Air Force – sports, physical education and fitness

Aviation started up as a sport. Santos Dumont, Brazilian, the inventor of the airplane at the beginning of the 20th century, was one of the first ones awarded with the Olympic Diploma because of his records and behavior as a sportsman. Santos Dumont's legacy has always been followed and showed itself very clearly when the Brazilian Aviation Forces (Navy and Army) began to train their pilots physically and technically after World War I. When the Força Aérea Brasileira

(Brazilian Air Force _ FAB) was founded in 1941, aviation as a sport became a priority with the development of air clubs in the whole country. Later, in 1967, an agency was created inside FAB in order to manage the sports activities of its military. It has since then promoted not only domestic competitions but also interchange with national and international institutions in addition to supporting athletes and civilian institutions with its resources. The Núcleo do Instituto de

Ciências da Atividade Física – (the Center of the Institute of Sciences of Physical Activity – NuI CAF) was developed in 1991, based on research and development of physical activities, today a very prominent laboratory in Brazil within its specialty. The Brazilian Air Force has had numbers between 30,000 and 60,000 military in the last ten years. Today it has 211 sports facilities distributed in 24 locations in all regions of the country.

Origens Em seu nascimento, a aviação era um esporte e, como tal, seus pioneiros foram esportistas, inclusive o brasileiro Alberto Santos Dumont, inventor do avião, no alvorecer do século XX. Por esta razão, o chamado “pai da aviação” teve seus feitos registrados e arbitrados pela *Fédération Aéronautique Internationale*, onde estava inscrito como *sportsman*. Em registros desta federação, Santos Dumont consta como o primeiro “aeronauta” a obter recordes certificados de aviação no mundo, por controle de tempo e de distâncias.

1904 Santos Dumont comparece aos Jogos Olímpicos de Saint Louis, nos EUA, a fim de participar da competição de balonismo, propósito não alcançado por defeitos no equipamento. Durante sua permanência nos EUA Santos Dumont foi recebido na Casa Branca, em Washington, pelo então presidente Theodore Roosevelt.

1905 Santos Dumont recebe do Comitê Olímpico Internacional o “Diploma Olímpico” em sua primeira outorga, juntamente com o presidente Theodore Roosevelt dos EUA, por constituir um exemplo do novo esporte da aviação. Não há evidências quanto à repercussão deste fato no Brasil uma vez que Santos Dumont residia na França, à época.

Décadas 1920 e 1930 A prática da Aviação exige dos pilotos uma aptidão física que vai sendo progressivamente relacionada à qualidade do poder aéreo. Nestes termos, após a Primeira Guerra Mundial, o Brasil recebe uma série de aeronaves para treinamento de suas Aviações Militar (Exército) e Naval (Marinha) e procura adestrar física e tecnicamente suas equipagens.

Década de 1940 Em 2 de janeiro de 1941 é criado o Ministério da Aeronáutica - MAer, cujo primeiro titular foi o civil Joaquim Salgado Filho. Em outubro do mesmo ano, Achilles Hipolito Garcia, que ficou conhecido como Charles Astor, realiza no Campo dos Afonsos o primeiro salto coletivo de paraquedistas na América do Sul. Astor se tornou instrutor de paraquedismo da Escola de Aeronáutica e é considerado o patrono do paraquedismo brasileiro. Faleceu em 1972, na Escola Preparatória de Cadetes do Ar - EPCAr, em Barbacena - MG. Nessa década, o MAer desenvolve com sucesso um programa de abertura de “aeroclubes” civis, estimulando a criação, por todo o país, de pistas de pouso e subvencionando a aquisição de aviões nacionais de pequeno porte para treinamento, transporte, lazer e esporte aéreo. Desde então, o significado da expressão “esporte” para a Aeronáutica militar brasileira tem sido atribuído tanto ao ganho de capacitação física por seus membros, como ao uso de equipamentos aéreos em competições de manejo técnico, destreza e controle mental.

Décadas 1950 – 1960 O novo ministério assume a responsabilidade pela segurança do espaço aéreo brasileiro, no que tange ao controle do pessoal aeronavegante civil e militar, assim como pela qualidade do material aeronáutico em operação no país. Para a avaliação da aptidão física para o voo, é criado o Instituto de Seleção, Controle e Pesquisa - ISCP, entidade precursora do atual Centro de Medicina Aeroespacial – CEMAL, subordinado à Diretoria de Saúde da Aeronáutica. Porém, este órgão optou pelo acompanhamento apenas da sanidade dos aeronautas, e não do nível de desenvolvimento de suas qualidades físicas.

1967 Com a finalidade de orientar e controlar a aplicação de exames de aptidão física e a instrução de Educação Física, além da promoção dos desportos militares no âmbito da Aeronáutica, dando ênfase ao congraçamento e ao espírito olímpico, foi criada a

Comissão de Desportos da Aeronáutica – CDA (Decreto nº 61108 de 28/07/1967). No início de suas atividades, a CDA contou com a colaboração de militares da Aeronáutica que haviam cursado a Escola de Educação Física do Exército - EsEFEx.

1969 Como primeira iniciativa no sentido de obter autonomia na formação de especialistas em Educação Física, a CDA criou o Curso de Auxiliar de Monitor de Educação Física, no Campo dos Afonsos - RJ.

Década de 1970 Este período representou a consolidação da CDA que procurou: projetar a representação esportiva da Aeronáutica junto às demais Forças Armadas por meio de participação nos eventos da Comissão Desportiva Militar do Brasil – CDMB; aderir a competições esportivas internacionais promovidas pelo *Conseil International du Sport Militaire* – CISM, destacando-se, entre outras, no Pentatlo Aeronáutico Internacional Militar - PAIM; incentivar o treinamento de grandes atletas que pertenciam ao efetivo da Aeronáutica, como também estimular novos talentos para o esporte de alta-competição; orientar, nas várias unidades da Aeronáutica espalhadas por todo o Brasil, programas de Educação Física destinados ao cultivo de uma boa condição física; apoiar iniciativas civis de desenvolvimento esportivo em que a Aeronáutica pudesse se inserir com seus meios.

1972 Em 5 de junho, o MAer criou o Curso de Educação Física da Aeronáutica funcionando no Campo dos Afonsos, tendo como primeiro Diretor o Tenente Antonio Moura de Queiroz e destinando-se a formar, com licenciatura plena, professores (principalmente militares). O propósito desta formação interna na Aeronáutica era o de expandir o número de especialistas, antes apenas supridos pela EsEFEx, e considerado insuficiente. De 1972 a 1977, o curso ficou sob responsabilidade da CDA. Nesse período foram também oferecidas à sociedade diversas Colônias de Férias, onde crianças e adultos eram orientados para a prática de atividades físicas recreativas em instalações da Aeronáutica.

1977 O Curso de Educação Física da Aeronáutica passa à égide do Centro de Instrução Especializada da Aeronáutica-CIEAr. Com o tempo, contudo, algumas políticas administrativas dissolveram o impacto inicial da formação autônoma de especialistas, com repercussões negativas no próprio funcionamento da CDA.

1980 Em antecipação ao retrocesso que se tornaria mais evidente em 1984, o Major-aviador Sérgio Bastos Moreira alertou para a situação de desvalorização das atividades físicas na Aeronáutica, em palestra na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais – EAOAr, dando relevo às possíveis conseqüências negativas desta tendência para a performance do efetivo.

1981 O mesmo oficial encaminhou ao Departamento de Ensino da Aeronáutica uma exposição de motivos em que frisava a importância de estimular a pós-graduação de militares formados em Educação Física. A proposta foi aceita e, a partir de 1983, oficiais foram incentivados a prestar concurso para Mestrados em Educação Física.

1982 Moreira produziu um relatório para o comando do CIEAr, onde eram reiteradas suas preocupações com a aptidão física do pessoal.

1983 Um estudo de Medeiros e Maia sugeriu que a condição física dos militares estava abaixo do ideal e um artigo de Bastos alertou para o fato de que a aptidão física dos pilotos não poderia ficar restrita ao *cockpit*.

1984 Nessa época houve progressivo desprestígio das atividades físicas na Aeronáutica como um todo e o Curso de Educação Física da Aeronáutica foi extinto após haver diplomado 359 professores, sendo 44 civis.

1985 Ronaldo Daniel Araújo e Sérgio Bastos Moreira, ambos oficiais-aviadores, concluíram, respectivamente nas áreas de Didática e de Bases Biomédicas da Educação Física, o Mestrado da Universidade Federal do RJ. À mesma época, um artigo de Cereser recomendava investimento em aptidão física como fator de prevenção de acidentes aeronáuticos.

1986 Pesquisas empreendidas por Moreira e Mendes constataram que o preocupante estado físico do efetivo da Aeronáutica se refletia num alarmante aumento de casos de hipocinetoses, registrados por diversos hospitais da Instituição. Moreira cunhou o termo “Aptidão Físico-Profissional - AFP”, alertando para a perda da capacidade operacional da Força Aérea devido ao sedentarismo crescente e propôs, em conferência na Escola de Comando e Estado-maior da Aeronáutica - ECEMAr, a adoção de padrões científicos para o controle da condição física de acordo com exigências ocupacionais. Nos anos seguintes, este pesquisador desenvolveu o primeiro estudo para a criação de um sistema de avaliação da Aptidão Físico-Profissional no MAer.

1991 A CDA passou a defender a proposta da AFP e obteve apoio do Alto Comando da Aeronáutica. Neste ano Moreira elaborou um projeto científico e buscaram-se recursos para a criação de um centro avançado de pesquisas. O suporte foi fornecido pela *Organization de l'Aviation Civile Internationale* - OACI e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento-PNUD. Assim foi criado, no Rio de Janeiro, o Núcleo do Instituto de Ciências da Atividade Física - NuI CAF, que passou a operar sob a direção da CDA.

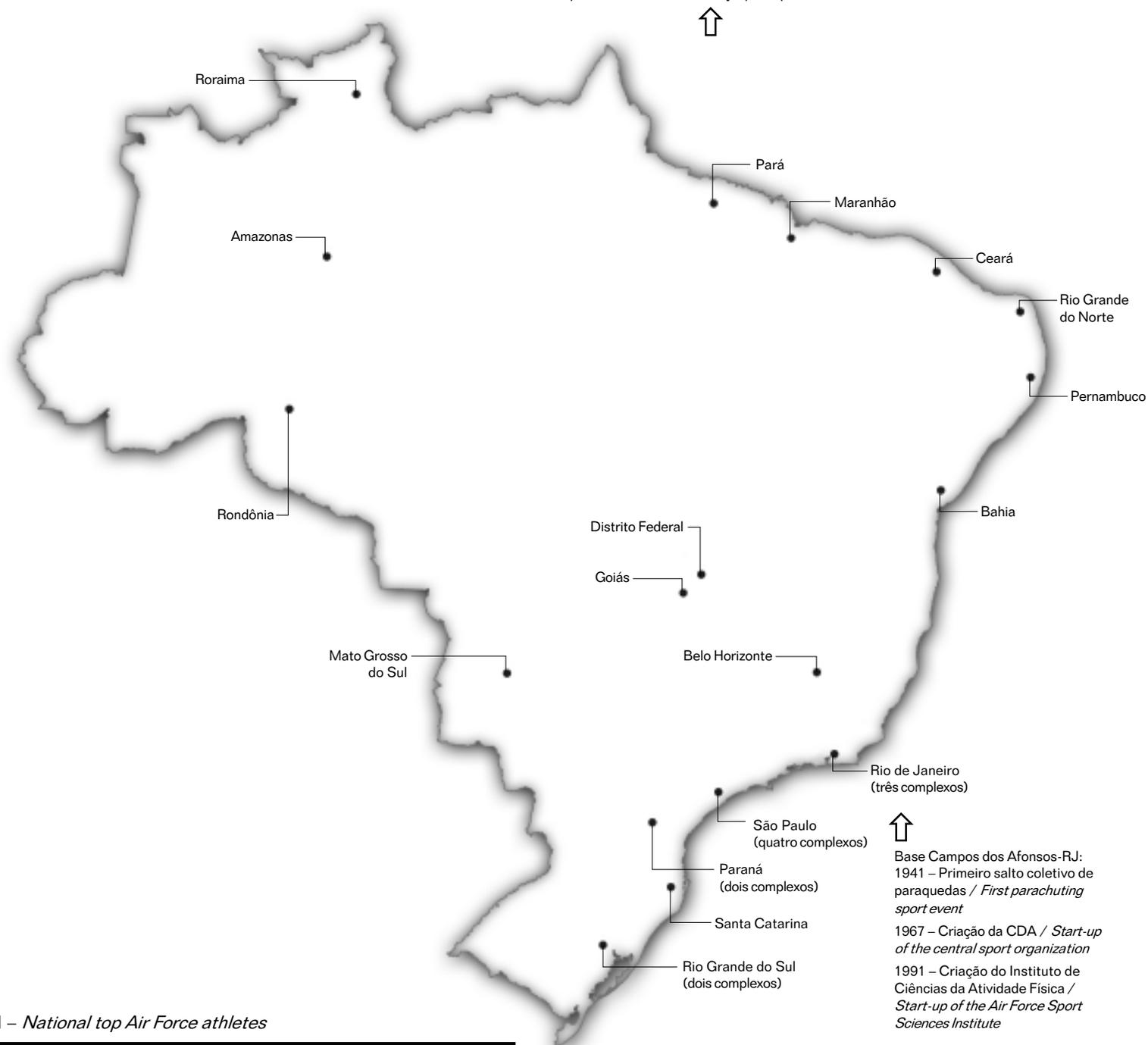
Situação Atual As atividades físicas na Aeronáutica continuam pautadas no Decreto que criou a CDA, mas com menor ênfase na competição e representação esportiva, e maior valor agregado às atividades físicas para a saúde e qualidade de vida concernentes à capacidade operacional dos pilotos e pessoal técnico e, portanto, dependem de pesquisa & desenvolvimento em âmbito interno. Esta orientação atual tem permitido ao NuI CAF apoiar confederações e outras entidades esportivas no exame e acompanhamento científico de atletas de alto nível. No seu todo, com um efetivo militar que tem oscilado nos últimos dez anos entre 30 e 60 mil pessoas, a Aeronáutica brasileira possui 211 instalações esportivas distribuídas em 24 localidades, por todas as regiões do país.

Fontes Bastos, M.M., Capacidade de combate restrita a uma nação, Fortaleza, Rev. Zoom, nº.9, 1983; Medeiros, L.A., Maia, J.D.J., Ergometria para pilotos, Fortaleza, Rev. Zoom, nº.9, 1983; Cereser, C.H., Aptidão física como fator de prevenção de acidente aeronáutico, Brasília, rev. do CENIPA, 1985; Moreira, S.B., Projeto AFP: estudo para a criação de um sistema de avaliação da Aptidão Físico-profissional no MAer, Rio de Janeiro, CDA, 1986; Moreira, S.B., O preparo físico e a Força Aérea: é tempo de uma conscientização, Guarulhos, EAOAr, 1980; Moreira, S.B., Projeto para a criação do Núcleo do Centro de Educação Física e Desportos da Aeronáutica, Rio de Janeiro, CIEAr, 1982; Moreira, S.B., Mendes, W.M.M., Estudo sobre o estado de Aptidão Físico-profissional de oficiais da Aeronáutica, Rio de Janeiro, CDA, 1986; DaCosta, L.P., Santos Dumont: o Primeiro Herói Olímpico do Esporte Brasileiro, Coletânea do IV Encontro Nacional de História do Esporte, UFMG, 1996, pp. 229-332.

Localização dos principais complexos de instalações esportivas do MAer no Brasil, 2003

Brazilian Air Force – Location of main sport facilities, 2003

1905 Santos Dumont – esportista e inventor do avião – recebe o diploma olímpico em Paris / *Santos Dumont – sportsman and the inventor of the airplane – is awarded the Olympic Diploma in Paris*



Instalações esportivas por tipo / quantidade

Sport facilities by type and quantity

Instalação Esportiva	Total
Pista de Atletismo	19
Ginásio Esportivo	25
Quadra Esportiva (descoberta)	80
Campo de Futebol	15
Piscina (25 ou 50 m)	19
Estande de Tiro	30
Pistas para atividades aerodesportivas	23

Atletas da Aeronáutica com destaque nacional – National top Air Force athletes

Nome	Modalidade	Nome	Modalidade
David Carvalho Teixeira	Paraquedismo	Iremal Tenório de Souza	Atletismo – 10000m/5000m/Maratona
José Ribeiro de Carvalho	Paraquedismo	Luiz Gonzaga da Silva	Atletismo – 100m/200m
Evandir Pereira Tito	Paraquedismo	Araquém Hipolito da Costa	Atletismo – 100m/200m
Frederico Kudilinski	Paraquedismo	Luiz Carlos de Souza	Atletismo - Salto em Distância
Marcos Gaertner	Paraquedismo	Nelson Prudêncio de Souza	Atletismo - Salto Triplo
João Manoel Franco	Orientação	Nelson de Souza Fernandes	Atletismo – Disco/Peso
César A. Fioravanti dos Santos	Orientação	Armando Shiamulera	Atletismo - Salto c/ Vara
Frederico Flexa	Judô	Indeberto de Paula Souza	Atletismo - 5.000m/10.000m
Hiroshi Suzuki	Judô	Francisco H. dos Santos	Atletismo - 5.000m/10.000m
Mauro da Costa Ramos	Judô	Francisco Roberto R. Lobato	Atletismo – Pentatlo/Cross Country
Rogério Vicente de Oliveira	Judô	Luiz A. do Amaral Alves	Atletismo – Salto em Altura
Hugo Gomes Ripardo	Judô	Abcélvio Rodrigues	Atletismo - Salto Triplo
Afonso de Souza	Judô	Carlos Alberto Alves	Atletismo – 10.000m/5.000m
Emerson Eduardo Moraes	Judô	Laurênio Alves Bezerra	Atletismo – 10000m/5000m/Maratona
Carlos Alexandre F da Silva	Judô	Pedro vam de Berg	Atletismo – Pentatlo/Cross Country
Paulo Ricardo Accineli	Judô	Edvaldo Arcanjo de Oliveira	Atletismo - Peso e Disco
Jurandir de Lira M. da Silva	Judô	Carlos F. de Souza Pamissa	Atletismo - 100m/200m
Edmilson da R. Leopoldino	Judô	Ubirajara de Souza Ramos	Atletismo – Peso
Francisco da Costa e Silva Jr.	Tiro – PAIM	Júlio Antônio de S. Almeida	Tiro

(fonte / source: CDA, 2003)

Polícias Militares do Brasil – Atividades físicas e esportivas

RENATO MARTINS BOUÇAS, ADALBERTO DE SOUZA RABELO E ROGÉRIO FIGUEREDO DE LACERDA

Brazilian Police Forces – Physical activities and sports

The various police corps of the 27 states of Brazil are called Polícia Militar (Military Police - PM) as they wear uniforms and are submitted to an internal disciplinary hierarchy. Such tradition started in 1808, when the Royal Portuguese Court moved to Brazil, escaping from Napoleonic invasions. The Portuguese armed forces were then transferred to the Brazilian colony, where they adopted and played the role of police in Rio de Janeiro. This process of 'militarization' spread to the various

regions of the country and today it is an institutionalized procedure. The 300,000 members of these corporations are considered reservists of the Brazilian Army. In terms of physical training and physical education, several PMs have been following the model developed by the Escola de Educação Física da PM do Estado de São Paulo (Physical Education School of the State of São Paulo PM - EEFPM) since 1906, when it was founded. The school started to certify teachers to

work in both military and civilian practices. Other PM corps started to develop their own physical education courses starting in 1975. As a result of this multi-varied practice, all the PM physical education courses have developed a doctrine that is shared today in all 27 states of Brazil. This national doctrine also includes Jogos Esportivos das PM (Sporting Games of PM) with 2,500 participants and periodical tests of physical evaluation that aim at both health promotion and active leisure.

Origens e Definições Em 10 de dezembro de 1801, em Portugal, D. João, Príncipe Regente, criou, através de decreto, a Guarda Real de Polícia de Lisboa com a finalidade de manter a segurança, a ordem e a tranquilidade da Corte e da população. Devido à sua eficiência, a Guarda Real destacou-se e passou a participar ativamente da vida política do Reino, acompanhando a família real em sua mudança para o Brasil quando da invasão napoleônica de 1808. Quando D. João desembarcou no Rio de Janeiro, decidiu ampliar o sistema de segurança da colônia, que então se limitava à presença de Quadrilheiros, agentes que faziam rondas de policiamento nas ruas da cidade. Logo após a chegada, em 13 de maio de 1809, o Príncipe Regente cria, por decreto, a Divisão Militar da Guarda Real de Polícia da Corte com a finalidade de promover a segurança e a tranquilidade da população, coibir a desordem e o contrabando. Tal Divisão possuía características semelhantes às da Guarda Real de Polícia de Lisboa, inclusive, com o mesmo uniforme e armamento. Nesta época a atividade física estava relacionada às características européias, voltadas para as guerras e combates corpo a corpo, em que eram utilizadas técnicas de esgrima, o próprio peso do armamento para o treinamento ou de elementos da natureza, como troncos de árvores. Desde a origem até os dias atuais, a Guarda Real de Polícia recebeu várias denominações ao longo de seus 194 anos de existência, tanto no Rio de Janeiro – sua localização original – como nos demais estados onde as Polícias Militares – PM (denominação atual) foram sendo progressivamente estabelecidas. A do Rio de Janeiro, por exemplo, teve várias adaptações ao longo das transformações históricas da antiga capital do país. Hoje a PMERJ é o resultado da fusão das Polícias Militares do Estado da Guanabara e do Rio de Janeiro.

1831 Em 15 de dezembro deste ano, por lei da Assembléia Provincial, proposta pelo Presidente da Província de São Paulo, Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, foi criado o Corpo de Municipais Permanentes, composto de cem praças a pé e trinta praças a cavalo. Eram os "cento e trinta de trinta e um". Estava fundada a Polícia Militar do Estado de São Paulo que posteriormente passou a liderar a doutrina e as práticas das atividades físicas no âmbito das forças policiais.

1898 Em São Paulo, três esgrimistas italianos Giuseppe Salerno, Giasinho Sange e Massanielo Parisi, radicaram-se na capital e passaram a lecionar a arte de esgrimir. Entre muitos adeptos do nobre esporte, destacou-se o alferes da então denominada Força Pública, Pedro Dias de Campos que, apaixonado pela esgrima, fundou uma sala d'armas, à qual deu o nome de Giasinho Sanches e Massanielo Parisi, em homenagem aos seus mestres.

1902 Em 14 de julho deste ano é fundada a Escola de Sabre, Florete e Espada no tradicional Quartel da Luz (hoje 1º Batalhão de Polícia de Choque "Tobias de Aguiar" – ROTA) constituindo, então, a célula máter da futura Escola de Educação Física de São Paulo.

1906 A Missão Militar Francesa, vinda especialmente para instruir militarmente a Força Pública, chamou para si a incumbência de oficializar a Escola de esgrima junto ao governo do Estado. Nesta oportunidade, os capitães franceses Delphim Balancier e Louis Lamaitre criaram a Escola de Educação Física da Força Pública (hoje EEFPM), ficando o primeiro responsável pela Seção de Ginástica e Louis Lamaitre pela Seção de Esgrima.

1910 Em 8 de março deste ano, foi formalmente constituída pelo Aviso N° 185 da Secretaria da Justiça da Segurança Pública, a Escola de Educação Física da Polícia Militar de São Paulo. A EEFPM é a mais antiga Escola de Educação Física do Brasil, tendo completado 93 anos de existência, em 8 de março de 2003.

1929 A Escola de Educação Física da Polícia Militar torna-se um órgão de ensino superior da Corporação Policial Militar de São Paulo, formando, a partir deste ano, professores de Educação Física com egressos das Polícias Militares e Corpos de Bombeiros Militares de todo o país, bem como das Forças Armadas.

1933 Início das atividades da Escola de Educação Física do Exército- EsEFEx, no Rio de Janeiro – RJ, que passou a formar membros das Polícias Militares de todo país, como também civis, e naturalmente efetivos do Exército Brasileiro. Até 2002, a EsEFEX tinha formado 320 oficiais das PM de praticamente todos os Estados da Federação (Curso de Instrutores), como também 256 sargentos e suboficiais (Curso de Monitores), nove de Medicina do Esporte e sete do Curso de Mestres D'Armas, daquela mesma origem. Com esta oferta do Exército as PM passaram a ter duas vias paralelas de formação dos especializados em Educação Física, constituindo a EEFPM a opção tradicional.

1970 Em 14 de maio, a Escola de Educação Física da PM de São Paulo recebeu nova regulamentação, através do Decreto nº 52.452 publicado no Diário Oficial do Estado nº 090, de 15 de maio de 1970. O curso para oficiais é o Curso de Instrutor de Educação Física - CIEF. Este curso é ministrado para oficiais - Tenentes. Os formandos, obtêm *Graduação em Educação Física com licenciatura plena*, reconhecida pelo MEC, conforme estabelecido pelo Decreto-Lei N° 1.043 de 21 de outubro de 1969. O oficial que o concluir estará apto a desenvolver as atividades de professor de educação física dentro e fora da Corporação. Um dos cursos para praças é o Curso de Monitor de Educação Física - CMEF. Este curso é ministrado para sargentos e possui o mesmo currículo do CIEF, como também igual duração, que é de 19 meses, e reconhecimento legal. O outro curso para praças é o Curso de Auxiliar de Treinamento Físico - CATF. Este curso é destinado aos sargentos da Corporação e objetiva prepará-los para ajudar os instrutores e monitores de educação física a trabalhar com o condicionamento físico da tropa nas diversas unidades na Polícia Militar. Com base nesta experiência da EEFPM, posteriormente outras PM de diversas regiões do Brasil criaram seus próprios cursos de especialização.

1975 A Polícia Militar do Estado de Minas Gerais teve o seu primeiro Curso de Educação Física, com outras turmas formadas nos anos de 1991, 1992 e 2001. Este curso tem duração de um ano e seus formandos atuam dentro dos quartéis com a tropa.

1983 As Polícias Militares do Brasil e Corpos de Bombeiros Militares do Brasil, criam os 1º Jogos Acadêmicos das Polícias Militares e Corpos de Bombeiros Militares do Brasil, uma Olimpíada de nível nacional, na qual participam Cadetes das Academias de Formação de Oficiais destas corporações. São disputadas, nesta competição, 8 modalidades como futebol de campo, futsal, voleibol, basquetebol, judô, tiro, atletismo e natação, onde participam em

média 2.500 atletas e cerca de 400 profissionais do esporte, espalhados pelas 17 Academias de Formação de Oficiais existentes no Brasil. Esta competição ocorre em duas etapas. A 1ª etapa, denominada regional, ocorre dentro de cinco regiões: Sul (Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina); Sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo); Centro-Oeste (Mato Grosso, Goiás e Distrito Federal); Nordeste 1 (Pará, Maranhão, Ceará e Rio Grande do Norte) e Nordeste 2 (Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Bahia). No primeiro semestre do ano, os estados competem dentro de suas regiões entre si. No segundo semestre do ano, cada campeão regional de sua modalidade, compete com o campeão da modalidade das outras regiões, quando é realizada a fase nacional.

1995 O Estado do Rio Grande do Sul teve o seu curso criado no ano de 1995, sendo a primeira turma formada em 1996, e a última formada no ano de 2001. Este curso tinha a duração de um ano com carga de 840 horas/aula, sendo considerado um curso para práticos, no qual seus formandos atuavam apenas dentro da corporação. Neste mesmo ano, a Polícia Militar do Estado de Pernambuco criou o seu curso de Instrutor de Educação Física-CIEF, com duração de um ano, formando apenas uma turma de práticos para atuarem dentro da corporação, e encerrando suas atividades no ano seguinte.

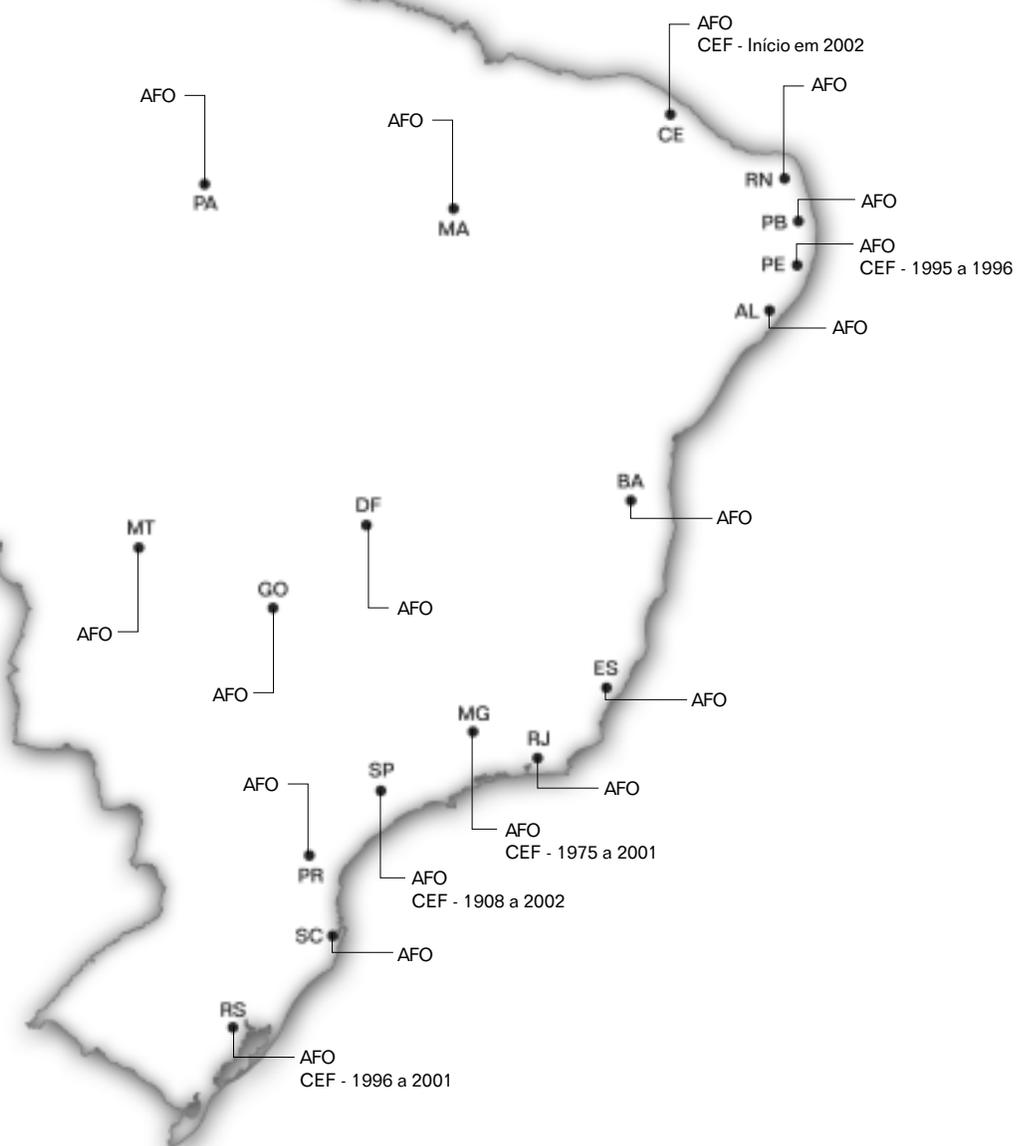
2002 A Polícia Militar do Estado do Ceará estabelece seu primeiro Curso de Educação Física, hoje ainda em andamento, com duração de um ano. Também, neste caso, os formandos irão atuar dentro das unidades da Corporação

Situação Atual Atualmente, as Polícias Militares estão presentes em todo o território nacional, distribuído em 26 estados e um Distrito Federal, com 5 Escolas de Educação Física, sendo que, apenas 2 estados estão com os cursos próprios em andamento, respectivamente o Estado de São Paulo e o Estado do Ceará. Assim sendo, os Jogos Acadêmicos das Polícias Militares e Corpos de Bombeiros Militares do Brasil encontra-se em sua 20ª edição, em que são revelados atletas de alto nível e que tem como objetivo o congraçamento e o intercâmbio entre as Corporações Polícias Militares do Brasil. Por serem coordenadas pelos governos dos respectivos estados, as Polícias Militares do Brasil não possuem diretrizes únicas ou um órgão centralizador de uma doutrina de atividade física. Por serem força auxiliar e reserva do Exército Brasileiro, possuem regulamentos semelhantes a esta Força Armada, realizando anualmente o Teste de Avaliação Médica - TAM e o Teste de Avaliação Física - TAF. O efetivo das Polícias Militares supera os 300.000 policiais, que podem participar de atividades físicas dentro de suas unidades ou em olimpíadas internas em seus estados, tendo como principal objetivo a saúde psicofisiológica de sua tropa, bem como o lazer.

Fontes Revista da Escola de Educação Física de São Paulo, 2000, Editora Três LTDA; Seções de Educação Física e Desportos das Polícias Militares dos Estados do RJ, SP, MG, ES, RG, SC, PR, MT Sul, MG, GO, DF, AC, RR, AM, MA, PA, CE, RN, PE, PR, AL, BA e SE; www.policiamilitar.rj.gov.br

Cursos de Educação Física em PM dos estados (CEF) e Academias de Formação de Oficiais (AFO) das polícias que participam dos Jogos Acadêmicos, 2003

Police Physical Education Courses and Police Academies of the Brazilian States, 2003



Instalações esportivas existentes nas policias militares estaduais

Military police (PM) sport facilities per state

Instalação Esportiva	PISTA DE ATLETISMO <i>Track & Field</i>	QUADRA ESPORTIVA <i>Basketball, Volleyball Courts</i>	CAMPO DE FUTEBOL <i>Soccer fields</i>	PISCINA <i>Swimming pools</i>	TOTAL
ESTADOS					
Rio de Janeiro	06	34	24	07	71
São Paulo	10	58	32	13	113
Minas Gerais	03	36	13	02	54
Espírito Santo	02	08	11	02	23
Rio Grande do Sul	05	45	07	02	59
Santa Catarina	00	06	03	00	09
Paraná	07	37	23	05	72
Mato grosso do sul	00	00	00	00	00
Mato Grosso	00	03	02	00	05
Goiás	02	21	10	03	36
Distrito Federal	01	08	05	00	14
Amazonas	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D
Acre	00	03	03	00	06
Rondônia	02	06	08	00	16
Amapá	03	04	02	01	10
Piauí	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D
Maranhão	01	09	04	00	14
Tocantins	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D
Pará	06	27	10	04	47
Ceará	02	07	05	02	16
Rio Grande do Norte	00	01	01	00	02
Pernambuco	03	11	07	04	25
Bahia	01	05	06	01	13
Sergipe	02	06	02	01	11
Alagoas	01	04	06	00	11
Paraíba	01	08	04	00	13
Roraima	N/D	N/D	N/D	N/D	N/D
Total Parcial	77	347	188	47	659

N/D: informação não disponível

Modalidades das Olimpíadas das PM do Brasil e média de participantes

Sport disciplines of PM Games and average participants

Modalidade	Média
Tiro	20
Futsal	10
Vôlei	12
Atletismo	20
Futebol	22
Natação	20
Basquete	10
Judô	20
Total	134

Escola de Educação Física da Polícia Militar do estado de São Paulo

NESTOR SOARES PUBLIO E IVENS MARTINI CATALANO

The Physical Education School of São Paulo State Police Force

The physical education teachers in Brazil at the end of the 19th century and beginning of the 20th century were either European immigrants (German and Italian), Brazilians graduated in Europe or improvised instructors. Within this context, the first institution that certified both military and civilian teachers was the Escola de Educação Física da Força Pública de São Paulo (The School of Physical Education of the

Origem A primeira Escola de Educação Física no Brasil foi instituída pela então Força Pública do Estado de São Paulo, cujos passos iniciais foram descritos por Luiz Malvasio em 1967: "De origem humilde, nascida de um ideal sadio e esportivo do então 1º Tenente Pedro Dias de Campos, viu à luz pela primeira vez a 14 de julho de 1902, numa modesta sala do Quartel da Luz, recebendo o nome batismal de Escola de Espada, Sabre e Florete. Abrigou, a partir de então, no aconchego dos seus ensinamentos e das suas reuniões, além dos jovens oficiais e sargentos de nossa Corporação, a mais fina flor da mocidade universitária paulistana. Com características de uma escola, a primeira organização na Força Pública foi o Curso de Esgrima e Ginástica, criado em 9 de março de 1910, tendo inicialmente como comandante e diretor o capitão Delphin Balancier, da Missão Militar Francesa. Em 25 de março de 1912, quando chegou da França, o capitão Louis Lemaitre, diplomado pela Escola de Joinville-le-Pont, assumiu ele a direção do Curso de Ginástica, ficando o capitão Delphin Balancier dirigindo o Curso de Esgrima". Assim sendo, em 2002, comemorou-se o centenário da esgrima na atualmente denominada Escola de Educação Física da Polícia Militar de São Paulo – EEFFPM, promovendo-se no antigo ginásio Delphin Balancier uma solenidade com homenagens aos grandes vultos da esgrima da milícia bandeirante. E, como tal, considera-se a EEFFPM como a primeira entidade de seu gênero no Brasil a ser institucionalizada.

1898 Chegada a São Paulo, de três esgrimistas italianos: Giuseppe Salerno, Giasinho Sanche e Massanielo Parisi, que se radicaram nesta cidade e passaram a lecionar a arte de esgrimir.

1902 Dentre os alunos dos mestres italianos, destacou-se o então alferes da Força Pública, Pedro Dias de Campos, que em homenagem a seus mestres criou em 14 de julho de 1902, no então Quartel da Luz, atual 1º. Batalhão de Polícia de Choque Tobias de Aguiar, a Escola de Sabre, Florete e Espada.

1906 Segundo Andrade e Camara (1931), em seu esboço histórico sobre o centenário da Milícia Bandeirante, "A Escola de Educação Física foi criada pelo governo do estado em 1906, por proposta do coronel Paul Balagny, chefe da Missão Francesa e entregue, de começo, à direção do oficial daquela Missão, capitão Lemaitre, que tinha como auxiliar o seu colega capitão Balancier, morto gloriosamente em combate por ocasião da guerra européia".

1910 A cópia do documento oficial da criação da Escola de Educação Física foi publicada na Ordem do Dia nº 52 do Comando do 1º Batalhão da Força Pública (atual Batalhão Tobias de Aguiar), vazado nos seguintes termos: "Transcrevo o Aviso nº 185 da 3ª Secção - 2ª directoria, de 3 de março de 1910, do Senhor Dr. Secretário de Justiça e da Segurança Pública, deste teor: Senhor Comandante Geral da Força Pública. Declaro-vos em referência ao Ofício nº 330 de 14 do mês passado que fica creado um Curso de Esgrima e Gymnastica, destinado aos officiais da Força Pública do Estado, devendo serem tomadas as providências para instalação do respectivo aparelho em sala adrede preparada. Saúde e fraternidade. (Assinado) W.Luiz ". No dia 7 de março o Capitão Delphin Balancier do Exército Francês assumiu o Comando da Escola. Nestes termos, confirma-se mais uma vez que a EEFFPM de São Paulo é a mais antiga do país. E como localização na cidade se São Paulo, a nova Escola foi estabelecida próximo ao Rio Tietê, junto aos clubes esportivos que lá se concentravam desde o final do século XIX.

Public Force of São Paulo-EEFFPM), which began to be organized in 1906. It was an institution that had military hierarchy and training. In the 1930s, the EEFFPM contributed to the organization of the civil school of Physical Education (EEF) first with facilities and instructors and later on with recycling courses for teachers up to the 1950s, all in the São Paulo area. Up to the present date (2003), 1,810 officers and

1913 Em 14 de fevereiro, foi publicado o Decreto Lei no. 2.349, que regulamentou o Corpo Escola de Educação Física da Força Pública do Estado de São Paulo.

Década de 1920 Em 1921 foi publicado o Decreto n.º 784 que aprovou o Regulamento de Instrução Física Militar, que entrou em execução orientado pela Missão Militar Francesa. E ao longo da década, o sentido de preparação militar da EEFP passou a coincidir com a postulação de "pioneira da Educação Física no Brasil", ao se fazer de sua localização na planície do Canindé, circundada pelas correntes do Tamanduateí e do Tietê, uma espécie de Campo de Marte Bandeirante, onde a mocidade militar e civil recebia, ao lado do preparo físico, motivações cívicas e de cidadania.

Nestas condições, a Missão Francesa, além de instruir militarmente a Força Pública, ensinou aos oficiais e monitores da EEF o Ballet da Escola de Joinville-le-Pont, o Box Savat, o Jogo do Bastão, a Esgrima Ornamental, a Ginástica Sueca da época (que eram realizados em demonstrações em conjunto), pirâmides humanas, força conjugada em duplas e trios, ginástica em aparelhos como barra fixa, paralelas, cavalo com arções, argolas em balanço e, ainda, a esgrima de baioneta, cuja instrução muitas vezes se utilizava dos pórticos de 4, 5, 6 e 7 metros de altura existentes em seu terreno, situado no Canindé, na Avenida Cruzeiro do Sul.

1929 A partir desta data a EEF formou instrutores e monitores para as Polícias Militares e Corpos de Bombeiros Militares do país, bem como para as Forças Armadas e até para organizações correlatas de outros países da América Latina.

1934 A Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo, a primeira em caráter inteiramente civil instituída no País, teve seu início em 4 de agosto deste ano com o nome de Escola Superior de Educação Physica. Aa partir de 11 de março de 1975 a instituição passou a ter sede própria no "Campus" da Cidade Universitária, sendo atualmente denominada Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo - EEFE-USP. Os primeiros mestres da EEF da USP fizeram seus treinamentos nas instalações da EEF da Polícia Militar, no Canindé, inclusive utilizando o popular "cocho" no rio Tietê, para as aulas de natação.

Década de 1940 Publicação do Decreto Lei no. 6.936 de 6 de outubro de 1944, estendendo regalias de licenciados aos diplomados pela Escola de Educação Física da Força Pública do Estado de São Paulo (D.O.U. de 09/10/1944, p.17.433). A Educação Física na EEF da PM, à época, vinculava-se ao Regulamento 7, denominado Método Francês, e à Calistenia, que foi introduzida na América do Sul pela Associação Cristã de Moços - ACM. E no Brasil, a Calistenia chegou a dar a base do Ante-Projeto do Método Eclético, elaborado pela Escola Nacional de Educação Física do RJ, que não fora aprovado pela Divisão de Educação Física do MEC, não redundando, portanto, em seqüências .

1951 Neste ano, iniciaram-se os Cursos Internacionais de Educação Física promovidos pelo Departamento de Educação Física e Esportes do Estado de São Paulo, em Santos, que obtiveram impacto na Educação Física nacional ao longo dos anos de 1950 e 1960. Cursos com professores estrangeiros, tais como Curt Johnson, da Suécia, introduzindo sua Ginástica balanceada; Nestor e Nelly Ybarra, do Uruguai, com sua Ginástica de solo; Gerhard Schmidt, da Áustria, com o Método Natural Austríaco; Alberto Dallo, da Argentina, com sua Ginástica geral, e, sobretudo, o Professor Auguste Listello

sergeants (934 in the Course for instructors of Physical Education and 876 in the course of Monitors) have attended the EEF. Today, besides holding a laboratory to test physical aptitude, the EEF organizes the Jogos Esportivos da PM (Sporting Games of the Police Force) and supports in a number of ways sporting events of the police force itself and of the community in which the school is located.

(1952), que introduziu a Desportiva Generalizada. A EEF da PM nesta oportunidades, participou com seus instrutores, tanto como ministrantes ou alunos.

1964 A EEF da PM, a convite do Governo Federal, participou ativamente da Caravana da Cultura, organizada pelo Embaixador Paschoal Carlos Magno, com a finalidade de promover a cultura no norte e nordeste do País, o que incluiu apresentações de dança e ginástica.

1969 Publicação do Decreto Lei no. 1.043, de 21 de outubro, estabelecendo nova exigência para registro de diploma de Professor de Educação Física conferido por estabelecimento militar de ensino.

1970 Para se adaptar às novas exigências legais da equiparação de diploma, a Escola recebeu nova regulamentação conforme o Decreto no. 52.452, publicado no Diário Oficial do Estado de São Paulo no. 090, de 15 de maio de 1970, com uma carga horária de 3.280hs, incluindo 400hs de Ensino Supervisionado, além da Monografia - TCC. O currículo de Licenciatura Plena em Educação Física, além de se enquadrar perfeitamente às exigências do MEC, bem como à Lei de Diretrizes e Bases para o Ensino, deu especial atenção às disciplinas especialmente direcionadas ao aperfeiçoamento profissional do Policial Militar.

2003 A EEFFPM comemora seu 93º aniversário e atinge o marco de 43 oficiais que passaram pelo seu Comando, sendo seu atual comandante o Tenente Coronel Ivens Martini Catalano, formado pela Escola de Educação Física do Exército em 1980.

Situação Atual Até a presente data, Oficiais e Sargentos de 33 instituições militares passaram pelos bancos escolares da EEF, um total de 1810 alunos (934 no Curso de Instrutores de EF e 876, no Curso de Monitores). Atualmente a Escola conta em São Paulo, na ativa, atuando nas diferentes organizações da PM, com um efetivo de 704 professores, sendo 373 oficiais (3 formados pelo Exército) e 328 sargentos. Além disso, a Escola participa ativamente na organização da tradicional corrida de São Silvestre e organiza e coordena anualmente o Campeonato Esportivo da Corporação, no qual todos os PM do Estado, de forma voluntária e no horário de folga, podem competir em onze modalidades de esportes. Possui um Laboratório de Aptidão Física encarregado de controle da forma física do efetivo da corporação; uma Subseção de Reabilitação Físico-Profissional para promover a recuperação de policiais lesionados em tiroteios, ocorrências policiais, acidentes de viatura (que recebe cerca de 60 pacientes por dia, aí incluídos também civis); possui também uma Escola de Esportes, de diversas modalidades, para os filhos dos policiais militares e para a comunidade. Realiza ainda, em todo mês de julho, a popular Colônia de Férias, quando recebe uma média de 600 crianças, que participam de atividades recreativas, culturais, esportivas e passeios.

Fontes Andrade, E. & Camara, Hely F., A Força Pública de São Paulo: Esboço Histórico 1831-1931. São Paulo, Sociedade Imprensa Paulista, 1931. Malvasio, L. S., Resumo Histórico da Força Pública do Estado de São Paulo. São Paulo, Tipografia do Serviço de Intendência da Força Pública, 1967; Publio, N. S., Evolução Histórica de Ginástica Olímpica. 2.ed. - São Paulo, Phorte, 2002. Silva, A. B., Escola de Educação Física – 90 anos dedicados à Polícia Militar e à comunidade. Edição Histórica, São Paulo, Grupo de Comunicação Três S.A., 2000.

Escola de Educação Física da PM de São Paulo – número de alunos por estado de origem, 1910 – 2002

Physical Education School of the São Paulo State Police Force – number of students and origin, per state, 1910 – 2002

N=1810

Origem, parceria e legado da EEFPM – SP, 1906 – década de 1940:

Origin, partnership and legacy of EEFPM – SP, 1906 – 1940s:

Escola de Joinville-le-Pont, França / France

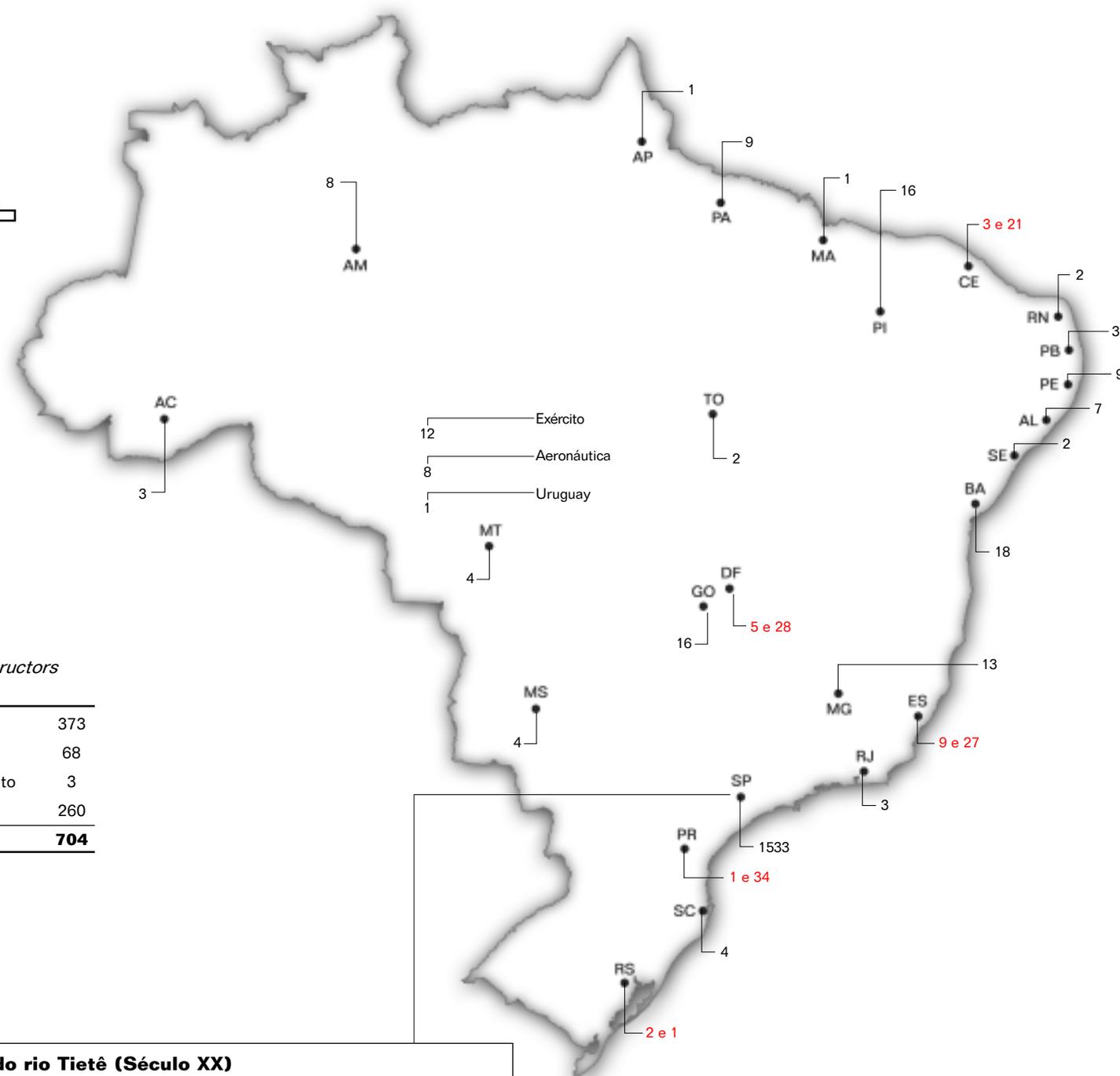
Atividades Tradicionais / *Traditional Activities:*

Ballet de Joinville-le-Pont, Box Savat, Jogo do Bastão, Esgrima Ornamental, a Ginástica Sueca, Esgrima de Baionetas, pirâmides humanas, força conjugada em duplas e trios, ginástica em aparelhos como barra fixa, paralelas, cavalo com arçãos, argolas em balanço e pórticos de 4, 5, 6 e 7 metros de altura.

Instrutores e monitores em Educação Física na ativa da PM – SP, 2003

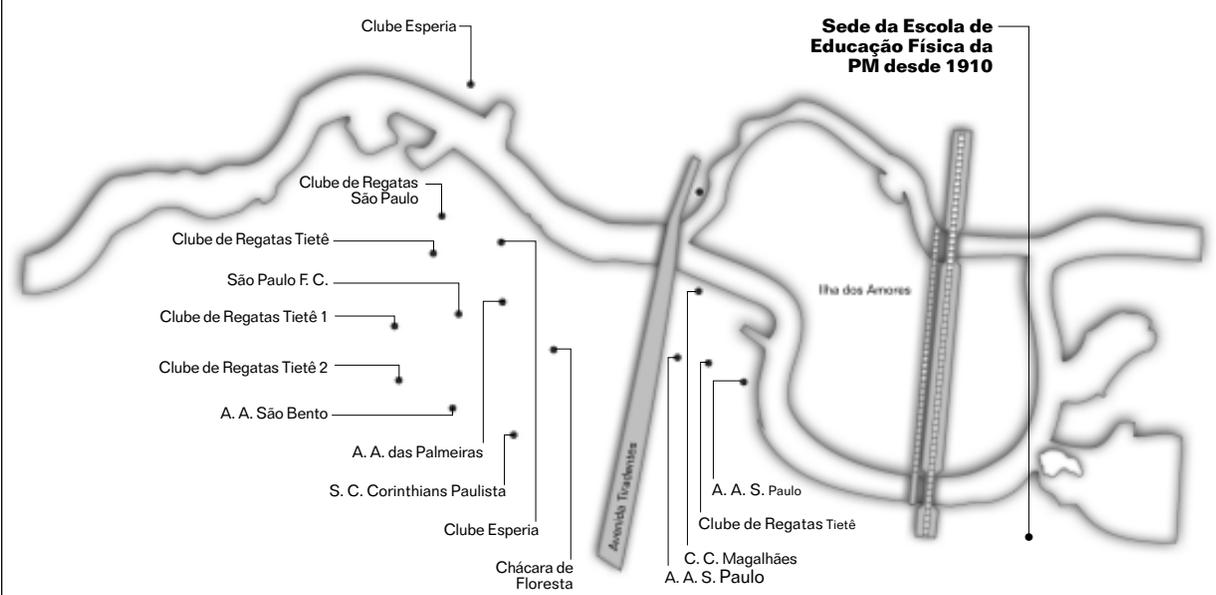
São Paulo Police Force – active Physical Education instructors and monitors, 2003

Oficiais possuidores do Curso de Instrutor	373
Oficiais possuidores do Curso de Monitor	68
Oficiais formados pela Escola de Educação Física do Exército	3
SubTenentes / Sargentos possuidores do Curso de Monitor	260
TOTAL	704



Localização da EEFPM no cluster esportivo do rio Tietê (Século XX)

EEFPM location in the Tietê River sports cluster



Corpo de Bombeiros no Brasil – esporte e Educação Física

JOSÉ DA SILVA

Firefighters in Brazil– sports and physical education

In Brazil, the first Fire Department, founded in 1856 in Rio de Janeiro by the Emperor Pedro II, has given priority to the physical training of the firefighters from its very beginning. The Escola de Educação Física da Polícia de São Paulo (The School of Physical Education of the São Paulo Police Force) started to train instructors for the fire departments of the various Brazilian states in 1906; however, more scientifically advanced Army training procedures

were added in the 1930s. Then the Comando Geral do Corpo de Bombeiros (The General Command of the Fire Department) created an institution just to direct the physical preparation of the firefighters in 1976. Each Brazilian state today has independent firefighter departments that are responsible for the firefighters' physical training associated with sports practice. Brazil has today between 57,000 and 60,000 firefighters, male and female, who

exercise everyday in their units. Twice a year they all go through physical tests that include push-ups, sit-ups, chin-ups, 12 minute-running test and swimming. Most of the sports competitions among firefighters take place within the state where their companies are located. The sports elite of Brazilian fire departments includes the lifeguards that work at the beaches, a job that firefighters have had since the 1980s when these units were developed.

Origens e Definições O primeiro agrupamento de bombeiros da história foi criado na China em 564 AC. Uma versão militar deste tipo de urgência comunitária teve lugar em Roma no ano 64 DC, com continuidade em diversos países europeus até alcançar o sentido de serviço público de excelência encontrado em Paris, em meados do século XIX. No Brasil, o primeiro Corpo de Bombeiros foi fundado em 2 de julho de 1856, no Rio de Janeiro, pelo Imperador Dom Pedro II, sob a denominação de Corpo de Bombeiros Provisórios da Corte. O motivo desta criação foi uma série de incêndios ocorridos na cidade do Rio de Janeiro e sua grande repercussão nacional. Na época, os incêndios atingiram o teatro São João – atual João Caetano –, a Casa da Moeda, o Pavilhão de festas do Campo da Aclamação, hoje denominada de Praça da República. Até aquele momento, o serviço de extinção de incêndio era realizado de modo improvisado por órgãos públicos como o Arsenal de Guerra da Marinha, a Repartição de Obras Públicas e a Casa de Correção. Nenhuma dessas instituições dispunha de organização e treinamento específicos para o serviço de extinção de incêndio nem podiam especializar-se no ofício. Tal dificuldade ocasionava grande desorganização na cidade com prejuízos materiais e de vidas humanas. Isto levou o Imperador D. Pedro II, através de Decreto, a unificar atribuições de modo que passasse a existir uma única instituição forte e com reais possibilidades de avanço técnico-profissional na área de extinção de incêndios.

Este foi o ponto de partida do Corpo de Bombeiros do Brasil que, posteriormente, foi se desdobrando em organizações semelhantes nas cidades principais do país e destas para os municípios menores. Os escassos recursos tecnológicos da época obrigavam os bombeiros a um grande empenho braçal, fazendo com que fosse dada especial atenção a seu preparo físico. Portanto, na origem, a definição da função de bombeiro implicava em se ter basicamente uma boa forma física. Esta condição, por conseguinte, deu surgimento a um dos primeiros critérios utilizados na seleção para o ingresso no Corpo de Bombeiros nacional. Daí a ressalva no texto do Decreto de criação que os homens recrutados para comporem a Corporação deveriam ser “operários, ágeis, robustos e moralizados”. Embora nos dias atuais haja uma prevalência tecnológica no controle dos incêndios, a condição física permanece como essencial no ofício de bombeiro no Brasil e em qualquer outro país.

1856 Neste ano foi nomeado o primeiro Diretor Geral da Corporação no Rio de Janeiro – a mais importante cidade do país à época –, o engenheiro João Baptista de Castro Moraes Antas que reuniu, para o novo órgão, escravos recém libertados e funcionários do Arsenal de Guerra e da Casa de Correção. O treinamento deste grupo foi feito nas instalações do ginásio do Arsenal de Guerra, onde duas vezes por semana os bombeiros recebiam instruções físico-técnico-profissionais.

1856 Em 22 de outubro deste ano, o imperador D. Pedro II nomeia Bernardo Urbano de Bidegorry, mestre de ginástica do Arsenal de Guerra da Marinha, para ser o primeiro instrutor de ginástica dos bombeiros recém nomeados. Bidegorry foi instado também a comparecer aos incêndios que viessem a ocorrer, pois receberia a quantia anual de dois contos e quinhentos mil réis. Apesar do esforço em preparar os homens, o ensino da Educação Física, à época, era realizado de forma pouco sistematizada. Nestas condições, o desenvolvimento do vigor físico dependia basicamente das árduas atividades de combate e extinção a incêndios, do

manuseio do específico equipamento profissional e da prática de exercícios ginásticos no expediente cotidiano.

1880 A criação do Corpo de Bombeiros em São Paulo remonta a 10 de março deste ano, como decorrência do fatídico incêndio, ocorrido em 15 de fevereiro, o qual destruiu a biblioteca e o arquivo da Faculdade de Direito, localizada no então convento de São Francisco, local tradicional do centro urbano da cidade de São Paulo.

1898 – 1910 O alferes do Corpo de Bombeiros da Força Pública de São Paulo, Pedro Dias de Campos que, apaixonado pela esgrima, fundou uma sala de armas, a qual mais adiante, em 1906, deu origem à primeira Escola de Educação Física daquela entidade policial militar e do Brasil. Esta entidade pioneira em termos nacionais foi oficializada em 1910, sob direção de dois oficiais franceses, então prestando cooperação técnica à Força Pública: Delphin Balancier e Louis La Maitre.

1910 A Escola de Educação Física da Força Pública de São Paulo (hoje Polícia Militar) passa a ser órgão de ensino responsável pela formação de instrutores e monitores de Educação Física para a instituição maior, incluído o Corpo de Bombeiros e demais contingentes policiais militares de outros estados da Federação.

Década de 1930 O Centro Militar de Educação Física no Exército (hoje Escola de Educação Física do Exército) sediado no RJ, começa o preparo de monitores e instrutores em Educação Física pertencentes aos contingentes das Polícias Militares de todo o país. O fato provocou, nas décadas seguintes, questionamentos no Corpo de Bombeiros do Distrito Federal (hoje Rio de Janeiro) quanto à correção dos métodos aplicados pela Corporação até então, diante de métodos mais avançados de preparo físico vindos do Exército. Como consequência, houve uma mudança significativa na filosofia do treinamento físico que derivou para bases mais científicas. Foi criado então, nesse período, o Departamento de Desportos dos Bombeiros, que procedeu às inovações requeridas na cultura física e esportiva da instituição.

1969 A Escola de Ensino Superior de Educação Física da Polícia Militar do Estado de São Paulo, de acordo com o Decreto Lei nº 1043 de 21 de outubro, obtém o reconhecimento do Ministério da Educação e Cultura- MEC nos seus cursos de Educação Física para oficiais (instrutor) e sargentos (monitoria).

1976 Em março, a Escola de Formação de Oficiais do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do RJ – CBMERJ transferiu-se para as instalações da antiga Academia de Polícia Civil, em Jurujuba, Niterói - RJ. Ali ocorreram mudanças de grande monta a começar pela ampliação das instalações. Em virtude dos instrutores e monitores serem oriundos da Escola de Educação Física do Exército, o que assegurava a alta qualificação de seus profissionais, o campo do ensino técnico profissional militar e a prática da Educação Física teve melhorias significativas. Por conta deste processo, foi criado o Centro de Educação Física e Desportos - CEFID do CBMERJ no quartel do Comando Geral, trazendo repercussões nas corporações dos demais estados.

1980 Neste período realizaram-se os Jogos Acadêmicos das Polícias e Corpo de Bombeiros Militares do país, com o objetivo de proporcionar uma integração entre as corporações co-irmãs de todo o Brasil. Além disso, os Jogos visavam a formar um espírito

esportivo que estimulasse o desenvolvimento da prática dos desportos nas organizações de bombeiros militares e nas polícias.

1984 Em 16 de outubro foi ativado o Grupamento Marítimo - GMAR do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro, entidade de elite em Educação Física em razão das suas operações de salvamento em mar.

1985 Neste período, o Comandante do Centro de Educação Física do CBMERJ, Tenente Coronel Jurandir Conceição Costa, com apoio do Comando Geral da Corporação, Coronel José Albucacys Manso de Castro, formado pela Escola de Educação Física do Exército, deu uma nova dimensão a Educação Física, implantando o projeto “FEBRE”. Esta iniciativa focalizou a difusão de diversos programas adaptados a todas as faixas de idade, com vistas à aquisição de melhor condição física. O plano previa a participação de todos os especialistas formados em Educação Física, oficiais a praças, a fim de que se pudesse iniciar um trabalho de doutrina e sedimentação da importância do esporte e da Educação Física.

1998 Em julho foi inaugurado o novo Centro de Educação Física e Desporto do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro, numa área de aproximadamente 70 mil metros quadrados, situado no bairro de Guadalupe, Rio de Janeiro –RJ. O parque esportivo é multifuncional: abriga piscinas, pista de atletismo, campo de futebol, quadra polivalente, tanque de mergulho e campo para instrução profissional.

2002 Em janeiro, 198 bombeiros homens e 12 mulheres guardavidas realizaram a escalada da Pedra da Gávea. Estes militares pertenciam ao Comando de Bombeiros das unidades especializadas do Grupamento Marítimo, Grupamento de Busca e Salvamento e Grupamento Florestal e Meio Ambiente, constituindo-se no maior grupo de pessoas do mundo que realizou tal façanha.

Situação Atual Nos dias de hoje, os Corpos de Bombeiros realizam seus serviços em todo o território nacional na forma de comandos de Grupamentos, Sub grupamentos, Destacamentos e Postos. Os Comandos militares são subordinados, em alguns estados, à Polícia Militar. Porém, em sua grande maioria, o Corpo de Bombeiros possui comandos independentes, que são responsáveis pelo desenvolvimento físico associado à prática esportiva. O efetivo de bombeiros no país gira em torno de 57.000 a 60.000 pessoas, entre homens e mulheres, que realizam exercícios físicos diariamente, nas diversas instalações das organizações de bombeiros militares. Os bombeiros são avaliados, na maior parte de seus quadros, duas vezes ao ano, com a aplicação de testes de flexão de braço, abdominal, flexão de barra, corrida de 12 minutos e natação. As competições esportivas são realizadas, em sua maior parte, no âmbito do próprio estado, tendo a participação do público interno e externo. Anualmente, são realizados os Jogos Acadêmicos das Polícias e Corpo de Bombeiros Militares do país, com a participação dos estados de PA, GO, PR, MG, RJ, SP, MA e CE. As modalidades envolvidas são atletismo, judô, voleibol, basquetebol, natação, futsal, futebol de campo, com a participação de aproximadamente 620 cadetes.

Fontes Coletânea da revista anual Avante Bombeiros Militar – 1977/1985 e 1989; Coletânea do VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 1988, RJ, Editora UGF; www.polmil.sp.gov.br.

Número de instalações esportivas* para treinamento físico dos bombeiros por estado, 2003

Number of sports facilities* for firefighters' physical training per state, 2003

*Quadras, campos, piscinas, ginásios e pistas / courts, playing fields, swimming pools, gyms and tracks

Número de participantes no treinamento físico e competições esportivas, 2003

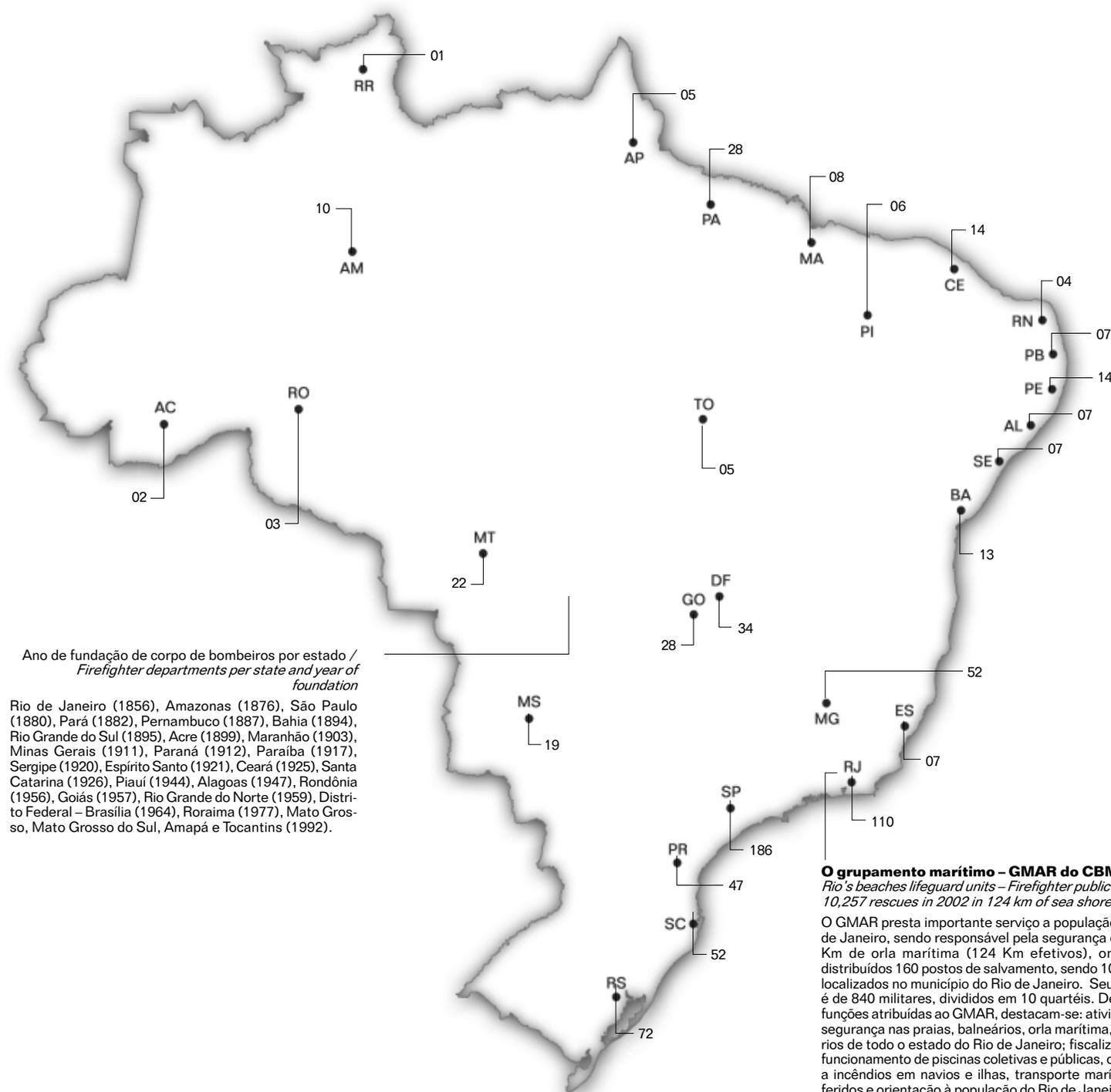
Number of participants in physical training and sport competitions, 2003

ESTADO / state	PRATICANTES / participants
RJ	16500
GO	1600
PB	740
SE	650
BA	900
AC	400
RR	160
MS	1023
MG	4260
MT	972
PA	2200
SC	1852
RO	300
AP	489
AL	767
TO	133
SP	9251
RN	561
MA	920
PI	370
AM	376
RS	2700
PR	3200
CE	1400
ES	640
DF	3309
PE	1900

Número de instrutores e monitores de educação física em atividade, 2003

Number of working P.E. instructors and monitors, 2003

ESTADO / state	INSTRUTOR / instructor	MONITOR
GO	08	02
PB	03	-
SE	-	03
MS	08	02
MG	08	48
MT	14	-
PA	07	02
SC	14	02
RO	01	-
PE	15	05
AP	01	01
AL	01	06
SP	62	68
RJ	53	69



Ano de fundação de corpo de bombeiros por estado / Firefighter departments per state and year of foundation

Rio de Janeiro (1856), Amazonas (1876), São Paulo (1880), Pará (1882), Pernambuco (1887), Bahia (1894), Rio Grande do Sul (1895), Acre (1899), Maranhão (1903), Minas Gerais (1911), Paraná (1912), Paraíba (1917), Sergipe (1920), Espírito Santo (1921), Ceará (1925), Santa Catarina (1926), Piauí (1944), Alagoas (1947), Rondônia (1956), Goiás (1957), Rio Grande do Norte (1959), Distrito Federal – Brasília (1964), Roraima (1977), Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Amapá e Tocantins (1992).

O grupamento marítimo – GMAR do CBMERJ / Rio's beaches lifeguard units – Firefighter public service: 10,257 rescues in 2002 in 124 km of sea shores

O GMAR presta importante serviço a população do Rio de Janeiro, sendo responsável pela segurança de 1042 Km de orla marítima (124 Km efetivos), onde são distribuídos 160 postos de salvamento, sendo 100 deles localizados no município do Rio de Janeiro. Seu efetivo é de 840 militares, divididos em 10 quartéis. Dentre as funções atribuídas ao GMAR, destacam-se: atividade de segurança nas praias, balneários, orla marítima, lagos e rios de todo o estado do Rio de Janeiro; fiscalização do funcionamento de piscinas coletivas e públicas, combate a incêndios em navios e ilhas, transporte marítimo de feridos e orientação à população do Rio de Janeiro e aos turistas. No ano de 2002, o GMAR teve 10.257 salvamentos com apenas 23 óbitos. O coronel Marcos Silva é o recordista mundial de salvamento em praia, sendo que em 1993, foi indicado para o Guinness Book. Possui atualmente 7332 salvamentos registrados.

Atividades Básicas do Centro de Educação Física e Desportos – CEFID, a partir de 1985

Sports and P.E. Center – Basic activities annual program

- Colônia de férias.
- Estágio para Educação Física para todos os aspirantes recém-formados.
- Realização de campeonato interno de futebol de campo de veteranos, voleibol de oficiais, basquetebol de oficiais e praças, futebol de salão de praças.
- Estágio de natação.
- Campeonato externo de futebol de campo da Semana da Pátria que congregavam Marinha, Exército, Aeronáutica e Polícia Militar.
- Competições de corridas.
- Festejos Comemorativos do Aniversário do Ressurgimento dos Jogos Olímpicos.
- Criação da Comissão de Educação Física e Desportos do CBMERJ.
- Reformulação do regulamento interno do CEFID, publicação e distribuição no âmbito da corporação.

Atividades preferidas por estado

Preferred sports per state, 2003

ATLETISMO / Athletics	NATAÇÃO / Swimming	FUTSAL / Indoor football	FUTEBOL DE CAMPO / Soccer
CE	CE	CE	MG
SE	MG	MG	-
MG	BA	BA	BA
BA	PE	AL	AL
PA	AL	-	-
SP	SP	SP	SP
DF	DF	DF	DF
RJ	RJ	RJ	RJ
PR	PR	PR	PR
-	SC	-	-

Comissão Desportiva Militar do Brasil – CDMB

ROBERTO CORREIA

Brazilian Military Sports Commission – CDMB

The Armed Forces of Brazil (three Services: Navy, Army and Air Force and two Auxiliary Forces: Police Force and Firefighters of the states) had developed military sports separately until the late 1940s. A central institution subordinated to the Estado Maior das Forças Armadas (Joint Staff) was created in 1951 to coordinate competitions among the Army, Navy and the Air Force in order to promote good relationship among the participants and to select athletes for military and civilian international competitions. Today this institution is called Comissão Desportiva Militar do Brasil (Military Sports Commission of Brazil–CDMB) and is administrated as part of the Ministério da Defesa (Ministry of Defense). CDMB directs the Escritório de Ligação do Conselho Internacional do

Origem e Definições O esporte militar no Brasil até o final da década de 1940 desenvolveu-se de forma isolada em cada Força Singular (Marinha, Exército e Aeronáutica) e Auxiliar (Policías Militares e Bombeiros dos Estados). No entanto, por iniciativa do Departamento de Desportos do Exército-DDE, em 1951, reuniram-se 4 Oficiais do Exército, um da Marinha, 1 da Aeronáutica e 1 da Polícia Militar do Distrito Federal (então no Rio de Janeiro) e formularam um projeto de competições entre estas Forças de todo o país, visando ao congraçamento dos participantes e a seleção de atletas para representações em competições internacionais. O projeto inicial previa uma “Olimpíada Militar Nacional” de 4 em 4 anos, Campeonato Nacional de Pentatlo Militar de 2 em 2 anos, Campeonato Nacional Militar de Atletismo de 4 em 4 anos e a participação de Policiais Militares e Bombeiros de todo o Brasil, como também de funcionários civis com mais de um ano de trabalho. No seu ponto de partida, o projeto gerou a necessidade de criar um órgão central capaz de coordenar as atividades e eventos previstos. Nasceu, então, o Conselho Desportivo Militar das Forças Armadas, no mesmo ano de 1951, que contava em sua estrutura com um Oficial de cada Ministério, presidido pelo mais antigo entre eles, sem prejuízo de suas funções e com sede nas instalações do DDE. O então existente Conselho Nacional do Desporto-CND, órgão do Ministério da Educação e Cultura, imediatamente reconheceu o Conselho Militar como parceiro importante na formação de seleções de representação nacional, sobretudo olímpicas, o que acontece até os dias atuais em termos de órgãos dirigentes do esporte nacional. Após cinco anos de experiências acumuladas e como resultado de uma Exposição de Motivos encaminhada ao Ministro do Estado-Maior das Forças Armadas-EMFA, criou-se pelo Decreto nº 38.778/56, a Comissão Desportiva das Forças Armadas-CDFA, ainda dependente do DDE. Em 1958, a CDFA torna-se uma Organização própria, subordinada ao EMFA com sede no prédio desta entidade maior e, finalmente, a partir do Decreto nº 78.392/76, transforma-se na atual Comissão Desportiva Militar do Brasil-CDMB, regulamentada pelo Decreto nº 88.072/83, que dispõe sobre a constituição e competência desta nova organização.

Década de 1950 Este período constituiu a fase pioneira da atual CDMB, caracterizando-se pela forma empreendedora com que seus dirigentes alavancaram o esporte militar, formando uma base sólida, de intercâmbio das Forças Armadas com as Forças Auxiliares, com entidades civis de administração desportiva e com outros países, por intermédio do esporte. Iniciavam-se então as Competições das Forças Armadas que, em sua segunda edição (1953), no Distrito Federal (RJ à época), reuniram 1.337 atletas, no Estádio do Clube de Regatas Vasco da Gama, para a cerimônia de abertura, com a presença do Presidente Getúlio Vargas. A então CDFA deu início e coordenou as competições entre as Escolas Militares (1954): Escola Naval, Academia Militar das Agulhas Negras e Escola de Aeronáutica (hoje denominada Academia da Força Aérea). Concomitantemente, foram estabelecidas normas gerais do esporte militar e das modalidades definidas para competição, que resultaram nas Normas Desportivas das Forças Armadas atuais. Também se intensificou o apoio às entidades civis esportivas quanto às representações nacionais e iniciaram-se os preparativos para representar o país internacionalmente em âmbito militar. Assim sendo, a CDFA sediou, no Brasil, eventos Sul-Americanos sob os auspícios da União Desportiva Militar Sul-Americana-UDMSA: Campeonatos de

Esporte Militar (Office of Liaison of the International Council of Military Sport – CISM) for South America and presides the União Desportiva Militar Sul-Americana (South American Military Sports Union). CDMB also develops a sports schedule made up of 10 Olympic sports (track and field, basketball, fencing, soccer, judo, swimming, modern pentathlon, tennis, volleyball, and triathlon) and 7 military sports (parachuting, cross-country racing, orienteering, military pentathlon, naval pentathlon, air force pentathlon, and shooting). Although CDMB is a military organization with specialized objectives, it has also been using sports to promote the social inclusion of children and adolescents who live in low-income communities (Table 3). Brazilian military athletes are known by their participation in

Pentatlo Militar Sul-Americano e Congressos Ordinários da UDMSA–Rio de Janeiro/1954 e 1958 e I Campeonato Sul-Americano de Box – Rio de Janeiro/59, no qual o Brasil sagrou-se campeão nas categorias Pena, Meio Pesado e Pesado. No exterior, a CDFA promoveu a representação brasileira ao I Campeonato Sul-Americano de Atletismo para Cadetes – Buenos Aires/59.

Ainda nesta década, a CDFA ampliou suas ações em âmbito mundial, filiando-se em 1956 ao Conselho Internacional do Desporto Militar–CISM, e debutou internacionalmente em uma eliminatória de Futebol envolvendo 4 países (França, Itália, Argentina e Brasil – Buenos Aires/57), na qual a seleção brasileira militar obteve o quarto lugar e o troféu Fair-Play. Na Bélgica/57, o Brasil alcançou a sétima colocação durante a sua primeira participação em Campeonatos Mundiais de Pentatlo Militar e a CDFA representou-se no mesmo ano em três Congressos daquele Conselho. Salienta-se que a CDFA gozava de alto prestígio técnico entre treinadores, sobretudo europeus. Por ocasião de sua XIII Assembléia Geral–Atenas/59, por ter participado dos últimos eventos organizados por aquele Conselho, constituiu-se em um aliado importante, geopoliticamente, na difusão da atividade física militar na América Latina. Ademais, o Brasil se beneficiou da associação com países de ponta em tecnologia do Treinamento Físico Esportivo por meio da Academia do CISM-ACISM. Os Boxes 1 e 2, respectivamente, apresentam descrições básicas operacionais da UDMSA e do CISM.

Década de 1960 Na perspectiva histórica atual, os anos de 1960 representaram os tempos áureos da CDMB, quando os esforços concentraram-se na reformulação administrativa da Comissão, na aproximação com a Confederação Brasileira de Desportos–CBD e outras entidades civis, na criação de novos campeonatos em diversas modalidades e na busca de conhecimento técnico e experiência de gestão, por intermédio do intercâmbio internacional. Na sua dimensão administrativa, a Comissão torna-se mais forte com a criação da função de Presidente da CDFA ocupada por um Oficial do EMFA, no posto de Capitão-de-Mar-e-Guerra ou Coronel, da função de Adjunto chefiada por um Capitão-de-Fragata ou Tenente Coronel, todos com o curso de Educação Física e da função de Relações Públicas, motivado pelo relacionamento com o meio civil e militar nacional e internacional. No cenário internacional, o esporte militar brasileiro se fortalece e recebe do CISM a incumbência de sediar a Subsecretaria do CISM para a América Latina/62, com o objetivo de promover o esporte militar na região. No Brasil, a então CDFA já se posicionava como um meio de divulgação das Forças Armadas junto à opinião pública.

As parcerias se intensificaram neste período visando a cooperação com o esporte nacional. A Prefeitura do Distrito Federal patrocinou a realização do XIII Campeonato Internacional de Pentatlo Militar do CISM/60, do qual participava, como membro do Comitê Organizador, o Dr. João Havelange. Realizou-se o I Campeonato de Tiro das Forças Armadas/60, no estande de tiro do Fluminense Football Club-RJ, como preparação da Equipe brasileira para os Jogos Olímpicos de Roma e o Campeonato de Pentatlo Moderno do CISM – Roma/63, em que a Delegação brasileira foi custeada pela CBD, como preparação para o mundial da União Internacional de Pentatlo Moderno (a mesma equipe obtém o segundo lugar nos IV Jogos Pan-Americanos/63, em São Paulo-SP). Com o patrocínio do CND, Brasília sediou o V Campeonato Mundial Militar de Tiro/

international events especially in track and field, judo and military pentathlon. Although women entered the Brazilian Armed Forces in 1981, it was only in 1987 that military women athletes started to participate in Brazilian championships. The very first competition was shooting, followed later by cross-country racing, swimming, sailing and triathlon. Today military women athletes have also reached national and international levels of performance in shooting, judo and orienteering. Brazil has reached sports excellence in the military pentathlon: the Brazilian team became South American champion 8 times and world champion 7 times. From 1951 until 2003 the CDMB organized and participated in 647 sports events in Brazil and abroad (Table 4).

61, no qual o Brasil alcançou a terceira colocação entre nove países. No final da década, um patrocinador solicitou a CDFA que organizasse em Brasília, a “Brasiliada”, competição envolvendo todos os militares da região, ocorrendo então duas edições, em 1968 e 1969. No cenário interno, novos eventos têm início neste período, como a I NAE – Campinas/1965, competição entre as Escolas Militares de nível secundário (Colégio Naval, Escola Preparatória de Cadetes do Exército e Escola Preparatória de Cadetes do Ar); o Campeonato de Natação das Forças Armadas – Rio de Janeiro/66, na piscina do Fluminense Football Club (Marinha campeã); e o Campeonato de Atletismo das Forças Armadas – Rio de Janeiro/66, no qual a Escola de Educação Física do Exército teve a seu cargo a arbitragem. Em 1968, em Brasília, a CDFA organizou o V Campeonato de Futebol das Forças Armadas entre Cabos e Soldados, no qual participaram jogadores renomados do futebol brasileiro, como Rodrigues Neto, Alfinete, Silvinho, Edu, Clodoaldo e Adirson, todos militares na época.

No plano internacional, o período é de expansão do prestígio nacional junto aos países Sul-Americanos e a outros continentes. A Delegação militar brasileira se faz representar no I Campeonato Militar Sul-Americano de Tiro – Montevideu/65 e no II Campeonato Sul-Americano de Atletismo para Cadetes – Rio de Janeiro/60, no qual o Brasil vence 9 das 13 provas. A representação nacional também se sagrou vencedora do I Campeonato de Pentatlo Militar Sul-Americano – Rio de Janeiro/68, cujo campeão individual foi o Aspirante Sparta (Exército), Presidente da Confederação Brasileira de Pentatlo Moderno, durante o ano de 2002. Junto ao CISM o momento é de glória: o Brasil participou do I Campeonato de Paraqueidismo do CISM – França/64, saltando de helicópteros “Sikorski”, obtendo a oitava colocação. O Brasil sagrou-se campeão mundial de Pentatlo Militar na Holanda/65, com uma equipe treinada pelo então Tenente da Marinha Lamartine Pereira Da Costa. Em 1963, o então Capitão-Tenente Heitor Alves Barreira Junior (Marinha) seguiu para Suécia como observador da IX Semana Internacional do Mar, e quatro anos depois, o Brasil alcançou o primeiro lugar no pódio por equipe e os dois primeiros lugares individuais no XII Campeonato Mundial de Pentatlo Naval – Grécia/67. Dois Oficiais da Força Aérea Brasileira viajaram para Copenhague como observadores do XV Campeonato Internacional do Pentatlo Militar Aeronáutico/68.

No campo do conhecimento técnico, dois eventos importantes ocorreram neste período: o I Congresso Internacional de Psicologia do Esporte – Roma/65, onde foram discutidos aspectos psicológicos do esporte militar e, o mais importante deles, o Simpósio de Treinamento Físico Militar, em Fontainebleau – França/68, dirigido pelo Coronel Raul Mollet, Secretário-Geral do CISM, que objetivava comparar os métodos de Treinamento Físico Militar nas Forças Armadas dos diversos países filiados aquele Conselho; participaram do evento os brasileiros: Capitão Aviador Neri Nascimento, Capitão Cláudio Coutinho (Exército) e o 1º Tenente Manoel Gomes Tubino (Marinha), que em seus relatórios sugeriram a criação de um Departamento de Pesquisa em Treinamento Físico e Medicina Desportiva, o que ocorreu posteriormente. Em maior relevância, registre-se que neste evento a Delegação brasileira fez um vínculo com o então Capitão Médico Kenneth Cooper da Força Aérea dos EUA, o que resultou em importantes avanços no desenvolvimento do

Treinamento Esportivo no Brasil. Em 1967, realiza-se o I Campeonato Militar Sul-Americano de Tiro “Por Correspondência”, quando atiradores brasileiros realizaram a prova no Rio de Janeiro com a presença dos Adidos Militares dos outros seis países participantes e os resultados foram enviados a UDMSA para apuração geral (Brasil: 4º lugar, fuzil de guerra e 3º lugar, revólver – fogo central).

Década de 1970 Este período representou a consolidação da então CDFA e atual CDMB com base nas sementes do esporte militar que vingaram na década anterior. Assim sendo, foi significativo que a Seleção Tri-Campeã Mundial de Futebol tenha se preparado fisicamente nas instalações da Escola de Educação Física do Exército-EsEFEx, a partir do planejamento técnico de oficiais graduados em Educação Física, pertencentes ao efetivo daquele estabelecimento de Ensino Militar, além de revelar outros atletas como o Taifeiro Nelson Prudêncio (Aeronáutica) e o Cabo João Carlos de Oliveira (“João do Pulo”-Exército), que foram recordistas e campeões mundiais. Em plano geral, após absorver o conhecimento técnico no exterior, o momento era de difundi-lo e assim vários eventos relevantes marcaram o período. A Academia da Força Aérea e a Comissão de Desportos da Aeronáutica organizaram o I Simpósio Nacional de Atletismo – Rio de Janeiro/1970, cujo objetivo era equacionar novos caminhos para dinamizar a prática da modalidade no país. Ainda em 1970, três Oficiais brasileiros, um de cada Força Singular, partem para Dinamarca como observadores do IV Campeonato de Orientação do CISM. Em seus relatórios demonstraram a simplicidade que seria implantar aqui esta disciplina, tão difundida na Europa, pois as Forças Armadas do Brasil já praticavam tal atividade em suas instruções básicas. Daí em diante, uma sucessão de fatos garantiram o sucesso da modalidade em nosso país, até os dias atuais. Uma delegação brasileira disputou o V Campeonato de Orientação do CISM – Noruega/71, no qual obteve a nona colocação; no ano seguinte realizou-se o I Campeonato de Orientação das Forças Armadas – Rio de Janeiro/72; e para completar o ciclo, a CDFA organizou o I Estágio de Orientação – Resende/75, no qual atuaram como instrutores os três Oficiais que realizaram a primeira viagem como observadores.

Entretanto, um evento que se poderia classificar como um “divisor de águas” do conhecimento e aplicação da metodologia do Treinamento Esportivo no Brasil ocorreu em 1972, na cidade do Rio de Janeiro-RJ: o Estágio de Atualização Técnica da ACISM, tendo como Secretário-Geral o Coronel Raul Mollet e organizado pela CDFA, juntamente com o Departamento de Educação Física e Desportos do Ministério da Educação e Cultura. O objetivo do Estágio era a assimilação de conhecimento avançado em Treinamento Esportivo e áreas conexas como fisiologia do esforço, cinesiologia, medicina do esporte, etc. Nestas condições, inscreveram-se 356 participantes, professores universitários e militares, de todas as regiões brasileiras, incluindo nomes dos mais destacados em Educação Física, Esporte e Medicina do Esporte do país, naquele estágio. Quatro temas centrais foram escolhidos: Atletismo, Introdução à Metodologia da Pesquisa, Circuit Training e Medicina Esportiva, os quais foram debatidos com alguns dos maiores especialistas do assunto no mundo à época, como o Dr. Kenneth Cooper, o Dr P. Rasch, J. Higgins e Coronel Frak Kobs, todos dos EUA; o Coronel Raul Mollet – Bélgica; o Coronel Lélío Ribeiro – Portugal; e o Professor Lamartine Pereira da Costa e o Dr. Maurício Rocha, ambos do Brasil. Dentre os estagiários encontravam-se o Professor Nuno Cobra, Capitão Arthur Telles Cramer Ribeiro, Professor Fernando Tovar, Dr. Eduardo Henrique De Rose, Dra. Maria Augusta Kiss e tantos outros que se tornaram, posteriormente, nomes famosos no esporte brasileiro. No decorrer do evento, o Dr. Cooper, ao fazer o lançamento de seu livro “Capacidade Aeróbica”, declarou: “Em nenhuma outra época a Educação Física gozou de tanto destaque, sendo considerada já como ciência. Não podemos descuidar do aprimoramento dos técnicos que trabalham neste campo”. Uma confirmação destas palavras veio do Chefe de Relações Públicas do Estágio, em nota para a imprensa, ao resumir o significado do evento para o esporte brasileiro: “...É um primeiro passo no rumo certo dos bons resultados esportivos”.

Ainda na década de 1970, a CDFA permanece abrindo novas frentes no cenário nacional. Realizou-se o I Campeonato de Futebol de Salão das Forças Armadas – Belo Horizonte/70, como também o I Campeonato de Tênis das Forças Armadas – Brasília/70, em paralelo com um calendário de outros eventos iniciados anteriormente. Para o CISM, o Brasil continuou sendo um grande aliado na difusão do esporte militar no continente. Portanto, por Decreto nº 72.659/73,

transforma-se a Subsecretaria do Conselho Internacional do Esporte Militar para a América Latina em Escritório de Ligação do Conselho Internacional do Esporte Militar para a América do Sul – ELAS/CISM. No ano seguinte, o Brasil sediou a I Reunião do ELAS– Brasília/74, com a participação de dez países Sul-Americanos, para lhes dar esclarecimentos sobre a estrutura do CISM e a importância do intercâmbio entre os países desse continente, a fim de incrementar a prática esportiva na região. Também em destaque foi a tentativa da CDFA, então sob a presidência do Coronel Dickson Melges Graef (Exército), pai dos irmãos Graef, atletas olímpicos de vela, em realizar o I Campeonato Brasileiro de Pára-quedismo das Forças Armadas – Rio de Janeiro/76. Porém, o evento não ocorreu devido às condições meteorológicas desfavoráveis, que se concretizou no ano seguinte, em Casa Branca – SP, com uma grande homenagem a Charles Astor, precursor do Pára-quedismo no Brasil.

Em resumo, identifica-se a segunda metade da década de 1970 como o primeiro “ponto de inflexão” nos rumos do esporte militar ao redor do mundo, pois a comunidade civil inicia o investimento maciço em pesquisas no campo da performance, como também na prática da atividade física pelo cidadão comum, em suas horas de lazer e até mesmo durante o trabalho. A medicina reconhece, outrossim, a atividade física como uma aliada no tratamento das doenças cardíaco-respiratórias. No Brasil, repetiu-se tal tendência desde que entidades universitárias passaram a desenvolver cursos de pós-graduação em Educação Física, implementando pesquisas e criando laboratórios e centros de excelência esportiva.

Décadas de 1980 e 1990 Este período caracteriza-se pela manutenção da vida vegetativa da CDMB e de tentativas de manter o esporte militar como aliado das entidades gestoras civis na busca de melhores resultados esportivos. Assim sendo, vários atletas de nível nacional e internacional seriam revelados pelo esporte militar, em diversas modalidades, como atletismo, judô, esgrima e outras. Contudo, a mudança no cenário político nacional acarretou uma diminuição de investimentos no setor militar. Conseqüentemente, o esporte, como atividade meio, se ressentiu da falta de recursos para continuar empreendendo da mesma forma que nas décadas precedentes e entre novas soluções encontradas, começaram a surgir convênios com empresas públicas e privadas na busca de patrocínio. Paralelamente, as entidades gestoras do esporte nacional se fortaleceram e buscaram no Congresso Nacional um caminho para regulamentar a atividade física no País. Este momento se apresenta como o segundo “ponto de inflexão” no caminho do esporte militar. Sem representatividade no Congresso e com o surgimento da nova legislação, os militares do esporte deixaram de pertencer ao Conselho Nacional do Desporto, conseqüentemente, perdendo influência política. Na sucessão dos acontecimentos, em 1996 ocorre a regulamentação da profissão de Educação Física, um fato histórico para a classe. No entanto, os Oficiais graduados pela Escola de Educação Física do Exército perdem a permissão do Conselho Federal para atuarem como profissionais no meio civil, o que demonstra, mais uma vez, o desprestígio vivido pelo esporte militar.

Em conseqüência do esforço empreendido pelos dirigentes nacionais do esporte de alta competição, aprova-se a lei que destina parte da verba oriunda das loterias para o esporte olímpico e pára-olímpico, alavancando a atividade no País. Surge o terceiro “ponto de inflexão” do esporte militar, causado pela necessidade das entidades gestoras do esporte brasileiro se adequarem administrativamente à nova realidade financeira e de possibilidades que possam advir desse fato. Esta fase – que naturalmente depende do ambiente externo a CDMB – ainda continua em pauta nos dias presentes. Paralelamente, o CISM passa por situação similar, pois o movimento de mudança é mundial. No entanto, realizaram-se os I Jogos Mundiais – Roma/95, para comemorar os cinqüenta anos de aniversário do término da Segunda Grande Guerra. O evento foi um sucesso de tal monta que a Assembléia Geral do CISM decidiu repeti-lo, de 4 em 4 anos, sempre no ano anterior aos Jogos Olímpicos. O ápice dos Jogos Mundiais do CISM ocorreu em Zagreb/99, pois contou com a participação de 82 países, totalizando 6.734 atletas.

Situação atual Prevalece nos primeiros anos da presente década a concepção da atividade física como um meio de preparação para o exercício da profissão militar, como um instrumento de demonstração de soberania, como uma ferramenta na busca e preparação de novos talentos para comporem as representações e como um veículo de inclusão social para boa parte da sociedade. Esta noção de inclusão social foi adotada nos últimos anos pela CDMB acompanhando o

meio civil no Brasil em seus avanços no esporte e na Educação Física. Em que pese a redução de disponibilidades financeiras nas Organizações Militares em geral – também ocorrida em anos recentes – houve soluções para cumprir o Calendário Desportivo Militar nacional e internacional, bem como para preservar o nome e tradição dessa tão relevante instituição militar para o esporte nacional, por parte de seus membros. Para esta tarefa, fundamental foi o apoio das entidades que, de alguma forma, relacionaram-se com a CDMB, como os Comandos da Marinha, Exército e Aeronáutica que sempre contribuíram na mobilização dos atletas e custeio das missões de representação do país no exterior, e como o Ministério do Esporte e o Comitê Olímpico Brasileiro que têm reconhecido a importância do esporte militar para o desenvolvimento da atividade no Brasil e as possibilidades futuras de contribuição em todas as formas de manifestação da atividade física.

Hoje, em termos administrativos, a Comissão Desportiva Militar do Brasil constitui-se um órgão do Ministério da Defesa, preservando todos os seus objetivos iniciais. Cumulativamente, chefia o Escritório de Ligação do CISM para a América do Sul e preside, também, a União Desportiva Militar Sul-Americana. Mantém igualmente os vínculos com as Forças Singulares, de forma sistêmica, por intermédio das Comissões de Desportos da Marinha, do Exército e da Aeronáutica, regulados pelas Normas Desportivas das Forças Armadas, elaboradas durante as Reuniões de Coordenação e da Alta Direção do Desporto Militar e aprovadas por Portaria Ministerial, o qual prevê a execução de um calendário esportivo anual composto de 17 modalidades, distribuídas em olímpicas (atletismo, basquetebol, corrida através campo, esgrima, futebol, judô, natação, pentatlo moderno, tênis, voleibol e triatlo) e propriamente militares (pára-quedismo, orientação e pentatlo militar, pentatlo naval, pentatlo aeronáutico e tiro). Neste contexto, os últimos Presidentes da CDMB vêm evidenciando esforços no sentido de adequar o processo administrativo à nova realidade do esporte nacional. Em conseqüência, algumas medidas de curto, médio e longo prazo estão sendo desenvolvidas, tal como no exemplo do Termo de Cooperação Técnica com o Ministério do Esporte na elaboração, planejamento e execução do Programa “Forças no Esporte”, que tem como objetivo promover a integração social, a prevenção à doença e à marginalidade e valorização da cidadania, como um processo social de desenvolvimento. De acordo com a Tabela 1 adiante, as Forças Armadas possuem instalações esportivas que, se ocupadas, em oportunidades diversas, podem atender a mais de 30.000 crianças, por período, abrangendo todas as regiões do Brasil.

Visando a resultados a médio prazo, a CDMB tem buscado recursos financeiros na parceria com empresas públicas e privadas capazes de custear o Calendário Desportivo Nacional e Internacional, pois a Comissão dispõe de um produto altamente vendável e de retorno imediato para esses patrocinadores, isto é, de aliar-se a uma instituição de confiança no país, as Forças Armadas. Outra medida importante, e que objetiva resultados mediatos, é a manutenção do relacionamento de permuta com o Comitê Olímpico Brasileiro e com as Confederações das diversas modalidades, para as quais, desde a sua criação, a CDMB vem contribuindo na preparação de equipes nacionais, na seleção de atletas militares para comporem delegações brasileiras e na disponibilidade de pessoal especializado para compor o efetivo das entidades em gestão esportiva. Por exemplo, cabe ressaltar a criação da Confederação Brasileira de Pentatlo Moderno, em 2002, iniciativa de militares, que consolidou uma tradição esportiva brasileira iniciada nos Jogos Olímpicos de Berlim-1936. Finalmente, após a criação de um Grupo de Estudos no Ministério da Defesa, foi elaborada uma lista de emendas ao Projeto de Lei que institui o Estatuto do Desporto a ser aprovado pelo Congresso Nacional, que intenciona resgatar o prestígio do esporte militar brasileiro, incluindo um representante deste segmento no Conselho Nacional do Esporte, tendo sido nomeado pelo Ministério do Esporte o Capitão-de-Mar-e-Guerra José Paulo Chaves Lino da Comissão Desportiva Militar do Brasil.

Internacionalmente, o esporte militar, apesar das mudanças ocorridas, mantém-se relevante em sua importância. Nos Jogos Olímpicos de Sidney-2000, 21% do total das medalhas distribuídas destinaram-se a atletas militares considerando-se todos as nações em disputa. No Brasil, os atletas militares são reconhecidos pela organização e participação em eventos nacionais esportivos e internacionais de representação do país (Tabela 2), destacando-se nas modalidades de atletismo, judô, pentatlo aeronáutico militar e pentatlo militar. Nesta última modalidade alcançou-se a excelência

esportiva: a seleção nacional sagrou-se 8 vezes campeã sul-americana e 7 vezes campeã mundial, com destaque para os atletas Capitão Nilo e Sargento Bandeira (Exército) e Sargento Carlos Silva (Marinha).

Participação da mulher no esporte militar Entre os marcos históricos da CDMB, destaca-se a inclusão da mulher no esporte militar, que se projeta nos dias presentes. O ingresso da mulher nas Forças Armadas Brasileiras se deu a partir de 1981, e em seus efetivos, surgiram algumas profissionais de Educação Física, que assumiram funções técnicas e administrativas na gestão do esporte

militar. Com um número muito reduzido em seu contingente inicial, somente em 1987 inicia-se a participação feminina nos Campeonatos Nacionais Militares. Inicialmente na modalidade de Tiro, pois, sua prática compõe o currículo básico da profissão e em um segundo momento, nos Campeonatos de Cross Country, pela facilidade técnica e prática do esporte. Logo em seguida se sucederam a Natação, a Vela e o Triatlo. Com o ingresso das mulheres na Academia da Força Aérea intensificou-se a prática da corrida de orientação entre o Corpo Feminino das Forças Armadas brasileiras. Atualmente, a mulher ocupa funções relevantes na

gestão esportiva militar, como a Capitão-de-Fragata Angela de Carvalho Lage, atual Assessora da CDMB para assuntos relacionados ao esporte militar internacional, que surge como a primeira mulher militar a ocupar um cargo nesta Comissão. Com o passar dos anos, as mulheres atletas militares alcançaram níveis de performance nacionais e internacionais, hoje compondo seleções brasileiras, como no tiro, judô e orientação.

Fontes: Arquivos da CDMB; Major Carlos Eduardo Ilha dos Santos e Capitão-de-corveta José Ferreira de Barros para os dados da Tabela 1.

Box 1

União Desportiva Militar Sul-Americana – UDMSA Em 1940, a Federação Desportiva Militar Argentina criou o Pentatlo Militar Sul-Americano, com as mesmas provas do Pentatlo Moderno Mundial, cujas competições seriam levadas a efeito pela Confederação Sul-Americana de Atletismo. Em sua terceira Edição, a delegação da Argentina apresenta um anteprojeto de criação da Confederação, o qual seria aprovado em 9 de maio de 1952, durante a sessão do Congresso Ordinário do VI Campeonato de Pentatlo Militar – Buenos Aires. Em 1958, cria-se o Estatuto que regula as ações dessa União Desportiva e que vem sofrendo modificações ao longo dos anos. Prevê este Estatuto que a sede da Presidência da UDMSA, em forma de rodízio e por ordem alfabética, percorrerá os países membros a cada dois anos. Filiam-se hoje à UDMSA: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela, que se reúnem a cada dois para as competições de Pentatlo Militar e para o Festival Sul-Americano de Cadetes, composto de cinco modalidades: Tiro, Judô, Esgrima, Natação e Atletismo. O Brasil é hegemônico na conquista desses Campeonatos.

Tabela 1 / Table 1

Disponibilidades de instalações esportivas militares para Projetos de Inclusão Social, 2003*
*Availability of military sport facilities for social inclusion projects per Armed Force and type of facility, 2003**

Instalações / Força Armada	Quadra de Areia	Ginásio	Campo de Futebol	Pista de Atletismo	Quadra Poliesportiva	Quadra de Tênis	Piscina	Campo de Futebol Society
Marinha	30	14	60	27	132	8	41	53
Exército	57	66	184	131	316	45	38	82
Aeronáutica	19	12	63	13	115	31	21	35
Totais	106	92	307	171	563	84	100	170

* Capacidade: atendimento de 32.058 crianças / hora em todas as regiões do Brasil / *Capacity of hosting: 32,058 children / hour in all regions of Brazil*

Tabela 2 / Table 2

Eventos esportivos da CDMB – organização e participação, 1951 – 2003
CDMB sports events – organization and participation, 1951 – 2003

Campeonatos Brasileiros	Campeonatos Sul-Americanos (participação)	Campeonatos Sul-Americanos sediados no Brasil	Campeonatos Mundiais (participação)	Campeonatos Mundiais sediados no Brasil	Total eventos
302	41	27	247	30	647

Box 2

Conselho Internacional do Desporto Militar – CISM Após a Segunda Grande Guerra os EUA criaram o Conselho Desportivo das Forças Aliadas, reunindo 12 países em torno de um ideal de congraçamento por intermédio da prática desportiva. Desfavorecido pelo momento político, o Conselho perde forças e se desfaz. Em 1948, representantes da Bélgica, Dinamarca, França, Luxemburgo e Holanda impulsionados pelo moto: “Amizade através do Desporto”, criam uma nova organização com as mesmas características e objetivos, denominada Conselho Internacional do Desporto Militar – CISM, que atualmente congrega 127 países,

surgindo como a terceira maior entidade desportiva do mundo e com sede em Bruxelas – Bélgica. Administrativamente, o CISM estrutura-se da seguinte forma: 1 Presidente, 4 Vice-Presidentes (África, Europa, América e Ásia), 10 membros do Quadro de Diretores, 1 Secretário-Geral, 1 Tesoureiro, 8 Presidentes de Comissões (Regulamento, Planejamento, Esportes, Solidariedade, Medicina Esportiva, Finanças, Disciplina e Feminina), 24 Comitês Técnicos divididos em esportes propriamente militares, esportes individuais e coletivos, 12 Escritórios de Ligação distribuídos nos continentes africano, asiático, europeu e americano e 127 Chefes

das Delegações dos países membros. Até a década de 1970, o CISM teve grande participação no desenvolvimento e difusão dos métodos utilizados no treinamento desportivo, por intermédio da Academia do CISM – ACISM, responsável pela realização de simpósios, congressos, e estágios, ao redor do mundo. Atualmente, isso acontece com um impacto menor no meio desportivo devido ao progresso da pesquisa no meio civil. Hoje, o CISM é reconhecido pela UNESCO como órgão consultor para assuntos relacionados ao esporte e pela ONU como parceiro na difusão da paz pelo mundo.



Recursos humanos e instalações esportivas – levantamentos do Sistema Confef/Cref

IONARA THOMPSON FERREIRA

Human resources and sports facilities – Confef/Cref system's surveys

This chapter is divided into three parts showing: (1) IES (Undergraduate Schools) of Physical Education, institutions that train physical educators in the country; (2) professionals who

hold undergraduate degrees, working in all states, in the areas of sports, Physical Education and physical activities of health and leisure; and (3) sports facilities, also identified by states. The data in each of

the three parts are organized according to state distribution in the first place and then national distribution. The Tables with the information are shown with titles in Portuguese and in English.

Definições O presente capítulo tem por propósito apresentar dados levantados por instituições nacionais que permitiram mapear as condições de existência de pessoal técnico empregado de nível superior – graduado ou não graduado em Instituições de Ensino Superior de Educação Física, isto é, IES, em atividades físicas no Brasil (esportes, Educação Física e atividades físicas de saúde e de lazer), assim como de instalações esportivas em âmbito nacional e estadual. Este mapeamento é preliminar segundo os preceitos deste Atlas que expõe dados e estimativas de modo a se ajustarem progressivamente a novos levantamentos e estabelecimento de padrões até a criação de um sistema de estatísticas das atividades físicas no Brasil. A base das

informações aqui apresentadas é o Sistema Confef-Cref (ver capítulo sobre o Conselho Federal de Educação Física neste Atlas, que define o Sistema e o funcionamento dos Conselhos Regionais de Educação Física-Crefs) que fez consultas diretas às IES em cada estado da Federação como também atualizou e revisou levantamentos anteriores de outras fontes efetuados em nível local, além de ter dado os primeiros passos no sentido da criação de um Banco de Dados próprio com as informações ora focalizadas. Este capítulo está dividido em três partes: (1) IES de Educação Física, formadora de mão de obra especializada em nível superior no país (um ou mais cursos) com um estudo de tendências no final do inventário; (2) Profissionais de nível superior

em atividade em todos os estados; e (3) Instalações esportivas, também identificadas em alcance nacional. A organização dos dados em cada uma das três partes considera primeiramente a distribuição estadual e, finalmente, a nacional. As estimativas feitas para completar lacunas foram estabelecidas por critérios explícitos nos quadros e partes que se seguem e revisadas com a participação dos emissores de informações do Sistema Confef-Cref. O ano base dos dados e das estimativas é 2003. Os quadros síntese das situações nacionais são mais uma vez apresentados no final deste livro / Banco de Dados, ao serem apresentados nos cenários das atividades físicas no Brasil em conjunto com os demais dimensionamentos deste Atlas.

1. IES de Educação Física – instituições, classificação por dependência administrativa, localização, ano de início de funcionamento, e totais mínimos de alunos e formandos

1. P. E. Undergraduate schools per classification, location, inauguration year, and total minimum of undergraduates and graduates

Cref 1 – Conselho Regional de Educação Física dos estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo

Cref 1 – Regional Council of Physical Education: States of Rio de Janeiro and Espírito Santo

ERNANI BEVILAQUA CONTURSI (PRESIDENTE/PRESIDENT), ANA CRISTINA MELO (DIRETORA/DIRECTOR) E ANDRÉA CARVALHO BRAGA (B. DADOS/DATA BANK)

Espírito Santo

ERNANI BEVILAQUA CONTURSI (PRESIDENTE/PRESIDENT), ANA CRISTINA MELO (DIRETORA/DIRECTOR) E ANDRÉA CARVALHO BRAGA (B. DADOS/DATA BANK)

Instituições de Ensino Superior- IES em Educação Física do ES, 2003

University and / or faculty / college / school of Physical Education (IES), 2003

Base de informações / Data base: INEP / MEC, 2003 e Cref 1

NOME DA INSTITUIÇÃO	CIDADE	DEP.ADM	DATA INÍCIO
Faculdade São Camilo FAFI ES	Cachoeiro do Itapemirim	Privada	19-02-01
Faculdade de Ciências Aplicadas "Sagrado Coração"	Linhares	Privada	17-02-03
Universidade Federal do Espírito Santo	Nova Venécia	Federal	03-03-91
Escola de Ensino Superior do Educandário Seráfico São Francisco de Assis	Santa Tereza	Privada	24-04-00
Faculdade Novo Milênio	Vila Velha	Privada	10-02-04
Faculdade Novo Milênio	Vila Velha	Privada	03-02-04
Centro Universitário Vila Velha	Vila Velha	Privada	26-04-98
Faculdade Estácio de Sá de Vitória	Vitória	Privada	-
Faculdades Integradas São Pedro	Vitória	Privada	05-02-01
Universidade Federal do Espírito Santo	Vitória	Federal	05-01-62
Faculdade Salesiana de Vitória	Vitória	Privada	31-07-00

Classificação IES / cursos – ES

Classificação / classification	Nº IES	Nº Cursos
Federal	01	02
Estadual	00	00
Municipal	00	00
Privadas / private	08	09
Total de IES	09	11

Fonte / source: INEP / Cref 1

IES – ES

Localização / location	Nº IES	Nº Cursos
Capital	04	04
Interior	06	07

Fonte / source: INEP / Cref 1

Ano de início de funcionamento dos cursos no estado do ES

Startup year of IES in ES state

Total IES até 3 anos / less than 3 years	07
Total IES de 3 a 5 anos / less than 5 years	0
Total IES de 5 a 10 anos / less than 10 years	01
Total IES de 10 a 20 anos / less than 20 years	01
Total IES com mais de 20 anos / more than 20 years	01

Fonte / source: INEP / Cref 1

Totais de alunos e formandos em Educação Física, 2003

Number of undergraduate and graduating students in P.E., 2003

IES respondentes no estado do ES / respondent IES in ES – 08 instituições (1)

Média anual de formandos nos 5 últimos anos College graduates per year – average of last 5 years	50
Número de formandos em 2002 Number of graduates in 2002	118
Total de matriculados no 1º semestre de 2003 em todos os períodos Enrollment - first semester of 2003	1.462
Número de vagas oferecidas no 1º semestre de 2003 para 1º período Number of student openings -- first semester of 2003	360

Fonte / source: Cref 1; (1) 72,72% das IES consultadas forneceram dados solicitados

Rio de Janeiro

ERNANI BEVILAQUA CONTURSI (PRESIDENTE/*PRESIDENT*), ANA CRISTINA MELO (DIRETORA/*DIRECTOR*) E ANDRÉA CARVALHO BRAGA (B. DADOS/*DATA BANK*)

Instituições de Ensino Superior – IES em Educação Física do RJ, 2003

University and / or faculty / college / school of Physical Education (IES), 2003

Base de informações / *Data base*: INEP / MEC, 2003 e Cref 1

Nome da IES / <i>Institution name</i>	Cidade / <i>city</i>	Dependência / <i>administration</i>	Data início / <i>inauguration</i>
ABEU - Centro Universitário	Belford Roxo	Privada	31-07-01
Universidade Estácio de Sá	Campos dos Goytacazes	Privada	01-02-99
Universidade Salgado de Oliveira	Campos dos Goytacazes	Privada	02-02-96
Universidade do Grande Rio "Professor José de Souza Herdy"	Duque de Caxias	Privada	06-02-01
Centro Universitário Plínio Leite	Niterói	Privada	02-08-99
Universidade Estácio de Sá	Niterói	Privada	07-02-00
Universidade Salgado de Oliveira	Niterói	Privada	02-08-96
Faculdades Integradas Maria Thereza	Niterói	Privada	01-08-89
Universidade Estácio de Sá	Nova Friburgo	Privada	12-08-96
Universidade Iguazu	Nova Iguaçu	Privada	04-08-97
Universidade Estácio de Sá	Petrópolis	Privada	08-08-02
Universidade Católica de Petrópolis	Petrópolis	Privada	05-02-01
Centro Universitário Augusto Motta	Rio de Janeiro	Privada	10-03-02
Universidade Castelo Branco	Rio de Janeiro	Privada	05-08-98
Universidade Estácio de Sá	Rio de Janeiro	Privada	08-08-02
Centro Universitário Celso Lisboa	Rio de Janeiro	Privada	12-03-02
Universidade Gama Filho	Rio de Janeiro	Privada	02-01-75
Universidade Estácio de Sá	Rio de Janeiro	Privada	01-03-93
Universidade Estácio de Sá	Rio de Janeiro	Privada	24-02-00
Universidade Castelo Branco	Rio de Janeiro	Privada	05-10-73
Universidade Federal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Federal	01-06-39
Universidade Gama Filho	Rio de Janeiro	Privada	30-08-99
Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos	Rio de Janeiro	Privada	01-03-90
Universidade Estácio de Sá	Rio de Janeiro	Privada	15-05-91
Centro Universitário da Cidade	Rio de Janeiro	Privada	14-05-99
Universidade Gama Filho	Rio de Janeiro	Privada	02-01-75
Faculdade Mercúrio	Rio de Janeiro	Privada	05-08-02
Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Estadual	02-01-74
Centro Universitário da Cidade	Rio de Janeiro	Privada	01-03-89
Universidade Salgado de Oliveira	São Gonçalo	Privada	02-02-83
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	Seropédica	Federal	08-03-76
Centro Universitário de Volta Redonda	Volta Redonda	Privada	17-04-71

Classificação IES / Cursos RJ

Classificação / <i>classification</i>	Nº IES	NºCursos
Federal	02	02
Estadual	01	01
Municipal	00	0
Privadas / <i>private</i>	16	29
Total de IES	19	32

Fonte / *source*: INEP / Cref 1

Localização IES / Cursos RJ

Localização / <i>location</i>	Nº IES	NºCursos
Capital	11	17
Interior	10	15

Fonte / *source*: INEP / Cref 1

Ano de início de funcionamento dos cursos no estado do RJ

Startup year of IES in RJ state

Total IES até 3 anos / <i>less than 3 years</i>	10
Total IES de 3 a 5 anos / <i>less than 5 years</i>	02
Total IES de 5 a 10 anos / <i>less than 10 years</i>	06
Total IES de 10 a 20 anos / <i>less than 20 years</i>	05
Total IES com mais de 20 anos / <i>more than 20 years</i>	08

Fonte / *source*: INEP / Cref 1

Alunos e formandos em Educação Física, 2003

Number of undergraduate and graduating students in P.E., 2003

IES respondentes no estado do RJ / *respondent IES in RJ* – 17 instituições (1)

Média anual de formandos nos 5 últimos anos <i>College graduates per year – average of last 5 years</i>	589
Número de formandos em 2002 <i>Number of graduates in 2002</i>	639
Total de matriculados no 1º semestre de 2003 em todos os períodos <i>Enrollment - first semester of 2003</i>	8.782
Número de vagas oferecidas no 1º semestre de 2003 para 1º período <i>Number of student openings -- first semester of 2003</i>	4.675

Fonte / *source*: Cref 1; (1) 47,22% das IES consultadas forneceram dados solicitados

Cref 2 – Conselho Regional de Educação Física do estado do Rio Grande do Sul

Cref 2 – Regional Council of Physical Education: State of Rio Grande do Sul

JEANE ARLETE MARQUES CAZELATO (PRESIDENTE/PRESIDENT), VANESSA CAZELATO(DIRETORA/DIRECTOR) E BRUNO PEREIRA ROSA (B. DADOS/DATA BANK) JEANE ARLETE MARQUES CAZELATO (B. DADOS)

Instituições de Ensino Superior – IES em Educação Física do RS, 2003

University and / or faculty / college / school of Physical Education (IES), 2003

Base de informações / Data base: INEP / MEC, 2003 e Cref 2

Nome da IES / Institution name	Cidade / city	Dependência / administration	Data início / inauguration
Universidade da Região da Campanha	Alegrete	Privada	03-03-97
Universidade da Região da Campanha	Bagé	Privada	01-03-73
Universidade Luterana do Brasil	Cachoeira do Sul	Privada	01-08-76
Universidade Luterana do Brasil	Canoas	Privada	02-03-92
Centro Universitário La Salle	Canoas	Privada	28-02-00
Universidade Luterana do Brasil	Carazinho	Privada	01-08-00
Universidade de Passo Fundo	Casca	Privada	03-03-98
Faculdade da Serra Gaúcha	Caxias do Sul	Privada	04-03-02
Universidade de Caxias do Sul	Caxias do Sul	Privada	14-03-77
Universidade de Cruz Alta	Cruz Alta	Privada	10-04-72
Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul	Ijuí	Privada	04-03-91
Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul	Ijuí	Privada	14-07-98
Universidade de Passo Fundo	Lagoa Vermelha	Privada	05-08-98
Centro Universitário UNIVATES	Lajeado	Privada	24-02-00
Centro Universitário FEEVALE	Novo Hamburgo	Privada	01-03-73
Faculdade Cenecista de Ciências e Letras de Osório	Osório	Privada	02-08-00
Universidade de Passo Fundo	Palmeira das Missões	Privada	06-03-95
Universidade de Passo Fundo	Passo Fundo	Privada	01-03-70
Universidade Federal de Pelotas	Pelotas	Federal	07-01-73
Faculdade de Educação, Ciências e Letras São Judas Tadeu	Porto Alegre	Privada	01-07-02
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	Porto Alegre	Privada	01-06-00
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Porto Alegre	Federal	01-03-41
Faculdade de Ciências da Saúde	Porto Alegre	Privada	30-08-71
Universidade de Santa Cruz do Sul	Santa Cruz do Sul	Privada	02-03-70
Universidade Federal de Santa Maria	Santa Maria	Federal	01-03-70
Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul	Santa Rosa	Privada	01-03-79
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões	Santo Angelo	Privada	04-08-03
Universidade da Região da Campanha	São Borja	Privada	01-08-02
Universidade da Região da Campanha	São Gabriel	Privada	02-08-95
Universidade do Vale do Rio dos Sinos	São Leopoldo	Privada	12-08-86
Universidade de Passo Fundo	Soledade	Privada	05-08-98
Universidade Luterana do Brasil	Torres	Privada	27-02-02
Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul	Três Passos	Privada	01-01-98

Classificação IES / cursos – RS

Classificação / classification	Nº IES	NºCursos
Federal	03	03
Estadual	00	00
Municipal	00	00
Privadas / private	18	30
Total IES	21	33

Fonte / source: INEP / Cref 2

Localização IES / cursos – RS

Localização / location	Nº IES	NºCursos
Capital	04	04
Interior	17	29

Fonte / source: INEP / Cref 2

Ano de início de funcionamento dos cursos no estado do RS

Startup year of IES in RGS state

Total IES até 3 anos / less than 3 years	10
Total IES de 3 a 5 anos / less than 5 years	0
Total IES de 5 a 10 anos / less than 10 years	08
Total IES de 10 a 20 anos / less than 20 years	03
Total IES com mais de 20 anos / more than 20 years	12

Fonte / source: INEP / Cref 2

Totais de alunos e formandos em Educação Física, 2003

Number of undergraduate and graduating students in P.E., 2003

IES respondentes no estado do RGS / respondent IES in RGS – 15 instituições (1)

Média anual de formandos nos 5 últimos anos College graduates per year – average of last 5 years	47,44
Número de formandos em 2002 Number of graduates in 2002	647
Total de matriculados no 1º semestre de 2003 em todos os períodos Enrollment - first semester of 2003	5.916
Número de vagas oferecidas no 1º semestre de 2003 para 1º período Number of student openings -- first semester of 2003	1.765

Fonte / source: Cref 2 ; (1) 45,45% das IES consultadas forneceram dados solicitados

Cref 3 – Conselho Regional de Educação Física do estado de Santa Catarina

Cref 3 – Regional Council of Physical Education: State of Santa Catarina

MARINO TESSARI (PRESIDENTE/PRESIDENT), MARLI TRENTIN (DIRETORA/DIRECTOR) E MARINO TESSARI (B. DADOS/DATA BANK) TATIANA MACCARINI SCHABBACH (B. DADOS)

Instituições de Ensino Superior- IES em Educação Física de SC, 2003

University and / or faculty / college / school of Physical Education (IES), 2003

Base de informações / Data base: INEP / MEC, 2003 e Cref 3

Nome da IES / Institution name	Cidade / city	Dependência / administration	Data início / inauguration
Universidade Regional d Blumenau – FURB	Blumenau	Municipal	01-03-75
Universidade do Contestado – UNC/CAÇADOR	Caçador	Privada	19-02-01
Universidade Comunitária Regional de Chapecó – UNOCHAPECÓ	Chapecó	Privada	01-03-99
Universidade do Contestado – UNC	Concórdia	Privada	03-03-89
Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC	Criciúma	Municipal	08-04-74
Universidade do Contestado - UNC	Curitiba	Privada	19-12-02
Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC	Florianópolis	Estadual	06-02-73
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC	Florianópolis	Federal	01-03-75
Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOEST	Joaçaba	Privada	01-08-01
Instituto Superior e Centro Educacional Luterano - Bom Jesus - IELUSC	Joinville	Privada	25-07-01
Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE	Joinville	Privada	01-03-70
Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde – FACVEST	Lages	Privada	18-02-02
Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC	Lages	Privada	30-03-98
Universidade do Contestado – UNC	Mafra	Privada	01-03-95
Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL	Palhoça	Privada	06-08-01
Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOEST	São Miguel	Privada	01-03-99
Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL	Tubarão	Privada	01-02-03
Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOEST	Videira	Privada	22-02-99
Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOEST	Xanxerê	Privada	01-03-99

Classificação IES / cursos – SC

Classificação / classification	Nº IES	NºCursos
Federal	01	01
Estadual	01	01
Municipal	02	02
Privadas / private	08	15
Total IES	12	19

Fonte / source: INEP / Cref 3

Localização IES / cursos – SC

Localização / location	Nº IES	NºCursos
Capital	02	02
Interior	11	17

Fonte / source: INEP / Cref 3

Ano de início de funcionamento dos cursos no estado de SC

Startup year of IES in SC state

Total IES até 3 anos / less than 3 years	07
Total IES de 3 a 5 anos / less than 5 years	04
Total IES de 5 a 10 anos / less than 10 years	02
Total IES de 10 a 20 anos / less than 20 years	01
Total IES com mais de 20 anos / more than 20 years	05

Fonte / source: INEP / Cref 3

Totais de alunos e formandos em Educação Física, 2003

Number of undergraduate and graduating students in P.E., 2003

IES respondentes no estado de SC / respondent IES in SC – 19 instituições (1)

Média anual de formandos nos 5 últimos anos College graduates per year – average of last 5 years	174
Número de formandos em 2002 Number of graduates in 2002	545
Total de matriculados no 1º semestre de 2003 em todos os períodos Enrollment - first semester of 2003	4.602
Número de vagas oferecidas no 1º semestre de 2003 para 1º período Number of student openings -- first semester of 2003	1.165

Fonte / source: Cref 3; (1) 100% das IES consultadas forneceram dados solicitados

Cref 4 – Conselho Regional de Educação Física do estado de São Paulo

Cref 4 – Regional Council of Physical Education: State of São Paulo

FLÁVIO DELMANTO (PRESIDENTE/PRESIDENT), CLARISSE PINHEIRO MACHADO (DIRETORA/DIRECTOR) E JOSÉ MARIA DE CAMARGO BARROS(B. DADOS/DATA BANK)

Instituições de Ensino Superior- IES em Educação Física de SP, 2003

University and / or faculty / college / school of Physical Education (IES), 2003

Base de informações / Data base: INEP / MEC, 2003 e Cref 4

Nome da IES / Institution name	Cidade / city	Dependência / administration	Data início / inauguration
Faculdades Adamantinenses Integradas	Adamantina	Municipal	18-02-02
Faculdade de Americana	Americana	Privada	07-08-00
Faculdades Integradas de Amparo	Amparo	Privada	01-02-02
Faculdades Integradas Stella Maris de Andradina	Andradina	Privada	03-01-73
Faculdades Integradas Toledo	Araçatuba	Privada	01-03-71
Universidade Paulista - UNIP	Araraquara	Privada	14-02-02
Centro Universitário de Araraquara - UNIARA	Araraquara	Privada	02-08-99
Centro Universitário Herminio Ometto de Araras - UNIARARAS	Araras	Privada	01-03-99
Escola de Educação Física de Assis	Assis	Privada	29-06-70
Faculdades Integradas Regionais de Avaré	Avaré	Municipal	08-03-73
Faculdade de Educação Física de Barra Bonita	Barra Bonita	Privada	01-03-72
Universidade Pesbiteriana Mackenzie	Barueri	Privada	01-09-99
Centro Universitário Claretiano	Batatais	Privada	12-03-70
Universidade Paulista - UNIP	Bauru	Privada	14-02-02
Faculdades Integradas de Bauru	Bauru	Privada	04-02-02
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP	Bauru	Estadual	24-02-86
Faculdades Integradas Fafibe	Bebedouro	Privada	10-02-03
Faculdades Integradas de Botucatu	Botucatu	Privada	04-02-02
Faculdade de Ciências e Letras de Bragança Paulista	Bragança Paulista	Privada	26-02-96
Faculdade Integrada Metropolitana de Campinas	Campinas	Privada	10-03-03
Universidade Paulista - UNIP	Campinas	Privada	14-02-02
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP	Campinas	Estadual	01-03-85
Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUCCAMP	Campinas	Privada	02-03-70
Faculdades Integradas Módulo	Caraguatatuba	Privada	26-07-99
Escola Superior de Educação Física e Desportos de Catanduba	Catanduba	Privada	02-05-73
Escola Superior de Educação Física de Cruzeiro Prefeito Hamilton Vieira Mendes	Cruzeiro	Municipal	20-04-70
Universidade Camilo Castelo Branco - UNICASTELO	Descalvado	Privada	07-02-00
Faculdade Diadema	Diadema	Privada	14-08-02
Centro Regional Universitário de Espírito Santo do Pinhal	Espírito Santo do Pinhal	Privada	07-02-00
Universidade de Franca - UNIFRAN	Franca	Privada	04-03-96
Universidade de Ribeirão Preto - UNAERP	Guarujá	Privada	05-02-01
Faculdades Integradas de Guarulhos - FIG	Guarulhos	Privada	01-03-72
Universidade Guarulhos - UnG	Guarulhos	Privada	01-02-95
Faculdade Adventista de Educação Física	Hortolândia	Privada	31-01-00
Faculdades Integradas de Itapetininga	Itapetininga	Privada	07-05-75
Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio	Itu	Privada	01-02-99
Centro Universitário Moura Lacerda	Jaboticabal	Privada	01-01-75
Escola Superior de Educação Física de Jundiá	Jundiá	Municipal	01-07-74
Centro Universitário Anhangüera - UniFian	Leme	Privada	04-02-02
Faculdades Integradas Einstein de Limeira	Limeira	Privada	18-02-02
Faculdade de Educação Física de Lins	Lins	Privada	27-01-72
Faculdade de Ciências Humanas	Mairiporã	Privada	04-02-02
Universidade de Marília - UNIMAR	Marília	Privada	01-02-71
Universidade de Mogi das Cruzes - UMC	Mogi das Cruzes	Privada	01-08-73
Faculdade do Clube Náutico Mogiano	Mogi das Cruzes	Privada	25-03-72
Centro Universitário Rio FIEO - UNIFIEO	Osasco	Privada	01-02-99
Universidade Bandeirantes de São Paulo - UNIBANOS	Osasco	Privada	21-02-00
Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP	Piracicaba	Privada	02-08-71
Universidade do Oeste Paulista - UNOESTE	Presidente Prudente	Privada	03-02-03
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP	Presidente Prudente	Estadual	21-06-71
Faculdades Integradas do Vale do Ribeira	Registro	Privada	01-02-02
Faculdades Integradas de Ribeirão Pires	Ribeirão Pires	Privada	22-02-96
Centro Universitário Moura Lacerda	Ribeirão Preto	Privada	01-07-94

(continuação)

Universidade de Ribeirão Preto - UNAERP	Ribeirão Preto	Privada	05-02-70
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP	Rio Claro	Estadual	23-03-83
Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul	Santa Fé do Sul	Municipal	06-03-72
FEFISA Faculdades Integradas de Santo André	Santo André	Privada	01-07-70
Universidade do Grande ABC - UNIABC	Santo André	Privada	01-02-71
Centro Universitário Monte Serrat - UNIMONTE	Santos	Privada	08-02-93
Universidade Metropolitana de Santos - UNIMES	Santos	Privada	01-02-68
Universidade Santa Cecília - UNISANTA	Santos	Privada	02-02-98
Universidade Metodista de São Paulo - UMESP	São Bernardo do Campo	Privada	09-02-98
Universidade Bandeirantes de São Paulo - UNIBAN ABC	São Bernardo do Campo	Privada	24-02-97
Centro Universitário Municipal de São Caetano do Sul - IMES	São Caetano do Sul	Municipal	01-02-01
Centro Universitário Central Paulista	São Carlos	Privada	03-02-03
Universidade Federal de São Carlos	São Carlos	Federal	17-03-94
Faculdades Associadas de Ensino de São João da Boa Vista	São João da Boa Vista	Municipal	01-03-99
Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São José do Rio Pardo	São José do Rio Pardo	Municipal	17-02-97
Centro Universitário de Rio Preto	São José do Rio Preto	Privada	18-02-99
Centro Universitário do Norte Paulista	São José do Rio Preto	Privada	01-02-99
Universidade do Vale do Paraíba - UNIVAP	São José dos Campos	Privada	28-02-94
Universidade Paulista - UNIP - Tatuapé	São Paulo	Privada	05-08-03
Universidade Paulista - UNIP - Marginal	São Paulo	Privada	05-08-03
Universidade Paulista - UNIP - Anchieta	São Paulo	Privada	01-02-04
Universidade Paulista - UNIP - Santana	São Paulo	Privada	01-02-04
Universidade Paulista - UNIP - Marques	São Paulo	Privada	09-02-97
Faculdade Brasileira de São Paulo	São Paulo	Privada	03-02-03
Universidade Cruzeiro do Sul - UNICSUL São Miguel	São Paulo	Privada	06-02-95
Centro Universitário Nove de Julho - UNINOVE	São Paulo	Privada	02-02-98
Centro Universitário Sant'anna - UNISANT'ANNA	São Paulo	Privada	28-02-00
Universidade de Santo Amaro - UNISA	São Paulo	Privada	06-04-76
Centro Universitário Adventista de São Paulo	São Paulo	Privada	01-02-00
Universidade Bandeirante de São Paulo - UNIBAN MC	São Paulo	Privada	20-02-95
Universidade Paulista - UNIP - Bacelar	São Paulo	Privada	27-02-97
Universidade Bandeirante de São Paulo - UNIBAN CL	São Paulo	Privada	18-02-02
Universidade Cruzeiro do Sul - UNICSUL Anália Franco	São Paulo	Privada	29-01-01
Universidade São Judas Tadeu	São Paulo	Privada	17-02-92
Universidade Ibirapuera - UNIB	São Paulo	Privada	15-02-93
Universidade de São Paulo - USP	São Paulo	Estadual	01-08-34
Faculdade Interlagos de Educação e Cultura	São Paulo	Privada	02-01-04
Faculdade Ítalo-Brasileira	São Paulo	Privada	01-01-99
Universidade Camilo Castelo Branco - UNICASTELO	São Paulo	Privada	11-04-90
Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas - UniFMU	São Paulo	Privada	01-03-89
Universidade Cidade de São Paulo - UNICID	São Paulo	Privada	17-02-97
Escola de Educação Física da Polícia Militar do Estado de São Paulo	São Paulo	Estadual	08-03-10
Academia de Ensino Superior/ Faculdade de Ciências e Letras	Sorocaba	Privada	01-02-04
Universidade Paulista - UNIP	Sorocaba	Privada	14-02-02
Instituto Superior de Educação Uirapuru	Sorocaba	Privada	14-02-02
Faculdade de Ed. Física da Associação Cristã de Moços de Sorocaba - FEFISO	Sorocaba	Privada	23-01-71
Faculdade Bandeirantes de Educação Superior	Suzano	Privada	03-02-03
Faculdade Santa Giulia	Taquaritinga	Privada	01-02-04
Universidade de Taubaté - UNITAU	Taubaté	Municipal	15-09-71
Escola Superior de Educação Física da Alta Paulista	Tupã	Privada	03-03-71
Faculdade de Vinhedo	Vinhedo	Privada	04-02-02
Centro Universitário de Votuporanga	Votuporanga	Privada	18-02-99

Classificação IES / cursos – SP

Classificação / <i>classification</i>	Nº IES	Nº Cursos
Federal	01	01
Estadual	04	06
Municipal	09	09
Privadas / <i>private</i>	73	89
Total IES	87	105

Fonte / *source*: INEP / Cref 4

Ano de início de funcionamento dos cursos no estado de SP

Startup year of IES in SP state

Total IES até 3 anos / <i>less than 3 years</i>	39
Total IES de 3 a 5 anos / <i>less than 5 years</i>	14
Total IES de 5 a 10 anos / <i>less than 10 years</i>	16
Total IES de 10 a 20 anos / <i>less than 20 years</i>	06
Total IES com mais de 20 anos / <i>more than 20 years</i>	30

Fonte / *source*: INEP / Cref 4

Localização IES / cursos – SP

Localização / <i>location</i>	Nº IES	Nº Cursos
Capital	17	24
Interior	72	81

Fonte / *source*: INEP / Cref 4

Totais de alunos e formandos em Educação Física, 2003

Number of undergraduate and graduating students in P.E., 2003

IES respondentes no estado de SP / *respondent IES in SP* – 86 instituições (1)

Média anual de formandos nos 5 últimos anos <i>College graduates per year – average of last 5 years</i>	2.876
Número de formandos em 2002 <i>Number of graduates in 2002</i>	3.911
Total de matriculados no 1º semestre de 2003 em todos os períodos <i>Enrollment - first semester of 2003</i>	28.494
Número de vagas oferecidas no 1º semestre de 2003 para 1º período <i>Number of student openings -- first semester of 2003</i>	14.646

(1) 81,90% das IES consultadas forneceram dados solicitados

Cref 5 – Conselho Regional de Educação Física dos estados do Ceará, Maranhão e Piauí

Cref 5– Regional Council of Physical Education: States of Ceara, Maranhão and Piauí

ANTÔNIO RICARDO CATUNDA DE OLIVEIRA (PRESIDENTE/*PRESIDENT*), SÔNIA REGINA FRANCISCO (DIRETORA/*DIRECTOR*) E ANTÔNIO RICARDO CATUNDA DE OLIVEIRA (B. DADOS/*DATA BANK*), SÔNIA REGINA FRANCISCO (B. DADOS/*DATA BANK*)

Ceará

Instituições de Ensino Superior- IES em Educação Física do CE, 2003

University and / or faculty / college / school of Physical Education (IES), 2003

Base de informações / *Data base*: INEP / MEC, 2003 e Cref 5

Nome da IES / <i>Institution name</i>	Cidade / <i>city</i>	Dependência / <i>administration</i>	Data início / <i>inauguration</i>
Faculdade Marista	Fortaleza	Privada	02-02-04
Faculdade Integrada do Ceará	Fortaleza	Privada	02-02-00
Universidade Estadual do Ceará	Fortaleza	Estadual	13-08-01
Universidade Federal do Ceará	Fortaleza	Federal	01-01-93
Universidade de Fortaleza	Fortaleza	Privada	21-03-73
Universidade Estadual do Vale do Aracajú	Sobral	Estadual	03-03-87

Classificação IES / cursos – CE

Classificação / <i>classification</i>	Nº IES	Nº Cursos
Federal	01	01
Estadual	02	02
Municipal	00	00
Privadas / <i>private</i>	03	03
Total IES	06	06

Fonte / *source*: INEP / Cref 5

Localização IES / cursos – CE

Localização / <i>location</i>	Nº IES	Nº Cursos
Capital	05	05
Interior	01	01

Fonte / *source*: INEP / Cref 5

Ano de início de funcionamento dos cursos no estado do CE

Startup year of IES in CE state

Total IES até 3 anos / <i>less than 3 years</i>	03
Total IES de 3 a 5 anos / <i>less than 5 years</i>	0
Total IES de 5 a 10 anos / <i>less than 10 years</i>	01
Total IES de 10 a 20 anos / <i>less than 20 years</i>	01
Total IES com mais de 20 anos / <i>more than 20 years</i>	01

Fonte / *source*: INEP / Cref 5

Totais de alunos e formandos em Educação Física, 2003

Number of undergraduate and graduating students in P.E., 2003

IES respondentes no estado do CE / *respondent IES in CE* – 04 instituições (1)

Média anual de formandos nos 5 últimos anos <i>College graduates per year – average of last 5 years</i>	91
Número de formandos em 2002 <i>Number of graduates in 2002</i>	159
Total de matriculados no 1º semestre de 2003 em todos os períodos <i>Enrollment - first semester of 2003</i>	1.909
Número de vagas oferecidas no 1º semestre de 2003 para 1º período <i>Number of student openings -- first semester of 2003</i>	355

Fonte / *source*: Cref 5; (1) 66,66% das IES consultadas forneceram dados solicitados

Maranhão

ANTÔNIO RICARDO CATUNDA DE OLIVEIRA (PRESIDENTE/*PRESIDENT*), SÔNIA REGINA FRANCISCO (DIRETORA/*DIRECTOR*) E ANTÔNIO RICARDO CATUNDA DE OLIVEIRA (B. DADOS/*DATA BANK*), SÔNIA REGINA FRANCISCO (B. DADOS/*DATA BANK*)

Instituições de Ensino Superior- IES em Educação Física do MA, 2003

University and / or faculty / college / school of Physical Education (IES), 2003

Base de informações / *Data base*: INEP / MEC, 2003 e Cref 5

Nome da IES / <i>Institution name</i>	Cidade / <i>city</i>	Dependência / <i>administration</i>	Data início / <i>inauguration</i>
Fundação Universidade Federal do Maranhão	São Luis	Federal	05-01-77

Classificação IES / cursos – MA

Classificação / <i>classification</i>	Nº IES	Nº Cursos
Federal	01	01
Estadual	00	00
Municipal	00	00
Privadas / <i>private</i>	00	00
Total IES	01	01

Fonte / *source*: Cref 5

Localização IES / cursos – MA

Localização / <i>location</i>	Nº IES	Nº Cursos
Capital	01	01
Interior	00	00

Fonte / *source*: Cref 5

Piauí

ANTÔNIO RICARDO CATUNDA DE OLIVEIRA (PRESIDENTE/*PRESIDENT*), SÔNIA REGINA FRANCISCO (DIRETORA/*DIRECTOR*) E ANTÔNIO RICARDO CATUNDA DE OLIVEIRA (B. DADOS/*DATA BANK*), SÔNIA REGINA FRANCISCO (B. DADOS/*DATA BANK*)

Instituições de Ensino Superior- IES em Educação Física do PI, 2003

University and / or faculty / college / school of Physical Education (IES), 2003

Base de informações / *Data base*: INEP / MEC, 2003 e Cref 5 (1)

Nome da IES / <i>Institution name</i>	Cidade / <i>city</i>	Dependência / <i>administration</i>	Data início / <i>inauguration</i>
Universidade Estadual do Piauí	Água Branca	Estadual	02-01-02
Universidade Estadual do Piauí	Amarante	Estadual	02-01-02
Universidade Estadual do Piauí	Amarante	Estadual	02-01-02
Universidade Estadual do Piauí	Anísio de Abreu	Estadual	04-01-00
Universidade Estadual do Piauí	Barras	Estadual	04-01-00
Universidade Estadual do Piauí	Bom Jesus	Estadual	04-01-00
Universidade Estadual do Piauí	Campo Maior	Estadual	02-01-02
Universidade Estadual do Piauí	Canto do Buriti	Estadual	02-01-01
Universidade Estadual do Piauí	Castelo do Piauí	Estadual	02-01-01
Universidade Estadual do Piauí	Curimatá	Estadual	04-01-00
Universidade Estadual do Piauí	Elesbão Veloso	Estadual	04-01-00
Universidade Estadual do Piauí	Esperantina	Estadual	04-01-00
Universidade Estadual do Piauí	Floriano	Estadual	04-01-00
Universidade Estadual do Piauí	Fronteiras	Estadual	04-01-00
Universidade Estadual do Piauí	Luzilândia	Estadual	02-01-01
Universidade Estadual do Piauí	Oieiras	Estadual	04-01-00
Universidade Estadual do Piauí	Parnaíba	Estadual	05-01-99
Universidade Estadual do Piauí	Pedro II	Estadual	02-01-01
Universidade Estadual do Piauí	Piracuruca	Estadual	02-01-02
Universidade Estadual do Piauí	São João do Piauí	Estadual	02-01-01
Universidade Estadual do Piauí	São Raimundo Nonato	Estadual	04-01-00
Universidade Estadual do Piauí	Simões	Estadual	04-01-00
Universidade Estadual do Piauí	Simplício Mendes	Estadual	04-01-00
Universidade Estadual do Piauí	Teresina	Estadual	02-01-01
Universidade Estadual do Piauí	Teresina	Estadual	01-03-89
Universidade Federal do Piauí	Teresina	Federal	26-04-78
Universidade Estadual do Piauí	Teresina	Estadual	09-03-00
Universidade Estadual do Piauí	Urucuia	Estadual	02-01-01
Universidade Estadual do Piauí	Valença do Piauí	Estadual	02-01-01

(1) A Universidade Estadual do Piauí possui 26 Núcleos de Graduação, em cidades do interior. A Universidade leva o curso superior às áreas onde existe demanda. O número de alunos é limitado e o curso termina quando da conclusão curricular.

Ano de início de funcionamento dos cursos no estado do MA

Startup year of IES in MA state

Total IES até 3 anos / <i>less than 3 years</i>	0
Total IES de 3 a 5 anos / <i>less than 5 years</i>	0
Total IES de 5 a 10 anos / <i>less than 10 years</i>	0
Total IES de 10 a 20 anos / <i>less than 20 years</i>	0
Total IES com mais de 20 anos / <i>more than 20 years</i>	01

Fonte / *source*: Cref 5

Totais de alunos e formandos em Educação Física, 2003

Number of undergraduate and graduating students in P.E., 2003

IES respondentes no estado do MA / *respondent IES in MA* – 01 instituição

Média anual de formandos nos 5 últimos anos <i>College graduates per year – average of last 5 years</i>	21,4
Número de formandos em 2002 <i>Number of graduates in 2002</i>	16
Total de matriculados no 1º semestre de 2003 em todos os períodos <i>Enrollment - first semester of 2003</i>	200
Número de vagas oferecidas no 1º semestre de 2003 para 1º período <i>Number of student openings -- first semester of 2003</i>	72

Fonte / *source*: Cref 5

Classificação IES / cursos – PI

Classificação / <i>classification</i>	Nº IES	Nº Cursos
Federal	01	01
Estadual	01	28
Municipal	00	00
Privadas / <i>private</i>	00	00
Total IES	02	29

Fonte / *source*: INEP / Cref 5

Localização IES / cursos – PI

Localização / <i>location</i>	Nº IES	Nº Cursos
Capital	02	04
Interior	01	25

Fonte / *source*: INEP / Cref 5

Ano de início de funcionamento dos cursos no estado do PI

Startup year of IES in PI state

Total IES até 3 anos / <i>less than 3 years</i>	26
Total IES de 3 a 5 anos / <i>less than 5 years</i>	0
Total IES de 5 a 10 anos / <i>less than 10 years</i>	01
Total IES de 10 a 20 anos / <i>less than 20 years</i>	01
Total IES com mais de 20 anos / <i>more than 20 years</i>	01

Fonte / *source*: INEP / Cref 5

Totais de alunos e formandos em Educação Física, 2003

Number of undergraduate and graduating students in P.E., 2003

IES respondentes no estado do PI / *respondent IES in PI* – 01 instituição (1)

Média anual de formandos nos 5 últimos anos <i>College graduates per year – average of last 5 years</i>	35
Número de formandos em 2002 <i>Number of graduates in 2002</i>	40
Total de matriculados no 1º semestre de 2003 em todos os períodos <i>Enrollment - first semester of 2003</i>	355
Número de vagas oferecidas no 1º semestre de 2003 para 1º período <i>Number of student openings -- first semester of 2003</i>	70

Fonte / *source*: Cref 5; (1) 3,45% das IES consultadas forneceram dados solicitados

Cref 6 – Conselho Regional de Educação Física do estado de Minas Gerais

Cref 6 – Regional Council of Physical Education: State of Minas Gerais

CLAUDIO AUGUSTO BOSCHI (PRESIDENTE/PRESIDENT), DANILDO DO PATROCÍNIO SOUZA (DIRETOR/DIRECTOR) E IONARA THOMPSON FERREIRA (B. DADOS/DATA BANK)

Instituições de Ensino Superior- IES / cursos em Educação Física de MG, 2003

University and / or faculty / college / school of Physical Education (IES), 2003

Base de informações / Data base: INEP / MEC, 2003 e Cref 6

Nome da IES / Institution name	Cidade / city	Dependência / administration	Data início / inauguration
Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC	Araguari	Privada	02-08-03
Centro Universitário do Planalto de Araxá	Araxá	Privada	29-07-02
Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC	Barbacena	Privada	31-03-03
Centro Universitário de Belo Horizonte – UNIBH	Belo Horizonte	Privada	02-08-99
Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG	Belo Horizonte	Federal	01-03-53
Faculdade Estácio de Sá de Belo Horizonte	Belo Horizonte	Privada	02-02-04
Universidade Vale do Rio Verde - UNINCOR/Campus Betim	Betim	Privada	22-04-02
Escola de Educação Física de Caratinga – FUNEC	Caratinga	Privada	03-08-98
Universidade Vale do Rio Verde - UNINCOR/Cam. Caxambu	Caxambu	Privada	04-03-02
Faculdade de Tec. Ciên. Conselheiro Lafaiete – FATEC	Conselheiro Lafaiete	Privada	01-02-03
Faculdade Santa Rita	Conselheiro Lafaiete	Privada	01-03-03
Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES	Corinto	Estadual	02-08-02
Faculdade Cidade de Coromandel	Coromandel	Privada	05-03-01
Fundação Educacional Comunitária Formiguense – FUOM	Formiga	Privada	10-04-00
Universidade do Vale do Rio Doce – UNIVALE	Governador Valadares	Priv/Comunitária	18-02-02
Instituto Superior Ed. Anísio Teixeira-Fundação H. Antipoff	Ibirité	Privada	22-04-03
Centro Universitário do Leste de M. G. - UNILESTE – MG	Ipatinga	Privada	01-07-85
Faculdade de Educação Física da Universidade de Itaúna	Itaúna	Privada	21-09-98
Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES	Januária	Estadual	10-03-03
Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES	Joáima	Estadual	02-08-02
Faculdade de João Pinheiro – FCJP	João Pinheiro	Privada	15-04-02
Universidade Federal de Juiz de Fora - FAEFID/UFJF	Juiz de Fora	Federal	01-06-73
Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC	Juiz de Fora	Privada	10-02-03
Faculdade Metodista Granbery	Juiz de Fora	Privada	06-09-03
Faculdade de Ciência Médica e da Saúde de Juiz de Fora	Juiz de Fora	Privada	01-03-04
Universidade Salgado de Oliveira	Juiz de Fora	Privada	04-08-03
Faculdade Presbiteriana Gammon	Lavras	Privada	01-03-90
Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC	Leopoldina	Privada	01-02-02
Faculdades Unida do Norte de Minas – FUNORTE	Montes Claros	Privada	01-02-01
Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES	Montes Claros	Estadual	01-08-96
Faculdade de Minas – FAMINAS	Muriaé	Privada	12-08-02
Escola Superior de Educação Física de Muzambinho	Muzambinho	Privada	01-08-71
Faculdade de Filos.Ciën. e Letras de Ouro Fino – FAFIOF	Ouro Fino	Privada	01-08-02
Fundação de Ensino Superior de Passos – FESP	Passos	Privada	01-06-03
Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES	Pedra Azul	Estadual	02-08-02
Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES	Pompeu	Estadual	02-08-02
Universidade Vale Sapucaí/F.Fil.Ciën.Letr.Eugênio Pacelli	Pouso Alegre	Privada	21-02-03
Universidade Federal de São João Del Rey	São João Del Rey	Federal	-
Universidade Vale do Rio Verde Três Corações-UNINCOR	Três Corações	Privada	01-08-01
Faculdade Ubaense Ozanam Coelho – FAGOC	Ubá	Privada	07-02-00
Universidade de Uberaba – UNIUBE	Uberaba	Privada	25-04-73
Universidade Federal de Uberlândia – UFU	Uberlândia	Federal	01-02-72
Centro Universitário do Triângulo – UNIT	Uberlândia	Privada	09-02-98
Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES	Unai	Estadual	02-08-02
Centro Universitário do Sul de Minas - UNIS/MG	Varginha	Privada	23-04-01
Universidade Federal de Viçosa	Viçosa	Federal	01-03-75

Classificação IES / cursos – MG

Classificação / classification	Nº IES	NºCursos
Federal	05	05
Estadual	01	07
Municipal	00	00
Privadas / private	29	34
Total IES	35	46

Fonte / source: INEP / Cref 6

Localização IES / cursos – MG

Localização / location	Nº IES	NºCursos
Capital	03	03
Interior	32	43

Fonte / source: INEP / Cref 6

Ano de início de funcionamento dos cursos no estado do MG

Startup year of IES in MG state

Total IES até 3 anos / less than 3 years	32
Total IES de 3 a 5 anos / less than 5 years	04
Total IES de 5 a 10 anos / less than 10 years	01
Total IES de 10 a 20 anos / less than 20 years	02
Total IES com mais de 20 anos / more than 20 years	07

Fonte / source: INEP / Cref 6

Totais de alunos e formandos em Educação Física, 2003

Number of undergraduate and graduating students in P.E., 2003

IES respondentes no estado de MG / respondent IES in MG – 46 instituições (1)

Média anual de formandos nos 5 últimos anos College graduates per year – average of last 5 years	58,68
Número de formandos em 2002 Number of graduates in 2002	837
Total de matriculados no 1º semestre de 2003 em todos os períodos Enrollment - first semester of 2003	9.089
Número de vagas oferecidas no 1º semestre de 2003 para 1º período Number of student openings -- first semester of 2003	3.980

Fonte / source: Cref 6; (1) 100% das IES consultadas forneceram dados solicitados

Cref 7 – Conselho Regional de Educação Física do Distrito Federal e dos estados de Goiás e Tocantins

Cref 7 – Regional Council of Physical Education: States of Goiás and Tocantins, and Brazil's capital / Distrito Federal

LÚCIO ROGÉRIO GOMES DOS SANTOS (PRESIDENTE/PRESIDENT), GISELE CORREIA BANHOTTO (DIRETORA/DIRECTOR) E PAULO RODRIGO G. MOREIRA (B. DADOS/DATA BANK)

Distrito Federal

Instituições de Ensino Superior- IES em Educação Física do DF, 2003

University and / or faculty / college / school of Physical Education (IES), 2003

Base de informações / Data base: INEP / MEC, 2003 e Cref 7

Nome da IES / <i>Institution name</i>	Cidade / <i>city</i>	Dependência / <i>administration</i>	Data início / <i>inauguration</i>
Universidade Paulista	Brasília	Privada	14-02-02
Universidade de Brasília	Brasília	Federal	01-08-72
Universidade Católica de Brasília	Brasília	Privada	13-02-76
Faculdade Alvorada de Educação Física e Desporto	Brasília	Estadual	01-01-93

Classificação IES / cursos – DF

Classificação / <i>classification</i>	Nº IES	NºCursos
Federal	01	01
Estadual	01	01
Municipal	00	00
Privadas / <i>private</i>	02	02
Total IES	04	04

Fonte / source: INEP / Cref 7

Localização IES / cursos – DF

Localização / <i>location</i>	Nº IES	NºCursos
Capital	04	04
Interior	00	00

Fonte / source: INEP / Cref 7

Goiás

LÚCIO ROGÉRIO GOMES DOS SANTOS (PRESIDENTE/PRESIDENT), GISELE CORREIA BANHATTO (DIRETORA/DIRECTOR) E PAULO RODRIGO G. MOREIRA (B. DADOS/DATA BANK)

Instituições de Ensino Superior- IES em Educação Física de GO, 2003

University and / or faculty / college / school of Physical Education (IES), 2003

Base de informações / Data base: INEP / MEC, 2003 e Cref 7

Nome da IES / <i>Institution name</i>	Cidade / <i>city</i>	Dependência / <i>administration</i>	Data início / <i>inauguration</i>
Faculdades Integradas da Associação Educativa Evangélica	Anápolis	Privada	29-10-99
Universidade Federal de Goiás	Catalão	Federal	12-03-90
Universidade Paulista	Goiânia	Privada	14-02-02
Universidade Católica de Goiás	Goiânia	Privada	22-02-00
Universidade Estadual de Goiás	Goiânia	Estadual	15-01-01
Universidade Estadual de Goiás	Goiânia	Estadual	09-03-63
Universidade Federal de Goiás	Goiânia	Federal	27-02-89
Instituto Luterano de Ensino Superior de Itumbiara	Itumbiara	Privada	01-08-01
Universidade Federal de Goiás	Jataí	Federal	01-02-94
Universidade Estadual de Goiás	Quirinópolis	Estadual	01-02-99
Escola Superior de Ciências da Saúde de Rio Verde	Rio Verde	Privada	04-03-98

Classificação IES / cursos – GO

Classificação / <i>classification</i>	Nº IES	NºCursos
Federal	01	03
Estadual	01	03
Municipal	00	00
Privadas / <i>private</i>	05	05
Total IES	07	11

Fonte / source: INEP / Cref 7

Ano de início de funcionamento dos cursos no DF

Startup year of IES in DF

Total IES até 3 anos / <i>less than 3 years</i>	01
Total IES de 3 a 5 anos / <i>less than 5 years</i>	0
Total IES de 5 a 10 anos / <i>less than 10 years</i>	01
Total IES de 10 a 20 anos / <i>less than 20 years</i>	0
Total IES com mais de 20 anos / <i>more than 20 years</i>	02

Fonte / source: INEP / Cref 7

Totais de alunos e formandos em Educação Física, 2003

Number of undergraduate and graduating students in P.E., 2003

IES respondentes no estado do DF / *respondent IES in DF* – 01 instituição (1)

Média anual de formandos nos 5 últimos anos <i>College graduates per year – average of last 5 years</i>	50
Número de formandos em 2002 <i>Number of graduates in 2002</i>	52
Total de matriculados no 1º semestre de 2003 em todos os períodos <i>Enrollment - first semester of 2003</i>	355
Número de vagas oferecidas no 1º semestre de 2003 para 1º período <i>Number of student openings -- first semester of 2003</i>	111

Fonte / source: Cref 7; (1) 25% das IES consultadas forneceram dados solicitados

Localização IES / cursos – GO

Localização / <i>location of IES</i>	Número / <i>number of IES</i>
Capital	05
Interior	07

Fonte / source: INEP / Cref 7

Ano de início de funcionamento dos cursos no estado de GO

Startup year of IES in GO state

Total IES até 3 anos / <i>less than 3 years</i>	04
Total IES de 3 a 5 anos / <i>less than 5 years</i>	02
Total IES de 5 a 10 anos / <i>less than 10 years</i>	02
Total IES de 10 a 20 anos / <i>less than 20 years</i>	02
Total IES com mais de 20 anos / <i>more than 20 years</i>	01

Fonte / source: INEP / Cref 7

Totais de alunos e formandos em Educação Física, 2003

Number of undergraduate and graduating students in P.E., 2003

IES respondentes no estado de GO / *respondent IES in GO* – 03 instituições (1)

Média anual de formandos nos 5 últimos anos <i>College graduates per year – average of last 5 years</i>	106
Número de formandos em 2002 <i>Number of graduates in 2002</i>	99
Total de matriculados no 1º semestre de 2003 em todos os períodos <i>Enrollment - first semester of 2003</i>	1.370
Número de vagas oferecidas no 1º semestre de 2003 para 1º período <i>Number of student openings -- first semester of 2003</i>	320

Fonte / source: Cref 7; (1) 25% das IES consultadas forneceram dados solicitados

Tocantins

LÚCIO ROGÉRIO GOMES DOS SANTOS (PRESIDENTE/*PRESIDENT*), GISELE CORREIA BANHATTO (DIRETORA/*DIRECTOR*) E PAULO RODRIGO G. MOREIRA (B. DADOS/*DATA BANK*)

Instituições de Ensino Superior – IES em Educação Física de TO, 2003 *University and / or faculty / college / school of Physical Education (IES), 2003*

Base de informações / *Data base*: INEP / MEC, 2003 e Cref 7

Nome da IES / <i>Institution name</i>	Cidade / <i>city</i>	Dependência / <i>administration</i>	Data início / <i>inauguration</i>
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas de Gurupi	Gurupi	Municipal	21-02-00
Centro Universitário Luterano de Palmas	Palmas	Privada	14-08-00

Classificação IES / cursos – TO

Classificação / <i>classification</i>	Nº IES	NºCursos
Federal	00	00
Estadual	00	00
Municipal	01	01
Privadas / <i>private</i>	01	01
Total IES	02	02

Fonte / *source*: INEP / Cref 7

Localização IES / cursos – TO

Localização / <i>location</i>	Nº IES	NºCursos
Capital	01	01
Interior	01	01

Fonte / *source*: INEP / Cref 7

Ano de início de funcionamento dos cursos no estado do TO

Startup year of IES in TO state

Total IES até 3 anos / <i>less than 3 years</i>	02
Total IES de 3 a 5 anos / <i>less than 5 years</i>	0
Total IES de 5 a 10 anos / <i>less than 10 years</i>	0
Total IES de 10 a 20 anos / <i>less than 20 years</i>	0
Total IES com mais de 20 anos / <i>more than 20 years</i>	0

Fonte / *source*: INEP / Cref 7

Totais de alunos e formandos em Educação Física, 2003

Number of undergraduate and graduating students in P.E., 2003

IES respondentes no estado do TO / *respondent IES in TO* – 02 instituições (1)

Média anual de formandos nos 5 últimos anos <i>College graduates per year – average of last 5 years</i>	0
Número de formandos em 2002 <i>Number of graduates in 2002</i>	0
Total de matriculados no 1º semestre de 2003 em todos os períodos <i>Enrollment - first semester of 2003</i>	287
Número de vagas oferecidas no 1º semestre de 2003 para 1º período <i>Number of student openings -- first semester of 2003</i>	50

Fonte / *source*: Cref 7; (1) 100% das IES consultadas forneceram dados solicitados

Cref 8 – Conselho Regional de Educação Física dos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia e Roraima (Amapá e Roraima não dispõem de IES de Educação Física)

Cref 8 – Regional Council of Physical Education: States of Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia and Roraima

OTÁVIO AUGUSTO ANÍBAL CATTANI FANALI (PRESIDENTE/PRESIDENT), RODRIGO CÉSAR BARROSO DE VASCONCELLOS DIAS (DIRETOR/DIRECTOR) E OTÁVIO AUGUSTO ANÍBAL CATTANI FANALI (B. DADOS/DATA BANK)

Instituições de Ensino Superior- IES em Educação Física do AC, 2003

University and / or faculty / college / school of Physical Education (IES), 2003

Base de informações / Data base: INEP / MEC, 2003 e Cref 8

Nome da IES / Institution name	Cidade / city	Dependência / administration	Data início / inauguration
Universidade Federal do Acre	Rio Branco	Federal	01-03-91

Classificação IES / cursos – AC

Classificação / classification	Nº IES	NºCursos
Federal	01	01
Estadual	00	00
Municipal	00	00
Privadas / private	00	00
Total IES	01	01

Fonte / source: INEP / Cref 8

Localização IES / cursos – AC

Localização / location	Nº IES	NºCursos
Capital	01	01
Interior	00	00

Fonte / source: INEP / Cref 8

Amazonas

OTÁVIO AUGUSTO ANÍBAL CATTANI FANALI (PRESIDENTE/PRESIDENT), RODRIGO CÉSAR BARROSO DE VASCONCELLOS DIAS (DIRETOR/DIRECTOR) E OTÁVIO AUGUSTO ANÍBAL CATTANI FANALI (B. DADOS/DATA BANK)

Instituições de Ensino Superior- IES em Educação Física do AM, 2003

University and / or faculty / college / school of Physical Education (IES), 2003

Base de informações / Data base: INEP / MEC, 2003 e Cref 8

Nome da IES / Institution name	Cidade / city	Dependência / administration	Data início / inauguration
Universidade Federal do Amazonas	Manacapuru	Federal	24-02-69
Universidade Paulista	Manaus	Privada	20-02-03
Centro Universitário Luterano de Manaus	Manaus	Privada	30-07-01
Centro Universitário Nilton Lins	Manaus	Privada	22-06-99
Universidade Federal do Amazonas	Manaus	Federal	10-11-99
Universidade Federal do Amazonas	Manaus	Federal	24-02-69
Universidade Federal do Amazonas	Tabatinga	Federal	24-02-69

Classificação IES / cursos – AM

Classificação / classification	Nº IES	NºCursos
Federal	01	04
Estadual	00	00
Municipal	00	00
Privadas / private	03	03
Total IES	04	07

Fonte / source: INEP / Cref 8

Localização IES / cursos – AM

Localização / location	Nº IES	NºCursos
Capital	04	05
Interior	02	02

Fonte / source: INEP / Cref 8

Ano de início de funcionamento dos cursos no estado do AC

Startup year of IES in AC state

Total IES até 3 anos / less than 3 years	0
Total IES de 3 a 5 anos / less than 5 years	0
Total IES de 5 a 10 anos / less than 10 years	0
Total IES de 10 a 20 anos / less than 20 years	01
Total IES com mais de 20 anos / more than 20 years	0

Fonte / source: INEP / Cref 8

Totais de alunos e formandos em Educação Física, 2003

Number of undergraduate and graduating students in P.E., 2003

IES respondentes no estado do AC / respondent IES in AC – 01 instituição

Média anual de formandos nos 5 últimos anos College graduates per year – average of last 5 years	27
Número de formandos em 2002 Number of graduates in 2002	n/d
Total de matriculados no 1º semestre de 2003 em todos os períodos Enrollment - first semester of 2003	n/d
Número de vagas oferecidas no 1º semestre de 2003 para 1º período Number of student openings -- first semester of 2003	n/d

Fonte / source: Cref 8

Ano de início de funcionamento dos cursos no estado do AM

Startup year of IES in AM state

Total IES até 3 anos / less than 3 years	02
Total IES de 3 a 5 anos / less than 5 years	02
Total IES de 5 a 10 anos / less than 10 years	0
Total IES de 10 a 20 anos / less than 20 years	0
Total IES com mais de 20 anos / more than 20 years	03

Fonte / source: INEP / Cref 8

Totais de alunos e formandos em Educação Física, 2003

Number of undergraduate and graduating students in P.E., 2003

IES respondentes no estado do AM / respondent IES in AM – 03 instituições (1)

Média anual de formandos nos 5 últimos anos College graduates per year – average of last 5 years	33
Número de formandos em 2002 Number of graduates in 2002	54
Total de matriculados no 1º semestre de 2003 em todos os períodos Enrollment - first semester of 2003	420
Número de vagas oferecidas no 1º semestre de 2003 para 1º período Number of student openings -- first semester of 2003	300

Fonte / source: Cref 8; (1) 37,5% das IES consultadas forneceram dados solicitados

Pará (Seccional PA no Sistema Confef-Cref)

MARIA DA CONCEIÇÃO C. FELGUEIRAS (PRESIDENTE/PRESIDENT) E OTÁVIO AUGUSTO ANÍBAL CATTANI FANALI (B. DADOS/DATA BANK)

Instituições de Ensino Superior- IES em Educação Física do PA, 2003

University and / or faculty / college / school of Physical Education (IES), 2003

Base de informações / *Data base:* INEP / MEC, 2003 e Cref 8

Nome da IES / <i>Institution name</i>	Cidade / <i>city</i>	Dependência / <i>administration</i>	Data início / <i>inauguration</i>
Universidade do Estado do Pará	Altamira	Estadual	03-01-93
Universidade do Estado do Pará	Belém	Estadual	18-02-02
Universidade Federal do Pará	Castanhal	Federal	13-03-00
Universidade do Estado do Pará	Santarém	Estadual	10-04-70
Universidade do Estado do Pará	Tucuruí	Estadual	02-01-99

Classificação IES / cursos – PA

Classificação / <i>classification</i>	Nº IES	Nº Cursos
Federal	01	01
Estadual	01	04
Municipal	00	00
Privadas / <i>private</i>	00	00
Total IES	02	05

Fonte / *source:* INEP / Cref 8

Localização IES / cursos – PA

Localização / <i>location</i>	Nº IES	Nº Cursos
Capital	01	01
Interior	01	04

Fonte / *source:* INEP / Cref 8

Rondônia

OTÁVIO AUGUSTO ANÍBAL CATTANI FANALI (PRESIDENTE/PRESIDENT), RODRIGO CÉSAR BARROSO DE VASCONCELLOS DIAS (DIRETOR/DIRECTOR) E OTÁVIO AUGUSTO ANÍBAL CATTANI FANALI (B. DADOS/DATA BANK)

Instituições de Ensino Superior- IES em Educação Física de RO, 2003

University and / or faculty / college / school of Physical Education (IES), 2003

Base de informações / *Data base:* INEP / MEC, 2003 e Cref 8

Nome da IES / <i>Institution name</i>	Cidade / <i>city</i>	Dependência / <i>administration</i>	Data início / <i>inauguration</i>
Faculdade de Ciências Biomédicas de Cacoal	Cacoal	Privada	05-08-02
Centro Universitário Luterano de Ji-Paraná	Ji-Paraná	Privada	05-03-03
Instituto Luterano de Ensino Superior de Porto Velho	Porto Velho	Privada	26-02-03
Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e Letras de Rondônia	Porto Velho	Privada	-
Universidade Federal de Rondônia	Porto Velho	Federal	28-02-00
Universidade Federal de Rondônia	Porto Velho	Federal	01-03-83
Faculdade Metropolitana	Porto Velho	Privada	-

Classificação IES / cursos – RO

Classificação / <i>classification</i>	Nº IES	Nº Cursos
Federal	01	02
Estadual	00	00
Municipal	00	00
Privadas / <i>private</i>	05	05
Total IES	06	07

Fonte / *source:* INEP / Cref 8

Localização IES / cursos – RO

Localização / <i>location</i>	Nº IES	Nº Cursos
Capital	04	05
Interior	02	02

Fonte / *source:* INEP / Cref 8

Ano de início de funcionamento dos cursos no estado do PA

Startup year of IES in PA state

Total IES até 3 anos / <i>less than 3 years</i>	02
Total IES de 3 a 5 anos / <i>less than 5 years</i>	01
Total IES de 5 a 10 anos / <i>less than 10 years</i>	0
Total IES de 10 a 20 anos / <i>less than 20 years</i>	01
Total IES com mais de 20 anos / <i>more than 20 years</i>	01

Fonte / *source:* INEP / Cref 8

Totais de alunos e formandos em Educação Física, 2003

Number of undergraduate and graduating students in P.E., 2003

IES respondentes no estado do PA / *respondent IES in PA* (1)

Média anual de formandos nos 5 últimos anos <i>College graduates per year – average of last 5 years</i>	n/d
Número de formandos em 2002 <i>Number of graduates in 2002</i>	n/d
Total de matriculados no 1º semestre de 2003 em todos os períodos <i>Enrollment - first semester of 2003</i>	n/d
Número de vagas oferecidas no 1º semestre de 2003 para 1º período <i>Number of student openings -- first semester of 2003</i>	n/d

Fonte / *source:* Cref 8; (1) Nenhuma das IES consultadas forneceu dados solicitados

Ano de início de funcionamento dos cursos no estado de RO

Startup year of IES in RO state

Total IES até 3 anos / <i>less than 3 years</i>	04
Total IES de 3 a 5 anos / <i>less than 5 years</i>	0
Total IES de 5 a 10 anos / <i>less than 10 years</i>	0
Total IES de 10 a 20 anos / <i>less than 20 years</i>	01
Total IES com mais de 20 anos / <i>more than 20 years</i>	0

Fonte / *source:* INEP / Cref 8

Totais de alunos e formandos em Educação Física, 2003

Number of undergraduate and graduating students in P.E., 2003

IES respondentes no estado de RO / *respondent IES in RO* (1)

Média anual de formandos nos 5 últimos anos <i>College graduates per year – average of last 5 years</i>	n/d
Número de formandos em 2002 <i>Number of graduates in 2002</i>	n/d
Total de matriculados no 1º semestre de 2003 em todos os períodos <i>Enrollment - first semester of 2003</i>	n/d
Número de vagas oferecidas no 1º semestre de 2003 para 1º período <i>Number of student openings -- first semester of 2003</i>	n/d

Fonte / *source:* Cref 8; (1) Nenhuma das IES consultadas forneceu dados solicitados

Cref 9 – Conselho Regional de Educação Física do estado do Paraná

Cref 9 – Regional Council of Physical Education: State of Paraná

FELIX D'ÁVILA (PRESIDENTE/PRESIDENT), MÁRCIA CORDOVL (DIRETORA/DIRECTOR) E TAKAO TOMITA (B. DADOS/DATA BANK)

Instituições de Ensino Superior- IES em Educação Física do PR, 2003

University and / or faculty / college / school of Physical Education (IES), 2003

Base de informações / Data base: INEP / MEC, 2003 e Cref 9

Nome da IES / Institution name	Cidade / city	Dependência / administration	Data início / inauguration
Universidade Norte do Paraná	Arapongas	Privada	07-08-72
Faculdade Assis Gurgacz	Cascavel	Privada	09-08-99
Faculdade Dom Bosco	Cascavel	Privada	22-03-99
Centro Universitário Campos de Andrade	Curitiba	Privada	15-03-99
Faculdade Dom Bosco	Curitiba	Privada	20-07-00
Universidade Tuiuti do Paraná	Curitiba	Privada	01-09-97
Centro Universitário Positivo	Curitiba	Privada	02-03-99
Pontifícia Universidade Católica do Paraná	Curitiba	Privada	03-03-80
Universidade Federal do Paraná	Curitiba	Federal	01-01-78
Faculdade Educacional de Dois Vizinhos	Dois Vizinhos	Privada	30-07-01
Faculdade de Educação Física de Foz do Iguaçu	Foz do Iguaçu	Privada	25-09-00
Faculdade União das Américas	Foz do Iguaçu	Privada	11-03-02
Universidade Estadual do Centro-Oeste	Guarapuava	Estadual	18-02-02
Universidade Estadual do Centro-Oeste	Irati	Estadual	16-02-98
Faculdade Estadual de Educação Física de Jacarezinho	Jacarezinho	Estadual	20-06-72
Universidade Norte do Paraná	Londrina	Privada	12-02-73
Universidade Estadual de Londrina	Londrina	Estadual	17-02-72
Universidade Estadual do Oeste do Paraná	Marechal Cândido Rondon	Estadual	01-03-84
Centro Universitário de Maringá - CEUMAR	Maringá	Privada	21-02-00
Universidade Estadual de Maringá	Maringá	Estadual	01-03-73
Faculdades Integradas Católicas de Palmas	Palmas	Privada	20-02-84
Faculdade Estadual de Educação Ciências e Letras de Paranaíba	Paranaíba	Estadual	17-06-98
Faculdade de Pato Branco	Pato Branco	Privada	16-04-01
Universidade Estadual de Ponta Grossa	Ponta Grossa	Estadual	01-03-74
Pontifícia Universidade Católica do Paraná	São José dos Pinhais	Privada	01-01-01
Faculdade de Ensino Superior de São Miguel do Iguaçu	São Miguel do Iguaçu	Privada	20-12-01
Universidade Paranaense	Toledo	Privada	07-02-00
Universidade Paranaense	Umuarama	Privada	26-02-98
Faculdade da Cidade de União da Vitória	União da Vitória	Municipal	24-02-03
Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde de União da Vitória	União da Vitória	Privada	25-02-02

Classificação IES / cursos – PR

Classificação / classification	Nº IES	Nº Cursos
Federal	01	01
Estadual	07	08
Municipal	01	01
Privadas / private	16	20
Total de IES	25	30

Fonte / source: INEP / Cref 9

Localização IES / cursos – PR

Localização / location	Nº IES	Nº Cursos
Capital	06	06
Interior	21	24

Fonte / source: INEP / Cref 9

Ano de início de funcionamento dos cursos no estado do PR

Startup year of IES in PR state

Total IES até 3 anos / less than 3 years	12
Total IES de 3 a 5 anos / less than 5 years	04
Total IES de 5 a 10 anos / less than 10 years	04
Total IES de 10 a 20 anos / less than 20 years	02
Total IES com mais de 20 anos / more than 20 years	08

Fonte / source: INEP / Cref 9

Totais de alunos e formandos em Educação Física, 2003

Number of undergraduate and graduating students in P.E., 2003

IES respondentes no estado do PR / respondent IES in PR – 18 instituições (1)

Média anual de formandos nos 5 últimos anos College graduates per year – average of last 5 years	76,44
Número de formandos em 2002 Number of graduates in 2002	796
Total de matriculados no 1º semestre de 2003 em todos os períodos Enrollment - first semester of 2003	7.222
Número de vagas oferecidas no 1º semestre de 2003 para 1º período Number of student openings -- first semester of 2003	1.923

Fonte / source: Cref 9; (1) 54,54% das IES consultadas forneceram dados solicitados

Cref 10 – Conselho Regional de Educação Física dos estados da Paraíba e Rio Grande do Norte

Cref 10 – Regional Council of Physical Education: States of Paraíba and Rio Grande do Norte

IGUATEMY MARIA DE LUCENA MARTINS (PRESIDENTE/PRESIDENT), VÂNIA REZENDE (DIRETORA/DIRECTOR) E IGUATEMY MARIA DE LUCENA MARTINS (B. DADOS/DATA BANK), JOÃO JOAQUIM SOARES (B. DADOS/DATA BANK)

Paraíba

Instituições de Ensino Superior- IES em Educação Física da PB, 2003

University and / or faculty / college / school of Physical Education (IES), 2003

Base de informações / Data base: INEP / MEC, 2003 e Cref 10

Nome da IES / Institution name	Cidade / city	Dependência / administration	Data início / inauguration
Universidade Estadual da Paraíba	Campina Grande	Estadual	05-03-79
Centro Universitário de João Pessoa	João Pessoa	Privada	13-03-72
Universidade Federal da Paraíba	João Pessoa	Federal	18-08-76

Classificação IES / cursos – PB

Classificação / classification	Nº IES	NºCursos
Federal	01	01
Estadual	01	01
Municipal	00	00
Privadas / private	01	01
Total de IES	03	03

Fonte / source: INEP / Cref 10

Localização IES / cursos – PB

Localização / location	Nº IES	NºCursos
Capital	02	02
Interior	01	01

Fonte / source: INEP / Cref 10

Rio Grande do Norte

IGUATEMY MARIA DE LUCENA MARTINS (PRESIDENTE/PRESIDENT), ELIZABETH JATOBÁ BEZERRA TINOCO (REPRESENTANTE/REPRESENTATIVE) E IGUATEMY MARIA DE LUCENA MARTINS (B. DADOS/DATA BANK)

Instituições de Ensino Superior- IES em Educação Física do RN, 2003⁽¹⁾

University and / or faculty / college / school of Physical Education (IES), 2003

Base de informações / Data base: INEP / MEC, 2003 e Cref 10

Nome da IES / Institution name	Cidade / city	Dependência / administration	Data início / inauguration
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte	Apodi	Estadual	26-08-02
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte	Caicó	Estadual	
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte	Currais Novos	Estadual	
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte	João Câmara	Estadual	18-08-03
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte	Mossoró	Estadual	31-03-73
Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Natal	Federal	13-08-73

(1) A Universidade do Estado do Rio Grande do Norte possui 02 Núcleos de Graduação, em cidades do interior, Caicó e Currais Novos. A Universidade leva o curso superior as áreas onde existe a demanda. O número de alunos é limitado e o curso termina quando da conclusão curricular.

Classificação IES / cursos – RN

Classificação / classification	Nº IES	NºCursos
Federal	01	01
Estadual	01	05
Municipal	00	00
Privadas / private	00	00
Total de IES	02	06

Fonte / source: INEP / Cref 10

Ano de início de funcionamento dos cursos no estado da PB

Startup year of IES in PB state

Total IES até 3 anos / less than 3 years	0
Total IES de 3 a 5 anos / less than 5 years	0
Total IES de 5 a 10 anos / less than 10 years	0
Total IES de 10 a 20 anos / less than 20 years	0
Total IES com mais de 20 anos / more than 20 years	03

Fonte / source: INEP / Cref 10

Totais de alunos e formandos em Educação Física, 2003

Number of undergraduate and graduating students in P.E., 2003

IES respondentes no estado da PB / respondent IES in PB – 03 instituições (1)

Média anual de formandos nos 5 últimos anos College graduates per year – average of last 5 years	126
Número de formandos em 2002 Number of graduates in 2002	143
Total de matriculados no 1º semestre de 2003 em todos os períodos Enrollment - first semester of 2003	113
Número de vagas oferecidas no 1º semestre de 2003 para 1º período Number of student openings -- first semester of 2003	120

Fonte / source: Cref 10; (1) 100% das IES consultadas forneceram dados solicitados

Localização IES / cursos – RN

Localização / location	Nº IES	NºCursos
Capital	01	01
Interior	01	05

Fonte / source: INEP / Cref 10

Ano de início de funcionamento dos cursos no estado do RN

Startup year of IES in RN state

Total IES até 3 anos / less than 3 years	02
Total IES de 3 a 5 anos / less than 5 years	0
Total IES de 5 a 10 anos / less than 10 years	0
Total IES de 10 a 20 anos / less than 20 years	0
Total IES com mais de 20 anos / more than 20 years	02

Fonte / source: INEP / Cref 10

Totais de alunos e formandos em Educação Física, 2003

Number of undergraduate and graduating students in P.E., 2003

IES respondentes no estado do RN / respondent IES in RN (1)

Média anual de formandos nos 5 últimos anos College graduates per year – average of last 5 years	n/d
Número de formandos em 2002 Number of graduates in 2002	n/d
Total de matriculados no 1º semestre de 2003 em todos os períodos Enrollment - first semester of 2003	n/d
Número de vagas oferecidas no 1º semestre de 2003 para 1º período Number of student openings -- first semester of 2003	n/d

Fonte / source: Cref 10; (1) Nenhuma das IES consultadas forneceu dados solicitados

Cref 11 – Conselho Regional de Educação Física dos estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul

Cref 11 – Regional Council of Physical Education: States of Mato Grosso and Mato Grosso do Sul

DOMINGOS SÁVIO DA COSTA (PRESIDENTE/PRESIDENT), LEILA CARDOSO MACHADO (DIRETORA/DIRECTOR) E JOÃO BATISTA COMPAGNANI FERREIRA (B. DADOS/DATA BANK) LEILA CARDOSO MACHADO (B. DADOS/DATA BANK)

Mato Grosso

Instituições de Ensino Superior- IES em Educação Física do MT, 2003

University and / or faculty / college / school of Physical Education (IES), 2003

Base de informações / Data base: INEP / MEC, 2003 e Cref 11

Nome da IES / Institution name	Cidade / city	Dependência / administration	Data início / inauguration
Universidade Federal de Mato Grosso	Água Boa	Federal	30-08-76
Universidade Federal de Mato Grosso	Alta Floresta	Federal	30-08-76
Universidade Federal de Mato Grosso	Cuiabá	Federal	30-08-76
Universidade Federal de Mato Grosso	Pontal do Araguaia	Federal	30-08-76
Centro Universitário de Várzea Grande	Varzea Grande	Privada	18-02-02

Classificação IES / cursos – MT

Classificação / classification	Nº IES	Nº Cursos
Federal	01	04
Estadual	00	00
Municipal	00	00
Privadas / private	01	01
Total de IES	02	05

Fonte / source: INEP / Cref 11

Localização IES / cursos – MT

Localização / location	Nº IES	Nº Cursos
Capital	01	01
Interior	02	04

Fonte / source: INEP / Cref 11

Mato Grosso do Sul

DOMINGOS SÁVIO DA COSTA (PRESIDENTE/PRESIDENT), LEILA CARDOSO MACHADO(DIRETORA/DIRECTOR) E JOÃO BATISTA COMPAGNANI FERREIRA(B. DADOS/DATA BANK) LEILA CARDOSO MACHADO (B. DADOS)

Instituições de Ensino Superior- IES em Educação Física do MS, 2003

University and / or faculty / college / school of Physical Education (IES), 2003

Base de informações / Data base: INEP / MEC, 2003 e Cref 11

Nome da IES / Institution name	Cidade / city	Dependência / administration	Data início / inauguration
Universidade para o desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal	Campo Grande	Privada	23-07-02
Universidade Católica Dom Bosco	Campo Grande	Privada	17-02-97
Instituto de Ensino Superior da FUNLEC	Campo Grande	Privada	16-07-01
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	Campo Grande	Federal	10-03-71
Centro Universitário da Grande Dourados	Dourados	Privada	07-02-94
Faculdades Integradas de Fátima do Sul	Fátima do Sul	Privada	02-08-89
Faculdade de Educação Ciências e Letras de Ponta Porã	Ponta Porã	Privada	02-06-00

Classificação IES / cursos – MS

Classificação / classification	Nº IES	Nº Cursos
Federal	01	01
Estadual	00	00
Municipal	00	00
Privadas / private	06	06
Total de IES	07	07

Fonte / source: INEP / Cref 11

Localização IES / cursos – MS

Localização / location of IES	Número / number of IES
Capital	04
Interior	03

Fonte / source: INEP / Cref 11

Ano de início de funcionamento dos cursos no estado do MT

Startup year of IES in MT state

Total IES até 3 anos / less than 3 years	01
Total IES de 3 a 5 anos / less than 5 years	0
Total IES de 5 a 10 anos / less than 10 years	0
Total IES de 10 a 20 anos / less than 20 years	0
Total IES com mais de 20 anos / more than 20 years	04

Fonte / source: INEP / Cref 11

Totais de alunos e formandos em Educação Física, 2003

Number of undergraduate and graduating students in P.E., 2003

IES respondentes no estado do MT / respondent IES in MT – 01 instituição (1)

Média anual de formandos nos 5 últimos anos College graduates per year – average of last 5 years	180
Número de formandos em 2002 Number of graduates in 2002	150
Total de matriculados no 1º semestre de 2003 em todos os períodos Enrollment - first semester of 2003	720
Número de vagas oferecidas no 1º semestre de 2003 para 1º período Number of student openings -- first semester of 2003	240

Fonte / source: Cref 11; (1) 20% das IES consultadas forneceram dados solicitados

Ano de início de funcionamento dos cursos no estado do MS

Startup year of IES in MS state

Total IES até 3 anos / less than 3 years	03
Total IES de 3 a 5 anos / less than 5 years	0
Total IES de 5 a 10 anos / less than 10 years	02
Total IES de 10 a 20 anos / less than 20 years	01
Total IES com mais de 20 anos / more than 20 years	01

Fonte / source: INEP / Cref 11

Totais de alunos e formandos em Educação Física, 2003

Number of undergraduate and graduating students in P.E., 2003

IES respondentes no estado do MS / respondent IES in MS – 06 instituições (1)

Média anual de formandos nos 5 últimos anos College graduates per year – average of last 5 years	204
Número de formandos em 2002 Number of graduates in 2002	180
Total de matriculados no 1º semestre de 2003 em todos os períodos Enrollment - first semester of 2003	2.880
Número de vagas oferecidas no 1º semestre de 2003 para 1º período Number of student openings -- first semester of 2003	720

Fonte / source: Cref 1; (1) 85,71% das IES consultadas forneceram dados solicitados

Cref 12 – Conselho Regional de Educação Física dos estados de Alagoas e Pernambuco

Cref 12 – Regional Council of Physical Education: States of Alagoas and Pernambuco

ALBANIZI MIRINDIBA BONFIM (PRESIDENTE/PRESIDENT), JOSÉ ACIOLY DE CARVALHO (DIRETORA/DIRECTOR) E ALBANIZI MIRINDIBA BONFIM (B. DADOS/DATA BANK)

Seccional de Alagoas

Instituições de Ensino Superior- IES em Educação Física de AL, 2003

University and / or faculty / college / school of Physical Education (IES), 2003

Base de informações / Data base: INEP / MEC, 2003 e Cref 12

Nome da IES / Institution name	Cidade / city	Dependência / administration	Data início / inauguration
Faculdade de Alagoas	Maceió	Privada	18-07-01
Instituto Batista de Ensino Superior de Alagoas	Maceió	Privada	07-04-02
Universidade Federal de Alagoas	Maceió	Federal	04-03-74
Desporto e Lazer – Centro Federal e Educação Tecnológica	Maceió	Federal	2001
FUNESA	Palmeira dos Índios	Privada	2000

Classificação IES / cursos – AL

Classificação / classification	Nº IES	Nº Cursos
Federal	02	02
Estadual	00	00
Municipal	00	00
Privadas / private	03	03
Total IES	05	05

Fonte / source: INEP / Cref 12

Localização IES / cursos – AL

Localização / location	Nº IES	Nº Cursos
Capital	04	04
Interior	01	01

Fonte / source: INEP / Cref 12

Pernambuco

VALÉRIA SALES (PRESIDENTE/PRESIDENT), ROSEANE CRUZ (DIRETORA/DIRECTOR) E VALÉRIA SALES (B. DADOS/DATA BANK), ROSEANE CRUZ (B. DADOS/DATA BANK)

Instituições de Ensino Superior- IES em Educação Física de PE, 2003

University and / or faculty / college / school of Physical Education (IES), 2003

Base de informações / Data base: INEP / MEC, 2003 e Cref 12

Nome da IES / Institution name	Cidade / city	Dependência / administration	Data início / inauguration
Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde / Centro de Ensino Superior de Arcoverde	Arcoverde	Municipal	15-02-90
Associação Caruaruense de Ensino Superior/ Faculdade do Agreste de Pernambuco	Caruaru	Privada	05-11-03
Universidade Salgado de Oliveira	Recife	Privada	10-02-03
Universidade de Pernambuco	Recife	Estadual	25-04-40
Universidade Federal de Pernambuco	Recife	Federal	01-03-73

Classificação IES / cursos – PE

Classificação / classification	Nº IES	Nº Cursos
Federal	01	01
Estadual	01	01
Municipal	01	01
Privadas / private	02	02
Total IES	05	05

Fonte / source: INEP / Cref 12

Localização IES / cursos – PE

Localização / location	Nº IES	Nº Cursos
Capital	03	03
Interior	02	02

Fonte / source: INEP / Cref 12

Ano de início de funcionamento dos cursos no estado de AL

Startup year of IES in AL state

Total IES até 3 anos / less than 3 years	04
Total IES de 3 a 5 anos / less than 5 years	0
Total IES de 5 a 10 anos / less than 10 years	0
Total IES de 10 a 20 anos / less than 20 years	0
Total IES com mais de 20 anos / more than 20 years	01

Fonte / source: INEP / Cref 12

Totais de alunos e formandos em Educação Física, 2003

Number of undergraduate and graduating students in P.E., 2003

IES respondentes no estado de AL / respondent IES in AL – 01 instituição (1)

Média anual de formandos nos 5 últimos anos College graduates per year – average of last 5 years	60
Número de formandos em 2002 Number of graduates in 2002	60
Total de matriculados no 1º semestre de 2003 em todos os períodos Enrollment - first semester of 2003	200
Número de vagas oferecidas no 1º semestre de 2003 para 1º período Number of student openings -- first semester of 2003	200

Fonte / source: Cref 12; 20% das IES consultadas forneceram dados solicitados

Ano de início de funcionamento dos cursos no estado de PE

Startup year of IES in PE state

Total IES até 3 anos / less than 3 years	02
Total IES de 3 a 5 anos / less than 5 years	00
Total IES de 5 a 10 anos / less than 10 years	00
Total IES de 10 a 20 anos / less than 20 years	01
Total IES com mais de 20 anos / more than 20 years	02

Fonte / source: INEP / Cref 12

Totais de alunos e formandos em Educação Física, 2003

Number of undergraduate and graduating students in PE, 2003

IES respondentes no estado de PE / respondent IES in PE – 03 instituições (1)

Média anual de formandos nos 5 últimos anos College graduates per year – average of last 5 years	52,9
Número de formandos em 2002 Number of graduates in 2002	143
Total de matriculados no 1º semestre de 2003 em todos os períodos Enrollment - first semester of 2003	1.850
Número de vagas oferecidas no 1º semestre de 2003 para 1º período Number of student openings -- first semester of 2003	235

Fonte / source: Cref 12; (1) 60% das IES consultadas forneceram dados solicitados

Cref 13 – Conselho Regional de Educação Física dos estados da Bahia e Sergipe

Cref 13 – Regional Council of Physical Education: States of Bahia and Sergipe

CARLOS DE SOUZA PIMENTEL (PRESIDENTE/PRESIDENT), ANA CLAUDIA COUTINHO LEMOS (B. DADOS/DATA BANK)

Bahia

Instituições de Ensino Superior- IES em Educação Física da BA, 2003

University and / or faculty / college / school of Physical Education (IES), 2003

Base de informações / Data base: INEP / MEC, 2003 e Cref 13

Nome da IES / Institution name	Cidade / city	Dependência / administration	Data início / inauguration
Universidade Estadual de Feira de Santana	Feira de Santana	Estadual	03-03-97
Universidade do Estado da Bahia	Guanambi	Estadual	08-03-99
Faculdade de Educação Física Montenegro	Ibicarai	Privada	01-09-89
Faculdade de Tecnologia e Ciências de Itabuna	Itabuna	Privada	01-01-03
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia	Jequié	Estadual	01-03-97
Faculdade de Ciências Agrárias e da Saúde	Lauro de Freitas	Privada	05-08-02
Faculdade de Tecnologia e Ciências	Salvador	Privada	09-09-02
Faculdade Social da Bahia	Salvador	Privada	18-02-02
Universidade Católica de Salvador	Salvador	Privada	01-03-73
Universidade Federal da Bahia	Salvador	Federal	03-06-88

Classificação IES / cursos – BA

Classificação / classification	Nº IES	Nº Cursos
Federal	01	01
Estadual	03	03
Municipal	00	00
Privadas / private	06	06
Total IES	10	10

Fonte / source: INEP / Cref 13

Sergipe

CARLOS DE SOUZA PIMENTEL (PRESIDENTE/PRESIDENT), SÔNIA REGINA FRANCISCO (B. DADOS/DATA BANK) e ANA CLAUDIA RIBEIRO COUTINHO LEMOS (B. DADOS/DATA BANK)

Instituições de Ensino Superior- IES em Educação Física de SE, 2003

University and / or faculty / college / school of Physical Education (IES), 2003

Base de informações / Data base: INEP / MEC, 2003 e Cref 13

Nome da IES / Institution name	Cidade / city	Dependência / administration	Data início / inauguration
Faculdade Tiradentes	Aracajú	Privada	03-08-96
Universidade Federal de Sergipe	Estância	Federal	28-10-98
Universidade Federal de Sergipe	Itabaiana	Federal	28-10-98
Universidade Federal de Sergipe	Lagarto	Federal	28-10-98
Universidade Federal de Sergipe	Nossa Senhora da Glória	Federal	28-10-98
Universidade Federal de Sergipe	Própria	Federal	28-10-98
Universidade Federal de Sergipe	São Cristóvão	Federal	01-03-75

Classificação IES / cursos – SE

Classificação / classification	Nº IES	Nº Cursos
Federal	01	06
Estadual	00	00
Municipal	00	00
Privadas / private	01	01
Total IES	02	07

Fonte / source: INEP / Cref 13

Localização IES / cursos – SE

Localização / location	Nº IES	Nº Cursos
Capital	01	01
Interior	01	06

Fonte / source: INEP / Cref 13

Localização IES / cursos – BA

Localização / location	Nº IES	Nº Cursos
Capital	04	04
Interior	06	06

Fonte / source: INEP / Cref 13

Ano de início de funcionamento dos cursos no estado da BA

Startup year of IES in BA state

Total IES até 3 anos / less than 3 years	04
Total IES de 3 a 5 anos / less than 5 years	01
Total IES de 5 a 10 anos / less than 10 years	02
Total IES de 10 a 20 anos / less than 20 years	02
Total IES com mais de 20 anos / more than 20 years	01

Fonte / source: INEP / Cref 13

Totais de alunos e formandos em Educação Física, 2003

Number of undergraduate and graduating students in P.E., 2003

IES respondentes no estado da BA / respondent IES in BA – 02 instituições (1)

Média anual de formandos nos 5 últimos anos College graduates per year – average of last 5 years	261
Número de formandos em 2002 Number of graduates in 2002	294
Total de matriculados no 1º semestre de 2003 em todos os períodos Enrollment - first semester of 2003	471
Número de vagas oferecidas no 1º semestre de 2003 para 1º período Number of student openings -- first semester of 2003	250

Fonte / source: Cref 13; (1) 20% das IES consultadas forneceram dados solicitados

Ano de início de funcionamento dos cursos no estado de SE

Startup year of IES in SE state

Total IES até 3 anos / less than 3 years	0
Total IES de 3 a 5 anos / less than 5 years	0
Total IES de 5 a 10 anos / less than 10 years	06
Total IES de 10 a 20 anos / less than 20 years	0
Total IES com mais de 20 anos / more than 20 years	01

Fonte / source: INEP / Cref 13

Totais de alunos e formandos em Educação Física, 2003

Number of undergraduate and graduating students in P.E., 2003

IES respondentes no estado de SE / respondent IES in SE – 01 instituição (1)

Média anual de formandos nos 5 últimos anos College graduates per year – average of last 5 years	37,2
Número de formandos em 2002 Number of graduates in 2002	41
Total de matriculados no 1º semestre de 2003 em todos os períodos Enrollment - first semester of 2003	468
Número de vagas oferecidas no 1º semestre de 2003 para 1º período Number of student openings -- first semester of 2003	80

Fonte / source: Cref 13; (1) 20% das IES consultadas forneceram dados solicitados

Totais Brasil / Final numbers of IES in Brazil

Classificação IES / cursos em Educação Física – BRASIL

Classificação / <i>classification</i>	Nº IES	Nº Cursos
Federal	32	47
Estadual	26	71
Municipal	14	14
Privadas / <i>private</i>	207	265
Total de IES	279	397

Fonte / *source*: INEP / Sistema CONFEF/CREF's

Ano de início de funcionamento dos cursos no Brasil

Startup year of IES in Brazil

Total IES até 3 anos / <i>less than 3 years</i>	177
Total IES de 3 a 5 anos / <i>less than 5 years</i>	34
Total IES de 5 a 10 anos / <i>less than 10 years</i>	53
Total IES de 10 a 20 anos / <i>less than 20 years</i>	31
Total IES com mais de 20 anos / <i>more than 20 years</i>	96

Fonte / *source*: INEP / Sistema CONFEF/CREF's

Localização IES / cursos – BRASIL

Localização / <i>location</i>	Nº IES	Nº Cursos
Capital	94	111
Interior	200	286

Fonte / *source*: INEP / Sistema CONFEF/CREF's

Totais mínimos de alunos e formandos em Educação Física, 2003

Number (minimum) of undergraduate and graduating students in P.E., 2003

IES respondentes – Brasil / *respondent IES in Brazil* – 242 instituições (1)

Média anual de formandos nos 5 últimos anos <i>College graduates per year – average of last 5 years</i>	5.156,06
Número de formandos em 2002 <i>Number of graduates in 2002</i>	8.924
Total de matriculados no 1º semestre de 2003 em todos os períodos <i>Enrollment - first semester of 2003</i>	77.165
Número de vagas oferecidas no 1º semestre de 2003 para 1º período <i>Number of student openings -- first semester of 2003</i>	31.637

Fonte / *source*: Sistema CONFEF/CREF; (1) 59,90% das IES do país consultadas forneceram dados solicitados

Tendências principais das IES e respectivos cursos de Educação Física

Dados por região, 2003

Main trends of IES and physical education undergraduate programs

Data per region, 2003

Região Norte

Acre / Amapá / Amazonas / Para / Rondônia / Roraima

Região Norte IES / Cursos

Classificação / <i>classification</i>	Nº IES	Nº Cursos
Federal	04	08
Estadual	01	04
Municipal	00	00
Privadas / <i>private</i>	08	08
Total IES	13	20

Fonte / *source*: INEP / Sistema CONFEF / CREFs

Ano de início de funcionamento dos cursos da Região Norte

Startup year of IES in Northern Region

Total IES até 3 anos / <i>less than 3 years</i>	08
Total IES de 3 a 5 anos / <i>less than 5 years</i>	03
Total IES de 5 a 10 anos / <i>less than 10 years</i>	00
Total IES de 10 a 20 anos / <i>less than 20 years</i>	03
Total IES com mais de 20 anos / <i>more than 20 years</i>	04

Fonte / *source*: INEP / Sistema CONFEF / CREFs

Região Norte IES / Cursos

Localização / <i>location</i>	Nº IES	Nº Cursos
Capital	10	12
Interior	05	08

Fonte / *source*: INEP / Sistema CONFEF / CREFs

Alunos e formandos em Educação Física, 2003 (1)

Number of undergraduate and graduating students in P.E., 2003

IES respondentes na Região Norte / *respondent IES in Northern Region* – 4 instituições

Média anual de formandos nos 5 últimos anos <i>College graduates per year – average of last 5 years</i>	60
Número de formandos em 2002 <i>Number of graduates in 2002</i>	54
Total de matriculados no 1º semestre de 2003 em todos os períodos <i>Enrollment - first semester of 2003</i>	420
Número de vagas oferecidas no 1º semestre de 2003 para 1º período <i>Number of student openings -- first semester of 2003</i>	300

(1) 19,05% das IES consultadas na região forneceram dados solicitados

Fonte / *source*: Sistema CONFEF / CREFs

Região Nordeste

Alagoas / Bahia / Ceará / Maranhão / Paraíba / Pernambuco / Piauí / Rio Grande do Norte / Sergipe

Região Nordeste IES / Cursos

Classificação / <i>classification</i>	Nº IES / <i>number of IESs</i>	Nº Cursos
Federal	10	15
Estadual	09	40
Municipal	01	01
Privadas / <i>private</i>	16	16
Total IES	36	72

Fonte / *source*: INEP / Sistema CONFEE / CREFs

Ano de início de funcionamento dos cursos da Região Nordeste

Startup year of IES in Northeastern Region

Total IES até 3 anos / <i>less than 3 years</i>	42
Total IES de 3 a 5 anos / <i>less than 5 years</i>	01
Total IES de 5 a 10 anos / <i>less than 10 years</i>	10
Total IES de 10 a 20 anos / <i>less than 20 years</i>	05
Total IES com mais de 20 anos / <i>more than 20 years</i>	13

Fonte / *source*: INEP / Sistema CONFEE / CREFs

Região Nordeste IES / Cursos

Localização / <i>location</i>	Nº IES / <i>number of IESs</i>	Nº Curso
Capital	23	25
Interior	14	47

Fonte / *source*: INEP / Sistema CONFEE / CREFs

Alunos e formandos em Educação Física, 2003

Number of undergraduate and graduating students in P.E., 2003(1)

IES respondentes na Região Nordeste / *respondent IES in Northeastern Region* – 16 instituições

Média anual de formandos nos 5 últimos anos <i>College graduates per year – average of last 5 years</i>	684,5
Número de formandos em 2002 <i>Number of graduates in 2002</i>	896
Total de matriculados no 1º semestre de 2003 em todos os períodos <i>Enrollment - first semester of 2003</i>	5.566
Número de vagas oferecidas no 1º semestre de 2003 para 1º período <i>Number of student openings -- first semester of 2003</i>	1.382

(1) 22,86% das IES consultadas na região forneceram dados solicitados
Fonte / *source*: Sistema CONFEE / CREFs

Região Centro-Oeste

Distrito Federal / Goiás / Mato Grosso / Mato Grosso do Sul / Tocantins

Região Centro-Oeste IES / Curso

Classificação / <i>classification</i>	Nº IES / <i>number of IES</i>	Nº Cursos
Federal	04	09
Estadual	02	04
Municipal	01	01
Privadas / <i>private</i>	15	15
Total IES	22	29

Fonte / *source*: INEP / Sistema CONFEE / CREFs

Ano de início de funcionamento dos cursos da Região Centro-Oeste

Startup year of IES in Mid-Western Region

Total IES até 3 anos / <i>less than 3 years</i>	11
Total IES de 3 a 5 anos / <i>less than 5 years</i>	02
Total IES de 5 a 10 anos / <i>less than 10 years</i>	05
Total IES de 10 a 20 anos / <i>less than 20 years</i>	03
Total IES com mais de 20 anos / <i>more than 20 years</i>	08

Fonte / *source*: INEP / Sistema CONFEE / CREFs

Região Centro-Oeste IES / Curso

Localização / <i>location</i>	Nº IES / <i>number of IESs</i>	Nº Cursos
Capital	14	14
Interior	12	15

Fonte / *source*: INEP / Sistema CONFEE / CREFs

Alunos e formandos em Educação Física, 2003 (1)

Number of undergraduate and graduating students in P.E., 2003

IES respondentes na Região Centro / *respondent IES in Mid-Western Region* – 13 instituições

Média anual de formandos nos 5 últimos anos <i>College graduates per year – average of last 5 years</i>	540
Número de formandos em 2002 <i>Number of graduates in 2002</i>	481
Total de matriculados no 1º semestre de 2003 em todos os períodos <i>Enrollment - first semester of 2003</i>	5.612
Número de vagas oferecidas no 1º semestre de 2003 para 1º período <i>Number of student openings -- first semester of 2003</i>	1.441

(1) 43,34% das IES consultadas na região forneceram dados solicitados
Fonte / *source*: Sistema CONFEE / CREFs

Região Sudeste

Espírito Santo / Minas Gerais / Rio de Janeiro / São Paulo

Região Sudeste IES / Cursos

Classificação / <i>classification</i>	Nº IES / <i>number of IES</i>	Nº Cursos
Federal	09	10
Estadual	06	14
Municipal	09	09
Privadas / <i>private</i>	126	161
Total IES	150	194

Fonte / *source*: INEP / Sistema CONFEF / CREFs

Ano de início de funcionamento dos cursos da Região Sudeste

Startup year of IES in Southeastern Region

Total IES até 3 anos / <i>less than 3 years</i>	88
Total IES de 3 a 5 anos / <i>less than 5 years</i>	20
Total IES de 5 a 10 anos / <i>less than 10 years</i>	24
Total IES de 10 a 20 anos / <i>less than 20 years</i>	14
Total IES com mais de 20 anos / <i>more than 20 years</i>	46

Fonte / *source*: INEP / Sistema CONFEF / CREFs

Região Sul

Paraná / Rio Grande do Sul / Santa Catarina

Região Sul IES / Cursos

Classificação / <i>classification</i>	Nº IES / <i>number of IESs</i>	Nº Cursos
Federal	05	05
Estadual	08	09
Municipal	03	03
Privadas / <i>private</i>	42	65
Total IES	58	82

Fonte / *source*: INEP / Sistema CONFEF / CREFs

Ano de início de funcionamento dos cursos da Região Sul

Startup year of IES in Southern Region

Total IES até 3 anos / <i>less than 3 years</i>	29
Total IES de 3 a 5 anos / <i>less than 5 years</i>	08
Total IES de 5 a 10 anos / <i>less than 10 years</i>	14
Total IES de 10 a 20 anos / <i>less than 20 years</i>	06
Total IES com mais de 20 anos / <i>more than 20 years</i>	25

Fonte / *source*: INEP / Sistema CONFEF / CREFs

Região Sudeste IES / Cursos

Localização / <i>location</i>	Nº IES / <i>number of IESs</i>	Nº Cursos
Capital	35	48
Interior	120	146

Fonte / *source*: INEP / Sistema CONFEF / CREFs

Alunos e formandos em Educação Física, 2003 (1)

Number of undergraduate and graduating students in P.E., 2003

IES respondentes na Região Sudeste / *respondent IES in Southeastern Region* – 157 instituições

Média anual de formandos nos 5 últimos anos <i>College graduates per year – average of last 5 years</i>	3.573,68
Número de formandos em 2002 <i>Number of graduates in 2002</i>	5.505
Total de matriculados no 1º semestre de 2003 em todos os períodos <i>Enrollment - first semester of 2003</i>	47.827
Número de vagas oferecidas no 1º semestre de 2003 para 1º período <i>Number of student openings -- first semester of 2003</i>	23.661

(1) 79,29% das IES consultadas na região forneceram dados solicitados

Fonte / *source*: Sistema CONFEF / CREFs

Região Sul IES / Cursos

Localização / <i>location</i>	Nº IES / <i>number of IESs</i>	Nº Cursos
Capital	12	12
Interior	49	70

Fonte / *source*: INEP / Sistema CONFEF / CREFs

Alunos e formandos em Educação Física, 2003 (1)

Number of undergraduate and graduating students in P.E., 2003

IES respondentes na Região Sul / *respondent IES in Southern Region* – 52 instituições

Média anual de formandos nos 5 últimos anos <i>College graduates per year – average of last 5 years</i>	297,88
Número de formandos em 2002 <i>Number of graduates in 2002</i>	1.988
Total de matriculados no 1º semestre de 2003 em todos os períodos <i>Enrollment - first semester of 2003</i>	17.740
Número de vagas oferecidas no 1º semestre de 2003 para 1º período <i>Number of student openings -- first semester of 2003</i>	4.853

(1) 61,18% das IES consultadas na região forneceram dados solicitados

Fonte / *source*: Sistema CONFEF / CREFs

Tendências principais das IES e respectivos cursos de Educação Física – Dados totais – Brasil, 2003

Main trends of IES and P. E. undergraduate programs – Summary data – Brazil, 2003

Tendências identificadas:

(i) As regiões Sul e Sudeste somada percentualmente apresentam 70% Cursos e 75% de IES em todo Brasil.

(ii) O número de cursos de Educação Física no Brasil é 42% maior do que o número de IES.

(iii) Na região Sudeste tem o número percentual de IES maior do que o número percentual de cursos.

(iv) Na Região Norte, 60% dos cursos estão nas capitais, possivelmente devido à carência do interior dos estados da região, onde não há infraestrutura para se ter um *campus* ou um local adequado para o desenvolvimento do curso (salas de laboratório, piscinas, pistas, ginásios, etc).

(v) A Região Nordeste apresenta um número maior de cursos no interior dos estados por causa do Estado do Piauí que tem a Universidade Estadual do Piauí com 26 núcleos de graduação em cidades do interior. Estes cursos terminam quando da conclusão curricular, tornando estes números sazonais, e, portanto produzindo as mesmas condições da Região Norte onde a concentração dos cursos se dá nas capitais.

(vi) A Região Centro-Oeste, tem 54% de suas IES nas capitais, tendo começado um processo de interiorização nos últimos cinco anos.

(vii) Nos estados afluentes e de melhor qualidade de vida, os cursos de Educação Física estão no interior dos estados, como é o caso da Região Sul com 85% dos cursos fora das capitais e da Região Sudeste com 75%.

(viii) O número de IES privadas no Brasil é de 74,2% contra um total de 25,8% de cursos de entidades públicas – federais, estaduais e municipais. Isto sugere que a Educação Física no ensino superior prende-se à expectativas de retornos em imagem, valorização local e/ou em ativos financeiros.

(ix) A proporção relativa de IES públicas é maior no Norte e Nordeste onde há um total de 60% e 77,78% respectivamente, contra 40% e 22,3% das escolas privadas destas mesmas regiões. Isto sugere que o governo é o grande incentivador das escolas de Educação Física, como forma de desenvolver a região: uma única IES abre vários cursos de graduação nestes estados.

(x) No Sul e Sudeste, somam-se 20,8% e 17% de cursos de Educação Física em IES públicas contra 79,3% e 83% das privadas. No Sul e Sudeste a Educação Física em geral já se tornou uma atividade econômica (ver seção 'Cenários' neste Atlas), tendendo a abrir mercado para as IES e para os profissionais que se formarem.

(xi) No estado de São Paulo há 105 IES de Educação Física, sendo apenas uma federal e 89 privadas, confirmando a relação do porte das atividades econômicas da região e a expansão de IES.

(xii) Nas regiões Norte e Nordeste, as IES públicas abrem vários cursos em cidades diferentes, característica encontrada nas regiões Sul e Sudeste com relação as IES privadas.

(xiii) No Brasil, 45,79% dos cursos tem menos de 3 anos de atividade, ou seja, praticamente metade das escolas existentes no país: são 187 escolas que ainda não formaram alunos até a presente data. Fazendo-se um exercício, verifica-se que nos últimos 17 anos houve um crescimento de 30% do número de novas escolas de Educação Física, contra 46% nos últimos 3 anos, ou seja, este é o ápice do desenvolvimento histórico do ensino superior da Educação Física no Brasil. Constitui a Região Nordeste um expressivo exemplo: há 61,43% de cursos com menos de três anos, contra 21,43% dos cursos iniciados nos últimos 17 anos.

(xiv) No concernente a alunos e formandos em Educação Física pode-se chamar a atenção para a média de formandos nos últimos 5 anos que é de 5.156,06 alunos e 8.924 alunos em 2002. Desde que 50% das escolas existentes ainda não formaram turmas, este número no mínimo será triplicado nos próximos anos.

(xv) No primeiro quadro que mostra a distribuição geográfica das 404 IES de Educação Física do país, pode-se observar um dado muito significativo: o número de IES existentes nas regiões é quase o mesmo do número de profissionais. Assim, na região Sudeste encontra-se 49% das IES e 47% dos profissionais; na região Sul, há 21% das IES e 18% dos profissionais; na região Centro-Oeste, há 8% das IES e 10% de profissionais; na região Nordeste, há 17% das IES e 21% de profissionais; na região Norte, temos 5% das IES e 4% de profissionais. Tais números sugerem que o mercado absorve os profissionais de sua própria região, ou seja: os profissionais estudam e se empregam nas suas próprias regiões.

Número de IES / Cursos – Brasil

Classificação / <i>classification</i>	Nº IES / <i>number of IES</i>	Nº Cursos
Federal	32	47
Estadual	26	71
Municipal	14	14
Privadas / <i>private</i>	207	265
Total de IES	279	397

Fonte / *source*: INEP / Sistema CONFEF / CREFs

Localização IES / Cursos – Brasil

Localização / <i>location of IESs</i>	Número / <i>number of IES</i>	Nº Cursos
Capital	94	111
Interior	200	286

Fonte / *source*: INEP / Sistema CONFEF / CREFs

Ano de início de funcionamento dos cursos no Brasil

Startup year of IES in Brasil

Total IES até 3 anos / <i>less than 3 years</i>	177
Total IES de 3 a 5 anos / <i>less than 5 years</i>	34
Total IES de 5 a 10 anos / <i>less than 10 years</i>	53
Total IES de 10 a 20 anos / <i>less than 20 years</i>	31
Total IES com mais de 20 anos / <i>more than 20 years</i>	96

Fonte / *source*: INEP / Sistema CONFEF / CREFs

Alunos e formandos em Educação Física, 2003 (1)

Number of undergraduate and graduating students in P.E., 2003

IES respondentes – Brasil / *respondent IES in Brasil – 242 instituições*

Média anual de formandos nos 5 últimos anos <i>College graduates per year – average of last 5 years</i>	5.156,06
Número de formandos em 2002 <i>Number of graduates in 2002</i>	8.924
Total de matriculados no 1º semestre de 2003 em todos os períodos <i>Enrollment - first semester of 2003</i>	77.165
Número de vagas oferecidas no 1º semestre de 2003 para 1º período <i>Number of student openings -- first semester of 2003</i>	31.637

(1) 59,90% das IES consultadas na região forneceram dados solicitados

Fonte / *source*: Sistema CONFEF/CREF's

Regiões IES / Cursos

Regiões	Nº IES	IES %	Nº Cursos	Nº Cursos %
Norte	13	4%	20	5%
Nordeste	36	13%	72	18%
Centro-Oeste	22	8%	29	7%
Sudeste	150	54%	194	49%
Sul	58	21%	82	21%
Total de IES	279		397	

Localização das IES de Educação Física

Região	IES Capital(%)	Cursos Capital (%)	IES Interior (%)	Cursos Interior (%)
Sudeste	22,58	24,74	77,41	75,25
Sul	19,67	14,63	80,32	85,36
Nordeste	62,16	37,83	34,72	65,27
Centro-Oeste	53,84	48,27	46,15	51,72
Norte	66,66	60	33,33	40
Brasil	31,97	27,95	68,02	72,04

Natureza das IES em Educação Física

Regiões	Federal (%)		Estadual (%)		Municipal (%)		Privada (%)	
	IES	Cursos	IES	Cursos	IES	Cursos	IES	Cursos
Norte	30,76	40	7,6	20			61,53	40
Nordeste	27,81	20,8	25	55,6	2,8	1,38	44,5	22,3
Centro-Oeste	18,2	31	9	13,8	4,5	3,5	68,2	51,7
Sudeste	6	5,2	4	7,2	6	4,6	84	83
Sul	8,6	6,1	13,8	11	5,17	3,7	72,4	79,3
Brasil	11,47	11,84	9,31	17,88	5,02	3,52	74,2	66,75

Tempo de Atividade dos cursos de Educação Física

Tempo Atividade	Sudeste(%)	Sul(%)	Centro-Oeste(%)	Nordeste	Norte	Brasil
Até 3 anos	45,45	36,47	40	61,43	42,86	45,79
3 a 5 anos	11,11	10,59	6,67	1,43	14,29	9,16
5 a 10 anos	12,12	16,47	16,66	14,29	-	13,12
10 a 20 anos	7,07	7,06	10	5,71	14,29	7,43
Mais 20 anos	23,23	29,41	26,66	18,57	19,04	23,76

Alunos e Formandos em Educação Física

	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Brasil
Média Anual Formandos 5 últimos anos	3.573,68	297,88	540	684,5	60	5.156,06
Formandos 2002	5.505	1.988	481	896	54	8.924
Matriculados 1º sem/03 – todos Per.	47.827	17.740	5.612	5.566	420	77.165
Vagas 1º sem/03 – 1º período	23.661	4.853	1.441	1.382	300	31.637

2. Profissionais em atividade por estado

2. Active professionals per state

Nota metodológica Os profissionais graduados (formados por IES) e não graduados ("provisionados" segundo as leis brasileiras de registro profissional) foram quantificados por informação gerada pelos CREFs segundo número de profissionais registrados em cada estado (graduados e provisionados). Os profissionais graduados não registrados foram estimados também por estado com base nos dados do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos-INEP, órgão do Ministério da Educação, considerando primeiramente a data de início de funcionamento de cada curso registrado no INEP. A partir deste dado, calculou-se o número de anos de funcionamento do curso e retirou-se quatro anos, que são os primeiros anos quando não existe turma formada. Encontrou-se assim o número de turmas formadas em cada

curso, por semestre, que foi multiplicado pela média de formandos por curso no estado. Este valor foi multiplicado por dois, pois há um mínimo duas turmas de formandos por ano em cada curso, uma em cada semestre. Deste total foi reduzido o número de profissionais já registrados nos CREFs e disponível nos controles do Sistema CONFEEF/CREF. Do quantitativo encontrado, foi reduzido 10% do total de profissionais que as estatísticas educacionais consideram normalmente como desistentes da profissão e/ou falecidos. O número de provisionados não registrados foram informados pelos CREF responsável por cada estado segundo critérios locais de estimativas. Ao final da exposição das tabelas por estado, encontra-se uma tabela com os totais do Brasil.

Rio de Janeiro – RJ

Número de profissionais no RJ / *Number of professionals in RJ, 2003*

Base de informações / *Data base:* Sistema CONFEEF/CREF – CREF 1

Status	Graduado / <i>graduate</i>	Provisionado / <i>not graduated</i>
Registrados no Cref / <i>Registered in Cref</i>	9.891	3.185

Espírito Santo – ES

Número de profissionais no ES / *Number of professionals in ES, 2003*

Base de informações / *Data base:* Sistema CONFEEF/CREF – CREF 1

Status	Graduado / <i>graduate</i>	Provisionado / <i>not graduated</i>
Registrados no Cref / <i>Registered in Cref</i>	650	300

Rio Grande do Sul – RS

Número de profissionais no RGS / *Number of professionals in RG, 2003*

Base de informações / *Data base:* Sistema CONFEEF/CREF – CREF 2

Status	Graduado / <i>graduate</i>	Provisionado / <i>not graduated</i>
Registrados no Cref / <i>Registered in Cref</i>	5.353	757

Santa Catarina – SC

Número de profissionais em SC / *Number of professionals in SC, 2003*

Base de informações / *Data base:* Sistema CONFEEF/CREF – CREF 3

Status	Graduado / <i>graduate</i>	Provisionado / <i>not graduated</i>
Registrados no Cref / <i>Registered in Cref</i>	4.795	1.785

São Paulo – SP

Número de profissionais em SP / *Number of professionals in SP, 2003*

Base de informações / *Data base:* Sistema CONFEEF/CREF – CREF 4

Status	Graduado / <i>graduate</i>	Provisionado / <i>not graduated</i>
Registrados no Cref / <i>Registered in Cref</i>	22.762	7.853

Ceará – CE

Número de profissionais no CE / *Number of professionals in CE, 2003*

Base de informações / *Data base:* Sistema CONFEEF/CREF – CREF 5

Status	Graduado / <i>graduate</i>	Provisionado / <i>not graduated</i>
Registrados no Cref / <i>Registered in Cref</i>	2.436	1.617

Maranhão – MA

Número de profissionais no MA / *Number of professionals in MA, 2003*

Base de informações / *Data base:* Sistema CONFEEF/CREF – CREF 5

Status	Graduado / <i>graduate</i>	Provisionado / <i>not graduated</i>
Registrados no Cref / <i>Registered in Cref</i>	410	325

Piauí – PI

Número de profissionais no PI / *Number of professionals in PI, 2003*

Base de informações / *Data base:* Sistema CONFEEF/CREF – CREF 5

Status	Graduado / <i>Graduate</i>	Provisionado / <i>not graduated</i>
Registrados no Cref / <i>Registered in Cref</i>	371	156

Minas Gerais – MG

Número de profissionais em MG / *Number of professionals in MG, 2003*

Base de informações / *Data base:* Sistema CONFEEF/CREF – CREF 6

Status	Graduado / <i>graduate</i>	Provisionado / <i>not graduated</i>
Registrados no Cref / <i>Registered in Cref</i>	3.514	2.158

Distrito Federal – DF

Número de profissionais no DF / *Number of professionals in DF, 2003*

Base de informações / *Data base:* Sistema CONFEEF/CREFs – CREF 7

Status	Graduado / <i>graduate</i>	Provisionado / <i>not graduated</i>
Registrados no Cref / <i>Registered in Cref</i>	3.745	1.418

Goiás – GO

Número de profissionais em GO / *Number of professionals in GO, 2003*

Base de informações / *Data base:* Sistema CONFEEF/CREF – CREF 7

Status	Graduado / <i>graduate</i>	Provisionado / <i>not graduated</i>
Registrados no Cref / <i>Registered in Cref</i>	1.156	472

Tocantins – TO

Número de profissionais no TO / *Number of professionals in TO, 2003*

Base de informações / *Data base:* Sistema CONFEEF/CREF – CREF 7

Status	Graduado / <i>Graduate</i>	Provisionado / <i>not graduated</i>
Registrados no Cref / <i>Registered in Cref</i>	103	27

Acre – ACNúmero de profissionais no AC / *Number of professionals in AC, 2003*Base de informações / *Data base: Sistema CONFEF/CREF – CREF 8*

Status	Graduado / <i>graduate</i>	Provisionado / <i>not graduated</i>
Registrados no Cref / <i>Registered in Cref</i>	158	56

Amapá – APNúmero de profissionais no AP / *Number of professionals in AP, 2003*Base de informações / *Data base: Sistema CONFEF/CREF – CREF 8*

Status	Graduado / <i>Graduate</i>	Provisionado / <i>not graduated</i>
Registrados no Cref / <i>Registered in Cref</i>	117	115

Amazonas – AMNúmero de profissionais no AM / *Number of professionals in AM, 2003*Base de informações / *Data base: Sistema CONFEF/CREF – CREF 8*

Status	Graduado / <i>Graduate</i>	Provisionado / <i>not graduated</i>
Registrados no Cref / <i>Registered in Cref</i>	570	548

Pará – PANúmero de profissionais no PA / *Number of professionals in PA, 2003*Base de informações / *Data base: Sistema CONFEF/CREF – CREF 8*

Status	Graduado / <i>graduate</i>	Provisionado / <i>not graduated</i>
Registrados no Cref / <i>Registered in Cref</i>	564	154

Rondônia – RONúmero de profissionais em RO / *Number of professionals in RO, 2003*Base de informações / *Data base: Sistema CONFEF/CREF's – CREF 8*

Status	Graduado / <i>Graduate</i>	Provisionado / <i>not graduated</i>
Registrados no Cref / <i>Registered in Cref</i>	376	238

Roraima – RRNúmero de profissionais em RR / *Number of professionals in RR, 2003*Base de informações / *Data base: Sistema CONFEF/CREF – CREF 8*

Status	Graduado / <i>Graduate</i>	Provisionado / <i>not graduated</i>
Registrados no Cref / <i>Registered in Cref</i>	125	505

Paraná – PRNúmero de profissionais no PR / *Number of professionals in PR, 2003*Base de informações / *Data base: Sistema CONFEF/CREF – CREF 9*

Status	Graduado / <i>graduate</i>	Provisionado / <i>not graduated</i>
Registrados no Cref / <i>Registered in Cref</i>	5.291	1.757

Paraíba – PBNúmero de profissionais na PB / *Number of professionals in PB, 2003*Base de informações / *Data base: Sistema CONFEF/CREF – CREF 10*

Status	Graduado / <i>graduate</i>	Provisionado / <i>not graduated</i>
Registrados no Cref / <i>Registered in Cref</i>	1.275	159

Rio Grande do Norte – RNNúmero de profissionais no RN / *Number of professionals in RN, 2003*Base de informações / *Data base: Sistema CONFEF/CREF – CREF 10*

Status	Graduado / <i>graduate</i>	Provisionado / <i>not graduated</i>
Registrados no Cref / <i>Registered in Cref</i>	462	192

Mato Grosso – MTNúmero de profissionais no MT / *Number of professionals in MT, 2003*Base de informações / *Data base: Sistema CONFEF/CREF – CREF 11*

Status	Graduado / <i>graduate</i>	Provisionado / <i>not graduated</i>
Registrados no Cref / <i>Registered in Cref</i>	423	187

Mato Grosso do Sul – MSNúmero de profissionais no MS / *Number of professionals in MS, 2003*Base de informações / *Data base: Sistema CONFEF/CREF – CREF 11*

Status	Graduado / <i>graduate</i>	Provisionado / <i>not graduated</i>
Registrados no Cref / <i>Registered in Cref</i>	1.522	441

Alagoas – ALNúmero de profissionais em AL / *Number of professionals in AL, 2003*Base de informações / *Data base: Sistema CONFEF/CREF – CREF 12*

Status	Graduado / <i>graduate</i>	Provisionado / <i>not graduated</i>
Registrados no Cref / <i>Registered in Cref</i>	292	273

Pernambuco – PENúmero de profissionais em PE / *Number of professionals in PE, 2003*Base de informações / *Data base: Sistema CONFEF/CREF – CREF 12*

Status	Graduado / <i>Graduate</i>	Provisionado / <i>not graduated</i>
Registrados no Cref / <i>Registered in Cref</i>	1.841	515

Baía – BANúmero de profissionais na BA / *Number of professionals in BA, 2003*Base de informações / *Data base: Sistema CONFEF/CREF – CREF 13*

Status	Graduado / <i>graduate</i>	Provisionado / <i>not graduated</i>
Registrados no Cref / <i>Registered in Cref</i>	1.623	750

Sergipe – SENúmero de profissionais em SE / *Number of professionals in SE, 2003*Base de informações / *Data base: Sistema CONFEF/CREF – CREF 13*

Status	Graduado / <i>Graduate</i>	Provisionado / <i>not graduated</i>
Registrados no Cref / <i>Registered in Cref</i>	227	124

Totais Brasil / Final numbers of professionals in BrazilNúmero de profissionais – Brasil / *Number of professionals – Brazil, 2003*Base de informações / *Data base: Sistema CONFEF/CREF*

Status	Graduado / <i>graduate</i>	Provisionado / <i>not graduated</i>
Registrados no Cref / <i>Registered in Cref</i>	70.052	26.067

3. Instalações esportivas por estado

3. Sports facilities per state

Nota metodológica Os quadros que se seguem foram organizados a partir do levantamento “Inventário da Infra-estrutura Desportiva Brasileira”, produzido em 1998 e publicado em 2000 pelo então existente Instituto Nacional de Desenvolvimento do Esporte-INDESP, órgão do Ministério do Esporte e Turismo, hoje desmembrado em dois Ministérios, o do Esporte e do Turismo. Este estudo de 1998 consistiu em dados recebidos de 2.602 municípios no país, como uma das contrapartidas que as Prefeituras Municipais deram pelos recursos financeiros repassados pelo Governo Federal. Na sua proposta original, o levantamento foi justificado pelo INDESP como um reinício da coleta de dados feita pelo “Diagnóstico da Educação Física e Desportos no Brasil” de 1971 – também de escopo nacional e de iniciativa federal -, embora tenha utilizado padrões de definição de instalações esportivas distintas das informações que pretendia atualizar. Como o Atlas na parte a cargo do Sistema CONFECREF, pretendeu usar diferentes fontes encontradas nos estados e em vários municípios para atualizar os dados do Inventário de 1998, adotou-se o padrão genérico de cinco tipos de instalações sem maiores detalhes de cobertura (versus “ar livre”), de iluminação (versus “uso apenas diurno”) e outras opções, de modo a abranger todos os tipos de dados disponíveis. Nestas circunstâncias estados

como SP, MG, RJ e SC – possuidores de levantamentos próprios de datas diferentes mas posteriores a 1998 – se situam bastante além das informações coletadas pelo INDESP. Outros meios de atualização foi o de recolhimento pelos CREFs de dados municipais quando identificados, ou mesmo de contagem no campo quando possível. O resultado final consistiu em 3.653 municípios computados, com um aumento de mais de um mil municípios em relação ao total anterior, e correspondendo a 66,5% do somatório de municípios brasileiros em 2003. Cabe esclarecer, todavia, que a adoção de um padrão genérico na tipologia de instalações esportivas no presente levantamento deve ser compreendida como as demais escolhas do Atlas em sua versão inicial de inauguração, ou seja: como uma opção provisória até que seja estabelecido um sistema de estatísticas das atividades físicas no país. Em outras palavras, o padrão genérico alcança apenas indicações de instalações por habitante – uma medida de comparação internacional (ver capítulo sobre “Instalações Esportivas” neste Atlas) -, aumento ou diminuição de construções esportivas e outras não operacionais. A proposição desta parte do mapeamento de infra-estrutura para as práticas de atividades físicas refere-se em princípio às possibilidades de emprego de profissionais da área foco deste Atlas.

Instalações esportivas no RJ / Sport facilities in RJ, 2003

Número de Municípios do Estado / *Number of municipalities in the state* – 92
Número de Municípios Informantes / *Number of respondent municipalities* – 77

Base de informações / *Data base*: Cref 1 e INDESP 2000

Estádios / <i>stadiums</i>	155
Quadras / <i>courts</i>	1.685
Piscinas não residenciais / <i>non residential swimming pools</i>	367
Pistas de atletismo / <i>athletics tracks</i>	39
Ginásios / <i>indoor gymnasiums</i>	270
Campos de futebol / <i>soccer fields</i>	1.122

Instalações esportivas em SP / Sport facilities in SP, 2003

Número de Municípios do Estado / *Number of municipalities in the state* – 645
Número de Municípios Informantes / *Number of respondent municipalities* – 397

Base de informações / *Data base*: Cref 4 e INDESP 2000

Estádios / <i>stadiums</i>	50
Quadras / <i>courts</i>	4.864
Piscinas não residenciais / <i>non residential swimming pools</i>	2.397
Pistas de atletismo / <i>athletics tracks</i>	208
Ginásios / <i>indoor gymnasiums</i>	749
Campos de futebol / <i>soccer fields</i>	3.673

Instalações esportivas no ES / Sport facilities in ES, 2003

Número de Municípios do Estado / *Number of municipalities in the state* – 77
Número de Municípios Informantes / *Number of respondent municipalities* – 34

Base de informações / *Data base*: Cref 1 e INDESP 2000

Estádios / <i>stadiums</i>	n/d
Quadras / <i>courts</i>	530
Piscinas não residenciais / <i>non residential swimming pools</i>	122
Pistas de atletismo / <i>athletics tracks</i>	11
Ginásios / <i>indoor gymnasiums</i>	35
Campos de futebol / <i>soccer fields</i>	717

Instalações esportivas no CE / Sport facilities in CE, 2003

Número de Municípios do Estado / *Number of municipalities in the state* – 184
Número de Municípios Informantes / *Number of respondent municipalities* – 179

Base de informações / *Data base*: Cref 5 e INDESP 2000

Estádios / <i>stadiums</i>	4
Quadras / <i>courts</i>	1.270
Piscinas não residenciais / <i>non residential swimming pools</i>	400
Pistas de atletismo / <i>athletics tracks</i>	10
Ginásios / <i>indoor gymnasiums</i>	30
Campos de futebol / <i>soccer fields</i>	3.700

Instalações esportivas no RGS / Sport facilities in RGS, 2003

Número de Municípios do Estado / *Number of municipalities in the state* – 467
Número de Municípios Informantes / *Number of respondent municipalities* – 302

Base de informações / *Data base*: Cref 2 e INDESP 2000

Estádios / <i>stadiums</i>	n/d
Quadras / <i>courts</i>	2.391
Piscinas não residenciais / <i>non residential swimming pools</i>	581
Pistas de atletismo / <i>athletics tracks</i>	84
Ginásios / <i>indoor gymnasiums</i>	620
Campos de futebol / <i>soccer fields</i>	2.536

Instalações esportivas no MA / Sport facilities in MA, 2003

Número de Municípios do Estado / *Number of municipalities in the state* – 217
Número de Municípios Informantes / *Number of respondent municipalities* – 200

Base de informações / *Data base*: Cref 5 e INDESP 2000

Estádios / <i>stadiums</i>	n/d
Quadras / <i>courts</i>	250
Piscinas não residenciais / <i>non residential swimming pools</i>	120
Pistas de atletismo / <i>athletics tracks</i>	5
Ginásios / <i>indoor gymnasiums</i>	18
Campos de futebol / <i>soccer fields</i>	350

Instalações esportivas em SC / Sport facilities in SC, 2003

Número de Municípios do Estado / *Number of municipalities in the state* – 293
Número de Municípios Informantes / *Number of respondent municipalities* – 182

Base de informações / *Data base*: Cref 3 e INDESP 2000

Estádios / <i>stadiums</i>	14
Quadras / <i>courts</i>	3.749
Piscinas não residenciais / <i>non residential swimming pools</i>	286
Pistas de atletismo / <i>athletics tracks</i>	73
Ginásios / <i>indoor gymnasiums</i>	793
Campos de futebol / <i>soccer fields</i>	1.159

Instalações esportivas no PI / Sport facilities in PI, 2003

Número de Municípios do Estado / *Number of municipalities in the state* – 222
Número de Municípios Informantes / *Number of respondent municipalities* – 200

Base de informações / *Data base*: Cref 5 e INDESP 2000

Estádios / <i>stadiums</i>	n/d
Quadras / <i>courts</i>	328
Piscinas não residenciais / <i>non residential swimming pools</i>	200
Pistas de atletismo / <i>athletics tracks</i>	2
Ginásios / <i>indoor gymnasiums</i>	15
Campos de futebol / <i>soccer fields</i>	650

Instalações esportivas em MG / Sport facilities in MG, 2003Número de Municípios do Estado / *Number of municipalities in the state* – 853Número de Municípios Informantes / *Number of respondent municipalities* – 853Base de informações / *Data base*: Cref 6, INDESP 2000 e SEESP 2000

Estádios / <i>stadiums</i>	59
Quadras / <i>courts</i>	10.906
Piscinas não residenciais / <i>non residential swimming pools</i>	3.917
Pistas de atletismo / <i>athletics tracks</i>	88
Ginásios / <i>indoor gymnasiums</i>	1.863
Campos de futebol / <i>soccer fields</i>	6.343

Instalações esportivas no DF / Sport facilities in DF, 2003Número de Municípios do Estado / *Number of municipalities in the state* – 01Número de Municípios Informantes / *Number of respondent municipalities* –Base de informações / *Data base*: N/d (1)

Estádios / <i>stadiums</i>	n/d
Quadras / <i>courts</i>	n/d
Piscinas não residenciais / <i>non residential swimming pools</i>	n/d
Pistas de atletismo / <i>athletics tracks</i>	n/d
Ginásios / <i>indoor gymnasiums</i>	n/d
Campos de futebol / <i>soccer fields</i>	n/d

(1) No DF, o CREF7 não atualizou dados porque o levantamento INDESP 2000 não incluiu esta Unidade da Federação como também não há disponibilidade de informações sobre Instalações Esportivas por entidades locais.

Instalações esportivas em GO / Sport facilities in GO, 2003Número de Municípios do Estado / *Number of municipalities in the state* – 242Número de Municípios Informantes / *Number of respondent municipalities* – 100Base de informações / *Data base*: Cref 7 e INDESP 2000

Estádios / <i>stadiums</i>	n/d
Quadras / <i>courts</i>	638
Piscinas não residenciais / <i>non residential swimming pools</i>	214
Pistas de atletismo / <i>athletics tracks</i>	15
Ginásios / <i>indoor gymnasiums</i>	115
Campos de futebol / <i>soccer fields</i>	533

Instalações esportivas no TO / Sport facilities in TO, 2003Número de Municípios do Estado / *Number of municipalities in the state* – 139Número de Municípios Informantes / *Number of respondent municipalities* – 67Base de informações / *Data base*: Cref 7 e INDESP 2000

Estádios / <i>stadiums</i>	n/d
Quadras / <i>courts</i>	158
Piscinas não residenciais / <i>non residential swimming pools</i>	37
Pistas de atletismo / <i>athletics tracks</i>	3
Ginásios / <i>indoor gymnasiums</i>	17
Campos de futebol / <i>soccer fields</i>	168

Instalações esportivas no AC / Sport facilities in AC, 2003Número de Municípios do Estado / *Number of municipalities in the state* – 22Número de Municípios Informantes / *Number of respondent municipalities* – 8Base de informações / *Data base*: Cref 8 e INDESP 2000

Estádios / <i>stadiums</i>	n/d
Quadras / <i>courts</i>	30
Piscinas não residenciais / <i>non residential swimming pools</i>	17
Pistas de atletismo / <i>athletics tracks</i>	2
Ginásios / <i>indoor gymnasiums</i>	8
Campos de futebol / <i>soccer fields</i>	24

Instalações esportivas no AM / Sport facilities in AM, 2003Número de Municípios do Estado / *Number of municipalities in the state* – 62Número de Municípios Informantes / *Number of respondent municipalities* – 23Base de informações / *Data base*: Cref 8 e INDESP 2000

Estádios / <i>stadiums</i>	n/d
Quadras / <i>courts</i>	115
Piscinas não residenciais / <i>non residential swimming pools</i>	33
Pistas de atletismo / <i>athletics tracks</i>	3
Ginásios / <i>indoor gymnasiums</i>	12
Campos de futebol / <i>soccer fields</i>	376

Instalações esportivas no PA / Sport facilities in PA, 2003Número de Municípios do Estado / *Number of municipalities in the state* – 143Número de Municípios Informantes / *Number of respondent municipalities* – 41Base de informações / *Data base*: Cref 8 e INDESP 2000

Estádios / <i>stadiums</i>	n/d
Quadras / <i>courts</i>	409
Piscinas não residenciais / <i>non residential swimming pools</i>	234
Pistas de atletismo / <i>athletics tracks</i>	5
Ginásios / <i>indoor gymnasiums</i>	19
Campos de futebol / <i>soccer fields</i>	409

Instalações esportivas em RO / Sport facilities in RO, 2003Número de Municípios do Estado / *Number of municipalities in the state* – 52Número de Municípios Informantes / *Number of respondent municipalities* – 17Base de informações / *Data base*: Cref 8 e INDESP 2000

Estádios / <i>stadiums</i>	n/d
Quadras / <i>courts</i>	98
Piscinas não residenciais / <i>non residential swimming pools</i>	39
Pistas de atletismo / <i>athletics tracks</i>	4
Ginásios / <i>indoor gymnasiums</i>	10
Campos de futebol / <i>soccer fields</i>	316

Instalações esportivas em RR / Sport facilities in RR, 2003Número de Municípios do Estado / *Number of municipalities in the state* – 15Número de Municípios Informantes / *Number of respondent municipalities* – 6Base de informações / *Data base*: Cref 8 e INDESP 2000

Estádios / <i>stadiums</i>	n/d
Quadras / <i>courts</i>	18
Piscinas não residenciais / <i>non residential swimming pools</i>	n/d
Pistas de atletismo / <i>athletics tracks</i>	12
Ginásios / <i>indoor gymnasiums</i>	5
Campos de futebol / <i>soccer fields</i>	16

Instalações esportivas no PR / Sport facilities in PR, 2003Número de Municípios do Estado / *Number of municipalities in the state* – 399Número de Municípios Informantes / *Number of respondent municipalities* – 229Base de informações / *Data base*: Cref 9 e INDESP 2000

Estádios / <i>stadiums</i>	11
Quadras / <i>courts</i>	2.374
Piscinas não residenciais / <i>non residential swimming pools</i>	1.048
Pistas de atletismo / <i>athletics tracks</i>	47
Ginásios / <i>indoor gymnasiums</i>	438
Campos de futebol / <i>soccer fields</i>	1.614

Instalações esportivas na PB / Sport facilities in PB, 2003Número de Municípios do Estado / *Number of municipalities in the state* – 223Número de Municípios Informantes / *Number of respondent municipalities* – 131Base de informações / *Data base*: Cref 10 e INDESP 2000

Estádios / <i>stadiums</i>	4
Quadras / <i>courts</i>	289
Piscinas não residenciais / <i>non residential swimming pools</i>	90
Pistas de atletismo / <i>athletics tracks</i>	8
Ginásios / <i>indoor gymnasiums</i>	20
Campos de futebol / <i>soccer fields</i>	381

Instalações esportivas no RN / Sport facilities in RN, 2003Número de Municípios do Estado / *Number of municipalities in the state* – 166Número de Municípios Informantes / *Number of respondent municipalities* – 69Base de informações / *Data base*: Cref 10 e INDESP 2000

Estádios / <i>stadiums</i>	n/d
Quadras / <i>courts</i>	230
Piscinas não residenciais / <i>non residential swimming pools</i>	68
Pistas de atletismo / <i>athletics tracks</i>	3
Ginásios / <i>indoor gymnasiums</i>	19
Campos de futebol / <i>soccer fields</i>	392

Instalações esportivas no MT / Sport facilities in MT, 2003Número de Municípios do Estado / *Number of municipalities in the state* – 126Número de Municípios Informantes / *Number of respondent municipalities* – 76Base de informações / *Data base*: Cref 11 e INDESP 2000

Estádios / <i>stadiums</i>	10
Quadras / <i>courts</i>	710
Piscinas não residenciais / <i>non residential swimming pools</i>	151
Pistas de atletismo / <i>athletics tracks</i>	13
Ginásios / <i>indoor gymnasiums</i>	52
Campos de futebol / <i>soccer fields</i>	708

Instalações esportivas no MS / Sport facilities in MS, 2003Número de Municípios do Estado / *Number of municipalities in the state* – 77Número de Municípios Informantes / *Number of respondent municipalities* – 50Base de informações / *Data base*: Cref 11 e INDESP 2000

Estádios / <i>stadiums</i>	15
Quadras / <i>courts</i>	1.090
Piscinas não residenciais / <i>non residential swimming pools</i>	287
Pistas de atletismo / <i>athletics tracks</i>	19
Ginásios / <i>indoor gymnasiums</i>	108
Campos de futebol / <i>soccer fields</i>	530

Instalações esportivas em AL / Sport facilities in AL, 2003Número de Municípios do Estado / *Number of municipalities in the state* – 102Número de Municípios Informantes / *Number of respondent municipalities* – 85Base de informações / *Data base*: Cref 12 e INDESP 2000

Estádios / <i>stadiums</i>	02
Quadras / <i>courts</i>	300
Piscinas não residenciais / <i>non residential swimming pools</i>	168
Pistas de atletismo / <i>athletics tracks</i>	3
Ginásios / <i>indoor gymnasiums</i>	16
Campos de futebol / <i>soccer fields</i>	600

Instalações esportivas em PE / Sport facilities in PE, 2003Número de Municípios do Estado / *Number of municipalities in the state* – 185Número de Municípios Informantes / *Number of respondent municipalities* – 88Base de informações / *Data base*: Cref 12 e INDESP 2000

Estádios / <i>stadiums</i>	4
Quadras / <i>courts</i>	467
Piscinas não residenciais / <i>non residential swimming pools</i>	205
Pistas de atletismo / <i>athletics tracks</i>	9
Ginásios / <i>indoor gymnasiums</i>	16
Campos de futebol / <i>soccer fields</i>	585

Instalações esportivas na BA / Sport facilities in BA, 2003Número de Municípios do Estado / *Number of municipalities in the state* – 415Número de Municípios Informantes / *Number of respondent municipalities* – 179Base de informações / *Data base*: Cref 13 e INDESP 2000

Estádios / <i>stadiums</i>	1
Quadras / <i>courts</i>	1.419
Piscinas não residenciais / <i>non residential swimming pools</i>	1.033
Pistas de atletismo / <i>athletics tracks</i>	18
Ginásios / <i>indoor gymnasiums</i>	109
Campos de futebol / <i>soccer fields</i>	1.608

Instalações esportivas em SE / Sport facilities in SE, 2003Número de Municípios do Estado / *Number of municipalities in the state* – 75Número de Municípios Informantes / *Number of respondent municipalities* – 60Base de informações / *Data base*: Cref 13 e INDESP 2000

Estádios / <i>stadiums</i>	2
Quadras / <i>courts</i>	200
Piscinas não residenciais / <i>non residential swimming pools</i>	90
Pistas de atletismo / <i>athletics tracks</i>	2
Ginásios / <i>indoor gymnasiums</i>	16
Campos de futebol / <i>soccer fields</i>	350

Totais Brasil / Final numbers of sport facilities in Brazil**Instalações esportivas – Brasil / Sport facilities – Brasil, 2003**Número de Municípios do País / *Number of municipalities in the state* – 5.493Número de Municípios Informantes / *Number of respondent municipalities* – 3.653Base de informações / *Data base*: Sistema CONFEEF/CREF's e INDESP 2000

Estádios / <i>stadiums</i>	331 (12 informantes)
Quadras / <i>courts</i>	31.297
Piscinas não residenciais / <i>non residential swimming pools</i>	12.160
Pistas de atletismo / <i>athletics tracks</i>	686
Ginásios / <i>indoor gymnasiums</i>	5.381
Campos de futebol / <i>soccer fields</i>	29.073

Academias de ginástica e condicionamento físico – origens

JOSÉ MAURÍCIO CAPINUSSÚ

Health & fitness facilities, gyms, sports clubs – Historical milestones

The 'academia de ginástica' – current expression in Brazil – can be understood today more appropriately as a commercial activity of physical conditioning, initiation and sports practices. Besides the main and traditional meaning that the expression 'academia' has always had of association or society of scientific, literary and artistic nature, the Brazilian connotation for it, historically speaking, has also attached the additional meaning of entrepreneurial activities to the teaching of gymnastics, ballet,

dances, weight training, martial arts, yoga, swimming and physical activities in general. The first 'academias' as business enterprises in Brazil came up in the 1890s in the states of São Paulo and Maranhão. The intensive Japanese immigration at the beginning of the 20th century offered oriental martial arts as physical activities in 'academias'. In the 1920s and 1930s, physical activities were 're-invented' by immigrants that came from Central Europe, who then offered a mix of dances and gymnastics. In the 1940s,

PE teachers joined the business finally generating the eclectic model that has prevailed in the country. The rapid expansion of the 'academias' in the country started in the 1970s (12% a year), reaching more than 12,000 units and making up the fourth market of the world in this sector with annual revenue of US\$1,2 billion in 2003. The 'academias' also employ around 60-70% of the PE graduates every year. In all, the economic sector that includes the 'academias' generates 140,000 jobs in Brazil.

Definições A Academia de Ginástica – expressão corrente no Brasil – pode ser entendida nos dias presentes mais apropriadamente como uma Entidade de Condicionamento Físico, Iniciação e Prática Esportiva de Cunho Privado. Porém, historicamente, a conotação brasileira para o termo “academia” tem sido usado aposto a empreendimentos de ensino de ginástica, balé, danças, musculação e halterofilismo, lutas, ioga, natação e atividades físicas de um modo geral, além do sentido principal e tradicional de sociedade ou agremiação de caráter científico, literário ou artístico. Assim entendida, “academia” por vezes expressa sentido de ginásio, centro, espaço, estúdio, escola de natação e até mesmo de clube, aproximando-se da origem grega da palavra que se relacionava a um local de práticas de ginástica e de atividades lúdicas em meio a transações filosóficas. Com este sentido, Platão em 378 a.C. fundou a sua Academia, assim denominada em homenagem ao herói ateniense Academos.

Origens A academia na versão brasileira relacionada aos exercícios físicos surgiu como prática comercial e a partir de iniciativas variadas e sujeita a distintas denominações. A unificação da expressão surgiu espontaneamente nas últimas décadas possivelmente por facilitar a identificação de um interventor profissional autônomo em múltiplas formas de atividades físicas. Portanto, a academia teve diferentes abordagens especializadas até o sentido eclético hoje dominante no Brasil. E as atividades pioneiras, nestas circunstâncias, foram de quatro ordens a partir do final do século XIX, todas de iniciativa privada e sujeitas à remuneração por serviço prestado: uma de prática de ginástica relacionada a um clube esportivo, uma de ensino de natação em local público adaptado, outra grupal destinada ao ensino de lutas, e uma outra, já no formato atual de academia, que ofertou práticas de halterofilismo ou associou exercícios ginásticos com dança clássica e/ou moderna. Nesta evolução histórica, o ensino de natação a partir da década de 1970 assumiu uma identidade própria com a criação das chamadas “escolinhas de natação” como pequenos empreendimentos comerciais. Estas entidades expandiram-se aceleradamente, mas ao final década de 1990, começaram a se extinguir ou a se reajustar ao modelo eclético vigente sugerindo que a academia brasileira tem sua rentabilidade vinculada à variedade de ofertas.

1890 Em 7 de novembro deste ano, um grupo de 23 pessoas reuniu-se no Hotel Albion, na cidade de São Paulo – SP, e fundou o *Deutsch Turnerschaft 1890*, cujo objetivo original era a manutenção de um Clube de Ginástica. Entretanto, por decisão do presidente, Max Auerbach, a iniciativa desde o início tornou-se empreendedora, cobrando 10 mil réis de inscrição e uma mensalidade de dois mil réis para sócios e não sócios, exclusivamente para fazer ginástica.

1893 Neste ano, em São Luís do Maranhão, de acordo com fonte publicada em jornal de 1951, um grupo de nadadores construiu, com patrocínio, um tanque que captava água da cheia da maré e, na baixa, dava aulas de natação às crianças, por uma determinada quantia mensal.

1914 Neste ano, um cidadão japonês conhecido como Maeda Koma, montou, em Belém-PA, o primeiro estabelecimento comercial de ensino de jiu-jitsu no Brasil, embora sua especialidade fosse o judô. Koma chegou ao Brasil em meio aos grandes fluxos de imigrantes japoneses que tiveram início em 1908, dirigidos sobretudo para SP e PR. Mas Koma situou-se em Belém por ser um porto de entrada no país e por atender seu objetivo original de receber imigrantes japoneses e fixá-los em novas terras e ocupações.

Décadas de 1920 – 1930 O período foi nitidamente marcado por profissionais adaptados ou improvisados às práticas físicas, vindos do exterior com alguma especialização ou experiência que passaram a atuar no Brasil como inovadores nas duas cidades principais do país e em algumas capitais estaduais. Como a disponibilidade de profissionais formados em nível superior somente ganhou impulso importante na década de 1940, estes interventores leigos aparentemente responderam à demanda social por exercícios físicos ainda em fase de construção coletiva pela cultura brasileira.

1923 O japonês Takagi Saigo se estabelece na cidade de São Paulo - SP, com a primeira entidade de ensino de judô do país. No Rio de Janeiro, o “Jornal do Brasil” anuncia (13/06/1923) que Anita Hamburger, professora de “ginástica rítmica” de Zurique – Suíça, estava se estabelecendo no Brasil para introduzir o ensino e prática de sua especialidade.

1924 Tatsuo Okoshi, japonês, 7º. dan, cria, também na cidade de São Paulo, o Instituto Kodokan, filial da instituição sediada em Tóquio, onde inicia-se a oferta de aulas de judô.

1925 Enéas Campello, português, instrutor de educação física do Colégio Militar - RJ, função que antes exercia no Colégio da Luz, em Lisboa, monta o ginásio que leva o seu nome na rua das Marrecas, 35, no centro do Rio de Janeiro - RJ. Ainda neste mesmo ano, Naruna Amorim Corder, paraense de nascimento, educada na Inglaterra, onde estudou no Royal Ballet Academy, instala um estabelecimento de aprendizagem na rua Evaristo da Veiga (centro do Rio de Janeiro), nos fundos da igreja inglesa, ministrando aulas de balé clássico, dança moderna, sapateado, ginástica rítmica e ginástica acrobática. Pressupõe-se que esta academia (expressão atual e usada doravante neste capítulo) tenha sido a primeira de natureza eclética do Brasil, partindo da dança como atividade básica. Por seu turno, o Ginásio Campello além da oferta de atividades físicas passou a fabricar pesos e halteres, sugerindo-se assim haver uma demanda crescente de estabelecimentos similares na cidade do Rio de Janeiro, ao longo das décadas de 1920 e de 1930.

1927 Carlos Gracie, natural de Belém-PA e um dos mais aplicados alunos do “Conde” Koma, abre uma academia dedicada ao ensino do jiu-jitsu, no bairro do Flamengo (rua Marquês de Abrantes, 106), no Rio de Janeiro, então capital do país.

1928 Geo Amori, também japonês, abre academia de judô no frontão do Braz, em São Paulo-SP, cidade já assumindo à época como maior centro industrial do Brasil.

1930 O mesmo Geo Amori inaugura academia de judô na Associação Cristã de Moços – ACM, do Rio de Janeiro, a primeira da modalidade na então Capital Federal e já convivendo com outras atividades de ginástica e de práticas esportivas típicas desta entidade filantrópica à época.

1931 Greta Hillefeld, alemã nascida em Dortmund, abre uma academia de ginástica em sua casa (rua Pereira da Silva, Laranjeiras) no Rio de Janeiro. Neste mesmo período (década confirmada, com ano estimado) foi fundado na cidade de São Paulo o Instituto de Cultura Física Adriano Delaunay, renomado boxeur da época. Oferecia, além do boxe, ginástica em grupo e individual, natação, badminton, e banhos, duchas e massagens. A empresa ainda funciona na Vila Mariana, na citada cidade, com os descendentes de Delaunay em terceira geração administrando o negócio.

1932 Mestre Bimba abre o “Centro de Cultura Física e Capoeira Regional” em Salvador- BA. Os irmãos Ono abrem sua academia de judô em São Paulo. Posteriormente, montam filiais em Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná e Bahia. Sobei Tani, outro japonês, judoca 6º. dan, funda sua academia na capital paulista, na região do Jaraguá.

1933 Lucy Barroso, ex-aluna de balé da russa Maria Olenewa, monta, em Fortaleza - CE, numa dependência de sua residência, a primeira academia do nordeste do Brasil, ministrando aulas de ginástica. Posteriormente, em 1939, transfere a instituição para outro local com a denominação do seu próprio nome, adicionando à ginástica aulas de sapateado e ginástica corretiva. Seisutsu Fukaia, japonês, abre sua academia nas dependências do Clube Germânia (hoje denominado de Pinheiros), em São Paulo, onde inicia seus ensinamentos de judô. Em ambos os casos, já era evidente a tendência ao ecletismo pela associação de várias atividades num mesmo local de práticas.

1935 Hellen Keller Als, holandesa, abre duas academias dedicadas à prática de ginástica feminina na Praia de Botafogo (zona sul) e na rua Gonçalves Dias (centro), no Rio de Janeiro. Este tipo de oferta aparenta constituir uma das primeiras abordagens de grupo alvo, hoje comum entre academias de alto nível no Brasil.

1936 Agenor “Sinhozinho” Sampaio, inaugura em Ipanema (Av Vieira Souto), Rio de Janeiro – RJ, um ginásio destinado ao ensino de lutas (capoeira na versão carioca), halterofilismo e ginástica, adotando procedimentos hoje generalizados no âmbito das academias nacionais.

1937 Greta Hillefeld abre uma academia em Copacabana (Rua Duvivier), ampliando sua oferta de aulas de ginástica.

1938 Ana Baliska, russa, primeira bailarina do balé de Varsóvia, abre academia em Copacabana, Rio de Janeiro – RJ, dedicada à prática do balé e da ginástica feminina moderna. Emma Vargas, húngara, inaugura academia também em Copacabana (rua Djalma Ulrich). Pierre Michailowsky e Anna Grabinsky, russos, montam academia de balé e ginástica em Copacabana, confirmando a vocação do bairro quanto à valorização de exercícios corporais e relações sociais adaptadas à praia e ao banho de mar. Neste mesmo ano, Kyuzo Ogawa, 8º. dan de judô, abre, em São Paulo academia que leva o seu nome.

Década de 1940 A partir deste período delineou-se o modelo eclético de academia que hoje predomina no Brasil com base na ginástica, oferta adicional de lutas e/ou de halterofilismo (por vezes chamado de “culturismo”, na época em foco), e profissionais habilitados por formação superior. Começou também a declinar neste estágio os profissionais vindos do exterior no setor, mas ainda prevalecendo um sentido personalizado de liderança nas atividades, daí as academias da época portarem o nome de quem operava.

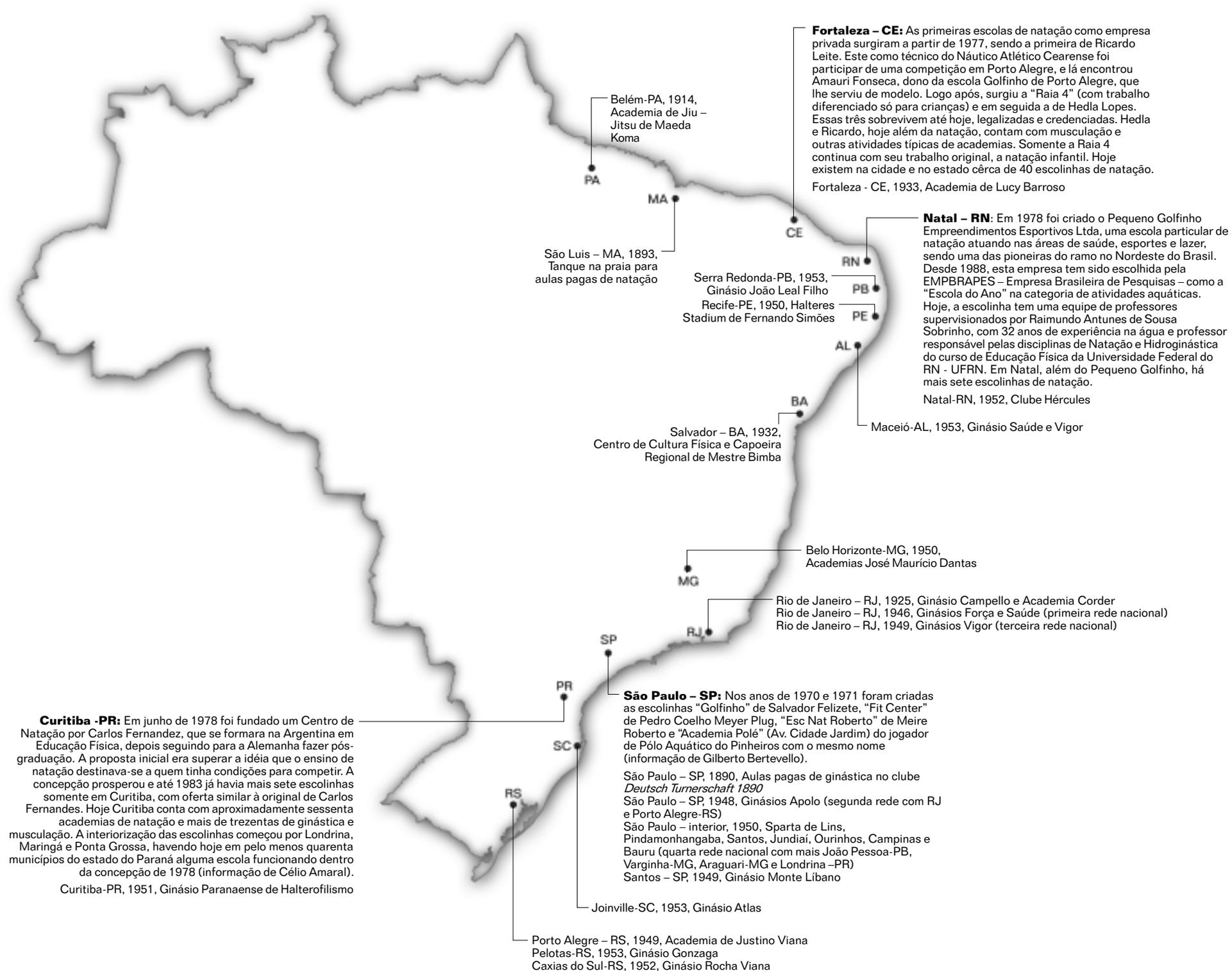
Fontes Capinussu, J.M. e DaCosta, L.P., Academias de Ginástica, Ibrasa, SP, 1989; Capinussu, J.M., Administração desportiva Moderna, Ibrasa, SP, 2002; Luiz do Santos; DaCosta, L.P., Diagnóstico da Educação Física e Desportos nos Brasil, Fename, Brasília, 1971.

Academias pioneiras em cada estado – Casos identificados por local e ano, 1890 – 1953

Pioneer health & fitness clubs – Identified cases per state and year, 1890 – 1953

Exemplos selecionados de fundação de escolinhas de natação por capital estadual, Década de 1970

Selected cases of swimming schools as business enterprises per state capital, 1970s



Academias de ginástica e condicionamento físico – Desenvolvimento

GILBERTO J. BERTEVELLO

Health & fitness facilities, gyms, spas, sports clubs – Development

Health clubs in Brazil have grown 20 times since 1970. This growth has included continuous innovations that have been taking place since the beginning offers of martial arts, dance, gymnastics and weight lifting. Karate was the novelty in the 1970s, followed by aerobics (1970s),

capoeira (1980s), swimming (swimming schools), water aerobics, yoga and various other methods of fitness that were multiplied in the 1990s. Brazilian health clubs employ 60% to 70% of physical education graduates every year. The explanation for the growing and continuous

job expansion of the health club market since the 1970s (see map) lies (i) in the several changes of lifestyle the Brazilian population has gone through, (ii) in the growth of the population and (iii) in the need for more professionals in this area of intensive work.

1941 – 1942 Em São Paulo – SP, abre-se a Academia de Kid Jofre, com Boxe e Ginástica, localizada no Largo Paissandu, provavelmente remanescente do Clube Espéria, onde se iniciou Eder Jofre, campeão mundial de boxe em sua categoria. Esta entidade mudou-se para a Rua Santa Efigênia, em meados de 1943. Neste mesmo período de 1941 – 1942, abriu-se a Academia Guarani, na Praça das Bandeiras, de propriedade do Sr. Beneamino Ruta, como também um estabelecimento similar dirigido pela família Zumbano (também vinculada ao boxe), do qual não há registros sobre localização nem datas precisas de funcionamento.

1946 Marcelo Benjamim de Viveiros abre o Ginásio Força e Saúde no centro do Rio de Janeiro (rua Erasmo Braga, 277), oferecendo desenvolvimento corporal por meio da prática do halterofilismo (levantamento de peso e musculação). Esta academia abriu o movimento “Força e Saúde” que se reproduziu em escala nacional até a década de 1970 (incluindo revista para seus aficionados).

1947 Paulo Ernesto Ribeiro e os irmãos Santana (Ronaldo e Leônidas) inauguram o “Ginásio de Pesos e Halteres”, em Copacabana (rua Santa Clara, 217), no Rio de Janeiro-RJ. No mesmo bairro, Augusto Cordeiro funda sua academia de judô à rua Barata Ribeiro, 530. Enid Sauer, integrante da primeira turma formada pela Escola Nacional de Educação Física e Desportos da então Universidade do Brasil, no início da década de 1940, começa a dar aulas de ginástica feminina na Associação dos Servidores Civis do Brasil, sediada no Rio de Janeiro.

1948 Renato Pace inaugura academia no Clube Hércules, no bairro Higienópolis, São Paulo-SP, dedicada à prática do halterofilismo. Nisio Dourado inaugura o Ginásio Apolo, no Centro do Rio de Janeiro (rua do Rosário, 99 – 1º.), também ministrando aulas de halterofilismo. Outro Ginásio Apolo é aberto em Jardim Paulista, São Paulo-SP. Na Tijuca, Rio de Janeiro-RJ (rua Aguiar) é inaugurado o Ginásio Brasil de Halterofilismo.

1949 Yara Jardim Vaz, formada em Educação Física, abre academia no Leblon, Rio de Janeiro-RJ (rua Rita Ludolf) destinada ao ensino e à prática da ginástica rítmica. Academias de halterofilismo são abertas em Porto Alegre-RS (Justino Viana); Santos-SP (Ginásio Monte Líbano) e Cinelândia, Rio de Janeiro-RJ (Ginásio Vigor).

Década de 1950 As academias expandem-se no sentido do interior do Brasil e das grandes cidades para capitais do Estados e para municípios de porte médio. Os vetores deste crescimento são o halterofilismo e as artes marciais japonesas.

1950 Oferecendo halterofilismo e/ou lutas surgem academias em Recife-PE (Fernando Simões e Halteres Stadium), Belo Horizonte-MG (José Maurício Dantas com duas academias), João Pessoa-PB (Sparta), Londrina-PR (Sparta), Rio de Janeiro-RJ (três entidades), São Paulo-SP (quatro entidades), São Paulo – interior (Lins, Pindamonhangaba, Santos, Jundiá, Ourinhos, Campinas e Bauru). Yoshinasa Nagashima inicia aulas de Judô na Associação Atlética Banco do Brasil, na sua sede do Rio de Janeiro-RJ. Também neste ano e no seguinte, funcionou na Academia de Pugilismo de Kid Jofre (Rua Santa Efigênia, cidade de São Paulo), um espaço cedido para a prática de capoeira, talvez uma das primeiras iniciativas do ensino desta luta em SP.

1951 Novas academias de halterofilismo no Rio de Janeiro-RJ, em São Cristóvão (Rua General Argolo); em São Paulo-SP, em Vila Clementino; em Curitiba-PR (Ginásio Paranaense de Halterofilismo); e em Fortaleza-CE (Centro de Cultura Física Cearense).

1952 Academias de halterofilismo em Natal-RN (Clube Hércules); Varginha-MG (Ginásio Sparta); Araguari-MG (Academia Sparta); Recife-PE (Ginásio Poder Muscular e Ginásio Milo de Crotona); Porto Alegre-RS (Clube Apolo); Caxias do Sul-RS (Ginásio Rocha Viana); Rio de Janeiro-RJ (Ginásio Greno, na Tijuca, e, em Vila Isabel, o Ginásio Maracanã). Neste ano, Takeshi Ueda funda, no Rio de Janeiro-RJ, a academia de judô Ren-Sei-Kan, inicialmente no centro da cidade e, posteriormente, fixando-se no subúrbio de Cascadura.

1953 Academias de halterofilismo em Serra Redonda-PB (Ginásio João Leal Filho); Maceió-AL (Ginásio Saúde e Vigor); Joinville-SC (Ginásio de Pesos e Halteres Atlas); Pelotas-RS (Ginásio Gonzaga); Porto Alegre-RS (Ginásio Apollon).

1954 George Mehdi, francês, abre academia de judô com seu nome, no Rio de Janeiro-RJ (Copacabana); em Ipanema na mesma cidade, Rudolf Hermany inaugura sua academia de judô, e Eilthel Seixas abre uma academia de ginástica e halterofilismo, no complexo do antigo Cine Pax, na Praça N. S. da Paz (Ipanema).

1955 Gastão Gracie abre sua academia de jiu-jitsu em São Paulo-SP, e começam a funcionar, no Rio de Janeiro-RJ, a Academia Nipo-Brasileira, o Centro de Instrução Irmãos Melo, a Colônia São Bento e a Colônia de Santa Cruz, todas instituições dedicadas ao ensino do judô e situadas em áreas rurais do Estado.

1956 Haroldo Brito abre, em Ipanema, Rio de Janeiro-RJ, o Judô Clube Haroldo Brito.

1957 Em Marechal Hermes, subúrbio do Rio de Janeiro-RJ, funda-se a Academia Suburbana de Judô; na mesma cidade, George Gracie funda, na Cinelândia (rua Senador Dantas, 7), a academia de jiu-jitsu que leva o seu nome.

1958 Fausto Allegreto inaugura no Rio de Janeiro-RJ (av Rio Branco, 114 – Centro), um ginásio de halterofilismo com o seu nome; o japonês Shunji Hinata funda no Rio de Janeiro-RJ, em Copacabana (rua Siqueira Campos, 43), a Academia Japonesa de Judô; em Duque de Caxias-RJ, cria-se a Academia Lider de Judô; neste ano surge no Centro do Rio de Janeiro-RJ, o Ginásio Portuário (Av. Rodrigues Alves) com a sua seção de judô e halterofilismo. Almir Ribeiro abre academia de Jiu-jitsu, no centro do Rio de Janeiro-RJ.

1959 Yoshinasa Nagashima e Fumio Miva fundam, em Niterói-RJ, uma academia de de judô (rua Miguel de Frias – Icaraí).

Década de 1960 Lirton Monassa e Almeridio “Marujo” de Barros, professores da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do RJ (antiga Universidade do Brasil), fundam a Kobu-Kan, na Praia de Botafogo, instituição pioneira no ensino de caratê no Estado do Rio de Janeiro (1960); William Felipe, professor formado pela UFRJ, abre em 1963, na Tijuca – RJ (rua Clóvis Beviláqua), a Academia Shidokan, destinada ao ensino do caratê e da musculação; e Tokio Mao, japonês, funda, em Niterói-RJ, sua academia de judô (1964). Em SP, funda-se em 1963, a Academia Spartaco de propriedade do Sr. Eugênio Koprowski, atual presidente da Federação Paulista de Musculação; em 1966, surge a Rodan, academia de musculação situada nas esquinas da Av. São João com Av. Ipiranga, de propriedade de Aparecido Roldan, ainda hoje administrando três unidades no centro de São Paulo; no final da década, criou-se o Instituto Gracie de Jui-jitsu também no centro da cidade, pertencente à família Gracie já instalada no RJ.

1971 Primeiro levantamento das academias existentes no país pelo Diagnóstico da Educação Física e Desportos no Brasil

(DaCosta, L. P., 1971, pp. 155 – 157), indicando que somente algumas capitais estaduais faziam registro destes estabelecimentos em órgãos da prefeitura. Em 14 estados foram constatados registros de 202 academias (SP, MG e PR excluídos), sugerindo-se a possibilidade de não se ter mais de mil entidades deste tipo operando em âmbito nacional. Nas três décadas passadas desde este estudo, o número de academias no Brasil multiplicou-se 20 vezes.

Décadas de 1970 – 1990 Neste período a expansão das academias acelera-se em todo o país, alcançando elevada escala de oferta e porte empresarial nas entidades de ponta. Há evidências também da demanda de profissionais em Educação Física ter se alterado em função da influência crescente das academias (ver mapa). Entre as diversas adaptações da oferta, cabe revelar a inclusão de escolinhas de natação, que criaram um diferencial destacado como também pode ser apreciado nos casos incluídos no mapa.

Situação Atual A partir da década de 1970 até os dias presentes, as academias evoluíram no Brasil em continua expansão de suas bases tradicionais, ou seja, pela inclusão de inovações de atividades físicas no núcleo original definido pelas lutas, dança, ginástica e halterofilismo. Assim sendo, o caratê constituiu a inovação da década de 1960, seguido pela ginástica aeróbica da década de 1970, pela capoeira dos anos de 1980 e por natação (escolinhas), hidroginástica, yoga e métodos variados de *fitness* que se multiplicaram ao longo da década de 1990, sobretudo por influência norte-americana.

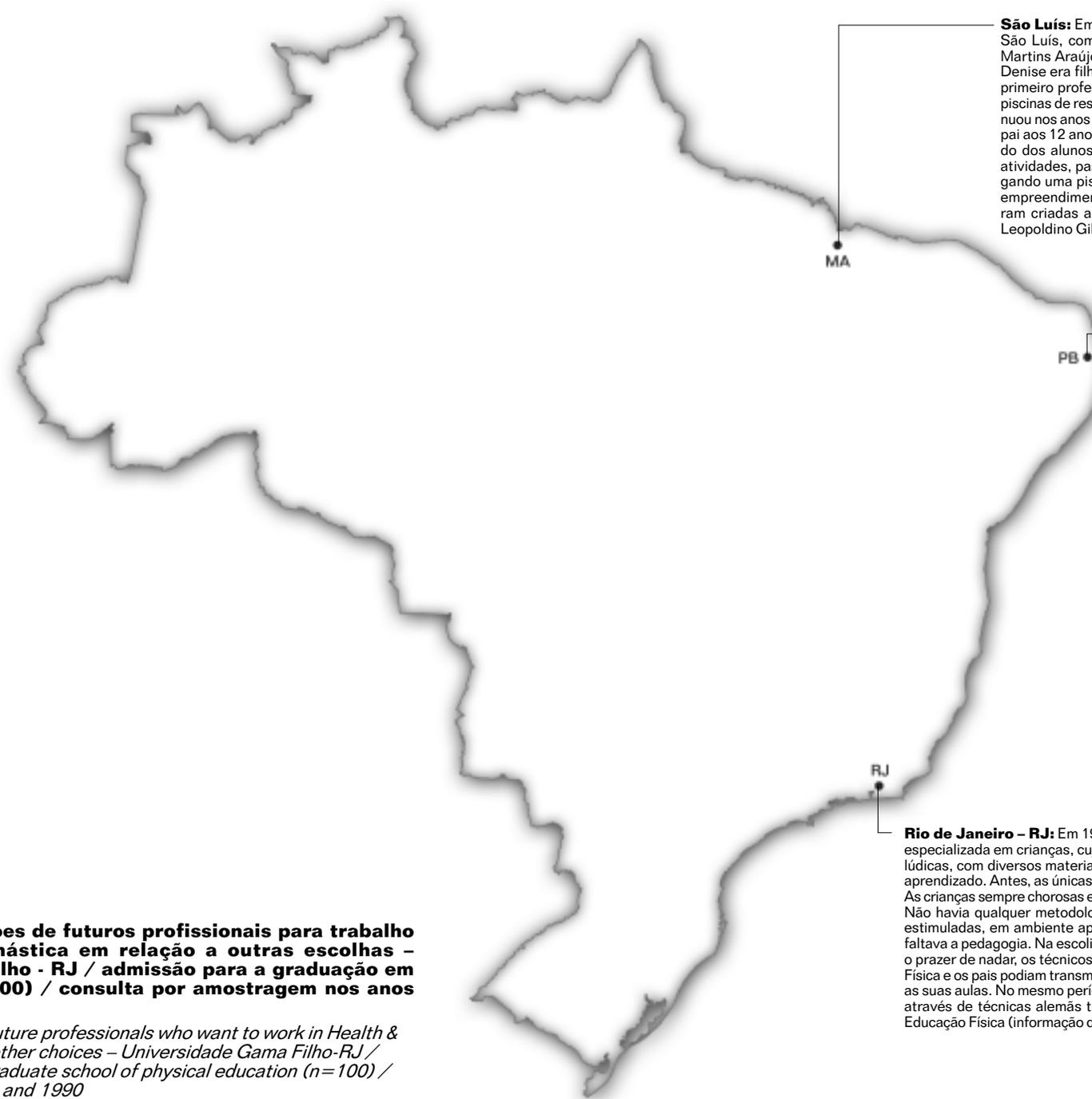
A experiência das três últimas décadas mostrou igualmente que este crescimento se ajustou às demandas da clientela e aos modismos de exercícios físicos, dando às academias um sentido operacional de marketing, distinto portanto da tradição de liderança personalizada de seus gestores. Um reforço a este pressuposto incide no fato de que o modelo de academia tem sido adotado por clubes, escolas, hotéis e até empresas como oferta adicional às suas rotinas. Por outro lado, mais recentemente, esta adaptação aos destinatários dos serviços rendeu-se à racionalização financeira em específico quanto às escolinhas de natação: de um total nacional estimado de 800 mil alunos em meados da década de 1990, haveria apenas 50% deste número em atividades em 2003. A razão do decréscimo estaria no crescimento dos custos de instalação e/ou manutenção de piscinas.

Em síntese, convivem hoje no Brasil diferentes modelos de gestão de academias de acordo com o local em que se situam e com o poder aquisitivo de seus praticantes. De qualquer modo, tal adaptação possibilitou maior profissionalização e a localização de academias em qualquer parte do território nacional, em áreas ricas ou pobres, constituindo então uma das instituições de maior presença no país e um meio importante de geração de emprego e de atividade econômica.

Em termos quantitativos, as academias existentes do país devem estar contribuindo para a absorção de 60 a 70 % (estimativas de RJ e SP) dos profissionais de Educação Física que entram no mercado de trabalho em primeiro emprego a cada ano. A explicação da crescente e contínua expansão do emprego desde a década de 1970 nas academias, apóia-se nas mudanças do estilo de vida da população brasileira, que tem aumentado a clientela, como também no fato destas entidades operarem com mão de obra intensiva: enquanto uma escola com 500 alunos mobiliza em média quatro professores de Educação Física, o mesmo número de clientes numa academia demanda dez professores.

Exemplos selecionados de fundação e desenvolvimento de escolinhas de natação por capital estadual, década de 1980

Selected cases of swimming schools as business per state capital, 1980s



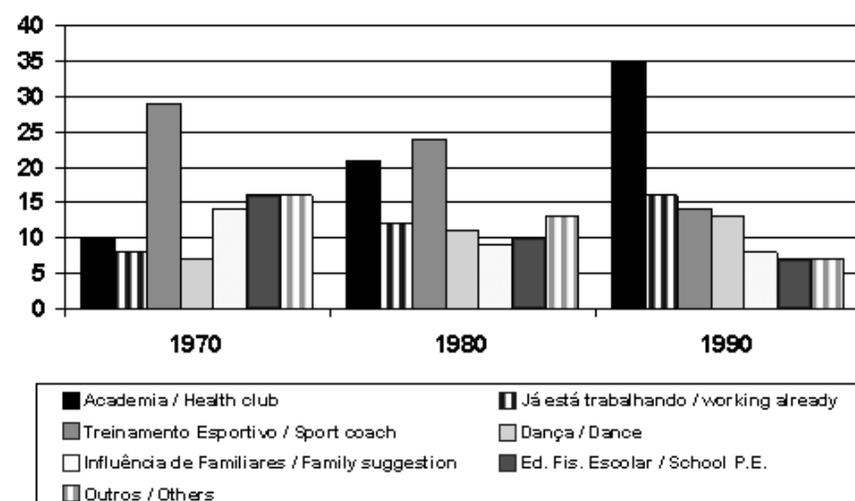
São Luís: Em 1983, funda-se a primeira escola de natação de São Luís, com piscina própria – a “Viva Água” – por Denise Martins Araújo e Oswaldo Telles de Sousa Neto. A professora Denise era filha de Antonio Maria Zacarias Bezerra de Araújo, primeiro professor de natação da cidade, que iniciara aulas em piscinas de residências particulares em 1953. Essa prática continuou nos anos de 1960 e 1970. Denise começou a acompanhar o pai aos 12 anos no atendimento a domicílio de natação, cuidando dos alunos de menor idade. Com o pai assumindo outras atividades, passou a se responsabilizar por aquelas aulas, alugando uma piscina para a “sua” escola de natação. Depois do empreendimento de 1983 mais onze escolinhas de natação foram criadas até os dias presentes na cidade (informação de Leopoldino Gil Dulcio Vaz e Denise Martins de Araújo).

João Pessoa: Em 1980 as irmãs e professoras de Educação Física, Maria Lia Dantas da Nóbrega e Maria Lea Dantas da Nóbrega fundaram a academia Aquazul, implantada como escola de natação. Posteriormente as academias de ginástica foram ampliando a prática dessa atividade, estendendo-se para os bairros da periferia, como também para as áreas nobres e orla marítima. Em 1985, Karla Diniz Liberato funda a sua escola denominada Moby Dick; em 1987, Bernadete de Lourdes cria a Academia Pingo D’água; em 1988, Marquinho Jorge, Antônio Lira e José Fernandes dão início à Água Viva; em 1990, Francisca de Paula lança a Academia Gináqua-center; em 1993, é dissolvida a Aquazul. Atualmente, no estado da Paraíba existem cerca de 60 academias que desenvolvem o ensino da natação (informação de Adalberto Delgado Júnior)

Rio de Janeiro – RJ: Em 1982, nasce a “Estilo”, primeira escola de natação especializada em crianças, cujo objetivo era alcançado através de experiências lúdicas, com diversos materiais didático-pedagógicos, em processo natural de aprendizado. Antes, as únicas opções para se aprender a nadar eram os clubes. As crianças sempre chorosas excediam em muito o número de alunos por técnico. Não havia qualquer metodologia de ensino que as deixassem sentir seguras, estimuladas, em ambiente apropriado. O modelo era totalmente mecanicista, faltava a pedagogia. Na escolinha “Estilo”, a água aquecida da piscina favorecia o prazer de nadar, os técnicos foram substituídos por professores de Educação Física e os pais podiam transmitir a confiança necessária a seus filhos, assistindo as suas aulas. No mesmo período, apareceram as aulas de natação para bebês, através de técnicas alemãs trazidas pelo Ayrton Leite, também professor de Educação Física (informação de José Carlos Villela).

Crescimento das opções de futuros profissionais para trabalho em academias de ginástica em relação a outras escolhas – Universidade Gama Filho - RJ / admissão para a graduação em Educação Física (n=100) / consulta por amostragem nos anos de 1970, 1980 e 1990

Growth in the number of future professionals who want to work in Health & Sport clubs in relation to other choices – Universidade Gama Filho-RJ / admissions to the undergraduate school of physical education (n=100) / samples from 1970, 1980 and 1990



Fonte / source: Rezende, H., Reflexões sobre a Formação Profissional em Educação Física (pesquisa em andamento / research in progress), UGF – RJ, 2003.

Academias de ginástica e condicionamento físico – Sindicatos & associações

GILBERTO BERTEVELLO

Health & fitness facilities, gyms, sports clubs – Unions & associations

The world market of health clubs and gyms is led by the United States, where around 10% of the population exercised in 2000. According to 2003 data, there were 23,000 health and sport clubs in the United States that brought in revenue of US\$12.2 billion in 2002. Brazilian gyms and health clubs sum up approximately 20,000 units, serving 3.4 million participants (2% of the total population). But the country holds the fourth position in the international market with annual revenue of US\$1.2 billion, after UK and Germany (both with US\$2.4 billion) besides the USA. Within the Brazilian domestic market, the suppliers and

distributors of equipments and accessories of fitness, together with service suppliers sold US\$150 million to the professional market and US\$750 million to the residence market (Home Fitness) in 2000. Because of the size of the world market, an international organization was founded in 1981: the International Health Racquet and Sportsclub Association – IHRSA. It is a not-for-profit trade association representing health & fitness facilities, gyms, spas, sports clubs and suppliers worldwide. The mission of IHRSA is to grow, protect and promote the industry, and to provide its members with benefits that will help them be more successful. It represents

more than 7,000 health clubs in 80 countries as well as 650 suppliers. It also organizes annual conferences and has just included the Brazilian entrepreneur Carlos Heitor Bergallo as a board member in 2003. Since 1980, health clubs in Brazil have been organized by means of unions of health club owners. Today there are eight unions of this kind in different regions of the country. The largest of these associations is located in the state of São Paulo joining 3,266 units. It is possible to identify in these unions tendencies to the perfecting of the management of the affiliated health clubs by means of continuing education and offer of technical information.

Definições e Origens O mercado mundial de academias de ginástica e condicionamento físico é liderado pelos EUA, onde cerca de 10% da população – 33 milhões de pessoas – freqüentavam estes estabelecimentos em 2000. Em dados de 2002, esta participação correspondia a 18200 *health and sportclubs* que somavam em faturamento 12,2 bilhões de dólares. A segunda posição no mercado de *fitness* (expressão hoje internacionalizada e também adotada no Brasil) é ocupada pela Inglaterra, cujo giro financeiro situa-se próximo a US\$2,4 bilhões / ano, porte similar ao mercado alemão ocupante da terceira posição. O Brasil é geralmente posicionado em quarto lugar com um faturamento anual de US\$1,2 bilhões, embora tenha um maior número de academias do que os EUA dada a proliferação de pequenas academias de giro financeiro reduzido. No plano internacional há uma entidade dominante no ramo das academias: a *International Health Racquet and Sportsclub Association*, ou IHRSA, fundada em 1981 e que hoje reúne mais de 7.000 membros de 80 países. A IHRSA organiza congressos anuais e no referente a 2003 incluiu o empresário brasileiro Carlos Heitor Bergallo como membro do conselho diretor. A Associação Brasileira de Academias - ACAD foi criada em 1999, filiando-se à IHRSA em outubro de 2000, em São Paulo, durante o evento *IHRSA Latin American Conference & Trade Show*. No Brasil, a tradição de representação das academias construiu-se por meio de entidades sindicais e mais recentemente por associações.

O modelo brasileiro de academia sindicalizada tem sido legitimado pela Consolidação das Leis do Trabalho - CLT – estabelecida em 1943 e que até hoje regulamenta o trabalho no país. Mais precisamente, pela via legal são três as possibilidades de vínculo com o trabalho no país: como empregador, através de uma empresa legalmente constituída para a produção ou manufatura de algo comercializável; como empregado, em empresa legalmente constituída; ou como profissional liberal, através da prestação de serviços de forma autônoma em uma profissão regulamentada ou reconhecida. Apesar de existirem outras formas de trabalho, estas adicionais são classificadas como as três primeiras expostas. Nessas condições também opera o segmento esportivo. No 3º Grupo da Confederação Nacional de Educação e Cultura e da Confederação Nacional dos Empregados em Estabelecimentos de Educação e Cultura, está prevista a possibilidade de trabalho para Academias, Clubes, Federações e Confederações, Empresas de Arbitragem, entre outras intervenções econômicas e profissionais que possam existir ou que venham a existir no futuro. A sindicalização se dá por especificidade ou similaridade. Os Sindicatos das Academias em todo o território Nacional, nasceram da necessidade da união das empresas em prol de conquistas, benefícios e devido enquadramento empresarial do seu segmento econômico. Sua representação nacional se dá através da Federação Brasileira das Academias - FEBRACAD, fundada em setembro de 2000, uma entidade patronal que somava, em 2003, oito entidades filiadas.

1980 Neste ano funda-se a Associação das Escolas de Natação do Estado de São Paulo - AENESP que por sua vez originou, em 1988, a Associação Profissional dos Estabelecimentos de Cultura Física do Estado de São Paulo - APECFESP. Em 1989, esta última entidade reformulou-se como Sindicato dos Estabelecimentos de Esportes Aquáticos e Terrestres do Estado de São Paulo – SEEAATESP,

hoje sendo presidido pelo seu sócio fundador Gilberto José Bertevello, atualmente acumulando a presidência da FEBRACAD. A sede do Sindicato é na Rua Dona Germaine Burchard, 365 – Água Branca – São Paulo – SP – CEP: 05002-061 – site: www.sindicatodasacademias.org.br. A primeira formação de Associação contava com 80 Escolas de Natação e hoje o SEEAATESP tem 3.266 Academias Sindicalizadas.

1989 Criação do Sindicato dos Estabelecimentos de Natação, Ginástica, Recreação e Cultura Física de Minas Gerais - SENAGIC, tendo como presidente Régis Angrisani Barbosa. A partir do ano de 2002 assumiu Fernando Antônio Sander. A sede do Sindicato é na Av. Sebastião de Brito, 49 – sala 101 – Belo Horizonte – MG – CEP: 31260-000 – site: www.senagic.com.br. A primeira formação contava com 60 Academias e hoje o SENAGIC tem 2.500 Academias sindicalizadas.

1996 Ano inicial do Sindicato Patronal das Academias de Ginástica do Estado da Paraíba - SADEPE-PB, hoje presidido pelo seu fundador Adalberto Delgado Júnior. A sede do Sindicato fica na Rua Geraldo Mariz, 958 – Tambauzinho – CEP: 58042-060 – João Pessoa – PB. Atualmente o Sindicato tem 260 academias sindicalizadas.

1997 Fundação do Sindicato dos Estabelecimentos de Esportes do Estado de Mato Grosso, constituído para fins do estudo, defesa, coordenação e representação dos interesses culturais, políticos, econômicos e profissionais de todos os estabelecimentos de esportes, situados na base territorial, excetuando-se aqueles que tenham propulsão motora. Ao ser fundado em 30/09/1997, foi presidido por Gicelle Rodrigues Jilda. Atualmente o Diretor Presidente é Vicente Soares Filho. A sede do Sindicato é na Rua Safira, 202 – Cuiabá – Mato Grosso – Cep: 78050-300. O Sindicato tem afiliação de aproximadamente 200 academias.

1999 Criação da Associação Brasileira de Academias - ACAD-BRASIL, tendo como presidente fundador Carlos Heitor Bergallo. Hoje esta entidade é presidida por Djan Madruga. A sede da Associação fica na Rua Visconde de Pirajá, 351/sl.506 – Ipanema – Rio de Janeiro – RJ. Atualmente o Sindicato tem 240 membros associados.

2002 Organização do Sindicato das Academias e Demais Empresas de Prática Esportiva do Estado do Rio Grande do Sul - SADEMP, oriundo da Associação das Academias do Rio Grande do Sul - ACAD-RS. O Sindicato é presidido pelo fundador Marcelo Lopes Pecoits e localiza-se Av. Cristóvão Colombo, 1663 – 10º andar – Porto Alegre – RS – e-mail: sadempers@pop.com.br

2002 Em 07/06/2002 entrou em operação o Sindicato das Academias e Demais Empresas de Prática Esportiva do Estado de Santa Catarina - SADEPE-SC, oriundo da Associação Empresarial da Região Metropolitana de Florianópolis - AEMFLO. O Sindicato é presidido pela fundadora Naida dos Santos Freitas e sua sede localiza-se na Rua Comandante José Ricardo Nunes, 79 – Bairro Capoeiras – CEP: 88108-220 – Florianópolis – SC.

2001 Fundação do Sindicato das Academias de Ginástica e Desporto do Estado do Ceará – SENAGI-CE (02/01/2001). O Sindi-

cato é presidido pelo fundador Sérgio Roberto Coelho Souza, sendo sua sede na Rua Silveira da Mota, 128 – Bairro Messejana – Fortaleza – CE. Atualmente o Sindicato tem 300 academias sindicalizadas.

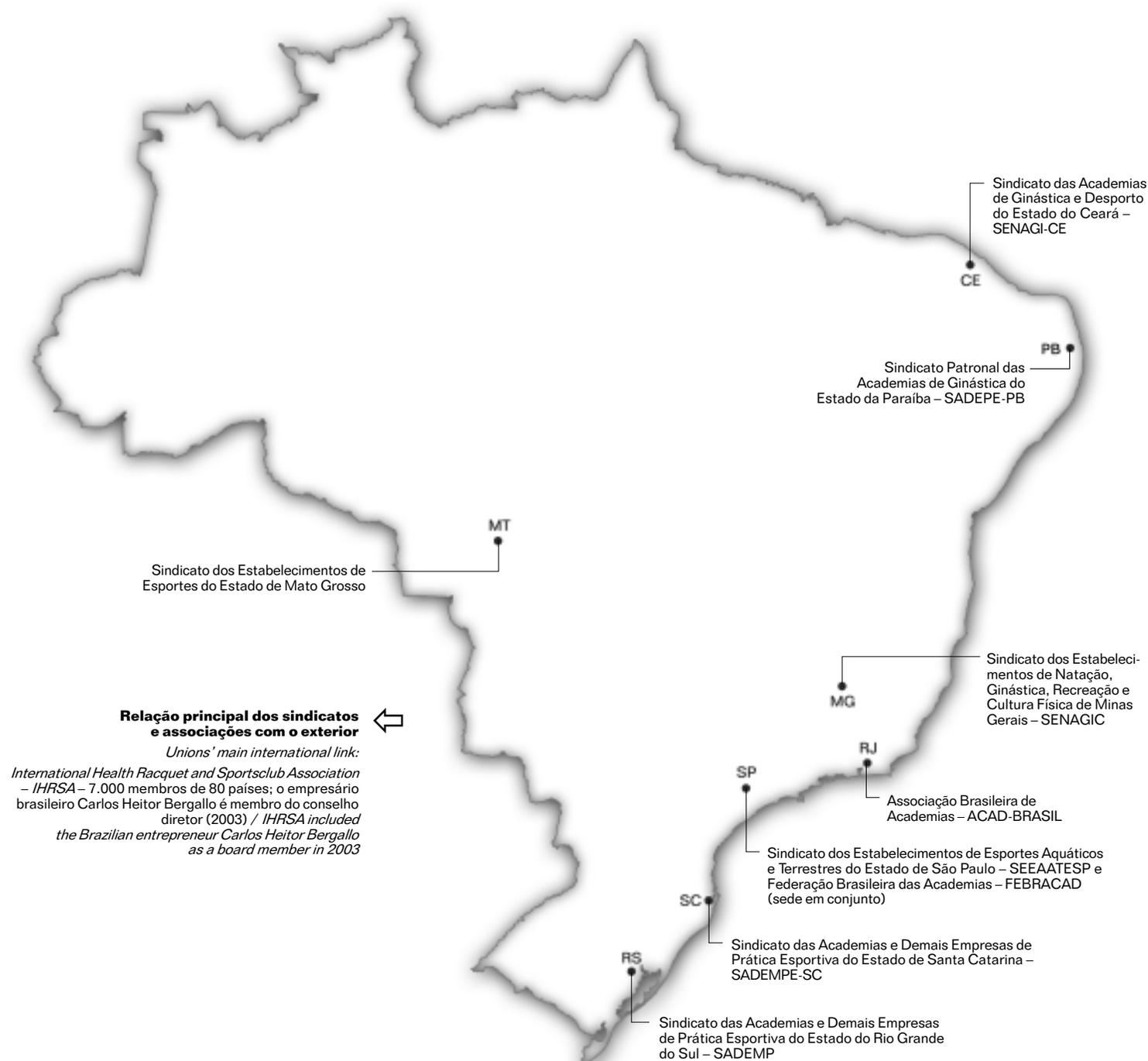
Situação Atual No Brasil há um número estimado de 20 mil academias que sustentam 140 mil empregos diretos e agregam 3,4 milhões de usuários – aproximadamente 2% da população brasileira. Somente no estado de SP há 6,5 mil academias (3634 registradas em quatro sindicatos de diferentes especializações), sendo cerca de 1 mil atuando também ou unicamente como escolinha de natação e atendendo aproximadamente a 300 mil pessoas (total estimado para o país: 400 mil). Neste mesmo estado, um levantamento na cidade de Campinas (pop. 1,2 milhões) demonstrou a existência de 500 academias dentro do perímetro urbano. Há indícios de que cerca de cinco e oito mil academias do total estimado do país são pequenos negócios, geralmente sem registro e sem vínculo sindical. No âmbito interno brasileiro, os fornecedores e distribuidores de equipamentos e acessórios de *fitness*, em conjunto com prestadores de serviços, faturaram em 2000, US\$150 milhões no mercado profissional e US\$750 milhões no mercado de residências (*Home Fitness*). O crescimento deste mercado é de 12% ao ano, conforme referências correntes entre operadores de academias, o que explica a multiplicação de mega-academias nas capitais estaduais e principais municípios do país. A cifra correspondente para este crescimento entre os países líderes do mercado mundial é de 10%, indicando que este mercado, segundo a IHRSA, deverá dobrar até 2010. Cogitando-se desta expansão, as entidades sindicais brasileiras tendem à oferta de cursos de aperfeiçoamento dos recursos humanos das academias e de informações técnicas.

Situando o Brasil na América Latina, há 1.400 academias no México, 350 na Argentina e 200 no Chile (Bergallo / IHRSA, 2002), o que demonstra a peculiaridade do caso brasileiro e seu extraordinário potencial. Entretanto, o México acompanha os EUA na montagem de academias de capital intensivo e grande capacidade de atendimento em rede de unidades, de modo a produzir rentabilidade elevada. Um exemplo deste procedimento é reportado por Bergallo (2002) ao citar a maior e mais antiga rede de academias da América Latina: a Organización Britania. Fundada há 26 anos, a empresa conta com 43 unidades, 420.000 clientes e faturamento anual de 100 milhões de dólares. No Brasil, a rede mais bem estruturada é a Companhia Atlética, contando com nove unidades, e mais uma inaugurada em agosto de 2003, todas com mais de 4.000 metros quadrados. Atende a 25.000 clientes e apresentou um faturamento de R\$ 38 milhões (US\$ 11 milhões) em 2002. Em resumo, é indiscutível a grande escala e ritmo de crescimento do mercado brasileiro de academias, porém ainda prevalece a opção pela mão de obra intensiva em lugar do capital intensivo permitindo antever grandes mudanças estruturais nos próximos anos.

Fontes Pedro Aquino; www.ihrsa.org; www.sindicatodasacademias.org.br; Djan Madruga; www.saudeemmovimento.com.br/fitness; Bergallo, C.H. Latin American Club Market, IHRSA Global Report 2003.

Sindicatos e associações de academias de ginástica por localização, 2003

Health & sports clubs – unions & associations per location, 2003



Tipologia da academia de ginástica e condicionamento físico no Brasil, 2003*

Health & sports clubs typology in Brazil, 2003/ size / investment / number of clients*

Micro Empresa / very small business: Opera em média com até 5 professores de Educa o Física empregados e até 5 trabalhadores que cuidam da limpeza, atendimento e manuten o. Normalmente o proprietário ocupa o principal cargo técnico da empresa e faz manuten o, ou terceiriza. Compra no varejo e minimiza o custo absorvendo grande parte do trabalho. Empresa familiar. Investimento: até R\$ 50 mil, sem compra de imóvel; número médio de freqüentadores: 150; oferta aos clientes: somente uma atividade física / **Investment: US\$20,000; clients: 150.**

Pequena Empresa / small business: Opera com até 12 professores de Educa o Física em média e 6 outros empregados. O comportamento administrativo mostra-se semelhante ao da Micro e também constituiu geralmente uma empresa familiar. Investimento: até R\$ 150 mil, sem compra de imóvel; número médio de freqüentadores: 350; oferta aos clientes: uma ou duas atividades físicas / **Investment: US\$50,000; clients: 350.**

Média Empresa / Middle-sized business: Opera com até 15 professores de Educa o Física empregados, podendo ter outros como credenciados por contrato de Personal Trainer. Possui até 12 outros empregados. Esta é a empresa com mais dificuldades administrativas, sendo a primeira que sofre com a queda de clientes e que mais sente a flutua o inflacionária. Procurada pela classe média / média, trata-se do tipo de academia que oscila para cima e para baixo nos negócios acompanhando movimentos similares na escala social. Adapta-se com sucesso ao perfil de empresa familiar pois quando tem queda de movimento, os proprietários assumem várias fun es. Apresenta-se habitualmente alguma forma de terceiriza o como estacionamento, limpeza e outros. Por estas peculiaridades de

adapta o   que as academias deste tipo destoam da administra o da Média Empresa em sentido estrito. Investimento: até R\$ 650 mil, sem compra de imóvel; número médio de freqüentadores: 500; oferta aos clientes: no mínimo três atividades (as mais comuns: ginástica, muscula o e nata o) / **Investment: US\$220,000; clients: 500.**

Grande Empresa / Big business: Opera em média com 60 empregados envolvidos entre fun es variadas, desde Personal Trainer às atividades típicas da Educa o Física. Costuma terceirizar tudo o que for possível e a valorizar o empregado direto, porém evita trabalhar com profissionais de idade avançada provocando uma grande rotatividade nos professores empregados. A administra o familiar neste porte de academia costuma ser desastrosa. Investimento: até R\$1,2 milhões, sem compra de imóvel; número médio de freqüentadores: 900; oferta aos clientes: normalmente dança, luta, nata o, ginástica e muscula o e outras op es peculiares como diferencial diante da concorrência / **Investment: US\$400,000; clients: 900.**

Mega Empresa / Mega business: Opera com até 120 empregados – ou mais, em casos excepcionais – envolvidos em diferentes modos de relacionamento empregatício. Trata-se do tipo de academia que mais valoriza o treinamento interno de funcionários e costuma preservar os funcionários mais experientes. Este tipo de empresa já exige para a admissão de professores cursos de p s-gradua o *Lato Sensu* no currículo de forma o e aperfei amento profissional. Investimento: acima de R\$2,5 milhões, sem compra de imóvel; número médio de freqüentadores: 2500; oferta aos clientes: todas as atividades da Grande Empresa e mais atividades de esportes radicais, escalada etc., com agrega o de serviços de massagem, medita o, aulas evento, spa urbano etc. / **Investment: US\$800,000; clients: 2,500.**

*Giro financeiro não disponível por ter características regionais e sazonais; tipos emergentes e experimentais de academias não disponíveis, como no exemplo da academia de porte médio – grande que se especializa em uma só oferta (golfe, escalada, squash etc) com as demais atividades de ginástica, muscula o e outras, atuando como apoio   principal / *Financial turnover not available.*

Clubes esportivos e recreativos

LAMARTINE P. DaCOSTA

Sports and recreation clubs

Sports clubs in Brazil were inspired primarily in the English model of the 1850s. However, small clubs also developed for the local communities beginning also in the mid 19th century. They included German, Italian, and Japanese cultural habits, which generated an alternative to the already established Portuguese culture. This circumstantial character brought a peculiar meaning to the Brazilian sports associativeness when it was compared with the other countries of Latin America or of the Iberian Peninsula for two reasons. First of all the way clubs were founded did not entirely adopt the British model for the imported sports. Second, the new Brazilian clubs grew initially in the interior of the provinces of the Empire and continued their expansion later on in the interior

Origens e Definições Os clubes esportivos e recreativos (ou Associações Desportivas, segundo a terminologia legal) constituem a base do desenvolvimento dos esportes em geral e um dos fatos de maior destaque sócio-cultural no Brasil, embora raramente reconhecido como tal. Um prenúncio deste hiato de percepção coletiva, aconteceu no século XIX quando apareceram no país os primeiros clubes relacionados ao esporte, e logo se tornaram mais visíveis quando estabelecidos e freqüentados como distinção social. Os demais, sempre em maior número, foram negligenciados por representar interesses mais comunitários e locais do que dos grupos mais abastados e de maior impacto na opinião pública. As associações de prestígio social dedicadas aos esportes naturalmente surgiram nas cidades maiores ao passo que os de índole comunitária floresceram em centros urbanos médios e pequenos e/ou em suas periferias e áreas rurais. Enquanto os clubes de elite se moldaram aos hábitos da burguesia comercial (século XIX) e/ou industrial (século XX), os de apoio da comunidade local abrigaram caracteristicamente pequenos grupos advindos das principais correntes imigratórias que entraram no país no século XIX e início do século seguinte. Isto posto, os clubes de prática esportiva e de atividades recreativas refletiram em suas origens hábitos culturais alemães, italianos, japoneses e outros, gerando uma alternativa à cultura lusófona então prevalecente. Esta particularidade deu um significado peculiar ao associativismo esportivo brasileiro ao ser comparado com outros países da América Latina ou da Península Ibérica. Em primeiro lugar, porque não adotou inteiramente a influência inglesa nos esportes importados, como aconteceu nos exemplos da Argentina e do Uruguai. Além disso, os novos clubes brasileiros cresceram no interior das províncias do Império e depois dos estados da Federação Republicana, não se concentrando nas capitais, o que os fez se distanciarem então do que se passava nos demais países da América Latina (Chile à parte, dado a que repetiu com imigrantes alemães algo semelhante ao Brasil). Como resultado, o clube esportivo e recreativo brasileiro definiu-se como um fato social mais concentrado no sul do território nacional onde afluíram os imigrantes em maior número. Outra consequência refere-se ao fato de que os clubes de imigrantes – principalmente os localizados em áreas rurais e de maior ocorrência no RS, SC, PR e SP – manejavam mais com as carências do que com a afluência, dando origem a uma vocação esportiva voltada para a identidade cultural e menos sujeita a modismos.

Primeiras décadas do século XX Neste estágio, conviviam no Brasil os clubes de elite tanto quanto os clubes comunitários com pouca visibilidade entre si, mas com os mais ricos destacando-se entre os poderes e junto à sociedade pela atração dos noticiários nos jornais e nas revistas de costumes. A chegada da popularização do esporte nas grandes cidades reforçou a imagem dos clubes grandes e ricos, desde que vários destes assumiram o esporte como espetáculo com equipes representativas. No Rio de Janeiro, então capital do país, três modalidades se sucederam no fenômeno da popularização conduzida por clubes de elite desde meados do século XIX e chegando à segunda década do século XX: turfe, remo e futebol. Nesta cidade, em 1907 havia 77 clubes mencionados nos jornais e em 1915, o total chegava a 216 já predominando o futebol; estas associações eram caracteristicamente instáveis e desapareciam freqüentemente. Quando do aparecimento das Ligas Esportivas no RJ – em número de 9 entre 1912 e 1917 – a cobrança de taxa de filiação produziu a marginalização da maior parte dos clubes da cidade, revelando assim a pobreza de seus associados

of the states of the Republican Federation in the late 19th century. These clubs were not centered on the capitals. As a result, sports and leisure clubs were concentrated in the south of the national territory where immigrants were in greater number. The sports popularization that took place at the beginning of the 20th century in the big cities reinforced the image of the big and rich clubs once several of them took to the sport spectacle with representative teams. In the 1970s the first national census of sports took place in Brazil and estimated the existence of 30,000 leisure and sports clubs with approximately 10 million participants. The so-called "clubes de várzea" (prairie clubs) of occasional and informal organization, characteristic of rural areas, were estimated to be

(Pereira, 2000). Em São Paulo – SP, então segunda cidade mais importante do país, houve menos elitismo e maior influência de grupos étnicos nos clubes no mesmo período, destacando-se como esportes populares promovidos por estas entidades: remo, ciclismo, pedestrianismo, natação (Rio Tietê) e futebol. Na década de 1920, os modernistas de SP atuantes nas artes e literatura celebravam o esporte como um sinal da modernização do país (DaCosta, 1995). Contudo, na década seguinte, durante o governo ditatorial de Getúlio Vargas, os intelectuais e jornalistas em geral passaram a rejeitar a concepção dos esportes como culturalmente renovadores, diante das demonstrações de massa em estádios de praticantes de exercício físicos e atividades esportivas (DaCosta, 1996). Além disso, o Partido Integralista de explícitas postulações fascistas adotou o esporte como um de seus meios de mobilização popular (DaCosta & Labriola, 2000). A partir daí, o associativismo esportivo brasileiro perdeu sua memória por indiferença das elites pensantes que passaram o olhar os clubes pelo viés do futebol como espetáculo e pela imagem dos grandes clubes desta modalidade. Emergiu então na década de 1940 o “país do futebol”. Por coincidência, o governo Vargas no final da década de 1930 levou a efeito uma grande nacionalização dos clubes e escolas sustentados por grupos estrangeiros e seus descendentes, o que obscureceu mais ainda o passado dos clubes comunitários.

Década de 1970 A fase de ocultação da memória dos clubes menores, comunitários, mais recreativos do que esportivos, municipais e sustentados por pessoas da classe média baixa e/ou alta, e por vezes por comunidades vivendo em áreas pobres, modificou-se na década de 1970, ao ser publicado o “Diagnóstico da Educação Física e Desportos no Brasil” (DaCosta, 1971), projeto do Governo Federal à época (Ministérios do Planejamento/ IPEA e da Educação e Cultura). Este extenso e minucioso levantamento de dados, incluiu um censo de clubes levado a efeito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, usando-se os agentes censitários sediados nos municípios para a identificação local de clubes. Ao final, foi possível cobrir cerca de 1500 municípios do país (38% do total então existente) aplicando-se as rotinas do levantamento das entidades associativistas (realizado pelo MEC e publicado eventualmente nos Anuários Estatísticos de IBGE). A representatividade dos clubes informantes foi validada por constituir cerca de um terço (n = 8310) das entidades cadastradas pelo IBGE nos municípios. Assim sendo, foi possível estimar a existência de 30 mil clubes recreativos e esportivos no país, com a participação de aproximadamente 10 milhões de associados (3,9 milhões contabilizados na amostra de 8310 clubes); excluíram-se destes totais os chamados “clubes de várzea” de organização eventual e informal, característicos das áreas rurais, e suburbanos de difícil quantificação. Estes, por sua vez, foram estimados por um total de 60 mil com base na proporção de 2 para 1 identificada em vários municípios cobertos pelos agentes censitários. Do ponto de vista de participantes informais destes clubes estimou-se uma ordem de grandeza de 10 milhões em face a que estas entidades eram geralmente tipificadas como bem menores do que as formais. Portanto, as conclusões foram observadas com restrições extremas, servindo sobretudo para efeito de reconhecimento preliminar. O porte do fenômeno clube no Brasil, contudo, foi surpreendente para os responsáveis do levantamento uma vez que havia uma crença corrente que este tipo de entidade estava elitizada no país.

60,000. Thirteen percent of the poor population had links with clubs within the same period. It is possible to estimate that at the end of the 1970s around 20 million people in Brazil had some sort of link with clubs in order to practice sports or enjoy their leisure. That corresponded approximately to 22% of the total population. In addition to these figures, this chapter provides new assessments on the role and impact of sports clubs in the Brazilian society. In short, today one third of the country's population has some connection with sports clubs. As a means of employment, sports clubs offer 200,000 work opportunities. Although these data have not been confirmed, it is possible to consider that sports clubs are still one of the most important social facts of Brazil.

Em resumo, no concernente aos clubes e aos fatores envolvendo o esporte em geral, o Diagnóstico apontou para problemas de qualidade de desenvolvimento (gestão, especialização profissional, instalações adequadas, formação de atletas etc) e muito menos para o fator quantidade de afiliações para a prática e para o lazer que se mostraram além das expectativas. Os dados do Diagnóstico não foram atualizados nos anos seguintes, porém o IBGE manteve o item “associações desportivas e número de associados” (sic) em seus levantamentos dos Anuários Estatísticos do Brasil até 1984. Este item, contudo, já existia desde a década de 1930 nos Anuários em que pese as diferentes denominações e caracterizações a que foi submetido. Como tal, esta dificuldade impede a construção de séries estatísticas históricas mas permite algumas comparações e projeções ao se relacionar memória com inventário dos clubes esportivos e recreativos brasileiros, como se exercita a seguir.

Expansão dos clubes A caracterização inicial das circunstâncias relacionadas aos clubes é situada quanto à evolução quantitativa. Os dados coletados em 1969 para o Diagnóstico publicado em 1971 (Tabela 1), mostram que o fenômeno comunitário de sentido esportivo no Brasil teve sua maior ênfase, no período anterior a 1900, na região Sul. Nessa fase os estados do Rio Grande do Sul, do Paraná e de Santa Catarina possuíam mais da metade do total de associações esportivas existentes no País, em decorrência da influência da imigração de origem alemã, notoriamente dedicada a esse tipo de entidade. Entre 1901 e 1930, a região Sudeste assume a liderança, provavelmente como um dos efeitos da polarização do desenvolvimento nacional no eixo Rio de Janeiro – São Paulo. O fenômeno é sensível até 1960, embora a região Sul apresente esforço semelhante com população inferior, refletindo tanto a inércia da tradição como a assimilação cultural clubista pelo grupo étnico majoritário de raízes lusa, negra e indígena. De 1960 a 1969 o número de clubes fundados na região Sul é quase o dobro da região Sudeste, o que produz uma quase equivalência do quantitativo dessas regiões e ganha significação ao se comparar os potenciais demográficos, com vantagem quase de 200% em favor da Sudeste. Assim foi possível comprovar no Brasil o reconhecido fenômeno da correlação entre fatores sócio-econômicos e o desenvolvimento esportivo comunitário. As posições secundárias na expansão de clubes – e mesmo residuais – das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste comprovam a assertiva, sobretudo a partir de 1960. Esse aspecto foi também verificado quanto à localização essencialmente urbana: os clubes nas áreas rurais aparecem de modo relevante em termos absolutos apenas a partir de 1930, ganhando maior ênfase no período 1960/1969 quando foi criada a maior parte do número total computado. Por outro lado, não se constatou concentração importante dessas entidades nos municípios das capitais das regiões Sudeste e Sul, significando participação intensa das comunidades do interior dos Estados da área em evidência. A região Nordeste situa-se, em relação a esta caracterização, em posição intermediária – principalmente em razão da evolução do crescimento a partir de 1960 – enquanto que o Centro-Oeste e a Norte ainda polarizam o desenvolvimento esportivo nas capitais. No seu todo, esta caracterização dos clubes pelo ano de fundação mostrou-se bastante precária diante de evidências de outras fontes de que somente no RS havia cerca de 300 clubes ao final do século XIX (ver capítulos dos autores Tesche e Maza sobre o RS neste Atlas), quando a Tabela 1 adiante aponta para 85 em todo o país. A explicação

devida diante desta contradição é aquela oferecida pelo IBGE em “Estatísticas do Século XX” de 2003 (pp. 61-87): o associativismo brasileiro tem se mostrado instável ao longo de sua evolução com entradas e saídas de entidades em prazos curtos, o que produz quedas e subidas nos gráficos sem aparente explicações. A mesma fonte revela que o associativismo religioso é mais estável e o sindical, menos. Por suposto, para efeito do presente estudo, o associativismo esportivo pode ser também considerado instável – aparecimento e término de clubes em ciclos de curto prazo – como já apontado por Pereira (2000) com relação ao RJ.

Gestão dos clubes Quanto à caracterização geral dos clubes brasileiros, o Diagnóstico mostrou que a maioria das entidades competia no plano esportivo amador, estando o profissionalismo e o recreativismo em níveis de proporções condizentes (Tabela 2). Cabe ressaltar que esta interpretação é apenas concernente aos clubes informantes que são naturalmente os mais bem organizados, ou seja: a tendência pode estar invertida para o sentido recreativo no âmbito das associações de organização informal. O aspecto patrimonial é também bastante considerado nos clubes brasileiros uma vez que mais da metade dos que forneceram informações possuía sede própria. Essa caracterização é outrossim relativa e deveria estar modificada entre os clubes de menor possibilidade de alcance pelo levantamento realizado. De qualquer maneira o baixo índice de instituições que pagam aluguel demonstra que o clube esportivo no Brasil ainda se identificava sobretudo pelo esforço mais patrimonial do que representativo de suas atividades. A tendência, entretanto, não é a mesma na região Nordeste onde, possivelmente pelo nível mais baixo de atividades econômicas, a maior parte das instalações são cedidas. A existência de departamento médico ofereceu indicações do nível técnico vigente nas atividades esportivas: apenas 15% das entidades possuía em 1971 tal tipo de apoio, significando elevado grau de improvisação nas atividades ou simplesmente concentração em atividades recreativas. A região Sul, apesar de se destacar quantitativamente, apresentava um índice de 9%, demonstrando distorções de objetivos no referente aos aspectos de natureza técnica. O quadro de competições, por sua vez, demonstrou a existência de limitações no intercâmbio interclubes; as associações brasileiras orientavam-se mais no sentido de desenvolvimento interno do que externo, tendo em vista que realizavam mais competições do que participavam. Principalmente a situação da região Nordeste contribui para essa tendência média nacional que poderia estar correlacionada a dificuldades de transporte e de comunicações. Considerando o intercâmbio como fator básico no resultado esportivo, a liderança da região Sudeste ficaria estabelecida a priori pelos dados coletados.

Participação e direção nos clubes O Diagnóstico também caracterizou as associações esportivas pelo pessoal envolvido, constatando-se, inicialmente, uma correlação entre a densidade urbana das regiões e o número de associados por entidades (Tabela 3). Assim a região Sudeste apresentava uma relação associados/clube de 795, enquanto a Sul, 274; a Centro-Oeste, 264, e a Nordeste, 200 (exclui-se a região Norte dessa correlação por ter quase a totalidade dos associados, situados nos municípios das capitais). Esse fato contribuiria para uma melhor produtividade nos resultados esportivos e maior capacidade financeira por parte das associações da região Sudeste. Em termos médios o Brasil possuía à época 478 associados/clube, valor baixo que explicaria importante parcela das dificuldades econômicas freqüentemente relevadas na apreciação do esforço comunitário esportivo brasileiro; a relação no que se refere ao número de sócios atletas por entidade cai para 49, derivando-se uma taxa de 10 associados por atleta, aproximadamente. Concluiu-se então que as associações esportivas eram numerosas mas dispersas em unidades pouco produtivas e com elevado grau de isolamento. Nesse contexto, a conformação geográfica e o nível de desenvolvimento peculiares às diversas regiões brasileiras constituíam fatores exógenos importantes a serem considerados no entendimento das circunstâncias que envolviam os clubes. Quanto aos dirigentes e empregados, apareceram os primeiros em proporções razoáveis – em torno de 10 por clube – enquanto os últimos, uma relação próxima a 3 por entidade, permitem antever deficiência na administração. Isto corrobora as conclusões quanto às limitações da capacidade financeira dos clubes, como também indica que o esforço comunitário se concentra mais na criação de patrimônio do que na sua conservação e funcionamento. Finalmente, observando-se o fator chave dos especialistas em esporte, o número de técnicos desportivos leigos era dez vezes superior ao referente aos diplomados. Embora a relação técnico/atleta seja satisfatória (1/40, aproximadamente), constatou-se importante desqualificação profissional.

Esportes praticados O Diagnóstico examinou os clubes no que se referia às modalidades praticadas (Tabela 4). Inicialmente constatou-se que 53% dos praticantes pertenciam ao futebol e à natação, e que 32% dedicavam-se à ginástica (não define qual tipo), ao futebol de salão, ao voleibol e ao basquetebol. Portanto, 85% dos praticantes brasileiros do início da década de 1970 estavam orientados para os esportes coletivos e para a busca da forma física via natação e ginástica. As modalidades mais praticadas observadas relativamente pelo percentual sobre o total computado, são as que se seguem, considerando-se as que possuem mais de 5.000 praticantes: futebol: 30%; natação: 23%; ginástica: 12% (vale a ressalva anterior); futebol de salão: 9%; voleibol: 6%; basquetebol: 5%; bolão: 4%; bocha: 2%; tênis de mesa: 1,8%; tênis: 1,4%; lutas: 1,2%; tiro ao alvo: 0,84%; vela e motor: 0,75% e atletismo: 0,63%. Essas 14 modalidades representam cerca de 98% do total de 870.698 praticantes existentes nos 8310 clubes informantes (razão praticante / não praticante: 1 / 4). Por comparação dos dados sobre praticantes concluiu-se também que havia preferências regionais – bolão na região Sul, por exemplo – e as limitações econômicas de cada Estado influenciavam nas escolhas: as regiões mais desenvolvidas eram as que apresentavam maior diversificação esportiva.

Instalações De um modo geral a existência e a distribuição das instalações estavam correlacionadas com as caracterizações anteriormente diagnosticadas. Assim, por exemplo, constatou-se que as instalações mais dispendiosas (piscinas e ginásios) tendiam a se concentrar nos municípios das capitais. A produtividade, entretanto, era um enfoque procurado pelo Diagnóstico, o que seria viável com o conhecimento da capacidade horária e o tempo de utilização. A não disponibilidade desses dados permitiu apenas estabelecer conclusões preliminares através de comparações. Nesta forma de aproximação, a evidência de que 47% das instalações eram descobertas e não possuíam iluminação sugeriu indiretamente a ausência de plena utilização. O aspecto de limitações financeiras não pareceu ter papel predominante nessas circunstâncias em face do elevado índice de instalações em construção, próximo a 9% do total existente. Essa hipótese estaria compatível com as conclusões anteriores sobre a tendência, por parte dos clubes, em investir no crescimento patrimonial em detrimento da manutenção, da produtividade, da melhoria técnica e da viabilidade financeira. Portanto, a problemática financeira dos clubes, além da dispersão em unidades de poucos associados, residiria, sobretudo, na incapacidade gerencial e na distorção dos objetivos atinentes à atividade desportiva. Um outro ângulo de abordagem pôde ser estabelecido a partir da relação praticantes / instalação: embora a margem de erro teria significado diante da diversificação das instalações, observou-se que havia 95 praticantes por instalação, dentro do universo considerado. Essa cifra sugeriu a existência de capacidade ociosa e contrastou com a de 1043, concernente à relação alunos/instalação básica referente às escolas de ensino médio do país (hoje 2º grau), também estimada pelo Diagnóstico em outro setor pesquisado.

1976 Publicou-se nos EUA um levantamento conduzido por Janice Perlman da Universidade de Cornell, que identificou o perfil de participação social da população de oito favelas do Rio de Janeiro-RJ. Nesta pesquisa, a participação religiosa incidiu em cerca 34% dos favelados ao passo que 13% estavam ligados a associações informais recreativas (5%) ou esportivas (8%), sendo este último vínculo relacionado ao futebol (Perlman, 1977). O período do levantamento foi 1968 – 1969, coincidindo com a fase de coleta de dados do “Diagnóstico da Educação Física e Desportos no Brasil”. Considerando-se as cifras encontradas por Perlman em relação à população do Brasil à época, emerge um valor de 10 milhões de pessoas envolvidas com clubes informais no país, em coincidência com as projeções baseadas no Diagnóstico de 1971. A grosso modo, portanto, pressupõe-se no final da década de 1970 haver 20 milhões pessoas no Brasil com algum vínculo em clubes para a prática esportiva ou para lazer, correspondendo aproximadamente a 22 % da população total.

2003 Neste ano foi produzido o Atlas do Esporte no Brasil em que foi identificado mas não quantificado o fenômeno de desaparecimento de clubes em várias modalidades mapeadas (ver por exemplo, o capítulo sobre Bocha nesta publicação / banco de dados). Este nexos é corrente entre líderes e praticantes esportivos no país porém não são disponíveis dados que delimitem o fenômeno de modo adequado. Como hipótese, geralmente aponta-se como causa da redução as dificuldades financeiras dos clubes diante das sucessivas crises econômicas do país desde a década de 1980.

Situação Atual Embora a população do país tenha aumentado de 90 para 170 milhões entre 1970 e os dias presentes, não há garantias que expansão similar tenha ocorrido com o associativismo esportivo brasileiro. Não houve retorno aos clubes do país para verificações subseqüentes ao Diagnóstico e com maiores detalhes do que se fazia até 1984 com os levantamentos do associativismo pelo IBGE / MEC. Hoje, portanto, convive-se tanto com a hipótese da decadência generalizada dos clubes por razões financeiras, como também cogitando-se da sobrevivência destas entidades apoiada em suas tradições locais, grupais e / ou comunitárias. E nesse particular há que considerar os quantitativos relacionados aos clubes emitidos em 1970, os quais por si mesmos ainda tem um significado de legado nas apreciações do esporte nacional. Em outras palavras, os dez milhões de associados nas associações formais e quantidade equivalente nos clubes improvisados, são números de destaque em termos absolutos. Por seu turno, 30 mil clubes organizados em um país é uma ocorrência rara no plano internacional. Porém em termos relativos, esta cifra perde bastante de sua significação. No Uruguai, por exemplo, existem 2700 clubes formais para uma população de três milhões de habitantes (Arias, 2003). Se a proporção uruguaia fosse aplicada ao Brasil de 1970, deveria haver 81 mil clubes organizados no país, ou quase três vezes mais do que existia à época.

De qualquer modo, nos dias presentes – primeiros anos da década de 2000 – pode-se partir de uma ordem de grandeza conservadora de 10 mil clubes formais (com alvará e / ou registros das Prefeituras locais) como existentes no Brasil. Esta referência é adotada pela Confederação de Clubes do Brasil-CBC, que hoje possui cerca de 6500 clubes filiados. Para esta entidade representativa – atuante por meio de Sindicatos Estaduais de clubes – as associações esportivas e recreativas brasileiras teriam ligações diretas e indiretas com aproximadamente um terço da população do país. Esta avaliação é coerente com as cifras de 20 milhões de pessoas vinculadas a clubes em 1970 (22% da população), que teria sido expandida pela crescente e estável adesão aos esportes e atividades físicas no Brasil por razões de saúde ou simples lazer. Outra coerência situa-se na permanência da cifra de 10 mil clubes entre 1970 e 2000, à vista de que houve sucessivas crises econômicas entre 1985 e 2000 com aumento de custos e desestimulando a criação de novos negócios e instituições. Se isto de fato ocorreu, então os clubes estariam atendendo a mais usuários com o mesmo número de unidades, o que não difere das demais instituições nacionais da ordem social. Desconhece-se, entretanto, o que teria acontecido com os clubes de menor porte, de várzea, áreas rurais e favelas, com número bem maior do que os formais. Há demanda, assim sendo, de pesquisas mais bem situadas do que as presentes estimativas. Os cenários sobre a situação brasileira em esportes e atividades físicas encontrados no final da presente publicação, oferecem indicações preliminares para tais estudos ora em proposição. Uma delas incide na estimativa de um mínimo de 30% e um máximo de 60% – dependendo da região do país –, que teriam relações com práticas físicas quer regulares ou ocasionais. A questão que se põe no que concerne aos clubes, é a de que se desconhece a parcela da população que usa tais entidades como meio de suas práticas.

Mesmo diante das dificuldades de atualização de informações estatísticas, pode-se estimar a geração de emprego pelos clubes adotando-se naturalmente o viés da cautela. Para isso, os dados da Federação das Associações Atléticas do Banco do Brasil-FENABB são convenientes pois são atualizados e controlados periodicamente. Assim, no primeiro semestre de 2003 havia 1247 clubes ABB no Brasil, que empregavam 10567 empregados (8,7 empregados por clube). Como as ABB oscilam do micro (3 sócios) para o macro (7006 sócios) em termos de porte (média: 200 sócios), sendo a maioria do grupo pequeno para médio porte, é possível admiti-la como uma amostra indicativa, não estatística, do universo pretendido de clubes formais brasileiros, isto é, 10 mil clubes. Nestas condições, haveria um total de 87 mil empregados no setor do associativismo esportivo do país. Esta estimativa deve ser considerada mínima pois uma amostra de 21 grandes e médios clubes associados a CBC, indicou a existência de 6655 empregados formais (com carteira de trabalho assinada) e mais 1143 terceirizados, com média de 370 empregados por unidade. Em outras palavras, a cifra de 100 mil empregos é um ponto de partida para estimativas de critérios mais efetivos. Neste propósito, cabe levar em linha de conta a cifra de 95 mil empregos diretos gerados em clubes estimados por Roberto Liberardi e Reginaldo Rosa somente para o estado de São Paulo, em um estudo ora em andamento para o Sidiclube daquele estado. Se comprovada esta

cifra, então no Brasil pode haver uma ordem de grandeza de 200 mil postos de trabalho relacionados aos clubes, alcançando-se assim uma estimativa máxima mas todavia preliminar deste importante item de avaliação do esporte em suas entidades de base.

Em resumo, os clubes esportivos e recreativos podem ser apreciados por fatores de avanço e de retrocesso, presentes na sociedade brasileira nas três últimas décadas. De fato, houve um aumento de grande monta no número de praticantes de atividades físicas no país desde 1970. As academias de ginástica, por exemplo, multiplicaram-se 20 vezes no mesmo período, pressupondo uma repercussão favorável na adesão aos clubes. Por outro lado, houve

um retrocesso nas atividades econômicas em escala nacional nos últimos 30 anos, o que certamente enfraqueceu o associativismo esportivo já percebido como frágil financeiramente no Diagnóstico de 1971. Diante destas oportunidades e riscos que as associações esportivas tem sido expostas no período em foco, cabe sobremaneira relevar as tradições pois estas deram e continuam a dar sentido e direção ao desenvolvimento do clube de esporte e lazer no Brasil.

Fontes DaCosta, L.P., Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil. FENAME – MEC, Brasília, 1971; Perlman, J. O Mito da Marginalidade. Paz e Terra, RJ, 1977; DaCosta, L.P. A Cultura como Enfoque Central da Educação Física, Desporto e Atividades

de Lazer. In Cultura, Atividade Cultural & Esporte, Votre, S. e Costa, V.L.M. (eds), UGF Editoria Central, RJ, 1995; DaCosta, L.P., The State versus Free Enterprise in Sports Policy: the Case of Brazil. In National Sports Policies, Chalip, L. & Johnson, A. (eds), Greenwood Press, London, 1996; DaCosta, L.P. & Labriola, P. Bodies from Brazil: Fascist Aesthetics in a South American Setting. In Superman Supreme – Global Fascism, Mangan, J. A. (ed), Frank Cass, London, 2000; Pereira, L.A.M., Footballmania – Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro. Nova Fronteira, RJ, 2000; Arias, C. & Reisch, M., Movimiento Clubista y Desarrollo Deportivo em el Uruguay, 2003 (não publicado); IBGE, Estatísticas do Século XX, Rio de Janeiro, 2003.

Caracterização dos clubes brasileiros por número de unidades por estado e anos de fundação (Tabela 1); patrimônio e oferta de serviços (Tabela 2); número de sócios e de empregados (Tabela 3); esportes praticados (Tabela 4); de acordo com o “Diagnóstico da Educação física e Desportos no Brasil” com dados coletados em 1969 (publicados em 1971).

Profile of Brazilian sports clubs according to number of units per state and year of foundation (Table 1); assets and provision of services (Table 2); Number of members and employees (Table 3); choices of sports practices (Table 4); according to the national sport census of 1969 (published in 1971).

TABELA 1

Número de associações esportivas, informantes, segundo o ano de fundação Total das zonas urbanas, suburbana e rural, 1969

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	TOTAL DE INFORMANTES	Até * 1900	1901 a 1930	1931 a 1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	Não Declar.
NORTE														
Acre	12		1	7				2	1	1				
Amazonas	57		9	29		2	3		3	2	3		2	4
Roraima	7		4			1	2							
Pará	51		15	29	1		3	1			1		1	
Amapá	17		13	1	2					1				
Total	144		25	82	2	5	8	3	4	4	4		3	4
NORDESTE														
Maranhão	229		5	62	7	11	11	10	11	13	16	37	45	1
Piauí	77		4	25	2	4	3	2	2	3	5	8	19	
Ceará	87	1	10	30		1	1	1	1	5	10	10	6	11
Rio Grande do Norte	179		13	52	5	10	6	15	9	9	15	15	28	2
Paraíba	119	1	7	61	2	4	4	7	4	1	6	10	7	5
Pernambuco	196		23	12	7	4	6	2	4	2	7	5	1	23
Alagoas	57	1	6	19	2	3	3	2	2	3	2	3	2	9
Sergipe	43		9	25		2		1	3	1		2		
Bahia	191	2	15	86	7	11	13	6	7	8	7	11	7	10
Total	1.178	5	92	472	32	50	47	46	43	45	68	101	115	61
SUDESTE														
Minas Gerais	944	1	133	501	19	23	26	26	20	31	34	42	49	39
Espírito Santo	130		34	71	1	3	3	4	1		1	2	5	5
Rio de Janeiro	549	4	116	345	21	13	14	5	5	7	6	7	2	4
Guanabara	244	9	47	133	5	4	4	10	2	3	1	4	1	21
São Paulo	1.544	17	264	881	35	40	22	57	39	30	38	48	28	45
Total	3.411	31	594	1.931	81	83	69	102	67	71	80	103	85	114
SUL														
Paraná	527	9	41	250	16	24	15	12	30	26	27	44	16	17
Santa Catarina	441	11	50	238	5	10	20	17	24	19	12	10	8	17
Rio Grande do Sul	2.456	29	178	1.139	75	96	78	92	142	133	135	132	134	93
Total	3.424	49	269	1.627	96	130	113	121	196	178	174	186	158	127
CENTRO-OESTE														
Mato Grosso	75		1	35	2	3	4		1	6	8	7	3	5
Goiás	65			26	5	6	8	4	2	5	1	1	5	2
Distrito Federal	13			3	1	1	2	2	3	1				
Total	153		1	64	8	10	14	6	6	12	9	8	8	7
BRASIL	8.310	85	981	4.176	219	278	251	278	316	310	335	398	369	313

* Levantamento incompleto

TABELA 2
Associações esportivas, 1969
Caracterização geral das associações esportivas

NÚMERO DE ASSOCIAÇÕES INFORMANTES

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	TOTAL	NATUREZA DAS ATIVIDADES			POSSUINDO			COMPETIÇÕES		
		Desportivo Profes.	Desportivo Amador	Desportivo Recreativo	Sede Própria	Cedida	Alugada	Depart. Médico	Realizadas em 1969	Participadas em 1969
NORTE										
Acre	12	1	10	4	5	6	1	3	150	71
Amazonas	57	10	54	24	22	27	9	7	657	489
Roraima	7		7		5	2			40	119
Pará	51	6	51	14	26	10	15	13	835	1.443
Amapá	17		17	5	8	8	1	2	184	139
Total	144	17	139	47	66	53	26	25	1.866	2.261
NORDESTE										
Maranhão	229	6	159	65	31	179	18	10	4.028	1.376
Piauí	77	8	70	24	16	52	10	9	1.626	439
Ceará	87	7	72	30	34	43	10	12	1.643	1.395
Rio Grande do Norte	179	6	138	57	53	94	35	11	2.338	2.643
Paraíba	119	7	102	43	39	43	37	8	2.006	1.367
Pernambuco	196	7	150	86	94	74	37	21	3.119	2.566
Alagoas	57	9	53	12	20	22	15	12	977	1.233
Sergipe	43	13	38	16	28	11	6	6	957	1.266
Bahia	191	12	155	62	54	88	51	15	2.174	1.385
Total	1.178	75	937	395	369	606	219	104	18.868	13.670
SUDESTE										
Minas Gerais	944	49	814	239	567	319	62	138	17.703	14.541
Espírito Santo	130	14	123	36	84	42	4	17	3.023	1.712
Rio de Janeiro	549	8	469	230	358	158	58	45	10.793	13.688
Guanabara	244	12	155	184	176	45	27	90	11.327	9.570
São Paulo	1.544	57	1.128	791	948	485	159	264	39.419	38.215
TOTAL	3.411	140	2.689	1.480	2.133	1.049	310	554	82.265	77.726
SUL										
Paraná	527	33	437	159	309	171	59	89	9.111	10.363
Santa Catarina	441	41	288	207	285	122	34	38	6.162	5.697
Rio Grande do Sul	2.456	61	1.514	1.191	1.171	1.070	257	192	35.781	41.248
Total	3.424	135	2.239	1.557	1.765	1/363	350	319	51.054	57.308
CENTRO-OESTE										
Mato Grosso	75	7	57	20	29	36	11	26	954	961
Goiás	65	6	59	8	39	26		13	958	389
Distrito Federal	13		10	6	8	5		3	650	202
TOTAL	153	13	126	34	76	67	11	42	2.562	1.552
BRASIL	8.310	380	6.130	3.513	4.409	3.138	916	1.044	156.615	152.517

TABELA 3
Associações esportivas, 1969
Caracterização geral das associações esportivas

Unidades da Federação	Número de Associados	Número de Sócios Atletas	Número de Dirigentes	Número de Empregados	PESSOAL Número de Massagistas	Número de Técnicos Desportivos		Número de Médicos	Número de Enfermeiros
						TOTAL	FORMADOS		
NORTE									
Acre	2403	457	204	6	5	7	3	5	1
Amazonas	16.707	1.652	584	84	28	71	2	17	8
Roraima	1.644	554	68	3	6	8	1	1	1
Pará	17.624	2.311	570	129	22	37	1	23	13
Amapá	2.245	868	144	19	7	36	6	7	3
TOTAL	40.623	5.842	1.570	241	68	159	13	53	26
NORDESTE									
Maranhão	9.680	4.727	1.383	40	65	249		14	13
Piauí	9.796	1.483	666	39	30	58	1	18	9
Ceará	37.845	2.741	903	325	26	100	16	19	10
Rio Grande Do Norte	17.924	6.073	1.043	207	47	164	15	17	32
Paraíba	24.535	3.717	939	140	29	121	5	13	25
Pernambuco	58.781	8.425	1.883	532	66	253	23	46	32
Alagoas	11.418	1.852	441	106	37	69	1	16	8
Sergipe	9.461	1.235	450	55	38	53	3	16	10
Bahia	56.934	6.816	1.630	404	127	353	16	27	20
TOTAL	236.374	37.069	9.338	1.848	465	1.420	80	186	159
SUDESTE									
Minas Gerais	384.956	52.321	9.313	1.478	556	1/194	75	251	72
Espírito Santo	29.832	3.471	1.151	106	71	369	15	27	15
Rio De Janeiro	206.366	23.368	5.785	753	323	686	27	62	38
Guanabara	635.345	22.394	3.040	4.334	196	685	137	209	88
São Paulo	1.456.451	114.939	16.924	8.837	768	2.068	224	463	182
TOTAL	2.712.950	216.493	36.213	15.508	1.914	5.002	478	1.012	395
SUL									
Paraná	252.185	30.579	6.260	981	279	556	58	189	37
Santa Catarina	94.518	17.466	4.268	213	139	316	11	76	21
Rio Grande Do Sul	592.945	94.605	22.096	1.921	799	2.875	196	290	94

TABELA 4
Associações esportivas, 1969
Número de esportistas, segundo as modalidades esportivas praticadas – Brasil

MODALIDADES DESPORTIVAS PRATICADAS	TOTAL	DESPORTISTAS		PROFISSIONAL
		MENORES	SEXO MASCULINO	
Atletismo	5.456	2.227	4.237	2
Arco e Flecha	294	108	146	
Automobilismo	751	51	693	
Basquete	87.297	11.564	33.858	
Beisebol	2.758	1.029	2.625	
Bocha	17.594	732	16.917	
Bolão	30.873	713	25.354	70
Bridge	514		314	
Caça e tiro	2.921	8	2.921	
Caça submarina	948	13	928	
Ciclismo	375	83	343	
Esgrima	326	98	197	19
Esporte de Praia	148	35	143	
Futebol	261.923	73.696	259.593	6.559
Futebol de Salão	74.253	27.076	72.182	30
Ginástica	99.171	37.498	64.981	46
Golfe	3.697	618	2.359	
Halterofilismo	1.091	148	1.091	
Hipismo	1.380	291	1.162	
Hóquei sobre patins	369	183	363	
Handbal	788	369	529	
Malha	1.960	44	1.948	2
Motociclismo	177	108	177	
Montanhismo	209	51	209	
Natação	200.855	97.460	125.390	28
Pára-quedismo	295	1	286	
Pesca e lançamento	3.224	259	2.978	
Pólo aquático	313	110	297	70

Clubes esportivos e recreativos em Porto Alegre-RS

JANICE MAZZO

Sports and recreation clubs in Porto Alegre-RS

The establishment of sports and leisure clubs in Porto Alegre, capital of the state of Rio Grande do Sul, is linked to the German immigrants who started arriving in the city in 1824. These early immigrants founded innumerable associations, societies and clubs, which demonstrated an intense and varied associative life destined to leisure, art, singing, theater and, mainly, sport. Besides that, Porto Alegre exercised a large sports influence on

dozens of other German communities of RS at that time. This process of development until the late 1930s resulted in 295 sports associations in Porto Alegre, then with 300,000 inhabitants. In 1939, Porto Alegre had 38,047 members of clubs that participated in 7,268 tournaments, games and athletic parades. In 1940, the Brazilian government required that the clubs become naturalized, doing away with a great part of sports

traditions of German roots in RS. This chapter reports details of the development of the following sports in local clubs, highlighting the year or decade of the beginning of the activities: gymnastics (1867), shooting (1885), horse racing (1872), rowing (1860s), swimming (1885), bowling (1896), tennis (1896), cycling (1896), fencing (1890s), festball (1900s), soccer (1903), basketball & volleyball (1925), boxing (1920), and golf (1930).

Definições e Origens As primeiras sociedades e associações esportivas representando espaços de sociabilidades e lazer em Porto Alegre-RS, surgiram na segunda metade do século XIX. A associação é um grupo de pessoas que tem um propósito ou interesse comum, como por exemplo, uma sociedade ou um clube. O associativismo esportivo representa uma organização voluntária como qualquer organização pública, formalmente constituída, cuja filiação é opcional, com o propósito de vivenciar as práticas desportivas e atividades físicas no âmbito da saúde e do lazer. A origem das associações e a institucionalização de diversas práticas esportivas em Porto Alegre estão relacionadas às profundas transformações sociais e econômicas ocorridas devido ao processo migratório, a desagregação do escravismo e crescimento demográfico no século XIX. A emergência do associativismo esportivo está vinculada aos imigrantes alemães que chegaram em Porto Alegre em 1824. Após o período inicial da colonização, mais precisamente na segunda metade do século XIX, fundaram-se as primeiras associações esportivas em Porto Alegre. Os imigrantes alemães legaram inúmeras associações, sociedades e clubes que demonstraram uma vida associativa intensa e variada destinada ao lazer, à arte, ao canto, ao teatro e outras atividades (Rambo, 1993; 1998; Gertz, 1991; Muller, 1984; 1988). A fundação das associações esportivas está relacionada ao forte caráter associativo dos alemães e sua rápida ascensão econômica. Outro fator que concorreu para a propagação do associativismo esportivo foi o acompanhamento dos acontecimentos e mudanças na Europa, através da comunicação permanente com a Alemanha. A comunidade alemã era proveniente de imigração direta da Europa e procurava se manter atualizada com a cultura alemã.

Os imigrantes alemães inicialmente mantiveram-se enquanto uma comunidade relativamente fechada em suas “diversas instituições de lazer e ensino próprias, bem como, comunidades religiosas (uma protestante e outra católica), todas com um forte caráter étnico, que constituíam meios de reconstruir permanentemente as suas fronteiras étnicas” (Gans, 1996, 162). As sociedades de ginástica e demais associações esportivas constituíram-se em espaços de afirmação da identidade cultural dos alemães. A presença alemã se fez notar na ginástica – primeira prática desportiva desenvolvida pelas sociedades-, como também na introdução da prática de outros esportes nas associações. Também é importante salientar que, além dos alemães outras comunidades de imigrantes organizaram, posteriormente, suas associações esportivas. Destaca-se a influência dos portugueses na criação das associações de turfe e dos italianos na prática organizada do ciclismo e remo.

Em síntese, as associações esportivas de Porto Alegre foram responsáveis pela emergência e desenvolvimento do esporte amador e profissional. As associações, na sua maioria sem qualquer auxílio do poder público, expandiram-se através de cotização dos gastos entre os sócios, recursos privados e empréstimos junto aos bancos. Algumas sedes foram construídas em terrenos doados pelos associados. A construção dos estádios, ginásios, piscinas, pistas de atletismo e outras locais, em geral constituíram investimentos vultosos das associações. Até o final da década de 1930, constatou-se a existência de 295 associações desportivas em Porto Alegre. O cenário desportivo da cidade era expressivo como ilustram as informações relacionadas a seguir: a) as associações filiadas a Ligas, Federações e outras entidades totalizavam 48 em 1937, ampliando-se para 127 em 1939; b) as associações não filiadas a Ligas, Federações e outras entidades totalizavam 108 em 1937, ampliando-se para 168 em 1939; c) em 1939 totalizava-se 172 associações com até 5 anos

de fundação, 47 associações que tinham entre 5 e 10 anos de fundação, 25 associações entre 10 a 20 anos de fundação, 31 associações de 20 a 30 anos de fundação e 20 associações com mais de 30 anos de fundação; d) o número de sócios do sexo masculino era de 38.047, em 1939, e as associadas do sexo feminino totalizavam 998; e) em 1939 foram realizados 7.268 torneios, jogos e paradas atléticas; f) o público espectador destas atividades totalizou 23.421, sendo 22.233 do sexo masculino e 1.188 do sexo feminino (Pimentel, 1945, p. 182).

A década de 1940 marca um período particular para as associações esportivas identificadas com os grupos de imigrantes alemães e italianos. A política de nacionalização implantada pelo Estado Novo (1937-1945) repercutiu no controle normativo das associações esportivas. Em Porto Alegre, as associações foram forçadas a mudar seu nome de origem alemã e/ou italiano para uma denominação em língua portuguesa. Além disso, os estatutos deveriam ser redigidos em português e as associações necessitavam de alvarás para o seu funcionamento. Em decorrência do ingresso do Brasil na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o controle sobre as associações esportivas tornou-se mais rigoroso, pois se desconfiava da presença de associados simpatizantes com o regime nazista. Neste contexto, a cidade de Porto Alegre tornou-se palco de ações hostis à comunidade teuto-brasileira. Algumas associações esportivas foram invadidas e a documentação queimada ou atirada no Rio Guaíba. Em decorrência desses acontecimentos, as associações esportivas sofreram um forte abalo na sua identidade cultural. Houve um deslocamento das suas fronteiras culturais tendo em vista a formação da identidade nacional brasileira. O processo de nacionalização implicou na fusão de clubes, na incorporação de práticas esportivas e na reorientação das diretrizes normativas e estatutárias. A adoção destas medidas representou estratégias para a sobrevivência de tais associações. E para apoia-las, havia tradições de clubes e de modalidades esportivas cuja memória é sumarizada a seguir.

Ginástica

1867 Cria-se a primeira sociedade de ginástica denominada “Deutscher Turnverein”, em Porto Alegre. Os fundadores da sociedade de ginástica (atual) SOGIPA foram C. Pohlmann e Alfred Schütt, imigrantes alemães, que chegaram em Porto Alegre por volta de 1865. O primeiro prédio da sociedade foi construído com a ajuda financeira das três grandes cervejarias de Porto Alegre, Bopp, Becker e Sassen, e Ritter e pela cotização entre os 25 primeiros sócios (Hofmeister Filho, 1987, p. 12).

1870 Alfred Schütt criou o departamento de tiro ao alvo da sociedade de ginástica (Daudt, 1942, p. 5). A sociedade foi denominada de Deutscher Turnbund-Schützenverein (Sociedade de Ginástica e Tiro Alemã). A SOGIPA foi a segunda sociedade a instituir a prática do tiro no Brasil. A mais antiga Sociedade de Tiro do Brasil, a “Schützenverein Blumenau”, foi fundada na cidade de Blumenau (Estado de Santa Catarina), em 2/12/1859. Atualmente é denominada “Tabajara Tênis Clube” (Ferreira, 1986, p. 75).

1887 – 1892 Os ginastas resolveram separar-se dos atiradores da *Turnbund-Schützenverein* em 1887 e criaram o TurnKlub (Clube de Ginástica) (Daudt, 1942, p. 7). Em 1892, houve a fusão da “*Deutscher Turnbund-Schützenverein*” e do “TurnKlub”, sendo a sociedade denominada de “Turnerbund” (Hofmeister, 1987; Tesche, 1996; Silva, 1997).

1895 Organiza-se a *Deutscher Turnerschaft von* Rio Grande do Sul (Federação Alemã de Ginástica do Rio Grande do Sul). No

princípio, a federação visava a manutenção da memória alemã, através do cultivo da prática da ginástica e o fortalecimento da unidade das sociedades alemãs. Tinha à frente o imigrante alemão, Jacob Aloys Friederichs, ginasta e tesoureiro do Turnerbund (atual SOGIPA). Jacob Aloys Friederichs é considerado o “pai da ginástica” (Turnvater) do Rio Grande do Sul devido a sua contribuição na difusão da ginástica de Jahn no Estado (Tesche, 1996). A prática da ginástica era fomentada pela presença de instrutores de ginástica provenientes da Alemanha, através da “*Verein für das Deutschtum im Ausland - VDA*” (Sociedade para o Germanismo no Estrangeiro) e do “*Turnlehrer aus Deutschland - DT*” (Professores de Turnen da Alemanha) (Wieser, 1990, p. 284-85). Gans (1996, p. 43 e p. 189) relacionou esses profissionais: Henrique Englert, em 1876, técnico de ginástica; Aloys Friderihs, 1884-1889, instrutor de ginástica (“pai da ginástica” no Rio Grande do Sul); E. Gottfried, 1867, instrutor de ginástica; E. Martens, 1867-1869, assistente do instrutor de ginástica; A. Weiss, 1867, assistente do instrutor de ginástica da Turnverein (atual SOGIPA). Outros alemães envolvidos com a prática desportiva foram: timoneiro Heinrich Braue, 1883-1889; professor e administrador de piscina Joh Poist, 1876-1889; Heinrich Rosenhaim, 1861 a 1889, dono do salão que sediou a reunião dos primeiros membros do Turnverein.

1896 A sociedade de ginástica Turnerbund inicia a prática do bolão. O bolão era um jogo similar ao boliche (Kreling, 1984) procurado pelos homens para descanso e lazer após o trabalho. Em 18 de abril deste ano foi realizada a primeira competição entre as sociedades de ginástica do Rio Grande do Sul, no campo de tiro da Sociedade de “Atiradores Alemães”, no atual Parque Moinhos de Vento. A competição valorizava o desempenho físico e a disciplina dos ginastas. O ginasta H. Lüderitz recebeu um diploma de disciplina e bom comportamento, e o ginasta Carlos Brenner foi contemplado com o diploma de boa posição e boa marcha (Daudt, 1942). A premiação destes ginastas demonstra a preocupação das sociedades em valorizar o caráter, a moral, e a educação. Os ginastas eram identificados pela disciplina, robustez, fibra, energia, educação e cultura para a formação de homens dignos para as lutas da vida. As sociedades do RS presentes na competição foram: Leopoldenser Turnverein ou Sociedade Ginástica Leopoldense (01/09/1885 ou 27/08/1885); Turner São João do Montenegro (06/03/1887); Sociedade Ginástica de Lomba Grande (1890); Sociedade Ginástica de Taquara (1890); Sociedade Ginástica de Campo Bom (1890); Sociedade de Ginástica de Santa Cruz do Sul (15/09/1893); Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo (11/07/1894); Sociedade Ginástica de Candelária (1895); Sociedade Ginástica Hamburgo Velho (22/06/1896); Lajeadenser Turverein Jahn ou Sociedade Ginástica de Lajeado (1896).

1899 Em sete de setembro deste ano foi realizada a primeira competição de ginástica para crianças no campo da Sociedade de Ciclismo Blitz. A sociedade de ginástica, diferentemente de outras sociedades esportivas procurou atender todas as faixas etárias criando departamento de ginástica não apenas para as crianças, como também para mulheres e veteranos.

1902 A partir desta data as competições de ginástica transformam-se na principal “festa interna” das sociedades de ginástica. Os denominados Festivais de Ginástica eram promovidos pela “Liga de Ginástica” e restritos às sociedades alemãs. A SOGIPA, nos primeiros anos somente aceitava alemães e, depois permitiu o ingresso de associados brasileiros educados na Alemanha. As competições anuais reuniam um número expressivo de representantes das sociedades nas provas de ginástica e de outros desportos. As competições das sociedades de ginástica eram

“verdadeiras festas olímpicas” contando com a participação de aproximadamente mil jovens de todo o Rio Grande do Sul e sendo prestigiada pelo público de aproximadamente 10.000 pessoas (Daudt, 1942). As sociedades então existentes eram: Turverein São Sebastião do Cahy ou Sociedade Ginástica de São Sebastião do Cai (15/06/1898) ou (1897, conforme Daudt, 1942, p. 44); Grupo de Ginástica “Gut Heil” (23/10/1898) depois Sociedade de Ginástica Ijuí (15/11/1914); Sociedade de Ginástica de Pelotas (1899); Sociedade Ginástica de Sapiranga (1900); Sociedade Ginástica de Rio Grande (1900).

1904 – 1907 As mulheres da sociedade de ginástica Turnerbund, criam em 1904 o grupo feminino de ginástica. O grupo funcionava de forma autônoma, com diretoria própria e reunia 37 mulheres (casadas e solteiras). A primeira presidente foi a professora Elli Kaufmann da escola Hilfsverein (atual Colégio Farroupilha). Em 1905, a sociedade de ginástica encampou o grupo feminino de ginástica, que passou a ser coordenado pelo professor de “educação física das moças”. Em 1907, as mulheres casadas começaram a participar das sessões de ginástica da sociedade (Daudt, 1942, p. 13). A participação das mulheres nas atividades físicas e sociais era um traço distintivo da sociedade de ginástica. A oferta de atividades físicas para as mulheres visava a sua preparação para o trabalho.

1908 A Federação Alemã de Ginástica do Rio Grande do Sul é subdividida em quatro regiões devido a sua grande área de abrangência e Porto Alegre torna-se sede da primeira região. Os festivais regionais de ginástica (Gauturnfeste) foram incrementados significando um momento de integração entre as sociedades de ginástica do Estado. As confraternizações constituíam-se em espaços de afirmação da identidade teuto-brasileira: “comemorações em honra de Jahn, com várias competições atléticas, jogos olímpicos, demonstrações nos vários aparelhos, exercícios físicos, etc.” (Daudt, 1942, p. 15). As sociedades de ginástica criadas no período foram: Turverein Jahn (05/04/1903) fundiu-se em 1918 com o Sängerverein de Santa Maria; Sociedade Ginástica de Vera Cruz (1905); Turverein Navegantes, em Porto Alegre (1906); Turverein Estrela ou Sociedade de Ginástica Estrela (30/05/1907); Sängerverein “Frohsin” (05/01/1908) fundiu-se com o Schützenverein resultando na Sociedade Ginástica de Cachoeira do Sul, atual Sociedade Rio Branco; Turverein Teutônia (1909); Sociedade Ginástica de Três Coroas (1910); Sociedade Ginástica de Estância Velha (1910); Grupo de Ginástica “Gut Heil” ou Sociedade Ginástica Panambi (01/03/1913).

1913 Realiza-se uma corrida que partia de Santa Cruz do Sul (cidade de colonização alemã) com chegada em Porto Alegre. No mesmo ano foi criado o grupo de escoteiros da sociedade de ginástica, pelo professor Georg Black Sen. Os escoteiros realizaram uma marcha a pé partindo de Porto Alegre até Blumenau (cidade de colonização alemã no Estado de Santa Catarina) (Daudt, 1942, p. 30). Entre as competições promovidas pelas sociedades estavam as corridas de revezamento de longa distância denominadas “corridas de estafeta”.

1915 A partir de maio os festivais de ginástica passam a ser divulgados, mensalmente, para os sócios e população em geral, através do jornal “Deutsche Turnblätter” editado pela Sociedade Turnerbund (atual SOGIPA) (Tesche, 1996, p. 75).

1916 Neste ano, em plena Primeira Guerra Mundial realiza-se uma competição internacional em homenagem a Jahn, em Porto Alegre. As sociedades de ginástica caracterizavam-se pela valorização das raízes germânicas, culto da saúde corporal e educação moral da juventude (Luz, 2000).

1917 O governo brasileiro passa a exercer forte pressão para a nacionalização das sociedades e associações esportivas fundadas pelos imigrantes alemães e italianos.

1917 – 1920 A Turnerbund suspende várias atividades neste período de repressão. O número de sócios manteve-se quase o mesmo refletindo a situação conflituosa. Em 1919 foram computados 800 associados. Houve uma interrupção na fundação de novas sociedades de ginástica no Rio Grande do Sul. A retomada acontece a partir de 1925. Associações criadas: Turverein Cruz Alta (04/11/1925); Sociedade Ginástica de Santo Ângelo (1925); Sociedade Ginástica de Buricá (1925); Sociedade Ginástica de

Três de Maio (1925); Sociedade Ginástica de Erechim (1925); Turverein Navegantes São João (06/06/1927); Turverein General Osório de Ibirubá (10/07/1927); Sociedade Cantora e Ginástica de Augusto Pestana (18/05/1933) (Tesche, 1996, p. 74; Ramos da Luz, 2001, p. 10).

1924 Realizam-se as comemorações do Centenário da Imigração Alemã em Porto Alegre. As mulheres pela primeira vez participaram das competições de atletismo. Ainda é realizada a corrida de revezamento que percorria o trajeto entre cidades de colonização alemã (Ijuí a São Leopoldo). Possivelmente, esta modalidade de corrida de revezamento foi a primeira realizada no Brasil (Daudt, 1942, p. 44). O esporte transformado em fenômeno de massa expande-se para além de espaços concebidos inicialmente para sua prática. Os desportos de deslocamento aparecem como formas de “percorrer a nação”, de forma física, integrando-se ao coletivo. As corridas e marchas a pé são um meio dos teuto-brasileiros conhecerem e apreenderem o território, o espaço da pátria. Os teuto-brasileiros percorrem cidades onde vivem seus patriícios (Santa Cruz do Sul, Ijuí, São Leopoldo e Porto Alegre) comungando além de território geográfico as fronteiras territoriais culturais.

1927 A futura SOGIPA colabora na fundação da sociedade de ginástica denominada Turnerbund Navegantes São João, em Porto Alegre. A criação de uma segunda sociedade de ginástica na cidade demonstrou o domínio dos teuto-brasileiros no campo desportivo, apesar dos abalos sofridos após a primeira guerra mundial.

1933 Realiza-se o 17º Festa Regional de Ginástica (Turnfest), em São Leopoldo, com o apoio da SOGIPA, representando a afirmação da identidade cultural dos teuto-brasileiros. No convite constava o objetivo do festival: “Encontrar-nos-emos como pessoas de sangue alemão, como ginastas alemães, fazendo nossa profissão de fé no povo de Jahn e à ginástica de Jahn”. (Convite e programa da 17º festa regional de ginástica em São Leopoldo em 28 e 29 de outubro de 1933, segundo Ramos da Luz, 2000, p. 1).

1935 Promove-se um grande Festival Regional de Ginástica em comemoração ao 40º aniversário da Liga de Ginástica (1895-1935). As comemorações, que também “celebravam o Centenário da Revolução Farroupilha”, foram prestigiadas pelo governador do Estado, General Flores da Cunha, pelo prefeito de Porto Alegre, Major Alberto Bins e pela população em geral (Hofmeister, 1987, p. 90). O destaque da SOGIPA nas diversas competições desportivas locais e estaduais era reconhecido, sendo considerada um “veículo de campeões e campeãs riograndenses” (Roche, 1969, p. 645). A SOGIPA tinha os seguintes departamentos desportivos: ginástica, atletismo, bola ao cesto (basquete), bola sobre a rede (voleibol), bola de punho (punhobol), esgrima, tênis, bolão e xadrez. Já no final da década de 30, a SOGIPA tinha ampliado seu número de associados para 1.360 sócios.

Década de 1940 Em consequência da campanha de nacionalização promovida pelo Estado Novo (1937-1945) e dos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial (1939-1942), a sociedade de ginástica Turnenbund sofreu um forte impacto, sendo obrigada a mudar o nome denominando-se Sociedade de Ginástica Porto Alegre – 1867 (SOGIPA). Também a sociedade teve sua sede invadida pela polícia. E muitos dos associados tiveram suas casas vasculhadas.

Tiro

1885 Funda-se em Porto Alegre, o “Von Musterreiter Club Porto Alegre” (Clube dos Cavaleiros de Amostras). A associação “nasceu para congregar os viajantes comerciais que percorriam as precárias estradas gaúchas, de ponta a ponta, vendendo mercadorias e, de quebra, cumprindo um papel importante como elo de ligação cultural, social e política entre a capital e as regiões por eles atendidas” (Lentz, 2001, p. 46). As Sociedades de Atiradores (Schützenhalte) promoviam os Torneios de Tiro chamado “Festa dos Atiradores” (Schützenfest), que reunia os moradores da picada, vila ou cidade, na sociedade durante todo o dia, com danças e muita animação (Muller, 1994). Os imigrantes alemães praticavam o Tiro ao Rei, enquanto que os italianos realizavam o tiro nos clubes de caça e pesca (Alencastro e Renaux, 1997). As sociedades de tiro e de ginástica estavam ligadas à emergência da nacionalidade e a representação da identidade de grupo. No final do século XIX foi criado o “*Deutscher Christzen Verein*” (Club dos Atiradores Alemães), conhecido por Tiro Alemão e o Tiro Nacional Porto Alegrense.

Década de 1900 No início do século XX, o tiro ao alvo (denominação antiga do esporte), enquanto esporte competitivo foi difundido no país através de estandes montados pelo exército em diversas cidades para treinamento militar, denominadas linhas de tiro. Em 20/02/1907, funda-se o Esporte Clube Navegantes, que visava a prática dos tradicionais esportes da comunidade alemã: tiro ao alvo, o bilhar, snooker, bolão e ping pong.

1910 A linha de tiro “Tiro 4” representa Porto Alegre no primeiro campeonato brasileiro de tiro ao alvo.

1916 O “Tiro 4” recebeu a visita de Olavo Bilac, “o nosso grande poeta e propugnador da instrução militar e cívica da mocidade brasileira” (Pimentel, 1945, p. 152).

1917 As sociedades de tiro são incorporadas pelo exército brasileiro adotando a denominação de Tiros de Guerra (Decreto Legislativo nº 3.361 de 26/10/1917). O Tiro Nacional Porto Alegrense passou a denominar-se Tiro de Guerra nº 4.

1920 Os portoalegrenses Sebastião Wolf e Dario Barbosa, membros do Tiro de Guerra nº 4 conquistaram a medalha de bronze na prova de tiro com pistola em equipes nos VII Jogos Olímpicos da Antuérpia (Bélgica) realizados no período de 7 de julho a 12 de setembro (Revista Panathlon Internacional, 2000, p. 2). A equipe de competição de tiro ao alvo foi dirigida por Arnaldo Guinle, Ariovisto de Almeida Rego e Vitor Nidosi Chermont. Os atletas eram: “Afrânio Antônio da Costa (chefe da equipe e competidor da categoria pistola; campeão brasileiro); tenente Guilherme Paraense (categoria revólver; campeão brasileiro na modalidade de Tiro com revólver em 1918); Sebastião Wolf (categoria fuzil); Fernando Soledade (categoria pistola); tenente Mario Machado Maurity (categoria pistola); tenente Dermeval Peixoto (categoria pistola) e Mario Dario Barbosa (categoria revólver)” (Ribeiro Jr., 1994, p. 23). Em 1992 a Empresa de Correios e Telegrafos – ECT lançou selos em homenagem aos campeões das olimpíadas de 1920.

1939 Cria-se a Federação Gaúcha de Caça e Tiro mas o desenvolvimento da modalidade não correspondeu ao crescimento institucional, pois nos anos seguintes a prática do tiro ao alvo não teve a mesma expressão que nas décadas anteriores. A transformação das sociedades de tiro em tiros de guerra foi um dos motivos que levou ao enfraquecimento do esporte.

Turfe

Segunda metade do século XIX A diversão predileta dos portoalegrenses era as corridas de cavalo conhecidas por “carreiras em cancha reta”. As carreiras de cavalos, realizadas freqüentemente no Morro de Teresópolis, representavam um momento de reunião social e festiva, no qual as mulheres organizavam piqueniques. As carreiras envolviam apostas em dinheiro e visavam indiretamente melhorar a raça dos animais pelos criadores de cavalos. A tradição da elite rural portuguesa na criação de cavalos foi um dos fatores que favoreceu a fundação dos primeiros hipódromos (prados) em Porto Alegre. Quando surgiram os hipódromos, as corridas de carreiras começaram a perder espaço (Franco, 1988).

1872 Inaugura-se o primeiro Prado denominado “Derby Club”, na Várzea, atual Parque Farroupilha (Lemos, 1919)

1877 Funda-se o Prado Boa Vista, também conhecido por Hipódromo Portoalegrense, na Estrada Mato Grosso (atual Avenida Bento Gonçalves no Bairro Santana). Este empreendimento fechou três anos depois, em 1880.

1881 Constrói-se o Hipódromo Rio-Grandense sob direção do engenheiro francês Eugénie Plazollesício. A edificação do hipódromo coincidiu com o ciclo de prosperidade do arraial Menino Deus (atual Bairro Menino Deus). A partir de 1874, o bairro, que já tinha a avenida Azenha e Navegantes, passou a contar com novos serviços de bondes de tração animal e iluminação pública a gás. A circulação dos bondes e o Hipódromo Rio-Grandense foram responsáveis pelo desenvolvimento do bairro Menino Deus, que inicialmente era povoado apenas por chacáras. O Hipódromo Rio-Grandense fechou em 1909, quando Porto Alegre já acumulava um número expressivo de associações de remo. Em 1891, surgiu o hipódromo ou Prado Navegantes, em razão da expansão do sistema de bondes ao Bairro Navegantes.

1894 Um ano depois da implantação da primeira linha de bondes no Bairro Independência foi construído o Hipódromo Independência – também conhecido como Hipódromo Moinhos de Vento, no final da linha do bonde (atual Rua 24 de Outubro). O hipódromo e a expansão do serviço de bondes na Avenida Independência repercutiu no calçamento e intensificação da construção civil. A Rua Independência tornou-se um ponto elegante da cidade, com forte concentração de moradores abastados.

Década de 1890 Auge do turfe portoalegrense, considerado um dos principais espetáculos esportivos até o início do novo século. As disputas no turfe reuniam a elite portoalegrense e visitantes ilustres como Carlos Barbosa, Assis Brasil, José Montauray, Flores da Cunha, Oswaldo Aranha, Getúlio Vargas e João Goulart (Franco; Silva e Schidrowitz, 1940; Franco, 2000).

Início do século XX Os espaços do turfe cedem seu lugar aos primeiros clubes de futebol em Porto Alegre. O enfraquecimento do turfe está relacionado à transição para um novo modelo de sociedade. O turfe era uma prática restrita às elites rurais frequentadoras dos hipódromos, que retratavam uma sociedade colonial e arcaica. O turfe passou a ser associado ao atraso de Porto Alegre, que desejava tornar-se uma cidade moderna, tendo como referência a capital do Brasil – Rio de Janeiro na época – e cidades européias. O futebol estava associado à modernidade. As associações de remo também disputam um espaço significativo com o turfe no âmbito das representações sociais.

1959 O Hipódromo Moinhos de Vento transfere-se para o Bairro Cristal, adotando o nome de “Jockey Club do Rio Grande do Sul”. A construção do novo hipódromo, popularmente chamado de “Hipódromo do Cristal”, devido a sua localização no Bairro Cristal, teve o apoio da “Associação Protetora do Turf”. O “Jockey Club” praticamente eliminou as carreiras em cancha reta, mesmo porque, estas não poderiam acolher um grande público.

Remo

Década de 1860 Há registros de prática do remo em Porto Alegre anterior ao ano de 1860, entretanto nessa época era realizado sem fins competitivos entre grupos de amigos. A primeira regata considerada oficial na história do esporte gaúcho foi realizada em 1865, na cidade de Rio Grande, em homenagem ao Imperador D. Pedro II, que estava de passagem pelo Rio Grande do Sul. A “Regata Imperial” disputada entre remadores de Rio Grande e Porto Alegre premiou os vencedores da “guarnição dos hamburgueses” daquela cidade com medalhas de ouro entregues pelo Imperador (Álbum de Pôrto Alegre, 1940, p. 643).

1888 Funda-se a primeira associação de remo em Porto Alegre, o “Ruder Club Porto Alegre” (Clube de Regatas Porto Alegre), pelos imigrantes alemães (Hofmeister, 1981, p. 47). Em reunião realizada no tradicional Restaurante Continental de Porto Alegre foi criado o clube de remo, pelo major Alberto Bins, Alfredo Schuett (fundador da SOGIPA), F. Igwersen, Julio Issler Jor, John Day, Luiz Koehler, H. Schwerin. Alberto Bins nasceu em Porto Alegre, em 1869. Filho de imigrante alemão, comerciante de destaque na cidade (Franco, 1992, p. 74), foi presidente da Associação Comercial de Porto Alegre, fundador do Centro da Indústria Fabril do Rio Grande do Sul e proprietário da Metalúrgica Berta (Bakos, 1986, p. 73-74). Foi também fundador da VARIG, intendente/prefeito de Porto Alegre de 1928 a 1936, e faleceu em 1957 (Possamai, 1998, p. 74-6; entrevista realizada em 1952 pelo desportista José Carlos Daudt, segundo Hofmeister, 1981, p. 48). O início da prática do remo foi promovido pelos fundadores que importaram dois barcos da Alemanha (Hofmeister, 1981, p. 47). A sede do clube pioneiro localizava-se à margem do Rio Guaíba, próximo à praça da Alfândega. O “Ruder Club” é considerado o primeiro clube formal (sede e estatutos) de remo do Brasil (Hofmeister, 1981).

1892 Criação do “*Ruder-Verein Germania*” por jovens de descendência alemã, que importaram os barcos da Alemanha.

1894 Em 17/02 instala-se o “Comitê de Regatas”, com a finalidade de impulsionar o desenvolvimento do remo através das competições abertas ao público em geral. O Comitê promoveu a primeira regata em Porto Alegre, com a participação do “Ruder Club Porto Alegre” (Clube de Remo Porto Alegre) e do “*Ruder-Verein Germania*” (Clube de Remo Germânia), em 03/06/1894. A regata foi “uma grande novidade para o povo pôrto-alegrense. A saída teve início na extinta

estação de bondes em Navegantes e a chegada no trapiche do Germania na distância de 1800 metros” (Pimentel, 1945, p. 157). O “Comitê de Regatas” é a mais antiga entidade estadual de remo no Brasil (CRD, 1999; Melo, 1999).

1903 Em 18/01, um grupo de luso-brasileiros que tinham dificuldade em assimilar as instruções e comandos no idioma alemão criou seu clube de remo em Porto Alegre. O Clube de Regatas Almirante Tamandaré fundado pelo capitão de corveta Gaspar Pinto Fróis de Azevedo é considerado o primeiro centro náutico que nacionalizou o remo no Brasil. O clube também reunia teuto-brasileiros que não concordavam com o uso do idioma alemão nos treinos.

1905 Remadores do “*Ruder-Verein Germânia*” desentendem-se com o instrutor de remo, que somente se comunicava em alemão e se desvinculam do clube. Os dissidentes criaram o Clube de Regatas Almirante Barroso, que adotou o português como língua oficial. O clube, diferentemente do “*Ruder Verein Germânia*” aceitava o ingresso de teuto-brasileiros (Álbum Pôrto Alegre, 1940, p. 643). O “Barroso” foi o clube de remo gaúcho que mais obteve vitórias e títulos nacionais e sul-americanos, o que lhe rendeu o apelido de “O Glorioso”.

1906 Um grupo de colegiais teuto-brasileiros, que estudavam no “*Hilfsverein Schule*” (atualmente Colégio Farroupilha) organizou seu clube de remo com a ajuda financeira dos pais. A associação foi batizada de “*Ruder Verein Freundschaft*” (Sociedade de Regatas Amizade), voltada para a prática do remo e a promoção de atividades sociais, como reuniões dançantes nas casas dos familiares.

1908 Em 07/09, o Comitê de Regatas transformou-se na Federação Rio Grandense de Remo. A criação da Federação era uma demonstração da forte organização dos desportos aquáticos, especialmente, o remo em relação às outras modalidades desportivas.

1908 A elite italiana organiza seu próprio clube de remo, o “*Canottieri Duca degli Abruzzi*”, também chamado de Club Italiano Duca degli Abruzzi (Franco; Silva e Schidrowitz, 1940, p. 644). A associação visava “criar, manter e promover entre os sócios os exercícios higiênicos do remo e da natação” (Arquivo público estadual – 3ª vara cível e comércio – processo nº 3692). Posteriormente, o clube organizou equipes de natação, voleibol, basquete e ciclismo. O agrupamento da comunidade italiana em torno de uma associação voltada para os desportos náuticos trouxe implicitamente o significado de se fazer representar diante da sociedade porto-alegrense.

1911 Em 30/11 a Federação é extinta e substituída pela Liga Náutica Rio-Grandense, atualmente denominada Federação de Remo do Rio Grande do Sul.

1914 O Clube de Regatas Almirante Tamandaré organiza a primeira competição porto-alegrense de pólo aquático, que foi disputada pelas duas equipes do clube no Rio Guaíba.

1917 Inaugura-se o “Clube de Regatas Vasco da Gama” por “116 elementos representativos da colônia portuguesa”. A associação conhecida como “Clube da Cruz de Malta” tinha como desporto principal o remo, mas também promovia bolão, natação, pólo aquático, ciclismo. A associação, que inicialmente reunia a comunidade luso-brasileira estava com aproximadamente três mil associados em 1940. Neste mesmo ano, são implantadas as primeiras medidas de abasileiramento das associações que tinham nome em alemão. O “*Ruder-Verein Germania*” foi pressionado a mudar o nome para o português denominando-se “Clube de Regatas Guahyba” e o “*Ruder Verein Freundschaft*” mudou o nome para “Grêmio Náutico União”.

Década de 1940 O remo destacava-se entre os desportos mais prestigiados em Porto Alegre “emparelhando, em importância e interesse público, com os demais esportes, bastando citar-se o interesse com que o mundo esportivo acompanhou, através do noticiário da imprensa e do rádio, o desenrolar da regata interestadual efetuada em Florianópolis” (Amaro Júnior, 1944, p. 101). A Liga Náutica Rio-Grandense tinha mais de 5.000 remadores, sócios dos clubes federados a mesma Liga, em 1940 (Pimentel, 1945, p. 159). As regatas promovidas em Porto Alegre se diferenciavam de outros Estados brasileiros pela qualidade dos barcos importados da Alemanha (Hofmeister, 1981, p. 48).

1941 As associações de remo porto-alegrense sofrem sua primeira crise, em decorrência da grande enchente ocorrida em Porto Alegre. As associações de remo estavam localizadas no litoral ao longo do antigo caminho do Meio (atual Rua Voluntários da Pátria), em Porto Alegre.

1948 Com o início da construção do “Cais de Saneamento”, ao longo do Bairro Navegantes, as associações de remo deveriam ser deslocadas para outro local. Foi projetado o Parque Náutico (atual Cais dos Navegantes), onde cada um dos seis clubes receberia um terreno (50m largura x 80m de frente até a rampa), enquanto prosseguiriam as obras da construção do “Cais de Saneamento Marcílio Dias” (GNU, 1981, p. 11). A proposta do governo foi considerada desvantajosa pelas associações devido a dificuldade de acesso e pela morosidade na viabilização do projeto oficial. Neste ínterim, os clubes de regatas Almirante Barroso e Grêmio Náutico União adquiriram seus terrenos na Ilha do Pavão e retomaram o desenvolvimento do remo.

Década de 1960 A tardia transferência dos clubes de remo para o Parque Náutico, um local de difícil acesso, causou o progressivo afastamento dos associados e o enfraquecimento financeiro da maioria dos clubes de remo (Coetegers, 1998).

Natação

1885 Com início neste ano, a natação passa a ser promovida pela Sociedade de Ginástica Turnerbund em uma piscina denominada “basenho” localizada a beira da praia do Rio Guaíba (à Rua da Conceição, depois da Rua Voluntários da Pátria, próximo aos armazéns da Viação Férrea). O dinheiro para a construção do “basenho” foi obtido com a colaboração dos associados mediante lançamento de quotas sociais. Conforme Daudt, (1942, p. 7) “o príncipe Gastão de Orleans, Conde D’Eu, marido da princesa-herdeira do Brasil visitou a sociedade em 1885, durante sua estada em Porto Alegre e contribuiu com uma quantia em dinheiro”. A piscina foi destruída em consequência de um incêndio ocorrido nos armazéns da estrada de ferro, em fins de 1916. A sociedade de ginástica Turnerbund contruiu uma nova piscina em sua sede social em 14/02/1953.

Final do século XIX O Ruder Club (Clube de Regatas Porto Alegre) e o Ruder Verein Germânia (Clube de Regatas Guahyba) também passam a incentivar a prática da natação no Rio Guaíba. Em 1890, a Sociedade de Ginástica Turnerbund juntamente com o “Ruder Club Porto Alegre” e a “*Naturheilverein*” (Sociedade para a Cura Naturalista) organizam a “*Schwimmverband*” (Liga de Natação). Em 1897, realiza-se a primeira prova de natação em “distância longa” no Rio Guaíba, partindo da Rua Hoffmann até a piscina (basenho) da SOGIPA.

Início do século XIX O clube de Regatas Almirante Tamandaré (fundado em 1903), o Clube Almirante Barroso (1905) e o Club Canottieri Duca degli Abruzzi (1908), além do remo ofereciam natação aos seus associados.

1931 O Clube Excursionista e Sportivo (1902) inaugura a primeira piscina do Estado, para a prática da natação e saltos ornamentais. E dois anos depois, o Grêmio Náutico Gaúcho (fundado em 1929) também constrói sua piscina.

1942 Em dezembro, o Grêmio Náutico União (1906) inaugura sua piscina com 25 metros. Na época foi considerada a melhor piscina do Estado para a realização de competições de natação, pólo aquático e saltos ornamentais. Na década de 1950, o clube ampliou seu espaço físico adquirindo novas sedes em bairros centrais de Porto Alegre e na Ilha do Pavão, sendo conhecido como o “Clube das Três Sedes”.

Década de 1940 Nas competições de natação, o público lotava o Grêmio Náutico União que rivalizava com o Club Excursionista Sportivo, até a extinção de seu departamento de natação. Depois, o Grêmio Náutico Gaúcho tornou-se o novo adversário do Grêmio Náutico União (Cabral, 1946).

Bolão

1896 A *Gesellschaft* (Sociedade Leopoldina, 1863), cria o primeiro grupo de bolão do Brasil denominado “Grupo de Bolão 14 de abril”. É considerado o segundo grupo de bolão mais antigo da América do Sul (ALJ, 2001, p. 19).

1918 Um grupo de mulheres alemãs, que freqüentavam a Sociedade Leopoldina, criam o “Grupo de Bolão Violeta Arco-Iris”.

Década de 1940 Neste estágio existiam em Porto Alegre sete associações esportivas voltadas para a prática do bolão, todas criadas pelos teuto-brasileiros.

Tênis

1896 foi fundada a primeira associação de tênis, o “Tennis Club Walhalla”, pelos imigrantes alemães (Oliveira, 1996, p. 163).

1902 O “Club Excursionista e Sportivo” começa a desenvolver o tênis.

1914 A sociedade de ginástica Turnerbund cria seu departamento de tênis chamado “Tênis Clube Germânia”.

1929 Em 09/04, a organização das associações de tênis possibilitou a criação da Federação Riograndense de Tênis-FRGT. Os clubes fundadores foram: Club Excursionista Sportivo, British Club, Tennis Club Walhalla, Tennis Club Germânia. O primeiro presidente foi Max Ertel.

1938 O tênis foi encampado pela Associação Leopoldina Juvenil-ALJ. A ALJ resultou da fusão da Sociedade Leopoldina (05/12/1863) e do Club Recreio Juvenil (1903) (ALJ, 2001, p. 20). A Sociedade Leopoldina, desde o princípio, se diferenciava das outras sociedades pela promoção dos bailes de gala, festas e homenagens a pessoas e setores importantes da vida porto-alegrense. O Club Recreio Juvenil reunia nas reuniões dançantes e festas sociais somente jovens solteiros da elite porto-alegrense. A Associação Leopoldina Juvenil seguiu a tradição herdada das entidades antecessoras, buscando figuras de destaque para ocupar sua presidência.

1940 A FRGT contava com sete clubes da capital filiados e 26 clubes do interior do Estado.

Ciclismo

1896 Imigrantes alemães fundam a primeira sociedade de ciclismo de Porto Alegre denominada “*Rodforvier Verein Blitz*” (Sociedade Ciclística Blitz) (Lima, 1909). Um dos seus fundadores foi Alberto Bins, que ajudou financeiramente na aquisição do velódromo à Rua Voluntários da Pátria em Porto Alegre.

1897 A sociedade Blitz promove a primeira corrida ciclística nas ruas de Porto Alegre.

1898 Realiza-se a primeira disputa ciclística em pista oficial no velódromo Rio-Grandense, que se estendia até a parte central do Prado Independência.

1899 Cria-se a a União Velocipédica, que neste mesmo ano inaugura seu velódromo no terreno locado pelo município de Porto Alegre, onde atualmente localiza-se o Instituto Parobé.

1900 Iniciam-se as disputas ciclísticas no âmbito estadual, que passaram a ser realizadas anualmente popularizando o ciclismo em Porto Alegre e no Estado (Franco, 1988). Havia um grande número de ciclistas tanto na Sociedade Blitz como na União Velocipédica. O público porto-alegrense comparecia aos velódromos para assistir as competições que tinham um aspecto festivo (Revista do Globo, 1936, p. 15).

Início do século XX Os velódromos são extintos e o ciclismo começa a desaparecer. A decadência do ciclismo coincide com o aumento do trânsito de automóveis nas ruas e a ascensão do futebol (Franco, 1988; Damo, 1998).

1935 Em 17/10 foi organizada a Federação Riograndense de Ciclismo e Motociclismo, pelos clubes Esperança, Rio Grandense e Júpiter.

Década de 1940 O ciclismo sofre dificuldades com a falta de peças para suas bicicletas importadas, em conseqüência da segunda guerra mundial. No período, foram realizadas poucas provas oficiais (Amaro Júnior, 1944, p. 67).

Esgrima

Final do século XIX Neste período, a esgrima era praticada na SOGIPA. Durante muitos anos esta sociedade de ginástica reuniu os melhores esgrimistas de Porto Alegre, e promoveu competições somente no âmbito interno da própria sociedade.

1923 A SOGIPA contrata o mestre-de-armas alemão, Ferdinand Fenchel com o objetivo de incrementar o número de praticantes e

estruturar o departamento de esgrima, junto com o mestre-de-armas da sociedade, Georg Black.

1924 A SOGIPA inaugura o novo departamento de esgrima com o nome de “Grupo de Esgrima Teutônia”.

1927 Realiza-se o Primeiro Campeonato Estadual de Esgrima, pelo Colégio Militar de Porto Alegre. Em termos de tradição, cumpre destacar que a esgrima, juntamente com a ginástica, natação e equitação foi incluída nos cursos da Escola Militar do Rio Grande do Sul, através do Decreto nº 9.251 de 16/06/1884.

1931 Organiza-se a Liga de Esgrima de Porto Alegre. Mesmo assim, a esgrima continuou desenvolvendo-se lentamente em relação aos outros esportes. A esgrima reunia poucos praticantes no Estado e os esgrimistas gaúchos não tinham uma participação expressiva no cenário nacional.

Década de 1940 A esgrima porto-alegrense começa a ter maior visibilidade nacional. Em 29/10/1941 foi organizada a Federação Riograndense de Esgrima. Em 1943, pela primeira vez o Estado do Rio Grande do Sul foi representado no Congresso Brasileiro de Esgrima. Porto Alegre foi designada para sediar o próximo campeonato nacional, certamente uma deliberação que visava promover e incentivar a prática da esgrima no Estado (Amaro Júnior, 1944, p. 109).

Bocha

1930 Em 02/12 foi criado o “Club de Bocia Caminho do Meio” pela comunidade italiana. A bocha era praticada exclusivamente pelos homens. A primeira participação das mulheres em competição ocorreu em 1983, em caráter de demonstração. Em 1987, elas começaram a participar oficialmente nas competições

1933 Em 08/02, a bocha começa a ser desenvolvida pelo Independente Foot-ball Clube.

1937 Em 22/09 foi criado o Círculo Operário Ferroviário do Rio Grande do Sul, cujo esporte principal era a bocha.

1938 Em 01/02, um grupo de militares do exército fundou o “Club de Bocias Central”.

1942 Organiza-se a Associação Porto Alegrense de Bocha. Em cumprimento ao Decreto-Lei nº 3.199 de 1941, a associação foi extinta e no seu lugar criada a Federação Riograndense de Bocha, em 04/04/1944.

Punhobol

Década de 1900 O punhobol (festball) foi introduzido na sociedade de ginástica Turnerbund (Oliveira, 1996).

1927 Em 02/12, foi criada a Associação dos Antigos Alunos Maristas de Porto Alegre -AAMPA, cujo esporte principal era o punhobol.

Década de 1940 A Sociedade de ginástica reunia os melhores jogadores de punhobol de Porto Alegre.

Futebol

1903 Cria-se na mesma data os primeiros clubes de futebol em Porto Alegre: o Fuss-ball Club (15/09/1903), pela iniciativa dos ciclistas da “*Rodforvier Verein Blitz*” e o Grêmio Foot-ball Portoalegrense (15/09/1903) por remadores as associações de remo teuto-brasileiras (Oliveira, 1912, p. 97-98). No início do mês de setembro de 1903, a sociedade porto-alegrense foi apresentada ao futebol pelo Esporte Clube Rio Grande (1900), o mais antigo clube de futebol ativo no Brasil. A demonstração do futebol no campo improvisado no atual Parque Farroupilha foi marcada por uma grande festa, com a presença das associações desportivas, seus dirigentes e atletas e, um razoável público.

1904 O Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense fez um empréstimo junto ao Banco Alemão para a aquisição do terreno do campo de futebol próximo das instalações do Clube de “Tiro Alemão”, no atual Parque Moinhos de Vento (GFBPA, 1983; Ostermann, 2000). Até 1909, das 19 disputas do Grêmio, 17 partidas foram realizadas com o Fuss-ball. As duas outras partidas foram disputadas com clubes teuto-brasileiros de outras cidades do interior do Rio Grande do Sul (Damo, 1998, p. 92).

1909 O predomínio germânico nas associações de futebol portoalegrense sofre uma “reação nativa” com a criação de uma

associação pluriétnica, o “Sport Club Internacional” (Jesus, 2001, p. 208). A organização da nova associação foi impulsionada por homens de “camadas médias e oriundos de segmentos étnicos subalternos no contexto local”. O Internacional iniciou com o futebol, seu esporte principal e, posteriormente introduziu o atletismo e basquete.

1909 A sociedade de ginástica cria a equipe de futebol denominada “Frisch-Auf” dirigida pelo professor de ginástica e ex-jogador do Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense, Georg Black Sen. A sociedade de ginástica comprou um terreno para a construção do campo em 1910, com auxílio do Hilfsverein (Colégio Farroupilha) e de um grupo de voluntários chamados “amigos do estádio”. Os primeiros jogos de futebol do “Frisch-Auf” foram disputados por volta de 1912. As partidas eram disputadas somente com o Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense, uma associação de futebol que integrava a rede da comunidade teuto-brasileira.

1910 A partir deste ano multiplicaram-se as associações de futebol: Esporte Clube São José (1913), Sociedade Esportiva Sokol (1913), Esporte Clube Cruzeiro (1913), Sport Club Ruy Barbosa (1915), Ipiranga Futebol Club (1917).

1917 O time de futebol da sociedade chamado “*Manschaft Frisch Auf*” (Equipe Sempre Avante) foi o centro de um conflito ocorrido durante uma partida com o popular Clube Porto-Alegrense. O campo de futebol foi invadido pela torcida armada de paus e garrafas vazias ocasionando uma briga generalizada envolvendo o árbitro e jogadores (Tesche, 1996). Este acontecimento reproduziu em campo velhas desavenças étnicas entre os luso-brasileiros e alemães relacionadas à formação de um sentimento nacional de brasilidade.

1918 Surge a Liga Porto Alegrense de Futebol (atual Federação Gaúcha de Futebol), com destacada influência do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense.

Década de 1920 Aparecem 13 novas associações de futebol em Porto Alegre. O futebol sofre os reflexos da consolidação da sociedade urbano-industrial e da participação da população brasileira no quadro político nacional, sob a influência do populismo (Sodré, 1977). O futebol que era desenvolvido pelas associações desportivas de forma amadora começou a se profissionalizar.

Década de 1930 Criam-se 66 novas associações de futebol e muitas associações esportivas existentes incorporaram a prática do futebol. Ao final da década de 1930 totalizava-se 88 associações, cujo esporte principal ou único esporte praticado era o futebol. Os moradores de bairros, vilas e empresas porto-alegrenses criaram seus times. O associativismo estendeu-se para as camadas populares, através do futebol. As tradicionais associações de remo de Porto Alegre criticavam o desmantelamento dos ideais do associativismo. No final desta década, o Campeonato Popular de Futebol de Porto Alegre era destacado pela imprensa gaúcha, como o maior neste gênero realizado no país. O número de associações participantes crescia a cada ano: em 1937 – 60 clubes; em 1938 – 102 clubes; em 1939 – 106 clubes; em 1940 – 172 clubes. A abertura do campeonato – uma grande parada olímpica, era prestigiada pelo público aproximado de 4.000 pessoas (Pimentel, 1940).

1938 A Federação Rio Grandense de Futebol-FGF registrou 65 clubes filiados e 3.008 atletas, além de um campeonato de futebol e 24 jogos oficiais de campeonatos dirigidos diretamente pela Federação.

1941 Constatou-se a existência de 111 associações de futebol, em Porto Alegre. A incorporação do futebol como uma das marcas do povo brasileiro aconteceu juntamente com o estabelecimento do Estado Novo (1937-1945).

O futebol consagra-se perante as demais práticas esportivas em Porto Alegre. Foram registrados 349 clubes filiados e 10.095 atletas, a realização de 29 campeonatos e 926 jogos oficiais. A Federação Gaúcha de Futebol possuía 10.095 atletas registrados, sendo 9.964 atletas de nacionalidade brasileira. Os demais atletas pertenciam as seguintes nacionalidades: 46 uruguaia, 21 polonesa, 18 italiana, 14 argentina, 7 lituana, 7 portuguesa, 7 alemã, 3 espanhola, 2 russa, 1 paraguaia, 1 húngara (Pimentel, 1945, p. 164 e p. 182).¹ Estes dados foram apresentados no Congresso Estadual de Futebol, com a finalidade era discutir uma nova estrutura administrativa para o futebol no Rio Grande do Sul, realizado em Porto Alegre, em 1943.

Basquete e voleibol

1901 Em 26/11, a Associação Cristã de Moços (ACM) foi instalada em Porto Alegre, pelo professor americano Frank Long. A ACM divulgou, especialmente o basquete e o voleibol (Buono, 2001).

1925 Organizada a Liga Atlética Riograndense-LARG para supervisionar o voleibol, o basquete, o atletismo e a esgrima. A LARG foi fundada pelas seguintes associações: Associação Cristã de Moços, Grêmio Foot-ball Porto Alegrense, Clube de Regatas Almirante Barroso, Sociedade de Ginástica Turnerbund, Clube de Regatas Guaíba, Esporte Clube Eiche e Clube de Regatas Pôrto Alegre. O Esporte Clube Internacional, o Esporte Clube Cruzeiro, a Sociedade de Ginástica Navegantes São João, o Fuss Ball Clube Pôrto Alegre e o Grêmio Náutico Gaúcho ingressaram na LARG, no final de 1929.

1926 A SOGIPA introduziu a prática do basquete e do voleibol e, dois anos depois participou do campeonato da cidade (Tesche, 1996, p. 68).

Década de 1940 O basquete era praticado na Sociedade Turnerbund, na ACM, na Academia da Polícia Militar.

Boxe

Década de 1920 As lutas de boxe são promovidas em Porto Alegre. A ACM foi responsável pela difusão do boxe em Porto Alegre e no Brasil. A academia "Southern Boxing Club" promovia o boxe em Porto Alegre, com as disputas sendo realizadas nos salões da Sociedade Leopoldina (atual ALJ) e no palco do cinema Carlos Gomes (Revista do Globo, n. 323, p. 62).

Golfe

1930 Funda-se neste ano o Country Club dedicado ao golfe que teve como presidentes representantes dos teuto-brasileiros. O funcionário da portaria do clube testemunhou que "em cinco décadas, ele já viu passar por esta porta gerações de famílias tradicionais" (Jornal Zero Hora, Revista ZH DONNA, 10 de junho de 2001, p. 5).

Final da década de 1930 Organiza-se a Federação Riograndense de Golf.

Vela

Década de 1930 O esporte dos barcos à vela começa a fazer parte do estilo de vida da elite porto-alegrense. Fundam-se o Grêmio Desportivo Masson (1930), depois chamado late Clube Guaíba, o Yacht-Club de Porto Alegre (1933) e a Sociedade Náutica Veleiros do Sul (1934). Além do iatismo, os clubes promoviam bailes e festas que congregavam a elite política e econômica de Porto Alegre (Franco; Silva e Schidrowitz, 1940, p. 637).

1936 Em 21/11 organizou-se a Federação de Vela e Motor do Rio Grande do Sul. A partir de 09/06/1941 foi chamada de Federação de Vela e Motor do Rio Grande do Sul. Em 21/11/1984 denomina-se Federação de Vela do Rio Grande do Sul.

1941 Fundou-se o Clube dos Jangadeiros, que foi sede da Copa do Mundo de iatismo, em 1959 (Revista Panathlon Internacional, 2000, p. 2).

Clubes esportivos e recreativos em Niterói – RJ

MÁRIO RIBEIRO CANTARINO FILHO

Sports and recreation clubs in Niterói - RJ

The city of Niterói-RJ (located in Baía de Guanabara opposite to Rio de Janeiro) is one of the most important sports clusters in Brazil, primarily because it was where British and German clubs were located in the 1850s. It can be explained by a successful combination of leisure sports and competition as a lifestyle in a typically beach city. The creation of clubs rooted in the community and the existence of foreign communities that brought in innovations and examples also contributed to make Niterói a sports cluster. The proximity of the clubs and the fact that players and sports

Origens e Definições Quando da divisão do Brasil em capitâ-nias hereditárias, o território fluminense fazia parte de duas capi-tanias. Com o passar do tempo, as capitânicas tornaram-se capitânicas reais, por pertencerem ao Rei. A partir de 1821 a denominação passou a ser Província até o advento da República, com o título de Estado. Em 1834 a Província do Rio de Janeiro cedeu parte de seu território, que passou a ser o Município Neutro ou Município da Corte que, com a República, tornou-se o Distrito Federal e posterio-mente Estado da Guanabara. Em julho de 1974 houve a fusão dos Estados do Rio de Janeiro e da Guanabara, no governo presidencial de Ernesto Geisel, e em março de 1975 a fusão foi efetivada. Os atos resultaram na morte da velha Província Fluminense. Mas sua memória pode ser revivida como antiga capital do Estado do Rio de Janeiro, com origem ligada ao índio Araribóia (cobra feroz). Este recebeu em 1573 as terras então conhecidas como as “barreiras vermelhas”, à margem leste da Baía da Guanabara, em pagamento pela sua participação nas lutas contra os franceses e os índios aliados a estes, ajudando, pois, a Coroa Portuguesa. O aldeamento dos índios, com o passar dos anos, transformou-se em povoado, depois em vila e finalmente com foros de cidade. O Sítio e Povoação de São Domingos da Praia Grande, com uma população superior a 13.000 habitantes, em 1819, foi promovido em maio desse mesmo ano, por força do Alvará de D. João VI, com a denominação Vila Real da Praia Grande. E, em março de 1835, a Vila foi designada como capital da Província do Rio de Janeiro e, dias depois, a Vila Real da Praia Grande foi elevada à categoria de cidade, com o nome de Niterói, que significa água escondida ou rio de água fria. Em razão dos problemas surgidos com os combates entre florianistas e saldanhistas durante a Revolta da Armada, levantada em setembro de 1893, e a tentativa da tomada da cidade de Niterói pelos revoltosos, a cidade deixou de ser a capital do Estado do Rio de Janeiro, em fevereiro de 1894, passando a cidade de Petrópolis a ter tal privilégio. Depois de muitas manifestações políticas, somente em junho de 1903 é que Niterói retornou à sua condição de capital.

Niterói possui dois títulos importantes. O primeiro foi concedido por D. Pedro II, em agosto de 1841, que é o de “Imperial Cidade” e o segundo refere-se à participação de seus bravos heróis nos combates durante a Revolta da Armada, em defesa de seu território, sendo “Niterói, a Invicta”. A população niteroiense estava na cifra de 10.000 habitantes no ano de 1800; no ano de 1851 aproximava a 16.000; no ano de 1900 era 53.000 e chegava a 186.000 em 1950. Em termos de cultura, teve a cidade de Niterói os seus grandes expoentes na música, na pintura, na literatura, na poesia, na política e sobretudo no esporte, meios que definiram a identidade da cidade. Testemunhos desta construção coletiva são a Sociedade Praia-Grandense (1834), dedicada à música e às danças da época; a Sociedade Apolínea (1846); Sociedade Harmonia Niteroiense (1852); o teatro Eliseu (1857), o teatro Fênix Niteroiense (1880) e o Clube Dramático Kean, todos dedicados às artes cênicas; a Filarmônica Niteroiense (1879), com os seus concertos musicais; o Instituto Niteroiense (1859), reunindo os letrados e escritores; e o Instituto Pedagógico, reunindo educadores, que teve curta duração.

O transporte marítimo entre o Rio de Janeiro e Niterói era feito por embarcações diversas, como botes a remo e faluas à vela, nas águas da Guanabara, com o transporte por barcas a vapor iniciando-se em 1835. Em Niterói, o transporte por terra era atendido por carruagens e surgiram, em fins de outubro de 1871, os bondes de tração animal, passando estes a serem movidos a eletricidade em 1906. Niterói, nas últimas décadas do Século XIX, “continuava sendo um lugar de limitados recursos”. A proximidade da cidade do Rio de Janeiro,

participants attended the same beaches, neighborhoods and the sea proper for navigation may also have produced stimuli and identities that may have spread around the city in a phenomenon that is very typical of sports and of its invented traditions. It is then not surprising that the pioneer Brazilian activities of tennis and sailing took place in Niterói, which already had a club named “olympico” (Olympic) back in 1883. The great number of sports clubs (many of which still survive today), their variety of sports offers and their proximity established a synergy from which have

maior e mais importante, prejudicou o desenvolvimento de Niterói. A cidade, apesar de seu crescimento gradativo ainda era bastante provinciana, mesmo nas primeiras décadas do Século XX. Em que pese tais limitações, o esporte sobressaiu-se nesta região de modo excepcional em comparação com outros centros urbanos do país. E este avanço explica-se, em princípio, por uma combinação bem sucedida da adoção de práticas esportivas de recreação e competição como estilo de vida numa cidade tipicamente praiana, com a criação de clubes de efetivas raízes comunitárias e com a existência de comunidades estrangeiras – principalmente grupos de ingleses que trabalhavam na vizinha cidade do Rio de Janeiro – que trouxeram inovações e exemplos. A proximidade entre clubes e a convivência de praticantes nas praias, bairros e nas águas próprias para navegação também podem ter produzido estímulos e identidades de mútuo contágio, típicos do esporte e de suas tradições inventadas. Não é surpreendente, portanto, que as atividades pioneiras dos esportes de tênis e de vela no Brasil tenham ocorrido em Niterói.

Em 1893 promulgou-se a lei no. 173 do Estado do RJ que regula-rizou posteriormente algumas associações esportivas de Niterói, a partir das quais observa-se a relação dos clubes com bairros, praias e modalidades esportivas típicas da cidade por suas deno-minações, tais como Humaitá Atlético Clube, Fonseca Atlético Clube, Niterói Atlético Clube, late Clube Icaraí, Fluminense Atlético Clube, Manufatura Futebol Clube, Icaraí Praia Clube, Fluminense de Natação e Regatas, Niteroiense Futebol Clube, Clube Hípico Fluminense, Jurujuba late Clube e Grupo de Regatas Gragoatá, este último fundado em fevereiro de 1895. De um modo geral, os clubes de Niterói também refletiram a vida da cidade. Aconteceram na passagem para o século XX e décadas seguintes, com a implementação de práticas de lazer e construção de instalações esportivas em espaços públicos, como se relata a seguir.

1883 O Club Olympico Guanabarense, com sua sede na Rua Santa Rosa nº 29, assumiu no seu título a palavra “olímpico” muito antes dos I Jogos Olímpicos da Era Moderna, realizado em Atenas, em 1896. A imprensa divulgou, em 18 de agosto de 1883, o programa da primeira corrida inaugural do Clube, cuja data seria brevemente anunciada, corridas estas que seriam efetuadas na pista de 300m e com arquibancadas para 900 associados. Dedicava-se, o Clube, às corridas a pé em diversas distâncias e tipo, além das corridas de velocípedes (bicicletas). Este clube não teve envolvimento com corridas de cavalo.

1884 O Club Olympico Guanabarense, em razão da Lei n º 3.150 de 4 de novembro de 1882 referente às sociedades anônimas, no mês de janeiro de 1884, publicou o edital colocando à venda as ações para complementar o capital social do Clube. Havia preferência para os associados e aberta à venda aos demais interessados. Os acionistas do Clube poderiam subscrever e aprovar os estatutos, conforme exigia aquela lei. No dia 30 de janeiro de 1884, o ‘Jornal do Comércio’ publicou o Estatuto do Club Olympico Guanabarense, que viria reorganizar a sociedade com novos preceitos legais. O Clube manteria a mesma denominação, sua duração seria de 20 anos, as distrações seriam as mesmas oferecidas aos sócios e ao público, podendo apresentar outras atividades. A Diretoria do Clube teria um mandato de dois anos e os seus membros não seriam remunerados. A competência da Diretoria seria desenvolver essa sociedade e determinar os dias de corridas e outros divertimentos. Além dos sócios acionistas, outras pessoas poderiam ser associadas. O Estatuto do Club Olympico Guanabarense, no que diz respeito ao aspecto financeiro, definia que “deduzidos dez por cento para fundo de

sprung athletes and teams of national, international and Olympic levels. This chapter examines the landmarks of memory of the sports clubs of Niterói between the year they were founded and the 1950s through the following sports: track and field (1881), rowing (1846), auto racing (1909), athletic ball (1924), dog race (1930s), capoeira (1889), cycling (1883), cricket (1872), soccer (1901), sailing (1895), swimming (1881), skating (1878), pelota vasca (jai alai - 1893), tennis (1890s), shooting (1900s), aviation (1940s) and diving (1930s).

reserva, se distribuirá anualmente pelos acionistas um dividendo nunca superior a 10%”. Os membros da Diretoria, a partir de 27 de junho de 1884, foram: Luiz Augusto de Magalhães (presidente), Cyrillo Marques dos Santos Carregal (vice-presidente), Lucas da Costa Faria e Thomaz de Araujo (secretários), Antonio da Graça Araujo Bastos (tesoureiro) e Manoel dos Santos (procurador). Nas palavras de Backheuser “o Clube Olímpico não durou muito. Depois da época áurea, foi morrendo aos poucos”.

1895 O Clube de Regatas Icaraí teve o seu início em 11 de junho deste ano e seus sócios fundadores foram os irmãos Mafra, Otávio, Celso e Jorge, assim como Jayme Vieira Mesquita, Frederico Zimmermann, Álvaro Sá, Caldas Reys, Gustavo e Thomas Aguiar. A primeira Diretoria da associação era composta por Otávio da Silva Mafra (presidente), Jerônimo Naylor (vice-presidente), Jorge Naylor e Oscar Carregal (secretários), Frederico H. J. Zimmermann (tesoureiro), Álvaro Sá (procurador) e Celso da Silva Mafra (diretor de regatas). O Clube de Regatas Icaraí foi filiado à Federação Brasileira das Sociedades do Remo, com sede no Rio de Janeiro, participando de regatas a remo, de provas de natação e pólo aquático. Esta última modalidade foi incluída nos anos 1920, inclusive nas categorias infantil e juvenil. No programa da competição de natação, competição esta comemorativa do Cinquentenário do Clube de Regatas Icaraí, realizada na piscina do Caio Martins, em 1945, foram homenageados os ex-nadadores Maurício de Andrade Bekenn, Odília Lagden e Álvaro Tatto. O primeiro foi nadador e jogador de pólo aquático e muito contribuiu para o desenvolvimento da natação no clube. Odília criou o Departamento Feminino e teve atuação, também, no voleibol. O terceiro, Álvaro Tatto, nadador olímpico, participou dos Jogos Olímpicos de Berlim (1936), foi preparador de campeões e, quando formado em Medicina, foi professor da Faculdade Fluminense de Medicina; influenciou, também, na criação da Divisão de Educação Física, do Governo do Estado do Rio de Janeiro. A proposta de escrever um histórico sobre o Clube de Regatas Icaraí levou Mario Ruch a enviar uma carta-circular aos seus amigos e antigos associados do Clube, em busca de informações sobre “qualquer episódio esportivo ou social”, relativo ao período “de sua fundação e alguns anos subsequentes”. Tal período não tinha “comprovação documental, por ter sido destruído em tempos passados, por associados sem a devida responsabilidade e respeito para com as cousas alheias”.

1897 Neste ano o Rio Cricket Club, sediado na cidade do Rio de Janeiro, por iniciativa de George Emanuel Cox, transfere-se para Niterói, em terreno locado na confluência das Ruas Marquês do Paraná, Miguel de Frias e Fagundes Varela. A colônia inglesa, em Niterói, bem numerosa no passado, teve então o seu ponto principal de encontro no novo The Rio Cricket and Athletic Association com a prática do “cricket”, futebol e tênis. George E. Cox foi o primeiro presidente do Clube, reeleito várias vezes, até 1907, e L. L. Coxwell, na qualidade também de presidente, administrou a associação, em outro momento, por seis anos. Em 1902 eram membros da Diretoria, a saber: George E. Cox (presidente), A. E. Hime (vice-presidente), H. C. Hampson (tesoureiro) e W. S. Tate (secretário). O edifício principal da sede do The Rio Cricket and Athletic Association foi inaugurado, pessoalmente, em 1931, pelo Príncipe de Gales que, em 1936, tornou-se o Rei Eduardo VIII, cujo reinado durou dez meses, pois ele abdicou do trono, em dezembro do mesmo ano, para casar-se com uma estrangeira duas vezes divorciada. Marcando a inauguração do prédio, lá foi colocada a placa “Inaugurated by Their Royal Highnesses The Prince of Walles & Prince George.- 8/ IV/ 1931”.

1902 *The Rio Cricket and Athletic Association* promoveu uma festa campestre, em 15 de agosto, em comemoração ao ato da coroação do Rei Eduardo VII, que assumiu o trono da Inglaterra, em razão do falecimento da Rainha Vitória, ocorrido em 1901, depois de 63 anos de reinado. Nessa reunião social e esportiva, estiveram presentes cerca de duas mil pessoas, membros da sociedade fluminense, da colônia inglesa, do corpo diplomático, de corporações militares e outras autoridades. Diversas provas atléticas aconteceram, conforme o programa elaborado, e o jogo de futebol, entre brasileiros e ingleses, foi o ponto alto do festejo esportivo. No final da tarde, de um “dia límpido, sereno e quente”, ao término da bela festa, foi cantado pelos ingleses presentes o “*God Save The King*”.

1913 Por iniciativa de jovens, entre eles Hugo Mariz de Figueiredo e Adail Mariz de Figueiredo, surgiu o Canto do Rio Football Clube, em 14 de novembro, no recanto da Praia de Icaraí, ou no final da praia, como se costuma dizer, na área conhecida como Canto do Rio. O seu campo de jogo era o próprio areal. Teve o Clube, inicialmente, mudanças de sede e, no início dos anos 1930, instalou-se no local que pertencera ao Automóvel Clube de Niterói. O Canto do Rio Football Clube, na gestão de Eugênio Borges como presidente, sendo ele o Chefe de Polícia do Interventor Amaral Peixoto, conseguiu filiar-se, após injunções políticas, à Federação Carioca de Futebol, a nível profissional, no ano de 1941, e se desfilou anos mais tarde.

1920 O Clube Central foi fundado em 18 de julho, no bairro do Ingá, na Rua Presidente Pedreira, passando depois para a sua sede definitiva na Praia de Icaraí. O primeiro presidente do Clube foi Armando Carvalho Lassance que dirigiu as atividades da associação até 1932. Foi o Clube Central o grande incentivador do jogo da “bola pesada”.

Atletismo

1881 - 1883 Em Niterói, o primeiro movimento para a organização de uma associação esportiva voltada para corridas, surgiu no bairro do Barreto, na chácara da Viúva Negreiros. Era a proposta da criação do “Running Club”, com o nome de Club Atlético Brasileiro, em 31 de julho de 1881. Dentre as suas atividades, nos anos seguintes, destacou-se a efetuada no dia 15 de julho de 1883, considerada, “sem contestação as melhores e mais concorridas que este clube tem dado até agora”. Os nove páreos da programação constavam de corridas rasas de 170m, 150m, 300m, 100m e 500m; pulo em altura sem vara; e percorrer a passo 800m. As provas foram participadas, segundo a categoria, por meninas e meninos, menores de 12 anos, e entre 12 e 16 anos de idade, bem como em idade superior. Os prêmios oferecidos aos vencedores foram, entre outros, binóculo, guarnição de escovas, alfinete de gravata, caixa de desenho, bastidor de bordado e leque. Os resultados de destaque foram: corrida rasa em 170m, vencida por Manoel A. F. de Mattos Júnior, com o tempo de 23 segundos; pulo em altura sem vara, por Alberto do Couto, que pulou 5 pés e 2 polegadas; corrida rasa em 150m, para moços de 12 a 16 anos, sagrando-se vencedor Domingos Moitinho Jr., com 21 segundos; e corrida rasa em 300m, com o tempo de 43 segundos, vencida por Raul H. de Lima. No intervalo entre dois páreos, foi conferido o diploma de sócio benemérito do Club Atlético Brasileiro ao Comendador Domingos Moitinho. A premiação foi efetuada pela Senhora Carolina Eleonor do Couto, seguida de “calorosos aplausos”. O décimo evento do Club Atlético Brasileiro estava programado para o dia 19 de agosto de 1883, com a realização de dez provas, constantes de corridas rasas, corrida com barreiras, pulos à altura com vara, andar a passo e corrida em sacos (parte recreativa). As inscrições eram pagas para sócios e não sócios, porém com valores diferentes, e gratuita para menores. O anúncio publicado no Jornal do Comércio – fonte desta memória - era de responsabilidade do secretário do clube, o Sr. W. M. Ewbank. Entretanto, com a inauguração da nova linha de bondes para o bairro Fonseca, definido para o mesmo dia 19 de agosto, não haveria transporte para o Barreto e, desta forma, ficou transferido o evento para o dia 26 do mesmo mês, conforme nota do tesoureiro Alberto do Couto.

1883 – 1885 Neste período continuaram as programações do Club Atlético Brasileiro. Antes, o Club Olympico Brasileiro, situado no bairro de São Domingos, anunciou a realização de grandes corridas no clube, com início ao meio-dia de 11 de novembro de 1883, conforme nota publicada pelo secretário da entidade, Augusto de Carvalho. O Club Olympico Guanabareense, com sua sede no

bairro de Santa Rosa, após as preparações ocorridas em meses anteriores, publicou, em 18 de agosto de 1883, o anúncio de sua “grande inauguração” proximamente, com raia de 300 metros e arquibancada para 900 associados. A programação foi divulgada com as inscrições abertas, a data da inauguração a ser brevemente anunciada, e franqueado o clube para visita dos sócios ou para exercitarem-se nas corridas. O programa constava de 14 páreos, compreendendo: corrida rasa para homens (sem vantagem), 100 metros; dita em velocípedes para meninos, 560 metros; dita em 3 pernas para homens, 100 metros; andar a passo, 1.000 metros; corrida rasa (com vantagem) para homens, 300 metros; dita para moços de 13 a 16 anos, 200 metros; a corda dos dois estados; corrida para meninas de 6 a 12 anos, 100 metros; dita rasa (com vantagem) para homens, 800 metros; pulos em distância (com vantagem); corrida com obstáculos, 200 metros; dita para meninos de 6 a 12 anos, 120 metros; dita em velocípedes para homens, 1.600 metros; e dita de consolação, 150 metros. Em 4 de novembro, o Clube promoveu a sua “segunda corrida”, com 13 páreos realizados e com os prêmios distribuídos aos vencedores, a saber: uma elegante palmatória de níquel; seis monogramas do clube em prata; uma escrivaniinha com pertenças; um livro, encadernação de luxo, oferecido pela folha “Província do Rio”; um bonito tinteiro com as iniciais do clube; uma caixa de charutos, e outros mimos mais. No páreo, pulos em altura, sem vara, onde sagrou-se vencedor Alberto do Couto que “pulou a 7 palmos e 1 polegada de altura”. Nos anos seguintes, 1884 e 1885, prosseguiu o Clube Olympico Guanabareense com sua programação esportiva, com seus associados e não associados niteroienses, e concorrentes vindos da “côrte”, isto é, do Rio de Janeiro, no outro lado da Baía de Guanabara.

1902 No *The Rio Cricket and Athletic Association*, no bairro de Icaraí, em 15 de agosto deste ano, foi realizada uma festa campestre pela coroação do Rei Eduardo VII, da Inglaterra. Estiveram presentes, ao ato, membros da sociedade niteroiense e da colônia inglesa, bem como autoridades diversas, com a participação aproximada de duas mil pessoas. Os eventos esportivos apresentados foram: uma prova de ciclismo, uma partida de futebol entre brasileiros e ingleses, e diversas provas atléticas. Participou dessas provas uma equipe de atletismo do Fluminense Football Club, do Rio de Janeiro, associação fundada em 21 de julho de 1902, portanto, com menos de um mês de existência. As provas acontecidas foram: 100 jardas flat race, 400 jardas flat race, 220 jardas flat race, half mile flat race, hurdle race, obstacle race, high jump, putting the weight, boys race, girls race, e sack race. O tempo melhor da prova de 100 jardas foi 10 segundos e 4/5, prova dividida em dois grupos, sendo vencedores Victor Etchegaray e C. H. Pullen. Nas 220 jardas venceu E. Matheson com o resultado de 25 segundos e 4/5; na meia milha foi campeão F. Burgim com 2 minutos 20 segundos e 4/5; no salto em altura C. H. Pullen obteve 4 pés e 10 ½ polegadas; e no arremesso do peso, com 29 pés e 9 polegadas foi campeão E. Matheson. Foi realizada uma prova extra, na distância de 200 jardas, com a participação de dez marinheiros, sendo o primeiro Júlio Villa Lobo, o segundo Antonio Alvares e o terceiro José da Silva. Terminadas as provas atléticas, foi efetuada a premiação por Mrs. C. D. Simmons, sendo os prêmios elegantes, como jóias, objetos de arte e de uso pessoal. Para a prova de corrida dos marinheiros, a premiação, para os três primeiros colocados, foi em dinheiro.

1923 O Ingá Sport Club iniciou a temporada esportiva no mês de janeiro de 1923, na Praia das Flexas, efetuando uma festa aquática e terrestre, com provas de natação, páreos de barcos a remo, provas atléticas e uma luta de boxe. Na corrida de 100 metros rasos venceu Wanda Lacerda e em segundo ficou Celina Lopes, resultado este obtido no desempate da prova; nos 300 metros rasos o primeiro colocado foi Scylla Souza Ribeiro, seguido de João Watson; no lançamento de dardo Lino Dias de Amorim e José Tibiriçá ficaram em primeiro e segundo lugares, respectivamente; e no lançamento do disco Paulo Negreiros foi o primeiro e Lino Dias de Amorim obteve o segundo posto.

Década de 1940 Um grupo de jovens, tendo à frente Jomar Corrêa Ciribelli e Joel Motta Rebelo, fundaram em 1945, em Icaraí, o Esporte Club Olímpico-ECO, associação esta que dedicou-se exclusivamente ao ensino e à prática do atletismo, e da qual Mario Cantarino teve a oportunidade de participar por vários anos. Inicialmente, os atletas do clube efetuavam os seus treinamentos na pequena pista do Liceu Nilo Peçanha, depois na pista da Escola Normal, passando, finalmente, para o Estádio Caio Martins, com maior número de encontros para os treinos, pois, anteriormente, os

treinos eram realizados apenas nos fins de semana. O ECO não possuía um técnico ou um professor para orientar os treinos; tudo era muito improvisado, e os dirigentes se instruíam com a leitura dos escassos livros existentes naquela época. Na expectativa de divulgar o Atletismo e buscar atletas para a sua equipe, o Esporte Club Olímpico promoveu um Campeonato Aberto, isto em 1946, divulgando na imprensa e afixando cartazes nas lojas do centro da cidade. A programação foi cumprida na pista do Estádio Caio Martins. Ainda nesse final dos anos 1940, o clube organizou uma competição atlética, Troféu Rubens Esposel, com a participação de clubes de Niterói e do Rio de Janeiro, evento que ocorreu no Estádio Caio Martins, sob as luzes dos refletores, pois o programa foi deliberadamente noturno. Em 1947 foi realizado, no Rio de Janeiro, o Campeonato Sul-Americano de Atletismo, e a equipe argentina ficou hospedada no Hotel Cassino Icaraí, treinando os seus atletas no Estádio Caio Martins, o que proporcionou, aos membros do Esporte Club Olímpico, a oportunidade de observar as técnicas nas diferentes provas atléticas. Em 1948, após a Olimpíada de Londres, foi lançado um filme que retratava aquele importante evento esportivo internacional. O filme foi projetado em diversos cinemas do Rio de Janeiro e inicialmente no Cinema Icaraí, em Niterói. O filme-documentário daqueles Jogos serviu para o grupo dirigente do ECO, como fonte para melhor conhecimento das provas do atletismo, quanto ao aperfeiçoamento das técnicas e organização de competições internas.

Década de 1950 A Federação Fluminense de Desportos-FFD, na gestão do Presidente Ramos de Freitas, neste período, criou o seu Departamento Niteroiense de Atletismo. Nos anos de 1955 e 1956 deu maior impulso aos eventos atléticos, com competições no Estádio Caio Martins, participando os seus filiados: Esporte Club Olímpico, Fluminense Atlético Club e Humaitá Atlético Clube. A FFD, como entidade máxima do desporto fluminense, sediada em Niterói, participou dos Campeonatos Brasileiros de Atletismo, nos anos 1956 e 1958, com suas equipes representadas por atletas niteroienses, em sua maioria, e outros de clubes interioranos do RJ. Os eventos, naqueles anos, eram dirigidos pela Confederação Brasileira de Desportos. Desses movimentos surgiram atletas que, mais tarde, inscritos por clubes cariocas, tornaram-se atletas olímpicos, como Afonso Coelho da Silva (Roma-1960) e Aída dos Santos (Tóquio-1964 e México-1968). Donn Eugene Kinzle, técnico de atletismo americano, contratado pela Confederação Brasileira de Atletismo, nos meses de janeiro e fevereiro de 1956, ministrou em Niterói, no Estádio Caio Martins, um curso sobre sua especialidade, com a participação de professores de Educação Física e treinadores de atletismo. E nesse mesmo ano e local, por alguns dias, Donn Kinzle treinou atletas cariocas que estavam em preparação para os Jogos Olímpicos de Melbourne.

Remo

1846 Registrou a crônica jornalística, em agosto deste ano, o embate entre os barcos de pesca: Cabocla e Lambe-água partindo da enseada de Jurujuba com chegada na Praia dos Cavalos, em Santa Luzia, portanto, de Niterói ao Rio de Janeiro. O desafio, apreciado por diversas pessoas, viu a vitória de Cabocla. Os desafios entre embarcações eram uma constante naqueles tempos, seja em Niterói ou no Rio de Janeiro, e estimularam a construção de barcos a remo, tais como baleeiras e escaleres, cabendo a Massière o privilégio de ser o primeiro construtor desse tipo de barco, e o escaler Amphitrite foi o modelo a ser seguido, conforme esclarece o memorialista Mendonça.

1851 Em chácara pertencente a João de Mattos, no Valonguinho, fundou-se neste ano, o Grupo dos Mareantes, primeiro passo niteroiense para a formação de clubes de remo, grupamento este que efetuou, em 3 de dezembro de 1851, uma regata constante de três páreos. O grupo dos Mareantes teve vida curta, e a associação encerrou a prática de remo após a morte de seu associado Américo Silva por afogamento, quando naufragou seu barco em virtude de temporal, em fevereiro de 1852.

Décadas de 1870 – 1916 Em Niterói, além dos Mareantes, de curtíssima duração, surgiram outros clubes náuticos, tais como o Club Náutico Saldanha da Gama, em agosto de 1876; o Club de Regatas Fluminense, em 1º de agosto de 1881, presidido por Paulo César de Andrade e como vice-presidente Francisco Tavares, clube sitiado na Rua da Praia n. 163, hoje Rua Visconde do Rio Branco,

associação esta que passou a ser Club de Regatas Niteroiense; Club Luiz Caldas, de 1894, originário de uma dissidência do Club de Regatas Botafogo, este com sede no Rio de Janeiro; Grupo de Regatas Gragoatá, em 5 de fevereiro de 1895; Club de Regatas Icaraí, com início em 11 de junho de 1895; Grupo Náutico São Domingos, em 14 de julho de 1900, no bairro de Gragoatá; Club de Regatas Fluminense, com sede no Barreto e criado em 21 de julho de 1902; Rio Sailing Club, na Estrada Fróes, fundado por ingleses em 1914, para a prática do iatismo e remo, e que desfilou-se da Federação de Remo em 1922; Sport Club Fluminense, em 27 de julho de 1916; além desses, cita-se o Fluminense de Natação e Regatas.

1895 – 1943 Nos meses de agosto e setembro de 1895, em Niterói, o Club de Regatas Icaraí, o Grupo de Regatas Gragoatá e o Club Luiz Caldas reuniram-se, por diversas vezes, com o objetivo de constituir uma entidade para dirigir e organizar as atividades náuticas, surgindo, então, a União de Regatas Fluminense, instalada em julho de 1897. Posteriormente, em março de 1900, a União passou a ser o Conselho Superior de Regatas, que um ano depois foi transformado em Federa o Brasileira das Sociedades do Remo. Em 1933, esta Federa o tornou-se a Federa o Brasileira de Desportos Aquáticos e, em 1934, ela passou   denomina o de Federa o Aquática do Rio de Janeiro. No ano de 1938, houve a harmonia entre esportistas e entidades vinculadas ao remo, e foi criada a Liga de Remo do Rio de Janeiro, transformada, em 1942, em razão da nova ordem do esporte brasileiro, em Federa o Metropolitana de Remo. Os clubes niteroienses estiveram envolvidos nessas mudanças e participaram dos campeonatos, competi es e regatas promovidas pelas entidades de administra o do remo, na Capital Federal. No período de setembro de 1897 a novembro de 1943 foram realizadas 169 regatas. As regatas totalizaram sete no Saco de São Francisco; quatro, na Praia de Icaraí, e uma na Enseada de Niterói. Da totalidade das regatas acontecidas, coube ao Grupo de Regatas Gragoatá o patrocínio de doze e ao Club de Regatas Icaraí, dez regatas. Na Enseada de Botafogo, foram realizadas 137 regatas, havendo um pavilhão para abrigar autoridades e convidados, construído no princípio dos anos 1900, quando Pereira Passos era Prefeito do Rio de Janeiro. No mar, havia rebocadores, lanchas e barcas da Cantareira (empresa de navega o), com niteroienses e cariocas, “com charangas, com danças e nam o”, em um clima esportivo e social para apreciar as regatas e incentivar as guarni es das embarca es dos clubes. Por volta de 1910, o “chique” eram as regatas na Enseada de Botafogo, e o remo em Niterói era muito difundido, registrou D cio Lazary.

A prática do remo também incluiu remadoras e, em 1882, as senhoritas Massi re, Tribouillet e Vianna remavam de forma recreativa, em Niterói. Também, em termos competitivos, senhorinhas e senhoritas participaram da regata interna do Club de Regatas Icaraí, em 1924. No ano seguinte, houve uma regata, nos mesmos moldes, organizada pela mesma associa o. No 4  páreo, para canoas a 2 remos, na distância de 500 metros, para senhorinhas, venceu a canoa Mimosa, tendo como patrão Tito Ruch, como voga Aracy Sardinha e na proa Dirce Ruch; e em segundo lugar chegou a canoa Mascotte, com Ary Ribeiro na posi o de patrão, voga com Stella Campofiorito e proa com Violetta Campofiorito; competiu também, a canoa Marilda, provavelmente com a guarni o composta de Ary Sardinha, Thora Milbourne e Margarida Koble, conforme constava do programa da regata.

1895 – 1908 O Grupo de Regatas Gragoatá, fundado neste ano, fez realizar em 15 de dezembro uma regata em Niterói, constando de seis páreos, sendo um deles para embarca es   vela e os demais para baleeiras, canoas, escaleres e out-riggers a 4 remos. O Gragoatá foi o campeão do primeiro Campeonato Náutico Brasileiro, instituído pela União de Regatas Fluminense, em julho de 1898. Entre os seus trof es, tem o Grupo a baleeira Alpha, a quatro remos, vencedora que foi do Campeonato. A guarni o vitoriosa era constituída dos remadores H. Pereira da Cunha, Celso Mafra, Arnaldo Voigt, Jorge Goulart e Arnaldo Goulart. A distância da prova foi de 1.600m, no percurso de ida e volta, na Enseada de Botafogo, com o tempo de 10 minutos e dois quintos. O programa da regata constava de nove páreos e o evento foi prestigiado com a presença de diversas autoridades, mormente do Presidente do Brasil, Prudente de Moraes, cujo período presidencial foi de 1894-1898. A festa de premia o, de responsabilidade da União de Regatas Fluminense, foi feita em 14 de maio de 1899, no Rio de Janeiro. O Grupo de Regatas Gragoatá foi campeão em 1898, 1900, 1904 e 1908. Em 1900, venceu o Gragoatá, com a V sper. No

bairro de Gragoatá, onde surgiram várias associa es náuticas, existe a Praça José Moreno, em homenagem a esse pescador e seu companheiro Antonio Silveira, em virtude de suas a es, em 18 de maio de 1902, em ato de salvamento. Reinava o mau tempo e o mar bravio provocou o naufrágio da baleeira Vasca na, pertencente ao Clube de Regatas Vasco da Gama, com a guarni o de 12 remadores e o patrão. Os dois pescadores foram em socorro dos naufragos, salvando nove deles e quatro haviam perecido por afogamento. O alerta do desastre foi dado pelo menino José Martins de Barros. Os pescadores foram agraciados com medalhas pelo Presidente da República e receberam um prêmio, em dinheiro, do clube dos remadores. O menino José recebeu “uma jóia e o título de irmão remido, da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência”, conforme noticia Carlos Wehrs.

1895 – 1924 O Clube de Regatas Icaraí data de 11 de junho de 1895. Os seus primeiros barcos foram baleeiras, canoas, escaleres, gigs e yoles, batizados com os nomes Itapuca, Aimor , Marina, Mareta, Marabá, Mefist fles, Miragem, e outros mais, com predominância de nomes femininos. O Clube participou do Campeonato Náutico Brasileiro, em junho de 1898, e de muitas regatas nos anos seguintes. Este clube promoveu, em frente de sua sede, em 4 de maio de 1924, uma regata exclusiva para os associados, com canoas, baleeiras a 1, yoles franches a 2, canoas a 2 e canoas a 4, cujas distâncias a serem percorridas eram de 500 e 1.000 metros, conforme a categoria, pois elas eram infantil (14 anos), juvenil (18 anos), júnior, novíssimo, senhorinha e senhorita. No ano seguinte, no mês de maio, o clube promoveu evento similar para os seus sócios.

1923 Na programa o do Ingá Sport Clube, deste ano, constam provas de nata o, atletismo e remo. Na Praia das Flexas, houve a “corrida de barcos”, na distância de 300 metros, com a vitória de Frederico Wollner, e como vice-campeão o remador Antonio de Souza Braga. O oitavo páreo, 800 metros, com “caique” não foi realizado.

Automobilismo

1909 Promovido pelo Automóvel Clube do Brasil, em Niterói, segundo Inezil Penna Marinho, realizou-se este ano a prova automobilista “Circuito de São Gonçalo”, vencendo Gastão de Almeida com a média superior a 70 km por hora, em um trajeto ligando estradas e formando um circuito. O Governo do Estado do Rio de Janeiro e Visconde de Moraes ofereceram duas ricas taças para a disputa, não havendo premia o em dinheiro. O percurso foi de 75 quilômetros. Participaram do evento carros vindo de São Paulo e do Rio de Janeiro. Carros de fabrica o européia, na maioria franceses como o “Lorraine-Dietrich” de 70 c.v. A partida foi dada com intervalos entre os carros participantes. João Borges Júnior, numa “Fiat”, fez o tempo de 1 hora e 7 minutos e Gastão de Almeida com o seu “Berliet” amarelo de 60 c.v. alcanço o tempo de 1 hora e 4 minutos. Em São Paulo, um ano antes, foi realizada a primeira corrida de automóveis, na América do Sul, no “Circuito de Itapeceira” e a média foi de 50 km /hora, bem inferior aos tempos dos vencedores do “Circuito de São Gonçalo”. O jornal “L’Auto”, de Paris, noticiou o “Circuito de São Gonçalo”, pelo senhor Lucien Louson, que enviou o resultado do evento, por telégrafo, no mesmo dia.

Bola Pesada

1924 – 1940 O jogo da bola pesada surgiu em Niterói em 1924, conhecido inicialmente como “bola atlética”. Tratava-se de um “*medicine-ball*” de 3 kg, jogada entre duas equipes. Em 1925, o Clube Atlético Icaraí, presidido por Francisco Beaumont Braga, realizou o primeiro torneio de bola pesada, violento esporte de praia, com o campo demarcado na areia, com aproximadamente 40 jogadores inscritos. Em 1926, a bola pesada atravessou a Baía de Guanabara e passou a ser praticada nas praias do Rio de Janeiro. Em 1929, foi instituído um troféu pela firma Mario Santos & Cia., a ser disputado em um torneio que nunca foi realizado. Em 20 de maio de 1940, surgiu a Liga Niteroiense de Bola Pesada, sendo fundadores: Clube Central, Ultra-Gás Atlético Clube, Independentes Bola Pesada, Icaraí Praia Clube e Polícia Especial do Estado do Rio. A Liga realizou o seu primeiro campeonato em 1940 e, então, foi disputada a taça Mario Santos & Cia., ofertada há muitos anos passados. A empresa de material desportivo “Casa Superball” passou a fabricar a bola pesada, tendo sido adotada e oficializada pela Liga. O jogo da bola pesada passou para outros Estados. O Clube Central, na Praia de Icaraí, foi um grande centro irradiador desse esporte.

Canódromo

Década de 1930 No final deste período, construiu-se um canódromo na Rua Presidente Backer, para corridas de galgos e outras raças caninas, com a permissão da Prefeitura de Niterói. O local de apostas incluía, além do canil, bilheterias, escritório, arquibancadas, bares e vestiário. Entretanto, o canódromo foi impedido de efetuar suas corridas em virtude de norma legal que impedia jogos com apostas em dinheiro. Segundo alguns depoentes, foi a posi o mantida pelo Jockey Clube Brasileiro, contrário às corridas dos cães que prevaleceu, pois a concorrência poderia tirar apostadores e espectadores do hipódromo, prejudicando os seus negócios na realiza o das corridas de cavalos. O canódromo foi adquirido pelo Governo Estadual e foi transformado em Estádio, inaugurado em 1941.

Capoeira

1889 – 1919 Em artigo publicado no jornal “O Estado” de Niterói, em 1919, Salomão Cruz referiu-se   capoeiragem. O autor, sobre a capoeira praticada em Niterói, escreveu que “era como o futebol de nossos dias – um esporte predileto dos rapazes, e a ele se juntava também o da nata o”. O articulista ressaltou o desenvolvimento que a nata o e o futebol vinham apresentando nas primeiras décadas dos anos 1900. O ponto de encontro dos capoeiras era perto da Praia da Boa Viagem, com a atividade em plena praia, no dizer de Salomão Cruz. Os grupos mais conhecidos eram os Guaiamus, no bairro de São Lourenço e adjacências, e o Nagoas, nos bairros de Icaraí e Barreto. Eram famosos os capoeiristas Herculano, Garcia, João Carapuça, Carlos Sabido, Ernesto Relojoeiro, Américo Capenga, Moleque Cristóvão e Cipriano, sendo este morto por João Bacalhau, em um quiosque na Rua da Praia, em 1904. Cipriano era o capanga do ator Leopoldo Fróes. Durante os festejos do Carnaval, eram os capoeiras presos pela polícia, dando tranqüilidade   popula o niteroiense. A capoeira declinou no início da República, em virtude da persegui o que sofreram os seus praticantes, no tempo em que Sampaio Ferraz esteve como Chefe de Polícia, no Rio de Janeiro, então Capital Federal. Durante o Governo Provisório do Marechal Deodoro da Fonseca, no período de 1889 a 1891, era desejo do Presidente extinguir a capoeiragem na cidade. A campanha foi forte e os desordeiros capoeiras foram presos e enviados para a Ilha de Fernando de Noronha. Tal fato deve ter repercutido na Capital Fluminense. As informa es de Salomão Cruz, citadas por Almeida e Wehrs, no que se refere aos grupos de capoeiras Guaiamus e Nagoas, em Niterói, não coincidem com as informa es de Paiva e de Marinho, sendo que o primeiro destes registra Nag s e o segundo escreve Ganoas e, para ambos os autores, os grupos citados estavam no Rio de Janeiro.

Ciclismo

1883 – 1902 O Clube Olímpico Guanabarenses, existente no bairro de Santa Rosa, em programa o divulgada em agosto de 1883 para o seu próximo evento, cuja data seria anunciada em tempo hábil, destinava o 13  páreo   corrida de velocípedes, para homens, na distância de 1.600 metros. No programa para 4 de novembro de 1883, o 12  páreo seria uma corrida em velocípedes, para homens, como a anterior, em 1.600 metros e o prêmio seria um valioso álbum para retratos. Sagrou-se vencedor do evento Peter C. Morrisay ou Morrissy. No ano seguinte, 1884, na programa o para o dia 20 de abril, a corrida de velocípedes, para homens, seria o 9  páreo na distância de 1.000 metros. Nessa época havia os velocípedes de 3 rodas para meninos e os velocípedes de 2 rodas para homens. Descreve Backheuser: “Os então chamados velocípedes não eram como as bicicletas de hoje. Eram enormes máquinas, com uma roda grande, gigantesca, e outra pequenina atrás, a correr desesperada e veloz, perseguindo a maior. No alto desta, da grande, se encarapitava o corredor, pedalando,...”. No clube dos ingleses, o Rio Cricket, em 15 de agosto de 1902, na festa relativa   coroa o do Rei Eduardo VII, houve, entre os eventos esportivos realizados, a prova “*Bicycle Race*”, na distância de duas milhas, vencidas por H. Roberts, com o tempo de 6 minutos 15 segundos e três quintos, secundado por W. Schuback. Participaram, também, H. F. Hagen e H. C. Hampson.

Cricket

1840 – 1870 Este esporte é eminentemente de origem inglesa e suas regras iniciais foram revistas em 1788, com pequenas altera-

ções posteriores. Nos Estados Unidos “cricket” foi introduzido por ingleses em 1751 e muitos clubes de “cricket” surgiram em locais litorâneos do Oceano Atlântico, no período de 1840 a 1870, o que também ocorreu no Brasil. No artigo “Jogos ao ar livre para a mocidade brasileira”, de autoria de Alfredo Alexander, datado de 1891, há uma descrição sucinta de como o “cricket” é praticado e os valores que ele encerra.

1872 Liderando um grupo de pessoas interessadas em esportes, George Emanuel Cox foi o responsável pela fundação do Paissandu Cricket Club, no Rio de Janeiro, na data de 15 de agosto de 1872, associação considerada, por alguns, como uma das primeiras do gênero, na cidade. Outros clubes da mesma cidade, no final do século XIX, também praticaram o “cricket”, tais como o Anglo Brazilian Cricket Club, o Clube Brasileiro de Cricket e o Rio Cricket Club. Este último, ao se transferir para Niterói em 1897, manteve o “cricket” como preferencial. Trompowsky e Calmon (1922), afirmaram que “o cricket que já teve a sua época de esplendor, acha-se agora estacionário, limitado aos membros da colônia inglesa, sendo as agremiações mais importantes que o praticam o Rio Cricket and Athletic Association, de Niterói e o Paissandu Cricket Club do Rio de Janeiro”. O Rio Cricket, ainda sobrevivente em Niterói, no ano de 1974 apresentava dificuldades em agrupar 22 jogadores para formar as duas equipes, 11 de cada uma, para a realização de uma partida de “cricket”, pois o jogo não mais cativava o associado brasileiro.

Futebol

1901 – 1902 A introdução do futebol na cidade do Rio de Janeiro coube a Oscar Cox. Ele organizou uma equipe de jogadores brasileiros (Brazilian Team) que, em 1º de agosto de 1901, em Niterói, no campo do *The Rio Cricket and Athletic Association*, jogou uma partida de futebol com os associados ingleses anfitriões. A partida terminou com o empate de 1 x 1, com a presença de 15 espectadores. Neste mesmo ano, na data de 22 de setembro, as duas equipes tiveram um novo encontro, no mesmo local, sendo vencida a partida por 3 x 1, com o resultado favorável ao time visitante. Em Niterói, em 15 de agosto de 1902, na festa comemorativa da coroação de S. M. o Rei Eduardo VII, entre os eventos esportivos realizados, na sede do The Rio Cricket and Athletic Association, houve o jogo de futebol “valentemente sustentado entre Brasil e Inglaterra”. As equipes eram formadas por ingleses, brasileiros e brasileiros descendentes de ingleses.

1905 A Liga Metropolitana de Football foi criada em 8 de junho deste ano, com sede no Rio de Janeiro. Como não constava do estatuto do *The Rio Cricket and Athletic Association* a prática do futebol e também com a oposição de alguns associados, somente após o assunto ser contornado internamente no clube, foi ele filiado à Liga em dezembro de 1905, participando dos campeonatos cariocas de futebol por longos anos.

Décadas de 1910 – 1920 No final da década de 1910 e início dos anos de 1920, a Liga Sportiva Fluminense, com sua sede em Niterói, era filiada à Confederação Brasileira de Desportos, e os clubes niteroienses filiados à Liga eram: América F. C., Araribóia F. C., Barreto F.C., Byron F.C., Fluminense A. C., Guarani F. C., Niteroiense F. C., Ipiranga F. C., Uruguai A. C., Internacional F. C., Canto do Rio F. C. e Odeon F. C. O Byron F. C. foi fundado por iniciativa de Vitorino Schluckbier, e o nome do clube foi uma homenagem ao poeta britânico. Com sede e campo à Rua Dr. March, no Barreto, em terreno da fábrica de tecidos, tinha como emblema, no uniforme, uma cruz na sua camisa vermelha e branca, sendo, por isso, denominado “Cruz de Malta”. O Barreto Futebol Clube, situado no bairro que lhe emprestou o nome, e com sua camisa azul e branca, foi criado por iniciativa do “Velho Paim”; ficava junto à fábrica de fósforos. Surgiu o Clube nas primeiras décadas de 1900 e era denominado o “Leão do Norte”. O Niteroiense Futebol Clube, com seu campo na esquina da Rua Coronel Gomes Machado com Visconde de Sepetiba, teve sua existência de maio de 1913 até 1980. O Fluminense Atlético Clube recebeu esta denominação em 1916, pois foi fundado em 1913 com o título de Rio Branco, em homenagem ao Barão do Rio Branco, historiador e diplomata brasileiro falecido em 1912. Tinha o Fluminense A. C. o seu campo, no início dos anos 1920, na então Rua do Reconhecimento, mais tarde chamada Rua 7 de Setembro. Outras associações que se dedicavam à prática do futebol, também então chamado “esporte bretão”, foram: Fonseca Atlético Clube, situado na Alameda São Boaventura, com sua criação em 1917; Combinado 5 de Julho, fundado em 1927, com sede à Rua

General Castrioto, mudando-se para o Largo do Barreto e depois para a Avenida do Contorno; Humaitá Atlético Clube, fundado em 8 de janeiro de 1933, com sede na Rua Guimarães Júnior n° 20; Manufatura Atlético Clube, posteriormente Associação Desportiva de Niterói; Barroso F. C. e Combinado Alameda.

1919 – 1925 Nesta fase disputaram os clubes niteroienses um campeonato de futebol, com bons times, todos amadores, sendo os clubes principais: Fluminense, Canto do Rio, Araribóia, Guarani (depois São Bento), Byron, Odeon, Barreto, Gragoatá, Niteroiense e Ipiranga. Eram considerados como expoentes, da época, os jogadores: César (Tenente do Exército), goleiro do Fluminense; Carlito (posteriormente General Carlos Marciano de Medeiros), meia-direita do Fluminense; Moreira, beque do Barreto; Otto Magalhães, do Guarani; José Varela, half-esquerdo do Canto do Rio, tendo sido também nadador de valor (mais tarde foi jornalista). A “Liga Sportiva Fluminense”, no ano de 1919, era administrada por uma diretoria composta por Nelson da Silva Campos (presidente), então Secretário do Governo Municipal; Ernesto Justino Pereira (vice-presidente); José Borges dos Santos e Orlando Cruz (secretários); Alonso Machado Leonardo e Vitorino Schluckbier (tesoureiros), sendo que este último foi o cabeça da fundação do Byron F. C. A Liga efetuou campeonatos entre os seus clubes filiados e, nessa época, houve a disputa da “Taça Dr. Nilo Peçanha”, entre equipes de Niterói e Campos.

Vela

1895 O Grupo de Regatas Gragoatá, com dez meses de existência, promoveu, em 15 de dezembro, uma regata em Niterói, com embarcações a remo e, dos seis páreos disputados, o segundo foi dedicado a barcos à vela. A partir deste acontecimento criou-se uma tradição que subsiste até os dias presentes, pois o esporte da vela no Brasil ainda mantém seu associativismo de Niterói como exemplo para todo o país.

1906 – 1923 Na Estrada Froes, que faz a ligação entre a Praia de Icaraí e o Saco de São Francisco, em Niterói, instalou-se um dos mais antigos clubes de vela do Brasil, ou, talvez, o mais antigo. É o late Clube Brasileiro, que foi fundado em 10 de setembro de 1906 na sede da Federação das Sociedades do Remo, situada na Rua do Rosário, no Rio de Janeiro. Inicialmente, o late Clube ficou situado na residência de seu associado Armando Leite, e teve o seu primeiro presidente eleito o Almirante Alexandrino de Alencar, então Ministro da Marinha. No final do ano de 1910, ficou o late Clube Brasileiro sediado na Praia de Gragoatá e, com o crescimento da associação, em termos de sócios e embarcações, transferiu-se, em 1923, para o local definitivo.

1914 – 1942 O late Clube era composto de sócios brasileiros, alemães e ingleses, porém, com o surgimento da Guerra em 1914, os ingleses se retiraram. Os sócios alemães predominavam, sofrendo o late Clube Brasileiro, em sua direção, os efeitos da legislação esportiva brasileira de abril de 1941 e, depois, com a entrada do Brasil na Guerra, em 1942, contra a Alemanha. Os ingleses, ao se retirarem do late Clube Brasileiro, criaram, em 1914, o Rio Sailing Club, também situado na Estrada Froes, com os setores de vela e remo; abandonaram, posteriormente, esta última modalidade e dedicaram-se à prática do iatismo. Por força da legislação esportiva do Estado Novo (1937-1945) a denominação da associação passou a ser Rio late Clube. O late Clube Brasileiro, entre muitas de suas iniciativas pioneiras, editou em 1931 uma revista especializada sobre iatismo e, em 1938, lançou um barco à vela, o protótipo Guanabara. No Saco de São Francisco, entre a rua principal de terra batida e a areia da praia, existia ainda, nos anos 1940, o estaleiro “Max Janke”, dedicado à construção de barcos esportivos.

Natação

1981 Entre os possíveis primeiros eventos da natação brasileira cita-se a travessia da Baía de Guanabara, a nado, que teve um aspecto muito especial a ser relevado reunindo o jovem niteroiense de 19 anos, Joaquim Antonio Souza e o relojoeiro alemão, cinqüentão, Theodor John, em disputa ou desafio, em 27 de janeiro de 1881. Às 6:10h da manhã, na Ponta da Armação, em Niterói, os dois contendores iniciaram as suas atividades natatórias, chegando às 8:40h na Praça do Mercado (Cais Pharoux), atual 15 de

Novembro, na cidade do Rio de Janeiro. Público e imprensa lá estavam para apreciar o fato e registrar o acontecido. Diferentemente do periódico “O Fluminense”, Almeida e Wehrs informaram que a disputa tinha sido efetuada no mês de março, com início em São Domingos e o tempo da travessia teria sido de quatro horas. Os desafios entre o alemão Theodor e o niteroiense Joaquim perduraram por algum tempo, e outras travessias individuais foram feitas por valentes nadadores. E nestas condições, de setembro de 1897 surgiu o evento tradicional “Travessia da Guanabara”.

1898 Logo após a fundação do Club de Regatas Icaraí neste ano, nadadores participaram de uma prova da “Travessia da Guanabara”, vencida por Jayme Vieira Mesquita, acompanhado de Celso Mafra, sendo estes fundadores do Clube.

1897 – 1943 Neste período foram realizadas 16 provas de natação “Travessia da Guanabara”. O percurso era de 4.100 metros, com início na Ilha de Boa Viagem, em Niterói, e a chegada na Praia de Santa Luzia, no Rio de Janeiro. O tempo do vencedor, do ano de 1921, foi de 1 hora 44 minutos e 40 segundos e, no ano de 1929, foi estabelecido o melhor tempo da prova, com 1 hora e 14 segundos. Em 31 de julho de 1897, o Club de Regatas Icaraí e o Grupo de Regatas Gragoatá, ambos niteroienses, bem como outros clubes cariocas, fundaram a União de Regatas Fluminense, depois denominada Conselho Superior de Regatas. Desta entidade originou-se a Federação Brasileira das Sociedades do Remo, sediada na cidade do Rio de Janeiro, entidade dirigente dos esportes aquáticos e náuticos, abrangendo as associações filiadas da então capital do país e de Niterói. As competições de natação eram organizadas pela entidade máxima, porém eram promovidas pelos clubes filiados. Os clubes niteroienses sempre estiveram presentes, salientando-se esses eventos no período de 1922 a 1926. Havia provas clássicas a serem disputadas, tais como “Arthur Augusto Ferreira”, “Abraão Saliture”, “Arnold Voigt”, “Alberto de Mendonça”, “Coelho Neto”, “Paulo de Frontin”, “Washington Luiz” e outras, em homenagem a diversas personalidades da natação.

1923 – 1924 O Club de Regatas Icaraí foi o promotor, em 4 de fevereiro de 1923, na enseada de Botafogo, no Rio de Janeiro, dos concursos aquáticos oficiais. Nessa programação, entre as vitórias obtidas pelos seus atletas, notou-se a prova de 300m, com a turma mista, formada de Scylla Souza Ribeiro, Aracy Sardinha e Hugo Mariz de Figueiredo. Nesse mesmo ano, no mês de maio, a Confederação Brasileira de Desportos disputou provas clássicas e o Campeonato Brasileiro de Natação. Os nadadores do Club de Regatas Icaraí, sempre participantes, destacaram-se no revezamento com a equipe Scylla de Souza Ribeiro, Luiz Jardim de Araujo e Hugo Mariz de Figueiredo. O Clube também participou, em 29 de junho de 1924, da competição de natação levada a efeito pela Liga de Esportes da Marinha. No mesmo ano de 1923. O Ingá Sport Club realizou um festival aquático e terrestre na Praia das Flexas. Os 100m nado livre foi vencido por Mario Souza Ribeiro com o tempo de 1 minuto e 45 segundos, e seguido por João Watson. O vencedor foi desclassificado por ter chegado fora da raia. Nos 100m, nado livre infantil, venceu Scylla Souza Ribeiro com o resultado de 1 minuto e 18 segundos. Outras provas de natação ocorreram.

1936 – 1952 A preparação dos nadadores do Club de Regatas Icaraí – um clube que hoje ultrapassa os cem anos de existência – , em estágios diferentes, foi feita por treinadores de destaque, como: Tobias de Melo Machado, mais tarde Diretor da Divisão de Educação Física Estadual; Gastão Mariz de Figueiredo, depois dirigente de entidade náutica; e outros esportistas de nome internacional como: Maurício de Andrade Bekenn, que foi nadador, jogador de pólo-aquático, também preparou nadadores e teve grande participação na natação brasileira, como dirigente; Álvaro Tatto, que se sagrou campeão brasileiro de natação e participou dos Jogos Olímpicos de Berlim-1936 (prova de 100 metros estilo “crawl”, na primeira preliminar, com a quinta colocação) participou também na preparação de campeões. Dos nadadores de valor, além de Álvaro Tatto, como olímpico, cita-se Hélio de Oliveira e Silva, apelidado Paluca, que foi campeão brasileiro nas temporadas de 1946, 1947 e 1949, além de campeão sul-americano neste último ano, e que participou dos Jogos Olímpicos, em Londres-1948 e Helsinque-1952. Por falta de piscina em Niterói, o aprendizado de natação ocorria em plena Praia de Icaraí, na beira d’água. Na temporada de competições, eram colocados pranchões, em pleno mar, distante da área de arrebenção das ondas, afastados um do outro, na distância de 25 metros, onde eram feitos também os treinamentos.

Piscina particular existia uma, na residência dos Seabras, na Estrada Froes, e outra, no Estádio Caio Martins, que foi construída no início dos anos de 1940. Filiado à Federação Metropolitana de Natação, sediada no Rio de Janeiro, o Club de Regatas Icaraí patrocinou o I Concurso Oficial da Temporada, em 1º de julho de 1945, na piscina do Caio Martins, como parte dos festejos de seu cinquentenário.

Patinação

1878 - 1908 Os adeptos da patinação, no Rio de Janeiro, recebiam suas informações através do periódico “Skating Rink: jornal humorístico e literário dos patinadores”, criado em 1878. O jornal “Gazeta da Tarde”, de 3 de março de 1884, noticiava os rinques preparados para os patinadores, na Rua do Lavradio e na Machado Coelho, ambas na cidade do Rio de Janeiro. O surgimento de outras atividades, como a corrida a pé, levou o historiador Renault a entender que “pelo noticiário da imprensa vê-se que passou a mania da patinação”, pois, prosseguiu ele, “o público agora aprecia as corridas atléticas – para jovens e adultos”. Entretanto, na “Exposição Nacional”, de 1908, efetuada no Rio de Janeiro, comemorativa do centenário da emancipação comercial e industrial do Brasil, entre as obras realizadas, tais como pavilhões e prédios, foi também construído o “rink” de patinação.

1913 Em Niterói, então Praia Grande, quando da visita de D. João VI em maio de 1816, deu-se o beija-mão no local denominado Campo de Dona Helena, onde foi erguido, posteriormente, o monumento à memória de tal fato, e este sítio passou a ser conhecido como Largo da Memória. Este passeio público teve diversas reformas e, entre estas, a efetuada na gestão do Prefeito Feliciano Sodré, transformando-o em jardim, “cercado por uma balaustrada; as ruas laterais foram macadamizadas e foi construído o coreto e a pista de patinação”; a inauguração ocorreu em 31 de dezembro de 1913. A Prefeitura de Niterói, no final do ano de 1958, remodelou o jardim, já então denominado Praça General Gomes Carneiro, demolindo o “rink” de patinação e o coreto. Para os niteroienses atuais a praça mantém, ainda, o título de “Praça do Rink” ou simplesmente “Rink”.

Pelota (frontão)

1893 – 1920 No final do Século XIX a pelota passou a ser praticada na cidade do Rio de Janeiro e, com o surgimento do Frontão Brasileiro, apareceram os famosos pelotários espanhóis. O periódico “O Frontão”, órgão esportivo, literário e teatral, existente no período de 1893 a 1895, divulgava os fatos da atividade esportiva referente à pelota. Em virtude dos conflitos existentes entre jogadores, entre espectadores e entre todos eles, a polícia mandou fechar os frontões em atividade no Rio de Janeiro, no período presidencial de Campos Sales (1898-1902). Os pelotários foram para São Paulo, uns, e outros atravessaram a Baía de Guanabara, indo para Niterói. Nesta cidade, “O Frontão Coliseu” (mais tarde transformado em Cine-Teatro Coliseu), estava localizado na Rua São Francisco, depois Rua Saldanha Marinho, esquina com a Rua da Praia, no período de 1903 a 1920, sendo Antonio Chibarrana o pelotário mais conhecido. Os conflitos, as desordens e as depredações da casa das “poules”, como no Rio de Janeiro, continuaram em Niterói. O Frontão era muito movimentado, tanto pelos niteroienses quanto pelo pessoal vindo da cidade do Rio de Janeiro, principalmente as então chamadas “francesas e as espanholas” que eram prostitutas da moda. No dizer de Backheuser - uma das fontes desta memória -, o Frontão era um local de “perdição”, de “corrupção”, com a presença de “pessoal de arrelia”. Dito com outras palavras, o Frontão era um ponto de confusão, conflito, arruaça, imoralidade, desregramento e perversão.

Tênis

1901 O tênis já era praticado em diversos clubes niteroienses na passagem para o século XX, tais como o Clube de Regatas Icaraí, o Canto do Rio Futebol Clube e The Rio Cricket and Athletic Association. Onze tenistas desta última associação, juntamente com mais quatro assistentes, presenciaram, no dia 1º de agosto de 1901, uma partida de futebol do seu clube com uma equipe do Rio

de Janeiro, organizada por Oscar Cox. No bairro de Icaraí, no início da Rua Álvares de Azevedo esquina com a rua principal da praia, havia, ainda, na década de 1940, “uma quadra de tênis, com pequena manufatura de raquetes”. Nessa área, foi construído um prédio de apartamentos.

Tiro

Década de 1900 O Tiro ao voo era praticado no Saco de São Francisco, onde existia um “stand” de propriedade de Gastão Wadington e Gustavo Schmidt, sendo este fabricante de raquetes de tênis, em Icaraí.

Aeroesporte

1940 – 1948 O aero-clube de Niterói, localizado no bairro Saco de São Francisco, surgiu em virtude da campanha “Dêem Asas ao Brasil”, campanha esta promovida pelo Aero-Clube do Brasil. O Governo Amaral Peixoto, em 1940, propiciou a criação do aero-clube, com o título de Aero-Clube do Estado do Rio de Janeiro. O campo, para as atividades do aero-clube, estava mal localizado entre o mar, o morro, a rede de energia de alta tensão e o ponto final dos bondes elétricos, que vinham da “Ponte das Barcas”, no centro de Niterói, para o Saco de São Francisco. Os terrenos que serviram de campo de pouso e decolagem, sede, oficina e depósito de combustível, pertenceram à Família Fróes. Os aviões eram de pequeno porte (monomotor) e o primeiro recebido pelo aero-clube foi doação de Luís Alves de Castro, vindo dos Estados Unidos da América em 1941. Neste mesmo ano, o governo estadual passou a subvencionar a entidade com a quantia de 20 contos de réis anuais. Com a queda do Estado Novo, em 1945, e do Governo Amaral Peixoto, incentivador do aero-clube, os aviões foram perdendo a sua conservação e acidentes foram ocorrendo, inclusive com mortes, e o último avião pegou fogo, no próprio campo, no ano de 1948.

Trampolim

Décadas de 1930 – 1960 Havia em Niterói, na Praia de Icaraí, fronteiro à Rua Pereira da Silva, dentro d’água e a algumas dezenas de metros da arrebentação das ondas, um trampolim de madeira, que foi desgastado com o passar dos anos, restando alguns destroços quando iniciaram as obras do trampolim de concreto. O novo trampolim, de concreto armado, situado quase em frente à Rua Lopes Trovão, surgiu de um movimento promovido pela colunista social Lou Pacheco, que organizou um abaixo-assinado, uma lista de doações e obteve uma quantia para as obras. O trampolim foi projetado por Luiz Forsatti. E, no dizer de Wehrs, tinha a “forma de pássaro com asas abertas, de modelo elegante”. Coube à Prefeitura Niteroiense o encargo da construção do trampolim e os operários deslocavam-se, da areia da praia para os caixotes da base, através de uma passarela de madeira sobre o mar, apoiada por estacas também de madeira. A inauguração ocorreu em 1936 e, no sistema em que o trampolim foi construído, a sua base sofreu as influências das marés, das ondas e das ressacas, no transcurso do tempo, e foi ele inclinando, perdendo a sua majestade e apresentando perigo aos seus frequentadores. Mesmo assim, o trampolim constituiu um ponto de encontro da garotada e dos jovens. Os saltadores foram surgindo, apresentando os mergulhos, bonitos uns e desastrosos outros. O “Bicudo”, um negro hábil e de queixo torcido, razão de seu apelido, era um dos astros daqueles tempos, sendo sempre apreciados os seus saltos ornamentais pelos banhistas que, da areia da praia, apreciavam o espetáculo. Técnica e treinadores não existiam: era um esporte de lazer. Em meados dos anos 1960, em um mês de junho, foi decretada a morte do trampolim: duas explosões o destruíram.

Estádio

1937 – 1945 Este período delimita a Interventoria de Ernani do Amaral Peixoto no Governo do Estado do Rio de Janeiro (nomeado em 11 de novembro de 1937 e destituído de sua função em 29 de outubro de 1945 com a queda do regime político do Presidente Getúlio Vargas, denominado Estado Novo) que adquiriu as instalações do canódromo e terrenos vizinhos, transformando-os em um

Estádio. Explicava-se esta intervenção por existirem em Niterói, nas primeiras décadas dos anos 1900, associações envolvidas com o ensino e a prática de diversas modalidades esportivas, porém a cidade não possuía um estádio para a realização de maiores eventos relacionados ao esporte. Coube à Divisão de Planejamento, sob a direção de Luiz de Souza, órgão do Departamento de Engenharia da Secretaria de Viação e Obras Públicas, elaborar o “Projeto de Adaptação do Canódromo em Estádio”, com o acordo de Tobias Machado, Chefe do Serviço de Educação Física do Estado do Rio de Janeiro. O Estádio seria composto de um campo de futebol, de 65 x 100 metros, uma pista de atletismo, de 400 metros de perímetro, e áreas para saltos e lançamentos. O canódromo, com as modificações das instalações, passou a ser o “Estádio Caio Martins”, inaugurado festivamente em 7 de setembro de 1941, com a presença do Interventor Amaral Peixoto, do General Heitor Augusto Borges, então Presidente da União dos Escoteiros do Brasil, do Major Dorneles, representante do Governo do Estado de Minas Gerais, do Sr. João Francisco de Almeida Brandão Júnior, Prefeito de Niterói, de familiares de Caio Martins, escoteiros e dos niteroienses. O homenageado, Caio Martins, foi um jovem escoteiro falecido em 1938, aos 15 anos de idade, em virtude de acidente ferroviário ocorrido na Serra da Mantiqueira - RJ. Foram inaugurados o Estádio e o monumento ao homenageado, constituído este de uma estátua de um escoteiro, em bronze, obra do escultor Honório Peçanha. Na base, de granito, encontra-se a frase “O escoteiro caminha com suas próprias pernas”, dita por Caio Martins antes de sua morte, dispensando a assistência que lhe seria dada em favor de outros acidentados. Eleito Amaral Peixoto para o Governo do Estado do Rio de Janeiro, para o período 1951 – 1955, o Estádio Caio Martins teve construída a tribuna de honra, entre as duas grandes arquibancadas já existentes; foi edificado um ginásio coberto, polivalente, para basquetebol e voleibol; e também foram concluídas as obras da piscina olímpica, com arquibancadas cobertas para dois mil assistentes.

Fontes

Alfredo Alexander. Jogos ao ar livre para a mocidade brasileira. Revista Pedagógica, 1 (4): 282-311, 15 jan. 1891.

Almeida, Antonio Figueira de. História de Niterói, Niterói: Diário Oficial, 1935.

As aventuras do Velho Fonseca. O Fluminense, Niterói, n.93, 28 jul. 1974. Caderno Encontro, p.3.

Backheuser, Everardo. Minha terra e minha vida: Niterói há cinquenta anos. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1942.

Campos, Maristela Chicharo de. Riscando o solo: o primeiro plano de edificação para a Vila Real da Praia Grande. Niterói: Niterói Livros, 1998.

Cantarino, José Jotta. Comentários sobre o canódromo. (Informação verbal). 1990.

Cantarino, Mario. Notas para a história do Atletismo brasileiro. Brasília, jul. 2003 (mimeografado).

Cantarino, Plínio Jotta. Comentários sobre o canódromo, Estádio Caio Martins e Canto do Rio Futebol Clube (Informação verbal). 2003.

Cantarino Filho, Mario Ribeiro. A Educação Física no Estado Novo: história e doutrina. 1982. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília.

Casadei, Thalita de Oliveira. Estudos de História Fluminense. Niterói: [s.n.], 1975.

_____. Páginas de História Fluminense. Niterói: [s.n.], 1971.

Ciribelli, Jomar Corrêa Comentários sobre o Esporte Clube Olímpico (Informação verbal). 2003.

Coelho Netto, Paulo. História do Fluminense. Rio de Janeiro: Borsoi, 1952.

Colônia Inglesa, a outra Niterói. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 17 fev. 1974. Caderno RJ, p.1.

Corrêa, J. A. Esportes diversos. São Paulo: Brasil, 1977.

Costa, Antonio Rodrigues da. Carta ao autor, com as informações verbais obtidas de Dácio Lazary Guerreiro Lima, sobre o esporte em Niterói, no passado. 16 de ago. 1974.

_____. Niterói guarda tradição inglesa. Jornal de Icaraí. P. 3-4, 8 a 15 de maio 1976.

DeMoraes, J., Pinto, Pedro Rodrigues. O livro do centenário de Niterói (1819-1919): a cidade em 1919. Niterói: Tipografia Gonçalves, 1919.

Dunlop, Charles J. Rio Antigo. Rio de Janeiro: F. Lemos, v.2, 1956.

Eles venceram as águas da Guanabara. O Fluminense, Niterói, n.115, 2, nov. 1975, Caderno Encontro, p. 4.

Federação Metropolitana de Natação. Programa do I Concurso Oficial. Patrocínio do Clube de Regatas Icaraí. Niterói, jul. 1945.

Flórido, Bernardino Irineu. Guia geral da cidade de Niterói. 2. ed. Niterói: [s.n.], 1960.

Gomes, Angela de Castro (coord.). Personagens e imagens de uma cidade. Rio de Janeiro: Mauad; FARPEJ, 2001.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 18 jul. 1883. Anúncio, p. 2.

_____, Rio de Janeiro, 1. ago. 1883. Anúncio, p. 3.

_____, Rio de Janeiro, 15 ago. 1883. Anúncio, p. 4.

_____, Rio de Janeiro, 18 ago. 1883. Anúncio, p. 5.

_____, Rio de Janeiro, 26 ago. 1883. Anúncio, p. 3.

_____, Rio de Janeiro, 20 out. 1883. Anúncio, p. 6.

_____, Rio de Janeiro, 4 nov. 1883. Anúncio, p. 4.

_____, Rio de Janeiro, 6 nov. 1883. Gazetilha, p. 1.

_____, Rio de Janeiro, 11 nov. 1883. Anúncio, p. 3.

_____, Rio de Janeiro, 10 jan. 1884. Gazetilha, p. 2.

_____, Rio de Janeiro, 30 jan. 1884. Gazetilha, p. 2.

_____, Rio de Janeiro, 31 jan. 1884. Gazetilha, p. 2.

_____, Rio de Janeiro, 26 mar. 1884. Anúncio, p. 2.

_____, Rio de Janeiro, 20 jul. 1884. Anúncio, p. 8.

_____, Rio de Janeiro, 1. out. 1885. Anúncio, p. 3.

_____, Rio de Janeiro, 16 ago. 1902. Anúncio, p. 3.

Licht, Henrique. O remo através dos tempos. Porto Alegre: Corag, 1986.

Imagens Fluminenses. Edição Oficial do IV Centenário de Niterói: [s.n.], 1973.

Luiz Edmundo. O Rio de Janeiro do meu tempo. 2. ed. Rio de Janeiro: Conquista, v. 4, 1957.

Macedo, Emílio Tavares de. Guia prático: Niterói e São Gonçalo. Niterói: [s.n.], 1930.

Macedo Soares, Emmanuel. História política do Estado do Rio de Janeiro. (1889-1975). Niterói: Imprensa Oficial, 1987.

_____. A Prefeitura e os Prefeitos de Niterói. Niterói: Êxito, 1992.

Maia Forte, José Mattoso. O Município de Niterói. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1941.

_____. Notas para História de Niterói 1835-1935, no primeiro centenário da elevação da Villa Real da Praia Grande à categoria de cidade. Niterói: Diário Oficial, 1935.

Marinho, Inezil Penna. A ginástica brasileira. Brasília: Transbrasil, 1981.

_____. Introdução ao estudo da evolução desportiva no Brasil: Colônia e Império. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1959, (Decimalia).

_____. História da Educação Física e dos Esportes no Brasil. Rio de Janeiro: DEF/MEC, v. 1 e 2., 1952.

Mattos, Romeu de Seixas. Comentários sobre o esporte em Niterói, no passado. (Informação verbal), 1974.

Maurois, André. História da Inglaterra. Rio de Janeiro: Irmão Pongetti, 1959.

Mazzone, Thomaz (Olímpicus). A evolução dos esportes no Brasil. In: UMMIGER, Walter. Heróis, deuses e super-homens. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

Menke, Frank G. Encyclopedia of sports. New York: A. S. Barnes, 1944.

Nogueira, Lacerda. A mais antiga Escola Normal do Brasil: 1835-1935. Niterói: Diário Oficial, 1938.

Olympicus. Almanaque esportivo: 1943-1944. São Paulo: [s.n.], 1945.

_____. Almanaque esportivo: 1945-1946. São Paulo: [s.n.], 1947.

Paioli, Caetano Carlos. Brasil olímpico. São Paulo: Secretaria de Esporte e Turismo, 1985.

Paiva, Salvyano Cavalcanti de. Ressurreição da capoeira. Correio da Manhã, 2 jul. 1964, 2°. Caderno.

Peixoto, Didima de Castro. História Fluminense. 3. ed. Niterói: [s.n.].

Peluso, Marilena dos Reis, RANGEL, Kátia Araújo De Marco. A travessia Rio-Niterói. Niterói: Fundação Atividades Culturais, 1983.

Presença britânica no Brasil (1808-1914). 2. ed. São Paulo: Paubrasil, 1987.

Primeiro clube do Rio festeja seu aniversário. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 15 ago. 1972.

Renault, Delso. O dia-a-dia no Rio de Janeiro, segundo os jornais 1870-1889. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1982.

Ribeiro, Scylla Souza. Coletânea de artigos de periódicos (arquivo pessoal).

Secretaria de Viação e Obras Públicas. Divisão de Planejamento. Projeto de adaptação do canódromo em Estádio. Niterói: [s.n.], 193?.

Tinoco, Brígido. O boi e o padre: memórias. [s.l..s.n.], 1992.

Trompowsky, Jr., Roberto; Calmon, Francisco. Desportos. In: Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, v. 1, 1922.

Wehrs, Carlos. Capítulos da memória niteroiense. Rio de Janeiro: [s.n.], 1989.

_____. Niterói cidade sorriso: a história de um lugar. Rio de Janeiro: [s.n.], 1984.

Niterói – Destaques esportivos por bairros, 1881 – 1906

Niterói – Sports features per city's areas, 1881 – 1906



Clubes de imigrantes em São Paulo – SP

CLAUDIA MARIA GUEDES, SUSAN GAIL ZIEFF E PLÍNIO JOSÉ LABRIOLA C. NEGREIROS

Sports clubs of ethnic groups in São Paulo – SP

The city of São Paulo reaches 450 years in 2004 celebrating the originality of its population formed by innumerable races, creeds, nationalities and cultural habits. Besides the Brazilian government laws and regulations that encouraged immigration, laws have been signed to protect the rights of foreigners in the country since 1824. In the last decades of the 19th century the population was growing so much in numbers that with the increase in immigration the population of 31,385 the city had in 1872 grew to 239,820 in 1900. The immigrants who were initially minority groups became in no time majority in the

city. Italian and Spanish were almost required languages if anyone wanted to live in São Paulo at that time. The strong presence of immigrants in São Paulo exposed Brazilians to leisure practices associated with physical activities such as the elegant footing in the downtown streets, the games the British played in Anhangabaú, the expansion of sports such as rowing, which made several sports associations pop up all around town. This way each of the foreign colonies settled at that time in São Paulo created their social circles, their sports societies, and clubs. Italian, Portuguese, Spanish, Syrian,

Lebanese, British, German, American among many other nationalities and from various religions especially Catholic, Protestant and Jewish constructed and shared the main role in the São Paulo sports scenario. This situation lasted until World War II, when sports clubs started their progressive naturalization, already completed today. This chapter describes the facts of memory of the main clubs of immigrants of the city of São Paulo, featuring in the conclusion the cultural and sporting legacy of these institutions that are still present today in the life of the city.

Origens A cidade de São Paulo chega aos seus 450 anos, em 2004, celebrando a originalidade de sua população formada pelas inúmeras raças, credos, nacionalidades e hábitos culturais. Essa diversidade deu a São Paulo a riqueza que extrapola as portas de sua indústria e comércio para os registros históricos vivos nas ruas, museus, praças, edifícios, parques e clubes. Além das medidas governamentais do Brasil que incentivaram a imigração, como por exemplo, a Constituição de 1824 que assegurava a liberdade de credo religioso, a lei de 1831 que dificulta o tráfico negreiro e finalmente a de 1850 – lei Eusébio de Queirós que proíbe o tráfico de escravos, há ainda o forte atrativo da localização geográfica e física da cidade em questão. São Paulo poderia ser comparada à Mesopotâmia, região assim denominada por estar “entre rios” e habitada por diversos povos de línguas e culturas diferentes. A terra fértil significava ao mesmo tempo a geografia privilegiada para o escoamento das riquezas ali e no interior produzidas. O primeiro grande movimento imigratório europeu deu-se em 1850, com a aprovação da lei Eusébio de Queiroz – que efetivou o fim do tráfico negreiro para o Brasil e coincidia com a grave crise econômica na Europa. A proibição do mercado de negros trouxe importantes transformações para um país organizado em todas as esferas a partir da exploração do trabalho escravo compulsório. Isto apontava o caminho inevitável do fim da escravidão no Brasil e por discriminação racial, efetivou a substituição da mão de obra pelos imigrantes europeus. As atividades econômicas fundamentais dependiam do suprimento dessa mão-de-obra, inclusive a mais rendosa dessas atividades: a cafeicultura. Neste processo, o papel exercido pelos imigrantes europeus foi decisivo. Ao mesmo tempo em que as elites agrárias brasileiras necessitavam de mão-de-obra imigrante, foi o momento de uma série de tensões em território europeu, essencialmente por três razões: o avanço da ordem industrial, que gerava transformações no campo e na cidade; os processos de unificação da Alemanha e da Itália, ambos concretizados em 1870; e finalmente pela fome e miséria provocadas pela grande seca e as revoluções que marcaram o final de 1850. Enfim, havia excessos populacionais em vários Estados europeus ao mesmo tempo em que várias regiões do Brasil careciam dessa força de trabalho, em especial, no poderoso setor cafeeiro.

A cidade de São Paulo, fundada por padres jesuítas em 1554, teve seu perfil radicalmente alterado em decorrência das atividades ligadas ao café. Conhecida pela forte presença dos bandeirantes, sobreviveu economicamente, durante quase dois séculos, através da escravização do homem indígena. Com a descoberta do ouro e dos diamantes no interior do Brasil colonial, a vila de São Paulo ficou esvaziada por algum tempo e, nos anos seguintes, serviu à região mineradora com o fornecimento de alimentos e de outras mercadorias. A capital paulista se destaca a partir de 1828 ao ser escolhida como sede de uma faculdade de Direito. A população da cidade tinha as mesmas características de Salvador e do Rio de Janeiro, ou seja, era bem menor que as outras grandes capitais européias. Nas últimas décadas do século XIX a população foi se multiplicando de tal maneira, com a aceleração da imigração que, de 1872 com 31.385 habitantes, passou a 239.820 habitantes em 1900. Os imigrantes, inicialmente minoria, transformaram-se em maioria na cidade. Para viver em São Paulo, nessa época, era preciso conhecer um pouco da língua italiana e do castelhano. Tratava-se de uma cidade em que a reformulação urbana provocava destruições e remodelações posteriores, em uma velocidade nunca imaginada por seus antigos moradores. Velocidade também foi a mola que impulsionou as atividades industriais. Ao mesmo tempo, a cidade passou a viver novas formas de lazer com

vista a satisfazer a população em um espaço urbano que, a cada dia, torna-se ainda mais cosmopolita. Os hábitos trazidos de outros países, como por exemplo, a prática de esportes consubstanciou-se na formação de clubes esportivos, além da informalidade das ruas e espaços vazios. Surgiram, dessa forma, inúmeras modalidades de esportes que, após breve período de adaptação, tornaram-se moda e passaram a ser largamente apreciadas pela população, seja como praticantes ou meros assistentes. Terminada a febre da moda e as constantes mudanças arquitetônicas na cidade alguns esportes caíram no esquecimento, outros sedimentaram-se enquanto prática cotidiana. Entre os muitos esportes que chegaram à cidade, um deles ficaria definitivamente: o futebol. Mas antes, porém, o paulistano aprendeu a apreciar o “cricket dos ingleses”, o rugby, o tênis, a natação e o remo.

A forte presença imigrante em São Paulo proporcionou a descoberta, pelos brasileiros, de práticas de lazer associadas às atividades físicas como o *footing* elegante pelas ruas do centro da cidade, o jogo dos ingleses no Anhangabaú, a expansão dos esportes como o remo, fazendo nascer diversas associações esportivas por toda a cidade. Tratava-se da troca do descanso dos finais de semana pela sociabilização, entretenimento e exercícios físicos. Os imigrantes foram a essência deste fenômeno. Para estes que chegavam à capital paulista, a ausência de raízes levava à construção de mecanismos de encontros com o país de origem, ao mesmo tempo em que se misturava o anseio de um Brasil rumo ao futuro. Assim, cada uma das colônias estrangeiras presentes em São Paulo criou seus círculos sociais, suas sociedades esportivas, e clubes. Italianos, portugueses, espanhóis, sírios, libaneses, ingleses, alemães, americanos entre outras nacionalidades, e de diversas religiões principalmente católica, protestante e judaica, construíram e dividem o papel principal no cenário esportivo paulistano.

Clubes ingleses A partir da segunda metade do século XIX, a cidade de São Paulo desenvolve uma série de equipamentos urbanos, como transporte, iluminação pública, gás, distribuição de água e, quase como regra, empresas estrangeiras detinham a concessão da exploração desses serviços. Um número considerável dessas empresas era de ingleses. Além disso, os ingleses também eram funcionários de outras companhias relacionadas com as atividades bancária e comercial. Com um bom número de ingleses em terras paulistanas, surge, em 15 de maio de 1888, o São Paulo Athletic Club, tendo como fundadores W. Snape, P. Miller, W. Fox Rule, P. V. Creew e T. Hobbs. O Clube escolheu a prática do cricket e só próximo ao final do século, optou também pelo futebol. Na considerada primeira partida de futebol ocorrida na cidade, realizada em 14 ou 15 de abril de 1895, entre um time de empregados da Companhia de Gás e outro de funcionários da ferrovia São Paulo Railway, a maior parte dos jogadores desta equipe eram sócios do São Paulo Athletic Club. Com o início da disputa do campeonato paulista em 1902, o Clube ganhou esse título e os de 1903 e 1904, tornando-se o primeiro tri-campeão de São Paulo. Continuou com participações importantes nessa disputa e deixou a prática do futebol oficial em 1912, depois de uma série de desavenças com a Liga Paulista de Football. Ainda existe e é o clube mais velho da cidade. É pioneiro nas práticas do Squash, do Rugby e do Bowls. Outro clube inglês, dedicado ao futebol, era o Scotch Wanderers, aceito para jogar na Associação Paulista de Sports Atléticos em 1914. Depois de participações razoáveis, a entidade de futebol excluiu o time de ingleses, pois descobriu-se que não era exatamente um clube, mas um agrupamento de jogadores britânicos que se reuniam

para participar dos jogos do campeonato e dividir as rendas dessas partidas. Em uma época em que o esporte era amador, essa atitude não foi tolerada pelos dirigentes do futebol.

Clubes alemães Os alemães foram os pioneiros na implantação da atividade esportiva em São Paulo, assim como os primeiros a introduzirem a participação feminina em atividades físicas. Antes mesmo dos ingleses e dos italianos estabelecerem seus clubes, os alemães já haviam fundado suas sociedades para a prática da ginástica e outras atividades. Em 1876 foi fundado um clube denominado Germânia. Era sociedade estabelecida por jovens alemães para a prática da ginástica – o *Turnverein*. Onze anos depois foi fundado o *Deutscher Turnverein* que se tornou em 1938, Associação de Cultura Física. O *Deutscher Turnverein* foi fundado por um grupo de 20 jovens alemães sob a direção de Otto Langee e começou a prática da Ginástica no pátio do Hotel Tietzmann na Rua Bom Retiro n. 15. Cada membro doou seis mil réis para a compra dos aparelhos. Suas instalações, durante muito tempo, permaneceram no pátio do hotel para depois seguirem para a escola alemã. Em 1913 foram formadas as primeiras turmas de ginástica. A partir de 1938, um decreto lei de 18 de abril proíbe a participação de brasileiros natos em entidades estrangeiras. Esta determinação obriga o *Deutscher Turnverein* a mudar o nome para Associação de Cultura Física 1888, pois dois terços dos membros eram descendentes de alemães nascidos no Brasil. Durante as décadas de 1950 e 1960 a Associação de Cultura Física 1888 destacou-se tanto na ginástica quanto no handebol de campo. Nos anos de 1960 o clube perdeu a sede, passando da Praça Roosevelt para a rua Germano Ulbrich, entretanto dissolveu-se durante a década de 1970. Hoje a Associação deixou de existir e todos os troféus e documentos foram divididos entre os antigos membros. Dois anos depois da fundação do *Deutscher Turnverein*, surgiu o *Deutsch Turnerschaft*. Em 1890 um grupo de membros do primeiro clube, descontentes com um incidente provocado pelo precário sistema de iluminação de um baile, de onde várias pessoas saíram feridas depois de um incêndio, decidiram fundar um clube rigidamente estabelecido nas normas e fundamentação teórica do método de Jahn. Esta decisão também incluía seguir o modelo das instalações e a obtenção de uma sede própria a todas as atividades que se queria realizar – tanto sociais quanto esportivas. Estabeleceu-se, então a sede em uma casa localizada na Rua Bom Retiro n. 54, onde permaneceu até o ano de 2000.

Em 1938, também o *Deutsch Turnerschaft* foi obrigado a mudar de nome e passou a se chamar Clube Ginástico Paulista. Em 1894 o clube tinha 102 sócios. Em 1895 já contava com turmas infantis e as primeiras turmas femininas formadas em 1902. O clube era famoso pelas apresentações para as tripulações da armada alemã que aportava nos portos de Santos. A ginástica era a principal atividade e as suas apresentações eram apreciadas e mantinham o sentimento nacionalista entre as gerações que nasciam no Brasil. O intercâmbio do Clube em festivais, promovidos pelas entidades co-irmãs, constituiu um dos fortes fatores que estimulavam as inúmeras vitórias sobre seus adversários, que eram o *Deutscher Turnverein* de São Paulo, o *Deutsch Turnergruppe* de Campinas, o Teuto Brasil e o *Turnverein* de Curitiba. A diversificação esportiva teve início a partir dos anos de 1920, começando pelo primeiro campeonato de handebol de campo realizado no Brasil em 1928.

Em 2000, o clube vendeu a sua sede devido à localização, os membros atuais ainda competem em Bocha e Bolão, e o clube apenas é filiado às federações destas modalidades.

Em um momento em que a imigração não era tão intensa, mas que novos grupos buscavam outros tipos de associações, em 1919, um grupo de alemães fundou o Clube Estrela, ou *Stern*. Este clube contava com membros como Maria e Sieglinda Lenk e Guilherme Schall. Foi neste clube que Paulo Lenk desenvolveu seu método nada ortodoxo de ensinar as crianças a nadar. Ele primeiramente garantia a segurança das crianças na água através de um cinto amarrado com uma ponta ao abdômem do aluno e a outra extremidade amarrada à ponta de uma vara. A principal característica do *Stern* era a diversificação esportiva com especial atenção às atividades aquáticas, sendo responsável por manter por vários anos a hegemonia da Travessia de São Paulo a nado na categoria feminina. Este clube também foi considerado a terceira força aquática estadual, perdendo apenas para o Tietê e o Espéria. A partir da década de 1930 o clube foi diminuindo suas atividades e o que evidencia a sua existência são os registros nos jornais esportivos da época. Um outro pequeno clube, do qual nada resta enquanto registros documentais de fundação, é o Clube Donau. Era um clube de origem austríaca que tinha convênio com o *Deutscher Turnverein* para a prática do handebol. Segundo consta, o Donau era uma das estações do rio Tietê por onde a famosa lanca de passeio atracava.

Quase sem registro também consta da história dos clubes alemães a Associação Alemã de Esportes – *Deutsch Sportive*. Sua localização era entre os clubes Estrela, Sírio e Força Pública. Era um clube com muitas atividades, como por exemplo a ginástica e a ginástica de aparelhos com equipe de exibição. Tinha campos de futebol, minipista de atletismo, bolão e cochos nas lagoas para a prática da natação. Era portanto, no atletismo que a Associação Alemã mais se destacava. Infelizmente com o advento da Segunda Guerra e todos os preconceitos que quase fizeram desaparecer as associações italianas e alemãs, o *Deutsch Sportive* não conseguiu sobreviver, associou-se com o São Paulo Futebol Clube e desapareceu. Em 7 de setembro de 1899, foi criado o Sport Club Germânia, tendo como fundadores Hans Nobiling, Ruldo e Herman Wahnschaffe, Guilherme Machado Kawall, Arthur Kirschner, Alfredo Lins, Carlos Heinche e Max Engelhardt. A intenção de Hans Nobiling era que o novo clube tivesse a mesma função que o São Paulo Athletic Club exercia junto à comunidade inglesa na cidade. O clube alemão praticou, além do futebol, diversas outras atividades esportivas, como o remo e o tênis. Foi uma referência importante para o futebol em São Paulo. Abandonou o futebol oficial no final dos anos 1920. Viveu dificuldades políticas em virtude da ação autoritária e nacionalista do Estado Novo – o regime ditatorial do Brasil entre 1937 e 1945 – e da participação brasileira na II Guerra Mundial ao lado dos Aliados e contra o Eixo. Em janeiro de 1942, o Brasil rompeu relações com o Eixo e as autoridades brasileiras exigiram que o Germânia se “nacionalizasse” através de duas medidas: que a direção do clube fosse composta por brasileiros natos e que o nome do clube fosse modificado. Assim nasceu o Esporte Clube Pinheiros. Mesmo depois da guerra, o clube não voltou ao nome anterior e hoje se dedica aos esportes aquáticos, ao basquete e ao vôlei. As transformações ocorridas com a II Guerra e nos anos posteriores retiraram do Pinheiros a condição de um clube exclusivamente de alemães.

Clubes Italianos Os clubes italianos têm sua origem na *Club Cannottieri Espéria* fundado em 1899 pelos dissidentes do Recreio Veneza, também clube de remo: Emilio Gallina, Pietro Lazzarone, Luigi Torre, Emilio Tallone, Angelo Quaranta, Fulvio Constanzo, e Ercole Ervven. Até 1909 as atas e estatutos ainda eram escritos em italiano, demarcando a origem e tradição peninsular. O clube viveu seus três primeiros anos na Chácara Floresta, sendo despejado em 1903 e recebendo concessão para retornar ao local em 1904. A atividade principal foi o remo e o principal rival o Clube de Regatas Tietê. O clube também oferecia locais para a prática de tamboréu, tiro ao alvo e tiro ao pombo. O Clube Espéria venceu a primeira prova Internacional de Remo no Uruguai e esteve entre os clubes fundadores da Federação Paulista das Sociedades de Remo em 1907. Na cidade de São Paulo, constituiu o primeiro clube de remo e de vários outros esportes, como a esgrima, o atletismo, tênis e tiro em 1903; a natação em 1904; boxe em 1915; basquete em 1921; pólo aquático em 1923 e bocha, em 1938. Construiu uma das primeiras piscinas no estado de São Paulo, com dimensões competitivas, com trampolins e plataforma para salto. Suas origens italianas também deixaram mais alterações por conta da II Guerra: em setembro de 1942, foi obrigado a trocar de nome para a denominação de Associação

Desportiva Floresta. Em 1965, nova troca de nome: Clube Esperia, a qual mantém até hoje. Com os anos de 1940 e a retificação do rio Tietê, o Espéria perdeu sua melhor área para o pavimento das avenidas marginais, o que significou também adeus ao remo devido à dificuldade de atravessar os barcos pelas ruas movimentadas para chegar até o rio. Hoje o clube ocupa 90.000 metros quadrados com 23 000 de área construída e comemora seus 105 anos em que se mistura com a história de esporte em São Paulo.

Em agosto de 1914 surgiu o clube Palestra Itália, uma tentativa de unificação dos italianos vindos das várias regiões. Outrossim, é preciso lembrar que esse entusiasmo da comunidade italiana na cidade em fundar um novo clube tinha ligação direta, também com a visita, à época, de dois clubes italianos: *Torino* e *Pro Vercelli*, em um momento em que a presença de equipes estrangeiras mobilizava grande parte dos esportistas. Junto com o Club Atlético Paulistano e com o Sport Club Corinthians Paulista, o Clube Palestra Itália reuniu as equipes mais importantes do futebol de São Paulo até o final dos anos 1920. E, assim como o Germânia, também enfrentou dificuldades por conta da ditadura Vargas e da II Guerra Mundial. Em janeiro de 1942, o Clube teve que trocar de nome, passando a ser denominado Palestra de São Paulo. No mesmo ano, em setembro, foi obrigado a trocar novamente o nome, agora Sociedade Esportiva Palmeiras. Nesse momento, também trocou de cores: ficou branco e verde, abandonando o vermelho. E, mesmo com o fim da guerra, não voltou ao nome do tempo de paz. Apesar da dedicação a outros esportes além do futebol, a prática desta modalidade tornou o Palmeiras um dos principais clubes esportivos do país, com uma série de títulos regionais, nacionais e internacionais. Com a situação de guerra, com a troca de nome e de cores, o clube deixou de ser exclusivo da comunidade italiana.

Clubes libaneses e sírios Sírios e libaneses começaram a imigrar para o Brasil também no século XIX e em São Paulo dedicaram-se ao comércio. Uma das principais associações esportivas foi o Sport Club Syrio fundado 14 de julho de 1917. O nome escolhido foi uma tentativa de exorcizar o termo turco usado depreciativamente para identificar a comunidade árabe. Nos primeiros anos e sem sede própria, o clube promovia suas atividades em outras agremiações como, por exemplo, no parque Antártica e na Chácara Floresta. O esporte primeiro foi o futebol, que em 1918, chegou ao título de campeão da 2ª divisão do futebol de São Paulo. O Club Syrio foi bastante ativo a partir da década de 1930, competiu oficialmente em provas de pedestrianismo, voleibol, atletismo e basquetebol. O clube destacou-se, porém na prática do handebol e do basquetebol e deste último sendo campeão mundial de interclubes, além de conquistar outros importantes títulos tanto nacionais quanto internacionais.

Clubes portugueses Os imigrantes portugueses, apesar de terem vindo logo com a descoberta do país e a fundação da Vila de Piratininga em 1550, somente começaram a buscar associações e círculos de sociabilização a partir do século XIX, seguindo o modelo dos ingleses assim como todos os outros clubes e associações da época. No entanto, foi o clube Palestra Itália, que procurava a unificação italiana através do futebol, que incentivou os portugueses a fundarem um clube com a mesma finalidade: unir a comunidade portuguesa que vivia em São Paulo. A idéia é concretizada em 14 de agosto de 1920 com a fundação da Associação Portuguesa de Desportos, com a participação decisiva de Torres de Lima, Carlos Araújo Costa, Pinto Ferreira, Adelino Veiga, Flavio de Carvalho, entre outros. Esta agremiação procurava unir os diversos clubes portugueses espalhados pelos vários bairros da cidade, como o Lusíadas Futebol Clube, o Esporte Clube Lusitano, a Associação Atlética 5 de Outubro, a Associação Atlética 5 de Outubro e Associação Atlética Marquês de Pombal. Nesse mesmo ano, esse novo clube se fundiu com a Associação Atlética Mackenzie e acabou prevalecendo apenas o nome Portuguesa de Desportos. Trata-se de um dos clubes mais importantes, com ligações com a comunidade portuguesa em São Paulo e no resto do país.

Os Clubes de todas as nacionalidades Entre 1900 e 1920, cerca de 224 000 espanhóis desembarcaram no Estado de São Paulo. Até 1930 seguiram o destino da cafeicultura paulista e nos anos 1950 e 1960, a indústria e o comércio da capital de São Paulo. Devido à chegada pelo porto de Santos, foi lá que se fixou a maior parte deles e lá também que fundaram o Esporte Clube Espanha. Entretanto, os registros dessa associação esportiva encontram-se perdidos. Nos anos de 1930, o Sport Club Corinthians Paulista,

clube fundado em 1910 por trabalhadores – brasileiros, portugueses e italianos – da empresa ferroviária São Paulo Railway, era conhecido como o time dos “pretos e dos espanhóis”. Além disso, como as diversas nacionalidades tinham seus clubes exclusivos, as nacionalidades excluídas sentiam-se atraídas pelo Corinthians e pelo Sport Club Internacional. Em 19 de agosto de 1899, poucos dias antes da fundação do Germânia, Antonio Campos, Henrique Vanorden, Julio Villa Real, Ernesto Ey, entre outros, fundam o Sport Club Internacional, que como o nome já demonstrava, reunia brasileiros, alemães, franceses, portugueses e ingleses. Construíram uma importante equipe de futebol e em outros esportes durante grande parte do amadorismo esportivo.

Os Clubes Judaicos Desde o tempo do Brasil colônia, chegaram os judeus vindos de Portugal, como também os espanhóis no século XVIII, que tiveram um papel destacado na economia brasileira. No século XIX, judeus sefarditas originários da Holanda e Marrocos se estabeleceram na região Norte do Brasil onde já havia um número razoável de askenazitas. O total de judeus em 1900 é de 3.000, chegando em 1930 a 40.000 (imigrantes vindos de diversas regiões), sendo que no período de 1921 a 1930, 28.920 judeus desembarcaram no Brasil, sendo eles 35% da Polônia, 18% da Romênia (principalmente Bessarabia), e 9% da Rússia. Os remanescentes vieram da Síria, Lituânia, Alemanha, etc. A maior parte destes imigrantes situou-se no eixo Rio de Janeiro e São Paulo. Como praxis em todo os países de imigração judaica, havia formação de sociedades, associações e clubes. Por volta de 1920, há a formação do “Yuguent Club” (Clube da Juventude), com características mais políticas que esportivas, é considerado o clube dos judeus comunistas. O Yuguent Club tornou-se Centro de Cultura e Progresso e finalmente Casa do Povo em 1953. Os membros desta associação eram operários e artesãos (alfaiates, marceneiros, sapateiros, etc...), comerciantes e uma grande quantidade de “clientelchiques” (de clientes que pagavam as mercadorias a prestações). Este primeiro clube mantinha a tradição de um acervo cultural organizativo judaico, com as atividades políticas, paralelamente aos eventos sociais, religiosos, filantrópicos e relativos à saúde a partir de atividades também esportivas. A língua corrente era o idiche, devido à maioria de imigrantes judeus alemães.

Em meados dos anos de 1940, o Yuguent Club, que então já havia trocado o nome para Centro de Cultura e Progresso, cria o departamento da juventude que assume a direção dos eventos que passam a ter mais atividades esportivas e sociais como, por exemplo, campeonatos de xadrez, tênis de mesa, futebol, festas e bailes respectivamente. As características desta organização mostram influências européias nos modelos de atuação, na organização das reuniões e nos objetivos de congregação da comunidade. Em 14 de abril de 1926 foi fundado o Círculo Israelita de São Paulo, uma entidade da qual participavam os jovens judeus que não moravam no Bom Retiro, que vinham de famílias que já haviam se estabelecido financeiramente e de certa forma já tinham sido “emancipadas” do espírito do gueto. O “Círculo” localizava-se no centro da cidade de São Paulo e teve várias sedes como na Rua XV de Novembro, Capitão Salomão e Palácio Trocadeiro. Era um clube considerado de elite e as principais atividades eram entretenimentos, fomentando o convívio social, com objetivos voltados à discussão do judaísmo e problemas em geral que afetavam a comunidade judaica. O Círculo Israelita marcou época com os bailes azul e branco. Nas décadas de 1940 e 1950, foi um espaço extremamente importante para os encontros dos jovens judeus, os quais apreciavam a música ao vivo, os bailes e iniciavam amizades, namoros e comemoravam casamentos. Em 14 de dezembro de 1927 foi fundado o Clube Esportivo Israelita Brasileiro Macabi. O nome Macabi é uma homenagem a Yehuda Macabi, líder da campanha de guerrilha contra o helenismo. Foi este o grande nome na reconquista de Jerusalém pelo povo judeu em dezembro de 162 a.C. Com a iniciativa de um membro do clube anterior chamado “Sport Club”, Siegfried Weber e seus companheiros Benjamim Flit, Adolfo Wolff, Max Jagle, I. Raichel, P. Schuster e outros, constituíram um clube com inicialmente 80 sócios. Em 13 de março de 1928, Siegfried Weber ministrou a palestra *turn und sport* (Ginástica e Esporte).

A sede inicial do clube foi no bairro Bom Retiro, em seguida passou para sede campestre na rua da Coroa. Neste local, o Clube Macabi, proporcionava, além da prática esportiva (futebol, basquete e tamboréu), o reencontro com a vida campestre dos lugares de origem de seus sócios.

Em 1939, o clube passou por uma reestruturação conforme os ditames da lei de 1938 e devido a problemas na estrutura da sede situada à rua Ribeiro de Lima. O Macabi continuou suas atividades, promovendo e participando de eventos nacionais (I Macabiada em 1953) e internacionais (I Macabiada em Israel 1953 e I Macabiada Panamericana realizada em 1959 em Montevideu). O Brasil sediou a II Macabiada Panamericana em 1966, realizada no Ginásio do Ibirapuera. Ainda na década de 1950, o clube adquiriu uma nova sede no Tremembé, denominada o “Templo Esportivo”. Em 1963, já contava com instalações da piscina olímpica com trampolins e arquibancadas, piscina infantil, quadra de basquete e vestiários. Em 1968 teve lançada a pedra fundamental do ginásio esportivo. A nova sede comportaria de 3 a 4 mil sócios e suas respectivas famílias. Na década de 1970 fundiu-se com o Círculo Israelita de São Paulo tornando-se Círculo Esportivo Israelita Brasileiro Macabi resultando na expansão das atividades. Hoje, o Macabi congrega outras associações Israelitas e organiza as delegações de atletas e técnicos para a participação nas macabiadas nacionais, panamericanas e mundiais. Todavia, em janeiro de 1953, um novo projeto começa a tomar forma – a criação da Hebraica – São Paulo. Um grupo (formado por Leon Feffer, Manoel Epstein, Abraham Kasinski, Abrão Huck, Isaac Fischer, Moti Coifman, Isaac Pistrak, Leonido S. Mindlin, Simon Fleiss, Marcos Frug, Moisés Gicovate, Josephat Teperman, Salomão Trezmelina, Bernardo Rzezac, Maurício Grinberg, Moyses Kaffman, Moises Deutsch, Elias heller, Nahum Vaidegorn e Nicanor Back) criou um novo clube com aspirações diferentes do Macabi e voltado para atividades de lazer, cultura e também esportes, pois nem mesmo o Círculo Israelita, que era o clube de elite, satisfazia os jovens judeus ávidos pelas novidades culturais e sociais da grande cidade. A fundação da Hebraica São Paulo foi motivada também pela criação da Hebraica no Rio de Janeiro em maio de 1952 e o nome veio por inspiração da Hebraica de Buenos Aires fundada em 1902.

A diferença entre os sócios da Hebraica e das outras associações judaicas não era ideológica nem geográfica, mas sim social. Isso evidenciava-se pelos sócios que advinham de uma camada de imigrantes e seus filhos que ascenderam social, economicamente e integraram-se em outros ambientes da sociedade paulistana, aspirando portanto, novos valores. Muitos já faziam parte do círculo de sócios do Clube Atlético Paulistano (Clube da elite social de São Paulo), mas queriam uma associação de caráter judaico, uma vez que os filhos já atingiam a adolescência. O modelo da Hebraica foi tirado de clubes tradicionais da cidade de São Paulo, como o próprio Paulistano, o Monte Líbano, o Esporte Clube Sírio e o Esporte Clube Pinheiros. Até a década de 1960, A Hebraica era uma sociedade essencialmente recreativa, incluindo esportes, atividades culturais e de lazer, não havendo ênfase no esporte competitivo. Era um lugar para aproveitar os finais de semana, reunir a família e os amigos. A nova sociedade unia o perfil esportivo do Macabi, mas sem o caráter competitivo, no entanto mais “esportivo” e o caráter social do Círculo, sendo, no entanto mais cultural e mais “social”. A inauguração das instalações da Associação Brasileira A Hebraica de São Paulo foi em 22 de dezembro de 1957, com a apresentação dos aqualoucos e o batismo da piscina com o “banho do presidente”: Leon Feffer. Nesta época a associação já contava com seus 1.500 sócios.

Em 1958 A Hebraica inclui em seu estatuto, artigo primeiro, a referência ao seu caráter também esportivo, comprometendo-se em seu artigo 3º. a difundir a prática do esporte entre seus associados, proporcionando oportunidades para o aperfeiçoamento físico, de acordo com os órgãos especializados, visando assim a melhoria da raça; assim como proporcionar reuniões de caráter esportivo, social e cultural e filiação às federações esportivas. Moris Chansky foi o primeiro diretor esportivo. O primeiro time competitivo foi o voleibol feminino. O clube participava também dos campeonatos de futebol de salão, basquete, tênis e natação. Nos anos de 1960 o clube mantinha treinos de basquete, vôlei, judo, tênis, futebol de salão, natação e ginástica. Durante meados desta mesma década inaugura para os 20 mil sócios uma nova sede social. Com seus dois mil praticantes de esporte, foi inaugurada a piscina Olímpica e o Centro Cívico na década de 1970. Na década de 1980 A Hebraica cria a Olimpíada Esportiva Infantil para comemorar os 14 anos da criação da Escola de Esportes – a primeira no país.

Nos anos de 1990, a Hebraica se projetou para além da comunidade judaica como um centro cultural, social, esportivo e político da cidade de São Paulo e do país. A consolidação da estrutura física e o respeito adquirido pela associação tornaram possível a fundação da Associação dos Clubes Esportivos e Socioculturais de São Paulo-ACESC em 1995. A ACESSC é composta de 18 clubes: Alphaville Tennis Clube, A Hebraica, Automóvel Clube, Paulistano, Alto de Pinheiros, Monte Líbano, Clube Atlético São Paulo, Clube de Campo São Paulo, Hípico de Santo Amaro, Paineiras do Morumbi, Pinheiros, Sírio, late Clube de Santos, Jockey, São Paulo Golf Club, Harmonia, Yacht clube Paulista e Hípica Paulista. Durante os anos de 1994/1996 foram criados o Centro Hebraica de Avaliação Física para os sócios e atletas e o SPA feminino. Em 1997/1999 ficaram prontas as instalações para o SPA e a sauna para o público masculino. De aproximadamente 15.000 sócios na década de 1960, em 2003 A Hebraica congrega de 24 a 26 mil pessoas e, nas palavras de seu presidente Arthur Rotenberg, o esporte contribuiu muito para a inserção da Hebraica na sociedade paulistana e brasileira. O Esporte tirou a imagem de um clube elitista e somente voltado para a comunidade judaica. As atividades esportivas em que a Hebraica teve participação, diz Rotenberg, foram muito importantes para que a sua imagem fosse vista de outra forma na comunidade maior.

Situação atual Os primeiros anos da década de 1920 foram marcantes para a questão dos clubes de colônias. Com Getúlio Vargas, desde 1930, a imigração é desestimulada. Assim, os imigrantes iniciam um processo de socialização através do encontro com as várias nacionalidades, através dos casamentos, por exemplo. O fato de os filhos e netos dos imigrantes nascerem em terras paulistanas fez com que a fidelidade ao clube da colônia tendesse a diminuir. Assim, o Palmeiras já não é um clube exclusivamente de italianos e de seus descendentes. O São Paulo Athletic Club guarda algumas tradições ao se autodenominar um clube inglês, mas não tem mais a marca da exclusividade. Por outro lado, a Portuguesa de Desportos, ao manter o nome de origem, não se desvincilhou da condição de ter sido um clube de colônia. E mais tarde, na segunda metade do século passado, outras nacionalidades começam a marcar espaços em São Paulo,

como os judeus através da Hebraica e Macabi, e os armênios com o Clube Armênio. A presença de migrantes de diversas nacionalidades e religiosidade, em São Paulo, representou um papel fundamental no desenvolvimento dos esportes na cidade. Além do pioneirismo em diversas práticas, vários esportes chegaram a um estágio avançado de organização.

Fontes Arquivo do Dops (São Paulo): Prontuário n:º 9977 – Associação Portuguesa de Desportos, Prontuário nº 13.571 – Clube Espéria – Sociedade de Esportes Gerais, Prontuário nº 12.682 – Sociedade Esportiva Palmeiras e Prontuário nº 10.051 – Sport Club Pinheiros (ex-Germânia); Arquivo Histórico Judaico Brasileiro. Caixas 1 e 37 – Macabi, Macabiadas e Hebraica; Araújo, José Renato de Campos. Imigração e Futebol: o caso Palestra Itália. Campinas, UNICAMP – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Departamento de Sociologia, 1996. Dissertação de mestrado; Figueiredo, A. História do Foot-Ball em São Paulo, São Paulo, O Estado de São Paulo, 1918; Mazzoni, Thomaz, História do Futebol no Brasil – 1894-1950. São Paulo, Edições Leia, 1950; Negreiros, Plínio José Labriola de Campos. Resistência e Rendição – A gênese do S. C. Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo, 1910-1916. São Paulo, PUC-SP, 1992. Dissertação de Mestrado; Negreiros, Plínio José Labriola de Campos. A nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40, São Paulo, 1998, Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Ribas, M. G. História do Esporte Clube Pinheiros. São Paulo, s.c.p., 1968; Sant’Anna, L. O Football em São Paulo. São Paulo, Piratininga, 1918; Sant’Anna, L., Supremacia e decadência do futebol paulista. São Paulo, s.c.p., 1925; Guedes, G. S. Turquia: História, Língua, Direito, e losco. Artigo publicado em 2003 pelo Banco Central do Brasil; Knoplich, J. Duas fontes de referência sobre a coletividade judaica do Brasil. Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, 7, 2003; Vários autores. O cinquentenário. Revista A Hebraica. Setembro de 2003; Cytrynowicz, Roney (Pesquisa e Texto). Associação Brasileira A Hebraica de São Paulo: 50 anos (1953-2003). São Paulo, Narrativa Um, 2003; Correspondências entre diretores do Clube Esportivo Israelita Macabi de 1961 a 1966, Box 1. Arquivo Histórico Judaico Brasileiro; Estatutos do Clube Esportivo Macabi (1928-71); Manuscritos do discurso de 1966 pelo presidente do Clube Esportivo Israelita Brasileiro Macabi; Veematz, Chazak & Olszewer, Efrain. Stenta e cinco anos de História, uma vida de Glória, o nome: Macabi. O Macabeu: Edição Comemorativa dos 75 anos. Dezembro, 2002; Wolff, Egon & Wolff, Frieda. Guia Histórico da Comunidade Judaica de São Paulo. B’nei B’rith S/C, São Paulo, 1988; Falbel, Nachman. Estudos sobre a comunidade Judaica no Brasil. Federação israelita do Estado de São Paulo, São Paulo, 1984; Falbel, Nachman. O Macabi de São Paulo e sua evolução. Arquivo Histórico Judaico Brasileiro: Boletim Informativo. Ano IV, n. 18, Março 2000; Febrot, Luiz Israel. Os clubes dos “judeus comunistas” de São Paulo: “Yuguent Club” – “Centro Cultura e Progresso (Departamento da Juventude)” e “Casa do Povo” Natureza e Objetivos. Arquivo Histórico Judaico Brasileiro: Boletim Informativo. Ano VII, n. 28, Março 2003; Nicolini, Henrique. Tietê – o rio do esporte. Phorte Editora, São Paulo, 2001.

Atividades físicas e esportivas nas associações e clubes japoneses no Brasil

EMMI MYOTIN

Physical activities and sports in Japanese clubs in Brazil

Brazil has today the largest Japanese population in the world outside Japan. The first group of Japanese immigrants arrived in Brazil in 1908 and sports events that bound the new colonists together started soon after that. Track and field, the very first sport of these new immigrants because of its low cost, had its first competition in 1914. In the 1920s, the Japanese and their descendents were already organized in clubs primarily devoted to sports but which also worked as centers for their social

interaction. Sports were so much important for the Japanese community that there were 233 sports & social Japanese-Brazilian clubs in 1931, concentrated on the states of São Paulo and Paraná and devoted not only to the preservation of Japanese culture but also to the spread of nationalist and military ideals. The annual Inter-Colonial Competition of Track and Field, which also started in 1931, has been the main point of congregation of Japanese and their descendents in Brazil.

Although track and field was still the leading activity, baseball expanded in a very important way (see chapter 'Baseball' in this Atlas). In 1940, the Japanese-Brazilian clubs added up 480 units when World War II interrupted the inter-colonial competitions. Although Japanese sports activities decreased during the 1970s, the Inter-Colonial Competition of Track and Field between 2000 and 2003 averaged 400 participants, including 152 women (38%).

Definições e Origens O início das práticas esportivas e recreativas pela colônia japonesa no Brasil – tendo o atletismo como base – confunde-se com a abertura da própria colonização. O marco de início da vinda de imigrantes japoneses para terras brasileiras situa-se no despertar do século XX quando 800 trabalhadores e suas famílias desembarcaram no porto de Santos, em 1908, em busca de um enriquecimento rápido para retornar ao seu país de origem. Seguiram dali para o trabalho duro nas fazendas de café do estado de São Paulo ao longo das ferrovias da Linha Mogiana, Paulista, Alta Paulista, Itauense, Sorocabana, Noroeste e Central do Brasil, onde implantaram os seus primeiros núcleos. Essas colônias passaram então a ser mantidas pelos japoneses (Isseis – japoneses de primeira geração) e seus descendentes (Nisseis – segunda geração, filho de pais japoneses nascidos fora do Japão e Sanseis – terceira geração, neto de pais japoneses nascidos fora do Japão), que fundaram os Seinen-kai: associações – culturais e/ou esportivas – de japoneses dos quais se originaram os clubes e grêmios que agrupavam os isseis e principalmente jovens nisseis em atividades organizadas, visando à união para solução de problemas comuns e a convivência. As associações se constituíam de fato e de direito no órgão administrativo do núcleo. As associações culturais e/ou esportivas, denominadas Kaikan, eram mantidas pelos japoneses e seus descendentes e comumente utilizadas para realizar reuniões sociais. As associações se reuniam nos Shinbokukai – festas de confraternização, em especial nos Tenchōssetsu, uma comemoração do aniversário do imperador japonês. Nestas festas uma atividade muito tradicional era o Undōkai, espécie de gincana associada a competições esportivas, promovida com o objetivo de confraternização. As associações também se reuniam para organizar a Competição Inter-colonial de Atletismo – CIA, realizada anualmente no mês de julho, desde 1931 até os dias atuais, em que era obedecido um regulamento aprovado em Assembléia Geral Ordinária. A competição se iniciava no sábado pela manhã e terminava no final da tarde de domingo. Seus participantes deveriam ser exclusivamente amadores e as provas eram disputadas nas seguintes categorias: adulto, juvenil (rapazes de até 18 anos completos), moças (todas as mulheres), infantil feminino (meninas de até 12 anos completos) e infantil masculino (meninos de até 14 anos completos). Havia as versões regionais, organizadas por cada setor, nos diferentes estados do Brasil que serviam de classificatória para o nacional que geralmente se realizava na cidade de São Paulo-SP. Os participantes eram provenientes das seguintes regiões: Centro-Oeste de São Paulo, Noroeste, Paulista, Sudoeste, Oeste, Norte do Paraná, Sul do Paraná e Guanabara (hoje RJ). Da capital paulista os clubes participantes eram o São Paulo “Kinko Rikujo Rem-Mei” e a Agremiação dos Nisseis de Atletismo de São Paulo - ANASP. O evento era promovido pela Associação Cultural e Esportiva Piratininga, de São Paulo, e supervisão da Federação Paulista de Atletismo.

Década de 1910 Neste período teve início a formação dos primeiros núcleos coloniais. A prática de esportes, principalmente o atletismo, passa a ser intensamente promovida pelas associações de jovens, havendo inclusive torneios inter-coloniais. O papel que o torneio teve no meio nipônico foi dos mais relevantes. Os resultados não eram bons neste início pois não havia técnicos e nem indumentária apropriada. A primeira pista de atletismo tinha sido recém-inaugurada. Em 1914 teve início a celebração dos Tenchōssetsu na cidade de São Paulo, inicialmente no Parque Antártica, em frente às Indústrias Matarazzo, e posteriormente no

Parque da Aclimação sob o patrocínio do Consulado Geral do Japão. Nas festividades se promovia o Undōkai e o encerramento solene se dava com a “maratona” que consistia em dar três a quatro voltas na pista de corrida em torno do lago do Parque da Aclimação.

Década de 1920 Na segunda metade desta década multiplicaram-se as colônias nipônicas no Brasil e as associações de moços acompanharam essa expansão. Os principais objetivos dessas associações passavam a incluir sessões de oratória e esportes como o beisebol, atletismo, etc. Isto ocorreu porque em 1924 o governo japonês passou a pagar ao emigrante a totalidade das despesas de viagem para o Brasil aumentando o número de imigrados acompanhados de idosos e de crianças. Alteraram-se assim as características da imigração que passou a se constituir inclusive de pessoas qualificadas que estavam desempregadas no Japão. Assim, entre 1927 e 1930 ingressaram nos núcleos mais de 10.000 imigrantes por ano criando uma nova atmosfera cultural, com os antigos imigrantes sendo considerados de “mentalidade ultrapassada”. Essa renovação de concepções influenciou no desenvolvimento das associações de japoneses e de moços que começaram a ser fundadas e a funcionar mais ativamente. Por exemplo, entre 1925 e 1926 foi fundada a Associação Pan-Linense de Jovens na cidade de Lins, na linha Noroeste, que chegou a ter 14 sedes locais e 360 associados. Os japoneses recém-chegados foram transformando o espírito reinante local numa atmosfera cada vez mais japonesa. Começaram a despontar diferentes classes sociais dentro dos núcleos, com os proprietários – imigrantes mais antigos – e os novos colonos. Esta foi a fase mais próspera da imigração japonesa, que durou até aproximadamente 1934. A prática de esportes, principalmente o atletismo, passa a ser intensamente promovida pelas associações de jovens, havendo como culminância a realização de torneios inter-coloniais. Em 1928 acontece o primeiro torneio nipo-brasileiro de atletismo, batizado de “I Torneio Pan-Noroeste de Atletismo”, na cidade de Promissão. No ano seguinte é realizado o II Torneio Pan-Noroeste de Atletismo na cidade de Lins.

Década de 1930 Deu-se o início dos eventos anuais da Competição Inter-colonial de Atletismo da 1ª (1931) à 8ª (1939) edições. Os anos de 1930 se constituíram num período de muitas atividades do atletismo na colônia, apesar da Revolução de 1930 e a implantação da política nacionalista do regime do Estado Novo de Getúlio Vargas. Nesse período os imigrantes foram reprimidos nas suas atividades sociais e culturais, mas as competições continuaram a ocorrer. Um evento importante aconteceu em 1931, com a participação das agremiações formadas na cidade de São Paulo: I Competição de Atletismo da Colônia Japonesa, nas pistas do Clube Paulistano. Participaram representações de São Paulo, Noroeste do Estado de São Paulo, Cotia e Registro. Na mesma data aconteceu, no interior de São Paulo, o I Torneio Pan-Paulista de Atletismo, na cidade de Marília, que se repetiu em sua versão II em 1932. Um fato inusitado mostra a importância dada pelos japoneses aos eventos do atletismo. Numa das competições um jovem resolveu, pela primeira vez num torneio de atletismo, usar um tênis especial, trazido do Japão, causando um espanto e revolta entre os demais participantes, demonstrando que uma simples “novidade cultural” era capaz de suscitar uma controvérsia considerável entre os imigrantes (Imin Yonjūnenshi). Em 1932 iniciase o declínio dos núcleos a partir da proibição do plantio de novas mudas de café no Estado de São Paulo, a partir da qual muitos imigrantes se mudaram para o norte do Paraná. No entanto,

permaneceram nos núcleos alguns jovens pertencentes às associações de jovens, da nova geração de imigrantes, que se dedicavam com afinco e com nacionalismo aos esportes, ao cultivo da mente e do espírito japonês. Inicia-se assim o desenvolvimento nos núcleos de colonização de uma ideologia extremada que enaltece a supremacia japonesa com exaltação das características nacionais do Japão. Para fortalecer esta situação, entre 1933 e 1934, o número de imigrantes chegava a mais de 20.000 por ano e podiam viver completamente à vontade na sociedade formada por seus conterrâneos, a ponto de esquecerem que tinham emigrado para um país estrangeiro. Os núcleos pioneiros começavam a viver os anos de apogeu. Os imigrantes mais antigos, já estabelecidos, gozavam de boa situação financeira. Nesse clima, em 1933, foram realizados três eventos importantes: o III Torneio Pan-Paulista de Atletismo, na cidade de Marília; o III Torneio Pan-Noroeste de Atletismo, em Birigui; e a mais importante, a 2ª Competição Inter-Colonial Japonesa em São Paulo-SP, no Clube Atlético Paulistano, organizado pela Associação São Paulo Seinen-kai, com nove equipes participantes: São Paulo Seinenkai, União Nova Europa, Instituto de M’Boy, Mogi da Cruzes, Alta Paulista, Iguape, Noroeste, Sei-Sei Rengo e Sorocabana. A importância dada às atividades esportivas foi demonstrada também pelo intercâmbio que se buscou entre atletas do Japão e do Brasil: em 1933, uma delegação japonesa composta de seis atletas visitou o Brasil, ocasião em que se realizou uma competição nipo-brasileira de atletismo. Este fato se repete em 1939, quando esteve no Brasil o atleta Chuhei Nambu, medalha de ouro em salto triplo nos Jogos Olímpicos de Los Angeles - 1932, permanecendo por algum tempo no Brasil, orientando os atletas da colônia. Isso deu um grande alento ao atletismo nipo-brasileiro, incentivando muito a prática desta modalidade esportiva. Em 1938 e 1939, o Club Esportivo Nipponico – C.E.N., de São Paulo, organizou respectivamente a 7ª e 8ª Competição Atlética Inter-Colonial, no Club de Regatas Tietê, na cidade de São Paulo. Segundo o Anuário Brasil, em 1932, havia 233 associações de japoneses no país (Kiyotaka Emi). Essas associações impulsionaram o desenvolvimento do esporte entre os jovens colonos à época. Pode-se considerar que as atividades esportivas de moços japoneses tinham o objetivo de integrar os japoneses da colônia e os do Brasil também, como um grupo étnico, porque os jovens japoneses acreditavam que a prática de esportes era um dos meios de conhecer o espírito japonês. Vale aqui reproduzir a Declaração da Fundação Federação Esportiva Pan-Sorocabana – Han Sorocabana Sport Remmei – a que as equipes esportivas da colônia de Bastos pertencia, até por volta de 1936: “Nós somos jovens, somos a encarnação da moral, justiça e inocência. Nossos antepassados possuíam o bushido (preceitos de samurai ou samuraismo). Através dos esportes, nós pretendemos alcançar o mesmo reino espiritual, como eles conseguiram por meio do bushido. Não existe yamato minzoku (nação ou raça japonesa) sem bushido. Não existe a juventude sem esportes. E sem eles, como poderemos nos orgulhar de sermos gloriosos cidadãos com altos ideais, deste Brasil crescente? E sem esportes, como poderemos nos orgulhar de sermos irmãos, espalhados por estes vários territórios? Aspirando no futuro à fundação da Federação Paulista de Esportes, assim como da Federação dos Jovens, nos promoveremos a política nacional de “Ordem e Progresso” através do espírito esportivo. 20 de março de 1932” (Burajiru Jiho, 1932).

Década de 1940 Foram realizadas as competições anuais inter-coloniais da 9ª (1940) à 13ª (1949) edições. De 1942 a 1946, por ocasião da Segunda Grande Guerra Mundial, as competições inter-coloniais foram interrompidas e retomadas em 1947. Em 1948

aconteceu a 12ª Competição Inter-Colonial Japonesa, no Campo do Clube de Regatas Tietê, organizado pelo São Paulo “Kinko Rikujo Rem-Mei” – S.P.K.R. na cidade de São Paulo-SP. Em 1941, a então Federação Japonesa de Atletismo homenageou o Capitão de Exército Sylvio de Magalhães Padilha através do Sr. Kiyoshi Yamamoto, Presidente Honorário do Clube Atlético Colonial, que procedeu a “Entrega da Espada”. Na época, Padilha era Diretor do Departamento de Esportes do Estado de São Paulo, em cujo posto havia podido manter relações com os esportistas da colônia japonesa radicada em São Paulo. Foi uma homenagem do atletismo nipônico como reconhecimento pelos seus esforços e boa vontade na ocasião em que a nação japonesa comemorava o registro do 23º centenário de sua fundação. Os japoneses obtiveram autorização do governo brasileiro para enviar uma representação de atletas japoneses residentes em São Paulo para participarem dos jogos que foram realizados no Japão como parte das comemorações daquela data. O Anuário Brasil, em 1940 indicava que havia 480 associações de japoneses no Brasil (Kiyotaka Emi).

Década de 1950 Foram realizadas todas as competições inter-coloniais anuais da 14ª (1950) à 23ª (1959) edições. Nos anos pós-guerra começou a surgir uma divisão na comunidade de origem japonesa provocando uma cisão também na organização do campeonato inter-colonial, fazendo aparecer a situação anômala de existirem dois campeonatos da colônia no período 1950-1955. Em 1950, foi realizada no Clube de Regatas Tietê a 14ª Competição Inter-Colonial Japonesa, autorizada pela Federação Paulista de Atletismo, com 6 equipes participantes: São Paulo, Noroeste, Paulista, Sudoeste, Oeste e Paraná. Nesta data a competição passa a ser promovida pela Associação Cultural e Esportiva Piratininga. Em 1955 o campeonato anual foi unificado, passando à realização para a Associação Cultural e Esportiva Piratininga, de São Paulo-SP. Em 1959, na 23ª competição foram introduzidas as categorias juvenil e feminino.

Década de 1960 Foram realizadas todas as competições inter-coloniais anuais da 24ª (1960) à 33ª (1969). No final da década de 1960, a competição passa a ser realizada no Esporte Clube Pinheiros. Geralmente se inscreviam em torno de 450 atletas brasileiros, dos quais 20,43% eram mulheres e 6% estrangeiros (Argentina e Peru). As equipes participantes eram: São Paulo “Kinko Rikujo Rem-

Mei”, Noroeste, Paulista, Sudoeste, Oeste, Paraná, Centro-Oeste de São Paulo, Sul do Paraná, Agremiação dos Nisseis de Atletismo de São Paulo e Guanabara (hoje RJ). Algumas das atletas da colônia desportaram em competições fora da colônia, como por exemplo o Campeonato Sul-Americano, Campeonato Estadual-SP e o Troféu Brasil de Atletismo: Rosa Koshiba, Eusa Nakashi, T. Ugayama, Ana Omote e Kiyomi Nakagawa.

Décadas de 1970 a 1990 Foram realizadas todas as competições inter-coloniais anuais da 34ª (1970) à 63ª (1999). Na década de 1970 inicia-se a decadência das atividades esportivas entre a colônia japonesa, apesar de outra associação – denominada de “Até a Vista” – colaborar na organização do evento. As competições foram realizadas no Centro Esportivo Constâncio Vaz Guimarães – Ibirapuera, em São Paulo-SP, no Esporte Clube Pinheiros, em São Paulo-SP, no Centro Esportivo Rochdale, em Osasco-SP (1973), no Estádio Municipal Alberto Andaló, em São José do Rio Preto-SP (1996), e em Curitiba-PR (1998). Na 62ª Competição Inter-Colonial de Atletismo, aconteceu a seletiva para a XV Confraternização Desportiva Internacional Nikkei, realizada no Ibirapuera-SP e II Torneio Internacional da Amizade de Atletismo Veteranos, por ocasião da comemoração dos 90 anos de imigração japonesa. Neste período vale destacar que o Brasil teve um representante da colônia japonesa, o único que participou em Jogos Olímpicos – Katsuko Nakaia – na equipe brasileira de atletismo que participou dos Jogos Olímpicos em Moscou em 1980 e em Los Angeles em 1984, sendo finalista na prova de revezamento 4x100 nas duas ocasiões.

Interpretação do desenvolvimento No período inicial da imigração japonesa no Brasil, modalidades de diversão eram praticamente inexistentes e, nas circunstâncias reinantes, as práticas esportivas, mesmo em forma rudimentar, se constituíam em válvula de escape às dificuldades do trabalho cotidiano. O atletismo foi uma das modalidades mais praticadas nos núcleos de imigrantes japoneses desde as primeiras épocas da vida das colônias. Correr e saltar não exigiam apetrechos especiais e o treinamento poderia ser individual. Além disso, os imigrantes se defrontaram também com o problema da educação de filhos adolescentes. Nos núcleos coloniais o único espaço onde a juventude podia ampliar seus conhecimentos e aprofundar a sua cultura, era a Seinen-Kai – as Associação de Moços. Houve uma proliferação

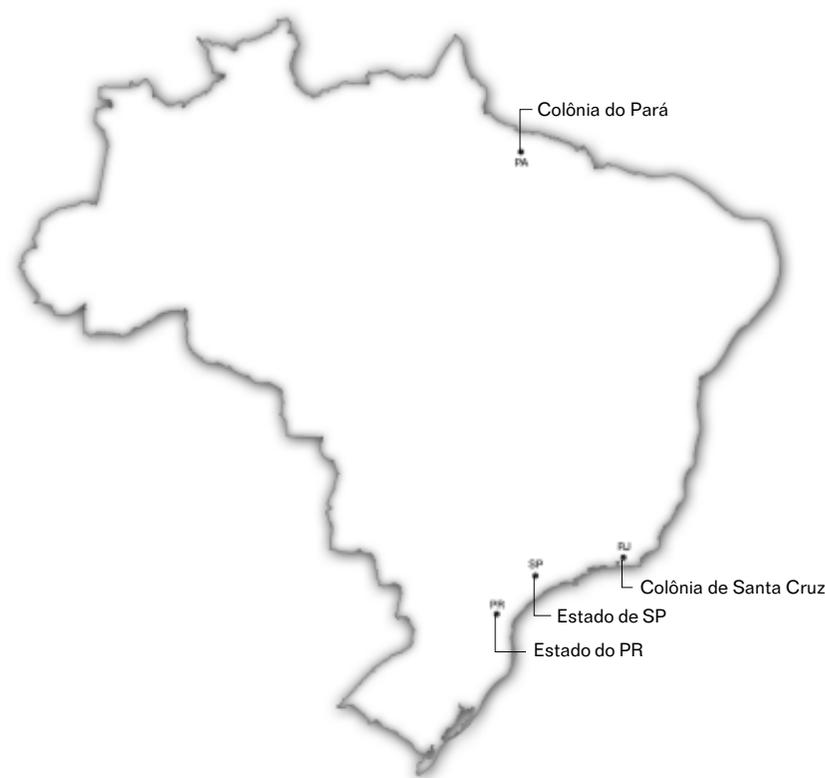
dessas associações nas quais atuavam os moços japoneses influenciados pelas idéias ultra-nacionalistas e militaristas. Os Seinen-Kai desempenharam um papel importante na divulgação e promoção de muitas modalidades esportivas entre a juventude. Inicialmente se realizava uma competição interna dentro de uma colônia, reunindo aficionados e eventuais esportistas com experiência no ramo. A seguir, chegava a fase da competição com colônias vizinhas. Paulatinamente o movimento ia se alastrando até abranger uma zona ou região ao longo de uma linha férrea. Pouco depois chegava-se ao âmbito estadual e finalmente ao “Zen-Haku” (todo o Brasil), com a participação de representantes de colônias japonesas de vários estados. Por intermédio desses certames esportivos, intensificavam-se os contatos pessoais entre os jovens de várias localidades, e estreitavam-se as relações entre as organizações juvenis. Tudo isso estimulava e contribuía para o desenvolvimento de conhecimentos e de cultura entre a juventude.

Situação Atual Foram realizadas todas as competições inter-coloniais anuais da 64ª (2000) à 67ª (2003) edições, tendo em média 400 participantes, dos quais em torno de 38% eram mulheres. Desde o ano 2000, a Competição Inter-Colonial de Atletismo tem sido organizada pelo A.C.E. Piratininga, com a colaboração da Associação Até a Vista e realizado no Estádio Ícaro de Castro Mello – Ibirapuera, São Paulo-SP, com exceção da 66ª que foi realizada no Estádio Municipal Dr. Adhemar de Barros, em Araçatuba-SP. As equipes/setores que têm participado nesta década são: Noroeste, Paulista, Sudoeste, Alta Araraquarense, Norte do Paraná, São Paulo Kinko Rekilo Renmei e Agremiação dos Nisseis de Atletismo de São Paulo.

Fontes Uma epopéia moderna: 80 anos de imigração japonesa no Brasil/Comissão de elaboração da História dos 80 anos de Imigração Japonesa no Brasil – São Paulo HUCITEC: Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992; Honda, Tomoo. O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil. São Paulo: T. Queiroz: Centro de Estudos Nipo-brasileiros, 1987; Vieira, Francisca Isabel Schurig. O japonês na frente da expansão paulista. São Paulo, Pioneira da USP, 1972; Mita, Chiyoko. Bastos: uma comunidade étnica japonesa no Brasil. Tese de Doutorado. Antropologia social, USP, 1986.

Áreas de colonização japonesa no Brasil

Japanese colonization areas in Brazil



Clubes e sociedades esportivas das cidades de Florianópolis, Blumenau e Joinville, SC

GIOVANA ZARPELLON MAZO

Clubs and sport associations of the cities of Florianópolis, Blumenau and Joinville, SC

Rowing, equestrian (jumping), and shooting, the first sports that went to Santa Catarina in the 19th century, were either started or re-activated through sports clubs founded by German immigrants, who brought their cultural features to this region. Rowing came up as a result of geographic characteristics of the Florianópolis Island, which has many lakes and beaches, while shooting was part of the

Origens Os primeiros esportes a serem praticados em Santa Catarina foram hipismo, remo, tiro ao alvo, todos surgidos ou reativados por meio de clubes esportivos de imigrantes ainda no século XIX. A emergência do hipismo está relacionada ao uso do cavalo como principal meio de transporte, desde o século XVIII até meados do século XIX. E também através da influência das instituições militares, que tinham como objetivo inicial a segurança pública e após este, o esporte. O remo surgiu em decorrência das características geográficas da Ilha de Santa Catarina (Florianópolis), que possui muitas lagoas e praias. O tiro ao alvo, pela influência dos imigrantes alemães e dos soldados da Marinha de Guerra. De um modo geral estes esportes eram praticados por pessoas que pertenciam aos extratos sócio-econômicos mais elevados da população. Por isso, o futebol foi trazido pelos comerciantes catarinenses que mantinham negócios com as cidades gaúchas de Rio Grande, Bagé e Pelotas, nos últimos anos do século XIX. Com os imigrantes alemães (em Joinville e Blumenau) vieram esportes como tiro, skat (jogo de cartas), bolão e a ginástica. A ginástica fazia parte do currículo escolar das primeiras escolas particulares criadas nestas cidades. Tais circunstâncias favoreceram a fundação de associações e sociedades esportivas no Estado de Santa Catarina.

1858 Em 16 de novembro foi fundada a Sociedade Ginástica de Joinville, em Joinville, por L.H. Schulz, B. Busse, J. Herz, Julius Mewers, Heinrich Lepper, Heinrich Grahl, Samuel Heusy, N. Schulz e G.A. Mensing. A fundação coincide justamente com a época da grande campanha da reestruturação da ginástica na Alemanha. Isto naturalmente teve reflexo junto aos primeiros imigrantes alemães no desenvolvimento da ginástica. Heinrich Lepper foi o primeiro presidente da sociedade. Ele pôs à disposição da Sociedade parte do seu terreno situado na Estrada da Serra, hoje Dona Francisca, nas proximidades do “Antigo Fórum” (Esquina Rua Dona Francisca com Princesa Isabel). Em curto período de tempo erguia-se no pasto de Heinrich Lepper o primeiro rancho para ginástica sem aparelhos. As reuniões, os encontros e os exercícios dos ginastas eram realizados no novo rancho de ginástica, imediatamente construído no novo terreno, de propriedade da Sociedade.

1859 Em 2 de dezembro cria-se em Blumenau a primeira associação esportiva pelos imigrantes alemães, denominada de *Schuetzenverein Blumenau* (Sociedade de Tiro), atual Tabajara Tênis Clube. Além da prática do tiro ao alvo, era um espaço de encontro e realização de festividades entre as famílias dos associados, suprimdo a “necessidade social e recreativa de que os imigrantes precisavam”. Os fundadores foram: Pastor Rudolph Oswald Hesse, Karl Wilhelm Friedenreich (primeiro presidente da sociedade), Viktor von Gilsa, Viktor Gaertner, Jayme Dettmer, Jacob Louis Zimmermann e Heinrich Pettermann. As festas da Sociedade caracterizavam-se pelas festividades realizadas na Páscoa, Pentecostes e data natalícia do Imperador Pedro II. Em 1862, os associados elaboraram e aprovaram os Estatutos, com algumas recomendações sugeridas pelo Presidente da Província de Santa Catarina, Pedro Leitão da Cunha. As disputas de tiro ao ar livre, levaram os atiradores a solicitar ao Doutor Blumenau (fundador da cidade) um local adequado para a prática do tiro, pois representavam um perigo para a vizinhança. A reivindicação contou com o apoio do Delegado de Polícia. O Doutor Blumenau cedeu o lote nº19, de sua propriedade, uma área de 2.500 metros quadrados, na qual foi sediado o *Schuetzenplatzverein*. Os fundadores do *Schuetzenverein* atuaram na fundação das demais associações esportivas, sendo o *Schuetzenhaus*, o local onde todas as sociedades se encontravam para festejar e para discutir os mais diversos problemas da comunidade de imigrantes.

1861 O remo em Florianópolis começou a ser praticado pelos oficiais da Marinha de Guerra, que fundaram em Desterro (nome

German tradition. The people who played sports in Florianópolis belonged to the higher social-economic level of the local population. Soccer was brought to the island by the businessmen who had to constantly travel to the cities of Rio Grande do Sul such as Rio Grande, Bagé and Pelotas at the very end of the 19th century. Sports such as shooting, skat (card game), tenpin and gymnastics

antigo da cidade de Florianópolis) a Sociedade de Regatas. A primeira regata foi realizada em 17 de novembro do referido ano, na enseada da Boa Vista, localizada entre a Ponte do Vinagre e o Menino Deus (área que foi aterrada e abriga hoje o Centro Cívico Tancredo Neves e as instalações públicas em sua volta). Participaram da competição alguns amadores, alunos da Escola de Aprendizes de Marinheiros e profissionais, com cinco páreos de escaleres e um de baleeiras. Em 13 de julho de 1862, aconteceu a segunda regata, reunindo seis páreos.

1863 Em 27 de janeiro foi fundada a Sociedade Patriótica de Tiro, em Florianópolis, comparecendo à convocação inicial, mais de 60 interessados. A iniciativa parece ter sido do oficial da Marinha Sena Pereira, a quem coube expor os fins da sociedade na sessão preparatória presidida pelo Major Ferreira e secretariada pelo 1º Tenente da Armada Antônio Luís Von Hoonholtz, que viria a ser, mais tarde, o Almirante Barão de Tefé. Em seguida a sua fundação (1865), os militares, que integravam a diretoria da sociedade, afastaram-se para participar da guerra com o Paraguai. Isto também ocorreu com os associados da *Schuetzenverein Blumenau* de Blumenau. Dentre os 77 voluntários da Colônia que se apresentaram em defesa da Pátria, trinta, entre os quais cinco oficiais do contingente, eram associados desta sociedade. A participação dos voluntários na guerra, principalmente de Viktor Von Gilsa, Karl Wilhelm Friedenreich e Emil Odebrecht, fez com que as atividades da sociedade se reduzissem. Apesar de modesto, o primeiro *Schuetzenhaus* atendeu às necessidades da época. Entretanto, em 1869, nos festejos dos seus dez anos de fundação, foi inaugurada a nova sede social. Em 1870, no salão do *Schuetzenhaus*, foi construído um palco para as apresentações de teatro e canto e uma cancha de bolão. Esta sociedade registrou seu estatuto pela primeira vez em 21 de novembro de 1916 com o nome de “Sociedade de Atiradores Blumenau”.

1872 Em 12 de agosto foi fundado o Clube Doze de Agosto, em Florianópolis, tendo como presidente Estevão Pinto da Luz; vice-presidente Antônio da Costa; secretário Idefonso Marques Linhares; tesoureiro Diego Mendonça B. Picanço; e procurador/orador Juvêncio Martins da Costa. Os primeiros esportes praticados eram tiro ao alvo, tênis, bolão, natação e, posteriormente, basquetebol.

1873 Em 5 de outubro foi fundada a Associação Ginástica Blumenau, em Blumenau. Os seus estatutos foram reformulados em 1 de agosto de 1904, e foram assinados pelo presidente Paul Schwartzer, tesoureiro Henrique Brandes e secretário Kurt Hering. O objetivo da associação era a prática e difusão da ginástica olímpica, esportes, jogos, principalmente o punhobol (*Faustbol*), bem como intercâmbio esportivo, social e cultural com outras sociedades. Inicialmente os sócios praticavam ginástica no salão da Sociedade de Atiradores (atual clube Tabajara Tênis Clube). A associação promovia números de ginástica, reuniões recreativas, excursões para os atletas e noites de entretenimento, em que eram freqüentes os números artísticos e de ginástica rítmica. Nesta associação destacou-se o dirigente G. Arthur Koehler que desde 1896 foi professor de ginástica e natação e posteriormente, presidente da entidade. Koehler levou a delegação de ginastas a campeonatos na Alemanha, incentivou e colaborou na congregação das sociedades de ginástica da Grande Blumenau e na formação da Federação Ginástica do Vale do Itajaí, que foi presidida por ele por muitos anos.

1880 Em 30 de maio foi fundado em Blumenau o Clube Social de Caça e Tiro “Garcia Jordão”. Este clube localizado no bairro do Garcia sempre teve destaque nas competições de tiro, assim como nas festividades cívicas blumenauenses, como desfile de 2 de setembro e outros eventos festivos. Atualmente o seu nome é Clube

were also taken to Joinville and Blumenau along with the German immigrants. Gymnastics was part of the school curriculum of the first private schools established in these cities. Such circumstances favored the foundation of sports associations and societies in the state of Santa Catarina. This chapter describes facts of memory of clubs since 1858 and the effects still observed today.

Social e Recreativo Caça e Tiro Garcia Jordão. Também nesta cidade foram fundadas a Sociedade Recreativa e Esportiva Ipiranga (19/03/1893), o Clube Blumenauense de Caça e Tiro (11/02/1894) e a Sociedade Esportiva Recreativa Itoupava Alta (1/05/1894).

1902 Em 29 de abril foi fundado o Clube de Regatas 29 de Abril, em Florianópolis, o qual encerrou suas atividades em 1905.

1910 – 1914 Em Blumenau o futebol começou a ser praticado na Associação Ginástica Blumenau. Esta Associação promoveu em 24 de outubro de 1914 uma noite de entretenimento em benefício da Cruz Vermelha Alemã, quando foram explicados os motivos da arrecadação e a situação do povo alemão na Primeira Guerra Mundial.

1915 Realizou-se a primeira grande competição esportiva em Blumenau com a participação de Brusque, Joinville, São Bento do Sul e outras cidades do Estado. Nesta cidade, três anos depois, o hipismo ocupou destaque, quando o imigrante alemão Grassmann construiu no dia 28/04/1918 uma raia de 800 metros para corrida de cavalos. Mas com o advento do automóvel e desentendimentos entre proprietários, a última corrida aconteceu no dia 8 de junho de 1919. As repercussões foram contudo bem adiante e 13 de julho de 1973, foram registrados no Cartório de Getúlio Vieira Braga os Estatutos da Sociedade Hípica de Santa Catarina.

1915 – 1920 O remo, praticado em Florianópolis desde 1861, teve seu maior impulso no ano de 1915. Neste ano foi fundado o Clube Náutico Riachuelo (09/05/1915), fruto da iniciativa de José Gil com apoio de Alvaro Schmidt Caldeira e Cevaldo Leon Sales. Seguiu-se o Clube Náutico Francisco Martineli (31/07/1915), cujo nome homenageava o aspirante a oficial da Marinha falecido dois anos antes, em acidente marítimo. Seu primeiro presidente foi Oswaldo Reis, tendo como vice Libório Soncini, além de João Barbosa e Pompílio Pereira Bento (primeiro e segundo secretários) e Edmundo Luz (tesoureiro). Dois anos após sua fundação, o clube inaugurou sua sede própria, que consistia em um galpão para a guarda das embarcações e demais equipamentos. Esta iniciativa foi considerada inovadora para a época. Em Florianópolis foi fundado o Clube de Regatas Florianópolis (27/12/1918), pelos desportistas Clóvis Viegas, Raul Simone, Aldo Luz e Antônio Coelho Pinto como primeiro presidente. Em homenagem póstuma a seu fundador, Aldo Luz, falecido no Rio de Janeiro no dia 2 de maio de 1919, a associação passou a chamar-se Clube de Regatas Aldo Luz (a partir de 1920). Ainda em 1918 foi realizado o Primeiro Campeonato Catarinense de Remo (5/12/1918). No ano seguinte foi organizada a Federação Catarinense de Remo (23/03/1919), que após várias mudanças de nome passou a se chamar Federação de Remo de Santa Catarina-FERESC (a partir de 1980). Além da expansão das associações de remo em Florianópolis, o tênis começou a ocupar espaço, através da fundação da Sociedade Lyra, em julho de 1920.

1917 – 1932 Em Blumenau o Clube de Xadrez foi fundado em 9 de março de 1917 e teve como destaque o seu sócio-fundador Demétrio João Schead (nascido em 10 de janeiro de 1894, na cidade de Trípoli – Síria), que era praticante ativo do jogo de xadrez desde os 19 anos, um apaixonado pelo jogo, lutando constantemente para a sua divulgação e ensino. Schead colaborou com revistas e jornais com ensaios e problemas de xadrez. Também nesta cidade foram fundados os clubes Palmeiras Esporte Clube (19/07/1919), o Grêmio Esportivo Olímpico (14/8/1919), o Amazonas Esporte Clube (10/11/1919), o Clube de Caça e Tiro Índios (20/7/1920), e o Clube Náutico América (20/10/1920). O Clube Náutico América é um clube de regatas, que é considerado um dos mais tradicionais do remo catarinense. Seu estatuto foi registrado em 17 de abril de 1923. Em 1930 já tinha o seu galpão, onde eram realizadas algumas

festas populares. Mais tarde, em 6 de novembro de 1932 foi inaugurado um novo galpão, e em 8 de novembro do mesmo ano, com uma grande festa esportiva, foi incorporado à sede com palco para apresentações. Este clube não participou de promoções festivas para arrecadação de dinheiro para Alemanha como acontecia com outras sociedades simpatizantes do nazismo na época. E, desde a sua fundação, tem vencido as dificuldades e tem trazido para Blumenau muitos troféus e títulos de campeão no remo e natação.

Décadas de 1920 – 1930 No início da década de 1920, três jovens esportistas do futebol (Jorge Albino Ramos, João Savas Siridakis e Joaquim Domingos e Veloso), da localidade da Figueira, em Florianópolis, idealizaram a criação de um novo clube de futebol na capital, justamente no momento em que a modalidade em Florianópolis e região apresentava-se em declínio com o desaparecimento de algumas agremiações. A partir desta iniciativa criou-se uma nova sociedade esportiva chamada de Figueirense Futebol Clube (12/06/1921). Além deste clube foram criadas outras associações de futebol, em Florianópolis, como o Avaí Futebol Clube (01/09/1923) e o Bandeirante Recreativo Futebol Clube (20/06/1930). Com a expansão do futebol no Estado foi fundada a Federação Catarinense de Futebol (26/09/1926). Os clubes de futebol se multiplicaram em todo o Vale do Itajaí, principalmente nas décadas de vinte e trinta. O primeiro clube de futebol que foi fundado em Joinville foi o América Futebol Clube (14/7/1914), mas nas décadas em foco surgiram vários outros clubes e entidades como o Caxias Futebol Clube (12/10/1920), o Glória Futebol Clube (09/07/1928), a Liga Joinvillense de Futebol (08/10/1935), o Guarany Esporte Clube Joinville (15/11/1935) e a Sociedade Esportiva Cruzeiro do Sul (06/07/1938).

Em Blumenau o Clube Blumenauense de Futebol (1920) desligou-se da Associação Ginástica Blumenau. Neste período do futebol amador, as partidas eram assistidas por pessoas de ambos os sexos e de todas as classes sociais, terminando, geralmente, com um grande baile festivo de confraternização. No decorrer dos anos foram se formando novas sociedades que deram origem a clubes como o Guarani Esporte Clube (09/02/1929), Sociedade do Jogo de Bola Linha Telegráfica registrada em 4 de março de 1931 e o Malária Futebol Clube, com registro em 4 de março de 1948. O grande número de clubes de futebol culminou com a fundação da Liga Desportiva Catarinense (29/05/1931), tendo à frente os clubes Tamandaré, Blumenauense, Fluminense, Amazonas, Guarany, Garciaense, Brasil, Concórdia e Bom Retiro. Além das associações de futebol, em Florianópolis, as de tênis também expandiram, fundando-se o Tennis Club Florianópolis (dezembro de 1922). Em 7 de outubro de 1926 foi criado o Lira Tênis Clube, que nasceu da fusão de dois tradicionais Clubes Florianopolitanos: o Tennis Club Florianópolis e a Sociedade Lyra. Sua Sede foi instalada, inicialmente, na Chácara de Espanha, área nobre de Florianópolis, tendo sido transferida para a rua Tenente Silveira em 29 de março de 1927. O primeiro presidente do clube foi Victor Busch e os principais esportes praticados eram o tênis e o basquetebol.

1938 A campanha de nacionalização de clubes e escolas no Brasil preliminar à Segunda Guerra Mundial atingiu diretamente as associações esportivas. Em Blumenau os professores teuto-brasileiros que atuavam nas escolas foram “sutilmente” afastados de suas atividades. Os prédios, campos e instalações de algumas associações, como Associação Ginástica Blumenau e Tabajara Tênis Clube (nome atual) foram arrendados pelo Comando do 32º Batalhão de Caçadores (B.C.). No ano seguinte foram devolvidos aos associados. No sexagésimo aniversário da Associação Ginástica Blumenau (5/10/1940) foram realizadas provas de ginástica em aparelho, atletismo feminino e masculino e punhobol. Esta associação foi a precursora das atividades atléticas no Vale do Itajaí, construindo o primeiro ginásio coberto do Estado de Santa Catarina. Também a “Sociedade de Atiradores Blumenau”, em consequência da nacionalização, reformula seus estatutos em 14 de dezembro de 1938. Com a ocupação das instalações da sociedade pelo 32º B.C., cessaram as tradicionais atividades, porém o “Club Rot Weiss” (Clube Vermelho e Branco), fundado em 1927, e que fazia seus jogos no espaço cedido pela sociedade, conseguiu, com um grupo reduzido de tenistas, fundar o Tênis Club Blumenau. Este adotou os Estatutos conforme o Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Foram eleitos na ocasião, Max Tavares d’ Amaral (presidente); Arão Rebello (vice-presidente); Célio Pereira Oliveira (1º secretário); Gil Rochadel (2º secretário); Sebald Otte (1º Tesoureiro); e Roland Otte (2º tesoureiro). A comissão esportiva era composta por Curt Probst, Fred Stingelin e Bernardo Hering.

Na ocasião, o pequeno grupo de tenistas, principalmente Arão Rebello, evitou que as dependências da sociedade fossem encampadas pelo Exército Brasileiro. Posteriormente reuniu-se um grupo para formar novamente a Sociedade de Atiradores, e com a venda de ações, contrataram o arquiteto Richard Kaulich para construir e restaurar o imóvel. Após a reforma do prédio e estruturada a sociedade, assumiu a presidência Ralph Gross, entretanto, entre os presidentes do Tabajara, merece destaque especial Arno Buerger, que fez todos os esforços para que o clube tivesse quadras de tênis, piscina e demais dependências para os seus 300 associados “acionistas”.

1937 – 1945 Este período delimita a existência do Estado Novo, quando a maior parte dos clubes de futebol reestruturou seus Estatutos, outros foram desativados por falta de apoio e pela profissionalização, enquanto novos foram fundados. Desde o início do futebol, em 1911, além dos clubes que fundaram a Liga em 1931, o Vale do Itajaí contou com dezenas de clubes, entre eles: F. C. Itoupava Central; Cruzeiro F. C. e F. C. Estrela (Indaial); Victoria F. C. e Liberdade F. C. (Velha); Palestra Itália F. C. (Rio dos Cedros); F. C. Timbó; Sociedade Esportiva Glória; Sociedade de Foot Ball América, de Itoupava Norte; Salto do Norte F. C.; Testo Salto F. C.; Frigor Espolite Clube; Sociedade Desportiva Vasto Verde; Clube Atlético Tupi (Gaspar); Esporte Clube Progresso; Sociedade Recreativa e Desportiva Serrinha (Vila Itoupava); Imprensa Futebol Clube; Sociedade Recreativa Esportiva Nova Aurora (Itoupava Baixa) e outros.

1939 Em outubro deste ano foi fundado, em Blumenau, o Automóvel Clube de Blumenau. Este clube incentivou o desenvolvimento do automobilismo no Estado de Santa Catarina. Em 24 de abril de 1966 foi fundada, em Florianópolis, a Federação Catarinense de Automobilismo. Inicialmente as provas deste esporte ocorriam nas ruas das cidades, entretanto, em 1968, com um grave acidente ocorrido em Joinville e em outras cidades, as competições nas ruas cessaram, só podendo ser realizadas em autódromos. Devido a problemas financeiros, os projetos de construção de autódromo em local adequado, não foram efetivados. Diante destas dificuldades o automobilismo na década de 1970 cessou suas atividades.

1944 O Conselho Nacional de Desportos baixou a circular nº 01, a partir da qual algumas sociedades tiveram que alterar seus nomes. No mesmo ano, no dia 24 de março, em Blumenau, a Sociedade Desportiva Blumenauense mudou o nome para Grêmio Esportivo Olímpico, e o Brasil Esporte Clube, no dia 21 de março, passou a chamar-se Palmeiras Esporte Clube. O Grêmio Esportivo Olímpico considerava como data de sua fundação o dia 14 de agosto de 1919, tendo registrado seus Estatutos como Blumenau Sport Club em 25/01/1937, como Sociedade Desportiva Blumenauense em 19/10/1938 e como Grêmio Esportivo Olímpico em 26/06/1947. Nos dias 9 e 10 de abril de 1939, inaugurou com grandes festejos o seu estádio. Mesmo alcançando um grande porte, com o decorrer dos anos, a profissionalização e as dificuldades financeiras minaram a estrutura do Grêmio Esportivo Olímpico, que paulatinamente desativou o futebol continuando com outras modalidades esportivas.

Década de 1940 Aumentou o número de associações esportivas no estado de Santa Catarina. No desenvolvimento de práticas de diversos esportes, em 11 de fevereiro de 1944, foi fundada, em Florianópolis, a Federação Catarinense de Desportos Universitários e em 25 de março de 1944 a Associação Desportiva Colegial, que desenvolve o futsal, handebol, futebol, basquetebol e voleibol. O futebol influenciou a criação de um número significativo de associações. Em Florianópolis: Clube Atlético Guarany (6/02/1945), Tamandaré Futebol Clube (26/09/1946), Fluminense Futebol Clube (4/10/1946), Osvaldo Cruz Futebol Clube (22/06/1954), América Recreativo Futebol Clube (15/04/1955) e Juventude Esporte Clube (08/02/1969). Em Joinville: Sociedade Esportiva Guarani (13/01/1943), Floresta Futebol Clube (07/09/1943), Juventus Futebol Clube (21/09/1947), Fluminense Futebol Clube (20/10/1949) e Estrela Esporte Clube (02/10/1949). Além destes clubes federação e ligas foram criadas, como a Federação Catarinense de Futebol de Salão (25/08/1957), em Florianópolis, e a Liga Blumenauense de Futebol (12/01/1941), em Blumenau.

Em relação à aviação em Florianópolis, é fundada a Caravana do Ar Esporte Clube (02/09/1941) e, em Blumenau, o Aero Clube Blumenau (22/04/1941). No tiro ao alvo destaca-se a Sociedade de Atiradores Blumenau, de Blumenau, que em 10 de maio de 1944 adotou o nome de Tênis Clube Tabajara, passando a Tabajara Tênis

Clube em 27 de outubro de 1949. O seu estatuto atual apresenta como objetivo congregar os associados em diversas reuniões sociais, culturais e cívicas, além de promover entre os mesmos a prática do esporte amador em geral, notadamente o tiro, o tênis, a natação, o bolão, a bocha e o futebol, sem objetivo de lucro. Apesar do clube festejar anualmente a competição de tiro com “rei” entre os associados, o “esplendor” das festividades, que ocorriam antigamente, morreu. Outros clubes em Blumenau que foram fundados e desenvolviam tiro são: Clube Blumenauense de Caça e Tiro (26/02/1944), Clube Caça e Tiro Itoupavazinha (16/06/1949), Clube de Caça e Tiro Bandefurt (05/03/1949) e Clube de Caça e Tiro Passo Manso (25/09/1949). Em Joiville, neste período, foi fundada a Sociedade Esportiva Tiro ao Alvo Catarinense (03/03/1950).

Década de 1950 – 1960 Na década de 1950 a criação da equipe de basquetebol do Ubiratan Esporte Clube, em Florianópolis, deu um grande salto no basquetebol, pois a cidade passou a ser conhecida em nível estadual. O profissional de destaque no desenvolvimento do basquetebol de Florianópolis foi Osmar Cunha. As duas equipes importantes e rivais foram: Clube Doze de Agosto e Lira Tênis Clube. O Lira Tênis Clube que tinha uma das equipes fortes do basquete de Florianópolis e de Santa Catarina na década de 1950 deixa de ser praticado na década seguinte, quando a quadra de basquete foi eliminada para a construção de uma piscina, inaugurada em 6 de janeiro de 1966. Também em Florianópolis, o primeiro Centro de Atividades de Santa Catarina do Serviço Social do Comércio-SESC começou a funcionar em 1959, na Praça da Bandeira para atender os comerciários. O Departamento Regional de Santa Catarina do SESC incentivou os esportes, sendo que de suas quadras saíram atletas que integraram seleções estaduais, e árbitros de várias modalidades esportivas (formados em cursos realizados pela entidade) que integraram quadros oficiais de Federações Estaduais. Em Blumenau foi inaugurado em 30 de outubro de 1967 o Centro Campestre, que é a única área de lazer que o SESC mantém no interior do estado. Neste centro, também, são realizadas práticas esportivas.

Joinville, na década de 1950, vive um crescimento econômico devido à maior abertura para o mercado nacional através da indústria metal-mecânica, tornando-se um dos principais pólos industriais do país. Este fato gerou um aumento das associações esportivas, citando-se: Aviação Futebol Clube (01/09/1951), Aventureiro Esporte Clube (01/12/1951), Associação Atlética Banco do Brasil (04/07/1953), Avaí Esporte Clube (02/08/1953), Sociedade Recreativa e Esportiva União Palmeiras (26/12/1955), Sociedade Esportiva Veterana (08/09/1955), Palmeiras Futebol Clube (21/09/1955), Associação Atlética Tupy (01/05/1957) e Sociedade Ginástica de Joinville (16/11/1958). Também nesta década foi fundada a Federação Catarinense de Xadrez (16/08/1956). Na década de 1960 seguiu esta tendência, quando foram fundados mais seis clubes e a Liga Joinvillense de Futebol de Salão (20/01/1966).

Também o aumento do número de associações esportivas ocorreu em Blumenau, pois esta cidade tornou-se um grande pólo têxtil, de cristais e de produtos metalúrgicos e mecânicos, que dinamizou a sua economia e com isto seu comércio e sociedade. Criaram-se associações vinculadas as indústrias têxteis como a Associação Atlética e Cultural Têxtil Hering (05/02/1954), Sociedade Esportiva e Recreativa Sul Fabril (02/06/1956), Associação Desportiva Hering (26/02/1964) e a Associação Cultural e Esportiva Cremer-ACECREMER (26/09/1964). A Associação Cultural e Esportiva Cremer congrega os cidadãos que integram o quadro ativo de servidores da indústria Cremer S.A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos. Esta associação tem por finalidade o aprimoramento cultural e social de seus associados, além de proporcionar lazer e a prática de esportes diversos. As indústrias têxteis seguem mais ou menos a filosofia desta associação no incentivo à prática esportiva de seus funcionários. As indústrias mantêm atletas e associações esportivas em diversas modalidades. Na mesma década de 1950 foi fundada a Federação Catarinense de Tiro (23/01/1959). Esta federação se deu pela união dos Clubes de Caça e Tiro Couto de Magalhães (de Florianópolis), Araújo Brusque (de Brusque) e Blumenauense Ipiranga (de Blumenau), com sede e fórum na cidade de Blumenau, há 40 anos. O Fundador da Federação Catarinense de Tiro foi Bertoldo Neitzel, da cidade de Blumenau. O 1º Presidente foi Emílio Julke, de Blumenau, que permaneceu no cargo de 1959 a 1964. Nesta modalidade esportiva, Blumenau tem se destacado nacionalmente no Tiro ao Prato, sendo campeã por cinco anos consecutivos e títulos esporádicos nas outras modalidades.

Nos esportes aquáticos, foi muito importante para Blumenau a promoção da Liga Atlético Blumenauense, que promoveu em 13 de dezembro de 1959 o II Festival Aquático, tendo como modalidades o remo, a corrida de lanchas e o ski aquático. Em Florianópolis, os esportes aquáticos são desenvolvidos pelos clubes recém-criados: late Clube de Florianópolis (17/06/1941), Veleiros da Ilha de Santa Catarina (01/12/1942) e Lagoa late Clube (29/03/1969). Também foram fundadas as Federações nos seguintes períodos: Federação de Vela e Motor de Santa Catarina (29/08/1943) e Federação Catarinense de Caça Submarina (21 de março de 1962). No tênis, Blumenau se projetou nacionalmente ao sediar o X Campeonato Nacional de Tênis, no período de 16 a 24 de novembro de 1960, com a participação de tenistas do Ceará, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Guanabara, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. São Paulo ganhou o troféu “Cidade de Blumenau”, oferecido pela fábrica de Cristais Hering.

Década de 1970 e 1980 Em relação a associações vinculadas a instituições escolares, foi fundada em 11 de janeiro de 1973, em Florianópolis, a Associação Desportiva do Instituto Estadual de Educação, em 20 de março o Clube Universitário e em 7 de fevereiro de 1976 a Associação Desportiva Estudantil Aderbal Ramos da Silva. Na área de Conselho de Desportos, em 1 de janeiro de 1976 foi fundado, em Florianópolis, o Conselho Regional de Desportos de Santa Catarina, que foi extinto para dar lugar ao Conselho Estadual de Desportos (04/06/1992), órgão da Secretaria de Esportes de SC. Já nos esportes em particular, em handebol criou-se a Federação Catarinense de Handebol, em 17 de setembro 1974; no *skat* (jogo de carta alemão), a Federação Catarinense de Skat (12/12/1977); e no paraquedismo, o Clube de Paraquedistas Ícaros do Vale (31/05/1978). O hipismo, em Florianópolis, no início da década de 1970, tomou um novo impulso, com Francisco Walter, veterinário holandês, que trouxe as normas, regulamentações e equipamentos, restaurando os esportes hípicas em Santa Catarina. Após a aquisição de um terreno no bairro Saco Grande foram surgindo outros núcleos de manejo, como Horse Club, Haras dos Açores, Sociedade Hípica Catarinense e o Centro Hípico Arco-Iris. Isto favoreceu um maior interesse dos civis pelo esporte, criando um outro grupo de interesse desvinculado de áreas militares. A Federação Catarinense de Hipismo só foi fundada posteriormente, em 1995.

Nas décadas em pauta, destaca-se a fundação de associações ligadas ao judô e karatê. Em Joinville a prática do judô recebeu incentivo a partir da apresentação da modalidade no Clube Ginástica de Joinville pelo judoca Minoru Kamara (natural do Japão). Mas quem desenvolveu este esporte na cidade foi Kenzo Minami (também japonês). O judô já era praticado na década de 1960, mas neste período ele ocorria nas residências dos *sensei* (instrutores). Em Joinville foi fundada a Associação Joinvillense de Judô (19/11/1973) e a Associação Colon de Judô (17/07/1982), e em Florianópolis a Associação de Karatê e Judô Budo Kan (02/07/1976). O seu fundador foi Shigeru Sogo (natural do Japão). Em 29 de janeiro de 1974, foi registrada a Academia de Judô e Karatê “Samurai” e em maio de 1980 a Academia Maba Judô Clube, as quais tiveram como incentivadores os Judocas João Carlos Maba e Ademir Schultz.

Em Florianópolis surgiram associações vinculadas a empresas, como Associação Beneficente dos Empregados das Centrais Elétricas de Santa Catarina S.A. – CELESC (15/06/1976), que tem como atividades a hidroginástica, capoeira, natação e musculação; e a Associação dos Empregados da Eletrosul - ELASE (11/11/1977), que é uma entidade formada inicialmente por sócios empregados das Empresas Eletrosul e Tractebel Energia, hoje abertas a sócios em geral da comunidade Florianopolitana. A ELASE promove atividades esportivas (artes marciais, ginástica, futsal, natação, tênis de campo), sociais e culturais para seus sócios e dependentes. Também em Blumenau, aumentaram as associações vinculadas às indústrias têxteis, como a Associação Artex – Cultural – Social – Esportiva (20/06/1971) e a Associação Recreativa e Cultural Teka – ASTEKA (05/06/1973).

No futebol, as personalidades em destaque no incentivo à prática em Blumenau são Sadalla Amin Ghanem (arquiteto que construiu o estádio América) e o empresário Carlos Roberto Hansen, que patrocinou várias atividades. Nos anos de 1980, o Palmeiras Esporte Clube que tinha desenvolvido o futebol em Blumenau durante seis décadas, apresenta condições financeiras precárias. Com um projeto de marketing sobre os benefícios do clube para cidade, elaborado por Ivan Carlos Rizzeto, o clube foi transformado em Blumenau Esporte Clube, com apoio financeiro da classe empresarial. O seu estatuto foi aprovado em 5 de outubro de 1982. Também, a partir de

1976, o futebol de Joinville recebe destaque no futebol catarinense com a fundação do Joinville Esporte Clube (29/01/1976) e com a conquista de vários títulos. Este clube foi a entidade catarinense que mais movimentou a bolsa do futebol com transações milionárias. Nos dez primeiros anos de clube ele reuniu uma mini-seleção brasileira: Walter Diab; Alfinete, Vágner, Adilço e Carlos Alberto; Jorge Luiz Carneiro, Barbieri (Nardela) e Lico; Geraldo Pereira, Zé Carlos Paulista (Paulinho Cascavel) e Paulo Egídio. Jogadores de altíssimo nível. Mas este clube que contabilizou riquezas e ganhou espaços de destaque na mídia nacional, hoje, passa por dificuldades.

Blumenau conquista brilhantes vitórias nas competições de tiro ao alvo, como no campeonato Sul Brasileiro, realizado em junho de 1977, quando Santa Catarina conquistou os três primeiros lugares. O estatuto da Federação Catarinense de Tiro ao Alvo foi registrado em 30 de agosto de 1980. Sua sede mantém-se em Blumenau e suas atividades são: tiro de pistola livre, pistola de ar e fogo central. Nesta cidade, o Serviço Social da Indústria – SESI constrói o Centro Esportivo “Bernardo Wolfgang Werner”, que é um complexo esportivo, que levou treze anos para ser concluído. Este centro esportivo foi inaugurado em julho de 1986 e tem como objetivo desenvolver atividades esportivas e recreativas junto aos trabalhadores das indústrias, dos transportes, das comunicações, da pesca e seus dependentes, visando despertar o interesse pela prática de atividades físicas e promover o bem-estar social.

Década de 1990 Neste período houve uma diversificação esportiva em SC, emergindo ou expandindo-se o padel, a capoeira, o taekwondo e outras artes marciais. O padel começa a ser praticado nas associações esportivas no início dos anos de 1990. A Federação Catarinense de Padel -FCP, foi fundada em 28 de outubro de 1993, nas dependências do Grêmio Esportivo dos Funcionários da CAMVEL, na cidade de Balneário Camboriú - SC, pela Associação Joaçabense de Padel (Joaçaba), Santa Fé Padel (Balneário Camboriú), Padel House (Florianópolis) e pelo Joinville Padel Clube (Joinville). Em Florianópolis o padel também é praticado no Jurerê Praia Clube. A capoeira, por sua vez, situou em Florianópolis a criação da Associação Cultural de Capoeira Angola Quilombola (25/08/1997). Na mesma cidade surgiu ainda o Borba’s Taekwondo Club (14/06/1999) e Centro Cultural Nova Acrópole de Santa Catarina (13/05/1996), que tem como atividade às artes marciais.

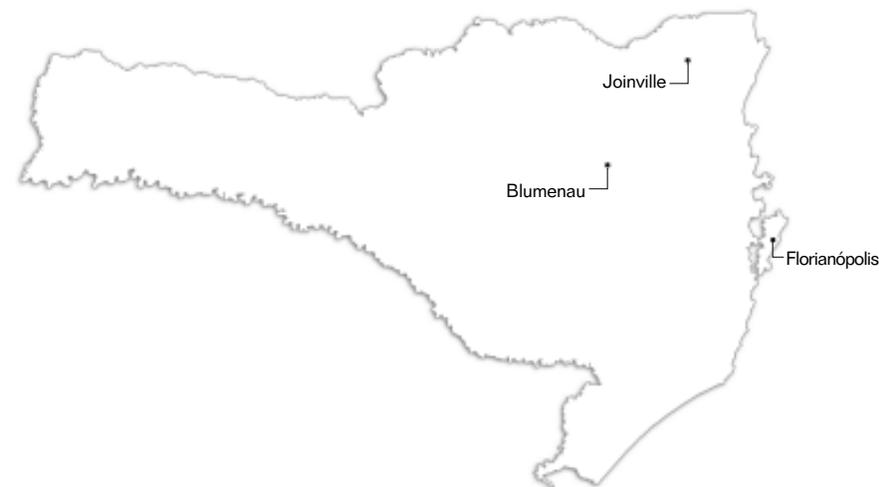
Situação Atual As associações esportivas das cidades de Florianópolis, Blumenau e Joinville continuam integrando a paisagem do Estado de Santa Catarina com destaque. Embora, algumas associações esportivas tenham sido extintas, outras mantêm suas tradições e costumes, procurando incorporar novas modalidades esportivas, construir novas instalações, buscar patrocínios e apoio financeiro para sobreviver. Florianópolis destaca-se pela sua tradição no remo e no futebol com os clubes Figueirense Futebol Clube, Avaí Futebol Clube e Bandeirante Recreativo Futebol Clube, que além do futebol desenvolve a musculação, ginástica, e karatê. Com modalidades esportivas diversas o Clube Doze de Agosto (atuais atividades: tênis de campo, voleibol, futsal, ginástica, musculação, basquetebol, taekwondo, capoeira e natação) e o Lira Tênis Clube (atuais atividades: musculação, dança de salão,

ginástica, natação, hidroginástica e tênis de campo). Em Blumenau destaca-se a importante trajetória de 144 anos da primeira associação desportiva *Schuetzenverein Blumenau*, atual Tabajara Tênis Clube, que inicialmente desenvolvia o tiro e atualmente cultiva o tênis de campo, ginástica, musculação e futebol. Também das associações esportivas vinculadas às indústrias têxteis, que mantêm atletas e diversas modalidades, como a Sociedade Esportiva e Recreativa Sul Frabril, Associação Desportiva Hering (atual atividade: recreação, natação, hidroginástica, ginástica, futebol, futsal, bocha, jogos de mesa) e a Associação Cultural Esportiva CREMER (atuais atividades: musculação, ginástica, karatê, e outras atividades esportivas). O Centro Esportivo “Bernardo Wolfgang Werner” do SESI de Blumenau, favorece o desenvolvimento de atividades esportivas e recreativas e a realização de eventos esportivos. Em Joinville há clubes de futebol que ainda permanecem ativos, apesar das dificuldades econômicas encontradas, como o Caxias Futebol Clube e o Joinville Esporte Clube, entre outros. Na ginástica com a Sociedade Ginástica de Joinville, que inicialmente desenvolvia a ginástica olímpica e que atualmente aumentou o seu leque de modalidades e atividades (capoeira, ginástica, musculação, judô, dança e xadrez). Também Joinville destaca-se pela sua influência no judô, como exemplo a Associação Colon de Judô, que atualmente tem como atividades o judô, tênis de campo e o aikidô.

Fontes Borges, M.D.G. Remando nas águas da história: as heróicas conquistas do remo de Santa Catarina (1861 -2002). Florianópolis: editor Autor, 2002; Krieger, M.C.R. Esportes. In: Pereira, N.V. (org.) A Ilha de Santa Catarina: espaço, tempo e gente. v.2. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 2002, p.113-123; Melo, O.F. (org.) História sócio-cultural de Florianópolis. Florianópolis: Clube Doze de Agosto; Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Lunardelli, 1991; Brancher, A.(org.) História de Santa Catarina: estudos contemporâneos. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999; Kormann, E. v.4. Blumenau: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985). Blumenau: Editor Autor, 1996; Blumenau em Cadernos. Tomo xxv. Associação Cultural e Esportiva CREMER tem nova diretoria. Blumenau, nº 4, abril de 1984, p.100; Blumenau em Cadernos. Tomo xxi. Clube Social de Caça e Tiro Garcia Jordão atinge o centenário de sua formação. Blumenau, nº 5, maio de 1980, p.131; Kilian, F. O Clube Blumenauense de Caça e Tiro. Blumenau, Blumenau em Cadernos. Tomo III., nº 24, fevereiro de 1960, p.21; Blumenau em Cadernos. Tomo xxviii. Clube Náutico América batiza novos barcos enquanto aguarda a conclusão de sua nova sede. Blumenau, nº 1, janeiro de 1987, p.35; Kormann, E. Associação Gynnastica Blumenau (Turnverein Blumenau). Blumenau, Blumenau em Cadernos. Tomo xxix, nº 4, abril de 1988, p.119-124; Nascimento, J.F. Viagem aos gols e aos records. In: Joinville. Joinville: Letradágua, 2001, p.123-126; Ehlike, C. Joinville História: síntese descritiva da fundação e do povoamento. Itajaí: Edições Uirapuru, s/d; Listagem de clubes associações e sociedades (www.crefsc.org.br); história do Lira Tênis Clube (www.liratenisclube.com.br); história de Florianópolis, SC (www.ihgsc.org.br). História do Judô em Santa Catarina. Entrevista com professor de Judô do CEFID/UEDESC Altevir Fonseca Mayer (ocorrida em 10/10/2003); História da Sociedade Ginástica de Joinville. Entrevista com o atual presidente Benno Paust (realizada em 12/10/2003).

Estado de Santa Catarina: localização de Florianópolis, Blumenau e Joinville

Santa Catarina State: location of Florianópolis, Blumenau e Joinville



Clubes sociais e esportivos no estado do Paraná

FERNANDO MEZZADRI

Social and sports clubs in Paraná state

The territorial expansion of the capital, the interior and the coast of Paraná state (see map), in the south of Brazil, ended in the late 1890s. It was a task carried out basically by German and Italian immigrants, who brought along the social organization of their original countries. Similar procedure took place with the second wave of immigration, which included Japanese, Poles and Ukrainians, at the beginning of the 20th century. As a result, the organization of the social and sports clubs and the sports themselves played in these clubs had foreign influence. The first clubs in Paraná

Origens e definições O Estado do Paraná teve sua ocupação territorial estabelecida até o final do século XIX nas regiões de Curitiba, Campos Gerais e Litoral, isto é, na capital, no interior e na costa atlântica. Esta penetração geográfica foi feita basicamente à época por imigrantes vindos do exterior, que trouxeram em suas bagagens, algumas peculiaridades próprias de organização social e *habitus* que faziam parte de seu cotidiano. Tal é o caso da organização dos clubes sociais e esportivos e as modalidades esportivas praticadas no interior desses clubes. O surgimento dos primeiros clubes no Paraná ocorre em paralelo ao desenvolvimento da sociedade local aliado à imigração e às novas composições econômicas, políticas e culturais do Estado, principalmente no período entre 1880 e 1920. As influências da imigração eram tantas que, em muitos casos, as atas dos clubes, os convites para as festas e os recibos estavam escritos em língua estrangeira assim como os diálogos não eram realizados em português, mas na língua de origem dos estrangeiros. O conjunto das relações aí construídas e os elos expandidos nas relações entre os clubes constituíram, posteriormente, a base para a primeira estrutura esportiva do Estado. É possível configurar esta composição através de quatro grupos distintos de clubes existentes no Estado. Um primeiro tipo de agrupamento pode ser constituído pelas entidades culturais, literárias e políticas, clubes em que os indivíduos compartilhavam o mesmo posicionamento político, ou estavam representando uma mesma manifestação cultural e literária. Como segundo grupo, as entidades constituídas por pessoas de alto poder aquisitivo, perpetuando os comportamentos sociais da elite. O terceiro grupo de clubes foi o de clubes organizados por imigrantes europeus em busca de manter as tradições de seus países, sob os mais diferentes aspectos. Por fim, o quarto grupo, formado pelos clubes operários beneficentes, entidades criadas para auxiliar na organização e consolidação da categoria. A visualização em grupos distintos possibilitou compreender a formação dos clubes não apenas pelo viés das classes econômicas e sociais, mas também pelas diferentes alternativas organizacionais esportivas, presentes na sociedade paranaense.

Clubes Literário e Republicano – Paranaguá Entre os clubes constituídos em função dos interesses políticos e culturais que permeavam a sociedade paranaense no final do século XIX, encontra-se o Clube Literário de Paranaguá, fundado em 9 de agosto de 1872, e o Clube Republicano, também da mesma cidade, criado em 21 de agosto de 1887. Paranaguá, uma cidade litorânea e portuária, era naquele tempo uma das mais desenvolvidas do Estado e tinha grande influência da imigração portuguesa, tanto na composição política quanto na consolidação cultural da cidade. Como estes, outros clubes se encontravam em processo de estruturação, tanto nas regiões de Curitiba quanto na região dos Campos Gerais. O Clube Literário de Paranaguá, por exemplo, além de oferecer a seus associados, atividades culturais como teatro, biblioteca e assembléias literárias, ainda proporcionava atividades recreativas como os jogos de salão. Em 1880 houve uma reforma no clube tornando a prática de algumas modalidades esportivas mais freqüente entre os associados. Para a prática dos jogos de salão havia uma sala especial, que tinha no bilhar o carro-chefe dos jogos. A modalidade era regulamenta através de estatuto que fixava o número de partidas jogadas, o horário e o pagamento do tempo, bem como as normas de conduta. Havia, na época, torneios específicos de bilhar em que as apostas eram permitidas e se contava com a presença de torcida no local do evento. Além do bilhar, eram praticados o xadrez, o gamão, o manilha e, mais tarde

sprang up along with the development of the local multi-cultural society as new economic, political and cultural changes were taking place, particularly between 1880 and 1920. Within this period the creation of clubs fell into four distinct groups: (i) the first type was made up of cultural, literary and political institutions in which the individuals either shared the same political positioning or represented the same cultural and literary manifestation; (ii) the second group included high income individuals and reflected the social behaviors of the elite; (iii) the third group of clubs comprised

o jogo de damas, o dominó, a canastra e o buraco, atividades permanentes desde 1882 e regulamentadas pelo regimento interno da entidade. Outra atividade esportiva que começou a ser praticada no clube, na década de 1930, foi o tênis. O interesse dos jovens associados na prática deste esporte levou o clube a implantar seu primeiro departamento esportivo, o Tennis Club.

Clube Curitibano – Curitiba Outro grupo social da região correspondia às elites tradicionais e conservadoras, representadas no Clube Curitibano de Curitiba, fundado em 25 de setembro de 1881. Naqueles tempos, a prática do esporte não era uma atividade comum e foi preciso tempo para que algumas modalidades esportivas comesçassem a se tornar mais freqüentes entre seus praticantes. O tênis era um esporte estruturado e praticado pela classe alta da Europa que se introduziu, como atividade esportiva no Estado, em uma parcela da elite econômica construindo, ao seu redor, um espaço próprio de composição social. É o caso do Clube Curitibano, do Clube Pontagrossense de Ponta Grossa e do Graciosa Country Clube. Em 1927, ocorreu a fusão entre o Graciosa Tênis Club e o Curitiba Golf Club.

Graciosa Country Club – Curitiba Neste, as atividades esportivas praticadas preferencialmente eram o golfe e o tênis. Normas de conduta eram definidas para o exercício do tênis: os praticantes deveriam estar uniformizados, com camisa solta e calça comprida ou short, de cor branca ou creme, com o uso opcional de meias, na cor branca. Essas recomendações, entre outras, estavam detalhadas no próprio regimento do clube. A forma das ações, a vestimenta e o comportamento eram cuidadosamente regulamentados pela sociedade, principalmente pelos indivíduos com poder aquisitivo mais elevado. Os clubes eram constituídos pelos dirigentes da cidade, principalmente de Curitiba, onde se localizava o maior número de integrantes da elite econômica do Estado.

Associações fundadas por imigrantes – Curitiba Na outra ponta de sociedade paranaense encontravam-se as entidades étnicas, constituídas por imigrantes bem sucedidos, da mesma nacionalidade. Entre os clubes pesquisados, todos situados em Curitiba, encontram-se: a Sociedade União, de origem polonesa, fundada em 1898; a Sociedade Thalia, da Colônia alemã, fundada em 1882; a Sociedade Teuto Brasileira, (Clube Duque de Caxias e Club Concórdia) de origem alemã, o clube mais antigo de Curitiba, fundado em 1883. Já a Sociedade Giuseppe Garibaldi, de origem italiana, foi fundada em 1º de julho 1883, por Giovanni Corghi (Presidente), Vincenzo Farani (Secretário), André Petrelli, Antonio Carnascialli e Domingos de Lucca (Censores); e o Clube Recreativo Germânia, também de origem alemã, fundado em 1896, na cidade de Ponta Grossa (atual Clube Guaíra). No caso dos imigrantes alemães, as atividades físicas praticadas na Alemanha, particularmente a ginástica, serviram como elemento disciplinador, auxiliando na formação dos próprios alemães imigrantes, embora não fosse entendida como uma atividade esportiva. O boliche era uma modalidade bastante praticada pelos alemães desde 1904, sempre associado ao convívio social, com o consumo de chá ou café com doces e outros costumes próprios dos alemães. Práticas sociais elaboradas simultaneamente às práticas esportivas, como o comer e o beber, funcionavam como alavancas sociais de aglutinação gradual entre o número de praticantes de boliche, aumentando sua influência no interior da entidade.

Associações populares – Curitiba Havia clubes, também, constituídos predominantemente pelo segmento mais popular da

the immigrants, Europeans mostly, who wanted to keep the traditions of their own countries; (iv) the fourth group included non-profit clubs for the workers: institutions created to aid in the organization and consolidation of the professional category. Based on this typology, this chapter displays facts of the creation of clubs by regions and main cities of Paraná, revealing that the expansion, development and/or regression of the clubs was result of the colonization and of the reformations of the sports laws of the State and of the country.

sociedade. Entre outros, a Sociedade Operária Beneficente Internacional da Água Verde, fundada em 1º de janeiro de 1905 e formada por imigrantes italianos, portugueses, alemães, poloneses e alguns espanhóis. A reunião de etnias diferentes, sob a chancela da mesma entidade, é uma questão que merece estudos, tendo em vista que, neste caso, diferentemente do que ocorre nas Sociedades de imigrantes mais bem posicionados socialmente, a força da coesão social parece predominar face à étnica. Havia, também, outro tipo de entidade, de natureza beneficente, voltada para a assistência aos associados com dificuldades financeiras, profissionais e/ou problemas de saúde. Também localizadas na capital do Estado estão a Sociedade Operária Batel, a Sociedade Operária Beneficente D. Pedro II, fundada em 28 de outubro de 1916, e a Sociedade Beneficente Helvetia, fundada em 1915 por imigrantes suíços. Já o Clube Operário Beneficente Germânia, fundado em 13 de dezembro de 1897, localizava-se em Ponta Grossa (atual Clube Princesa dos Campos) e tinha, como proposta, dar assistência a todos seus associados, fossem ou não alemães. Ao contrário das práticas esportivas cultivadas pelos grupos de clubes de elite, os clubes operários gostavam de futebol. O Clube de Futebol Savóia era o representante oficial da Sociedade Operária Beneficente Internacional da Água Verde. Na Sociedade Operária do Batel, também se praticava o futebol. As ações dos representantes desses clubes estavam centradas em dois eixos: de um lado, o auxílio aos sócios, no âmbito da assistência social; de outro lado, praticava-se o futebol, um esporte até certo ponto popular para o momento. Nesta perspectiva, o esporte provavelmente também propiciava uma rede de interdependência social entre seus praticantes. No clube Germânia de Ponta Grossa, a manutenção das tradições alemãs e de seus *habitus* prevalecia. O boliche, esporte característico da sociedade alemã desde o século XIX, foi muito praticado pelos associados desta entidade de 1912 e até meados da década de 1930. Além dos alemães, havia outros representantes operários, assim a prática do boliche propagou-se rapidamente no interior do grupo. Outra atividade esportiva foi o tênis, que começou a ser desenvolvido no clube na década de 1920. A atividade do boliche, que antes predominava entre os imigrantes alemães, começou a perder espaço para outras modalidades esportivas recém-chegadas de outros países e que representavam prestígio a seus praticantes. Como em outras entidades, havia uma ligação estreita entre as atividades culturais, artísticas e esportivas. As atividades recreativas, realizadas em salões, representavam ações típicas de uma entidade literária ou cultural, nas quais o diálogo e a troca de informações deviam estar presentes. Com o surgimento dos primeiros clubes na esfera do Estado, começou a brotar a estrutura esportiva paranaense que foi se consolidando gradualmente, após o nascimento de outras entidades esportivas.

Desenvolvimento das modalidades esportivas – Décadas de 1930-1960 Passada essa primeira fase de estruturação dos clubes e das atividades ali desempenhadas, verificou-se a proliferação de clubes e entidades esportivas na região de Curitiba, dos Campos Gerais e do Litoral. Pode-se afirmar que, além dos clubes e das modalidades esportivas inicialmente citados, inúmeras outras entidades estavam se formando no início do século. Entre essas, algumas tinham um cunho exclusivamente esportivo, como o Coritiba Foot Ball Club, fundado em 12 de outubro de 1909; o Clube de Futebol Savóia, de 14 de junho de 1914; o Palestra Itália, fundado em 7 de janeiro de 1921; o Britânia Esporte Clube, de novembro de 1914; o Clube Atlético Ferroviário, criado em 1930; o Clube Água Verde e o Clube Atlético Paranaense, fundados em 26

de março de 1924, através da fusão do América Foot Ball Club e do Internacional Foot Ball Club. Na maioria dos clubes, a prática esportiva mais comum era o futebol, mas gradualmente foram sendo incorporadas outras modalidades como o atletismo, natação, basquetebol (ou bola ao cesto, como era chamado naquele momento), além das modalidades já apresentadas anteriormente (tênis, boliche, bilhar, jogos de salão).

Institucionalização da Liga Atlética Paranaense Com o aumento do número dos clubes, principalmente em Curitiba, onde se concentrava a maior parte da população urbana do Estado, começaram a ocorrer os primeiros eventos esportivos no Estado. O futebol foi a primeira modalidade a ter uma partida oficial e dispor de organização própria. Posteriormente vieram as demais modalidades esportivas. Em 23 de maio de 1932, foi fundada a Liga Atlética Paranaense-LAP, que anos depois virou Federação Desportiva Paranaense, estruturando, numa primeira fase, os departamentos de Atletismo, Bola ao Cesto, Volley Ball e Hand-Ball e, posteriormente, os departamentos de Natação, Halterofilismo, Ginástica, Pugilismo e Punhobol. A Liga reunia representantes de inúmeros clubes da capital, as entidades formadas pelos imigrantes, como a Sociedade Teuto-Brasileira e a Sociedade Sportiva Junak, e as associações fundamentalmente esportivas como o Club Atlético Ferroviário, o Club Atlético Paranaense e o Curitiba Football Club. A formalização da Liga Atlética Paranaense testemunha o início das possíveis redes de intercâmbio existentes entre os imigrantes e os demais grupos organizados da sociedade civil. Entre as décadas de 1930 e 1950, o Curitiba possuía, em sua estrutura esportiva, mais de onze departamentos, como o de Atletismo, Basquetebol, Voleibol, Educação Física, Instrução Militar, Futebol, Tênis, Tiro ao Alvo, Ciclismo, Píngue-Pongue e Natação. O número de departamentos esportivos do clube refletia, sem dúvida nenhuma, o próprio anseio de seus associados e da sociedade civil organizada da capital do Estado. Além do Curitiba, o Club Atlético Ferroviário, o Club Atlético Paranaense, o Clube Água Verde, o Esporte Club Britânia e a Sociedade Esportiva Junak consolidaram seus departamentos esportivos. Até a década de 1950, eram eles, no interior da LAP, que controlavam a estrutura esportiva no Estado.

Intervenção do Estado nos clubes e na Federação Paranaense Desportiva – Décadas de 1940 e 1950 A estruturação esportiva do Estado do Paraná, concebida pela sociedade através dos clubes esportivos, e mais tarde organizada pela Liga Atlética Paranaense, existiu até o surgimento de dois fatores marcantes, que a princípio eram independentes um do outro. O primeiro foi a regulamentação do Decreto Lei Federal 3.199/1941, e o segundo, a ocupação territorial do Estado, com o posterior avanço econômico, social, político e cultural ocorrido após a década de 1950. Mesmo que os dois fatos tenham ocorrido de maneira isolada, a ligação entre eles muda por completo a estrutura do esporte após a década de 1950. A primeira questão a ser tratada, diz respeito à legalização do esporte no Brasil, a partir da Lei 3.199 de 1941. Se as leis aprovadas em âmbito nacional não tiveram inicialmente grandes interferências na estrutura do esporte no Paraná, ao menos auxiliaram nas regulamentações das federações e dos clubes no Estado. Como um dos reflexos da nova legislação esportiva brasileira, verificou-se de imediato a estrutura da organização esportiva no Paraná. O que antes era comandado pelos clubes através da Liga Atlética Paranaense tornou-se, com a regulamentação do Decreto-Lei n. 3.199/1941 e com o Decreto-Lei n. 5.342, de 25 de março de 1943, responsabilidade da Federação Paranaense Desportiva-FPD, fundada em 9 de junho de 1943. A Federação Paranaense Desportiva manteve os mesmos departamentos: Atletismo, Natação, Halterofilismo, Ginástica, Pugilismo, Punhobol, Bola ao Cesto, Voleibol e Handball. A diferença estava em que a fiscalização e operacionalização passaram a ser geridas pelo poder governamental federal. A mudança, entretanto, não ocorreu imediatamente, pois o controle e a fiscalização ainda dependiam das ações dos clubes e das ligas esportivas. Até a década de 1950, os controles permaneciam nas mãos do sistema esportivo paranaense. Apesar da regulamentação da Federação Desportiva Paranaense, os clubes, principalmente os da capital, foram os principais beneficiados, pois as competições eram organizadas somente para eles. Somente em 28 de novembro de 1948 foi realizado o primeiro “Campeonato de Bola ao Cesto Estadual” envolvendo três cidades, Curitiba, Paranaguá e Ponta Grossa. Ou seja: até o final da década de 1940 e início da de 1950, a participação do interior na estrutura esportiva do

Estado ficou relegada ao segundo plano, até porque a ocupação territorial do Estado se limitava à região envolvida. A complexidade entre as relações que compunham a estrutura esportiva foi aumentando paralelamente ao próprio desenvolvimento territorial do Estado, pois surgiram novas entidades esportivas que representavam não só um clube, isoladamente, mas as cidades recém-criadas. Com o passar do tempo, a Federação deixou de ser um espaço exclusivo dos clubes e da capital para abrigar entidades que vinham do interior do Estado. Entre elas, podem ser citadas a Liga de Esportes Atléticos de Londrina, a Liga Desportiva Norte Paranaense, a Liga Atlética de Paranaguá, a Liga Pontagrossense de Bola ao Cesto, a Liga Atlética Londrinense, e a Liga Desportiva de Ponta Grossa, entre outras.

Influências do desenvolvimento econômico – Década de 1950 Até o início da década de 1950, o Paraná só detinha 3% da população brasileira e grande parte da economia paranaense escoava pelo Estado vizinho. Como o governo federal tinha a intenção de incentivar a industrialização no país, verificou-se a necessidade de ampliar os horizontes do Estado do Paraná, o que propiciou uma independência sócio-política e econômica mais sólida. O intuito era o de consolidar uma identidade paranaense que reunisse os imigrantes já instaurados e os novos colonizadores, vindos de todas as regiões do país. O desenvolvimento do Paraná seguiu uma lógica estruturada a partir do processo administrativo implantado, no início da década de 1950, pelo governo de Bento Munhoz da Rocha (1951-1955). O governador do Estado passou a estimular a ocupação territorial das diversas regiões ainda não habitadas. A implementação de políticas públicas para os diferentes setores da sociedade foi, sem dúvida, outra obra iniciada naquele período. A nova organização social e o aumento populacional das zonas urbanas produziram, sem dúvida alguma, outros mecanismos nas relações entre o governo, o indivíduo e a sociedade. Até porque, nos anos 1950, o Estado estava centrado basicamente nas regiões de Curitiba, litoral, centro-sul e o chamado norte pioneiro, o desenvolvimento social restrito a essas localidades. Com o significativo crescimento de outras regiões, começavam a expandir as redes de interdependências no interior da sociedade. Um dos elementos que consolidaram as novas organizações sociais foi indubitavelmente o dos clubes sociais e esportivos. Subseqüentemente à década de 1950, com as instalações dos imigrantes já definidas em diferentes posições geográficas do Estado, ampliaram-se as ocupações territoriais e a participação dos indivíduos em diversas questões da sociedade. A iniciativa governamental de ocupar o Estado resultou em um aumento significativo nos números populacionais, saltando de 3% para 6,03% da população brasileira. De 1.236.276 habitantes, na década 1940, para 4.277.763 na década de 1960, em apenas vinte anos triplicou o número de habitantes no Estado. A pressão da sociedade começava a ecoar na administração governamental, visto que várias eram as entidades que estavam se formando e se fortalecendo naquele momento. Representantes de quase todas as camadas sociais estavam presentes nas discussões políticas do governo. O aumento populacional trouxe consigo uma rede maior nas interdependências e na interconexões existentes no interior da sociedade, saindo do estágio embrionário em que se encontrava para tornar-se uma sociedade com relações mais complexas. O número de municípios passou de 56, na década de 1930, para aproximadamente 160, no final da década de 1950. A sociedade paranaense começava a exercer uma significativa pressão sobre o governo para que a administração do Estado fosse para todos os paranaenses, e não somente para os habitantes da capital, e das regiões dos Campos Gerais e do litoral. Não adiantava apenas povoar o Estado, era preciso que o governo oferecesse projetos políticos mais concretos no âmbito social, cultural, econômico e até esportivo, pois a sociedade estava solicitando ações mais dinâmicas para essas áreas. No entanto, a estrutura esportiva vigente perpetuou-se até o final da década de 1950.

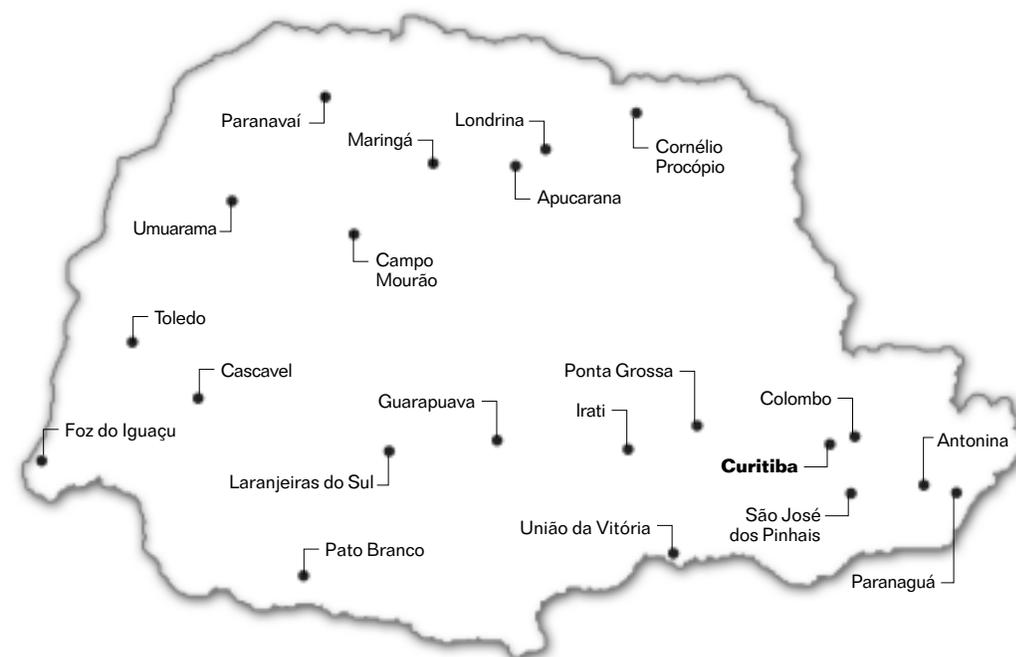
Novas dimensões do esporte – Décadas de 1950 e 1960 Maringá é uma cidade situada no norte do Estado, fundada em 1951, com uma população formada, a princípio, por colonizadores paulistas, italianos, alemães e principalmente japoneses, que ocuparam uma grande área do município. Em 25 de junho de 1956 surgiu o Clube Hípico de Maringá e, em 1º de janeiro de 1958, foi formado o Country Club de Maringá. Como em outras cidades, a formação dos clubes da elite vem mapear a configuração estabelecida pelos donos do poder. A regulamentação imposta

pelas leis governamentais na organização dos clubes não impossibilitou o surgimento de inúmeras entidades em todas as regiões do Estado. Os clubes dos imigrantes ainda tinham, num primeiro momento, o objetivo de manter suas tradições e *habitus* de origem. Essa posição é encontrada no Clube Cultural Recreativo Teuto Brasileiro de Maringá, fundado em 22 de maio de 1960. O objetivo principal do clube era promover o intercâmbio teuto-brasileiro e a divulgação dos costumes, da história, das tradições e da cultura alemã. Quase um século depois da formação do primeiro clube de origem alemã no Estado – o Clube Concórdia, de Curitiba –, verificou-se ainda a perpetuação da organização social dos imigrantes, fator que posteriormente tornou-se importante na reestruturação da sociedade paranaense em todos os seus aspectos. Outra cidade localizada no norte do Estado, Rolândia, foi formada principalmente por alemães. Entre outras entidades sociais, destaca-se a Sociedade Recreativa Rolandense, instituída em 30 de dezembro de 1950. A finalidade básica do clube era proporcionar aos associados toda a sorte de entretenimentos e auxílios. O mais interessante era que, para ser admitido como sócio, exigia-se “ter bom comportamento, gozar de perfeita saúde e ter mais de quinze e menos de cinquenta anos de idade, sem distinção de nacionalidade ou profissão, desde que honesta”. Mesmo na década de 1950, o estatuto do clube buscava interferir nas ações dos indivíduos, definindo quem poderia ou não participar das atividades sociais ou esportivas. Esse processo de exclusão é muito comum nas entidades sociais em que o poder da elite determina as ações dos indivíduos. No outro extremo do Estado, mais propriamente na região oeste, situa-se a cidade de Cascavel, uma das mais antigas da região. Cascavel foi fundada em 14 de novembro de 1951, pela Lei n.790, e antes mesmo de sua emancipação, foi criado o primeiro clube da elite do então distrito, o Tuiuti Esporte Clube, instituído em 25 de agosto de 1949. Portanto, antes da própria institucionalização da cidade, a sociedade já se estruturava através das entidades sociais e esportivas. Ainda na década de 1950, começaram a ser criados clubes com a finalidade única de desenvolver a prática esportiva. Inúmeros clubes esportivos surgiram no interior do Estado, aumentando a rede de interconexão entre as instituições. O esporte começava a tomar uma nova dimensão no Estado, passando a ser praticado com mais intensidade, independentemente das condições financeiras de seus praticantes. No entanto, a maioria das competições esportivas ficava restrita ao interior dos clubes ou entre os associados. As competições esportivas nas modalidades basquetebol, voleibol, atletismo, natação, tiro, beisebol e futebol, entre outras, eram realizadas independentemente das ações governamentais do Estado. É o caso do Guarany Atlético Clube, fundado em 2 de junho de 1953, em Ribeirão Claro, cidade localizada no norte pioneiro do Estado. A proposta do clube se apoiava fundamentalmente na prática e no desenvolvimento do esporte. Caso semelhante foi do Clube Atlético Rozenau, de 24 de junho de 1950, em Curitiba, cujas atividades básicas consistiam no condicionamento físico e na prática de todos os esportes entre os associados, fortalecendo as relações esportivas com as demais associações congêneres do país e instituições estrangeiras. As competições eram organizadas pela própria instituição, independente das ações governamentais, e buscando um maior intercâmbio junto às outras instituições esportivas. Em Londrina, além dos tradicionais clubes da elite, clube dos imigrantes e dos trabalhadores, houve a formação de um clube mais específico: o Clube de Xadrez, fundado em 3 de fevereiro de 1951. O Clube de Xadrez era uma associação de número ilimitado de pessoas, com a finalidade de cultivar e difundir o jogo de xadrez e outros congêneres. A inauguração do clube veio logo após a fundação da cidade de Londrina, uma das primeiras entidades esportivas mais específicas do Estado. Os associados representavam, de maneira estrita, a modalidade de esporte praticada. A influência da especificidade, neste caso, pode ter ocorrido pela própria formação urbana, pois a cidade sofreu influência bastante significativa de outras cidades do interior do Estado de São Paulo, onde existiam praticantes do jogo de xadrez. Assim, o espaço das práticas esportivas no interior da sociedade passou a ser cada vez mais significativo. Isso gerou uma nova tensão positiva entre os indivíduos, a sociedade e as ações do Estado.

Fontes Ata da Federação Desportiva Paranaense de 1948; Estatuto da Sociedade Recreativa Rolandense; Estatuto do Tuiuti Esporte Clube, de Cascavel; Estatuto do Guarany Esporte Clube, de Ribeirão Claro; Estatuto do Clube de Xadrez de Londrina.

Estado do Paraná – situação geográfica e cidades principais

Paraná State – main cities location



Ata da primeira reunião da Liga Atlética Paranaense, ocorrida em 23 /05/ 1932

Paraná Athletic League – Minutes of the foundation dated 05/ 23/ 1932

Aos vinte e três dias do mez de Maio de mil novecentos e trinta e dois, em uma das salas da Sociedade Teuto Brasileiro, sob á Presidencia do Snr. Tenente João Meister Sobrinho, foi aberta a sessão, a qual se achavam presentes os Clubs abaixo representados:

Sociedade Teuto Brasileiro: – T^{te} João Meister Sob. e Carlos Bley Krisanowski; – Coritiba Foot Ball Club: – A. Couto Pereira, Alfredo Kreamer e Mylton Muricy; – Club Athletico Paranaense: – Horacio Mancini; – Club Athletico Ferroviario: – Lothar Kruger; – Grupo Gymnastica do Handwerker: – Alexandre Buchmann, Rodolpho Dombeck e Albano Brandt; – Sociedade Sportiva Junak: – Teodoro Zubinski, João Sobocinski e Ladislau Gibolski;

União Sporte Club: - Frederico Doudeque e Grupo Atlético Teuto;- Estevam Piekars.

O Snr Presidente expoz aos presentes o objectivo desta reunião, na qual se resolveu em definitivo a fundação da Liga que tomou a denominação de “Liga Athletica Paranaense.

Foram aprovadas as seguintes sugestões apresentadas pelo Snr Presidente; 1º Obedecer as regras e regulamentos da Federação Paranaense de desportos. 2º Que nenhum dos presidentes dos Clubs filiados a Liga poderá ocupar o cargo de Presidente da mesma.

Foi mandado officiar a F.P.D., comunicando a fundação da liga, eleição de sua primeira directoria e remeter uma cópia da acta,

bem como a sua sede provisória está instalada em uma das salas da Sociedade Teuto Brasileiro.

Ficou resolvido que até o dia anterior ao Campeonato início de bola ao cesto, os Clubs que se filiarem serão considerados “Fundadores”.

Marcar para o próximo sabbado dia vinte e oito do corrente a primeira reunião da directoria.

Foram declarados empossados todos os directores presentes. O Snr. Director Presidente do Coritiba F.C. ofereceu a L. A. P. a sua nova Praça de Desportos para os jogos officiais da mesma, logo que esteja prompta.

Clubes – Interior de São Paulo

JOSÉ MARIA CAMARGO DE BARROS

Sports clubs – Interior of São Paulo state

São Paulo is the Brazilian state that has the highest GNP, which is higher than either Argentina’s or Mexico’s if just industry and agriculture are taken into account. São Paulo’s extraordinary performance today displays the results of the combination of three crucial facts along its history: (i) the rivers that created ways to access the interior of the state due to the pioneer Portuguese settlement in the 18th century, (ii) the immigration

of Italian, Portuguese, German, Lebanese, and Japanese people who started to settle the region in the 19th century, and (iii) the railroads that began to be constructed by British companies in 1876. São Paulo’s sports clubs followed similar route: at first rowing and swimming were introduced by the British in 1893 in Santos. Soon after that several clubs started to appear along Rio Tietê (Tietê River) – today part of the metropolitan area of

the city of São Paulo – featuring various sports of Italian and German influence. Still in the 1890s, clubs started to move along the railroads to the interior of the state. They adopted pioneer sports at first, such as swimming and basketball, and local sports later on, in the 1930s, promoted by various institutions such as schools of excellence, companies, municipalities, churches, newspapers, and universities.

Origens No Estado de São Paulo, a pujança nas diversas esferas do processo de desenvolvimento é uma das características correntes e reflete a história da região. O esporte neste contexto atesta a premissa, principalmente ao se observarem suas manifestações no espaço geográfico, quer pelo lado das práticas ou pelos clubes que abrigavam e lhes davam significado comunitário. No século XIX, o impacto econômico do ciclo do café, de início, só registrava nas tardes de domingo as corridas de cavalos nas “raias” do interior paulista. Quando o Estado despertou ávido pela inovação, crescimento e progresso nas primeiras décadas do século XX, também se deu o encontro com o esporte já existente em suas formas mais elementares. Conforme surgiam os sinais do progresso, emergia por coincidência o esporte em diversas modalidades organizadas. Os clubes dos ingleses, comerciantes em princípio, depois engenheiros e gestores das ferrovias e fábricas do início da industrialização, constituíram um modelo social do esporte como moda e prestígio. Mas foram os clubes dos italianos e alemães com seus descendentes, assimilados depois pelos brasileiros e outros grupos de imigrantes (libaneses, japoneses, espanhóis etc), que deram início e impulsionaram a popularização dos esportes desde o final do século XIX até a Segunda Guerra Mundial.

1876 Inauguração da São Paulo Railway, ligando o porto de Santos à cidade de Jundiaí, acelerando a chamada “marcha para oeste” no Estado de São Paulo. Em Santos, a presença da influência inglesa e o cosmopolitismo da cidade “maior centro de exportação de café do mundo”, estimularam a criação de clubes esportivos: Clube de Regatas Santista (1893), Internacional de Regatas (1898), Saldanha da Gama (1903) e Tumiuru (1905). Em 1897, foi organizada pelo Clube Santista a primeira regata de remo do Estado de São Paulo.

Década de 1890 Na região da Capital do Estado, vizinha às águas e margens do Rio Tietê, surgiram as primeiras manifestações esportivas efetivamente moldadas por associações especializadas. Antes, o esporte era uma das expressões de lazer dos paulistanos, entremeado de eventuais competições organizadas. O ciclismo, por exemplo, teve sua base na cidade de São Paulo a partir de um velódromo inaugurado em 1895, próximo à igreja da Consolação. Esta instalação esportiva foi tanto um local de encontros sociais como também pista de competições. Já na prova de 50 km para marcar a inauguração do velódromo houve a participação de 60 ciclistas, número importante para uma cidade de cerca de 500 mil habitantes à época. Em 1897, já se organizavam provas internacionais no Velódromo de São Paulo, uma delas com 309 km em pista. Neste mesmo estágio, além do ciclismo, os esportes em moda na cidade eram remo e natação (no rio Tietê), tênis, ginástica (basicamente *Turnen*) e críquete (Nicolini, 2001). Em 1899, criava-se nas margens do Tietê o clube Esperia por um grupo de italianos e seus descendentes, que logo adotaram o remo e depois a natação como esportes de oferta aos associados. No mesmo local (Chácara Floresta), onze outros clubes foram fundados ao longo de quatro décadas seguintes, quer por interesses esportivos ou sociais de grupos de imigrantes. Na primeira década de 1900, entraram em moda o futebol e o atletismo (pedestrianismo como base).

Décadas de 1890-1900 Acompanhando a “marcha para o oeste” com a construção das estradas de ferro e a chegada de imigrantes para as lavouras do café, bem como para as indústrias de algodão e tecelagem, o esporte foi também levado ao interior paulista. Podem ser percebidas, no mapeamento do esporte no Estado de São Paulo, as marcas desse processo de progresso e

desenvolvimento. A natação, o ciclismo, o judô, o futebol, o basquetebol se identificam com aspectos da colonização e desenvolvimento de algumas regiões do Estado de São Paulo. Muitos clubes surgiram acompanhando o traçado das ferrovias e o crescimento das fábricas. Em 1896 é criado o Clube Grêmio dos Ferrovieiros de Rio Claro. Em Jundiaí, os funcionários criaram por iniciativa própria, em 1900, o Grêmio Recreativo. Os sócios eram todos ferroviários, mudando este quadro somente em 1945. Para os cargos de diretoria eram aceitos ferroviários ou ex-ferroviários. Em 1903 foi constituído o primeiro time de futebol da cidade – Jundiahy Foot Ball Club – formado por funcionários da Paulista que se extinguiu em 1908. O Paulista Futebol Clube constitui-se em 1909. Participavam deste clube 100 sócios, todos ferroviários. Aconteceram iniciativas semelhantes nas cidades de Piracicaba, Araraquara, Bauru, Presidente Prudente, Ribeirão Preto e São Jose do Rio Preto entre as principais, com importantes marcos de uma vida cultural, social e esportiva ligadas às ferrovias paulistas e ao fluxo de imigrantes. Em alguns casos mais do que em outros, os clubes foram um braço da empresa que os administravam de forma direta ou indireta. Em todas estas trajetórias podemos perceber características fundamentais do “ser ferroviário”, ou ainda a constituição de uma consciência de ofício que permeava a vida profissional e as atividades sociais. Vale a pena destacar que uma das atividades mais concorridas dos Grêmios eram os piqueniques que a “família ferroviária” realizava em Carioba, próximo a cidade de Americana. Para estes eventos utilizavam-se do apoio da ferrovia e contavam sempre com a animação musical da Banda da Paulista. Os destaques desta fase de “comunitarismo ferroviário e esportivo” foram o Esporte Clube Noroeste em Bauru, e a Associação Ferroviária de Esportes em Araraquara, ambos fundados na primeira década do século XX.

1910 Ainda no interior de SP, foi constituído neste ano pelas numerosas colônias italiana e alemã, o Velo Clube de Rio Claro, um município de entroncamento ferroviário, com o propósito de proporcionar a prática do ciclismo e o seu desenvolvimento, tendo também, iniciado o futebol que teve seus dias de glória nos anos de 1940 e 1950. O empreendimento, neste caso, deveu-se ao desenvolvimento local e não a um grupo profissional ou de imigrantes.

Décadas de 1930 – 1940 Neste período, a natação praticada nos clubes do Tietê transferiu-se do rio para piscinas, embora desde 1926 houvesse piscinas de competição na cidade de São Paulo, como a do Clube Atlético Paulistano ou a da Associação Atlética São Paulo, inaugurada em 1929. Assim sendo, em 1933, o Esperia (italianos) e o Germânia (alemães) inauguravam suas piscinas no aglomerado de clubes da Chácara Floresta. No ano seguinte, o Clube Tietê (brasileiros) dava partida ao seu parque aquático. Em conjunto, as piscinas dos clubes do Tietê provocaram uma competição entre associações esportivas do local dando origem a fusões e a deslocamentos para outras áreas da cidade. No final da década em exame, a intensa industrialização da cidade e sua metropolização acelerada reduziram o uso do rio e de suas vizinhanças, induzindo os clubes a saírem da região do Tietê. A natação, por sua vez, assumiu um perfil próprio de desenvolvimento promovido então pela Federação Paulista de Natação-FPN (herdeira em 1932 da Federação Paulista das Sociedades de Remo que dirigia a natação em SP desde 1907) que passou a incentivar a implantação deste esporte nas cidades do interior do Estado por clubes que construam piscinas (Nicolini, 2001 e Lenk, 1986). Teve início, assim, a um surto de crescimento e/ou fundação de clubes que se deslocou

primeiramente da Grande São Paulo seguindo o eixo Jundiaí – Campinas – Interior, de modo semelhante ao traçado das ferrovias pioneiras do Estado. Criaram-se então – final dos anos de 1930 e início dos anos de 1940 – as piscinas da Associação Esportiva Jundiaense (Jundiaí), Clube Campineiro de Regatas e Natação (Campinas), Sociedade Recreativa e de Esportes de Ribeirão Preto e de Mococa, respectivamente, Yara Clube (Marília) e Clube Palestra (São José de Rio Preto). Este impulso se fez presente até o início dos anos de 1960, quando a FPN contabilizou 144 clubes filiados e assumiu a hegemonia da natação no país.

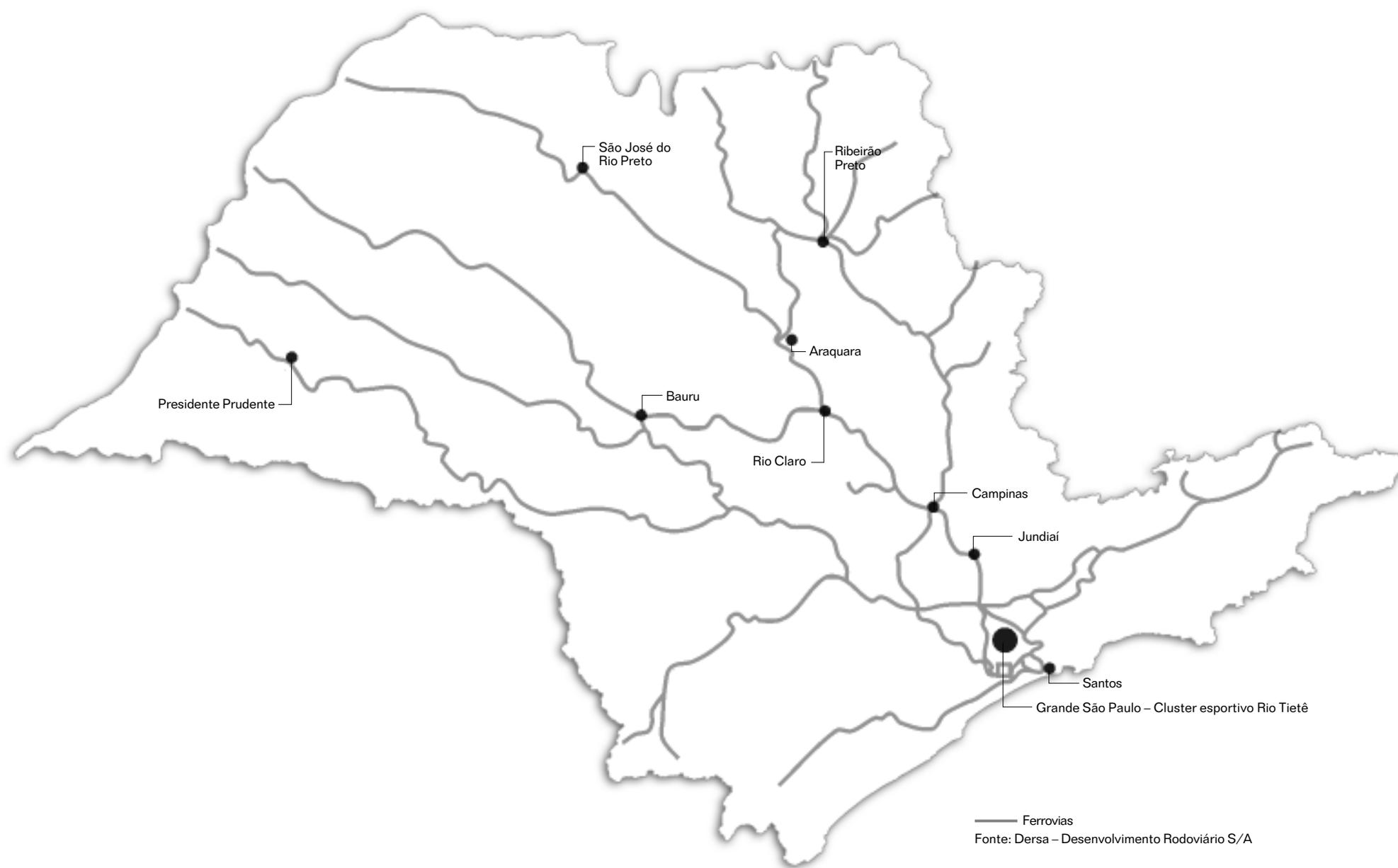
Décadas de 1950 – 1970 Nos primeiros anos deste estágio de desenvolvimento da natação em SP, o Colégio Koelle de Rio Claro constrói uma piscina semi-olímpica e uma caixa de saltos com plataforma de 10 metros e se destaca nos anos seguintes nas competições de esportes aquáticos do Estado e do Brasil. A partir deste avanço, Rio Claro repetiu no esporte o que havia acontecido com o desenvolvimento ferroviário: tornou-se um centro de irradiação esportiva para a região em torno. Na década de 1960, por exemplo, o basquetebol da cidade tornou-se referência nacional e até mesmo internacional. No início dos anos de 1980, Rio Claro foi escolhida para sediar o Curso de Educação Física da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho-UNESP, marcando o sentido de pólo de desenvolvimento esportivo da região. Neste período, contudo, o movimento ferroviário decresceu ao passo que as rodovias aumentaram de importância. Esta alteração também marca o desenvolvimento esportivo de SP, que passou a ser mais difuso – típico dos fenômenos culturais – do que radial e institucional (no caso, clubes).

Situação Atual A partir da década de 1980 e atingindo os dias presentes, consolidaram-se no Estado de São Paulo, aproximadamente, 70 modalidades esportivas organizadas em Federações e Ligas, que promovem suas práticas e competições na feição de uma sinergia entre o desenvolvimento econômico e o esportivo. A demonstração deste fato é encontrada na história da disseminação de práticas esportivas de lazer e/ou de competição, seguindo os caminhos naturais do desenvolvimento ocorrido no Estado. Portanto, as raízes desta sinergia são encontradas nas cidades de São Paulo e de Santos, que constituíram o motor inicial da expansão econômica da região e depois do crescimento dos esportes. Seguiram-se as cidades do interior em diversos surtos de desenvolvimento, que se repetem até hoje. Como vetores destes impulsos, situaram-se os clubes os quais foram acompanhados por modalidades esportivas, por escolas avançadas e depois pelas mais diversas entidades locais, como empresas, prefeituras, templos religiosos, jornais, universidades etc. Os Jogos Abertos do Interior do Estado de São Paulo-JAI, iniciados em 1936, refletem esta composição de vetores com base no tripé cidade-clubes-modalidade esportiva. Inaugurado em 1936, este evento que reúne somente cidades interioranas, apoiou-se inicialmente no basquetebol. Hoje os JAI agregam mais de 20 modalidades esportivas e realizam-se em cidades diferentes a cada ano envolvendo, atualmente, na sua fase regional, 42.000 atletas e na fase final, 8.000 atletas. Trata-se, na atualidade, de um mega-evento tendo proporcionado a motivação para o desenvolvimento do esporte por todo o interior do Estado.

Fontes Nicolini, H., Tietê – O Rio do Esporte. Phorte Editora, SP, 2001; Lenk, M., Braçadas & Abraços. Gráfica Bradesco, RJ, 1986; Conselho Regional de Educação Física – SP.

Estado de SP: caminhos das ferrovias – pólos de esporte, décadas 1890 – 1970

São Paulo State: railways and sport development – clusters location, 1890s – 1970s





Remo

HENRIQUE LICHT, WILSON REEBERG E JÚLIO CÉSAR DE NORONHA E SANTOS

Rowing

Rowing was first used as a means of transportation, exploration and conquest in the ancient cultures of Egypt, Greece and Rome, but rowing as a sport probably began in England in the 17th and early 18th centuries, when heavy betting on races was common and encouraged the development of the sport. Rowing was so popular in Europe in the 19th century that it was the very first sport to have an international federation in the world: the Fédération Internationale des Sociétés d'Aviron-FISA (International Federation of the Rowing Societies – FISA), established in 1892, in Italy. In Brazil, rowing was the first sport

Origens O remo, como a roda, é um dos instrumentos fundadores da civilização humana. E como tal, o barco a remo estava presente na expansão e desenvolvimento dos antigos egípcios, gregos e romanos. Mas como esporte, o remo se origina da Inglaterra quando esta atividade encontrou outro significado além do transporte, exploração e conquista. Este início, como em outros esportes originais ingleses, apoiou-se em apostas em dinheiro em competições informais e eventuais que se faziam no rio Tâmisa entre barcos de transporte que eram levados de uma margem para outra. As primeiras regatas organizadas deram continuidade ao passatempo das apostas e em 1716 houve a primeira competição (*sculling race*) de cinco milhas entre dois bares (pubs) muito populares do rio. No século seguinte, ainda na Inglaterra, as competições progrediram com equipes fixas e com a criação de barcos especiais e mais eficientes para regatas. O primeiro clube inglês de remo – e do mundo – foi Leander Club, fundado em 1817. Assim, a famosa competição universitária de remo Oxford-Cambridge teve início em 1829 e o barco outrigger surgiu em 1846. Entre 1845 e 1865 havia cerca de 30 clubes de remo na Inglaterra. Também no século XIX, o remo, como esporte, teve início em diversos outros países sobretudo da Europa, constituindo inclusive uma base pioneira de organização de outras modalidades esportivas.

Nestas condições, a *Fédération Internationale des Sociétés d'Aviron-FISA* (Federação Internacional das Sociedades de Remo-FISA) foi estabelecida em 1892, na Itália, constituindo a primeira federação internacional de esporte do mundo. Em 1896, por conseqüência, o remo fez parte do programa dos primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna, em Atenas, Grécia. Mas condições de tempo negativas inviabilizaram a competição, o que adiou a inauguração do remo olímpico para os Jogos de Paris, em 1900. Por sua vez, o remo feminino somente teria lugar nos Jogos de Montreal, 1976. Neste contexto de marcos de memória, o Brasil é um dos países que mais se sobressaem no esporte de remo, pois o primeiro registro de competição organizada é de 1846; a primeira associação de remo é de 1851; o primeiro campeonato brasileiro é de 1892; a primeira entidade dirigente é de 1894; a primeira coluna especializada na imprensa é de 1895; e a primeira competição feminina é de 1907. E como ocorreu em vários países europeus, o remo serviu de suporte para algumas outras modalidades que vieram a ser adotadas no país a partir do final do século XIX.

1566 No Rio de Janeiro, na baía que deu nome à cidade ao ser confundida com um estuário de rio, foi instituída por Estácio de Sá a Festa das Canoas, para ser disputada a partir de 1567, sempre em 20 de janeiro, no dia de São Sebastião, padroeiro da cidade. A comemoração deveu-se à vitória sobre os invasores franceses e seus aliados, os índios Tamoiós, numa batalha travada junto ao Pão de Açúcar, naquele ano. Além das solenidades religiosas, havia disputas entre canoas. Este evento constitui o primeiro registro histórico relacionado a competições a remo, no Brasil.

1846 Em 19 de agosto, no Rio de Janeiro, desafio entre as tripulações das canoas de pesca Cabocla e Lambe-Água, desde a Praia de Jurujuba, em Niterói, até a Praia dos Cavalos (Santa Luzia), em margens opostas da baía de Guanabara. Como tal, trata-se da primeira competição a remo formalizada em registro de memória no Brasil.

1850 No Ceará, disputadas “carreiras” entre jangadas e, na Bahia, aconteciam “desafios” entre tripulantes de pequenas baleeiras e canoas de alto mar.

to get organized according to today’s styles of competition shown in the following facts: (i) 1846 – the very first record of organized competition; (ii) 1851 – foundation of the first rowing association; (iii) 1892 – the first Brazilian national championship; (iv) 1894 – foundation of the first directing institution; (v) 1895 – the first specialized column in a newspaper; and (vi) 1907 – the first female competition. Likewise it happened in several European countries, rowing played a very important role as it led the way for other sports to come to Brazil at the end of the 19th century. Accordingly, in the 20th century, the tradition of rowing was

1851 Fundação em Niterói-RJ, no Valonguinho, do Grupo de Mareantes, uma associação comunitária com o objetivo de estimular a prática do remo. Os Mareantes realizaram em 03/12/1851 a primeira regata do esporte do remo no Brasil. Programa com 3 páreos – um dedicado a canoas de um remo de pá tripuladas por pescadores, e outros dois para seus associados.

1855 No Rio de Janeiro, na Enseada de Botafogo, foi realizada a primeira regata de barcos a seis remos.

1860 Na cidade portuária de Rio Grande-RS, realiza-se a Regata Comemorativa à Independência do Brasil com programa de 5 páreos, para canoas de duas pás, escaleres e barcos à vela. Mais de duzentas pessoas viajaram de Pelotas-RS (então maior cidade da região) para assistir à competição.

1867 Em 17 de novembro, em Desterro (Florianópolis desde 01/10/1894), capital da Província de Santa Catarina, a recém-fundada Sociedade de Regatas realizou, na Enseada do Menino Deus, um páreo náutico com cinco disputas em escaleres e uma em baleeiras “para amadores, menores, aprendizes de marinheiros e profissionaes”, como noticiaram os jornais da cidade.

1862 A Marinha de Guerra promoveu no Rio de Janeiro uma *reghata* em homenagem ao Marquês de Pombal, assistida pelo Imperador D. Pedro II, sua corte e grande público. Programa com 9 páreos para diferentes tipos de barcos (canoas e escaleres).

1863 Nova regata promovida pela Marinha de Guerra na Enseada de Botafogo, Rio de Janeiro.

1865 Em 02/11, em Rio Grande-RS, Sua Majestade D. Pedro II, regressando dos campos de batalha da então corrente Guerra do Paraguay, assistiu à imponente Regata Imperial, realizada em sua honra e também para comemorar a rendição do General Estigarribia (18/09/1865). O programa também incluiu “carreiras” para escaleres, guigas, botes à vela e canoas de duas pás, sendo os vencedores premiados pelo Imperador.

1877 Em 02 de fevereiro, em Porto Alegre-RS, regatas de botes e canoas, em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes.

Década de 1880 Em 1882, em Niterói e no Rio de Janeiro (praia de São Cristóvão), surgem os primeiros registros de remadores do sexo feminino. Em 21 de novembro de 1888, funda-se em Porto Alegre o Ruder Club Porto Alegre (atual Clube de Regatas Guaíba-Porto Alegre-GPA), o mais antigo clube de remo em atividade regular do país. Neste período, em várias cidades do Brasil surgem Grupos de Remo, Sociedades e Clubes, na medida em que as regatas tornam-se atraentes acontecimentos esportivos e sociais.

1894 Em 17/02, em Porto Alegre, fundação da primeira entidade dirigente do remo no Brasil, o “Comitê de Regatas”, atual Federação de Remo do Rio Grande do Sul.

1895 No Rio de Janeiro, surge na imprensa a primeira seção consagrada aos esportes náuticos, tendo como redator Benjamin Motta.

1898 Em 05/06, disputado no Rio de Janeiro, na Enseada de Botafogo, o “1º Campeonato Náutico Brasileiro”, instituído em 1897 pela União de Regatas Fluminense. Programa com 9 páreos para baleeiras a 4 remos, na distância de 1.000 metros. Presente o Dr. Prudente José de Moraes Barros, Presidente da República.

partially shadowed by the growth of these other sports and leisure activities. Although the Brazilian rowing team has participated in the Olympic Games since 1920, it has never earned a medal. As progress, effort and investments were placed on the sport, the Brazilian rowing team reached South American leadership in 2002. Today, Brazil has 1,860 boats of various types, 5,500 rowers, 38 coaches, 30 boat builders and 46 administrative clerks in 53 clubs in 13 states. The Confederação Brasileira de Remo (Brazilian Rowing Confederation - CBR) had 1,820 registered athletes: 246 women and 1,574 men in 2003.

A raia teve que ser alterada em direção à Urca para atingir a distância prevista.

Década de 1890 Neste período houve um impulso importante no remo praticado no estado de SP: em 1893, foi fundado o Clube de Regatas Santista, em Santos; em 1898, o Internacional de Regatas, na mesma cidade; e em 1899, o Clube Esperia, nas margens do rio Tietê, na cidade de São Paulo. Na curva do Tietê onde se instalou o Esperia, vários outros clubes se localizaram com oferta diferenciada de esportes; no remo, destacou-se além do Esperia, o Clube de Regatas Tietê, fundado em 1907. Em 1897 (16/07), ocorreu a primeira regata no estado de SP, em Santos, promovida pelo Clube de Regatas Santista.

1902 No Rio de Janeiro, na Enseada de Botafogo, realizado o “Primeiro Campeonato Brasileiro Individual de Remo”, em “canoes sem patrão”, na distância de 1.000 metros. A partir de 1925, a prova passou a ser disputada em skiffs, em 2.000 metros. No início do século XX, do sul ao norte do Brasil, o remo era, seguramente, o esporte de maior prestígio e de reconhecimento popular. Neste particular, cumpre fazer registrar que o futebol no Brasil começou sua expansão neste período e que teve guarita neste início, sobretudo em clubes de remo no RJ e SP, tanto em Santos como no Tietê. Até os dias presentes há clubes de futebol em diferentes regiões do país que ainda portam em suas denominações a expressão “de regatas” ou “remo”, revelando sua origem esportiva.

1903 Realização da primeira regata do rio Tietê-SP, com clubes de Santos e da cidade de São Paulo sediados na área do mencionado rio. O jornal “Correio Paulistano” de 13 de outubro noticiou que, “pela primeira vez em São Paulo foram disputados interes-santíssimos matches de regatas, regularmente organizados”. Neste estágio, já havia remadores do sexo feminino atuando no rio ora focalizado como também torcidas de mulheres vestidas de marinheiro (Nicolini, 2001).

1905 Em Salvador-BA, primeira disputa da Taça Olga, em canoas de 4 remos. A Taça de Prata ao vencedor foi doada pelo inglês Harry M. Vignoles. Este valioso troféu tornou-se um dos mais ambicionados e tradicionais do Brasil.

1906 Em Porto Alegre, fundação do primeiro clube juvenil de remo do Brasil, o *Ruder Verein Freundschaft* (atual Grêmio Náutico União). Dos seus 6 fundadores, o de maior idade tinha 15 anos e o Presidente, apenas 12.

1907 Em 02 de fevereiro, em Porto Alegre, na regata em homenagem a Nossa Senhora dos Navegantes, foi disputado o primeiro páreo feminino realizado no Rio Grande do Sul, e possivelmente no Brasil: gigs a 2 com timoneira, na distância de 500 metros. Neste ano, em 04/08, funda-se a Federação Paulista das Sociedade de Remo-FPSR, com quatro clubes de Santos e um da cidade de São Paulo (rio Tietê). A FPSR, além de sua especialização, deu apoio às atividades e competições de natação, pólo aquático e saltos ornamentais até surgir a gestão própria daquelas modalidades em 1932. Nos Jogos Olímpicos Sul-Americanos de Montevideu (não cancelados pelo Comitê Olímpico Internacional), acontece a primeira vitória de um barco brasileiro em regata no exterior: a do Clube Esperia-SP, com os remadores Otávio Giovani e Salvatore Pastore, tendo como patrão Ernesto Cervi (Nicolini, 2001).

1910 Em 06/12, no Rio de Janeiro, a Federação Brasileira das Sociedades de Remo (sic) instituiu o Campeonato de Remadores do Brasil, em barcos de 4 remos, para ser disputado anualmente entre seus representantes e as guarnições dos Estados cujas Federações com ela mantivessem convênios. No ano seguinte, em 15/10, no Rio de Janeiro, na Enseada de Botafogo, disputa-se pela primeira vez o Campeonato de Remadores do Brasil.

1913 A partir deste ano, o Clube Esperia do rio Tietê-SP introduz em seus programas de regatas provas com mulheres (Nicolini, 2001).

1914 Em 8 de junho, no Rio de Janeiro, fundada a Federação Brasileira de Sports (sic), posteriormente Confederação Brasileira de Desportos-CBD, que passou a dirigir a maioria dos esportes praticados no país, entre eles o remo.

1916 Fundação da Liga Paulista de Remo em São Paulo-SP, aglutinando os clubes do pólo esportivo do rio Tietê. A partir deste evento várias dissidências e disputas tiveram lugar no remo paulista, culminando com a representação múltipla do Brasil nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, e com a conseqüente intervenção federal no esporte brasileiro em 1941 (ver adiante). Em 1938, houve uma "Regata da Paz" promovida pela Marinha de Guerra a fim de apaziguar os ânimos dos dirigentes do remo nacional (Nicolini, 2001).

1917 Início de um movimento entre os clubes do rio Tietê-SP no sentido da construção de barcos de remo no próprio país devido às dificuldades de importação durante a Primeira Guerra Mundial.

1920 Entre 24 e 29/08, nos VII Jogos Olímpicos em Antuérpia, as provas de remo foram realizadas no Canal Marítimo Marly, em Bruxelas. Estréia do remo brasileiro nos Jogos, na modalidade quatro com timoneiro (4+), que ainda não existia no Brasil, cuja representação não conseguiu passar das eliminatórias. Neste mesmo ano, em Porto Alegre, aconteceu o "1º Campeonato Acadêmico de Remo", na Raia dos Navegantes. Regata com 3 páreos.

1922 Em 10 de setembro, no Rio de Janeiro, no extenso programa dos Jogos de comemoração do Centenário da Independência (simultâneos com os Jogos Olímpicos Sul-Americanos, cancelados pelo Comitê Olímpico Internacional-COI) houve destaque para a Regata com 12 páreos, sendo 4 deles internacionais. Patrocínio da Liga de Sports da Marinha. Participaram remadores da Argentina, Japão, Estados Unidos, Inglaterra, Portugal, Uruguai e Brasil. Todavia este ano, em 14 de novembro, em Porto Alegre, primeira realização de um páreo oficial de veteranos, anunciado para "remadores de qualquer classe, com mais de 33 anos e afastados há algum tempo da prática do remo". Barcos a 4 remos com timoneiro, desde que não fossem do tipo outrigger. Distância – 1.000 metros. Em 1928, a idade mínima foi aumentada para 35 anos, porém de qualquer modo os "veteranos" renunciaram a criação da categoria máster no Brasil, pelo menos no remo.

1924 O Brasil participa dos Jogos Olímpicos de Paris com o barco double-skiff (2X). Nas Olimpíadas seguintes, Amsterdam-1928, não houve participação brasileira.

1927 Em 27 de novembro, no Rio de Janeiro, os Campeonatos Brasileiros de Remo passam a ser disputados na Lagoa Rodrigo de Freitas (zona sul da cidade), tendo ao fundo as instalações do Jockey Club Brasileiro que se tornaram operativas com provas de turfe no início da década de 1930.

1931 Em 22 de março, em Montevidéu, disputado o 1º Campeonato Sul-Americano de Remo com a participação do Brasil, Argentina e Uruguai.

1932 O Brasil participa dos Jogos Olímpicos de Los Angeles com os barcos dois com (2+), double-skiff (2X), quatro com (4+) e no oito com timoneiro (8+). Em 14/01 partem do Rio de Janeiro, da Praia do Vidigal, Leblon, numa yole-franche a 2 remos chamada "Flamengo", os remadores Antonio Rebello Junior (Engole Garfo), Alfredo Antunes Correa (Boca Larga) e Ângelo Gammara (Angelu) com destino a Santos-SP. Em 5 dias, 15 horas e 45 minutos, remaram 280 milhas e cumpriram o objetivo, chegando àquela cidade portuária do estado de SP, na sede do Clube de Regatas Saldanha da Gama.

1933 Em 25 de fevereiro, Antonio Rocha, 28 anos, destemido remador santista, no canoê "Itararé", partiu da rampa do Club de Regatas Tumiaru com destino ao Rio de Janeiro. Após 17 dias, em 13 de março, chegou festivamente na sede do Clube de Regatas do Flamengo-RJ, retribuindo a travessia do ano anterior.

1933 Em 28 de maio, o Campeonato Brasileiro de Remo pela primeira vez não é disputado no Rio de Janeiro, mas em Porto Alegre, na Raia dos Navegantes. Duas provas: quatro com e skiff. Em 1934, foi realizado em Santos-SP (Valongo) e em 1936 em Salvador.

1934 Em 15 de fevereiro, o double-canoê com bordas elevadas "Tudo nos une", tripulado pelos arrojados remadores Ângelo Gammara e Edgar Hungria, deixou o Yacht Club Fluminense (Niterói-RJ), com destino a Buenos Aires. Chegaram em Santos no dia 26/02 com uma série de problemas, tendo desistido da travessia. Entretanto, os remadores paulistas Antonio Rocha e José Ferreira de Andrade, com o estímulo e apoio da Folha de Santos e de A Tribuna, e a ajuda do Sr. Sabbato D'Angelo, recuperaram o barco (agora chamado de "Bandeirante") e aceitaram o desafio de conclusão da travessia. Partiram em 02/04 de Guarujá e após 45 etapas, em 4 meses e 19 dias, remando efetivamente 309 horas e vencendo 1.134 milhas, chegaram gloriosamente em Buenos Aires. Foram hospedados no Clube de Regatas La Marina, no Tigre, e homenageados pelo Presidente Argentino, General Agustín Justo.

1935 Em 20 de maio, no Rio de Janeiro, foi fundado oficialmente o Comitê Olímpico Brasileiro (sede na Avenida Rio Branco nº 137, 5º andar, sala 512), que passou a ter influência no desenvolvimento de todos os esportes organizados do país, sobretudo nas modalidades olímpicas, as quais incluem o remo. Antes desta data, havia um Comitê que operava ad hoc e reconhecido pelo COI a fim de representar os interesses das entidades esportivas brasileiras.

1936 Entre 01 e 16/08, realizaram-se os XI Jogos Olímpicos em Berlim, nos quais o Brasil indevidamente compareceu com 2 delegações nacionais – a da CBD e uma outra representante das federações "especializadas", isto é, não filiadas à entidade maior – ambas postulando-se como titulares do esporte no país. Este fato criou para o Comitê Organizador dos Jogos uma situação inédita e constrangedora, somente solucionada com a intervenção direta do Presidente da República, Dr. Getúlio Dornelles Vargas. As conseqüências deste conflito estenderam-se nos anos seguintes redundando com a emissão de Decreto Lei 3199 de 1941, o qual criou confederações especializadas por esporte, entre as quais a do remo. Nestes Jogos, o Brasil participou nos barcos single-skiff (1X), double-skiff (2X), quatro com (4+), dois com (2+), dois sem (2-) e no oito com timoneiro (8+).

1938 Em 17 de abril, em Porto Alegre, disputa da 1ª Prova Clássica Folha da Tarde – Travessia de Porto Alegre, em outriggers a 8, na distância de 4.400 metros. Esta competição tornou-se tradicional sendo realizada 37 vezes.

1940 Em 5 de novembro, em Porto Alegre, na cerimônia inaugural das festividades do Bicentenário de Fundação da Cidade, o archote da Chama do Progresso, aceso na lamparina da histórica Matriz de Viamão, foi conduzido até Porto Alegre por 50 remadores, timoneiros e dirigentes veteranos do remo gaúcho, num revezamento de 22 quilômetros, até a sede da Prefeitura Municipal.

1942 Em 25 de janeiro, em São Paulo-SP, primeira realização da Prova Clássica Fundação da Cidade de São Paulo, em outriggers a 8, classe aberta. Devido às obras de dragagem para retificação do Rio Tietê, a prova foi disputada isoladamente, contra-cronômetro, pelas cinco guarnições concorrentes. Neste evento houve um desfile náutico de 200 barcos. Nos anos seguintes, a poluição do rio aliada às obras de retificação resultou no término das competições no Tietê. Com a tradição encerrada – com ocasionais disputas realizadas até 1972 – o treinamento e as competições em São Paulo-SP passaram progressivamente para a raia de Santo Amaro (represa de Guarapiranga); raia de São Bernardo do Campo (represa de Jurubatuba); e raia olímpica da Universidade de São Paulo-USP.

1943 Em 15 de agosto, no Rio de Janeiro, em comemoração ao Dia de Nossa Senhora da Glória, foi realizada a 1ª Regata Noturna do Brasil. As Enseadas da Glória e de Santa Luzia foram iluminadas por holofotes do Exército. Mais de 100.000 pessoas disputaram os melhores lugares nas Praias do Russel e do Flamengo. Programa com 10 provas, tendo uma delas a participação de 12 yoles.

1945 Em 24 de abril, no Chile, primeira vitória de uma guarnição brasileira em águas do Oceano Pacífico, nas Regatas Internacionales de la Asociación de Clubs de Regatas de Valparaíso. Prova de out-riggers a 4; vencedor: Grêmio Náutico União, de Porto Alegre.

1945 Em 2 de julho, em Belo Horizonte-MG, inauguração da Raia de Remo da Pampulha, com 2.000 metros de extensão.

1945 Em 27 de julho, no Rio de Janeiro, fundada a Confederação Sul-Americana de Remo – CSAR.

1948 Neste ano, o Brasil participa dos Jogos Olímpicos de Londres com o barco dois com timoneiro (2+). Em 04/04, no Uruguai, em Santiago Vasquez, próximo a Montevidéu, realizado o I Campeonato Sudamericano de Remo. Inauguração do Estádio de Remo de Melilla pelo sr. Presidente da República, Dom Luis Battle Berres.

1949 Em 23 de janeiro, em São Paulo-SP, primeira realização da Prova Clássica Forças Armadas do Brasil, em outriggers a 8, classe aberta, na Raia de Jurubatuba.

1951 Em Buenos Aires, realizados os "I Juegos Deportivos Pan-Americanos" (depois renomeados Jogos Pan-Americanos). No remo, a participação de 3 guarnições do Brasil, tendo o dois-sem e o quatro-sem conquistado medalhas de prata.

1952 O Brasil participa dos Jogos Olímpicos de Helsinski com o barco dois com timoneiro (2+). Em 30/03, início da travessia Natal-Rio de Janeiro, por remadores do Sport Club de Natal e do Centro Náutico Potengi, numa yole a quatro reforçada especial. Após uma série de peripécias, o desafio foi concluído em 21/05/53.

1956 O Brasil participa dos Jogos Olímpicos de Melbourne com o barco quatro com timoneiro (4+). No Rio de Janeiro, na Regata Internacional realizada em 22/07, a prova de outriggers a 8 teve a participação vitoriosa da guarnição da Universidade de Cambridge.

1959 Em Porto Alegre, primeira disputa da Regata Clássica Sulbanco, em outriggers a 8, classe aberta, 9.000 metros. Disputada anualmente até 1972.

1960 O Brasil participa dos Jogos Olímpicos de Roma com o barco quatro com timoneiro (4+). Em Aveiro, Portugal, realização da regata dos "I Jogos Desportivos Luso-Brasileiros" no período 03 a 14/08.

1961 Em 7 de maio, em Salvador-BA, regata da "1ª Copa Norte de Remo". Em 30/09/1979 passou a denominar-se Copa Norte-Nordeste de Remo, com a participação de remadores de Brasília e Espírito Santo. Esta Copa teve uma taça doada pela Colônia Espanhola de Salvador e o jornal baiano "A Tarde" patrocinou o evento. A taça possui 950 gramas de ouro e, atualmente, uma réplica é disputada estando a original nos cofres do citado jornal.

1963 Realização dos IV Jogos Pan-Americanos em São Paulo-SP, com o remo programado para a raia de Jurubatuba; bons resultados do Brasil atuando com embarcações de fabricação nacional (quatro medalhas de prata). Este feito pode ser creditado a Ariodante Matteucci, realizador artesanal dos barcos durante a década de 1950 e 1960 em oficina instalada às margens do rio Tietê. Neste local desde o início do século já se reparavam barcos e houve a construção pioneira de alguns deles pelas mãos do carpinteiro italiano Carlos Remedi (Nicolini, 2001).

1964 O Brasil não participou dos Jogos Olímpicos de Tóquio na competição de remo.

1965 Em São Paulo, 1ª disputa da "Prova Clássica Fita Azul do Remo Brasileiro", skiffs, 2.000 metros. Promotor: Clube Espéria.

1966 Em 10 de abril, em Porto Alegre, disputa do "1º Troféu Brasil de Remo", na Raia dos Navegantes.

1968 O Brasil participa dos Jogos Olímpicos de México com o barco double-skiff (2X).

1970 Em Saint Catharines, Canadá, o Brasil participa pela primeira vez do Campeonato Mundial, com uma guarnição de quatro com timoneiro.

1972 O Brasil participa dos Jogos Olímpicos de Munique com o barco dois sem timoneiro (2-). Em São Paulo, na Cidade Universitária, inauguração da Raia Olímpica de Remo do Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo-USP, em 11/06. Representações de 8 países participaram da regata histórica. O primeiro barco a vencer na nova raia foi o quatro-com do Brasil

1973 Em Porto Alegre, na Raia do Parque Náutico, disputado o "1º Campeonato Sul-Brasileiro de Remo". Em 1979 foi transformado em Copa Sul de Remo e disputado em Curitiba, na

Raia do Parque Náutico Iguaçú. Ainda em 1973, no Rio de Janeiro, na Lagoa Rodrigo de Freitas, realizado o 1º Campeonato Brasileiro de Remo Juvenil.

1974 Em Porto Alegre, na Raia do Parque Náutico, disputado o “1º Campeonato Pan-Americano Juvenil de Remo”.

1976 O Brasil participa dos Jogos Olímpicos de Montreal com os barcos dois com (2+), dois sem (2-), double-skiff (2X). No Rio de Janeiro, realizada a “1ª Copa Latina de Remo”, com a participação de remadores de 8 países e vencida pelo Brasil.

1977 Em 25 de novembro, fundação, no Rio de Janeiro, da Confederação Brasileira de Remo–CBR e eleitos seus dirigentes. O primeiro presidente foi o Sr. Lon Teixeira de Menezes.

1979 Em 13 de fevereiro, no Rio de Janeiro, o presidente da CBR, Lon Teixeira de Menezes é reeleito.

1980 O Brasil participa dos Jogos Olímpicos de Moscou com os barcos quatro com (4+), single-skiff (1X), e four-skiff (4X). Neste ano, acontece a primeira Travessia a Remo Pelotas – Rio Grande, em águas do Canal São Gonçalo e Lagoa dos Patos-RS, em gigs a 4 remos, na distância aproximada de 60 quilômetros. Em Brasília-DF, em 06/09, no Lago Paranoá, realizada a Regata da Independência, com programa de 5 provas e a participação de remadores de 11 Federações do país.

1981 Em Curitiba, na Raia do parque Náutico Iguaçú, disputado o 1º Campeonato Brasileiro Masculino de Remo Peso Leve, skiffs, 1.500 metros.

1982 Em 5 de dezembro, em São Paulo-SP, na Raia Olímpica da USP, realizado o I Torneio de Veteranos do Remo com programa de 6 provas. Em 16/03, no Rio de Janeiro, é eleito o Dr. Renato Borges da Fonseca para a presidência da CBR.

1983 Em São Paulo, em outubro deste ano, na Câmara de Vereadores, efetuado o I Seminário do Remo Brasileiro.

1983 Em 12 de outubro, em São Paulo, na Raia Olímpica da USP, realizada pela primeira vez a prova Fita Rosa do Remo Feminino Brasileiro, criada pela CBR, para skiffs, 1.000 metros. Participaram remadoras de 6 Federações de remo do país.

1984 Em Florianópolis, na Raia da Baía Norte, disputada a I Regata Internacional Topper, com a participação de remadores de 20 clubes e entidades.

1984 O Brasil participa dos Jogos Olímpicos de Los Angeles com os barcos dois com timoneiro (2+), quatro com (4+), dois sem timoneiro (2-). Em 18/09, Amyr Khan Klink, ex-remador do Clube Espéria, concluiu a Travessia a Remo do Atlântico Sul, aproximadamente 7.000 quilômetros, em 100 dias, 6 horas e 20 minutos. Repercussão mundial.

1984 Em Natal, realizada a I Maratona de Remo–I Fita Auri-Verde, distância de 5.000 metros, em sete tipos de barcos, com handicaps, classe aberta. Também neste ano, no Rio de Janeiro, na Raia da Lagoa Rodrigo de Freitas, teve lugar o I Troféu Brasil de Remo Junior e o I Campeonato Brasileiro Feminino de Remo. Em São Paulo-SP, na Raia Olímpica da USP, com o patrocínio da CBR e do Clube Espéria, foi disputada a Primeira Fita Azul do Remo Brasileiro Feminino, skiff, 1.000 metros. No Rio de Janeiro, na Lagoa Rodrigo de Freitas, e em São Paulo, na Raia Olímpica da USP, regatas universitárias em out-riggers a 8, entre Oxford, Cambridge e Brasil (Flamengo-RJ). Dupla vitória brasileira. Em Porto Alegre, disputada a 1ª Travessia Porto Alegre – Guaíba, gigs

a 4, 16.500 metros. Participaram 6 guarnições seniores e 5 juniores; em Brasília, inauguração da primeira etapa do Centro de Remo de Brasília, no Lago Paranoá.

1985 A Federação Internacional de Remo-FISA realiza o I Campeonato Mundial Peso-Leve Feminino na Cidade de Hazewinkel – Bélgica. O Brasil está representado pelo barco single-skiff (1X). A dupla brasileira participante dos Jogos Olímpicos de Los Angeles-1984 no dois sem (2-), com os remadores irmãos Ronaldo e Ricardo de Carvalho, utiliza pela primeira vez um patrocínio privado em seus uniformes de competição. Na cidade de Indianápolis, os irmãos Carvalho sagram-se Bicampeões Pan-Americanos no barco dois sem (2-). Em 30/01 no Rio de Janeiro, é reeleito para a presidência da CBR, o Dr. Renato Borges da Fonseca.

1997 O Brasil participa nos Jogos Mundiais Universitários – Universiades – na cidade de Zagreb, Iugoslávia, e torna-se vice-campeão no barco dois-sem (2-) com a dupla dos irmãos Carvalho. O Brasil participa dos Jogos Olímpicos de Seul com os barcos single-skiff (1x), dois com timoneiro (2+), quatro sem (4-), dois sem timoneiro (2-).

1988 Em 29 de janeiro no Rio de Janeiro, é eleito para a presidência da CBR o Sr. Arlindo Donato.

1991 Em 31 de janeiro no Rio de Janeiro, é eleito para a presidência da CBR, o Sr. Rodney Bernardes de Araújo.

1992 A Confederação Brasileira de Remo e o Comitê Olímpico Brasileiro realizam no Rio de Janeiro a Regata Internacional RioEco-92, comemorativa à Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente realizada neste ano com a presença de mais de cem chefes de Estado do mundo inteiro. Nas cidades do Rio de Janeiro- RJ e Vitória- ES realiza-se o Desafio Brasil X Cambridge X Oxford, no clássico barco de oito remos com timoneiro, na distância olímpica de 2000 metros. O Brasil participa dos Jogos Olímpicos de Barcelona com os barcos dois com timoneiro (2+), quatro com (4+).

1994 Em janeiro deste ano, no Rio de Janeiro, é reeleito como Presidente da CBR, o Sr. Rodney Bernardes de Araújo.

1996 No Estádio de Remo da Lagoa realiza-se a Regata de Qualificação da América Latina para os Jogos Olímpicos de Atlanta. Este sistema marca a nova forma de classificação para os Jogos Olímpicos. O Brasil classifica o double-skiff (2X), e o four-skiff (4X) e por sua realização o país passa a ter 3 votos nas Assembléias da FISA. Quatro barcos da categoria feminina participam do evento. O Brasil participa dos Jogos Olímpicos de Atlanta com os barcos doublé-skiff (2X), four-skiff (4X).

1996 O técnico Guilherme Augusto do Eirado e Silva (Buck), campeão brasileiro e sul-americano de remo, responsável pelas equipes nos Jogos Olímpicos de 1972, 1976, 1980, 1984, 1988, falece no Rio de Janeiro e suas cinzas mortuárias são colocadas nas águas da Lagoa Rodrigo de Freitas. Em Assunção no Paraguai, o Brasil ganha a primeira prova Continental no remo feminino. O barco campeão sul-americano é o four-skiff (4X). Nas águas do Rio Negro – Amazonas, realizou-se a Travessia de Manaus, na distância de 14 quilômetros entre as Universidades de Cambridge, Oxford e Seleção Brasileira, em barcos de oito remadores com timoneiro. Esta prova foi vencida pelo barco brasileiro. Em Sevilha – Espanha, o Brasil ganha a prova do single-skiff (1X) na Regata Internacional da Andalúcia.

1997 Em 1º de fevereiro, no Rio de Janeiro, é reeleito como Presidente da CBR, o Sr. Rodney Bernardes de Araújo.

1998 Em 26 de setembro, em Florianópolis, na Baía Sul, inaugurado o “Estádio Náutico de Remo Sergio Motta”.

1999 Nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, o Brasil participa pela primeira vez com barcos da categoria feminina nas provas de Peso-leve e Peso livre. Os barcos foram double-skiff peso-leve (2X) e single-skiff (1X). Na Cidade do México – DF, o Brasil participa da Regata Classificatória da América Latina com 3 barcos masculinos e um feminino. Em Princeton–USA, na 1ª Etapa da Copa do Mundo realizada no Continente Americano, o Brasil conquistou duas medalhas de bronze, nos barcos double-skiff (2X) e no four-skiff (4X). Na Cidade do México–DF, em 11/05 é disputado o I Campeonato Pan-Americano de Remo Juniores, sendo vencedora a equipe brasileira, com 02 primeiros lugares nos barcos dois-sem (2-) e quatro-sem (4-), um terceiro lugar no barco four-skiff e um quarto lugar no double-skiff, todos em classe feminina. Obtiveram-se-se também 3 primeiros lugares nos barcos double-skiff (2X), no quatro-sem (4-) e no oito com (8+) e ainda um segundo no four-skiff (4X) e um bronze no dois-sem (2-) Total: 5 medalhas de ouro, 1 de prata e 1 de bronze.

2000 O Brasil participa dos Jogos Olímpicos de Sydney com o barco single-skiff (1X).

2001 Em 31 de janeiro, no Rio de Janeiro, é reeleito como Presidente da CBR, o Sr. Rodney Bernardes de Araújo

2002 Na Cidade de Curitiba, 1º de dezembro são disputados os Jogos Desportivos Sul-Americanos, onde o Brasil reconquistou a hegemonia do continente, após 14 anos de disputas.

Situação atual Atualmente, o Remo é praticado no país em 53 clubes, distribuídos por 13 Estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia, Distrito Federal, Pernambuco, Sergipe, Rio Grande do Norte, Pará e Amazonas. O contingente de pessoas participantes desta modalidade é de cerca de 5.500 remadores, 38 técnicos, 30 carpinteiros náuticos e 46 funcionários administrativos. Existem aproximadamente 1.860 barcos de variados tipos, em utilização. A Confederação Brasileira de Remo até o ano de 2003 possuía 1.820 atletas registrados, sendo 246 do sexo feminino e 1.574 do sexo masculino. Os Clubes formadores de atletas na década de 1990 atravessaram sérios problemas financeiros, acarretando um forte desinteresse pela modalidade. Sendo o Remo pouco praticado no âmbito universitário e estudantil, perde desta forma uma fonte importante de renovação de seus quadros. Deve-se registrar o elevado custo do material competitivo em sua grande parte importado.

A falta de gestão profissional também teve uma forte influência para afastar a modalidade de sua popularização e das outras opções de participação e entretenimento. Contudo, há iniciativas de inclusão social que vêm oportunizando a prática do remo a uma faixa da população que até então se via excluída desta oportunidade, em virtude das dificuldades financeiras. O repasse de recursos financeiros aprovados pela recente Lei Agnelo/Piva (2002) tem dado condições à CBR na manutenção de uma Seleção permanente e a aquisição de material para o treinamento e intercâmbio com centros mais avançados.

Fontes Licht, Henrique, O remo através dos tempos. Corag / SEC- RS/Porto Alegre 1986 Nicolini, H., Tietê – O Rio do Esporte. Phorte Editora, São Paulo, 2001; Borges, Maury Dal Grande, Remando nas Águas da História. Megaprint-SC, 2002; Cadastro da Confederação Brasileira de Remo – CBR/RJ. www.ussu.net/rowing/history.htm

Esportes hípicos

MARTHA ROESSLER E BJARKE RINK

Equestrian sports

The use of horses by human beings has been a historical means of settlement and civilization and the equestrian sports of today have kept this tradition through their rituals and procedures. Brazil is one of the countries that have equestrian traditions. Equestrian Tournaments started in the 17th century, when the Dutch occupied the Brazilian Northeast. Horsemanship as an organized sport has become more evident in the military institutions of Rio de Janeiro since 1810. The local press has also registered races since 1814. The Clube de Corridas (Club of Races) was created in RJ in 1847. The foundation of academic schools of horsemanship following

Equitação

Definições e Origem A equitação pode ser compreendida como atividade esportiva de competição e de lazer. As modalidades esportivas praticadas no Brasil seguem quatro vertentes mais ou menos definidas: o Hipismo Clássico, o Hipismo Rural, a equitação de lazer e a equitação terapêutica. As atuais provas do Hipismo Clássico foram formatadas pelas cavalarias da Europa entre 1500 e 1900 da nossa era, e representam o treinamento militar (CCE), equitação-arte (Adestramento) ou competições esportivas (Salto e Pólo). As provas de Hipismo Clássico mais praticadas no Brasil são o adestramento, CCE, enduro, pólo e volteio. A origem da equitação situa-se há cerca de 6.000 anos nas estepes da Ásia Central em consequência da simbiose biológica da espécie *Homo Sapiens* com o *Equus caballus*. Esta simbiose causou um tal impacto sobre as relações humanas que todas as atuais civilizações de vanguarda foram formadas na Era Eqüestre, que vicejou de 1500 antes de Cristo até 1900 d.C. As sociedades desprovidas de cavalos jamais ultrapassaram a condição de cidade/estado. Tal importância para o desenvolvimento da civilização preserva-se até hoje nos rituais e procedimentos dos esportes hípicos. E, entre os países que possuem tradições eqüestres insere-se o Brasil, cuja memória esportiva pode ser tematizada como se segue de modo resumido, com base em Rennyldo Ferreira (2003).

1641 O mês de abril deste ano marca o início da equitação esportiva no país quando se realizou o Torneio de Cavalaria por ordem do governador-geral, príncipe Maurício de Nassau, em Cidade Mauricea, Pernambuco. Participaram da competição cavaleiros holandeses, franceses, alemães, ingleses, portugueses e brasileiros. A época era do domínio holandês no nordeste brasileiro, mas os portugueses e brasileiros foram os vencedores da competição.

Séculos XVIII e XIX Neste período eram comuns as cavalgadas e os torneios esportivos informais (corridas, simulações de combate e disputas com lança e espada contra bonecos de palha) em diversas regiões do Brasil. A equitação como atividade esportiva organizada tornou-se mais evidente desde 1810 uma vez que a então Academia Real Militar, que formava oficiais do Exército, a incluía entre suas disciplinas, em conjunto com a esgrima e a natação. Além disso, no Rio de Janeiro-RJ, em especial, registram-se notícias na imprensa local sobre corridas rasas, desde 25 de maio de 1814. Em 1847, cria-se o Clube de Corridas também no RJ, que teve como primeiro presidente Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias. A partir deste evento e reconhecendo a importância do cavalo como arma de guerra, o Governo Imperial – por iniciativa de Caxias – procurou melhorar a criação nacional, importando da Europa garanhões puro sangue inglês (PSI). Em São Paulo-SP, outra personalidade incentivava as corridas no Campo da Luz: a Marquesa de Santos, que descobrira o prazer de montar a cavalo em 1830. O campo da Luz deu origem, em 1875, ao Clube de Corridas Paulistano, que mais tarde passou a se chamar Jockey Club da Mooca, o precursor do atual Jockey Club de São Paulo.

1863 A prática da equitação acadêmica foi introduzida no Brasil pelo brasileiro Luiz Jácome de Abreu e Souza, que estudara na Inglaterra, onde assimilou os princípios eqüestres do Duque de Newcastle, tornando-se um respeitado especialista em hipologia, criação e corridas de cavalos. Embora montar a cavalo já fosse uma prática generalizada no Brasil, não se implantara, todavia uma preparação baseada num adestramento racional e sistemático, como

traditional European styles took place in São Paulo-SP, in 1906, led by French masters, and in Rio de Janeiro, in 1911, by initiative of the Brazilian Luiz Jácome. The Confederação Brasileira de Hipismo (Brazilian Equestrian Sports Confederation - CBH) was created in 1941. The Brazilian equestrian team went for the first time to the Olympic Games in London in 1948. Equestrian sports are today managed in Brazil by 18 state federations linked to CBH, which had 8,857 registered athletes in 2002: 7,035 of Jumping; 1,185 of Eventing, and 637 of Dressage. In the statistics of the Fédération Equestre Internationale-FEI, Brazil stands out among

já ocorria na Europa, em diferentes escolas como Versalhes (1680), Espanhola de Viena (1735) e de Cavalaria de Saumur (1834). Em 1869, Jácome foi contratado como professor da princesa Leopoldina e agraciado pela Família Imperial com o posto de capitão honorário da Guarda Nacional, em reconhecimento às suas qualidades como mestre e à contribuição para a difusão da equitação acadêmica. A simpatia da Corte pela equitação teve influência da princesa Leopoldina, que em suas aulas e cavalgadas, pela Quinta da Boa Vista-RJ era acompanhada pelos aristocratas.

1900 A partir deste ano, Jácome começa a difundir os princípios do Duque de Newcastle no Regimento de Cavalaria de São Cristóvão, na cidade do Rio de Janeiro. Entre seus discípulos estavam os tenentes Armando Baptista Jorge, Lacerda Gama, Lima Mendes, Euclydes Figueiredo, Orozimbo Pereira e Antônio da Silva Rocha, nomes que hoje figuram em picadeiros de adestramento de todo o país. Antes da 1ª Grande Guerra, Lima Mendes e Euclydes Figueiredo participaram também de cursos de equitação em Hannover, Alemanha. Em 1911, Jácome cria um dos primeiros clubes hípicos do Brasil, o Club Sportivo de Equitação – hoje Centro Hípico do Exército, localizado na Avenida Bartolomeu de Gusmão, no Rio -, nos terrenos das antigas cocheiras dos animais da princesa Leopoldina, formando com o clube hípico da Rua Silva Jardim (1909) e o Centro Hípico Brasileiro, na Praia Vermelha (1910), a base da equitação esportiva do Rio de Janeiro.

1906 Em São Paulo, o então secretário de Justiça e Segurança Pública do Estado, Washington Luís, contrata uma Missão Militar Francesa para instruir a tropa da Força Pública. Com a chegada da Missão, os cavaleiros civis, que antes se dedicavam principalmente às cavalgadas, jogos das rosas, caça à raposa e corridas, passam a se interessar pelo salto de obstáculos, utilizando a área central do velódromo da cidade para as competições. Para aprender a saltar, os civis se organizam para fundar uma sociedade hípica e assim surgiu, em 1911, a Sociedade Hípica Paulista-SHP, com sede no bairro da Aclamação de São Paulo-SP.

Modalidades de hipismo clássico

Origens O hipismo apareceu pela primeira vez como demonstração nos Jogos Olímpicos de Paris-1900, passando a ser reconhecido oficialmente como esporte olímpico nos Jogos de Estocolmo-1912. Em 19 de dezembro de 1941 foi criada a Confederação Brasileira de Hipismo-CBH por iniciativa das Federações Paulista de Hipismo (SP), Hípica Metropolitana (RJ) e Hípica Fluminense (Niterói-RJ). A equipe do Brasil se fez representar pela primeira vez em Jogos Olímpicos em 1948, nas Olimpíadas de Londres. Em 1950, foi organizado o Concurso Hípico Internacional do Rio de Janeiro, um evento bem sucedido que consolidou a representatividade dos esportes hípicos brasileiros. Antes desses três marcos do esporte nacional houve uma longa e profícua jornada de desenvolvimento dos esportes hípicos tendo como base o Rio de Janeiro e São Paulo, tanto no meio militar como no civil como se registra a seguir.

Salto / *Jumping*

Definição e Origens O salto é uma prova praticada em pista de areia ou grama, onde o cavaleiro deve transpor de 12 a 15 obstáculos (postes duplos e paralelos, fosso de água com 5 metros, barras

the 118 nations affiliated to FEI that have the highest number of horses for competition. Brazil occupies the 13th position among the countries that organize international competitions, and 2nd position in the Pan-American scene (see graphs and table). However, Brazil is top country in the world in the so-called horse industry: 30 associations control horse breeding, which sum up around 30,000 animals, generating one job for each six horses. As a result, Brazil is an important well-bred horses exporter. The portion of the GDP (gross domestic product) related to the horse industry is estimated to be around US\$2.5 billion.

triplas, muros de tijolos, cercas e encostas), distribuídos por um percurso de 700m a 900m. Cada cavaleiro faz duas passagens pelo mesmo percurso. Uma característica da prática da equitação do início do século XX foi a dedicação dos militares à equitação clássica, mais especificamente ao salto. Um marco de mudança foi a vinda para o Brasil, em 1906, da Missão Militar Francesa – René Demirgian e Frédéric Stattmüller- para instruir a tropa da Força Pública. Os cavaleiros civis então, interessados em aprender a saltar de acordo com as técnicas da equitação francesa, se reuniram e fundaram, em 1911, a Sociedade Hípica Paulista-SHP, no bairro da Aclimação, em São Paulo-SP. Entre os melhores representantes da SHP nesse período estão Guilherme e Eduardo Prates, filhos do Conde de Prates, então presidente da SHP, Celso Correa Dias e a amazona Candinha Prates que montava de lado, em seleta especial. A presença e o desempenho das mulheres brasileiras nas provas de salto merece destaque especial. Contemporânea de Candinha Prates, outra paulista, Graziela Porchat, também montava de lado. Essas duas mulheres marcaram a presença feminina nas provas de salto até o final da década de 1930. Em 1920 é introduzida a prova de CCE no Brasil. Em 1922, o Rio de Janeiro-RJ foi sede do primeiro concurso de salto internacional (CSI) e Clóvis Camargo bate o recorde brasileiro de salto em altura com a marca de 2m30.

Década de 1930 Este período é marcada por um grande número de competições em São Paulo-SP, quando ficou evidente o aperfeiçoamento do estilo de salto dos cavaleiros que seguiam o modelo preconizado por Federico Caprilli, capitão do exército italiano.

Década de 1940 O Rio de Janeiro, neste estágio, se destacou na promoção e provas de salto aumentando muito o número e a qualidade dos participantes civis, entre eles Roberto Marinho, jornalista já de renome nacional. Mulheres arrojadas também faziam parte desse grupo, como Nair Aranha e Vera Alegria. Nessa época, a paulista Antonieta Revoredo tornou-se a primeira mulher a transpor 2 metros no salto em altura. O nome de Roberto Marinho se destacou no cenário hípico não só como atleta mas também por ações que promoveram a equitação clássica brasileira nos anos seguintes. Após a 2ª Guerra ele trouxe para a Sociedade Hípica Brasileira, no Rio de Janeiro, o capitão de cavalaria polonês Roman Polorowsky que marcou época e contribuiu muito para a formação de vários e eficientes cavaleiros e, principalmente, amazonas. Neste estágio, a Escola de Equitação do Exército foi reaberta em sede própria, em Realengo – RJ, oferecendo curso de formação de instrutores voltado para oficiais, mas com pelo menos dois civis incluídos em cada turma. Foram formados cavaleiros de nível internacional, respeitados instrutores e dedicados homens de cavalo que fundaram muitas das agremiações brasileiras e tornaram-se dirigentes de clubes, federações e da própria Confederação Brasileira de Hipismo-CBH. Em 1949 José Bonifácio Amorim bate o recorde no salto em altura com a marca de 2m17 e Antonieta Revoredo bate o recorde feminino com a altura de 2m00.

Década de 1950 No primeiro ano desta década, no Rio de Janeiro-RJ, acontece o primeiro destaque brasileiro em provas de adestramento com a participação de Rubem Continentino, no Concurso Hípico Internacional-CHI do Rio de Janeiro. Em 1951, Anísio Rocha, com Adonis, conquistam o quarto lugar no CCE durante os Jogos Pan-Americanos de Buenos Aires. Em 1952, nos Jogos Olímpicos de Helsinque, o Brasil conquista um quarto lugar individual com Eloy/Biguá e um quarto lugar por equipe. Em 1956,

a equipe brasileira que participou dos Jogos Olímpicos de Estocolmo-Hipismo (a sede dos Jogos foi em Melbourne, Austrália) foi composta por dois militares, Eloy Menezes e Relylto Ferreira, e por dois civis, Pedro Lopes Corvello e Neco – Nelson Pessoa, até hoje um dos maiores nomes do hipismo mundial. Neco classificou-se em décimo lugar. Em 1959, a equipe brasileira de salto – Neco, Carvalhinho, Francisco Leite Neto e Relylto- ganham a medalha de prata nos Jogos Pan-Americanos de Chicago. Em 1963, São Paulo foi sede dos Jogos Pan-Americanos e o hipismo brasileiro participou das provas de adestramento (6º, 7º e 8º lugares), CCE (7º lugar) e salto (5º lugar por equipe e 7º lugar individual com Antônio Alegria).

Década de 1980 O investimento na formação dos cavaleiros tornou-se mais evidente a partir desta década, quando a Confederação Brasileira de Hipismo-CBH, a exemplo do que já ocorria em São Paulo, procurou levar o hipismo ao público leigo do restante do Brasil, promovendo provas fora dos clubes hípicas. Uma figura que merece destaque nesse período é a de Paulo Gama Filho que, em sua gestão como presidente da CBH, estimulou as federações a organizarem competições em praça pública. Várias cidades como Salvador, Recife, Belém, Goiânia, Anápolis, Petrópolis, Miguel Pereira e Paty do Alferes realizaram torneios com essa orientação. Na cidade do Rio de Janeiro, muitas provas foram disputadas no Parque da Cidade e no Barra Shopping, de acordo com o plano do Concurso Hípico em Arena Pública-CHAP. Paulo Gama Filho deu continuidade à sua iniciativa e, em 1982, incentivou a realização de estudos com o objetivo de estabelecer um sistema de trabalho semelhante ao Hunter Seat Equitation (vitorioso sistema norte americano), para melhorar a formação dos cavaleiros brasileiros. Como resultado, houve a primeira clínica “Sul América Equitation”, com a participação de conceituados instrutores norte-americanos. A década de 1980 foi marcada pelo surgimento de importante quantidade de novos clubes, manéges, haras e centros eqüestres em todo o Brasil, principalmente no eixo Rio-São Paulo. As equipes brasileiras passaram a se destacar nas principais provas de salto internacionais como, por exemplo, na Copa das Nações, em Aachen 1987, com o 3º lugar por equipe, com a participação de uma mulher, e Neco (Nelson Pessoa) vencendo o GP da Europa em 1989.

Década de 1990 Esta década é citada como áurea do salto, pelos triunfos dos brasileiros pelo mundo. Destaque para o nono lugar individual de Rodrigo Pessoa, em 1992, nas Olimpíadas de Barcelona, cavaleiro mais jovem a participar de uma Olimpíada. Em 1995, nos Jogos Pan-Americanos de Mar Del Plata, o Brasil tornou-se expressão máxima no salto, no continente americano, quando conquistou a medalha de ouro por equipe e o quarto lugar individual. O sonho de uma medalha olímpica no salto foi concretizado com a conquista do terceiro lugar por equipes na Olimpíada de Atlanta, em 1996. Em 1999 a equipe brasileira sagrou-se tetra-campeã nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg. O final do século XX foi marcado por dois fatos significativos para o Brasil nas provas de salto: o cavaleiro Rodrigo Pessoa ocupando o segundo lugar no ranking mundial de saltos da Federação Eqüestre Internacional-FEI, atrás apenas do suíço Willi Mellinger, e o Brasil inteiro à frente dos aparelhos de televisão, à meia noite, torcendo por Rodrigo Pessoa e Baloubet du Rouet, última chance de uma medalha de ouro nas Olimpíadas de Sidney. O resultado não foi o esperado mas, ainda assim André Johannpeter conquista um honrado e muito bem colocado 4º lugar individual.

Situação Atual O salto sempre foi o esporte eqüestre mais lembrado pela mídia e é o que tem mais patrocinadores privados. Apenas a Associação Brasileira de Hipismo Rural-ABHIR, por exemplo, distribuiu 200 mil reais em premiações em 21 eventos organizados durante a temporada de 2001. Tanto em nível nacional quanto estadual, o hipismo de base tem recebido a atenção dos dirigentes, com a equitação fundamental recebendo seus próprios campeonatos. No estado de São Paulo, 35 provas para escolas de equitação foram previstas para a temporada de 2002. A Federação Paulista de Hipismo-FPH indica uma tendência de aumento de 20% anual de cavaleiros e cavalos registrados, o que equivale, em 2002, a 1.150 cavalos e 680 cavaleiros. Segundo Leschonski (2002), a atividade base é tanto causa como conseqüência dos resultados internacionais de duas medalhas de bronze olímpicas por equipe, um campeonato mundial individual e o tri-campeonato da Copa do Mundo. Ainda que boa parte desses resultados seja de cavaleiros brasileiros radicados

no exterior, essas conquistas estão certamente ligadas ao interesse dos jovens cavaleiros e Amazonas do Brasil.

Adestramento / *Dressage*

Definições e Origens Na prova de adestramento o atleta percorre uma área demarcada de 60m de comprimento por 20m de largura, devendo executar, dentro de um limite de tempo, uma série de figuras (chamadas reprises), que podem ser em círculos, movimentos diagonais e outras formas geométricas. Em 1955, no Rio de Janeiro, aconteceu o 1º Campeonato Brasileiro de adestramento, com uma acirrada disputa entre Rio e São Paulo. Em 1963, São Paulo foi sede dos Jogos Pan-Americanos e o hipismo brasileiro participou das provas de adestramento (6º, 7º e 8º lugares), CCE (7º lugar) e salto (5º lugar por equipe e 7º lugar individual com Antônio Alegria). No Adestramento clássico Gérson Borges é um dos maiores nomes da modalidade. Sylvio Marcondes de Rezende e Jorge Ferreira da Rocha foram os dois únicos brasileiros a participar de uma olimpíada nesta modalidade.

Concurso Completo de Equitação – CCE / *Eventing*

Definições e Origens Esta modalidade é o triatlo eqüestre nas categorias superiores com três provas nas quais, além do salto e do adestramento, os cavaleiros participam de um “cross country” que inclui saltos de obstáculos naturais (troncos, cercas viva, tanque d´água), subida e descida de rampas. A prova do primeiro dia é de Adestramento, numa versão simplificada de 6 minutos. No segundo dia, é realizada uma prova de fundo, com duas fases de trote de 12 a 15 quilômetros na velocidade de 220 m por minuto. A fase de cross-country de 3 a 8 quilômetros com até 40 obstáculos “naturais” a uma velocidade de 550 a 690m por minuto num percurso total de até 24 quilômetros com seis a nove obstáculos fixos, construídos ou naturais. O terceiro dia é encerrado com um concurso de Salto, num percurso de até 700 metros montado com até 12 obstáculos artificiais. O CCE faz parte da programação olímpica. Em 1948, em Londres, o Brasil participou da prova de CCE. Ainda neste ano, aconteceu a primeira apresentação oficial de adestramento no Brasil.

Volteio / *Vaulting*

Definições e Origens O volteio se apresenta de diversas formas, dependendo da cultura e do contexto onde é realizado, como por exemplo o volteio circense, o volteio turco e o volteio western. Enquanto esporte olímpico trata-se de uma atividade acrobática na qual um grupo de volteadores, ou um volteador, executam exercícios sobre um cavalo a galope em arena circular fechada. Tais exercícios apresentam componentes de dificuldade acrobática, precisão na execução e estética, devendo integrar-se harmoniosamente com os movimentos do cavalo. No Brasil, o volteio foi utilizado inicialmente como exercício militar nas Cavalarias para depois ser introduzido como esporte pelo Tenente Manuel Henriques em 1978, no Departamento Hípico do Clube de Campo de São Paulo-SP. Em 1982, Priscila Botton iniciou um trabalho que resultou na primeira participação de uma equipe brasileira em concursos internacionais de volteio, a partir de 1985.

Enduro / *Endurance*

Definições e Origens O enduro é uma prova que tem sua origem ligada aos mensageiros reais ou de companhias privadas que cumpriam longas distâncias a cavalo, no menor tempo possível, respeitando, porém a capacidade física de seu cavalo. Entre as provas antes citadas, o enduro é a única não olímpica. A primeira prova de enduro que se tem conhecimento no Brasil, aconteceu em 1989.

Pólo / *Polo*

Definições e Origens Trata-se de um dos mais antigos esportes eqüestres, um dos poucos a ser jogado com uma bola, e o único que não surgiu da equitação trabalho. O pólo é praticado numa pista de 275x180 metros e é um dos jogos mais velozes e mais difíceis hoje existentes. O jogo dura menos de uma hora e é dividido em tempos de sete minutos e meio chamados de chukkas. A partida é disputada entre dois times com quatro jogadores cada. Os jogos, de acordo com seu nível, são divididos em quatro, cinco ou seis chukkas. Os

cavalos são trocados a cada chukka, e nenhum animal joga mais de dois chukkas por partida. Ganha o time que fizer mais gols. Este esporte apareceu, provavelmente, na China e de lá foi introduzido na Pérsia e na Índia. A sua etimologia vem de pulu, a palavra Tibetana para bola. Na Pérsia antiga o pólo era jogado por cavaleiros e Amazonas. O pólo só chegou às sociedades ocidentais no século XIX, quando oficiais e funcionários do governo britânico em visita à Índia aprenderam o jogo com as tropas nativas. O primeiro clube da modalidade foi fundado no vale de Cacher em Manipur, fronteira da Índia com a Birmânia. O pólo chegou ao Brasil na década de 1930, trazido por empresários entusiastas do esporte na Europa. Com a revolução de 1932 em São Paulo, houve uma queda no número de participantes somente recuperado nos anos de 1970 como resultado das facilidades concedidas pelo governo brasileiro quanto à importação de cavalos e estímulo ao intercâmbio com criadores e jogadores argentinos, líderes deste esporte na América Latina.

Situação Atual Hoje, o pólo tem aproximadamente 500 participantes no Brasil, sendo 50% deles no Estado de São Paulo. Os outros estão no RS, RJ, MG e Brasília. Em São Paulo, a região de Helvetia, no município de Indaiatuba, a 100 quilômetros da capital, é o maior centro de concentração de campos de pólo do Brasil. Ao todo, o município tem 22 campos oficiais, distribuídos em fazendas particulares e clubes que organizam torneios disputados durante o ano inteiro. O segundo maior centro está em Orlandia-SP, nas proximidades de Ribeirão Preto, onde a temporada começa em março e termina em novembro, com jogos todos os sábados e domingos.

Hipismo rural / *Western*

Definições e Origens São consideradas modalidades de Hipismo Rural as atividades eqüestres que surgiram em torno da lida com o gado em campo aberto, como a vaquejada, e o trabalho realizado no curral como a apartação. O esporte nasceu com brincadeiras nas fazendas, nas festas de bairros, nas exposições em pequenas cidades, através das gincanas, provas de cadeira, de argola, de botina, nas vaquejadas, etc. Vendo a habilidade dos cavalos e a possibilidade de melhor explorar esse potencial, algumas pessoas iniciaram as primeiras provas que tinham como objetivo superar obstáculos naturais, vencer distâncias através de picadas, desafiar morros, ou simplesmente exibir peripécias nas rédeas.

1970-71 Um grupo de fazendeiros das regiões de Mococa, Avaré e Franca em SP, liderados pela família Rossetti, começou a promover corridas entre fazendas. O objetivo era vencer um percurso livre entre dois pontos fixos (partida e chegada) no meio do pasto, atravessando um rio, abrindo cercas e enfrentando outros obstáculos naturais, como descer e subir barrancos. A equipe vencedora era a que chegasse na frente, depois de percorrer cerca de três quilômetros. Partidários de emoções fortes, cavaleiros se empolgaram e montaram um regulamento, introduzindo na disputa as figuras de tambor e baliza, em que os cavalos demonstravam suas características funcionais, numa prova ao cronômetro chamada de “corta-mato”. Este tipo de competição virou mania e, com a evolução, nasceram novos critérios, como a introdução da margarida, do coração e do recuo. Enfim, a prova foi dividida em cross, rédeas e salto/picadeiro.

1979 Neste ano, o esportista Pedro Victor Delamare, junto com Ricardo Lenz César, Ricardo Gonçalves e Gilberto e Olímpio Rossetti, começou a promover competições mais organizadas, iniciando em Campos de Jordão-SP, a prova cavalo completo rural. Delamare conseguiu então organizar o primeiro torneio com patrocínio.

Décadas de 1980 – 1990 Em 1980, os criadores de cavalos árabes realizaram o primeiro torneio funcional da raça. Em 1982, a competição foi aberta para todas as raças. Em novembro, os participantes das competições fundaram uma entidade para agregar o esporte, batizado com o nome de “hipismo rural” pelo jornalista Chuck Woodward, diretor da revista “Hippus” à época. Assim nasceu a Associação Brasileira de Hipismo Rural-ABHIR, que teve como primeiro presidente o sócio fundador Nicolau Lunardelli Filho (Nick Lunardelli). No começo as provas eram muito simples. Praticamente se montava, passava por obstáculos simples e naturais, contra o cronômetro. Com a evolução técnica das pistas, os obstáculos ficaram mais difíceis, ao mesmo tempo em que se criaram as barreiras de segurança e foi fixado um tempo. Com o crescimento da entidade

foram criadas as regionais, inicialmente com as categorias: mirim, e performance. Com a evolução técnica dos cavaleiros, das amazonas e dos animais, a ABHIR ampliou o seu campo de atuação e passou a dominar outras modalidades do hipismo: o salto e o concurso completo de equitação – CCE. O hipismo rural evoluiu e se consolidou como esporte hípico brasileiro, criando as bases de sustentação do CCE, que é um esporte olímpico. Atualmente um grande número de cavaleiros da ABHIR possui experiência internacional e muitos já detêm expressivos resultados em competições de CCE no exterior. O hipismo rural envolve hoje as categorias: escola, mirim-mirim, nível I, nível II, mirim, júnior, máster, performance e força livre. A modalidade de salto também evoluiu muito levando a bons resultados em competições contra o cronômetro nas categorias 1,10m – 1,20m. A entidade já mantém com grande número de participantes, a categoria IV em seu campeonato nacional de salto, com prova de 1,30m e desempate a 1,40m.

Situação Atual Em anos recentes, a ABHIR está organizada em sua matriz em São Paulo e em sete importantes regionais: oeste-paulista, centro-paulista, leste, vale do rio pardo, centro-paranaense, Rio de Janeiro, e Minas Gerais. Conta com três departamentos: hipismo rural, salto e CCE.

Rédeas / *Driving*

Definições e Origens Também conhecida como “adestramento do cowboy”, é o esporte eqüestre inspirado na equitação western, de origem mexicana, na qual o cavalo e o cavaleiro aprendem as manobras radicais—spins, turns, esbarros e rollbacks—necessários para manejar o gado no curral. A modalidade rédeas foi aprovada como esporte olímpico e sua estréia está marcada para os Jogos de Atenas em 2004. A Associação Nacional de Cavalos de Rédeas-ANCR foi fundada em 1989 e com sua sede em Bauru-SP. A ANCR tem como objetivo promover e fomentar o desenvolvimento do cavalo de Rédeas no Brasil. É uma modalidade chancelada pela FEI, incluída nos Jogos Eqüestres Mundiais a partir de 2001, na Espanha, além dos Jogos de Atenas-2004.

Vaquejada / *Rodeo*

Definições e Origens Esporte de origem ibérica/mourisca cujo objetivo é derrubar um boi pelo rabo numa carreira de 100 m. A partida tem início com a soltura do boi de um brete que é então perseguido por dois cavaleiros que se emparelham com o animal posicionando-se um de cada lado. Um deles pega o rabo do boi, enrola a ponta na mão, abre o ângulo do galope e executa o derrube na faixa de dez metros marcado com duas linhas de cal. A missão do segundo cavaleiro—o “esteira”—é manter a carreira do animal em linha reta para evitar o zigue-zague e um possível acidente.

Outras Modalidades Argolinhas, Corridas em dupla, Horseball, Três tambores, Cinco tambores, Seis balizas, Maneabilidade e

agilidade, Apartação, Laço ao bezerro, Equitação portuguesa, Western pleasure, Team penning etc.

Esportes hípicos / *Equestrian*

Situação atual Em termos institucionais, os esportes hípicos são administrados no Brasil por 18 federações estaduais (dado do final de 2003), todas vinculadas à Confederação Brasileira de Hipismo-CBH, filiada por sua vez ao Comitê Olímpico Brasileiro-COB e, no exterior, à *Fédération Equestre Internationale*-FEI. Esta rede de instituições estaduais possuía 8.857 atletas registrados em 2002, sendo 7.035 de saltos; 1.185 de CCE; e 637 de adestramento (COB, 2002). Como havia um total de 541 atletas registrados em 1971 na CBH (DaCosta, 1971), os atletas filiados foram multiplicados 16 vezes nas últimas três décadas. Nestes números – “praticantes regulares”, segundo a FEI – não estão incluídos os praticantes não filiados (“praticantes ocasionais”), geralmente mais voltados para o hipismo de lazer e que totalizam quantitativos bem superiores aos de competição como constam das estatísticas da FEI. Tal particularidade do Brasil, em face aos esportes hípicos, lhe dá uma condição inusitada na comparação internacional: o país destaca-se entre as 118 nações filiadas à FEI que possuem maior número de cavalos de competição, mas está fora do grupo que possui maior número de praticantes ocasionais (ver gráficos e comentários adiante). Mesmo assim, a representatividade esportiva do Brasil aparece de forma positiva nos dados oficiais da FEI, que atribuem ao país um 13º lugar entre aqueles filiados que organizam competições internacionais (Tabela 1), sendo superado em âmbito pan-americano apenas pelos EUA. Hiato de informação à parte, há evidências que houve uma grande expansão nas atividades hípicas em períodos recentes no Brasil. E a explicação primária deste fato reside no simples crescimento da atividade econômica: todos os esportes, além das suas funções educativas, recreativas e terapêuticas têm também significativo impacto sobre a economia de um país e vice versa.

A capacidade dos esportes em dinamizar a indústria e gerar empregos faz deste setor um dos mais desejáveis de uma sociedade moderna. E sob o aspecto econômico nenhum outro esporte pode se comparar com os esportes eqüestres, porque nenhum se desdobra em tantas atividades diferentes. A Indústria Eqüestre, que oferece os produtos e serviços para os esportes eqüestres Clássicos e Rural, reúne dezenas de setores da indústria, comércio, e serviços para a equitação. A Indústria Eqüestre pode ser dividida em dois setores principais: a *Indústria da Equitação*, que abrange as empresas e profissionais que fabricam produtos e oferecem serviços para o equitador e o seu cavalo; e a *Indústria do Cavalo* que produz os cavalos para a equitação. A *Indústria da Equitação* reúne os clubes hípicos, centros eqüestres, escolas de equitação, federações eqüestres, editoras de livros, revistas, jornais, programas de televisão, selarias, alimentação, saúde eqüina, transportes, turismo, vestuário e produção de vídeos etc. Cada setor é desdobrado em

ramos de atividades. O ramo de serviços, por exemplo, é dividido em empresas de eventos, empresas de leilões, empresas de publicidade, construtores de pistas, consultores agropecuário/científico/genealógico, pintores de placas, ferrageadores, treinadores, adestradores, fotógrafos, hipoterapeutas, hospedagem de cavalos, laboratórios, leiloeiros, locutores, maquiladores, rodeios, seguros, shows, etc. Cada ramo da indústria da equitação pode novamente ser desdobrado nas empresas especializadas que a compõe. Por exemplo, no Brasil são 187 as Escolas de Equitação Clássica, Western e de Volteio; em 2001 promoveram cerca de 550 competições; as principais escolas e centro de treinamento ficam em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, e Paraná. O ramo de serviços cresceu cerca de 8% ao ano durante os últimos sete anos.

A segunda parte da Indústria Eqüestre, a *Indústria do Cavalo*, também é dividida em setores: associações de registros, criadores, alimentação do cavalo, clínicas veterinárias, produtos de limpeza, cosméticos, manejo, infra-estrutura do haras, empresas de leilões, lojas agropecuárias, máquinas, parques de exposições, selarias, clínicas de saúde eqüina, transporte de animais etc. Cada um destes setores pode ser desdobrado em seus ramos de atividades. Por exemplo, o Registro Genealógico é um ramo da Indústria do Cavalo com cerca de 30 associações que controlam as raças de cavalos criadas no Brasil. Cada associação pode ser novamente desdobrada no seu número de criadores e no total de animais registrados. Os cavalos das raças criadas no Brasil totalizam cerca de 800 mil animais. A indústria do cavalo cumpre com rara eficiência a sua função social: cria empregos no campo, ajudando a estancar a emigração campo/cidade; emprega uma proporção de mão de obra superior a pecuária leiteira: 1 funcionário para cada 6 cavalos; o haras é um empreendimento rural de produção intensiva que requer relativamente pouca área para se tornar produtiva: cerca de 2 cavalos por hectare; nos haras e nas fazendas o contratante oferece casa, luz e água para o contratado, coisas que poucas indústrias urbanas fazem. Se, ou quando, a Indústria Eqüestre brasileira apresentar um faturamento semelhante ao da indústria brasileira de carne, como ocorre nos EUA, a sua contribuição ao PIB seria de cerca de 2.5 bilhões de dólares. Cifra importante para um país que só agora está começando a compreender o potencial educativo, social, e econômico dos seus esportes eqüestres. A Indústria Eqüestre brasileira tem excelentes perspectivas de faturamento e a Indústria do Cavalo começou a apresentar sinais de reaquecimento em 2000, depois de um forte esfriamento em 1994.

Fontes Reynaldo Ferreira. História do Hipismo Brasileiro, 1999 (recuperado em 2003 no site da CBH, em www.cbh-hipismo.com.br); www.polobrasil.com.br; www.fph.com.br; COB. Diagnóstico e Análise das Modalidades Olímpicas, RJ. 2001; DaCosta, L.P. Diagnóstico da Educação Física e Desportos no Brasil. MEC, Brasília, 1971; FEI World-Wide Survey, FEI, Lausanne, 1999.

Tabela 1 / Table 1

Número de eventos internacionais por país organizador, 1994 – 2000

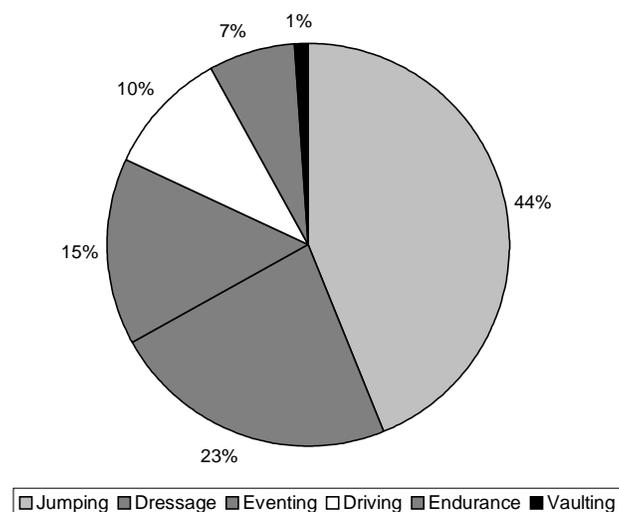
Number of international events organized by NFs, 1994 – 2000

Anos / Years:	94	95	96	97	98	99	00
GER	48	41	40	55	59	60	86
FRA	56	58	53	61	70	62	85
ITA	22	23	30	31	34	46	61
USA	0	37	44	37	32	53	56
ESP	11	21	23	18	15	25	40
AUS	22	22	22	25	24	38	42
NED	33	27	25	28	29	32	36
BEL	19	19	24	27	27	24	34
GBR	17	15	19	23	24	27	32
AUT	22	18	19	23	25	26	28
NZL	11	11	10	13	13	24	27
IRL	11	11	9	13	13	20	21
BRA	10	7	10	9	14	13	14
CAN	0	16	11	13	11	18	13
JPN	8	8	7	7	9	16	12
SUI	10	7	11	11	15	13	11
CZE	8	9	8	7	6	12	11
POR	4	0	10	4	5	4	11
ARG	3	6	4	5	5	10	9
POL	11	11	9	10	10	13	9

Fonte / source: FEI Database 2003

**Esportes hípicos
- Levantamento mundial da FEI, 1999**
1999 FEI worldwide survey

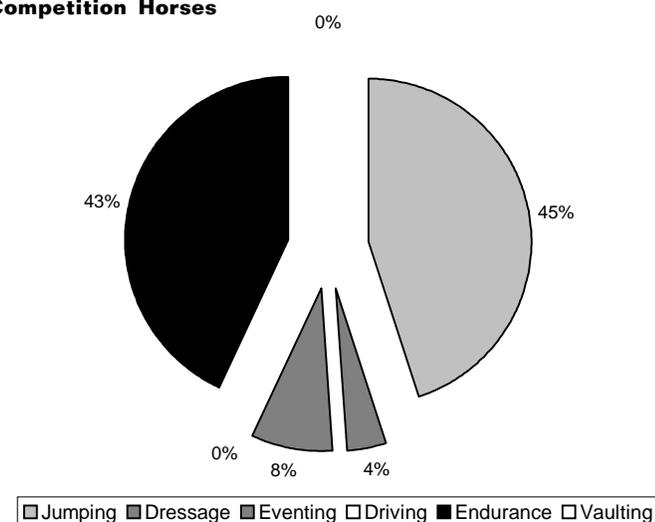
Competition Horses by Discipline



O levantamento da FEI revelou a existência de 5.054.000 cavalos de competição no mundo, dos quais 44% estavam relacionados aos Saltos; 23% ao Adestramento; 15% ao CCE; 10% às provas de Rédeas; 7% ao Enduro; e 1% ao Volteio. Em conjunto, as modalidades de Saltos e Adestramento ocupam 60% dos cavalos esportivos em escala mundial, ao passo que cerca de 30% dedicam-se ao CCE, Rédeas e Enduro. Em termos de países, Canadá, Brasil, Chile, África do Sul, Índia, China e Japão são, nesta ordem, os que possuem maior número de cavalos voltados para provas hípicas. O Peru entre os países filiados à FEI é o que apresenta menor número de cavalos de competição. (Fonte / source: 1999 FEI World wide survey, Lausanne, 1999)

**Esportes hípicos
- Levantamento mundial da FEI, 1999**
1999 FEI worldwide survey
Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai – Group VI
Cavalos de competição (n=14.000)

Competition Horses



O Grupo Geográfico VI da FEI define-se pelas nações do Cone Sul da América Latina, isto é: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai. Em conjunto estes países possuem 6.250 cavalos nos Saltos (45% do total); 550 no Adestramento (4%); 1.150 no CCE (8%); 6.000 no Enduro (43%); 50 no Volteio (0,3%); e nulo em Rédeas. Nestas condições, a modalidade Saltos predomina nos países deste grupo, acompanhando a tendência mundial. Contudo, as cifras das demais modalidades – excetuando-se o Enduro – são bem menores que aos dos demais Grupos FEI, sugerindo baixa competitividade esportiva. Neste particular, a pesquisa da FEI-1999 aponta o Brasil e o Chile como países que influenciam a elevada concentração no Enduro (43%) no Grupo VI, em oposição à tendência mundial de 7% na mesma modalidade. Quanto ao Brasil em particular, a FEI estima que haja cerca de 100 mil cavalos de competição no país (dados levantados em 1998 e publicados em 1999), bem como registra os seguintes percentuais de participação feminina em competições por modalidades: Saltos – 20%; Adestramento – 60%; CCE – 10%; Enduro – 50%; Volteio – 60%; Rédeas – 0%. (Fonte / source: 1999 FEI World wide survey, Lausanne, 1999)

Ginástica – Federação Internacional de Ginástica-FIG – Confederação Brasileira de Ginástica-CBG

JOSÉ CARLOS EUSTÁQUIO DOS SANTOS, NESTOR SOARES PUBLIO, HELOÍSA ALONSO, INGEBORGE CRAUSE, MARIA EDUARDA POLI, SÉRGIO DE A. BASTOS E MARGARETH DE PAULA AMBRÓSIO

Gymnastics / International Gymnastics Federation-FIG / Brazilian Gymnastics Confederation - CBG

The activities of the International Federation of Gymnastics-FIG started in 1921. Since then the FIG has been the institution responsible for Gymnastics. Today the FIG directs the disciplines of General Gymnastics, Artistic Gymnastics, Rhythmic Gymnastics, Sport Aerobics, Trampoline and Sports Acrobatics. Gymnastics arrived in Brazil with the first European immigrants. However, it was only in 1824, with the arrival of the German immigrants who settled in the states of SC, PR, SP, RJ e ES, that the activity started to be systematized based on the Turnen movement. The associations and regional federations of gymnastics were created in Brazil as they had been in Europe: Gymnastics was introduced in the school system in 1837; the first club of Joinville-SC (the first of Latin America) was created in 1858; the first federation of

the country was created 1942 and the Confederação Brasileira de Ginástica (The Brazilian Gymnastics Confederation – CBG) was founded in 1951, when the first national championship of gymnastics took place. Today the CBG, with headquarters in Curitiba-PR, organizes around 25 national events every year including the six disciplines it directs. There are 19 state affiliated federations, which have an estimated total of 25,000 gymnasts of the various disciplines. With the support of both the state government of Paraná and the Brazilian Olympic Committee – COB, the CBG is headquartered in Curitiba-PR, occupying a high standard complex with exceptional infrastructure where the administration and the Center of Training of Brazilian Top Level Gymnasts are located. The best results of international

competitions within the six disciplines of CBG belong to Sport Aerobics, which until 2001 had placed Brazil as the country with the most gold medals in the FIG world. Next to it is Artistic Gymnastics (10 medals in the Pan-American Games of Santo Domingo-2003; a gold medal and the 8th position for the girls' team in the 2003 World Championship in Anaheim-EUA). The Brazilian Rhythmic Gymnastics national team, either in individual contests or in group contests, has had expressive results in all of the world championships it has been taking part in since 1975. Rhythmic Gymnastics has had such extensive development in the past 50 years that today it has a center of excellence to prepare athletes for top competitions in Londrina-PR (Universidade do Norte do Paraná-UNOPAR).

Origens da Ginástica Desde seus primórdios, com gestos utilitários e rudimentares, até a atual concepção, com formas estilizadas, executadas nos limites humanos de destreza, as formas de expressão da Ginástica percorreram um caminho que as levou a diversas interpretações. Em princípio, a prática de atividades físicas sempre foi um elemento próprio dos seres humanos, segundo Ramos (1982), “estando presente desde a Pré-história, afirmando-se na Antiguidade, estacionando na Idade Média, fundamentando-se na Idade Moderna e sistematizando-se na Idade Contemporânea”. O termo Ginástica é derivado do grego *gymnastiké*, cujo significado é exercício com o corpo nu. Segundo Langlade & Langlade (1970), “para os gregos, Ginástica significava atividades físicas em geral, tais como corridas, lançamentos, saltos, lutas, etc...o ano de 1800 é uma data precisa para determinar o surgimento da atual Ginástica, dali em diante a Ginástica evoluiu incessantemente”. A conotação do termo Ginástica, a partir do século XIX, passou a identificar apenas a prática de exercícios físicos, conforme as diversas interpretações dos sistemas e métodos de Ginástica. Neste mesmo século, apareceram os esportes na expressão moderna e tal tendência incluiu a Ginástica.

Origem da FIG O desenvolvimento da Ginástica, particularmente na Europa do século XIX, sob a influência dos grandes filósofos e pedagogos, levou a que esta fosse incluída nos currículos escolares, passando também a ser considerada como elemento importante na manutenção da saúde. Vários festivais de Ginástica passaram a ser realizados, orientados para a confraternização e ludicidade, a exemplo do *Deutsches Turnfest*, realizado na Alemanha em 1818. O crescente movimento ginástico na Europa promoveu a criação de várias federações nacionais, sendo a primeira delas a Sociedade Federal de Ginástica, da Suíça, fundada em 1832, seguida pelas federações nacionais da Alemanha (1860), da Bélgica (1865), da Polônia (1867), da Holanda (1868) e da França (1876). Com o surgimento de várias federações nacionais, com o natural intercâmbio entre estas e a necessidade de um fórum único para a definição e resolução dos temas gímnicos, sob a tenaz orientação de Nicolas Cupérus e com a participação dos representantes das federações da Bélgica, França e Holanda, em 1881 foi fundada a Federação Européia de Ginástica - FEG. Originalmente a FEG, presidida por Cupérus, era contra a esportivação, somente acontecendo a primeira competição oficial em 1903. Em 1921, no Congresso de Bruxelas, por proposição do Dr. Schreiner (TCH), a FEG passou à denominação de Federação Internacional de Ginástica-FIG. Desde então a FIG é a entidade responsável pela Ginástica mundial, atualmente gerindo a Ginástica Geral (GG), Ginástica Artística (GA), Ginástica Rítmica (GR), Aeróbica Esportiva (AER), Trampolim (TRA) e Esportes Acrobáticos (ACRO).

Origem da CBG A Ginástica chegou ao Brasil junto com os primeiros imigrantes europeus, entretanto somente com a chegada dos alemães, em 1824, que se instalaram na cidade de São Leopoldo-RS, e logo difundiram a sua prática pelos estados de SC, PR, SP, RJ e ES, é que a atividade passou a trilhar um caminho de sistematização, a partir do *Turnen*. Semelhante ao que aconteceu na Europa, no Brasil foram sendo criadas associações e federações regionais de Ginástica. Em 1942, a Federação Atlética Riograndense

criou o Departamento de Ginástica, que originou a Federação Riograndense de Ginástica-FRG, fundada em 1962. Por sua vez, em 1948 foi fundada a Federação Paulista de Ginástica e Halterofilismo, que em 1956 se desmembrou em duas entidades, originando a Federação Paulista de Ginástica-FPG. Em 1950, no RJ, foi fundada a Federação Metropolitana de Ginástica, que originou a atual Federação de Ginástica do Estado do Rio de Janeiro-FGERJ. Em 1951 estas federações se filiaram à Confederação Brasileira de Desportos-CBD, única entidade esportiva reconhecida internacionalmente, que por sua vez se filiou à FIG neste mesmo ano, assim legalizando e oficializando, nacional e internacionalmente, a Ginástica brasileira. Neste mesmo ano, na cidade de São Paulo-SP, foi realizado o I Campeonato Brasileiro de Ginástica, com a participação das seleções de GA masculina dos estados RS, SP e RJ. Em 1952 foi realizado o II Campeonato Brasileiro de GA, desta vez em Porto Alegre-RS, pela primeira vez com a participação feminina.

Com o desmembramento da CBD em confederações especializadas, no dia 25 de Novembro de 1978 foi criada a Confederação Brasileira de Ginástica-CBG, substituindo a CBD como a entidade representante do Brasil junto à FIG, sendo o seu primeiro Presidente o paranaense Siegfried Fischer. Atualmente a CBG, com sede em Curitiba-PR, organiza anualmente em torno de 25 eventos nacionais considerando as seis modalidades sob a sua responsabilidade. Tem 19 federações estaduais filiadas, tendo estas um total estimado de 25.000 ginastas praticantes das diversas modalidades. Com o apoio do Governo estadual do Paraná e do Comitê Olímpico Brasileiro-COB, a CBG está sediada em Curitiba-PR, ocupando um complexo onde se encontram a sede administrativa e o Centro de Treinamento dos ginastas brasileiros de elite, local com infraestrutura de alto nível, nos padrões internacionais.

Origem da Ginástica Geral (GG) A GG, em princípio, é a própria Ginástica. Já nas primeiras festividades humanas com o objetivo de reverenciar uma divindade ou comemorar um feito, os indivíduos se reuniam e apresentavam os movimentos corporais através de coreografias, individualmente ou em conjunto, sem entretanto conceber tais manifestações como “Ginástica”. Com o passar do tempo a sistematização gradativa das expressões corporais levou a que os seres humanos passassem a se exprimir através de movimentos estilizados, com perspectivas de uniformização das diversas manifestações. Algumas destas interpretações conduziram às modalidades ginásticas, internacionalizadas pela FIG. A GG é base para as outras modalidades de Ginástica, interando-as e recriando-as, formulando novos conceitos e apresentando novos fazeres. Portanto se pode considerar a GG como a célula *mater* da FIG, pois sintetiza a prática de “todas as Ginásticas”, sendo cada uma delas, ao mesmo tempo, a própria GG. Várias influências são marcos da GG, se destacando muitos professores, pedagogos e entusiastas, dentre eles Jahn e Bode na Alemanha, Ling na Suécia, os *Sokol* na antiga República Tcheca e Amorós na França. Em 1818 foi realizado o primeiro *Deutsches Turnfest* (Festival Alemão de Ginástica), evento que marcou o início da difusão da Ginástica, inicialmente pela Europa e posteriormente por todo o planeta. Em 1949, quando da realização da *II Lingiada*, na Suécia, foi dado um passo definitivo para a institucionalização

da modalidade, com a apresentação da proposta de realização da *Gymnaestrada*. Mesmo havendo um movimento mundial significativo de GG, somente em 1984 foi criado o Comitê de GG da FIG. A *Gymnaestrada Mundial* é o evento oficial da FIG para a GG, realizado quadrienalmente, sem fins competitivos, atualmente reunindo em torno de 50 nações, com a participação aproximada de 25.000 ginastas.

Origem da Ginástica Artística (GA) A GA surgiu a partir de várias influências, entretanto o trabalho que determinou as suas características foi o desenvolvido pelo prussiano Johann Friedrich Ludwig Christoph Jahn. Ele elaborou um sistema de atividades físicas que utilizava os elementos naturais da floresta de *Hasenheide*, nos arredores de Berlim, além de aparelhos específicos para a prática destas atividades. O objetivo de Jahn era preparar o povo, em particular os jovens, para expulsar as tropas invasoras de Napoleão, defender a pátria em situações de guerra, além de promover a unificação do império germânico. O nacionalismo extremo levou a que Jahn e seus seguidores deixassem de utilizar o termo *Gymnastik*, de origem grega, adotando a palavra do idioma germânico *Turnkunst* (Arte da Destreza). Mais tarde, a atividade desenvolvida por Jahn passou a ser conhecida como *Turnen* e também como *Vaterlandisch Turnen* (Ginástica Patriótica). Devido a aspectos políticos, em 1820 a prática do *Turnen* foi proibida, perdurando esta determinação até o ano de 1842, período que passou a ser conhecido como “Bloqueio Ginástico”. Este fato é de fundamental importância para a internacionalização do sistema preconizado por Jahn, que até então era somente uma forma de desenvolvimento e aprimoramento do físico, das habilidades e da moral, sem fins competitivos. Como consequência do “Bloqueio Ginástico”, vários seguidores de Jahn emigraram da Alemanha, fato que proporcionou a difusão das propostas do mestre por todo o mundo. Com o desenvolvimento da atividade de Jahn vários aparelhos foram criados, sendo alguns adaptados e estilizados, o mesmo acontecendo com os exercícios executados. Como principal consequência da grande utilização de aparelhos e a necessidade de uniformização do trabalho, o *Turnen* se transformou numa atividade que passou a buscar a destreza e a performance num grau elevado, principalmente no que se refere à forma artística de execução dos exercícios, levando à uma estilização acelerada, assim originando a GA.

Origem da Ginástica Rítmica (GR) A GR foi criada com base nos princípios da Ginástica Moderna, tendo esta surgido na Europa Central no início do século XX. Por sua vez esta proposta teve a sua origem nos princípios dos “Movimentos” de Ginástica surgidos no século XIX. Esta nova concepção de Ginástica para a mulher recebeu muitas contribuições para o seu desenvolvimento, notadamente na área da Pedagogia, da expressão artística, da música e da dança. Como primeiro resultado desta vertente da Ginástica, em 1951, foi fundada a Liga Internacional de Ginástica Moderna, tendo como presidente Hinrich Medau. Seu principal objetivo foi difundir as bases doutrinárias e técnicas da Ginástica Moderna através de demonstrações e competições entre as suas filiadas. O processo evolutivo da Ginástica Moderna como modalidade esportiva, teve o seu início em 1948, quando a então União Soviética (URSS) organizou pela primeira vez uma competição específica da modalidade. Nesta época, nos Jogos Olímpicos, inte-

gravam as provas da Ginástica Artística duas competições rítmicas por equipe: uma com aparelho e a outra a mãos livres, e assim foi até os Jogos Olímpicos de 1952. Em 1960, num torneio em Sofia (BUL), do qual participaram URSS, Bulgária e Tchecoslováquia, foi adotada pela primeira vez a terminologia Ginástica Moderna. Em 1962, por ocasião do XV Campeonato Mundial de Ginástica Artística, em Praga (CHE), aconteceu uma demonstração de Ginástica Moderna. O sucesso desta apresentação motivou a FIG e os seus filiados a aprovarem a GR como modalidade independente, sendo ainda definida a realização do I Campeonato Mundial de Ginástica Moderna, em 1963, em Budapeste (HUN). Durante a Seção do COI, em 1980, ficou definido que a partir dos Jogos Olímpicos de 1984 a GR integraria o programa de esportes olímpicos. No âmbito internacional a modalidade teve várias denominações: Ginástica Moderna (1963), Ginástica Rítmica Moderna (1972), Ginástica Rítmica Desportiva (1975), até que em 1998 a FIG passou a denominá-la Ginástica Rítmica.

Origem da Aeróbica Esportiva (AER) Na década de 1960/1970, estudos do Dr. Keneth Cooper comprovaram a eficiência dos exercícios aeróbicos para o emagrecimento e a melhoria das condições cardiovasculares dos indivíduos. Baseados nestes conhecimentos, desenvolveram-se nos EUA métodos de treinamento que utilizavam música, passos de dança e exercícios de Calistenia, que originaram a AER, que então tinha como objetivo o treinamento da capacidade aeróbica de pessoas adultas e sedentárias. No início da década seguinte, também nos EUA, surgiram as competições de AER, a princípio sem um código de pontuação esclarecido ou mesmo uma estrutura esportiva bem definida. Mas, as condições normativas foram sendo assumidas progressivamente e em 1983 foi criada a *Fitaerobics International Association*-FIA com duas sedes: uma nos EUA e outra no Japão. Neste mesmo ano a FIA-EUA organizou a primeira competição nacional de AER, na Califórnia-EUA, e no ano seguinte a primeira competição internacional com representantes do Canadá, EUA e Japão. Em 1989 aconteceu uma cisão na FIA, esta passou a denominar-se *International Aerobic Federation*-IAF. A outra vertente da FIA criou a *International Competitive Aerobic Federation*-ICAF.

Origem do Trampolim (TRA) As origens do TRA, conhecido no Brasil com “Cama Elástica”, se perdem na Antigüidade. Diversas formas de artefatos e superfícies elásticas foram usadas como entretenimento no decorrer dos anos, até chegar à prática do trampolinismo nos moldes atuais. Há fontes que indicam o termo trampolim como surgido na Idade Média, tendo se originado nos espetáculos de *variété* franceses, onde os artistas se apresentavam num aparelho para saltos acrobáticos construído, tendo como base a

rede de segurança do trapézio circense; a esse espetáculo se dava o nome de *Trampoline*, palavra francesa derivada de *trapéziste*. Por sua vez, há autores para os quais o termo trampolim é derivado do italiano *trampolé* e para outros a expressão vem do espanhol como variante do francês *trampoline*. Como modalidade esportiva, o Trampolim teve seu grande desenvolvimento a partir do ano de 1936, quando os americanos Larry Griswold e George Nissen, este tri-campeão norte-americano de *Tumbling* (Exercícios acrobáticos no Solo) e de Saltos Ornamentais, desenvolveram o primeiro Trampolim portátil, nos moldes que se conhece hoje. Na década de 1940/1950, Nissen industrializou o Trampolim e divulgou a nova atividade esportiva, realizando demonstrações pelos EUA e por todo o mundo.

A partir de 1941 as escolas e universidades americanas incluíram o Trampolim nos seus programas de Educação Física, enquanto que as Forças Armadas daquele país passou a utilizá-lo no treinamento dos pára-quedistas e aviadores, com o objetivo de melhorar o ritmo, a coordenação dos movimentos e a tomada de consciência do corpo no espaço. Em 1953, uma competição de Trampolim foi incluída nos Jogos Panamericanos, sendo esta a primeira competição internacional da modalidade. Em 1955, um Trampolim americano foi levado para a Europa pelo suíço Kurt Bachler, que introduziu a arte do trampolinismo nos países daquele continente. Logo foi desenvolvido um programa pedagógico para o aparelho, sendo este inserido nas escolas da Alemanha, Suíça e Inglaterra. O interesse pelo Trampolim na Escócia foi tanto, que em 1958, foi fundada a primeira federação nacional de Trampolim do mundo. Nos anos de 1959 e 1961, vários ginastas, de diversas nações, interessados em desenvolver o Trampolim em nível mundial, intercederam junto à FIG para que esta aceitasse o Trampolim como uma de suas modalidades, fato que não se consumou. Em 1964, por iniciativa da Federação Alemã de Ginástica, foi realizada em Frankfurt, uma reunião com representantes dos praticantes de Trampolim da África do Sul, Alemanha, Bélgica, Estados Unidos, Holanda, Inglaterra, Luxemburgo e Suíça, quando foi fundada a Federação Internacional de Trampolim-FIT. Neste mesmo ano, patrocinado pela Nissen, indústria americana de trampolins, aconteceu o I Campeonato Mundial de Trampolim, em Londres-ING. Durante o congresso da FIT, realizado em Johannesburgo - AFS, em 1974, foi aprovada a inclusão de mais duas provas nas competições oficiais da FIT: o Duplo Mini-Trampolim e o Tumbling. Pelo empenho dos seus membros e pelo reconhecimento da modalidade como atuante em todo o mundo, em 1980 o Comitê Olímpico Internacional-COI aceitou a FIT como um dos seus membros. Em Janeiro de 1999, a FIT foi dissolvida, passando toda a sua estrutura esportiva a fazer parte da FIG, com um Comitê Técnico específico para o Trampolim, sendo o seu presidente o alemão Horst Kunze, ex-presidente da FIT. Nos

Jogos Olímpicos de Sidney, em 2000, aconteceu a primeira participação do Trampolim como esporte olímpico.

Origem dos Esportes Acrobáticos (ACRO) A denominação “acrobacia” tem origem no termo grego *akrobatís*, que literalmente significa “elevar”, que considera a combinação de levantamentos e balanceamentos da modalidade. É possível afirmar que as acrobacias deram origem às modalidades atuais de Ginástica. Desde a Antigüidade as atividades acrobáticas eram realizadas, sendo observadas tarefas acrobáticas isoladas, sem cunho competitivo, somente como elementos nas danças sacras e festividades. Fundamentados em afrescos, vasos e inscrições históricas, observa-se que as acrobacias eram praticadas no Egito, na China e na Grécia há pelo menos 3.500 anos atrás. Os acrobatas egípcios foram os primeiros ginastas. Na China, desde datas longínquas, as acrobacias são formas de arte das mais populares. Com o passar dos tempos várias foram as atividades desenvolvidas, além das praticadas somente com o próprio corpo, surgiram aquelas com a utilização de aparelhos. Na Europa do século XVIII, as atividades acrobáticas se desenvolveram mais modestamente, executadas pelos saltimbancos-acrobatas que acorriam aos castelos e cidades para conseguir o seu sustento. Posteriormente as acrobacias ganharam popularidade, principalmente devido ao circo. Já no século XX, os exercícios acrobáticos foram utilizados no treinamento de várias modalidades esportivas, além da preparação de aviadores e pára-quedistas. Considerando o aspecto competitivo, modernamente na Europa acontecem competições de ACRO desde 1930, inicialmente havendo a difusão da modalidade pela Ásia e posteriormente pelo Ocidente. Este crescimento mundial levou à fundação, em 1973, da Federação Internacional de Esportes Acrobáticos-IFSA, sendo o primeiro Campeonato Mundial realizado em Moscou - URSS, em 1974. Em 1999 a IFSA foi absorvida pela FIG, sendo criado o Comitê Técnico dos Esportes Acrobáticos nesta entidade, que a partir de então passou a ser a responsável pela ACRO em todo o mundo.

Modalidades da Ginástica como Esporte Olímpicos De acordo com a Carta Olímpica do COI, os esporte olímpicos são aqueles “regidos pelas Federações Internacionais” (Regra 52) e que cumpram critérios de quantidade mínima de países onde são praticados; de participação sob forma de campeonatos do mundo e continentais; e de demonstração em Jogos anteriores ao especificado para a inclusão da nova modalidade (Regra 52, parágrafos 1, 2 e 3). Assim sendo, no âmbito da Ginástica, há modalidades que já pertenceram aos Jogos e foram substituídas, e outras que estão em fase de demonstração. Para os Jogos de Atenas em 2004, as modalidades olímpicas da Ginástica são Ginástica Artística, Ginástica Rítmica e Trampolim.

Siegfried Fischer (1927-2003): O ginasta símbolo do Brasil

Siegfried Fischer (1927-2003): The role model of gymnastics in Brazil

Siegfried Gunther Fischer (1927-2003), Brazilian born in Paraná State, passed away in 2003 and left the image of a model as an athlete of Gymnastics. He was a national champion for five times during the 1950 decade and took part in several international competitions representing Brazil. Later, he became the

President of the RS State Gymnastics Federation for ten years and of the Brazilian Confederation of Gymnastics for six years (1978-1984). From 1968 on, he collaborated with the International Federation of Gymnastics-FIG in several functions. In 1997, he was elected as Honorary Vice President of FIG.

A Ginástica brasileira sempre contou com abnegados que se dedicaram e ainda se dedicam à difusão e ao aprimoramento de suas modalidades. Entretanto, o maior de todos os nomes, pela sua tenacidade e luta pela construção da Ginástica em nosso país, deve constar de um documento de memória, como pressupõe ser este Atlas do Esporte no Brasil. Siegfried Gunther Fischer (1927-2003), nascido no Paraná, desde criança esteve envolvido com a Ginástica por influência do pai alemão. Como atleta, Fischer foi campeão brasileiro por equipes por cinco vezes na década de 1950 e campeão brasileiro individual em 1959, tendo integrado a seleção brasileira de GA em vários eventos internacionais. O desejo de aprimorar as condições de prática da Ginástica levou-o, com o apoio dos seus companheiros ginastas, a trilhar pelos caminhos da política esportiva. Este caminho foi iniciado com a sua participação na fundação da Federação Riograndense de Ginástica, da qual foi posteriormente seu Presidente por 10 anos. Em 1968 Fischer fez os primeiros contatos com o então Presidente da FIG, Arthur Gander, dando início à participação efetiva brasileira no cenário mundial da Ginástica. Em 1971 foi o primeiro brasileiro a conseguir o brevê de árbitro internacional de GA da FIG. Em 1972 participou como Delegado brasileiro no Congresso da FIG e iniciou os

trâmites para uma turnê dos campeões olímpicos pelo Brasil. O sonho foi concretizado com a realização do I Festival Internacional de Ginástica Olímpica, em 1973, resultando num acontecimento esportivo extraordinário. Em 1978, por seu currículo e experiência internacionais, foi indicado e eleito para assumir a presidência da CBG, que naquela data estava sendo fundada, cargo que exerceu por seis anos, dentro de dois mandatos sucessivos. A participação de Fischer nos principais eventos mundiais da Ginástica e sua condição de poder se comunicar em cinco idiomas, influíram decisivamente em sua indicação a candidato a membro do Conselho Executivo da FIG em 1980, que resultou em sua primeira eleição para aquela entidade. A preocupação constante com a equidade de oportunidades para todos, não somente levou a que Fischer fosse reeleito quatro vezes na FIG, sendo o fato um reconhecimento dos amantes da Ginástica de diversos filiados daquela entidade. Sua última reeleição como Vice-Presidente foi para o período 1997-2000, quando passou a Vice-Presidente Honorário. Fischer escolheu a Ginástica e a Ginástica o escolheu. Arquiteto de profissão, poeta por acidente e desenhista por ser um verdadeiro artista, idealizou a insígnia da GBG, como também simbolizou pessoalmente a entidade e a própria ginástica brasileira.

Ginástica Geral (GG)

JOSÉ CARLOS EUSTÁQUIO DOS SANTOS

General Gymnastics

General Gymnastics is a very comprehensive sport because it includes the several disciplines of Gymnastics (Artistic, Rhythmic, Aerobics, etc) besides the various possibilities of bodily manifestations according to the International Federation of Gymnastics – FIG. The largest event of General Gymnastics is the Gymnaestrada, a non-competitive demonstration, which takes place

Definição e Origens A GG é uma modalidade bastante abrangente, valendo-se das várias propostas de Ginástica (Artística, Rítmica, Aeróbica, Trampolim, Acrobática, dentre outras), além de variadas possibilidades de manifestações corporais. Estas podem ser diversos tipos de danças e expressões folclóricas, apresentados através de coreografias musicadas em grupos, com propostas livres e criativas, sempre fundamentadas nos elementos gímnicos, oportunizando a expressão dos aspectos multiculturais de quem as desenvolve e, principalmente, sem qualquer tipo de limitação para a sua prática, seja quanto às possibilidades de execução, sexo ou idade. Segundo a Federação Internacional de Ginástica-FIG, a Ginástica Geral (GG) culmina em âmbito internacional com o seu evento oficial para a modalidade, a *Gymnaestrada Mundial*. Este é um mega-evento realizado a cada quatro anos, sem a perspectiva da competição, atualmente com cerca de 25 mil participantes de todo o mundo. Na *Gymnaestrada* acontecem, além das demonstrações regulares, um grande fórum de instrutores, demonstrações educativas e uma feira de equipamentos e materiais esportivos. Além disso, a GG constitui a base histórica e cultural de todas as atividades da FIG, a qual propõe, em seu programa de desenvolvimento, que esta modalidade seja a base de todas as atividades físicas como também do chamado “Esporte para Todos” (no Brasil denominado por vezes “esporte participação”, “esporte não formal” ou “esporte de inclusão”). Em resumo, a GG para a FIG nasceu de uma concepção “sociocultural, livre de motivos especulativos e/ou econômicos”, reunindo, afinal, 30 milhões de praticantes no plano internacional. Enquanto tal a GG, da forma promovida pela FIG, é “altamente reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional – COI devido aos seus objetivos humanísticos e educacionais”. Em outras palavras, a *Gymnaestrada* é um Festival de Ginástica em que qualquer praticante atua ativamente. Esta expressão aponta, outrossim, para o objetivo de tal festival, uma vez que “Gymna” significa ginástica e “Strada”, caminho.

No Brasil, pode-se afirmar que aconteceu a primeira apresentação de ginástica quando da descoberta das novas terras em 1500, pois conforme relatado na carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei de Portugal, D. Manuel, um dos tripulantes da frota de Pedro Álvares Cabral realizou exercícios acrobáticos e danças junto com os índios. Mais pontualmente, a partir de 1824, a imigração alemã para o Brasil trouxe consigo o *Turnen* (Ginástica Alemã). Esta prática teve manifestações em todos os Estados do sul do país, estendendo-se também ao RJ e ao ES. Em especial, no Rio de Janeiro, então capital do país, o *Turnen* era uma das formas de exibição existentes no Cassino Fluminense, o mais famoso lugar de diversão da cidade em meados do século XIX. Ao eclodir a Segunda Guerra Mundial e com a conseqüente nacionalização das instituições e atividades culturais de origem alemã, a tradição do *Turnen* dissolveu-se no Brasil, mas permanecendo sua influência nos primórdios da educação nacional.

1838 Introdução da Ginástica no “Ginásio Nacional” (hoje Colégio Pedro II), no Rio de Janeiro – RJ, instituição criada para se tornar modelo educacional para todo o Brasil.

1851 A Lei nº 630 inclui, pela primeira vez, nos currículos das escolas primárias do Rio de Janeiro, a Ginástica dentro da proposta de mudanças das bases para a reforma do ensino primário e secundário, no então denominado Município da Corte.

1870 – 1930 Em 1870, o Governo Imperial promove a impressão e manda distribuir pelas escolas o “Novo Guia para o Ensino da Ginástica nas Escolas Públicas da Prússia”. Em 1882, Ruy Barbosa, em seu Parecer sobre a “Reforma do Ensino Primário e Várias Instituições Complementares da Instrução Pública”, sugere a inclusão da Ginástica nos cursos normais e nas escolas primárias do Brasil. A partir deste estágio, a Ginástica, sob diversas formas mas

every 4 years. The Brazilian very first gymnastics activity took place in 1838 at Colégio Pedro II, a 19th century model school of the Brazilian Empire. However, after that, the gymnastic activities that had come with German colonization prevailed. Later on, the participation of Brazil in the Gymnaestrada events started in the 1950s. Although Brazil has important tradition of General

predominantemente a de origem alemã, prevaleceu na Educação Física escolar até os anos de 1930, quando foi oficializado o Método Francês no sistema escolar brasileiro.

1893 Outra vertente de prática de Ginástica foi introduzida no país pelo surgimento da Associação Cristã de Moços – ACM, que implantou atividades desportivas no Brasil como o voleibol, o basquetebol, além da ginástica calistênica.

Década de 1930 Oswaldo Diniz Magalhães, professor de Educação Física formado pela ACM de SP, cria metodologia própria e mantém, por mais de 40 anos, o programa de rádio “A Hora da Ginástica” com impacto nacional na popularização das atividades gímnicas. Em resumo, a década de 1930 marcou a confluência das tendências da ginástica de origem alemã, da ginástica calistênica e do Método Francês, este último introduzido no país para atender ao treinamento das Forças Armadas. O Método francês passou a ser adotado pelo ensino público, prevalecendo até a década de 1950 como fundamento do programa escolar.

1953 A chegada da professora Ilona Peuker ao Brasil, mais precisamente na cidade do Rio de Janeiro, foi o marco mais importante para a compreensão da GG como modalidade. Ilona trazia consigo a experiência adquirida na Ginástica européia, tendo se formado na Hungria e dirigido a União Austríaca de Ginástica e Esportes, inclusive com participação na *I Gymnaestrada*.

1956 Ilona Peuker fundou o Grupo Unido de Ginastas-GUG, no RJ, no qual aplicou os seus conceitos, adaptando-os à realidade local, sendo este trabalho o parâmetro para o desenvolvimento futuro da GG no Brasil.

1957 Neste ano ocorreu a primeira participação do Brasil numa *Gymnaestrada* (2ª), em Zagreb (IUG), representado pelo GUG, então composto por 13 ginastas.

1960 Aconteceu a primeira edição do Festival Nacional de Ginástica, evento que foi realizado pela Federação Paulista de Ginástica-FPG até o ano de 1966, com a participação dos principais grupos do país.

1975 Na quarta participação brasileira numa *Gymnaestrada* (6ª), em Berlim (ALE), pela primeira vez o país foi representado por quatro grupos diferentes (03/RJ e 01/PB), totalizando 65 ginastas. Os trabalhos apresentados foram muito apreciados, levando a seleção do GUG para participar da “Matinê dos Destaques”.

Interpretação do desenvolvimento – Décadas de 1953 - 1980

1980 A partir da chegada da professora Ilona Peuker, um novo enfoque da Ginástica se apresentou no país, particularmente com a implantação da GG, numa perspectiva original de interpretação desta atividade, com as características da nossa cultura, somados à expressividade e à alegria do nosso povo. A criação de grupos, a participação internacional e o reconhecimento dos trabalhos realizados criaram referenciais para o desenvolvimento da GG no país.

1981 A realização do 1º FEGIN, Festival Nacional de Ginástica, em Ouro Preto-MG, organizado por Carlos Rezende (MG), professor de Educação Física, teve um grande significado para a GG do Brasil. Durante as suas sete edições este festival foi o evento que centralizou o desenvolvimento da GG, tornando-se referencial para os futuros festivais da modalidade no país.

1986 Durante a gestão de Fernando Brochado (SP), professor e ex-ginasta, na presidência da Confederação Brasileira de Ginástica-CBG foi criada a Comissão Técnica de GG, fato que concretizou o processo de difusão nacional da modalidade.

Gymnastics, there are only around 1,700 athletes and 150 registered groups in the national federation. In international terms the national team has reached a reasonable level of reputation and continuity because there is always an average of 300 Brazilian participants in every Gymnaestrada, between 0.5% and 1% of the total number of gymnasts of the events.

1988 Aconteceu o primeiro Curso Internacional de GG no Brasil, evento promovido pela FIG, na Unesp, em Rio Claro-SP, ministrado por instrutores indicados pela FIG.

Interpretação do desenvolvimento – Décadas de 1980 - 1990

A criação de um comitê exclusivo para orientar a GG na CBG, a realização regular de festivais e cursos de atualização, certamente são os aspectos que motivaram a difusão da modalidade no país, notadamente nos estados do Sul/Sudeste.

1991 Com a eleição de Vicélia Florenzano (PR) para a presidência da CBG e com a indicação de José Carlos Eustáquio dos Santos (RJ), professor de Educação Física, para presidir o Comitê Técnico de GG (CTGG-CBG), um novo enfoque se apresentou, com uma proposta de trabalhar objetivando uma maior participação, na perspectiva de motivar e envolver as entidades ligadas à Ginástica, principalmente na realização de eventos. Ainda neste ano aconteceu a participação brasileira na *9ª Gymnaestrada Mundial*, em Amsterdã (Holanda), com a delegação brasileira sendo composta por 114 ginastas, sendo o Brasil convidado para participar da “Noite de Gala da FIG”, honra concedida a poucos países.

1992 O CTGG-CBG propôs a criação da *Gymnaestrada Brasileira*, fato que se concretizou com a realização da primeira edição deste evento em Nova Friburgo-RJ, com a denominação *Gymbrasil*.

1995 As propostas desenvolvidas nos últimos anos resultou na significativa participação do Brasil na *10ª Gymnaestrada Mundial* – Berlim - Alemanha. O país foi representado por 23 grupos, com 662 ginastas (10/SP, 04/RJ, 04/SE, 03/MG, 01/PE e 01/MS). Até a presente data, esta é a maior delegação brasileira de uma mesma modalidade, representante do país num evento internacional oficial. Nesta mesma *Gymnaestrada*, pela primeira vez foi realizada uma *Noite Brasileira*, onde os grupos brasileiros apresentaram um festival próprio para o mundo da Ginástica, sendo este um dos mais concorridos eventos daquela *Gymnaestrada*.

1999 Simultaneamente à nona participação do Brasil numa *Gymnaestrada Mundial* (11ª), em Gotemburgo (Suécia), onde o país esteve representado por 18 grupos, com 382 integrantes, também aconteceu a publicação da obra *História da Ginástica Geral no Brasil*, de autoria de José Carlos Eustáquio dos Santos e Nadja Glória Marques dos Santos, ambos então professores universitários no Rio de Janeiro. Neste ano ainda foi realizado o Fórum Brasileiro de GG, promovido pela CBG e organizado pela Universidade de Campinas-Unicamp, em Campinas-SP.

2001 Realização do Fórum Internacional de GG, em Campinas-SP, organizado pela Unicamp, sob a direção de Elizabeth P. Machado, professora daquela universidade.

2003 Realização do Fórum Internacional de GG, em Curitiba-PR, organizado pela CBG, com a orientação da FIG. Ainda neste ano, aconteceu a participação na *12ª Gymnaestrada Mundial*, em Lisboa (Portugal).

Interpretação do desenvolvimento – Décadas de 1991 - 2003

Como resultado do empenho coletivo no desenvolvimento da GG neste período, muitos fatos dignos de nota ocorreram, destacando-se a publicação de livros específicos sobre a modalidade, a realização de fóruns e festivais nacionais e internacionais, num total aproximado de 40 eventos oficiais e um número expressivo de festivais regionais. Houve, nestas condições, uma descentralização do eixo Sul/Sudeste, assim

como a efetiva participação de grupos brasileiros em aproximadamente 25 dos mais importantes festivais mundiais de GG. Tal envolvimento fomentou a participação, sendo definitivamente este o período da consolidação da GG no Brasil.

Situação Atual Com a definição da GG como uma proposta viável para o desenvolvimento e aprimoramento da nossa sociedade, é possível afirmar que as bases para a expansão da modalidade já estão assentadas. Há, sobretudo, indivíduos e grupos interessados por uma modalidade participativa, sem os limites impostos

pelos modalidades competitivas. Sob o prisma econômico, considerando a GG ser uma modalidade caracterizada pelo prazer da participação e que privilegia a confraternização, os eventos nela fundamentados podem ter uma participação bastante representativa no mercado do esporte-turismo e/ou nos hoje chamados projetos de inclusão social pelo esporte. Porém, em termos quantitativos a GG ainda se trata de uma prática esportiva restrita no Brasil: há apenas cerca de 1700 atletas e 150 grupos registrados junto às federações de Ginástica do país (dados de confiabilidade média). Já na área internacional, a representação nacional alcançou um

nível razoável de reputação e continuidade pois há uma média de 300 participantes brasileiros em cada Gymnaestrada, algo entre 0,5 e 1% do total de ginastas presentes no evento.

Fontes Santos J.C.E & Santos N.G.M. (1999). *História da Ginástica Geral no Brasil*. Rio de Janeiro: J.C.E. dos Santos; Santos J.C.E. (2001). *Ginástica Geral - Elaboração de Coreografias/Organização de Festivais*. Jundiaí: Fontoura; FIG www.fig-gymnastics.com; *GGRio* www.ggrio.kit.net

Ginástica Geral (GG) por estado, 2003

General Gymnastics (GG) per state (n=2720)

Número de ginastas e grupos / ginastas das Federações com Comitê Técnico específico de GG

Number of athletes and groups / athletes from the Federations with GG specific technical committee



Investimentos – estimativa de média confiabilidade

Investments – estimates / year / participants

Ano	Participantes brasileiros	Total aproximado (US\$)
1991	114	170.000
1995	662	995.000
1999	382	575.000
2003	Aprox. 320	480.000

Representação do Brasil nas Gymnaestradas

Brazilian participation in Gymnaestradas

Ano Year	Cidade/País City / Country	Nº de participantes Number of participants		Nº países Countries
		Brasil	Total	
1953	Roterdã - Holanda	---	5.000	14
1957	Zagreb - Iugoslávia	13	6.000	16
1961	Stuttgart - Alemanha	---	10.000	24
1965	Viena - Austria	13	15.000	28
1969	Baseléia - Suíça	14	9.600	27
1975	Berlim - Alemanha	Aprox. 65	10.500	22
1982	Zurique - Suíça	24	14.200	24
1987	Herning - Dinamarca	03	17.300	25
1991	Amsterdã - Holanda	114	19.500	29
1995	Berlim - Alemanha	662	19.200	36
1999	Gotemburgo - Suécia	382	21.000	39
2003	Lisboa - Portugal	Aprox. 320	Aprox. 25.000	49

Destaques / features

- Média de custo individual: aprox. US\$ 1.500
- Maior parte deste custo assumido pelos próprios participantes
- O nº médio de participantes nos principais eventos nacionais, nos últimos 10 anos é de 300 ginastas por evento (Estimativa de média confiabilidade)
- Do total de participantes brasileiros na GG, é estimada a participação de 70% do sexo feminino e 30% do sexo masculino

Ginástica Artística (GA)

NESTOR SOARES PUBLICO

Artistic Gymnastics

The history of Artistic Gymnastics in Brazil can be divided in three periods. The first one, from 1824 to 1950, so called heroic period, began with the arrival of the German immigrants in Rio Grande do Sul and finished with the accomplishment of an expansion project for Artistic Gymnastics. The second phase, from 1951 to 1978, was the period of

structure, in which Artistic Gymnastics became a formal institution in the country, affiliated to FIG, and in which the Confederação Brasileira de Ginástica (Brazilian Gymnastics Confederation – CBG) was founded. The third phase, from 1979 until today, can be defined as the period of ratification, characterized by international recognition, with the regular

participation of the Brazilian team in the main international events, with expressive results in the main FIG championships in the late 1990s and early 2000s. The CBG organized 20 events in Brazil in 2002, with the participation of more than 3,000 gymnasts. Brazilian gymnasts took part in more than a dozen international events in 2002.

Definição Atendendo-se aos critérios atuais da Federação Internacional de Ginástica-FIG, a GA é uma denominação que engloba atividades anteriores nomeadas alternadamente como Ginástica Olímpica, Ginástica Esportiva ou Ginástica com Aparelhos. Atualmente na GA, são realizadas seis provas masculinas (Solo, Cavalo, Argolas, Salto, Paralelas e Barra) e quatro femininas (Salto, Paralelas Assimétricas, Trave e Solo). As séries a serem executadas nos aparelhos devem ser compostas pelos ginastas e avaliadas pelos árbitros, conforme o estabelecido nos Códigos de Pontuação da FIG. Seguindo a pontuação dos ginastas é determinado o resultado das competições através do confronto das notas obtidas, sendo assim definidas as classificações por equipes, individual geral (soma de todas as provas) e individual por provas.

Origem no Brasil A história da GA no Brasil pode ser dividida em três períodos: o primeiro, de 1824 a 1950, foi o 'período heróico', tendo se iniciado com a chegada dos imigrantes alemães ao RS e finalizado com a concretização de uma proposta de crescimento da Ginástica. O segundo período, de 1951 a 1978, foi o 'período da estruturação', sendo caracterizado pela oficialização da Ginástica no país e filiação à FIG, sendo coroado com a fundação da Confederação Brasileira de Ginástica-CBG. O terceiro pode ser definido como o 'período da afirmação', de 1979 até hoje, caracterizado pelo reconhecimento internacional, com a participação regular nos principais eventos mundiais, com resultados expressivos nos principais campeonatos da FIG no final dos anos 1990 e início dos anos 2000.

1858 Fundação da *Deutscher Turnverein zu Joinville*, hoje Sociedade Ginástica de Joinville -SC, a mais antiga Sociedade de Ginástica da América do Sul. Este foi o primeiro passo para a formalização da GA no Brasil.

1867 Fundação da *Deutscher Turnverein Porto Alegre*, hoje Sociedade de Ginástica Porto Alegre – SOGIPA na cidade do mesmo nome no RS, berço da GA brasileira.

1895 Fundação da Liga de Ginástica do Rio Grande do Sul, primeira entidade desportiva com âmbito estadual instituída no Brasil, que serviu de exemplo para a criação de outras entidades esportivas semelhantes.

1896 Realização do primeiro torneio de GA no Brasil, no antigo *Deutscher Schützenverein* (Sociedade Alemã de Tiro), nos Moínhos de Vento, em Hamburgo Velho-RS.

1910 Realização de um campeonato de GA entre o Clube Ginástico Paulista de São Paulo (CGP 1890) e o Clube Ginástico Desportivo do Rio de Janeiro (CGD 1909). Esse encontro foi idealizado pelo CGD 1909 e realizado anualmente, por mais de 25 anos, servindo de modelo para a realização dos futuros campeonatos interclubes.

1950 Realização, em São Paulo, de um torneio nacional reunindo equipes da SOGIPA, do CGP 1890 e do CGD 1909.

Interpretação do Desenvolvimento – 1850-1950 Esta fase foi caracterizada pelo puro amadorismo, com o surgimento de muitas Sociedades de Ginástica no RS, SP e RJ. Muitos foram os colaboradores no desenvolvimento da GA, em particular os “alemães-gaúchos” introdutores do *Turnen* no Brasil.

1951 Início da realização dos Campeonatos Brasileiros de GA, dirigidos e organizados pela Confederação Brasileira de Desportos-CBD.

1953 Chegada ao país do Professor Enrique Rapesta, grande ginasta argentino que se radicou no RJ. Um abnegado e um dos maiores baluartes da GA do Brasil.

1959 Realização do I Campeonato Brasileiro de Clubes. Este evento foi idealizado pelo Prof. Rapesta, objetivando maior motivação aos ginastas, notadamente os estrangeiros aqui radicados, pois estes eram impedidos de participar dos Campeonatos Brasileiros oficiais.

1963 A III Universíade aconteceu em Porto Alegre-RS, sendo pela primeira vez realizada a competição de GA neste evento mundial. Este foi um fato marcante, pois também pela primeira vez o Brasil organizou uma competição internacional de alto nível.

1969 Foi realizado pela CBD, em Porto Alegre-RS, o primeiro Campeonato Brasileiro Juvenil, evento que até hoje privilegia a participação de jovens ginastas. Também foi realizado pela Federação Paulista de Ginástica-FPG, um Campeonato Nacional para as categorias Mirim e Infantil. Participaram em ambos os eventos as equipes das Federações de SP, RS e RJ. Estes acontecimentos marcaram o início do processo de valorização do treinamento de base na GA.

1972 A CBD traduziu e editou os Códigos de Pontuação. Certamente este foi um dos principais fatos que colaboraram para o desenvolvimento da GA no país.

1973 Os melhores ginastas do mundo, sob os auspícios da FIG, participaram de uma turnê pelo Brasil, evento que muito motivou a prática da GA no país, sem considerar o privilégio de receber oito jogos completos de aparelhos do mais alto nível. Neste mesmo ano, aconteceu o primeiro dos quatro Cursos Nacionais de Ginástica Olímpica, patrocinado pelo Departamento de Educação Física e Desportos do Ministério da Educação e da Cultura-DED/MEC e pela CBD. O objetivo destes cursos era preparar os professores para a participação dos seus estados nas competições de GA dos Jogos Escolares Brasileiros-JEBs que, no período de 1970 a 1990, constituiu o mais importante evento esportivo do país.

1976 Foi realizado no Brasil o I Curso Intercontinental de Árbitros da FIG, com o objetivo de formar árbitros para atuar em eventos internacionais. Naturalmente a realização deste curso também promoveu o desenvolvimento da arbitragem brasileira. Os primeiros reflexos do desenvolvimento da GA no Brasil começaram a ser observados nos convites para que os nossos ginastas participassem de eventos internacionais, em especial da *American Cup* e *Mixed Pairs*, nos EUA.

1978 No dia 25 de Novembro foi fundada a CBG, passando a Ginástica brasileira a ter uma entidade própria para representá-la na FIG, desvinculando-se da CBD. Pela primeira vez o Brasil participou de um Campeonato Mundial, em Estrasburgo - França, com equipes completas. Neste evento Lilian Carrascoza (RJ) foi a primeira ginasta, dos ginastas brasileiros, a conseguir o Brevê de Ginasta Internacional da FIG. Neste mesmo ano aconteceu, na cidade de São Paulo-SP, a III Copa do Mundo, evento que contou com a participação dos principais ginastas internacionais, inclusive alguns brasileiros. Mais uma vez a realização de um evento oportunizou a aquisição de material específico para a GA.

Interpretação do Desenvolvimento – 1950-1978 Esta foi uma fase fecunda, seja na realização ou na participação em campeonatos e cursos. Foi fundamental para o desenvolvimento da GA o incentivo à realização de eventos para os jovens ginastas. Deve ser ressaltada a importância da tradução dos Códigos de Pontuação. Esse período foi encerrado com a criação da CBG. Todo o trabalho desenvolvido nestes anos permitiu uma evolução

técnica relevante, que levou ao fomento do número de ginastas e a futuras participações internacionais significativas.

1979 No Campeonato Mundial em Forth Worth-EUA, aconteceu a primeira participação do Brasil com a CBG, provavelmente com a maior delegação brasileira em Campeonatos Mundiais de GA. Neste mesmo ano, pela primeira vez o Brasil obteve uma premiação por equipes nos Jogos Pan-americanos, com o 3º lugar por equipe da GA masculina.

1980 Foi criado, no RJ, o “Projeto Medalha de Ouro”, com o patrocínio do Colégio Impacto e com o apoio da CBG, sob a direção técnica de José Arruda e Berenice Arruda, professores e ex-ginastas com grande experiência. Para este projeto foi montado, pela primeira vez no país, um centro de treinamento específico para a GA, sendo contratados vários profissionais de diversas áreas, inclusive técnicos russos, para trabalharem com as ginastas selecionadas. Apesar do projeto não ter vingado, serviu de parâmetro para futuros projetos nacionais. Outro destaque neste ano foi a participação do Brasil na Gymnasiade em Turim (ITA), campeonato mundial para jovens na qual o Brasil obteve um significativo 3º lugar por equipes na GA masculina e o ginasta Alan Libermann (SP) foi vice-campeão na prova de Salto sobre o Cavalo. Coroando os destaques do ano, aconteceu a primeira participação do país nos Jogos Olímpicos de Moscou, com os ginastas João Luis Ribeiro (SP) e Claudia Magalhães (RJ).

1982 Neste ano aconteceram os primeiros resultados de destaque mundial da GA feminina brasileira. Na Gymnasiade em Lille - França, a ginasta Jacqueline Pires (RJ) foi campeã no Salto sobre o Cavalo, enquanto que Tatiana Figueiredo (RJ) e Altair Prado (RJ) foram vice-campeãs na Trave e nas Assimétricas, respectivamente.

1983 Pela primeira vez nos Jogos Pan-americanos, o Brasil conseguiu uma premiação por equipes na GA feminina, obtendo o 3º lugar.

1988 Pela primeira vez, sem o boicote na participação de qualquer nação aos Jogos Olímpicos, uma ginasta brasileira, Luisa Parente (RJ), se classificou entre as 36 finalistas individuais, em Seul - KOR.

1991 Na competição de GA dos Jogos Pan-americanos em Havana - Cuba, a ginasta Luisa Parente (RJ) venceu espetacularmente as provas de Salto sobre o Cavalo e Paralelas Assimétricas, ganhando, pela primeira vez, duas medalhas de ouro para o Brasil em um evento internacional.

2002 Pela primeira vez na história da GA uma ginasta brasileira foi vice-campeã num Campeonato Mundial, classificação obtida por Daniele Hypolito (RJ), no Solo. A mesma ginasta, neste mesmo campeonato, conseguiu uma excepcional classificação individual geral, obtendo o 4º lugar, resultado que refletiu o trabalho criterioso desenvolvido por sua técnica, Georgete Vidor (RJ). Por iniciativa do Comitê Olímpico Brasileiro-COB, a GA foi incluída num projeto de realização de circuitos nacionais de esportes olímpicos, promovendo pela primeira vez, no Brasil, competições de GA com premiação monetária.

2003 Nos Jogos Pan-americanos de Santo Domingo, o Brasil teve uma participação histórica, pela primeira vez obtendo 10 medalhas numa competição internacional oficial, sendo 2 por equipes e 8 individuais (5 GAM e 3 GAF). Neste mesmo ano, outro resultado expressivo foi obtido no Campeonato Mundial em Anaheim - EUA, com a classificação da equipe feminina em

8º lugar, fato que pela primeira vez possibilitou a participação do Brasil com uma equipe completa nos Jogos Olímpicos (Atenas-2004). Acrescente-se ainda o primeiro lugar na prova de Solo, no evento citado, obtido pela ginasta Dayane dos Santos, sendo esta a primeira medalha de ouro de um ginasta brasileiro num Campeonato Mundial.

Interpretação do terceiro período Período no qual o Brasil teve uma grande evolução técnica, demonstrou ter potencial para disputar em igualdade de condições com as maiores potências da

GA, fato que ficou patenteado nos resultados internacionais conseguidos nos diversos eventos em que participou.

Situação atual Em 2002 participaram dos campeonatos oficiais da CBG um total de 270 ginastas de Ginástica Artística Masculina e 680 ginastas de Ginástica Artística Feminina. No mesmo ano, a CBG movimentou num total de 20 eventos com mais de 3.000 ginastas, tendo participado ainda de mais de uma dezena de eventos internacionais. Atualmente a CBG sediada em Curitiba-PR e possuindo um Centro Nacional de Treinamento para os

ginastas da elite nacional, permite afirmar que o crescente desenvolvimento técnico da GA no país em breve se refletirá em melhores resultados internacionais e a conseqüente popularização da modalidade.

Fontes – CBD. *Relatórios Anuais do Conselho de Assesores de Ginástica*, Rio de Janeiro, CBD (a partir de 1951); Fischer, M. *A história da Associação Riograndense de Ginastas*. ARG, Porto Alegre, (1929); Publio, N. S. *Evolução Histórica de Ginástica Olímpica*, 2.ed. São Paulo, Phorte, 2002. CBG, *Relatórios anuais*.

Ginastas brasileiros da GA participantes dos Jogos Olímpicos

Brazilian participation in Olympic Games

Cláudia Magalhães (RJ) – Moscou – 1980

João Luis Ribeiro (SP) – Moscou – 1980

Tatiana Figueiredo (RJ) – Los Angeles – 1984

Gerson Gnoatto (MG) – Los Angeles – 1984

Luisa Parente (RJ) – Seul – 1988

Guilherme Saggese Pinto (RJ) – Seul - 1988

Luisa Parente (RJ) – Barcelona – 1992

Marco Monteiro (RJ) – Barcelona – 1992

Soraya Carvalho (RJ) – Atlanta – 1996

Daniele Hypolito (RJ) – Sidney – 2000

Atenas – 2004 – Pela primeira vez o Brasil irá participar com equipe completa feminina e 1 ginasta masculino.

Expressivo resultado nos Jogos Pan-americanos de Santo Domingo-2003, melhor resultado internacional de seleções brasileiras em competições oficiais

Pan American Games – 2003 results

Total de 10 medalhas

GAM

- 2º lugar p/ equipes
- 2º Solo / Michel Conceição (SP)
- 2º Salto / Diego Hypolito (RJ)
- 3º Salto / Michel Conceição (SP)
- 3º Cavalo / Mosiah Rodrigues (RJ)
- 3º Barra / Mosiah Rodrigues (RJ)

GAF

- 3º por equipes
- 3º Individual Geral / Danielle Hypolito (RJ)
- 2º Paralelas / Danielle Hypolito (RJ)
- 2º Trave / Danielle Hypolito (RJ)

Destaques / Features

Enrique Rapesta: Grande ginasta argentino que se radicou no RJ, em 1953, se naturalizou brasileiro, inicialmente se dedicando ao ensino da modalidade, e posteriormente atuando na arbitragem e no aconselhamento dos dirigentes, técnicos e ginastas, se tornou um dos maiores baluartes da GA do Brasil.

Ginástica Rítmica (GR)

HELOÍSA ALONSO E INGEBORGE CRAUSE

Rhythmic Gymnastics

The Austrian teacher Margareth Fröhlich brought Rhythmic Gymnastics to Brazil in 1953, which was then developed by Brazilian Erica Sauer and Hungarian Ilona Peuker. Although there were already some rhythmic gymnasts in the 1950s, it was only in the 1960s that the interest in this discipline started to increase in

Definição A GR é uma das modalidades competitivas da FIG, exclusivamente feminina, praticada em composições com aparelhos manuais (corda, arco, bola, maçãs e fita) e/ou a mãos livres. Esta modalidade é reconhecida pelas denominações correntes: Ginástica Rítmica Desportiva, Ginástica Rítmica Moderna, Ginástica Feminina Moderna e Ginástica Moderna. Nela existem dois tipos de provas: individual e conjunto. A prova de conjunto é desenvolvida numa composição executada por cinco ginastas. Uma composição de GR é o produto de uma inter-relação harmoniosa entre técnica corporal, o manejo do(s) aparelho(s) e a sustentação musical. Avaliando as composições, existe uma banca de arbitragem que, fundamentada no Código de Pontuação, aufere as notas e determina o resultado das competições.

Origem No Brasil, a GR chegou em 1953, inicialmente por intermédio da professora austríaca Margareth Fröhlich, que veio convidada para ministrar aulas de Ginástica Feminina Moderna no III Curso de Aperfeiçoamento Técnico e Pedagógico, promovido pelo Estado de São Paulo. Nesta oportunidade, Margareth Fröhlich contou com a assistência de Erica Sauer, professora da então Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, atual Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Esta, assimilando as novas idéias, tornou-se uma estudiosa do assunto, participando de vários cursos de especialização na Alemanha, bem como fomentando a Ginástica Moderna no âmbito dos cursos de graduação de professores de Educação Física. Neste mesmo ano, chegou ao Brasil Ilona Peuker, professora nascida na Hungria, com grande lastro profissional internacional, radicou-se no Rio de Janeiro. Os constantes cursos por ela ministrados, além das apresentações do Grupo Unido de Ginastas (GUG), por ela fundado, fecharam o círculo inicial de implantação da GR no Brasil. Por sua dedicação na promoção e difusão da modalidade por todo o país, durante aproximadamente 30 anos, a professora Ilona foi o terceiro pilar, e talvez o principal, na implantação da GR no Brasil. Apesar de haver algumas praticantes nos anos de 1950, somente na década de 1960, surgiu o grande interesse pela Ginástica Moderna, especificamente no antigo Estado da Guanabara (hoje RJ), graças ao trabalho desenvolvido na área estudantil com a efetiva inclusão da modalidade nos currículos escolares. Um grande número de professoras especializadas e ex-praticantes da atividade conseguiu desenvolver um trabalho que parece ter tido, naquele momento, seu apogeu, percebendo-se com distinção e evolução de dois aspectos importantes: educativo e competitivo.

1956 Neste ano, Ilona Peuker realiza um dos seus sonhos, com a fundação de um grupo de elite de GR, o Grupo Unido de Ginastas-GUG. A partir de um trabalho sério e incansável, através de demonstrações por todo o país, o GUG foi se afirmando como divulgador e propagador da então denominada Ginástica Feminina Moderna. Em seu programa diversificado e altamente criativo, utilizava além dos aparelhos manuais oficiais (corda, arco, bola, maçãs e fita) outros instrumentos típicos da nossa cultura como cocos, pandeiros, agogôs e reco-recos, cuja variedade de ritmos e melodias eram combinados de forma simultânea ou alternada pelo acompanhamento musical ao piano.

1967 Acontece a primeira participação do Brasil em competições internacionais, com a ginasta Daisy Barros (RJ), no III Campeonato Mundial de Ginástica Moderna, realizado em Copenhague (DIN), disputando as provas individuais, tendo como técnica Ilona Peuker.

1968 A então Federação Metropolitana de Ginástica, hoje Federação de Ginástica do Estado do Rio de Janeiro-FGERJ, incorporou a Ginástica Moderna, passando a organizar as competições regionais, sendo assim a primeira federação estadual a ter a modalidade no seu quadro de atividades.

Brazil. Rhythmic Gymnastics today is represented in the 19 Brazilian state federations affiliated to the Confederação Brasileira de Ginástica (Brazilian Gymnastics Confederation). Brazil has participated in all world championships of Rhythmic Gymnastics, which demonstrates not only the degree of importance

1969 Com o apoio do Departamento de Educação Física e Desportos do Ministério da Educação e Cultura (DED/MEC) a GR teve um significativo impulso no nível nacional, com a inclusão da então Ginástica Moderna nos I Jogos Estudantis Brasileiros (I JEBs), realizados em Niterói-RJ. A modalidade foi disputada pelas equipes estudantis dos estados do ES, GB (Guanabara), PB, PE, PR e RJ, sagrando-se campeão o RJ.

Interpretação do desenvolvimento – Décadas de 1953-1969 Esta foi a fase de implantação e sedimentação da GR no Brasil. Os primeiros cursos foram fundamentais para a interpretação da modalidade, gerando imediatamente ações que refletiram a adaptação da GR à mulher brasileira, assim como à cultura nacional. Com a culminância deste processo deu-se encampação formativa-esportiva pelo DED-MEC, incluindo-a nos JEBs, sendo este último um dos principais fatores na difusão e desenvolvimento da GR no Brasil, fato que até os dias de hoje se reflete na Ginástica do país. **1970** Organizado pelo GUG, promovido pela Federação Carioca de Ginástica (hoje FGERJ) e pela SEED/MEC, foi realizado o I Festival Internacional de Ginástica Moderna, na cidade do Rio de Janeiro-RJ, com a participação de ginastas da Argentina, Brasil, Venezuela e Suíça. Este evento marcou o início dos eventos internacionais da GR no Brasil.

1971 Motivada pelo desenvolvimento da GR no Brasil, a Confederação Brasileira de Desportos-CBD promoveu o primeiro Campeonato Brasileiro da modalidade, na cidade do Rio de Janeiro-RJ. Dele participaram a GB, MG e RJ, sagrando-se campeã na prova de conjunto o GUG (GB) e na prova individual a ginasta Geisa Bernardes (GUG).

1973 Neste ano o Brasil iniciou a sua participação internacional também nas provas de conjunto, no VI Campeonato Mundial, realizado em Roterdã - Holanda, representado pelo GUG (GB). Nacionalmente é observado um crescimento de relevo da modalidade, fato comprovado pelo maior índice de participação nos JEBs deste ano, sendo 19 equipes de diferentes estados.

1976 O Brasil é distinguido pela FIG com o convite para participar com uma equipe de GR, juntamente com outras 11 nações, da solenidade de abertura dos XXI Jogos Olímpicos, em Montreal - Canadá. Esta apresentação promoveu a divulgação da GR para o Comitê Olímpico Internacional, com o objetivo de torná-la modalidade olímpica.

Interpretação do desenvolvimento – Década de 1970-1979 Neste período foi notória a ascensão da Ginástica Moderna no Brasil, devendo ser ressaltado o esforço das secretarias estaduais de educação e das federações estaduais de Ginástica no sentido de confirmar a modalidade como agente formativo e como modalidade competitiva dos jovens. Nesta década dois nomes se destacaram na orientação técnica da GR no Brasil: Ilona Peuker e Daisy Barros (RJ).

1980 Pela primeira vez o Brasil organiza uma competição oficial da FIG, realizando na cidade do Rio de Janeiro (RJ) o II Campeonato dos 4 Continentes de Ginástica Rítmica Desportiva.

1984 Pela primeira vez o Brasil participou da competição de GR dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, representado pela ginasta Rosane Favila (RJ), nas provas individuais.

Interpretação do desenvolvimento – Década 1980 - 1989 Este período foi marcado pela "internacionalização" da GR brasileira com significativas participações, notadamente nos Campeonatos Mundiais. Dois nomes se destacaram na direção das Seleções: Vera Lúcia Miranda (RJ) e Bárbara Elisabeth Laffranchi (PR).

it has had along the years but also the technical level it has reached since 1975. The largest Brazilian training center of the country and the permanent headquarters for international competitions of Rhythmic Gymnastics are located at the Universidade do Norte do Paraná-UNOPAR, in Londrina-PR.

1995 Pela primeira vez a GR do Brasil é premiada num evento internacional oficial, com o 3º lugar no conjunto, obtido nos Jogos Pan-Americanos de Mar del Plata, na Argentina.

1996 Pela primeira vez um conjunto de GR do Brasil participa dos Jogos Olímpicos, em Atlanta.

1999 A GR brasileira, pela primeira vez obtém um título internacional em um evento oficial, sendo campeã no conjunto, nos Jogos Pan-americanos de Winnipeg - CAN.

Interpretação do desenvolvimento – Década 1990-1999 Neste período, objetivando atender os aspectos técnicos da modalidade, sócio-culturais, políticos e econômicos, foram realizadas várias alterações no regulamento da GR. Dentre estas, se destaca a permissão de utilização de macacão como vestimenta, o que possibilitou a participação das mulheres dos países muçulmanos nos eventos internacionais. Esta década foi marcada pelas primeiras conquistas internacionais da GR brasileira, ressaltando com expressividade a sua performance de alto nível. Neste período se destacaram na direção das Seleções: Leticia Barros (RJ), Yara Blanco Zamberlam (RS) e Bárbara Elisabeth Laffranchi (PR).

2001 O Brasil, pela segunda vez, sediou uma competição oficial da FIG, o VIII Campeonato dos 4 Continentes de Ginástica Rítmica, realizado em Curitiba - PR. O destaque brasileiro foi a ginasta Larissa Barata, que obteve o título de Campeã Individual Geral.

2003 Nos Jogos Pan-americanos de Santo Domingo - República Dominicana, o Brasil teve um resultado excepcional, obtendo o 1º lugar Geral na prova de conjunto, o 1º lugar na prova de conjunto com 5 fitas, o 1º lugar na prova de conjunto com 3 arcos e 2 bolas e o 3º lugar individual na prova de Maças, com a ginasta Tayanne Mantovelli (SE).

Situação Atual A Ginástica Rítmica hoje se encontra com representação nas 19 federações estaduais brasileiras filiadas à CBG. Demonstrando o grau de importância assumida na Ginástica brasileira e o nível técnico atingido, desde 1975 o Brasil vem se fazendo presente em todos os campeonatos mundiais, e também nos principais eventos da modalidade no mundo, com participações em provas individuais e de conjuntos com resultados expressivos. Estas conquistas são o resultado de aproximadamente 50 anos de um trabalho árduo, sério e competente dos professores e ginastas brasileiros. Em Londrina-PR, na Universidade do Norte do Paraná-UNOPAR, encontra-se o maior centro de treinamento de Ginástica Rítmica do país. A CBG, objetivando o aprimoramento técnico e a obtenção de resultados cada vez mais significativos na GR, formou uma seleção permanente, visando a participação nos próximos Jogos Olímpicos e principalmente para os Jogos Pan-americanos de 2007, a ser realizado na cidade do Rio de Janeiro-RJ. Para outros destaques ver box no mapa da AER, adiante.

Fontes Alonso H. (2000). *Ginástica Rítmica: construindo uma metodologia*. Tese de Doutorado em Ed. Física. Faculdade de Educação Física, UNICAMP; Crause I. (1978 e 1984). *Histórico da Ginástica Rítmica Desportiva / Regras Oficiais*. Rio de Janeiro CBG / Palestra; Crause I. (1985) *Ginástica Rítmica Desportiva : um estudo sobre a relevância da preparação técnica de base na formação da ginasta*. Dissertação de Mestrado em Ed. Física. Escola de Educação Física e Desportos, UFRJ; FIG. (2002) *Código de Pontuação de Ginástica Rítmica*. Moutier; Schmid B. (1985). *La Gimnasia Ritmica Deportiva*. Barcelona: Hispano Europea.

Aeróbica Esportiva (AER)

MARIA EDUARDA POLI

Sport Aerobics

Sport Aerobics is a very recent discipline in Brazil. Gyms and health clubs have showed an enormous interest in it since its launching in 1984. The Confederação Brasileira de Ginástica (Brazilian Gymnastics Confederation -CBG) has 600 registered

Definição Segundo a Federação Internacional de Ginástica-FIG, a AER é a habilidade de executar continuamente padrões de movimentos complexos e de alta intensidade com a música, originados da tradicional dança aeróbica. A rotina deve demonstrar movimentos contínuos, flexibilidade, força, e a utilização de sete passos básicos, com alto grau de perfeição nos elementos de dificuldade executados. São cinco as provas realizadas: Individual Feminino, Individual Masculino, Dupla Mista, Trio e Grupo (seis integrantes). As denominações alternativas à oficializada pela FIG são: Ginástica Aeróbica Esportiva, Ginástica Aeróbica e Aeróbica de Competição.

Origem A AER é um esporte bastante recente no Brasil, tendo chegado em 1984, quando da realização da "I Clínica de Ginástica Aeróbica", ministrada por Mauro Guiselini, Kaled Heda El Haek, Valdir Barbanti e José Elias de Proença. Após esta experiência, a nova modalidade difundiu-se rapidamente por todo o país. Desde a sua introdução no Brasil, a AER teve grande receptividade, principalmente nas academias de Ginástica, inclusive oportunizando o surgimento de derivações inspiradas em diferentes ritmos e culturas, tais como a Lamba-aeróbica e a Aero-salsa. Logo a modalidade tornou-se competitiva, com os resultados obtidos pelos ginastas brasileiros, motivando então a sua difusão. Inicialmente a modalidade era gerida internacionalmente pela *Fitaerobics International Association*-FIA, porém em 1989, devido a uma cisão, surgiram duas novas entidades: a *International Aerobic Federation*-IAF e a *International Competitive Aerobic Federation*-ICAF. No Brasil, estas duas entidades passaram a ser representadas por duas empresas: a Maurício Fernandez Promoções - MFP, filiada à IAF e a Mecânica de Produção - MP, presidida por Valdir Soares, vinculada a ICAF. As primeiras competições de AER no Brasil aconteceram em 1989, em São Paulo-SP, promovidas pelas empresas MP, MFP e Ação Promoções - AP. Os primeiros ginastas campeões de Aeróbica no Brasil foram: Renata Azevedo (SP), na prova Individual, Sérgio Simphronio e Patrícia Lobato (SP), na prova de Dupla. Também em 1989 o Brasil inicia uma caminhada de sucesso na organização de eventos internacionais de AER, com a realização do I Campeonato Mundial de Trios, realizado em São Paulo pela IAF-Brasil, consagrando campeões os irmãos paraenses "Flic, Flac e Marcelo", como eram conhecidos, sendo estes os primeiros ginastas brasileiros com um título internacional na AER.

1995 A FIG inclui a AER em seu programa de modalidades esportivas, gerando expectativas sobre a possibilidade de um futuro olímpico para a modalidade. Diante do novo modelo estabelecido pela absorção do controle mundial da AER pela FIG, aconteceu a cisão da ICAF, que se desmembra em duas associações internacionais: a *Association of National Aerobic Championships*-ANAC e a *Federation of International Sports Aerobics and Fitness Inc*-FISAF. Neste processo de reestruturação mundial da AER, a CBG, filiada à FIG, também passa a gerir mais esta modalidade e como primeiras ações, realiza em Curitiba-PR o I Curso Nacional Técnico e de Arbitragem e o I Campeonato Brasileiro da modalidade. Neste mesmo ano, a FIG realiza o seu I Campeonato Mundial de Aeróbica Esportiva, em Paris - FRA. O Brasil tem uma participação marcante vencendo três das quatro provas realizadas:

Sport Aerobics gymnasts today. They have all been taking part in national official competitions since 1995. In addition, there are more than 400 other registered gymnasts in two other associations that also promote national and international competitions. Sports

Mário Américo (RS), na prova Individual Masculina, Érica e Pedro Faccio (SP), na prova Dupla Mista e Ari Marques, Gil Lopes e Rui Faria (SP), na prova de Trios.

1996 Devido ao sucesso internacional dos ginastas brasileiros, a dupla campeã mundial – composta pelos irmãos Érica e Pedro Faccio – foi convidada para ser a representante da AER na Noite de Gala da FIG, durante o encerramento das competições de Ginástica dos Jogos Olímpicos de Atlanta. Ainda neste ano o Brasil obtém um resultado internacional de grande destaque com a ginasta Isamara Secati (SP) se consagrando como a primeira brasileira campeã mundial da FIG, na prova Individual Feminino.

1999 Este foi um ano de realizações na AER brasileira, com vários eventos significativos. Em âmbito nacional, foi realizado o I Torneio Nacional de AER, organizado pela Federação Mineira de Ginástica-FMG e realizado pela CBG, na cidade de Ipatinga-MG. Nele participaram entidades de quatro estados: DF, MG, RJ, e SP. O principal objetivo deste evento foi promover a popularização do esporte. Ainda em nível nacional foi realizado, na cidade de Ribeirão Preto-SP, sob a responsabilidade da empresa MFP e da Secretaria Municipal de Esportes, a I Copa Supradin de Aeróbica, com a participação de cerca de 150 ginastas. Em âmbito internacional, a MFP realiza em São Paulo-SP, no Ginásio do Ibirapuera, o I Grand Prix Internacional Feminino ANAC, com a participação de 4 países: Brasil, Bulgária, Espanha e Japão.

Interpretação da década 1990 – 1999 A partir de 1990, as entidades representadas da IAF e da ICAF no Brasil, passaram a realizar competições regionais pelo país, selecionando anualmente os melhores atletas para as finais nacionais, cujos vencedores recebiam, além das premiações em dinheiro, o direito à vaga de representantes nas competições mundiais daquelas entidades. Muitos atletas de talento se destacaram naquele oportuno momento em que ocorria no Brasil o início da grande expansão das academias de ginástica no país e o chamado *boom* da Aeróbica. Também no início desta década, a MP e a Fitness Brasil - FB, presididas pelo Sr. Valdir Soares, sob a supervisão de Ala Szman e do prof. Yochio Isobe (SP), passaram a realizar as competições chamadas "*Teens*", sendo estas exclusivas para os competidores em idade escolar. O principal objetivo destes eventos era promover um processo de iniciação esportiva e oportunizar a expansão da modalidade. Este período foi marcado pela inclusão da AER na FIG, fato que oficializou a modalidade como esporte reconhecido internacionalmente. A realização de eventos da AER no Brasil e a participação internacional em eventos por todo o mundo, reforçaram o desenvolvimento da modalidade no país, apontando o interesse dos melhores países da AER mundial em manter e estimular intercâmbios com o Brasil.

2000 Mais uma vez a FIG reconhece a importância da AER do Brasil, convidando o nosso trio campeão mundial da FIG, em 1999, para participar da Noite de Gala da FIG, durante o encerramento das competições de Ginástica dos Jogos Olímpicos de Sidney.

2001 A CBG realiza o IV Campeonato Brasileiro para todas as categorias, na cidade de Santa Maria Madalena-RJ, evento que

Aerobics has been so important for Brazil that the Brazilian team had gold medals in Sports Aerobics world championships of the International Federation of Gymnastics-FIG until 2001, when Romania and Spain took the lead.

contou com aproximadamente 100 ginastas representantes de oito clubes, oriundos de quatro federações estaduais: MG, RJ, RN e SP. O fato marcante deste evento foi a primeira participação de uma federação nordestina nos campeonatos promovidos pela CBG.

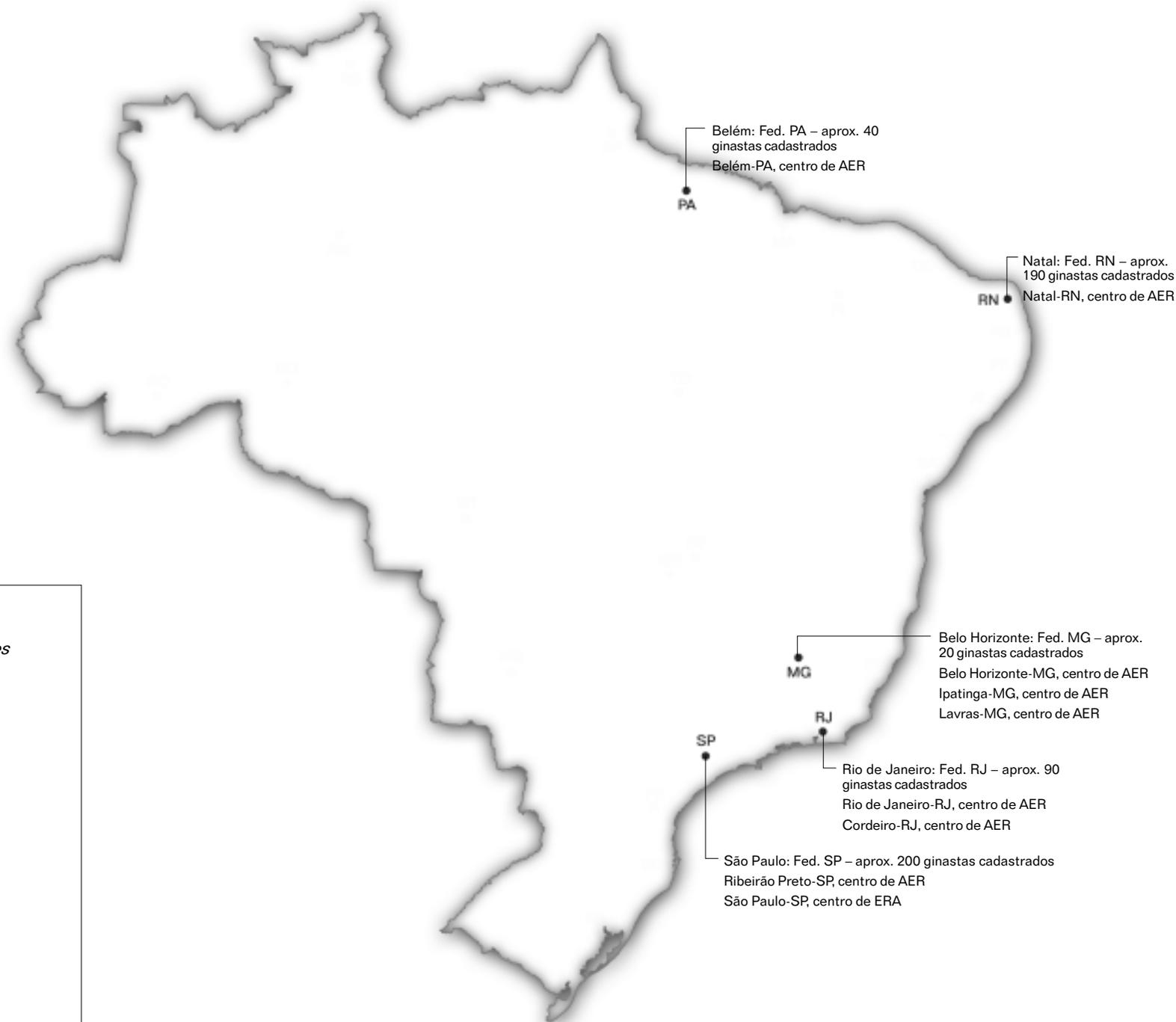
2002 Como reflexo do estímulo da AER fora da região centro-sul do país, pela primeira vez acontece um evento nacional na região Nordeste, com a Federação Northeriograndense de Ginástica promovendo o IV Curso Nacional de Arbitragem e o V Campeonato Brasileiro, na cidade de Natal-RN. Este evento contou com a participação de aproximadamente 130 ginastas, representando 10 entidades de 4 estados: MG, RJ, RN e SP.

Situação Atual A AER encontra-se, hoje, bastante difundida mundialmente após várias transformações, desde a sua concepção como atividade para condicionamento físico, até chegar a uma modalidade plenamente estabelecida como esporte da família da Ginástica Geral. Observando a cronologia nos resultados dos ginastas brasileiros, encontramos uma consistente liderança nos campeonatos realizados pelas quatro diferentes federações internacionais. Porém, a partir de 1995, com a gestão da modalidade pela FIG, inúmeros países com forte tradição de resultados na Ginástica Artística e na Ginástica Rítmica, a exemplo da Romênia, também estão desenvolvendo sistematicamente a AER e obtendo cada vez mais resultados expressivos nas competições internacionais. Atualmente, a CBG tem 600 ginastas de AER cadastrados, participantes das competições oficiais nacionais desde 1995. Por outro lado, a IAF-Brasil tem atualmente cerca de 300 competidores cadastrados. Já a FISAF-Brasil, teve cerca de 100 ginastas participando do seu último campeonato realizado. Sendo a modalidade oficializada pelas realizações da CBG, o seu Comitê Técnico desenvolve um programa de difusão através das federações estaduais, assim procurando motivar a participação, prevendo o envolvimento futuro de um número maior de ginastas na modalidade. A estimativa de atletas não federados é de 3000 mulheres e homens. Apesar de ser uma modalidade nova, pode-se concluir através do número de participantes nos campeonatos brasileiros promovidos pela CBG, que gradativamente vem aumentando o número de participantes, fato demonstrativo que o programa de desenvolvimento da AER proposto pela CBG está no rumo certo. Observando os resultados internacionais da AER, se verifica uma grande quantidade de títulos conquistados por ginastas brasileiros, ao longo destes quase 20 anos. Até 2001, o Brasil era o país com maior número de medalhas de ouro conquistadas nos campeonatos mundiais de AER da FIG, sendo superado pela Romênia e pela Espanha somente em 2002, dado que, por si só, demonstra a importância do Brasil nesta modalidade.

Fontes Akiau, P. (1994) *Técnicas em Ginástica Aeróbica*. Profissional Instructor - IV Convenção Fitness Brasil – Santos. C.B.G. (2003). Arquivos. Lemos, K.L.M. (1996). *A História da Ginástica Aeróbica de Competição*. Coletânea do IV Encontro Nacional de História do Esporte Lazer e Educação Física. Belo Horizonte: UFMG/EEF. M. F. Promoções: Arquivos ANAC e IAF. (internet) www.ginasticas.com, www.iaf-sportaerobics.org; www.sportaerobics-nac.com; www.fisaf.org

Federações e centros mais avançados de AER por cidades, 2003

Sports Aerobics federations and practice locations per cities, 2003



Nomes importantes na História da Aer no Brasil

Sport Aerobics – Renowned Athletes & Coaches in Brazil

Ginastas / athletes

Sayonara Motta (DF)
Paulo Roberto Santos (DF)
Alessandro Paiva (MG)
Roberson Magalhães (MG)
Adilson Arruda (MT)
Helena Cardoso (PA)
Olga Cardoso (PA)
Cláudia Gomes (PR)
Cláudio Lima (RJ)
Denilce Campos (RJ)
Eduardo Raupp (RS)
Greice Kerche (SP)
Márcio Confort (SP)
Márcio de Oliveira (SP)
Cida (TO)
Weidy (TO).

Técnicos / coaches:

Alexandre Moreira (SP)
Luciana July (SP)
Marcelo Borelli (SP)
Maria Regina Cavalcanti (SP)
Katia Lemos (MG)
Luis Ramiro (RJ)

Principais Eventos de Aer no Brasil

Sport Aerobics – main national events:

Campeonato Brasileiro da CBG (Anual)
Campeonato IAF-Brasil (Anual)

Principais Eventos de Aer no Mundo

Sport aerobics – main international events:

Campeonato Mundial FIG (Bienal)
World Series da FIG (5 etapas – Anual)
Suzuki World Cup, Tóquio-JAP (Anual)
Mundial FISAF (Anual)
Mundial ANAC (Anual)

Ginástica Rítmica (GR)

Rhythmic gymnastics

Ginástica rítmica – Destaques, 1953 - 2000

Rhythmic Gymnastics – Features, 1953 - 2000

Margareth Frölich – Em meados de 1953, durante um curso em São Paulo, apresentou aos Profs. brasileiros a GR, na época denominada Ginástica Moderna.

Érika Sauer (RJ) – Foi assistente da Prof^a Margareth Frölich no curso por ela ministrado em 1953 e, a partir de então tornou-se uma grande divulgadora da Ginástica Moderna no Brasil, notadamente no círculo acadêmico.

Ilona Peuker – Ilustre Prof^a húngara, que chegou ao Brasil em 1953, se radicando no RJ. Foi a responsável pela grande difusão da GR no Brasil, através dos cursos e apresentações do seu grupo, o GUG, por todo o país. Com o seu conhecimento técnico, a sua obstinação e a sua dedicação deixou um legado inestimável para a Ginástica brasileira.

Elizabeth Laffranchi (PR) - Desde de 1993 a Prof^a Elizabeth Laffranchi (PR) integra o Comitê Técnico de GR da FIG, sendo atualmente a Vice-Presidente deste comitê.

• **Todas as 19 federações estaduais do Brasil têm o seu Comitê Técnico de GR**

• **Ginastas individuais da GR participantes dos Jogos Olímpicos:**

Rosane Favilla (RJ) – Los Angeles – 1984
Marta Schonharst (SP) – Barcelona – 1992

• **Conjuntos participantes dos Jogos Olímpicos:**

1996 – Atlanta: Técnica Bárbara Laffranchi
2000 – Sidney: Técnica Bárbara Laffranchi

Trampolim (TRA)

SÉRGIO DE A. BASTOS

Trampoline

Trampoline was introduced in Brazil as practice in the 1950s by Brigada de Pára-quedistas do Exército (Brigade of Army Parachutists) and by Escola de Cadetes da Aeronáutica (Air Force Academy), both located in Rio de Janeiro. Hartmut Riehle, world champion of the

Definição A modalidade TRA possui 4 provas: Trampolim Individual, Trampolim Sincronizado, Duplo Mini-Trampolim e Tumbling, com as competições divididas por sexo. No Trampolim Individual os ginastas executam as suas séries, com 10 elementos técnicos aéreos, sobre o Trampolim. Na prova de Trampolim Sincronizado dois ginastas do mesmo sexo executam as suas séries simultaneamente, em máxima sincronia entre si, em dois Trampolins do mesmo tipo daquele utilizado na prova individual. Na prova de Duplo Mini-Trampolim, o ginasta executa uma corrida preparatória no solo, para a impulsão na primeira parte do aparelho, em seguida realizando um elemento técnico aéreo, para então se apoiar de pé e impulsar na segunda parte do aparelho e daí executar um segundo elemento técnico aéreo, sem interrupção entre eles, finalizando num colchão. No Tumbling as séries são compostas por 8 exercícios acrobáticos, executados progressiva e ininterruptamente em linha reta, sobre uma pista elástica própria. As normas para a determinação das notas dos ginastas, assim como as orientações para os árbitros nas provas do TRA, são definidas no Código de Pontuação da Federação Internacional de Ginástica-FIG. Em termos de denominações alternativas do TRA, geralmente citam-se: Ginástica de Trampolim, Trampolim Acrobático e Cama Elástica.

Origem O Trampolim foi o primeiro aparelho das provas do TRA praticado no Brasil, tendo este surgido através das atividades de circo. Na década de 1950/1960 a prática do Trampolim foi desenvolvida como atividade de treinamento militar pela Brigada de Pára-quedistas do Exército e pela Escola de Cadetes da Aeronáutica, ambas localizadas no RJ. O surgimento do TRA como modalidade esportiva no Brasil teve a participação significativa do professor Dr. Hartmut Riehle, alemão que em 1974 veio ao Brasil para ministrar cursos de Ginástica Artística no RJ e SP. A sua experiência no Trampolim, como campeão mundial em 1967, promoveu uma grande motivação pela modalidade, levando José Martins Oliveira Filho, professor de Educação Física de São Paulo, a se inscrever no curso de especialização da Universidade de Colônia - Alemanha. Em sua volta ao Brasil, José Martins ministrou aulas de Trampolim na Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo-USP. Neste período o Trampolim, em SP, esteve agregado à Federação Paulista de Ginástica-FPG, não sendo desenvolvido em outra parte do país. A partir de 1976 os clubes brasileiros de Ginástica Artística passaram a utilizar o Trampolim na preparação acrobática de seus ginastas.

1976 Inicia-se a prática competitiva do TRA quando da realização do primeiro campeonato de Mini-Trampolim, no Clube Ginástico Desportivo do Rio de Janeiro-CGDRJ, sob a direção de Sérgio Bastos, professor, ex-ginasta de Ginástica Artística. O evento contou com a participação de 123 ginastas.

1984 O evento a ser considerado como o marco para o surgimento da modalidade esportiva TRA no Brasil, foi o Torneio Inter-cidades do Estado de São Paulo, realizado no Ginásio do Ibirapuera, onde competiram 28 ginastas das cidades de São Paulo, Sorocaba e Guarulhos.

1986 Realiza-se o primeiro campeonato inter-estadual de Trampolim do Brasil na 5ª Copa Vasco da Gama de Ginástica, com a participação da Equipe da Academia FIT (SP) e do C. R. Vasco da Gama (RJ).

Décadas de 1950 - 1980 Desde o aparecimento no país, as atividades acrobáticas em trampolins serviram principalmente para a diversão. Com a adoção do Trampolim no treinamento das Forças Armadas, aconteceu uma maior difusão da atividade, já que, além das tarefas militares, também eram realizadas apresentações públicas. Com a incorporação do Trampolim ao

discipline, came to Brazil in the 1970s to teach courses of Artistic Gymnastics in RJ and SP. His visit contributed to the adoption of the Trampoline as a sport. Federations of Trampoline were created in SP and RJ in the 1980s while Brazilian athletes started to compete abroad,

treinamento da Ginástica Artística, cada vez mais o valor desta atividade se apresentava, até que alguns ex-praticantes da GA assumiram o compromisso de desenvolver a modalidade TRA. A partir de então, face ao aperfeiçoamento técnico dos professores, à realização das primeiras competições e à aquisição de aparelhos apropriados, o TRA passou a ser desenvolvido como modalidade autônoma.

1989 Em março, sob a orientação de José Martins, foi criada a primeira federação de TRA do Brasil, a Federação Paulista de Trampolim-FPT, entretanto esta entidade não foi oficializada. Em julho, um grupo de professores e atletas brasileiros de SP e RJ, liderados por José Martins, participaram de um Curso Técnico de Trampolim, na Universidade de Konztanz - Alemanha. Em dezembro, professores e dirigentes de várias entidades fundaram a Federação de Trampolim e Ginástica Acrobática do Estado do Rio de Janeiro-RIOTRAMP, sendo Sérgio Bastos eleito Presidente, tornando-se esta a primeira federação de TRA oficializada no Brasil.

1990 Neste ano, a seleção alemã de TRA fez uma turnê pelas cidades de Recife-PE, Belo Horizonte-MG, Rio de Janeiro-RJ e São Paulo-SP, onde foram realizados cursos e demonstrações. Em Setembro, na cidade de Mogi Mirim-SP, foi realizado o I Campeonato Brasileiro de TRA, sagrando-se campeã a RIOTRAMP, representada pelo Colégio Militar do RJ. Durante este evento foi fundada a Associação Brasileira de Trampolim Acrobático- ABRATA, sendo eleito José Martins como Presidente. Neste mesmo ano, a ABRATA filiou-se à Federação Internacional de Trampolim-FIT, assim oficializando internacionalmente o TRA do Brasil. Em Outubro, o Brasil participou pela primeira vez do Campeonato do Mundo de Trampolim, representado pelo ginasta Christiano Andrade, orientado por José. Martins.

1991 Realiza-se o I Campeonato Panamericano de Trampolim, na cidade de Bauru-SP, com a participação das equipes do Brasil, EUA e Argentina.

1993 Em junho foi realizada a I Copa Latina de Trampolim, em Rio Claro-SP, com a participação de equipes da Itália, de Portugal e das Seleções das Federações do RJ e SP. Nos meses de junho e julho, Rui Vinagre e Luis Santos (Portugal), com a colaboração dos ginastas campeões mundiais de Duplo Mini-Trampolim, Jorge Pereira e Jorge Moreira (Portugal), ministraram cursos técnicos nas cidades de SP e RJ.

1994 Durante três meses, o francês Hubert Barthod, acompanhado do ginasta 4º colocado no Campeonato Mundial, Jean-Pierre Thor, permaneceu no RJ preparando os ginastas cariocas para o Campeonato Mundial. Em outubro, aconteceu o 18º Campeonato Mundial de Trampolim, realizado na Cidade do Porto - Portugal. Pela primeira vez o Brasil participa com equipes completas, representado por 21 ginastas (16/RJ, 2/SP, 2/MS e 1/MG). Ainda em outubro, foram realizados os 11º Jogos Mundiais de Trampolim por Idade, em Vila do Conde (Portugal), com destaque para a seleção brasileira, que compareceu com a maior delegação do evento, composta por 80 ginastas (56/RJ, 18/SP, 4/MG e 2/MS) e 25 treinadores. Pela primeira vez o Brasil obteve resultados no nível internacional, com os vice-campeonatos dos ginastas Rodolfo Rangel (RJ), na prova de Trampolim e Rafael Costa Leite (RJ), na prova de Duplo Mini-Trampolim.

1995 Realiza-se, em SP, o 1º Curso Internacional de Arbitragem da FIT, onde foram formados os primeiros árbitros internacionais brasileiros. Em Guarulhos-SP, foi fundada a Confederação Brasileira de Trampolim e Esportes Acrobáticos-CBTEA, sendo aclamado seu Presidente, José Martins de SP. A partir desta data a CBTEA passou gerir o TRA nacionalmente,

including participation in world championships in the 1990s. Today Trampoline is directed by the Confederação Brasileira de Ginástica (Brazilian Confederation of Gymnastics), which is trying to stimulate the practice in its 19 affiliated federations in the whole country.

substituindo a ABRATA na representação do Brasil junto à FIT. Neste ano 8 estados praticavam oficialmente o Trampolim: RJ,SP, MS, MT, GO, PE, ES e MG.

1996 O técnico russo Vladimir Piliptchenko passou 45 dias no RJ treinando os ginastas do Colégio Militar do RJ e ministrando cursos para os técnicos brasileiros. O Brasil, através do ginasta Rodrigo Rodrigues (RJ), conquistou o 3º Lugar na prova de Duplo Mini-Trampolim, na Categoria acima de 17 anos, nos 12º Jogos Mundiais de Trampolim por Idade, realizados em Kamloops (Canadá).

Interpretação do desenvolvimento – Décadas de 1981 – 1996 O ano de 1989 pode ser considerado o “divisor de águas” do trampolinismo no Brasil. A partir de então o TRA passou a ser desenvolvido como modalidade esportiva de competição. O empenho de muitos aficionados, com destaque para os professores José Martins (SP) e Sérgio Bastos (RJ), transformaram o TRA numa modalidade bastante praticada no país, inclusive com resultados em competições internacionais. Este desenvolvimento aconteceu graças à realização de cursos de atualização ministrados por pessoas conceituadas internacionalmente, assim como a participação regular das equipes nos principais eventos internacionais da modalidade.

1997 Os ginastas Rodrigo Rodrigues (Trampolim) e Marina Trindade (Tumbling), foram indicados pela FIT para participarem do 5º World Games, na cidade de Lahti (Finlândia). Em abril, foi realizado o II Curso Internacional de Arbitragem e o Curso Nacional de Arbitragem, ministrado por instrutores indicados pela FIT. No mesmo período aconteceu um Curso Técnico de Trampolim com treinadores russos, do qual participaram 89 professores de todo o Brasil. Em setembro, foi realizado o Indo-Pacific Championships, em Durban (África do Sul), sendo a participação brasileira significativa, tanto no número de ginastas (61), quanto no número de medalhas obtidas (15), sendo 4 de ouro.

1998 O Brasil participa da Peter Cup, em San Petersburgo - URSS tendo o ginasta Rodolfo Rangel conquistado o 1º lugar na prova de Duplo Mini-Trampolim. Em outubro, no Campeonato Mundial de Sidney - Austrália, o Brasil, pela primeira vez obteve um título mundial, através do ginasta Rodolfo Rangel, na prova de Duplo Mini-Trampolim. Em dezembro, devido a integração da FIT à FIG e com a conseqüente vinculação do TRA à CBG, aconteceu a dissolução da CBTEA.

1999 Foi oficializada a inclusão do TRA na CBG, passando a ser a entidade responsável pelas modalidades do TRA no Brasil.

Interpretação do desenvolvimento – Décadas de 1997- 1999 Em 1998 o TRA atingiu a sua fase áurea, uma vez que o investimento em cursos e participações internacionais de ginastas e técnicos fomentou um aprimoramento substancial, considerando a performance e a quantidade efetiva de participantes. Em 1999 o TRA sofreu um impacto negativo muito grande, a partir da absorção da modalidade pela CBG. Esta situação deveu-se a vários motivos, com destaque à condução equivocada da modalidade por parte da CBG, que não deu continuidade ao trabalho desenvolvido até então.

Situação atual Atualmente a CBG está tentando redirecionar o TRA, revendo os conceitos até então adotados. Em 2002, esta confederação convidou Sérgio Bastos para presidir o Comissão Técnica de TRA a fim de promover o retorno das instituições às competições da CBG, assim como ocorreu com a restauração do TRA nas federações estaduais.

Fontes Boletim “O Trampolim”, CBTEA (1995 a 1999). Relatórios e Boletins Internos da CBTEA.

Instituições que praticam / competem em TRA no Brasil, 2003

Institutions dedicated to Trampoline practice and competition in Brazil



Esportes Acrobáticos (ACRO)

MARGARETH DE PAULA AMBRÓSIO

Sports Acrobatics

Acrobatics came to Brazil in the early 1940s through the Departamento de Educação Física da Escola de Aeronáutica (Department of Physical Education of the Air Force Academy) with Achile Garcia Charles Astor, writer, acrobat, skydiver and teacher, in charge of

“Ginástica Acrobática” (Acrobatics). He promoted the discipline in the Armed Forces and also taught courses about Acrobatics in the main Brazilian cities. Today, within CBG, Sports Acrobatics is more organized in the states of São Paulo and Minas Gerais. Both

federations of SP and MG have their own technical committees, fostering the development of the discipline through regional competitions and courses. Both states have approximately 500 athletes in their events.

Definição Os ACRO consistem num conjunto de exercícios praticados com parceiros e sem aparelhos, cujo objetivo fundamental é exercitar o corpo e o controle dos movimentos de equilíbrios executados em pares ou em grupos, utilizando posições variadas, tanto no solo como no ar. Os ACRO de competição são praticados por Duplas masculinas, femininas ou mistas, em Trios femininos e Quartetos masculinos. Os exercícios devem ser apresentados num tablado específico, em uma composição coreográfica com acompanhamento musical, executada em perfeita harmonia com o(s) parceiro(s). A modalidade requer coragem, força, resistência, flexibilidade e habilidade. Os ACRO requerem dos ginastas o domínio corporal em diversas alturas, velocidades e deslocamentos, numa combinação de experiências motoras e cognitivas, propiciando estímulos necessários à expressão total de sua personalidade. A modalidade também estimula a criatividade e a investigação, favorecendo o surgimento de atividades em que prevaleçam a solidariedade, a responsabilidade e o respeito mútuo. Estabelece uma relação em que os ginastas atuam em conjunto com o professor/técnico e com os parceiros. É uma modalidade esportiva espetacular, dinâmica e bela, que além das exigências físicas requer muita força de vontade dos seus praticantes, sendo um excelente elemento aglutinador e fortalecedor do espírito de grupo. As denominações alternativas à estabelecida pela Federação Internacional de Ginástica-FIG são Ginástica Acrobática e Força Combinada.

Origem O surgimento da acrobacia no Brasil ocorreu através dos acrobatas circenses, acontecendo a sua divulgação com fins pedagógicos no início da década de 1940/1950, através do Departamento de Educação Física da Escola de Aeronáutica (RJ), com a denominação “Força Combinada” ou “Ginástica Acrobática”. A modalidade estava inserida no conteúdo programático da disciplina Ginástica Artística, que na época era conhecida como “Ginástica Olímpica” e “Ginástica Acrobática”. O responsável pela “Ginástica Acrobática” era o escritor, acrobata, pára-quedista e professor Achile Garcia Charles Astor, que fomentou a divulgação da modalidade nas Escolas de Aeronáutica (RJ), Escola de Educação Física do Exército (RJ) e também ministrou cursos sobre Acrobacias, nas principais cidades brasileiras.

1945 O Departamento de Educação Física da Escola de Aeronáutica do Rio de Janeiro publicou um opúsculo baseado no livro do americano Laport Renner *The Tumbler’s Manual*, com o título “Normas para a Instrução de Saltos e Acrobacias Elementares”, sendo esta a primeira obra sobre o tema, no Brasil.

1946 - 1947 Numa iniciativa da Associação dos Professores de Educação Física de SP, foram realizados cursos de aperfeiçoamento em Educação Física e esportes, sendo uma das disciplinas a “Ginástica Acrobática para Pares e Grupos”. A partir destes cursos foram formados profissionais que passaram a atuar com as atividades acrobáticas, destacando-se o excelente trabalho desenvolvido na Escola de Educação Física da Polícia Militar de SP.

Interpretação do desenvolvimento – Décadas de 1940 – 1988 Este foi o primeiro período de tentativa de divulgação da “Ginástica Acrobática”, tendo a atividade assumido algum destaque nas Forças Armadas, nas quais os acrobatas apresentavam trabalhos bastante atrativos com formações de “pirâmides” durante as festividades e paradas militares. Entretanto, apesar de uma perspectiva promissora, a modalidade restringiu-se ao meio militar; não sendo propagada no âmbito civil, permaneceu restrita a uma ou outra proposta de trabalho isolado, notadamente voltado para espetáculos em casas de shows e cassinos, na década de 1950. Seja no aspecto esportivo ou educacional, a ACRO praticamente desapareceu no Brasil, ficando estagnada, com manifestações sem uma representatividade maior, sempre trabalhada por um ou outro profissional abnegado, porém sem consistência e continuidade.

1989 Com a fundação da Federação de Trampolim e Ginástica Acrobática do Estado do Rio de Janeiro-RIOTRAMP, um novo período para os ACRO se inicia. São dados os primeiros passos para uma nova tentativa de difusão da modalidade no Brasil, com a divulgação dos Regulamentos Técnicos dos ACRO.

1993 Na cidade de Nova Friburgo-RJ, durante o Nova Friburgo GymFest, foi realizado um curso de atualização nos ACRO, ministrado por Ricieri Pastori (SP), professor que desde os primórdios da modalidade no Brasil desenvolve um trabalho próprio.

1994 Exatamente no dia 22 de Abril foi realizada a primeira competição de ACRO no Brasil, na cidade de Cambuí-MG, denominado “I Campeonato de Ginástica Acrobática do Brasil”. O referido evento foi idealizado e organizado por Ricieri Pastori e dele participaram 152 ginastas dos estados de MG, SP e RJ. Este evento estava incluído na programação da Copa Sul Mineira de Ginástica Geral.

Interpretação do desenvolvimento – Décadas de 1989 – 1994 Nestes seis anos aconteceu um movimento de

desenvolvimento dos ACRO, principalmente nos estados de SP, MG e RJ. Mas houve uma maior difusão em SP, onde vários trabalhos começaram a surgir em Escolas, Clubes e centros esportivos municipais. Este desenvolvimento, mesmo que tímido, serviu para fundamentar o processo de criação de uma entidade nacional própria para gerir a modalidade, juntamente com o Trampolim.

1995 Fundação da Confederação Brasileira de Trampolim e Esportes Acrobáticos-CBTEA, presidida por José Martins de Oliveira Filho, professor de Educação Física paulista, sendo Ricieri Pastori indicado para dirigir o Comitê Técnico de ACRO.

1999 Neste período aconteceu a fusão internacional da Federação Internacional de Esportes Acrobáticos-IFSA com a FIG, passando aquela entidade a compor dois Comitês Técnicos, o de Trampolim e o dos ACRO. No Brasil, esta nova organização da FIG levou a que a CBG adotasse o mesmo padrão, sendo criado o Comitê Técnico de ACRO, passando esta entidade a ser a responsável pela modalidade no país.

2002 A Federação Mineira de Ginástica-FMG lança o “Manual de Esportes Acrobáticos da FMG”, elaborado por Margareth de Paula Ambrosio, professora de Educação Física e diretora técnica interina dos ACRO naquela federação, objetivando oferecer um subsídio maior para a prática deste esporte no estado.

Situação atual No âmbito da CBG, os ACRO estão mais organizados nos estados de SP e MG, com ambas as federações com seus comitês técnicos próprios, fomentando o desenvolvimento da modalidade através de competições e cursos regionais. Os dois estados contam com aproximadamente 500 ginastas em seus eventos. Neste contexto, a CBG ainda não conseguiu um número suficiente de entidades filiadas que justificasse a realização oficial de um Campeonato Nacional da modalidade, deixando a responsabilidade de fomento apenas para as federações estaduais e entidades interessadas.

Fontes: Ambrosio, M. P. (2002). *Manual de Esportes Acrobáticos*. Belo Horizonte: FMG; CBTEA (1998). *Anuário CBTEA*. Rio de Janeiro: CBTEA; Edgard, F. (1998) *Contributo para a Implantação da Acrobática no Brasil: Manual de Informação*. São Paulo: Grupo Acrobático Julius; www.tonprof.com/gymnastique.asp; www.fig-gymnastics.com; www.cbginastica.com.br; www.geocities.com/Broadway/8884/main2.html;

Nomes de Destaque em ACRO

Leading names of Sports Acrobatics in Brazil

Achile Garcia Charles Astor (RJ) – Considerado o precursor dos ACRO no Brasil. Instrutor de “Ginástica Acrobática”, escritor, ginasta, pára-quedista e professor que, com o seu espírito aventureiro, entusiasmo e dedicação fomentou a divulgação da modalidade a partir de 1940.

Ricieri Pastori (SP) - Idealizador e organizador do “I Campeonato de Ginástica Acrobática do Brasil”, em 1994. Ginasta e Professor de Educação Física, grande incentivador e divulgador das competições dos ACRO no Brasil, que até os dias atuais procura estimular o desenvolvimento da modalidade no país.

Natação

VERÔNICA PÉRISSÉ NOLASCO, ROBERTO DE CARVALHO PÁVEL E RICARDO DE MOURA

Swimming

According to newspapers of the early 1880s, the first competition of swimming as a sport in Brazil took place in Rio de Janeiro in 1881 and the first swimming pool was inaugurated in Porto Alegre-RS in 1885. Ten years later (1895), the first federation of aquatics (rowing and swimming) was founded putting together clubs from Rio de Janeiro-RJ and from Niterói-RJ. Swimming competitions became common in the country after 1897 with the predominance of long distance swimming in seas and rivers. Swimming competitions started in clubs in

Definição A natação é um esporte aquático que tem como objetivo imediato, para o atleta, vencer uma determinada distância em meio líquido no menor tempo possível. As distâncias oficiais na competição dos Jogos Olímpicos para os nados são as seguintes: provas individuais, nado livre feminino e masculino – 50m, 100m, 200m e 400m, nado livre feminino 800m e nado livre masculino 1500m, nado costas feminino e masculino – 100m e 200m, nado peito feminino e masculino – 100m e 200m, nado borboleta feminino e masculino – 100m e 200m, nado medley feminino e masculino – 200m e 400m. Provas de revezamento também nos Jogos Olímpicos, categorias feminina e masculina: 4 x 100m nado livre, 4 x 200m nado livre e 4 x 100m - 4 nados.

Origem Desde seus primórdios, o homem se identifica com o meio aquático. A mais antiga ilustração da arte de nadar foi descoberta no mural de uma caverna na Líbia e estima-se que tenha 9000 anos. Um hieróglifo egípcio descoberto pelo historiador alemão do esporte Carl Diem, datado da Sexta Dinastia Egípcia, 2.500 a.C., mostra um ser humano desempenhando o nado crawl. Isto sugere que há quase 4.500 anos já se nadava por esta técnica. Além disso, as principais correntes explicativas sobre a etiologia das espécies, independente das divergências, possuem entre si um significativo grau de consenso sobre o fato de que a origem da vida animal se deu no meio líquido. Segundo Platão, “cidadão educado é aquele que sabe ler e nadar”, o que indica que a natação situou-se no berço da cultura ocidental. No Brasil, as primeiras notícias das práticas natatórias vêm do século XVI, concernente aos indígenas, que a usavam como meio de sobrevivência e de socialização. A natação esportiva teve início no país no século XIX. Ao final deste período e início do século XX, pelas poucas piscinas existentes, o ensino da natação era realizado em cochos, isto é, flutuadores formados por pranchões de madeira sustentados por tambores. Nos cem anos seguintes, tais condições se aperfeiçoaram tornando a modalidade a segunda preferência esportiva da população brasileira.

1877 Primeiro Campeonato de Natação na Inglaterra, registrando-se para a distância de 100 jardas (91 metros) o tempo de 1m 16s 6.

1881 Registros de jornais citam a travessia da Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro-RJ, que aconteceu em disputa realizada entre um jovem de Niterói – RJ, Joaquim Antonio Souza de 19 anos, e um relojoeiro alemão Theodor John de 50 anos, com largada na Ponta da Armação – Niterói e chegada na Praça 15 de Novembro – Rio de Janeiro (as duas cidades ocupam posições opostas na mesma baía). Estas travessias repetiram-se outras vezes pelos nadadores citados e outros, que aderiram à manifestação esportiva.

1885 A primeira piscina brasileira é construída às margens do rio Guaíba, Porto Alegre –RS, a qual se deu o nome de Badeanstalf, ou também *basenho*, pela Sociedade Ginástica *Deutsher Turnverein*, usando-se o sistema de pontões. Esta instalação foi construída com a colaboração dos associados, mediante cotas sociais. A piscina foi destruída por um incêndio ocorrido nos armazéns da estrada de ferro de suas imediações, em fins de 1916. A Sociedade de Ginástica construiu uma nova piscina em sua sede social, em 1953.

1895 Neste ano, dois clubes de Niterói, junto a outros clubes do Rio de Janeiro, fundaram a União de Regatas Fluminense, depois denominada Conselho Superior de Regatas. Desta entidade originou-se a Federação Brasileira das Sociedades de Remo, sediada no Rio de Janeiro, entidade dirigente dos esportes aquáticos e náuticos, abrangendo as associações filiadas da então capital do

the 1920s, with great expansion in the 1940s and 1950s, covering then the whole country. Today swimming is the second national sport in Brazil coming right after soccer in popular preference. This can be observed in the number of leisure and competition swimming pools: approximately 1,300,000, including 8,381 of public use and 1,480 for competitions. Brazil has twice as many swimming pools as France and Spain (leading European countries in number of swimming pools) combined. Only the United States has more swimming pools than Brazil: 7.6 as

país – Rio de Janeiro, e de Niterói. As competições eram organizadas pela Federação porém promovidas pelos clubes filiados.

1896 Primeiros Jogos Olímpicos da era moderna (Atenas, Grécia), restabelecidos pelo Barão Pierre de Coubertin, incluindo, em seu programa oficial, provas de natação.

1897 A partir deste ano surgiu o evento que se tornou tradicional, com o nome de “Travessia da Guanabara”. Até o ano de 1943 foram realizadas dezesseis provas desta Travessia, com percurso de 4.100m tendo início na Ilha de Boa Viagem – Niterói, e chegada na Praia de Santa Luzia – Rio de Janeiro. Em São Paulo, no mesmo período, as competições aquáticas situavam-se em Santos e nas águas do rio Tietê. Realizada pela Liga de Natação do RS a primeira prova desta modalidade em “distância longa” no rio Guaíba, Porto Alegre-RS, partindo da rua Hoffmann até a piscina “basenho” da SOGIPA.

1898 Neste período ocorre uma prova na distância de 1.500 metros no Rio de Janeiro, na Baía de Guanabara, Fortaleza Villegaignon, vencida por José Guimarães. Logo após a fundação do Clube de Regatas Icarai em Niterói-RJ, nadadores participaram de uma prova da “Travessia da Guanabara” que foi vencida por Jaime Vieira Mesquita acompanhado de Celso Mafra, ambos fundadores do Clube.

Décadas de 1910 e 1920 As competições no rio e no mar prevaleceram neste período, e por falta de piscinas, eram comuns as provas de travessias. Nos demais estados do Brasil além do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, havia travessias no Rio Negro - AM, rio Capibaribe-PE, e Baía de Todos os Santos-BA. Conforme as piscinas foram sendo construídas, as travessias diminuíram em número e importância.

1907 Fundação da Federação Paulista das Sociedades de Remo, responsável pela organização e superintendência dos esportes aquáticos – de remo, natação, saltos ornamentais e pólo aquático.

1908 Organizam-se as primeiras provas internacionais de natação da América do Sul, apenas para homens. O nadador Abraão Saliture, nadador brasileiro de grande prestígio, à época, vence, na Argentina, provas de 100m e 500m de nado livre.

1914 Funda-se o Comitê Olímpico Nacional, antecessor do Comitê Olímpico Brasileiro-COB, que promoveu o comparecimento de representantes brasileiros da natação, polo aquático e saltos ornamentais nos Jogos Olímpicos de 1920 em Antuérpia, Bélgica.

1915 No Rio de Janeiro foi instituída uma competição pela Federação Brasileira das Sociedades de Remo, com a denominação de Campeonato de Natação do Rio de Janeiro. Disputado pela primeira vez em 19 de dezembro deste ano, constava de uma prova de 600 metros, nado livre, para todas as classes. Este Campeonato foi vencido pelo Clube de Natação e Regatas com o nadador Eugênio Fernandes Vieira, que fez o tempo de 11min 19s. Neste ano é criada a Liga de Esportes da Marinha – LEM, que se concentrava prioritariamente na Natação e Pólo Aquático.

1916 Fundada a Confederação Brasileira de Desportos – CBD, que reuniu todas as Federações esportivas nacionais então existentes.

1919 Inauguração do Parque Aquático do Fluminense Futebol Clube no Rio de Janeiro, modelo deste tipo de instalação no país. Em São Paulo é publicado o “Código de Natação” pela Federação Paulista das Sociedades de Remo, que regulamentava os “concursos aquáticos” e não considerava a presença de mulheres atletas.

many. This infrastructure, which generates 46,000 jobs, not including teachers, technicians, administrators, etc., has grown between 4% and 7% a year since 1999. There are 63,000 athletes registered in the 27 state federations affiliated to the Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (Brazilian Confederation of Aquatics – CBDA). Brazil has today at least 11 million swimmers, not including the millions who enjoy the 8,500 km of sea beaches and the extensive Brazilian river network.

Entretanto, em 15 de novembro deste ano, Blanche Pironnet Bezerra, pioneira na natação brasileira, venceu 6 homens na prova de “500m rio abaixo”, nadando no rio Tietê em São Paulo (ver capítulo seguinte deste Atlas).

1922 O Governo Federal constrói uma piscina na Praia Vermelha – Urca – RJ, para sediar as provas internacionais de natação programadas para os Jogos Olímpicos Sul-Americanos, comemorativos do centenário da Independência do Brasil, organizados pela CBD. Nesta ocasião, outra pioneira da natação em público – Violeta Coelho Neto – participou da competição. Violeta era filha do renomado poeta Coelho Neto que se tornou uma espécie de patrono intelectual da prática esportiva em sua época.

1923 Primeiro Campeonato Paulista de Natação com a tradicional prova de 1500m nado livre para homens. No Rio de Janeiro acontece o Campeonato Brasileiro de Natação realizado pela Confederação Brasileira de Desportos. Nadaram o revezamento pelo Clube de Regatas Icarai – Niterói, com destaque para Scylla de Souza Ribeiro, Luiz Jardim de Araújo e Hugo Mariz de Figueiredo entre outros.

1924 O semanário “São Paulo Esportivo” instituiu a Travessia de São Paulo a Nado, prova disputada nas águas do rio Tietê num percurso de 5.500 metros. Esta Travessia foi assumida em 1935 pelo jornal “A Gazeta Esportiva” com a participação de nadadores de vários estados. Entre eles, João Havelange do Rio de Janeiro, vencedor nos anos de 1935, 1936 e 1943, que se tornou posteriormente presidente da CBD e no plano internacional, presidente da Federação Internacional de Futebol Association–FIFA e membro do Comitê Olímpico Internacional-COI.

1926 É construída a primeira piscina do Brasil a possuir água clorada e comprimento de 33 metros (medida muito comum nas piscinas da Europa), no Clube Atlético Paulistano, sendo inaugurada em 3 de outubro deste ano. Contudo, essa piscina pouco contribuiu para o desenvolvimento da natação oficial, pois tinha sua utilidade voltada para uso exclusivo dos associados, não sendo partilhada com os treinamentos e as competições.

1929 Fundada a CONSANAT – Confederação Sul-Americana de Natação que realizou os primeiros Campeonatos Sul-Americanos de Natação para homens, na cidade de Santiago, Chile.

1930 Primeira piscina regulamentar do país, com medidas oficiais para competições de natação. Em São Paulo, capital de SP, na sede da Associação Atlética de São Paulo, localizada às margens do rio Tietê, inaugurou-se esta instalação de 25 metros de comprimento por 12 metros de largura, com o auxílio dos sócios daquela entidade. Suas acomodações para audiência podiam comportar até 2.500 pessoas. Nesta data, passam a constar da programação oficial, provas dos nados de peito e de costas, e páreos para as diversas distâncias. Cada uma delas passa a ter seu campeão individual.

1931 Realização do Campeonato de Natação de Rio de Janeiro pela primeira vez com várias provas e com o sistema de contagem de pontos, sendo vencido pelo Clube de Regatas Gragoatá – Niterói, com 39 pontos. Ocorre a reestruturação do Parque Aquático do Fluminense Futebol Clube, cuja piscina passa a ter medidas oficiais com o objetivo de se impulsionar a natação carioca. Neste ano, o *Clube Excursionista e Sportivo*, de Porto Alegre - RS, inaugura a primeira piscina do estado para a prática de natação e saltos ornamentais. Dois anos depois, ainda em Porto Alegre - RS, o Grêmio Náutico Gaúcho também constrói sua piscina.

1932 Fundação da Federação Paulista de Natação. A partir de então, a natação, como modalidade esportiva, consegue a sua emancipação, e passa a ter uma Federação especializada. O Brasil se representa nos Jogos Olímpicos de Los Angeles em provas da modalidade, com Maria Lenk constituindo a única presença feminina.

1933 Neste ano a “Travessia de São Paulo a Nado” reúne cerca de cinquenta mil pessoas às margens do rio Tietê, audiência de destaque mesmo nos dias presentes. Maria Lenk foi campeã na categoria feminina e 20ª colocada na classificação geral, entre 870 atletas participantes. Publicam-se nos jornais comentários de Júlio Havelange, os quais retratam a situação da natação brasileira à época: “Não temos piscinas adequadas em quantidade suficientes(...). Impõe-se, pois, a construção de piscinas em todos os bairros(...). Deveria forçosamente haver um programa escolar oficial, obrigando as municipalidades a construir piscinas higiênicas(...). Antes da CBD, vivia-se aqui um mundo de ilusões. Qualquer rapaz que fazia um tempo razoável pensava ter chegado ao apogeu(..). Veis a dura realidade! Em nada nos salientamos(...). Se não tivéssemos ido a Los Angeles, estaríamos aqui nas mesmas condições erradas, enganando-nos a nós mesmos”.

1935 Pela primeira vez a mulher participa de Campeonatos Sul-Americanos, com destaque para Maria Lenk, vencedora das provas de peito, costas e revezamento. Nesta ocasião, a Liga de Esportes da Marinha que participava ativamente das competições, através do Comandante Paulo Meira e Dr. Heriberto Paiva contrata Takashiro Saito – famoso técnico japonês – pelo período de 10 meses. Saito, durante o tempo que permaneceu no Brasil, lançou, em condições permanentes, as bases do treinamento sistematizado da escola japonesa. Para efeito de difusão de conhecimentos, este técnico escreveu um livro, publicado em português, sob o título “Como vencer na Natação”.

1936 Jogos Olímpicos de Berlim, com a participação de cinco nadadoras brasileiras, destacando-se Maria Lenk e Piedade Coutinho, a primeira por utilizar o “butterfly”, estilo inédito entre as mulheres; a segunda, por se classificar aos 16 anos, em 5º e 8º lugar nos 400 e 100 metros nado livre, respectivamente, melhor colocação de uma nadadora brasileira em Jogos Olímpicos até hoje. Este ano também marcou o início do trabalho realizado por treinadores nacionais de alta qualificação pelo Clube de Regatas Icarai. Entre eles, sucederam-se Tobias de Melo Machado, Gastão Mariz de Figueiredo, Maurício de Andrade Bekenn e Álvaro Tatto. Nesta ocasião Niterói ainda não possuía piscina em seus clubes e o treinamento era realizado na Praia de Icarai, no sistema de pranchões.

1938 Funda-se a Liga de Remo do Rio de Janeiro e a Liga de Natação do Rio de Janeiro, e acompanhando São Paulo, o Rio emancipa sua natação por meio de uma organização autônoma.

1939 Neste ano a atleta Maria Lenk quebra, no Rio de Janeiro, o recorde mundial das provas 200m nado de peito / 200m nado borboleta e 400m nado de peito / 400m nado borboleta.

1940 É construída a primeira piscina em Niterói – RJ, no Estádio Caio Martins.

1941 É construído o Estádio do Pacaembu em São Paulo – SP, com piscina olímpica no complexo desportivo.

1942 O Grêmio Náutico União – Porto Alegre – RS, inaugura sua piscina de 25m. Na época, foi considerada a melhor piscina do estado para realização de competições de natação, pólo aquático e saltos ornamentais.

1944 É suspensa a “Travessia de São Paulo a Nado”, em razão da poluição do rio Tietê.

1945 O Clube de Regatas Icarai patrocina na piscina do Estádio Caio Martins, o Primeiro Concurso Oficial da Temporada, pela Federação Metropolitana de Natação sediada no Rio de Janeiro.

Década de 1950 Expansão da construção de piscinas em todo o Brasil. No plano da organização esportiva nacional aparecem os primeiros sinais da exaustão da CBD no lidar com todas as modalidades esportivas. Depois dos Jogos Olímpicos de Berlim-1936, a CBD começou a cuidar especialmente do futebol, em detrimento da natação e dos demais esportes amadores, criando assim sucessivos conflitos de interesse.

1952 Tetsuo Okamoto conquista nas Olimpíadas de Helsinque a medalha de bronze para o Brasil, nos 1500m nado livre. Inauguração da Água Branca-SP, primeira piscina aquecida do Brasil, com 25m e utilizada para competições oficiais até hoje. Foi fundada a Federação Internacional de Natação de Longa Distância-FINLD já que a Federação Internacional de Natação Amadora-FINA não se interessava por esta modalidade. Mais tarde, na década de 1980, com a mudança dos critérios de amadorismo pelo Comitê Olímpico Internacional, a FINA incorporou a FINLD e passou a supervisionar os Campeonatos Mundiais em águas abertas.

1953 O Clube Vasco da Gama, do Rio de Janeiro-RJ, inaugura o melhor conjunto aquático do país. Campeões mundiais americanos, japoneses e franceses, participam da inauguração. Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais lideram a natação no país, e o Brasil, cada vez mais, amplia seus domínios na América do Sul.

1959 Abílio Couto, primeiro brasileiro a fazer travessia em mar aberto, na época recordista da travessia no sentido Inglaterra – França (de Dover a Pais du Calais), ida e volta sem interrupções – 38 horas.

1960 Manoel dos Santos conquista para o Brasil, nas Olimpíadas de Roma, a medalha de bronze nos 100m nado livre. É criada a Confederação Brasileira de Natação-CBN, como órgão gestor dos desportos aquáticos.

1961 Manoel dos Santos bate o recorde mundial dos 100m nado livre, no Rio de Janeiro.

1967 Criação da Associação Brasileira de Técnicos de Natação-ABTN, hoje ABTDA – Associação Brasileira dos Técnicos de Desportos Aquáticos - acompanhando a nomenclatura atual da Confederação da modalidade – tendo como seu primeiro presidente o prof. Roberto Pável, que juntamente com os demais treinadores da época, transformam a organização da natação brasileira. Pável e seus colegas, preocupados com o maior desenvolvimento deste esporte, incrementam a passagem do treinamento empírico para o trabalho com bases científicas.

1968 José Silvio Fiolo bate o recorde mundial dos 100m nado de peito no Rio de Janeiro.

Década de 1970 Acentuou-se a realização de Campeonatos Brasileiros sob o comando da Confederação Brasileira de Natação-CBN com a participação de clubes de todo o país com destaque, nesta fase, para os clubes do Rio de Janeiro que venceram a maioria dos títulos disputados. O Brasil foi tri campeão de Copas Latinas, ganhando de potências como França, Itália, e Espanha, fato que nunca mais se repetiu. Falece em desastre aéreo, em 1973, o maior incentivador da natação brasileira – Júlio DeLamare, criador do Departamento de Esportes da Rede Globo de Televisão e de iniciativas voluntárias de desenvolvimento do esporte.

1973-1976 Primeira Copa Latina, competição criada com intuito de aprimorar talentos, proporcionando ao Brasil confrontos com países mais desenvolvidos na natação, posto que o Sul-Americano já fôra vencido pelo Brasil, inclusive com sua equipe B; em 1975, 3ª. Copa Latina quando o Brasil sagrou-se campeão; 1976, 4ª. Copa Latina, quando o Brasil é novamente campeão.

Década de 1980 Primeiros patrocínios na natação do Brasil, dando início à profissionalização da natação. Surgem nesta época o Projeto Mesbla e o Projeto Kibon, ambos de impacto na renovação do esporte. A natação foi um dos últimos esportes importantes do país a se profissionalizar.

1980 Medalha de bronze para o Brasil no revezamento 4 x 200m livre nas Olimpíadas de Moscou. Nadaram o revezamento os atletas Jorge Fernandes, Marcus Mattioli, Cyro Delgado e Djan Madruga.

1982 Ricardo Prado vence a prova de 400m nado medley no Campeonato Mundial de Guayaquil, conquistando a medalha de ouro e batendo o recorde mundial desta prova.

1984 Ricardo Prado conquista a medalha de prata nas Olimpíadas de Los Angeles na prova de 400m nado medley. É fundada a Associação Brasileira de Masters, tendo, como seu primeiro presidente, Sylvio Kelly dos Santos. Através da natação de masters, surge uma nova tendência de expansão da modalidade em dimensões nacionais.

1988 Coaracy Nunes Filho assume a CBN, tornando-a representativa de todos os esportes aquáticos. A entidade passa então a se chamar Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos-CBDA. Assume a Supervisão Técnica da CBDA, o prof. Ricardo Moura que estabelece a prioridade até hoje mantida junto ao conselho de treinadores da entidade, de orientar o desenvolvimento da natação brasileira, por meio de congressos, clínicas e outras iniciativas de aperfeiçoamento técnico coletivo.

1990 Os patrocínios se solidificam facilitando a manutenção dos treinamentos e conseqüente busca de melhores resultados em eventos internacionais.

1991 A CBDA, através de sua direção, fecha um contrato decisivo com a Empresa Brasileira de Correios para maior desenvolvimento dos esportes aquáticos.

1992 O nadador Gustavo Borges conquista a medalha de prata na prova de 100m nado livre nos Jogos Olímpicos de Barcelona.

1993 Gustavo Borges bate o recorde mundial dos 100m nado livre, em Santos-SP. Nesta mesma competição o Brasil bate o recorde mundial com o revezamento 4x100m nado livre para homens, nadando a prova Fernando Scherer, Teófilo Ferreira, J.C.Souza Jr. e Gustavo Borges. Ainda neste ano em Palma de Mallorca, o Brasil vence e registra novo recorde do revezamento 4x100m nado livre para homens, com a mesma equipe. Nesta competição, Fernando Scherer torna-se campeão mundial dos 100m nado livre.

1995 O Brasil realiza o Campeonato Mundial de piscina de 25m, em piscinas construídas pela CBDA na praia de Copacabana, com grande repercussão na comunidade internacional esportiva. Nesta ocasião, nossa equipe sagra-se vice-campeã mundial. A natação foi escolhida o “esporte do ano” pelo COB, e o atleta Fernando Scherer recebeu o prêmio de “esportista do ano”. Ainda este ano, o Brasil conquista 16 medalhas nos Jogos Pan Americanos de Mar Del Plata, constituindo-se na modalidade com o maior número de medalhas conquistadas nas edições destes Jogos.

1996 Nos Jogos Olímpicos de Atlanta, medalha de bronze para o nadador Gustavo Borges nos 100m nado livre, e medalha de bronze para Fernando Scherer nos 50m nado livre. Ainda neste evento Gustavo Borges conquistou a medalha de prata nos 200m nado livre. Em Atlanta, o Brasil marcou sua participação feminina em final olímpica com a atleta Gabrielle Rose.

1998 Recorde mundial do revezamento 4x100m nado livre para homens, batido no Rio de Janeiro, com os atletas Fernando Scherer, Alexandre Massura, Carlos Jayme e Gustavo Borges. A partir deste ano o Brasil realiza a 1ª. Copa do Mundo no Rio de Janeiro e desde então, torna-se sede das Copas do Mundo de Natação.

1999 O Brasil conquista 15 medalhas nos Jogos Pan Americanos de Winnipeg e Fernando Scherer torna-se o atleta com maior número de medalhas conquistadas – total de quatro - em uma só edição dos Jogos.

2000 Medalha de bronze nas Olimpíadas de Sidney para o revezamento 4x100m nado livre masculino. Nadaram esta prova os atletas Fernando Scherer, Gustavo Borges, Carlos Jayme e Edvaldo Valério. No Mundial de Masters – Munique, Gastão Mariz Figueiredo – categoria de mais de 90 anos, e Maria Lenk – categoria de mais de 85 anos, trazem para o Brasil, cada um, 7 medalhas de ouro comprovando a nova filosofia de saúde e qualidade de vida sempre.

2003 Conquista de 21 medalhas nos Jogos Pan Americanos de Santo Domingo - DOM, sendo a modalidade esportiva que conquistou maior número de medalhas em todas as edições dos Jogos Pan Americanos.

Situação Atual A natação brasileira inicia o século XXI mantendo seu legado de um dos esportes pioneiros do país e uma de suas principais práticas esportivas de lazer e de competição. Já no “Diagnóstico da Educação Física e Desporto no Brasil” (DaCosta, 1971), com dados coletados em 1969, a natação aparecia como a segunda atividade esportiva do país praticada em clubes (23% do total de praticantes), considerando o futebol como a primeira (30%). Pesquisas de opinião realizadas nos anos de 1990 e de 2000, sugerem que a natação melhorou sua posição nas preferências da população brasileira (ver mapa adiante). Mais precisamente, havia no

Brasil, em 2003, 27 Federações filiadas à CBDA e aproximadamente 63.000 atletas federados - representando 3,5 vezes mais do que em 1970 - coerente com a disponibilidade de 1480 piscinas no país dentro dos padrões técnicos adequados à competição. No nível municipal, somam-se 7761 piscinas descobertas e 620 cobertas de variados tamanhos e condições, e de uso coletivo pertencentes a diversas entidades (levantamento correspondente a 27% do total de municípios da Federação). Hoje, o país detém a hegemonia da natação no continente sul-americano como também nível técnico mundial, em algumas provas masculinas.

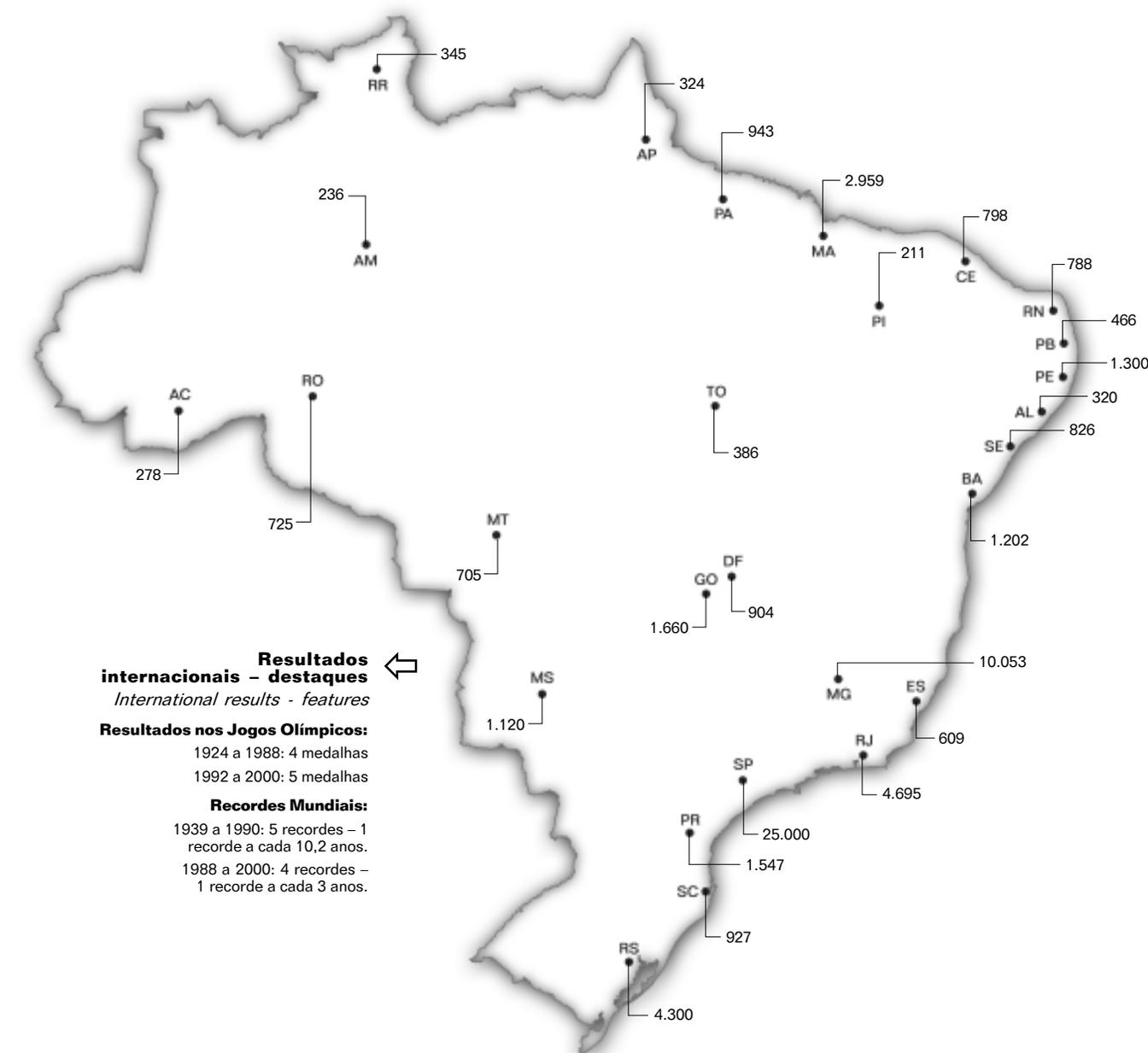
Segundo dados de pesquisas realizadas pela Associação Nacional dos Fabricantes e Construtores de Piscinas e Produtos Afins-ANAPP, o Brasil possuía, também em 2003, 1.300.000 piscinas para a prática esportiva e de lazer, o que sugere uma ordem de grandeza mínima de onze milhões de pessoas com acesso à natação, sem contabilizar praticantes em praias e rios do país. Em adição a estas cifras há 2,1 mil lojas de equipamentos para piscinas. O setor possui 200 indústrias e gera 6.000 empregos

diretos e seu faturamento em 2001 foi de novecentos milhões de reais (9 % a mais do que em 2000) e, em 2002, de 1 bilhão de reais, representando uma expansão de 5% em relação a 2001 (em 2003 houve redução para 4%); a cifra de crescimento em 1999 foi de 7%, e em 2000 também de 7%. O tamanho estimado da região Sudeste é de 40% do mercado nacional de produtos de piscinas, seguindo-se as regiões Norte 5%; Nordeste 15%; Sul 20% e Centro-Oeste 20%. Em conjunto, o parque de piscinas do Brasil somente é superado pelo dos EUA (7.6 vezes maior), correspondendo porém ao dobro do tamanho da Espanha e da França, detentoras das primeiras colocações na Europa. A estimativa de emprego gerado por este parque, em termos de conservação e limpeza das piscinas como também da construção é precária devido à informalidade destas atividades, contudo uma ordem de grandeza de 40 mil trabalhadores nestes setores é aceitável como ponto de partida. No seu todo, os empregos gerados pela prática de natação no Brasil, excluindo-se professores, técnicos, monitores, gerentes etc, situa-se na base preliminar de 46 mil postos de trabalho.

Fontes Rodrigues, Kaumer, Associação Nacional dos Fabricantes e Construtores de Piscinas e Produtos Afins-ANAPP. 2003; Basilone, José Netto. Natação, Treinamento para todos. 2000; CBDA - 2003; COB - Comitê Olímpico Brasileiro. 2001; Colwin, Cecil M. Nadando para o século XXI. 2000; Carlive, Forbes. Natacion. 1963; Devidé, Fabiano. História das Mulheres na Natação Brasileira no século XX - Jun/2003; Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Desportivo - Lamartine DaCosta, 1968; Diagnóstico da Educação Física e Desportos no Brasil. Lamartine DaCosta, Fename-DEF/MEC.1971; Lenk, Maria. Natação. Editora Melhoramentos. 1958; Lenk, Maria. Braçadas e abraços. 1986; Lenk, Maria. Natação Olímpica. 1965; Roberto de Carvalho Pável. Tese de Livre Docência, UGF. 1992; Supiciche, Aníbal. Natacion. 1961; Tietê: O Rio do Esporte - Henrique Nicolini - 2001 - SP - Brasil; Vaz, Alceu V. Anotações próprias, 2000; Mazo, Janice, Capítulo do Atlas do Esporte POA - RS. 2003; Cantarino Filho, Mário Ribeiro, Capítulo do Atlas do Esporte Niterói - RJ. 2003.

Número de nadadores federados por estado (n=63.627), 2003

Number of athletes registered with state federations (n=63.627), 2003



Dados da opinião pública brasileira com relação à natação

Brazilian public opinion surveys related to swimming

1994 Em pesquisa da INTERSCIENCE, a natação surge com um dos esportes mais relacionados à percepção de vigor, juventude, dinamismo e saúde. Significados associados à natação (em %):

• saudável	84%
• mais energia	61%
• maior identificação	53%
• mais jovem	42%
• excitante	41%
• toda empresa deveria apoiar	41%
• maior vigor	39%
• dinâmico	32%
• mais moderno	28%
• sofisticação	22%

1995 O sucesso da natação foi confirmado em pesquisa da empresa Marketing e Comunicação Institucional (MCI), encomendada pelo Ministério Extraordinário dos Esportes. A consulta da MCI foi realizada de 26 de Dezembro de 1995 a 05 de Janeiro de 1996, apontando a natação como o esporte preferido do povo brasileiro.

1995 Outra pesquisa do jornal O Estado de São Paulo, realizada em novembro deste ano, apontou vários dados favoráveis à natação. No levantamento, a atuação brasileira no campeonato Mundial de Piscina Curta, realizado no Rio de Janeiro em 1995, foi considerado o Fato Esportivo do Ano, indicado por 29% dos cronistas esportivos, superando até mesmo a volta de Oscar Schmidt ao basquete brasileiro e o vice-campeonato mundial conquistado pelo vôlei feminino.

1996 Em abril, o mesmo jornal O Estado de São Paulo, publicou o resultado de outra pesquisa: dentre todos os entrevistados, metade praticava algum esporte e destes 26,7% preferiam a natação, ficando somente atrás do futebol, praticado por 43,3% das pessoas ouvidas. Perguntados sobre quais esportes iriam acompanhar nos Jogos Olímpicos deste ano, 86,1% dos entrevistados responderam natação, que ficou atrás do futebol, indicado por 94,7% das pessoas. Quando perguntados em quais modalidades esperavam medalhas, 83,1% dos entrevistados responderam natação, contra 90,4% das expectativas no futebol.

2000 Em entrevista feita pelo jornal O Globo, do Rio de Janeiro-RJ, para os Jogos Olímpicos de Sydney, quanto aos esportes que mais expectativas traziam com relação à conquista de medalhas, a natação ficou em primeiro lugar com 33%.

Piscinas no Brasil, 2003 / Swimming pools in Brazil, 2003

Nº de PISCINAS	TIPO	FONTE
1.300.000	LAZER	ANNAP
11.961	25M E 50M	Confef / Cref / Indesp 2000
1.500	Competição	COB

Números da natação federada no Brasil, 2003

Swimming in Brazil, 2003 – Federations, clubs and athletes

FEDERAÇÕES	ATLETAS ATIVOS	ATLETA SEM RENOVAÇÃO	INATIVOS
ACRE	242	112	58
ALAGOAS	85	45	399
AMAZONAS	35	55	1693
AMAPÁ	71	116	330
BAHIA	590	452	1655
CEARÁ	306	160	1805
DISTRITO FEDERAL	261	291	1651
ESPÍRITO SANTO	286	154	1343
GOIÁS	417	426	3026
MARANHÃO	286	228	2216
MINAS GERAIS	1312	698	4912
MATO GROSSO DO SUL	440	262	1452
MATO GROSSO	137	178	893
PARÁ	711	203	1045
PARAÍBA	350	156	755
PERNAMBUCO	584	325	1627
PIAUÍ	88	36	307
PARANÁ	703	321	2975
RIO DE JANEIRO	2131	740	9780
RIO GRANDE DO NORTE	497	247	1089
RONDONIA	241	189	654
RORAIMA	197	108	423
RIO GRANDE DO SUL	661	289	2125
SANTA CATARINA	584	198	1496
SERGIPE	170	227	951
SÃO PAULO	2761	1259	8288
TOCANTINS	219	76	675
TOTAL	14365	7551	53623
TOTAL DE ATLETAS CADASTRADOS (sem os clubes) 75539			

Cidade da Natação em Rio das Ostras-RJ, 2006

The Swimming City in Rio das Ostras-RJ, 2006

O centro de excelência esportiva da CBDA está sendo erguido em Rio das Ostras, cidade da Região dos Lagos no estado do RJ, para entrar em operação em 2006 - a tempo de servir como local de aclimação para equipes que participarão dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007. O projeto tem um custo de R\$20 milhões e foi idealizado pelo presidente CBDA - Coaracy Nunes Filho, com o apoio financeiro do Prefeito de Rio das Ostras - Alcebiades Sabino, que definiu como fonte de recursos para manutenção do Projeto, a exploração de 40 lojas que serão construídas em shopping que fará parte do complexo esportivo. O complexo de 100 mil metros quadrados será formado por uma piscina olímpica, acompanhada de um tanque de saltos ornamentais com arquibancada para seis mil lugares; uma piscina de nado sincronizado (25 m x 20m x 3m); outra para a prática do pólo aquático (33m x 25m x 3m); uma piscina de aquecimento junto ao parque aquático principal (25m x 20m x 3m); e por fim uma piscina de 25m x 20m e profundidade de 1,30m para a prática de natação para a terceira idade e pessoas portadoras de necessidades especiais. Além disso, haverá alojamento com 100 quartos duplos para os atletas em treinamento no centro.

Natação em águas abertas / *Open water swimming*

Alceu Vernieri Vaz e Arnaldo Fernandes

A história da natação tem se encontrado e reencontrado com as práticas e competições em águas abertas desde os seus primórdios. Nas origens, a natação somente era praticada em locais de águas abertas: rios, lagoas, enseadas, baías e mesmo em mar aberto. O advento das piscinas é bem recente. As primeiras piscinas eram constituídas por pontões em rios ou à beira de atracadouros e portos, ou seja, com água corrente natural. As piscinas como conhecemos são mais recentes e tiveram impulso efetivo há cerca de sessenta, cinqüenta anos passados, de tal maneira que se criou uma espécie de preconceito com a prática de natação em águas abertas. Passou a ser moderno praticar natação em tanques fechados com água tratada e mais transparente.

No passado, as provas em águas abertas eram mais feitos épicos, individuais que tinham predominantemente o caráter de desafio do que competição como conhecemos hoje. Há um mito da Antiguidade Grega que confirma tal interpretação: Leandro, um guerreiro grego, afastado de sua amada, a sacerdotisa Hero, fazia uma travessia a nado pelo Estreito de Dardanelos, que separa a Ásia de Europa, com cerca de 1.300 metros e, ao anoitecer e antes de clarear o dia, retornava. Sua amada iluminava com uma tocha, do alto de uma colina, orientando a sua rota. Séculos mais tarde (em 1830 aproximadamente) o inglês Lord Byron, um filósofo, poeta e esportista fez ele mesmo a tal travessia resgatando a lenda como realidade.

O mito do herói também ressurgia em comandantes militares dedicados à natação como o Imperador Romão Julio César, ou mais recentemente o líder comunista Chinês Mao Tse Tung, que demonstraram suas habilidades nadando longos trechos em

travessia. Em tempos contemporâneos a travessia mais famosa é a do Canal da Mancha, entre a Inglaterra e a França. Em 1875, o inglês Matthew Webb pela primeira vez conseguiu com êxito vencer a travessia no tempo de 21 horas utilizando nado peito clássico. O crawl não era conhecido até então. Em 1911, Thomas Burgess, franco-inglês, fez em 13 horas; Gertrudes Ederle, dos EUA, primeira mulher em 1926, com 14 horas e 31 minutos; e o primeiro brasileiro Abílio Couto, em 1959, foi recordista na época no sentido Inglaterra - França (de Dover a Pais du Calais) e ida e volta sem parar em 38 horas (distância em linha reta: 35 km; temperatura da água: 15º na sua melhor época, em agosto).

No Brasil, as travessias competitivas, como conhecemos hoje, tiveram o máximo de popularidade na década de 1930. Assim aconteceu com as provas tradicionais do rio Tietê, em São Paulo-SP; a da Enseada do Botafogo, no Rio de Janeiro-RJ; a do Rio Negro em Manaus-AM; a do Rio Capibaribe, no Recife-PE; a da Baía de Todos os Santos em Salvador-BA; e a de Rio Grande (São José do Norte a Rio Grande) no RS. Destas, as primeiras deixaram de ser realizadas alguns anos mais tarde pelo surgimento da poluição e devido ao crescimento desordenado das grandes cidades. Subsistem a de Manaus, Salvador e a de Rio Grande, no Rio Grande do Sul (a mais antiga do sul do Brasil, tendo mais de sessenta realizações). Vítimas da urbanização intensiva das grandes cidades brasileiras e da expansão da construção de piscinas, a partir dos anos de 1950, estas provas foram perdendo sua importância ou desaparecendo. A ênfase deslocou-se para a natação de distâncias mais curtas.

Em 1952, como a FINA não demonstrava interesse nas provas em águas abertas, um grupo de nadadores amadores e profissionais

fundaram a Federação Internacional de Natação de Longa Distância-FINLD. Esta federação aceitava os nadadores profissionais uma vez que a FINA era irredutível quanto ao espírito amadorístico não admitindo qualquer tipo de prêmio. Durante vários anos foram realizados os campeonatos mundiais supervisionados por esta Federação de natação alternativa com prêmios em dinheiro inclusive. Mais recentemente com as mudanças dos critérios do amadorismo pelo COI, a FINA incorporou a FINLD e passou a supervisionar os campeonatos mundiais. Existe hoje a intenção de incluir as provas de águas abertas nos Jogos Olímpicos. A Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos-CBDA supervisiona os campeonatos de águas abertas desde o início da década de 1990.

Hoje os campeonatos mundiais de natação tem cinco modalidades: águas abertas (5.000 e 10.000 metros), nado sincronizado, natação, pólo-aquático e saltos ornamentais. Enfim, as competições em águas abertas indicam um retorno à natureza e acompanhou a mudança filosófica que transformou o mundo nos últimos trinta anos com preocupação em aspectos ambientais e equilíbrio do homem com a natureza. No Brasil, o fato a destacar é o resgate da tradição que registra competições de travessias há mais de um século (a primeira é de 1898, na distância de 1.500 metros, no RJ). No RS, já havia uma piscina de águas correntes desde 1885, no Rio Guaíba, em Porto Alegre. E além das travessias de Rio Grande, cidade ao sul de Porto Alegre, houve também este tipo de competição no próprio rio Guaíba, próximo ao porto. Esta herança teve continuidade no RS com maratonas aquáticas de Torres, nos anos de 1970, e de Tapes, nos anos de 1980 (ver seção "Esporte de Praia" neste Atlas).

Natação feminina

FABIANO DEVIDE

Women swimmers

Women's swimming as a sport started in São Paulo-SP in 1917, with the 50m freestyle separate event for women in a local tournament. Still in São Paulo, two years later, Blanche Pironnet beat six men in a competition called Festa Sportiva Social (Social Sports Party). Women's swimming events started to be included more frequently in swimming competitions in Brazilian big cities after 1921. The first generation of great women champions in Brazilian swimming began in 1930 and lasted until the Olympic Games in Helsinki in 1952, featuring Maria Lenk – the very first Latin American woman to participate in Olympic Games. She went

Origem No Brasil, a natação feminina pode ter sua origem identificada por meio de um evento que a *Associação Athletica São Paulo-AASP* organizou em 1917: o “páreo de elegância”, uma competição no rio Tietê, com uma prova demonstrativa de 50 metros para mulheres. Reportou, então “O Diário Popular” da cidade de São Paulo-SP: “(...) a directoria resolveu abrir inscrições para um pareo entre senhoras e senhoritas (...), com franqueza, nunca supozemos que S. Paulo, terra onde todas as iniciativas desta ordem têm falhado, pudesse sem barulho, conseguir o que vimos. É realmente uma obra meritoria a da directoria da Athletica, que (...) vae conduzindo para o ‘sport’, um grupo (...) de distinctas senhoras (...)” (10 mar. 1917, São Paulo, ano XXXIII, n. 11215, p. 3). A partir deste primeiro registro pode-se elaborar a memória da participação feminina na natação brasileira por eventos subseqüentes, como se segue.

1919 Em São Paulo, o Clube Espéria realiza sua *Festa Sportiva Social*, com provas de natação. No “9º páreo – 350 metros rio abaixo”, – Blanche Pironnet vence como a única mulher inscrita entre 6 concorrentes homens.

1921 Na enseada de Botafogo, Rio de Janeiro-RJ, há a primeira competição interestadual Rio x São Paulo com uma prova feminina entre paulistas e cariocas: a prova de 200 metros “Nylsa e Nadir de Medeiros”. Blanche Pironnet de SP vence as 9 nadadoras cariocas (FBSR, 1921).

1922 Anésia Coelho e Alice Possolo participam da “Prova Clássica Guanabara”, com 4,1 km entre a praia da Boa Viagem, Niterói-RJ e a de Santa Luzia, Rio de Janeiro-RJ, ficando em 11º lugar e em 15º respectivamente, chamando a atenção da imprensa e da sociedade.

1923 Irene Martinsen, participa como única mulher da “Travessia Guarulhos – Ponte Grande”, num total de 30km no rio Tietê (São Paulo-SP). Entre 8 concorrentes, Irene é 4ª colocada, completando o percurso em 4h 32m 9s (AASP – recortes década 1920).

1924 A “Travessia de São Paulo a Nado”, maior evento esportivo da cidade de São Paulo, reúne a sociedade paulista às margens e pontes do rio Tietê. Na primeira edição, entre 63 atletas, 10 foram mulheres, a maior parte do clube alemão Estrela.

1930 Primeira competição de natação exclusivamente feminina em São Paulo, na AASP, na primeira piscina regulamentar do país: “Foi (...) com grande receptividade do público. E foi onde nasceram as nadadoras que depois foram aos Jogos Olímpicos” (Lenk, 2001). O programa constou de 15 “pareos”, com mais de 50 concorrentes, representando 5 clubes da cidade: Estrella, a AASP, o *Deutscher Wessersport*, o Tietê e o Esportivo da Penha.

1932 Maria Lenk destaca-se na “3ª Preparação Olímpica” (FFC, 1932), organizada pela Federação Brasileira das Sociedades do Remo, tornando-se, aos 17 anos, a primeira sul-americana a participar dos Jogos Olímpicos, em Los Angeles, também neste ano, tornando-se pioneira no esporte feminino da América do Sul.

1935 Primeiro Campeonato Sul-americano Feminino de Natação, na piscina do Clube de Regatas Guanabara, no Rio de Janeiro. Destacam-se Helena Salles, Maria Lenk, Sieglinde Lenk e Piedade Coutinho.

1936 Nos Jogos Olímpicos desta ano, em Berlim, participam 5 nadadoras: Helena Salles, Maria Lenk, Sieglinde Lenk, Scylla

to the Olympic Games in Los Angeles in 1932. She broke the first world records of South-American women's swimming in 1939, in the 100 and 200 breaststroke events. Other champions of this relevant phase were Helena Salles, Sieglinde Lenk, Scylla Venâncio, Piedade Coutinho and Edith Groba. They all participated in the Olympic Games between 1936 and 1952. The second generation of women's swimming champions came up in the 1970s and 1980s, with very promising athletes who reached very high level during their teenage years but then decided to quit competitions when they reached 18 in order to attend the university. Although this

Venâncio e Piedade Coutinho. Destacam-se Maria Lenk e Piedade Coutinho. A primeira por utilizar o “butterfly”, estilo inédito entre as mulheres; a segunda, por se classificar aos 16 anos, em 5º e 8º lugar nos 400 e 100 metros nado livre, respectivamente, melhor colocação de uma nadadora brasileira nos Jogos Olímpicos até hoje (*Organisationskomitee Für Die XI Olympiade*, 1936).

1939 Maria Lenk forma-se professora de educação física e torna-se sua auto-treinadora. Aperfeiçoa o “butterfly” e leciona na Escola Nacional de Educação Física e Desportos, então sediada no Rio de Janeiro (hoje Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ). Em outubro de 1939, quebra o primeiro recorde mundial da natação sul-americana, nos 100 metros peito. Em novembro quebra o segundo, nos 200 metros peito, com marca inferior ao recorde brasileiro masculino. Era favorita nos Jogos Olímpicos de 1940, adiados pela II Guerra Mundial: “(...) os recordes mundiais, (...) foram o máximo da minha carreira. Foram em vésperas de Jogos Olímpicos de 1940, quando eu esperava talvez uma medalha” (Lenk, 2001).

1941 A equipe feminina conquista o título do Campeonato Sul-Americano de Viña Del Mar, vence todas as 8 provas. Destacam-se Sieglinde Lenk, Maria Lenk, Edith Heimpel, Cecília Heilborn, Liselotte Kraus e Piedade Coutinho (Parra, s.d.).

1942 Maria Lenk se despede das competições, participando como única mulher da excursão de sul-americanos aos Estados Unidos. Aos 27 anos e competindo há 12, venceu as 12 provas que participou, quebrando 12 recordes norte-americanos e 3 mundiais não homologados pela FINA, por serem nadados em jardas.

1948 Nos Jogos Olímpicos de Londres, participam 5 nadadoras: Maria Angélica Costa, Talita Rodrigues, Edith Groba, Eleonora Schmitt e Piedade Coutinho. As más condições de estadia e alimentação pioraram a *performance* das atletas. Piedade foi 6º lugar nos 400 metros nado livre, mesma colocação da equipe feminina no revezamento 4 x 100 metros nado livre.

1951 Nos Primeiros Jogos Pan Americanos, Piedade Coutinho é a primeira nadadora medalhista em prova individual, nos 400 metros nado livre.

1952 Os Jogos Olímpicos de Helsinque, deste ano, marcam o fim da primeira geração da natação feminina. Participam Piedade Coutinho e Edith Groba. A primeira torna-se a única atleta brasileira a participar de 3 edições dos Jogos Olímpicos. Edith Groba não repetiu seu melhor tempo, entre os 10 melhores do mundo, que a classificaria para a final (*Organising Committee for the Games of the XV Olympiad*, 1952).

Interpretações do desenvolvimento – Décadas de 1910 – 1950 A natação torna-se um *locus* de poder simbólico e espaço de socialização de mulheres da elite, muitas de descendência européia. Incentivadas pelo discurso de intelectuais, que concebiam a natação como a modalidade ideal para as mulheres, reforçando os interesses do Estado que propunha a eugeniação da raça centrada na mulher saudável, o esporte contribui para que as nadadoras ganhem visibilidade e sejam valorizadas numa sociedade patriarcal, rompendo valores de uma época que reserva às mulheres a vida privada no lar, incorporando os papéis de mãe, esposa e dona de casa.

generation enjoyed supremacy in South-American competitions, they were not able to maintain the same high level either in international events or in the Olympic Games (see Graph 1) during the 1990s. However, 12 Brazilian swimmers were part of the world rank of FINA in 2001. Although today women and men participate in the major national swimming competitions in almost equal numbers (Table 1), women still have been falling short of reaching the same level of performance in international competitions. This chapter presents seven situations that explain today's imbalance between genders in Brazilian swimming.

Interpretações do desenvolvimento – Décadas de 1950 – 1960 A natação feminina diminui sua visibilidade na imprensa, não apresenta atletas que se sobressaíssem no cenário internacional, tendo menos expressão no cenário sul-americano. Nos anos 1960, Eliane Pereira torna-se a nadadora com melhores resultados internacionais e única atleta negra da seleção, deparando-se com reações racistas durante a carreira esportiva.

1972 Maria Isabel Guerra, Cristina Teixeira e Lucy Burle participam dos Jogos Olímpicos de Munique, quebrando recordes sul-americanos.

1973 – 1974 Flávia Nadalutti, 13 anos, vence os 200 metros borboleta, com o 4º melhor tempo do mundo no Campeonato Canadense. Entre 1973-1974 ela quebrou mais de 10 recordes sul-americanos, recebendo da Federação Internacional de Natação-FINA, a “Ordem dos Cavaleiros da Natação Sul-Americana”.

1975 Nadadoras como Rosemary Ribeiro, Cristina Teixeira e Flávia Nadalutti declaram que abandonariam a natação para se dedicarem aos estudos, um dilema presente na carreira atlética das atletas.

1976 Maria Elisa Guimarães, Cristina Teixeira, Flávia Nadalutti e Rosemary Ribeiro participam dos Jogos Olímpicos de Montreal, os “Jogos Anabolizantes” (Costa, 1996).

1978 No Troféu Brasil – competição nacional mais importante na modalidade –, Maria Elisa Guimarães torna-se a primeira sul-americana a nadar os 100 metros nado livre em menos de um minuto, somando ainda todos os recordes sul-americanos em nado livre: 100, 200, 400, 800 e 1500.

1984 Aos 14 anos, Patrícia Amorim quebra o recorde sul-americano dos 400 metros nado livre, obtido em 1976. É destaque da imprensa pelos vários recordes alcançados, mas não é convocada para os Jogos Olímpicos de Los Angeles, reivindicando, da então Confederação Brasileira de Natação-CBN, índices de convocação e apoio à natação feminina.

1986 Maria Lenk lança o livro *Braçadas & Abraços*, uma autobiografia, fonte para pesquisas na Educação Física. Torna-se a primeira mulher membro do Comitê Olímpico Brasileiro-COB e assume a presidência da CBN.

1988 Após 12 anos de ausência, as nadadoras brasileiras retornam aos Jogos Olímpicos, competindo em Seul, com Isabele Marques Vieira, Mônica dos Anjos Resende, Patrícia Amorim e Adriana Pereira.

Interpretações do desenvolvimento – Décadas de 1970-1980 Surge a segunda geração da natação feminina, com atletas promissoras atingindo o alto nível na adolescência e abandonando o esporte antes dos 18 anos, ao ingressarem na universidade. A natação feminina retorna à imprensa com reivindicações. O esporte se profissionaliza e passa pelo dilema do *doping*, o que confere visibilidade às atletas da Cortina de Ferro. Inaugura-se um novo padrão de corpo atlético feminino, resultante do treinamento esportivo e dos anabolizantes, gerando uma representação sobre a natação, como esporte masculinizante.

1994 No Rio de Janeiro há um torneio internacional com EUA, Itália e Rússia. Destacam-se Fabíola Molina e Paula Aguiar como

medalhistas em provas individuais, demonstrando a evolução da natação feminina no país.

1995 Gabrielle Rose (norte-americana, naturalizada brasileira), e Fabíola Molina são medalhistas em provas individuais nos Jogos Pan-Americanos deste ano (Juegos Panamericanos, 1995).

1996 Gabrielle Rose é 4º lugar nos 200 metros *medley* e Fabíola Molina é finalista no nado costas no Campeonato Mundial de Natação em piscina curta. O Troféu Brasil de Natação é marcado pelo protesto de nadadoras direcionado a Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos-CBDA (substituta da CBN) pelos índices estipulados para a natação feminina.

1998 Fabíola Molina classifica-se em 11º lugar nos 100 metros costas, no Campeonato Mundial.

Interpretações sobre a década de 1990 O desenvolvimento da natação feminina ocorreu com o surgimento de nadadoras jovens; a identificação, pela CBDA, da necessidade de um programa para a natação feminina; as reivindicações em prol de apoio da imprensa, dos patrocinadores e da CBDA; intercâmbios internacionais; mudanças comportamentais das mulheres e da sociedade sobre os padrões de corpo feminino e masculino; e atletas que se tornaram exemplos para a nova geração.

2000 O Comitê Olímpico Internacional-COI entrega o colar do "Mérito Olímpico" a Maria Lenk. O Clube de Regatas Vasco da Gama do RJ desenvolve um projeto nacional compondo a equipe

feminina base da seleção. Fabíola Molina, após ficar a dois centésimos do índice olímpico, não sendo convocada, gera polêmica e, após documento enviado pela FINA à CBDA, torna-se a única nadadora brasileira em Sidney. Nayara Ribeiro, 16 anos, terminou o ano em 4º lugar no *ranking* mundial da FINA de piscina curta nos 800 metros nado livre.

2001 Doze nadadoras brasileiras aparecem no *ranking* mundial. Nayara Ribeiro torna-se a primeira brasileira a alcançar uma final no Campeonato Mundial de Natação (8º lugar nos 1500 metros nado livre) quebrando o recorde de 1989.

2002 No *Pan Pacific* do Japão, competição mais forte após o Mundial, 3 atletas são finalistas em provas individuais: Nayara Ribeiro, Monique Ferreira e Mariana Brochado. Joana Maranhão, 15 anos, torna-se uma promessa da natação feminina.

Situação Atual A natação feminina brasileira vem evoluindo favoravelmente nos últimos anos, mantendo-se na dimensão quantitativa próxima à versão masculina a julgar pela participação no Troféu Brasil (Tabela 1). Contudo, questões de gênero afetam de forma diferenciada homens e mulheres inseridos neste esporte (Devide, 2003), refletindo no menor número de mulheres que atingem o alto nível em relação aos homens, além da participação decrescente nos Jogos Olímpicos desde 1932 (Gráfico 1). Neste contexto, são discerníveis como inventário atual, com base em fatos do passado, as seguintes demandas a serem preenchidas: i) cobertura da natação femi-

nina pela imprensa; ii) treinamentos específicos para a equipe feminina; iii) acompanhamento psicológico das atletas, com foco nos seus interesses; iv) suporte acadêmico para evitar o êxodo ao ingressar na universidade; v) diálogo com a família, para aceitarem o desenvolvimento corporal das meninas; vi) um incentivo ao patrocínio das atletas; e vii) resgate da experiência de ex-nadadoras.

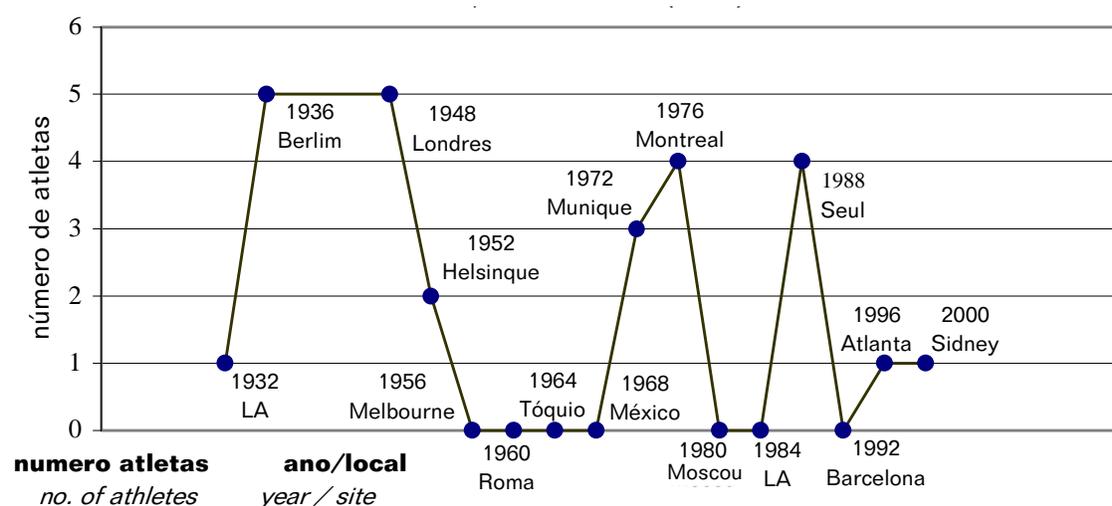
Fontes FBSR. (1921). Programa Oficial dos Concursos Aquáticos promovidos pelo Club de Natação e Regatas em 3 de abril de 1921 na enseada de Botafogo. Rio de Janeiro; Lenk, M. (2001). Entrevista cedida em 17 de março de 2001. Rio de Janeiro; FFC (1932). A reunião preparatoria às Olympiadas. FFC. ano I, n. 33, Rio de Janeiro, p. 4; PARRA, L. C. (ed.). (s.d.). El libro de oro de la natacion sudamericana 1929-1979. Ecuador: Federation Ecuatoriana de Natación; ORGANISATIONSKOMITEE FÜR DIE XI OLYMPIADE. (1936). XI Olympiade Berlin 1936 – Amtlicher Bericht. Band II. Berlin; ORGANISING COMMITTEE FOR THE GAMES OF THE XV OLYMPIAD. (1952). The official report of the organising committee for the XV Olympiad. Helsinki; Costa, D. M. (2000). Editions of women Olympic competition. Conferência apresentada no Fórum Olímpico 2000. Porto Alegre: UFRGS. (mimeo); JUEGOS PANAMERICANOS, (XII). (1995). XIIth Pan American Games – Mar del Plata '95. Memoria Oficial – Final official Report; Devidé, F. P. (2003). História das mulheres na natação brasileira no século XX: das adequações às resistências sociais (tese de doutorado). Rio de Janeiro: UGF.

Tabela 1 / Table 1 - Participantes no Troféu Brasil de Natação
Percentage of women in the main national swimming championship in Brazil

Ano / year	2000		2001		2002		2003	
Total participantes / Total participants	619		455		360		427	
n %								
Homens / men	394	63,65	249	54,72	210	58,33	244	57,14
Mulheres / women	225	36,35	206	45,28	150	41,67	183	42,86

Gráfico 1 / Graph 1
Participação da natação feminina nos Jogos Olímpicos

Fonte / source: COB (1997)



Pólo aquático

SILVIO DE CÁSSIO C. TELLES

Water Polo

Water polo had its origins in Europe in the middle of the 19th century and it was the first team sport to be included in the Olympic Games, Paris, in 1900, same year water polo started in Brazil. In 1902 the first extra-official Brazilian water polo championship took place with teams from Rio de Janeiro and São Paulo. The Brazilian water polo team was the first team sport to ever take part in Olympic Games: Antwerp, 1920. The

Definições e Origens O pólo aquático é um esporte praticado no meio líquido, que tem como objetivo a marcação de gols. Uma equipe é composta de 13 atletas sendo que iniciam o jogo somente sete, em que um deles é o goleiro. A partida é dividida em quatro períodos de 7 minutos de jogo corrido, com dois de intervalo entre os mesmos. O manuseio da bola deve ser feito somente com uma das mãos, excetuando o goleiro, que poderá segurar com ambas simultaneamente. O pólo aquático foi desenvolvido na Europa e nos Estados Unidos como dois esportes separados. Nos Estados Unidos era chamado de softball water pólo. A bola era uma bexiga semi-inflada. O esporte era muito violento, incorrendo em muitas brigas. Hoje, no entanto, o estilo que predomina é o europeu. É mais científico, mais rápido e menos perigoso do que o americano.

O jogo é chamado de ‘*water polo*’ porque os jogadores inicialmente se movimentavam em barris flutuantes que lembravam cavalos, e batiam na bola com tacos parecidos com martelos, semelhantes àqueles utilizados no pólo eqüestre. Independente das versões correntes sobre suas origens, o pólo aquático tornou-se o primeiro esporte olímpico coletivo, sendo disputado nos Jogos Olímpicos de Paris, em 1900. No Brasil, o final do século XIX e o início do XX marcam também o aparecimento do então chamado *water polo* que, juntamente com o remo e a natação, assumiram as preferências dos esportistas que freqüentavam os clubes da Baía de Guanabara - RJ, de Santos - SP e do rio Tietê - SP, na periferia da cidade de São Paulo. Além destes locais pioneiros, no Estado do Espírito Santo, o pólo aquático era também praticado com freqüência, na Baía de Vitória, desde o fim do século XIX. As principais equipes eram do Náutico Brasil, do Alvares Cabral e do Saldanha da Gama.

1900 Este ano pode ser considerado como referência para a introdução do pólo aquático no Brasil, a julgar por evidências esparsas que identificam no esportista Flávio Viera, atuante nos clubes de regatas do eixo Rio – São Paulo, um promotor da nova modalidade então relacionada com o remo e a natação. Neste período, o pólo aquático era praticado sem regras definidas e com grande semelhança com o futebol.

1902 Realiza-se, extra oficialmente, o campeonato brasileiro, reunindo apenas times do Rio de Janeiro e São Paulo.

1908 Acontece o primeiro jogo oficial de pólo aquático entre o Clube de Natação e Regatas e o Clube de Regatas do Flamengo. Para esta partida, foi utilizada uma doca construída para abrigo de pequenos barcos. Cada equipe formou com 11 jogadores de cada lado, tal como um jogo de futebol, sendo essa a provável influência do ‘futebol aquático’ europeu. Os jogadores usavam camisas com as cores dos clubes e jogavam sem gorro. À época, no Rio de Janeiro, o pólo aquático era praticado na praia das Virtudes, que hoje se encontra aterrada, sendo possível encontrar, em seu lugar, a Avenida Santa Luzia (centro da cidade). Outro local de práticas era próximo à praia da Urca, junto à área da Exposição Internacional de 1908, onde os torneios eram acompanhados por dezenas de torcedores, que ocupavam os barcos e sacadas do Forte de São João.

1911 Uniformização das regras de *water polo* pela federação internacional da modalidade.

1913 Realiza-se o primeiro campeonato de pólo aquático do RJ, sendo vencido pelo Clube de Natação e Regatas.

1920 Visita de uma equipe belga de pólo aquático ao Brasil, a qual produziu uma atualização das técnicas de prática e de treinamento da modalidade entre as equipes principais do país, com repercussões ao longo da década. Neste mesmo ano o Brasil participa com a

great names of water polo have always been the Hungarians, with seven gold medals. Brazilian water polo progressed enormously in the 1960s because of the influence Aladar Szabo, Hungarian athlete who became coach of the national team. The Brazilian water polo team became then South-American leader. Today in the international ranking system, Brazilian men's water polo occupies the 11th position and women's water polo takes up

modalidade nos Jogos Olímpicos de Antuérpia – Bélgica, fato histórico por ter sido o primeiro esporte coletivo brasileiro a comparecer aos Jogos. No plano nacional, o pólo aquático ganha a adesão da Liga de Esportes da Marinha que passa a ter uma equipe fixa e a dar apoio aos atletas brasileiros da modalidade, com suas instalações.

1929 Acontece o primeiro campeonato brasileiro em sua versão oficial, realizado no Rio de Janeiro, com a vitória da representação deste Estado.

1932 O Brasil volta a participar dos Jogos Olímpicos, dessa vez em Los Angeles. Apenas cinco equipes participam do evento, sendo somente duas nações européias (Hungria e Alemanha). As outras equipes que participaram foram Estados Unidos, Japão e Brasil. A Hungria se sagrou campeã. Após perder o jogo com a Alemanha, a equipe brasileira saiu da piscina e agrediu o árbitro, sendo então desclassificada. Com este fato, o pólo aquático, por decisão da Confederação Brasileira de Desportos – entidade gestora de todos os esportes no Brasil à época –, foi afastado por longo período das competições internacionais.

1950 O técnico italiano Paolo Costoli introduz modificações nas táticas dos brasileiros, fazendo com que o time do Fluminense F. C. (RJ) inicie uma marca ainda não igualada na América Latina. O Fluminense ficou 9 anos sem perder , 104 jogos invicto.

1952 Vinte e uma equipes participaram dos Jogos Olímpicos de Helsinki. A Hungria vence a competição e o Brasil participa novamente, mas não chega a se classificar para segunda fase.

1959 Chega ao Rio de Janeiro Aladar Szabo, jogador da seleção Húngara, que representa uma das maiores escolas de pólo aquático do mundo até hoje, integrando-se à equipe do Fluminense e posteriormente à seleção brasileira. Szabo contribui para elevar o nível dos jogadores brasileiros introduzindo seus conhecimentos obtidos em diversas participações em competições internacionais, sendo considerado por muitos o melhor jogador do mundo em sua época.

1960 O Brasil participa dos Jogos Olímpicos de 1960 em Roma-IT é novamente eliminado nos momentos iniciais da competição. Com dezesseis participantes, a Itália sagra-se campeã.

1963 O Brasil conquista o seu único campeonato Pan-Americano, quando da realização dos Jogos na cidade de São Paulo. A equipe brasileira campeã pan-americana, em 1963, foi formada por: Luís Daniel, Ivo Carotine, Paulo Carotine (Polé), Adhemar Grijó, João Gonçalves Filho, Aladar Szabo, Marvio Kelly dos Santos, Luís Eduardo Lima (Liminha), Flávio ‘Rato’, Luís Del Pichia A. Valim e Claudino Caiado (técnico). Aladar Szabo foi o artilheiro da competição.

1964 Nos jogos Olímpicos do Tóquio o Brasil é eliminado na primeira fase. A Hungria é a grande vencedora.

1968 Em 1968, no México, o pólo aquático brasileiro participou pela sexta vez dos Jogos Olímpicos. A Iugoslávia vence a competição.

Interpretação do Desenvolvimento – Décadas de 1960 e 1970 Nesse período o pólo aquático conseguiu participar de diversas edições dos Jogos Olímpicos, o que possibilitou um maior intercâmbio o que, conseqüentemente, elevou o nível do esporte no país. Cabe ressaltar a contribuição de Paolo Costoli e Aladar Szabo que definitivamente interferiram nos rumos do pólo aquático brasileiro. A conquista da Pan-Americano de 1963 ajudou a alavancar o esporte no país. O pólo aquático, nesse período, passava por seu momento áureo, tanto em participações de vulto internacional como em divulgação pelos meios de comunicação. Um indicador deste avanço

the 9th position. Brazil has approximately 2,000 water polo athletes registered with 16 state federations (five of which are women's), which have also given priority to competitions of players between 13 and 19 years of age. In 2003, Brazil participated in the second edition of FINA's World League, in the Pan-American Games in Santo Domingo and in FINA's World Championship in Barcelona.

foi o domínio sul-americano da modalidade que passou do Uruguai e da Argentina para o Brasil, posição até hoje mantida.

1984 O Brasil se beneficia do boicote aos Jogos Olímpicos de Los Angeles e participa em uma das vagas deixadas pelo bloco socialista.

1986 Desde a criação dos Campeonatos Mundiais de Pólo Aquático, em 1973, já tinham sido disputados oito destes eventos até o ano em foco. A equipe brasileira, contudo, somente teve a oportunidade de participar da quinta edição desses campeonatos, em Madrid - Espanha.

1998 O Brasil se classifica para o campeonato mundial em Perth, na Austrália e se coloca em 12º lugar.

2001 Em Fukuoka, no Japão, se deu a terceira participação do Brasil em campeonatos mundiais, ficando em 13º lugar.

2002 O Brasil é convidado a participar da 1ª Liga de Pólo Aquático realizada pela FINA (Federação Internacional de Natação Amadora), mas não se classifica para a fase final.

Interpretação do Desenvolvimento – 1970 a 2002 Após o período áureo da década de 1960, o pólo aquático brasileiro não mais conseguiu a atenção da mídia. Possivelmente pela falta de conquistas, ídolos e participações em competições importantes, embora a seleção brasileira tenha vencido todos os campeonatos sul–americanos de 1972 a 2000, excetuando em duas edições conquistadas pela Colômbia em 1982 e 1990. No final da década de 1990 e início do século XXI, o pólo aquático começa a recuperar alguma credibilidade. Participa de diversas competições internacionais e é convidado a participar da segunda edição da liga da FINA, que se realizou em 2003.

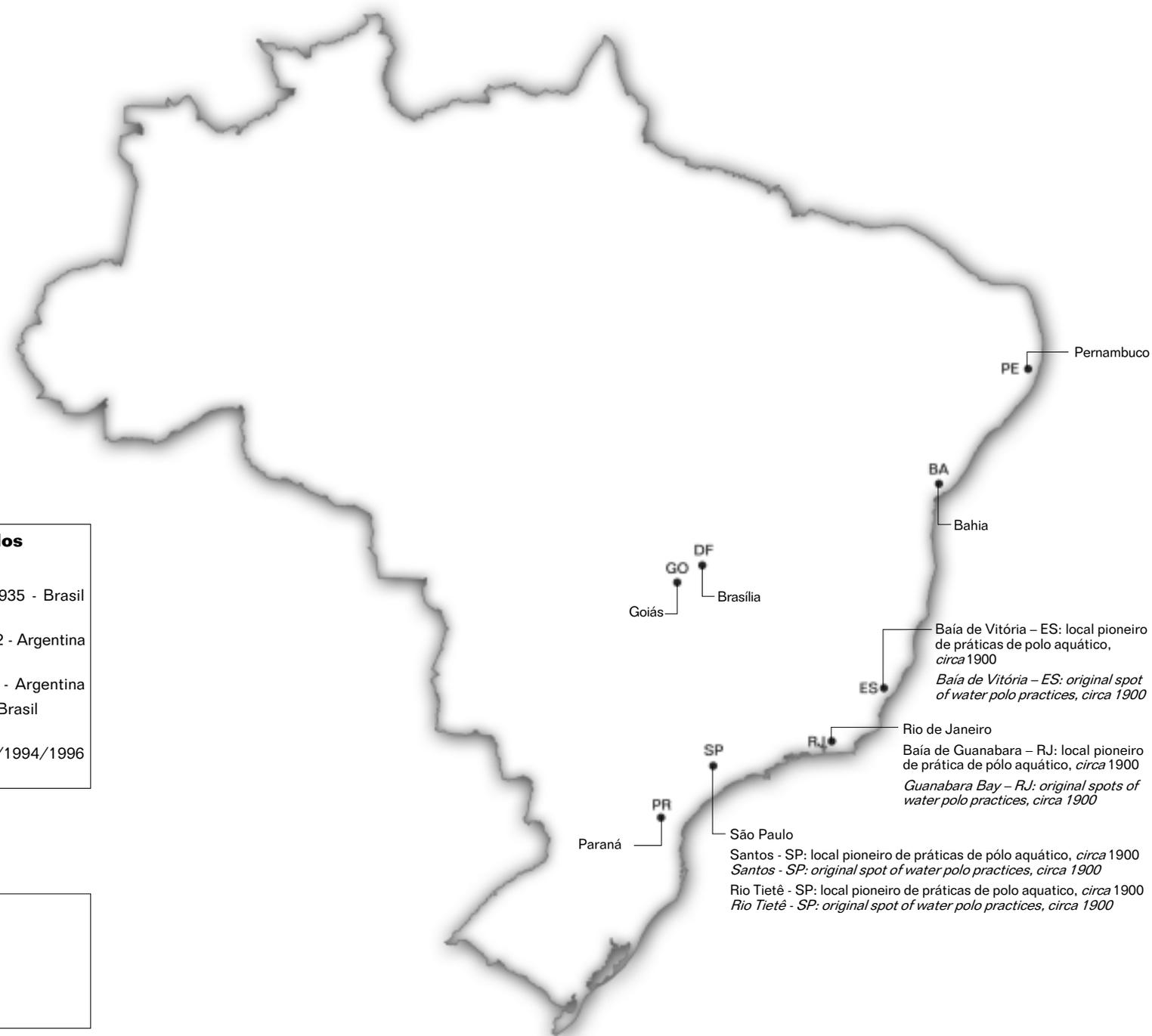
Situação Atual De acordo com dados CBDA - Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos, – existem aproximadamente 2.000 atletas de pólo aquático registrados, sendo que 75% destes encontram-se no Rio de Janeiro e São Paulo. As atividade e competições estão concentradas nestes dois Estados e em Brasília, Goiás, Pernambuco, Bahia, e Paraná, as quais se somam participações esporádicas de outros Estados. Entretanto há 16 federações estaduais da modalidade, entre as quais cinco desenvolvem a versão feminina. Em termos de instalações para a prática, há 25 piscinas no país com padrões e materiais específicos adequados. Contudo, não existem hoje piscinas exclusivas para a prática do esporte, sendo usados parques aquáticos distribuídos pelos clubes. Na atualidade, os resultados femininos no plano internacional são mais relevantes do que os masculinos, uma vez que no ranking dos campeonatos mundiais da FINA, as mulheres estão em nono lugar ao passo que os homens se situam em décimo primeiro.

Nas categorias de base, são realizadas competições nacionais em todas as faixas etárias, de 13 a 19 anos (sênior acima desta idade). Além disso, pressupõe-se que o pólo aquático esteja caminhando para um aumento no número de praticantes, já que em campeonatos nacionais das categorias de base, o número de times vem aumentando ano após ano, incluindo os de composição feminina. No ano de 2003, o Brasil estava comprometido para participar da segunda edição da liga mundial, dos Jogos Pan-Americanos em São Domingos e do Campeonato Mundial em Barcelona.

Fontes Telles, S.C.C., A Identidade do Jogador de Pólo Aquático e o Mito da Masculinidade, Dissertação de Mestrado, UGF – RJ, 2002; COB, Diagnóstico e Análise das Modalidades Olímpicas, RJ, 2001; CBDA.

Estados com atividades regulares e instalações adequadas para competições de pólo aquático, 2002

States with regular activities and adequate facilities for water polo competitions, 2002



Campeonatos Sul-Americanos – resultados

South American Games – results

*1929 - Uruguai *1932 - Brasil *1934 - Argentina *1935 - Brasil
*1937/1938 - Uruguai

*1946 - Brasil *1947 - Argentina *1949 - Uruguai *1952 - Argentina
*1954 - Brasil

*1956 - Argentina *1958 - Brasil e Argentina *1960 - Argentina

*1962/1963/1965/1972/1974/1976/1978/1980 – Brasil

*1982 - Colômbia

*1984/1986/1988 - Brasil *1990 - Colômbia *1992/1994/1996
1998/2000 - Brasil

Nota: campeonatos de 1967, 1968 e 1970 não disponíveis

Fontes / *sources*: Ministério da Educação e Cultura,
Jornal O Globo, Jornal dos Sports

Campeonatos Pan Americanos – resultados com premiação

Pan American Games – main results

1951 – 2º lugar / 1955 – 3º lugar / 1959 – 3º lugar /
1963 – 1º lugar / 1967 – 2º lugar / 1987 – 3º lugar /
1991 – 3º lugar / 1995 – 2º lugar

Nota: competição realizada no pólo aquático desde 1951,
com periodicidade de 4 anos.

Um século de pólo aquático no Brasil – destaques

One century of Brazilian water polo – features

1900 Os primeiros jogadores do RJ e SP eram remadores que praticavam o pólo aquático como diversão

1907 Fundação da Federação Paulista das Sociedades de Remo – FPSR que dirigia também a natação, saltos ornamentais e pólo aquático

1932 O pólo aquático se emancipa da FPSR e cria sua própria federação no Estado de SP

1948 Fundação do clube Tatuí no RJ, irmandade informal de jogadores e técnicos de pólo aquático que se reuniam no Bar Alpino (Leme – RJ), e que até hoje mantém reuniões anuais

1952 João Havelange, futuro presidente da Federação Internacional de Futebol Amador, atuou nos Jogos Olímpicos de Helsínki, participando da equipe brasileira

1959 Aladar Szabo, chega ao Brasil, não como imigrante mas como refugiado do regime húngaro, por interveniência de João Havelange

1965 Encerramento da carreira de Aladar Szabo que deixou uma reputação mitológica no pólo aquático brasileiro por seus feitos em competições; ele permaneceu no Brasil onde faleceu, em 1985

1986 Início oficial do pólo aquático feminino no Brasil, com atividades no Clube Atlético Paulistano, superando 15 anos de retardo na discussão do tema pelo clube Tatuí

2002 Jogadores de maior destaque nos cem anos de existência do pólo aquático brasileiro: Aladar Szabo, Marvio Kelly, Pinduca, João Gonçalves, Castelo Branco e João Daniel (fonte do levantamento: Telles, 2002)

Pólo aquático feminino

LILA PERES

Water Polo Women

The first reports of women's water polo in Brazil go back to the recreational games swimmers of Botafogo de Futebol e Regatas–RJ played during the 1950s. However, it was only in the early 1980s that female water polo athletes started to play in various swimming clubs of Rio de Janeiro and São Paulo. In the late 1980s, women's water polo started a career of good international results. From its

Origem Há indícios de que lavadeiras holandesas praticavam um jogo semelhante ao pólo aquático no fosso de lavagem do castelo de Haamstede durante a Idade Média, empregando uma bexiga de porco como bola. Independentemente das possibilidades do pólo aquático feminino ser anterior ao masculino, o I Campeonato Mundial, oficializado pela FINA, aconteceu em 1986, na cidade de Madri. No Brasil, os primeiros relatos apontam para as partidas recreativas realizadas por nadadoras do Botafogo de Futebol e Regatas–RJ, nos anos de 1950. Posteriormente, surgem mulheres praticantes nas Escolinhas do Maracanã–RJ, no Tijuca Tênis Clube–RJ e no Clube Paulistano–SP, no início dos anos de 1980. Mas é no final desta década que o pólo aquático feminino se afirma no cenário desportivo brasileiro.

1985 O professor da disciplina de Pólo Aquático na Escola de Educação Física e Desportos-EEFD, da Universidade Federal do Rio de Janeiro–UFRJ- Waldir Ramos - propõe inscrições para alunas da Escola, na disciplina eletiva de Polo Aquático. O entendimento de que a educação física é disciplina que ocorre em ambiente escolar, de participação naturalmente mista, legitimou a solicitação. O Pólo Aquático passou a ser entendido, no âmbito acadêmico da EEFD e nas escolas de formação de professores de educação física, como uma disciplina eminentemente prática e com a participação conjunta de alunos e alunas. As Olimpíadas Internas interperíodos deste ano protagonizaram a primeira competição de polo aquático feminino, com a participação de sete equipes representantes das turmas da escola. Regras específicas foram adaptadas ao evento.

1987 Uma parcela do grupo de praticantes do Pólo Aquático feminino da EEFD migrou para o Clube de Regatas do Flamengo-RJ. O Clube foi pioneiro ao federar a primeira equipe de polo aquático feminino no Brasil. No entanto, o acolhimento do Clube foi restrito, pois o espaço disponível para os treinamentos era três raias atrás do baliza do gol do campo de pólo aquático. Durante os primeiros meses, o Flamengo deixou a equipe sob o comando interino do treinador Jorge Pará que acompanhou a equipe oficial do clube na primeira competição de polo aquático feminino. O evento aconteceu na tradicional e comumente chamada de “Copa Sears” – o Torneio Juventude 70 – realizado nas piscinas do Clube Pinheiros, em São Paulo. A participação feminina nesse torneio foi possível diante da insistente reivindicação do grupo pioneiro junto à Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos-CBDA e a seu presidente Coracy Nunes, assim como da adesão das equipes da Hebraica e C.A. Paulistano, ambas de SP. A “Copa Sears” teve a final feminina entre C. R. do Flamengo e C. A Paulistano. O clube carioca saiu com o título, após a vitória pelo placar de 3x2.

1987 Após a realização da “Copa Sears”, a intenção em realizar o I Campeonato Brasileiro de Pólo Aquático Feminino se reafirmou. Em São Paulo, as equipes passaram a se estruturar melhor e a equipe do Flamengo-RJ contratou um técnico para assisti-la: Silvio Manfredi. Como atleta consagrado da seleção brasileira e com experiência em treinar equipes no Canadá, Manfredi chegou com uma proposta de treinamento técnico, tático físico e até mental, utilizando o yoga. Como São Paulo já superara o Rio de Janeiro em número de equipes, a única equipe carioca treinava os coletivos com a equipe masculina juvenil do Flamengo e de outras entidades. No período entre 17 e 20 de dezembro de 1987 realizou-se o I Campeonato Brasileiro de Pólo Aquático Feminino nas piscinas do Clube de Regatas Guanabara-RJ, ao mesmo tempo em que ocorria o Campeonato Brasileiro de Polo Aquático Masculino Adulto. Competiram as equipes do C.R. Flamengo, do C.A. Paulistano, UFRJ e do Clube Paineiras. Além do troféu de artilharia levado pelas mãos da atacante Rosa Deolinda, a equipe do C.R. Flamengo conquistou o título pioneiro de campeã brasileira de pólo aquático

very beginning until 2003, in spite of the reduced number of athletes in Brazil (around 200), women's water polo progressively became one of the ten first countries of the international ranking system and one of the first three countries at the Pan-American level, next to the USA and Canada. The very recent career of Brazilian women's water polo, including the first Pan-American podium for the sport

feminino, após a vitória na final contra o Clube Paineiras. Ainda neste ano, Lila Peres, atleta da equipe de pólo aquático do C. R. Flamengo e professora do clube, é transferida da escolinha de natação para a escolinha pólo aquático, tornando-se a primeira professora em escolinha especializada neste esporte.

1988 No período entre 8 e 10 de Julho de 1988 foi realizado o I Torneio Brasileiro de Pólo Aquático Feminino no parque aquático do C.R. Flamengo, com a participação de apenas três equipes: Paineiras, Associação de Empregados da Eletronorte de Brasília-ASEEL e Flamengo, embora, à época, já houvesse notícias sobre a formação de equipes em Salvador, Recife e Fortaleza. A partida final se dá entre o time da casa e o Clube Paineiras, desta vez com vitória dos visitantes, por 8x4. Tais resultados assumiram enorme importância considerando a esperada nomeação da primeira Comissão Técnica para a primeira seleção brasileira feminina; a disputa do Campeonato Sul-Americano que seria realizado de 26 a 30 de outubro do mesmo ano; e a convocação da primeira seleção para o dia 29 de agosto. Outro marco de memória vinculado a este Torneio diz respeito à extinção da equipe do Fluminense Futebol Clube. O fato gerou protestos com a produção de abaixo-assinado. Ainda naquele ano, a atleta brasileira Leticia Furtado parte para a Hungria com vistas a realizar um estágio técnico com a equipe campeã BVSC e Lila Peres recebe o convite para participar dos treinamentos da equipe do clube Aqua Polo de Hull, do Canadá, na temporada de 1989.

1989 As competições começam a serem mais regulares inclusive com torneios em mar, como os que aconteceram em Angra dos Reis – RJ e na Praia de Copacabana – RJ.

1990 A partir deste ano, o pólo aquático feminino passou a contar com a importante colaboração de Olga Pinciroli ao conduzir a história da modalidade tornando-se diretora da CBDA, no ano posterior. Uma primeira intervenção já acontecera em 1989, levando um grupo, representante do Brasil, para participar do Torneio Internacional de Alhambra, na Califórnia–EUA. Olga Pinciroli continua hoje, 13 anos passados, promovendo e cuidando dos eventos do pólo aquático feminino. Ainda em 1990, no Torneio Internacional do Rio de Janeiro realizado neste ano, a seleção nacional conquistou o 1º lugar.

1991 Destaques deste ano: VI Campeonato Mundial de Desportos Aquáticos, assegurando o 7º lugar, em Perth-Austrália; Torneio Internacional “Portugal”, 3º lugar, em Lisboa-Portugal; I Torneio Mundial de Pólo Aquático Feminino Júnior, 4º Lugar, em Annapolis, Maryland-EUA; VII Copa Mundial FINA, 8º lugar, em Long Beach – EUA; e I Torneio Internacional “São Paulo”, 1º lugar, em SP-Brasil.

1992 Realiza-se o Campeonato Sul Americano de Natação e Pólo Aquático, em Medellín-Colômbia, com o Brasil em 1º lugar. No Segundo Torneio Internacional “Portugal”, obtém-se o 1º lugar (Lisboa-Portugal). O Primeiro Campeonato Pan-Americano de Pólo Aquático Feminino também dá o título ao Brasil entre seis países (Salinas - Porto Rico).

1993 Torneio classificatório para a Copa do Mundo traz o 6º Lugar para o Brasil (Palermo-Itália). No II Campeonato Pan-americano de Pólo Aquático Feminino, o Brasil sagra-se Bi Campeão Pan-Americano (Ft. Lauderdale-EUA). No mesmo ano, a Seleção Brasileira Adulta torna-se Tri Campeã Sul-Americana.

1994 Acontecem o III Torneio Internacional “São Paulo”– 1º lugar, com a participação da Hungria, Itália e Brasil; o Campeonato Pan-Americano Júnior de Pólo Aquático Feminino e Masculino, conquistando-se o 3º lugar (Havana-Cuba), com a participação de

in 1999 and its best position in the FINA ranking system (World Championship), confirm the evident supremacy of the feminine division in relation to the masculine division within the period in which both have co-existed. It is important to notice that the Brazilian national male team has a surviving tradition of a century and a greater number of players.

seis países; e o VII Campeonato Mundial de Esportes Aquáticos, 9º lugar (Roma), entre os 12 países selecionados.

1996 Neste ano acontecem: o Campeonato Sul Americano de Natação e Pólo Aquático, obtendo-se o título de Bi-Campeãs Sul Americanas; o Campeonato Pan-Americano Júnior de Pólo Aquático, com o 3º lugar (Havana-Cuba); e o Torneio do Ano Olímpico, com o 8º lugar, em Emmen- Holanda.

1997 Acontece o Campeonato Sul Americano Júnior de Natação e Pólo Aquático, em Ibagué-Colômbia, alcançando-se o título de Campeãs Sul Americanas; e o Campeonato Mundial Júnior de Pólo Aquático Feminino, com o 9º lugar em Praga-República Tcheca.

1998 VIII Campeonato Mundial de Desportos Aquáticos, 10º lugar (Perth-Austrália); Campeonato Sul Americano Absoluto de Desportos Aquáticos, Tri Campeãs Sul Americanas (Barquisimeto-Colômbia); e Campeonato Pan-americano Júnior de Pólo Aquático, com o 3º lugar, em Havana-Cuba.

1999 Campeonato Sul-Americano Jr., 1º lugar, em Vitória-ES; Jogos Pan-Americanos, em Winnipeg-Canadá, Medalha de Bronze; III Campeonato Mundial Jr., 8º Lugar, em Messina-Itália.

2000 Torneio Classificatório para as Olimpíadas de Sydney, 6º lugar, em Palermo-Itália. Este torneio foi de especial importância, pois o Brasil não se classificou para as Olimpíadas, mas só foi derrotado pelas equipes que se classificaram (EUA, Rússia, Hungria e Cazaquistão), incrementando assim o seu reconhecimento no exterior.

2001 XIX Campeonato Mundial de Esportes Aquáticos, 10º lugar, em Fukuoka-Japão.

2003 III Campeonato Pan-Americano de Pólo Aquático Feminino de Santo Domingo, Medalha de Bronze.

Situação atual A trajetória do Pólo Aquático feminino entre 1990 e 2003 é incontestável quanto aos seus bons resultados, sobretudo ao se levar em conta que há apenas cerca de 200 atletas em atividade nesta modalidade no país. A conquista da medalha de bronze nos Jogos Pan-americanos de Santo Domingos-2003 acontece num momento em que os países das equipes adversárias investem maciçamente em suas atletas. No Brasil, a diretoria da CBDA mantém a meta de trazer técnicos de alto nível para a seleção principal, como é o caso da técnica americana Sandi Nitta do Pan-Americano de 1999, e do atual técnico canadense David Hart dos Jogos de Santo Domingo, de 2003. Assim como no masculino, há mulheres atletas brasileiras que sustentam seus treinamentos em outros países, e hoje Flávia Fernandes e Andréa Henriques estão na Itália. Na esfera nacional, os Campeonatos Brasileiros das categorias juvenil, júnior e adulto, demonstram o interesse das diversas faixas etárias e a expansão da modalidade. A expansão das equipes de clube acontece fora do eixo das capitais Rio-São Paulo é hoje evidenciada no Nordeste, Distrito Federal e em cidades como Santos e Bauru. A comparação entre as categorias masculina e feminina nas modalidades olímpicas de esporte também é pertinente com relação ao pólo aquático. Pode-se dizer, neste aspecto, que a trajetória do feminino desde a conquista do primeiro pódio Pan-Americano para o esporte em 1999, e sua melhor colocação no ranking (colocação em Campeonato Mundial) da FINA, confirmam a evidente superação do pólo aquático feminino em relação ao masculino nesse período em que ambas as categorias passaram a coexistir.

Fontes Olga Pinciroli; CBDA e Telles (2003), capítulo neste Atlas.

Saltos ornamentais

FERNANDO TELLES RIBEIRO, ALICE KOHLER, GIOVANI CASILO E LANA PERES

Diving

Diving became part of the Olympic Games in London – 1908. At that time only the men’s event was included. In Brazil, the first competition to have springboards was organized by Clube Espéria (Esperia Club), located on Rio Tietê, São Paulo, in 1911. The first national diving competition took place in Enseada de Botafogo (Botafogo Bay) in Rio de Janeiro in 1913. Adolfo Wellisch, a Brazilian national champion since 1913, earned the 13th position in

Definição Os Saltos Ornamentais constituem uma modalidade esportiva em que o atleta projeta-se no ar pela impulsão executada sobre um trampolim flexível de 1 e 3 metros de altura ou plataforma fixa de 5m, 7,5m e 10m de altura e conduz o seu corpo em queda, controlado no espaço, para imergir-se na água. Os mais experientes saltadores executam no ar manobras com parafusos e mortais, na exata medida e precisão, desde sua saída do trampolim ou da plataforma até a entrada segura na água. Isso ocorre devido a capacidade de orientação espacial do saltador. Além disto, para obter um bom resultado nesse esporte é necessário ter, também, capacidades como força, flexibilidade e coordenação. Com toda sua beleza e graça, os Saltos Ornamentais fazem com que seus atletas sejam admirados por todos e dêem belos espetáculos que fascinam até mesmo espectadores sem qualquer noção desse esporte. Quanto aos Saltos Sincronizados, são aqueles que envolvem dois competidores que saltam simultaneamente do trampolim ou plataforma.

Origens Embora os gregos antigos já praticassem saltos com algum desenvolvimento, deixando inclusive reproduções de vários deles, o primeiro campeonato de saltos surgiu em 1893, na Europa. Muitos dos saltadores eram ginastas que acharam um novo e excitante meio de mostrar movimentos complexos com menos chance de se machucarem. O principal problema na época era encontrar um lugar apropriado para a prática da modalidade. Então, pessoas começaram a pular de pontes na Europa e EUA. No México, em Acapulco, os índios eram adeptos dos saltos de elevados penhascos para o mar, e turistas do Haváí relataram como os nativos saltavam de grandes alturas. Na Inglaterra, portos e pontes das costas litorâneas mais freqüentadas tornaram-se os pontos favoritos para a prática de saltos. A Europa, Alemanha, Inglaterra e Suécia foram os pioneiros desta atividade por efeito de registro de memória. Neste último país, colocavam-se nas praias aparelhos de ginástica a 2 e 8 metros de altura por cima da água para a realização de movimentos como cambalhotas e giros, batizados então de acrobacia aérea sobre a água. Desde esta época, os saltos foram separados em duas modalidades esportivas: *springboard diving* (salto de trampolim) e *fancyhigh diving* (plataforma). Exceto nas Jogos Olímpicos de Saint Louis-EUA, 1904, em que o americano Sheldon venceu no salto de trampolim, os suecos tiveram domínio absoluto conquistando todas as medalhas dos jogos de 1908 e 1912. Em 1926 iniciou-se o Campeonato Europeu. Na época os alemães, seguidos de italianos e ingleses, obtiveram efetivos resultados. Mas veio a 1a. Grande Guerra e enquanto os europeus se recuperavam de suas conseqüências, os americanos se aprimoravam.

Quando os Jogos Olímpicos recomeçaram em 1920 (Antuérpia, Bélgica), os americanos dominaram completamente o esporte, tanto no masculino como no feminino. Até as Olimpíadas de Munique, em 1972, eles tiveram a supremacia – e ainda têm, embora soviéticos e alemães já sejam fortes concorrentes. A primeira competição de *fancy high diving* ocorreu em 1903, e a de trampolim em 1904. As duas modalidades foram unificadas em 1928. Em 1912 foi realizada a primeira competição para mulheres mas na época houve apenas a prova de *plain diving*, pois os outros saltos eram considerados inadequados ao sexo feminino. Somente nas Olimpíadas de Amsterdã (1928), os saltos ornamentais propriamente ditos foram oficializados para mulheres. Em resumo, até 1920 a Alemanha e a Suécia dominaram as primeiras competições de Saltos Ornamentais. Após este estágio e até 1992, os Estados Unidos dominaram o cenário mundial da modalidade. Hoje, os EUA dividem com os chineses, canadenses, alemães e russos a primazia desse esporte.

his first international experience at the Olympic Games of Antwerp – 1920. Women’s diving competitions started in Brazil in 1935: Ursula van der Leyen from São Paulo was the winner of the Campeonato Brasileiro de Saltos (Brazilian Diving Championship). In the 1940s and 1950s, diving and diving facilities followed the great expansion of swimming pools in the country. However, Brazilian participation in international competitions since 1920 has not shown

1871 É efetuada a primeira prova de saltos ornamentais na Ponte de Londres e, nesta época, as competições baseavam-se na altura percorrida.

1893 Neste ano, o esporte popularizou-se e foi quando nesta mesma cidade – Londres - construiu-se uma torre para saltos de 5 metros de altura – a então denominada *Highgate Pond*.

1900 Os Saltos Ornamentais foram incluídos nos Jogos Olímpicos de Paris sob forma de atração.

1901 A primeira organização desse esporte é fundada e denominada de Associação Amadora de Saltos Ornamentais (*Amateur Diving Association*).

1904 A modalidade estreou nos Jogos Olímpicos de Saint Louis-EUA, quando foi incluída junto com os eventos de natação para homens, mas apenas saltos de plataforma.

1908 A modalidade estreou oficialmente como esporte olímpico nas Olimpíadas de Londres. Nesta época só havia a participação masculina. Codificado mais tarde pela Federação Internacional de Natação Amadora-FINA, surgiram com regularidade nas competições internacionais.

1911 No Brasil, o primeiro trampolim de competição organizada foi o do Clube Espéria, montado às margens do Rio Tietê-SP.

1912 Nos Jogos Olímpicos de Estocolmo, acontece a primeira participação feminina nas provas de mergulhos simples de plataforma (*plain dive*), até então este esporte era considerado impróprio para mulheres.

1913 No Brasil, a primeira competição nacional de saltos realiza-se a 30 de março deste ano, na Enseada de Botafogo no Rio de Janeiro-RJ e é vencida pelo paulista Adolpho Wellich.

1919 O Fluminense Football Club do Rio de Janeiro é o primeiro clube do país a construir uma piscina com aparelhagem para saltos ornamentais com trampolim de 1 e 3 metros e plataforma de 6 metros.

1920 Nos Jogos Olímpicos de Antuérpia, um brasileiro, o antes citado Adolfo Wellisch, campeão nacional desde 1913, obteve a décima terceira posição na sua primeira experiência internacional. Nestes Jogos acontece a primeira competição de trampolim feminino. Ainda neste evento, os Estados Unidos conquistaram três medalhas de ouro (trampolim masculino e feminino, e plataforma). Na Inglaterra, é determinado pela *Amateur Diving Assocation* (Associação Amadora de Saltos) que um "ponto de apoio nos trampolins deva ser colocado a quatro pés e seis polegadas (1,40m) da extremidade dianteira da tábua". Os primeiros apoios (fulcros) eram simples cavaletes de madeira fixados permanentemente na base do trampolim.

1921 Oswaldo Gomes, de São Paulo-SP, conquista o primeiro lugar na “Prova Clássica Washington Luís” (ver memória de 1931 adiante).

1923 No plano internacional, no início da década de 1920 foram introduzidos os fulcros móveis. Eles permitem o ajuste da flexibilidade do trampolim pelo saltador.

1924 Acontece nos Jogos Olímpicos de Paris a utilização pela primeira vez do fulcro móvel em uma Olimpíada. Tal aparelho foi trazido pela equipe de Saltos Ornamentais dos Estados Unidos que dominou a competição nas provas de trampolim. Assim, intro-

expressive results, except for the Olympic Games of 1952 and the Pan American Games of 2003. Although the number of Brazilian athletes and divers in general does not correspond to the potential of facilities (see Table 1), their technical level is similar to that of the best synchronized swimming teams. Despite the reduced number of divers, there have been local initiatives of informal practices in various locations in Brazil since the 1930s.

duziu-se o primeiro trampolim de padrão internacional com fulcro móvel, o que ocasionou grande progresso para a modalidade, visto que cada saltador poderia regular a flexibilidade do trampolim conforme seu peso e sua técnica de impulsão.

1928 Neste ano, o evento de saltos de plataforma feminino (incluindo saltos mortais) ocorreu em âmbito internacional.

1931 A Federação Brasileira das Sociedades de Remo do Rio de Janeiro publicou, em dezembro desse ano, um "Registro de Vitórias" em que consta a data de 1921 para o primeiro campeonato nacional de saltos. Este evento chamava-se “Prova Clássica Washington Luis”. Posteriormente, em 1928, passou a ser denominada Campeonato Brasileiro de Saltos.

1935 As competições femininas no Brasil iniciaram-se apenas neste ano, sendo vencedora Ursula van der Leyen de São Paulo, no Campeonato Brasileiro de Saltos.

1948 Nas Olimpíadas de Londres, o Brasil participou com três atletas de São Paulo: Milton Busin, décimo primeiro e Gunnar Kemnitz, vigésimo primeiro, ambos no trampolim e Haroldo Mariano, décimo sexto na plataforma.

1948 A partir deste ano, os grandes destaques da modalidade no Brasil foram Milton Busin, Haroldo Mariano, Arie Hanitz, Oswaldo Fiore, Fernando Telles, Milton Braga, Paulo Fernandes e Julio Veloso. No feminino, destacaram-se Eleonora Schmitt, Mary Proença, Sueli Martins, Laura Hecker, Sueli Martinez, Silina Braga, Joana Bielchowski, Ângela Mendonça, Andréia Boehme e Silvana Neitzke.

Décadas de 1940 – 1950 Neste período são construídas importantes piscinas no país com instalações completas para Saltos, sendo estas a do Clube de Regatas Tietê, Clube Germânia (atual Clube Pinheiros), Clube Espéria e Pacaembu (todos em SP), e as piscinas do Clube de Regatas Guanabara e Clube do Vasco da Gama (no RJ).

1952 Nos Jogos Olímpicos de Helsinki, o brasileiro Milton Busin (SP) teve excelente participação, obtendo o sexto lugar na prova de trampolim de 3 metros. Seu compatriota Arie Hanitz (SP) foi eliminado na disputa da prova de plataforma.

1953 Inauguração, pelo Clube de Regatas Vasco da Gama - RJ de seu conjunto de quatro piscinas (uma somente para saltos, inclusive com elevador na torre das plataformas), construídas nos moldes mais modernos da época. É publicado o livro “Mergulhos Ornamentais”, por Eduardo Guidão da Cruz, engenheiro, que entre os estudiosos dos Saltos Ornamentais em nosso país, figurou sendo várias vezes campeão carioca de Saltos. Seu livro foi considerado, na época, dos mais completos e explicativos sobre a matéria. Mais tarde,os técnicos Giovanni Casilo (DF) e Álvaro Brito Pereira (RJ) muito contribuíram com publicações sobre o tema.

1956 Nos Jogos Olímpicos de Melbourne, a representação brasileira incluiu os saltadores Mary Dalva Proença e Fernando Telles Ribeiro, ambos do Rio de Janeiro, que não passaram das eliminatórias. As restrições quanto à participação das mulheres em todos os eventos de Saltos foram suspensas nesses Jogos.

1958 A empresa norte americana *Arcadia Air Products* em Pasadena, Califórnia-EUA, desenvolve e lança um novo tipo de trampolim de liga de alumínio denominado Duraflex, o qual passa a ser o único adotado em todas as competições internacionais até o presente. O modelo atual denomina-se Maxiflex . Necessita ser importado e não existe similar.

1960 Jogos Olímpicos de Roma: o brasileiro Fernando Telles Ribeiro do Fluminense F.C. do RJ, sexto colocado nos Jogos Pan Americanos de Chicago no ano anterior, não conseguiu superar a etapa de qualificação no trampolim.

1968 Inauguração do Parque Aquático Caio Pompeu de Toledo (SP) com piscina exclusiva e equipamentos completos para Saltos Ornamentais.

1976 Nos Jogos Olímpicos de Montreal, o Brasil participou representado por Milton Machado Braga que não conseguiu ultrapassar as etapas de classificação, seja na plataforma ou do trampolim.

1980 Jogos Olímpicos de Moscou: Milton Machado Braga, dos 23 atletas inscritos na plataforma, foi o vigésimo segundo e dos 24 inscritos no trampolim, ficou em vigésimo lugar.

1984 Nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, o Brasil esteve representado, nas competições femininas, por Ângela Mendonça Ribeiro que obteve a décima terceira posição na plataforma de um total de 21 atletas inscritas e a vigésima terceira posição no trampolim de um total de 24 atletas inscritas.

1988 Jogos Olímpicos de Seul: prejudicada por uma inflamação no tendão do ombro esquerdo, Ângela Mendonça Ribeiro desistiu de competir na plataforma, competindo apenas na prova de trampolim. Mesmo contundida, ela teve um bom desempenho e se colocou na décima terceira posição nas eliminatórias; porém, apenas as doze primeiras passaram para a final.

Década de 1990 Nesta década e até 2003, os grandes nomes são Juliana Veloso, Milena Sae, Evelyn Winkler, Cassius Duran, César Castro, Ubirajara Barbosa e Hugo Parisi.

1992 Jogos Olímpicos de Barcelona: a brasileira Silvana de Fátima Neitzke ficou em vigésimo oitavo lugar na plataforma.

1997 Assume a Diretoria de Saltos da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos-CBDA a ex-saltadora do Fluminense F.C (RJ), Alice Kohler. Com esforço e habilidade, ao longo dos dois primeiros anos, consegue administrar problemas estruturais do esporte, tanto na área pessoal quanto na administrativa, com isso obtendo o apoio do Presidente da entidade, Coaracy Nunes Filho, para a realização de ações que se faziam urgentes e necessárias. Avulta, neste estágio, a adoção de critérios técnicos na seleção de atletas e treinadores, nas representações nacionais em campeonatos internacionais.

1999 A contratação do treinador cubano Francisco Ferrer Matos neste ano, nomeado como técnico responsável pela equipe nacional principal, representa o marco a partir do qual os Saltos Ornamentais iniciam sua trajetória na busca de um lugar de destaque dentro da comunidade internacional do esporte.

1998 Copa Mundo da modalidade em Wellington-NZ: Juliana Veloso – Semi-Finalista Plataforma.

1999 Copa Mundo, Sidney-AUS: Juliana Veloso – Semi-Finalista Trampolim 3m e Plataforma.

2000 Jogos Olímpicos de Sidney, Juliana Veloso obteve vigésimo nono lugar na plataforma e décimo nono no trampolim. Cassius Duran obteve o vigésimo oitavo na plataforma e décimo quarto no trampolim (semi-finalista). As provas de Saltos Sincronizados são oficialmente incluídas neste evento.

2001 As instalações para saltos do Complexo Aquático Júlio Delamare, em conjunto com o Centro de Treinamento Dr. Carlos Arthur Nuzman, localizados na cidade do Rio de Janeiro, representam o que há de mais moderno para a prática dos Saltos Ornamentais do país, nada ficando a dever quando comparado aos centros mais adiantados do mundo.

2002 Durante o *FINA Diving Grand Prix* em Coral Springs, Flórida-EUA, o atleta César Castro obteve a 3ª colocação no trampolim de 3 metros, entrando para o hall da fama como o atleta revelação do esporte em 2002. No mesmo ano, a atleta Juliana Veloso obteve a 2ª colocação na plataforma, em Juarez-México. No *FINA Diving Grand Prix*, César Castro participou do *Grand Prix Super Final*, classificando-se em quarto lugar no circuito mundial.

2003 Juliana Veloso, César Castro e Cassius são finalistas dos Grand Prix da FINA. Juliana obtém segundo lugar no Grand Prix Super Final no México (Junho) e segundo lugar no Circuito Mundial desse ano (soma dos quatro melhores resultados nos Grand Prix). Nos Jogos Pan Americanos, Santo Domingo-República Dominicana, realizados neste ano, ocorre a participação internacional mais significativa em toda a história dos Saltos Ornamentais do Brasil: Juliana Veloso obteve medalha de prata na Plataforma e bronze no Trampolim; e Cassius Duran, a medalha de prata na Plataforma. O Brasil jamais obtivera medalhas em Pan Americanos de Saltos. Neste ano foram também realizados os II Jogos Pan Americanos Junior, primeira competição internacional de grande porte realizada no Brasil, na cidade de Belém-PA. Nesta mesma cidade, em 2004, será realizado, pela primeira vez nas Américas, o XV Campeonato Mundial de Juniors de Saltos Ornamentais.

Situação Atual A prática dos Saltos Ornamentais no Brasil, de forma sistemática, se comparada às grandes potências no esporte, é precária (ver Tabela 1). Entretanto, a prática lúdica de atividades que se assemelham aos saltos ornamentais é encontrada em diversas regiões do país. Nas cidades litorâneas, e nas que se localizam a beira de rios, é comum encontrar crianças saltando de pontes, trapiches ou em lagos e cachoeiras. Em 1930, na Praia de Icarai – Niterói - RJ, foi instalada uma torre de saltos, de uso público, com quatro plataformas e dois trampolins em “V” que se tornou símbolo daquela localidade freqüentada por praticantes de esportes náuticos e aquáticos. Este trampolim gigante de três andares foi demolido em 1964 por se encontrar com a estabilidade comprometida. Hoje há casos de crianças que, na periferia, longe de praias ou rios, praticam difíceis saltos acrobáticos sobre serragens, produzi-

das por madeiras locais, situadas nos arredores de cidades como Belém-PA, como também adolescentes que improvisaram um trampolim em uma plataforma marítima de petróleo, localizada junto a um estaleiro em Niterói - RJ.

Diante deste potencial, convive-se, no país, com o pressuposto de que há um incontável número de dispendiosas instalações para a prática de saltos que se encontram ociosas por falta principalmente de técnicos que as tornem operacionais. O incentivo à formação desses profissionais, aliado à uma política consistente para o setor como a preconizada pelo projeto Comitê Olímpico Brasileiro 2001-2008 - CBDA, é o que possibilitará a efetiva disseminação deste esporte por todo o país. As atuais exigências do esporte de ponta demandam treinamento contínuo ao longo de todo ano. Em SP e estados do Sul, as baixas temperaturas ambientais impedem que o treinamento aconteça em condições satisfatórias durante os meses de maio a setembro, época em que as competições internacionais ocorrem (verão no hemisfério Norte). A construção de piscinas para saltos, cobertas e aquecidas, em pelo menos algumas capitais dessas regiões, muito contribuiriam para o desenvolvimento do esporte. A Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL, já deu o primeiro passo neste sentido e está construindo um moderno Parque Aquático no seu Campus em Palhoça, na Grande Florianópolis, com piscinas olímpicas de natação e saltos ornamentais cobertas e aquecidas. Em contraponto a esta expectativa, é admissível a implantação nas regiões norte e nordeste do Brasil, de projetos de desenvolvimento dos Saltos Ornamentais em proveito do clima favorável à prática durante todo o ano.

No contexto dos resultados esportivos, a participação do Brasil em competições internacionais desde 1920 é pouco expressiva, salvo nos Jogos Olímpicos de 1952 e nos jogos Pan Americanos de 2003. Seguramente isto decorreu de uma crônica falta de recursos para o esporte de um modo geral, e para os Saltos Ornamentais de modo particular. O atual investimento nos talentos existentes, e a criação de centros de excelência pela CBDA aliado ao expressivo apoio do Comitê Olímpico Brasileiro-COB, estão se traduzindo em resultados positivos que decerto colocarão brevemente os Saltos Ornamentais em destaque no cenário mundial. Atualmente, os Saltos Ornamentais no Brasil estão com nível técnico idêntico aos das maiores potências desse esporte.

Fontes Enciclopédia Barsa. Editora Enciclopédia Britânica Ltda. Vol. III. Pag. 267. Ano 1964. Supervisão do Prof. Inezil Penna Marinho (assunto: Ed.Física e Esportes); Enciclopédia Delta Larousse. Editora Delta Ltda. Páginas 4915 e 4916. Ano 1964. Supervisão de Carlos Varady; Livro de autoria de Eduardo Guidão da Cruz sob o título “Mergulhos Ornamentais”. Editora Imprensa Nacional, 1950; Fernandes, Ana Paula Shalders. Considerações sobre o Treinamento Físico Específico para atletas de Saltos Ornamentais, 2000.

Dados técnicos dos saltos ornamentais

Technical information on diving

Há seis grupos de saltos:

Grupo I - saltos para frente - saída de frente e execução dos movimentos para frente.

Grupo II - saltos para trás - saída de costas para a água e execução dos movimentos para trás.

Grupo III - saltos em pontapé - saída de frente e execução dos movimentos para trás.

Grupo IV - saltos revirados - saída de costas para a água e execução dos movimentos para a frente.

Grupo V - giro do corpo em seu eixo longitudinal independentemente do tipo de saída.

Grupo VI - saída em parada de mãos, de face para água ou para o aparelho (parada reversa). Executado apenas na plataforma.

Quanto à posição do corpo na trajetória, há quatro tipos de posições:

A – Esticada: o corpo assume uma posição totalmente estendida.

B - Carpada: o corpo se flexiona na altura da cintura e as pernas permanecem esticadas.

C - Grupada: o corpo se flexiona na cintura e nos joelhos com as coxas junto ao peito e os calcanhares próximos ao quadril.

D - Livre: Não é de fato uma posição, mas a opção do saltador de usar quaisquer das posições acima quando executa um salto com parafuso. A combinação do tipo esticado com a carpada é comum enquanto a grupada é raramente utilizada.

Quanto ao julgamento, podemos dizer que quando se assiste a muitos saltos, especialmente de talentosos executantes, observa-se que embora vários saltadores possam fazer o mesmo salto, nunca parece ser a mesma coisa. Isto é porque cada indivíduo tem características e modos de execução próprios, tudo contribuindo para o abstrato mas observável fenômeno denominado "estilo".

Estilo é difícil de se entender por qualquer padrão, exceto se gostamos ou não. Neste fato, consiste a dificuldade do julgamento. Mesmo havendo critérios que todo salto deve atender, a avaliação dos juízes permanece um processo subjetivo. A sensibilidade do juiz influi bastante no resultado da competição. Por essa razão, há normalmente diferenças de opinião entre técnicos, competidores, juízes e espectadores quanto à precisão dos resultados.

Os saltos são avaliados por cinco ou sete juízes de 0 (zero) a 10 pontos a dez com intervalo de ½ ponto. Nas competições internacionais há utilização de placar eletrônico.

Abaixo, uma tabela de notas:

0	completamente falho
½ - 2	insatisfatório
2 ½ - 4 ½	deficiente
5 - 6	satisfatório
6 ½ - 8	bom
8 ½ - 10	ótimo

Os principais pontos a serem considerados no julgamento de um salto são:

A saída: deve ser equilibrada e controlada com ângulo adequado para a impulsão próximo à vertical.

A elevação: a quantidade de impulsão influi na aparência do salto. Quanto mais alto, mais tempo para se executar com precisão e suavidade os movimentos necessários.

A execução: é o mais importante porque é o salto propriamente dito. O juiz observa a mecânica correta, o desempenho, a técnica e a beleza.

A entrada: a entrada na água é muito significativa porque é o último movimento que o juiz vê. Os dois critérios para se avaliar a entrada são o ângulo da entrada e a quantidade de água espirrada, que deve ser a mínima possível.

Quanto à pontuação, sete juízes são usados nas competições individuais. Quando as notas dos juízes são dadas, a nota maior e a nota menor são eliminadas e as cinco notas remanescentes são totalizadas. Este número será multiplicado pelo grau de dificuldade conferido ao salto. O GD é predeterminado em uma tabela variando de 1.2 a 3.7 com incrementos de um decimal. (quanto mais difícil e complexo for um salto, maior o seu GD). O resultado é então multiplicado por 0.6, obtendo-se assim o valor do salto. Um exemplo do valor do salto é dado abaixo:

1. Notas: 6-5-5-5-5-4
2. "6" e "4" são desprezadas
3. Total das notas remanescentes = 25
4. Multiplicado pelo GD (2.0) = 50
5. Multiplicado por 0,6 = 30

Há nove juízes no julgamento em eventos de saltos sincronizados. Dois juízes julgam um saltador, outros dois juízes julgam o segundo saltador e mais cinco juízes julgam o sincronismo da dupla. As notas mais altas e as mais baixas individuais, bem como as notas mais altas e mais baixas do sincronismo, são eliminadas. A pontuação final do salto é dada conforme a fórmula acima.

Uma piscina completa destinada à prática e competições de Saltos Ornamentais deve ter dimensões mínimas de 15m x 20m (preferencial 25m x 25m), possuir plataformas fixas nas alturas de 1m, 3m (podem ser de 0,60m ou 2.60, caso forem construídas em conjunto com as bases de apoio dos trampolins), 5m, 7.5m e 10m. Para treinamento normal e competições de saltos sincronizados recomenda-se dois trampolins na altura de 1m e dois trampolins na altura de 3m. A profundidade deve estar entre 4.5m e 5,00m (preferencial). O Regulamento da FINA (Federação Internacional de Esportes Aquáticos) especifica os padrões de construção para essas instalações. Recomenda-se consultar a CBDA (Confederação Brasileira de Esportes Aquáticos – RJ), e-mail: cbda@cbda.org.br, para orientação no projeto.

Deve ainda ser equipada com esguichos de água destinados agitar a superfície da água logo abaixo dos trampolins e plataformas ou, para o mesmo fim, podem ser usados compressores de ar para a geração de borbulhas no fundo da piscina. A água imóvel e espelhada, confunde e prejudica a visão do saltador, no momento da entrada na mesma. Outro equipamento de uso não obrigatório e utilizado apenas em piscinas de alto nível é o "Bubble Machine" (máquina de bolhas), cujo acionamento expelle uma forte coluna de ar comprimido do fundo da piscina em direção à superfície, tornando a água pouco densa e tem a finalidade de amortecer a queda, em saltos onde o atleta não se sinta suficientemente confiante. Este equipamento é utilizado apenas nos países mais desenvolvidos no esporte. Na América do Sul, o único existente está sendo instalado na piscina da Secretaria de Esportes do Distrito Federal, local de treinamento da equipe de Saltos da ABRASSO, pelo Prof. Giovanni Casilo. Para o desenvolvimento desse esporte é necessário, além da piscina, de um espaço para o treinamento fora d'água que corresponde a até 70% do treinamento dos saltos. Esta área deve ser equipada com cama elástica, cintos de segurança, pista acrobática, trampolim no solo ou sobre um fosso, colchão de espuma e colchonetes.

Tabela 1 – Clubes, atletas e praticantes de Saltos Ornamentais no Brasil, 2003
Table 1 – Diving: Number of clubs, athletes and participants in Brazil, 2003

Pará	Brasília	Rio de Janeiro	Goiás	São Paulo	Brasil
1 clube	2 clubes	3 clubes	1 clube	2 clubes	9 clubes
15 atletas	30 atletas	30 atletas	20 atletas	70 atletas	165 atletas
120 praticantes	90 praticantes	60 praticantes	50 praticantes	150 praticantes	470 praticantes

Nado sincronizado

SÔNIA HERCOWITZ E ANA MARIA LOBO

Synchronized swimming

Synchronized Swimming was used for the first time by Norman Ross in the World Fair in Chicago in 1934. In Brazil files and records indicate that the city of Rio de Janeiro was the starting point of synchronized swimming during the 1940s. Between 1942

Definição O Nado Sincronizado-NS pode ser considerado um esporte competitivo individual, ou por equipe, ou ainda uma forma de representação artística. Em sua forma competitiva, o NS é um esporte aquático que engloba quatro provas: figuras, rotina técnica, rotina livre e rotina livre combinada. A primeira refere-se a uma apresentação individual de quatro figuras, pré-determinadas pela regra sendo 2 obrigatórias e 2 por sorteio; a segunda compreende a realização de movimentos de uma ou mais pessoas sincronizadas entre si e com a música, construída com base em movimentos pré-estabelecidos na regra. A terceira também compreende a realização de movimentos de uma ou mais pessoas sincronizadas entre si e com a música, tendo entretanto sua construção, por base em movimentos livres e sem restrições. A quarta é uma rotina livre que combina em uma só rotina três das provas de NS quais sejam solo, dueto e equipe.

Origens No século XIX, surgem os primeiros indícios do aparecimento futuro do NS, quando de uma demonstração realizada na Inglaterra, em 1892, para o rei Eduardo VII e sua corte. Já no início do século XX, o esporte configurava-se por meio de uma versão próxima à atual encontrada no Canadá, Holanda, Alemanha, Bélgica e França com diferentes terminologias: Natação Artística, Entretenimento Náutico, Balé Aquático, Natação Fantasia e Natação Ornamental. Em 1934, o termo Nado Sincronizado foi citado pela primeira vez por Norman Ross, na Feira Mundial de Chicago. No Brasil, registros encontrados apontam o estado do Rio de Janeiro como sendo o ponto de partida do NS durante a década de 1940.

1940 Esther Williams divulga o esporte em nível mundial, com o filme “Bathing Beauties”.

1942 No Brasil, a primeira constatação do início do NS refere-se à Maria Lenk – professora e nadadora olímpica –, ensinando e vivendo na cidade do Rio de Janeiro-RJ, publica o primeiro trabalho técnico sobre a matéria, que é até hoje reconhecido como pioneiro no país.

1943 Maria Lenk, com os conhecimentos adquiridos na apresentação de NS nas Olimpíadas de Berlim – 1936, realiza, com as alunas da então Escola Nacional de Educação Física e Desportos-ENEFD da Universidade do Brasil, hoje UFRJ, a primeira apresentação da modalidade no Rio de Janeiro e no país. Após esta demonstração, o NS ficou sem atividades por aproximadamente quatro anos, quando afinal adquire porte e representatividade para sua expansão e desenvolvimento.

1947 Neste ano Crisca Jane Cotton retoma o NS no Fluminense Futebol Clube do Rio de Janeiro, mantendo sua prática e treinamento durante aproximadamente uma década. Neste período, o NS desenvolveu-se através de apresentações em todo o território nacional. Estas, serviram para angariar fundos para obras sociais; inaugurações de piscinas; para comemorações de aniversários; divulgação de empreendimentos imobiliários; apresentações de “shows” aquáticos televisados “ao vivo” pelas TVs Continental e Tupi; e atuar como parte integrante de um filme nacional denominado “Tem Boi na linha”.

Década de 1950 Este período estabeleceu bases de organização para uma nova era do NS no Brasil uma vez que a atividade passou a ter também um caráter competitivo, o que resultou numa expansão por meio de clubes esportivos.

1951 O NS foi exibido nos Jogos Pan-Americanos.

1955 O NS foi aceito como modalidade oficial dos Pan-Americanos.

1957 Surge a primeira regulamentação do NS em língua portuguesa, traduzida e adaptada por Crisca Cotton.

1958 Realização do primeiro Campeonato Carioca no Tijuca Tênis Clube (RJ). Há evidências que neste mesmo ano a modalidade foi introduzida por Crisca Cotton nos Jogos da Primavera, evento

and 1967, synchronized swimming expanded to three more Brazilian states and became international through South American and Pan-American competitions. The discipline went through a standstill between 1968 and 1979, but the expansion

esportivo do RJ, organizado somente com participantes femininos de repercussão nacional.

1959 Início das competições interestaduais no país. Os registros de memória apontam a participação de dois estados somente: Rio de Janeiro e Minas Gerais. Neste ano o NS participa também dos Jogos Infantis, promovido pelo Jornal dos Esportes (RJ) que também patrocinava os Jogos da Primavera.

Década de 1960 Neste período, o NS brasileiro inicia sua primeira tentativa de internacionalização, o que redundou em um novo suporte e estímulo para seu crescimento. Nesta década a prof^ª Margarida Thereza Nunes da Cunha Menezes implanta a disciplina do NS na Universidade do Brasil atualmente UFRJ, para a formação de novos profissionais na área. Nesta mesma década foi também criado o 1º grupo de NS da Universidade.

1963 O Brasil conquista a medalha de bronze para a modalidade de NS, participando pela primeira vez dos Jogos Pan Americanos então realizados na cidade de São Paulo. A representação nacional incluiu 7 atletas paulistas e uma carioca, Ana Lobo.

1965 O NS participa dos Jogos Mundiais da Primavera, no Rio de Janeiro, mas a participação se limita ao Brasil. Os Jogos foram organizados pelo Jornal dos Esportes em comemoração ao IV Centenário da cidade. Os últimos registros relacionados ao NS competitivo na década de 1960, no Brasil, foram os Jogos da Primavera e os XVIII Jogos Infantis, ambos sediados no RJ.

1969 – 1977 Neste período há uma descontinuidade na evolução do NS competitivo, identificada pela ausência de registros e dados históricos. Pressupõe-se, neste caso, que a atividade sobreviveu graças aos trabalhos desenvolvidos por alguns clubes e pela EEFD-UFRJ. O termo “balé aquático” torna-se corrente nesta época. A modalidade então sobrevive com o estímulo dado ao trabalho não competitivo de entidades e clubes, tais como Clube de Regatas Guanabara-CRG, C.R.Vasco da Gama-CRVG, AA.Gama Filho-AAGF, Fluminense F.C.- FFC, Tijuca T.C. -TTC e EEFD – Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do RJ. Esta última, diferenciava-se das demais, pois primava pela formação de professores para atuarem na referida modalidade. Acrescente-se que o NS manteve-se como esporte não competitivo de 1943 até 1956 e posteriormente, entre 1968 e 1979. Cabe também enfatizar que neste período inicia-se um intercâmbio do NS brasileiro com seus congêneres do continente americano, dando novos estímulos à expansão de praticantes.

1978 A seleção nacional de NS do Canadá realizou uma apresentação no Parque Aquático Julio Delamare, Rio de Janeiro. O acontecimento serviu para motivar dirigentes e professores e reativar a modalidade. Neste mesmo ano, o NS retorna à sua forma competitiva com apoio do presidente da Federação Aquática do Rio de Janeiro-FARJ, Rogério Carneiro e seu vice Coaracy Nunes. No ano seguinte Rubens Dinard de Araujo, então presidente da Confederação Brasileira de Natação, convoca a equipe do Tijuca Tênis Clube como representação brasileira no VII Campeonato Sul-Americano de Esportes Aquáticos na categoria Infante-Juvenil, por ser o único a dispor de atletas na faixa etária exigida. O campeonato foi realizado em São Paulo no início de 1979.

1979 O VII Campeonato Sul-Americano de 1979 significa a volta do NS brasileiro à competição. Nos anos subseqüentes realizaram-se competições nacionais, a partir do Rio de Janeiro, gerando assim uma continuidade induzida e produtora de um novo patamar de desenvolvimento. As competições nacionais neste ano, iniciaram com as categorias até quatorze anos e acima de quinze anos. Nos anos seguintes, os campeonatos já englobavam as categorias até hoje existentes, infantil A e B - até 12 anos, Juvenil A - 13 a 15 anos, Juvenil B - 16 a 17 anos, Junior - 15 a 18 anos e Senior - 19 anos em diante.

that began in 1979 had clear acceleration in 1997 and is still going on today (see Tables). Brazil had 890 top level swimmers in 7 states. Brazilian national team earned the bronze medal in the Pan-American Games 2003.

Década de 1980 Esta década ratifica o NS como modalidade competitiva. Os campeonatos nacionais tornam-se regulares, com atletas do RJ, SP e RS. Observa-se também um maior investimento na capacitação profissional. No plano internacional, o NS é incluído como esporte olímpico.

1980 O Rio de Janeiro recebe a visita da técnica mexicana Guilhermina Oteiza. Esta professora ministrou cursos nos clubes em que se praticava o NS e auxiliou no treinamento das seleções infante-juvenis, que se preparavam para o Campeonato Sul Americano de Esportes Aquáticos destas categorias. A categoria engloba atletas até 15 anos. Nesta iniciativa observa-se a preocupação com a formação das bases essenciais do esporte. Neste ano a seleção Sênior Re-estréia nos Jogos Sul-Americanos sagrando-se vice campeã, perdendo somente para a equipe colombiana.

1982 O campeonato brasileiro recebe pela primeira vez atletas de São Paulo. A tendência ao intercâmbio internacional mantém-se estável. O Brasil recebe outra técnica mexicana, Adriana Loftus. O objetivo foi contribuir com a preparação da seleção brasileira adulta para participar de competições internacionais fora do circuito da América do Sul, como: Campeonato Mundial dos Esportes Aquáticos em Guayaquil – Equador, 1982; Torneio de Palma de Majorca 1983; e os Jogos Pan-Americanos, 1983. Observa-se que, a partir deste ano, o Brasil começa a ganhar todos os Campeonatos Sul-Americanos (1982-2003), o que direciona para uma internacionalização plena e eficaz.

1983 A equipe brasileira conquista a sua primeira medalha internacional fora da América do Sul no V Torneio de “Palma de Majorca”. No mesmo ano o Brasil participou dos Jogos Pan Americanos realizado em Caracas, na Venezuela sem, no entanto, alcançar colocação de destaque.

1984 Na Olimpíada de Los Angeles, o NS é incluído pela primeira vez como esporte olímpico, e o Brasil participa com o solo e o dueto.

1985 No período entre 1983 a 1985 surgiu o trabalho de massificação do esporte coordenado por Ana Lobo e sediado na Superintendência de Desportos do RJ-SUDERJ, patrocinado pela Organização dos Estados Americanos – OEA, através da Fundação Roberto Marinho (RJ) e difundido pela Rede Globo de TV (RJ). O projeto chegou a atender em torno de 1628 crianças.

1986 A então denominada Confederação Brasileira de Natação - CBN lança um projeto por Sonia Hercowitz e Teresa Alentejano para desenvolver o esporte em todo o território nacional, começando com promoções de cursos e apresentações de uma seleção brasileira infantil. O projeto teve curta duração não chegando a alcançar o resultado desejado. No mesmo ano a FARJ, em conjunto com a CBN, trouxe ao Brasil uma técnica japonesa, acompanhada por uma de suas atletas. O curso foi sediado pelo Clube de Regatas Guanabara.

1987 Com os novos dirigentes empossados na CBN, o então presidente Rubens Marcio Dinard de Araujo distribui a direção das seleções entre as treinadoras que atuavam na época. Esta iniciativa possibilitou a outras especialistas de NS adquirir experiência internacional, fato que veio contribuir para um crescimento técnico mais uniforme.

1988 Com a entrada de Coaracy Nunes na presidência da CBN, é mudado o nome deste órgão esportivo para Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos-CBDA. Esta iniciativa demonstrou uma preocupação maior com os demais esportes aquáticos a saber: Nado Sincronizado, Pólo aquático, Saltos Ornamentais e Maratonas Aquáticas. Marca-se também uma reformulação na indicação das treinadoras das equipes representativas por critérios mais técnicos.

1989 A EEFD - UFRJ reativou seu grupo de apresentação fundado por Maria Lenk na década de 1940 e desenvolvido por Menezes na década de 1950 e 1960. Este projeto fez parte de um projeto deno-

minado "Arte na Água" elaborado e coordenado por Silva e Sônia Hercowitz, que tinha por finalidade proporcionar experiência prática aos novos profissionais.

Década de 1990 Criou-se, neste período, uma alavanca do esporte, iniciada na década de 1980 com a vinda da técnica Adriana Loftus. Este ponto de apoio reformulou o NS no Brasil, em coincidência com a mudança de filosofia na CBDA, investindo na capacitação profissional das treinadoras e no crescimento quantitativo do esporte.

1990 A CBDA traz ao Brasil a treinadora norte americana Carol Deutch, que profere cursos nos clubes do RJ em que o NS era praticado. Neste mesmo ano o Brasil foi sede do III Campeonato Mundial de Natação de "Masters"; o Brasil foi representado nas provas de NS por Josiete Dall'Acqua. Também neste ano, Ana Lobo inicia o primeiro grupo de arbitragem totalmente neutro, com alunos da Escola de Educação Física da Universidade Castelo Branco (RJ).

1992 O NS participa dos Jogos Olímpicos de Barcelona, Espanha, e neste mesmo ano o NS é implantado no Rio Grande do Norte - Natal pelas técnicas cariocas que para lá migraram (Lisboa e Braga), surgindo, assim, o primeiro núcleo na região nordeste.

1994 A CBDA traz, pela primeira vez, a técnica russa Tatiana Pokrovskaja para dirigir inicialmente o solo e o dueto para o Campeonato Mundial em Roma, e depois a equipe brasileira, com vistas ao Pré Olímpico realizado no ano seguinte, em Atlanta.

1996 Marca-se o início de uma nova era do NS com a entrada de Sônia Hercowitz na supervisão técnica da CBDA, somando-se ao

apoio de Ana Lobo. A filosofia da entidade é reformulada e são adotadas novas iniciativas com o objetivo de desenvolver o esporte em todo o território nacional, tais como a criação do nível B que permite a participação de clubes iniciantes com menos de 5 anos de NS; realização das clínicas de introdução por todo o país; descentralização dos campeonatos nacionais etc.

1997 Realização do primeiro Torneio Norte-Nordeste no Brasil.

1998 Os Campeonatos brasileiros passam a ser realizados de forma sistemática fora do eixo Rio – São Paulo.

1999 O dueto é medalha de bronze nos Jogos Pan-Americanos em Winnipeg, Canadá, e a equipe se classifica em quarto lugar. Este resultado provoca uma significativa divulgação do NS.

2001 Inclusão do NS nos Jogos da Juventude, competição de âmbito nacional, fato que permitiu um crescimento quantitativo e uma melhoria técnica do esporte na categoria juvenil A, 13 - 15 anos, que representa a base da seleção brasileira. Neste ano é também realizado o primeiro Encontro Nacional de Técnicos de NS. O citado evento permitiu uma discussão ampla sobre a modalidade no Brasil, resultando em mudanças significativas para a evolução do esporte.

2002 A equipe brasileira conquista, pela primeira vez, a 10ª colocação na Copa FINA A Campeonato que reúne os 12 melhores países na modalidade.

2003 O NS brasileiro conquistou, depois de 40 anos, a medalha de bronze no Jogos Pan-Americanos em Santo Domingo – Republica Dominicana.

Situação Atual No seu presente estágio, o NS está em pleno crescimento, com a expansão para mais 7 federações no país e com o crescimento do número de atletas inscritas na Confederação, de 160 para 890. As medidas adotadas para o alcance deste resultado fazem parte do Programa de Desenvolvimento criado em 1996, patrocinado pela CBDA em convênio com a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, incluindo os seguintes itens: descentralização dos Campeonatos; realização de clínicas de introdução, aperfeiçoamento e de arbitragem; criação do nível B; implantação do Encontro Nacional de Treinadoras; inclusão da modalidade nos Jogos da Juventude; criação de uma comissão técnica multidisciplinar; estabelecimento de novos campeonatos; realização de Clínicas de ensino e arbitragem; distribuição de material didático; e criação de novos campeonatos.

Fontes Silva, Livia P.L. da (1993), Natação Sincronizada: Uma Abordagem Histórica no Estado do Rio de Janeiro no período de 1942 a 1992. (Dissertação de Mestrado) – Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Vickers, Bette J. (1965) Teaching Synchronized Swimming. Nova Jersey, Prentice-Hall Inc.; Hercowitz, Sonia Maria Christianes de Oliveira (1994). Elaboração, Validação e Aplicação Parcial de um modelo de avaliação em uma escolinha de Natação Sincronizada no município do Rio de Janeiro. Tese de Mestrado – Escola de Educação Física e Desportos, UFRJ. Rio de Janeiro; Jones, F&Lindeman, J. (1975) The components of synchronized swimming. Nova Jersey, Prentice-Hall Inc.; Vieira, Eduardo. Monografia, 2003.

Desenvolvimento do Nado Sincronizado no Brasil, 1997-2002

Growth of Synchronized Swimming in Brazil, 1997-2002

Instituições e participantes / Federation and participation

Ano Year	Federações filiadas Affiliated state federations	Total de atletas Number of athletes
1997	Rio De Janeiro (RJ) São Paulo (SP) Campo Grande (MS) Natal (RN)	160
1998	Rio De Janeiro (RJ) São Paulo (SP) Campo Grande (MS) Natal (RN) Recife (PE) (Neste ano Campo Grande acabou com a modalidade)	230
1999	Rio de Janeiro (RJ) São Paulo (SP) Natal (RN) Recife (PE)	290
2000	Rio de Janeiro (RJ) São Paulo (SP) Natal (RN) Recife (PE)	320
2001	Rio de Janeiro (RJ) São Paulo (SP) Natal (RN) Recife (PE) Maceió (AL) (recente início não participavam de Campeonatos Nacionais) Brasília (DF) (recente início não participavam de Campeonatos Nacionais) Belém (PA) (recente início não participavam de Campeonatos Nacionais) Fortaleza (CE) (recente início não participavam de Campeonatos Nacionais)	439
2002	Rio de Janeiro (RJ) São Paulo (SP) Recife (PE) Natal (RN) Porto Velho (RO) (recente início não participavam de Campeonatos Nacionais) Maceió (AL) Belém (PA) Brasília (DF) João Pessoa (PB) Fortaleza (CE)	685

Resultados internacionais / International results

Competição / competition	Ano / year	Local / place	Classificação / results
Jogos Pan-americanos	1963	São Paulo/Brasil	3º dueto / 3º equipe
Campeonato Sul-Americano Infante-Juvenil de Natação	1978	São Paulo/Brasil	3º solo
Campeonato Sul-Americano Absoluto Natação	1980	B.Aires/Argentina	2º geral
Campeonato Sul-Americano Infante-Juvenil de Natação	1981	Medellín/Colômbia	2º geral
Campeonato Sul-Americano Absoluto Natação	1982	La Paz/Bolívia	1º geral
Campeonato Mundial dos Esportes Aquáticos	1982	Guiaquil/Equador	
Jogos Pan-americanos	1983	Caracas/Venezuela	5º solo/5º dueto/4º equipe
Campeonato Sul-Americano Juvenil de Natação	1983	Maldonato/Uruguai	1º geral
Campeonato Sul-Americano Absoluto Natação	1984	R. de Janeiro/Brasil	1º geral
Jogos Olímpicos	1984	Los Angeles/EUA	
Campeonato Sul-Americano Juvenil de Natação	1985	Rosário/Argentina	1º geral
Campeonato Mundial dos Esportes Aquáticos	1986	Madri/Espanha	
Campeonato Sul-Americano Juvenil de Natação	1987	Maldonato/Uruguai	1º geral
Jogos Pan-americanos	1987	Indianápolis/EUA	5º dueto/4º equipe
Campeonato Sul-Americano Absoluto Natação	1988	Medellín/Colômbia	1º geral
Jogos Olímpicos	1988	Seúl/Coreia	
Campeonato Sul-Americano Absoluto Natação	1989	Rosário/Argentina	1º geral
Campeonato Mundial Juniores	1989	Cali/Colômbia	
Campeonato Mundial dos Esportes Aquáticos	1991	Perth/Austrália	
Campeonato Sul-Americano Juvenil de Natação	1991	S.Cristóbal/Venezuela	1º geral
Jogos Pan-americanos	1991	Havana/Cuba	5º dueto
Campeonato Sul-Americano Absoluto Natação	1992	Medellín/Colômbia	1º geral
Jogos Olímpicos	1992	Barcelona/Espanha	

Natação máster

WALDYR MENDES RAMOS

Masters Swimming

In Brazil masters swimming is one of the categories of competitive swimming in which adults aged 25 and over can participate. There have been competitions of masters swimming in Brazil since 1980 and it is estimated today that there are more than 12,000 active masters swimmers, 26 associations/state federations and about

Definições A natação máster é uma das categorias da natação competitiva com regras estabelecidas pela Federação Internacional de Natação - FINA, tendo como objetivos a aptidão física, a amizade, o divertimento e a competição. Participam pessoas a partir dos 25 anos de idade (no Brasil nadadores de 20 a 24 anos competem, na categoria de pré-masters), divididas em faixas de cinco anos, ou seja, 25 a 29, 30 a 34, 35 a 39, 40 a 44, e assim por diante, em provas individuais, revezamentos e águas abertas. As equipes de revezamentos são compostas por quatro nadadores com provas masculinas, femininas e mistas (dois homens e duas mulheres) organizadas, em faixas, com base na soma das idades dos nadadores, a saber: 80+, 100+, 120+, 160+, 200+, 240+, 280+ e 320+.

Origens No Brasil, a primeira competição da categoria ocorreu em 21 de junho de 1980, na piscina do Clube de Regatas do Flamengo, no Rio de Janeiro, organizada por Rogério Carneiro, então Presidente da Federação Aquática do Estado do Rio de Janeiro - FARJ. Este evento pioneiro teve lugar por sugestão do professor Waldyr Mendes Ramos que, em visita aos EUA, assistiu a treinamentos de nadadores idosos preparando-se para competições. Neste primeiro torneio houve apenas a prova de 400m nado livre e provas de 50m nos quatro estilos. As categorias foram divididas em: senior, 25 a 35 anos; supersenior, 36 a 45 anos; e hipersenior, 46 a 55 anos (Lenk, 2003).

1981 - 1984 Neste período foram realizados mais oito torneios de masters pela FARJ na cidade do Rio de Janeiro. A cada competição os regulamentos eram aperfeiçoados e mais categorias incluídas, a fim de atender aos nadadores mais idosos que aderiam ao programa de competições. Durante o 9.º torneio, realizado em 8 de dezembro de 1984 no Clube de Regatas Vasco da Gama, um grupo de nadadores, reunido sob a liderança de Sylvio Kelly dos Santos, decidiu, face às dificuldades da FARJ, continuar organizando as competições. Decidiu, também, criar uma entidade independente, de caráter nacional, que passaria a responsabilizar-se pela organização da natação máster no Brasil e pela representação junto a entidades internacionais. Nascia a Associação Brasileira de Masters de Natação - ABMN com sua primeira diretoria composta por Sylvio Kelly dos Santos, Leandro Machado, Marlene Mendes, Márcio Bivar, Waldyr Mendes Ramos e Lucília Quaresma (Lenk, 2003). A ABMN traria inovações ao modelo esportivo brasileiro, constituindo-se numa organização cujos poderes eram compostos pelos próprios nadadores e não pelos clubes e seus representantes, gozando de autonomia administrativa e financeira em relação às entidades desportivas brasileiras.

1985 - 1989 A ABMN passou a organizar dois campeonatos brasileiros por ano nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, situadas em áreas com maior concentração de atletas. Os campeonatos duravam quatro dias com todas as provas oficiais, exceto os 1500m nado livre. Os atletas competiam por clubes tradicionais na história da natação brasileira e equipes de associações regionais, reunindo nadadores de um estado ou cidade.

1990 Entre os dias 3 e 9 de agosto a ABMN organizou, no Rio de Janeiro, o III Campeonato Mundial de Natação Máster, marco importante na sua história. Pela primeira vez, em Campeonatos Mundiais, foram incluídas as cinco modalidades aquáticas: a natação, com provas realizadas no Parque Aquático Júlio Delamare, a natação sincronizada, os saltos ornamentais e o pólo aquático no Fluminense F.C. e os 6 km de natação em águas

250 teams in clubs, health clubs or swimming schools participating in state and municipal competitions that take place all year around. Brazilian masters swimmers hold most South-American records and some world records, besides having conquered several positions in the ranking of the 10 best masters swimmers in the world, by

abertas ao longo da praia de Copacabana. Participaram 1.743 atletas, dos quais 1.614 em natação, 11 em natação sincronizada, 47 em saltos ornamentais e 71 em pólo aquático (Santos, 1990).

Interpretação do Desenvolvimento – 1985 a 1990 Com 14 Campeonatos Nacionais e um Mundial, a natação máster se consolidou e apresentou um desenvolvimento de destaque em todas as regiões do país, principalmente, em face à participação de ex-atletas das mais variadas faixas etárias. Houve, também, um aumento da participação em competições internacionais (Campeonatos Mundiais, Olimpíadas Masters, Campeonatos Sul Americanos e Latino Americanos).

1991 - 1996 A ABMN, presidida por Arnaldo Fernandes, realizou, neste período, 9 campeonatos brasileiros nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte e em outras próximas a novos núcleos de nadadores (Salvador, Joinville, Ribeirão Preto e Maceió) e, em maio de 1993, na cidade de São Lourenço, por proposta de um nadador máster da região, Walter Lessa, a 1ª Copa Brasil. Em novembro de 1993, por deliberação da Confederação Sul Americana de Natação - CONSANAT, a ABMN organizou, na cidade de Belo Horizonte, o 1º Campeonato Sul Americano de Natação Máster, com a participação de 1010 atletas, representando cinco países. Criou-se o Boletim Informativo da ABMN, enviado a todos os associados com resultados de competições, artigos sobre treinamento, nutrição, medicina esportiva, resultados de competições e calendário de competições. Por sugestão de Waldyr Mendes Ramos, diretor técnico da ABMN, foi criada a categoria de nadadores pré-masters (20 a 24 anos), com o objetivo de despertar o interesse dos mais jovens pelas competições e, conseqüentemente, desfrutarem dos benefícios da prática regular de exercícios.

Interpretação do Desenvolvimento – 1991 - 1996 A natação máster consolidou-se com a criação de associações estaduais que organizavam competições de natação em suas regiões, envolvendo milhares de pessoas em todo o país, criando novas oportunidades de trabalho. Nos estados onde não existiam associações, as Federações Aquáticas criaram diretorias de masters. Empresários ligados ao esporte passaram a organizar provas em águas abertas atraindo centenas de atletas a estes eventos. Ao lado dos tradicionais clubes, surgiram equipes em academias e escolas de natação que proliferaram, recebendo um tipo de cliente motivado e com maior adesão a seus programas.

1997 - 2002 Assume a presidência da ABMN Carlos Roberto Silva que organiza, a partir de 1999, o “Circuito Brasil Máster” com quatro competições nacionais por ano (dois Campeonatos Brasileiros, a Copa Brasil e o Torneio Aberto) premiando os cinco melhores nadadores de cada faixa etária. Com modernos equipamentos para cronometragem eletrônica, uma página na internet, programas para o gerenciamento de competições e para a elaboração dos rankings nacionais e regionais disponíveis para download, os masters passam a ter a mesma tecnologia que os nadadores de elite. Foram realizados, também, três Campeonatos Sul Americanos em piscina de 25m (Vitória, em 1998, Belém, em 2000 e Rio de Janeiro, em 2002) e um em piscina de 50m (Rio de Janeiro, em 1999). Por iniciativa das associações de nadadores masters e federações, organizam-se torneios anuais por região: o torneio Norte, Nordeste e Centro-Oeste, o torneio do Sudeste e o Campeonato Sul-brasileiro. Carlos não terminou seu terceiro mandato, assumindo, em seu lugar, Leonardo Nogueira, que presidiu a ABMN no período da

events and by age groups. Until the middle of the 1990s most of the swimmers who participated in the competitions were former athletes. However, after that period, there seems to have been an increase in the number of swimmers who start have their first competitive swimming experiences in adult life.

organização do Campeonato Sul Americano, em novembro de 2002, no Rio de Janeiro e conduziu o processo eleitoral que elegeu Waldyr Mendes Ramos, como novo presidente da ABMN, para o triênio 2003/2005.

Interpretação do Desenvolvimento – 1997 - 2002 A ABMN acumula cerca de 7.000 associados cadastrados com participação nas competições nacionais e internacionais realizadas nas várias cidades do país, envolvendo cerca de duas mil pessoas entre nadadores, organizadores e acompanhantes, com estímulo a setores da economia local e criação de novas oportunidades de trabalho. Os brasileiros são detentores da maior parte dos recordes sul americanos, alguns recordes mundiais e conquistaram várias posições no ranking dos dez melhores nadadores masters do mundo, por prova e por faixa etária, publicado anualmente pela FINA (ver internet). Se, até a metade dos anos 1990, a maioria dos nadadores que participavam nas competições era de ex-atletas, observou-se considerável aumento de pessoas que passam a ter suas primeiras experiências em natação competitiva, na idade adulta. As competições nacionais e regionais se transformaram em grandes encontros para a confraternização, a troca de experiências e o turismo.

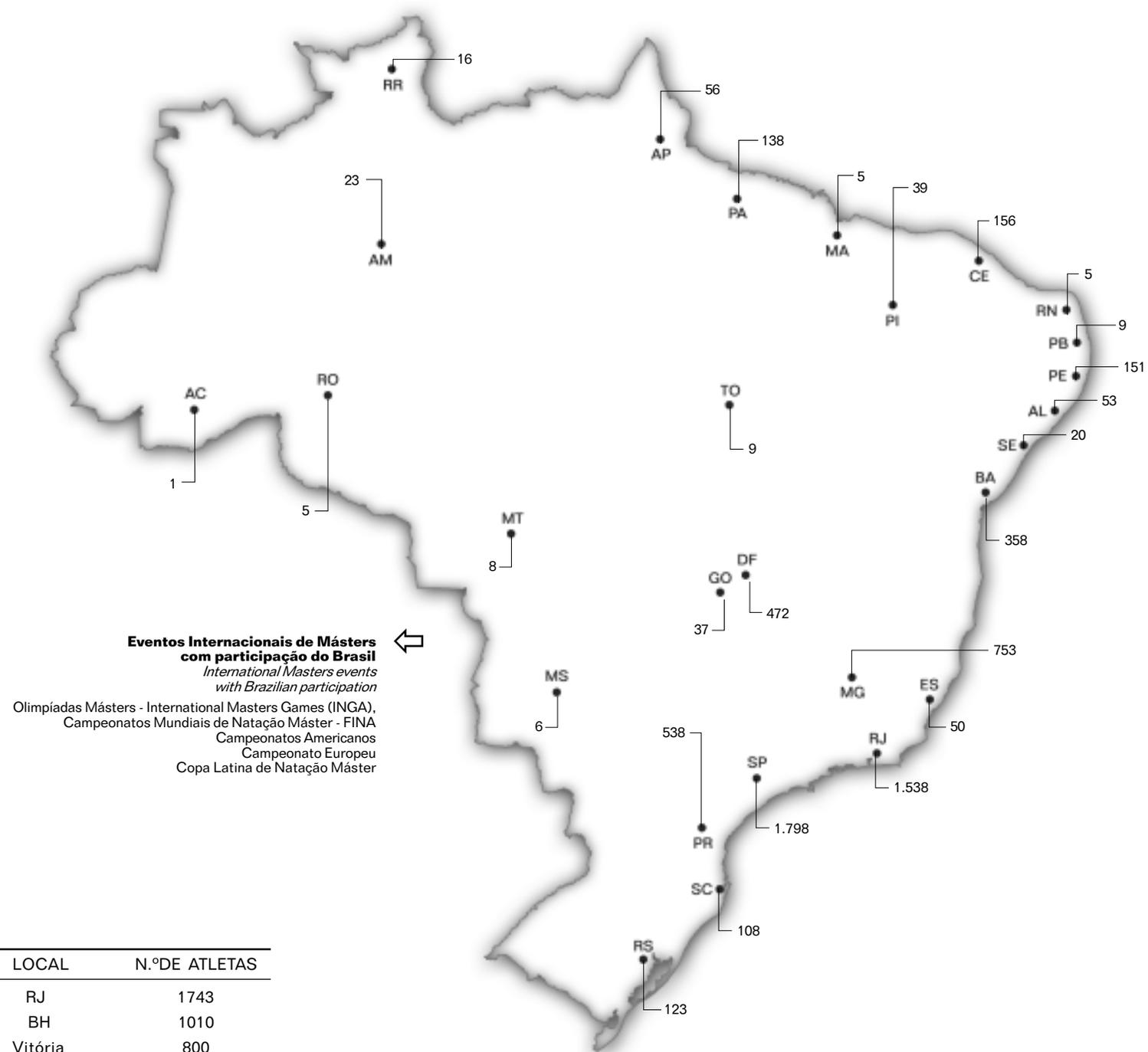
Situação Atual Estima-se existirem hoje, no Brasil, mais de 12.000 nadadores máster em atividade, 26 associações/federações estaduais e cerca de 250 equipes em clubes, academias ou escolas de natação disputando competições estaduais e municipais que ocorrem durante todo o ano. É crescente a exposição dos masters nos meios de comunicação de massa, principalmente os nadadores mais idosos, e há disponibilidade de um grande número de páginas na internet dedicadas à natação máster. Estudantes de graduação e pós-graduação estão produzindo estudos que contribuem para ampliar o conhecimento na área. E têm surgindo pequenas empresas de material esportivo e atividades afins que se dedicam a preparar “pacotes” de viagens para as competições.

No plano internacional, atletas brasileiros participam, há cada quatro anos, das Olimpíadas Masters realizadas pela *International Masters Games* - INGA, que já atingiram o nível de mega-evento. As mais recentes ocorreram em Portland (EUA), em 1997, e Melbourne (Austrália), em 2001, e a próxima está prevista para Edmonton (Canadá), em 2005. Acima da escala de uma centena de nadadores, os masters brasileiros participam, a cada dois anos, dos Campeonatos Mundiais de Natação organizados pela FINA nas modalidades de natação, águas abertas, pólo aquático, natação sincronizada e saltos ornamentais. Os mais recentes foram Munique (Alemanha), em 2000, com 7.000 atletas, Christy Church (Nova Zelândia), em 2002, com 4.500 atletas. O próximo será em Riccione (Itália), em 2004, com informações já disponíveis em www.fina.org. Competições importantes têm sido também os Campeonatos Americanos, o Campeonato Europeu e a Copa Latina de Natação máster, confirmando, portanto, que este movimento de veteranos tende a se internacionalizar e se associar ao turismo como tem ocorrido em âmbito nacional.

Fontes www.2005worldmasters.com, Santos, Silvio Kelly. Relatório do III Campeonato Mundial de Natação Máster. ABMN, RJ, 1990; Lenk, Maria. Longevidade e Esporte. EDC. RJ, 2003. www.fina.org, www.abmn.org.br.

Associações de nadadores másters por estado e número de participantes, 2003

Masters Swimmers Associations per state and number of participants, 2003



ANO	EVENTO	LOCAL	N.ºDE ATLETAS
1990	III Campeonato Mundial	RJ	1743
1993	I Campeonato Sul Americano 50m	BH	1010
1998	I Campeonato Sul Americano 25m	Vitória	800
1999	IV Campeonato Sul Americano 50m	RJ	1200
2000	II Campeonato Sul Americano 25m	Belém	700
2002	III Campeonato Sul Americano 25m	RJ	1150

Másters de Natação no Brasil – destaques

Masters Swimmers in Brazil – features

Associação Brasileira de Másters de Natação (ABMN) / *National Association*

- Número total de associados: 6466 / *Total number of members*
 12000 nadadores másters em atividade / *Total number of participants*
 Associações/federações estaduais: 26 / *Associations per state*
- Número estimado de equipes: 250 / *Number of local teams*
 Número de campeonatos brasileiros entre 1984 a 2003: 33 / *National championships*
- Média de nadadores inscritos: 700 / *Average of competitors*

Nota: Há estados em que as Federações Aquáticas coordenam as competições máster

Atletismo

ROBERTO GESTA DE MELO E BENÉ TURCO

Athletics

The first club for the practice of track and field in Brazil was founded in 1867, in Porto Alegre – RS. Regular competitions were registered in Rio de Janeiro in 1880, and in the city of São Paulo in 1900. However, the national federation of track and field was only created in 1906. Many years later, in 1925, the Corrida de São Silvestre (São Silvestre Race) started in Brazil (São Paulo City) and has become a tradition. Today it is

Definições Atletismo é o esporte olímpico essencial. Sua prática contempla os movimentos naturais do ser humano. Por isto, é chamado também de esporte base. Correr, saltar e lançar são as suas principais manifestações. O primeiro registro de resultados, nos Jogos Olímpicos da Antiguidade Clássica, em 776 a.C., foi de uma corrida. A simplicidade da disputa explica a sua universalidade. Por definição da federação internacional que rege a modalidade, o atletismo compreende as provas de pista e campo, as corridas de rua, a marcha atlética e o “*cross country*”, em diferentes versões para homens e mulheres, e incluindo as provas combinadas (decatlo e heptatlo). Além do atletismo de competição, altamente exigente, há uma outra forma de prática, voluntária e comunitária, representada por corridas e caminhadas, quer como lazer ou prevenção de saúde. Nestas últimas opções, a escala de participação situa-se atualmente em milhões de pessoas nos países ricos e em alguns outros em desenvolvimento.

Origens No seu conceito moderno, o atletismo já é secular. No Brasil, sua prática aparece sob forma recreativa em meados do século XIX – na mesma época que, na Europa, as modalidades competitivas recebiam suas primeiras codificações – como manifestação típica de clubes esportivos.

1867 Surge em Porto Alegre - RS, uma associação da colônia alemã, existente até hoje, agora com o nome de Sociedade Ginástica de Porto Alegre-SOGIPA, em que se praticavam ginástica *Turnen* e tiro ao alvo, complementados pelo atletismo e outros esportes sob forma recreativa. Esta composição se reproduziu nas dezenas de clubes alemães que surgiram no interior do Rio Grande do Sul e que perduraram até o início da Segunda Guerra Mundial.

1880 Na cidade do Rio de Janeiro, então capital do país, o “Jornal do Comércio” introduz em seu noticiário notas sobre atividades esportivas, dando ênfase aos “jogos atléticos ingleses”. Na edição de 07/09/1880, estas competições mereceram nota sobre resultados de corridas rasas de 120, 300 e 440 jardas, e meia milha; salto em altura, salto em distância, *steeple-chase* de 1000 jardas e lançamento de peso. Antes, na edição de 07/05/1880, publicava-se notícia sobre a realização de provas de corrida na cidade de São Paulo, promovidas pelo Clube de Corridas Paulistano. Em 25 de junho, noticiam-se resultados de um evento denominado “*British Amateur Athletic Sports*”, realizado no Rio Cricket Club, localizado na rua Paissandu, Rio de Janeiro, com destaque nos vencedores das corridas de 220 e 440 jardas.

1883 – 1885 O “Jornal do Comércio” concentra o noticiário em festas esportivas em que predominava as provas de corridas, referindo-se basicamente aos clubes Atlético Alemão do Rio de Janeiro e Atlético Brasileiro, Rio Cricket and Athletic Association e Olympico Guanabareense, de Niterói – RJ. Neste contexto, é digna de atenção a expressão “olympico”, somente popularizada depois de 1896 com os Jogos de Atenas. As provas de Niterói eram realizadas todos os domingos no bairro de Santa Rosa e incluíam crianças e “moças”. O atleta de maior destaque à época foi Erwin Voigt.

1900 Realiza-se uma competição de “pentatlo” no Germânia – clube fundado também por alemães e hoje chamado Pinheiros – da cidade de São Paulo.

1902 Max Naegeli e Victor Etchegaray, do clube Fluminense do Rio, recém-fundado, vencem as 120 jardas e as 100 jardas, respectivamente, em evento promovido pela Rio Cricket and Athletic Association. Este mesmo clube, segundo o “Jornal do Comércio” de 15 de agosto, organiza uma festa de atletismo com uma assistência de duas mil pessoas.

one of the main events of track and field worldwide. The Brazilian track and field team has won all South American competitions since 1974. However, it was only in 1994 that track and field left the main urban centers towards the interior of the country. Today, the Confederação Brasileira de Atletismo (Brazilian Track and Field Confederation - CBAAt) includes approximately 25,000 athletes, more than 500 clubs, 27 state

1906 Surge, no Rio de Janeiro, a Liga Metropolitana de Futebol, depois chamada de Associação Metropolitana de Esportes Atléticos-AMEA que incluiu o atletismo já praticado no Rio, São Paulo, Rio Grande do Sul, Bahia e Maranhão.

1907 Registra-se a primeira notícia de um brasileiro campeão em um torneio no exterior: H. Triesse, ganhador dos 800m e dos 1.500m, em uma competição atlética, em Montevidéu.

1912 É fundada, durante os Jogos Olímpicos de Estocolmo, a Federação Internacional de Atletismo Amador-IAAF por 12 países, para codificar regras estáveis para o esporte e homologar recordes mundiais. O Brasil é filiado desde 1914, quando a IAAF aceitou a inscrição da antiga Confederação Brasileira de Desportos-CBD. Em 2001, o nome foi mudado para Associação Internacional das Federações de Atletismo, mantida a sigla IAAF. A entidade conta atualmente com 210 federações nacionais filiadas.

1914 Cria-se a Confederação Brasileira de Desportos-CBD, que passa a dirigir a maioria dos esportes no país, entre eles o futebol e o atletismo.

1918 Instala-se a Confederação Sul-Americana de Atletismo-CONSUDATLE, a mais antiga entidade dirigente desportiva de uma determinada área geográfica, em qualquer modalidade.

1921 A CBD realiza, no Rio de Janeiro, a sua primeira competição de atletismo.

1922 Nas comemorações do Centenário da Independência, são disputados, no Rio de Janeiro, os Jogos Olímpicos Latino-Americanos, chancelados pelo Comitê Olímpico Internacional, com as provas de atletismo no estádio do Fluminense.

1924 Nos Jogos Olímpicos de Paris, pela primeira vez, brasileiros participam do torneio de atletismo. Integram a equipe: Alfredo Gomes, Narciso Valadares, Guilherme “Willy” Ricardo Seewald, Álvaro de Oliveira Ribeiro, Alberto Jackson Byington Júnior, Eurico Teixeira de Freitas, Octavio Zani e José Galimberti.

1925 O jornal “A Gazeta Esportiva” de São Paulo, cria a Corrida de São Silvestre. A prova passou a contar com corredores do exterior desde 1945 e hoje é uma das mais importantes do mundo, em sua categoria.

1931 Brasileiros participam, pela primeira vez, do Campeonato Sul-Americano.

1932 Lúcio de Castro é o sexto colocado, no salto com vara, nos Jogos Olímpicos de Los Angeles.

1936 Sylvio de Magalhães Padilha conquista o quinto lugar, nos 400m com barreiras, nos Jogos Olímpicos de Berlim.

1937 São Paulo sedia o Campeonato Sul-Americano e, pela primeira vez, o Brasil conquista o título por equipes.

1945 É criado, pela Diretoria de Esportes do Governo do Estado de São Paulo, o Troféu Brasil de Atletismo, principal competição de clubes do país e que teve a sua primeira edição conquistada pelo São Paulo FC.

Década de 1950 Adhemar Ferreira da Silva iguala o recorde mundial do salto triplo em 1950, ao marcar 16,00m; ganha ouro na primeira edição dos Jogos Pan-Americanos, Buenos Aires – 1951; ouro, Jogos Pan-Americanos, México – 1955, estabelecendo novo recorde mundial com 16.56; ouro, Jogos Olímpicos de Melbourne – 1956. José Telles da Conceição conquista bronze no salto em altura, Jogos Olímpicos de Helsinque – 1952.

Décadas de 1960 e 1970 Os Jogos Pan-Americanos de 1963 são realizados em São Paulo, com duas medalhas de prata e seis

federations, 900 certified officials, 700 federated coaches, organizing 250 annual competitions. The country has 23 official artificial tracks and another 610 tracks in public sites, in clubs and in various other institutions, as informed by half of Brazilian municipalities. It is estimated that 100,000 athletes participate regularly in rustic races and that there are at least 2 million active joggers in the country.

de bronze no atletismo. Em 1964, Aída dos Santos termina em quarto lugar o salto em altura nos Jogos Olímpicos de Tóquio, ainda hoje a melhor performance de uma mulher brasileira no torneio olímpico de atletismo. Outros destaques: Nelson Prudêncio (recorde mundial do triplo, Jogos Olímpicos do México – 1968, com 17,27; bronze, no triplo, nos Jogos Olímpicos de Munique – 1972), João Carlos de Oliveira (salto triplo de 17,89 nos Jogos Pan-Americanos do México – 1975, recorde mundial; conquista bronze, no triplo, nos Jogos Olímpicos de Montreal – 1976; bicampeonato na Copa do Mundo, em Montreal-1979; novamente bronze, no triplo, nos Jogos Olímpicos de Moscou – 1980).

1977 É fundada a Confederação Brasileira de Atletismo - CBAAt, com sede no Rio de Janeiro. Em 1994, a sede foi transferida para Manaus - AM.

Década de 1980 Em 1980, Joaquim Cruz faz os 800m com 1.44.3, recorde mundial juvenil, que vigoraria por 17 anos; e conquista ouro nos Jogos Olímpicos de Los Angeles – 1984, com recorde olímpico dos 800m. Outros destaques internacionais: Robson Caetano (200m e 4x100) e Agberto Guimarães (800m). Em 1985, disputa-se o 1º Meeting Internacional de São Paulo, no Estádio do Ibirapuera. Em 1990, o Torneio ganha *status* de Grand Prix, circuito organizado pela IAAF. A competição é disputada em São Paulo até 1995. De 1996 a 2001, ocorre no Estádio Célio de Barros, no Maracanã, no Rio de Janeiro. Em 1989, a CBAAt organiza o Campeonato Mundial Feminino de Corridas de Rua de 15km, no Rio de Janeiro, primeiro Mundial de Atletismo disputado na América do Sul.

Década de 1990 Destacam-se em competições internacionais: Zequinha Barbosa (800m); Artur Castro e Delmir dos Santos (Meia Maratona); Ronaldo da Costa (meia maratona e maratona); Clodoaldo Gomes da Silva (20 km); André Domingos da Silva, Edson Luciano Ribeiro, Arnaldo de Oliveira Silva e Robson Caetano da Silva (4x100m); Delmir dos Santos (10.000m); Claudinei Quirino da Silva (200m); Luiz Antônio dos Santos, Vanderlei Cordeiro de Lima e Osmiro Souza Silva (maratona); e Sanderlei Claro Parrela (400m). Em 1990 é inaugurada a Vila Olímpica de Manaus, com estádio de atletismo, conjunto de piscinas, ginásios, hotel e restaurante. Neste complexo, em 1995, cria-se o CETAN – Centro de Treinamento de Atletismo de Alto Nível, para atletas de todos os estados brasileiros e da América do Sul, único de seu gênero no continente. Em 1998, a CBAAt organiza o Campeonato Mundial de Ekiden (maratona em revezamento) em Manaus.

1999 O Brasil vence o Campeonato Sul-Americano, em Bogotá, e completa 25 anos de domínio absoluto no continente. Nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, a melhor performance coletiva do atletismo brasileiro na história da competição. A equipe conquista sete medalhas de ouro, cinco de prata e quatro de bronze.

2000 A equipe brasileira ganha, nos Jogos Olímpicos de Sydney, a medalha de prata, no revezamento 4x100m, com Claudinei Quirino da Silva, André Domingos da Silva, Edson Luciano Ribeiro e Vicente Lenilson de Lima.

Situação Atual A CBAAt conta com cerca de 25 mil atletas federados, em mais de 500 clubes e 27 federações estaduais; 900 árbitros e 700 técnicos federados; bem como organiza 250 competições anuais. O país possui 23 pistas sintéticas oficiais e 610 em equipamentos públicos, clubes e em entidades diversas, de acordo com informações coletadas em 2602 municípios em 1998 (cerca de metade do total). Estima-se em 100 mil os praticantes que participam de corridas de rua de forma regular. Considerando-se a média internacional de praticantes estáveis sobre o total de praticantes (5 – 10%), estima-se que estes últimos devem somar no mínimo dois milhões de pessoas em todo o país.

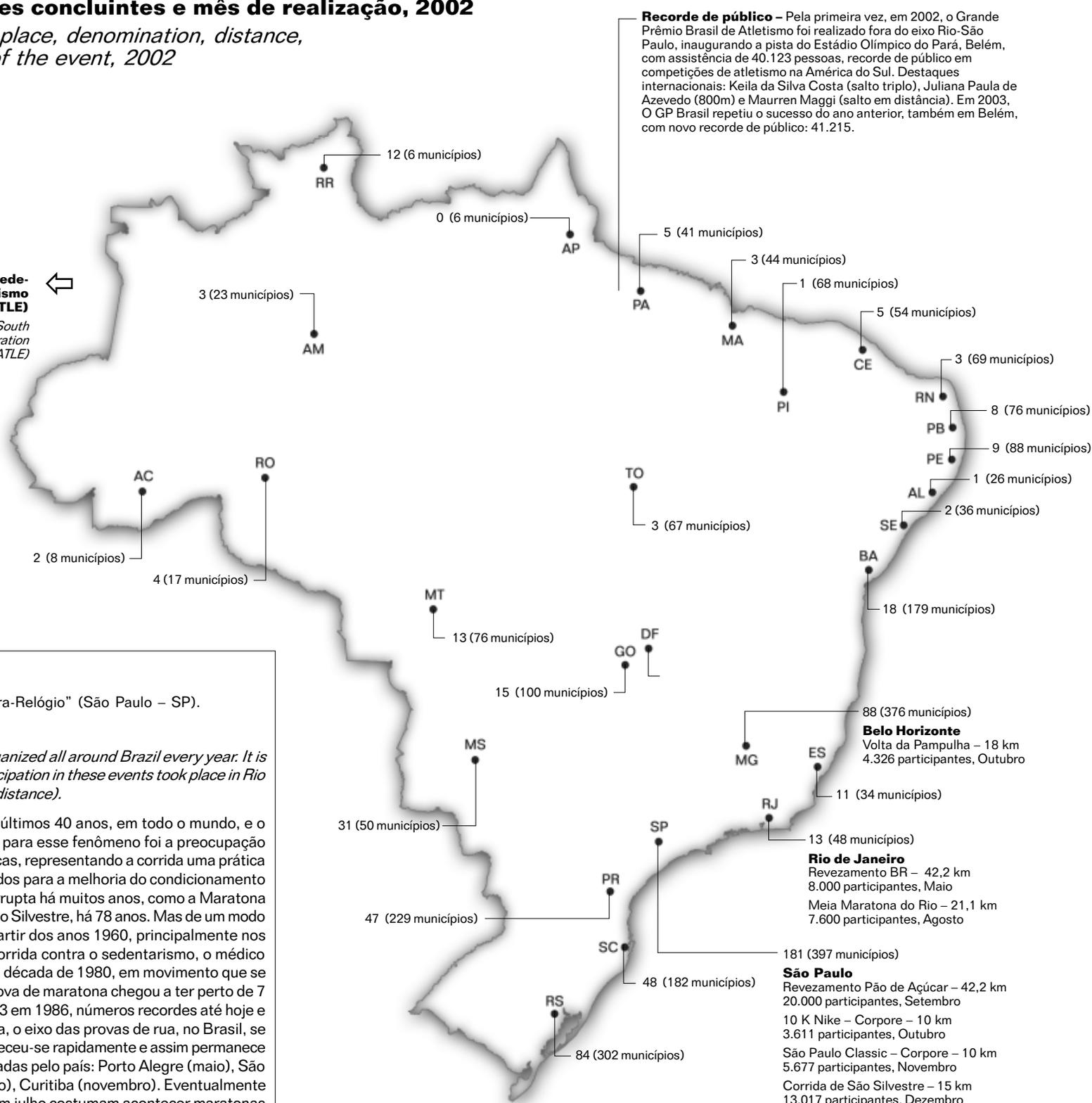
Pistas de Atletismo no Brasil – número por Estado e municípios informantes, 1998

Track and field facilities in Brazil – number per State and respondent municipalities, 1998

Principais provas pedestres do Brasil por local, denominação, distância, número de participantes concluintes e mês de realização, 2002

Major rustic race events in Brazil per place, denomination, distance, finishing line participants and month of the event, 2002

Manaus – AM: sede atual da Confederação Sul-Americana de Atletismo (CONSUDATLE)
 Manaus – AM: headquarters of South American Track & Field Confederation (CONSUDATLE)



Recorde de público – Pela primeira vez, em 2002, o Grande Prêmio Brasil de Atletismo foi realizado fora do eixo Rio-São Paulo, inaugurando a pista do Estádio Olímpico do Pará, Belém, com assistência de 40.123 pessoas, recorde de público em competições de atletismo na América do Sul. Destaques internacionais: Keila da Silva Costa (salto triplo), Juliana Paula de Azevedo (800m) e Maurren Maggi (salto em distância). Em 2003, O GP Brasil repetiu o sucesso do ano anterior, também em Belém, com novo recorde de público: 41.215.

As corridas de rua no Brasil – um resumo

Tomaz Lourenço, corredor e editor da revista “Contra-Relógio” (São Paulo – SP).

Rustic races in Brazil – a summary

Approximately 100 rustic races and marathons are organized all around Brazil every year. It is a tradition that started 78 years ago. The record of participation in these events took place in Rio de Janeiro in 1985: 7,000 (75% completed the 42,5 km distance).

A popularização das corridas de rua aconteceu nestes últimos 40 anos, em todo o mundo, e o Brasil não ficou fora dessa tendência. A razão principal para esse fenômeno foi a preocupação com a saúde, mais precisamente com as doenças cardíacas, representando a corrida uma prática esportiva extremamente acessível e de grandes resultados para a melhoria do condicionamento físico. Algumas provas tem se realizado de forma ininterrupta há muitos anos, como a Maratona de Boston com mais de 100 anos, e a nossa Corrida de São Silvestre, há 78 anos. Mas de um modo geral a popularização da corridas de rua aconteceu a partir dos anos 1960, principalmente nos Estados Unidos, que teve um expoente na defesa da corrida contra o sedentarismo, o médico Kenneth Cooper. O Brasil seguiu a tendência a partir da década de 1980, em movimento que se intensificou mais na cidade do Rio de Janeiro, onde a prova de maratona chegou a ter perto de 7 mil participantes, com 5.310 concluintes em 1985 e 5.163 em 1986, números recordes até hoje e que depois entraram em declínio. Após esta culminância, o eixo das provas de rua, no Brasil, se deslocou para a cidade de São Paulo no anos 1990, fortaleceu-se rapidamente e assim permanece até hoje. Já as maratonas (oficiais) estão hoje disseminadas pelo país: Porto Alegre (maio), São Paulo (junho), Blumenau (julho), Florianópolis (setembro), Curitiba (novembro). Eventualmente acontecem também as do Rio de Janeiro e de Brasília. Em julho costumam acontecer maratonas (de percurso não aferido de 42,2 km) em Recife e em Dourados.

Dos estimados 100 mil participantes regulares de corridas de rua e maratonas no Brasil, cerca de metade está no Estado de São Paulo, mais precisamente na região metropolitana de São Paulo. Vale lembrar que nestes 100 mil, 20 a 30% não tem por hábito participar de provas, entrando em apenas uma de sua cidade. São os corredores de uma só prova, encontrados naquelas mais festivas, como as promovidas pela Rede Globo de Televisão, ou seja, a São Silvestre e a Maratona de São Paulo, a Meia do Rio e a Volta da Pampulha, e nas maratonas de revezamento, a do Pão de Açúcar na capital paulista e a da BR na cidade do Rio de Janeiro. Igualmente deve-se destacar a grande evolução que se verificou na organização das corridas de rua no Brasil, seguindo o que de melhor acontece no exterior. O país conta hoje com quase uma centena de excelentes e boas corridas, em grande parte como resultado da atuação da revista Contra-Relógio, surgida em 1993, que passou a ser a porta-voz deste segmento. Este veículo faz críticas e sugestões, valorizando as corridas de rua e seus participantes, que passaram a ter um veículo de aglutinação de informações e de multiplicação do movimento ao qual se dedicam.

Belo Horizonte
 Volta da Pampulha – 18 km
 4.326 participantes, Outubro

Rio de Janeiro
 Revezamento BR – 42,2 km
 8.000 participantes, Maio
 Meia Maratona do Rio – 21,1 km
 7.600 participantes, Agosto

São Paulo
 Revezamento Pão de Açúcar – 42,2 km
 20.000 participantes, Setembro
 10 K Nike – Corpore – 10 km
 3.611 participantes, Outubro
 São Paulo Classic – Corpore – 10 km
 5.677 participantes, Novembro
 Corrida de São Silvestre – 15 km
 13.017 participantes, Dezembro
 Troféu Cidade de São Paulo – 10 km
 4.603 participantes, Janeiro

Santos
 10 Km Tribuna FM – 10 km
 5.774 participantes, Maio

Campinas
 Corrida Integração – 10 km
 3.609 participantes, Setembro

Pista de atletismo certificada pela IAAF

Track and field facility certificated by IAAF
 Pista certificada como classe 1 pela Associação Internacional de Federações de Atletismo – IAAF em junho de 2003: Estádio Ícaro Castro Mello em São Paulo. É a 17ª do mundo a obter esta classificação, sendo igual no piso ao de Atenas – Jogos Olímpicos de 2004.

Fontes / Sources Arquivos de Mario Cantarino (Brasília); Arquivos de A Gazeta Esportiva; Muller, E. e Gonçalves, J.C., Grande Livro do Atletismo Brasileiro; INDESP, Inventário da Infra-estrutura Desportiva Brasileira, Brasília, 1998; Caderno de Resultados da Revista Contra-Relógio; DaCosta, L. & Miragaya, A., Worldwide Trends of Sport for All. Meyer & Meyer, Aachen, 2002; www.cbat.org.br

Atletismo feminino nos Jogos Olímpicos

GABRIELA ARAGÃO SOUZA DE OLIVEIRA E JULIANA SANTOS COSTA

Women's athletics in the Olympic Games

Benedicta Sousa de Oliveira, today considered one of the Olympian female role models in Brazil, was the first Brazilian woman athlete to ever participate in a track and field event in the Olympic Games. That took place in the London Olympic Games in 1948. In all the other Olympic Games until Sydney

Origens A primeira participação das mulheres na modalidade de atletismo feminino ocorreu durante os esportes de exibição dos Jogos Olímpicos-JO, no ano de 1900. Contudo, somente nos Jogos de Amsterdã, realizados entre 17 de maio e 12 de agosto de 1928, o atletismo feminino foi inserido, dando destaque para a atleta americana Betty Robinson, a primeira mulher a vencer os 100m. A participação feminina brasileira de atletismo em Jogos Olímpicos ocorreu em Londres no ano de 1948, quando se destacou Benedicta Sousa de Oliveira, hoje considerada uma dos maiores modelos de atleta olímpica do país.

1948 Este ano marca a primeira vez em que o Brasil enviou mulheres para concorrer aos JO de Londres, na modalidade de atletismo feminino. O evento ocorreu entre 29 de julho e 14 de agosto. O Brasil competiu com 79 atletas, incluindo 11 mulheres, seis no atletismo e cinco na natação. As pioneiras do atletismo foram Benedicta Sousa de Oliveira, nos 100m e nos 4x100m; Elisabeth Clara Muller, nos 100m, no arremesso de peso, no salto em altura e nos 4x100m; Gertrud Ida Morg, no salto em distância, modalidade que estreava nesta olimpíada com o salto de 5,12m; Lucila Pini, nos 200m e nos 4x100m; Melânia Luz, nos 200m e nos 4x100m e Helena Cardoso de Menezes, nos 100m e 200m. A equipe brasileira do revezamento 4x100 bateu o recorde sul-americano de 49"3 para 49".

1952 Nos JO de Helsinque, entre 19 de julho e 3 de agosto, o Brasil levou uma equipe de 108 atletas, entre eles cinco mulheres, três no atletismo e duas na natação. As representantes do atletismo foram Deise Jurdelina de Castro, nos 200m e no salto em altura, Helena Cardoso de Menezes, nos 100m e no salto em distância e Wanda dos Santos, nos 80m com barreiras e no salto em distância.

1956 Os JO em Melbourne foram realizados entre 22 de novembro e 8 de dezembro deste ano. O Brasil não enviou representante no atletismo feminino; apenas uma mulher representou o país nos saltos ornamentais.

1960 Os JO foram realizados em Roma, entre 25 de agosto e 11 de setembro deste período. O Brasil participou com 82 atletas e nossa única representante do sexo feminino foi Wanda dos Santos, competindo na prova de 80m com barreiras.

1964 Os JO foram realizados em Tóquio, entre 10 de outubro e 24 de outubro. O Brasil enviou 70 atletas para a competição, as quais disputaram 11 modalidades. Dessa vez o atletismo brasileiro acabou representado por apenas uma única mulher da delegação, Aída dos Santos. Sem medalha nem troféu, Aída dos Santos entrou para a história do esporte brasileiro ao conseguir o quarto lugar no salto em altura. Essa é a melhor marca olímpica já conquistada, individualmente, por uma brasileira.

1968 Nos JO realizados no México entre 12 de outubro e 27 de outubro o Brasil levou 84 atletas, das quais três mulheres. A atleta Aída dos Santos disputou o pentatlo e terminou em 20º lugar (recorde sul-americano) mesmo com o pé torcido em acidente. As outras duas atletas foram Irenice Maria da Conceição Cypriano, nos 400m e 800m e Maria da Conceição Cypriano que chegou a alcançar 1,74m no salto em altura nas provas de classificação, terminando com a marca de 1,71 e em 11º lugar.

1972 Nos JO em Munique, entre 26 de agosto e 11 de setembro, o Brasil não contou com nenhuma representante no atletismo feminino, apesar de sua delegação ser formada por 89 atletas, dos quais cinco atletas eram mulheres.

2000, the participation of Brazilian women in athletics events did not follow the tendency of the other sports in terms of number of participants. The largest number of women athletes was 9 in the Olympic Games of Atlanta, 1996. The best results of this period belong to Aida dos Santos with the fourth

1976 Os JO em Montreal foram realizados entre 17 de julho e 1 de agosto. O Brasil levou uma equipe de 93 atletas dos quais sete deles eram mulheres, sendo três participantes no atletismo: Esmeralda de Jesus Freitas que, com seus 17 anos disputou os 100m e os 200m, Maria Luisa Domingues Bettioli, no salto em altura e Silvina da Graça Pereira, nos 200m e no salto em distância.

1980 Os JO em Moscou foram realizados entre 19 de julho e 3 de agosto. O Brasil levou sua maior delegação, 109 atletas, dos quais 15 eram mulheres. A única representante do atletismo feminino foi Conceição Aparecida Geremias no pentatlo, ficando em 14º lugar.

1984 Os JO foram realizados em Los Angeles entre 28 de julho e 12 de agosto. O Brasil participou com 151 atletas, dos quais 22 mulheres. No atletismo, houve três representantes: Conceição Aparecida Geremias, considerada, à época, a atleta mais completa da América, recordista sul-americana e ouro no Pan de 1983. Competiu nos 100m com barreiras, no salto em distância e no heptatlo, modalidade que, pela primeira vez, entrou nas Olimpíadas. As outras atletas foram Eleonora Mendonça, representante na maratona e Esmeralda de Jesus Garcia nos 100m e no salto em distância, provas em que era recordista sul-americana e medalha de ouro no Pan de Caracas em 1983.

1988 Nos JO em Seul, entre 17 de setembro e 2 de outubro, competiram 2.186 mulheres. O Brasil levou 174 atletas, entre eles 35 mulheres, 6 atletas no atletismo: Angélica de Almeida na maratona; Conceição Aparecida Geremias no heptatlo e nos 4x400m, Maria Magnólia Souza Figueiredo, nos 400 metros e nos 4x400m; Soraya Vieira Telles nos 800m e nos 4x400m; Suzete Garcia Montalvão nos 4x400m e Tânia Maria Miranda nos 4x400m.

1992 Os JO foram realizados em Barcelona entre 25 de julho e 9 de agosto. O Brasil levou 178 atletas, entre eles 51 mulheres, 3 no atletismo. Carmen de Oliveira Furtado nos 10.000m, ficando em 41º lugar; Janet Mayal na maratona e Marcia Narloch, medalha de prata na maratona de Los Angeles, disputou a maratona, classificando-se em 17º lugar.

1996 Os JO foram realizados em Atlanta, entre 19 de julho e 4 de agosto. Tais jogos marcaram as primeiras medalhas olímpicas femininas da história do esporte brasileiro. O Brasil inscreveu 225 atletas, entre eles 66 mulheres. A delegação feminina de atletismo foi composta por nove mulheres. Entre elas, Carmen de Oliveira Furtado na maratona, vencedora da meia-maratona de Pakersburg em 1995 e medalha de ouro no Pan-Americano de Mar Del Plata no mesmo ano, foi também a primeira mulher brasileira a vencer a Corrida de São Silvestre em 1996. Cleide Amaral, nos 100 e 200 m rasos, medalha de prata nos 200m e medalha de ouro nos 100m, no campeonato sul-americano de 1995 e medalha de ouro nos 100 e 200m no Torneio Internacional Orlando Guaita, em 1995. Elisângela Maria Adriano, no arremesso de peso, foi medalha de ouro no arremesso de peso no 2º torneio FPA de atletismo de 1996. Luciana de Paula Menezes, nos 800 metros, foi medalha de prata no Pan-americano de Mar Del Plata em 1995, medalha de ouro no Meeting de Lisboa em 1994 e ouro no Meeting de San Denis, na França em 1995. Marcia Narloch, maratona, foi medalha de bronze na maratona de Nova Iorque em 1993 e vencedora da maratona do Rio de Janeiro, em 1996. Maria Aparecida Barbosa de Souza, medalha de ouro no salto triplo no 3º FPA em 1995 e no Troféu Ivo Sallowicz, também em 1995, disputou no salto triplo. Maria Magnólia Souza Figueiredo, 400 metros rasos, ouro nos 400 m rasos no Campeonato Ibero Americano de 1990, ouro nos 400m rasos no Campeonato sul-americano de 1991. Roseli Aparecida Machado, nos 5.000m e

position in the high jump in the Olympic Games of Tokyo, 1964. On the other hand, results were better in the Pan-American Games and in South American competitions in which Brazilian women track and field athletes have demonstrate their hegemony.

Solange Cordeiro de Souza, maratona, bronze nos XIV troféu Brasil de Atletismo de 1995 e prata nos 300m na Aztec Invitational, nos EUA, em 1996.

2000 Os JO foram realizados em Sydney, entre 15 de setembro e 1 de outubro. A Delegação Brasileira esteve composta por 205 atletas, sendo 94 mulheres. A delegação feminina de atletismo foi composta por quatro mulheres. Entre elas Luciana Alves dos Santos, salto em distância e no salto triplo: ficou em 24º lugar nos JO. É bicampeã sul-americana em 1996 e 1997 e bicampeã do Troféu Brasil em 1995 e 1996. Lucimar Aparecida Moura, 100 e 200 metros, prata no Pan de Winnipeg em 1999, campeã dos 100 e 200 m do Troféu Brasil em 1999. Sueli Pereira dos Santos, lançamento de dardo, ficou em 14º lugar nos JO. É campeã do Ibero-americano de Mar Del Plata em 1994, campeã sul-americana em 1988, octacampeã do Troféu Brasil em 1985, 1986, 1987, 1988, 1991, 1992, 1993, 1994 e 1999. Maurren Higa Maggi, salto em distância, ficou em 25º lugar nos JO. Por quatro temporadas consecutivas, a atleta ficou entre as Top 10 do mundo no salto em distância e ainda alcançou bons resultados no salto triplo e nos 100m com barreiras. Medalha de ouro no salto em distância no Pan-Americano de Winnipeg em 1999, na Universíade de Pequim em 2001, nos Jogos da Amizade de Brisbane em 2001 e no IAAF Grand Prix Final de Paris em 2002, ouro no salto em distância e prata 100m com barreiras no Pan de Winnipeg de 1999, campeã do salto em distância e 100m com barreiras no Troféu Brasil em 1999. Campeã ibero-americana no Rio de Janeiro, em 2000 e na Cidade da Guatemala, em 2002, medalha de prata na Copa do Mundo em Madri, em 2002. Maurrem também ganhou o prêmio Brasil Olímpico, concedido pelo COB, em 2000.

Situação Atual No decorrer dos anos os Jogos Olímpicos mostraram um acréscimo gradual e progressivo na participação das atletas brasileiras. Entretanto, o atletismo feminino não acompanhou esse índice, mantendo uma média semelhante àquela da primeira participação no atletismo feminino, nos JO de 1948. A maior delegação no atletismo feminino foi composta por nove mulheres nos JO de Atlanta, em 1996. Para aumentar o número de mulheres no atletismo de alto nível, segundo estudiosos da modalidade, é preciso criar um ambiente esportivo inclusivo, que englobe mulheres em todos os níveis do atletismo, para que suas vozes sejam ouvidas e suas experiências e perspectivas refletidas nas decisões das organizações do esporte.

Fontes Confederação Brasileira de Atletismo. Disponível em: www.cbat.org.br. Acesso em 12 de outubro/2003. Comitê Olímpico Brasileiro. Delegações Brasileiras nos Jogos Olímpicos – 1920-2000. Rio de Janeiro: COB. Comitê Olímpico Brasileiro. (2000). Citius altius fortius. Jogos Olímpicos Sidney 2000. Rio de Janeiro: COB. Comitê Olímpico Brasileiro. (1996). Boc 1996 – Gold, Silver, Bronze. Rio De Janeiro: COB. Comitê Olímpico Brasileiro – Memória Olímpica. Disponível em: www.cob.org.br. Acesso em 02 de outubro/2003. Dalcim, José Nilton; Nunes, Nelson; Silveira, Maria Aparecida Dos Santos E Silveira, Geraldo José. (1984). Da Solitária Lenk À Nossa Maior Delegação. Na Mesma Los Angeles. *A Gazeta Esportiva*. p.10. Muniznaweb. Disponível em www.muniznaweb.hpg.ig.com.br/toquio1964.html. Acesso em 25 de setembro de 2003. Sem Autor. (1948). Com Coroa e sem "máscara". Benedicta de Oliveira foi a atleta mais destacada da temporada. Folha da Noite – Santos, 23 de novembro de 1948. Souza De Oliveira, Gabriela Aragão. (2002). Representações Sociais De mulheres técnicas sobre o comando de equipes esportivas de alto nível. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PPGF/UGF.

Esgrima

LILIANA LOHMANN E RÉGIS TROIS DE AVILA

O primeiro campeonato mundial de esgrima em 1906

Fencing

Evoluçãode uma competição de esgrima. A competição de esgrima evoluiu de uma competição de artes marciais para uma competição de esportes. A competição de esgrima evoluiu de uma competição de artes marciais para uma competição de esportes. A competição de esgrima evoluiu de uma competição de artes marciais para uma competição de esportes. A competição de esgrima evoluiu de uma competição de artes marciais para uma competição de esportes.

Definições
A esgrima é um esporte olímpico em que duas pessoas de diferentes pesos, altura ou idade se enfrentam diretamente com iguais chances de vitória. Trata-se, em síntese, da arte de jogar com armas brancas através da utilização de movimentos coordenados. É também a arte marcial mais antiga do Ocidente, cuja versão esportiva moderna põe três armas em competição: florete, espada e sabre. O florete tem um peso máximo de 500 g e sua extensão não pode exceder 110 cm. A lâmina é de aço e pode chegar a 90 cm. O floretista deve tentar atingir, com a ponta da arma, o tronco do adversário. A espada já permite que a parte tocada seja todo o corpo do adversário, também com a ponta da arma. O peso máximo da espada é de 770 g. A extensão é a mesma do florete, isto é, máxima de 110 cm e lâmina de 90 cm. A lâmina também é de aço. O sabre é menor, o máximo de extensão é de 105 cm. A lâmina é de aço, sua extensão é de até 88 cm. O peso tem de ser inferior a 500 g. O atirador deve tentar atingir o corpo do adversário, da cintura para cima, com qualquer parte da lâmina. A principal condição para esgrimir corretamente é tocar o adversário sem ser tocado, através de movimentos ordenados.

Origens
A esgrima começou como uma forma de combate bem antes de Cristo. Alto-relevos no templo de Madinet-Habu próximo a Luxor, no Egito, que datam de aproximadamente 1190 a.C. mostram esgrimistas competindo. Muitas outras antigas civilizações como as da China, Japão, Pérsia, Babilônia e Grécia praticaram a luta de espada como forma de treinamento para combate. A esgrima como esporte iniciou-se no século XIV ou XV na Itália ou na Alemanha (ambos reivindicam para si a origem do esporte). Os mestres de esgrima alemães organizaram as primeiras associações no século XV, especialmente, a Marxbruder de Frankfurt em 1480. Em 1570 Henri Saint-Didier da França deu nomes aos movimentos e golpes mais importantes. A maior parte daquela nomenclatura ainda é usada. Do século XVI ao XVIII lutas de espada e duelos eram comuns. Os participantes destes duelos usavam uma variedade de armas incluindo espadas de madeira, espadas de uma só lâmina e varas com ferro nas pontas. As lutas eram frequentemente sangrentas e algumas vezes fatais. Três inovações do século XVII fizeram da esgrima um esporte popular: (i) o desenvolvimento de uma arma para a prática leve, com uma ponta achatada ou folheada, acolchoada para reduzir risco de ferimentos: o florete (ii) o desenvolvimento de um conjunto de regras que limitava o alvo para certas áreas do corpo; e (iii) a criação de uma máscara de malha de ferro que protegia o rosto e fazia da esgrima uma atividade segura.

A luta de espada existe desde o antigo Egito. E desde então tem sido praticada de várias maneiras e por diferentes culturas. Embora os torneios e combates de espada tenham sido um protótipo de esporte popular na Europa da Idade Média, a esgrima moderna foi influenciada mais pelos duelos realizados a partir do século XVI, do que pelos combates militares e torneios (justas) praticados pelos cavaleiros medievais. O termo “esgrima” vem de *escrime* ou *escrima*, originado da palavra germânica “*skirmjan*”. A partir do século XVIII, a espada evoluiu para um formato mais simples, curto e leve, que se popularizou na França como “Espada de Côrte” ou “Espada pequena”. Embora essa espada possuísse fio, este era mais usado para impedir que o adversário agarrasse a lâmina com as mãos; os golpes eram dados, quase em sua totalidade, de ponta. A leveza da arma foi um dos fatores que ajudou no

of São Paulo were fencing-oriented in 1904. The first training school for master instructors in fencing was created in São Paulo-SP in 1910. The publication of technical books devoted to fencing instruction started in 1905 and continued until the middle of the 20th century, when articles about fencing started to appear more frequently in sports magazines. The first federative institution of the sport, the União Paulista de Esgrima (SP Union of Fencing) was created in 1914 while the União Brasileira de Esgrima (Brazilian Union of Fencing), predecessor of today’s Confederação Brasileira de Esgrima (Brazilian Fencing Confederation -CBE),

surgimento de um estilo defensivo mais complexo. Mestres franceses desenvolveram uma escola baseada na sutileza do movimento, contra-tempos e nos ataques compostos. Em conseqüência, a Escola Francesa é a base da maioria das teorias da esgrima moderna, desde que, juntamente com a Itália, escrevia e estudava as técnicas do manejo das armas. A partir da metade do século XIX o duelo, como meio de resolver disputas pessoais entra em declínio, principalmente porque a vitória poderia conduzir o duelista à prisão e às penas da lei. A ênfase nos duelos é deslocada para se derrotar o oponente sem necessariamente matá-lo. As formas de duelos menos fatais evoluíram usando a espada de duelo. Esta é a base da Espada moderna. Os duelos praticamente desapareceram após a Primeira Guerra Mundial. Mas há registros de duelos realizados para resolver disputas levantadas durante a Olimpíada de 1920, em Antuérpia.

Em perspectiva histórica, a esgrima passou por três períodos bem demarcados em seu trajeto de arte marcial transformando-se também em um esporte. O período antigo caracteriza-se por uma esgrima de impacto, causado pelo choque de pesadas espadas nos oponentes, levava-os primeiro ao chão para depois matá-los. O período moderno foi marcado pelo desenvolvimento da técnica, por regras escritas e rituais de jogo justo. O desenvolvimento da proteção da face, a máscara, marca o período contemporâneo que permanece até os dias presentes. Neste último estágio, a introdução de equipamento elétrico, e mais tarde eletrônico, provocou importante mudança na maneira de se julgar e jogar esgrima. Recentemente essas mudanças foram notadas no sabre. Em retrospecto, as armas utilizadas na esgrima são três nas quais um esgrimista joga apenas uma delas, e que definem a sua vez por meio de regras e competições específicas. Em um campeonato, em primeiro lugar os participantes são divididos em grupos de 5, 6 ou 7 esgrimistas chamados de Pule (escolhidos através do ranking), em seguida os esgrimistas de cada grupo combatem entre si (tem combates que vão até cinco pontos). Ao término, há uma classificação após o Turno de Pules que seleciona para as chaves eliminatórias (em combates que vão a quinze pontos) até que se chegue ao campeão. No Brasil, a esgrima origina-se de tradições militares que remontam ao início do século XIX, quando era uma disciplina formativa de oficiais do Exército e da Marinha de Guerra. Do mesmo modo que aconteceu com o tiro e o hipismo, a esgrima já era considerada um esporte na segunda metade do século XIX e como tal praticado também por civis.

Segunda metade do século XIX
No Brasil, práticas esportivas de esgrima são registradas no Clube Naval do Rio de Janeiro, em clubes de São Luís do Maranhão e clubes de imigrantes alemães do Rio Grande do Sul, além de instituições militares. Esta distribuição geográfica e a variedade de praticantes sugerem que a esgrima era uma das opções esportivas do país, embora não popular. No Exército, o grupo de elite da esgrima situava-se na Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro.

1896
Realização dos Jogos Olímpicos de Atenas, primeira versão deste acontecimento esportivo restaurados na Era Moderna. À frente da iniciativa estava o Barão Pierre de Coubertin, ele próprio um praticante de esgrima. A esgrima foi incluída no Programa dos primeiros Jogos, sendo na ocasião competida entre 4 países e 13 atiradores. As armas foram florete e sabre para homens; a espada foi introduzida nos Jogos de 1900, em Paris. A espada elétrica foi introduzida nos Jogos Olímpicos de Berlim-1936, o florete em

came up in 1927. There were approximately 5,000 fencing players in Brazil in 2003: 30% were competitors and participated in the official calendar of national competitions and more than 50% took part in state competitions. The SP federation has been the most prominent of the four state federations (SP, RJ, RS e MG) affiliated to CBE due to its continuous victories in national competitions. Brazil also has between 20 to 30 clubs that enroll athletes in the competitions of CBE calendar. The best international results of Brazilian fencing have happened in the Pan-American Games (see retrospect below).

O primeiro campeonato mundial de esgrima em 1906

Melbourne-1956 e o sabre em Seul-1988. Desde as primeiras Olimpíadas do século XX, a esgrima era o único esporte olímpico que incluía livremente atletas profissionais, situação que se generalizou no início dos anos de 1980 por decisão do Comitê Olímpico Internacional-COI.

1898
Imigram para São Paulo-SP, três esgrimistas italianos: Giuseppe Salerno, Giasintho Sanche e Massanielo Parisi, que se radicaram na cidade como mestres professores na arte de esgrimir.

Décadas de 1900 e 1910
Nestes anos, viagens de oficiais do Exército à Europa e Argentina como também a visita do campeão francês Lucien de Merignac contribuíram para desenvolver a esgrima no Brasil. Uma Sala D’Armas civil foi criada no clube Boqueirão do Passeio-RJ, cujo encarregado era o Mestre José Ferreira da Costa.

1902
O Primeiro Tenente Pedro Dias de Campos da Força Pública do Estado de São Paulo – um dos alunos dos mestres italianos chegados em 1898 – instala em 14 de julho, numa sala do Quartel da Luz-SP, a Escola de Espada, Sabre e Florete, que passou a formar esgrimistas daquela instituição policial militar e do meio universitário da cidade de SP.

1910
Criação do “Curso de Esgrima e Gymnastica” da Força Pública do Estado de São Paulo, no Quartel da Luz-SP (inaugurado em 9 de março), tendo inicialmente como comandante e diretor o Capitão Delphin Balancier, da Missão Militar Francesa. Em 25 de março de 1912, quando chegou da França, o Capitão Louis Lemaitre, diplomado pela Escola de Joinville-le-Pont, assumiu a direção do Curso de Ginástica, e o Capitão Delphin Balancier dedicou-se somente ao Curso de Esgrima. Nestas circunstâncias, estava assim criada a primeira Escola de Educação Física de Brasil, com ambos os cursos recebendo alunos militares e civis.

1913
Criação da Federação Internacional de Esgrima-FIE, entidade maior de administração deste esporte em escala mundial, reunindo federações nacionais da modalidade que vinham sendo criadas desde 1906. De início, a FIE deu forma a um regulamento internacional para as provas, permitindo uma expansão contínua alcançando com a adesão da República do Congo em 2003, 114 países filiados. Em termos históricos, contudo, já no século XVI havia na França uma associação normativa da esgrima que reunia Mestres d’Armas e tinha a denominação de “Academia d’Armas”. Na atualidade, a FIE promove todos os anos o Campeonato Mundial de Esgrima, com exceção dos anos Olímpicos, que acontecem a cada quatro anos.

1914
No Brasil, constitui-se a União Paulista de Esgrima, núcleo da atual Federação Paulista de Esgrima que assumiu esta denominação em 5 de junho de 1925.

1924
Este ano marca a inclusão das mulheres na competição de esgrima dos Jogos Olímpicos, com o florete, e somente em 1996, com a espada. O sabre feminino tem feito sua primeira aparição nos campeonatos mundiais a partir de 1998, como demonstração.

1927
(05/06)
Data da fundação da União Brasileira de Esgrima, antecessora da atual Confederação Brasileira de Esgrima-CBE, a qual consolidou a participação de entidades e atiradores civis em eventos da modalidade no país, como também serviu inicialmente de apoio aos militares no necessário intercâmbio internacional. A nova entidade surgiu com o suporte dado pela

então já existente Federação Paulista de Esgrima e alguns clubes do Rio de Janeiro.

1928 O primeiro campeonato brasileiro foi realizado neste ano, nas armas de florete, espada e sabre somente masculino categoria livre. Neste período, a esgrima tinha a maioria de seus praticantes nos estados do RJ e SP.

1930 Organização de uma competição oficial de esgrima no Rio Grande do Sul, confirmando a existência de uma tradição da modalidade naquele estado.

1933 Criação do curso de Mestres D'Armas na Escola de Educação Física do Exército-EsEFEEx, situada no Rio de Janeiro, bairro da Urca. Nos dias atuais este curso ainda se faz presente, pertencendo ao complexo do Centro de Capacitação Física do Exército, que incorpora a EsEFEEx. De 1933 até 2002, foram formados neste curso 134 Mestres D'Armas: 89 do Exército, 7 das Polícias Militares, 17 de países latino-americanos e 21 civis.

1941 Fundação da Federação Riograndense de Esgrima-FRGE, em Porto Alegre-RS.

2001 O Atleta do Club Athletico Paulistano Renzo Pasquale Zeglio Agresta conquista a medalha de ouro pan-americana em três categorias distintas, fato inédito para esgrima do país: Campeão Pan-Americano Adulto Individual de Sabre; Campeão Pan-Americano Juvenil (até 20 anos) Individual de Sabre; Campeão Pan-Americano Cadetes (até 17 anos) Individual de Sabre.

2002 Este ano marca o início da esgrima brasileira como esporte adaptado a portadores de deficiência física: a Associação Brasileira de Esportes de Cadeiras de Roda-ABRADECAR instituiu um coordenador para gerenciar as ações da esgrima em cadeira de rodas no âmbito dos esportes atendidos por esta entidade. Este passo foi fundamental para a modalidade, pois, até então, não existia um órgão institucional que respondesse e gerenciasse as ações da esgrima adaptada no país. Ainda com o apoio da ABRADECAR, em 2002 foi indicado de modo inédito, um Mestre D'armas para acompanhar a atleta Andréa de Mello no *Wheelchair Fencing World Cup*, em Austin-EUA.

2003 Torneios Nacionais: Campeonato Brasileiro de Espada – 15/11/03, dependências do Grêmio Náutico União, Cidade de Porto Alegre. Campeonatos Brasileiros Cadetes e Juvenil – 18 a 21/09/03, Ginásio do Esporte Clube Pinheiros, São Paulo. Taça Nacional Cidade de Curitiba – 30/08/03, Curitiba.

2003 Taça Nacional Cidade de Curitiba Ao todo foram 33 atletas de 11 clubes e associações brasileiras: Grêmio Náutico União (2), EC Banespa (1), CA Paulistano (4), EC Pinheiros (3), CM Paraná (4), CDE (4), AABB (5), APPES (7), Col. Tiradentes (1), Sociedade Mineira de Esgrima (3) e CBPM (1).

Situação atual Segundo informação fornecida pela CBE, existem hoje aproximadamente 5.000 praticantes de esgrima no país, dos quais cerca de 30% são competidores e participam do calendário oficial de provas nacionais e, mais da metade, das provas estaduais. Há também quatro federações estaduais filiadas à CBE: SP, RJ, RS e MG, entre as quais se destaca a de SP pelo domínio nas competições nacionais. Estas entidades têm um número de atletas registrados na CBE, que oscila em torno de 900 nos últimos anos. Por sua vez, os clubes que se inscrevem nas competições do calendário da CBE oscilam entre totais de 20 a 30 entidades. A CBE considera as seguintes categorias de idade para competições: Infantil até 9 anos; Infantil 10 e 11 anos; Infantil 12 e 13 anos; Cadetes 14 e 15 anos; Cadetes 16 e 17 anos; Juvenis até 20 anos; Adultos (maiores de 20 anos); e Veteranos (mais de 40/50/60 anos). Oficialmente, a cada ano, existem 5 provas nacionais válidas para o Ranking Oficial da CBE. Uma delas é o Campeonato Brasileiro. Cada prova é realizada nas capitais; Porto Alegre, Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro; uma delas, em rodízio, realiza também o Campeonato Brasileiro.

Quanto à participação no esporte, a prática de esgrima no Brasil encontra-se ainda limitada às grandes cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Porto Alegre, Curitiba, Belo Horizonte, Salvador, Campinas e Santos. Com exceção de São Paulo, que mantém funcionando no Ginásio do Ibirapuera uma sala pública de esgrima desde 1997, a prática deste esporte acontece, na maioria das vezes, em clubes, dificultando ainda mais o acesso por parte do grande público. Um outro problema é a demanda de profissionais de Educação Física especialistas em esgrima atuando no ensino deste esporte no Brasil: há apenas 25 profissionais com a titulação de Mestres D'Armas em atividade no país e concentrados na sua maioria nas grandes cidades antes citadas. Estas limitações incluem a disponibilidade de equipamento: segundo informação do COB, em 2001 havia apenas 25 locais apropriados para competição de esgrima no país. No plano internacional, os principais expoentes da esgrima são França, Itália, Hungria, Polônia, Alemanha, Rússia, Cuba, Canadá e China. O caso de Cuba é sintomático para comparações com o Brasil: naquele país formam-se 30 Mestres D'Armas por ano (*Esgrime Internationale*, 2003), número superior

ao total destes especialistas de nacionalidade brasileira em atividade. Entretanto, o Brasil tem demonstrado prestígio no âmbito da FIE, pois tem mantido em seu Comitê Executivo o presidente da CBE, Arthur Cramer.

A esgrima brasileira, depois dos Jogos Olímpicos de Seul-1988, deu um salto de qualidade em seu desenvolvimento, quando foi criada a Escola de Formação de Mestres d'Armas. Tal iniciativa liderada pela Confederação Brasileira de Esgrima foi patrocinada pela Federação Internacional de Esgrima e se concretizou nas dependências da Escola de Educação Física do Exército, atual Centro de Capacitação Física do Exército no Rio de Janeiro, que forma, a cada 2 anos, professores de esgrima especializados na formação de futuros esgrimistas e atletas. Em adição a este meio de formação, houve surgimento de um Curso de Mestre d'Armas realizado pela Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, também diplomando novos formadores de esgrimistas. Os trabalhos dos mestres d'armas formados pelos cursos nacionais, juntamente com alguns estrangeiros que aqui no Brasil trabalham com esgrima, começaram a obter resultados expressivos no âmbito internacional. O Brasil já conta com uma atleta Vice-campeã Mundial de Sabre Feminino Cadete até 17 anos (Élora Pátaro, treinada pelo Professor Alkhas Lakerbai).

Fontes Ávila, Régis Trois de. A História da esgrima, São Paulo, 2003; A História da Esgrima. Manual da EsEFEEx, 1989; Publio, Nestor e Catalano, Ivens Martini. Escola de Educação Física da Polícia Militar do Estado de São Paulo, Atlas do Esporte no Brasil, 2004; Oliveira, Evandro Duarte e Gomes, Paulo Henrique. História da Esgrima, 2002; Ivan Schwants em www3.sul.com.br/ivan/; Associação Santista de Esgrima (www.brasil.terraviva.pt/lpanema/3314/frames.htm); O charme da esgrima, Revista SPORTmania, 2002; www.esgrimaonline.com.br/; www.openlink.br.inter.net/cform/mat092.htm; FEI (www.fie.ch); AABB Brasília – Esgrima (www.geocities.com/colosseum/arena/2922/); Grêmio Náutico União – Esgrima (www.gnu.com.br/interna.asp?secao=esgrima); CBE (www.brasilesgrema.com.br/); Fencing OnLine (www.fencing.net/); Clube de Regatas Tietê (members.tripod.com/~crt_esgrima/); Esgrime Internationale, no. 45, September, 2003, pp. 34 – 38; COB. Diagnóstico e Análise das Modalidades Olímpicas, 2001; COB. Lei Agnello – Piva, Prestação de Contas Técnica e Financeira, 2002; Atlas do Esporte no Brasil: estudos de Leopoldo Vaz, Fernando Garrido e Janice Mazo (2003 / 2004).

A esgrima brasileira: 200 anos

Brazilian fencing: 200 years

MARIO RIBEIRO CANTARINO FILHO

1804 O Tenente Teotônio Rodrigues de Carvalho, membro de um Regimento de Infantaria da Bahia, publica em Lisboa a obra “Tratado Completo do Jogo de Florete”, traduzido dos melhores autores franceses.

1810 Pela Carta Régia, de 4 de dezembro, foi criada a Academia Real Militar, no Rio de Janeiro, posteriormente nomeada Escola Militar. Nos programas de ensino que foram sendo alterados com o passar dos anos, havia a prática das armas.

1858 O Decreto nº 2.116, de março, determinou, para os Cursos de Infantaria e Cavalaria da Escola Militar, Rio de Janeiro, a prática obrigatória da Esgrima e da Natação. Foi nomeado Antonio Francisco da Gama para a função de Mestre de Esgrima.

1858 A Esgrima, a Ginástica e a Natação tornaram-se obrigatórias na Escola da Marinha, Rio de Janeiro, havendo um Mestre de Esgrima, e prática na frequência de uma vez por semana.

1860 Foi nomeado Instrutor de Ginástica do Depósito de Aprendiz de Artilheiros, situado na Fortaleza de São João, Rio de Janeiro, o Capitão José Ferreira Costa. Constava do programa dessa instituição a Esgrima, a Natação e a Ginástica.

1866 Pelo Decreto nº 3.705, do dia 22 de setembro, determinou-se a prática da Esgrima, Natação e Ginástica no Curso Preparatório anexo à Escola Militar.

1868 Foi fundado no dia 31 de outubro, no Rio de Janeiro, o Clube Ginástico Português para o ensino da Ginástica e da Esgrima. Em 1877 recebeu o Alvará do Rei de Portugal D. Luis I e, por Decreto da Princesa Imperial do Brasil, teve o título de Real Sociedade Clube Ginástico Português.

1869 Ao retornar da Guerra do Paraguai, como Major, Peter Wilhelm Meyer, de origem alemã, assumiu suas funções na Escola Militar, nomeado que foi em 1860. Em seu regresso, passou a ser Instrutor de Esgrima, Ginástica (linha de Jahn) e Natação.

1871 O Decreto nº 4.720, de 22 de abril, conservou a obrigatoriedade da prática da Esgrima, uma vez por semana, da Ginástica e da Natação na Escola da Marinha.

1874 Pelo Decreto nº 5.529, de 17 de janeiro, ficou definido que na Escola Preparatória anexa à Escola Militar fosse dada a instrução referente à Ginástica, Natação, Esgrima de espada e baioneta e Equitação. E para a Esgrima seriam admitidos dois Mestres. Posteriormente, regulamentos surgidos de 1889 a 1919 conservaram os mesmos padrões do de 1874.

1874 Amaro Ferreira das Neves Armonde, autor da tese “Da educação física, intelectual e moral da mocidade no Rio de Janeiro, e de sua influência sobre a saúde”, apresentada à Faculdade de Medicina, preconizou, entre diversas atividades a serem praticadas, a Esgrima.

1880 O anúncio de abertura do Colégio São Pedro de Alcântara, na cidade do Rio de Janeiro, apresentava, entre as suas atividades, a Esgrima, o salto, a carreira e outras atividades.

1884 Na Escola Militar do Rio Grande do Sul, pelo Decreto nº 9.251, de 16 de junho, incluiu-se em seu programa a Esgrima, a Ginástica, a Natação e a Equitação.

1885 O Decreto nº 9.611, de 26 de junho, reuniu a Escola da Marinha e o Colégio Naval, sob a denominação de Escola Naval, mantendo os exercícios de Esgrima, Natação e Ginástica.

1889 No dia 9 de março, o Decreto nº 10.202 criou o Imperial Colégio Militar, incluindo em sua programação de atividades, a Esgrima, a Natação, a Ginástica, o Tiro ao Alvo e as evoluções militares.

1890 Pelo regulamento da instrução primária e secundária do Distrito Federal, na escola primária de segundo grau, para alunos de 13 a 15 anos, a Ginástica era constituída de exercícios com aparelhos, evoluções militares e manejo de armas, incluindo a Esgrima de espada e florete. E, na reforma do ensino na Escola Normal, também foi incluída a Esgrima, bem como no ensino secundário.

1890 O Decreto nº 330, de 12 de abril, esclareceu normas para a criação da Sala de Armas nas Escolas Militares do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

1890 No Programa do Ginásio Nacional, entre as suas disciplinas constavam a Esgrima, a Ginástica e as Evoluções Militares, com a previsão de professores para tais atividades.

1890 No Plano de Ensino do Colégio Militar, segundo o Decreto nº 371 de 2 de maio, entre as matérias preconizadas havia o manejo das armas em uso, Tiro ao Alvo e Esgrima.

1891 Para o curso superior de três anos da Escola Naval, o Decreto nº 1.256, de 10 de janeiro, estabeleceu a Esgrima de florete e de espada, com a previsão de um Mestre para tais armas.

1894 No Regulamento de Ensino do internato do Ginásio Nacional, havia entre as disciplinas, a Ginástica, a Esgrima e a Natação.

1898 As disciplinas Ginástica, Esgrima e Natação eram ministradas, uma hora por semana, para cada série do internato e externato do Ginásio Nacional, situado no Rio de Janeiro.

1898 Os esgrimistas italianos Giuseppe Salerno, Giasinho Sanche e Massanielo Parisi, chegaram a São Paulo e lá se radicaram, passando a lecionar a Esgrima. Entre os discípulos, destacou-se o Alferes Pedro Dias de Campos, da Força Pública do Estado de São Paulo. Posteriormente, por iniciativa do Alferes, fundou-se uma Sala de Armas com o nome de seus mestres Giasinho Sanche e Massanielo Parisi.

1899 Foi criada a Escola de Armas no “Esporte Clube Internacional”, em São Paulo.

1901 No mês de janeiro, em São Paulo, o Clube Germânia promoveu um torneio de Esgrima, de cunho internacional, com as armas florete e espada.

1901 O Esporte Clube Internacional, de São Paulo, no mês de agosto, promoveu um evento desportivo, com várias atividades, inclusive com a Esgrima.

1901 No dia 7 de setembro, foi inaugurada a Sala de Armas do “Clube de Esgrima 7 de Setembro”, em São Paulo, na Rua Brigadeiro Tobias, até a criação da “Grande Associação de Esgrimistas”.

1902 No dia 14 de julho, foi criada a Escola de Esgrima de Sabre, Florete e Espada, por iniciativa do 1º Tenente Pedro Dias Campos, no Quartel da Luz, da Força Pública do Estado de São Paulo.

1902 Realizou-se, em São Paulo, um Campeonato Brasileiro de Esgrima, no período de 16 a 27 de julho, sob a organização do Esporte Clube Internacional.

1904 O periódico “A Vida Esportiva”, do mês de agosto, apresentou um levantamento do número de associações esportivas existentes na cidade de São Paulo, no total de 118, sendo 4 de Esgrima.

1904 Realizou-se um torneio público de Esgrima, em São Paulo, no antigo Velódromo, com uma boa assistência.

1905 Foi publicado o livro “Homem forte: Ginástica, Natação, Esgrima, Tiro ao Alvo”, em Curitiba, de autoria do Capitão de Artilharia Domingos do Nascimento. A parte dedicada à Esgrima de espada, versa sobre: preliminares; exercícios sem armas; exercícios com espada; e movimentos e assaltos.

1906 Nos primeiros meses do ano, chegou à Cidade de São Paulo uma Missão Militar, contratada na França, para instruir e reorganizar a Força Pública do Estado de São Paulo.

1906 Foi publicado no Rio de Janeiro, pela Imprensa Nacional, o livro “Esgrima de Espada”, sendo o seu autor o Segundo Tenente de Artilharia Cezar A. Parga Rodrigues. O livro é ilustrado, com 201 páginas, encadernado e no tamanho 18x24 cm. O autor foi instrutor na Sala de Armas da Escola Militar da Praia Vermelha – RJ.

1909 A Escola de Educação Física da Força Pública do Estado de São Paulo formou neste ano Mestres de Armas e Mestres de Ginástica.

1910 Expediente datado de 3 de março, assinado por Washington Luiz Pereira de Souza, então Secretário da Justiça e da Segurança Pública, do Estado de São Paulo, enviado ao Comandante Geral da Força Pública, informava “que fica criado, nessa corporação, um Curso de Esgrima e Ginástica, destinado aos oficiais e elementos da Força Pública...”.

1911 A Força Pública do Estado de São Paulo publicou, em novembro, o “Regulamento da Esgrima para a Força Pública do Estado”, de autoria do Mestre d’Armas, Capitão Delphin Balancier, da Missão Militar Francesa, primeiro Comandante e Diretor do Curso de Esgrima e Ginástica. Faleceu ele na I Guerra Mundial (1914 – 1918).

1913 O Governo do Estado de São Paulo, pelo Decreto nº 2.349 do mês de fevereiro, regulamentou a Seção de Esgrima da Força Pública do Estado.

1913 Publicação do livro “Lições de Armas”, obra que trata da Esgrima, de autoria de Valério Barbosa Falcão.

1922 Como parte dos festejos do Centenário da Independência do Brasil, foram efetuados, no Rio de Janeiro, os Jogos Olímpicos Latino-Americanos, compreendendo diversas modalidades esportivas, entre elas, a Esgrima. Nessa modalidade, na prova de florete, foi campeão o Tenente Oswaldo Rocha, e, na prova de sabre, foi vencedor o Tenente Pélio Ramalho.

1922 No período de 1922 a 1927, o Capitão André Gauthier, da Missão Militar Francesa, foi o Instrutor de Esgrima dos Oficiais do Exército Brasileiro.

1925 Foi fundada a Federação Paulista de Esgrima.

1927 Foi fundada a Confederação Brasileira de Esgrima e, em 1946, já tinha como suas filiadas a Federação Paulista de Esgrima, Federação Metropolitana de Esgrima, Federação Sul-Riograndense de Esgrima e Escola de Educação Física da Marinha.

1928 Foi realizado no Rio de Janeiro, o I Campeonato Brasileiro de Esgrima, sagrando-se São Paulo como campeão, e o Distrito Federal vice-campeão, provas para o sexo masculino. Neste ano também o Clube de Regatas do Flamengo tornou-se campeão carioca de espada, sendo este o seu primeiro título, entre muitos que alcançou nas décadas seguintes.

1932 Na Revista de Educação Física nº 2 (mês de junho) foi publicado o artigo “Esgrima Moderna”, de autoria de Horácio Santos.

1932 O Centro Militar de Educação Física - RJ formou diversos instrutores e monitores e, entre eles, Monitores de Esgrima.

1933 No nº 4, (mês de janeiro), da Revista de Educação Física foi publicado o artigo “Esgrima no Brasil”, cujo autor foi Joaquim Alves Bastos. No mês de maio, no nº 8, Horácio Santos publicou o artigo “ABC da Esgrima de florete” e no nº 9, (em junho), desse mesmo autor, foi publicado “Esgrima moderna de sabre”. O nº 12, (em novembro), de autoria de Parga Rodrigues, teve o artigo “A Esgrima e a tática”.

1933 Pelo Decreto nº 23.252, de 19 de outubro, foi criada a Escola de Educação Física do Exército, com a competência de formar Instrutores e Monitores de Educação Física, Mestres de Armas e Monitores de Esgrima, bem como fornecer conhecimentos, aos Oficiais, a respeito da direção da Educação Física e da Esgrima.

1933 A Escola de Educação Física do Exército formou 16 Monitores de Esgrima.

1934 A Escola de Educação Física do Exército formou 12 Monitores de Esgrima.

1935 Na Revista de Educação Física, nº 25, (agosto), foi editado o artigo “Notas sobre a história da Esgrima”, de Álvaro Lúcio Areas e, do mesmo autor, no nº 26, publicou-se o artigo “Provas de Esgrima”. O artigo “Esgrima, a arte de saber perder”, de Joaquim Paredes, foi editado no nº 29 (dezembro).

1936 Tiveram início os Campeonatos Brasileiros de Esgrima para o sexo feminino, sendo Leonor Margarido a primeira campeã brasileira no florete.

1936 Foi criada e organizada a seção de Esgrima do Fluminense Football Club, do Rio de Janeiro e, neste ano, o clube participou do campeonato promovido pela Federação Carioca de Esgrima. Thomaz Carrilho Teixeira Gomes foi o primeiro diretor da seção. Este esgrimista, no período de 1939 a 1950, conquistou 11 campeonatos da Cidade do Rio de Janeiro, e foi considerado o Grande Campeão da Esgrima do Fluminense Football Club.

1936 No periódico Educação Física, nº 5 (abril) publicou-se o artigo “Esgrima no Rio de Janeiro”, de Washington Azevedo.

1936 A Escola de Educação Física da Força Pública do Estado de São Paulo, pelo Decreto nº 7.688 de 28 de maio, do Governo Estadual, passou a ter novo Regulamento e entre os seus fins constava formar Mestres de Armas e Monitores de Esgrima.

1936 O artigo “A Esgrima no Rio de Janeiro”, de Washington Azevedo, foi publicado na Revista de Educação Física, nº 31 (maio). No nº 33 (outubro), saiu o artigo “Pela Esgrima”, de autoria de Francisco Silveira do Prado. Também foi publicado o “Regulamento da Federação Internacional de Esgrima”.

1936 Participou o Brasil dos Jogos Olímpicos de Berlim com uma equipe de Esgrima, sendo Treinador o Sargento Francisco Pinto, da

Milícia de São Paulo, com os esgrimistas Ferdinando Alessandri, Moacir Dunham, Ricardo Vagnotti, Henrique de Aguiar Vallim, Enio de Oliveira e a Baronesa Hilda von Puttkammer, no Florete Feminino.

1936 O periódico *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, de 18 de novembro, publicou uma biografia esportiva do Coronel Pedro Dias de Campos, referente à “Festa de Gratidão”, onde os esgrimistas cariocas homenagearam um dos introdutores da Esgrima no Brasil.

1936 Na edição de 2 de dezembro, *O Correio da Noite*, periódico carioca, publicou, com o título “Esgrima – homenagem a um veterano”, referências sobre a festa que esgrimistas do Rio de Janeiro organizaram para homenagear o Coronel Pedro Dias de Campos.

1936 Foram formados pela Escola de Educação Física do Exército dez Monitores de Esgrima e, pela Escola de Educação Física da Força Pública de São Paulo, foram graduados 4 Monitores de Esgrima.

1937 Foi publicado na *Revista de Educação Física*, nº 35 (outubro), o artigo “Campeonato Brasileiro de Esgrima” e, no nº. 36 (novembro), o artigo “Esgrima” de Álvaro Lúcio de Areas.

1937 Foram formados 2 Mestres de Armas e 4 Monitores de Esgrima, pela Escola de Educação Física do Exército e, pela Escola de Educação Física da Força Pública do Estado de São Paulo, 2 Mestres de Armas e 1 Monitor de Esgrima.

1938 No periódico *Educação Física*, no nº. 14 (janeiro), vem à luz o artigo “A esgrima através dos tempos”, de Osvaldo Rocha.

1938 A *Revista de Educação Física do Exército* publicou no nº. 43 (outubro) o artigo de Álvaro Lúcio Areas, com o título “Aparelhos de sinalização elétrica para espada”. E no nº. 44 (novembro), do mesmo autor, saiu o artigo “Esgrima de sabre – progressão de instrução”, bem como o artigo “Esgrima”, do mesmo autor.

1938 A Escola de Educação Física do Exército, entre diversos instrutores e monitores, formou 3 Monitores de Esgrima, e a Escola de Educação Física da Força Pública de São Paulo formou 4 Monitores de Esgrima.

1939 A *Revista de Educação Física*, no nº. 45 (junho) publicou “Esgrima de florete – método de treinamento”, de Álvaro Lúcio Areas, e, no nº. 46 (outubro) publicou, do mesmo autor, “Esgrima – espada – método de treinamento”.

1939 Criação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, na Universidade do Brasil, e entre os seus cursos havia o Curso Superior de Educação Física com diversas disciplinas, sendo uma delas “Desportos de ataque e defesa”, no qual a Esgrima era uma das atividades ensinadas.

1939 Formaram-se 5 Monitores de Esgrima pela Escola de Educação Física do Exército.

1940 No período de 31 de março a 7 de abril, na cidade de São Paulo, foi realizada a II Olimpíada Universitária Brasileira, que passou a ser considerada como os III Jogos Universitários Brasileiros, com eventos diversos, inclusive a Esgrima.

1940 A revista *Viver*, em seu número 21, publicou “Pratiquemos a Esgrima”, de autoria de Miguel Morano.

1940 A Escola de Educação Física do Exército formou 12 Monitores de Esgrima.

1941 Pelo Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril, que estabeleceu as bases de organização dos esportes no Brasil, considerou-se constituída a Confederação Brasileira de Esgrima, que possuía “a sua competência desportiva determinada na própria denominação”.

1941 No periódico *Educação Física*, em seu nº. 57 (agosto), foi publicado “Esgrima moderna de sabre”, de Horácio Santos.

1941 A revista *Viver* editou o artigo “Esgrima”, cujo autor foi René da Silva Velho, apresentado no nº. 36, e que prosseguiu até o nº. 41.

1942 A *Gillette do Brasil*, com sede no Rio de Janeiro, editou um trabalho com o título “Sport fator de saúde – para uma Pátria Grande, uma raça forte”, contendo uma série de quadros relativos a vários esportes inclusive a Esgrima.

1942 *Educação Física – Revista de Esportes e Saúde* publicou os artigos “Importância da Esgrima e seu progresso no Brasil”, no nº. 71, e “História da Esgrima”, de autoria de Osvaldo Niemeyer Lisboa, no nº. 69.

1942 A *Revista de Educação Física*, editada pela Escola de Educação Física do Exército, publicou “Instruções para o Campeonato de Esgrima do Exército”, no nº. 51; no nº. 54 apresentou o artigo “O julgamento das provas de Esgrima”, de Júlio Cesar Saint Edmond, bem como “Comentário sobre algumas soluções do Regulamento de provas da Federação Internacional de Esgrima”, cujo autor foi Condeixa Filho.

1943 No periódico *Educação Física*, nº. 72 (janeiro–fevereiro) publicou-se “Pedagogia da Esgrima”, de Horácio dos Santos.

1943 Faleceu no mês de outubro, no Rio de Janeiro, com a idade de 66 anos, o Prof. Giovanni Abita, ex-Oficial do Exército Italiano que foi contratado em 1922 pela Marinha Brasileira, na gestão do Ministro Veiga Miranda, a fim de ministrar os ensinamentos da Esgrima. Ministrou a Ginástica Pedagógica, na Escola de Educação Física da Marinha, a partir de 1925.

1943 O *Almanaque Sportivo Olympicos*, edição 1942-1943, modificou a forma de apresentação dos seus trabalhos, trazendo a seção “Esgrima” nas páginas 255 e 256, além de “A Esgrima no Brasil”, nas páginas 256 a 258.

1944 Nos VI Jogos Universitários Brasileiros (JUB’s), realizados na Cidade do Rio de Janeiro no mês de abril, sagrou-se a Federação Universitária Gaúcha de Esportes como a equipe campeã em Esgrima, com a Federação Atlética de Estudantes na segunda colocação e a Federação Universitária Mineira de Esportes no terceiro lugar.

1944 A *Revista Brasileira de Educação Física* publicou, no seu nº. 7 (julho), o artigo “Efeitos da Esgrima sobre o físico da mulher”, de autoria de Reynaldo Kunz Buch.

1944 De autoria de Valério Falcão foi publicado o livro “A Esgrima”. Trata a obra da Esgrima de florete, de espada, de sabre e de baioneta, bem como traz um capítulo sobre equitação. O livro é ilustrado e contém 157 páginas.

1944 Realizou-se o Campeonato Brasileiro de Esgrima, sendo São Paulo o Estado campeão, e o Rio Grande do Sul o vice-campeão.

1944 Foi editado no *Almanaque Sportivo Olympicus*, em São Paulo, edição 1943-1944, o trabalho “Esgrima e Biotipologia”, de autoria do Dr. Arnaldo Marsillac, Primeiro Tenente Médico, e de Mário Isola, Mestre de Esgrima.

1944 A Escola de Educação Física da Força Pública do Estado de São Paulo formou 6 Monitores especializados em Esgrima.

1945 “Considerações sobre a Esgrima”, de autoria de Sebastião da Silva Cruz, foi publicado no nº. 19 (julho/agosto), da *Revista Brasileira de Educação Física*.

1946 Foi editado pela Divisão de Educação Física, do Ministério da Educação e Saúde, o folheto *Metodologia do Treinamento Desportivo da Esgrima*, de autoria de Inezil Penna Marinho e Sebastião da Silva Cruz, trabalho premiado em segundo lugar no Concurso de Trabalhos sobre Educação Física, promovido por essa entidade em 1944.

1946 Em São Paulo, na Escola de Educação Física da Força Pública, foram formados 6 Monitores de Esgrima.

1948 Participação dos esgrimistas brasileiros nos Jogos Olímpicos de Londres, no período de 29 de julho a 14 de agosto. A equipe era composta de: Joaquim do Couto Simões (Delegado), Helladio Camargo Diniz Junqueira (Técnico), e os atletas Henrique de Aguiar Valim, Fortunato de Barros Camargo, Ferdinando Ludovico Alessandri, Miguel Biancalana, Sabino Salvatore, Omino Scianaméa e Walter Augusto César de Paula.

1950 A Força Pública do Estado de São Paulo editou o *Tratado de Esgrima: florete, espada e sabre*, atualizado pelo Capitão Aduino Fernandes de Andrade, Mestre d’Armas da Escola de Educação Física, publicação essa autorizada pelo Comando Geral da Corporação em 21 de outubro de 1948.

1951 Nos I Jogos Desportivos Pan-Americanos, realizados em Buenos Aires, no período de 25 de fevereiro a 8 de março, a Esgrima brasileira teve a sua delegação composta de: Joaquim do Couto Simões (Chefe), Hélio de Araújo Vieira (Assistente Técnico), e os esgrimistas Ferdinando Alessandri, Virgílio Damásio de Sá, Luciano Albieri, Maria Eugênia Xavier, Renate Herzog, Nadscha Ziboroff, Dario Marcondes do Amaral, Henrique de Aguiar Vallim, Estevão Molnar, Frederico Taveira Serrão, Sabino Scianameyer, Hugler Matt, Fernando Canteiro Toreli, Adolpho Masine e Odair Castro. Obtiveram as medalhas de bronze Estevão Molnar (Sabre) e a Equipe de Sabre.

1952 No período de 19 de julho a 3 de agosto, foram realizados os Jogos Olímpicos em Helsinque, na Finlândia. A delegação brasileira de Esgrima era composta de: Joaquim Couto Simões (Chefe), Helladio Camargo Diniz Junqueira (Técnico) e os competidores Etienne Molnar, Hélio de Araújo Vieira, César Pekelman, Walter Augusto César de Paula e Dario Marcondes do Amaral.

1955 Nos II Jogos Desportivos Pan-Americanos, na Cidade do México, no período de 12 a 26 de março, a equipe de Esgrima era formada por Joaquim do Couto Simões (Chefe), Virgílio Damásio de Sá (Técnico) e os atletas Heitor de Abreu Soares, Dario Marcondes do Amaral, Aloysio Alves Borges, Nelson Antonio

Moraes Bastos, Mário Azevedo Queiroz, Estevão Etienne Molnar, Maria Yeda Coutinho, Yolanda Coutinho Moraes e Maria Eugênia Mac Guinles Xavier. A Escola de Educação Física do Exército publicou o folheto *Manual de Esgrima: generalidades, florete*.

1959 Nos Jogos Pan-Americanos em Chicago, a partir de 27 de agosto a 7 de setembro, a Esgrima do Brasil esteve presente com Prospero Gargaglioni (Técnico) e Heitor de Abreu Soares, Renô Todeschini, Etienne Molnar e Amélia Pacheco Bernardo.

1963 Nos IV Jogos Pan-Americanos, realizados em São Paulo de 20 de abril a 5 de maio, a equipe de Esgrima, formada por Aloysio Alves Borges, Arthur Telles Cramer Ribeiro, José Maria Pereira e Carlos Luís R. Couto, foi agraciada com a Medalha de Prata. Participaram, também, dos Jogos, os atletas Wanda Mennas Tambascos, Maria Eugênia Xavier, Amélia P. Bernardo, Nara Fiori, Lília M. Setinger, René Setinger, Ubirajara Sá Gomes, Leonardo Famá, Heitor de Abreu Soares, Reinaldo C. Araújo, Humberto Calabrez Filho, Estevão Molnar, João Antonio Roza, Ronald Silva Marques e Eric Tinoco Marques.

1967 Nos V Jogos Pan-Americanos, em Winnipeg, no período de 26 de julho a 6 de agosto, na prova de espada individual, Arthur Cramer Ribeiro conquistou pela primeira vez na história da Esgrima brasileira o ouro individual. Obteve o Brasil, por equipe, a vitória sobre o Peru e a Colômbia, perdendo apenas para os Estados Unidos. A equipe brasileira era composta de: Humberto Calabrez (Chefe), Carlos Rodrigues do Couto, Dario Marcondes do Amaral, José Maria de Andrade Pereira e Arthur Telles Cramer Ribeiro.

1968 Na Cidade do México foram realizados os Jogos Olímpicos, de 12 de outubro a 27 do mesmo mês. A equipe de Esgrima tinha como seus componentes o Cel. Eric Tinoco Marques, na qualidade de Chefe e Técnico, e os esgrimistas Arthur Telles Cramer Ribeiro, Dario Marcondes Amaral, Carlos Luiz Couto e José Maria Pereira.

1971 Nos Jogos Desportivos Pan-Americanos, efetuados em Cali, entre 30 de julho e 13 de agosto, a equipe de Esgrima estava formada por Manu Marques (Chefe), Heitor de Abreu Soares (Técnico) e os atletas Arthur Telles Cramer Ribeiro, Dario Marcondes do Amaral, José Maria de Andrade Pereira e Marcus Alves Borges.

1973 “Esgrima”, artigo de autoria de Arthur Cramer, foi publicado na *Revista Brasileira de Educação Física*, ano 5, nº 13, de janeiro/fevereiro, escrito por solicitação do DED/MEC, com vista à introdução da Esgrima nos Jogos Estudantis Brasileiros-JEBs de 1973.

1973 A Esgrima foi incluída no rol das atividades desportivas dos V Jogos Estudantis Brasileiros pela primeira vez. A sede dos JEBs foi a cidade de Brasília. Sagrou-se campeão de florete e espada o gaúcho Adriano Kalis Escada e, por equipe masculina, também os gaúchos e os paulistas foram os vice-campeões.

1974 Nos VI Jogos Estudantis Brasileiros, os brasilienses, alunos do Colégio Marista de Brasília, conquistaram o 4º lugar em florete e o 5º lugar em espada. A iniciativa da prática da Esgrima coube aos Padres Maristas com o apoio de Wedner Cavalcante, um dos fundadores da Federação Goiana de Ginástica. Os JEBs foram efetuados em São Paulo. O campeão em florete e espada foi o gaúcho José Antonio Andreatta. Por equipe, os estudantes gaúchos foram os campeões, e os vice-campeões foram os cariocas.

1975 Entre 12 e 26 de outubro, a Esgrima brasileira esteve presente nos Jogos Pan-Americanos realizados na cidade do México, com Humberto Calabrez (Chefe), Dario Marcondes do Amaral (Técnico), Andréa Cohon Giovani, Márcia da Silva, Arthur Telles Cramer Ribeiro, Francisco Itálico Buonafina, Frederico José França Barreira de Alencar, Ronaldo Vadson Schwantes, Sandor Kiss e Ubirajara de Sá Gomes. O Brasil conquistou a medalha de bronze, por equipe, em espada.

1976 Nos Jogos Olímpicos de Montreal, no período de 17 de julho a 1º de agosto, houve a participação de Arthur Telles Cramer Ribeiro, na Esgrima, que concorreu em espada, classificando-se em 38º lugar.

1976 Em Porto Alegre foram realizados os VIII Jogos Escolares Brasileiros e, na Esgrima, na prova de florete, foi campeão o paulista Nelson A. do Rego e, na espada, o paranaense Emerson Nogoceki. Por equipe, o Rio Grande do Sul foi o campeão, e São Paulo o vice-campeão.

1977 Pelo Decreto nº 80.228, de 25 de agosto, foi a Confederação Brasileira de Esgrima-CBE reconhecida como entidade constituída (Art. 36).

1979 Os Jogos Pan-Americanos de San Juan, em Porto Rico, de 1 a 15 de julho, tiveram a presença da Esgrima do Brasil, com Carlos Luiz Rodrigues do Couto (Chefe), Eduard Starzynski (Técnico), Carmen Rozane Masson, Eloisa Brasil de Moraes, Lúcia Maria Soares, Marcia da Silva, Paula Lazzarini, Arthur Telles Cramer Ribeiro, Douglas Veronez Fonseca, Francisco Itálico Buonafina, Ronaldo Vadson Schwantes e Sandor Kiss. Na espada, masculino,

Arthur Cramer obteve o oitavo lugar e, por equipe, obteve o quarto lugar, com Francisco, Douglas, Ronaldo e Cramer.

1981 Após anos de ausência, isto é, desde os Jogos Estudantis Brasileiros de 1976, e como resultado dos contatos entre a SEED/MEC e a Confederação Brasileira de Esgrima, a Esgrima retornou aos JEBs. Destacou-se o estudante paulista Antonio Augusto Telles Machado, sagrando-se campeão individual de florete, espada e sabre. O campeão por equipe foi o Rio Grande do Sul, com Elizabeth Santa Lúcia (direção) e os atletas Régis Lobo, Luciano Finardi, Haroldo Heidrich, Johnny Araújo, José Luiz Saran da Roza, Ricardo Menalda, Jarbas Trois e Rogério Dutra Pereira. No florete, foi campeã a gaúcha Maria Jaqueline da Costa Machado. Pela equipe feminina sagrou-se São Paulo, constituída de Sandor Kiss (Direção) e as atletas Eloá do Amaral, Flora Freire da Silva, Laura Mangiaterra e Nícia Cristina Monteiro.

1983 Nos Jogos Pan-Americanos, em Caracas, no mês de agosto, do dia 14 ao dia 29, esteve presente a Esgrima brasileira com Luís Lopes Filho (Chefe), Robert Vangenot (Técnico), Heitor de Abreu Soares (Técnico), os esgrimistas Arthur Telles Cramer Ribeiro, Nelson Calvoso Pinto Homem, Ronaldo Vadson Schwants, Antonio Augusto Telles Machado, Fernando Luis Fiorio Calza, Roberto Lazzarini, Ana Emilia Becker Maciel, Heloisa Brasil de Moraes, Marcia Silva Leonelli e Carmen Rozane Masson. Os esgrimistas

brasileiros tiveram, em período anterior aos Jogos, treinamentos em Davos, na Suíça, e em Viena, na Áustria, onde participaram do Campeonato Mundial de Esgrima. Em Caracas, no florete feminino, participaram quatro atletas brasileiras, em espada com cinco homens e no florete masculino com um esgrimista. Na prova de espada, a equipe masculina obteve o 5º lugar.

1987 O Conselho Nacional de Desportos-CND, através da Resolução nº 14, dispôs sobre o registro de Técnicos Desportivos aos concludentes de Cursos de Mestre D'Armas da Escola de Educação Física do Exército.

2003 A Delegação Brasileira de Esgrima, participante dos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo, apresentou-se com 12 atletas do sexo masculino e 4 atletas do sexo feminino.

Fontes Alencar, Edigar de. Flamengo: força e alegria do povo. Rio de Janeiro: Conquista, 1970; ALMANAQUE DOS ESPORTES. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1975; ALMANAQUE SPORTIVO OLYMPICUS. São Paulo: Publicidade sem Rival, 1943-1944; Ibidem, 1945-1946; Andrade, Adauto Fernandes de. Tratado de Esgrima: florete, espada, sabre. São Paulo: Força Pública do Estado de São Paulo, 1950; Cantarino Filho, Mario Ribeiro. A Educação Física no Estado Novo: história e doutrina. 1982. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de Brasília,

Brasília, DF; Coelho Netto, Paulo. História do Fluminense. Rio de Janeiro: Borsoi, 1952; Falcão, Valério. A Esgrima. Rio de Janeiro, 1944; Ferraz, Arrison de Souza. Fragmentos da história da tropa de Piratininga. São Paulo, 1942; Ferraz, Arrison de Souza. O Presidente Washington Luis e a Cultura Física Brasileira. In: Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Washington Luis: visto pelos contemporâneos no primeiro centenário de seu nascimento. São Paulo: IHGSP, 1969. pp. 141-154; Leite, J. Barbosa. Evolução da Educação Física na Escola Militar. Formação, Rio de Janeiro, v.3, n.20, p.33-44, mar. 1940; Mariani, Gustavo. História do esporte em Brasília. Brasília: Gráfica Jarbex, 1980; Marinho, Inezil Penna. História da Educação Física e dos Desportos no Brasil: Brasil Colônia, Brasil Império, Brasil República. 4v. Rio de Janeiro: MES/DEF, 1952-1954; Marinho, Inezil Penna. Introdução ao estudo da evolução desportiva no Brasil: Colônia e Império. Separata de Decimália, Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1959; Nelson, Nilson. JEBs, uma competição vitoriosa. Revista Brasileira de Educação Física e Desportos, Brasília, v.10, n.47, p.25-40, jul.-set. 1981; Paioli, Caetano Carlos. Brasil Olímpico. São Paulo: Imprensa Oficial, 1985; Ramos, Jayr Jordão. Escola de Educação Física do Exército: 1930 – 1965. Rio de Janeiro, 1966; Rodrigues, Cezar A. Parga. Esgrima de espada. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1906; site oficial do Movimento Olímpico: www.olympic.org/uk/sports/programme/history_uk.

A esgrima do Brasil nos Jogos Olímpicos e Pan-Americanos

Brazilian fencing in the Olympic and Pan-American Games

ALEXANDRE M. CARVALHO

A Esgrima integra o programa olímpico desde 1896, na edição de Atenas, mantendo-se em disputa desde então. O Brasil, que estreou nos Jogos Olímpicos de 1920 em Antuérpia, Bélgica, somente passou a competir na Esgrima nos Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim,

Alemanha. Neste âmbito de competição, a Esgrima nacional nunca conseguiu conquistar uma medalha e nem mesmo se colocar entre os melhores do mundo. Desde 1936, o Brasil não enviou representantes para os Jogos de 1956, 1960, 1964, 1972, 1980, 1984 e 1996 (referência:

Volker Kluge "*Olympische Sommerspiele*"). Já nos Jogos Pan-Americanos, os resultados têm sido mais animadores através do resultado inédito de Arthur Cramer em Winnipeg-1967: ouro espada individual. As mulheres jamais subiram ao podium nestes Jogos.

Jogos Olímpicos

1936 – Berlim, Alemanha

PROVA	FASE	POSIÇÃO/ATLETA
Florete, equipe	Eliminatória (2 derrotas)	Moacyr Durnham
	7-9 Iugoslávia	Énio Carvalho de Oliveira
	0-16 França	Ricardo H. Vagnotti
		Ferdinando L. Alessandri
Florete, individual	1ª Fase, série 2	5. Ricardo Vagnotti 22tr.1v.2p.
	1ª Fase, série 6	6. Ferdinando Alessandri 1v.2p.
	1ª Fase, série 7	6. Moacyr Durnham 0v.0p.
Espada, equipe	Eliminatória (2 derrotas)	Moacyr Durnham
	7-8 Canadá	Ricardo Vagnotti
	6-9 Alemanha	Henrique de Aguiar Vallim
		Énio Carvalho de Oliveira
Espada, individual	1ª Fase, série 2	1. Henrique de Aguiar Vallim 6v.12p.
	1ª Fase, série 5	8. Moacyr Durnham 0v.0p.
	1ª Fase, série 7	7. Énio Carvalho de Oliveira 2v.4p.
	2ª Fase, série 4	4. Henrique de Aguiar Vallim 5v.10p.
	Semifinal, série 2	10. Henrique de Aguiar Vallim 2v.4p.
Sabre, equipe	Brasil inscrito, mas não participou	
Sabre, individual	1ª Fase, série 3	8. Moacyr Durnham 0v.0p.
	1ª Fase, série 4	9. Énio Carvalho de Oliveira 0v.0p.
	1ª Fase, série 9	6. Ferdinando Alessandri 1v.2p.
Florete, individual, feminino	1ª Fase, série 2	4. Hilda von Puttkammer 3v.6p.
	2ª Fase, série 3	6. Hilda von Puttkammer 0v.0p.

1948 – Londres, Inglaterra

PROVA	FASE	POSIÇÃO/ATLETA
Florete, equipe	Retirou-se, não se apresentou	
Florete, individual	1ª Fase, série 1	8. S. O. Scianamea 0v.
	1ª Fase, série 4	3. L. Alessandri 22tr5v.
	2ª Fase, série 3	8. L. Alessandri 0v.
Espada, equipe	Eliminatória (2 derrotas)	M. Biancalana
	1ª Fase, série 5	B. Camargo
	2-14 Itália	Henrique de Aguiar Vallim
	6-8 Reino Unido	W. A. de Paula
		S. O. Scianamea
Espada, individual	1ª Fase, série 2	4. M. Biancalana 3v.
	1ª Fase, série 4	5. B. Camargo 3v.
	1ª Fase, série 6	6. Henrique de Aguiar Vallim 18tr.3v.
	2ª Fase, série 2	2. Biancalana 4v.
	Semifinal, série 2	7. Biancalana 19tr.3v.
	Sabre, individual	1ª Fase, série 8
2ª Fase, série 2		7. Estevão Molnar 32tr.2v.

1952 – Helsinque, Finlândia

PROVA	FASE	POSIÇÃO/ATLETA
Espada, equipe	1ª Fase, série 3 (2 derrotas)	Dario Marcondes do Amaral
	1-14 Hungria	C. Pekelman
	2-8 Suíça	W. De Paula
		H. de Araújo Vieira
Espada, individual	1ª Fase, série 2	5. Dario Marcondes do Amaral 4v.
	1ª Fase, série 3	3. C. Pekelman 4v.
	1ª Fase, série 6	6. W. A. de Paula 2v.
	2ª Fase, série 1	6. C. Pekelman 3v.
Sabre, individual	1ª Fase, série 2	5. Estevão Molnar 4v.

1968 – Cidade do México, México

PROVA	FASE	COLOCAÇÃO/ATLETA
Espada, equipe	1ª Fase, grupo J	Arthur Telles Cramer Ribeiro
	6-10 Reino Unido	Dario Marcondes do Amaral
	2ª Fase, grupo I	José Maria Pereira
	3-13 França	Carlos Couto
Espada, individual	1ª Fase, grupo C	6. Dario Marcondes do Amaral 1v.
	1ª Fase, grupo H	4. Carlos Couto 3v.
	1ª Fase, grupo L	5. Arthur Telles Cramer Ribeiro 2v.
	2ª Fase, grupo H	2. Carlos Couto 3v.
	Eliminação direta	Couto perdeu para Polzhuber (Áustria)
	Repescagem	Couto perdeu para Bakonyi (Canadá)

1976 – Montreal, Canadá

PROVA	COLOCAÇÃO	ATLETA
Espada, individual	38º	Arthur Telles Cramer Ribeiro

1988 – Seul, Coréia do Sul

PROVA	COLOCAÇÃO	ATLETA
Florete, individual	51º	Antônio Augusto Telles Machado
	54º	Roberto Lazzarini
	59º	Douglas Fonseca
Espada, equipe	15º	Régis Avila Douglas Fonseca Roberto Lazzarini Antônio Augusto Telles Machado
Espada, individual	30º	Antônio Augusto Telles Machado
	35º	Douglas Fonseca
	42º	Roberto Lazzarini
Sabre, individual	40º	Régis Avila

1992 – Barcelona, Espanha

PROVA	COLOCAÇÃO	ATLETA
Espada, individual	20º	Roberto Lazzarini
	61º	Luciano Finardi
	63º	Francisco Ribeiro Papaiano
Sabre, individual	37º	Ricardo Menalda

2000 – Sydney, Austrália

PROVA	COLOCAÇÃO	ATLETA
Florete, individual	37º	Marco Martins

Jogos Pan-Americanos**1951 – Buenos Aires, Argentina**

Esgrima – Masculina

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Sabre, individual	BRONZE	Estevão Molnar
Sabre, equipes	BRONZE	Virgílio Damásio de Sá Frederico Taveira Serrão Estevão Molnar Hugler Matt

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
2	-	-	2

1963 – São Paulo, Brasil

Esgrima – Masculina

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Espada, equipe	PRATA	Carlos Luiz R. Couto Aloysio Alves Borges José Maria Pereira Arthur Telles C. Ribeiro

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
1	-	1	-

1967 – Winnipeg, Canadá

Esgrima Masculina

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Espada, individual	OURO	Artur T. C. Ribeiro
Espada, equipe	PRATA	Artur T. C. Ribeiro Dário M. do Amaral Carlos Rodrigues do Couto José Maria Andrade Pereira

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
2	1	1	-

1971 – Cali, Colômbia

Esgrima – Masculina

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Espada, equipe	PRATA	Dario Marcondes do Amaral José Maria de Andrade Marcos A. Borges Arthur T. Cramer Ribeiro

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
1	-	1	-

1975 – Cidade do México, México

Esgrima – Masculina

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Espada, equipe	BRONZE	Arthur T. Cramer Ribeiro Francisco Itálico Buonafina Frederico Alencar Ronaldo Schwantes

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
1	-	-	1

Quadro geral dos Jogos Pan-Americanos

Masculino

ANO	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
1951	2	-	-	2
1963	1	-	1	-
1967	2	1	1	-
1971	1	-	-	1
1975	1	-	-	1
TOTAL	7	1	2	4

Futebol

RONALDO HELAL, ANTONIO JORGE G. SOARES E JOSÉ GERALDO DO CARMO SALLES

Football - Soccer

Soccer was officially created in England in 1863, but it was in Brazil that it found its home: 30 million players (7 millions identified by teams, club or uniform) and 102 million fans out of a population of 170 million. In addition to these gigantic numbers in sports terms, the Confederação Brasileira de Futebol (Brazilian Soccer Confederation – CBF) points out that there are 11,000 registered players, 800 registered clubs, and more than 2,000 Brazilian athletes playing in other countries. There are 13,000 amateur teams that participate in games organized in 300

Origens O futebol foi oficialmente criado na Inglaterra em 1863, pela *Football Association* -FA, entidade esportiva anda hoje existente. Coincidentemente, a FA começou a promover a expansão deste esporte ao mesmo tempo em que os trabalhadores começavam a conquistar uma folga nas tardes de sábado. O futebol logo se tornou uma atividade recreativa para as massas urbanas e os melhores jogadores passaram a ser convidados para jogar algumas partidas oficiais. Isso gerou um conflito, já que os jogadores necessitavam de tempo livre para treinar e jogar regularmente. Conflito este que só foi resolvido em 1885, quando a FA aceitou os profissionais, mas proibiu-os de servirem em qualquer comitê ou comparecerem às reuniões da associação. Ou seja, a compensação para a presença de profissionais no campo era o controle administrativo do futebol por amadores. No Brasil, o futebol teve início em 1894, ano em que Charles Miller, filho do cônsul britânico em São Paulo, retornou ao país após jogar na primeira divisão do futebol inglês enquanto estudava em Southampton, Inglaterra. Miller promoveu o novo esporte para um grupo de residentes ingleses, membros do São Paulo Athletic Club, fundado em 1888, sobretudo como um clube de cricket. No Rio de Janeiro, o futebol seguiu um caminho semelhante. Um estudante brasileiro, Oscar Cox, voltou da Suíça, após alguns anos de estudo, e introduziu o futebol entre seus amigos. Foi um pouco mais fácil para Oscar Cox promover o novo esporte aqui, pois os cariocas já haviam ouvido falar sobre a novidade paulista. Os primeiros times de futebol do Rio foram formados em clubes de regatas e cricket, criados no final do século XIX. Os times de futebol eram todos parte dos tradicionais clubes sociais que também promoviam outras atividades esportivas, sociais e recreativas. Essa estrutura permanece até hoje, uma vez que a maioria desses clubes ainda tem regatas, basquete, voleibol, natação, tênis, etc. Porém, o futebol tornou-se o esporte que dá prestígio e reconhecimento ao clube. Na Região Sul, há que se destacar a interferência dos colonizadores alemães na cultura esportiva, que fundaram os primeiros clubes esportivos e sociais e naturalmente adotaram a prática do futebol. (Mazo, 2003). Também houve a influência dos países platinos. Em resumo, mediante tais argumentos poderíamos entender o surgimento do futebol no Brasil como influência dos alemães, dos ingleses e dos países platinos (Mascaranhas, 2001). O resultado foi o ajuste destas correntes, proporcionando um produto híbrido que se ajustou às características de nosso povo.

1886 Roberto Mércio (1985) afirma que o futebol já tinha se estabelecido nas escolas jesuítas do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul desde ano. Mas este autor também reconhece que foi apenas depois da volta de Charles Miller ao Brasil que o futebol realmente se expandiu. Santos Neto (2002) argumenta que entre 1880 e 1890, José Mantero, reitor do Colégio São Luis de Itu, relacionava em diários manuscritos, o conjunto de prática esportiva as quais os alunos praticavam, entre elas o futebol. Para Santos Neto, Charles Miller foi o responsável para a promoção do futebol fora dos estabelecimentos de ensino. “Obviamente, enquanto foi uma atividade recreativa restrita a colégios, o futebol não mereceu qualquer atenção da imprensa”, o que somente passou a ter atenção após o interesse da elite, impulsionado pelo empenho de Charles Miller.

1894 Início oficial do futebol no Brasil, ano em que Charles Miller, filho do cônsul britânico em São Paulo, retornou ao país após jogar na primeira divisão do futebol inglês enquanto estudava em Southampton, Inglaterra. Miller promoveu o novo esporte para um grupo de residentes ingleses, membros do São Paulo Athletic Club, fundado em 1888, sobretudo como um clube de cricket.

stadiums totaling more than 5 million seats. CBF states that Brazilian soccer moves around US\$ 3.2 billion yearly out of the estimated US\$ 250 billion worldwide. Furthermore, 3.3 million pairs of soccer cleats, 6 million leather soccer balls, and 32 million T-shirts (not including the ones for professional players) are manufactured yearly for field soccer. Although official versions state that British citizens brought soccer to Brazil, there are studies that identify Jesuit priests as the first contact Brazilians had with soccer back in the 1880s. The history of

1895 O São Paulo Athletic Club incorporou o futebol em suas atividades.

1898 O Colégio Mackenzie de São Paulo formou o primeiro time predominantemente brasileiro.

1899 Surge na Bahia, na cidade de Salvador, o Esporte Clube Vitória, inicialmente criado para a prática do cricket, que desde então também se dedicou ao futebol (Enciclopédia do Futebol Brasileiro, 2001).

1900 Funda-se no Rio Grande do Sul, pelos colonizadores alemães, o *Sport Club Rio Grande*, correntemente considerado o mais antigo clube de futebol em atividade no Brasil.

1902 Foi fundada uma liga na cidade de São Paulo-SP e organizado um campeonato que é considerado a primeira competição oficial de futebol do Brasil. Foi disputado por 5 equipes: São Paulo Athletic, Paulistano, Germânia (atual Pinheiros), Mackenzie e SC Internacional.

1904 Surgimento do primeiro clube de futebol em Belo Horizonte: Sport Club Foot-ball.

1905A Bahia organizou um Campeonato Estadual, que foi disputado por quatro equipes: Vitória, São Salvador, Internacional e Clube Bahiano de Tênis. Foi o segundo campeonato estadual a ser criado.

1906 No Rio de Janeiro foi fundada a Liga de Futebol do Rio de Janeiro e organizado o seu primeiro campeonato.

1914 Foi fundada em 8 de junho deste ano a Federação Brasileira de Sports (*sic*) que em 5 de dezembro de 1916, passou a ser chamada de Confederação Brasileira de Desportos-CBD. Em 24 de setembro de 1979, a CBD passou a ser chamada de Confederação Brasileira de Futebol-CBF.

1915 Neste ano alguns jogadores já recebiam dinheiro de sócios ricos dos clubes (Mário Filho, 1964, Caldas, 1990).

1917 Os clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo começaram a cobrar ingressos dos espectadores. O dinheiro obtido era usado para cobrir custos de equipamentos como bolas, uniformes, chuteiras, etc. Antes, o custo desses equipamentos era coberto por doações regulares ou voluntárias de sócios. A quebra dessa tradição abriu caminho para os primeiros passos em direção ao profissionalismo.

1919 O Brasil venceu pela primeira vez o Campeonato Sul-Americano de futebol.

1923 No Rio de Janeiro, o time do Vasco da Gama venceu o campeonato estadual. Este time era composto, em sua maioria, por jogadores negros e mulatos pertencentes, muitos deles, à classe operária. Até então, nenhum time tinha apresentado uma composição racial e social como a do Vasco. Havia alguns mulatos jogando por outros times, mas a maioria dos jogadores, mesmo os que não pertenciam à elite, eram brancos. A reação imediata dos outros clubes do RJ - Flamengo, Fluminense, Botafogo, América e Bangu - foi fundar uma nova liga, excluindo o Vasco da Gama. Havia um ressentimento contra o Vasco por terem sido vencidos por jogadores socialmente "inferiores". Assim, os dirigentes dos outros clubes começaram a viver um dilema: deveriam adotar de vez o profissionalismo e colher a recompensa de maiores públicos e maior prestígio político, ou deveriam continuar aderindo ao caráter

Brazilian soccer has been characterized by (1) continuous expansion as it migrated from large urban centers to the interior of the country; (2) successive conquests of world championships in which the supremacy of Brazil has been evident since 1958; and (3) the inefficiency of Brazilian soccer management and administration due not only to conflicts of interests between federations (states) and leagues (municipalities) but also to economic crisis of Brazilian clubs in spite of the extraordinary vocation and favorable results.

amador? Por um período, houve a preferência pelo *ethos*amadorista. Também neste ano, a CBD se filiou à FIFA.

1924 Ainda no RJ, funda-se a Associação Metropolitana de Esporte Atheticos-AMEA. Esta entidade foi impulsionada pelo descontentamento dos clubes de elite com a atitude dos dirigentes da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres-METRO. O campeonato de 1924, sem o Vasco da Gama, teve baixa presença de público, pois a maioria preferiu assistir aos jogos do Vasco na liga não-oficial. O prestígio e a popularidade do Vasco, junto com a baixa presença de público no campeonato de 1924, levaram os clubes a convidar o Vasco a participar do campeonato do RJ de 1925.

1925 O Vasco é convidado a participar do campeonato organizado pela AMEA.

Interpretação do desenvolvimento 1895 – 1932 Oficialmente, neste período, o futebol era um esporte amador e elitista no país, praticado predominantemente pelos descendentes de ingleses e pelos filhos de “boa família”. O fato de alguns jogadores receberem dinheiro “ilegalmente” fez com que esse período fosse conhecido como “profissionalismo marrom” ou “falso amadorismo” (Saldanha, 1963; Mário Filho, 1964; Mércio, 1985 e Caldas, 1990). Assim, este foi um período em que não era possível definir o sistema sob uma única ética. Uma prática dual desenvolveu-se no sentido da administração do futebol: havia a linha oficial baseada em leis e regulamentos, e havia uma outra não oficial que prevaleceu na administração cotidiana dos clubes, mas que não podia ser admitida abertamente. Era uma época de incerteza sobre se o futebol deveria manter seu caráter amador ou profissional. No final dos anos de 1920, com a crescente urbanização do Rio de Janeiro e de São Paulo, o futebol já havia se tornado a fonte principal de lazer no país. A crise criada pela ambigüidade sobre a qual sistema deveria ser adotado, dividiu os dirigentes dos clubes em dois grupos: os “progressistas”, a favor da implantação do profissionalismo, e os “conservadores”, que defendiam o amadorismo. A primeira mudança conquistada pelos progressistas foi a dissolução do Comitê de Sindicância em 1929 e a segunda foi um acordo entre os clubes, de que eles não deveriam tirar jogadores uns dos outros, o que havia se tornado uma prática comum. Essas mudanças, de fato, só prolongaram a sobrevivência do “profissionalismo marrom”.

1933 O futebol tornou-se um esporte profissional no Rio de Janeiro e, em março do mesmo ano, São Paulo seguiu o exemplo. As ligas do Rio e de São Paulo juntaram-se para formar a primeira liga de futebol profissional do Brasil, a Federação Brasileira de Futebol-FBF, não reconhecida oficialmente pela Confederação Brasileira de Desportos-CBD, órgão máximo do esporte na época; início do Torneio Rio-São Paulo.

1937 Ano em que a CBD decidiu reconhecer oficialmente o regime profissional. Esta cisão comprometeu o prestígio do futebol brasileiro, como, por exemplo, impedindo os melhores jogadores de jogar na seleção na Copa do Mundo de 1934, já que a CBD não reconhecia a FBF, que reunia os maiores craques do país.

Interpretação do desenvolvimento – década de 1930 A resistência à implantação do profissionalismo oficial continuou causando um êxodo de jogadores para o exterior. Essa situação piorou ainda mais após a primeira Copa do Mundo, disputada no Uruguai em 1930, com a subsequente profissionalização do futebol na Argentina e no Uruguai em 1931 e 1932, respectivamente. Em 1931, por exemplo, 39 dos melhores jogadores brasileiros deixaram o país para jogar na Itália. Este episódio ficou conhecido como a

“invasão italiana” devido à “presença constante de empresários italianos para contratar os nossos jogadores” (Caldas, 1990: 261). Em 1932, o êxodo aumentou mais ainda, só que agora a Argentina e o Uruguai tornaram-se os destinos mais freqüentes dos brasileiros, devido à proximidade geográfica. Por suposto, o sistema dual - amadorismo em tese, e “profissionalismo marrom” na prática - estava à beira do colapso. No início dos anos 1930, o futebol já era um esporte bastante popular no Brasil, sendo praticado em todas as regiões do país. A base organizacional deste esporte mostrava-se, no entanto, inadequada para competir com o seu rápido desenvolvimento.

1942 Durante a 2ª Grande Guerra alguns clubes brasileiros foram forçados por lei a nacionalizar suas denominações. Isso se deu pelo fato de que o Brasil fazia parte dos países aliados que lutavam contra o Japão, Alemanha e Itália. Desta forma, dois dos mais tradicionais clubes na atualidade, Cruzeiro de Belo Horizonte e Palmeiras de São Paulo tiveram que renunciar aos nomes italianos que adotavam: *Società Sportiva Palestra Itália* e *Società Palestra Itália*, respectivamente.

1948 A FIFA decidiu que a Copa do Mundo de 1950 seria realizada no Brasil após a interrupção do evento devido à 2ª Grande Guerra mundial.

1949 O Brasil venceu o Campeonato Sul-Americano após 27 anos sem uma conquista deste torneio.

1950 O Estádio do Maracanã-RJ foi construído em menos de dois anos e sediou uma das maiores “tragédias” do nosso futebol: a perda da Copa do Mundo para o Uruguai, diante de um público estimado em mais de 200 mil pessoas.

1954 O Brasil ficou em 5º lugar no mundial, que foi realizado na Suíça.

1958 O Brasil conquistou o primeiro título de campeão mundial, na Suécia.

1959 Início da Taça Brasil, que se encerrou no ano de 1968. Esta competição foi a primeira na modalidade que se daria a clubes de futebol e em escala nacional. A razão principal de sua organização foi dar condições ao Brasil de participar na Copa Libertadores da América com seus clubes vencedores. A atual Copa Brasil é a sucessora da Taça Brasil, mantendo a tradição clubista.

1962 No Chile, o Brasil tornou-se bicampeão mundial; o Santos-SP venceu a Taça Libertadores da América e o Mundial Interclubes.

1963 O Santos repetiu os feitos do ano anterior, vencendo a Taça Libertadores da América e o Mundial Interclubes.

1967 Um campeonato entre clubes, envolvendo cinco estados do Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraná) substituiu o tradicional torneio Rio/São Paulo, que ocorria desde 1933, embora de forma irregular. Este campeonato se chamava Torneio Roberto Gomes Pedrosa e foi disputado até 1970.

1969 Foi criada a Loteria Esportiva para introduzir recursos necessários aos programas governamentais de esportes.

1970 No México o Brasil tornou-se tricampeão mundial.

Interpretação do desenvolvimento – décadas 1960 – 1970

Nos anos 1960, o futebol brasileiro encontrava-se no seu apogeu. A seleção conquistara as Copas de 1958, 1962 e 1970, e o Santos - time de Pelé - venceu consecutivamente a Taça Libertadores da América e o Mundial Interclubes em 1962 e 1963. Além disso, a final do campeonato carioca de 1963 atraiu 177.020 pagantes ao Maracanã, recorde oficial de público em partidas entre clubes. E em novembro de 1969, Pelé marca o seu milésimo gol, solidificando seu lugar como o maior jogador de futebol de todos os tempos. No início dos anos 1970 foram construídos estádios no país em número expressivo, com capacidade para mais de 70.000 pessoas, alguns inclusive com capacidade para mais de 100.000 pessoas, como por exemplo, o Morumbi, em São Paulo, o Rei Pelé, em Maceió e o Castelão, no Ceará. Nessa época, o país, sob o regime militar, atravessava um período de otimismo econômico que ficou conhecido como o “milagre brasileiro”. A propaganda oficial, estimulando o ufanismo, falava em “País do Futuro”, “Ame-o ou Deixe-o” e “Brasil Grande”; e o futebol, devido a sua reconhecida popularidade, atraía o interesse do governo em tornar eficaz as suas mensagens. Também nos anos 1970, surgiu um grande número de torcidas organizadas.

O tema da violência que emergiu posteriormente tem sido hoje correlacionado ao crescimento destas torcidas (Murad, 1996).

1971 A CBD começou a organizar um campeonato com clubes da maioria dos estados do país (hoje conhecido como Campeonato Brasileiro). Este evento vem sendo realizado ininterruptamente, todavia, a forma de disputa não tem sido constante, bem como o número de equipes participantes. Também algumas edições receberam denominações diferentes como Copa União (1987) e Copa João Havelange (2000).

1975 Aprovação no Congresso Nacional da Lei 6.251 que, entre outras medidas, institucionalizava o voto unitário nas federações e confederações esportivas. Esse sistema de voto deu às ligas do interior o poder de controlar as federações, impedindo os grandes clubes de organizar o calendário do futebol e os regulamentos dos campeonatos. Com o advento do voto unitário, pressupõe-se que as federações e a CBD (a partir de 1979, Confederação Brasileira de Futebol-CBF) organizaram campeonatos com diversos clubes “sem expressão” no cenário futebolístico do país.

1976 O Cruzeiro de Belo Horizonte-MG vence a Copa Libertadores da América, quebrando uma hegemonia de argentinos e uruguaios que vinham vencendo a competição desde 1964.

1977 A publicidade foi introduzida ao redor dos campos de futebol em todo o Brasil. O dinheiro gerado era dividido entre os estádios e as federações. O futebol entrou também na era da televisão, com *video-tapes* dos jogos sendo transmitidos. No entanto, os clubes não recebiam dinheiro pelas transmissões.

1981 O Flamengo tornou-se o 2º clube brasileiro a ser campeão do Mundial Interclubes.

1982 Iniciou-se um êxodo maciço de jogadores para a Europa.

1983 A publicidade nos uniformes foi vista pela primeira vez no nosso futebol.

1987 Iniciaram-se as transmissões ao vivo, gerando uma polêmica sobre o esvaziamento do público nos estádios e as compensações financeiras dos contratos assinados pelos clubes com a televisão.

1989 O Brasil venceu a Copa América, após 40 anos sem esta conquista.

1994 Brasil venceu a 4ª Copa do Mundo, realizada nos EUA.

Interpretação do desenvolvimento – décadas 1980 - 1990

Este período caracteriza-se pela consolidação dos clubes de futebol brasileiro no cenário sul-americano, quando clubes brasileiros venceram 8 edições da Copa Libertadores (Flamengo, Grêmio, São Paulo, Cruzeiro, Vasco e Palmeiras).

2002 O Brasil venceu a sua 5ª Copa do Mundo, realizada na Ásia, com sedes no Japão e na Coreia.

Situação atual Apesar das conquistas brasileiras nas principais competições internacionais, ainda falta ao futebol brasileiro o título olímpico. Além disso, o futebol brasileiro passa por uma crise administrativa, em que ocorre uma intensa pressão por parte da imprensa e de alguns clubes visando a reformulações administrativas nas federações e na CBF. O êxodo dos principais jogadores ainda é freqüente, embora grande parte deles não permaneça no exterior. O apelo financeiro é a justificativa dos jogadores e dos clubes para tais transferências. Por sua vez, a FIFA considera o número de praticantes de futebol no Brasil num total de 7 milhões, enquanto a CBF contabiliza os seguintes números: onze mil jogadores federados, 800 clubes federados e mais de dois mil atletas brasileiros atuando em outros países, além de cerca de treze mil times amadores participando de jogos organizados; trinta milhões de praticantes; e 308 estádios, com mais de cinco milhões de lugares. Afirma ainda a CBF que, dos US\$ 250 bilhões anuais que, estima-se, o futebol movimenta no mundo, o Brasil contribui com US\$ 3,2 bilhões. Anualmente são fabricadas, no país, 3,3 milhões de chuteiras para futebol de campo; 5,6 milhões de bolas de couro, 32 milhões de camisetas, sem contar as destinadas aos jogadores profissionais (*Home page* da CBF, acessado em 10/05/2003).

A esta massa de praticantes é possível aduzir o número de torcedores dos principais clubes (tabela 1) para se estimar o potencial econômico-financeiro da modalidade no país. Resulta desta avali-

ação uma ordem de grandeza que abrange mais da metade da população do país. Este evidente potencial de consumo se contrapõe a hoje assumida crise dos clubes e federações, confirmando a tão propalada deficiência organizacional e de gestão do futebol brasileiro. Assim sendo, a tabela 2, que trata das médias salariais dos jogadores profissionais de futebol, ganha maior relevância desde que são valores baixos diante do que poderiam ser em termos de potencialidade do mercado. Entretanto, a empregabilidade gerada pelo futebol é elevada, mesmo ao se cogitar em sua ordem mínima de estimativa: há cerca de 20.430 campos da modalidade, contados em 2602 municípios (47,3% do total do país), de acordo com levantamento do Governo Federal em 1998 (INDESP, 2000), entre os quais cerca de 127 são estádios (dado da Enciclopédia do Futebol Brasileiro, que se contrapõe à cifra de 300 estádios estimados pela CBF). Deste modo, o número mínimo de empregos diretos do esporte em questão pode ser estimado em 150 mil pessoas, em face à possível existência do dobro de campos (inclusive estádios) da indicação preliminar do INDESP.

Fontes Caldas, Waldenyr (1990). O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro. São Paulo. Ibrasa; Castro, Silvio (1962). O futebol brasileiro bicampeão do mundo. Rio de Janeiro. Anuário da Literatura Brasileira; Helal, Ronaldo, Soares, Antonio & Lovisolo, Hugo (2001). A Invenção do País do Futebol. Rio de Janeiro, Mauad; Helal, Ronaldo (1997). Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis, Vozes; Mazo, Janice (2003). Clubes esportivos e recreativos em Porto Alegre – RS. Atlas do Esporte Brasileiro; Mascaranhas, Gilmar (2001). A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu vento no Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado em Geografia, Programa de pós-graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo; Mércio, Roberto (1985). A história dos campeonatos cariocas de futebol. Rio de Janeiro. Studio Alfa; Perdigão, Paulo (1986). Anatomia de uma derrota. São Paulo. L & PM Editores; Rodrigues Filho, Mário (1964). O Negro no futebol brasileiro. São Paulo. Civilização Brasileira; Saldanha, João (1963). Os Subterrâneos do Futebol. Rio de Janeiro, José Olympio Editora; Simões, Leandro F. (1997). O jornal e a bola: para onde foi a torcida. *In*: Castro, Maria C. P. Spinola. et al. Folhas do tempo: imprensa e cotidiano em Belo Horizonte 1886-1926. Belo Horizonte, UFMG; Associação Mineira de Imprensa; Pref. Municipal de Belo Horizonte, p.181-202; Santos Neto, José M. (2002). Visão do Jogo – primórdios do futebol no Brasil. São Paulo. Cosac & Naify; Vogel, Arno (1982). O momento feliz, reflexões sobre o futebol sobre o ethos nacional. *In*: DaMatta, Roberto. (Org). Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro. Pinakotheke; Relatórios da CBF; Enciclopédia do futebol brasileiro – Lance (2001) vol 1 e 2. São Paulo. Arete Editorial S/A; INDESP (2000). Inventário da Infra-estrutura Desportiva Brasileira. Brasília

Tabela 1 – Estimativa das maiores torcidas do Brasil
Table 1 – Estimates of soccer fans in Brazil per clubs

Clubes – 16 maiores torcidas/ <i>16 Major Clubs in terms of fans</i>	Torcedores em milhões / <i>Number of fans in million</i>
Flamengo	25,6
Corinthians	17,4
São Paulo	9,2
Palmeiras	9,1
Vasco	8,5
Cruzeiro	5,3
Grêmio	5,2
Santos	4,7
Internacional	4,1
Atlético – MG	2,8
Botafogo	2,6
Fluminense	1,9
Bahia	1,8
Sport	1,7
Vitória	1,2
Santa Cruz	0,9
Total dos 16 maiores	102

Fonte / *source*: 2ª Pesquisa Lance-Ibope (06 de abril de 2001)

Tabela 2 – Salários dos jogadores profissionais brasileiros de futebol – % em salários mínimos (SM)

Table 2 – Salaries of professional soccer players in Brazil - % in minimum wages (SM)

Ano / year	1993	1994	1995	1996	2002	2003
1 SM	19,2	33,5	51,7	50,8	44,91	47,29
1 - 2 SM	51,4	39,5	26,0	30,2	41,63	35,12
2 - 5 SM	19,6	16,6	10,8	8,2	5,82	8,4
5 - 10 SM	6,8	6,0	5,1	4,1	2,79	3,54
+ 10 SM	3,0	5,4	5,1	6,7	1,5	2,05
+ 20 SM	N/d	N/d	N/d	N/d	3,35	3,57

Fontes / sources: Dados / data 1993-1996 – Folha de São Paulo Edição especial – País do Futebol (23 de fevereiro de 1997, p. 2); 2002-2003 – Jornal O Globo (25 de maio de 2003, p. 50)

Primeiros Campeonatos Estaduais e clubes vencedores

First clubs championships per state with winners

1902	Campeonato Paulista - SP	São Paulo Athletic
1906	Campeonato Carioca – RJ	Fluminense Football Club
1907	Campeonato Baiano – BA	Clube de Natação e Regatas São Salvador
1913	Campeonato Paranaense – PR	Clube do Remo
1915	Campeonato Mineiro – MG	Clube Atlético Mineiro
1915	Campeonato Pernambucano – PE	Flamengo
1919	Campeonato Gaúcho - RS	Grêmio Esportivo Brasil (Pelotas)

As competições brasileiras – Ano de início
Main national competitions – year of beginning

Copa do Brasil (1989)
Campeonato Brasileiro (1971)

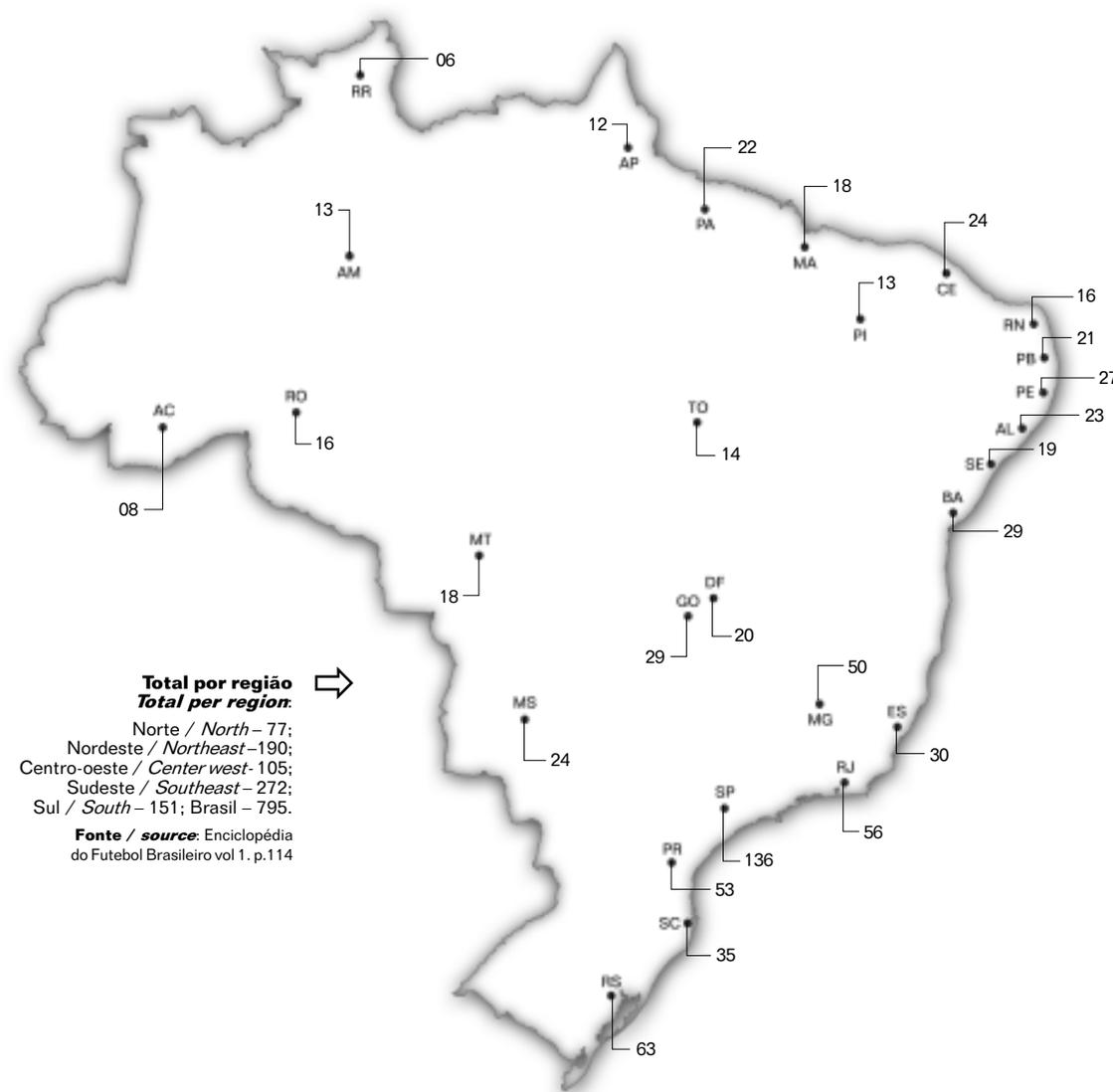
Campeonatos Regionais
Regional championships
Nordestão (1997)
Sul-minas (2000)
Rio-São Paulo (1933)
Centro-oeste (1999)

Torneios e competições continentais
Continental tournaments and competitions
Copa Mercosul (1998)
Copa Libertadores da América (1960)

Fonte/ source: Enciclopédia do Futebol Brasileiro – Lance. Vol 1 e 2 (2001)

Número de clubes de futebol federados por Estado, 2001

Number of soccer clubs linked to federations per state, 2001



As maiores torcidas do Brasil em milhões, 2001 – 2004

Soccer fans in Brazil per clubs in million, 2001 – 2004

Clubes	Pesquisa Lance-Ibope	Pesquisa Globo-Ibope
	2001	2004
Flamengo	16,3	15
Corinthians	11,1	11
São Paulo	5,9	7
Palmeiras	5,8	6
Vasco	5,5	5
Cruzeiro	3,4	4
Grêmio	3,3	4
Santos	3,0	3
Internacional	2,7	3
Atlético - MG	1,8	2
Botafogo	1,7	2
Fluminense	1,2	2

Fontes / sources: IBOPE - Rede Globo (2 mil pessoas a partir dos 16 anos de idade, em todas as regiões do país e de ambos os sexos); Lance – Ibope (7.700 pessoas de 9 regiões metropolitanas).

Futebol e desenvolvimento econômico no RS

GILMAR MASCARENHAS

Soccer and economic development in RS

According to current theory, in general, the social-economic conditions of a region or location determine the development and the circumstances in which a sporting activity takes place. This can be especially observed in terms of top-level soccer, which has become a sport-spectacle and social phenomenon of the masses in many countries. In Brazil, soccer in the state of Rio Grande do Sul - RS is

Definições Em princípio, qualquer atividade esportiva se realiza e se desenvolve conforme as condições sócio-econômicas de cada região ou localidade onde é praticada. Quando uma modalidade esportiva adquire a função de espetáculo pago, consumo que se enquadra, portanto, na economia de serviços, a relação com a realidade econômica regional se torna ainda mais evidente. No caso do futebol de alto nível de competição, que no Brasil se tornou um esporte-espetáculo e fenômeno social de massas, é notória tal relação. Para além do consumo, outra forma de vínculo da atividade esportiva com o desenvolvimento econômico reside na oferta deste serviço: regiões ou cidades com maiores indicadores econômicos têm maior capacidade de sediar agremiações e promover eventos esportivos. A partir deste conceito, por extensão, surge o nexa do cluster esportivo, hoje um tema focalizado pela geografia do esporte.

No plano internacional, são correntes estudos que comprovam a relação, por um lado, entre a localização e grau de desenvolvimento das atividades e entidades esportivas, e, por outro, a realidade econômica circundante. No caso do futebol de alta competição, explica-se, por exemplo, a primazia de clubes de Lisboa, Porto, Madrid e Barcelona na Península Ibérica, bem como Roma, Turim e Milão na Itália. Uma relação que todavia apresenta variações, como demonstra por exemplo o caso francês: Paris, gigante na rede urbana nacional, não domina no futebol. Na América Latina, se Buenos Aires, Montevideu, Santiago, Lima e muitas outras capitais prevalecem no topo do cenário futebolístico de cada país, no México a cidade que abriga o clube de maior número de torcedores é Guadalajara, e não a imensa metrópole mexicana. Tais variações, quase sempre situações excepcionais, ao contrário de contestar a relação ora exposta, justificam seu estudo aprofundado, examinando caso a caso. No Brasil, há raros levantamentos neste tema, embora se manifeste como evidência o predomínio de Rio de Janeiro e São Paulo (que concentram 2/3 dos títulos do campeonato nacional), seguidos de outras importantes capitais, como sedes dos principais clubes de futebol. O caso do RS constitui um dos mais sintomáticos em termos de geografia esportiva, como se pode apreciar a seguir.

1860-1920 Este período que materializou todo o dinamismo do ciclo do charque, marca também a introdução do futebol no RS através de três importantes agentes: os ingleses, os alemães e os platinos. Os ingleses concentraram seu papel no então animado porto de Rio Grande, que superava largamente o movimento comercial portuário da capital estadual, Porto Alegre. Eram ingleses os principais importadores dos produtos das charqueadas platinas e sobrenomes como Lawson, Mackenzie e Robinson circulavam com prestígio na Câmara do Comércio, entidade, aliás, fundada por ingleses. Uma filial do *London & Brazilian Bank*, a *Western Telegraph Co.* (cabos submarinos), os trilhos da *Southern Railway*, e a *São Pedro Brazilian Gas Co.* evidenciam tal supremacia. A colônia inglesa de Rio Grande se reunia em *clubs*, e praticava diversos esportes, dentre eles o futebol.

Mais eficazes que os ingleses, no tocante à difusão da novidade esportiva européia, foram os alemães, pois os primeiros permaneciam, como de hábito, pouco afeitos às interações sociais com os “nativos”. Se a cidade de Rio Grande se orgulha nos dias presentes de possuir um dos mais longevos clubes do futebol brasileiro (o Sport Club Rio Grande, fundado a 19 de julho de 1900), deve o feito aos alemães, pois foram eles que se empenharam na fundação do referido clube. Johannes Christian Moritz Minnemann e Richard Völkers (que trabalhavam na empresa de importação Thomsen & Cia.) convenceram os ingleses, proprietários das bolas e chuteiras importadas, e conhecedores das regras, a compartilhar a prática futebolística para além da fechada colônia

one of the best examples in terms of sports geography and eventual sports cluster. Although half of RS economy had come to a standstill in 1939 due to the end of the jerked beef cycle, it still had 38% of the state GDP (gross domestic product). However, at the end of the 20th century it would be only 15%. The participation of the industrial production in the economy of RS had gone down in the same period

britânica. Em todo o RS, unidade da federação que acolheu o maior contingente de imigrantes germânicos, foi decisivo o papel dos alemães na adoção do futebol.

De grande importância foi a contribuição dos vizinhos do Prata, um dos berços do futebol sul-americano. Neste intercâmbio, o RS conta com uma característica singular no contexto brasileiro: a existência de fronteiras “vivas”, isto é, dotadas de grande intercâmbio econômico e sócio-cultural. A região da Campanha Gaúcha apresenta forte influência platina, e neste contexto pode-se interpretar a fundação de um clube (denominado “14 de Julho”) na pequena cidade de Santana do Livramento em 1902, quando menos de dez cidades no Brasil já apresentavam agremiações futebolísticas.

Em síntese, foi a zona sul do RS a primeira a adotar o futebol, devido à presença do mais ativo porto, à pujança das charqueadas e à forte influência platina. Uma zona de estrutura econômica consolidada, enquanto a maior parte da zona norte do RS encontrava-se ainda em fase de desbravamento: a força de trabalho imigrante substituindo as matas pela produção agrícola em minifúndios.

1909 Em 23 de maio realiza-se a primeira competição futebolística entre duas cidades no RS: a Taça Prefeitura de Porto Alegre, disputada entre o Grêmio de Foot Ball Portoalegrense e o Sport Club Rio Grande. Trata-se de um confronto entre as duas metades do RS, a tradicional Campanha latifundiária e pecuarista contra o norte que, inicialmente baseado no policultivo, se industrializava rapidamente à época.

1919 A Federação Rio Grandense de Desportos, fundada em 18 de maio de 1918, organiza o primeiro campeonato gaúcho de futebol. Neste certame, participam apenas três clubes: o Grêmio de Foot Ball Portoalegrense, representando a capital; o 14 de Julho de Livramento, representando a Fronteira; e o Sport Club Brasil, de Pelotas, que se sagrou campeão. A contundente vitória dos pelotenses (5 a 1) refletia o poderio econômico de um vigoroso centro moderno e cosmopolita. Na outrora cidade da aristocracia do charque, um clube de futebol era financiado por um de seus ricos industriais, o Sr. Simões Lopes.

1919-1939 A metade sul do RS detém 10 títulos dos 19 disputados (o campeonato foi interrompido em 1923 e 1924, em razão de conflito militar no RS), conservando um equilíbrio de forças que, doravante, seria inviável, com a metropolização de Porto Alegre e a irreversível decadência econômica da Campanha. As cidades que sediam os clubes campeões são Pelotas (3), Rio Grande (3), Bagé (3) e Santana do Livramento (1). A razão principal para a ligeira superioridade “latifundiário-pastoril” sobre o futebol da capital se ampara, mais uma vez, na forte influência platina na região, além do pressuposto poder econômico dos latifundiários pecuaristas. Aderindo ao modelo “profissionalista” já consolidado no Prata desde o final da década anterior, tais clubes investiam abertamente na contratação de jogadores talentosos, sem qualquer restrição relacionada a raça ou origem social do atleta. Na capital, onde jogadores negros e pobres eram ainda aliados da divisão principal, uma associação de pequenos clubes varzeanos denominada Liga Nacional de Football Porto-alegrense, era pejorativamente chamada pela imprensa burguesa de liga da “canelas pretas”.

1940-2003 Os clubes da capital vencem 62 dos 64 campeonatos disputados, afirmando absoluta hegemonia no cenário estadual. Já na década de 1940, a dupla Gre-Nal (Grêmio de Foot Ball Portoalegrense e Sport Club Internacional) conquistou todos os títulos, cabendo ao Internacional oito deles. Tal primazia deve-se

from 35% to 10%. Meanwhile, the northern half of the state became industrialized in the last decades and coincidentally started to dominate the first division of RS soccer. As a result, the northern industrial city of Caxias do Sul became then the main urban center of the interior instead of the southern Pelotas and its clubs won the 1998 and 2000 state soccer championships.

ao fato desta agremiação ter decidido recrutar maciçamente jogadores negros e pobres para reforçar sua equipe, a exemplo dos clubes da Campanha. Somente na década seguinte, o Grêmio adotaria paulatinamente a mesma estratégia, superando os tradicionais princípios elitistas (Tesourinha, em 1952, torna-se o primeiro atleta negro na história do clube).

Interpretação do desenvolvimento 1900-2000 No ano de 1939, a metade sul, embora economicamente estagnada após o fim do ciclo do charque, detinha ainda 38% do PIB estadual. Ao findar o século XX, seria apenas 15%. No tocante à produção industrial, cai no mesmo período de 35% para 10% sua participação na economia gaúcha. O IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) da metade sul se nivela atualmente com o da região Nordeste do país, caracteristicamente pobre. Paralelamente, a metade norte se industrializou nas últimas décadas, e coincidentemente passou a dominar a primeira divisão do futebol gaúcho. Caxias do Sul destronou Pelotas como principal centro urbano do interior, e seus clubes também conquistaram os títulos estaduais de 1998 e 2000.

Outra constatação no âmbito do futebol gaúcho é o poderio da metrópole Porto Alegre, que se impôs progressivamente no último século. Assumindo-se a metropolização como o processo de (re)organização territorial que conduz à crescente submissão de vasta área ao comando de uma única cidade, constata-se freqüentemente que o centro urbano consolidado como polo dominante, converge para si as vias de circulação resultando em evidente concentração espacial de informações, capitais e força de trabalho. No futebol gaúcho, tal processo se cristalizou partindo do interior do estado para a capital, redundando na primazia absoluta da dupla rival de clubes da capital, convertendo o interior em bacia coletora de eventuais talentos.

Situação atual O mapa da primeira divisão do campeonato gaúcho dos últimos anos revela claramente a ascensão econômica da metade norte, e a lenta decadência da Campanha. Desde 1940, a supremacia da capital também se apresenta absoluta. Além de dominar as competições estaduais de forma rotineira, Grêmio e Internacional progressivamente conquistaram torcedores em todos os rincões do RS, enfraquecendo ainda mais os pequenos clubes interioranos (sobretudo os da Campanha), em profunda crise econômica desde pelo menos a década de 1970. Diversos clubes encerraram atividades, outros se fundiram; estádios foram vendidos e demolidos (os do Ferro Carril e do Sá Viana, em Uruguaiana, o do Fluminense de Caxias do Sul etc.) e outros permanecem condenados ao abandono (o do Gremio Santanense em Livramento, entre tantos outros). Na Campanha, outrora gloriosa, hoje predomina um cenário de decadência econômica e, por conseqüência, esportiva.

Fontes Bale, J. *Sports Geography*. London: E. & F.N. Spon, 1989; Dienstmann C. *Campeonato Gaúcho: 68 anos de Glória*. Porto Alegre: Sulina, 1987; Mascarenhas, G. *A bola nas redes e o enredo do lugar*: uma geografia do futebol e de seu vento no Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Geografia) Programa de pós-graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, 2001; Mascarenhas, G. *O futebol da Canela Preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre (RS)*, Anos 90, Revista de Pós-graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), n.11, julho de 1999, pp.144-161; Pesavento, Sandra J. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980; Ravenel, Loïc. Hiérarchies urbaines, hiérarchies sportives: quand le football français s'écarte de la norme européenne. *L'Espace géographique*, 4, p.339-348, 1998.

Campeonato de Futebol do Estado do Rio Grande do Sul – Divisão Principal, 1919 / 1939

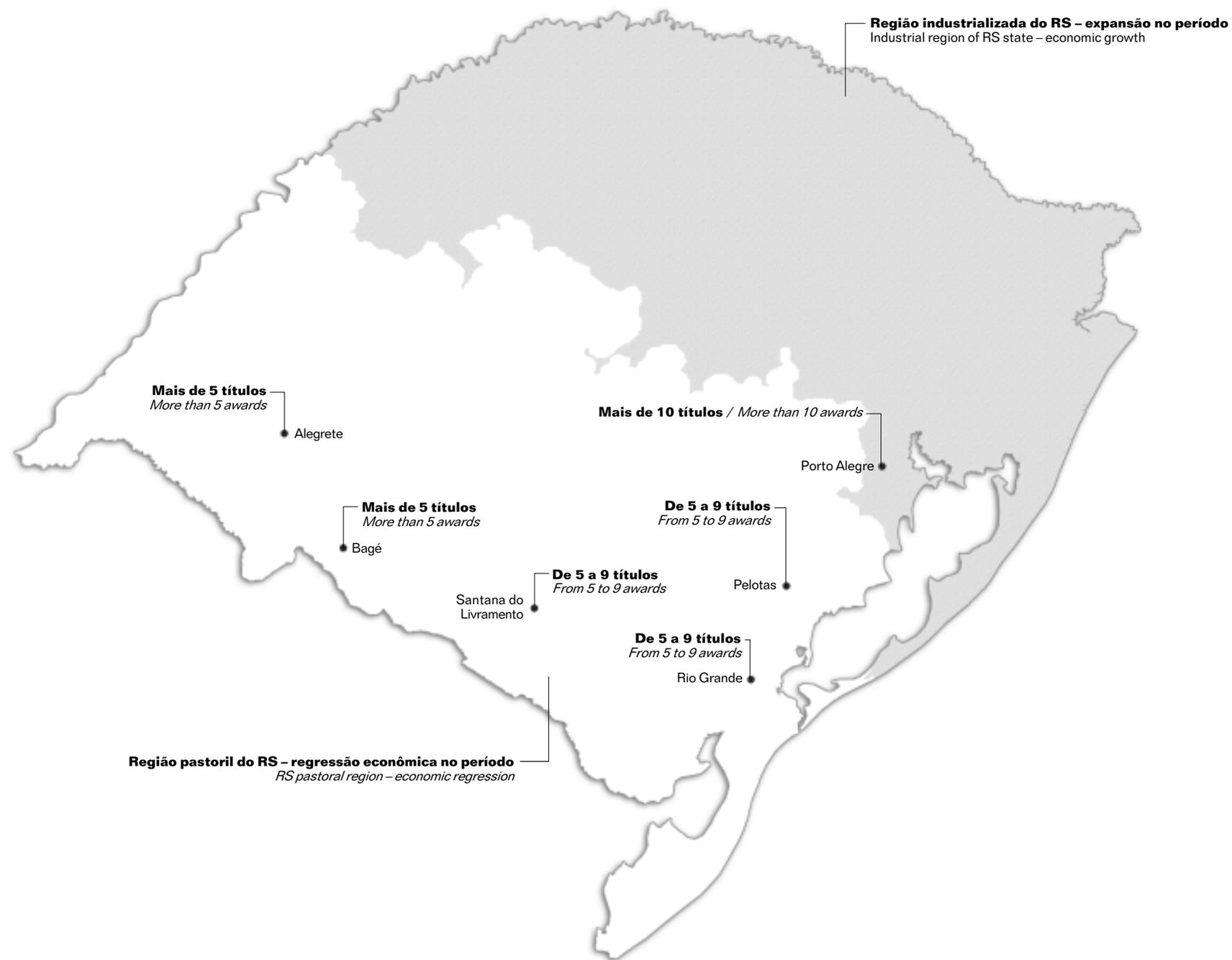
Soccer Championship of Rio Grande do Sul State – First division, 1919 / 1939

Performance das cidades participantes por clube e por ano

Performance of Cities: participation per club and per year

Clubes com títulos de campeão e vice-campeão

Clubs with medal winners – First and second places



Futebol feminino

MARCIA MOREL E JOSÉ GERALDO DO C. SALLES

Women's football – soccer

The recent history of women's soccer in Brazil cannot be seen only as part of one soccer event such as field soccer. The women of the 1980s who played in the fields (field soccer and society soccer) also played at the beaches (beach soccer), and in the indoor courts (futsal). Women's soccer did not develop appropriately in Brazil, the so-called 'country of soccer', primarily due to law nº 3.199 of 1941 that forbade women to play any sport that was not compatible with 'women's nature'. Although this law was quashed in 1979, it had long-lasting effects that are currently related to historical-social perspectives such as (i) since soccer practice was considered harmful to women's health, prohibited by law, and the first players were outcasts in society, many women still hesitate today whether they should play soccer; (ii) the lack of research related to women's physiology generated prejudice and barriers that inhibited women's practice; (iii) sexist values of the Brazilian social context still develop

Origem A história do futebol feminino (FF) no Brasil não pode ser retratada apenas em uma das manifestações que o futebol oferece, como o futebol de campo, por exemplo. Desde o primeiro momento, a prática do futebol por mulheres ocorria na praia (FP) e no campo (FC), quando rapidamente passou também ao futebol society e ao futebol de salão. Portanto, a história da mulher no futebol brasileiro é um reflexo destas quatro possibilidades, pois devido à falta de equipes exclusivas em cada uma destas manifestações, as mulheres praticantes circulavam entre as tais modalidades aparentadas entre si. Nesta perspectiva, a mesma mulher que jogava nos campos, também estava nas areias e nas quadras. Além desta peculiaridade e apesar de se ter notícias da prática do futebol por mulheres desde os anos de 1970, o futebol feminino não se desenvolveu adequadamente no Brasil, o chamado “país do futebol”. Este retardo e/ou impedimento não admite uma análise linear, pois depende, em princípio, do cruzamento das quatro modalidades acima relacionadas. Todavia, muitos fatores são comuns aos entraves do desenvolvimento do futebol feminino no Brasil em perspectivas histórico-sociais, circulando correntemente tais como: 1) a prática do futebol por mulheres era sugerida como nociva à saúde como também as primeiras praticantes eram marginalizadas aos olhos sociais, como analisava Witter (1990): “Filhas de boa família não deveriam se misturar com jogadores de futebol” (p.58). Neste contexto de reclusão social destacavam-se as recomendações de ordem médica - chanceladas por resoluções do Conselho Nacional de Desportos-CND desde a década de 1940 – que desaconselhavam à mulher a prática de esportes de esforços intensos e de contatos violentos. Estes dispositivos proibitivos apoiavam-se no Decreto Lei 3.199/1941 e só foram revogados no ano de 1979 com a deliberação nº 10 do CND; 2) a falta de estudos relacionados ao conhecimento fisiológico da mulher no esporte possibilitou diversas especulações que deram origem aos preconceitos e barreiras que inibiam a prática feminina; 3) os valores sexistas, já embutidos no contexto social brasileiro, criam e perpetuam as desigualdades do gênero, e apesar de estar sendo flexibilizadas, ainda mantém atualmente códigos de condutas específicos para o comportamento feminino, refletindo diretamente na prática esportiva (Salles, Silva e Moura, 1996); 4) a comparação de rendimento esportivo entre homens e mulheres torna-se injusta, pelo grau de envolvimento e tabus que as mulheres tiveram que romper pois, afinal, são quase 100 anos de lacuna; 5) a mídia, ao tentar aproximar do FF, apostando no espaço de publicidade, não obteve êxito pois a qualidade de *performance* era (como ainda é) geralmente comparada com a do homem o que torna o jogo feminino pouco atrativo; 6) as principais atletas da geração 1980/1990 apresentavam perfis masculinizados conflitantes aos interesses das empresas patrocinadoras, que cada vez mais buscavam realçar o estilo delicado da mulher; 7) o tamanho do campo, a dimensão da trave, o tempo de jogo são outros fatores intervenientes na performance (Silva, Moura & Salles, 1998). Estas sínteses analíticas podem ser mais bem elaboradas ao se levantar a memória do futebol feminino no Brasil, como se segue, e partindo do exterior ao país.

1895 Primeira partida de FF entre as seleções da Escócia e da Inglaterra.

gender inequalities and discourage many women from the practice; (iv) the unfair comparison of performance between men and women due to the 100 years that separate the coexistence of both divisions puts the image of women down; (v) the media was not successful because of comparisons done with the male team instead of just showing the game the way it really is; (vi) the main female athletes of the 1980/90 generation did not exhibit the feminine profile the sponsoring companies were looking for; and (vii) the size of the field, the dimension of the goalposts and the duration of the game are other intervenient factors in the performance of female athletes. In addition, the growth of women's soccer in Brazil has also depended on the same factors that led men's soccer to success such as (i) financial investments, (ii) interest of the media and of the clubs that encourage the practice, (iii) adoption of a mechanism of incentive by the directing organs

1920 Primeiro jogo internacional entre as seleções da Inglaterra e a França.

1921 Jogo realizado em São Paulo-SP, no Tremembé F. C. entre senhoritas Tremembenses contra senhoritas Cantareirenses.

1941 Neste ano, o Estado Novo (denominação do Governo de Getúlio Vargas assumida na década de 1930) criou o Decreto Lei 3199 que criou o Conselho Nacional dos Desportos – vigorando até 1975 –, e que trazia, no seu artigo 54, a seguinte orientação, inspirada por recomendações médicas higienistas, à época: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”. O Decreto só foi regulamentado em 1965 pelo Conselho Nacional de Desportos, que através da Deliberação 7, estipula: “Não é permitida a prática feminina de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo, halterofilismo e baseball”.

1959 Jogo beneficente entre “vedetes” (artistas do teatro de revista) cariocas e paulistas.

1965 Instruções para entidades que promoviam práticas desportivas através da deliberação do CND nº. 07/65, vedando a prática de futebol, futebol de salão, futebol de praia (...) para as mulheres brasileiras.

1976 Uma reportagem do jornal O Globo (11/04/76) do RJ, noticiou a prática do FP na praia do Leblon-RJ, que ocorria sempre tarde da noite em função das jogadoras serem empregadas domésticas. As praticantes, por simpatia, denominaram os clubes com os nomes Clube de Regatas do Flamengo e Botafogo Esporte Clube, mas sem vínculos com os tradicionais clubes cariocas.

1977 O Clube Federal localizado no bairro do Leblon-RJ foi o primeiro clube a implantar a prática do FF.

1979 Foi revogada a deliberação do CND nº. 07/65 com a deliberação nº. 10/79.

1981 Fundação da Liga de Futebol de Praia Feminino do RJ e a realização do primeiro evento de FP, na época noticiado com diferentes denominações nos jornais: 1º Campeonato de Futebol de Praia Feminino do RJ, 1º Campeonato Feminino de Praia, 1º Torneio de Futebol de Praia do RJ, Campeonato Estadual Feminino de Futebol de Praia. A denominação da Liga também apresenta desencontros. Por exemplo, alguns documentos afirmam que neste ano foi fundada a Liga de Futebol de Salão Feminino do RJ. Todavia, neste ano, o Esporte Clube Radar do RJ implantou o FF, fato que deu repercussão à modalidade.

1982 O E.C. Radar foi o primeiro clube a excursionar pelos EUA e América do Sul, e para reforçar a equipe nos amistosos, contou com a fusão de jogadoras dos clubes Federal e Pump Iron, ambas do RJ.

1983 Realização do 1º Campeonato Carioca de Futebol de Campo Feminino (FC). A partida final foi entre as equipes do Bangu e do E.C. Radar, ocorrendo durante o jogo um desentendimento que teve forte repercussão na mídia, devido à violência do conflito. Também neste ano, com a presença de aproximadamente 5.000

and institutions (federations and confederations), and (iv) adjustment of the competitive system to women and professional appreciation of the players. In spite of so many obstacles, there are approximately 400,000 women playing soccer in Brazil today (FIFA counts 7 million, number not confirmed by the authors). São Paulo, the state with the most players, has 206 registered athletes, but only 10% of them are professional. The Brazilian numbers contrast against the 12 million women that play soccer in the USA (60% of the world total), country in which soccer is more popular among women. The most optimistic fact lies in Futsal, which tends to be more regular and organized in terms of competitions with clubs and teams exclusively made up of women (see Table 1). Soccer international results have been favorable to Brazil once the Brazilian team has been included among the first ones of the world since the Olympic Games in Atlanta, in 1996.

expectadores por partida, foi realizado, no RJ, o Copertone Copacabana Beach, que contou com a participação de quatorze clubes, inclusive com equipes internacionais da França, Portugal e Espanha. Este evento teve ampla cobertura da imprensa. Realizou-se, outrossim, a 1ª Taça Brasil de FC, sendo o E. C. Radar campeão. Em abril o FF é reconhecido no Diário Oficial como esporte, ao se publicar uma resolução do CND.

1986 O E.C. Radar excursiona pelo México e pela Itália. Pela primeira vez na história do Estádio do Maracanã, mulheres fizeram a preliminar do clássico Fla x Flu, disputando a final do campeonato carioca de FC, quando o E. C. Radar sagrou-se tetra campeão contra a Portuguesa.

1987 Neste período, a CBF estimava a existência de mais de duzentos clubes, com cerca de 40 mil jogadoras. Helena Pacheco é a primeira mulher a trabalhar como técnica no futebol feminino e a ingressar na Associação Brasileira de Técnicos Profissionais, conquistando no FC cinco títulos estaduais e quatro nacionais, e no futsal, um título nacional e cinco títulos estaduais.

1988 Por não haver uma seleção brasileira oficial, o E.C. Radar representou o Brasil jogando nos quatro continentes, inclusive representou o Brasil no 1º Torneio de FCF realizado na China. A então existente Liga de Futebol de Salão se dissolve passando as suas funções para a Federação de Futebol de Salão do Estado do RJ-FFSERJ.

Interpretação da década de 1980 Possivelmente os percussores do futebol no Brasil, que estavam acostumados a ver as mulheres apenas nas arquibancadas, enfeitando seus eventos, não poderiam imaginar que o espaço dentro do campo, estritamente masculino, seria conquistado por elas. Apesar de já estar sendo praticado nas décadas anteriores de forma esporádica e isolado, foi nos anos de 1980 que o FF ganhou notoriedade da imprensa e no Brasil (principalmente com o E. C. Radar-RJ) e em excursões pelo exterior. No começo, era visto somente como espetáculo (os jogos eram antes das partidas masculinas nos estádios). Porém, até o final da década de 1980 foi apresentando evolução técnica, aumento do número de praticantes, melhoria na organização e estrutura das competições, e o surgimento de novas equipes, demandando a realização de inúmeros campeonatos no futebol de campo, futsal, futebol society e futebol de areia; inclusive alguns eventos eram destinados a equipes juvenis. O FF sinalizava que o ritmo de desenvolvimento seria crescente. Nota-se, no entanto, como tendência de toda esta década, a migração que acontecia das jogadoras que atuavam no futebol de praia, para o futebol society, e depois para o futebol de campo e, por fim, para o futsal. Esta alternância variava devido à forma como eram organizados os eventos. Ainda não existia um calendário oficial, apesar da demanda de interesses. Poucas equipes poderiam bancar a participação nos principais eventos. Várias competições regionais foram organizadas nos estados de RJ, SP, MG, DF, RS, entre outros.

1991 Realização do 1º Campeonato Sul Americano de FC em Maringá-PR, onde o Brasil foi campeão invicto, e do 1º Mundial de FC na China, quando o Brasil ficou em 9º lugar.

1992 Primeira Taça Brasil de Futebol de Salão Feminino em Mairinque-SP. Essa competição mantém regularidade até os dias atuais.

1995 2º Campeonato Sul Americano de FC em Uberlândia-MG: o Brasil foi bi-campeão invicto. Realização do 2º Mundial de FC na Suécia, onde o Brasil ficou em 9º lugar. Neste ano, os Jogos do Interior de Minas-JIMI incluem o FF. Na edição dos JIMI de 2003, 154 equipes femininas de futsal participaram divididas em 12 micro-regiões de representação. Cada equipe pode inscrever até 20 atletas.

1996 1ª edição do FC em Jogos Olímpicos – Atlanta-EUA: o Brasil ficou em 4º lugar.

1998 3º Campeonato Sul Americano de FC em Mar Del Plata (ARG): o Brasil sagrou-se tri-campeão invicto.

1999 3º Mundial de FC nos EUA, onde o Brasil conquistou o 3º lugar, participando também da *Women Gold Cup* – CONCACAF e foi vice-campeão.

Interpretação da década de 1990 A expectativa deste período era de que se consolidaria a presença da mulher no futebol devido aos bons resultados nos campeonatos sul-americanos, nos Jogos Olímpicos, e também a implantação dos campeonatos mundiais pela FIFA. Estes eventos indicavam que haveria um maior interesse do público, da mídia, bem como de empresas patrocinadoras. Todavia, este crescimento não se confirmou, pois o aumento no número de praticantes não provocou o interesse da mídia, indispensável para o crescimento e expansão do FF. Entretanto, a tendência internacional, no final da década é inversa ao que ocorre no Brasil: segundo a FIFA, o universo do futebol incluía à época 250 milhões de pessoas, ou 4,1 % da população mundial, como “participantes do jogo”. Assim sendo, 220 milhões de homens e 20 milhões de mulheres jogavam futebol regularmente.

2000 Jogos Olímpicos de Sydney, Austrália: o Brasil colocou-se em 4º lugar.

2002 Primeiro Mundial de FC na categoria SUB-19 no Canadá, onde o Brasil ficou em 4º lugar. Já no Sul Americano SUB-19, o

país sagrou-se campeão. Quatro jogadoras brasileiras participaram da WUSA (primeira Liga Norte-Americana de Futebol Feminino): Delma Gonçalves – Pretinha, Roseli de Belo, Kátia Cilene Teixeira da Silva e Sisleide Lima do Amor – Sissi. Em São Paulo, realiza-se o Campeonato Brasileiro de Seleções/2002 Adulto Feminino, com SP sagrando-se o estado campeão; PR em segundo; MG em terceiro e SC em quarto lugar.

2003 O Brasil sagrou-se tetra campeão sul americano invicto na categoria adulto, na quarta edição do campeonato; o Brasil tornou-se campeão de FC nos Jogos Pan Americanos, na República Dominicana. Realização da Taça Brasil de clubes – feminino, 2003; estados que tiveram representantes: RS, SP, SC, CE, PA, GO, AM, PR, BA e MT.

Situação Atual Atualmente, segundo a Confederação Brasileira de Futebol-CBF, existem no Brasil cerca de 400 mil mulheres jogando futebol, embora a FIFA estime esta participação em sete milhões. Em São Paulo, o estado com maior número de praticantes, há apenas 206 atletas federadas. E somente 10% delas são profissionais. Uma comparação significativa pode ser feita com os EUA, país onde o futebol é mais difundido entre as mulheres, onde há cerca de 12 milhões de praticantes (60% do total mundial). Na Enciclopédia do Futebol Brasileiro (2001) elaborada pelo jornal diário de esportes LANCE, do RJ, em que se inclui um universo de 924 biografias completas dos jogadores mais importantes de todos os tempos que figuraram no futebol brasileiro, há apenas seis biografias de jogadoras (0,6%). Neste contexto de nítida deficiência, o trajeto histórico sugere que o crescimento do FF no Brasil depende dos mesmos fatores que intermediaram e levaram ao destaque o futebol masculino: investimentos financeiros, interesse dos meios de comunicação e de clubes que incentivem a prática, adoção de um mecanismo de incentivo pelos órgãos dirigentes (Federações e Confederações), adequação do sistema competitivo à mulher, valorização profissional das praticantes, entre outros. Atualmente o FC está desprestigiado, o calendário dos eventos interno não é regular, gerando um desinteresse das atletas iniciantes e dos clubes. As jogadoras que insistem em jogar, migram de um estado para outro onde acontecem torneios eventuais sujeitas a capacidade financeira dos clubes.

Ausente deste quadro, pelo menos por enquanto, encontra-se o Futsal, que é praticado em todos os estados, entre federadas, não-federadas e estudantes. Por sua vez, o perfil de clubes dedicados ao Futsal feminino é distinto da tradição localista e comunitária do esporte brasileiro desde que está mais vinculado a empresas e a serviços públicos, e menos às grandes cidades do país (Tabela 1). Apesar do preconceito estar mais suavizado, a representação da mulher praticante ainda continua reproduzindo rótulos historicamente construídos. Por isso, não basta que sejam boas jogadoras. Exige-se ainda hoje, que sejam belas e extremamente femininas, como afirmou Cardoso (Veja, 30/10/96): “beleza é fundamental para viabilizar o empreendimento”. Em meio a estes empecilhos e diante do resultado dos Jogos Pan Americanos de 2003, evento no qual a seleção brasileira conquistou a medalha de ouro, a CBF divulgou que pretende criar um torneio nacional da categoria (Lance, 20 de agosto, 2003 p.17). Esta mesma proposta fora feita quando o Brasil retornou dos Jogos Olímpicos de Sydney.

Fontes Enciclopédia do Futebol Brasileiro. Rio de Janeiro: Ariete Editorial, 2001. 2v.; O que é futebol. São Paulo. Brasiliense; Salles, J. G do C.; Silva, M. C de P. & Costa, M. M. (1996) A mulher e o futebol – significados históricos. *In*: Votre, S. A representação social da mulher na educação Física e no esporte. Rio de Janeiro. UGF; Silva, M. C de P., Costa, M. M & Salles, J. G do C., (1998) Representação social do futebol feminino na imprensa brasileira. *In*: Representação Social do Esporte e da Atividade Física. Ensaio Etnográfico. Brasília: Indesp; BRASIL, Lei 3.199/1941; BRASIL, deliberação nº 10/1979 do CND. Jornal da Unicamp, ano XVII, nº 211. Campinas, 5 a 11 de maio de 2003, p.12; Site da Duda. Disponível em www.duda.com.br/fut_fem/index.htm. Acesso: 03 abril/2003; Women's Soccer World. Disponível: www.womensoccer.com/refs/features/features.htm. Acesso em 01 maio/2003. Witter, J. (1990); Arquivos pessoais e entrevistas: Sidnéia O. Pereira, Rosa M. Gomes de Lima (atletas); Carmen Iglesias (Dirigente do Vasco da Gama); Paulo Dutra (Supervisor da CBF).

Tabela 1– Resultados Taça Brasil de Clubes – FUTSAL – Adulto Feminino, 1992-2003

Table 1 – Brazil Cup of Futsal Clubs – Adult Women, 1992 – 2003

Ano Year	Local Location	Campeão Winner	Vice-Campeão Second	3º Lugar Third	4º Lugar Fourth
1992	Mairinque (SP)	Bordon (SP)	Vasco (RJ)	São Paulo Sevice (SP)	ARAUC (DF)
1993	Goiânia (GO)	Vasco (RJ)	Euroexport (SP)	Bordon (SP)	Friçoarnaldo (SP)
1994	Salvador (BA)	Euroexport (SP)	Euroexport (SP)	Espada (PA)	Friçoarnaldo (SP)
1995	Londrina (PR)	Marvel (SP)	Vasco (RJ)	G. Londrinense (PR)	FGT/Transporte (SP)
1996	Porto Alegre (RS)	Marvel (SP)	Vasco (RJ)	Espada (PA)	Unasa (MA)
1997	Guarujá (SP)	Sabesp (SP)	Nordeste (RN)	Chimarrão (RS)	G. Londrinense (PR)
1998	São Gonçalo (MG)	Sabesp (SP)	Sabesp (SP)	Chimarrão (RS)	Espada (PA)
1999	Campos do Jordão (SP)	Sabesp (SP)	Sabesp (SP)	Espada (PA)	Sabesp (SP)
2000	Fortaleza (CE)	Unisantana (SP)	Flávio Automóveis (CE)	Valinhos (SP)	SERC Chimarrão (RS)
2001	Brasília (DF)	Sabesp (SP)	Chimarrão (RS)	Unisanta (SP)	AJJR (DF)
2002	Goiânia (GO)	Sabesp (SP)	Chimarrão (RS)	Valinhos (SP)	Clube Oásis (GO)
2003	Belém (PA)	Chimarrão (RS)	Sabesp (SP)	Popiolski (SC)	Nacional Gáz (CE)

Fonte / source: CBFS; alguns clubes estiveram representados por mais de uma equipe em alguns anos.

DECRETO-LEI nº 3.199, de 14/04/1941 (Governo Federal do Estado Novo) – Getúlio Vargas.

Capítulo IX

“Art.54 – Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”.

Fonte Tubino, Manoel José Gomes (2002). 500 anos de Legislação Esportiva Brasileira: do Brasil Colônia ao início do Século XXI. Rio de Janeiro, Shape.

Basquetebol masculino

ROBERTO MALUF DE MESQUITA, LUCIANA MARINS NOGUEIRA PEIL E NELSON SCHNEIDER TODT

Men's basketball

Brazil was the first South American country and the 5th in the world to play basketball when, in 1896, the American professor Auguste Farnham Shaw (1865-1939) brought basketball to the Mackenzie College, in the city of São Paulo. Along the years basketball has become one of the disciplines to get prominence among Brazilian sports. The Brazilian team participated in the

Origem e Definições O Brasil foi o primeiro país da América do Sul e o quinto do mundo a conhecer o Basquetebol. Em 1896, o Professor americano Auguste Farnham Shaw (1865-1939) introduziu este esporte no Mackenzie College, na cidade de São Paulo. Posteriormente o basquetebol passou a integrar os programas de atividades físicas da Associação Cristã de Moços-ACM de São Paulo, sendo praticado pelos sócios após as aulas de ginástica (Daiuto, 1991). Nos anos seguintes, e já passado um século de vivências com o basquetebol, a cultura esportiva brasileira inclui esta modalidade entre seus melhores esteios de tradição e exemplo de criatividade e rigor técnico na busca de vitórias. A trajetória de memória do basquetebol brasileiro, por sua vez, indica que este esporte, em sua versão de alto nível de competição, pode ser identificado no país por se apoiar em três elementos de sustentação: liderança carismática do Técnico da Seleção Nacional, atletas de qualidade excepcional que definem o empenho da representação brasileira, e a formação de base de jogadores para a renovação da Seleção. A falta ou deficiência de qualquer destes elementos tem gerado retrocessos na prática em geral e nos resultados internacionais, como se verifica a seguir.

1912 Por intermédio da ACM de São Paulo, o basquetebol foi introduzido na ACM do Rio de Janeiro, cidade onde ocorreu o primeiro jogo oficial da modalidade.

1915 As primeiras regras oficiais foram traduzidas para o português, sendo publicadas no ano seguinte. Neste ano foi disputado o primeiro torneio de Basquetebol no Brasil, também o primeiro da América do Sul, evento organizado pela ACM do Rio de Janeiro.

1920 Constituiu-se a Comissão de Basketball da Associação Paulista de Esportes Amadores-APEA (a expressão “basketball” era preferida à época).

1922 Convocação pela primeira vez de uma Seleção Nacional de Basquetebol para competir nos Jogos Olímpicos Latino-Americanos, realizados no Rio de Janeiro-RJ, em comemoração ao primeiro centenário da Independência. A representação brasileira foi a vencedora. A Confederação Brasileira de Desportos-CBD, promoveu o evento que constituía a entidade maior e eclética dos esportes do país neste período.

1924 Fundação da Federação Paulista de Bola ao Cesto.

1925 O primeiro Campeonato Brasileiro foi realizado no Rio de Janeiro. Participaram apenas as seleções de São Paulo e do Rio de Janeiro, esta última sagrando-se campeã.

Décadas de 1910 e 1920 As ACMs do Rio de Janeiro e São Paulo patrocinaram o primeiro Campeonato interno de Basquetebol (1917) e seguiram apoiando estes eventos nos anos subseqüentes, o que contribuiu decisivamente para a difusão do Basquetebol no Brasil. Em 1922, a Seleção Brasileira foi dirigida pelo norte-americano Fred Charles Brown (fato que se repetiu em 1930, quando o Brasil conquistou a medalha de bronze no 1º Campeonato Sul-Americano, realizado no Uruguai). Em 1929, destacou-se o início de uma das mais brilhantes carreiras de um técnico brasileiro: Togo Soares (Kanela), que conquistou dez títulos cariocas pelo clube Flamengo, do RJ. Ele foi campeão Sul-Americano de Seleções cinco vezes, conquistou duas medalhas de bronze e uma de prata nos Jogos Pan-Americanos, Vice-Campeão Mundial em 1954 e 1970, Bi-Campeão Mundial de Seleções em 1959 e 1963, medalha de bronze no Campeonato Mundial de 1967 e nos Jogos Olímpicos de 1960, e 7º lugar em 1972. Segundo relato do Técnico Hélio Rubens Garcia (ex-seleção brasileira na condição de jogador e técnico), Kanela foi o maior técnico brasileiro de todos os tempos

14 editions of the basketball world cup becoming champion twice (1959 and 1963), vice-champion twice (1954 and 1970) and third place also twice (1967 and 1978). Today there are Brazilian players in the main teams around the world. The national team has earned different positions among the twelve best world teams. Brazilian basketball history has pointed out

e também responsável pela implantação do contra-ataque no basquetebol brasileiro (década de 1950). Em resumo, os feitos de Kanela retratam a própria trajetória ascendente do Basquetebol no Brasil até a década de 1970.

1933 A Confederação Brasileira de Basketball foi fundada no Rio de Janeiro, sob a denominação de Federação Brasileira de Basketball-FBB. Até esta data e desde 1925, o Campeonato Brasileiro foi organizado pela CBD, entidade que geria todos os assuntos de vínculo com a modalidade. No ano seguinte a FBB passou a organizar os campeonatos masculinos de basquetebol.

1935 Elege-se a primeira diretoria da FBB. Neste mesmo ano esta entidade filiou-se à Federação Internacional de Basquetebol-FIBA.

1936 A Seleção Nacional participou dos Jogos Olímpicos de Berlim (o basquetebol passou a ser modalidade olímpica a partir dessa edição dos Jogos).

1939 A Confederação Brasileira do Desporto Universitário-CBDU é criada neste ano, reforçando o desenvolvimento do basquetebol nos anos seguintes.

1941 Em Assembléia Geral Extraordinária, a FBB mudou seus estatutos e adotou a atual denominação de Confederação Brasileira de Basketball-CBB. Neste mesmo ano a CBDU foi oficializada pelo Decreto nº 3.617, assinado pelo Presidente da República Getúlio Vargas.

Décadas de 1930 e 1940 Em 1934, o Professor Moacyr Daiuto iniciou sua trajetória vitoriosa na condição de técnico de Basquetebol. Além de diversos títulos regionais e nacionais, Daiuto foi campeão Sul-Americano com a Seleção (1963) e Interclubes (1963, 1965, 1966 e 1969). Conquistou a medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Londres (1948). Quarto lugar no Campeonato Mundial de 1950, Campeão Mundial (Assistente Técnico) e da Universiade (1963). Destacam-se também dois vice-campeonatos, um nos Jogos Pan-Americanos (1963) e outro no Campeonato Mundial na condição de Assistente Técnico (1970). Como aconteceu com Kanela, Daiuto marcou a expansão e a melhoria da qualidade do basquetebol no país em seu tempo. Em 1939, no Rio de Janeiro, a Seleção Nacional conquistou, de forma invicta, o título do 7º Campeonato Sul-Americano. Este foi o primeiro título da seleção em competições (oficiais) internacionais.

1960 No VI Congresso da FIBA, realizado em Roma, o brasileiro Antonio Carneiro foi eleito presidente desta entidade.

1962 A Seleção Nacional sagrou-se campeã dos Jogos Universitários Latino-Americanos.

1963 O Clube Sírio de SP sagrou-se campeão no Campeonato Sul-Americano Interclubes. Ainda neste ano a Seleção Nacional sagrou-se campeã no Campeonato Mundial Universitário.

1964 Antonio Carneiro foi reeleito Presidente da FIBA, no VII Congresso desta Federação Internacional, ocorrido em Tóquio. O mandato encerrou-se em 1968.

1965 O Clube Corinthians Paulista de SP sagrou-se campeão do Campeonato Sul-Americano Interclubes.

1966 O Corinthians Paulista conquistou o bi-campeonato do Campeonato Sul-Americano Interclubes e classificou-se em 2º lugar no Campeonato Mundial Interclubes. A ACM de São Paulo celebrou o Jubileu de Diamante (75 anos) do Basquetebol no Brasil.

that top level basketball can be identified through three components: (i) charismatic leadership of the national coach, (ii) superior quality and level of the athletes who define the commitment of the Brazilian hard work, and (iii) investment in the training of young teams for the constant renewal of the national team.

1969 O Corinthians Paulista sagrou-se campeão do Campeonato Sul-Americano Interclubes.

1976 A Associação Brasileira de Técnicos em Basquetebol - BRASTEBA foi fundada na cidade de São Paulo.

1979 A equipe do Clube Sírio sagrou-se campeã Mundial Interclubes.

Décadas de 1950 – 1970 Nos anos de 1950 surgiu outro importante personagem do basquetebol brasileiro: Pedro Fuentes (Pedroca). Hélio Rubens Garcia destaca que Pedroca foi um visionário, pois emitia conceitos que ainda hoje são atuais. Foi assistente técnico de Edson Bispo dos Santos na conquista da medalha de ouro nos Jogos Pan-americanos de 1971. Foi assistente técnico do Kanela nos Jogos Olímpicos de Munique, 1972 e do Cláudio Mortari nos Jogos de Moscou, 1980. Como técnico de Franca-SP durante 32 anos, foi inúmeras vezes campeão dos Jogos Abertos do Interior de São Paulo, campeão paulista, campeão brasileiro, campeão Sul-Americano e vice-campeão Mundial. O primeiro brasileiro a converter mais de 100 pontos em um Campeonato Sul-Americano foi Wlamir Marques em 1955 (124 pontos). O Brasil sagrou-se bicampeão mundial de seleções, feito mais relevante da história da Seleção Nacional (1959 e 1963). Oscar Schmidt ao vestir pela primeira vez a camisa da Seleção no Campeonato Sul-Americano em 1977, marcou 62 pontos e na edição seguinte, em 1979, foi o cestinha do Brasil com 123 pontos.

1981 A equipe do Sírio conquistou a medalha de prata no Campeonato Mundial Interclubes.

1985 A equipe do Monte Líbano sagrou-se campeã Sul-Americana e Vice-Campeã Mundial.

1986 A equipe do Monte Líbano sagrou-se bicampeã Sul-Americana.

1990 Hélio Rubens Garcia conquistou, na condição de técnico, o primeiro título do Campeonato Nacional, feito que se repetiu mais 7 vezes nas 13 edições realizadas até 2003.

1991 O Clube Ravelli Franca Basketball, de Franca-SP, foi o vencedor do 29º Campeonato Sul-Americano de Clubes Campeões.

1999 O Clube Vasco da Gama, do Rio de Janeiro-RJ, foi campeão da Liga Sul-Americana de Clubes e Vice-Campeão Mundial Interclubes.

Décadas de 1980 e 1990 Entre os anos de 1988 e 1997 foram suspensos os Campeonatos Brasileiros de categorias de base, este fato pode ter contribuído para a falta de renovação de jogadores da Seleção Nacional que manteve os mesmos jogadores em seu plantel por mais de uma década. A conquista mais significativa da Seleção Nacional foi a vitória sobre os Estados Unidos na final dos Jogos Pan-Americanos de 1987. Nesta ocasião a seleção foi dirigida pelo técnico Ary Vidal. Esta foi a primeira derrota da Seleção Norte-Americana em seu próprio país. Os atletas de maior destaque nesta competição, e também durante essas duas décadas, foram Oscar Schmidt e Marcel Souza.

2000 O Vasco da Gama, do RJ, conquistou o bicampeonato da Liga Sul-Americana de Clubes.

2003 A equipe COC de Ribeirão Preto-SP sagrou-se campeã do Campeonato Paulista. O clube venceu de forma invicta (39 partidas), fato inédito na história da competição. A Associação Brasileira de Profissionais do Basquete - APROBAS, foi fundada na

cidade de São Paulo-SP. O jogador Oscar Schmidt, considerado um dos 100 melhores jogadores do mundo pelo “*Hall of Fame*” e o maior cestinha da história do basquetebol brasileiro, anunciou sua aposentadoria, aos 45 anos de idade. Foram 49.737 pontos em 1.615 jogos. Entretanto, segundo o próprio jogador: “do S. E. Palmeiras, 2.033 pontos e do E. C. Sírio, 4.351 pontos, não há comprovação, porque não existem mais registros, as estimativas foram feitas através de recortes, lembranças e aproximações”. Neste ano, ganhou ímpeto o movimento para a criação de uma liga nacional de profissionais, tendo como um de seus líderes o jogador Oscar Schmidt. O argumento corrente é o que aponta a Venezuela como exemplo a ser seguido pelos bons resultados apresentados nos últimos anos.

Situação Atual O basquetebol brasileiro vive hoje sob os efeitos da globalização do esporte de alto rendimento e da abertura do mercado mundial para os jogadores de padrão internacional. Graças a esta conjugação de fatores, e aliado ao imprescindível talento do jogador brasileiro, temos hoje um número expressivo de atletas da seleção brasileira adulta masculina atuando em equipes de ponta no basquetebol europeu e norte americano. Dos doze brasileiros que representaram o país no Torneio Pré-Olímpico das Américas 2003 em Porto Rico, sete deles atuam em algumas das principais equipes do mundo: nos EUA, Maybinner Hilário – “Nenê” (Denver Nuggets), Leandro Barbosa – “Leandrinho” (Phoenix Suns) e Alex Garcia (San Antonio Spurs), na Espanha, Tiago Splitter (Tau Cerâmica) Anderson Varejão (Barcelona), Marcelo Machado – “Marcelinho” (Alerta Cantabria Lobos) e na Itália, Guilherme

Giovannoni (Benetton Treviso). Há ainda um bom número de brasileiros radicados no basquetebol universitário norte americano com especial destaque para o pivô Rafael Araújo - “Baby” (Brigham Young University). Esta saída de jogadores para o exterior cria uma situação interna que, se por um lado, tira os ídolos de perto do nosso público e de nossas principais competições, por outro lado abre um espaço para que novos talentos possam ter um espaço em equipes de ponta do basquetebol brasileiro. Este é um cenário novo e que, ao longo do tempo, ainda trará para a seleção brasileira a possibilidade de contar com atletas experientes em competições de alto nível e que tenham o respeito internacional, tão importante em tais competições.

No cenário mundial o basquetebol brasileiro ocupa uma posição de destaque graças aos vários títulos conquistados por gerações de alto significado para o nosso esporte como: Amaury Passos, Wlamir Marques, Ubiratan Maciel, Marcos Leite - “Marquinhos”, Adilson Nascimento, Milton Setrini Jr. - “Carioquinha”, Hélio Rubens Garcia, Oscar Schmidt, Marcel Souza e tantos outros. Hoje as forças mundiais são mais numerosas e as dificuldades de títulos são visíveis. Mesmo não havendo, por parte do governo brasileiro, qualquer tipo de preocupação com uma política esportiva para as escolas públicas, existe um trabalho muito bem articulado nos clubes brasileiros, e dentro das limitações financeiras de cada entidade, possibilita o aparecimento de muitas equipes e espaço para os jovens talentos. É dentro deste panorama que o basquetebol brasileiro encontra suas forças para lutar com as grandes potências mundiais do basquetebol: E. U. A., Iugoslávia (Sérvia Montenegro), Lituânia,

Croácia, Rússia, França, Grécia, Espanha, Itália, Argentina, Canadá e Porto Rico. Com certeza as categorias de base tem um peso importante na formação de novos atletas e precisam receber toda a atenção das entidades do esporte nacional (clubes, federações e confederação), além do importante acompanhamento dos técnicos especializados, em especial os de maior experiência (“Situação atual” elaborada em 2003, por Aluísio Ferreira – “Lula”, técnico da Seleção Brasileira).

Fontes Aluísio Ferreira – “Lula”; Cláudio Mortari; Confederação Brasileira de Basketball; Daniel Wattfy; Hélio Rubens Garcia; Loyde Daiuto; Oscar Schmidt; Ricardo Guimarães – “Cadum”; Sérgio Aleixo; Tácito Pinto Filho; Daiuto, M. Basquetebol origem e evolução. São Paulo: Iglu Editora Ltda., 1991; FEDERAÇÃO PAULISTA DE BASKETBALL. 76 anos de história e conquistas. São Paulo: Criação Publicidade, 2000; Ferreira, A. E. X.; De Rose Jr., D. Basquetebol: técnicas e táticas – uma abordagem didático-pedagógica. São Paulo: EPU, 2003; FIBA Media Guide 2002. Munich: FIBA, 2002; FIBA, International Basketball Results. Munich: FIBA, 1982; GOMES, F. F. Franca: a cidade que respira basquete no país do futebol. Franca: Editora Ribeirão Gráfica, 2002; Soares, T. R (org.). Kanela, um eterno campeão! Lições e recordações de um grande desportista. São Paulo: Editor Eduardo Monteiro, 1992; Ströher, M., Krebs, H., Dr. William Jones. Munich: FIBA, 1998; Ströher, M. 60 anos de Reglamentos FIBA. Munich: FIBA, 1991; APROBAS: www.aprobas.org.br

Resultados da Seleção Nacional em competições internacionais

Results of the National Team in international competitions

• Jogos Sul-Americanos / *South American Games*

Em 40 edições (1930-2003), a Seleção Masculina esteve ausente somente em 1932 e 1943. Ao todo, o Brasil foi campeão destes jogos 16 vezes (1939, 1945, 1958, 1960, 1961, 1963, 1968, 1971, 1973, 1977, 1983, 1985, 1989, 1993, 1999 e 2003), em 11 ocasiões obteve o vice-campeonato (1935, 1947, 1949, 1953, 1966, 1969, 1976, 1979, 1981, 1991 e 2001) e conquistou o 3º lugar 7 vezes (1930, 1934, 1937, 1940, 1942, 1955 e 1995)

• Jogos Pan-Americanos / *Pan American Games*

O Brasil participou das 14 edições (1951-2003). Foram 4 medalhas de ouro (1971, 1987, 1999 e 2003), 2 medalhas de prata (1963 e 1983) e 6 de bronze (1951, 1955, 1959, 1975, 1979 e 1995)

• Jogos Olímpicos / *Olympic Games*

Das 15 edições, nosso país participou em 13 oportunidades, não participou em 1976 e 2000. Conquistou 3 medalhas de bronze (1948, 1960 e 1964) / *Olympic Games*

• Campeonatos Mundiais / *World Championships*

O Brasil esteve presente nas 14 edições, sendo campeão 2 vezes (1959 e 1963), vice-campeão 2 vezes (1954 e 1970) e terceiro lugar 2 vezes (1967 e 1978)

Basquetebol feminino

LUCIANA MARINS NOGUEIRA PEIL E ROBERTO MALUF DE MESQUITA

Women's basketball

Basketball started in Brazil in 1896, at the Mackenzie College, an Anglo-American educational institution, located in the city of São Paulo – SP. In the beginning the sport was played by women, resident students of Mackenzie and, then by the students of the Instituto de Educação Caetano de Campos, also located in the city of São Paulo. The new sport was then considered more appropriate for women than for men. Then, in 1905, the first two publications about basketball in Brazil were particularly

Origem O Basquetebol teve iniciada sua prática no Brasil no ano de 1896, no Mackenzie College, instituição de ensino anglo-americana, situada na cidade de São Paulo – SP, através do professor norte-americano Auguste Farnham Shaw. Inicialmente o novo esporte foi praticado por mulheres, alunas internas do Mackenzie e, logo a seguir, pelas alunas do Instituto de Educação Caetano de Campos, também na cidade de São Paulo. Este início ajustou-se às concepções de James Naismith, criador da modalidade, que considerava o basquetebol um jogo perfeitamente adequado ao sexo feminino. Tanto é, que as duas primeiras publicações sobre o basquetebol no Brasil foram dirigidas particularmente às mulheres. O primeiro artigo sobre o tema foi editado em 1905 no Brasil, publicado na então existente “Revista do Ensino” de autoria de Carolina G. Smith. O texto apresentava as origens e as regras do jogo de basquetebol, bem como enaltecia os benefícios que a modalidade de esporte proporcionava às mulheres. Em 1911, o mesmo artigo foi impresso em folheto pela Editora Siqueira, Nagel & Cia. Em 1915, Estevan Lange Adrien e José Campos Camargo publicaram o livro “Jogos Gymnasticos”, o qual apresenta as regras e regulamentos do jogo de basquetebol, orientadas especificamente para o público feminino.

Diante destes fatos, Moacir Daiuto (1991) confirma que o basquetebol, por ser um jogo cuja natureza inibe os empurrões e o maior contato físico, realmente tenha se apresentado como ideal para o sexo feminino. A mesma fonte – hoje clássica no basquetebol brasileiro – cogita que a difusão do jogo foi ligeiramente prejudicada em algumas partes do mundo, justamente em razão de ter sido considerado um “esporte para moças”. Desde então, muitas tentativas foram feitas no Brasil, assim como em outros países, no sentido de alterar as regras que prevalecem no jogo feminino em relação ao masculino. A diminuição da altura do aro, por exemplo, teria o propósito de deixar o jogo mais atraente tanto para as praticantes quanto para os espectadores. As propostas ainda encontram resistências e, portanto, as mulheres continuam jogando em nosso país e em qualquer parte, de acordo com as regras da Federação Internacional de Basketball - FIBA, utilizando a mesma regulamentação das equipes masculinas, incluindo o tamanho e peso da bola.

1940 O primeiro campeonato brasileiro feminino foi promovido pela Confederação Brasileira de Desportos – CBD, sendo a equipe de São Paulo a campeã.

1946 O Brasil fez sua primeira participação feminina no Campeonato Sul-Americano de Seleções no Chile, onde obteve a medalha de prata. O técnico da equipe foi Felício Fernandes.

1953 A equipe feminina obteve a 4ª posição no 1º Campeonato Mundial, realizado no Chile, tendo Mário Amâncio Duarte foi o técnico.

1955 Conquista da medalha de bronze nos 2º Jogos Pan-Americanos, na Cidade do México. Esta foi a primeira participação da equipe feminina nestes Jogos. Novamente Mário Amâncio Duarte foi o técnico da equipe.

1957 A equipe feminina obteve a 4ª posição no 2º Campeonato Mundial, realizado no Brasil.

1959 A Seleção Nacional sagrou-se vice-campeã do 3º Jogos Pan-Americanos, em Chicago.

1963 Conquista da medalha de prata nos 4º Jogos Pan-Americanos, em São Paulo.

directed to women. However, the first national championship of women's basketball only took place in 1940 and the first participation in a world championship in 1953, when Brazilian women's basketball team came out in the 4th place. Since then Brazilian women's basketball has followed a pathway of great relevance for its own development not only in Brazil but also abroad. In 1971, the national team came out in the 3^d place in the world championship and the first in the Pan-American

1964 A equipe feminina classificou-se em 5º lugar no 4º Campeonato Mundial, realizado no Peru.

1967 A equipe feminina obteve a 8ª posição no 5º Campeonato Mundial, realizado na Tchecoslováquia. No mesmo ano, ocorre a conquista da medalha de ouro nos 5º Jogos Pan-Americanos, em Winnipeg. O Técnico da equipe foi Renato Brito Cunha.

1971 A equipe feminina conquistou a 3ª posição no 6º Campeonato Mundial, realizado no Brasil. Nos 6º Jogos Pan-Americanos, na Cidade de Cáli, a Seleção Nacional sagrou-se campeã. O Técnico da equipe foi Waldir Pagan.

1975 A equipe feminina obteve a 12ª posição no 7º Campeonato Mundial, realizado na Colômbia. Nos 7º Jogos Pan-Americanos, realizados na Cidade do México, a Seleção Nacional obteve a 4ª colocação.

1979 A equipe feminina obteve a 9ª posição no 8º Campeonato Mundial, realizado na Coréia do Sul enquanto a Seleção Nacional atingiu a 4ª colocação nos 8º Jogos Pan-Americanos, em San Juan – Porto Rico.

Décadas de 1950-1970 A vitória no Sul-americano de 1954 alavancou o basquetebol feminino brasileiro em direção a um momento de plenitude internacional. Primeiramente o destaque é Pan-Americano, com dois vice-campeonatos (1959 e 1963) e com duas medalhas de ouro (1967 e 1971). A medalha de bronze no Campeonato Mundial de 1971 colocou definitivamente o Brasil no cenário internacional. O desempenho em 1971 produziu repercussões tanto internas quanto externamente ao País. O basquetebol de Maria Helena, Heleninha, Laís, Norminha, Nilza e Marlene, entre outras, ultrapassou as fronteiras da América do Sul e transformou-se em fato internacional.

1983 A equipe feminina classificou-se em 5º lugar no 9º Campeonato Mundial, realizado no Brasil. Nos 9º Jogos Pan-Americanos, em Caracas, ocorreu a conquista da medalha de bronze.

1986 A equipe feminina obteve a 11ª posição no 10º Campeonato Mundial, realizado na União Soviética.

1987 A Seleção Nacional conquistou a medalha de prata nos 10º Jogos Pan-Americanos, em Indianápolis.

1989 Conquista da medalha de prata na 1ª Copa América.

Décadas de 1980-1990 Nos anos de 1980, o Brasil assistiu a uma saudável rivalidade entre duas das maiores jogadoras do basquetebol mundial, Paula e Hortência, e entre suas respectivas equipes. O fato colaborou de forma decisiva no desenvolvimento do basquetebol brasileiro propiciando a conquista de títulos significativos na década seguinte. Neste período, o basquetebol feminino brasileiro manteve-se entre as três melhores Seleções da América, mas nos Campeonatos Mundiais houve um decréscimo de resultado em relação ao Mundial de 1971. Com a Seleção Nacional totalmente renovada, vinte anos depois do Ouro no Pan-Americano de Cáli e do bronze do Mundial de 1971, o Brasil ressurgiu impulsionado pela medalha de ouro no Pan-Americano de Havana em 1991. Esta é a geração de Paula, Hortência, Marta, Alessandra e Janeth, entre outras. É nesta década de 1990 que o Brasil consegue sua primeira participação nos Jogos Olímpicos (Barcelona, 1992). O ápice deste período do Basquetebol feminino brasileiro se dá com a vitória obtida no Campeonato Mundial da Austrália, em 1994, e nos Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996, com a obtenção da medalha de prata.

Games. The most important accomplishments of Brazilian women's basketball were the victory in the World Championship in Australia in 1994, and the silver medal in the Olympic Games of Atlanta in 1996. In the Olympic Games of Sydney, in 2000, the national team got the third position. Today several Brazilian athlets play in European teams and in the Women National Basketball Association - WNBA, the female version of the male's professional league in the U.S.

1990 A equipe feminina obteve a 10ª posição no 12º Campeonato Mundial, realizado na Malásia.

1991 A Seleção Nacional sagrou-se campeã dos 11º Jogos Pan-Americanos, em Havana. A técnica da equipe foi Maria Helena Cardoso. No mesmo ano, a Associação Desportiva Classista Banco de Crédito Nacional atingiu a 2ª colocação no 1º Torneio Mundial de Clubes.

1992 A equipe feminina participou dos Jogos Olímpicos de Barcelona, terminando na competição na 7ª posição. Esta foi a primeira participação da equipe brasileira nos Jogos Olímpicos. A técnica da equipe foi Maria Helena Cardoso. Neste ano, a equipe do Leite Moça (equipe patrocinada pela Nestlé que tem denominação de produto comercial) de Sorocaba – SP atingiu a 2ª colocação no 2º Torneio Mundial de Clubes.

1993 Conquista da medalha de prata na 2ª Copa América. No 3º Torneio Mundial de Clubes, a N. C. N. B. Ponte Preta atingiu a 1ª colocação.

1994 A equipe feminina sagrou-se campeã do 12º Campeonato Mundial, realizado na Austrália. O Técnico da equipe foi Miguel Ângelo da Luz. Também neste ano, o N. C. N . B. Ponte Preta atingiu pela segunda vez a 1ª colocação no 4º Torneio Mundial de Clubes, e a equipe dos Leites Nestlé/Sorocaba fez-se campeã do 1º Campeonato Pan-Americano de Clubes Campeões – o que se repetiu no ano seguinte.

1996 A equipe feminina participou dos Jogos Olímpicos de Atlanta, conquistando a medalha de prata. No mesmo ano, o Clube Atlético Sorocaba foi Campeão do 3º Campeonato Pan-Americano de Clubes Campeões.

1997 A Seleção Nacional sagrou-se campeã da 3ª Copa América. No mesmo período, a equipe Data Control-SP atingiu a 1ª colocação na 6ª edição do Torneio Mundial de Clubes, enquanto que Janeth Arcain torna-se a primeira brasileira a jogar na *Women National Basketball Association - WNBA*, versão feminina da liga profissional Norte-Americana, *National Basketball Association - NBA*.

1998 A equipe feminina obteve a 4ª posição no 13º Campeonato Mundial, realizado na Alemanha. Igualmente a Associação Banco de Crédito Nacional atingiu a 1ª colocação no 7º Torneio Mundial de Clubes.

1999 A Seleção Nacional atingiu a quarta colocação nos 13º Jogos Pan-Americanos, em Winnipeg.

2000 A equipe feminina participou dos Jogos Olímpicos de Sydney, conquistando a medalha de bronze.

2001 A Seleção Nacional sagrou-se campeã da 4ª Copa América.

2002 A equipe feminina classificou-se em 7º lugar no 14º Campeonato Mundial, realizado na China.

2002 Hortência Marcari é indicada para o *Hall of Fame* (Memorial ou Sala da Fama), na categoria de jogadora. O *Naismith Memorial Basketball Hall of Fame* teve seu prédio inaugurado em 1968, em Springfield, Massachusetts - USA, próximo ao local em que se realizou o primeiro jogo de Basquetebol. Este memorial visa homenagear as pessoas e entidades que tenham contribuído de forma destacada para o desenvolvimento deste esporte.

2003 O selecionado brasileiro atingiu a medalha de bronze nos 14º Jogos Pan-americanos, em San Domingo.

Situação Atual Em 28 edições dos Jogos Sul-Americanos (1946-2003), a seleção feminina somente esteve ausente em 1948. Ao todo, o Brasil foi campeão destes jogos por 19 vezes (1954, 1958, 1965, 1967, 1968, 1970, 1972, 1974, 1978, 1981, 1986, 1989, 1991, 1993, 1995, 1997, 1999, 2001 e 2003); por cinco ocasiões obteve o vice-campeonato (1946, 1952, 1960, 1977 e 1984) e por duas vezes atingiu a medalha de bronze (1956 e 1962), o que comprova a supremacia do Basquetebol feminino brasileiro na América do Sul.

Nas últimas nove edições dos Jogos Sul-Americanos (1986-2003), a Seleção Nacional ganhou invicta este torneio com 47 vitórias em 47 jogos. No nível Olímpico, em sua terceira participação, o Brasil conquistou a medalha de bronze, o que é bastante significativo considerando ter participado de apenas 3 competições no gênero. Nos Campeonatos Mundiais, o Brasil teve novamente uma oscilação negativa em seu desempenho, o que criou a expectativa de reversão em 2006, durante a realização do 15º Campeonato Mundial Feminino, a ser realizado no Brasil. O técnico Antônio Carlos Barbosa retornou à Seleção em 1997, e no atual estágio continua à frente do trabalho, secundado por Lais Helena. Atualmente várias jogadoras

brasileiras atuam no Basquetebol Europeu e na WNBA. Em resumo, a trajetória do Basquetebol feminino brasileiro iniciada em 1896, mantém-se hoje como um dos destaques do Basquetebol mundial.

Fontes Arquivos da Confederação Brasileira de Basketball – CBB; Daiuto, M. Basquetebol origem e evolução. São Paulo: Iglu Editora Ltda., 1991; International Basketball Federation. *FIBA MEDIA GUIDE 2002*. Munich, 2002; Site da Associação Brasileira de Profissionais do Basquete www.aprobas.org.br Informações obtidas junto a Professora Maria Helena Cardoso.

Destaque em desenvolvimento local de basquetebol: Florianópolis-SC

Basketball local development feature: Florianópolis-SC

GIOVANA ZARPELLON MAZO

Origens O basquetebol surgiu no município de Florianópolis-SC, no final da década de 1930. Os jornais de maior circulação da época "O Estado" e "A Gazeta", iniciaram os comentários sobre o basquetebol no início de 1938.

1938 Um dos primeiros locais onde se praticou o basquetebol em Florianópolis foi na Força Pública (atualmente Polícia Militar), entidade que construiu uma quadra para a prática da modalidade. Também na Base Aérea existia uma quadra de cimento e uma quadra coberta, formando um galpão, onde eram guardados os aviões. Em 7 de maio de 1938, surge o primeiro torneio de basquetebol, realizado na quadra da Força Pública, com a participação de 4 equipes (Jahú Sport Clube, 14º Batalhão de Caçadores, Força Pública e Aviação Naval). Já no torneio de 5 de novembro de 1938, aumentou o número de equipes participantes (Riachuelo, Figueirense, Tamandaré, S.C. Florianópolis, Lyceu Indústria Santa Catarina e Força).

1940 Criação da Liga Atlética Catarinense, fundada por Walter Lange, Osmar Cunha e Lotério Paulo. Os clubes que praticavam basquetebol no início da década de 1940 eram: Lira Tênis Clube, Doze de Agosto, Barriga Verde (pertencente à Polícia Militar), Caravana do Ar (antiga equipe da aviação naval da base aérea), Atlético Catarinense (criado pelo 14º Batalhão de Caçadores).

1947 Fundada a Federação Atlética Catarinense-FAC, com o presidente fundador Osmar da Cunha. Ela era dividida em quatro setores, que mantinha sob a sua administração, o basquete-

bol, o voleibol, o atletismo e o ciclismo. A FAC, no início, não possuía sede ou quadra própria, todos os seus campeonatos eram realizados na quadra do Clube Lira Tênis Clube.

1950 Construção e inauguração do Estádio Santa Catarina, sede da FAC, situada na rua Largo General Osório (atualmente avenida Hercílio Luz, onde está o Ginásio Rosendo Lima, pertencente ao Instituto Estadual de Educação). Neste estádio foi sediado o XX Campeonato Brasileiro de Basquetebol Adulto.

1953 Introdução do basquetebol feminino, através da formação de uma equipe feminina do Colégio Coração de Jesus, pelo professor de Educação Física Nildo Sell. O treinamento ocorria na quadra da Polícia Militar, situada na Praça Getúlio Vargas. Mais adiante, houve a formação de outra equipe feminina no Instituto Estadual de Educação, coordenada pela professora de Educação Física Ivete Gevaerd. A primeira partida de basquetebol feminino ocorreu entre estas duas equipes na quadra da Faculdade de Direito.

1956 - 1958 O Lira Tênis Clube era uma das maiores forças do basquete catarinense, consagrando-se tricampeão estadual em 1956, 1957 e 1958.

Interpretação do Desenvolvimento – anos 1950 A criação da equipe de basquetebol do Ubiratan Esporte Clube deu um grande salto no basquetebol, pois Florianópolis passou a ser conhecida no nível estadual. O Estádio Santa Catarina, sede da Federação Atlética Catarinense sofreu um incêndio, queimando-se todos os documentos e arquivos. O professor Odi Varela teve uma importante participação

na reestruturação desta Federação. O profissional de destaque no desenvolvimento do basquetebol de Florianópolis foi Osmar Cunha. As duas equipes importantes e rivais foram: Clube Doze de Agosto e Lira Tênis Clube. O Lira Tênis Clube que tinha uma das equipes fortes do basquete de Florianópolis e de Santa Catarina na década de 1950 deixa de ser praticado na década de 1960, onde a quadra de basquete foi eliminada para a construção de uma piscina, inaugurada em 6 de janeiro de 1966.

Situação Atual Hoje, em Florianópolis, cinco clubes tem equipes de basquetebol a saber: Clube Doze de Agosto, Associação Desportiva do Instituto Estadual de Educação, Associação de Empregados da TELESC, Associação Desportiva Colegial e Clube Recreativo 6 de Janeiro. Há, portanto, uma convivência entre dois clubes remanescentes da tradição e dois outros escolares, e mais um de empregados de empresa. Ou seja: os clubes de militares e os clubes especializados em basquetebol deram lugar a clubes ecléticos não especializados.

Fontes Melo, O.P. História Sócio-Cultural de Florianópolis. Florianópolis: Clube Doze de Agosto; IHGSC; Lunardelli, 1991; Karan, M.R. Basquetebol & Florianópolis: a história que nos contam. Florianópolis, SC: CEFID/UEDESC, 1997 (monografia de graduação em Educação Física); O Estado Esportivo. *Jornal O ESTADO*, 29 de abril de 1938, p. 3.; Listagem de clubes associações e sociedades (www.crefsc.org.br); história do Lira Tênis Clube (www.liratenisclub.com.br); história de Florianópolis, SC (www.ihgsc.org.br).

O cluster de basquetebol em Franca-SP

Franca-SP (300 000 pop.) is the basketball capital of Brazil

A cidade de Franca, no estado de SP, é conhecida como a Capital Nacional do Basquetebol. O colunista Melchiades Filho, da Folha de São Paulo, considera Franca como a única cidade do país em que o basquetebol é o esporte mais popular. Os números ratificam a fama desta cidade paulista que apresenta aproximadamente 300 mil habitantes: Franca é a equipe brasileira com o maior número de conquistas. A equipe possui 261 títulos, entre eles destacam-se nove paulistas, onze brasileiros, seis sul-americanos, quatro pan-americanos e dois vice-campeonatos mundiais. Em 1908, um jornal da cidade já noticiava a realização de um jogo de "Bola ao Cesto", forma como o basquetebol era conheci-

do até a primeira metade do século XX. O Clube dos Bagres, pioneiro na formação de atletas e equipes foi fundado em 1953. Desde o final da década de 1950, Franca é a única equipe de ponta que participa ininterruptamente dos torneios regulares da Federação Paulista de Basketball e da Confederação Brasileira de Basketball, apesar de ter mudado de nome várias vezes devido aos inúmeros patrocinadores da equipe (Gomes, 2002). Provavelmente este sucesso seja decorrência do fato da equipe principal de Franca ter sido dirigida somente por três técnicos, foram eles: Pedro Fuentes - "Pedroca", (1951-1983), Hélio Rubens Garcia (1984-2000) e Daniel Wattfy (2000 - até o momento).



Vela

GUILHERME BORGES PACHECO PEREIRA

Sailing

Besides its traditions of excellence, creativity and technology of great prominence in Brazil, sailing is the sport that has had the best results in international competitions. There have been sailing competitions in Rio de Janeiro since 1877, when this sport was consolidated in England and taken to various European countries and to the U.S. The very first sailing club was founded in RJ in 1906 and, in 1913, another one came up in Niterói-RJ, where a cluster was developed with the additional foundation of several clubs and initiatives of boat building for both leisure and competition. The first units of “Hagen Sharpie”, a boat designed and produced by a group of sailors of the Rio Sailing Club of Niterói, were launched in 1915. Most of the members of the club and

Definições A vela é um esporte náutico caracterizado pela habilidade de conduzir e manobrar embarcações com propulsão à vela. Originalmente conhecido como “iatismo”, este esporte assumiu a denominação de “vela” a fim de se diferenciar do “iatismo a motor”, pois a origem desses dois esportes é comum, pois se utilizam de embarcações. A vela é praticada tanto na forma de competição (regatas) como na forma de lazer (cruzeiro). Ambas as atividades são tratadas como navegação amadora na legislação marítima brasileira, que exige habilitação específica para a prática. As Normas da Autoridade Marítima para Amadores 3, (NORMAM 3), que são as “Normas para Embarcações de Esporte e/ou Recreio e para Cadastramento e Funcionamento das Marinas, Clubes e Entidades Desportivas Náuticas”, dispõem sobre quatro tipos de habilitação, categoria amador para a vela: a) veleiro amador, até 16 anos, b) arrais amador, c) mestre amador e d) capitão amador. Observe-se que, excetuando-se a primeira, as outras categorias habilitam o portador também a navegar em embarcações de recreio com propulsão a motor. A entidade internacional que organiza o esporte competitivo é a *International Sailing Federation* – ISAF, e a autoridade nacional é a Federação Brasileira de Vela e Motor - FBVM. Existem 14 Federações Estaduais de Vela no Brasil. Na vela há diferentes tipos de embarcações, que variam em características e propósitos. Quando estas embarcações seguem um mesmo projeto naval, na tradição náutica são correntemente denominadas “classes” (Tabela 1). As classes, especialmente as de competição estão organizadas em “Associações de Classe”, sejam elas regionais, nacionais ou internacionais. Para os Jogos Olímpicos e para os Jogos Pan-Americanos, conforme resolução da ISAF e do Comitê Olímpico Internacional-COI, as competições são organizadas em “equipamentos” que têm sua correspondência em classes (Tabela 2).

Origens Do ponto de vista histórico, admite-se que a Vela se inicia como esporte na Holanda em meados do século XVII. A Holanda daquela época era uma grande potência de comércio marítimo e havia um grande número de embarcações menores que navegavam nos canais do país. Estas embarcações eram chamadas de *jagth* e “*muitos nobres e abastados homens de negócio*” possuíam um desses barcos para transporte e lazer. Atribui-se ao rei Charles II da Inglaterra, que estivera exilado na Holanda, o estímulo ao *yachting*, pois foi ele quem solicitou o desenvolvimento dos projetos holandeses e promoveu as primeiras regatas à vela. Em 1720 foi fundado na Irlanda o *Royal Water Club of the Harbour of Corck*, considerado o primeiro clube do esporte. Em 1851 o iate America aceita o desafio do Royal Yacht Squadron e conquista a Copa de 100 Guinéus vencendo a flotilha britânica diante da Rainha Victoria e sua corte. A partir daí criou-se o desafio da *Copa América*. Hoje a Copa América é a competição esportiva mais antiga ainda em disputa e certamente uma das mais dispendiosas. Com a expansão marítima e comercial da Inglaterra, bem como a influência política e cultural no século XIX desse país, o esporte da vela difundiu-se pelo mundo. A primeira participação da vela nos Jogos Olímpicos se deu em 1900, em Paris.

No Brasil, a primeira prova esportiva de vela noticiada em jornais foi realizada em Paquetá, baía de Guanabara no Rio de Janeiro, em 1875, por ocasião das festas de São Roque, padroeiro dos pescadores. Em 7 de setembro de 1877, na Enseada de Botafogo,

sailors of the Niterói cluster included Germans and their descendants, situation which had prevailed until a few years ago. Likewise, other groups of German immigrants created similar clusters in Porto Alegre-RS and in São Paulo-SP. The Brazilian class of competition boats was developed in 1934: the Guanabara class, which permitted sailing to be practiced all over the country. The lone sailor who participated in the Olympic Games in Berlin in 1936 was from Niterói. In the following decades, as several classes were added to the clubs and to the national competitions, it became possible for Brazilian sailing to take part in international competitions, especially because of two prominent Brazilian sailors: Walter von Hütschler (double citizenship)

houve outra competição de veleiros, destacando-se os barcos “Poti”, “Canário” e “Veloz”. Nesta época pioneira, o Clube Botafogo de Regatas, do Rio de Janeiro, já se destacava por ter equipes de remo e vela. Entretanto, a organização do esporte definiu-se no início do século seguinte, a partir de dois pólos de desenvolvimento: Rio de Janeiro e Niterói. Mais tarde surgiram dois outros centros: um localizado nas represas do estado de São Paulo e outro às margens do Rio Guaíba, em Porto Alegre. Além dessas concentrações, o desenvolvimento da vela brasileira tem acontecido por meio de líderes da modalidade e das Associações de Classe.

1906 Em que pese iniciativas pioneiras vindas desde o século XIX, é aceito que o berço da vela, como esporte organizado, foi o antigo Yatch Club Brasileiro, fundado neste ano e tendo como primeiro Comodoro o então Ministro da Marinha, Almirante Alexandrino de Alencar. Este clube funcionou inicialmente no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro, mudando-se em 1910 para a praia de Gragoatá em Niterói, no lado oposto da baía de Guanabara.

1910-1921 O Movimento Escoteiro (Escotismo) é fundado no Brasil por oficiais e praças da Marinha de Guerra do Brasil, que tomaram conhecimento do movimento em missão na Inglaterra (há versões, contudo, que indicam uma fundação anterior no RS, pelo clubes *Turner*). Pouco tempo depois são criados os primeiros grupos de escoteiros do mar e em 1921, foi fundada em Niterói a Federação de Escoteiros do Mar do Brasil. Benjamim Sodré, Gilmirez de Melo e Carlos Nascimento foram, entre outros, grandes líderes desse movimento, que teve destacada importância na difusão da vela e dos conhecimentos sobre o mar. Através da participação em inúmeros eventos de vela organizados pelo escotismo do mar, muitos jovens se iniciaram no esporte. Atualmente existem vários grupos de escoteiros do mar em atividade espalhados pelo Brasil, cumprindo a mesma função. O Grupo de Escoteiros do Mar mais antigo ainda em atividade é o 10º Grupo, fundado em 1915, com base no Rio de Janeiro.

1913 Os velejadores mais ativos do Yatch Club Brasileiro resolvem criar um outro clube como desdobramento do anterior, exclusivamente voltado para a prática esportiva da vela: o Rio Sailing Club, que se instalou em Niterói, RJ, no Saco de São Francisco, local onde se encontra até hoje.

1914 O Yatch Club Brasileiro é uma das entidades signatárias da Ata de Fundação do Comitê Olímpico Brasileiro-COB.

1915 Lançamento à água das primeiras unidades *Hagen Sharpie*, barco desenhado e produzido pelo grupo de velejadores do Rio Sailing Club. Naquela época os barcos tinham de ser importados da Europa, pois não havia estaleiros e carpinteiros navais familiarizados com a construção de barcos para esporte. E como a I Guerra Mundial tornou a importação de barcos mais difícil, os sócios do clube se reuniram e decidiram sobre a criação de um tipo de barco nacional que atendesse às exigências dos velejadores: não muito grande e oneroso, suficientemente seguro, e de fácil construção. O desenho ficou a cargo de Harry Hagen, um dos sócios, razão pela qual passou a ter o seu nome. O casco foi uma novidade para aquela época, pois tinha o fundo em “V”, o que facilitava a construção amadora. A flotilha do *Hagen Sharpie* favoreceu também o crescimento da vela.

and Joerg Bruder. They were both world champions in their respective classes and inventors of technologies that changed the construction of competition boats in international terms. This chapter analyzes the evolution of the main competition classes – with emphasis on ocean sailing – in Brazil up to the present stage including advances in paralympic sailing, female sailing, and technology of boat building, which is supported by three participating Brazilian universities. Social-educational projects that offer sailing opportunities for low-income population groups, with promising results, are also reported in this chapter. Today’s data in Table 4 show the economic impact of sailing in Brazil.

1920 Surge na Enseada de Botafogo, hoje bairro da Urca, no Rio de Janeiro, o Fluminense Yacht Club. Embora localizado à beira d’água, pouco tinha a ver com a vela: a sua principal atividade era a aviação esportiva. Com a II Guerra Mundial, os combustíveis foram racionados e voar por esporte tornou-se mais difícil. Depois de um sério acidente em que faleceu o esportista Darke de Mattos, a Prefeitura decidiu condenar o campo de pouso por achá-lo perigoso. Por iniciativa de um grupo de sócios, o clube passou então a investir nos esportes náuticos. Em 1942 mudou o nome para late Clube do Rio de Janeiro-ICRJ e é atualmente um dos maiores e um dos mais importantes iates clube do país. O ICRJ promove, desde 1944, a Regata Darke de Mattos, para a Classe Star, que é a competição esportiva regular mais antiga do país.

Décadas 1920 – 1930 Nos anos de 1920, em Porto Alegre–RS, alguns esportistas pioneiros velejavam pelo rio Guaíba e a se reuniam no bar Liliput daquela cidade. Da formação deste grupo surgiram as primeiras regatas na raia do bairro Navegantes. A primeira prova oficial de Porto Alegre foi em abril de 1934. Porém a falta de um local adequado para abrigar os barcos levou o empresário Leopoldo Geyer a adquirir um terreno na rua Frederico Mentz, onde o grupo de velejadores pudesse dispor de um porto e de uma sede. No dia 12 de dezembro de 1934, em uma das habituais reuniões no Liliput, Hugo Berta sugeriu aproveitar a passagem do Dia do Marinheiro, para fundar a nova sociedade homenageando a Marinha do Brasil. Foi programado um jantar na Sociedade Germânia com tal finalidade. E assim, em 13 de dezembro de 1934, estava fundado o Clube Veleiros do Sul. Ewaldo Ritter foi escolhido o primeiro Comodoro. Desde o seu começo até os dias presentes, o Veleiros do Sul vem se mantendo fiel à sua filosofia de clube de vela. Foi o pioneiro do Brasil na participação de regatas internacionais, a partir de 1937, ao manter intercâmbio com os clubes do Uruguai e Argentina. Destacou-se ao sediar eventos nacionais e internacionais, assim como seus velejadores que têm conquistado títulos importantes para o iatismo brasileiro.

1923 O Yatch Club Brasileiro já renovado muda-se para o seu endereço atual no Saco de São Francisco, ao lado do Rio Sailing Club. A vela recomeçou a crescer, estimulada pelo grande número de alemães e seus descendentes, que formavam a maioria do quadro social. No mesmo ano o clube adotou um monotipo, uma “jolle” alemã de casco trincado, com 15 m² de área vélica.

1931 Neste ano foi lançado na Alemanha o “Sharpie” 12m², e no ano seguinte o Yacht Club Brasileiro o adotava, formando a primeira flotilha no Brasil. Rapidamente a classe se espalhou por todo país.

1934 Fundou-se neste ano primeiro clube de vela de Porto Alegre–RS, o Veleiros do Sul, e logo em seguida por iniciativa de seu criador, Leopoldo Geyer, tem início o Clube Jangadeiros e o late Clube Guaíba, fazendo da capital gaúcha um dos maiores centros de vela do país, à época. Na década de 1940, junto com José Cândido Pimentel Duarte do Rio de Janeiro, Geyer fundou e ajudou a manter a primeira revista especializada em vela, a *Yachting Brasileiro*. E para estimular a juventude fundou a Sociedade de Amigos da Vela - SAVEL, com o propósito de construir e financiar barcos para os jovens. E como o seu contemporâneo e colega esportista Pimentel Duarte, Geyer velejava no Guaíba e fazia cruzeiros na Lagoa dos Patos. Ele passava parte de seu tempo no Rio de Janeiro onde fazia cruzeiros na Baía de Guanabara com seu

classe Carioca e cruzeiros e regatas de Oceano com o classe Brasil “Cairu”. Em 1984, aos 95 anos, Leopoldo Geyer faleceu, tornando-se um dos modelos de liderança esportiva no Brasil.

1934 Fundação da Liga Carioca de Vela e Motor pela reunião das entidades Clube de Regatas Guanabara (sede da Liga); Clube dos Tabajaras; Clube dos Caiçaras; Clube de Regatas do Flamengo; late Clube Brasileiro; Rio Yacht Club e Fluminense Yacht Clube (late Clube do Rio de Janeiro). Seu primeiro presidente foi até 15 de março de 1939, Mario Luiz Frias, sucedido por José Candido Pimentel Duarte, que dirigiu a Liga até agosto de 1944. Durante seu mandato, em 5 de novembro de 1941, a Assembléia Geral alterou sua denominação para “Federação Metropolitana de Vela e Motor”. Em 1975, esta entidade assumiu a sua denominação atual: Federação de Vela do Estado do Rio de Janeiro, hoje a mais antiga do país. É criada também neste ano a Federação Brasileira de Vela e Motor, tendo como seu primeiro presidente o Almirante Lemos Bastos.

1935 Walter Heuer encomendou na Alemanha os desenhos de um barco de bolina retrátil, cabinado e com suficiente conforto para pernoites e cruzeiros pela baía de Guanabara; a nova classe se chamaria “Guanabara”.

1936 Com a colaboração do então Comodoro Preben Schmidt, um dinamarquês radicado no Brasil, o desenho do *Hagen Sharpie* foi modernizado e os velejadores passaram a disputar regatas e fazer pequenos cruzeiros até o fundo da baía de Guanabara. Preben Schmidt, o “velho Preben” como era conhecido, foi o patriarca de mais duas gerações de velejadores: Axel Schmidt e Eric Schmidt, tricampeões mundiais da Classe Snipe pelo Brasil, Margrete Schmidt, pioneira entre as mulheres, além de Torben Schmidt Grael e Lars Schmidt Grael (netos de Preben), medalhistas olímpicos. Em 1936 a vela brasileira estreou na Olimpíada de Berlim com um participante, o velejador de dupla nacionalidade alemão/ brasileiro, Walter Heuer, na classe Iole Olímpica.

Década de 1940 Neste período, a vela brasileira teve seu desenvolvimento marcado por lideranças como José Candido Pimentel Duarte, Leopoldo Geyer, Anchyses Carneiro Lopes e muitos outros. Um marco importante para o desenvolvimento da vela no Brasil foi a iniciativa de Anchyses Lopes em 1944, que com o apoio de Jorge Bhering de Mattos, comodoro do então Fluminense Yacht Club (depois late Clube do Rio de Janeiro), trouxe a classe Star ao Brasil. Classe olímpica e de alto desempenho técnico, o Star exigiria dos velejadores grande preparo técnico. Anchyses Lopes, em iniciativa original, traz para o Rio de Janeiro um velejador de prestígio internacional, Walter von Hütschler, para ensinar e treinar velejadores brasileiros.

Nascido na Alemanha e bicampeão mundial da Classe Star em 1938-39, Walter von Hütschler passa a representar o Brasil nos mundiais desta classe a partir dos anos 1950. No mundial de Havana, 1955, Hütschler participa sob a bandeira brasileira, tendo como proeiro Peter D. Siemsen, futuro Vice-Presidente da IYRU (atual ISAF). Foram 11 participações pelo Brasil e 4 pela Alemanha de 1932 a 1975, totalizando 43 anos de atividade em competições de alto nível. De reconhecida importância histórica, mas sobretudo técnica, Hütschler foi durante muitos anos um dos principais interlocutores da vela brasileira com os velejadores internacionais. Em particular von Hütschler desenvolveu a técnica de modificar o perfil aerodinâmico da vela pela flexão do mastro. Técnica hoje generalizada e fundamental, sendo utilizada em todos os barcos à vela. Septuagenário, von Hütschler ainda navegava nas águas da Baía de Guanabara em seu Star “*Pimm*”.

José Candido Pimentel Duarte, presidente Clube de Regatas Guanabara, iniciou-se na vela com um Star fora de classe e chegou à vela de oceano quando mandou construir na Alemanha o “Procelária”, um barco com quilha de barbatana, que se tornou o embrião da vela de oceano brasileira. Em 1944 importou os desenhos de Snipe e junto com Fernando Avelar fundou a primeira flotilha deste monotipo. Em 1946 ele lançou os primeiros onze barcos da Classe Lightning. Para incentivar o novo esporte, ele financiava os barcos para os sócios do Clube, que assim podiam adquiri-los em suaves prestações. O seu barco mais famoso foi o lendário “Vendaval”, um iole de 63 pés, cujos desenhos ele encomendara ao escritório de desenho naval Sparkman & Stephens em 1940. Mais tarde, em 1947, Hipólito Gil Elizalde e Pimentel

Duarte, idealizaram a mais longa, e por décadas, a mais importante, regata de oceano da América do Sul, Regata Buenos Aires-Rio, um percurso de cerca de 1200 milhas.

O Grêmio de Vela da Escola Naval, fundado em 1943, organiza a Regata Escola Naval em 1946, que chegaria a ser o evento de vela recordista em participação na América do Sul, em 1999, com a participação de 852 barcos, com mais de mil velejadores em ação. A Regata Escola Naval é um dos eventos mais tradicionais da vela brasileira.

Décadas de 1950 -1960 Neste período, com base em algumas iniciativas isoladas da década anterior, surgem os primeiros clubes de vela do estado de São Paulo. Estas entidades se concentraram na represa de Guarapiranga e mais tarde na Represa Billings, que constituiu até recentemente um dos *clusters* de vela do país acompanhando o exemplo de Niterói, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Desde o aparecimento deste pólo de desenvolvimento, já velejavam no local as velozes “Jollen” de 20 m², depois seguidos de barcos mais sofisticados, como o *Flying Dutchman* e outros. Deste pólo de excelência náutica saíram campeões mundiais como Joerg Bruder, os primeiros medalhistas olímpicos brasileiros Reinaldo Conrad e Burkhard Cordes (bronze na Classe Flying Dutchman, 1968). Joerg Bruder, falecido precocemente em 1973, foi tricampeão mundial da Classe Finn, feito somente superado em 2004. Bruder é considerado até hoje um dos maiores velejadores brasileiros e ainda é lembrado internacionalmente na Classe Finn. Seu papel no desenvolvimento da vela no país também foi marcante. Numa época de rarefeito intercâmbio internacional e uma indústria ainda incipiente, Bruder solidificou a participação brasileira em nível mundial; criou e fabricou também os famosos mastros de alumínio Bruder. Na Classe Oceano, disputou-se em 1951 a primeira versão da Regata Santos-Rio, a primeira regata longo curso em águas brasileiras, que se tornou uma prova clássica e é disputada até hoje, sem interrupções. Neste mesmo ano os brasileiros conquistam duas medalhas na primeira versão dos Jogos Pan-Americanos: ouro na Classe Star com Ronaldo Bueno e Gastão de Souza e prata na Classe Snipe com Jean Maligo e Geraldo Motoro. A classe Pingüim chega ao país e irá formar pelo menos três gerações de velejadores de qualidade, que conquistarão mais de 20 títulos internacionais. Durante muitos anos o Pingüim será o barco de referência para a iniciação no esporte.

Décadas de 1970-1980 Este período marca a maturidade da vela no Brasil. São importados os primeiros veleiros de oceano de fibra de vidro da França e dos EUA. As classes Optimist, 470, Hobbie Cat e Laser surgem como classes de iniciação esportiva e de internacionalização da vela. O interesse se expande e a indústria náutica nacional inicia um segundo processo de crescimento, já baseada em materiais sintéticos e sofisticados, como a fibra de vidro para os cascos, o dacron, o naylon e mais tarde o mylar e o kevlar para as velas e o alumínio para os mastros. São construídos os primeiros monotipos, pranchas à vela e veleiros de oceanos em fibra de vidro e são utilizados materiais exóticos, alguns a partir de projetos nacionais. Há uma notável expansão do número de praticantes que se reflete no aumento do número de estaleiros, fábricas de equipamentos, de lojas especializadas, de publicações náuticas, e na criação das primeiras escolas de vela desvinculadas de clubes, destinadas a pessoas que não eram sócias de clubes náuticos. São construídas as primeiras marinas e empreendimentos imobiliários associados aos esportes náuticos. O Brasil sedia campeonatos continentais e mundiais de várias classes.

O intercâmbio internacional aumenta e os resultados esportivos ganham expressão internacional. Em Montreal, 1976, Reinaldo Conrad repetiria o seu feito de 1968, nesta ocasião com o proeiro Peter Ficker. Gastão Brun se destaca na classe Soling, onde representa o Brasil nos jogos de Montreal formando tripulação com Vicente Brun e Andréas Wengert. Em 1978 é campeão mundial, junto com seu irmão Vicente e Roberto Martins. A partir dos anos 1980, surge uma outra geração de velejadores campeões, com grande reconhecimento internacional, que irá se consolidar nos anos seguintes. Nos Jogos Olímpicos de Moscou o Brasil consegue as suas duas primeiras medalhas de ouro olímpicas na vela com Alex Welter e Lars Bjorgstrom, na classe Tornado e Marcos Soares e Eduardo Penido na classe 470. Soares e Penido são hoje dois empreendedores no esporte em importantes iniciativas.

Décadas de 1980-2004 A vela no Brasil ganha contornos profissionais, surgindo a figura do patrocinador, do velejador

profissional e dos grandes projetos. Várias cidades e clubes mantêm em seus calendários esportivos eventos de vela que duram vários dias. Peter D. Siemsen torna-se Vice-Presidente da *International Yatch Race Union* (atual ISAF), órgão máximo da vela. As dimensões atuais do esporte exigem planejamento profissional e grandes recursos. É criada a ACOBAR – Associação Brasileira dos Construtores de Barcos e neste período surgiram ou se consolidaram eventos da vela de grandes dimensões:

- Salões Náuticos de São Paulo e Rio de Janeiro – Exposição de indústria, comércio e outros serviços na área náutica;
- Semana de Vela de Ilhabela – o maior evento da vela brasileira;
- Regata Escola Naval – Regata tradicional para todas as classes, com 57 edições realizadas;
- Regata Darke de Matos (classe Star) – A mais antiga regata do calendário nacional com 60 edições realizadas;
- Os circuitos de vela de oceano do Rio de Janeiro, Salvador e Florianópolis;
- Regatas Oceânicas Santos-Rio, Buenos Aires-Rio, Recife-Fernando de Noronha e Vitória-Trindade – regatas tradicionais de longo curso;
- Regata Rota do Aço – Idealizada por um grupo de siderurgia para reproduzir a rota do aço de Vitória a São Francisco do Sul, é a primeira regata de oceano a conceder prêmios em dinheiro, ajuda de custo e sorteio para patrocínio. Em sua primeira edição em 2004, reuniu 40 barcos de oceano;
- Simpósio de Segurança do Navegador Amador – Realizado na Escola Naval, sob a chancela da Diretoria de Portos e Costas-DPC, teve sua primeira edição em 2001 e recebe mais de 500 inscrições por evento;
- Semanas Pré-Olímpicas – Eventos exclusivos para as classes olímpicas;
- Match Race Brasil – Evento de alto nível, com tripulações convidadas e timoneiros ranqueados, caracterizado por uma série de regatas de “um contra um em barcos iguais”, onde as tripulações trocam de barco a cada regata.

Vela Olímpica Os velejadores brasileiros das classes olímpicas e internacionais têm apresentado ao longo dos anos uma trajetória merecedora de destaque. Em que pese a distância dos grandes centros da vela mundial e o diferencial tecnológico, tecnicamente a vela é um dos esportes brasileiros de melhores resultados internacionais (Tabela 3). Os resultados esportivos e os eventos são muito expressivos, provocando um significativo aumento da participação e um reconhecimento da mídia. Inúmeros velejadores contribuíram para o desenvolvimento técnico do esporte. Medalhistas olímpicos e campeões mundiais estão envolvidos na indústria náutica, administração de pólos náuticos, projetos de competição e divulgação da vela.

Da geração dos anos 1980 e 1990, ao menos três velejadores devem ser mencionados:

Lars Grael – Participou de três edições dos Jogos Olímpicos, com duas medalhas de bronze na Classe Tornado em 1988 e 1996, igualando-se a R. Conrad. Foi atleta representante do Brasil no COI. Tornou-se um importante dirigente esportivo no país, ocupando vários cargos públicos e é um dos principais estimuladores da vela nacional.

Robert Scheidt – Tricampeão Pan-Americano na Classe Laser, conquistou duas medalhas olímpicas (ouro em Atlanta e prata em Sidney). Tornou-se um destaque individual no esporte brasileiro quando conquistou seis títulos mundiais na Classe Laser e recebeu o título de melhor velejador do mundo em 2001, conferido pela ISAF. Participará pela terceira vez dos Jogos Olímpicos.

Torben Grael – Campeão Pan-Americano (Soling) e Mundial (Snipe Juvenil e Star), tem quatro medalhas olímpicas ((Prata – Los Angeles, 1984; Bronze – Seul, 1988; Ouro – Atlanta, 1996 e Bronze – Sydney, 2000). Em 2000, Torben teve o privilégio de ser selecionado para compor a tripulação da equipe italiana que participou da America’s Cup, a mais sofisticada e prestigiada

competição de vela internacional, exercendo a função de tático da equipe. Nesta competição, foi o Campeão da Louis Vuitton Cup. Torben participará pela sexta vez dos Jogos Olímpicos e inscreveu-se como um dos maiores atletas da história do esporte brasileiro.

Vela de Oceano A classe oceano reúne tipos de barcos que apresentam condições para navegações de maior distância e de maior tempo. Pode-se velejar ao longo da costa ou cruzando oceanos durante dias, semanas ou meses. Entretanto é necessário que o veleiro seja adequadamente equipado. Os veleiros de oceano apresentam acomodações para dormir, cozinhar, mesa de navegação e banheiro. Os barcos de oceano em geral são equipados com motores para manobras, geração de energia e deslocamentos. Esses barcos variam muito em comprimento, área vélica, peso, acomodações e equipamentos. Muitos dos equipamentos utilizados são de alta tecnologia como GPS (posicionamento por satélite), radares, rádio-transmissores. Materiais exóticos também são amplamente utilizados.

A vela de oceano no Brasil é antiga, registrando-se o primeiro lançamento de uma classe (projeto) nacional em 1946, a Classe Rio de Janeiro, um *slupe* de 33,5 pés, projetado por Lindsey Lambert, um arquiteto naval inglês radicado no Brasil. Ele já desenhara entre outros, um “Seis metros RI” e o “Dingue” nacional de 12 pés. Entretanto, antes desta iniciativa, no início da década de 1940, Pimentel Duarte sentindo a necessidade de um barco de oceano adequado para cruzeiros e regatas mais longas em nosso litoral, entre elas a Buenos Aires-Rio, havia encomendado à firma Sparkman & Stephens o projeto do Classe Brasil, um *slupe* de 42 pés. Em 1949 foi para a água o primeiro de uma série de 10 barcos, o “Ondina”, de Joaquim Belém que seria vencedor das duas primeiras Regatas Santos-Rio. Em 1953 o Classe Brasil Cairu II de Jorge Frank Geyer venceria a 3ª Regata Buenos Aires-Rio. Nas décadas de 1950 e 1960, a Classe já contava com adeptos que se tornaram líderes da vela brasileira tais como Günter Schaefer, Joaquim Belém, Joaquim Pádua Soares, Ragner Janer, José Luis e Fernando Pimentel Duarte, Domício Barreto, Alcides Lopes, Leon Joulié, Jorge Geyer e Paulo Ferraz. Neste estágio, os últimos dois barcos Classe “Brasil” foram construídos em Salvador. E. Fischer projeta e constrói duas classes “anão de oceano”, o Toninha e o Dourado.

Depois dos anos de 1960, a Vela de Oceano começou a crescer e se modernizar com o aparecimento dos cascos de fibra de vidro e as velas de fibras sintéticas. Instala-se a indústria de construção naval para este segmento baseada na tecnologia da fibra de vidro, barateando o custo e acelerando a construção. Em 1970 é criado o Circuito-Rio, primeiro campeonato em série de regatas para a classe oceano. Em 1971 é disputada a 1ª Regata Cape Town-Rio, competição que, embora irregular ainda existe. Um dos marcos mais importantes para a vela de competição oceânica desta época deu-se em 1973. O veleiro Saga, de Erling Lorentzen, vence a prestigiosa Fastnet Race durante a Admiral’s Cup na Inglaterra. A partir dos anos 1970, muitas tripulações de oceano participariam de regatas internacionais na Europa e nos Estados Unidos, muitas vezes com destaque. Líderes da vela de oceano foram importantes nesta época, estimulando a indústria e as competições, entre eles cabe registrar Eduardo Souza Ramos, Fernando Pimentel Duarte e Laurits A. von Lachmann.

Hoje, há importantes competições de veleiros de oceano em várias partes do país: Circuito de Ilhabela, as Regatas e Circuitos em Angra dos Reis, o Circuito Rio e Circuito de Niterói; as regatas de veleiro cabinado em Brasília; os Circuitos de Salvador e Florianópolis e o Campeonato Brasileiro da Classe Oceano. Em termos internacionais, Ilhabela, Salvador e Rio de Janeiro têm sido escalas ou portos de chegada de importantes regatas transoceânicas como a *Mini-Transat*, a *Transat Jacques Vabre*, a *Around Alone*, a *Clippere Volvo Ocean Race*.

Vela de Oceano, exploração e aventura Muitos velejadores brasileiros se aventuraram em empreitadas difíceis. Esta versão do esporte se aproxima da exploração e da aventura, ainda que inspirada por motivos turísticos ou competitivos. Freqüentes em países de cultura marítima solidificada, a vela de longo curso é ainda incipiente no Brasil, mas é reveladora da expansão do esporte e do estágio de desenvolvimento tecnológico. Algumas realizações devem ser mencionadas:

Roberto Mesquita	Projetista naval, no início dos anos 1970 empreendeu uma viagem à Polinésia em um pequeno veleiro. Em seu retorno foi responsável por projetos para a construção amadora e foi um dos pioneiros na construção naval de pequenos veleiros em fibra de vidro.
Geraldo Tollens Linck	Com uma jovem tripulação, partiu do Clube dos Jangadeiros no seu barco Plancton em 1976 e navegou toda a costa brasileira, de Porto Alegre ao Oiapoque. Escreveu o livro <i>Velejando o Brasil</i> onde descreve não somente velejada, mas os lugares e costumes.
Aleixo Belov	Brasileiro naturalizado, foi o primeiro a fazer a circunavegação em solitário. Partiu de Salvador em 16 de Março de 1980 no veleiro de 36 pés Três Marias, construído em casa. Repetiu o feito mais duas vezes. Escreveu 4 livros sobre as viagens.
Veleiro Samba	Renato Botelho e sua esposa Suzi partiram do Rio de Janeiro em fins dos anos setenta no veleiro Samba, de aço fabricado no Brasil para dar a volta ao mundo. A viagem foi coberta pela Revista Vela e Motor. Hoje o casal vive no Samba, atracado em Niterói.
Amir Klink	Certamente o mais conhecido entre os velejadores citados. Klink realizou várias expedições, entre elas passar o inverno na Antártida e uma circunavegação passando por pontos ainda não explorados por nenhum veleiro. A exploração mais recente foi a Circunavegação Polar Antártida, realizada a bordo do Paratii 2, com mais quatro tripulantes, concluída em fevereiro de 2004. Amir Klink tem usado em seus barcos avançadas tecnologias de ponta.
Roberto Pandiani	Betão Pandiani liderou três expedições importantes utilizando sempre catamarãs Hobbie Cats de 21 pés: a) de Miami a Ilhabela, passando pela Bacia Amazônica, b) de Puerto Montt, Chile, ao Rio de Janeiro contornado o Cabo Horn e c) a Travessia do Drake.
Gustavo Pacheco	Foi o primeiro brasileiro a participar e completar a regata Transat 6.50 Charente Maritime-Bahia (Mini-Transat), em 2003. Esta regata é feita em um barco de 6,5m e em solitário, num percurso de La Rochelle (França) e Salvador, com escala nas Ilhas Canárias, totalizando 4500 milhas.
André Homem de Melo	Único brasileiro a realizar a volta ao mundo sem escalas.

Um grupo de brasileiros, liderados pelo campeão mundial Alan Adler está atualmente planejando participar da Regata Volvo Ocean Race, volta ao mundo tripulada, onde participam barcos de alta tecnologia e alto custo.

Vela Paraolímpica Desde 1999, em Guarapiranga - SP, existe a iniciativa de oportunizar a vela de competição para pessoas portadoras de deficiência física em um projeto denominado “Água Viva”. Esta iniciativa reúne o Clube Desportivo Municipal de Iatismo, o Clube Paradesportivo Superação e a Associação Paulista de Velejadores da Classe Day Sailer. A Federação Brasileira de Vela e Motor – FBVM uniu-se ao projeto para facilitar o desenvolvimento de condições para a implantação da Classe 2.4, internacional e paraolímpica, no Brasil.

Vela não-competitiva A vela se apresenta também como uma prática não-competitiva. Diferentes tipos de embarcações são utilizados para esses fins. As embarcações menores e mais leves servem para passeios mais curtos. Os veleiros de oceano, com cabine e acomodações internas permitem cruzeiros mais longos de vários dias ou semanas. Há um número incontável de velejadores não-competitivos. Estes velejadores nem sempre são filiados às associações de classes, aos clubes náuticos ou às federações, ficando assim difícil dimensionar este tipo de participação. Mas é notável a expansão dos serviços e da indústria para o esporte náutico. Este crescimento é maior do que o necessário para a vela de competição, portanto certamente estes serviços estão também dirigidos para a vela não-competitiva.

Vela Feminina A participação feminina na vela, desde suas origens, é bastante significativa. Certamente um fator facilitador foi a

possibilidade de ampla participação familiar, particularmente na sua versão de lazer. Na vela de competição a mulher também tem participação histórica. Um dado revelador desta participação é a criação da 3ª flotilha da Classe Snipe no Brasil, no late Clube Cruzeiro do Sul na represa Billings em São Paulo no ano de 1950. No início desta flotilha, a metade dos participantes se constituía por meninas, acontecimento raro em outros esportes.

Desta flotilha se destacaria Bibi Juetz, que veio realizar grandes conquistas de dar importante contribuição à vela feminina. Conquistou três vice-campeonatos brasileiros (1952 em São Paulo 1953 no Rio de Janeiro e em 1957 Maceió), sempre com proeiras, e sempre as únicas participantes femininas. Foi reserva da tripulação masculina da Classe Snipe nos Jogos Pan-Americanos de 1951, que viria a conquistar a medalha de prata. Bibi permanece ativa, tendo participado de todos os Campeonatos Mundiais Master da Classe Snipe, desde o primeiro em 1986, vencendo o Campeonato Mundial de 1988, em Córdoba, Argentina, tendo na proa Felipe Vasconcellos. Bibi iniciou muitos velejadores de sucesso como instrutora de vela e é, entre homens e mulheres, uma das mais respeitadas velejadoras da Classe Snipe no mundo.

Ainda em São Paulo, velejando na Represa de Guarapiranga, Cornélia Backup foi precursora da Classe Pingüim e mais tarde ao final dos anos 1960 velejou com sucesso na Classe Snipe. Na Baía de Guanabara destacava-se Margrete Schmidt (Guida), do Rio Yatch Club. Iniciou-se na vela em família e devido ao pequeno número de competidoras do sexo feminino, competia contra os homens, nas classes *Hagen-Sharpie* e *Snipe*, tendo sido Vice-campeã Brasileira desta classe em 1960, comandando o barco que tinha seu irmão Erik Schmidt como proeiro. Representou o Brasil no Campeonato Sul-Americano de Snipe, no Chile, no mesmo ano.

Outro nome importante para participação feminina na vela é Carmem Ballot, do Rio de Janeiro, que no final dos anos sessenta começou a participar de regatas na Classe Oceano, com o veleiro Sagitaire. Carmem não somente foi velejadora de destaque como também participou ativamente na promoção da vela como jornalista e editora. Ajudou a criar e manter durante muitos anos a revista *Vela & Motor*, cobrindo o hiato deixado pela Revista *Yatching Brasileiro*. A *Vela & Motor*, antecedente das atuais revistas náuticas, gerou o novo padrão editorial neste segmento. Carmem Ballot participou também da criação das Edições Marítimas que praticamente fundou o mercado editorial náutico no Brasil, editando livros de autores nacionais e estrangeiros.

Em Seul em 1988, o Brasil teve, pela primeira vez, representantes femininas nos Jogos Olímpicos. As competições à vela, até então, eram tratadas como mistas, exceto nos equipamentos de apenas um tripulante, exclusivamente masculinos. Mas a partir daquele evento foi implantada a categoria feminina. Pelo Brasil competiram Cíntia Knoth e Márcia Pellicano na Classe 470 feminina. Em 2003 as velejadoras Isabel Ficker e Laura Zanni, conquistaram o inédito título mundial da classe 420 feminina, tornando-se assim as primeiras brasileiras campeãs mundiais na vela. Na Classe Oceano, desde o início dos anos 1990 tripulações exclusivamente femininas estão participando dos mais importantes eventos nacionais. Atualmente quase todas as classes contam com ativa participação feminina em regatas e no calendário nacional há regatas exclusivas para mulheres.

Vela Rádio Controlada A vela Rádio Controlada surge do nautimodelismo e é atualmente reconhecida como modalidade esportiva filiada à vela em geral. A União Brasileira de Veleiros Rádio Controlados é a suprema dirigente da vela rádio controlada no Brasil, fundada em 31 de outubro de 1982, oficialmente reconhecida pela ISAF / RSD *Radio Sailing Division* e Federação Brasileira de Vela e Motor-FBVM. Em 1993 passa a ser denominada oficialmente Vela Rádio Controlada e torna-se um Departamento do FBVM.

Em 1965 foi inaugurado o tanque de modelismo naval no aterro do Flamengo – Rio de Janeiro – RJ. Paulistas e cariocas se encontraram na inauguração do Modelódromo do Ibirapuera em 1968. Nesta época, o nautimodelismo era ainda praticado com leme de vento o antecessor do rádio-controle. Em 1980 aconteceu a 1ª Regata Anual de Brasília que reuniu velejadores de várias localidades do país, a saber: São Paulo, Curitiba, Goiânia, Porto Alegre, e de Brasília, onde a vela rádio controlada era praticada, até então de maneira isolada. Pode-se dizer que o encontro em

Brasília deu início à fase moderna da modalidade no Brasil. Atualmente a VRC organiza campeonatos nacionais nas classes “M” e “1 Metro”. Esta última classe somente utiliza barcos de projeto nacional devidamente homologados pela U.L.Y - União Latinoamericana de Yates Rádio Controlados.

Desenvolvimento tecnológico O desenvolvimento de tecnologia diretamente associada à vela tem sido impulsionado por uma série de iniciativas. Projetos navais e tecnologia de construção de barcos e de equipamentos têm se expandido. A construção amadora de veleiros também tem sido beneficiada por este desenvolvimento. Informações de várias fontes, como contatos pela Internet, publicidade e reportagens em revistas especializadas, disponibilidade de equipamentos e de materiais dão as bases para se operar com a hipótese que há um número bastante considerável de iniciativas nesta área. Este desenvolvimento na vela brasileira pode ser exemplificado pelo menos por meio de quatro projetos importantes:

a) A Universidade de São Paulo-USP, em conjunto com uma empresa de construção naval, está desenvolvendo um projeto de um catamarã de alta velocidade (veleiro de dois cascos com hidrofólios) que será utilizado em uma longa travessia no Ártico. Nesta mesma universidade foi implantado um curso de projeto e construção amadora voltado para embarcações de recreio.

b) O Pólo Náutico da Universidade Federal do Rio de Janeiro, gerado a partir da Escola de Engenharia desta universidade, desenvolve alguns projetos importantes para a vela:

- Projeto da Classe Open 650, com o objetivo de implantar a classe no Brasil. Esta iniciativa conta com o apoio de diversas empresas e velejadores experientes. É nesta classe que é disputada a regata Mini-Transat em solitário no percurso entre La Rochelle e Salvador, que já contou com um representante brasileiro na versão de 2003.

- A Holos, indústria náutica, incubada pelo Pólo Náutico da UFRJ, que retomou, com inovações tecnológicas, a construção do pequeno veleiro de projeto nacional para dois tripulantes: o Dingue.

- Desenvolvimento de projeto de um multi-casco de alta tecnologia.

- Desenvolvimento de projeto para a construção de um barco escola em conjunto com a MaxiVela, empresa dedicada ao desenvolvimento do esporte.

c) A Federação de Vela de Santa Catarina associou-se à Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC para desenvolver estudos sobre biomecânica, fisiologia e treinamento para velejadores. A UDESC faz parte da Rede CENESP (Centros Nacionais de Excelência Esportiva), um programa do Ministério dos Esportes de apoio à tecnologia do treinamento esportivo.

d) A FBVM organizou um grupo de trabalho com objetivos de formar e desenvolver a vela olímpica brasileira por meio de várias iniciativas:

1. Curso de formação de treinadores, com o apoio da Solidariedade Olímpica (2003);

2. Curso de formação de instrutores para iniciação, com o apoio da ISAF (2003);

3. Equipe de desenvolvimento para o treinamento das equipes de vela;

4. Criação da Equipe Permanente de Vela Olímpica, com o apoio da Petrobrás;

5. Criação de uma base permanente na Europa (Como, Itália) para facilitar a logística e a participação dos brasileiros nos eventos mais técnicos do esporte;

6. Implantação dos Centros de Treinamento, em clubes do Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro, por meio de convênios.

e) Desenvolvimento do projeto para a participação de tripulação brasileira, com barco de bandeira nacional, na regata Volvo Ocean Race – volta ao mundo, em 2005.

Projetos sócio-educacionais A recente história social e política da sociedade brasileira provocou uma considerável demanda pelo

papel social do esporte. A vela, como outros esportes, também gerou iniciativas nesta área. Este capítulo destaca algumas iniciativas criadas a partir do mesmo núcleo de idéias.

1. Projeto Grael – Em junho de 1998, na cidade de Niterói, foi criado um projeto com objetivo de oportunizar a experiência na vela para crianças e jovens estudantes de baixa renda da Rede Pública de Ensino de Niterói. Com o apoio da Prefeitura da Cidade de Niterói e impulsionado pelo reconhecimento social dos velejadores niteroienses a partir dos expressivos de resultados em Jogos Olímpicos e em importantes competições internacionais. O programa, na sua fase inicial, foi organizado por Lars Grael e Torben Grael, Marcelo Ferreira, Cíntia Knoth e Luis Evangelista, ficando conhecido pelo nome de Projeto Grael. Em setembro de 1999 o projeto implantou um núcleo na Cidade de Vitória no Espírito Santo. Até o ano de 2003, o Projeto Grael formou 11 turmas em Niterói e 7 em Vitória. Alguns atletas com êxito já foram revelados a partir desta experiência.

O Projeto Grael, devido às necessidades de organização mais complexas diante de sua expansão, gerou o Instituto Rumo Náutico, que é o braço institucional do Projeto Grael, e que permitiu a expansão das metas e dos objetivos. O Instituto Rumo Náutico tem sua atuação baseada em quatro objetivos principais: a) formação esportiva, b) capacitação profissional, c) educação ambiental e d) cultura (cultura da maritimidade). Atualmente, o Instituto Rumo Náutico dedica-se a expandir suas atividades de forma a beneficiar um número maior de jovens e vem aperfeiçoando a capacidade do seu programa profissionalizante. Para isso, tem priorizado a busca de parcerias institucionais para o financiamento e para a cooperação de forma a viabilizar estes objetivos. O IRN está atualmente sedimentando parcerias com empresas e prefeituras a fim de facilitar a expansão do projeto. O Instituto Rumo Náutico recebeu o “Prêmio Náutica” de melhor projeto social náutico do país em 2003 e foi finalista do Prêmio Itaú/Unicef de Ação Social (entre os 20 melhores em relação a 1860 outros projetos concorrentes) e receptor de Menção Honrosa, sendo o único finalista de ação social/esportiva.

2. Projeto Navegar – Em 1999, Lars Grael, levou a concepção do projeto implantado em Niterói e em Vitória para o Ministério dos Esportes e acrescentando as modalidades náuticas de remo e de canoagem criou o Navegar. Em 2001, Grael, ao assumir a Secretaria Nacional de Esportes, incentivou ainda mais o projeto. Considerando os três esportes, o projeto conta hoje 37 núcleos espalhados pelo Brasil em 17 estados, atendendo 5.920 jovens entre 12 e 15 anos. O Projeto Navegar é desenvolvido pelo Ministério do Esporte em parceria com as secretarias municipais e estaduais de Esportes, Educação e de Meio Ambiente, Capitania dos Portos (Marinha), Corpo de Bombeiros e entidades onde os núcleos estão instalados. O Projeto Navegar foi reconhecido e incluído no Programa de Mentalidade Marítima da Comissão Interministerial de Recursos do Mar-CIRM em 2002. Através de convênio com países membros do Conselho Sul-Americano do Desporto-CONSUDE, também foi implantado no Uruguai (2002) e está em fase de implantação no Equador (2003). Alguns atletas oriundos do Navegar já integram equipes nacionais de Canoagem e Vela. Os projetos Grael e Navegar inspiraram outras iniciativas dentro do mesmo modelo, reforçando a idéia de objetivos sócio-educacionais com os esportes do mar.

3. Fundação Alavanca – Atua em Ubatuba, SP, com vela e sob a imagem do velejador/aventureiro Betão Pandiani.

4. Instituto Vento em Popa – Atua com escola de vela de caráter social nas represas de Guarapiranga, Billings (grande São Paulo) em parceria com a USP no desenvolvimento de veleiros populares.

5. PROMAR – Desenvolvido pela Marinha do Brasil em seus dois clubes no Lago Paranoá, Brasília, e outros núcleos experimentais na costa.

6. Maxi-Vela – Empresa de promoção de eventos do campeão olímpico Eduardo Penido que criou em parceria com a prefeitura de Rio das Ostras-RJ, uma escola de vela municipal.

7. Centro de Excelência em Educação Prof. Darcy Ribeiro – Araruama-RJ. Escola pública modelo que através de sua marina “Lars Grael” desenvolve aulas para seus alunos.

8. Projeto Navega-São Paulo – Versão do Governo do Estado de São Paulo (Secretaria da Juventude, Esporte e Lazer e com apoio

da SABESP e VIII Distrito Naval) para o Projeto Navegar está em implantação nos municípios de Presidente Epitácio (este em parceria com o Ministério do Esporte), Praia Grande, Cananéia e São Bernardo do Campo.

Situação Atual Atualmente a vela é um esporte em expansão em todo o país, quer no litoral ou no interior. Na Federação Brasileira de Vela e Motor, em números atuais, há 2.694 velejadores filiados, quase todos atuantes em competição. Os clubes náuticos e as marinas têm se multiplicado. Inicialmente praticada no litoral, há décadas já alcançou o interior. Veleja-se na represa da Pampulha, na Represa de Itaipu e no lago Paranoá. Em Brasília, por exemplo, o late Clube de Brasília foi fundado pelo então Presidente Juscelino Kubitschek, antes mesmo da fundação oficial da cidade e é hoje o maior clube náutico do país em número de associados (ver mapa). Entretanto ainda não foi possível precisar o número de interessados pela vela no Brasil. Em que pesem tais dificuldades, em dados recentes, pode-se estimar que todo o conjunto da indústria e do comércio náutico é bastante significativo para a economia nacional (ver Tabela 4). Em perspectiva de distribuição espacial no Brasil, o mapa deste capítulo indica que a vela se desenvolveu principalmente em cerca de uma dúzia de cidades brasileiras. Nessas cidades se instalaram os principais estaleiros e as principais indústrias do segmento náutico. Da mesma forma, o comércio também se ampliou, sugerindo-se, portanto, que a vela no Brasil tem se desenvolvido basicamente por meio de *clusters*, ou seja, por pólos que reúnem condições propícias e convergentes com tradições esportivas locais para o desenvolvimento.

Como a vela atinge um amplo espectro de pessoas no que se refere à idade, pode-se afirmar que este esporte é longo, pois crianças com menos de dez anos velejam com autonomia, ao mesmo tempo em que velejadores sexagenários são comuns em barcos maiores. Em relação ao gênero, a vela tem ampliado e facilitado a participação feminina. O perfil sócio-econômico e cultural do praticante da vela está situado no segmento médio e alto. Aristocrática nas suas origens, a vela é popular em muitos países do primeiro mundo e da Europa, e no Brasil desde a década de 1940 há esforços no sentido da sua popularização. No aspecto competitivo, fatos, eventos e iniciativas espelham não somente o potencial do esporte no país, como as realizações já consolidadas. Como é possível observar na Tabela 1, que aponta o número de praticantes nas principais classes no Brasil e na Tabela 3, que mostra os resultados olímpicos do Brasil. Os brasileiros são respeitados no cenário mundial da vela, pois há cerca de quatro décadas são colhidos importantes resultados internacionais. A expansão das empresas e serviços do mercado náutico é um outro importante indicador do crescimento do esporte. Em termos econômicos a vela está intimamente ligada aos outros esportes náuticos e isto parece ser um elemento facilitador para o seu desenvolvimento. A indústria e os serviços náuticos muitas vezes se associam, pois freqüentemente têm os mesmo fornecedores e se instalam nas mesmas regiões e locais. Esta forte associação se reflete, por exemplo, no comércio de equipamentos e materiais. A rede de lojas náuticas pouco discrimina o tipo de esporte, e como tal pode dar suporte a todos eles. O setor tem grande complexidade, pois vai da indústria chegando ao turismo e ao mercado imobiliário. Dessa forma nem sempre é possível discriminar a atividade econômica exclusiva da vela. Todavia é importante destacar alguns aspectos econômicos que estão relacionados ao esporte.

Destaque-se que o nível sócio-econômico dos praticantes é de médio para alto, característica que alimenta a indústria e o comércio náuticos. Em segundo lugar, a interface econômica com outros esportes, devido à sua grande flexibilidade, pode garantir investimentos e ofertas em longo prazo, uma vez que a indústria ou comércio pode se dirigir a mais de uma clientela específica. Finalmente a vela tem uma associação estreita com o turismo e o comércio imobiliário. No caso de eventos esportivos importantes, é necessário que, além das instalações de apoio náutico, se disponha de uma boa estrutura turística. A vela é um esporte de meio natural e sempre se busca regiões com condições adequadas para a sua prática, muitas vezes distantes dos locais de residência dos praticantes. Por outro lado, a vela na forma de cruzeiro, pode buscar regiões turísticas e de veraneio, aonde muitos praticantes vão à busca de suporte permanente em marinas, clubes, condomínios e residências. Atualmente, muitos empreendimentos imobiliários voltados para as regiões litorâneas, particularmente em águas abrigadas, prevêm instalações de apoio náutico.

Vela no Brasil, 1877 – 2003: clusters de desenvolvimento e práticas em rios e lagos

Sailing development in Brazil, 1877 – 2003: developing clusters and practice in rivers and lakes



Fontes Comunicações Pessoais: Walcles Figueiredo de A. Osório, Benjamim Sodré Jr., Lars Schimdt Grael, Axel Schimdt Grael, João Schimdt; Moreau P. e Voulquing G. *Les sports modernes illustrés*. Paris: Librairie Larrousse, 1905; Carvalho, Antonio Maria de *História do Clube Naval*. Rio de Janeiro. Baptista de Souza e Cia. Editores, 1968; Dossiê Náutico 3, São Paulo, Editora Talento, 2000; Linck, G. Tollens. *Velegando o Brasil*. São Paulo: Círculo do Livro, 1981; Revista Brasil Paraolímpico ano VII, nº 5, jul 2003, pág 10-11 – Comitê

Paraolímpico Brasileiro; Revista Mar & Mar, Ano 5, nº 25, 2003; Coleção da revista YACHTING BRASILEIRO, anos 1944-1945; www.icrj.com.br; www.360graus.terra.com.br/travessiadodrake/ – 19/03/2004 22:36H; www.sailing.org; www.feverj.org.br/institucional/historia.htm, 04/122/2003; www.rotaaustral.com.br; www.americascup.yahoo.com/story12.html; www.esporte.gov.br/navegar; www.VeleiroNet-CVNB.htm; www.fbvm.org.br/; www.minitransatufj.hpj.com.br;

Tabela 1 / Table 1**Principais associações de classes em atuação, 2003**

Main class associations in operation, 2003
(Class - crew – membership and / or boats)

Classe	Tripulantes	Associados e/ou barcos em atividade
Day Sailer	2	sem informação
Dingue	2	500 2000 construídos
Europa	1	25
Finn	1	10
Flying Dutchman (SP)	2	sem informação
Hobbie Cat 14/16	2	150
Holder 12	-	sem informação
J/24	4/5	34
Kitesurf	1	sem informação
Laser	1	500 associados e 2000 em atividade
Ligthning	3	20
Microtoner	3	sem informação
Optimist	1	600
Pinguim	2	sem informação
Prancha à Vela	1	sem informação
Ranger 22	3/4	50 associados 100 em atividade
Snipe	2	250
Soling	3	33
Star	2	30
Supercat 17	2	sem informação
Tornado	2	25
49er	2	02
420	2	30
470	2	50
Oceano RGS	variável	655
Oceano ABVO	variável	250 em atividade 1919 cadastrados
Oceano 23 pés (RJ)	3 ou 4	10 em atividade

Tabela 2 / Table 2**Equipamentos / Equivalência de Classes – Jogos Olímpicos e Pan-Americanos**

Equipment / Class equivalence – Olympic and Pan-American Games

Quadro de Equipamento	Jogos Olímpicos	Jogos Pan-Americanos
Single-handed woman	Europa	Laser Radial
Single-handed dinghi men	Finn	Laser
Single-handed dinghi open	Laser Standard	Sunfish
Double-handed dinghi open	49er	Snipe
Windsurf woman	Mistral fem.	Mistral fem.
Windsurf men	Mistral masc.	Mistral masc.
Keelboat	Star	J24
Multihull open	Tornado	Hobie Cat 16
Keelboat women	Yagling	---
Double-handed men	470 masc.	---
Double-handed woman	470 fem.	---

Tabela 3 / Table 3**Medalhas Jogos Olímpicos e Pan-Americanos e Campeonatos Mundiais, 1936-2003**

Medals in Olympic and Pan-American Games and World Championships, 1936-2003

Vela – Brasil: Jogos Olímpicos, 1936 - 2000				
Ano	evento	classe	resultado	velejadores
1968	México	FD	Bronze	Reinaldo Conrad/Burkhard Cordes
1976	Montreal	FD	Bronze	Reinaldo Conrad/Peter Ficker
1980	Moscú	Tornado	Ouro	Alexandre Welter/Lars Bjorsstrom
1980	Moscú	470	Ouro	Marcos Soares/Eduardo Penido
1984	Los Angeles	Soling	Prata	Torben Grael/Daniel Adler/ Ronaldo Senft
1988	Seul	Star	Bronze	Torben Grael/Nelson Falcão
1988	Seul	Tornado	Bronze	Lars Grael/Clinio de Freitas
1996	Atlanta	Laser	Ouro	Robert Scheidt
1996	Atlanta	Star	Ouro	Torben Grael/Marcelo Ferreira
1996	Atlanta	Tornado	Bronze	Lars Grael/Henrique Pellicano
2000	Sidney	Laser	Prata	Robert Scheidt
2000	Sidney	Star	Bronze	Torben Grael/Marcelo Ferreira

Vela – Brasil: Jogos Pan-Americanos, 1951 - 2003

54 medalhas: 24 de ouro, 20 de prata e 9 de bronze

Vela – Brasil: Campeonatos Mundiais, 1961 - 2003

52 títulos de campeão mundial em diferentes classes

Tabela 4 / Table 4**Vela e motor: dados econômicos / 2002 / Sailing and sea motor sports: economic data**

Número de embarcações registradas nas Capitânicas dos Portos do Brasil* / <i>sport boats and yachts</i>	144.000
Lojas Náuticas / <i>shops</i>	1400
Marinas, clubes e garagens náuticas	641
Sites relacionados (indústria, serviços e mídia especializada) / <i>sites</i>	327
Estimativa de empregos diretos e indiretos relacionados / <i>jobs</i>	117.000
Mercado de compra e venda de barcos novos e usados <i>New and old boats market</i>	US\$ 300 milhões/ano
Empresas associadas a Associação de Construtores de Barcos (ACOBAR) – <i>Boat and yacht industries</i>	107
Estações de Rádio Costeiras de Clubes e Marinas / <i>Coastal Radio Stations of Clubs and Marinas Clubs coast radio stations for navigation safety</i>	66

* Este número corresponde ao total de embarcações de recreio, a motor e à vela, de diferentes propósitos e características. O número de veleiros é, em termos absolutos e relativos, mais reduzido. Entretanto cabe registrar e destacar que a vela sofre efeitos positivos do desenvolvimento náutico em geral, na medida em que o parque industrial e as tecnologias se expandem. Evidentemente existem indústrias, projetos, profissionais e serviços exclusivamente voltados para a vela, mas a rede de comércio e de serviços atende em geral todos os esportes náuticos.

Voleibol masculino e feminino

CÉLIO CORDEIRO FILHO E MARCIA ALBERGARIA

Volleyball – Men and women

Volleyball was created in Massachusetts-U.S. in 1895, reaching Brazil at the YMCA Recife-PE and São Paulo-SP in 1910. Local and interclub competitions started in Brazil in the 1920s. The first Volleyball league appeared in Rio de Janeiro in 1924, the same year when women started playing and competing in volleyball. Because of internal politics in some sports associations in the early 1930s, the interest in volleyball diminished, driving the aficionados to the beaches of RJ where they found a privilege place to play volleyball and developed the so-called 'beach culture'

Origens O Voleibol foi criado em 1895 por William G. Morgan, diretor da Associação Cristã de Moços-ACM de Holyoke, Massachusetts-EUA, recebendo uma primeira denominação de *Mintonette*. Um ano após sua criação (1896), em apresentação realizada para diretores de Educação Física dos Estados Unidos, no Springfield College, o *Mintonette*, por sugestão do Dr. A T. Halstead recebeu seu nome definitivo: *Volleyball*. Em razão dessa apresentação, J. Y. Cameron escreveu o primeiro artigo sobre o esporte, publicado na revista *Physical Education*, editada em Búfalo, Nova York. Com as primeiras regras dadas a público em 1897, a YMCA (sigla da ACM em inglês) deu início a difusão da nova modalidade esportiva para outros países. Na década de 1910 vivenciou-se o marco inicial do Voleibol no Brasil. A ACM de Recife-PE, (“40 do Caes do Capibaribe”), relata a organização do primeiro torneio de que se tem notícia no Brasil e das regras que deveriam ser utilizadas, segundo tradução do “Guia Oficial Athletica e Internacional”. (O programa para o evento foi impresso pela Typografia a Vapor – J. Agostinho Bezerra). Ainda nos anos de 1910 pode-se destacar o registro da prática do Voleibol no Colégio Marista de Recife-PE, e na ACM de São Paulo-SP.

Década de 1920 Arquivos da Universidade de Minnesota informam através da publicação de artigo assinado por Dave Distel, que em 1922, durante os “Jogos Internacionais Sulamericanos”, realizados no Brasil, (relato de Elwood S. Brown), o Voleibol estava incluído. Em 1923, no Rio de Janeiro, o primeiro grande passo para difusão do Voleibol foi dado pelo Fluminense Football Club, realizando um “Torneio Aberto” aos clubes filiados à então Liga Metropolitana de Desportos Terrestres-LMDT. Posteriormente, com a fundação da Associação Metropolitana de Esportes Atléticos-AMEA, em 1924, foi criado o Departamento de Voleibol, que, entre outras normas, estipulou que o torneio disputado no ano anterior seria de caráter obrigatório para os clubes filiados. No primeiro torneio disputado sob a jurisdição da AMEA, ainda em 1924, foram vencedores os seguintes clubes: 2º Quadros – Fluminense. F.C.; e 1º Quadros – São Cristóvão A.A.C. O São Cristóvão foi líder absoluto de 1925 a 1929 em ambos os Quadros. Em 1926, o Voleibol era também praticado por mulheres, adolescentes e adultas no evento “Recreação Pública” da Prefeitura de Porto Alegre – RS, sob a direção de Frederico Gaelzer, promoção que se estendeu por quase uma década. Em 1927 devido ao número crescente de clubes disputantes, a AMEA criou uma segunda divisão que teve como vencedores entre 1927 a 1929 as seguintes agremiações: 1927 – 1º Quadro – Botafogo F.R. 2º Quadro – Botafogo F.R.; 1928 – 1º Quadro – Bonsucesso F.C. 2º Quadro – Bangu A.C.; 1929 – 1º Quadro – Tijuca T.C. 2º Quadro – E.C. Brasil. (Quadro era considerado como time ou equipe; havia o Quadro principal e o segundo).

1930 – 1932 Tendo em vista a forte pressão feita pelas pequenas entidades filiadas, que tinham dificuldade em manter uma seção de Voleibol, a AMEA do RJ, revogou o dispositivo que tornava obrigatória a prática do esporte. Ainda em 1930, após tal resolução, o América F.C. sagrou-se campeão em ambos os Quadros. Circulava-se, então, que as disputas de Voleibol estavam fadadas a um futuro fracasso. Em 1931 deu-se o esperado: não houve campeonato pela falta de um mínimo necessário de participantes. Neste ano, também, apesar do retrocesso, o esporte revelou-se para o sexo feminino como atividade recreativa muito difundida. Em 1932, para que não desaparecessem as disputas de um esporte já conceituado internacionalmente, foi novamente realizado o

and beach volleyball (see chapter in this Atlas). As a result, Brazilian volleyball developed its own identity, still kept prominent in international scale. Women's volleyball had a boost in 1946 with the beginning of Jogos da Primavera (Spring Games) in Rio de Janeiro: a mega-event for women athletes in Olympic style in which volleyball was one the main competitions. The Confederação Brasileira de Voleibol (Brazilian Volleyball Confederation - CBV) was founded in 1954 and in 1956 Brazil participated for the first time in a world volleyball championship in Paris. That was the

campeonato que teve como vencedor o Tijuca T. C., tanto no 1º quanto no 2º Quadros.

1933 – 1934 No advento do profissionalismo do Futebol no Brasil, a partir de 1932, os clubes voltaram-se para as vantagens pecuniárias que poderiam daí resultar. Como todos os esportes amadores, o Voleibol desapareceu quase que totalmente das atividades oficiais das diversas agremiações. Fatalmente teria desaparecido do cenário desportivo brasileiro não fosse a idéia de ser levado para as praias no Rio de Janeiro-RJ, como recreação, pelos seus aficionados daquela época. Em 1934, o então Tenente Coronel Altamiro de F. Braga, sub-comandante do Forte de Copacabana-RJ, armou a primeira rede de Voleibol na praia de Copacabana, entre as ruas Santa Clara e Constante Ramos, na cidade do Rio de Janeiro. Em 1994 Altamiro Braga foi considerado o voleibolista mais antigo do planeta (Guinness, 1994, p.305).

1938 Ainda do RJ, várias entidades empreenderam esforços pelo ressurgimento do Voleibol, salientando-se o Vila Isabel F. C., a Revista Tricolor e o Colégio Batista e, principalmente os clubes de Niterói-RJ: Icaraí P.C., Gragoatá, Praia das Flexas C. e Canto do Rio F. C.

1938 A revista “Esporte Ilustrado” realizou no RJ um “Torneio Aberto” feminino, que teve como disputantes na final o Instituto Lafayette e o Clube dos Tabajaras. Neste ano, a ACM da mesma cidade realizou um “Torneio Aberto”, tendo como vencedor o Botafogo F.C. Com referência a este evento da ACM, consta da 2ª Ata de Fundação da atual Federação do RJ que o vencedor seria considerado o primeiro campeão da Liga que iria se formar. No mesmo ano com a denominação de Liga de Voleibol do Rio de Janeiro foi criada a atual Federação (FEVERJ), que sucessivamente recebeu as denominações de Federação Metropolitana de Volley-Ball (FMV), Federação de Estado da Guanabara (1960) e finalmente Federação de Voleibol do Rio de Janeiro-FEVERJ (1976), com a fusão do Estado da Guanabara com o do Rio de Janeiro. No ano seguinte em agosto de 1939 foi realizado o 1º Campeonato regular da cidade do RJ.

1940 Em 1941 foi fundada a Federação Mineira de Voleibol, e no ano seguinte a Federação Paulista de Voleibol. O primeiro Campeonato Brasileiro foi realizado em 1944, com jogos em diferentes estados tendo como concorrentes no feminino: Paraná, Distrito Federal, Estado do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Saiu vencedora a equipe de Minas e em segundo São Paulo. Ao título masculino concorreram Paraná, Bahia, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Minas Gerais, Estado do Rio de Janeiro e Distrito Federal. Vencedor: São Paulo, com Minas em segundo lugar. Em 1946, Belo Horizonte foi escolhida para sede do segundo Campeonato Brasileiro com MG conquistando os títulos masculino e feminino, secundados pelo Distrito Federal. No mesmo ano, teve início um evento fundamental no RJ para a expansão do voleibol feminino no país: os Jogos da Primavera organizados pelo Jornal dos Sports (RJ). Ainda em 1946, fundava-se no Brasil a Federação Sul-Americana de Voleibol, tendo como primeiro Presidente o Dr. Célio de Barros. Em 1947: participação do Brasil na fundação da Federação Internacional de Voleibol-FIVB em 20 de abril. 1948: Terceiro Campeonato Brasileiro tendo São Paulo como campeão masculino e vice feminino, e o Distrito Federal com o título feminino e segundo lugar no masculino. Foi disputado pela primeira vez, nos Jogos Abertos de Cambuquira, o Voleibol.

very start of an international and successful career for Brazilian volleyball, which features today among the main Volleyball champions in all categories by age and gender. Today CBV has 27 affiliated federations that have 85,125 volleyball and 2,856 beach volleyball registered athletes. According to recent opinion polls, volleyball is the second preferred sport in Brazil and favorite to women between 14 and 35 years of age. As a result, Brazil has approximately 15.3 million volleyball players between 12 and 64 years of age (1999 data).

1949: Primeiro Campeonato Mundial de Voleibol em Praga, Checoslováquia; o Brasil não participou.

Década de 1950 Neste período houve passos fundamentais para o desenvolvimento do Voleibol no país. Em 1950 foi realizado mais um Campeonato Brasileiro com as adesões do Pará, Amapá e Alagoas. Vencendo ambos os torneios o Distrito Federal. São Paulo obteve o segundo lugar. Em 1951 (de 12 à 22 de setembro) o Brasil organiza os primeiros Campeonatos Sul-americanos Masculino e Feminino na cidade do Rio de Janeiro- DF, no ginásio do Fluminense, sagrando-se campeão nas duas categorias. A partir desta data tornou-se hegemônico no masculino. 1952: Campeonato Brasileiro em Porto Alegre com um novo participante, o Ceará. Nesta vez, Minas foi campeão no masculino e vice no feminino e Distrito Federal em situação inversa. 1954: último Campeonato Brasileiro patrocinado pela CBD. Teve como campeões o Distrito Federal e o Estado de São Paulo respectivamente, no setor masculino e feminino.

1954 Fundada a Confederação Brasileira de Volley-Ball-CBV em 9 de agosto, tornando-se independente da Confederação Brasileira de Desportos-CBD. No mesmo ano foi fundada a Federação Gaúcha de Volley-Ball e, em Moscou, URSS, realizado o primeiro Campeonato Mundial Feminino.

1955 O Voleibol tem sua primeira participação nos Jogos Pan-Americanos, Cidade do México (segunda edição). Masculino e feminino obtêm a terceira colocação.

1956 A criação da CBV possibilitou o Brasil participar pela primeira vez, de um Campeonato Mundial (realizado em Paris). Embora desconhecendo seus adversários, o Brasil dirigido pelo Prof. Sami Mehlinisky apresentou um excelente nível de Voleibol, jogando sempre que possível com bola de primeira, tática inédita na ocasião.

1958 A Checoslováquia introduz o uso da manchete em ações defensivas surpreendendo os especialistas e espectadores do Campeonato Europeu daquele ano.

1959 O Brasil participa do Jogos Pan-Americanos de Chicago, Estados Unidos, com suas equipes feminina e masculina, obtendo a primeira medalha de ouro feminina, ficando o masculino com a prata. Ambas as seleções eram formadas por atletas do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

1960 Neste ano, o Brasil deu seu primeiro passo no Voleibol internacional organizando pela primeira vez os campeonatos Mundiais Masculino e Feminino. As cidades do Rio de Janeiro e Niterói foram as sedes desse acontecimento. O Brasil, no confronto com as melhores seleções do mundo, obteve no feminino a 4ª colocação e no masculino a 5ª colocação. Ainda em 1960, antecedendo ao Mundial, foram realizados os IX Campeonato Brasileiro no Rio de Janeiro, conseguindo a equipe da Guanabara os títulos feminino e masculino secundados por São Paulo.

1962 Participação do Brasil no Mundial de Moscou, sendo surpreendido pela quase obrigatoriedade da recepção de saque ser feita de manchete. Técnica surgida em 1958 em Praga, Checoslováquia.

1963 Nos Jogos Pan-Americanos de São Paulo as equipes masculina e feminina são campeãs, tornando-se então a feminina bi-campeã Panamericana.

1964 O Voleibol atinge a classificação de esporte olímpico, porém nos Jogos Olímpicos de Tóquio, a equipe nacional masculina se fez representar por razões financeiras com apenas 10 jogadores, obtendo a sétima colocação.

1965 Realizado o Torneio Internacional do 4º Centenário do Rio de Janeiro, com participação pela primeira vez das equipes A e B do Brasil, além da Argentina e Japão (Bronze em 1964). A equipe B do Brasil foi vencedora, ficando a equipe A em 2º lugar.

1966 Participação do Brasil no Campeonato Mundial de Praga, que incluiu o primeiro Simpósio Científico no evento. O Brasil presente com o Prof. Célio Cordeiro Filho, técnico da Seleção Brasileira na ocasião.

1968 Jogos Olímpicos do México com a participação do Brasil, sem resultados expressivos.

1969 Criada pela FIVB a Comissão Internacional de Treinadores.

Década de 1970 Os anos desta década foram extremamente importantes para o Voleibol brasileiro. Aconteceu neste estágio o início da caminhada desenvolvimentista do esporte. Assim sendo, em 1970, o Brasil participou do Campeonato Mundial de Sofia, Bulgária e, em 1972, no Primeiro Campeonato Sul-Americano Juvenil Masculino, Rio de Janeiro (sede do clube AABB), quando a seleção nacional tornou-se campeã. Em 1973, na primeira edição da Copa do Mundo no Uruguai, a equipe feminina do Brasil obteve a 4ª colocação. E, finalmente, em 1974 no Campeonato Mundial Feminino e Masculino no México, o Brasil fez-se presente com as duas equipes. Este evento marca, na modalidade masculina, o início de sua ascensão efetiva no cenário mundial, tendo o Professor Célio Cordeiro Filho como técnico da equipe. Do ponto de vista da evolução do esporte, pela primeira vez foi utilizado o ataque de fundo pela equipe da Polônia, quando se destacou na parte técnica o jogador Wojtowicz (Thomaz).

1975 Eleição do Dr. Carlos Arthur Nuzman para a Presidência da CBV, fato que marcou o início de uma mudança radical em todos os setores do Voleibol brasileiro. Neste ano aconteceu também o primeiro Simpósio de Mini-Voleibol na Suécia, com 19 países presentes. Representaram o Brasil os professores Valderbi Romani, técnico de São Paulo, e Roberto Pimentel do Rio de Janeiro.

1976 Este ano foi profícuo em termos de Voleibol brasileiro: participação do Brasil nos Jogos Olímpicos de Montreal; criada pela Presidência da CBV a Comissão Nacional de Treinadores-CNT, tendo como Presidente o Prof. Célio Cordeiro Filho; início do Programa de Recursos Humanos do Voleibol Brasileiro, visando inicialmente a capacitação de técnicos e árbitros de voleibol; participação ativa do Brasil nas Comissões da FIVB; Congresso da FIVB em Tunis, Tunísia, presentes como representantes do Brasil, Carlos Arthur Nuzman, Mario Malta e Célio Cordeiro Filho.

1977 – 1979 O Brasil organiza em 1977, o 1º Campeonato Mundial de Voleibol Juvenil Masculino. A CBV organiza também neste ano, o 1º Curso Internacional de Treinadores de Voleibol da FIVB no Brasil (coordenação do Prof. Célio Cordeiro Filho). Em 1978, Campeonato Mundial da Itália: Brasil masculino foi 5º colocado (Técnico Prof. Paulo Seviciuc). Em 1979, realiza-se o 2º Curso Internacional de Treinadores da FIVB, organizado pela CBV em Belo Horizonte-MG, tendo como Diretor do Curso o Prof. Célio Cordeiro Filho e como professores Todor Simov e Elenko Elenkov, ambos da Bulgária. A partir deste evento, a Comissão de Treinadores da CBV estabeleceu diferentes níveis para os treinadores brasileiros de acordo com a formação dos mesmos, conforme modelo internacional da FIVB.

Década de 1980 Neste período, o trabalho iniciado pela CBV – liderada por Carlos Arthur Nuzman – com apoio das Federações Estaduais começa a produzir resultados. A capacitação de recursos humanos, a nova estrutura profissional e organizacional do Voleibol favoreceu níveis de treinamento mais sofisticados e exigentes traduzidos em melhores resultados para o Voleibol brasileiro. Competência, ousadia e trabalho árduo eram a filosofia norteadora dos trabalhos da Confederação.

1980 A equipe masculina do Brasil obtém 5º lugar no Jogos Olímpicos de Moscou, na então URSS. Técnico: Prof. Paulo Seviciuc.

1981 Copa do Mundo em Tóquio, Japão. Medalha de bronze para a equipe masculina do Brasil. Técnico: Prof. Paulo Roberto de Freitas (Bebeto). Realização do 3º Curso Internacional de Treinadores da FIVB, Rio de Janeiro, Centro de Esportes da Marinha. Professores Dr. Horst Baacke (GDR), Miloslav Ejem (TCH), Prof. Célio Cordeiro Filho (BR) e Prof. Paulo Seviciuc (BR).

1982 Na preparação para o Campeonato Mundial da Argentina a equipe masculina do Brasil conquista medalha de ouro em Torneio Mundial, realizado no Rio de Janeiro, denominado de Mundialito, derrotando, em emocionante partida final, a poderosa equipe da Rússia. No Mundial da Argentina o Brasil perde a final para a Rússia conquistando a medalha de prata. Técnico: Prof. Paulo Roberto de Freitas. O Brasil elege o Voleibol como um de seus principais esportes. Seus praticantes se multiplicam em decorrência dos excelentes resultados internacionais do esporte. A Federação Paulista realiza sob o patrocínio da CBV, na cidade de São Paulo, o 1º Curso Nacional de Treinadores, Nível 2, sendo criado na ocasião, pela Comissão de Treinadores, modelo genuinamente nacional para capacitação de profissionais brasileiros. O Curso teve como professores Célio Cordeiro Filho, Presidente da Comissão e Luiz Fernando Nascimento, secretário da mesma entidade.

1983 O Brasil masculino conquista o título Pan-Americano em Caracas (Venezuela), vencendo na final a forte equipe de Cuba.

1984 Jogos Olímpicos de Los Angeles, EUA, o Brasil masculino obtém a medalha de prata que somada ao resultado de 1982 comprova a magnífica ascensão desta modalidade no cenário mundial. A CBV participa da eleição de novo Presidente para a FIVB. Sai Paul Libaud (França), assume Ruben Acosta (México).

1985 Heloisa Roese, atleta da Seleção Brasileira integra a Seleção do Mundo no Jogo All Star x China.

1986 Campeonato Mundial de Paris (masculino): o Brasil obtém a 4ª colocação. Simultâneo ao Campeonato foi realizado o Simpósio Internacional da FIVB com a participação como conferencista do Prof. Célio Cordeiro Filho, Presidente da Comissão Nacional de Treinadores e Membro da Comissão Internacional de Treinadores.

1987 Primeiro Campeonato Mundial de Voleibol de Praia, em Ipanema, Rio de Janeiro-RJ. Este evento veio a servir como modelo para todas as competições do gênero realizadas no mundo.

1988 Jogos Olímpicos de Seul, Coreia: Brasil masculino: 5º colocado. Inaugurada a sede da Federação Internacional de Volleyball em Lausanne, Suíça. No Congresso Mundial é aprovado o Tie-Break (5º set) no sistema de contagem contínua (rally point), com score final limitado a 17 pontos.

1989 O Brasil sagrou-se Campeão Mundial Infanto-Juvenil masculino, tendo como técnico o Prof. Percy Oncken, e Campeão Mundial Juvenil Feminino com o técnico Prof. Wadson Lima. Neste ano disputou-se também a primeira edição do Circuito Mundial de Voleibol de Praia.

Década de 1990 Período extremamente rico e vitorioso para o Voleibol Brasileiro, o qual pode ser analisado em duas fases distintas: a primeira, englobando os 7 últimos anos do Dr. Carlos Arthur Nuzman como Presidente da CBV; e a segunda, correspondendo aos 7 primeiros anos da administração do Dr. Ary Graça Filho frente à mesma Confederação. De fato, os sete últimos anos da gestão de Nuzman na presidência da CBV foram de consagração ao trabalho realizado pela Confederação, Federações e profissionais das diversas áreas relacionadas ao Voleibol. O ápice deste estágio de 20 anos foi o do Voleibol brasileiro ter se tornado potência mundial.

1990 Primeira edição da Liga Mundial com a participação do Brasil. Competição masculina que revolucionou o Voleibol mundial. Organização profissional, cobertura internacional de televisão e premiação de 1 milhão de dólares americanos aos destaques. Neste ano houve o Campeonato Mundial Masculino da FIVB realizado no Brasil, com finais no ginásio do Maracanã, Rio de Janeiro. A equipe do Brasil obteve a 4ª colocação. Em final dramático a Itália vence a equipe de Cuba.

1991 Campeonato Mundial Feminino da Clubes (1ª Edição). Ouro conquistado pela equipe da Sadia (SP) em São Paulo-SP. Ouro para a equipe Infanto-Juvenil masculina, Campeonato Mundial; Técnico: Prof. Percy Oncken.

1992 Olimpíadas de Barcelona: ouro para o Brasil pela equipe masculina. Primeiro título olímpico nos esportes coletivos. Técnico, Prof. José Roberto Guimarães. Medalha de Ouro no “Super-Four” (competição realizada com as quatro melhores equipes do mundo) conquistada pela equipe masculina do Brasil.

1993 Liga Mundial (World League) em São Paulo-SP. Ouro para a equipe masculina do Brasil. Técnico: Prof. José Roberto Guimarães. Campeonato Mundial Juvenil Masculino – Argentina. Ouro para a equipe brasileira. Técnico, Prof. Marcos Lebach. Campeonato Mundial Infanto-Juvenil Masculino. Ouro para o Brasil (3º Título). Técnico, Prof. Percy Oncken.

1994 Segunda edição do “Grand Prix” – China. Ouro para a equipe feminina brasileira (primeira conquista de ouro em competição internacional). Técnico, Bernardo Rezende. Mundial Feminino: Brasil ganha prata. Público recorde em Belo Horizonte-MG, estádio do Mineirinho, 26,000 espectadores.

1995 Dr. Carlos Arthur Nuzman é eleito para presidir o Comitê Olímpico Brasileiro. Campeonato Mundial Infanto-Juvenil Masculino: ouro para a equipe brasileira (4º Título). Técnico, Prof. Percy Oncken.

1996 Olimpíadas de Atlanta: ouro e prata para as duplas femininas do Brasil no Voleibol de Praia. Ouro para a dupla Jaqueline Silva e Sandra Pires e prata para a dupla Adriana Samuel e Mônica Rodrigues. Este evento marcou a primeira participação olímpica do Voleibol de Praia. O Dr. Carlos Arthur Nuzman, eleito para o Comitê Olímpico Brasileiro em 1995, permaneceu à frente da Confederação Brasileira de Voleibol até o final de 1996, quando então passou a direção do Voleibol Brasileiro para o Dr. Ary S. Graça Filho.

1997 – 2003 Primeiro ano da presidência do Dr. Ary S. Graça Filho na CBV, com grande expectativa pelo modo como seria substituído o presidente Nuzman. A resposta da nova administração foi a implantação do profissionalismo total, isto é, uma nova revolução no Voleibol brasileiro. Iniciou-se então a reformulação da estrutura técnico-administrativa da CBV, tornando-a mais ágil, flexível e eficaz. Uma nova visão de como administrar o esporte foi implantada. Sem perda da qualidade técnica, a CBV transforma-se em uma grande holding tendo seus diversos setores como unidades de negócios. Estava sendo criado o modelo de Confederação para o novo século. Áreas técnicas e administrativas, nacionais e internacionais passavam a caminhar juntas na perseverante busca de resultados que pudessem, cada vez mais elevar o voleibol brasileiro no cenário nacional e internacional. Estrutura sólida administrativo-político-financeira passa a garantir possibilidades cada vez maiores para a realização do trabalho técnico de alta qualidade. Os resultados vieram imediatos. Medalhas no campo técnico; alta qualidade do trabalho reconhecido pela FIVB, prêmio de “Melhor Confederação do Final do Século”; a obtenção do Certificado ISO-9000-2000 conferido pela primeira vez a uma organização esportiva no mundo; a criação do “Projeto VivaVôlei” contemplando, dentro de uma visão social, as áreas carentes e utilizando o esporte como mecanismo de intervenção educacional de cidadania. Pela importância, o Projeto transformou-se em “Instituto VivaVôlei”, reconhecido pela UNESCO pela relevância sócio-educacional; a manutenção e aperfeiçoamento do maior e mais bem sucedido programa de Recursos Humanos do esporte brasileiro; a criação do Centro de Excelência do Voleibol em Saquarema-RJ, melhor e maior centro de treinamento esportivo do mundo de uma única modalidade; incentivo a pesquisa com apresentação dos resultados das mesmas em eventos científicos, tanto nas áreas vinculadas ao alto nível como nas de iniciação, ligadas ao Projeto VivaVôlei; eleição pela FIVB de Jaqueline Silva e Sandra Pires e Loyola e Emanuel como Atletas da Década de 1990.

2000 Sandra Pires, ouro na Praia em Atlanta 1996, é a primeira mulher Porta-Bandeira da Delegação Brasileira na Abertura dos Jogos Olímpicos de Sydney, realizados este ano. Um terço de todas as medalhas obtidas pelo Brasil nestes Jogos foram conquistadas pelo Voleibol Brasileiro.

Situação atual Hoje a CBV tem 27 federações de Voleibol filiadas, contando com 85.125 atletas registrados do voleibol de quadra e 2.856 do vôlei de praia. De acordo com pesquisa realizada

pelo IBOPE em 1999, com base em relatos de informantes concluiu-se que nos últimos 12 meses antes da data da pesquisa, cerca de 15,3 milhões de brasileiros na faixa etária compreendida entre 12 e 64 anos, praticaram voleibol. A prática sob a forma de jogo não especificou se era formal ou informal simplesmente que haviam praticado ao longo de 1 ano (TGI Brasil, IBOPE, 1999). Também naquele ano, informações relevantes provenientes de pesquisa realizada pela CBV em parceria com a Fundação Getúlio Vargas (1999) ressaltam: (i) o Voleibol era o 2º esporte que os informantes mais gostavam de ver ou praticar; (ii) o público freqüentador dos jogos de voleibol é 53% do gênero masculino e deste total 29% (a maior proporção) na faixa etária de 18 a 25 anos; (iii) de acordo com dados da CBV e da CBF o Voleibol é, oficialmente, o segundo esporte mais praticado no Brasil, levando em conta esportistas brasileiros regulares e constantes; (iv) o público feminino, de acordo com os informantes, coloca o Voleibol como esporte de sua preferência, sobretudo o grupo etário de 14 a 35 anos; e (v) o maior número de filiados do Voleibol encontra-se em Minas Gerais seguido por São Paulo, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e outros.

Fontes Apostila de História do Voleibol. Prof. Célio Cordeiro Filho. Publicado no Manual do Voleibol do Curso de Educação Física da Escola de Educação Física do Exército. 1960/61; Artigo sobre 100 anos de Voleibol. Autor: Berthold Fröhner. Volley-Tech: FIVB; n° 3 / 1995. Graph Betriebe, Germany. ISSN 0942-721X (31 páginas); Artigo sobre 100 anos de Voleibol. Autor: Byron Shewman. Volleyball. Vol. 6 n.º4 Abril de 1995. Avcom Publishing Ltd. ISSN 1058 4668 (118 páginas); Documento encontrado na ACM de Recife datado de 1911. "Guia Official Athletica e Internacional" editado pela Typografia a Vapor de J. Agostinho Bezerra em Caes do Capibaribe; www.fivb.ch; www.avca.org; www.voleibrasil.com; www.volleyball.org; www.sctt.ac.uk/sports/volleyball/introduction.

CBV – Fase do Profissionalismo Total e Controle de Qualidade na gestão Principais títulos obtidos no período 1996 – 2003

*CBV – Period of Total Professionalism and Quality Control in management
Main competition results, 1996 – 2003*

Voleibol masculino

ADULTO

Campeão Mundial – 2002
Campeão da Liga Mundial – 2001 e 2003
Campeão da Copa América – 1998, 1999 e 2001
Campeão da Copa do Mundo (Japão) – 1997 e 2003

JUVENIL

Campeão Mundial – 2001

INFANTO JUVENIL

Campeão Mundial – 2001 e 2003

Voleibol Feminino

ADULTO

Campeão do Grand Prix – 1996 e 1998; prata em 1999 e bronze em 2000;
Jogos Olímpicos de Sydney (2000) – bronze;
Campeã Pan-Americana em 1999;

JUVENIL

Campeã Mundial em 2001 e 2003;

INFANTO-JUVENIL

Campeã Mundial em 1997

Voleibol de Praia

MASCULINO ADULTO

Ouro no Mundial de 1997 (Guilherme e Pará)
Ouro no Circuito Mundial de 1997 (José Marco e Emanuel)
Ouro no Circuito Mundial de 1998 (Guilherme e Pará)
Ouro em 1998 no Torneio da AVP (Loyola e Emanuel)
Ouro em 1999 no Mundial (Loyola e Emanuel)
Ouro em 1999 no Circuito Mundial (Loyola e Emanuel)
Prata nos Jogos Olímpicos de Sydney (2000) (José Marco e Ricardo)
Ouro nos Goodwill Games em 2001 (Loyola e Ricardo)
Ouro em 2001 no Circuito Mundial (Tande e Emanuel)
Ouro em 2003 no Circuito Mundial (Ricardo e Emanuel)

FEMININO ADULTO

Ouro em 1997 no Circuito Mundial (Adriana Behar e Shelda)
Ouro em 1998 no Circuito Mundial (Adriana Behar e Shelda)
Ouro em 1999 no Pan-Americano (Adriana Behar e Shelda)
Ouro em 1999 no Campeonato Mundial (Adriana Behar e Shelda)
Ouro em 1999 no Circuito Mundial (Adriana Behar e Shelda)
Prata nos Jogos Olímpicos de Sydney (Adriana Behar e Shelda)
Ouro no Circuito Mundial de 2000 (Adriana Behar e Shelda)
Ouro em 2000 no Campeonato Mundial (Adriana Behar e Shelda)
Ouro nos Goodwill Games em 2001 (Tatiana Minelo e Sandra Pires)
Ouro no Circuito Mundial de 2001 (Adriana Behar e Shelda) -pentacampeãs
Prata no Circuito Mundial de 2002 (Adriana Behar e Shelda)
Ouro no Circuito Mundial de 2003 (Sandra Pires e Ana Paula)

Vôlei de praia feminino e masculino

ROBERTA CAROLINA V. DA TRINDADE

Beach volleyball – Women and men

The first sponsored beach volleyball tournament that had money prizes took place in San Diego-USA in 1974. In Brazil, especially in Rio de Janeiro-RJ, volleyball has had a tradition that goes back to the 1930s, when the first amateur tournaments took place in Copacabana and Ipanema. In the first Olympic Games with official participation of the discipline (Atlanta - 1996), Brazil was gold (Jaqueline and Sandra) and silver (Mônica Rodrigues and Adriana

Samuel) in the women’s beach volleyball while men’s volleyball did not reach expressive results. Although female participation in beach volleyball started only in 1992, women today are the great stars of the sport in Brazil. It is important to mention that Brazil has been seen as a reference in beach volleyball around the world and has the best players in both female and male teams. Still in national terms, according to research done by the Instituto

Datafolha-SP, volleyball is the second sport in the preference of the male public, and the first of the female public as it has grown more than soccer. Today beach volleyball includes more than 2,000 male and female athletes, all registered in state federations. The number of players is unknown, but the practice is massive on Brazilian beaches, sharing preferences with beach soccer in the 8,500 km of the Brazilian coast.

Definição e origem Apesar de oriundo do vôlei de quadra, o vôlei de praia se desenvolveu com características próprias. Na década de 1960, o *beach volleyball* fazia parte de um estilo californiano de vida, associado à praia, ao sol e as novas tendências musicais. O primeiro torneio com patrocinadores e premiação de 1.500 dólares foi realizado em San Diego, em 1974. No Brasil, particularmente no Rio de Janeiro, o vôlei tem uma tradição que remonta a década de 1930, quando aconteciam os primeiros torneios amadores do Brasil, em Copacabana e Ipanema, no RJ. Durante décadas o esporte foi visto apenas como uma distração de final de semana, praticado por milhares de pessoas em toda orla marítima, principalmente no Rio de Janeiro. Esta cidade é atualmente considerada o “berço do esporte no Brasil”, primeira a sediar competições do vôlei de praia e a única do Brasil onde se disputa o campeonato mundial.

1962 Foi realizado, no Rio de Janeiro, o primeiro torneio amador para moças. O vôlei de Praia durante muito tempo foi considerado um esporte adequado apenas aos homens.

1986 Foi realizado o primeiro torneio de exibição internacional: o Hollywood Vôlei (em Copacabana-RJ e em Santos-SP). Deste torneio participaram os jogadores: Renan, William, Badalhoca, Montanaro, Jaqueline, Isabel, Vera Mossa e Regina Uchôa. A partir desta competição, o vôlei de praia começou a conquistar espaços na mídia e nas opções dos torcedores.

1987 O esporte foi oficializado pela Federação Internacional de Vôlei-FIVB e realizado o primeiro campeonato mundial, na praia de Ipanema, em 1987. Renan e Montanaro são os brasileiros mais bem colocados na terceira posição.

1988 O Brasil coloca duas duplas no pódio durante o II Campeonato Mundial, no Rio. Bernard e Luís Américo são vice-campeões e Renan e Montanaro são terceiros colocados.

Interpretação e desenvolvimento – década de 1990 Este período foi marcado pela inserção das mulheres no esporte que desde então vinha se dando de modo informal. Na primeira Olimpíada com a participação oficial da modalidade (Atlanta - 1996), o Brasil obteve ouro (Jaqueline e Sandra) e prata (Mônica Rodrigues e Adriana Samuel) no feminino. O masculino não alcançou resultados expressivos.

1991 É criado o Circuito Banco do Brasil de Vôlei de Praia. Este evento reuniu, apenas duplas masculinas e com somente cinco etapas: Fortaleza, Natal, João Pessoa, Recife e Salvador. Paulão e Paulo Emílio são os campeões.

1992 Foram realizadas as primeiras competições femininas e em 1994, o primeiro circuito mundial para as mulheres. O Brasil passou a sediar uma das etapas do circuito feminino e uma do masculino, sempre no Rio de Janeiro. O circuito Banco do Brasil ganha 16 etapas, sendo cinco femininas. As duplas vencedoras são Moreira e Garrido (PE) e Isabel e Jacqueline (RJ).

1992 Nas Olimpíadas de Barcelona o vôlei de praia apareceu como esporte de exibição.

1993 O presidente do Comitê Olímpico Internacional, o espanhol Juan Antonio Samaranch, assistiu à etapa do circuito mundial no RJ e deu o seu aval para a entrada do vôlei de praia no rol dos esportes olímpicos.

1995 O Brasil é campeão do Circuito Mundial com Franco/Roberto Lopes e Jacqueline/Sandra. Zé Marco e Emanuel conquistam o bicampeonato do Circuito Banco do Brasil. No feminino, o título é de Jacqueline e Sandra Pires.

1996 A Olimpíada de Atlanta marcou a estréia do esporte na competição (com a disputa de medalhas) e o Brasil teve o domínio absoluto no feminino, conquistando as medalhas de ouro, com Jacqueline e Sandra e de prata, com Monica e Adriana. Em novembro, o Comitê Olímpico Internacional confirma o vôlei de praia como esporte olímpico em Sydney 2000. Jacqueline é considerada a atleta do ano pelo Comitê Olímpico Brasileiro.

1997 No Campeonato Mundial, em Los Angeles, nos Estados Unidos, o domínio é brasileiro, com duas medalhas de ouro – Guilherme/Pará e Jacqueline/Sandra – e duas de bronze – Paulão/Paulo Emílio e Shelda/Adriana Behar. O Brasil mantém o domínio também no Circuito Mundial. Zé Marco e Emanuel garantem o bicampeonato e Shelda e Adriana Behar iniciam a arrancada para uma sucessão de títulos. Shelda e Adriana Behar são bicampeãs do Circuito Banco do Brasil.

1998 No Goodwill Games, em Nova Iorque, houve a segunda participação do vôlei de praia. O Brasil obteve o Ouro com Guilherme/Pará e Shelda/Adriana Behar. Shelda e Adriana Behar são bicampeãs do Circuito Mundial e Guilherme e Pará levam o título no masculino. Adriana Samuel e Sandra Pires conquistam o título do Circuito Banco do Brasil. No masculino, Tande e Giovane são os campeões.

1999 No Jogos Pan Americanos, em Winnipeg, no Canadá, o vôlei de praia foi incluído pela primeira vez. O ouro ficou com Shelda e Adriana Behar. Franco e Roberto Lopes conquistaram o bronze. Loiola/Emanuel e Shelda/Adriana Behar são as duplas campeãs do Circuito Mundial. Franco/Roberto Lopes, do Ceará, e Shelda/Adriana Behar (CE/RJ) são as duplas vencedoras do Circuito Banco do Brasil.

Interpretação do desenvolvimento – década de 1990 Apesar da participação feminina no vôlei de praia ter começado em 1992, as mulheres são os grandes ícones do esporte no país, ainda que o Brasil seja uma referência no vôlei de praia mundial e possua os melhores jogadores do mundo tanto no feminino como no masculino. Duplas como Shelda e Adriana Behar, Sandra e Ana Paula possuem um grande espaço na mídia e, portanto, uma grande visibilidade junto ao público.

2000 Nas Olimpíadas de Sydney, na Austrália, o vôlei de praia obteve três medalhas: duas de prata com Zé Marco/Ricardo e Shelda/Adriana Behar, e uma de bronze com Adriana Samuel/Sandra Pires. O esporte foi responsável por 1/3 de todas as medalhas obtidas pelo Brasil nos Jogos. Sandra Pires é a primeira mulher porta-bandeira da delegação brasileira na solenidade de abertura dos Jogos Olímpicos de Sydney. Shelda e Adriana Behar conquistam, pelo quarto ano consecutivo, o título da temporada do Circuito Mundial. No masculino, Ricardo e Zé Marco foram os campeões. A dupla formada por Márcio e Benjamin surpreende e leva o título do Circuito Banco do Brasil. No feminino, Shelda e Adriana Behar são as campeãs pela quarta vez.

2001 Klagenfurt, na Áustria, foi a sede do Campeonato Mundial. A final reuniu duas duplas brasileiras, e Shelda e Adriana Behar asseguraram o bicampeonato na vitória sobre Sandra Pires/ Tatiana. Em Brisbane, na Austrália, o Brasil dominou na terceira participação do vôlei de praia no Goodwill Games. Foram três medalhas, sendo duas de ouro, com Sandra Pires/Tatiana e Loiola/Ricardo, e uma de prata, com Adriana Behar/Shelda. Tande e Emanuel asseguraram o título da temporada do Circuito Mundial, e Shelda e Adriana Behar o pentacampeonato. Tande/Emanuel, pela primeira

vez, e Shelda/Adriana Behar, pela quinta, asseguraram o título do Circuito Banco do Brasil.

2001 Jacqueline, Sandra Pires, Loiola e Emanuel foram eleitos, pela Federação Internacional de Volley-Ball, atletas da década de 1990.

2002 No Campeonato Europeu masculino sub-19, na França, a dupla formada por Pedro Solberg e Gabriel Aguilera garantiu o bicampeonato para o Brasil. No Europeu feminino sub-17, Juliana Bernet e Luíza Scheide também conquistaram o ouro.

2002 O título do I Campeonato Mundial sub-18, na Itália, ficou com Pedro Solberg e seu parceiro Yan. No feminino, Carol Solberg, e Isabel Grael terminaram na quarta colocação. No Mundial sub-21, na Itália, o Brasil lutou pelo bicampeonato com a dupla Taiana/Juliana, que assegurou o ouro. Maria Clara e Talita conquistaram a medalha de bronze. No masculino, Pedro Cunha e Adriano Fonseca ficaram com a medalha de prata. No Circuito Banco do Brasil, Shelda e Adriana Behar asseguraram o hexacampeonato. No masculino, a vitória ficou com Ricardo e Emanuel, único tetracampeão brasileiro.

2003 Nos Jogos Pan Americanos de São Domingos, a dupla Ana Richa e Larissa conquistou bronze no feminino e, no masculino, Luizão e Paulo Emílio a medalha de prata. O Brasil sediou o Campeonato Mundial de Vôlei de Praia que está inserido no circuito internacional. O campeonato foi disputado na cidade do Rio de Janeiro no mês de outubro. No feminino Ana Paula e Sandra foram campeãs do circuito internacional e conquistaram a vaga para as Olimpíadas de Atenas. A outra vaga foi para a dupla Shelda e Adriana Behar, que conquistou a medalha de prata no campeonato Mundial. No masculino, a dupla Ricardo e Emanuel foram os campeões do circuito e campeões do Mundial conquistando a medalha de ouro. A outra dupla brasileira Márcio e Benjamin ficou com a medalha de bronze. De acordo com os critérios para a conquista de vagas nas Olimpíadas de Atenas, estas duas duplas estão praticamente com a vaga garantida.

Situação Atual A década de 1990, a partir de 1991, quando o Banco do Brasil criou o circuito Banco do Brasil de vôlei de praia, foi um marco em termos de implantação de uma estrutura moderna e profissional. O circuito se estruturou como espaço propício para o surgimento de novos talentos e divulgação do esporte pelo país. Segundo pesquisas realizadas pelo Instituto Datafolha, o vôlei é o segundo esporte na preferência do público masculino, o primeiro entre o público feminino e tem crescido mais que o futebol no país. Atualmente, o vôlei de praia envolve 2.856 atletas femininos e masculinos, registrados nas federações estaduais. O número de praticantes é, todavia, desconhecido, mas a prática é massiva nas praias brasileiras, dividindo preferências com o futebol de areia. No Brasil, de modo peculiar, o vôlei de praia e o de quadra pertencem à mesma confederação, a CBV. Em 2003, com auxílio da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro e o patrocínio de empresas privadas, se realizou o primeiro campeonato brasileiro nas categorias sub-18 e sub-21 de vôlei de praia. Este campeonato tem como objetivo estimular o surgimento de uma geração de jogadores que se desenvolvem diretamente na praia, integrada com as características específicas da modalidade.

Fontes Trindade, Roberta Carolina Valle da. Mulher, Atleta, Mãe - Sonhos possíveis, realidades compatíveis? Experiências de vida de Jogadoras de Vôlei de Praia sobre suas carreiras e a maternidade. Dissertação de Mestrado Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro: UGF, 2003; www.bancodobrasil.com; www.cbv.com.br/cbv/praias; entrevistas com Isabel Salgado, Ana Richa, Mônica Rodrigues e Ana Paula.

Tênis

JUAREZ MUELLER E MÁRCIA MIRANDA

Tennis

Tênis

Tennis started in Brazil almost at the same time it first appeared in England and in the United States. The first tennis championship following modern standards took place in London in 1877. The American Tennis Association was founded in the U.S. in 1881. The first tennis championships took place in France in 1891. In 1889, British sportsmen that had come to work in the city of Niterói-RJ brought tennis for the first time to Brazil. That encouraged the creation of several social and sports clubs, where residents of Niterói started playing tennis. In 1892, another tennis club was founded in the city of São Paulo-SP, and four years later German immigrants

Tênis

Origens O *Jeu de Paume* era um jogo praticado nos castelos, mosteiros e nas prisões durante o século XIII, na França, e possuía características que vieram a servir de base para o jogo de tênis. A invenção da raquete com cordas pelo padre italiano Antônio de Scalo, no século XV, contribuiu significativamente para a evolução do *Jeu de Paume* e o surgimento do tênis. Em 1870, o inglês John Heatchote confeccionou a primeira bola de tênis em borracha e coberta com flanela, fato este que estimulou a evolução da prática como esporte. Quatro anos após, em 1874, o major inglês Walter Clopton Wingfield patenteou o jogo de tênis como um produto e com o nome Sphairistike. O produto consistia em regras e o desenho de uma quadra ofertados numa caixa com duas raquetes, postes para a rede e vários espetos para fixar as linhas. Neste formato e a partir de então, o jogo de tênis ganhou um grande impulso e se expandiu rapidamente por todos os continentes.

1877 Neste ano realizou-se em Londres, no All England Club, no bairro de Wimbledon, o primeiro campeonato de tênis nos moldes atuais. O evento contou com a participação de 21 tenistas e 200 expectadores.

1881-1891 Em 1881 é fundada a Associação de Tênis dos Estados Unidos e, em 1888, o primeiro torneio de tênis da era moderna realiza-se na Inglaterra. Em 1891, os primeiros campeonatos de tênis são organizados na França.

1889 Neste ano, o tênis surge no Brasil na cidade de Niterói-RJ, trazido por esportistas ingleses, pioneiros de firmas inglesas de navegação e engenheiros que vinham construir estradas de ferro e outras obras da época. A cidade em questão constituía então uma concentração de cidadãos ingleses que ali se instalaram por ser aprazível e ter se tornado sede de vários clubes sociais e esportivos.

1892 Em São Paulo, as primeiras quadras de tênis foram construídas no São Paulo Athletic Club, fundado por ingleses como ocorrera antes em Niterói-RJ.

1895 Registros de memória (jornais do Rio de Janeiro-RJ) indicam que o tênis já era praticado no Niterói Country Club, nesta data.

1896 Funda-se em Porto Alegre-RS o *Rodforvier Verein Blitz* (Sociedade Ciclística Blitz), por imigrantes alemães que também construíram um velódromo na cidade. O tênis era um dos esportes cultivados pelos sócios do clube Blitz.

1896 O tênis constou do programa dos primeiros Jogos Olímpicos da era moderna, em Atenas, e permaneceu até as Olimpíadas de 1924, quando, por questões organizacionais, foi excluído. O retorno aos Jogos Olímpicos somente aconteceria em 1986 em Seul, na Coréia.

1900 Neste período é criada a Copa Davis em Massachussetts-EUA, pela qual a disputa é realizada entre países. Na primeira Copa, disputaram EUA x Inglaterra.

1901 Segundo registros de Cantarino (2003), historiador do esporte de Niterói, o tênis já era praticado neste ano em diversos clubes niteroienses, tais como o Clube de Regatas Icaráí, o Canto do Rio Futebol Clube e The Rio Cricket and Athletic Association. Onze tenistas desta última associação, juntamente com mais quatro assistentes, presenciaram, no dia 1º de agosto de 1901, uma partida de futebol do seu clube com uma equipe do Rio de Janeiro, organizada por Oscar Cox. No bairro de Icaráí – praia renomada de Niterói –, sobrevivia, ainda, na década de 1940, “uma quadra de

established tennis as practice in the city of Porto Alegre-RS. The first Brazilian tennis tournament took place in 1904, and the federations of the discipline of the states of São Paulo and of Rio Grande do Sul appeared respectively in 1924 and 1929. The first tennis racket factory using Brazilian technology was created in 1927 and in the following year the production reached 4,000 tennis rackets per month. Brazil participated in the Davis Cup for the 1st time in 1932 and in Wimbledon, in 1938. The decades of 1950 and 1960 were the golden era of Brazilian tennis, when two tennis stars appeared: Maria Esther Bueno – today reference among the best

Tênis

tênis, com pequena manufatura de raquetes”, remanescente das primeiras práticas de tênis.

1904 O primeiro torneio de tênis do país aconteceu este ano: um campeonato interclubes envolvendo o São Paulo Athletic Club, o Tennis Club de Santos e o Paulistano. Os torneios “nacionais” foram disputados inicialmente entre os Estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, já que o acesso de tenistas de outros estados só era possível através de via marítima. Em 1913, três tenistas brasileiros promoveriam o primeiro campeonato estadual em SP. Depois de cinco consecutivas conquistas dos ingleses, o Brasil teve seu primeiro campeão do Estado de São Paulo: Maercio Munhoz, do Paulistano, que em 1930 fundaria a Sociedade Harmonia de Tênis.

1905 O período marca, na Austrália, o início dos campeonatos chamados “*Fourth Leg do Grand Slam*”, que representam, até hoje, os quatro maiores e mais importante torneios de tênis jogados no circuito internacional, a saber: Wimbledon, da Inglaterra; Roland Garros, da França; Aberto, dos Estados Unidos e Aberto, da Austrália.

1913 Surge, neste ano, a Federação Internacional de Tênis-ITF, com o objetivo de organizar e difundir o tênis mundialmente.

1916 Surge no Brasil, o Country Club do Rio de Janeiro-RJ, que cultiva o tênis desde a sua fundação. Santos Dumont, ainda em vida, nos anos de 1930, praticava tênis neste clube. Na década de 1970, do Country saíram os expoentes Ronald Barnes e Jorge Paulo Lemman.

Década de 1920 Em SP, os clubes Germânia (Pinheiros), Paulistano, São Paulo Athletic, Tietê e Espéria fundam, em 1924, a Federação Paulista de Tênis, que na década de 1930 já alcançava um número recorde de 23 clubes filiados. Em 1929, 19/04, cria-se a Federação Gaúcha de Tênis por quatro clubes dos cinco de Porto Alegre-RS que praticavam a modalidade: Excursionista e Sportivo (hoje: Clube do Comércio), Tênis Clube Walhalha (hoje: Associação Leopoldina Juvenil), Tênis Clube Germania (hoje: SOGIPA) e The British Club (hoje: extinto). Nos últimos anos da década de 1920, o tenista Néelson Cruz era o principal destaque no Brasil.

1927-1928 Em São Paulo-SP é inaugurada a primeira fábrica de raquetes com tecnologia brasileira, de propriedade de Hygino Franchini, produzindo em média 10 raquetes por mês. No ano seguinte, a fábrica é comprada por Alcides Procópio que, para atender a demanda, aumenta a produção em até 4.000 raquetes por mês.

Década de 1930 O tênis brasileiro continua crescendo de forma acelerada, com a participação de tenistas em várias competições nacionais e internacionais e com a adesão de um número crescente de pessoas. A Sociedade Harmonia de Tênis, de São Paulo-SP, contrata o primeiro professor de tênis do Brasil – o francês George Hardy – para desenvolver a escola de aprendizagem do tênis no clube. Nelson Cruz e Ricardo Pernambucano foram os primeiros brasileiros a participar da Copa Davis: a estréia aconteceu em 1932. Neste estágio, também se destacou Alcides Procópio, que se tornou o primeiro brasileiro a participar do torneio de Wimbledon, na Inglaterra, em 1938. Ele também ganhou o primeiro título oficial de campeão brasileiro de simples, em 1943, derrotando seu principal rival na época, Maneco Fernandes, do Paulistano.

1955 Até esta data o tênis nacional era dirigido por um departamento específico da Confederação Brasileira de Desportos,

tennis players of all times – and Thomas Koch, who was on the list of the 12 best tennis players of all times in the 1960s. Today the heir of the tradition of tennis in Brazil is Gustavo Kuerten, nicknamed “Guga” – one of the best tennis players of the world and Brazilian sports hero. Table 2 below shows variations of estimates about tennis in Brazil including number of participants, athletes, courts and the market of tennis rackets and tennis balls before and after the so-called “Guga effect”. In terms of tennis, Brazil has today 24 state federations, 728,000 players, 44,000 registered athletes and 7,800 tennis courts in clubs and health clubs (see Table 1).

Tênis

quando então as principais federações realizaram um movimento em prol da criação da Confederação Brasileira de Tênis. Além de contar com as reivindicações das federações, houve participação importante dos meios de comunicação de massa além de militantes políticos simpatizantes da causa. Naquele mesmo ano, foi fundada a Confederação Brasileira de Tênis-CBT tendo, como seu primeiro presidente, o deputado catarinense Leoberto Leal.

Décadas de 1950 e 1960 Esta é a chamada era de ouro para o tênis brasileiro, quando vários jogadores se destacam no cenário internacional trazendo várias conquistas para o Brasil. No conjunto, dois jogadores merecem destaque especial: Maria Esther Bueno e Thomas Koch. Nascida em São Paulo, no dia 11 de outubro de 1939, a carinhosamente chamada Estherzinha, foi tricampeã em Wimbledon (1959/ 60 / 64) e tetracampeã no US Open (1959, 1963 / 64 / 66). Foi número um do mundo em 1959 / 60 / 64 / 66 e tem um total de 589 títulos internacionais na carreira. Ainda hoje é referência entre as melhores tenistas de todos os tempos. Na década de 1960, Thomas Koch obteve várias vitórias em torneios internacionais, chegando a figurar entre os 12 melhores tenistas do mundo em sua época. Ele teve atuação destacada, também, na equipe brasileira da Copa Davis; filho de uma família de esportistas, em 1963 foi considerado o melhor tenista de 18 anos do mundo, quando alcançou a semifinal de Forest Hills, o atual US Open. Juntamente com Édson Mandarino, formou uma das melhores duplas do mundo, que no ano de 1966 chegaria ao seu ápice.

1968 A fábrica de bolas Mercur, sediada no Rio Grande do Sul, desenvolve, com tecnologia brasileira, uma bola especial para ser usada em qualquer dos torneios oficiais da Federação Internacional de Tênis.

1972 O período é marcado pela fundação da Associação dos Tenistas Profissionais-ATP que se propõe a defender os direitos dos tenistas e profissionalizar o tênis. Na mesma época, os campeonatos de tênis passam a ser transmitidos de forma mais efetiva pela televisão e as empresas começam a divulgar seus produtos nos eventos tenísticos.

Década de 1970 Neste estágio, Koch ainda repercutia no tênis brasileiro, mas surgiu no cenário mundial Carlos Alberto Kirmayr, que participou da equipe brasileira da Davis por mais de dez anos. Esteve entre os 50 melhores tenistas do mundo, chegando ao 31º lugar do ranking da ATP no começo dos anos 1980 (Koch chegou a ser 24º colocado). No feminino, Patrícia Medrado foi a melhor tenista brasileira com o afastamento de Estherzinha, que deixou as quadras no início da década em razão de uma tendinite no cotovelo. A década, contudo, representou um período de transição com a ausência de um grande ídolo nacional. No decorrer da década, as Associações se organizam melhor e vários torneios são realizados no país tanto no nível amador quanto profissional. O Brasil alcança bons resultados com seus juvenis, mas as dificuldades da transição para o profissional são muitas. Ainda assim, os esforços empreendidos pelos jogadores, pelos dirigentes, pais e patrocinadores ajudam a manter o tênis brasileiro entre os melhores da América do Sul.

1989 O torneio de Wimbledon se transformou em empresa, e obtém um lucro aproximado neste ano de 40 milhões de dólares.

Décadas de 1980 e 1990 Durante este período, o número de academias de tênis cresceu significativamente nas regiões sul e

sudeste na mesma proporção em que muitos treinadores, de forma mais intensiva, começam a procurar cursos de tênis no Brasil e no exterior. Alguns treinadores dedicam-se a fazer curso de graduação em Educação Física. Em alguns cursos de Educação Física, a disciplina de tênis passa a contar em seus currículos. Durante estes vinte anos, o número de torneios aumenta no Brasil. Em termos de jogadores de destaque, no final da década de 1980 apareceu o paulista Luiz Mattar. Este juntamente com Cássio Motta, Fernando Roese e, depois, Jaime Oncins, formaram uma das equipes brasileiras mais fortes da Copa Davis, chegando à semifinal do grupo mundial em 1992. Já no feminino, a gaúcha Niége Dias colocou o tênis brasileiro no cenário mundial, incluindo-se entre as 30 melhores do mundo neste período.

1997 Neste ano, Gustavo Kuerten -Guga- surpreende o mundo tenístico e vence pela primeira vez o torneio de Roland Garros de forma destacada. Nasce aí um novo ídolo do esporte da raquete no Brasil. Guga vence este torneio mais duas vezes e até a presente data acumula 18 títulos de torneios internacionais na sua carreira.

1998 A CBT inaugura o departamento de capacitação de professores e treinadores com um novo enfoque didático, técnico e científico e realiza cursos de nível I – II – III e IV em vários estados.

2001 Neste ano, Gustavo Kuerten – Guga – atinge o ápice de sua carreira até então, chegando ao topo do ranking – o tenista número um do mundo – após vencer a copa do mundo de tênis em Lisboa, em que jogam apenas os oito melhores tenistas da temporada. Guga também colabora, de forma decisiva, a popularizar o tênis no Brasil com seu carisma, popularidade e simplicidade. Na atualidade, podemos ver, em todos os estados, crianças brincando de jogar tênis.

2002 – 2003 No período de 2002, Guga tem uma lesão que o afasta das quadras, mas em 2003 figura, outra vez, entre os melhores

tenistas da ATP e, com isso, a esperança do ídolo atual conquistar ainda muitos torneios importantes.

Situação Atual Hoje, no plano internacional, o tênis profissional possui uma mega-estrutura: é administrado e organizado pela ITF, ATP e a World Tennis Association–WTA, como também por empresas de marketing que trabalham com a promoção de grandes eventos. No Brasil, o esporte está bem estruturado geograficamente possuindo 24 federações estaduais e contando com 728 mil praticantes (ocasionais e regulares) com 44 mil jogadores registrados nas federações e 7.800 quadras em clubes e academias (ver Tabela 1). Embora este porte de participação e de infra-estrutura confirme uma tradição de mais de um século de desenvolvimento, a competitividade do tênis brasileiro encontra-se deficiente na atual década de 2000: no continente sul-americano o país disputa a hegemonia da modalidade com a Argentina no masculino e está apenas entre os três melhores países no feminino, ocorrência rara nos dias presentes com outros esportes praticados no Brasil; nos demais níveis internacionais, há, sobretudo, casos isolados e instáveis de bons resultados (dados do COB, 2001). Acrescente-se a este fato, conforme se pode apreciar pela Tabela 2, que dados macro têm tido oscilações incomuns. Aparte de se pressupor uma baixa confiabilidade das estimativas de praticantes e atletas nesta Tabela 2, cumpre notar que o chamado “feito Guga” tem correspondência em diversos outros países. Ou seja: o aumento de interesse pelo tênis oscila normalmente com o aparecimento de campeões carismáticos, mas no Brasil aparentemente há mais sensibilidade dos números a este efeito de impacto popular. Neste caso, o aumento de vendas de bolas e raquetes – acima de 100%, com o efeito Guga (Tabela 2) – é sintomático e tem maior confiabilidade por serem dados abertos pela indústria do setor.

Em resumo, a baixa competitividade atual – por vezes também detectada no passado – do tênis brasileiro deve ter suas origens na

formação de base e/ou nas condições de treinamento, pois não condiz com a sua tradição, com as proporções assumidas pela modalidade no país e nem com as reações positivas provocadas por campeões ao estilo de Guga no presente, ou Maria Esther Bueno no passado. Neste particular, é também sintomático que o tenista Fernando Meligeni tenha sido apontado como o melhor atleta masculino do ano, no evento Prêmio Brasil Olímpico promovido pelo Comitê Olímpico Brasileiro-COB, em 2003. Note-se que Meligeni foi medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos do mesmo ano, em disputa com grande impacto na mídia nacional. O carisma, portanto, constitui aparentemente a moldura histórica do tênis brasileiro. Neste particular, não é surpreendente que a CBT e seus afiliados e parceiros tenham perseguido nas últimas décadas objetivos de formação de base e da busca de excelência no treinamento de alta competição, uma vez que as evidências sobre a potencialidade do tênis no país são constantes. Assim, no plano esboçado pelo Diagnóstico do COB de 2001, cogitou-se da implementação de um Centro de Treinamento próprio da CBT. Outro exemplo é o do SESC com seu programa de formação de base (ver abaixo), constituindo ambos indicações para o futuro.

Fontes Ledra, Daniela Carla. Tênis em Santa Catarina: sua origem e evolução. Monografia de Conclusão de Curso. CDS/UFSC. Florianópolis, 1996; Giffoni, Edmundo. Tênis-catarse moderna. Porto Alegre: FEPLAN, 1989; O tênis feminino no Brasil. SESC. São Paulo, 1989; Dias, Juarez Muller e col. O ensino-aprendizagem de tênis de campo nos cursos superiores de Educação Física do Brasil. Pesquisa, 1998; Dados fornecidos pela CBT e Federações Estaduais de Tênis; Bustolin, Milton. Tênis no Brasil – História, ensino e idéias. Sprint. Rio de Janeiro, 1995; Cantarino, Mario. Levantamento sobre Niterói-RJ para o Atlas do Esporte no Brasil (2003); Páginas na Internet da ITF, CBT, FteRJ e www.tenisgaucho.com.br; COB. Diagnóstico e Análise das Modalidades Olímpicas, RJ, 2001.

Tabela 1 / Table 1

Estimativas de participantes segundo informações coletadas nas federações, 2003^(*)

Estimates of participation based on data collected from federations, 2003^()*

Federações informantes: 16 (67% do total) / *Respondent federations: 16 (total:24)*

Estados / States	Atletas registrados / Athletes	Participantes (**) / Participants (**)	Quadras / Courts	Total participantes / Total of participants
Paraíba	200	2250 (1)	30	2450
São Paulo	7.600	600.000	6500	600.000
Minas Gerais	4.151	10.000	128 (5)	14.151
Mato Grosso	1.250	3.500	82	4.750
Santa Catarina	7.071	5.000	64 (5)	12.071
Mato Grosso Sul	1.700	4.760 (2)	60 (5)	6.460
Rio Grande do Sul	3.500	25.000	320 (5)	28.500
Paraná	10.000	7.000 (3)	89 (5)	17.000
Rio Janeiro	3.600	18.096 (4)	232	21.700
Espírito Santo	2.100	5.000	64 (5)	7.100
Ceará	500	6.000	80	6.000
Sergipe	300	450	32	750
Pará	10	600	100	600
Brasília - DF	2.178	6.000	76 (5)	6.000
Amazonas	132	195	25	327
Tocantins	254	200	15	454
TOTAL	44.546	689.905	7.897	728.313

(*) Estimativas assinaladas por números entre parênteses nos casos de dados não disponíveis / *(numbers) represent estimates when data are not available*: (1) Base: 75 praticantes/quadra do CE; (2) Base: 2,8 praticantes/ registrado do MT; (3) Base: 0,7 praticantes / registrados de SC; (4) e (5) Base: 78 praticantes / quadra de SP.

(**) Atletas registrados somados a praticantes ocasionais e regulares (não discerníveis nas respostas) / *Athletes plus occasional and regular participants*.

Tabela 2 / Table 2

Oscilações de números do tênis no Brasil devido ao efeito Guga, 1996 – 2003

Variation of estimates about tennis in Brazil due to Guga's effect, 1996 – 2003

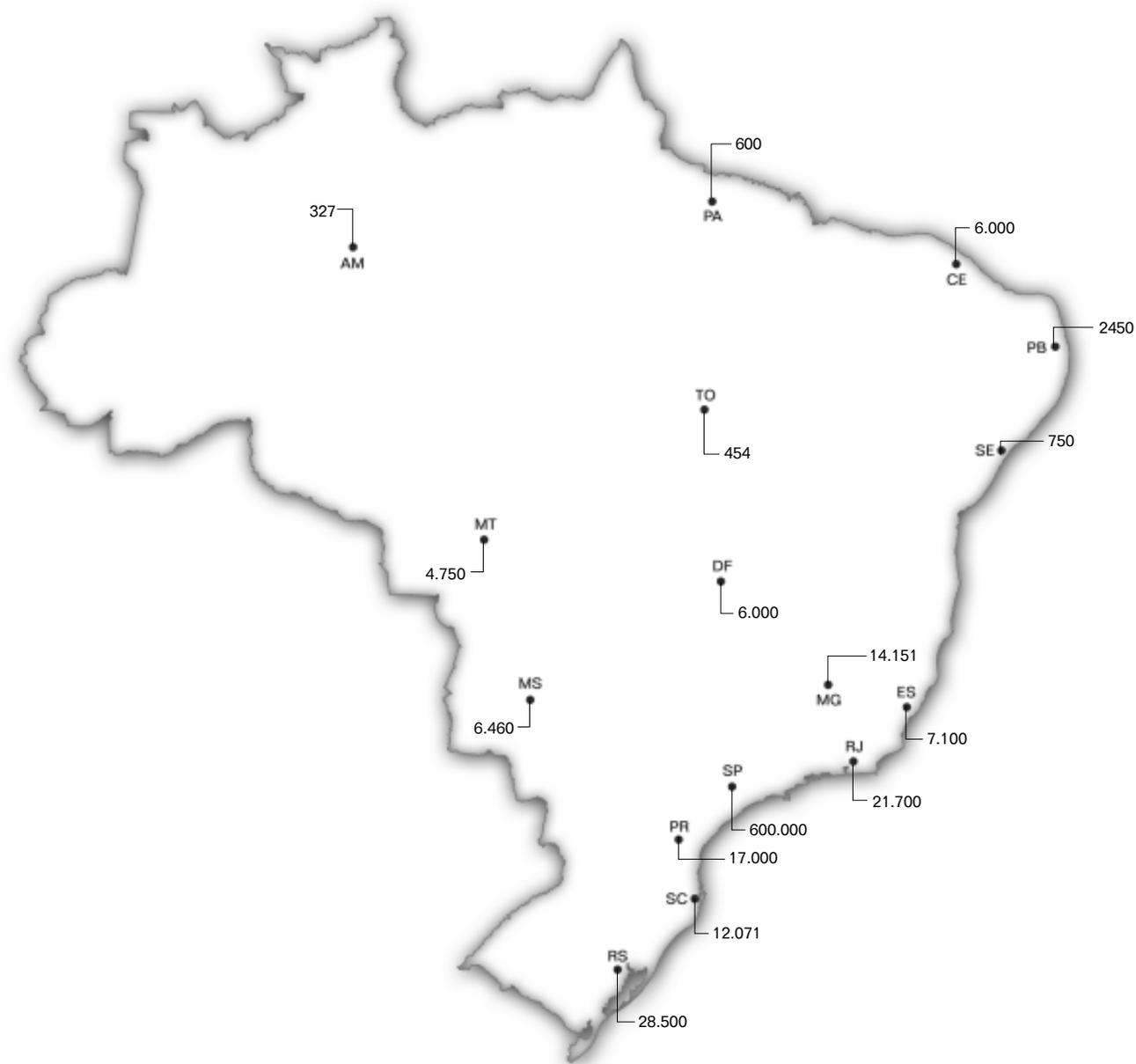
Fatores estimados / ano Estimated factors / year	Antes Guga 1996 (1) <i>Before Guga</i>	Depois Guga 2000 (1) <i>After Guga</i>	Variações 2001 (2) <i>Variation</i>	Variações 2002 (3) <i>Variation</i>	Variações 2003 (4) <i>Variation</i>
Participantes Participants	400.000	600.000 (+50%)	n/d	n/d	728.313 (+ 82%)
Tenistas federados Athletes in federations	5.500	11.000 (+ 100%)	18.621 (+ 69,2%)	n/d	44.546 (+139,2)
Quadras Courts – clubs	7.000	10.000 (+42%)	n /d	n/d	7.897 (-21,0%)
Raquetes vendidas Racquets sold	60.000	140.000 (130%)	n/d	110.000 (-21,4%)	-
Bolinhas vendidas Balls sold	1,2 milhão	2,9 milhões (+141%)	n/d	-	-

Fontes / *sources*: (1) Revista “Veja”, 14/03/2001 (informante CBT); (2) COB-Diagnóstico Modalidades Olímpicas, 2001; (3) Wilson do Brasil-2003 9 (fabricante material esportivo); (4) Levantamento para o “Atlas” feito junto às federações estaduais, com 16 informantes de um total de 24 existentes (ver Tabela 1).

Número estimado de participantes de tênis por estado / Federação informante, 2003

Estimated number of tennis players per state / Respondent federation, 2003

(n = 728.313)



Projeto Tênis SESC em Brasília

Tennis for school children in Brasília: 600 players per month in SESC facilities or in schools on demand

Com o objetivo de contribuir para a popularização do tênis, tornando-o acessível ao maior número de pessoas, o SESC desenvolve desde 1993 o Projeto Tênis SESC, que hoje conta com 600 alunos mensalmente nas quadras da Unidade de Taguatinga Sul, localizada no Distrito Federal. Desde sua inauguração calcula-se que mais de 20 mil pessoas participaram do Projeto. O Programa é desenvolvido por meio de uma proposta metodológica que apresenta uma alternativa pedagógica de adaptações de regras, materiais, instalações e aulas em grupo, possibilitando aprender o sentido funcional do jogo, jogando. As crianças aprendem o esporte com muita descontração participando de atividades recreativas e interativas. Além disso, todo o material de trabalho, as bolas e raquetes, são fornecidos pelo SESC.

Como desdobramento do Projeto Tênis SESC estão inseridos três programas que, na essência, têm o objetivo de aproximar as crianças do tênis: Tênis SESC vai à escola; Tênis SESC para todos e Escola vem ao Tênis SESC. Com o "Tênis SESC vai à escola", os instrutores visitam as escolas levando o material necessário (rede portátil, bolas e raquetes), com a finalidade de possibilitar os primeiros contatos da criança com o tênis. O "Tênis SESC para todos" tem como objetivo ensinar as noções básicas do tênis por meio de atividades lúdicas e jogos pré-desportivos, utilizando material alternativo (raquetes de madeirite, redes adaptadas e bolas usadas). Por fim, o "Escola vem ao Tênis SESC" possibilita que as escolas que participaram de um desses dois programas citados, possam agendar uma visita à Unidade de Taguatinga Sul – DF, para as aulas de tênis numa quadra oficial e conhecer o espaço. A visita acontece durante um dia, no período da manhã ou tarde e o SESC viabiliza o transporte quando possível.

A Tabela 3 apresenta dados da produtividade do Tênis SESC, considerando alunos e atendimentos no período 1994 – 2003. Como o período de fevereiro a dezembro tem 48 semanas, observa-se que, em 1994, o aluno tinha aproximadamente um (1) atendimento por semana. Entre 1998 e 2002, o Projeto alcançou 1,5 atendimentos por semana, que corresponde a seis atividades mensais, isto é um aumento de 50%.

Tabela 3 / Table 3

Resumo do projeto Tênis SESC em Brasília (*) / Summary of Tennis SESC Project
Number of participants / year vs. frequency of participation / year

Ano	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003 / maio	TOTAL
Nº Alunos	386	377	450	488	471	567	505	594	519	426	4.783
Atendimentos	20.266	23.367	29.439	32.907	33.130	44.808	39.341	36.480	39.627	13.032	312.397
Atend./aluno	53	62	64	67	70	79	78	61	76	70**	
Atend./por sem	1,1	1,3	1,3	1,4	1,5	1,6	1,6	1,3	1,6	1,5	

(*) Número de Alunos é a média durante todo o ano, considerando de fevereiro a dezembro; "Atendimentos" é o número de participações em atividades do Projeto durante todo o ano, considerando o período de fevereiro a dezembro.

(**) Extrapolado para o período até dezembro.

Handebol

EDGAR HUBNER E CLÁUDIO REIS

Handball

Handball is a modern sport with roots in the Greek and Roman Antiquity. The modern game of handball was first played towards the end of the 19th century in Denmark, Germany and Sweden. Recognition of field handball with 11 players based on the games of "Raffball" and "Königsbergerball" (Konrad Koch, 1846-1911) occurred at the turn of the 20th century and later included in the Olympic Games of Berlin in 1936. Indoor handball with 7 players started to predominate in the 1960s although both versions have had great popularity since 1938 and separate championships. Data from the International Handball Federation-IHF 2003 show 150 national

Handebol

Origens Na Antiguidade grega e romana houve jogos aparentados com o atual Handebol. Assim ocorreu com o “Jogo Urânia”, dos Gregos (descrito por Homero em Odisséia) e com o "Harpaston" dos Romanos (retirado dos desenhos do médico romano Claudius Galenus). Na Idade Média, o jogo *Fangballspiel* praticado na Alemanha e cantado por Walter von der Vogelweide tinha certas características que podiam ser descritas como as formas originais do Handebol. No século XVI, Rabelais na França descreve uma forma de Handebol: "eles jogam uma bola utilizando a palma da mão". Entretanto, o Handebol dos tempos modernos foi jogado pela primeira vez em 1897, em Nyborg, Dinamarca. Na década de 1910, o Handebol conquistista uma ascensão com os primeiros impulsos que haviam sido dados paralelamente pela Dinamarca, Alemanha e Suécia, ao surgir o chamado Handebol a 11 no final do século XIX. Considera-se geralmente que os pais fundadores do Handebol a 11 são os professores de Educação Física alemães, que na virada do século, criaram o novo esporte a partir do *Raffballe* do *Königsbergerball*(Konrad Koch). Em 1919, o professor Karl Schelenz (Berlim – Alemanha) lança o Handebol como o esporte de grande terreno (campo) na Europa. Em seguida, ele apresenta melhorias nas regras sendo reconhecido também como um dos pais do Handebol a 11. Em 1928, durante os Jogos Olímpicos de Amsterdam foi criada a Federação Internacional de Handebol Amador-IAHF. Entre seus fundadores, estava Avery Bundage (EUA), futuro presidente do Comitê Olímpico Internacional. No Brasil, o Handebol surgiu no seio dos grupos étnicos germânicos que habitavam o país e por intermédio de Emil Schemehlin, que trouxe o esporte após a Primeira Guerra Mundial, na sua versão praticada em campo. Em 1928, já se registravam jogos amistosos de Handebol de Campo entre clubes da Colônia Alemã do sudeste e sul do país. Considerando-se estes pontos de partida, segue-se um levantamento de fatos de memória primeiramente em âmbito internacional e depois no Brasil, dadas as relações mútuas de ambas as abordagens diante das sucessivas alterações das regras e do desenvolvimento recente da modalidade.

Handebol

Handebol internacional

1936 Neste ano, a IAHF já contava com 23 países filiados. Na programação dos Jogos Olímpicos de Berlim, ele aparece pela primeira vez ao público, com a realização de um Torneio de Handebol a 11. Neste evento, a Alemanha venceu a Áustria na final por 10 x 6 perante 100.000 pessoas no Olympia Stadium de Berlim.

1938 Foi disputado na Alemanha o primeiro Campeonato Mundial Masculino de Handebol de Campo (11 jogadores), com a participação de 10 equipes e o I Campeonato Mundial Masculino de Handebol de Quadra (sete jogadores) com a participação de quatro equipes. Resultado (campo): (1º) Alemanha, (2º) Suíça e (3º) Hungria.

1946 A Federação Internacional de Handebol-INF foi oficialmente criada em 11 de julho em Copenhagen, por 8 países fundadores: Dinamarca, Finlândia, França, Holanda, Noruega, Polônia, Suécia, e Suíça, através de uma iniciativa e convite da Suécia e Dinamarca.

1949 Realizou-se na Hungria o primeiro Campeonato Mundial de Handebol Feminino de Campo (sete jogadoras). Resultado: (1º) Hungria, (2º) Áustria, (3º) Tchecoslováquia.

1957 O I Campeonato Mundial Feminino de Handebol de Quadra aconteceu na Iugoslávia e contou com a participação de 9 países.

Handebol em jogo durante o Campeonato Mundial Masculino de 1974

Handebol em jogo durante o Campeonato Mundial Masculino de 1974

Handebol em jogo durante o Campeonato Mundial Masculino de 1974

affiliated federations in the world with approximately 800,000 teams and 19 million male and female players. Handball has been played in Brazil since 1931, when clubs of German origin started organizing competitions. Handball was included in the Jogos Estudantis Brasileiros – Brazilian Students’ Games (national event with state representations) – in 1971, which contributed for the spread of handball to all states. Today Brazilian handball is one of the sports that hold the best results in international competitions including the hegemony of men’s and women’s handball teams within the American continent. Furthermore, the women’s team features as one of the

Handebol

1960 – 1969 Apesar das várias alterações das regras para tornar o Handebol de Campo mais atrativo, não houve os progressos esperados. Assim sendo, os países escandinavos e da Europa do Oeste passaram a praticar apenas o Handebol de Quadra e o mesmo ocorrendo posteriormente nos países de outros continentes. Neste estágio, a República Federal da Alemanha e a República Democrática da Alemanha, dominavam o Handebol de Campo e a Romênia, Suécia, Tchecoslováquia e Hungria, o Handebol de Quadra. Em 1960, na Holanda, a Equipe Feminina da Romênia conquistou o Bi-Campeonato Mundial, no 3º e último Campeonato Mundial Feminino de Campo, depois de ter ganho o título em 1956 no Mundial da Alemanha.

1965 Ano-chave para o desenvolvimento do esporte com a re-inclusão futura do Handebol Masculino no programa dos Jogos Olímpicos de Munique –1972.

1966 A IHF decide que os jogos seriam dirigidos por 2 árbitros. O 7º e último Campeonato Mundial de Handebol de Campo aconteceu na Áustria com a vitória da FRG (atual Alemanha).

1967 No Handebol de Quadra a expansão torna-se evidente: no Campeonato Mundial Masculino, 25 países participaram e com a presença do Japão foi a primeira vez que um país não-europeu participou de um Campeonato Mundial.

1972 Presença do Handebol nos Jogos Olímpicos de Munique (Masculino). As dimensões do esporte aumentaram obrigando a Federação Internacional de Handebol a adaptar sua estrutura organizacional. O 14º Congresso da IHF em Nuremberg decidiu fundar uma Secretaria Geral Permanente (Suíça) e criar 5 Comissões (Organização de Competições, Métodos, Médica, Arbitragem, Desenvolvimento e Propaganda).

1974 O relatório da Federação Internacional de Handebol indica que havia 60 países filiados, com 150.000 equipes registradas (masc. e fem.) e 3.000.000 atletas inscritos (masc. e fem.), incluindo escolares.

1976 Inclusão do Handebol Feminino nos Jogos Olímpicos de Montreal.

1977 Diante da evidente expansão da modalidade nas competições internacionais foram criados os Campeonatos Mundiais B e C, e os Campeonatos Mundiais Juniores Masculino e Feminino. O ano também marca a criação da primeira Confederação Continental (Pan-Americana) com as equipes dos EUA participando regularmente dos Campeonatos Mundiais. Contudo o país não-europeu, mais ativo continua sendo o Japão. Nações que dominaram a década de 1970: Romênia, República Democrática da Alemanha (RDA), Iugoslávia e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

1980 a 1989 O Handebol também sofreu os problemas políticos com os boicotes dos Jogos Olímpicos de 1980 (Moscou) e 1984 (Los Angeles). Desta maneira, em Moscou, o Campeão Mundial (1978) – República Federal da Alemanha e, em Los Angeles, o Campeão Olímpico (1980), República Democrática Alemã e o novo Campeão do Mundo (1982), a URSS, não participaram.

1988 A Coréia sucedeu o Japão, como a melhor nação de fora da Europa e sua equipe feminina conquistou a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Seul. Nas Américas, Cuba atraiu as atenções.

Handebol em jogo durante o Campeonato Mundial Masculino de 1974

Handebol em jogo durante o Campeonato Mundial Masculino de 1974

Handebol em jogo durante o Campeonato Mundial Masculino de 1974

best national teams in World Championships and in the Olympic Games. The Confederação Brasileira de Handball (Brazilian Confederation of Handball-CBHb) has acknowledged an increase in the number of registered athletes from 53,198 in 2000 to 55,011 in 2002. Brazil has 201,048 handball players linked to 687 clubs and 7,774 teams (data from IHF, 2003) as it can be seen in Table 1. Although these impressive numbers place Brazil as number 5 in the world, common advantages of the male team are not as significant as it happens with other indoor sports in Brazil, which partly explains the so many favorable results of the women’s team.

Handebol

Nações que dominaram a década de 1980: URSS, Iugoslávia, RDA, Hungria e, no feminino, a Coréia.

1990 O handebol tornou-se um esporte Global e de Mídia. Sob a pressão dos países não-europeus conscientes de seu valor, os Campeonatos Mundiais aumentaram o número de participantes em seu favor.

1992 Apesar dos esforços de igualdade do ideário olímpico, nos Jogos Olímpicos de Barcelona a modalidade masculina realizou o Torneio com 12 equipes e a feminina com 10 equipes.

1993 Após a Coréia no feminino, o Egito – uma segunda nação não-européia – entra na história do Handebol, conquistando a medalha de ouro do Campeonato Mundial Junior Masculino.

1993 As primeiras competições oficiais de Beach Handball foram organizadas pelos italianos na praia de Giulianova. Simultaneamente, holandeses também desenvolveram regras para essa nova modalidade. Após algumas sugestões e trocas de experiências, ambos os países – Itália e Holanda – elaboraram as novas regras que logo seriam oficializadas pela IHF.

1995 24 países na versão masculina e 20 na feminina disputam o Título de Campeões Mundiais. Os continentes da Ásia, África e Américas dispõem de 5 vagas entre os 16 primeiros.

1996 Ano do Jubileu da Federação Internacional de Handebol, que contava oficialmente neste ano com 138 Federações Filiadas, com aproximadamente 800.000 equipes e mais de 8 milhões de jogadores. Nações que dominaram a década de 1990: Suécia, França e Rússia (masculino), e Coréia, Noruega, Dinamarca e Alemanha (feminino). As estatísticas da Federação Internacional de Handebol (2003) apresentam 150 Federações de Handebol filiadas, com aproximadamente 800.000 equipes e algo próximo de 19 milhões de atletas masculinos e femininos.

Handebol

Handebol no Brasil

1931 Fundação da Associação Alemã de Handball (16/03) – Presidente José Hollander. Primeiro Jogo Interestadual: *Turnerschaft von* 1890 de SP x *Deutscher Turn und Sportverein* do RJ, com vitória da equipe de SP.

1940 O desenvolvimento do Handebol é mais visível em SP. Assim sendo, em 26 de fevereiro foi fundada a Federação Paulista de Handebol, tendo como seu 1 º Presidente Otto Schemelling.

1954 O Handebol de Salão foi oficializado quando a Federação Paulista de Handebol instituiu o I Torneio Aberto de Handebol, que foi jogado em campo improvisado ao lado do campo de futebol do Esporte Clube Pinheiros, campo esse demarcado com cal (40x20m e balizas com caibros de madeira 3x2m). Este Handebol praticado com 7 jogadores e em um espaço menor, agradou de tal maneira que a Confederação Brasileira de Desportos-CBD, órgão que congregava os esportes amadores em âmbito nacional, criou um Departamento de Handebol possibilitando assim a organização de torneios e campeonatos brasileiros nas várias categorias masculina e feminina.

1971 A efetiva difusão do Handebol em todos os Estados aconteceu a partir da inclusão do esporte nos III Jogos Estudantis Brasileiros-JEB, realizado em Belo Horizonte-MG.

1972 Inclusão do Handebol nos Jogos Universitários Brasileiros-JUB realizados em Fortaleza-CE. Nos JEBs de 1972, o Handebol teve a participação de aproximadamente 10 equipes femininas e 12 masculinas.

1973 IV JEBs em Maceió-AL, com 16 equipes femininas e 20 masculinas.

1973 I Campeonato Brasileiro Juvenil feminino e masculino, em Niterói-RJ.

1974 Realiza-se a primeira disputa adulta de nível nacional.

1976 Cria-se o I Campeonato Brasileiro de Handebol Masculino Adulto com colocações de destaque por representações do Nordeste do país: 1º Maranhão e 2º Paraíba.

1978 O I Campeonato Brasileiro de Handebol Feminino Adulto teve em primeiro a seleção do Amazonas e, em segundo, a de Pernambuco, o que confirmou a expansão do Handebol por todo o Brasil.

1979 Em primeiro de junho: fundação da Confederação Brasileira de Handebol-CBHb. Até esta data o Handebol Brasileiro fazia parte da Confederação Brasileira de Desportos - CBD. A desvinculação da CBD foi para atender uma determinação da nova legislação esportiva à época. Neste estágio, já existiam algumas Federações Estaduais que fizeram parte da transição e portanto são consideradas fundadoras da CBHb: Federação Paulista de Handebol; Federação de Handebol do Estado do Rio de Janeiro; Federação Maranhense de Handebol; Federação Pernambucana de Handebol; Federação Cearense de Handebol; Federação Gaúcha de Handebol e Federação Paraense de Desportos. Estas entidades e as outras que compareceram na Assembléia de Eleição no dia 22 de agosto de 1979 no Rio de Janeiro, são também consideradas fundadoras a saber: Federação Paranaense de Handebol; Federação Mineira de Handebol; Federação Amazonense de Handebol, Federação Sergipana de Handebol e Federação Paraibana de Handebol. O fato da sigla ter o "b" minúsculo após o "H" em CBHb deu-se em função da Confederação Brasileira de Hipismo ser mais antiga e, portanto, já existir a sigla CBH já registrada no então Conselho Nacional de Desportos-CND.

O primeiro Presidente da CBHb foi o Professor Jamil André de São Paulo, Professor de Handebol da Universidade de São Paulo-USP, técnico de clubes e inclusive da Seleção Brasileira. A primeira sede da CBHb foi na cidade de São Paulo. O segundo Presidente foi o Professor José Maria Teixeira, alagoano que residia no Rio de Janeiro e que, além de Professor da modalidade, era o Coordenador de Handebol nos Jogos Escolares Brasileiros. Ao se transferir para trabalhar na Universidade Federal de Alagoas, Professor Teixeira trouxe com ele a sede da CBHb para Maceió-AL.

1991 As Seleções Brasileiras Masculina e Feminina, participam pela primeira vez dos Campeonatos Mundiais Juniores, respectivamente na Grécia e na França.

1992 A Seleção Brasileira Masculina participa pela primeira vez dos Jogos Olímpicos, na edição de Barcelona.

1993 As regras do Beach Handball são aprovadas em 1 de agosto pela IHF.

1994 Realiza-se pela primeira vez a Curitiba International Cup em Curitiba-PR, um dos principais torneios de Handebol do mundo.

1994 O Prof. Manoel Luiz Oliveira, Presidente da CBHb participando do XXV Congresso da IHF, na cidade de Amsterdã (Holanda), teve seu primeiro contato com as novas regras da modalidade.

1995 A CBHb envia ao COB a sugestão de incluir o *Beach Handebol* no Festival Olímpico de Verão. Participaram Brasil (Campeão), Argentina (Vice-Campeã), Itália e Portugal.

1995 A Confederação Brasileira de Handebol, realiza em Aracaju, o Campeonato Mundial Junior Feminino.

1995 A Federação de Handebol do Rio de Janeiro realiza o I Campeonato Brasileiro de Beach Handball Masculino. Classificação: Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Minas Gerais e Distrito Federal.

1996 O Brasil recebe por escolha unânime da Assembléia Geral da Federação Internacional de Handebol, o Troféu Hans Baumann, como o país que contribui de forma excepcional para o desenvolvimento do Handebol. Este prêmio foi entregue pela primeira vez em 1972. A Seleção Brasileira Masculina participa dos Jogos Olímpicos de Atlanta.

1996 É realizado o II Campeonato Brasileiro de Beach Handball Masculino em Cabo Frio, Rio de Janeiro O Paraná sagrou-se campeão, seguido pelo Amazonas, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo.

1996 O Beach Handebol integra o programa do Festival Olímpico de Verão no RJ. O título ficou com a equipe italiana; Cuba ficou com o vice; Brasil foi o terceiro e Canadá, o último colocado.

1997 Mudanças decididas pelo Conselho IHF constituem em uma parte fundamental pela adaptação às regras do Handebol de Praia.

1999 O atleta Bruno Souza (RJ), um dos melhores atletas brasileiros, transfere-se para a Alemanha.

2000 A Seleção Brasileira Feminina participa pela primeira vez dos Jogos Olímpicos na edição de Sidney.

2001 I Campeonato Mundial de Beach Handball em Akita, no Japão. O evento fez parte dos VI World Games. O Brasil ficou com a medalha de bronze tanto no masculino quanto no feminino.

2003 A Confederação Brasileira de Handebol realiza o Campeonato Mundial de Handebol Júnior Masculino (Foz do Iguaçu-PR) e conquista o Título de Campeão dos Jogos Pan-Americanos Masculino e Feminino (República Dominicana – Santo Domingo) e classifica pela primeira vez as duas equipes para os Jogos Olímpicos de Atenas em 2004. O atleta Bruno Souza, recebe o prêmio Brasil Olímpico, como o melhor atleta de Handebol de 2003.

2003 A Curitiba International Cup completa 10 anos de realização com a marca de 1081 equipes tendo participado do evento em 3.033 jogos e assinalados 70.788 gols

2004 O atleta Bruno Souza entra na relação dos 10 melhores jogadores do mundo, no Ranking da Federação Internacional do qual se escolhe o melhor atleta do ano. Neste ano, a sede da CBHb continua em Aracajú-SE, seguindo diretriz estabelecida a pedido do Presidente da entidade em sua Assembléia Geral. O terceiro e atual Presidente da Confederação é o Prof. Manoel Luiz Oliveira que também era Técnico de Escolas e Clubes, com participação em seleções Brasileiras como Assistente Técnico no I Campeonato Pan-Americano Adulto Masculino realizado na cidade do México e, como Supervisor no campeonato Pan-Americano realizado em Manaus-AM.

Situação Atual O Brasil atualmente tem a hegemonia do Handebol no Continente Americano nas Categorias Masculinas e Femininas, que se confirmam com a participação nos Jogos Olímpicos de Atenas-2004. No nível mundial, a Categoria Feminina já se situa entre as melhores seleções nacionais (COB, 2002). Estas posições resultam do trabalho de base que se prolonga desde 1971, com a ênfase posta nos Jogos Estudantis Brasileiros. Porém, no estágio atual, uma melhor posição no cenário mundial dependerá de uma profissionalização dos Dirigentes, Técnicos, Atletas e Árbitros que atuam na modalidade. A instituição da Equipe Olímpica Permanente da CBHb em 2002 é um passo fundamental para se enfrentar o desafio de uma subida adicional na escala internacional, dado a que são mantidos em treinamento controlado 60 atletas das categorias adulta, masculina e feminina. Hoje também a CBHb cadastra 55.011 atletas registrados, ao passo que em 2000 este quantitativo era de 53.198 (dados de COB, 2003). Em termos mais gerais, os praticantes brasileiros constituem a quinta maior posição do mundo como se aprecia pela Tabela 1, totalizando cerca de 201.048 com vínculos em 687 clubes e 7.774 equipes (dados da IHF, 2003). Neste números, a vantagem masculina não é tão significativa com ocorre em outros esportes de quadra, explicando em parte os bons resultados da categoria feminina (ver resultados gerais na Tabela 2).

Em resumo, a profissionalização em andamento no Handebol brasileiro permitirá progressivamente assumir espaços na mídia e a obtenção de investimentos de patrocinadores, passos necessários a consolidar a modalidade entre as maiores do país. E neste sentido, os avanços atuais a destacar são:

- O início em 1991 de participações nos Campeonatos Mundiais Juniores Masculino e Feminino. – O Brasil esteve representado em todos os Campeonatos posteriores.

- A realização de vários Torneios Regionais de Handebol, além do Calendário Oficial da CBHb.

- 27 Estados possuem Federações e estão filiadas à CBHb, realizando seus Calendários Estaduais.

- A inclusão do Beach Handebol nos eventos Nacionais, tendo a Itajaí Handball Cup como um dos maiores eventos do País.

- A participação e a realização de Campeonatos Sul-Americanos, Pan-Americanos e Mundiais nas Categorias e Base.

- Realização dos Campeonatos Mundiais Juniores Feminino (Aracajú / 1995) e Masculino (Foz do Iguaçu /2003).

- A posição de destaque obtida pelo Prof. Manoel Luiz Oliveira, hoje ocupando a Presidência da Federação Pan-Americana de Handebol e a Vice-presidência da Federação Internacional de Handebol.

Fontes HANDBOOK – Confederação Brasileira de Handebol, 2003; HANDBOOK – Confederação Brasileira de Handebol, 2004; Hahn, R.; Herrmann, H.G.; Birkefeld, F. et al. 50 Years / 100 years Handball . Basel. International Handball Federation, 1996; NAGY-KUNSAGU, P. Handebol. Rio de Janeiro. Palestra Edições Esportivas, 1983; CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE HANDEBOL. Regras oficiais de Beach Handball. 1995; CATCH YOUR SUCESS – Basel. International Handball Federation, 1997; WORLD HANDBALL MAGAZINE – International Handball Federation – n° 3 e 4 /1996; WORLD HANDBALL MAGAZINE – International Handball Federation – n° 1/2002; Fistarol, V – O Histórico do Handebol – Monografia. Setor de Ciências Biológicas.UFPR, 1997.

Tabela 1 / Table 1

Principais países em número de praticantes de handebol, 2003
Main handball countries per number of players, 2003

País / Countries	Clubes		Equipes / Teams				Participantes / Participants						
	Total	masc	masc juvenil	fem	Fem juvenil	sem registro	Total	masc	masc juvenil	fem	fem juvenil	sem registro	Total
GER	5'046	9'042	14'224	4'521	7'112		34'900	340'707	179'996	160'718	148'866		830'287
FRA	2'376	3'500	6'200	1'800	3'400		14'900	66'081	107'447	29'076	71'189	220'000	493'793
IND		58	828	58	552		1'496	26'900	138'000	36'690	81'000	157'000	439'590
USA	45	20	10	8	3		41	993	807	300	400	400'000	402'500
BRA	687	384	654	270	552	5'914	7'774	9'984	19'620	5'940	17'654	147'850	201'048
KAZ	20	17	38	17	34	57	163	20'403	25'907	19'403	22'806	84'560	173'079
DOM		460	242	115	161		978	25'750	23'450	21'150	22'300	80'000	172'650
MTN		12	23				35	22'230	23'575			118'050	163'855
LBA		138	138	58	92		426	12'875	12'415	10'345	15'610	110'000	161'245
IRL		10	18	12	23	145	208	10'200	11'310	10'240	9'440	118'560	159'750
GUA							100					154'200	154'200
MLI	17	17	79	17	69	520	702	9'800	29'000	4'100	15'000	85'000	142'900
MEX	98	56	81	24	39	100	300	21'725	23'450	15'575	12'300	69'800	142'850
MRI	16	16	16	5	5	8	50	11'315	12'210	9'053	8'053	100'000	140'631
DEN	1'028	2'278	1'933	2'073	2'573		8'857	28'501	31'234	28'560	44'868		133'163
CGO		230	69	219	46		564	13'450	11'242	12'875	5'828	85'675	129'070
PAR		23	35	12	23		93	10'345	11'690	9'115	12'460	80'950	124'560
CHA		345	575				920	12'875	13'450			95'680	122'005
SWE	600	525	1'486	390	1'336	3'000	6'737	7'875	22'290	5'850	20'040	45'000	101'055
PRK		115	69	115	46		345	11'725	10'035	11'150	9'690	45'830	88'430
POR	292	172	825	110	390	2'462	3'959	5'258	9'440	2'520	5'107	65'650	87'975
SEN		230	173	115	115		633	14'600	12'760	12'875	11'840	35'680	87'755
NOR	815	500	1'300	750	2'900	1'012	6'462	5'700	15'550	8'920	37'500	15'905	83'575

Fonte / source: International Handball Federation – IHF, 2003

Tabela 2 / Table 2

**Resultados internacionais do Handebol – colocações do Brasil
Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos, 1936 – 2003**

Handball international results – positions of the national team
World Championships and Olympic Games, 1936 – 2003

Campeonatos Mundiais – Masculino

1938	Alemanha (GER) 1º. – Alemanha (GER) 2º. – Áustria 3º. – Suécia	1954	Suécia 1º. – Suécia 2º. – Alemanha (GER) 3º. – Tchecoslováquia
1958	Alemanha (GDR) 1º. – Suécia 2º. – Tchecoslováquia 3º. – Alemanha (GER)	1961	Alemanha (FRG) 1º. – Romênia 2º. – Tchecoslováquia 3º. – Suécia
1964	Tchecoslováquia 1º. – Romênia 2º. – Suécia 3º. – Tchecoslováquia	1967	Suécia 1º. – Tchecoslováquia 2º. – Dinamarca 3º. – Romênia
1970	França 1º. – Romênia 2º. – Alemanha (GDR) 3º. – Iugoslávia	1974	Alemanha (GDR) 1º. – Romênia 2º. – Alemanha (GDR) 3º. – Iugoslávia
1978	Dinamarca 1º. – Alemanha (FRG) 2º. – URSS 3º. – Alemanha (GDR)	1982	Alemanha (FRG) 1º. – URSS 2º. – Iugoslávia 3º. – Polônia

(continuação)

1986	Suíça 1º. – Iugoslávia 2º. – Hungria 3º. – Alemanha (GDR)	1990	Tchecoslováquia 1º. – Suécia 2º. – URSS 3º. – Romênia
1993	Suécia 1º. – Rússia 2º. – França 3º. – Suécia	1995	Islândia 1º. – França 2º. – Croácia 3º. – Suécia 21 a 24º. – BRASIL
1997	Japão 1º. – Rússia 2º. – Suécia 3º. – França 24º. – BRASIL	1999	Egito 1º. – Suécia 2º. – Rússia 3º. – Iugoslávia 16º. – BRASIL
200	França 1º. – França 2º. – Suécia 3º. – Iugoslávia 19º. – BRASIL	2003	Portugal 1º. – Croácia 2º. – Alemanha (GER) 3º. – França 22º. – BRASIL
2005	Tunísia		

Campeonatos Mundiais – Júnior Masculino

1977	Suécia 1º. – URSS 2º. – Hungria 3º. – Iugoslávia	1979	Suécia e Dinamarca 1º. – URSS 2º. – Iugoslávia 3º. – Suécia
1981	Portugal 1º. – Iugoslávia 2º. – URSS 3º. – Tchecoslováquia	1983	Finlândia 1º. – URSS 2º. – Alemanha (FRG) 3º. – Dinamarca
1985	Itália 1º. – URSS 2º. – Suécia 3º. – Iugoslávia	1987	Iugoslávia 1º. – Iugoslávia 2º. – Espanha 3º. – URSS
1989	Espanha 1º. – URSS 2º. – Espanha 3º. – Iugoslávia	1991	Grécia 1º. – Iugoslávia 2º. – Suécia 3º. – URSS 15º. – BRASIL
1993	Egito 1º. – Egito 2º. – Dinamarca 3º. – Islândia	1995	Argentina 1º. – URSS 2º. – Espanha 3º. – Portugal 17 a 20º. – BRASIL
1997	Turquia 1º. – Dinamarca 2º. – Ucrânia 3º. – França 16º. – BRASIL	1999	Qatar 1º. – Dinamarca 2º. – Suécia 3º. – Egito 13º. – BRASIL
2001	Suíça 1º. – Rússia 2º. – Espanha 3º. – Suécia 11º. – BRASIL	2003	BRASIL 1º. – França 2º. – Croácia 3º. – Suécia 8º. – BRASIL

Campeonatos Mundiais – Júnior Feminino

1957	Iugoslávia 1º. – Tchecoslováquia 2º. – Hungria 3º. – Iugoslávia	1962	Romênia 1º. – Romênia 2º. – Dinamarca 3º. – Tchecoslováquia
1965	Alemanha (FRG) 1º. – Hungria 2º. – Iugoslávia 3º. – Alemanha (FRG)	1971	Holanda 1º. – Alemanha (GDR) 2º. – Iugoslávia 3º. – Hungria
1973	Iugoslávia 1º. – Iugoslávia 2º. – Romênia 3º. – URSS	1975	URSS 1º. – Alemanha (GDR) 2º. – URSS 3º. – Hungria
1978	Tchecoslováquia 1º. – Alemanha (GDR) 2º. – URSS 3º. – Hungria	1982	Hungria 1º. – URSS 2º. – Hungria 3º. – Iugoslávia
1986	Holanda 1º. – URSS 2º. – Tchecoslováquia 3º. – Noruega	1990	Coréia 1º. – URSS 2º. – Iugoslávia 3º. – Alemanha (FRG/DHV)
1993	Noruega 1º. – Alemanha (GER) 2º. – Dinamarca 3º. – Noruega	1995	Áustria 1º. – Coréia 2º. – Hungria 3º. – Dinamarca
1997	Alemanha 1º. – Dinamarca 2º. – Noruega 3º. – Rússia	1999	Noruega e Dinamarca 1º. – Noruega 2º. – França 3º. – Áustria
2001	Itália 1º. – Rússia 2º. – Noruega 3º. – Iugoslávia 12º. – BRASIL	2003	Croácia 1º. – França 2º. – Hungria 3º. – Coréia 20º. – BRASIL

Campeonatos Mundiais – Feminino

1977	Romênia 1º. – Iugoslávia 2º. – URSS 3º. – Romênia	1979	Iugoslávia 1º. – URSS 2º. – Alemanha (GDR) 3º. – Iugoslávia
1981	Canadá 1º. – URSS 2º. – Iugoslávia 3º. – Alemanha (FRG)	1983	França 1º. – URSS 2º. – Alemanha (GDR) 3º. – Coréia
1985	Coréia 1º. – URSS 2º. – Coréia 3º. – Polônia	1987	Dinamarca 1º. – URSS 2º. – Dinamarca 3º. – Alemanha (GDR)
1989	Nigéria 1º. – URSS 2º. – Coréia 3º. – Bulgária	1991	França 1º. – URSS 2º. – Coréia 3º. – Dinamarca 15º. – BRASIL
1993	Bulgária 1º. – Rússia 2º. – Bulgária 3º. – Coréia 13º. – BRASIL	1995	BRASIL 1º. – Romênia 2º. – Dinamarca 3º. – Noruega
1997	Costa do Marfim 1º. – Dinamarca 2º. – Rússia 3º. – Romênia 12º. – BRASIL	1999	China 1º. – Romênia 2º. – Lituânia 3º. – Dinamarca 12º. – BRASIL
2001	Hungria 1º. – Rússia 2º. – Hungria 3º. – Alemanha (GER) 13º. – BRASIL	2003	Macedônia 1º. – Rússia 2º. – Hungria 3º. – Noruega 15º. – BRASIL

Jogos Olímpicos – Masculino

1936	Berlim 1º. – Alemanha (GER) 2º. – Áustria 3º. – Suíça	1972	Munique 1º. – Iugoslávia 2º. – Tchecoslováquia 3º. – Romênia
1976	Montreal 1º. – URSS 2º. – Romênia 3º. – Polônia	1980	Moscou 1º. – Alemanha (GDR) 2º. – URSS 3º. – Romênia
1984	Los Angeles 1º. – Iugoslávia 2º. – Alemanha (FRG) 3º. – Romênia	1988	Seul 1º. – URSS 2º. – Coréia do Sul 3º. – Iugoslávia
1992	Barcelona 1º. – CEI 2º. – Suécia 3º. – França 12º. – BRASIL	1996	Atlanta 1º. – Croácia 2º. – Suécia 3º. – Espanha 11º. – BRASIL
2000	Sidney 1º. – Rússia 2º. – Suécia 3º. – Espanha	2004	Atenas

Jogos Olímpicos – Feminino

1976	Montreal 1º. – URSS 2º. – Alemanha (GDR) 3º. – Hungria	1980	Moscou 1º. – URSS 2º. – Iugoslávia 3º. – Alemanha (GDR)
1984	Los Angeles 1º. – Iugoslávia 2º. – Coréia do Sul 3º. – China	1988	Seul 1º. – Coréia do Sul 2º. – Noruega 3º. – URSS
1992	Barcelona 1º. – Coréia do Sul 2º. – Noruega 3º. – CEI	1996	Atlanta 1º. – Dinamarca 2º. – Coréia 3º. – Hungria
2000	Sidney 1º. – Dinamarca 2º. – Hungria 3º. – Noruega 3º. – BRASIL	2004	Atenas

Tênis de mesa

IVAN VINHAS E ALAOR GASPAR PINTO AZEVEDO

Table tennis

Table tennis was born and developed in England during the second half of the 19th century. The oldest registers of table tennis in Brazil date back to 1905 and the first championships took place in 1912. The new sport attracted so many participants and future athletes that Brazil ended up sharing privileged positions in international championships in the 1950s and 1960s. Brazilian table tennis has earned its best international results in Pan American Games since it became an official sport in 1983. According to data from the Confederação Brasileira de Tênis de Mesa- (Brazilian

Table Tennis Confederation – CBTM), based on the manufacturing of tables in the country and their average lifetime (Table 1), it is estimated that there are in Brazil today 12 million people who play ping pong, which can be considered a preliminary stage before adherence to table tennis. The CBTM had 14,796 athletes, 115 affiliated clubs, 186 coaches and 431 referees in 2003 (Table 2). Forty-two percent of the athletes that participate in competitions are from the state of SP. Table tennis in Brazil sells US\$ 3.3 million a year in equipment and materials (Table 3). The most important

cluster of table tennis is located in Piracicaba-SP, where there is a training center recognized by the International table tennis Federation as a future training center for Latin America. Other clusters of table tennis in Brazil are located in: Marília-SP, Santos-SP and the Japanese community of the Capital of SP, the Japanese community of Northern Paraná and of the Barcarena Project in Pará. At the beginning of 2004 the CBTM started a cluster of table tennis in partnership with the Chinese community in Brazil, which includes 300,000 people.

Origem e definições O Tênis de Mesa nasceu e se desenvolveu na Inglaterra durante a segunda metade do século XIX, tendo como origem o jogo medieval de tênis, que se praticava tanto ao ar livre quanto em espaços fechados. Este jogo desdobrou-se em três modalidades: o tênis de campo, praticado com uma bola mais macia – borracha coberta de felpo – em terrenos gramados; o tênis de mesa, passatempo social do mesmo modo jogado em salas comuns; e o badminton, no qual usa-se uma peteca no lugar de bola. Os três são esportes atléticos que exigem rapidez e destreza. Na Inglaterra, as primeiras memórias registradas do Tênis de Mesa revelam um jogo rude iniciado por estudantes universitários com livros dispostos no lugar da rede, e por militares que o praticavam com equipamentos improvisados, sobretudo quando atuantes no exterior. Ainda naquele país, a primeira menção de um catálogo de produtos esportivos é de F.H. Ayres, 1884. As raquetes podiam ser de madeira, papelão ou tripa de animal, cobertas algumas vezes por cortiça, lixa, ou tecido; as bolas de cortiça ou borracha; as redes de diferentes alturas – algumas vezes constituídas de um simples fio. Mesas de diferentes tamanhos, partidas com contagens de 10 ou 100 pontos, saques com um “quique” inicial na metade da mesa do sacador, sistema atual, ou diretamente na outra metade de encontro a um espaço limitado ou não, porém com a obrigatoriedade do sacador estar afastado da linha de fundo da mesa. Nunca figuravam quatro tipos diferentes de duplas. Em qualquer caso, o que era virtualmente o mesmo tipo de jogo identificava-se por muitos nomes.

Século XIX James Gibb, um inglês ex-corredor de longas distâncias, volta de uma viagem de negócios no Estados Unidos com bolas de celulóide de brinquedo, que ele imaginou ser úteis para o jogo de Tênis de Mesa em seu país. Ouvindo-as serem golpeadas por uma raquete oca, de cabo longo e feita de pele de carneiro, então bastante popular, associou os sons produzidos pela bola na raquete com o som “pingue-pongue”, dando assim origem ao nome do jogo. Ele então submeteu este nome a seu amigo e vizinho, John Jaques, fabricante de produtos de esporte Groydon. Este o registrou através do mundo – os direitos para os Estados Unidos foram mais tarde vendidos de Jaques para Parker Bros – e deste modo o jogo passou a ser uma mania elegante na virada do século. Tão rápido quanto cresceu, o jogo se rarefez, permanecendo inoperante na Inglaterra por 18 anos.O colapso talvez possa ser atribuído a várias causas, tais como o grande número de sistemas de jogos rivais e supostos organizadores – 14 livros de instruções foram registrados no catálogo da biblioteca do Museu Britânico neste período – e uma certa monotonia do jogo quando praticado com equipamento inadequado.

1902 Invenção da borracha com pinos para a superfície da raquete possibilitando tão grande efeito e velocidade que criou imediatamente um abismo entre os *experts* e os principiantes.

1905-1910 Nesta época, um progresso maior ocorreu na Europa Central. O jogo foi introduzido em Viena e Budapeste pelo representante de máquinas de escrever e futebolista amador, Edward Shires. Anteriormente, provavelmente em 1889, implementos para jogar o Tênis de Mesa chegaram ao Japão, vindos da Inglaterra, o que resultou numa peculiar inovação esportiva que repercutiu na China, Coréia, e Hong-Kong até finais dos anos de 1920. Estas transferências de costumes vieram a produzir conseqüências importantes em etapas posteriores, uma vez que a China tornou-se uma potência hegemônica na modalidade esportiva.

1905 No Brasil, o Tênis de Mesa teve início de implantação em São Paulo-SP, o que ocorreu através de visitantes ingleses. O nome teria de ser Ping-Pong, já que era época da “epidemia” desta atividade em Londres; seus praticantes possuíam de memória as dimensões da mesa e a contagem era a mesma adotada na época na Inglaterra, bem como o saque, diretamente por cima da rede.

1912 Neste ano tiveram início no Brasil as atividades organizadas do Tênis de Mesa, que até então era praticado em casas particulares e clubes. Assim, disputou-se o primeiro Campeonato por Equipes em São Paulo-SP, saindo vencedor o Vitória Ideal Clube.

1913 – 1915 Em 1913 e 1914, o Campeonato por Equipes de São Paulo foi vencido pela instituição de ensino Mackenzie. No ano seguinte, a Associação Cristã de Moços-ACM foi a vencedora no mesmo evento.

1916 – 1922 O Campeonato por Equipes de São Paulo foi vencido nestes anos pelo Atlético Ipiranga.

1922 O Tênis de Mesa revigora-se na Inglaterra e no País de Gales. Após a 1ª. Guerra Mundial, J.J. Payne de Luton, organizador deste jogo em épocas passadas, e Percival Bronfield de Beckenham, campeão nacional da Inglaterra em 1904, seguidos por Carris de Manchester e outros, formaram uma Associação de Pingue-Pongue. No entanto, encontrando-se legalmente impedidos por uma carta registrada, dissolveram-se e reorganizaram-se no mesmo dia sob o antigo nome do jogo: Tênis de Mesa. Nesta ocasião, redigiram cuidadosamente as regras, com o intuito de receber aceitação nacional por todos os adeptos, e estimularam a criação e a venda de equipamentos de alto padrão. O sistema de duplas escolhido foi o que era praticado em outras épocas em Manchester. No Brasil, acontece o primeiro Campeonato Individual e o seu vencedor foi Júlio Alvizu, tendo sido disputado de acordo com as regras codificadas e publicadas por Leopoldo Santana.

1924 No Rio de Janeiro, nesta época, este jogo já era disputado no Clube de Regatas do Vasco da Gama cuja equipe era constituída por Adão, Luzitano, Carnaval, e Lopes.

1926 Na Inglaterra, a partir deste ano, as regras tiveram circulação e foram aceitas no exterior. O código então se tornou base das regras internacionais, como também o nome Tênis de Mesa. Funda-se então a Internacional *Table Tennis Federation*-ITTF. As modificações do jogo adotadas desde então foram as seguintes: a altura da rede baixou de 6/3 para 6 polegadas; proibição do uso da mão livre para criar efeito no saque; padronização parcial da raquete; e adoção de uma regra de limite de tempo – adaptada à regra da Associação de Tênis de Mesa dos EUA-USTTA – limitando a duração dos sets – 21 pontos – em 15 minutos. Com base nestas regras, em reduzido espaço e tempo, em comparação com muitos outros esportes atléticos, o Tênis de Mesa tornou-se um esporte de massa, com mais de cem associações filiadas a ITTF.

1926 No Brasil, surge a Liga Paulistana de Ping-Pong, sendo seu primeiro presidente Lido Piccinini e seu primeiro campeonato oficial vencido pelo Castelões Futebol Clube. Neste mesmo ano, no Rio de Janeiro, a filiação do Ubá Ping-Pong Clube foi negada por não possuir recinto fechado para a prática do esporte. O registro deste fato sugere que no Rio de Janeiro já havia uma Liga Carioca de Ping-Pong à época.

1929 O jogador alemão Máximo Cristal chegou em São Paulo empunhando uma raquete com pino, vencendo os Ases de São Paulo, o Ourives e o Afins Sociedade Recreativa. Este último clube foi o campeão do ano, porém retirou-se da Liga, fundando a Associação Paulista de Ping-Pong, cujo primeiro presidente foi Miguel Munhoz.

1932 No Rio de Janeiro, um grande idealista e esportista, Joaquim Alves, à frente do Clube Ginástico Português, impulsionava o esporte, realizando jogos amistosos e disputas bem organizadas de torneios como a “Taça Ginásio Patriarcha”.

1934 Ainda no Rio de Janeiro, organizada também por Joaquim Alves, acontece a “Copa Lorenzo Nicolai”.

1937 Neste ano o paulista Rafael Bologria leu na revista “Life” dos EUA – veículo mensal de grande prestígio à época – uma reportagem do norte-americano Lou Pagliaro e deu a público a diferença entre o Tênis de Mesa nacional e o praticado no exterior.

1938 Rafael Bologria, determinado em minimizar os efeitos das diferenças entre o Tênis de Mesa praticado no Brasil e nos demais países, obteve a colaboração do jogador francês Kurt Ortweillor radicado em São Paulo, mas seu projeto não teve boa acolhida na Associação de Ping-Pong local. Sem esmorecer, conseguiu que a colônia húngara de SP sob o patrocínio de Leon Orban promovesse a vinda ao Brasil dos campeões mundiais Miklos Szabados e Istvan Kelen. Apesar das diferenças das regras e das dimensões da mesa, Ricardo D’Angelo derrotou Szabados diante de cerca de duas mil pessoas, obtendo assim a primeira vitória internacional do Brasil. Foi então que os esportistas brasileiros tomaram conhecimento das novas regras. Contudo, no RJ, o jogador carioca Guilherme Ferreira não quis enfrentar os húngaros em visita à cidade em face à diferença de regras. Este atleta posteriormente conciliou-se com Lourival de Carvalho e Djalma de Vincenzi, terminando então por aceitar coletivamente a adoção das regras internacionais.

1940 Em 7 de novembro deste ano, o Clube Atlético Fazenda Estadual-CAFE de SP, inaugurava a primeira mesa de Tênis do Brasil, segundo os padrões internacionais.

1941 Em julho, a Associação de Ping-Pong de SP transformava-se em Federação Paulista de Tênis de Mesa. Ainda em outubro deste ano, o CAFE foi ao Rio de Janeiro e disputou com o Tijuca, o Fluminense e o Braz de Pina jogos pela nova regra, levando De Vicenzi a fundar em 1º. de novembro deste ano a Federação Metropolitana de Tênis de Mesa, apoiada pelos grandes clubes do RJ.

1942 Em janeiro deste ano os cariocas, representados por De Vicenzi, A. Neves, e G. Ferreira e os paulistas por Bolonga, F. Nunes e W. Silva, aprovaram a tradução das regras e assinaram convênios que levaram à oficialização do Tênis de Mesa pela Confederação Brasileira de Desportos-CBD, entidade então gestora do esporte nacional.

1945 Nasce em 26 de julho deste ano, Ubiraci Rodrigues da Costa, conhecido como Biriba que se tornou um dos maiores atletas do Tênis de Mesa brasileiro. Na década de 1960, Biriba, assim como Maria Esther Bueno e Pelé, foi considerado um dos maiores nomes do esporte no Brasil.

1947 Graças ao esforço de De Vicenzi, o Brasil participou do 3º. Campeonato Sul-Americano da modalidade. Este evento

marca a valorização do intercâmbio internacional, que se intensificou com a idéia de Mario Jofre de participar dos Campeonatos Mundiais. Tal passo fundamental no progresso do Tênis de Mesa nacional foi conseguido finalmente por Jofre ao se associar com Dagoberto Midosi.

1959 Neste ano, Biriba passa a ser o mais novo atleta masculino a fazer parte de uma seleção Brasileira, ao disputar o Campeonato Mundial em Dortmund – Alemanha; ele então tinha apenas 14 anos.

1961 No campeonato mundial realizado em Pequim na China, Ubiraci Rodrigues da Costa desclassificou na terceira rodada o então Campeão Mundial Rong Guotuan pelo placar de Biriba 19 x Rong 21; Biriba 21 x Rong 18; Biriba 15 x Rong 21; Biriba 21 x Rong 16; Biriba 21 x Rong 15.

1977 O COI reconheceu o Tênis de Mesa como esporte olímpico.

1981 Em setembro deste ano, o COI reconhece a ITTF como órgão diretivo oficial do Tênis de Mesa, em Baden-Baden, ocasião de sua 84ª. sessão. O COI decide que o Tênis de Mesa deve ser incluído no Programa Olímpico de Verão e participar dos XXIV Jogos Olímpicos de Seul, em 1988.

1983 A partir deste ano, o Tênis de Mesa passou a fazer parte dos Jogos Pan Americanos, realizado em Caracas – Venezuela. O Brasil alcança o título de dupla masculina com Cláudio Kano e Ricardo Inokushi, que também conquistou a prata no individual. Além da medalha de bronze nas duplas mistas com Kano e Sandra Noda, a representação nacional ganha pela primeira vez o título de equipes masculinas.

1984 Acontece o 1º. Mundialito na cidade do Rio de Janeiro, no Estádio do Maracanãzinho. O Mundialito é uma competição promovida pela Confederação Brasileira de Tênis de Mesa-CBTM, e é o único torneio aberto da América Latina reconhecido pela Federação Internacional de Tênis de Mesa.

1987 O Brasil volta a ter um bom desempenho nos Jogos Pan Americanos, desta vez em Indianápolis, nos EUA. Mais uma vez a equipe masculina ficou com o ouro. Cláudio Kano e Carlos Kawai ficam com o bronze no individual e a dupla Kano e Hugo Hoyama com a prata.

1990 Neste ano, o Tênis de Mesa do Brasil fez sua primeira participação nos Jogos Sul-Americanos, em sua 4ª. edição, na cidade de Lima – Peru. Logo na estréia do esporte na competição o Brasil ganhou a maioria das medalhas. Trouxeram o ouro para o Brasil, a equipe masculina – Cláudio Kano, Hugo Hoyama, Silnei Yuta e Washington Spolidori; individual masculino – Cláudio Kano; dupla masculina – Cláudio Kano e Hugo Hoyama; dupla feminina – Carla Tibério e Mônica Doti; dupla mista – Cláudio Kano e Mônica Doti. A prata foi da equipe feminina – Edna Fuji, Carla Tibério, Mônica Doti, Marta Massuda, e do individual masculino Hugo Hoyama. E o bronze foi do individual masculino – Silney Yuta.

1991 Na terceira participação do Tênis de Mesa nos Jogos Pan Americanos de Havana, Cuba, mais conquistas para o Brasil. Foram três medalhas de ouro: Equipe masculina (tri-campeã invicta), dupla masculina (Hugo Hoyama e Cláudio Kano) e individual masculino, com Cláudio Kano. Ainda vieram o bronze na equipe feminina, bronze na dupla masculina formada por Carlos Kawai e Silnei Yuta e a prata individual de Hugo Hoyama.

1995 Jogos Pan Americanos de Mar Del Plata, Argentina: o Brasil seguiu mostrando sua força no tênis de mesa, vencendo a disputa de equipes masculina (tetra-campeão invicto), dupla masculina (Hugo Hoyama/Cláudio Kano) e individual masculino, com Hoyama. As outras medalhas foram a prata no masculino, com Cláudio Kano e o bronze em duplas mistas com Hoyama e Livia Kosaka.

1996 Cláudio Kano é vitimado por um acidente de motocicleta, seu hobby predileto. Kano faleceu no dia de seu embarque para os Jogos Olímpicos de Atlanta, nos Estados Unidos, deixando órfãos milhares de fãs em todo o Brasil e também no mundo. Na Olimpíada deste ano, Hugo Hoyama conquistou o melhor resultado do Brasil nos Jogos, com a nona colocação.

1999 O Brasil fica com o bronze em equipes no masculino e no feminino nos Jogos Pan Americanos de Winnipeg.

2001 Mudança das regras: a bola aumenta de 38mm para 40mm e os sets passam a ter 11 pontos. Antes, a contagem ia até os 21 pontos.

2002 O cearense Thiago Monteiro fez história ao vencer o Aberto do Brasil na categoria sub-21, dando ao Brasil o primeiro título de nível mundial. Neste mesmo ano, no Aberto Juvenil do Peru, com os atletas Gustavo Tsuboi, Bruno Anjos e Cazu Matsumoto, o Brasil chegou pela primeira vez ao local mais alto de um pódio de ordem mundial com uma equipe.

2003 Se 2002 foi o ano das primeiras grandes conquistas mundiais, 2003 foi marcado pela expansão do espaço conquistado. Foram ao total seis títulos na temporada. Nos jogos Pan Americanos de Santo Domingo, em agosto, Hugo Hoyama e Thiago Monteiro venceram, numa final brasileira contra Gustavo Tsuboi e Bruno Anjos, a disputa de duplas. Hoyama seguiu fazendo história com a conquista da oitava medalha de ouro, mantendo-se ao lado do nadador Gustavo Borges como o brasileiro com maior número de medalhas de ouro em Jogos Pan Americanos. Thiago Monteiro, além do ouro em duplas, ficou com a prata no individual e foi campeão francês com a equipe do Bayard Argentan.

2003 O ano começou da melhor maneira para os brasileiros: no Aberto Juvenil do Egito, Gustavo Tsuboi conquistou o título maior, numa final contra Cazu Matsumoto. Já no Aberto Juvenil do Canadá, a equipe formada por Tsuboi e Cazu venceu o torneio de equipes, mostrando-se uma das mais fortes parcerias do Circuito Internacional. Organizado pela Confederação Brasileira de Tênis de Mesa-CBTM em setembro, o Aberto Juvenil do Brasil, que aconteceu em São Paulo, foi a oportunidade da torcida brasileira ver a nova e talentosa geração em ação. Foram nada menos do que 15 medalhas, com destaque para os títulos de equipes de Gustavo Tsuboi/Cazu Matsumoto, Carina Murashige/Mariany Nonaka e o título individual infantil de Mariany Nonaka. O título de Carina e Mariany fez história, sendo a primeira vez que o tênis de mesa feminino do Brasil conquistou um título mundial.

Situação Atual Em termos de praticantes de Ping Pong – ou seja, participação recreativa no Tênis de Mesa com regras flexíveis -, estima-se a existência de 12 milhões de participantes em 2003, no Brasil. Este cálculo baseia-se nas mesas fabricadas no país e em sua duração média de uso (Tabela 1). Por outro lado, a CBTM contabiliza no mesmo ano 14.796 atletas e 115

clubes filiados, os quais movimentam 186 técnicos e 431 juízes (Tabela 2). Deste quantitativo dos participantes de competição importa relevar que 42% estão localizados no estado de SP e que em conjunto, a prática do Tênis de Mesa no país movimenta cerca de R\$ 10 milhões em venda de equipamentos e materiais relacionados ao esporte por ano (Tabela 3). Entretanto, se há desvantagens na concentração de participantes em determinadas áreas do Brasil, há também vantagens quando tal concentração é transformada em um cluster esportivo, como se pode observar pelo caso de Piracicaba (ver destaque adiante). Nesta cidade do Estado de SP, existe um Centro de Treinamento reconhecido pela *International Table Tennis Federation* como o futuro Centro de Treinamento da América Latina. A Universidade Metodista de Piracicaba também tem um convênio com a CBTM para certificar Técnicos. Por sua vez, a CBTM tem uma seleção denominada Seleção Olímpica Permanente que mora e treina em Piracicaba. Porém, além do esporte de alta competição o cluster de Piracicaba atua na inclusão social: há doze núcleos de mesas de cimento instaladas em bairros periféricos e escolas com 3.000 pessoas em atividades regulares (Responsabilidade: Secretaria de Esportes de Piracicaba) Outros clusters da modalidade são: Marília-SP, Santos-SP e Colônia Japonesa da Capital de SP, Colônia Japonesa do Norte do Paraná e do Projeto de Barcarena – PA. No início de 2004, a CBTM deu partida na constituição de um cluster de Tênis de Mesa em conjunto com a Colônia Chinesa no Brasil, que soma cerca de 300 mil pessoas.

Estes resultados das ações da CBTM são essencialmente produto de um Plano Estratégico lançado há oito anos (ver destaque em destaque). Estes procedimentos administrativos se completam com os resultados obtidos. Estes têm sentido a partir de comparações internacionais: já foram realizados 46 Campeonatos Mundiais, o que constitui um número considerável deste tipo de evento de esporte individual, reunindo mais de 800 jogadores de 100 países, que chegam a disputar em mais de 40 mesas, num período de 13 dias. A ITTF conta com cerca de 191 federações filiadas, um dos mais numerosos quadros de sócios entre as federações internacionais dos esportes de raquete, estando ainda entre as 7 maiores destas entidades mundiais. O Japão conta com 600.000 filiados e a Alemanha com 700.000 filiados. Com relação ao Brasil, o destaque reside nos Jogos Pan Americanos, sendo o único esporte do Brasil tetra-campeão por equipes masculinas invicto (1983 a 1995). Dagoberto Midosi, Campeão Mundial de Veteranos em 1959 é o atleta de Tênis de Mesa que fez parte da Seleção Brasileira com a maior idade; atualmente com mais de 85 anos ainda pratica tênis de mesa e é um forte adversário para os jovens. Muito amigo de João Havelange – antigo presidente da FIFA e atual membro do COI – foi o responsável pela participação do Brasil em vários mundiais. Hugo Hoyama é o atleta brasileiro de todos os esportes juntamente com Gustavo Borges, que mais tem medalhas de ouro nos Jogos Pan Americanos. No Tênis de Mesa, atualmente, o atleta pode conquistar no máximo 2 medalhas por evento. Nos jogos anteriores a 1999 havia a possibilidade da conquista de 4 medalhas por evento. Claudio Kano é o Atleta Brasileiro com os melhores resultados em Eventos Mundiais de Adultos: sexto colocado na Copa do Mundo Individual realizado em Macau em 1987, sexto colocado na Copa do Mundo Individual realizado em Nairóbi, no Quênia, em 1989. É o atleta Sul Americano que tem o maior número de Títulos de Campeão: 20. E é o atleta Latino Americano com o maior número de Títulos de Campeão: 9.

Tabela 1 / Table 1

Brasil – Estimativa de praticantes de Ping Pong segundo mesas fabricadas, 2003^(*)

Brazil – Estimates of players according to Ping Pong table production, 2003()*

Mesas Fab/ano/fab.	Anos que Estão Fabricando	Total Fab em 10 anos
24000	10	240.000
Fabricações Caseiras/ Marcenarias		160.000
Mesas já abandonadas 50% das fabricadas		200.000
Mesas em atividades		200.000
Em atividade nos Colégios e Clubes		100.000
Em atividade em Prédio e Condomínios.		100.000
<hr/>		
Nº de Pessoas que praticam em cada mesa dos clubes e Colégios		100
Nº de Pessoas que praticam em cada mesa em Prédios e Condomínios		20
Total de Praticantes nos Clubes e Colégios		10.000.000
Total de Praticantes Prédios e Condomínios		2.000.000
TOTAL		12.000.000

^(*)Fábricas principais de mesas – A maior do Brasil hoje em versões populares é a Klopff, instalada em Curitiba-PR; a mais importante para mesas de competição, é a Hobby, instalada em Pomerode-SC.

Fonte / source: CBTM, 2003

Tabela 2 / Table 2

CBTM – Instituições, atletas e dirigentes do tênis de mesa por estado, 2003

CBTM – Institution, athletes and technical staff of table tennis per state, 2003

Estado / state	Clubes / clubs	Atletas / athletes	Técnicos / coaches	Árbitros / umpires
Alagoas	1	216	2	2
Amapá	1	40	2	2
Amazonas	8	517	3	2
Bahia	2	520	3	10
Ceará	3	345	7	34
Distrito Federal	3	638	4	8
Espírito Santo	1	70	1	2
Goiás	1	265	2	2
Maranhão	2	315	2	8
Mato Grosso do Sul	9	425	2	20
Minas Gerais	3	335	12	18
Pará	5	510	3	6
Paraíba	2	330	3	6
Paraná	7	830	3	23
Pernambuco	6	325	5	15
Rio G. do Sul	3	230	6	11
Rio G. Norte	1	330	2	6
Rio de Janeiro	9	890	10	50
Rondônia	1	120	2	4
Roraima	1	130	2	2
São Paulo	26	6250	91	151
Sergipe	3	225	2	20
Sta. Catarina	16	620	16	21
Tocantins	1	320	2	8
TOTAL	115	14796	187	431

Fonte / source: CBTM, 2003

Plano estratégico da CBTM em progresso, em 2003 – resumo

CBTM Strategic plan on progress, 2003 – summary

A missão da CBTM é aumentar a prática do Tênis de Mesa no Brasil em todas as suas manifestações (performance, educação e participação), melhorar a qualidade de todas as atividades envolvidas no Tênis de Mesa e desempenhar seu papel social, através de uma administração com metodologia de ponta, comunicação otimizada, auto-suficiência financeira, buscando permanentemente a terceirização dos processos e a perpetuação da CBTM. Neste propósito as ferramentas que, nós da CBTM, buscamos tem sido:

1) Criamos um programa denominado PAPER LESS que não circula e nem arquivamos papéis, mas sim informações digitalizadas. Só arquivamos documentos exigidos por lei.

2) Como a Missão prevê a Terceirização dos Processos procuramos identificar todas as atividades da CBTM colocando-as em planilhas denominadas Planilha de Atividades, assim cada área de trabalho possui uma Planilha de Atividades em que estão descritas todas as Atividades da área e a sua frequência de execução. Temos na CBTM perto de 700 atividades catalogadas.

3) Como na atualidade a Terceirização remunera os executantes pelos serviços executados, atribuímos a cada atividade uma pontuação em função da sua importância e dificuldade de execução; por exemplo: elaborar um procedimento vale 30 Pontos.

4) Criamos e continuamos a criar procedimentos de como executar cada atividade, hoje a CBTM já possui perto de 300 procedimentos.

5) Para acompanhar a execução das atividades, usamos um Software utilizado para acompanhar a execução de Projetos denominado Project Builder e o adaptamos para acompanhar a execução de todas as nossas atividades que classificamos em: Rotineiras; Extras; de Eventos; Especiais. Através deste projeto podemos:

- acompanhar de qualquer local do Brasil o andamento das várias atividades, uma vez que o acesso ao projeto é via internet;
- fazer a medição dos serviços executados para remunerar o executante;
- emitir para o terceirizado o valor e ser pago para o executante;
- ter registrada toda atividade executada e qualquer documento gerado na execução da atividade.
- não temos empregados: todos os nossos serviços são terceirizados e pagos de acordo com a produção de cada executante; inclusive o serviço de limpeza entra no Project Builder e a remuneração do executante é emitida pelo programa.

Como se pode notar não é apenas um programa, mas um processo constituído de várias etapas. Além do programa – PB, temos um outro programa revolucionário: Sistema WEB da CBTM – A Confederação Brasileira de Tênis de Mesa está desenvolvendo, em parceria com a Ecos Sistemas, um moderno sistema, batizado de CBTM Web, para gerenciar o seu relacionamento com seus clientes diretos e indiretos. O CBTM Web visa facilitar a interação das federações, clubes, ligas e confederados (atletas, árbitros, técnicos...) com a CBTM através do site da CBTM. Através do Sistema, os associados poderão se cadastrar, pagar sua anuidade (TRA), emitir a sua carteira de registro, acompanhar o seu histórico e obter uma série de outras informações. Todas elas on line. Nos eventos o Sistema informará as tabelas de jogos, resultados e classificações também on line. A CBTM espera que o novo sistema possa proporcionar benefícios diretos a toda comunidade de Tênis de Mesa. A Ecos Sistemas e a CBTM pretendem disponibilizar o sistema para outras entidades esportivas.

Tabela 3 / Table 3**Equipamentos e materiais de Tênis de Mesa vendidos no Brasil por ano, 2003***Table Tennis equipment and materials – annual sales in Brazil, 2003*

Material	Venda Anual	Valor unitário	Valor total
Mesas populares	24000	R\$ 200,00	R\$ 4.800.000,00
Mesas de competição	1500	R\$ 350,00	R\$ 525.000,00
Mesas de concreto	300	R\$ 400,00	R\$ 120.000,00
Bolas Importadas	340000	R\$ 2,00	R\$ 680.000,00
Redes e Suportes Populares	24000	R\$ 30,00	R\$ 720.000,00
Redes e Suportes importados para competição	1400	R\$ 60,00	R\$ 84.000,00
Raquetes Populares	120000	R\$ 15,00	R\$ 1.800.000,00
Raquetes importadas para competição	2400	R\$ 100,00	R\$ 240.000,00
Borrachas de cobertura de raquetes importadas	8000	R\$ 60,00	R\$ 480.000,00
Cola para borracha importada	2400	R\$ 100,00	R\$ 240.000,00
Tênis para tênis de mesa importado	1200	R\$ 120,00	R\$ 144.000,00
Meias para tênis de mesa	3000	R\$ 6,00	R\$ 18.000,00
Short para tênis de mesa	2000	R\$ 19,00	R\$ 38.000,00
Camisa de jogo para tênis de mesa	4000	R\$ 30,00	R\$ 120.000,00
Camisa de treinamento para tênis de mesa	4000	R\$ 16,00	R\$ 64.000,00
Robô para treinamento de tênis de mesa	12	R\$ 2.100,00	R\$ 25.200,00
Capas para raquete	1300	R\$ 22,00	R\$ 28.600,00
Bolsas para material de tênis de mesa	500	R\$ 30,00	R\$ 15.000,00
Vídeos de Treinamento	200	R\$ 50,00	R\$ 10.000,00
Vídeos Educativos	100	R\$ 50,00	R\$ 5.000,00
Separadores para tênis de mesa	300	R\$ 40,00	R\$ 12.000,00
Placares para tênis de mesa	400	R\$ 50,00	R\$ 20.000,00
Agasalhos para tênis de mesa	240	R\$ 80,00	R\$ 19.200,00
Toalhas para tênis de mesa	300	R\$ 20,00	R\$ 6.000,00
Total			R\$ 10.214.000,00

Fonte / source: CBTM, 2003

Centro de Treinamento de Alto Rendimento em Tênis de Mesa "Fran TT"*Table Tennis High Performance Training Center "Fran TT"*
Piracicaba – SP

Diretores responsáveis: Francisco E. B. de Camargo e Josué Massanao Otsuka.

O Centro de Treinamento Fran TT é a sede do Projeto Olímpico do Tênis de Mesa Brasileiro e tem convênio com a Confederação Brasileira de Tênis de Mesa, Universidade Metodista de Piracicaba, Prefeitura Municipal de Piracicaba e Comitê Olímpico Brasileiro. O Centro Fran TT também é Sede Continental para atividades técnicas da Federação Internacional de Tênis de Mesa – ITTF, promovendo anualmente nos meses de janeiro e julho uma Clínica Internacional para treinadores e atletas, bem como os Cursos Oficiais da Confederação Brasileira de Tênis de Mesa – UNIMEP para a formação de Treinadores. O Centro conta com dois treinadores de Nível IV da Confederação Brasileira de Tênis de Mesa e nível III da União Latina Americana de Tênis de Mesa, além de um treinador de Nível II da CBTM e Nível II da União Latina Americana de Tênis de Mesa. São eles: Francisco E. B. Camargo e Marles Sérgio Martins, Nível IV da CBTM e III da ULTM; Francine Bueno de Camargo, Nível II da CBTM e II da ULTM.

Atividades Técnicas do Centro:

- Formação de Treinadores.
- Treinamentos Especializados.
- Treinamentos de Iniciação.
- Estágios Técnicos Internacionais.
- Clínicas Internacionais para Técnicos, Jogadores e Dirigentes.
- Coordenação de eventos da Liga Paulista de Tênis de Mesa que conta com mais de 8.000 jogadores em atividade.
- Coordenação das atividades do Projeto Olímpico do Tênis de Mesa Brasileiro.
- Seletivas para composição das Seleções Brasileiras.
- Assessoria de Treinamentos.
- Assessorias a formação e acompanhamento do desenvolvimento profissional de treinadores do Brasil e da América Latina.
- Elabora projetos de treinamentos e programas especiais.
- Desenvolve pesquisa na área técnica, física e psicológica.

Estrutura Física do Centro:

- Ginásio de Tênis de Mesa
- Iluminação com 1.000 lux. Especial para a prática do Tênis de Mesa.
- Piso Taraflex emborrachado especial para a prática do Tênis de Mesa.
- Mesas importadas e aprovadas pela Federação Internacional de Tênis de Mesa.
- Alojamentos para 60 pessoas.
- Sala de Palestra com sistema Multimídia, DVD, Vídeo-cassete, TV tela grande e Retroprojektor.
- Estacionamento privativo para carros.
- Estacionamento na área externa do ginásio.
- Sala de recreação com TV e Som.
- Cozinha e Refeitório.

A região de Piracicaba é a maior em quantidade de adeptos do Tênis de Mesa do Brasil e de toda a América Latina, sendo por vezes apontada como a Capital do Tênis de Mesa Latino. Isto se deve ao fato de que na região, graças ao trabalho do Centro de Treinamento da Fran TT e da CBTM, foram desenvolvidos programas de expansão de participantes que começaram com a formação de treinadores; criação de uma Liga Regional (Liga Paulista de Tênis de Mesa); disseminação de informações; e campanhas promocionais. Estima-se que a região onde se encontra o Centro Fran TT conta com mais de 8.000 adeptos em atividades regulares, quer sejam em escola ou clubes e academias privadas.

Um balanço dos clubes, técnicos e quantidade de atletas de Piracicaba e dos municípios do entorno, segundo a Liga Paulista de Tênis de Mesa, indica que em 2002 havia em Piracicaba 1.150 atletas cadastrados; Rio Claro 1.100 alunos praticantes; Santa Bárbara do Oeste 600 atletas praticantes; Americana 1.000 alunos/atletas praticantes; Limeira 700 alunos praticantes; Paulínea 350 atletas praticantes; Mogi Guaçu 350 atletas praticantes; São João da Boa Vista 700 alunos praticantes; Itapira 200 alunos praticantes; Tietê 150 alunos praticantes; Laranjal Paulista 150 alunos praticantes; Cerquillo 150 alunos praticantes; Sumaré 100 alunos praticantes; Jaú 500 alunos praticantes; Capivari 500 alunos praticantes; Indaiatuba 320 alunos praticantes; São Carlos 450 alunos praticantes; Sertãozinho 100 alunos praticantes; Descalvado 300 alunos treinando; Estiva Gerdi 200 alunos praticantes.

Ciclismo

GIANNINA DO ESPÍRITO-SANTO

Cycling

Among the several historical facts related to the invention of the bicycle, it is important to point out the very first bicycle competition that happened between the cities of Paris and Rouen (France), 123km, in 1869. In this same year, the bicycle was re-invented in several parts of the world, including Brazil. Adolpho Mabilde and Pedro Petersen became partners and started a workshop in Colônia de Santa Cruz-RS (area of German colonization) for the handcraft production of bicycles. At the end of the 19th century cycling was already a popular sport in several cities of Europe and of the Americas. Brazil had

Um ciclista em competição

Definições Um encontro comum de todos os que pesquisam a bicicleta como veículo de transporte e de atividade física e esportiva, é com o notável artista e inventor Leonardo da Vinci (1452 – 1519), que viveu no Renascimento italiano. Da Vinci, ao combinar meios de transmissão de força em roldanas, desenvolveu o princípio da corrente que até hoje impulsiona todas as bicicletas. Mas foi o conde Méde de Sivrac, da França, que construiu o primeiro veículo movido a duas rodas, dando início efetivo à história da bicicleta em 1790, adotando a denominação de celerífero, derivado das expressões latinas *celer* (rápido) e *fero* (transporte). Tratava-se de um veículo muito primitivo, em que as duas rodas eram ligadas por uma trave de madeira e movidas por impulsos alternados dos pés sobre o chão. Surgiu então um aperfeiçoamento por iniciativa do barão alemão Karl Friederich von Drais que adaptou uma direção ao celerífero e, no dia 5 de abril de 1816, demonstrou seu invento, batizado de Draisiana, no Parque de Luxemburgo, em Paris. Com o novo veículo von Drais percorreu o trajeto entre Beaun e Dijon, na França, numa velocidade média de 15 km/h, dando origem, assim, ao primeiro recorde ciclístico da história. Logo após, em 1820, o escocês Kikpatrick McMillan desenvolveu novas soluções para o veículo, adaptando ao eixo traseiro duas bielas, ligadas por barras de ferro que funcionavam como um pistão, acionadas pelos pés. Dessa maneira, era possível girar as rodas traseiras, possibilitando que o condutor tirasse os pés do chão para se movimentar. A partir daí a bicicleta encontrou seu caminho definitivo. E uma sucessão de fatos, na segunda metade do século XIX, consolidou a bicicleta como veículo de transporte, lazer e prática esportiva.

O avanço de maior destaque foi produzido pelo francês Ernest Michaux e seu filho que, em 1855, aperfeiçoaram o velocípede, introduzindo pedais colocados na roda dianteira. No entanto, o veículo mostrou-se muito pesado para seu propósito. Porém, na França, cresceu o número de entusiastas do novo veículo, sendo necessária a criação de ciclovias na capital, Paris. Em 1862, finalmente, acontece o impulso industrial do invento: Ernest Michaux consegue fabricar 142 unidades em 12 meses e, três anos depois, sua fábrica já produzia rodas metálicas, às quais se aplicava uma camada de borracha maciça. Nestas circunstâncias, era inevitável o uso do veículo numa disputa esportiva, o que aconteceu em 1868 com o inglês James Moore, no Parque Saint Cloud, em Paris, ao vencer a primeira prova masculina com bicíclcos. Em 1869, houve outro fato histórico: a realização de uma prova de bicicletas entre Paris e Rouen, na distância de 123 km. Neste mesmo ano, a bicicleta foi reinventada no Brasil, como em alguns outros lugares: o ciclista brasileiro, Alfredo Dillon, voltando dos Estados Unidos para São Leopoldo Rio – RS trouxe em sua bagagem uma bicicleta chamada de "cavallo de ferro". Nesta oportunidade, Adolpho Pompílio Mabilde, ao conhecer esse velocípede, modo como então se chamava a bicicleta, resolveu produzir um exemplar do veículo. Para isso, associou-se a Pedro Petersen e ambos montaram uma oficina em Colônia de Santa Cruz-RS (área de colonização alemã), e deram início à produção. O ano de 1869, portanto, constitui o marco de memória do uso e fabricação da bicicleta no Brasil.

Origens A versão esportiva da bicicleta teve um marco no ano de 1870, na Europa, com a criação em Londres, da primeira agremiação esportiva ciclística: o *Pickwick Bicycle Club*. Em 1878, também na Inglaterra, funda-se o *Cyclist Touring Club*, que relacionou ciclismo, esporte e excursão de lazer, uma tendência hoje ressurgida e se tornando dominante. No final do

Velódromo em São Paulo

Velódromo em Curitiba

Velódromo em Brasília

velodromes in Porto Alegre-RS, São Paulo-SP and Manaus-AM. A curious fact was that Baron Pierre de Coubertin and Santos Dumont (sportsman inventor of the airplane) were cyclists during their time and kept personal relations. In 1896, German immigrants founded the first cycling society of Porto Alegre-RS, south of Brazil, called Rodforvier Verein Blitz. Cycling competitions and the foundation of cycling clubs took place in Brazil as the bicycle industry started in the city of São Paulo-SP in 1898. The bicycle tradition has been kept alive, but today it is more related to recreational practices and physical exercise for health than it is

Velódromo em Curitiba

século XIX, o ciclismo – ou velopedismo – já era um esporte popular em várias cidades da Europa e das Américas, incluindo velódromos em Porto Alegre-RS, São Paulo-SP e Manaus-AM, no Brasil. Note-se que tanto o Barão de Coubertin como Santos Dumont eram velopedistas à época e mantinham relações pessoais. Tal versão popular hoje se define por simples passeios em cidades ou estradas, em grupos ou por praticantes individuais, com propósitos de lazer e/ou turismo, como também na feição de atividade física para a saúde. Mas o impulso de maior significado no âmbito esportivo foi a primeira edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, em Atenas, 1896. Este evento contou com a participação do ciclismo cujas provas, diferentemente da maioria das modalidades do programa olímpico neste estágio, sofreram poucas alterações. Velocidade, estrada, perseguição e corrida contra o relógio, provas que estiveram nas primeiras edições do ciclismo, existem até hoje. As inovações, no caso, ocorreram por adições em Olimpíadas posteriores. Assim disposto, as provas atuais olímpicas do ciclismo são 10 masculinas e 8 femininas.

1895 Chegam a Porto Alegre, vindas da Europa, bicicletas mais modernas e bem mais leves. Em 06/03 foi criado o clube União Velocipédica de Amadores, visto que o número de ciclistas era muito grande para as proporções da época (Mazo, 2003). Em São Paulo-SP inaugura-se o primeiro velódromo brasileiro: o Velódromo Paulistano, localizado nos terrenos de Dona Veridiana Prado, próximo à igreja da Consolação (hoje centro da cidade). Aí ocorreu a primeira prova de ciclismo do Brasil, com a participação de 30 ciclistas. Esta pista era feita de terra e somente um ano depois foi cimentada (Nicolini, 2001).

1896 Restauração dos Jogos Olímpicos, em Atenas, incluindo provas de ciclismo. As mulheres só vieram a participar nesta modalidade, em Olimpíadas, em 1984, nos Jogos de Los Angeles. Neste ano, no Brasil, imigrantes alemães fundam a primeira sociedade de ciclismo de Porto Alegre, denominada *Rodforvier Verein Blitz* (Sociedade Ciclística Blitz). Um dos seus fundadores foi Alberto Bins, que ajudou financeiramente na aquisição das instalações para o velódromo que se localizou à Rua Voluntários da Pátria, naquela cidade. Em 1897, a sociedade Blitz promove a primeira corrida ciclística nas ruas de Porto Alegre (Lima, 1909 *apud* Mazo, 2003). Na cidade de São Paulo, o Velôdromo organiza uma competição de 50 km que teve a participação de 60 atletas (tempo do vencedor: 1h11m), número expressivo para a época e para a população da cidade: 500 mil habitantes (Nicolini, 2001).

1897 O Velódromo de SP organiza uma prova de 309 km, sendo vencida por Otto Hofembach, habitante da cidade, com o tempo de 10h35m. Neste estágio, o Velódromo teve em suas variadas competições promocionais, a participação de ciclistas franceses de renome, como Tonglet, Buisson, Pefort e Bayard (Nicolini, 2001).

1898 Realiza-se a primeira disputa ciclística em pista oficial no velódromo Rio-Grandense, que se estendia até a parte central do Prado Independência, em Porto Alegre (Mazo, 2003). Neste ano também foi criada a fábrica de bicicletas da empresa Caloi em São Paulo-SP, que se chamava originalmente Casa Luiz Caloi. Em termos de velódromos, surgiria uma tendência nos anos seguintes, na Espanha e no Brasil, de substituição por estádios em decorrência da expansão do futebol (Nicolini, 2001).

Velódromo em São Paulo

Velódromo em Curitiba

Velódromo em Brasília

to competitions. Brazil has 4 velodromes and 3,300 athletes registered in the Confederação Brasileira de Ciclismo (Brazilian Cycling Confederation – CBC), whose program of events for 2003 included 114 competitions all over the country: 65 cycling competitions and 49 mountain bike competitions (see map). Brazil has 48 million bicycles (3.5 inhabitants/bicycle), used not only for recreation but also for transportation in 2003. The Brazilian market for bicycles is very large, showing an increase in bicycle sales, reaching 4.8 millions of units per year (see Tables 1 and 2).

Velódromo em Curitiba

1899 Cria-se a União Velocipédica que, neste mesmo ano, inaugura seu velódromo no terreno cedido pelo município de Porto Alegre, onde atualmente localiza-se o Instituto Parobé (Mazo, 2003). Na Europa, a data marcou a realização da “Volta ao Mundo em Bicicleta” pelos jornalistas franceses Papilaud e Leroy.

1900 Funda-se a União Internacional de Ciclismo-UIC, na França, que ficou responsável pela regulamentação internacional. No Brasil, iniciam-se as disputas ciclísticas no âmbito estadual do RS, que passaram a ser realizadas anualmente, popularizando o ciclismo na capital como no interior. Havia um grande número de ciclistas tanto na Sociedade Blitz como na União Velocipédica de Porto Alegre. O público porto-alegrense comparecia aos velódromos para assistir as competições que tinham um aspecto festivo (Revista do Globo, 1936, p. 15, *apud* Mazo, 2003).

1903 Henri Desgranges e o jornal “L’Auto” lançaram uma das mais importantes competições ciclísticas internacionais: o Tour de France, realizado no verão, ao longo das fronteiras da Bélgica, Espanha, Suíça e Itália.

1904 Na cidade de São Paulo, o Velódromo Paulistano passa a ser usado também para abrigar partidas de futebol, um esporte então adotado por poucos praticantes. O ciclista Antônio Prado Júnior representou o Brasil no Campeonato Mundial de Velódromo, classificando-se num honroso sexto lugar, dando início à participação do ciclismo brasileiro no cenário internacional. Este mesmo atleta, já como dirigente esportivo do ciclismo brasileiro nos anos de 1930, ocupou uma função na Comissão Executiva do Comitê Olímpico Internacional-COI, além de sua posição de membro do Comitê Olímpico Brasileiro-COB. Este último fato de memória oferece indicações do papel importante exercido pelo ciclismo no panorama esportivo nacional, durante a primeira metade do século XX.

1910 Inaugura-se em Rio Claro-SP um Velódromo em terreno doado pela Prefeitura Municipal, por iniciativa de um clube de ciclismo local criado no mesmo ano.

1916 O Brasil Esporte Clube inicia suas atividades na cidade de São Paulo, tornando-se o baluarte do ciclismo no estado de SP, embora atuasse também no atletismo e no futebol (Nicolini, 2001). Este clube foi presidido por Guido Calói - filho do fundador da fábrica de bicicletas com o nome da família em 1898 – no período de 1936 a 1940. Antes, na década de 1920, o mesmo personagem já atuava como dirigente esportivo no ciclismo. A partir destes vínculos foi criada a tradição de se ter membros da família Calói na direção do ciclismo nacional, o que se mantém até hoje. Outro produto destas raízes clubísticas foi a criação do Ciclo Clube Calói, um dos pólos de desenvolvimento do ciclismo nacional há meio século.

1925 Fundação da Federação Paulista de Cyclismo (grafia da época), com sede em São Paulo-SP. Em uma das competições da nova entidade, neste ano, a lista de clubes participantes incluiu Brasil Esporte Clube, Esporte Clube Sírio e Sociedade Esportiva Paulista, todos com prestígio na cidade. Os ciclistas mais populares eram: Progresso Ardanuy, Pascoal Ferretti, Bertholdo Costa, os irmãos Quaglia, Antônio Ruffino e Arthur Ferreira (Nicolini, 2001).

Década de 1930 Outros velódromos surgiram na cidade de São Paulo, entre eles o Clube Brasil, o Ciclo Clube Ardanuy e o Bom

Retiro. Esta ocorrência marcou um segundo avanço do ciclismo no Brasil em face à regressão nos anos de 1910 e 1920, devido ao domínio do futebol e à crescente ocupação das ruas pelo automóvel. Contudo, no âmbito da Federação Paulista de Ciclismo surgiram dissidências que levaram à criação da Liga Ciclística Paulista e da União Bandeirante de Ciclismo. Segundo Nicolini (2001), somente em 1933 surgiu um acordo promovido pelo jornal *Gazeta Esportiva*, unindo as três correntes na nova Associação Paulista de Ciclismo-APC. Em 1937, a APC passou a se chamar Associação Paulista de Ciclismo e Motociclismo-APCM, refletindo outra tendência de curta duração.

1933 A *Gazeta Esportiva* promoveu a primeira prova de “9 de Julho”, prova de rua mais importante do Brasil. Nesta época, segundo Nicolini (2001), havia na capital de SP, mais duas provas clássicas de rua: a “Ciclo Rústica” do jornal *Folha da Noite* e a “Taça Il Piccolo” do jornal, local em língua italiana *Il Piccolo*. A 9 de julho, em sua primeira edição, reuniu 223 competidores.

1935 Em 17/10 foi organizada, no RS, a Federação Riograndense de Ciclismo e Motociclismo pelos clubes Esperança, Rio Grandense e Júpiter. A prova 9 de julho deste ano, em SP, teve 536 ciclistas e 50 mil espectadores, audiência difícil de ser alcançada até nos dias presentes. Neste evento, de acordo com Nicolini (2001), já se manifestou a competição entre fábricas, em que se destacava o esforço da Caló em deslocar marcas estrangeiras como “Legnano” e “Bianchi”. Nesta prova de 1935, Amélio Sarto foi o vencedor com uma bicicleta Calói, o que se repetiu em 1936 com Luiz Lima. Mas nas edições de 1937, 1938 e 1939, os vencedores pilotaram a marca Bianchi.

1936 Nos Jogos Olímpicos de Berlim ocorreu a primeira participação olímpica do Brasil em ciclismo, com desempenho discreto dos atletas Dertônio Ferrer e Ricardo Magnani Netto.

1938 O primeiro Campeonato Brasileiro de Ciclismo acontece em Porto Alegre.

Década de 1940 O ciclismo sofre dificuldades com a falta de peças para suas bicicletas importadas, em consequência da Segunda Guerra Mundial. No período, foram realizadas poucas provas oficiais. Com tais dificuldades, a Casa Luiz Caloi em 1945 nacionalizou peças antes importadas, produzindo-as em um barracão no bairro do Brooklin, na cidade de São Paulo, gerando assim um fato positivo para a indústria nacional de bicicletas. Em 1941, a APCM tornou-se Federação e adotou a sigla FPCM, a fim de atender ao Decreto 3199 do Governo Federal daquele ano, que organizou o esporte brasileiro em federações únicas por cada estado, e uma confederação nacional também unificada para cada modalidade (Amaro Júnior, 1944, p. 67, *apud* Mazo, 2003).

1947 A prova “9 de julho” de São Paulo-SP passou a ser internacional destacando-se, neste ano, a participação de Portugal, Itália, Suíça, Chile, Uruguai, Argentina, Bolívia e Paraguai.

1948 A empresa Monark iniciou suas atividades no Brasil, montando bicicletas com peças importadas da Suécia. Dois anos depois, a produção estava nacionalizada.

1951 O campeão carioca João Massari vence a 13ª etapa da Volta de Portugal.

1952 Cláudio Rosa, com apenas 17 anos, vencia em Assunção – Paraguai, o Torneio Ciclístico Internacional. Ocorreu a prova Rio-São Paulo em duas etapas, pela Via Dutra que une as duas cidades, com a participação de ciclistas uruguaios, argentinos, chilenos, portugueses e outros.

1953 James Finley Scott, um estudante universitário da Califórnia-EUA, foi o primeiro a modificar sua bicicleta de maneira a criar o protótipo do que hoje se conhece como *mountain bike*. Ele retirou o protetor da corrente, a buzina e os racks de sua bicicleta e instalou marchas múltiplas, freios cantilever e guidão relativamente reto, para usá-la fora da estrada.

1954 Outra vez Cláudio Rosa venceu uma prova internacional, tornando-se Campeão da América na prova de resistência, à frente de argentinos, chilenos e paraguaios. Os ciclistas José de Carvalho e João Timafejn obtiveram o primeiro e segundo lugares na prova Rio – São Paulo, enfrentando os uruguaios, chilenos, portugueses, entre outros. Anésio Argenton foi campeão de

velocidade e do quilômetro contra-relógio, no Campeonato da América.

1955 Anésio Argenton é novamente campeão americano de velocidade e quilômetro contra o relógio, no México e na Venezuela.

1956 Antônio Alba venceu três etapas da Volta de Portugal, classificando-se em 8º lugar. Também foi vencedor da prova 9 de julho neste ano, em São Paulo.

1957 Antônio Alba foi campeão americano da prova meio fundo para pontos e se classificou em 6º lugar no Ranking Mundial Amador.

1960 Nos Jogos Olímpicos de Roma, o brasileiro Argenton obteve a quinta colocação na prova de velocidade e sexta colocação na de quilômetro contra-relógio. Nesta mesma Olimpíada ocorreu a primeira morte durante uma competição de ciclismo. Sob clima extremamente quente, o dinamarquês Knut Jensen entrou em colapso, possivelmente por insolação. Depois de sofrer traumatismo craniano com a queda, ele morreu. Nesta década, o carioca Hernner Simões defendeu o Brasil em várias oportunidades com resultados relevantes.

1963 O jornal *Folha de São Paulo* realizou a 1ª Volta do Estado de SP, no período de 7 a 23 de julho. O jornal *A Gazeta Esportiva* realizou a 1ª Volta Internacional do Estado de São Paulo, com a participação de ciclistas de vários países (esta prova foi realizada até 1968).

1968 O brasileiro Luiz Carlos Flores sagrou-se Vice-Campeão do Mundo de Resistência, no Uruguai.

1970 Membros do Mount Tamalpais Velo Club, um clube de ciclismo em São Francisco- EUA, levavam suas bicicletas de passeio especialmente modificadas (pesando cerca de 23 kg) para o topo de uma montanha e apostavam corridas abaixo pelas trilhas sinuosas. Essa competição - a antiga Repack Downhill - marcou o início do mountain bike competitivo.

1971 Luiz Carlos Flores foi vice-campeão Pan-Americano (em Cali, na Colômbia) em provas de estrada.

1975 O carioca Elvio Siqueira venceu a competição internacional “Volta do Equador”.

1977 A Campanha “Esporte para Todos”, sob direção de Lamartine DaCosta do RJ, inicia-se no Brasil por meio de um passeio de bicicletas em escala nacional, realizado em um único dia. Este evento resultou na adesão de 2480 municípios (60% do total nacional neste ano) e 2,3 milhões de participantes recreativos. O impacto desta participação popular atraiu o patrocínio da Calói e da Monark, além de outras fábricas menores, o que deu origem a cerca de 400 passeios de bicicletas por todo o país no biênio 1977-1978 (DaCosta & Miragaya, 2002).

1978 A empresa Monark, com uma fábrica de bicicletas em São Paulo-SP, cria a primeira equipe de BMX Racing da América do Sul e lança uma bicicleta especialmente projetada para a modalidade, com a denominação de BMX. Complementando estas iniciativas, a Monark passa a divulgar a BMX através de exibições com rampas de madeira, nas escolas e praças do Estado de São Paulo.

1978 As Federações Paulista e Carioca de Ciclismo organizaram a prova São Paulo - Rio, composta por etapas pelo litoral, contando com a participação de uruguaios, argentinos, bolivianos, paraguaios e chilenos. João Nelson do Santos, de SP, organiza uma competição de ciclismo popular em diferentes municípios de São Paulo, no mesmo dia e hora, dentro da programação da Campanha Esporte para Todos. Este evento comprovou a possível coexistência entre o uso da bicicleta como lazer e como competição, numa única promoção.

1979 A Monark inaugura a primeira pista para a prática do BMX na América do Sul, na Marginal Pinheiros-SP. A pioneira equipe Racing foi formada pelos pilotos: Formiga, Meio Kilo, Oklinhos, Niltão, Pedrão e Erwin.

1980 A Confederação Brasileira de Ciclismo e Bicicletas Caloi realizaram a Volta da Independência pelo interior de São Paulo, que teve, como vencedor, João Manoel de Oliveira Lourenço.

1981 Foi produzida no Brasil a primeira bicicleta de Mountain Bike. A Volta da Independência foi realizada entre São Paulo e

Brasília, fato que se repetiu em 1982. O ciclista paranaense Antônio Carlos Silvestre foi campeão Pan-Americano da prova Perseguição Individual 4X4000.

1982 Com o apoio da Federação Paulista de Ciclismo e pela iniciativa de alguns abnegados, teve início a Volta do Interior, prova destinada a jovens ciclistas, que foi um grande sucesso e revelou valores até 1991. Antônio Carlos Silvestre é Campeão da Volta Navarra, na Espanha.

1983 Antônio Carlos Silvestre foi campeão da Volta Lara na Venezuela e venceu em provas na Bélgica, Argentina e Uruguai.

1984 Em Los Angeles, nos Jogos Olímpicos, Alexi Grewal foi afastado da equipe dos EUA após um resultado positivo para feniltilamina, presente numa pastilha de ervas chinesas que ele ingeriu, antes de uma prova qualificatória. Este fato marca o início de uma longa campanha até hoje em pauta contra o doping no ciclismo. As mulheres estrearam nestes mesmos Jogos, competindo no ciclismo de estrada, em uma prova com 72,3 km.

1987 O paulista Gabriel Roberto Sabião Rodrigues foi campeão de 1ª Volta Internacional do Brasil.

1988 Nos Jogos Olímpicos de Seul, Cássio de Paiva foi o 20º colocado na prova de estrada e o paulista Clóvis Anderson Júnior foi o 10º colocado, em prova de pista.

1989 O paranaense Marcos Mazzarom venceu a 9ª e a 20ª etapas da Volta de Portugal; a Clássica Internacional na Espanha; e terminou em 3º lugar na Subida das Cordilheiras (Volta do Chile).

1990 O Mountain Bike foi reconhecido pela União Ciclística Internacional – UCI. No mesmo ano, a cidade de Purgatory, no estado norte-americano do Colorado, sediou o primeiro Campeonato Mundial, atraindo um público de 30.000 pessoas.

1991 O paranaense Mauro Ribeiro foi vencedor em uma das etapas na mais importante prova do mundo: o “Tour de France”.

1992 Wanderley Magalhães foi campeão dos Grande Prêmios Templeuve e Grammont, na Bélgica.

1996 Houve em Atlanta, EUA, a primeira participação em Jogos Olímpicos da Mountain Bike, na modalidade cross country.

1999 No Pan-Americano de Winnepeg - Canadá, o Brasil conquistou duas medalhas de bronze: na prova contra-relógio, com Márcio May, e na prova de estrada, com Janildes Fernandes da Silva.

2000 Nos Jogos Olímpicos de Sydney, as mulheres de diferentes nações participaram em um número maior de provas, incluindo velocidade, contra-relógio e provas de perseguição. Quatro atletas brasileiros participaram: Murilo Fischer terminou na 89ª colocação da prova de estrada e Renato Seabra, único representante brasileiro na mountain bike, teve problemas com a sua bicicleta e não conseguiu terminar a prova; Cláudia Carceroni e Janildes Fernandes terminaram na 44ª e 49ª colocação, respectivamente, na prova de estrada.

2003 No Pan-Americano de Santo Domingo, o Brasil conquistou duas medalhas de prata, uma na prova de estrada (85km) por Janildes Fernandes da Silva e no mountain bike, com Edvando Cruz.

Situação atual A Confederação Brasileira de Ciclismo-CBC tem neste ano de 2003, um total de 3.300 atletas registrados, dos quais a maior parte se localiza no estado de SP. Há, todavia, 27 federações filiadas à CBC, o que significa que o sistema federativo da modalidade atinge todo o país. Dessas federações, as que disponibilizam dados sobre atletas nos dias presentes são: RS (397 registrados e 1547 cadastrados); RJ (320); SC (245); MG (183) e SE (61). Como existiam no Brasil (COB, 2001) um total de 274.601 atletas, registrados em todas as esportes olímpicos em 2001, o ciclismo representaria cerca de 1,2% deste universo. Já o Diagnóstico do Esporte de 1971, totalizou apenas 646 atletas registrados para a modalidade (DaCosta, 1971), significando que o ciclismo teria tido uma expansão em 30 anos de 339% neste grupo selecionado de praticantes. No mesmo período – ainda se comparando os dados de 1971 com 2001 – os registrados do atletismo teriam crescido 17%, os do basquetebol diminuído em 34% e os do voleibol expandido em 11%. Em outras palavras, o ciclismo, entre os esportes tradicionais do Brasil, situar-se-ia hoje em vantagem de expansão, porém diante das modalidades emergentes mostra-se estagnado. No próprio âmbito interno do

ciclismo há indícios desta estagnação, uma vez que os registrados da nova modalidade do mountain bike (MTB) já se equivalem em número aos das versões tradicionais do ciclismo (COB, 2001). Outra demonstração das mudanças internas no esporte do ciclismo surge na apreciação do calendário de eventos da CBC para 2003: em um total de 114 competições programadas pelas federações nos estados e territórios do Brasil, há 65 de ciclismo e 49 de MTB (ver mapa). Este avanço da nova modalidade é mais evidente nos estados de programação maior como em SP, onde há 19 eventos de ciclismo e 23 de MTB; MG: 3 de ciclismo e 7 de MTB; MT: 8 de ciclismo e 7 de MTB; SC: 9 de ciclismo e 6 de MTB.

Em adição a estes quantitativos, nota-se que há apenas quatro velódromos no território nacional, destacando-se o de Tarumã, em Curitiba-PR (renomeado recentemente como “Irineu Marinho”), que abrigou em 2001 o Campeonato Brasileiro de Ciclismo – Pista, como também os Jogos Sul Americanos daquele ano em onze provas da modalidade. Uma melhoria quanto a este tipo de instalação para as provas de ciclismo deverá ocorrer com os Jogos Pan-Americanos de 2007, no Rio de Janeiro-RJ, cujas obras já iniciadas incluem um velódromo na área do Autódromo na Barra da

Tijuca (zona sul da cidade). Entretanto, há que se cogitar na relação da insuficiência de instalações com o rendimento inexpressivo nas provas de pista por parte de ciclistas brasileiros. A este fator deve-se adicionar deficiências diversas quanto à seleção e preparo de atletas em todas as modalidades do ciclismo desde que o desempenho brasileiro sempre foi discreto nos Jogos Olímpicos. A primeira participação aconteceu em Berlim-1936 com o mérito apenas de presença. Em Roma-1960, Argeton foi destaque em quinta e sexta colocações (embora medalha de ouro no Panamericano de Chicago). Em Munique-1972 repetiu-se o mérito de 1936; em Seul-1988, houve um 20º lugar na prova de estrada; já nos Jogos de 1992 e 1996, não houve destaques. Finalmente, em Sydney-2000, uma equipe promissora de dois representantes masculinos e dois femininos não correspondeu às expectativas.

Restaria, portanto, relatar sobre o ciclismo como esporte recreativo e meio privilegiado de atividade física para a saúde. Neste particular, a longa - e rara entre nações - da tradição do ciclismo no Brasil, far-se-ia presente com grande realce. Ainda hoje se mantém a tradição industrial e centenária do setor como também o país tem se revelado como um dos maiores do mundo no uso (Tabela 1) e fabricação de

bicicletas (Tabela 2). Considerando-se que hoje se define a atividade corporal para transporte e para trabalhos manuais como meio de desenvolvimento de forma física, o Brasil se destaca por ter uma relação de 3,5 habitantes por bicicleta. Por outro lado, o consumo nacional de bicicletas se mostrou crescente durante a última década, período em que a economia em geral se estagnou. Em resumo, o ciclismo é uma das principais atividades físicas em termos de saúde e de recreação no Brasil, com impacto sobre o turismo e sobre as novas formas de associativismo esportivo comunitário e/ou de práticas ambientalistas e radicais.

Fontes Mazo, Janice. Capítulo de clubes em Porto Alegre, produzido para o Atlas do Esporte no Brasil em 2003; Nicolini, Henrique. Tietê – O Rio do Esporte, Phorte Editora, São Paulo, 2001, pp. 159 - 169; DaCosta, Lamartine P. & Miragaya, Ana. Worldwide Experiences and Trends in Sport for All. Meyer & Meyer Sport, Aachen, 2002, pp. 675 – 704; www.ciclismo-rio.com.br; Waldemar dos Santos – Federação de Ciclismo do RJ (agradecimentos especiais); www.caloi.com.br; www.aswracing.com.br; www.fgc.com.br; www.fpciclismo.org.br; www.cbc.org.br

Modalidades

Prova de Estrada é o tipo mais antigo de competição de ciclismo, existindo em vários formatos, incluindo provas de etapas, eventos de um dia e provas contra o relógio.

Prova de resistência individual masculino: 240 km (195km) e feminino: 120 km (70km).

Provas contra o relógio masculino: 45km e feminino: 20km.

Mountain-bike possui quatro modalidades, mas apenas uma é disputada em Jogos Olímpicos, o cross country, na qual o ciclista que completar primeiro o percurso com diversos obstáculos naturais, vence a prova; masculino: 48,7km e feminino: 31,9km. O Downhill é modalidade mais radical do mountain bike: é a decida de trilhas íngremes, no meio da mata com vários obstáculos embora já esteja sendo praticada em ladeiras de asfalto com vários obstáculos.

Velódromo as corridas são disputadas em pista de madeira ou concreto, cobertas de resina, com 250m de extensão e inclinação de 41º nas curvas.

Velocidade Pura os atletas com menor tempo vão se classificando em baterias. Masculino e feminino – 200m.

Quilômetro contra o relógio é simplesmente uma arrancada até a linha de chegada; masculino: 1000m e feminino: 500m.

Perseguição individual apenas dois ciclistas disputam a perseguição, cada um larga de um ponto marcado na metade das retas opostas da pista; vence quem ultrapassar o adversário ou completar o percurso em menos tempo; masculino: 4km e feminino: 3km.

Meio Fundo é uma mistura de resistência e velocidade; apenas uma bateria com 30 atletas e a cada três voltas, se marca o sprint; o vencedor é o quem tiver o maior número de voltas no menor tempo, com a maior pontuação masculino – 50km e feminino – 30km.

Velocidade Olímpica disputado por equipes com três ciclistas cada uma; vence a equipe que fizer em menor tempo os 1000 metros; apenas homens disputam.

Perseguição por equipe quatro ciclistas largam de lados opostos, completando 14 voltas; vence a equipe que terminar primeiro o percurso com três atletas ou aquela cujo terceiro componente ultrapassar o terceiro da equipe adversária; masculino: 4km.

Madison é uma corrida de equipes de dois ciclistas que se alternam na pista, enquanto um descansa pedalando no alto, o outro corre em baixo; durante uma hora, as duplas tentam completar mais voltas do que as rivais, pontuando a cada 20 voltas; vence quem somar mais pontos, sendo disputada apenas por homens.

Keirin estreou nos Jogos Olímpicos de Sydney, 2000; a modalidade é disputada em oito voltas, com os ciclistas pedalando atrás de uma motocicleta nas primeiras cinco voltas e meia; a moto dita o ritmo da corrida em 25km/h, gradualmente acelera até 45km/h e deixa a pista quando faltam duas voltas e meia para o final; os atletas partem para um sprint final até que o primeiro cruze a linha de chegada.

BMX (bycycle moto cross) o bicicross mescla técnicas do motocross e do ciclismo em pistas de barro ou terra, formando um circuito fechado com obstáculos que simulam pequenos morros/montes com ondulações variadas em extensões entre 300 a 420m (campeonatos oficiais), mas podendo ser praticado também em outros ambientes. Esta prova foi incorporada no programa olímpico em 2003, com início marcado para os Jogos de Beijing, em 2008.

Programa de competições da CBC e federações por estado, 2003

Program of CBC competitions and federations per state, 2003

Provas de ciclismo (n=65) e de mountain bike – MBT (n=49)

Cycling (n=65) and mountain bike (n=49) competitions per state, 2003

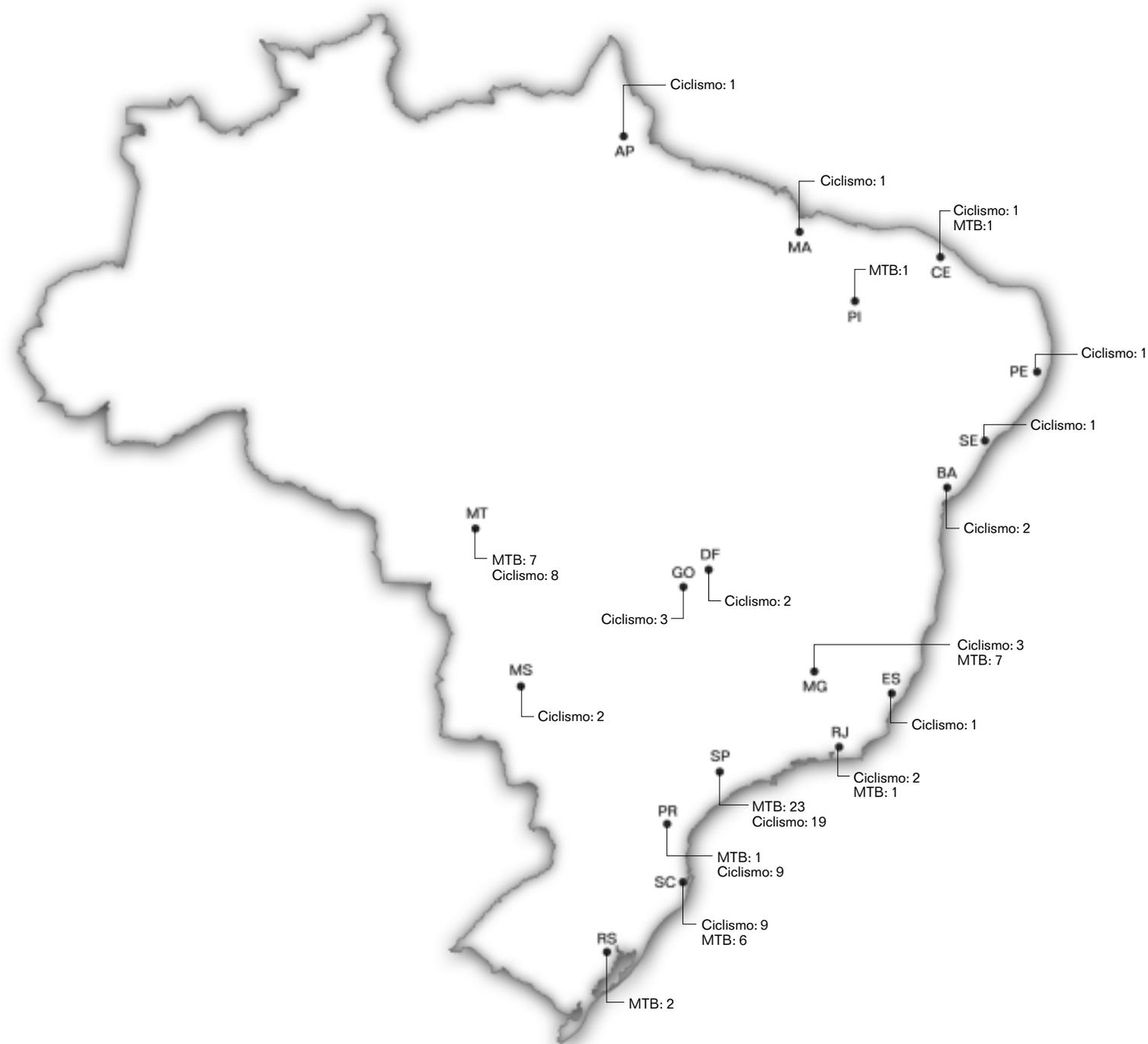


Tabela 2 / Table 2
Fabricação e mercado de bicicletas no Brasil, 1991 – 2002
Bicycles in Brazil - industry and market, 1991 - 2002

	INDÚSTRIA NACIONAL		IMPORTAÇÕES		US\$	MERCADO Total
	Grandes Fabricantes	Médios Fabricantes	Montadas	Partes e Peças		
1991	2.035.000	107.000	35.402	22.111	17.747.280	2.199.513
1992	2.403.000	126.000	66.536	46.029	22.178.220	2.641.565
1993	3.971.000	298.000	312.554	279.746	81.515.287	4.861.300
1994	4.196.000	315.000	552.016	565.779	118.811.420	5.628.795
1995	3.217.000	280.000	340.125	1.998.456	169.070.799	5.835.581
1996	2.975.000	405.000	162.366	961.618	85.113.464	4.503.984
1997	3.091.000	505.000	449.770	522.197	92.920.910	4.567.967
1998	3.000.000	900.000	159.404	250.150	49.515.691	4.309.554
1999	3.300.000	1.000.000	135.000	194.828	37.984.110	4.629.828
2000	3.500.000	1.050.000	69.659	204.791	39.909.738	4.824.450
2001	3.700.000	1.100.000	52.000	183.000	36.112.524	5.035.000
2002	3.850.000	900.000	34.000	75.000	31.217.137	4.859.000

Fontes / sources: Abraciclos e Secex/Decex

Tabela 1 / Table 1
Número de bicicletas em uso no Brasil – 2001
Number of bicycles in Brasil per region – 2001

REGIÃO	FROTA ESTIMADA	%
Sudeste	21.000.000	43,8
Nordeste	12.500.000	26,0
Sul	7.000.000	14,6
Centro-Oeste	3.500.000	7,3
Norte	4.000.000	8,3
TOTAL	48.000.000	100,0

Fonte / source: Abraciclos, 2003

Mountain bike – MTB

VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM

Mountain bike – MTB – is a variation of biking done on trails, mountains or on wild terrain. There are several formats of competition including an Olympic discipline: Cross Country. Mountain Bike reached Brazil in the mid-1980s with athletes who were familiar with BMX extreme maneuvers and trails and who

Definições Como mais uma variação do ciclismo, o mountain bike – MTB é praticado em trilhas, montanhas ou terrenos acidentados. Para transpor os obstáculos, as bicicletas possuem características e equipamentos especiais como os quadros de *bike cruisers*, câmbios, pneus maiores e freios mais eficientes. Por sua natureza, podemos considerar este esporte como uma espécie de *bike off road*, que assume diferentes formatos como *Cross-Country* (prova olímpica), *Downhill*, *Dual Slalom*, *Uphill*, *Trip Trail*, *Crossou 4X*, Prova por Etapas ou *Stage Race*. Existem provas de maior percurso, como o *Iron Biker*, com 120 km de extensão, ou de maior duração, como o MTB 12 Horas. Algumas modalidades do mountain bike também são praticadas como lazer como: *Downhill*, *Freeride* e o Cicloturismo. Nesta última, os praticantes utilizam a bike para passeios e longas viagens, chegando a viajar pelo mundo, divulgando o uso da bicicleta como meio de transporte alternativo.

Origens Em 1905, foi criado o Exército Suíço Ciclístico, de onde saíram atletas de elite como Pascal Richard e Laurent Dufaux. Até hoje, os norte-americanos têm suas brigadas de infantaria e pára-quedistas e investem também em pesquisas para aprimorar o uso militar do equipamento, como a mountain bike da marca Montague Paratrooper, dobrável e de fácil montagem. Nos anos de 1970, o esporte ganhou expressão popular, tendo como referência um grupo de jovens ciclistas que começou a frequentar as trilhas das montanhas da Califórnia-EUA. Eram basicamente *bikers* de estrada, que começaram a buscar um novo estilo no ciclismo, uma alternativa às “magrelas” (termo que os praticantes utilizam para denominar as bicicletas do asfalto). As trilhas e estradas de terra acabaram conquistando jovens ávidos por emoções mais fortes que o tradicional ciclismo oferece. Assim, membros do *Mount Tamalpais Velo Club*, um clube de ciclismo em São Francisco, levavam suas bicicletas de passeio especialmente modificadas (pesando cerca de 23 kg) para o topo das montanhas e apostavam corridas pelas trilhas sinuosas. Essa competição, que recebeu o nome de *Repack Downhill*, marcou o início do mountain bike competitivo. Em meados da década de 1980, familiarizados com as manobras radicais e os circuitos montados para o Bicycross/BMX, o mountain bike chega ao Brasil com a filosofia de buscar novos caminhos na natureza, seguindo os modelos dos campeonatos norte-americanos. Ainda ofuscados pelos BMXs, alguns atletas começam a percorrer trilhas alternativas e buscar, na natureza, uma outra forma de prática. O movimento atrai a atenção da indústria e empresas como a Caloi e a Monark passam a investir em novos equipamentos e a incentivar os passeios alternativos. Hoje, este esporte é administrado pela Confederação Brasileira de Ciclismo-CBC.

1895 Fundação da União Ciclística Internacional, na Suíça, entidade que passa a administrar o ciclismo no mundo.

1986 Despontam os primeiros mountain bikers que migraram do aro 20 (bicicletas utilizadas no bicycross).

1988 Primeiro campeonato oficial de Mountain Bike realizado no Brasil, o Cruiser das Montanhas em Campos do Jordão-SP.

1989 Eduardo Ramires conquista o título de campeão mundial de *Downhill* nos Estados Unidos, único brasileiro que detém este título. Eduardo é idealizador do MTB 12 horas e da Super Copa *Reebok*.

Década de 1980 A bicicleta *Specialized Stumpjumper* foi a primeira a ser produzida em larga escala em 1981. Durante esta década, os ciclistas pedalaram em todos os tipos de terrenos, dos Alpes aos parques das cidades, em competições extra-oficiais, apenas como diversão. Neste período, 70% das bicicletas vendidas no mundo eram do tipo “pneu balão”.

1990 O mountain bike foi reconhecido pela União Ciclística Internacional-UCI. A cidade de *Purgatory*, no estado norte-

followed models of American championships. The movement attracted the attention of the Brazilian companies such as Caloi and Monark, which then started to invest on new equipment and to encourage alternative rides. Today the sport is managed in Brazil by the Confederação Brasileira de Ciclismo (Brazilian Cycling

americano do Colorado, sediou o primeiro Campeonato Mundial de mountain bike, atraindo um público de 30.000 pessoas. Entre 1994 e 1999 este evento evoluiu e acrescentou uma etapa na Austrália, que sediou também o Campeonato Mundial de 1996.

1991 Márcio Ravelli-SP foi campeão brasileiro com a bicicleta construída por ele. O acabamento, no quadro da bike, era de massa plástica, os tubos eram de cadeira e mesa conseguidas no ferro velho. Em 1992, venceu 24 das 25 provas de MTB que participou. Em sua carreira, conquistou vários títulos, tornando-se uma referência no esporte. Renata Falzoni, primeira mountain biker brasileira, funda o *Night Biker’s Club* do Brasil, em São Paulo.

1993 Gilberto Canaan, presidente do *Mountain Bike Clube*, inicia o maior evento da modalidade da América Latina, o *Iron Biker*, nas montanhas históricas de Minas Gerais. Atraiu competidores de todo o Brasil e ofereceu a maior premiação do país.

1995 Edivando de Souza Cruz vence o Pan-Americano Junior e conquista a 11ª colocação no Mundial da Austrália. Marcio Ravelli foi 4º colocado nos Jogos Pan-Americanos de Mar del Plata. Renata Falzoni inicia a carreira como consultora e vídeo-repórter de aventura da ESPN-Brasil e foi pioneira no lançamento de programa de televisão do segmento.

1996 O mountain bike estreou como demonstração nos Jogos Olímpicos de Atlanta e Marcio Ravelli ficou em 26º lugar.

1997 Adriana Nascimento vence o Pan-Americano de MTB. Um dos grandes nomes da modalidade, a atleta já conquistou oito títulos em Campeonatos Brasileiros de MTB e a 4ª colocação no Mundial Junior, em 1994.

1998 Para comemorar seu centenário, a empresa Caloi organiza uma exposição itinerante que percorre diversos locais em São Paulo e em algumas capitais brasileiras. Renata Falzoni lidera a comitiva de ciclistas da Campanha Bicicleta Brasil – Pedalar é um Direito – com percurso de Paraty até Brasília, para reivindicar, junto ao Presidente Fernando Henrique Cardoso, o cumprimento do Novo Código de Trânsito Brasileiro. Markolf Berchtold conquista o pentacampeonato brasileiro e o primeiro lugar na categoria *Slalom* do *Cactus Cup*. A organização do *Iron Biker* Brasil e do *Iron Bike* Itália firmam parceria de intercâmbio. No Brasil, também é realizado o *Iron Biker Light*, que possibilita a prática de iniciantes.

1999 Nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, Marcio Ravelli fica em 6º lugar. O atleta paradesportivo Alarico Alves de Moura conquista o 3º lugar no Campeonato Brasileiro de MTB *Cross Country* – Master C. O Comitê Olímpico Brasileiro concede o Prêmio Brasil Olímpico da Modalidade Mountain Bike à atleta Adriana Nascimento. Nos anos seguintes, outros atletas foram agraciados com esta premiação, sendo em 2000, Renato Martins Seabra; em 2001, Marcio Ravelli e em 2002, Jaqueline Mourão.

Década de 1990 Com a abertura do mercado nacional aos produtos estrangeiros no início desta década, empresas de grande porte entram no país como a *Scott*, *Specialized*, *Trek*, *Cannondale*, *Ritchey*, *Giant* entre outras. A concorrência movimenta o mercado e faz com que muitas empresas invistam em novas tecnologias e processos industriais. Dos materiais, o alumínio é o material mais explorado, tanto para a confecção de quadro como para peças e acessórios, posteriormente substituído pelo titânio.

2000 O MTB participa do programa dos Jogos Olímpicos de Sydney.

2001 Na primeira edição do Bike Race Across, participam 60 atletas de 16 estados que percorrem 240km, cruzando o sertão do Piauí e o Parque Nacional de Sete Cidades. Em 2003, este evento

Confederation - CBC). Although 200 athletes have participated in Brazilian championships of cross-country, the 12-hour MTB event in 2002 had 454 participants. The analysis of MTB history has permitted estimates of 400 regular competitive athletes in Brazil (see Iron Biker retrospect below).

foi limitado a 150 participantes, com o percurso de 500km e cruzou a Serra dos Matões, em Teresina-Piauí e o Parque Nacional de Ubajara-Ceará.

2002 Rick Aliperti foi campeão brasileiro de cross country, primeiro colocado no ranking nacional sub 23 e vice no Pan Americano sub-23. O *World Solo 24 Hours of Adrenalin* reuniu cerca de 10 mil participantes. Nos VII Jogos Sul-Americanos-Curitiba, os brasileiros subiram ao pódio: Marcio Ravelli (1º), Edvando Cruz (2º) Odair Pereira (3º) e, no feminino, Jaqueline Mourão (1º) e Érika Gramiscelli (2º). Jaqueline é a única atleta a participar do projeto Solidariedade Olímpica, que permite a ela se preparar para as competições no Centro de Treinamento da União Ciclística Internacional, na Suíça. No Pan Americano de MTB-Chile, destacam-se Márcio Ravelli, Edivando Cruz e Jaqueline Mourão. A primeira etapa da Copa do Mundo de MTB/Cross Country-Espanha, atraiu um público na ordem de 60 mil pessoas. Márcio Ravelli sagrou-se campeão brasileiro pela 8ª vez. Renata Falzoni foi eleita a madrinha do *Bike Race Across*.

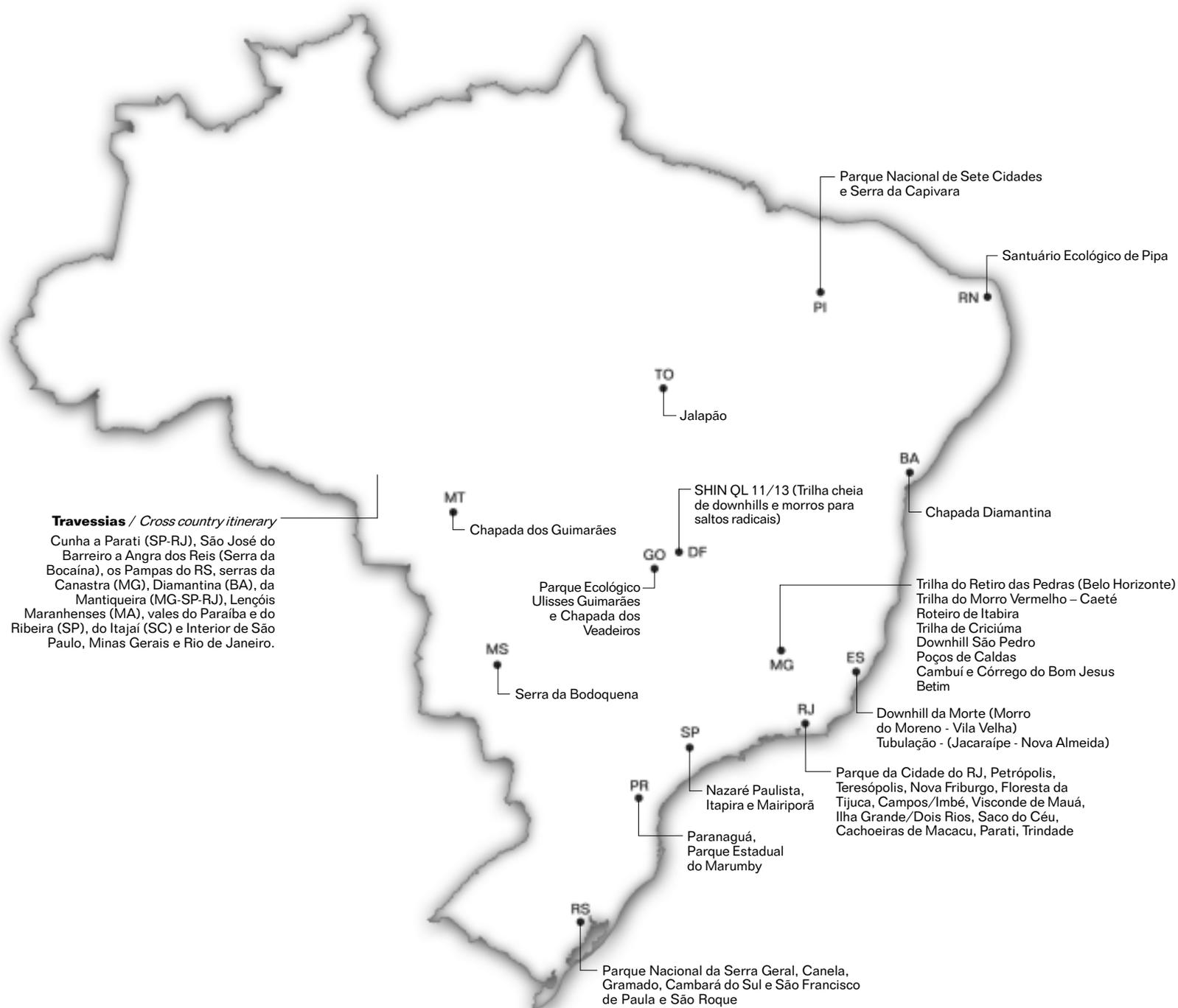
2003 Markolf Berchtold venceu na categoria *downhill* o Campeonato Pan-Americano de MTB-Colômbia e o Campeonato Brasileiro de 4X. Na cidade de Caconde, divisa de SP e MG, aconteceu a 2ª etapa do Super Copa *Reebok PowerBar* de Mountain Bike, conhecida como Desafio Noturno. Maurício de Souza vence o *Bike Race Across*. Na categoria Extreme Feminino, Alziane Diógenes vence, pela segunda vez, a campeã brasileira de mountain bike, Adriana Nascimento. Edvando Cruz conquista, com o segundo lugar, a primeira medalha da história do Mountain Bike no Brasil nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo. No Campeonato Mundial de Mountain Bike (Lugano, Suíça) Jaqueline Mourão ficou em 8º lugar na prova de Maratona que reuniu 1.014 competidores de todo o mundo. Pela primeira vez na história do mountain bike cross-country brasileiro, uma atleta destaca-se entre os Top10 do ranking UCI: a atleta Jaqueline Mourão em 7ª colocação. Nas copas *Ametur PowerBar Reebok* e Caloi de Amadores participam 712 atletas do Brasil e Argentina (Betim-MG). Cerca de 8 mil pessoas compareceram ao Parque de Exposições de Betim.

Situação atual Nos Campeonatos Brasileiros de cross-country estima-se a participação de 200 atletas. O MTB 12 Horas, em 2002, contou com 454 inscritos. A sofisticação dos equipamentos de mountain bike requer um elevado investimento em tecnologia, pesquisas e constantes inovações. Algumas empresas utilizam materiais da indústria aeroespacial na construção de seus componentes, chegando a custar até R\$17 mil. Na 11ª versão da Eurobike, realizada em 2002, na cidade de *Friedrichshafen*-Alemanha, foram apresentados os últimos lançamentos das 700 maiores indústrias de ciclopeças de 25 países. Na 21ª Interbikes/LasVegas-EUA, maior feira de bikes do mundo, no mesmo ano, mais de 1.000 empresas do segmento apresentaram seus produtos a um público de 20 mil pessoas, somente no primeiro dia. Embora sem dados oficiais quanto ao número de praticantes, o esporte vem se popularizando e oferecendo aos amantes do ciclismo mais uma opção como prática esportiva ou de lazer. Analisando o histórico desta modalidade, estima-se na ordem de 400 praticantes no Brasil.

Fontes www.webventure.com.br; www.bikemagazine.com.br; www.cob.org.br; www.ironbiker.com.br; www.360graus.com.br; www.bestsports.com.br; www.fgc.com.br; www.cbc.esp.br; www.uci.ch; www.braziladventure.com/mountainbike; Revista Bike Magazine; www.scott.com.br; www.markkolf.com.br; www.actione ventos.com.br; www.camerasports.com.br; Associação Brasileira dos Fabricantes de Motocicletas, Ciclomotores, Motonetas e Bicicletas-Abraciclo, ano de referência 2001.

MTB – Locais Destacados para prática e competição por estado, 2003

MTB – Main locations for practice and competition per state, 2003



Restrospectiva do Iron Biker Brasil^(*)

Iron Biker Brazil retrospect, 1993 – 2002 ^(*)

Ano Year	Participantes Participants	Campeões Winners
1993	300	Márcio Ravelli (SP) / Ana Cecília Guglielmi (RJ)
1994	400	Ivanir Teixeira Lopes (MG) / Suzana de Castro (GO)
1995	600	Adriana Nascimento (SP) / Márcio Ravelli
1996	640	Adriana Nascimento / Márcio Ravelli
1997	648	Adriana Nascimento / Ivandir de Souza Santos (SP)
1998	720	Adriana Nascimento / Marzio Deho (Italiano)
1999	800	Marzio Deho (Italiano) / Carolina Ribeiro (DF)
2000	854	Abraão Azevedo (DF) / Jaqueline Mourão (MG)
2001	870	Alberto Morgan (RJ) / Jaqueline Mourão
2002	1042	Edivando Souza Cruz (SP) / Jaqueline Mourão

^(*) Eventos localizados em MG (Trecho Ouro Preto – Itabirito – Belo Horizonte) / *National and international event located in MG*

Bicicross – BMX

VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM

The sport of bicycle motocross (BMX - bicicross) began in the early 1970s in southern California. A handful of riders started riding their stingray type bikes off road in vacant lots and fields. Not much competition, but lots of fun. The first national league of BMX of the United States was founded in 1974. In Brazil the first league is from 1978, when the factory of bicycles Monark launched a bicycle especially projected for the sport, which received the name BMX. This new bicycle was divulged in the schools and squares of

Definições Também conhecido como BMX (bycicle moto cross), o bicicross mescla técnicas do motocross e do ciclismo, envolvendo aficionados de 6 a 50 anos ou mesmo além destes limites. As pistas para esta prática, de barro ou terra, formam um circuito fechado com obstáculos que simulam pequenos morros/montes com ondulações variadas e extensões entre 300 a 420m para os campeonatos oficiais. Mas o BMX pode ser praticado também em outros ambientes. No início, todas as modalidades deste esporte eram denominadas *freestyle* mas, com o tempo, foram se diversificando com algumas particularidades (ver mapa).

Origens Nos anos de 1960 o motocross popularizava-se na Califórnia-EUA e, aos poucos, foi inspirando crianças e jovens que não podiam praticar esta modalidade. Mas, foi nos anos de 1970, buscando novas formas de utilização de suas bikes, que as crianças começaram a imitar os ídolos do motocross, construindo pistas com obstáculos e organizando encontros informais. Assim, nasceu o bicicross, com fortes raízes entre a Califórnia e Nova York. O filme “On Any Sunday”, em 1971, promoveu o esporte e acabou conquistando os pais dos praticantes que acabaram admirando o lado lúdico do bicicross, conseqüentemente apoiando a sua prática. Visando organizar o crescimento do esporte nos Estados Unidos, foi criada, em 1974, na Flórida, a *National Bicycle League*-NBL, por George E. Esser. Esta entidade, sem fins lucrativos, inicia a representatividade do bicicross em âmbito mundial e rapidamente conquista outros continentes, chegando a Europa em 1978. Atualmente sediada em Hillard, Ohio-EUA, a NBL investe na construção de pistas e administração de eventos nos EUA e Canadá, contabilizando 26 mil associados na faixa etária entre 3 e 65 anos, de ambos os sexos, sendo oficialmente filiada à International Cycling Union-UCI, com sede na Suíça, que administra o ciclismo mundial desde 1900.

No Brasil, a memória da BMX como esporte começa com a empresa Monarck de São Paulo-SP, fabricante de bicicletas. Convidado pela empresa em foco, em 1978, para chefiar a primeira equipe de BMX Racing da América do Sul, Orlando Camacho, atleta de ciclismo com vários títulos, convoca alguns praticantes da modalidade do bairro da Mooca, da cidade de São Paulo, para compor uma equipe. Simultaneamente, a empresa lança uma bicicleta especialmente projetada para o esporte, que recebe o nome de BMX. A novidade no mercado imita os modelos das motos de motocross, com tanque, pá-lamas e banco similares. No período de sete meses, o BMX foi divulgado através de exibições com rampas de madeira, nas escolas e praças do estado de São Paulo. Buscando a adesão de novos praticantes, a indústria começa a se desenvolver criando produtos, equipamentos e investindo em equipes. A movimentação no meio incentiva os poderes públicos e privados a implantarem pistas em vários estados brasileiros.

1979 A Monark inaugura a primeira pista para a prática do BMX Racing da América do Sul, na Marginal Pinheiros-SP. Simultaneamente surge a primeira equipe brasileira formada pelos pilotos Formiga, Meio Kilo, Oklinhos, Niltão, Pedrão e Erwin.

1981 – 1982 George Esser funda a Federação de BMX Internacional-IBMXF nos EUA, contando com mais seis países representantes (Japão, Holanda, Canadá, Venezuela, Columbia, e Panamá), que passa a sancionar times internacionais e campeonatos mundiais. O primeiro campeonato mundial foi em 1982, contando com um público na ordem de 3.000 pessoas.

1982 O filme ET-O Extraterrestre, fenômeno de público no Brasil e no mundo, impulsiona a aquisição de bicicletas aro 20 e influencia fortemente o público infantil .

1984 Eduardo Ramires conquista o Bicampeonato Brasileiro de bicicross (1983/1984).

the state of São Paulo through demonstrations in wooden ramps. To encourage adherence of new bikers, the industry started to expand the sport developing new products and equipments, and investing on the formation of teams. Since the number of bikers increased, both the government and private institutions started to open up tracks in several Brazilian states. BMX then developed based on the local industry in the cities of the interior of the country that started to sponsor events and construct appropriate facilities

1988 Fundação da Federação Paulista de Bicicross, que atualmente é presidida pelo atleta Eduardo Paiva, Oklinho, um dos pioneiros e referência nacional.

1989 Fundação da Confederação Brasileira de Bicicross-CBBX, no Rio Grande do Sul, tendo como presidente Nilceu Saito e as Federações dos Estados de São Paulo, Paraná e Minas Gerais como entidades fundadoras.

Década de 1980 Com o desenvolvimento do mountain bike no Brasil, o bicicross sofreu uma queda de público, pois alguns atletas migraram para aquela modalidade. A indústria nacional de equipamentos diversificou a produção para atender aos dois segmentos.

1991 O Campeonato Latino Americano de BMX, realizado em Jaraguá do Sul-SC, contou com a participação de 340 pilotos.

1992 Realização do primeiro Campeonato Mundial de Bicicross no Brasil, em Salvador-Bahia.

1993 Francisco Echeverry Silveira, assume a presidência da CBBX.

1995 Fundação do Campos do Jordão Bike Clube-SP, que formou a primeira equipe de pilotos denominada “SP-50”, filiada à Federação de São Paulo. Cristina Krindges conquista o tricampeonato mundial de bicicross (1992/93/95).

1996 Acontece o Campeonato Sul Americano em São Leopoldo-RS. Vitor Plentz muda-se para os Estados Unidos a fim de se aperfeiçoar no esporte. Atualmente, este atleta detém vários títulos e se tornou um ícone da modalidade.

2000 No Campeonato Mundial, realizado em Córdoba-Argentina, a delegação brasileira foi representada por 113 atletas, sendo 51 representantes da delegação do estado São Paulo. A atleta Mayara Peres destaca-se neste evento. No Panamericano realizado em Sorocaba-SP, vários atletas brasileiros subiram ao pódio. Angelo Bragagnoli Neto (SP), vice-campeão mundial da American Bicicross Association-ABA e campeão norte-americano pela Liga Norte-Americana de Bicicross-NBL, conquista sua primeira vitória como biker profissional nos Estados Unidos ao vencer o Quaker State National, realizado no Estado da Pensilvânia.

2001 A FBMX-RJ promove o Primeiro Campeonato Brasileiro de Lake Jump, na Barra da Tijuca-RJ, com participação de 40 atletas. Jaguará do Sul-SC sedia o Campeonato Sul Americano. Pirapora-MG realiza duas etapas finais do Campeonato Brasileiro envolvendo 300 pilotos dos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Goiás, Distrito Federal, Bahia, Paraíba, Maranhão, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Espírito Santo e Minas Gerais. Flavia Sgobin e Deivlim Balthazar constituíram os destaque da competição.

2002 No Campeonato Mundial de Bicicross, realizado em Paulínia-SP, o Brasil ficou em terceiro lugar, título inédito para o país. Este evento reuniu 1002 pilotos de 24 países em 38 categorias e um público na ordem de 12 mil pessoas, em três dias. Além de Wellington Nelsen e Bianca Chinallia, que conquistaram o título mundial nesta competição, o Brasil conquistou mais 3 vice-campeonatos. Mat Hoffman, ícone do esporte, lança nos EUA sua biografia “The Ride of My Life”. Marcos Paulo de Jesus o “Pig”(SP), piloto de flat, conquistou o 1º lugar na etapa do Latin X Games (RJ) na categoria street. Pig, foi o primeiro brasileiro a se qualificar para o X Games, realizado anualmente nos EUA. Nesta mesma etapa, Samuel Shinogaki (SP) foi campeão na modalidade park e Ednilson Rodrigues “Pardal”(SP) no vert . Vanderlei Júnior, o “Juca Favela”, ícone nacional do bike vertical, se classifica para a final do vert e do park. Na Alemanha, Ednilson Rodrigues, vence na modalidade vert. Na etapa do

for competitions and the practice of BMX. Today Brazil is one of the leaders of the sport, reaching third position in the world championship of BMX, which took place in Paulínia-SP, in 2002. Brazilian BMX has earned 50 medals in national and international top level competitions since 1989, when the Confederação Brasileira de Bicicross (Brazilian Bicicross Confederation - CBBX) was founded. In 2003 CBBX had 1, 150 top athletes and estimated in 5,000 the number of bikers in Brazil including 500 women.

Campeonato Brasileiro, realizada na Pista de Ponta Negra-RN participaram 120 pilotos e Fernando Silveira venceu duas categorias: Elite Cruiser e Elite Man. No Rio Grande do Sul acontece a Action Fair, Feira de Esportes e Turismo de Aventura. Para este evento foi construída uma pista de areia e barro vermelho no Pavilhão da Fenac, em Novo Hamburgo, onde Vitor Plentz, 8º no ranking mundial de bicicross, fez exibições de manobras *freestyle*.

2003 O Brasil torna-se campeão mundial de bicicross na categoria equipes patrocinadas: a Petrobrás, de Paulínia-SP, conquista o título inédito para o País, em Perth, na Austrália. Este Mundial reuniu 1.413 pilotos de 28 países em 38 categorias. Na etapa do Latin X Games (RJ) não houve brasileiros classificados entre os 10 primeiros na provas de *park*. Juca Favela fica em 10º lugar no vert e Pig em 5º no flat. Joyce Moretti é a atual líder na categoria elite no ranking brasileiro. Funda-se neste ano a ABMX-Associação Brasileira de Bicicross.

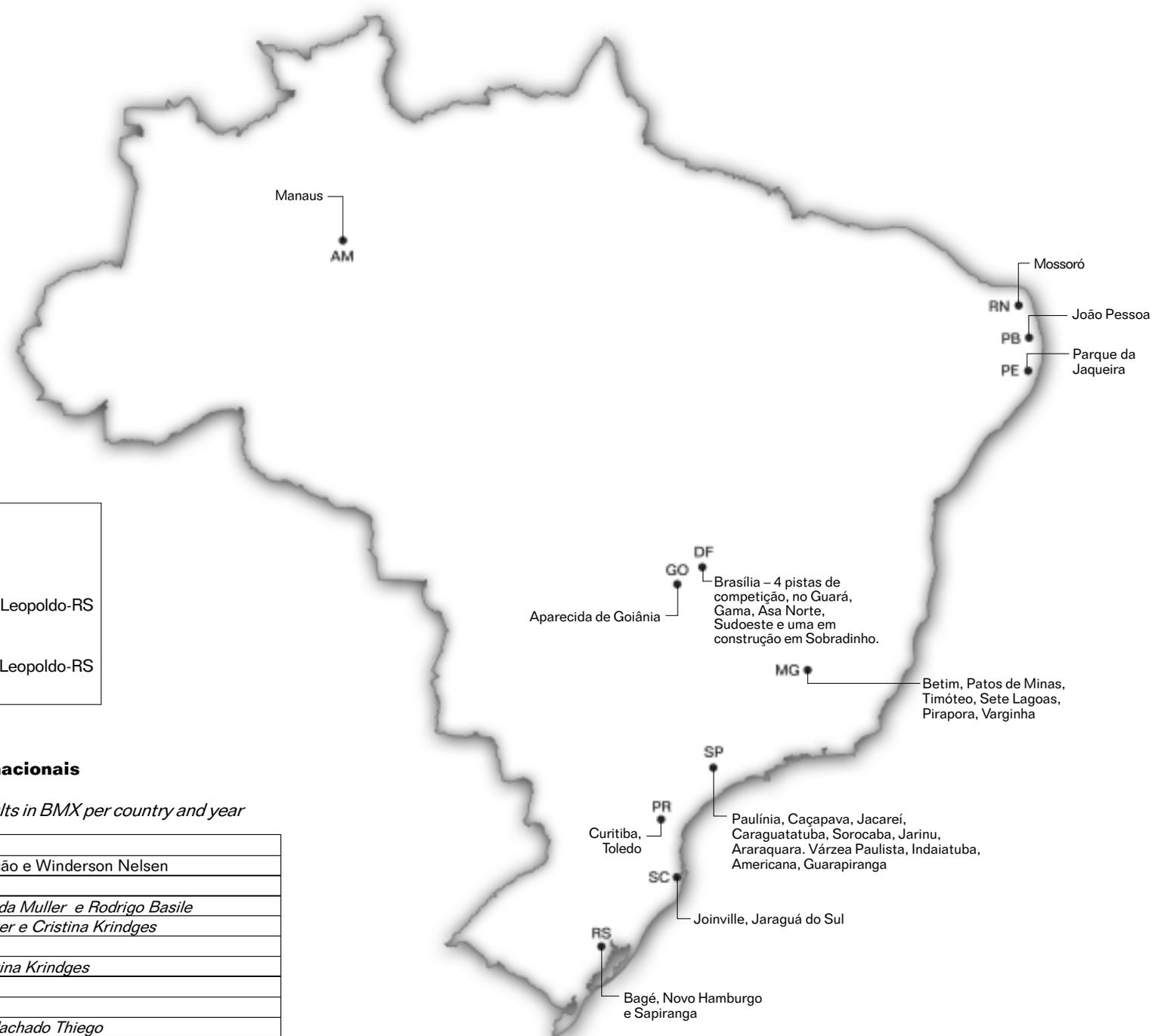
Situação atual Como particularidade, além de ser esporte olímpico, o bicicross pode ser considerado um dos esportes radicais que mais agrega o envolvimento familiar. Muito praticado por crianças a partir dos 5 anos, seja como alto rendimento ou lazer, os pais acabam participando ativamente, alguns até mesmo disputando competições. Ressaltando-se a grande representatividade internacional, Francisco Fernando Etcheverry Silveira ocupa atualmente a presidência da Confederação Panamericana de Bicicross-COPABI, órgão que lidera o BMX em toda a América. Com um calendário de eventos fixos, a CBBX promove o desenvolvimento do esporte em vários estados através dos campeonatos: Brasileiro, Copa Brasil, Sul Brasileiro, Copa Metalciclo, etapas do Campeonato Mundial, Pan Americano, Sul Americano e Latino.

Atualmente, a UCI reconhece 43 Federações no nível mundial, com previsão de mais 10 Federações. Sendo mais popular nos EUA, Europa e Austrália, a UCI vem apresentando crescente avanço na América do Sul. Quanto ao número de praticantes no mundo, a entidade estima haver 60.000 competidores cadastrados. Particularmente nos EUA, há aproximadamente 35.000 competidores filiados à UCI, e mais 40.000 que competem pela ABA, uma organização comercial não filiada a UCI. No Brasil, em seu quadro de atletas federados, a CBBX conta com 1.150 integrantes e estima em 5.000 o número de praticantes no país, sendo apenas 10% do sexo feminino. No nível de alto rendimento com representação internacional, esta entidade ressalta 50 títulos em eventos oficiais. Coroando o estágio atual, o Comitê Olímpico Internacional reconhece o esporte como modalidade olímpica, com estréia programada para os Jogos Olímpicos de Beijin, em 2008. Segundo dados da UCI, desde o anúncio deste acontecimento, os pedidos de credenciamento da mídia para os campeonatos mundiais aumentou consideravelmente. Embora o Estado do Rio de Janeiro não apresente representatividade neste esporte devido a falta de infra-estrutura, a realização das etapas do Latin X Games neste estado mobiliza atletas nacionais e internacionais, atraindo um grande público e, conseqüentemente, a mídia de massa o que contribui para a popularização do esporte.

Fontes Confederação Brasileira de Bicicross; Comisión panamericana de Bicicross: www.copabi.org; www.redeglobo.globo.com/xgames; www.fpbx.com.br; www.tribunadonorte.com.br; www.hiperesporte.hpg.ig.com.br; www.fgc.com.br; www.bikemagazine.com.br; www.vilas-boasconsultoria.com.br/esporte/bicicross; www.atiradores.com.br/bicicross/mundial.htm; www.nossoscampeoes.com.br; www2.uol.com.br; www.impactbike.com.br; www.bmx4u.com.br; Eduardo Campos – Oklinhos; www.revistabicycle.com.br

Localização de pistas oficiais de competição em BMX por estado, 2003

Official competition tracks of BMX per state, 2003



Entidades oficiais da BMX

BMX leading organizations

National Bicycle League – NBL - EUA
 Comisión Panamericana de Bicicross – Copabi – São Leopoldo-RS
 International Cycling Union – UCI – Suíça
 American Bicicross Association-ABA
 Confederação Brasileira de Bicicross – CBBX – São Leopoldo-RS
 Associação Brasileira de Bicicross - ABMX - SP

Principais conquistas em eventos internacionais nas diversas categorias do bicicross

Brazilian athletes with the best international results in BMX per country and year

1987 - Bélgica	Adriano Medeiros
1988 - Chile	Agna Muller, Cristiane Conceição e Winderson Nelsen
1988 - França	Janaína Cintas
1989 - Brasil	Gerson Ricardo Krindges, Magda Muller e Rodrigo Basile
1992 - Brasil	Ronaldo Pisipico, Rodrigo Welter e Cristina Krindges
1993 - Holanda	Cristina Krindges
1995 - Colômbia	Almir Heleno de Freitas e Cristina Krindges
1997 - Canadá	Rodrigo Alarcon
1998 - França	Mauro Santos Aquino
2000 - Argentina	Allan Duarte, Mayara Peres, Machado Thiago
2001 - EUA	Tiego Jose Tosta Machado
2002 - Brasil	Joana Correa, Mayara Peres, Bianca Quinalha e Wellington Nelsen, Rodrigo Saquicela, Daniel Brito, José Barbosa, Hugo Krindges,
2003 - Austrália	Mayara Peres, Maurici Custodio

Fonte / source: CBBX- Confederação Brasileira de Bicicross

Modalidades de BMX / BMX categories of competition

Race modalidade original do BMX, praticada em pistas de terra com vários obstáculos, rampas de tamanhos diferentes e, em alguns casos, curvas de asfalto;

Street exige muita técnica e criatividade do piloto para transpor os obstáculos (escadarias, corrimãos, rampas, bancos de praça) e tem mais apelo de atenção do público;

Mini-Ramp utiliza pistas iguais as de skate, feitas de madeira ou cimento. Nesta modalidade são realizadas muitas manobras: *Dirt Jump*, *Flat Land*, *Street* e algumas manobras de *Vert*;

Flat Land praticado em terreno plano (quadra). Sem colocar o pé no chão, os pilotos realizam as variações: giros, voltas em torno da bicicleta, 360 graus.

Dirt Jump considerada uma das modalidades mais agressivas e perigosas. O piloto executa uma ou mais manobras saltando de rampas de terra, de alturas variadas;

Vertical (Vert) praticada no *Half Pipe*. Os pilotos executam manobras de borda juntamente com as de *Dirt Jump*, nos chamados Aéreos (vôos para fora da rampa);

Lake Jump batizado por pilotos da Califórnia-EUA, nasceu da necessidade de treinamento para novas manobras mais ousadas como *Back Flips*, *Double Back Flips*, *Front Flips* entre outras. Os saltos são realizados no ar com caída na água, de preferência em lagos sem correnteza, para amortecer a queda. As bicicletas não têm freios e são acopladas garrafas plásticas no quadro ou isopores para facilitar a flutuação na água.

Boxe

MARIO FEITOSA, NÍVEA LEITE E AMANDA LIMA

Boxing

Boxing has a long sporting history. The earliest evidence of boxing is found in Egypt around 3000 BC. A primitive version of this sport was introduced to the Olympic Games by the Greeks in the late 7th century BC. With the fall of the Roman Empire the history of boxing ends until reference to matches are once again found in 17th century English records. When the modern Games resumed in 1896, the Athens organizing committee omitted boxing, deciding it was too dangerous. The sport reappeared in 1904 in St. Louis, thanks to its popularity in the United States, and then disappeared again in 1912 at Stockholm because Sweden’s national law had banned it. Only in 1920 did boxing return to the Olympic Games to stay. The term boxing originally meant a way to fight in order to survive due to its utilitarian character, not a sport in the strict and today’s

Definições O boxe é uma prática esportiva que consiste em golpear o adversário com os punhos cerrados, gerando-se vantagens ou penalidades de acordo com um código. Algumas evidências sugerem a existência primitiva desta prática desde 1500 anos a.C. em diversas regiões da Europa, Mediterrâneo e Ásia, ressurgindo afinal na Inglaterra onde recebeu o formato atual ao término do século XVIII. A palavra boxe foi formada a partir do verbo inglês *to box*, cujo significado original era “bater”. Mas, por volta do ano 1500 d.C. passou a denotar “bater com os punhos”. Em latim, a palavra *pugillus* indica o punho fechado, em forma de soco. A partir deste nexo foi criada a palavra *pugillatus* (pugilato, em português) para indicar o antigo boxe romano. Nos tempos atuais, na prática, o termo pugilismo indica qualquer luta em que se usam principalmente os punhos, como o boxe inglês, o savate, o pugmachia, o mala-yudha, etc. A palavra boxe frequentemente apenas se refere ao boxe inglês praticado a partir das Regras de Broughton (criadas em 1743), e a palavra pugilismo, no caso, denota qualquer “boxe” anterior a esse período. O nobre inglês Marquês de Queensbury, entusiasta do boxe, resolveu dar-lhe determinadas regras tornando-o mais justo, equilibrado e menos violento a partir do uso de luvas (1867). Esta é a razão do boxe ter a alcunha de Nobre Arte. Geograficamente falando, a história do boxe inglês teve três grandes etapas: (i) origens e desenvolvimentos iniciais: Inglaterra entre 1000 e 1850; (ii) centrado nos EUA: de 1850 a 1920 porque os lutadores ingleses queriam permanecer lutando sem luvas, o que era coibido na Inglaterra; e (iii) difundido pelo resto do mundo, a partir de 1920, aproximadamente. Os grandes estudiosos da História do Boxe costumam dividi-la em, no mínimo, dois grandes períodos: o período do “pugilismo inglês”, que vai até cerca de 1740, e o do genuíno “boxe inglês”, que vai de cerca de 1740 aos dias atuais.

Origens A história do boxe é muito longa. Enquanto que o uso dos punhos como arma em brigas de rua deve remontar aos primórdios da Humanidade, os mais antigos documentos evidenciando a prática de pugilismo como esporte têm entre 4.000 a 5.000 anos, e foram encontrados na Suméria (civilização que desenvolveu-se na região do atual Iraque) e no Egito. Entre esses antigos documentos existem várias terracotas escavadas pelo arqueólogo Dr. E. A. Speiser em Sinkara e Khafaji - hoje em exposição no Museu do Iraque - e inúmeros afrescos funerários egípcios, como os que podemos visitar em Beni Hasan. São também muito variadas as regiões da Terra onde desde os mais remotos tempos se sabe da existência de técnicas pugilísticas. Os gregos incluíram o boxe nos Jogos Olímpicos no final do século VII a.C. Para proteger mãos e antebraços os boxeadores gregos usavam ataduras de couro macio que, em Roma muito tempo depois, foram substituídas por um tipo de luva carregada com metal, especialmente chumbo. Desta forma, as lutas de boxe entre gladiadores sempre terminavam com a morte de um competidor. Conseqüentemente, pode-se verificar que existem, ou ao menos existiram, muitos estilos de pugilismo: o dos sumérios e babilônios, o egípcio, o miníco, o grego, o etrusco, o romano, o francês, o chinês, vários tipos de boxe indianos (o boxe muki, o malla-yudha, etc) entre muitos outros. A história das lutas de boxe foi interrompida com a queda do Império Romano. As lutas que usavam punhos começaram a reaparecer com mais força por volta de 1400, quando o progresso comercial ativou um processo de crescimento rápido de Londres que, em poucas gerações, transformaram uma cidadezinha de 40.000 habitantes no maior centro

meaning of the term. This condition explains its appearance in different countries and continents coming from British roots before it became a sport regulated by rules and patterns at the end of the 18th century. Boxing followed the same pathway in Brazil. Capoeira already predominated when boxing came up at the end of the 19th century. Boxing had been free from controls in Brazil until the first institutions that established rules and managed fights came up in the 1920s. The facts of memory displayed in this chapter follow the order of codification and institutional organization of boxing in Brazil, emphasizing the champions who are internationally renowned and their roles in the development of the sport in the country. In 2002 there were 5,800 registered boxing athletes in Brazil, an increase of 27.8% over the total that existed in 2000. The

urbano da Europa. Uma das causas do começo desse processo foi a criação de várias feiras londrinas, cujas atividades comerciais construíram o embasamento econômico que permitiu a futura industrialização da Inglaterra. A maior e mais famosa delas foi a Feira de Southwark, que existiu até 1840. Essa feira, por estar localizada em parte bastante central de Londres – na margem do rio Tâmis a oposta à parte murada e velha da cidade -, promovia enorme aglomeração de pessoas e, assim, atraía todos os tipos de jogos, espetáculos circenses e negociantes. Açougueiros e ferreiros que tinham barracas nessas feiras - tradicionalmente homens fortes pelo exercício físico proveniente de sua profissão ou pela mais rica alimentação de que dispunham - desenvolveram o hábito de se apostar dinheiro em lutas na base de socos, num estilo chamado de pugilismo vale-tudo (era dada muito mais importância à coragem e capacidade de agüentar os socos do que à habilidade técnica) e que os próprios ingleses, depois, passaram a chamar de *prize-fighting*, ou lutas por prêmio, de acordo com um antigo livro inglês, o Old Aberdare. Naquela época, esse vale-tudo era visto mais como uma rude brincadeira de homens, praticada com pouca ciência, um mero jogo por um prêmio (vindo daí, incidentalmente, o costume de no boxe usarmos a palavra “jogar” como sinônimo de “lutar”). Entre 1550 e 1600, as apostas tornaram-se verdadeira febre em toda a Europa: apostava-se de tudo e sobre qualquer coisa. Logo alguém teve a idéia de trazer as lutas de vale-tudo das feiras para locais que, além de atraírem multidões de apostadores, tinham uma infraestrutura que permitia se cobrar ingresso, possibilitando assim dar lucro para os promotores e uma bolsa maior para os lutadores. Logo essas lutas passaram a movimentar públicos de até dezenas de milhares de pessoas, em muito ultrapassando o que se costumava ver até mesmo na grande Feira de Southwark. Essa situação foi duplamente atraente para os membros da aristocracia. Por um lado, tinham a oportunidade de fazer grandes apostas entre si. Por outro lado, ao patrocinarem um *prize-fighter* de valor, tinham a oportunidade de fazer apostas mais seguras e ainda a chance de aparentar o valor guerreiro de seus antepassados, ao simularem a função de general comandando seus “soldados” (na verdade, os lutadores que patrocinavam) em “batalhas” com grande audiência. Com a proibição de lutas entre animais, até mesmo o Royal Theatre de Londres passou a ser palco para torneios regulares de pugilismo vale-tudo. Mais do que isso, a popularidade do pugilismo ficou tão grande que ele acabou sendo incorporado ao estilo de vida das pessoas, tornando-se uma verdadeira característica do povo inglês. Lutava-se a socos não apenas nas lutas entre profissionais, mas em brigas de bar e em desavenças na rua. E não eram apenas homens lutando, viam-se meninos e, até mesmo, mulheres trocando socos, pelas mais banais razões, em qualquer lugar e a qualquer hora do dia. James Figg (1695-1734) foi o primeiro nome importante do pugilismo, erroneamente apelidado de ‘o pai do boxe’, e se auto-proclamava campeão inglês das lutas por prêmio. Na realidade, ele fez a transição entre os lutadores ingleses que praticavam várias modalidades de luta e os especialistas em pugilismo, adaptando técnicas de esgrima italiana para suas lutas de punhos. Em 1719 abriu sua primeira arena de lutas e passou a promover lutas inclusive entre mulheres. O primeiro lutador a se dedicar inteiramente ao pugilismo foi seu aluno, James Broughton.

O boxe amador organizado iniciou-se em 1880, crescendo a partir de fundamentos baseados nas regras do boxe profissional na virada do século até adquirir sua própria identidade, visibilidade e conjunto

development of a permanent Olympic team with 24 athletes and the installation of a Centro de Treinamento de Excelência (Training Center of Excellence) in Santo André-SP in the period 2000-2002 have already brought excellent international results for Brazilian boxing: for the first time Brazil obtained a general first place and a first position by team in the South American Championship in 2002. Women’s Boxing in Brazil has grown so much in the past 3 years that today there are 300 athletes in the whole country especially in São Paulo, Bahia, Paraná and Amazonas. Three Brazilian athletes participated in the II Women’s Boxing World Championship in 2002 in Turkey, where Ana Paula Lúcio dos Santos earned a bronze medal. Short biographies of internationally renowned Brazilian boxers are displayed at the end of the chapter.

de regras. Originalmente somente 3 categorias de pesos faziam parte do esporte. Embora o boxe possa ser remetido à Grécia Antiga e aos Jogos Olímpicos da Antigüidade, não foi incluído na primeira edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna em 1896 porque o comitê organizador decidiu que o esporte era perigoso demais. Porém, como os Estados Unidos sediaram os Jogos Olímpicos de 1904 na cidade de Saint Louis e como o boxe era um esporte muito popular em solo americano, ele foi incluído no programa dos jogos naquele ano pela primeira vez. Como resultado, o time americano ganhou todas as medalhas do boxe por ser o único país a ter os atletas da modalidade. O boxe não fez mais parte do programa dos Jogos Olímpicos em 1912 em Estocolmo porque a lei nacional sueca o havia banido. Somente em 1920 o boxe retornou aos Jogos Olímpicos para ficar. Daí então Muhammad Ali (Cassius Clay na época) e Teofilo Stevenson (três medalhas de ouro) puderam se juntar a nomes como Theagenes de Thassos e Cleitomachus de Tebas entre outras lendas do boxe.

Em sua origem, o boxe não constituía um esporte no sentido estrito e atual do termo, mas uma forma de combate e sobrevivência, dado o seu caráter utilitário. Esta condição explica seu aparecimento em diferentes países e continentes vindo das raízes inglesas, antes de se transformar num esporte regulado por regras e padrões. Este trajeto se repetiu no Brasil, país em que a capoeira já existia e predominava quando o boxe surgiu no final do século XIX. Lutar era sempre associado à coisa de capoeiristas e, então, à marginalidade. Esse preconceito era especialmente forte entre os membros da elite dirigente do país.

As primeiras exibições de boxe em solo brasileiro ocorreram naquela época e só reforçaram esse preconceito: foram feitas por marinheiros europeus, que tinham aportado em Santos e no Rio de Janeiro, e naquela época os marinheiros eram recrutados das classes mais humildes. Entretanto, esta versão livre do boxe brasileiro passou a se subordinar a regras nos anos de 1920, quando surgiram no país as primeiras entidades normativas e de gestão da luta. Tais entidades interventoras manifestaram-se inicialmente em níveis locais (municipal e estadual) desde que não existiam ainda leis federais relacionadas ao esporte à época. Assim sendo, criou-se a Comissão de Boxe do Rio de Janeiro (1925), a Federação Carioca de Boxe (1933), a Federação Paulista de Pugilismo Amador (1936) e a Federação Gaúcha de Pugilismo (1944). Embora somente em 1941, com Decreto Lei 3199, o Governo Federal tenha inaugurado seu papel de agente regulador de esporte brasileiro, em 1935 o boxe já assumia uma postura nacional com a inauguração da Federação Brasileira de Pugilismo, que congregou inicialmente as federações do RJ, SP e MG. Os fatos de memória que se seguem acompanham o trajeto da codificação e organização institucional do boxe no Brasil, enfatizando personalidades influentes neste processo e circunstâncias significativas nele identificadas.

1882 Primeira luta legalizada de boxe profissional ocorreu em 7 de fevereiro de 1882, nos Estados Unidos.

1896 Primeiros Jogos Olímpicos do mundo moderno: o boxe foi incluído, tendo passado então a ser qualificado como Amador, surgindo assim o boxe amador, possuindo regras substancialmente diferentes daquelas do boxe profissional.

1913 Os jornais de São Paulo-SP noticiam com destaque que Luiz de Araripe Sucupira, forte remador do Clube de Regatas São Paulo, enfrentou numa disputa de boxe, um rapaz muito mais franzino que ele, um peso pena francês que visitava São Paulo. Sucupira perdeu a luta para a técnica do lutador teoricamente mais fraco que ele. Perdeu também o controle de suas ações ao levar um soco no nariz, o que o fez retirar as luvas e partir para a briga, sendo contido pelos presentes.

1919 Góes Neto, um marinheiro carioca que havia feito várias viagens à Europa, onde havia aprendido a boxear, retornou neste ano ao Brasil e resolveu fazer várias exibições no Rio de Janeiro. Tais demonstrações influenciaram um sobrinho do Presidente da República, Rodrigues Alves, levando-o a se apaixonar pela nobre arte do boxe. O apoio de Rodrigues Alves facilitou a difusão do novo esporte: começaram a surgir academias e a luta ganhou a aura da “legalidade”, de esporte regulamentado, com a criação das “comissões municipais de boxe” em São Paulo, Santos e Rio de Janeiro, entre 1920 e 1921.

1922 – 1923 Neste período, inaugura-se o profissionalismo no boxe brasileiro. O primeiro deles foi Benedito dos Santos, o “Ditão”, um negro de grande porte e enorme aptidão para o boxe, que em 1922 iniciou treinamento de Boxe numa academia de São Paulo. Na época o Boxe começou a ser visto como um meio rápido de se enriquecer, o que motivou jovens do interior a tentar o profissionalismo no Rio e São Paulo. Nestas condições, em 1923, Ditão estreou como profissional e, sem qualquer dificuldade, derrotou seus três primeiros adversários, todos no primeiro round. Contudo, Ditão e seus treinadores e adversários foram meros produtos da improvisação que dominava o boxe da época, mesmo quando se fez profissionalizado.

1923 Batista Bertagnolli, que havia aprendido boxe na Europa, estabeleceu-se, como organizador de lutas no Clube Espéria, de São Paulo-SP. Com seus conhecimentos criou um controle de qualidade nas lutas realizadas todos os domingos naquele importante clube da cidade. O reconhecimento do público foi imediato, passando a lotar as dependências do Espéria. Mas o destaque deste estágio do boxe nacional foi Celestino Caversazio que se tornou o primeiro treinador não improvisado do boxe nacional. Como tal, Caversazio foi modelo e formador dos primeiros treinadores importantes do Brasil: os irmãos Jofre, Atílio Lofredo, Chico Sangiovani e outros.

1923 No Rio de Janeiro, funda-se a primeira academia de boxe no Brasil: o Brasil Boxing Club que conseguiu deslançar e promover o boxe na então capital do país cujas inovações repercutiam em todo o país.

1924 Acontece em SP uma luta entre o campeão europeu, o italiano Hermínio Spalla – que transitava para a Argentina a fim de enfrentar o legendário Angel Firpo – e o primeiro “profissional” brasileiro Benedito dos Santos, o “Ditão”. O evento atraiu a opinião pública de SP, com renda de 120 contos de réis, soma elevada para a época. Durante a luta, Ditão foi à lona no 9º assalto, ficando inutilizado para a luta e quase perdendo a vida. Em consequência, o boxe foi proibido de ser praticado pelo então Prefeito Firmino Pinto. Tal proibição que provocou uma regressão no pugilismo paulista foi revogada em 1925. Após o fato, tornou-se corrente o contraste de Spalla ter mais de sessenta lutas com adversários de nível internacional, e Ditão, apenas três nocautes. Este lutador teve um derrame cerebral, mas sobreviveu para terminar seus dias como inválido. Imediatamente após o acontecimento trágico, os jornais iniciaram uma campanha contra o boxe, o que resultou na sua proibição em espetáculos públicos. Mas não ficou só nisso o impacto da tragédia de Ditão: por quase dez anos, os empresários brasileiros hesitaram em trazer boxeadores estrangeiros ao país.

1925 Fundação da Comissão de Boxe do Rio de Janeiro em nível municipal.

1926 – 1932 Este período representa a primeira fase de ouro do boxe nacional. Após revogada a proibição, em abril de 1925, o boxe paulista e brasileiro voltou a crescer a partir das sementes lançadas pelos primeiros treinadores efetivos com competência técnica. O caso Ditão comprovava os malefícios da improvisação no pugilismo profissional. Neste estágio, entre os vários lutadores de destaque, o maior ídolo foi o peso leve Ítalo Hugo, o “Menino de Ouro”. Entre seus maiores feitos está o nocaute, em primeiro round, sobre o campeão sul-americano dos leves, Juan Carlos Gazala, em 1931.

Década de 1930 Em 1932, o desenvolvimento do boxe em SP sofreu uma estagnação devido à Revolução ocorrida naquele ano que paralisou a economia e a vida social do estado. Entretanto, no país como um todo os anos seguintes foram produtivos para o boxe: criaram-se federações estaduais – começando por RJ e SP – surgindo assim condições de os boxeadores profissionais brasileiros disputarem oficialmente títulos internacionais, como também os amadores poderem participar de torneios e campeonatos no exterior. Em 1933 foi fundada a Federação Carioca de Boxe, núcleo inicial da atual Confederação Brasileira de Boxe-CBBx, originando condições efetivas para a participação nacional pela primeira vez em um campeonato internacional: o Sul-Americano de Boxe Amador, que se realizou na Argentina. A seleção brasileira era composta apenas de cariocas, pois que somente o Rio de Janeiro tinha boxe legalizado através de federação.

1935 A Federação Carioca foi reorganizada em 3 de agosto, sob o nome de Federação Brasileira de Pugilismo-FBP, assumindo assim abrangência nacional.

1936 Fundação da Federação Paulista de Pugilismo Amador, no dia quatro de novembro, tendo como presidente José Sani. Orlando Della Nina, foi o segundo presidente. Um fato significativo a se destacar é o de que esta federação abrigava esportes como jiu jitsu, luta livre e greco-romana, judô etc, os quais ganharam autonomia somente nas décadas seguintes. Algo similar aconteceu com a FBP e depois com a sucessora CBB.

1940 Este ano marca a ascensão do Ginásio do Pacaembu no boxe paulista. Com a criação deste ginásio, pela primeira vez, podia-se ver lutas de brasileiros com nível verdadeiramente internacional. Os mais destacados destes lutadores foram Atílio Lofredo e Antônio Zumbano (o “Zumbanão”), este último sendo o primeiro grande astro do boxe brasileiro. Zumbanão imperou absoluto por um longo período, de 1936 a 1950, durante o qual realizou cerca de 140 lutas, mais da metade das quais ganhou por nocaute. Era um peso médio de grande poder de *punch* e não menor capacidade de esquiva, verdadeiro ídolo atraía multidões ao Pacaembu.

1941 Por força do Decreto Lei nº 3199 de 14/4/1941, a FBP é constituída em Confederação reunindo as federações de pugilismo então existentes: Paulista, Metropolitana (RJ) e Mineira; a fusão aconteceu por meio de Assembléia Geral realizada em 1º de agosto de 1941.

1942 Criação do Campeonato Popular de Boxe, promovido pela Gazeta Esportiva, jornal diário dedicado aos esportes de São Paulo-SP. Este evento passou a ser a porta de entrada para o pugilismo profissional. Instituído por Carlos Joel Nelli – diretor da Gazeta Esportiva –, o Campeonato tornou-se popularmente conhecido como “Forja dos Campeões”.

Década de 1950 Este período representa a segunda era de ouro do boxe nacional. Surgiu uma nova fase, com grandes espetáculos, nacionais e internacionais, e uma importante galeria de astros. Jacó Nahun surge como o primeiro mega-empresário do boxe brasileiro, lançando alguns dos grandes nomes do boxe brasileiro – como Kaled Curi, Ralf Zumbano e Éder Jofre. Jacó Nahun conseguiu também um intercâmbio com os dirigentes do Luna Park de Buenos Aires, o maior ginásio de boxe da América do Sul, com o qual vários boxeadores argentinos vieram lutar no Pacaembu e, posteriormente, no Ginásio do Ibirapuera. Isso foi uma efetiva escola de aprendizagem técnica que contribuiu decisivamente para o amadurecimento do boxe brasileiro. No final desta década, surgiu um ponto de excelência acadêmica dedicada ao boxe na Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, Escola de Educação Física e Desportos-EEFD. Este fato jamais se repetiu nos meios universitários brasileiros e foi produzido pelo professor de Educação Física Alberto de Latorre Farias com o auxílio do professor da mesma especialidade Benedito Peixoto. Os estudos e cursos de formação – por vezes, incluindo a capoeira – de boxe estenderam-se até o início dos anos de 1990, quando Latorre faleceu. Contudo, mantém-se até hoje a disciplina de boxe e capoeira na EEFD no Rio de Janeiro.

1953 Éder Jofre, um dos maiores boxeadores brasileiro de todos os tempos, estréia como amador aos 17 anos de idade.

1955 Ano do aparecimento de Luis Inácio, o “Luisão”, talvez o maior meio-pesado brasileiro de todos os tempos. Extremamente popular por seu carisma, suas entrevistas folclóricas, sua velocidade e poder de *punch*. Foi o primeiro brasileiro a conquistar medalha de ouro nos Jogos Pan-americanos – México. Como profissional, chegou a

campeão sul-americano dos meio-pesados, tendo feito inúmeras lutas internacionais, inclusive com o legendário Archie Moore dos EUA. Sua popularidade acabou sendo sua tragédia: ao subestimar o famoso campeão chileno Humberto Loayza, numa troca de golpes, acabou sofrendo um violento nocaute. Como era bilheteria certa, os empresários não o deixaram descansar, continuando a lhe promover lutas, as quais só agravaram a lesão que havia sofrido. O resultado foi que Luisão acabou exibindo sintomas da chamada “demência pugilística”, passando a ser derrotado por qualquer um, inclusive em brigas de rua com marginais. Ao morrer como indigente tornou-se mais uma vítima do efeito Ditão, isto é, do profissionalismo pervertido.

1956 Éder Jofre, aos 21 anos, adere ao profissionalmente criando impacto com suas vitórias sucessivas.

1958 Éder Jofre torna-se Campeão Brasileiro dos Pesos Galo.

1960 Neste ano, Éder Jofre, o maior astro do pugilismo brasileiro, conquista o título de campeão mundial na categoria peso galo, pela *World Boxing Association*-WBA, superando o mexicano Eloy Sanchez. Éder conquistou também o título pela entidade europeia NBA, a qual não reconhecia os campeões da WBA. O título mundial pela NBA ocorreu com uma vitória sobre Johnny Caldwell, que foi à lona no 11º assalto. Com isso, Éder Jofre ficou entre os dez primeiros do ranking de galos da NBA. Em 1962 surgiu a oportunidade de uma luta pela unificação dos pesos galo, reunindo outra vez Jofre e Caldwell. Essa luta foi travada no ginásio do Ibirapuera-SP, com um público recorde de 23.000 pessoas. Éder venceu Caldwell e se tornou o campeão mundial absoluto dos pesos galo. Como tal, Éder Jofre foi eleito um dos dez melhores boxeadores do século XX, em eleição promovida pela *The Ring Magazine*, uma das mais conceituadas publicações de boxe do mundo à época.

1965 Éder Jofre perde seus títulos ao ser derrotado pelo japonês Fighting Harada, o que lhe fez afastar-se do boxe.

1968 Servílio de Oliveira do RJ, considerado o melhor boxeador já surgido no Brasil, estréia na categoria amadora, e conquista a medalha de bronze nas Olimpíadas do México, realizadas neste ano.

1969 Servílio de Oliveira estreou na categoria profissional.

1970 Éder Jofre, depois de algum tempo afastado, volta a boxear.

1971 Servílio de Oliveira sofreu um deslocamento de retina em luta com um mexicano, e como consequência teve que abandonar a carreira.

1973 Éder Jofre passa a categoria peso pena, e no dia cinco de maio, volta à glória de ser Campeão Mundial, vencendo o cubano naturalizado espanhol José Legrá. Tal luta ocorreu em Brasília, a nova capital federal do país.

1973 Éder Jofre conquista o título mundial do Conselho Mundial de Boxe-CMB, na categoria dos pesos pena.

1974 No dia 17 de junho, o Conselho Mundial de Boxe declara vaga a posição de campeão dos penas por Éder Jofre não ter colocado seu título em disputa. Tal fato ocorreu devido a desentendimento entre Éder e seus empresários.

1975 O brasileiro Miguel de Oliveira, um destacado peso médio ligeiro, em disputa com o espanhol José Duran, conquistou o cinturão mundial pelo CMB.

1976 Em 8 de outubro, Éder Jofre faz luta de despedida de sua carreira, a qual iniciou-se aos três anos de idade. Foram 78 lutas, 50 nocautes, 22 vitórias por pontos, 4 empates e 2 derrotas (ambas por pontos, para o histórico *Masahiko Fighting Harada*).

1980 A TV Bandeirantes, com sede em São Paulo-SP, através de seu promotor de eventos esportivos Luciano do Vale, transforma-se em investidora e promotora do boxe, no sentido de levá-lo a ser espetáculo de massa no Brasil como antes ocorrido.

1983 Adilson Maguila, meio pesado de SP, estreou como profissional neste ano e já em 1989, alcançava a segunda colocação no ranking do CMB em sua categoria.

1995 Maguila torna-se campeão mundial dos meio pesados pela *World Boxing Federation*-WBF (Federação Mundial de Boxe).

Década de 1990 No final deste período surgiu uma nova promessa do boxe nacional: Acelino de Freitas, ou “Popó”, que também chegou ao título de campeão mundial pelo WBO. O

aparecimento de Popó, natural da BA, e fazendo seus treinamentos em Salvador-BA, marca também a ascensão do boxe na região nordeste do país. Ao vencer as 29 lutas iniciais da carreira por nocaute (KO), Acelino "Popó" Freitas tornou-se o boxeador sul-americano que mais vitórias por KO tem em seus primeiros combates como profissional.

1998 No dia oito de maio, em assembléia geral extraordinária convocada para reforma dos estatutos e adequação à nova Lei Pelé (reorganizava à época o esporte nacional), a então Confederação Brasileira de Pugilismo passou a se denominar Confederação Brasileira de Boxe-CBBx. Hoje, esta instituição é responsável pelo Boxe Profissional e Amador no Brasil.

Situação atual A CBBx, em 2003, congregava 24 federações estaduais (uma a mais do que em 2002), sendo as mais atuantes as localizadas em SP, BA, PA, PB, RS, RJ e DF (COB, 2001). Este ranking de entidades confirma o avanço recente dos estados do nordeste brasileiro na modalidade, o qual ganhou maior transparência com as vitórias de Popó, atleta da Bahia. Entretanto, a despeito de gozar o prestígio de esporte olímpico e de possuir tradições sólidas no Brasil, a infra-estrutura material do boxe deixa a desejar: havia no país em 2001 (dados da CBBx informados ao COB), apenas 140 instalações de prática de boxe operando por adaptações e em condições precárias. Mesmo assim, contavam-se 5.800 atletas registrados na modalidade em 2002, com aumento de 27,8% sobre o total de 2000. Outra inovação obtida entre 2000 e 2002 foi a criação de uma equipe olímpica permanente com 24 atletas, bem como a instalação de um Centro de Treinamento de Excelência que se tornou operativo no município de Santo André-SP. Outros avanços em 2002 foram

a implantação de uma Comissão Técnica; a adoção de um técnico estrangeiro para a seleção nacional; o ganho de patrocínio para as atividades da CBBx; e a organização de intercâmbio de atletas e treinadores com Cuba e México. Estas melhorias têm se refletido nos resultados internacionais: pela primeira vez, o Brasil obteve um primeiro lugar geral no Campeonato Sul-Americano em 2002 (em 2002, colocou-se em segundo); e nos Jogos Sul-americanos de 2002, também conseguiu um inédito primeiro lugar por equipe (em 1998, obteve o segundo). Mas, o boxe brasileiro ainda não possui nível técnico satisfatório em âmbito mundial, e no Pan-Americano apenas se destaca em algumas modalidades (COB, 2001 e 2002).

No plano nacional, a CBBx realiza anualmente seu tradicional Campeonato Brasileiro de Boxe Amador há mais de 50 anos, além de torneios regionais nas diversas regiões do país. Contudo, a CBBx não tem meios de disponibilizar dados de participação do boxe no Brasil além dos atletas registrados (Luiz Cláudio Boselli, 2004). Em termos de popularidade do boxe, se comparada a outros esportes de "combate", parece restrita a um público específico: o boxe não permanece continuamente na mídia, no sentido de atrair novos praticantes. Sob o aspecto de espectadores, porém, pressupõe-se que há um público fiel, que acompanha as disputas de títulos, e outras lutas, através dos canais de televisão. As tevês por assinatura também são referência para esse público específico, interessado em acompanhar o boxe. Por dia acontecem no mundo 2500 lutas de boxe. Em fevereiro de 2004 a prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro assinou um decreto para liberação de verba para a construção de 3 pólos esportivos de boxe na cidade do Rio de Janeiro. De acordo com Cidinha Oliveira, Presidente da Federação de Boxe do Estado de São Paulo-FEBESP, o boxe feminino no

Brasil teve um acentuado crescimento nos últimos três anos, sendo que atualmente há aproximadamente 300 atletas por todo o Brasil, com maior participação nos Estados de São Paulo, Bahia, Paraná e Amazonas. O Brasil participou com 3 atletas no II Campeonato Mundial de Boxe Feminino, em 2002, em Antalya, Turquia, onde Ana Paula Lúcio dos Santos (paulista) ganhou medalha de bronze. O Brasil realizou o Campeonato Brasileiro nos anos de 2002 e 2003 e Campeonato Paulista 2003.

Fontes www.cbboxe.com.br; Federação Rio Grandense de Boxe em www.boxergs.com.br/; Alberto de Latorre, Revista Arquivos da EFD - Textos da disciplina de boxe (décadas de 1960 - 1970); Henrique Nicolini, Tietê- O rio do esporte, Phorte editora, SP, 2001; Luiz Cláudio Boselli, presidente da CBBx; COB, Diagnóstico e Análise das Modalidades Olímpicas, 2001, p.20; COB, Prestação de Contas Técnicas e Financeiras - Lei Agnello / Piva, 2002; Confederação Brasileira de Boxe www.cbboxe.com.br/index-boxeamador.html; Olympic Movement: www.olympic.org/uk/sports/programme/index_uk.asp?SportCode=BX; IBO www.iboboxing.com/; AIBA - www.aiba.net/; Federação Riograndense de Pugilismo: www.boxergs.com.br/indice.htm; Jorge Carriço Rentroia, Federação de Boxe do Rio de Janeiro; Maria Aparecida de Oliveira, Federação Paulista de Boxe; Federação Rio-Grandense de Pugilismo: www.boxergs.com.br; Éder Jofre: contatos com Mario Feitosa em fev / março de 2004; texto de Sean Newman em www.doghouseboxing.com sobre a revista *The Ring*; www.boxrec.com; www.ibhof.com/jofre. Adilson Maguila: entrevista a Mario Feitosa em fevereiro de 2004; Maguila, A. R., Maguila, A Saga de um Cabra Macho, 2003. Acelino "Popó" Freitas: www.popo.com.br/career.asp/

Organização do boxe e as associações

Amateur and professional boxing organizations

Tanto o boxeador amador quanto o profissional tem suas lutas locais, regionais, nacionais e internacionais. Para viabilizar as competições, é necessária toda uma infra-estrutura determinando as regras das lutas, as datas dos torneios ou lutas, a premiação das vitórias, o registro do cartel ou 'currículo' e o *ranking* ou classificação dos boxeadores. Essa infra-estrutura é composta de uma complexa rede mundial de associações cuja autoridade varia de nível local a mundial.

Organização do boxe profissional No caso do boxe profissional, que gira em torno do dinheiro das bolsas e apostas, é natural que grupos de pessoas se associem procurando ter autoridade para proclamar campeões e ditar as regras das lutas. Nos últimos cem anos, desde que o boxe profissional passou a ser um negócio milionário, o número dessas associações só tem aumentado. Isso tem provocado uma crescente proliferação de campeões, muitas divergências e confusões em torno das regras das lutas, bem como uma grande variação no que toca à preservação da integridade física e outros direitos profissionais dos boxeadores a elas filiados. Atualmente, existem quatro principais associações regendo o boxe profissional mundial: WBA, WBC, IBF e WBO e mais de vinte associações de pequena a quase nula expressão.

WBA = *World Boxing Association* = **AMB** = Associação Mundial de Boxe **WBC** = *World Boxing Council* = **CMB** = Conselho Mundial de Boxe **IBF** = *International Boxing Federation* = **FIB** = Federação Internacional de Boxe **WBO** = *World Boxing Organization* = **OMB** = Organização Mundial de Boxe

É comum elas não proclamarem os mesmos campeões e divergirem quanto aos direitos profissionais dos boxeadores a elas filiados. Ao longo de sua história, o boxe foi regido por três conjuntos de regras: as Regras de Broughton, as Regras de Londres e as Regras de Queensberry. Atualmente, todas as associações de boxe profissional adotam versões modernizadas das Regras de Queensberry. Contudo, podem existir diferenças de detalhes entre as regras de uma associação para outra, tais como critérios de terminação das lutas. A divisão dos boxeadores em categorias de peso foi introduzida ainda na era das Regras de Londres. Com as Regras de Queensberry, a quantidade dessas categorias tem crescido continuamente. Mesmo atualmente, a quantidade de categorias, bem como as respectivas faixas de kg, pode variar de uma associação para outra.

Organização do boxe amador Como o boxeador AMADOR não luta por bolsas de dinheiro, no amadorismo - ao contrário do boxe profissional - não existe uma proliferação de associações pretendendo o direito de proclamar o verdadeiro campeão e de ditar as regras de luta. Com efeito, no atual boxe amador temos uma única associação regendo o esporte a nível mundial: a AIBA. Em cada país temos exatamente uma associação nacional que o representa junto à AIBA e que trata da organização e localização dos respectivos campeonatos nacionais e regionais; no caso do Brasil, essa associação é a Confederação Brasileira de Boxe, que trata tanto do boxe amador como do profissional. Como o boxe amador é um esporte olímpico, a AIBA é filiada ao Comitê Olímpico Internacional e cada associação nacional filiada à AIBA tem de estar filiada ao respectivo Comitê Olímpico Nacional. As

associações nacionais têm de respeitar à risca as regras e decisões da AIBA no que toca aos campeonatos e torneios internacionais. Por sua vez, no diz respeito aos campeonatos e torneios nacionais e regionais, as regras locais não podem ser menos protetoras do que as da AIBA.

Associações de boxe amador:

- **AIBA** Associação Internacional de Boxe Amador.
- **AEBA** Associação Européia de Boxe Amador
- **IABA** Irish Amateur Boxing Association
- **CBB** Confederação Brasileira de Boxe
- **Ukranian** Amateur Boxing
- **USA Boxing** (entidade máxima do amadorismo nos EUA)
- **Golden Gloves** (organizadora do Campeonato Luvas de Ouro dos EUA)
- **CABA** Canadian Amateur Boxing Association
- **ABA** Amateur Boxing Australia

Boxe legal versus boxe ilegal É importante enfatizar que um importante papel das modernas associações de boxe profissional é o licenciamento dos boxeadores. As associações somente permitem lutar profissionais licenciados, e as mais conceituadas só dão e mantêm a licença para pugilistas que passam por exames médicos periódicos, tais como tomografia cerebral, e que tem ficha policial impecável. Contudo, em alguns países, vivendo à margem do controle das associações temos o boxe não-licenciado e o boxe ilegal.

Destaques do boxe brasileiro, 1960 – 2004

Distinguished brazilian boxers, 1960 – 2004

Éder Jofre

Éder Jofre nasceu em 26 de março de 1936, sendo hoje considerado o maior pugilista brasileiro de todos os tempos. O “Galo de Ouro” brasileiro cresceu praticamente dentro da linhagem do boxe, uma vez que as duas famílias, paterna e materna, cultivavam o esporte. Da parte do pai, os Jofre, vindos da Argentina, tinham uma academia no Palacete Santa Helena, na Praça da Sé, pioneira no boxe em São Paulo-SP. Da parte da mãe, Dona Angelina, constituía-se a família dos Zumbano, de origem ítalo-brasileira, enraizados no bairro da Mococa, também na cidade de SP, e herdeiros de longas tradições ligadas ao pugilismo. Éder desde cedo, praticando e demonstrando aptidão para o boxe, acabou por destacar-se na modalidade. Sua capacidade de ataque, com um fortíssimo gancho de esquerda, e uma potente direita, não eram seus únicos destaques. Sua inteligência e capacidade de adaptação de estilo conforme a situação e o oponente, tornaram-no um difícil adversário. Apesar de estreiar aos 17 anos, em 1953, foi aos 21 anos, em 1956, que começou a destacar-se como profissional. Em 1958 tornou-se campeão dos pesos galo. Um nome importante na ascensão de Éder foi o empresário Jacó Nahun. Foi ele quem planejou as ações visando colocá-lo em destaque no cenário internacional. Em 1960 Nahun conseguiu a inclusão de Eder entre os dez primeiros boxeadores na categoria de galos da NBA (atual Associação Mundial de Boxe). No mesmo ano de 1960, Éder Jofre conquistou o título mundial, vencendo o mexicano Eloy Sanchez. Apesar disso a União Européia de Boxe-UEB, não reconhecia os títulos obtidos pela NBA. Então, em 1962, Eder venceu o Irlandês Caldwell, e com isso unificou os títulos dos pesos galo, pela NBA e pela União Européia de Boxe-UEB, e assim permaneceu até 1965. Éder optou por permanecer na categoria peso galo, e por conta disso, para manter-se no peso, lutava mal alimentado e até desidratado, em razão dos regimes para perder o excesso de peso. Por este motivo ou outra deficiência, ele foi derrotado em 1965 pelo japonês Masahiko “Fighting” Harada. Na luta de revanche em 1966, repetiu-se a derrota e o mais famoso boxeador brasileiro de todos os tempos afastou-se das lides

do esporte. Eder Jofre acabaria voltando, entretanto, ao cenário do boxe em 1970, na categoria dos pesos pena, permanecendo em destaque até 1973 quando conquistou o título mundial do Conselho Mundial de Boxe (CMB). Eder continuou lutando até 1976, quando atingiu quarenta anos de idade. Ao longo de sua vida de profissional, realizou 78 lutas, ganhando 50 delas por nocaute e com duas únicas derrotas, ambas por pontos e para o histórico pugilista Masahiko “Fighting” Harada. Hoje é comum encontrar o nome de Éder Jofre nas listas internacionais dos maiores ídolos do boxe de todos os tempos.

Adilson Rodrigues Maguila

Adilson Rodrigues Maguila, categoria peso pesado, estreou como profissional em 1983, tendo Ralph Zumbano como técnico e Kaled Curi como empresário. Neste início teve o apoio de patrocínio da TV Bandeirantes, mídia dedicada aos esportes. Com 1m86cm e 100 Kg., Maguila fez-se um lutador carismático. Em suas 87 lutas, 78 foram por nocaute. Em 1989, Maguila tornou-se o segundo colocado no ranking do CMB, e chegou a ser cogitado para lutar com Mike Tyson, o mais famoso lutador deste período. Este confronto porém não aconteceu dado a que Maguila perdeu antes duas lutas importantes: uma para Evander Holyfield, e outra para George Foreman, ambos também já renomados à época. Apesar de estar com excesso de peso, ainda foi campeão mundial pela WBF (Federação Mundial de Boxe). Aos 41 anos, com hipotireoidismo, abandonou o boxe e passou a realizar trabalhos com crianças carentes, e se candidatou a vereador pela cidade de São Paulo, além de participar em diversos programas de televisão. Em suas entrevistas, Maguila cita Eder Jofre como o maior lutador no boxe brasileiro, terminando por classificá-lo como um fenômeno inigualável no esporte nacional. Maguila interpreta o boxe como qualquer esporte, em que dois oponentes desejam a vitória. Por essa razão não deve haver lugar para sentimentos pessoais agressivos, como ódio, vingança etc. E, acima de tudo, deve haver respeito às regras e ao adversário. Entende que o espírito esportivo deve estar presente no atleta para que este utilize as técnicas do boxe no ringue e não na rua. Boxe não é para brigar na

rua, afirma Maguila que no final dos anos de 1990, publicou seu livro de memórias: “Maguila, A Saga de um Cabra Macho”.

Acelino “Popó” Freitas

Popó nasceu na Baía e se iniciou no boxe aos 14 anos, em 1989, por influência de seu irmão, Luis Cláudio. Em apenas um ano como boxeador amador, Popó foi campeão baiano, nordestino e brasileiro. Em 1995, conquistou a medalha de prata nos Jogos Pan-Americanos de Mar del Plata – Argentina, e em 1997, ganhou o título Intercontinental da Organização Mundial de Boxe. No ano seguinte, derrotou em apenas dois assaltos o consagrado Thomas da Cruz, e conquistou o cinturão brasileiro dos leves. Todos estes títulos foram obtidos na categoria de peso leve. Em 1998, Popó foi Campeão Brasileiro dos super penas, e em 1999, conquistou o título mundial na mesma categoria pela Organização Mundial de Boxe - WBO, em disputa contra o russo Anatoli Alexandrov. Essa luta durou menos de dois minutos, e deixou o adversário em estado de pré-coma. Em 2002, Popó conquistou a unificação dos títulos dos super penas da Organização e da Associação Mundial de Boxe, em Las Vegas, Estados Unidos. Devido à grande dificuldade de se manter no peso super pena, (59 quilos), em 2004, depois de 12 disputas nesta categoria, Popó retornou à categoria de peso leve, (62 quilos), e conquistou o título de campeão dos leves pela Organização Mundial de Boxe. Popó tem na atualidade o maior índice de nocaute/luta do mundo. São 35 vitórias, sendo 31 por nocaute e quatro por pontos, com média de aproveitamento de 90%. Em oito anos como profissional, sua trajetória tem sido marcada por vitórias destacadas. Em suas 35 lutas já disputou 146 rounds, sendo que 48 em campeonatos mundiais. Como amador fez 81 lutas e perdeu apenas três. Popó chegou a bater recorde com 29 nocautes em 29 lutas. É um recorde que nem Mike Tyson, em seu fulminante início de carreira, conseguiu. Entretanto, comparando a si mesmo com Éder Jofre, Popó em entrevista à mídia colocou-se acima do legendário “Galo de Ouro”, mas diante da reação negativa da opinião pública retratou-se e pediu desculpas.

Judô

EMERSON FRANCHINI E ALFREDO DORNELLES

Judo

Judo is a traditional Japanese wrestling sport. In the 19th century, various judo schools started developing techniques different from jujitsu. Dr. Jigoro Kano (1860-1938), also a long-time member of the International Olympic Committee, combined the features of those various schools of the sport and codified the rules (Kodokan judo) opening his first school in 1882. He emphasized the philosophical principles of judo and discarded many of the dangerous parts of jujitsu. The word judo consists of two Japanese words: ‘ju’, which means gentleness, and ‘do’, which means way, generating then ‘the gentle way’. It reflects the fact that judo emphasizes yielding to an opponent’s strength to overcome them, rather than attempting to defeat them by force. Judo is one of the oldest traditional sports in Brazil due to the size of its Japanese population: the largest one outside Japan. Japanese immigration started in 1908 and brought Mitsuyo Maeda (known

Definições O judô, luta tradicional japonesa, foi derivado parcialmente do jiu-jitsu (estilos Tenshin-Shinyo-Ryu e Kito-Ryu), técnica de combate de mão dos guerreiros samurais da Antigüidade. No século XIX, várias escolas de judô do Japão começaram a desenvolver técnicas que diferiam do jiu-jitsu. Essas técnicas foram estudadas e tiveram suas regras codificadas pelo Dr. Jigoro Kano, que enfatizou os princípios filosóficos do judô, eliminou as partes perigosas do jiu-jitsu, desenvolvendo o que é chamado de judô Kodokan, base de sua primeira escola ou 'dojo' in 1882. Kano também foi membro do Comitê Olímpico Internacional-COI durante a década de 1930 e até falecer antes do início da Segunda Guerra Mundial. O termo 'judo' apareceu pela primeira vez no século I nas crônicas do imperador chinês Kuang Wu. Consiste de duas palavras japonesas, *ju*, que significa suave, e *do*, que significa caminho, semelhante ao chinês 'tao', gerando “o caminho da suavidade”, refletindo o fato de que o judô enfatiza o acompanhamento da força do oponente em vez de tentar vencê-lo por sua própria força. Os propósitos de Jigoro Kano para o judô eram essencialmente educacionais e baseados em dois princípios fundamentais: *jita-kyouei* (mínimo esforço, máxima eficácia) e *seiryoku-zenyou* (auxílio e prosperidade mútuos). A graduação do judoca é feita pela cor de sua faixa, a qual reflete o grau de habilidade e de conhecimento do praticante. No Brasil, o sistema mais adotado tem a seguinte ordem: branca, azul, amarela, laranja, verde, roxa, marrom e preta. Após a faixa preta, os judocas são divididos em *yu-dansha* (de 1º a 5º *dan* - graus) e *ko-dansha* (6º a 10º graus). Do 6º ao 8º graus a cor da faixa passa a ser branca e vermelha (coral), enquanto no 9º e 10º graus a faixa é vermelha. Atualmente não existem judocas 10º grau reconhecidos pela Kodokan. Na competição, os judocas utilizam técnicas de projeção, imobilização, estrangulamento e chave articular, as quais são pontuadas em função da eficácia com que foram empregadas.

Origens É provável que o judô, ainda com influências do *ju-jutsu*, tenha sido trazido ao Brasil por um dos 781 imigrantes japoneses que aqui chegaram em 1908 a bordo do navio *Kasatu Maru*. A evidência mais documentada da introdução do judô no Brasil é a de Mitsuyo Maeda (conhecido como Conde Koma), que fora discípulo de Jigoro Kano. Quanto ao ano e ao local de sua chegada, há duas versões: (1) iniciou a difusão do judô em 1917 em Belém (Pará), tendo chegado pelo porto de Santos; (2) sua chegada teria ocorrido em 14 de novembro de 1914 em Porto Alegre (Rio Grande do Sul) e em 20 de dezembro de 1915 realizava a sua primeira exibição registrada em Manaus (Amazonas) no Teatro Politeama. Essa segunda versão é a melhor documentada, porém a menos conhecida.

1900-1910 Período em que houve a provável chegada do judô ao Brasil com os imigrantes japoneses, que vinham para trabalhar na lavoura.

Década de 1920 Geo Omori demonstrava técnicas de judô em circos, além de aceitar desafios. Nessa década, Takaji Saigo teria aberto uma Academia de Judô em São Paulo, mas por falta de alunos não conseguiu mantê-la em funcionamento. Os desafios do Conde Koma aconteceriam nessa década no *American Circus*, de propriedade de Gastão Gracie, pai de Carlos e Hélio Gracie, principais nomes do *jiu-jitsu* brasileiro. Nesse período Carlos aprende *ju-jutsu* com o Conde Koma.

as Conde Koma), who was a disciple of Jigoro Kano, to SP. Koma started judo in Brazil in 1914 in spite of evidence of other initiatives of the 1910s. Several historical facts came about after that: (i) the first club of judo appeared in the state of São Paulo in the 1920s; (ii) the Associação Budokan (Budokan Association) was founded in 1938, gathering various centers of judo practice in the whole country; (iii) the first Brazilian Championship of Judo happened in 1954, and (iv) the Federação Paulista de Judo (São Paulo Judo Federation), the very first state federation, was founded in 1958. The tradition of Brazilian judo started longer before it became known worldwide: (i) in Europe, the very first competition involving judokas of two countries, France and England, only took place in 1947; (ii) the first institution organized at international level was the European Union of Judo, founded in 1948, and (iii) the Asiatic Union of Judo was founded

Década de 1930 Nesse período há um grande aumento do número de japoneses que imigram para o Brasil. Com isso são criados locais para a prática do judô no interior de São Paulo e em Itaguaí e Baixada Fluminense no Rio de Janeiro. Merece destaque a vinda de Ryuzo Ogawa em 1934 para o Brasil. Em 1938 é fundada a Academia Ogawa (Budokan), precursora da Associação Budokan, que viria a reunir diversos centros de prática de judô em todo o país.

Interpretação das décadas de 1910-1930 Os termos judô e *ju-jutsu* são empregados indistintamente para denominar o mesmo sistema de técnicas. A prática durante esse período pode ser dividida em dois grandes grupos: (1) composto por japoneses e seus descendentes que praticam as técnicas em pequenos grupos e sem finalidade comercial. Alguns brasileiros, vizinhos das colônias japonesas, iniciam a prática do judô, sobretudo em decorrência da curiosidade sobre o sistema de luta e aos seus aspectos ritualísticos; (2) também composto por japoneses, mas com direcionamento aos desafios a outros sistemas de lutas e com finalidade comercial. Esse desenvolvimento ocorre, sobretudo, em Manaus, e as apostas alcançam valores elevados como conseqüência do interesse dos “barões da borracha” pelos eventos de luta.

Década de 1940 No Japão, após a derrota dos japoneses na Segunda Guerra Mundial, ao ocuparem o país, os aliados proibiram todas as atividades que se inspirassem no Bushidô. Por volta de 1946, o judô começou a ser ensinado para os militares ocidentais de várias nações em serviço no Japão. As aulas eram ministradas pelos professores da Kodokan, dentro da linha de pensamento de Jigoro Kano. Esses militares serviram de sementes reprodutoras do judô ao retornarem para seus países de origem. Ao se internacionalizar – e se excluindo o Brasil onde já estava enraizado -, o judô se desenvolveu principalmente na França e Inglaterra e em 1947, realizou-se a primeira competição envolvendo judocas de dois países. A primeira instituição organizada a nível internacional foi a União Européia de Judô, fundada em 1948 e um ano após, em 1949 é fundada a União Asiática de Judô. No Brasil, a partir de 1948, a Associação Budokan passa a realizar torneios anuais com a presença de suas filiadas, marcando a expansão do judô passo a passo em todo o território nacional.

Década de 1950 O primeiro Campeonato Europeu de Judô foi realizado em Paris em 1951. No mesmo ano é fundada a Federação Internacional de Judô e seu primeiro presidente é Rissei Kano, filho de Jigoro Kano. Em 1952 é fundada a União Pan-americana de Judô. O primeiro Campeonato Mundial de Judô foi realizado em 1956, em Tóquio, com a participação de 18 países e sem a presença do Brasil. Neste evento, o japonês Natsui é consagrado campeão. Nesse mesmo ano, acontece a primeira participação de uma equipe brasileira em um evento internacional: o II Campeonato Pan-americano de Judô, realizado em Cuba, no qual o Brasil sagra-se vice-campeão, fato notável para uma equipe que participava pela primeira vez de uma competição no exterior. Note-se, neste particular que no início da década (1951), já aconteciam os primeiros torneios estaduais de judô, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Três anos depois (1954) é realizado o I Campeonato Brasileiro de Judô sob o comando da Confederação Brasileira de Pugilismo (gestora

in 1949. Back to Brazil, (i) the Budokan Association began to organize yearly tournaments with affiliated associations in 1948, establishing the expansion of judo all over the country; (ii) Brazil organized the World Championship of Judo in Rio de Janeiro in 1965, and (iii) the Confederação Brasileira de Judô (Brazilian Judo Confederation) was founded on March 18, 1966. Moreover, judo was introduced in the Olympic Program for the very first time in Munich in 1972, when Brazil won a bronze medal in the middleweight category: the very first Olympic medal of judo. Today, Brazilian judo is among the most competitive nations in the world, among the best 3 in the Pan-American Games and has hegemony at the South American level. In 2003, there were around 4,000 judo gyms and associations in the country and the estimates of participants reached nearly 2 million people of different ages and genders.

do judô à época), com a participação de cariocas, mineiros, gaúchos e paulistas. Massayoshi Kawakami foi o destaque da competição ao vencer nas categorias 3º *dan*e absoluto. Em 17 de abril de 1958 é fundada a primeira federação estadual da modalidade, a Federação Paulista de Judô.

Interpretação das décadas de 1940-1950 Após a II Guerra Mundial iniciam-se os primeiros torneios locais. Cresce o número de praticantes e o primeiro Campeonato Brasileiro é realizado. Surgem as primeiras organizações da modalidade. Portanto, o aspecto competitivo do judô e sua institucionalização passam a ter suas bases, prosseguindo com a participação brasileira em eventos internacionais.

Década de 1960 O Brasil estréia em Campeonatos Mundiais com a participação de Lhofei Shiozawa, durante a terceira edição do evento, na França em 1961. Em 1964, o judô é apresentado como modalidade de demonstração nos Jogos Olímpicos de Tóquio. O Brasil envia um atleta, Lhofei Shiozawa, na categoria médio. Pela primeira e única vez, o Brasil organiza o Campeonato Mundial de Judô, em 1965, no Rio de Janeiro. Em 18 de março de 1969 é fundada a Confederação Brasileira de Judô.

Década de 1970 O Brasil conquista sua primeira medalha em Campeonatos Mundiais, bronze com Chiaki Ishii na categoria meio-pesado, em Ludwigshafen (Alemanha) em 1971. No ano seguinte a Confederação Brasileira de Judô é reconhecida pelo decreto 71.135 e passa a comandar a modalidade no território nacional. Seu primeiro presidente é Augusto Cordeiro. Ainda em 1972, o judô é aceito como modalidade olímpica. O Brasil envia os atletas Lhofei Shiozawa e Chiaki Ishii para os Jogos Olímpicos de Munique. Esse último conquista a primeira medalha olímpica do judô brasileiro, bronze entre os meio-pesados. Quatro anos depois, o Brasil enviaria três atletas para disputar os Jogos Olímpicos de Montreal. Nessa competição o judô brasileiro não conquista medalhas, mas pela primeira vez conta com um técnico: Ikuo Onodera. Em 1979, Walter Carmona conquista a medalha de bronze na categoria médio no Campeonato Mundial de Paris. No mesmo ano as judocas do Brasil fariam sua estréia em competições internacionais com a participação de quatro atletas no Sul-Americano da Argentina.

Interpretação das décadas de 1960-1970 O judô passa a fazer parte, definitivamente, do cenário esportivo mundial, especialmente com sua inclusão no programa olímpico. No Brasil, ocorre a estruturação organizacional da modalidade e a realização de um Campeonato Mundial. Os atletas brasileiros começam a demonstrar seu potencial nas competições internacionais, conquistando medalhas em Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos.

Década de 1980 Em 1980, ocorre a primeira competição feminina oficial em território nacional na Universidade Gama Filho (RJ). No mesmo ano o judô feminino tem o seu I Campeonato Mundial, realizado em Nova Iorque. O Brasil envia sua equipe. Nos Jogos Olímpicos de Moscou (1980), são disputadas sete categorias de peso e a categoria absoluta (sem limites de peso). O Brasil envia, pela primeira vez, um atleta para cada categoria de peso, mas nenhuma medalha é conquistada. Quatro anos depois, a equipe

enviada para os Jogos Olímpicos de Los Angeles conquista o maior número de medalhas nesse tipo de competição até hoje: bronze para Luiz Onmura (leve), bronze para Walter Carmona (médio) e prata para Douglas Vieira (meio-pesado). Em 1987, mais uma medalha em Campeonatos Mundiais para o Brasil, dessa vez a medalha de bronze em Essen (Alemanha) com Aurélio Miguel (meio-pesado). No cenário internacional, a grande novidade da década passa a ser a inclusão do judô feminino como modalidade de demonstração nos Jogos Olímpicos de Seul (1988). Pela primeira vez um esporte de combate foi disputado por mulheres. Duas atletas representam o Brasil no evento: Mônica Angelucci (ligeiro) e Soraya André (meio-pesado). O feminino não conquista medalhas, mas pela primeira vez um judoca brasileiro sobe no ponto mais alto do pódio: Aurélio Miguel vence entre os meio-pesados.

Década de 1990 Nos Jogos Olímpicos de Barcelona em 1992, o judô feminino é incluído como modalidade olímpica. Nesse evento, o Brasil compete com as duas equipes completas. O atleta Rogério Sampaio conquista a medalha de ouro na categoria meio-leve. No ano seguinte, Rogério Sampaio muda de categoria (leve) e conquista a medalha de bronze no Mundial de Hamilton (Canadá). Aurélio Miguel termina a competição em segundo lugar na categoria meio-pesado, tornando-se o primeiro judoca brasileiro a chegar a uma final de Campeonato Mundial. No Mundial seguinte, realizado em Makuhari (Japão), o Brasil conquista sua primeira medalha no feminino com a atleta Danielle Zangrando (leve). Nos Jogos Olímpicos de Atlanta (1996), o Brasil não consegue classificar atletas nas categorias meio-leve e meio-pesado feminino. Porém, conquista duas medalhas de bronze no masculino: Aurélio Miguel na categoria meio-pesado e Henrique Guimarães na categoria meio-leve. O sucesso também foi grande nos Jogos Para-Olímpicos de Atlanta: o judoca Antônio Tenório conquista a medalha de ouro na categoria médio, na classe B1 (visão zero). No Mundial de Paris (França), em 1997, a participação do Brasil é a melhor em todos os tempos: Edinanci Silva conquista a medalha de bronze na categoria meio-pesado feminina, Aurélio Miguel disputa nova final e conquista

a medalha de prata entre os meio-pesados e Fúlvio Miyata conquista a medalha de bronze entre os ligeiros. O segundo Mundial por equipes é realizado em 1998, na Bielorrússia, com campanha excelente da equipe masculina brasileira que termina a competição em segundo lugar, perdendo apenas para o Japão. Em 1999, durante o Mundial de Birmingham ocorrem duas novidades: as categorias de peso têm seus limites alterados e o quimono azul é utilizado pela primeira vez em um Campeonato Mundial. O atleta Sébástian Pereira conquista a medalha de bronze na categoria leve.

Interpretação das décadas de 1980-1990 O judô brasileiro estabelece seu espaço no cenário internacional, com várias conquistas de medalhas em Campeonatos Mundiais, Jogos Olímpicos e Para-Olímpicos. Embora não existam registros precisos, pressupõe-se que nesse período o número de praticantes de judô tenha aumentado consideravelmente no Brasil.

2000-2003 Nos Jogos Olímpicos de Sydney, o Brasil consegue duas medalhas de prata com os atletas Carlos Honorato (médio) e Tiago Camilo (leve). Tiago, de 18 anos, torna-se o judoca mais novo a conquistar uma medalha olímpica. Nos Jogos Para-Olímpicos, Antônio Tenório conquista o bicampeonato. Em 2001, dois acontecimentos marcam o judô nacional: (1) A família Mamede, dirigindo a Confederação Brasileira de Judô desde 1979 e uma das mais criticadas administrações do esporte nacional, perde o comando da entidade para Paulo Wanderley; (2) o judoca Aurélio Miguel recebe o título de judoca do milênio nas Américas pela União Pan-Americana de Judô. No tatame, os acontecimentos não são tão positivos: o Brasil não conquista medalhas no Mundial de Munique (Alemanha) em 2001. Em 2003, o judô brasileiro volta a viver grandes momentos: a modalidade conquista o maior número de medalhas de ouro para o país nos Jogos Pan-Americanos de São Domingos; Edinanci Silva, Mário Sabino e Carlos Honorato conquistam as medalhas de bronze em suas categorias no Mundial de Osaka (Japão); a cidade do Rio de Janeiro é escolhida para sediar o Mundial de 2007.

Situação Atual A Confederação Brasileira de Judô atualmente tem federações filiadas em todos os Estados do país e a modalidade é amplamente praticada em escolas, clubes e academias de ginástica. Porém, os atletas registrados são ainda conhecidos por estimativas e estas indicam a existência de cerca de duzentos mil praticantes na condição de filiados (20 mil em SP e 3,5 mil no RJ), incluindo portanto participantes regulares e registrados. Se efetiva, esta cifra corresponde a um total dez vezes maior do que aquele encontrado em 1971 pelo Diagnóstico da Educação Física e Desportos no Brasil, isto é 22.842 atletas registrados nas federações (DaCosta, 1971). Quanto aos praticantes, as estimativas têm variado desde o final da década de 1990 entre um e dois milhões por diversas fontes, o que corresponde mesmo na avaliação mínima a um dos esportes mais praticados no Brasil (Mubarak & Tambucci, 2003). Segundo o Sindicato dos Estabelecimentos de Esportes Aquáticos e Terrestres do Estado de São Paulo – SEEAATESP, havia cerca de 4 mil academias e associações de judô no país em 2003, em levantamento feito junto ao Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas-CNPJ do Ministério da Fazenda. Esta cifra, em que pese sobreposição de registros, confirmaria em parte a estimativa maior de praticantes de judô no país. Hoje, o judô brasileiro situa-se entre as sete nações mais competitivas do mundo na modalidade, oscila entre as três melhores nos Jogos Pan-Americanos, e tem a hegemonia no nível sul-americano (COB, 2001).

Fontes Brousse, M.; Matsumoto, D. *Judo – a sport and a way of life. International Judo Federation*, 1999; Silva, G. P. Histórico da mulher no judô: preconceitos, estereótipos e discriminações. Motrivivência, p.195-207, 1994; Virgílio, S. A arte do judô. Papirus, 1986; www.judobrasil.com.br; www.ijf.org; Mubarak U. e Tambucci L. Reflexões sobre a história do Judô no Brasil. Citado de www.judobrasil.com.br, acessado em 06.01.2004; DaCosta, L. P. Diagnóstico da Educação Física e Desportos no Brasil. MEC, Brasília, 1971; SEEAATESP (comunicação oral de G. Bertevelo, 2003); COB. Diagnóstico e Análise das Modalidades Olímpicas. Rio de Janeiro, 2001. www.olympic.org/uk/sports/programme/disciplines_uk.asp?DiscCode=JU

Cenário geral de lutas e artes marciais no Brasil

General scenario of fighting sports and martial arts in Brazil

KASUO NAGAMINI

A grande escala das práticas de lutas e artes marciais no Brasil da atualidade, solicita a elaboração de uma análise de perspectivas em que se possa compreendê-las em conjunto. No Brasil, o conjunto dessas lutas que compõem o universo das artes marciais são provenientes principalmente do Japão, China e Coreia. Porém, apesar do forte referencial filosófico que possuem, algumas delas talvez devido à excessiva valorização da prática esportiva estão perdendo a identidade original.

As lutas pelo critério de “Arte Marcial” incluem as de origem Japonesa (Judô, Karate-Do, Kendo, Sumo, Aikido, etc...); Chinesa (Wushu, popularmente denominado ou reconhecido como Kung Fu); e Coreana (Tae Kwon Do). Por outro lado, as lutas principais que não apresentam marcadamente características filosóficas – religiosas na sua origem – são o Boxe, a Capoeira, a Luta (olímpica), o Muai Thai, o Jiu Jitsu brasileiro, difundido pela família Grace, e o “Vale Tudo”. Esta classificação pode ser feita no que diz respeito às características referentes ao caráter esportivo/competitivo ou não, como também quanto ao valor educacional, sobretudo diante das adaptações desenvolvida no Ocidente em geral e no Brasil em particular. Como exemplo pode-se citar o que ocorre com o Karate-Do, com o Tae Kwon Do, Aikido, Kung Fu dentre as de origem oriental. E também com a própria capoeira sobre a qual como as demais orientais também se discutem aspectos da sua prática esportiva diferentemente da não esportiva, possuindo inclusive grupos e associações com características que contemplam abordagens diferentes.

Além disso, há também em algumas modalidades uma profusão de estilos como é o caso do Karate Do e do Kung Fu, que se subdividem em inúmeros campos, refletindo no aparecimento de várias federações e confederações, ou ainda entidades com representatividade internacional. Essas subdivisões, muitas delas históricas com características ideológicas, culturais, e até mesmo familiares, afloram no Brasil e se acentuam devido a própria legislação que facilita essa situação nem sempre útil para a administração esportiva. Esta variedade repercute nas características técnicas que são de responsabilidades das organizações de modalidades. E desde que os conceitos da Educação Física são instrumentos de operações

metodológica, deve haver um mínimo de controle na disseminação do ensino das lutas e artes marciais uma vez que não houve até agora qualquer forma de regulamentação quanto ao seu aspecto educacional pedagógico. Não há hoje no país uma situação de consenso para o conteúdo formal necessário à outorga de autorização para dar aulas de qualquer forma de lutas ou artes marciais. O que é muito preocupante, pois “lesões psicológicas” podem advir de orientações equivocadas.

Embora haja um confronto implícito entre as lutas, algumas delas principalmente as artes marciais possuem uma aceitação e reconhecimento/identificação como educadoras, disciplinadoras e portanto formadoras. Dentre elas o Judô e o Karate-Do ocupam lugar de destaque nessa preferência. O Judô pela grande divulgação desde sua origem no tocante ao seu potencial, tradicionalmente atinge muitas crianças e tem seu lugar mais que garantido pela preferência do grande público brasileiro, haja visto os excelentes resultados obtidos nas olimpíadas em comparação com outras modalidades. O Karate-Do possui também um grande número de praticantes no Brasil, mas a grande variedade de estilos ou mesmo federações tem dificultado um pouco uma maior amplitude na sua procura. A mesma realidade encontra o Kung-Fu, nome popularmente utilizado para denominar as artes de luta cuja origem é a China. As diferenças históricas são referentes à profusão de estilos ou escolas. Constituem ângulos diferentes de estudar uma arte secular / ou milenar; já as questões organizacionais que constituem nas diferentes federações ou mesmo confederações possuem um caráter político, ideológico nas posturas de condução dos seus referidos segmentos.

Hoje, o Judô tem um alcance maior, tendo penetração garantida nas estruturas educacionais desde o ensino fundamental até a universidade (inclusive pós-graduação). Paralelamente nas academias e clubes por todo país se organizam em torno de federações estaduais e estas por sua vez em torno de uma representante nacional. Cabe citar também o Karate-Do cuja introdução oficial no Brasil se fez na década de 1950, seguindo as primeiras apresentações oficiais nos Estados Unidos a cargo dos mestres da JKA (The Japan Karate Association), pelas pessoas

dos mestres Y.Tanaka, S.Uriu, J.Sagara, Taniguchi e outros cuja história está sendo escrita na atualidade. Ultimamente o Karate-Do tem apresentado um grande crescimento devido a popularização de sua prática que segue ocupação similar à do Judô. Sua estrutura orgânica tem sido muito conturbada pelos confrontos históricos anteriormente citados, mas estão em plena operação as federações respectivas e estas nacionalmente em organismos confederativos. Duas delas têm representatividade internacional (WKF e ITKF). Além disso há também as organizações de estilos ou escolas que possuem uma unidade central geralmente localizada no Japão, país origem desta arte. Dentre essas organizações a maior, e mais antiga, JKA, reconhecida pelo Ministério da Educação e Cultura do Japão, possui 120 países filiados; talvez seja não somente maior como organização de estilo mas também maior que algumas das federações que congregam estilos e escolas diferentes. Kung Fu também possui estrutura com situações similares as do Karate-Do, não apresentando pelo menos no momento a mesma penetração no sistema educacional que as encontradas pelo Judô e Karate-Do. Entretanto o número de praticantes tem crescido muito nos últimos anos no país compondo com o Tai Chi Chuan e o Lian Gong manifestações corporais muito procuradas pelo público mais adulto permanecendo no Kung Fu o público mais jovem.

Finalmente, para se focalizar a situação brasileira é necessário ter como base os imigrantes orientais que trouxeram para o país suas tradições de lutas e artes marciais. No início da imigração os mestres pioneiros destas atividades ficaram restritos aos núcleos de imigrantes ou mesmo familiares. Com o passar dos anos a disseminação dessas lutas não somente foi angariando muitos adeptos e fãs mas também foi se adaptando a ponto de quase constituir uma escola brasileira, nas variadas formas de ver as lutas independentemente das características específicas pertinentes a cada uma delas. As diferenças de origem encontraram aqui uma possibilidade de miscigenação acolhedora e igualmente criadora. Esta particularidade pode explicar o sucesso na introdução de todas as formas de lutas no Brasil, cujo destaque internacional hoje é afiançado acima de tudo pela escala de milhões de praticantes identificados por toda parte na nação.

Tiro

ANDRÉA KRAUS

Shooting

Shooting as a sport arrived in the southern states of Brazil with the German immigration in the 19th century. A survey of the sporting societies of German ethnical background which had settled in RS was conducted in 1924. Covering the previous 100 years, such research revealed that 60 out of the 320 such societies were specialized in shooting and that women also participated in the discipline. The first shooting club in Brazil appeared in 1885; the first federation in 1899 and the Confederação do Tiro Brasileiro (Brazilian Shooting Confederation) in 1906. The first Brazilian shooting championship took place in 1910. In 1917 the Brazilian

Definições O Tiro é uma modalidade de esporte em que o atirador deve acertar o alvo o maior número de vezes. Os alvos podem ser fixos ou móveis, variando o tamanho e a distância, o que determina a modalidade em questão. O tiro requer, de quem o pratica, concentração, disciplina, raciocínio, iniciativa além de equilíbrio físico e psicológico para o manuseio de armas de fogo. No Brasil, os locais utilizados para tal prática são os Clubes de Tiro, encontrados praticamente em todos os estados. O chamado Tiro Esportivo, que é um esporte olímpico, está subdividido em 11 outras modalidades, com três categorias: Armas Curtas, Armas Longas e Tiro ao Prato. Nas modalidades de Armas Curtas são utilizadas as pistolas e revólveres e só podem ser usados com uma mão: Pistola de ar; Pistola livre; Pistola sport e Tiro rápido. Nas Armas Longas, o alvo móvel é realizado com carabina com luneta; Carabina 3 posições, deitado, de pé e ajoelhado; Carabina de ar; e Carabina deitado. No Tiro ao Prato, as práticas são realizadas com espingardas de cano liso: Fossa dublê; Fossa Olímpica e Skeet. O Tiro Prático corresponde à união de várias modalidades nacionais e internacionais, as mais conhecidas são as IPSC (ver adiante) e Silhuetas metálicas. As provas são disputadas em piso de areia ou brita com armas curtas, rifles e espingardas, divididas em duas categorias: Standard – para as que mantêm as características originais de fábrica; e Open – Armas modificadas livremente. Os projéteis são de chumbo, *hollow point* (ponta oca) e semi jaquetados. Na Confederação Brasileira de Tiro Prático-CBTP concentram-se todos os esportes de Tiro não olímpicos. A expressão IPSC corresponde à *Internacional Practical Shooting Confederation* que identifica as provas disputadas na modalidade. Os alvos são de papelão, podem ser perfurados ou metálicos e caem quando atingidos. São distribuídos em vários *stages* ou pistas, nas quais situações que poderiam ser resolvidas na prática, por armas de fogo, são simuladas. Os obstáculos devem ser contornados, solicitando do praticante muita agilidade. São túneis, janelas, portas e paredes por onde os atiradores deverão correr, saltar, escalar e rolar pelo chão, fazendo com que a prática seja muito dinâmica. As armas utilizadas nesta modalidade são as curtas, rifles e carabinas. Por seu turno, as Silhuetas Metálicas são chapas de aço que lembram o perfil de galinhas, porcos, perus e carneiros e são adequadas aos três calibres utilizados (22, 38 e livre). São colocadas sobre suportes em filas de cinco e a distância varia entre 25 a 200 metros, dependendo do calibre da arma. As armas utilizadas nesta modalidade são as longas – rifles e carabinas.

Origem Como prática esportiva, o tiro apareceu no século XVI na Europa, e chegou aos estados do sul do Brasil com a imigração alemã, no século XIX. Pelo processo de aculturação vivenciado pelos imigrantes, a modalidade desenvolveu inicialmente uma conotação sócio-cultural e as primeiras competições aconteciam em datas comemorativas nas quais os vencedores recebiam prêmios em dinheiro e ouro. A versão inicial esportiva era chamada de Tiro ao Alvo e seu crescimento, em determinados casos, foi relacionado aos Clubes de Caça e Pesca. Devido ao interesse diferenciado, a modalidade de esporte Tiro passou a subdividir-se em Tiro Esportivo e Tiro Prático, cada qual organizada em sua própria Confederação. A modalidade Tiro Prático, particularmente a IPSC, teve seu ponto de partida na Califórnia-EUA por volta dos anos de 1950 e rapidamente atingiu outros países e continentes, abrangendo Europa, Austrália, América do Sul e Central e África. Já a Silhueta Metálica começou a ser utilizada por volta dos anos de 1970 e é considerada uma das modalidades mais difíceis na prática do tiro.

Army took over the shooting clubs and added them to the training of the reservists, which halted the development of the shooting sport. In spite of this decision, the Brazilian team that went to the Olympic Games in Antwerp in 1920 earned a gold medal, a silver medal and two bronze medals, reaching an excellent result for that time. As the Brazilian weaponry industry started supporting shooting as a sport in the 1980s, there was improvement in the participation of Brazilian athletes and, consequently, in competition results. Today Brazil has 22 institutions related to the shooting sport, among federations and clubs that operate as associations.

Atualmente, a indústria bélica nacional envolve-se diretamente com a prática deste esporte. Uma das maiores indústrias deste setor na América Latina é a IMBEL, empresa pública vinculada ao Ministério do Exército. Possui pessoal de alta qualificação que desenvolve tecnologia própria e tem conquistado mercados importantes em várias regiões do mundo.

1824 Início da imigração alemã no Rio Grande do Sul-RS com a conseqüente criação de clubes de Tiro ao Alvo. Em 1924, durante o centenário da imigração, o Padre Amstadt fez um levantamento de sociedades esportivas da etnia germânica instaladas no RS ao longo de cem anos e encontrou cerca de 60, em um total de 320, dedicadas ao Tiro ao Alvo. Registre-se ainda que, no século XIX, os clubes incluíam praticantes femininos na modalidade em foco.

1885 Segundo pesquisa de Janice Mazo (2003), neste ano fundou-se em Porto Alegre-RS, o “ *Von Musterreiter* Club Porto Alegre” (Clube dos Cavaleiros de Amostras), que promovia a então chamada “Festa dos Atiradores” (*Schützenfest*).

1899 Criação do “*Deutscher Schristzen Verein*” (Club dos Atiradores Alemães), conhecido por Tiro Alemão como também Tiro Nacional Porto Alegrense, ambos em Porto Alegre-RS (Mazo, 2003). Esta última entidade passou a congregiar as Sociedades de Tiro do estado do Rio Grande do Sul.

Década de 1900 Neste período, o então denominado tiro ao alvo, como modalidade competitiva, foi difundido no país através de estandes montados pelo Exército Brasileiro em diversas cidades para treinamento militar, criando-se então as denominadas Linhas de Tiro (Mazo, 2003)

1906 O decreto nº 1503, do Governo Federal, cria a Confederação do Tiro Brasileiro. No ano seguinte, oito nações formaram a União Internacional de Tiro-UTI.

1910 Realização do primeiro campeonato brasileiro de tiro ao alvo (Mazo, 2003).

1917 As sociedades de tiro são incorporadas pelo Exército Brasileiro, adotando a denominação de Tiros de Guerra (Decreto Legislativo nº 3.361 de 26/10/1917). O Tiro Nacional Porto Alegrense passou a denominar-se Tiro de Guerra nº 4 (Mazo, 2003). A transformação destas sociedades em dispositivos de serviço militar foi um dos motivos que levou ao enfraquecimento do esporte no RS.

1920 A primeira e única medalha de ouro neste esporte conquistada pelo Brasil foi obtida neste ano pelo atirador Guilherme Paraense, então Tenente do Exército, na Categoria Tiro Rápido dos Jogos Olímpicos de Antuérpia, Bélgica. Neste evento, uma medalha de prata foi conquistada por Afrânio Costa, na modalidade Pistola Livre. Também Sebastião Wolf e Dario Barbosa, membros do Tiro de Guerra nº 4 de Porto Alegre, conquistaram a medalha de bronze na prova de tiro com pistola em equipes. A equipe de competição de tiro ao alvo foi dirigida por Arnaldo Guinle, Ariovisto de Almeida Rego e Vitor Nidosi Chermont. Os atletas eram: “Afrânio Antônio da Costa (chefe da equipe e competidor da categoria pistola; campeão brasileiro); tenente Guilherme Paraense (categoria revólver; campeão brasileiro na modalidade de Tiro com revólver em 1918); Sebastião Wolf (categoria fuzil); Fernando Soledade (categoria pistola); tenente Mario Machado Maurity (categoria pistola); tenente Dermeval Peixoto (categoria pistola) e Mario Dario

The states that stand out in number of participants are SP, RJ and RS. Brazilian federations had 2,340 athletes registered in 2003 (see map). There are also 23 federations of practical shooting with 299 affiliated clubs that have shooting stands all over Brazil. The result of Brazilian athletes in international competitions has been improving every year as it can be observed in the results earned by the national team: in 1999, the 6th place in the World Championship; gold medals in the Mercosul Championships in 2000 and in 2001; and gold medals in the World Championship and in the Mercosul Championship in 2002.

Barbosa (categoria revólver)” (Ribeiro Jr., 1994, p. 23 *apud* Mazo 2003). Em 1992 a Empresa de Correios e Telegráfos – ECT emitiu selos em homenagem aos campeões dos Jogos Olímpicos de 1920.

1927-1934 Organizam-se Campeonatos Brasileiros de Tiro. Neste período, o esporte era verdadeiramente amador. O alto custo das armas e munições dificultavam a prática do esporte.

1932 Uma equipe de Tiro embarca com a delegação do Brasil no navio “Itaquicê” do Loyd Brasileiro, para disputar os X Jogos Olímpicos de Los Angeles-EUA. A modalidade havia sido incluída nas vésperas do embarque. Uma multidão acenava para a equipe no cais do Porto do Rio de Janeiro. A delegação levou 50 mil sacos de café para serem vendidos nos EUA para assegurar os recursos financeiros à equipe Brasileira. Os resultados, entretanto, não corresponderam às expectativas.

1939 Cria-se a Federação Gaúcha de Caça e Tiro, com sede em Porto Alegre.

1947 Fundação da Confederação de Tiro ao Alvo no Rio de Janeiro, que se filiou à UTI no ano seguinte.

1958 Jack Weaver inovou em um Campeonato no EUA de IPSC, utilizando uma empunhadura com as duas mãos, destacando-se ao vencer a competição. Através desta prática, pôde-se perceber que este tipo de empunhadura é mais eficiente, porém a escolha por parte dos atletas tornou-se livre.

1976 Realizou-se uma Conferência Internacional em Missouri–EUA, com a participação de 40 pessoas de diversos países com o objetivo de determinar o futuro do atleta de Tiro Prático. Nesta ocasião foi fundada a IPSC e definidas as regras para a segurança total no manuseio das armas. Assim foi desenvolvido o mote DVC: precisão, potência e velocidade.

Década de 1980 Após um delegado de polícia do Rio Grande do Sul ter feito um curso com Jeff Cooper, foi introduzida no Brasil a técnica utilizada por Jack Eaver, iniciando assim a divulgação, no Brasil, da modalidade de IPSC. Para esta ação houve o apoio da Taurus, indústria nacional de armas leves. Já no final da década, a modalidade de Silhueta Metálica era uma das mais praticadas pelos atiradores, de um modo geral. Tal fato ocorreu devido à facilidade de aquisição das armas e a distância máxima de 100 metros.

1990 Em São Paulo-SP, passou-se a adotar para as categorias em calibre 22, as normas da *Internacional Handgun Metallic Silhouette Association*-IHMSA. Inicialmente os praticantes sentiram certa dificuldade com a diminuição nas dimensões dos alvos, dobrando assim a quantidade de disparos, de 20 para 40. Adotou-se também a posição de deitado, para o tiro de armas curtas, o que elevou o nível de pontuações, uma vez que é uma posição mais estável. Neste ano foi criada a Associação Brasileira de Tiro Prático.

1992 Criada a Confederação Brasileira de Tiro Prático, antiga Associação, que passou a organizar os Campeonatos Brasileiros. O primeiro foi realizado em Brasília, seguindo as normas internacionais.

1996 O Brasil promove o Campeonato Mundial de Tiro Prático em Brasília.

1999 Neste período, a maior entidade da modalidade no Brasil, sob a denominação de Confederação Brasileira de Tiro Esportivo-CBTE, é recriada. A Confederação hoje tem sede em Curitiba.

Situação Atual O Brasil possui vinte e duas entidades relacionadas ao Tiro Esportivo, entre Federações e Clubes, que funcionam como Associações. Os estados que mais se destacam em número de participantes incluem São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, nesta ordem. Hoje, o Brasil possui 22 entidades relacionadas ao Tiro Esportivo, entre Federações e Clubes, que funcionam como Associações; os estados que mais se destacam em número de participantes são SP, RJ e RS. Há, nesta modalidade, 2340 atletas filiados à respectiva Confederação em 2003 (ver mapa). Um Ranking brasileiro é realizado com um mínimo de 12 provas por ano. No Pan-Americano em 2003, em Santo Domingo-Porto Rico, Rodrigo Bastos conquistou a medalha de Prata, na Fossa Olímpica, errando um prato em 125, conquistando, assim, uma vaga para a

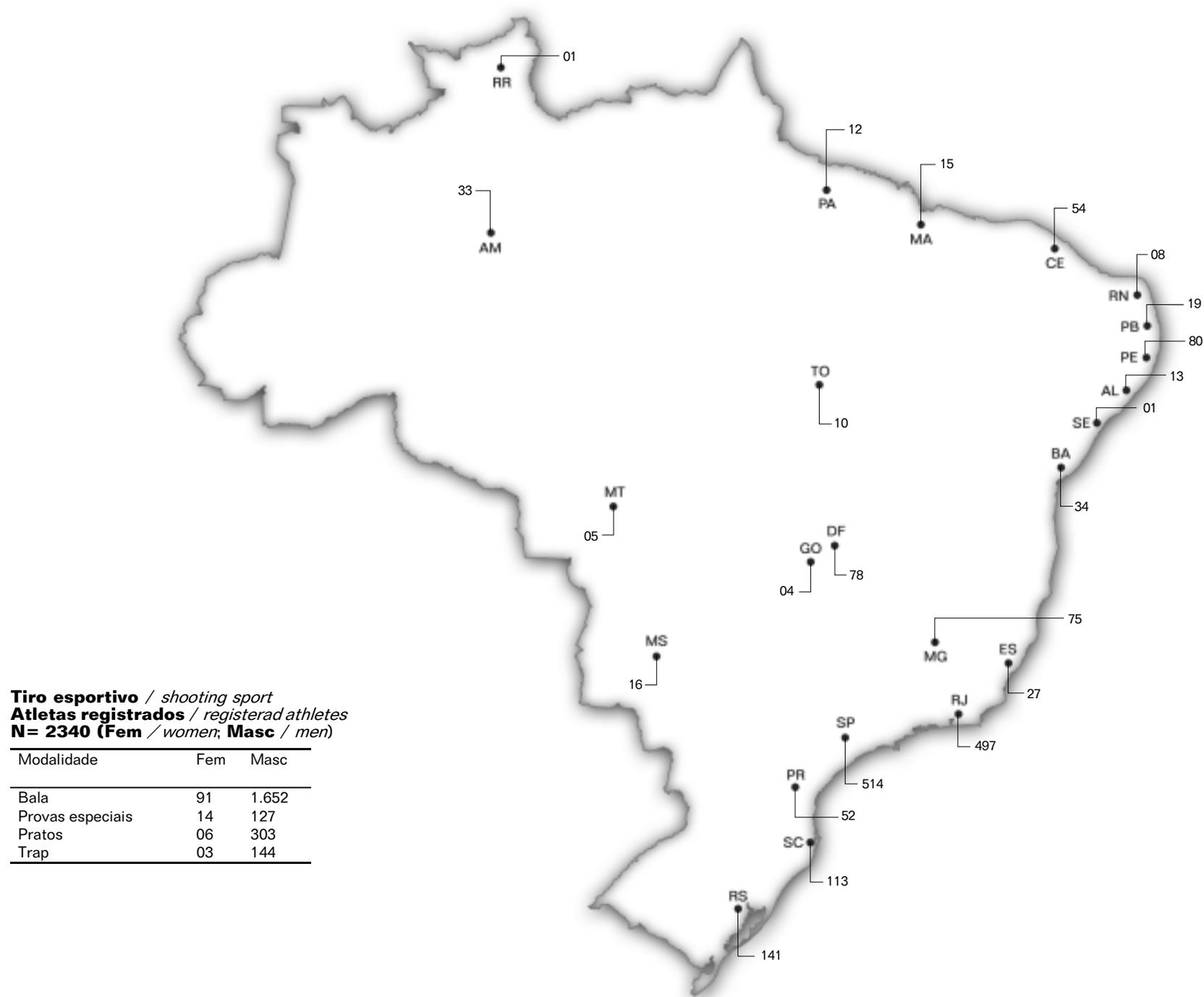
Olimpíada de Atenas-2004. No mesmo evento de 2003 e também na Fossa Olímpica, Janice Gil Teixeira conquistou uma medalha de bronze. Na modalidade Carabina de Ar 10m, Fábio de Jesus Coelho conquistou o 3º lugar. Na história dos Pan-americanos, o Brasil já conquistou 34 medalhas (duas de ouro, 12 de prata e 20 de bronze). Existem 23 Federações da modalidade de Tiro Prático com 299 clubes filiados que possuem estandes de tiro em todo o Brasil. Até o ano de 2001, o maior número de atletas se concentrava na Federação do Estado do Rio de Janeiro com mais de 1000 inscritos. O Brasil figura entre as três principais regiões filiadas ao IPSC. A modalidade sofre com a falta de recursos para apoiar os atletas em competições nacionais e internacionais. O alto custo do material utilizado é outro fator que dificulta a sua prática. Mesmo assim, o

resultado de atletas brasileiros em competições internacionais vem melhorando a cada ano, como se observa nos resultados por equipe. Em 1999, o Brasil obteve o 6º lugar no Mundial; em 2000, o 1º lugar no Mercosul; em 2001, novamente o 1º lugar no Mercosul e em 2002, o 1º lugar no Mundial e o 1º lugar no Mercosul.

Fontes Demetrius Oliveira (Vice-presidente da CBTP); Ione Schroeder (Diretoria da CBTE); Poul Gédéon (atleta Sênior de fossa olímpica); Fernandes Ferreira, E., "A História do Tiro ao Alvo", 1986; www.cbtep.org.br; www.cbte.org.br; Mazo, J., pesquisa de fontes primárias para o capítulo de clubes, incluído no Atlas do Esporte no Brasil, em 2003.

Tiro esportivo – número de atletas por estado, 2003

Shooting sport – number of athletes per state, 2003



Tiro com arco

MICHELE HEINEN

Archery

Archery is internationally regulated by the Fédération Internationale de Tir à l'Arc-FITA, which organizes outdoor and indoor competitions. Archery reached such a visible position at the end of the 19th century and beginning of the 29th century that it was included as an Olympic sport in the Olympic Games of Paris in

Definição e Origens O tiro com arco é uma modalidade esportiva que tem sua origem no arco e na flecha. Para competições, o esporte é regulamentado internacionalmente pela *Fédération Internationale de Tir à l'Arc-FITA* que organiza as provas *outdoor* e *indoor*, que são as mais competitivas entre outras opções de prática. A descoberta do arco não tem data precisa, mas pinturas em cavernas e outros achados arqueológicos comprovam a sua utilização desde o período Paleolítico, Idade da Pedra Lascada. Foi uma das descobertas mais importantes do ser humano, comparável à descoberta e utilização do fogo, da linguagem e da roda. Há relatos de que Assírios, Babilônios, Egípcios, Mongóis usaram com sucesso o arco e a flecha em guerras que datam de 3.000 AC. A Inglaterra é a principal responsável pela evolução do arco e flecha, pelo desenvolvimento do famoso “arco longo” ou “*longbow*” e das flechas bem emplumadas, permitindo grande precisão de tiro. A descoberta da pólvora e o desenvolvimento das armas de fogo tornaram inúteis o arco e flecha como armas em guerras. Porém, durante a Guerra do Vietnã, o arco e flecha foram novamente utilizados como arma bélica e desenvolvidos para o uso em florestas, dando origem ao arco composto atual. Silencioso e menor que o “*longbow*”, não denunciava sua localização ao inimigo.

Historicamente, além de sua utilização em guerras, era usado para caça e pesca e também por nobres que, unidos pela mesma paixão, passaram a ter o arco e a flecha como lazer e até culto religioso e faziam, entre si desafios de habilidades. Destas contendias surgiu o esporte do tiro com arco, que hoje é disputado em duas categorias: individual e por equipes. Para vencer, o competidor tem de somar o maior número possível de pontos. O alvo é formado por 10 círculos concêntricos. O círculo central, “a mosca”, vale 10 pontos e cada círculo seguinte perde 1 ponto em valor. O diâmetro do alvo é de 80 cm para tiros disparados com distâncias até 50 m e 1,22 m para distâncias maiores. De acordo com a FITA, o arqueiro realiza 144 disparos com 12 séries de 3 flechas para cada uma das 4 distâncias regulamentadas (90, 70 50 e 30 – masculino; 70, 60, 50 e 30 – feminino).

O tiro com arco chegou ao Brasil na década de 1950, graças a um comissário de voo da Panair do Brasil chamado Adolpho Porta. Enquanto passeava por um evento em Lisboa conheceu um marceneiro que tinha um stand de tiro com arco e, percebendo seu interesse pelo esporte, convidou-o a fazer parte de seu clube. Ao retornar ao Brasil, Adolpho trouxe arcos e flechas fabricadas pelo amigo e também um regulamento da FITA. Para divulgar o esporte, foi ao Fluminense-RJ onde conheceu um componente do Clube de Tiro que passou a promover a modalidade.

1537 Na Inglaterra do século XVI, Henrique VIII foi um renomado arqueiro. Competições organizadas como esporte iniciaram em seu reinado. Neste ano, ele ajudou ainda a fundar o primeiro “clube” de arqueiros, o *Fraternity of St. George*.

1583 A primeira competição de tiro com arco que tem registro de memória ocorreu em Finsbury, Inglaterra, neste ano, com 3.000 participantes.

1896 Em Atenas, o esporte fez parte do programa dos primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna, sendo oficializado nos Jogos de 1900, em Paris.

Início do Século XX Como modalidade esportiva, o tiro com arco alcançou grande destaque no fim do século XIX e início do século XX, quando foi incluído como esporte olímpico nos Jogos de

1900. After the Olympic Games in Antwerp in 1920, the sport was removed from the Olympic program and returned only in 1972 in the Olympic Games of Munich. In Brazil, the first archery competitions started in the early 1950s. The first federation was founded in 1958 and the first international competitions date back

Paris, em 1900; Saint Louis, 1904; Londres, 1908 e Antuérpia, 1920. Nestas quatro Olimpíadas, era possível um arqueiro competir em diversas categorias e ganhar várias medalhas. O belga Hubert van Innis é o arqueiro com maior número de medalhas da História Olímpica, com 6 medalhas de ouro e 3 de prata nos Jogos de 1900 e de 1920. Contudo, a ausência de um organismo internacional, responsável por regulamento único, resultou na retirada do tiro com arco das Olimpíadas, por 52 anos.

1931 Fundação, na Polônia, da Federação Internacional de Tiro com Arco – FITA, formada inicialmente por 8 países, com destaque, por tradição e importância, para França, Inglaterra e Bélgica. No mesmo ano aconteceu o Primeiro Campeonato Mundial, na cidade de Lvov, Polônia, com a presença de 4 países. Atualmente a FITA tem a adesão de mais de 120 países.

1955 Adolpho Porta introduziu no Brasil os primeiros arcos e flechas e o regulamento da FITA.

1958 Fundada a Federação Metropolitana de Arco e Flecha, no Rio de Janeiro-RJ.

Década de 1950 Em 5 de novembro de 1955 aconteceu a primeira competição masculina e feminina no Brasil, realizada na Quinta da Boa Vista-RJ e patrocinada pelo Clube do Tiro e pelo Diário de Notícias. O Fluminense foi representado por uma equipe feminina. A prova foi disputada na distância de 25 metros e o vencedor foi Adolpho Porta, com 119 pontos. O jornal O Globo instituiu a prova “Flecha de Prata”, com cartazes espalhados pelas vitrines do comércio do Rio de Janeiro. Neste estágio pioneiro, os arqueiros de maior destaque foram: Adolpho Porta, Jamil Ajuz, Bento Belpomo e Nelson Bastos. No Rio de Janeiro-RJ, os primeiros clubes a promover o esporte foram: Clube Carioca de Tiro, Andaraí Atlético Clube, Clube de Regatas Vasco da Gama, Riachuelo Tennis Clube, Fluminense Futebol Clube e Clube Municipal. Desde este período, quando Adolpho Porta criou as primeiras associações no Rio de Janeiro, o tiro com arco expandiu-se para Minas Gerais e São Paulo, onde Sudário Ribeiro Gonçalves e Otto Alfredo Rehder, respectivamente, fundaram as federações de seus estados.

Década de 1970 O esporte retornou aos Jogos em 1972, em Munique, após um número suficiente de países já ter adotado as regras da FITA. Neste período, a modalidade praticada no Brasil alcançou grande reconhecimento em âmbito internacional. Nesta época, ela ainda era ligada à Confederação Brasileira de Desportos-CBD, que possuía um departamento eclético atendendo a outros esportes, além do futebol. Por este reconhecimento no exterior, o Brasil foi a sede do 1º Torneio Internacional do continente com a participação da Argentina, Uruguai e Brasil. O vencedor individual foi Renato Joaquim Emílio.

1972 O Brasil se filia à FITA e envia sua 1ª delegação a um Campeonato Mundial realizado em Geoble, composta pelos arqueiros Renato Joaquim Emílio e Arcy Kempner. Posteriormente, os esportes que faziam parte do departamento da CBD tiveram condições de criar sua própria Confederação, a CBDT – Confederação Brasileira de Esportes Terrestres (que se filiou à FITA). Sob esta coordenação, os atletas brasileiros participaram de competições importantes como Jogos Olímpicos (Moscou, Los Angeles, Seul e Barcelona) e Pan-Americanos.

1977 Publicação no Brasil, nesta data, do livro “Arco e Flecha, O Esporte” de Mário Jucá de Castro, que atendeu, à época, a deman-

to the early 1970s. The Confederação Brasileira de Tiro com Arco (Brazilian Archery Confederation – CBTARCO) was founded in 1991. Brazil has 9 state federations, 650 registered athletes and around 4,000 archers. The best international results of the national team are in South American and Pan-American competitions.

da de informações sobre a modalidade. Desta obra extrai-se a seguinte declaração: “Podemos afirmar, sem medo de erro, que somente a descoberta do fogo se ombreou em importância com a do arqueirismo, permitindo a ascensão da espécie humana na superfície do planeta”.

1980 Moscou - URSS: Arcy Kempner consegue a melhor colocação individual para o Brasil nos Jogos Olímpicos conseguindo o 26º lugar (2.186 pontos) - arco recurvo.

1991 O crescimento das federações e do número de atletas possibilitou, neste ano, a criação da Confederação Brasileira de Tiro com Arco-CBTARCO - separando a modalidade da CBDT - que pôde oferecer maiores condições para o desenvolvimento do esporte de maneira mais específica e efetiva. Hoje, a CBTARCO é filiada ao COB, à FITA, à Confederação Pan-Americana de Tiro com Arco-COPANARCO e à Confederação Sul-Americana de Tiro com Arco-CONSUARCO.

1994 Sanctis Spiritus - Cuba: Suzete Rusca ganha medalha de ouro na Copa das Américas - arco composto.

1995 Mar Del Plata - Aargentina: nos Jogos Pan-Americanos, a equipe feminina conseguiu 4º lugar e a masculina o sexto.

1996 Rio de Janeiro - Brasil: no Campeonato Sul-Americano, alguns atletas conquistaram medalha de ouro para o Brasil como Douglas Ferreira (juvenil – arco recurvo); Vitor Krieger (arco recurvo) e Helena Freitas (arco composto).

1998 Sunne - Suécia: Victor Sidi Neto consegue o 4º lugar no Campeonato Mundial Juvenil - arco composto.

Situação Atual Atualmente existem no Brasil federações nos seguintes estados: SP, MG, PE, MT, RS, RJ, ES, GO, DF sendo as de SP, MG e RJ as que mais se destacam. De acordo com a CBTARCO, existem em torno de 400 atletas federados e 250 confederados com uma proporção de 40% de mulheres e 60% de homens. A federação paulista é a que possui maior número de federados. Em relação a praticantes não federados, estima-se um número em torno de 4.000. Existem ainda clubes e associações filiadas. No estado de São Paulo são 7 e em todo Brasil não há informações precisas sobre números de clubes e associações filiadas às federações e também nenhuma que seja referência no esporte.

Uma promoção recente da CBTARCO refere-se ao “arco nativo”, que é uma modalidade desenvolvida no Brasil com a finalidade de valorizar as origens nacionais, pois consiste basicamente em um arco indígena. Com regras específicas, o arco nativo foi apresentado em Mato Grosso, de onde provém a maioria dos seus praticantes e, como tal, já foi incluído no calendário anual da CBTARCO. O primeiro Campeonato Brasileiro foi realizado em Contagem, Minas Gerais, em 1999, sendo disputado nas distâncias de 15, 20, 25 e 30 metros. Os arcos e flechas não podem conter material sintético, ou seja, têm de ser manufaturados exclusivamente com material natural. A CBTARCO entende que esta modalidade, por sua simplicidade, poderá dar um grande impulso na popularização do tiro com arco no Brasil.

Fontes Confederação Brasileira de Tiro com Arco – CBTARCO: www.cbтарco.org.br; www.cob.org.br/confederacoes; www.sigmanet.com.br/users/mane/arco.htm; arcoeflecha.tripod.com/atira/id1.html; Mário Jucá de Castro, “Arco e Flecha, o Esporte”, 1977.

Luta olímpica

DIRCEU GAMA

Olympic wrestling

The International Federation of Amateur Wrestling- FILA uses the expression 'Luta Olímpica' (Olympic Wrestling) as general denomination of an Olympic sport subdivided into two disciplines: Wrestling Freestyle and Wrestling Greco-Roman. The co-existence of Olympic wrestling with other styles demonstrated in popular shows in Brazil led to confusion

Definição e Origens A *Fédération Internationnal de Lutte Amateur* - FILA adota atualmente a expressão 'Luta Olímpica' como denominação geral de um esporte olímpico subdividido em dois estilos: Livre e Greco-Romano. Cada uma destas modalidades põe em disputa 27 medalhas, distribuídas em 9 categorias distintas, com torneio próprio nos Jogos Olímpicos. A luta livre, do senso comum corrente no Brasil, não é a mesma da versão olímpica, o que traz, por vezes, desentendimentos semânticos. Em termos históricos, o apogeu da Luta foi atingido durante a Antiguidade Clássica na Grécia. Já na primeira edição dos Jogos Olímpicos, em 776 A. C. ela se fazia presente, sendo que a partir do ano 708 A. C. a mesma foi incorporada às competições de pentatlo, juntamente com a corrida, lançamento do disco, salto em distância e lançamento do dardo. Grandes personalidades gregas praticaram a Luta, como Sócrates, Platão, Aristóteles e Alexandre, o Grande. Em 146 A. C., com o domínio da Grécia por parte de Roma, a Luta rapidamente disseminou-se da península Itálica para o restante da Europa, assumindo a denominação Greco-Romana. No ano de 1896, com o reinício dos Jogos Olímpicos na Era Moderna, idealizados por Pierre de Coubertin, a Luta Greco-Romana estava incluída dentro da programação oficial. Em 1904, é introduzida uma nova modalidade: o estilo Livre. Ambas passaram a compor o que até hoje é denominado de Luta Olímpica. Os dois tipos de Luta Olímpica diferem apenas por uma sutil particularidade, pois sua natureza é básica. A intenção das duas é colocar as costas do adversário sobre o solo. No estilo Livre, os lutadores podem utilizar os membros inferiores para derrubar e imobilizar oponentes acima ou abaixo da cintura, o que é proibido na Greco-Romana, já que é permitido aos atletas atacarem, com os membros superiores, apenas a metade superior do corpo dos oponentes. Atualmente, via deliberação do Comitê Olímpico Internacional emitida em 2003, cujos pareceres sugerem a igualdade de oportunidades participativas em competições esportivas para homens e mulheres, está sendo maturada uma terceira modalidade, a saber, a Luta Feminina. Semelhante ao estilo Livre, sua estréia está prevista para os Jogos de 2004, em Atenas. Hoje a FILA congrega entidades afiliadas de 142 países.

1915 Criação da Liga Mineira de Esportes Atlético em Belo Horizonte-MG, a qual incluiu, entre suas competições, a luta greco - romana.

Década de 1940 No Brasil, os primeiros relatos da Luta Olímpica advém de um lutador húngaro apelidado de 'Tatu', emigrado para o Rio de Janeiro, que transmitia seus conhecimentos para os astros de espetáculos de lutas em arenas. No período em voga, em função de denominações paralelas criadas pelo jargão popular e meios de comunicação de massa, foi estabelecida, no senso comum, uma sinonímia entre Luta Olímpica, Luta Livre e Vale Tudo. No entanto, os professores Adyr de Oliveira e Orlando Barradas especializaram-se especificamente na modalidade Olímpica, formando equipes no Rio de Janeiro e em Niterói, cidades do RJ.

Década de 1950 Consolida-se a existência de pequenos núcleos autônomos de praticantes em São Paulo e Rio de Janeiro. Apesar da ausência de campeonatos ou torneios, alguns lutadores começam a se destacar, como Tenente Moisés, Regada, Baianinho, Hugo Mello e Sinhôzinho. Cada nome que ascendia, capitaneava discípulos afins a suas metodologias e personalidades. Da suposta competitividade entre grupos rivais, nasceu o costume dos desafios entre lutadores, consubstanciados em jornadas agonísticas informais. Convém assinalar que a maioria dos praticantes de Luta Olímpica até então eram remadores ou halterofilistas, porquanto

between the sports. However, in the 1940s Olympic wrestling had its first teams formally declared in Rio de Janeiro and Niterói-RJ. The first official international participation of the Brazilian team took place in the 1963 in the Pan-American Games, while the first participation in the Olympic Games happened in the Seoul Olympics in 1988. Today there

acreditava-se que performances vitoriosas dependiam muito mais de força do que técnica ou criatividade.

Década de 1960 Neste período, há a presença em território nacional de outro representante da escola húngara, o Professor Antal Schober, que acarretou o surgimento, desta vez em Minas Gerais, de equipes locais de lutadores. Em 1963, nos Jogos Pan-americanos de São Paulo, o Brasil enviou sua primeira delegação, destacando-se o atleta Baianinho. Urge sublinhar a atuação do professor Roberto Leitão, que tentou racionalizar o ensino da Luta aplicando sua experiência de acadêmico de mecânica da PUC-RJ à correção das técnicas usuais, procurando aperfeiçoar os movimentos de desequilíbrio e pegada.

Década de 1970 Por volta de 1971, através de fomentos do Professor Roberto Leitão e do Professor Pedro Gama Filho, acontecem as primeiras viagens internacionais de uma equipe de lutadores brasileiros, reunindo atletas de judô e jiu-jitsu. Os países visitados foram México e Argentina, e lá os treinadores fizeram suas primeiras trocas de informações com o exterior. A vinda para cá de um treinador mexicano, o Professor Manuel de Andrade, fez com que a Luta Olímpica chegasse ao Rio Grande do Sul (Professor Neri Satter), Bahia (Professor Paixão) e Goiás (Professor Hilbernon Oliveira), no rastro dos cursos de atualização por ele ministrados. Cabe sublinhar o papel desempenhado pela Universidade Gama Filho do RJ, tida como o principal local nacional de prática. Foram feitos os primeiros campeonatos brasileiros. Em 1979, o Professor Roberto Leitão fundou a primeira entidade preocupada exclusivamente com os rumos da Luta Olímpica, Federação de Lutas do Estado do Rio de Janeiro-FLERJ. Até esta fundação, a Luta era regida pela Confederação Brasileira de Pugilismo.

Interpretação do desenvolvimento - anos 1970 A expansão para as regiões Nordeste, Centro-Oeste e Sul do Brasil esteve diretamente ligada ao incremento das oportunidades de intercâmbio externo. Não obstante, ratifica-se uma característica da tradição brasileira da Luta desde a década de 1950, consumada na presença, em seus quadros, de esportistas ativos em outras modalidades. Isto fica notório no caso dos lutadores de ponta, igualmente praticantes de longo prazo de artes marciais de origem oriental. No que tange aos aspectos de gestão, urge sublinhar a subordinação da Luta às demandas regionais do Estado do Rio de Janeiro.

Década de 1980 Neste estágio, as freqüentes vindas de times americanos para o Brasil auxiliaram no delineamento de uma nova geração de lutadores: José de Oliveira, Laerte Barcellos, Gilberto Arbues, Roberto Leitão Filho, José Vicente, Roney Loyola e Fernando Rosan, entre outros. A primeira medalha de ouro internacional para o Brasil foi conquistada por Roberto Leitão Filho em 1983, no 1.º Campeonato Sul-americano em Lima, no Peru. No ano de 1987, o mesmo atleta obteve a medalha de prata nos Jogos Pan-americanos de Indianápolis-EUA. As duas no estilo Greco-Romano. No ano de 1988, o Brasil conseguiu enviar para os Jogos de Seul os atletas Roberto Leitão Filho e Floriano Spiess, ambos dirigidos pelo treinador Adyr de Oliveira. Roberto Leitão ficou em sexto lugar na categoria até 86 Kg. Também houve a criação da Confederação Brasileira de Lutas-CBL, que teve o Professor Roberto Leitão como o seu primeiro presidente.

Interpretação do desenvolvimento - anos 1980 As oportunidades asseguradas pelo contato com lutadores dos EUA, que viajavam ao continente Sul-americano com alguma periodicidade,

is Olympic wrestling is practiced in 13 Brazilian states under the supervision of the Confederação Brasileira de Lutas Associadas (Brazilian Associated Fights Confederation – CBLA). The center of excellence for the training of Olympic Wrestling is located at Universidade Gama Filho, in Rio de Janeiro.

colaborou para a elevação da experiência internacional de uma geração ainda jovem de lutadores. A criação de um órgão normativo de caráter nacional significou um avanço em comparação à década anterior, muito embora o atraso sirva para assinalar, em termos internacionais, a considerável distância histórica que separa a Luta no Brasil daquela dos países de ponta.

Década de 1990 Nos Jogos de Barcelona, em 1992, o Brasil esteve presente no torneio de Luta Greco-Romana com Roberto Leitão Filho. Outrossim, os nomes de Marcelo Portinari, Carlson Gracie Júnior, Fernando Yamazaki e Edson Kudo merecem citação no panorama nacional do momento. O mandato da Confederação Brasileira de Lutas passou para as mãos de Hugo Nakamura. Internamente, vários atletas começaram a abandonar a prática da Luta Olímpica. Em 1999, lideranças dirigentes decidiram criar uma instância paralela, intitulada Confederação Brasileira de Luta Olímpica Amadora-CBLOA, justificada por incompatibilidades com os rumos assumidos pela CBL. Presidida por Pedro Gama Filho, ela realizou, no mesmo ano, o primeiro campeonato brasileiro feminino.

Situação Atual O Comitê Olímpico Brasileiro-COB, no início de 2000, decidiu intervir diretamente sobre a CBL, suspendendo a entidade e seu respectivo presidente, Hugo Nakamura. Em 2001, o COB convidou o Professor Pedro Gama Filho para dirigir uma versão alternativa da CBL, batizada de CBLA - Confederação Brasileira de Lutas Associadas, atual responsável pelos rumos da Luta Olímpica Brasileira. No mesmo ano, o lutador Antoine Jaoude sagrou-se campeão Sul-americano, no Chile, além do título de melhor da América do Sul. Atualmente, os estados do AM, BA, GO, MG, PA, AL, ES, PR, MS, RS, RJ, RO e SP tem federações vinculadas à CBLA. A CBLA carece de centros de treinamentos, patrocinador oficial e fornecedor de material esportivo. Destarte ela não informa o número de atletas brasileiros federados, mas assegura que o Rio de Janeiro concentra a maior quantidade. O COB hoje considera estratégico apoiar a Luta Olímpica, fomentando a manutenção de uma equipe permanente, contratação de técnicos estrangeiros e capacitação continuada dos lutadores, porque ela coloca, nos Jogos Olímpicos, 54 medalhas em disputa. Consoante estes propostas, o custo mensal de um selecionado olímpico treinando em regime integral o ano todo, com sessenta e quatro membros remunerados a R\$ 400,00, mais comissão técnica composta de dezesseis profissionais, custaria a CBLA R\$ 40.000,00 mensais. A tradição da Luta Olímpica de atrair praticantes de artes marciais orientais ainda vigora. Na preparação do estilo feminino para a seletiva pré Pan-americana, realizada em março de 2003 na Guatemala, a equipe brasileira era composta, na maioria, de judocas, karatecas e graduadas em jiu-jitsu. A meta prioritária do COB, a médio prazo, é classificar algum atleta para os Jogos Olímpicos de Atenas, 2004. Um sentido alternativo que vem se abrindo para a Luta Olímpica é a sua inserção nos programas de treinamento para profissionais de '*Ultimate Fighting*', pejeas cujo objetivo é a colocação do oponente fora de ação, creditado à eficiência por ela assegurada no desenrolar de combates horizontais no chão.

Fontes www.budonet.hpg.ig.com.br/lutart.htm; www.cbla.com.br/histluta.htm; www.fepalo.hpg.ig.com.br/esportes/92/index_pri_1.html; www.fila-wrestling.com/; www.lutaolimpica.hpg.ig.com.br/saúde/12/interna_hpg8.html Marilita Aparecida Arantes Rodrigues (BH).

Beisebol

OSSAMI FUKUDA E JULIUS STANGANELLI

Baseball

The roots of baseball in Brazil go back to the Japanese immigrants of the beginning of the 20th century. Although Japanese descents still practice it, a growing number of other ethnic groups have begun to participate in the games. The sport has been geographically concentrated in the regions with higher Japanese population density:

Definições O Beisebol é uma modalidade de esporte na qual duas equipes, cada uma composta por nove jogadores, atacam e defendem posições, na tentativa de alcançar o maior número de pontos. O jogo é organizado e acompanhado por técnicos e dirigentes, geralmente 4 árbitros e as jogadas são divididas em *innings* (rodadas), que variam conforme a categoria do jogador estabelecida previamente. Os principais equipamentos utilizados são: luva, bastão (bat), bola, base e vários equipamentos de segurança. As regras que norteiam o beisebol são repletas de sutilezas, o que torna a prática desse esporte extremamente apaixonante. Durante a partida, as equipes se revezam, alternadamente, seja na posição de ataque ou de defesa e é considerada vencedora aquela equipe que alcançar maior número de pontos por *inning*. A rodada – ou *inning* – corresponde a um movimento de ataque e defesa de uma equipe. O ponto é consignado quando, na situação de ataque, um dos jogadores da equipe consegue completar uma volta no quadrado partindo da base principal, e passando sucessivamente pela 1ª, 2ª, 3ª bases, chegar de volta à base principal. Além do beisebol, existe o softbol, esporte similar, porém com pequenas variações tais como o tamanho da bola, as dimensões do campo e as regras do jogo. O softbol é uma modalidade de esporte praticada principalmente pelas mulheres no Brasil.

Origem Ao que tudo indica, o beisebol – palavra de origem inglesa “*baseball*” – é um esporte proveniente da Inglaterra, provavelmente uma evolução do “*rouders*” ou “*cricket*” praticado no século XVIII. O beisebol atual, entretanto, parece ter sido concebido pelo norte-americano Abner Doubley, por volta de 1839. O esporte é muito difundido nos EUA, na América Central e, mais recentemente, na Itália, França, Bélgica, Holanda e Rússia. Chegou ao Japão na era do Imperador Meiji, em 1873, com a abertura às transações comerciais com o exterior através de convênios universitários. O esporte tem, desde então, sido difundido para a China, Formosa, Coréia e outros países asiáticos.

As raízes do beisebol no Brasil remontam aos imigrantes japoneses e sua historia já conta com nove décadas. Há, contudo, raízes menores vinda de cidadãos norte-americanos que se transferiram para o estado de São Paulo na segunda metade do século XIX. Em tempos presentes continua sendo praticado com maior preferência por descendentes de japoneses, embora seja já perceptível a participação significativa de outras etnias. Mesmo assim, o esporte ainda é identificado no país como esporte de japoneses. Contribui para esta percepção de natureza cultural, a concentração do esporte nos estados de São Paulo e Paraná, exatamente nas regiões de alta densidade de população de origem nipônica. Importa relevar que no Brasil se situa a segunda população de etnia japonesa do mundo depois do próprio Japão, isto é, dois milhões de nativos daquele país e seus descendentes.

1913-1914 Há registros desta época em que os jogos das equipes de *baseball* do Mackenzie College de São Paulo - SP arrastavam mais público do que as disputas de *football* do mesmo Mackenzie. Neste particular pode-se confirmar que o beisebol no Brasil deriva de dupla influência: norte-americana e japonesa, com a primeira se diluindo pela falta de continuidade e a segunda se fixando por ter sido adotada por descendentes. Importa dar destaque ao fato de que o Mackenzie na tradição esportiva brasileira constituiu entidade líder no desenvolvimento de vários esportes vindos da cultura anglo-saxônica.

the states of São Paulo and Paraná. Brazil has the largest Japanese population outside Japan: two million Native Japanese and their descendants. Brazil has today 10 baseball federations and five being organized. They are all affiliated to the Confederação Brasileira de Beisebol e Softbol (Brazilian Baseball and Softball Confederation –

1916 Neste ano surgiu a primeira equipe de beisebol da colônia japonesa formalmente estabelecida, em São Paulo - SP, no campo do clube Sudan.

1926-1941 Neste período houve aumento da imigração japonesa no Brasil registrando-se cerca de 150 mil novos imigrantes. O berço e esteio da prática do beisebol nas colônias de imigrantes japoneses se efetivaram no caminho traçado pelas estradas de ferro, rasgando as matas do estado de São Paulo na rota do café. Nasceram, dessa forma, as ligas de beisebol da “Noroeste”, “Paulista” e “Sorocabana” – nomes das ferrovias que ligavam as colônias ao resto do mundo. Na mesma época, os imigrantes do norte do Paraná chegavam, também, à região de Cambará - PR. Tem-se, também, o registro de times de beisebol no ano de 1933, em Bandeirantes - SP, Cornélio Procópio - PR (colônia central) e Londrina - PR.

1946 O período é marcado pela fundação da Federação Paulista de Beisebol e Softbol - FPBS, que começou a organizar competições oficiais no Brasil, inclusive com a incorporação de equipes de outros estados, principalmente do Paraná.

1948 Com vistas a dirigir as atividades esportivas da região, foi fundada a Liga Desportiva Norte Paranaense, enquanto que no sul do estado era fundada a Associação Esportiva Nipo-Brasileira que, mais tarde, passou a se denominar Associação Curitibana de Beisebol e Softbol.

1950 – 1980 Este período foi marcante para o beisebol no Brasil pela surgimento de equipes em vários estados do país, que atraíram a presença maciça de público nos eventos promovidos pelas entidades esportivas. No ano de 1950, em Campo Grande - MS, foram constituídas equipes de beisebol. Em 1954, foi realizado o primeiro campeonato oficial de Curitiba. Em 1958, em São Paulo - SP, com a presença da equipe universitária de Waseda e do príncipe Mikasa e sua esposa, vindos do Japão, era inaugurado o moderno estádio de beisebol do Bom Retiro, em comemoração aos 50 anos de imigração japonesa ao Brasil. Em 1965, foi fundada a Federação Paranaense de Beisebol e Softbol. Nessa mesma época, surgiram vários estádios de beisebol no Brasil. Em Curitiba, por exemplo, o Estádio Municipal de Beisebol foi inaugurado em 1978.

1985 – 2003 A ida de brasileiros descendentes japoneses para trabalhar no Japão – os chamados “decassegui” – coincide com dificuldades da economia do Brasil, o que redundou na extinção de atividades relacionadas ao beisebol nas cidades de menor porte. Mantiveram-se em funcionamento, no entanto, as equipes e clubes de maior comprometimento financeiro. A vinda de técnicos cubanos, somada à fundação da Confederação Brasileira de Beisebol e Softbol - CBBS, em 1990, reaquece as atividades desta modalidade que passa a competir, também, no nível internacional. Vários intercâmbios são estabelecidos com diversos países de forma que a participação dos esportistas do beisebol, nos eventos internacionais, torna-se mais ativa. O primeiro presidente da CBBS – ainda hoje mantido no cargo – foi Jorge Otsuka.

2000 Inaugura-se o complexo de treinamento de beisebol na cidade de Ibiúna – SP (64 km a oeste da cidade de São Paulo – SP), de porte internacional ao custo de US\$ 4 milhões financiados pela empresa Yakult, uma multinacional japonesa instalada no Brasil. Este centro de excelência tem 24 mil metros quadrados e aloja simultaneamente em regime de semi-internato 35 jogadores patrocinados por um grupo de empresas nipo-brasileiras, dispondo

CBBS), which includes 120 clubs and 200 teams with 5,000 registered athletes and 20,000 other participants. A center of excellence for the training of baseball was created in Ibiúna –SP in 2000. As a result, it is already possible to notice the positive impact of this center on the results of Brazilian baseball in international competitions.

em seu quadro de apoio técnico e administrativo de profissionais ligados ao esporte de alto nível. Este centro de excelência está preparado para formar atletas profissionais e sua administração está a cargo da CBBS. O centro até 2003 tinha abrigado mais de 300 atletas, incluindo todas as representações nacionais.

2002 A seleção brasileira formada pela CBBS participa da Copa Internacional em Cuba, que reuniu as doze melhores equipes do mundo (EUA ausentes, abrindo vaga para o Brasil), vencendo pela primeira vez México e Nicarágua, duas das principais forças do continente.

2003 Na CBBS consta neste ano um total de 16 jogadores brasileiros atuando como profissionais no Japão (um terço dos jogadores brasileiros de futebol no mesmo país) e mais três nos EUA, evidenciando-se assim uma melhoria de qualidade de beisebol no Brasil.

Situação Atual Atualmente são cinco as Federações filiadas a CBBS: Paulista, Paranaense, Mato Grosso do Sul, Brasília e Rio de Janeiro, nas quais atuam 250 juízes. Além destas, há outras cinco sendo formadas nos estados de Minas Gerais, Pará, Espírito Santo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, onde há atividades de beisebol em menor escala. Principais torneios: Brasileiro (junho) e Taça Brasil (novembro). Segundo levantamentos da CBBS efetuados até a presente data, pode-se afirmar que o total de clubes onde está sendo praticado o beisebol gira em torno de 120 entidades; as equipes organizadas, entretanto, totalizam 200 unidades. Dados da CBBS também indicam que o total de atletas registrados na modalidade é de cerca de 5 mil (75% deles descendentes de japoneses). Os aficionados praticantes de fim de semana correspondem a 20 mil pessoas. A prática, por sua vez, mantém-se concentrada na região do noroeste do Paraná em fronteira com estado de São Paulo. Há, portanto, um cluster de beisebol no Brasil de formação histórica cujo pólo atual é Ibiúna – SP, local do centro de treinamento de excelência deste esporte no Brasil. Mas um fator limitativo de expansão da prática por outras regiões brasileiras refere-se ao elevado custo do material necessário ao jogo, que ainda é importado (luva de receptor: US\$400,00). Alguns jogadores foram transferidos por compra para os EUA e para o Japão por somas que oscilam até US\$300 mil (US\$700 mil ocorreu em um caso). Resultados internacionais de destaque: 1º lugar no Mundial Junior de 1993; 2º lugar no Mundial Juvenil de 1995; 2º lugar no Mundial Infantil de 2000; e 5º lugar nos Jogos Panamericanos de Santo Domingo – 2003. Esta última colocação abriu uma vaga para o Campeonato Mundial, em outubro de 2003, em Cuba. A campanha do Brasil na capital dominicana foi de três vitórias e três derrotas. Em Winnipeg – 1999, a equipe brasileira não teve vitórias e foi eliminada na fase classificatória.

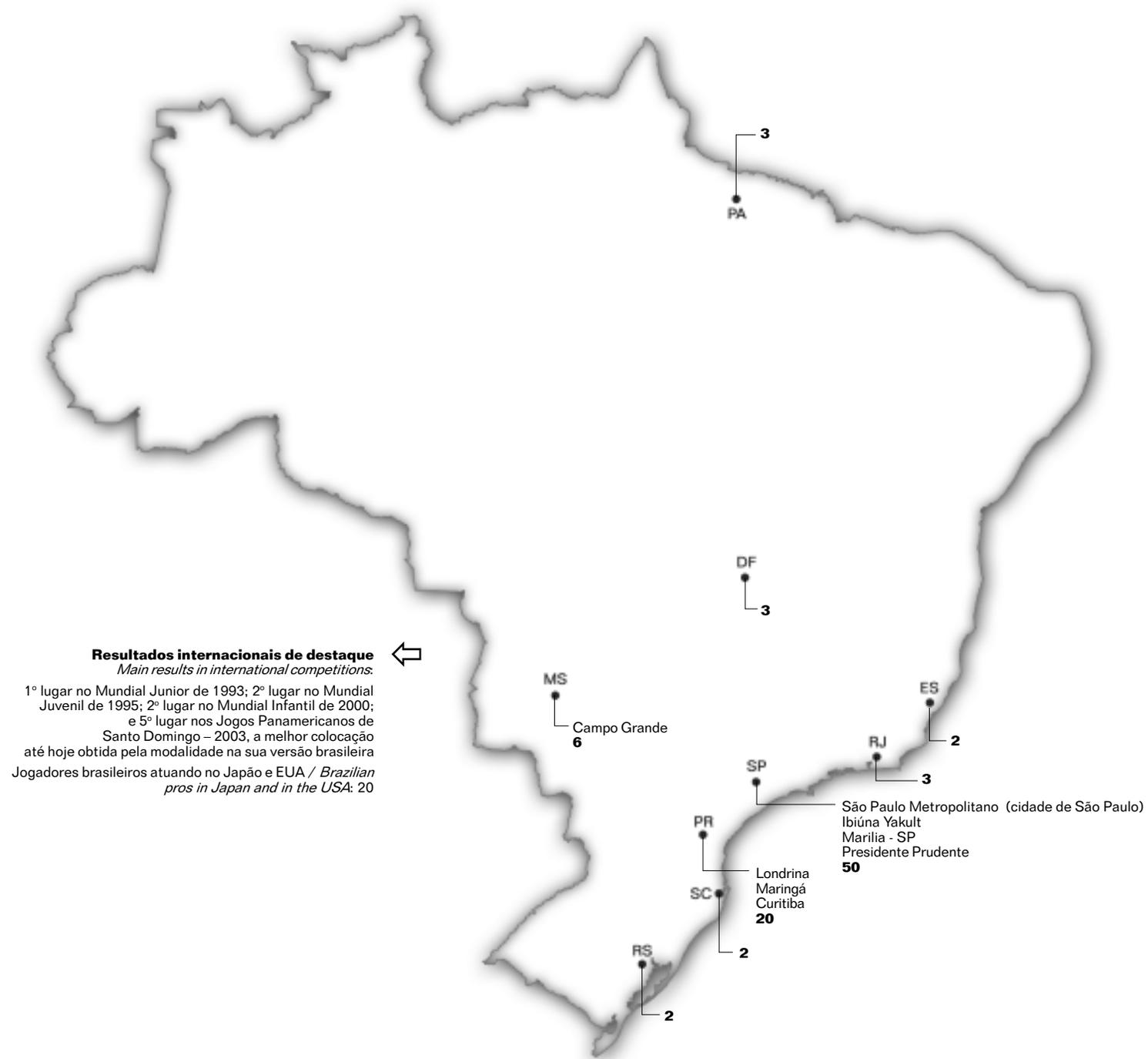
Atualmente há iniciativas, por parte de várias prefeituras municipais, no sentido de implementar projetos sociais que se utilizam desta modalidade de esporte, como forma de inclusão social para meninos e meninas carentes. É o caso de Curitiba - PR, com o projeto Piá do Beisebol; em Londrina -PR, com a Fundação de Esporte; em São Paulo, por iniciativa de alguns colégios; em Pirituba - SP por iniciativa da Prefeitura local; e em Corumbá - MS, promovido pela Secretaria Municipal. Além destas iniciativas, a Confederação Brasileira de Beisebol e Softbol - CBBS em parceria com a Prefeitura de Ibiúna - SP e Vargem Grande - RJ, criou o projeto “Beisebol Solidário”.

Fontes Registros das entidades FPBS, LDNP e CBBS; Datafolha em www.folha.com.br acessados em 05.01.2003 e 08.06.2003.

Pólos de desenvolvimento do beisebol por cidades, 1916-2000

Baseball development centers per city, 1916-2000

Número de clubes de destaque / Number of main clubs per state



Triathlon – Ironman

VALÉRIA BITENCOURT E LAUTER NOGUEIRA

Triathlon – Ironman

Triathlon is a sport discipline that puts together three independent competitive practices: swimming, cycling and running in a non-stop consecutive order. The winner of a competition is the tri-athlete that completes the course in the shortest time possible. The very beginning of the triathlon took place in a track & field club in San Diego, U.S.A., in the mid 1970s. In Brazil it only appeared in 1981, in Rio de Janeiro, where the first federation was founded in 1983.

Definição e Origens Modalidade esportiva que reúne três práticas independentes: natação, ciclismo e corrida em ordem consecutiva e sem interrupção de atividades. É consagrado vencedor o “triatleta” que completar o percurso no menor tempo possível. Dentro da mesma modalidade, encontram-se provas que se configuram por percursos diferenciados, sendo: Triathlon – natação – ciclismo – corrida, Duatlo – corrida – ciclismo – corrida e Aquatlo – natação – corrida – natação, nas categorias: elite, júnior, infantil e infanto-juvenil. Aliando segurança, conforto para os atletas e agilidade operacional, a realização de uma prova de Triathlon requer uma infra-estrutura especial, seja de nível técnico profissional ou amador; também a facilidade de acesso simultâneo é imprescindível para a “transição” (postos de troca de equipamentos restritos aos atletas participantes e organizadores) nos ambientes: aquático (mar, rios ou lagoas) e terrestre (rua, pistas ou montanhas). Há registros do surgimento do Triathlon em San Diego, EUA, num clube de atletismo, em meados da década de 1970. Para que os atletas cumprissem o período de férias sem interromper totalmente as atividades físicas, os treinadores resolveram apostar no lado lúdico do esporte e incorporaram a prática da natação e ciclismo com um leve percurso de atletismo. Outros registram apontam para sua origem no Havaí, em 1978. Idealizado por John Collins – fuzileiro naval norte-americano, inventor do Ironman – sua primeira edição teve a participação de 15 super atletas, sendo que apenas 12 chegaram ao final da prova (Latin Sports, 2004).

No Brasil, o aparecimento do Triathlon conta do ano 1981. Seguindo a trilha da informalidade que marca o nascimento da modalidade no mundo, o corredor Yllen Kerr do Rio de Janeiro, inspirado em matérias de revistas norte-americanas, planejou um desafio com três amigos na praia do Arpoador - RJ. Em 1982, após longos treinos, Kerr e Alberto Klar assistiram pela primeira vez o Iron Man do Havaí. No mesmo ano, um evento de cunho participativo denominado “Corrida Alegre” é realizado no Rio, mas alguns triatletas já despontavam no cenário do Ironman, como Fernanda Keller e Armando Barcelos que continuam em atividade até os dias atuais. Segundo dados da CBTri – Confederação Brasileira de Triathlon, a modalidade tem sido praticada oficialmente no RJ desde 1983 e desde então registra uma trajetória de expansão e desenvolvimento.

1970 - 1974 Registra-se na história os primeiros passos do Triathlon, em San Diego, EUA, ganhando forma competitiva impulsionada pela participação de salva-vidas em 1976.

1977 Buscando desafios cada vez maiores, surge, no Havaí, o conceito de Ironman (Homem de Ferro) por sugestão sem qualquer envolvimento técnico. Esta prova, por seu turno, em termos de desgaste físico dos participantes, é uma das, ou talvez, a mais desafiadora prova do mundo, chegando os atletas a perderem 10 mil calorias na competição. Também de cunho informal, o Ironman surge a partir de uma discussão casual, junto a uma mesa de bar, em um clube de Waikiki. A dúvida era em definir qual a prova mais extenuante e quais os atletas mais bem preparados. No auge da discussão, foi sugerida uma prova que reunisse, sem intervalos, as três modalidades sendo o vencedor um super atleta, um “Iron Man”. Embora a participação de mulheres tenha representatividade na atualidade, ainda não foi criado o Iron Woman, mas nem por isso atletas internacionais, como a brasileira Fernanda Keller, deixam de marcar a força feminina nesta modalidade do Triathlon. Em termos mercadológicos, esta modalidade também tem se destacado: a Timex, da Suíça, foi a primeira empresa licenciada com a marca Ironman e a partir de 1986, estima-se que entre 500.000 e 1.000.000

The Confederação Brasileira de Triathlon (The Brazilian Confederation of Triathlon - CBTri) came up in 1991. Today it includes 15 affiliate state federations and 1,547 registered athletes. Non-member participants are estimated to be around 3,000. There are around 100 triathlon competitions and tournaments in the country, among which the Troféu Brasil de Triathlon (The Brazilian Trophy of Triathlon), the largest Brazilian event, which has been

de relógios tem sido comercializados anualmente com a marca Timex Ironman. No mundo, é hoje o relógio esportivo mais vendido segundo o livro de recordes Guinness.

1978 É realizado o Primeiro Ironman do Havaí, com a participação de 15 atletas, tendo vencido o motorista o táxi John Haley.

1982 O Triathlon surge na cidade do Rio de Janeiro - Urca, Aterro do Flamengo, por curiosidade de José Inácio Werneck com o evento informal denominado “Corrida Alegre”. Entidades oficiais movimentam-se buscando a inclusão do Triathlon como modalidade demonstrativa nas Olimpíadas de Los Angeles - 1984. Sem sucesso, o movimento só consegue êxito após 16 anos.

1983 O Triathlon passa ser reconhecido oficialmente no Brasil, a partir da cidade do Rio de Janeiro - RJ.

1984 Portugal cria a sua Federação de Triathlon. Mônica Lucena, primeira atleta brasileira a marcar participação no Iron Man do Havaí.

1987 Criação da Federação de Brasília –DF.

1989 Fundação da ITU – International Triathlon Union, entidade máxima que administra o Triathlon no mundo, em Avignon - França. Logo após, houve surgimento da unificação de manuais de árbitros, de regras e de operações que ditam os procedimentos e padrões dos eventos oficiais. Neste ano foi realizado, no mesmo país, o Primeiro Campeonato Mundial de Triathlon.

Décadas de 1970 e 1980 Se a ludicidade do esporte foi a tônica dos anos de 1970, a profissionalização dos anos de 1980 retrata em tempo recorde o desenvolvimento do Triathlon no mundo.

1990 Acontece o Primeiro Troféu Brasil de Triathlon, prova promocional que é realizada com grande representatividade até os dias atuais.

1991 Criação da Confederação Brasileira de Triathlon- CBTri, em Brasília, atualmente sediada em Vitória – ES. Neste ano surge também a Federação do Rio Grande do Sul, realizando seu Primeiro Triathlon de Torres, reunindo cerca de 80 participantes. Atualmente o estado do RS conta com um calendário de 24 provas por ano.

1992 Fundação da PATCO – Confederação Pan Americana de Triathlon, na Colômbia.

1994 No Congresso do Comitê Olímpico Internacional-COI, em Paris, França, o Triathlon foi eleito como esporte olímpico e como tal passou a ser incorporado no programa dos Jogos Olímpicos, aceitação de alta complexidade nos dias atuais. A primeira participação do Triathlon neste novo status foi programada para os Jogos Olímpicos de Sydney, em 2000. Tal conquista promoveu um grande salto qualitativo e quantitativo para a modalidade. Várias regras foram adaptadas e oficializada a “distância olímpica” (ver mapa).

1995 O Triathlon nacional participa pela primeira vez nos XII Jogos Pan Americanos, em Mar Del Plata, Argentina e Leandro Macedo conquista a medalha de ouro.

1996 É criada a Federação do Paraná que conta atualmente com 270 atletas filiados, já tendo realizado cinco eventos nacionais e 1 evento internacional.

1997 Os Jogos Mundiais da Natureza têm a sua versão inaugural em Foz do Iguaçu, Paraná, tendo como proposta a valorização do meio ambiente. Neste evento, o Triathlon conta com a adesão de 60 atletas de vários países e com Leandro Macedo conquista a

taking place since 1991. Another variety of triathlon event started in Brazil during the Jogos Mundiais da Natureza (World Games of Nature) in Iguazu Falls, in 1997: a competition of sports adapted to the environment. Today a simplified and national version of these games, the Ecological Triathlon, has been taking place in Bertioga, São Paulo State. Brazilian triathletes – men and women – have had better results in South American and Pan-American events.

medalha de bronze. O governo do estado do Paraná desenvolveu a promoção visando à melhoria do turismo na sua fronteira oeste.

1998 Neste ano, a ITU conta com um ranking de 220 mulheres de 39 países e 251 homens de 43 países. Na final do Ironman do Havaí, 1.500 homens e mulheres de 50 países participaram do evento.

2000 O Triathlon marca sua primeira participação nos XXVII Jogos Olímpicos de Sydney, sendo representado por 50 atletas do sexo masculino e 50 atletas do sexo feminino. Os triatletas Leandro Macedo e Sandra Soldan são os destaques nacionais. Na década encerrada neste ano a modalidade passa a ocupar lugar de destaque no cenário mundial entre as demais manifestações esportivas.

2001 É criada a Federação de Triathlon do Pará.

2002 Sandra Soldan consagra sua carreira internacional, conquistando, no Aquatlo de Cancun, um título mundial reconhecido pela ITU, sendo a única atleta Sul americana a conquista-lo. Rivaldo Martins torna-se tri-campeão mundial na categoria para-olímpico. Leandro Macedo é campeão do Sul-americano que foi sediado no Rio de Janeiro para as provas de Triathlon.

2003 Em Bertioga-SP realiza o Triathlon Ecológico, prova promocional que ressalta a valorização do meio ambiente. A CBTri comemora 20 anos de atividades consagrando alguns atletas pioneiros ainda em atividade: Alexandre Ribeiro, Beto Dolabella, Fernanda Keller e Naida Freitas. Sandra Soldan quebra um tabu de 11 anos vencendo a disputa feminina do 12º Triathlon Internacional de Santos. Virgilio Castilho sagra-se campeão Pan Americano de Aquatlo e Sul Americano de Triathlon num mesmo fim de semana. Paulo Eduardo Chieffi Aagrad, garantiu, em Cancun, no México o título mundial de triatleta na categoria amputados bilateral (abaixo dos joelhos), em sua primeira competição no exterior. Outro exemplo de superação de limites, foi o deficiente visual Rodrigo Feola Mandetta, de São Paulo, que competiu no Troféu Brasil de Triathlon, em Santos - SP.

Situação Atual Segundo informações da Latin Sports, a estimativa é de 5.000 eventos de triatlio no mundo, envolvendo 100 países. Com aproximadamente 4.000.000 (quatro milhões) de triatletas, os EUA lideram a primeira posição, seguido da Europa, com cerca de 3.000.000 (três milhões - em ascendência nos últimos dois anos). No Brasil, o esta empresa estima em 15.000 praticantes. As regiões que concentram maior número de triatletas são: São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Brasília, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Bahia, entre outros. Segundo a CBtri há no Brasil 1574 atletas de Triathlon registrados nas 15 federações estaduais hoje existentes, além de cerca de 3000 praticantes que treinam e/ou competem na modalidade de forma não regular (estimativa de confiabilidade média). Por sua vez, aceita-se geralmente que a expansão do Triathlon no país tem sido contínua e que há benefícios econômicos nos locais sede dos eventos de competição da modalidade, tendo como destaque de representatividade o Ironman Brasil Telecom. Partindo para o ideal olímpico, chega-se aos Jogos Olímpicos de Sydney, nos quais o Triathlon, em particular, reuniu 300 mil pessoas no acompanhamento de seus trajetos de competição. Entretanto, a promoção do lago e cercanias de Foz de Iguaçu como área de esportes da natureza, por meio de competições adaptadas ao meio ambiente pode ter revelado um caminho de desenvolvimento do esporte e turismo ainda não bem avaliado no Brasil.

Nos últimos 12 anos o Brasil já conquistou o título do Circuito Mundial (Leandro Macedo), medalha de ouro nos Jogos Pan

Americanos de Mar del Plata (Leandro Macedo), medalha de prata nos Jogos Pan Americanos de Winnipeg (Carla Moreno), medalha de prata nos Jogos Pan Americanos de Santo Domingo (Virgílio de Castilho), bi-campeonato de Duathlon na categoria Junior (Santiago Ascenço), participou dos Jogos Olímpicos de Sidney com o número máximo permitido a um país, obtendo a 11ª colocação (Sandra Soldan), medalha de ouro nos Jogos Sul Americanos (Sandra Soldan), e vários outros títulos Sul Americanos e Pan Americanos. Nas categorias de idade, conquistou-se o lugar mais alto do pódio com vários atletas que vão dos 16 aos 80 anos. O Brasil possui o título de bi-campeão mundial com o atleta Rivaldo Martins na categoria de necessidades especiais, como também

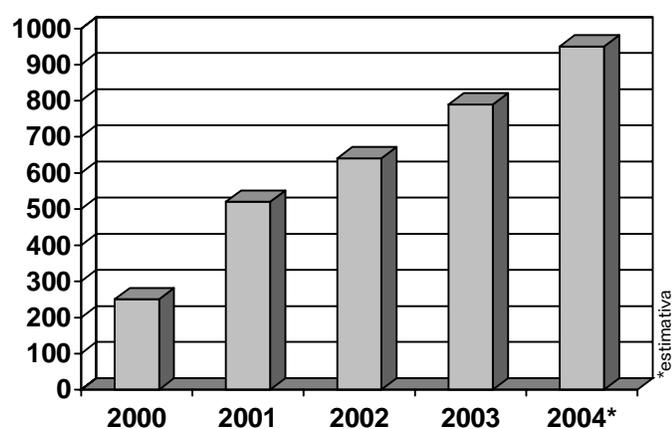
ocupa o cargo de Vice-Presidente da International Triathlon Union (João Calazans) e vários outros cargos na entidade. Há um Membro da Executive Board como representante das Américas (Carlos Fróes), um representante no Comitê Médico (Sandra Soldan) e um representante no Comitê Anti-Doping (Dr. Luciano Resente). A CBTri conta com dois patrocinadores que são a Brasil Telecom (patrocinador oficial da entidade) e Coca Cola (patrocinadora da Equipe Olímpica permanente). Através do Comitê Olímpico Brasileiro tem-se o apoio da Golden Cross. Os maiores investimentos da entidade estão direcionados para a Equipe Olímpica Permanente, formação de árbitros e aprimoramento de treinadores. A partir de 2004 o principal foco da entidade estará direcionado para a

descoberta e apoio a novos talentos e dar continuidade às atividades já em desenvolvimento (Cbtri, 2004). Finalmente, é notório que a evolução do Triathlon é produto da habilidade de seus atletas e da organização técnica e mercadológica de suas entidades diretas. E no âmbito da inovação esportiva, nenhuma modalidade iniciou sua história nos Jogos Olímpicos tendo igual número de competidores masculinos e femininos.

Fontes Cbtri (www.cbtri.org.br); (www.lauternogueira.com.br); www.ironman.com.br; Beny Hakak – www.latinsports.com.br; www.ironmanbrazil.com.br; www.zdl.com.br; Federações da modalidade.

Gráfico 1 – Ironman Brasil Telecom – Crescimento da prova

Graph 1 – Ironman Brasil Telecom – increase of participation



2000 – Aproximadamente 250 atletas (prova, ainda em Porto Seguro/BA, sob direção de outra empresa)

2001 – 520 atletas (prova já sob direção da Latin Sports, realizada em Florianópolis/SC, sede da prova até a presente data)

2002 – 640 atletas

2003 – 790 atletas

2004 – 950 atletas (estimativa)

Ironman – A evolução técnica e mercadológica

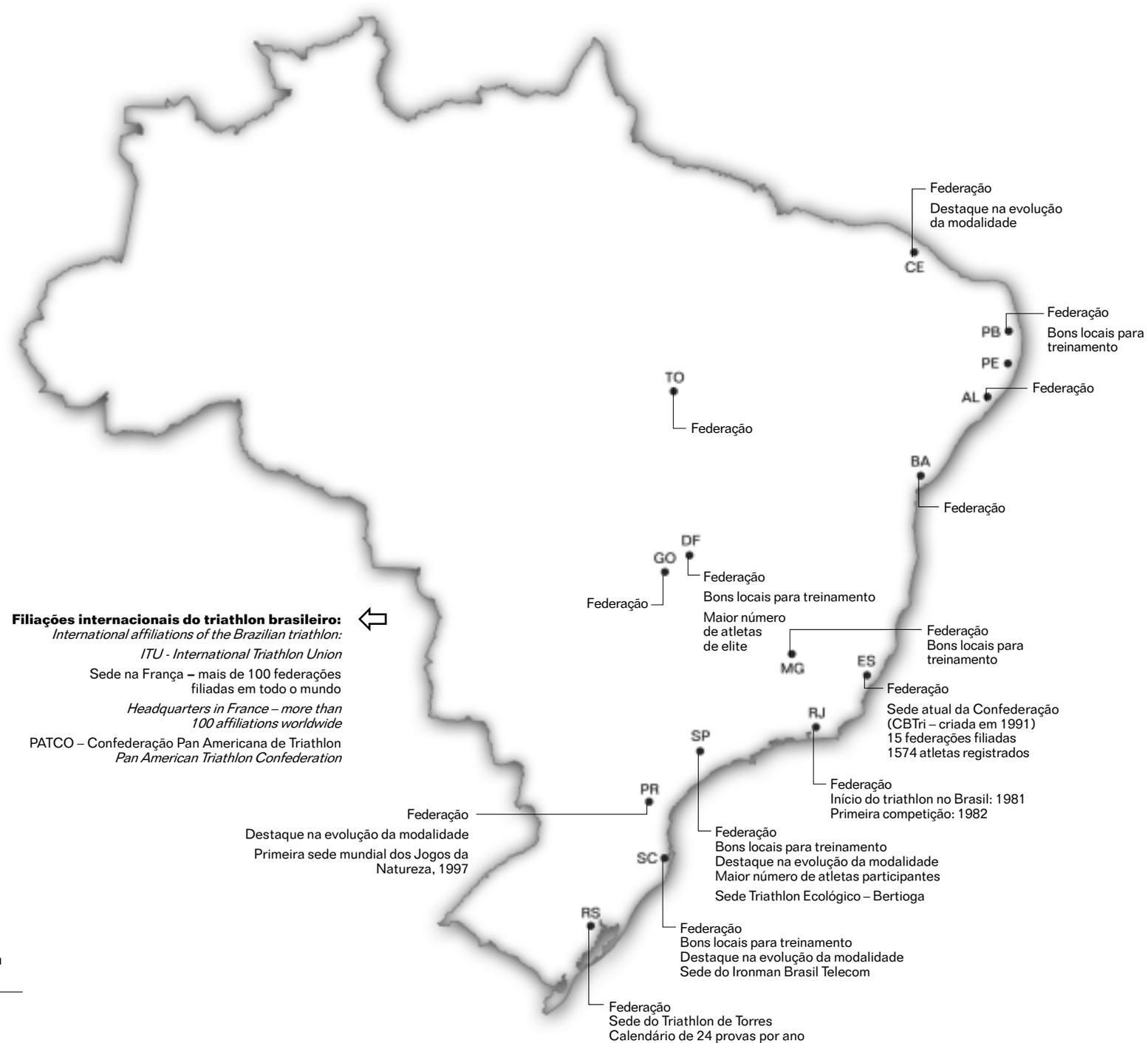
Ironman – The technical and marketing improvements

Como maior representante nacional do Ironman, a empresa Latin Sports (SC) tem como Diretor Executivo o administrador de empresas e triatleta Carlos Galvão. Conquistando cada vez mais destaque no cenário internacional, a Latin Sports renovou contrato com a World Triathlon Corporation - WTC, garantindo ao Brasil o direito de ser a única seletiva da América Latina para o Mundial do Ironman, no Havaí até o ano de 2009. Segundo Galvão, o Ironman Brasil Telecom é uma prova reconhecida mundialmente que tende a elevar a curva de crescimento. Com o apoio da prefeitura de Florianópolis e da Fundação Municipal de Esportes, foi criado CCO (Comitê Central de Organização) com objetivo de integrar pessoas ligadas ao esporte local, estagiários e pessoal do staff da Latin Sports. A direção geral está a cargo de Carlos Galvão e a diretoria técnica será ocupada por Naida dos Santos Freitas, com apoio institucional da Fundação Municipal de Esportes. O objetivo da iniciativa é buscar maior interatividade com a comunidade local, dando oportunidade para a geração de negócios. Por isso, a direção técnica será da Federação Catarinense de Triathlon. Entre as funções, está a de reunir as

áreas executiva, técnica e geral, responsável pela organização da prova e o credenciamento de cerca de 2 mil voluntários que vão ajudar na realização do evento que é considerado complexo e que tem a disputa de 3,8 quilômetros de natação, 180 quilômetros de ciclismo e 42,195 quilômetros de corrida. A prova brasileira, que será realizada pela quarta vez em Florianópolis, faz parte de um circuito de 24 competições, sendo 15 etapas seletivas para o Mundial do Havaí. Em 2002, a marca Ironman proporcionou um total de US\$ 230 milhões em negócios em todo o mundo. De acordo com cálculos oficiais, o Ironman Brasil Telecom 2003 causou um impacto econômico na ordem de R\$ 6 milhões em Florianópolis, envolveu 790 atletas, um fluxo 3.500 turistas com gasto per capitã de US\$ 150/dia e retorno de mídia espontânea na ordem de R\$ 4.100.000,00. A grande final deste evento, no Havaí, que se realiza após 23 seletivas em diversos países, atrai 1.500 atletas e 30.000 visitantes à ilha de Kona. Para o Ironman Brasil Telecom 2004 a estimativa de impacto econômico é da ordem R\$ 10 milhões em Florianópolis, somente com os turistas de fora do estado de Santa Catarina.

Disponibilidades do triathlon no Brasil por estado, 2003

Availability of triathlon in Brazil per state, 2003



Países membros da PATCO – Confederação Pan Americana de Triatlo, 2003 / PATCO country members, 2003

Argentina	El Salvador
Aruba	Guatemala
Brasil	Honduras
Canadá	Jamaica
Chile	México
Colômbia	Paraguai
Cuba	Porto Rico
República Dominicana	Uruguai
Estados Unidos	Venezuela

Filiações internacionais do triathlon brasileiro:

International affiliations of the Brazilian triathlon:

ITU - International Triathlon Union

Sede na França – mais de 100 federações filiadas em todo o mundo

Headquarters in France – more than 100 affiliations worldwide

PATCO – Confederação Pan Americana de Triathlon

Pan American Triathlon Confederation

Pesquisa do site ITU / ITU site poll, 2003

Perfil internacional dos aficionados do triathlon
International profile of triathlon fans

54 %	estão na faixa etária de 16 – 34 anos <i>are between 16 and 34 years old</i>
47%	tem educação de nível superior <i>have a university education</i>
63%	não tem dependentes e renda elevada <i>have high income and no dependents</i>
77%	são participantes ativos de esportes <i>are active sport participants</i>

Percursos do triathlon – regulamentares e de adaptação a promoções locais

Triathlon distances according to the rules and adapted to local promotions

Modalidades/ <i>disciplines</i>	Natação <i>Swimming</i>	Ciclismo <i>Cycling</i>	Corrida <i>Running</i>
Distância Olímpica – <i>Olympic distance</i>	1,5km	40km	10km
Duatlo	-	40km	10Km/5km
Iron Man	3,8km	180km	42,km
Sprint Triatlo	750m	20km	5km
Long Distance (a partir de)	1,9km	90km	21km
Aquatlo	1km	-	2,5km /2,5km
Super Sprint	375m	10km	2,5km
Ultraman	10km	426km	84km

Levantamento de Peso

ALEXANDRE CARVALHO E LUIZ DOS SANTOS

Weightlifting

Weightlifting started in the Olympic Games in 1896 in Athens and in 1898 in São Paulo, where German immigrants founded the Deutscher Athleten Klub. State and national championships have taken place since 1904, especially in SP and RJ, the main training centers. Weightlifting in Brazil grew steadily during the 1930s and 1940s, but it was not very prominent in the following decades. Although there

Definições e origens O levantamento de peso é um esporte em que os praticantes, divididos em categorias de peso corpóreo, procuram erguer o máximo de peso possível em diferentes estilos de levantamento. Divide-se em olímpico e básico. Como uma atividade atlética básica e um significado natural de medir força e poder, o Levantamento de Peso esteve presente nas antigas culturas egípcia e grega. No século XIX, foram registrados vários feitos de força através do levantamento de pesos entre 1859 e 1892. O primeiro campeonato oficial ocorreu na Inglaterra em janeiro de 1891. No mesmo ano ocorreu o primeiro campeonato mundial, historicamente reconhecido pela Federação Internacional da modalidade. O esporte estreou nos Jogos Olímpicos da Era Moderna já em 1896, em Atenas. Desde então, somente esteve ausente do programa olímpico em 1900 (Paris), 1908 (Londres) e 1912 (Estocolmo). Porém, em 1900 uma competição de levantamento de peso integrou a prova de Ginástica no geral individual. Os homens competem desde 1896, mas as mulheres somente ingressaram em 2000, nos Jogos Olímpicos de Sydney. As competições sofreram grandes alterações através dos anos, mas desde os Jogos de 1976 mantêm dois tipos de levantamento: o arranque e o arremesso. No Brasil, os primeiros levantadores de peso surgiram como atrações circenses no século XIX. Como esporte, teve seu marco em 1898, em São Paulo, na Vila Mariana, onde alemães fundaram o *Deutscher Athleten Klub*, com destaque para os pesistas Venceslau Paeta, João Holandês e João Jafet. As primeiras competições oficiais foram realizadas no Rio, em 1906, e em São Paulo, em 1904. Hoje, o Levantamento de Peso não se confunde com o Halterofilismo (ver capítulo de Halterofilismo neste Atlas), que é a prática de exercícios com halteres, e nem com o Fisiculturismo (ver capítulo correspondente neste Atlas), em que o principal objetivo do praticante é modelar o físico.

1891 Realiza-se o primeiro campeonato do mundo de Levantamento de Peso em Londres, com sete atletas de seis países.

1892-1898 No Brasil, neste período, encontram-se planos de aula de ginástica do Ginásio Nacional, atual Colégio Pedro II, situado no RJ, descrevendo exercícios com “varas ou barras com pesos” e “marombas”.

1898 A Fundação do *Deutscher Athleten Klub*, na Vila Mariana, em São Paulo, marcou o início do Levantamento de Peso como esporte no Brasil.

1904 Realizaram-se na cidade de São Paulo-SP, provas de Levantamentos de Peso entre o Clube de Regatas São Paulo e o Clube Atlético Esperia.

1905 Criação da *International Weightlifting Federation*-IWF. Hoje esta entidade possui 167 países filiados.

1906 – 1908 Na cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil, o francês Paulo Pons cria um grupo de praticantes de exercícios com pesos e de lutas, que se exibia em praças e ruas.

1915 Também no RJ, a Real Sociedade Clube Ginástico Português introduz a Escola Francesa de Levantamento de Peso.

1936 Funda-se a Federação de Ginástica, Pesos e Halteres no RJ, a qual teve vida efêmera. Na mesma cidade, o Fluminense Football Club e o Flamengo de Football e Regatas sob orientação da Federação, participam do primeiro campeonato carioca, com levantamentos olímpicos, disputado entre os atletas Mario Diniz (Fla), Abelardo S. Cardoso (Fla), Odail Martins (Fla), Romildo Dantas de Arruda (Fla) e Cláudio Canton (Flu).

1937 Organiza-se outro campeonato no RJ, sem registros. Ismário Cruz, encarregado da seção de Halterofilismo do Clube Flamengo, organiza a tradicional prova dos 100 quilos, modalidade arremesso a duas mãos, participando: Mario Diniz, Odail Martins, Dante Rossi,

have been Brazilian athletes in international competitions since the 1952 Olympic Games, the Confederação Brasileira de Levantamento de Peso (Brazilian Weightlifting Confederation - CBLP) only includes two state affiliated federations and 120 registered athletes today. Sixty-six athletes (24 women and 42 men) participated in the Brazilian championship of 2002 . Because the CBLP established a

Eliseu Guarabira, Mário de Souza, Fares Habuib, Paulo Azeredo, Charles Herba, Cândido Cavalcante, Sérgio Monteiro, Abelardo Fernandes e Waldemar de Lima e Silva.

1939 Na Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro, então sediada à Rua Araújo Porto Alegre, organiza-se um ginásio de Halterofilismo. Funda-se ainda no RJ, a Seção de Pesos e Halteres do Botafogo Futebol Clube, sob a direção de Paulo Azeredo. Realiza-se também um campeonato inter-clubes, com a participação do Flamengo, Central (de Niterói), Irapurás e Botafogo, sob supervisão da Federação.

Décadas 1940 – 1950 O Grupo Fôrça e Saúde lidera uma transformação no Halterofilismo em escala nacional. Mantendo o esporte uno, organizam inicialmente durante cerca de sete anos os Campeonatos de Exercícios Básicos – comuns à prática de Levantadores e Culturistas – iniciando-se então os primeiros Campeonatos de Levantamentos Olímpicos e Excelência Física.

Décadas 1940 – 1970 No Rio de Janeiro, os clubes de remo tradicionais da cidade adotam o Levantamento de Peso como atividade complementar. Este foi o caso dos clubes de regatas, concentrados à beira-mar, nas então Praias de Santa Luzia e do Flamengo, entre eles o Boqueirão do Passeio, Internacional de Regatas, Vasco da Gama e Flamengo, todos mantendo seus Ginásios de Pesos e Halteres até as décadas de 1960 – 1970.

1952 Primeira participação olímpica do Brasil no Levantamento de Peso, em Helsinque, Finlândia. Competiu com os levantadores Silvino Robin, Bruno Barabani e Vanderlei Vianna da Silveira

1955 O Brasil conquista uma medalha de prata nos Jogos Pan-Americanos de 1955, na Cidade do México, México.

1956 Ayala Ferreira e Bruno Barabani competem nos Jogos Olímpicos de Melbourne, Austrália.

1960 Bruno Barabani é o único competidor do Brasil nos Jogos Olímpicos de Roma, Itália.

1967 O Brasil conquista 2 medalhas, 1 de prata e 1 de bronze, nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, Canadá.

1968 Luiz Gonzaga de Almeida é o único representante do Brasil nos Jogos Olímpicos da Cidade do México, México.

1971 O Brasil conquista 5 medalhas de bronze nos Jogos Pan-Americanos de Cali, Colômbia.

1972 Luiz Gonzaga de Almeida e Tamer Chaim competem pelo Brasil nos Jogos Olímpicos de 1972 em Munique, Alemanha Ocidental.

1975 O Brasil conquista 3 medalhas, 2 de prata e 1 de bronze, nos Jogos Pan-Americanos da Cidade do México, México.

1976 Paulo Batista de Sene é o único representante do Brasil nos Jogos Olímpicos de Montreal, no Canadá.

1979 Funda-se a Confederação Brasileira de Levantamento de Peso-CBLP em 30 de maio. Antes deste fato, a modalidade era dirigida pela Confederação Brasileira de Desportos–CBD. A CBD foi a entidade que mudou em 1971 a denominação de Halterofilismo para Levantamento de Peso, de modo a se ajustar à expressão usada pela IWF.

1979 O Brasil conquista uma medalha de bronze nos Jogos Pan-Americanos de San Juan, Porto Rico.

1980 Durval de Moraes e Paulo Batista de Sene competem pelo Brasil nos Jogos Olímpicos de Moscou, URSS.

1987 Primeiro campeonato mundial feminino, disputado em Daytona Beach, EUA.

permanent Olympic team at the Universidade de Viçosa in the state of MG in 2002, with 19 men and women athletes, Brazil reached a prominent position in the South-American Games of 2002: it became one of the leading countries of the continent with 6 bronze medals and one silver medal earned by the female athletes and the two silver medals earned by the male athletes.

1988 Edvaldo Aparecido dos Santos e Edmilson Silva Dantas são os representantes do Brasil nos Jogos Olímpicos de Seul, Coréia do Sul.

1991 O Brasil conquista 3 medalhas de bronze nos Jogos Pan-Americanos de Havana, Cuba.

1991 O Brasil participou no mundial da IWF, na Alemanha, com a atleta Simone de Oliveira, de Viçosa–MG.

1992 Edmilson Silva Dantas representa o Brasil nos Jogos Olímpicos de Barcelona, Espanha.

1995 O Brasil conquista 2 medalhas de bronze nos Jogos Pan-Americanos de Mar Del Plata, Argentina.

1996 Edmilson Silva Dantas representa o Brasil nos Jogos Olímpicos de Atlanta, EUA.

2000 Maria Elizabeth Jorge, de Viçosa-MG, representa o Brasil nos Jogos Olímpicos de Sydney.

2001 No Diagnóstico do COB de 2001, consta que neste ano havia 2 federações filiadas à Confederação Brasileira de Levantamento de Peso – CBLP / SP e MG. O maior número de praticantes encontrava-se em SP. O reduzido número de federações encontrava correspondência nas instalações apropriadas para competições já que somente foram identificadas quatro unidades apropriadas para competições: três em clubes de SP e uma na Universidade de Viçosa-MG, onde também está situada a sede da CBLP. No período em foco, o esporte de levantamento de peso na versão brasileira não alcançava ainda o nível técnico sul-americano em competições de alto nível (ver capítulo do COB neste Atlas). Por sua vez, o ranqueamento internacional da modalidade indicava que o Brasil estava situado em 40º. lugar no nível mundial (posição em Campeonato Mundial) e 10º lugar no feminino – Jogos Olímpicos. Em âmbito Pan-Americano, o masculino estava em 5º. lugar e o feminino em 7º; no Sul-Americano, o Brasil estava entre os seis melhores países.

2002 A sede da CBLP passa de SP para Viçosa-MG, instalando-se no Campus da Universidade Federal de Viçosa-UFV. A cidade de Viçosa é hoje o principal pólo de prática da modalidade no Brasil, e a equipe da UFV é a mais tradicional, pois se dedica ao Levantamento de Peso desde 1978. Neste ano, apenas 66 atletas participaram do campeonato brasileiro (24 mulheres e 42 homens).

Situação atual Hoje a CBLP tem representações em SP, MG, BA, PB, RJ, PR, RS, AC e CE, mas continua restrita a duas federações estaduais apenas. O presidente da CBLP é o Prof. David Monteiro Gómez da UFV, onde tem liderado desde 2002 a Equipe Olímpica Permanente nos padrões do COB para o uso dos recursos da Lei Agnelo-Piva. Esta equipe tem 19 participantes, cerca de 16% do total de atletas registrados na CBPL, isto é, 120 (70% de homens – 30% de mulheres). No atual estágio, o Levantamento de Peso já possui o nível sul-americano, pois nos Jogos de 2002, o Brasil conquistou no masculino 1 medalha de prata e 2 de bronze como também, no feminino, 6 de bronze. Como nos Jogos Sul-Americanos de 1998, o Brasil ganhou 3 de prata e 1 de bronze no masculino (não houve representação feminina), a elevação do nível em 2002 deveu-se à participação de mulheres. O Brasil não participou do campeonato mundial da modalidade em Vancouver, Canadá, em 2003.

Fontes www.iwf.net; www.olympic.org; entrevista com David Montero, presidente da CBLP, a José Geraldo do Carmo Salles, em 18/06/03, Viçosa-MG; Revistas Fôrça e Saúde, Ed. Força e Saúde, RJ, no. 8, abr/jun/1948; e no. 9, jul/set/1948; Azeredo, Paulo, A História do Levantamento de Peso (edição do autor s/d); COB – Lei Agnelo / Piva: Prestação de Contas Técnica e Financeira, 2002.

Badminton

LEANDRO NOGUEIRA

Badminton, a very old sport, can be traced back to India in its most recent version. It was introduced to the British nobility in 1870 in Gloucestershire at the Badminton House, where it got its name. The Bath Badminton Club was founded in 1874 and the International Federation was created in 1934. Badminton was questioned as a demonstration sport during the 1972 Olympic

Origem O badminton parece ser um jogo de origens bastante antigas e difíceis de serem totalmente esclarecidas. Formas mais primitivas foram chamadas de ' *Ti Jian Zi* ' ou ' *shuttle kicking* ' pelos Chineses no século 5 a C., quando era jogado com os pés; de ' *shuttlecock* ' na China, Japão, Índia e Grécia cinco séculos depois; de ' *battledore* ', nome dado às raquetes primitivas de 1600, quando se tornou um jogo infantil e ' *jeu de volant* ', quando foi jogado pelos nobres, nas cortes européias como forma de lazer. Porém, foi na Índia, que ' *poona* ', um jogo parecido com o moderno badminton, já havia sido desenvolvido em meados do século XIX. Enquanto oficiais britânicos estavam a serviço naquele país jogando ' *poona* ' em 1870, o Duque de Beaufort estava apresentando-o à sociedade real, na Inglaterra, em Gloucestershire, em sua propriedade chamada Badminton House, daí o nome do jogo. Quatro anos depois, o Bath Badminton Club já havia sido fundado e uma versão nova para o jogo trazido da Índia colocou as bases para as regras utilizadas nos dias atuais. Em 1934 foi fundada a Federação Internacional de Badminton-IBF com a participação de nove membros: Canadá, Dinamarca, Escócia, França, Holanda, Inglaterra, Nova Zelândia e País de Gales. Nos anos seguintes, houve a incorporação de um maior número de países, especialmente após a estréia do esporte nas olimpíadas de Barcelona, em 1992. A sede da Federação se situa em Gloucestershire.

1972 A primeira vez em que o badminton figurou numa Olimpíada foi nos Jogos Olímpicos de 1972, em Munique, como um esporte de demonstração e foi contestado. Em Seul, em 1988, o badminton foi novamente jogado como esporte de exibição.

1984 No Brasil, o badminton passou a ser praticado de forma competitiva a partir deste ano, com a realização da I Taça São Paulo, organizada pela Associação Paulista de Badminton e o apoio da Secretaria Municipal de Esportes de São Paulo. Ainda no mesmo período, o Brasil participou do I Campeonato Sul-Americano e, no ano seguinte venceu o II Campeonato Sul-Americano. Os dois primeiros torneios foram realizados em Buenos Aires, na Argentina.

Games in Munich, but it became a full medal sport in 1992 in the Barcelona Olympic Games. Men and women compete in both singles and doubles, and the events have been dominated by Indonesia, China, and Korea. Badminton became a competitive sport in Brazil in 1984 with the 1st Taça São Paulo (São Paulo Cup) as most Brazilian badminton players are located in São Paulo state. The

1987-1988 Neste período, o Brasil participou, pela primeira vez, de um campeonato Panamericano, realizado em Lima-Peru. No ano seguinte, em 1988, foi criada a Federação Paulista de Badminton, tendo como fundadores a Associação Esportiva Dragão, a Associação Brasileira "A Hebraica", e o São Paulo Futebol Clube.

1990 Neste ano o Brasil realizou, em Mairinque-SP, o IV Sul-Americano de Badminton. No evento, o Peru saiu vencedor, ficando o Brasil em segundo lugar.

1992 Durante este período o badminton passou a ser reconhecido pelo Comitê Olímpico, nos Jogos Olímpicos de Barcelona, como um esporte competitivo, valendo medalhas. A popularidade do esporte foi provada na ocasião, quando perto de um bilhão e cem milhões de pessoas assistiram, pela televisão, aos oito dias de competição. Os países asiáticos conquistaram a maioria das medalhas em jogo. A Indonésia ganhou as medalhas de ouro, prata e bronze na categoria masculina simples, de ouro na categoria feminina simples e de prata, na categoria masculina duplas. A Malásia levou o bronze na categoria masculina duplas.

1993 Neste período foi criada a Confederação Brasileira de Badminton-CBBd, iniciativa de três federações: Federação Paulista de Badminton, Federação Catarinense de Badminton e Federação de Badminton, de Brasília. O Brasil ganhou sua primeira medalha de bronze no Campeonato Panamericano, realizado na Guatemala, no mesmo ano. Em 1994, a CBB é aceita pelo Comitê Olímpico Brasileiro como membro filiado.

1995 Neste período, o badminton participou, pela primeira vez no Brasil, dos Jogos Panamericanos de Mar del Plata-Argentina e do Campeonato Mundial de Equipes Mistas - a Surdiman Cup classificando-se em terceiro lugar no seu grupo, entre os cinco países- Eslováquia, Malta, Brasil, Argentina e Marrocos – na ordem de classificação.

1996 Nos Jogos Olímpicos de Atlanta, ocorrido neste período, a categoria de duplas mistas foi incluída nas competições. Ainda no

Confederação Brasileira de Badminton (Brazilian Badminton Confederation-CBBd) was founded in 1993 and has 1,445 athletes and 1,097 badminton courts registered. Although Brazil has not shown up in world ranking yet, it is among the eight best national teams at Pan-American level and is competing for the first place in the men's division in the South American ranking system.

mesmo ano, o Brasil alcançou o seu melhor desempenho no Campeonato Panamericano de Juniors, em Porto Rico, tendo obtido medalha de prata em simples masculino, e medalhas de bronze em duplas masculino e duplas mistas.

1997 Neste período o Brasil conquistou 5 medalhas de ouro - Simples Masculino e Duplas Masculino, para menores de 19 anos e Simples Masculino, Duplas Masculino e Duplas Mistas, para menores de 17 anos - no Campeonato Sul Americano Infante/Juvenil, realizado em Campinas.

1998 Neste período ocorreu o VI Campeonato Sul Americano de Adultos, em Campinas-SP, tendo o Brasil ficado em 2º lugar por equipes, de um total de 6 países concorrentes.

1999 Em 1999, o Brasil participou, pela segunda vez, dos Jogos Panamericanos Winnipeg – Canadá, tendo ficado em 6º lugar, de um total de 14 países concorrentes.

Situação atual Existem, atualmente, 130 países membros da IBF, e o número tende a crescer. Seis torneios principais são promovidos pela IBF: Thomas Cup (campeonato mundial masculino de equipes), Uber Cup (campeonato mundial feminino de equipes), Sudirman Cup (equipes mistas), World Championship, World Juniors e World Grand Prix Finals. No Brasil, há 1445 atletas filiados às sete federações existentes nos estados e um número desconhecido de praticantes que freqüentam as 107 quadras de badminton demarcadas em ginásios poliesportivos. No ranqueamento mundial, o Brasil não possui expressão neste esporte, mas no nível Pan Americano está entre as oito melhores seleções nacionais, e no Sul-americano disputa o primeiro lugar no masculino.

Fontes Comitê Olímpico Internacional: www.olympic.org/uk/sports/index_uk.asp Confederação Brasileira de Badminton www.badmintonconfbrasil.com.br/historia.htm

Hóquei sobre a grama e indoor

LEANDRO NOGUEIRA

Field and indoor hockey

Field and indoor hockey were introduced in Brazil by British and German clubs that led Brazilian sports in the last decades of the 19th century, especially in the cities of Rio de Janeiro-RJ, São Paulo-SP and Niterói-RJ. Brazil had had an expressive number of aficionados until the 1960s, when an automobile

Origem De acordo com Cláudio Rocha, Diretor Técnico da Associação Brasileira de Hóquei sobre a Grama e Indoor-ABH, o hóquei é um dos esportes coletivos de prática mais antiga no Brasil. O hóquei chegou ao Brasil antes mesmo que o futebol, sendo inicialmente praticado pelos integrantes das colônias inglesa e alemã de São Paulo. Em virtude da prática do futebol ser menos dispendiosa, o interesse pelo hóquei no país foi mais lento. Por volta dos anos de 1960, São Paulo abrigava um expressivo núcleo de aficionadas que praticavam esta modalidade de esporte, como também no Rio de Janeiro. Em pleno processo de expansão de sua prática, que coincidiu historicamente com uma espécie de “boom” pelo interesse de novas modalidades esportivas no país, os então líderes do hóquei brasileiro foram colhidos por um acaso do destino. Em viagem rodoviária para o Rio de Janeiro, os principais praticantes e dirigentes do esporte no Brasil, justamente os que mais se empenhavam na difusão da modalidade, faleceram em trágico acidente automobilístico, deixando um vácuo de

accident deprived field hockey of its main leaders breaking up a long-term tradition with consequences that can still be observed today. Later on, fortunately, the Associação Brasileira de Hóquei sobre a Grama e Indoor (Brazilian Field and Indoor Hockey Association - ABH) was created in the early

liderança que foi determinante para que o hóquei ficasse com seu desenvolvimento seriamente comprometido.

1980 Duas décadas depois, no Rio de Janeiro um novo movimento – também iniciado pelas colônias inglesa e alemã – retomou lentamente a prática da modalidade, quase que totalmente desaparecida no país. O movimento repercutiu também em São Paulo, e logo foram sendo retomados os trabalhos de formação de novos grupos praticantes.

Década de 1990 Funda-se em 1991 a ABH e mais adiante, em 1998, realiza-se o primeiro campeonato nacional, cuja primeira equipe campeã foi o clube Germânia do Rio de Janeiro-RJ.

2002 Neste período, o Brasil participou do I Pan-americano de Hóquei Indoor obtendo o 5º lugar, com vitórias expressivas contra as seleções de Porto Rico e Venezuela e disputas acirradas contra o México, Trinidad & Tobago e os Estados Unidos.

1990s, fueling up the development of the sport. Today there are six clubs in the Brazilian national championship, approximately 200 athletes registered with the ABH, and various projects of inclusion of hockey in schools and universities.

Situação Atual Em decorrência da constituição de sua associação nacional, o hóquei brasileiro conta hoje, para o desenvolvimento de seus projetos de expansão, com o auxílio financeiro do fundo especial de fomento aos esportes olímpicos, do Comitê Olímpico Brasileiro. Com seis clubes oficiais que reúnem cerca de duzentos praticantes no Rio e em São Paulo, a Associação Brasileira de Hóquei sobre Grama e Indoor-ABH está implementando projetos para expandir a modalidade para outros estados do país. Em igual medida, busca prover os atuais praticantes de condições de melhor participação em eventos internacionais. O futuro volta a ser promissor para o hóquei brasileiro, um esporte com aspectos similares ao futebol, inclusive pela escolha do Rio de Janeiro como sede para a realização dos Jogos Pan-americanos de 2007. Entre os esforços para a ampliação de sua prática, a ABH volta-se agora para parcerias com as escolas de educação física universitárias, com o propósito de incentivar a formação de novos recursos humanos que possam incentivar o hóquei, também no âmbito escolar.

Taekwondo

LEANDRO NOGUEIRA

There have been several styles of martial arts in Korea; however, Taekwondo (“the way of kicking and striking”) was the preferred form at the beginning of the 20th century. Some leaders of the Korean martial arts elected Taekwondo as the complete martial art in 1955 as they were trying to make it grow worldwide. The government of Korea recognized the World Taekwondo Federation (WTF) as the legitimate governing body of the sport in 1973. The

first World Championships also happened in 1973. In Brazil, Taekwondo was recognized as a sport by the Conselho Nacional de Desporto (National Council of Sport-CND) also in 1973. Taekwondo appeared as demonstration sport on the programs of the Olympic Games of 1988 and 1992. It became an official medal sport in Sydney 2000, after a decision of the 103rd IOC Session, held in Paris in 1994. During the Olympic Games in Sydney, 103

athletes - 55 men and 48 women - from 51 countries participated in the taekwondo competition. Taekwondo has experienced an important expansion in Brazil, covering all Brazilian states. The Confederação Brasileira de Taekwondo (Brazilian Taekwondo Confederation - CBTKD) had 162,184 registered athletes, including 46,156 women in 2002. From this total, 6,269 were black belt including 393 women.

Definição O Taekwondo (Tkd) é uma arte marcial milenar coreana, praticada e entendida como forma de defesa pessoal e elevação espiritual, expressão das raízes culturais que constituíram a Coréia. De acordo com a Confederação Brasileira de Taekwondo, a modalidade é dividida em quatro categorias, segundo o peso dos atletas. Nos combates, os atletas - que usam protetores para a cabeça e para tórax e abdomen - somam pontos ao acertarem chutes ou socos. Os chutes podem ser desferidos em qualquer ponto do corpo acima da cintura. Já os socos só podem atingir o peito do adversário. As lutas são de três rounds de três minutos e um atleta pode ganhar de três modos: nocauteando o oponente; somando o maior número de pontos ou pela desclassificação do adversário.

Origens O taekwondo é uma arte marcial tradicional da Coréia, cujo significado em coreano é “forma de chutar e golpear”. No Tkd, as mãos e os pés são usados para derrotar o oponente, mas a marca do esporte é uma combinação de movimentos de chute. Suas origens não são muito conhecidas, porém há três hipóteses que são geralmente mencionadas. A primeira leva o Tkd de volta a era dos três reinos (50 a.C.) quando os guerreiros da dinastia, os Hwarang, começaram a desenvolver a arte marcial, tae kyon (“fê-mão”). A segunda teoria diz que o Tkd se iniciou como uma forma de Box chinês, que foi estabelecido no templo Shaolin em 520 a.C. por Bodhidharma, o fundador do Zen Budismo. A terceira teoria diz que o Tkd veio do karatê japonês ou Okinawan. Hoje em dia pensa-se que o Tkd provavelmente teve suas origens em outras artes marciais asiáticas combinadas com técnicas tradicionais de kickboxing coreano. A prática do Tkd foi proibida pelos japoneses, durante a ocupação militar da Coréia, de 1909 a 1945, na mesma medida em que disseminavam o Karatê por todo o mundo. Com o

término da Segunda Guerra Mundial e o fim da ocupação japonesa, o povo coreano voltou a praticar livremente o Tkd, sua arte marcial preferida. Desde então, sua prática desenvolveu-se amplamente em todo o mundo, com uma aceitação notável e num período histórico relativamente pequeno.

1970 Em julho de 1970, a tradicional arte marcial coreana chegou ao Brasil, introduzida inicialmente em São Paulo, pelo Grão-mestre Sang Min Cho – 7o Dan.

1971-1974 Em 1973, o Tkd foi declarado o esporte oficial da Coréia do Sul e, no Brasil, reconhecido como modalidade esportiva pelo Conselho Nacional de Desporto-CND. Ainda em 1973, em janeiro, realizou-se o primeiro Campeonato Brasileiro de Taekwondo e, em maio, foi fundada a World Taekwondo Federation-WTF. Em 1994, o Comitê Olímpico Internacional-COI aprovou a admissão do Tkd como esporte olímpico com medalhas a partir de 2000. Em março de 1974, foi criado o Departamento Nacional de Taekwondo, na Confederação Brasileira de Pugilismo, pelo Grã-mestre Woo Jae Lee. A partir desses fatos, a excelência na prática do Tkd no Brasil passou a contar com crescente reconhecimento internacional.

1975 Em 1975, a World Taekwondo Federation-WTF filiou o Taekwondo brasileiro antes mesmo que fosse constituída sua confederação nacional. Um ano depois, a Pan-American Taekwondo Union-PATU adotou o mesmo procedimento.

1987 Em fevereiro de 1987 foi fundada a Associação Brasileira de Taekwondo-ABT, cujo estatuto seria aprovado pelo Conselho Nacional de Desportos-CND no dia treze de maio daquele mesmo ano. Imediatamente após, o Ministério da Educação homologaria o

Estatuto da ABT e, em dezembro, o Comitê Olímpico Brasileiro admitiria a ABT como entidade vinculada.

1988 O Taekwondo aparece no programa oficial dos Jogos Olímpicos de Seul, na Coréia do Sul, como esporte-demonstração.

1990 Em 1990, o CND aprovou a reforma estatutária e alteração do nome ABT para Confederação Brasileira de Taekwondo-CBTKD.

1992 O Taekwondo aparece novamente no programa oficial dos Jogos Olímpicos de Barcelona como esporte-demonstração.

1994 Finalmente, em 25 de novembro de 1994 o Comitê Olímpico Brasileiro concedeu filiação à CBTKD, em face à inclusão do Tkd entre os esportes olímpicos, isto é, incluído na Carta Olímpica como esporte de competição nos Jogos Olímpicos a partir de 2000.

Situação Atual Na atualidade, além de consolidada como uma das artes marciais de maior prestígio entre os esportistas brasileiros, o Tkd segue sua trajetória de notável expansão, com federações constituídas em todos os estados do país. Dados da CBTKD, em levantamento produzido em 2002 para o Ministério do Esporte e Turismo, informam que até aquela data, o Tkd contava com 162184 atletas filiados em todo o Brasil, sendo 46.156 mulheres. Desse total, 6.269 eram faixas-pretas, das quais 393 mulheres.

Fontes International Olympic Committee www.olympic.org/uk/sports/index_uk.asp World Taekwondo Federation: www.wtf.org/main.htm; Confederação Brasileira de Taekwondo www.cbtkd.com.br; Comitê Olímpico Brasileiro; www.cob.org.br/default2.asp

Pentatlo Moderno

RICARDO DE ALMEIDA CASTILLO

Modern pentathlon

Modern pentathlon was conceived by Baron Pierre de Coubertin based on the story of a French officer in the 19th century who had to overcome several obstacles in order to deliver a message. Coubertin pictured a competition that would determine the greatest all-around sportsman, following the same purpose of the ancient Olympic Games pentathlon, which included a 200m race, long jump, javelin throw, discus throw, and wrestling, all unrelated events. However, the modern pentathlon, initially called "military pentathlon", consists of shooting, fencing, swimming, riding, and running - five unrelated events - in this order to test endurance as

Pentatlo moderno

Definições e Origens O pentatlo moderno tem seu nome oriundo da Antiga Grécia (composto de corrida de aproximadamente 200 metros, salto em distância, lançamento de dardo, lançamento de disco e luta). Foi idealizado pelo Barão Pierre de Coubertin para ser um esporte que, a exemplo dos Jogos Olímpicos antigos, exaltava o atleta completo, sendo, afinal, introduzido nos Jogos Olímpicos de Estocolmo, em 1912. A versão original apareceu nos Jogos Olímpicos de 708 AC para aproximar a forma de vida guerreira Espartana, quando então, as provas eram realizadas num só dia e tinham caráter eliminatório. Todos iniciavam com a prova de salto em distância e deveriam superar determinada marca. Os que conseguiam superar passavam adiante, para a prova de lançamento do dardo. Os quatro melhores habilitavam-se para a prova de corrida de aproximadamente 200 metros. Os três melhores na corrida iam para o lançamento de disco em que os dois melhores disputavam a prova final, que era a luta similar atual à luta greco-romana. O vencedor era ovacionado e declarado como atleta mais completo dos Jogos.

O Barão Pierre de Coubertin estava pessoalmente empenhado no retorno do pentatlo aos Jogos. Ele pensou em estimular as relações entre países e assegurar a paz, fazendo com que soldados dos exércitos do mundo inteiro achassem algum interesse comum em uma saudável e estimulante disputa desportiva. Para formar o "novo" pentatlo, o Barão se valeu da história de um mensageiro militar, à época de Napoleão, que recebe a missão de entregar uma mensagem tendo de passar pelas linhas inimigas, montando um cavalo desconhecido através de terreno acidentado e com muitos obstáculos. O mensageiro é interceptado e tem seu cavalo ferido, tendo que atirar contra os inimigos. Quando a munição acaba e o soldado é alcançado, ele é forçado a duelar com uma espada. Após desvencilhar-se, atravessa um rio a nado e corre até o final do seu destino para cumprir com a missão. Desde 1909, tentou-se introduzir o pentatlo no Programa Olímpico. Após duas tentativas, na 14ª sessão do Comitê Olímpico Internacional, em Budapest, em 1911, o COI aceita a proposição de incluir o pentatlo moderno no programa de 1912, em Estocolmo, consistindo de provas conjugadas de tiro, natação, esgrima, hipismo e corrida.

Existem, todavia, razões simbólicas envolvendo o ressurgimento do pentatlo: os cinco aros relacionados aos cinco continentes na simbologia Olímpica moderna proposta por Coubertin assemelham-se ao símbolo do oráculo de Delphos da antigüidade grega, sugerindo que a sacralização da ordem quántupla constituía uma busca de um ideal de atleta. Em termos mais explícitos, Coubertin, ao imaginar a prova de Pentatlo Moderno, descreveu-a como uma forma de *"testar as qualidades morais do homem, suas potencialidades físicas e habilidades motoras, produzindo com isto o ideal do atleta completo"*. Repetiu-se, então, uma das formulações de Aristóteles no século V AC: *"Os esportistas mais perfeitos são os pentatletas, porque em seus corpos força e velocidade estão combinadas em perfeita harmonia"*. Em resumo, Coubertin acreditava que o pentatlo moderno não havia sido proposto para ser um esporte de massa, mas sim uma disciplina esportiva que representasse a educação ideal através do esporte dentro do programa olímpico. Ou seja: quanto mais difícil é uma modalidade, menor será o número de praticantes e melhor será a busca da excelência atlética. No Brasil, a introdução do pentatlo moderno aconteceu também dentro das tradições olímpicas, como se registra a seguir.

1922 Juntamente com as comemorações do Centenário da Independência, foi realizada pela primeira vez, uma competição de

Pentatlo moderno em 1922, no Rio de Janeiro

well as athletic versatility. The sport first appeared on the Olympic program in 1912, in Stockholm. Brazilian modern pentathlon participated for the first time in an international competition in the South American Olympic Games of 1922, which took place in Rio de Janeiro. The Brazilian team went to the Olympic Games in Berlin in 1936. Five years later (1941) the first South-American championship of modern pentathlon was organized in Buenos Ayres and a Brazilian won the bronze medal. Since then the Brazilian team of modern pentathlon has won the first positions in South American competitions. However, in terms of world

Pentatlo moderno

pentatlo moderno no país tendo como vencedor o capitão do Exército Francisco Pereira da Silva Fonseca. Este evento foi incluído no programa dos Jogos Olímpicos Sul-Americanos no Rio de Janeiro, participando então o pentatlo moderno brasileiro de sua primeira competição internacional.

1926 A *Liga de Sports do Exército* (sic) inclui a modalidade no seu calendário esportivo, o que se repetiu em 1928 e 1930.

1932 Ao regressar como dirigente dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, o capitão do Exército Brasileiro Cyro Riograndense de Resende, promove o treinamento da modalidade visando aos Jogos de Berlim, que se realizariam em 1936.

1936 O Brasil participa, pela primeira vez, de uma competição internacional: os Jogos Olímpicos de Berlim, com atletas e técnicos pagando suas despesas (ver tabela adiante).

1941 Realiza-se em Buenos Aires o Iº Campeonato Sul-Americano. O Brasil obtém o 3º lugar individual com Eloy Oliveira Menezes.

1947 Realiza-se no Rio de Janeiro o IIº Campeonato Sul-Americano. O Brasil obtém o 2º lugar por equipes.

1948 Acélio Morrot Coelho vence a prova de esgrima nos Jogos Olímpicos de Londres.

1950 No III Campeonato Sul-Americano em Buenos Aires, Eric Tinoco Marques obtém o primeiro título individual do Brasil em competição internacional.

1951 No III Campeonato Mundial realizado em Hälsimbgörg, na Suécia, Eduardo Leal de Medeiros vence a prova de tiro, fica em 5º lugar individual e o Brasil obtém o 3º lugar por equipes. Este Campeonato Mundial é, sem dúvida, a melhor participação brasileira. Nos primeiros Jogos Pan-Americanos, realizados neste ano, Eric Tinoco Marques sagra-se o primeiro campeão da história dos Jogos.

1952 Aloyzio Alves Borges vence a prova de esgrima nos Jogos Olímpicos de Helsinque.

1953 Realiza-se em Rocas de Santo Domingo, Chile, o IV Campeonato Mundial. Bruno Hermany vence a prova de natação estabelecendo um novo recorde mundial para a prova.

1954 Realiza-se no Rio de Janeiro o V Campeonato Sul-Americano. Eric Tinoco Marques vence a prova individual e o Brasil vence por equipes. A partir deste campeonato inicia-se a hegemonia do Brasil no continente sul-americano.

1955 O Brasil comparece aos Jogos Pan-Americanos da Cidade do México, sem obter resultados expressivos na modalidade.

1956 Realiza-se em Montevidéu o VI Campeonato Sul-Americano. Nilo Jaime Ferreira vence a prova individual e o Brasil vence por equipes. A seleção nacional viaja para os Estados Unidos para treinar e competir num evento Mundial. Participação nos Jogos Olímpicos de Melbourne.

1957 A seleção nacional viaja aos Estados Unidos novamente, para treinar e competir.

1958 Realiza-se no Rio de Janeiro o VII Campeonato Sul-Americano, e o Brasil ganha o título por equipe.

Pentatlo moderno em 1958, no Rio de Janeiro

championships, the Brazilian athletes who have been abroad have had few favorable results and in some of the five events (see tables below). In 2003, the Brazilian team of modern pentathlon won the silver medal in the Pan-American Games of Santo Domingo and managed to qualify two athletes for the Olympic Games of Athens in 2004 (a man and a woman). Women competed in modern pentathlon for the first time in Olympic Games in Sydney 2000. Today's situation of modern pentathlon is characterized by a new boost in the discipline with renewal of athletes and more participation of women.

Pentatlo moderno

1959 Na cidade de San Antonio, Texas, Estados Unidos, realiza-se o Campeonato Mundial. Wenceslau Malta vence a prova de equitação.

1960 O Brasil representa-se nos Jogos Olímpicos de Roma com uma equipe completa, tendo como melhor resultado o 27º lugar obtido por Justo B. Santiago.

1963 Realizam-se em São Paulo os Jogos Pan-Americanos. A prova de pentatlo moderno é realizada na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende-RJ. José Wilson Pereira vence a prova de natação e estabelece novo recorde mundial para a prova. Brasil obtém a medalha de prata por equipes.

1964 Nos Jogos Olímpicos de Tóquio houve a participação de apenas um atleta, José Wilson Pereira, obtendo o 28º lugar. Não houve participações brasileiras em competições internacionais no período de 1964 até 1969.

1969 O Exército forma uma delegação de atletas para competir no Campeonato Mundial Militar do *Conseil International du Sport Militaire*-CISM, incentivados pelo então Coronel Eric Tinoco Marques, ex-pentatleta e comandante da Escola de Educação Física do Exército. A delegação é composta por especialistas de cada prova tendo Justo Botelho como técnico, e Tolentino Paz da Silva, Mauro Patrício Barroso, Sérgio Fett Sparta de Souza e Arthur Cramer Ribeiro como atletas. Ainda em 1969, o Presidente da Confederação Brasileira de Desportos-CBD, João Havelange, envia ao Mundial na Hungria Eric T. Marques como técnico e Sergio Sparta como atleta.

1970 O Brasil participa do Mundial em Warendorf, Alemanha Ocidental, com uma delegação completa. Mauro Barroso vence a prova de hipismo. Novo período sem atividades do pentatlo moderno no Brasil até que, em 1979, Sergio Fett Sparta de Souza assume a Diretoria de Pentatlo Moderno da Confederação Brasileira de Desportos Terrestres, recentemente criada, oriunda da mudança na legislação e conseqüente desmembramento da Confederação Brasileira de Desportos - CBD.

1979 Reiniciam-se as atividades de pentlato moderno no Brasil, por meio de uma prova realizada em Resende-RJ, na Academia Militar das Agulhas Negras.

1980 Em novembro acontece uma prova nacional na cidade de Resende-RJ.

1981 No Rio de Janeiro, o Brasil organiza uma competição internacional com a presença da representação do Chile.

1982 A convite da União Internacional de Pentatlo Moderno e Biatlo, o Brasil envia Ricardo de Almeida Castillo ao Campeonato Mundial Adulto em Roma. Volta do Brasil ao cenário de Campeonatos Mundiais.

1983 São retomados os Campeonatos Sul-Americanos. No Chile, Ricardo de Almeida Castillo fica em 3º lugar individual e o Brasil fica em 3º lugar por equipes.

1984 Organiza-se uma Prova Internacional no Rio de Janeiro com a presença de atletas de Portugal e Chile. Brasil fica em 2º por equipes e a melhor colocação individual fica com Ricardo A. Castillo, em 4º lugar.

1985 Paulo Ferreira Horn obtém o vice-campeonato Pan-Americano, realizado no Chile, e faz a melhor marca (recorde) Sul-Americana. O Brasil fica em segundo por equipes.

1986 Campeonato do Mundo em Montecatini – Itália, com participação de Ricardo de Almeida Castillo obtendo o 46º lugar, Paulo Ferreira Horn em 52º, Lílian Cristina Martins em 48º e Jaqueline Pirichinski em 48º, além de quatro técnicos. Em Porto Alegre realiza o segundo Campeonato Pan-Americano de Pentatlo Moderno e o Brasil fica em segundo lugar por equipes.

1987 Participação de Ricardo A. Castillo no XXX Campeonato Mundial em Moulins, França.

1988 Em Porto Alegre, Carlos Alberto Selistre consegue qualificação para os Jogos Olímpicos de Seul, porém o Comitê Olímpico Brasileiro decide não ter representação da modalidade.

1989 No Brasil organiza-se novamente, em Porto Alegre, o III Campeonato Pan-Americano, com a representação brasileira obtendo o 2º lugar por equipes. Saindo do eixo Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, São Paulo qualifica um atleta, Sandro Moreira, para o Campeonato Mundial em Budapest, Hungria.

1990 O Brasil comparece ao Campeonato Pan-Americano de Pentatlo Moderno em San Antonio, Texas, EUA.

1991 O Brasil comparece ao Campeonato Pan-Americano de Pentatlo Moderno na Cidade do México.

Década de 1990 Em 1992 realiza-se, no Rio de Janeiro, um Torneio Pré-Olímpico, porém não há brasileiros qualificados. Neste período houve um interstício de atletas com nível para obter índices internacionais. Em 1993 não foram realizadas competições no Brasil e, em 1994, é realizado o Campeonato Brasileiro no Rio de Janeiro com apenas 6 atletas. No ano seguinte é retomada a realização sistemática de competições no país, porém torna-se evidente a descontinuidade que já ocorrera na década anterior quanto ao ritmo de competições e intercâmbio internacional. Mesmo diante das dificuldades, Niltom Rolim Filho vence o Campeonato

Sul-Americano no Chile, em 1996, e uma delegação brasileira comparece ao Campeonato Mundial em Sofia na Bulgária, em 1997. Em 1998, o Brasil fica em 2º lugar no Campeonato Sul-Americano realizado em Santiago do Chile. Finalmente, em 1999, o pentatlo moderno retorna ao programa dos Jogos Pan-Americanos em Winnipeg, no Canadá, com o envio dos atletas Niltom Rolim Filho, Daniel Vargas dos Santos, Gisela Ferraz e Roberta Doernte Sant'Anna. É a primeira competição feminina em Jogos Pan-Americanos; Niltom Rolim Filho vence o Campeonato Sul-Americano neste ano.

2000 A União Internacional de Pentatlo Moderno-UIPM solicita ao Comitê Olímpico Brasileiro a criação de uma Confederação específica do pentatlo moderno e não eclética como estava até então, vinculada à Confederação Brasileira de Desportos Terrestres-CBDT.

2001 No Campeonato Pan-Americano realizado em Havana, Cuba, o Brasil fica em 2º lugar na prova de revezamento, com os atletas Juliano Gonçalves, Daniel Vargas dos Santos e Niltom Rolim Filho. Niltom Rolim Filho vence o Campeonato Sul-Americano. Neste ano são fundadas três federações estaduais, no Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Distrito Federal. No dia 21 de outubro é fundada a Confederação Brasileira de Pentatlo Moderno.

2002 Samantha Harvey obtém a melhor colocação feminina em Campeonatos do Mundo, 31º lugar em São Francisco, USA.

Situação atual A Confederação Brasileira de Pentatlo Moderno-CBPM, com sede no Rio de Janeiro e filiada ao Comitê Olímpico Brasileiro, é a entidade responsável nacionalmente pelo desenvolvimento, coordenação, fiscalização e organização do esporte no país. A CBPM inclui federações esportivas nos estados do Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco e no Distrito Federal. Atualmente existem aproximadamente 300 praticantes da modalidade no país, concentrados principalmente

nos estados do Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. O Brasil, em 2003, conseguiu qualificar dois atletas para os Jogos Olímpicos de Atenas em 2004, através de Daniel Vargas dos Santos e Samantha Harvey, que também obtiveram a medalha de prata nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo. A última participação do Brasil em Jogos Olímpicos havia sido há 39 anos em Tóquio. Eduardo Montella Carvalho venceu o Campeonato Sul-Americano e estabelece a melhor marca no continente, com 5.456 pontos. O Brasil venceu ainda a competição de revezamento com Eduardo Montella Carvalho, Daniel Vargas dos Santos e Niltom Rolim Filho. São fundadas mais duas federações estaduais: Pernambuco e São Paulo. Em resumo, a fase atual caracteriza-se por haver um novo impulso na modalidade, com renovação de atletas e maior peso na participação feminina.

Fontes Escola de Educação Física do Exército. Manual de Pentatlo Moderno – regras. Rio de Janeiro, s.d.; Federazione Italiana de Pentathlon Moderno. Storia. Roma. 2003, disponível em www.fipm.it/fipm_storia.asp acesso em 30 de nov. 2003; Roberti, Roberto. Pentathlon. Milão, Itália: ed Sperling & Kupfer, 1958; Rocha, Anísio S. Os pioneiros do pentatlo moderno do Brasil e as participações de delegações em competições internacionais (1936-1964). Boletim Informativo ASEFEX, Rio de Janeiro; p. 8-10; nov/dez. 1998; Rodrigues, Osiris C.L. Eric Tinoco Marques: referência como atleta e dirigente. Boletim Informativo ASEFEX, Rio de Janeiro, n. XII, n. 42, p. 10-11; mai/jun. 2001; União Internacional de Pentatlo Moderno. História. Monaco, 2003. disponível em www.pentathlon.org/history_of.cfm acesso em de 30 de nov. 2003; Arquivos pessoais de José Uchoa Resende, Niltom Rolim Filho, Ricardo de Almeida Castillo, Sérgio Fett Sparta de Souza e Sílvio Dadia Sampaio; Arquivos da Federação Gaúcha de Pentatlo Moderno; Agradecimentos especiais: José Uchoa Resende, Sérgio Fett Sparta de Souza, Sílvio Dadia Sampaio e André Sena de Albuquerque.

Pentatlo moderno – Participação feminina

Modern pentathlon – Women's participation

O pentatlo moderno feminino teve seu ingresso em Campeonatos do Mundo em Londres no ano de 1981 e nos Jogos Olímpicos de Sydney em 2000. O Brasil teve sua primeira prova em junho de 1983 no Rio de Janeiro, com a participação de 6 atletas.

1983 Sônia Maria Moraes Santos obteve o 4º lugar no I Campeonato Sul-Americano Feminino, realizado em Santiago do Chile.

1984 Carla Dondeo foi vice-campeã sul-americana.

1985 O Brasil participa pela primeira vez de um Campeonato Mundial realizado em Montreal, Canadá.

1986 Com uma equipe bem melhor preparada e estruturada, o Brasil participa do Mundial em Montecatini, Itália. Após este período não houve participações relevantes. A modalidade para as mulheres ficou em segundo plano em praticamente todos os países da América do Sul.

1994 Houve um Campeonato Sul-Americano no Chile, com o Brasil ficando em 5º lugar individual.

1999 Roberta Doernte Sant'Anna fica em 2º lugar no Campeonato Sul-Americano em Santiago, no Chile.

2002 Roberta D. Sant'Anna vence o Sul-Americano realizado em Buenos Aires, na Argentina, e Samantha Harvey, norte-americana de nascimento e naturalizada brasileira, compete pelo Brasil no Campeonato Mundial Feminino realizado em São Francisco, Estados Unidos, passando para a final e obtendo a 31ª colocação.

2003 O Brasil envia uma equipe completa ao Campeonato Mundial em Pesaro, Itália, sem que nenhuma atleta passe para a final. Samantha Harvey obtém a medalha de prata nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo e também a vaga para os Jogos Olímpicos de Atenas.

Participações e desempenho da Seleção Nacional em eventos internacionais

Participation and performance of the National Team in international events

Shooting (tiro), fencing (esg), swimming (nat), riding (hip), and running (cor)

Campeonatos Sul-Americanos / South American championships

I CAMPEONATO SULAMERICANO - 1941 - Buenos Aires		
NOMES	FUNÇÃO	RESULTADO
Eloy Oliveira Menezes	Atleta	3º
Anísio da Silva Rocha	Atleta	7º
Syrto de Andrade Ninô	Atleta	-X-

II CAMPEONATO SULAMERICANO - 1947 - Rio de Janeiro			
NOMES	FUNÇÃO	RESULTADO INDIVIDUAL	RESULTADO EQUIPE
Eric Tinoco Marques	Atleta	6º	2º
Eduardo Leal de Medeiros	Atleta	8º	
José Escobar Beviláqua	Atleta	10º	

III CAMPEONATO SULAMERICANO - 1950 - Buenos Aires		
NOMES	FUNÇÃO	RESULTADO
Eric Tinoco Marques	Atleta	1º

V CAMPEONATO SULAMERICANO - Rio de Janeiro - 1954								
NOMES	FUNÇÃO	Resultado Individual	Resultados Equipe	Tiro	Esg	Hip	Nat	Cor
Brenno Vignoli	Atleta	2º	1º	8º	8º	9º	1º	1º
Oswaldo Uchoa Resende	Atleta	3º	1º	2º	10º	11º	3º	4º
Wenceslau Malta	Atleta	5º	1º	4º	6º	17º	4º	5º
Augusto C. Rocha Maia	Atleta	6º	1º	10º	1º	18º	2º	6º

Campeonatos Sul-Americanos / South American championships (continuação)

CAMPEONATO SULAMERICANO - Santiago, Chile - 1983								
NOMES	FUNÇÃO	Resultado Individual	Resultado por prova					
			Resultados Equipe	Tiro	Esg	Hip	Nat	Cor
Ricardo de A. Castillo	Atleta	3°	3°	15°	13°	3°	7°	5°
Lorenzo Martin	Atleta	8°	3°	22°	3°	17°	1°	8°
Sebastião Rosa Filho	Atleta	17°	3°	14°	22°	19°	2°	21°
Paulo F. Horn	Atleta	19°	3°	24°	17°	9°	17°	1°
Paulo Amaral	Atleta	18°	6°	20°	10°	7°	20°	6°
Nilo Martin	Atleta	21°	6°	19°	3°	22°	3°	11°
Cléber Camerino	Atleta	22°	6°	18°	13°	22°	4°	13°
Marco A. Soares	Atleta	24°	6°	21°	23°	22°	24°	4°
Sônia Santos	Atleta	4ª	2ª	5°	3ª	5ª	4ª	7ª
Edilizia Abreu	Atleta	8ª	2ª	3ª	9ª	8ª	11ª	3ª
Lílian Cristina Martins	Atleta	9ª	2ª	11ª	4ª	1ª	9ª	9ª
Carla Dondeo	Atleta	10ª	2ª	5ª	10ª	10ª	7ª	10ª
Patrícia Dondeo	Atleta	11ª	X	9ª	5ª	10ª	10ª	11ª

Jogos Pan-Americanos / Pan-American Games

O Brasil participou de 6 Jogos, dos sete que foram organizados. Teve o primeiro campeão em 1951 e ganhou também em 1959. Foi medalha de prata por equipes em 1951, 1959 e 1963 e individual feminino em 2003.

JOGOS PAN-AMERICANOS - 1951 - Buenos Aires				
NOMES	FUNÇÃO	Resultado Individual	Resultado por equipes	
Rui Pinto Duarte	Chefe de Equipe			
Salli Szajnberger	Técnico			
Eric Tinoco Marques	Atleta	Campeão Individual	2°	
Aloyzio Alves Borges	Atleta		2°	
Eduardo Leal de Medeiros	Atleta		2°	
Edgar Manoel Espalter Brilhante (4/8/1922 - 29 anos)	Atleta		2°	

JOGOS PAN-AMERICANOS - 1955 - Cidade do México							
NOMES	FUNÇÃO	Resultado	Resultado por prova				
			tiro	Esg.	Nat.	Hip.	Cor.
Airton Salgueiro Freitas	Chefe de equipe	4° equipes					
Augusto César de Sá Rocha Maia	Atleta	17°	18°	17°	18°	15°	15°
Breno Vignoli (26/3/1929 - 26 anos)	Atleta	12°	16°	10°	1°	17°	10°
Wenceslau Malta (15/12/1931 - 24 anos)	Atleta	13°	5°	14°	12°	2°	14°
Eric Tinoco Marques		Não competiu					

JOGOS PAN-AMERICANOS - 1959 - Chicago - Estados Unidos							
NOMES	FUNÇÃO	Resultado	Resultado por prova				
			tiro	Esg.	Nat.	Hip.	Cor.
Antônio Pires de Castro Filho	Chefe de Equipe	2° por equipes					
Eric Tinoco Marques	Técnico						
Wenceslau Malta (15/12/1931 - 28 anos)	Atleta	1°	5°	1°	9°	2°	9°
Breno Vignoli (26/3/1929 - 26 anos)	Atleta	12°	10°	14°	1°	14°	5°
José Wilson Pereira (9/1/1935 - 24 anos)	Atleta	6°	7°	7°	7°	9°	6°
Justo Botelho Santiago (20/10/1935 - 24 anos)	Atleta		Reserva				

JOGOS PAN-AMERICANOS - 1963 - São Paulo - Brasil							
NOMES	FUNÇÃO	Resultado	Resultado por prova				
			tiro	Esg.	Nat.	Hip.	Cor.
Rui Pinto Duarte	Chefe de Equipe	2° por equipes					
Wenceslau Malta (15/12/1931 - 32 anos)	Técnico						
José Wilson Pereira (9/1/1935 - 28 anos)	Atleta - igualou o Recorde Mundial da Natação	4°	2°	4°	1°	3°	6°
Justo Botelho Santiago (20/10/1935 - 28 anos)	Atleta	5°	8°	4°	4°	4°	4°
Nilo Jaime Ferreira Silva (24/11/1932 - 31 anos)	Atleta	6°	9°	4°	8°	8°	3°
Sálvio da Costa Lemos (25/7/1933 - 30 anos)			Reserva				

JOGOS PAN-AMERICANOS - 1999 - Winnipeg - Canadá		
NOMES	FUNÇÃO	Resultado
Héber Garcia Portella	Chefe de Equipe / Técnico	
Marcelo da Silva Gonçalves	Técnico	
Nilton Gomes Rolim Filho	Atleta	8°
Roberta Doernte de Sant'anna	Atleta	8°
Gisela Nascimento Ferraz	Atleta	9°
Daniel Vargas dos Santos	Atleta	Não competiu

JOGOS PAN-AMERICANOS - 2003 - Santo Domingo - República Dominicana							
NOMES	FUNÇÃO	Resultado	Resultado por prova				
			tiro	Esg.	Nat.	Hip.	Cor.
Samantha Coleste Harvey	Atleta	2°	976	1000	1184	1072	1024
Roberta Doernte de Sant'anna	Atleta	10°	520	800	1268	1144	520
Daniel Vargas dos Santos	Atleta	6°	952	1000	1192	1032	896
Eduardo Augusto Montella de Carvalho	Atleta	10°	784	648	1272	1060	928
Oswaldo Noguti Filho			Chefe de Equipe				
Evandro Cintra Vidal Filho			Técnico				
Sylvino Tadeu Veloso Lyra			Técnico				
Ricardo de Almeida Castillo			Técnico				
Gisela Nascimento Ferraz			Técnica				

Jogos Olímpicos / Olympic Games

JOGOS OLÍMPICOS DE BERLIM - 1936 (42 participantes)							
NOMES	FUNÇÃO	Resultado	Resultado por prova				
			tiro	Esg.	Nat.	Hip.	Cor.
João Franco Pontes*	Chefe de Equipe						
Nelson de Oliveira Tinoco	Técnico						
Guilherme Cathamy Filho*	Atleta	36°	38°	31°	28°	26°	40°
Rui Pinto Duarte	Atleta	37°	40°	36°	23°	35°	33°
Anísio da Silva Rocha	Atleta	39°	33°	27°	39°	41°	30°

* Foram pagando suas despesas

JOGOS OLÍMPICOS DE LONDRES - 1948 (45 participantes)							
NOMES	FUNÇÃO	Resultado	Resultado por prova				
			tiro	Esg.	Nat.	Hip.	Cor.
Silvio Américo Santa Rosa	Chefe de Equipe						
Ayrton Salgueiro Freitas	Técnico						
Acélio Morrot Coelho	Atleta	30°	33°	1°	6m47s	15°	17m34s
Aloysio Alves Borges (18/12/1917 - 31 anos)	Atleta	38°	36°	26°	4m40s	33°	X
Hamilton Soares Berford	Atleta	43°	40°	43°	45°	37°	45°

JOGOS OLÍMPICOS DE HELSINQUE – 1952							
NOMES	FUNÇÃO	Resultado	Resultado por prova				
			tiro	Esg.	Nat.	Hip.	Cor.
Antonio Pires de Castro Filho	Chefe de Equipe						
Ayrton Salgueiro Freitas	Técnico						
Eduardo Leal Medeiros	Atleta	10°	5°	24°	2°	23°	26°
Aloysio Alves Borges (18/12/1917 – 35 anos)	Atleta	21°	39°	1°	21°	30°	22°
Eric Tinoco Marques	Atleta	29°	30°	18°	15°	44°	28°

JOGOS OLÍMPICOS DE MELBOURNE – 1956							
NOMES	FUNÇÃO	Resultado	Resultado por prova				
			tiro	Esg.	Nat.	Hip.	Cor.
Antonio Pires de Castro Filho	Chefe de Equipe						
Nilo Jayme da Silva (24/11/1932 – 24 anos)	Atleta	33°	Na prova de hipismo sofreu uma queda e teve uma luxação na articulação do ombro				
Salvio da Costa Lemos (25/7/1933 – 23 anos)	Atleta	27°	19°	26°	25°	21°	30°
Wenceslau Malta (15/12/1931 – 25 anos)	Atleta	31°	19°	11°	29°	33°	26°

JOGOS OLÍMPICOS DE ROMA – 1960							
NOMES	FUNÇÃO	Resultado	Resultado por prova				
			tiro	Esg.	Nat.	Hip.	Cor.
Antonio Pires de Castro Filho	Chefe de Equipe						
Eric Tinoco Marques	Técnico						
Justo Botelho Santiago (20/10/1935 – 21 anos)	Atleta	27°	22°	24°	17°	50°	20°
Wenceslau Malta (15/12/1931 – 29 anos)	Atleta	32°	12°	40°	43°	17°	32°
José Wilson Pereira (9/1/1935 – 25 anos)	Atleta	50°	30°	52°	20°	56°	33°

JOGOS OLÍMPICOS DE TÓQUIO – 1964							
NOMES	FUNÇÃO	Resultado	Resultado por prova				
			tiro	Esg.	Nat.	Hip.	Cor.
José Wilson Pereira (9/1/1935 – 29 anos)	Atleta	28°	16°	22°	16°	36°	33°

Campeonatos Mundiais / World Championships

III CAMPEONATO MUNDIAL – Hälsingborg, Suécia – 1951 (27 concorrentes)							
NOMES	FUNÇÃO	Resultado	Resultado por prova				
			tiro	Esg.	Nat.	Hip.	Cor.
Eric Tinoco Marques	Atleta	3°					
Eduardo Leal de Medeiros	Atleta	5° lugar por equipes	1°	5°	2°	15°	21°
Aloysio Borges	Atleta	BRONZE					

IV CAMPEONATO MUNDIAL – Roca de Santo Domingo, Chile – 1953							
NOMES	FUNÇÃO	Resultado	Resultado por prova				
			tiro	Esg.	Nat.	Hip.	Cor.
Hélio Costa	Chefe de Equipe						
Eduardo Leal de Medeiros	Técnico						
Eric Tinoco Marques	Atleta						
Oswaldo Uchoa Resende (19/1/1930 – 23 anos)	Atleta	13°	3°	11°		7°	
Bruno Hermany	Atleta				1°		

XVI CAMPEONATO MUNDIAL – Budapest, Hungria – 1969	
NOMES	FUNÇÃO
Eric Tinoco Marques	Chefe de Delegação/técnico
Sérgio Fett Sparta de Souza	Atleta

XVII CAMPEONATO MUNDIAL – Warendorf, Alemanha Ocidental – 1970							
NOMES	FUNÇÃO	Resultado	Resultado por prova				
			Tiro	Esg.	Nat.	Hip.	Cor.
João Costa	Chefe de Delegação						
Justo Botelho	Técnico						
Tolentino Paz da Silva	Atleta						
Mauro Patrício Barroso	Atleta					1°	
Sérgio Fett Sparta de Souza	Atleta						
Arthur Telles Cramer Ribeiro	Atleta						

XXVI Campeonato do Mundo – Roma, Itália - 1982							
NOMES	FUNÇÃO	Resultado	Resultado por prova				
			Tiro	Esg.	Nat.	Hip.	Cor.
Ricardo de Almeida Castillo	Atleta	58°	362	382	968	0	862

XXIX Campeonato do Mundo – Montecatini, Itália - 1986							
NOMES	FUNÇÃO	Resultado col./pont.	Resultado por prova				
			Tiro	Esg.	Nat.	Hip.	Cor.
Ricardo A. Castillo (total de 66 competidores)	Atleta	46° - 3813	450	473	1040	826	1024
Paulo F. Horn	Atleta	50° - 3387	472	626	944	0	1345
Jaqueline Pirichinski (total de 48 competidoras)	Atleta	44ª - 3942	736	563	880	848	915
Lílian Cristina Martins	Atleta	48ª - 2953	846	655	752	0	700

XXX Campeonato do Mundo – Moulins, França – 1987 (70 concorrentes)							
NOMES	FUNÇÃO	Resultado col./pont.	Resultado por prova				
			Tiro	Esg.	Nat.	Hip.	Cor.
Ricardo de Almeida Castillo	Atleta	68° - 3427	384	584	960	790	709

Pré-Olímpico – Porto Alegre, Brasil - 1988							
NOMES	FUNÇÃO	Resultado	Resultado por prova				
			Tiro	Esg.	Nat.	Hip.	Cor.
Carlos Alberto L. Selistre	Atleta	3° - 5068	890	1150	796	1100	1132
Sandro Moreira	Atleta	5° - 4989	714	850	1064	1070	1291

Campeões Brasileiros adultos de pentatlo moderno

Brazilian Championship of Modern Pentathlon – winners (adults)

Ano year	Campeão masculino men	Campeã feminina women	Local place
1982	Geraldo Gomes de Mattos Filho	Não houve a competição	Rio de Janeiro
1983	Kléber Caldas Camerino	Lílian Cristina Xavier Martins	Rio de Janeiro
1984	Paulo Ferreira Horn	Carla Dondeo	Rio de Janeiro
1985	Paulo Ferreira Horn	Carla Dondeo	Rio de Janeiro
1986	Ricardo de Almeida Castillo	Jaqueline Pirichinski	Rio de Janeiro
1987	Ricardo de Almeida Castillo	Não houve a competição	São Paulo
1988	Sandro Andrade	Não houve a competição	Porto Alegre
1989	Sandro Andrade	Não houve a competição	São Paulo
1990	Ricardo de Almeida Castillo	Não houve a competição	São Paulo
1991	Ricardo de Almeida Castillo	Não houve a competição	São Paulo
1992	Não houve a competição		
1993	Não houve a competição		
1994	Niltom Rolim Filho	Roberta Doernte Sant'Anna	Rio de Janeiro
1995	Airton de Oliveira Cardoso	Não houve a competição	Porto Alegre
1996	Niltom Rolim Filho	Não houve a competição	Rio de Janeiro
1997	Héber Garcia Portela	Não houve a competição	Rio de Janeiro
1998	Daniel Vargas dos Santos	Não houve a competição	Rio de Janeiro
1999	Niltom Rolim Filho	Roberta Doernte Sant'Anna	Rio de Janeiro
2000	Daniel Vargas dos Santos	Não houve a competição	Rio de Janeiro
2001	Niltom Rolim Filho	Não houve a competição	Rio de Janeiro
2002	Daniel Vargas dos Santos	Samantha Harvey	Rio de Janeiro
2003	Niltom Rolim Filho	Clarisse Menezes	Porto Alegre

Canoagem

VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM

Canoeing

Canoeing is a sport done in kayaks, canoes, and wave skis in seas, rivers, lakes, either flatwater, whitewater or wild water. The paddlers' arms provide the physical effort and the rhythm that pushes the canoe on the water. Canoeing became a full medal sport in the Olympic Games of 1936 (Berlin) with both canoe and kayak events. Brazilian canoeing started in the state

Definições e origens A canoagem é o esporte praticado em canoas, caiaques e *waveskis*, indistintamente em mar, rio, lago, águas calmas ou agitadas. O esforço físico é concentrado nos braços e o ritmo impulsiona a embarcação sobre a água. No Brasil, a Confederação Brasileira de Canoagem-CBCA adota a nomenclatura: “canoagem” para determinar a prática e “canoísta” seu praticante (*canoeing* e *kayaking*, em inglês). A “canoas” e o “caiaque” são duas embarcações distintas tanto na origem quanto na forma. A canoa é uma embarcação aberta ou fechada, originária dos índios canadenses, que usa um remo de uma só pá, em que o praticante pode estar sentado ou ajoelhado. O caiaque é uma embarcação fechada, criada pelos esquimós, que usa um remo de duas pás e na qual os praticantes direcionam os movimentos sentados. Os caiaques são os que mais se popularizaram no Brasil. O mais visto ainda hoje é o conhecido “surfinho”, pelo qual passaram muitos dos que praticam a canoagem em onda. Temos também o Turismo, apropriado ao lazer sem finalidade específica. Passamos daí aos caiaques mais especializados: o slalom e o de descida, para águas brancas (corredeiras), e os caiaques de velocidade em águas calmas: K1, K2 e K4 (1, 2 ou quatro remadores).

A evidência arqueológica mais antiga de uma canoa data de seis mil anos, relacionada à civilização suméria, que colonizou o Rio Eufrates, no Oriente Médio. Índios das Américas do Norte e do Sul e nativos da Polinésia também utilizaram este tipo de embarcação. Uma rápida sondagem etimológica faz suspeitar da complexidade das origens: o substantivo canoa é de origem caribenha (do aruaque), enquanto que caiaque é de origem esquimó (*kajak*). No século XVI historiadores registravam a utilização de canoas na América do Norte, utilizando madeira e peles, embarcações leves e rápidas, próprias para enfrentar os rios canadenses, repletos de corredeiras. Já os caiaques eram utilizados pelos esquimós na pesca e transporte. Os caiaques eram formados por uma estrutura de madeira, revestida com pele de foca e calafetada com a gordura das articulações daqueles animais. Atualmente os modernos caiaques e canoas são construídos em resina de poliéster reforçada com fibra de vidro, em sua maioria, ou mesmo em resina epóxi com kevlar ou fibra de carbono, e ainda plástico injetado ou rotomoldado – polietileno. Em 1840, escocês John Mac Gregor, adaptou o conceito de caiaque esquimó a uma embarcação de madeira coberta por tela impermeável, batizada como *rob roy*. Este foi o modelo que predominou nas décadas seguintes e acabou por configurar-se como prática esportiva, isto é, como canoagem na Europa. De 1864 a 1867, Mac Gregor dedicou-se a percorrer rios em vários países, chegando a navegar no Rio Nilo. Em 1865, marcando todo o seu pioneirismo, funda em Londres, o Clube Real de Canoagem. No continente europeu os primeiros caiaques surgiram em 1890, na Suíça e Alemanha. Em princípio para fins excursionistas, e logo depois, para fins competitivos. No Brasil, os primeiros caiaques foram fabricados no início da década de 1940.

1936 A canoagem torna-se um esporte olímpico entrando no programa dos Jogos Olímpicos de Berlim.

Década de 1930 Na Inglaterra, praticantes de canoagem de descida de rios (slalom), começam a treinar as técnicas de remadas e controle do barco em piscinas. Para aprimorar os treinos foi introduzida uma bola para marcar gols no time adversário. Nasce assim o caiaque pólo. Oficializado junto à Federação Internacional de Canoagem-FIC, atualmente são realizados campeonatos regulares em quase todos os países da Europa, Austrália, sudeste da Ásia e África do Sul.

1941 Neste ano, o alemão José Wingen, que competia pelo Kanu Clube, na Alemanha, nos anos de 1930, e que posteriormente fixou

seu clube no Rio Grande do Sul em 1941. *The very first official canoeing competition took place in Rio Preto, Visconde de Mauá-RJ in 1984 and soon after that Brazil became affiliated to the International Canoe Federation, which encouraged Brazil to enter international competitions. Today, canoeing has 100,000 paddlers and the state São Paulo, the largest number of*

residência em Porto Alegre-RS, muda-se para a cidade de Estrela-RS e constrói o primeiro caiaque em terras brasileiras. Este foi o início da fábrica de “regatas”, nome dado ao caiaque naquela região. Mas, somente na década de 1970, a canoagem chega à concepção atual no Brasil.

1948 O sueco Fredikson, vencedor destacado na canoagem dos Jogos Olímpicos de Londres, permanece na liderança até 1960, nas Olimpíadas de Roma.

1967 Primeira aparição da canoagem nos Jogos Pan-Americanos, na edição de Winnipeg, Canadá.

Década de 1960 O waveski, modalidade que une a canoagem e o surfe surge nesta década durante competições de surfe, como equipamento de salva vidas e fiscais de prova. O primeiro campeonato mundial da modalidade aconteceu em 1975.

1972 Nos Jogos Olímpicos de Munique, Alemanha, a modalidade slalom fez sua primeira aparição como esporte de demonstração. Vinte anos depois nos Jogos Olímpicos de Barcelona e nos Jogos de Atlanta, o slalom teve sua presença validada no quadro de medalhas.

1979 Por iniciativa de Leopoldo J. L. Ávila, de São Paulo-SP, o inglês Alan Bye, teórico da canoagem, veio ao Brasil, trazendo na bagagem os pedaços de um caiaque de turismo, típico da década de 1960. Leopoldo chegou a construir, no quintal de sua casa, cerca de duzentos caiaques.

1980 Fundação da Associação Carioca de Canoagem-ACC, primeira entidade oficial da canoagem brasileira.

1982 Primeiro Encontro Nacional de Canoagem em Visconde de Mauá-RJ.

1984 Realização da Primeira Prova Oficial de Canoagem, em Rio Preto, Visconde de Mauá-RJ. A ACC filia-se à Federação Internacional de Canoagem-FIC.

1985 Filiação da ACC ao Consejo Sudamericano de Canoas. Fundação da Associação Brasileira de Canoagem, durante a Primeira Volta da Ilha de Vitória-ES. Sob a presidência de Uwe Peter Kohnen, esta entidade contou com a representação dos estados da Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul.

1988 – 1989 João Tomasini Schwertner assume a presidência da Associação Brasileira de Canoagem-ABC. Em 1989, a canoagem assume oficialmente a representatividade nacional com a fundação da Confederação Brasileira de Canoagem-CBCa, em Visconde de Mauá-Resende-RJ tendo como fundadoras as Federações dos Estados da Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Brasília, Goiás, Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul. Ressalta-se a contribuição de Schwertner para o desenvolvimento do esporte, pois além de suas funções, também era membro e vice-presidente da FIC, e membro da Assembléia do Comitê Olímpico Brasileiro-COB.

1991 O eslovaco Vit Vanicek – que se tornou residente no Brasil e passou a competir internacionalmente pela nova bandeira – conquista o título de hexacampeão eslovaco de canoagem na categoria cadete. Curitiba sedia o Campeonato Mundial Junior de Canoagem. O Brasil participa dos Jogos Pan-Americanos de Havana.

1992 Gustavo Selbach fica em terceiro lugar no Campeonato Mundial Júnior de slalom na Noruega. Nos Jogos Olímpicos de Barcelona, o

canoeists. *The Confederação Brasileira de Canoagem (Brazilian Canoeing Confederation-CBCa) has 2,055 registered athletes: 1,715 men and 340 women. The CBCa includes 10 state federations and 70 associations and clubs today. The Brazilian Permanent Olympic Canoeing Team trains at CBCa's center of excellence in Piraju-SP.*

slalom foi incluído definitivamente no quadro de medalhas. Representando pela primeira vez o Brasil em uma Olimpíada, Sebastian Cuatrin classifica-se em 24º lugar.

1994 Cássio Ramon Petry ficou em terceiro lugar no Campeonato Sul-Americano na categoria C1 slalom. No primeiro Campeonato Mundial de Caiaque pólo realizado em Sheffield, na Inglaterra, 18 países estiveram representados e, entre eles o Brasil.

1995 Sebastián Cuatrin entra para o Guinness Book: primeiro canoísta brasileiro a competir no Mundial de canoagem, Canadá-1989; primeiro canoísta brasileiro em Jogos Pan-Americanos, Cuba-1991; primeiro canoísta brasileiro a competir em Olimpíada, Barcelona-1992; primeiro canoísta a ganhar medalha em Pan-Americano, Argentina-1995; e maior colecionador de primeiros lugares em campeonatos nacionais e internacionais. Realização do primeiro Campeonato Brasileiro de Caiaque Pólo, parte do Segundo Festival Olímpico de Verão, realizado pelo COB. Nos Jogos Pan-Americanos de Mar del Plata, o Brasil conquista o bronze com os atletas Sebastian Cuatrin e Álvaro Koslowski.

1996 Sebastian Dominik Szubski conquista os títulos de campeão Brasileiro e Sul-Americano. Nos XXVI Jogos Olímpicos de Atlanta destacam-se Sebastian Dominik Szubski e Sebastian Ariel Cuatrin. O Estado do Paraná incluiu a Canoagem Slalom, Travessia (Maratona) nos Jogos Mundiais da Natureza, construindo uma pista artificial de slalom em Foz do Iguaçu-PR. A última etapa da Copa Mundial de Slalom, em Três Coroas-RS, conta com a participação de 17 países. O Brasil participa do Campeonato Mundial de Caiaque Pólo disputado em Adelaide, Austrália, classificando-se em 13º lugar. A Companhia de Canoagem, indústria de SP, inova com o desenvolvimento de embarcações exclusivamente para expedições, além de uma literatura técnica específica até então inexistente no país.

1997 Realização do Campeonato Mundial de Slalom, em Três Coroas-RS. A CBCa conta, neste ano, com 60 clubes e associações representando 10 Estados nacionais. No Caiaque Pólo, a Copa Brasil Cersa-Vetrotex competiram 32 equipes masculinas e 4 femininas. Roberta Borsari é campeã brasileira de rafting. Ao longo de sua carreira, Roberta coleciona vários títulos na canoagem de águas brancas. Ela é a primeira mulher a desbravar vários rios no Brasil que apresentam grande grau de dificuldade. Nas canoas havaianas, é a única representante feminina a participar da primeira travessia realizada no Brasil e, no caiaque surfe ainda é a única representante do país nas competições oficiais. No mundial da Escócia, o Brasil conquistou o 3º, 4º e 5º lugares na canoagem em ondas entre 176 atletas de 17 países.

1998 Sebastian Cuatrin vence a Copa do Mundo de Velocidade em 4 categorias e Sebastian Dominik, uma etapa da Copa do Mundo Sênior. Nos Jogos Sul-Americanos no Equador destacam-se Sebastian Cuatrin e Álvaro Koslowski.

1999 No Pan-Americano de Caiaque Pólo em Los Angeles, o Brasil ficou em 1º lugar no masculino (principal e júnior) e 2º lugar no feminino. Criação do Projeto Navegar, idealizado pelo iatista Lars Grael e desenvolvido pelo Ministério dos Esportes. Este projeto incentiva a prática dos esportes náuticos através de aulas de remo, canoagem e vela assistindo atualmente, 5.900 crianças de 12 a 15 anos, em 37 núcleos distribuídos em aproximadamente 19 estados. Criação do Centro Esportivo de Alta Performance-CEAP na cidade de Piraju-SP, onde são realizados os treinos da seleção nacional de canoagem. No XV Campeonato Brasileiro de Velocidade, pela primeira vez uma equipe do norte do país participa desta

modalidade. Representada pela Associação Ecológica de Canoagem e Vela de Belém-AECAVBEL. Esta participação deixa vários registros favoráveis como a participação de portadores de necessidades especiais, participação feminina em canoas canadenses e a integração da região norte às demais regiões do país. A Barra da Tijuca –RJ sedia o Campeonato Mundial de Canoagem em Ondas. Nos XIII Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, o Brasil destaca-se nas provas: K-1 1.000, Sebastian Cuatrin (prata), K-2 1.000, Carlos Campos, Sebastian Cuatrin (prata), K-1 500, Carlos Campos (bronze), K-2 500, Carlos Campos, Sebastian Cuatrin (bronze), K-4 1.000, André Lúcio Caye, Carlos Campos, Roger Caumo, Sebastian Cuatrin (bronze). A partir deste ano começam a ser incluídos atletas da canoagem no Prêmio Brasil Olímpico do COB (Tabela 2).

Década de 1990 O waveski ganha força no Brasil. O Campeonato Mundial de Waveski, realizado em Florianópolis-SC, reuniu cerca de 75 atletas internacionais e 25 brasileiros. Destaque para Rogério Cruz, bi-campeão brasileiro que também é fabricante de pranchas e Maurício Souza, hexa-campeão brasileiro. Contando atualmente com um circuito de Campeonatos Brasileiros, esta modalidade da canoagem, recém-chegada em terras brasileiras, segundo Marcio Silveira (diretor de waveski da CBCA), aponta grande potencial de desenvolvimento e já conta com aproximadamente 300 praticantes no território nacional.

O caiaque pólo é introduzido no Brasil por uma equipe de remadores que participou do mundial em Sheffield e trouxe o aprendizado necessário à sua iniciação. No Torneio Olímpico de Verão, promovido pelo COB, em 1994, esta modalidade reuniu equipes da Europa e América do Sul. Os últimos Campeonatos Brasileiros desta modalidade contaram com a participação de cerca de 30 equipes.

2000 Realização do 4º Campeonato Mundial de Caiaque Pólo em São Paulo. A equipe liderada por Sebastian Cuatrin conquista o primeiro lugar no Campeonato Australiano de Velocidade na categoria K4 Sênior 1000m. Sebastian Dominik Szubski registra pela 13ª vez o título de campeão brasileiro e oito vezes campeão Sul-Americano. Além de sagrar-se tri-campeão na etapa da Copa do Mundo Sênior, Roberta Borsari vence a Copa Brasil de caiaque pólo. Cássio Ramon Petry, colecionador de títulos na categoria C1 Slalom, fica em 14º lugar nas Olimpíadas de Sydney-2000. Realização do Campeonato Sul-Americano de Slalom em Três Canoas-RS e o Sul-Americano de Velocidade em Curitiba, no qual o Brasil destacou-se no quadro de medalhas.

2001 Vit Vanicek vence o Campeonato Brasileiro de Canoagem Oceânica e fica em segundo lugar no Campeonato de Canoagem Maratona. Roberta Borsari é campeã brasileira de Canoas Havaianas pela Equipe Paulistano, e medalha de bronze na Copa Brasil Slalom e no Campeonato Brasileiro deste ano. No Campeonato Brasileiro de Caiaque Pólo, destacam-se as equipes: Equipe SO (SC), no feminino; late Clube Londrina (PR), na categoria sênior e Equipe Tocantins (TO), na categoria cadete. Gustavo Selbach foi campeão

brasileiro de Slalom em Cerquillo-SP. Na Canoagem Maratona a dupla vencedora (K2) foi Luis Almeida e André Caye. Carlos Augusto Campos e André “Deca” Caye, vencem o Campeonato Sul-Americano de Velocidade, em Santiago do Chile.

2002 Nos Jogos Sul-Americanos, com as competições de canoagem realizadas em Curitiba-PR, 69 canoístas participaram do evento representando a Argentina, Bolívia, Chile, Equador, Paraguai, Uruguai e Venezuela. O Brasil conquista 7 medalhas de ouro, 9 de prata e 3 de bronze nesta competição. Realização do XVI Encontro Canoas Ecológicas –ECE, evento esportivo ecológico tradicional em Jaraguá do Sul-SC – travessia de 100km pelo Rio Itapocu entre as cidades de Jaraguá do Sul e Barra Velha, organizado pelo Clube de Canoagem Kentucky – CANOKEN de SC – em que participam aproximadamente 100 canoístas de todo o Brasil. É realizado o primeiro Festival Brasileiro de Ecocanoagem Petrobrás em Florianópolis-SC com 5 modalidades (velocidade, onda, maratona, adaptada e oceânica). O XXXII Campeonato do Mundo de Canoagem Velocidade – Sênior, realizado em Sevilha, Espanha, conta com a participação dos atletas brasileiros: André Borges, Antônio Borges, Carlos Augusto Campos, Roger Caumo, Sebastian Cuatrin, Fábio Demarchi, Lourival Filho, Luis Almeida, Fábio Novaes, Ariela Cesar Pinto, Euvaldo Ramos, Rogério Souza, Sebastian Szubski. Acontece em Aruanã-GO a XIX Travessia do Rio Araguaia. Angra dos Reis-RJ sedia a XXIII Regata Colégio Naval de Canoagem Oceânica. Os canoístas Robinson Ferreira, Felipe Dobbro e Jonatan Maia, todos da categoria Júnior, participam da Regata Internacional de Bochum-Alemanha, que envolveu 72 equipes de 22 países, totalizando 1.600 atletas. No I Festival de Canoagem de Torres-RS, 180 atletas nacionais participaram. Neste evento, estiveram representadas as cidades gaúchas Guaíba, Caxias do Sul, Três Coroas, Gravataí, Santa Maria, Estrela, Pelotas, Montenegro e Bento Gonçalves e, as provas de Kayak Surf e Waveski contaram pontos para o Circuito Brasileiro de Canoagem Onda contando com 50 atletas, representantes dos Estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

2003 Roberta Borsari é a primeira brasileira convocada para o Mundial de Kayak Surf na Irlanda. No Pan-Americano de Slalom realizado em Wassau-EUA, Cassio Petry e Gustavo Selbach conquistaram respectivamente a prata e o bronze. Nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo a equipe brasileira formada por Sebastián Cuatrin, Euvaldo Ramos, Roger Caumo, Fábio Demarchi, Antônio Borges, Rogério Santos, Sebastian Szubski, André Caye e Carlos Campos conquista 3 medalhas de prata, 2 bronze e 1 de ouro. Na Regata do Rio Negro-Argentina, a mais longa do mundo com aproximadamente 336km, Vit Vanicek (K1) conquista um 4º lugar. Neste ano, o caiaque pólo está sendo praticado em mais de 20 cidades e 9 estados a saber: São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás, Brasília, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais.

Situação atual Segundo dados da Federação Paulista de Canoagem, este esporte contabiliza a ordem de 100 mil aficionados no Brasil, sendo o estado de São Paulo o maior aglutinador deste montante. A entidade ressalta ainda que após um longo período de afirmação, o efetivo crescimento da canoagem pode ser pontuado pela criação da CBCA, em 1989, e sua filiação ao COB e FIC. Quanto ao número de atletas, a CBCA registra 2.055 cadastros, sendo 1.715 do sexo masculino e 340 do sexo feminino. Atualmente esta entidade é representada por 10 Federações Estaduais e 70 Associações e Clubes. Em Piraju-SP, o Centro de Excelência Esportiva da CBCA continua operando e já constitui um modelo de apoio à Seleção Olímpica Permanente de Canoagem, dispositivo incentivado pelo COB para melhoria das representações esportivas nacionais. Ao nível mundial, a canoagem é muito popular na Europa, Portugal, Espanha e, principalmente na Inglaterra. Estima-se 2 milhões de praticantes no mundo. Porém, Antonio Carlos Osse, da Companhia da Canoagem e membro da *Wooden Canoe Heritage Association-WCHA* e *Canadian Recreational Canoe Association-CRCA*, acredita que haja um contingente muito maior de pessoas que procuram a prática da canoagem como lazer, hoje conceituada como “canoagem de expedição”. Nesse sentido, ele estima ainda que a prática como lazer seja praticada por 12 milhões de aficionados nos EUA, 9 milhões no Canadá e 3 milhões na Alemanha.

Algumas universidades brasileiras já estão introduzindo este esporte no curso de Educação Física, como a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a Universidade de Caxias do Sul, ambas em parceria com a Federação de Canoagem do Estado do Rio Grande do Sul - FECERGS. Também por iniciativas próprias a mesma oferta tem sido feita pela Universidade do Vale dos Sinos de São Leopoldo-RS e a Universidade Luterana do Brasil de Canoas-RS. A indústria também já produz produtos nacionais como Maxifibra, Brudden, Ygará Brasil, Opium Fiberglass, que tem como diretor e projetista o atleta colecionador de títulos na canoagem, Fábio Paiva (hepta-Campeão Brasileiro de Velocidade, Octa-Campeão Brasileiro de Canoagem Oceânica). Quanto ao trabalho de base, várias escolinhas e projetos são promovidos no Brasil como o Projeto Rema Brasil-SP, que atende aproximadamente 300 crianças e o Projeto Navegar, hoje apoiado pelo Ministério dos Esportes e já descrito na memória de 1999.

Fontes www.zone.com.br/personalidades/robertaborsari; Fernando Calado- Fed RJ- A História da Canoagem no Rio de Janeiro; www.rioradical.com.br; www.ceap-piraju.com.br; www.canoaicf.com; www.ygara.cjb.net/; www.quatrocantos.com; www.cob.org.br; www.caiaquesopium.com.br; Confederação Brasileira de Canoagem – www.cbca.org.br; www.sebastiancuatrin.com.br; www.canoeing.com.br; www.sportweb.com.br; www.webventure.com.br; www.canoepolo.hpg.ig.com.br; www.fpca.esp.br; www.inema.com.br; www.360graus.com.br; www.nossoscampeoes.com.br; Antonio Carlos Osse; www.companhiadecanoagem.com.br; www.revistanauticaonline.com.br

Destaques selecionados do desenvolvimento da canoagem no Brasil, 1941-2003

Selected features of canoeing development in Brazil, 1941-2003



Tabela 1 / Table 1

Modalidades administradas pela CBCA em todo o território nacional ⁽¹⁾

Canoeing denominations according to CBCA in Brazil ⁽¹⁾

Locais: rios, lagos, represas, piscinas e mar

Locations: rivers, lakes, dams and sea

Canoagem Velocidade (4)	Canoagem Slalom (3)	Canoagem Descida (3)
Canoagem Maratona (4)	Canoagem Oceânica (2)	Caiaque Pólo (4)
Canoagem Adaptada (4)	Canoagem em Onda (2)	Rafting (3)

(1) A Canoagem em Onda se divide em duas classes: Caiaque Surfe (tradicional canoagem em ondas) e Waveski. A Canoagem Adaptada, utilizada por pessoas portadoras de necessidades especiais (deficiência física, auditiva, mental e visual); (2) Próprias de Mares e Oceanos; (3) Águas brancas: Slalom, Rafting e Descida; (4) Águas calmas: Velocidade, Adaptada, Maratona e Caiaque Pólo.

Tabela 2 / Table 2

Prêmio Brasil Olímpico – Atletas de destaque na canoagem ^(*)

Olympic Brazil Award – Best athletes in canoeing ^()*

1999	Canoagem	Sebastian Cuattrin
2000	Canoagem – Slalom	Cássio Petry
	Canoagem - Velocidade	Sebastián Cuattrin
2001	Canoagem – Slalom	Gustavo Selbach
	Canoagem - Velocidade	Sebastián Cuattrin
2002	Canoagem – Slalom	Cássio Petry
	Canoagem - Velocidade	Sebastián Cuattrin

(*) Concedido pelo COB aos melhores atletas do ano no Brasil / *Awarded by COB every year to best athletes in Brazil*

Esportes de Inverno I – Ski e Snowboard

CRIS COSTA

Winter sports I – Skiing and snowboarding

Although there are no winter sports in Brazil due to little snow in some southern locations, many Brazilians enjoy these sports and go to the Andes in Chile, the United States and Canada for their training. Today around 30,000 Brazilians participate in winter sports at different levels of performance. Brazil is also represented in the Olympic Winter Games in the disciplines of skiing and snowboarding – described in this chapter – and also in

bobsleigh, skeleton and luge, presented in the next chapter. Brazilian hockey on ice participates only in World Cups and South American Championships. Skiing and snowboarding have together 350 registered athletes while bobsleigh, skeleton and luge put together 245 athletes also registered for national and international championships. The involvement of Brazilians in winter sports started with sportsman Santos Dumont, the

inventor of the airplane, who developed a machine to help skiers go up the hills. The first Brazilian club of winter sports was created in 1959 and the participation of Brazilian athletes in competitions of the International Ski Federation-FIS started in 1966. Since then the participation of Brazilian teams in international competitions have become regular with only few significant results.

Origens Já foram celebrados 80 anos dos Jogos Olímpicos de Inverno, mas sua história começa no início do século XX. Em 1901 foram realizados os primeiros “Jogos Nórdicos”, em Estocolmo, Suécia. Em 1908 ocorreram as primeiras competições de patinação artística (*figure skating*) dentro dos Jogos Olímpicos, em Londres. Em 1924, na ocasião dos Jogos de Paris, a Semana dos Esportes de Inverno, em Chamonix, é registrada como os Primeiros Jogos Olímpicos de Inverno apesar deste evento ter sido oficialmente incluído no calendário olímpico um ano mais tarde. No Brasil a primeira instituição a se interessar pelos esportes de inverno foi o Clube Alpino Paulista-CAP, sediado em São Paulo-SP, que no início da década de 1960, ao constatar o destaque de alguns jovens brasileiros em competições regionais de Ski da Europa e América do Sul, solicitou ao Conselho Nacional de Desportos-CND permissão para representar o Brasil junto à *Fédération Internationale de Ski / International Ski Federation-FIS*, com sede na Suíça. Hoje, há três confederações que lidam com esportes de inverno no Brasil, sendo duas filiadas ao Comitê Olímpico Brasileiro-COB. No presente capítulo, o foco central reside nas modalidades ski e snowboard, supervisionadas pela Confederação Brasileira de Desportos na Neve-CBDN. Já o capítulo que se segue focaliza as modalidades de *bobsled*, *skeleton* e *luge*, atualmente dirigidas pela Confederação Brasileira de Desportos no Gelo-CBDG. Estas cinco modalidades constituem as de representação nacional quando da interveniência do COB, basicamente relacionadas aos Jogos Olímpicos. De resto, a terceira confederação de esportes de inverno é a Confederação Brasileira de Hóquei no Gelo-CBHG (ver destaque abaixo), participante apenas de Copas do Mundo e Campeonato Sul-Americanos deste esporte, fora da alçada do COB.

1928 Pertence a Santos Dumont o primeiro registro de memória envolvendo brasileiros no desenvolvimento dos esportes de inverno: neste ano ele inventou uma máquina composta de motor e hélice que, presa ao dorso de esquiadores, diminuía o peso corporal e facilitava a subida de encostas. Note-se que o inventor do avião era praticante regular de ski na Suíça.

1966 Domingos Giobbi, fundador do Clube Alpino Paulista em 1959, dedica seus esforços para cadastrar a entidade junto à FIS. De 1966 a 1989 esta associação esportiva representou atletas brasileiros nas atividades da FIS.

1966 Primeira participação da equipe brasileira, representada pelo CAP, no campeonato mundial de Portillo, no Chile.

1969 Francisco Giobbi se classifica como vice-campeão latino-americano na prova de Ski Combinado Alpino.

1986 Primeiro Campeonato Brasileiro de Ski, em Termas de Chillan, Chile.

1989 Fundada a Associação Brasileira de Ski-ABS, reconhecida pelo CND e filiada ao Comitê Olímpico Brasileiro-COB e à FIS. Neste mesmo ano os Campeonatos Brasileiros foram incluídos no calendário oficial da FIS.

1990 Participação brasileira nos 1^{os} Jogos Pan-Americanos de Inverno em Las Leñas, Chile.

1992 Participação brasileira nos Jogos Olímpicos de Inverno de Albertville, França, em 1992.

1994 A ABS passou a representar também o Snowboard.

1995 Primeira participação brasileira no Campeonato Mundial de Snowboard, em Lienz.

1995 Realização do 1^o Campeonato Brasileiro de Snowboard.

1996 Fundada a Associação Brasileira de Bobsled, Skeleton e Luge-ABSL, renomeada em 2003 como Confederação Brasileira de Desportos no Gelo-CBDG (ver próximo capítulo).

1998 Participação brasileira nos Jogos Olímpicos de Inverno de Nagano e primeira medalha de ouro na Copa Continental de Snowboard: Ricardo Moruzzi.

1999 A ABS passou a se chamar Associação Brasileira de Ski e Snowboard-ABSS.

2001 Primeira medalha de ouro brasileira em uma competição oficial da FIS: Andre Cywinski na modalidade Big Air, em Chapelco, San Martin de los Andes, Argentina. Este atleta não só passou para a história como o primeiro vencedor desta modalidade como também liderou o Ranking Mundial de Big Air.

2001 Primeira vez que um atleta brasileiro participa do rally da Tocha Olímpica para os jogos de inverno de 2002: Eric Leme W. Maleson, que conduziu a tocha em Massachusetts, EUA, no dia 27 de dezembro.

2002 Participação brasileira nos Jogos Olímpicos de Inverno de Salt Lake City. Primeira participação de atletas brasileiros em competições de *ski cross country*, *bobsled* e *luge*. Neste evento obteve-se a melhor classificação brasileira em Jogos Olímpicos de Inverno: 27^a colocação, no bobsled de quatro atletas. Neste ano, o Dr. Eduardo de Rose, brasileiro presidente da Federação Internacional de Medicina do Esporte-FIMS, é indicado para participar em uma das comissões dos Jogos Olímpicos de Inverno de Torino, em 2006. Outro fato pioneiro aconteceu com o Professor Lamartine DaCosta, vice-presidente da Academia Olímpica Brasileira do COB, o qual foi convidado pela Universidade de Mainz-Grupo de Estudos Olímpicos, Alemanha, a fazer um estudo sobre sustentabilidade e proteção da natureza nos esportes de inverno (publicação em livro em 2004 com apoio da FIS).

Situação atual Estima-se que cerca de 30 mil brasileiros participem de esportes de inverno em diferentes graus de dedicação, a maioria dos quais em estações chilenas dos Andes. Em outubro de 2003, o clube Fluminense, do Rio de Janeiro, recebe seletiva para os Jogos Olímpicos de Inverno de 2006 em Torino, com cerca de 40 inscritos; em dezembro do mesmo ano, a Associação Brasileira de Ski e Snowboard passa a se chamar Confederação Brasileira de Desportos na Neve-CBDN. A entidade é hoje responsável por todas as categorias de Snowboard, Ski Alpino (Alpine Skiing) e Ski Nórdico (Nordic Combined) tendo cerca de 350 atletas registrados. Já a CBDG, também em dezembro, testava em Innsbruck, Áustria, um novo quarteto masculino e uma nova dupla feminina em bobsled (adicional a já estabelecida em Salt Lake City), visando aos Jogos de Torino-2006.

Fontes: Lamartine DaCosta, *Winter Games, Environment Protection and Olympism – An Overview*. In Preuss, H. (org) *Winter Sports* (book in press), 2003; www.cbdg.org.br; Manoela Penna manoela@mediaguide.com.br; Diogo Mourão diogo@mediaguide.com.br

Hóquei no Gelo / Ice hockey

ARIALDO BOSCOLO

Definições e Origens Há várias versões sobre a origem do hóquei. Na Antiguidade já existia um jogo na França chamado de *Crosse* ou por vezes de *Hoquet*, que possivelmente fez com que surgisse o *Hockey* na Inglaterra. Alguns historiadores afirmam que o hóquei no gelo nasceu como um esporte popular em aldeias do Canadá. Nessa época, o jogo era disputado sobre lagos congelados e os jogadores utilizavam galhos de árvores como taco. Além disso, os primeiros discos, ou *pucks*, eram feitos de estreme congelado. Outros afirmam que o verdadeiro *hockey*, ou seja, o *Ice Hockey*, nasceu no Canadá, por volta de 1850, na mesma época em que a modalidade disputada sobre grama chegou a Inglaterra. Hoje, a entidade regulamentadora é a *International Ice Hockey Federation-IIHF*, criada em 1908 e o esporte é classificado como olímpico, com competições iniciadas nos Jogos de Inverno de 1924. A Copa do Mundo é disputada pelos principais países da modalidade com atletas profissionais das principais organizações mundiais, inclusive da NHL, a Liga Profissional do Hóquei no Gelo. No Brasil, o grande pai do *Hockey* é o canadense

André Lawrence, que vive no país desde 1961, como diretor do Lar Amém e técnico do Contagem Flames.

1996 Foi fundada a Confederação Brasileira de Hóquei no Gelo-CBHG, e desde então o esporte vem sendo difundido no país. Com a filiação da CBHG junto à IIHF, foram implantadas as regras do gelo adaptadas ao clima do Brasil com bons resultados.

1997 Tem início a participação de atletas brasileiros em clínicas nos Estados Unidos e no Canadá, aperfeiçoando-se tecnicamente. Desde este ano, além das clínicas e das competições internacionais, a CBHG vem promovendo campeonatos brasileiros desde a categoria infantil até adulto.

1998 Ano inaugural da participação brasileira em competições internacionais, com a seleção nacional sagrando-se Campeã do Torneio Internacional Brasil/Argentina, realizado no Brasil.

1999 O Brasil foi Campeão do Torneio Qualificatório do Hemisfério Sul para classificação na Copa do Mundo, realizado na Argentina.

2000 Brasil em 10^o lugar na Copa do Mundo de Hockey, realizada na República Tcheca.

2001 Brasil em 8^o lugar na Copa do Mundo de Hockey, realizada nos Estados Unidos; medalha de bronze no Sul-Americano, realizado na Argentina.

2002 Brasil em 13^o lugar e 5^o lugar no ranking da Copa do Mundo de Hockey na Alemanha; medalha de bronze no Sul-Americano, realizado na Argentina; medalha de bronze no Pan-Americano das Nações realizado na Colômbia.

2003 O Brasil conquista a medalha de prata e 10^o lugar no ranking da Copa do Mundo de Hockey na Alemanha; medalha de ouro no Sul-Americano, realizado na Argentina.

Situação atual A prática deste esporte está concentrada no estado de SP e os clubes mais destacados são os que se seguem, com o ano em que se tornaram campeões na categoria adulto: 1999 – Associação Atlética Ponte Preta; 2000 – Associação Atlética Ponte Preta; 2001 – São Paulo Futebol Clube; 2002 – Sociedade Esportiva Palmeiras; 2003 – Sociedade Hípica de Campinas. Embora a modalidade seja relativamente nova no país, a Seleção Brasileira tem participado com frequência em competições internacionais e recebe o apoio do Ministério do Esporte.

Caracterizações gerais dos esportes de inverno

General characteristics of winter sports

Skiing Atividade recreativa, esporte ou meio de transporte que envolve o deslocamento na neve sobre um par de esquis preso aos pés. Esta prática nasceu no nordeste da Europa (os *esquis* mais antigos foram encontrados na Rússia e tem cerca de 6.000 anos). O *Ski* como esporte se estruturou no séc. XIX na Escandinávia por impulso da Noruega. Sua modalidade competitiva mais antiga é o *cross-country* e começou na Noruega em 1840. Posteriormente, em 1870 surgiram competições de *Ski-jumping*. Já a modalidade *Downhill* era limitada pela necessidade de subir as montanhas antes da descida e somente surgiu após 1930 quando foram construídos os *ski lifts*.

Cross-country skiing Com origem escandinava, esta modalidade surgiu da prática de utilização dos *esquis* como meio de transporte. São corridas em terreno montanhoso, de longa distância que variam entre 10 e 50km para homens e 5 e 30km para mulheres. As provas são individuais ou de revezamento, com partida individual ou *mass start* e acontecem nas técnicas clássica e *freestyle*.

Ski jumping Trata-se de uma categoria de competição que utiliza uma rampa de decida curva no seu final. Os competidores descem a rampa podendo chegar a uma velocidade de 120km/h, e então saltam tentando cobrir a maior distância horizontal no ar possível.

Ski Alpino Categoria de ski competitivo que consiste em descidas rápidas por uma pista inclinada. Existem três tipos de provas: as de velocidade (*Downhill* e Super-G), as técnicas (*Slalom* Especial e Slalom Gigante) e as combinadas (K).

Snowboarding Criado nos EUA nos anos 1960, o *snowboard* surgiu da idéia de surfar na neve, por isso tem suas origens no surf, mas também foi influenciado pelo skate. Foi incluído nos Jogos Olímpicos de Nagano em 1998. As provas acontecem em três modalidades: alpinas, *freestyle* e mistas. As provas alpinas são: *slalom* paralelo, *slalom* gigante paralelo e *slalom* gigante. As provas *freestyle* são *big air* e *half pipe*. E a prova mista é chamada de *snowboard cross*.

Biathlon Combinação do *cross country skiing* e tiro ao alvo. Esta prova existe graças à tradição nórdica que utilizava os *esquis* em atividades de caça e batalhas.

Trenós São três modalidades que utilizam uma mesma pista inclinada de 1.500m de comprimento na qual os trenós descem. Atualmente existem 350 atletas registrados no Brasil nesta prova e a Associação Brasileira de Bobsled, Skeleton e Luge tem três clubes filiados no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

Bobsled Trenós com *cockpit* de dois ou quatro atletas. Os trenós chegam a atingir a velocidade de 140km/h, por isso são chamados na Europa de “formula 1 do gelo”.

Skeleton Trenó para apenas uma pessoa, que desce com velocidade de até 130km/h.

Luge Trenós com *cockpit* de um ou dois atletas que descem deitados.

Patinação no Gelo Esportes nos quais há lâminas sob os sapatos que são utilizadas para deslizar sobre o gelo.

Patinação Artística Existem dois tipos de competições desta modalidade na qual os participantes competem sozinhos ou em duplas.

Figure skating Os patinadores executam saltos, giros e movimentos de dança. As competições individuais são divididas em curtas (nas quais um programa técnico é pré-determinado) e longas. Os saltos são provas competidas individualmente e em duplas. E a prova exclusiva para duplas é competida por um casal e inclui levantamentos, giros e saltos.

Ice dancing Os patinadores são julgados pela originalidade e dificuldade de suas coreografias, interpretação da música. Diferentemente do *figure skating*, os competidores não são julgados por sua força ou resistência, particularmente são proibidos movimentos de levantamento, saltos e giros com mais de uma volta e meia. Esta modalidade participa dos Jogos Olímpicos desde 1976.

Patinação de velocidade Corrida sobre os patins, de 400m ou 1111m, em uma pista oval. A corrida longa acontece com apenas dois competidores por vez e existe nos Jogos Olímpicos desde 1924. A corrida curta ocorre com quatro a seis competidores na pista. Ela foi desenvolvida recentemente por isso foi incluída nos Jogos Olímpicos somente em 1992.

Hóquei no gelo Competição de dois times de seis pessoas cada um, em um ringue de gelo dividido ao meio com dois gols nas extremidades opostas. O objetivo é levar um disco de borracha ao gol com um bastão de madeira. Os jogadores têm três tempos de 20 minutos para atingir suas metas.

Curling Modalidade conhecida como o “Xadrez no Gelo” devido às estratégias do jogo. A modalidade pode ser definida também como uma espécie de bocha e boliche no gelo. As equipes arremessam pedras de granito em direção ao centro do alvo. Ao final de cada set, aquela que tiver mais pedras no alvo vence. Desde 1998, em Nagano, faz parte do programa Olímpico de Inverno.

Esportes de Inverno II / *Winter Sports II*

VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM

Bobsled – Luge – Skeleton

Brazil has no tradition of winter sports, but in the mid-1990s, the disciplines of bobsleigh / bobsled, luge and skeleton had a boost in the country for the following two reasons: (i) Brazilian athletes started training in the USA (Lake Placid e Salt Lake City), Canada (Calgary) and in Europe (Lillehammer in Norway, Igls-Innsbruck in Austria, Winterberg in Germany, La Plagne in France and St. Moritz in Switzerland); and (ii) the Associação Brasileira de Bobsled, Skeleton, Skating e Luge (Brazilian Association of Bobsled, Skeleton, Skating and Luge – ABBSL)

Definições e Origens O *bobsleigh* ou *bobsled* é um trenó sobre lâminas para quatro pessoas que desliza sobre um tobogã de gelo. O objetivo é percorrer uma pista no menor tempo possível. Após a largada, os atletas empurram o trenó gelo abaixo e entram rapidamente no veículo. As distâncias variam de 1.500 a 2.000m, dependendo do local da prova, com 15 a 20 curvas, chegando a velocidades em torno de 140 km/h. Os praticantes utilizam capacetes próprios, óculos de proteção, roupa em lycra revestida de poliuretano para diminuir a resistência ao vento, sapatos especiais para o gelo, luvas, protetores de joelho, cotovelo, ombro e pescoço. Nestas condições, este esporte é freqüentemente considerado como a “Fórmula 1 do gelo”, embora tenha sua origem datada de 1882 na cidade de Albany-NY, EUA. Em 1897, o primeiro clube de bobsled foi fundado em St. Moritz-Suíça e logo se propagou por toda a Europa. O primeiros trenós eram feitos de madeira, mais tarde passaram a ser fabricados de aço. Em 1923 foi fundada na França a primeira Federação Internacional de Bobsled. Por sua vez, o Luge consiste num trenó individual guiado pelos pés. É o mais rápido e perigoso esporte de inverno chegando a 145km/h. O luge surgiu nos Alpes suíços e era praticado nas estradas que faziam a ligação entre as montanhas e as vilas. O divertimento virou esporte, e em 1883 aconteceu a primeira competição internacional, em Davos-Suíça.

Já na modalidade de Skeleton, o atleta desce de bruços sobre uma prancha (tobogã). O trenó de Skeleton individual mede cerca de 90 cm de comprimento por 40 de largura. Eles são feitos de aço ou fibra de vidro. É um dos poucos esportes em que as mulheres competem com os homens. A modalidade surgiu em 1880, em Saint Moritz-Suíça. Nas duas vezes em que esta cidade foi sede dos Jogos Olímpicos de Inverno, em 1928 e 1948, o Skeleton esteve presente no programa. Posteriormente, o esporte perdeu em popularidade, mas ressurgiu com força na Europa a partir da década de 1970. Em 1999, o Comitê Olímpico Internacional incluiu o esporte nas Olimpíadas de Inverno, com a primeira competição acontecendo em 2002, em Salt Lake City.

was founded in 1996, which generated conditions for athletes to participate in international competitions and for the association to obtain sponsorship to develop the sports. The ABBSL became the Confederação Brasileira de Desportos no Gelo (Brazilian Sports on Ice Confederation – CBDG) in 2003 with 350 registered athletes: 260 men and 90 women. According to CBDG, the fact that 7 Brazilian athletes qualified to go to the Winter Games in Salt Lake City opened new opportunities in the country for winter sports. As a result of the efforts

1996 O atleta Eric Leme Maleson fundou no RJ, a Associação Brasileira de Bobsled, Skeleton, Skating e Luge-ABBSL, que desenvolvia também as atividades de hockey no gelo, patinação no gelo (também chamada de skating, podendo ser artística ou de velocidade) e curling (bocha no gelo).

1998 Eric Maleson, piloto do time nacional de bobsled inicia contato via fax e telefone com o príncipe Albert, a fim de conseguir apoio para a inclusão da ABBSL na Federação Internacional de Bobsled e Tobogã-FIBT. Em um congresso da FIBT, em Ottawa, Canadá, Maleson e Albert se conheceram pessoalmente e não foi por acaso que foi esta a ocasião em que a ABBSL se filiou à FIBT. Neste mesmo ano, Marcelo Apovian, melhor brasileiro em Jogos de Inverno, conquistou o 37º lugar no slalom gigante do ski alpino em Nagano, Japão.

2000 Edson Bindilatti iniciou sua experiência nos esportes de inverno através de um telefonema de Eric Maleson, presidente da ABBSL e piloto da equipe brasileira. A partir daí, Edson ganhou uma medalha de bronze no ano 2000 e mais duas de bronze em 2001, todas na America’s Cup, disputada em Lake Placid, Nova York, nos Estados Unidos.

2001 Na Copa América de Lake Placid-NovaYork, nos EUA, competição qualificatória para os Jogos Olímpicos de 2002, a equipe masculina de bobsled conquistou 3 medalhas de bronze.

2002 A equipe brasileira de bobsled formada por Eric Leme Maleson, Edson Bindilatti, Matheus Inocêncio e Cristiano Paes, obteve a melhor colocação brasileira, 27º lugar, na estréia dos Jogos Olímpicos de Salt Lake City, Estados Unidos, e se destacou entre os 2.500 atletas participantes da grande festa mundial dos esportes de inverno. Os “Bananas Congeladas” (*Frozen Bananas*), como eram chamados pelo público local, impressionaram pelo carisma e a quantidade de entrevistas que deram a jornalistas do mundo inteiro, além da solicitação de autógrafos. Na Copa América em Calgary no Canadá, a equipe feminina de bobsled formada por Sarah Paes e Fabiana Santos conquistou 2 medalhas de ouro, sendo estas as primeiras

invested on these winter sports, Sarah Paes and Fabiana Santos (bobsled) won two gold medals in America’s Cup in Calgary, the very first ones ever earned by Brazil in winter sports; Mirella Arnhold (giant slalom) wrote her name in Olympic history as the first Brazilian woman to be classified for the Olympic Winter Games after the Federação Internacional de Ski (International Ski Federation-FIS) established classifying indices. CBDG estimates that there will be more athletes participating in the Winter Games in 2006 in Turin, Italy.

medalhas conquistadas pelo Brasil nas modalidades de Inverno. Mirella Arnhold, que disputou a prova de slalom gigante, colocou seu nome na história olímpica por ser a primeira mulher brasileira a se classificar para os Jogos Olímpicos de Inverno após a Federação Internacional de Ski-FIS determinar índices classificatórios e foi a porta-bandeira da Delegação Brasileira. Franziska Becksheazy, atleta de cross country, também representou o time feminino na competição.

Situação atual Como no Brasil não há pista artificial para a prática, é necessário que os atletas viajem para os EUA (Lake Placid e Salt Lake City), Canadá. (Calgary) e Europa (Lillehammer na Noruega, Igls-Innsbruck na Áustria, Winterberg na Alemanha, La Plagne na França e St. Moritz na Suíça). Em 2003 foi fundada a Confederação Brasileira de Desportos no Gelo-CBDG, sediada no Rio de Janeiro, em substituição a ABBSL e que atualmente conta com 350 atletas registrados, sendo 260 homens e 90 mulheres. Segundo a CBDG, a repercussão após a entidade ter qualificado 7 atletas para os Jogos Olímpicos de 2002 em Salt Lake City causou grande interesse do público na prática desses esportes. O Comitê Olímpico Brasileiro investiu cerca de R\$ 120 mil na antiga ABBSL como preparação para a competição de 2002 e ainda US\$ 17,5 oriundos do Programa Solidariedade Olímpica do COI. Com esta verba, a equipe de bobsled pôde adquirir um trenó novo, do mesmo nível das melhores equipes européias. Com recursos da Lei Piva, o COB financiou a compra de lâminas novas para o trenó de bobsled como também a viagem da equipe brasileira para a Itália, onde os atletas fizeram a preparação final para os Jogos Olímpicos. Estimativas da organização do evento apontam uma audiência de 3,5 bilhões de telespectadores em todo o mundo. Com isso houve um aumento de 20% no número de atletas e até 2005 a entidade nacional estima um crescimento de 10% de praticantes. Para os Jogos Olímpicos de Inverno em Torino, Itália, em 2006, a nova Confederação estima que haverá uma maior adesão nacional ao esporte.

Fontes Revista Época, Jornal Lance, Associação Brasileira de Bobsled, Skeleton, Skating e Luge-ABBSL (hoje denominada CBDG); www.abbsl.org; www.cob.org.br; www.bobsleigh.com.

O Brasil em competições internacionais de bobsled e luge

Brazil in international competitions of bobsled and luge

Olimpíadas de Inverno de Salt Lake City 2002 / best results

Bobsled masculino (4 atletas): 27º lugar (melhor resultado do Brasil em Olimpíadas de Inverno em qualquer modalidade)

Luge (individual, com dois representantes): 45º lugar e 46º lugar.

Copa América / America’s Cup

2000 – Bronze (*Bobsled* masculino / 4 atletas)

2001 – 2 Bronzes (*Bobsled* masculino / 4 atletas)

2002 – 2 Ouros (*Bobsled* feminino / 2 atletas)

Números / Numbers

A ABBS foi fundada em 1996 e reconhecida pelo COB em 1999. Mudou seu nome para Confederação Brasileira de Desportos de Gelo-CBDG em 2003.

350 atletas registrados no Brasil

3 clubes filiados à CBDG (Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais)

US\$ 20 mil é o preço de um trenó de Bobsled.

US\$ 300 é quanto custa um par de patins de gelo.

US\$ 3 mil vale um trenó de Luge ou Skeleton.

US\$ 30 milhões é quanto custou a pista de Turim 2006.

Os atletas



O atleta olímpico

OTÁVIO TAVARES

The Olympic athlete

The international research paper "Esporte, democracia e movimento olímpico: o atleta como mediador" ("Sport, democracy and the Olympic Movement: the athlete as mediator" - Tavares, 2003) was finished in February of 2003, gathering data from 205 Brazilian athletes and 364 German athletes who participated in the Sydney Olympic Games in 2000 paired up by disciplines. Forty-two Brazilian athletes and 125 German athletes returned the questionnaires by mail. After that, 11 German and 9 Brazilian

athletes were interviewed and the data were finally gathered for the comparative study whose objectives and methodology are displayed below. German support for the research came from the Research Team Olympia at Mainz University through academic contributions and through local contacts with Professors Norbert Mueller, Manfred Messing and Holger Preuss. Brazilian support came from the Comitê Olímpico Brasileiro (Brazilian Olympic Committee – COB), through Carlos Nuzman, president, and André

Richer, vice-president, who provided the contact with the athletes. The presuppositions, results and discussion of the research are summarized below so as to serve as theoretical framework for the appreciation of values and understanding of the athletes in relation to Olympic Games, Olympism and the International Olympic Committee, as well as to give conceptual support to the biographies of the athletes of the next chapters (English version of the research at the end of this chapter).

Origens e Definições Em fevereiro de 2003, foi concluída a pesquisa internacional "Esporte, democracia e movimento olímpico: o atleta como mediador" (Tavares, 2003), que reuniu dados de um universo de 205 atletas brasileiros participantes dos Jogos Olímpicos de Sydney, em 2000, e 364 atletas alemães presentes na mesma Olimpíada, correspondendo a idênticas modalidades esportivas da delegação brasileira. Destes totais, foram obtidos respostas via postal de 42 atletas brasileiros e de 125 alemães, completadas posteriormente por entrevistas de 11 atletas alemães e 9 brasileiros, compondo finalmente um estudo comparado de acordo com objetivos e metodologia expostos adiante. O apoio do lado alemão veio do *Research Team Olympia at Mainz University* (Grupo de Pesquisas em Estudos Olímpicos da Universidade de Mainz), com contribuições acadêmicas e contatos locais por parte dos Professores Doutores Norbert Mueller, Manfred Messing e Holger Preuss. Do lado brasileiro, o COB, nas pessoas dos senhores Carlos Nuzman, presidente, e André Richer, vice-presidente, proveram os contatos com os atletas. Os pressupostos, resultados e discussão da pesquisa são resumidos a seguir, de modo a servir de moldura teórica para a apreciação dos valores e compreensões dos atletas diante dos Jogos Olímpicos, do Olimpismo e do COI, como também para dar suporte conceitual às biografias dos atletas encontradas nos capítulos que se seguem nesta seção do Atlas.

Pressupostos da investigação As reações à crise moral por que passou o COI em 1999 acabaram por estabelecer o atleta olímpico como ator privilegiado em uma estrutura de poder renovada. Esta pretensão pressupõe uma capacidade do atleta em simbolizar os valores do Olimpismo. Todavia, o Olimpismo configura-se como uma construção eclética, o que significa que o desafio de traduzi-lo para a prática permanece. Se esta tese for verdadeira, a relação entre os atletas e os valores do Olimpismo não é inequívoca, porque está sujeita a um conjunto de relações complexas. O que significa dizer que seu *empowerment* como uma forma de conservação dos valores olímpicos é algo que precisa ser questionado. Ainda que sejam os atletas a razão de todo o sistema, são escassos os trabalhos empíricos que tenham como tema seus valores e atitudes em relação ao Olimpismo. Uma vez que o *empowerment* dos atletas no seio do Movimento Olímpico tem como cenário uma teia de relações complexas, este trabalho tenta identificar como se articulam estas relações tendo como referência os atletas. Assim, examinaremos as atitudes dos atletas olímpicos do Brasil e Alemanha (Sydney 2000) frente aos valores proclamados do Olimpismo através de análises comparativas.

Situando os atletas no cenário da investigação Para fins de análise, o 'atleta olímpico' é uma delimitação que adquire significado a partir da evidência que os atletas estão sujeitos a uma experiência singular construída a partir de valores orientadores, organizados em níveis diversos. Assim, o objetivo deste estudo foi tentar descrever e explicar como semelhanças e diferenças de atitudes dos atletas em relação ao Olimpismo estão relacionados de maneira complexa a diferentes níveis de interação e valores sociais. Nesta investigação, tais níveis são dados pela modalidade esportiva como uma sub-cultura, pelo esporte de alta competição como um sistema, pela ideologia olímpica e pelas culturas, num sentido lato.

Tomando como referência o problema delimitado pela pesquisa e os pressupostos epistemológicos anteriormente mencionados, esta investigação desenvolveu-se dentro de um contexto teórico delimitado pelo conceito de modalidade esportiva como uma sub-cultura conforme proposto por Lovisoló (1995), pela teoria de totalização

do esporte de alto nível de Heinilä (1982), pelo *corpus* de valores do Olimpismo como uma ideologia do Movimento Olímpico e pelas obras de interpretação cultural de Brasil e Alemanha de Holanda (1995) e Elias (1997), respectivamente. Procuramos adotar uma abordagem metodológica que combine técnicas quantitativas e qualitativas pelo uso de diferentes instrumentos de coleta de dados para, através de aproximações sucessivas, dar conta dos diversos níveis de influência e relação teoricamente estabelecidos para este caso. O uso combinado de questionários, escalas de atitudes, entrevistas e técnicas de observação etnográfica provou-se adequado às características do estudo.

Discussão dos resultados A idéia de que os Jogos devem criar um ambiente de respeito mútuo e igualdade, através do acesso e da convivência entre todas as raças, culturas e países é positivamente respondida tanto por brasileiros quanto por alemães, embora haja uma diferença significativa entre eles ($p < 0,000$). Por outro lado, o dilema 'seleção X participação' sofre apreciações mais críticas. Para 57,5% dos brasileiros e 32,2% dos alemães os Jogos são um lugar apenas para os melhores, ainda que isto implique na não participação de alguns países, sugerindo que o conceito de excelência é um valor interveniente nas atitudes dos atletas olímpicos. Há, porém, nas falas dos sujeitos alemães, um sentimento de desconforto simultâneo com o passado nacional e com seu efeito limitante sobre as demonstrações abertas de orgulho nacional que poderiam não mais existir. Tais configurações dão suporte ao fato que 52,3% dos brasileiros acreditam que o esporte possa refletir a superioridade de uma sociedade/cultura enquanto apenas 17,8% dos alemães concordem com esta idéia. Examinados a partir de seus múltiplos contrastes (Figura 1), os resultados por modalidade apresentam baixa variância intra-grupos e uma diferença importante entre grupos ($p < 0,000$), o que demonstra que o tipo de esporte praticado não é importante para a formação de atitudes em relação a este elemento do Olimpismo. Por outro lado, os medalhistas são os que apresentam os resultados mais baixos, sendo, no caso dos brasileiros, esta diferença significativa ($p = 0,010$). Este resultado pode ser explicado pelo que Heinilä chama de *ethos da efetividade*. Sob pressão para vencer, a dimensão humanística dos Jogos pode ser afetada pelas normas da efetividade a qual demandam uma maior concentração no interesse dos resultados.

Não há diferença entre os alemães considerado seu status econômico ($p = 0,428$), embora os sujeitos na classe C tenham obtido uma média menor. Resultados similares foram encontrados entre os brasileiros embora a diferença entre as classe C e as classes A e B tenha sido significativa ($p = 0,007$). Este resultados indicam que quanto maior a classe econômica, maior a atitude positiva em relação ao Olimpismo. Tais resultados de algum modo contrariam a idéia de uma oposição estruturante entre sucesso econômico e o humanismo olímpico. Os dados relativos às atitudes dos atletas olímpicos em relação à idéia de que cultura e educação são elementos centrais tanto para o Movimento Olímpico quanto para o atleta documentam uma dissonância pragmática entre valores e razão prática (Figura 2). Em termos gerais, as idéias presentes neste valor do Olimpismo gozam de aceitação bastante ampla, o que concorda com a tendência a se aceitar que educação e cultura são cada vez mais valores universalmente aceitos.

Considerando a dualidade 'estudo *versus* esporte', 65,8% dos brasileiros não concordam com a idéia de que os estudos devem ser interrompidos para permitir uma maior dedicação ao esporte enquanto que este percentual para os alemães é de 77,8%, o que

parece, à primeira vista, não confirmar a tese de Heinilä de que o sucesso no esporte de alto rendimento exige do atleta devoção *total* ao esporte. Estes dados, em confronto com os resultados da escala estratificados por performance, entretanto, evidenciam uma polarização entre valores e razão prática dada pelo balanço entre uma alta estima do valor da educação e as necessidades absorventes do esporte de alto-nível. Em ambos os grupos, os medalhistas possuem os resultados mais baixos para esta escala, sendo a diferença entre brasileiros significativa ($p = 0,006$), demonstrando que excelência e competitividade são fatores intervenientes importantes para estes atletas. O dado de que apenas 25% dos medalhistas brasileiros tem um nível educacional mediano ou elevado dá suporte a estas conclusões. Observe-se, porém, que os resultados encontrados também refletem as diferenças existentes nos sistemas esportivo e social de ambos os países. As atitudes em relação à dimensão cultural dos Jogos reforçam a presença de uma dualidade entre valores e prática, semelhante em ambos os grupos. Um percentual alto de atletas concorda com a afirmação de que 'as atividades artísticas e culturais são muito importantes para a realização dos Jogos Olímpicos'. Todavia, ainda que importantes, as atividades culturais são sempre secundárias à própria competição. Transparece também que, para eles, uma das funções principais dos eventos culturais em Sydney era diversão e relaxamento. Assim, não parece que para atletas olímpicos alemães e brasileiros exista alguma motivação durante os Jogos para a elevação intelectual através da arte, como pretendido por Coubertin.

No que se refere ao fair play, (Figura 3), a atitude desta amostra é altamente positiva em relação à idéia geral. Foi observado que os respondentes discordavam mais dos enunciados que expressavam uma atitude negativa em relação ao fair play do que concordavam com os enunciados que apresentavam uma atitude positiva. O conceito de uma dupla natureza para o fair play pode ser a chave para explicar estas atitudes mais reativas do que pró-ativas presentes em ambos os grupos. Os atletas de modalidades individuais obtiveram resultados mais elevados do que aqueles de modalidades coletivas. Uma explicação para este resultado está na pressuposição de que nas modalidades individuais, com exceção das lutas, os sentimentos de antagonismo para com os adversários são parcialmente regulados pelo nível de contato físico existente entre eles.

Os resultados por performance mostram que os atletas que ganharam medalhas em Sydney têm uma atitude menos positiva que aqueles obtiveram colocações posteriores em ambos os grupos ($p = 0,062$). Contrapondo abordagens em busca de mediações, os resultados podem ser interpretados como uma demonstração de como a perspectiva interna do atleta ajuda a definir o jogo. Ao contrário da tendência a uma aceitação geral de práticas nocivas, a perspectiva interna do praticante, a moral social do esporte, a excelência e competitividade compõem uma relação complexa que é muitas vezes instrumental, mas que quase sempre está em busca de uma justa medida. Brasileiros e alemães possuem níveis bastante altos de rejeição ao uso de doping. Os dados são consistentes com a menção do doping como um dos pontos negativos dos Jogos e como o fator que mais ameaça seu futuro. Os respondentes, além de o condenarem, apresentam uma atitude de auto-exclusão que se revela na crença de que o doping é uma prática generalizada, mas 'não no meu esporte' e/ou 'não por mim'. Este quadro aparentemente paradoxal ganha contornos mais inteligíveis a partir do recurso à teoria dos jogos. O uso da teoria dos jogos em alguns estudos aponta uma tendência para o uso do doping como uma estratégia racional mesmo quando os valores dos atletas não

são direcionados para isto, oferecendo uma explicação plausível para a aparente contradição manifesta.

Tendências Com base na análise e na discussão dos resultados deste estudo, é possível concluir que há entre os atletas olímpicos uma atitude positiva em relação aos valores proclamados do Olimpismo, de um modo geral. No entanto, esta concordância não é absoluta, estando submetida às mediações que os sujeitos realizam entre valores diversos no sentido de estabelecer uma justa medida entre a Idéia Olímpica e a razão prática. Isto sugere que,

tal como o Olimpismo sempre resistiu a definições, a relação entre os atletas olímpicos e os valores proclamados do Olimpismo não seja inequívoca. Em contas finais, a idéia do 'atleta olímpico' sempre foi mais uma prescrição do que uma descrição das apreensões dos valores olímpicos pelos praticantes. Seu papel renovado no seio do Movimento Olímpico nos convida a, por um momento, deixar de lado o objeto e conhecer melhor o sujeito.

Fontes Tavares, O. Esporte, democracia e movimento olímpico: o atleta como mediador. Universidade Gama Filho,

Tese de Doutorado em Educação Física, Rio de Janeiro, 2003; Elias, N. Os Alemães; A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997; Heinilä, K. The Totalization Process in International Sport. Toward a theory of the totalization of competition in top-level sport. In: Sportwissenschaft. 1982/2, p. 235-253; Holanda, S. B. de. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995; Lovisolo, H. Educação Física: A Arte da Mediação. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

Figura 1: Resultados da Escala 1 para atletas brasileiros e alemães

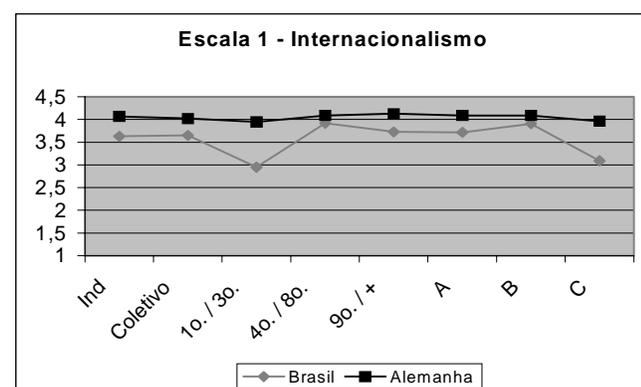


Figura 2: Resultados da Escala 2 para atletas brasileiros e alemães.

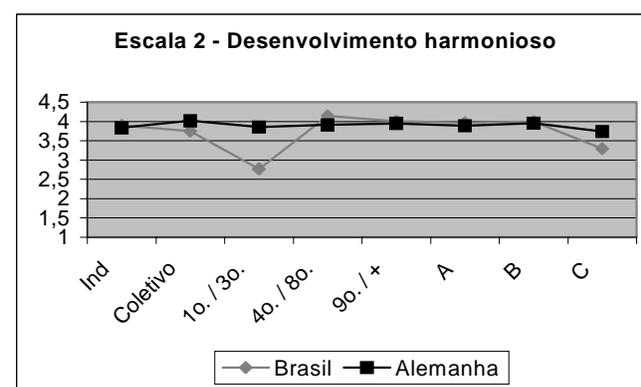
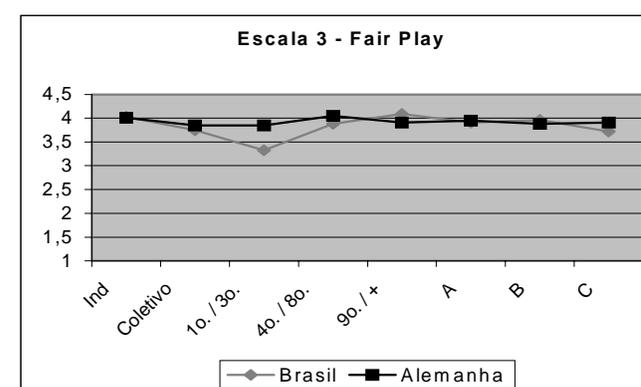


Figura 3: resultados da Escala 3 para atletas brasileiros e alemães.



Values and conceptions of the Olympic athlete: hero, performer or mediator?

OTÁVIO TAVARES

Introduction In contemporary societies, when sport became a substantial part of our daily lives, the athletes' values toward sport became apparently so clear and self-evident that look as if it is not necessary investigate such topic. In fact, there are very few empirical works in the area of Olympic Studies whose main topic is related to athlete's values, senses and attitudes toward Olympism. This lack of empirical investigation is the origin of either acclamations or rejections of the moral standards of toplevel athletes generating paradoxically completely contrary conclusions. If such paradox is true, the relationship between athletes and sport is not either evident or unmistakable. It means that the idea of a one-sided and clear relationship between athletes and the values of sport competition, whether Olympism or not, is something that must be questioned. In the light of the abovementioned clarifications I wish to present an empirical examination of values and conceptions of Olympic athletes toward Olympism on a comparative basis.

Framing Athletes in the System of Competition and in the Olympic Ideology To begin with, on behalf of our analysis, the "Olympic athlete" symbolizes a boundary which has acquired a concrete meaning from the evidence that he and she are subject to a unique experience built up from their own directive values which are organized in different levels. Taking for granted that the attitudes of social actors are related to different interaction levels and social values in a complex way, our objective is to describe and explain how similar and different attitudes of Olympic athletes toward Olympism are related to the type of sport as a sub-culture, the high performance sport as a system, the Olympic ideology, and cultures in a broad sense. Hence, this investigation was held in a theoretical context which was restricted to: (a) the concept of different types of sport as sub-cultures as proposed by Lovisolo (1995); (b) Heinilä's theory of totalization of top sport (1982); (c) the Olympism seen as an ideology of sport practice; and (d) Holanda's (1995) and Elias' work (1997) on socio-cultural interpretations of Brazil and Germany, respectively.

Olympism as a Construct A construct of Olympism was set up by reading Pierre de Coubertin and scholars such as Grupe, Lenk, Parry and Segrave who attempted to capture the meaning of Olympic Ideals (Table 1). Therefore, we set up a construct of

Olympism consisting of an outline of three general ideas which apply to the assembly of instruments for data collection: Olympic Internationalism; Harmonious Physical and Intellectual Development; Fair Play.

Data and Discussion The idea that the Games should create a mutual respect and equality environment to all races, cultures and countries is accepted by both Brazilians and Germans despite the significant difference between them ($p < 0,000$). On the other hand, the "selection x participation" dilemma is under more sharp appraisals. In the opinion of 57.5% Brazilians and 32.2% Germans, the Games are still a place where only the best ones go even though this might result in the nonparticipation of some countries. Another important effect may be found in the different relationships between the athletes and their national image. From German respondents we could notice a feeling of discomfort relative to both their national past and its limiting effect over demonstrations of national pride that could no longer exist. Comparatively, Brazilians are free to feel they represent their country. Those features support the fact that 52.3% Brazilians believe the sport may reflect a superiority of a society/culture while only 17.8% Germans agree with it.

In reference to the results presented by sport (Figure 1), there is also a low variance inside each group and a relevant difference between the two groups ($p < 0,000$), which shows that the type of sport that is practiced is less important for the development of attitudes toward this component of Olympism. The medal winners are those who present the lowest results. Among the Brazilians, the difference is significant ($p = 0,010$), which suggests that the competition level of an athlete may lead to less positive attitudes toward Olympism. This general result may be explained by what Heinilä calls *ethos of effectiveness*. Under pressure to win, the humanistic dimension of the Games may be affected by the norms of effectiveness that actually demand a greater concentration on results. There were no differences among Germans considered their economic status ($p = 0,428$) although the subjects in class C got a lower mean. We got similar results with Brazilians, but in this case athletes ranked in the C class got a mean lower ($p = 0,007$). The results seem to indicate that the higher the economic status the higher the positive attitude toward Olympic internationalism.

Such findings somewhat contradicts the idea of an opposition between sport economic success and the Olympic humanistic cosmopolitanism.

The data relative to the Olympic athletes' attitudes toward the idea that culture and education are crucial elements either to the Olympic Movement prove that there is a pragmatic inconsistency between values and practical reasoning (Figure 2). This sample widely agrees with the idea that education and culture are more and more accepted values in universal terms. As we noted, 65.8% Brazilians and 77.8% Germans do not agree upon the idea that their studies should be interrupted so that they may dedicate themselves more to sports. These results do not seem to confirm Heinilä's statement that "success in top sport demands from the athletes increasing stakes and more *total devotion* to a sports career". These data, face-to-face with the results stratified by performance, clearly show a polarization between values and practical reasoning provided by both balanced high esteem of the educational value and the absorbing needs of the top sport. In both groups, the medal winners have the lowest results for this scale, with a significant difference among Brazilians ($p = 0,006$), which shows that excellence and competitiveness are, once again, important intervening factors for these athletes. The fact that only 25% Brazilian medal winners have an intermediate or high educational level supports the conclusions we have come to. The differences we found also reflect the qualitative differences that exist in both social and sport systems of the two countries studied here.

The data shows that though considered theoretically important, cultural activities are seen as a complement to the program. On the other hand, it also seems that one of the main purposes of the cultural events in Sydney to the athletes was fun and relax. In other words, German and Brazilian Olympic athletes do not believe that, during the Games, there is any kind of motivation directly aimed at improving their intellect through art, as Coubertin intended to. As for the fair play (Figure 3), this sample attitude is highly positive toward the general idea ($p = 0,0005$). If one considers the very nature of the concept of fair play the significant difference between them could be explained by the Norbert Elias' theory of German *habitus*, the higher level of self-constraint and codes of behavior

presents in German society. The respondents would disagree more with the statements which indicated a negative attitude toward fair play than would agree with those which presented a positive attitude. The concept of formal and informal dimensions of fair play may be the key to explain the existence of more reactive than proactive attitudes in both groups.

The athletes of individual sports from both countries had higher results than those of team sports. An explanation for such results may be found in the assumption that in the individual sports, except for fighting sports, the feelings of antagonism related to the adversaries are partially determined by the level of physical contact between them. Regarding performance, the results show that the athletes who won medals in Sydney present a less positive attitude. However, the

gathered data do not allow us to state that both spiral of competition and overvaluation of success mean a new effectiveness ethics in the way it was proposed by Heinilä. The results point to a clear distinction between performance and economic conditions as intervening factors. Such findings contradict the necessary relation among the spiral of competition, the 'commodification' of sport and the des-humanization of the athlete and competition as set up by system theory. Brazilians and Germans have fairly high levels of rejection to the use of doping (92.3% and 98.3%, respectively). The interviews show that in general terms the athletes support the connection that is frequently made between the commercialization of the Games, the overvaluation of victories, and consequently, the existence of doping. Besides condemning doping, the respondents of this study have an attitude that could be defined as a process of self-exclusion.

Concluding Remarks We may come to the conclusion that there is a general positive attitude toward the values of Olympism among athletes. Nevertheless, such consistency is not absolute as it is submitted to mediations carried out by the subjects among different values in order to establish a fair measurement between the Olympic Idea and practical reasoning. The Olympic athlete, in his role as a social actor, reproduces the conflict between control of actions and free will searching for mediations, which was foreseen by Coubertin. Ultimately, the idea of the 'Olympic athlete' has always been a prescription resulting from the Olympic Idea rather than a description of how the Olympic values are understood by the practitioners. The contemporary world invites us to leave the object aside and get to know the subject better.

Table 1 – Summary of values, aspirations and objectives of Olympism according to bibliographical sources.

	Coubertin	Grupe	Lenk	Parry	Segrave
1	Yes	No	Yes	No	No
2	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes
3	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes
4	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes
5	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes
6	No	No	Yes	No	No
7	No	No	No	No	Yes

Figure 1 – Likert scale results on Olympic internationalism for Brazilian and German athletes.

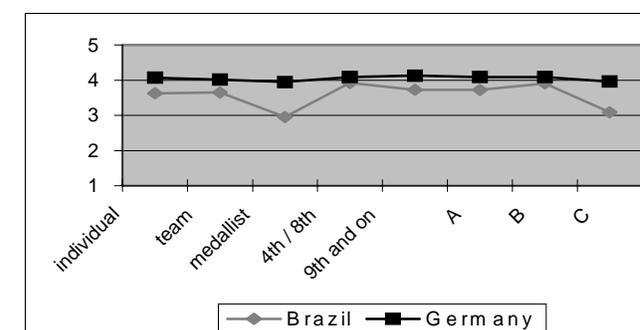


Figure 2 – Likert scale results on harmonious physical and intellectual development for Brazilian and German athletes.

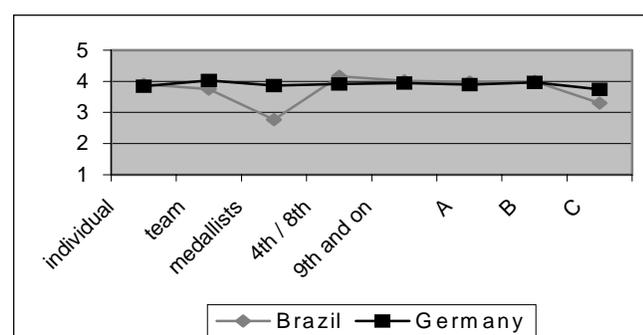
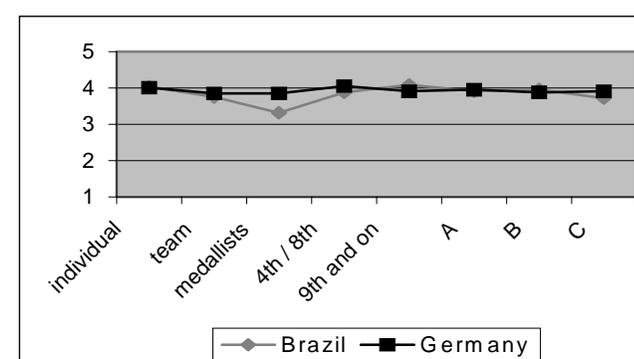


Figure 3 – Likert scale results on fair play for Brazilian and German athletes.



Medalhistas Olímpicos brasileiros

KATIA RUBIO

Brazilian Olympic medal winners

This chapter introduces a selection of short biographies of Brazilian Olympic athletes – men and women – who have become medal winners since 1920, when the first Brazilian athletes went to Olympic Games in Antwerp. From all of the 11 sports represented here, sailing is the one that has brought the most medals to Brazil: 4 gold, 2 silver and 6 bronze. Athletics comes next with 12 medals: 3 gold, 3 silver, and 6 bronze. Among the athletes mentioned in the athletics section, Adhemar Ferreira da Silva is still the most respected in the international scene for his unique and original feat of winning the

Atletismo

Ademar Ferreira da Silva O atletismo só é superado pela vela, entre as modalidades que mais trouxeram medalhas ao Brasil. São 12, no total, sendo 3 de ouro, 3 de prata e 6 de bronze. Neste contexto, destaca-se Adhemar Ferreira da Silva que, pelo feito inédito de ser bi-campeão olímpico no salto triplo, é até hoje considerado um dos atletas brasileiros mais respeitados no âmbito internacional. Filho de uma família de origem humilde estudou, trabalhou e elegeu o esporte como uma forma de se apresentar ao mundo como cidadão brasileiro. Participou de quatro edições dos Jogos Olímpicos. Em Londres (1948) teve a oportunidade de enfrentar pessoalmente os adversários que conhecia apenas por revistas e jornais e uma platéia com 100 mil pessoas, fato nunca antes experimentado. Nos Jogos de Helsinque (1952) pôde mostrar seu talento e iniciar uma série de conquistas que marcariam a história do salto triplo. Medalha de ouro naquele ano voltaria nos Jogos de Melbourne (1956) para reafirmar sua marca e conquistar a condição de bi-campeão olímpico, feito ainda não superado por qualquer outro atleta brasileiro. Quando, nos Jogos de Roma (1960) tentou o tri-campeonato não conseguiu a mesma performance, mas em sinal de reconhecimento por sua trajetória, saiu do estádio ovacionado pelas milhares de pessoas que assistiam ao espetáculo. Meses depois foi constatado que Adhemar contraíra uma tuberculose que minava sua força e resistência. Fatos como este e a recusa de uma casa como presente pela medalha conquistada, para que sua condição de amador não fosse questionada – mesmo com a família morando em residência alugada – fazem de Adhemar um exemplo de atleta dedicado e digno na história olímpica brasileira. O salto triplo ainda traria mais 4 medalhas para o Brasil.

Nelson Prudêncio era um indicador de que a tradição no salto triplo seria mantida e de que uma escola despontava para o mundo. Convidado aos 14 anos para jogar futebol, foi convencido pelo pai a se dedicar aos estudos e ao trabalho. O tipo físico associado à habilidade, fez com que Nelson fosse convidado a compor a equipe de atletismo de Jundiaí, cidade onde morava. Em pouco tempo despontava como uma nova esperança para o salto triplo. Nos Jogos do México (1968) Prudêncio quebrou o recorde olímpico e mundial logo depois superado, mas conseguiu assegurar uma medalha de prata. Como sua carreira esportiva havia iniciado tardiamente, Nelson acreditava que os Jogos do México seriam sua única oportunidade olímpica e depois daquela medalha já não se dedicou tanto aos treinos. A falta de um calendário de competições reforçava essa disposição de parada. Em 1971, tendo já terminando o curso de Educação Física, Nelson foi procurado por seu técnico com a informação de que era um dos poucos atletas do salto triplo que ainda tinha chances de conquistar medalhas. Diante da nova perspectiva era hora de rever os planos e refazer o planejamento. Sua façanha seguinte foi a medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Munique (1972). Apesar de sua participação nos Jogos de Montreal, um outro brasileiro já despontava como a nova sensação do salto triplo.

João Carlos de Oliveira, também conhecido como João do Pulo, durante os Jogos Pan-Americanos no México, em 1975, quebrou o recorde mundial que precisaria de quase duas décadas para ser superado. Considerado sempre uma grande promessa de medalha de ouro olímpica, as circunstâncias dos Jogos nunca foram favoráveis para que isso ocorresse. Em Montreal (1976), problemas físicos o fizeram ficar distante da melhor colocação. Apesar do empenho dos médicos no sentido de aliviar as dores lombares que sentia, uma fissura entre a quarta e quinta vértebras lombares impediram que João tentasse repetir a performance mexicana.

gold medal twice (Olympic bi-champion) in the triple jump. Three generations of basketball teams feature during the period from 1948 (London) to 1964 (Tokyo), when the Brazilian team shared the Olympic supremacy with the U.S. and the former Soviet Union. Boxing had Servílio de Oliveira as medal winner as he kept as an amateur athlete in order to go to the Olympic Games. Soccer represents the paradox of a country which on the one hand has had the world supremacy in the sport since 1958 but which on the other hand still does not hold a gold medal among the few ones it has

Apesar disso, conseguiu a terceira colocação e a medalha de bronze a 40 cm do primeiro colocado. Os Jogos Olímpicos de Moscou (1980) seriam seu próximo duplo desafio. Primeiro porque João vinha de uma periostite no tornozelo que o incomodava desde os Jogos de Montreal. O segundo era a determinação soviética em mostrar sua supremacia, ainda mais diante da ausência dos fortes adversários do bloco liderado pelos americanos. João Carlos de Oliveira, juntamente com o australiano Ian Campbell, foi duramente perseguido na prova do salto triplo. Nove dos seus doze saltos foram anulados, sendo que, em sua última tentativa, chegara a bater a casa dos 18 metros, o que lhe valeria um novo recorde mundial. Não bastasse isso se via impotente quando, inconformado com a anulação do salto, solicitava dos juizes a apresentação de suas marcas e era informado que a competente equipe de auxiliares já havia cumprido sua tarefa limpando a pista. Enquanto o técnico soviético ficava dentro da pista acompanhando seus pupilos, o técnico de João permanecia na arquibancada a 150 metros da prova. Restou-lhe a medalha de bronze e um desejo não realizado em vida de ver essa injustiça ser reparada.

José Telles da Conceição, também representante do salto, mas em altura, entra para a história com o protótipo do atleta perfeito. Corria os 100m em 10,76s e os 200m em 21,27s, primeiros recordes com tempos eletrônicos obtidos nos Jogos Pan-Americanos do México, em 1955. Além disso, corria os 110 metros com barreiras, chegou a fazer 7,50m no salto em distância e 2,0m no salto em altura. Era natural que, com todas essas características, fosse também um dos grandes pontuadores do decatlo, chegando a somar 7 mil pontos, sendo por esse motivo considerado o homem equipe. Sua participação nos Jogos Olímpicos de Helsinque (1952) foi percebida não apenas pela medalha de bronze que ganhou, mas pelas qualidades técnicas que podiam ser observadas pelos técnicos do mundo inteiro. Telles conseguiu marcar 1,98m, perdendo apenas para os americanos Kenneth Wiesner, prata com 2,01m e Walter Davis, 2,04m e recorde olímpico. Sua performance era tão espetacular que, na época, um técnico alemão chegou a comentar que caso fosse bem treinado, poderia vir a se tornar um novo Jesse Owens.

Joaquim Cruz Até que este menino magro de Taguatinga despontasse no cenário do esporte brasileiro, as provas de pista do atletismo eram dominadas por americanos e europeus, mais especificamente, ingleses. Joaquim Cruz iniciou sua carreira esportiva no basquete. Diante da necessidade de um aluno em um campeonato estudantil, foi convencido pelo professor a participar da competição. Ganhou sua prova e alcançou o índice para um campeonato estudantil nacional. Aos 14 anos Joaquim Cruz estava competindo com atletas de 18 anos e conquistando o terceiro lugar. Apesar da dúvida inicial, a certeza da carreira esportiva começava a se firmar nos planos de Joaquim e, ao participar de sua primeira prova internacional, um campeonato sul-americano no Uruguai, voltou para casa com três medalhas de ouro. Em 1981 mudou-se para os Estados Unidos para estudar e treinar. Condições ideais de vida e treinamento levaram Joaquim, nos Jogos de Los Angeles em 1984, a realizar a façanha poucas vezes experimentada por atletas brasileiros na conquista de uma medalha de ouro. Ao descrever aquela prova Joaquim fala que, faltando 100 metros para o final, ao terminar a última curva, parecia que a pista havia desaparecido e ele sentia como se estivesse voando. Ali ele vivia a plenitude de uma vitória olímpica. O período que se seguiu aos Jogos de Los Angeles foi marcado pela adaptação à condição de campeão olímpico, à necessidade de manter o nível de treinamento e a convivência com várias lesões. Em Seul (1988) muitos acontecimentos perturbaram a concentração de Joaquim, mas, talvez

earned. It happened likewise with the equestrian sports, which put together athletes who are internationally renowned as winners of competitions other than the Olympic Games. Other great deeds are presented in judo (Luís Onmura, for example), in swimming (Gustavo Borges, for example), in shooting (Guilherme Paraense, first Brazilian medal winner), in sailing (Robert Scheidt, gold medal winner in Sydney), in beach volleyball (Jacqueline Silva and Sandra Pires, as the first Brazilian women to earn gold medals) and in volleyball (gold medal winner team in Barcelona, 1992).

o maior deles tenha sido se defrontar com um telão, instalado no final da reta dos 100 metros na prova final. Naquele momento se deu consigo próprio em primeiro lugar e, naquela fração de segundos, ele perdeu a referência da prova e ganhou a medalha de prata.

Joaquim entrou para a história do esporte como o ganhador de duas medalhas olímpicas e como um dos representantes do movimento tolerância zero, ao uso de substâncias proibidas escolhidas pelos próprios atletas.

Robson Caetano Na década de 1980, a lógica da vitória americana nas provas de velocidade foi quebrada pelo brasileiro Robson Caetano. Quando criança praticou futebol e basquete e na escola era um aluno assíduo das aulas de educação física, sendo escolhido para a equipe de treinamento. Foi campeão do salto em distância no pentatlo e mais tarde foi também campeão carioca, brasileiro e sul-americano da modalidade. Paralelamente ao salto, começou a correr os 100 metros, já que a velocidade era habilidade necessária para a realização de um bom salto. Nos Jogos de Los Angeles, aos 20 anos, parecia que seu percurso se abria definitivamente rumo à prova dos 200 metros, tendo chegado até a prova semi-final. Nos Jogos de Seul (1988) Robson ficou desapontado com sua performance na prova dos 100 metros, vencida por Ben Johnson, mas usou aquela sensação para poder se superar nos 200 metros. É possível observar que Robson foi o último atleta a largar. Apesar disso, soube tirar proveito de uma de suas principais características na prova que era a execução da curva e, faltando 50 metros para o final, assegurou a terceira colocação, conquistando o bronze olímpico. Era a primeira medalha de um atleta latino-americano em prova de velocidade. Apesar do fraco desempenho em Barcelona, Robson deixaria sua marca em mais uma oportunidade. Nos Jogos de Atlanta em 1996, juntamente com Arnaldo Oliveira, Edison Luciano e André Domingos teria início a trajetória de sucesso da equipe brasileira de revezamento 4 x 100 metros conquistando a medalha de bronze. Em Sydney 2000 a equipe de revezamento composta por Vicente Lenilson, Edson Luciano, André Domingos e Claudinei Quirino iria ainda mais longe conquistando uma desejável, e inesperada, medalha de prata, colocando definitivamente a equipe brasileira entre as principais potências do atletismo mundial.

Basquetebol

Seleção masculina Os Jogos de Londres, em 1948, representaram para o Brasil mais do que o restabelecimento do calendário olímpico interrompido pela Segunda Guerra Mundial. Era o fim de vinte e oito anos de espera após as medalhas de Antuérpia, obtidas pelos atletas do tiro e o início de um período em que as modalidades coletivas começaram a representar esperanças efetivas de boas atuações. Tudo começou com o basquetebol masculino. A preparação para os Jogos Olímpicos de Londres teve início em 1947. Apesar do pouco envolvimento do Brasil no conflito, era possível sentir os efeitos da Segunda Guerra também por aqui. Era uma época de escassez de muitos produtos considerados essenciais e o esporte, com suas necessidades específicas, estava incluído no âmbito do supérfluo. Porém, dificuldade nunca tinha sido motivo para fazer o grupo trabalhar menos ou pior.

O processo de preparação seguia um modelo militar. Confinados na Escola de Educação Física do Exército, no Rio de Janeiro, atletas e técnico levavam uma vida de caserna, dormindo e comendo como os militares. Os horários desempenhados pela equipe eram semelhantes aos demais moradores do local, imprimindo no grupo um sentimento

de disciplina e solidariedade. Não bastasse isso, a exigüidade de recursos fazia com que o grupo escalado para o período de preparação tivesse o número exato de titulares e reservas, perfazendo um total de 10 atletas. A equipe era constituída pelo técnico Moacyr Dauito e os jogadores: Nilton Pacheco de Oliveira, Alfredo Rodrigues da Motta, Zenny de Azevedo - Algodão, Massinet Sorcinelli, Alberto Marson, Marcus Vinicius Dias, Ruy de Freitas, Afonso Évora, Alexandre Gemignani e João Francisco Brás. É significativo observar que a forma de trabalhar, na época, visava a preparação da equipe titular. Os reservas eram acionados apenas em caso de extrema necessidade. A estratégia de jogo não contemplava alterações de atletas ou posições. A única forma de conseguir um lugar na equipe titular era sobre a substituição de alguém.

A chegada a Londres foi marcada por muita surpresa. Ainda que se soubesse que a cidade havia sido destruída pela guerra e que a escassez ditava o modo de vida local, inclusive para comer, a confirmação da realidade foi dura. Apesar disso um certo tipo de abundância chamava a atenção. Já despontando como potência esportiva, especialmente no basquete, os Estados Unidos se destacavam dos demais países por vários motivos. Inovavam nos gestos técnicos, superavam os adversários com certa facilidade e faziam questão de mostrar ao público e às outras equipes que o excesso, para eles, era uma necessidade. Enquanto outras equipes levavam duas bolas para todos, na equipe americana havia uma para cada atleta, fato nunca antes visto. Apesar dessa diferença, o time brasileiro participou da competição com a disposição de se manter entre os principais times. Foram sete vitórias, inclusive sobre o Uruguai e a Tchecoslováquia, perdendo apenas para a França na semi-final, conquistando o honroso terceiro lugar e a medalha de bronze.

Essa façanha viria a ser repetida nos Jogos de Roma, em 1960. Naquele estágio as três grandes potências do basquete mundial eram o Brasil, os Estados Unidos e a União Soviética. Independente da competição, a disputa pelas primeiras posições sempre terminava entre essas três potências. A seleção brasileira composta por Amaury Passos, Edson Bispo dos Santos, Wlamir Marques, Fernando Freitas, Moisés Blás, Waldemar Balthavskai, Antonio Succar, Carlos Massoni - Mosquito, Carmo de Souza - Rosa Branca e Jathyr Schall, chegava com a condição de campeã mundial, mas poucos arriscavam antecipadamente um campeão. A equipe era dirigida pelo técnico Togo Renan Soares (Kanela), que vinha de uma tradição militar e adotava, como fundamento de seu trabalho, a disciplina e a rotina da caserna. Como sumo comandante, lidava com os atletas como se fossem seus soldados e tinha as competições como uma guerra onde cada jogo era uma batalha a ser vencida. Durante a preparação para o Campeonato Mundial, a equipe ficou aproximadamente 6 meses treinando na Ilha das Enxadas, local de treinamento da Marinha.

Depois de perder para a União Soviética na semi-final e derrotar a Itália na disputa pela terceira colocação, a seleção brasileira conquistou a medalha de bronze. O basquete brasileiro dava então continuidade a uma tradição iniciada nos Jogos Olímpicos de 1948. A próxima grande conquista aconteceria em 1963 no mundial, realizado no Rio de Janeiro. Para os Jogos Olímpicos de Tóquio, 1964, a seleção já contava com nova direção. Sob os cuidados do técnico Renato Brito Cunha, a base brasileira era quase a mesma de Roma: Amaury Passos, Antonio Succar, Carlos Massoni – Mosquito, Carmo de Souza – Rosa Branca, Edson Bispo dos Santos, Friedrich Braun – Fritz, Jathyr Schall, José Edvar Simões, Sérgio Machado, Ubiratan Maciel, Victor Mirshawka e Wlamir Marques, com mais maturidade e mais um título mundial. Por outro lado, as seleções americana e soviética já haviam iniciado um processo de renovação e chegavam dispostas a não perder as medalhas conquistadas anteriormente. O time americano era o Dream Team da década de 1960 e a rivalidade política com a União Soviética trazia, para a quadra, reações da Guerra Fria. No meio desse fogo cruzado, a seleção brasileira defenderia a honrosa terceira colocação, garantindo a histórica vitória do basquete masculino.

Seleção feminina Tida por muito tempo como a segunda modalidade nacional, atrás apenas do futebol, o basquete feminino nunca chegou a ter o brilho do masculino até que uma geração de jogadoras singulares surgisse ao longo dos anos de 1980 e 1990. A partir daí, o sucesso do basquete brasileiro deixaria de estar associado apenas ao desempenho dos homens e passaria a ser relacionado com a habilidade de jogadoras brilhantes. Apesar de vários títulos sul-americanos e pan-americanos, a satisfação com o

basquetebol feminino não seria completa enquanto um título mundial e olímpico não fosse conquistado.

Essa situação começou a ser revertida no campeonato mundial de 1994, na Austrália. Desacreditada e sem tradição, a seleção brasileira reafirmaria uma condição de inferioridade ao perder, durante os amistosos com as seleções americana e australiana, por uma diferença de mais de 30 pontos de cada uma delas. Quando se iniciou o campeonato propriamente dito, a seleção brasileira ganhou o primeiro jogo e perdeu o segundo. A seqüência de vitórias começou em seguida culminando na final contra a China, vencida pelo time brasileiro. A performance no mundial de 1994 oferecia indicações de que o sonho olímpico estava próximo de se realizar. A seleção brasileira composta por Adriana Santos, Alessandra Oliveira, Cíntia Santos - Tuiú, Cláudia Pastor, Hortência Oliva, Janeth Arcain, Leila Sobral, Marta Sobral, Maria Angélica Silva - Branca, Paula Silva - Magic Paula, Roseli do Carmo Gustavo e Silvia Luz - Silvinha chegaria a Atlanta (1996) como uma das favoritas à medalha de ouro, condição pouco conhecida desse time, acostumado a conviver com o descrédito e a desorganização do esporte nacional. Fazendo uma campanha memorável vencendo russas, chinesas, canadenses, cubanas e ucranianas, as meninas brasileiras foram disputar o primeiro lugar com as americanas, donas da casa, da torcida e de uma hegemonia inquestionável na categoria. Às brasileiras coube uma inédita medalha de prata e o início de uma trajetória de gloriosa para o basquete feminino.

Sydney (2000) também reservaria muitas surpresas. A equipe brasileira havia sido renovada e suas grandes estrelas eram agora as atletas de uma nova geração. Alessandra Oliveira, Cintia Santos - Tuiú, Cláudia Neves, Helen Luz, Adriana Santos, Adriana Moisés Pinto - Adrianinha, Lilian Gonçalves, Janeth Arcain, Kelly Santos, Lisaine David - Zaine, Marta Sobral e Silvia Luz – Silvinha, tinham como tarefa honrar o lugar conquistado na última edição dos Jogos e estavam dispostas a superar o favoritismo de suas adversárias. Americanas, australianas, russas e chinesas eram consideradas as favoritas às medalhas restando às brasileiras, que não perdiam a esperança de roubar a cena, a disputa das colocações intermediárias. Após uma campanha surpreendente chegaram à semi-final, sendo superadas pelas australianas. Ainda assim disputaram o terceiro lugar e superaram as coreanas, garantindo a medalha de bronze.

Boxe

Servílio de Oliveira O pugilismo, da mesma forma que o atletismo, é uma prova olímpica tão antiga quanto os próprios Jogos Olímpicos. Apesar disso, no Brasil, a tradição dessa modalidade está associada ao espetáculo produzido por profissionais, exceto pela realização de um único atleta, que consegue até hoje, depois da virada do século, manter a condição de único medalhista olímpico do boxe brasileiro. Servílio de Oliveira é o sétimo filho de uma família de 13 irmãos. Durante a infância, na década de 1960, Servílio e o Brasil viviam a febre do boxe por causa do título mundial de Éder Jofre. Apesar da paixão pelo futebol e do desejo de se tornar um jogador, acabou se identificando com o pugilismo. Aos 12 anos, quando foi para uma academia para treinar com acompanhamento técnico já possuía alguns conhecimentos técnicos, tendo sido reconhecido como um garoto de futuro, apesar da baixa estatura e do pouco peso. Venceu o Torneio dos Campeões, o Campeonato Brasileiro e foi aos Jogos Pan-Americanos de 1967. Entretanto foi a boa colocação nos Jogos Latino-Americanos, no Chile, que levou Servílio aos Jogos Olímpicos do México, em 1968. Servílio tinha 20 anos e nem sabia o que se passava no mundo naquele momento. Lembra-se do carinho com que o povo mexicano acolheu os atletas de todo o mundo e também lembra dos atletas negros norte-americanos que aproveitaram a ocasião para protestar. Apesar da inocência, era preciso ir à luta. Logo de início Servílio venceu um turco, depois um ganês e no terceiro combate enfrentou o mexicano Ricardo Delgado. Servílio sentiu a dificuldade de vencer um atleta local e lançou uma dúvida sobre um possível protecionismo ao atleta mexicano. Os jornais da época disseram o mesmo. Reforçou essa impressão o resultado da outra semifinal, feita por um atleta de Uganda, Leo Rwabwogo, e o polonês Artur Olech, campeão olímpico em Tóquio, classificado para o confronto com o mexicano. Ainda que a performance do ugandense indicasse a vitória, o escolhido para a luta final foi o polonês. Nessas condições Servílio de Oliveira ganhava a primeira medalha do pugilismo, de bronze, atuação nunca mais repetida por qualquer atleta brasileiro.

Futebol

Desde que o futebol começou a ser praticado em território brasileiro ganhou cores e gestos representativos do país. Convertido em mania nacional e elemento de identificação cultural, o futebol levou o Brasil a ser chamado de o país do futebol. Campeão mundial pela primeira vez em 1958, o time brasileiro passou a carregar, a cada quatro anos, a esperança da medalha olímpica, e a cada edição dos Jogos em que essa intenção não se configurava como realidade, aumentava a frustração e a expectativa de realização desse desejo. Nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984, veio enfim uma medalha, a primeira demonstração de isso seria possível. Marcados pelo boicote dos países do leste europeu, os Jogos Olímpicos de Los Angeles representaram, também, uma grande transformação nos ideais olímpicos com a queda do amadorismo e a ascensão do profissionalismo. O futebol foi, naquele momento, o bode expiatório dessa mudança. Para o bloco capitalista era fácil identificar amadores e profissionais. Amador era aquele que não podia receber qualquer bem ou valor em troca de sua atuação. Profissional, por sua vez, tinha a sua força de trabalho, o rendimento esportivo, pago pelos clubes que negociavam passes e salários, gerando a razão de ser do capitalismo: o lucro. O bloco do leste, alegando a socialização dos meios de produção, negava a existência de profissionais do esporte e afirmava a condição amadora de todos seus atletas-cidadãos. Com isso, a mesma seleção que ia às Copas do Mundo participava dos Jogos Olímpicos, levando uma grande vantagem sobre os times compostos de atletas não-profissionais. Para superar esse impasse, o Comitê Olímpico Internacional instituiu, para os Jogos Olímpicos de Los Angeles, uma norma específica para o futebol permitindo a participação, na competição, apenas de atletas que não tivessem atuado em campeonatos mundiais, independente da idade.

A alteração da regra ocorreu alguns poucos meses antes da realização dos Jogos levando à dissolução da seleção brasileira e o convite a duas equipes profissionais que pudessem representar o Brasil. Fluminense e Internacional eram as opções. Diante de compromissos assumidos anteriormente, o Fluminense (RJ) foi levado a declinar do convite. Entretanto, a equipe do Internacional (RS), sem nenhum impedimento, aceitou e assim foi constituída a seleção brasileira para os Jogos Olímpicos de 1984. A comissão técnica seria composta pelo preparador físico do Inter e pelo técnico Jair Picerne. Os atletas eram Ademir Rock, André Luis, Tonho, Dunga, Chicão, Gilmar Rinaldi, João, Jorge, Luis Carlos, Mauro Galvão, Milton Cruz, Paulo Santos, e Silvio Paiva. À equipe escolhida foram ainda agregados Ronaldo, do Corinthians (SP), Luis Henrique e Chicão, da Ponte Preta (SP), Davi, dos Santos e Gilmar Pipoca, do Flamengo (RJ). Com tão pouco tempo para se preparar, de fato, era preciso que a maioria do grupo já se conhecesse e atuasse junto para poder desempenhar a árdua tarefa de trazer para o país a tão desejava medalha olímpica. E assim partiram rumo a Los Angeles, à Vila Olímpica, à cerimônia de abertura, enfim, os atletas do futebol que compunham mais uma, entre várias equipes de modalidades coletivas. Nem mais, nem menos. Passados os preparativos e o impacto da chegada a esse ambiente tão diferenciado, era a hora de se preocupar com a razão de ser de tudo aquilo: ganhar uma medalha. A rivalidade vivida nos campeonatos mundiais era reeditada com a mesma intensidade nos Jogos Olímpicos. Para cumprir seu intento, a seleção brasileira venceu a Alemanha, o Marrocos, a Arábia Saudita, empatou com o Canadá e venceu nos pênaltis e, finalmente, enfrentaria a Itália na semi-final. Ainda era cedo para esquecer o que se passara na Copa de 1982, quando uma das seleções brasileiras mais talentosas viu seu caminho para o tetra ser interditado pelos gols de Paolo Rossi. Apesar de nenhum dos jogadores daquele episódio estar em campo, a camisa a ser defendida era a mesma. Sem culpa, nem receio, a equipe foi para o jogo e venceu por 2 a 1, vingou o time de 82 e garantiu a tão desejada medalha. O adversário final seria a França, um adversário desconhecido e pouco temido, resultando em uma medalha de prata para o Brasil. Chegava ao fim o jejum olímpico do futebol brasileiro.

Em Seul (1988) o sonho com o ouro olímpico era ainda maior. A primeira medalha já era uma realidade. Faltava agora o lugar mais alto do pódio. O time dos Jogos de Seul tinha quase a mesma base da Seleção de Juniores que havia sido campeã mundial (Ademir Kaefer, Claudio Taffarel, Jorge Campos, João Paulo, Ricardo Gomes, Geovani Silva, Edmar dos Santos, Hamilton de Souza, Romário, André Cruz, Luiz Carlos Winck, Aloísio Pires, Milton de Souza,

José Ferreira Neto, Valdo Candido, Jorge Luiz Careca, João Batista Viana, Nelson Kerchner, José Carlos Araújo e Bebeto). A qualidade técnica do time e as posteriores vitórias alcançadas por ele alimentam versões e mitos conspiratórios sobre a seleção. A campanha de Seul é avaliada como primorosa até a partida final contra a União Soviética, quando, com a partida empatada, o juiz apitou um pênalti que não havia ocorrido. A mesma rivalidade vivida no futebol profissional é transportada para o cenário olímpico, sem qualquer desconto, assim como em outras situações. Não importa se o jogo é amistoso ou competitivo, se a seleção é a principal ou um combinado para um torneio menor, se é sub-17 (atletas com menos de 17 anos) ou profissional. Se o time que entra em campo veste camisa amarela, calções azuis e o hino ouvido começa com a frase “ouviram do Ipiranga às margens plácidas...”, ele deve ser derrotado para honra e glória do oponente. Há jogadores que destacam em seus currículos, ainda que a carreira tenha sido medíocre, a ocasião em que, por mérito ou acidente, esteve relacionado entre um grupo de atletas que não perdeu (e isso pode significar empate ou vitória) para a seleção brasileira de futebol, mesmo que o lugar ocupado durante a partida tenha sido o banco de reservas. Nos Jogos Olímpicos não haveria de ser diferente. Mais uma vez restava ao Brasil a medalha de prata.

Os Jogos de Atlanta (1996) reservavam um outro desafio. Adversários que começavam a despontar no cenário do futebol tornaram-se os grandes vilões daqueles Jogos. Era a vez do futebol africano brilhar. O sonho do ouro brasileiro estava mais vivo do que nunca. O Brasil era agora tetracampeão mundial de futebol, aliás, título conquistado no mesmo país onde agora se realizavam os Jogos Olímpicos. Esse feito nunca havia sido realizado por qualquer outra seleção e alguns jogadores que participaram daquele momento histórico estavam em Atlanta para auxiliar em mais uma conquista. A equipe era formada por Dida, Zé Maria, Aldair, Ronaldo, Roberto Carlos, Flavio Conceição, Zé Elias, Rivaldo, Juninho, Bebeto, Ronaldinho, Daniel, Narciso, André Luiz, Amaral, Marcelinho Paulista, Sávio e Luizão. Esse talvez tenha sido um dos responsáveis pela transformação do *modus operandi* da seleção de prata de Seul. O local de concentração e de hospedagem já não era a Vila Olímpica, como em Seul, e o clima vivido em 1988 já não podia ser reproduzido em 1996. A seleção olímpica seguia de perto os passos da seleção profissional. Tudo parecia ir muito bem até que na semifinal surgiu, diante do Brasil, a Nigéria, um adversário de pouca tradição, mas com muita resistência e a irreverência que a falta de responsabilidade permite. O placar era de 3 x 1 a favor do Brasil quando, sem muita explicação, outros dois tentos foram marcados levando o placar a registrar 3 x 3, o que levou o Brasil a disputar o terceiro lugar contra Portugal. E assim, mais uma vez, o futebol trazia uma medalha para casa. Dessa vez a de bronze, adiando por mais alguns anos o sonho do ouro olímpico.

Hipismo

Apesar do hipismo brasileiro participar dos Jogos Olímpicos há muitos anos, foi apenas em Atlanta (1996) que, pela primeira vez, foi conquistada uma medalha. A equipe brasileira neste evento foi composta por Álvaro Affonso de Miranda, Rodrigo Pessoa, Luis Felipe Azevedo e André Johannpeter. A esperança de bons resultados parecia ser uma expectativa dos atletas da equipe que viviam intensamente o sonho da conquista da medalha. Talvez pela pouca experiência, talvez pela arrogância inerente aos muito jovens, não era possível saber o que representava, de fato, uma disputa olímpica. Lá a diferença não estava entre os melhores e os piores, mas quem entre os melhores era capaz de errar menos. Depois de competir e ganhar, de equipes com uma longa tradição na modalidade, a equipe brasileira conquistou a medalha de bronze, uma surpresa para os brasileiros e seus adversários. No período que separou os Jogos Olímpicos de Atlanta e Sydney, os atletas brasileiros amadureceram, ganharam mais experiência e respeito dos adversários. A caminho de Sydney, resultados importantes em campeonatos mundiais e nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, com uma medalha de ouro, reforçavam a idéia de que novos bons resultados eram não mais um sonho, mas resultado de muito trabalho. Se, nos Jogos de Atlanta a equipe brasileira era uma desconhecida inofensiva, em Sydney era vista como uma adversária perigosa, favorita a uma das medalhas. A manutenção entre os melhores do mundo é quase tão difícil quanto a primeira conquista em si. Países com maior tradição na modalidade não poupavam esforços na conquista pela posição que parecia natural lhe pertencer. Diante da pressão exercida pelos adversários, restava aos atletas brasileiros superar também esse obstáculo em seu percurso. Um erro do juiz fez a equipe brasileira perder 4 pontos, obrigando-a a buscar o desempate contra a França.

Se em Atlanta, as quatro primeiras posições ficaram para a Alemanha, Estados Unidos, Brasil e França, em Sydney esse quadro sofreu uma pequena alteração tendo Alemanha, Suíça e Brasil e França. Por duas vezes a equipe brasileira superou a da França, uma das maiores potências mundiais no hipismo.

Judô

A história do judô olímpico brasileiro começou a ser escrita por um japonês que, tendo perdido a vaga para disputar os Jogos de Tóquio, em 1964, vem para o Brasil como imigrante e reinicia sua vida. No Brasil, Chiaki Ishii trabalhou como lavrador e depois mudou-se para a cidade de São Paulo, onde montou uma academia e começou a ensinar judô como era praticado no Japão. Isso fez com que fosse reconhecido como um importante representante do esporte brasileiro, ganhasse a cidadania, disputasse os Jogos de Munique em 1972 e ganhasse a primeira medalha do judô brasileiro, a de prata, aos 33 anos de idade. Mas, seria a geração seguinte, com participação destacada nos Jogos de Los Angeles, 1984, que marcaria a história do judô brasileiro, fazendo a modalidade figurar entre as principais escolas do esporte do mundo, com um estilo próprio e inovador. Luís Onmura ganhou a medalha de bronze, na categoria leve. Descendente de japoneses, recaía sobre Luís responsabilidade semelhante à vivida por Chiaki, sobre praticar o judô e se sair vitorioso em sua prática.

Buscando quebrar essa lógica, Walter Carmona ganharia a medalha de bronze na categoria médio e tentaria provar que era possível fazer no Brasil um judô brasileiro, diferente daquele que havia sido praticado desde a década de 1960. Quem chegou mais próximo do lugar mais alto do pódio foi Douglas Vieira, ao conquistar a medalha de prata na categoria meio-pesado. A partir desse momento o judô não mais deixaria de figurar no quadro de medalhas olímpicas. Em Seul 1988, Aurélio Miguel entraria para a história por ganhar a primeira medalha de ouro, na categoria meio-pesado e voltaria a subir ao pódio em Atlanta, 1996, dessa vez para receber a medalha de bronze. Aurélio também entrou para a história por enfrentar a estrutura burocrática da Confederação Brasileira de Judô, o que o fez amargar o afastamento das competições internacionais. Um outro judoca talentoso o acompanharia nesse movimento. Rogério Sampaio veria sua determinação ser premiada ao sagrar-se campeão em Barcelona, 1992, na categoria meio-leve, depois de permanecer dois anos afastado dos tatames, no auge de sua carreira. Em Atlanta, Henrique Guimarães reafirmaria a importância do judô no cenário esportivo brasileiro. Ao iniciar no judô ainda menino com uma forma de ‘gastar energia’, não poderia imaginar que chegaria a conquistar a medalha de bronze na categoria meio-leve, fazendo parte de um reduzido número de pessoas que foi capaz de realizar o sonho olímpico. Em Sydney, 2000, a estrela dos judocas brasileiros voltaria a brilhar. Os responsáveis pelo hasteamento da bandeira brasileira foram Tiago Camilo, na categoria leve, com a medalha de prata, que entrou para a história como o mais jovem judoca medalhista e Carlos Honorato, também medalha de prata na categoria médio, que pôde mostrar sua competência ao ser convocado para substituir um outro atleta titular da posição, após uma contusão.

Natação

A natação foi uma das modalidades que mais desafiou a determinação de seus praticantes. Sem contar com instalações adequadas para a prática durante o inverno, os primeiros nadadores brasileiros desafiaram os rigores do inverno nadando em piscina sem aquecimento, em temperatura que beirava os 15 graus. Esse foi o caso de Tetsuo Okamoto, primeiro brasileiro a conquistar uma medalha de bronze na natação, nos 1.500 metros, durante os Jogos de Helsinque, em 1952. Tetsuo iniciou sua carreira em um clube do interior do estado de São Paulo e chegou a cursar e se formar por uma universidade americana ao usar seu talento para obter uma bolsa de estudo. Em Roma, 1960, Manoel do Santos inscreveria seu nome entre os nadadores mais rápidos do mundo ao disputar a prova final dos 100 metros nado livre e ficar com o terceiro lugar. Vinte anos mais tarde, nos Jogos Olímpicos de Moscou, a equipe de revezamento da prova 4 X 200 metros composta por Djan Madruga, Ciro Delgado, Marcus Mattioli e Jorge Fernandes afirmaria a habilidade dos nadadores brasileiros ao conquistar a medalha de bronze. Enquanto isso um novo talento se preparava para brilhar nas piscinas. Após quebrar o recorde mundial em 1982, aos 17 anos, Ricardo Prado se preparava para brilhar nos 400 metros medley em Los Angeles, 1984. Depois de um novo recorde mundial, dessa vez de seu adversário, Ricardo ficou com a medalha

de prata e marcou a história da natação brasileira como um de seus maiores talentos.

Durante os Jogos de Barcelona, 1992, um episódio inusitado marcaria o início da carreira do nadador mais premiado da natação brasileira: Gustavo Borges. Ao tocar a borda da piscina ele percebera que havia sido um dos primeiros a chegar na prova dos 100 metros livre. Entretanto, quando no placar foram anunciados os vencedores, seu nome não constava da relação nem dos vencedores, nem dos participantes, como se ele não tivesse nadado aquela prova. Desfeita a confusão eletrônica, os tempos foram averiguados pelos cronômetros manuais e a segunda colocação de Gustavo foi confirmada assegurando-lhe a medalha de prata. Em Atlanta, 1996, Gustavo voltaria a brilhar nos 100 metros com outra medalha de prata e nos 200 metros com uma medalha de bronze. Provando sua longevidade participou em Sydney, 2000, da equipe de revezamento 4 x 100 metros juntamente com Fernando Scherer, Edevaldo Valério e Carlos Jayme para conquistar a medalha de bronze. Outro nadador de provas de velocidade foi Fernando Scherer, que apesar de seu início tardio na natação, se destacou em provas curtas conquistando a medalha de bronze nos 50 metros livre em Atlanta, 1996, e no revezamento 4 x 100 em Sydney, 2000.

Tiro

O tiro representa o *debut* brasileiro em medalhas olímpicas. Some-se a isso o fato desse evento ter ocorrido na primeira participação brasileira em Jogos Olímpicos. Foram três medalhas – uma de ouro com Guilherme Paraense, uma de prata com Afrânio da Costa e uma de bronze por equipe com Afrânio Antonio da Costa, Guilherme Paraense, Sebastião Wolf, Dario Barbosa e Fernando Soledade. As primeiras medalhas olímpicas da história brasileira foram conquistadas em circunstâncias que misturam heroísmo e ficção. Depois de viajar por quase um mês em um navio cargueiro que não era exatamente um primor de conforto, sem condições de treino, durante uma escala na Ilha da Madeira, a equipe brasileira foi informada pelo comandante do navio que a chegada em Antuérpia estava prevista para 05 de agosto, quatorze dias após a realização das provas, o que obrigou a delegação a desembarcar em Lisboa e seguir por terra. Para surpresa e decepção da equipe de tiro na chegada ao continente europeu, todo o equipamento foi confiscado. É bom lembrar que o que levavam não eram bastões, bolas ou protetores de cabeça ou joelhos, equipamentos comuns a outras modalidades. Falamos de armas – revólveres e pistolas – e munição. Era muito difícil para os funcionários da alfândega entenderem, em um momento posterior a uma guerra mundial, o que brasileiros fariam com aquele equipamento em solo europeu. E, com isso, a chegada à Bélgica foi retardada em quase uma semana, sendo necessário que o chefe da delegação, membros do corpo diplomático e o representante junto ao Comitê Olímpico Internacional interviesse para que os atletas brasileiros pudessem chegar a tempo para competir. Não bastasse tudo isso na partida de Bruxelas, parte da munição foi roubada.

Ao chegarem a Baverloo, campo de treinamento do exército Belga e local da competição de tiro, as demais equipes já haviam se instalado e treinado por vários dias. Os brasileiros, por sua vez, haviam percorrido os últimos quilômetros da viagem a pé para não perderem mais tempo esperando por um transporte que poderia não vir. O desconforto do navio era lembrado com saudade, diante das acomodações do acampamento oferecido à equipe de tiro brasileira. Apesar disso, era hora de começar a fazer valer a travessia do oceano e as agruras passadas até ali. Já naquela época a qualidade e quantidade de material esportivo faziam diferença no resultado das equipes. Entretanto, o ideal olímpico era ainda um broto verde claro e, mais importante que a vitória, era a possibilidade de competir com os melhores. Essa talvez seja a explicação para o fato da equipe americana, muito bem equipada e treinada, acolher os brasileiros, destituídos de armas e munição, e partilhar acomodações e munição para o período de treinamento e de competição.

Foi nessa oportunidade que Afrânio pôs à prova sua condição de futuro magistrado. Não seria possível diante daqueles fatos, alimentar qualquer sonho ou desejo de realizar uma boa participação. Só havia um meio: tentar, apesar de todas as dificuldades, superar a situação indo a busca de material para treinos e tiros. Em seu diário de viagem relata o ocorrido: “À noite procurei aproximar-me dos americanos, cujo conforto era notável e não necessitavam de esmolas do seu governo para o seu sustento. Era o único recurso para remediar os desfalques que havéramos sofrido em alvos e

munições. Lane e Bracken, dois famosos campeões, jogavam uma partida de xadrez; fui 'peruar' o jogo e, às folhas tantas arrisquei uma opinião na partida... acharam boa; daí por diante entraram em franca camaradagem. Ao final da noite já me haviam dado 1.000 cartuchos .38, 1.000 cartuchos .22 e 50 alvos, fabricados especialmente para o concurso."

As provas de tiro foram realizadas em campo aberto, uma vez que os estandes haviam sido destruídos durante a guerra, ou seja, não havia proteções, trincheiras ou bandeira de delimitação de área. Se para as equipes bem preparadas isso era motivo de reclamações e protestos, para os brasileiros era apenas mais um elemento nessa aventura já repleta de notas. Esses ainda eram tempos em que a celebração era mais desejada do que a competição e o *fair play* era tido mais como uma regra do que como um valor moral. A conquista da medalha implicava apenas e tão somente no reconhecimento pela boa performance alcançada, realçada pelo brilho e talento dos adversários. Nessa ocasião, com a arma emprestada dos americanos, Afrânio Antonio da Costa ganharia a primeira medalha olímpica da história brasileira, perdendo para o norte-americano Friederick e superando outro norte-americano, que lhe havia emprestado armas, alvo e munições Alfred P. Lane. No mesmo dia, a equipe de pistola livre composta por Afrânio da Costa, Guilherme Paraense, Sebastião Wolf, Dario Barbosa e Fernando Soledade conquistaria mais uma medalha, dessa vez a de bronze, representando um importante marco na história do esporte brasileiro. No dia seguinte era a vez do tenente Guilherme Paraense mostrar porque havia ido tão longe. Repetindo as mesmas atitudes e gestos que caracterizavam sua performance nas competições brasileiras e sul-americanas, Paraense foi para sua prova, em um imenso campo aberto, com muito vento e todos seus adversários ao redor. Dos 300 pontos possíveis, o tenente Guilherme Paraense marcou 274, dois a mais que o americano que havia sido tão camarada naqueles dias de penúria, conquistando a medalha de ouro, entrando para a história do esporte brasileiro por essa conquista inédita. É bom que se registre que há uma estória escrita em vários almanaques e livros que conta que armas e munição da equipe brasileira foram roubadas em algum momento da viagem à Europa, levando os atiradores a competirem com equipamento emprestado dos americanos. Não foi o caso do tenente Paraense, cuja pistola utilizada em Antuérpia se encontra em poder de sua neta até os dias atuais... com muito orgulho, faz ela questão de registrar.

Vela

Algumas modalidades olímpicas brasileiras foram edificadas a partir de sobrenomes estrangeiros. Essa constância não é de se estranhar em se tratando o Brasil de um país multi-cultural e multi-étnico. Em modalidades esportivas, cuja tradição remonta países de outros continentes, é bem compreensível que nomes de família, principalmente de origem germânica e nórdica, sejam grafados nos anais do esporte brasileiro. Esse é o caso da vela que, juntamente com o atletismo, são as modalidades olímpicas que mais trouxeram medalhas para o Brasil. As medalhas olímpicas começaram a fazer parte da história da vela brasileira a partir dos Jogos do México, em 1968, com Reinaldo Conrad e Burkhard Cordes. Embora já tivesse participado dos Jogos de Roma, em 1960 pela classe Finn, Reinaldo se viu obrigado a mudar para a classe Flying Dutchman por causa de uma lesão de ligamentos nos dois joelhos. Buscando os melhores ventos e os aperfeiçoamentos tecnológicos, a dupla conquistou a medalha de bronze. Em Montreal, 1976, em parceria com Peter Ficker, Reinaldo repetiria o feito da medalha de bronze e abriria caminho para novas gerações que brilhariam na vela.

Nos Jogos Olímpicos de 1980, a Baía de Tallin, na Estônia, foi o palco de duas conquistas douradas de atletas brasileiros. Alex Welter e Lars Bjorkstrom, velejadores de reconhecimento internacional, realizaram uma grande aventura até chegar à competição. Vivendo um momento de absoluto amadorismo, tentavam participar das competições européias em busca de experiência e conhecimento dos adversários. Enfrentaram em Tallin o favoritismo soviético, bem como a pressão da torcida e mídia locais. Ganharam a prova e a medalha de ouro por antecipação, faltando ainda uma regata, na classe Tornado. No mesmo local, a vela nacional ainda brilharia com os meninos do Rio: Marcos Soares e Eduardo Penido, na Classe 470. Ganharam esse apelido pela pouca idade (Marcos tinha apenas 19 anos) e pelo fato de não constarem entre os favoritos à medalha. Tinham pouca participação em eventos internacionais e, portanto, poucos resultados reconhecidos pelo público. Era a condição ideal para começar uma

prova tão importante sem a responsabilidade de vencer a qualquer custo. Logo nas primeiras regatas, a dupla brasileira venceu sem qualquer problema, deixando os demais adversários muito atrás, gerando uma imensa curiosidade naqueles que acompanhavam as provas. Após alguns dias, a soma dos resultados dava a eles a vantagem de disputar a final precisando apenas de um sexto lugar. Foi o que aconteceu em uma regata emocionante na qual o barco finlandês que havia saído em uma das últimas colocações, conseguiu, em uma manobra inesperada superar a todos, chegar em primeiro e permitir a conquista do ouro pelos brasileiros.

Mas nenhum velejador brasileiro teve mais medalhas olímpicas do que Torben Grael. Neto e sobrinho de velejadores de nível internacional, Torben iniciou na modalidade ainda muito jovem e tornou a modalidade sua opção de vida. Foi um dos primeiros atletas a se profissionalizar e colocou o esporte como a sua condição de vida. Foi medalha de prata em Los Angeles, 1984, na classe Soling juntamente com Daniel Adler e Ronaldo Senfft. Quatro anos depois, em Seul seria medalha de bronze na classe Star em parceria com Nelson Falcão. Os ventos em Barcelona (1992) não proporcionaram boas provas, mas em Atlanta, 1996, com Marcelo Ferreira na classe Star voltaria ao pódio dessa vez para receber a medalha de ouro. Em Sydney 2000 mais uma vez a dupla Torben Grael e Marcelo Ferreira ganharia uma medalha, dessa vez a de bronze. Lars Grael também teria seu nome escrito na história dos medalhistas olímpicos brasileiros. Tendo velejado por algum tempo com o irmão Torben, ganhou medalhas correndo em outras classes. Optou por um barco de casco duplo (que já havia dado uma medalha ao Brasil com Alex Welter e Lars Bjorkstrom) e brilhou junto com Clínio Freitas nos Jogos de Seul, conquistando a medalha de bronze. Repetiu essa façanha em Atlanta, 1996, acompanhado de Kiko Pelicano. Nos anos de 1990, Robert Scheidt viria a se firmar como um digno representante da nova geração de velejadores brasileiros. Além de conquistar por seis vezes o campeonato mundial na classe Laser, foi medalha de ouro em Atlanta e prata em Sydney, o que permitiu prever continuidade à carreira vitoriosa e ainda em ascendência.

Vôlei de praia

Foram necessários 74 anos para que uma medalha de ouro fosse conquistada por uma atleta brasileira, ou melhor, duas. Anos de treinos, jogos, seleções nacionais, solidão e até mudança de modalidade fizeram parte desse processo. Até os Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996, nenhuma atleta brasileira havia experimentado a honra de ver a bandeira nacional ser hasteada. No caso do vôlei de praia, o prazer foi dobrado: ouro e prata em uma modalidade que nasceu norte-americana e cresceu e se desenvolveu brasileira. Jacqueline Silva e Sandra Pires entraram para a história do esporte tanto por seus feitos individuais como pela conquista, em dupla, da primeira medalha olímpica e de ouro. Jackie foi uma atleta que fez história no voleibol *indoo*re, depois de ver as portas da modalidade fechadas para si no Brasil, partiu para os Estados Unidos em busca de outras oportunidades. Participou da criação do vôlei de praia americano e de sua expansão para o mundo. Voltou ao Brasil para, junto com Sandra Pires, difundir a modalidade, conquistar a vaga para os Jogos de Atlanta e para ter a oportunidade de redimir sua história e sua fama. Mais do que isso, as duas protagonizaram um feito raro na história dos Jogos Olímpicos que foi proporcionar uma final contra uma outra dupla também de brasileiras: Adriana Samuel e Monica Rodrigues, praticantes da modalidade desde que ela começou a se desenvolver com caráter profissional nas areias das praias cariocas. Essa conquista afirmaria a supremacia do vôlei de praia brasileiro no cenário internacional. Em Sydney, 2000, o duplo pódio voltaria a se repetir, porém, em outros níveis. Dessa vez Sandra viria acompanhada de Adriana e, juntas, conquistariam a medalha de bronze, e a medalha de prata ficaria para a dupla Adriana Behar e Shelda, quatro vezes campeãs do circuito mundial.

No masculino, a participação brasileira também estava marcada. Há conquistas que transcendem a premiação estipulada. Assim como para alguns de nada vale uma medalha de prata ou de bronze, para outros, independente do metal, subir ao pódio é a realização máxima da vida e do esporte. Para a dupla Zé Marco e Ricardo, a medalha de prata obtida em Sydney tem sabor de 24 quilates, independente do que torcida ou imprensa disseram a esse respeito. Desacreditados no princípio pela breve história na modalidade, a experiência de muitos anos e as várias duplas de Zé Marco compensaram a pouca vivência, mas muita determinação, de Ricardo. A falta de expectativa na dupla transformou-se em fé cega quando se aproximava o fim dos

Jogos e a dupla era uma das últimas esperanças de medalha. Missão cumprida e medalha conquistada, a realização pessoal foi mais intensa do que o desejo não realizado do ouro.

Voleibol

Durante várias gerações, o futebol gozou da condição de esporte nacional. Bastava um terreno baldio e um objeto improvisado em forma de bola para que um grupo de pessoas fosse dividido em dois e tentasse, ao longo do tempo de que dispunham, deixar sua marca no time adversário em forma de gol. Reforçando essa dinâmica, e também sendo conseqüência dela, eram raros os meios de comunicação de massa que noticiavam ou transmitiam qualquer outra competição, que não o esporte bretão. Esta situação começou a ser alterada quando uma série de iniciativas advindas de dirigentes, jornalistas e locutores empreendedores e empresários apaixonados pelo esporte culminaram na divulgação das realizações de uma geração que despontava como inédita, para a modalidade até então. Assim, o voleibol brasileiro virava a página de sua própria história e do esporte ao inaugurar o profissionalismo na gestão do esporte brasileiro, antes praticado apenas pelo futebol. Tornava-se uma das modalidades mais praticadas no país e reservava ao esporte olímpico muitas surpresas e glórias. Mesmo praticado por uma geração vitoriosa desde os anos de 1960, com participações destacadas em competições internacionais, foi no início da década de 1980 que o voleibol conquistou o público fazendo apresentações, tanto em âmbito doméstico com campeonatos nacionais e regionais emocionantes, como constituiu uma seleção nacional realizadora de grandes espetáculos, como a partida exibição no estádio do Maracanã contra a União Soviética, em 1981.

Nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, 1984, a campanha brasileira foi quase perfeita. A equipe era composta por Amauri, Badalhoca, Bernard, Bernardinho, Domingos Maracanã, Fernandão, Marcus Vinicius, Montanaro, Renan, Ruy, Willian e Xandó. Ao longo da competição a equipe brasileira foi derrotada apenas uma vez, pela Coréia na etapa de classificação, vencendo inclusive os anfitriões, indicando a garantia do pódio. Entretanto, no dia da disputa da medalha de ouro, o que se viu foi um time americano disposto a tudo para não perder o lugar mais alto do pódio. Os donos da casa ditaram o ritmo do jogo e, por mais que a comissão técnica brasileira buscasse alternativas, o ataque não conseguia superar o jogo adversário. A medalha de prata de Los Angeles representou o fortalecimento da modalidade no Brasil e a preparação para vitórias ainda mais expressivas em um futuro próximo. A afirmação dessa realidade ocorreu em Barcelona, 1992. Apesar da derrota da estréia para a Coréia, a equipe brasileira composta por Amauri, Pampa, Tande, Carlão, Douglas, Giovane, Janelson, Jorge Edson, Marcelo Negrão, Maurício, Paulão e Talmo encantou o mundo com uma forma alegre e criativa de jogar, surpreendendo antigos adversários e as equipes favoritas à condição de campeã. A seleção masculina de voleibol inovou por tudo isso, e também por ter conquistado a primeira medalha de ouro em uma modalidade coletiva. Foi também em Barcelona que a seleção feminina conquistava o quarto lugar, melhor colocação obtida pelas meninas ao longo de sua trajetória olímpica, indicando que o sonho olímpico das mulheres também estava para ser realizado.

O voleibol feminino era uma das modalidades que, ao longo de vários anos, procurava conquistar seu espaço no cenário mundial e pouco a pouco vinha se impondo entre as melhores equipes, por suas apresentações em Campeonatos Mundiais e Grand Prix. Atlanta, 1996, coroou uma geração de atletas que se dedicaram a virar a página do vôlei e se dispuseram a mostrar que as meninas eram mais do que apenas mulheres bonitas. Eram também talentosas e vitoriosas. Ana Moser, Ida, Ana Paula, Leila, Hilma, Virna, Marcia Fu, Filó, Ana Flávia, Fernanda Venturini, Fofão e Sandra repetiram, em Atlanta, as apresentações emocionantes que vinham realizando no circuito internacional. A derrota na semi-final para Cuba levou à disputa do terceiro lugar em uma partida inesquecível. Enfim, contra a Rússia as meninas brasileiras ganhavam a primeira medalha olímpica e a certeza que outras estavam por vir. Quatro anos depois em Sydney, esse feito se repetiria e ainda revelaria uma nova geração de atletas. Leila, Virna, Érika, Janina, Kely, Ricarda, Kátia, Walewska, Elisangela, Karin, Raquel e Fofão, dirigidas pelo técnico Bernardinho, mostrariam a disposição de não perder o lugar tão arduamente conquistado nos longos anos de trabalho.

Fonte Rubio, K. Os Heróis Olímpicos Brasileiros, lançamento em 2004.

Atletas do vôlei de praia

ROBERTA CAROLINA VALLE DA TRINDADE

Beach volleyball athletes

This chapter introduces some of the outstanding Brazilian beach volleyball players through short biographies. The Brazilian female athletes featured here are, in the first place, Jackie Silva and Sandra Pires, who were the very first Brazilian female athletes to earn gold medals for Brazil in the whole history of the Olympic Games. It was quite an achievement for the Olympic debut of beach volleyball in Atlanta, 1996. Ana Richa is also another very successful beach volleyball player. She is at the same time athlete, coach, manager of her own business and mother of two. Mônica Rodrigues is another example of mother and athlete who has an international career. She won the silver medal in Atlanta 1996.

Jackie Silva Jacqueline Louise Cruz Silva nasceu em 13 de fevereiro de 1962 no Rio de Janeiro. Começou a jogar vôlei de quadra aos 10 anos de idade. Conquistou diversos títulos na quadra até que, em 1985, foi vetada da Seleção Brasileira de vôlei de quadra por não concordar em vestir o uniforme com o nome do patrocinador sem receber remuneração. Em 1987 foi jogar em Modena, na Itália, e foi considerada a melhor jogadora estrangeira da temporada, ajudou a fundar a primeira associação de vôlei de praia feminino nos Estados Unidos. Seria impróprio fazer um histórico do vôlei de Praia que mostrasse a evolução da modalidade sem mencionar a jogadora. A atuação de Jacqueline na areia se confunde com a evolução do vôlei de Praia no Brasil. De 1987 até 1990, foi líder de pontos e vencedora de vários prêmios pela WPVA (Associação Feminina de vôlei de praia dos Estados Unidos). Em 1990 foi a primeira colocada no ranking americano de vôlei de praia. Em 1993 começou a parceria com Sandra. Em 1995 conseguiu, ao lado de sua parceira Sandra, a marca dos doze primeiros lugares no Circuito Banco do Brasil e sagraram-se campeãs brasileiras, feito jamais alcançado por qualquer dupla. Em 1996 conquistou o ouro Olímpico, um feito inédito por duas brasileiras na primeira participação oficial do esporte em uma Olimpíada. A jogadora foi a primeira mulher no Brasil a ganhar tal premiação em 100 anos de história das Olimpíadas. Neste mesmo ano, foi primeiro lugar no ranking mundial e única atleta feminina a gravar um depoimento histórico para o Museu da Imagem e do Som (RJ). Em 1998 concorreu ao título de atleta do século, pela revista semanal ISTO É, de circulação nacional. Em 1999 inaugura o Jackie Clube de vôlei. Em 2001 foi eleita pela Federação Internacional de voleibol - FIVB a atleta da década de 1990. Em 2002, inaugura 25 novas unidades do Jackie Clube de Vôlei, em parceria com o Governo do Estado do Rio de Janeiro. Em 2003 participa do campeonato mundial de vôlei de praia no Rio de Janeiro.

Ana Richa Ana Richa Maria Medeiros nasceu no Rio de Janeiro em 3 de dezembro de 1966. Ana joga vôlei há 25 anos. Começou no vôlei de quadra aos 11 anos, jogando pelo Botafogo (RJ). Chegou a seleção brasileira na posição de levantadora, participou nos Jogos Olímpicos de Los Angeles (1988), Jogos Pan Americanos de Indianápolis (1987) e nos Campeonatos Mundiais na Tchecoslováquia (1986) e na China (1990). Em 1996 a jogadora passou da quadra para a areia. Em 2001, tornou-se treinadora de vôlei de praia ao concluir o curso da Confederação Brasileira de Voleibol-CBV. Atualmente, no vôlei de praia, conquistou os títulos: Medalha de bronze nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo (2003); Campeã da etapa Caxias do Sul (RS), do Circuito Banco do Brasil de 2003; Vice-campeã da etapa de São José dos Campos do Circuito Banco do Brasil de 2003; Campeã da Copa Samsung de 4x4 em Florianópolis em 2003; Campeã da etapa brasileira do Circuito Sul- Americano em 2000; Vice-campeã de duas etapas do Circuito Italiano em 2000. Este ano, ao lado de sua parceira, a jogadora Larissa, conquistou o primeiro lugar na etapa de estréia do Circuito Banco do Brasil do Sul (RS) e chegou ao topo do ranking na modalidade. Ana Richa tem dois filhos, Eduardo de seis anos e Rodrigo de doze anos.

Mônica Rodrigues Mônica Rodrigues nasceu no Rio de Janeiro em 20 de setembro de 1967. Iniciou no Vôlei de Quadra em 1983. Jogou em grandes clubes como Fluminense, Bradesco, Piracicaba, Pirelli e Rio Forte. Foi uma das primeiras jogadoras brasileiras no

Adriana Behar and Shelda make up the team that has won most of the Brazilian beach volleyball competitions: 700 gold medals and 93 championships conquered in more than 7 years of partnership. Ana Paula Rodrigues was bronze medal winner in volleyball in the Olympic Games of Atlanta in 1996. She became mother in 2000 and has been very active in the national and international circuits of beach volleyball. The Brazilian male athletes featured here are, in the first place, José Geraldo Loiola and his partner, Emanuel Scheffer, who were elected the best beach volleyball players of the 1990s by the International Federation of Volleyball – FIVB. Emanuel is the athlete with the

vôlei de praia a conseguir projeção internacional. Na década de 1990 foi tricampeã Sul-americana. Primeiro fazendo dupla com Claudia Lupion e depois, nos anos seguintes, fazendo dupla com a jogadora Adriana, com quem jogou até 1997. No ano de 1993, foi campeã do circuito Banco do Brasil. Em 1994, quando o vôlei de praia foi incluído nos Jogos da Amizade (Rússia), a jogadora conquistou a medalha de prata com sua parceira Adriana Samuel. No mesmo ano (1994) foi campeã do circuito mundial, pela primeira vez disputado no Brasil (Santos). Nas Olimpíadas de Atlanta (1996), quando o vôlei de praia ainda não era oficialmente reconhecido como esporte Olímpico, Mônica conquistou a medalha de prata. Trocou de duplas várias vezes e teve como parceira as jogadoras: Alexandra, Ana Paula e Claudia. Em 2001 a jogadora se ausentou, temporariamente das competições, para ter seu filho. Voltou a jogar no final de 2002, fazendo dupla com Alexandra, até formar dupla com Leila. Seu tempo de lazer é dedicado a família e em particular ao seu filho.

Adriana Behar Adriana Brandão Behar nasceu no Rio de Janeiro em 14 de fevereiro de 1969. Adriana começou no esporte aos 13 anos, jogando vôlei de quadra pelo Flamengo. Durante alguns anos jogou em Portugal e na Itália. Em 1992 retornou ao Brasil trocando as quadras pela areia. Sua primeira parceira foi Margareth. Em 1993 jogou duas etapas do Circuito Banco do Brasil com Ana Richa. Após esse período, formou dupla com Magda até outubro de 1995 quando, através da técnica Letícia Pessoa, começou a jogar com Shelda. A dupla é a maior vencedora de todos os tempos do vôlei de praia brasileiro. Entre suas conquistas estão: o vice-campeonato no mundial de vôlei de praia em 2003; o pentacampeonato no circuito mundial em 1997, 1998, 1999, 2000 e 2001; o hexabrasileiro no circuito Banco do Brasil em 1996, 1997, 1999, 2000, 2001 e 2002; o bi-campeonato mundial na França em 1999 e na Áustria em 2001; a medalha de ouro no Pan-Americano de Winnipeg e a medalha de prata nas Olimpíadas de Sidney, em 2000. São mais de 700 vitórias e 93 títulos conquistados em mais de sete anos de parceria. Entre os títulos atribuídos a Adriana estão: o melhor saque do Circuito Banco do Brasil em 1998, 1999, 2001 e 2002; o melhor bloqueio no circuito Banco do Brasil em 1998, 1999 e 2000; o melhor ataque do Circuito Banco do Brasil em 1999; a melhor jogadora de vôlei de praia eleita pelo Comitê Olímpico Brasileiro-COB em 2002. Formada em Educação Física, Adriana nunca exerceu a profissão.

Shelda Shelda Kelly Bruno Bede nasceu em Fortaleza, no Ceará, no dia 1 de janeiro de 1973. Começou a jogar vôlei na quadra. Em 1991 sofreu um acidente automobilístico e os médicos disseram que não voltaria ao esporte. Após seis meses, a técnica Letícia Pessoa lhe apresentou Adriana Behar. As duas iniciaram juntas suas carreiras na praia. A dupla é a maior de todos os tempos do vôlei de praia brasileiro, como já descrito na biografia anterior. Entre os títulos atribuídos a Shelda, estão: atleta que mais venceu etapa do circuito Banco do Brasil; melhor jogadora da temporada de 1998, 1999, 2000 e 2001 do Circuito Banco do Brasil, eleita a melhor defesa e a melhor recepção do Circuito Banco do Brasil em 1998, 1999, 2000 e 2001; atleta que mais venceu etapas do circuito Banco do Brasil; eleita a melhor defesa e recepção do Circuito Banco do Brasil em 1998 e 1999; melhor recepção do Circuito Banco do Brasil em 2001 e 2002; melhor defesa do Circuito Banco do Brasil; melhor jogadora do Circuito Banco do Brasil em 2001 e

greatest number of world titles in the history of beach volleyball becoming five times champion of the world in 2003 during the World Circuit. Ricardo Alex Costa Santos, known in Brazil as “A Muralha” (“The Wall”) and abroad as “Block Machine”, was appointed as the best blocker of beach volleyball in the world. He won the silver medal in the Olympic Games, Sydney, 2000. Márcio Henrique Barroso Araújo was the first foreigner to win the Italian circuit in 2001. Marcio and Benjamin Insfran won the silver medal in the Pan-American Games, Santo Domingo, and the bronze medal in the World Championship of Beach Volleyball in Rio de Janeiro, 2003.

melhor jogadora de vôlei de praia do ano pelo Comitê Olímpico Brasileiro-COB em 1999, 2000 e 2001.

Sandra Pires Sandra Tavares Pires Nascimento nasceu no Rio de Janeiro em 16 de junho de 1973. Sandra começou no vôlei de quadra aos 14 anos pelo time da Supergasbras. Aos 17 anos se transferiu para a Rioforte. Aos 19 anos, começou no vôlei de praia. Junto com a Jacqueline foi a primeira mulher a conquistar uma medalha de ouro no vôlei de praia nas Olimpíadas de Atlanta em 1996. Nos jogos Olímpicos de Sidney em 2000 foi a primeira mulher a desfilar como porta bandeira do Brasil em uma Olimpíada, além de conquistar a medalha de bronze fazendo dupla com Adriana Samuel. Além dessas vitórias Sandra também conquistou: o título de campeã do circuito mundial de vôlei de praia em 2003; a medalha de ouro nos jogos da Amizade de Brisbane em 2001 fazendo dupla com Tatiane; bicampeã mundial em 1995 e 1996 fazendo dupla com Jacqueline; medalha de ouro no Campeonato Mundial de Los Angeles em 1997 com Jacqueline, medalha de prata no Campeonato Mundial de Klagenfurt, na Áustria em 2001 fazendo dupla com Tatiana; bicampeã do circuito Banco do Brasil em 1995 fazendo dupla com Jacqueline e em 1998 com Adriana Samuel; eleita revelação do ano de 1994 pela Associação Americana de Vôlei de Praia; eleita pela Federação Internacional de Voleibol a melhor dupla da última década do Século XX, com Jacqueline; eleita pela Federação Internacional de Voleibol-FIVB a melhor jogadora de praia do mundo da década de 1990; melhor atacante do circuito Banco do Brasil em 1998, 2000 e 2001; o melhor saque do circuito Banco do Brasil em 2000; bicampeã do Torneio Rainha da Praia em 2000 e 2001; campeã da etapa Fortaleza do circuito Banco do Brasil de vôlei de praia em 2003; campeã da etapa de Londrina do Circuito Banco do Brasil vôlei de praia 2003 e campeã da etapa de São José dos Campos do circuito Banco do Brasil de vôlei de praia.

Ana Paula Ana Paula Rodrigues nasceu em Lavras em Minas Gerais. Começou sua carreira jogando no vôlei de quadra, no qual conquistou títulos importantes como: medalha de bronze nas Olimpíadas de Atlanta em 1996; tricampeã do Grand Prix em 1994,1996 e 1998; campeã da BCV Cup em 1994 e em 1996; eleita a melhor jogadora da Copa do Mundo em 1994. Em 1999 decidiu se dedicar ao vôlei de praia. No ano seguinte engravidou. Em 2002 foi vice-campeã do Circuito Banco do Brasil jogando com Tatiana. Além dessas conquistas Ana Paula obteve: o título de campeã do circuito internacional de vôlei de praia em 2003; o título de melhor bloqueio da temporada 2001 do Circuito Banco do Brasil; terminou em segundo lugar no ranking brasileiro em 2002; esteve no pódio em nove das 16 etapas do Circuito Banco do Brasil em 2001.

Loiola José Geraldo Loiola Júnior nasceu no dia 28 de março de 1970 em Vitória, no Espírito Santo. Foi o primeiro brasileiro a participar de uma competição internacional nos Estados Unidos em 1993, ao lado do jogador Anjinho. Em 1990 jogava vôlei de quadra e basquete, no ano seguinte começou no vôlei de praia, mas continuava jogando nas quadras. Em 1995, a dedicação ao vôlei de praia passou a ser exclusiva. Eleito pela Federação Internacional de Voleibol-FIVB o melhor jogador de vôlei de praia do mundo da década de 1990 ao lado do jogador Emanuel. O jogador também possui os títulos de: medalha de ouro no Goodwill Games de 2001 na Austrália; vice-campeão do circuito mundial em 2000; campeão do circuito mundial em 1999; medalha de ouro no campeonato

mundial da França em 1999; rei da praia nos Estados Unidos em 1997 e rei da praia no Brasil em 2001.

Emanuel Emanuel Fernando Scheffer Rego nasceu em 15 de abril de 1973 em Curitiba, no estado do Paraná. Começou sua carreira no vôlei de quadra jogando pelo clube Curitibano. Em 1991 optou definitivamente pelo vôlei de praia. Tornou-se um dos jogadores mais vitoriosos de todos os tempos. Emanuel se consagrou como o atleta com o maior número de títulos mundiais da história, tornando-se pentacampeão do Circuito Mundial em 2003. É também o recordista de vitórias consecutivas no circuito, totalizando sete etapas em 1999. No mesmo ano Emanuel conquistou, na França, o título maior do Campeonato Mundial. Participou das Olimpíadas de Atlanta e Sidney. No final de 2002 o atleta se mudou do Rio de Janeiro para João Pessoa, na Paraíba, desfazendo a dupla com Tande e passando a jogar com Ricardo. Emanuel tem, como principais qualidades, a versatilidade e a rapidez em quadra. Seu grande sonho é a conquista de uma medalha olímpica. Emanuel foi eleito pela Federação Internacional de Voleibol-FIVB o melhor jogador da década de 1990, juntamente com Loiola. Seus principais resultados são: Pentacampeão do circuito mundial em 1996, 1997, 1999, 2001 e 2003; tetracampeão do circuito Banco do Brasil de Vôlei de Praia em 1994, 1995, 2001 e 2002; vice-campeão de circuito mundial em 2000; eleito o melhor atacante do Circuito Banco do Brasil de Vôlei de Praia em 1999.

Ricardo Ricardo Alex Costa Santos nasceu em 6 de Janeiro de 1975 em Salvador, na Bahia. No Brasil é conhecido como "A Muralha",

e no exterior é chamado de "Block Machine". Apontado como o melhor bloqueio do vôlei de praia, Ricardo faz desse fundamento sua grande arma nas competições. Medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Sidney em 2000, campeão na Áustria em 2001, o jogador tem colecionado títulos e prêmios proeminentes ao longo de sua carreira. No final de 2002, Ricardo confirmou sua excelente fase ao conquistar o título do circuito Banco do Brasil ao lado do jogador Emanuel. Em 2002, Ricardo conquistou o título de Rei da Praia. Ao contrário da maioria dos jogadores que disputam o Circuito, Ricardo iniciou sua carreira na praia. Em 1994 iniciou na areia, sem passagem pela quadra. Em 1998, conquistou seu primeiro título internacional, na etapa do circuito mundial, no Rio de Janeiro. Principais resultados: campeão mundial de vôlei de praia em 2003, ao lado do jogador Emanuel; campeão do Circuito Banco do Brasil em 2002; vice-campeão do Circuito Banco do Brasil em 1999; vencedor da etapa Canadá do Circuito Mundial em 2002; medalha de ouro no Goodwill Games em Brisbane na Austrália em 2001; campeão do campeonato mundial na Áustria em 2001; eleito o melhor bloqueio do Circuito Banco do Brasil de Vôlei de Praia em 1999, 2000 e 2001; medalha de prata nos Jogos Olímpicos de 2000; campeão do Circuito Mundial em 2000; eleito o melhor atacante do Circuito Banco do Brasil em 2000 e vice-campeão do Circuito Mundial em 1999.

Márcio Márcio Henrique Barroso Araújo nasceu em 12 de Outubro de 1973 em Fortaleza no Ceará. Joga vôlei de praia há nove anos. Foi medalha de prata nos Jogos Pan-americanos de 2003 em Santo Domingo e terceiro lugar no Mundial de vôlei de praia em 2003, no

Rio de Janeiro. Em 2001 e 2002 foi ao lado de Benjamin vice-campeão do Circuito Mundial. Principais resultados: Campeão do Circuito Banco do Brasil em 2000; vice-campeão do circuito Banco do Brasil em 2001 e 2001; eleito a melhor defesa do Circuito Banco do Brasil em 2000 e 2002 e foi o primeiro estrangeiro a vencer uma etapa do circuito italiano em 2001.

Benjamin Benjamin Insfran nasceu em 14 de abril de 1972 em Dourados, no Mato Grosso do Sul. Benjamin começou sua carreira no vôlei de quadra. Somente depois de sofrer várias contusões ele resolveu mudar para o vôlei de praia, em 1996. Em 1998 foi escolhido pela CBV Confederação Brasileira de Voleibol-CBV, o atleta revelação do Circuito Banco do Brasil. Em 2003, foi ao lado de Márcio medalha de prata nos jogos Pan-Americanos de Santo Domingo e medalha de bronze no Mundial de vôlei de praia no Rio de Janeiro. Seus resultados principais são: campeão do circuito Banco do Brasil vôlei de praia em 2000; vice-campeão do circuito Banco do Brasil em 2001 e 2002; eleito melhor jogador do Brasil em 2000 e 2002; eleito melhor ataque e melhor bloqueio em 2002; vice-campeão do Circuito Mundial de 2002.

Fontes Trindade, Roberta Carolina Valle da. Mulher, Atleta ,Mãe - Sonhos possíveis, realidades compatíveis?Experiências de vida de Jogadoras de Vôlei de Praia sobre suas carreiras e a maternidade. Dissertação de Mestrado Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro: UGF, 2003; www.jackiesilva.com.br, www.cbv.com.br/cbv/prai/perfi; www.fivb.ch; www.olympic.org

Ex-atletas e treinadoras

GABRIELA ARAGÃO SOUZA DE OLIVEIRA

Former women athletes and coaches

This chapter introduces short biographies of the very few women who were athletes and have become coaches of different sports. All of them are very famous in Brazil. These texts focus on the sports careers, professional activities and family life of Benedicta, Georgette, Isabel, Helena Maria, Solange, Luísa and Maria Helena. Benedicta Oliveira, track and field sprinter, participated in the Olympic Games of London in 1948. She became coach and a

Benedicta Sousa de Oliveira nasceu em Jundiá, São Paulo, no dia 10 de outubro de 1927. Atravessou a vida perseguindo três principais metas: ser atleta olímpica, professora de Educação Física e técnica de atletismo. Em Santos-SP, Dita, como é mais conhecida, começou sua vida esportiva jogando vôlei na escola, na praia e no Clube Vasco da Gama daquela cidade. Em 1945, aos dezoito anos, enquanto jogava vôlei num campeonato colegial, foi chamada para ajudar a escola; aceitou e participou do revezamento do atletismo, ganhando todas as provas; resolveu então investir na carreira de velocista. Em 1946 fez vestibular para Educação Física e foi ser atleta do Clube Espéria (na época Associação Desportiva Floresta), em São Paulo-SP. Sua carreira foi vitoriosa, tendo sido seis vezes campeã paulista, duas vezes campeã brasileira, três vezes recordista sul-americana e participante da Olimpíada de Londres, em 1948. Os jornais da época destacaram o esforço, a garra, o talento e a personalidade forte da atleta que no regresso da Olimpíada, quando todos davam longas entrevistas, justificando seus maus resultados, Benedicta recebeu os jornalistas com uma frase simples, que impressionou fortemente a todos: “Não tivemos êxito porque nossas adversárias européias e norte-americanas são muito mais desenvolvidas tecnicamente do que nós, só por isso perdemos” (A Tribuna, 1948; Folha da Noite, 1948).

Também em 1948, recebeu o prêmio de a mais destacada atleta do ano, formando-se no meio desse ano pela Escola Superior de Educação Física de São Paulo, especializando-se no curso de técnico em esportes atléticos pela mesma faculdade em 1949. Neste ano também ingressou na rede estadual de ensino, de onde se aposentou em 1980. Entre 1951 e 1954, trabalhou como professora assistente da disciplina de salto, arremesso e corridas da Universidade de São Paulo. Parou de competir em 1957. Atleta famosa e professora de Educação Física, faltava-lhe realizar o sonho de ser técnica, ideal perseguido desde que presenciou, nos Jogos Olímpicos de Londres, equipes de países europeus sendo treinadas por mulheres. Na época dos Jogos ela indagava: “Por que no Brasil nós não temos isso, nem treinando equipe feminina ... era um tabu aqui dentro do Brasil ... Eu vou quebrar isso ... Mas preciso antes fazer a minha trajetória ...” Benedicta esperava que, após a conclusão da faculdade, e sendo atleta reconhecida, iria arranjar emprego como técnica, mas os clubes fechavam as portas para ela. Eles queriam a atleta, não a técnica; foi nesse ínterim que resolveu fazer o bacharelado em jornalismo, pensando em trabalhar em coberturas esportivas enquanto não conseguia emprego. Ao se formar, em 1960, viu que novamente iria travar uma árdua batalha para conseguir ser jornalista, pois, quando muito, arranjou vaga para escrever uma coluna social em um jornal da cidade, o que não aceitou. Benedicta não desistiu de ser técnica e, finalmente, depois de oito anos de insistentes tentativas, o clube Espéria acabou por aceitá-la como técnica de suas equipes femininas de atletismo. Apesar de quererem pagar menos, ela lutou pelo direito de receber a mesma quantia paga aos homens, e conseguiu: “Quero ser técnica igual ... porque a profissão é técnica ... Não pode ser masculino ou feminino ... Se ele vale 50, por que eu não valho 50? Vocês não me conhecem ... se eu não valer mandem-me embora ... me paguem igual, senão não venho ...” Começou seus trabalhos em 1963, como técnica das equipes femininas e vencendo o campeonato estadual de atletismo. Em 1964, já estava treinando as equipes masculinas do clube, onde trabalhou até se aposentar em 1995.

Em 1965 foi convidada para ser técnica da seleção brasileira de atletismo e venceu o campeonato sul-americano disputado no Rio de Janeiro, sendo homenageada por se tornar a primeira mulher a comandar uma grande equipe. Foi técnica da seleção paulista nos campeonatos brasileiros de 1965 a 1980 e técnica da seleção brasileira nos campeonatos sul-americanos de 1965 a 1975. Foi supervisora das equipes femininas brasileiras de atletismo nos Jogos Pan-

Physical Education teacher. In the beginning, Georgette Vidor was an athlete of artistic gymnastics, and later became international Head Coach. Isabel Salgado is one of the most well-known volleyball names in Brazil. She was an outstanding athlete and has become volleyball coach of three of her children, preparing them for top sport competitions. Helena Maria da Rocha played soccer in the Brazilian team and has now become a coach besides being a

americanos de 1971, 1975 e 1983 e nos Jogos Olímpicos de Montreal em 1976, ano em que fez um estágio internacional de aperfeiçoamento de atletismo no *Sportinstitut Johannes Gutenberg Universitat-Mainz*, na Alemanha. Em 1977 recebeu uma de suas maiores homenagens no Pacaembu, tendo seus pés gravados em cimento no canto dos campeões do estádio. Benedicta foi a primeira mulher técnica profissional do Brasil (A.P.E.F.F.S.P,1965). Também foi a primeira que sentiu na pele o preconceito face à presença da mulher profissional do esporte. Já na faculdade encontrava obstáculos para a profissão; se não tivesse insistido, não conseguiria acompanhar as aulas masculinas para aprender sobre atletismo masculino. Queria ser uma técnica completa. A mulher somente competia até os 200 metros, mas Dita já vislumbrava o progresso do atletismo feminino, por isso fez questão de estudar todas as modalidades masculinas. Ela, que hoje tem 76 anos, fez parte de um universo profissional totalmente dominado pelos homens e onde a participação das mulheres era nula. Insiste em falar que não é feminista, mas que sempre lutou por seu lugar: “Defendo com unhas e dentes minha profissão e passo por cima de tudo para ocupar aquilo que quero. Sexo não quer dizer capacidade e uma profissão pode ser exercida por homens e mulheres”. Considera que sua contribuição foi histórica, e conclui: “Fico orgulhosa de ter participado da história. A mulher técnica precisa ter sua chance, assim como as técnicas européias têm desde a década de 1940 declarou à *Gazeta Esportiva* em junho de 1984.

Georgette Vidor Mello nasceu no dia 10/05/1958 na cidade do Rio de Janeiro. Iniciou cedo no mundo dos esportes, estudou *ballet* clássico durante 8 anos, fez *jazz* em várias academias, foi atleta de ginástica olímpica e lutou *aikidô* com seu pai. Aos 15 anos, começou a trabalhar como professora da escolinha de Ginástica Olímpica do Fluminense (RJ), onde treinava até então. O dom para dar aulas foi observado por seu professor Ribas, que logo notou que ela tinha facilidade para ensinar, mas pouco talento para ser uma ginasta de projeção. Durante quatro anos, Georgette deu aulas nas escolinhas de ginástica olímpica. Em 1977, aos 19 anos, iniciou sua carreira de técnica, ainda no Fluminense. Viajou para a França para estudar dança e ginástica por dois meses. Interessado no trabalho de Georgette Vidor, o Flamengo a contratou, começando aí uma carreira repleta de vitórias. Já no primeiro ano de trabalho, aplicando com suas alunas a disciplina e a exigente técnica do *ballet*, mostrou a diferença do seu trabalho. Georgette sonhava alto e, sete anos depois, já havia feito sua primeira campeã estadual. A técnica possuía uma coleção invejável de títulos conquistados em todos os clubes por onde passou e na seleção brasileira de ginástica olímpica. Foi vice-campeã mundial no campeonato da Bélgica em 2001, mais de dez vezes campeã brasileira, campeã sul americana várias vezes, técnica da seleção brasileira de ginástica olímpica nas Olimpíadas de Seul, 1988; Barcelona, 1992; Atlanta, 1996; e, nas Olimpíadas de Sidney em 2000, quando, mesmo sendo a técnica da principal ginasta, Daniele Hypólito, foi proibida de acompanhá-la, por uma decisão da Confederação Brasileira de Ginástica. A história de Georgette se mistura com a própria história da ginástica olímpica no Brasil. É uma das técnicas mais respeitadas do país em se tratando de ginástica olímpica, recebendo o título da Federação Internacional de Ginástica, que poucos técnicos no mundo possuem, sendo só conferido a técnicos que já foram mais de oito vezes Head Coach em campeonatos da Federação Internacional de Ginástica, como Copas do Mundo, Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos. No último congresso da União Pan-Americana de Ginástica, elegeram Georgette Vidor por unanimidade, como membro honorário, por sua dedicação à ginástica.

Em 29 de maio de 1997, sofreu um trágico acidente de ônibus em uma viagem para Curitiba-PR, com a equipe do Flamengo (RJ), perdendo

psychologist. Solange Chagas do Valle was a track and field athlete at first and has also become a coach. She became manager of one of the largest athletics teams in Brazil. Luísa Parente was an international gymnast and today she supervises social projects that promote gymnastics for children in the low-income areas of the city of RJ. Maria Helena Cardoso was the great lady of Brazilian basketball and today she is the most famous coach of the country.

os movimentos e a sensibilidade da cintura para baixo. Mas, ao sair do hospital começou o tratamento no Brasil, passou um mês nos Estados Unidos e, em 24 de outubro de 1997, voltou a dar treinos no clube. Escreveu o livro “Georgette Vidor Sem Limites” e, embora o acidente tenha mudado sua rotina, não deixou de ser uma pessoa ativa: dá treinos duas vezes por dia, faz sessões de fisioterapia e cerca de três horas de exercícios diários, esperando a cura da lesão medular. Afirma que sua disciplina, liderança e empenho nos estudos e no trabalho contribuíram muito para seu reconhecimento como técnica. Além disto, confere ao fato de ter tido a sorte de treinar Luíza Parente como a grande virada da sua carreira, pois foi nessa época que ficou conhecida, indo para a Olimpíada de Seul e para a Seleção: “... Sempre fui uma pessoa incansável no trabalho, deixava de ganhar mais dinheiro com outros trabalhos para treinar as equipes e isto deu muito certo. Até que eu tive a sorte de aparecer na minha mão a Luíza Parente ... ela ganhava tudo ... eu fiquei conhecida ... e por causa dela fui para Seleção ... a Luíza não aceitava ser treinada por outra ... e aí eu me tornei a Georgette Vidor ...” Dedicou tudo o que tem na vida ao trabalho como técnica: “eu sou uma pessoa que eu acho que estou dentro deste grupo de pessoas enlouquecidas que você está estudando ... quando a mulher faz, ela faz muito bem feito. Como é o caso da Maria Helena Cardoso, que para mim é a grande técnica de basquete deste país, mas que infelizmente teve sempre uns boicotes ... porque era mulher ... Agora, tem a Isabel no vôlei ... de qualquer maneira luta-se por um lugar ... acho importante, porque mostra que a gente está conseguindo um espaço” Para Georgette, a necessidade feminina da constituição de uma família com filhos não combina com o trabalho de técnica, pois é uma vida de dedicação e amor pelo trabalho, e isto tem impedido o avanço da mulher como técnica. Atualmente, aos 45 anos, é supervisora geral da ginástica artística e acrobática e técnica chefe da equipe feminina principal de ginástica olímpica do Clube de Regatas do Flamengo do Rio de Janeiro-RJ.

Isabel Salgado Maria Isabel Barroso Salgado, nascida no Rio de Janeiro, em 2 de agosto de 1960, foi uma das atletas que mais inspiraram meninas a treinarem vôlei, tendo sido considerada a musa do vôlei durante a década de 1980. Aos 11 anos já disputava campeonatos, jogou em mais de 10 clubes brasileiros, e defendeu a seleção em campeonatos sul-americanos, pan-americanos, mundiais e Olimpíadas. Continuou sua vitoriosa carreira sendo campeã brasileira de vôlei de praia, jogando ao lado de Jackie Silva, com quem formou uma das melhores duplas do mundo. Isabel foi a primeira mulher técnica de vôlei de um grande clube, o Vasco (RJ). Quebrar tabus dentro e fora das quadras não é novidade para ela. “Isabel do vôlei” se consagrou como mulher brava, destemida, do tipo que fala o que pensa para o diretor do clube. Isabel sempre uniu família e trabalho e, durante seus melhores anos como atleta, teve quatro filhos, fruto de três casamentos. Sua primeira filha, Pilar, nasceu no mesmo ano em que Isabel foi convocada para a seleção brasileira. O contato com as quadras, treinamentos e viagens, fez com que três filhos dela se tornassem atletas também.

Nunca pensou em ser técnica, mas apareceu a oportunidade e ela se empenhou para formar uma grande equipe. Em 1999, montou a equipe do Flamengo (RJ) para a temporada 1999/2000 da Superliga (campeonato com as melhores equipes de vôlei do país) e, no final da temporada, foi para o Vasco, montando o time para a temporada 2000/2001, tornando-se vice-campeã desta associação de clubes em disputa. Isabel fala que já aprendeu bastante sobre como ser técnica, mas continua tendo muita coisa para aprender. Descobriu também um lado prazeroso do treinamento, o da emoção, da adrenalina. Para ela, ser técnica é um exercício de doação porque, para obter sucesso, tem que ser muito atenta ao outro, à questão individual de cada atleta e ao mesmo tempo pensar no grupo como um todo. Sendo considerada a primeira mulher a comandar uma grande equipe de vôlei de quadra no

país, comenta que: “... eu me recordo, como jogadora, que poucas mulheres, pouquíssimas tentaram ser técnicas ... Eu não vi nenhuma das minhas companheiras querendo, se enveredando por outros caminhos ... Enquanto eu vi rapazes da equipe masculina seguindo a carreira de técnico ... e também é uma questão de sorte, porque o mercado de técnico é um mercado tão pequeno, imagina quantos times têm na Superliga? ... por exemplo, na Itália, tem várias equipes trabalhando e lá também têm poucas técnicas ... joguei na Itália muito tempo e sei o quanto é forte a questão do machismo lá ... mas as mulheres, mudaram muito a mentalidade nesta última década ... talvez a idéia de que existem outras mulheres batalhando e treinando grandes equipes faça com que aquela atividade desperte o desejo que algumas tenham ... ou que tenham tido em algum momento, ou venham ter e pode dar certo”. Ressalta que o ideal seria o trabalho conjunto de homens e mulheres no treinamento, no planejamento, na parte técnica e na parte tática do esporte, além da força física masculina, que é muito importante para o treinamento diário das atletas: “...os homens nesse aspecto levam uma vantagem sim ... o Abel e o Maurício, que são meus assistentes, me ajudam demais ... se eu quiser bater bola com elas, eu tenho que treinar ... enquanto que um homem pode se dar ao luxo de não treinar quase nada e ser extremamente útil no treinamento feminino.”

Helena Maria da Rocha Ferreira Pacheco Apaixonada por futebol desde menina, carioca e vascaína por herança da família lusitana, Helena foi uma das primeiras mulheres a praticar futebol no Brasil. Sempre gostou de esportes, foi campeã de natação infantil pelo Guanabara (RJ), e abandonou o esporte aos 12 anos, indo jogar vôlei, tendo sido também jogadora de futebol de campo do Radar (time que marcou época no futebol de campo feminino do Rio de Janeiro). cursou Psicologia na Universidade Gama Filho até o início da década de 1980, e conseguiu trabalho no setor de Recursos Humanos de uma empresa. Sua mãe não gostou da idéia de ver a filha trabalhando, mas o pai a incentivou. Ao ser demitida, ficou sem dinheiro e apareceu a oportunidade de jogar com toda a equipe de futebol do Radar nos Estados Unidos e Helena aceitou. Ao voltar para o Brasil, em 1983, decidiu fazer Educação Física, já com intenção de ser técnica. Formou-se em 1991, na mesma universidade. Projetou seus interesses na carreira e para que não pesassem dúvidas sobre sua competência, Helena mergulhou num trabalho de aperfeiçoamento de dois anos para assumir, pela primeira vez, o cargo de técnica. Fez cursos nos Estados Unidos, em Portugal e na Associação Brasileira de Técnicos de Futebol.

Em 1987, decidiu fazer um curso de formação de técnica e dedicou-se a aprender a ensinar; durante dois anos preparou-se, assistindo a fitas de futebol, indo a todos os jogos e treinamentos de todos os times, assistindo os grandes técnicos atuando nos treinos. Começou sua carreira como técnica de futebol de salão do Vasco da Gama (RJ) e quando o clube montou sua primeira equipe de futebol feminino, em 1990, convidou Helena para ser técnica. Em 1991, o time comandado foi a base da seleção brasileira no primeiro Mundial na China, com dez atletas convocadas. Em 1995, a equipe cedeu oito atletas para o Mundial na Suécia. Nas Olimpíadas de Atlanta contribuiu com seis atletas e em Sidney, com sete jogadoras. A equipe do Vasco foi tetracampeã brasileira, pentacampeã estadual e carioca, e foi considerada a melhor equipe feminina de futebol do Brasil. Helena, 43 anos, descobriu muitas atletas importantes, como “Pretinha” - considerada uma das melhores atletas de futebol feminino da atualidade no Brasil - que a considera uma mãe. É dona de um curriculum respeitado por muitos técnicos de futebol. Há onze anos é um misto de técnica, psicóloga, professora de Educação Física, diretora e relações públicas do futebol feminino do Vasco, no Rio de Janeiro. Considera sua trajetória muito árdua, de abdicação pessoal, principalmente porque foi pioneira na área: “... foi muito duro, abduquei de muita coisa da minha vida pessoal para poder ser técnica de futebol ... eu fiz um curso em 1993 e tinha cento e cinqüenta alunos, e eu era a única mulher ... era duro ... os próprios professores dos cursos dos quais eu participei ficavam constrangidos ... eles tinham dificuldade ...” Continua a acreditar numa ascensão cada vez maior do futebol feminino, assim como aconteceu no basquete; por isso tem procurado o apoio dos meios de comunicação, na esperança de ver a categoria brilhando, em processo semelhante ao que ocorreu com o basquete feminino, que era apontado como prejudicial para mulher. Helena condena a resistência dos clubes e federações em aceitar o avanço das mulheres em cargos esportivos e reconhece que, apesar de toda sua dedicação, nunca foi convidada para participar da equipe da Seleção Brasileira de futebol feminino: “... Você pega a Seleção feminina e você vê que não tem uma mulher como técnica, como preparadora física, como auxiliar técnica e nem como

mera figura feminina, nem no apoio é mulher ... uma médica, uma fisioterapeuta, ninguém é mulher. Então, existe uma resistência. Porque não é competência, concorda? Se eu sou quatro vezes campeã brasileira, cinco vezes campeã estadual, se eu tenho jogadoras que vão para Seleção, porque não posso trabalhar na seleção? Eles pegam qualquer homem e botam lá, qualquer um ... chegaram ao cúmulo de convidar o preparador do Juniores do Vasco para ser preparador da Seleção feminina e não levaram a preparadora do profissional feminino do clube ...”

Solange Chagas do Valle foi uma das maiores corredoras do país, sendo atleta do Clube de Regatas Vasco da Gama do RJ no período de 1967 a 1976. Começou a correr aos treze anos, ganhando mais de 800 medalhas. Ganhou ouro no Sul-americano de 1968; no Sul-americano de 1970 ganhou uma medalha de ouro e duas de prata, e no Sul-americano de 1973 ganhou ouro novamente. Em 1976, parou de correr por causa de uma ruptura de ligamentos durante um salto; foi então que decidiu investir na carreira de técnica. Formou-se na primeira turma de Educação Física da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 1979, e foi ser técnica do Vasco, onde trabalha até hoje. Com outros dois técnicos, Francisco de Carvalho e Carlos Alberto Cavaleiro, montou uma Olimpíada Interna para selecionar atletas. Organizaram também o I Festival da Periferia de São Cristóvão, colocando no clube dois mil atletas que, por uma triagem, tornaram-se atletas do citado clube.

Em 1983, ano em que foi técnica da seleção carioca pela primeira vez, começou a romper a hegemonia da equipe Gama Filho no atletismo do Brasil, formando com sua equipe atletas, campeões brasileiros e sul-americanos, principalmente no setor feminino. Em 1984, foi técnica da seleção masculina e feminina brasileira no Pan-Americano nas Bahamas e no sul-americano da Venezuela. Em 1985, fez especialização em técnicas desportivas de atletismo; em 1989, foi novamente técnica da seleção brasileira masculina e feminina no sul-americano em Montevideu, no Uruguai e no Pan-Americano em Santa Fé, Argentina, no qual o Brasil ficou em 4º lugar. Em 1990, a equipe do Vasco por ela comandada foi tricampeã brasileira de atletismo. Em 1991, o clube foi octacampeão estadual de atletismo feminino, categoria adulto e Solange se consagrou como técnica das atletas, que a carregaram no colo e lhe fizeram grandes elogios que, para elas, ela era uma “mãezona”. Solange foi convidada para trabalhar em vários clubes, mas nunca deixou o Vasco, onde foi consagrada como atleta, conseguiu seu primeiro emprego como telefonista, casou-se na capela do clube e levou a filha para os treinos de atletismo. Solange tem orgulho por ter criado vários amigos no atletismo e por sempre abrir caminhos para seus atletas, que não tiveram oportunidade de estudar, tirando muitos deles da marginalidade. Atualmente, tem convênios com várias escolas e universidades. Há três anos deixou a pista para coordenar todo o atletismo do Vasco. Foi uma oportunidade que o clube ofereceu para que outros profissionais ingressem como técnicos e técnicas. Ela conta com dezessete técnicos e técnicas trabalhando em sua equipe. Hoje, aos 50 anos, diz-se gratificada por sua vida no esporte. Foi técnica da seleção brasileira por várias vezes, classificou atletas em todas as categorias possíveis, no Brasileiro, no Mundial, no Pan-americano, em todas as competições sul-americanas e nos Jogos Olímpicos de Sidney em 2000.

Luísa Parente Ribeiro nasceu no Rio de Janeiro no dia 1º de fevereiro de 1973. Seis anos depois, lá estava ela a praticar ginástica no Clube de Regatas Flamengo (RJ), no mesmo time em que ficou até 1995. A atleta elevou o nome do país nas mais importantes competições internacionais ganhando vários títulos. Aos 15 anos, foi a primeira ginasta brasileira a conquistar medalha de ouro num Pan-Americano. E foram duas de uma vez, no salto e nas paralelas, nos Jogos de Havana em 1991. Além disso, Luisa ganhou medalha de bronze, também nas paralelas, nos Jogos Pan-americanos de Indianápolis, em 1987 e disputou as Olimpíadas de Seul em 1988, terminando em 35º lugar, e em Barcelona, em 1992, foi a 57ª, ficando a apenas 0,10 pontos da final. Entre os vários títulos que conquistou destaca-se também a de hexacampeã brasileira nos campeonatos de 1987 até 1992 (Casado, 2003; COB, 2000). Luísa é uma das raras atletas de destaque em esportes individuais no Brasil que sempre treinou no país, sem se mudar para o exterior. Atualmente, é assessora jurídica da deputada estadual Georgette Vidor, sua ex-treinadora, e supervisiona projetos sociais que tem o objetivo de levar a ginástica às comunidades carentes e às crianças portadoras de deficiência.

Maria Helena Cardoso tem hoje 62 anos, nasceu em Descalvado, cidade do interior do estado de SP. Começou a jogar basquete influenciada pela família, porque a mãe gostava, o pai era jogador

de futebol e as irmãs jogavam basquete. Acabou se destacando como uma das melhores jogadoras do basquete feminino brasileiro, tendo jogado dezesseis anos na seleção nacional, conquistando a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos da Colômbia em 1971. Também foi medalha de bronze no mundial feminino de 1971, tendo sido cinco vezes consecutivas campeã sul-americana. Recebeu a comenda do mérito esportivo pelos 153 jogos disputados pela Seleção Brasileira. Maria Helena diz que nunca pensou em ser técnica e que pela afinidade pelo esporte, desde criança tinha vontade de ser professora de Educação Física. Quando se graduou, parou de jogar profissionalmente e começou a trabalhar como professora na área escolar, e com escolinhas de basquete no clube e na universidade onde se formou. Para Maria Helena, ser técnica foi uma coisa natural dentro de sua profissão. Começou com categorias menores e depois apareceu a oportunidade da equipe principal do Piracicaba, em São Paulo, que tinha atletas como “Magic” Paula, Hortência, Vânia Teixeira, Marta entre outras. Teve que batalhar muito para conseguir seu espaço como técnica, pois, enquanto era técnica de categorias menores em Piracicaba, onde começou a treinar em 1979, estava tudo bem, mas, quando assumiu a equipe principal, houve temores por parte dos dirigentes, que não acreditavam que uma mulher pudesse dirigir uma equipe adulta, por falta de pulso para manter a disciplina e o respeito dos atletas. Mas o time comandado por Maria Helena foi campeão paulista, fazendo com que fosse convidada, em 1986, para ser a técnica principal da seleção brasileira de basquete feminino, provando aos dirigentes que era competente, assumindo o comando até 1992. Em agosto de 1991 a seleção ganhou medalha de ouro no Pan-americano de Havana em Cuba, coroando o bom trabalho, com as cubanas na final e derrotando as norte-americanas, que ficaram com o bronze.

Maria Helena, que começou a treinar aos 31 anos, diz que aprendeu muito com as atletas e que elas ajudaram em seu sucesso profissional, pois quando se trabalha com uma grande equipe que se torna campeã, o nome da técnica vai se projetando dentro do trabalho. Para ela, o equilíbrio emocional é fundamental no desempenho da equipe e a mulher pode e deve caminhar junto com o homem no treinamento, porque eles se completam. Ganhou, em 2001, o campeonato brasileiro de basquete feminino pelo Vasco (RJ), e continua sendo uma técnica respeitada por técnicos, técnicas, críticos de esporte e atletas de todas as áreas esportivas. Para ela, a mulher vem avançando em todos os setores, mas tem que se dedicar muito para permanecer treinando: “A gente vê, na Olimpíada de 1936, quantas mulheres tinha e hoje quantas mulheres têm nos Jogos Olímpicos. Eu acho que é um espaço que a mulher vem conquistando naturalmente ... mas o espaço dela ainda depende de muitas mudanças ... e trabalhar muito em cima daquilo, porque do céu não cai não. Você tem que batalhar ... o esporte exige de você vontade ... tem que ficar 24 horas do teu dia ali ... e eu consegui porque a minha família é o basquete, as minhas filhas são as jogadoras ... eu dediquei a minha vida para ele ... e não é todo mundo que renuncia a tanta coisa boa da vida, como ser mãe ... fica difícil conciliar o treinamento com casa, filho ... porque para o homem é mais fácil, mas eu acho que as mulheres estão mudando ... E quem sabe um dia a gente consegue ...”

Fontes APEF-SP (1965). Declaração parabenizando Benedicta por ser a primeira mulher a comandar uma equipe feminina no Brasil. Órgão Oficial da Associação dos Professores de Educação Física de São Paulo. São Paulo: 19 de maio de 1965; COMITÉ OLÍMPICO BRASILEIRO. (2000). Delegações Brasileiras nos Jogos Olímpicos - 1920-2000. Rio de Janeiro: COB; COMITÉ OLÍMPICO BRASILEIRO – Memória Olímpica. Disponível em www.cob.org.br, acesso em 02 de outubro de 2003; Dalcim, José Nilton; Nunes, Nelson; Silveira, Maria Aparecida dos Santos e Silveira, Geraldo José. (1984). Da solitária Lenk à nossa maior delegação. Na mesma Los Angeles. A Gazeta Esportiva. p. 10; SEM AUTOR. (1948). Com Coroa e sem “máscara”. Benedicta de Oliveira foi a atleta mais destacada da temporada. Folha da Noite – Santos, 23 de novembro de 1948; SEM AUTOR. (1948). Esporte Feminino: Uma vitória que merece ser cantada – Um começo pequeno que continua gloriosamente – Benedita de Oliveira, a maior velocista atual de atletismo brasileiro – Triunfa a fibra, triunfa o esforço! A Tribuna, 09 de novembro de 1948. P.7; Souza de Oliveira, Gabriela Aragão. (2002). Representações Sociais de mulheres técnicas sobre o comando de equipes esportivas de alto nível. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PPGEF/UGF; Casado, Jorge. (2003). Luisa Parente – Ela deu o primeiro salto. Unisport Povo. p.2; página da internet acessada em 21/10/2003: www.fortunecity.com/boozers/threekings/67/parente.htm

Atletas-referência da natação feminina

FABIANO PRIES DEVIDE

Women athletes of excellence in swimming

This chapter, constructed from interviews and historical sources, aims at presenting the brilliant careers of four sportswomen. All of them were Olympic athletes in different stages of development throughout the 20th century; therefore, witnesses of a historical process. It is relevant to introduce them to

Definições O presente capítulo, construído a partir de entrevistas e fontes históricas, visa apresentar a trajetória esportiva de quatro mulheres, atletas olímpicas, que participaram da seleção brasileira de natação em diferentes estágios de desenvolvimento ao longo do século XX. Considerando-as testemunhas de um processo histórico, apresentá-las torna-se relevante para caracterizar vida e feitos da atleta e do atleta brasileiro em geral, ora em delineamento nesta seção do Atlas. Uma quinta nadadora a pertencer a este grupo seria Maria Lenk, mas esta atleta está incluída entre os modelos de excelência do esporte brasileiro, conforme apresentados em outro capítulo. As atletas-modelo, a seguir biografadas de forma resumida, representam os seguintes estágios: Piedade Coutinho Tavares - Jogos Olímpicos entre 1936 e 1952; Maria Elisa Guimarães Zanini e Patrícia Amorim Sihman – décadas de 1970 – 1980; Fabíola Pulga Molina – década de 1990 e Jogos Olímpicos de Sydney, 2000.

Piedade Coutinho Tavares Nasceu em 02 de abril de 1920. Iniciou a carreira no Clube de Regatas Guanabara-C.R.G. do RJ, passando por vários clubes cariocas até o final da carreira. Estreou em competições no I Campeonato Brasileiro que incluiu provas femininas, em 1935, no Clube de Regatas Guanabara. No mesmo ano, participou do I Campeonato Sul-Americano Feminino de Natação, no Rio de Janeiro. Após as “preparações olímpicas”, organizadas pela Liga de Esportes da Marinha-L.E.M. nos anos de 1935-1936, Piedade quebrou o recorde brasileiro dos 400 metros livre, surgindo no cenário internacional com marcas que a posicionaram entre as melhores do mundo na provas de 100 e 400 metros nado livre. Nos Jogos Olímpicos de Berlim, foi a única mulher integrante da delegação brasileira da Confederação Brasileira de Desportos-CBD, sendo considerada a “mascote” da delegação e a maior esperança da natação nacional. Aos 16 anos, ficou em 8º lugar nos 100 metros livre e 5º lugar na prova dos 400 metros livre, sendo a primeira nadadora brasileira finalista olímpica, o que lhe rendeu o apelido de “Garota-Prodígio” pela imprensa. Em 1940, causou espanto ao quebrar o recorde sul-americano dos 1500 metros nado livre, quebrando outros três recordes nas passagens dos 500, 800 e 1000 metros. No Campeonato Brasileiro de Natação de 1941, em São Paulo, marcou 1’08”5 nos 100 metros livre, uma das melhores marcas mundiais para a distância. No VII Sul-Americano de Natação de Viña Del Mar, Piedade Coutinho marcou 50,5 pontos dos 174 efetuados pela equipe feminina, sendo responsável pelos únicos recordes individuais. Logo após esta competição, se afastou das piscinas, casou-se e teve o primeiro filho, Frederico. Tornou-se um exemplo ao retornar às competições em 1943. No Campeonato Sul-americano de 1947, em Buenos Aires, aos 27 anos, venceu todas as provas em nado livre, tornando-se invicta na América do Sul dos 100 aos 1500 metros neste estilo. Aos 28 anos, e contradizendo os princípios sociais da época, Piedade, já mãe e esposa, não abandonou as piscinas. Continuou aperfeiçoando a técnica, tornando-se campeã sul-americana novamente. Em 1948, a C.B.D. recebeu da Federação Francesa de Natação uma relação dos melhores nadadores do mundo, onde constava o nome de Piedade. No mesmo ano, recebeu o “Troféu Cásper Líbero”, por ter sido considerada a “maior atleta do Brasil”. Em competição preparatória para os Jogos Olímpicos de Londres, Piedade marcou um dos melhores tempos do mundo para a prova dos 400 metros livre: 5’20”3/10, o que lhe renderia o vice-campeonato olímpico; contudo, as más condições de estadia e alimentação das atletas brasileiras em Londres, resultaram na piora da *performance* na competição, não conseguindo repetir os resultados alcançados no Brasil. Piedade foi finalista nos 400 metros livres aos 28 anos, classificando-se em 6º lugar, sendo a única brasileira finalista em provas individuais. No fim da carreira esportiva, Piedade foi medalhista nos I Jogos Pan-Americanos, ocorridos em Buenos Aires. Em 1952, no Campeonato Sul-Americano no Peru, aos 32 anos, foi selecionada para os Jogos Olímpicos de Helsinque, atingindo o índice estipulado pela CBD, igualando suas melhores marcas. Piedade Coutinho tornou-se a atleta brasileira de maior longevidade esportiva, participando de três edições

characterize the life and feats of Brazilian sportswomen and sportsmen in this section of the Atlas. A fifth swimmer to belong to this group would be Maria Lenk. However, she is included in the chapter of the Brazilian athletes who represent models of excellence. The model athletes whose short biographies are

dos Jogos Olímpicos entre 1936 e 1952, mesmo com a interrupção causada pela II Guerra Mundial. Estabeleceu 28 recordes sul-americanos (24 individuais e 4 em revezamentos) desde 1935, quando estreou, aos quinze anos. Passou à diretora de natação do Botafogo Futebol e Regatas (RJ), onde finalizou sua trajetória como atleta. Em busca de auxílio para crianças portadoras de poliomielite, no final da década de 1950, Piedade Coutinho fez campanha para a construção do “Lar de Recuperação da Paralisia Infantil”, onde desenvolveu atividades aquáticas, obtendo sucesso e reconhecimento do governo federal. Piedade faleceu em outubro de 1997.

Maria Elisa Guimarães Zanini Nasceu em 23 de setembro de 1958, no Rio de Janeiro, sendo um dos maiores talentos que surgiu nos anos de 1970, após o jejum de duas décadas sem participação da natação feminina nos Jogos Olímpicos. Aos 6 anos, foi inscrita pelos pais na escolinha de natação do Clube de Regatas Flamengo (C.R.F.) do RJ. Sua mãe é professora de Educação Física e incentivadora no esporte, e o pai se envolveu com a organização das competições, ainda amadoras na época. Em 1967, aos 9 anos, concluiu o curso de aprendizado em natação; aos 10 ingressou na equipe do C.R.F., sujeitando-se aos treinamentos rigorosos; em 1970, com 12 anos, foi campeã brasileira pela primeira vez, treinando com a equipe principal. Maria Elisa teve vários técnicos e passou sua carreira esportiva no C.R.F., exceto durante um ano no Botafogo Futebol e Regatas (B.F.R.) também do RJ, treinada por Roberto Pável, quando atingiu os melhores resultados. Em 1972, ingressou na primeira seleção brasileira absoluta, formada por uma nova geração. Neste ano, as atletas foram convocadas para os Jogos Olímpicos de Munique por méritos técnicos, não havendo índices. Maria Elisa não foi convocada pelo fato de ser muito nova, com 13 anos, e ter pouca experiência internacional. Anos mais tarde, Maria Elisa alcançou o índice estabelecido pelo Comitê Olímpico Brasileiro-COB e foi aos Jogos Olímpicos de Montreal, 1976. Na mesma época, tornou-se a primeira nadadora sul-americana a nadar abaixo de um minuto a distância dos 100 metros nado livre, além de ter sido recordista sul-americana em todas as provas deste estilo, dos 100 aos 1500 metros. Atingiu o auge de sua *performance* na década de 1970, testemunhando o início do uso dos esteróides anabolizantes por equipes da Cortina de Ferro, quando não havia qualquer controle pelo Comitê Olímpico Internacional, fato que comprometeu os resultados da natação brasileira feminina no cenário internacional. Enfrentou os preconceitos circulantes da época, que associavam a prática da natação com a masculinização das atletas. Atualmente, segue carreira como arquiteta, residindo na cidade do Rio de Janeiro.

Patrícia Amorim Sihman Nasceu em 13 de fevereiro de 1969, no Rio de Janeiro. Aprendeu a nadar aos três anos, acompanhando a irmã mais velha, Paula, na piscina do B.F.R.. Talento reconhecido e incentivado pela família, aos 7 anos, transferiu-se para o C.R.F., onde iniciou a carreira competitiva. No Flamengo, Patrícia foi atleta, estagiária, professora, auxiliar técnica, técnica, coordenadora e diretora dos esportes aquáticos. Tornou-se campeã estadual, brasileira, sul-americana, e integrou a seleção brasileira, disputando Copas-Latinas, Pan-Americanos, Campeonatos Mundiais, Universiades e os Jogos Olímpicos. Sua trajetória iniciou em 1977, sendo campeã brasileira no Troféu Cidade de Campinas. Na época, ainda jovem, Patrícia alcançava as finais do Troféu Brasil de Natação. Em 1983, participou da Copa Latina, em Portugal, e dos Jogos Pan-Americanos, em Caracas, e iniciou uma carreira de vitórias e recordes continentais nas provas em que era especialista (200, 400, 800 e 1500 metros livres). Em 1984 foi pré-convocada e posteriormente cortada da delegação que iria aos Jogos Olímpicos de Los Angeles, fato que marcou sua carreira, e quase a fez abandonar as piscinas. Após o corte, Patrícia iniciou uma batalha visível na imprensa da época, reivindicando critérios claros de convocação para os Jogos Olímpicos e outras competições internacionais, além do maior apoio

presented here are the following according to the stage they represent: Piedade Coutinho Tavares – Olympic Games between 1936 and 1952; Maria Elisa Guimarães Zanini and Patrícia Amorim Sihman – 1970s and 1980s; Fabíola Pulga Molina – 1990s and Olympic Games of Sydney, 2000.

à natação feminina. Em 1987, foi ao Pan-Americano de Indianápolis, à Copa-Latina e a Universiade, treinando em condições desfavoráveis. Tornou-se a primeira mulher sul-americana a baixar a marca dos nove minutos nos 800 metros livres e os dezessete minutos nos 1500 metros. Em 1988, conquistou o sonho de participar dos Jogos Olímpicos de Seul. Patrícia encerrou a carreira aos 21 anos, após uma saturação do corpo pelos treinamentos, que a faziam nadar 16 mil metros diários, com nove a onze treinos semanais. Patrícia sublinha a dificuldade de resultados internacionais expressivos nas décadas de 1970 e 1980, quando o doping se arraigou entre as atletas, sem ser detectado pelo C.O.I., além do preconceito ainda presente na sociedade conservadora da época, em relação às transformações que o treinamento causava no corpo das nadadoras. Tornou-se, junto com uma geração, responsável pelo retorno da natação feminina aos Jogos Olímpicos, após uma ausência de doze anos, desde os Jogos Olímpicos de Montreal, em 1976. Formou-se em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e, recentemente, elegeu-se vereadora na cidade do Rio de Janeiro, trabalhando com projetos de incentivo ao esporte.

Fabíola Pulga Molina Nasceu em 22 de maio de 1975, em São José dos Campos - SP. Na década de 1990, foi considerada a melhor nadadora brasileira no ranking mundial da Federação Internacional de Natação Amadora-FINA. Os pais, ex-nadadores, a incentivam nos treinamentos. As aulas de natação começaram com fins terapêuticos, aos 6 anos. Na Associação Esportiva São José (A.E.S.J.) de sua cidade, tornou-se atleta federada, época em que também praticava ginástica olímpica. Em 1994, Fabíola vencia facilmente suas provas na América do Sul. Treinando sozinha e desestimulada, decidiu, com apoio familiar, ir estudar e treinar nos Estados Unidos, cursando Artes Cênicas na Universidade do Tennessee e treinando com Dan Colela. Em 1996, nas vésperas dos Jogos Olímpicos de Atlanta, durante o Troféu Brasil de Natação, Fabíola e um grupo de nadadoras se destacaram pela reivindicação da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos-CBDA, da necessidade de um projeto específico para o desenvolvimento da natação feminina, situação já vivenciada pelas gerações anteriores. Em 1998, Fabíola Molina mudou-se para Nova Iorque, onde treinou com John Collins. Não se adaptando aos seus métodos, foi para a Flórida treinar com Michael Lohberg, visando a participação nos Jogos Olímpicos de Sidney, 2000, nos quais foi a única nadadora brasileira participante. Retornando ao Brasil, foi atleta do Clube de Regatas Vasco da Gama (C.R.V.G.) no Rio de Janeiro e atualmente está filiada ao já citado A.E.S.J., no estado de SP. Alguns fatos marcantes na sua carreira esportiva foram: o Pan-Americano de Cuba, 1991, quando integrou a primeira seleção adulta; o período nos Estados Unidos, disputando campeonatos universitários femininos; a Universiade na Itália, 1997, sendo vice-campeã mundial universitária; a participação no Campeonato Mundial da Austrália, 1998, com a 11ª colocação nos 100 metros costas, até então a melhor colocação de uma brasileira no Campeonato Mundial; e a participação nos Jogos Olímpicos de Sidney. Atualmente, Fabíola Molina ainda permanece nas competições, estando entre as melhores nadadoras do país.

Fontes Devides, Fabiano P. (2003). História das Mulheres na Natação Brasileira no século XX: das adequações às resistências sociais. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho; Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, 1931, 1932, 1936, 1939, 1941, 1948, 1952, 1958, 1970-1976, 1982-1984, 1986-1990, 1992-1997, 2000; Sihman, Patrícia A. Entrevista cedida em 03.08.2001. Rio de Janeiro; Silva, Maria C. de P. (1999). Mulher, Jogos Olímpicos e memória nacional: o caso de Piedade Coutinho. In.: Tavares, O.; Costa, L. P. da (orgs.). Estudos Olímpicos. Rio de Janeiro: UGF; Zanini, Maria E. G. Entrevista cedida em 19.03.2001. Rio de Janeiro; UNITED STATES OLYMPIC COMMITTEE (1999). Pan Am Games Record Guide – XIIIth Pan American Games. Canadá: U.S.O.C.

Atletas de excelência do Brasil

ANA MARIA MIRAGAYA, DIEGO MIRAGAYA AMBRÓSIO, DANIEL MIRAGAYA AMBRÓSIO E FABIANO DEVIDE

Brazilian athletes of excellence

This chapter presents short biographies of four Brazilian athletes: two sportswomen and two sportsmen. They can be considered world models of excellence. The first short biography belongs to prodigious Maria Lenk, whose image of excellence reflected in sport was summarized by John Lucas, in a book published in the USA in 1992: ‘as she did not win the medal she so much desired in the Olympic Games of 1932, she spent the rest of her swimming career in search of continuous improvement of her records and performances’. In 2003, Maria Lenk, 88 years old, still trains and competes as a master athlete, traveling and taking advantage of the summers in the southern and northern hemispheres for her own training cycles. The second text summarizes spectacular Edson Arantes do Nascimento – Pelé, who is not only considered the

Maria Emma Hulda Lenk Zigler, mais conhecida como Maria Lenk, nasceu em 15 de janeiro de 1915, na cidade de São Paulo-SP. Filha de Paulo e Rosa Lenk, alemães chegados ao Brasil antes da I Guerra Mundial, e irmã de Sieglinde Lenk, também nadadora olímpica. Morava no bairro de Santana, próximo ao rio Tietê, onde iniciou a prática da natação por questões terapêuticas, incentivada pelo pai, professor da Associação Alemã de Ginástica na cidade em que moravam. Sua mãe encarregava-se da formação cultural das filhas, com a manutenção da língua materna, aulas de canto e piano. Incentivada à prática do esporte pelos pais, Maria se tornou uma nadadora olímpica em apenas um ano, após sua primeira competição, em 1931, na Associação Athletica São Paulo-AASP. Com espírito combativo, sujeitava-se aos treinamentos mais duros, com os homens, o que a estimulava a vencer suas adversárias. Começou a nadar no clube alemão Estrela, em 1930. Foi para a AASP após a inauguração de sua piscina, a primeira com medidas oficiais em São Paulo. Em 1931, junto com Marina Cruz, participou de uma competição interestadual na enseada de Botafogo. Com seus resultados, foi convocada para os Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1932. Autorizada pelo pai, aos 17 anos, tornou-se a primeira sul-americana a disputar os Jogos, sem resultados expressivos. Ingressou no Clube de Regatas Tietê - CRT em 1934, devido à recém inaugurada piscina olímpica, visando os Jogos de Berlim. As inovações no treinamento ficavam por conta de Carlos de Campos Sobrinho, o “Carlitos”, técnico do CRT e da equipe olímpica. Em 1936, após competições preparatórias, organizadas pela Liga de Esportes da Marinha-LEM, a Confederação Brasileira de Desportos-CBD escolheu quatro paulistas - Sieglinde Lenk, Eleonora Schmitt, Scylla Venâncio e Maria Lenk - para o revezamento 4 x 100 nado livre. Em Berlim, Maria Lenk foi semifinalista e retratada pela imprensa alemã como sendo a única mulher a nadar o estilo *butterfly*. Ressalta a necessidade que havia de equacionar os treinos, os estudos e o trabalho; as leis do amadorismo, que a obrigaram a abandonar o esporte competitivo ao optar pelo magistério da Educação Física; os preconceitos da sociedade em relação às mulheres atletas, provenientes de fora do ambiente esportivo; e o incentivo de alguns jornalistas ao ingresso das mulheres no esporte. Alguns fatos marcantes na sua carreira esportiva foram: os recordes mundiais nos 200 e 400 metros nado peito, em 1939, nas vésperas dos Jogos Olímpicos de 1940, não realizados; e o convite para integrar, como única mulher, a equipe sul-americana de natação na excursão pelos Estados Unidos, que marcou o final de sua carreira, em 1942, quebrando recordes americanos e mundiais em jardas. Maria Lenk formou-se na primeira turma da Escola Superior de Educação Física, em São Paulo, sendo convidada a ingressar no corpo docente da Escola Nacional de Educação Física e Esportes da Universidade do Brasil-ENEFD, no Rio de Janeiro, em 1939. Ensinou a natação na piscina do Copacabana Palace-RJ durante 25 anos. Tornou-se a primeira mulher a fazer parte do Conselho Nacional de Desportos-CND, e foi responsável por diversas modificações na legislação da Educação Física em âmbito escolar. O casamento com um cidadão dos EUA e a constituição da família nunca a afastaram do trabalho. Atualmente, Maria Lenk divide residência entre os Estados Unidos e o Brasil, aproveitando a estação mais quente em ambos os países. Utiliza seu tempo entre a participação no movimento *master* de natação, convites para palestrar sobre sua experiência no esporte,

best soccer player of all times but also the sportsman of the 20th century in different countries and continents. He was one of the key players in three of the five world cups Brazil won: Sweden (1958), Chile (1962) and Mexico (1970). Many international polls have pointed out Pelé as one of the most famous people in the whole world for his so many achievements. Pelé was not a very gifted player only. His image represented excellence itself. In 1995, Pelé was appointed Minister of Sports in Brazil, the first black Minister in the History of Brazil. The third short biography features the story of the grand champion, Maria Esther Bueno, who is a renowned athlete in world tennis as she won 589 competitions, including 20 Grand Slams, between 1957 and 1967. Because of this reason, Martina Navratilova said when conquered

homenagens e treinamentos rigorosos, que a torna recordista mundial *master* nos dias presentes. A imagem de excelência que Maria Lenk projeta no esporte brasileiro foi resumida por John Lucas, em livro publicado nos EUA em 1992: como ela não conquistou a medalha que almejava nos Jogos Olímpicos de 1932, passou o resto de sua carreira de nadadora em busca da melhoria contínua de seus recordes e performances.

Edson Arantes do Nascimento – Pelé não é somente considerado o melhor jogador de futebol de todos os tempos, mas também o esportista do século XX em diferentes países e continentes. Nasceu no dia 23 de outubro de 1940, na cidade de Três Corações, estado de Minas Gerais. Foi pequeno, para a cidade de Bauru-SP com a família. A carreira no futebol começou cedo. Foi descoberto aos 11 anos pelo jogador Waldemar de Britto quando jogava numa equipe amadora. Quando Pelé tinha 16 anos, Brito levou-o para Santos-SP, e depois para Vila Belmiro, local onde passou a residir com outros atletas em formação no Santos Futebol Clube, a partir de agosto de 1956. Um mês depois vestiu, pela primeira vez, a camisa do Santos como titular, em jogo contra o Corinthians de Santo André, no ABC, paulista, partida essa em que faz seu primeiro gol (Santos 7x1). Sua percepção total do jogo, característica marcante de Pelé, sempre lhe permitiu saber o que fazer com a bola em qualquer instante. Tinha força, resistência, impulso, coragem e o controle sublime do toque na bola. “Pensa, decide e executa” foi sempre o seu lema, aprendido com seu melhor amigo, seu pai, Dondinho. Em 1957 vestiu pela primeira vez a camisa da Seleção Brasileira, jogando contra a seleção da Argentina no Rio de Janeiro, marcando seu primeiro gol com camisa da Seleção (Argentina 2x1). Ele ganhou três das quatro Copas do Mundo em que participou: Suécia (1958), Chile (1962) e México em 1970. No total vestiu a camisa verde e amarela 111 vezes (92 em jogos oficiais e 19 em partidas não oficiais), somando 95 gols, 77 deles em partidas oficiais. Na sua carreira marcou 1.285 gols em 1.321 partidas que jogou entre o amador e profissional. Em 19 de novembro de 1969, o então chamado “Rei do Futebol” marcou o milésimo gol de sua carreira, ao cobrar um pênalti contra a equipe do Vasco da Gama, no estádio do Maracanã (RJ). Em 1973, Pelé recebeu a indicação de “Atleta do Século”, o qual foi outorgado em Paris, superando outras lendas do esporte como Juan Manuel Fangio e Mohammed Ali. Com a equipe do coração, o lendário Santos, de 1956 a 1974, também ganhou duas Copas Intercontinental de clubes, duas Libertadores, cinco Copas Brasil, uma Taça de Prata e 10 Campeonatos Paulista. Somadas a essas conquistas esportivas, Pelé recebeu condecorações as mais notáveis: desde a Legião de Honra que lhe concedeu o General Charles de Gaulle até a ordem de Lênio. Em várias pesquisas internacionais de opinião, Pelé foi apontado como uma das pessoas mais conhecidas do mundo. Ele jogou sua última partida pela Seleção Brasileira em 1971 em jogo beneficente. Sua última participação pelo Santos Futebol Clube deu-se em 1974 contra a representação da A. A. Ponte Preta de Campinas-SP. Em 1975, Pelé volta ao futebol, para jogar pela equipe do Cosmos dos Estados Unidos, onde esteve para ensinar, promover e introduzir a prática do futebol. Porém a derradeira partida do Rei do Futebol aconteceu em 1987 no jogo contra a seleção da Itália, no estádio do Pacaembu em São Paulo, pela Copa Pelé. Em 1º de janeiro de 1995, Pelé é nomeado Ministro

her ninth title in Winbledon: “I do not consider myself the best tennis player of all times. I still have to do a lot to equal Billie Jean, Margaret Court or Maria Bueno”. The fourth text honors Ayrton Senna, the Formula One racer, who reached numbers until then never matched. He was world champion in 1988, 1990 and 1991, participated in 161 Grand Prix and became champion 41 times (25.47% of the races he ran). His career finished in a tragic accident in the San Marino Grand Prix in 1994. Senna’s death brought to light the fascination that he provoked in different publics in different countries when he combined technique and coldness with his determination to win. His memory therefore became international and a reference as a symbol of excellence and of sports hero.

Extraordinário dos Esportes, pelo Senhor Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, sendo o primeiro Ministro negro da História do Brasil. Os recordes de Pelé incluem: (i) único jogador a sagrar-se três vezes Campeão Mundial, pela seleção brasileira; (ii) único jogador a alcançar onze vezes a artilharia máxima do Campeonato Paulista. (1957-58-59-60-61-62-63-64-65-69-73); (iii) jogador que mais marcou gols pela Seleção Brasileira; (iv) jogador que mais atuou em todos os tempos com a camisa do Santos F. C. com 1.115 jogos; (v) jogador que mais marcou, em todos os tempos, com a camisa do Santos F.C. com 1091 gols; (vi) oficialmente, único jogador em todo o mundo, a superar a marca de 1200 gols. Pelé em toda a sua carreira conquistou um total de 59 títulos sendo que 31 destes são de caráter oficial. É um dos atletas que maior número de conquistas teve até hoje e dificilmente suas marcas serão superadas pelos futuros jogadores de todo o mundo. Ele era incontestavelmente único em reunir em si todos os requisitos atléticos, pois chutava com qualquer pé, cabeceava, lançava, armava, defendia, atacava, batia faltas, escanteios, efetuava a marcação, somados a uma notável explosão muscular, agilidade, velocidade e visão periférica. Em qualquer parte do planeta é reconhecido e venerado por aficionados do futebol. Reis, príncipes, chefes de estado e até o Papa destacaram suas extraordinárias qualidades de esportista e ser humano. Pelé não foi somente um jogador excepcional, mas também representou a própria excelência no esporte.

Maria Esther Andion Bueno foi uma aventureira esportista no início de sua carreira. Saiu do Brasil contando apenas com algum dinheiro que lhe fora emprestado para jogar tênis fora do país. Isso não era comum para uma menina de apenas 18 anos. Estherzinha – como era conhecida - sempre inovou. Seu estilo força, precursor do tênis hoje praticado pelas irmãs Williams, não tinha então precedentes no mundo esportivo. Seus uniformes eram igualmente inovadores. Foi a primeira tenista a usar detalhes coloridos sob a saia branca e a diminuir o comprimento dos modelos. Todas as peças eram confeccionadas pelo estilista Ted Tilling, um grande admirador. Angariou a admiração de grandes nomes do esporte. Quando conquistou seu nono título em Wimbledon, Martina Navratilova deu proporções ao sucesso da brasileira.”Não me considero a maior tenista de todos os tempos. Ainda preciso fazer muito para me igualar a Billie Jean, Margaret Court ou Maria Bueno”, foi a declaração cheia de modéstia da vitoriosa, reconhecida pela própria Estherzinha como o maior nome da história do tênis feminino. Maria Esther Bueno foi campeã de 589 torneios, sendo 20 de Grand Slam, ganhos entre 1957 e 1967. Depois que parou de jogar, Maria Esther continuou colecionando feitos. Sua estátua ficou exposta durante muito tempo no concorridíssimo Museu de Cera de Madame Tusseaut, em Londres. É a única brasileira a ter o nome no Internacional Tennis Hall of Fame, grupo dos maiores tenistas de todos os tempos. É verbete na “Bud Collin’s Tennis Encyclopedia”, o guia de referência do esporte, descrita como “uma das jogadoras mais graciosas que já se viu”. Além disso, o Clube Tietê-SP construiu uma estátua em homenagem ao maior nome esportivo gerado naquela instituição. Em suma, Maria Esther encarna a própria excelência esportiva como somente as grandes campeãs conseguiram fazer.

Ayrton Senna da Silva, ou Beco, como era conhecido na família e pelos amigos, nasceu em 21 de março de 1960, em São Paulo,

filho de Neide e Milton e irmão de Leonardo e Viviane, irmã que está hoje à frente da Fundação Ayrton Senna. Tinha 1,76m de altura, pesava 70 Kg e calçava 40, números importantes para quem foi o melhor piloto de todos os tempos da categoria máxima do automobilismo, segundo o legendário Juan Manuel Fangio, argentino cinco vezes campeão mundial de Fórmula 1 (F-1). Com destreza ímpar e muita determinação, Ayrton Senna foi um dos grandes mestres do automobilismo, especialmente quando a corrida acontecia sob chuva. Nasceu para ser um vencedor tanto como piloto quanto como empresário. Em 1964, ganhou seu primeiro kart de número 007 construído por seu pai. O brinquedo foi levado tão a sério pelo menino de 4 anos que sua estréia oficial no automobilismo deu-se nove anos depois no campeonato paulista de kart, com sua primeira vitória em 1º de julho de 1973. Antes de ingressar na F-1 seus principais títulos foram: (i) campeão paulista de kart em 1974, 1975 e 1976; (ii) campeão sul-americano de kart em 1977; (iii) campeão brasileiro e sul-americano de kart em 1978; (iv) campeão brasileiro e vice-campeão mundial de kart em 1979; (v) campeão brasileiro e vice-campeão mundial de kart em 1980; (vi) campeão brasileiro de kart e campeão de Fórmula Ford 1600 CC em 1981; (vii) campeão inglês e europeu de Fórmula Ford 2000 em 1982; (viii) Campeão Inglês de Fórmula 3 e Campeão do Grande Prêmio de Macau F-3 em 1983. Na temporada de 1983, devido às suas nove vitórias em Silverstone em 3 anos, o autódromo passou a ser chamado de 'Silverstone', em referência a seu sobrenome. Sua estréia na F-1 ocorreu em 25 de março de 1984 no Grande Prêmio do Brasil, no autódromo de Jacarepaguá no Rio de Janeiro,

onde por muito pouco não consegue sua primeira vitória. No dia 21 de abril de 1985, no circuito do Estoril em Portugal, Ayrton largava em sua primeira *pole position* na Fórmula 1 e, mais uma vez debaixo de chuva, superou-se, obtendo a primeira das 41 vitórias de sua carreira. Neste ano Senna conseguiria mais 5 *poles* e uma vitória (sob chuva) na Bélgica. Após esta vitória, começou a ser chamado pela imprensa de "Rei da Chuva". Em 1986, Senna já caía nas graças da torcida brasileira com o segundo lugar no *grid* e na corrida. Foram mais duas vitórias, cada uma com sua particularidade, particularmente a segunda, que se deu em Detroit em 22 de junho. No dia anterior o Brasil havia sido eliminado da Copa do México pela França. Em segundo e terceiro chegaram os franceses Jacques Laffite e Alain Prost, o que provocou em Senna um sentimento de vingança. Para mostrar seu orgulho de ser brasileiro, Ayrton fez pela primeira vez a volta da vitória empunhando a bandeira do Brasil, gesto que repetiria por mais 37 vezes em sua carreira e que se fez símbolo de patriotismo e vitória, a ser adotado por todos os brasileiros junto com uma música composta especialmente para ele. Em 10 anos de F-1, Ayrton Senna atingiu marcas até então inigualáveis: (i) foi campeão mundial em 1988, 1990 e 1991; (ii) participou de 161 grandes prêmios; (iii) obteve 41 vitórias (25,47% das corridas que disputou), 23 vice-campeonatos e 16 terceiras colocações; (iv) conquistou 65 *pole positions*; (v) somou 614 pontos; (vi) deu 19 voltas mais rápidas; (vii) foi 80 vezes ao podium; (viii) conseguiu 7 "hatricks" (*pole position*, vitória e volta mais rápida conquistados no mesmo GP); e (ix) manteve-se na liderança durante 2.982 voltas. Ayrton Senna foi o piloto que mais venceu corridas de

ponta a ponta. O piloto brasileiro conseguiu a façanha por 19 vezes, 46,3% do total de vitórias do tricampeão, participando das equipes Toleman, Lotus e McLaren até 1993. Em 1994, transfere-se para a equipe Williams, mas não consegue terminar mais nenhuma prova de F-1. Após dois abandonos, no Brasil e Aida (Japão), a carreira do brasileiro se encerra em um trágico acidente no Grande Prêmio de San Marino, em Ímola, 1º de maio de 1994. Depois de largar na *pole position* e manter a liderança, Senna não consegue contornar a curva Tamburelo com sua Williams, na quinta volta. O carro choca-se violentamente contra o muro ao fim da área de escape e o piloto não resiste aos ferimentos, falecendo horas depois no hospital. Sua morte trouxe à luz o fascínio que provocava em diferentes públicos, em distintos países, ao conjugar técnica e frieza com a determinação da vitória. Sua memória, portanto, tornou-se internacional e passou a constituir um símbolo de excelência e do herói esportivo.

Fontes Maria Lenk: Lucas, J. Future of the Olympic Games, Human Kinetics, Champaign – Ill., 1992, p. 61; Lenk, M. Braçadas & Abraços. Rio de Janeiro, Gráfica Bradesco, 1986; Lenk, M. Entrevista cedida em 17.03.2001, Rio de Janeiro. **Fontes Pelé:** e-biografias.net; www.brasil.terraviva.pt/magoito/2742/pele.htm **Fontes Maria Esther Bueno:** www.esportes.terra.com.br/atletas/bueno.htm; www.crtiete.com.br/mariaesther/abertura.htm; www.gazetaesportiva.net/idolos/tenis/mestherbueno/wimbledon.htm **Fontes Ayrton Senna:** asennas.cjb.net/; www.f1sport.com.br/pilotos.htm

Esportes não-olímpicos



Futsal

JOSÉ GERALDO DO CARMO SALLES E HELDER BARRA DE MOURA

Indoor football – Futsal

There are two versions for the creation of futsal: (i) futsal appeared in Uruguay in the 1930s, and (ii) futsal was developed by Associação Cristã de Moços (YMCA) of São Paulo-SP in the 1940s. The first rules and regulations of futsal came from adaptations of procedures of other sports: soccer, basketball, handball and water polo. Futsal was given a great push with the foundation of Confederação Brasileira de Futebol de Salão (Brazilian Futsal

Origem Como outras manifestações esportivas, a origem do futsal não admite uma única versão. Uma corrente de autores admite que o futebol de salão, como era denominado anteriormente, teria surgido em Montevidéu, no Uruguai, nos anos de 1930, através do professor Juan Carlos Ceriani, que o denominou na época de “*Indoor-Foot-Ball*”. Outros autores, no entanto, afirmam que a modalidade teria surgido no Brasil através da Associação Cristã de Moços em São Paulo-SP nos anos de 1940, devido à dificuldade de espaço para a prática do futebol de campo, o que conduziu os praticantes a utilizarem as quadras de basquetebol e os campos de hóquei. Os primeiros praticantes utilizavam a bola de futebol de campo, mas logo perceberam que o espaço de jogo, principalmente o piso, exigia uma bola de menor dimensão, menos elástica, pois se tornava muito difícil o seu controle. Desta forma, as primeiras bolas específicas para a modalidade foram confeccionadas artesanalmente pelos praticantes que utilizavam diferentes materiais, tais como: serragens de madeira, fibras vegetais, crinas de animais, cortiças granuladas, entre outros. O objetivo era diminuir o atrito da bola com o piso. O hoje denominado futsal, em seus primórdios, apresentava uma variedade de regras que não eram padronizadas entre os praticantes, quando o Sr. Sylvio Pacheco, então presidente da Confederação Brasileira de Desporto - CBD resolveu instituir um conselho técnico para elaborar um único corpo de regras que fosse adotado em todos os estados brasileiros. As primeiras regras surgiram de adaptações do futebol, basquetebol, handebol e pólo aquático. O grande impulso deste esporte, no Brasil, ocorreu no fim da década de 1970, com a extinção da CBD, permitindo o surgimento da Confederação Brasileira de Futebol de Salão - CBFS, que passou a promover vários eventos nacionais e internacionais. Até então, não havia muito eventos, pois a CBD não demonstrava muito interesse. Com a fusão do futebol de salão com o futebol de cinco (esporte europeu), ao final dos anos de 1980, surgiu o futsal. Esta união teria sido ‘proposta’ pela FIFA para que pudesse gerenciar a modalidade sem as diferenças existentes nas regras adotadas na América e na Europa. Nos anos de 1990, diversas foram as mudanças nas regras, tendo como propósito o aprimoramento do esporte, dinamizando-o e coibindo os contatos violentos, que eram muito comuns.

1931 Surgimento do “Futebol de Salão” em Montevidéu no Uruguai. O Prof. Juan Carlos Ceriani recebeu mais tarde o título de pai deste esporte.

1940 Utilização do futebol de salão como atividade recreativa na ACM em São Paulo, tendo o prof. Habib Maphuz como principal incentivador.

1952 O Prof. Maphuz funda a primeira Liga de futebol de salão da ACM, tornando-se seu presidente.

1954 Foram fundadas as duas primeiras federações estaduais: a Federação Metropolitana de Futebol de Salão no Rio de Janeiro e a Federação Mineira de Futebol de Salão.

1956 Publicação no Brasil do primeiro livro de regras editado no mundo sobre a modalidade, sendo autor Luiz Gonzaga de O. Fernandes, sendo o Prof. Maphuz um colaborador.

1957 A CBD implantou um Conselho Técnico formado por dirigentes da modalidade em diversos estados brasileiros, visando elaborar a unificação das regras a serem seguidas por todos os praticantes. Até este momento, as federações estaduais adotavam regras específicas regionais. São Paulo e Rio de Janeiro, dois pólos de prática, tentavam impor suas regras sobre os demais praticantes. Neste mesmo ano, a Federação Mineira de Futebol de Salão tentou fundar a CBFS, mas o Conselho Nacional de Desportos-CND não acatou o pedido defendendo suas prerrogativas como órgão normativo na área esportiva do Governo Federal.

Confederation – CBFS) at the end of the 1970s. This institution then began to promote several national and international events and to unify the rules of the game, which were a bit different in the several regions where it existed. Today futsal is played in more than 120 countries in the 5 continents, numbers apparently enough to get futsal to be included in the Olympic Games and in the Pan-American Games. Brazil has been the leader in

1959 Foi realizado o primeiro Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais, em São Paulo, onde o Rio de Janeiro conquistou o título, na final, contra os anfitriões. Este campeonato continua sendo realizado periodicamente, mas não segue uma regularidade temporal. O Rio de Janeiro representava a hegemonia do Futebol de Salão no Brasil, sendo o campeão das quatro primeiras edições (1959, 1961, 1963 e 1965).

1968 Foi realizada a primeira Taça Brasil de Clubes na cidade de Lages–SC, onde a equipe Carioca do Rio de Janeiro foi a vencedora na final contra o Palmeiras – SP. Este evento está completando em 2003 a sua 30ª edição, sem interrupção desde 1980.

1969 Foi fundada a Confederação Sul Americana de Futebol de Salão – CSAFS no Uruguai, tendo a presença de dois brasileiros: João Havelange, presidente da CBD e o Sr Luiz Gonzaga de O. Fernandes (autor do primeiro livro). Neste ano foi realizado em Assunção, no Paraguai o, I Campeonato Sul-Americano sendo, o Brasil, campeão.

Interpretações do desenvolvimento – Década de 1960 Aparentemente, até o final da década de 1960 o Futebol de Salão ainda buscava sua afirmação internacional, mas no Brasil, a prática já havia disseminado por todos os estados, gerando grande interesse público. Este interesse não se dava apenas nos clubes esportivos, mas já passava a fazer parte das aulas de educação física escolar. Os pequenos espaços nas escolas se adequaram à prática, principalmente para os garotos. Era a adaptação do futebol de campo para os espaços reduzidos, no entanto, ainda sem se observar as regras específicas da modalidade.

1971 Foi fundada, no Brasil, a Federação Internacional de Futebol de Salão – FIFUSA, com iniciativa de CBD e da CSAFS. Estavam presentes os representantes do Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai, Peru, Bolívia e Portugal, quando também se nomeou João Havelange como presidente da nova entidade.

1979 Fundação da CBFS no Rio de Janeiro, em 15 de junho de 1979, mas com sede oficial da entidade na cidade de Fortaleza, no Ceará.

1980 Na gestão do Presidente Januário D’Alécio foi realizado o I Pan-Americano de Futebol de Salão na cidade do México, onde o Brasil conseguiu seu primeiro título continental.

1982 O I Campeonato Mundial de Futebol de Salão foi realizado no Ginásio do Ibirapuera em São Paulo-SP. O Brasil sagrou-se campeão, no evento que contava com a presença de onze seleções.

1985 O II Campeonato Mundial de Futebol de Salão ocorreu na Espanha, onde o Brasil novamente foi o vencedor.

1988 O III Campeonato Mundial de Futebol de Salão foi realizado na Austrália e o Brasil foi vice-campeão, perdendo a final para a equipe Paraguai.

1989 O Brasil se desfilou da FIFUSA. O controle da modalidade passa para a FIFA, que mediante a extinção da FIFUSA, cria uma comissão de Futsal. Foi realizado, na Holanda, o I Campeonato Mundial de Futsal organizado pela FIFA, com o Brasil vencendo na partida final a equipe Holandesa.

Interpretações do desenvolvimento – Década de 1980 O avanço da modalidade foi expressivo, tanto no território brasileiro como internacionalmente, neste período. A realização dos campeonatos mundiais deu um enorme impulso para provocar o interesse popular e de mídia. Neste momento se percebia uma tensão entre os dirigentes da FIFA e da FIFUSA que lutavam pelo controle da modalidade. Pretendiam incluir o Futebol de Salão no programa dos Jogos Olímpicos. De um lado estava João Havelange, dirigente

international competitions, followed by Spain. The CBFS has representation in all Brazilian states with approximately 267,000 registered athletes (107,881 in SP, including 5,000 women), 3,000 teams/clubs (580 in SP), 1,000 professional players (besides the 283 who play abroad) and 10,5 millions of amateur players (2003 data). According to FIFA, futsal is the sport Brazilians play the most (FIFA.com, 2003).

da FIFA, e do outro os dirigentes que vinham realizando eventos à frente da FIFUSA, inclusive tendo como presidente o brasileiro Januário D’Alécio. A FIFA e a *Football Association* começaram a dificultar a realização dos eventos patrocinados e promovidos pela FIFUSA, inclusive propondo a elaboração de novo texto de regras, desautorizando a direção da entidade. Era interesse da FIFA organizar os campeonatos mundiais da modalidade, mas a FIFUSA não permitia esta interferência. Este impasse se dava sobre o controle da modalidade por brasileiros. Neste momento começavam as negociações para que a FIFA assumisse a FIFUSA, objetivando favorecer o destino mundial do futebol de salão. Para que houvesse acordo, era preciso unificar com o Futebol Sala que era praticado na Europa. Neste momento no Brasil havia duas correntes, a que apoiavam o presidente da FIFUSA e os que pretendiam passar o controle para a FIFA, apoiado pelo presidente da CBFS, o senhor Aécio de Borba Vasconcelos, obviamente pela força que representava João Havelange frente à instituição. Como a FIFUSA não admitiu o acordo, o Brasil se desfilou da entidade, encaminhando uma carta de desligamento com o apoio de 26 federações estaduais que estavam filiadas a CBFS. A partir desta ocorrência, a FIFA assume o controle do Futebol de Salão, passando a denominá-lo de Futsal.

1992 Realização do II Campeonato Mundial de Futsal, em Hong Kong – China. O Brasil tornou-se tetra-campeão Mundial.

1996 Realização do III Campeonato Mundial de Futsal na Espanha, onde a equipe brasileira tornou-se Pentacampeã, derrotando a Espanha na final. Foi criada a Liga Nacional para clubes. Nesta primeira edição estiveram presentes, equipes dos estados GO, MG, RJ, RS e SP. A equipe Internacional de Porto Alegre, na final, venceu o Clube Vasco da Gama. A Liga é uma competição de elite, em que os clubes interessados devem participar de seletivas que dão acesso ao evento.

Interpretações do desenvolvimento – Década de 1990 O prestígio da FIFA provocou uma maior expansão do futsal no mundo. A unificação das regras proporcionou um programa de incentivo em países que não tinha esta prática esportiva em sua cultura. No Brasil a modalidade se consolidou em todos os níveis, inclusive nas competições escolares, nas quais a maioria de escolas apresenta suas equipes nos eventos municipais.

2000 Realização do IV Campeonato Mundial de Futsal na Guatemala, onde o Brasil ficou com o vice-campeonato, perdendo a final para a Espanha. Esta rivalidade internacional entre o Brasil e a Espanha marcou a virada do século XX para o XXI.

Situação Atual Tornou-se corrente o conhecimento de que hoje a modalidade é praticada em mais de 120 países nos cinco continentes, o que credencia o futsal a preitear um espaço na programação dos Jogos Olímpicos e nos Jogos Pan Americanos. Devido ao fato do Brasil sediar a próxima edição dos Jogos Pan-Americanos, que se realizará no Rio de Janeiro em 2007, presume-se que ocorrerá a inclusão do futsal. Os praticantes e simpatizantes do futsal brasileiro esperam ansiosos, pois devido aos expressivos resultados em competições internacionais, o Brasil seria favorito na luta por medalhas. A CBFS tem representação em todos os estados brasileiros, onde se estima haver cerca de 267.000 atletas registrados (107.881 em SP, sendo 5.000 mulheres), 3.000 equipes/clubes (580 em SP), 1.000 jogadores profissionais (além de 283 atuando no exterior) e 10,5 milhões de praticantes (dados de 2003). Além disso, a FIFA informa que o futsal é o esporte mais praticado no Brasil (FIFA.com, 2003). A Confederação é responsável pela promoção anual de competições nacionais bem como pela seleção das equipes que participam dos eventos internacionais, nos quais o Brasil tem uma efetiva participação em todas as categorias.

Títulos do Brasil na modalidade / Brazil's international awards

Competições / competitions	Nº de títulos / titles
Campeonato Mundial	5
Campeonato Pan-Americano	3
Campeonato Sul-Americano	12
Taça América	5
Mundialito	5
Campeonato Mundial Interclubes	3
Campeonato Sul-Americano de clubes	9

Fonte / source: Dados da CBFS em www.futsalbrasil.com.br

Fundação das primeiras Federações de Futsal

Start-up of futsal federations in Brazil

Ano / year	Estados / states
1954	Minas Gerais Rio de Janeiro
1955	São Paulo
1956	Ceará Paraná Bahia Rio Grande do Sul
1957	Santa Catarina Rio Grande do Norte

Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais de Futsal
Brazilian Championship of futsal – states

Títulos / titles

Estado / state	Número de títulos / titles
Rio Grande do Sul	7
Rio de Janeiro	6
Ceará	4
São Paulo	3
Santa Catarina	2
Minas Gerais	1
Pernambuco	1

Campeonato Brasileiro de Seleções de Futsal – Estados
Brazilian Championship of futsal- states

Ano / year	Campeões / Winner	Vice-Campeões / Runner-up
1959	Rio de Janeiro	São Paulo
1961	Rio de Janeiro	São Paulo
1963	Rio de Janeiro	São Paulo
1965	Rio de Janeiro	Ceará - Minas Gerais
1967	Ceará	Minas Gerais
1969	Ceará	Rio Grande do Sul
1971	São Paulo	Minas Gerais
1973	Ceará	Santa Catarina
1975	Rio de Janeiro	São Paulo
1977	Rio Grande do Sul	Rio de Janeiro
1979	Rio Grande do Sul	Rio de Janeiro
1980	Rio Grande do Sul	Rio de Janeiro
1981	São Paulo	Rio Grande do Sul
1983	Minas Gerais	Paraná
1985	Rio de Janeiro	Ceará
1987	Santa Catarina	Pernambuco
1989	Rio Grande do Sul	Santa Catarina
1991	Ceará	São Paulo
1993	Pernambuco	Paraná
1995	Rio Grande do Sul	São Paulo
1997	Rio Grande do Sul	Santa Catarina
1999	São Paulo	Rio de Janeiro
2001	Santa Catarina	Rio Grande do Sul
2003	Rio Grande do Sul	São Paulo

Fontes Daiuto, M. (1977) Futebol de salão e outros esportes. São Paulo. Cia Brasil; Tolussi, F. C. (1982) Futebol de Salão: táticas-regras-história. São Paulo. Hermus; Lucena, R. F. (1998). Futsal e a iniciação. Rio de Janeiro: Sprint; Confederação Brasileira de Futebol de Salão (1995). Regras oficiais de Futsal; www.cbfs.com.br; www.fmfutsal.org.Br/história.htm; www.futsalrs.com.br; www.secofutsal.com.br/; FIFA.com (acessado em 14/11/2003). *Futsal in Brazil: lots of goals and lots of titles.*

Squash

TATIANA KELAB

Squash

The first squash court in Brazil was constructed in Nova Lima, a small city in the interior of Minas Gerais, in the early 20th century. The first club to provide squash to its members was the São Paulo Athletic Club in the early 1930s, but the first federation was developed only in 1982. Today there are approximately 35,000 squash players in Brazil and approximately 1,000 courts. Although these numbers place

Origens e Definições O Squash é um dos esporte que mais crescem no mundo atualmente. Estima-se que cerca de 15 a 20 milhões de pessoas em 136 países pratiquem squash com regularidade, em 47 mil quadras. Seu surgimento apresenta versões diferentes: uma delas refere-se ao início do século XIX quando penitenciários da prisão Fleet Debtors, na Inglaterra, inventaram o “*Game of Rackets*”, arremessando uma bola sólida contra muros usando-se bastões; outra relaciona o esporte à “péla”, um jogo tradicional em vários países europeus desde a Idade Média. Depois da Primeira Guerra Mundial começaram os campeonatos mundiais, internacionais e regionais de Squash e finalmente em 1929 foi fundada a *Squash Rackets Association*, entidade internacional gestora do esporte. Instituiu-se, então, o Campeonato Open, que foi dominado por ingleses e egípcios até pouco depois da Segunda Guerra Mundial. Entre 1950 e 1980 os ingleses dominaram os campeonatos e torneios mundiais mas dividindo-os com atletas do Paquistão e da Austrália. Neste período consolida-se a prática popular do Squash em diferentes países dos cinco continentes, embora em porte bem menor do que o tênis, também disseminado à época em larga escala.

Hoje, a prática de squash define-se a partir de instalações apropriadas ao esporte tanto para o lazer como para a competição atlética. Nesta última alternativa, usa-se o sistema de ranking além de campeonatos e torneios nacionais e internacionais, em termos amadores e profissionais, nas categorias masculina e feminina. O squash está incluído nos Jogos Sul-Americanos e Panamericanos, mas não se inseriu todavia nos Jogos Olímpicos. No plano internacional, há três organizações principais que regulam ranking e competições: World Squash Federation – WSF, Professional Squash Association – PSA e Women’s International Squash Players Association – WISPA. Para a apreciação dos países quanto ao desenvolvimento do squash além do ranking de atletas, as entidades internacionais usam o critério da quantidade de quadras disponíveis.

Início Século XX No Brasil, a primeira quadra de squash foi construída junto às minas de ouro de Nova Lima - MG, trazida por engenheiros ingleses. Em clube esportivo, a primeira quadra surgiu no clube SPAC (São Paulo Athletic Club) na década de 1930. No final da década de 1970 e início dos anos de 1980, o primeiro grande avanço do Squash começou com a construção de quadras em clubes e academias de São Paulo e Rio de Janeiro. No final dos anos de 1980, novas quadras foram construídas no Paraná, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, e Belém do Pará.

1979 Primeira federação fundada: a Federação Paulista de Squash atraves do Sr.Carlos Salem e Sr.Luiz Frisoni em 20/11 deste ano.

1982 Fundação da federação de Squash do RJ neste ano, por filhos de ingleses liderados por John Hughes. A Associação Brasileira de Squash foi fundada em 1985 tendo Carlos Salem com seu primeiro presidente. Depois seguiram-se as federações de Minas Gerais (Marcus Guimarães e Alexandre Moreira), Paraná (Cassibo Buffara / José Baggio) e Rio Grande do Sul (Luiz Augusto Borges, Marcos Bastian e Emílio Fernandes). A partir destas entidades, atletas brasileiros passaram a representar oficialmente o país.

Brazil in the 8th position in the world, and the 1st in South America, according to data from the World Squash Federation – WSF, Brazilian top squash has low productivity in professional competitions in the five continents. Squash has been expanding from the large urban centers towards the interior. A squash cluster has been developing in Brasilia since 1995, specially encouraged by the construction of new

Década de 1980 Kiko Frisoni de São Paulo dominou o Squash Brasileiro e sul-americano desde seu início tendo sido o único deca-campeão brasileiro (10 vezes) e venceu no total 11 campeonatos Brasileiros e diversos campeonatos sul-americanos. Frisoni tem sido considerado o melhor atleta brasileiro de todos os tempos na modalidade. Ele, juntamente com Paulo Troyano também de São Paulo, liderou o Squash Sul-americano ate o final da década de 80. No feminino destacam-se duas atletas paulistas: Denise Pastore, diversas vezes campeã brasileira e Sulamericana, e Karen Redfern que desde o final da década de 1980 até os dias de hoje é considerada uma das principais atletas da modalidade. De Minas Gerais tem se destacado Flavia Roberts, a melhor brasileira classificada no ranking mundial até a presente data – 17º lugar em 1988 – antes radicada na Inglaterra e que somente a partir de 1994 começou a jogar por equipes brasileiras, tendo sido campeã brasileira em 1996.

1991 A Confederação Brasileira de Squash-CBS foi oficialmente fundada no dia 21 de Junho de 1991 na sede do Comitê Olímpico Brasileiro com apoio do então Presidente do COB, Andre Gustavo Richer e do Presidente da CBDT (Confederação Brasileira de Desportos Terrestres), Aloisio Amorim. Após a regularização das federações estaduais a CBS teve sua primeira eleição em 1994 tendo sido eleito Fernando Mont’alverne (ex-presidente do Rio Squash Clube), depois reeleito por unanimidade em 1996. A CBS filiou-se ao COB em 1994, com sede no RJ.

1995 Neste ano foi fundada a Federação Brasiliense de Squash por Fernando Melo, que com o apoio de Heraldo Conceição e Eurico de Aquino, organizaram o esporte na cidade realizando diversos torneios, clínicas (treinamento), cursos de regra e etc. Antes houve uma implantação pioneira de squash pelo Clube do Congresso, em 1989, com duas salas adaptadas e cerca de 80 jogadores. No final de 1990, a Academia Julio Adnet construiu 3 quadras com dimensões oficiais, o que deu um grande impulso e possibilitou a realização de eventos oficiais e melhor organizados. Partindo-se dessa base, o impulso de 1995 passou a ter um significado de pólo de desenvolvimento da modalidade pois foi induzido por intervenções propositais da nova federação.

1996 Primeiro Campeão Universitario Mundial deste ano, Paul Conolly (RJ), venceu na semi-final ao Frances Thierry Lincou (atual número 1 no ranking mundial).

Década de 1990 No masculino depois de Kiko Frisoni, surgiu o atleta Mário de Oliveira (do Paraná, mas radicado em São Paulo) e depois o atleta do Rio de Janeiro, Luís Eduardo Borges sendo o primeiro fora de São Paulo a conquistar um campeonato brasileiro em 1994. Outro carioca surgiu com excelente nível: Paul Conolly, campeão brasileiro em 1995 e primeiro campeão mundial universitário em 1996. Sempre citado entre os melhores, é Ronivaldo Santos Conceição, também de São Paulo, sagrando-se campeão brasileiro em 1997 e bi-campeão em 1998.

2000 Consolidação do cluster de squash em Brasília que ganhou força de irradiação tanto na cidade com no Estado próximo de Goiás por meio de (1) fortalecimento do Circuito Centro-Oeste de Squash (início em 1997) sob direção da federação local; (2) construção de quadras pelas Academias FIT 21 e Headway com 3 e

courts, specialization of trainers and an increase in the number of tournaments. In 2003 a Centro de Alto Rendimento de Squash (Top Squash Center) was developed at the Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Federal University of Rio Grande do Sul), in Porto Alegre. The objective was to promote scientific support for the training of athletes of the whole country.

5 quadras respectivamente; (3) inauguração da Vila do Tênis (4 quadras) onde aconteceu pela primeira vez um grande evento de nível nacional: XXII Campeonato Brasileiro de Squash. Como resultado destes estímulos, em 1999, o campeão brasileiro profissional, Rafael Alarcon de Goiás, tornou-se o primeiro desta categoria fora do eixo São Paulo – Rio de Janeiro. Hoje, em Brasília, há mais de 500 praticantes assíduos e 15 quadras. O calendário anual de torneios é composto pelos campeonatos dos circuitos Brasiliense e Centro-Oeste com 2 e 5 etapas por ano respectivamente. Os torneios do Circuito Brasiliense recebem em média 90 inscrições e os do Circuito Centro-oeste mais de 130.

Situação atual Hoje há federações de squash em RS, PR, SC, RJ, ES, MG, DF, SP ; outros estados com federações em processo de filiação: Sergipe (Aracaju) e Paraiba (Campina Grande). O squash é praticado num total de 19 estados do Brasil, contando com aproximadamente 60.000 praticantes e 1.000 quadras (em clubes, academias, apart-hotel e hotéis). Do total de praticantes, cerca de 50% pertencem ao Estado de São Paulo cujo interior é a área de maior envolvimento com este esporte no país. Neste particular, a cidade do Rio de Janeiro tem decrescido em importância, somando apenas 17 clubes, academias e condomínios em 2003. Nas demais regiões do país, a recente expansão tem tido lugar fora dos grandes centros urbanos. Neste últimos locais há uma tendência em ofertar práticas de squash em novos condomínios e hotéis como diferencial mercadológico em vendas e serviços. No que se refere ao âmbito internacional, cabe mencionar a Confederação Sulamericana e a Federação Panamericana de Squash, nas quais o Brasil participa efetivamente na Secretaria e com membros nos comitês de arbitragem, de treinadores e desenvolvimento juvenil. A Federação Panamericana de Squash é responsável direta pela participação do Squash nos Jogos Panamericanos, evento em que todas as vezes em que o squash foi disputado, os representantes brasileiros conquistaram medalhas. A despeito desta superioridade continental, numa perspectiva mais ampla de resultados entre países, o squash brasileiro torna-se paradoxal por constituir o sexto país em número de quadras e ocupar a posição 69 masculino, Rafael Alarcon (SP), 125 masculino, Luciano Barbosa (RS), 125 masculino, Ronivaldo Santos (SP) e 179 masculino, Luiz Felipe Borges (RJ, morando em Miami) do ranking internacional válido para 2003. A explicação corrente situa-se nas dificuldades financeiras enfrentadas pelos atletas nacionais ao buscarem intercâmbio internacional, como também nos programas de incentivo de governo que vários países desenvolvem com seus talentos (apoio científico no treinamento). Em conseqüência destes obstáculos, a Confederação Brasileira de Squash – CBS, ainda em 2003, associou-se à Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS a fim de constituir um Centro de Alto Rendimento de Squash, por meio do qual pretende-se mapear perfis de atletas brasileiros em diversas variáveis fisiológicas e psicológicas. Isto posto, será possível comparar as informações obtidas com análises semelhantes a esta realizadas com atletas de outros países, o que permitirá levantar diferenças entre os atletas brasileiros e os melhores atletas do mundo, e portanto identificar condições para melhorar resultados.

Fontes Daniel Bellizzi; Revista Squash Brasil; Squash News; www.squashrio.com.br; Jornal “O Estado de São Paulo” de 27/11/2002; Eduardo Batista – 2004 (Meeting Empreendimentos Esportivos).

Planejamento estratégico da Confederação Brasileira de Squash, 2002 – 2012

Brazilian Squash Confederation – Strategic planning, 2002 – 2012

Missão

Dirigir, difundir e incentivar no país, o esporte do SQUASH em todas as suas manifestações, trabalhando pelo progresso das entidades filiadas e representando o país no exterior em qualquer atividade pertinente ao esporte, no âmbito de sua competência.

Análise do ambiente externo – As oportunidades

- Crescimento acentuado da Indústria do esporte no mundo e no Brasil;
- As atividades do lazer e os benefícios para o bem estar e auto-estima, fazem com que mais pessoas pratiquem esportes, em suas mais diversas modalidades;
- Esporte incluído como atividade esportiva em muitas academias de ginástica junto ao FITNESS;
- O Esporte é reconhecido pelo Comitê Olímpico Internacional, com possibilidade de sua inclusão no programa dos Jogos Olímpicos;
- Esporte incluído nos principais eventos multi-esportivos mundiais, como Jogos Panamericanos, Jogos Sulamericanos, Jogos Bolivarianos, Jogos Centro-Americanos, Jogos Centro-Americanos e do Caribe, Jogos da Comunidade Britânica, Jogos Asiáticos, Jogos Africanos, Jogos Mundiais e outros;
- O aumento do número de empresas que investem no esporte em nosso país vêm exigindo uma nova postura gerencial com foco cada vez maior em ações de marketing ligados ao setor;
- Possibilidade de projetos em parceria com Governos em todos os níveis;
- Ativa participação de dirigentes brasileiros em federações internacionais, com grande ganho político para o desenvolvimento da modalidade.

As ameaças

- Não estar incluído no Programa dos Jogos Olímpicos;
- Esporte novo e com estrutura amadora, em processo de transição de esporte de lazer para esporte de competição;
- Esporte pouco conhecido pelo público em geral;
- Esporte pouco divulgado pela mídia;
- Falta de Lei de Incentivo Fiscal ao esporte, que possibilite as empresas patrocinarem eventos e projetos, conforme já ocorre na área cultural;
- Descrédito de algumas entidades esportivas;
- Concorrência com outros esportes de maior popularidade e tradição;
- Falta de maior apoio do Comitê Olímpico Brasileiro, da Secretaria Nacional do Esporte e das Secretarias Estaduais e Municipais de Esporte e Lazer;

Análise do ambiente interno – Os pontos fortes

- Alto grau de comprometimento e motivação das pessoas envolvidas nas federações filiadas, apesar dos poucos recursos financeiros;
- Experiência da entidade na organização de grandes eventos, como Campeonatos Pan-americanos, Campeonatos Internacionais e Mundiais, e com Congressos;
- Interesse cada vez maior de dirigentes, árbitros e treinadores, no aprimoramento de sua capacitação profissional;
- Esporte com crescimento constante, com a construção de quadras, aumento do número de praticantes, venda de material para a prática e com a realização de eventos;
- Novos Patrocinadores ligando sua marca ao esporte;

- Início do processo de profissionalização da organização de eventos;
- Atletas nacionais com grande potencial técnico;

Os pontos fracos

- Falta de maior transparência da administração da entidade, com a divulgação de suas dificuldades, seus sucessos e das ações implementadas;
- Poder centralizado nas mãos de poucas pessoas;
- Falta de recursos financeiros de fluxo constante;
- Dificuldade para implantação de novas fontes de financiamento;
- Comprometimento de recursos pessoais de membros da Diretoria da entidade, que atrapalham o melhor desenvolvimento da entidade;
- Falta de profissionalização dos dirigentes em todos os níveis, sem dedicação exclusiva, todos trabalhando de forma amadora;
- Falta de profissionais capacitados no nível gerencial e técnico;
- Falta de planejamento, projetos, programas, objetivos e metas da entidade e de suas filiadas direta e/ou indiretamente;
- Falta de maior participação das federações, de clubes e academias no planejamento da entidade;
- Apesar do crescimento em muitas partes do País, há declínio e/ou estagnação em alguns estados importantes;
- Início de disputas políticas e de interesses pessoais, com o surgimento de críticas das mais diversas ao trabalho dos dirigentes e das entidades;
- Falta de interesse dos atletas em participar das decisões do esporte.

Objetivos e estratégias

OBJETIVOS

I. Transformar o País em uma das 5 (cinco) maiores potências do mundo no esporte, no nível técnico e administrativo/empresarial até 2012;

II. Transformar a entidade em empreendimento auto-sustentável, com administração de caráter empresarial e com reconhecida excelência na gestão de projetos;

III. Apresentar o esporte como “Novo Produto” para investimento junto a potenciais patrocinadores de eventos, empresas de organização de eventos e marketing esportivo, empresas de produtos específicos para a prática da modalidade e como atividade empresarial para investidores com interesse no setor de lazer e entretenimento;

IV. Buscar apoio científico, material e financeiro para os melhores atletas e os juvenis de maior potencial do País, além da Formação de Equipes Nacionais Permanentes com Comissão Técnica formada por profissionais em todas as áreas;

V. Capacitar Profissionais nas diferentes áreas – Professores, Árbitros e Administradores e Gerentes Esportivos – na Administração de Entidades e no Gerenciamento de Unidades Esportivas;

VI. Implementar programas para a iniciação de crianças e Jovens e projetos para detectar novos talentos;

VII. Maior divulgação do esporte na mídia e junto ao público em geral, para melhor conhecimento da modalidade e possibilitar o aumento do número de praticantes.

ESTRATÉGIAS

Adaptar dentro de nossa realidade, programas bem sucedidos de outras associações internacionais;

Implementar Programas e Projetos, definindo metas, com monitoramento constante e cobrança de resultados;

Buscar recursos para construção de um Centro de Treinamento na cidade do Rio de Janeiro, para ser gerenciado pela CBS, possibilitando novas fontes de receita para a entidade, como o Centro Nacional da Associação da Nova Zelândia;

Buscar pessoas com conhecimento, interesse e disponibilidade, para cargos de diretoria e/ou comitês – atuais ou novos a serem criados, junto a entidade e/ou filiadas;

Buscar outras fontes de receita para a auto-suficiência da entidade;

Adaptar programas bem sucedidos em outras associações nacionais, como a CBV – Vôlei, dentro das possibilidades e necessidades da entidade;

Organizar mais eventos nacionais e internacionais;

Buscar a transmissão de mais eventos na TV;

Transformar cada coordenador de programa em gerente de uma unidade de negócios, com orçamento próprio e metas pré-determinadas;

Contratar profissionais qualificados para as áreas de captação de recursos e marketing esportivo;

Colaborar na fundação de novas federações;

Elaborar Plano de Marketing;

Promover Workshops com empresas especializadas na organização de eventos, agências de propaganda e diretoria de marketing de potenciais clientes, apresentando o esporte como uma nova ferramenta para as ações de marketing;

Incentivar parcerias entre empresas nacionais e internacionais de equipamentos e construções esportivas;

Aprimorar a qualidade das construções de quadras com implementação de novas tecnologias mais atrativas, para aumento do número de praticantes, possibilitando maior e mais rápido retorno do investimento em centros especializados e academias de ginástica;

Promover construção de novos centros;

Promover construção de novas quadras;

Apoiar franquias tipo Squash Meeting;

Promover seminários com especialistas na gestão de centros esportivos e de marketing esportivo, junto a proprietários de centro comerciais e gerentes de clubes esportivos, incentivando a melhoria das instalações e implementação de novas ações para promoção do esporte;

Buscar na parceria com o CENESP/UFRGS, apoio para treinamento e aperfeiçoamento dos atletas;

Buscar junto aos patrocinadores apoio financeiro, de material esportivo e diversos, para os principais atletas nacionais e comissão técnica permanente;

Buscar Junto ao COB – LEI PIVA, apoio para a formação das equipes nacionais permanentes e aos demais programas, como as que estão sendo executadas junto as outras confederações olímpicas;

Buscar maior parceria junto a Secretaria Nacional do Esporte e as Secretarias Estaduais e Municipais;

Buscar recursos financeiros para aperfeiçoamento da parceria com o CENESP/UFRGS e implementação de outras, com as associações do Canadá, da Inglaterra e da Austrália na área técnico/científica;

Buscar parcerias com FGV, Sebrae e outras instituições na área de treinamento de recursos humanos;

Firmar convênios com instituições de ensino para pesquisas e elaboração de projetos, junto aos cursos de graduação e pós-graduação nas áreas de Estatística, Educação Física, Nutrição, Psicologia, Administração & Marketing Esportivo e outros;

Implementar programa de iniciação ao esporte em projetos conjuntos com Prefeituras, com a construção de quadras públicas e treinamento de professores, e em conjunto com empresas, para doação de material esportivo, inicialmente junto aos municípios interessados de Volta Redonda e de Macaé, no Estado do Rio de Janeiro;

Elaborar projetos de caráter social para busca de apoio financeiro junto a empresas, através do Fundo Nacional da Criança e do Adolescente – CONANDA e de outros fundos e parcerias com ONGs;

Buscar junto a CENESP – UFRGS e outras instituições, programas para detectar novos talentos para o esporte;

Elaborar nova Home Page da entidade na Internet;

Promover os ídolos do passado e os atuais – espelho das futuras gerações, como as estrelas do esporte;

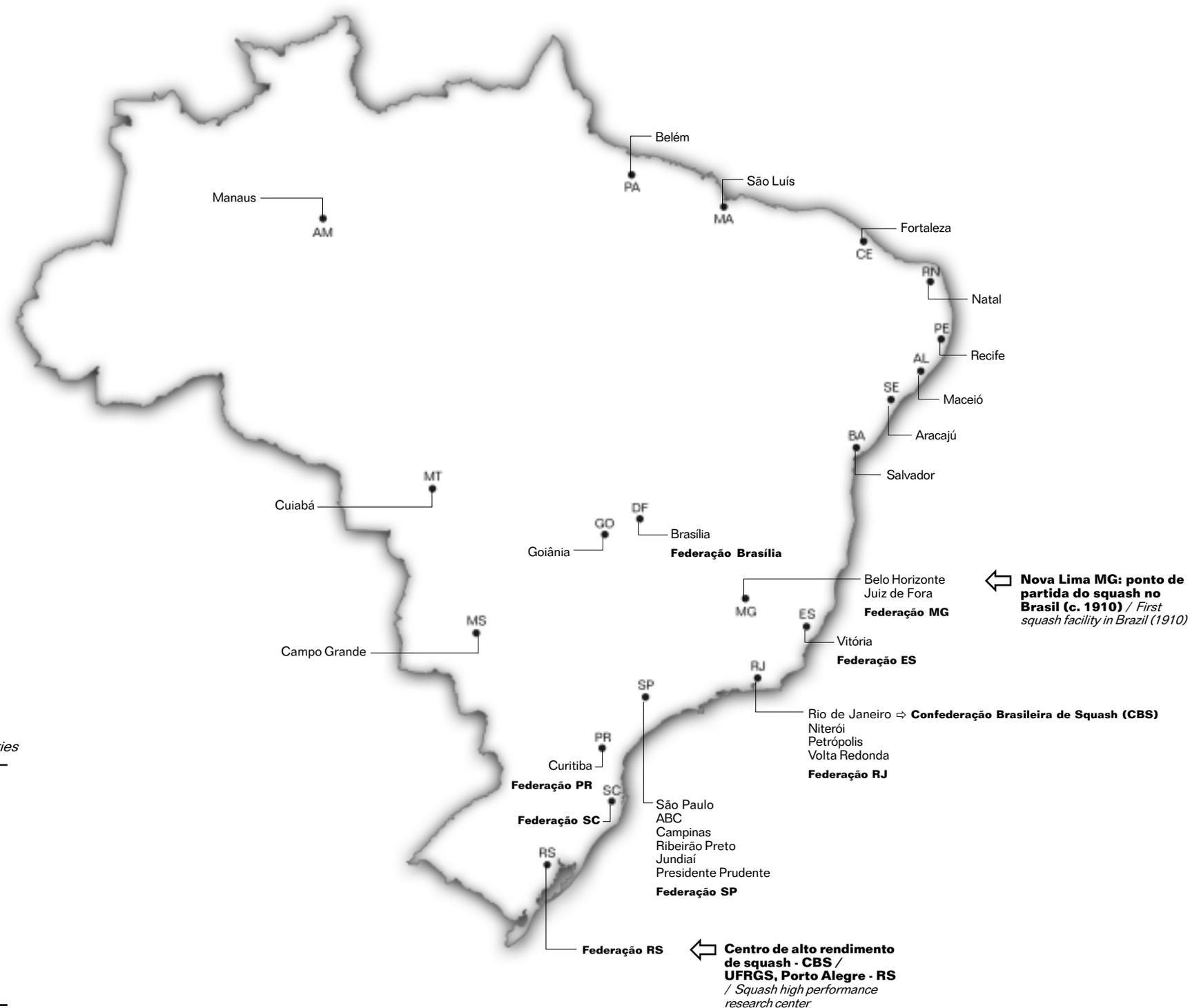
Contratar Assessoria de Imprensa permanente;

Buscar outros meios de divulgação na mídia, como revistas especializadas e programas de TV;

Buscar a inclusão do esporte nos Jogos Estudantis, Universitários e Abertos do Interior, a nível regional e nacional em conjunto com as filiadas.

Principais cidades com oferta de práticas de squash, 2003

Squash practices main locations, 2003



Squash Worldwide, 2003

Instalações – Principais Países Facilities – Major Countries

1. GER	6000
2. AUS	4600
3. USA	2790
4. HOL	1714
5. CAN	1620
6. BRA	1000

LATIN AMERICAN

1. BRA	1000
2. MEX	395
3. COL	350
4. ARG	150

Fonte / source: WSF, 2003

Brasileiros membros de entidades internacionais, 2003

Brazilian members of international organizations, 2003

Nelson Ribeiro Neto (SC) – Arbitro Internacional e Membro do Comitê de Regras e Arbitragem da WSF e Coordenador do Comitê de Arbitragem da FPS (2003 – 2005);

Lawrence Magrath (RJ) – Membro comite de Treinadores da WSF e Membro do Comitê Executivo da Federación Panamericana de Squash – FPS como Representante FPS PAN 2007 (mandato 2003 – 2007);

Eduardo Batista – Membro Comite de Campeonatos WSF (2003 – 2005), ex-Secretario da Federación Panamericana (1995 – 2003).

Eventos internacionais organizados no Brasil / International events in Brazil

II Campeonato Panamericano Adulto – Masculino e Feminino, Rio de Janeiro, 1992; VII Campeonato Mundial Juvenil Feminino – Rio de Janeiro, 1997; IV Congresso Mundial de Treinamento e Desenvolvimento da WSF – Rio de Janeiro, 2000; X Campeonato Panamericano Adulto – Masculino e Feminino, Belo Horizonte, 2000.

Presidentes da CBS / Brazilian Squash Confederation presidents

Eduardo Batista (interino), 1991-1994, Fernando Mont 'Alverne (eleito por unanimidade) em 1994-1996, 1996-2000, 2000-2004 (havera eleicao para CBS 2004-2008 em março de 2004).

Brasileiros mais vezes campeões / Leading Brazilian champions

Karen Redfern (SP) – 13 vezes (as últimas de 1997 até 2003); Kiko Frisoni (SP) – 10 vezes; Rafael Alarcon (SP) – 5 vezes (99, 2000, 2001, 2002, 2003).

Xadrez

LUIZ LOUREIRO

Chess

Chess has one of the most important traditions of Brazilian sports especially because, during the 19th century, not only Emperor D. Pedro II played this game in public but also Machado de Assis, one of the greatest Brazilian writers, participated in chess competitions. Machado de Assis was one of the founders and director of the very first chess club in Brazil. Today, chess plays a very prominent role in the Brazilian sports panorama as a result of two successful decades in the public and private school systems, where 650,000 school chess players participate in tournaments and competitions. This is almost the same number of occasional players: 660,000,

Definições e origens Um jogo de mesa, cuja base material – um tabuleiro quadrado (8 x 8) com 64 casas escaqueadas, sobre as quais dois competidores movem, cada um alternadamente, um conjunto colorido de 16 peças de 6 tipos diferentes – é o cenário para um confronto de habilidades mentais (intelectuais + emocionais), em que se procura impor ao oponente a melhor das estratégias possíveis, alcançando uma situação específica vitoriosa, à semelhança de uma guerra, mas justa e regulada, chamada XEQUE-MATE! (O Rei derrotado!). O xadrez é considerado uma elevada criação do gênero humano, mesmo que voltado para o prazer lúdico (jogo = brincadeira = esporte), e que se difundiu desde sua debatida origem por praticamente todas as culturas e países do mundo. Em seu aspecto formal, o xadrez liga-se à ciência por empregar o método e o pragmatismo científico em seu estudo técnico bastante rigoroso; une-se igualmente à arte, devido ao valor e impacto estético originais, derivados do esforço de se “jogar bem e bonito” e de seu inerente desafio de criatividade; e, por fim, também ao esporte no sentido lato do termo, por envolver dois adversários em luta direta a partir de condições iguais, sob regras previamente definidas e que medem entre si, e ante os demais, certas habilidades típicas. E o xadrez ainda dispensa a exigência de qualquer biótipo físico, não valorizando a priori qualquer competidor por ser naturalmente mais rápido, mais alto, ou mais forte do que outro concorrente. O razoável significado cultural do xadrez pode ser apreciado quando observamos sua freqüente utilização em variadas modalidades artísticas. Na literatura em geral, e tendo sido usado também no cinema, no teatro e na música, além do emprego de seu intrigante simbolismo nas artes plásticas como a pintura e a escultura. O xadrez também tem sido a inspiração de campanhas de propaganda e marketing de todo tipo. Ele igualmente já se enraizou no jargão popular com expressões como: “Agora, ele está em xeque!” Ou, “ele tomou xeque-mate!”. O mais famoso aforismo a tentar explicar o contínuo fascínio do jogo dos dois reis, provém de um grande jogador do século XIX, médico de profissão e eminente didata, Siegbert Tarrasch “O Xadrez, como a Música e o Amor, tem o poder de fazer os homens felizes!”. Apesar de ser “apenas um jogo”.

Em termos de organização institucional do xadrez há uma estrutura básica a se considerar: (a) Clubes exclusivos de xadrez, departamentos de xadrez em clubes esportivos ou recreativos e entidades classistas, núcleos em escolas, empresas, grêmios municipais e outras instituições compõem a base da população de aficionados e praticantes do jogo. Além dos jogadores meramente “sociais ou familiares”; (b) Os clubes que congregam os atletas, quando reunidos, formam federações regionais. Essas, por vez, criam federações nacionais que se ligam, por seu turno, a um organismo internacional. Para ilustrar, partindo de São Paulo, a maior e mais bem organizada federação do país, teríamos: Federação Paulista de Xadrez-CBX, Confederação Brasileira de Xadrez-CBX, e Federation Internationale de Echecs-FIDE; (c) No início do ano de 2001 a FIDE congregava 159 países-membros, representados por suas federações nacionais. Por suposto, somente a Federação Internacional de Futebol-FIFA supera esse número de países filiados, efetivamente envolvidos em torneios de âmbito mundial; (d) A FIDE, fundada em 1924, é reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional-COI como representante da modalidade ante o movimento esportivo mundial e o xadrez é classificado pelo COI como um “esporte mental” (*mind sport*). No Brasil, ele é historicamente reconhecido pela legislação e órgãos específicos (por exemplo, antigos Conselho Nacional do Desporto, Conselhos

besides the 165,000 regular players and 7,000 athletes registered with the state federations (out of the 20,539 very active participants in the sport). As a result of so much practice, Brazil has today six Great International Masters (GM) and the best position of the three Americas in the 2004 competitions. This chapter displays the origins of chess since its first appearance in Oriental Antiquity (India and China), its journey and acceptance into the Western World via Persia and Arab civilizations during the Renaissance, and finally reaching today’s phase with the regulation promoted by the Fédération Internationale des Échecs-FIDE, created in 1924. The

Regionais do Desporto-CRDs e Ministérios e Secretarias Estaduais e Municipais de Esportes) do setor como esporte. Inclusive, ele tem se mostrado pioneiro como modalidade fundadora de alguns dos órgãos que lidam com a organização e a realização esportivas no país, como CND, COI, Jogos Abertos e Regionais do Interior de São Paulo, Jogos Universitários Brasileiros-JUBs e Jogos Escolares-Brasileiros-JEBs etc.; (e) Existem ainda órgãos de representação em escala nacional e mundial de certas atividades específicas do xadrez. Dentre elas, ressaltam a Composição Artística (Finais de Estudo e Mates Diretos e Indiretos, etc.) e o Xadrez Por Correspondência, este último especial e altamente respeitado por seu rigor técnico e primorosa organização administrativa. Mesmo a forma eletrônica (via e-mail) da “competição por correspondência” está sob a égide da *International Correspondence Chess Federation-ICCF* que regula os modos de competição, as regras particulares da modalidade e a atribuição de títulos técnicos, honoríficos e esportivos da atividade.

Os torneios de xadrez são realizados a partir dos níveis mais inferiores das células esportivas – os clubes e as federações – e distribuídos por categorias técnicas e de idade. Em grande número de eventos há distinção de sexo apenas em um sentido: existem torneios femininos nos quais não se admite competidor homem, mas o contrário é permitido, já que os certames masculinos são definidos como absolutos e liberam a inclusão de mulheres, desde que preencham os requisitos técnicos de qualificação ou classificação. As provas de categorias distinguem os competidores pela sua força técnica (Classes A, B, C,...; Mestres, Candidatos a Mestre, etc. ...) e as por idade separam as faixas etárias, havendo desde a Pré-Mirim (menos de seis anos) até Seniores e Veteranos, passando pela escala de Cadetes, Juvenis, Jovens e outras. Atualmente, como reflexo dessa distribuição, há provas nacionais, continentais e mundiais de quase todas essas categorias por idade, tanto absoluto (masculino) quanto feminino. Há títulos de graduação e carreira, além dos obtidos em torneios oficiais. Tradicional e oficialmente se atribui o título de Mestre Nacional (MN) ao jogador que alcança o primeiro nível em seu país, e de Mestre FIDE (MF) àquele que atinge uma projeção maior e certa graduação no *Rating* Internacional. E, assim, progressiva e hierarquicamente, seguem-se os títulos de Mestre Internacional (MI) e Grande Mestre Internacional (GMI), ou simplesmente MI e GM. O título máximo absoluto e individual é o de Campeão Mundial, que registra uma longa e prestigiosa tradição de quase 138 anos. O confronto regular dos melhores do ranking e daqueles registrados com “Rating ELO” (uma indicação numérica do desempenho de cada jogador usada desde 1970) é mantido com a realização de torneios locais e muitos certames internacionais de variado prestígio técnico, concretizados normalmente com patrocínios privados, sendo seus resultados reconhecidos e registrados pela FIDE.

Campeonatos Nacionais: o Brasil realiza regularmente um dos eventos de âmbito nacional mais antigos entre todos os países, com exatas 70 edições, desde o inaugural em 1927 até o último de 2003; Ciclo do Campeonato Mundial Absoluto: organizado para apontar o melhor jogador do mundo; Olimpíadas de Xadrez: anteriormente denominadas também de Torneio das Nações, reúnem equipes nacionais absolutas e femininas para um certame gigante realizado a cada dois anos. Na edição mais recente de Bled – Eslovênia – 2002, tivemos os seguintes números: Absoluto: 146 países, com equipes formadas por 4 titulares e dois reservas;

first Brazilian chess club was founded in 1880 and the first Federation in 1927. Brazilian chess had always been more of a cultural activity than a competitive sports activity until the 1970s, when Henrique Mecking – the best Brazilian chess player of all times was very close to becoming world champion. For this reason, seven Brazilian newspapers had chess columns between 1976 and 1985, including one that lasted for 17 years. The Brazilian tradition of chess games has been preserved not only because of school chess but also because of outstanding Brazilian performances in postal chess and in Internet chess.

Feminino: 96 países, com equipes formadas por 3 jogadores e uma reserva. Entre as equipes do grupo Absoluto, têm-se uma formação internacional (jogadores de diferentes países) de Deficientes Visuais (alguns jogadores completamente cegos) e outra, também internacional, de Deficientes Físicos ou Neurológicos. As 14 rodadas foram disputadas e distribuídas no curto intervalo de 16 dias. Nos anos ao longo da última década, o número de equipes cresceu em ambos os grupos, com destaque para o contingente feminino, que subiu de 50 equipes em 1988 e 65 em 1992 para o atual recorde de 96. Por sua dimensão global, freqüência (a cada dois anos) e número de países participantes (146 com cerca de 1300 competidores), a Olimpíada de Xadrez é efetivamente o maior evento esportivo de apenas uma modalidade em todo o mundo, apesar do jogo não ser considerado de “apelo comercial” por muitos mercadólogos. Os chamados ‘Torneios Abertos’ são um meio prático, ainda que exaustivo, de propiciar que um bom número de jogadores, às vezes centenas deles, disputem seguidas partidas em poucos dias com oponentes de força variada, concorrendo a prêmios ocasionalmente bem elevados. Dentre as modalidades mais populares do jogo é forçoso mencionar a paixão universal pelo ‘Relâmpago’ (ou ‘Ping’ ou ‘Blitz’), um tipo de partida disputada “à jato”, com cada jogador dispondo no máximo de 5 minutos (o modo de 3 minutos vai se tornando mais popular a cada ano) para concluí-las. Há também o muito apreciado sistema de ‘Xadrez Rápido’, no qual os competidores começam com um tempo variável entre 15 e 30 minutos, cada um, para finalizar o jogo.

Neste contexto de organização do jogo, o xadrez contemporâneo adaptou-se com entusiasmo ao surgimento e crescimento da Internet. De fato, o novo meio tem se mostrado como ideal para o acompanhamento instantâneo dos eventos, para o aprendizado técnico, a pesquisa geral e para uma nova forma de competição e deleite. Os grandes torneios e eventos promocionais oferecem hoje cobertura com imagens ao vivo, comentários *online* por outros grandes jogadores convidados, salas de bate papo, bancos de dados para pesquisa pertinente. E há ainda outros instrumentos criados pela e para a Internet (como os “Clubes Mundiais”, nos quais um jogador pode enfrentar um “oponente virtual” localizado fisicamente muito distante, em qualquer lugar do globo), que tanto o aficionado quanto o profissional usam hoje, num verdadeiro “universo digital” do xadrez, já que cobrem o mundo inteiro, ao toque de um clique e na hora em que quiserem. Some-se a isso a utilização de programas específicos para gerenciamento de partidas (banco de dados) e análise técnica e constatamos que a Informática e a Internet são a nova expressão do jogo, sem deslocar ou substituir os meios clássicos. Nessa sinergia do livro com o *bit*, o xadrez, cujo apelo comercial direto é obviamente muito restrito, tem tido a seu dispor um meio fabuloso e proporcionalmente muito barato para sua divulgação, comunicação interna e re-elaboração contínua. Para ilustrar a inserção do xadrez na *Web*, basta citar que tanto os grandes portais de notícias, como Yahoo no exterior e UOL e Terra no Brasil, como provedores do porte do mesmo UOL e AOL (American On Line) dispõem de seções ou clubes de xadrez online e que o tema (“Chess” ou “Xadrez”) quando pesquisado em qualquer mecanismo de busca, dá como retorno um verdadeiro mundo novo de informação sobre o jogo. Em resumo, a Informática é a nova ferramenta do jogo e a Internet a mais nova fronteira sem limite da expressão do xadrez.

Focalizando-se as origens históricas do jogo de xadrez, como se dá também com outras criações humanas essenciais, como a roda, a

descoberta e o controle do fogo, a escrita, a pólvora, o papel, a bússola e tantas outras invenções cruciais de nossa história geral, tentamos nos aproximar da verdade, mas de um modo apenas algo melhor do que quando perseguimos o horizonte na paisagem aberta da natureza. O passado remoto nos elude e decifrar cabalmente a origem do xadrez , sob certa ótica, se assemelha à procura do presumido “elo perdido” na cadeia evolutiva do homem: reduz-se a área de pesquisa e dúvida, mas não chega-se ao ponto exato. De fato, as demonstrações e “provas” que fundamentam as teses e explicações clássicas sobre a origem mais longeva do xadrez são derivadas de estudos lingüísticos (etimologia, filologia, etc.), literários, de costumes particulares dos povos envolvidos (etnografia) e numerosas deduções e “aproximações” de variadas fontes e enfoques que oscila entre pouco mais de dois milênios e 1500 anos. E, neste caso, numa região do planeta – aquela abrangida pela antigas “Rotas da Seda e das Caravanas” e vizinhanças – marcada por intensa atividade e profundas mudanças culturais de toda ordem (históricas, políticas, religiosas, etc. e inclusive as geológicas), e por severidade do clima e do relevo. Mesmo assim, é possível orientar o pouco de luz que nos guia nesse espesso nevoeiro e observar claramente importantes detalhes da paisagem da história do xadrez.

A versão clássica da origem do xadrez situa-o como “jogo de guerra” na Índia, sob a denominação “chaturanga”. Estudiosos de origem inglesa e germânica, especialmente nos séculos XIX e XX, elaboraram uma interpretação sobre a “proto-história” do xadrez que aponta o norte da Índia, especificamente, a província de Caxemira (“Kashmir”), como o berço de criação desse jogo. O nome original de *Chaturanga*, já por si mesmo, revela a composição do jogo com a utilização de peças que representariam os quatro (*Chatur*) tipos de armas, membros ou divisões (*Anga*) empregadas no exército indiano nesse período histórico do país, e no anterior, no qual o jogo já é registrado na sociedade local. Isso se dá entre, estimativamente, os anos 450 e 550 D.C. (Mas a criação do jogo pode ter ocorrido décadas ou mesmo séculos antes, ainda que em versões modificadas ou formas experimentais). Essas armas seriam a infantaria, personificada nos Peões (“Patti”), Cavalos (“Ashwa”), Elefantes (“Hasty” ou “Dvipa”) e ainda os carros ou carruagens de combate, simbolizados na Torre (“Ratra”). Há também registro dessa última peça sendo representada por um barco (“Nauca”), um ponto particularmente interessante e problemático ligado diretamente ao xadrez da Rússia, onde ainda hoje a Torre moderna é referida como “Ladya”, que significa barco em russo. As peças eram movidas sobre um tabuleiro (“Ashtapada”) apenas riscado (linhas que se cruzavam perpendicularmente), que pode ter servido para outros jogos, e representava o campo de combate. Os criativos indianos parecem ter querido representar ostensivamente a guerra num jogo e este propósito é ainda mais ressaltado quando se vê que tais forças bélicas sobre o tabuleiro eram comandadas por um Rei (“Raja”), sob a orientação ou aconselhamento de um “General de campo ou Conselheiro” (“Vizir”). Este último era também designado pela palavra “Mantri” (Homem sábio), na qual alguns estudiosos encontram uma corruptela ou adaptação fonética do termo original Mandarim (que designa na China um funcionário público). Tal ligação apontaria a origem do jogo como uma criação da civilização do extremo oriente – os chineses – e, não dos indianos. Houve também versões, chamadas “Chaturaji” (Quatro Reis), em que 4 jogadores comandavam “exércitos” menores e se enfrentavam mutuamente ou em alianças oportunistas. Essa versão talvez quisesse expressar o conteúdo político, muitas vezes explosivo, das relações entre os vários reinos da Índia e do mundo. Também a utilização de dados somente foi registrada em período posterior, por volta do ano 1000 (o número sorteado no dado decidia qual peça seria movida) e constitui uma proposta de interferência fortuita num jogo de estrita racionalidade e lógica. Ambas as modalidades, através dos mecanismos da época como caravanas de variados interesses, intercâmbio cultural por meio de representação de sábios visitantes, trocas comerciais e outros, foram difundidos para oeste, para a Pérsia e outros reinos, e para leste, em direção da China, Coréia e Japão e dos países da Península da Indochina. Cada um deles, ao assimilar o Chaturanga também atuou sobre o jogo produzindo pequenas modificações e adaptações.

Apesar de muitas polêmicas e questionamentos, não há dúvida alguma sobre a linhagem direta entre o Chaturanga e seu “neto” – o xadrez moderno – ante a simples constatação de que as Torres, Cavalos, Peões e Reis de ambos se movem exata e respectivamente do mesmo modo e o jogo tem o mesmo objetivo derradeiro. Em mais de um

milênio e meio de história e longa caminhada pelos continentes da Terra, essas peças se conservaram quase inalteradas em seu poder, capacidade básica de movimento e importância e finalidade dentro do jogo. Outra versão surgiu nos últimos 50 anos: um grupo de respeitáveis pesquisadores independentes e de variadas formações e não alinhados com a visão “indiófila” sobre a origem histórica do jogo de xadrez, têm oferecido uma nova análise – e muito bem fundamentada – a respeito das cinco questões essenciais ligadas ao mistério da criação do jogo. De fato, os mais recentes argumentos e provas sobre a verdadeira paternidade sobre o xadrez são tão robustos que assistimos a uma inversão total da situação anterior, com a China deslocando a Índia e se tornando a fonte mais segura de respostas convincentes relacionadas com as origens. Além disso, muitos dos elementos que serviam anteriormente como indícios ou demonstrações, em favor do Chaturanga como jogo original, foram refutadas como imprecidentes e mesmo demolidos como totalmente incorretos. E assim, emerge o “Planeta China” como berço verdadeiro do xadrez, fazendo a cronologia do jogo recuar em mais uns 700 ou 800 anos, para o fim do século III, antes de Cristo.

Século III A.C. O General Xin Han, nascido em 277 A.C. em Huai-yin (na atual Província de Jiangsu), em sua vida atravessou os tempos tumultuados do chamado “Período da Guerra dos Estados” (481-221 A.C.) e também da Dinastia Qin (221-206 A.C.) e ainda atuou na igualmente contenciosa Dinastia Han (206-220 A.C.). Ele é simplesmente o mais exitoso militar, o mais famoso guerreiro-conquistador da história imperial da China, um longo e imenso registro, ao mesmo tempo impressionante e intimidativo, que abrange eras de 4 a 5 mil anos da vida desse povo oriental, em todos os seus aspectos,. Não há menção nas mais do que completas enciclopédias e crônicas antigas sobre o “país amarelo” de que o General HAN tenha sofrido alguma derrota em sua longa carreira de combates, ou deixado de realizar alguma missão atribuída a ele pelo príncipe ou imperador a quem servia. De fato, seu currículo militar e êxitos bélicos foram tão destacados que ele próprio poderia ter se tornado Imperador da China, se tivesse substituído sua lealdade absoluta por ambição política ou sonhos de poder total. Ele também escreveu, entre os anos de 202-196 A.C., uma obra em 3 volumes chamada “A Arte da Guerra” (mesmo título de duas outras antologias já clássicas a seu tempo: a de Tse SUN e a do “Grande Duque”) que, infelizmente, não foi preservada.

A versão da origem do xadrez ligada a Xin Han, tem início durante o rigoroso inverno de 204-203 A.C. No quartel-general das forças comandadas por ele, então situado às margens do Rio Mian-Man, na Província de Shensi, enquanto aguardavam a chegada da primavera para combater as forças inimigas de Chu Ba Wang, Príncipe de Chu, estacionadas na margem oposta do rio. A opção do jogo ocorreu com o duplo propósito de manter suas tropas ao mesmo tempo entretidas e de moral elevado durante o cerco militar e ao longo da exasperante espera do confronto agendado, e também de instruí-los, através do jogo-simulação, sobre as artes da guerra. Visava adestrá-los sobre questões de planejamento, ataque e defesa e ação coordenada, além de exaltar a solidariedade entre os companheiros. Fez-se então que a “simulação da guerra através do jogo” fosse a mais realista, em termos dos objetivos e meios passíveis de serem transferidos simbolicamente para um jogo de tabuleiro. Para tanto, ele estudou em profundidade outros jogos criados na China e bem mais antigos, como o Wei-Qi (conhecido no ocidente como Go), criado pelo Imperador Shün, entre 2357 e 2353 A.C., e que representa a permanente luta do povo chinês contra as freqüentes inundações no país. Ele também observou as características do Liu-Bo (ou Liu-Po), um jogo primeiramente mencionado nas crônicas relativas à dinastia Shang, atuante entre 1600 e 1028 A.C. Ele incluía o fator chance, mediante um esquema de sorteio com o uso de 6 pequenos bastões, duplamente coloridos, cujo manuseio era equivalente ao emprego de dados. Han optou por excluir a interferência da sorte, por acreditar que a guerra seria vencida por quem demonstrasse maior capacidade de planejamento prévio (Estratégia), consciência objetiva das oportunidades que surgem durante a batalha (Tática) e coordenação e solidariedade entre as várias forças de um exército.

O próprio nome do jogo – Jogo para Capturar Xiang Qi – (sendo Xiang Qi, o Príncipe de Chu, rival do Príncipe a quem o general Han serve) indica seu objetivo final para ambos os jogadores: atacar e deixar sem saída o comandante do exército rival. O equivalente ao xeque-mate, como conhecemos tal situação. No entanto, foi surgindo uma crescente confusão devida à similaridade dos nomes usados

em chinês. Como as pessoas se referiam também ao jogo como “Jogo para Capturar Jiang (sendo Jiang o nome do comandante das peças do segundo jogador – “O Azul”), as respectivas abreviações “Xiang Qi e “Jiang Qi”, sendo quase homônimas, geraram uma certa mistura de significados e descrições, ainda mais incrementada pelo fato de muitos também se referirem ao jogo como “ O Jogo do Elefante”. De fato, sendo esta uma das peças usadas nas versões aprimoradas surgidas bem mais tarde, durante a Dinastia Tang (618 – 907) e que é também um dos 200 possíveis significados da palavra Xiang. Mais tarde, quando o xadrez chinês foi difundido para o extremo oriente e atingiu a Coréia e o Japão, ele foi batizado nas línguas locais de, respectivamente, Changgi e Shogi, conservando sua clara identificação (tanto lingüística, quanto funcional) com o jogo matriz.

O tabuleiro usado para o Xiang Qi não era um quadrado perfeito, como estamos acostumados, e sim um modelo 9 x 10: formado por dez horizontais e 9 verticais. As peças ocupavam uma posição inicial simétrica, mas sobre o entroncamento das linhas e não sobre as casas criadas pelo sistema ortogonal empregado. As 11 peças eram, por cada jogador (no sistema original ideado por Xin Han, o primeiro jogador era representado na cor vermelha e o segundo pela azul, que repetiam as cores principais das bandeiras e flâmulas dos exércitos verdadeiros que iam combater), um “Comandante”, um “Ajudante”, duas “Carruagens” e dois “Cavalos”, e cinco “Soldados”, distribuídos nas quatro primeiras horizontais dos extremos do tabuleiro para o centro e separadas por um “rio”, que dividia os dois territórios em áreas idênticas. Essas peças (as “Vermelhas” começavam primeiro), que os jogadores moviam em lances alternados, seguiam o estilo oriental, sendo finas e achatadas e com os caracteres chineses do nome de cada uma no jogo gravados na face superior. Somente muito mais tarde, mais de um milênio depois, elas adotaram o modo em 3 dimensões e mais figurativo. As peças tinham os seguintes poderes: Soldado = Peão: um passo por vez no seu território, somente para frente (não retornavam nunca!) e também um passo lateral no território inimigo; Carruagem = Torre: qualquer número de passos, nas direções ortogonais, para frente e para trás, desde que o caminho não estivesse obstruído; Cavalos = Cavalos: exatamente como o cavalo do Chaturanga e do Xadrez moderno; Ajudante = “Vizir”: um passo em diagonal, para frente ou para trás, mas apenas dentro do “Palácio”, uma zona de 9 pontos bem próximo da fila inicial de cada jogador; Comandante = “Meio-Raja”: um passo ortogonal, em todos os sentidos, também dentro do “Palácio”. As peças do Xiang Qi realizam a captura das peças inimigas do mesmo modo como no xadrez em geral, em qualquer época: capturam, conforme se movem, numa operação em dois atos ainda que somente um movimento, removendo a peça adversária na casa (ou, no caso e mais precisamente: no encontro das linhas) e ocupando-a com a atacante.

Os estudiosos que apontam a China como o centro criador do xadrez original, argumentam que o Xiang Qi foi levado em direção ao Ocidente, primeiramente pelos mercadores persas, que comercializavam uma grande variedade de produtos chineses, especialmente a seda, e também mantinham representações, embaixadas e muitas residências nas cidades chinesas. Além disso, os curiosos persas eram interessados na história e criações culturais da China. Quando o Xiang Qi alcançou e difundiu-se na Pérsia e lá sofreu algumas modificações e adaptações depois de alguns séculos, ele se transformou no Chatrang. O Chatrang sim, é que teria sido, então, absorvido pelos indianos que o nomearam Chaturanga ganhando assim uma vertente histórica própria. Mas tudo teria começado na China, com os mesmos inventores do papel, da pólvora, da bússola magnética, do dominó, do Go, do “Quadrado Mágico”, do macarrão e outras numerosas, fabulosas e essenciais invenções para a história humana, como até o futebol, que a FIFA reconheceu recentemente a sua origem chinesa. Naturalmente, a polêmica não cessa nem esmorece e as provas, contraprovas e refutações continuarão sendo apresentadas pelos defensores de cada lado.

Séculos VII e VIII D.C. A Pérsia deste período (hoje, Irã), ao assimilar o xadrez da Índia ou da China (talvez mediante contatos programados entre os sábios de cada corte, talvez por um processo de difusão cultural relativamente rápido) entre fins do século em pauta e meados do seguinte, realizam uma tradução literal do nome do jogo, que passa a ser *Chatrang* e de suas peças (P= “Piyadah” / C= Asp / E= Pil / V = Farzin / T= Rukh). Assim, chamam o bem recebido “Raja”, do sânscrito, pelo nome em persa que expressa realeza e a condição de chefe supremo da nação e da

corte: “Shah” (os “Shah da Pérsia” constituiriam uma das mais antigas – senão a mais antiga – estirpes reais da história humana). Eles criaram também uma nova etiqueta obrigatória com o hábito gentil de avisar que o rei está atacado por uma peça contrária, dizendo neste caso, simplesmente “Shah”, o próprio nome do rei. Mais tarde, esse procedimento vai induzir e gerar em quase todas as línguas do mundo, o nome do jogo e do ataque ao rei, como Xadrez e Xequê em português, e “Chess” e “Check” em inglês, por exemplo. Essa gentileza continua sendo praticada nos dias de hoje, notadamente quando uma partida é jogada num ambiente estritamente social ou entre iniciantes. Os persas ainda expressaram com precisão a situação padecida pelo rei quando o jogo chega ao fim: definiram como “Shah-Mat” (precisamente “O Rei Derrotado”, e não morto, pois o monarca nunca é capturado e jamais deixa o tabuleiro), o golpe decisivo e último objetivo de quem joga xadrez. Nesse mesmo século, o jogo alcança o Império Romano do Oriente, cuja capital Bizâncio (Constantinopla) tem registros variados da prática do *Zatrikion*, o nome grego do *Chatrang*.

Quando a reforma religiosa e social da vida árabe – sonhada, elaborada e implantada vitoriosamente por Maomé na hoje chamada Arábia Saudita – torna-se uma conquista concreta, por volta de 630 depois de Cristo, seria difícil projetar que em muito pouco tempo essa nova religião – o Islã ou Islamismo – iria dominar não apenas os territórios árabes, mas tornar-se também uma força irradiadora de fé e dominação política em todo o Oriente Médio e muito além. Num breve período, o Islã subjuga vastas porções do mundo conhecido de então. Primeiro, a Arábia, depois o Iraque, e então a Pérsia, esta, no ano de 650. Entre 644 e 710, todo o longo trecho do norte da África até às costas do extremo oeste do Mediterrâneo e do centro de Bagdá até a Índia, faziam parte do mundo marcado pelo “Crescente”. E os árabes, no contato com os persas, conheceram e ficaram fascinados com o xadrez, incorporando-o a sua cultura – como faziam com todo novo conhecimento que adquiriam – e divulgando-o entre os novos povos que seguidamente conquistavam seja pela nova fé ou pela cimitarra. Eles adaptaram o nome do jogo para “Shatranj” e as peças diretamente da nomeação persa anterior, como em Shah (para o Rei), “Firzan” ou “Firz” (para o Vizir), “Rukh” (para a Torre) e “Fil” (para o Elefante) ou por tradução como “Faras” (para Cavalo) e “Baidaq” (Peão). O Shatranj foi, então, valorizado por contraste com os jogos de carta e de dados, já que excluía a interferência da chance e, figurativamente, das “incertezas do destino”: o xadrez, pensavam já os estudiosos árabes do jogo, enfatiza o livre-arbítrio, a habilidade individual e a escolha consciente e racional do homem. Quando Harum Al Rachid (786- 809) reina como Califa em Bagdá, no esplendor da dinastia Abácida, ele exerce específico patronato, mantendo em seu palácio os melhores jogadores e estudiosos do Shatranj. O filho de Harum, o califa al-Maamun, lamentava seu parcos talentos para o Shatranj, refletindo sobre os contrastes de sua vida: “É estranho que eu, que controlo o mundo da Índia, no leste, até a Espanha, no oeste, não consiga dominar as 32 peças do xadrez!”

Os árabes não realizaram nenhuma modificação no jogo aprendido dos persas, mas o estudaram com rigor técnico muito profundo. Alguns de seus estudos (por exemplo, o final “puro” Torre x Cavalo; o “Mate Árabe”; modos de conduzir aberturas, etc.) ainda têm validade e proveito nos dias atuais, mesmo transcorrido um milênio. Eles investigaram as Aberturas (“Tabyat”) e batizaram muitas delas com nomes inspiradores como “A Torrente” e também compuseram estudos (“Mansubat”), nos quais examinavam as possibilidades táticas das peças e os recursos do jogo. E ainda introduziram o uso da Notação Algébrica, empregando um “sistema cartesiano” cerca de 700 anos antes de Descartes. Os melhores desses pesquisadores e jogadores eram chamados de “Alyat”, o que significa literalmente “Grande Mestre”, uma coincidência que antecipa a designação oficial que seria atribuída aos grandes campeões e melhores jogadores do mundo no Século XIX. Essa elevada distinção foi até oficial e nobiliarquicamente conferida pelo Czar Nicolau II aos finalistas do grande torneio de São Petersburgo de 1914, mais de mil anos depois dos árabes a terem inventado. Em 711, as tropas de conquista dos muçulmanos, comandadas pelo general mouro Tarik atravessaram o Estreito de Gibraltar e partiram para a conquista e longa ocupação de uma boa faixa da Península Ibérica – Espanha e Portugal – além de parte do sul da França e da Itália, incluindo a Sicília. Com eles, guerreiros virulentos, mas também homens práticos e pesquisadores curiosos e preservadores, o Shatranj

atravessou um mar e mudou de continente, pois os árabes trariam para a Europa Medieval o jogo que conheceram com os persas. Eles, de fato, se tornaram o “correio do xadrez” para uma grande parte do mundo.

Século X A introdução do Shatranj na Europa e sua conseqüente difusão pelos países do Velho Continente ocorreu a partir deste século, desde a Espanha, que sofreu a influência direta da cultura árabe, para o Norte e o Leste em direção à Islândia e a Rússia. O peso da presença muçulmana na Península Ibérica se verifica inclusive na tradução direta do nome das peças do jogo, sendo o espanhol ainda hoje a única língua destacada a registrar o nome do Bispo como “Al Fil”, literalmente “O Elefante”. O xadrez, desde então, vai adquirir um significado especial baseado tanto na sua prática como jogo, quanto nos mitos, parábolas e metáforas e simbolismo que vai gerar e também na sua incorporação social como elemento de valor na formação de um cavaleiro educado. Há algumas referências literárias bem precoces sobre o jogo como os “Versos de Scachis” ou “Versos de Einsiedelin” (Suíça) de próximo do ano 1000 e um registro de testamento do Conde de Urgel – Ermengaud I, (Espanha) de 1008 a respeito de um valioso jogo de peças. A Idade Média na Europa estava acostuada a jogos como os de Dados, Gamão (“Tabula”) e “Merels”, este sendo algo como o Jogo de Trilha que conhecemos. O Jogo de Damas apareceria mais tarde, enquanto os Jogos de Cartas somente surgiriam no século XIV. Diversos países europeus começaram a fazer experiências e adaptações com o jogo trazido pelos invasores estrangeiros crentes de Alá, e a interpretá-lo conforme se adequasse a seus valores culturais e vivência histórica. Assim, para ilustrar, a peça que chegou como Elefante foi transformada (sem sofrer ainda alteração na sua forma de agir) em Bôbo da Corte (*Fou*, em francês) ou Correio (*Läufer*, em alemão) ou Bispo (*Bishop*, em inglês), em cada um desses casos parecendo que a nova representação se inseria com mais propriedade e coerência no quadro social vigente. Houve também mudanças no simbolismo do jogo, passando este do caráter militar presente desde o Chaturanga para um outro sem conotação guerreira, como as novas peças (Dama, Bispo, Conde, Conselheiro – “Calvus”, etc.) viriam a personificar. Assim, o xadrez chega a representar um estado em miniatura, com a suas classes sociais estratificadas desde o rei até o camponês, com Cavaleiros, Bispos e outros “atores sociais” nos níveis intermediários, mas muito bem integrados na ordem geral. Houve também a utilização da imagem do jogo com finalidades morais, já que cada um na sociedade, assim como cada peça no jogo, deveria “cumprir seu papel” para se alcançar o objetivo maior do bem coletivo.

1061 Os heróis dos maiores romances medievais quase sempre jogavam xadrez, como se vê em Tristão (de Tristão e Isolda), Alexandre (do Romance de Alexandre), Lancelot (Prosa de Lancelot) e Parsifal, e freqüentemente se enamoravam ao jogar com as beldades por quem suspiravam e ainda usavam o xadrez como um álibi para um mínimo de privacidade com elas. Outra significativa e contraditória característica social gerada pelo novo jogo foi a posição da Igreja Católica ante tal novidade e a postura de muitos de seus representantes e mandatários. A primeira censura oficial advinda de Roma retrocede ao ano de 1061. Além do xadrez ser considerado, à época, uma invenção dos árabes – e, portanto, não cristãos! – logo passou a padecer da fama de ser mais uma das artes do demônio e viu-se associado aos jogos de dados e, assim, duplamente proscrito. Além disso, muitas partidas entre os membros da aristocracia eram disputadas com apostas. No entanto, num surpreendente contraste, a ação multiplicadora da prática e difusão do jogo pelos próprios monges católicos (vide adiante J. de Cessolis) teve ainda o reforço das obras por eles compostas ou preservadas, nas quais o xadrez aparecia e tinha destaque, apesar das restrições ocasionais da Igreja e de seus altos dignitários.

1283 Dos primeiros trabalhos publicados na Europa sobre xadrez, o mais difundido e antigo é o *Libro del Acedrex*, organizado por D. Afonso, denominado “O Sábio”, editado neste ano. O livro trata de variados Jogos, mas se concentra no Shatranj, ainda que examine também algumas de suas modalidades mais exóticas (“Grande Xadrez”, etc.). Nele, encontra-se pela primeira vez documentada a regra do duplo passo inicial para o peão. Uma outra publicação de relevância para a difusão do xadrez no continente europeu e da construção da nova imagem do jogo antes comentada, foi o livro de Jacopo Cessolis (Jacobus de Cessolis), que apareceu quase à mesma época que o de D. Afonso, chamado *Liber de Moribus Hominis et Officiis Nobilium*. Nele, o frade dominicano usou o xadrez como

cenário comparativo para a analisar a moral vigente em seu tempo. Este trabalho é mais conhecido como *Ludus Scacchorum* e ostenta um recorde histórico: foi o primeiro livro a ser impresso em língua inglesa (século XIII) quando da tradução feita por William Caxton e permitiu que aqueles que não dominavam o latim pudessem ler a obra no seu idioma natal. Nela, há muitas histórias, lendas e anedotas sobre o jogo e os homens famosos que com ele se envolveram (ficticiamente). Assim, ele trata da Guerra de Tróia, da epopéia de Alexandre, o Grande, e das conquistas de Nabucodonossor usando a presença do xadrez mesmo em episódios tão remotos da história ou da ficção humanas. Por outro lado, num período relativamente curto (dois séculos ou menos) o “Shatranj já era realmente praticado e conhecido do Índus até o Atlântico, do Saara até a Islândia” (conforme H.J. Murray) e, revelando o novo status social adquirido pelo jogo na sociedade leiga, o xadrez passou a ser relacionado nas cortes medievais européias como um dos 7 requisitos de educação do cavaleiro e cortesão, junto com as artes da montaria, falcoaria, natação, luta (boxe), arco e composição de versos (trovas).

1336 – 1405 Neste período viveu o imperador mongol Timur, conhecido como Tamerlão, um supremo mandatário que gostava de xadrez, já que ele nunca desperdiçava a oportunidade de revelar sua fascinação profunda com o jogo. Inclusive, como se fosse preciso alardear ainda mais tal entusiasmo, ele batizou um de seus filhos e uma importante cidade que construiu, como Shah-Ruk (um termo que indicava um ataque duplo, com xeque ao rei e a concomitante ameaça sobre uma torre, então, a peça mais poderosa!). A razão desse duplo batismo derivou de uma ocasião em que ele estava jogando uma partida de Shatranj e, nela, já ia aplicando um shah-ruk quando chegaram, ao mesmo tempo, os informes de que seu filho nascera e que a cidade fora concluída. Tamerlão gostava também de outras modalidades do jogo chamadas de Grande Xadrez (em tabuleiro maior e com mais peças) e Xadrez Circular, com um tabuleiro arredondado como no “Zatrikion” bizantino. Pois, no reino de Tamerlão, um advogado e historiador chamado Ala’addin at-Tabrizi prestava seus serviços ao imperador. Ele viajava freqüentemente, pois a corte era transferida quase continuamente de cidade para cidade do império e assim demonstrava suas capacidades profissionais e exibia seus múltiplos talentos. Curiosamente, ele era mais famoso porém, como Ali ash-Shatranj, ou seja, Ali, o Jogador de Xadrez. Diz-se, que ele simplesmente não tinha rivais e que derrotou a todos, tendo inclusive jogado até 4 partidas simultâneas às cegas, enquanto conversava socialmente com seus amigos e atendia outros encargos que suas funções exigiam. Escreveu um manual do jogo que, infelizmente, não foi preservado, mas posições de suas partidas e algumas de suas composições (“mansubat”) foram conservadas por outros manuscritos contemporâneos e posteriores.

Neste longo intervalo que cobre a introdução do Shatranj na Europa, suas adaptações e transformações sofridas ao longo dos quase 500 anos seguintes e mais o período até a Revolução Francesa, em 1789, o xadrez, como as demais manifestações e criações culturais, era uma prerrogativa quase exclusiva das classes superiores (nobres, clérigos e ricos burgueses) e dos “homens-cultos” (escritores, cronistas e professores). Numa sociedade medieval rigidamente hierarquizada e composta basicamente de camponeses iletrados ou semi-letrados. Tal associação de Xadrez e “Nobres” resultou na reputação do jogo como uma atividade essencial e originalmente aristocrática e essa imagem ainda vingia mesmo nos dias que correm, em paralelo com os presumidos mitos de exigência de “alta inteligência” para praticar o jogo. O absurdo desses enfoques distorcidos é constatar que o jogo de fato exige um material mínimo e simples, de custo reduzido e duração praticamente ilimitada e, portanto, acessível à massa da população, e que as qualidades mentais e psicológicas para a sua prática são semelhantes às exigidas para a grande maioria dos jogos de mesa e jogos de cartas, que constituem a diversão diária para milhões de pessoas “simples” espalhadas por todo o mundo.

Século XV No período que precedeu a eclosão do Renascimento, notadamente o Italiano, o jogo já havia experimentado várias modificações nas diversas nações européias e passado por muitos ensaios quanto à representação e poder das peças. Tais procedimentos afetaram algumas das regras do jogo, como o empate ou derrota por afogamento e os movimentos convencionais e também os especiais que foram criados. Assim, o Elefante foi transformado no Bispo, e ganhou novo alcance demonstrado na sua forma

moderna, ao longo de linhas diagonais, superando amplamente os antigos poderes que lhe eram atribuídos. Uma transformação ainda mais notável vai afetar o Vizir: ele, que era a unidade menos potente, não apenas será aquinhoado com imenso poder, tornando-se a peça mais poderosa do jogo (o Rei, por seu lado, continuará sendo a peça mais preciosa), como será também recriado na forma de uma Rainha, mudando de sexo (os italianos vão denominá-la de “Dama Raivosa”, em vista de sua fúria feminina e capacidade de ataque). Dessa forma, o jogo parecerá ainda mais a natural representação de uma corte, já que ao invés da figura eqüina ser apenas um Cavalo, teremos a classe dos Cavaleiros e a Torre poderá assumir uma forma de palácio para insinuar tanto uma fortaleza, quanto o lugar físico onde a corte se reúne. E os peões ganharão ainda o direito de um duplo passo inicial e a livre promoção, mas serão “vigiados” no caso da possibilidade do *en passant*. Uma série de ajustes complementares (como o Roque) tornarão o jogo extremamente dinâmico, aumentando sua atração sobre o público. A mais antiga ilustração da posição inicial da nova forma do xadrez é encontrada num livro (não específico sobre o jogo) intitulado *Oratorie artis Epitomata*, de autoria de Jacobus Publicius, publicado em Veneza no ano de 1482 e escrito em latim. A convergência da popularização dos saberes gerado pela recente e revolucionária tecnologia de impressão de Gutemberg com a empolgação pela nova forma do xadrez, vai produzir uma onda de entusiasmo em relação ao jogo e esse efeito de círculo virtuoso (livro = mais difusão = mais livro = mais xadrez, etc.) continuará angariando não apenas novos adeptos, como também mais relacionamento social através da interpretação do xadrez sob a ótica de outras formas de arte, como a literatura e a pintura. Com essa reinvenção do Shatranj, realizada essencialmente pelo Renascimento Italiano por volta do ano de 1475 (o chamado *Quattrocento*) a forma moderna do jogo irradiou-se para o mundo, fazendo inclusive o percurso de volta para a Índia e para o Oriente. Naturalmente, mais tarde, os países colonizadores também o levarão para suas novas possessões pelo mundo, como se deu com a África e as três Américas. Uns três séculos depois da nova “montagem”, todas as regras e convenções fundamentais que hoje obedecemos na prática e no usufruir do xadrez já estavam universalizadas. O tempo do xadrez moderno, mesmo assim – apesar de já transcorrido meio milênio – ainda é somente metade da duração que o Chaturanga alcançou em sua carreira e divulgação ecumênicas.

1497 Este ano é uma referência básica na história do xadrez. Isto porque a reformulação do Shatranj, desembocando no novo formato muito mais dinâmico do xadrez europeu moderno, coincidiu com a invenção do livro acessível devido à impressão de Gutemberg. Os dois fatores “casaram-se” perfeitamente e os primeiros analistas modernos abraçaram a empreitada de formular teorias sobre o jogo, com ênfase nos esquemas para começar uma partida (Aberturas). O mais antigo livro de análises sobre o xadrez, como o praticamos, é *o Repeticion de Amores y Arte de Axedrez*, livro do espanhol Luis Ramirez Lucena, publicado em 1497, em Salamanca. Esta obra inaugurou uma tradição e um esforço (em busca do mais aprimorado conhecimento técnico do jogo) que vão transformar o xadrez num tema editorial relevante: existem mais livros publicados sobre ele do que sobre todos os demais jogos e esportes reunidos. O tema xadrez através dos livros rivaliza com muitas disciplinas convencionais do saber humano, em número de títulos e abrangência, além do rigor científico equivalente. No mesmo século, alguns manuscritos e edições limitadas – *Manuscrito de Göttingen; Questo libro e da imparare giocare a scachi*, este de autoria do português Damiano, publicado em Roma em 1512; e outros – vão inaugurar pioneiramente o “corpo de doutrina” conceitual para examinar o que seriam as melhores formas de conduzir a luta, em seus aspectos estratégicos e táticos, mesmo que num nível ainda incipiente, superficial e mesmo malicioso, já que uma ameaça, ainda que primitiva, é valorizada pois “o adversário pode não vê-la”. Essa filosofia simplista inspira o chamado Mate Pastor e outros modos ingênuos de ataque instantâneo que procuram aplicar a idéia do xeque-mate o mais cedo possível.

Séculos XVI e XVII Neste estágio, livros de inspiração moralista ou edificantes, como o *Scacchia Ludus* do italiano Marco Vida, que teve 40 edições publicadas em várias línguas européias entre 1525 e 1616, ajudam na divulgação do jogo, aumentando a curiosidade sobre o xadrez, mesmo que não mostressem como jogá-lo melhor. Um avanço na crítica técnica é registrado com a edição do *Libro de la invencion liberal y arte del juego del Axedrez*, tido lugar na

cidade de Ancala, em 1561, cujo autor, o padre espanhol Ruy Lopez de Segura, questiona a obra e o método de Lucena e, ao invés de basicamente apresentar uma típica coleção de problemas ou problemas, como fizera seu antecessor, passa a discutir possibilidades concretas para começar uma partida, oferecendo análises de variantes concretas. Esse caminho original dá seus frutos até hoje. Além disso, duas obras importantes – *Il Gioco degli Scacchi*, Sicília, 1617, de Pietro Carrera, com metódica compilação de linhas de jogo conhecidas, mas pouco trabalho original e *Trattato dell'Invention e arte liberale del gioco di scacchi*, Nápoles, 1604 e republicado em 1634, de Alessandro Salvio – elevam o padrão ao proceder com o registro das partidas dos jogadores mais fortes em suas análises. Dentre tais jogadores, sobressaem Leonardo da Cutri e Paolo Boi, que teriam enfrentado Ruy Lopez em matches, tanto na Itália como na Espanha. Um jogador ainda mais famoso e importante desse período primordial e quase heróico do novo xadrez, Gioachino Greco (“O Calabrês”) irá divulgar pela Europa e de corpo presente as novas formas de conduzir as aberturas e jogar uma partida com “sentido combinatório”, que ele havia descoberto e comentado em limitadas edições manuscritas, e vendidas para patrões e mecenas “generosos”. Levando uma vida de aventuras, Greco viajou para a Inglaterra, França, Alemanha e Índias Orientais e teria sido até preso por caçadores de escravos e libertado devido a sua perícia insuperável no xadrez. Após 1650, seus trabalhos de análises são publicados de modo mais completo (p. ex. *Le Jeu Des Eschets*, França 1669), continuado (novas edições verão a luz do dia até 1728) e, apesar de mais exigentes em termos de compreensão técnica, encontram um clima social ainda mais favorável para o estudo do jogo, com a ascensão de uma classe burguesa já interessada no laser intelectual mais refinado. Nesse período, a imagem do jogo firma-se como a de modelo de uma sociedade moral, sendo recebido e encarado como um jogo adequado que teria condições de desenvolver e exaltar certas qualidades positivas e desejáveis numa pessoa, como a abordagem racional, o autodomínio e o ajustamento em relação ao papel e função dos demais cidadãos. O jogo também insinuava um certo equilíbrio ideal, pretendido em círculos sociais mais amplos, entre liberalismo e controle e reforçava a idéia de ser um jogo adequado ou conveniente para as classes educadas. Isso implicava, por outro lado, que sua base de praticantes continuava muito limitada, em relação ao total da população e que não havia exigência para novos desenvolvimentos técnicos ou interpretações conceituais. Ainda não se sentia a necessidade da organização de torneios e a forma de publicar sobre o xadrez ainda teria muito que evoluir para tornar o jogo mais assimilável e popular.

Século XVIII Em meados deste século, o quadro geral será alterado por força de dois livros que vão estabelecer padrões críticos mais elevados e novos formatos ao apresentar as pesquisas referentes ao conteúdo técnico do jogo. Primeiro surge o *Essai sur le Jeu des Echecs*, publicado em Paris, em 1737, de autoria de Philip Stamma, sírio de origem. A obra, muito crítica em relação às contribuições de Greco, oferece um estilo diferente de examinar “os segredos do jogo” através de uma larga coleção de partidas que, alegadamente, foram jogadas pelo próprio autor. Assim Stamma inaugura o filão inesgotável do formato “Minhas Melhores Partidas”. Um outro atributo do livro é o uso pioneiro na Europa da notação algébrica para a descrição das partidas, posições e análises. Contudo, isso não constitui, como alguns pensam, uma primazia na história, pelo simples fato de que os árabes já a empregavam para descrever as partidas do Shatranj. E Stamma, como sírio, sabia desse precedente e simplesmente adaptou-o ao Xadrez Moderno e à língua francesa. A Notação Algébrica, mesmo sendo imensamente superior em utilidade, conveniência e precisão do que a chamada “Notação Descritiva”, não conseguiu abalar o prestígio e o contínuo emprego e permanência dessa última, apesar da “propaganda” feita de modo excelente por Stamma em sua obra. E uma das razões para tanto foi a publicação da seminal *L'Analyse des Echecs*, realizada em Londres, no ano de 1749. Nela, seu autor, Francois-André Danican, que acrescentava ao nome também o apelido de origem familiar “Philidor”, elabora, usando a Notação Descritiva, a primeira teoria abrangente, profunda e raciocinada sobre o jogo visando guiar os praticantes pela razão técnica mais justificada. Philidor, que era músico por formação e popular compositor de óperas, seguindo a tradição da família, não teve rivais práticos que o pudessem ameaçar no jogo. Para ilustrar, note-se que ele derrotou Stamma, que seria seu rival mais próximo em força, por nada menos do que 8 vitórias a uma derrota e um empate. De fato, ele foi

provavelmente, o jogador mais “dominante” de todas as épocas e estava muito à frente de seu tempo no entendimento das complexidades técnicas do jogo. A elaboração de sua “teoria compreensiva” da estratégia fundamental da abertura e meio-jogo, baseada no jogo conjunto dos peões (“falange”, cadeia e estrutura de peões), marcou o primeiro esforço de tratamento científico do jogo e da sistematização das grandes idéias estratégicas e posicionais que conduzem a luta numa partida. Philidor é universalmente citado por seu lema, que carrega um toque poético e ainda revela, de modo emblemático, a crença do autor: “Os Peões são a alma do Xadrez”. Porém, pressupõe-se que a importância das descobertas e do trabalho de Philidor estão muito mais precisamente refletidos na continuação da frase que ele escreveu como conclusão – “Eles são a base do ataque e da defesa e do seu correto manejo dependerá o sucesso de um ou de outro” – e quase nunca citada. A força prática de Philidor como jogador pode ser aquilatada nas análises que ele produziu para esclarecer as possibilidades dos dois jogadores no final de partida de Torre contra Torre e Bispo. Até hoje, sua contribuição original é uma referência técnica plenamente válida e um desafio de assimilação até para os melhores jogadores do mundo da atualidade, que quando se vêm na situação concreta de sustentar o lado da Torre solitária erram com freqüência, apesar do caminho correto para a defesa já ter sido apontado por Philidor há quase 260 anos atrás. Seu livro estabeleceu um novo padrão para a pesquisa teórica do jogo e sua apresentação e fez aumentar o interesse geral pelo jogo, assim como suas exibições de xadrez às cegas, além de estabelecer um novo nível técnico para os jogadores e autores que o seguiram. O livro de Philidor e seu próprio aparecimento como jogador vão marcar um divisor de águas na história do xadrez.

Entre os seus sucessores como pesquisadores, apontam-se os italianos Ercole del Rio, com a publicação quase simultânea à obra de Philidor, de seu *Sopra il giuoco degli Scacchi*, feita na Itália, em 1750, e Giambattista Luli, com seu vasto tomo (632 páginas) *Osservazioni teorico-pratiche sopra il giuoco scacchi*, editado em Bolonha, no ano de 1793, e ainda Domenico Ponziani, com seu menor ainda que mais influente livro, *Il giuoco incomparabile degli scacchi*, de 1769, em Modena. Este trio argumentava que Philidor resistia ao tratamento mais dinâmico das posições, preferindo o manejo dos peões em falange de modo algo “fanático”, em detrimento da ação imediata e direta das peças. Esta e outras polêmicas através das épocas foram definindo e firmando a cultura própria do jogo e o modo de operar que aproxima a teoria do xadrez de uma disciplina com pretensões científicas. Temos sedimentado, ao analisar o conteúdo do jogo em seus mais variados e preciosos detalhes, um conjunto de procedimentos que emula o método científico. Através de leis gerais, princípios, teses, argumentos sintéticos, crítica e testes contínuos (afinal, as “teorias” do xadrez são testadas no verdadeiro laboratório dos torneios: as partidas dos jogadores”), publicações especializadas e revisão permanente das teses e análises, tentamos “alcançar a verdade”, do mesmo modo como fazem, cada uma no seu âmbito, as disciplinas científicas do conhecimento humano. Ou seja, resumindo-se o sentido das obras do período em foco, o Jogo de Xadrez é um “Jogo de Idéias” e idéias têm que ser debatidas e testadas.

Século XIX Com a chegada deste século e as enormes mudanças que ele produziu, a organização social se apura e as pessoas passam a ter melhores oportunidades, inclusive as culturais. Isso favorece a ampla difusão do xadrez, que chegará ao final do século angariando maior popularidade e sendo assim usado como tema interessante por outras artes, algumas novíssimas como Cinema, outras veteranas como Literatura e Pintura. No intervalo compreendido entre os anos de 1650 a 1850, a imagem do xadrez é significativamente modificada em relação ao período anterior e o jogo dos dois reis passa a ser encarado como um lazer intelectual. Assim, ele se torna um jogo próprio para a idade da razão que tinha um valor pedagógico intrínseco, como se fosse um espelho moral da vida, ensinando as pessoas a viver, mediante lições de “causa e efeito”, de responsabilidade pelas próprias escolhas, de oportunismo, de previsão e circunspeção. Um texto famoso que dará os toques definitivos a essa interpretação é *The Morals of Chess* (A Moral do Xadrez), de Benjamin Franklin, o conhecido liberacionista norte-americano, que publicou seu ensaio em Londres, em 1779, o qual, à propósito, não trata de nenhum aspecto técnico do jogo. Assim, nesses novos tempos e com as novas facilidades de publicação, a produção técnica que discute xadrez diversifica-se, amplia-se e vai tornando-se mais acessível em várias línguas européias. Assim por exemplo, vê-se

surgir em russo dois livros históricos: *Sobre o Jogo de Xadrez*, de I. Butrimov, e “O Jogo de xadrez”, de A.D. Petroff, ambos publicados em São Petersburgo, respectivamente, em 1821 e 1824. Do mesmo modo, a literatura técnica sobre o jogo vai gerar logo nas próximas décadas um grande número de títulos na Inglaterra, Alemanha, França e países do norte e do leste europeu, revelando que a busca de entendimento sobre o jogo aumentava, estabelecendo-se assim as condições para que se apurassem as novas formas de divulgação e comunicação do jogo.

1813 O periódico inglês *Liverpool Mercury* inicia a publicação da primeira crônica enxadrística, criando a “coluna de xadrez” de jornal. Isso se revelará um fator importante no progresso geral do xadrez.

Décadas de 1810-1820 Os lugares públicos de regular freqüência de jogadores de xadrez estão cada vez mais concorridos e vão se tornando pontos tradicionais de referência e convívio, como os famosos *Café de La Regence*, em Paris e o *Simpsons’ Divan*, de Londres. Estes locais atraem naturalmente, como já ocorria no século anterior, os profissionais do jogo, sempre prontos para negociar alguma forma de jogar (partidas com *handicap*) com amadores abastados ou afluentes.

1823 Primeira coluna de xadrez num semanário, o inglês *The Lancet*. Estima-se que já vieram a existência, às vezes efêmera de poucos anos ou mesmo meses, às vezes longa de até 5 décadas, cerca de 5 mil colunas de xadrez em jornais. Hoje, contudo, pelo menos no Brasil, a atividade de colunista em jornal está praticamente extinta.

1834 Através de vários encontros menores realizados ao longo do ano, que juntos compõem um “mega-match” de 85 partidas, o irlandês Alexander McDonnell e o francês Louis De la Bourdonnais eletrizam os aficionados que acompanham as intensa e brilhantemente disputadas partidas. Ao final, o francês vence por boa margem e as partidas são analisadas com fervor nos jornais e nos “clubes”.

1836 Surge em Paris a primeira revista inteiramente consagrada ao Xadrez: *Le Palamède*.

1841 É fundada o que se pode considerar como a primeira federação nacional de um país, a *British Chess Association*.

1843 É publicada nesta data a primeira edição do *Handbuch des Schachspiels*, em Berlim. No mesmo ano, após derrotar num match a Pierre de Saint-Amant, campeão francês, o inglês Howard Staunton proclama-se como melhor jogador do mundo. Essa é uma ação que duas décadas mais tarde implicará na idéia de um campeão mundial e será usada por Steinitz. Staunton continua mesmo hoje, no presente, sendo um dos nomes mais citados no xadrez, devido ao fato do modelo oficial e quase universal de peças do jogo ser conhecido como “modelo Staunton”. (vide 1849)

1846 É fundada a *Schachzeitung* (Revista de Xadrez), chamada, a partir de 1862 de *Deutsche Schachzeitung* (Revista Alemã de Xadrez), a publicação de mais longa e contínua edição da história do jogo, até fechar em 1988, completando 142 anos de veiculação contínua, com exceção compreensível do período pós guerra (1945-1949). A *British Chess Magazine* (Revista Britânica de Xadrez), porém, foi fundada em 1881 e não parou nem nos períodos das duas Guerras Mundiais, cumprindo já 123 anos de publicação ininterrupta mesmo.

1847 Staunton publica sua obra *The Chess Palyer’s Handbook*, um manual sobre o jogo que estabelecerá o padrão que até hoje os autores de livros do tipo seguem fielmente.

1849 Nathaniel Cook desenha, projeta e confecciona um modelo de peças que ele propõe tornar-se oficial, o padrão, um formato standard. Como era amigo do mais forte e famoso jogador inglês, ele propõe usar o nome comercial “Staunton” para definir o realmente lindo e até hoje insuperável modelo concebido.

1851 Staunton organiza o Primeiro Torneio Internacional, disputado durante a Grande Exposição Universal de Londres, que deveria incluir aqueles reconhecidos como os melhores jogadores da Europa. Essa simples e fértil idéia estruturou a esfera competitiva da elite do xadrez de modo tão eficaz que é válida até os dias atuais. É ela que “move” o xadrez, um esporte sempre praticado internacional e ecumenicamente. Este torneio foi vencido pelo alemão Adolf

Anderssen (1818-1879), um professor de matemática, que derrota inclusive o próprio Staunton numa das rodadas eliminatórias. O evento tem outra importante marca histórica: oferece a respeitável soma para a época de 500 Libras Inglesas como premiação geral. Essa é uma indicação e confirmação de uma crucial característica da organização esportiva do jogo, isto é, o xadrez constitui-se no primeiro esporte publicamente profissional da história moderna. Alguns matches individuais já haviam envolvido bolsas de premiação, mas este torneio ampliou as possibilidades e significou um incentivo concreto para os eventuais inclinados a se dedicar exclusivamente ao xadrez. Por sinal, os status de jogador profissional e amador nunca estiveram nítida e rigidamente definidos e separados na história do jogo e pouca consideração se deu a esta questão, apesar do “ranço moralista” que prevaleceu, mesmo em tempos recentes, nos esportes e nas ações do Movimento Olímpico e suas instituições de controle e normatização. É pertinente recordar o registro do memorialista (e profissional do xadrez) inglês William Winter, que escreveu em 1955: “Todos os jogadores de xadrez, mesmo as adoráveis velhinhas que se apresentam para receber o último prêmio num evento de terceira classe em Hastings, são ‘profissionais’, de acordo com as regras dos Jogos Olímpicos” Naturalmente, a separação profissional x amador jamais foi um problema do xadrez.

1857 – 1859 Surge e desaparece da cena do xadrez seu mais flamante cometa: o americano Paul Morphy que, com 19 anos, assombra o mundo, primeiro vencendo alguns qualificados oponentes veteranos e triunfando em 1957 no que se pode considerar como o primeiro Campeonato Norte-americano. E, então, depois na Europa, derrotando sucessivamente e por amplas margens, os melhores, mais graduados e afamados campeões nacionais do Velho Continente. A exceção foi o veterano Staunton, que declinou de enfrentar o fenômeno vindo da antiga colônia. Morphy tem uma forma de jogar extremamente precisa, aritmética, revelando domínio conceitual à frente de seu tempo e exibindo poderes de visualização e cálculo que denotam talento excepcional, mesmo num campo onde superdotados são ocorrência freqüente. Sua força prática e os resultados que a demonstram chegam a ser constrangedores devido aos números avultados de seus triunfos em matches. Assim, por exemplo, diante de Anderssen, o famoso campeão, ele alcança 7 vitórias a duas, e dois empates. Faz exhibições de simultâneas, inclusive às cegas, onde espanta os espectadores com sua facilidade e rapidez. Logo, sem ter mais outros campeões para derrotar, o jovem Paul retorna para sua cidade natal – New Orleans – e é recebido no país, não apenas como um verdadeiro herói, mas como motivo de profundo orgulho para toda nação. Afinal, ele se mostrara como o primeiro norte-americano a conquistar sucesso em alguma atividade de excelência, superando concorrentes europeus. Em 1860, Morphy retira-se completa e definitivamente da cena e nunca mais joga xadrez em público.

1861 – 1862 Faz-se regular o uso de controle de tempo nas partidas, com a prescrição de um limite máximo de duas horas, por jogador, para cada 24 lances realizados. Este controle de tempo, que define primordialmente um esquema esportivo para a condução de uma partida, tem sua estréia no grande torneio de Londres 1862 e, logo, torna-se padrão. Desde então, e quase imediatamente, algumas experiências foram feitas para se adequar tais métodos de “proporcionalidade” entre lances feitos e tempo para realizá-lo, mas sempre acompanhando a aceleração crescente que marca a vida moderna e contemporânea. Como exemplo, basta ver que no período mais recente, entre os anos de 1970 e 2000, o controle de tempo em eventos oficiais passou de 40 lances em 2 horas e 30 minutos para cada jogador (mais 20 lances seguintes em 1 hora), para 40 lances em 2 horas (e 30 minutos para cada 20 lances subsequentes) e, então, para 1 hora e 30 minutos (sem número de lances mínimo a ser cumprido), muitas vezes “à finish” ou “Nocaute” (“K.O.”), ou seja, a partida se encerra impreterivelmente depois de 3 horas. Processo semelhante de aceleração do ritmo e encurtamento do tempo de disputa de uma partida, viveu o Voleibol no mesmo período, mas com conseqüências esportivas e técnicas ainda mais profundas na modalidade.

1866 Após superar pela contagem de 8 vitórias a seis a Adolf Anderssen, tido ainda como o maior jogador vivo, com exceção de Morphy retirado, o polonês Wilhelm Steintz se proclama Campeão do Mundo. De fato, ele criou sozinho a idéia de um tal título absoluto, cuja realização teve um efeito prático muito positivo na décadas seguintes, e não somente para ele, já que muitos argumentaram que, do jeito como tudo acontecera, ele era, no mínimo, parte interessada no assunto ou até mesmo estava sendo egoísta na

auto-atribuição do título. Sendo assim, e , informando previamente a comunidade tão diversificada do xadrez (aficionados, editores, organizadores, mecenas e patrocinadores, outros jogadores e pretendentes, etc.) Steintz passou a derrotar seguidamente outros dignos rivais ao longo de vários anos, em cada caso disputando o “Campeonato Mundial Individual Absoluto” de Xadrez. E durante 28 anos, por dezenas de confrontos, ele manteve esse título até ser derrotado por Emanuel Lasker, em 1894. Em cada match, uma bolsa de premiação garantida por patrocinadores, patronos ou mecenas assegurava uma certa recompensa material à disputa do título e confirmava a atitude profissional dos concorrentes. Isso, muito antes de falar-se em esporte profissional, em qualquer outra modalidade. E aqui cabe um outro registro geral de primazia: que outro esporte, individual ou coletivo, tem a tradição tão antiga de realizar e indicar seu campeão mundial como o xadrez faz já há 138 anos seguidos? O Xadrez, é portanto, o esporte com o mais antigo sistema de disputa de Campeonato Mundial no mundo moderno.

1867 A partir do torneio internacional de Dundee, Escócia, tornou-se uma prática universal contar o empate numa partida como merecedor de 0,5 ponto. Anteriormente, quase sempre, quando acontecia de um partida terminar empatada nos “eventos oficiais”, ela era jogada novamente até alcançar-se um resultado decisivo.

Década de 1880 Surgem os primeiros tipos de relógios específicos para xadrez, visando criar um modo padronizado de disputar torneios através de controles de tempo regulares e marcados por esses artefatos patenteados. Devido a esse aprimoramento tecnológico, vão surgir inclusive modalidades “divertidas” como o Relâmpago (ou Blitz) e várias experiências para apontar o sistema mais eficiente e justo para se atribuir o tempo aos competidores numa partida oficial.

1884 É realizado na Inglaterra, o primeiro Torneio Internacional Feminino oficial da história. Muitos anos mais tarde , em 1897, um outro ainda maior e com substancial premiação tem lugar em Londres, prenunciando a realização do primeiro Campeonato Britânico Feminino, em 1904.

1885 Steintz funda a revista de xadrez *International Chess Magazine*, que dura seis anos e é inteiramente redigida pelo próprio campeão. Mais tarde ele publicará o livro que resume sua filosofia e técnica de jogo, *The Modern Chess Instructor*, que abrirá novos horizontes na interpretação do conteúdo técnico do jogo. A importância de Steintz é multi-dimensional no xadrez, mas por causa de sua contribuição ele é reconhecido como o Fundador do Xadrez Moderno, do ponto de vista teórico.

1886 Steintz disputa um match pelo título mundial ante o desafiante J. Zukertort, nos EUA, com a premiação recorde de US\$ 2.000,00 (uma soma importante à época) e vence pelo score de 10 vitórias a 5, com cinco empates.

1887 É fundada a *Deutsch Schachbund* (Liga Alemã de Xadrez), que estabelecerá o futuro padrão administrativo e gerencial do que uma federação nacional deve fazer a fim de promover e organizar o amplo movimento do xadrez e tornar o jogo mais popular e suas normas de utilização mais definidas.

Décadas de 1890-1910 Aumentam aceleradamente todos os fatores da organização geral, prática de competição e comunicação do xadrez. Os torneios internacionais, as disputas pelo campeonato mundial, as exhibições, os livros técnicos, a pesquisa histórica sobre o jogo, o número de locais para prática social, os meios de divulgação como revistas e jornais, operam para a maior presença e abrangência do jogo, que vai se tornando realmente universal. Mas, ainda não existe um órgão regulador central e a posse e o trato do título de campeão mundial continua sendo um assunto privado do seu possuidor e suas conveniências.

1916 É publicado pela oitava e última vez o *Handbuch des Schachspiels*, sob a supervisão de K. Schelechter, num esforço prodigioso de registrar o estado teórico do jogo, como um todo (aberturas, meio-jogo e final) em mais de 1100 páginas.

1924 – É fundada a FIDE – *Federation Internationale des Echecs* – e, assim, passa a existir um órgão normativo e gerenciador do xadrez, em todos os seus aspectos. Mas o Campeonato Mundial segue fora da sua interferência e organização.

Década de 1920 Um movimento auto denominado de

“Hipermodernismo” (designação criada por Tartakower) revoluciona os conceitos clássicos de luta e ocupação do centro, tão caros ao modo ortodoxo, formalizados nos textos de Steintz e Tarrasch, líderes criadores da escola anterior, a “Clássica ou Científica”. Como se vê, o xadrez acompanha as “Escolas ou Estilos de Época”, que definem o panorama geral de conceitos e valores estéticos e filosóficos que expressões culturais e artísticas como a Literatura, Pintura, Escultura, Música e outras assumem num dado período histórico. Os hipermodernos têm entre seus maiores paladinos a S. Tartakower, R. Reti, A. Nimzowitch, G. Breyer, A. Grunfeld, enquanto A. Alekhine joga ocasionalmente como se fora um deles, mas não se alinha com o movimento.

1922 Reti publica o seminal texto do Hipermodernismo do jogo em Viena, com o título ostensivamente declaratório *Die Neuen Ideen im Schaschpiel* (Novas Idéias no Jogo de Xadrez). Ele é acompanhado em 1925, também na capital austríaca, por S. Tartakower, com *Die Hypermoderne Schaschpartie* (A Partida Hipermoderna de Xadrez). No mesmo ano, mas em Berlim, A. Nimzowitch publica sua magna obra, nada modestamente intitulada *Mein System* (Meu Sistema), revelando e sistematizando as descobertas técnicas que marcariam uma nova etapa da compreensão estratégica do jogo, notadamente ao retomar o tema principal de Philidor, o jogo das “falanges de peões”. Ele torna seu livro ainda mais marcante por empregar um estilo literário elaborado e impactante, criando várias expressões inovadoras para realçar os conceitos e técnicas explicadas.

1927 Realiza-se oficialmente a primeira Olimpíada de Xadrez, (Taça Hamilton Russel) em Londres, Inglaterra, na qual os países são representados por equipes de 4 jogadores, apenas homens. A primeira Olimpíada Feminina ocorrerá somente 30 anos depois (1957), em Emmen (Suécia) e em separado. Apenas a partir de 1972, desde Skopje (Iugoslávia), ambas competições são sediadas no mesmo local e simultaneamente. Tem lugar o primeiro Campeonato Mundial Feminino, cuja campeã inaugural é Vera Menchik, de origem checa, mas naturalizada inglesa. Ela dominará o ambiente do xadrez feminino, vencendo todos os oito campeonatos seguintes que disputou e somente sendo privada do título devido a sua morte, ocorrida durante o bombardeio da capital inglesa no ano de 1944. Menchik era uma prodigiosa competidora, tendo derrotado a M. Euwe, campeão mundial 1935-1937, em duas ocasiões. Esses e outros resultados destacados levaram à criação informal e satírica do denominado “Clubinho Menchik”, sendo seus membros todos aqueles jogadores famosos e muito fortes que ela derrotou.

Nesse mesmo ano de 1927, o governo de J. Stalin, toma a decisão, estimulada pelo trabalho e argumentos de Krilenko, braço direito do ditador soviético, de tornar o xadrez uma prática esportiva sob gerência do estado da URSS. Desde essa data, passa-se a organizar uma estrutura tão gigantesca quanto a própria URSS para seguidamente formar, selecionar e instruir talentos numa escala de milhões de praticantes, desde a base social e esportiva da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, um conjunto variado de 15 Repúblicas e muitas etnias, todas com forte tradição histórica no jogo. O xadrez torna-se um assunto do estado soviético e o sucesso esportivo de seus representantes no plano internacional uma “prova” do êxito e superioridade comparada de seu sistema político, o comunismo. Uma medida imediata tomada de quando da implantação dessa política de acoplar xadrez aos interesses do estado, foi apoiar justamente os talentos mais destacados do país que teriam potencial para chegar ao campeonato mundial. O primeiro beneficiário de tal sistema foi M. Botvinnik, que viria tornar-se campeão do mundo em 1946. Depois da II Guerra Mundial, quando os Jogos Olímpicos (não as Olimpíadas de xadrez, mas os jogos clássicos, que começaram a ser disputados na Grécia Antiga) tiveram a participação e o fenomenal êxito dos atletas soviéticos, poucos repararam que o xadrez havia sido o primeiro esporte a ser tratado como assunto de interesse do governo central de um país, como tema da política de estado de uma nação, nos tempos modernos. Se perguntarmos aos números colhidos na história se política de estado sobre um esporte funciona para atletas de elite, a resposta é fácil: dos 10 campeões do mundo que surgiram depois de Botvinnik, e até o ano 2000, apenas um (R. Fischer – EUA) não era russo ou, pelo menos, soviético (M. Tal era letão, T. Petrossian, armênio e G. Kasparov nasceu no Azerbaijão, embora sua formação e educação tenham sido praticamente russas).

Década de 1930 Surgem os primeiros valores oriundos da ou que viriam a fazer parte da auto-designada “Escola Soviética de Xadrez”, como S. Fhlor, P. Keres, A. Lilienthal e M. Botvinnik que iriam integrar

ou mesmo liderar a elite técnica e esportiva do xadrez mundial.

1946 Morre A. Alekhine, o único campeão mundial a falecer em posse do título.

1948 A FIDE aproveita o momento e assume os encargos de criar um sistema completo para apontar o modo de um jogador se tornar campeão mundial. A reforma do sistema cria assim oportunidades iguais e justas para todos os jogadores, desde as categorias básicas e desde níveis celulares, como os campeonatos municipais. Qualquer um, desde então e até o ano de 1998 (ver adiante) sabe o que tem que fazer para chegar oficialmente ao título máximo do xadrez: ganhar em nível ascendente. Consagrando um processo que se estende por quase um século, desde a organização do I Internacional de Londres, a partir desse momento, a imagem corrente do jogo se delinea com ainda maior definição: o xadrez passa a ser um esporte, com sua especificidade e com uma completa organização técnico-esportiva. É considerado como um esporte mental (*Mind Sports*) ou intelectual intenso e as exigências para sua prática, como as demais atividades em geral na sociedade contemporânea (não apenas as esportivas), têm se intensificado, com novas pressões competitivas, como a diminuição do tempo de reflexão, mais rodadas em menos dias, mais torneios do tipo Open, variados controles de tempo e novas modalidades (Rápido, Blitz, etc.), mais categorias técnicas e de idade, etc.

1966 Começa a publicação na Iugoslávia da série do “Informador”, uma coletânea regular (no início, dois volumes por ano, hoje são três) destinada principalmente ao jogador profissional, ou engajado e que utiliza notação figurativa e uma linguagem internacional de símbolos usada para comentários de conteúdo exclusivamente técnico. É o nível máximo de apuro analítico num trabalho coletivo, já que contribuem jogadores de vários países.

1972 Robert J. Fischer derruba a hegemonia soviética, vencendo o match pelo título mundial, ante Boris Spassky, num confronto tumultuado que teve lugar em Reykjavik, capital da Islândia. A bolsa de premiação do match ascendeu (principalmente devido à postura reivindicatória do norte-americano e suas habilidades de autopromoção diante da mídia) a um nível que (considerando-se a remuneração máxima dos eventos anteriores do jogo) se pode considerar inédito: US\$ 250.000,00. No ciclo anterior, Spassky arrebatara o cetro máximo de seu compatriota, T. Petrossian, disputando em Moscou, no ano de 1969, o título e meramente US\$ 1.500,00. Os soviéticos atuavam, nesse particular, de forma enganosa, evitando oferecer prêmios condignos na final do Mundial a fim de propagandear com maior alarde moralista que seus atletas competiam apenas pela glória de representar seu país e a ideologia e o sistema que nele imperavam. Mais de um século antes, Steintz vencera Zukertort (vide 1886) com US\$ 2.000,00 em disputa.

A emergência, já prometida por seus destacados êxitos nos anos anteriores (recordando as realizações de Morphy), de um campeão mundial vindo dos Estados Unidos da América, em plena “Guerra Fria”, num esporte que é a paixão nacional do país do campeão derrotado, criou um “boom” de xadrez que foi ainda mais amplificado pelo efeito dos meios modernos de comunicação em massa. Passou-se a viver a “Fischermania”, mas logo sobreveio a decepção. Imitando seu compatriota, Fischer não mais apresentou-se para jogar e começou a fazer exigências especiais para disputar o título no prazo previsto de três anos. Quando chegou o ano agendado de 1975, Fischer não se apresentou para um novo desafio e perdeu seu título. Anatoly Karpov, da Rússia, seu desafiante, herdou o título e inaugurou uma nova época de dominação, dessa feita, pessoal, vencendo mais torneios internacionais de elevado nível técnico (155 até agora) do qualquer outro jogador na história.

1976 Viktor Korchnoy, um dos maiores, mais aguerridos e voluntariosos jogadores da URSS, pede asilo no ocidente, abandonando além do país, sua própria mulher e filho para exilar-se inicialmente na Holanda e depois na Suíça, país que representa até hoje. Sua conseqüente epopéia de reconstrução pessoal e esportiva, que levou o veterano de 53 anos inclusive a disputar em dois ciclos seguidos o campeonato mundial ante Karpov (um feito do qual ele não conseguira se aproximar quando era mais jovem), granjeou-lhe, além de ainda maior respeito no ambiente do xadrez, uma fama notável além tabuleiro.

1981 A FIDE torna oficial o uso da Notação Algébrica, exigindo que qualquer material, evento, comunicação, literatura e

divulgação oficiais do jogo de xadrez usem estrita e exclusivamente essa notação.

1984 A FIDE interfere na definição do primeiro duelo pelo título mundial, dos cinco que empreenderão Karpov e Kasparov, anulando o match, quando Karpov vencia por cinco vitórias a três (e precisava da sexta e derradeira, mas dava alguns sinais de esgotamento) e depois deste ter se transformado numa maratona, estendendo-se a 48 partidas, disputadas ao longo de quase cinco meses em Moscou. A FIDE remarca o match e Kasparov triunfa, conquistando o título aos 22 anos, e tornando-se o campeão mundial mais jovem da história até a data.

Final da década de 1980 O mundo testemunha o fenômeno das “Irmãs Polgar”. Educadas pelos pais na Hungria, fora da escola tradicional, são instruídas em xadrez desde a mais tenra idade e condicionadas a não se conformarem com o nível e as condições técnicas do xadrez feminino. Os resultados são notáveis: Zsuzsa, a mais velha vai tornar-se Campeã Mundial Feminina; a do meio, Sofia protagoniza uma das maiores conquistas esportivas da década, conforme o “Rating Performance”, ao vencer o Aberto de Roma e a caçula e super-precoce Judit vai se tornar não apenas a melhor jogadora da história, e ainda sem comparação possível, como ascenderá à primeira linha do ranking mundial em 2003 e 2004, chegando ao oitavo lugar absoluto. Então, já terá derrotado individualmente a todos os outros melhores jogadores do mundo, incluindo o trio magnífico, ocupante regular dos três primeiros lugares, Kasparov, Kramink e Anand.

1990 Os programas de análise de xadrez e os bancos de dados específicos para computadores pessoais começam a exercer especial interferência na vida dos torneios e uma das conseqüências é a extinção do sistema de “suspender partidas”. Isso se dava quando uma partida estendia-se além de 5 horas seguidas de jogo, sendo então adiada, mediante um processo envolvendo “o lance secreto” do jogador com direito a mover na partida, e o recomeço dessa em outro horário ou dia programado. A FIDE passa a se preocupar com a possibilidade de um jogador receber auxílio por meios eletrônicos e cria-se instantaneamente o novo termo “doping eletrônico”. Este, por sinal, ameaça a todos ainda mais hoje em dia, em contraste com a preocupação geral nos demais esportes com o “doping químico”.

1993 G. Kasparov, que havia encerrado parcialmente a hegemonia de Karpov, arrebatando-lhe o título supremo em 1985, resolve disputar a final do ciclo 1990-93, ante o inglês N. Short, programada e realizada pela FIDE, fora do âmbito da federação internacional. Isso representa uma virtual volta no tempo e na história, com Kasparov alegando que ele decidiria o que fazer do título (derrotou a Short facilmente) no futuro, através de uma associação de jogadores que ele iria criar e que esta, “legitimamente”, também iria montar uma estrutura de competições para os jogadores profissionais, inclusive o campeonato do mundo. A FIDE declarou que Kasparov e Short não mais estavam integrados aos eventos oficiais do xadrez, tendo inclusive deixado de computar o rating do “auto-exilado” campeão e tratou de organizar um novo match, substituindo os dois finalistas. Karpov voltou a ostentar o título oficial de campeão mundial, depois de derrotar o holandês Jan Timman, mas a credibilidade inviolável que se mantivera por quase 130 anos fora seriamente abalada, com o xadrez vivendo um mundo dividido.

1995 Kasparov põe o título em jogo ante o indiano W. Anand, em Nova York. Este adversário foi selecionado através da PCA (Associação Profissional de Xadrez, em inglês), o órgão que Kasparov havia criado para rivalizar e substituir algumas ações e prerrogativas da FIDE. Apesar de dificuldades iniciais, triunfa convincentemente e renova sua faixa de campeão, que não é mais exclusiva, já que a FIDE também organiza seu ciclo no ano seguinte (1996) e na finalíssima, Karpov impõe-se ao novo valor G. Kamsky. O xadrez segue com dois campeões do mundo, no mesmo mundo, uma incoerência patente. O esporte racional deixa de dar o exemplo perfeito, por ser o mais simples: um mundo, um só campeão.

1998 A FIDE implementa um novo formato de disputa do campeonato recorrendo a um grande torneio em “forma de Copa”, com confrontos eliminatórios de duas partidas. O finalista, o mesmo W. Anand já citado, nesse evento inaugural do novo modelo, contudo ainda tem que enfrentar o campeão do sistema anterior – A. Karpov –, e perde esse curto match. Karpov vê-se, assim, campeão mundial pela sexta vez. A FIDE também, numa precipitada modernização

ou imitação de sistemas alheios às tradições do jogo, determina que o campeonato mundial será realizado anualmente. Como a soma de premiação geral havia ascendido a uns dois ou três milhões de dólares e os desafios de organização haviam também se tornados mais pesados, muitos questionam se tal sistema se mostraria viável.

1999 Nesse ano, o modelo testado no anterior e que apontará o campeão diretamente, parece trazer um pronunciado “fator de azar”, embutido na sua natureza e formato, pois os dois finalistas não estão sequer entre os vinte primeiros do ranking mundial à época. E o vencedor definitivo, A. Khalifman, apesar de ser um GM muito forte e conceituado (por exemplo, tendo sido campeão de seu país, a Rússia) jamais havia sido apontado pela crítica especializada ou pelos aficionados como um potencial e provável campeão do mundo.

2000 Kasparov, que não se reintegrara aos eventos oficiais do Campeonato do Mundo pela FIDE, organiza um novo match para colocar o “seu” título em jogo ante W. Kramnik, um jovem e prodigioso jogador, também russo, e que fora um de seus auxiliares técnicos no match com Anand, de 1995. A jovem estrela aproveita a experiência vivida naquele ano e a oportunidade em curso – Kasparov mostra-se em péssima forma – e vence o consagrado campeão, impondo-lhe a única derrota que Kasparov sofreu em matches oficiais: seu único fracasso. Anand, que tentara tantas vezes e pelos dois caminhos alcançar o título máximo, consegue enfim seu objetivo tornando-se o segundo campeão mundial pelo novo esquema da FIDE. A comunidade do xadrez não está satisfeita com esse processo e alguns jogadores expressam algumas críticas em direção a esse esquema, embora participem do torneio, já que a premiação continua atraente, com o campeão chegando a faturar uns 300 mil dólares.

2001 Outra vez de modo surpreendente, o sistema da FIDE aponta o muito jovem ucraniano Ruslan Ponomarev como seu mais novo campeão e, com somente 18 anos, ele bate amplamente o recorde de idade de Kasparov na obtenção do título. Logo depois, alegando a necessidade de valorizar o título e contornar dificuldades em relação a patrocínio para o custoso evento, a FIDE estende o ciclo para o prazo de dois anos, programando a nova edição para 2003.

2002 Apesar da perda do título, Kasparov continua sendo não apenas o número 1 no rating (a FIDE o reintegrara uns anos antes no processo de cálculo para, alegadamente, evitar distorções matemáticas) e já por 15 anos seguidos, como não se discute se algum outro é o melhor jogador do mundo. E isso porque Garry, não apenas triunfa nos torneios em que seus rivais mais diretos (como o próprio Kramnik, além de Anand, Ponomarev e outros) competem, como joga xadrez num nível de criação e perfeição estética e técnica exclusivo. Kasparov, que venceu oito dos 10 torneios mais fortes da história de que participou, tem uma coletânea de partidas notáveis e currículo incomparável e o “conjunto da sua obra” é relevante. Por isso, ainda não faz sentido vê-lo fora de uma disputa pelo Mundial. Numa tentativa de pacificação geral, reconciliação e reconstrução do sistema com todos os atores participando, um grupo de independente de notáveis propôs um Acordo de Unificação (sacramentado em Praga, República Checa), a todas as partes envolvidas. Pareceu muito promissor, já que as pessoas anseiam pelo bem e o melhor para todos; mesmo assim, o tempo passou e nada se concretizou. Cada um dos envolvidos continuou defendendo suas opiniões e as posições fora do tabuleiro e nada ainda foi acertado de efetivo para a reunificação e a situação confusa está muito longe de ser resolvida.

2003 A FIDE não mais cumpre sequer seu próprio calendário e alegando estar tentando realizar um dos matches propostos para a reunificação – Ponomarev x Kasparov (conforme sugerido em um dos pontos do Acordo de Praga) – posterga o Campeonato Mundial agendado para essa temporada. O duelo não se concretiza e a frustração geral apenas aumenta. Kramnik que prometera também colocar seu título (Qual título? O que ele ganhara de Kasparov, no ano 2000) contra um desafiante selecionado no Torneio de Dortmund, com apenas 8 competidores. Esse desafiante é o jovem campeão húngaro Peter Leko. Este confronto (que comporia uma outra proposta elaborada em Praga) também não se concretiza.

Xadrez no Brasil

Origens Não há nenhum registro conhecido e oficial referente à xadrez, de modo direto ou indireto, durante as épocas do descobrimento e do Brasil Colônia, exceto a referência (conforme

uma observação do jornalista especializado Waldemar Costa, feita em 1993), que Pero Vaz de Caminha “faz ao tabuleiro e às peças de xadrez em sua correspondência regular com Lisboa”, no início da colonização. A situação muda com a chegada da Família Imperial Portuguesa, junto com boa parte da corte da metrópole, fugindo da ameaça que representava a sanha conquistadora de Napoleão Bonaparte que, por sinal, jogava xadrez com muito gosto e pouco talento. Com o novo status do país e o influxo cultural – de um modo ou de outro – que se seguiu, é muito provável que se encontrem, por aqui e no exterior, alguns registros pertinentes e importantes ao jogo no início do século XIX. Além dessa estimativa geral e indefinida, temos como evidência física inicial convincente, um elaborado conjunto de peças, tipo chinês, junto a um artístico tabuleiro que faziam parte da lista de objetos pessoais apreciados pelo futuro imperador D. Pedro I (1798-1834), ainda visíveis no Museu Histórico Nacional. Como seu pai – D. João VI (1767-1826) – também trouxera um bom número de livros de Portugal que formariam o acervo inicial da Biblioteca Nacional, entre eles encontramos duas históricas publicações sobre xadrez. São elas o livro de Lucena, de 1497 – uma raridade, já que consta existirem somente três exemplares íntegros em todo o mundo -, e o *Scacchia Ludus*, antes aqui citados. Contudo, presume-se que tais isoladas presenças denotam apenas o zelo de colecionador do rei português (ou de seu bibliotecário) ou os eventuais presentes com que o brindaram, presumindo seu interesse ou curiosidade no assunto. Porque, o que de fato se esperaria de uma boa biblioteca sobre xadrez naquele período histórico seria, pelo menos, o popular e precioso livro de notável tratamento técnico do jogo, de autoria de André D. Phillidor, já aqui descrito. Em resumo, não há até agora constatações de que membros da família imperial brasileira ou da corte tenham se envolvido de modo mais regular com o jogo de xadrez e isto apesar da corte ter vindo para o Brasil “em massa”: cerca de 15 mil acompanharam D. João VI até o Rio de Janeiro, em 1808. Já o último e único imperador verdadeiramente brasileiro (nasceu no Rio de Janeiro), D. Pedro II (1825-1891), era de fato um jogador de xadrez entusiasta e engajado, tendo inclusive jogado partidas pioneiras de correspondência, via mensageiro expresso, com o cientista Louis Cruls, que trabalhava no Observatório Nacional, bem próximo do Palácio Imperial da Quinta da Boa Vista (hoje, Museu Nacional).

1850 Inaugurando a historiografia do xadrez no Brasil, encontra-se a publicação neste ano do primeiro livro sobre o tema, cujo título “O Perfeito Jogador de Xadrez ou Manual Completo Deste Jogo”, indica de modo nada modesto que o autor se propõe uma tarefa realmente desafiadora. Este autor, o desembargador Henrique Velloso d’Oliveira, ordenou a obra com uma parte algo misteriosa, na qual apareciam “40 fins de partidas e casos difíceis fornecidos por um consumado ‘Calculista Brasileiro”.

1876 Arthur Napoleão dos Santos (1843-1925) publica a primeira coluna de xadrez do país na revista “Ilustração Brasileira”, de influência importante à época. De origem portuguesa, o pianista Arthur Napoleão teve em sua primeira passagem pelo Brasil como um solista precoce de 14 anos, dedicando-se posteriormente ao trabalho pioneiro de organização e divulgação do jogo, que finalmente constituiu um divisor de épocas do xadrez brasileiro. Ele relata, bem mais tarde quando procurava encontrar referências do xadrez na capital (Rio de Janeiro), ter conhecido uns três ingleses que jogavam regularmente. Arthur também aponta que, à mesma época, esteve em missão diplomática no país durante dois anos, como Ministro da Prússia, o Barão Von Heybrand und der Lasa, historiador do jogo, forte competidor (perdeu ,por estreita margem, um match ante Staunton), integrante do grupo alemão conhecido como “As Plêiades” (que propagavam o conhecimento e a prática do xadrez) e que ainda editou o *Handbuch des Schachspiels*. Este é, provavelmente e sem rival próximo, em termos técnicos e de abrangência, o supremo “livro dos livros” já publicado sobre xadrez. Arthur Napoleão (que chegou a enfrentar Morphy uma vez, em 1859 nos EUA e lá conheceu também o famoso problemista Sam Loyd) quando se radicou no Brasil, sem interromper sua carreira musical, passou a divulgar o xadrez na “Ilustração Brasileira”. Em 1879, fundou a “Revista Musical e de Belas Artes” e incluiu uma coluna sobre o jogo redigida por ele mesmo. E ainda assinou outra dessas colunas especializadas no semanário “A Distração”, em 1884.

1877 Arthur Napoleão ajudar o primeiro clube ou departamento de xadrez junto ao Clube Politécnico, no centro do Rio de Janeiro, cujo presidente era o Barão de Pirapetinga, e o secretário geral era

nada menos do que Machado de Assis (vide adendo), enquanto Arthur Napoleão assumia a função de “Diretor de Sala”. É também dele a iniciativa de organizar (em sua própria casa, no ano de 1880) o que pode ser considerado o primeiro torneio oficial do Brasil, do qual participaram, além dele (vencedor do evento), João Caldas Viana, (filho do Barão de Pirapetinga, citado acima) Carlos Pradez, Machado de Assis, J. Navarro e J. Palhares, por ordem de classificação. Um pouco depois, em 1883, no Clube Beethoven, é concluído um torneio mais solene, vencido por Caldas Viana, secundado por Pradez. Como se pode observar pelo nome do clube, de novo tem-se a música junto com o xadrez em seu passado brasileiro. Sabendo-se que Carlos Gomes, Leopoldo Miguez e Heitor Vila-Lobos, alguns dos maiores nomes da música clássica no Brasil, também jogavam xadrez, há que se destacar mais um exemplo da “intimidade” entre as duas formas de arte. No encerramento desse torneio, Caldas Viana realiza uma exibição de “Xadrez às Cegas” (sem ver os tabuleiros) vencendo uma das partidas e perdendo a outra. No ano seguinte, o evento é repetido no mesmo lugar, mas com o resultado final apontando uma significativa alteração: Caldas Viana é o campeão, deixando Arthur Napoleão em segundo. O grande vencedor também bisa a exibição às cegas, mas aumentando o número de adversários, e marca 2 vitórias e uma derrota.

1885 Aparecem os primeiros sinais de popularização do xadrez no Brasil, quando o “Diário Popular”, de São Paulo-SP, publica uma coluna de xadrez assinada pelo inglês Charles E. Cobett. Seguindo sua tradição, A. Napoleão inaugura outra dessas colunas, agora no “Jornal do Comércio” do Rio de Janeiro-RJ, na edição dominical. Outro jornal do Rio de Janeiro, “A Notícia”, segue a moda e oferece uma coluna aos sábados, sob a responsabilidade de Theóphilo Torres, com um prêmio semestral para o melhor problema de mate direto em dois lances. As possibilidades se ampliam e Napoleão faz um “dublê” com outra coluna sobre o jogo, agora no jornal “A Gazeta de Notícias”, também publicado na capital do Império.

Final do século XIX Surge uma ocorrência especial quando várias formas culturais se encontram na montagem de um espetáculo de partida de “xadrez ao vivo”, disputada no Teatro de São Pedro da cidade do Rio de Janeiro (no presente, Teatro João Caetano), entre A. Napoleão e Caldas Viana (1/2 – 1/2). Ao mesmo tempo, esses dois propagadores e mais o referido Theófilo fundam o “Clube de Xadrez” na Rua Gonçalves Dias nº 55, o primeiro “clube típico” do país. E para coroar todo esse trabalho de organização formal, proselitismo abnegado e ampla divulgação popular do xadrez, Arthur Napoleão dos Santos publica ainda “Caissiana Brasileira”, um sortido relato das atividades enxadrísticas no país, além das leis do jogo comentadas, uma importante bibliografia sobre o jogo, explicações sobre as formas de anotar uma partida e uma coleção de 505 problemas de xadrez compostos no Brasil. Na passagem para o século XX, Caldas Viana enfrenta alguns jogadores destacados do período como R. Teichman e J. Taubenhau, ainda que tenha jogado com eles apenas em caráter amistoso e para divulgar algumas de suas análises; uma delas refere-se à uma variante particular da Ruy Lopez (a Berlinesa) que viria a ser batizada na nomenclatura do jogo de Variante Rio de Janeiro. Em sua homenagem, a partir dos anos de 1930 é disputada uma concorrida prova no RJ, chamada Taça Caladas Viana, que chegava a reunir cerca de 100 competidores buscando a posse definitiva do troféu. J. T. Mangini, 11 vezes campeão carioca e bi-campeão brasileiro, venceu o evento em várias ocasiões e garantiu o privilégio.

1902 Funda-se na capital paulista o Clube de Xadrez de São Paulo-SP, cuja ata inaugural e as demais que registravam as assembléias e reuniões oficiais naquele período eram redigidas em alemão, devido ao fato deste ser o idioma majoritário dos frequentadores e dirigentes pioneiros do clube. A atual sede, situada próxima à Praça da República, no centro histórico e ocupada desde 1962, é fruto de intensa mobilização coordenada por Márcio Elísio de Freitas entre pessoas importantes da sociedade paulista. Esse grupo se cotizou para comprar e doar para o CXSP as magníficas instalações (3 andares) que tornam o clube um dos maiores do mundo em área física. A referencial agremiação de São Paulo, com seu século de existência e funcionamento praticamente ininterrupto, é o mais tradicional clube de xadrez do país.

Década de 1920 Depois da Primeira Guerra Mundial, com a reorganização geral da vida, surge no plano internacional uma entidade para normatizar e gerir o movimento do xadrez em escala planetária: *Federation Internationale de Echecs*-FIDE, criada em 20 de Julho de 1924, cujo primeiro presidente, o holandês Alexander Rueb, teve um longa permanência no cargo até 1949. Em algumas

fontes, consta que no mesmo ano de 1924, em 6 de novembro, foi fundada no Brasil a Federação Brasileira de Xadrez-FBX, para fazer o mesmo em escala nacional. Entretanto, de fato naquela data, apenas os estatutos ficaram prontos: a Federação somente foi realmente fundada em 1927, com sede legal no Rio de Janeiro-RJ, e teve como seu primeiro presidente Gustavo Garnott. Porém, apenas em 1935, a FBX faria sua filiação à FIDE. E quando a legislação do Estado Novo de Getúlio Vargas criou o Conselho Nacional de Desportos-CND, em 1941, este induziu a transformação da Federação em Confederação, com a criação das respectivas Federações Estaduais. Um pouco antes, em 1925, numa iniciativa inédita, o grande jogador Richard Reti é contratado pelo Clube de Xadrez do Rio de Janeiro para, durante um mês, dar aulas e palestras, fazer simultâneas e outras exibições visando aprimorar o nível técnico dos jogadores locais. Uma outra visita importante se dá em 1927 quando, antes de enfrentar Alekhine pelo título mundial em Buenos Aires, Capablanca faz um pequeno giro no Brasil e realiza algumas apresentações como simultâneas e palestras. Nesse mesmo ano, temos a realização do primeiro Campeonato Brasileiro Absoluto, vencido pelo Dr. João Souza Mendes, assim como os três seguintes e ainda mais outros três (sendo o último em 1958, 30 anos depois do primeiro), somando um recorde até hoje não superado (mas igualado pelo GM Jaime Sunyê Neto). Um dos “rivais clássicos” de Souza Mendes também era médico, como seu famoso pai – o sanitarista Osvaldo Cruz – também o fora, mas se Válter Cruz não avantajou seu colega em número de títulos nacionais, por outro lado, foi de uma eficiência invejável: jogou nove vezes o Brasileiro, vencendo-o em 6 ocasiões e sendo vice-campeão nas outras três.

1924 – 1930 A primeira revista especializada sobre o jogo no Brasil surge neste ano: chamava-se “Revista Brasileira de Xadrez” e teve apenas três números editados por Marcello Kiss. Em 1930, nasceria a publicação do tipo que mais durou no país: “Xadrez Brasileiro”, cujo editor, Francisco Vieira Agarez, manteve a revista como principal órgão de comunicação do jogo por 17 anos seguidos. Um recorde sem paralelo até hoje.

1942 Acontece o primeiro evento “genuinamente mais internacional” realizado no Brasil: o Torneio de Águas de São Pedro. Este evento foi resultado da progressiva e histórica mobilização para o aumento tanto o número de jogadores brasileiros de melhor formação técnica, quanto para a organização geral do ambiente do xadrez nos estados. Com maior difusão do jogo e número de eventos, alguns desses mais destacados enxadristas passam a disputar torneios oficiais pelo continente, notadamente os Campeonatos Sul Americanos. Em Águas de São Pedro, contou-se com a presença de alguns jogadores europeus famosos, como o austríaco e GM E. Eliskases (campeão junto com o argentino H. Rosseto) e o alemão L. Engels. No ano seguinte, Eliskases que morou em nosso país por alguns anos, lança sua obra “Jogo de Posição”, no Rio de Janeiro-RJ, que se torna um manual técnico de referência para quem pretendesse estudar xadrez séria e profundamente. Curiosamente, esse importante livro não foi editado em nenhuma outra língua, nem inglês, nem espanhol, mesmo quando Eliskases radicou-se em definitivo na Argentina.

Década de 1950 O início da década marca (mais precisamente, nos Jogos Olímpicos de Helsinque, Finlândia, 1952) uma conquista individual muito importante, mas também confirma a melhoria técnica geral do xadrez brasileiro, pois o título de Mestre Internacional (MI) – o primeiro obtido por um brasileiro – de Eugênio German atesta, tanto o êxito do talento destacado desse jovem mineiro de 22 anos, como o aprimoramento coletivo do ambiente esportivo do xadrez nacional. Coincidentemente, 1952 é o ano em que nasce H. Mecking, que se tornará, 20 anos mais tarde, o primeiro Grande Mestre Internacional (GM) brasileiro. Por sinal, o Brasil teve uma presença inicial muito irregular nas olimpíadas de xadrez desde a primeira edição em 1927. Compareceu à de 1936, em Munique, Alemanha e a de 1939, na vizinha Argentina, mas não foi à de 1937 e somente retornou em 1952, tendo se ausentado da de 1950 em Dubrovnik, na Iugoslávia. E, então, sobrevem um hiato de dezesseis anos de completo desligamento do denominado Torneio das Nações, tendo faltado à sete Olimpíadas consecutivas, não havendo até hoje explicações sobre as ausências.

Década de 1960 No início deste período, define-se uma geração de novos jogadores que vão se apresentar como os primeiros profissionais de xadrez formados em solo brasileiro. Antônio Rocha, Herman Claudius, e seu irmão Dirk Dagobert van Riemsdijk, vindos do Rio Grande do Sul e Hélder Câmara, sobrinho do combativo e

homônimo bispo do Ceará, vão radicar-se em São Paulo, após passagens ocasionais pelo Rio de Janeiro e Brasília, e viver exclusivamente das atividades de xadrez. No Rio, vamos encontrar, desde meados da década de 1950, dois outros ainda mais pioneiros nessa atividade de alto risco (profissional de xadrez): Vince Toth e Sílvio Mendes. Mais tarde, receberão a companhia e concorrência de outro pioneiro: Alfredo Pereira dos Santos. A eles, um pouco depois, vão somar-se outros como o MI de origem romena, Alexandru S. Segal, e o paraibano Luismar Brito e ainda outro gaúcho, Neri da Silveira Filho. Esses dois últimos, já nos anos de 1970. A partir de 1975, Luiz Loureiro, integra-se à “classe” dos profissionais de xadrez e passa a testemunhar “de dentro”, as transformações e episódios do xadrez brasileiro por várias formas de publicação. E neste contexto, cabe dar ênfase ao fenômeno Henrique da Costa Mecking – “Mequinho” – que sintetiza uma transição de uma década e meia – de 1965 até 1980 – do xadrez brasileiro. De modo resumido, o registro tanto dos principais pontos da carreira deste jogador extraordinário e referencial quanto das demais ocorrências importantes desses últimos 25 anos do xadrez brasileiro segue adiante em destaque neste capítulo.

Década de 1970 A organização geral do xadrez como esporte se aprimora no país, com um maior número de torneios sendo realizado anualmente. Começam a se tornar populares os torneios no formato “Open” (Abertos), com um grande número de participantes de variado nível técnico (na média, entre pouco mais de 100 e até uns 250 jogadores) e premiação para várias classes. A implementação do Rating FIDE, iniciada mundialmente desde 1970, expande-se internamente com a realização de eventos internacionais pequenos. Por seu turno, a realização de grandes provas como os Interzonais de 1973 – Petrópolis-RJ – e de 1979 – Rio de Janeiro-RJ –, em paralelo com o êxito de Fischer e Mecking, trabalham para a maior divulgação do jogo e seus principais atores na mídia, em geral. Começam a surgir novos e mais fortes valores em diversas regiões do país, em especial, no final do período. Começa a haver maior mobilização dos jogadores e questionamento diante da condução política de dirigentes, em especial os da CBX.

Décadas de 1980 Há mudanças importantes na gestão política e administrativa das federações regionais e na Confederação. Os jogadores profissionais e os de maior graduação e engajamento se mobilizam e propõem mudanças na forma da CBX organizar eventos e o calendário nacional, bem como definir objetivamente as condições de seleção dos jogadores para os variados certames, como a final do Campeonato Brasileiro Absoluto e do Feminino, e para as Olimpíadas. É implantado um “Caderno de Encargos” para reger a realização de eventos oficiais – que obriga uma série de exigências tanto a jogadores e organizadores quanto ao órgão central (premiação mínima, condições de hospedagem e alimentação, prazos, etc) – e uma “Fórmula de Convocação” que explicita, através de cálculos matemáticos, quais os critérios para selecionar os jogadores candidatos a participar nos eventos oficiais ligados ao ciclo do Mundial (Zonais) e às Olimpíadas. Dá-se condições para realização prestigiosa do Campeonato Brasileiro por Equipes – uma inovação, já que não eram seleções estaduais e sim clubes de todo o país. Atinge-se o recorde de 44 equipes na edição de 1988, realizada em Curitiba-PR. Nesse evento em particular, triunfa a equipe do Tijuca Tênis Clube, do Rio de Janeiro, mas o time da década é formada pelos membros da equipe de Osasco, que vencem várias edições do evento e dos Jogos Abertos do Interior de São Paulo, sempre desbancando equipes favoritas bastante mais fortes do que eles. Surgem dois novos GMs. Primeiramente, o paranaense Jaime Sunyê Neto (nascido em 2 de março de 1957) e depois o paulista Gilberto Milos Júnior (nascido em 30 de outubro de 1963). Por sinal, Sunyê, além de sua carreira esportiva, também conduzirá a gerência e o controle político do xadrez nacional ao alcançar a presidência da CBX, alterando uma tendência histórica que sempre reservou esse cargo para pessoas do meio do xadrez, mas que também eram figuras social, política e financeiramente bem sucedidas e posicionadas. Muitos presidentes anteriores eram homens ricos ou abastados e estavam ligados a um tradição secular de administrar xadrez mediante mecenato direto ou indireto e também através de contatos com fontes potenciais de patrocínio, ligadas a seus conhecimentos pessoais. Além de atuarem sempre à base de “personalismo”, sem aprimorar a gerência interna do xadrez nacional e sem formular planos e políticas de longo prazo. Sunyê estabeleceu uma gerência mais profissional, estruturou um calendário completo e procurou patrocínios em órgãos oficiais, tentando e conseguindo inclusive conquistar suporte para projetos

de xadrez através de garantias legais nos orçamentos de prefeituras e no governo de seu estado. Através da Fundação Educacional do Estado do Paraná-FUNDEPAR, por exemplo, ele implantou programas de ensino de xadrez em escolas de Curitiba e do interior, editou material didático pertinente e ainda realizou congressos nacionais e internacionais sobre a pedagogia própria para o xadrez escolar. Outra de suas ações importantes foi organizar as categorias e realizar os respectivos torneios para crianças e jovens, nas faixas etárias (de menos de seis anos até Juvenil – menos de 21 anos -, em intervalos de dois anos.) que a FIDE havia criado e para as quais procedera a instituir os correspondentes campeonatos mundiais, inclusive os para meninas. Sunyê chegará mesmo a lançar sua candidatura e concorrer diretamente à presidência da FIDE, mas não conseguiu ser eleito.

Década de 1990 No Paraná, entrando-se nos anos de 1990, há a realização de campeonatos Mundiais daquelas várias categorias de idade, com destaque para o Mundial Juvenil, baseado em Matinhos, 1994, no qual Giovanni Vescovi (nascido em 14 de junho de 1978) classificou-se em 4º lugar, protagonizando a melhor performance de um brasileiro nessa categoria, realizada desde 1953. Um pouco antes, outro talento excepcional, que junto com Vescovi constituirá a novíssima geração de GM brasileiros para o final da década, aparece precocemente na cena nacional: o maranhense Rafael Leitão (nascido em 28 de dezembro de 1979), que se radidou desde garoto em Americana-SP, para poder evoluir técnica e esportivamente. Leitão é o único brasileiro a ostentar até hoje, não somente um, mas dois títulos mundiais em torneios oficiais. Ele conquistou o Mundial Pré-Infantil (“Sub-12”) em 1991, e o Mundial Infante-Juvenil (“Sub-16”) em 1996 (Félic Sonnenfeld, brasileiro, foi Campeão Mundial de Mate Ajudado por duas vezes, há muitas décadas passadas. Mas isso é Composição e não disputa direta sobre o tabuleiro). Ambos são várias vezes campeões brasileiros em muitas categorias, incluindo o Absoluto, que dominaram em anos recentes (1997-2002) com seguidos triunfos.

E, completando o sexteto de GMs brasileiros, temos Darcy G.M.V. Lima, nascido em 22 de maio de 1962, e atual presidente da CBX. Como presidente desse órgão, Darcy vem trilhando, em certa medida, os caminhos e os passos de Sunyê, mas desativando o caderno de encargos que norteia a realização das principais provas do calendário interno, especialmente no quesito vital “condições de premiação”. Ele também desativou os critérios pessoais que definiam convocações por estrito mérito esportivo (fórmula elaborada também por Rubens A. Filguth, ao tempo de Sunyê) indicando pessoalmente como substitutivo um técnico encarregado da seleção das principais equipes do país e, por isso, tem tido problemas de relacionamento em tempos recentes com os três melhores jogadores do país, pela ordem, Vescovi, Milos e Leitão. Essas dificuldades implicaram em insuperáveis empecilhos e prejuízo técnico direto na convocação da equipe brasileira para duas importantes competições seguidas, a saber, a Olimpíada de Bled em 2002, onde o Brasil teve péssimo desempenho e o frustrante Pan-americano do Rio de Janeiro, 2003. Este último foi vencido, mais uma vez, pela formação de Cuba, numa prova quase fantasma, com apenas 4 equipes presentes. Assim, o Brasil ainda não conseguiu participar uma vez sequer do “Mundial de Países”, que congrega justamente os países campeões continentais. O curioso é ver como o país apresenta-se sempre como candidato a realizar o Pan-americano (freqüente por aqui nos anos recentes), na esperança de superar os cubanos e ir ao Mundial, mas não se consegue escalar nem a força média, e muito menos a máxima. Talvez fosse oportuno nestas circunstâncias recordar o lema da própria FIDE, “Gens una sumus” (Somos uma só família) para unir o xadrez brasileiro.

Situação atual Em continuação aos debates da década de 1990, um outro ponto que tem tido atenção no meio do xadrez brasileiro é da participação direta e múltipla do presidente da CBX, se jogador, contratante, gerente etc. Esse fenômeno já se insinuara na administração Sunyê e tem hoje um notável paralelo na Federação de Xadrez da Geórgia, Rússia, onde seu presidente atual é o fortíssimo jogador, o GM Z. Azimaiparashvili e que também é vice-presidente da FIDE. Em resumo, estas funções sobrepostas fazem com que o promotor dos eventos pague a si mesmo. E também, se o presidente indica um técnico para convocar as equipes olímpicas do país e ele é plausivelmente, como GM nas nossas condições esportivas e históricas, um dos naturais convocados, mas pode mesmo “deixar de ser convocado”? Se isso acontecesse, o presidente demitiria o técnico, preservando o GM, que é ele próprio

ou aceitaria seu “corte”. Haveria outras casos fáceis e prováveis de projetar, mas essas poucas situações ilustram bem emblematicamente todo o conflito e o ponto que é importante ressaltar. Em outras palavras, o dirigente-jogador tem que analisar e definir situações e condições em que também atua como parte interessada, contrariando um elementar princípio jurídico que expressa “não se poder legislar e julgar em causa própria”. Isso é também fruto da direta e maior “politização” do xadrez, como se dá na sociedade em geral. Por outro lado, talvez tal tendência seja um reforço num critério revelador dos tempos que vivemos, já que a Federação Francesa de Xadrez também é presidida por um GM, A. Haik e repetidamente tenta-se lançar uma campanha para fazer do GM Yasser Seirawan um presidente da USCF, a Federação de Xadrez dos Estados Unidos da América.

Em que pese os desvios da politização do xadrez, todos os seis GM brasileiros já disputaram etapas importantes do ciclo do Campeonato Mundial e têm sido o parâmetro técnico pelo qual os demais jogadores do país medem seus próprios talentos e reais capacidades. Por sinal, no nível seguinte, há também uma nova geração de MIs (embora alguns não tenham idade tão precoce assim), mas desde Francisco Trois, Rubens Filguth e Marcos Paolozzi e outros, nos anos 1970 e 1980, passando por Eduardo Limp (que conta com duas normas de GM), Jefferson Pelikian, Cícero Braga, Everaldo Matsuura e outros nos anos 1990 e alcançando os mais recentes (primeiros anos da década de 2000) como Luiz Coelho, Vinicius Marques e Wellington Rocha, que atesta a firme e objetiva evolução técnica e esportiva do xadrez brasileiro. Verifica-se também a renovação de valores e até a profissionalização no campo da arbitragem de xadrez, com uns poucos alcançando a condição de “AI”, Árbitros Internacionais”.

Também em anos recentes tem aumentado o interesse e a prática concorrida da modalidade Xadrez Rápido (com torneios e circuitos oferecendo alguma premiação atraente), mas fica a dúvida se isso desloca ou substitui o calendário de provas clássicas. E a respeito de premiação, mesmo com as alegadas ou verdadeiras melhoras da economia do país nos últimos 10 anos, o valor geral dos prêmios e o número de eventos com premiação elevada diminuíram, com a maioria não acompanhado a majoração efetuada nas taxas de inscrição nos eventos (ou as despesas implícitas, como transporte, hospedagem e alimentação), nem os índices anuais de inflação, nem as anuidades de federações e CBX. Por sinal, o esporte brasileiro de alto nível de competição – e o xadrez não é exceção – continua majoritariamente dependente de verbas oficiais e facilidades concedidas pelos órgãos de governo nos três níveis de representação (municipal, estadual e federal). Mesmo esportes imensamente populares e com óbvio valor para a mídia, como vôlei, basquete, atletismo e natação para me restringir a poucos casos, ainda dependem fundamentalmente para seus eventos, calendário de atividades e promoção geral dos patrocínios garantidos pelas estatais brasileiras como Banco do Brasil, Petrobrás, Correios e outras. O patrocínio privado existe para eventos ocasionais, é raro em realizações regulares e é praticamente inexistente em suporte à formação de novos valores no esporte, que exige longos prazos.

Em síntese, mesmo deparando-se com dificuldades, o xadrez brasileiro vem crescendo vigorosamente nessas duas últimas décadas em quase todos os aspectos importantes, conquistando espaço em diversos e imprevistos setores, revelando valores de expressão mundial – Giovanni Vescovi, o brasileiro número um, também é o número um na América Latina e nas três Américas, olhando o desempenho das últimas duas temporadas – e se estruturando mais profissional e eficientemente. Isto ocorre também aproveitando preciosamente o mundo novo da Informática e da Internet e beneficiando-se de uma maior expressão popular através de outras formas culturais como o Cinema, a Literatura, a Propaganda e o Marketing, além de continuar atraindo um crescente número de competidores jovens com seu desafio esportivo infinito. Mas, o contraponto maior apresentado pelo xadrez brasileiro em meio a tantos problemas de gestão, refere-se ao xadrez na escola. Uma transformação de base de há muito desejada, começa a concretizar-se no país, com a organização, ampliação e alastramento do movimento em prol do xadrez nas escolas, tanto particulares, quanto públicas, como se relata a seguir.

Xadrez escolar Embora pareça óbvio aquilo que se entende por Xadrez Escolar, basicamente a proposta de xadrez nas escolas visa a oferecer o ensino do jogo aos alunos da rede de ensino. As

condições em que esta “disciplina” é oferecida em cada ocasião (programa amplo que atinge várias escolas; projeto-piloto em poucas unidades; experiência isolada num único colégio; etc.) varia conforme seus objetivos, a condição e relação dos alunos com a “matéria” e sua eventual vinculação a outras disciplinas, além do suporte logístico e até ambições políticas. Assim, é possível encontrar o Xadrez Escolar sendo ministrado como atividade opcional extracurricular, sem valer como conceito ou exigindo nota e aprovação e podendo mesmo ser praticado como mera recreação. Em outros casos, a instituição inclui a disciplina em atividade correlata à Educação Física, podendo ser uma alternativa para os alunos que preferem dispensar as aulas típicas dessa última. E, assim, pode exigir desempenho dos alunos quanto à assimilação do conteúdo e envolver notas, conceitos e até aprovação e reprovação. E ainda pode-se ter escolas usando o xadrez como tema pedagógico para introduzir questões de História, Matemática e Informática. Em poucas situações, o trabalho é orientado para “formar campeões” e alcançar resultados técnicos destacados. Normalmente, o ensino específico do xadrez se reporta à introdução do jogo, apresentação de componentes (tabuleiro e peças), regras completas, técnica essencial (valor relativo das peças, mates elementares, etc.), comportamento e etiqueta, conceitos de estratégia e tática e condução diferenciada nas três fases da partida. Enfim, um curso básico de xadrez.

Experiências brasileiras selecionadas Cita-se freqüentemente que o primeiro curso de xadrez escolar foi implantado no país em 1967, na cidade paulista de Araraquara, sob a responsabilidade de Taya Efremoff, uma enxadrista duplamente pioneira por ter sido a primeira mulher no Brasil a atingir a condição de Mestre Nacional e também ter sido uma “postalista” (xadrez postal) de primeira hora. Taya organizou um curso para alunos de certas classes da 3ª e 4ª séries do primeiro grau, numa escola daquele município. Como há grandes hiatos no registro de experiências no campo do xadrez escolar no Brasil, passemos para fins dos anos de 1970, no Rio de Janeiro - RJ. Lá, vamos encontrar um projeto quase suntuoso, batizado de “Cuca Legal”, que tinha como núcleo-sede o Colégio Pedro II, uma escola federal (depois de uma passagem por um pequeno clube sócio-esportivo do subúrbio, o Esporte Clube Garnier), com amplas instalações em sua seção São Cristóvão. Nela, o coordenador geral do projeto, Amâncio de Carvalho, com apoio e patrocínio da Fundação Roberto Marinho, instalou uma “mega-sala” de xadrez, com mais de 60 mesas oficiais e todo o material adequado, nas quais os alunos do projeto – não apenas estudantes do Pedro II – tinham aulas de xadrez com instrutores contratados. Já em 1979, com a realização do I Torneio Cuca Legal viu-se com clareza que metas de massificação do xadrez eram factíveis até no curto prazo: o evento atraiu 190 jogadores para a categoria juvenil masculino, cerca de 20 no infantil e umas 10 meninas. Este certame foi bisado em 1980, com números ainda maiores. Naquele mesmo ano, através da filiação de jogadores ao Garnier, Amâncio conduziu jogadores formados no seu projeto a participar do Campeonato Interclubes do estado, na Classe C, alinhando 3 equipes completas, com 4 titulares e 4 reservas, em cada uma. Em 1980, já havia times do projeto competindo na Classe acima, a B. A partir de 1983, um mudança importante ocorreu no esquema do projeto com a filiação dos enxadristas à Federação por meio de uma nova agremiação: a Associação Atlética Rede Globo-AARG. Isso mesmo: os garotos revelados no Cuca Legal passaram a ser atletas oficiais compondo o “clube esportivo” da Rede Globo de Televisão.

Além disso, Amâncio vinculou a esse esforço uma vasta montagem adicional, criando uma “Seleção Nacional Itinerante”, formada por jovens valores, que viajava pelo país realizando demonstrações e matches de treinamento com equipes estaduais na mesma faixa de idade. Os selecionados recebiam ajuda variada e suporte para treinar e evoluir tecnicamente. E articulou a realização de um torneio “Intercolegial” no estado do Rio de Janeiro e criou o Troféu Cuca Legal. E para coroar esse projeto grandioso, ainda realizou um concorrido evento internacional, chamado “Golden Pawn” (Peão de Ouro), na mesma cidade (Copacabana) e no ano de 1982. Os convidados a participar eram alguns dos jovens mais talentosos em idade escolar de seus países e que encontraram condições de organização quase que perfeitas; aliás, exigidas e garantidas inclusive pela imagem de qualidade geral de um dos patrocinadores, a IBM. Os dois vencedores finais foram os atuais GM Gretarsson, da Islândia, e Granda Zuniga, do Peru. No entanto, logo depois disso, todo o projeto foi encerrado. Amâncio de Carvalho transferiu

sua experiência e a idéia básica do núcleo de ensino para uma escola em Niterói-RJ, naturalmente, sem dispor dos mesmos recursos. Mas não foram encontrados relatos ou quaisquer dados desse trabalho posterior. Com esse magnífico currículo de realizações, não surpreende que entre os valores revelados pelo projeto Cuca Legal, sobressaíam Wagner Guimarães Peixoto, várias vezes campeão da cidade e do estado do Rio de Janeiro; a MI Regina Ribeiro (vide dados mais adiante); Márvio Salles, campeão da cidade de Niterói em 1994, 1996 e 2003, Jorge Chaves Torres e Sérgio Antenor de Carvalho, qualificados jogadores Classe A..

À mesma época, a Fundação Educacional do Estado do Paraná-FUNDEPAR e a Federação Paranaense de Xadrez-FPX (sigla igual à Federação Paulista de Xadrez) elaboraram um programa para ensino de xadrez nas escolas da capital daquele estado. O GM Jaime Sunyê coordenou a feitura de um guia simples para oferecer sete cursos modelo e servir de orientação para os professores encarregados do curso. Em 1982, as mesmas entidades apoiaram um projeto equivalente para portadores de deficiência física. O trabalho encaminhado no Paraná chega a ser grandioso e de fundamental importância histórica e técnica para o estado e o país, já que 800 escolas, ao longo de duas décadas, receberam projetos e programas de ensino de xadrez. E ainda temos que considerar que, em paralelo, foram concretizados seminários temáticos (alguns internacionais), exposições e atividades especiais, além dos torneios escolares e os demais eventos do calendário da Federação Paranaense que serviam para estimular o desenvolvimento dos aprendizes escolares de xadrez. Um trabalho sistemático conduzido por um coordenador regular, o GM Jaime Sunyê, que nesse período, deve ter transferido muito do tempo, energia e concentração de sua exitosa carreira pessoal para destiná-los à realização e gerência de todo esse programa que já se estende por mais de vinte anos.

Experiências individuais também devem ser apontadas. Assim, temos nos anos de 1978 e 1979, o professor (hoje doutor em Pedagogia do Xadrez e, pois, destacado estudioso brasileiro do tema) Antônio Villar Marques de Sá atuando no Instituto de Educação Infantil, em Brasília – DF. Com ele, todos os alunos da 1ª à 8ª séries do primeiro grau cumpriam uma aula semanal de xadrez, com a duração de 50 minutos. Ele repetiu o trabalho no Centro de Ensino de 1º Grau Rodolpho de Moraes Rego entre os anos de 1980 e 1982. E, em 1981, dois “clubes escolares de xadrez” foram fundados no Colégio Marista (1º e 2º Graus) e no Centro de Ensino Público de 1º Grau do Lago Norte. No final da década, um novo “Cuca” (sem nenhuma outra relação com o anterior, exceto o nome e dois instrutores comuns) foi implantado na capital do estado do Rio de Janeiro. A partir do ano de 1989, a Fundação Rio Esportes, um órgão executivo sujeito à Secretaria Municipal de Esportes, literalmente “colocou nas ruas” o projeto “Cuca Esperta”, para ensino de xadrez em comunidades, clubes, núcleos especiais e, principalmente, escolas do município. Sob a supervisão de André da Silva Barreto, e a tríplice coordenação de Luiz Loureiro (Pedagógico), Ricardo da S. Teixeira (Eventos) e Tufic Derzi (Administrativo), o projeto atingiu nos anos de 1990 e 1991 seu pleno funcionamento. Com apenas 13 engajados instrutores contratados, ele oferecia o ensino do jogo em 25 núcleos, sendo 20 escolas públicas da cidade, 3 “Casas de Acolhida” (locais mantidos pela Cúria Metropolitana para apoio a menores de rua) e dois núcleos especiais, sendo um a Associação de Surdos-mudos. Com mural e material de jogo completo por cada sala de aula e um planejamento de calendário anual, o Cuca Esperta contabilizou no final do ano de 1991, um total de cerca de 1800 alunos. Realizou, então, torneios individuais e coletivos com aproximadamente 300 crianças e jovens, que participavam em categorias por idade, separados por faixas etárias de dois anos, e representando suas respectivas escolas e núcleos. Uma das experiências mais reveladoras e surpreendentes foi testemunhar um adolescente de 16 anos, abrigado numa das Casas de Acolhida e analfabeto, conquistar o terceiro lugar na sua categoria, com apenas um semestre de aprendizado no jogo. O projeto também acertou convênios com alguns clubes e departamentos de xadrez da cidade, e neles criou, de modo algo informal, “centros de excelência” para a garotada selecionada entre os mais destacados e motivados a se aprimorar e competir. Logo, foi proposto a esses clubes que, ao final de cada temporada, tanto das atividades do Cuca quanto da federação local, eles “federassem” alguns desses talentos. O Tijuca Tênis Clube, através do seu então diretor de xadrez, Pedro P. Queiroz, percebeu a oportunidade histórica de renovação do xadrez local e da preservação desse trabalho de base e “federou” de uma só vez, 26 alunos do Cuca. Nos anos seguintes,

uma equipe composta por eles, com a média de 14 anos, venceria o Campeonato Interclubes do Estado do Rio de Janeiro, na Classe C. E, para não deixar a suspeita de que isso havia sido fruto de uma “chance lotérica”, a equipe foi bi-campeã no ano seguinte. Um de seus integrantes, Nilton dos Santos Rodrigues, venceu também o Campeonato Classe C – Individual – da temporada. Dois outros, Júlio César Garcia e Bruno Morier já são hexa-campeões (ainda pelo Tijuca T.C.), considerando todos os títulos que conquistaram nas Classes C e B, inclusive o do último evento, em 2003.

Os demais diretores de clubes e departamentos de xadrez da cidade do Rio de Janeiro não viram a importância dessa parceria tão produtiva e ignoraram o convite da Fundação para implementar essa seleção como uma ação regular anual. Por sinal, com esse Cuca, até o xadrez feminino do Rio foi renovado, pois algumas alunas do projeto logo começaram a vencer provas além das categorias de idade a que pertenciam. Assim, por exemplo, Mônica dos Santos Rodrigues (irmã do Nilton citado anteriormente), depois de vencer o Campeonato Juvenil do estado, venceu também o Campeonato Feminino geral. Suas colegas, Daniele Morier (irmã do citado Bruno) e Fabiana de Sousa protagonizaram feitos semelhantes e Fabiana ainda segue vencendo campeonatos femininos no RJ, em anos recentes. Um registro importante a fazer, relacionado com a história desse projeto nas escolas municipais da cidade do Rio de Janeiro, é que onde o Cuca Esperta foi implantado, em nenhum caso, os diretores e demais professores de cada uma das unidades, recusaram aceitar o projeto ou cogitaram dispensá-lo, depois de instalado. Em momento algum, ao longo do período de 4 anos em que o Cuca Esperta funcionou, mesmo nas condições precárias e problemáticas do início, houve uma crítica dos responsáveis pelas escolas em relação ao xadrez ou ao conteúdo do curso, métodos de ensino e comportamento dos instrutores. Sempre demonstravam grande simpatia pelo jogo e sua imagem e respeito pelos valores históricos a ele associados e pelas propostas que o projeto trazia para os alunos. Inclusive, num procedimento de interesse tanto logístico quanto pedagógico, era critério interno do Cuca Esperta convidar e agregar um professor da própria escola que o sediava, para acompanhar a instalação do projeto, as aulas e o desenvolvimento do programa no local. E também para que ele aprendesse o jogo. Este professor, então, se transformava num “colega” daquele que dava as aulas de xadrez – o instrutor de xadrez do Cuca Esperta – e com ele trocava idéias e experiências sobre o curso e as atividades programadas e outras relações positivas que iam surgindo, pouco a pouco. Contudo, no início de 1992, por algum superior “imperativo administrativo e orçamentário”, o Cuca Esperta foi suspenso pela Prefeitura da cidade e não mais renovado.

A partir de setembro de 2003, uma ação especial, voltada para formação de instrutores de nível básico de xadrez, foi iniciado em São Paulo-SP, sob chancela da UNESCO e em convênio com a Secretaria Municipal do Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade, vinculado ao Projeto Formação Cidadã, com gerência e execução técnica à cargo da Federação Paulista de Xadrez. Os jovens de comunidades carentes selecionados para serem treinados, com idade entre 15 e 20 anos, tinham que estar cursando ou ter encerrado recentemente alguma etapa da sua formação escolar e receberam bolsas de auxílio, durante o prazo de duração do curso (seis meses) e ainda freqüentavam aulas de cidadania. Embora, este não tenha sido um projeto que possa ser enquadrado como típico de xadrez escolar, estimava-se na sua elaboração que os formandos aprovados ao fim do curso – duas turmas iniciais de 25 alunos cada, sediadas nas localidades de Pirituba e Itaquera – poderiam dar aulas de iniciação ao xadrez em escolas públicas e particulares, estabelecendo uma nova relação e atividade profissional própria.

Desde o início do ano letivo de 2004, encontra-se em andamento na cidade de Niterói-RJ, o projeto Xadrez nas Escolas “Pró—Xadrez Niterói”, que oferece um curso básico programado para ser distribuído em um semestre, sediado em 10 unidades da rede municipal de ensino, após uma experiência piloto concluída em 2003. Sob a supervisão do de José Costa Fernandes, e participação de Luiz Loureiro, como Coordenador Pedagógico e o trabalho de 8 instrutores, em sua maioria, jovens e empolgados, o projeto pretende realizar atividades típicas como torneios internos, matches entre escolas próximas, promoções especiais e um torneio geral com os melhores de cada escola e um torneio por equipes ao fim do período agendado. Além disso, em paralelo e como aplicação de importantes critérios

pedagógico e cultural, considera-se que a exibição de filmes temáticos, a visita à ambientes do xadrez (clubes e torneios oficiais), simultâneas, confecção de tabuleiro gigante e xadrez com peças vivas sejam ações positivas de estimulação para os alunos e sua apreensão da riqueza do jogo de xadrez. Ao final de abril, com praticamente dois meses de funcionamento, e enfrentando ainda algumas limitações sérias de material e logística, além das “peculiaridades” de cada escola-sede, o projeto contabilizava cerca de 1300 alunos aprendendo xadrez, distribuídos em 60 turmas.

Histórica e socialmente, tanto pela sua importância quanto pela escala da organização e o tempo de duração, nenhum outro trabalho contínuo de promoção do xadrez escolar se compara ao que vamos encontrar em algumas cidades de Santa Catarina, notadamente Blumenau e Joinville. Há quase vinte cinco anos, as prefeituras dessas e outras cidades (algumas delas há menos tempo) têm mantido e aprimorado continuamente a proposta do ensino de xadrez em comunidades e unidades escolares. E graças também a um pequeno grupo de profissionais dedicados e competentes, o trabalho tem dados frutos visíveis, tanto pela tarefa de educar além do esporte como a de formar valores técnicos e oferecer competição saudável e formadora do caráter e personalidade positivos. Entre esses profissionais, cabe destacar Regina Ribeiro, originária do Rio de Janeiro (e que foi aluna revelada e instrutora do Projeto Cuca Legal), sete vezes campeã brasileira, MI feminina e co-autora de um recente e ótimo livro sobre ensino básico de xadrez destinado exatamente às crianças com idades entre 7 e 12 anos. Regina é uma das pessoas que fazem, já há 24 anos, com que Blumenau tenha se tornado uma referência nacional no trabalho com o xadrez escolar. No ano de 2002, a cidade reuniu em um único evento, mais de 1.000 pequenos enxadristas, à época, um recorde nacional. Seus colegas Haroldo Cunha dos Santos e Renan Levy da Costa, ambos vindos de Niterói, também acumularam um destacado e muito exitoso trabalho nesse campo naquele estado do sul. Outros nomes a registrar, que fizeram inclusive com que Santa Catarina passasse a colecionar títulos numerosos nos campeonatos nacionais “de base” (muitas vezes, superando São Paulo e o Paraná) são Sílvia Cunha Pereira e Palas Atenas Veloso (esta última, já falecida).

O amplo levantamento aqui realizado, e cobrindo tão somente o curto período dos últimos quatro anos (2000-2004), sobre os projetos de xadrez escolar realizados pelo Brasil, lidou com enormes dificuldades para apontar números completos e detalhados, devido a muitas causas diferentes. Além de uma boa parte dos empreendimentos serem ações isoladas, sem ligação com a federação local e menos ainda com a Confederação nacional, existe também a precariedade da própria informação constante em relatórios sumários e difíceis de encontrar. Não há informações básicas ou amplas estatísticas, uma apreciação concreta e não retórica, nem sequer o encaminhamento através de links para se pesquisar sobre um assunto tão relevante. Não consta um diretório que concentre o registro sobre os projetos existentes, a oferta de metodologia para implantação de programas de ensino de xadrez nas escolas, critérios necessários para a habilitação de um instrutor de xadrez ou um simples guia para orientar os eventuais interessados no assunto e mesmo, os curiosos. Nem um mecanismo básico de busca especificamente orientado para as experiências e os “projetos orgânicos” (ou oficiais, realizado em conjunto com as Secretarias de Educação e de Esportes dos estados e municípios) de Xadrez Escolar, já relatadas nos sites das próprias federações associadas à CBX. Ainda assim, valendo-se dos mecanismos que a Internet propicia, foi possível montar um verdadeiro mosaico desse movimento subterrâneo de transformação da base de divulgação do jogo e de formação de público em geral, e da criação de valores potencialmente talentosos, que é o Xadrez Escolar. É como o Brasil surpreende sempre, aqui também encontraremos realizações individuais e coletivas prodigiosas, números não imaginados e ações positivas incomuns, indicando que, de fato, nesses poucos anos, o país está vivendo um verdadeiro e bem fundamentado desenvolvimento de Xadrez Escolar, em todos os seus quadrantes. É isso não está sendo motivado por alguma moda passageira, nem pelo surgimento de um ídolo do esporte de grande impacto histórico e popular, como foi o caso com Mecking na década de 1970. Dessa feita, vemos um trabalho de base, planejado e articulado, ainda que paradoxalmente fragmentado, e que já conta com experiências bem sucedidas e importantes, pesquisas e estudos, alguns modelos de trabalho e um grupo de pessoas de outras formações e profissionais do meio do xadrez, mais esclarecidos e competentes e até mesmo com uma literatura específica de boa qualidade e produzida aqui mesmo no país. Os

campeonatos, tanto os regionais quanto os nacionais são bastantes recentes: o Escolar Estadual em SP vai para a terceira edição e o nacional para a sexta, tão somente. E vemos igualmente a extensa abrangência física desse movimento: os projetos de xadrez nas escolas não estão sendo implantados apenas nas capitais ou em outras cidades mais ou menos grandes do interior, mas em cidades bem pequenas, tanto ao norte, quanto ao sul e do litoral para o Pantanal. E, como anteriormente enfatizado, com números que produzem grande impacto e revelam mesmo experiências extraordinárias de gente muito ousada e empreendedora e, sobretudo, apaixonada pela idéia do jogo e de seu ensino popular e democrático, como se segue por pequenos relatos.

Carazinho-RS O xadrez nas escolas municipais e particulares de Carazinho teve início em 1998 atendendo a 23 alunos, hoje contando com mais de 350 alunos diretamente ligados com a oficina de xadrez; outros tantos estão praticando o esporte depois de aprender com os próprios colegas, gerando um fator de disseminação. Já foi ensinado xadrez para mais de 2000 crianças em 6 anos, e pelos relatos de diretores e professores das escolas, que afirmam notar as modificações comportamentais positivas dos alunos, percebe-se que os objetivos propostos no projeto estão sendo alcançados. Tem-se a certeza de que a continuação e ampliação do projeto para todas as escolas municipais, particulares e estaduais trará ainda muito benefício para os alunos. Carazinho já está sendo reconhecida nesta área em nível estadual e nacional. Em 2004 estão tendo Oficinas de Xadrez em 7 Escolas Municipais com cerca de 350 alunos, e nos Maiores Torneios Estudantis já estiveram participando 1425 enxadristas desde 1998.

Nova Odessa-SP O I Campeonato Escolar de Xadrez de Nova Odessa foi disputado dia 01 de junho no Ginásio do Santa Rosa. Contou com a participação de 68 jogadores. Arbitragem: Moisés e José Alberto Gomes. Destaque para os campeões: Diego Bonfim (Silvania) até 18 anos; Nayara Oliveira (Silvania) até 14; Rodrigo Romulo Oliveira (Silvania) e Amanda Hansen Soares (Balão Mágico) até 10. Em 27/03/2004 foi disputado no Município, o II Campeonato Escolar, com 36 participantes. Murilo Gonzalez foi o campeão até 10 anos, Victor Venturi vice, Leandro Ramos terceiro e Gabriel Souza quarto.

Projeto Nacional de Xadrez Por determinação do Secretário Nacional de Esporte Educacional-SEE, do Ministério do Esporte-ME, Ricardo Leyser Gonçalves, o Projeto Nacional de Xadrez nas Escolas e a Modalidade de Xadrez do Projeto Segundo Tempo divulgarão suas notícias através de uma página própria dentro do portal do ME com início em 2004. O Projeto Nacional de Xadrez deve iniciar em agosto, logo após a avaliação dos resultados do Projeto Piloto hora em andamento, e para este ano objetiva atender 600 mil jovens. O responsável pelo xadrez na SEE do ME, Professor Sólon Pereira, já está formando a equipe encarregada da sua montagem e manutenção. O projeto piloto Xadrez nas Escolas beneficiará alunos de escolas públicas das capitais dos estados do Acre, Piauí, Pernambuco, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Paraná. A idéia é aproveitar a experiência do Departamento de Atividades Complementares da Secretaria de Educação do Paraná e treinar multiplicadores em cada uma das capitais selecionadas para o projeto, que será estendido futuramente a todas escolas públicas de ensino fundamental do País (Fonte : Jaime Sunyé e SEE/ME).

São Sebastião do Paraíso-MG Este município em 2000 possuía o maior projeto de xadrez nas escolas de todo o estado de Minas Gerais. Existem, naturalmente, diversas iniciativas no sentido de desenvolver a prática dessa modalidade, seja propriamente nas escolas, ou ainda em academias e clubes esportivos. Porém, nenhum alcança a amplitude desse projeto, que atinge 100% das escolas estaduais (total de 11), 3 municipais e 2 profissionalizantes. Em 2001, o projeto já estava no seu 7º ano com aulas nas escolas todas opcionais e estimando-se que o número de alunos estivesse por volta de 2.000. Este projeto é conduzido pelo professor Gérson P. Batista que mobiliza o Município e destaca elogiosamente o estado de Minas Gerais no cenário brasileiro, pois já se tornou um verdadeiro pólo de ações criativas (torneios para escolares, seminários, campeonatos abertos e eventos importantes do calendário oficial da CBX, etc.), inclusive com o excelente site (www.clubedexadrez.com.br) no qual experiências correlatas de todo o Brasil são comentadas e registradas.

Francisco Beltrão-PR A Secretaria Municipal de Educação implantou o ensino regular de xadrez, no qual os alunos podem

aprender e aperfeiçoar este jogo numa aula semanal, com professores se especializando no ensino do xadrez básico. As Escolas Municipais que oferecem o xadrez como matéria em todas as séries totalizam 21 unidades. Em 2004, aproximadamente 7.800 alunos estavam envolvidos no aprendizado semanal do xadrez em todo o ensino fundamental, com 34 professores se especializando.

II Circuito Curitiba de Xadrez Escolar Em 2002, este evento promovido pelo Centro de Excelência de Xadrez, em Curitiba-PR, em sua sexta e última etapa teve um total de 831 atletas participantes, dos quais 769 pontuaram. No estado do Paraná como um todo desde a década de 1980 cerca de 800 escolas estaduais receberam projetos de ensino de xadrez. No período de 24/11 a 28/11/2003 em Faxinal do Céu, município de Pinhão-PR aconteceu o evento “Xadrez Esporte Educacional”, reunindo 600 participantes entre alunos, professores e representantes das Associações de Pais e mestres das Escolas da Rede Pública do Paraná. Uma outra iniciativa do estado do PR é o Projeto Xadrez o Jogo que Educa, lançado em 2000, em Curitiba, Secretaria Municipal da Educação, cujo total de alunos envolvidos ao longo do ano foi 20.990, do total 98.486 da Rede Municipal de Ensino-RME (21%). Total de escolas envolvidas, ao longo do ano: 83, do total de 133 da RME (62%).

Campeonato Paulista Escolar de Xadrez Trata-se de um mega evento de xadrez que em 2002 teve 1897 inscritos e 1323 participantes. Uma avaliação deste empreendimento é obtida pela declaração de um profissional do xadrez de São Paulo: “O Paulista Escolar foi o maior evento de xadrez já realizado no estado. A Baixada esteve presente e obteve títulos. Parabéns à FPX, árbitros, professores e a todos os participantes” (site Clube Xadrez Santos, editado por Carlos Alberto Segal – Destacado jogador, professor e técnico da cidade de Santos). Mas as imagens, por mais impressionantes e reveladores que pudessem ser, não poderiam expressar com precisão os desafios logísticos que um evento dessa magnitude envolve. São dezenas de voluntários e centenas de pessoas prestando serviço durante dois dias seguidos. Os jogadores ocupam ambos ginásios do complexo do Ibirapuera e, apesar do gigantismo desses ginásios, eles estão ficando pequenos, devido à crescente participação. Mesmo assim, o presidente da FPX, José Alberto Ferreira dos Santos, anda sempre em busca de uma solução para não limitar o número de participantes. Como ele diz: “Seria uma pena e um desperdício deixar uma única criança de fora, se ela quer participar do Escolar, com seus colegas!”. Em 2003, participaram do evento efetivamente 1231 jogadores e 1589 inscritos, com 44 municípios representados.

Petropolis-RJ O projeto começou a ser implementado de forma experimental no segundo semestre de 2001. Diante dos resultados, decidiu-se que o projeto continuaria em 2002 sendo definidas cinco escolas como sedes onde o projeto piloto seria realizado em pontos diferentes da cidade. O trabalho teve uma grande aceitação por parte dos alunos, direção, professores e pais, e isso tem servido como aliado no desenvolvimento mental e psico-pedagógico dos alunos. Quase 400 crianças aprenderam a jogar xadrez no ano de 2002 e a perspectiva para 2003 é que este número passe dos 550.

Xadrez nas Escolas em Minas Gerais Este projeto foi lançado em 2003. Na primeira fase do projeto estarão sendo atendidas cinquenta escolas indicadas pela Secretaria de Educação, beneficiando aproximadamente a 25 mil alunos do ensino fundamental e médio. O projeto visa contribuir principalmente para a formação intelectual e autodisciplinar dos alunos, levando-os a adquirir as seguintes habilidades: raciocínio lógico, estratégico e matemático, capacidade de concentração, habilidades de observação, reflexão e análise, hábitos necessários a tomada de decisões, criatividade e imaginação. A Federação Mineira de Xadrez está capacitando 150 professores das escolas indicadas pela secretaria de Educação. O curso visa instruir os mesmos quanto a didática do xadrez. Este pode ser o início de uma nova era do xadrez mineiro. A implantação do xadrez escolar é de grande importância para o desenvolvimento deste esporte em Minas Gerais. Neste sentido, o Secretário de Esportes de MG, João Leite tem enfatizado a questão da inclusão social como sendo parte do projeto. “Essa é uma contribuição do Governo do Estado para com a saúde mental e segurança física do jovem mineiro. Estamos disputando nossos jovens com o tráfico e a violência. Precisávamos de algo que os incentivassem a procurar outros caminhos. Além de propiciar esse novo caminho, o Xadrez se torna uma ferramenta para o desenvolvimento intelectual e um salto para a qualidade de vida desses jovens”, explica o

Secretário. Os 500 primeiros tabuleiros a serem utilizados nessa etapa do projeto, foram confeccionados pelos alunos da Oficina Escola, outra realização da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social e Esportes.”A escola e o aprendizado devem ser prazerosos. Estamos então investindo num processo lúdico de aprendizagem”, finaliza Maria Eliana Novaes. Em 2004, foram entregues 100 certificados de conclusão do curso de instrutor de Xadrez para os professores de 24 núcleos do Curumim e do programa Segundo Tempo. Um total de 4.600 crianças estão tendo acesso a este esporte que é o xadrez.

Mato Grosso do Sul – 2004 O Campeonato Estadual de Menores da Federação Sul-matogrossense de Xadrez realizado nos dias 03 e 04 de Abril, na biblioteca da MACE em Campo Grande foi disputados nas categorias Sub 14, 12, 10 e 08 anos. A participação de 129 enxadristas pré-selecionados em seis torneios classificatórios para o Estadual de Menores que contou com a presença de quatro campeões brasileiros mostra a força do xadrez Sul-matogrossense em sua articulação e organização. Antes, no dia 22 de março, diretores de 40 escolas estaduais de Campo Grande receberam numa solenidade na Secretaria de Estado de Educação-SED, os kits de xadrez que seriam utilizados para a prática do esporte entre 4.800 alunos de 5ª a 8ª séries. O projeto Xadrez nas Escolas é executado em parceria entre a SED, a Fundação de Desporto e Lazer- Fundesporte e a Federação Sul-matogrossense de Xadrez-FESMAX, em parceria com o Ministério dos Esportes e o Ministério da Educação. Orlando Silvestre, como presidente do xadrez Sul-matogrossense, apresentou relatório da FESMAX ao ministro Agnelo Queiroz durante o jantar do Encontro Nacional de Gestores de Esporte e Lazer, realizado em Campo Grande nos dias 16 e 17 de fevereiro. Além das atividades normais da FESMAX que realizou, participou ou fez a parte técnica de 120 eventos no ano de 2003, Orlando Silvestre aproveitou a oportunidade e discutiu as experiências do Mato Grosso do Sul que desenvolve o Projeto Cuca Legal desde 1988 e que já atingiu 350 escolas públicas, hoje denominado Xadrez nas Escolas.

Batatais-SP – V Campeonato Brasileiro de Xadrez Escolar Entre os dias 22 e 24 de Agosto de 2003, foi realizado na cidade de Batatais o “V Campeonato Brasileiro de Xadrez Escolar” que teve a participação de mais de 600 estudantes-enxadristas, representando 15 estados brasileiros. Antes deste evento, o instrutor internacional de xadrez escolar, Prof. Gérson Peres Batista, de São Sebastião do Paraíso-MG, ministrou no dia 22 de fevereiro em Batatais, interior de São Paulo, curso de capacitação de professores. Batatais está implantando neste ano um abrangente projeto de xadrez nas escolas que vai atender cerca de 3.000 estudantes. Dos enxadristas que fizeram o curso, onze deles serão selecionados para darem aulas nas diversas instituições de ensino que abrigarão o projeto.

Petrolina - PE Em 2001 este Município deu um importante passo no sentido de ampliar a opção de atividades oferecidas aos estudantes da rede pública de ensino. No dia 3 de dezembro, o prefeito Fernando Bezerra Coelho sancionou o projeto de lei que levará o xadrez a 10 escolas do município no ano de 2002. As aulas serão ministradas pelos professores das disciplinas regulares e levadas como atividade opcional durante a aula de educação física. A capacitação dos professores será feita através de curso prévio, através de enxadrista local ainda a ser convidado pela Prefeitura.

Pacatuba-CE A mais recente vitória obtida pelos amantes do xadrez cearense foi a aprovação, pela Câmara Municipal de Pacatuba, do Projeto de Lei 005/02, que instituiu o ensino de xadrez nas escolas públicas deste município, fato inédito no Estado do Ceará. O projeto foi uma iniciativa do vereador Edileno Matos-PT, que contou com a assessoria do Clube de Xadrez de Pacatuba-CXP para estruturar a fundamentação. Após a lei ser sancionada pelo prefeito Célio Rodrigues, a Secretaria de Educação do Município indicará 10 escolas da sede e dos distritos de Monguba, Pavuna e Conjunto Jereissati II e III para a introdução do ensino do xadrez em caráter experimental. Em seguida, a novidade será levada às demais unidades escolares do município.

Jaguaré-ES Este Município está encampando uma nova bandeira na luta por melhor qualidade de ensino. Na verdade não é tão nova, mas no Brasil, em especial no norte capixaba, é algo que ainda encontra-se na sua gênese e que, com certeza, está chegando para conquistar seu espaço em definitivo.

Trata-se do xadrez escolar, uma mania internacional que já conquistou o sul do país – região com o mais elevado sistema educacional do Brasil. O pioneirismo fica por conta da escola Porta do Sol, uma cooperativa educacional de Jaguaré que, há dois anos introduziu a prática do xadrez como recreação. “Já tínhamos o Clube da Matemática, por que não o Clube do Xadrez?”, comenta a diretora Nete. Mas a Secretaria de Educação merece todos os aplausos, pois foi quem realmente investiu forte no xadrez escolar. Para os professores do curso deste ano, a Secretaria de Educação do município contratou um monitor especificamente para a realização de um curso básico de xadrez para mestres de 1ª a 8ª séries. A Escola Comunitária já está desenvolvendo projeto na área e hoje o número de enxadristas já subiu para mais de 150 alunos.

Itaú de Minas-MG Em 2003 este Município iniciou seu projeto de implantação do xadrez nas escolas e nos próximos meses pretende expandi-lo, atingindo todos os estabelecimentos de ensino municipal, que têm cerca de 4.200 alunos.

Quixadá-CE Em 2003 foi lançado por este Município (a 168 quilômetros de Fortaleza) o projeto Xadrez nas Escolas. Serão beneficiadas crianças do ensino fundamental a partir de oito anos de idade (Do jornal “O Povo”, 19/4/2003).

Itaúna-MG O Prof. Marcus do Projeto Itaúna, que está em seu terceiro ano de implantação, já ensinou em 2003 as noções básicas do xadrez para mais de 800 alunos. O trabalho atingiu, direta e indiretamente, cerca de 4.000 crianças e adolescentes que têm suas aulas na Escola Municipal Augusto Gonçalves, na Praça de Esportes e no Cepex – Centro de Estudo e Pesquisa do Xadrez. Até maio de 2004 serão implantados mais quatorze núcleos de xadrez nas escolas da rede estadual do município. Os responsáveis pela iniciativa também estão lançando para todo o estado o kit de xadrez, que abrange: Fita de vídeo “Abra uma janela para a sua sabedoria”; Cartilha enxadrística: A gramática adaptada para o jogo de xadrez, além de outras disciplinas.

Santa Maria-RS A Escola Estadual de Ensino Médio Professora Maria Rocha, de Santa Maria, Rio Grande do Sul, desenvolve um projeto de xadrez há vinte anos, onde o aluno aprende as noções básicas do jogo. Para os alunos impedidos da prática da Educação Física, devido aos atestados médicos apresentados e que os impossibilitam de frequentar as atividades propostas, e pelos trabalhos teóricos solicitados que não atingiam os objetivos almejados, foi criada a turma de xadrez para absorver este educando numa prática sadia e que tem um retorno para seu aprendizado na escola. A Escola Maria Rocha trabalha com aproximadamente dois mil alunos nos três turnos, com cursos profissionalizantes em informática, secretariado, contabilidade, curso básico em laboratório e ensino médio na preparação para o vestibular.

Imperatriz-MA Os Jogos Escolares de Imperatriz (JEIs), realizados quase ininterruptamente desde a metade dos anos 1970, foram os grandes indutores dos esportes escolares no município. O xadrez faz parte dessa competição desde a primeira edição dos JEIs, apesar do pequeno número de inscritos e da pequena expressão que essa modalidade tinha a até bem poucos anos. A partir da fundação do Clube de Xadrez de Imperatriz, em 1998, iniciou-se um processo de divulgação e incentivo ao xadrez nas escolas, fazendo com que em apenas dois anos a competição escolar de xadrez tivesse aproximadamente cem participantes – quase todos de escolas particulares. Neste ano de 2003, o Governo Municipal assumiu o “Projeto de Xadrez nas Escolas”, elaborado e apresentado pelo CXI à Superintendência dos Esportes e do Lazer (Sudel). Esse projeto, coordenado pelo Clube, visa disseminar o xadrez na rede de escolas municipais (cerca de 52.000 alunos em mais de cem escolas), criar pólos de xadrez escolar e fazer treinamento individualizado com os que mais se destacarem. É objetivo da Sudel ter no mínimo 100 enxadristas das escolas municipais disputando os Jogos Escolares de Imperatriz em 2002.

Jogos Estudantis Brasileiros-JEBs Esta competição foi extinta na década de 1990 mas hoje está sendo recuperada por outra versão que pode trazer de volta um dos bons projetos de xadrez na escola. De fato, os JEBs já foram uma interessante e ansiada prova para jovens valores em idade escolar competirem, em nível nacional. Basta ilustrar que muitos dos melhores jogadores do país, com idade inferior a 18 anos, em cada ano, já competiram nesse torneio. Alguns desses, vindos do Rio de Janeiro, eram o GM Darcy Lima, o atual bi-campeão estadual Diego Berardino e valores de enorme talento com Francisco

Sampaio, Hermes Amílcar Machado Jr. e o já falecido José Soares Másculo. De São Paulo, cito o GM Gilberto Milos, o Mis Jefferson Pelikian e Marcos Paolozzi. Como era um evento valorizado, motivava as federações estaduais ou outros órgãos, como secretarias de esporte ou educação a organizarem melhor o movimento em torno do xadrez escolar. Hoje, com a perda de importância dos JEBs a valorização incide nos Campeonatos Brasileiros de Idade (que levam aos respectivos Mundiais, com viagens internacionais) e dos Brasileiros Escolares (idem), realizados independentemente dentro do calendário da CBX.

Federação Paulista de Xadrez-FPX no xadrez de base, 2001- 2004 Em 5 de maio de 2004, deu-se início às Oficinas de Xadrez no Projeto Mais Esporte da Secretaria de Esportes da Prefeitura Municipal de São Paulo. Serão 4320 horas aula de xadrez durante o primeiro ano de projeto. Trinta núcleos, inicialmente fazem parte do projeto, dos 89 existentes. Dezesete monitores capacitados pela equipe da FPX estão ministrando oficinas. Todos os núcleos estão com livros (foi editado o livro XEQUE-MATE personalizado para este projeto), peças e murais disponíveis. Este projeto tem como principal objetivo tirar as crianças das ruas no horário que não estão nas escolas. Nos dias 26 e 27/04 foi realizado no SESC Itaquera um curso de capacitação de professores em xadrez, organizado pelo SESC Itaquera em parceria com a Federação Paulista de Xadrez. O curso foi ministrado pelo professor Luiz Loureiro, com carga horária total de 16 horas e com 57 participantes. Uma portaria conjunta da Secretaria da Juventude, Esporte e Lazer e Secretaria da Educação, atesta que na Olimpíada Colegial de 2003, o xadrez se faz presente entre 7 modalidades. FPX capacita mais 58 professores da rede escolar municipal de Americana (James de Toledo e Luiz Loureiro – fevereiro). O primeiro curso de capacitação de professores foi realizado em março de 1995 (Luiz Ruppel e Rodrigo Disconzi), o segundo para professores da rede estadual foi ministrado em março de 1997 (James Mann de Toledo e Juliana Kamada Toledo).

Números do xadrez na escola Somando os números acima apresentados, mas somente nos indicadores mais seguros (ou seja, aqueles derivados dos projetos em andamento ou já encerrados e com “contabilidade demonstrada”) vamos nos aproximar de 55 mil estudantes assumindo xadrez, seja em sala de aula, seja em competição. Adverte-se mais uma vez que a listagem compilada foi um mostruário do que se passa no país, estando ainda bem longe de representar sequer um esboço de “censo” do xadrez escolar no Brasil. Por isso, este total tentativo é mínimo, desde que os números verdadeiros vão bem além desse montante. Quiçá, a cifra real aponte para um quantitativo próximo a 100 mil alunos de xadrez no país, ao ano, em projetos oficiais e particulares. Os projetos lançados em vários estados do Brasil, até com suporte federal, mas ainda não implantados e que somente têm a oferecer suas próprias projeções numéricas de público-alvo (ou, digamos, desejos prévios de “auto-sucesso”) não foram contabilizados na soma acima. Tais projetos apresentam seus objetivos numa escala elevada, como o Xadrez nas Escolas, de Minas Gerais, que antecipa agregar 25 mil alunos; não obstante a forte impressão causada, esse é um número que empalidece diante dos vinculados ao Projeto Nacional de Xadrez , a ser bancado e gerido através do Ministério do Esporte, que propõe abordar até 600 mil crianças e jovens nas escolas e comunidades carentes. Mesmo o de Batatais, com seus aparentes modestos 3 mil alunos, acaba revelando-se um objetivo desafiador de ser atingido, em vista da população escolar da cidade e da população total da própria cidade. De modo semelhante, encontramos Itaúna-MG, com seus prognosticados 4.200 alunos a serem convincentemente abordados. É óbvio que se pressupõe que todos os dados coletados em fontes “assumidas” e oficiais são fidedignos.

O presidente da Federação Paulista de Xadrez, José Alberto Ferreira dos Santos, estima que cerca de 1,5% dos alunos do ensino elementar e secundário do país tenham algum envolvimento com projetos de Xadrez na escola e que há algo como 3000 professores do sistema escolar do estado de SP usando o Xadrez como parte de suas atividades adicionais e ensino. Além disso, ele computa que entre 12 e 15 mil jovens participam de torneios no estado a cada ano, um número superado talvez apenas pelas modalidades de Futsal e Atletismo. Como há no Brasil, segundo levantamento do ano de 1996, cerca de 33.130.000 estudantes no nível elementar e mais 5.740.000 de outros no nível médio, com o total de 43.870.000, o percentual de 1,5 implica que cerca 650 mil crianças e jovens estudantes, em todo o país, sejam em escolas públicas ou privadas, tem contato e praticam xadrez. À primeira análise, esses algarismos podem parecer “demais” para

lidar e assimilar, já que temos que recordar que o Brasil peca por grandes desequilíbrios e que toda ação em pró do Xadrez Escolar é muito recente e que conta raramente com o apoio articulado da mídia. Contudo, já que o expediente diário da federação funciona como uma caixa de ressonância da mobilização intensa de escolas e grupos de comunidade do estado, requisitando serviços e material (“kits”), pedindo orientação, comunicando eventos e promoções localizadas por todo São Paulo e buscando informações de toda a ordem sobre xadrez, num ritmo, às vezes ininterrupto de quase um “call-center” ou escritório central de uma grande empresa, o presidente Ferreira dos Santos tem um “termômetro” interno que funciona como bom indicador da procura geral, e por ele tem como medir esse impulso tão intenso quão positivo do xadrez escolar que se vive hoje no país.

Números do xadrez no mundo e no Brasil A FIDE , órgão de direção central do xadrez no mundo, tem relacionados cerca de 52 mil jogadores com “Rating ELO” (ou “Rating FIDE” – uma indicação numérica da força técnica do jogador, de seu desempenho em competições oficiais e de seu posicionamento relativo no ranking internacional) oriundos dos mais de 150 países-membros filiados. A lista começa “em cima”, com o atual (e nos últimos 19 anos) número 1, Garry Kasparov, com seus “2817 pontos ELO” e “desce”, pelo critério vigente, até os portadores de graduação com o mínimo de 1800 “pontos ELO”. Na antiga União Soviética (desfeita no início dos anos 1990), os números que eram reportados pela federação, de fato, um órgão do governo, atingiam níveis astronômicos, como naturalmente quase tudo que provinha daquela gigantesca, forçada e artificial associação de países . Assim, numa população total de cerca de 280 milhões de habitantes, conforme a federação, os torneios reunindo jovens escolares mobilizavam uns três milhões crianças. E havia a estimativa de que uns 10% de toda a população era dedicada à prática do jogo, seja em provas oficiais ou na relação social. Isso produziria uma massa de jogadores de mais de quase 60 milhões de jogadores, no fim dos anos 1980. Na continuidade da estatística chamava a atenção os quase 4 mil instrutores profissionais (treinadores) mantidos pelo Estado, encarregados de difundir o xadrez, selecionar e treinar os maiores talentos precoces descobertos, além de competir. Contudo, depois da derrocada do modelo da URSS e com o desmembramento das Repúblicas e sua renovada independência, muitos que estiveram intimamente ligados ao “sistema” comentaram que esses números eram inflacionados, tanto para impressionar o público interno e o do Ocidente, quanto para justificar certos gastos com a manutenção da estrutura de suporte ao xadrez. Entre esses críticos, encontrava-se nada menos do que Garry Kasparov, justamente o último campeão mundial de xadrez oriundo da URSS. Kasparov, nascido em Baku, no Azerbaijão, de mãe armênia, dizia que os números eram artificialmente elevados por razões de interesse do Estado vigente e que ele duvidava da exatidão deles porque nem a federação sabia quantos jogadores estavam de fato federados ou associados (através de sindicatos, escolas, Forças Armadas, clubes, etc.) ao movimento do xadrez. Ele apenas tem clara convicção de “milhões de pessoas” jogam xadrez hoje na Rússia e nos países que integravam a antiga URSS, como faziam antes, mas não pode precisar quantos. A estrutura anterior, contudo, com seus milhares de instrutores contratados e subvencionados pelo estado, não existe mais e o xadrez na ex-URSS depende mais de patrocínios privados, ainda que continue contando com suporte dos governos.

A Federação Americana de Xadrez-USCF aproxima-se dos 100 mil atletas filiados. Como os EUA (Estados Unidos da América) têm uma população de pouco mais 271 milhões de pessoas (números de 1997), os jogadores oficialmente registrados na USCF representam algo como 0,036 % da população total norte-americana. Na Espanha, cuja população no ano de 1997 se aproximava dos 40 milhões de habitantes, o número de jogadores federados ronda os 30.000 e de pessoas que o praticam se estima em 300.000, conforme afirma o próprio presidente da Federação Espanhola de Xadrez, o MI Javier Ochoa de Echagüem. Disso resulta que 0,075% dos espanhóis jogam xadrez, um índice percentual bastante alto, mas que não nos deve surpreender quando recordamos que a Espanha foi a porta de entrada do Shatranj na Europa (vide cronologia histórica neste capítulo) e que sempre considerou o jogo como um bem cultural valioso. Echagüem acredita que algo como 100 milhões de pessoas em todo o mundo conhecem e jogam xadrez.

No Brasil, com cerca de 172 milhões de habitantes (2004) e se lista um total de pouco mais 7 mil jogadores com rating local na CBX, o

percentual da população do país oficialmente engajada em eventos do órgão central é de 0,004% (4 milésimos de um por cento). Desse total, somente 542 jogadores ostentam, no presente, o rating internacional da FIDE. A maior e mais estruturada Federação regional do país, a de São Paulo (FPX), tem pouco mais de 5 mil jogadores federados, oriundos de 37 clubes em pleno funcionamento no presente ano (2004). Observe-se que há uma possível incongruência ao contrastar essas duas últimas cifras: 7 mil da CBX e 5 mil da FPX. E não se está comparando, pois a natureza dos registros é diferente. Assim, as duas listas não implica, por exemplo, que todo federado de São Paulo esteja incluído na lista da CBX, pois se fosse assim, teríamos apenas mais 2000 jogadores “oficiais” no restante do país, o que não bate com a soma total dos jogadores de todas das federações, que ultrapassa os 7 mil. O fato que motiva essa ilusória incoerência é saber que muitos que fazem parte da federação local, não participam de provas nacionais ou provas regionais organizadas ou patrocinadas e reconhecidas pelo órgão central (CBX) e, assim, não são incluídos na lista de rating CBX. Ou seja, nesse caso da organização esportiva do xadrez (como em outros esportes, como se verifica neste Atlas), a soma das partes será sempre maior que o todo. Nos grandes clubes esportivos e recreativos da capital paulista há um número de jogadores que visitam os departamentos de xadrez que ascende às centenas e, acompanhando o fenômeno descrito acima entre os números nacionais e os paulistas, muitos desses jogadores não são federados no órgão regional (FPX). Assim, por exemplo, segundo a estimativa do técnico responsável pela modalidade, o MI James Mann de Toledo, no Círculo Militar de São Paulo há cerca de 200 pessoas que frequentam o salão de xadrez, dos quais uns 70 competem representando o clube e outros tantos participam das atividades programadas. James estima também que o número possa chegar à 300 no caso do Clube Atlético Paulistano e até umas 500 pessoas na Hebraica, outros dois dos maiores e bem gerenciados clubes sociais da cidade. E o Clube de Xadrez São Paulo, exclusivo de xadrez, teria pouco mais de 300 sócios, conforme avalia o citado MI. Outra profissional conceituada, Juliana Kamada de Toledo, responsável pelo departamento de xadrez no Tênis Clube Paulista, deduziu que 2% dos sócios do seu clube curtem xadrez. Os Jogos Abertos do Interior de São Paulo, em sua última edição realizada na cidade de Santos, em outubro de 2003, recebeu uns 250 enxadristas competindo em várias das modalidades (Primeira Divisão, Segunda Divisão, Feminino, Sub-21 Masculino, Sub-21 Feminino), sempre em equipes, representando cerca de 30 cidades do estado, exceto a capital. Estima-se que quase metade desses competidores não disputa outras provas oficiais de xadrez constantes do calendário anual, seja da FPX , seja da CBX. Nos Jogos Regionais, um evento classificatório para os Abertos, cerca de 120 cidades disputam no xadrez, às vezes em até 4 categorias. O número total de atletas que competem assim nas várias sub-regiões chega a próximo de 1 mil. Nesse caso, uma cota percentual ainda maior é de jogadores que apenas jogam informalmente em suas respectivas cidades, que inclusive prescindem de campeonatos para apontar o seu respectivo campeão municipal!?. Ou seja, falta mais organização formal e oficialmente vinculada à estrutura de representação esportiva do jogo no nível celular da cidade menor e típica do interior.

No estado do Rio de Janeiro, a federação local (FEXERJ) conta com cerca 700 atletas inscritos em sua lista de rating e com 14 clubes (ou departamentos) de xadrez, dos quais a metade deles está sediada no interior, fora da capital. A temporada de torneios 2003 da FEXERJ viu a realização de 56 provas oficiais, com o total de 110 eventos para cálculo de rating local. Ao que se estima, foi a temporada com maior número de competições na história da FEXERJ. Aqui, também vemos um certo contraste na lógica dos números: o número de eventos (56 e 110) parece grande demais para o total de listados com rating (700). A explicação também é a mesma: a base de participação é bem maior que listagens oficiais.

Por sinal, antes de mesmo de prosseguirmos com mais dados sobre o mundo visível, oficial e mensurável do xadrez, ou nos aprofundarmos em nossa interpretação mais fundamentada sobre eles, cabe revelar um meio de estimar o lado oculto ou não manifesto (ou não organizado e sem voz) dessa outra parte do mundo do xadrez, menos visível, informal e problemático de contar em números. Ela é formulada sobre a experiência direta e a vivência de veteranos, embora seja precária, parcial e “auto-interessada”. Ela se baseia num “salto de dez” progressivo, do mais conhecido para o menos conhecido. Assim, para cada jogador que está filiado a um clube ou departamento de xadrez, ou registrado de algum modo oficialmente numa federação ou confederação, ou mesmo num

órgão mundial, haveria 10 outros jogadores com as mesmas possibilidades ou condições, mas que preferem apenas frequentar o clube e estudar um pouco, ou jogar amistosamente ou comparecer a um torneio apenas para assisti-lo, mas não tomar parte, ou que “meramente” disputa partidas informais, campeonatos internos ou mesmo o “ping” diário com rivais regulares e nada mais. E, então, além desses e para cada um deles, haveria outros 10 que apenas jogam em casa, na família, com um filho ou pai ou outro parente, ou que têm um amigo e parceiro regular com o qual mantém “rachas” programados e infundáveis, ou que joga apenas pela Internet ou que têm alguma literatura de aceitável nível técnico e estudam ocasionalmente para tentar decifrar algum dos segredos desse jogo tão enigmático. Nessas esquematizações, sabemos que lidamos com projeções algo utópicas, pois escamoteamos o inescapável: eliminamos as reais barreiras econômicas, sociais e culturais que marcam o país e, assim, anulamos as limitações de toda ordem das pessoas que, em potencial, poderiam também integrar essa cadeia progressiva acessando e usufruindo um bem cultural como xadrez. Assim, se usássemos a base da FPX, começando com quase 5 mil jogadores oficialmente federados, teríamos 50 mil em todo o estado de São Paulo, que poderiam estar oficialmente vinculados à federação e, por várias razões, não o fazem. E, então, teríamos 500 mil “jogadores gerais”: aqueles que conhecem o jogo, o praticam regularmente no seu nível de interesse e ambiente e dentro de suas possibilidades e gostam de fazê-lo assim, mesmo que conhecendo ou desconhecendo outras formas de engajamento. Essa mesma abordagem poderia ser empregada nos estados do sul do país (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná), nos quais a imigração, assim como em São Paulo, exerceu e ainda exerce uma forte influência positiva na simpatia e difusão do xadrez, contribuindo para validar essa ampliação 10 x 10.

Nos estados intermediários, como Rio de Janeiro e Minas Gerais, talvez seja indicado reduzir o fator de “crescimento presumido” para 7,5 x 7,5 ou 5 x 5 e nos demais estados da federação, salvo alguma condição específica marcante, talvez reduzir ainda mais para 2,5 x 2,5, devido às condições gerais serem muito menos favoráveis do que no sul do país e, especialmente, no estado de São Paulo. Mesmo assim, ressalve-se que experiências isoladas (por exemplo, o Projeto Cuca Esperta, concretizado na cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 1989 e 1991, relatado anteriormente) indicam que programas de ensino do jogo realizados sobre uma ampla base da população (notadamente a escolar) podem eliminar tais desvantagens e oferecer uma oportunidade de aprendizado e engajamento cultural e social, ainda mais se voltado para as crianças, da mesma forma que nos estados de melhor estrutura e condições. Voltando-se então para as estimativas, como o Rio de Janeiro tem cerca de 700 jogadores registrados no rating local, em alguma modalidade de disputa, outros 5.250 jogadores (no caso de usarmos o “índice oculto” como 7,5) ou 3.500 (se ficássemos com índice 5) formariam um contingente de jogadores com potencial de se federar e, por vez, teríamos algo como entre 39.375 e 17.500 jogadores “sociais” no estado. Em Minas Gerais,

com seus pouco mais de 1.000 atletas indexados na federação local (1011, para ser exato), haveria entre 7.500 e 5.000 outros competidores “dormentes” e algo como entre 56.250 e 25.000 jogadores “discretos”, que competem fora dos círculos organizados.

Adiante lista-se o número de jogadores que cada federação registra oficialmente como constante da relação do Rating local, em alguma das três modalidades abrangidas: Xadrez Clássico, Rápido ou Relâmpago (ou “Blitz”). Indica-se sempre, em cada caso, o número mais elevado de cada Rating e com eles poderemos completar um levantamento direto do total de jogadores engajados na prática regular e formal do xadrez no Brasil: Bahia – 1.726 (1.726); Distrito Federal – 1.136 (2.862); Espírito Santo – 191 (3.998); Goiás – 1.684 (5.134); Maranhão – 117 (5.251); Mato Grosso – 19 (5.270); Mato Grosso do Sul – 1.520 (6.790); Minas Gerais – 1.011 (8.310); Paraná – 2.855 (11.165); Pernambuco – 183 (11.348); Piauí – 130 (11.478); Rio de Janeiro – 700 (12.178); Rio Grande do Sul – 122 (12.300); Santa Catarina – 2.173 (14.473); São Paulo – 5.066 (19.539). Total: 19.539 jogadores. Os dados foram colhidos nos respectivos sites de cada federação, exceto os do Distrito Federal e Maranhão, que estavam indisponíveis nos dias consultados. Diante disso, as informações foram obtidas através do site do Brasília Clube de Xadrez (DF) e do Clube de Xadrez de Imperatriz (MA), em cada caso. Os números elevados e surpreendentes em estados como o Mato Grosso do Sul e Goiás são provavelmente o resultado de programas de massificação e ensino escolar do xadrez realizados por ambas federações em anos recentes, seguido de rápida filiação dos novos jogadores. O baixíssimo número de atletas registrados na federação do Rio Grande do Sul – apenas 122 – sugere haver alguma falha de contagem.

Nas demais 12 unidades da República, os sites das respectivas Federações locais ou não foram ainda criados ou não estavam disponíveis e ativos nos vários dias em que foram consultados. Isso ocorreu com os estados do Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Ceará, Pará, Paraíba, Rio Grande do Norte, Rondônia e Sergipe, além dos dois citados acima (DF e MA). No site da própria Confederação (CBX) estão listados apenas 23 endereços eletrônicos das federações regionais, mas muitos com os links inoperantes ou inexistentes, condição verificada em vários dias de consulta. Isso nos leva a uma perda na estatística geral que seria composta com os dados oriundos desses estados, alguns dos quais com certa tradição na história do xadrez brasileiro, como o Ceará. Porém, como são estados com crônicas dificuldades logísticas e administrativas, o número de atletas oficiais a estarem registrados nas federações estaduais de xadrez é provavelmente baixo. Seguindo o critério do Atlas de se adotar estimativas provisórias que implicam em revisões sucessivas, poderíamos projetar uma média máxima de 100 atletas, por estado, no grupo indicado acima. Deste modo, teríamos que crescer um subtotal de mais 1000 jogadores ao número anterior, resultado da soma dos 15 estados apurados. Assim, finalmente, teríamos 20.539 enxadristas estimados e ligados ao ambiente do jogo de xadrez no Brasil através da vinculação a uma forma qualquer da estrutura esportiva oficial (federações e

confederação) em nível estadual, pelo menos. Outra ordem de grandeza a ser assumida também provisoriamente soma cerca de 200 mil no máximo (multiplicando por 10, na primeira projeção) e no mínimo umas 100 mil (multiplicando por 5) pessoas poderiam estar também praticando xadrez de modo mais engajado e oficial no país, via clubes e federações. E, por vez, o máximo de 2 milhões (multiplicando por 10, na segunda projeção) e o mínimo de 1 milhão de pessoas (multiplicando por 5) conheceriam o jogo e seriam jogadores ocasionais de xadrez no Brasil. Levando-se em conta as diferenças entre as várias regiões do país, pode-se usar fatores de multiplicação mais comedidos e modestos, algo como 8 na primeira projeção e 4 na segunda, o que nos leva aos números da seguinte escala: uns 165 mil (20.539 x 8) podendo fazer parte da organização oficial do jogo e uns 660 mil (165 mil x 4) também conhecendo e divertindo-se socialmente com ele. Esse último valor já representaria 0,38% da atual população do país de 172 milhões de habitantes. São estimativas de ponto de partida para estudos, levantamentos e censos mais precisos pois faltam nelas dados do Xadrez Escolar, atividade hoje de grande porte no país.

Fontes Murray, H.J.R. – *A History of Chess* – Cambridge, Inglaterra 1913 (reimpressão Benjamin Press – Massachusetts, EUA); Saily, A. & Lessing, N. – *The World of Chess* – Londres, Inglaterra – The Ridge Press, 1974; Golombek, H. – *A History of Chess* – Londres, Inglaterra – Routledge & Kegan Paul, 1976; Maura, V.M. – *Evolucion del Ajedrez* – Madrid, Espanha – Ricardo Aguilera, Editor, 1980; Dextreit, J. & Engel, N. – *Jeu d'Echecs et Sciences Humaines* – Paris, França – Payot, 1981; Eales, R. – *The History of a Game* – Londres, Inglaterra – Facts on File Publication, 1985; Finkenzeller, R. & Ziehr, W. & Bühler – *Le Grand Livres des Échecs – 2000 Ans d'Histoire* – Paris, França – La Bibliothèque des Arts, 1989; Fauber, R.E. – *The Impact of Genius* – Seattle – EUA – International Chess Enterprises, 1992; Fox, M. & James, R. – *The Even More Complete Chess Addict* – Londres, Inglaterra – Faber and Faber, 1993; Gordon, S.W. – *Henrique Mecking, Latin Chess Genius* – Iowa, EUA – Thinkers' Press, 1993; Linder, I.M. – *The Art of Chess Pieces* – Moscou, Rússia – “H.G.S.” Publishers, 1994; Hooper, D. & Whyld, K. – *The Oxford Companion to Chess* – (Segunda Edição) – Oxford, Inglaterra, 1996; Li, D.H. – *The Genealogy of Chess* – Bethesda – EUA – Premier Publishing, 1998; Filguth, R. A. Mequinho: O Perfil de um Gênio – Curitiba, Brasil – Editora Promochess, 1983; Vasconcellos, F.A. – Apontamentos para uma História do Xadrez & 125 Partidas Brillhantes – Brasília (DF), Brasil – Da Anta Casa Editora, 1991; Costa, W. – Epopéia do Campeonato Brasileiro de Xadrez – volume I (1927-1958) – Rio de Janeiro, Brasil – autor, 1993; Costa, W. – Epopéia do Campeonato Brasileiro de Xadrez – volume II (1959-1993) – Rio de Janeiro, Brasil – autor, 1994; Chaves, J. A. T. – Site Xadrez no Rio de Janeiro – Linha do Tempo – www.jogandoxadrez.hpg.ig.com.br/memotemp.htm – Última data de atualização: 23/02/2001; Loureiro, L – O que é o Xadrez? – Rio de Janeiro, Brasil – Autor & Site da FPX, 2001; Loureiro, L – Enxadrista também é gente! – Rio de Janeiro, Brasil – Autor & Site da FPX, 2002; Ferreira dos Santos, J.A. – Entrevista ao Autor – São Paulo, Brasil – 2004.

Campeões Brasileiros de Xadrez

1925 João de Souza Mendes-RJ	1951 Eugênio Maciel German-MG	1969 Antônio Rocha-SP	1986 Gilberto Milos Junior-SP
1928 João de Souza Mendes-RJ	1952 Flávio de Carvalho Junior-SP	1970 Herman Claudius Van Riemsdijk-SP	1987 Carlos Eduardo Gouveia-RJ
1929 João de Souza Mendes-RJ	1953 Walter Oswaldo Cruz-RJ	1971 José Pinto Paiva-BA	1988 Herman Claudius Van Riemsdijk-SP
1930 João de Souza Mendes-RJ	1954 João de Souza Mendes-RJ	1972 Eugênio Maciel German-MG	1989 Gilberto Milos Junior-SP
1932 Orlando Rôças-RJ	1955 Não houve campeonato	1973 Herman Claudius Van Riemsdijk-SP	1990 Roberto Watanabe-SP
1933 Orlando Rôças-RJ	1956 José Thiago Mangini-RJ	1974 Alexandre Sorin Segal e Márcio do Carmo Miranda-SP/RJ	1991 Everaldo Matsura-SC
1935 Pompeu Accioli Borges-RJ	1957 Luiz Tavares-PE	1975 Carlos Eduardo Gouveia –RJ	1992 Darcy Gustavo Machado Vieira Lima-RJ
1938 Walter Oswaldo Cruz-RJ	1958 João De Souza Mendes-RJ	1976 Jaime Sunyé Neto-PR	1993 Aron Antunes Corrêa-SP
1939 Octávio Figueira Trompowsky-RJ	1959 Olício Gadia-SP	1977 Jaime Sunyé Neto-PR	1994 Gilberto Milos Junior-SP
1940 Walter Oswaldo Cruz-RJ	1960 Ronald Câmara-CE	1978 Alexandre Sorin Segal-SP	1995 Gilberto Milos Junior-SP
1941 Adhemar da Silva Rocha-RJ	1961 Ronald Câmara-CE	1979 Jaime Sunyé Neto-PR	1996 Rafael Leitão-SP
1942 Walter Oswaldo Cruz-RJ	1962 Olício Gadia-RJ	1980 Jaime Sunyé Neto-PR	1997 Rafael Leitão-SP
1943 João de Souza Mendes-RJ	1963 Helder Câmara-CE	1981 Jaime Sunyé Neto-PR	1998 Rafael Leitão-SP
1944 Orlando Rôças-RJ	1964 Antônio Rocha-DF	1982 Jaime Sunyé Neto-PR	1999 Giovanni Vescovi-SP
1947 Márcio Elísio de Freitas-RJ	1965 Henrique da Costa Mecking-RS	1983 Jaime Sunyé Neto e Marcos Paolozzi -PR/SP	2000 Giovanni Vescovi-SP
1948 Walter Oswaldo Cruz-RJ	1966 Pinto Paiva-SP	1984 Gilberto Milos Junior-SP	2001 Giovanni Vescovi -SP
1949 Walter Oswaldo Cruz-RJ	1967 Henrique da Costa Mecking-RS	1985 Gilberto Milos Junior-SP	2002 Darcy Gustavo Machado Vieira Lima -RJ
1950 José Thiago Mangini-RJ	1968 Helder Câmara-SP		2003 Darcy Gustavo Machado Vieira Lima -RJ
			2004 A ser disputado

Campeões mundiais absolutos de xadrez
Chess world champions

Steinitz, Wilhelm (1886-1894) – República Checa;
Lasker, Emanuel (1894-1921) – Alemanha;
Capablanca, José Raúl (1921-1942) – Cuba;
Alekhine, Alexander (1927-1935) – Rússia;
Euwe, Max (1935-1937) – Holanda;
Alekhine, Alexander (1937-1946) – Rússia;
Botvinnik, Mikhail (1948-1957) – Rússia / URSS;
Smyslov, Vassily (1957-1958) – Rússia / URSS;
Botvinnik, Mikhail (1958-1960) – Rússia / URSS;
Tal, Mikhail (1960-1961) – Letônia / URSS;
Botvinnik, Mikhail (1961-1963) – Rússia / URSS;
Petrosyan, Tigran (1963-1969) – Armênia / URSS;
Spassky, Boris (1969-1972) Rússia / URSS; Fischer,
Robert (1972-1975) – EUA;
Karpov, Anatoly (1975-1985) – Rússia / URSS;
Kasparov, Garry (1985-1993) – Azerbaijão / URSS.

Literatura e sites recomendados sobre iniciação ao xadrez e ao xadrez escolar
Books and sites on introductory chess and school chess

Viaje al Reyno del Ajedrez. Y. Awerbach & M. Beilin. Editorial Progreso, Moscou – URSS (1979) (em espanhol).

ABC do Xadrez . Petar Trifunovic. Editorial Presença – Lisboa – Portugal (1980)

Xadrez – Cartilha. Antônio Villar de Sá, Sandro H. Trindade, Antônio Bento Lima Filho, Adriano Valle de Sousa. CBX/MEC/SEDES – Brasília – DF – Brasil (1993)

Xadrez Primeiros Passos – Módulos I, II, III . Augusto Tirado & Wilson da Silva. Fundepar – Curitiba – PR – Brasil (1994)

The Complete Idiot's Guide to Chess. Patrick Wolff. Alfa Books – Macmillan – Indianapolis – EUA (1997) (em inglês).

Xadrez – Da Escola aos Primeiros Torneios. Volume I. Paulo Giusti – Editora Barcarola – SP – Brasil (1999).

Xeque-Mate – O Xadrez nas Escolas. Gilberto Milos Júnior & David D'Israel. Editora Adonis – SP – Brasil (2000)

Xadrez para Crianças. Regina Ribeiro & Fernanda de Souza Loth. Editora Todo – SC – Brasil (2003)

Iniciação ao Xadrez para Crianças. P. Castro & O.Pollan & C. Couba & Maria Girona. Editora Artmed – RS – Brasil (2003)

Xadrez para Crianças. P. Girona & O.Pollan & C. Comba & M. Girona & J. Casanova. Editora Artmed – RS – Brasil (2003)

Xadrez para Todos. J. Mann de Toledo & J. Kamada de Toledo. Editora Adonis – SP – Brasil (2003) OBS.: Em lançamento.

FIDE:www.fide.com; CBX:FPX:www.fpx.com.br; GM Gilberto Milos: www.milos.com.br;

Clube de Xadrez On-Line: Internet Xadrez Clube: www.ixc.com.br/welcome.php;

Centro de Excelência de Xadrez:

Brasília Clube de Xadrez: www.persocom.com.br/bcx;

Edami: ajedrez.educared.net;

Revistas brasileiras sobre xadrez, 1924 – 2003
Período circulação, título, localização por estado e redatores responsáveis

Brazilian magazines on chess, 1924 – 2003
Years of circulation, title, location per state and main editors

1924 Revista Brasileira de Xadrez – RJ
Marcello Kiss

1925–26 Xeque Mate – RJ
Luiz Viana e Deusdedit Pereira Travassos

1930–47 Xadrez Brasileiro – RJ
Francisco Vieira Agarez

1947–48 Xeque! – RJ
Edmundo Moreira de Mattos Ernesto de Carvalho

1931–50 Xadrez Cearense – CE
Gilberto Câmara

1952–54 Xadrez Carioca – RJ
Francisco de A. Rosa e Silva e Fernando A. Vasconcellos

1955–56 Xadrez – SP
Márcio Elísio de Freitas e Flávio de Carvalho Jr.

1966–67 Xadrez Nacional – RJ
Heitor Moutinho Ribas

1972–73 P4D – Revista de Xadrez – RJ
Paulo Marinho e Alfredo P. Santos

1975 Xadrez – CXSP – SP
Marcelo Lellis, Rubens Filguth e Sérgio Grise

1975 Revista Capablanca – SP
João Miguel

1978–82 Caissa – RJ
Waldemar Costa, Claude Fisch

1978–80 Xadrez – SP
Hélder Câmara

1983 En Passant – RJ
Nelson Lopez da Silva & Antônio de Oliveira Pinto

1983 Xeque ao Rei – SP
Eunice Arruda (Tiragem: 2000 exemplares)

1985 – 91 Preto e Branco – PR
Rubens Filguth

1986 Jogo Aberto – SP

Herman Claudius e Dirk Dagobert van Riemsdijk e Isabel Sampaio (Tiragem: 7.500 exemplares)

1991 Aventuras da Mente – RJ
Eduardo Arruda

1993 – 94 Revista Xadrez COOP (Órgão da CBX) – PR
Rodrigo Disconzi

1995 – 99 Xadrez Alternativo – PR
Rodrigo Disconzi

1995 – 98 Lance – Revista Brasileira de Xadrez – Brasília
Marcos M. Roland

1969 continua Revista Brasileira de Xadrez Postal – SP
Clube de Xadrez Epistolar Brasileiro

2003 continua Xadrez – PE
Marcos Asfora

Fonte / *source*: Listagem original de Rubens Alberto Filguth (2004) – Comunicação pessoal.

Henrique da Costa Mecking – Mequinho, Grande Mestre brasileiro de xadrez: uma breve história

Henrique da Costa Mecking, alias Mequinho, Brazilian chess Great Master: a brief story – Reference in English: Gordon, S.W. Henrique Mecking, Latin Chess Genius, Thinkers' Press, Iowa, 1993

1958 Henrique da Costa Mecking (nascido em Santa Cruz-RS, em 23 de Janeiro de 1952) aprende a jogar xadrez no mesmo ano em que a família, de pai, mãe e mais três irmãos, passa a morar em São Lourenço do Sul-RS. Tinha seis anos de idade.

1959 Alcança o título de vice-campeão da cidade São Lourenço do Sul. Tinha sete anos.

1962 Devido a nova mudança de sua família, passa a morar em Pelotas-RS, que possuía um razoável movimento de xadrez. Prontamente, vence o campeonato do município. Tinha 10 anos.

1964 Ganha o Campeonato do Rio Grande do Sul. A repercussão pelo feito atinge escala nacional e, pela primeira vez, extrapola o meio enxadrístico. Disputa o zonal para o Campeonato Absoluto Brasileiro e se classifica para a final da prova máxima do país. Tinha 12 anos.

1965 Vence o Campeonato Brasileiro (Rio de Janeiro–GB, então Estado da Guanabara), com dois pontos e meio de vantagem sobre o segundo colocado (entre 17 concorrentes), o veterano e multi-campeão João de Souza Mendes, para quem sofre sua única derrota no certame. Com o triunfo (até hoje um recorde histórico e uma façanha mundial, pois é raríssimo haver vencedor tão precoce em campeonatos nacionais absolutos), classifica-se para o Sul-americano. Tinha 13 anos.

1966 – 1967 Vence o Campeonato Sul-americano, superando no desempate a 3 jogadores argentinos, sendo 2 GMs, e em plena Buenos Aires. Classifica-se para o Interzonal e obtém o título de MI e torna-se o mais jovem do mundo, à época. Tinha 15 anos. Neste período, participa do mais antigo torneio internacional do mundo em Hastings, Inglaterra, fazendo sua estréia em solo europeu. Marca 4 pontos em 9, no evento vencido pelo ex-campeão mundial M. Botvinnik.

1967 Triunfa novamente no Campeonato Brasileiro. (São Paulo-SP). Tinha 15 anos. E neste ano durante o Interzonal de Túnis, Tunísia, vence um concorrido torneio de relâmpago (Blitz), com a presença de campeões como Larsen, Korchnoy, Geller, Portisch e muitos mais. A única ausência marcante é a de Fischer, que havia abandonado o torneio principal. Neste, Mecking termina 12º lugar, entre 22 participantes.

1968 Comanda a equipe brasileira na Olimpíada de Lugano, Suíça, jogando no primeiro tabuleiro e soma 12,5 pontos nos 17 que disputou. Tinha 16 anos.

1969 Marca o quarto lugar no novo Sul-americano que disputa em Mar del Plata, classificando-se novamente para o Interzonal. Disputa o Grande Internacional de Palma de Mallorca, Espanha, e, apesar do sétimo lugar (com 9 pontos, em 17, que conseguiu) não ser um sucesso estrondoso (embora um excelente desempenho de fato), derrota o vencedor, Bent Larsen, um dos melhores jogadores do mundo.

1970 Joga discretamente em Buenos Aires, num evento dominado amplamente pelo lendário Bobby Fischer (com quem empata de modo sensacional, no confronto individual.), ao somar apenas 50% dos pontos. Tinha 18 anos.

1970 Atua de modo mais afirmativo no Interzonal (também sediado em Palma de Mallorca), com a estatística final de 7 vitórias contra 5 derrotas, além de 11 empates, mas sem realizar seus objetivos principais: classificar-se para o Torneio de Candidatos ou obter uma norma de GM. Fischer vence o certame com 3,5 pontos de vantagem sobre o segundo colocado e parte para a conquista do Mundial.

1971 De forma semelhante, obtém apenas 8,5 pontos do 15 que disputou em Wijk aan Zee, um dos mais conceituados e antigos internacionais do circuito e outra vez não alcança a norma de GM. Tenta novamente no Internacional de Mar del Plata e repete o mesmo desempenho percentual, mas perdendo para os três primeiros classificados. Porém, em Vrasc, Iugoslávia, Mecking vence brilhantemente (11,5 pontos em 15, invicto),

superando alguns jogadores renomados como Portisch e Ivkov, além da revelação iugoslava Ljubojevic, a quem derrota diretamente em sua melhor partida do certame. Consegue, assim, a primeira norma para o ambicionado título de GM.

1971–1972 Obtém o título definitivo de GM, o primeiro de um jogador brasileiro, com o terceiro lugar no Internacional de Hastings, atrás dos vencedores Korchnoy e Karpov. Para este sofre sua única derrota e marca 9,5 pontos dos 15 em jogo. Ao retornar ao Brasil, desfila pelas ruas do Rio em carro do Corpo de Bombeiros, à semelhança dos jogadores de futebol quando de suas grandes conquistas. Também é recebido em Brasília pelo então presidente da República, Emílio G. Médici, que comenta esperançosamente que “O Brasil agora vai ser campeão mundial das cabeças aos pés!” Ele assim vaticinava que a conquista do título mundial de xadrez com Mecking, iria somar-se ao tri-campeonato de futebol conseguido pelo país em 1970, no México. Também visita o governador do estado da Guanabara e o arcebispo da cidade. Tinha 19 anos.

1972 Vence soberanamente o Sul-americano (São Paulo- SP), avantejando o segundo colocado por 2,5 pontos e amealhando 15 vitórias, 4 empates e somente uma derrota. Tal performance indica claramente que Mecking, nesse estágio de sua carreira, já não possui mais rivais que o ameacem no continente. Contudo, ao competir em San Antonio-EUA, revela necessitar de preparação técnica mais profunda e completa para enfrentar com êxito os melhores do mundo, já que 8,5 pontos (com 3 derrotas) em 15, deixou-o bem distante dos três vencedores, Karpov, Petrossian e Portisch. Até esse ano, Mecking poderia ter participado em várias edições do Campeonato Mundial Juvenil, com grandes probabilidade de vencê-lo. Mas, ele nunca se interessou aparentemente por esse “centro de jovens”. O problema, como confidenciou uma vez o MI Herman Claudius van Riemsdijk, é que “como o Mequinho não queria ir, os dirigentes achavam que não precisavam mandar mais ninguém durante todos aqueles anos e assim, toda um geração de valores acabou prejudicada”. Naturalmente, nesse registro, Herman não está dizendo que a responsabilidade fosse de Mecking, mas sim que os dirigentes da época.

1973 Mecking passa a receber um estipêndio do governo, através de uma função qualquer meramente decorativa ou cerimoniosa definida dentro do Ministério da Educação. Assim, auferir um salário do governo para jogar. Torna-se colunista de xadrez do Jornal do Brasil, no Rio de Janeiro, e até realiza alguns cursos em faculdades da cidade, além de obter patrocínios comerciais avulsos, de fontes diversas. Dessa forma, tem condições muito favoráveis para preparar-se para o iminente Interzonal a ter lugar na cidade serrana de Petrópolis-RJ, o primeiro a ser realizado no país e o evento de mais elevado nível técnico concretizado no Brasil. E ele o faz com enorme apuro, base de seu brilhante sucesso ao triunfar invicto e em solitário, à frente de um contingente de seis jogadores soviéticos, além de mais 11 jogadores de alta qualificação internacional. É um êxito consagrador. Tinha 21 anos.

1974 Mas no duelo já válido pela primeira rodada (oitavas-de-final) do Torneio de Candidatos, ante Korchnoy, Mecking é derrotado pelo score de 3 vitórias a 1, apesar de ter um grande número de posições vantajosas ao longo das 13 partidas do duro match. Mecking evidenciou uma ótima preparação de aberturas, mas não mostrou segurança ao conduzir finais complexos, nem firmeza psicológica para lidar com a pressão e o desafio do match sediado em Augusta-EUA. Essa decepção final deixou marcas negativas profundas no jovem GM brasileiro, mas serviu como experiência potencialmente proveitosa. Tinha 22 anos. Outra experiência, sem qualquer proveito técnico, Mecking viveu na Olimpíada de Nice, França, neste mesmo ano. Devido a um conflito de interesses (ao não apresentar-se, como fizeram os demais colegas brasileiros escalados no dia, para enfrentar a Escócia e assim ter infligido uma derrota por W.O. à equipe nacional) com o capitão e chefe da delegação brasileira, Ronald Câmara, Mecking foi dispensado da equipe e enviado de volta ao Brasil e chegou a

ser banido da representação olímpica por não ter aceito a escala de jogos que lhe destinou o capitão.

1975 Um excelente ano com duas boas exibições nos Internacionais de Las Palmas, Espanha – segundo lugar (com 10 pontos em 14), atrás de Ljubojevic – e de Manila, Filipinas (terceiro lugar, também atrás de Ljubojevic), com este último certame servindo de aclimatação para o Interzonal do seguinte ano.

1976 Tendo chegado a cidade de Manila com duas semanas de antecedência para adaptar-se às condições locais, Mecking parece ter se beneficiado amplamente dessa medida. Realiza outra apresentação antológica e com um desempenho bem controlado ao longo de extensas 19 rodadas, vence novamente o Interzonal, tornado-se bi-campeão. Contabiliza oito vitórias, uma única derrota para Spassky e dez empates, sem correr muitos riscos. Está aparentemente pronto para um novo embate no Candidatos. Seu rating, à época de 2.635 pontos ELO, garante-lhe o terceiro lugar no ranking mundial. Um feito fabuloso ante as tradições, números e história do xadrez anteriormente registrados para um brasileiro e latino-americano. É o primeiro jogador desde Capablanca a alcançar tanto sucesso, vindo de um país periférico como o Brasil. Tinha 24 anos.

1977 Enfrenta Polugaiewsky, outro soviético e perde o match numa forma triste e conformada, pelo estranho score de uma derrota (na segunda partida) e onze empates. Teve “crises” com seus assistentes técnicos (“segundos”) durante o evento, chegando a substituir dois deles em três semanas. Tinha 24 anos.

1978 Tem uma participação apagada no Torneio de Wijk aan Zee, com apenas 5 pontos em 10, e 3 derrotas para 2 vitórias.

1979 Depois de garantir que participaria do Interzonal até o fim, pelo fato deste ser organizado na “cidade que o adotara” e de ter fechado contrato especial com os patrocinadores, Mecking abandona o Interzonal do Rio de Janeiro-RJ, na segunda rodada, alegando os efeitos de uma grave doença. Nos próximos 12 anos, se afastará completamente das competições de xadrez. Tinha 27 anos.

1991 Mecking retoma parte de suas atividades esportivas no jogo, realizando um curto match de seis partidas, ante um dos melhores jogadores do mundo na temporada, o GM bósnio Pedrag Nikolic. O retorno do “Mequinho” tem lugar em São Paulo-SP, após uma intensa promoção e repercussão na mídia. Ao tabuleiro, ele é derrotado pelo score mínimo de 3,5 a 2,5 pontos, fruto de uma única derrota e cinco empates e sua atuação é tida como bem razoável. Mecking alega estar sendo curado de sua doença devido ao trabalho de fé cristã, e através de milagres recebidos, motivados por seu engajamento no grupo de ação fundamentalista católico chamado Renovação Carismática. Tinha 39 anos.

1992 Repete-se o esquema do match anterior (lugar e formato do evento), porém com outros realizadores e agora diante do campeão americano, o GM Yasser Seirawan. O resultado final foi o mesmo.

1993 Mecking tem a participação mais desastrosa de sua carreira em uma prova esportiva oficial de xadrez. Termina em 20º lugar, entre 23 concorrentes (e tendo desistido de disputar a última rodada), no Zonal Sul-americano que apontaria os três primeiros classificados para o Interzonal. Tinha 41 anos.

Situação atual Mecking recuperou parte de sua concentração e força prática de jogo, embora sem poder sequer ameaçar retornar aos níveis dos seus “anos de ouro” entre 1972 e 1976. Ele tem participado de torneios e apresentações variadas com alguma regularidade, inclusive representando bem o país em Olimpíadas e Sul-americanos, mas seu ranking o situa apenas numa faixa de GM de nível médio, em relação ao ranking internacional, com cerca de 2550 pontos ELO. Seu discurso geral em relação ao maior objetivo não mudou, pois continua relatando ainda pretender ser campeão do mundo. Dessa vez, motivado também pela fé em Cristo.

Xadrez na Internet – acessos a partir do Brasil

Chess on the Internet – accessing from Brazil

Uma pesquisa sobre “Xadrez Escolar”, usando o Google, o mais prestigiado e abrangente mecanismo de buscas na Internet, revelou que na data de 9 de maio de 2004, existiam 1140 páginas ativas, em português, sobre o tema, sendo 1060 no Brasil. Uma pesquisa sobre o termo equivalente “*Scholastic Chess*”, varrendo a Web, encontrou 11.700 links disponíveis em todo o mundo, mas redigidos em inglês. Já a expressão “Xadrez” e o equivalente em inglês “*Chess*”, em acesso dia 16 de abril de 2004, via Google, encontrou 115 mil páginas em português, no Brasil, e 144 mil na Web toda (ou seja, também computando Portugal e as ex-colônias e outras comunidades que falam português). É claro que nessa “pesquisa de páginas”, o mesmo site pode estar referenciado várias vezes, mas não é impropriedade declarar que existem, pelo menos, numa projeção muito conservadora, umas 12 mil páginas diferentes sobre xadrez concebidas e mantidas por brasileiros na Internet. Esse é um número que impressiona diante do total de quase 20.500 jogadores oficiais do país. E foi adotado o severo critério de considerar que 10 páginas pesquisadas pelo Google pertençam a um único e diferente endereço de site (página principal ou URL primária). Se a opção fosse pela razão de 1:5, teríamos umas 24 mil páginas diferentes na Internet falando e lidando com xadrez, em português e mantidas por brasileiros.

Para comparações de toda ordem, ofereça-se o resultado de pesquisa equivalente com a palavra *Chess*, feita no mesmo dia e por meio do mesmo mecanismo de busca, com abrangência de toda a Internet: registrou-se um total de 6.130.000 de páginas

na Web indexadas sobre o tema. Considere-se, nesta abordagem que existem vários clubes virtuais de xadrez na Internet. Alguns, fundados pelos grandes provedores, tentam atrair frequência maciça para as empresas que os abrigam, e têm administração e manutenção de importantes portais brasileiros como, para ilustrar, o UOL. A estatística desse ambiente virtual pode, inicialmente, parecer problemática para conseguirmos números confiáveis (p. ex., quem é estrangeiro?) e separados por interesse, mas uma consulta direta no Xadrez OnLine, da Universe on Line-UOL, aponta que existem 75 mil jogadores cadastrados no clube e uma visita ocasional à “Sala de Torneios” (realizada no dia 18 de abril de 2004, às 23 horas) indica que 8 mil jogadores estão participando das partidas e atividades. Esses são dados significativos que confirmam que o “universo do jogador social” (praticantes ocasionais e regulares nos critérios deste Atlas) ampliou-se sobremodo com o surgimento, consolidação e maior definição dos serviços da Internet. De fato, o esvaziamento físico dos clubes de xadrez convencionais (seja devido à questão da segurança geral nas cidades, seja o custo financeiro pessoal, seja a atraente idéia para o usuário de ter o conforto absoluto de se jogar desde a própria casa ou outros fatores atuantes no processo) deve ter sido compensado com grande vantagem, pelo menos se visarmos somente os números envolvidos: mesmo somando todos os sócios de clubes de xadrez convencional no Brasil, não teremos 8 mil jogadores competindo ao mesmo tempo, como ocorre no clube de xadrez virtual da UOL. A questão é que apesar de serem números elevados e até grandiosos, em contraste com os pequenos números dos clubes convencionais,

quanto de verdadeira comunicação e convivência humana através do xadrez encontramos nesses clubes virtuais. Quanto da experiência, ao mesmo tempo mais desafiadora e profunda, do jogo “presencial” (com toda sua “carga” e rico proveito derivado do contato mais completo entre duas pessoas que estão não apenas muito próximas, mas também “sentindo-se” e trocando mensagens e refinando esse sentir) pode ser reproduzida pelo meio eletrônico? Enfim, quanto da expressão da personalidade de um típico “conviva” de clube – sim, “ele” ou “ela”, um jogador de xadrez – pode ser preservado através desse meio tão transformador, empolgante e quase mágico que a tecnologia da Internet está oferecendo? Pois, afinal, não vamos ao clube de xadrez apenas para “jogar o jogo” (como fazemos quase que permanente e exclusivamente nos clubes virtuais), mas também para viver o jogo e a vida. Será que os “canais paralelos” (“chats”, “fóruns”, “salas de bate-papo”, “webcams”, mensagens instantâneas, etc) desses simuladores virtuais serão capazes de compensar a perda da presença num ambiente tão mais estimulante e rico que justificou a história dos clubes de xadrez convencionais até hoje? Se a prática pode responder no futuro estas questões então listemos para consulta e diversão os sites oficiais e noticiosos de xadrez que podem ser recomendados: FIDE: www.fide.com ; CBX: www.cbx.org.br; FPX: www.fpx.com.br; The Week in Chess: www.chesscenter.com/twic/twic.html; Ajedrez de Estilo: www.ajedrez-de-estilo.com.ar/ade/index.htm; Inforchess: www.inforchess.com; Ajedrez Siglo21: www.ajedrezsiglo21.com.

Xadrez epistolar / *Correspondence Chess*

Definições Hoje, mais genericamente definida como “Telexadrez” (a transmissão dos lances de uma partida entre dois oponentes, ou grupo deles, que se encontram muito distantes um do outro) o chamado Xadrez Postal ou Epistolar se modernizou e adotou também os meios eletrônicos e o formato digital, aceitando que os lances, antes transmitidos pelo correio convencional, sejam agora enviados por e-mail, aumentando os modos consagrados que já haviam recorrido ao rádio e ao telefone. De uma forma ou de outra, o Xadrez Epistolar é essencialmente uma confrontação de pesquisadores, de profundos analistas dos recursos de uma posição. Eles podem prescindir dos poderes e qualidades habituais de um enxadrista “ao vivo”, quando em competição, como a memorização de inúmeras aberturas e a necessária visualização das possibilidades consideradas nas variantes examinadas, pois podem recorrer à consulta de livros, bancos de dados, parceiros de idéias e programas de análises para desvendar os segredos do jogo, mas isso não significa que sua compreensão do jogo seja inferior aos dos praticantes do xadrez “testa à testa”, depois de pesquisarem uma posição com afinco. Naturalmente, há grandes diferenças em relação aos meios e às emoções típicas de uma partida em torneio real clássico, mas o xadrez epistolar é um mundo animado e rigoroso, analítico e criativo, diferente e, ao mesmo tempo, igual.

Origens Thomas Hyde faz referência a partidas sendo jogadas por correio, nos anos iniciais do século XVI, entre mercadores de venezianos e croatas, mas a um custo muito elevado. Mas, partidas e duelos no formato postal foram jogados bem antes dessa época. Assim, por exemplo, alguns pesquisadores afirmam que Henrique I, rei da Inglaterra e Luís VI, monarca francês, teriam jogado algumas partidas de xadrez entre eles, aproveitando as idas e vindas da correspondência oficial entre as duas cortes, pelo ano de 1119. Porém, em tempos mais modernos, o século XIX vai marcar uma mudança importante na afirmação da modalidade, já que, se bem as despesas do serviço

de correios continuassem sendo um fator de peso, as dificuldades de locomoção e viagens mais longas eram um impedimento muito mais inibidor para se jogar xadrez ao vivo. Essa é uma das razões do primeiro torneio internacional clássico ter demorado tanto (1851) para ocorrer. A partida mais antiga conhecida, via correios, é uma realizada em 1804, entre jogadores das cidades holandesas de Breda e Hague, distanciadas por cerca de 65 Km. Quando o preço de uso dos Correios tornou-se mais atraente e suportável, a modalidade ganhou popularidade, representação e mais organização. Logo surgiram clubes, como o pioneiro *Caissa Correspondence Club*, fundado em 1870, na Inglaterra e o primeiro torneio por correspondência viu a luz do dia e as mochilas dos carteiros a partir de 1888, organizado pelo *Monde Illustré*. A primeira revista especializada aparece nos EUA, em 1917, com o declaratório título *The Chess Correspondence* (Xadrez por Correspondência). Em 1928, é fundada a *Internationaler Fernschach Bund*-IFSB que vai transformar-se, a partir de 1951, num organismo internacional de gerência e normatização da modalidade, com o nome definitivo de *International Correspondence Chess Association*-ICCF. Dez anos depois, ela se filia à FIDE. Mas, campeonatos mundiais de xadrez por correspondência eram organizados desde 1950, quando surgiu o primeiro campeão: Cecil John Seddon Purdy, da Austrália, consagrado em 1950-1953. Em 1999 – 2004, o campeão é Tunc Hamarat, da Austrália. Em 1999 – 2004, o campeão é Tunc Hamarat, da Austrália, depois de 15 outros que se sucederam a Purdy, sendo a maioria de nacionalidade URSS / Rússia.

Xadrez epistolar no Brasil Os postalistas se congregam numa verdadeira confraria semi-oculta no Brasil, mas se representam explicita e oficialmente no CXEB (Clube de Xadrez Epistolar Brasileiro), onde fazem um excelente trabalho de organização e gerência da modalidade, desde sua fundação em 1969. Eles estão filiados ao órgão internacional, o ICCF. Os números de enxadristas da entidade brasileira na atualidade são os seguintes: Jogadores com Rating CXEB (Brasil) – 481; Brasileiros com Rating ICCF (Internacional) – 275. O Clube já teve um número maior de associados,

próximo de 5 mil, mas na última década sofreu uma queda importante deste nível devido provavelmente à confluência de vários fatores, entre os quais as dificuldades econômicas do país com declínio acentuado da renda pessoal e a migração para os chamados clubes de xadrez virtuais da Internet. Alguns destaques significativos do xadrez postal brasileiro podem ser listados: os primeiros MIs (Postal) do Brasil foram Aauto Nóbrega, de Santa Catarina, e Antônio Pacini, de São Paulo, na década de 1970; os primeiros campeões brasileiros da modalidade foram o fluminense Henrique Pereira Maia Vinagre e o segundo foi o já citado Aauto; Iluska Simonsen, do Rio de Janeiro, foi não somente a primeira mulher no Brasil a atingir a hierarquia de MI Postal (Absoluto Postal), como chegou a ser a número um do mundo no ranking feminino com o Rating ICCF (2.465 pontos), em 1990, desbancando todas as jogadoras da União Soviética e foi também a primeira mulher das três Américas a conquistar o título de GM Postal Feminina e ainda terminou o único Mundial Feminino que disputou na 5ª posição, entre 16 concorrentes (Iluska é viúva de Mario Henrique Simonsen, famoso economista brasileiro, também em vida jogador de xadrez); Salvador Homce De Cresce conseguiu obter o rating mais elevado da América Latina, superando pela primeira vez os argentinos, em 1990, com um ICCF de 2515 pontos; Carlos Evanir Costa tornou-se o primeiro GM Postal brasileiro em anos bem recentes e acaba de bater outro recorde em 2004: é o primeiro representante do país a alcançar uma final individual do campeonato mundial postal. Além disso, nos últimos anos, tem se mantido entre os 10 primeiros do mundo no concorrido ranking postal; Salvador Homce De Cresce e José Antônio Gonçalves são os novíssimos colegas de título de GM (ICCF) do pioneiro Carlos Evanir; o Brasil conta hoje com 16 SIM (Mestre Internacional Senior) e 28 MI. Tal lista de sucessos é fruto e confirmação da elevação do nível técnico, organizacional e esportivo do postalismo brasileiro ao longo da última década.

Fonte Site do CXEB: www.cxeb.org.br/

Xadrez escolar / School chess

SYLVIO REZENDE

O primeiro livro de xadrez publicado no Brasil foi de Henrique Velloso d'Oliveira, datado de 1850: O Perfeito Jogador de Xadrez ou Manual Completo deste Jogo. Posteriormente, Arthur Napoleão dos Santos, português, músico e enxadrista fixando-se no Brasil, publicou três livros de xadrez, entre 1887 e 1898: Problemas, Enigmas, Esfinges e Fantasias (1887); Primeiro Torneio de Problemas do Rio de Janeiro (1888); e Caissana Brasileira (1898), sua maior obra literária. Arthur Napoleão foi responsável inclusive pela criação de diversos clubes de xadrez no Rio de Janeiro (então capital do Império), sendo o primeiro, anexo ao Club Polytechnico, com a Diretorias formadas pelo próprio Arthur Napoleão, o Visconde Pirapetinga (pai de Antonio Caldas Viana Neto, um dos maiores enxadristas brasileiros), Machado de Assis, Almirante Saldanha da Gama, Leopoldo Miguez e Carlos Gomes entre as pessoas ilustres dessa época. Ainda graças a Arthur Napoleão, foi realizado no dia 3 de agosto de 1897, no Teatro São Pedro (atual João Caetano) no Rio de Janeiro, um espetáculo de xadrez com peças vivas, em que as Damas e as Torres eram representadas por senhoritas da sociedade; os Reis Bispos e Cavalos, por homens ilustres e os Peões por crianças de ambos os sexos. Estes marcos históricos do xadrez no Brasil, mostram que em sua origem no país este esporte e jogo intelectual teve um sentido pedagógico porém centrado na competição. A passagem do xadrez para meio de pedagogia escolar no Brasil é um acontecimento recente – embora sendo objeto antigo de teorias educacionais – e tem transcorrido por experiências empíricas pessoais de professores e enxadristas com suporte de conhecimento gerado no exterior ou no país. O presente relato transmite a minha vivência como vetor de desenvolvimento do xadrez escolar no RJ, onde atuo como professor.

O tema do xadrez escolar é geralmente abordado dentro das escolas como uma atividade a mais entre as diversas modalidades esportivas oferecidas. Neste caso, a meu ver, respeitadas as devidas proporções, a modalidade é oferecida como nos clubes. O xadrez, porém, praticado nos clubes e voltado essencialmente para o aspecto competitivo (como esporte) não supre todas as exigências educacionais. Faz-se mister, seja trabalhado de forma pedagógica, como um verdadeiro instrumento educacional; daí, a designação de xadrez escolar. Várias experiências demonstram ser o xadrez uma atividade educacional por excelência, não só por atender às características de esporte estimulando entre outros aspectos o espírito competitivo e auto-confiança, como adequando-se sobremaneira, às exigências da Educação moderna. Por exemplo, na Bélgica, em 1976, o Dr. Johan Christiaen, depois de dois anos de experiências com dois grupos de 20 crianças entre 10 e 11 anos, comprovou que o aproveitamento escolar do grupo experimental, foi 13.5% superior ao do grupo do ensino regular. Em New York-EUA, 1981, Joyce Brown constatou considerável melhora no comportamento dos alunos: 60% menos incidentes e suspensões, além da melhora no aproveitamento escolar de até 50% na maioria dos estudantes envolvidos. Em Marina, Califórnia-EUA (1985), George Stephenson, após 20 dias consecutivos desenvolvendo um trabalho de xadrez com um grupo de estudantes, constatou os seguintes aumentos / melhorias em medidas diversas, entre os alunos que apresentaram maior aproveitamento escolar: rendimento

acadêmico – 55%; comportamento – 62%; esforço – 59%; concentração – 56%; auto-estima – 55%. Na Venezuela, a psicóloga Edelmira Garcia Rosa, no projeto "Ajedrez", iniciado em 1980, atendendo inicialmente 230 crianças de sete a nove anos já em 1983, o projeto alcançava 4730 alunos, com a inclusão de crianças de mais idade com dificuldades de aprendizagem. Este trabalho científico concluiu que o xadrez ensinado metodicamente constitui um sistema de estimulação intelectual capaz de aumentar o Q.I. das crianças. Além disso, constatou-se que o aluno adquire através da aprendizagem e prática enxadrística, um método de raciocínio e de organização das relações abstratas e dos elementos simbólicos.

Em minha experiência pessoal, desde o ano de 1965, quando iniciei a inclusão do xadrez como atividade regular nas escolas do RJ, consegui obter resultados enxadrísticos e respostas educacionais e pedagógicas por simples comprovações empíricas. No Rio de Janeiro, constatou-se que não é a categoria sócio-financeira que favorece ou impede a adoção do xadrez escolar. Entre os projetos que liderei, um dos mais significativos foi "Rio, Juventude Esporte" em 1985 com objetivo de desenvolver o esporte em "comunidades carentes" (uso por norma geral, mas rejeito este rótulo). O projeto, desenvolvido pela Secretaria de Turismo e Esporte, estendeu-se da Rocinha, até a Zona Oeste, passando pelas comunidades da Maré e outras áreas pobres da Cidade do Rio de Janeiro. O destaque maior ficou para o Núcleo da Rocinha que até hoje tem produzido um grande número de enxadristas e campeões de xadrez. Outros projetos como "Cuca Esperta" (Ricardo Teixeira/Ricardo Barata/Luis Loureiro) e "Educação em Xeque" este também de minha autoria com a participação de Tufic Derzi, foram destinados às Escolas Municipais do Rio de Janeiro e desenvolvido por Professores do Município em regime de hora extra (evitando o medo das autoridades de recursos legais por vínculo empregatício, por estranhos aos quadros do funcionalismo). Apesar de todas as avaliações positivas dos projetos junto às comunidades, todos sucumbiram diante das mudanças na administração pública, o que não se refere ao xadrez mas à administração pública brasileira.

Além as perspectiva pessoal, cabe fazer uma apreciação de panorama do xadrez escolar. Esta atividade vem crescendo em nosso país, principalmente nos estados do Sul, onde pontua o Paraná, graças aos esforços de Jayme Sunye Neto, hoje Grande Mestre Internacional de Xadrez e tendo permanecido a frente da Confederação Brasileira de Xadrez por longo período, inclusive como Presidente, o que acarretou sem dúvida, em prejuízo ao seu desempenho como enxadrista. Santa Catarina, ao final da década de 1970, iniciou um projeto de levar para aquele estado, grandes nomes de enxadristas para desenvolver o xadrez catarinense levando inclusive a nossa Regina Lúcia Ribeiro (RJ), hoje Mestre Internacional. Sobre Regina Ribeiro, tenho sempre especial satisfação, pois surgiu em um dos meus projetos na cidade do Rio de Janeiro – Jogos Estudantis – nos quais destacou-se na Categoria até 13 anos e única menina na competição com doze integrantes, sagrou-se Vice-Campeã.

S. Paulo é um capítulo a parte no xadrez, funcionando como a verdadeira locomotiva do xadrez no Brasil. Desde 1902 quando foi fundado o Clube de Xadrez de São Paulo, o xadrez paulista foi evoluindo até tornar-se como o principal centro de xadrez no Brasil.

Com o advento naquele estado dos Jogos do Interior, o xadrez, entre outros esportes desenvolveu-se nas cidades interioranas transformando São Paulo em grande celeiro de enxadristas. Beneficiado ainda pelo grande comércio e concentração industrial, São Paulo passou a contar inclusive com grandes torneios e premiações, atraindo mais ainda, o interesse dos enxadristas de outras regiões contribuindo assim, para o fortalecimento cada vez maior do xadrez de São Paulo, servindo de referência e exemplo para as demais unidades federativas. Prova disto, é o grande número de Mestres Internacionais e fortes enxadristas, além dos Grandes Mestres que concentram sua participação no Brasil já há algumas décadas, em torneios promovidos pela Federação Paulista. Paralelamente, e em conseqüência, desenvolveu-se o xadrez nas escolas, dotando o Estado de renovação constante como se avalia pelos resultados daquele estado em competições em que participam escolares.

No Estado do Rio de Janeiro, não há um projeto estadual para desenvolvimento do xadrez nas escolas ou mesmo nas comunidades. Todas as iniciativas são de caráter pessoal e quando algum Município desenvolve algum Projeto sobre o xadrez é sempre restrito aos limites do mandato da autoridade envolvida seja a nível de Governo, Secretaria ou Chefia de algum departamento. Como sempre, mudando a administração ou chefia que aprovou o projeto, cessa a continuidade com raríssimas exceções, mesmo assim, por pouco tempo. Apesar das dificuldades enfrentadas, o xadrez nas escolas vem crescendo graças à iniciativas pessoais em diversos municípios do Rio de Janeiro. Neste particular, destacam-se os Municípios de Campos, Mendes, Niterói, Nova Iguaçu, Petrópolis, Vassouras, Volta Redonda e outros como Araruama e Teresópolis, já iniciando através de abnegados. A Federação de Xadrez do estado do Rio de Janeiro, vem também trabalhando muito para desenvolver o esporte não só nos clubes, mas principalmente nas cidades do interior como na área estudantil. A diferença está nas propostas filosóficas. Muitos apenas se dedicam a ensinar e desenvolver o xadrez como atividade esportiva, o que não é o mesmo de desenvolver o xadrez em escolas. Na Capital, Rio de Janeiro, como sempre, o xadrez é desenvolvido graças a alguns abnegados, porém, devido principalmente ao nosso esforço através da inclusão do xadrez nos Jogos Estudantis da Cidade do Rio de Janeiro – desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação – além de palestras sobre a importância do xadrez como instrumento de Educação, além do Circuito Escolar de Xadrez desenvolvido pelo Camping Clube do Brasil na cidade do Rio de Janeiro, há já nove anos seguidos sem interrupção torna-se cada vez maior o número de Professores em Escolas Municipais e particulares abraçando a idéia de desenvolver o xadrez com vista a um resultado pedagógico. Invariavelmente, como conseqüência, somam-se também os resultados esportivos.

Fontes Edward Lasker. A aventura do Xadrez. IBRASA, 1962 (Título original: The Adventure of Chess. USA, 1949/50/59); Fernando Vasconcelos. Apontamentos para uma história do xadrez & 125 partidas brilhantes (contribuições de Antônio Villar Marques de Sá e Antônio Bento de Araújo Lima Filho); Waldemar Costa. Epopéia do campeonato Brasileiro de Xadrez.

Turfe

VICTOR DE ANDRADE DE MELLO E PAOLA MURTA MAIA

Turf / Horse racing

Likewise England and Australia, horse racing in Brazil preceded and encouraged other forms of sports introduced in the country in the first half of the 19th century. The first races, considered a sport at that time, happened in Rio de Janeiro-RJ in 1810. The first lawn appeared in 1849. RJ's golden age of horse racing took place in the 1880s, when there were five racing clubs and racecourses operating simultaneously in the city. It was estimated that around 25% of the population would bet on horses. The late 1880s saw the foundation of the Derby Club, which

Definição e Origens O turfe pode ser definido por corridas de cavalos, conduzidos por um jóquei, sempre realizadas em pistas ovais, de grama ou areia. Cada cavalo corre em uma raia. Nos hipódromos (locais de realização das corridas) existem guichês responsáveis por coletar apostas, que podem ser feitas tendo em vista uma série de combinações de resultados possíveis, concedendo também premiações diferenciadas para os acertadores. Na Inglaterra e na Austrália, atribui-se freqüentemente a origem do esporte moderno à expansão do turfe no final do século XVIII e início do XIX, quando o sistema de apostas em corridas de cavalos passou a incluir competições de cricket, box, football etc. No Brasil, as primeiras corridas de cavalos foram organizadas na década de 1810, na cidade do Rio de Janeiro, nas areias da Praia de Botafogo. Os ingleses, que vieram para o Brasil juntamente com a Corte Portuguesa (1808), trouxeram o hábito de sua terra natal, tentando implementá-lo em uma cidade bastante carente de atividades de diversão. Anteriormente outros divertimentos com cavalos já eram realizados, como as cavallhadas, o que facilitou essa entrada inicial.

1814 Em 25 de maio deste ano a Gazeta de Notícias, jornal do Rio de Janeiro-RJ, publica uma nota sobre as corridas de cavalos na Praia de Botafogo. Este é o mais antigo registro sobre tal atividade. O evento já contava com a presença da família real e das elites econômicas da cidade.

1825 A partir deste ano as corridas tornam-se mais populares e organizadas na cidade do Rio de Janeiro, começando a surgir, embrionariamente, um movimento para institucionalização da prática. Os argumentos utilizados eram o desenvolvimento de uma forma adequada de diversão para a cidade e o aprimoramento da raça de cavalos brasileiros. Os ingleses continuam bastante envolvidos com as corridas de cavalos.

1847 Publicação de um manifesto convocando esforços para a criação de um turfe nacional de acordo com os modelos ingleses.

1849 Depois de muitas discussões, é fundado o Club de Corridas no Rio de Janeiro, primeiro clube estritamente esportivo criado na cidade e provavelmente um dos primeiros do Brasil. O turfe, por estar adequado as dimensões sócio-econômicas-culturais da época, foi o primeiro esporte, em seu sentido moderno, a efetivamente se organizar no Brasil. As elites econômicas ligadas a agricultura cafeeira de exportação estavam envolvidas com o clube. O hipódromo, então denominado "Prado Fluminense" seria inicialmente instalado próximo à rua Paissandú, bairro do Flamengo, mas acabou sendo construído no bairro de São Francisco Xavier (próximo ao Estádio do Maracanã dos dias presentes), perto do local de moradia da família real e das elites naquele momento (bairro de São Cristóvão). A prática seguia completamente o modelo inglês, em todos os sentidos possíveis.

1851 O major João Guilherme Suckow, importante nome no desenvolvimento do turfe nacional, arrenda e reforma o Prado Fluminense e realiza novas corridas de cavalo. O primeiro evento contou com um excelente público de aproximadamente 4000 pessoas. As corridas logram sucesso provisório, movimentando a cidade, mas com o decorrer do tempo a iniciativa volta a fracassar.

1854 Suckow, com dificuldades financeiras, tenta manter a chama do turfe viva, amplia o número de sócios e cria o primeiro Jockey Club. Contudo, novo fracasso é observado e durante muitos anos poucas foram as iniciativas.

1868 Um passo fundamental para a consolidação do turfe no Rio de Janeiro ocorre neste ano, no dia 16 de julho: um grupo de fazendeiros e membros da nobreza fundam de novo outro clube chamado Jockey Club, responsável por futuros grandes progressos e pelo estabelecimento definitivo das corridas de cavalos naquela cidade. Tal clube se instalou das mesmas dependências do Prado Fluminense. O clube obteve grande

involved members of a pre-industrial urban elite that was already getting organized in RJ. The printing press also got definitely involved in horse racing not only through the daily newspapers (every time more present) but also through specific magazines that were launched for this particular sport. This was the basis for horse racing to develop in other states and cities of the country. However, horse racing in Brazil and abroad got away from the sports scene between 1940 and 2000. It kept only a link with the improvement of horse breeds and horse betting systems. Today

sucesso, movimentando a população de todos os extratos sociais. Eram comuns os vários mecanismos de identificação social diferenciada, construindo-se ao redor da prática simultaneamente uma representação de prática popular (já que todas as camadas sociais estavam presentes às realizações), mas também elemento de *status* e distinção (já se ocupava espaços diferentes em função do poderio econômico). Auxílios financeiros governamentais começam a ser solicitados e tornam-se freqüentes. Em termos de sócios fundadores do Jockey Club, os nomes apontados como aficionados ao *sport*, à época, eram o Conde de Herzberg, o Major Suckow, Costa Ferraz e Henrique Possolo.

1872 As apostas, antes informais, começam a ser controladas pelo Jockey Club, que criou a casa de *poules*. Se isso de alguma forma aumentou a capacidade econômica de gerenciar e manter as corridas, também desencadeou muitas confusões de diversas naturezas. Muitas foram as ocorrências policiais ligadas a problemas com as apostas, e não eram incomuns que os hipódromos fossem destruídos pelo público. Observa-se o acentuar do caráter de jogo de azar, da prática.

1873 Em Curitiba-PR, funda-se o “Club de Corridas”, posteriormente chamado “Club de Corridas Paranaense” e “Jockey Club Paranaense” a partir de 1899. O atual Hipódromo do Tarumã foi erguido por obra de belíssima arquitetura e inaugurado em dezembro de 1955.

1875 Criação do Jockey Clube de São Paulo contando com 73. A primeira corrida aconteceu em 29 de outubro de 1876, no Hipódromo da Moóca, na rua Bresser. Somente mais tarde, em 25 de janeiro de 1941, foi inaugurado o atual Hipódromo da Cidade Jardim.

Década de 1880 Fase áurea do turfe no Rio de Janeiro. Muitos clubes são criados (Club de Corridas de Vila Isabel, Derby Fluminense, Prado Guarany, entre outros) e a prática cai definitivamente no gosto da população. Chegou-se a ter 5 clubes de corridas e hipódromos funcionando simultaneamente na cidade. Estima-se que cerca de 25% da população apostava nas corridas de cavalos. No final da década é criado o Derby Club, no qual estavam envolvidos membros de uma elite urbana pré-industrial que já se organizava na cidade, modificando alguns sentidos da prática. Cria-se um certo conflito no âmbito das elites envolvidas com o turfe. A imprensa envolve-se definitivamente com as corridas de cavalo, não só nos jornais diários (cada vez mais presentes), como também são lançadas revistas específicas para o esporte. O turfe desenvolve-se em outros municípios do Estado do Rio de Janeiro (como Resende, Petrópolis e Campos) e em outros estados, que de alguma forma contavam com auxílio e/ou estímulo dos clubes do Rio de Janeiro.

1889 Cria-se o "Hippodromo Nacional" também no RJ, sob forma de Sociedade Anônima. A inauguração do prado ocorreu no ano seguinte com a presença do então Presidente da Republica, Marechal Deodoro da Fonseca, e 12 mil espectadores, número expressivo para a época. Afonso Celso foi o primeiro presidente. A empresa foi liquidada em 1898.

1890 Estabelecimento do “Turf Club” também como Sociedade Anônoma com sede no RJ, confirmando a alternativa de atividade empresarial no turfe brasileiro, em lugar de associativista. A sociedade foi liquidada em 1899. Neste estágio, aumentam os conflitos em função dos resultados das corridas e da ação dos chamados *book-makers*, agenciadores de apostas. O pronunciado caráter de jogo de azar e uma nova organização sócio-econômica-cultural da cidade começam a interferir no turfe que, paulatinamente, entra em declínio. O remo começa a substituir o turfe no gosto da população carioca.

1899 Fusão dos quatro prados de Porto Alegre–RS que existiram na última década do século XIX, resultando na fundação do Derby Club do Rio Grande Sul. Este se transformou em Associação Protetora do Turfe em 1907, e finalmente Jockey Club do RS em 1944. Esta instituição passou por vários períodos decadência e ressurgimentos durante todo o século XX.

Brazilian horse racing witnesses a paradox: the decline of the betting system and the expansion of horse breeding, including exportation of thoroughbreds to the U.S. Although the number of Brazilian racecourses came down from 40 in the 1990s to 29 in the 2000s, Brazil is still the leading country in Latin America. Horse racing in Brazil offered 80,000 jobs in 2001. Still in 2001, there were 7,064 horses racing, generating US\$54 million in betting turnover and US\$16 million in prize money and subsidies, which contributed for the birth of to 3,201 thoroughbreds.

1906 – 1939 O início das atividades do “Prado Mineiro” em Belo Horizonte – MG, em 1906 teve pausas e recomeços sucessivos até 1939, quando foi criado o “Derby Club de Belo Horizonte”. Este assumiu a denominação de Jockey Clube de Belo Horizonte – JCBH em 1956, e de Jockey Clube de Minas Gerais em 1957.

1910 Fundação da revista “O Jockey” por José Briani, integralmente dedicada ao turfe no Rio de Janeiro. Este veículo encerrou suas atividades em 1990.

Décadas 1890 – 1930 Neste período houve sucessivas recuperações das atividades de turfe no RJ, caracterizando-o mais como um meio de ascensão social ao lado do apelo popular para as apostas em dinheiro. Também foi o período do domínio do Jockey Club e do Derby Club no turfe brasileiro até a fusão de ambos com a criação do Jockey Club Brasileiro em 1932, promovida por Lineo de Paula Machado. Em 1922, foram iniciadas as obras do Hipódromo da Gávea (Lagoa Rodrigo de Freitas – RJ) por iniciativa do Jockey Club. Em 1926 foram inauguradas estas instalações, então consideradas uma das principais do turfe em escala mundial. Em 1932, a fusão Jockey – Derby deu surgimento ao “Hipódromo Brasileiro” como nova denominação para o prado da Gávea.

Décadas 1940 – 2000 Período em que o turfe, no âmbito internacional, se afasta do nexo do esporte, mantendo apenas suas relações com a melhoria das raças eqüinas e o sentido de apostas nas corridas de cavalos. Como tal, este sistema de financiamento do turfe decresceu em muitos países pela competição com outras formas de apostas. No Brasil repetiu-se este fenômeno mas houve um crescimento e interiorização dos hipódromos, totalizando-se 40 em 2000. Contudo, os Jockey Clubes de RJ, SP, PR e RS se mantiveram na liderança embora instáveis em sua administração. Na década de 1980, o Governo Federal intervem no setor por meio da Lei nº 7.291, de 19 de dezembro de 1984, com a finalidade de “orientar e acompanhar a ação governamental no que se refere ao fomento e desenvolvimento da equideocultura e fiscalização das entidades ligadas às atividades turfísticas”. Como conseqüência, foi criado o Departamento de Fomento e Fiscalização da Produção Animal–DFPA, no âmbito do Ministério da Agricultura.

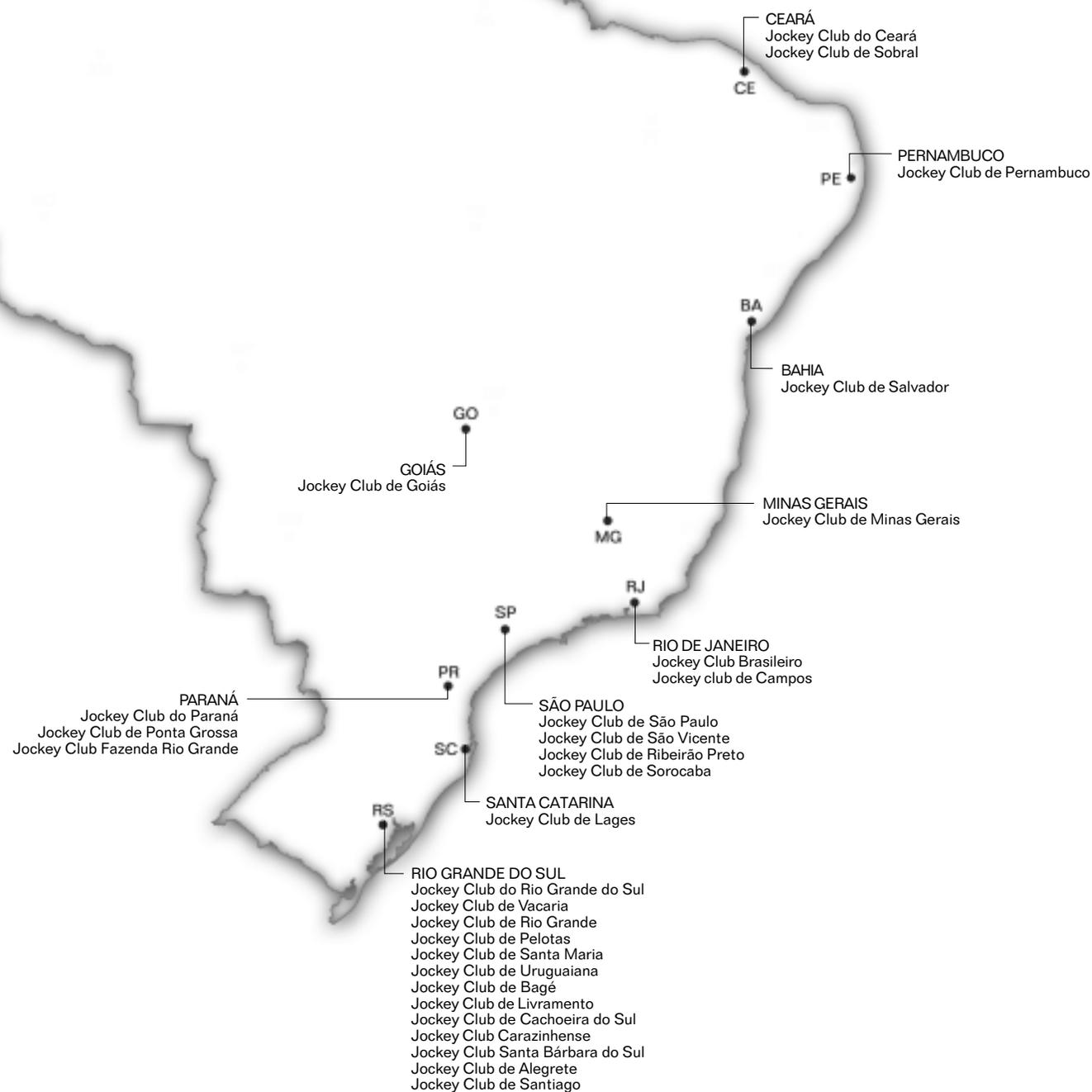
Situação Atual A instabilidade financeira e administrativa continuava em pauta em 2003, com os grandes clubes de turfe do país convergindo para soluções de equilíbrio financeiro fora da atividade principal (diversão noturna, shopping centers, empreendimentos imobiliários etc). Após intervenções do DFPA, o número de clubes foi reduzido para 29 (ver mapa). Mesmo assim, o Brasil, no quadro latino-americano, permanece em destaque com a Argentina totalizando 22 entidades (mas com maior número de cavalos e competições), e o Chile seis, segundo dados da International Federation of Horseracing Authorities-IFHA. Segundo o jornal “Valor” de SP/RJ (19/03/2001), o número de freqüentadores de hipódromos em RJ e SP reduziu-se dez vezes na comparação entre as décadas de 1950 e 1990. Entretanto, em meio ao retrocesso, a chamada equideocultura tem mostrado avanços. De antigo importador de animais, o Brasil tornou-se um centro exportador de campeões. Hoje, nove cavalos brasileiros são ganhadores das principais provas nos Estados Unidos, país número 1 no ranking do turfe mundial. Por isso, Riboleta, nascida no RJ, foi eleita a égua de 2001 pela comunidade turfística norte-americana. Também nestas condições, tem sido crescente a influência da Associação Brasileira de Criadores e Proprietários de Cavalos de Corrida – ABCPCC nas reformas em andamento no turfe brasileiro (incluindo máquinas de jogar, instaladas por empresas multinacionais). No seu todo, esta atividade no Brasil totaliza 80 mil empregos diretos e indiretos (Valor, 19/03/2001), e segundo dados da IFHA (2001), movimenta em corridas 7064 cavalos, gerando R\$162 milhões em apostas e R\$48 milhões em prêmios e subsídios, o que finalmente deu origem a 3201 nascimentos de puros sangue entre os associados da ABCPCC no mesmo ano.

Associações de turfe com hipódromos por localização estadual, 2003

Jockey clubs with race courses per state, 2003

International Federation of Horseracing Authorities - IFHA

Organização internacional que desenvolve padrões de qualidade para a criação de cavalos de corrida e estatísticas sobre o turfe, com sede em Paris e com 60 entidades membros. Afiliados do Brasil: Jockey Club Brasileiro-RJ e Jockey Club de São Paulo-SP



Rio de Janeiro – RJ / Jockey Club do Brasil

Grande Prêmio Brasil

Em 1933 houve a primeira edição do Grande Prêmio Brasil, um dos mais importantes empreendimentos de Linneo de Paula Machado. Este notório dirigente do turfe brasileiro, depois de erguer com ousadia e bom gosto o Hipódromo Brasileiro, em um areal fronteiriço ao Jardim Botânico e unificar as duas entidades turfísticas existentes na cidade do Rio de Janeiro, idealizou e realizou esta carreira, a mais bem dotada do continente na época. De todos os Grandes Prêmios realizados nos diversos hipódromos brasileiros, o Grande Prêmio Brasil, marcado para o mês de agosto, tornou-se a prova de maior expressão do turfe nacional, além de ser conhecida mundialmente. Já nos anos de 2000, em dia de sua realização, o Hipódromo da Gávea tem recebido mais de 50.000 pessoas.

São Paulo – SP / Jockey Club de São Paulo

Hipódromo da Cidade Jardim

Atualmente, a Cidade Jardim aloja cerca de 2.000 animais puro-sangue inglês de corrida. As cocheiras, localizadas próximas ao hipódromo e mais os Centros de Treinamento espalhados por várias cidades do interior e litoral paulista, acrescentam mais um contingente de outros 1.000 animais, permitindo a realização de quatro reuniões semanais, com a média de 12 páreos em cada uma. Este complexo está situado numa zona nobre de São Paulo, distante apenas 8 quilômetros do antigo "centro" da cidade, e tem acesso fácil por todos os lados, inclusive pela marginal do Rio Pinheiros, à beira da qual estão localizados seus muros.

Brasília – DF / Ministério da Agricultura

Departamento de Fomento e Fiscalização da Produção Animal - DFPA
Atividade Fiscalização de Atividades Turfísticas – Objetivos em 2003

Elaborar as diretrizes de ação governamental para desenvolver a equideocultura nacional, visando a melhoria das características econômicas de produção, assim como o incremento nas atividades de registro genealógico e provas funcionais dos equinos de sela e de tração. Da mesma forma, assegurar adequada qualidade dos insumos do setor, por meio da execução da atividade de fiscalização do funcionamento de estabelecimentos de promoções turfísticas e hípicas. Para adequação à Lei 7.291/84, o respectivo novo modelo de desenvolvimento em implantação no Brasil exige que todos os componentes das cadeias produtivas, de produtos de origem animal, sejam esses, de base alimentar ou de base desportiva, atendam, de forma cada vez mais correta, aos anseios de regularidade, quantidade e principalmente de qualidade, aos consumidores finais.

Fontes / sources: Carvalho, N. (ed) Jockey Club Brasileiro – 130 anos. Rio de Janeiro: 1998; Mello, V. Cidade Sportiva. Faperj, Rio de Janeiro: 2001; www.turfeonline.com; www.hcj.com.br; Departamento de Fomento e Fiscalização da Produção Animal–DFPA, Ministério da Agricultura, Brasília; Valor de 19/03/2001; O Estado de São Paulo de 11/10/2000; Magan, J.A. & Nauright, J. Sport in Australian Society. The International Journal of the History of Sport, vol. 17, no. 2/3, 2000 (special issue); www.jcb.com.br; www.horserecingintfed.com; www.jockeyclubdopr.com.br

Jorge Ricardo – o jockey de maior número de vitórias no mundo

The Brazilian jockey Jorge Ricardo is the rider with the most victories worldwide currently riding

Jorge Ricardo is the 3rd jockey by number of wins ever in the world and he at present is the rider with the most wins currently riding. Moreover, Jorge needs to ride until about September 2007 to reach 10770 wins and set the world record ever. At that time he will be celebrating his 50th birthday with a extremely impressive mark.

Os jockeys com maior número de vitórias na história do turfe mundial são Laffit Pincay Jr (9,530 vitórias), Willie Shoemaker (8,833) e o brasileiro Jorge Ricardo com 8,669 vitórias. Como Jorge só tem 42 anos de idade e atualmente reúne o maior número de vitórias dos jockeys em atividade ele tem chances de se tornar o líder de todos os tempos e de todos os países. Mantendo o ritmo atual e ao chegar aos 50 anos em 2007 Jorge terá alcançado 10700 vitórias, um recorde de grande destaque e de difícil superação.

Fonte / source, B-J.Kauffman, The Directory of the Turf (UK), 2000 www.jockeysroom.com

Boliche

DENISE GRECO E JAQUELINE CONCEIÇÃO

Bowling

Bowling has a long and rich history, and today is one of the most popular sports in the world. The English, Dutch and German settlers brought their own variations of bowling to the USA during the 18th and 19th centuries. On September 9, 1895, at Beethoven Hall in New York City, the American Bowling Congress (ABC) was born as Joe Thum finally pulled together representatives of the various

Definição Segundo o dicionário Aurélio, o boliche é uma prática esportiva que consiste em atirar uma bola de madeira ou de outro material pesado por uma pista estreita, visando derrubar um conjunto de dez balizas de madeira, com o feito de garrafas, dispostas numa formação triangular.

Origens Uma das versões correntes quanto ao aparecimento do jogo que se transformou em esporte relata que um arqueólogo inglês encontrou na década de 1930, uma tumba de 3.200 a.C. de uma criança egípcia com pinos e bolas que poderiam ser de um jogo, talvez até um tipo de boliche primitivo. Uma lenda relata que guerreiros de tribos antigas divertiam-se após as batalhas, usando os ossos das coxas de seus inimigos como alvos a serem atingidos. Os crânios eram lançados, colocando-se o polegar e outros dedos nas cavidades dos olhos. Há estudos que mencionam um jogo, na Polinésia, chamado de “ula maika”, tido como a origem do boliche. Segundo historiadores, trata-se de um dos mais antigos esportes de bolas arremessadas, sendo considerado um irmão do bocha. No século XIV surgiu, na Inglaterra, um jogo de boliche na grama, que tinha por objetivo colocar a bola o mais perto possível do alvo, porém sem derruba-lo. A popularidade desse jogo chegou a ponto do Rei Eduardo III, da Inglaterra, proibir a sua prática em 1.366, pois temia que ele superasse o arco e flecha, esporte que tinha maior importância militar. A proibição se referia a um “jogo dos 9 pinos”, o que obrigou os ingleses a reinventar o esporte com dez pinos, o que se afirma, tornou-se tradição e foi seguido mais tarde nos Estados Unidos pela International Bowling Association-IBA. Já na Alemanha, no ano de 1370, devido às ruinosas apostas que se faziam, Carlos V proibiu a prática do jogo que também era combatido pelos clérigos da Igreja que o chamavam de *Hei Denwerfen* (destruição dos pagãos). O primeiro regulamento conhecido do jogo é de autoria do alemão Hugo Von Trimberg. Foi elaborado no século XIII e se intitulava *Renner*. Há uma outra versão, entretanto, sobre o nascimento do boliche: diz-se que surgiu por volta do século IV ou V, na Alemanha, com conotação religiosa e era jogado com nove pinos colocados em forma de losango. Afirma-se que Martinho Lutero gostava tanto desse jogo que mandou construir uma pista particular de boliche em sua casa. Outras fontes afirmam que o esporte era jogado entre os Césares, em Roma, na Alemanha e na Holanda. Deste último país, imigrantes teriam levado a prática para os Estados Unidos, e aí o boliche proliferou, ganhando o país e o mundo. De qualquer modo, os americanos adotaram o jogo modificando a colocação dos pinos para a forma triangular e acrescentando mais um pino, sendo batizado como *tenpin bowling*. O jogo de boliche tomou um grande impulso no início do século XX, primeiro nos Estados Unidos e depois se expandiu pela Europa.

1895 – 1916 Neste período, o boliche já era uma modalidade esportiva nos EUA. Em 9 de setembro de 1895 foi organizado, em Nova York, o Congresso Americano de Boliche - American Bowling Congress-ABC. Mais adiante, em 1916, acontece o The Women’s International Bowling Congress-WIBC. Mas a primeira organização especializada surgiu na Itália, em 1897, quando, em 4 de novembro, foi fundada a União das Sociedades de Bocci do Piemonte. A tecnologia do boliche deu dois grandes saltos na mesma época. As bolas costumavam ser de um tipo de madeira muito dura. Entretanto, em 1905, apareceu a primeira bola de borracha, chamada de Evertrue e, em 1914, a *Brunswick Corporation* promoveu, com muito sucesso, a bola de mineralite apregoando seu ‘misterioso composto de borracha’.

regional bowling clubs. During the 20th century, bowling technology took two big steps forward: in 1914 the Brunswick Corporation successfully promoted the Mineralite ball and the production model pinspotters were introduced in 1952. No longer did a proprietor have to rely on ‘pinboys’. In Brazil, although the tradition of bocce and tenpins had already existed since the 19th century, bowling

1950 Na década de 1950 começaram a surgir máquinas automáticas que devolviam os pinos aos seus lugares para novas jogadas. Em 1954, surgiu o campeonato mundial para homens e em 1963 para mulheres. Outras associações surgiram nos Estados Unidos como a Federation Internationale de Quillers-FIQ, fundada em 1952 e a The Professional Bowlers Association-PBA, fundada em 1958.

1960 Na década de 1960, o boliche começa a fazer sucesso em iniciativas pontuais e locais no Brasil. Surgem Casas de Boliche e aparecem bons jogadores. Note-se que já havia no país uma longa tradição do jogo da bocha, aparentada ao boliche, como fruto da imigração italiana do século XIX que se estendeu de SP ao RS.

1963-1969 Este período corresponde à década de ascensão do boliche no Brasil. Somente na cidade de São Paulo existiam 96 Casas de Boliche no período. No Rio de Janeiro-RJ, as duas primeiras pistas de boliche foram instaladas na Casa da Suíça, local famoso à época. Ainda nesta cidade, casas de espetáculo tais como o Canecão, o Scala e o Gato Pardo foram também Casas de Boliche.

Década de 1970 Nesta década, o boliche passa a ser entendido como uma modalidade de esporte mundialmente organizada, sob o comando da *Federation Internationale de Quilleurs*– FIQ com sede na Finlândia. Somavam-se então oitenta e oito países filiados, incluindo o Brasil, distribuído pelos cinco continentes e dividido em três zonas: Européia, Americana e Asiática. O número de praticantes no mundo, cadastrados para competições em diversos níveis, ultrapassou os sessenta milhões. Eventos mundiais e por zonas passaram a ser realizados de quatro em quatro anos e eventos continentais, de dois em dois anos. Além disso, criaram-se eventos juvenis, também de dois em dois anos, eventos especiais, promovidos pelos fabricantes de equipamento, como também eventos realizados por iniciativa de um país, em particular. Neste último caso, vale citar o Torneio das Américas, disputado anualmente nos Estados Unidos, e os Jogos Pan Americanos, disputados de quatro em quatro anos.

1980 A partir deste ano, o boliche é reconhecido no Brasil pelo Conselho Nacional de Desporto-CND como modalidade esportiva.

1982 O primeiro boliche oficial automático no Brasil foi montado pelo Playcenter no Morumbi Shopping-SP - o Morumbi Bowling Show - o que deu início a uma nova fase para esse esporte, tanto na capital como no interior do estado de São Paulo.

1986 No dia 14 de janeiro deste ano foi fundada a Federação Paulista de Boliche. Deu-se início então a uma fase, em que o Brasil participou regularmente de todas as competições internacionais, com bons resultados em nível sul-americano.

1995 São Paulo-SP foi sede da Copa Mundial AMF, com participação de mais de 50 países e ocorrendo grande repercussão na mídia nacional e internacional.

1996 O Gran Boliche, localizado na Avenida Santo Amaro, São Paulo-SP, onde os pinos derrubados ainda eram recolocados na posição por pessoas apelidadas *pin boy*, encerra suas atividades. Esta casa se mantinha desde da década de 1960, e seu fechamento marcou o enfraquecimento do boliche no Estado de SP, embora a modalidade ainda sobreviva em algumas cidades do interior. No mesmo ano, a cidade de Brasília recebe o XI Campeonato Sul-

only experienced a rapid expansion in the 1960s, when it became a fad in the cities of Rio de Janeiro and São Paulo. Pinspotters arrived in Brazil in the 1980s and soon there were state federations of the sport and the country started taking part in international competitions. Today Brazil has 95 bowling centers affiliated to 14 federations, a confederation, and 56,000 bowling players.

Americano de Boliche, realizado no *Brunswick Park Bowling*. O evento teve recorde de participação, com grande cobertura da imprensa local, nacional e internacional. Nesse campeonato o Brasil conquistou os títulos de Campeão Sul-americano adulto e juvenil masculino, ambos pela primeira vez na trajetória nacional do esporte.

1998 Este ano marca a participação brasileira no boliche como esporte de demonstração, nas Olimpíadas de Seul, na Coréia (fase que antecede a definição de um determinado esporte como parte do programa olímpico).

2003 O Shopping Eldorado, em São Paulo, abriga a maior pista de boliche do Brasil, com 24 pistas computadorizadas, ar-condicionado e todo o conforto. Na cidade do Rio de Janeiro, foi reinaugurado o Barra Bowling no Barra Shopping, a única pista do Rio com as especificações internacionais do esporte. O lugar é concorrente à sede da modalidade no Pan-Americano de 2007. No Pan-Americano de 2003, em Santo Domingo, o Brasil ficou em sétimo lugar na competição feminina de duplas no boliche, com a parceria formada por Jacque Costa e Luiza Rocha, que somaram 4.445 pontos. O ouro foi para o México, cuja dupla somou 4.807 pontos, a prata ficou com os Estados Unidos, com 4.715 pontos e o bronze, com a Colômbia, 4.702 pontos. Na competição individual, Jacqueline com Costa ficou em 17º lugar e Luiza Rocha em 21º.

Situação Atual Existem atualmente no mundo cerca de 220.000 pistas de boliche e calcula-se que existam mais de 130 milhões de praticantes em mais de 90 países. No Brasil contam-se 95 pistas (56 no Estado de SP), as quais, se consideradas pela média internacional de 590 praticantes por pista, resultariam em uma estimativa de 56 mil praticantes para todo o país. O boliche é dirigido, no Brasil, pela Confederação Brasileira de Boliche–CBBOL, entidade vinculada ao Comitê Olímpico Brasileiro-COB. Estão filiadas à CBBOL as Federações de São Paulo, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Minas Gerais, Pará, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Bahia, Espírito Santo, Paraná, Rio Grande do Sul e Goiás. Estão em organização as Federações de Pernambuco e Santa Catarina. Há ainda uma federação que reúne o boliche com o bolão, dando mostra à antiga tradição deste último jogo no Brasil. Entretanto, a falta de uniformidade das condições da pista é um dos argumentos contra a inclusão do boliche (*tenpin bowling*) nas provas olímpicas. As atividades da CBBOL são reguladas por um Calendário Nacional e Internacional, que em 2003 incluíam: Janeiro - Campeonato Brasileiro de Duplas (30/01 a 2/02) em São Paulo; Fevereiro - Taça BH (13 a 16); Março - Taça Salvador (1 a 4) e Campeonato Brasileiro de Clubes (27 a 30) em Belo Horizonte – MG; Abril - Taça Brasília (17 a 20); Maio - Taça Recife (1 a 4); Junho - Taça Rio (19 a 22); Julho - Campeonato Brasileiro Individual (17 a 20) em São Paulo-SP; Agosto - Jogos Pan Americanos (2 a 5) Torneio das Américas; Setembro - Taça Paraná (4 a 7) Mundial FIQ (9 a 21); Outubro - Taça Bahia (9 a 12); Novembro - Taça MG (1 a 4); Dezembro - Campeonato Brasileiro de Seleções (4 a 7) em Brasília.

Fontes Adolpho Schermann, Os desportos em Todo o Mundo, Revista da AABB, RJ, 1954; www.educacaofisica.com.br/ esporte/boliche.htm (Pesquisa bibliográfica realizada por Carlos Augusto Mota Calabusi / CEPESP/ESEFJ e Thiago Infonatto / UNESP/CEPESPE; www.cbbol.com.br; vieira@globo.com (Marcio Vieira); boliche@boliche.com.br; www.bowlingmuseum.com/history.asp

Número de pistas de boliche por estado, 2003

Number of bowling centers per state, 2003



Confederação Brasileira de Boliche Brazilian Bowling Confederation

A Confederação Brasileira de Boliche - CBBOL, fundada em 1º de dezembro de 1993, pelo desmembramento da modalidade da Confederação Brasileira de Desportos Terrestres, é uma sociedade civil de caráter desportivo, sem fins lucrativos. A CBBOL é reconhecida e vinculada ao Comitê Olímpico Brasileiro - COB. São fundadoras da CBBOL as seguintes entidades:

Federação de Boliche do Distrito Federal; Federação de Boliche do Rio de Janeiro; Federação Paulista de Boliche; Federação Mineira de Bolão e Boliche; Federação de Boliche de Mato Grosso do Sul; Federação Paraense de Desportos; Federação de Boliche de Mato Grosso; Federação Baiana de Boliche.

Outras entidades filiadas posteriormente à CBBOL

Federação Paranaense de Boliche; Federação de Bolão do Rio Grande do Sul; Federação Capixaba de Boliche; Federação Pernambucana de Boliche; Federação Goiana de Boliche; Federação Catarinense de Boliche.

Material do Boliche / Bowling equipment

Pistas – são de madeira ou sintética, possuindo 62 pés (ou 18,20m) de comprimento por 1,07m de largura. Constituída de 39 tábuas de 1x3" unidades pelo sistema de macho e fêmea, recebe uma aplicação de laca de poliuretano. Atualmente, a maioria dos boliche está mudando para pistas sintéticas. Esse material de 1 polegada de espessura foi desenvolvido e aperfeiçoado pelos maiores fabricantes de boliche do mundo – AMF e Brunswick inclusive sendo testado e aprovado pela NASA.

Pinos – cada um dos 10 pinos tem aproximadamente 50 cm de altura, 20 cm de diâmetro na metade de sua altura e 7 cm na sua base, pesando cerca de 1,5 kg. São feitas de madeira e revestida com uma capa plástica de 3 mm para proteção, sendo balanceadas

de acordo com as regras da FIQ que exige um mínimo de 1531 gramas até 1645 gramas de peso.

Bolas – no início do século vinte, eram de madeira, evoluíram para borracha dura (*hard rubber*) e, em seguida, plástico. Há bolas menores para as mulheres e para as crianças. As bolas maiores têm 21 cm de diâmetro e pode pesar até 7 kg.

Modo de Arremessar – o jogador dá quatro passos e arremessa a bola sobre a superfície de madeira, geralmente de pinho. Dos dois lados da pista temos as canaletas, onde as bolas mal arremessadas caem e não chegam ao triângulo onde estão os pinos ou as garrafas. O objetivo é derrubar os 10 pinos ou garrafas.

Montanhismo

CRIS COSTA

Mountaineering

The history of mountaineering in Brazil started in the 17th century, when Portuguese colonists ('Bandeirantes') explored and went beyond regions of mountains founding villages and small towns. The first experience of mountaineering as a sport happened in

Definições Montanhismo é a prática esportiva de subir montanhas com o propósito de atingir os seus cumes. O montanhismo envolve planejamento e logística, pois apresenta diversos níveis de dificuldade e de risco que sugerem evitar improvisações e dar prioridade à segurança. Por isso os meios utilizados para tal propósito dependem da trilha a ser percorrida. Das diferenças entre as técnicas surgiram outros esportes hoje praticados no Brasil, como o Trekking, a Escalada e o Rapel.

O Trekking – hoje uma expressão internacional - é o ato de caminhar na natureza. Hoje sua prática tem se expandido muito no Brasil pelo baixo custo associado à oferta de belas paisagens a serem exploradas. A Escalada é ascender em uma superfície natural (rocha, gelo) ou artificial (muro de Escalada, edifício, outros). O Brasil, além de ter uma geologia propícia à prática, atualmente vive um processo de proliferação de muros artificiais em shoppings, academias, escolas e etc.

O Rapel é técnica de descida vertical, utilizada por montanhistas, escaladores, em canyons, espeleologia (exploração de cavernas) e, principalmente em resgates. Por ser uma aventura com uso de técnicas sem esforço físico, tem sido estimulado principalmente pelo turismo de aventura.

Origens No Brasil, as primeiras ascensões em montanhas ocorreram durante o período das explorações territoriais, na conquista de novas fronteiras, através de um ciclo de penetrações iniciado no século XVII, pelos Bandeirantes. Registros de montanhismo rudimentar aparecem no século XIX de forma incipiente, com motivações nem sempre típicas do montanhismo atual, mas prevalecendo o sentido de autorealização pessoal e de equipe, típico dos esportistas do passado e do presente. Aparentemente, o esporte de montanhas instalou-se no Brasil por reflexo do exterior e não por sua importação.

1817 Subida ao Pão de Açúcar (396m), Rio de Janeiro – RJ, pela inglesa Henrietta Carsteirs.

1828 Uma expedição do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil marca a primeira subida da Pedra da Gávea (842m), outro ponto também de referência da cidade do Rio de Janeiro – RJ.

1841 Conquista da Pedra do Sino (2.257m) pelo botânico escocês George Gardner.

1856 José Franklin da Silva escala o Pico da Agulhas Negras (2.789m), Itatiaia – RJ, até então considerada a montanha mais alta do Brasil.

1862 Praticantes de *Turnen*, imigrantes alemães vindos do sul do Brasil, escalaram o Pão de Açúcar, recolhendo um pedra como símbolo do feito e a remetendo para a Alemanha. Este marco tornou-se uma das bases do monumento a Ludwig F. Jahn, pai do *Turnen*, em Berlim.

1879 Joaquim Olímpio de Miranda liderou um grupo de paranaenses na conquista da principal montanha da Serra do Marumbi – PR, com mais de 1.500m. Esta iniciativa produziu a primeira equipe de “montanhistas” reunida no país, tendo como finalidade essencial realizar uma escalada esportiva de montanha. Em homenagem ao líder, o pico foi significativamente denominado de “Monte Olimpo”.

1884 Conquista do monte Roraima pelo inglês Everard Im Thurn, ainda com caráter científico.

1910 Um grupo de autodenominados montanhistas estendeu uma faixa no Pão de Açúcar do lado da entrada da Baía de Guanabara, saudando Santos Dumont que retornava da Europa de navio, depois de seus memoráveis feitos aeronáuticos. Nesta época o inventor do avião mais pesado do que o ar já era herói nacional e esportista de renome internacional, pois a aviação ainda era predominantemente uma atividade esportiva. Contudo, a escalada de homenagem foi mais promocional do montanhismo do que uma prova característica deste esporte.

1817 and the first club was founded in 1879. The lack of high mountains and peaks in the country took the development of mountaineering to the international scene, first in the Andes (Aconcagua, 1952) and later in the Himalayans (Everest, 1992).

1912 Neste ano iniciou-se uma fase mais técnica e mais de sentido esportivo do montanhismo brasileiro, representada pela conquista do Dedo de Deus (1.675m), na Serra dos Órgãos, RJ. Raul de Sá Carneiro se associou a José Teixeira Guimarães e os irmãos Acácio, Alexandre e Américo de Oliveira e em abril de 1912, após seis dias de marcha, vencem a montanha. No cume soltam fogos de artifícios e hasteiam a bandeira nacional e outra branca para ser mais facilmente vista de Teresópolis, cidade de maior proximidade do evento e até hoje um local de concentração de montanhistas.

1919 Em novembro de 1919 foi fundado, no Rio de Janeiro, o Centro Excursionista Brasileiro-CEB, por um grupo de dez jovens cujas idades variavam entre 18 e 23 anos de idade, os quais eram funcionarios publicos, empregados no comércio e na indústria, e estudantes. Esta foi a primeira agremiação montanhista *stricto sensu* do Brasil e da América do Sul.

Década de 1930 Após a segunda escalada ao Dedo de Deus em 1931, outras agremiações começaram a surgir, confirmando uma expansão mais consistente e regular do esporte no país. Esta tendência menos oscilante resultou na conquista de montanhas e vias por aprimoramento de técnicas e procedimentos.

Décadas de 1940 e 1950 O montanhismo revela-se por maior visibilidade e por atuação mais efetiva em duas localizações estaduais: Rio de Janeiro, com suas serras e montanhas apropriadas para o esporte; e Paraná, com conquistas de significado técnico realizadas por seus praticantes.

1944 Criou-se a primeira Escola de Guias do Brasil no Clube Excursionista Brasileiro.

1952 Conquista do Pico Latorre, na Bolívia, por Orlando Lacorte, Ricardo Menescal e Marcello Fragelli. Marcou a primeira conquista internacional realizada por brasileiros.

1953 Orlando Lacorte e Ricardo Menescal chegam ao cume do Aconcágua (6.959m) – Argentina, o ponto mais alto das Américas. Este evento marcou o início da tendência de montanhistas brasileiros de alto nível a buscarem desafios fora do país, em face à ausência de montanhas de grande porte no território nacional.

Década de 1960 Empiricamente, notou-se neste período que o montanhismo começou a ser praticado também nas proximidades de outros centros urbanos além dos tradicionais do RJ e PR, principalmente nos estados do Sul e do Sudeste do Brasil. Embora houvesse carência de registros a respeito desta expansão geográfica, tornou-se comum o encontro de vias de escalada e caminhada nas regiões mais afluentes do país, mormente localizadas próximo a montanhas condizentes com os requerimentos do esporte.

1965 Liderada pelo general Ernesto Bandeira Coelho, a expedição Mista de Limites ao Pico da Neblina (3.014m) – AM, alcança o ponto mais alto do Brasil. Observe-se, neste caso, que o fato do marco geográfico ter sido mantido incólume dos montanhistas brasileiros foi a dificuldade de acesso ao local, somado ao desconhecimento do porte da elevação em meio à floresta amazônica.

Interpretação do Desenvolvimento – anos 1960 As circunstâncias, antes relatadas, reforçam o nexó de que o montanhismo no Brasil tem ocorrido com mais efetividade e apresentado um crescimento regular em localizações pontuais que associam áreas urbanas com montanhas próprias para a prática esportiva (Estado do RJ, por exemplo significativo). A alternativa a esta configuração reside na tradição de se praticar o montanhismo por determinados grupos e associações, que leva a se buscar montanhas próximas a suas cidades de origem (supostamente no caso do Paraná). Por sua vez, montanhismo de longas viagens, realizado no exterior, tornou-se, portanto, uma opção válida no Brasil diante da tipicidade da

Today a new tendency in the expansion of this sport is taking place in the mountains of Brazilian National Parks. Key features in 2002 – 2003: 4 federations, 50 clubs, 120 sites for practice and approximately 10,000 participants.

natureza do país e dos grupos que aderiram ao esporte por razões culturais. Neste contexto, as conquistas dos Andes sinalizaram a existência de um desenvolvimento no esporte e não apenas crescimento de adesões e atividades.

1987 Conquista de destaque técnico de Sérgio Tartari e Alexandre Portela, ao vencerem o *big wall* Terra de Gigantes (A4+) na Pedra do Sino – Parque Nacional da Serra dos Órgãos (RJ). Esta foi a escalada mais difícil do país até então na modalidade *big wall*.

Interpretação do Desenvolvimento - anos 1980 A localização do feito de Tartari e Portela num parque nacional sinaliza um novo caminho para o desenvolvimento do esporte em pauta, por associar requisitos de *trekking* e escalada com uma possível base de apoio e segurança local. No mapa incluso, localizam-se 25 parques nacionais no Brasil dos 47 existentes, que constituem potencialmente sítios de montanhismo.

1992 Michel Vincent chegou sozinho ao cume mais alto do mundo, o Monte Everest (8.848m) – Himalaia, fronteira do Nepal com o Tibet. Nascido na serra fluminense – RJ, ele não sabia que tinha sido o primeiro brasileiro a pisar no topo do mundo, até ser descoberto por Julio Fiadi em 2002.

1995 Mozar Catão (Rio de Janeiro) e Waldemar Niclevitz (Paraná) atingem o cume do Monte Everest e voltam ao Brasil disputando o título de pioneirismo do feito, sem saber que este já havia sido realizado.

Interpretação do Desenvolvimento - anos 1990 O marco de 1998, aliado ao citado da Pedra do Sino no ano de 1987, suscita a hipótese de que há uma terceira vertente que caracteriza o desenvolvimento do montanhismo no Brasil, isto é, a do aperfeiçoamento técnico. Esta última tendência estaria se projetando para fora do país por razão similar a dos anos de 1950: locais apropriados aos grandes desafios, com infra-estrutura de apoio próxima e disponível. A já citada tendência do montanhismo brasileiro em se localizar em parques nacionais seria uma evidência do aprimoramento da técnica em associação com a logística.

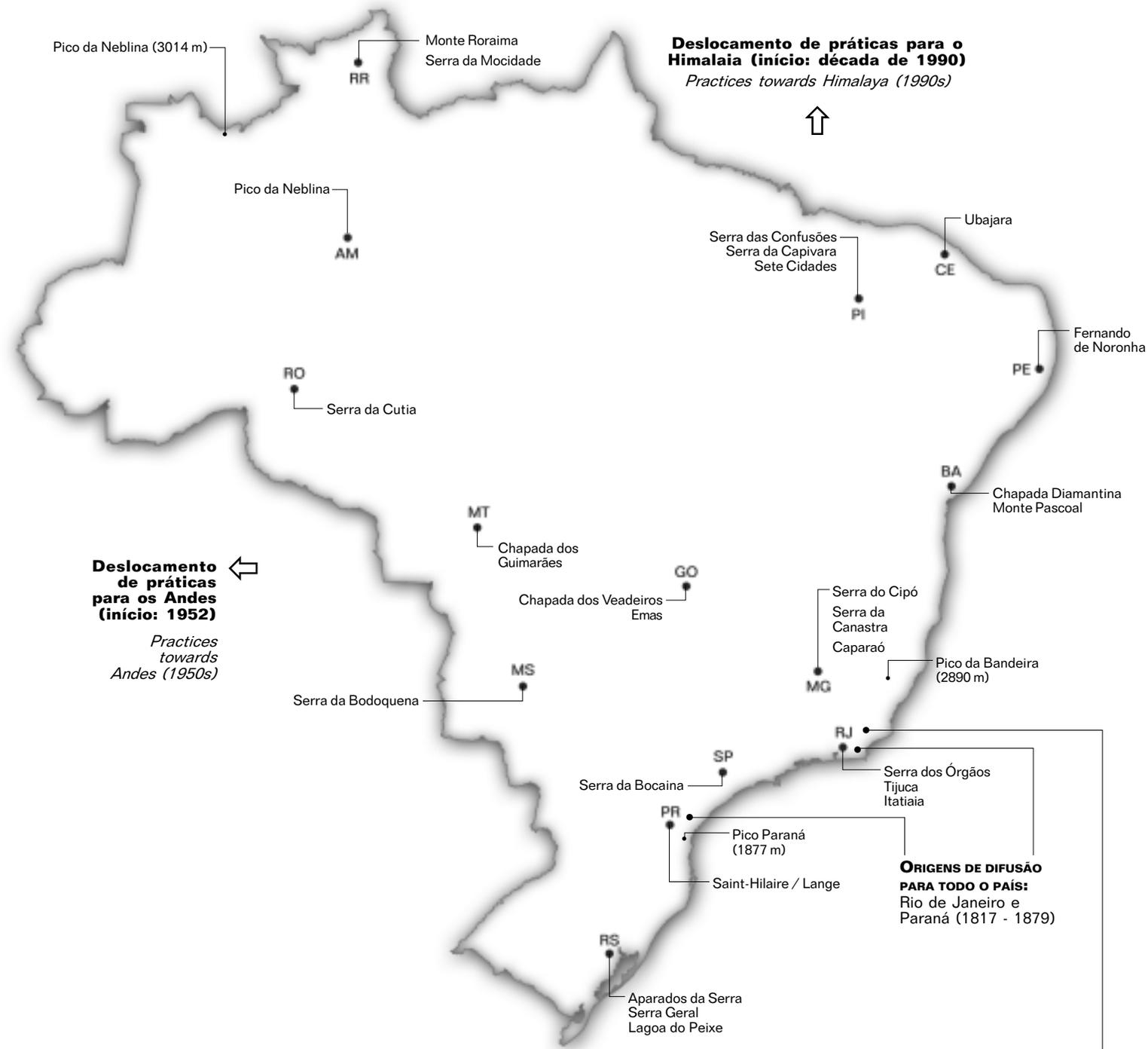
Situação Atual Hoje existem no Brasil cerca de 50 clubes e associações filiados a 4 federações (SP, RJ, PR e RS) especializadas em montanhismo. Há ainda clubes e grupos de montanhismo identificados nos estados do Rio de Janeiro, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraíba, Distrito Federal e Espírito Santo. No Brasil supõe-se que existam cerca de 10.000 montanhistas (estimativa de média confiabilidade). O cluster do montanhismo brasileiro situa-se historicamente no RJ, onde há hoje 12 clubes e associações, como também situa-se a a Federação de Esportes de Montanha do Estado do RJ (FEMERJ) que contabiliza 800 praticantes filiados e um número duas vezes maior de não filiados. A Associação de Guias, Instrutores e Profissionais de Escalada do Estado do RJ - Aguiperj cadastra, treina e credencia os guias do estado, confirmando a existência de uma tendência à profissionalização, além do já detectado desenvolvimento institucional e técnico do esporte na região.

Fontes Manoel de Souza Lordeiro – coordenador do Programa de Preservação da Memória do Montanhismo Brasileiro - PREMON, e membro do Instituto Histórico de Petrópolis - IHP; Gasques, Marcus Vinicius (2002). Montanha em fúria: aventura e drama no cerro aconcágua, o maior pico das Américas. São Paulo: Globo; Becker, Helmut (1998). O montanhismo vertical, suas modalidades e peculiaridades. Rio de Janeiro: UGF; Otiz, Airton (2001). Montanhismo Conceito (internet). 360graus.terra.com.br/montanhismo/geral.asp?did=401; Apostila do Curso Básico de Montanhismo do Centro Excursionista Brasileiro – CEB Bandeira, Carlos Manes (1986). História do montanhismo no Brasil (internet). www.ime.usp.br/~odilon/climb/textos/histor.html

Parques Nacionais com montanhas aptos a acolherem montanhistas

Mountaineering national parks – sites

(pontos culminantes assinalados)



Municípios com sítios de montanhismo por Estado

Sites of practices by states

MG 24	SC 4	RO 1
PR 20	PI 3	MT 1
RJ 16	GO 2	AM 1
ES 13	BA 2	AP 1
RS 13	PR 2	CE 1
SP 12	RR 2	MS 1

Perfil do praticante de Montanhismo – Brasil⁽¹⁾

Mountaineers – Profile / Brazil

Respondentes espontâneos via Internet

N = 880⁽²⁾

SEXO masculino: 89,6%; feminino: 9,9%; não responderam: 0,3%

FAIXA ETÁRIA 13-21 = 32,3%; 22-29 = 44,8%; 30-40 = 17,6%; 41-53 = 3%; não responderam = 2%

REGIÕES região norte: 0,6%; região nordeste: 2,7%; região centro-oeste: 3,6%; região sudeste: 74,3%; região sul: 16,4%; não responderam: 2,2%

ANO DE INÍCIO DA PRÁTICA 1974-1988 = 11%; 1989-1999 = 89%

⁽¹⁾Fonte: Censode 1998 de praticantes de escalada e montanhismo – Brazil Outdoor Ltda.

⁽²⁾Número correspondente a cerca de 9% do total estimado de praticantes no país.

Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro Cluster
Opções de prática
Cluster de montanhismo



Halterofilismo

LUIZ DOS SANTOS

Weightlifting

The history of weightlifting has been illustrated by folk shows of strength with actors in fairs and circuses lifting very heavy weights. However, competitive weightlifting today is an Olympic sport. The use of weights and dumbbells varied according to sport and utilitarian objectives throughout the 20th century. The first registers of weightlifting in Brazil

Origem e Definições O Halterofilismo surgiu na Grécia, no treinamento de atletas “que usavam os halteres como ponto de apoio/impulso” (Schermann), personificado no mito do lendário herói grego Milo de Cróton. Segundo o mito, Milo de Cróton desenvolveu volume e potência musculares carregando diariamente um bezerro até à sua maturação como touro, deixando implícitos os princípios básicos, modernamente explicáveis cientificamente: metodológico – o aumento gradativo da resistência oposta aos movimentos do corpo humano; biológico – estímulos às alterações do metabolismo muscular (propiciando reações orgânicas gerais) induzindo hipertrofia e potência musculares crescentes como respostas orgânicas, para manutenção do equilíbrio homeostático, em reação aos estímulos crescentes das cargas aumentadas gradativamente. Na história do Halterofilismo, encontram-se freqüentemente exibições folclóricas em feiras e de circos, de artistas exibindo corpos trabalhados e/ou executando provas de força, seja puxando diversos tipos de veículos ou levantando pesos – inicialmente com enormes bolas interligadas por barras, as marombas – com aferições reais ou falsas, preenchidas ou não com artefatos de chumbo. Deste jogo de aparências, provavelmente se originaram os preconceitos iniciais com relação à atividade gímnico-esportiva do Halterofilismo como aplicação e desenvolvimento muscular puros, levando à criação da designação de Culturismo, que permitia sua inserção social.

Século XIX No Brasil, houve exibições folclóricas de força no estilo circense pelo cidadão basco Santiago e pelo inglês Furry no início deste século, segundo indícios históricos, sem registros explícitos. Antes da passagem para o século XX, já eram populares no país os equipamentos idealizados no exterior por Eugen Sandow, ou seja, as molas de preensão e os extensores de molas, algo próximo ao Método de Tensão Dinâmica de Charles Atlas, surgido nos EUA na década de 1930.

1882 – 1892 –1898 Nestes períodos encontram-se planos de aula de ginástica do Ginásio Nacional, atual Colégio Pedro II, situado no Rio de Janeiro - RJ, descrevendo exercícios com as expressões “varas ou barras com pesos” e “marombas”.

1904 Realizaram-se na cidade de São Paulo, provas de Levantamentos de Pesos entre o Clube de Regatas São Paulo e o Clube Atlético Esperia.

1906 – 1908 Na cidade do Rio de Janeiro – então Distrito Federal – o francês Paul Pons, lidera uma turma de praticantes de exercícios com pesos e de lutas no Parque Fluminense, que se exibiam em praças e ruas. Este grupo incluiu personalidades importantes à época, tais como Francisco Lage, Zeca Floriano – filho de Floriano Peixoto, Presidente da República – e o Dr. Eutíquo Soledade, pai de Tico Soledade.

1939 Na Associação Cristã de Moços - ACM do Rio de Janeiro, então sediada à Rua Araújo Porto Alegre, Marcello B. de Viveiros, médico do esporte, organiza um ginásio de Halterofilismo, com Francisco Lino de Andrade, certamente influenciado pela cultura francesa, pois na França o vocábulo Halterophile era utilizado na área de levantamentos, usando-se também o termo Culturismo para designar os atletas que se dedicavam ao desenvolvimento da musculatura corporal como símbolo de excelência física. Funda-se ainda no RJ, a Seção de Pesos e Halteres do clube Botafogo Futebol e Regatas, sob a direção de Paulo Azeredo. Realizou-se também um campeonato inter-clubes, com a participação do Flamengo, Central (de Niterói), Irapurás e Botafogo, sob supervisão da

date back to the 19th century. The first competition between clubs took place in 1904. The first permanent sections in clubs devoted to weightlifting appeared in Rio de Janeiro in 1915 and the very first weightlifting federation was also founded in Rio de Janeiro in 1936. Weightlifting went through extensive technical development between

Federação, com seu delegado e fiscal, Arnaldo Costa. Neste ano iniciam-se as atividades da antiga Escola Nacional de Educação Física e Desportos - ENEFD, no RJ, onde Paulo Azeredo é encarregado da parte de aparelhos e levantamento de pesos, ligada à Cadeira de Esportes Terrestres Individuais.

1946 Marcello Viveiros – que utilizava o pseudônimo Marcos Benjamim – organiza o Ginásio Fôrça e Saúde, à Rua Erasmo Braga 277, 13º andar, Centro, Rio de Janeiro, transferido logo após para a Rua da Glória 32, apto. 702, onde lidera o Grupo Fôrça e Saúde, com uma Editora e uma Revista, homônimas. A partir deste ano são organizados os primeiros Campeonatos de Levantamentos Olímpicos e Excelência Física, assim como aparece a Revista Capitão Atlas que inclui artigos técnicos sobre Halterofilismo. O impacto deste Grupo fez-se presente até a década de 1970 e sua tradição se fixou na memória do Halterofilismo brasileiro (ver mapa).

1948 – 1949 Em São Paulo, Renato Pace organiza o Clube Hércules, e Alcyr Rondon, o Ginásio Apollon. No RJ, Nísio Dourado, cria o Ginásio Apolo; Newton de Souza Carvalho, o Ginásio Brasil, e Cláudio Flávio de Magalhães (Tibi), o Ginásio Vigor. Em Porto Alegre, Justino Viana instala o Ginásio Sparta. A partir da década de 1950, os ginásios e academias de Halterofilismo tornam-se comuns em todas as regiões do Brasil.

Décadas 1940 – 1950 O Grupo Fôrça e Saúde lança a primeira publicação especializada, a Revista “Fôrça e Saúde” e edita também o “Sistema Ideal”, ensinando por correspondência uma série de exercícios com pesos para utilização individual, com um sistema de repetições duplas gradativas, para manter uma segurança biológica na sua utilização, pois não havia recomendação de exame médico prévio. Destaque-se também a atuação pioneira de Paulo Ernesto Ribeiro (professor de Educação Física), atuante na área desde 1947, que publicou artigos bastante instrutivos na Revista do Capitão Atlas e que criou também a Milo Halterofilismo. Nesta época, ainda circulavam no Brasil os folhetos do Método de Charles Atlas, importados dos EUA e sujeitos a um enfoque mercadológico, da instrução sobre o desenvolvimento muscular. Este método, antes citado sob a denominação de Tensão Dinâmica – que no Brasil influenciou toda a geração de especialistas ativos nos anos de 1930 a 1950 –, provavelmente foi um precursor do Exercício Isocinético.

1965 – 1968 Inspirado no modelo de gerenciamento Força e Saúde, Luiz dos Santos, neste período, ao assumir a Federação Metropolitana de Halterofilismo - FMH, sediada no RJ, reproduz a tradição do Grupo original, iniciando pelos Campeonatos de Exercícios Básicos e de Excelência Física – até então interrompidos – que atraem e incentivam novos atletas para os Campeonatos de Levantamentos de Pesos. Destaque-se que a FMH tinha sido mantida, à época, por mais de uma década graças à compreensão do clube Botafogo F.R. e aos esforços pessoais de José Reis, professor de Educação Física e ex-levantador. Este fato pode ser considerado como uma regressão dos esforços do Grupo Força e Saúde, pois a FMH foi subordinada à Confederação Brasileira de Desportos-CBD após a dissolução da Confederação Brasileira de Halterofilismo – criação do Grupo na década de 1940 – pelo Conselho Nacional de Desportos-CND.

1951 – 1963 O Grupo Fôrça e Saúde lança a primeira Barra Olímpica projetada e fabricada no país em 1951. No ano seguinte

the 1940s and the 1960s, which was seen in technical magazines and in the coaching provided by specialized groups. Weightlifting as a discipline of undergraduate schools of physical education ranked 13th in 1999 among other 82 in a sample made up of 80 Brazilian universities. Brazil has 400 undergraduate schools of physical education today.

foi lançada a Revista “Músculos” pelo mesmo Grupo, e foi criado o Curso de Técnico em Pesos e Halteres, na ENEFD, no qual se diplomaram treze licenciados em Educação Física nos anos subseqüentes, sendo os últimos em 1963. Egressos desta especialização: Luiz dos Santos (médico e pesquisador na especialidade); Sidney Veras, (técnico da Seleção Olímpica, para Tokyo –1964); Hermógenes da Encarnação Gouveia. (campeão sul-americano de Levantamentos Olímpicos). Em 1961, o destaque no esporte foi a participação de João Batista, 4º lugar no Campeonato Mr. Mundo, Paris, realizado naquele ano.

1971 Ano da publicação do Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil (DaCosta) em que se contaram os atletas registrados nas federações de Halterofilismo de todo o país: 2647, sendo 1560 concentrados na região sudeste.

1997 Confirmando uma trajetória de mais de um século de expansão no Brasil, o Halterofilismo (ou “Musculação”, “Pesos e Halteres”, etc) é identificado em 13º lugar entre 82 disciplinas ofertadas numa amostra de 80 Instituições de Ensino Superior em Educação Física de todas as regiões do Brasil, ou seja, cerca de 20% do total hoje existente destas entidades (ver mapa).

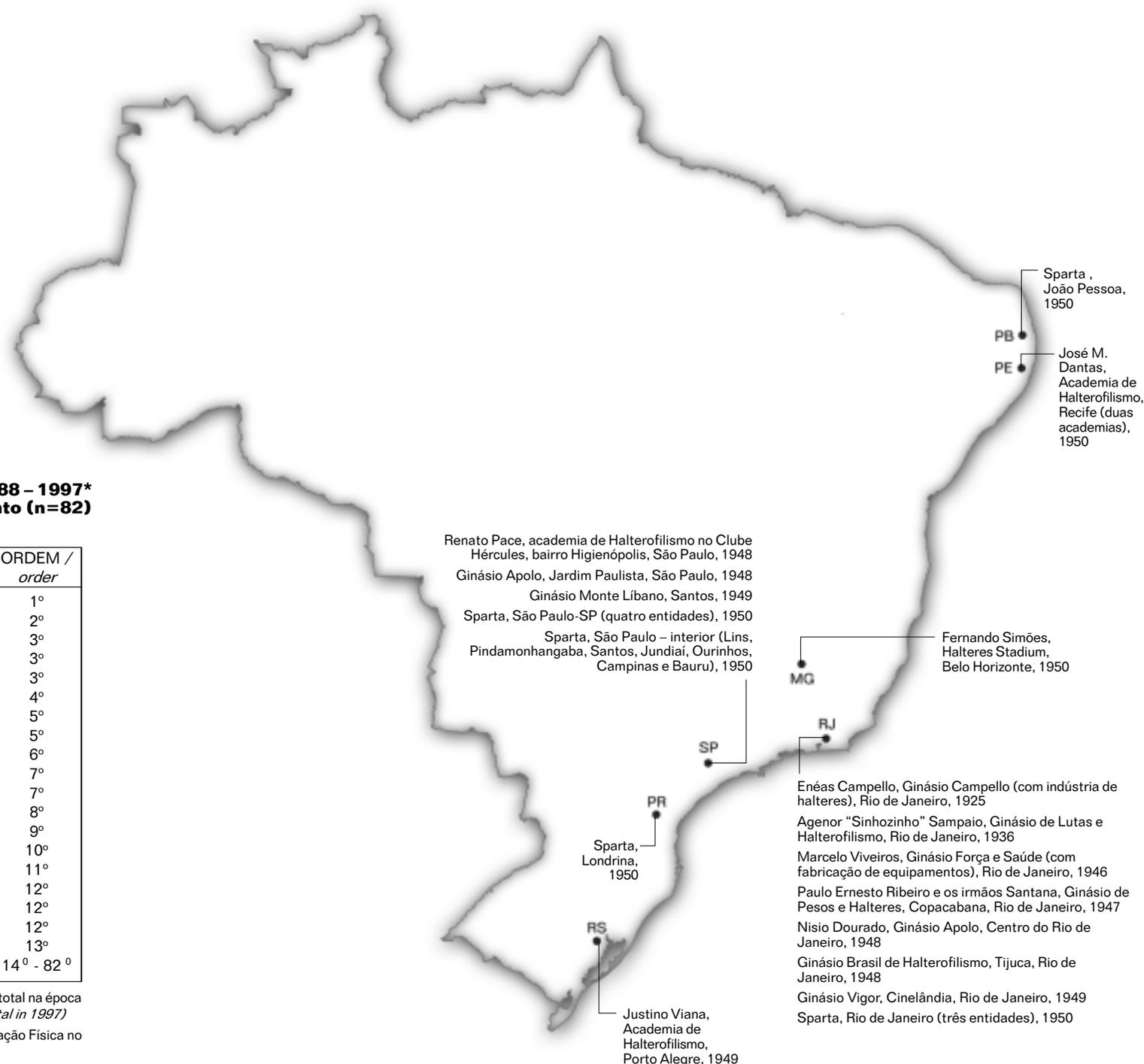
Décadas de 1960 – 2000 Expansão importante das academias de ginástica no Brasil, as quais passaram progressivamente a oferecer serviços variados, usando-se o Halterofilismo diretamente com barras e halteres ou seus princípios mediante uso de equipamentos mecânicos e eletrônicos de contra-resistência crescente gradativa.

Situação Atual A experiência permite confirmar que o esporte em foco tem crescido sempre que se conserva integrado, sem separações entre Levantamento e Culturismo, sobretudo em termos de funcionamento de federações e da formação acadêmica de profissionais de Educação Física e atividades correlatas. Há indícios, contudo, que esta expansão nem sempre decorre como desenvolvimento. Isto porque há um predomínio aparente de objetivos estéticos em lugar de saúde, sob a denominação do galicismo “Musculação” que, sem conotações técnicas, fruto de má tradução, tem contribuído para a oferta descontrolada de cursos relâmpagos de “sistemas” os mais diversos, perdendo-se sua validade científica. Se o uso de marcas estrangeiras para cunhar tais simulações tornou-se um hábito no Brasil, o presente estágio da evolução do Halterofilismo neste país sugere um retorno às tradicionais expressões da língua inglesa que traduzem a essência atual deste antigo esporte: *weight-lifting* – levantamento de pesos, modalidades olímpicas e seu treinamento específico; *weight-training* – treinamento com pesos – halteres – para fins desportivos e médicos; e *body-building* – construção do corpo, referido à auto-modelagem.

Fontes Azeredo, Paulo, A História do Levantamento de Pesos, Revistas Fôrça e Saúde, Ed. Força e Saúde, RJ, no. 8, abr/jun/1948, e no. 9, jul/set/1948; Capinussu, J.M. e DaCosta, L.P., Administração e Marketing nas Academias de Ginástica, Ibrasa, 1989, São Paulo, pp. 22 - 30; Revistas Fôrça e Saúde, nº 1 a 15; Revistas Músculos, nº 1 a 7; Figueiredo, Nilson, Modelagem do Físico; Depoimento de Cid Pacheco (2003); Schermann, A. . Os Desportos em Todo o Mundo, vol. I e II, Edição do Autor, RJ, 1954; DaCosta, L.P., Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil, DEF – MEC / Miniplan, Brasília, 1971.

Ginásios e academias pioneiras de Halterofilismo por localização, Décadas de 1920 – 1940

Pioneer weightlifting gyms per location, 1920s – 1940s



Graduação em educação física – Brasil, 1988 – 1997* Disciplinas preferidas para aperfeiçoamento (n=82)

Preferred disciplines for specialization

OFERTA / P. E. <i>undergraduation disciplines – 1988 - 1997 (n=82)</i>	INCIDÊNCIAS / <i>frequency</i>	ORDEM / <i>order</i>
Treinamento Desportivo	20	1º
Ed. Física Adaptada	19	2º
Natação	18	3º
Handebol	18	3º
Basquetebol	18	3º
Ginástica Artística, GRD	17	4º
Lutas, Artes Marciais	16	5º
Administração	16	5º
Voleibol	15	6º
Atletismo	13	7º
Dança	13	7º
Ginástica Academia	12	8º
Futebol	10	9º
Futebol de Salão	9	10º
Lazer, Recreação	8	11º
Nutrição	7	12º
Psicologia Desportiva	7	12º
Esporte Não Formal	7	12º
Halterofilismo / <i>weighttraining</i>	6	13º
Outras	<5	14º - 82º

* Dados coletados em 80 faculdades de Educação Física (30% do total na época da pesquisa) / *Data from 80 Schools of P.E. (30% from the total in 1997)*

Fonte / *source*: DaCosta, L.P., Formação profissional em Educação Física no Brasil, Pesquisa CNPq – UGF, 1998

Grupo Força e Saúde: um exemplo de excelência em gestão esportiva, 1940 – 1970

Strength and Health Group: an example of excellence in sport management, 1940 – 1970

O Grupo Força e Saúde, sediado no Rio de Janeiro – RJ e liderado pelo médico Marcello Benjamim de Viveiros – secundado por um núcleo básico constituído por Cid Pacheco, Hamilton de Carvalho, Francisco Lino de Andrade e João Baptista – iniciou em 1946 uma transformação no Halterofilismo praticado no Brasil. Em princípio, o Grupo manteve uma filosofia de unificação das diversas correntes do esporte: incentivou inicialmente as Competições de Exercícios Básicos – comuns a Levantadores e Modeladores do Físico – e depois as competições de Levantamentos de Pesos e de Excelência Física (Melhor Físico). A atuação do Grupo abrangeu atividades de divulgação, organização de eventos e fabrico de equipamentos, utilizando como base a primeira publicação especializada, a Revista Força e Saúde, lançada em setembro de 1946.

Além do lançamento de diversos equipamentos e artefatos, fabricaram a primeira barra olímpica nacional, a "Barra Força e Saúde" – confeccionada pelo torneiro-mecânico Batista, pai do atleta João Batista – a qual foi utilizada nos Jogos Pan-Americanos de 1951, em Buenos Aires. Paralelamente, organizaram a Liga Força e Saúde-LFS, que inicia a congregação dos adeptos do Halterofilismo e incentiva novos talentos possibilitando a organização das Federações Paulista, Gaúcha e Mineira. Delas surgiu por ampliação da LFS, a Liga Brasileira de Halterofilismo - LBH, com a participação dos pioneiros Nisio Dourado, João Baptista e Lino de Andrade. Em seqüência, executaram uma

descentralização, criando representações regionais desta Liga nacional e nomeando Dirigentes Distritais, por recrutamento de expoentes sociais, como a personalidade paulista Sérgio S. Mirsky, então acadêmico de medicina e o líder regional pernambucano Pedro Paulo de Oliveira, entre outros.

A LBH consegue, em 1949, a filiação internacional junto à *Fédération Internationale de Haltérophile* e participa da fundação da *Fédération Internationale de Culture Physique*. Assim disposto, em 1950 o Grupo organiza o 1º Congresso Brasileiro de Halterofilismo, fundando logo após a versão pioneira da Confederação Brasileira de Halterofilismo. Tais empreendimentos constituíram uma experiência inovadora, quiçá em termos mundiais, pois se conseguiu uma unificação do halterofilismo com duas Federações internacionais, o que não acontecera em outros países. Mantendo um eficaz nível de marketing, conseguem reportagens sucessivas na Revista O Cruzeiro, periódico de maior circulação nacional da época. Lançam, também, a Revista Músculo, de menor porte com periodicidade mensal, que recebe a colaboração de Jean Pierre Bastiou, consagrado halterofilista francês, Campeão de Melhor Físico e Professor de Educação Física que se radica no Brasil e depois se dirige para a Yoga. Destacam-se também, entre outros nesta fase de resultados de excelência, os atletas Simão Kleinberg, Fernando Dias da Silva e Elói Dutra, que seriam mais tarde expoentes sociais e profissionais.

Fonte / *source*: Arquivo Jornal dos Sports (Rio de Janeiro – RJ), Coluna Halterofilismo, ano de 1968.

Rugby

CARLOS JOSÉ BARCELLOS DE OLIVEIRA E FERNANDO LUÍS DE OLIVEIRA

O primeiro jogo de rugby disputado no Brasil, em 1925.

Rugby was created in England with the foundation of the Rugby School of England in 1823. The Rugby Union, organized in England in 1871, started the expansion of the sport in English-speaking countries, and later on brought it to the international sphere. Rugby is played in 80 countries today following amateur initiatives. It came to Brazil during the second half of the 19th century, initially played by English people and/or their Brazilian descendants. The Paissandu Cricket Clube was founded in 1875 in Rio de Janeiro. It was a club where the players could play rugby and soccer. The Clube Brasileiro de Futebol Rugby was founded in 1891 and it

O primeiro jogo de rugby disputado no Brasil, em 1925.

Origens O Rugby surgiu na Inglaterra em 1823, sendo o marco de memória sempre citado, a criação, nesta data, da *Rugby School of England*. Em 1871, foi organizada, também na Inglaterra a *Rugby Union*, uma instituição que deu partida à expansão do esporte nos países de língua inglesa, e depois no âmbito internacional. Hoje há 80 países que apresentam iniciativas de Rugby, cuja característica comum é a manutenção do amadorismo. No Brasil, a modalidade apareceu também na segunda metade do século XIX, naturalmente praticado por ingleses e/ou seus descendentes brasileiros. Em 1950, Tomás Mazzoni escreveu um livro sobre as memórias do futebol em que confirma tal fato, atribuindo uma origem comum a ambos os esportes no país. Segundo o historiador Paulo Várzea, o primeiro clube de esportes que adotou a modalidade no Brasil foi fundado em 1875, por H.L. Wheatley, C.D. Simmons, A. MacMillian, Amaral, Robinson e Cox, recebendo, posteriormente, a denominação de Paissandu Cricket Clube. Neste clube, deficiências do campo para a prática do *football* contribuíram para a realização dos primeiros exercícios de Rugby. Em 1891 foi criado, também no RJ, o Clube Brasileiro de Futebol Rugby, o primeiro a cultivar efetivamente este esporte no Brasil. Os fundadores foram Alfredo Amaral Fontoura, Virgílio Leite, Oscar Vieira de Castro, Edwin Ral, Sidney Cox, Augusto Amara e Luiz Leonel Moura. Este último era recém chegado da Inglaterra, onde fora educado e aprendera o Rugby. Em 1896, ainda segundo Mazzoni, regressava dos EUA o professor Augusto Shaw, do Mackenzie College, mais um que passou a desenvolver o esporte no país. O próprio futebolista Charles Muller – um dos pioneiros do *soccer* no Brasil – foi um jogador de Rugby, tendo organizado, em 1895, o primeiro time em São Paulo.

1925 O Rugby só começou a ser jogado, regularmente, por volta deste ano apesar de, em 1911, haver sido realizado um jogo interestadual, além de mais alguns outros eventos de memória duvidosa. Em 1925, mais precisamente, Gordon Rule reuniu cerca de 40 jogadores, residentes em São Paulo, que já tivessem praticado a modalidade. Agrupou-os em duas equipes que passaram a jogar nos finais de semana no campo do Clube do Floresta e, posteriormente, no clubes Recreativo Tietê e Paulistano. A seguir, foi utilizado o campo do São Paulo Athletic Club, em Pirituba, mais conhecido como SPAC. Também em 1925 surgiram novas equipes em Santos-SP e no Rio de Janeiro-RJ. Em maio de 1926, foi organizado o primeiro de uma série de jogos interestaduais. No dia 23, os cariocas venceram os paulistas por 23 a 03; na semana anterior, a equipe de São Paulo havia vencido a de Santos no primeiro jogo entre as duas cidades. No período entre 1926 e 1940, foram disputadas, anualmente, uma ou duas partidas entre os quadros paulistas e cariocas. Em sua maioria, eram formados por filhos ou membros da colônia inglesa e, em sua minoria, por sírio-libaneses que haviam estudado na Inglaterra e imigrado para o Brasil.

1932-1936 No início deste período realizou-se um jogo internacional contra os *Springboks*, da África do Sul. Já em 1936, além de partidas amistosas contra os tripulantes dos navios que atracavam nos portos de Santos e do Rio de Janeiro, houve uma partida contra a seleção britânica que visitou o Brasil.

O primeiro jogo de rugby disputado no Brasil, em 1925.

was the first one to specialize in Rugby. Although Rugby started in 1896 in Mackenzie College in São Paulo-SP, general competitions became common, especially in the state of São Paulo, only after 1925. The Associação Brasileira de Rugby (Brazilian Rugby Association-ABR), founded in 1972, directs the sport today in the country and organizes the Campeonato Brasileiro da Primeira Divisão (Brazilian First Division Championship) with 8 clubs and Segunda Divisão (Second Division) with 11 clubs. There is also a regional competition – the Campeonato Paulista (SP Championship) – with 6 clubs. SP has several local tournaments

O primeiro jogo de rugby disputado no Brasil, em 1925.

1941-1947 Durante o período de 1941 e 1946, os ingleses radicados foram recrutados para servirem às Forças Armadas aliadas e o Rugby deixou de ser jogado pela perda de seus principais adeptos no Brasil. Em 1947, as partidas voltam a serem realizadas com menor frequência, tendo havido disputas apenas entre cariocas e paulistas.

Década de 1960 Em 1960, os jogadores sócios do São Paulo Athletic passaram a jogar, representando o clube, e formaram o Aliança Rugby Football Clube, constituído por jogadores ingleses, franceses, argentinos e alguns poucos brasileiros. Em 1961, o Rugby ganhou mais uma equipe, formada por membros da colônia japonesa, o São Paulo Football Clube. Em 1963, a partir da idéia de Harry Donovan, foi fundada a União de Rugby do Brasil, entidade criada para dirigir a modalidade no país, com sede em São Paulo. Em 1964, a organização patrocina o III Campeonato Sul Americano de Rugby, inaugurando o novo campo do Spac, em Santo Amaro-SP, tendo a representação brasileira tornado-se vice-campeã. Pela primeira vez, o torneio impulsionou a formação de equipes juvenis no país, tais como as equipes do São Paulo Athletic, Colégio Liceu Pasteur e Bertioga Rugby Clube. Em 1966, realizou-se o primeiro jogo entre escolas de ensino superior entre as equipes da A.A.A. Oswaldo Cruz (Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo) e A.A.A. Horácio Lane (Escola de Engenharia da Universidade Mackenzie), em jogo válido pela tradicional MAC-MED, em sua 32ª edição. Em 1970, o Rugby voltou a ser jogado regularmente no Rio de Janeiro, mais precisamente na cidade de Niterói, no campo do Clube Rio Cricket e Associação Atlética, no bairro de Icarai.

Década de 1970 Em 1971, começaram a se desenvolver as equipes infanto-juvenis em São Paulo. Em 20 de dezembro de 1972, substituindo a União de Rugby do Brasil, foi fundada a Associação Brasileira de Rugby-ABR, entidade que foi reconhecida pelo então existente Conselho Nacional de Desportos-CND. Em 1973, foi fundado o Niterói Rugby Football Clube. Através de seus jogadores, o Niterói Rugby tem se mantido, até os dias de hoje, como um dos clubes com grandes resultados nas competições nacionais: segundo time, após o SPAC em números de torneios conquistados. É o time genuinamente brasileiro mais antigo em atividade ininterrupta. Em 1978, foi realizado em São Paulo, o IV Campeonato Sul Americano Juvenil.

Década de 1980 No início da década de 1980, foi criado, em Niterói, nas areias da Praia de Icarai, o *“Seven on the Sand”*, torneio resgatado em 2001, que integra o calendário da semana de aniversário da cidade. Em 1984, pela primeira vez um clube estrangeiro – o *Penguin Football Rugby*, da Inglaterra – faz uma excursão de três semanas exclusivamente no Brasil (nas oportunidades anteriores, a excursão era na América do Sul). Em 1985, a seleção francesa de Rugby vem ao Brasil para jogar contra a seleção brasileira.

Década de 1990 Ainda no final da década de 1980 diversas equipes foram criadas no país, inclusive femininas, mas somente se efetivaram na década de 1990. O inventário de equipes posto em destaque adiante foi elaborado a partir de competições

O primeiro jogo de rugby disputado no Brasil, em 1925.

for adults, youngsters and women. In addition to these interclub competitions, there is the Liga Paulista de Rugby Universitário (SP League of College Rugby), founded in 2001. It had 13 participating universities, 345 players and 62 games in 2002. Although there is no official record of Rugby players in Brazil, it has been estimated that there are around 2,000 athletes who participate in ABR competitions and 7,000 participants if the number of casual players is added. In 2003, the women’s team earned expressive international results, which placed them ahead of the men’s team.

O primeiro jogo de rugby disputado no Brasil, em 1925.

realizadas ao longo desta década incluindo as desativadas, restauradas e atuantes. Por esta identificação torna-se nítida a hegemonia do esporte assumida pelo estado de São Paulo.

2002 Em outubro é publicado o primeiro número da revista “Terceiro Tempo”, a primeira especializada em Rugby do país (sede em São Bernardo do Campo-SP). Neste mesmo mês, a seleção brasileira de Rugby, organizada pela ABR, venceu o Torneio Sul Americano CONSUR B (classificatório da Rugby World Cup).

2003 Realizado em junho, o primeiro jogo feminino brasileiro do Rugby Union, entre as equipes do SPAC e a do Bandeirantes - SP, como parte dos preparativos para o primeiro Amistoso Internacional que se realizaria no mês seguinte na Argentina. Em julho, o SPAC, reforçado por três jogadoras do Niterói Rugby vence pelo placar de 46 a 10 o Primeiro Jogo Feminino Internacional de Rugby Union da América Latina, contra a equipe do Chaco Rugby Club, bicampeã da Argentina, na cidade de Posadas, província de Misiones. Este resultado coloca o Rugby feminino brasileiro em vantagem ao masculino em termos internacionais e no período em foco.

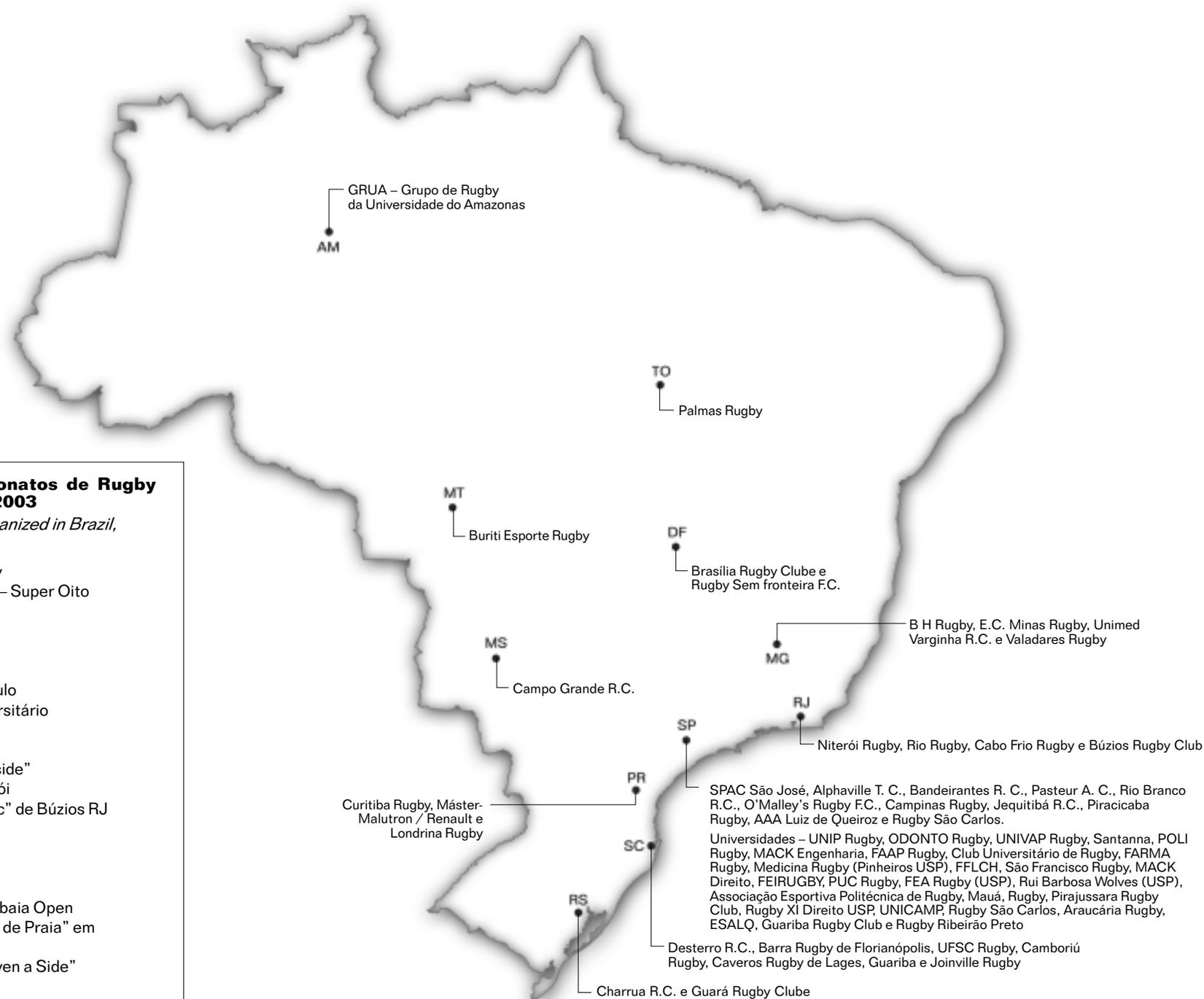
Situação Atual Os atuais participantes do Campeonato Brasileiro da Primeira Divisão são clubes dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Minas Gerais, num total de oito clubes. Os Estados que possuem equipes, mas não participam do Campeonato Brasileiro são Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Amazonas, Distrito Federal, Rio Grande do Sul e Tocantins (11 equipes em 2003). Há ainda uma competição regional – o campeonato paulista – com cinco clubes de SP e o Niterói do RJ, como convidado. Em SP há vários torneios locais para as classes de adulto, juvenil e feminino. Em adição a estas competições clubísticas, em 2001 foi fundada a Liga Paulista de Rugby Universitário, que já em 2002 totalizava 13 universidades, 345 jogadores e 62 jogos realizados. Destaca-se, dentre estes times, a equipe da GRUA da Universidade do Amazonas que somente estreou contra times brasileiros no tradicional torneio de *“Seven a side”* do SPAC, em dezembro de 2003, apesar de existir a aproximadamente oito anos, jogando apenas contra equipes da Venezuela e Guiana Francesa. No Estado de São Paulo, já existem equipes nas categorias sub13, sub15 e sub18. Os países de onde vieram equipes para amistosos foram França, Ilhas Britânicas, EUA, Canadá, Caribe, Japão, África do Sul, Suíça, Alemanha, Espanha, Nova Zelândia, Austrália, Argentina, Peru, Chile, Paraguai, Uruguai, Guiana Francesa, Zimbawe e Zâmbia. Embora não haja um cadastro de jogadores atuantes no Brasil, estima-se em cerca de 2000 o número de atletas participantes nas competições da ABR (Deges, 2002) que, somados a outros participantes eventuais, alcança um total de 7000 praticantes (Terceiro Tempo, 2002).

O primeiro jogo de rugby disputado no Brasil, em 1925.

Fontes Mazonni, Tomás. Histórias do futebol no Brasil, Edições Leia, 1950; sites do Niteroirugby, Rugbynews e RugbyMagazine; www.burugby.com; Deges, F. Brasil Campeão Sulamericano, Terceiro Tempo, no. 1, 2002, pp. 8 – 9; Terceiro Tempo, Rugby – Esporte para muitos, desde forte e de espírito guerreiro, no.1, 2002, pp. 14 – 15.

Inventário brasileiro de clubes e equipes de Rugby por estado, 1990 – 2003

Brazilian inventory of rugby clubs and teams per state, 1990 – 2003



Principais torneios e campeonatos de Rugby realizados no Brasil, 1990 – 2003

Rugby main competition events organized in Brazil, 1990 – 2003

Campeonato Sul Americano de Rugby
Campeonato Brasileiro de 1ª Divisão – Super Oito
Campeonato Brasileiro M – 19
Copa Minas – São Paulo de Rugby
Copa USP
Campeonato Paulista
Campeonato Universitário de São Paulo
LPRU – Liga Paulista de Rugby Universitário
Circuito Brasileiro de “Seven a Side”
São Paulo Cup – Rugby “Sevens”
Torneio Feminino de Rugby “Seven a side”
Torneio “Seven on the Sand” de Niterói
Encontro Internacional “Rugby Classic” de Búzios RJ
“Seven a Side” de São Roque
Tatuí “Sevens”
Floripa “Sevens”
ET “Sevens”
Torneio de Inverno “Seven a Side” Atibaia Open
Torneio Verão Vivo FEESC de “Seven de Praia” em Florianópolis
Inter 7 – Torneio Universitário de “Seven a Side”
Campos do Jordão Open de Rugby
Torneio Mercosul “Ten a side”
Torneio sub 18 do SPAC
Torneio de Rugby (das divisões de base) na cidade da São José dos Campos, com a participação de mais de 130 crianças.

Características técnicas do Rugby / Rugby: basic rules

O Rugby é disputado nos mesmos campos de grama utilizados pelo futebol. Para o seu exercício, a modalidade exige grandes áreas perpendiculares após ambas as linhas de fundo, além de traves, em forma de um grande H. Aproveitando as balizas que existem nos inúmeros campos de futebol em todo o país, para jogar o Rugby instalam-se dois postes, nos mais diversos materiais. Alguns materiais de proteção ao corpo podem ser utilizados pelos jogadores como capacete, ombreiras, boqueiras e caneleiras. O jogo decorre em dois tempos de 40 minutos, além de incluir um terceiro tempo de jogo durante o qual, independentemente do resultado, os jogadores se confraternizam com a troca de presentes, bebidas, música e brincadeiras. As equipes são compostas por 15 jogadores, distribuídos entre as oito primeiras posições avançadas, conhecidas como “forwards” e pelas sete restantes, chamadas de “linha”. Suas características básicas são o uso das mãos e pés e tem sua pontuação

da seguinte forma: “Try”: significa apoiar a bola na região atrás da linha de fundo adversária “in-goal”: vale 05 pontos. Conversão: após um “try”, a equipe tem o direito a um chute, em qualquer ponto da reta ortogonal, ao local de contato da bola no “in-goal”, perpendicular à linha de fundo. O chute vale 02 pontos se a bola passar por cima do H. “Drop-Kick”: é um chute de bate pronto. Chutar, após a bola bater no chão, durante o jogo, e se a bola passar por cima do H, vale 03 pontos. “Penalty”: consiste em chute direto, de bola parada, para o H, após a equipe ter sofrido uma infração grave. Neste caso, a equipe pode optar pelo chute, havendo a conversão por cima do H; vale 03 pontos. A dinâmica do jogo está na condução das bolas com as mãos, com os passes obrigatoriamente para trás, exceto quando chutada ou conduzida com os pés, respeitando-se as leis de impedimento. Neste caso, somente podem participar da jogada, além dos adversários, apenas os jogadores que estavam atrás da linha do chutador, no momento do

chute. Somente o jogador que estiver portando a bola fica sujeito a ser derrubado por seu adversário, num lance conhecido com “tackle”, ou seja, o choque direto, restando ao portador a alternativa de se esquivar ou aplicar o “hand-off”, que é o uso de uma das mãos para se defender do golpe. Existem ainda os dois tipos de agrupamentos de, no mínimo 02 jogadores, como procedimentos normais de defesa e conhecidos como “maul” e “ruck” realizados, respectivamente, em pé e no solo, sem que haja a interrupção pelo árbitro. Enquanto existir condições de prosseguimento da partida, não há infração das regras do jogo. A saída de jogo corresponde a um chute que parte do meio do campo em direção à equipe adversária e o jogador fica obrigado a ultrapassar a distância de, no mínimo, 10 metros para frente. Na hipótese do não cumprimento e, a critério do adversário, sujeita-se a uma nova saída, idêntica ou através de um “scrum” no meio do campo, com a posse invertida para o adversário.

Automobilismo

MYRIAM DELAMARE, AMÉRICO TEIXEIRA E BRENO MAIA

Auto racing

Following European tendencies, auto racing competitions started in Brazil in the early 20th century. This long tradition is confirmed today as Brazil is one of the leading countries in auto racing. The Automóvel Clube do Brasil (Brazilian Automobile Club - ACB) was founded in 1907, only three years after the foundation of the Fédération Internationale de L'Automobile (International Federation of Automobile - FIA), in France (1904). Brazilian history of auto racing can be summarized in 5 periods. The first and longest phase, a romantic and amateur period that gave social expression to auto racing, lasted from the early 20th century until the 1950s because of drawbacks and difficulties Brazilian motor sport had after World War II. Auto racing was a popular sport in Brazil in the 1930s, bringing together audiences of 240,000 to watch the main competition of that time: the Circuito da Gávea, in Rio de Janeiro. The establishment of car part factories in the late 1910s (Ford) and

early 1920s (General Motors) in São Paulo greatly contributed for the success of the auto races and for the proliferation of support services. The second phase began in the mid 1950s, when social auto racing became technical. The sector developed and expanded, improving both the management and the physical infra-structure of the competitions. The third phase included the introduction of the kart in 1959 and the rally in the 1970s. It was also when Brazilian pilots started to gradually construct their international careers by perfecting their professionalism and technological preparation. Brazil has the most kart tracks in the world: 23 located in several Brazilian states as karts were and still are a passion for speed lovers. Many pilots began their careers in karts, which explains the outstanding number of licensed pilots Brazil has today: 6,000 pilots, all registered with the Confederação Brasileira de Automobilismo (Brazilian Auto Racing Confederation - CBA). It is then not surprising

that in the last 20 years Brazil has earned eight championships in the F-1 racing – two titles with Emerson Fittipaldi, three with Nelson Piquet and three with Ayrton Senna. These results have not been matched yet by any other country. The 4th phase, which began in the mid 1980s, was caused by the economic crises Brazil went through, weakening the already established infra-structure – car racing circuits above all – which ended up driving sponsors away. The 5th and last phase, which began in the 1990s, has witnessed impulses in the development of Brazilian auto racing as it can be observed in the example of the rally. Brazil has been discovered as the ideal place for rallies on an international scale due to its geographical and privileged conditions. Rally events have had an enormous social adherence and coverage by the local and international media. Table 1 offers a general view in numbers of Brazilian auto racing today.

Origens e definições A paixão pela velocidade nasceu junto com o automóvel (Scali, 2001). E este se tornou um meio de competição logo após a construção dos primeiros veículos que usavam motores de explosão e derivados de petróleo como combustível. Em 1894, a revista *Le Petit Journal* de Paris organizou a primeira disputa entre estes novos veículos para determinar melhores performances, tal como ocorreu logo após com os primeiros aviões. No ano seguinte, houve a primeira corrida de sentido esportivo entre veículos automotores: a travessia Paris – Bordeaux. Também em 1895, aconteceu a primeira corrida automobilística nos EUA, uma competição na distância de 54,36 milhas promovida em Chicago. O vencedor, Frank Duryea, fez o tempo de 10h23m, superando três carros a petróleo e dois a eletricidade. Entretanto, a França dominou este estágio inicial das corridas de automóveis por ter uma indústria mais avançada neste setor, como também uma entidade muito atuante na promoção de eventos: o Automóvel Clube de França-ACF. O ACF dedicava-se então a organizar competições em estradas entre Paris e outras cidades da França ou da Europa. Em 1903, Marcel Renault morreu num acidente durante a travessia Paris – Madrid, o que provocou a proibição de competições automobilísticas em estradas. A partir de então, as corridas passaram a ser especializadas por classes de veículos e por locais próprios de competição, em cada classe. Em 1904, foi criada a *Federation Internationale de L'Automobile*-FIA que deu início à gestão de corridas de automóveis consolidando classes e trajetos próprios em escala mundial. Este critério ainda prevalece nos dias presentes, como por exemplo no caso da Confederação Brasileira de Automobilismo-CBA (fundada em 1961), que administra as modalidades de Corrida, Rallye, Kart, Fora-de-estrada, Arrancada e Autocross, ou seja: as provas de velocidade e pista, estrada e fora de estrada. Portanto, a partir da primeira década do século XX, os fatos de memória do motor esporte passaram a se vincular a tipos de veículos e trajetos, como se registra a seguir com o foco posto no Brasil.

1891 O primeiro automóvel com motor à explosão, um Peugeot com motor Daimler, chegou ao Brasil vindo da França, na cidade de São Paulo, trazido por Santos Dumont, que uma década mais adiante se tornaria o inventor da aviação.

1902 Este ano marca a primeira tentativa de corrida de automóveis no Brasil, com um evento ocorrido no Hipódromo da Mooca, em São Paulo-SP.

1905 No Rio de Janeiro-RJ aconteceu uma competição semelhante ao da Mooca, com partida no Largo do Machado, Bairro do Catete, então uma área de prestígio social e movimentada da cidade.

1907 Fundação, no Rio de Janeiro, do Automóvel Clube do Brasil, primeira entidade do corridas esportivas com automóveis do Brasil. Esta entidade foi uma das primeiras do mundo a se organizar nos moldes da FIA, voltada naturalmente para o desenvolvimento nacional do esporte. Em São Paulo-SP, neste ano havia apenas 68 automóveis circulando na cidade. Dez anos mais tarde eles já somavam 2.568 unidades e em 1928 já eram 20 mil.

1908 Fundação do Automóvel Club de São Paulo, realizando-se na oportunidade a primeira competição oficial do país, o Circuito de Itapecerica da Serra, no estado de São Paulo, vencida por Silvio Penteado. O evento foi o primeiro de seu gênero na América do Sul e a velocidade média registrou 50 km /hora entre os veículos em competição.

1909 Em Niterói-RJ, o Automóvel Clube do Brasil promoveu uma prova automobilística entre cidades cujo trajeto alcançava São Gonçalo-RJ por ligação entre estradas com 75 km de percurso, daí a denominação de “Circuito de São Gonçalo”. O vencedor foi Gastão de Almeida com a média superior a 70 km por hora. O Governo do Estado do Rio de Janeiro e Visconde de Moraes ofereceram duas taças para a disputa, não havendo premiação em dinheiro. Participaram do evento carros vindos de São Paulo e do Rio de Janeiro, importados da Europa e na maioria franceses, como o Lorraine-Dietrich de 70 c.v. A partida foi dada com intervalos entre os carros participantes. João Borges Júnior, numa Fiat, fez o tempo de 1 hora e 7 minutos e Gastão de Almeida com um Berliet amarelo de 60 c.v. alcançou o tempo de 1 hora e 4 minutos. O jornal “L'Auto”, de Paris, noticiou o “Circuito de São Gonçalo”, pelo repórter Lucien Louson, que enviou o resultado do evento, por telégrafo, no mesmo dia. O motivo da realização desta competição de velocidade ocorrer em Niterói – e não na então vizinha capital do país – foi o da resistência do Prefeito Souza Aguiar da cidade do Rio de Janeiro à novidade esportiva, no que contou com o apoio da Câmara dos Vereadores local. A interdição começou no governo anterior do Prefeito Pereira Passos, um dos grandes reformadores do traçado urbano da cidade.

1919 Início de funcionamento da Fábrica Ford em São Paulo-SP, que influenciou positivamente na criação e/ou expansão de oficinas de manutenção de automóveis no país, incluindo adaptação de carros de competição. Efeito semelhante aconteceu com a instalação da General Motors, também em SP em 1925. O campeão brasileiro Chico Landi das provas automobilistas dos anos de 1930 e 1940 no país, trabalhou em 1926 na Ford Brasil como mecânico.

Décadas de 1910 – 1920 Neste período, o Automóvel Clube do Brasil-ACB e sua cidade sede, o Rio de Janeiro, capital federal, polarizaram a expansão do motor esporte no Brasil, por meio de eventos esporádicos e de sentido de aventura. O estilo de gestão do ACB era o aristocrático, seguindo o modelo da FIA na Europa; em 1922, o presidente do Clube era Armand Backx, que freqüentava a alta sociedade do Rio de Janeiro. Acompanhava-o, Carlos Guinle, de uma das mais ricas famílias do país; o Conde Tarmovisky e o Barão de Saavedra. Em 1925, por iniciativa do ACB, esta cidade abrigou a primeira exposição de automóveis do país no aterro do Morro do Castelo (centro da cidade), que incluiu uma corrida formalmente organizada. Porém, em 1926, surgiu a influência de prefeituras na modalidade, começando também no Rio de Janeiro, em razão da dependência de locais apropriados para a competição – uma circunstância até hoje presente no país. Ocorreu que o Prefeito à época foi Antônio Prado Junior, que havia participado como competidor no Circuito de Itapecerica da Serra-SP, em 1908. E como tal, conduziu a Prefeitura do RJ para patrocinar a Quinzena Automobilística na

Estrada da Gávea (provas de velocidade e aceleração), seguida de mais três eventos periódicos: Avenida Vieira Souto (Quilômetro da Arrancada), São Conrado e Recreio dos Bandeirantes. O automobilismo nacional, nesta fase, conquistou a regularidade em competições. Também em 1926, o ACB filiou-se à FIA preparando-se para a internacionalização do motor esporte praticado no país. No ano anterior, Chico Landi faz sua primeira corrida em Santos-SP dando aparecimento ao automobilista de competição como carreira esportiva no Brasil, a qual no caso durou até 1973.

1930 Publicou-se o primeiro Guia Rodoviário do Brasil, obra liderada em sua produção por Armand Bachx, com o suporte do ACB.

1932 O ACB cria a prova Subida da Montanha, num trajeto entre o Rio de Janeiro e Petrópolis, resgatando a travessia entre cidades no automobilismo nacional. O vencedor da competição inaugural foi Hans von Stuck, piloto alemão (austriaco de nascimento), com Mercedes Benz SSKL.

1933 Realização da primeira competição internacional no Brasil: o Prêmio Internacional da Gávea, um circuito de 11 km a ser percorrido em várias ruas e estradas, entre o mar e a montanha na zona sul do Rio de Janeiro (“Trampolim do Diabo”, segundo a imprensa). Os destaques desta prova eram as marcas dos automóveis e os pilotos internacionais. Os primeiros heróis do automobilismo brasileiro surgiram nesta fase. Em termos de organização, houve um acordo em 1932 entre o Prefeito Pedro Ernesto e o ACB, que era então presidido por Carlos Guinle. Neste acerto de interesse mútuo surgiu uma comissão formada por membros da Prefeitura da cidade e do ACB, que escolheu o local e pilotos estrangeiros a serem convidados (Argentina e Uruguai) como também promoveu a oficialização da competição no calendário da FIA. Em 8 de outubro realizou-se finalmente a prova que foi vencida pelo Barão Manuel de Teffé, diplomata brasileiro e elegante esportista do automobilismo, com a velocidade média de 67,1 km/h. O evento foi assistido por 240 mil pessoas, uma marca relevante até para os dias atuais. Houve 16 competidores com carros específicos de corrida, carros esporte, carros de turismo adaptados para corrida e carros de corrida com motor de carro de turismo. O piloto brasileiro favorito era Irineu Corrêa já experiente de competições nos EUA e Argentina, onde competiu na década de 1920. O Presidente Getúlio Vargas prestigiou o evento com sua presença. O ACB deu um sentido social e elegante ao evento, conduzindo-o conforme a concepção do *sport pour le sport* (o esporte pelo esporte) então prevalecente entre os filiados da FIA.

1934 Segunda edição do circuito da Gávea com 40 automóveis (50 inscritos) de cilindrada livre, com peso mínimo de 750 kg, com o tanque de combustível cheio. Na prova estreamam dois brasileiros que se tornaram ídolos esportivos do país: Chico Landi e Henrique Casini. Os pilotos estrangeiros eram quase todos argentinos e um italiano. O vencedor foi Irineu Corrêa, marcando uma velocidade média de 70,8 km/h.

1935 Terceira edição do Circuito da Gávea, já como a prova automobilística mais importante da América do Sul. A competição neste ano caracterizou-se por inovações apresentadas nos carros,

destacando-se o brasileiro Irineu Corrêa com materiais de redução do peso veicular. Além do Brasil havia pilotos de Portugal e Argentina, totalizando 50 inscritos e 38 na largada. Irineu Corrêa, já famoso corredor, morreu nesta prova ao se chocar contra uma árvore. O argentino Ricardo Caru foi o vencedor com média de 68,7 km/h.

1935 Realização da competição automobilística “Circuito do Chapadão” em Campinas-SP, onde se destacou Chico Landi.

1936 Realização do I Grande Prêmio Cidade de São Paulo de circuito de rua, localizado na avenida Brasil. A equipe de Enzo Ferrari venceu com os pilotos Pintacuda e Mariononi. Entre os pilotos famosos, encontravam-se também os irmãos Quirino e Chico Landi, Manuel de Tefé, Nascimento Júnior e a piloto francesa Hellé Nice. Neste evento houve um acidente com morte de quatro espectadores e ferimentos em mais 22. Com este fato proibiram-se as competições de rua na cidade de São Paulo. A partir de então os eventos de motor esporte em SP passaram e/ou se reforçaram no interior e o litoral do estado. Assim aconteceu com Circuito do Chapadão em Campinas, como também em competições nas cidades de Piracicaba e Araraquara. Nestas localidades competiram várias vezes Rubens Abrunhosa, Nascimento Júnior e Benedito Lopez, além dos irmãos Landi. A regularidade de eventos permitiu então que no interior de São Paulo surgisse, em meados dos anos de 1930, a primeira equipe de pilotos brasileiros: a Excelsior, com Chico e Quirino Landi e outros eventuais, sob o patrocínio de fábricas de peças de automóveis (Bandeirantes, FNM, Veloz, Milan e CBE) e da cerveja Caracu. No RJ, realizou-se neste ano, o “Quilômetro de Arrancada na Lagoa Rodrigo de Freitas”.

1936 A quarta edição do Circuito da Gávea foi plenamente internacionalizada contando com pilotos franceses e italianos em adição aos brasileiros, argentinos e portugueses habituais. Os carros passaram a ter modificações para melhorar a segurança dos pilotos por imposição da Comissão Organizadora. A francesa Hellé Nice inaugurou a participação feminina na prova e houve mais uma morte: a do piloto brasileiro Dante Palombo. A escuderia Ferrari se apresentou oficialmente na competição, introduzindo um elemento de desenvolvimento importante para o Circuito. O vencedor foi o argentino Vittorio Coppoli (média de 70,7 km/h) entre 39 concorrentes na partida. O impacto pós-evento foi o da ameaça de proibição da competição por parte do Governo Federal em razão de acidentes mortais ocorridos no passado, o que ao final desta não aconteceram. Importa relevar que Circuito da Gávea neste ano foi um grande sucesso de público, havendo 1.600 policiais para impedir invasões da pista. Neste ano, registraram-se eventos de automobilismo em Poços de Caldas-MG e Porto Alegre-RS (Circuito de Farroupilha).

1937 – 1953 Neste período, o automobilismo fez-se presente em diferentes cidades do país, tendo como influência maior o Circuito da Gávea. Neste evento, a internacionalização teve continuidade e em 1937 a Auto Union, fábrica alemã, introduziu um novo modelo, com 16 cilindros, 550 HP e velocidade máxima de 320 km/h, o que atestou o prestígio da competição. Todavia em 1937, o sucesso de público ao evento também se podia aquilatar pela cobertura da imprensa e do rádio, este último já em sua fase de veículo popular. Porém a disputa entre escuderias fez com que os cinco primeiros colocados de 1937 fossem estrangeiros (velocidade média do vencedor: 82,8 km/h). Em 1938, a representação brasileira se recuperou por meio das performances de Nascimento Júnior (1º lugar) e Chico Landi (2º lugar) no chamado “Circuito Nacional”, criado para evitar uma competição desigual com carros das escuderias internacionais. Mesmo assim, a velocidade média alcançou 81,6 km/h, próxima ao resultado internacional anterior. Ainda em 1938, o destaque foi a transmissão da corrida pela Rádio Nacional – com Oduvaldo Cozzi – então a mídia de maior audiência do país, como outrossim a despedida dos pilotos estrangeiros da competição. Entre 1939 e 1953, despontaram no início Manuel de Tefé e Rubens Abrunhosa, e depois de modo absoluto Chico Landi. Este piloto se tornou o maior nome do automobilismo nacional sem competidores, e em 1949, ele passou a ser citado pela imprensa internacional como um dos quatro maiores volantes do mundo juntamente com os italianos Villoresi, Ascari e Farina.

Década de 1940 Inaugura-se em 1940, o autódromo de Interlagos em São Paulo-SP, que teve sete eventos até 1947. O percurso de provas foi projetado por Louis Sanson, que criou a denominação do local inspirado em *Interlaken*, na Suíça. No estado do Rio de Janeiro, na capital e em Petrópolis várias competições foram realizadas na década além da Gávea. Em Belo Horizonte

houve dois Grandes Prêmios (1944 e 1949). Em Recife-PE, em 1949, foi disputado o Circuito de Boa Viagem. Ainda no Rio de Janeiro-RJ teve início a “Prova da Quinta da Boa Vista” com três edições na década e mais cinco nos anos de 1950.

1954 Realizou-se a última edição do Circuito da Gávea. Foi um total de 16 edições: 13 internacionais e 3 “Gáveas Nacionais”, entre 1933 e 1954. A prova em si foi o marco fundamental do automobilismo nacional e ponta de lança para o ganho de prestígio internacional. Os pilotos brasileiros revelados pelo Circuito em suas duas décadas de duração foram Chico Landi, Manuel de Tefé, Irineu Correia, Rubem Abrunhosa, Nascimento Júnior, Casini, Benedito Lopes, Júlio de Moraes, Ciro Cayres e Primo Fioresi. Os internacionais em evidência foram Hans von Stuck, Fangio, Pintacuda, Varzi, Ascari, Villoresi, Farina, Graffenried e Gonzalez. As marcas presentes – que refletem o alto nível da competição – foram Maserati, Ferrari, Ford, Studebaker, Alfa Romeo, Bugatti, Auto Union e Allard. No período de existência do Circuito da Gávea, o ACB alcançou seu auge como entidade esportiva, o que se conjugava com o renome de seus presidentes à época: Carlos Guinle (1933 – 1951), Hebert Moses (1951 – 1953) e General Santa Rosa (1953 – 1968). O ano de 1954 marca também o início da liderança do automobilismo nacional por São Paulo, tendo como base o Autódromo de Interlagos, inaugurado na década anterior.

Década de 1950 Neste período registrou-se a culminância operacional do autódromo de Interlagos-SP quando 16 provas foram realizadas, incluindo as “Mil Milhas Brasileiras” (1956, 1957 e 1958), os “500 quilômetros de Interlagos” (1957 e 1958) e as “24 Horas de Interlagos” (1951), ao se acompanhar a tendência de competições de longa duração vinda da Europa. Outros exemplos de provas realizadas: Guaíba e Getúlio Vargas, em Porto Alegre-RS (1950 e 1951); Interestadual em SP (1951); GP da Bahia (1954); Circuito Barra da Barra da Tijuca (duas edições).

Década de 1960 Em 1958, fundou-se em Brasília, a nova capital do país em construção, o Automóvel Clube de Brasília, fora das tradições do ACB e representando um novo posicionamento do automobilismo brasileiro, conforme defendiam Manuel de Tefé, Wilson Fittipaldi e Raymond Bachx van Bouggenhout (filho de Armand Backx). Este movimento de especialização no esporte e respectivo afastamento de outras funções extra-esporte, redundou na criação da Confederação Brasileira de Automobilismo-CBA em 07/07/1961. A CBA iniciou suas atividades com o respaldo das 14 federações estaduais de esporte automotor, e com o apoio explícito do próprio Presidente da República à época, Dr. Juscelino Kubischek. Em consequência, criaram-se relações conflitivas entre o ACB e a CBA até Mauro Salles assumir a presidência da CBA (1969 – 1971), quando finalmente houve uma conciliação em favor da nova entidade e com a chancela da FIA (Salles, 2002). De imediato a CBA desenvolveu as categorias de kart e rallye, criando comissões especializadas. Também na mesma década iniciou-se nas federações estaduais a formação de “Agentes Oficiais de Competição e de Cronometragem”, em adição à Escola de Pilotagem criada em alguns estados. No final da década havia nove autódromos e 20 kartódromos operando no país como consequência dos incentivos da CBA, o que correspondia então a uma das maiores infra-estruturas de motor esporte existentes no mundo. Assim sendo, a tradição de se realizar provas em ruas e estradas deu lugar às provas de autódromos como os “Mil Quilômetros de Brasília” (1962); “500 Quilômetros de Porto Alegre” (1968); e “Inauguração do Autódromo de Curitiba” (1969).

Décadas de 1970 – 1990 Em 1973, o autódromo de Interlagos foi incluído no calendário Internacional de Fórmula 1, como Segunda Etapa do Campeonato Mundial de Pilotos. Em 1975, com a base estabelecida nos anos de 1960 pela política de desenvolvimento da CBA, pilotos brasileiros iniciaram suas jornadas no exterior, principalmente na Inglaterra, destacando-se então Nelson Piquet. Neste período, havia 33 escuderias funcionando no país cujos jovens pilotos vinham de uma formação em kart e, por seleção, alcançavam as categorias de maior sofisticação. Este foi o caso de Emerson Fittipaldi, Carlos Pace e Ayrton Senna já nos anos de 1980, que criaram uma geração de elite e de prestígio internacional. Para Raymond van Buggenhou (2003), um dos líderes da CBA no período em pauta, a formação maciça de pilotos via kart ponderada pela seleção em competições no Brasil tornou-se a chave dos resultados excepcionais do automobilismo nacional em âmbito mundial nesta fase e nas demais que se seguiram. Criou-se também um estilo

elegante de identificação dos pilotos brasileiros até hoje frequentemente observado. Em resumo, na década de 1990 os resultados do automobilismo brasileiro alinhavam-se de modo regular entre os países líderes do esporte, isto é, Inglaterra, França, EUA, Itália e Alemanha. A filiação de quatro mil pilotos à CBA no final dos anos de 1990 não tem similar no mundo e representa o estágio terminal de uma política bem sucedida de renovação esportiva.

Situação atual O automobilismo nacional é hoje, sob o ponto de vista econômico, um setor que espelha em igualdade de condições o sucesso que os pilotos brasileiros conquistam nas pistas internacionais. Hoje, cabe ao Brasil a honraria de somar oito títulos mundiais de Fórmula 1 – dois com Emerson Fittipaldi, três com Nelson Piquet e três com Ayrton Senna – um resultado ainda não alcançado por qualquer outro país (Scaglione, 2002). E como tal, há que se relevar o repertório de manifestações do esporte que geram empregos e movimentam a economia da nação. De fato, o automobilismo é uma ferramenta importante na economia nacional ao gerar postos de trabalho e negócios relacionados a pilotos; chefes de equipes; preparadores de carros e motores; mecânicos; fabricantes e prestadores de serviço nas áreas de carros de corridas; oficinas; escuderias; acessórios e vestuários apropriados; comerciantes; profissionais de comunicação; dirigentes esportivos; entidades de representação; organizadores de eventos; empresas patrocinadoras; autódromos; kartódromos; pistas de terra e outros fatores de impacto econômico. A ordem de grandeza – registros e estimativas – dos elementos pertencentes à infra-estrutura do motor esporte brasileiro juntamente com seus resultados esportivos relevantes, são apresentados adiante na Tabela 1.

As atividades oficiais do automobilismo brasileiro são geridas pela Confederação Brasileira de Automobilismo-CBA, que homologa e supervisiona a realização de campeonatos, o desenvolvimento de categoria e credenciamento de pilotos para as atividades nas pistas brasileiras e internacionais. A CBA é filiada à Federação Internacional de Automobilismo-FIA e, por conseguinte, coordena o esporte com os procedimentos e ações que garantem a inclusão do Brasil no cenário internacional do automobilismo. Tal integração tem se manifestado de diversas maneiras, a saber: (1) o Brasil faz parte do calendário internacional do automobilismo e do kartismo; (2) o Brasil exporta pilotos que tantos sucessos fazem atualmente no automobilismo internacional; (3) A representação brasileira é parte integrante e decisória em tomadas de decisões sobre o esporte em nível internacional; (4) várias pistas nacionais são homologadas para sediar eventos internacionais por estarem de acordo com as normas estabelecidas pela FIA e seus órgãos executivos; (5) fabricantes brasileiros de equipamentos suprem as necessidades do automobilismo local e também o internacional através de exportações.

A CBA supervisiona os seguintes campeonatos brasileiros: Stock Car, Stock Light, F-Renault, Clio, F-Truck, Pick Up Racing, Brascar, Brasileiro de Endurance, Brasileiro Rally de Velocidade, de Regularidade, de Cross-Country, Rally 4x4, Velocidade Terra Tubular, Terra Turismo, Terra Kart Cross, Brasileiro de Kart, Sul Americano de Kart, Copa Brasil de Kart, Endurance de Kart, Rally Mitsubishi de Velocidade, de Regularidade, Copa Peugeot, Rally Universitário, Brasileiro de Marcas e Pilotos, F-Brasil 1600 e troféu Maserati. Os campeonatos Stock Car e o Truck são os que mais atraem mídia e público. O primeiro está no 25º campeonato e o segundo começou em 1996. Embora a essência do automobilismo seja européia, as categorias de competição no Brasil são genuinamente nacionais no que diz respeito às suas características bem particulares devido à realidade territorial e econômica do Brasil, que gerou as adaptações necessárias. O Brasil tem até campeonato de arrancada de trator. Existem hoje cerca de 6.000 pilotos filiados à CBA, todos atuando em campeonatos brasileiros. Como o automobilismo brasileiro caminha para a profissionalização, muitos pilotos vivem do esporte e competem em mais de uma categoria. Importante mencionar também que o automobilismo brasileiro além de ter reconhecimento internacional, só perde para o futebol em termos de retorno em mídia.

Embora sejam em menor número, as mulheres também participam dos campeonatos de automobilismo brasileiro. Hoje os grandes nomes das pistas são Débora Rodrigues (Fórmula Truck) e Bia Figueiredo (Fórmula Renault). É importante mencionar Suzane Carvalho, primeira e única mulher no mundo a ser campeã de Fórmula 3 e primeira e única mulher no Brasil a correr no exterior. Em 1989, após fazer um curso de pilotagem de Kart, montou sua própria equipe e conquistou o título de Campeã Brasileira no mesmo ano. Suzane foi

também Campeã Carioca de Kart, e partiu para o exterior, pensando em seguir os passos de outros pilotos. Representou o Brasil no Canadá, Itália, Inglaterra, Estados Unidos, México, Argentina e Uruguai, e conquistou os títulos de Campeã Brasileira e Sul-Americana de Fórmula 3, o que nenhuma outra mulher no mundo conseguiu, e Campeã da Copa Nissan, na Argentina. Chegou a correr nas duas categorias anteriores à Fórmula 1 e Fórmula Indy, e só não subiu o último degrau por não conseguir patrocínio.

Em retrospecto, o automobilismo brasileiro em sua história, de acordo com Buggenhout (2003), teve seu período romântico e dileitante desde suas origens no início do século XX, o que lhe deu expressão social. Este status dissolveu-se pelo retrocesso experimentado pelo motor esporte brasileiro logo após o final da

Segunda Guerra Mundial. Este estágio durou até meados da década de 1950, quando o automobilismo social transformou-se em técnico. Seguiu-se então um período de expansão e desenvolvimento pela melhoria da gestão e da infra-estrutura física das competições, aliada à chegada do kart e do rallye já na década de 1970. Esta fase coincidiu com a internacionalização progressiva dos pilotos brasileiros que aperfeiçoaram seu profissionalismo e preparo tecnológico. A partir de meados da década de 1980, as sucessivas crises econômicas do país foram desgastando a infra-estrutura montada – autódromos, sobretudo – enfraquecendo as instituições do esporte e tornando inviáveis seus eventos e apoio de patrocinadores. Ocorre que o motor esporte é uma atividade cara e complexa, gerando vulnerabilidade em tempos de depressão econômica. De qualquer modo, na década de 1990 e no início dos

anos de 2000, houve impulsos de desenvolvimento no automobilismo nacional como no exemplo do rallye, ao se descobrir que esta modalidade encontra no Brasil sua melhor adesão social e terrenos de prática sem competidores em escala internacional.

Fontes Mario Cantarino, Atlas do Esporte no Brasil, Clubes de Niterói-RJ, 2003; Paulo Scali, Circuito da Gávea. São Paulo: Tempo & Memória, 2001; Paulo Scali, Chico Landi de Ponta a Ponta. São Paulo: Tempo & Memória, 2002; Mauro Salles, A Nova CBA. In Anuário 2002 CBA – Velocidade e Pista, RJ, 2002; Paulo E. Scaglioni, Novos Tempos, Novos Rumos. In Anuário 2002 CBA – Velocidade e Pista, RJ, 2002; www.cba.org.br; www.em.wikipedia.org/wiki/Auto-racing; www.fia.org; entrevista com Raymond van Buggenhout, março de 2003.

Ordem de grandeza do motor esporte brasileiro – Registros e estimativas, 2003

Size order of Brazilian auto sport – Inventories and estimates, 2003

Fonte / source: CBA

6 000	Pilotos filiados à Confederação Brasileira de Automobilismo / <i>pilots</i>
18	Campeonatos oficiais supervisionados pela CBA / <i>championships</i>
70 000	Empregos diretos gerados / <i>jobs</i>
16	Federações estaduais de automobilismo que compõem a CBA e realizam atividades de automobilismo e kartismo regionalmente / <i>state federations</i>
12	Autódromos homologados / <i>licensed race tracks</i>
23	Kartódromos homologados / <i>licensed kart race tracks</i>
20 000	Empresas envolvidas com o patrocínio esportivo e/ou técnico com pilotos, equipes e campeonatos / <i>sponsors</i>
106	“Medalhas de Ouro” em 2003 * / <i>prizes</i>
72	“Medalhas de Prata” em 2003 *
64	“Medalhas de Bronze” em 2003 *
242	“Medalhas” *
112	Pilotos brasileiros no exterior em 2003 * / <i>Brazilian pilots in other countries</i>
108	Pilotos brasileiros no exterior em 2002
143	Pilotos brasileiros no exterior em 2001
122	Pilotos brasileiros no exterior em 2000
82	Pilotos brasileiros no exterior em 1999
116	Pilotos brasileiros no exterior em 1998
7	Títulos conquistados no exterior por pilotos brasileiros em 2003 * / <i>awards</i>
12	Títulos conquistados no exterior por pilotos brasileiros em 2002
21	Títulos conquistados no exterior por pilotos brasileiros em 2001
11	Títulos conquistados no exterior por pilotos brasileiros em 2000
9	Títulos conquistados no exterior por pilotos brasileiros em 1999
16	Títulos conquistados no exterior por pilotos brasileiros em 1998
106	Vitórias brasileiras no exterior em 2003 / <i>winner places</i>
132	Vitórias brasileiras no exterior em 2002
124	Vitórias brasileiras no exterior em 2001
85	Vitórias brasileiras no exterior em 2000
110	Vitórias brasileiras no exterior em 1999
117	Vitórias brasileiras no exterior em 1998
8	Títulos mundiais de Fórmula 1 conquistados por brasileiros
3	Títulos mundiais de Fórmula Indy conquistados por brasileiros
5	Vitórias brasileiras na 500 Milhas de Indianápolis
2	Títulos mundiais de marcas

*Dados até 3 de outubro de 2003; a menção de medalhas é apenas comparativa com os esporte olímpicos, uma vez que o automobilismo não segue esse tipo de premiação.

Pilotos em competições internacionais – 2004			
<i>Brazilian pilots in international competitions – 2004</i>			
Mundiais / World championships			
	Piloto (Estado)/Pilot (state)	Categoria/category	Equipe/team
1	André Azevedo (SP)	Rali Paris-Dacar	Petrobras
2	Bruno Junqueira (MG)	Fórmula CART	Newman-Haas Racing
3	Crisitiano da Matta (MG)	Fórmula 1	Toyota
4	Felipe Massa (SP)	Fórmula 1	Sauber
5	Hélio Castro Neves (SP)	Fórmula Indy	Team Penske
6	Klever Kolberg/Lourival Roldan (RS/RS)	Rali Paris-Dacar	Petrobras
7	Rubens Barrichello (SP)	Fórmula 1	Ferrari
8	Tony Kanaan (BA)	Fórmula Indy	Andretti Green Racing
Europa / Europe			
	Piloto (Estado)	Categoria	Equipe
9	Allam Khodair (SP)	Europeu de Fórmula 3000	ADM Motorsport
10	Átila Abreu (SP)	Alemão de Fórmula BMW	Eifelland Racing
11	Augusto Farfus Santos Jr. (PR)	Europeu de Turismo (ETCC)	Autodelta
12	Danilo Dirani (SP)	F-3 Inglesa	Carlin Motorsport
13	Enrique Bernoldi (PR)	F- Super Nissan	GD Racing
14	Lucas Di Grassi (SP)	F-3 Inglesa	Hitech Racing
15	Marcello Thomaz (SP)	Campeonato Europeu de F-Renault	CRAM Competition
16	Marcos Vilhena (MG)	Inglês de F-BMW	Soper Sport
17	Nelson Ângelo Piquet (DF)	F-3 Inglesa	Piquet Sports
18	Patrick Rocha (RJ)	Campeonato Europeu de F-Renault	JD Motorsport
19	Roberto Streit (RJ)	Europeu de Fórmula 3	Prema Powerteam
20	Rodrigo Ribeiro (RJ)	Fórmula 3000 Internacional	Durango Formula
21	Rodrigo Sperafico (PR)	F- Super Nissan	Vergani Racing
22	Rubem Carrapatoso (SP)	Campeonato Inglês de F-Renault	Eurotek
23	Thomas Erdos (RJ)	24 H. de Daytona/FIA GT	-
Estados Unidos / United States			
	Piloto (Estado)	Categoria	Equipe
24	Alexandre Sperafico (PR)	Fórmula CART	Conquest Racing
25	Christian Fittipaldi (SP)	24 Horas de Daytona/NASCAR	Jim Bell/Richard Petty
26	Fernando Dias Ribeiro (DF)	Fórmula Russell	Jim Russell
27	Gustavo Sondermann (SP)	Torneio Inverno F-Renault (EUA)	Gelles Racing
28	Leonardo Maia (RJ)	Infiniti Pro Series	Brian Steward Racing
29	Oswaldo Negri Jr. (SP)	Grand American	Shank Racing
30	Pierre Kleinubing (RS)	Norte-americano de Turismo	RealTime
31	Thiago Medeiros (SP)	Infiniti Pro Series	Sam Schmidt Motorsports
32	Victor Ramos (DF)	F-Dodge-Southern/National (EUA)	Skip Barber
Ásia/Oceania			
	Piloto (Estado)	Categoria	Equipe
33	André Nicastro (RJ)	Fórmula Honda (Japão)	-
34	Fábio Carbone (SP)	F-3 Japonesa	Three Bond Racing
35	João Paulo de Oliveira (SP)	F-3 Japonesa	Dome Project

Títulos conquistados pelos brasileiros no exterior <i>Titles earned by Brazilians abroad</i>			
2003 - Total: 10 títulos/ 10 titles Total de pilotos no exterior/ Number of pilots abroad 117 Vitórias/victories: 124 - Poles/pole positions 110 - Melhores voltas/fastest laps 112 - 2 ^{as} . Pos.: 80 - 3 ^{as} . Pos.: 76			
Piloto/Pilot	UF	Certame/Championship	Mês/Mo
Chrystian Sarkis	DF	Campeonato Pan-americano de Kart (IC Sudam Júnior)	Jun
Leonardo Maia	RJ	Fórmula Barber Dodge Pro (EUA)	Jul
João Paulo de Oliveira	SP	F-3 Alemã	Ago
Augusto Farfus Santos Jr.	PR	F-3000 Européia	Out
Danilo Dirani	SP	F-3 Sul-americana	Out
Rodrigo Ribeiro	RJ	F-3 Sul-americana - Light	Out
Rafael Mattos	MG	Fórmula Dodge "National"	Out
Ricardo Maurício	SP	Fórmula 3 Espanhola	Nov
Gustavo Menezes	RS	Kart - EUA - Skusa Super Nationals	Nov
Alan Chanoski	PR	"Copa Integracion" de Kart - Paraguai	Dez
2002 - Total: 12 títulos Total de pilotos no exterior: 134 Vitórias: 132 - Poles: 110 - Melhores voltas: 125			
Piloto	UF	Certame	Mês
Fábio Carbone	SP	Marlboro Masters de F-3	Ago
Thomas Erdos	RJ	Campeonato Britânico de Grã Turismo	Set
Cristiano da Matta	MG	Camp. Mundial da F-Cart/FedEx	Out
Cristiano da Matta Bruno Junqueira Christian Fittipaldi e Tony Kanaan	MG MG SP BA	Copa das Nações - Camp. Mundial da F-Cart/FedEx	Out
Sara Sanchez	PR	Campeonato Uruguaio de Kart (IC Sudam)	Out
Ricardo Zonta	PR	Campeonato da Fórmula Super Nissan	Out
Nelson Ângelo Piquet	DF	Campeonato Sul-americano de F-3	Out
Alexandre Albiero	SP	Jim Russell Racing Shift-kart 125	Out
Jaime Melo Júnior	PR	Campeonato Europeu de Fórmula 3000	Nov
Luiz Tedesco Sidinei Broering	SC SC	Campeonato Sul-americano de Rali ("A6")	Dez
Eduardo "Duda" Azevedo	DF	F-3 Sul-americana "Light"	Dez
André F. de Andrade e Souza	SP	Billand Challenge - Final	Dez
2001 - Total: 21 títulos Total de pilotos no exterior: 134 Vitórias: 124 - Poles: 102 - Melhores voltas: 70			
Piloto	UF	Certame	Mês
Paulo Ricardo de Oliveira	SP	Florida Winter Tour de Kart (EUA)	Abr
Júlio Campos	PR	Campeonato Pan-americano de Kart (IC Sudam C)	Mai
Carlos Iaconelli	SP	Campeonato Pan-americano de Kart (IC Sudam Jr.)	Mai
Alan Chanoski	PR	Campeonato Paraguuaio de Kart	Jul
William Peetz	SP	U.S. Rotax Max Regional de Kart (Miami, EUA)	Jul
Hoover Orsi	MS	Campeonato Norte-americano da Fórmula Toyota/Atlantic	Set
Sara Sanchez	PR	Campeonato Uruguaio de Kart (IC Sudam Jr.)	Set
Felipe Massa	SP	Campeonato Europeu de F-3000	Set
Reinaldo Varela e Alberto Fadigatti	SP SP	Mundial de Rali Cross Country (Cat T3.2)	Set
Pierre Kleinubing	RS	Norte-americano de Turismo	Out
Nicolas Rondet	SP	Fórmula Barber Dodge Pro	Out
Fernando Dias Ribeiro	DF	Fórmula Russell (Masters)	Out
Luciano Gomide	RJ	Campeonato Norte-americano de F-3	Out
Gil de Ferran	SP	Fórmula CART/FedEx	Out
Gil de Ferran Hélio Castro Neves Christian Fittipaldi Maurício Gugelmin Tony Kanaan Cristiano da Matta Roberto Moreno Max Wilson	SP SP SP SP SP SC BA MG RJ SP	Copa das Nações - Camp. Mundial da F-Cart/FedEx	Out

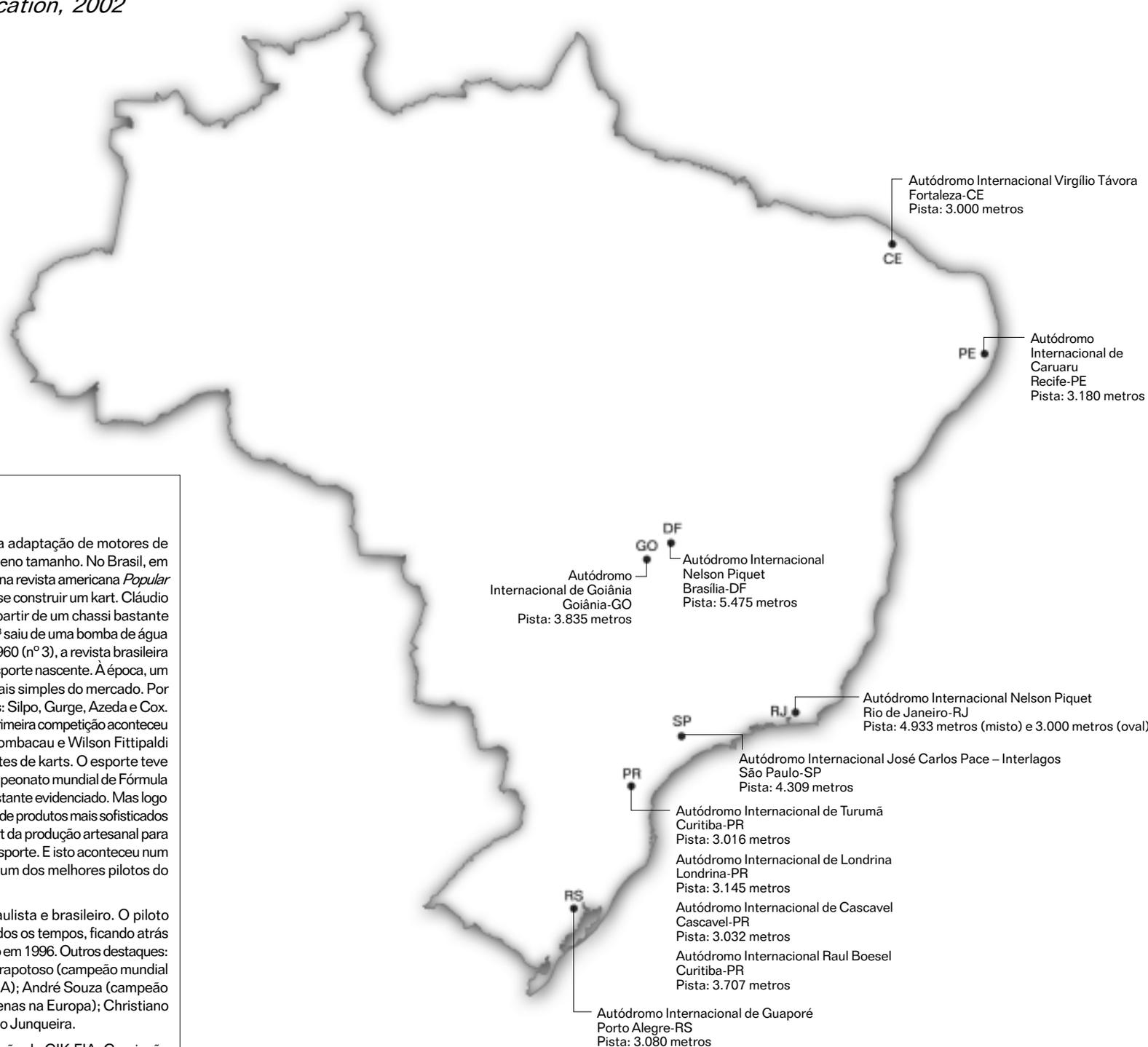
(continuação)

Augusto Santos Jr.	PR	Campeonato Europeu de F-Renault	Nov
Juliano Moro	RS	Campeonato Sul-americano de F-3 - Div "A"	Nov
Júlio Campos	PR	Campeonato "National" de F-Dodge (EUA)	Dez
Daniel Scandian	MA	F-3 Sul-americana "Light"	Dez
Roberto Streit Filho (RJ)	RJ	Camp. De Inverno da F-Renault (Itália)	Dez
Roberto Streit Filho (RJ)	RJ	Campeonato Júnior de F-Renault (Itália)	Dez
2000 - Total: 16 títulos Total de pilotos no exterior: 122 Vitórias: 88 - Poles: 77 - Melhores voltas: 66			
Piloto	UF	Certame	Mês
Alan Hellmeister	SP	Campeonato Pan-americano de Kart (Intercont. Jr)	Mar
Lucas Di Grassi	SP	Campeonato Pan-americano de Kart (Fórmula A)	Mar
Bruno Junqueira	MG	Campeonato Internacional de F-3000	Ago
Antonio Pizzonia	AM	Campeonato Inglês de F-3	Set
Nilton Rossoni	PR	Campeonato Norte-americano F-Barber Dodge Pro	Out
Lucas Araújo	BA	Taça Portugal de Kart	Out
Ricardo Sperafico	PR	Campeonato Italiano de F-3000	Out
Gil De Ferran	SP	Campeonato Mundial da F-Cart/FedEx	Out
Gil de Ferran Hélio Castro Neves Christian Fittipaldi Maurício Gugelmin Tony Kanaan Cristiano da Matta Roberto Moreno	SP SP SP SP SP SC BA MG RJ	Copa das Nações - Camp. Mundial da F-Cart/FedEx	Out
Vitor Meira	DF	Campeonato Sul-americano de F-3	Nov
Pierre Kleinubing	RS	Campeonato Norte-americano de Turismo	Nov
Luciano Gomide	RJ	Campeonato Norte-americano de F-3	Nov
Marcos Marcola Sérgio Pereira	PR PR	Campeonato Sul-americano de Rali ("A7")	Nov
Luis Tedesco Wilfredo Gomes	RS SP	Campeonato Sul-americano de Rali ("A6")	Nov
Felipe Massa	SP	Campeonato Italiano de F-Renault	Dez
Felipe Massa	SP	Campeonato Europeu de F-Renault	Dez
1999 - Total: 09 títulos Total de pilotos no exterior: 82 Vitórias: 110 - Poles: 111 - Melhores voltas: 100			
Piloto	UF	Certame	Mês
Augusto Santos Jr.	PR	Festival de Inverno de Kart (Itália)	Fev
Pedro Araújo	RO	Campeonato Canadense de Kart	Ago
Antonio Pizzonia	AM	Campeonato Inglês de F-Renault	Set
Sérgio Jimenez	SP	Campeonato Norte-americano de Kart	Out
Hoover Orsi	MS	Campeonato Sul-americano de F-3 - Div "A"	Nov
João Paulo de Oliveira	SP	Campeonato Sul-americano de F-3 - Div "B"	Nov
Luiz Tedesco Alberto Blanco	SC SC	Campeonato Sul-americano de Rali - Div. "A6"	
Carlos Bueno	RJ	Campeonato Sul-americano de Superturismo	Nov
Gil de Ferran Hélio Castro Neves Christian Fittipaldi Maurício Gugelmin Tony Kanaan e Cristiano Da Matta	SP SP SP SP SP SC BA MG	Copa das Nações - Camp. Mundial da F-Cart/FedEx	Out
1998 - Total: 16 títulos Total de pilotos no exterior: 116 Vitórias: 117 - Poles: 101 - Melhores voltas: 76			

Autódromos em operação por localização, 2002

Race tracks in operation per location, 2002

Fonte / source: CBA



Kart no Brasil / Kart in Brazil

VALÉRIA BITTENCOURT

O kart surgiu nos EUA na década de 1950 por uma adaptação de motores de cortadores de grama em veículos de corrida de pequeno tamanho. No Brasil, em 1959, Cláudio Daniel Rodrigues descobriu a novidade na revista americana *Popular Mechanics* que trazia instruções sobre a maneira de se construir um kart. Cláudio montou o primeiro e passou a organizar corridas, a partir de um chassi bastante simples e com rodas de lambreta. O motor, de 125cm³ saiu de uma bomba de água fabricada pela Bugre. Em sua edição de outubro de 1960 (nº 3), a revista brasileira Quatro Rodas fez uma extensa reportagem sobre o esporte nascente. À época, um kart custava quase sete vezes menos que o carro mais simples do mercado. Por isso, a curto prazo, já havia quatro fabricantes no país: Silpo, Gurge, Azeda e Cox. Este início do kart teve lugar em São Paulo-SP onde a primeira competição aconteceu em 13/08/1960, com a participação de Maneco Combacau e Wilson Fittipaldi Júnior, ambos posteriormente vieram a ser fabricantes de karts. O esporte teve seu auge quando Emerson Fittipaldi conquistou o campeonato mundial de Fórmula 1. Ele começou a carreira no kart e este detalhe foi bastante evidenciado. Mas logo após os fabricantes enfrentaram um mercado saturado de produtos mais sofisticados e entraram em crise. Assim sendo, a passagem do kart da produção artesanal para a industrial representou uma queda na expansão do esporte. E isto aconteceu num estágio em que o kartismo brasileiro dava origem a um dos melhores pilotos do mundo: Ayrton Senna da Silva.

Em 1988 Rubens Barrichello foi pentacampeão paulista e brasileiro. O piloto paulista é o segundo maior campeão brasileiro de todos os tempos, ficando atrás apenas de Paulo Carcasci que se sagrou hexacampeão em 1996. Outros destaques: Sérgio Jimenez (tri campeão brasileiro); Rubem Carrapotoso (campeão mundial de kart em 1993 e 1998; campeão mundial formula A); André Souza (campeão Biland World Challenge); Fernando Rees (corre apenas na Europa); Christiano Chiaradia; Danilo Dirani; Cristiano da Matta; e Bruno Junqueira.

Hoje, o kart é um esporte organizado sob supervisão da CIK-FIA: Comissão Internacional de Kart que faz parte da Federação Internacional de Automobilismo. No Brasil, a entidade gestora é a Confederação Brasileira de Automobilismo-CBA. A Liga Paulista de Kart-Cross - LPKC foi fundada em março de 1999 e é filiada à Liga Independente de Automobilismo-LIA. Vale registrar que a fundação da LPKC contou com o apoio do Kartódromo Schincariol em Itu-SP, Megacycle Eventos e Piquet Promoções.

O Kart-Cross é uma categoria derivada do Auto-Cross, ambos disputados em circuitos de terra. A estrutura de um kart-cross é tubular, oferecendo ampla segurança ao piloto. Os motores dos karts variam de potência para cada categoria: 135cc e Especial (180cc e 200cc), atingindo 120 km/h, proporcionando emoção e prazer. Por ser o Kart-Cross um esporte de baixo custo, cresce a cada campeonato o número de pilotos participantes (São Paulo, Campinas, Paulínia, Sumaré, Taubaté, Sertãozinho, Santa Rosa do Viterbo, Leme). Apesar de ser projetado para corridas na terra, o Kart-Cross também está sendo usado em circuitos de asfalto (Kart-Cross Street), para tanto são feitas adaptações na suspensão e pneus. O Kart Indoor é uma modalidade de automobilismo acessível e de baixo custo, praticado em karts especiais, correndo em pistas cobertas. Sua popularização se deve ao baixo custo e segurança provida pelo equipamento e instalações. As pistas principais para a prática de kart em suas diversas modalidades estão localizadas nos estados do CE, DF, ES, GO, MS, MG, PR, PB, PN, PE, RS, RJ, SC E SP. Os principais campeonatos do esporte são: Mundial, Europeu, Pan-americano, Brasileiro, Copa Brasil e Sul Brasileiro.

Fontes Revista Quatro Rodas (Alexander Grünwald) e www.kart.com.br

Resultados / Results

Campeonato: Brasileiro de Stock Car V- 8

Até a Etapa: 12 Cidade: São Paulo – SP

Data: 30.11.2003

Brazilian Stock Car Championship V-8 until the 12th stage
City: São Paulo SP Date: 11.30.2003

Or	Piloto Pilot	Fau State	Nº	Equipe / Patrocinador Team/Sponsor
1º	David Muffato	PR	35	Repsol - Boettger
2º	Cacá Bueno	RJ	0	Petrobrás-RS
3º	Guto Negrão	SP	27	Medley / A. Mattheis
4º	Ingo Hoffmann	SP	1	Filipaper Racing
5º	Antonio Jorge Neto	SP	15	Medley / A. Mattheis
6º	Chico Serra	SP	3	Texaco / WB Motorsport
7º	Raul Boesel	PR	36	Repsol / Boettger
8º	Giuliano Losacco	SP	90	RC Competições
9º	Carlos Alves	SP	8	C. Alves Competições
10º	Pedro Gomes	SP	43	Giaffone Motorsport

Campeonato: Brasileiro de Fórmula Truck

Até a Etapa: 9ª Cidade: Curitiba – PR

Data: 07.12.2003

Brazilian Truck Championship until the 9th stage
City: Curitiba – PR Date: 12.07.2003

Or	Piloto	Fau	Nº	Equipe / Patrocinador
1º	Wellington Cirino	PR	2	ABF Competições
2º	Renato Martins	PE	9	RM Competições
3º	Djalma Fogaça	PR	72	Djalma Fogaça Motorsports
4º	Beto Monteiro	PE	88	Djalma Fogaça Motorsports
5º	Roberval Andrade	PE	1	M.A. Motorsports
6º	Pedro Muffato	PR	20	M.A. Motorsports
7º	Tiago Grison	PR	5	TRG Competições
8º	Vignaldo Fizio	RS	10	ABF Competições
9º	Jonatas Borlenghi	SP	8	RM Competições
10º	Jorge R. Fleck	RS	12	Fleck Motorsport

Karatê

EDGAR FERRAZ DE OLIVEIRA, ALVARO REGO MILLEN NETO E THAIS JORDÃO

Karate

Karate is a martial art that makes efficient use of all the parts of the body for self-defense. The objective of karate is the perfection of character through the arduous training and rigorous discipline of both mind and body. Karate was systematized in Japan during the 1920s and in Brazil, due to the Japanese immigration, during the first half of

Definições e origens
Karatê é uma palavra japonesa que significa “mãos vazias” (kara = vazio, te = mãos) e nomeia uma arte marcial que faz eficaz uso de todas as partes do corpo para fins de auto-defesa. O objetivo síntese do karatê é a perfeição do caráter, através de árduo treinamento e rigorosa disciplina da mente e do corpo. O karatê-ka (cultor de karatê-do) utiliza como armas as mãos, os braços, as pernas, os pés, enfim, qualquer parte do corpo. Além de ser um excelente meio de auto-defesa, o karatê também é um meio ideal de exercício. Ele desenvolve a força, a velocidade, a coordenação motora, condicionamento físico e é reconhecido também por seus valores terapêuticos. Do ponto de vista histórico, entende-se como karatê-do a prática complementar de formação cultural e esportiva baseada no desenvolvimento peculiar dos sistemas de defesa pessoal e evolução interior, característicos de Okinawa (ilha ao sul do Japão) em seus primórdios (século XVIII) e do Japão, a partir do início do século XX. Várias formas de combates desarmados eram praticadas na Índia, na China, em Formosa e em Okinawa. Nesta ilha, as lutas desarmadas foram desenvolvidas em segredo durante muito tempo, devido à influência dos fidalgos japoneses que conquistaram a região, proibindo os seus súditos de carregarem armas. Esta proibição obrigou muitas pessoas a praticar formas de combate sem armas, em segredo. Devido a este fato, variadas escolas e estilos (Ryus) foram desenvolvidos. Hoje existem inúmeras escolas no Japão, sendo as mais destacadas: Shotokan, Goju-Ryu, Shito-Ryu e Wado-Ryu, todas com ramificações em diferentes países e continentes. No Brasil, hoje estão presentes escolas e estilos diversos, como também suas organizações dirigentes autônomas com as devidas filiações internacionais. Em resumo, a multiplicidade de entidades dirigentes é um fenômeno internacional que se repete no Brasil, onde a convivência interinstitucional depende de entendimentos e ações do exterior. Do ponto de vista educacional, e conseqüentemente esportivo, o karatê em suas diversas escolas tornou-se entretanto universal: nos últimos anos, foram formuladas regras de combate simulado para se evitar ferimentos graves, com o propósito de introduzir o karatê como um esporte competitivo. O karatê de torneio é um jogo de reflexos que exige tempo, velocidade, técnica, estratégia, camaradagem e controle, em que prevalece a honra, lealdade e compromisso. Nestas condições, o objetivo síntese desta arte marcial consiste hoje na sua inclusão no programa dos Jogos Olímpicos.

1916 – 1925
O ano de 1916 marca o início de ações dos mestres Kenwa Mabuni e Gichin Funakoshi, para introduzir no Japão as técnicas praticadas em Okinawa. Em 1925, Funakoshi realizou várias demonstrações para o Exército e nas Universidades, o que popularizou o Karatê até a Segunda Guerra Mundial. Devido à divulgação feita por Funakoshi, o Shotokan foi o estilo que mais se tornou conhecido no Japão e conseqüentemente no mundo. Outros estilos de Karatê hoje de circulação internacional são: Shito Ryu, Wado-Ryu e Kyokushinkai. O Karatê é unitário, não se divide na sua essência, porém há variedade de formas de treinamento e postura, provenientes de influências de regiões e até de outros povos, surgindo diversos estilos. Os mais antigos são os estilos Shorei-Ryu e Shorin-Ryu, este ensinado por Sokon Matsumura, que teve como aluno Ankoh Itosu e posteriormente Chiochin Chibana. e o Goju-Ryu, fundado por Chojun Miyagi.

1954 – 1962
Mestre Yoshihide Shinzato, imigrou para o Brasil em 1954 com sua família. Ao chegar, ministrou aulas de Karatê-Dô em sua própria casa para jovens da colônia japonesa, ao mesmo

the 20th century although it was only introduced in the early 1950s. Today Brazil is one of the leading countries of karate in the world with different schools and styles, all of which originally from Japan. The Confederação Brasileira de Karatê (Brazilian Karate Confederation - CBK) is the institution that represents the World Karate Federation-

tempo em que exercia a sua ocupação principal trabalhando na lavoura, transporte com caminhões e comércio em feiras-livres. Passado 8 anos de sua chegada ao Brasil, fundou oficialmente a sua primeira academia de Karatê-Dô, no dia 3 de junho de 1962, na cidade de Santos-SP. Ministrou Karatê-Dô para os seus alunos com dedicação total e também mantendo o contato com o seu mestre Chiochin Chibana, como também continuou ligado às raízes de Okinawa com o Mestre Miyahira; treinou Goju-Ryu e Kobu-Dô com o mestre Shikan Akamine, Kobu-Dô com o Mestre Katsuyoshi Kanei e Masahiro Nakamoto. Ao longo do tempo o Mestre Shinzato já teve cerca de 12.000 alunos, na academia matriz. Academias ligadas ao mestre Shinzato, seguindo da linha Shinshukan, totalizam 480 em 15 Estados brasileiros e 15 países.

Década de 1950
O Karatê teve outro avanço no Brasil em 1957, quando aqui chegou o mestre Seichi “Shikan” Akamine. Nos anos seguintes outras academias surgiram no eixo São Paulo – Rio de Janeiro, sendo as mais conhecidas pertencentes aos também mestres japoneses Mitsusuke Harada, Juiche Sagara e Akira Traniguchi, em território paulista. No RJ situavam-se a Kobu-Kan, pertencentes os professores Yasutaka Tanaka e Lirton dos Reis Monassa, e a Shobukan do Prof. Sadamu Uriu. Akamine, tendo se instalado em São Paulo, capital, fundou no final dos anos de 1950, com seus principais discípulos, a famosa Associação Brasileira de Karatê, entidade histórica da qual se difundiu a luta para todo o Brasil e América do Sul. Akamine permaneceu na ABK até 1964 quando, por razões políticas, separou-se desta associação. Seus fiéis discípulos receberam do mestre todo o seu sistema e o propagaram desde então como o karatê da ABK, até que anos mais tarde esta associação tornou-se ligada à Gojukai do Japão.

Década de 1960
Neste período, o karatê nacional andava a passos lentos, por falta de recursos, funcionando internamente nas academias e quando avançava algum estágio não passava apenas da própria cidade onde estava localizado. O movimento de integração nacional surgiu na Bahia, quando uma equipe partiu com recursos próprios, para o primeiro torneio interestadual realizado em São Paulo em 1965. Foram pioneiros neste movimento o japonês Eisuke Oishi, e os brasileiros Denílson Caribé, Ivo Rangel, Lázaro Gangliano, Carlos Alberto Costa, Renato Pereira e Renato Duarte Filho, integrantes da primeira seleção baiana de karatê, que conquistou a sua primeira vitória em âmbito nacional.

Década de 1970
As universidades no Japão começaram a promover competições de karatê. O 1º Campeonato Mundial de Karatê foi realizado em 1970 em Tóquio, Japão, com a participação de 33 países, desde então, cada campeonato mundial tem sido promovido de dois em dois anos. Em 2002, o 16º Campeonato Mundial realizado em Madri, Espanha teve a participação de 84 países. Também a União Mundial das Organizações de Karatê-WUKO foi criada no ano marco de 1970.

1987
No dia 11 de setembro na sede da Confederação Brasileira de Pugilismo-CBP, na cidade do Rio de Janeiro, reuniram-se os presidentes das federações estaduais de karatê filiadas ao Departamento de Karatê da CBP, para fundação da Confederação Brasileira de Karatê e aprovação do estatuto da entidade. O objetivo principal então estipulado foi: “Dirigir, difundir, orientar, supervisionar, controlar, coordenar e fiscalizar, de forma única e exclusiva, a orientação e a prática da modalidade karatê nos seus estilos, escolas e formas, devidamente reconhecidas pela

WKF, recognized by the International Olympic Committee, and linked therefore to the Brazilian Olympic Committee. The CBK aims primarily at joining the various karate schools through 26 state federations and 2,000 training centers in Brazil. It is estimated that there are 800,000 karatekas of different styles in Brazil.

Federation Mondiale de Karatê-FMK / World Karatê Federation-WKF, em todo o Território Nacional; aperfeiçoar e intensificar a sua prática, atendendo às normas e orientações da WKF e do Comitê Olímpico Brasileiro”. Neste mesmo ano de 1987, O Conselho Nacional de Desportos-CND reconheceu a nova confederação desmembrada da CPB.

1995
Reconhecimento da CBK pela *World Karete Federation*, que por sua vez foi reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional em 1999, durante a sua 109ª Sessão realizada em Seul, Coréia – de acordo com o artigo 29 da Carta Olímpica -, como a federação mundial dirigente da modalidade esportiva karatê.

Situação atual
Além da intenção de incluir o karatê nos Jogos Olímpicos, o objetivo da WKF é de unificar todas as organizações que pratiquem karatê, como esporte ou como uma arte tradicional, além de lutar também para promover ligações dentro de um espírito de amizade entre os karatecas do mundo. No Brasil, além da Confederação Brasileira de Karatê-CBK atuam ainda a Confederação Brasileira de Karetê de Contato-CBCK e a Federação Brasileira de Karatê-do e Kobu-do, que se destacam por estilos, filiações externas e competições nacionais e internacionais próprias. A CBK como entidade nacional de administração da modalidade karatê opera com 26 Federações estaduais, sendo filiada à WKF e vinculada ao Comitê Olímpico Brasileiro-COB, como também está reconhecida através da Portaria nº 551 do Ministério da Educação (10/11/1987), como entidade de direção nacional, com competência na área do esporte de sua própria denominação. A CBK reconhece como praticante de karatê no território nacional todo aquele que tiver uma graduação mínima de 7º Kyu dentro do sistema estipulado pela entidade. A estruturação das Normas Gerais de Formação e Habilitação em Karatê da CBK representa um resultado do processo de reforma por que passa o Brasil no âmbito da educação e esporte. Este processo evidenciou a necessidade de mudanças de paradigmas no que tange às condições de formação e habilitação dos instrutores de artes marciais, pois se entende que apenas o conhecimento técnico específico de uma determinada arte marcial não é o suficiente para capacitar o praticante para a função de educador. Em termos quantitativos, as federações da CBK são mais ativas em competições e participação nos estados de SP, BA, RJ, MG, DF, SC, PE e CE, e no seu todo somam cerca de 2.000 locais de prática no país. A estimativa corrente do número de praticantes é de 800 mil em todas as escolas e estilos, embora não haja comprovações efetivas deste total.

Fontes
Enciclopédia Shotokai: Karatê-do & Artes Marciales (internet) www.shotokai.com/frames.html (acessado em 04/09/2003); Japan Karate Association (internet) www.jka/english (acessado em 02/09/2003); Karate British Columbia, Canada (internet) www.karatebc.org (acessado em 05/09/2003); Shotokan Karate-do of Thailand (internet) www.karatethai.com/english (acessado em 04/09/2003); Shotokan Karate Internacional of Brazil (internet) www.skibrazil.hpg.ig.com.br (acessado em 02/09/2003); Shotokan Karate of America (SKA) www.ska.org (acessado em 02/09/2003); Site Marcial www.sitemarcial.htp.ig.com.br/historia-karate (acessado em 02/09/2003); GICHIN Funakoshi, Karate-do: Meu Modo De Vida. São Paulo: Cultrix, 1999; MASATOSHI Nakayama, O melhor do Karatê – vol.1. São Paulo: Cultrix, 2000.

Jiu-Jitsu brasileiro

FERNANDO DE MELO GUIMARÃES

Brazilian Jiu-Jitsu-BJJ

Jiu-Jitsu, unlike other martial arts, did not evolve from one source or root; instead it has multiple roots and traveled through many Asian countries before its final development in Japan. Buddhist Monks in northern India greatly contributed to the early development of Jiu-Jitsu. Bandits constantly assaulted the monks during their long journeys through the interior of India. Buddhist religious and moral values did not encourage the use of weapons so they were forced to develop an empty hand system of self-defense, the very essence of Jiu-Jitsu. With Buddhism, Jiu-Jitsu reached Ceylon, Burma (today Myanmar) and Tibet, after that the whole China, reaching finally Japan, where it had great impulse, immigrating then to the West. With the growth of Judo at the end of the 19th century, Jiu-Jitsu almost disappeared in Japan, but it reappeared in some other countries. Jiu-Jitsu arrived in Brazil with the massive influx of Japanese immigrants at the beginning of the 20th century. Among these immigrants was Mitsuyo Maeda, also known as Conde Koma (Count Koma), a Judo and Jiu-Jitsu

Origens e definições Diferentemente de outras artes marciais, o Jiu-Jitsu não teve uma só origem. Suas raízes são múltiplas e viajaram através de muitos países asiáticos antes do jiu-jitsu se desenvolver no Japão. Técnicas do Jiu-Jitsu podem ter tido seu início há cerca de 5.000 anos. Existem artefatos como uma pequena escultura achada na Babilônia, datada do 3º milênio antes de Cristo, que mostra dois homens engajados numa técnica do Jiu-Jitsu. Ambos os oponentes parecem estar querendo desequilibrar um ao outro através do controle do quadril. Existem ainda várias teorias que vão desde a Antigüidade grega à antiga Índia. Outra fonte de origem do Jiu-Jitsu atribui-se ao príncipe Siddhartha Gautama, Buda (o ‘Iluminado’ – 560 a C. a 480 a C.), que lançou as bases do Budismo e a criação de condições para o desenvolvimento do Jiu-Jitsu. Homem culto e de grande inteligência, procurou dotar seus seguidores de conhecimentos gerais para melhor propagarem a sua fé. Dentre seus seguidores (monges de longínquos mosteiros, obrigados a percorrerem longas caminhadas pelo interior da Índia, tendo que se defender contra assaltos de bandidos que infestavam os caminhos) apareceram aqueles que são realmente os criadores da luta que lhes permitiria a própria defesa sem o uso de armas, de modo a não ir contra a moral de sua religião. Assim nasceu o Jiu-Jitsu, com o espírito de defesa que é a sua essência. A aplicação de leis físicas, movimentos de forças em equilíbrio, centro de gravidade e estudos minuciosos dos centros vitais do corpo humano, propiciaram aos seus criadores fazerem do Jiu-Jitsu uma arte e depois uma ciência de luta. Com o Budismo, o Jiu-Jitsu atingiu o Ceilão, Birmânia (hoje Myanmar) e o Tibet, depois toda a China, chegando finalmente ao Japão, onde tomou grande impulso, emigrando em seguida para o Ocidente. A entrada do Jiu-Jitsu no Japão é anterior ao nascimento de Cristo.

A primeira metade do século XII até o início do século XV do calendário cristão foi época de grande banditismo no Japão, e constantes lutas entre diversos clãs feudais que varriam o país. Não havia armas de fogo e a lei era a do mais forte. Com isso mais de 100 estilos foram criados sob a forma de verdadeiras seitas de artes marciais de luta a serviço dos senhores feudais. O Jiu-Jitsu tornou-se a partir da segunda metade do século XVI a mais importante arte marcial japonesa, baseando-se nos fundamentos da flexibilidade, segundo os quais fracos e pequenos poderiam derrubar os grandes e fortes. Por isso o Jiu-Jitsu era chamado pelos japoneses de “arte suave”, ou seja, a técnica de defesa pessoal que, com um mínimo de esforço, sem necessidade de força bruta, permite ao mais fraco defender-se e derrotar o adversário mais forte, utilizando a própria força do mesmo (a arte de vencer cedendo).

O auge de seu desenvolvimento ocorreu nos séculos XVII e XVIII, durante o Shogunato To Kungawa, que por 250 anos isolou o país do resto do mundo. Neste período, o número de praticantes era reduzido e os segredos do Jiu-Jitsu eram guardados zelosamente por uma elite de iniciados. Em meados do século XIX, grave ameaça apresentase ao povo japonês, acarretando perigo a um importante legado: o Jiu-Jitsu. O Japão, ainda fechado à cobiça ocidental, recebe a visita

champion who was black belt 6th dan. He and his compatriots were helped a great deal by the Brazilian diplomat Gastão Gracie, whose father James Gracie had immigrated to Brazil from Scotland in 1870. In gratitude for the assistance, Maeda taught jiu-jitsu to Gastão's son Carlos Gracie. Carlos in turn taught his brothers Osvaldo, Gastão Jr., Jorge, and Helio, generating a relationship which gave origin to Brazilian Jiu-Jitsu. A dynasty of fighters was then created and still exists today transforming Jiu-Jitsu through adaptation of movements and techniques from other martial arts. The result of this process was first called Gracie Jiu-Jitsu and later Brazilian Jiu-Jitsu-BJJ. It then returned to Japan, which made up a typical case of re-adaptation of a sport to different cultures where it is practiced. BJJ has been successful both in the U.S., according to a Time Magazine report (May, 27, 2002), and in Europe, where the European Brazilian Jiu-Jitsu Confederation-EBJJC had 23 affiliated countries in 2004. Brazilian Jiu-Jitsu is managed today by the Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu

de uma esquadra norte-americana comandada pelo Comodoro Perry, em 8 de julho de 1853, que entregou uma carta intimando o Shogun à abertura dos portos, o que veio a ocorrer em março de 1854, com retorno da nova esquadra sob o comando do mesmo Perry. A fase seguinte foi a da ocidentalização progressiva do Japão. Entre as várias mudanças ocorridas com os contatos com o exterior, surgiram demandas dos ocidentais em aprender o já então mitificado sistema de luta do Império do Sol Nascente. A partir deste estágio, os fatos sobre o Jiu-Jitsu – como várias outras facetas da cultura japonesa – tornaram-se versões adaptadas à curiosidade ocidental.

Por volta de 1880, surgiu um estilo diferente de Jiu-Jitsu. O jovem Jigoro Kano (1860-1938), professor de Jiu-Jitsu e, mais tarde funcionário do Ministério da Cultura do Japão, em seus primeiros anos de treinamento do Jiu-Jitsu desenvolveu alguns golpes e sua atenção se voltou para uma reforma do Jiu-Jitsu. Através da criação de novas técnicas baseadas em princípios científicos e de adaptação de algumas outras do Jiu-Jitsu, ele acabou desenvolvendo um novo sistema a que chamou de Kodokan Judô (ver capítulo sobre Judô neste Atlas). Enquanto o Jiu-Jitsu continuou sendo uma arte marcial, um método de defesa, com aprendizado liberado somente para adultos, o judô foi um pouco mais além e passou a ser um esporte, já que as técnicas do Jiu-Jitsu que Kano considerava perigosas foram suprimidas dos campeonatos para facilitar o acesso dos jovens, que não podiam praticar o Jiu-Jitsu. Outra diferença entre o judô e o Jiu-Jitsu é a aplicação do ‘kuzushi’, uma teoria desenvolvida por Kano durante seu treinamento de Jiu-Jitsu, que consistia no seguinte princípio: ‘usando um mínimo de força, é possível jogar o oponente ao chão se você fizer com que ele se desequilibre forçando-o a sair de sua postura’, em outros termos, utilizando a força do adversário para se vencer uma luta.

Surpreendentemente, o Judô acabou se expandindo no próprio Japão, quase extinguindo o Jiu-Jitsu. No nascer do século XX, entretanto, o Jiu-Jitsu começou a ressurgir no Ocidente em alguns poucos locais, incluindo o Brasil, país receptor de grandes contingentes de imigrantes japoneses neste período. Outra vez de forma surpreendente, o Jiu-Jitsu vicejou no Brasil ao longo do século XX, transformou-se e hoje retorna ao próprio Japão, impondo-se por sua alta eficiência de luta.

1905 Na Europa, através de publicações, algumas pessoas faziam uso do Jiu-Jitsu. E, neste ano, em Paris, René Dubois lutou contra um boxer. Dubois, o vencedor, era adepto do Jiu-Jitsu.

1906 Abre-se em Berlim a primeira escola alemã de Jiu-Jitsu sob direção de Eric Rahn (que havia aprendido a arte de Katsukuma Higa, autor de uma obra sobre o “Jiu-Jitsu de Jigoro Kano”, surgida nos EUA em 1905).

1914 Mitsuyo Maeda (1878-1941), mais conhecido como Conde Koma (o nome veio de ‘Komaru’, que em japonês quer dizer ‘estar em situação difícil’, sem a sílaba final), veio ao Brasil em sua Turnê Mundial de Judô. Ele era conhecido campeão de Judô e Jiu-Jitsu

(Brazilian Confederation of Jiu-Jitsu-CBJJ), to which six state federations are affiliated. The main cities of Brazil have 1,500 training centers (mostly gyms and clubs), where 350,000 regular fighters and participants train BJJ. ‘Gracie Magazine’, ‘O Tatame’ (The Mat), ‘O Lutador’ (The Fighter) and ‘Vale Tudo’ (Mixed Martial Arts) are magazines specialized in BJJ, published nationwide. They show the growing market size especially because it has been considered an option of sports business not only in Brazil but also in the U.S. and in Europe. BJJ originated the Ultimate Fighting Championship-UFC in 1993, which operates on a pay-per-view system on cable TV. As BJJ was being developed in Brazil, it added and adapted principles and techniques from other martial arts always in search of ways to improve its efficiency, anticipating what today is known as Mixed Martial Art-MMA in the international sphere. Taking into consideration the possibility of this mixture become a discipline in the martial arts, the tendency of the BJJ is to assign meaning to MMA.

em seu país, inclusive tendo sido aluno de Jigoro Kano. Ao chegar ao Brasil, Maeda possuía graduação de faixa preta sexto dan, pesava 75 quilos e media 1,60m, aceitando desafios de qualquer modalidade de luta. Decidiu prolongar sua estadia e ajudar um grupo de japoneses que queria fundar uma colônia no norte do Brasil, em Belém do Pará, já que naquela época não eram bem-vindos nos EUA. Um diplomata brasileiro ajudou os japoneses com terras e gado. O diplomata era Gastão Gracie, filho de James Gracie, escocês que chegou ao Brasil em 1870, estabelecendo-se como banqueiro no Rio de Janeiro. Gastão se fixou em Belém, como importador de minério por ter se casado com Cislane Pessoa, jovem da sociedade local. Tiveram cinco filhos, Carlos, Osvaldo, Gastão Filho, George e Hélio. Maeda ficou muito grato e tornou-se amigo de Gastão e passou a ensinar a Jiu-Jitsu aos seus filhos. Segundo relatos de Carlson Gracie, filho de Carlos, era crime de lesa-pátria japonesa ensinar Jiu-Jitsu para estrangeiros. Porém, esta limitação não impediu que Conde Koma extraísse o melhor de si no seu empenho em formar lutadores da família Gracie: uma relação que deu origem ao Jiu-Jitsu brasileiro.

1916 Nos EUA, o capitão Sillan Smith é tido como o primeiro a obter a faixa preta no Kodokan e publica, no ano seguinte, “Os segredos do Jiu-Jitsu” em 7 fascículos.

Década de 1920 Os ensinamentos de Koma a Carlos foram aperfeiçoados por este e daí surgiram novas técnicas sem fugir dos fundamentos da luta, transformando-a numa espécie de xadrez humano, com base em alavancas na qual um homem fraco poderia derrotar um homem forte, desenvolvendo assim o “Gracie Jiu-Jitsu”. Por outro lado, Carlos teria ensinado a Hélio Gracie toda a sua técnica na tradição oral surgida na relação com Koma. Porém, Hélio Gracie é freqüentemente considerado o criador efetivo do Gracie Jiu-Jitsu, que devido a seu físico franzino, derrotava os adversários com sua técnica. Segundo Helio, Carlos foi o maior difusor do Jiu-Jitsu, porém ele, devido a sua dedicação, era o melhor entre os irmãos. Ele era incansável e não se cansava por não usar força, apenas técnica. Hélio transformou o Jiu-Jitsu dando-lhe uma forma mais agressiva. No final da década a família Gracie mudou-se para o Rio de Janeiro e, em 1930, Carlos Gracie, com 28 anos abriu a primeira academia de Jiu-Jitsu daquela cidade, no Bairro do Flamengo. Neste estágio, Hélio acabou por se transformar em grande campeão em lutas em estádios e praças públicas, com Carlos atuando como seu “manager”. George Gracie e seu irmão Hélio eram os principais lutadores da família. George Gracie foi o iniciador dos vale-tudo ao derrotar o homem mais forte do Rio de Janeiro na época, Tico Soledade, campeão absoluto de levantamento de peso e queda de braço, além de ser conhecido por sua valentia (ver capítulo “Halterofilismo” neste Atlas).

Década de 1930 Estágio de grandes aberturas públicas e de reconhecimento da eficiência do Gracie Jiu-Jitsu. Entre os anos 1930 e 1950, Hélio Gracie derrotou todos os adversários que surgiram como desafiantes, especialmente mestres de outras lutas.

Hélio na época acabou causando um certo prejuízo social dentro do esporte em si, um grande mal estar, pois Hélio falava mal das outras lutas, dizendo que só o Jiu-Jitsu era eficiente. A luta que apelidou Hélio como “brigador”, foi em 1930. Hélio tinha apenas 17 anos. Foi contra Fred Albert, vice-campeão mundial de Luta-Livre e que tinha empatado com Jimmy London, um dos mais famosos lutadores dos EUA em vale-tudo. A luta foi no estádio de São Cristóvão, Bairro do Rio de Janeiro, e sem regras. A luta foi interrompida pela polícia, porém Hélio venceu, embora o oponente não tivesse caído nem desistido. A mídia dava boa cobertura aos eventos. Jornais da época (O Globo, A Noite e A Notícia) chegaram a dar primeira página para Hélio. Com tamanha divulgação, ele já era reconhecido e saudado nas ruas. Apesar disso tudo, havia ainda os que duvidavam da eficácia do Jiu-Jitsu, sendo até acusados em público de farsantes, alegando que suas lutas eram todas armadas. Em uma ocasião, com notoriedade Hélio chegou a quebrar os braços e algumas costelas do acusador. Acabou sendo preso por isso, sendo logo solto por indulto do então presidente Getúlio Vargas.

Nesta época não existia o sentido de federação no Jiu-Jitsu praticado no Brasil. Os vale-tudo eram muito violentos, não havia tempo nem interrupções das lutas que se organizavam como espetáculo. Elas só terminavam com a desistência de um dos lutadores, ou seja, o esporte existia mas ainda não havia regras claras, nem organização. E, setembro de 1937, a Federação Brasileira de Pugilismo, com a cobertura de Mário Filho, então diretor do Jornal dos Sports, realizou simultaneamente o primeiro torneio de Jiu-Jitsu e também o primeiro torneio de Luta-Livre do Brasil. Os dois torneios foram realizados no Rio de Janeiro quando ainda era a Capital Federal. Fernando Young, da academia Gracie, treinado por Hélio Gracie, foi o vencedor na categoria absoluto, nos dois torneios, sendo consagrado campeão de Jiu-Jitsu e Luta-Livre, sendo ele próprio praticante da primeira.

Década de 1940 A versão brasileira do Jiu-Jitsu, vinculada ao nome dos Gracie, já era famosa por todo o Brasil e, em 1941, Carlos Gracie foi ao Ceará para ministrar um curso sobre a luta. Carlos impôs um rigoroso sistema para selecionar os que teriam condições de aprender com ele. Dos 77 candidatos, somente 6 foram aprovados e eram eles: Rubens Benevides, Luciano Bizeril, Ernesto Ramos Medeiros, Pedro Hemetério Araújo de Castro, Antonio Osaías de Araújo e Germano Fabias Riquet. O curso foi dado em duas etapas de três meses, no Grêmio de um lugarejo chamado Pacuri, sendo ministrado por Hélio e Gastão, além do mestre Carlos. O aluno de maior destaque foi Pedro Hemetério, que chegou a ser convidado por Carlos, para ser seu auxiliar e dar demonstrações com ele no Praia Clube de Fortaleza. Carlos Gracie foi convidado pelo então coronel da polícia local, General Góes, para ensinar Jiu-Jitsu para a polícia militar, levando com ele, Hemetério, como seu auxiliar. Hemetério chegou a morar com os Gracie no Rio de Janeiro, e se tornando vice-campeão carioca, só perdendo na final para Carlos Gracie.

Quanto mais o Jiu-Jitsu se elevava na mídia, mais surgiam indivíduos de outras modalidades de lutas – sobretudo japoneses – querendo desbancar o Gracie Jiu-Jitsu. Mas não conseguiram. Além de Hélio, grande campeão e manchete de todos os jornais da época, alguns alunos também participaram e venceram alguns vale-tudo. Geralmente as lutas de seus alunos eram preliminares às de Hélio.

Década de 1950 Em 1951 veio ao Brasil, o mestre Matsuito Kimura, penta-campeão do mundo e japonês de judô, também faixa preta sétimo dan, acompanhado do vice-campeão Kato, quinto dan. Quando Kimura viu Hélio disse que não lutaria com ele por achá-lo muito fraco. Ele se sentia muito superior a Hélio e colocou Kato para lutar. Kato e Hélio lutaram no Maracanã-RJ, no início de setembro de 1951. A luta terminou empatada, pois Hélio estava com uma costela quebrada devido a um acidente. No final do mesmo mês de setembro, Hélio torna a enfrentar Kato, desta vez no Pacaembu, em São Paulo. Hélio venceu a luta por estrangulamento logo no segundo round, tendo Kato desmaiado por golpe. Diante da vitória de Hélio sobre Kato, Kimura se viu na obrigação de desafiá-lo. Kimura, trinta quilos mais pesado e nove anos mais novo que Hélio, havia proclamado que, se seu adversário durasse três minutos contra ele, poderia ser considerado vencedor. Hélio resistiu treze minutos. Kimura venceu aplicando-lhe uma chave de braço americana e foi forçando aos poucos, até que Carlos Gracie jogou a toalha, desistindo do combate. Hélio ainda queria lutar, quando o juiz mandou ambos ficarem de pé, pois não havia percebido a

manobra de Carlos. Depois, Hélio foi ao juiz e disse acatar a decisão de seu manager e irmão Carlos. Kimura foi declarado vencedor. “Hélio nunca esperava derrotar Kimura. A razão para essa luta era ver como Kimura poderia superá-lo tecnicamente. Constatou que se ambos fossem da mesma categoria de peso, Hélio teria vencido a luta” (depoimento de Rorion Gracie nas imagens da luta, num documentário sobre o Gracie Jiu-Jitsu). Posteriormente, correu a versão de que Kimura ficara impressionado com a técnica de Hélio, convidando-o para ensinar na Academia Imperial do Japão. Ele, porém, não quisera deixar a família no Brasil. De qualquer modo, a derrota não abalou o prestígio de Hélio, pelo contrário. Transformou-o em herói nacional, devido a sua coragem e valentia.

Em 1952, Pedro Hemetério torna-se o primeiro aluno de Hélio a abrir uma academia própria fora do Rio, localizada em Fortaleza-CE. Gastão Filho montou uma academia em São Paulo-SP, sendo ajudado por Pedro Hemetério, que troca o Ceará por S.Paulo, passando a ensinar na capital paulista. Pedro Hemetério apoiado por alguns alunos monta por volta dos meados dos anos de 1950 sua academia própria em São Paulo. O Jiu-Jitsu paulista viveu nesta época uma empolgação devido aos desafios de vale-tudo. Depois esta movimentação restringiu-se ao Rio de Janeiro-RJ. São Paulo continuou com um trabalho isolado restrito a quatro academias: Octávio Albuquerque, Oswaldo Canivalle, Pedro Hemetério e Orlando Sandiva, nomes base do Jiu-Jitsu paulista. No Rio de Janeiro, a segunda geração dos Gracie já começava a se destacar como lutadores de ponta. Nesta ordem estavam Carlson e Robson, filhos de Carlos, que treinavam com Hélio. Alguns atletas também se destacavam como João Alberto, Hélio Vígio, além do próprio Hemetério.

Em 1955, Carlos Renato, um jornalista que trabalhava no Jornal Última Hora e fazia assessoria dos Gracie foi responsável pelo desafio histórico entre Waldemar Santana e Hélio Gracie, acontecido no RJ. Waldemar, que era roupeiro e “sparring” da academia Gracie, foi visto pelo jornalista como o elemento capaz de derrotar Hélio e abalar seu prestígio no meio do Jiu-Jitsu. Passou então a fomentar a discórdia entre eles. Waldemar queria mostrar seu talento, porém não deixavam que ele lutasse. Waldemar acabou expulso da Academia Gracie por aceitar uma luta contra Biriba (lutador que fazia lutas em que se combinavam o vencedor previamente) e que poderia comprometer o nome da família. Waldemar, então, passou a treinar na Academia Haroldo Britto, em Ipanema. Carlos Renato insistia em alimentar a rixa e a luta entre Hélio e Waldemar foi inevitável. Esta luta foi realizada na Associação Cristã de Moços, na Lapa-RJ. Ambos entraram no ringue de quimono, mesmo sendo uma luta de vale-tudo. O combate durou três horas e quarenta e cinco minutos, sendo inclusive um recorde mundial numa luta de vale-tudo. Terminou com a vitória de Waldemar. A luta foi definida com Waldemar levantando Hélio acima da cabeça, arremessando-lhe ao chão e dando um chute no rosto. A derrota de Hélio, fez com que os Gracie preparassem Carlson, o melhor aluno de Hélio, para a revanche. A primeira luta entre ambos, porém, foi um combate de Jiu-Jitsu esportivo, terminando empatado. E, em 1956 aconteceu a luta que foi considerada revanche. Agora sendo um vale-tudo, Carlson venceu Waldemar resgatando o nome da família, ganhando com isso respeito a nível nacional. Aconteceram, ainda, duas lutas entre os dois, terminando empatadas. Mais tarde, Valdo Santana (irmão de Waldemar Santana) também lutou contra Robson Gracie, terminando também empatada. Depois de algum tempo as duas famílias fizeram as pazes.

Década de 1960 O programa de TV “Heróis dos Ringues” foi transmitido durante dois anos pela TV Continental, do RJ, nesta década. Era um programa de lutas tipo vale-tudo, no qual participavam lutadores de Jiu-Jitsu que enfrentavam lutadores de outras lutas. O programa ia ao ar todas as segundas-feiras e era coordenado por Carlos Gracie. Dentre os lutadores de maior destaque estavam João Alberto Barreto, Hélio Vígio e Carlson Gracie, todos alunos do Mestre Hélio Gracie no RJ. Porém, nem só de vitórias vivia o Jiu-Jitsu neste programa. Hélio Vígio foi nocauteado por um boxeador, Outros destaques do programa, além dos três já citados, eram Mauro “Pé de Pato”, Juarez, Robson Gracie, Oswaldo Gomes da Rosa, o “Paquetá”, dentre outros. A predominância do vale-tudo se devia ao fato de não existir uma federação independente (o Jiu-Jitsu era vinculado à Federação de Pugilismo do RJ). Os campeonatos não existiam e os torneios eram organizados entre academias. No dia 25 de abril de 1967, foi fundada a Federação de Jiu-Jitsu do Brasil, núcleo da futura Confederação

da luta. A entidade foi organizada a partir de cinco clubes fundadores e articulada por Hélio Gracie, Álvaro Barreto, João Alberto Barreto e Hélcio Leal Binda. A Federação da Guanabara (denominação à época do RJ) era presidida por Hélio Gracie e tinha bases esportivas, regulamentos, etc. A fundação da Federação foi o primeiro passo para tornar o Jiu-Jitsu um esporte e não uma arte de briga. Foram regulamentadas as ordens das faixas de graduação: branca, azul, roxa, marrom e preta. As faixas amarela, laranja e verde só eram concedidas para crianças. Se o praticante fosse maior de 16 anos passava direto da branca para a azul. Além disso, foram regulamentadas as regras para eventuais campeonatos que fossem ocorrer organizados por ela. Com a fundação da Federação, o esporte começou a ter uma melhor organização. O Jiu-Jitsu, na época, era fechado a poucos. Não havia muitos praticantes.

Em 1968, a Federação passou a organizar o campeonato estadual do RJ. A Academia Gracie, da Av. Rio Branco (centro do Rio de Janeiro), com a saída dos principais instrutores, acabou fechando. Hélio, porém, passou a dar aulas no Humaitá, bairro da zona sul do Rio de Janeiro. As principais academias do fim da década de 1960 e início dos anos 1970, eram: Academia Gracie, na figura do mestre Hélio Gracie; Academia Fada, na zona norte da cidade; Academia João Alberto e Academia Hélio Vígio, em Copacabana; Academia Álvaro Barreto; Academia Carlson Gracie e Academia Almir Ribeiro, seguidas de outras menores. Um número pequeno, se comparado as mais de cem federadas, fora outras tantas “clandestinas” que existem atualmente. Isso só no Rio de Janeiro, sem contar o resto do Brasil, que na época tinha, apenas, torneios isolados. O grande destaque dos torneios isolados foi Carley Gracie, décimo-primeiro filho de Carlos Gracie. Carley começou cedo, ensinado por seu irmão mais velho, Carlson. Já aos 20 anos era considerado como o melhor da família, vencendo todas as competições que participou, sendo campeão carioca de 1968 e 1972.

Década de 1970 Neste período, Carlson, agora técnico, teve como missão formar campeões, tanto que outro destaque dessa época era outro aluno seu, Fernando Guimarães, o Pinduka. Rolls Gracie foi o grande campeão depois de Carley. Rolls Gracie foi um dos maiores lutadores de todos os tempos, irmão de Carlson. Rolls foi o primeiro a se preocupar com a preparação física associada ao Jiu-Jitsu, além de ser o primeiro faixa preta que lutava em pé, disputando torneios de judô, sendo campeão universitário. Nesta época havia um grande preconceito e não se permitia que o lutador de Jiu-Jitsu praticasse judô ou qualquer outra luta. Rolls rompeu com isso, colocando seus alunos para treinar judô, dando início assim a uma mistura que se consolidou no futuro. Rolls dava aulas na mesma academia de Carlson. O Jiu-Jitsu ainda não tinha uma grande exploração de marketing. Era uma luta de poucos, apesar do número de praticantes ter crescido e mesmo com a organização de campeonatos pela Federação. Em 1977, Reyson Gracie, outro irmão de Carlson, vai para Manaus dar aulas da luta, dando base para a difusão do esporte na Amazônia. A Federação local foi criada logo depois, sendo a segunda do Brasil. Neste mesmo ano, a Federação da Guanabara (RJ) mudou seu nome para Federação de Jiu-Jitsu do Estado do Rio de Janeiro.

Em 1977, foi criada a Liga Niteroiense de Jiu-Jitsu-LINJJI, por Walter de Souza, Celso Gomes, Adir de Oliveira, Antonio Rodrigues e Silvio Pereira. O Jiu-Jitsu em Niterói teve uma única academia, a Fluminense, do professor Paulo Francisco Romito, aluno de Hélio Gracie, fundada nos fins dos anos de 1950. Esta academia foi a base para o Jiu-Jitsu nesta cidade. A Liga Niteroiense, filiada a Federação do Rio de Janeiro, passou a organizar seus campeonatos, dando maior opção aos lutadores, que na época tinham poucos campeonatos para disputarem. O trabalho da Liga foi tentar dar uma formação para o mestre, no sentido de crescer o nível dos professores. A Liga contava em 2003, com mais de 1.500 atletas inscritos, de 125 academias de Niterói, Rio, Grande Rio, Região dos Lagos e Serrana, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Amazônia e Brasília. Além de organizar um círculo de cinco etapas onde os atletas vão acumulando pontos. Torna-se campeão aquele que no final das cinco etapas tiver o maior número de pontos. Além do circuito, a LINJJI foi a pioneira na introdução das categorias sênior, máster e pré-mirim, tendo também uma competição só para mulheres, o chamado “Torneio das Rosas”. No final dos anos 1970, aconteceu no Clube Olímpico-RJ, um desafio entre o Jiu-Jitsu e o Karatê, no qual os filhos de Hélio Gracie; Rickson, Relson e Rorion venceram facilmente suas lutas.

Década de 1980 Em 1980, Rickson Gracie lutou seu primeiro vale-tudo oficial contra Rei Zulu, um gigante nordestino. O evento aconteceu em Brasília. Rickson derrotou o adversário com um mata-leão (um tipo de estrangulamento). Rickson já era o melhor no Jiu-Jitsu esportivo e, começava a se afirmar como o melhor do vale-tudo. O Jiu-Jitsu continuava sob as ordens de Hélio Gracie, ainda presidente da Federação. O Jiu-Jitsu já era conhecido, porém ainda longe do impulso que iria colocá-lo entre as principais artes marciais. A família Gracie, numerosa (Carlos Gracie teve 21 filhos), começava a ficar dividida. Cada um começava a seguir seu rumo, cada qual com sua própria academia em diferentes áreas do RJ: Hélio Gracie e seus filhos – Rolker e Royley, este último tetra campeão mundial – continuaram na academia Gracie, localizada no Humaitá; Carlson, em Copacabana e Carlos Gracie Junior, com a Barra Gracie. Ale, de Rolls Gracie, que dava aulas na mesma academia que Carlson, após sua morte em 1982, devido a um acidente de asa delta, Carlson “herdou” seus alunos e sua sala foi incorporada à academia Carlson Gracie. A divisão da família em várias academias, acabou por fomentar uma rivalidade entre irmãos e primos. A ânsia de vencer a qualquer custo começava a abalar a relação entre os Gracie. Em 1984 aconteceu o confronto organizado pela revista Manchete, de lutas tipo vale-tudo. Seriam cinco lutas nas quais em quatro, participariam representantes do Jiu-Jitsu. Os lutadores de Jiu-Jitsu foram: Renan Pitanguy, faixa preta da academia Carlson Gracie; Inácio Aragão, faixa marrom do Carlson; Fernando Guimarães (Pinduka), faixa preta do Carlson e Marcelo Behring, faixa preta e aluno de Rickson Gracie. Os oponentes eram, respectivamente, Eugênio Tadeu (kickboxer), Bruce Lúcio (kung-fu), Marco Ruas (kickboxer) e Flávio Molina (Boxe tailandês). Além do desafio do Jiu-Jitsu contra as modalidades de kickboxe, aconteceu a luta entre Rei Zulu (uma só derrota para Rick Gracie em 1980) contra Batarelli, campeão de full contact.

As lutas foram programadas para três rounds de cinco minutos cada. Os combates aconteceram no Ginásio do Maracanãzinho, Rio de Janeiro-RJ. A primeira luta foi a de Renan Pitanguy e Eugênio Tadeu. Por exigência de Hélio Gracie, os lutadores de Jiu-Jitsu deveriam lutar de kimono. Esse fato foi marcante para a derrota de Renan, pois seu adversário o agarrava no kimono e dava socos com a outra mão. Renan não conseguiu levar o oponente ao chão (onde, pela sua técnica, levaria vantagem) e devido aos ferimentos, o seu técnico jogou a toalha desistindo do combate no terceiro assalto. A derrota do Jiu-Jitsu na primeira luta fez com que ficasse decidido que os próximos lutadores não lutariam de kimono. Na segunda luta, Inácio Aragão (Jiu-Jitsu) derrotou facilmente Bruce Lúcio, finalizando a luta com um estrangulamento. Na terceira luta, Pinduka (Jiu-Jitsu) enfrentou Marcos Ruas, com a luta terminada empatada. A quarta luta era a mais esperada da noite, pois Flávio Molina, um dos pioneiros do Boxe tailandês no Brasil e faixa preta terceiro dan de taekwondo, disse aos jornais antes da luta, que estava pronto para acabar com reinado dos Gracie. Não conseguiu. Flávio resistiu dois minutos ao representante do Jiu-Jitsu, Marcelo Behring. A última luta foi entre Rei Zulu e Rock Batarelli. Zulu venceu com um estrangulamento. A vitória de Zulu reacendeu a busca de uma revanche contra Rickson Gracie. A luta aconteceu, finalmente, em 1985, no mesmo Ginásio do Maracanãzinho. A luta foi programada para três assaltos de dez minutos cada. A luta foi vencida por Rickson, com um estrangulamento pelas costas. Foi uma das mais importantes vitórias de Rickson Gracie, pois foi essa vitória que deu o grande impulso na sua carreira. A fama de Rickson começou a incomodar e às vezes acabava em brigas de rua. O principal personagem de duas famosas brigas envolvendo Rickson, foi Hugo Duarte, lutador de Luta-Livre. Na primeira briga entre os dois, Hugo conseguiu um empate, devido ao fato de ter puxado o rabo de cavalo que Rickson usava na época, quando estava em posição desfavorável. Porém a revanche aconteceu na Barra da Tijuca-RJ, com a vitória de Rickson. Este foi o começo de uma rivalidade que, no entanto, durou pouco tempo. Hoje já está amenizada. Os campeonatos estavam recebendo mais inscrições nos tradicionais torneios, como por exemplo, o Campeonato Estadual e os da Liga Niteroiense. Esse fato levou a criação de alguns campeonatos independentes, com destaque para o Atlântico Sul, idealizado por José Carlos Moreira, em 1987, sempre sendo realizado na Barra da Tijuca-RJ. Atualmente já está na nona edição, sendo considerado um campeonato muito importante no RJ.

Em 1989, Rickson Gracie e Royce Gracie se mudaram para os EUA, onde seu irmão Rorion já estava radicado. No começo dos anos de

1980, Rorion Gracie, filho mais velho de Hélio, trocou o Brasil pelos EUA. Começou trabalhando em várias atividades até conseguir fazer pontas em alguns seriados da TV americana. Acabou ensinando ao ator Mel Gibson os movimentos de luta para o filme Máquina Mortífera. A partir daí ganhou a Mídia. Rickson e Rorion começaram a fazer várias apresentações e seminários sobre a luta, tratando de divulgá-la. Porém, o primeiro a divulgar realmente o Jiu-Jitsu nos EUA foi Alberto Barreto, que em 1963 tinha dado vários seminários em universidades, chegando a fazer demonstrações no FBI e em outras instituições. Mais tarde, nos anos 1970, foi a vez de Carley Gracie divulgar o Jiu-Jitsu nos EUA. Sem adversários no Brasil, Carley foi para os EUA em novembro de 1972. Lá, foi convidado para treinar Fuzileiros Navais para a Guerra do Vietnã, chegando a treinar mais de 100 soldados por hora. Com o fim da guerra, passou a fazer alguns vale-tudo. Atualmente, possui uma academia de Jiu-Jitsu na Califórnia. Rorion Gracie também disputou vale-tudo, o que ajudou a divulgar o nome do Jiu-Jitsu. Sua luta mais importante foi a que derrotou o então campeão mundial de kickboxe. Além de Rorion, Rickson já tinha fama nos EUA, chegando também a treinar Fuzileiros Navais e membros da SWAT (polícia de operações especiais nos EUA). Na Europa, o pioneiro foi Robin Gracie, filho de Hélio, ao abrir uma academia da família Gracie na Espanha no início da década de 1990.

Década de 1990 Em 1991, houve revanche do Jiu-Jitsu com relação aos resultados do confronto com o Vale-Tudo em 1984. A oportunidade aconteceu em evento programado para três lutas no Grajaú Country Club do bairro do mesmo nome no Rio de Janeiro-RJ. Os lutadores de Jiu-Jitsu Wallid Ismail, Marcelo Mendes e Denilson Maia então venceram respectivamente Eugênio Tadeu, Murilo Bustamante e Fábio Gurgel por três a zero, encerrando a contenda com a Luta Livre e dando início a uma certa fusão das duas lutas com base no Jiu-Jitsu. Também no início da década houve um fato que colocou os Gracie, definitivamente, no cenário das artes marciais dos EUA: o seminário de Jiu-Jitsu apresentado num grande hotel de Los Angeles, contando com a presença do famoso ator e karateca, Chuck Norris e seus alunos. A partir deste marco, vários brasileiros começaram a dar aulas de Jiu-Jitsu nos EUA. Em 1991, Joe Moreira partiu para Los Angeles e depois de um começo difícil, conseguiu montar sua academia. Rigan Machado foi o primeiro dos cinco irmãos Machado a desembarcar nos EUA. Começou trabalhando com Royce, Rickson e Rorion. Mas depois abriu sua própria academia junto com seus irmãos, em Tarzana, Califórnia. Atualmente, eles têm quatro academias. Uma em Dallas, duas em Los Angeles e uma em Nova York.

O ano de 1993, foi o mais importante para a divulgação do Jiu-Jitsu brasileiro, pois foi realizado o primeiro *Ultimate Fighting Championship*-UFC. O “UFC” é um torneio de vale-tudo no qual os lutadores passam por um processo eliminatório simples: quem perde está fora, não existindo empates. Nesta competição, entram os maiores nomes mundiais de várias artes marciais. Não há categoria de peso ou divisões por qualquer outro aspecto. Até o quinto evento da série, não havia tempo estipulado ou seja, a luta só acabava com a desistência de um lutador ou por nocaute. Idealizado por Rorion Gracie, teve a participação de Royce Gracie nas cinco primeiras edições representando o Jiu-Jitsu. Royce venceu as duas primeiras e a quarta edição, vencendo um total de dez lutas. As principais foram: sobre Ken Shamrock, na semifinal do UFC I: sobre Pat Smith (kick boxer), no final da UFC II; e finalmente sua maior vitória no “OCTAGON” (nome dado ao ringue de luta do UFC), obtida sobre o campeão de *wrestling* (Luta-Livre), 117 quilos contra 80 quilos de Royce. A luta foi finalizada por Royce, com um triângulo, golpe típico de Jiu-Jitsu, após quinze minutos e quarenta e nove segundos de combate. Na edição número III do UFC, Royce teve problemas de saúde e após uma vitória sobre Kimo, acabou desistindo de continuar. Na edição de número 5, lutou somente a super luta contra Ken Shamrock, terminando empatada após trinta e seis minutos de luta. Após essa edição, foram mudadas as regras. O tempo foi estipulado em no máximo quinze minutos por luta. Com isso, Royce se viu prejudicado e desistiu de competir, dizendo que por ser menor do que os adversários, precisaria de mais tempo para derrotá-los. Porém, problemas de bastidores culminaram na venda dos direitos do UFC de Rorion para um grupo de empresários. A participação dos Gracie terminaria no UFC, porém, o Jiu-Jitsu brasileiro ainda lutaria com Joe Moreira, Amaury Bitteti e Fábio Gurgel (todos esses derrotados na primeira luta) e com Rafael Carino vencendo uma luta no UFC 10.

Ainda na década de 1990, o Jiu-Jitsu paulista começa a ganhar destaque com a chegada do professor Flávio Behring e de seu filho Marcelo Behring. Melhorando a estrutura e os campeonatos, o Jiu-Jitsu paulista tornou-se um dos melhores do Brasil neste período. Em 1994, foi criada a Federação Paulista de Jiu-Jitsu, dando mais força para o desenvolvimento do esporte. Outro grande divulgador foi Fábio Gurgel, que também passou a lecionar em São Paulo. Contando com esses lutadores de destaque, a Federação organizou o primeiro circuito paulista de Jiu-Jitsu, sendo vencido pela Academia Lótus Club. Vários eventos de vale-tudo foram disputados em São Paulo, contando com a participação de lutadores locais, com destaque para Jorge Patino, o “Macaco”, que venceu alguns desses desafios. Essas vitórias ajudaram ainda mais no crescimento do Jiu-Jitsu em São Paulo.

Em perspectivas mais amplas, o Jiu-Jitsu alcançou o status de luta nacional brasileira nesta década, ultrapassando o Jiu-Jitsu original e assimilando como base o Gracie Jiu-Jitsu. Uma sinalização desta tendência foi da Universidade Gama Filho, do RJ, introduzir a luta como disciplina na sua graduação em Educação Física, por iniciativa de Pedro Gama Filho e tendo como professor Fernando Guimarães. Já os Campeonatos Brasileiro de Equipes e Brasileiro desde 1994; o Pan-Americano desde 1995; e o Mundial desde 1996, colocaram o Jiu-Jitsu brasileiro no mesmo patamar das principais artes marciais praticadas no Brasil. Depois do Mundial de 1996, iniciou-se um fluxo de visitantes do exterior para a aprendizagem no Brasil do Jiu-Jitsu Brasileiro. Por exemplo, desde 1997 até hoje, Jovan Zerial – presidente da Federação Iugoslávia de Jiu-Jitsu – viaja de seu país para o Rio de Janeiro-RJ, onde treina um mês na Academia de Fernando Guimarães, em Copacabana. Do mesmo modo, o suíço Franco Vacierca tem estabelecido estágios como rotina anual no Rio de Janeiro, em várias academias de *Brazilian Jiu-Jitsu*. Em 1998, houve outro fato de consolidação do BJJ na Europa: o *Summer Camp 98 – Corfu, Greece*. Este evento foi organizado pela *Jiu-Jitsu International Federation* e teve a participação da Universidade Gama Filho do RJ, com o professor Fernando Guimarães representando a modalidade junto a 300 outros participantes de outros países, sobretudo europeus. Nesta oportunidade, mais uma vez o BJJ destacou-se por sua eficiência no confronto com outras escolas como também constatou-se que o Jiu-Jitsu já se tornara um arte marcial de múltiplos estilos.

Situação atual O Jiu-Jitsu brasileiro é dirigido hoje pela Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu-CBJJ, com a qual seis federações estaduais estão filiadas, reunindo 1.500 pontos de treinamento – a maioria em academias e clubes – considerando-se somente nas principais cidades do país, e 350 mil praticantes regulares de Jiu-Jitsu brasileiro (ver <www.fjjrio.com.br>, 2003). Somam-se a estas adesões, quatro revistas especializadas em Jiu-Jitsu (Gracie Magazine, O Tatame, O Lutador e Vale Tudo, todas com base no RJ), caracterizando, portanto, aumento do número de praticantes e interessados. No Brasil – como nos EUA e Japão -, o Jiu-Jitsu é atualmente uma opção de negócio esportivo, com transmissões de campeonatos e de vale-tudo por TV a cabo e convencionais. Dentre os principais campeonatos realizados nestes últimos anos, o Mundial de 1996, foi efetivamente o evento que colocou o Jiu-Jitsu com a força de um esporte mundial. O trabalho da Confederação, com palestras e debates em vários países do mundo, tem lhe dado um status internacional, visando à inclusão futura da luta como esporte olímpico. Assim sendo, opera junto à CBJJ, a Federação Internacional de Jiu-Jitsu, sendo ambas dirigidas atualmente por Carlos Gracie Jr. Neste âmbito federativo internacional, releva-se a *European Brazilian Jiu Jitsu Confederation* que reunia em 2004, 23 filiações de países daquele continente (ver <www.ebjjc.com>). Nestas condições de crescente expansão internacional já foram realizados sete campeonatos mundiais de *Brazilian Jiu Jitsu*-BJJ até 2002 (início em 1996); oito Pan-Americanos (1995 – 2002); e quatro Masters & Seniors (1999 – 2002). Os países de maior destaque em BJJ além dos já citados EUA e Japão, são a França, Espanha, Alemanha, Finlândia, Suécia, Grécia e Portugal. Esta crescente expansão internacional foi destacada pela revista Time Magazine ao publicar uma entrevista com Royce Gracie em 2002 (May, 27).

A partir de 1996 e até 2002, houve sete campeonatos brasileiros de BJJ, o que tem mantido a vitalidade do esporte no seu país de abrigo maior. Pela Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu os atletas federados participam dos seguintes campeonatos: (1) Campeonato

Brasileiro de Equipes; (2) Campeonato Mundial; (3) Campeonato Mundial de Máster e Sênior; (4) Campeonato Brasileiro (categorias: de 4 a 15 anos, juvenil, adulto, máster, sênior e feminino); (5) Campeonato Brasileiro de Estreantes e (6) Campeonato Pan-Americano. A presença da mulher ainda é bastante discreta no BJJ. No Campeonato Pan-Americano de 2003 obtiveram classificações até o 3º lugar 413 homens e 37 mulheres.

Neste contexto nacional, o profissionalismo no BJJ se consolidou ao se estabelecerem ramificações no exterior, inclusive com exportação de atletas e instrutores, o que tem refletido internamente na melhoria do treinamento em bases científicas.

Ranking dos Mestres do Jiu-Jitsu Brasileiro

Brazilian Jiu-Jitsu: Official Federation Belt Rankings

The official certifying organization for the Gracie style of Jiu-Jitsu is the Federação de Jiu-Jitsu do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. The Federação controls all teaching certifications (Assistant, Instructor, Professor, Master, and Grand Master), as well as all promotions to the rank of Black Belt and above. Not all Black Belts are certified to teach. The Belt Ranks awarded by the Federação are (from highest to lowest): Grand Master — Red Belt — 9th & 10th degree; Master — Red and Black Belt — 7th & 8th degree; Professor — Black Belt — 2nd through 6th degree; Instructor — Black Belt (without degrees; Assistant Instructor — Black Belt (with plain red band); and Fighter — Black Belt (with white band). It typically takes between 6 and 15 years to achieve a Black Belt from the Federação. All promotions involving any Black Belt rank require the recommendation of 2 Masters and the approval of at least 5 officials of the Federação. Ranks below Black Belt are awarded by individual Professors and are then confirmed publicly through competition with other students of the same rank. Beginners and new students wear a White Belt. Adult belt levels progress from White Belt to Blue Belt, then Purple Belt, and finally Brown Belt, after which the practitioner becomes eligible for a Black Belt. There are a larger number of belt colors for children. Every instructor claiming a rank of Black Belt or above should be able to prove his rank by showing a Diploma and a Certificate issued by the Federação with original signatures of the 5 officials of the Federation who confirmed his rank.

Em resumo, o Jiu-Jitsu brasileiro / *Brazilian Jiu Jitsu* é hoje uma realidade nacional – internacional ainda tendo como fundamento e significado histórico o Gracie Jiu-Jitsu, que teve como figuras principais Carlos Gracie, seu maior difusor e Helio Gracie como seu criador. Em seu percurso no Brasil, a luta incorporou elementos de outras lutas procurando sempre uma melhor eficiência na prática antecipando-se assim ao aparecimento da atualmente denominada *Mixed Martial Art*-MMA no âmbito internacional, que se compõe de combinações de movimentos e golpes de diversas artes marciais. Considerando-se a possibilidade da mistura de artes marciais se tornar a principal modalidade de luta no futuro, a tendência do BJJ é de dar o sentido central da MMA.

Na década de 1980, a Federação do estado do Rio de Janeiro graduou oficialmente os faixa- pretas de acordo com graus. Foram graduados nessa ordem, os seguintes lutadores:

Pioneiros do Jiu-Jitsu – Grandes Mestres Faixa Vermelha Décimo Grau

Grand Master — Red Belt — 10th degree:

- 1 – Grande Mestre Carlos Gracie
- 2 – Grande Mestre Oswaldo Gracie (*in memorium*)
- 3 – Grande Mestre Gastão Gracie
- 4 – Grande Mestre George Gracie
- 5 – Grande Mestre Hélio Gracie

Decanos do Jiu-Jitsu – Grandes Mestres Faixa Vermelha nono Grau

Grand Master — Red Belt — 9th degree:

- 1 – Armando Vriedt
- 2 – Robson Gracie
- 3 – Carlson Gracie
- 4 – Helio Vigio Gomes
- 5 – João Alberto Barreto
- 6 – Oswaldo Batista Fada
- 7 – Pedro Hemetério Araújo de Castro

Fontes Gracie, Carlos. Introdução ao Jiu-Jitsu. Pongetti, RJ, 1948; Guimarães, F.M. Metodologia Educacional do Jiu-Jitsu. Edição do Autor, s/d; Entrevistas pessoais: Carlos, Carlson, Hélio, Reyson e Róbson Gracie, Pedro Gama Filho, Álvaro Barreto, Mário Donato e Francisco Mansur; Gracie, Royce & Peligro, Kid. *Brazilian Jiu Jitsu Submission Grapping Techniques*. Invisible Cities Press, London, 2003; Gracie, Royce and Charles & Peligro, Kid. *Brazilian Jiu Jitsu Self-defense Techniques*. Invisible Cities Press, London, 2002; Uyenishi, S.K. *The Text Book of Ju-Jutsu. Athletic Publications Ltda*, London, 2000; www.fernandopinduka.com; www.superaction.com; www.twbjj.tripod.com; www.ebjjc.com; www.claudiofrancobjj.com.

Mestres faixa vermelha oitavo grau

Master – Red Belt – 8th degree

- 1 – Alvaro Cláudio de Mello Barreto
- 2 – Amélio Câmara
- 3 – Francisco José Mansur
- 4 – Julio Frederico Secco
- 5 – Moacir Lucia Vale
- 6 – Narum Luiz Rabay
- 7 – Monir Salomão
- 8 – Orlando Santiago Barradas
- 9 – Paulo Francisco Romito
- 10 – Reyson Gracie
- 11 – Walter Jorge Guimarães

Foram graduados ainda: Mestre faixa vermelha e preta sétimo grau; professores faixa preta sexto grau; professores faixa preta quinto grau; professores faixa preta quarto grau. Professores faixa preta terceiro grau; professores faixa preta segundo grau; professores faixa preta primeiro grau; professores faixa preta estagiário; faixa preta lutador quarto, terceiro, segundo e primeiro grau e faixa preta sem grau. Essa graduação foi importante para homenagear os mestres e para regulamentar os profissionais que estão dando aulas de Jiu-Jitsu.

As origens e desenvolvimento do Jiu-Jitsu Brasileiro na perspectiva de Belém-PA

The development of Brazilian Jiu-Jitsu from its very beginning in Belém-PA

AMANDA LIMA

A definição histórica e genérica do Jiu-Jitsu é de uma forma de autodefesa alternativa, que em japonês significa “arte suave”. Ao passar da China para o Japão antes da era cristã no Ocidente, esta arte marcial ali encontrou seu habitat, transformando-se em expressão cultural e nacionalista por excelência. E foi no Japão do século XIX que Mitsuyo Maeda, o chamado “Conde Koma”, aprendeu essa arte típica de seu país. Nascido na Vila de Fumugawa, uma província de Hirozaki, no Japão, em 1880, Maeda, o introdutor do Jiu-Jitsu no Brasil, começou a vida nas artes marciais praticando Sumo, entretanto foi no Jiu-Jitsu que obteve valorosas vitórias, ficando conhecido no Japão como o “homem das mil lutas”. Em meados de 1904, já tendo adotado o Judô em suas práticas e alcançado um título de judoca de 4º grau, obteve o título de campeão japonês e, posteriormente, campeão mundial. Entretanto, Maeda afastou-se das competições por motivo simples: não havia mais competidores à sua altura e ele teria que ceder seu posto para outro lutador. Mas, o afastamento em competições não impediu o progresso de Maeda em sua carreira, pois o presidente dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt, havia solicitado a promoção desta arte na América, incluindo também os esportes em geral. Como se sabe, o Jiu-Jitsu tem sido apontado historicamente nos EUA como parte do imaginário que atribui aos japoneses algumas virtudes não alcançáveis pelos ocidentais. A propagação iniciou-se com novos desafios a Maeda, que se defrontou com vários adversários, tendo à frente

Butch Boy, exímio lutador de luta livre. Ao realizar a sua meta inicial e, após vencer inúmeros desafios, Maeda seguiu à Europa, por volta de 1908, aportando em vários países, como Rússia, Alemanha, França, Itália, Inglaterra, Bélgica e Espanha.

Esta também foi a época que os primeiros imigrantes nipônicos aportaram no Brasil, e que se iniciava uma política de abertura aos estrangeiros para estimular o desenvolvimento agrícola do país. Circulam hoje tradições orais que os primeiros lutadores de Judô e Jiu-Jitsu – lutas aparentadas à época mas já em separação por especialidade – chegaram nesta época, certamente anônimos e no mesmo navio “Kasato Maru”, que aportou em Santos-SP em 1908. Contudo, estes lutadores só devem ter passado os conhecimentos da arte suave a seus compatriotas seguindo a tradição cultural japonesa. Mas Maeda chegou ao Brasil em 1913, provavelmente passando por Santos-SP antes de se dirigir a Belém. Para essa viagem Maeda retornou à América vindo da Europa, passando pelo México e por Cuba, antes de se dirigir ao Brasil. Há diferentes versões sobre a escolha de Maeda em se fixar em Belém, porém há indícios de que ele tenha passado por Manaus-AM (ver capítulo “Judô” neste Atlas) e outras cidades brasileiras talvez fazendo apresentações de sua arte, como era comum aos lutadores de seu tempo. Após estabilizar-se em Belém, Maeda voltou ao Japão, onde permaneceu por dois anos, retornando à capital do Pará e estabelecendo residência definitiva. Sua academia fundada em 1915, que funciona até hoje em Belém, possuía um *dojo* de 16 m²,

construído em madeira e coberto de serragem, que fazia as partes do tatame. Era lá que Maeda treinava vários alunos e dois, em especial, se destacaram: Carlos e Helio Gracie, de família tradicional na cidade. Carlos Gracie deu seqüência aos ensinamentos de Maeda, ensinou aos irmãos e se fez o maior propagador do Jiu-Jitsu no Brasil, enquanto Helio Gracie, maior lutador, desenvolveu um estilo próprio e notoriamente eficaz. Sua família identificou-se de forma emblemática com a luta, tornando a modalidade muito popular no Rio de Janeiro-RJ, São Paulo-SP e outras cidades do Brasil, chegando a exportar o Jiu-Jitsu já brasileiro para o Japão, EUA e a outros países, com reconhecido sucesso. Por sua vez, Maeda tinha um sonho em construir uma nova pátria e até tinha escolhido um local, a Amazônia. No âmbito pessoal, Maeda casou-se com a inglesa Mary, mas, não teve descendentes e, assim sendo, adotou Celeste, uma menina natural de Belém a quem se dedicou como se fora filha legítima. Maeda morreu com 61 anos de vida na cidade que escolhera como lar, a 28 de novembro de 1941, precisamente às 4h05m, vítima de uma incurável uremia. O corpo foi sepultado no cemitério Santa Izabel, em Belém, em túmulo doado pelo Governo do Pará, fato que indica reconhecimento de seus feitos e gratidão por ter projetado a imagem esportiva da região. O legado de Mitsuyo Maeda perpetuou-se no Jiu-Jitsu Brasileiro hoje se universalizando e refletindo a busca permanente de seu lugar no mundo, tal como o trajeto do Conde Koma antes de se encontrar em Belém do Pará, norte do Brasil.

Kung Fu – Wushu

MARIANA NASCIBEM BLASER, LUIZ CARLOS NASCIMENTO DA SILVA E APARECIDO MARRERA

Kung Fu – Wushu

Kung Fu, a martial art developed in China, belongs to the cultural heritage of that country. Kung Fu expanded around the western world including Brazil with the migration of masters from China after 1959. The first federation of Kung Fu in Brazil was founded in 1989. Today

Brazil has 23 Kung Fu state federations supported by the Confederação Brasileira de Kung Fu (Brazilian Kung Fu Confederation). This growth around the country can be translated into the following numbers: 230,100 participants (average of 64,2 learners per gym) learn and

train Kung Fu in 3,580 gyms, mostly concentrated in SP (26%), and RJ (12%), which generate 24,700 direct jobs (6,8 jobs per gym), as can be seen in Graphs 1 and 2. The results of international competitions have placed Brazil among the top 4 nations that lead Kung Fu in the world.

Definições e Origem O Kung Fu é um sistema de arte marcial desenvolvido na China, fazendo parte da herança cultural deste país. Embora já tenha mais de 2.000 anos não se sabe onde e como emergiu primeiramente a sistematização de seus movimentos. Os primeiros registros fiéis de Kung Fu foram encontrados em ossos e cascos de tartarugas da dinastia Shang (1766-1122 a.C.). Posteriormente, durante as dinastias do Norte e do Sul, iniciou-se um crescente interesse no estudo religioso. Como consequência, muitas figuras religiosas entraram na China. Uma, em particular, foi Bodhidharma (fundador do Budismo Chan ou Zen). Em suas peregrinações, Bodhidharma, ficou hospedado no templo Shaolin e percebeu que os monges tinham vitalidade baixa, o que os tornava incapazes de concluir suas tarefas cotidianas e de fazer suas freqüentes orações sem cair no sono. Os mosteiros também eram vítimas de constantes ataques de bandoleiros que infestavam o país na antiguidade. Assim, Bodhidharma introduziu uma série de exercícios que ajudavam os monges a unir mente e corpo. Com sua orientação os monges tornaram-se mais saudáveis e capazes de se defender por si mesmos. Com o passar dos séculos, os monges, que viviam em comunhão com a natureza, ao observarem o comportamento dos animais, integraram suas técnicas de ataque e defesa aos ensinamentos de Bodhidharma aperfeiçoando-as e desenvolvendo assim os vários estilos de Kung Fu existentes, como o louva-a-Deus, o tigre, a águia, o macaco, a serpente, o dragão, a garça, entre outros.

1949 Neste ano, ocorreu a fundação da República Popular da China que constituiu um apoio ao resgate das artes marciais chinesas e uma oportunidade para promover o Kung Fu. Velhos métodos de luta voltaram a ser usados, e novos foram criados.

1950 Grupos de mestres foram formados com estímulo do governo para criar um esporte nacional chinês, o que deu origem ao então chamado Wushu Moderno.

1959 O Kung Fu começou a ser ensinado para os ocidentais, tornando a arte progressivamente mais popular em âmbito mundial. No Brasil, esta transmissão de conhecimentos e técnicas começou neste mesmo ano, com a chegada dos primeiros Mestres chineses vindos de Cantão (província do sul da China) e de Hong Kong.

1960 A expansão do Kung Fu continuou no Brasil com o estabelecimento no país dos Grãos-Mestres Wong Sun Keung (Tai Chi Chuan), Chan Kowk Wai (Shaolin do Norte) e Chiu Ping Lok (Fei Hok Pai).

1961-1968 O Kung Fu é introduzido e ensinado na Universidade de São Paulo-USP pelo Grão-mestre Chan Kowk Wai.

1965 Bruce Lee vai aos Estados Unidos e reforça o impulso já existente para tornar a arte marcial do Kung Fu mais conhecida por intermédio do cinema, mídia em que o ator e lutador Lee se destacava.

1971 Chega ao Brasil o Mestre Li Wing Kay, representando os estilos Garra de Águia e Louva-a-Deus.

1974-1975 O Kung Fu é inserido como forma de defesa pessoal no 16º Batalhão da Polícia Militar do Estado de SP, pelo Mestre Li Wing Kay.

1979 Fixa residência no Brasil, o Mestre Li Hon Ki representando os estilos Hung Gar e Wing Chun.

1980 Instala-se no Brasil o Mestre Hu Chao Tien representando do estilo Serpente Divina.

1983 O Grão-mestre Chan Kwok Wai ministra aulas em clubes na cidade de São Paulo-SP.

1989 Funda-se a primeira entidade para dirigir o Kung Fu no Brasil: a Federação Paulista de Kung Fu Wushu-FPKF. Também foram organizados os primeiros campeonatos oficiais estaduais e o nacional neste mesmo ano.

1990-1991 São fundadas outras federações estaduais em Minas, Rio de Janeiro, Mato Grosso e outras posteriormente.

1992 Fundação da Confederação Brasileira de Kung Fu Wushu.

1994 Foi fundada a Federação Paulista de Kung Fu Tradicional (Kuoshu) e a Confederação Brasileira de Kung Fu Tradicional (Kuoshu).

2002 O Brasil consegue sediar um grandioso evento entre Brasil e EUA, trazendo mestres e monges shaolin ao país pela primeira vez.

2003 Foi aprovada na Câmara Municipal de São Paulo-SP, a Lei 13.573 de 08 de maio de 2003, que institui o Dia do Kung Fu, a ser comemorado no dia 11 de abril. O Brasil conquista resultados relevantes no Campeonato Mundial de Wushu Moderno.

Situação Atual Hoje há 23 Federações Estaduais de Kung Fu no Brasil, amparadas pela Confederação Brasileira de Kung Fu que está vinculada ao Comitê Olímpico Brasileiro-COB, à Federação Pan-Americana de Wushu, à International Chinese Kuoshu Federation e à Federação Internacional de Wushu. Este avanço institucional indica que o Kung Fu está em franca expansão no Brasil. Em número de academias que ensinam a luta, o avanço tem por base 3.580 academias, sendo 26% em SP, 12% no RJ, com as demais distribuindo-se por todo o país. Estas entidades abrigam 230.100 praticantes (64,2 alunos por academia em média) e geram 24.700 empregos diretos (6,8 empregos por academia), segundo descrevem os Gráficos 1 e 2. Há ainda projetos sociais de ensino de Tai Chi Chuan e Lian Gong em escolas, parques e também voltados especificamente para a terceira idade, como se fazem pesquisas científicas a respeito do Kung Fu, em sua maioria analisando os benefícios à saúde decorrentes da prática de Tai Chi Chuan. Os atletas brasileiros vêm conquistando cada vez mais espaço nas competições internacionais, sendo em conjunto considerados entre os quatro melhores do mundo. Atualmente, o Kung Fu luta por ganhar espaço nos Jogos Olímpicos, representado pelo Wushu Moderno. Este objetivo está bem próximo com realização dos Jogos Olímpicos de 2008 em Beijing (Peking).

Fontes Segredos do Kung Fu, Os – George Parulliski; Federação Paulista de Kung Fu Wushu (www.fpkf.com.br); Confederação Brasileira de Kung Fu Wushu (www.cbkw.org.br); Portal de Kung Fu (www.portaldeKungFu.com); Academia Sino-Brasileira (www.sinobrasileira.cjb.net); Associação Combat Center de Artes Marciais (www.accam.hpg.ig.com.br).

Gráfico 1 / Graph 1

Participantes no Brasil, 2003 / Participants in Brazil, 2003

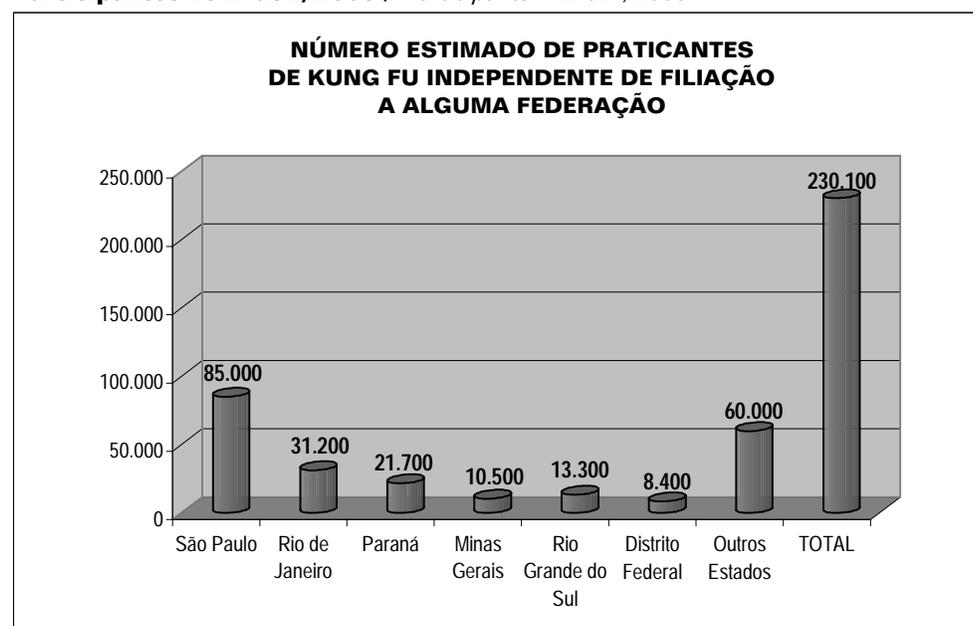
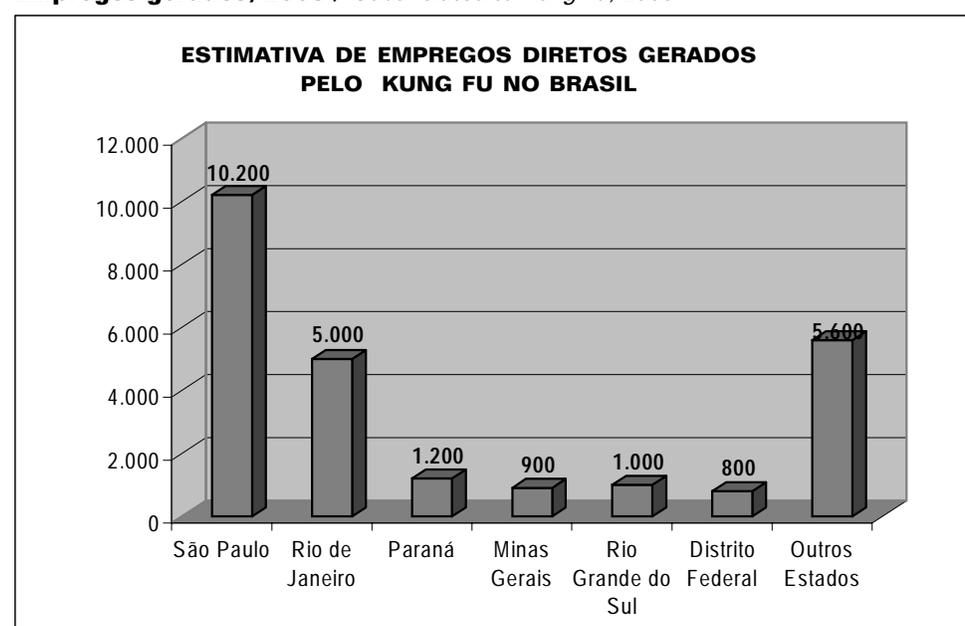


Gráfico 2 / Graph 2

Empregos gerados, 2003 / Jobs related to Kung Fu, 2003



Capoeiragem

ANDRÉ LACE LOPES

Capoeiragem – Brazilian old street fight

Capoeira, whose historical files go back to the beginning of the 19th century, is a popular fight in the northeast and southeast of Brazil. Today, Capoeira can be found anywhere in the world either as a martial art or as a type of fight with rhythm and singing. This chapter starts off from the original African influences of Capoeira and then examines the two varieties Capoeira has developed into along the years: (i) Capoeira: a fight conducted

Origens e Definições A capoeiragem nasceu em berço africano. Não, certamente, com este nome e tampouco com suas formas atuais. Até mesmo seus componentes mais herméticos – filosóficos, ritualísticos, técnicos, musicais e religiosos – ao longo do tempo, vêm sofrendo profundas modificações. A origem africana, entretanto, é evidente e incontestável. Comprovada não apenas pelo perfil étnico predominante dos capoeiras brasileiros do passado, mas, sobretudo, pela existência na África, há séculos, de práticas similares. O Moringue no Oceano Índico – Ilha de Reunião, Madagascar, Moçambique etc – sem dúvida, é um bom exemplo. O mesmo raciocínio pode ser ajustado ao berimbau africano, instrumento musical que, no Brasil, acabou fortemente associado ao jogo da capoeira. Cada vez menos, mestres de capoeira e pesquisadores tendem a divergir quanto a esses aspectos. Da mesma forma que está surgindo um consenso sobre a utilização do nome “capoeira” para rotular o ensino e a prática do jogo com acompanhamento musical (cantoria e ritmo: berimbau, pandeiro, caxixi, reco-reco, agogô, atabaque), e a utilização do nome “capoeiragem” para a prática da capoeira como uma espécie de briga abasileirada de rua, em desuso, na qual, no máximo, batiam-se palmas e cantavam-se versos curtos (samba duro, pernada carioca etc). A Capoeira, dança-luta, com ritmo completo e lindas cantorias, espalhou-se pelo Brasil inteiro, sendo muito difícil, senão impossível, afirmar com exatidão aonde ela teria aportado ao chegar da África nas suas formas mais primitivas. O estado da Bahia, entretanto, é reconhecido hoje como o grande celeiro de mestres da capoeira mais tradicional, chamada genericamente de Angola, denominação sem muita precisão porque a História do Brasil é bastante pródiga ao registrar a prática da capoeira antiga, “tradicional”, em vários outros estados, como Pernambuco e Rio de Janeiro. Essas capoeiras, entretanto, nada tinham de “angola”, nem o nome, nem o estilo, nem o propósito. Embora sendo também luta, a chamada Angola envolvia e envolve outros componentes fascinantes, mas fora do presente contexto de luta pura. Já a capoeiragem, ou seja, a capoeira-luta, a capoeira briga-de-rua, concentrou-se, sobretudo, no Rio de Janeiro, onde foi, ora adulada ora perseguida pela sociedade e pelos governos. Em perspectiva atual, há diversos fatos passados sobre esta relação conflitiva que podem ser apreciados nos registros de memória encontrados a seguir. Estes, em resumo, sugerem um contraponto: a capoeira é uma luta dramatizada; a capoeiragem é uma luta dramática.

1828 O Governo convoca a Capoeira: “À 9 de julho de 1828, o segundo batalhão de granadeiros alemães revoltou-se, protestando contra o espancamento de um de seus soldados. D. Pedro I prometeu atendê-los no prazo de oito dias, mas no dia seguinte o batalhão de irlandeses insubordinou-se e poucos depois o dos granadeiros alemães. E os mercenários iniciaram o saque na cidade. A população teve de correr para a rua, a fim de defender a sua propriedade. Vidigal congrega os capoeiras e os comanda no ataque à soldadesca desenfreada; consegue assim que os soldados retornem ao quartel onde tinham refúgio certo e poderiam ficar resguardados das cabeças, taponas, pontapés, rabos de arraia e navalhadas” (ver Marinho referenciado em 1945, p. 21 do livro original).

1890 A capoeira quase derruba o Gabinete Ministerial do Marechal Deodoro. No dia 12 de abril deste ano, todo ministério reunido, o Ministro de Relações Exteriores, Quintino Bocaiúva pede a palavra: ou o famoso capoeira Juca Reis, filho do Conde de Matosinho, seria solto ou ele pediria exoneração. Todos os demais ministros intervêm, especialmente Rui Barbosa, tentando uma solução conciliatória. Episódio que está nos Anais da História da República do Brasil. (Marinho, 1945, p. 27).

with dances and Afro-Brazilian rituals, and (ii) Capoeiragem: a utilitarian fight with its roots in Old Rio de Janeiro. Capoeiragem can be endangered today as the older masters have already retired and the few remaining younger masters have been migrating to other similar fights such as muay thay, karate or Thai boxing. This chapter displays an inventory of selected sources that have described and analyzed capoeira and capoeiragem

1886 Abreu, Plácido de. Os capoeiras. Rio de Janeiro: Escola Serafim Alves de Souza. Português radicado no Rio de Janeiro, onde tornou grande escritor e jornalista. Exímio e valente capoeira, cidadão militante, acabou covardemente assassinado. Seu livro – Os Capoeiras – considerado um livro *cult* está sendo adaptado para um especial para TV. Para escrevê-lo, D’Abreu usa o recurso de adiantar um resumo do seu livro seguinte – Guaiamus e Nagoas – (que deixou incompleto), e, ainda, listar uma relação de gírias próprias da capoeiragem da época. Estratégia apropriada posto que um dos personagens principais do romance – Fazenda (ou Albano...) – era um respeitável capoeira guaiamu; e, ao longo do romance, ocorrem confrontos entre os guaiamus e os nagoas, as duas mais poderosas e temidas maltas de capoeiragem de então.

1890 Decreto nº 487 de 11 de outubro (Código Penal Brasileiro): “Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal, conhecidos pela denominação de capoeiragem andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordem, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal: Pena – De prisão celular de dois a seis meses.”

1890 Data da primeira edição de Azevedo, Aluisio. O Cortiço (30ª. edição). Rio de Janeiro: Ática, 1997. No capítulo X, há um confronto do capoeira Firmo com o português Jerônimo, que se socorreu de um “varapau minhoto” na parte final da luta.

1906 Capoeira. Kosmos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, mar. 1906. Artigo escrito pelo cronista Lima Campos que vale como registro de memória da luta e da época; ilustrações do famoso Calixto Cordeiro com valor iconográfico.

1907 O.D.C. Guia do Capoeira ou Ginástica Brasileira (2ª. edição). Rio de Janeiro, Livraria Nacional. Livro duplamente misterioso. Pelo seu autor que não quis aparecer e, sobretudo, pelo seu desaparecimento da Biblioteca Nacional. Por sorte, antes desta ocorrência, Annibal Burlamaqui teve a chance de copiá-lo (sem ter como reproduzir as ilustrações). Enquanto o original não reaparece é esta cópia que está correndo o mundo. Segundo alguns estudiosos, “ODC” não representa as iniciais do possível nome do misterioso autor; “ODC” significa simplesmente, “Ofereço, Agradeço, Consagro”. Corre, ainda, uma curiosa versão em que a autoria do livro é atribuída ao primeiro tenente da Marinha José Egydio Garcez Palha. Tendo esse oficial falecido em 1898, seu livro sobre capoeira foi publicado posteriormente sobre a sigla ODC.

1908 Ano da primeira edição de Rio, João do (João Paulo Barreto). A alma encantadora das ruas. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1995 (Biblioteca carioca). Neste livro, João do Rio registra a presença do berimbau no Rio. Significativa a leitura do diálogo do capítulo Presepes: “Isso, gente, são nomes antigos da capoeiragem. Jogar capoeira é o mesmo que jogar mandinga. Rei da Capoeiragem tem o seu lugar junto de Baltasar. Capoeiragem tem sua religião. Abri os olhos pasmados. O Negro riu”. “V. S não conhece a arte? Hoje está por baixo. Valente de verdade só mesmo uns dez: João da Sé, Tito da Praia, Chico Bolívar, Marinho da Silva, Manuel Piquira, Ludgero da Praia, Manuel Tolo, Moisés, Mariano da Piedade, Cândido Baianinho, outros... Esses “cabras” sabiam jogar mandinga como homens. Então os capoeiras estão nos presepes para acabar as presepedas...”.

1909 “Ásia curvou-se ante o Brasil”: Assim cantava o povo pelas ruas do Rio, segundo o Jornal do Comercio (02/05/1909, p. 7),

since the end of the 19th century. According to the pioneer research conducted by the Federação Italiana de Capoeira (Italian Capoeira Federation), there are more than 500 research papers on capoeira, particularly on rhythm and singing. However, the repertoire here revealed an antagonism: capoeira is a theatrical fight while capoeiragem is a dramatic fight (see chapter on Capoeira in this Atlas).

quando o capoeira Francisco da Silva Cyriaco, mais conhecido por Moleque Cyriaco, nascido em Campos, Rio de Janeiro, venceu Sada Miyaco (Conde Koma), um campeão japonês de jiu-jitsu. Resultado desconcertante, sobretudo para a Marinha de Guerra que acabara de contratar o japonês para ensinar a “nobre arte do jiu-jitsu” aos marinheiros brasileiros. O confronto realizou-se no dia 1º de maio de 1909, no Pavilhão Internacional na Avenida Central, hoje Avenida Rio Branco. O resultado foi amplamente divulgado por jornais e revistas, publicados no Rio de Janeiro e de circulação nacional (Jornal do Commercio, Kosmos, Careta, Malho etc).

1922 Publicação de Pederneiras, Raul. Geringonça carioca: verbetes para um dicionário da gíria. 2. edição revista e aumentada. Rio de Janeiro: Oficinas Graphics do Jornal do Brasil. Referindo-se a capoeira diz o autor: “Geringonça carioca nasceu do vulgo híbrido, da mestiçagem que formou a nacionalidade. A primeira a destacar-se foi a do capoeira, essa entidade que teve foros de instituição, esse exercício que alcançou as principais camadas da sociedade” (Duas Palavras, p. 3). Grande parte do livro de Pederneiras baseia-se na gíria específica dos capoeiras da época. Daí a sua importância como memória.

1924 Netto, Coelho, Nosso Jogo, do livro Bazar. Livraria Chardron, de Lello & Irmão Editores, Rua das Carmelitas, 144, Porto, Portugal, 1928. Este livro foi publicado em 1928 (Porto), mas o artigo Nosso Jogo foi publicado, pela primeira vez, em 1924, no Rio de Janeiro.

1928 Burlamaqui, Annibal. Ginástica nacional: methodizada e regrada. Rio de Janeiro: [edição do autor]. Mais completo do que o livro de “ODC” sobre a capoeiragem, foi distribuído para os estados, servindo de fonte inspiradora para novos trabalhos similares.

1929 Capoeiragem e Capoeiras. Revista Criminal, no. 28. Rio de Janeiro, 1º de maio do ano assinalado. Artigo escrito pelo jornalista e capoeira Paulo Várzea: “Madrid tem o chulo; Buenos Aires, o *compadron*; Lisboa, os fadistas, o Rio de Janeiro, a Capoeiragem...”

1931 “Escola Typica de Agressão e Defeza” - Entrevista com Jayme Ferreira, Noite Ilustrada, junho 24, 1931. Reportagem pela qual se pode perceber a existência de várias academias, nas décadas de 1920 e 1930 no Rio de Janeiro: “A Capoeiragem tem no Rio, o seu período áureo. Foi quando praticada no “batuque”, apenas pelos chamados “malandros”, se irradiou pela cidade toda, descida da Favela e de outros morros mais ou menos célebres, na pessoa do “capoeira” que se servia della para levar a bom termo as suas proesas de certo modo arriscadas”.

1931 “Combates que despertam Emoção”. Jornal dos Sports, 3 de julho de 1931: “As gymnasticas nacionais (capoeiragem) e japoneza, face a face...”. A matéria termina da seguinte maneira: “Os juizes serão os srs. Carlos Gracie. Director da Academia de jiu-jitsu, e Jayme Ferreira, director da Academia de Capoeira”.

1931 “Club Nacional de Gymnastica (capoeiragem): uma grande promessa”. “Agenor Sampaio, Sinhozinho, fala ao Diário de Notícias”. Referência do Diário de Notícias, 1º de setembro de 1931, à capoeiragem. Depois de vários centros informais de treinamento, Sinhozinho montou sua “academia” de capoeiragem na Rua do Rosário 185, 2º andar, Centro, Rio.

1932 Edmundo, Luís. O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis. 2ª. edição revista e atualizada. Rio de Janeiro: Athena, [1932]. Cap. 4: Aspectos da cidade e das ruas, p. 31-40, descreve um capoeira: “Socialmente é um quisto, como poderia ser uma flor. Não lhe faltam, a par de instintos maus, gestos amáveis e

enternecedores. É cavalheiresco para com as mulheres. Defende os fracos. Tem alma de D. Quixote”.

1935 “André Jansen em Salvador”. Rio de Janeiro, Diário de Notícias. 30 outubro: “O público carioca conhece sobejamente o sportista André Jansen, considerado o mestre absoluto da luta brasileira (a capoeiragem). Várias vezes André teve ocasião de brilhar em nossas arenas, demonstrando sua technica admirável, servida por uma valentia e uma resistência extraordinária. ...Jansen, o maior discípulo de Agenor Sampaio, Sinhozinho... O hospitaleiro povo bahiano vae ter occasião de apreciar o espírito combativo, a inteligência, dextreza e sagacidade do jovem sportista brasileiro...”

1935 “André Jansen em Salvador”. O Imparcial, Salvador, 25 de outubro. Breve, mais importante registro de uma das passagens de André Jansen por Salvador. Promotores de um grande evento de pugilismo, inspirados em promoções similares realizadas no Rio de Janeiro, convidaram Jansen para inaugurar as apresentações num confronto com Ricardo Nibbon (também do Rio, aluno dos Gracie). Como preliminar, Mestre Bimba fez uma exibição com seus alunos.

1936 Jornal Gazeta da Bahia, Salvador, 13 de março, publica entrevista com Manoel dos Reis Machado, Mestre Bimba, em que este declara que as exibições de capoeira deveriam ser regulamentadas pela polícia com base na obra de Annibal Burlamaqui, editada em 1928 no Rio de Janeiro.

1938 Edmundo, Luís. O Rio de Janeiro do meu tempo (1ª. edição). Rio de Janeiro: BNH, [s/d, circa 1990]. Edição especial. A primorosa edição produzida pelo extinto Banco Nacional da Habitação inclui caricaturas de J. Carlos, Calixto, Armando Pacheco, Raul Pederneiras e vários outros. Neste livro, o carioca Luis Edmundo (1878/1961) resume a história do lendário capoeirista Manduca da Praia (Capítulo 12 – A Vida de Cortiço, págs. 137/139). Luís Edmundo, boêmio, poeta, escritor e brilhante jornalista pertenceu à Academia Brasileira de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Década de 1930 Neste período, Agenor Moreira Sampaio (SP/1891 – RJ/1962), paulista, de Santos, mais conhecido como Sinhozinho, inicia sua carreira na capoeiragem. Ainda adolescente, ele mudou-se para o Rio de Janeiro, onde virou uma lenda e uma lenda. Embora com respeitável número de cursos básicos, inclusive de História e Francês, foi um autodidata em Educação Física, esporte em geral e capoeiragem em particular. Extremamente criativo desenhava um método para cada aluno e, com isto, especializou-se em formar campeões. Assim como livros (ODC, Zuma etc) e dezenas de artigos voaram do Rio, então capital, para os demais estados, o estilo Sinhozinho também viajou através de inúmeros de seus alunos. André Jansen, por exemplo, considerado na década de 1940 o melhor capoeira do Brasil, visitou vários estados demonstrando a eficácia de sua arte marcial. Outro grande campeão, para ficar só em dois, é o professor Rudolf Hermann, que não satisfeito em vencer apenas como capoeira nos anos de 1950, sagrou-se também campeão por equipe no III Pan-Americano de Judô, no México, em 1960. (Fonte: Castro e Hermann).

1941 Fonseca, Gondim de. Biografia do jornalismo carioca – 1808/1918. Rio de Janeiro: Quaresma. Contem a relação de todos os jornais e revistas cariocas que surgiram de 1808 a 1908, e um dicionário de caricaturistas. Fonte para pesquisa de fundamental importância para a memória da capoeira: “Muitas coleções de jornais que consultei na Biblioteca Nacional estão quase desfeitas. Se não forem restauradas acabarão em poucos anos, e o leitor do futuro só terá notícias delas através deste cartapácio”.

1944 Amado, Jorge. Bahia de todos os santos (1ª Edição). 21ª. edição revista e atualizada. São Paulo: Martins, 1971. O livro foi publicado pela primeira vez no ano de 1944. Como todas as obras de Jorge Amado, esta também vem sendo reeditada constantemente e lançada em várias outras línguas pelo mundo afora. A partir da 22ª edição, entretanto, um substancial e revelador parágrafo foi suprimido. Justamente o que menciona uma visita de Mestre Bimba ao Rio de Janeiro onde foi surpreendido pela alta eficácia da capoeira carioca. Especialistas em Bimba e em Amado defendem que o trecho foi apenas uma fantasia do grande escritor.

1945 Marinho, Inezil Penna. Subsídios para o estudo da metodologia do treinamento da capoeiragem. Rio de Janeiro:

Imprensa Nacional, 1945. Melhor livro escrito sobre capoeiragem segundo opiniões correntes de especialistas. Leitura altamente recomendável para qualquer mestre de capoeira ou pesquisador.

1945 “Malandragem nasceu com a própria cidade: do capoeira de ontem ao malandro de hoje”. Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, 19 de janeiro.

1945 Oliveira, Valdemar de. Frevo, capoeira e passo (1ª. edição). Recife: Editora de Pernambuco, 1971. Referindo-se ao histórico episódio da prisão do capoeira Juca Reis, na pág. 81 de seu livro, Oliveira comenta: “O exemplo repercutiu no país inteiro. A liquidação foi geral. As polícias estaduais se movimentaram, apoiadas no primeiro código Penal da República”. A História da Capoeira e da capoeiragem (luta de verdade) passa por Pernambuco, e esse livro é uma das leituras de fundamental importância para bem entendê-la. A base do livro foi um trabalho produzido pelo autor, em 1945, e publicado, com destaque, no volume VI, do ano VI, do Boletim Latino-Americano de Música.

1946 Morais Filho, Alexandre José de Mello. Festas e tradições populares do Brasil. Revisão e notas de Câmara Cascudo. 3ª. edição. Rio de Janeiro: F. Brigueit, 1946. “Capoeiragem e Capoeiras Célebres – Rio de Janeiro” é, certamente, uma fonte de memória. Dois exemplos: “No Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, há uma subclasse que reclama distintíssimo lugar entre as suas congêneres e que tem todo o direito a uma nesga de tela no quadro da história dos nossos costumes – a dos capoeiras (p. 444)”. “Os capoeiras, até quarenta anos passados, prestavam juramento solene, e o lugar escolhido para isso era as torres das igrejas (p. 446)”.

1949 “Os capoeiristas estão brilhando em São Paulo”. A Tarde, Salvador, 25 fevereiro. Embora – agora já sabe – os resultados fossem combinados, mesmo assim houve uma razoável divulgação da capoeira regional baiana no evento foco da notícia.

1949 “Regressou Mestre Bimba”. A Tarde, Salvador, 7 março: não concordando, mas também não proibindo lutas combinadas, Mestre Bimba voltou a Salvador demonstrando satisfação com os resultados alcançados.

1949 “O Sensacional cotejo de Capoeiragem”. Jornal dos Sports, 2 de abril: a luta de Luiz Aguiar “Ciranda” (aluno de Sinhozinho) com Jurandir (aluno de Bimba); “Hoje no Estádio Carioca – o capoeira carioca Hermann (capoeira de Sinhozinho) em confronto como Perez (capoeira de Mestre Bimba)”. Globo Esportivo, 7 abril de 1949.

1951 “O Destino da Capoeira”. Globo Esportivo, 7 de julho de 1951. Longa e substancial entrevista com Sinhozinho e Rudolf Hermann, Rio de Janeiro. “Trabalha-se no Brasil pela Sobrevivência da Capoeira”. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1951. Outra longa e reveladora entrevista com Sinhozinho.

1953 Antônio, Carlos. A Arte dos moleque de Sinhá – Camarada bota sentido! Capoeira vai te Batê.... Flan, Rio de Janeiro, 31 maio, 1. cad.:9; Última Hora, São Paulo, 25 abril de 1956: “Neste mundo cada vez mais dependente do marketing, parece que só existiu e que só existe quem está todos dias na mídia. Mídia paga ou não. Daí a ignorância sobre a extraordinária Capoeira de Sinhozinho de Ipanema. Outro bom exemplo, ou melhor, outra boa injustiça pode ser registrada em relação ao Sr. Antenor dos Santos, mineiro, vice-presidente da Portela e um ‘animador da capoeira’”. Nas décadas de 1940/1950 o Senhor Santos coordenava um grupo de bons angoleiros, na prática, comandados por Joel Lourenço do Espírito Santo.

1953 “Rudolf Hermann e Carlson Gracie, impressionantes”. O Jornal, 18 março. Confronto de Rudolf Hermann (Sinhozinho) com Guanair Vial (Gracie). “O sangue dos valentes ensopou a quadra de cimento do Estádio do Vasco”. Revista O Cruzeiro, 4 de abril. Outra manchete do confronto de Rudolf Hermann com Vial. “Vitória Espetacular de Hermann”. O Popular, 30 de junho. Confronto entre Rudolf Hermann e Artur Emídio de Oliveira (Itabuna). Artur Emídio aprendeu capoeira com Mestre Paisinho, em Itabuna, Bahia.

1959 “Capoeiristas baianos dançam no aeroporto”. Diário Carioca, Rio de Janeiro, 10 abril.

1961 Lyra Filho, João. Sinais de sociologia dos desportos. [S.l.]: Confederação Brasileira de Desportos (Gestão João Havelange),

1961. Cap. 3: Miscigenação e capoeiragem: pequeno libreto contendo a palestra de João Lyra Filho, realizada no dia 25 de agosto de 1960, relacionando a capoeiragem com a Sociologia dos Esportes.

1961 Da Costa, Lamartine Pereira. Capoeiragem: a arte da defesa pessoal brasileira. Rio de Janeiro: [s.n.], 1961; Capoeira sem mestre. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1962. Lamartine Pereira DaCosta praticou capoeira, introduziu oficialmente a capoeiragem na Marinha, escreveu vários artigos e um livro específico sobre o assunto. Como professor de Educação Física escreveu dezenas de artigos, coordenou dezenas de projetos a nível nacional e internacional. Com doutorado em Filosofia, além de professor universitário, tornou-se um consultor internacional em sua área profissional.

1963 “Batismo de capoeira em Copacabana”. Jornal A Noite, 23 junho. Mestre Caboclo forma mais uma turma da capoeira: Turma Artur Emídio.

1963 “Capoeira renasce no Rio com suas velhas tradições”. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 22 de dezembro. Reportagem de página inteira, com duas ilustrações (uma delas inspirou a capa do livro “A Volta do Mundo da Capoeira”). Gira em torno de uma “Operação Capoeira” deflagrada no Rio de Janeiro; registra a importância de Sinhozinho, Artur Emídio e outros.

1963 Bimba, Mestre. Curso de capoeira regional – em CD ROM. Salvador: [s.n.]. Tanto o disco inicial (1963) como o CD que saiu anos depois se faziam acompanhar por um libreto, espécie de manual. Ambos quase totalmente iguais, exceto por uma única linha que foi suprimida na segunda edição. Justamente a linha que definia a criação da Capoeira Regional Baiana: “Seu espírito criador (de Bimba) fez um aproveitamento da savata, jiu-jitsu, greco-romana e do judô, compondo um método próprio...”. A segunda edição reduziu a frase: “Seu espírito criador compôs método próprio, hoje conhecido como a Regional da Bahia...”. A primeira versão apresenta, claramente, a capoeira regional como uma capoeira estilizada reforçada com movimentos e golpes de várias lutas estrangeiras.

1965 Carneiro, Edison. Dinâmica do folclore. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. Na década de 1970, no programa radiofônico “Rinha de Capoeira” (Radio Roquete Pinto-RJ, produção de André Lacé), o saudoso Professor Edson Carneiro discutiu um tema que dá significado à sua contribuição ao estudo da capoeiragem: “como diferenciar a dinâmica do folclore da estilização folclórica da capoeira contemporânea?”.

1965 Da Costa, Lamartine. *Capoeira – ou le self defense bresilien. Sport International*, no. 27, vol.2, 1965, pp. 30 – 31, Bruxelles. Trata-se provavelmente do primeiro artigo no tema da capoeira, publicado em revista técnico-científica de circulação internacional com versões em francês e inglês. Seguindo a natureza da publicação, o autor define a luta vinculando-a à sua história como também caracteriza seu sentido utilitário: “*La capoeira est, au Brésil, l’art de se defendre. C’est un genre de lutte au cours de laquelle le lutteur met em jeu pieds, mains, et tête pour frapper et terrasser son adversaire, le poids cumulé du corps, des jambes et des bras tenant lieu le levier*” (.....) “*Vue sous l’angle technique. La capoeira appartient au grupe de lutte dit ‘de defense positive’, ce que revient à dire que la defense consiste à éviter les coups, puis passer à la contre-attaque. En s’esquivant, le lutteur cherche à se placer dans une position favorisant la contre-attaque.*”

1965 Lemoine, Carmem Nícias de. Jogo de capoeira. Tradições da Cidade do Rio de Janeiro do século 16 ao 19. Rio de Janeiro: Pongetti, 1965. p. 226-233. Lemoine cita Mestres Leopoldina, Bimba e outros.

1966 “Dança de negros e arma de malandros: capoeira oficializada na Marinha”. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 30 março, tablóide: Lamartine Pereira DaCosta, com a cooperação dos Mestres Artur Emídio e Djalma Bandeira, promove um curso de capoeira especialmente para oficiais e praças da Marinha. Aliás, um grande mote, ainda virgem, é o papel das marinhas – de guerra e mercante – na propagação e no intercâmbio capoeirístico nos portos brasileiros e do mundo.

1968 “Simpósio quer mudar capoeira”. Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, 28 agosto: “Simpósio chegou ao final sem decidir se capoeira é luta ou apenas folclore”. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 28 agosto. O evento, presidido pelo Professor Alberto Latorre Faria, reuniu altas autoridades do governo, do esporte e da capoeira:

Ministro Lyra Filho, os Doutores Waldemar Areno e Ângelo Decânio, e os Professores Edison Carneiro, Maria Lenk, Lamartine Pereira DaCosta, Rudolf Hermann, Luis Peixoto e André Luiz Lacé Lopes. Trata-se possivelmente do primeiro debate sobre a capoeiragem em evento universitário.

1969 Salles, Vicente. Bibliografia crítica do folclore brasileiro: capoeira. Revista Brasileira de Folclore. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, v. 8, n. 23, p. 79-103, jan./abr. Pesquisa pioneira. Vicente Salles, além de redator chefe da Revista era um dos principais pesquisadores da Campanha citada. Vicente Salles já publicou vários trabalhos sobre a Capoeiragem e trabalha, atualmente, na Universidade Federal do Pará.

1972 Santos, José Francisco dos. Memórias de Madame Satã: (conforme narração a Sylvan Paozzo).: Lidor, 1972. “Minha pessoa estava muito feliz naquela noite” – assim começa o livro de Satã. Obra que deve ser lida, também, como importante registro social e sociológico do Rio de Janeiro Antigo. Merece especial registro a maneira como o jornalista Sylvan Paezzo desempenhou o seu papel. SATÃ foi um verdadeiro capoeira street fighter lutador de rua).

1974 Lyra Filho, João. Introdução à sociologia dos desportos. 3ª edição. Rio de Janeiro: Bloch, [19—]. Leitura recomendada – não sendo possível ler o livro todo -, pelo menos, do capítulo dedicado à capoeira. Trata-se de um texto que necessita de revisão atualizada por especialistas.

1974 Curso PM. DN, Salvador, 2 agosto: “A Polícia Militar da Bahia realizou ontem a Aula Inaugural do Curso de Instrutores e Monitores da Capoeira, que foi ministrado pelo professor André Lacé Lopes, Diretor do Departamento Especial de Capoeira da Confederação Brasileira de Pugilismo”. Curso e palestra foram noticiados, também, em jornais do RJ, alguns de circulação nacional: “Carioca é quem abre curso de capoeira na Bahia”. Última Hora, Rio de Janeiro, 30 julho 1974; “Capoeira, Professor Lacé ministra aula em Salvador”. A Notícia, 30 julho 1974; “Começou Curso de Capoeira” – Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 3 agosto 1974; “Institucionalização da Capoeira será debatida em seminário nacional”. Diário de Notícias, Salvador, 15/16 novembro 1974. Divulgação, na Bahia, do seminário realizado no Instituto Brasileiro de Administração Municipal, de nos dias 7 e 8 de dezembro, sob a coordenação de André Luiz Lacé Lopes, então, Diretor de Capoeira, da Confederação Brasileira de Pugilismo.

1975 BRASIL – Histórias, costumes e lendas. São Paulo: Ed. Três. Levantamento sobre cultura popular brasileira, com destaque para danças e jogo, e com menção da capoeiragem, permite perceber a existência de íntimo parentesco do batuque, com o bambelô (Rio Grande do Norte), o caxambu (Minas Gerais), o bate-coxa (Alagoas), o jongo, o coco ou zambê, a chula e a pernada carioca.

1977 Curvelo, Ivan. Capoeira: a falta de rumos é processo de embranquecimento. Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, 24 abr. 1977. (4)f. Entrevista com André Luiz Lacé, então Superintendente Administrativo do Clube de Regatas do Flamengo, sobre o processo de institucionalização da Arte Afro-Brasileira da Capoeiragem.

1980 Peixoto, Mário. Ipanema de A a Z: dicionário da vida ipanemense. [S.l.]. Rio de Janeiro: A.A. Cohen. Fonte de informações básicas para os estudiosos da capoeiragem no Rio de Janeiro.

1981 Gomes, Paulo, Mestre. Capoeira: a arte brasileira. [S.l.]. Rio de Janeiro: Centro de Capoeira Ilha da Maré. O baiano Paulo Gomes fez-se mestre no Rio de Janeiro e teve seu melhor momento em São Paulo onde, infelizmente, foi covardemente assassinado. O livro é o escritor falando, simples, sincero e direto. Respeitado e admirado. Valente e destemido, assim como Plácido d’Abreu, morreu lutando bravamente.

1986 Macarty, José. *Quand la Capoeira rencontre lê Moringue. Jornal Témoignages – Quotidien du parti communiste reunionnais*. Ilha de Reunião, 8 outubro. Da mesma fonte, datado de 9/10/1986: *L’histoire de la capoeira au Brésil*. Entrevista com André Luiz Lacé Lopes (Ilha da Reunião, Oceano Índico – 1986). Idem, datado de 11/12 outubro mesmo ano LE MORINGUE (CAPOEIRA!) à la Réunion – sortir du fénoir une pratique culturel le authentiquement reunionnaise. Jornal Témoignages.

1993 Dias, Luiz Sérgio. Quem tem medo da capoeira? Período 1890-1904. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Luiz Sergio Dias, escritor, trabalho de longos nos no Arquivo Municipal do Rio de Janeiro. Trata-se de um trabalho premiado – primeiro lugar – num concurso de monografias.

1995 Santos, Esdras M. dos. Conversando sobre capoeira.. São Paulo: JAC. Livro emocionado, desassombrado e extremamente informativo. Preciosa fonte de informações e esclarecimento sobre a trajetória da Capoeira Regional.

1996 Biblioteca Amadeu Amaral. Capoeira: fontes multimídia. Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Arte, Coordenação de Folclore e Cultura Popular. Oportuno desdobramento da pesquisa de Salles, Vicente (ver 1969). A Biblioteca Amadeu Amaral está situada dentro do complexo cultural do Palácio do Catete (Rua do Catete, 179, Rio de Janeiro-RJ).

1996 Angelo, Decânio Filho. A herança de Mestre Bimba: filosofia e lógica africanas da capoeira. Salvador: [s.n.]. Edição do autor. Apresentação de Jorge Amado e Esdras Magalhães dos Santos. Ângelo Decânio foi aluno e médico de Mestre Bimba, e conviveu com Cisanando Lima (“foi o primeiro aluno branco da classe social dominante em Salvador; Cisanando logo induziu o Mestre Bimba a enriquecer o potencial bélico da luta negra...”). Pág. 112). Com profunda admiração, mas com singular realismo, Decano exalta a figura de Bimba. Com autoridade, às folhas tantas, chama atenção para graves distorções que estão ocorrendo, atualmente, com a Capoeira Regional. Leitura recomendada.

1999 Lacé Lopes, André Luiz. A Volta do Mundo da Capoeira. Rio de Janeiro: Markgraph. Seleção de artigos, cartas e reflexões sobre a Arte Afro-Brasileira da Capoeiragem. O primeiro artigo selecionado data de 1962. O livro focaliza a marcha da capoeira pelo mundo, mas com especial ênfase na capoeira do subúrbio do Rio de Janeiro, nas décadas de 1960/1970.

2000 Castro, Ruy. Ela é carioca: uma enciclopédia de Ipanema. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Fonte de informações para interpretações do ambiente onde floresceu a capoeiragem utilitária do Rio de Janeiro. Leitura recomendável.

2003 Lacé Lopes, André Luiz. Capoeiragem no Rio de Janeiro, Sinhozinho e Rudolf Hermann. Editora Europa, Rio de Janeiro. Obra relacionada com esta referência: “Rudolf Hermann”. Coleção Gente, Editora Rio, Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2003.

2003 **Il Papa della Capoeira Brasiliana.** Reportagem realizada pelo Professor Alfredo Apicella. MAK (Martial Arts Kombat) Adventures. Itália, abril/maio de 2003. Black Panther Production, Via Sant’Evasio 55 – 14100 Asti: “*Già esiste una grande letteratura sull’argomento Capoeira, essendo alcuni articoli e libri di André Luiz Lace Lopes, letteratura obbligada per chi vuole immergersi nell’argomento a fondo. Questo perché Lace, non há paura del contraddittorio, ossia, oltre a essere amante della capoeiragem (arte di chi pratica), non ricerca affatto fama distorcendo la storia Del passato, modificando date e testimonianze importanti*”.

2003 *Capoeira – La force cachée de Rio.* Revista Karaté Bushido, julho/agosto 2003. Editora Européene de Magazines, 44, Avenue George V 75008 Paris, France. Grand reportage (p. 22): La Capoeira ao coeur de Rio de Janeiro. Entrevista com André Lace (p. 30): ... “*Dans son bureau, ou dès centaines de livres et dès dizaines de cassettes video ou CD sont empilés, dans son salon, ou lês meubles sont poussés ‘pour ‘les demonstration avec les visiteurs’ (dixit as femme, dans um sourire), son appartement respire la Capoeira.*”

2003 “Arte e História também em livros”. Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, 11 novembro. “Dois livros estão provocando intensos debates nas rodas de capoeira do Rio de Janeiro, do Brasil e do resto do mundo: ‘Capoeiragem no Rio de Janeiro’ e ‘Rudolf Hermann’, da série GENTE que a Universidade Estácio de Sá vem publicando”.

2003 CD “Os Bambas do Rio Antigo”, Mestre Grilo e seu Grupo Arte Nobre. Naldo Studio Produções Musicais, Rio de Janeiro-RJ, dezembro de 2003. Trata-se de um marco musical na história da Capoeira, em que a extraordinária figura de Agenor Sampaio (e alguns de seus discípulos) é lembrada e louvada. O texto da contracapa oferece informações valiosas para compreensão do tema e correspondentes registros de memória.

Situação atual A capoeira com cantoria e ritmo, nos dias presentes, pode ser encontrada no mundo inteiro. Apresentada, na maioria das vezes, em palco, em conjunto com danças e rituais afro-brasileiros adaptados para show – maculelê, samba de roda, dança de orixás, puxada de rede etc. Já a capoeiragem do Rio Antigo parece ser uma prática em extinção, com os mestres mais velhos aposentados e uns poucos mestres mais jovens migrando para outras lutas similares, como Muay Thay, Caratê ou Box Tailandês. Não sendo de se desprezar, entretanto, alguns esforços que estão surgindo no sentido de revitalizar este tipo de capoeira, como, por exemplo, o Projeto Capoeira Arte Marcial (ver neste particular a parte final do livro “Capoeiragem no Rio de Janeiro, Sinhozinho e Rudolf Hermann”, Lace Lopes, 2003, p. 267). Em termos de fontes, e de acordo com pioneira pesquisa realizada pela Federação Italiana de Capoeira, já existem mais de 500 trabalhos sobre capoeira, sobretudo, sobre sua parte rítmica e cantada. Estando incluídos neste levantamento, não apenas CDs, mas gravações em vinil, K-7, vídeo-tapes e filmes técnicos ou romanceados. Em dezembro de 2003, no Rio de Janeiro, foi editado um CD especificamente sobre Agenor Sampaio, Sinhozinho: “Homenagem aos Bambas do Rio Antigo”. Neste particular, cabe mencionar, a primeira gravação, ainda em vinil, do CD “Curso de Capoeira Regional”, uma vez que, o libreto que acompanhava o disco, mencionava outras lutas (ver BIMBA, 1963). Mais informações podem ser obtidas no capítulo de Capoeira neste mesmo volume.

Fontes Ribeiro, Ida Regina Gomes de Oliveira, Santos, Elza Elena Pinheiros dos (Comp.). Bibliografia Carioca. Rio de Janeiro: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 1995. Catálogos de periódicos brasileiros microfilmados na Fundação Biblioteca Nacional, 1994; Benchimol, Jaime Larry. Pereira Passos: um Haussman Tropical. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1990; Lessa, Carlos. Metrôpoles: o Rio de todos os Brasis: Record, 2000; Downey, Greg. *Domesticating an urban menace: reforming capoeira as a Brazilian national sport*; Sinhozinho: rohermann.tripod.com/; Moringue: multimedia.reunion@rfo.fr; Rudolf Hermann: openlink.br.inter.net/rohermann/; André Luiz Lacé Lopes: /andrelace.cjb.net/

Disco – Frisbee

ROBERTO HUCKE, EMILIA TOLEDO E MARCO A. SANCHES

Frisbee

Frisbee only got to Brazil in the late 1980s, as a game of a group of friends. Today it is a federated sport played especially in São Paulo State. Brazil participated for the 6th

Origem O Frisbee é uma modalidade esportiva tanto de competição quanto de lazer, que emprega, em sua prática, um disco de plástico redondo para lançamento de longas distâncias. Dependendo da técnica de lançamento e da influência do vento, o disco pode atingir longas distâncias e realizar vários percursos. A invenção do esporte de disco se deu no início do século XX nos EUA. Estudantes de uma Universidade do Estado da Pensilvânia começaram a brincar com a fôrma de torta de uma famosa rede de guloseimas da região, chamada *Frisbie Pie Company*. Lançada na direção de uma pessoa para outra, toda a vez que conseguiam segurar a fôrma, gritavam “*frisbee!*!”. E assim foi criado, não somente o produto, como também o nome do esporte. O esporte somente chegou ao Brasil no final da década de 1980, como uma brincadeira entre um pequeno grupo de amigos. Hoje é um esporte federado, praticado sobretudo no estado de São Paulo. Durante mais de uma década, passes e lançamentos com o disco foram se transformando em um jogo dinâmico e emocionante. O aprimoramento do esporte foi gradativo, auxiliado por jogadores vindos de centros mais desenvolvidos do esporte, como Estados Unidos e Inglaterra.

1959 A empresa norte americana Wham-O Manufacturing Company patenteou a logomarca “Frisbee” e iniciou o processo de divulgação internacional do produto.

1964 Criação da International Frisbee Association – IFA. Nesse período a IFA trabalhou juntamente com a WHAM-O, desenvolvendo diferentes jogos com o disco, e organizando eventos para divulgar o produto.

1980 Durante um encontro entre 40 organizadores em Atlanta, Geórgia-EUA, em 1984, surgiu a idéia de criar uma organização mundial independente, responsável pelo desenvolvimento e coordenação do esporte com disco, originando-se então a *World Flying Disc Federation* - WFDF com sede na Inglaterra.

1968 Este período corresponde ao nascimento da versão Ultimate, na Columbia High School, Maplewood, Nova Jersey -EUA. Em 1972, foi realizado o primeiro Campeonato intercolegial de Ultimate. Atualmente o Ultimate é o esporte com disco mais praticado no mundo. O Ultimate - também chamado jogo de disco – necessita,

consecutive time in the World Championship that took place in California, United States, in 2003, becoming 4th on the Pan-American ranking. Brazil has 150 players registered

para sua prática, de um campo gramado retangular localizando, em cada extremidade, uma área de gol. O Ultimate também pode ser praticado na areia ou quadra, variando o tamanho e o número de jogadores. A duração e o placar máximo do jogo são definidos de acordo com o formato da competição. Em geral o placar vai até 17 e a duração é de 1h30m. Através de passes e lançamentos, os sete jogadores de cada time devem fazer com que um dos jogadores receba o disco dentro da área do gol do adversário. Cada gol vale um ponto. O jogador não pode se deslocar na quadra enquanto detém a posse do disco, nem tocar outro jogador.. Nesse jogo, prevalece a filosofia do bom esportista, denominada “Espírito de Jogo”. Por este princípio, o Ultimate é o primeiro esporte competitivo que não utiliza árbitros. As faltas ou lances duvidosos são discutidas pelos jogadores envolvidos na jogada, e estes são responsáveis por assumir suas próprias faltas ou violações. Em caso de dúvida ou discordância, a jogada retorna ao lance anterior. A modalidade é disputadas nas seguintes categorias: Open, Masculino, Feminino e Coed (Misto). Divisões: Junior, Adulto e Máster.

1998 Neste ano, a primeira delegação brasileira participa do Campeonato Mundial de Seleções, em Minnessota-EUA. Para surpresa geral, o Brasil conquistou o 4º lugar na categoria Coed (mista) e recebeu o prêmio “Espírito de Jogo” demonstrando, além da qualidade técnica, o verdadeiro espírito esportista. Essa experiência trouxe muitas estratégias novas que foram aplicadas no Brasil.

1999 A seleção brasileira participou do Campeonato Mundial de Clubes, em St Andrews-Escócia, e conquistou o 10º lugar.

2000 A seleção brasileira participou do Campeonato Mundial de Seleções, em Heilbronn-Alemanha terminando em 11º, naquele ano.

2001 O Brasil levou uma equipe para o Primeiro Campeonato Mundial de Ultimate de Praia, em Rimini-Itália, e aprendeu as estratégias sobre como se deve jogar na areia, com muito vento e alto nível técnico. Nessa competição, a classificação obtida foi o 12º lugar, mas a equipe já se preparava para render e desenvolver muito mais no próximo “*Beach Ultimate*”.

2002 Neste período ocorreu o maior campeonato mundial de clubes de todos os tempos, com mais de 120 equipes, no Hawai-EUA. O

with the Federação Paulista de Disco (Paulista Frisbee Federation). It is estimated that there are 50 more players in other regions of the country.

Brasil classificou-se entre os 40 melhores e foi representado pela equipe São Paulo Girus (SPG), na época tri-campeão brasileiro. Em dezembro deste mesmo ano, o Brasil realizou o primeiro Torneio Internacional de “Beach Ultimate” no Guarujá-SP, com a participação de oito equipes de diferentes países (França, Alemanha, Suíça, Itália, EUA, Portugal, Brasil e Canadá). Após uma excelente campanha, o Brasil sagrou-se campeão do 1º Mundialito de Beach Ultimate, vencendo o Canadá na final. Com resultados tão expressivos em tão pouco tempo, a partir deste estágio, o esporte começou a ser praticado também em algumas universidades de São Paulo - SP, e também em centros litorâneos como Guarujá e São Vicente (ambas no estado de SP). Tais medidas dão maior visibilidade ao esporte e incrementam maior nível técnico às competições.

Situação Atual Em 2003, o Brasil participou, pela sexta vez consecutiva, do Campeonato Mundial realizado na Califórnia-EUA, com a equipe “100% Ultimate”, atual campeã nacional. Durante a realização do evento, foi disputado o Pan-americano, e o Brasil classificou-se em quarto lugar. Ainda em dezembro deste ano, será realizado o “Segundo Mundialito de Beach Ultimate” e o “Primeiro Campeonato Sul-americano de Ultimate”. A Federação Paulista de Disco é a única entidade que representa o esporte no Brasil, com 150 jogadores federados. Há, ainda, mais 50 jogadores não federados que praticam o esporte em todo o país. Eis os principais eventos realizados no Brasil nesta modalidade de esporte: Campeonato Brasileiro de Ultimate (SP); Torneio Universitário (SP); Campeonato Brasileiro de Praia Guarujá (SP); Mundialito de Beach Ultimate –Guarujá (SP). Dos nomes mais importantes na história do Ultimate no Brasil, se destacam Bill Presada, Flavio de Camargo Viana , Malela Paredes, Renato Taralli, Emilia Toledo, Paulo Sérgio Fernandes, Marco Aurélio Sanches, Guilherme Belo, Roberto Hucke e Aimara Fidelis. Hoje, o esporte é praticado em todo o mundo sob orientação e supervisão da WFDF. O Frisbee conta com mais de 40 países afiliados, representando 37.253 praticantes no mundo nas modalidades Guts, Freestyle, DiscC Golf, MTA, DDC , TRC, Precisão, Distância e Ultimate. No Brasil, o Ultimate é a modalidade mais praticada.

Fontes *Frisbee: A practitioner’s Manual and definitive Treatise*, Stancil E.D. Johnson,M.D. Workman Publishing Co. New York, 1975; www.wfdf.org

Bocha

JANICE MAZO E ELAINE RIZZUTI

Bocce

Bocce has been considered one of the oldest games in the world. Evidence shows that bocce was played in both Egypt and Ancient Greece; however, in spite of its origins, bocce can always be said to have Italian roots. The first sports organization of bocce in Italy was “União do Piemonte” (‘Piemont Union’), founded in 1877 in the city of Rivoli. Bocce was one of the Italian cultural features to be established in whichever region or country Italian people would settle down. Brazil was one such country, where bocce is today a cultural practice throughout the southern region. There have been

Definições A bocha é um jogo cuja versão atual consiste em arremessar bochas (bolas), de madeira, metal ou resina sintética em direção a uma pequena bola denominada bolim, balim ou *jack*, sobre uma cancha, objetivando aproximar-se o máximo possível do “bolim” (pequena bocha). Será considerado vitorioso o jogador ou a equipe que somar o maior número de pontos, pontos esses atribuídos de acordo com a perfeição das jogadas. A bocha é praticada em uma cancha (ou quadra), que pode ser de terra, de saibro ou material sintético, cercada por bordas de madeira. As dimensões das canchas oficiais são as seguintes: européias – 27 x 4 metros e sul-americanas – 24 x 4 metros. As canchas de outras dimensões servem unicamente para jogos amistosos. As bochas, nome dado às bolas, devem ter no mínimo 11,2 cm de diâmetro e no máximo 11,5 cm, são maciças e de peso uniforme oscilando entre 1050 e 1 150 gramas para os jogos sul-americanos. Na Europa, há variações para menos, tanto nas dimensões como no peso. A bocha pode ser jogada entre duas pessoas em caráter individual, em duplas ou em trios. O jogo começa com o arremesso do bolim, decidindo-se, por sorteio, qual a equipe que lançará o bolim a uma distância mínima de um metro além da metade da cancha (ou quadra).

Origem O Jogo da Bocha é considerado um dos mais antigos do mundo, havendo indícios de que ele tenha sido praticado no Egito e na Grécia antiga. Há controvérsias quanto à sua origem. Alguns consideram suas raízes italianas, tendo a bocha sido a primeira organização formada em Turim, em 1888, com um primeiro campeonato realizado em Gênova, em 1951. Segundo a Federação Paulista de Bocha e Bolão, os latinos a propagaram extensivamente durante a Idade Média, tendo sido mais tarde, proibida sua prática, pelo então Patriarca de Veneza em 1576. Posteriormente, o jogo foi fomentado na Corte de Elizabeth I da Inglaterra e, mais tarde, imitado na Itália. A Federação de São Paulo noticia que o jogo foi difundido no mundo por influência dos povos francês e italiano. Na Itália, a primeira organização esportiva do Jogo da Bocha foi fundada no dia 4/11/1877, na cidade de Rivoli, com a denominação de “União do Piemonte” (Almanaque Correio do Povo, 1976: 152). Em resumo, o Jogo da Bocha tem sido um dos traços culturais da comunidade italiana.

A emergência do Jogo da Bocha, no Rio Grande do Sul, está relacionada à chegada dos primeiros imigrantes italianos, em fins do século XIX. Em Porto Alegre, a comunidade italiana totalizava 10% da população, cerca de 6.000, em 1893 (Constantino, 1994: 94). Esta comunidade se reunia nos finais de semana, após a missa (igreja católica), para praticar o Jogo da Bocha, que representava uma das principais atividades de lazer dos homens. No princípio, o jogo era realizado com marmelos, fruta típica da região da serra do Rio Grande do Sul, cujo aspecto é semelhante à bocha (Ampessan, 2000). Hoje, esse Estado constitui a região do Brasil em que a Bocha tem mais destaque, embora este esporte possa ser considerado como parte da cultura de todo o sul do país, tendo portanto uma prática difusa e ligada às tradições comunitárias locais.

Final do Século XIX Os imigrantes italianos fundaram, em algumas cidades do Rio Grande do Sul, as *Societàs* italianas, nas quais foi institucionalizado a prática do Jogo da Bocha: Bagé (*Società Italiana di Soccorso Mutuo e Beneficenza*, em 01/01/1871); Pelotas (*Società Italiana Unione e Filantropia*, em 1873); Santana do Livramento e Rivera (*Società Italiana di Mutuo Soccorso, Unione e Benevolenza*, em 07/5/1876); Porto Alegre (*Società di Mutuo Soccorso e Benevolenza*, em 10/7/1877); Santa Vitória do

records of bocce clubs (Societàs Italianas – Italian societies) in Rio Grande do Sul since 1871. However, the game was only recognized as a sport by the Confederação Brasileira de Desportos (Brazilian Sports Confederation – CBD) in 1943. There are 4 versions of bocce in the world today: (i) Zerbin – recognized by the Federation Internazionale de Boules (International Federation of Boules); (ii) Punto-Rafa-Vollo–Confederazion Boccistica Internazionale; (iii) Sul-Americana (South American) – Confederação Sul-Americana de Bochas (South American Bocce Confederation), and (iv) Bocha-

Palmar (*Società Benevolenza*, em 1879); Rio Grande (*Società Italiana di Soccorso Mutuo*, em 1884); Caxias do Sul (*Società Italiana di Mutuo Soccorso di Caxias*, em 11/11/1887); Rosário do Sul (*Società Italiana de Bocha Gugliermo Marconi*, final do século XIX); Santa Maria (*Società Italiana di Soccorso Mutuo*, em 1892). De acordo com Constantino (1994: 94), desde a década de 1870 existiam associações italianas em Uruguaiana e Alegrete. Estas sociedades, além de prestarem um serviço de ajuda mútua aos imigrantes italianos, também promoviam o ensino e a difusão da cultura italiana (Licht, 1992).

Início do Século XX O Jogo da Bocha era praticado no Brasil sobretudo em festas religiosas, nas zonas de colonização italiana: São Paulo, sul de Minas Gerais, pequenas comunidades do Espírito Santo e Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Neste último estado ocorre a expansão do jogo por meio da fundação de associações esportivas identificadas com a comunidade italiana (descendentes atuais no país: 25 milhões).

1915 Em 05 de março deste período, é fundada a Sociedade Gondoleiros no populoso Bairro São João, em Porto Alegre. Além da bocha, a sociedade desenvolveu outros esportes como o Tênis, bolão, judô, futebol de salão e patinagem (Licht, 1992). Os fundadores foram: “Oscar Hampe, Francisco Düring, Oscar Ansolch, Antonio Brayer, Walter Sperb, Domingos Vergona, José Sanguineti, José Viana, Antonio Genta, Alfredo da Fonseca, Alberto Marques, Ulysses Pinto, André Rumi, Américo Telini, Manoel Silveira, José Manganelli, Hermenegildo Silveira, Carlos Jostes, Luiz de Batim, Emilio da Silva Pinto, Leonel Candido, Jacob Ferrantino, Salvador Vigna, Oriovaldo de Oliveira, Hostiano Gomes, Sebastião Vargas, Antonio Soares da Fonseca, Hugo Garcia, Caetano Garrafiel e Ataliba Cunha” (Daudt, 1952: 111).

1927 Em 06 de dezembro, é fundada a Sociedade União Vila Nova pelos imigrantes italianos e seus descendentes, no Parque Monteggia Vila Nova, em Porto Alegre. Os esportes principais eram a Bocha e o Futebol (Amaro Júnior, 1942).

Década de 1930 Neste período, o Jogo da Bocha foi trazido para a América do Sul como um esporte institucionalizado, com base inicial na Argentina, Paraguai e Uruguai, sendo oficializada com a fundação da Federação Argentina de Bochas. Conforme De Boni (1994: 99), no período compreendido entre 1875-1935, aproximadamente 1,5 milhões de italianos entraram no Brasil e cerca de 100 mil instalaram-se no Rio Grande do Sul. Neste estado, o Jogo da Bocha expandiu-se, sendo fundadas as seguintes associações especializadas em Porto Alegre: Club de Bocia Caminho do Meio (Club Sportivo Caminho do Meio), em 02/12/1930 (sede na Rua São Manoel nº 556); Círculo Operário Ferroviário do Rio Grande do Sul, em 22/9/1937 (sede na Avenida Farrapos nº 146, sala 44); Club de Bocias Central, em 02/02/1938 (localizado inicialmente na Rua Beiruth com a Travessa Simão Kappel, depois mudou para a Travessa São José nº 430, no Bairro Navegantes, em Porto Alegre), cujos fundadores foram José Groff; Tenente Nicacio Gomes; Julio Lima; Tenente João Amaral; Bruno Swoboda (Brasil, 1977: 364). No final da década, a maioria das “Società Italiana” encerrou suas atividades sociais, culturais, filantrópicas e esportivas ou foram encampadas por outras associações desportivas, em razão da chamada Lei da Nacionalização – Decreto-Lei nº 868 de 18/11/1938 (Licht, 1992). A prática do Jogo da Bocha sofreu um forte impacto, tendo em vista o controle do governo exercido sobre as associações esportivas.

Rafa – played only in Brazil. According to the Confederação Brasileira de Bocha e Bolão (Brazilian Confederation of Bocce and German Bowling/Tenpins), Brazil has 10 affiliated federations, which include 78 leagues and 620 registered clubs. Besides, bocce is also played in a number of other clubs all over Brazil, especially in the states of MG, SP, PR, SC, RJ, MS and particularly in RS. The RS athletes got the third position in the Campeonato Mundial de Seleções (World Championship of National Teams) in 2003 in Switzerland, in which 20 countries participated.

Década de 1940 No Brasil, este jogo foi reconhecido como esporte pela Confederação Brasileira de Desportos-CBD, em 1943. Foi então fundada a Confederação Sul-Americana de Bocha, e organizado o I Campeonato Sul-Americano Masculino em Buenos Aires, na Argentina, em 1944. Além da Argentina, participaram representantes do Paraguai e Uruguai. O Brasil não participou porque ainda não era filiado (Ampessan, 2000). A primeira entidade municipal do Estado do Rio Grande do Sul, a Associação Porto Alegrense de Bocha, cujo primeiro presidente foi Anselmo Manzoli Filho, foi organizada em 09/04/1942. Esta entidade extingui-se dois anos depois (04/04/1944) e, na mesma data, foi criada a Federação Rio-Grandense de Bocha, em cumprimento ao Decreto-Lei nº 3.199/1941 (ato que organizou o esporte brasileiro). As associações fundadoras foram: Grêmio Esportivo Teresópolis de Bocha, Clube de Bocha Central, Sociedade União Vila Nova, Esporte Clube São José, Grêmio Esportivo Renner, Ipiranga Futebol Clube, Grêmio Esportivo Gaúcho, Associação Desportiva Inca, Sociedade Gondoleiros, Clube Esportivo Caminho do Meio. A primeira diretoria da Federação foi composta por: “Antonio Joaquim Mesquita (presidente), João Eugênio Hausssen (vice-presidente), Atílio José Rapone (2º vice-presidente), Hugo Schmith (secretário geral), Valdemar Aita (secretário adjunto), Oswaldo Dias da Costa (tesoureiro), Alcibiades Ferreira bastos (tesoureiro), Oldrado Ramos, Alberto Montego e Euribiades Gomes (membros do Conselho Fiscal)” (Daudt, 1952: 187).

A Federação Rio-Grandense de Bocha promoveu vários campeonatos em Porto Alegre. No I Campeonato de Bocha de Porto Alegre, realizado em 1944, participaram dez clubes: Clube Esportivo Caminho do Meio, Clube de Bochas Central, Clube Bochófilo Navegantes, Sociedade Gondoleiros, Esporte Clube Ipiranga, Sociedade União Vila Nova, Grêmio Esportivo Bento Gonçalves, Clube Independente e Clube Teresópolis. Sagrou-se campeão o Clube de Bocha Central, vice-campeão, o Clube Esportivo Caminho do Meio e em terceiro lugar, o Grêmio Esportivo Renner. O I Campeonato Estadual de Bocha foi realizado em 1945, em Porto Alegre, no qual sagrou-se campeão, o Clube de Bocha Central e vice-campeão, a Sociedade Caxiense de Bochas. Neste ano, foi fundado o Clube Bochófilo Navegantes (01/11/1945), em Porto Alegre. Em 1946, o campeão e vice-campeão do Campeonato Estadual de Bocha foram, respectivamente, Clube Esportivo Caminho do Meio e Sociedade Caxiense de Bocha. Participaram do Campeonato Estadual as seguintes associações: Grêmio Esportivo Mauá (Bento Gonçalves), Clube Esportivo Caminho do Meio (Porto Alegre) e Sociedade Caxiense de Bocha (Caxias do Sul), que até 1952 era a única associação de Bocha filiada à Federação. Além de conquistar o Campeonato Estadual, o Clube Esportivo Caminho do Meio de Porto Alegre, conquistou o tricampeonato de Bocha no Campeonato de Porto Alegre. No Campeonato Estadual realizado em 1947, a Sociedade Caxiense de Bochas foi campeã e o Clube Esportivo Caminho do Meio foi vice-campeão. Em 15/02/1948 foi fundada em Porto Alegre a Sociedade de Bocha Rio Branco. A década de 1940 apresenta a maior frequência de reportagens sobre a Bocha, nos principais jornais porto-alegrenses, em relação às décadas de 1950 e 1960 (Silva, 1997: 68).

Década de 1950 O Brasil se filiou à Confederação Sul-Americana de Bochas, participando do IV Campeonato realizado na Argentina por esta entidade, em 1950. Até então, nos jogos brasileiros a regra praticada era o “ponto” e “bota”. A partir da filiação foram adotadas as regras oficiais, permanecendo as regras não oficiais

somente em jogos de caráter recreativo. Em 1951 foi realizado o I Campeonato Mundial Masculino de Bocha, em Gênova (Itália), mas o Brasil não participou. No ano seguinte a CDB promoveu o V Campeonato Sul-Americano, em São Paulo. Em 1957, o Brasil participou do II Campeonato Mundial de Bocha, realizado em Montevidéu (Uruguai). No Rio Grande do Sul, assumiu o novo presidente na Federação Rio-Grandense de Bocha, Oswaldo Rosa da Costa, em 1951. Em 1952, assumiu a presidência da Federação Rio-Grandense de Bocha, Potiguara Freire, que permaneceu até 1962. No período de 1953 a 1959, foram criadas várias ligas de Bocha no interior do Rio Grande do Sul: Liga Santanense de Bochas (Santana do Livramento, 07/09/1953), Liga Caxiense de Bocha (Caxias do Sul, 14/12/1959), Liga Santamariense de Bocha (Santa Maria, 31/03/1959). Também surgiram algumas sociedades no interior do Estado: Sociedade Bochófila Pratense (Nova Prata, 24/06/1952) e Sociedade Bochófila Rio Branco (Nova Prata, 01/03/1959). Em Porto Alegre eram realizados campeonatos com a participação das equipes locais como: Grêmio Esportivo Renner, Neugebauer e Zivi (Macchi Jr, 1955: 36).

Década de 1960 No Brasil, foi realizado o I Campeonato Brasileiro Masculino de Bocha, em 1964, na cidade de São Paulo, com a participação do Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Sagrou-se campeão o Estado do Rio Grande do Sul, e São Paulo foi vice-campeão. Em 1966, teve início a participação feminina na prática deste esporte, culminando na criação de um departamento feminino pela Federação Paulista e a realização do I Torneio Misto de Bocha. Em 1968 foi realizado o II Campeonato Brasileiro de Bocha. No Rio Grande do Sul, a presidência da Federação Rio-Grandense de Bocha foi ocupada por Antenor Lopes dos Reis, em 1963. O ex-presidente Oswaldo Rosa da Costa retornou para ocupar a presidência no período de 1964 a 1966. No ano de 1967, assumiu a presidência Pery Soares de Souza.

Foram organizadas novas associações de Bocha nas praças e centros de comunidade de Porto Alegre: Associação dos Moradores da Vila Elizabete e Parque – AMVER, em 1962; Associação dos Moradores e Amigos da Vila Jardim – Vila Jardim, em 1962; e Associação Jardim Barão do Cahy – Barão do Cahy, em 1969. Neste último ano, no Estado do Rio Grande do Sul havia 7.563 desportistas praticantes de Bocha, sendo 7.403 do sexo masculino e 209 “menores”, em 1969 (DaCosta, 1971: 209).

Década de 1970 No Brasil foi realizado o III Campeonato Brasileiro de Bocha, em 1971 e no ano seguinte o IV Campeonato Brasileiro. Em 1975, as regras não oficiais, ainda amplamente utilizadas, geraram a modalidade “Pontobol”, “Rafa” ou jogo livre, sendo então implantada oficialmente pela Confederação Brasileira de Desportos - CBD. No Brasil, esta modalidade é praticada apenas nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em 1978, o Brasil conquistou o título de campeão sul-americano. No ano seguinte, a Confederação Brasileira de Desportos deixou de dirigir os esportes não olímpicos, sendo criada em sua substituição a Confederação Brasileira de Desportos Terrestres-CBDT. No Rio Grande do Sul, em 1971, assumiu a presidência da Federação Rio-Grandense de Bocha, Edgar Christmann. Neste mesmo ano, a Associação Leopoldina Juvenil, uma sociedade fundada pelos imigrantes alemães, inaugurou suas canchas oficiais de Bocha.

O ex-presidente da Federação Rio-Grandense de Bocha, Pery Soares de Souza voltou a ocupar a presidência em 1972. Seu intenso trabalho junto a esta Federação rendeu-lhe o título de patrono da Bocha do Rio Grande do Sul. Em 1974, Edgar Christmann, novamente ocupou o cargo de presidente (até 1978). Foram organizadas novas ligas de Bocha no interior do Estado: Liga Passofundense de Bochas (Passo Fundo, 26/02/1972), Liga Alegretense de Bocha (Alegrete, 22/07/1974), Clube de Bochas Avenida (Carlos Barbosa, 01/10/1975). O Primeiro Campeonato Estadual Juvenil de Bocha de Porto Alegre, cujo campeão foi o Clube Independente e vice-campeão, o Clube de Atiradores Santamariense foi realizado em 1977. Foram fundadas várias associações de Bocha pelas comunidades de Porto Alegre: Centro Comunitário – COINMA (1971); Associação dos Moradores Passo da Mangueira – AMVIPAM (1971); Associação dos Servidores DEMHAB – Departamento Municipal de Habitação (1972); Associação dos Moradores de Conjunto Residencial – Protásio Alves (1972); Recanto da Velha Guarda em 28/12/1976 (atual Sociedade Esportiva Recanto da Alegria – SOERAL); Associação

Comunitária Parque dos Maias – Parque dos Maias (1978) (dados fornecidos pela SME/PMPA, 2003).

Década de 1980 Neste período, no Rio Grande do Sul, a Federação de Bocha, possuía 191 clubes filiados por intermédio das ligas, 16 clubes de Porto Alegre diretamente filiados, e 85 clubes do interior filiados, totalizando 292 clubes filiados e a inscrição de 12.580 atletas.

As mulheres participaram pela primeira vez, oficialmente, do Jogo da Bocha em caráter de demonstração visando sua participação nos campeonatos, em 1983. O I campeonato Sul-Americano Feminino de Bocha, aconteceu em São Caetano do Sul (São Paulo), em 1987. Também foi realizado neste ano o I Campeonato Brasileiro Feminino de Bocha, com a participação de cinco Estados: Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Santa Catarina, sendo vencedora a equipe de São Paulo. Em Porto Alegre foi realizado o I Campeonato Feminino de Bocha, em 1988, cuja classificação foi Glória Tênis Clube (1º lugar), AMVIPAM (2º lugar), CTG Tiaraju (3º lugar), Rio Branco e Progresso (4º lugar). A primeira tentativa para transformar a Bocha em esporte olímpico ocorreu durante a realização do Campeonato Mundial na Itália, em 1989. Os dirigentes esportivos da Confederação Brasileira de Desportos Terrestres (atual Confederação de Bocha e Bolão), Nelson Nogarolli (presidente), e Adão Gomes dos Santos (vice-presidente) participaram do encontro com dirigentes europeus para discutir o assunto. Com o falecimento do vice-presidente e o pedido de demissão do presidente da CBDT, as propostas não foram encaminhadas (Ampessan, 2000).

Década de 1990 Foi instalada a Confederação Brasileira de Bocha e Bolão, cujo primeiro presidente foi Victorio Pellicari, em 4/5/1991. Em 1992, foi criada a Confederação Paulista de Bocha, com sede em São Paulo, que passa então a ser responsável pela administração e organização dos eventos, em 1992. Realizado o Campeonato Mundial de Bocha, na cidade de Garibaldi (Rio Grande do Sul), em 1998, no qual o Brasil conquistou o primeiro lugar. Neste mesmo ano aconteceu o Campeonato Mundial de Seleções em Erechim (Rio Grande do Sul) como também o Primeiro Campeonato Brasileiro de Bocha Rafa.

Este período foi um marco para a Federação Rio Grandense de Bocha, que contabilizou aproximadamente 40 ligas, 310 clubes e 11.600 atletas filiados, sendo 10.000 homens e 1.600 mulheres, sem contabilizar os praticantes de cancha de rua (Achilles Ampessan, entrevista em 11/11/2003). As cidades onde a bocha se destacou foram Santa Maria, que tinha a maior liga de clubes, São Sepé, Uruguaiana e Alegrete. Nos Jogos Intermunicipais do Rio Grande do Sul (JIRGS), as competições de bocha (categoria masculino e feminino) integraram a programação em 1991 (Licht, 1992). Em 1992, foi fundada em Porto Alegre a Società Taliana Massolin di Fiori, visando promover a prática do Jogo da Bocha, além do ensino da língua italiana e outros aspectos desta cultura.

A Associação Leopoldina Juvenil construiu uma segunda cancha de Bocha e “instalações propícias para a realização de campeonatos com a participação de equipes visitantes, em 1996. Jantares ou churrascos a moda gaúcha, costumam encerrar as disputas” (Teixeira, 2001: 94). As quatro equipes oficiais da Sociedade são: Coringa, Faisca, Veteranos e Amizade. O Jogo da Bocha expandiu-se nos centros de comunidade e praças de Porto Alegre: Associação Esportiva Bochófila Chácara das Pedras – Chácara das Pedras (1990); Centro Comunitário Parque Madepinho – CECOPAM (1991); Centro Esportivo Recreativo Correio do Povo – CERCOP (1992); Departamento de Bocha da Praça Piratini – Piratini (1992); Liga de Bocha – INTERCAP (1992); e Associação de Bom Jesus – Bom Jesus (1994); Associação Cristo Redentor – ASSERCRIR (1996).

2000-2002 O Estado do Rio Grande do Sul totalizava, aproximadamente, 25 ligas de Bocha, 190 clubes filiados e 6.000 atletas, em 2000. A queda de clubes filiados e ligas em relação à década anterior foi justificada em razão do empobrecimento dos clubes (Telmo Bonatto Tonhi, entrevista em 06/11/2003). Os municípios do Rio Grande do Sul com número expressivo de atletas eram: Porto Alegre: 995 atletas, sendo 819 do sexo masculino (M) e 176 do sexo feminino (F); Santa Maria: 631 atletas, sendo 510 M e 121 F; Garibaldi: 469 atletas M; Caxias do Sul: 277 atletas, sendo 225 M e 52 F; Cachoeira do Sul: 268 atletas, sendo 198 M e 70 F; Sobradinho: 268 atletas, sendo 263 M e 5 F; São Borja: 266 atletas, sendo 190 M e 76 F; Nova Prata: 245 atletas M; Veranópolis: 198 atletas M; Faxinal do Soturno: 175 atletas, sendo 159 M e 16 F;

Passo Fundo: 148 atletas, sendo 93 M e 55 F; Erechim: 132 atletas, sendo 107 M e 25 F (Ampessan, 2000: 17). A tradição do jogo da Bocha no Estado foi um dos fatores que influenciou a realização do Campeonato Mundial de Seleções na cidade de Garibaldi. Do total de 16 campeonatos brasileiros de bocha realizados até o ano 2000, o Rio Grande do Sul é o Estado com maior número de vitórias (8) seguido de São Paulo (5) e Santa Catarina (3). O Estado do Rio Grande do Sul foi sede do Campeonato Mundial de Seleções em 2002, realizado na cidade de Venâncio Aires. No mesmo ano, foi realizado o Campeonato Mundial de Clubes de Bocha na cidade de Passo Fundo (RS), com a participação de 12 países.

A Federação Rio-Grandense de Bocha, desde 2001, publica, quinzenalmente, “O Bolim”, um boletim organizado por Achilles Ampessan que informa “tudo sobre a bocha” (entrevista com atletas, carnês dos campeonatos porto-alegrenses, torneios e campeonatos realizados no Estado e país, dados históricos sobre o Jogo da Bocha e textos sobre saúde, ambiente, educação, entre outros temas). Em 2002, foi organizada a Associação de Bocha Chico Mendes, no Parque Chico Mendes em Porto Alegre.

Situação Atual Oficialmente, existem no mundo, quatro modalidades deste jogo, a saber: Zerbin – reconhecido pela Federation Internationale de Boules; Punto-Rafa-Vollo – Confederação Boccistica Internazionale; Sul-Americana – Confederação Sul-Americana de Bochas e; Bocha-Rafa – praticada apenas no Brasil. Neste país, segundo a Confederação Brasileira de Bocha e Bolão, existem 10 Federações filiadas. Somando-se todas as Federações têm-se aproximadamente 78 ligas e um número estimado de 620 clubes cadastrados nas Federações. Há ainda informação de um número expressivo de clubes onde o Jogo da Bocha é praticado, porém sem registros nas Federações. No Brasil a Bocha é praticada nos estados de Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Mato Grosso do Sul tanto na versão comunitária de lazer como na esportiva.

A Federação Rio-Grandense de Bocha é considerada a maior federação de esporte amador do país em razão do expressivo número de clubes organizados com sede própria e estatuto (Walques Batista dos Santos, entrevista em 06/11/2003). Em 2003, os atletas gaúchos, representando a Confederação Brasileira de Bocha e Bolão, participaram do Campeonato Mundial de Seleções realizado na Suíça, no qual o Brasil obteve o 3º lugar entre 20 países participantes. De acordo com Ampessan (2000), as competições realizadas nos países sul-americanos seguem regulamentos diferenciados dos países europeus, sendo que esta falta de uniformidade é um dos fatores que impede a transformação da Bocha em um esporte olímpico. A Federação Rio-Grandense de Bocha e a Federação Bochófila Paulista, juntamente com dirigentes da Confederação Brasileira de Bocha e Bolão estão retomando o debate a respeito da inclusão do esporte da Bocha nos Jogos Olímpicos.

No mês de janeiro, a Federação Rio-Grandense de Bocha promove os campeonatos de bocha nas praias. Tradicionalmente, em Capão da Canoa é realizado o Campeonato Praiano de Bocha e na praia de Rainha do Mar o Campeonato Praiano de Veteranos (O Bolim, nº 35, 10/12/2003, p. 2). Além dos clubes, a Bocha é praticada em canchas públicas localizadas, especialmente nas praças e parques de Porto Alegre. Por exemplo, no Parque Moinhos de Vento, Parque Marinha do Brasil, Parque Harmonia, Parque Farroupilha (Redenção), na Vila do IAPI. Nas canchas localizadas no Parque da Redenção, no local denominado Recanto da Alegria, a frequência de jogadores em alguns dias ultrapassa os 150 competidores, que tem idade superior a 40 anos de idade (Steiger, 1987). A Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer (SME) de Porto Alegre promove, anualmente, campeonatos de Bocha dirigidos às associações de Bocha que possuem canchas naturais e canchas sintéticas. O Campeonato de Bocha realizado em 2003 contou com a participação de nove associações com canchas naturais, cada uma representada por 24 atletas, totalizando a participação de 216 atletas.

No campeonato de Bocha em canchas sintéticas participaram 14 associações, totalizando 444 atletas, a saber: Associação dos Moradores da Vila Elizabete e Parque – AMVER, com 90 associados (sede na Avenida 21 de Abril, 792 – Sarandi); Associação dos Moradores e Amigos da Vila Jardim – Vila Jardim, com 50 associados (sede na Avenida Saturnino de Brito, 1350, Vila Jardim); Associação Jardim Barão do Cahy – Barão do Cahy, com 70 associados (sede na Rua Ari Barroso, 855); Associação dos

Moradores Passo da Mangueira – AMVIPAM, com 110 associados (sede na Rua João Luderitz, 285 – Passo D'Areia); Centro Comunitário – COINMA, com 25 associados (sede na Rua República do Peru, 380); Associação dos Servidores DEMHAB – Departamento Municipal de Habitação, com 18 associados (sede na Rua Conde D'Eu, 1057 – Santana); Sociedade Esportiva Recanto da Alegria – SOERAL, com 130 associados (sede na Rua José Bonifácio, s/nº – Parque Redenção); Associação Comunitária dos Moradores do Bairro Anchieta – ACOMBA, com 30 associados (sede na Avenida Jaime Vignoli, 85); Associação dos Profissionais em Telecomunicação e Tecnologia da Informação – ASTTI, com 80 associados (sede no Beco Souza Costa, 750 – Jardim Ipu); Associação dos Amigos da Praça Franck Long – Franck Long, com 80 associados (sede na Avenida Grécia, 707 – Passo D' Areia); Associação de Bocha Marechal Mesquita – Marechal Mesquita, com 45 associados (sede na Rua Carlos Ferreira, 160, Teresópolis); Associação Esportiva Bochófila Chácara das Pedras na Chácara das Pedras, com 60 associados (sede na Avenida Teixeira Mendes, 830); Liga de Bocha – INTERCAP, com 50 associados (sede na Rua Doutor Fernando Ortiz Schneider); Departamento de Bocha da Praça Piratini – Piratini, com 65 associados (sede na Praça Piratini); Associação Cristo Redentor – ASSERCRIR, com 60 associados (sede na Rua Sapé, 800) (dados fornecidos pela SME/PMPA, 2003).

Fontes

Almanaque Correio do Povo (1976). Porto Alegre: Cia Jornalística Caldas Júnior.

Alvarás de Funcionamento dos clubes. (2000). Conselho Regional de Desportos. Rio Grande do Sul.

Amaro Jr. (1942). *Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul*. 1º ano. Porto Alegre: Tipografia Esperança.

_____, Jr. (1949). *Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul*. 8º ano. Porto Alegre: Tipografia Thurmann.

Ampessan, Achilles (1995). *Tudo sobre o esporte da bocha*. Porto Alegre: FRGB. _____, Achilles (2000). *Tudo sobre o esporte da bocha*. Ed. Atualizada. Porto Alegre: FRGB.

_____, Achilles. O Bolim, nº 35, 10/12/2003; Brasil. Conselho Nacional de Desportos. (1977). Catálogo de Entidades Desportivas 1976. Rio de Janeiro.

Constantino, Nuncia. (1994). Ítalo-gaúchos: imigrantes na cidade e identidade étnica. In: *Diversidade Étnica e Identidade Gaúcha*. Documentos nº 5. Santa Cruz do Sul: Editora UNISC.

Cordeiro, Moacir. (1994). *Bocha – esporte que faz amigos*. São Paulo, S/E.

DaCosta, Lamartine. (1971). *Diagnóstico de educação física/ desportos no Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Fundação Nacional de Material Escolar.

Daudt, José. (1952). *Brasileiros de Cabelos Loiros e Olhos Azuis*. Porto Alegre: Gráfica Editora Catos LTDA.

De Rose, Regina. (1996). *A Influência da Imigração Italiana no Desenvolvimento do Esporte no Estado do Rio Grande do Sul*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano/ UFRGS.

Lenzi, Rafael. (1981). *Bocha – esporte olímpico?* Nova Prata, RS: Edição do autor.

Licht, Henrique. (1992). *A História da Bocha*. Porto Alegre: CORAG.

Prefeitura Municipal de Porto Alegre – PMPA (2003). Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer (SME). *Gerência de*

Eventos. Tabela de Dados das Associações de Bocha (canchas naturais e sintéticas). Porto Alegre.

Macchi Jr., Antonio. Esporte Amadorcita. Bocha. Boletim Renner. Porto Alegre. Ano 11, nº 122, outubro de 1955.

Nasário, Júlio. (2002). *Bocha – um pouco sobre um grande jogo*. 2ª ed. Blumenau: Nova Letra Gráfica e Editora.

Silva, Haike. (1997). *SOGIPA: uma trajetória de 130 anos*. (Publicação Comemorativa). Porto Alegre: Gráfica Editora Palloti, Editores Associados Ltda.

Steiger, Roger. (1987). *O emocionante e espetacular esporte da bocha*. 2ª ed. Porto Alegre: Pallotti.

Entrevistas

Achilles Ampessan. Diretor técnico da Confederação Sul-Americana de Bochas e árbitro da Confederação Brasileira de Bochas (1988-1990). Dirigente da Federação Rio-Grandense de Bocha (1980-2002). Entrevistas realizadas em 11/11/2003 e 09/12/2003. Porto Alegre-RS. Telmo Bonatto Tonhi. Secretário e Tesoureiro da Federação de Bocha do Rio Grande do Sul. Entrevista realizada em 06/11/2003. Porto Alegre-RS.

Walques Batista dos Santos. Presidente da Confederação Brasileira de Bocha e Bolão e vice-presidente da Confederação Sul-Americana de Bocha e Bolão. Entrevista realizada em 06/11/2003. Porto Alegre-RS.

Internet

www.fpbb.com.br/Historia.htm

www.santamariatur.com.br/gtaucho/jogos7.htm

www.vialsboasconsultoria.com.br/esporte/bocha.htm

Área do Brasil em que a bocha é um jogo comunitário e cultural Area in Brazil where bocce is a cultural and community game



Pesca

JORGE B. FABRI

Fishing

Recreational and sports fishing in Brazil have their historical origins in chronicles written by Jesuit priests in the 16th century, which suggested that fishing for Native Brazilians was a 'game of skills'. The combination of food production and sports practice still happens in fishing today whenever it is not related to industrial activity. That is why the expression 'amateur fishing' is current in many countries. This chapter displays the definitions of the International Game Fishing Association – IGFA. For this institution not only game fish species and related food fish but also their habitats represent economic, social, recreational and esthetic assets. Brazil has been

Origens Quando o ser humano apareceu sobre a face da Terra, o primeiro estágio para a satisfação de suas necessidades alimentares parece ter sido o extrativismo vegetal. Ignorando qualquer técnica de plantio, a colheita do fruto de árvores nativas foi o primeiro passo da cadeia alimentar dos humanos. Provavelmente pela redução alimentar nas áreas que o circundavam, de onde extraía seu alimento, é possível que o segundo estágio nesta cadeia tenha sido a caça, ou seja, o homem passou a ter de buscar o alimento em locais nem sempre a seu alcance, no local em que vivia. Diante da dificuldade para prender e para abater os animais dos quais precisava alimentar-se, o homem desenvolveu as armas rudimentares e as armadilhas que lhe proporcionariam a possibilidade de obter proteína animal. Possivelmente o terceiro estágio foi a pesca, a partir da observação das técnicas desenvolvidas por alguns animais que retiravam seu alimento do meio líquido, como os ursos, algumas espécies de lobos e algumas aves. Talvez, a observação destes animais ingerindo peixes tenha mostrado que os mesmos eram alimentos saudáveis. Ante a impossibilidade de capturar o pescado com suas próprias mãos, viu-se obrigado a desenvolver meios para agregar mais um elemento à sua cadeia alimentar, retirando-o do meio líquido: inicialmente capturando peixes retidos após a vazante de rios e lagos, depois as figsas, os “currais” elaborados a partir do entrelaçamento de galhos de árvores, dentre outros, até chegar aos anzóis primitivos confeccionados em madeira ou pedra. Algumas ilustrações sobre materiais encontrados em escavações arqueológicas em sítios habitados pelos fenícios revelam a utilização de formas rudimentares de anzóis. Registros indicam a utilização do caniço 2000 anos antes da era cristã e mais recentemente a Bíblia, em diversas de suas passagens, trata da questão da pesca já mediante a utilização de redes. Pode-se então assumir que os materiais encontrados hoje são uma simples evolução daqueles utilizados pelo homem primitivo: a figsa talvez tenha se transformado no arpão, desde o utilizado pelo caçador submarino ao dos grandes navios baleeiros; as malhas de cipó nas redes de nylon, assim como a técnica para construção dos currais, que do entrelaçamento de galhos de árvores transformaram-se nas malhas das grandes redes de cerco.

Definições O espírito lúdico e competitivo do ser humano transformou boa parte de suas atividades cotidianas em modalidades esportivas, e a pesca não foi exceção. Para o caso do Brasil, Inezil Penna Marinho em seu clássico livro de 1952, “História da Educação Física no Brasil”, ao dar fundamentação à prática esportiva no país, abriu a seguinte interpretação: “O arco e a flecha eram os principais instrumentos de que nossos índios se valiam para a caça, pesca e combates à distância”. E citando crônica do século XVI, atribuída ao padre jesuíta Simão de Vasconcelos, transcreve uma menção aos índios brasileiros que “nas pescarias usam da flecha, com que atravessam o peixe, que vai nadando, com arte extremada” (p. 8, da Edição Brasil Editora, SP, s/data). Esta combinação de produção de alimento e prática de destreza – ou esporte recreativo - ainda acontece na pesca dos dias presentes quando não se trata de atividade industrial, variando a prevalência de um ou de outro objetivo de acordo com inclinações individuais e circunstâncias culturais e econômicas dos pescadores. Por isso é corrente em muitos países a expressão “pesca amadora” pela qual se traduz a prevalência esportiva. A partir deste nexo, têm surgido as definições recentes da pesca como esporte, as quais geralmente são encontradas nas propostas públicas das organizações internacionais relacionadas a esta modalidade. A *Internacional Game Fishing Association* – IGFA, por exemplo, atuante na área de

using the criteria of Confédération Internationale de la Pêche Sportive (International Sports Fishing Confederation – CIPS) for competitive fishing. These criteria are followed nationwide by the Confederação Brasileira de Pesca e Desportos Subaquáticos (Brazilian Fishing and Underwater Sports Confederation -CBPDS). Although fishing is an ancient cultural manifestation, Brazilian fishing had its first clubs and competitions organized as of the 1930s. Brazil became a member of IGFA in 1945 and today 8 out of the 300 international IGFA advisers (scientists and sports people who have been prominent in fishing) are Brazilian. Fishing and

pesca de águas profundas e com antigos vínculos no Brasil, adota o conceito de “que as espécies de peixes de prática esportiva (*game fish species*) e de uso alimentar (*related food fish*), juntamente com seus *habitats* são patrimônio econômico, social, recreativo e estético, e como tal devem ser conservados e sabiamente perpetuados”. A esta premissa a IGFA faz o seguinte adendo: “A pesca esportiva de caniço, molinete e linha (*angling*) é uma importante atividade recreativa, econômica e social para a qual o público deve se educado para a adoção de modo consistente de práticas esportivas e de conservação” (www.igfa.org, 2004).

Outra definição típica da pesca esportiva prende-se aos locais de prática, a saber: pesca em mar azul, a partir de 16 milhas náuticas da costa; em mar aberto, até 16 milhas náuticas da costa; em águas confinadas (baías); em águas interiores (rios, lagos, lagoas e represas); e atualmente em expansão, a pesca em pesqueiros artificiais (Universidade da Pesca, 2004). A combinação das duas abordagens – objetivo e localização – leva naturalmente ao método de prática que define finalmente as áreas de atuação de entidades internacionais hoje existentes. Assim, a citada IGFA abriga a pesca das águas azuis e de mar aberto com equipamento próprio para peixes de grande porte (embarcações a motor, molinetes de apoio etc), enquanto a *Confédération Internationale de la Pêche Sportive*-CIPS atua em quatro vertentes da pesca, cada uma com uma federação internacional correspondente: a pesca esportiva em água doce (*Fédération de la Peche Sportive em Eau Douce*-FIPS/ED); a pesca esportiva com iscas artificiais (*Fédération de la Pêche Sportive à la Mouche*-FIPS/MOUCHE); e a pesca esportiva em mar (*Fédération de la Pêche Sportive em Mer*-FIPS/MER) e do lançamento (*Fédération Sportive du Lancer*-FISL). No plano das federações nacionais vinculadas à FIPS – um total de 110 em 54 países, em 2003 – há variadas formas de organização e de gestão das quatro vertentes mas na maioria dos casos, apenas uma entidade atende às diferentes modalidades em cada nação. E, nestas condições, cada país tem uma organização esportiva da pesca de acordo com suas tradições. No Brasil, as vertentes mais tradicionais e voltadas para a feição esportiva são a pesca de lançamento (descrição em Box adiante) e a pesca de águas azuis. Por sua vez, a pesca esportiva e de manutenção alimentar tanto de mar (‘de praia” ou ‘de água salgada’, como é corrente no Brasil) como de água doce, é a mais popular e até mesmo cultural, refletindo costumes enraizados historicamente, como a pesca indígena de natureza agônica. A vertente restante de definição internacional isto é, a de iscas artificiais ou “de mosca” (*fly fishing*) só recentemente tem se expandido no país.

Tais classificações da pesca esportiva sofrem contudo variações segundo cada país e até mesmo instituições singulares do setor, em face a que são de coerência geral para permitir adaptações específicas. No Brasil, por exemplo, a Federação Paulista de Pesca e Lançamento, adota a classificação: Pesca de Praia, Pesca de Costão, Pesca em Molhes, Pesca Embarcada em Mar Aberto, Pesca Oceânica, Pesca de Barranco e Embarcada em Águas Interiores (Rios, Lagos, Represas, etc.) e Pescas Especializadas (Pesca do Robalo, Pesca do Dourado, etc.). Já o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis-IBAMA segue uma variante que propõe as modalidades de Arremesso, Corrico, Barranco, Mosca, Praia e Rodada. Em que pese o seu valor na cultura nacional, a abordagem esportiva da pesca no Brasil teve suas iniciativas de organização formal somente a partir dos anos

casting are a favorite discipline in Brazil and ocean fishing is the one that has the most impact on development and international relations. Fishing as sports tourism has led the expansion of the sector since the early 1990s. The largest world fishing festival today takes place in Cáceres-MT. It is estimated that Brazil has 25 million occasional recreational fishing people, who buy from 350 industries and 1,300 stores devoted to the fishing business. Tourism included, fishing generates 35,000 direct and 250,000 indirect jobs. Fishing has had such impact on tourism business that the Amazon today has 162 hotel boats and Pantanal, 215 (data from 2002).

de 1930, em Porto Alegre-RS e Santos-SP como se pode acompanhar a seguir.

1637 – 1644 Este período marca a existência do chamado “Brasil holandês”, ou seja, a fase de ocupação de parte do nordeste brasileiro pelos holandeses liderados pelo Príncipe Maurício de Nassau. Com os invasores vieram artistas e homens de ciências que retrataram e descreveram o novo país, de natureza desconhecida aos europeus. Entre os variados legados descritivos deste acontecimento encontra-se uma aquarela de autor desconhecido retratando um Agulhão Bandeira (*saillfish*), um peixe hoje de pesca sofisticada no mar atlântico brasileiro (Barroso, 2002, pp.128 – 129). Esta pintura é um dos primeiros documentos iconográficos da pesca e do esporte brasileiro, por ser expressão de curiosidade e de valorização de olhar externo a uma presa do mar de significado cultural que ultrapassa o sentido de busca de alimentos.

1653 Uma das publicações mais antigas que se tem notícia sobre a pesca, se não a mais antiga, é *The Complete Angler* (O pescador completo) que data deste ano e cuja autoria deve-se a Izaak Walton da cidade de Stafford, Inglaterra.

Século XIX Entre as práticas mais comuns de lazer da cidade de São Paulo no início deste século registram-se o “banho nos numerosos córregos da cidade, a caça e a pesca, as cavalhadas e touradas aos domingos e dias santos, as rinhas de galo, corridas de cavalo e os jogos de malha bastante espalhados pelas áreas desocupadas da cidade (citado do capítulo deste Atlas “O Lazer na Cidade de São Paulo.SP”)

Década de 1930 Neste estágio importante do desenvolvimento do país, o IBGE coletou dados sobre práticas esportivas no Brasil e no rol de modalidades selecionadas aparece com destaque a “Pesca e lançamento” (IBGE, 2003). Entretanto, no período não havia uma entidade representativa do esporte da pesca no Brasil, indicando que se tratava de prática esportiva de forma predominante de lazer sem ênfase na competição organizada, e, por consequência, sem administração. Reforçando esta interpretação cumpre citar que logo após a reorganização do esporte brasileiro em 1941 (decreto lei 3199) foram criadas confederações esportivas, entre as quais não constou a da pesca. Em contraste com esta omissão, em 1942 o Governo Federal criou pelo decreto lei 9919 daquele ano, a Confederação de Caça e Tiro, atividade possivelmente menor do que a pesca, mas de competição valorizada. Esta situação somente foi alterada com o aparecimento das primeiras federações de pesca de lançamento nos anos de 1970 e de uma confederação eclética da pesca em 1980 (ver adiante).

1932 A “Planta da Cidade de Porto Alegre - Áreas para Recreação” datada deste ano, incluiu áreas especiais para a pesca ao longo do rio Guaíba juntamente com outros esportes considerados do gosto dos habitantes da capital do RS (ver neste Atlas o capítulo ‘Atividades Esportivas e Lazer em Porto Alegre. RS’). Neste ano, em Santos-SP também aparece o provável primeiro clube de pesca do Brasil, ou melhor “um grêmio que reunia os adeptos da pesca amadora” (ver capítulo “Cluster Esporte e Lazer de Santos”, neste Atlas).

1939 Fundação da IGFA nos EUA, por grandes nomes da pesca esportiva como Michael Lerner, Van Campen Heilner, Clive Firth e Ernest Hemingway, o famoso escritor. Esta entidade desde então é depositária dos records mundiais da pesca esportiva em geral, que hoje inventaria

160 espécies. A IGFA distingue-se das demais organizações esportivas de pesca por seus laços com os museus de história natural em diversos países e seu empenho na preservação das espécies e do meio ambiente natural. Além disso, a IGFA possui 300 associados individuais – esportistas, cientistas, dirigentes de empresas etc. – que servem de propagadores da filosofia da entidade em cada país. O Brasil tem vínculos com a IGFA desde os anos de 1940 (ver adiante) e hoje seus associados brasileiros são: Hélio Barroso, Rio de Janeiro-RJ, Angelo Calmon de Sá, Salvador-BA, Gilberto Fernandes, Manaus-AM, Otacilio José Coser-Filho, Vitória-ES, José Maria Gomez P., Guarapari-ES, Dieter Kelber, São Paulo-SP, Pedro F. de Melo Neto, Natal-RN e Marcos F. Martins Seabra, Aracaju-SE. Estes membros refletem por suas localizações a própria descentralização da pesca de oceano iniciada no RJ nos anos de 1940.

Década de 1940 A introdução da pesca de oceano no Brasil teve início neste período por Raymundo Ottoni de Castro Maya – famoso industrial e colecionador de arte do RJ - e Alberto Proença de Faria, a partir de experiência de ambos no exterior, na Nova Escócia, Canadá, e em Cabo Blanco no Peru. Com base no late Clube do RJ-ICRJ, Castro Maya identificou peixes bicudos em águas brasileiras, mais especificamente a 10 milhas de Cabo Frio (Drummond, 2003). Antes, na mesma década, notícias sobre estes peixes apareceram em Natal-RN, originadas de oficiais da Marinha dos EUA, então lá baseados durante a Segunda Guerra Mundial, tal como ocorreu nos tempos das invasões holandesas do século XVII. Em 1945, o Comodoro Jorge Bhering de Mattos do ICRJ, adotou as regras da IGFA para as competições de pesca oceânica do clube. Segundo registra Drummond (2003), os peixes de bico são originários do Atlântico Sul, Pacífico, Mediterrâneo e Báltico, sendo identificados como Marlins Brancos (*Tetrapturus Albidus / white marlin*), o *Sailfish* ou Agulhão Bandeira (*Istiophorus Platipterus*), Os *Broadbill Swordfish* ou Espadarte (*Xiphias Gladius*) com raras capturas no Brasil, os Marlins Azuis do Atlântico (*Makaira Nigricans / blue marlin*), entre os bicudos, e os Dourados (*Caryphaena Hippus*), os Tarpões, os Wahoos (*Acanthocybiun solandri*). Trazidos pelas correntes originárias do noroeste da África, os marlins azuis, marlins brancos e *sailfish*, chegam à costa brasileira especialmente nos meses de dezembro e janeiro.

1954 Publica-se no Rio de Janeiro-RJ, o livro de Adolpho Shermann, “Os Desportos em Todo o Mundo” (Revista da AABB, RJ, 1954), em dois volumes, com repertório de variadas atividades esportivas do país e entidades correspondentes. A pesca nesta obra, teve apenas um registro: o da IGFA, com uma lista de “recordes mundiais obtidos com caniço e molinete”. Esta outra omissão da existência da pesca esportiva do Brasil sugere mais uma vez um deslocamento de significado da atividade por seu empenho eminentemente recreativo e, por vezes, associado com usufruto alimentar.

1955 Castro Maya, praticante de pólo além de entusiasta da pesca de oceano, lidera a criação, dentro do ICRJ, de um clube de pesca, como também associa este novo clube à IGFA. Como conseqüência, nos anos de 1960 já havia mais de uma dezena de embarcações próprias para a modalidade de pesca oceânica no ICRJ. Neste ano, em Cabo Blanco, Peru, a brasileira Lourdes Proença de Faria, captura um marlin listrado de 68 kg. Posteriormente, na década de 1960, no RJ, destacou-se outra pescadora oceânica que marcou a presença feminina na modalidade: Sylvia Burlamaqui Reis (Drummond, 2003).

1963 Realiza-se o Primeiro Torneio de Pesca de Oceano realizado pelo ICRJ em parceria com o Jornal do Brasil. O torneio foi vencido por três caçadores submarinos – Bruno Hermann, Luiz Correia de Araújo e Luiz Leopoldo Noronha – antecipando uma sinergia entre modalidades hoje preconizada pelas entidades internacionais do esporte.

1967 No Brasil, publica-se a chamada ‘Lei da Pesca’ que estabeleceu princípios de proteção dos meios pesqueiros e de controle de pescadores (cadastro e pagamento de taxa). Esta Lei estabeleceu a obrigatoriedade da Licença de Pesca Amador hoje em vigor no país. Este documento é emitido pelo IBAMA válido em todo território nacional e, uma vez licenciado, o pescador pode pescar em qualquer região do país, não havendo necessidade de pagamento da licença estadual. No entanto, as normas estaduais devem ser respeitadas quando forem mais restritivas do que a norma federal. O limite de cota de captura e transporte federal de pescado por pescador é de 10 kg mais um exemplar para águas continentais e 15 kg mais um exemplar para águas marinhas e

estuarinas. Os pescadores amadores desembarcados que utilizam somente linha de mão ou vara, linha e anzol estão dispensados da licença (Decreto-Lei nº 221/67 e atos normativos posteriores).

1970 Criam-se os Jogos Estudantis Gaúchos pela Divisão de Educação Física-DEF do RS em parceria com a Escola de Educação Física-ESEF da UFRGS, os então existentes Conselhos Municipais de Desportos e federações esportivas gaúchas, incluindo as seguintes modalidades: natação, voleibol, ginástica, xadrez, basquetebol, atletismo, handebol e pesca e lançamento (ver capítulo ‘A Educação Física Escolar no Rio Grande do Sul’, neste Atlas).

A participação do lançamento neste conjunto de opções denota importância da modalidade no estado e a disponibilidade de experiência para a organização de competições.

1971 Neste ano publica-se o Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil, produzido pelo Governo Federal, que listou dados vindos de federações e clubes sobre a pesca e lançamento. Somente duas federações constam do censo: a do estado da Guanabara (hoje, RJ) e a do RS, ambas contabilizadas como de “pesca e lançamento”. Nestas duas foram encontrados 1.083 atletas registrados, isto é, praticantes de competições formais. Mas não houve menção aos praticantes de lazer. No setor ‘clubes’ as informações fornecidas se limitaram a uma vaga classificação de “esportistas” ou praticantes de “pesca amadora” porém sempre relacionados à pesca e lançamento. Neste último caso, contaram-se 933 praticantes no RS; 320 em SC; 500 no PR; 132 em SP; 739 no estado da Guanabara e 150 na cidade do Rio de Janeiro; e, finalmente, 63 no RN (DaCosta, 1971). Este número, embora imprecisos, revelam que ocorriam atividades federadas no país. O fato da federação de SP (ver site na Internet) relacionar também resultados de suas competições estaduais desde meados da década de 1970, confirma a premissa de que neste período o esporte já estava institucionalizado no Brasil. Faltaria, portanto, identificar antecedentes desta organização que aparentemente era rudimentar e distante da pesca recreativa, a modalidade de maiores dimensões desde sempre em qualquer país, não se cogitando da pesca industrial. Do ponto de vista quantitativo, comparando-se os valores do Diagnóstico de 1971 com os atuais relativos ao estado de São Paulo, divulgados pela Federação Paulista de Pesca e Lançamento, já se constata um aumento no grau de institucionalização – e do número de competições, por conseqüência – pois somente esta entidade tem mais de uma centena de clubes filiados e cerca de 2.000 atletas registrados.

1971 - 1974 Em 1972, o late Clube do Rio de Janeiro assume a organização do I Torneio Internacional de Pesca de Oceano, que teve a participação do Equador e da Venezuela, então países líderes da modalidade na América do Sul, por terem águas propícias à pesca oceânica. No ano anterior, o Brasil já se representara em torneio equivalente em Punta Salinas, Equador, e em 1974 houve outra representação nacional no Torneio de Pesca de Oceano de Simon’s Town, África do Sul, com uma equipe do ICRJ composta por Antônio Augusto Monarcha, Alberto Dumortout, Jonas de Mattos e Hélio Barroso.

1973 Fundação do Clube Barracuda de Desportos-CBD, na Urca-RJ, que se tornou um dos mais tradicionais clubes do Brasil dedicados a pesca em geral e celeiro de grandes atletas dos esportes subaquáticos.

1975 Liderados por Hélio Barroso, membros do ICRJ criam um pólo de pesca de oceano em Vitória-ES por ter maior oferta de espécies visadas pela modalidade, sobretudo o marlim branco. O evento de abertura foi o Primeiro Torneio Brasileiro Aberto de Pesca Oceânica, neste ano realizado no Hotel Porto do Sol. Este fato marca a descentralização da pesca oceânica no RJ, que passou a se deslocar para outros pontos da costa nordeste e de SP. Hoje, Vitória é considerada a Capital Mundial do Marlim Branco (ECO, 2002) pois está montada uma estrutura para pescadores visitantes no Yacht Clube do Espírito Santo, que tem como apelo de publicidade dois recordes mundiais batidos no local: marlim branco (82 kg) e marlim azul (636 kg).

1980 Fundação da Confederação Brasileira de Pesca e Desportos Subaquáticos-CBPDS, no Rio de Janeiro, que reuniu federações e clubes de pesca em suas diferentes modalidades existentes no país bem como incorporou a estrutura de ensino e certificação de mergulho e pesca subaquática em jurisdição nacional. Eduardo

Paim Bracony foi o primeiro presidente da nova Confederação, tendo posteriormente participado como dirigente das atividades da CIPS no exterior. Em 2003, a CBPDS possuía 60.000 atletas registrados, total apenas superado no Brasil pelo futsal, voleibol e esportes aquáticos (ver capítulo ‘Cenário Geral’ neste Atlas).

1997 Criação do Programa Nacional de Desenvolvimento da Pesca Amadora-PNDPA que reuniu o Ministério do Esporte e Turismo (hoje somente ‘do Esporte’) e o Ministério do Meio Ambiente com o objetivo de fortalecer a pesca amadora transformando-a num meio de desenvolvimento econômico, pela integração de propósitos relacionados ao “turismo, comércio, indústria, meio ambiente e tradições populares”. Esta abordagem concilia o sentido esportivo com o utilitário e o cultural das tradições brasileiras, associadas à proteção da natureza preconizada pelas instituições internacionais. O PNDPA recebe apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD e conta com a parceria dos estados e municípios onde a pesca amadora tem se desenvolvido ou apresenta potencial para desenvolvimento.

1998 Ano da publicação de Lei 9605 que estabelece condições de proteção para a fauna marinha brasileira, enfatizando limites e controles para pesca amadora.

Década de 1990 Este período caracterizou-se pela expansão da pesca esportiva de turismo no país que já alcançava um total de 150 mil usuários no país em 2003. Como repercussão desta atividade, cresceram os eventos promocionais de pesca em número e tamanho. Outra prática surgida na década foi o “pesque-e-solte”, na qual se devolve o peixe com vida à água onde foi capturado. Esta atividade tornou-se um exemplo de preservação da biodiversidade e se tornou popular sobretudo no interior dos estados de SP e PR. A expansão da fronteira da pesca nacional para a Amazônia é a terceira mudança importante da década, tendo o turismo como vetor de desenvolvimento. A região possui um dos potenciais mais ricos do mundo para a pesca esportiva por seus milhares de rios e pela existência de cerca de 1500 espécies de peixes. A pesca do tucunaré tem sido o grande chamariz para os pescadores do exterior e do Brasil que demandam lugares onde não predomina a pesca predatória (www.pescamazon.com.br, 2001). Também no final desta década a indústria pesqueira contabilizava 70 mil embarcações de pequeno porte, sendo a sardinha a espécie mais capturada para fins comerciais.

2002 Neste ano divulga-se por Barroso (Tempos da Pesca, 2002) a constatação de que o potencial de captura de sailfish na costa brasileira tinha decrescido a um terço do que se registrara há 25 anos. Em outras palavras, a expansão da pesca oceânica partindo de Cabo Frio-RJ e Vitória-ES na direção da Bahia e da ilha de Fernando de Noronha teria tido a contrapartida de redução da espécie, a despeito dos ganhos com o turismo. As evidências deste fato basearam-se na temporada 1975/1976 quando foram capturados 1.241 Sailfish em torneio de três etapas, com média de 7.7 exemplares/lancha/dia. Na temporada 2000/2001 foram capturadas 589 Sailfish em torneio de cinco etapas com média de 4.2 exemplares/lancha/dia. Na temporada 1999/2000 foram capturados 444 Sailfish em torneio de cinco etapas, com a média de 2.2 peças/lancha/dia. A conclusão plausível reside na busca de um ótimo na pesca de oceano de modo a não se criar uma auto-destruição da atividade, uma imposição a ser estabelecida para todas as modalidades.

2003 Como exemplo típico da tendência ao crescimento de grandes promoções de pesca esportiva, realizou-se a 24ª versão do Festival Internacional da Pesca de Cáceres-MT, hoje a maior competição do mundo de pesca embarcada, com registro no Guinness Book. A competição reuniu 321 equipes embarcadas com 1.284 pescadores e pilotos, além da presença de 350.000 visitantes, gerando mais de 2.500 empregos temporários. Normalmente a competição desenvolve-se em trincas que se deslocam nas lanchas rápidas (voadeiras) desde o ponto de concentração de largada, onde fica localizada a organização e arbitragem da competição, até os locais preferidos pelos competidores dentro das delimitações impostas pelo regulamento. O material (vara, linha, isca, etc.) é de livre escolha do participante. O Festival promove, paralelamente, uma prova infantil destinada a difundir e disseminar o esporte entre os jovens, além de promover uma conscientização sobre a necessidade de preservação do meio ambiente, que em 2003 reuniu 2.300 crianças. Outros grandes torneios brasileiros também têm porte internacional, tais como os de Ilha Solteira, Itumbiara, Aparecida do Taboado, Rubinéia.

Situação atual No Brasil, com 8.500 km de costa marítima em condições para a prática da pesca, com a maior rede hidrográfica (1.500.000 cursos d'água) e com a maior diversidade de peixes de água doce do planeta (10% do total mundial, cerca de 2.500 espécies), a pesca esportiva ainda pode ser considerada incipiente, se analisada por comparações internacionais. Com toda a exuberância de litoral e águas interiores do país, movimenta-se com a pesca esportiva menos do que 6% do movimentado na América do Norte onde as condições naturais são bem menores na atualidade. De fato, a costa brasileira oferece condições para a prática desde os pequenos torneios em praias, águas interiores ou mesmo da pesca embarcada, até os eventos de pesca dos grandes peixes de bico que atraem aficionados de todas as partes do mundo. Porém, o caráter artesanal dominante na pesca esportiva nacional ainda não alcançou a escala praticada nos EUA, dado a que a sua prática é basicamente local, não demandando uma infra-estrutura de deslocamento e hospedagem. Note-se que a produção pesqueira brasileira em 2000, segundo o IBAMA, alcançou cerca de 850.000 toneladas, das quais 51% vieram de fontes artesanais, 28% industriais e 21% da aquicultura. Ou seja, mesmo para o destino de uso alimentar o país ainda mantém sua cultura artesanal de raízes indígenas. Esta interpretação confere com as proporções da produção por regiões, em que a região norte é responsável por 28% do total produzido no país, a nordeste 26%, a sudeste 18% e a sul 26%. Tais cifras indicam que as regiões mais ricas e mais populosas têm menor participação na pesca brasileira, confirmando a hipótese de que a pesca no Brasil ainda é uma atividade que se apóia na subsistência.

Neste contexto, torna-se complexo distinguir entre pesca recreativa e de subsistência, ou vice-versa, já que todas as modalidades têm vínculos diretos ou indiretos com as duas alternativas. Daí a interpretação cultural da pesca esportiva e recreativa que concilia as duas abordagens. Nos EUA, por exemplo, esta versão é dominante nas estatísticas do esporte uma vez que a pesca de lazer tem expressão histórica naquele país, não pelo lado de competições entre clubes e federações, mas pelas conveniências do prazer da viagem, captura, do uso alimentar e da convivência com a natureza. Neste termos as estimativas de impacto econômico da pesca recreativa nos EUA geralmente adota o critério da participação ocasional, hoje se tornando comum nas estatísticas das práticas esportivas. Assim, a *National Sporting Goods Association-NSGA*, entidade de representação da indústria de equipamentos esportivos, faz contagem de praticantes da pesca e de outros esportes por ter tido contato pelo menos uma vez com a modalidade no último ano. Há evidentemente outros níveis de participação com frequência maior, porém do ponto de vista econômico tanto os participantes ocasionais como os regulares, ou também os muito ativos, são consumidores de produtos esportivos. No caso específico da pesca, a NSGA estimou em 44,2 milhões de pescadores ocasionais – acima de sete anos de idade - para os EUA em 2002 (população total: 293 milhões), bem acima dos esportes 'nacionais' dos EUA, como baseball com 15,6 milhões e basquetebol com 28,9 (NSGA, 2003). Para a classificação de regulares, as cifras são bem mais modestas, sobretudo na pesca e outras modalidades mais voltadas para a recreação. O significado cultural da pesca pode ser verificado pela participação estável dos praticantes ocasionais: enquanto o número total destes pescadores oscilou

apenas de 47.6 milhões em 1992 para 44.2 milhões em 2002, a caminhada (*walking*) passou de 67.8 para 82.2 milhões de participantes; o skate de 5.5 para 9.7 milhões; e o *snowboarding* de 1.3 para 5.6 milhões. Ou seja, naquele país há esportes de modismo de rápido crescimento como há também esportes de tradição, pertencentes à vida cotidiana do país. Em termos financeiros, em 2002 nos EUA, as atividades ligadas à pesca esportiva e recreativa movimentaram US\$ 24 bilhões (há estimativas que chegam ao dobro desta quantia), sendo que 4,953 bilhões foram gastos com turismo receptivo; 6,893 bilhões com transportes; 9,364 bilhões com equipamentos e materiais diversos; e 2,8 bilhões com vários subitens entre os quais 88,468 milhões gastos com revistas especializadas no setor. No país em foco, a pesca industrial representa cerca de 50% da esportiva (Magalhães, 2003). Ainda no plano internacional, importa registrar que, em 2002, no Japão havia 20 milhões de praticantes; na Europa, 25 milhões; e no Canadá, 15 milhões (Pesca & Companhia, 2003).

Adotando-se a perspectiva cultural para a prática do esporte da pesca no Brasil, podem-se admitir estimativas máxima e mínima para o número de praticantes. A máxima pode ter como base a produção artesanal de pesca, a qual totalizando 429 mil toneladas em 2000, corresponderia a cerca de 43 milhões de pescadores ocasionais se cada um deles usufrísse da cota de 10 kg estabelecida pela Lei da Pesca de 1967. A mínima consiste em se usar um dado comparativo internacional – método corrente nas estatísticas de esportes - que no caso seria o percentual de pescadores 'culturais' na população do EUA, talvez o país mais próximo do Brasil em tradições indígenas de pesca e de natureza pródiga para esta atividade. Esta cifra é de 15% da população, correspondendo a cerca de 25 milhões de participantes no Brasil. Como a metodologia do Atlas adota a estimativa mínima para cada modalidade, este é o número referência proposto pelo presente capítulo até que se organizem os dados da pesca esportiva no Brasil. Com respeito aos praticantes regulares, o IBAMA – por meio do PNDPA – estima um total em 3 milhões (200 mil licenciados) ao passo que Magalhães do Pescabrazil (2003) eleva para 5 milhões esta cifra, resultando um mínimo e um máximo da metodologia do Atlas.

Importa ainda relevar que ao se assumir tais estimativas feitas de modo rudimentar, os quantitativos máximo e mínimo são necessariamente pontos de partida para levantamentos mais precisos. Entretanto, Hamilton Blois, um dos maiores conhecedores do assunto e há seis anos editor do tablóide "Gazeta da Pesca" (entrevista, 2003) inclina-se para um número próximo a 42 milhões para o total de ocasionais (mínimo de duas pescarias/ano), ao apreciar o giro financeiro da pesca recreativa, esportiva e de subsistência no Brasil, hoje um dos maiores do mundo pelo menos em termos de material para a pesca. De fato, o mercado brasileiro é hoje preferencial para as multinacionais que fabricam e comercializam materiais para atividades pesqueiras não industriais. As indústrias de maior destaque para a pesca recreativa hoje instaladas no país são: R. Emifran, Paoli, Moro, Deconto, Argóvia, Equilon, NZ, Mazzaferro, Olímpica, Oxiline, Artpesca, MTK, Boroboleta, KV, Renara - iscas Killer, e Art Fish. E os grandes importadores são: Shirata (Redepesca), Plaway, Mustad e Importadora Paulista de Pesca. Adicionalmente há entre 300 e

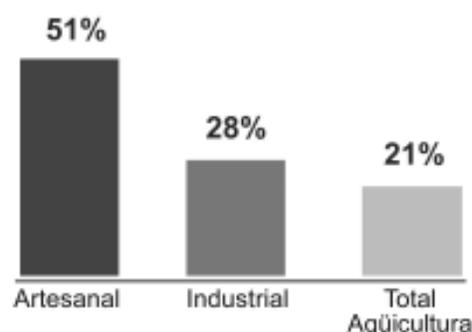
350 indústrias menores, cerca de 50 legalizadas e as demais de fundo de quintal. Calcula-se outrossim que haja em todo o Brasil cerca de 1.300 estabelecimentos comerciais dedicados ao negócio da pesca. São Paulo lidera com cerca de 667 estabelecimentos, seguido do Rio de Janeiro com cerca de 208. Lojistas e fabricantes estimam que o que entra no país por caminhos não oficiais supere em 170% tudo o que é produzido e que entra legalmente no País.

O consultor Blois declara ainda que há cifras oficiais estimando em R\$125 milhões a movimentação do setor de pesca esportiva por ano, incluindo-se neste valor: material de pesca, gastos com passagens, hotéis, medicamentos e repelentes, pagamento de licenças de pesca, refeições, aluguel de barcos e motores, pilotos (guias de pesca) etc. Por outro lado, há investimentos indiretos não contabilizados pela pesca como por exemplo a aquisição de barcos-hotéis hoje comuns no turismo de pesca da Amazônia ou a organização de eventos similares ao festival de Cáceres-MT, que custa R\$2 milhões ou o Torneio de Pesca Esportiva da Amazônia, que consome R\$ 200 mil. Em resumo, uma estimativa mais realista, embora também provisória, leva em consideração os R\$160 milhões oficiais e também R\$300 milhões extra-oficiais (contrabando e negócios informais) dando um total de R\$460 milhões / ano. Já a operadora de turismo Interfishing, estima que o negócio da pesca em rios no Brasil gire em torno de R\$ 2 a R\$ 3 bilhões por ano, algo igual a 30% do que se movimenta na Argentina (Katakura, 2003). Estes totais (estimativas mínima e máxima) são mais condizentes com as ofertas da indústria e o comércio da pesca no país cobrindo também os 35.000 empregos diretos e os 250.000 indiretos gerados pelo setor, sugerido por várias fontes. Para se ter uma idéia do impacto pelo qual passa hoje a pesca diante dos negócios de turismo, na Amazônia existem 162 barcos-hotéis e no Pantanal 215 (dados de 2002). E cada barco-hotel transporta de 6 a 8 lanchas rápidas (voadeiras), cada um deles hospedando de 10 a 16 pescadores que permanecem hospedados cerca de 6 dias. Não é surpresa portanto que hoje na Amazônia se realize um dos maiores torneios técnicos de pesca esportiva do mundo, o TOPAM – isto é, o Torneio de Pesca Esportiva da Amazônia – considerado desta forma por se limitar à pesca de uma só espécie, o Tucunaré, e no qual só é permitido o uso de iscas artificiais.

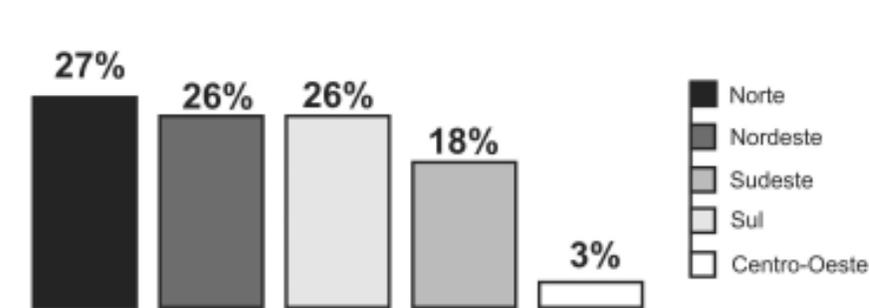
Fontes Marinho, Inezil Penna, História da Educação Física e dos Desportos no Brasil. Rio de Janeiro, MES/DEF, 1952-1954 (Edição Brasil Editora, SP); Barroso, H. Tempo da Pesca, Rio de Janeiro, Ediouro, 2002; Szpilman, M. Peixes Marinhos do Brasil – Guia Prático de Identificação, Rio de Janeiro, Mauad, 2000; Arquivos d'A Gazeta da Pesca (g.pesca@superig.com.br); IBGE, Estatísticas do Século XX ("Associativismo" e "Cultura esportiva"), Rio de Janeiro, 2003; DaCosta, L.P., Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil. MEC / Ministério do Planejamento, Brasília, 1971; Drummond, M.E., Pesca de Oceano - O Fascínio do Mar Azul. ICRJ, 2003 (www.icrj.com.br); Vanessa Valiati, 2001 (www.pescamazon.com.br); Hamilton Blois, Gazeta da Pesca; www.fppl.com.br; NSGA. 2002 *Participation – Ranked by Total Participation*. Mt Prospect, Illinois, 2003; www.band.com.br/canal21/memoria/pesca-cia.html; Magalhães, K. Corricando pelo mundo, 2003 (www.pescabrasil.com.br); Wilson Katakura, Bureau Brasileiro da Pesca Esportiva.

Pesca no Brasil / Fishing in Brazil

Tipo de produção, 2000
Type of production, 2000



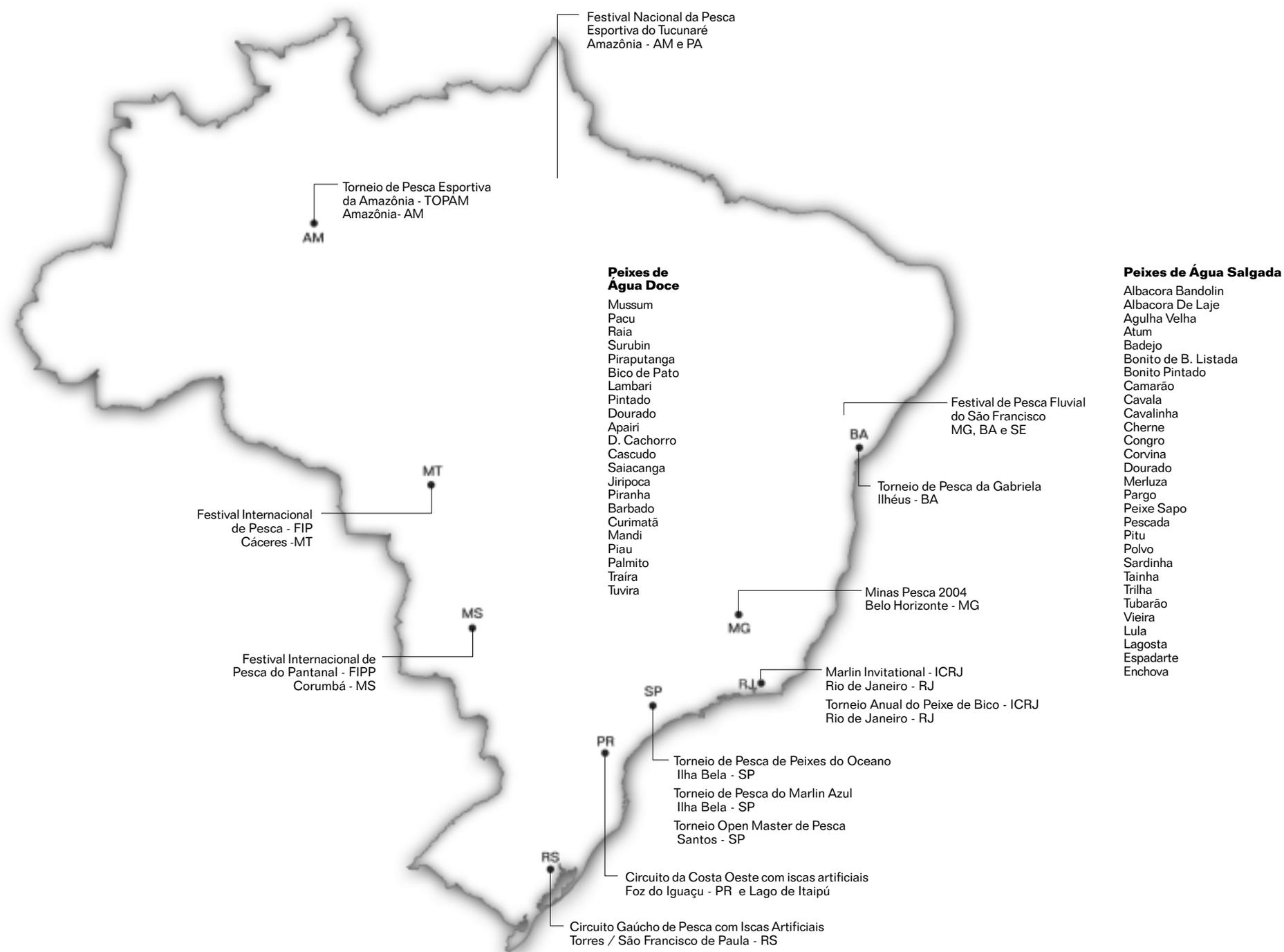
Produção por região, 2000
Production per region, 2000



Fonte / source: IBAMA/DIFAP/CGREP, 2001

Principais torneios e festivais de pesca no Brasil, 2003

Main fishing tournaments and festivals in Brazil, 2003



Pesca de arresso / Casting

Referência: www.pescadepraia.com

As varas de mantas de carbono associadas ao kevlar, wisker e outros materiais, exige dos pescadores uma especialização técnica nos arremessos. Antes as varas eram mais lentas, sua ação era mais para o meio da vara, ou seja, as varas no arremesso refletiam mais no meio delas. Hoje elas refletem somente no terço superior. Então, nos arremessos do passado, a técnica era com o arremesso passando por cima da cabeça, ambas as mãos saindo do alto, chumbo no chão, impulso braço + caniço + corpo com um passo a frente arremessando o chumbo. Essa técnica ainda é muito utilizada nas praias de todo o Brasil, e muitos pescadores só conhecem esta técnica. Com os novos materiais, varas de carbono de ação rápida, esta técnica modificou. O movimento deve ser uniformemente acelerado de modo contínuo alcançando o ponto máximo de esforço pouco antes da soltura da linha, de acordo com os seguintes passos:

- 1 - A posição inicial é de lado para o mar, pés paralelos e afastados à distância dos seus ombros. Se o mar fosse 12 horas, você estaria

- virado pra 3 horas, isso se for destro, é claro. Se for sinistro, 9 horas.
- 2 - Com a vara firme nas mãos, coloque a sua ponta às 7 horas (destro), com o chicote a 90° da ponta da vara e chumbo a aproximadamente 1,5m da mesma.
- 3- Iniciando o movimento, o pé direito desloca-se um pouco a frente para que se possa transferir o peso do corpo para a perna direita, fazendo o calcanhar do pé esquerdo se erguer um pouco, mantendo assim o equilíbrio.
- 4 - Mão direita junto ao molinete, perto do joelho direito, e mão esquerda próxima à parte interna do joelho esquerdo. Cabeça em direção do pé esquerdo.
- 5 - Levantar a mão esquerda a altura da testa, sem deslocar a ponta do caniço, cotovelo esquerdo alto para que o pescador tenha visão por debaixo da axila da direção do arremesso
- 6 - O movimento se inicia com uma puxada de aceleração contínua em torno do próprio eixo do corpo, ou seja, o corpo roda. Levantando

o corpo para a posição vertical, a mão direita empurra a vara enquanto a esquerda a traz firmemente para baixo em direção ao estômago. Força máxima no ponto de liberação da linha, que ocorrerá próxima a posição 2 horas. O chumbo (que parte do chão) executará uma trajetória semicircular de aproximadamente 220 graus e será lançado de forma ascendente a aproximadamente 45 graus em relação ao solo, posição que também deverá ficar a vara no final do movimento ajudando assim a liberação da linha do molinete. Os ajuste de direção se vão dando de acordo com cada pescador. Se o arremesso tender a sair para esquerda, liberar a linha um pouco mais cedo do que estava fazendo. Alguns pescadores já estão no método avançado deste arremesso, que é ficar de costas para o mar aumentando a trajetória semicircular para 270° (ponta da vara às nove horas p/ destro), o que propicia avançar mais alguns metros de arremesso.

Punhobol

ANA MIRAGAYA E JANICE MAZZO

Fistball

Fistball is a “receiver-game” like volleyball or tennis played in a larger outdoor court (50m x 20m). The court dimensions and the fact that the ball may touch the ground once make it longer to score a point. Fistball is one of the oldest sports in the world. It was first mentioned in history in AD 240 by Gordianus,

Definição O Punhobol é um voleibol em quadra maior (50 x 20m), a céu aberto em que as dimensões da quadra e o fato de a bola poder picar no chão uma vez fazem com que leve mais tempo do que o voleibol até a definição do ponto. A velocidade das ações é semelhante à de um goleiro em uma falta de perto da área no futebol, o defensor na maioria das vezes se encontra a 20m de distância do atacante, que impulsiona a bola a uma velocidade de até 140km/h. Este tempo permite ao espectador criar sempre uma expectativa antes da definição das jogadas, ao contrário do voleibol. A partida é jogada com uma bola de couro com peso de 360 gramas. Pode ser jogado por times masculinos e femininos.

Origens O Punhobol é um esporte muito antigo que vem atravessando os tempos e continua a ser praticado ao redor do mundo: na Europa, Américas, África e Ásia. O Punhobol teve sua origem em jogos com bolas desenvolvidos pelos romanos e absorvidos pela Antiga Grécia. Segundo Becq de Fourquieres, os romanos descobriram a bola grande (Follis) e que, numa forma oval, era utilizada pelo pugilista Dichter Plautus, que batia nela com seus punhos para seu preparo físico, precisamente em 300 anos a.C. O jogo de punhobol propriamente dito foi mencionado pela primeira vez em 240 a.C. por Gordianus, um imperador romano. Alguns manuscritos de Büttcher indicam que o jogo foi introduzido em Sparta, dividindo-se dois grupos de participantes por uma mureta de pedra. Linhas feitas com pedras demarcavam o final do campo, de modo que, nas defesas e rebatidas em que a bola tocava fora destas marcas, o jogo tinha o seu final. Outras informações indicavam a bola oca, confeccionada com uma espécie de couro e forrada com penas ou fazenda leve. A bola está presente na arte dos romanos e dos gregos. Possuíam uma especial, feita em couro (*Alaun*) e bexiga de animal, que era cheia com ar. Esta bola era rebatida no antebraço (*Lusus Cubitalis*) com o punho fechado. Existia uma espécie de luva de couro de sapato que protegia o braço dos jogadores. Esta bola era muito leve e usada tanto por jovens como por adultos, isto há 100 anos a.C. Já em 242 d.C. manuscritos mostravam 3 homens com bolas de punhobol, desenvolvendo músculos e tórax para terem maior força nos saques. Na Idade Média, segundo Zeiten Scanios, a bola já era muito grande, envolta com bandagem e muito pesada, mas sempre rebatida no antebraço. Por isso houve um aperfeiçoamento da luva de couro de sapato para o “Bracialle do Italiano”, isto no ano de 1672. Também na Idade Média no ano de 1555, Antonio Scanios no seu “Trattato di Gioco Della Palla”, ou “Gioco de Pallone” (Punhobol), dizia que esta bola era maior que todas as outras dos demais jogos, tinha 36 cm de diâmetro e pesava 1 kg. Tinha tripla envoltura de couro, enchida com ar fortemente por uma bomba e que, durante um jogo, precisava ser cheia por diversas vezes. Diante disso eram necessárias sempre diversas bolas. Há histórias sobre batidas de até 100 metros, que é uma distância bastante longa. Um esforço bastante grande que exige muito do músculo do braço. O Bracialle era um instrumento com visíveis pontinhas em forma de trapézio em que se encaixava o braço direito, segurando-se firmemente numa haste para suportar o peso de aproximadamente 2kg e que tornava o Punhobol um jogo prolongado, cansativo e que exigia muita preparação devido também ao tamanho do campo, 90m x 20m, dividido ao meio por uma linha. O auge dos jogos italianos foi segundo Giacomo Leopardi, no final do século XVIII e começo do século XIX, onde em Milão e em Turim no ano de 1894, este moderno jogo de Punhobol foi assistido por um enorme público. Também em outros países o Punhobol foi jogado no final do século passado; na

Rome emperor. At the end of the 19th century, fistball got a very strict set of rules in Germany, where it became very popular. In the following years the Germans introduced fistball in South Africa, Canada, the U.S., Brazil and Argentina. Brazil has today 5,000 regular fistball players in the regions where there was

França praticava-se o “Ballon a la Ligne”, daí os jogos chegaram ao Punhobol atual. Da Itália o jogo rumou para a Inglaterra, com toda a semelhança dos relatos italianos, até o começo do século XIX eventualmente o jogo foi praticado na Alemanha. Existiam muitos comentários a respeito deste jogo, mas nunca foram elaborados regulamentos. Só no final do século XIX, G. H. Weber deu vida nova ao Punhobol, sendo por isto denominado de Pai do Punhobol Alemão, impondo nos fins do ano de 1890 um rígido regulamento que foi imediatamente assumido por todas as equipes que praticavam este esporte. No dia 30 de junho de 1895 em Maddenburg as regras foram comentadas, retificadas e publicadas no Jornal Ginástica e Jogos Juvenis, sendo oficializadas e apresentadas para o povo nos Jogos Juvenis da Alemanha em 1898. Após a guerra, o Punhobol entrou nos clubes ginásticos alemães que logo organizaram campeonatos anuais, aprimorando sempre mais a técnica, a garra e a força aplicadas no esporte. Da Alemanha o Punhobol evoluiu para a Áustria em 1933, posteriormente para a Suíça, Tchecoslováquia, Polônia e Holanda. Até antes da II Guerra Mundial estava entre as modalidades mais praticadas na Alemanha. Como consequência, espalhou-se pelo mundo levado por correntes migratórias.

1893 Início de competições organizadas na Alemanha, onde sempre teve enorme popularidade. Logo passou para países vizinhos como Áustria, Suíça e Itália. Os imigrantes alemães introduziram o Punhobol na África do Sul, Canadá, Estados Unidos, Brasil e Argentina.

1911 A Sogipa (clube de raízes alemães de Porto Alegre-RS) cria o seu Departamento de Punhobol (referência mais antiga).

1960 Fundação da Associação Internacional de Punhobol (*The International Fistball Association*–IFV) em Frankfurt, na Alemanha. Além de organizar competições internacionais, sua tarefa principal consiste em promover o Punhobol numa escala mundial. A IFV é responsável pelas seguintes competições internacionais: Campeonatos Mundiais de campo e Campeonatos Continentais de campo para times nacionais e Competições da Copa Continental para clubes em quadra de ginásios e campo (Europa, América do Sul e Copa do Mundo).

1961 Início dos campeonatos Sul-Americanos de Punhobol; Argentina venceu em 1961 e 1983, os demais títulos sendo conquistados pelo Brasil, inclusive na categoria juvenil (desde 1984), feminino adulto (desde 1987) e feminino juvenil (desde 1988).

1968 Início dos campeonatos mundiais de seleções nacionais. A Alemanha venceu 10 edições e o Brasil uma vez (1999), os vice-campeonatos cabendo a Áustria (5), Brasil (3), Suíça (2) e Alemanha (1).

1985 Os Campeonatos Sul-Americanos Interclubes foram oficializados em 1985, sendo disputados todos os anos. Nas dez disputas que foram realizadas, a Sogipa venceu 6 vezes (1988, 89, 95, 98, 99 e 2000), sendo, portanto Hexa Campeã Mundial Interclubes.

***1986** Os campeonatos mundiais sob a supervisão* International Faustball Verband*, com sede na Alemanha foram oficializados em 1986.*

1987 Anualmente se realizam “Copas” organizadas por clubes. Na Europa existem as tradicionais Copas de Iona, Widnau e Basel

more influence of the German colonization. Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná and Estado do Rio de Janeiro (Nova Friburgo) have 100 fistball teams. Brazil has won South-American championships since 1983 and was world champion in 1999 and 2003.

(Suíça), Ahlkorn, Koennigsbrunn e Schlutenbach (Alemanha) e (Áustria). Desde 1987 clubes brasileiros participam de alguns destes torneios. A Sogipa já venceu todos eles, em diferentes anos.

1990 Também na América do Sul tem sido organizadas Copas Interclubes, nos moldes europeus. A mais tradicional é a Copa Porto Alegre, que alcançou sua décima-primeira edição em 2000. Além desta, são anualmente disputadas Copas em Rosário e Buenos Aires (Argentina); Condor, Joinville, Guarani, Timbó e Pomerode (Santa Catarina); e Duque de Caxias (Curitiba).

1999 O Brasil vence o campeonato mundial de Punhobol pela primeira vez.

2003 O Brasil é bicampeão mundial de Punhobol.

Situação Atual O Punhobol concentra-se na região sul do Brasil, que foi colonizada principalmente por europeus. Além do Brasil, o Punhobol é praticado em muitos países como Japão, África do Sul, Alemanha, Namíbia, Áustria, Suíça, Itália, Tchekchia, Slovachia, Argentina, Canadá, Estados Unidos, México, Uruguai, Chile e Paraguai, sendo que o punhobol é mais desenvolvido na Alemanha (100.000 praticantes), Áustria (30.000), Suíça (10.000) e Brasil (5.000 praticantes), nas regiões em que houve maior influência da colonização alemã. No Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Estado do Rio de Janeiro (Nova Friburgo) se situam as cerca de 100 equipes que praticam este esporte no país. Na história do Rio Grande do Sul, além de Porto Alegre, equipes de São Leopoldo, Novo Hamburgo, Campo Bom, Santa Cruz, Vigia, São José do Hortêncio, Sapiranga e Hamburgo Velho participaram das competições. Em Santa Catarina as equipes estão em Florianópolis, Joinville, Blumenau, Timbó, Indaial, Agrolândia, São Bento do Sul, Pomerode. No Paraná, Curitiba e Ponta Grossa sempre se mantêm as equipes em atividades. Os países que mais participaram dos campeonatos continentais e mundiais são Brasil, Itália, Argentina, Dinamarca, Uruguai, Checoslováquia, Chile, Paraguai e Namíbia. No Brasil não mais se disputam campeonatos entre Seleções Estaduais. As Taças Brasil h interclubes são disputadas em 8 categorias (Mirim masc, Infanto masc. e fem., Juvenil masc. e fem., Adulto masc. e fem. e Veterano masc.), sob supervisão da Confederação Brasileira de Desportos Terrestres.

Fontes Conselho nacional de Desportos (1977) Catálogo de Entidades Desportivas, 1976. Rio de Janeiro: Convênio MEC/CNPq (CIMEC); Assessoria Técnica CND; Oliveira, Paulo de. (1987). A imigração alemã e a introdução do punhobol no Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado em Ciências do Movimento Humano. CEFD/UFSM. Santa Maria; Oliveira, Paulo de. (1998). “Esportes trazidos pela imigração”. In: Fischer, L. & Gertz, R. 2ª ed. Nós, os teuto-gaúchos. Porto Alegre, Editora da UFRGS; Amaro Júnior. Guia dos Esportes 40/41. Porto Alegre: Tipografia Esperança, 1941; Amaro Júnior. Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Tipografia Esperança, 1947; Licht, Henrique. Entrevista realizada em 19/07/2002. Porto Alegre/RS; Oliveira, Paulo de. Entrevista realizada em 28/01/2004. Porto Alegre-RS; Lammel, Bruno. Entrevista realizada em 03/02/2004. Novo Hamburgo-RS; www.sogipapunhobol.hpg.ig.com.br; Punhobol Novo Hamburgo www.geocities.com/rafael_harff/; The International Fistball-Association www.faustball.de/home/english.htm

Luta de braço

ANA MIRAGAYA

Armwrestling

Armwrestling is a challenge between two people who use their arms as a way to demonstrate who is the strongest. It started as a pastime and game and then became a sport through the times. The origin of armwrestling goes back to a period before the Christian era. Ancient civilizations such as the Egyptians, the Greeks and the Romans represented armsport in pictures, sculptures and drawings. Armwrestling as an organized sport started in the U.S. through the efforts of the founder of the World Armwrestling Federation-WAF, Bob O'Leary, in the early 1960s. In Brazil, Armwrestling became a known/recognized sport in the mid-1960s, when the newspaper Gazeta Esportiva, at that time an important São Paulo-SP

Definição Desafio entre duas pessoas usando o braço como forma de avaliar quem é o/a mais forte, que começou como um passatempo e jogo, tornando-se um esporte através do tempo.

Origens A origem da Luta de Braço parece se perder no tempo. Sabe-se que vem de muito antes de Cristo uma vez que civilizações antigas tais como a egípcia, a grega e a romana representaram esta prática em pinturas, esculturas e desenhos. A descoberta de túmulos do Médio Império (2.000 a.C.) a 3 km ao sul da cidade de Minia no Egito, conhecidos como "Menat-Khufu", da dinastia de Oryx Nome, revelou cenas dos antigos egípcios participando de competições de Luta de Braço, dentre outras competições, representadas em pinturas nas paredes. A história da Índia também revela registros de luta de braço em seus antigos livros religiosos. A Luta de Braço, como um esporte organizado, teve seu início nos Estados Unidos através dos esforços do fundador da *World Armwrestling Federation*-WAF, Bob O'Leary no início dos anos 1960. O Canadá, sob a liderança de John Miazdzyk, foi o próximo país a se unir à instituição fundadora, seguido de imediato pela Índia e Brasil.

Década de 1950 No Brasil, a Luta de Braço ou "Braço de Ferro", como é mais conhecida, tornou-se modalidade esportiva neste período, quando a Gazeta Esportiva, à época importante jornal especializado em esportes de São Paulo-SP, realizava campeonatos populares que duraram até meados dos anos de 1960. Os atletas de maior expressão desta época foram: Nivaldo Felix Cerqueira, Hugues Jorge, Miro Olaves, João Dimasio, Jorge Zeleniquea, Sérgio Capeli, Celso Capeli, Célio Capeli, Silvio Fiuza, Nelson Costa de Araújo e Renato Corio.

1967 A Luta de Braço tornou-se um esporte oficial internacionalmente, quando foi fundada a Federação Mundial de Luta de Braço (*World Armwrestling Federation* - WAF), que conta hoje com 117 países filiados.

1977 No Brasil, a Luta de Braço tornou-se oficial quando a modalidade foi incluída na Confederação Brasileira de Culturismo-CBC, entidade eclética, responsável pela Luta de Braço, Levantamento Básico de Potência e Culturismo. O papel do Dr. Laércio Martinez, presidente da CBC à época, foi fundamental para o desenvolvimento desta modalidade no Brasil, pois através do bom relacionamento que mantinha com o Governo Federal colocou o Brasil no cenário internacional da Luta de Braço,

1979 A equipe brasileira compareceu ao primeiro campeonato mundial realizado em Alberta no Canadá, em novembro. Este torneio teve a participação de 47 bracistas do Canadá, Índia, EUA e Brasil.

1981 Campeonato Mundial organizado no Brasil por Laércio Martinez, colocando o Brasil definitivamente entre os melhores do mundo.

1977 – 1987 A Luta de Braço foi administrada pela CBC até 1987, quando houve a tentativa de criar, para a modalidade, uma

newspaper specialized in sports, organized popular competitions. In 1979, the Brazilian team went to the first world championship that took place in Alberta, Canada. Forty-seven athletes from Canada, India, the U.S. and Brazil participated in this competition. In 1981, the world championship was organized in Brazil. The Confederação Brasileira de Luta de Braço (Brazilian Armwrestling Confederation–CBLB) was founded in 1994 and included Greco-Roman Wrestling in 1998. In 2003, the CBLB had affiliated federations in 22 Brazilian states, kept Centros de Treinamento (training centers) in seven cities and supervised the construction of two more centers. Today Brazilian Armwrestling holds the following

administração, independente já que sua administração em uma entidade eclética, havia se tornado bastante difícil.

1987 Foi fundada a Federação Paulista de Luta de Braço-FPLB – a primeira entidade deste gênero no país – na cidade de Campinas-SP, por iniciativa de Nivaldo F. Cerqueira, Lazaro Washington de Oliveira, Humberto Panzetti e Paulo Rogério de Oliveira Sabioni. Esta federação coordenou a modalidade em escala nacional até 1994.

1994 Fundação da Confederação Brasileira de Luta de Braço-CBLB em 27 de agosto na cidade de Indaiatuba-SP pelo mesmo grupo que formou a primeira diretoria da FPLB.

1998 Neste ano, a Confederação Brasileira de Luta de Braço começou a desenvolver também a Luta Greco-Romana paralelamente à Luta de Braço. Devido ao apoio que tem recebido do Governo Federal, desde a organização do Campeonato Mundial de 1981, em Brasília, através da Secretaria Nacional de Esportes e ao Ministério de Esportes e Turismo, a CBLB passou a manter equipes de Júnior, Adulto, Máster, e Portadores de Deficiência Física, participando em todos os Campeonatos Mundiais de ambos os esportes.

2000 Criação do primeiro Centro de Treinamento de Luta de Braço no país, que foi inaugurado na cidade de Indaiatuba em SP.

Situação Atual Hoje a Confederação Brasileira de Luta de Braço e Greco-Romana é pessoa jurídica de direito privado, de caráter exclusivamente esportivo, com perfil institucional para organizar de forma autônoma e em regime de colaboração e integração com o Sistema Brasileiro do Desporto. A CBLB é filiada a *South American Armsport Federation* – SAAF, a *World Armsport Federation* - WAF e também a *World Greco Roman Federation* – WGRF. Nestas circunstâncias, a Luta de Braço Brasileira tem-se mostrado forte no cenário internacional. Vários de seus membros tiveram cargos de expressão na WAF. A CBLB é a única entidade responsável pela Luta de Braço no território nacional, estando filiadas a ela as federações de 22 estados: Acre, Alagoas, Bahia, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Tocantins, Espírito Santo e Sergipe. Cabe enfatizar ainda que o esporte vem conseguindo resultados em prazos curtos, ampliando o número de participantes e de federações. Nos últimos três anos, mantinha-se Centro de Treinamento do esporte em sete cidades: Indaiatuba-SP, Salto-SP, Caxias do Sul- RS, Itu-SP, João Pessoa-PB, Rio de Janeiro-RJ e Tapejara-PR. Hoje há mais dois Centros em organização: Campo Grande-MS e Sorriso-MT. O Brasil já participou por dois anos consecutivos do *Arnold Classic International Armwrestling Challenge* - ACIAC, competição que reúne os grandes atletas das diversas modalidades de força. Poucos países são convidados para este evento no qual está garantida a participação brasileira em 2004, sendo esta a terceira vez consecutiva. Com pelo menos 10 federações nacionais

top positions on the world ranking system: (i) female athletes have 1st position; (ii) male athletes have 2nd position; (iii) masters' are third; (iv) Juniors come fourth; and (v) disabled athletes have been champions 3 times. The men's team conquered the world championship in 1981 and 1995, and the women's team won the world championship in 1981, 1995 and 2000. Today Brazil ranks second on the General World Ranking System and has 15,000 athletes registered in the whole country, which shows the growing popularity of the sport. With at least 10 national armsport federations recognized by their respective Olympic Committees, WAF is an applicant for recognition by the IOC today.

de Luta de Braço sendo reconhecidas pelos Comitês Olímpicos de seus respectivos países, a WAF está também pleiteando o reconhecimento pelo Comitê Olímpico Internacional.

Atualmente a Luta de Braço Brasileira é a primeira no Ranking Mundial Feminino, segunda no Masculino, terceira na Categoria Máster +40, quarta na Categoria Júnior e tri-campeã mundial para portadores de Deficiência Física. O Brasil conquistou por Equipe o Mundial de 1981 e 1995, e na categoria Feminina por Equipe em 1981, 1995 e 2000. Hoje o Brasil é o segundo no Geral do Ranking Mundial. O Mundial de Luta de Braço é o campeonato mais importante dessa modalidade esportiva. E nesta competição, o Brasil tem tradição em revelar grandes bracistas. Atualmente há cerca de 15.000 atletas filiados em todo o país, cifra que atesta uma popularidade crescente do esporte. A última fronteira a ser ainda conquistada é fazer desta modalidade um esporte olímpico e para-olímpico, um objetivo comum dos 117 países filiados a WAF.

Campeonatos Mundiais O Brasil esteve presente em todos os campeonatos mundiais realizados até hoje: Índia-1980, Brasil-1981 (posicionando o Brasil entre as nações líderes neste esporte em âmbito internacional), EUA-1982, Costa Rica-1983 (no ano de 1984 não houve a realização do evento), México-1985, Índia-1986, Inglaterra-1987, Suécia-1988, Grécia-1989, EUA-1990, Israel-1991, Suíça-1992, Canadá-1993, Suécia-1994, Brasil-1995 (organizado por Humberto Panzetti, Nivaldo F. Cerqueira e Paulo R. Sabioni, sendo considerado o melhor até então realizado), EUA-1996, Índia-1997, Canadá e Egito em 1998, Rússia-1999, Estados Unidos-2000 e Itália-2001. Ao longo dos 24 anos de mundiais de Luta de Braço, desde o primeiro em 1979, o Brasil esteve presente em todos os eventos. Durante esse estágio de tempo, os atletas brasileiros conquistaram 41 títulos mundiais (Categoria Adulto, Braço Direito) e entraram para a história da Luta de Braço.

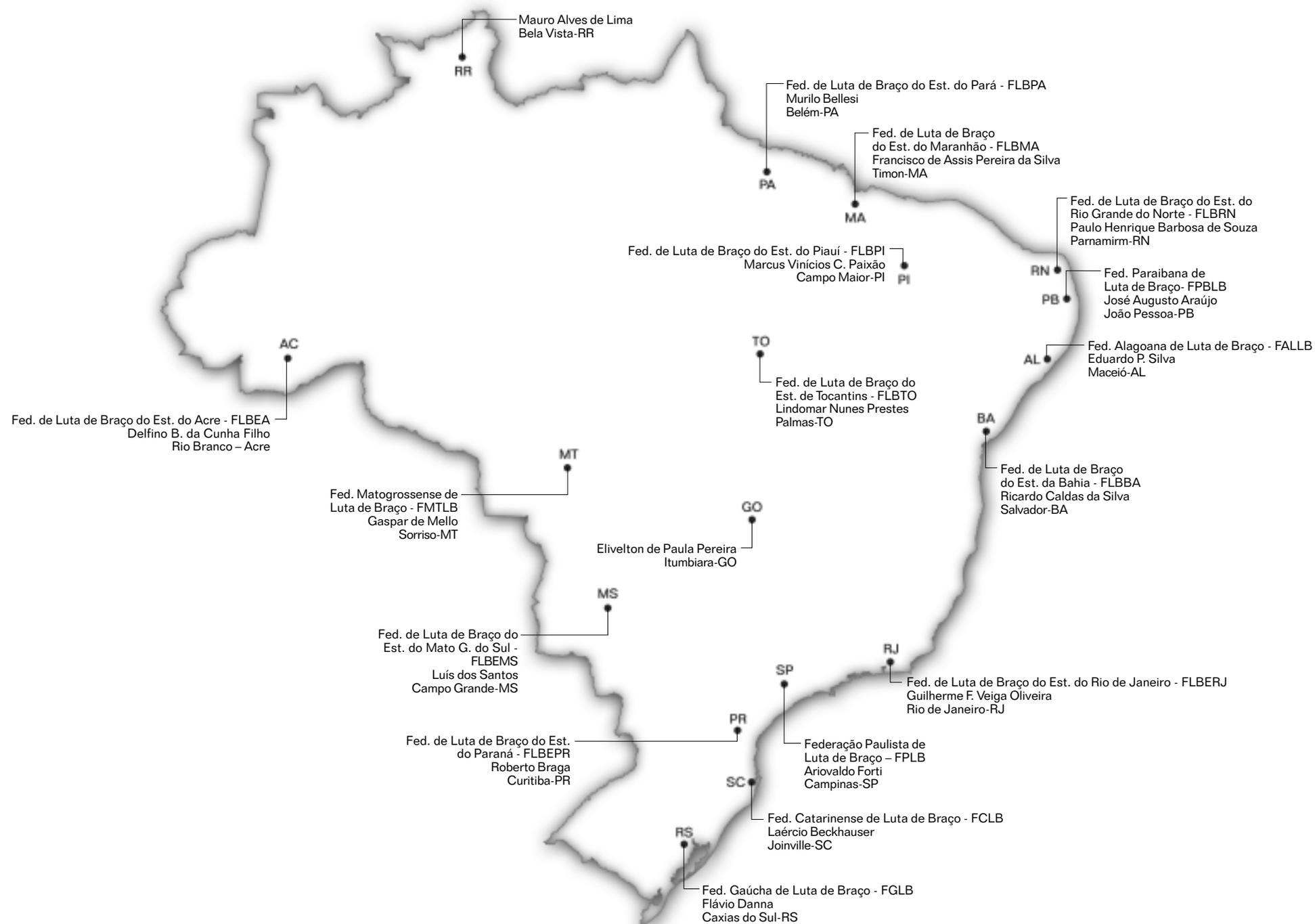
Participação feminina O início da participação feminina se deu no terceiro Campeonato Mundial, em 1981, realizado no Brasil, quando as mulheres participaram de modo intensivo e conquistaram quase o mesmo número de medalhas que os homens: 15 contra 17. Em 2002 as brasileiras chegaram ao título mundial por equipe. Em 2003, a atleta brasileira Andréa Lopes conquistou a medalha de ouro na Rússia, na categoria braço esquerdo. Andréa começou no esporte em 1999 e, além do atual título de Campeã Mundial na categoria braço esquerdo, é tetracampeã paulista com os braços direito e esquerdo, tricampeã brasileira e vice-campeã mundial de 2002.

Portadores de Deficiência O Brasil é tetra-campeão mundial entre os portadores de deficiência física em Luta de Braço e, por isso, referência nessa categoria.

Fontes Confederação Brasileira de Luta de Braço, CONFEF ano III nº10 Dezembro de 2003; www.cblb.com.br/; www.armsport.com/waf.htm

CBLB – Federações (presidentes) e representantes estaduais, 2003

CBLB – State federations (presidents) and local representatives, 2003



Atletas brasileiros de destaque em Campeonatos Mundiais

Brazilian top athletes in World Championships

Bicampeões / Two times winners

Atletas / Athletes	Anos / Years
Maria Aparecida Martinez	80 e 81
José Carlos Vidal	90 e 93
Glauco Prior	95 e 98

Tricampeões / Three times winners

Atletas / Athletes	Anos / Years
José Lima Junior	81/82 e 83
Roger Pareja	80/81 e 85
Maria Aparecida Collis	81/82 e 85
Roberto Pareja	85/86 e 91
Maria Cristina Menendes	95/98 e 98

Pentacampeã / Five times winner

Atletas / Athletes	Anos / Years
Maria Cristina Menendes	95 / 98 / 98 / 99 / 2000

Tchoukball

NELSON SCHAVALLA

Tchoukball

Tchoukball has been considered the ‘sport of peace’ or the ‘sport for all’ due to its cooperative, non-violent and non-discriminating nature. Tchoukball blends elements of three other sports: volleyball, jai alai and handball. It was invented by the Suisse biologist Hermann Brandt in the early 1960s. It derives its name

Origens e definições *Tchoukball* é uma modalidade considerada como o “esporte da paz” pois, em sua prática, o nível de cooperação supera o de competição. O Tchoukball apresenta-se como uma mistura de Pelota Basca, Handebol e Voleibol. O nome vem do barulho que a bola faz quando bate na rede. Trata-se de um esporte de equipe que se joga com uma bola e duas superfícies de remissão (quadros com redes) e caracteriza-se pela eliminação de todas as formas de agressões corporais entre os adversários. Pelo seu caráter lúdico, o Tchoukball é conhecido por incitar cada indivíduo a praticá-lo independentemente de idade, gênero ou capacidade atlética, sendo um verdadeiro ‘esporte para todos’. O Tchoukball nasceu das reflexões e pesquisas do Doutor Hermann Brandt, biólogo suíço. Ele pesquisava lesões em atletas no início da década de 1960 quando observou que essas lesões ou traumatismos eram decorrentes de movimentos inadequados à fisiologia do indivíduo, com numerosas formas de agressões presentes em alguns esportes. Sua análise reforçou esta inquietude quanto ao valor educativo dos esportes modernos que, segundo ele, não podem se fundamentar na fabricação sistemática de campeões; mais sim “contribuir para a edificação de uma sociedade humana viável” (*Étude scientifique des sports d’équipe – Le Tchouk-Ball, le sport de demain*” Editions Roulet, Genève/1971). O Tchoukball chegou ao Brasil, através da Federação Internacional de Educação Física-FIEP, quando em 1987, em Canavieiras – Florianópolis–SC, o presidente desta entidade, Prof. Dr. John Andrews, propôs a difusão do esporte no Brasil e em outros países da América Latina. O Professor de Educação Física Nelson Schavalla esteve presente no evento, e auxiliou o Professor Andrews na arbitragem das demonstrações do novo esporte. Posteriormente, a cooperação entre os dois professores teve continuidade e a partir daí ampliaram-se as práticas de Tchoukball no Brasil.

1987-1989 Em 1987, durante o 13º Encontro de Profissionais de Educação Física, ocorrido em Tramandaí–RS, realizou-se o 3º Congresso Latino Americano de Educação Física, Esportes e Recreação, coordenado pelo Professor Jacinto Targa, vice-presidente da FIEP Latino Americana. Neste evento, o Professor Nelson Schavalla recebeu, das mãos do Professor Jacinto Targa, documentos que relatam o histórico do esporte, as regras, e a carta do Tchoukball (código de ética do esporte), bem como um folheto com um forte apelo a ser recomendado e introduzido nas escolas de todos os graus, como um dos meios para combater a tendência à violência, dominante em quase todos os esportes de equipe. Em 1988, o Professor Schavalla assumiu a direção da escola estadual Possídio Salomoni Ensino Fundamental, na cidade de Pato Branco, incentivando a comunidade estudantil a organizar a primeira olimpíada interna, as Possidíadas. Com quatro equipes mistas, de qualquer faixa etária, o evento passou a ser praticado nos bairros de São João, Planalto e Anchieta, realizando, no dia 11 de agosto – dia do estudante – encontros da paz entre estas comunidades estudantis. Ainda no mesmo ano, mais de 200 profissionais da região sudoeste do Paraná conheceram e jogaram a modalidade. Em 1989, em conjunto com a Legião Brasileira de Assistência-LBA e outras instituições, o tchoukball testou seu alcance numa colônia de férias envolvendo alunos de vários educandários públicos em um bairro carente (São João). O sucesso do novo esporte foi enaltecido pela imprensa local e pelo grande número de participantes.

1990 – 1994 O Tchoukball participou de eventos esporádicos em praças públicas, clubes, abertura de competições diversas, quando o Professor Schavalla aproveitou para divulgar fitas VHS, folders

from the sound the ball makes as it rebounds from the net. Tchoukball came to Brazil in 1987 through the International Federation of Physical Education-FIEP, an international institution today based in Brazil. Nelson Schavalla, physical education teacher, has led the dissemination of tchoukball in

explicativos da modalidade do esporte a fim de melhor difundi-lo em toda a região sudoeste do Paraná.

1995 Os Professores John Andrews, Ghislaine Ouvrard e Nelson Schavalla ministraram o curso “Tchoukball” no 10º Congresso Internacional e no 1º Congresso Mundial na cidade de Foz do Iguaçu – PR, com a presença de mais de 40 profissionais de Educação Física sul-americanos que iniciavam a difusão, agora na América Latina.

1996-1998 Foram realizados treinamentos visando à formação de equipes em todas as escolas, clubes e empresas, culminando com as apresentações das equipes na comemoração dos 46 anos, na praça da cidade de Pato Branco–PR. Em 1998, o Professor Schavalla realizou um workshop durante o 13º Congresso Internacional de Educação Física e Esportes da FIEP, quando cerca de 2.000 congressistas tiveram a oportunidade de conhecer o Tchoukball.

1999 Houve demonstrações do esporte no 14º Congresso Internacional de Educação Física de Foz de Iguaçu-PR. No dia 26 de maio, a cidade de Pato Branco foi desafiada no programa internacional *Challenge Day*, quando o Tchoukball foi jogado em vários pontos da cidade, trazendo a maior participação popular já vista até então naquela cidade. Provou-se, na oportunidade que o esporte poderia ser praticado, independente da ambientação do espaço. O Tchoukball foi apresentado, ainda, no 7º Circuito Conesul de Educação Física e Pedagogia e Congresso Brasileiro da FIEP de 19 a 22 de julho em Porto Alegre – RS. Em 11 de agosto de 1999, durante a realização do Sexto Encontro da Paz, foi fundado o Tchoukball Club Paraná, entidade pioneira pois congregou várias entidades estudantis de Pato Branco e adjacências. Dias após foi fundada a Associação Brasileira de Tchoukball-ABTB, com sede em São Paulo-SP. Os primeiros dirigentes foram os Profs. Schavalla, Océlio Ferreira e Julio Calegari, com a incumbência de levar a primeira seleção brasileira da modalidade ao mundial do ano de 2000, realizado em Genebra, Suíça. Entre 19 e 23 de novembro de 1999, o Tchoukball participou de um mega evento realizado no 2º Seminário “Vem Ser Cidadão” em Faxinal do Céu – PR, promovido pelo governo do estado do Paraná, UNESCO, UNICEF, e Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Durante o encontro, mais de 800 pessoas de todos os pontos do país, representando entidades e ONGs internacionais, exaltaram o Tchoukball-Esporte da Paz.

2000 Durante a realização simultânea do Congresso Mundial da FIEP e do 15º Congresso Internacional de Educação Física e Desportos, realizados na cidade de Foz do Iguaçu–PR em janeiro deste ano, repetiu-se o curso de Tchoukball. Em abril, por ocasião do evento Brasil 500 Anos, foi realizado o projeto “Tchoukball Vai à Escola”, organizando várias ações com escolas e clubes, com vistas ao preparo de equipes para competições. O treinamento culminou na realização do encontro inter-estadual Paraná x São Paulo, evento ocorrido em Curitiba-PR, junto à Universidade do Esporte. Outro evento – Brasil 500 Anos de Transporte – foi realizado em parceria com o Serviço Social do Transporte-SEST e o Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte-SENAT e a Prefeitura Municipal de Pato Branco. O projeto envolveu escolas públicas de ensino fundamental, de ensino médio e escolas privadas, além de ampla participação da classe dos profissionais do volante em atividades culturais, recreativas e esportivas. De 20 a 22 de julho de 2000, ocorreu o Oitavo Circuito Conesul de Educação Física e Pedagogia em Porto Alegre-RS, durante o qual foi oferecido

Brazil, installing a development center of Pato Branco-PR. The Brazilian team has participated in tchoukball world championships. International tchoukball courses have also been conducted every January in Foz de Iguaçu-PR with FIEP’s support (see chapter about FIEP in this Atlas).

o 6º curso de Tchoukball-O Jogo Da Paz. Participaram das atividades, profissionais e acadêmicos de Educação Física num total de 30 inscritos. Entre 9 e 13 de agosto deste mesmo ano, a equipe é levada a participar do Mundial de Tchoukball, em Genebra, Suíça. Os componentes da delegação foram o Prof. Nelson Schavalla como técnico, Sr. Julio Calegari, como presidente da ABTB e jogador, Jerônimo Duarte Rodrigues, Silvio Miranda, Daniel Gustavo Melera, Diego Ferreira Gomes de Oliveira, Fabio Ferreira Gomes, Raphael Henrique Poskus Vaz e João Saraiva Junior. A equipe ficou colocada em 5º lugar. Logo a seguir, a FITB enviou à Associação Brasileira de Tchoukball, um certificado de admissão da entidade junto a esta organização Internacional, tornando membros os representantes da entidade no Brasil, o Prof. Schavalla como monitor e árbitro na difusão do Tchoukball no Sul do Brasil. Realizado no período de 7 a 11 de julho, com duração de 24 horas, ocorreu o evento Tchoukball-O Jogo da Paz – durante o Congresso Sul-Americano FIEP-2000 e na 6ª Jornada de Educação Física do Mercosul.

2001 Durante o 16º Congresso Internacional de Educação Física – Foz do Iguaçu-PR, o Prof. Schavalla propôs que o esporte representativo do evento fosse o Tchoukball o que, por unanimidade, foi aceito.

2002 Durante o I Fórum de Educação Física dos países do Mercosul, houve a proposta de integração entre os países através do esporte no I Encontro da Paz do Mercosul., através de criação da Associação Latino-Americana de Tchoukball. A equipe de Tchoukball representou o Brasil no Campeonato Mundial na Inglaterra, ocorrido entre 2 e 8 de agosto. Participaram do torneio: Inglaterra, Suíça, China, Japão, Canadá, Itália e Brasil.

2003 Em agosto, a Federação das Associações de Educação Física do Paraná, em conjunto com a FIEP, realizou, na Universidade do Professor, várias oficinas práticas de esportes inclusive o Tchoukball, em um auditório com mais de 500 profissionais de Educação Física de todos os pontos do estado do Paraná. Ainda em 2003, o Governo de Estado do Paraná, através da Secretaria de Estado da Educação, lança o Projeto Vale Saber – Tchoukball Educação Para Inclusão -, com a participação de várias escolas e um grande número de alunos de ambos os sexos. Após nove meses de ações, o projeto foi avaliado e ganhou o destaque entre 170 projetos de toda a região tornando-se modelo, como processo de inclusão, em projetos interdisciplinares. Em 28 de maio de 2003, foi realizado o Dia do Desafio, evento internacional, e contou com o apoio do SESC Paraná. O Tchoukball, mais uma vez, foi o destaque em praça pública com grande número de participantes de todas as faixas etárias e até mesmo com a participação de um grupo de terceira idade.

2004 No início deste ano, realizou-se, em Foz do Iguaçu-PR, a 1ª Taça Brasil de Tchoukball, com 6 equipes sendo três do Paraná, uma de São Paulo e uma do Rio Grande do Norte-RN, e uma mista envolvendo participantes do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A equipe treinada pelo Prof. Nelson Schavalla sagra-se como a primeira campeã brasileira; os campeões foram Jonas Mackievicz, Alexandre Zochi, Michel Lino Viero, Augusto Pastore, Nelson Schavalla Junior, João Augusto Schavalla, Joares Teles de Ramos Jr., Jean Picoletto, Gabriela M. Wagner. O campeonato mundial da modalidade de 2004 ocorrerá em Taiwan, devendo ter a participação do Brasil.

Fontes Associação de Tchoukball dos EUA: www.tchoukball.us, Tchoukball Difusão Brasil www.tchoukball.com.br

Culturismo e Musculação

ALEXANDRE PAGNANI

Body building and weight training

Body building aims to develop muscle size balancing definition, proportion, esthetic symmetry and harmony. Body building came from competitive weightlifting (see chapter on weightlifting in this Atlas) in the 1940s. The first bodybuilding companies were founded in Canada and the U.S. in 1945, the same year when the first Brazilian bodybuilding competition took place at the SP YMCA. The foundation of the Federação Paulista de Culturismo

Definição e Origens O culturismo é um esporte que visa a desenvolver o tamanho muscular entre definição, proporção simetria estética e harmonia. O culturismo surgiu do halterofilismo competitivo (ver capítulo sobre Halterofilismo nesse Atlas) na década de 1940, através do halterofilista canadense Josef (Joe) Weider, cuja iniciação no culturismo aconteceu em 1939, em Montreal, Canadá. Um ano depois, definiu seu esporte como algo diferente do halterofilismo de competição, que implicava no tipo de treinamento que utiliza especificamente movimentos compostos, cujo único propósito era desenvolver tamanho muscular em uma proporção equilibrada, dentro de determinados padrões que seguiam determinadas regras. Seus métodos eram empíricos, já que observava, estudava e mesclava técnicas de halterofilistas uma vez que a ciência do treinamento desportivo e a fisiologia de exercício ainda estavam em seu início. Logo descobriu que o êxito para este novo esporte se baseava antes de tudo em velocidade, técnica e, sobretudo, potência, porque auxilia o desenvolvimento físico. Preocupado também com a alimentação dos atletas, Joe pesquisou fontes de nutrição que acreditava ser alimentação saudável, como, por exemplo, uma taça de aveia com fruta cortada em pedaços, acompanhada de suplementos. O treinamento com pesos e a dieta adequada seriam a medicina preventiva do século XXI já que treinamento com pesos seria um requisito prévio para melhorar o rendimento em todos os esportes. Uma dieta baixa em gordura, rica em proteínas de alta qualidade e carboidratos complexos complementaria a parte nutricional dos atletas do culturismo e da musculação que desejem aumentar a massa muscular.

1945 Fundação das empresas *Weider Sports Equipment Limited* e a *Weider Health and Fitness* (que ainda existem até hoje) no Canadá e nos Estados Unidos pelos irmãos Joe e Ben Weider. No Brasil, João Batista venceu neste ano o torneio de musculação organizado pela Associação Cristã de Moços-ACM.

1946 Realização do 1º Mr. Canadá em outubro num grande teatro de Montreal e fundação da Federação Internacional de Culturismo (*International Federation of BodyBuilders* - IFBB), primeira organização oficial que lançou o culturismo como esporte independente e internacional.

1947 Primeiro Campeonato Brasileiro de Musculação. Lourival dos Santos é o vencedor.

1948 2º Campeonato Nacional de Musculação: Campeão Cláudio Flávio de Magalhães (RJ).

1949 Publicação de várias reportagens de Campeonatos nacionais não-oficializados de culturismo pela revista "O Cruzeiro", órgão de maior popularidade na imprensa à época. Exibição das Chanchadas da Atântica, filmes campeões de bilheteria nos cinemas brasileiros, que exibiam os ecos da musculação de alguns dos mais notáveis atletas. Foi graças a seus músculos que Jardel Filho, Hélio Souto, Dary Reis, Felipe Carone, entre outros se lançaram à carreira cinematográfica. O futuro veio mostrar Jardel Filho, campeão carioca de Musculação, que teve durante toda sua carreira, uma identificação imediata com sua forma física, tendo sido um dos mais talentosos atores dramáticos que o Brasil conheceu. Neste ano aconteceu o 3º Campeonato Nacional de Musculação: Campeão João Leal Filho (PE).

1950 4º Campeonato Nacional de Musculação: Campeão João Werneck (RJ).

(São Paulo Bodybuilding Federation) and the Confederação Brasileira de Culturismo (Brazilian Bodybuilding Confederation-CBC) in 1963 made both institutions independent from Olympic weightlifting. This established the very beginning of competitions of this discipline in Brazil and the participation of Brazilian athletes in international competitions. The CBC became the Confederação Brasileira de Culturismo e Musculação (Brazilian Body Building

1959 A *International Federation of Body Builders*-IFBB lança o primeiro Campeonato Mundial Amador (Mr. Universo) na Cidade de Montreal no Canadá, tendo como vencedor Ediee Sylvestre (México).

1963 Fundadas: a Federação Paulista de Culturismo e a Confederação Brasileira de Culturismo-CBC, que se tornaram independentes do Levantamento de Peso, esporte olímpico. Os fundadores das novas entidades foram: Doutor Amador Paes de Almeida (Juiz do Trabalho), Halem Chatti (Oficial Médico da Polícia Militar) e Comendador Hermelindo Paschoal Angotti.

1965 Foi realizado o 1º Mr. Olímpia denominado Culturismo profissional da IFBB tendo como vencedor Lerry Scott.

1969 Neste ano há uma retomada das competições, surgindo uma nova fase do Campeonato Brasileiro de Culturismo: Brás Silva sagra-se campeão.

Década de 1970 Surgiram os consagrados campeões da década como Brás Antonio Silva, Ney Pradiee, Emilio Fontora, Frederico Bittar, Benedito Honório Gonçalves, Carmelo de Castro, Eduardo Cuadal, Ricardo Cruz, Luiz Otavio de Freitas entre outros.

1976 O Conselho Nacional de Desportos-CND reconhece a Confederação Brasileira de Culturismo-CBC, tendo Dr. Laércio Martinez como presidente.

1977 Registro de toda documentação de fundação da CBC.

1978 A Confederação Brasileira de Culturismo é reconhecida como CBC no Conselho Nacional de Desportos, como também filiada à *International Federation of Body Builders*-IFBB, *World Arm Wrestling Federation*-WAWF e *International Powerlifting Federation*-IPF.

Década de 1980 Participação do Brasil em Campeonatos Mundiais de Musculação nos seguintes países: México, Filipinas, Egito, Bélgica e Cingapura. Em 1987, Luis Otávio de Freitas foi Campeão Mundial na Espanha e Wilson Santos Campeão Ibero-Americano no Uruguai. Início da primeira revista especializada em musculação: Mr.Vigor –Musculação Desportiva. Iniciam-se também nesta década os Cursos de Formação de Instrutores ao mesmo tempo em que há uma expansão na musculação, com o surgimento das Fábricas de Equipamentos e Fábricas de Suplementos Alimentícios no país.

1990 A CBC passa a ser chamada de Confederação Brasileira de Culturismo e Musculação -CBC-M, conforme processo do CND, com objetivo de incentivar a prática da musculação com pesos. Surgem os novos atletas do culturismo.

1994 A CBC-M implanta oficialmente o controle de antidoping na modalidade, com a chancela de seu presidente, Alexandre Pagnani.

1995 Início da realização do Olímpia Fitness em caráter profissional; no mesmo ano, o culturismo é aceito como esporte de exibição nos Jogos Pan-Americanos em Mar Del Plata na Argentina. O Brasil conquista neste evento duas medalhas de prata com dois atletas: José Carlos Souza Santos – SP e Marilandio Ponchet – SP.

1997 O atleta José Carlos Souza Santos da categoria até 65 kg é 3º Colocado nos Jogos Mundiais na Finlândia e Campeão Mundial (Mr.Universo) na República Slovakia (Bratislava).

and Weightlifting Confederation -CBC-M) in 1990, and welcomed a new generation of athletes. In the 1990s and first years of 2000, Brazilian athletes won several international competitions. Brazil has 24 states with federations affiliated to the CBC-M, 2,700 athletes who participate in regional annual competitions, 17,000 bodybuilding and weightlifting health clubs and an estimated number of 18,000 weightlifters.

1998 O Comitê Olímpico Internacional-COI reconheceu a IFBB oficialmente em 30 de janeiro. O atleta José Carlos Souza Santos é Vice-Campeão Mundial na Turquia (Izmir).

1999 Ocorre a primeira profissionalização de atleta brasileira feminina no culturismo: Monica Helena Martins – SP, que vive nos Estados Unidos.

1999 José Carlos Souza Santos é Bi-Campeão Mundial (Mr. Universo) na República Checa (Praga) e Campeão Pan-Americano pela Federação Internacional.

2000 O atleta José Carlos Souza Santos é o 3º Colocado na Malásia (Malaca). Mais uma atleta é profissionalizada no culturismo feminino: Ângela Debatin – SP, que conquistou uma classificação histórica para o Brasil: 3º Colocada no Miss Olímpia, a maior competição que existe entre os atletas profissionais.

2001 O atleta José Carlos Souza Santos é Tri-Campeão Mundial. Pagnani profissionaliza o segundo atleta masculino que vive do esporte sem sair do país: Omar Josefe (PE). Surge uma atleta brasileira que vive na América há mais de 26 anos e nunca representou os EUA em competições internacionais, mesmo tendo dupla nacionalidade. Seu objetivo era representar o Brasil e a CBC-M profissionalizou Karina Nascimento, atleta culturista, que também conquistou a 3ª colocação no Miss Olímpia. No mesmo ano, Miguel de Oliveira (BA), torna-se profissional, considerado por muitos uma das grandes esperanças para o Brasil. Com a nova modalidade chamada Figure, Simone Moura torna-se a última atleta a ser profissionalizada no culturismo nos últimos anos. José Carlos Souza Santos torna-se Vice-Campeão Mundial dos Jogos Mundiais no Japão (Aquila).

2002 José Carlos Souza Santos Tetra-Campeão Mundial – Egito (Cairo).

2003 José Carlos Souza Santos Vice-Campeão Mundial – Índia (Mumbai). O culturismo entra para os Jogos Pan-Americanos com demonstração em Santo Domingo. José Carlos Souza Santos torna-se Campeão dos Jogos Pan-Americanos. O Brasil conquista melhor Classificação no Miss Fitness: uma nova modalidade esportiva integrada ao culturismo, com a atleta Rosana Muller.

Situação atual A IFBB é a sexta maior federação esportiva do mundo e tem hoje 198 países membros. Nesta entidade, a musculação e o fitness são considerados fator importante para a saúde dos indivíduos. O culturismo é um esporte incluído em 11 Jogos regionais e internacionais e reconhecido oficialmente em mais de 100 Comitês Olímpicos Nacionais. Aproximadamente mais de 175.000 pessoas estão registradas no mundo como competidores amadores dentro IFBB. No Brasil, há hoje 24 estados com federações filiadas, 2.700 atletas participantes de competições regionais por ano, 17.000 academias de musculação, e um número estimado de 18.000 culturistas. A musculação sem fins competitivos, como treinamento de pesos visando principalmente a estética e a saúde, é praticada por homens e mulheres na maioria das academias no Brasil. Uma pesquisa realizada na Universidade Gama Filho para uma tese de mestrado revelou a musculação como preferência números 1 e 2 num universo de 315 mulheres (ver Tabela 1 – Miragaya e Gomes, 2003).

A IFBB é membro da *General Association of International Sports Federations* (Associação Geral das Federações Internacionais de Esporte - GAISF), sendo reconhecida pelo Conselho Olímpico da

Ásia e pelo Conselho Supremo para o Esporte da África. É também reconhecida e participa nos seguintes eventos: Jogos Pan-Americanos, Jogos Sul-Americanos, *Southeast Asia Games* (Jogos do Sudeste da Ásia), *Asian Games* (Jogos Asiáticos), *Central American Games* (Jogos da América Central), *Caribbean Games* (Jogos do Caribe), *Arab Games* (Jogos Árabes), *South Pacific*

Tabela 1 / Table 1

Preferências de atividades físicas por mulheres da Universidade Gama Filho e de 11 academias das zonas norte e sul da cidade do Rio de Janeiro

Physical activities preferred by women from Universidade Gama Filho (UGF) and from 11 health clubs (Academias) of northern and southern districts of Rio de Janeiro city ()*

1ª atividade / 1st activity		2ª atividade / 2nd activity	
UGF	Academias	UGF	Academias
Caminhada 19%	Musculação 44%	Musculação 44%	Musculação 27%
Musculação 17%	Ginástica 26%	Caminhada 12%	Ginástica 16%
Ginástica 11%	Caminhada 6%	Ginástica 12%	Bicicleta 6%

(*) Key: caminhada = walking; musculação = weight training; ginástica = gymnastics; bicicleta = bike.

Categorias / Categories

Culturismo Masculino: até 65 kg, Até 70 kg, Até 75 kg, até 80 kg, Até 87,5 kg, Até 95 kg, acima de 95 kg

Culturismo Feminino Senior: até 52 kg, até 57 kg e acima de 57 kg

Culturismo Juvenil Masculino: até 80Kgs + de 80 kg

Culturismo Máster acima de 40 anos: até 80 kg, + 80 kg e acima de 50 anos

Culturismo Máster Feminino 35 anos: categoria única

Miss Fitness: até 1.58 cm, até 1.64 cm e acima 1.64 cm

Body Fitness: até 1.64cm acima de 1.64cm

Games (Jogos do Pacífico Sul), *African Games* (Jogos Africanos) e *World Games* (Jogos Mundiais).

Fonte: Professor Alexandre Pagnani; Professor Afonso Monteiro: *International Federation of Body Builders*: www.ifbb.com/index.html; Confederação Brasileira de

Atletas brasileiros profissionais

Brazilian professional athletes

- 1) Mônica Helena Martins
- 2) Ângela Debatin
- 3) Omar Josef
- 4) Karina do Nascimento
- 5) Miguel de Oliveira
- 6) Simone Moura
- 7) Edson Prado

Atletas do culturismo destaque amador internacional

Best Body building athletes – international amateur

- 1) José Carlos Souza Santos – SP (categoria até 65 kg)
- 2) Romenildo Silva – BA (categoria até 70 kg)
- 3) Luiz Sarmento – ES (categoria até 75 kg)
- 4) Gleison Souto – MG (categoria até 90 kg)
- 5) Fernando Telles – BA (categoria acima 90 kg)

Destaque culturismo feminino internacional amador

Best Body building feminine athletes – international amateur

- 1) Ana Claudia Macedo

Destaque fitness internacional

Best fitness internacional

- 1) Rosana Muller
- 2) Juliana Malacarne

Culturismo e Musculação; Miragaya, A. e Gomes, P. (2003). Perfil da prática de atividade física sistemática em uma amostra de 315 mulheres de 18 a 50 anos. Anais do XXVI Simpósio Internacional de Ciências do Esporte – Atividade Física Construindo Saúde – Edição Especial da Revista Brasileira de Ciência e Movimento p. 93.

Estados sede dos campeonatos Brasileiros, 1969-2003

Sites of the national championship, 1969-2003 (number of events)

Estados sede	Nº de vezes
São Paulo	15
Bahia	1
Rio Grande do Sul	3
Rio de Janeiro	2
Pernambuco	1
Minas Gerais	1
Ceará	2
Brasília	2
Amazonas	1
Goiás	3
Paraná	1
Espírito Santo	1

Crêterios da modalidade de culturismo

Body building sport definitions

Os critérios que definem um atleta campeão no culturismo são os seguintes: volume muscular, definição, proporção, simetria, estética e harmonia. Dentro destes critérios somente se aplicam alguns itens para as subdivisões de modalidades relacionadas ao culturismo tais como:

(a) Miss Fitness – modalidade em que a atleta deve mostrar (i) tônus muscular, não totalmente definido como no culturismo, através de uma (ii) performance atlética, (iii) bronzeamento da pele, (iv) estética e (v) beleza facial, tudo isso numa primeira etapa de 3 a 4 rotinas, dentre elas a rotina de coreografia de 90 segundos, demonstrando flexibilidade, força, sincronismo, movimentos de grau dificuldade e evolução.

(b) Body Fitness: modalidade que avalia a estética corporal seguida de tônus muscular, cor da pele, além de troca de trajes exigidos pela arbitragem. Tal modalidade tem como objetivo selecionar a atleta que tão somente executa exercícios de musculação em busca de um corpo perfeito.

Esporte universitário

GEORGIOS HATZIDAKIS

University sport

After the very first university sports association was founded in the United States in 1905, similar associations were developed in Hungary, Poland, Germany, Sweden, and Norway. In Brazil university students themselves initiated sports practices at Mackenzie College (São Paulo), at the Faculdade de Medicina e Cirurgia (Medical School) in Rio de Janeiro, and at the traditional Escola Politécnica do Rio de Janeiro (Polytechnic School of Rio de Janeiro) at the end of the 19th century. Mackenzie College

Definições e origens Esporte Universitário pode ser definido, em princípio, como "...uma forma de esporte institucional que oferece atividade física para os membros da universidade/faculdade. Enquanto que a maior parte dos esportes oferecidos são recreativos, existem também esportes competitivos nos quais os estudantes podem participar através de competições amistosas e competições estaduais (promovidas pelas federações universitárias) e nacionais, promovidas pela CBDU” (Barbanti, 1994). Mais simplificadaamente, diz-se que o "esporte universitário é um fenômeno social que supre as necessidades de intercâmbio e integração física, cultural e social dos universitários” (Hatzidakis, 1993). Por sua vez, Coelho (1984) afirma que “o esporte universitário é um esporte de formação, cuja função principal é social, visando o bem estar do estudante universitário. É impossível negar a contribuição do desporto acadêmico para aproximação do ser humano, de seu relacionamento, do incentivo ao coleguismo, ao espírito de coletivismo e também ao incentivo à formação de novas lideranças”. Tais interpretações não são mutuamente exclusivas, em oposição às formas de prática observadas no Brasil que se apresentam como: (a) Esporte Universitário de Rendimento, praticado por alunos selecionados dentro de cada Instituição de Ensino Superior-IES, com objetivo de participar de competições inter-universidades, inclusive em campeonatos oficiais das Federações Universitárias Estaduais e pela Confederação Brasileira de Desportos Universitários-CBDU (por vezes considerado com Esporte da Universidade); (b) Esporte Universitário de Participação, praticado por qualquer aluno, de modo voluntário, sem qualquer tipo de seleção, seja em competições internas ou atividades esportivas recreativas com outros alunos, visando a integração dos praticantes na plenitude da vida social, na promoção de saúde e da educação (também considerado com Esporte do Universitário); (c) Esporte Universitário Educacional, praticado nas IES por meio da Educação Física Curricular ou nas Entidades Acadêmicas Esportivas (Associações Atléticas Acadêmicas, Clubes Acadêmicos, Departamentos Esportivos de Centros ou Diretórios Acadêmicos), com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral e a formação para a cidadania e o lazer.

Segundo a CBDU (1991) a primeira competição universitária de nível internacional reconhecida pela Federação Internacional do Desporto Universitário–FISU, foi a regata de remo entre as Universidades de Oxford x Cambridge na Inglaterra, realizada a partir de 1829. Também a competição de remo entre as Universidades de Keyiu x Wazeda de Tóquio, a partir de 1905, é reconhecida como uma das mais tradicionais e antigas competições entre acadêmicos. ORMEZZANO (1996) afirma que a primeira associação de esportes universitários foi fundada em 1905 nos Estados Unidos, seguida pelo nascimento sucessivo das associações da Hungria, Polônia, Alemanha, Suécia e Noruega. No Brasil, a prática desportiva entre universitários, sempre foi iniciativa dos próprios universitários, segundo COELHO (1984), surgindo no final do século XIX, no College Mackenzie (São Paulo), na Faculdade de Medicina e Cirurgia (Rio de Janeiro) e na antiga Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Em 1900, o College Mackenzie disputou campeonatos de futebol e outros esportes com seus times formados por estudantes, sendo que a maioria dos integrantes de equipes como o Flamengo, Fluminense e Botafogo (todos do RJ) era de estudantes universitários. Estes antecedentes marcaram a tradição do Esporte Universitário no exterior e no Brasil, cujos fatos de memória podem ser reunidos resumidamente como se segue.

1916 Neste ano começaram as primeiras disputas interestaduais entre São Paulo e Rio de Janeiro, envolvendo equipes de universitários.

students in teams of various sports, particularly soccer, participated in championships against teams of several clubs in 1900. After Federação Atlética dos Estudantes (Athletic Students' Federation - FAE) was founded in Rio de Janeiro-RJ in 1933, various other similar institutions started to be created in other states. The 1ª Olimpíada Universitária do Brasil (First Brazilian University Students Olympic Games) took place in São Paulo-SP in 1935. The first sports university academic institution at national level

1919 Funda-se em Estrasburgo, França, a Confederação Internacional dos Estudantes-CIE.

1923 Na França foi realizada a primeira edição dos Jogos Mundiais Universitários.

Década de 1930 No Brasil, em 1933, fundou-se a Federação Atlética dos Estudantes-FAE, no Rio de Janeiro-RJ, atualmente Federação de Esportes Universitários do Rio de Janeiro-FEURJ, e em 1934, a Federação Universitária Paulista de Esportes-FUPE. Em 1935, iniciou-se uma das mais tradicionais competições entre universidade, a MAC-MED (Mackenzie x Faculdade de Medicina, ambas de SP), bem como foi realizada a 1ª Olimpíada Universitária do Brasil, na cidade de São Paulo-SP. Em 1939, foi fundada a primeira entidade acadêmica esportiva universitária em nível nacional, a Confederação Universitária Brasileira de Esportes-CUBE.

1934 Em São Paulo, a fundação da FUPE coincidiu com a fundação da Universidade de São Paulo-USP. Sob a presidência do então acadêmico Constâncio Vaz Guimarães, do Centro Acadêmico XI de Agosto (Faculdade de Direito de São Paulo) e representantes do Grêmio “Politéchnico” (Escola “Politechnica”), Centro do Instituto de Educação e Centro da Escola de Medicina e Veterinária, foi realizada a assembléia de fundação da FUPE, tendo sido considerados também fundadores- apesar de não estarem presentes nessa reunião- o Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz” da Faculdade de Medicina de São Paulo, Centro Acadêmico “Luiz de Queiroz” da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” e o Centro Acadêmico da Faculdade de Pharmacia e Odontologia de São Paulo. A FUPE teve papel destacado no Esporte Amador paulista, tendo sido inclusive fundadora de outras Federações, tais como a de Futebol de Salão.

1941 Emissão da primeira regulamentação do “Desporto Universitário Nacional”, por meio do Decreto-Lei 3617 (Governo Getúlio Vargas) que, além de instituir oficialmente a CBDU, criou as Associações Atléticas Acadêmicas, ligadas aos Centros Acadêmicos. O dispositivo legal obrigava as Universidades e IES a construírem e montarem praças esportivas, constituindo tal exigência uma das condições para autorização e reconhecimento federal, além de instituir oficialmente os JUB’s (Jogos Universitários Brasileiros).

1945 Logo após a 2ª Guerra Mundial, criou-se na cidade de Praga a União Internacional dos Estudantes-UIE, dividindo a direção do esporte estudantil no mundo e praticamente extinguindo a CIE.

1949 Em Merano, na Itália, foi fundada a Federação Internacional do Esporte Universitário-FISU que em 1959 organizou a primeira “Universiade”, que contou com a participação de muitos países membros da UIE, provocando a reunificação da direção do Esporte Universitário. Este, a partir dessa data, teve grande desenvolvimento em nível mundial, sendo que hoje a “Universiade” detém a segunda maior mídia televisiva do esporte amador, sendo superada somente para os Jogos Olímpicos.

1975 No Brasil, a Lei 6.251 desvincula dos Centros Acadêmicos a prática e a organização do Esporte Universitário, obrigando a criação da Associações Atléticas Acadêmicas como entidades autônomas e únicas entidades formadas por alunos a poder organizar o esporte dentro das IES.

1990 Neste ano, houve um fato marcante na história do Esporte Universitário no Brasil: a inauguração do Centro Esportivo

was founded in 1939: the Confederação Brasileira de Esportes Universitários (Brazilian University Sports Confederation - CBDU). Today the CBDU puts together 27 Federações Esportivas Universitárias Estaduais (State Sports University Federations) and organizes the Jogos Universitários Brasileiros (Brazilian University Games–JUBs), with the participation of 4,000 athletes from the whole country. These Games are among the most important multi-sports championships of Brazil and of the world.

Universitário “Paulo Roberto Trivelli” da FUPE, sendo esta a segunda Federação Esportiva no Brasil a ter um Centro Esportivo próprio.

Décadas de 1980 – 1990 Neste período, diversas Universidades por todo o Brasil usam o Esporte como estratégia de Marketing. Na década de 1980 a Universidade Gama Filho (RJ) patrocinou diversos alunos-atletas individuais do atletismo e a Universidade Metodista de Piracicaba–UNIMEP (SP) patrocinou uma equipe de Basquetebol Feminino. Já na década de 1990 a Universidade Luterana do Brasil–ULBRA (RS) e a Universidade Bandeirante de São Paulo–UNIBAN (SP) retomaram os investimentos de Universidades nos Esportes, mantendo equipes em diversas modalidades, sem necessariamente serem os atletas alunos da instituição, mas com objetivo de divulgação. Foram seguidas por outras como a Universidade Mackenzie (SP), Universidade de Guarulhos–UNG (SP), Universidade de Três Corações– UNINCOR (MG), Universidade de Araraquara–UNIARA (SP), Universidade do Sul de Santa Catarina–UNISUL (SC), Universidade Salgado de Oliveira–UNIVERSO (RJ). Este impulso inicial deu como resultado em 1998, a criação em São Paulo-SP da Liga de Esportes das Universidades Brasileiras – LEUB, que reuniu Universidades que têm por objetivo obter retorno de mídia através do Esporte Universitário.

Situação atual A liberdade de organização oferecida pela Lei nº 8.672/93 (“Lei Zico) e posteriormente pela Lei nº 9.615/98 (“Lei Pelé”), pouco modificou a estrutura criada desde 1941 para o Esporte Universitário. As Associações Atléticas Acadêmicas (denominadas de A.A.A.s) são as entidades básicas de organização do Esporte Universitário na maioria das IES, constituindo-se nos centros diretamente responsáveis pela prática esportiva no âmbito destas Instituições, podendo ou não ser dirigidas por Acadêmicos. As IES que não possuem A.A.A.s são representadas em competições oficiais pelos seus Centros Acadêmicos e Departamentos de Educação Física. As A.A.A.s também promovem competições universitárias, tais como MAC-MED, PAULI-POLI, Inter-MED, Inter-FARMA, Inter-Odonto, Jogos Jurídicos, entre outras. As Federações Universitárias Estaduais são as entidades responsáveis por todas as atividades desportivas universitárias praticadas dentro dos Estados que representam, sendo filiadas à CBDU, que em virtude de seus estatutos, aceita somente uma representante por Estado. A CBDU é entidade responsável pela prática do Esporte Universitário em todo o território nacional, sendo filiada à Federação Internacional do Esporte Universitário-FISU. Esta entidade maior, após um período de reorganização no início da década de 1990, em virtude da total dependência de verbas públicas, voltou a promover anualmente os Jogos Universitários Brasileiro-JUB’s, além da participação bienal nas Universiades, Jogos Mundiais Universitários, e anual, em campeonatos mundiais universitários isolados.

A CBDU é constituída por 27 Federações Esportivas Universitárias Estaduais que formam a Assembléia Geral, órgão máximo da Entidade, que elege a diretoria com 10 membros e mandato de quatro anos. Tem sede própria em Brasília-DF. O maior evento esportivo promovido pela CBDU são os Jogos Universitários Brasileiros, os JUBs. Com a participação de 4.000 (quatro mil) atletas de todo o País, os JUBs estão entre os campeonatos multi-desportivos mais importantes do Brasil e do mundo. Os Jogos Universitários Brasileiros são realizados a cada ano em uma cidade diferente e disputados em sete modalidades obrigatórias (atletismo, basquete, vôlei, handebol, futsal, judô e natação) e até cinco opcionais, indicadas pelo Comitê Organizador da cidade-sede. Até o ano de 1998 os JUBs eram disputados pelas Seleções Universitárias Estaduais, organizadas pelas Federações Universitárias Estaduais. A partir de 1999, os JUBs passaram a ser

disputados por Instituições de Ensino Superior-IES. A CBDU também organiza Campeonatos Brasileiros Universitários, geralmente nas modalidades que não participam dos JUBs. Tanto os Jogos Universitários Brasileiros quanto os Campeonatos Brasileiros Universitários são abertos a todas as IES e a seus alunos de 17 a 28 anos de idade. O registro dos estudantes nessas competições deve ser efetuado na CBDU pelas IES, por meio das Federações dos Estados.

Fontes Barbanti, V. J. Dicionário de educação física e do esporte. São Paulo: Editora Manole Ltda, 1994; BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Física e Desporto. Uma nova

política para o desporto brasileiro. Brasília, 1985; CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS UNIVERSITÁRIOS. Desporto Universitário: Perfil e proposta de Reformulação. Brasília: 1991; CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS UNIVERSITÁRIOS. Site da Entidade. www.cbdu.com.br; COELHO, S. L. Cópia da palestra proferida em mesa redonda sobre alocação de recursos públicos para o esporte promovida pelo CENDEC - Centro de Treinamento para o Desenvolvimento Econômico. Rio de Janeiro: CBDU, 1984; FEDERAÇÃO UNIVERSITÁRIA PAULISTA DE ESPORTES – 1º Livro de atas do Conselho de Representantes da FUPE. Iniciado em 18/9/1934 e Terminado em 12/5/48; Hatzidakis, G. S. Perfil da

atividade esportiva principal de atletas universitários participantes de competições esportivas universitária oficiais. Monografia UNIFEC São Caetano do Sul, 1993; Marinho, I. P. História da Educação Física no Brasil. São Paulo: Cia. Brasil Editora, s/d; Melo Filho, Á. Nova lei do desporto – comentada. Rio de Janeiro: Forense, 1994 e "Lei Pelé": comentários à lei no 9.615/98. Brasília: Livraria e Editora Brasília Jurídica, 1998; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Lei no 6.251. Brasília: Departamento de Documentação e Divulgação, 1976; Ormezzano, G.P. UNIVERSIADE round and about. Ages Arti Grafiche, 1996; Passos, S. C. E. (organizadora) et alli. Educação Física e Esportes na Universidade. Brasília: Editora da UNB, 1988.

Novas tendências do patrocínio esportivo nas universidades brasileiras, 2003

New trends of sport sponsorship in Brazilian universities, 2003

No dia 3 de junho de 2003, a Universidade de Araraquara-SP virou manchete de diversos meios de comunicação. O destaque era dado à sua equipe de basquete masculino que, na noite anterior, conseguira um feito inédito. Ao derrotar o Vasco da Gama-RJ, um dos favoritos ao título do Campeonato Nacional, o time chegava pela primeira vez à fase final da principal competição dessa modalidade no país. Além dos jogadores e da comissão técnica, os responsáveis pelo marketing da UNIARA eram os que mais comemoravam a façanha: o nome da universidade tornava-se conhecido nacionalmente. Assim como a UNIARA, outras instituições de ensino superior no Brasil aprenderam a fazer do esporte um meio de promover sua marca. Hoje, muitas apóiam financeiramente equipes e atletas, resolvendo o problema do patrocínio, um dos principais obstáculos no desenvolvimento de esportes menos populares que o futebol, e criando um espaço a mais de publicidade. Fernando Soares Mauro, pró-reitor administrativo da UNIARA contabiliza que para chegar à final, a TV Bandeirantes transmitiu seis jogos da equipe. Para cada partida, houve aproximadamente duas horas de exposição da marca, o que representa cerca de R\$ 1,5 milhão de investimento.

Essa quantia, que teria sido gasta em duas horas, seria 25 vezes maior do que o investimento recebido mensalmente pela equipe. Em 1998, a UNIARA era apenas uma equipe formada por alunos e que disputava a série A-2 do Campeonato Paulista, a segunda divisão do basquete. Quando passou para a divisão principal, no ano seguinte, a entidade teve campanhas ruins durante duas temporadas, sem conseguir se classificar entre os cinco primeiros. A arrancada aconteceu no ano passado, com a mudança da comissão técnica. Primeiro foi o vice-campeonato paulista, em janeiro, e depois o vice brasileiro. Esse último deu à equipe o direito de disputar, em 2003, o Sul-Americano de clubes, criando oportunidade de tornar o nome da universidade conhecida internacionalmente. Enquanto o reconhecimento estrangeiro não chega, a assessoria de imprensa da UNIARA mede os efeitos conquistados dentro do país. Em janeiro de 2001, o time ocupou apenas 220 centímetros das três publicações de Araraquara. Um ano depois, logo que o time chegou à final do Campeonato Paulista, a cobertura da imprensa rendeu 14.888 centímetros. Além disso, comprovou-se que o número de matriculados no vestibular da instituição que tiveram conhecimento da escola por meio do basquete cresceu. Mas o modelo de Araraquara não é original. Foi implantado antes em Canoas, RS, onde, há sete anos, a Universidade Luterana do Brasil-ULBRA investe em atletismo, basquete, futebol, futebol de salão, handebol e voleibol. A primeira aposta foi o patrocínio da equipe de futsal do Internacional, um dos mais tradicionais do Estado. Em 1998, as modalidades tinham se desenvolvido de tal modo que a universidade criou o Sport Club Ulbra. Na prática, significava que a Ulbra deixava de ser mera patrocinadora para assumir a gestão dos times. Hoje, o clube é independente e a universidade funciona como uma das mantenedoras. Um modelo pioneiro no Brasil, mas que ainda está longe das práticas de sucesso das universidades norte-americanas e das possibilidades atuais das confederações esportivas no país. No ano passado, quando a equipe masculina de vôlei de Canoas chegou à final da Superliga, a principal competição brasileira da modalidade, o departamento

de marketing estimou que se as aparições do time em programas de TV e em matérias em veículos impressos fossem pagas, a equipe teria que desembolsar quase dez vezes mais o que havia investido. E não foi somente o vôlei que obteve bons resultados. A equipe de futsal da ULBRA é uma das mais competitivas do Brasil. Foi campeã da Liga Nacional em julho deste ano e conta com Lenisio, eleito o melhor jogador da competição no ano passado. Para a faculdade, o principal retorno ocorreu fora das quadras. Em sete anos, a ULBRA passou da terceira instituição do Estado do Rio Grande do Sul – atrás de EFRGS e UNISINOS – para a terceira do país em número de alunos. Segundo dados divulgados pela universidade, em 1995, o campus de Canoas contava com 10 mil matriculados. Até o início de 2002, essa quantidade quadruplicou. “Hoje, temos o primeiro curso de Educação Física do País, com quase 4 mil alunos. A associação com um esporte não corrompido fortifica a marca e esse foi um dos fatores essenciais para o nosso crescimento. Nós temos consciência e assumimos que investir em esporte é uma boa forma de marketing”, diz Roberto Tietz, supervisor do Sport Club Ulbra.

Para comprovar que o resultado não cumpre meramente funções institucionais, esta universidade cita o prêmio Top of Mind, recebido da revista Amanhã, no início de 2002: entre os 1,2 mil entrevistados (homens e mulheres de 18 a 65 anos e de todas as classes sociais), a ULBRA apareceu em primeiro na categoria “Universidade” e “Time de futsal”. “Isso é sinal de que as pessoas estão adotando a universidade como própria”, diz a professora Sirlei Dias Gomes, diretora da assessoria de comunicação social. Desde que se tornou independente da universidade, a ULBRA tenta firmar parcerias para manter as equipes. Em 1999, o time de Futebol de Salão teve o apoio da Telet, empresa gaúcha de telefonia celular, e foi campeão mundial na Rússia. O desempenho vitorioso da universidade nas quadras atraiu novos parceiros e, com o patrocínio da Telefônica, o time garantiu o terceiro lugar na Liga Nacional. Um ano depois, já com o nome de Ulbra/Chevrolet, o time era bicampeão mundial. “Fazemos o esforço para que os nossos patrocinadores sejam nossos parceiros. Queremos que eles participem mais do que simplesmente entrar com dinheiro em troca de propaganda. É importante que eles também possam contribuir em outras áreas da universidade”, diz Tietz. Inspirada nos resultados da ULBRA, a Universidade do Sul de Santa Catarina -UNISUL também mantém, há três anos, um clube independente, o Unisul Esporte Clube. O projeto para sua aplicação foi assinado por Renan Dal Zotto, ex-jogador de voleibol que integrou a Seleção Brasileira na conquista da medalha de prata na Olimpíada de Los Angeles. “Apresentei um projeto e a direção da universidade acreditou no marketing esportivo para conseguir que fôssemos conhecidos nacionalmente”, conta Renan. Em 1999, a equipe terminou a Superliga na segunda colocação e, nos dois anos seguintes, na terceira. “Tínhamos dois objetivos principais: o marketing em si e um idealismo em achar que poderíamos aliar o esporte à educação. Sabemos que temos de buscar sempre o bom desempenho da equipe, porque é isso que nos dá visibilidade”, completa.

Para medir os frutos do investimento, a universidade também contratou uma empresa especializada. Mais uma vez, sucesso garantido: para cada real investido, 18 de retorno. O próximo passo é finalizar o Complexo Olímpico: orçado em US\$ 4 milhões, leva o nome instituição e vem sendo realizado em conjunto com o

Ministério dos Esportes. A estrutura pretende atender às exigências das Confederações Internacionais. “A idéia é que daqui a alguns anos possamos fazer do clube um laboratório da universidade e tirar da UNISUL os profissionais que cuidem dos bastidores da equipe, do fisioterapeuta ao assessor de imprensa”, projeta Renan. Na ULBRA, esse modelo já foi implantado e em cada modalidade há pelo menos um estagiário do curso de Educação Física. Os alunos aprovam a iniciativa e a oportunidade de ingressar no mercado de trabalho. Alguns até têm realizado carreira de sucesso. Há dois anos, quando ainda era aluno, Marco Vinícius Bianchi foi indicado como assistente de treinador de goleiro da equipe de futebol de salão. Em pouco tempo tornou-se o treinador principal e, recentemente, foi contratado pelo El Pozzo, campeão espanhol. Além dos estagiários, a infraestrutura também é compartilhada. “Ter o suporte universitário é muito bom e nos traz muitos benefícios. Temos à nossa disposição o Laboratório de Pesquisa do Movimento, além de apoio de alunos de diversos cursos, quadras, infra-estrutura e material esportivo”, conta Tietz. “Os outros clubes não têm as mesmas vantagens”, acrescenta. Os atletas também ganham com a parceria. Nesses clubes, a falta de oportunidade e de tempo não serve de desculpa para interromper os estudos. Na maioria dos contratos, a bolsa para um curso de graduação entra na lista dos benefícios. Portanto, a programação da equipe é preparada pela comissão técnicas, levando em conta o horário de estudo do jogador. “Os técnicos pedem para que eles estudem. Vários optam pelo curso de Educação Física para poder contar com um diploma quando deixarem as quadras e, assim, poder atuar como técnicos ou fazer algo relacionado à área. Esse também é um vínculo a mais no momento da renovação do contrato: o atleta pensa duas vezes antes de sair do time, porque sabe que também terá de deixar a faculdade”, constata Mauro. A Universidade Braz Cubas-UBC, de Mogi das Cruzes-SP, foi a que mais recentemente passou a investir no basquete masculino. Ela é apenas uma co-patrocinadora da equipe da cidade, já que o principal apoio vem da Valtra, uma empresa de tratores. Agora, das 15 equipes inscritas no Campeonato Nacional, oito mantêm algum tipo de vínculo com centros universitários. Além do basquete, a UBC também patrocina dez times de beisebol, de várias idades, e o atleta de bodyboard Gustavo Martins, que disputa atualmente o Circuito Paulista da categoria. Um dos grandes obstáculos para o crescimento desses investimentos é a atual situação econômica brasileira. “É um período de muita dificuldade para as instituições de ensino superior, e não temos bola de cristal para saber até quando investiremos junto ao Mogi”, revela Saul Grinberg, pró-reitor administrativo da UBC. No entanto, o publicitário Rafael Sampaio acredita que a crise financeira pode acelerar a profissionalização do esporte brasileiro. “Na medida em que os recursos destinados ao marketing ficam escassos, a tendência dos patrocinadores é aplicar com mais cuidado e escolher os clubes mais bem estruturados”. Um processo que beneficiará tanto os clubes como as instituições de ensino.

Resumido de “A grande jogada das universidades”, Glaucia Nogueira, Ensino Superior, nº 47, 2003, disponibilizado em www.revistaensinosuperior.com.br

Universidade e basquetebol no Brasil, 2003

University and basketball in Brazil, 2003

O Grupo UNIVERSO com sede no Estado do RJ, constituído de Instituições de Ensino Superior de vários Estados, com o título da Supercopa Brasil conquistado por Brasília, em 2003, deve incluir cinco dos 16 times da edição 2004 do Campeonato Nacional de Basquetebol, todos pré-candidatos ao título. A Universidade Salgado de Oliveira já havia colocado três equipes na disputa dos campeonatos de 2002 e 2003. Neste ano, inclusive, houve um quase monopólio na semifinal, com os três times disputando o título com o COC/Ribeirão Preto, que acabou vencedor. A perda do troféu, ainda inédito para o grupo, não foi considerada um revés. "O importante é o nome da universidade aparecer. Não precisa nem ser campeão. Tive um retorno fantástico no último Nacional", festejou Wellington Salgado de Oliveira, presidente da instituição, que fornece orçamentos independentes para cada elenco. Esta quantidade de equipes torna a UNIVERSO a chave do futuro do basquetebol no país, e sem o seu apoio o projeto de uma liga independente de basquetebol, iniciativa da Sportlink, empresa de marketing esportivo do Rio, pode não se tornar realidade. E há ainda interesse em ter até quatro equipes no novo campeonato. Antes disso, no Nacional de 2004, a satisfação de Oliveira com o retorno publicitário tende a aumentar. Além do Universo/Brasília, já estão no Campeonato, o Universo-Minas e a Unit/Uberlândia, que fazem a decisão do Campeonato de MG. Na versão do evento em Goiás, o Ajax disputa as finais contra o Jaó e o Jóquei Clube, times semi-amadores, e deve garantir facilmente a vaga. No Rio, o Universo/Campos joga a semifinal do Estadual contra o Vasco, numa competição que coloca três times no Nacional. "Mas o Vasco parece que não irá disputar o Nacional. Independentemente disso, nosso objetivo é conquistar o título", declarou o técnico Guerrinha, referindo-se a uma conquista que seria inédita ao clube do interior do RJ. Com tais investimentos, a UNIVERSO passou a receber alguns privilégios da Confederação Brasileira de Basquete. Em 2002, por exemplo,

a universidade ampliou seu poder ao patrocinar o time do Minas. Para o campeonato seguinte, ela fortaleceu o lobby por duas vagas para o Estado. Pedido aceito, os classificados de 2003, Uberlândia e Minas, coincidentemente, eram ligados à instituição de ensino. No ano passado, conseguiu que o campeão goiano fosse diretamente para o Nacional de 2003, facilitando o caminho do Ajax. Com isso, pôde investir em uma nova praça, Brasília, para disputar a Supercopa Brasil, classificatório para times periféricos do país. E Brasília desbancou os paulistas da Hebraica e do Paulistano, que eram apontados como favoritos à conquista do campeonato.

Além do basquete, o Grupo Universo já investe em outros esportes. Até hoje, seu projeto esportivo mais bem-sucedido é o time de handebol feminino do Universo-Mauá, de São Gonçalo-RJ. A equipe conquistou dois títulos da Liga Nacional, em 1999 e 2003. Neste ano, impediu o tetracampeonato do Guarú, equipe mais vitoriosa da história da liga. Da seleção brasileira que disputa o Mundial da Croácia, três jogadoras atuam na equipe do Universo. A unidade de Recife investe em outro esporte, o futsal, que participa de competições locais. O time pernambucano, no entanto, ainda não esteve em qualquer dos dois principais campeonatos do país, a Taça Brasil e a Liga Futsal. Fora das quadras, a universidade começa a se expandir: a Unit, unidade de Uberlândia, além de já contar com o time de basquete mais antigo da empresa, quer criar uma equipe de futebol. A Associação Esportiva Unit deve começar modestamente, disputando a terceira divisão do Campeonato Mineiro.

Resumido de "Universidade se expande e põe em risco elite do basquete no Brasil" Adalberto Leister Filho, Folha de S.Paulo – 04/12/2003; e de "Mídia: Universidade e Basquetebol", em CEVIESEF, lista do Centro Esportivo Virtual-CEV, 16/01/2004 (Darwin Ianuskiewtz).

Federações universitárias filiadas à CBDU, 2003

CBDU affiliated federations per state, 2003

Federação de Desportos Universitários Acreanos – FDUA (AC)
Federação Acadêmica de Desporto do Amapá – FAD- (AP)
Federação Alagoana do Desporto Universitário – FADU – (AL)
Federação Amazonense Universitária de Desportos – FAUD – (AM)
Federação Universitária Bahiana de Esportes – FUBE – (BA)
Federação Universitária Cearense de Esportes – FUCE – (CE)
Federação do Esporte Universitário do Distrito Federal – FESU – (DF)
Federação Universitária de Esportes Capixaba – FUEC – (ES)
Federação Goiana de Desportos Universitários – FGDU – (GO)
Federação Acadêmica Maranhense de Esportes – FAME – (MA)
Federação Universitária Mineira de Esportes – FUME – (MG)
Federação Universitária de Esportes de Mato Grosso do Sul – FUEMS – (MS)
Federação Mato-grossense de Esportes Universitários – FMEU – (MT)
Federação de Esportes Universitários do Pará – FEUP – (PA)
Federação Acadêmica Pernambucana de Esportes – FAPE – (PE)
Federação Acadêmica de Esportes Piauiense – FAEP – (PI)
Federação Paraibana de Desportos Acadêmicos – FPDA – (PB)
Federação Paranaense de Desportos Universitários – FPDU – (PR)
Federação De Esportes Universitários do Rio De Janeiro – FEURJ – (RJ)
Federação Norte-rio-grandense de Desportos Universitários – FNDU (RN)
Federação Rondoniense de Desportos Universitários – FRDU – (RO)
Federação Atlética de Estudantes em Sergipe – FAES – (SE)
Federação Universitária Gaúcha de Esportes – FUGE – (RS)
Federação Catarinense do Desporto Universitário – FCUDU – (SC)
Federação Universitária Paulista de Esportes – FUPE – (SP)
Federação Universitária de Esportes do Tocantins – FUET – (TO)

Jogos e esportes tradicionais – Kabaddi e Sepaktakraw

RAQUEL PEDERCINI

Traditional games and sports – Kabaddi and Sepaktakraw

Traditional Games today make up a theme in physical education and a sports and cultural practice in several countries. A survey of the Sport for All Program discovered the existence of more than 100 traditional games in Brazil, in 1978, with practices limited to their own regions. There have been international

tendencies to restore these games as sporting activities. Two examples are the Kabaddi, original from India, and the Sepaktakraw, from Southern Asia, today inserted in the international sports system. Both games are played in small groups of school children in Brazil. Sepaktakraw already has a

national representative sports institution and participation in international events. Both experiences indicate not only that Brazilian players have easily accepted and adapted the new games but also that traditional games have a universal meaning (see text in English next page).

Kabaddi

Definição e origem Os Jogos Tradicionais constituem hoje um tema da Educação Física e uma prática esportiva e cultural em diversos países. No Brasil, em 1978 a então existente Campanha Esporte para Todos constatou por meio de seus voluntários a existência de mais de uma centena de jogos tradicionais, embora limitando-se à identificação das regiões de origem e de sua prática. Atualmente, há tendências internacionais de restauração destes jogos como atividade esportiva. Adiante, inclui-se um resumo de uma pesquisa de DaCosta publicada em 2004 sobre este tema, em livro internacional. Um exemplo típico desta reabilitação é o Kabaddi originário da Índia, que é uma modalidade esportiva coletiva de contato, envolvendo defesa e ataque. Os sete jogadores de defesa têm como objetivo capturar o jogador atacante, impedindo que ele retorne para o seu campo. Ao atacante só é possível marcar o ponto se, no momento do ataque, pronunciar sucessivamente “kabaddi, kabaddi...”. A história do Kabaddi vem da pré-história quando os homens defendiam-se dos animais e oponentes e atacavam em busca de alimentos. Embora não tenha registro formal, existem evidências que o Kabaddi tenha 4.000 anos. Na história épica da Índia um jovem guerreiro, Abhimanyu, sofreu uma emboscada envolvendo sete homens que fizeram uma barricada protegendo o ‘Chakrabhuha’. O jovem guerreiro tentou ultrapassar a barricada mas foi cercado e capturado pelos sete homens defensores, derivando-se daí o jogo. Este é reconhecido também por outras nomenclaturas em diferentes países da Ásia: Chedugudu e Hu-Tu-Tu – Sudoeste da Índia; Hadudu e Chu-Kit-Kit – Sudeste da Índia, Bangladesh; Gudu – Sri Lanka; Guddo – Indonésia; Teechub – Tailândia; Dodo – Nepal; Chedigudu ou Chaddo-Guddo – Malásia; Kaudi – Paquistão. Hoje, por ser uma modalidade de baixo custo, sem o uso de equipamento específico e possuir espaço de jogo reduzido (campo com 10m x 12,5m), o esporte se desenvolve rapidamente com crianças em idade escolar, principalmente em escolas públicas e comunidades carentes de diversos países.

1936 Nos Jogos Olímpicos de Berlim, o Kabaddi foi esporte demonstração e nesta ocasião foi oficialmente reconhecido como modalidade esportiva.

Décadas de 1950 – 1970 A Federação Indiana de Kabaddi–KFI foi fundada em 1950, regulamentando o jogo e criando regras pela primeira vez. O primeiro Campeonato Indiano de Kabaddi aconteceu em 1955 e as mulheres puderam competir nesta inauguração. Em 1969 a Inglaterra fundou a Federação Inglesa de Kabaddi e realizou o 1º Campeonato Inglês da modalidade. Em 1973 foi fundada a Federação Indiana de Kabaddi Amador–AKFI, reformulando as regras a tornando o esporte mais atrativo. Juntamente com as Federações do Paquistão, Malásia, Nepal, Sri Lanka e Bangladesh, a AKFI, em 1975 fundou a Federação Asiática de Kabaddi.

1982 – 1991 O Kabaddi foi um dos esportes demonstração dos Jogos Asiáticos de 1982 e, em 1990, foi incluído definitivamente neste evento. Seis países reuniram-se e fundaram a World Kabaddi Federation em 1991: Índia, Paquistão, Malásia, Inglaterra, Canadá e Estados Unidos. Neste mesmo ano, ocorreu o primeiro Campeonato Mundial na história do Kabaddi envolveu as seleções da Índia, Paquistão, Canadá, Inglaterra e Estados Unidos.

1998 No Brasil, a então estudante da Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais, Raquel Pedercini, produziu estudo pioneiro sobre o Kabaddi.

1999 – 2000 O Kabaddi começou a ser praticado no estado de Minas Gerais, onde escolas da rede pública e projetos sociais começam a oferecer o Kabaddi para as crianças até 14 anos.

2001 A Associação Mineira de Esportes Diferenciados e Cultura–AMEDEC foi fundada e o Kabaddi passou a ser administrado por ela.

2002 A AMEDEC passou a promover o Encontro Mineiro de Kabaddi.

2003 A professora de Educação Física, Raquel Pedercini, visita a Ásia e aprofunda seus conhecimentos sobre o Kabaddi na Malásia, trazendo-os para sua expansão no Brasil.

Situação atual O número de praticantes de Kabaddi passa dos 250 e sua prática ainda é restrita a Minas Gerais, especificamente, Belo Horizonte.

Sepaktakraw

Definição e origem Esporte de equipe com duas formas distintas de disputa: círculo e equipe. O Sepaktakraw em Círculo consiste em passar a bola com os pés entre os cinco jogadores, dispostos em forma circular em área determinada. A bola deverá percorrer uma trajetória específica e a disputa é por tempo. O Sepaktakraw em equipe se assemelha ao futebol porém, há três jogadores em cada equipe; a bola é própria para o jogo, a quadra é menor e a rede mais baixa. Cada equipe deve dominar a bola utilizando qualquer parte do corpo, exceto mãos e braços, executando no máximo três toques sendo que um mesmo jogador poderá, sozinho executar até os três toques. A disputa é por pontos, tal qual o voleibol. O Sepaktakraw surgiu há mais de 500 anos, no sudeste da Ásia. Na cidade de Melaca, na Malásia havia um jogo que consistia em dominar um instrumento no ar e contar o número de pontapés dados. Era jogado em círculo onde um jogador passava a bola a outro sem deixá-la cair. O Jogo em Círculo (*Circle Game*) é a forma mais antiga e tradicional do Sepaktakraw. Devido às suas características, por muito tempo ele proporcionou diversão para aldeias do sul e sudeste da Ásia e passou a ser considerado um ‘esporte para todos’ pelo fato de ser praticado por pessoas de qualquer idade, bastando para isso ter um pequeno espaço e a bola.

Na década de 1920, um grupo de entusiastas da modalidade introduziu o uso da rede e estabeleceu regras, semelhantes às do voleibol, para tornar a modalidade mais atrativa. Começaram utilizando uma quadra de Badminton para jogar. Em 1945 na cidade de Penang, na Malásia, o jogo foi formalizado, dando origem ao Sepaktakraw moderno e passando a ser praticado em todo o continente asiático. O jogo foi sendo amplamente praticado e em cada nação adotou um nome: Tailândia – Takraw; Filipinas – Sipa; Malásia, Singapura e Brunei – Sepakraga; Myanmar – Ching Loong; Indonésia – Rago; Laos – Kator; Futevoleibol – Porto Rico.

Em 1960, em Kuala Lumpur capital da Malásia, reuniram-se os representantes do jogo dos países asiáticos para formalizar as regras do esporte. Em 1965, durante a reunião dos países

integrantes da *SEAP Games* – Jogos da Península do Sudeste Asiático, o nome da modalidade ficou definida como Sepaktakraw, que quer dizer ‘sepak’ – pontapé, e ‘takraw’ – bola. Neste mesmo ano aconteceu o primeiro evento esportivo internacional com a inserção do Sepaktakraw nos Jogos do Sudeste Asiático. Durante os Jogos Asiáticos de Nova Dheli, na Índia em 1982, o Sepaktakraw foi esporte demonstração e figura até hoje como integrante dos Jogos Asiáticos.

Em 1984 a bola oficial do esporte, feita de bambu trançado, foi substituída por uma bola de plástico sintético, aprovada Federação Asiática de Sepaktakraw–ASTAF, revolucionando a história da modalidade. Em 1988 foi fundada a Federação Internacional de Sepaktakraw–ISTAF, fazendo parte deste movimento não só os países asiáticos mas também a Alemanha, Austrália, Canadá, Egito, Estados Unidos, Finlândia e Grã-Bretanha. Hoje a ISTAF possui mais de 50 países filiados.

1998 O Sepaktakraw começou a ser praticado no Brasil em 1998 no estado de Pernambuco, trazido pelo arquiteto e amante do futevôlei Hilário Nóbrega que conheceu a modalidade em visita à Ásia.

1999 A equipe brasileira disputou o seu primeiro campeonato internacional, em Bogotá – Colômbia, ficando na terceira colocação.

2000 Foi fundada a Associação Brasileira de Takraw, filiada à International Sepaktakraw Federation.

2001 O Brasil disputou o 16º Campeonato Mundial de Sepaktakraw, na Tailândia, ficando em primeiro lugar em sua categoria. Nesse mesmo ano, na Malásia, o Brasil também conquistou a primeira colocação em sua categoria na disputa da 11ª ISA Cup.

2002 A Associação Brasileira de Takraw realizou a 1ª Copa de Takraw, contando com 8 equipes de Pernambuco.

2003 A seleção brasileira disputou o 18º Campeonato Mundial de Sepaktakraw, na Tailândia e sagrou-se campeã do nível de acesso, conquistando o direito de disputar os próximos campeonatos mundiais na categoria superior.

Situação atual O Sepaktakraw reúne elementos do futevôlei e da capoeira. Por essas características a modalidade apresenta fácil adaptação cultural pelos brasileiros e consegue se desenvolver com alguma facilidade. O número de praticantes no Brasil é estimado em cerca de 300 jogadores encontrados em quatro estados: PE (Recife e Olinda), SP (Santos), MG (Belo Horizonte) e PR (Curitiba). Ver tendências atuais dos Jogos Tradicionais em geral, no texto que se segue em destaque e no seu original em língua inglesa.

Fontes FIEP BULLETIN. Pedercini, R. Modalidades esportivas diferenciadas no Brasil. 2004. v.74 – Special Edition.; FIEP BULLETIN. Pedercini, R. Sepaktakraaw no Brasil. 2004. v.74 – Special Edition.; Rules of Sepaktakraw – ISTAF (2003); www.worldtakraw.org; www.amedec.cjb.net; www.goindiago.com/sports/kabaddi; www.historytalking.com/Kabaddi.htm; DaCosta, L. P. (ed.) Teoria e Prática do Esporte para Todos. Palestra Editora, Rio de Janeiro, 1982.

Mapping the worldwide trends of traditional sports and games

LAMARTINE P. DaCOSTA

Source: "Traditional Games – Sport for All?", Pfister, Gertrud (Ed). Sankt Augustin – Germany: Academia, 2004 (Summary of the original chapter)

This research aims at mapping the international current situation of Traditional Sport and Games (TSG) in order to identify point-specific topics for appropriate and in-depth researches on this theme. In methodological terms, the present study is based on Arnold Van Gennep's proposals from the 1920s, to which observation of cultural events submitted to description and localization precede analysis and interpretation. As such, a survey was developed in 2000 / 2001 including 35 specialists in Sport for All and in other expressions from the so-called culture of movement. Comparative profiles of TSG from 28 countries were obtained encompassing five continental areas. The respondent countries were selected according to a zonal distribution in order to obtain a balanced international frame of comparisons. Finally, this distribution included 10 countries from Europe (EUR): Poland, Hungary, Romania, France, England, Spain, Germany, Greece, Portugal and Cyprus; 7 countries from Asia and the Middle East (ASIA - MEA): China, Malaysia, Japan, Australia, Lebanon, Israel and Singapore; 2 countries from Africa (AF): Cape Verde and South Africa; one from North America (NA): The United States; and 8 from Latin America (LA): Argentina, Chile, Colombia, Mexico, Uruguay, Venezuela, Ecuador and Brazil.

Interpretation of results (see tables) revealed that TSG activities have been decreasing for a long time but now they appear to be gaining stability. Also they either tie the present to the past (traditional games) or the present to the future (emergent games), in addition to some experiences of globalization. These circumstances of adaptation and transformation are presupposed as a consequence of modernization process of societies despite the indifference to TSG by present-day institutions. The manipulation of TSG by commercial initiatives may be set in contrast to preservation and idealization claims. The hegemony of top sport is another constraint to TSG but nationalism also stands in TSG case as a form of manipulation. The emergent approach of TSG is often outlined as the revival of children games and even as the ongoing condition of globalization of activities. Thus, preferred target groups for TSG are young people, children and the population as a whole. In conclusion, modernization of society has been affecting TSG primarily by decreasing their activities, but today's globalization is otherwise producing a steady balance in some practices or even an increase in others.

Traditional sports and games general trends

Development and current situation of practices
Continents / countries (n = 28)

STATUS OF PRACTICES	CHOICES					TOTAL
	EUR	ASIA & MEA	AF	LA	NA	
Decreasing continuously	5	1		5	1	12
They have decreased but now they are gaining some stability	7	4	1	5		17
Became traditional, i.e. they tie the present to the past	9	1	1	4	1	16
Increasing now	3	3		1		7
Becoming emergent, i.e. they tie the present to the future	2	3	1	1	1	8

Traditional sports and games general trends

Preferred target groups of TSG⁽¹⁾
(N = 28)

TARGET GROUPS	CHOICES					TOTAL
	EUR	ASIA & MEA	AF	LA	NA	
YOUNG PEOPLE	6	4	2	6	1	19
CHILDREN	4	3	2	4		12
ALL GROUPS	2	4				6
ADULTS	2	2	1	1		6
ELDERLY	1	2	1	2		6
WOMEN	4		1			5
WORKERS				3		3

⁽¹⁾Traditional Sport and Games

Traditional sports and games general trends

Common means of manipulation and social control
(N = 28)

SELECTED MEANS	CHOICES					TOTAL
	EUR	ASIA & MEA	AF	LA	NA	
COMERCIALIZATION	3	4	1	4	1	13
TOP SPORT HEGEMONY	5	4				9
NATIONALISM	3	1	1	2		7
POPULAR VALUES REJECTION		1		1	1	3
ELITE VALUES HEGEMONY	1	2				3
ETHNOCENTRISM			1	1		2
DISCRIMINATION AGAINST MINORITIES OR RACES				2		2

Traditional sports and games general trends

TSG future perspectives
(N = 28)

PERSPECTIVES	CHOICES					TOTAL
	EUR	ASIA & MEA	AF	LA	NA	
TSG AS AN EDUCATIONAL TOOL	7	5	1	5	1	19
REVIVAL OF TSG	2	3		4		9
INCREASE OF TSG ADAPTATIONS	3	3		3		9
INCREASE OF TSG AS A RESULT OF GLOBALIZATION	4	5		1	1	11
REVIVAL OF CHILDREN'S GAMES	8	3	1	2	1	15
DECREASE OR EXTINCTION OF TSG	1	1	1	3		5

Esportes radicais e de aventura



Surfe / Esportes radicais

VALÉRIA BITENCOURT, SIMONE AMORIM, JOANA ANGÉLICA VIGNE E PATRÍCIA NAVARRO

Surfing

There are 17 million recreational surfers in the world including 2.4 million in Brazil, which ranks second in international surfing, right after the U.S. The Confederação Brasileira de Surfe (Brazilian Surfing Confederation - CBS) has 536 registered athletes (440 amateurs e 96 professionals), who are role models to the young population of the country. In Florianópolis-SC, a large beach city in the South of Brazil, for example, there is one surfer in each group of 20 inhabitants. Brazilian surfing has been taken up by diverse social-sporting-cultural segments and has even become a lifestyle for population groups

Origens Os esportes atuais nas suas origens mais remotas surgiram como uma das relações básicas entre os seres humanos e a natureza. Significativamente, no mesmo local onde se criaram os Jogos Olímpicos – Antiga Olímpia, Grécia – no sétimo século a.C., também se venerava a deusa Gaia (mãe da Terra). E já no final do século XIX, os esportes praticados no países nórdicos da Europa – especialmente os de inverno – foram assumidos como parte da convivência com a natureza além dos clubes, escolas, instalações urbanas e outros meios materiais de prática. O Barão de Coubertin, além da educação, ética, cultura e arte, relacionava explicitamente as práticas esportivas ao meio ambiente. Este restaurador dos Jogos Olímpicos, no limiar do século XX, foi também pioneiro em considerar o praticante de esportes como um protetor da natureza, obtendo dela por outro lado o prazer e a experiência estética da prática esportiva (DaCosta, 1997). Esta percepção somente se tornou comum entre líderes e estudiosos do esporte cinco décadas depois, quando os esportes praticados em praias da Califórnia, EUA, passaram a adquirir identidade própria e a se confundir com formas de estilo de vida. Algo semelhante ocorreu nos anos de 1930 e 1940 sem o mesmo impacto de repercussão na Austrália e no Brasil, países de íntimas relações comunitárias com praias e com a cultura típica daí derivada. Focalizando-se em especial o Brasil, cabe mencionar que a convivência com a natureza já era algo cultivado entre montanhistas do Centro Excursionista Brasileiro da década de 1910 como também entre velejadores da Baía de Guanabara – tanto de Rio de Janeiro como de Niterói – desde este período até os anos de 1950. Neste estágio também ganhou visibilidade no Brasil a pesca submarina com seus adeptos sempre relevando a beleza do ambiente de prática. Há menções esparsas, outrossim, sobre trilhas de caminhadas na Floresta da Tijuca (Rio de Janeiro – RJ), construídas por iniciativa de D. Pedro II, Imperador do Brasil, durante a segunda metade do século XIX.

Entretanto, a prática esportiva no meio natural foi assumida como uma modalidade de identidade própria com o aparecimento do surfe, quando então foram surgindo outras denominações como esporte de aventura, de risco e/ou radicais, eco-esportes, esportes californianos, esportes outdoor etc. Estas novas interpretações refletidas pela nomenclatura geraram um novo patamar de compreensão do esporte, levando-o além das suas relações históricas com a natureza e alcançando sua renovação no ambiente urbano. O passo seguinte foi a criação de vínculos com o turismo, uma vertente hoje em plena expansão em escala mundial. No Brasil, em particular, o chamado ecoturismo encontra-se hoje associado à prática esportiva, revelando suas origens e seu atual direcionamento. A repercussão de maior impacto, contudo, ocorreu na área mercadológica em que novos produtos esportivos foram desenvolvidos em seqüência e renovação, atraindo ao final a atenção da mídia como uma nova faceta de consumo a atender e reforçar. E nestes aspectos de expansão, o surfe manteve seu destaque como uma espécie de experimento piloto dos novos esportes, sejam da natureza, de aventura, de risco ou radicais em face às oportunidades de espetáculo oferecidas pelas novas modalidades.

Definições Neste contexto de reinvenção do esporte em escala mundial, com plena participação do Brasil, cabe cogitar que as novas práticas reorganizaram o sistema esportivo tradicional em muito países. Isto implicou numa renovação simbólica e de signos que constituíam o imaginário esportivo até então prevalente. Deste nexos, extrai-se a definição de esporte de aventura, nos quais as mudanças em relação aos tradicionais são mais de ordem dos modos de os

that do not even go surfing. The sport is indeed on the rise in number of aficionados, moving a powerful industry that already manufactures products that are 100% Brazilian. Modern surf boards began to be developed in 1940s in California, U.S. The modern surfboard is hand shaped by professional shapers out of foam and finished with a fiberglass coat, which has promoted great technical evolution of the sport and has made it even more popular. Osmar Gonçalves made by hand the very first surf board in Brazil in 1938. Brazilian surfing began to grow in the 1960s through competitions and the local

perceber do que propriamente de suas características físicas ou técnicas. Vistos como práticas criadas na ruptura com as práticas convencionais, os esportes de aventura, de risco, da natureza ou radicais remanejam os elementos existentes nos esportes anteriores, dando-lhes novas configurações (Menezes Costa, 2000). O surfe, nestas circunstâncias, tipifica a renovação ora em exame pois gerou um imaginário próprio que se projetou num estilo de vida e num meio de identificação grupal. Mas manteve sua definição operacional que o aproxima dos demais esportes. Assim, o surfe é correntemente considerado como arte e destreza de deslizar sobre a arrebentação das ondas no mar. Em suas diferentes formas de prática, a *International Surfing Association*-ISA, entidade que administra o esporte no mundo, reconhece as modalidades de surfboard, longboard, skimboard, bodyboard, kneeboard e bodysurf, de acordo com a posição prevalente do corpo e do equipamento usado. Partindo-se destas referências fundamentais, há que considerar os fatos de memória do surfe em suas particularidades, como se segue.

1777 O navegador inglês James Cook ao chegar ao Havaí neste ano, admirou-se com a habilidade dos nativos “deslizando sobre as ondas”, mas os colonizadores e missionários europeus não tiveram a mesma visão e a versão primitiva do surfe começou a ser reprimida, chegando quase ao desaparecimento. A tradição desta prática, entretanto, era antiga de séculos na Polinésia constituindo mesmo uma expressão cultural. Significativamente, os havaianos consideravam o surfe como o “esporte dos reis”, pois este fazia parte dos hábitos da realeza.

Décadas 1910 – 1920 Duke Hahanamoku, havaiano de sangue nobre e exímio nadador (campeão olímpico nos Jogos de Stockholm-1912, Antuérpia-1920 e Paris-1924) e apaixonado pelo surfe, aproveitou a fama olímpica para divulgar o esporte no mundo, introduzindo-o na América e Austrália, fazendo demonstrações e até mesmo construindo pranchas. Seus feitos relevantes não só marcaram a trajetória do surfe da “era moderna” como lhe concederam o status de “pai do surfe”.

Década de 1930 Uma investigação levada a efeito por Marcello Árias, embasado também em outros dois pesquisadores, Alex Gutemberg e Diniz Iozzi, ressalta o surgimento do surfe brasileiro neste período, mas com duas vertentes. A primeira, entre os anos de 1934/36, pelo americano naturalizado brasileiro Thomas Rittscher e, a segunda, em 1938, no canal I3 de Santos-SP, por Osmar Gonçalves, acompanhado de Silvio Malzoni e João Roberto Suplicy Haffers. A partir de instruções da revista eletrônica americana *Popular Mechanics*, trazida por seu pai, Osmar retirou ensinamentos para a construção da “tábua havaiana”, que se configurou como a primeira prancha produzida no país. Assim, pode-se creditar a ele também o título de primeiro *shaper* nacional. Considerando as duas versões, o autor ressalta o pioneirismo de todos os protagonistas, considerando Thomas como o primeiro estrangeiro a surfar no Brasil, e Osmar como o primeiro surfista brasileiro.

Década de 1940 Criação na Califórnia–EUA, por Robert Simmons, durante a Segunda Guerra Mundial, da prancha de fibra de vidro que promoveu grande evolução técnica do esporte e permitiu sua popularização, chegando a contabilizar 350.000 praticantes naquela região já na década de 1960.

Década de 1950 Na Praia do Arpoador, Rio de Janeiro -RJ, o surfe ganha expressividade e impulsiona o surgimento de outras gerações de praticantes. No período de 1955/56, Paulo Preguiça,

manufacturing of surf boards. The Brazilian participation in international events and the publication of the first surfing magazines started in the 1970s. In the late 1980s there were already 13 magazines and newspapers specialized in surfing in Brazil, which also assumed leadership in international surfing competitions together with the U.S. and Australia. Women started surfing in the early 1980s and have founded the Associação Brasileira de Surfe Feminino (Brazilian Female Surfing Association-ABSF), which has today 300 registered athletes.

Jorge Paulo Lehman, Irecyr Beltrão e, esporadicamente, os mergulhadores de caça submarina Bruno Hermann, George Grande, Domingos Castelo Branco, Ricardo Charuto, Armando Serra, e Rubens Torres dão início ao surfe como prática esportiva no Rio de Janeiro, ainda utilizando tábuas de madeira prensadas em que era preciso o auxílio de pés de pato para compensar a pouca flutuabilidade do equipamento. Nos anos 1957/58 tem início a produção das madeirites brasileiras (pranchas feitas com compensado naval) e uma nova turma se formou: Irecyr Beltrão, Arduíno Colasanti e Múcio Palma. Irecyr encontra Moacyr, um marceneiro da Ilha do Governador, Rio de Janeiro–RJ, que passa a produzir pranchas feitas de madeira com bico envergado. O grande avanço para a época começa a ser utilizado nas praias do Rio de Janeiro. Iniciando o movimento da indústria do surfe, Irecyr e seu irmão Ciro Beltrão, fundam a primeira fábrica de madeirites nacional em Jacarepaguá, bairro da mesma cidade.

Décadas de 1960 – 1970 Em 1964, reafirmando-se como uma grande potência dos esportes radicais e de aventura, aconteceu o *World Surfing Championships*, na Austrália, evento internacional que abriu oficialmente o caminho para uma série de outros eventos de importância. Criada no mesmo ano, a *International Surfing Federation*–ISF promoveu a união de várias nações e organizou os campeonatos subsequentes. Em 1976, no Havaí, a ISF dá lugar à *International Surfing Association*-ISA (Associação Internacional de Surfe), entidade sem fins lucrativos, que passa a administrar o surfe no mundo, sendo em 1995 reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional-COI.

1963 No Brasil, as primeiras surfistas começaram a aparecer. No Arpoador, praia do Rio de Janeiro-RJ, as pioneiras foram Maria Helena Beltrão e Fernanda Guerra.

1964 – 1965 Considerado como o maior nômade do surfe, Peter Troy (Califórnia-EUA), aos 21 anos, abandonou sua carreira profissional e desbravou o mundo com sua prancha de surfe. Passando por vários países, chegou ao rio Amazonas e penetrou nas terras/águas brasileiras. Naquela época, as pranchas ainda eram bastante rudimentares. Russel Coffin trouxe dos EUA uma prancha de fibra de vidro da marca Bing. Coincidentemente, em Copacabana-RJ, Peter encontra-se com Russel e pede sua prancha emprestada. Exibindo toda sua técnica na praia do Arpoador, acabou chamando a atenção do público. Devido ao reconhecimento turístico da Cidade do Rio de Janeiro, os equipamentos começaram a entrar no país através dos pilotos das empresas aéreas, impulsionando o desenvolvimento do esporte que culminou, em 1965, com a fundação da Federação Carioca de Surfe, idealizada por Yllen Kerr, Walter Guerra, Fernanda Guerra e Maria Helena Beltrão. Embora ainda com caráter extra-oficial e com poucos filiados, a entidade realiza o Primeiro Campeonato de Surfe do Brasil, nas praias da Macumba e Arpoador, também na cidade do Rio de Janeiro. Jorge Bally venceu no masculino e Fernanda Guerra, no feminino.

1966 – 1967 Aconteceu o primeiro Campeonato de Surf da Magno (RJ), primeira loja de surf no Brasil e promotora de eventos, aumentando o número de expectadores nos campeonatos.

1968 Daniel Friedmann – destacado surfista brasileiro – inicia sua carreira. Carlos Eduardo Soares foi o primeiro surfista a competir em terras havaianas. Além de surfar ondas internacionais, sua paixão pelo surfe e estilo de vida imprimiu um novo ritmo ao esporte que começa a penetrar no cenário mundial. As *minimodels* começam

a se popularizar no Rio de Janeiro e nasce uma nova geração: Rico de Souza, Maraca, Marreco, Bocão, Betão, Betinho, Fedoca, Wanderbill (RJ); os irmãos Mansur, Cristhian e Jhon Walters (SP); as famílias Johanpeter e Sefton (no Sul). O coronel da Aeronáutica, José Freire Parreiras Horta, iniciou a fabricação de blocos de poliuretano no Brasil, fundando a São Conrado Surfboards, no Rio de Janeiro. Adquirindo junto a Gordon Clark a licença para expandir seus blocos de espuma no Brasil até 1972, o coronel Parreiras produziu centenas de pranchas. No estado de São Paulo, a família Pacey, em menor escala, produziu as pranchas Glaspac.

1971 Paulo Jolly Issa cria a Associação de Surfe de Ubatuba-ASU, em São Paulo, que promoveu os Festivais Brasileiros de Surfe de Ubatuba (de 1972 a 1987). No Rio de Janeiro, a obra de saneamento básico realizada no Pier de Ipanema (1971/73) alterou o fundo do mar e produziu altas ondas, tornando-se um reduto de surfistas, jovens, artistas e ativistas que expressavam suas idéias livremente num período de forte repressão militar.

1973-1974 Russel Coffin, que já havia tentado entrar no mercado brasileiro anteriormente, conseguiu a representação da Clark Foam, dos EUA. A melhoria dos equipamentos aliada à mentalidade de crescimento do esporte daquele período, levou outros praticantes a iniciarem a arte de trabalhar com blocos de poliuretano e resina, marcando assim, uma geração de shapers nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina. A rivalidade entre o RJ e SP era grande, mas o RJ levava vantagem devido a sua maior estruturação.

1975 A equipe Magno, do Rio de Janeiro, marcou o início dos incentivos aos atletas, pois contavam com transporte, uniforme e outras regalias. Saquarema-RJ abraçava todo o tipo de surfista em seus torneios no período de 1975 a 1983 (exceto 1979/1980). Realizados pela Associação de Surfe de Saquarema, esses campeonatos marcaram uma época em que o Brasil passava pelo período de ditadura militar. Ao mesmo tempo em que o surfe se organizava, seguia-se o estilo "sexo, drogas e rock 'n roll". Esses eventos foram marcados por sérias confusões, mas, ao mesmo tempo, atraíram a atenção de grandes empresas e da mídia. Surgiu no mercado a primeira mídia especializada, a revista Brasil Surf, de Alberto Pecegueiro, que circulou até 1979. Nilton Barbosa, ex-fotógrafo desta revista, criou, no início dos anos 80, a Revista Visual Esportivo, focada nos esportes de ação.

1976 A praia do Arpoador-RJ foi o palco de grande parte do megaevento Waimea 5000, realizado no período de 1976 a 1982 (exceto 1979), que revelou nomes como Daniel Fridmann, Pepê, Cauli Rodrigues, Ismael Miranda e Roberto Valério. Pedro Paulo Lopes (Pepê), com apenas 18 anos, conquistou o sexto lugar no Pipe Master, o melhor resultado de um brasileiro no evento mais famoso das praias havaianas. Até o ano de 1978 foram realizados vários eventos nacionais e internacionais com premiação em dinheiro. Neste período, ocorreu uma maior estruturação no esporte e nos formatos de patrocínios para atletas e eventos. Os atletas começaram a investir na idéia de viver com recursos do próprio esporte. Rico de Souza inova como o primeiro esportista da modalidade a ser patrocinado pela Rede Globo.

Década de 1970 A repercussão dos eventos deste período aliada ao momento de repressão e movimento hippie, estereotiparam negativamente os surfistas da época. Alberto Pecegueiro, Flávio Dias, Livio Bruni Jr. e Nelson Machado conseguiram junto a *International Professional Surfers*-IPS um maior investimento no surfe brasileiro e, assim, uma série de outras promoções foram realizadas, atraindo cada vez mais o interesse do público, da mídia e dos patrocinadores.

1980 Paulo Rabelo (SP) vence o Festival Brasileiro de Ubatuba e quebra a hegemonia do RJ. Posteriormente, outros paulistas destacaram-se como Picuruta Salazar, Ricardinho, Tinguinha e Taiú.

1981 Renan "The Cralman" Pitanguy (RJ) dropa as maiores ondas em Pipeline conquistando o respeito dos havaianos e tornando-se um dos primeiros *Brazilian nuts* (expressão que significa 'brasileiros malucos').

1982 O Primeiro Festival Olimpikus de Surfe, Praia da Joaquina, Florianópolis-SC, contou com a participação de 116 atletas e marcou uma nova safra de grandes eventos mais bem estruturados, tendo como agentes Flávio Boabaid, Arnaldo Spyer e Roberto Perdígão.

Nestes eventos, realizados até 1984, foram distribuídos 500 mil cruzeiros em dinheiro, além de passagens aéreas para os participantes. Na praia de Pitangueiras, em Guarujá-SP, foi realizado o Primeiro Campeonato de Surfe Universitário.

1983 Ricardo Bocão e Antônio Ricardo inovam na TV Corcovado (RJ), com a versão eletrônica da revista Realce, iniciando a era dos programas de ação em que o surfe era a principal atração. Romeu Andreatta Filho, um surfista de 23 anos, juntamente com Bruno Alves, Cláudio Martins de Andrade, Fernando Mesquita e Alexandre Andreatta, promovem o lançamento da revista Fluir em São Paulo-SP, especializada em surfe como notícia e conhecimento técnico.

1985 – 1986 O evento OP Pro substitui o Festival Olimpikus da Praia da Joaquina, Florianópolis, e consegue atrair 600 atletas nas diversas categorias no primeiro ano de realização e 768, no segundo. Em 1986, aconteceu o retorno de uma etapa do Circuito Mundial de Surfe, o *Hang Loose Pro Contest*, como também a fundação da Associação Brasileira de Surf Profissional-ABRASP, no RJ, sob a presidência de Ricardo Bocão. O primeiro Circuito Profissional Brasileiro estreou em grande estilo neste ano.

1987 Paulo Sérgio Matos, entrou para a história do surfe como o primeiro campeão brasileiro da nova fase da profissionalização. Mas outros grandes atletas também se destacaram: Jojó de Olivença, Pedro Muller e Ricardo Toledo. Retorna com força, o Circuito Brasileiro de Longboard atraindo o interesse de atletas com mais tempo de carreira como: Rico de Souza, Pirucuta Salazar, Augusto Saldanha, Marcelinho do Tombo, Olimpino, Marcelo Freitas e Amaro Matos. Andrea Lopes inicia sua carreira aos 13 anos e, aos 14 anos, conquista os títulos de campeã brasileira amadora, campeã carioca e campeã do circuito Sea Club.

1988 Fábio Gouveia conquista o título de campeão mundial amador, em Porto Rico.

Década de 1980 No início desta década, o surfe brasileiro passou por uma crise, devido a situação econômica do país e a falta de um veículo de mídia especializado. Mas, a partir da segunda metade deste período, retornou com força à fase dos grandes campeonatos, entre eles, os da marca OP, na região sul do país, que impulsionou o crescimento do número de adeptos. O retorno dos grandes eventos marcou também a movimentação favorável da indústria do surfe que, além de apoiar os atletas, passa a gerar muitos empregos. Diversificada nas áreas têxtil, design de moda, acessórios, entre outros, destacou-se inicialmente no estado de São Paulo, graças a um grupo de surfistas. Favorecidos pela indústria nacional, os atletas passaram a contar com mais recursos para continuar suas carreiras. Daniel Zaki Setton foi um dos pioneiros na fabricação de calções específicos para a prática do esporte e, posteriormente, unindo-se a Mandinho e outros companheiros, fundou a Lighting Bolt, primeira empresa de surfwear. Com a fundação da OP, por Sydney Tenucci Jr., inicia-se a fase de patrocínios e grandes eventos. Novas empresas despontaram no mercado como: Mormaii, Hang Loose, Sundek, Fico, Town & Country, entre muitas outras. Além da já consagrada revista Fluir, na mídia segmentada destacam-se vários títulos dentre eles: o jornal carioca Staff, Now e as revistas Inside, Surf Nordeste, Swell, Costa Sul, Hardcore, Surfer, Trip, Quiver, Terapia Intensiva e Ação. No final dos anos 1980, o surfe brasileiro começa a firmar-se no cenário internacional com potência.

1992 – 1993 Andréa Lopes conquista a 12ª posição no ranking internacional entrando para o seleto grupo das Top 16. Sofrendo de anorexia por alguns anos deixou de competir, só retornando em 1997, quando foi campeã do Circuito Paulista, tetracampeã brasileira e vice campeã do Pan-Americano continuando assim sua carreira de sucesso. Flávio Padaratz torna-se campeão mundial do circuito qualificatório WQS, *World Qualifying Surfing* da ASP.

1995 Guilherme Herdy, Binho Nunes, Pedro Muller, Peterson Rosa, Piu Pereira, entre outros, demonstraram a potência do surfe nacional no evento Papeline Masters, no Havaí.

1997 A empresa Tropical Brasil aparece como líder no ranking de pranchas e em sétimo lugar no ranking das melhores marcas de surfwear brasileiras na pesquisa da revista Fluir, realizada junto aos consumidores. Deborah Farah foi campeã do Circuito Nacional. Conhecida como uma das surfistas mais destemidas, faleceu em um acidente em 2001, durante uma competição em Maresias-SP.

1998 Brigitte Mayer tornou-se campeã brasileira, mantendo-se em competição até os dias presentes. Fundação neste ano da Confederação Brasileira de Surf, atualmente sediada em Curitiba-PR.

1999 Neco Padaratz conquista o terceiro lugar no WQS de Hungtinton Beach-EUA, considerado na época o maior evento de surfe, com mais de 400 inscritos, e recebe o convite para disputar o WCT. Luíza Tavares, Chris Stockler e Ângela Bauer representaram o Brasil no Mundial de Longboard Feminino na Costa Rica. Flávio "Teco" Padaratz conquista o bicampeonato mundial do WQS/ASP e, em 2000, encerra o ano como o melhor brasileiro no circuito mundial de surfe.

Década de 1990 Inicia-se uma nova concepção do surfe, com muita criatividade, velocidade e agressividade nas manobras. Os atletas da nova geração começam a competir em igualdade de condições com os estrangeiros nos circuitos mundiais WCT e WQS.

2000 Porto de Galinhas-PE sediou o ISA *Maresia World Surfing Games*, com 413 atletas representando 31 países. Na disputa, o Brasil consegue a vitória em seis categorias e foi o campeão por equipes.

2001 Em Pipeline, Renan Rocha surfa uma onda perfeita e conquista o terceiro lugar. O longboard nacional passa por uma crise. Muitos atletas perderam seus patrocínios e o número de competições é drasticamente reduzido, acontecendo somente o Waves Terra Saquarema Longboard. No Shopping New York City Center, Barra da Tijuca-RJ, foi inaugurado o Surf Gallery, conjunto de lojas do segmento de equipamentos, surfwear e o Museu do Surfe, com acervo de Rico de Souza. Em Saquarema-RJ acontece o Campeonato Mundial de Surfe Longboard que atraiu 10 mil visitantes. Os atentados ao World Trade Center e a iminência da guerra afetou a realização dos campeonatos na Europa, os WCTs de Portugal, França e Espanha e o WQS do Brasil. A elite do surf nacional ficou prejudicada, contando somente com quatro atletas classificados para o WCT: Peterson Rosa, Guilherme Herdy, Teco e Neco Padaratz e no WQS, Paulo Moura, Marcelo Nunes, Rodrigo Dornelles, Fábio Gouveia e Joca Junior. O evento Oxbow Legends reuniu na praia de Maresias-SP 81 surfistas veteranos. O bar Legends, considerado um point e reduto de amantes do esporte, homenageou vários surfistas com o prêmio "Osmar" (primeiro surfista brasileiro, falecido há três anos). Além dos surfistas nacionais, Laird Hamilton, que desafiou a morte no Taiti, anunciou no Brasil o desafio de surfar uma onda gigante, formada em períodos que antecedem as tempestades, na Ilha da Páscoa, Oceano Pacífico. Fundação da Associação de Surf de Peito, na Praia do Diabo-RJ.

2002 Neco Padaratz, conquista em Hossegor, a primeira vitória brasileira no ASP *World Championship Tour*-WCT. Uma enquete realizada pela Revista Alma Surfe sobre os atletas mais representativos do surfe pro nacional, entre os que participaram do circuito mundial, revelou os nomes: Fábio Gouveia (PR), Flávio Padaratz - "Teco" (SC), Victor Ribas (RJ), Peterson Rosa (PR) e Renan Rocha (SP). A praia de Saquarema, retorna ao surfe em grande estilo com a realização do Coca-Cola Surf e entra para a História do WCT levando os melhores surfistas do mundo para a Praia de Itaúna. A performance dos competidores atraiu um público de 8.000 pessoas na final. Pela primeira vez na história, o WCT é realizado em apenas três dias, com aproximadamente 10 horas diárias de surfe. Patrocinada pela Coca-Cola, a etapa brasileira do WCT contou o apoio da empresa telefônica Oi e do Governo do Rio de Janeiro, através da Suderj e da TurisRio. O Coca-Cola Surf distribuiu US\$ 250 mil em premiação. Aconteceu a festa do nono prêmio da revista Fluir, em Florianópolis-SC, para homenagear os melhores de 2001: o vencedor na categoria melhor surfista foi o catarinense Flávio "Teco" Padaratz, Peterson Rosa (2º), Fábio Gouveia (3º), Neco Padaratz (4º) e Victor Ribas (5º). Entre as mulheres, a melhor surfista eleita pelos leitores da Fluir, foi Andréa Lopes, tetracampeã brasileira. Jacqueline Silva, atual campeã mundial do WQS, ficou em segundo lugar e Tita Tavares, em terceiro. Picuruta Salazar, foi consagrado também como melhor longboarder. Angela Bauer conquista o título de melhor brasileira de longboard. Rico de Souza, no lançamento oficial do evento Petrobrás Longboard Classics, no RJ, homenageia Phil Rajman (formado na Escolinha Rico e primeiro brasileiro a vencer uma etapa do Circuito Mundial, referência no estilo moderno do longboard e líder do World Longboard Tour-WLT), Mudinho (um dos pioneiros do surfe no Brasil), Abílio Fernandes (surfista e ambientalista que luta pela preservação a vegetação das praias cariocas) e André Luis (atleta

oriundo de comunidade carente que conquistou o 17º lugar na etapa do mundial). O início do circuito Petrobrás Longboard Classic contou com distribuição de R\$ 40 mil em premiação para a categoria profissional. Manifestando a preocupação com o aspecto social e busca da cidadania que caracteriza os patrocínios da Petrobrás, durante os campeonatos são realizadas oficinas de conserto e manutenção de pranchas destinadas a jovens de comunidades carentes, além de um mutirão ecológico visando ao plantio de espécies nativas e manutenção da cerca protetora das plantas junto à praia. Acontece o Primeiro Circuito Petrobrás de Surfe Feminino, campeonato voltado exclusivamente para as mulheres, idealizado por Laila Werneck e Pedro Falcão, presidente da Federação de Surfe do Estado do Rio de Janeiro. Fundação da 10ª Hot Girls Go Surf, em Santos-SP. Sob a coordenação da Associação Brasileira de Surfe Feminino-ABSF, que conta com cerca de 300 atletas cadastradas.

2003 Um contrato vitalício e inédito no Brasil: a Benett Foam fecha o fornecimento de blocos com a surfista Andréa Lopes. O Super Surf Praia de Maresias-SP, contou com a representação de 14 estados e 98 surfistas da elite nacional (76 masculino/22 feminino), sendo: Rio de Janeiro (26), São Paulo (25), Santa Catarina (11), Ceará (9), Rio Grande do Norte (6), Paraná (4), Bahia (4), Paraíba (3), Espírito Santo (3), Alagoas (2), Pernambuco (2), Rio Grande do Sul (1) Sergipe (1) e Maranhão (1). Em cada uma das cinco etapas, a premiação foi de R\$ 80 mil em dinheiro (R\$ 60 mil para a categoria masculina e R\$ 20 mil para a feminina), com o ganhador da categoria masculina recebendo também uma Saveiro Volkswagen 0 Km pela vitória. Jacqueline Silva fica em terceiro lugar no Roxy Pro, na Austrália. Os brasileiros fecharam com chave-de-ouro a série mais decisiva (WQS). Depois da inédita nota 10 nas ondas das Maldivas e de ter recebido a única nota 10 do US Open of Surfing no famoso pier de Huntington Beach, Raoni Monteiro comemora o seu primeiro título no Circuito Mundial. Maresias-SP foi palco da etapa inaugural do *World Longboard Tour*-WLT. O Oxbow Pro Longboard Brasil está sendo considerado um marco histórico para a categoria. Após quase duas décadas do ressurgimento da modalidade, finalmente um circuito consistente se concretiza. O Brasil conta com cinco surfistas entre os 15 primeiros colocados no WQS, grupo com vaga garantida na elite mundial do WCT em 2004. Neco vence o WQS em Fernando de Noronha. Surpreendendo a toda a comunidade surfista e até mesmo o público, Neco Padaratz, decide não embarcar para o evento Billabong Pro em Teahupoo. Após um grave acidente com risco de vida acontecido anteriormente, continuou colecionando títulos, mas não chegou a se refazer do trauma. Em carta pública, veiculada inclusive em jornais de grande circulação, assume não ter condições psicológicas para enfrentar as ondas de Teahupoo. A equipe brasileira Junior conquista o Tag Team (disputa por equipes) no Quiksilver ISA World Junior Surfing Championships, em North Beach, Durban, África do Sul. Cerca de 200 surfistas de todo o país participaram do 2º Onbongo Brasileiro de Surf, em Florianópolis-SC. Como novidade no mundo do surfe, neste evento foi realizado o exame antidoping, parte do investimento das entidades representativas para inclusão do surfe nos esportes olímpicos. O Ministro dos Esportes, Agnelo Queiroz recebe a diretoria da CBS em Brasília, representada por Juca Barros, Marcos Conde e Rico de Souza, e mostra-se surpreso com a organização do surfe e compromete-se a acompanhar e apoiar o desenvolvimento do esporte. Os dirigentes da CBS foram até Brasília para falar sobre o trabalho da entidade de administração do surfe nacional e solicitar recursos para as equipes brasileiras, escolas de surfe e capacitação de recursos humanos. As melhores surfistas do Brasil reuniram-se em Ipanema-RJ para disputar a primeira etapa do Circuito Petrobrás de Surfe Feminino da temporada, com premiação por etapa de R\$15.000,00 e pontuação válida para o Circuito Estadual do RJ e Campeonato Brasileiro Super Trial. Pela primeira vez o longboard feminino também recebe premiação em dinheiro no país. Ranking Super Surf 2003: 1-Tita Tavares-CE, 2-Silvana Lima-CE, 3-Andréa Lopes-RJ, 3-Suelen Naraisa-SP. Ranking Trials 2003: 1-Silvana Lima-CE, 2-Suelen Naraisa-SP, 3-Juliana Guimarães-RJ, 4-Juliana Quint-SC. O Oxbow Pro Longboard-SP foi um marco na história do longboard feminino. Pela primeira vez as mulheres puderam participar de um evento mundial e conseqüentemente demonstrar a evolução dentro do esporte. Cristiana Pires venceu a disputa, com Ângela Bauer em segundo lugar, Patrícia Sodré em terceiro e Sabrina Olas, na quarta colocação. Estiveram presentes 16 atletas vindas do Rio de Janeiro, Sul e São Paulo. O Brasil conquista o

tetra-campeonato (1993, 1997 e 1999) no 6º Campeonato Pan-Americano de Surfe, no Equador.

Situação Atual O chamado 'esporte dos reis' popularizou-se mundialmente e chega à atualidade com o número de praticantes ocasionais na ordem de 2,4 milhões no Brasil, parte dos 17 milhões, distribuídos em 70 países contabilizados pela *International Surfing Organization* que conta com o envolvimento de 38 nações e centenas de associações nos cinco continentes. Em sua forma competitiva, a Confederação Brasileira de Surfe-CBS lista 536 atletas (440 amadores e 96 profissionais). O surfe é o esporte náutico mais praticado no mundo, movimentando negócios em diversos estados brasileiros, principalmente, na cidade de Florianópolis-SC, com média de um surfista praticante para cada grupo de vinte moradores. Incorporado a diversos segmentos sócio-esportivo-culturais, este esporte além da curva em ascensão do número de adeptos, movimenta uma indústria que já conta na atualidade com uma produção de produtos 100% nacional. Mundialmente, a ISA destaca a abertura de 100 mil postos de trabalho, somente na indústria de equipamentos e acessórios. Ratificando seu crescimento e organização, o surfe também está representado, na figura de Rico de Souza, na Comissão Nacional de Atletas do Conselho Nacional de Esporte, do Governo Federal. Em SP, iniciado no Governo de Mario Covas (anos de 1990) e ratificado atualmente no Governo de Geraldo Alkmin, os esportes radicais estão inseridos nos programas de investimento da Secretaria da Juventude, Esportes e Lazer daquele estado, em especial o surfe, o skate e o jiu-jitsu. Em 2000, foram investidos no programa citado aproximadamente R\$ 640 mil; em 2001, R\$ 680 mil; e a projeção para 2002 gira em torno de R\$ 1 milhão. Segundo a Secretária desta pasta, Luciana Temer, o estado de SP deve trabalhar as necessidades da demanda da população e é negável que a juventude está ligada aos esportes radicais. De acordo com Juca de Barros, presidente da CBS, a entidade já está trabalhando para o reconhecimento do surfe como esporte olímpico, tendo como meta mais próxima os Jogos Pan-Americanos de 2007 que serão realizados no Rio de Janeiro.

Destaques / Features

Escolas de Surf Embora não se tenha o registro da quantidade de escolas de surfe no país, pode-se estimar, devido ao número de aficionados no Brasil, extensão litorânea e clima que permitem a prática durante todo o ano, a existência de um número importante destas entidades de formação, com predominância nas regiões sudeste e nordeste. Com objetivos diversos que vão desde o aprimoramento técnico ao estímulo a novos adeptos, a principal relevância deste trabalho, que, na maioria das vezes, é administrado pelos próprios ídolos da modalidade, está focada na integração social. Especula-se a disponibilidade de 20 escolinhas de surfe somente na praia da Barra da Tijuca - RJ. Segundo Marcos Conde, diretor da Confederação Brasileira de Surfe, através de uma pesquisa sobre essas escolinhas, há pelo menos três tipos de trabalho: um totalmente voltado para o trabalho social, outro para a formação de atletas e o terceiro que engloba os dois. Através de uma enquete realizada pela revista Alma Surfe (edição12/2002) as escolas mais populares de surfe do país são: Rico de Souza (Barra da Tijuca-RJ); Pró Kids (Guarujá-SP); Escola de Surf do Zecão (Ubatuba-SP) e Escola de Surf do Pirata (Guarujá-SP).

Surf Solidário A partir de 1994, o surfe passa a contar também com a ONG Rocinha Surf Club-ROSC. Localizada nas proximidades da praia de São Conrado-RJ, um dos points da cidade para a prática do surfe, a Comunidade da Rocinha concentra a população favelada de maior porte da cidade do Rio de Janeiro. Criada por Ricardo Ramos (Bocão), este projeto visa desenvolver e oportunizar a prática do surfe em crianças e jovens que não podem comprar o equipamento, mas acima de tudo, promover a educação, a socialização a formação do caráter. Para isso, são ministradas palestras, cursos profissionalizantes de consertos de pranchas, confecção de troféus em resina e estímulo aos estudos regulares. Diante da dificuldade inicial para a continuidade do projeto, a ONG contou com o apoio de outros surfistas através da doação de pranchas velhas ou quebradas que são recuperadas e fornecidas à comunidade. Reconhecida pela relevância social, o ROSC atualmente conta com o suporte de outras entidades, como a Escola da Paz-UNESCO e o International Management Group Brasil-IMG, além de artistas como o músico Gabriel O Pensador, praticante e defensor ambiental que possui uma relação próxima com a comunidade. Em 2000, a ASPAAS, sigla da Associação de Surfe

Proteção Ambiental de Atlântida Sul-RS, criada por moradores e frequentadores assíduos do Balneário Atlântida Sul, iniciou suas atividades com objetivo de ser um instrumento de ligação entre os interesses locais e órgãos governamentais e empresas privadas que se interessam ou simpatizam com as causas do desenvolvimento do surfe e da proteção ambiental. O surfista e empresário Henry Lelot fundou, em 2002, a ONG O'Surf, no RJ, com a proposta de capacitar os jovens para a fabricação de pranchas, descobrir novos talentos e encaminhá-los ao universo das competições.

Museu do Surf Com montagem itinerantes em Santos-SP (2000-Unimonte, 2001–Miramar Shopping e 2002–Salão da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo), o Museu Nômade do Surf tem como propósito percorrer as principais capitais brasileiras. Exposto na Surf & Beach Show 2002, entre as 70 pranchas que pertenceram a grandes nomes do esporte, o acervo registrou desde a primeira prancha oca, réplica do modelo Tom Blake (1930) a mais atual e futurística do shaper Homero. Seu idealizador, o surfista Pardhal e a Federação de Surfe de São Paulo já se preparam para inaugurar um museu fixo. Na cidade de Maresias, litoral de SP, o bar Legends oferece também uma viagem ao tempo, com acervo de pranchas e a galeria Surf Art, mostra de pinturas relacionadas ao surf e à natureza. O RJ também conta com o Museu itinerante, o Museu Rico de Surf. A cidade de Cabo Frio-RJ, prepara-se para inaugurar, até o final de 2003, um museu que já conta com um acervo de peças raras dos anos 1950, 1960 e 1970, fotos, documentos, filmes, acessórios e vasto material do segmento Surf Wear. O Museu do Surfe será construído em frente ao Teatro Municipal de Cabo Frio, na Praia do Forte.

O Surfe no mundo acadêmico O processo de introdução do surfe no mundo acadêmico iniciou-se com a inclusão da modalidade na grade curricular de Educação Física da escola particular Patro Homa. Na baixada Santista, o surfe é ministrado nas universidades: Unimonte, Unimes, Unaerp-Guarujá e Unisanta. Em 1991, surgiu em Santos a primeira escola pública de surfe. Em 1995, a Faculdade de Educação Física de Santos iniciou o curso de extensão universitária. Em 1999, a Universidade Santa Cecília iniciou o surfe como disciplina curricular obrigatória para os graduados em Educação Física e o Centro Universitário Monte Serrat-Unimonte criou a Universidade da Prancha-UNIPRAN, núcleo de ensino, aperfeiçoamento, treinamento físico, assessoria e pesquisa científica em surfe e esportes praticados com prancha, além do lançamento do curso de pós-graduação na área. Esta universidade inovou também com o Integral Surf Training, programa de treinamento que visa melhorar a performance dos atletas dentro da água. Os agentes deste processo, Marcello Árias e Flávio Ascânio, professores de Educação Física e coordenadores da Unipran, participam freqüentemente de congressos nacionais e internacionais, incluindo o 50º Congresso Americano de Medicina Esportiva, realizado na Califórnia-EUA. A ULBRA de Canoas e Torres-RS também já inseriu o surfe no meio acadêmico. Para os alunos de graduação, disponibiliza cursos de extensão e para formados, curso de pós-graduação. O Instituto Brasileiro de Desenvolvimento do Surfe-IBRASURF desenvolve diversas atividades que têm como principal objetivo a educação através do surfe. Dentre as atividades destacam-se: a Escola de Surfe da Riviera (Bertioga-SP), que conta com professores altamente qualificados, alunos da Escola de Educação Física e Esporte da USP e técnicos formados pela *International Surfing Association*-ISA. A Escola de Surfe da Riviera já formou mais de 1.000 alunos de todas as idades, do iniciante ao profissional, além de manter uma equipe de atletas que a representa em diversos campeonatos amadores em todo o país. O Congresso Brasileiro de Surf, já realizado em quatro versões, tem como objetivo a integração entre profissionais, praticantes e simpatizantes do esporte e o desenvolvimento de estudos de pesquisa junto ao meio acadêmico especializado. Há também o Acervo do Surfe, que aborda várias áreas do conhecimento visando o desenvolvimento de novas pesquisas e estudos na área; o Surfífilmes, que promove a valorização de projetos sócio-culturais nas entidades de ensino através da apresentação de filmes e trabalhos culturais; o Circuito Universitário de Surfe, uma das competições mais importantes do surfe paulista, com a participação de atletas universitários de todo o estado, realça o espírito de confraternização entre os participantes, que têm de se sair bem tanto nas ondas como nas difíceis provas e trabalhos da faculdade. Desde que os primeiros campeonatos de surfe universitários foram realizados, sempre foram suas características

fortes a integração e o divertimento que os eventos proporcionavam, reunindo estudantes de diversas universidades de São Paulo em frente a boas ondas do litoral do estado. Em 1982 foi realizado o primeiro Campeonato universitário de surfe, na praia das Pitangueiras, no Guarujá-SP. Em 1987/88 foram realizados mais dois eventos e em 1997, a cidade de Ubatuba-SP sedia o Primeiro Desafio de Surf Universitário. Com o investimento de patrocinadores, em 1998 inicia-se com regularidade os Confrontos Universitários que, a partir de 1999, começam a configurar-se como circuito em três etapas, chegando a 2002 com a quarta edição deste evento. Atualmente, o IBRASURF conta com mais de 900 atletas registrados e a participação média de 144 atletas por competição. O sucesso do evento gerou o I Festival Brasileiro MCD de Surfe Universitário formando um ranking brasileiro de cada estado envolvido. Os Confrontos Brasileiros MCD de Surfe Universitário, atualmente são compostos por sete etapas e já contam com a participação dos estados do Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro (também valendo atletas do Espírito Santo), Bahia (incluindo Sergipe e Alagoas) e Pernambuco (válida para os estudantes pernambucanos, paraibanos, potiguares, cearenses, piauienses e maranhenses) e disputa final na praia de Maresias-SP. Além de participar dos circuitos nacionais, estes estados promovem circuitos internos que movimentam estudantes e universidades. Idealizado por Mark Puls e realizado pela Universidade do Sul de Santa Catarina, em 1998, o campeonato interno da UNISUL deu a partida, mas, somente no ano 2000, com a fundação da Associação Catarinense de Surfe Universitário-ACSU, iniciou-se o Circuito Catarinense de Surfe Universitário com três etapas. Com a intenção de desenvolver esta nova categoria para a disputa em competições de surfe, foi criada a Associação Catarinense de Surfe Universitário, entidade que tem como missão atrelar o esporte ao meio acadêmico. Este evento conta atualmente com a participação de mais de 20 universidades do estado e apoio da FECASURF e já beneficiou vários estudantes surfistas com patrocínios, bolsas de estudos e incentivos acadêmicos.

Surf Bus-Beach Tour O projeto Surfe Bus Beach Tour tem como objetivo atender tanto aos surfistas e aficionados como fornecer mais uma opção turística no Rio de Janeiro - RJ. Com infra-estrutura especial, o ônibus é totalmente adaptado para transportar 30 passageiros sentados confortavelmente, 12 pranchões, 20 pranchinhas, 10 bodyboard, equipado com TV de 29", sistema de som ambiente, frigobar e armário com cordinha, parafina e outros acessórios; além de contar com o serviço de guia bilíngüe, o projeto promove também o trabalho de conscientização ambiental durante o trajeto. Percorrendo diariamente as principais praias/points da Cidade do Rio de Janeiro, o surfista pode escolher o local para a prática. Lançado no ano de 1998, pelo empresário de marketing e amante do surfe Antonio Carlos Guanabara, mesmo contando com grande sucesso de público e mídia, o projeto foi interrompido por questões administrativas só retornando em 2003, ratificando seu diferencial. Em 2003, desde o seu lançamento em fevereiro, com o patrocínio da Oi Celular e apoio da Mercedes Benz do Brasil, o Surfe Bus já transportou 17 mil passageiros. Os tickets para fazer o tour podem ser adquiridos em lojas de surfe, hotéis, agências de viagens e no próprio ônibus ao preço de R\$ 2,00.

Shaper Dos modelos artesanais da antiguidade, Homero Naldinho, que começou a shapear em 1958, é considerado um dos profissionais mais criativos. Em, 1965 começou a produção em série no estado de São Paulo, e em 1969, ele introduziu a técnica do *hot colt* (banho parafinado), elaborado através de pesquisa feita com engenheiros químicos para acelerar o processo de fabricação. A partir da década de 1970, vários nomes despontam neste mercado como Ricardo Bocão, Betão, Pepê Lopes, Jorge Pritman, Lype Dylong, Daniel Friedman, Ricardo Bravo, Heinrich Reinhard, Heitor Fernandes, Italo Marcelo, Gustavo Kronig, Victor Vasconcelos, Guto Navarro, Eduardo Argentino, Brito, Flávio La Barre, Paulo Rabello, Pascoal, Jorge Português, Jorge Limoeiro, Almir Salazar, entre outros. Henry Lelot (RJ) iniciou a carreira na Califórnia em 1985, e criou o método de precisão *Computer Design System*, desenvolvido e testado desde 1992 e transmitido para mais de 250 novos shapers no Brasil e no exterior. Carlos Boer, da Abórigi-knees Surfboards (SP) contabiliza aproximadamente 5.200 pranchas; Braz Felipe Monteiro de Barros (RJ), 6700; Beto Loureiro (SP), 19.100 pranchas. Com o desenvolvimento tecnológico, a produção de pranchas chega à atualidade aliando tecnologia de ponta, arte e customização. Os modelos produzidos no Brasil, por

profissionais qualificados em vários estados, não só abastecem o mercado interno como já exportam seus produtos. Estima-se no mercado de pranchas e acessórios, um faturamento equivalente a 30% do mercado de surfwear.

Surf Feminino No atual estágio, o surfe feminino brasileiro pode ser considerado bem sucedido. Seu desenvolvimento ocorreu por meio de longa jornada iniciada em 1984, por Roberta Borges, Tamira Damasceno, Fernanda Guerra, Maria Helena Beltrão e Neide Bezerra, e posteriormente destacando-se as representações de Brigitte Mayer, Andrea Lopes, Ana Galotti, Alcione Silva, Suelen Naraisa, Alessandra Vieira, Carina Abras, Patricia Freitas e Deborah, além das integrantes atuais da elite Top16 (melhores surfistas do planeta) Jacqueline Schavieitzr da Silva e Maria (Tita) Tavares. Laila Werneck empresária, ex-surfista e idealizadora do projeto Circuito BR de Surf Feminino, ao anunciar oficialmente em 2002 o patrocínio da Petrobrás para o Primeiro Circuito, promoveu simultaneamente uma grande movimentação no mercado que passou a olhar com mais atenção para o nicho promissor. A distribuição de R\$ 10.000,00 em prêmios e contagem de pontos para os rankings estaduais amador, profissional e brasileiro, não foram os únicos motivos que revelaram a explosão de mídia do surfe feminino, pois não foi somente nas ondas que as atletas inovaram. Além de reconstituir os laços fraternos com o troféu Deborah Farah, por sua luta para que o surfe feminino ocupasse um lugar de destaque, as ações de responsabilidade social foram incorporadas aos circuitos e fortalecidas com a imagem das atletas. Já no lançamento do evento, uma parceria com o Instituto Nacional de Câncer-INCA ressaltou a importância da prevenção do câncer de mama e colo do útero através da campanha "Amanhã sem Câncer" e integrou simultaneamente uma campanha ambiental de reconstituição da vegetação da restinga na orla do RJ. Desde a primeira etapa na praia de Ipanema-RJ, o evento já contava com a adesão do time feminino, com um recorde de participação de 138 surfistas. Atualmente, no segundo ano de realização e com etapas em vários estados do Brasil, o projeto abriu novos mercados como suplementos de revistas especializadas, produtos de surfwear, abertura de postos de trabalho através de eventos e escolinhas para aperfeiçoamento e iniciação no modalidade, entre outros. Em Santos-SP, a escola Hot Girls Surf School, destinada exclusivamente ao aprimoramento de novos talentos, tem a coordenação da ABSF, isto é Associação Brasileira de Surf Feminino, com 300 atletas cadastradas e a ação direta de Andréa Lopes que juntamente com Brigitte Mayer, Chris Stockler e Juliana Guimarães, todas surfistas de ponta no Brasil, promovem a clínica Girls Go Surf que inclui além da parte teórica do esporte, aulas de natação, palestras e workshops. A Associação Gaúcha de Surfe Feminino retoma suas atividades e, concretiza com a realização do 9º Surf Treino AGSF/Intuity, que reuniu mais de 60 meninas na Praia da Cal, em Torres-RS.

Longboard feminino Em 1999, Luíza Tavares, Chris Stockler e Ângela Bauer despontaram no cenário internacional representando a equipe brasileira no Mundial de Longboard Feminino, realizado na Costa Rica. Ao retornar ao país, Ângela Bauer fundou a WILA (*Women's International Longboard Association*) que conta com o apoio da Federação de Surfe do Estado do Rio de Janeiro e tem como objetivo reunir o maior número de mulheres de todas as idades que praticam ou querem praticar o longboard, pra organizar festivais de longboard, promover viagens de *free surf*, incluir a categoria no Circuito Brasileiro e formar uma equipe de atletas pra representar o país nos campeonatos internacionais. Em 2000 foi realizada a primeira reunião oficial da WILA que contou com a presença das melhores longboard do Brasil: Chris Stockler, Luiza Tavares, Monique Freitas, Ângela Bauer, Márcia Portes, Mayná Thompson, Bianca, Cíntia, Aline Barbosa, Laila Werneck, o representante da *Surfrider Foundation* do Brasil Glenn Suba e o responsável pela página da WILA na internet, Tiago Mariano. Na reunião inicial foram definidos alguns objetivos primordiais da associação que pretende em breve entrar no cenário mundial. Como representante nacional do bodysurfe Isabelle De Lloÿs, pratica a modalidade há 13 anos e destaca-se como a única representante feminina tricampeã americana e bicampeã mundial na categoria 18 a 34 anos.

Surfe de ondas gigantes (Tow-in / Big riders) Caracterizado como o surfe de ondas gigantes, na modalidade *tow-in* o surfista é rebocado por um jet sky, pois é impraticável chegar ao ponto de partida sem o auxílio da máquina e um piloto experiente. Seus

praticantes recebem a denominação de *big riders* (surfistas de ondas gigantes). Desde a criação do *tow-in* nos anos de 1990, alguns brasileiros se destacam no cenário mundial. Carlos Burle – 1998: venceu o Campeonato Mundial de Ondas Grandes, em Todos os Santos e levou a medalha de ouro equipe brasileira; 2000: foi o primeiro atleta brasileiro a ser convidado para participar do Eddie Aikau, no Havaí, campeonato que só inicia com ondas acima de 20 pés; 2001: em Mavericks, Califórnia, surfa uma onda de 68 pés (cerca de 22 metros). Ao lado do parceiro Eraldo Gueiros, obteve a terceira colocação no Primeiro Campeonato Mundial de Tow-in (onda de 60 pés). Eraldo Gueiros – surfou uma onda de 25 pés, em Mavericks, vencendo o Big Trip 2002. Rodrigo Resende – tri campeão do Big Trip, ficou conhecido como "*The Monster*" por sua forma destemida de encarar as ondas gigantes. Formando dupla com o havaiano Garret McNamara (jet sky), foi o vencedor do Primeiro Tow-in World Cup, em Jaws-Havaí, com uma onda de mais de 20 metros. Além das ondas conhecidas no mundo como Pipeline, Rocky Point, Sunset, as ondas de Jaws, formadas ao norte da Ilha de Maui são temidas e atrai a atenção de praticantes em todo o mundo. Ao participar de uma sessão de tow-in na Ilha dos Lobos, no litoral de Torres-RS, em parceria com outro big rider Zeca Sheffer, chegou a comparar esta ilha brasileira à temida Theahupoo, caracterizando-a como rápida, grotesca e tubular, podendo chegar a 10/12 pés. Outros nomes compõem a lista dos big riders brasileiros: Silvio Mancusi, Danilo Couto, Romeu Bruno, Alvedo Villas Boas, João Simonsen. A big rider brasileira Chris Stockler, que surfa há apenas 3 anos e meio, mas já desafiou picos como Pico Alto no Peru, faz parte da equipe sul-americana de Tow-in, e foi convidada por Shawn Alladio (especialista em segurança e resgate em situações extremas) para participar de um Curso de Especialização em Pilotagem de Embarcações (Jet Ski) e Resgate em Situações Críticas no Oceano, em Half Moon Bay (Mavericks, Califórnia).

Surf Music Unindo outros gêneros musicais, o *surf music* chegou ao Brasil nos anos de 1960 e, com o intercâmbio das bandas australianas ao longo do tempo, foi se firmando como mais um gênero musical do diversificado repertório nacional. Suas letras são carregadas de emoções, romantismo, crítica e engajamento social, que acabam contribuindo também para o processo de conscientização ecológica. As bandas, que em sua grande maioria sobrevive, ainda hoje, de produções independentes, traduzem mais uma forma de manifestação da cultura do surfe no Brasil.

Surf indoor O método de marca registrada *surfingdoor wellness* foi idealizado por Rodrigo Alan e Brunna Wistuba, surfistas e professores de Educação Física e implantado em algumas academias de Curitiba-PR, no ano 2000. A partir de 2004 a *Surfingdoor Wellness* estará abrindo franquias do seu método de aprendizagem do surfe na piscina em outros estados, no qual somente professores de Educação Física credenciados pela empresa poderão atuar. Atualmente algumas academias do RJ também já utilizam este tipo de atividade.

Surfe Mídia Além de atingir o interesse da mídia de massa e foco de uma série de programas para TV, iniciado por Ricardo Bocão em 1983, o surf nacional movimenta um mercado próprio com a produção de veículos de comunicação segmentado. Somente na Internet os sites de busca *google* e *cadê* registram opções em português na ordem de 150 mil buscas com a palavra "surf". Como principal interesse de seus praticantes ressalta-se além das notícias atualizada a possibilidade de checar em tempo real as previsões do tempo e picos das ondas. Este serviço é fornecido pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais -INPE, entidade governamental de pesquisa, criada na década de 1960, que através do Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos-CPTEC realiza estudos que possibilitam a previsão de ondulações no litoral brasileiro. Seus mapas de previsões e fotos de satélite são utilizados pelos principais sites brasileiros de surfe, como nos exemplos de www.clicksurf.com.br; www.camerasurf.com.br e www.waves.com.br; sendo este último um dos mais acessados por ofertar notícias e previsão do tempo e ondas com informações de mais de 140 picos em todo o país.

Mídia impressa e revistas especializadas Segundo a ISA, atualmente existem no mundo mais de 60 publicações de surfe e bodyboarding. Após o pioneirismo da Revista Brasil Surf (1975), pode-se creditar o avanço do surfe à persistência e qualidade de suas publicações segmentadas no país. Em circulação desde 1983, com tiragem inicial de 25 mil exemplares, a revista Fluir, ícone no

segmento, tem hoje tiragem média mensal de 55 mil exemplares, e 423 mil leitores (fonte Marplan). Auditada pelo Instituto de Verificação de Circulação - IVC, é conceituada internacionalmente e a única revista brasileira reconhecida duas vezes pela *Association of Surfing Professionals*, com o prêmio Best Print Magazine. Segundo dados emitidos por esta revista, a posição de terceiro mercado consumidor permite ao Brasil o lançamento de marcas mundiais. Para atender o segmento do surfe feminino, o veículo recebe o título de Fluir Girl e, em sua versão eletrônica, disponibiliza também o jogo "Surf", ampliando ainda mais sua área de atuação. Também destacam-se no segmento as revistas Hardcore, Aloha e Alma Surf. Iniciando as atividades via internet há 4 anos, o "Disksurf" inova no serviço de informações sobre o esporte em tempo real como o primeiro serviço de Surf Reporter via rádio e telefone no Brasil.

Surf Cinema Desde "Menino do Rio" (1981), a produção nacional coloca o surf também nas telas dos principais cinemas brasileiros, mas Surf Adventures – O filme (Brasil/2001), destaca o momento atual do surfe nacional no cenário mundial. Uma viagem ao redor do mundo em busca da onda perfeita. Inspirado na série de TV Surf Adventure, exibida pelo canal a cabo SPORTV e nos documentários Endless Summer (1966), esta película pode ser considerada a maior produção cinematográfica do surfe nacional. Projetado/idealizado por Roberto Moura, Bruno Wainer e Arthur Fontes, com patrocínio da Revista Fluir, estreou em 2002 tendo como protagonistas surfistas de todas as categorias e como cenário os melhores points do mundo. De Fernando de Noronha às Ilhas Mentawai, passando pelo Havaí, Califórnia, Indonésia e África do Sul, um terremoto em Sumatra e as gigantescas ondas de Mavericks, os surfistas Guilherme Gross, Rodrigo Resende, Guilherme Herdy, Carlos Burle, Eduardo Fernandes, Eraldo Gueiros, Fábio Gouveia, Flávio Padaratz, Andrea Lopes são alguns dos destaques, que com competência recebem os créditos também de atores.

A indústria do surfwear Para o consultor da Associação Brasileira das Indústrias do Surfe-ABIS, Fernando Madaline, não é possível estimar o volume financeiro movimentado pela indústria, porque alguns empresários não revelam números. "Estamos atrasados cinco anos em relação aos EUA", diz. Segundo Madaline, o crescimento da Feira do Surfe, de certa forma, tem relação com a expansão da surfwear no País. "São inúmeros os setores de atuação". Em 1994, a feira ocupou 3 mil m², foi visitada por 4 mil pessoas e movimentou R\$ 10 milhões. Em 1998, o evento foi montado em 14,5 m², atraiu 60 mil pessoas e movimentou R\$ 120 milhões. Nos EUA, em 1998, os jovens consumiram US\$ 1 bilhão em roupas, óculos e outros produtos com a imagem ligada à prática do surfe. No Brasil, além de aproximadamente 13 mil lojas especializadas distribuídas pelo território nacional e participação em campanhas publicitárias de várias marcas, o surfe tem penetração também ao mundo fashion. Por exemplo, no desfile da grife Chanel, em Paris, ao divulgar sua coleção para 2004, incluiu em sua logomarca uma prancha de surfe.

O Brasil é o segundo país que mais consome artigos de surfe no mundo e o sexto país com população mais jovem. Segundo a Associação Brasileira da Indústria Têxtil e Confecção, os segmentos surfwear, streetwear e moda praia representam 10% da indústria têxtil nacional. Por estes motivos foi criado o "Comitê do Surfe", que visa promover os três setores. Instituído em 2001 por Paulo Skaf, em parceria com o Grupo Waves, o Comitê de Surfwear e Skatewear tem por objetivo profissionalizar estes mercados, fornecendo aprimoramento técnico e atualização qualificada. O comitê também está trabalhando junto ao TexBrasil, programa estratégico do governo brasileiro para desenvolver exportações, para que sejam destinados recursos para viabilizar a participação de empresas brasileiras do setor nas feiras ASR nos USA e GLISSEXPO na França. Durante oitava edição da Surf & Beach Show, em 2001, o Secretário de Esportes e Turismo do Estado de São Paulo, Marcos Arbaitman, representando o Governador do Estado Geraldo Alkmin, declarou o apoio ao evento e ao surfe em todas as suas formas de atuação, que segundo ele promove um desenvolvimento econômico e social sustentado. "Entre os anos de 1999 e 2000, as indústrias desses três segmentos (surfwear, streetwear e moda praia) aumentaram em 100% as exportações" e, além do apelo à ecologia e ao turismo, a participação cada vez mais presente dos jovens, contribui no processo de inclusão social, auxiliando direta ou indiretamente outras áreas educacionais.

Universo brasileiro de surfwear Anualmente, essa indústria movimenta US\$ 2,5 bilhões e seu crescimento é cada vez mais expressivo. Perfil dos consumidores no Brasil: Sexo masculino: 86%; Estudantes: 68%; Idade entre 18/25 anos: 40%; Formação 2º grau: 49%; Trabalham: 63%; Fala outro idioma: 50%; Pessoas cujo 2º idioma é o inglês: 81%; Tem carro: 50%; Não-fumantes: 85%; Surfistas: 85%; Possuem TV a cabo: 58% (Fonte: Pesquisa Data Surf). Universo brasileiro de Moda Praia: produz-se anualmente, só de lycra, 65 milhões de peças de beachwear, sendo 55% destinadas ao público feminino, 20% ao infantil e 25% ao masculino. A Beach & Bikini Fashion Show é única feira internacional do setor no Brasil e a maior da América Latina. Universo brasileiro da Indústria Têxtil para o Surfwear e Beachwear: as indústrias têxteis, confecção e indústrias de moda na atualidade estão aliadas no Brasil. Esta é a realidade de um mercado altamente competitivo como o de surfwear, beachwear e streetwear e que detém um comportamento de moda diferenciado do outwear. Eles prestam serviço para um público alvo de confecção jovem, contemporâneo e vanguardista e acreditam em um consumidor agressivo e moderno.

Brazil Fashion Show Maior conjunto de eventos da indústria do surfe nacional integra o calendário oficial dos eventos da indústria da moda brasileira. Iniciativa da ABIT, isto é Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção para unificar a agenda dos principais eventos de tendências e negócios da moda no Brasil, com o objetivo de atrair um maior número de compradores nacionais

e internacionais. O calendário de 2003 é composto por doze feiras brasileiras, entre as quais se destacam a Surf & Beach Show, a Beach & Bikini Fashion Show, a Streetwear & Skate Show e a Surf & Beach Tex Preview. A ABIT, em parceria com a APEX Brasil, destinou aproximadamente R\$ 600 mil para possibilitar a presença e participação dos compradores internacionais nos eventos que compõem o Brasil Fashion Show que conta em média com 400 marcas em exposição. Segundo Cecília Andrade, diretora da Waves Promoções, empresa responsável pela organização do evento, a "visitação internacional supera as expectativas e contar com a certificação do governo norte-americano é um grande diferencial". O cenário traduzido em todas as edições destes eventos é composto por: pranchas de surfe, calçados de praia, biquínis, equipamentos esportivos, roupas de tribos urbanas, entre muitas novidades. A 10ª Surf & Beach Show, abrigou também a 6ª Beach & Bikini Fashion Show, da 5ª Streetwear & Skate Show e da 1ª TexPreview, no Centro de Exposições Imigrantes-SP, computou a visita de 30.000 compradores profissionais, movimentando cerca de R\$ 300 milhões entre compradores nacionais e de diversos países tais como Austrália, Nova Zelândia, Estados Unidos, Croácia, Portugal, Espanha, França, Panamá, Venezuela e Argentina. Em pesquisa realizada pela ABIT, os compradores consideraram muito importante não só a visita aos eventos, como a iniciativa do calendário condensado: 100% dos entrevistados afirmaram que participariam novamente; 100% declararam que há possibilidades de negócios futuros com empresas brasileiras; 86% consideraram bom o número de empresas visitadas; 64% afirmaram que a organização dos eventos é boa; e 72% gostaram do nível de informações recebidas sobre os produtos em exposição. A Adventure Fair-Feira de Esportes e Turismo de Aventura (SP, Pavilhão da Bienal do Ibirapuera), entre outros esportes, também ressalta o diferencial do surfe e a moda ao estilo *outdoor* que além de nutrir o mercado interno já está sendo exportado.

Fontes DaCosta, L.P. (ed) Meio Ambiente e Desporto: uma Perspectiva Internacional. Universidade do Porto – Portugal, 1997; Costa, V.L.M. Esportes de Aventura e Risco na Montanha. Manole, SP, 2000; www.unimonte.br/site/unipran (Arias, Marcelo.História do Surfe); Revista Alma Surf (Out/Nov,2002); Rodrigo Alan (surf indoor); Antonio Carlos Guanabara (surfe bus); Laila Werneck (surfe feminino); João Carvalho, Assessor de Imprensa da ABRASP; Rico de Souza; Confederação Brasileira de Surf; Isto É de 09/04/2003; www.ibrasurf.com.br; www.isa-wsg.org; www.dropando.com.br; www.terra.com.br/istoe; www.360graus.com.br; www.surfnaporoca.com.br; www.revistatrip.uol.com.br; www.fico.com.br; www.aspsurf.com.br; www.acsu.com.br; www.rioradical.com.br; www.ricosurf.com.br; www.sportweb.com.br; www.ibrasurf.com.br; www.disksurfsc.com.br; www.surfindoor.com.br; www.aspaas.hpg.ig.com.br; www.surfe.depeito.com.br; www.surfreporter.cidadeinternet.com.br; www.setorreciclagem.com.br; www.adrenalimitz.com.br.

Surfe: Entidades nacionais e internacionais *National and international bodies*

Confederação Brasileira de Surf – CBS, Curitiba-PR

Federações filiadas: SP, RJ, BA, ES, PE, SE, SC, CE, RS, PB, AL, PA e RN

Entidades filiadas: Associação Brasileira de Surf Profissional - ABRASP, Rio de Janeiro-RJ e Instituto Brasileiro de Desenvolvimento do Surf - IBRASURF, São Paulo-SP

International Surfing Association

Association Of Surfing Professionals; Asociación Panamericana de Surf; Asociación Latino Americana de Surf; United States Surfing Federation; e Global Organisation Of Bodyboarders

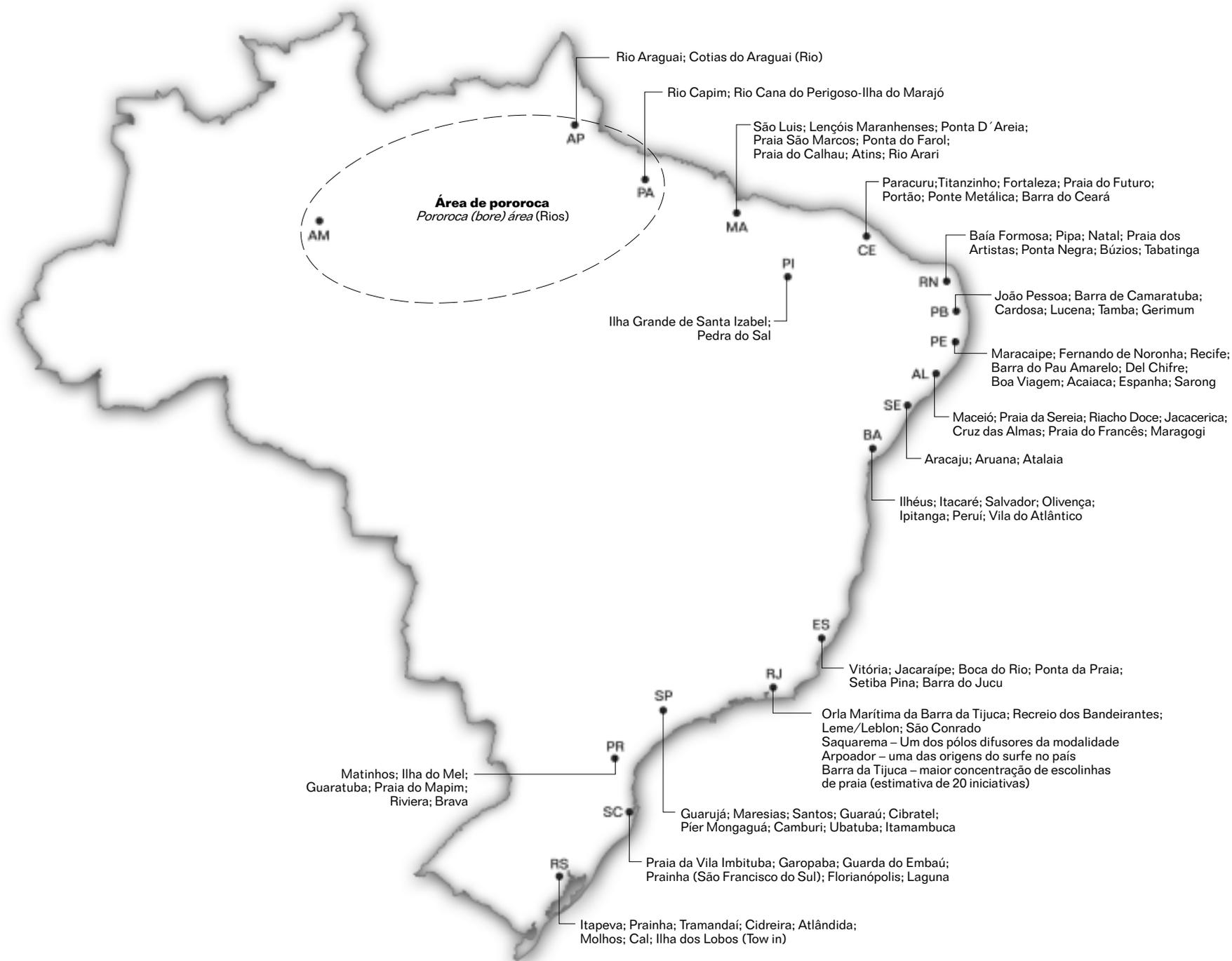
WCT (divisão da elite do surfe mundial) World Championship Tour

WQS (divisão de acesso para o WCT) com etapas em vários países do mundo

World Qualifying Series

Locais mais favoráveis para o surfe por estado e praia / rio (pororoca)

Favorable locations for surfing per state and beach point / river ('pororoca': bore)



Surfe na pororoca / Surfing in pororoca (bore)

Do tupi, "porórka" que dizer "grande estrondo". O fenômeno acontece com o encontro das águas do oceano Atlântico com os rios Amazônicos provocando um estrondo que ecoa a quilômetros de distância e ondas que podem atingir mais de 3m de altura, com velocidade de 10 a 15 milhas por hora. Como todos os rios da região têm desembocadura em forma de funil, desproporcional à real largura de suas curvas, ocorre um novo represamento das águas. Uma enorme massa de água avança com fúria, arrastando o que estiver no caminho. As primeiras tentativas de domar este fenômeno aconteceu em 1997, quando o empresário e surfista Noélio Sobrinho, por curiosidade e baseado em fotos de Jacques Cousteau, descobriu que era possível tal feito, mas os créditos de pioneirismos na prática são de Eraldo Gueiros e Guga Arruda, no rio Araguaí-Amapá. Posteriormente Noélio Sobrinho, juntamente

com mais três surfistas vivenciaram esta prática no Cana do Perigoso-Ilha do Marajó. Após o feito, Noélio organizou mais de 40 expedições, catalogou 19 pororocas surfáveis e criou o Campeonato Brasileiro de Surfe na Pororoca, que acontece desde 1999, no rio Capim, no leste do Pará. No ano de 2003, este campeonato ganhou mais duas etapas, em Cotias do Araguaí-Amapá e Arari-Maranhão. Sandro Buguelo (tricampeão) e Ricardo Tatui (bicampeão) são considerados os atletas destaque. Além dos campeonatos Noélio (vice-presidente da Federação de Surfe do Pará), Marcelo Batista e Nil Faria, já realizaram 29 surf trips/expedições que percorrem também as regiões de: Apéu Salvador, Marieta, Algodal, Salinas e Ajuruteua. Carlos Burle, Ross Clark Jones, Eraldo Gueiros e Picuruta Salazar, participaram do Free Surf na Amazônia, praticando *tow-in* nas ondas da Pororoca da Foz do rio Araguaí-Amapá. Promovido pela Red Bull

e coordenado pelo surfista americano Gary Linden, o evento Pororoca, Surfando o Amazonas, teve um trabalho de pesquisa de dois anos com objetivo de levantar a melhor logística e segurança. Uma equipe de filmagem contratada da Alemanha registrou todos os momentos do Free Surf para produzir um documentário que será distribuído para as TVs. Pirucuta Salazar, ao surfar uma onda por 35 minutos, percorrendo 12,2 km, pode ter conquistado um record mundial, pois segundo o coordenador do evento Gary Linden, não se tem conhecimento de tal feito no mundo. Carlos Burle, Rodrigo Resende, Eraldo Gueiros e os dois últimos recordistas deste fenômeno Adilton Mariano e Pirucuta Salazar são convidados pela Rede Globo de Televisão a se enfrentarem na Pororoca para ver quem permanece o maior tempo sobre as ondas do rio Amazonas.

Bodyboard – Morey boogie – Kickboard – Surfe de Peito

VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM

Bodyboarding – Morey boogie – Kickboarding – Body surfing

Although bodyboarding as a sport appeared first in Polynesia, it only caught on in California (USA) during the 1970s. Bodyboarders slide down the waves on small boards (bodyboard) that gave name to the sport. Bodyboarding came to Brazil still during the 1970s. It has become both a recreational and formalized sport as it has obtained excellent

Definições e Origens O bodyboarding é uma prática esportiva na qual os praticantes deslizam (descem) as ondas deitados sobre pequenas pranchas (bodyboard). Com os movimentos dos corpos e impulsão das ondas, os praticantes executam as manobras num misto de técnica e arte. Embora atletas de alto rendimento busquem as melhores ondas, sua prática é democrática permitindo a diversão de iniciantes em pequenas ondas.

Antes de se ter inventado o bodyboard, havia diversas formas de surfar as ondas que não fossem em pé. O relato mais antigo encontrado data do século XV, quando polinésios surfavam deitados em pedaços de tábuas rudimentares (“alaias”) denominadas “pranchas do povo”. Naquela época, era permitido apenas à realeza surfar em pé sobre pranchas maiores (“olos”). Evoluindo no formato, surgiu o “kickboard”, prancha que permitia maior deslize. No início dos anos de 1970, esta prática configurou como modalidade esportiva. O americano Tom Morey surfava na Califórnia quando sua prancha partiu-se ao meio. Utilizando uma das metades para chegar até a areia, descobriu a sensação de “surf deitado”. Tempos depois, o citado praticante confeccionou uma prancha menor, com material mais macio que os da prancha de surf tradicional. Em sua primeira fábrica caseira, nasceu o equipamento batizado como Morey Boogie. Após várias evoluções tecnológicas, chegou ao século XXI com o nome de bodyboard, conquistando milhares de praticantes amadores e profissionais.

No final da década de 1970, o bodyboarding chegou ao Brasil pelo carioca Marcus Cal Kung com a inovação do equipamento de último tipo, para a época, conhecido como Morey Boogie, conquistando rapidamente vários adeptos, por sua possibilidade de descer “ondas de peito”. A marca ficou tão conhecida que, durante um longo período, deu nome à prática, ainda sendo confundida na atualidade entre os praticantes mais antigos. Segundo Kung, que atualmente é também empresário, “através do sonho e iniciativa de um grupo de adolescentes, o Bodyboard transformou-se numa modalidade esportiva de reconhecimento mundial e modelo organizacional para entidades nacionais e internacionais que, por meio de seus atletas, conquistaram títulos, campeonatos, competições, prêmios e diversas homenagens. Através do Bodyboard viajamos pelo mundo, conhecemos novos povos, novas culturas e línguas. Aprendemos a cartilha da vida por um caminho saudável, educativo, de integração social e de entendimento de nossos próprios desejos e expectativas pessoais. O Bodyboard transmite mais do que o esporte: é o significado de um estilo de vida”. Os argumentos de Kung são ratificados não só pelo alto nível técnico dos atletas que despontam no cenário internacional como pelos aficionados de todas as idades que, nos finais de semana, praticam a modalidade no Brasil, usufruindo de uma das mais extensas costas marítimas do mundo (8500 km) e de um clima que lhes favorece em quase todas as estações do ano.

1971 Tom Morey criou o protótipo da prancha morey boogie que impulsionou o desenvolvimento da modalidade.

1973-1974 Os equipamentos, ainda predominantemente estrangeiros, ganharam nova estrutura como o *morey boogie rainbow*, melhorando o desempenho dos praticantes. O Brasil começou a importar equipamentos neste período.

1977-1980 O bodyboarding começou a ganhar destaque de mídia em várias revistas americanas de surfe. Mundialmente, o esporte se propagou e começaram a se formar grupos de praticantes no Rio de Janeiro.

Década de 1970 A modalidade expandiu-se rapidamente no mundo. No Brasil, em meados desta década, os adeptos divertiam-se com suas “*madeirites*” - placas de madeira que deslizavam sobre a água.

results in international competitions. The ‘Associação de Morey Boogie’ (Morey Boogie Association – AMBERJ) was created in Rio de Janeiro in 1984. It then became the first organization of its kind in the world to be officially registered. There were 2,000,000 bodyboarders, including 500,000 women in Brazil in 2003. The association includes 2,500 athletes registered with

1980-1982 Surgiu pela primeira vez o nome bodyboard. O bairro do Leme-RJ consagrou-se como o berço da modalidade. Aconteceu o campeonato de Surf Waimea 5000, no Arpoador, praia do Rio de Janeiro, onde o bodyboarding participou com uma demonstração.

1983 Primeiro Campeonato Mundial de Pipeline, no Havaí e Primeiro Campeonato em Piratininga, Niterói, com 16 competidores e apenas Gisele Vargas como representante feminina.

1984 A Associação de Morey Boogie do RJ - AMBERJ foi a primeira entidade de seu gênero registrada no mundo. Começou a ser fabricado o “fico”, primeiro bodyboard 100% nacional. Andréa Ferreira foi a primeira mulher a participar de um campeonato mundial. Bobby Szabad, um dos pioneiros do esporte mundial, veio ao Brasil. A Clark Foam/EUA, fabricante da marca morey boogie, começou a fabricar no Brasil, os modelos Aussie, Aussie 2, 139 e Mach 7-7, provocando um verdadeiro delírio nos praticantes, que não mais dependiam somente das importações. Foi realizado o primeiro campeonato, com a divisão das categorias masculino e feminino, contando com 45 competidores, sendo nove mulheres. Atletas se uniram e realizaram o Festival de Surfe, Morey Boogie e outros esportes radicais na praia do Leblon - RJ, com grande repercussão de mídia para a época. Naquele período, os campeonatos de bodyboarding eram incorporados aos de surfe. Marcus Kung venceu o primeiro campeonato qualificatório para o mundial.

1985 Fundação da Associação Paulista de Bodyboard-APB. Este ano marcou a história da modalidade para sempre, pois, pela primeira vez, uma equipe brasileira competiu no Campeonato Mundial do Havaí. Kung, Xandinho, Marcos Salgado, Guto de Oliveira e Cláudio Marques mostraram o potencial para o mundo. Lançamento da revista americana *Bodyboarding*. A marca Redley Bodyboarding se lançou no mercado e realizou seu primeiro campeonato.

1986 Marcus Kung foi matéria na revista internacional *Bodyboarding* destacando o crescimento do esporte no Brasil. Com isso o bodyboarding nacional ganhou difusão e na mídia internacional. Lançamento da revista nacional *Bodyboarder*. O pé de pato “jacaré”, equipamento muito utilizado para impulsão nas ondas, começou a ser fabricado no Brasil. Andréa Ferreira foi à final do Campeonato Americano/Califórnia.

1987 Lançamento, no Brasil, da revista *Fluir Bodyboard*. Glenda Koslowisk venceu no Havaí e na Califórnia. Aconteceu a quinta edição do Campeonato Mundial em Pipeline. Fundação da ABBI - Associação de Bodyboarding de Ipanema, primeira entidade que administrou o esporte no Brasil, reconhecida internacionalmente, e que começou a formatar os quadros técnicos de juízes.

1988 Aconteceu o primeiro evento internacional de bodyboarding no Brasil e o primeiro Circuito Brasileiro com etapas em vários estados, contando com cerca de 300 atletas. Na sexta edição do campeonato mundial em Pipeline/Havaí, o carioca Ugo Corti ganhou o prêmio de maior onda em um tubo e, Marcus Kung, o de personalidade mundial do bodyboard. Primeira excursão dos brasileiros à Austrália. O Primeiro Campeonato Internacional Bliss aconteceu no RJ, com a participação de estrangeiros atraindo grande repercussão de público na praia da Barra da Tijuca. Mike Stewart venceu e os brasileiros Ugo Corti e Xandinho conquistaram a 2ª e 3ª colocação. Na categoria amador, Guilherme Tamega venceu e Fabio Aquino ficou em 2º. Mariana Nogueira conquistou seu primeiro campeonato brasileiro. Fundação da Associação Brasileira de Bodyboarding-ABRASB e a realização do Circuito Brasileiro em três etapas: Guarujá, Florianópolis e no Rio de Janeiro, contando com o patrocínio de várias empresas de peso.

seven state federations. The high number of national and international events includes the 6 and 8 rounds Brazilian championship with the average participation of 200 athletes. The 8,500 km of beaches and mild weather that permits bodyboarding all year round are attractive aspects that attract boarders to Brazil.

1989 A marca de pranchas BZ começou a ser fabricada no Brasil. A categoria feminina ganha status de profissional. Guilherme Tamega alcançou um 4º lugar no Campeonato da Austrália.

Década de 1980 Nesta fase houve o maior avanço histórico da modalidade provocando, simultaneamente, o incremento da indústria, o aprimoramento técnico dos atletas, a organização de suas entidades representativas, a realização de eventos de grande porte e a divulgação na mídia.

1993-1994 Fundação da Federação de Bodyboarding do RJ-FEBRJ que organizou os circuitos profissionais no estado. O carioca Guilherme Tamega e a paulista Claudia Ferrari conquistaram seus primeiros títulos.

1995 O time feminino do bodyboarding ganhou fama internacional. Mariana Nogueira, Daniela Freitas, Soraia Rocha, Karla Costa, Neymara Carvalho, Stephanie Pettersen tornaram-se absolutas entre, aproximadamente, 300 competidores dos cinco continentes.

1997 Daniela Freitas conquistou o bicampeonato mundial.

1999 Fundação da Confederação Brasileira de Bodyboarding. Neymara Carvalho foi campeã Pan Americana e Hermano Castro conquistou o vice.

Década de 1990 Sem rupturas no desenvolvimento, a modalidade institucionalizou-se com a criação da Confederação Brasileira de Bodyboarding, implantando normas e estimulando o surgimento de federações estaduais. Dentre os atletas de maior destaque na modalidade, Glenda Koslowski deixa registrados, ao finalizar a carreira, quatro títulos de campeã mundial. Ainda neste período, a cidade do Rio de Janeiro passou a ser considerada o melhor *point* para a prática da modalidade no país e palco de seus grandes eventos.

2000 Soraia Rocha sagrou-se campeã mundial.

2001-2002 A Federação Carioca de Bodyboarding do RJ realizou o Campeonato Internacional de Bodyboarding, em São Conrado - RJ. Karla Costa foi campeã mundial.

2002 O carioca Guilherme Tamega conquistou o hexacampeonato mundial de bodyboarding, igualando aos recordes de Robert Scheidt, hexacampeão mundial no iatismo e Kelly Slater, hexampeão mundial de surfe. Neymara Carvalho foi a Campeã do Isa Games, na África do Sul.

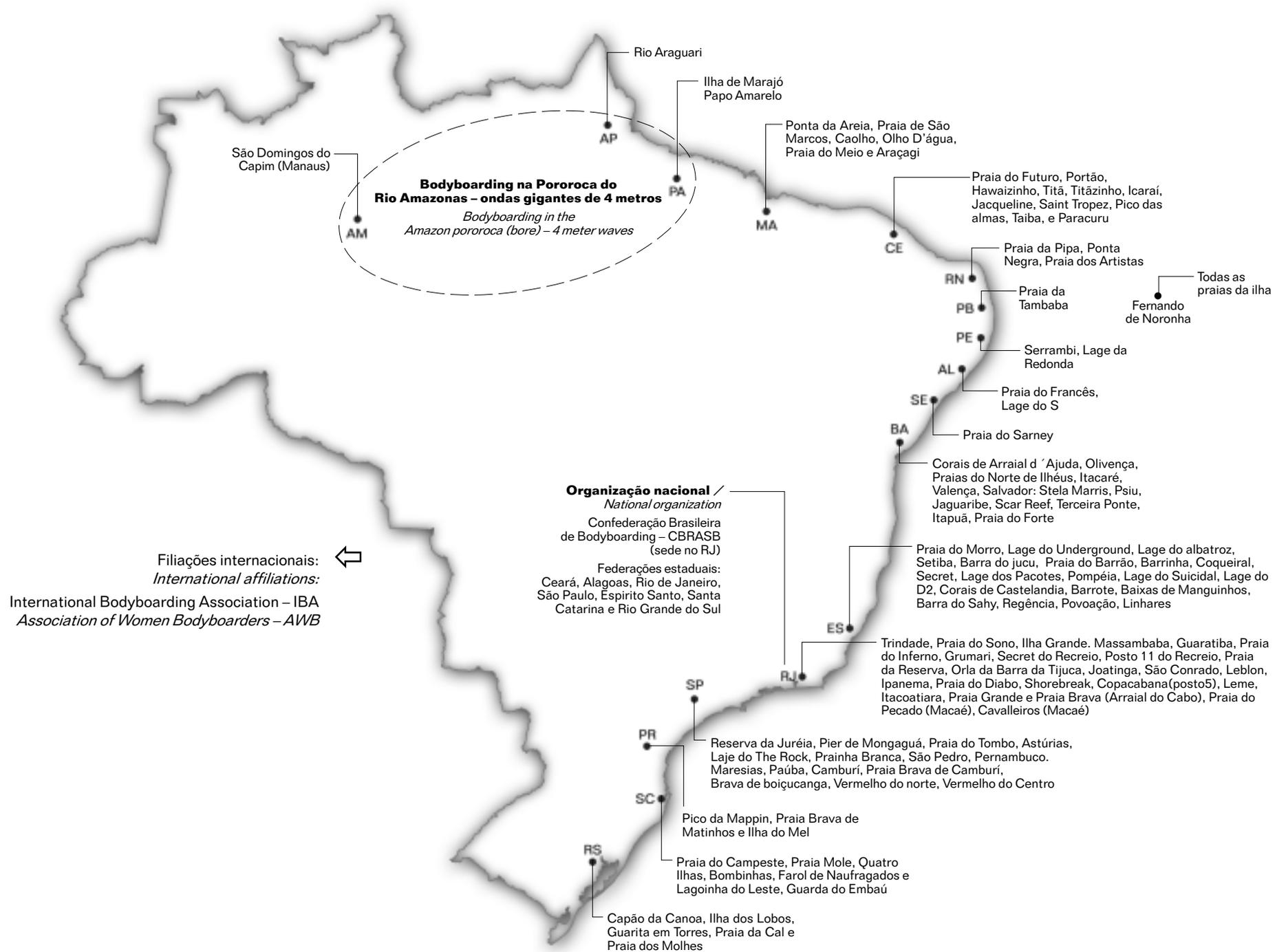
2003 Fundação da Escolinha Guilherme Tamega de Bodyboard, na praia de Copacabana/RJ. O maior ídolo da atualidade, então em busca do seu sétimo título mundial, passou a transmitir para os novos adeptos, sua experiência de 15 anos em competições pelo mundo.

Situação Atual Embora não se tenha registro da movimentação financeira gerada pela indústria que sustenta a modalidade, a história retrata sua força. Segundo dados de seus órgãos dirigentes, o bodyboarding envolve 2 milhões de praticantes, sendo 500 mil do sexo feminino. Conta com 2.500 atletas federados e um elevado número de eventos nacionais e internacionais, sendo somente o circuito brasileiro composto de 6 a 8 etapas com a participação, em média, de 200 atletas. No fomento a novos adeptos, diversas escolinhas de praia trabalham desde o esporte recreativo até o de alto rendimento. Podendo ser praticado também com equipamentos de baixo custo, como pranchas de isopor, o bodyboarding deixou de ser progressivamente um esporte refinado, conquistando adeptos de todas as idades e condições sociais.

Fonte Marcos Kung; Confederação Brasileira de Bodyboarding; www.bodyboard.org; www.rioradical.com.br; www.escolagt.com.br; www.abbctour.net.

Locais mais favoráveis para a prática de bodyboard no Brasil por estado e praias

Favorable locations for bodyboarding in Brazil per state and beaches



Skate

VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM

Skateboarding

Skateboarding has a rich history of innovation and is full of intriguing stories. Towards the late 1950s in California U.S., surfing became increasingly popular and people began to tie surfing together with cruising on a board. Early skateboards were made out of wooden boards cut into shape, and metal or clay wheels from roller skates. Although skateboarding had come to Brazil in the 1960s, it became more popular in the mid-1970s, when the first Brazilian manufacturers started to produce models and specific brand names. Today Brazil is the second leading country

Definições e origens Skate é uma prática esportiva que utiliza prioritariamente os membros inferiores para execução de manobras em equilíbrio e movimento apoiando o corpo em um equipamento formado por prancha de madeira ou fibra tendo embaixo dois eixos de rodas. Esta modalidade pode ser praticada em ambientes fechados ou abertos, denominados *skatepark*. A relação do skate com o ambiente em que é praticado dá origem a variações de estilo, tais como: Vertical (*half pipes* – pistas em formato"U"), *Moutainboard* (em montanhas), *Street/Freestyle* (em ruas e obstáculos urbanos), *Downhill/speed* (ladeiras e declives) e *Pool Riding* (piscinas vazias em formatos ovais, que deram origem aos *half pipes*). A sua origem é atribuída aos surfistas da Califórnia-EUA, nos anos de 1960, que criaram uma alternativa de sua prática esportiva instalando rodilhas de patins em uma madeira que imitava uma prancha. Inicialmente chamado de *sidewalk surf*ou surfe de rua, a novidade rapidamente se espalhou e, em meados da década, assumia identidade própria como *skateboard*, envolvendo um grande número de adolescentes. Após uma grande crise nos anos 1970, provocada por racionamento de água nos EUA que obrigou o esvaziamento de várias piscinas, skatistas começaram a utilizar as estruturas daquelas instalações como obstáculos para suas manobras. Avaliando os sérios riscos da situação, a revista *Skateboarder* anunciou que, a partir daquele momento, passaria a cobrir as competições de *bikes*, provocando o fechamento de pistas e evasão de adeptos, restando apenas alguns aficionados. Esses skatistas que perderam suas pistas, suas revistas, história e respeito, se lançaram a andar nas ruas, utilizando ambientes urbanos como obstáculos, assim surgiu a modalidade *street*. Graças a paixão dos praticantes, o *skateboard* venceu a crise a chega a atualidade pontuando uma história com representatividade mundial.

No Brasil, com poucos registros históricos a respeito, identifica-se a origem do skate remontando a meados da década de 1960, tendo como porta de entrada a cidade do Rio de Janeiro. Estimulado por informações de revistas americanas trazidas ao Brasil pelas mãos de turistas ou aficionados, durante muito tempo o skate foi praticado apenas como diversão, sem regras definidas. Há versões de que em 1970, houve investidas criativas dos primeiros skates feitos em casa com rodas de patins adaptados a tábuas rudimentares, como os que foram inventados pela dupla Rui Campos e Belo Delecave, no Rio de Janeiro-RJ. Porém o esporte começa a ser praticado com maior intensidade a partir de meados dos anos 1970 e os primeiros fabricantes nacionais passando a produzir modelos específicos, surgindo marcas como Torlay. Após três décadas de evolução, o skate atinge a profissionalização sustentada, acima de tudo, pelo apelo lúdico, como ratificam as palavras de Sergio Negão, um dos skatistas veteranos em atividade, para o qual "os skatistas se dividem em dois grupos: os que andam apenas por prazer e diversão e os profissionais que andam por prazer, diversão e estilo de vida". Nestas condições, segue-se uma descrição dos tipos de manobra do skate e os fatos de memória que o levaram à posição de um dos principais esportes radicais e de aventura do Brasil.

Skate longboard/Downhill Denominam-se de Free Ride as manobras em cima do skate, como andar, trocar de base, girar, ao passo que o Downhill slide consiste em manobras derrapando o skate. O slide é uma modalidade inventada pelo americano Clif Colemam, mas foram os brasileiros que a desenvolveram como também o Speed, na qual os praticantes visam alcançar grandes velocidades, considerada a "fórmula 1" do skate. Considerando a origem do skate no mundo, pode-se concluir que o downhill (ladeira abaixo) é a primeira forma de prática do skate. Segundo Wilson Wanderley, presidente da

in skateboarding, only surpassed by the U.S. A survey done only in the Brazilian capitals has revealed that the country has at least 2.7 million skaters. There are six state federations affiliated to the Confederação Brasileira de Skate (Brazilian Skating Confederation - CBSK), which has also developed links with 36 skating associations and several other institutions. The CBSK has 1,501 amateur athletes (16-17 years, 4.8% female) and 211 professional athletes, including 141 registered athletes. It is possible to summarize data from skateboarding in Brazil (BRA)

Associaçãode Skate Downhill-APED, esta modalidade vem sendo difundida em Pernambuco há 5 anos e a estimativa é de que existem 100 praticantes no estado. Alexandre Maia, atual campeão brasileiro e diretor da Associação Brasileira de Downhill e Skateboard, não sabe estimar o número de praticantes no país, mas ressalta uma curva de ascensão do crescimento. Como agente inibidor, Alexandre coloca o custo dos equipamentos profissionais em torno de R\$ 3.700,00, sem contar com acessórios de segurança. Para Felipe Cobra, praticante e presidente do Clube e Skate de Ladeira (RJ), o downhill é uma modalidade que está se organizando e ainda não conseguiu a manutenção de calendário regular de eventos, dificultado pela falta de investimentos em forma de patrocínio. Estados com maior desenvolvimento: RJ, PE, MG, SP, RS e SC .

Mountainboard (Skate off-road) Na Califórnia, em 1993, Patrick McConnell e Jason Lee buscaram uma diversão esportiva com a mesma carga de emoção do snowboarding, mas que pudesse ser praticada fora do período de inverno. Adaptando as técnicas para a prática em terrenos acidentados, fundam a primeira fábrica (Mountainboard Sports LLC) e, sete anos após inauguram a MBS Mountainboards, no Colorado, hoje um empreendimento de grande sucesso. A idéia ganha adeptos de outros esportes e consagra-se em nível mundial, principalmente em países como França, Inglaterra, Chile, Portugal, Venezuela, Japão, Rússia e Nova Zelândia. Em 1996, este esporte foi trazido por Paulo Sólon para Visconde de Mauá-RJ, que em 1997, começa a fabricar o equipamento e é hoje o único shaper do país: funde os eixos, compra as rodas, pneus e rolamentos importados e faz toda a montagem. Esta tecnologia levou à criação da empresa Local Trip, precursora na divulgação e comercialização da modalidade no Brasil. Devido à crescente demanda, a Local Trip desenvolveu e tem fabricado pranchas mais resistentes, mais leves e mais flexíveis que as próprias originais estrangeiras. Além de manter uma equipe de praticantes, esta empresa promove também escolinha da modalidade em Visconde de Mauá e já planeja a realização do primeiro campeonato brasileiro de mountainboard. Podendo ser praticado em qualquer tipo de terreno, neste esporte não se requer regras, mas dois estilos distintos: o downhill (descida de morro) e o freestyle (estilo livre). O skate é basicamente formado por shape, rodas com câmara de ar (calibradas de acordo com a pista), suspensões, egg-shocks e presilhas para os pés. Dependendo da configuração o equipamento pode custar R\$1.200,00. Rodolfo Bazetto e Fernando Ferro (SP) são os dois praticantes da modalidade que participaram do Campeonato Mundial na Nova Zelândia (NZ Dirt Challenge – World Series 2003). Além de divulgar o esporte, Rodolfo estimula a participação de crianças e das mulheres, em razão de que – segundo ele – só há uma representante do sexo feminino (Lara, em Porto Alegre). O proprietário da MBSBRAZIL Mountainboarding, Fernando Ferro, é representante da MBS Mountainboard (EUA) e além de divulgar o esporte, comercializa produtos nacionais e internacionais através da loja virtual (www.mbsbrasil.com). Diversificando esta prática, o iboard surge como a mais nova opção de lazer de skate off road. Adaptando pneus de bicicleta, segundo o iboarder Ricardo Campos, pode ser praticado até mesmo na praia e o esporte conta atualmente com 30 praticantes.

Carveboard Há versões de que em 1992, o surfista havaiano Laird Hamilton tenha iniciado o protótipo do mountainboard com equipamentos de skate e pneus de bicicleta. Um ano depois, nasce em San Francisco-EUA o mountainboard, o primeiro a utilizar o sistema de molas e eixos. E, em 1997, outro surfista profissional americano, Brad Gerlach, adapta cria o carveboard, prancha destinada ao treinamento

through a comparison against American numbers in 4 dimensions: (1) TV networks that broadcast events and skate shows in BRA (Globo, Sportv, ESPN Brasil) vs. U.S. (ESPN, Fox Sports Net, NBC); (2) number of skaters in BRA (2.7 million) vs. U.S. (11.6 million); (3) number of skateparks in BRA (427) vs. EUA (800); (4) market in BRA (US\$ 36 million) vs. U.S. (US\$ 125 million). Brazilian skateboarding has also been a means of social cohesion among young people, winning support from different government agencies and educational institutions.

de surfistas, exclusivamente nas manobras de curva e posicionamento de bordas. Em 2001, a montadora BMW desenvolve este equipamento, batizado de *streetcarver*. Disponível mundialmente nas concessionárias da montadora ou via Internet, o streetcarver BMW foi lançado com tiragem inicial de mil unidades. No Brasil, a subsidiária da BMW ressalta que a importação dependerá de demanda, já que o custo do equipamento é estimado em R\$ 1.000,00. Dois anos de estudos e pesquisas resultaram na criação do CarveBrasil (SP), lançado em 2003. O projeto original sofreu alterações no design, tamanho, eixos e feixe de molas, o suficiente para aprimorar a realização de manobras. Investindo neste novo segmento, a G Zero Store (SP), especializada em *boardsports* (esportes com prancha), está implementando a Operação Imigrantes. Após longa negociação com a Polícia Rodoviária de São Paulo, a Rodovia dos Imigrantes foi fechada e os praticantes do carveboard desafiaram os túneis em descidas radicais.

1974 – 1976 O skate teve seu primeiro grande avanço tecnológico com a descoberta do “uretano” pelo engenheiro químico Frank Nashworthy, dando origem às rodas apropriadas do skate atual. Foi realizado neste período, no Clube Federal do Rio de Janeiro-RJ, o primeiro campeonato de skate brasileiro e inaugurada a primeira pista de skate da América Latina em Nova Iguaçu – RJ.

1979 Lançamento da revista especializada “Brasil Skate”, construção das pistas em SP, Wave Park e Franet, e, no RJ da pista de Campo Grande (zona oeste da cidade).

1980 Os brasileiros Cesinha Chaves e Kao Tai participam das provas do Circuito da ASPO (*Association of Skate Park Owners*– Califórnia, EUA).

1982 Em SP, primeiras versões do Campeonato Brasileiro de Skate do Bowl / Itaguará Country Club (até 1987) e realização do Campeonato de Downhill na Ladeira da Morte (*Bow*/refere-se ao formato abaulado de uma das instalações do skate).

1984 Lançamento do Programa TV Vibração, com veiculação diferenciada em TVs e com a maior longevidade no país no setor esportivo (1160 programas produzidos).

1985 O norte americano Tony Hawk participou do Campeonato Brasileiro de Skate de Itaguará. Lançamento no Brasil da revista especializada “Overall”.

1986 Realização das primeiras competições de street style no colégio Albert Levy (SP) e Street Skate HProI em Santos-SP. Lançamento da revista *Yeah!Skate* no Brasil fundada pelo skatista Paulo Anshowinhas. Participação de uma delegação brasileira de skate no Campeonato Mundial do Canadá.

1987 O skate vive um período de grande avanço com o aquecimento da indústria nacional e a inauguração de novas pistas. Guto Gimenez foi o primeiro skatista a participar do Mundial em Münster, Alemanha. Primeiro Circuito Brasileiro Profissional de Skate.

1988 – 1989 Realização do Sea Club – Overall/SP que conta com a participação dos ícones Tony Hawk e Lance Mountain. Primeira reportagem do skate nacional na *Transworld*, maior publicação mundial. Primeiro Circuito Brasileiro realizado pela União Brasileira de Skate-UBS, que se manteve ativo até o final da década de 1990. Realização do Circuito Alternativa Rock Skate em Recife, Rio de Janeiro e Salvador. Ferrugem, Bob Burnquist e Wolnei dos Santos destacam-se em campeonatos internacionais.

Décadas 1960 – 1980 Do impacto do surgimento à crise revelada do início dos anos 1970, superados graças aos poucos praticantes que investiram em rampas particulares e competições *underground* (eventos sem reconhecimento institucional, mas com alto estímulo juntos aos atletas), o skate atingiu um salto de qualidade no final da década de 1980. Considerando-se o crescimento industrial, mídia especializada e aprimoramento técnico dos atletas, destaca-se o marco tecnológico com a criação da pista em formato de “U” – Half Pipe, que passou a ser o palco apoteótico das manobras profissionais e templo para amadores.

1990 Marcando uma nova crise, mas tendo a economia como pano de fundo, o Plano Collor acarretou o fechamento de diversas empresas e todas as revistas especializadas em skate.

1991 Lançamento no Brasil da revista “Tribo Skate”, principal veículo especializado na América Latina. Volta do Circuito Brasileiro com a Taça Londrina de Skate, da cidade do mesmo nome no PR. Atletas marcaram presença e regularidade de participação em eventos internacionais. O skatista do RJ Lucio Flávio sagrou-se tricampeão brasileiro (89/90/91) pela União Brasileira de Skate–UBS. Inauguração do Bowl do Rio Sul (RJ), considerado um dos mais perfeitos do mundo.

1993 Lançamento do primeiro vídeo magazine brasileiro: Silly Society.

1995 Rodrigo Menezes vence pela primeira vez um Circuito Mundial. Lançamento da revista “100% Skate”. Foi criado o Dia do Skate em SP (03/08). Primeiro X Games nos EUA com uma audiência de 198 mil espectadores.

1996 Bob Burnquist (SP), maior ídolo da modalidade no Brasil vence uma etapa do mundial e começa a se projetar internacionalmente. Sérgio Negão conquista o vice-campeonato mundial na Alemanha.

1997 Bob Burnquist é eleito o skatista do ano (feito repetido em 2001). Paulo Sólton (RJ) introduz o mountainboard no Brasil e funda a primeira fábrica brasileira em Visconde de Mauá-RJ. Cesinha Chaves cria o primeiro site de skate do Brasil na Internet.

1998 Primeira edição da etapa brasileira do Circuito Mundial em SP.

1999 Fundação da Confederação Brasileira de Skate-CBSK, em Curitiba-PR, que impulsionou o lançamento de novas pistas. Lançamento do X Games Junior, reunindo competidores de até 14 anos da Ásia e Austrália.

Década de 1990 No início desta década o skate passa por uma fase de declínio no Brasil, mas a partir de meados dos anos 1990 começa a se consolidar. A indústria nacional de equipamentos prolifera sendo administrada em sua grande maioria por praticantes dos anos 1980. Com o advento das TVs a cabo, surgimento de grande número de veículos especializados e, principalmente, pela organização de suas entidades representativas, o skate popularizou-se visivelmente nas práticas de rua tendo a força dos ídolos como agente propulsor do esporte popular. Em 1995, Rodrigo Menezes vence pela primeira vez uma etapa do circuito mundial. Em 1996, Sandro Dias retorna ao esporte e Bob Burnquist firma sua carreira internacional. A partir de então outros atletas conquistam projeção internacional.

2000 Larissa Carollo vence no feminino na Etapa brasileira do Circuito Mundial; Bob é campeão do mundo no vertical e Piolho street. Eduardo Brito lança o livro “A Onda Dura – Três décadas de Skate no Brasil”.

2001 A CBSK promove o primeiro Congresso Brasileiro de Skate, passando a administrar o Circuito Mundial no Brasil. Realização do primeiro Campeonato Mundial de Downhill Stand Up. Acontece em Gravataí-RS o 2º Freesurf/Freeday de ladeira, que reuniu os 40 melhores atletas do Brasil da modalidade. O skate é inserido no meio acadêmico. Conforme a Confederação Brasileira de Skate, a *Skateboard*, publicação norte-americana especializada em negócios de skate mundial, realizou este ano uma vasta pesquisa que apontou os seguintes resultados: 1) para cada praticante de skate há nove simpatizantes consumidores; 2) apesar de ser um esporte individual, o skate é praticado sempre em grupo; 3) o público admira os ídolos brasileiros e sonha com a qualidade de vida conquistada por eles, principalmente viajar e vestir as suas marcas de roupas. Quadro comparativo entre o Brasil e os EUA: emissoras de TV que transmitem eventos e programas de skate – BRA (Globo, Sportv, ESPN Brasil) x EUA (ESPN, Fox Sports Net e NBC); praticantes – BRA (2 milhões – 2,7 milhões em 2003) x EUA (11,6 milhões); movimentação do mercado – BRA (US\$ 36 milhões) x EUA (US\$ 125 milhões).

2002 O Estado Amazonas inaugurou o primeiro Half Pipe totalmente construído com madeira certificada pela Forest Stewardship Council-FSC / Conselho de Manejo Florestal. Lançamento do Skate Bus em Barueri-SP. A ESPN (TV a cabo) lança as eliminatórias Latino-Americanas dos X Games no Aterro do Flamengo-RJ. Lincoln Ueda e Sandro Dias brilharam neste evento e o Programa Esporte Espetacular-TV Globo, com transmissão ao vivo atinge seu maior pico de audiência com mais de 30 milhões de telespectadores em todo o Brasil. Este fato foi inédito no país e se somou a um público itinerante de 38 mil pessoas no local do evento. Karen Feitosa vence no feminino na Etapa brasileira do Circuito Mundial. Os brasileiros continuam entre os top 10 do mundo. Ferrugem conquista duas medalhas de ouro e Wagner Ramos duas de prata durante o X Games. Edilene Ozório, pioneira no esporte funda em Curitiba-PR a primeira escola de skate feminina, a Elo Skate Girls. Fundação da Associação Brasileira de Skate Feminino-ABSFE.

2003 Realização do Latin X Games-Copacabana no RJ. A eliminatória contou com 250 melhores atletas do mundo nas modalidades bicycle stunt, skateboarding e aggressive in-line. O evento superou todos os recordes de público e audiência. Red Bull Skate Pró foi realizado com etapas em Porto Alegre, Brasília e Salvador. Sandro Dias venceu a competição que atraiu 7 mil pessoas na etapa final. O *Globe World Championship/Alemanha* (ex-Munster Monster), em sua 22ª edição, uniu 25 nações. A Associação Elite Brasil de Skate Off-Road realiza o 2º Desafio Brasil de Skate Off-Road em Torres-RS, atuando também como seletiva para o Campeonato Mundial Mountainboard na categoria pro. Realização do Meeting Skate Downhill, na Vista Chinesa-RJ, organizado pelo Riolongboard e Clube de Skate de Ladeira, contou com a participação de 50 skatistas desta modalidade. Em Jaboaão-PE acontece a 2ª etapa do Torneio da Associação de Skate Downhill-APED. O Circuito Drop Dead Skate Park, maior campeonato amador do país, divide a categoria feminina em dois grupos devido ao desenvolvimento do Projeto “Elo Skate Girls” (Curitiba), e por solicitação da Associação Brasileira de Skate Feminino-ABSFE. Além de outras novidades, este circuito passa a ser oficializado pela CBSK. Uma pesquisa realizada pela Prefeitura de São Paulo na rede pública de ensino revela o skate como esporte preferido entre os jovens. O ministro dos Esportes Ângelo Queiroz recebe em Brasília, Alexandre Vianna (presidente) e dirigentes da Confederação Brasileira de Skate para discutir a elaboração de um plano nacional do esporte. Sandro Dias, sagra-se o número 1 do mundo ao vencer o World Cup Skateboarding (Canadá) na categoria vertical. O presidente Luis Inácio Lula da Silva, recebe Sandro Dias no Palácio do Planalto e o skate brasileiro vive a maior divulgação da história, envolvendo todos os meios de comunicação nacional com reflexo na mídia internacional. Ferrugem coloca-se em segundo lugar no street, park e best trick nos X Games–Los Angeles. Daniel Vieira (PR) sagrou-se Campeão Europeu de Street. O empresário Fábio Gliosci investe R\$ 1,5 milhão no maior Skate Park da América Latina, o Plasma Radical & Skate Park (SP), que conta com uma pista profissional de skate de 35m, entre outras atividades e modalidades esportivas. Instalado no Shopping Aricanduva, a expectativa de visitação é de 50 mil a 70 mil pessoas por mês. Além do espaço para os skatistas, o local conta com escolinha para iniciantes com professores permanentes, entre outras atividades e modalidades esportivas. Realização do Latin X Games–Rio de Janeiro. Bob Burnquist, que já havia registrado um loop de base trocada em pista comum, credita ao Brasil mais um feito inédito ao realizar um looping numa full pipe (pista em formato tubo), em sua casa na Califórnia.

Situação Atual O skate firma-se com uma das práticas mais populares do Brasil. Desmistificado o conceito de irreverência atribuído aos praticantes pioneiros, o skate passou a ser objeto de consumo de todas as classes sociais, envolvendo uma grande massa na faixa etária de 5 a 16 anos. Se no contexto econômico gera altas cifras, é preciso ressaltar também sua contribuição significativa à socialização, pois embora seja uma prática individual, tem como característica própria à inserção em grupos socialmente organizados. Empiricamente pode-se ressaltar a força dos ídolos como maiores “produtos” do skate no Brasil tendo na figura de Bob Burnquist, a melhor “marca” que chega a faturar R\$1,4 milhão por ano. Mas, o reduzido investimento direto na forma de patrocínio na carreira de atletas vem provocando uma evasão nacional em busca de melhores condições.

Estimativas do mercado registram um mínimo de 2,7 milhões de adeptos do skate no Brasil. Este quantitativo origina-se do Instituto Datafolha (SP) em pesquisa domiciliar em capitais estaduais, encomendada pela Crail, empresa atuante no segmento de skate, em 2002. Neste levantamento constatou-se que Porto Alegre-RS é a capital com o

maior número de praticantes de skate em todo País, 16%, seguida por Curitiba-PR e Florianópolis-SC, com 15% cada, São Paulo com 12% e Rio de Janeiro 10%. Dos que praticam skate, a grande maioria é de homens, 89%, contra 11% das mulheres. O estado do Rio Grande do Sul é o que apresenta a maior taxa de praticantes do sexo masculino, 94% e Pernambuco tem o maior índice de mulheres skatistas, 17%. A média de idade dos praticantes de skate no país é de 15,4 anos, sendo que, na faixa dos 14 aos 16 anos e dos 17 aos 20 anos, se encontra o maior número de praticantes do esporte, 25% e 24% respectivamente. O índice entre 14 e 16 anos chega a 34% no Ceará e a 32% em Curitiba, enquanto que, na faixa dos 17 aos 20 anos, atinge 42% na Bahia e 31% em Porto Alegre. Em termos de pistas de skate, o “Guia 100% Skate” registra 427 pistas no território nacional (existem cerca de 800 nos EUA), distribuídas em 224 municípios de 25 estados (Tocantins e Piauí não foram levantados).

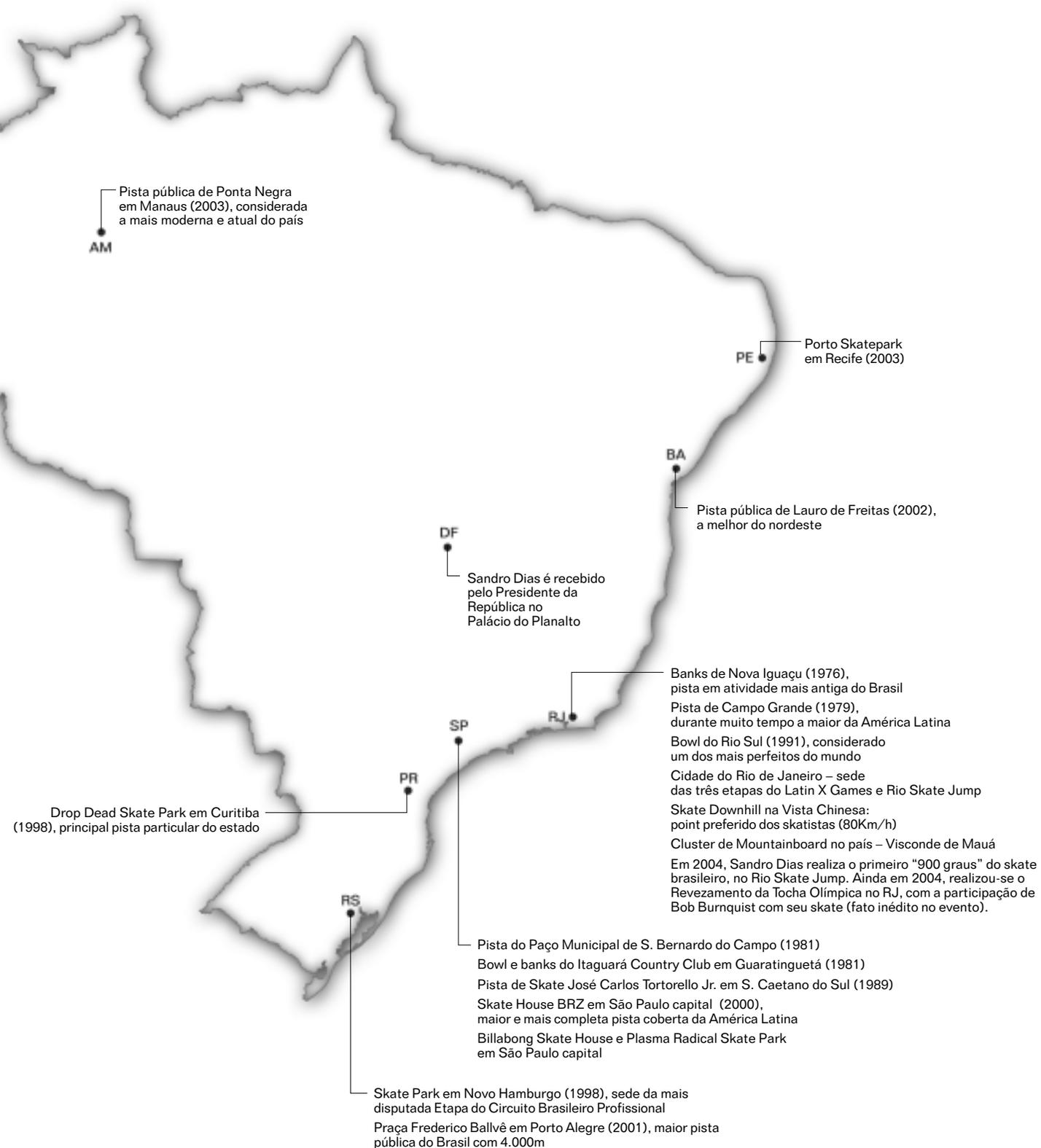
Hoje, a Confederação Brasileira de Skate está situada em SP e possui filiações de federações estaduais em SC, PA, SP, RJ, PE, PR, RS e MG. Além disso, há 36 associações de skate no Brasil de várias naturezas institucionais. No que se refere ao esporte de alto rendimento, a CBSK aponta 1.501 atletas amadores (16-17 anos, 4,8% femininos) e 211 profissionais, sendo 141 confederados. Além da realização de eventos de pequeno, médio e grande porte em todo o território nacional, o Brasil sedia e participa etapas dos eventos internacionais. Segundo Bernardo Picorelli, atleta e empresário, existem aproximadamente 300 praticantes de mountainboard no país.

Destacado como segunda potência mundial, atrás somente dos EUA, o Brasil constitui hoje o terceiro mercado consumidor do mundo, observa-se grande avanço nas ações mercadológicas. O mercado nacional de skate (fabricação de peças, vestuário e calçados com revenda no atacado e no varejo) estima o faturamento na ordem de R\$ 200.000.000,00. Destaca-se também a atuação de atletas brasileiros que fornecem suas experiências profissionais para testes da indústria de equipamentos e vestuário em todo o mundo. Com uma indústria nacional formada basicamente por atletas empreendedores, no Brasil, já é possível contar com uma produção 100% nacional para todo o tipo de produto do segmento. Algumas empresas já estão exportando para outros países como a Crail (eixos), Qix (calçados), Drop Dead/Drop Shoes (peças, vestuário e calçados), e Urgh! (peças e vestuário), entre outras. Segundo dados da ESPN, criadora do X Games, “a marca chega ao Brasil num plano inovador de licenciamento de produtos....o tema de esportes radicais movimentou 1,2 bilhões de reais no Brasil e cresceu em média cerca de 44% em 2001 e 2002”. No segmento de mídia, embora já tenha conquistado também espaço significativo na mídia de massa, ressalta-se a grande penetração de revistas e periódicos especializados, além do grande aproveitamento da interatividade entre aficionados e interessados via pela Internet. O site www.cemporcentoskate.uol.com.br chega a contabilizar a visitação mensal de 400 mil pageviews (auditoria da Ernest & Young). Visando a formação de profissionais e introdução do skate nas aulas de Educação Física escolar e clínicas do SESC, o Prof. Ms Flávio Antônio Ascânio Lauro da UNIPRAN, atua também como preparador físico de atletas profissionais e amadores. Unindo esporte e entretenimento, o skate é utilizado como mote de produtos infantis com o lançamento do *fingerboard* (skate de dedo, inventado nos EUA nos anos 1980), que conta com campeonatos no Brasil, promovido pela primeira vez no Programa Eliana e Alegria (TV SBT). Destacando a imagem internacional de Bob Burnquist, o atleta assina a série skateparks dos produtos Lego Sports juntamente com a marca Gravity Games. A história do skate no Brasil reafirma o seu potencial de desenvolvimento não somente enquanto prática esportiva, mas como meio de desenvolvimento sócio-econômico para o país.

Fontes Guto Gimenez, Felipe Cobra (downhill), Bernardo Picorelli e Paulo Sólton (mountainboard), Confederação Brasileira de Skate; Eduardo Brito. A onda dura; Revistas: 100% Skate e Tribo Skate, Jornal O Lance, Revista Veja Rio, Informativo CBSK; Ed Scande em Marcas pontuais; Revista Isto É Dinheiro (www.terra.com.br/dinheironaweb/207/negocios), por Mariana Barbosa; EsporteBizz, www.greenpeace.com.br; www.comunidadeskate.com.br; www.rio-radical.com.br; www.360graus.com.br; www.bobburnquist.com; www.sk8.com.br; www.carvebrasil.com.br; www.mountainboard.com.br; www.waves.com.br; www.riolongboard.com.br; www.redbull.com.br; www.valoronline.com.br; www.sportsmagazine.com.br; www.tribo-aventura.com; www.skateboardiasc.org; www.inema.com.br; www.boardsports.com.br; www.msbrasil.com; International Association of Skateboard Companies (skateboardiasc.org); nosewriter@aol.com; www.garotasnocomando.com.br; www.brasilskate.com

Pistas de skate no Brasil: principais destaques por estado, 2003*

Main skateparks in Brazil per state, 2003



*Total de pistas públicas / Total of skateparks: 427
Total de pistas no país: 700

Fonte / source: CBSK (menos de 1% com condições de receber competições profissionais).

Rally – Off Road

SIMONE AMORIM, PATRÍCIA NAVARRO E VALÉRIA BITENCOURT

Rally – Off road racing

Off-road racing with four-wheel drives is generally organized around pre-set routes that offer natural obstacles that challenge the competitors. Participants’ satisfaction of the lies in winning the challenge of the route. In Brazil, off-road competitions have followed the development of the local automobile industry that started to manufacture jeeps in 1952. Then in 1983, clubs of aficionados of this kind of competition started to appear in

Definição Na prática de competições e de provas de lazer em percursos off road são utilizados veículos de tração 4x4 em trilhas de estradas de terra e terrenos acidentados em ambientes disponível para este tipo de prática relacionada ao automobilismo (ver tabela de modalidades no mapa). A descrição deste esporte enfatiza inicialmente a função do navegador ou co-piloto, que é responsável pela orientação previamente estabelecida do roteiro a ser seguido durante o percurso. Este é apresentado em um livro de bordo ou planilha, fornecida pela organização do evento. Um erro de roteiro levará a “equipe” a perder muito tempo para retornar à prova, podendo tirar-lhe muitas vantagens ou resultar em acidentes. A maior dificuldade do navegador é manter a concentração e ter toda a situação sob seu controle. O desgaste mental se sobrepõe ao físico devido à complexidade e extensão dos roteiros. Por sua vez, a satisfação dos competidores reside em vencer o desafio do percurso a cumprir.

Origem Desde o final do século XIX, os europeus já pesquisavam os veículos com tração nas quatro rodas. As rodovias e estradas naquela época eram muito precárias e a necessidade de se locomover por regiões de difícil acesso incentivou a busca de soluções técnicas para os meios de transporte. Em 1898, surgia na França, a marca Latil que foi uma das primeiras a adotar a tração total. Na primeira metade do século XX, surgiu o primeiro veículo com tração 4x4, um caminhão que pesava 5.800kg. Posteriormente, como meio de transporte de soldados durante a Segunda Guerra Mundial, os *jeeps* foram criados pelos EUA justamente para facilitar travessias em lama, erosões e outros trechos de difíceis acessos aos carros tradicionais. Os jipes – conforme chamados no Brasil – tornaram-se depois objeto de colecionadores, já que agregavam tecnologia para o todo-terreno. O primeiro foi fabricado para o Exército dos EUA, em 1941. Em 1942, a fábrica Willys, que fazia os carros para o governo, lançou a marca Jeep. Aceita-se geralmente que a utilização para lazer dos jipes e caminhões 4x4 em geral teve início entre as décadas de 1950 e 1960.

Em termos esportivos, os veículos off road tornaram-se equipamento de competições sujeitas a controle de padrões e regras. E para estas condições serem cumpridas foi mobilizada a FIA – Federação Internacional de Automobilismo que hoje administra a prática em todo o mundo, como também outros esportes de âmbito automotor. A modalidade off road chegou ao Brasil na década de 1980, quando começaram os primeiros rallies. E, a partir de 1983, começaram a aparecer clubes de aficionados desta competição no país. Os modelos Willys então marcaram época, mas a abertura do mercado de importados, no início da década de 1990, alavancou as vendas dos veículos 4x4 e, conseqüentemente, houve um grande avanço na prática esportiva.

1952 A fundação da Willys Overland do Brasil S.A., em São Bernardo do Campo-SP, que anuncia seu primeiro Jeep brasileiro em 1954 com tração nas quatro rodas e motor quatro cilindros F-134 Hurricane de 73 hp e 2.150 cilindradas, constituiu uma das realidades da nascente indústria automobilística nacional. O Jeep, antes importado, foi montado até 1955, quando o Brasil recebeu novas estampas e iniciou a fabricação do modelo CJ-5 que sobreviveu até 1983. Em 1957, a produção com componentes nacionalizados atingiu 80% e sua produção alcançou 101.810 unidades naquele ano.

1959 A “Rural Jeep” passou a ter um índice de nacionalização de 100%, recebendo um novo motor nacional fundido em Taubaté-SP. No início dos anos de 1960 devido à grande aceitação do veículo, a

the country. Imported four-wheel drives started coming in the 1990s, which boosted sports competitions. Today, in Brazil there are four large national events and dozens of regional competitions; a network of Jeep Clubs with 18 affiliated institutions and 689 participants; an annual fair of off-road products (Brusque – SC), with 35,000 visitors and 7,000 racers; and six magazines linked to the theme. Internationally speaking,

Willys passou a produzir este veículo com modificações em sua carroçaria e em outras partes menores.

1962 A Willys passou a fabricar seus veículos em unidade própria, situada em São Bernardo do Campo.

1966 O Jeep, apelidado no Nordeste de “Chapéu de Couro”, passou a ser fabricado também em Jaboatão e em Pernambuco, onde foi instalada a primeira fábrica do nordeste – a Willys-Nordeste – que também produziu a Rural e Pick-up Jeep.

1967 A Willys contava com sete carros de passeio e utilitários, em 19 versões – a maior linha de produtos brasileira.

1968 A Willys Overland do Brasil uniu-se a Ford Motors do Brasil, que passou a chamar Ford-Willys, passando a fabricar seus veículos até 1984 (a pick-up F-75 foi a última).

1970 A união das duas marcas passou a se chamar Ford do Brasil. Aos poucos a Ford foi substituindo os veículos Willys desaparecendo, assim, a marca no Brasil.

1974 Fundação do Jeep Clube do Brasil-SP com a restauração de um velho 4x4, remanescente da Segunda Guerra Mundial. Nesta fase, os propósitos as associação ainda se voltavam para a coleção e preservação de veículos antigos.

1977 Thierry Sabine participava de um rally Abdjan-Nice, quando se perdeu no Saara. Após três dias, as buscas foram canceladas e Thierry já estava prestes a cometer o suicídio, quando foi salvo por um pequeno avião monomotor que atravessava aquela região. Ao chegar à França, Thierry surpreendeu a todos, ao liderar a criação do maior rally do mundo: o Rally Paris-Dakar. A prova se realizou pela primeira vez em 1978, sendo hoje considerada a maior e mais difícil prova de *motorsports* do mundo, o que resulta em sua influência sobre os demais tipos de rallies.

Década de 1970 A utilização para lazer dos jipes e caminhões 4x4 ultrapassa as décadas de 1950–1960 e se consolida no Brasil, com o início da produção nacional deste tipo de veículo no ano de 1970.

1983 Fundação do Jeep Club de São Paulo com objetivos esportivos.

1992 Realizado o primeiro Rally dos Sertões, com largada em Campos do Jordão - SP e chegada em Natal - RN com uma extensão de 3.500 quilômetros. Houve 34 pilotos inscritos na categoria motos. O Rally explorou temas da cultura nordestina e, assim, nascia o elo de ligação da prova com temas da cultura brasileira.

1993 Primeira edição da Fenajeep – Festa Nacional do Jeep, em Brusque - SC.

1994 Segunda edição do Rally Internacional dos Sertões com o terma “Grande Sertão Veredas”, de Guimarães Rosa. O percurso abrangeu algumas cidades de Minas Gerais e margeou o “Velho Chico”, o rio São Francisco. A distância foi de 4.500 quilômetros, com 44 inscritos de todo o Brasil e do exterior, iniciando a fase internacional do evento.

1996 O Rally dos Sertões começou a moldar sua configuração profissional. Uma estrutura empresarial exclusivamente montada para a competição envolveu mais de 300 pessoas na organização.

1997 Com a nova formatação, a mídia começou a se interessar pela competição. O tema escolhido para o Rally foi “Coluna Prestes”.

in 2002, the Brazilian pilots of the Petrobrás Lubrax team entered the history of the Paris-Dakar Rally: they conquered three simultaneous podium positions in all of the categories. The Rally Internacional dos Sertões (International Rally of Sertões) organized in Brazil came to its 10th edition in 2002 as the largest event of its kind in Latin America, with worldwide repercussions.

Décadas de 1980 – 1990 A evolução profissional dos primeiros rallies marcou a consolidação da prática que acelerou o desenvolvimento com a nova adaptação dos eventos para formato de mídia e abertura de mercado para aquisição de importados. Por sua vez, a indústria nacional iniciou sua diversificação no segmento de 4x4, competindo com produtos importados e aumentando as possibilidades de patrocínio (eventos e competidores).

Situação atual A atualidade pontua a história de sucesso do off-road no Brasil. A Eco Off-Road de Apiaí-SP sustenta sua evolução com o novo conceito de responsabilidade social incorporado aos grandes eventos. Destaque brasileiro na modalidade, o Rally Internacional dos Sertões desenvolveu-se e passou a contar com novos patrocinadores, maior número de pilotos em todas as categorias e sucessivos recordes de participação. Algo similar pode ser dito sobre o evento Mitsubishi MotorSports que bateu recorde na etapa L2000 Cup com 34 carros. A Décima Edição da Fenajeep, em 2003, gerou R\$ 8 milhões em negócios, de acordo com seus organizadores. Esta feira de exposições e eventos realizada anualmente em Brusque-SC, recebeu um público de 35 mil pessoas e mais de 700 competidores nas provas inseridas na programação da festa. Outra prova de renome é a Pioceará, cuja versão 2003 teve como campeões a dupla Riamburgo Ximenes e Rogério Almeida. A bordo de uma picape S10, eles mantiveram a invencibilidade da Chevrolet Rally Team, vencendo pela segunda vez consecutiva a competição. A dupla cearense percorreu 1.493 km de prova entre Teresina - PI e Fortaleza - CE, durante quatro dias, com o tempo total de 40h51 min.

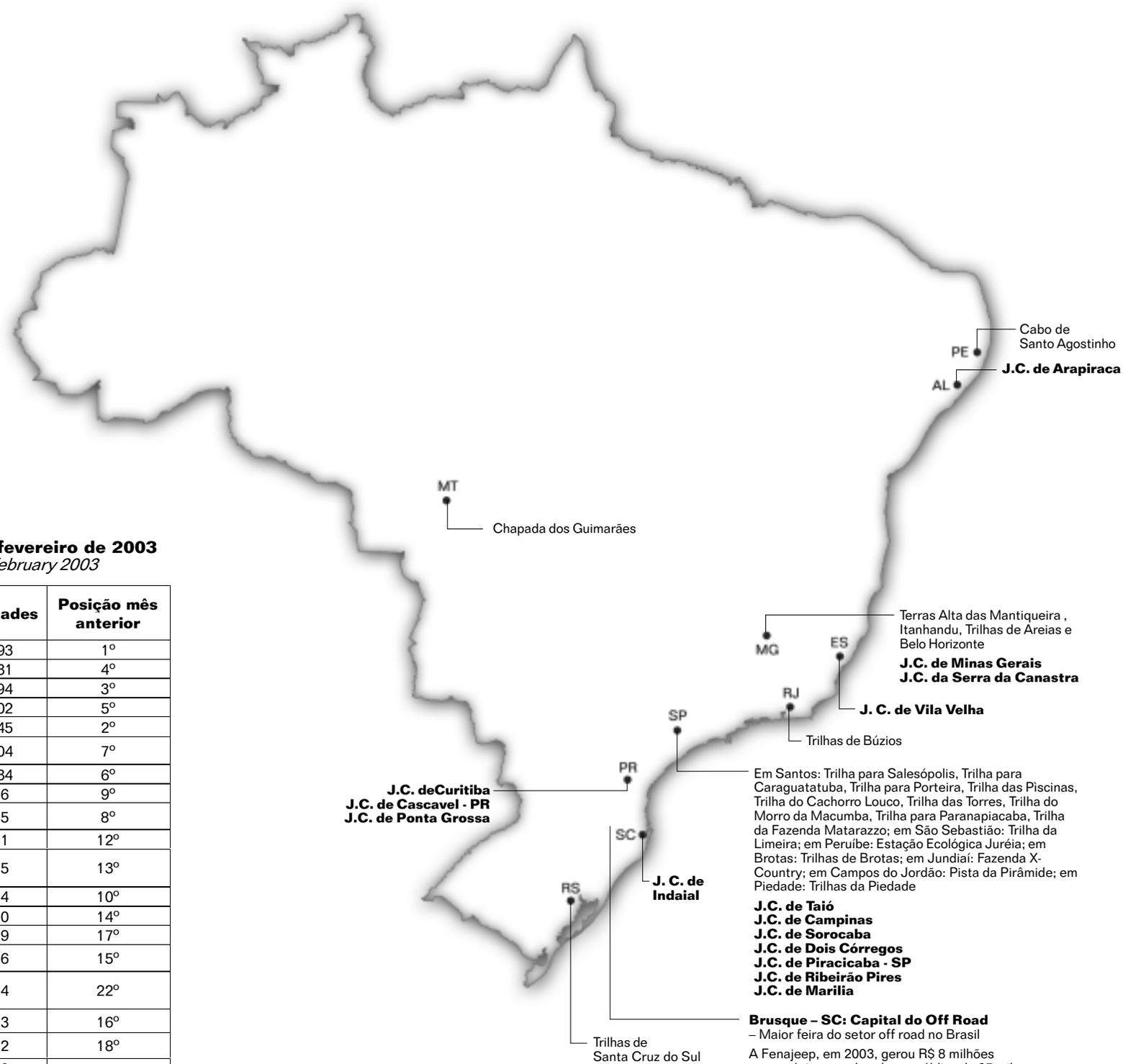
No plano internacional, os pilotos brasileiros da equipe Petrobrás Lubrax entraram para a história do Rally Paris-Dakar, ao conquistar três pódios simultâneos em todas as categorias. O Rally Internacional dos Sertões chegou à sua décima edição como maior da América Latina e repercussão mundial. Envolvendo 214 veículos entre motos, carros, caminhões e quadriciclos na versão 2002, esta competição passou a ser o principal objetivo dos pilotos brasileiros como Reinaldo Varella, Edio Fúchter, Klever Kolberg, André Azevedo, Luís Tedesco, Juca Bala, Jean Azevedo, Guilherme Spinelli, Ulysses Bertholdo, Riamburgo Ximenes e Tiago Fantozzi.

Em resumo, a interpretação do desenvolvimento do off-road no Brasil ainda tem como base uma difusão restrita a uma elite de praticantes da modalidade. Porém, este pequeno grupo é amplamente beneficiado pela disputa de mercado de grandes marcas do segmento que investem altas cifras em promoção de eventos e patrocínios. E este benefício tem conseguido alto retorno promocional e, principalmente, testes práticos com ações diretas dos pilotos para pesquisa e desenvolvimento de seus produtos. O Jeep Clube do Brasil conta com 18 licenciados em vários estados, 689 praticantes e 300 sócios contribuintes (2.678 sócios desde a fundação da entidade). As revistas especializadas 4x4&Cia, América Sul Adventure, Explorador, Aventura e Ação, Headwall e Universo Vertical impulsionam o desenvolvimento da modalidade que, somente no estado de São Paulo, conta com seis cursos especializados de off-road registrados. Além das quatro competições de vulto nacional, há ainda dezenas de competições locais cuja programação pode ser acompanhada pela Internet, como por exemplo em www.4x4ecia.com.br.

Fontes João Roberto de C. Gaiotto; Milton Pereira; Haroldo Nogueira (Revista Pancon News); www.webventure.com.br; www.360graus.com.br; www.planetaoffroad.com; www.braziladventure.com.br; www.jeepclube.com.br

Principais locais de prática de off road e de jeep clubes licenciados (J.C.), 2003

Leading places for off-road competitions and of licensed jeep clubs (J.C.), 2003



Vendas de veículos 4x4 no Brasil, fevereiro de 2003

Preferred 4x4 vehicles in Brazil, Sales in February 2003

Posição	Marca	Modelo	Unidades	Posição mês anterior
1°	Mitsubishi	L200	893	1°
2°	Nissan	Frontier	531	4°
3°	Chevrolet	S10	394	3°
4°	Toyota	Hilux	302	5°
5°	Ford	Ranger	245	2°
6°	Mitsubishi	Pajero TR4	204	7°
7°	Mitsubishi	Pajero Sport	134	6°
8°	Mitsubishi	Pajero Full	96	9°
9°	Troller	T4	95	8°
10°	Kia	Sportage	61	12°
11°	Land Rover	Defender	45	13°
12°	Toyota	SW4	34	10°
13°	Chevrolet	Blazer	30	14°
14°	Chevrolet	Tracker	19	17°
15°	BMW	X5	16	15°
16°	Jeep	Grand Cherokee	14	22°
17°	Toyota	Rav4	13	16°
18°	Nissan	Pathfinder	12	18°
Outros	-	-	30	-

Fonte / source: Revista 4x4&Cia

Descrição das modalidades de off-road por ambiente de prática

Short description of off-road competitions per denomination

Modalidades	Ambiente / Prática
Circuito Indoor	Prova de velocidade em circuito fechado com obstáculos artificiais
Rally Cross Country	Percurso pré-determinado com obstáculos naturais acidentados e enlameados, monitorado por PCs
Rally de Velocidade	Prova de velocidade, utiliza-se carro de passeio adaptado
Raid	Prova de regularidade com obstáculos naturais de alta dificuldade, onde a velocidade deve ser mantida para não perder pontos por tempo
Enduro	Prova de cross country de velocidade e resistência, com motos ou carros fora-de-estrada, circuito demarcado e com obstáculos naturais
Expedição	Prova de aventura, organizada por jeep clubes ou empresas especializadas, roteiros pré-determinados com duração de mais de 24 horas.

Brusque - SC: Capital do Off Road

- Maior feira do setor off road no Brasil

A Fenajeep, em 2003, gerou R\$ 8 milhões em negócios, recebendo um público de 35 mil pessoas e mais de 700 competidores nas provas inseridas na programação da festa

Brusque - SC: Off Road pole of development with competitions and the biggest national Exhibition of this sport - the Fenajeep (35000 participants and 700 competitors)

Paintball

VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM

Paintball

Paintball is an extreme sport of leisure in which a group of adults go out in the woods or field and relive their childhood by playing capture the flag. The number of players on a team varies from four or five players, to as many as 100 players on each side, limited only by the size of the playing field. In this game each player has a gun that fires

Definições O paintball é uma modalidade de esporte radical de lazer que simula o combate entre duas equipes, compostas no Brasil por cinco componentes cada. Para praticá-lo, é necessário dispor de 2.500 metros quadrados de área onde os obstáculos são estrategicamente distribuídos. Por ser uma atividade desenvolvida em equipe, favorece a integração social e é recomendada inclusive para aliviar o stress. Apesar de simular uma guerra, o paintball é amplamente divulgado enquanto prática de jogos estratégicos em treinamento empresarial por exigir, simultaneamente, o máximo de destreza física e mental: decisões rápidas e extrema agilidade nos movimentos. Os propósitos do jogo são voltados para o lazer (mata e bosques) e para a competição esportiva (arena), envolvendo as categorias novato, amador e open e pró. As partidas são disputadas numa pontuação máxima de 60 pontos. Cápsulas de tinta biodegradável, lavável e não tóxica são disparadas por armas de pressão, em direção à equipe oponente. A prática deste esporte necessita da utilização de equipamentos tais como arma, máscara de proteção, lentes, colete, macacão e cilindro.

Origem O paintball começou por acaso. As primeiras pistolas de pressão foram desenvolvidas pela empresa americana *Daisy Manufacturing* sob o nome de *Nelson Paint Company* a pedido do Departamento Americano de Florestas, que durante a década de 1960, queria identificar as árvores que deveriam ser removidas. James Hale, que trabalhava para a *Daisy Manufacturing*, fez então a primeira arma de pressão em 1970. O primeiro jogo, não-organizado, foi entre dois ou três trabalhadores florestais que começaram a se ‘caçar’ com essas primeiras pistolas na floresta onde estavam marcando árvores. O primeiro jogo organizado ocorreu em 27 de junho de 1981 e teve 12 jogadores que seguiram a regra do cada um por si.

1980 – 1990 Em meados da década de 1980, o Paintball era utilizado pelo exército americano como estratégia de treinamento para seus soldados de elite. O esporte se difundiu rapidamente pelo território norte-americano e por vários outros países. Chegou ao Brasil na década de 1990, sendo praticado simultaneamente nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Logo se expandiu para outros estados, como o Rio Grande do Sul, com a criação de campos

Zorbing

VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM

Orbit Ball

Zorbing is an extreme sport. Known in Brazil as Orbit Ball, the Zorb is a gigantic inflatable pvc ball standing about three meters in height, which contains another smaller ball that is suspended into position by over a thousand nylon strands of varying colors. There is a small cone like entrance hole (on both sides in the double harness), which

Definição e Origem Conhecido no Brasil como Orbit Ball, o Zorb, como é chamada a cápsula que parece uma grande bolha de ar, foi criado na Nova Zelândia pelo artista gráfico Andrew Akers e o cientista de computadores Dwane Van der Sluis. O equipamento mede cerca de 3,2m de diâmetro, é feito de um tipo especial de PVC com uma câmara interna de 1,8 metro, na qual cabem uma ou duas pessoas, dependendo do modelo. O “zorbonauta”, termo utilizado para denominar os praticantes aventureiros, fica protegido por um colchão de ar de 70 centímetros de espessura que amortece os impactos. A força centrífuga prende a pessoa no fundo da esfera, que gira

gelatin capsules filled with a water-soluble marking dye. If a player is shot and marked, s/he is out of the game and has to wait until the next one starts. In the mid 1980s, the American army used paintball as a training strategy for its elite soldiers once it simulated combat between two teams. Paintball started to be played in Brazil in the

especialmente organizados para esta modalidade de esporte. Da dinâmica proporcionada pelo esporte, surgiram as primeiras equipes que participaram de campeonatos regionais e nacionais, com representação também em campeonatos mundiais.

1992 Criada a Liga Nacional de Paintball Profissional – NPPL nos EUA, que hoje centraliza e gerencia as normas do campeonato mundial assegurando a uniformidade na aplicação das regras para todas as ligas nacionais e regionais. As primeiras equipes brasileiras participaram de campeonatos no exterior neste ano, principalmente nos Estados Unidos, onde acontece o Campeonato Mundial.

1996 Inaugurado o maior campo da América Latina em Itapeverica da Serra-São Paulo.

1997 O primeiro campo *indoor* do Brasil foi inaugurado no bairro do Anil, em Jacarepaguá-RJ com o nome Rio Paintball Games. Dispondo de local próprio e infra-estrutura para a prática deste esporte, o novo formato da modalidade – “Paintball Arena” – conquistou o mercado por proporcionar ao público total visibilidade e com isso, melhor compreensão dos objetivos do jogo. A equipe Fighters, do Rio de Janeiro – com cinco homens – foi campeã mundial, em Orlando–EUA, na categoria amador. Para difundir ainda mais a modalidade, buscando prescindir dos apelos comerciais, foi fundada a Liga Paulista de Paintball, organização sem fins lucrativos administrada por jogadores.

1998 Criada a Liga Carioca de Paintball que realizou o Primeiro Circuito Regional de Paintball do Brasil, no Rio de Janeiro.

2000 Inaugurada a primeira e única escola dedicada à atividade no Brasil, no Rio Paintball Games, na cidade do Rio de Janeiro, onde são realizados eventos amadores e profissionais, difundindo simultaneamente valores esportivos e estimulando o engajamento em campanhas sociais. A organização destes campeonatos cabe às Ligas e Federações Regionais.

2002 O Paintball foi considerado, pela revista Action Pursuit Games, como o esporte radical de maior crescimento nos Estados Unidos, atingindo o percentual de cerca de 24,2% ao ano.

need some squeezing through in order for the player to gain access to the smaller ball. In the double and single harness Zorb, the Zorbanaut is harnessed inside the Zorb and are then ready for launching. The thrill of the ride begins as the Zorb is launched from the ramp and makes its descent down the hillside, gaining speed

em média duas vezes a cada 10m e impede que ela seja jogada para todos os lados durante a descida, evitando que o estômago revolva. A idéia central é descer declives a mais de 50 quilômetros por hora, dentro de uma bola inflável. Os modelos do esporte são: Kinder Zorb – para crianças de 3 a 12 anos; Hidro-zorbing – com água dentro da esfera; e Zorb na neve – prática mais radical.

Situação Atual A novidade, que já se espalha pela Alemanha, Suíça e Áustria, chegou ao Brasil pelos veículos de comunicação e apresentação, em 2002, na Adventure Fair –

1990s in the states of Rio de Janeiro, São Paulo and Rio Grande do Sul with five-player teams. There are around 50 paintball fields in Brazil today, six state federations, 200 players (95% male) and 10,000 beginners. There is a Brazilian industry of material for the sport and a school in Rio de Janeiro for the training of players.

2003 O Portal Paintball S.L.da Espanha lançou a Primeira Revista Iberoamericana de Paintalll, editada em português e espanhol, com o objetivo de unir jogadores de ambos os lados do Atlântico.

Situação Atual Como em outras modalidades, a difusão do paintball no Brasil ainda é restrita a um pequeno número de adeptos, tanto pelas limitações econômicas como pelas dificuldades de acesso às informações. Porém o histórico das práticas deste esporte nas décadas passadas sugere que o crescimento nacional caminha de acordo com o ritmo mundial. De fato, havia 25 campos, 3 federações e 5 mil novatos em 1988 em todo o país, e hoje (2003) são contados o dobro de campos (50), e seis federações com 10 mil novatos. Economicamente, a modalidade ainda é basicamente gerida pela indústria estrangeira. Um único fabricante nacional – a empresa Colbras-SP – produz as “bolinhas”, equipamentos utilizados para o “ataque” dos adversários e contagem dos pontos, e iniciou a exportação do produto para os EUA. No que se refere à divulgação, mesmo contando com eventos internacionais como o Mundial e o Pan Americano, o calendário do Campeonato Nacional é composto apenas de quatro etapas e algumas iniciativas regionais. Buscando incentivar o fomento ao esporte, o Rio Paintball Games, no Rio de Janeiro, tem promovido escolinhas para o trabalho de base, e atende em média a 36 alunos por ano. Além da iniciação esportiva, a entidade tem se preocupado em estimular a promoção de atividades que valorizam a integração do grupo, a responsabilidade social e a divulgação de eventos, através da captação de mídia espontânea junto aos veículos de comunicação de massa. Ainda que tímida, a iniciativa busca promover o crescimento do Paintball no Brasil. Os países mais notórios no esporte, além de EUA e Brasil, são Japão, Austrália, China, Rússia, Alemanha, França, Portugal, Inglaterra, Canadá, México, Bolívia, Colômbia e Argentina.

Fonte: www.colbras.com.br; www.paintball.com; www.planeta paintball.com.br; www.portalpaintball.com; Albano Paes; Federação de Paintball do Estado do Rio de Janeiro. www.provide.net/~nedbeam/Paintball/Paintball_Main.htm

with every revolution, until the sky and earth merge into one. It can reach 50 kilometers an hour. The zorb or “orbit ball”, commercialized only for companies, is produced in Brazil and it is already being exported to the U.S., China and European countries. Costa do Sauipe, a resort area in Bahia, has offered zorbing to promote the new sport.

Feira de Esportes e Turismo de Aventura, que acontece anualmente em São Paulo. O produto “orbit ball”, comercializado apenas para empresas, é produzido no Brasil e já está sendo exportado para Estados Unidos, China e países europeus. O complexo turístico Costa do Sauipe - BA tem promovido atividades na modalidade como demonstração e promoção do novo esporte.

Fonte www.rioradical.com.br; www.brasilisclub.com.br; www.diarioradical.com.br; Revista Época.

Wakeboard

VALÉRIA BITENCOURT, SIMONE AMORIM E TATIANA KELAB

Wakeboarding

Wakeboarding blends surfing, snowboarding and waterskiing. It can be thought of as waterskiing on a small surf board with footstraps (boots similar to waterski boots). The stance is partially or completely sideways. The wakeboarder is towed behind a boat on a stretch of water calm water. The rider stands on the wakeboard with their feet secured to the board with specifically designed wakeboarding bindings. The boat which usually travels at around

Definições e origens O Wakeboard é um esporte que mescla manobras do skate, surfe, snowboard e esqui aquático. Conduzido por um barco, o wakeboard é acoplado a um cabo com uma “manete”, presilha na qual o praticante (*wakeboarder*) se ampara para executar as manobras indo de encontro às marolas produzidas pelo barco condutor que pode atingir uma velocidade média entre 20 e 24 milhas por hora.

A prancha, equipamento especial com botas fixas presas aos pés, mede entre 124 a 147 centímetros, mas costuma ser proporcional ao tamanho do praticante. No início da década de 1980, em diversos lugares do mundo, inclusive no Brasil, algumas pessoas passaram a colocar alças para prender os pés em pranchas de surfe. Diversos protótipos foram criados, mas nenhum deles virou produto de mercado. Em 1984, apareceu em San Diego, EUA, o Skurfer: mistura de esqui-aquático e prancha de surfe. Foi o primeiro *shape* de prancha desenvolvido especificamente para a hidro-dinâmica de ser puxado por um barco ao invés de ser empurrado por uma onda. A prancha possuía as características de uma prancha de surfe, porém menor e mais estreita e com fundo do esqui slalom (côncavo) e grande flutuação. O Skurfer, primeiro equipamento a ser comercializado, se parecia com uma prancha de surfe pequena e os skiboarders tinham que se equilibrar em cima da prancha, uma vez que ainda não havia alças ou “sapatas” para prender os pés.

No verão de 1985, as alças (*footstraps*) foram adicionadas às pranchas de mercado. O significado das alças foi determinante na evolução do wakeboard, pois estas permitiram a evolução das manobras, levando o esporte a algo mais do que o surfe. O wakeboard aproximou-se do snowboard, mais dinâmico e fluido. Na mesma década, popularizou-se e se comercializou o skurfer, dando origem ao *skiboarding*. Nos anos de 1990, surgiu a primeira prancha de wakeboard utilizando a tecnologia disponível na indústria do esqui aquático, fibra moldada à compressão (*compression-molded*) ou fibra prensada, de fluatubilidade quase neutra, chamada Hyperlite. Esta inovação impulsionou o crescimento do wakeboard, que, mesmo persistindo por algum tempo o termo *skiboarding* foi assumindo personalidade própria. A nata do esporte começou a ser formada na Florida-EUA, mas rapidamente se expandiu mundialmente.

1987 Neste ano, Roberto Pereira Leite, o Betinho, introduziu no mercado brasileiro uma cópia da skurfer fabricada em São Paulo. O lendário surfista da praia da Enseada, no Guarujá, Paulinho “Toy”, foi o primeiro e único campeão brasileiro de Skurfer ao vencer, em 1988, Primeiro Festival Unidade de Skurfer, realizado no Clube de Campo-SP. O campeonato misturava o surfe com esqui, em que o competidor tinha de completar a pista de slalom com a prancha skurfer. Logo após o lançamento da Hyperlite, na década de 90, diversos exemplares chegaram ao Brasil, popularizando-se entre os atletas rapidamente. Entres os primeiros praticantes destacam-se o Betinho, Flavio Castello Branco e Luciano Balesteros. No Brasil, o berço do wakeboard foi a represa de Guarapiranga-SP, de onde surgiram grandes nomes da modalidade.

1993 No âmbito internacional, foi lançada a primeira publicação especializada, a *Knee and Wake Board Magazine*, mais tarde o Kneeboard foi retirado do título devido ao quase desaparecimento do esporte com o nascimento do wake. Nesta época, desenvolveu-se o design *twin tip* de duas rabetas – um shape simétrico que passou a ser o padrão atual no esporte.

18mph creates 2 waves as it displaces water – these form the wake. This wake is used by wakeboarders as a ramp, which, with a bit of skill allows wakeboarders to perform jumps and aerial tricks. The skurfer, a mixture of water ski and surfboard that appeared in San Diego, U.S. in 1984 and later manufactured in São Paulo, was introduced by Roberto Pereira Leite in the Brazilian market in 1987. In 1996 wakeboarding as a sport was introduced

1996 Luiz Felipe Pamio, juntamente com a Associação Brasileira de Esqui Aquático-ABEA (atualmente Confederação ou CBEA) introduziu no campeonato brasileiro de Esqui Aquático a modalidade Wakeboard. Foi a primeira competição de wake no Brasil realizada no Clube Náutico em Araraquara-SP. O evento foi vencido por Pamio. Nesta época, a referência mundial era Scott Byerly que levou as manobras a um nível técnico nunca antes atingido, inserindo estilo e pegadas nas manobras. Graças a ele o esporte deu uma grande salto de qualidade técnica.

1997 No começo deste ano, Betinho, Pamio e Flávio Castello Branco organizaram, no Clube de Campo-SP, o primeiro evento exclusivo de wakeboard no Brasil: a Primeira Copa Hi-Winds de Wakeboard. Nesta época São Paulo, contava com um grande número de praticantes especializados em manobras invertidas e o Rio Grande do Sul destacava-se por um estilo próprio criando o famoso jargão “*South Style*”.

1998 Fundação da Associação Brasileira de Wakeboard-ABW e início do Circuito Nacional com 6 etapas pelo Brasil. A primeira delegação brasileira, chefiada por Flavio Castello Branco, representou o país no Sul-Americano em Punta Del Este, Uruguai. Luciano Fleck ficou em segundo na categoria Profissional e Marcos Botelho venceu na Categoria Adulto I. Este ano marca uma nova organização do esporte e a ABW realizou, na Lagoa Rodrigo de Freitas-RJ, o Primeiro Campeonato Latino Americano de Wakeboard, tornando o local uma referência para eventos internacionais realizados no Brasil. Lars Knor foi o primeiro brasileiro a completar um *hoochie glide* em campeonatos. Na primeira etapa do Circuito Brasileiro em Atlântida-RS, a dupla André Pincelli e Bruno Prata realizou pela primeira vez no Brasil a Expression Session. Na 3ª etapa, Marcelo Giardi, o “Marreco”, foi o primeiro brasileiro a completar 10 truques invertidos em campeonatos. Atila Ferreira executou pela primeira vez um *front filp* no Brasil. Na 5ª etapa, Betinho foi o primeiro brasileiro a realizar um *Tantrum to Blind* (mortal pousando de costas para o barco). No feminino, Karina Oliani e Mariana Martins ficaram em primeiro e segundo lugares. Na 6ª etapa, a Mariana Martins inovou com um *backroll* (cambalhota de lado). Nesta etapa, devido ao número expressivo de participantes, aconteceu pela primeira vez a divisão da categoria feminina no wake.

1999 O Campeonato Mundial de Orlando, nos EUA, contou com 231 participantes de 16 países, sagrando-se o maior evento já realizado desde o seu início do esporte. Foi também a primeira representação do Brasil num mundial. Superando as expectativas, Marcelo Giardi ficou em segundo lugar na categoria Junior. Mens e Betinho venceram a categoria Master. Minas Gerais despontou como potência do esporte, iniciando uma fase das melhores etapas do Circuito Brasileiro. Mudanças técnicas foram introduzidas nos eventos com a alteração do formato de julgamento e os wakeboarders passaram a ter autonomia para executar as manobras como e na seqüência que desejassem. Mariana Martins conquistou o campeonato Latino Americano e foi vice-campeã no Sul-Americano em Punta Del Este, Uruguai. Neste período, foram realizados no Brasil algumas manobras e feitos inéditos tais como: Marcelo Giardi – primeiro *wirlybird* (mortal de costas + 360), no juvenil, Luiz Felipe – primeiro *Bel Air* (mortal de costas fora da marola), Alberto Andreotti – primeiro *Mobi Dik* (mortal de costas + 360 graus trocando o manete de mão). Marcos Botelho foi o venceu a 5ª etapa do circuito utilizando uma prancha de fabricação

in the Brazilian Water Skiing Championship as a skurfer upgrade. The Associação Brasileira de Wakeboard (Brazilian Wakeboarding Association-ABW) was founded in 1998. Today according to ABW, Brazil has 45,000 wakeboarders including 2,000 registered athletes who can also do water skiing, snowboarding, surfing, skateboarding, kiting and windsurfing. There are 17 wakeboarding schools in Brazil.

nacional. Na 7ª etapa – *Marreco*, conquistou a categoria pró, Fábio de La Rosa ficou em primeiro no Open. Karina Oliani venceu no feminino.

2000 Marcelo Marques Giardi conquista o tricampeonato brasileiro. Atualmente o atleta é tetra-campeão e vice-campeão mundial. Começaram a ser implantados nos campeonatos obstáculos como rampas e corrimãos, aumentando cada vez mais as opções para os wakeboarders demonstrarem suas habilidades. A *World Wakeboard Association-WWA* oficializou-se como entidade mundial tendo o Brasil como um dos membros fundadores. Simultaneamente, a IWSF (Federação Internacional de Esqui Aquático) formou o WWC (Conselho Mundial de Wake) para concorrer com a WWA. A Cidade de Manaus-AM consagra-se a segunda maior potência do esporte pelo elevado número de praticantes e infra-estrutura para a prática, ficando somente atrás de SP.

2001 Mariana Martins vence a primeira, terceira e quinta etapas do Brasileiro. Ana Isabel Rispolli ficou em terceiro lugar no Campeonato Paraguaio de Wakeboard.

2002 Mario Manzoli conquistou o 3º lugar nos X Games Qualifier. Rafael Kamogawa foi campeão do Latin X Games realizado na Lagoa Rodrigo de Freiras-RJ e o primeiro Latino Americano a representar o continente na grande final do evento nos EUA. O RJ sediou também o Campeonato Mundial, reunindo cerca de 100 atletas de 9 países, entre eles a lenda do esporte Darin Shapiro e outros grandes nomes do wakeboard mundial. Marcelo Giardi foi tetracampeão na categoria profissional e venceu 4 das 5 etapas do Circuito Brasileiro. No feminino, Camila Fidalgo, Joana Marques e Ana Isabel Rispoli destacam-se na temporada.

Situação Atual Além do excelente nível técnico dos atletas brasileiros, a mídia é impulsionada também por mulheres atletas praticantes deste esporte como: Cynthia Howllet, Daniela Monteiro e Dora Vergueiro em seus programas para TVs . Como lazer, pode ser praticado por iniciantes com a introdução de técnicas básicas, mas exige certa resistência, coordenação e condição financeira devido ao elevado custo dos equipamentos. Nos cursos ministrados no território nacional, a faixa etária de interessados varia entre 6 a 55 anos, mas seu foco fixa-se dos 15 e 25 anos. Nos EUA os wakeboarders somam 2,2 milhões e, no Brasil, a estimativa de praticantes, segundo a ABW, é de 45.000, sendo apenas 2.000 atletas cadastrados. Muitos dos praticantes migram entre esqui-aquático, snowboard, surfe, skate, kite e windsurfe, mas o esporte atrai também o interesse de proprietários de barco. As entidades dirigentes da modalidade no país são: Confederação Brasileira de Esqui Aquático-CBEA; Associação Brasileira de Wakeboard–ABW (SP); Federação Catarinense de Esqui Aquático–FCEA; Federação Paulista de Esqui Aquático–FEAESP; Federação de Esqui e Wakeboard do Rio de Janeiro–FEWRJ; e Federação de Wake e Kiteboard do Estado do Rio de Janeiro–FWB. Os locais onde existem escolas e professores de Wakeboard no Brasil são: MG – Belo Horizonte; SP – Bragança Paulista, Piracicaba, Ibiúna, Igaratá, Nazaré Paulista, Ribeirão Preto, São Bernardo, São Carlos, e São Paulo; Brasília – DF; RJ – Búzios e Niterói; Curitiba – PR; Florianópolis – SC; Manaus –AM; e Porto Alegre –RS.

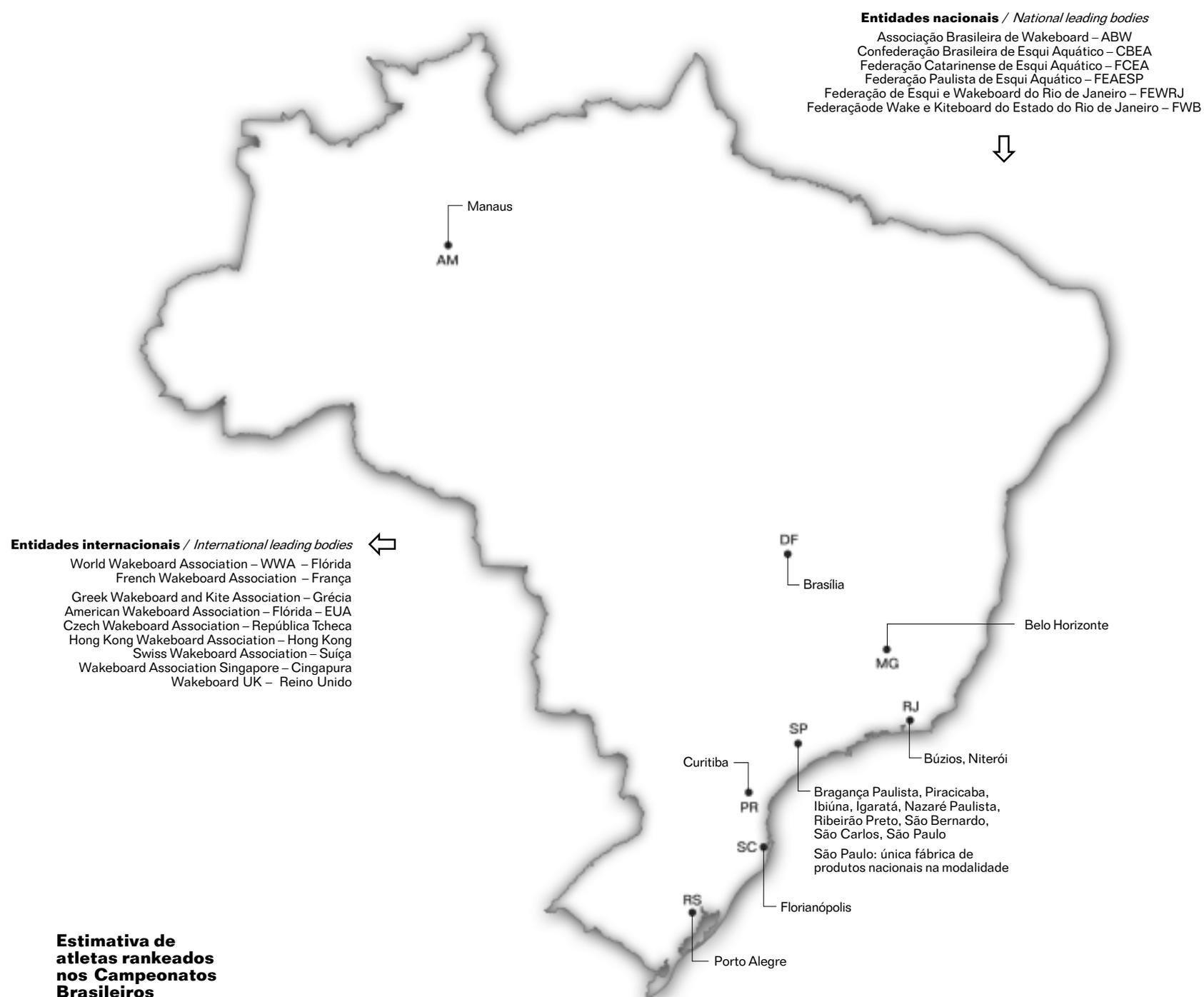
Fontes JB (08/12/02), Revista Superinteressante(Jun/01), Associação Brasileira de Wakeboard; www.wakenaveia.com.br, Revista Época ed. 216 – 08/07/2002; www.revistanauticaonline.com.br; www.rioradical.com.br

Localização de escolas e professores de wakeboard no Brasil, 2003

Wakeboard schools and teachers location in Brazil, 2003

Prática em mar, lagoas, lagos, represas e rios

Practices in sea side, lagoons, lakes, dams and rivers



Prancha à vela

VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM

Windsurfing

Windsurfing is a hybrid of surfing and sailing that combine the use of body movement and wind power to propel the windsurfing board on water surface of dams, lakes, bays, seas, and even indoor pools. The Professional Windsurfers Association-PWA manages 70,000 members worldwide, 43 affiliated countries and 20 million windsurfers. In Brazil, the Associação Brasileira

Definição O windsurfe – ou prancha a vela – escla, basicamente, as técnicas do surfe e da vela. Sua prática consiste em utilizar o movimento do corpo e a força dos ventos para gerar a propulsão da prancha a vela em ambientes aquáticos como represas, lagos, baías, mares e até mesmo em piscinas (*indoor*). As classes da prancha a vela são *funboard*, fórmula *windsurfing*, mistral (única classe olímpica) e *raceboard*. Dentro destas, existem várias formas de disputa – velocidade, distância e manobras em ondas. A entidade organizadora dos campeonatos mundiais e regras internacionais é a *Professional Windsurfers Association-PWA*, que é filiada a *International Sailing Federation-ISA*, entidade máxima dos esportes náuticos no mundo. No Brasil, o esporte é homologado pela Federação Brasileira de Vela e Moto-FBVM e Associação Brasileira de Prancha a Vela-ABPV.

Origens Na Flórida-EUA, em meados dos anos de 1960, o casal Darby - Newman (veleizador de barco) e Naomi (canoísta) – desenvolveram o primeiro protótipo de windsurfe (1963). Buscando maior velocidade para sua canoa, Naomi desejava incorporar uma vela ao seu equipamento. Mesmo com a montagem de uma fábrica e investimentos em marketing, o casal não conseguiu patentear o invento. Registrando seu feito, Naomi foi a primeira pessoa a ser fotografada praticando windsurfe. Em artigo assinado por ela na revista *Popular Science*, divulga as primeiras instruções sobre as técnicas do novo esporte a vela. Em 1967, Jim Drake projetou, construiu e velejou na primeira windsurfer. Os americanos Hoyle Schweitzer, empresário e surfista considerado o pai do windsurfe e Jim Drake, engenheiro aeroespacial e veleizador, resolveram unir uma prancha de surf, uma vela e sua mastreação. Com mais recursos do que os Darbys, em 1968, Schweitzer requereu a patente da nova invenção, que só foi oficializada 13 anos mais tarde. A primeira prancha de Schweitzer, chamada SK-8s, foi feita em fibreglass, mas sua produção exigia custos elevados. Buscando novas alternativas, Schweitzer encontrou uma saída no polietileno da Dupont. De lá para cá, o departamento de publicidade desta empresa se encarrega da divulgação do produto no mundo. Rapidamente foram surgindo as primeiras escolas na Alemanha, como a *International Windsurfer Scholl-IWS*.

1970 Nos anos de 1970, Fernando Germano(SP), trouxe a primeira prancha de windsurfe para o Brasil, destacando-se, simultaneamente, outros pioneiros como Klaus Peters (SP), Marcelo Aflalo (SP) e Leonardo Klabin (RJ).

1973 – 1978 As primeiras pranchas, construídas de polietileno, são produzidas em série pela Dupont. A indústria mundial comercializa 150 mil equipamentos.

1979 Inauguração da loja Barão Wind, no Rio de Janeiro. Durante dez anos a empresa tem se destacado como a maior fabricante de pranchas de windsurf do país (pranchas Geribá).

1980 Mas o grande impulso à popularização do esporte aconteceu na década de 1980, com a edição da Novela Água Viva, veiculada pela Rede Globo de Televisão. Na vinheta de abertura se apresentava a plasticidade e o colorido das pranchas de windsurfe deslizando pelos mares, o que estimulou o aquecimento da indústria e o ingresso de novos adeptos.

1983 Fundação da Associação Brasileira de Prancha a Vela em Recife-PE.

1984 Em Moscou, o Comitê Olímpico Internacional-COI aprova a inclusão do windsurfe como esporte demonstração nas Olimpíadas de 1984.

de Prancha a Vela (Brazilian Windsurfing Association -ABPV) estimates today that there are around 5,000 regular windsurfers in Brazil, including 198 registered members. However, estimates from other sources point out 30,000 other windsurfing occasional participants. The ABPV organizes a calendar of 75 yearly events to include Brazilian championships for all the official

1985 Eduardo Schultz cria a Windcenter em Florianópolis-SC e o esporte começa a se destacar naquele estado, a partir deste ano.

1988 A classe *funboard* populariza-se por possibilitar maior criatividade, agilidade e velocidade do que o windsurfe olímpico.

Década de 1980 O esporte vive sua melhor fase em meados desta década. O casamento da mídia (Novela Água Viva) com o status de esporte olímpico marca a comercialização na ordem de 30 mil pranchas no Brasil.

1990 Dora Bria conquista o tri-campeonato de Slalon (race-88 a 90). Além de pioneira, com mais de 15 anos de carreira, esta atleta foi a mais destacada representante do windsurfe feminino na década de 1990, com vários títulos nacionais e internacionais.

1991 Eduardo Soares (Barão) assume a presidência do Rio de Janeiro Windsurf Clube – RJWC. O poder público do Estado do Rio de Janeiro concede a liberação para a criação da Praça do Wind, onde, mais tarde, foi criada a guarderia (local para guarda das pranchas), na praia da Barra da Tijuca. Jüguer Oliveira funda a escolinha Happy Surf, em Búzios-RJ. Atualmente esta escolinha funciona também em Lion/França e segue as normas da *Verband – Deutshcher Windsurfing Shülen-VDWS* (Associação Alemã das Escolas de Windsurfe), mas tem, como grande atrativo, a locação de equipamentos para estrangeiros.

1993 Fundação da ACPV- Associação Cearense de Prancha a Vela, primeira associação de veleizadores de windsurfe do Estado do Ceará, atualmente Associação Cearense de Windsurf-ACW.

1995 Além de promover eventos na região, George Mulim Rebello, funda a Escola MGW – Meu Garoto Windsurf – e uma guarderia na praia de Camboinhas, em Niterói-RJ.

1996 A prancha a vela brasileira participa, pela primeira vez, das Olimpíadas de Atlanta. Dando continuidade ao trabalho iniciado pelo Comandante José Ermel, em 1980, na Flotilha Marapendi (berço de grandes nomes do esporte), o atleta Gustavo Carilo assume a escola Sportwind-RJ. Daniela Monteiro conquista o campeonato brasileiro e, no decorrer de sua carreira, sagra-se tri-campeã da modalidade.

1997 Fortaleza-CE sedia, pela primeira vez, o PWA Grand Slam, única etapa do Campeonato Profissional de Windsurfe realizado na América do Sul. Denominado Ceará Wind, este importante evento do calendário internacional já se encontra na 7ª edição consecutiva (2003), naquele Estado.

1998 Em Palma de Maiorca foi aprovada a Fórmula Windsurf como classe internacional. Dados da empresa Stuart Saywer Marketing – prestadora de serviços da PWA, em Londres- ressaltam que os esportes náuticos movimentam US\$ 500 milhões no mundo. Cidades sedes dos grandes eventos como Aruba, Ilhas Canárias e Ilha Marguerita chegam a receber 1.200 veleizadores/mês em hotéis direcionados para este segmento, principalmente o iatismo. O Ceará Wind (16ª etapa PWA) envolveu mais de 100 pessoas para sua organização, com investimentos na ordem de US\$ 850 mil, entre infra-estrutura e premiação e, englobando as atividades paralelas, um público de 4.500 pessoas.

1999 Nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, Christina Mattoso conquista a medalha de bronze e Ricardo Winick a de prata. O atleta Pedro Bulhões (Chorão) funda o Búzios Vela Clube-BCV com 36 associados (atualmente com 90 associados). Trinta e cinco veleizadores participam da primeira prova nacional de Free Style, na Lagoa da Conceição-SC.

classes of the sport including top level competitions for internationally prominent athletes. Although Brazil offers extraordinarily natural conditions for windsurfing practice (see map) and for the manufacturing of equipment, migration from other similar extreme sports to newly-arrived kite surfing has been observed especially because of lower costs.

Década de 1990 O circuito mundial de windsurfe é composto de 20 etapas, distribuindo US\$ 2 milhões em premiações. Estima-se a ordem de 10 milhões de praticantes do esporte no mundo, sendo 50% na Europa, 25% na Ásia e Oceania, 20% nos EUA e 5% na América Latina. No Brasil, registra-se, no período 1997/1998, o aumento de 38% no número de praticantes, sendo 10 mil concentrados no estado de São Paulo, segundo a Revista dos Eventos, de 1998.

2000 Nos Jogos Olímpicos de Sidney, Cristina Mattoso e Ricardo Winicki representam o Brasil. A travessia comemorativa dos 500 anos de descobrimento do Brasil (rota Portugal-Brasil) foi interrompida nas ilhas Canárias por problemas técnicos. Aproximadamente 200 atletas participam do Ceará Wind, que envolve, no *Beach Park*, um público de 50 mil pessoas itinerantes. Búzios realiza o evento *Dodge Wind Challenge* (última etapa do Campeonato Brasileiro, modalidade *Race*).

2001 Em função da alta do dólar e a entrada do kitesurfe no Brasil, muitos atletas migraram para a novidade, o que provocou uma retração no crescimento do windsurfe. O Ceará Wind contou com 107 inscritos (24 dos quais brasileiros), entre 23 países. Para a realização desta etapa -13ªetapa do Campeonato Mundial- foram investidos R\$ 1 milhão pela iniciativa privada e o Governo daquele estado, mas a organizadora do evento – Arrow Marketing – ressalta o retorno de US\$ 15 mil em mídia espontânea (com a participação prevista de 25 revistas e 170 jornais de todo o mundo que darão notícias do mundial, que será também transmitido por 142 emissoras) e a passagem de 100 mil pessoas nos locais de atrações do evento. Acontece também, no Ceará, o II Mundial de Fórmula Windsurf, envolvendo 160 atletas. Kauli Seadi vence o Mundial da Costa Brava-Espanha com a manobra mais radical.

2002 Dentre os 50 atletas de windsurfe, Wilhelm Schürmann e Valéria Matuck vencem a primeira versão do evento Rei de Búzios-RJ, que passa a ser referência dos atletas de elite pelo grande desafio proposto, ao passar por 23 praias com fortes ventos. Em Búzios-RJ acontece também o segundo *Dodge Wind Challenge*, última etapa do Campeonato Brasileiro de *Windsurf Race*. A partir deste ano, esta etapa passa a fazer parte do calendário internacional. Como um dos melhores *points* no Brasil, Búzios chega a receber 2 mil windsurfistas/ano.

2003 Ricardo Winick conquista o 2º lugar no ranking mundial, feito inédito para um atleta brasileiro, o primeiro lugar no Pan-Americano de Santo Domingo. A cidade de Vitória-ES sedia o Campeonato Sul Americano de Fórmula Windsurfe. Realiza-se o Campeonato regional Wind Norte-Nordeste, em Camocim–Fortaleza, com representantes dos estados do Ceará, Piauí, Pernambuco, Bahia, Paraíba, Sergipe e Maranhão. Destaca-se, neste evento, a participação inédita de 28 atletas na categoria amadora e a inclusão na tecnologia GPS. Registram-se os novos recordes brasileiros de *speed*, com André Correia(68,3 km/h) e Mônica Veras (52,2km/h). A PWA concede o prêmio de melhores do ano no *freestyle*, aos brasileiros Ricardo Campello (1º) e Kauli Seadi (2º). No Campeonato Estadual de Pernambuco, 40 atletas representam os estados do Ceará, Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina e Bahia .

Situação Atual No nível mundial, a PWA administra 70 mil membros, filiados de 43 países e 20 milhões de praticantes cujo perfil sócio-econômico sugere renda anual familiar de US\$ 86 mil, 80% com nível superior, 97% detentores de cartões de crédito, 76% planejam duas férias anuais, uma com a família e outra para a prática do esporte, gastando em média US\$ 4 mil por pessoa. No

segmento do turismo, 7 milhões movimentam na ordem de US\$ 28 bilhões/anos nos centros especializados para esta prática. Ricardo Munhoz, presidente da ABPV estima, atualmente, 5 mil velejadores regulares de prancha a vela em território nacional, sendo na ordem de 198 filiados a entidade, mas há estimativas que alcançam 30 mil praticantes ocasionais. Contando com atletas de alto rendimento de destaque internacional e um calendário de 75 eventos anuais, a ABPV promove Campeonatos Brasileiros para todas as classes oficiais (exceto na classe windsurfing, que não tem praticantes no Brasil), mas dedica especial atenção à classe *mistral on design*, barco olímpico e pan-americano. Segundo Grilo, atleta e instrutor da Escola Stormy, a prática do lazer é o grande atrativo para iniciantes. Independentemente das manobras mais sofisticadas, Grilo acredita que “aquaplanar (simplesmente deslizar ao sabor do vento) seja o grande prazer do wind”, que atrai tanto os novatos como atletas de outras modalidades. Destacando-se entre as empresas que oferecem cursos de vela no Brasil, a BL3 – de Pedro e Paulo Rodrigues – dos 4 barcos e 2 pranchas de windsurfe

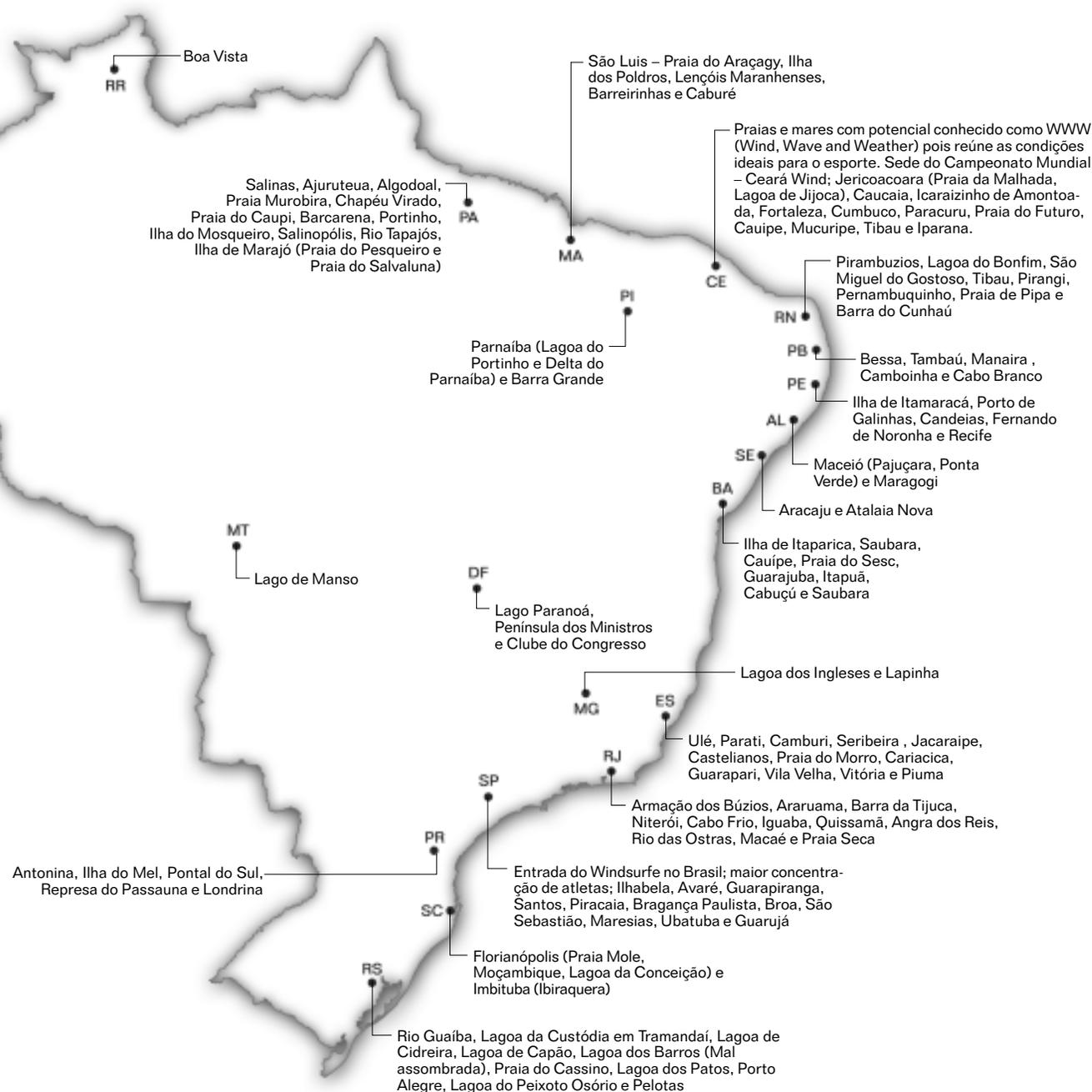
fabricados inicialmente em 1992, chegam à atualidade com 100 embarcações e aproximadamente 7 mil alunos formados, nas bases de Marina Guarapiranga e Ilhabela-SP. Além de organizar os Campeonatos Paulista de Windsurfe, esta empresa implantou o Bic Center(SP), um dos mais modernos centros de windsurfe do mundo. Visando minimizar o elevado custo dos equipamentos, a maioria das escolinhas disponibiliza o aluguel de pranchas a vela, possibilitando assim, além de aulas regulares, o atendimento ao turismo interno e externo. Num mercado predominantemente de importados, mas à disposição em vários pontos do Brasil, as pranchas Blonski, produzidas há seis anos em Curitiba-PR, utilizam tecnologia de ponta e podem ser comercializadas a partir de R\$ 1.859,00. O potencial sócio-econômico das várias modalidades dos esportes praticados com pranchas a vela, aponta três dimensões distintas, mas não excludentes, ressaltadas nos seus diferenciais: o pólo turístico da Cidade de Búzios-RJ, que recebe 2 mil windsurfistas/ano; o evento Ceará Wind, com repercussão de mídia internacional e o Estado de São Paulo, pela infra-estrutura oferecida,

onde se concentra o maior número de praticantes. Aliando os vários segmentos – esportivo – recreativo/lazer e turismo -, estima-se que 30 mil pessoas já tiveram contato com esta prática em todo o território nacional.

Fontes Ricardo Munhoz/ABPV, André Grilo – Escola Stormy; Revista Promoção & Eventos, Ano 2, nº 15, 1998, Promove Editora Ltda., Sandro Blonski (www.venta.com.br); www.360.com.br, Globo Barra; www.abea.org.br; www.hiwinds.com.br, www.rioradical.com.br; www.pwaworldtour.com; www.loopwindsurfing.com; www.inema.com.br; www.mormai.com.br; www.ecoesporte.com.br; www.mgwbrasil.com.br; www.windsurfmania.com.br; www.buziosvelaclube.com.br; www.bl3.com.br; www.aprendebrasil.com.br; www.fbvm.org.br; www.acw.org.br; www.fvmec.com.br; www.rioradicl.com.br; www.webnauticos.com.br; www.geocities.com/esporte; www.sportwind.com.br; www.kauliseadi.com.br; www.naish.com.br; [www.jbonline.terra.com.br\(03.12.00\)](http://www.jbonline.terra.com.br(03.12.00)); www4.estado.com.br

Windsurfe no Brasil – localização dos melhores locais de prática, por estado

Windsurfing in Brazil – best places for practice per state



Rafting

VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM

Rafting

Rafting, the way to 'go down rapids on inflatable boats', combines the synchrony of motor movements and team work to fight the adversities of white waters, rivers and rapids. The routes are ranked according to level of difficulty going from 1, the simplest, to 6, the most challenging. The boats are made of special material that makes them lighter,

Definição No esporte do rafting, a prática, descrita como “descer corredeiras sobre botes infláveis”, consiste na sincronia dos movimentos motores e do trabalho em equipe para percorrer as adversidades das águas brancas, rios e corredeiras. Os percursos são divididos de I a VI níveis, em ordem crescente de dificuldades. Os botes, que podem compor de 6 a 14 pessoas, são confeccionados em material especial o que os torna leves, resistentes e à prova de flutuação, podendo transportar até 2,5 toneladas. Outros equipamentos são indispensáveis à segurança como capacete, coletes salva-vidas, remo e corda de resgate. Embora possa ser praticado por iniciantes, adverte-se que a diversão seja controlada por especialistas e com equipamentos de segurança. O entretenimento prazeroso e saudável, sem exigências técnicas e de condicionamento físico específicos, popularizou o rafting. Aliando o contato direto com o meio ambiente à emoção da conquista em equipe, para muitos sua utilidade funciona também como alívio do estresse. Para as atividades de alto rendimento, as provas dividem-se nas categorias: tiro de velocidade, *sprint* paralelo, *slalom*, descenso e *duck*.

Origens Em 1869, no Colorado-EUA, John Wesley Powell organizou a primeira expedição, a bordo de barcos com remo central no Grand Canyon, ainda com embarcações rústicas de madeira pouco flexíveis, que exigiam força dos remadores para executar os movimentos de costas, sem muita técnica e propício a grandes acidentes. Mais tarde, no mesmo país, Nathaniel Galloway imprimiu um melhor ritmo à prática, com a inversão da posição das remadas de frente. A década de 1950 marcou a popularização dos botes de borracha e a comercialização dos equipamentos nos Estados Unidos e na Europa. A década de 1980 ressalta a grande evolução tanto em termos de tecnologia, com o desenvolvimento do sistema de auto-escoamento dos botes, à popularização da prática em termos mundiais. Hoje a *International Rafting Federation*–IRF, sediada na África do Sul, administra o rafting no mundo. Os primeiros botes de rafting chegaram ao Brasil pela empresa TY-Y Expedições no início dos anos de 1980, utilizando como cenário os rios Paraíba do Sul e Paraibuna, na cidade de Três Rios, no estado do RJ. Incorporado aos roteiros de várias operadoras de turismo e empresas especializadas, popularizou-se comercialmente, principalmente nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, e ocupa posição de destaque na prática de alto rendimento. A modalidade é atualmente administrada pela Confederação Brasileira de Canoagem-CBC.

1986 – 1989 Com a criação de uma pequena fábrica de caiaques, José Roberto Pupo, com 8 anos de experiência na prática da canoagem em águas brancas e competições no exterior, adquiriu o primeiro bote e fundou a Canoar em São Paulo-SP, maior empresa do setor, registrando a primeira descida no rio Juquiá, em Juquitiba-SP. Fortalecida em termos estruturais e ganhando mercado, a Canoar inicia os trabalhos como empresa promotora de eventos e impulsiona a difusão do rafting em todo o país.

Décadas de 1980-1990 O calendário de eventos significativos da década de 1980 marca o início do desenvolvimento do rafting do Brasil. Em meados dos anos 1990, a indústria começou a se potencializar no mercado nacional nos estados de São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, chegando ao final do período ratificando sua força comercial, como agente provocador do turismo interno e externo.

resistant, floatable, and able to carry 2,5 tons including 6 to 14 rafters. As rafting equipment started to be sold in the United States and Europe in the 1950s, the sport began evolving worldwide, including Brazil, especially during the 1980s, when rafting went through great development in terms of technology and popularity. The Confederação Brasileira de

1992 A Canoar iniciou a utilização do rafting como técnica de treinamento empresarial, desenvolvidas por Morow Gaines Campbell, consultor de Recursos Humanos, responsável pela conta do Credicard, a primeira empresa atendida pela Canoar.

1995 Conquista do mais difícil rio para rafting do Brasil, o rio Iapó (classes II a V), e do desafiador rio do Peixe (classes II a IV+). Na época, a Canoar já contava com uma equipe de 20 instrutores qualificados e atuava também na formação de Instrutores de Rafting e Canoístas.

1996 Neste período realizam-se o Primeiro Campeonato Brasileiro de Rafting no rio Tibagi–PR assim como o primeiro *Camel White Water Challenge*–CWWC, no Zimbábue. Este último tornou-se um evento de repercussão mundial, que reúne as melhores equipes de rafting do mundo anualmente, selecionadas em campeonatos nacionais e continentais pela *Internacional Rafting Federation*–IRF. São quatro provas disputadas nos botes: tiro de velocidade, *sprint*, *slalom* e descenso. Muitos canoístas e federações nacionais consideram este um evento mais significativo que o Campeonato Mundial, apesar do intuito de ser mais um amistoso entre equipes e intercâmbio esportivo e cultural. O evento continua em atividade até os dias atuais.

1997 O Estado do Paraná promoveu a integração de vários esportes em Foz do Iguaçu, com a realização dos Jogos Mundiais da Natureza. No rafting, o Brasil conquistou a medalha de bronze. Em parceria com a empresa Montana Rafting e com o Parque Estadual da Serra do Mar–Núcleo Santa Virgínia, a Canoar iniciou a única operação realizada totalmente em área de preservação absoluta e as primeiras descidas comerciais em ducks no Brasil. A Associação Brasileira de Rafting registra 28 mil pessoas atendidas pelas agências especializadas. Em 1999, este número cresceu para 90 mil.

1999 O primeiro Campeonato Mundial de Rafting aconteceu junto do CWWC, na África do Sul, sede da Federação Internacional de Rafting–IRF. O rio escolhido foi o Orange e participaram 13 equipes masculinas e 3 femininas, estas originárias dos EUA, Nova Zelândia e Inglaterra. No masculino, ganhou a equipe da Eslovênia, seguida da Rússia e da República Tcheca. A equipe do Brasil, a Canoar Master (SP), ficou em sétimo lugar. Houve também a conquista do rio Macaé, considerado como o melhor percurso de corredeiras já explorado comercialmente pela Canoar. Paralelamente ao CWWC, aconteceu o Pan-Americano de Rafting, na Costa Rica. Roberta Borsari conquista o título de tricampeã brasileira de rafting no Rio Paraibuna–RJ.

2000 O segundo Mundial, na Patagônia Chilena, contou com 14 equipes masculinas e 4 femininas que se encontraram no rio Futaleufu, para disputarem o título de melhores do mundo. Não houve participação da equipe brasileira na competição. A Canoar iniciou parceria com a empresa paranaense Ixion Geo, para as expedições no Jalapão, considerado um dos melhores points para esta prática. No mesmo período, ocorre a Quinta edição do Campeonato Brasileiro de Rafting, em Piraju-SP.

2001 III Campeonato Mundial de Rafting, em Oak Hill, contou com 16 equipes. O VIII Campeonato Interno Canoar, Rio Juquiá-SP, reuniu 160 atletas amadores de vários estados do Brasil. Aconteceu o *Camel White Water Challenge*, na Zâmbia, onde a equipe

Canoagem (Brazilian Canoeing Confederation - CBC) manages rafting in Brazil today. Twelve Brazilian states have approximately 50 rafting outfitters, including Canoar, located in São Paulo-SP, which also trains corporate groups from 90 companies. Approximately 100,000 Brazilians have experienced rafting at least once.

catarinense Ativa classificou-se em 12º lugar. No Campeonato Brasileiro de Rafting realizado em Tabagi-PR, a equipe Cachoeira Ixion Geo Ensittec vence na categoria feminina e a equipe Ativa Hering, a masculina.

2002 A equipe gaúcha Central Sul, da cidade de Três Coroas-RS, venceu, pela segunda vez, a 7ª Campeonato Brasileiro de Rafting em Apiúna–SC.

2003 A equipe Bozo D'Água vence o Campeonato Brasileiro–RJ e no Campeonato Mundial de Rafting–República Tcheca, vence na categoria sprint paralelo e conquista, na classificação geral, a inédita medalha de bronze. Heberon Teixeira conquistou o tetracampeonato brasileiro na categoria turismo no rafting.

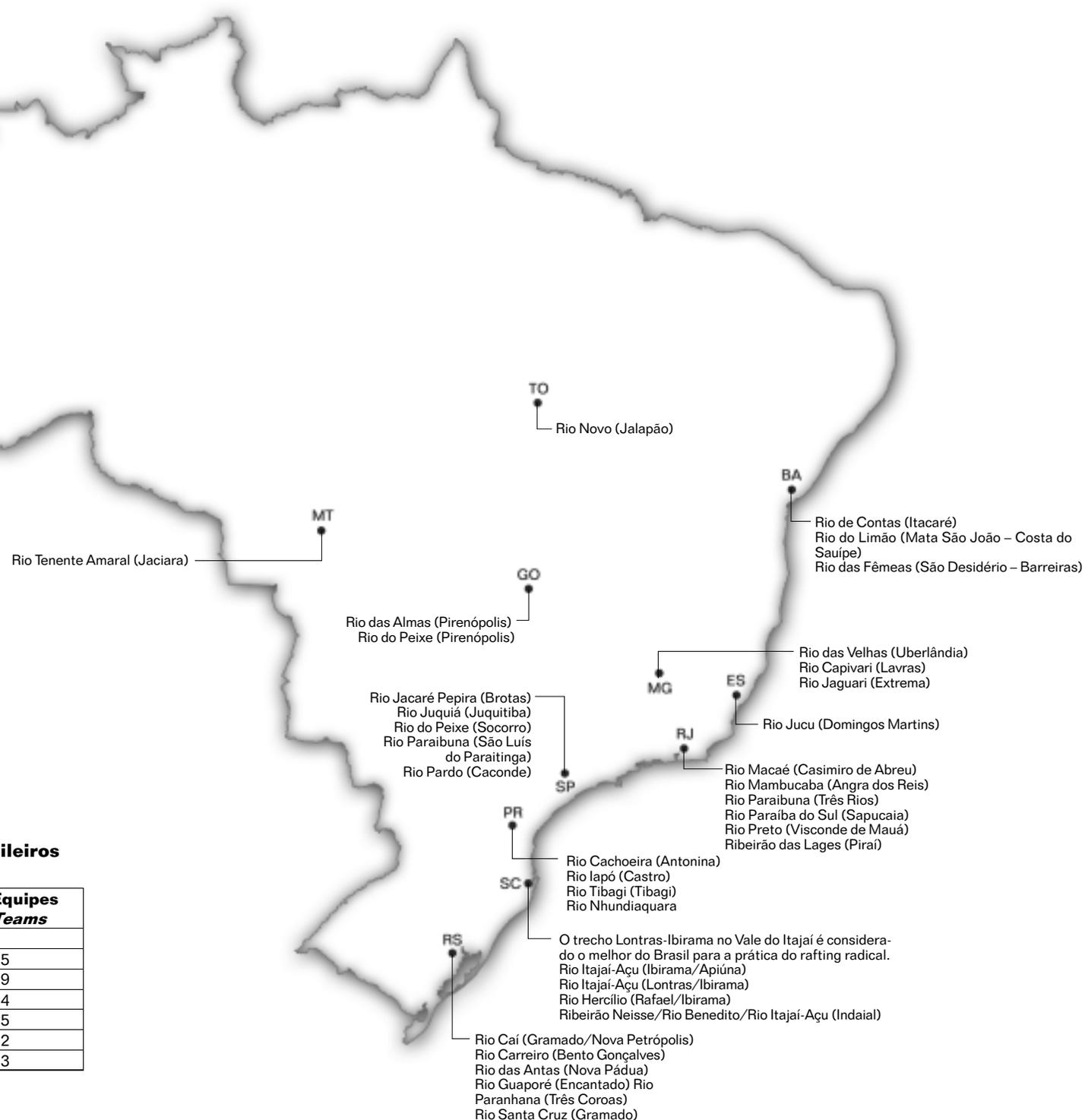
Situação Atual Ainda com poucas representações de equipes em termos quantitativos, mas demonstrando bom nível técnico, os campeonatos internacionais como o Pan-Americano e o Mundial de rafting são destaques entre os atletas, mas a preferência inclina-se para o evento promocional *Camel White Water Challenge* por seu apelo de mídia, infra-estrutura e integração entre os melhores do mundo. Os campeonatos brasileiros consolidam-se como a grande movimentação interna. Nos níveis mais moderados, o rafting pode ser praticado por iniciantes, do público infantil ao idoso, desde que acompanhados por profissionais qualificados. Assim, o lazer em grupo configura-se como o grande diferencial, explorado pelas agências de turismo e operadoras. Neste segmento, estima-se que na ordem de 100 mil pessoas já tenham praticado o rafting. Comercialmente, o esporte é explorado por, aproximadamente, 50 operadoras, distribuídas nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Tocantins, Bahia, Pará, Amazonas, Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul e Tocantins, formadas em sua grande maioria por atletas que desenvolvem atividades profissionais como guias e/ou empresários. Estima-se, portanto, um total mínimo de 500 empregos favorecidos pelo setor.

Além das práticas de alto rendimento e de lazer, o rafting, por sua característica de aventura, necessidade de integração de equipe para atingir os objetivos e agilidade de pensamento para tomadas de decisões, é utilizado também como técnica de treinamento empresarial, popularmente conhecida como *outdoor training*, bastante difundida nos departamentos de recursos humanos de empresas de pequeno, médio e grande porte. Neste tipo de atividade, a Canoar divulga o atendimento de 100 empresas, destacando-se como pioneira e abrindo o mercado para várias outras de menor porte, como a Rafter & Cia, no Rio de Janeiro, que, utilizando também outras modalidades esportivas, oferece treinamento. Para atender ao exigente mercado, a operadora Ativa Rafting e Aventuras, que opera no Vale do Itajaí-SC e é considerado um dos melhores para a prática, investe em treinamento constante que podem durar com duração de seis a doze meses. Este entidade conta com oito guias de botes, licenciados pela Confederação Brasileira de Canoagem, e certificado de resgate internacional o que os credencia para atuar em qualquer parte do mundo.

Fontes www.360graus.com.br; Confederação Brasileira de Canoagem-CBCA; www.gazetaesportiva.net; www.raftercia.com.br; www.canoar.com.br; www.ecoesporte.com.br; www.ativarafting.com.br

Locais de prática de rafting por estado, 2003

Rafting locations per state in Brazil, 2003



Desenvolvimento dos Campeonatos Brasileiros Brazilian championships

Ano Year	Local / estado Local / state	Equipes Teams
1996	Rio Tibagi PR	7
1997	Rio Itajaí-Açu SC	15
1998	Rio Tibagi PR	29
1999	Rio Paraibuna RJ	24
2000	Rio Paranapanema SP	25
2001	Rio Tibagi PR	12
2002	Rio Itajaí-Açu SC	23

Classificação dos Níveis dos Rios Classification of rivers for rafting practices

Os rios para o rafting variam de I a VI, e a análise depende da classificação das corredeiras, isto é, das quedas d'água e pequenas cachoeiras do rio. Numa avaliação mais apurada, a classificação depende também do desnível de relevo (quanto maior for o desnível em curto trecho, mais fortes são as quedas d'água); do nível de água na régua (em época de seca, o rio recebe menos água e as corredeiras tem menor volume) e, finalmente, do conjunto de corredeiras de níveis parecidos. Assim, um rio que tem uma queda de nível III, mas seu conjunto é de II+, é considerado apenas II+.

Nível I Água corrente com pequenas ondas; pouca ou nenhuma obstrução de passagens por pedras; ideal para passeios e iniciantes.

Nível II Corredeiras fáceis com ondas de até um metro, altas e largas; passagens claras e óbvias mesmo sem o reconhecimento por terra. Algumas manobras básicas são necessárias.

Nível III Corredeiras com ondas altas e irregulares; passagens estreitas que podem requerer manobras complexas; o reconhecimento por terra, feito pelas margens, pode ser necessário.

Nível IV Corredeiras longas e difíceis, com passagens estreitas que necessitam de manobras precisas em águas muito turbulentas; um reconhecimento pela margem é

geralmente necessário e as condições de resgate podem ser difíceis.

Nível V Corredeiras extremamente difíceis, longas e muito violentas; passagens obrigatórias; reconhecimento pela margem mais que necessário; montagem de esquema de segurança específico.

Nível VI Quase impossível e muito perigoso; seria a dificuldade do nível V levado ao extremo da navegabilidade; apenas instrutores e canoístas de muita experiência podem optar por descer, mesmo assim sob um cuidadoso estudo das condições do rio, por terra.

Kitesurfe

VALÉRIA BITENCOURT E PATRÍCIA NAVARRO

Kite surfing

Kite surfing (a.k.a. kiteboarding and flysurfing) is the most extreme water sport. It is a dynamic convergence of windsurfing, wakeboarding, surfing, paragliding and power kiting. As a sport it promotes interaction with the natural environment and has been conquering new aficionados from surfing, bodyboarding,

Definições O kitesurfe (kite e Kiteboarding) é uma das mais novas modalidades de interação esportiva com o meio-ambiente que vem conquistando novos adeptos oriundos do surfe, bodyboarding, vôo livre, windsurfe, vela, pára-quedaismo entre outras, seja para a prática de esporte de alta competição ou de lazer. Circula no meio dos esportes radicais, que o kite é tão prazeroso que vira uma mania, o que é facilmente comprovado pelo número de “pipas” (“papagaios”, *kite* em inglês) que deslizam constantemente, colorindo o mar da praia da Barra da Tijuca-RJ, todos os dias. O Brasil, com 8.500 km de costa e um clima que permite a prática deste esporte durante o ano todo, é também perfeito para o desenvolvimento e testes de equipamentos. O kitesurfe literalmente significa “surfe com pipa”, mesclando manobras de *windsurf*, *surf* e *wakeboard*, entre outras. Na prática, o kitesurfista utiliza uma prancha fixada aos pés e uma pipa (papagaio) ou pára-quedas de tração com estrutura inflável, possibilitando deslizar sobre a superfície da água e, ao mesmo tempo, alçar vôos que se traduzem em movimentos singulares, executados em lagos, represas ou no mar, com ventos fracos ou fortes. A plasticidade das manobras do kitesurfe, que podem chegar até 15 metros de altura, numa velocidade de 60Km/h e 150 metros de distância com permanência no ar por cerca de 5 segundos, são controladas por uma barra de controle e proporcionam um espetáculo de pura integração com as forças da natureza, envolvendo, prioritariamente, a força da gravidade entre o céu e o mar. Embora seja considerado um esporte seguro sob a ótica de seus praticantes, ressalta-se a importância do acompanhamento profissional para iniciantes e o cumprimento rigoroso das normas técnicas de segurança considerando os riscos calculados, a tecnologia dos equipamentos e a noção de intensidade dos ventos.

Origem As primeiras tentativas de usar o kite como vela datam do final da década de 1970. Os irmãos franceses Bruno e Dominique Legaignoux foram os inventores do kite inflado. Depois de algumas pesquisas, eles perceberam que nenhum kite podia redecolar da água, então resolveram investir em novos estudos. Após um ano de muito trabalho, já velejavam com esquis na água e demonstraram o dispositivo durante a *Brest International Speed Week*, em 1985. Registraram a patente, criaram sua própria companhia e produziram na França entre 1993 e 1994, porém com um custo demasiadamente elevado. Um certo declínio do windsurfing facilitou a penetração do kiteboarding. Mas, apesar de terem sido os precursores, não estavam sozinhos. O americano Cory Roeseler com o dispositivo *Kiteski* e Andreas Kuhn, com um *paraglidere* um tipo de *wakeboard*, ajudaram bastante com a exposição internacional do esporte. Há registros de que os americanos, em 1987, iniciaram a modalidade do kiteboarding com pipas de estrutura rígida feitas com fibra de carbono. Já em julho de 1997, os irmãos franceses começaram a vender kites sob a marca Wipika. Em 1998, Don Montague e Robby Naish pediram aos franceses uma licença. Um ano depois, conciliando a tecnologia à patente dos franceses, foi possível fazer um kite em 30 segundos, através de modernos softwares, mudando apenas os parâmetros.

1996 Paulino Ferrari, o Poli, ensaiou suas primeiras manobras, em Búzios, no Rio de Janeiro.

1997 Stefano Rosso iniciou a carreira em São Paulo e Mauricio de Abreu partiu para praticar na ilha de Maui, no Havaí.

1998 Início da prática na represa de Guarapiranga-SP.

free flight, windsurfing, sailing, skydiving among many others either as top sport or as leisure activity. Brazilian coastal length of 8500km and its warm climate all year round favor kitesurfing development and equipment testing. There are 25 training centers and 12 special areas of seas and beaches with optimal

1999 Neste período ocorreu o Primeiro Campeonato Mundial de Kitesurfe, em Leucate, na França, além do King of the Air, na Ilha de Maui, no Havaí. Ainda neste ano, foi criado o Circuito Mundial de Kiteboarding-PKRA com etapas no Havaí, Cabo Verde, França, Itália, Alemanha e Rio de Janeiro.

Década de 1990 A evolução do kitesurfe ocorreu nesta década na Costa Atlântica da França, mas teve o seu grande avanço na Ilha de Maui, no Havaí. Também neste período a modalidade se afirmou no Brasil como uma das práticas mais radicais, sobretudo pela migração de atletas de alto rendimento de outras modalidades esportivas que, mantendo ou não suas atividades originais, se envolveram na mística do prazer, nas palavras de Julio Tedesco como “a possibilidade de atingir o Nirvana”.

2000 A praia da Barra da Tijuca-RJ foi o cenário para o primeiro Campeonato do Circuito Mundial da KPWT – *Kite Pro World Tour* – realizado na América do Sul, o Rio Kiteboard Pro-2000, que foi a nona e última etapa do mundial. O evento deu um grande incentivo ao crescimento do esporte. Desde então, o kitesurfe é o esporte náutico em crescente desenvolvimento.

2001 Criação da *International Kiteboarding Organization*-IKO. Atualmente conta com 215 instrutores e 65 centros filiados em todo o mundo. Na época, a entidade registrava a passagem de mais de 22.000 alunos em seus cursos e o lançamento da revista *100% Kiteboarding Journal*. No mesmo período ocorreu o Campeonato Floripa Kite Brasil Open. Para responder às necessidades de organização e regulamentação, foi criada a Associação Brasileira de Kitesurfe-ABK, tendo Ricardo Orenstein como fundador, que encaminhou a minuta final do Decreto de Regulamentação da prática do kitesurfe na cidade do Rio de Janeiro, ao Gabinete do Secretário Eduardo Paes. A área entre os quiosques QA7 e QA8, na Praia do Pepê, na Barra da Tijuca-RJ, foi delimitada como referência para área de pouso e decolagem. Em abril deste ano, a ABK conseguiu a regularização do Corpo de Bombeiros, do G-Mar e da Coordenadoria Geral de Operações Aéreas–C-Goa, para a prática do esporte. O presidente da Federação Brasileira de Vela e Motor acatou o pedido de filiação provisória da ABK, com sede na cidade do Rio de Janeiro. Marcelo Cunha e Daniela Monteiro venceram o Desafio Brasileiro de Kitesurfe no primeiro Campeonato Brasileiro oficial do esporte, em Araruama-RJ. No Campeonato Capixaba de Kitesurfe, Cunha e Daniela Monteiro destacaram-se nas competições.

2002 Este foi um ano movimentado para a modalidade. Ocorreu o Primeiro Campeonato Brasileiro de Kitesurfe na Praia do Pepê, na Barra da Tijuca-RJ. A Associação de Kitesurfe de Ilabela-SP foi criada. Em Araruama-RJ aconteceu o Desafio Mundial PKRA Kami Kite 2002. Os melhores kitesurfistas do mundo encontraram-se nas areias da praia do Pepê, na Barra da Tijuca-RJ, para a última etapa do Circuito Mundial de Kitesurfe. Depois da realização do primeiro circuito nacional da modalidade, oito atletas brasileiros se classificaram para a chave principal. No masculino foram Marcelo Cunha (campeão), Miller de Souza (vice-campeão), Roberto ‘Pulga’ Veiga e Roberto ‘Betinho Hemp’ Oletic, e no feminino, Caroline Freitas (campeã), Isabela Valezin (vice-campeã), Daniela Monteiro e Alexandra Lineburger. Entre os astros internacionais presentes, o inglês Mark Shinn (campeão mundial por antecipação), os franceses Christopher Tasti (campeão mundial de 2000), Julien

conditions for kitesurfing along the Brazilian coast (see map). Brazil has today 2,000 athletes but only 500 are registered with the Associação Brasileira de Kitesurfe (Brazilian Kitesurfing Association - ABK). The number of regular and occasional kitesurfers is not known.

Sudrat (campeão mundial de 2001) e Fabienne D`Ortoli (campeã mundial em 2001). Na Bahia, também aconteceu a 3ª Etapa do Oi Kite Pro Tour.

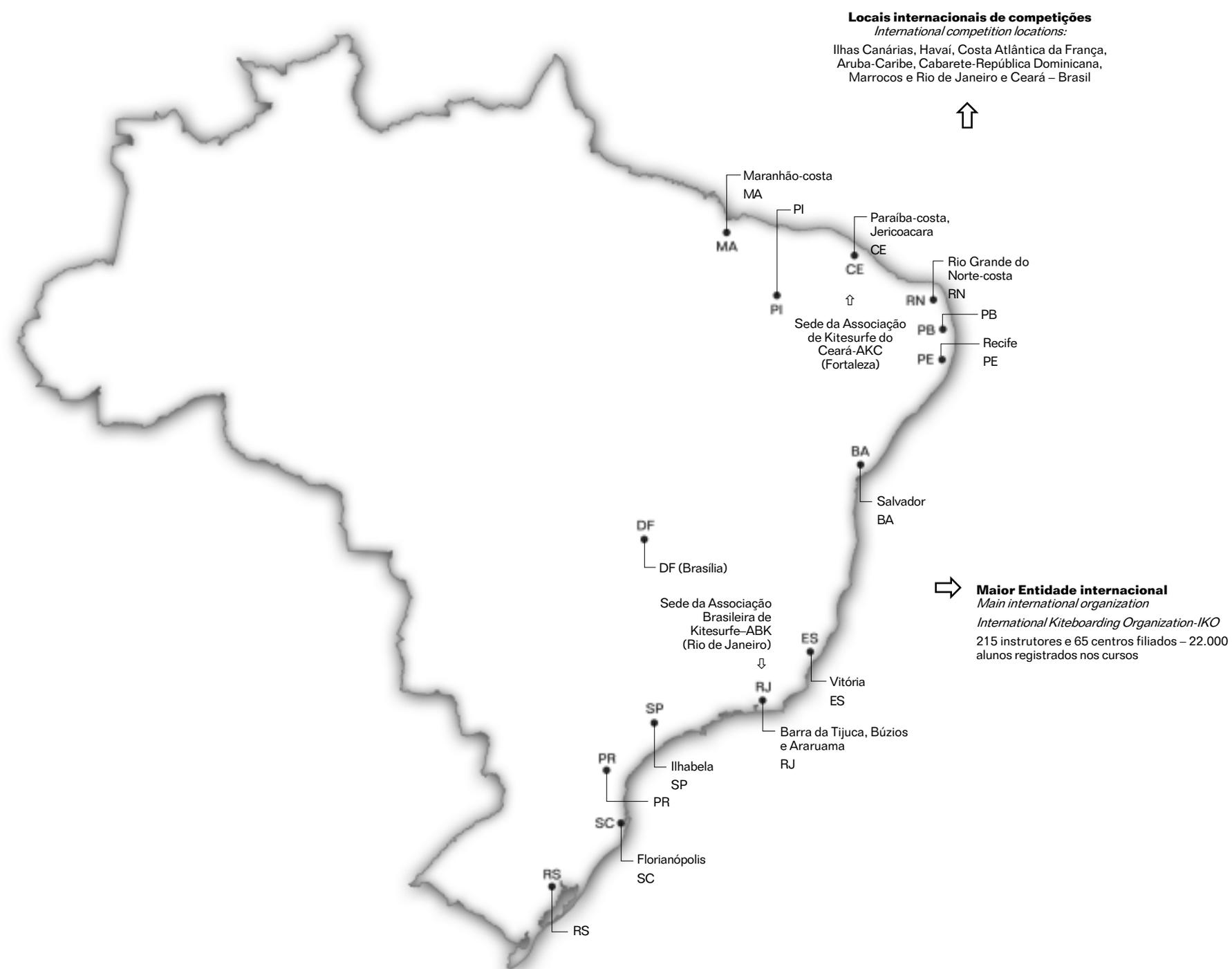
2003 Foi criada a Associação de Kitesurfe do Ceará-AKC, vinculada a ABK. Hoje o número um do kitesurf brasileiro é Marcelo Cunha, de 24 anos, mineiro, residente no Rio de Janeiro. Competindo apenas há dois anos, Marcelo juntou-se ao seletto grupo de kite-surfistas entre os melhores do mundo no ranking da *Professional Kite Riders Association*. A bicampeã brasileira de kitesurfe, Caroline Freitas, foi a única brasileira classificada para a segunda fase da etapa do Mundial que aconteceu no Rio de Janeiro.

Situação Atual O kite nacional começa a se organizar e tem, na realização de eventos de pequeno, médio e grande porte nos níveis nacional e internacional, sua grande fonte de divulgação e aprimoramento técnico para os atletas que despontam, como Marcelo Cunha, Caroline Freitas, ambos campeões brasileiros, Daniela Monteiro, Roberto “Pulga”, Guilherme Gros, Rafael “Pipoca”, Roberto “Boyzinho” e de Júlio Tedesco, campeão brasileiro, máster. Os eventos atraem a atenção da mídia e investimentos promocionais. Considerado como esporte de alto risco devido a alguns acidentes provocados, na maioria das vezes, por imprudência ou inexperiência, o kite ganhou fama de “esporte perigoso”. Tal situação exigiu, das entidades representativas, um sério trabalho no sentido do cumprimento das regras e da conscientização de seus praticantes. Buscando apoios governamentais, conseguiram delimitar áreas específicas para a prática e implantar várias escolinhas e centros de treinamento. Favorecido pelos veículos de comunicação e intercâmbio de atletas de alto rendimento em competições internacionais, o fenômeno da globalização pressupõe a diminuição da fronteira entre o Brasil e o mundo, na difusão do kite. Apesar de as entidades oficiais apontarem números aproximados de 2.000 atletas praticantes, sendo apenas 500 associados à ABK, há de se considerar, além da fase de gestação da modalidade, a complexidade técnica para iniciantes e os elevados custos para treinamentos e aquisição de equipamentos como fatores inibidores a novos adeptos. Tal fato não deve ser traduzido como pouca aceitação, mas como fator de retração à democratização da prática. Embora já conte, atualmente, com a representatividade de entidades organizadoras em nível internacional e nacional, verifica-se, ainda sem dados estatísticos comprobatórios, um forte movimento da indústria, sustentada por produtos importados, mas já contando com distribuidores no Brasil. No fomento ao esporte, as escolinhas e centros de treinamento contribuem também para a abertura de postos de trabalho, assim como a realização dos eventos. Embora a crise econômica mundial tenha causado uma retração em todos os setores, é válido ressaltar o impacto promocional com que o kite entrou no Brasil, tendo como pólo difusor a Cidade do Rio de Janeiro. O alto risco das manobras exibidas por seus praticantes, a beleza e plasticidade dos movimentos das “pipas” que mesclam entre o céu e o mar, atraem a mídia dos veículos de comunicação de massa que, em efeito cascata, divulgam a modalidade e impulsionam seu desenvolvimento.

Fontes José Carlos Martins, presidente da Associação Brasileira de Kitesurfe; Paulino Ferrari, diretor-técnico da Associação Brasileira de Kitesurfe; www.kite.com.br; www.360graus.com.br; www.kitnewscom.br; www.kitsurfmania.com.br, www.rioradical.com.br; Jornal o Lance.

Kitesurfe no Brasil – Locais para a prática (nomes geográficos) e escolinhas por estado (n=25)

Kitesurfing in Brazil – Best places (local names) for practice and training centers per state (n=25)



Canoa Havaiana – Outrigger

VALÉRIA BITENCOURT, SIMONE AMORIM E PATRÍCIA NAVARRO

Outrigger

The Hawaiian canoe or outrigger, or Hawaiian catamaran, as it is called in Hawaii, represents the last stage of sea canoeing evolution. This practice is based on the search for good performance of paddling teams

Definição A prática da canoa havaiana ou outrigger, fundamenta-se no movimento de remadas compassadas para um bom desempenho. A troca de componentes é feita com a canoa em movimento e o esforço é concentrado para não perder velocidade. Formada por equipes de 6 a 9 remadores, cada um desempenha uma função, com responsabilidades específicas. As canoas de 6 remadores medem quase 14 metros de comprimento, com 50 cm de largura, pesam entre 150 e 180 kg e comportam um estabilizador lateral ou “ama” fixado por duas traves de madeira (*’iakos*). No início as canoas havaianas eram produzidas com a madeira *koa* (um único tronco), que por questões de preservação ambiental foram substituídas por fibra de vidro, que dão um colorido especial às embarcações. As canoas são sagradas para os havaianos e, neste esporte, o respeito às tradições da polinésia é fundamental, sendo até mesmo conservado nos rituais de batismo e nomenclatura. Na versão atual, o outrigger se divide em duas categorias distintas: remo e vela. A embarcação utilizada nas duas modalidades é basicamente a mesma, sendo que, na competição à vela são adicionados um terceiro casco e um mastro, que suporta uma vela triangular. As competições com mais de 3 horas, normalmente são realizadas em sistema de revezamento, na praia ou alto mar.

Origem A Canoa Havaiana existe há mais de 3.000 anos, quando era utilizada para conduzir pessoas e cultura para outras localidades. A propulsão à vela e remo, permitiu a navegação 24 horas por dia e a adição do casco duplo na estrutura da embarcação aumentou seu desempenho em alto mar, tornando o outrigger um instrumento de importância sócio-cultural inigualável na cultura das Ilhas do Pacífico. Este processo culminou com o surgimento da Canoa Havaiana ou Outrigger, como é chamada no Havai (também é conhecida como catamarã havaiano). Mas foi nos últimos 50 anos, que o outrigger passa a se configurar como prática esportiva no Havai e Polinésia, também difundido na Austrália, Nova Zelândia, e em franca expansão na Europa, Canadá e EUA continental. Na Ilha de Páscoa, Tito Paoa, promove um programa cultural juntamente com clubes da Califórnia e comunidade local. Assim, reafirma a importância desta sagrada prática esportiva. Como respeito à tradição de origem polinésia, o ritual sagrado como nomes das embarcações, comandos, batismos, entre outros são mantidos em toda parte do mundo onde está inserido.

Na década de 1990, os atletas e empresários Fábio Paiva, em São Paulo e Ronald Willians, no Rio de Janeiro despertaram o interesse trazer e difundir a canoa havaiana no Brasil. Após passagem pelos Estados Unidos, Fábio, Ronald e Fred Perez, investem na tentativa de trazer para o Brasil a primeira canoa havaiana. Em seus relatos, Fábio conta que a primeira canoa, trazida com recursos próprios por Ronald Willians, chegou ao Brasil avariada e foi necessário conhecer todos os detalhes para montagem e posterior reprodução dentro de todos os padrões sagrados deste equipamento. Batizada de Lanakila, a embarcação serviu de molde para iniciar o processo de produção da primeira canoa havaiana brasileira. Hoje, a canoagem havaiana está sendo difundida no Brasil através do esforço dos brasileiros, Ronald Willians, Fábio Paiva, Frederico Diesperes e Sérgio Koenigsfeld.

1804 Willian Clark e Meriwether exploram o território a oeste do Rio Mississippi, utilizando canoas de casca de árvore colhendo as mais variadas informações e estabelecendo as novas rotas para a colonização. A qualidade do design original levou a fábrica americana Old Town Canoe a produzir mais de 400 canoas por mês em 1906 (Hildorf, 2002)

1908 Fundação do primeiro clube de canoas havaianas, no Havai.

1933 Início da classe Malia, origem na embarcação de madeira koa, criada por Takeo-Yamazaki.

1954 O primeiro molde em fibra de vidro feito por Toots Minville, no Havai, surgiu de uma variação do Malía.

1960 Kawelea, de Newport Beach, Califórnia, foi o primeiro outrigger em fibra de vidro a competir em Molokai. A partir deste ano, cresce

through the synchronism of the participants’ rhythmic strokes. In Brazil the discipline was introduced in 1999 and is already established in eight locations appropriate for competitions, training and leisure. Brazil is the

o desenvolvimento de outros modelos no Havai e Califórnia, sendo o único produzido de fibra de carbono projetado por John Gage.

1994 – 1995 Fábio Paiva e Ronald Willians, após temporada de competições no Canadá e EUA, despertam o interesse em trazer a canoa havaiana para o Brasil. Ronald retorna ao Brasil e inicia contato com alguns atletas canoístas do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

1999 – 2000 Em Newport Beach-Califórnia, Ronald Willians compra de Denis Campbel, a canoa havaiana modelo OC-6, 46 pés para 6 remadores e registra o Outrigger Rio Clube (RJ) junto a *International Va’a Federation*-IVF. Mas Lanakila (canoa, como foi batizada) chega ao Brasil avariada, exigindo vários estudos para sua reprodução mantendo todos os rituais sagrados. Ronald, Frederico, Fábio e Sérgio, se unem para produzir o equipamento no Brasil, tendo Lanakila como modelo. Como Fábio já atuava no ramo da produção de caiaques, resolvem que a Opium Fiberglass de Santos-SP, passaria a fabricar as canoas brasileiras. Assim, foi criado o modelo OC-6, com capacidade para 6 remadores. Neste período, funda-se o Outrigger Rio Clube ou Rio Wa’a Nui Hoe (nome do Clube em havaiano), localizado na Praia Vermelha, no Rio de Janeiro e a Associação Brasileira de Outrigger-ABRO ou Canoagem Havaiana-RJ. Durante o processo de acabamento de Lanakila em Santos, o Outrigger Rio Clube inicia suas atividades com o OC-1, canoa individual de 24 pés que chegou ao Brasil junto com Lanakila. No final deste período, também numa ação conjunta entre o Outrigger Rio Clube e a Opium Fiberglass, Lanakila estréia na Adventure Fair, em São Paulo.

2001 Realização do Campeonato de Canoas Havaianas Aloha Santos-SP, com 10 equipes de São Paulo e 02 do Rio de Janeiro, atraindo mais de duas mil pessoas para o evento. Além do colorido das embarcações, o público foi atraído pelo ritual dos atletas, como o grito de *“hip roll”*- comando para troca do bordo de remada. A cada 20 ou 25 remadas, um dos integrantes do time grita “Hip” e na seqüência os outros completam com o “roll”, passando os remos para o outro lado do barco. Todos os remadores devem gritar em sincronia e com vibração. Simultaneamente, este comando, serve também como liberação de energia e união do grupo.

2001 O primeiro Campeonato no Brasil de Canoas Havaianas foi produzido pela Canoa Brasil, dirigida por Fabio Paiva. Contando com orientação de uma professora especializada na cultura da polinésia, este evento, que recebeu o nome de Aloha Santos 2001, seguiu todos os rituais de batismo das canoas, nos padrões havaianos - danças com vestimentas originais, hula-hula, tochas, frutas, drinks e músicas típicas. Na primeira travessia de canoa havaiana do Brasil, a equipe do Paulistano formada por Maurício, Frederico, Leonardo, Coelho, Fábio Paiva, Roberta Borsari, percorre 80km de Santos à Barra do Sahy, em aproximadamente 10 horas. Roberta, além de vários títulos na canoagem, destaca-se como representante feminina também na canoagem havaiana. Juntamente com seu irmão Maurício Borsari, detém mais de 20 títulos nacionais e internacionais na canoagem. Neste ano, o Brasil conta com dois clubes de canoas havaianas (RJ e SP), 4 canoas OC-6 e uma canoa OC-1. Lanakila já estava em atividade na Paria Vermelha, Urca-RJ, onde são ministradas aulas e saídas no mar. Após a introdução tímida, a prática esportiva do outrigger ganhou grande impulso em 2001 como evento Ecomotion, em Angra dos Reis-RJ. Com a participação de 25 canoas, fabricadas pela Opium Fiberglass (SP).

2002 O Outrigger Rio Clube, participa da Prova Internacional de 67km *“La Porquerollaise”* na Riviera francesa e desenvolve contatos com Clubes no Canadá, na Nova Zelândia, na Austrália, na França e no Havai. Realização da primeira prova oficial do estado do Rio de Janeiro, durante a 57ª Regata da Escola Naval e da primeira prova oficial Latino Americana - Rio Va’a, na Praia Vermelha-RJ. As canoas havaianas ganham espaço nos eventos de outras modalidades esportivas de aventura.

leader of outrigger in South America. The Associação Brasileira de Outrigger (Brazilian Outrigger Association) acknowledges the existence of 15,000 kayaks and of 60 outriggers in activity today in the country.

2003 A Equipe Team Brazil – Outrigger Rio Clube – Velox (RJ) participa da maior prova de canoagem polinésia do mundo. Realizada em Kona – Havai, este evento contou com a participação de 135 canoas. A equipe, composta pelos atletas: Nicolas Bourlon , Marcelo Depardo, Clóvis Racy, Pedro, Paulo Cordeiro e Rogério Martins (leme), marca a primeira participação brasileira em um campeonato no Havai. No Campeonato Brasileiro de Canoas Havaianas Costa dos Alcatrazes, em São Paulo, as mulheres registram um recorde de participação, e, segundo Fábio Paiva, já conquistaram o diferencial nas categorias mistas com 50% de força de atuação. Destaque para as atletas: Marina Verdini, Carmen Lúcia Silva, Gisele Volpi, Roberta Borsari, Patrícia Feldmann. Realização do Primeiro Open Santista de Canoa Havaiana. Florianópolis inaugura o Centro de Canoagem Havaiana Kanola (nome inspirado no Deus Havaiano do Oceano), iniciativa de Alexey Bevilacqua e Rinaldo Feldmann e Fabio Paiva, em parceria com o Lagoa late Clube-LIC. Ronald Willians, ministra palestra para 200 profissionais e estudantes de Educação Física no II Fórum de Esportes Radicais-RJ. O Outrigger Rio Clube realiza o Campeonato Internacional de Canoas Havaianas da América Latina, no Rio de Janeiro.

Situação atual Números na ordem de 25 mil pessoas praticam este esporte na Polinésia francesa, onde é bastante popular, 10 mil no Havai e 5 mil na Austrália. No Brasil, os números ainda são tímidos, na ordem de 300 praticantes. Mas sua ascensão, segundo os dois grandes protagonistas da história, está superando as expectativas. Atualmente este esporte já está sendo desenvolvido também fora das ilhas do pacífico, tendo como principais pontos difusores o Canadá, EUA, Costa Rica, Inglaterra, Alemanha, Itália, África do Sul, Austrália, Nova Zelândia, Hong Kong e Japão. Internacionalmente é administrado pela já citada IVF. Reconhecida pela IVF, a ABRO é sediada no Rio de Janeiro enquanto a Associação Brasileira de Canoas Havaianas-ABRACHA, sediada em São Paulo. Mas o movimento tomou forma e foi ganhando novos adeptos. Atualmente a Opium Fiberglass, já produziu 40 canoas, distribuídas em Santos, Guarujá, Bertioga, São Sebastião, Rio de Janeiro, Represa Guarapiranga e raia olímpica da USP, em São Paulo, Lago Paranoá (Brasília) e Santa Catarina. No Rio de Janeiro, o Outrigger Rio Cube já conta com 20 associados e dois centros de prática e treinamento na Praia Vermelha e Barra da Tijuca. A Mako, oficina carioca especializada em canoagem havaiana, já está disponibilizando a primeira OC-1 (Mako-Predador), a Mako-Mana, primeira OC-6 fabricada no RJ e a Mako–Ama, inspirada em amas “puffy” e “byxler” e amas italianas. Em Florianópolis, a Mastro D´Ascia, é especializada na arte de fazer remos para canoa havaiana. Ampliando suas áreas de atuação, este esporte também já conta roteiros para o segmento do eco-turismo, clínicas e centros de treinamentos, onde são trabalhando simultaneamente as questões ambientais e educacionais. Demonstrando o desenvolvimento deste esporte, as canoas havaiana estão inseridas no quadro de modalidades que comporão os Jogos Brasileiros de Esportes de Aventura 2004, promovido pela Associação Brasileira de Esportes de Aventura-ABEA. Identificam-se os Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Santa Catarina como os de maior desenvolvimento nesta prática. Em Florianópolis-SC e Bertioga-SP, estão sendo organizadas mais duas grandes escolas de canoagem havaiana. Em resumo, o outrigger/canoa havaiana construiu, nos últimos dois anos, uma história de desenvolvimento no Brasil que supera as expectativas. Em termos de divulgação e aprimoramento técnico de atletas, o Circuito Brasileiro conta com 4 etapas. No plano econômico Fábio Paiva planeja difundir a modalidade com a exploração do turismo de aventura, divulgando e fornecendo estrutura para outros estados como RJ, SC, PR e Distrito Federal. Os cuidados com a preservação do meio ambiente levaram os fabricantes de canoas havaianas a substituírem a madeira Koa pela fibra de vidro.

Fontes Hildorf, Luiz Vitor, Manual do Canoísta de Fim de Semana. Corps, 2002;www.canoahavaiana.com.br; www.rioradical.com.br; www.ecoesporte.com.br; www.terra.com.br/istoe; www.revistanautica online.com.br; www.inema.com.br; www.outrigger.com.br; www.jornaldaorla.com.br; www.caiquesopium.com.br; www.correiodo litoral.com.br; www.abea.org.br; www.remada.com.br.

Acqua Ride e Bóia-Cross

VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM

Acqua ride and Tubing

Acqua Ride, a Brazilian sport, is a further development of tubing in which the participant, lying on his/her stomach, rides down rivers and rapids on a small PVC inflatable boat, specially developed for the sport, using a helmet, a life vest and other means of security and

Definições O bóia-cross e o acqua ride são esportes praticados, individualmente, em rios e corredeiras. Utilizando os equipamentos e o corpo para descer rio abaixo, no bóia-cross, mais antigo, utiliza-se bóias (câmeras de ar) de caminhão. A bóia é amarrada, depois de cheia por cordas a fim chegar ao formato de um oito, simulando um pequeno bote para melhor eficiência e manobras dos praticantes. Mais aprimorado tecnicamente, no acqua ride são utilizados mini botes infláveis de PVC, com fundo resistente as pedras, confeccionado exclusivamente para esta prática. Equilíbrio e reflexo são componentes essenciais, além de acessórios como luvas com formato parecido aos pés de pato, que o esportista utiliza para manobras do bote, adquirir velocidade e desviar dos obstáculos. Como segurança, acrescenta-se ainda a necessidade de capacete, colete salva-vidas, canelagem e roupa de neoprene. Segundo Hélio Beteli, instrutor na escola HR Esportes Radicais, qualquer pessoa pode praticar, sendo que crianças somente acima de 1,30m de altura.

Origem Na região do Parque Estadual Turístico do Alto da Ribeira – Petar, entre as cidades de Iporanga e Aiaí, em São Paulo, encontra-se a maior concentração de cavernas do estado de São Paulo. Exploradores da Sociedade Brasileira de Espeleologia–SBE, por diversão introduziram o bóia-cross no Brasil. Utilizando bóias de caminhão para transportar equipamentos pesados, chegaram à prática como entretenimento e logo conquistaram novos adeptos. Numa versão mais arrojada e mais evoluída em termos de equipamento, o acqua ride surgiu no Brasil, nos anos de 1970 entre uma brincadeira nas águas brancas do Rio Betary, no Vale do Ribeira, em São Paulo. Conforme relatos de Hélio Beteli (ABAR), que há 12 anos se dedica ao acqua ride, o inventor do bóia cross foi o professor jundiaense Roberto Cintra, que o introduziu nesta prática. Posteriormente Edsel

Staheli, já falecido, aprimorou a técnica e inventou o acqua ride. A Associação Brasileira de Acqua Ride-ABAR é a entidade que administra a modalidade, atualmente reconhecida pela Federação Paulista e pela Confederação Brasileira de Canoagem. Em outros países já se tem notícia de práticas similares com outras nomenclaturas como *hidro-speede river board*, mas circula no meio ser esta uma prática esportiva genuinamente brasileira.

Staheli, já falecido, aprimorou a técnica e inventou o acqua ride. A Associação Brasileira de Acqua Ride-ABAR é a entidade que administra a modalidade, atualmente reconhecida pela Federação Paulista e pela Confederação Brasileira de Canoagem. Em outros países já se tem notícia de práticas similares com outras nomenclaturas como *hidro-speede river board*, mas circula no meio ser esta uma prática esportiva genuinamente brasileira.

1984 Realização do primeiro campeonato de acqua ride, organizado pelo espanhol Matheus, residente na região do Petar. O sucesso do evento levou a sua continuação anual, como Campeonato Brasileiro, sempre a época do carnaval com a participação de grande número de turistas.

1990 Fundação do Clube Acqua Ride, de Jundiaí-SP, por atletas e simpatizantes que começaram a adaptar o esporte e incentivar os primeiros aventureiros a descerem os rios. Uma reportagem na revista 'Boa Forma' impulsiona a divulgação do esporte chamando atenção até mesmo de outros veículos de comunicação. Introdução da capa e alças nos equipamentos. A abertura dos canais de comunicação e as questões de segurança registradas neste ano, contribuem significamente para o desenvolvimento do acqua ride.

1997 - 1998 O Cube de Acqua Ride de Jundiaí funda a ABAR e a operadora Acqua Ride Expedições. A organização do esporte fortalece o apelo mercadológico principalmente com apelo ao ecoturismo. Em 1998, iniciam-se os Campeonatos Brasileiros com 3 etapas e média de 50 participantes.

2000 O Acqua Ride é reconhecimento oficialmente como uma modalidade da canoagem. Esta ano registra também grandes avanços

Ride Association - ABAR), which has 700 registered members and identifies 13 locations of practices in the country, which are also associated with tourist interests. The national championships that have been taking place since 2001 have put together 50 athletes.

tecnológicos, como por exemplo o desenvolvimento de um modelo de bote inflável em PVC, melhorando a hidrodinâmica e flutuação, além de outros tipos de equipamentos como coletes e canelagens

Situação Atual Segundo informações da ABAR, o turismo é a principal fonte de crescimento do acqua ride. Embora a entidade registre atualmente 700 associados, acredita em um número bem maior de pessoas que já tenham praticado a modalidade como ocasionais, que já está inserida nos roteiros de várias operadoras de turismo. Devido a aceitação e crescimento, ainda focado no Estado de São Paulo, a ABAR desenvolve cursos para instrutores e interessados na prática como lazer. Através da capacitação profissional, esta entidade objetiva fomentar simultaneamente o mercado interno como exportar know how para outros países. Além do Estado de São Paulo, que conta com grande representação, nos estados de Goiás, Minas Gerais e Amazonas observa-se também um avanço em relação a outros estados brasileiros. As cidades de Pedreira, Iporanga, Socorro, São Francisco Xavier e Brotas sediam as etapas do Campeonato Brasileiro de Acqua Ride, com aproximadamente 50 atletas por etapa. Considerando o apelo lúdico das práticas, o potencial geográfico nacional e a tendência mundial do turismo de aventura, constata-se um grande potencial de desenvolvimento da modalidade no país por ser na origem um "produto" nacional.

Fontes Associação Brasileira de Acqua Ride (www.acquaride.com.br); www.atitudeadventures.com.br; www.ecoviagem.com.br; www.barkadventure.com.br; www.rioradical.com.br; www.rioradical.com.br; www.pick-upau.com.br; www.hrradical.com.br; www.inema.com.br.

Tiroleza

VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM

Tyrolean traverse

Tyrolean traverse, originally from Tyrol, Austria, is a sport in which the participant moves up in the air by means of pulleys connected by special wires between two fixed points that can be either natural (rivers, waterfalls, valleys, etc) or artificial (bridges,

buildings, etc). The descend can reach high speed from 10 meters per second up to 20km/h, depending on the inclination/elevation of the wires and the weight of the participant. The passenger has the sensation that s-he is flying for a few seconds. The equipments

used in the Tyrolean traverse are basically the same ones used in rappel. Tyrolean traverse in Brazil has been developed by groups linked to extreme sports. There are participants in seven Brazilian states today.

Definições e Origens A Tiroleza, ou cabo aéreo, exige uma infraestrutura para a ligação por cabos especiais de duas bases fixas que podem ser naturais (rios, cachoeiras, vales, etc) ou artificiais (pontes, prédios, etc), que solicitam cuidados e equipamentos apropriados, resistentes e seguros e, principalmente, orientação profissional. A travessia é feita por um cabo de aço ancorado horizontalmente entre dois pontos. O praticante se desloca através de roldanas conectadas por mosquetões a uma cadeirinha de alpinismo presa ao equipamento de segurança. A descida pode atingir alta velocidade, de 10m/s a 20km/h, dependendo da inclinação/elevação dos cabos e o peso do praticante, gerando a sensação de estar voando por alguns segundos. Pode ser praticado por qualquer pessoa e faixa etária. Os equipamentos utilizados na Tiroleza são basicamente os mesmos do rapel: cordas ou cabos, cadeirinhas, freios manuais ou automáticos, mosquetões,

capacete e roldana, cujo uso depende da necessidade do praticante e/ou da situação para a prática. O esporte teve suas origens no Tirol, Áustria, onde há a necessidade de se atravessar regiões inóspitas de forma segura e rápida.

Situação Atual No Brasil, a Tiroleza é um esporte novo e se presume que foi introduzida aqui pelos canionistas (praticantes de *canyoning*). Segundo Ruy Fernandes (Jump Master - Equipe Adrena) e Ismael Rufino, Coordenador do Grupo World Adventure e Instrutor de Canyoning e Escalada, a Tiroleza, antes de ser conhecida como esporte ou técnica de salvamento, era utilizada como meio de transporte para as comunidades que viviam em regiões montanhosas. Além de ser aplicada em esportes, a Tiroleza também apresenta papel fundamental nos salvamentos executados

por bombeiros, policiais, ou grupos de salvamento. Segundo Rafael Zorzan, do Corpo de Bombeiros de Nova Petrópolis-RS e Tairone Passos, Jump Master e instrutor, a Tiroleza utiliza a técnica do rapel, por isso dividem o esporte em duas práticas distintas: a) entre dois prédios, onde o praticante utiliza a força dos próprios braços para se locomover; b) com um ponto de sustentação em declive, do alto até o chão, onde o praticante desce rapidamente com a força da gravidade. Apesar de recente no Brasil, o esporte vem popularizando-se entre os aficionados por esportes de aventura, pois exige pouco preparo físico e conhecimento técnico sofisticado. Há praticantes do esporte em SP, RJ, ES, GO, BA, SC e MA.

Fontes Fitclub; www.raftercia.com.br; worldadventure.com.br; www.thetudo.com.br

Arvorismo

VALÉRIA BITENCOURT, SIMONE AMORIM E PATRÍCIA NAVARRO

Canopy walking/Tree climbing

Canopy walking or tree climbing can be simply defined as a 'track' artificially set on trees, with various levels of difficulties and obstacles. With the orientation of specialized instructors 'walkers' or climbers accumulate experience through the different levels of difficulty. Concentration, courage and disposition are basic requirements for acrobatics in the trees. Scientific canopy walking aims at setting 'trails' in tree canopies so that plants and animals

can be observed as objects of research. Sports canopy walking sets up circuits with trails and obstacles for those who appreciate adventure sports. Educational canopy walking uses the same methods of the sport as experiential learning, when it is possible to learn how to work in groups, strengthen self-esteem, trust oneself and others, develop leadership, and solve problems related to real situations. Today there are 40 movable canopy walking circuits in

Brazil that can be set up for specific events. Two special situations are displayed at the end of this chapter: (1) Adventure Experiences, whose 350,000m² Centro de Excelência em Atividades ao Ar Livre (Excellence Center in Outdoor Activities) is located in Tijuca do Sul-PR, and (2) the case of the Physical Education department of the American School of Rio de Janeiro – EARJ, which introduced canopy walking in the curriculum.

Definições e origens Também conhecido como arborismo, tree climbing, verticália ou canopy walking, o arvorismo pode ser simplesmente resumido como um percurso artificialmente montado sobre árvores, com vários níveis de dificuldades e obstáculos. Sobre pontes, cabos, tirolesas dentre as copas das árvores, geralmente, pinheiros e eucaliptos, o praticante aventura-se na emoção em contato direto com o meio ambiente. Alia técnicas de escalada, trekking, montanhismo, rapel, entre outros. Para a sua prática não é necessária experiência prévia nem tampouco habilidades ou condicionamento físico específicos. Com a orientação de instrutores especializados o “arvorista” vai adquirindo experiência com a própria evolução dos níveis de dificuldade. Apenas concentração, coragem e disposição são requisitos básicos para acrobacia nas árvores. Segundo alguns promotores, o arvorismo é uma atividade de baixo risco, pois o praticante fica preso durante todo o percurso por equipamentos de segurança que inclui luvas, capacete, botas, mosquetões de aço, carretilhas, etc.

As classificações adotadas para as práticas são: Arvorismo Científico – objetiva instalar nas copas das árvores “trilhas” para que se possa observar plantas e animais em caráter de pesquisa; Arvorismo Esportivo – montagem de circuitos com caminhos e obstáculos para simpatizantes dos esportes de aventura; Arvorismo Educacional – ver parte final deste capítulo. Por sua vez, há versões dessas atividades que contam, sem registros de datas, que os precursores do arvorismo foram os escoteiros que utilizavam a técnica para atravessar seus percursos em rios e terrenos acidentados, mas isoladamente e não configurada como “circuitos”. Outros registros levam a pesquisadores que começaram a praticar o arvorismo utilizando escadas e pontes de cordas para lhes permitir acesso rápido e cômodo a copa das árvores, utilizando equipamentos que lhes permitiam observar melhor a flora e fauna. Em 1997, ecologistas teriam incentivado a exploração de uma floresta na Inglaterra evitando seu desmatamento. No mesmo ano surgira como esporte na França e, mais tarde, na Costa Rica e

Nova Zelândia. Como arvorismo contemplativo, teria iniciado na Costa Rica, apenas para estudos da fauna e da flora na copa das árvores; na França progrediu-se para o arvorismo esportivo. Outras versões chegam a sua origem na França, com ascensão em cordas feita em praças e bosques onde os praticantes treinavam para aperfeiçoar técnicas de escalada sem ter de se deslocar para montanhas.

1983 Algumas organizações ecológicas ressaltam o forte impacto ambiental causado pelas instalações de equipamentos artificiais no meio ambiente, mas a Associação Internacional de Arvorismo, fundada neste ano, em Atlanta, EUA, trabalha a difusão do esporte ressaltando e fornecendo todo o suporte às operadoras para a montagem dos circuitos, valorizando instrumentos que amenizem o suposto problema.

1998 Mais popular na França, Nova Zelândia e Costa Rica, o arvorismo chegou ao Brasil provavelmente neste ano nas cidades de Dourados e Análândia e, posteriormente, em Brotas, no Estado de São Paulo.

2002 Embora este esporte ainda não tenha chegado a grande massa, vem conquistando novos adeptos, que, se não praticam regularmente, já tiveram contato ocasional com o esporte. Na Adventure Sport Fairs deste ano, maior feira de esportes realizada anualmente no Brasil, em SP, o arvorismo foi uma das atividades âncoras para chamar atenção do público infantil, chegando a ser bastante divulgado na mídia.

Década de 2000 O Parque Unipraias em Balneário Camboriú-SC é um forte atrativo para o público aventureiro nos primeiros anos desta década. Na estação Barra Sul situada no Parque das Aventuras, administrado por Alfredo Augusto Kuhn, promove-se, entre outras atividades, o arvorismo acrobático. Este parque possui dois circuitos de Arvorismo Acrobático, trilhas suspensas entre as copas das árvores atingindo alturas de até 15 metros e 13 atividades

pelo facilitador da experiência. Considera-se que o aprendizado significativo é obtido através das experiências de vida e que este não acontece automaticamente. O lema do arvorismo educacional é de desafio por escolha: escolha de ousar, desafiar seus próprios limites, arriscar, dentro de uma proposta totalmente segura e saudável. A experiência é apresentada e a reação é emocional, no entanto, ao término da tarefa, ocorre o processo da reflexão sobre a experiência com várias etapas que vão desde a situação proposta até a analogia à uma situação referente a vida do participante. A técnica de reflexão utilizada pelo facilitador é importantíssima já que é responsável por guiar o participante a fazer a conexão da experiência vivida com situações de vida. O programa de Educação Experencial começou há 5 anos como uma maneira de enfatizar o domínio afetivo, propiciando o auto-descobrimto e reflexões sobre a vida através do conteúdo programático sendo parte filosófica da instituição em abordar o ensino para a cidadania. O programa específico é composto de componentes distintos porém, interdependentes. Esses componentes são: educação para a cidadania, liderança, poder de decisão, e serviços comunitários. As atividades de arvorismo – aprendizagem e aventura – assim como o rapel e a parede de escalada são parte integrante, mas não exclusivo, do currículo de Educação Física da pré-escola até

distintas em 140m de percurso. Os arvoristas escalam redes, caminham sobre cabos de aço, equilibram-se em estribos, passam por tambores de madeira e deslizam em tirolesas em meio a Mata Atlântica. O local ainda possui um Parque Ambiental com 60.000 m². Os organizadores garantem que o circuito é inteiramente seguro e todos os equipamentos necessários são fornecidos aos praticantes, que devem cumprir sistematicamente as orientações dos instrutores, treinados para o tipo de atividade. Os equipamentos são todos importados da França e da Nova Zelândia.

Situação Atual A diversidade dos percursos proporciona à prática como lazer um nível de excitação constante, pois, desde o início, o praticante pode subir às copas das árvores por meio de escada de corda, troncos, pontes de rede, balanços ou outras inovações. Além de poder ser praticado desde a infância, a atividade tem como diferencial a possibilidade de unir grupos de interesses e envolvimento familiar. Também já vem sendo utilizado como técnica de treinamento de empresarial, que, através de uma atividade lúdica, abraça várias qualificações exigidas no mercado de trabalho como: auto-confiança, destreza, habilidade para romper as adversidades, espírito de equipe, romper limites e principalmente auto-estima. Unindo todos esses atributos, alguns departamentos de recursos humanos reconhecem o diferencial do esporte como aliado ao aprimoramento corporativo, já bastante difundido no Brasil. Calcula-se que existam 40 circuitos montados em território nacional, mas ressalta-se que estes podem ser itinerantes, sendo montados especificamente para eventos. Os locais mais conhecidos onde se encontram eventos e instalações de arvorismo no Brasil são: Nova Friburgo-RJ, Rio de Janeiro-RJ, Campos do Jordão-SP, Brotas-GO, Camboriú-SC, Guarapari-ES, Bonito-MS, Parque Vila Ventura-Viamão-RS, Ilhas da Taquara – Foz do Iguaçu-PR, e Monte Verde e Andradadas-MG.

Fontes Folha de São Paulo; www.worldadventure.com.br; www.inema.com.br; Associação Internacional de Arvorismo: www.treeclimbing.com; www.rioradical.com.br; www.saocaetanoservicos.com.br

Arvorismo Educacional

Educational canopy walking

NEÍSE GAUDENCIO ABREU

Definições e origens A metodologia sugerida para a utilização de um circuito de arvorismo ou de elementos de cordas e cabos assim como o uso de parede artificial de escalada ou rapel é conhecida como aprendizado experencial. Neste método, aprende-se a trabalhar em grupo, a fortalecer a auto-estima, confiança no outro e em si mesmo, desenvolver liderança, solucionar problemas relacionando-os a situações reais, tudo isso através da participação ativa e reflexões dirigidas das experiências vividas. As palavras chaves dessa metodologia são ação e reflexão. Há de ser refletir na atividade experienciada através da fala, da escrita ou do movimento. Esta metodologia é integrada no currículo e proporciona oportunidades de aplicar conhecimentos aprendidos em situações reais de vida e do dia-a-dia. Além disso, aprimora os conteúdos de ensino na medida em que expande o aprendizado para além da sala de aula relacionando-o para a comunidade, vida pessoal, familiar e social. A utilização de elementos desafiadores e circuitos em altura é proposital, pois a intenção do facilitador é oportunizar a experiência fora da zona de conforto dos alunos. O arcabouço teórico comprova que quando o conhecimento é introduzido no limite da zona de conforto, o aprendizado torna-se mais significativo e melhor apreendido principalmente após o processo de reflexão conduzido

o último ano do ensino médio e também de atividades extracurriculares. A abordagem e apresentação das tarefas é orientada e feita de forma em que se ensinam aos alunos a resolver problemas, interagirem com o meio ambiente, e relacionarem o aprendizado com situações futuras. Os alunos se beneficiam da abordagem experencial de aprendizagem pois participam ativamente do processo da aprendizagem. O método oportuniza a prática de técnicas de comunicação, desenvolve o apreço pela diversidade, motiva a assumir responsabilidades e a desenvolver o pensamento crítico, cooperando com o grupo e aumentando sua auto-estima.

1993 Fundada a Adventure Experiences – Paraná, que utiliza a metodologia experencial em treinamentos empresariais com o objetivo de contribuir para o sucesso das organizações, por meio do desenvolvimento profissional das equipes: iniciativa, respeito, comunicação, planejamento, liderança, e confiança, que quando estimulados pelo método experencial ao ar livre são absorvidos rapidamente, garantindo aprendizado duradouro e com imediata aplicabilidade.

1997 A Adventure Experiences mantém o Centro de Excelência em Atividades ao Ar Livre em Tijuca do Sul-PR. O local tem 350.000

m² e encontram-se as atividades de arvorismo, percurso de cordas, torre de desafios, rapel em árvore, ginásio de Escalada com 290m² de parede e 11m de altura. Conta ainda com o Circuito de Arvorismo com 360 m de extensão, distribuídos em 19 etapas de diferentes travessias, sendo uma delas a tirolesa de 130m, que passa sobre um lago. O complexo possui atividades de cordas baixas de solução de problemas e trilhas de orientação.

1999 Em Janeiro, a *Kreativ Aktion* introduziu o método de Aprendizagem Experiencial na Escola Americana do Rio de Janeiro - EARJ para os professores de Educação Física. Em setembro durante o encontro de Professores de Educação Física das Escolas Americanas do Brasil em São Paulo, o método foi apresentado pelos professores do Rio de Janeiro. No mês de outubro foi introduzido e praticado no currículo de Educação Física escolar dos Ensinos Fundamental e Médio.

2000 Em janeiro foi instalado na EARJ um circuito de cordas e cabos pela Adventure Experiences de Curitiba-PR. Os professores de Educação Física tiveram treinamento avançado pela *Kreativ*

Aktion para a utilização do circuito de arvorismo baixo. Em setembro, este mesmo circuito foi apresentado aos professores de Educação Física de outros estados do Brasil.

2001 – 2004 Anualmente em fevereiro, em Teresópolis-RJ, diferentes grupos de professores participam de um seminário sobre trabalho em equipe, solução de problemas e tomada de decisão utilizando circuitos de arvorismo.

2001 Em julho foi instalado na EARJ, elementos altos de arvorismo: parede de escalada com sete vias, plataforma de rapel e ponte suspensa.

2001 – 2002 Em agosto foi proporcionado um treinamento para utilização do circuito completo de arvorismo – alto e baixo – com utilização do método de aprendizagem experiencial – *Kreativ Aktion*.

2003 Em fevereiro houve um seminário avançado para professores especialistas, para a diretora do programa experiencial e para a coordenadora do departamento de Educação Física dado pela *Kreativ Aktion*.

Situação atual Atualmente o programa de arvorismo educacional é parte integrante dos componentes curriculares acadêmicos e extra-curriculares da Escola Americana do Rio de Janeiro, sendo utilizado da pré-escola até o último ano do Ensino Médio (dos 3 aos 18 anos), sob a abordagem da metodologia da aprendizagem experiencial. Utiliza-se o arvorismo educacional nas aulas de Educação Física assim, curso de prevenção às drogas, serviços comunitários, seminários de liderança, desenvolvimento da auto-estima, confiança no outro e em si mesmo. Além dos elementos de cordas, cabos, parede, rapel que a escola dispõe, utiliza-se o Acampamento Nosso Recanto – Campos Jordão-SP, e o circuito de arvorismo da Verticália/Alaya. O “Adventure Experiences” em Curitiba, vem atuando em programas educacionais, com jovens de 10 a 16 anos, sempre em parceria com os professores para melhor aproveitamento das atividades.

Fontes www.alaya.com.br; www.nr.com.br; www.earj.com.br/experientialed/; www.adexp.com.br; Wheeler R., Abreu N., Canella A.

Rapel

VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM

Rappelling

Rappelling is defined as the act of descending from a fixed height by letting oneself down on a rope. Rappelling is used in mountaineering to negotiate dangerous terrain (waterfalls, precipices, buildings, bridges, climbing walls, mountain peaks). It is

a recreational hobby and frequently used by the armed forces during operations and training exercises. Rappelling in Brazil is generally considered as a sport with its own identity and not as a technique of other sports only. As such, it has been part of Adventure

Racing circuits and has already been added to tour packages and to promotional events of health clubs. Rappelling is also a recreational hobby for many people. This chapter includes the 29 favorite locations for rappelling.

Definições e origens Conhecido no Brasil como rapel, a denominação deste esporte vem do verbo francês *rappeler* que significa chamar, recuperar, explorar. Entre os praticantes há uma versão popular de nomenclatura: “rapelar”, com o significado de escorregar corda abaixo seguro por um cinto de segurança apropriado e uma peça de freio. Ou seja: o rapel é uma técnica de descida de cachoeiras, cascatas, precipícios, prédios, pontes, morros, penhascos, paredões, viadutos, chegando até a alturas inusitadas. Para praticar rapel é necessário ser conhecedor de técnicas de montanhismo além de ter experiência com o manuseio de equipamentos básicos de escalada como cadeirinha, mosquetões, freio oito, corda estática, etc. Há ainda os equipamentos de segurança, como luvas e capacete que também não são de menor importância. Apesar de sua prática ser relativamente fácil, nas versões mais moderadas, como em qualquer outra atividade dos esportes radicais e de aventura, recomenda-se ser acompanhada por um instrutor especializado. Os estilos desta prática são: Rapel em positivo – é realizado com o apoio dos pés na parede; Rapel em negativo – sem o apoio dos pés, o praticante desce em queda livre, lançando-se no vácuo; Rapel guiado – normalmente utilizado em cachoeiras e quedas d’água onde é necessário fazer desvios diagonais da trajetória para evitar fortes torrentes; Rapel fracionado – é dividido em vários rapéis menores para encontrar um caminho

mais seguro. Há diferentes versões para o surgimento do rapel. Uma delas, data do final do século XIX quando escaladores franceses eram contratados para pesquisar os cânions e cavernas dos Pirineus (montanhas que separam o norte da Espanha do sul da França), criando então uma técnica para descida, que, com o tempo, foi assumindo diversas funções, chegando a ser utilizada na espeleologia, pelo corpo de bombeiros, na limpeza de prédios e antenas, etc. Hoje, quando utilizado em cachoeira pode ser encontrada também a denominação de *cascading*. No Brasil, considera-se o rapel como uma prática esportiva com identidade própria e não como um meio para se praticar outros esportes, mas há quem considere apenas como prática de lazer. É muito utilizado por diversas atividades como escaladas, estudos espeleológicos e em resgate em montanhas, sendo bastante difundido como uma das modalidades que compõem as corridas de aventura.

Situação atual Embora sem muitos registros, empiricamente e pelo retorno de mídia que o esporte vem conquistando, pode se considerar o rapel como em crescente expansão. Em 2003, a atividade foi incluída no programa de treinamento para incorporação de membros da Polícia Militar do RJ, tendo sido seu teste executado na Ponte Rio-Niterói-RJ. É também uma prática esportiva utilizada como parte dos circuitos de Corridas de

Aventura e já está incorporada ao roteiro turístico de agências/operadoras de turismo e eventos promocionais de academias de ginástica. Os locais preferidos para a prática de rapel no Brasil são por localização estadual: MS: Abismo de Anhumas e Buraco das Araras (Bonito); RJ: Cachoeira Véu de Noiva e Gruta do Presidente (Teresópolis), Parque Nacional da Serra dos Órgãos (Teresópolis/Petrópolis) e Ilha Grande (Angra dos Reis); GO: Cachoeira da Onça (Pirenópolis), Bica do Ipu (Ubajara) e Cachoeira da Água Fria (Alto Paraíso de Goiás); MG: Cachoeira Congonhas, Cachoeira da Usina, Cachoeira Véu de Noiva e Morro da Pedreira (Serra do Cipó), Parque Nacional da Serra do Cipó (Serra do Cipó) e Pedra da Catedral (Gonçalves); SC: Cachoeira do Cambará, Cachoeira do Cará, Cachoeira do Forno, Cachoeira do Vento, Cânion da Encosta, Cânion da Sabiá e Serra do Uru (Presidente Getúlio); RS: Cascata do Marmeleiro e Cascatina dos Mentz (Canela), e Viaduto 13 (Encantado) – maior viaduto da América Latina; BA: Parque Nacional da Chapada Diamantina, Poço do Diabo e Gruta do Lapão (Chapada Diamantina).

Fontes www.raftercia.com.br; www.rioradical.com.br; www.ciaderafting.com.br; www.ecoviagem.com.br/aventura; www.revistaturismo.cidadeinternet.com.br.

Canionismo

VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM

Canyoning/Canyoneering

Canyoneering in its simplest form has been around since prehistoric times. In fact, evidence can be found of prehistoric people inhabiting canyons (deep narrow valley with steep sides and often with a stream flowing through it), not only in America, but also in Europe, Australia and around the world. Canyoning, as it is known in Europe, has been a popular adventure sport for many years. It can be defined today as the sporting exploration of canyons in which the canyoneer should

Definições Evidências apontam que as formas mais rudimentares de *Canyoneering* ou *Canyoning* (como é mais conhecido na Europa) existem desde tempos pré-históricos quando povos habitavam os canyons (vales profundos com encostas íngremes e freqüentemente com uma corrente d'água fluindo através deles) em diversas partes do mundo. O *canyoning* pode ser definido como "exploração esportiva de cânions/*canyons*, rios em garganta ou desfiladeiros", na qual o praticante deve seguir o curso traçado pelas águas. A exploração de *canyons*, desfiladeiros e rios em garganta é uma atividade desenvolvida em ambiente vertical e aquático, com domínio das técnicas de progressão com uso de cordas (tiroleza e rapel). Para driblar as adversidades e obstáculos de longos percursos como cachoeiras, tobogãs, trechos inundados e espremidos entre paredes escarpadas, faz-se necessário também o domínio das técnicas das águas brancas (*rafting* e canoagem), assim como noções de caminhada (*water-trek*), natação em corredeiras (*floating*), saltos, slides (tobogãs), escalada e rapel. Oriundo da espeleologia e do montanhismo, apenas há duas décadas começaram a ser desenvolvidas técnicas e equipamentos próprios para o canionismo. Sua forma competitiva, organizada por encontros, conquistas e expedições, está mais voltada para as regras de jogos cooperados onde a união e a desenvoltura da equipe contam pontos em provas baseadas em regularidades. Para sua prática é necessário o acompanhamento de orientadores experientes, além do respeito ao meio ambiente e sua conservação. O *Cascading*, também conhecido como "rapel em cachoeiras", é um tipo de "canyoning pontual", praticado numa só queda d'água com várias repetições de descida e não requer maiores preocupações com outras técnicas de progressão. *Caving*, oriundo da espeleologia (vide explicação em quadro adiante), é também conhecido no Brasil como cavernismo, ou simplesmente "exploração de cavernas". Se os espeleólogos estudam a vida e a geologia no interior da terra, os praticantes do caving ficam com a parte esportiva e exploração onde são utilizadas técnicas de descida e subida em corda, transpondo rios subterrâneos, passando por condutos apertados em ambientes com total ausência de luz. Além dos equipamentos especiais como calças e blusas de fibras sintéticas, entre outros, a carbureteira é imprescindível como fonte de luz.

Origens O final do século XIX marca o início das expedições, mas a partir do século XX, com a exploração de canyons e cavernas no maciço dos Pirineus, entre a França e a Espanha, Edouard-Alfred Martel, considerado o pai da espeleologia, marca o berço da prática. Ficou conhecida como atividade esportiva no final da década de 1970, após o desenvolvimento das modernas técnicas de exploração de ambientes verticais, evoluindo para caminhos próprios tendo como referencial os esportes praticados em águas brancas (ou bravas) como o rafting, o caiaquismo e o hidro speeding. Na Europa está bastante difundido nos Alpes e nos Pirineus, mas também é praticado nos EUA, na América Central e também na Austrália e Nova Zelândia. Em número de praticantes destacam-se os franceses, depois os espanhóis, alemães, suíços, italianos, austríacos e eslovenos. Os europeus Alex Batllori, Jean-Paul Pontroué, Patrick Gimat, Enrique Salamero, Fernando Biarge entre outros, exploraram e mapearam dezenas de canyons nos Pirineus franco-espanhóis e, assim como o norte-americano Rich Carlson de Phoenix-Arizona, recebem o reconhecimento no canyoning mundial. No Brasil, a origem do canionismo não é determinada com precisão, pois há muito tempo praticam-se atividades que apresentam alguma semelhança com o esporte, como por exemplo, as travessias realizadas nos cânions da Região da Serra Geral, na fronteira dos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, desde meados do Século XX. Fazendeiros e criadores de gado, para conseguir um terreno bem

follow the course designed by the stream or river. In spite of enjoying some regularity in Brazil, canyoning is still in its initial phase. The Encontro Brasileiro de Canionismo (Brazilian Canyoning Meeting), organized annually since 2000 by a specialized company, ABCânion, aims to standardize patterns and safety procedures in the whole country. The Associação Cânions da Serra Geral (Association of Canyons of Serra Geral-ACASERG), in Porto Alegre-RS, estimates

irrigado para a agricultura ou criação de animais, buscavam, apesar do difícil acesso, a menor das padarias cruzadas por um curso d'água, aumentando, dessa forma, a superfície de suas terras. Por variados motivos, o homem adentrava as gargantas mais sinuosas e inacessíveis em busca de subsistência ou simplesmente por espírito desbravador, mesmo que isso representasse grande perigo. Ao final da década de 1980, com a edição da Revista Geográfica Universal (1986) sobre a prática esportiva que já ganhava espaço na França, a novidade chegou e no final dos anos 1980, início dos anos 1990, começaram a despontar algumas equipes no Brasil, registrando o pioneirismo das equipes H2Omem (SP) e Canion Inc. (RS). Da primeira geração destacam-se: Carlos Zaith (SP), Nelson Barretta, Marisa Góes e Marcos Philadelphi e, despontando na atualidade: Álvaro Barros, Fernando Santana (Brasília-DF), Henry Lummertz, Rafael Brito e Neyton Reis (RS) figuram entre os brasileiros mais reconhecidos nacional e internacionalmente.

1888 Édouard Martel realizou a travessia da grotta de Bramabiau, na França, que se poderia comparar a uma descida de cânion.

1889 Lucien Briet explorou, a partir de Gavarnie, os cânions de Alto-Aragão (Vale de Onsera, Vale d'Ordesa, Rio Vero, Péonéra, Escuin, Miraval, Mascun, Gargantas do Guatizalema, Gargantas do Glocé).

1890 F. Fournier, desenvolveu estudos e expedições a alguns cânions.

1893 Armand Janet explorou os cânions dos Alpes de Alta-Provença (Artuby, Verdon).

1902 Descida das Gargantas da Nesque.

1903 Início da exploração dos "barrancos" de Alto-Aragão.

1906 Descida da primeira parte do Verdon; primeira tentativa da descida da Clue D'Aiglun, no Vale do Esteron, nos Alpes Marítimos, por Édouard. Martel.

1904-1908 Lucien Briet descobriu os mistérios dos Pirineus Aragoneses e realizou o inventário de um bom número de cânions e barrancos.

1907-1909 Édouard Martel realizou expedições no país basco francês (Gargantas de Kakouetta, Holzarte, Ehujarre). Início da exploração das gargantas do Bitet, d'Olhadubie.

1925 Fim da exploração e primeira travessia integral do cânion da Artuby.

1928 Descida integral do Verdon; percurso da clue D'Aiglun, por Jacques Moerau, em duas etapas, por montante e por aval.

1933 Cazalet, Dubosq, Maily e Olivier realizam a primeira descida do Olhadubie.

Décadas de 1950-1960 Sem muitos registros pontuais, durante as duas décadas Paul Minvielle e seu filho Pierre exploraram um número considerável de cânions da Região dos Pirineus espanhóis, como: Los Oscuros, os Estréchos do Balces, Rio Vero, Le Choca e Mascun, marcando também o início da exploração dos primeiros cânions como prática esportiva nos anos de 1950.

Década de 1970 Começaram a ser organizadas as primeiras atividades de canionismo, conduzidas por monitores de espeleologia e montanhistas, na Serra de Guara (Pirineus Espanhóis) e nos Alpes do Sul. O início da organização resulta na configuração de uma nova prática esportiva que se difundiu rapidamente por toda a França e Europa, introduzindo-se aos poucos em outros países. Na

that there are today 1,000 regular participants (95% males and 5% females) in Brazil. However, with the appeal of tourism of adventure and commercial operations, the number of people that has already had occasional contact with the sport is reported to be between 10,000 and 12,000. According to another specialized company, H2Omem, Brazil has: 2,500 waterfalls, 500 caves, 180 rivers and rapids and 180 mountain peaks.

França, a partir desta década, são realizados "grand prix" juntamente com campanhas para a prevenção de acidentes.

1981 Carlos Zaith iniciou-se na Espeleologia, explorando e documentando as principais cavernas calcárias do Brasil.

1986 A Federação Francesa de Espeleologia reconheceu o canionismo.

1987 Carlos Zaith ingressou na Sociedade Brasileira de Espeleologia.

1988 Fundação da Comissão Cânion, com abertura para as Federações Francesas de Montanha, de Escalada e de Canoas-Caiaque.

1989 Início dos primeiros cursos de canionismo, organizados pela Comissão Cânion da Federação Francesa de Espeleologia.

1992-1993 Começam as competições de canyoning nos Pirineus-Espanha.

1994 A equipe H2Omem realizou o primeiro curso de canionismo no Brasil.

1996 A H2Omem registrou a maior descida, na Cachoeira da Fumaça, na Chapada Diamantina-BA, conhecida como "Salto Glass", com 340m de queda livre.

1997 Primeira Expedição Anfíbia, organizada por Álvaro Barros e Fernando Santana, no rio São Miguel-GO. Início da equipagem dos cânions da Região da Serra Geral (fronteira dos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina), por iniciativa de membros da Canion Inc. e de outras pessoas, que iniciaram a equipagem do Cânion do Malacara-RS.

1998 Fundação da Associação Cânions da Serra Geral-ACASERG, em Porto Alegre-RS. Aconteceu uma competição da cascading em Minas Gerais.

1999 Realização da expedição Anfíbia 2, no rio São Domingos/Ponte das Pedras-GO, Chapada dos Veadeiros) por Álvaro Barros e Fernando Santana. A *École Française de Descente de Cânion* ministrou curso preparatório para instrutores.

Décadas 1980-1990 Simultaneamente às novas conquistas de cânions, os anos 1980 marcaram a exploração comercial da prática mas, no início da década de 1990, o canionismo conquista a independência da espeleologia e do montanhismo, impulsionando novos equipamentos e técnicas específicas à prática.

2000-2001 Primeiro Encontro Brasileiro de Canionismo na Chapada dos Veadeiros-GO. Fundação da ABCânion (Associação Brasileira de Canionismo), por canionistas de SP, DF, RS, SC, BA e CE com o objetivo de padronizar a linguagem e procedimentos de segurança em todo o Brasil.

2002 Na Expedição Cânions do Alto Tocantins, organizada por Ion, David e Humberto Medaglia, três cânions foram explorados: o Afluente Azul, Farias e Couros. Conquista dos cânions Macaco e Macaquinho-GO. O 2º Encontro Brasileiro de Canionismo aconteceu em Brotas-SP.

2003 O 3º Encontro Brasileiro de Canionismo foi realizado em Canela-RS.

Situação atual Embora apresente certa regularidade, o canionismo ainda se encontra na fase de gestação, tendo como marco o Encontro Brasileiro de Canionismo, organizado anualmente pela ABCânion. Números ainda tímidos pontuam o desenvolvimento das práticas do canionismo, cascading e caving. Oficialmente registrados, apenas

40 associados da ACASERGE, dentre eles alguns também integram o quadro dos 30 associados da ABCânion. Segundo informações da entidade, existem diversos clubes, associações e grupos organizados, que não possuem personalidade jurídica, o que dificulta as informações precisas sobre o esporte em âmbito nacional. Alguns grupos utilizam as práticas como produtos turísticos e temas de cursos e palestras. A entidade estima 1.000 praticantes regulares na atualidade, sendo 95% dos praticantes do sexo masculino e 90% praticantes do cascading. Com o apelo do turismo de aventura e

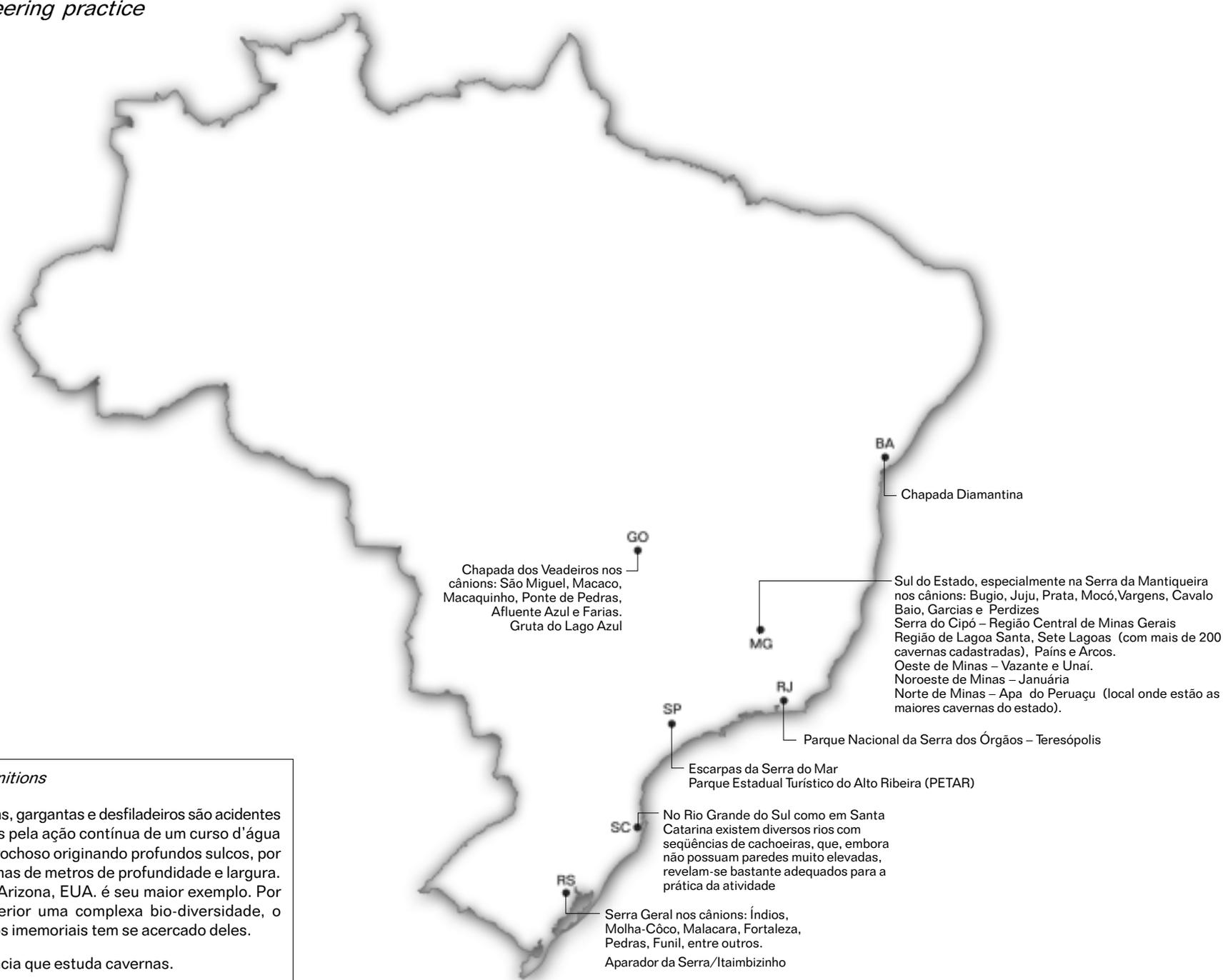
operações comerciais, o número de pessoas que já tiveram contato ocasional com a prática oscila entre 10.000 a 12.000. Considerando-se a diversidade de cânions e recursos naturais a serem explorados no Brasil e a forte tendência mundial ligada ao ecoturismo, a empresa H2Omem desenvolve estudos para o inventário de monumentos naturais brasileiros que deverão retratar um grande salto de desenvolvimento para as modalidades. Preliminarmente assume-se que haja: Quedas d'água – 2.500; Cavernas – 500; Rios e Corredeiras – 180; e Pontos culminantes – 180. Segundo Carlos

Zaith, fundador da empresa “no Brasil não há muitas publicações sobre o esporte e muitas pessoas ainda não tem conhecimento de sua existência. É necessário o investimento no trabalho de base e divulgação para impulsionar a evolução do esporte”.

Fontes Associação Cânions da Serra Geral; www.acaserg.org.br; Associação Brasileira de Canionismo-ABCânion; www.h2omem.com.br; www.brasilaventuras.com.br; www.ecoviagem.com.br; Registros da empresa H2Omem: inventário de monumentos naturais brasileiros.

Locais para a prática de canionismo

Locations for canyoneering practice



Definições / Definitions

Canyons – os canyons, gargantas e desfiladeiros são acidentes geográficos formados pela ação contínua de um curso d'água que escava seu leito rochoso originando profundos sulcos, por vezes, com até centenas de metros de profundidade e largura. O Grand Canyon no Arizona, EUA. é seu maior exemplo. Por encerrar em seu interior uma complexa bio-diversidade, o homem, desde tempos imemoriais tem se acercado deles.

Espeleologia – ciência que estuda cavernas.

Locais pontuais para a prática / Specific locations for practice

Cachoeira do Lajeado Grande (Itararé) - SP
 Cachoeira da Onça (Presidente Getúlio) - SC
 Cachoeira do Astor (Brotas) - SP
 Cachoeira do Cassarova (Brotas) - SP
 Cachoeira do Saltão (Brotas) - SP
 Cachoeira do Santuário (Presidente Figueiredo) - AM
 Cachoeira do Martins (Gonçalves) - MG

Cachoeira Vêu da Noiva (Terresópolis) RJ
 Cânion da Encosta (Presidente Getúlio) - SC
 Cânion do Sabiá (Presidente Getúlio) - SC
 Cânion do Palmito (Presidente Getúlio) - SC
 Cânion dos Índios (Presidente Getúlio) - SC
 Parque Nacional da Serra dos Órgãos (Terresópolis) - RJ
 Cânion Quartelá, Cânion Itay Tuba, Arroio da Bomba,

Arroio das Antas, Arroio das Cachoeiras dos Macacos - PR
 Chapada dos Guimarães (Rondonópolis) - MT
 Cânion Xingo - SE
 Parque Nacional de Ubajara - CE
 Chapada das Mesas - MA
 Cachoeira do Rio Contigo no Monte Paraime - PR

Corrida de Orientação

PAULO NOLETO QUEIROZ FILHO E CARLOS ALBERTO P. SANTOS

Orienteering

Since 1850, there have been primitive types of today’s orienteering in Scandinavia. It includes various disciplines such as foot, ski, mountain bike and trail orienteering. The International Orienteering Federation-IOF was founded in 1961 and orienteering was recognized by the International Olympic Committee -IOC in 1977. In Brazil, foot

Definição e origens A orientação é um esporte no qual os atletas usam um mapa detalhado e uma bússola para encontrar pontos no terreno previamente mapeado. Esta atividade pode proporcionar conhecer lugares novos, fazer novas amizades, desfrutar o tempo livre com a família e participar de campeonatos de Orientação. Um percurso de Orientação é composto por um ponto de partida, um ponto de chegada (que pode ser o mesmo ou não) e uma série de pontos intermediários numerados, por onde o praticante terá que passar seguindo a seqüência determinada no mapa. Existem várias modalidades deste esporte: corrida de orientação, orientação sobre esquis, orientação para pessoas portadoras de deficiências e orientação em mountain bike. A Corrida de Orientação, também chamada simplesmente de Orientação – a modalidade mais praticada no Brasil – caracteriza-se por ser uma corrida aeróbica, semelhante ao *cross-country*, desenvolvida em florestas, matas, trilhas e campos. Data de 1850 a referência a grupos militares escandinavos que desenvolveram atividades esportivas assemelhadas às da Corrida de Orientação como alternativa de lazer e como instrução militar. Na última década do século XIX, em torno de 1890, a atividade tornou-se competitiva, sendo, no entanto, ainda muito fácil, isto é, com poucos postos de controle, muitas vezes sinalizados por pessoas e colocados em acidentes do terreno bastante definidos, em virtude da má qualidade dos mapas da época que, provavelmente, até então, não passavam de esboços ou croquis. Em 2003, foram encontrados relatos do final da década de 1940, na Escola de Educação Física do Exército-EsEFEx, sobre a participação de militares brasileiros como observadores das “Lingiadas”, competições realizadas na Suécia como homenagem póstuma a Ling, ícone da Educação Física sueca do século XIX. Considerando a dimensão que a Corrida de Orientação já atingia na Suécia, à época, presente até mesmo como matéria obrigatória dos currículos escolares, é razoável supor que os referidos militares tenham sido os primeiros a ter contato com esta modalidade de esporte. Também é provável que tenham trazido a modalidade para o Brasil, porque poucos anos mais tarde, em 1956, foi realizado o primeiro percurso de *cross-country orientado* no Rio de Janeiro, tendo como organizadores membros da EsEFEx.

1912 A Corrida de Orientação participa do programa da Federação Sueca de Atletismo por influência do chefe escoteiro Ernst Killander. O escoteiro Killander viveu de 1882 a 1958 e é considerado o pai da Corrida de Orientação por ter conduzido, para esta nova modalidade de esporte, os jovens que se afastavam da corrida e do atletismo.

Década de 1930 e 1940 Este período é marcado por muitos avanços tecnológicos na modalidade. O sueco Bjorn Kjellstrom, seus dois irmãos e o inventor Gunnar Tillander desenvolveram o chamado sistema Silva de bússolas. Houve, também, um grande aprimoramento nos mapas, melhorando o nível técnico das competições. O corredor de longas distâncias, que sempre vencia as competições, cedeu lugar a um atleta mais completo, que coloca sua aptidão física a serviço de sua capacidade de orientação. A Orientação em Ski é reconhecida pelo COI em 1949.

1956 No Brasil, a Divisão de Educação Física-DEF do Ministério da Educação e Cultura-MEC da época, organiza o primeiro percurso de *Cross-Country Orientado* no país, que se realizou na Gávea, Rio de Janeiro-RJ, sendo arbitrado pela EsEFEx. A fonte primária do evento é a Revista da EsEFEx nº 83 de outubro de 1956, em artigo assinado pelo Major Luiz Peixoto.

Décadas de 1960 – 1970 Neste período a Corrida de Orientação foi institucionalizada em termos internacionais. Em 1961 foi fundada a *International Orienteering Federation*-IOF. A seguir, em 1965, ocorreu o primeiro campeonato do *Counceil International du Sport Militarie*-CISM. Posteriormente, em 1977, a

orienteering has been practiced since 1956 by the military in the first place and by civilians, particularly students (high school and college) in the early 1980s. Brazil has 43 clubs of foot orienteering registered with the Confederação Brasileira de Orientação (Brazilian Orienteering Confederation - CBO). All of them participate in the Brazilian National

modalidade Orientação foi reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional-COI.

Década de 1970 Três oficiais das Forças Armadas do Brasil, em 1970, foram à Dinamarca a fim de observar as competições de Orientação organizadas pelo CISM. Em 1971, o então Capitão Tolentino Paz da Silva recebeu o encargo de selecionar e treinar uma equipe do Exército em Orientação; neste mesmo ano ocorreu a primeira participação internacional de uma equipe brasileira da modalidade no campeonato do CISM, na Noruega. Em 1972 acontece o primeiro Campeonato de Corrida de Orientação das Forças Armadas no Brasil. Em 1974, a modalidade é incluída no currículo da EsEFEx, primeiro estabelecimento de ensino superior a adotá-la como matéria obrigatória; elabora-se também o “Manual de Orientação” pela EsEFEx, a primeira publicação sobre o esporte no Brasil que até hoje é atualizada anualmente. O esporte Orientação foi reconhecido pelo COI em 1977. Em 1978, no Campeonato Mundial de Pentatlo Aeronáutico do CISM, realizado em Rezende-RJ, acontece o primeiro percurso de Orientação com competidores internacionais no país. Em 1979, as atividades de Corrida de Orientação são inseridas no currículo da Academia Militar das Agulhas Negras-AMAN.

Década de 1980 Em 1983 é realizado em Curitiba-PR, pela primeira vez no Brasil, o Campeonato Mundial Militar de Corrida de Orientação, promovido pelo CISM; professores civis também participaram do estágio técnico do campeonato para divulgação do novo esporte. No dia seis de julho de 1986, realiza-se a primeira competição civil oficial, o I Campeonato Metropolitano de Corrida de Orientação de Curitiba; ainda no mesmo mês, acontece o Primeiro Campeonato Carioca de Corrida de Orientação, promovido pelo Clube de Orientação Floresta-RJ, e no mesmo ano Leduc Fauth, professor de Educação Física em Brasília e participante do estágio de Curitiba, inicia a divulgação da Orientação para civis na Capital Federal, com a criação do Clube de Orientação de Brasília. Fauth fez várias viagens à Europa e nos retornos promoveu “caravanas” de divulgação da modalidade em várias cidades brasileiras. Em 1986 foi criada a Copa do Mundo de Orientação. Em 1987, organiza-se o Campeonato Estudantil de Orientação de Santa Maria-RS (1º e 2º grau), precedido de estágio para alunos e professores civis. Em 1989, realiza-se no RJ, o I Encontro Brasileiro de Orientadores, com a finalidade de legalizar os clubes, criar condições para o surgimento das federações estaduais, promover a filiação à IOF, e divulgar técnicas, experiências, patrocínios e confecção de cartas.

Década de 1990 Em 1991, a modalidade de esporte Orientação é incluída no currículo da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. Em 1992 realiza-se, em Brasília-DF, o XXVI Campeonato Mundial Militar de Orientação. No ano seguinte, promove-se o Circuito Aberto de Orientação do RJ, com participação de mais de 300 militares e civis nas três etapas na Floresta da Tijuca. 1994: 1ª prova de Orientação de Ouro Preto-MG (*City Orienteering*). Em 1995, ocorre o I campeonato Sul Americano de Orientação, em Santa Maria-RS, com mais de 400 atletas da Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai, marcando a ascensão da modalidade entre os esportes brasileiros. Em 13 de janeiro de 1996 é fundada a Federação Gaúcha de Corrida de Orientação. 1998: promove-se em Santa Maria-RS, o I Campeonato Brasileiro Universitário de Orientação com 125 atletas de 19 Instituições de Ensino Superior. A seguir, em 11 de janeiro de 1999, na cidade de Guarapuava-PR, a Confederação Brasileira de Orientação–CBO é criada tendo como primeiro presidente José Otávio Franco Dornelles. Fundada a Associação Nordeste de Orientação-ANEBO, criada por atletas dos estados de AL, BA, CE, PE, PI e RN.

2000 Em 4 de novembro é fundada a Confederação Sul Americana de Orientação. O Brasil passa a ser “Membro de Pleno Direito da

Championship, which includes seven state federations. There are 1,870 registered athletes and 6,400 other participants registered with clubs and federations. Brazil offers today more than 100 official competitions of foot orienteering every year. It is estimated that at least 10,000 people participate in the sport in the country.

IOF” - Federação Internacional de Orientação. No mesmo período é realizado o I Circuito Nordeste de Orientação.

Situação Atual Atualmente existem diversos clubes de Orientação espalhados pelo Brasil, 43 dentre eles são oficializados perante a Confederação Brasileira de Orientação –CBO e disputam o Campeonato Nacional, que inclui sete federações estaduais. Há ainda 1870 atletas filiados, sendo 1752 integrantes do ranking da confederação. Contam-se, porém, mais de 6400 praticantes indiretamente filiados, através dos clubes e das federações, além de um número desconhecido de atletas praticantes que disputam somente provas locais e/ou estaduais. Existem, hoje, mais de 100 provas oficiais de orientação no Brasil a cada ano, estimando-se então um total mínimo de 10 mil praticantes no país. Por ser um esporte que exige contato com a natureza, tem sido frequentemente associado às corridas de aventura, constando como uma de suas provas. Dessa forma, tem despertado a atenção de profissionais cuja faixa etária está acima de 40 anos, principalmente por proporcionar uma alternativa natural de vida ou de combate ao estresse. A modalidade tem também atraído a atenção de praticantes das mais variadas idades e de ambos os sexos, sendo aproximadamente 20% de mulheres e 28% de crianças. Por aliar a atividade aeróbica (corrida de *endurance*) ao raciocínio lógico, tem despertado o interesse de um número crescente de pesquisadores da área da motricidade humana e da psico-fisiologia. Hoje existem por volta de dez mestres ou mestrandos e uma gama de monografias de pós-graduação e graduação envolvidas com o tema desta modalidade de esporte. A CBO possui um plano de expansão para a modalidade de esporte e um projeto de formação de base, o que tem acarretado um acréscimo de atletas e praticantes da ordem de 20% por ano. A CBO pretende, para o futuro, manter uma estrutura para treinamento de alto rendimento, com vistas à participação de equipe completa no Campeonato Mundial. Hoje, estes centros encontram-se ligados às Universidades Federais do Rio de Janeiro-RJ e de Santa Maria-RS. Diante da abrangência do esporte, a CBO, ao atualizar sua política de desenvolvimento, dividiu-a em quatro vertentes de desenvolvimento: alto-rendimento, ambiental, pedagógica e turismo. Dessa forma, a modalidade pode ser caracterizada como um esporte competitivo a ser empregado como ferramenta de ensino, educação ambiental e como produto de eco-turismo. Recentemente, foi incluída com matéria obrigatória em escolas de ensino fundamental e médio do interior do Rio Grande do Sul. A modalidade está também presente no ensino superior, desde 1974, na Escola de Educação Física do Exército-EsEFEx, que hoje é pioneira no estudo e na divulgação do esporte no Brasil. A CBO tem ministrado, regularmente, diversos cursos na área, tendo atualmente 734 mapeadores, sendo 18 de nível nacional, 8 juízes nacionais e técnicos de equipes para alto rendimento. Desta forma a Confederação ratifica um de seus primeiros objetivos. Além de estar filiada ao Comitê Olímpico Brasileiro-COB e à Federação Internacional de Orientação-IOF, formou um quadro de técnicos, mapeadores e juízes controladores. Conta, ainda, com um Superior Tribunal de Justiça, conforme a legislação esportiva nacional. A partir do ano de 2000, o Brasil voltou a se fazer representar no cenário mundial através da equipe das Forças Armadas, nos Campeonatos Mundiais Militares do CISM-Conselho Internacional do Esporte Militar. Esta equipe é coordenada pela Comissão Desportiva Militar do Brasil-CDMB, tendo a sua comissão técnica composta por militares da Comissão Desportiva do Exército-CDE e da EsEFEx. Espera-se, por meio da Federação Internacional de Orientação-IOF, órgão máximo mundial do esporte, com sede em Helsinque, Finlândia, a inclusão da modalidade no programa dos Jogos Olímpicos de 2012. Atualmente existem aproximadamente 64 países-membros praticantes de Corrida de Orientação.

Fontes Confederação Brasileira de Orientação; Revista da EsEFEx, outubro de 1956; <www.cbo.orientacao.net>, acessado em nov 2003.

Número de clubes de Orientação e localização das federações por estado, 2003

Location and number of orienteering affiliated clubs and federations per state, 2003



Procedimentos básicos para os praticantes de Corrida de Orientação

Orienteering – Basic requirements for participants

O atleta deve utilizar um mapa e uma bússola para percorrer um itinerário que é balizado por pontos de passagem obrigatórios, denominados pontos de controle. Estes pontos são materializados no terreno por um prisma de cor laranja e branco, dotado de um picotador a ser acionado para comprovar a passagem do atleta pelo referido ponto. O atleta desenvolve a corrida por um terreno desconhecido, tendo a liberdade de escolher a rota como melhor lhe convier, levando em consideração seu nível técnico e sua condição física. Esta modalidade requer do atleta uma intensa atividade cognitiva aliada a uma atividade

física de alta intensidade. Tal fato confronta a Corrida de Orientação com o *cross-country* e com muitos outros esportes que não conseguem exigir de seus praticantes, com a mesma intensidade, o limite de suas potencialidades fisiológicas e mentais. A competição exige habilidades específicas, tais como a leitura precisa de mapas, a avaliação de distâncias, a escolha de rotas, o uso da bússola, a tomada de decisão sob pressão, bem como qualidades físicas como resistência, potência aeróbica e resistência muscular localizada. As modalidades podem variar entre orientação pedestre, *mountain bike*, orientação sobre esquis e *trail orienteering* (para portadores

de necessidades locomotoras especiais). A competição é dividida por faixas etárias, por sexo e por níveis de dificuldade, com a finalidade de tornar cada vez mais fácil a iniciação de novos adeptos. Pode ainda ser realizada em um ou mais percursos, em dias alternados ou seqüenciados, em duplas ou por equipes de revezamento, de acordo com a forma de disputa da competição. O tempo de duração da atividade é da ordem de 45 a 60 minutos para mulheres, e de 60 a 80 minutos para homens, sendo considerado vencedor aquele que completar o percurso no menor tempo, tendo passado pelos pontos previstos.

Jet Ski – Moto Aquática

VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM

Jet skiing

Invented by Kawasaki Motors of Japan in the 1970s, jet skis arrived in Brazil in 1978. The first Brazilian championship took place in 1988 in São Paulo state. Championships then happened with an average of 130 pilots and reached a maximum of 30,000 spectators in the 1990s. Brazil is a jet ski leading country

Definição Jet Ski é uma marca registrada da Kawasaki que se popularizou, passando a denominar qualquer tipo de moto-aquática. De igual forma, a prática esportiva pode ser entendida como a união do surfe com o motocross. Embora possa ser praticada em águas mais agitadas como mares e rios, os lagos e represas são mais indicados devido à maior facilidade de condução e execução das manobras. Os pilotos são habilitados pela Marinha do Brasil-Capitania dos Portos através da Carteira de Motonauta ou Arraes. A Portaria deste órgão data de 2001 e restringe a habilitação para maiores de 18 anos (menores são autorizados em competições quando acontecem em áreas restritas). As competições são realizadas em circuito fechado, em raias similares a uma pista de corrida demarcada por bóias e, para participar, os pilotos devem filiar-se à Brazilian Jet Sports Association-BJSA ou ao seu representante estadual. Existem diferentes categorias em função do tipo de embarcação considerada, de suas características físicas e técnicas, além da cilindrada do motor (ver mapa).

Origens O primeiro Jet Ski foi concebido pela Kawasaki Motors, do Japão. Após o seu desenvolvimento, já nos anos de 1980, os proprietários de motos-aquáticas decidiram promover eventos informais e, aos poucos, ganharam o apoio da própria Kawasaki. Durante aproximadamente dez anos, a empresa monopolizou o mercado. O crescimento no número de praticantes provocou a criação da International Jet Sports Boating Association -IJSBA, que passou a cuidar dos interesses das pessoas que possuíam Jet Skis e a promover as competições. Atualmente, esta entidade está sediada na Califórnia-EUA. Com a popularização do esporte e a entrada de novos fabricantes no mercado, como a Yamaha, a Polaris e a Bombardier, a IJSBA teve que liberar a participação de outras marcas. Pode-se creditar o crescimento deste esporte ao forte investimento da indústria que, através do desenvolvimento de protótipos exclusivos para os eventos, acabaram contratando pilotos para testes e promoções e, conseqüentemente, estimulando a prática.

1978 Em 1978, os equipamentos de jet ski começaram a chegar no Brasil, mas somente em 1988 iniciam-se as competições. O primeiro campeonato brasileiro foi realizado no estado de São Paulo.

1987 Fundação da *Personal Watercraft Industry Association*-PWIA, EUA, tendo como objetivo organizar a prática da modalidade e promover o desenvolvimento sustentável da produção de jet ski, aliando a indústria à demanda dos consumidores. São membros desta entidade a Motor American Co. De Honda, Inc ., Produtos Recreacionais do Bombardier , Kawasaki Motores Corp., EUA ., e Yamaha Motor Corp., EUA.

1988 Realização do Primeiro Campeonato Brasileiro de Jet Ski, conduzido em 3 etapas na Ilha Bela, em Caraguatatuba e no Guarujá-SP. O evento contou com a participação de 40 pilotos.

1989 O paulista Marcelo Brandão muda-se para Florianópolis-SC e leva o jet ski para aquele estado. O interesse despertado na população local o faz fundar a Pró Náutica Jet Ski, uma das empresas pioneiras no ramo de revenda e assistência técnica ao jet ski do país.

1990-1994 Este período registra o crescimento agressivo do número de competidores nos campeonatos brasileiros chegando

today due to favorable international results that include a gold medal in a world championship. The Associação Brasileira de Jet Ski (Brazilian Jet Skiing Association–BJSA) has 3,500 registered athletes, including 450 licensed for the 2003 competitions. Camille Rangel, the only Brazilian female jet ski

a contar com 250 pilotos por etapa. No período de 1991, o estado de Santa Catarina dá início aos campeonatos estaduais, organizados pela Pró Náutica. Em 1992, praticantes de São Paulo que já organizavam torneios e eventos criam a Associação Brasileira de Jet Ski-BJSA. Além de oferecer apoio a associações estaduais filiadas, esta entidade organiza o Campeonato Paulista e o Campeonato Brasileiro, que serve, inclusive, de ranking para o Campeonato Mundial, realizado todos os anos nos EUA. A partir de 1994, a média de competidores estabiliza-se em torno de cento e trinta.

1999 A Pró Náutica inicia a organização da Copa Jet Waves, evento que passou a integrar o calendário anual. Nesta modalidade, existem atualmente 3 eventos de grande porte no mundo: o *Wave Bash*, na Califórnia, restrito a participação dos americanos; o *Jet Extreme*, na França, restrito ao continente europeu, e o *Jet Waves*, no Brasil, aberto a qualquer piloto do mundo e, por isso, está sendo considerado, por todos os praticantes, como a Copa do Mundo.

2000 Neste período, Camille Rangel, a única mulher competidora no Brasil e no mundo, conquista os títulos de campeã brasileira, americana e mundial de Jet Ski. Em Chicago, Paulo Ernesto Zamproga vence a última etapa do Campeonato Norte-Americano, na categoria *sky limited* e registra seu primeiro título internacional.

2001 A Praia do Centro, em Araruama-RJ, que possui o maior espelho de água salgada do mundo, sedia a IIª Etapa do 14º Campeonato Brasileiro, prova seletiva para o Campeonato Mundial de Lake Havasu no Arizona-EUA. O evento contou com um show de manobras produzidos pelos pilotos Lorenzo Zaluski, Paulo Zamproga, Amílcar Ribeiro, Reinaldo Cangueiro, Alain Bores, Thiago Pimentel Ribeiro, Douglas Carvalho, Alessandro Lenzi, Salvador Tominati, Camille Rangel e Maristela, únicas representantes do sexo feminino. A equipe brasileira conquista, pelo terceiro ano consecutivo, o segundo lugar no ranking das nações, no Campeonato Mundial de Jet Ski, em Lake Havasu, no Arizona-EUA. Lorenzo Zalusk destaca-se com dois títulos, e Alessandro Lenzi vence na categoria Freestyle Profissional. Lenzi registra o primeiro título de campeão mundial de jet-ski nesta categoria além de vice-campeão norte-americano e campeão brasileiro. Paulínea-SP sedia a 4ª etapa do Campeonato Brasileiro de Jet ski- Free Style.

2002 Na terceira etapa do Campeonato Brasileiro realizada em Boa Esperança-MG, 10.000 pessoas assistiram à competição. Célio Vinícius vence o mundial na categoria Pro-Am Sport Superstock. Fernando Beauty, detentor de vários títulos, é o primeiro piloto de Free Style do Brasil a ter o patrocínio da Riva Yamaha, dos Estados Unidos. Na Praia do Mole-SC, acontece a 4ª Jet Waves Floripa Cup, homologado oficialmente pela *Free Ride Watercraft Association*-FWA. Atualmente, esta modalidade vem se destacando entre os praticantes, pela ousadia das manobras. No Boat Show deste ano, realizado em São Paulo, a modalidade de esporte contou com uma área exclusiva dedicada ao Museu do Jet, onde o público pode ver de perto a evolução dos diversos modelos, incluindo os mais atuais em lançamento, os de motores 4 tempos que deverão revolucionar o mercado.

pilot, won the Brazilian, the American and the world championships in 2000. Women represent only 3% of all athletes and do not compete in differentiated categories. The BJSA reports today approximately 70,000 watercrafts in Brazil used for leisure.

2003 A convite do Rei Mohamed VI, também praticante do esporte de jet ski, Alessandro Lenzi e João Kairalla se apresentam na cidade de Rabat-Marrocos, onde mais de 10 mil pessoas assistem aos shows de manobras durante mais de uma hora.

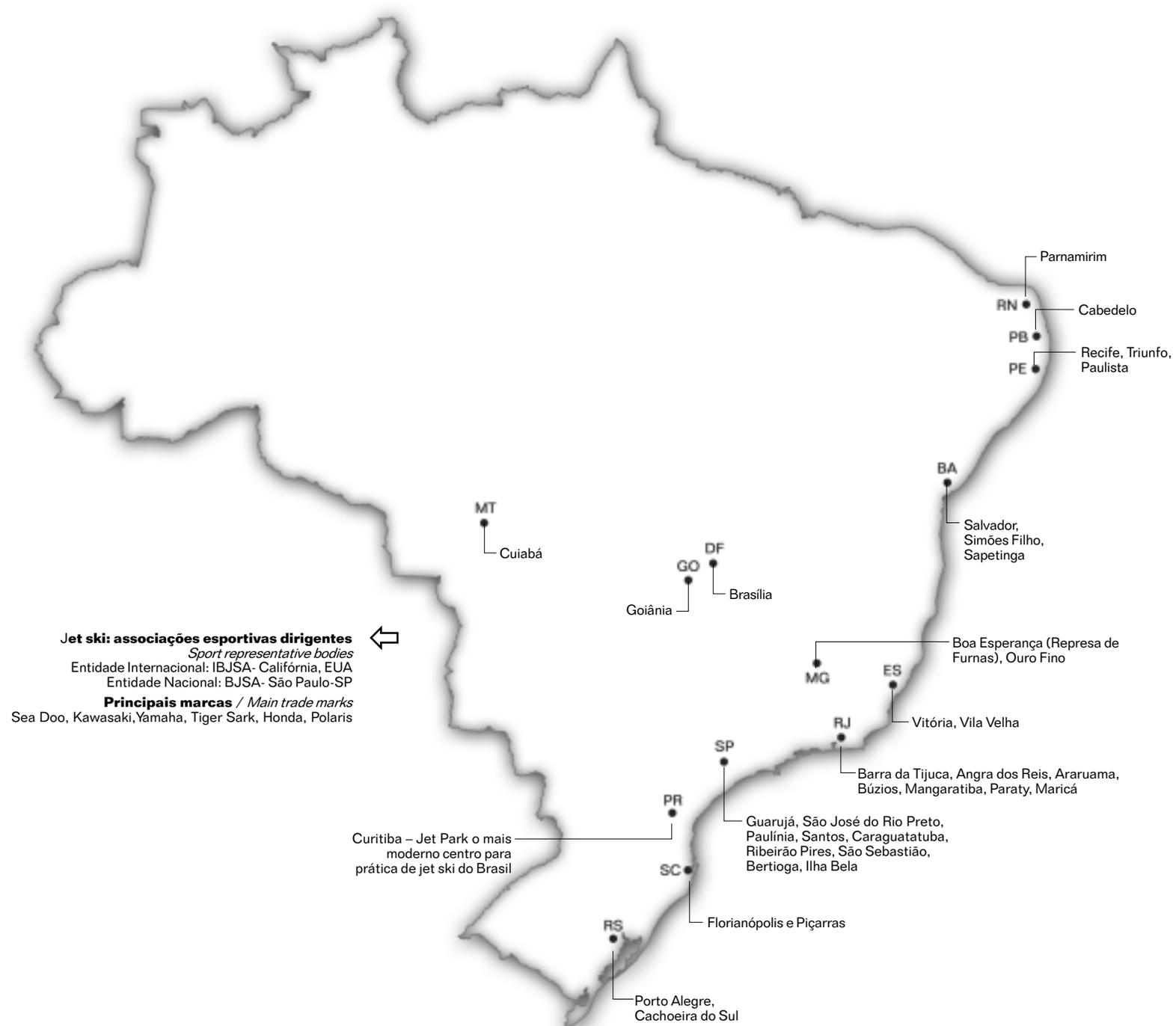
Alessander Lenzi é o primeiro e único piloto brasileiro campeão mundial na categoria *freestyle* e continua invicto no campeonato mundial. Neste ano, venceu a segunda etapa do Circuito Europeu e a etapa de abertura da Euro Disney, em Paris-FR. Lorenzo Zaluski conquista, invicto, em Boa Esperança-MG, o sexto título brasileiro na categoria *ski superstock*. Célio Vinícius ratifica sua grande fase com o bicampeonato, na categoria Runabout 1200 Superstock, no Toyota Jet Ski Tour, realizado em Boa Esperança-MG. Esta categoria é considerada a Fórmula número um do jet ski e atrai um público na ordem de 30.000 pessoas. Em Curitiba-PR, ocorre a primeira etapa do *X Freestyle International Cup*. No balneário de Camboriú-SC nasce o movimento do grupo Tribo das Águas, integrado por empresários da região. O objetivo do movimento é mudar a imagem negativa do jet ski como poluente das águas mostrando situações em que o jet ski pode beneficiar o meio ambiente. No Dia Mundial de Limpeza das Águas, o grupo fez retirar uma tonelada de lixo, em apenas 100m de margens do rio Camboriú. Ainda no mesmo período, Célio Vinícius conquista o 4º título no 22º mundial dos EUA-Arizona.

Situação Atual A Associação Internacional de Jet Ski- IJSBA conta atualmente com 45 países filiados e aproximadamente 600 mil pessoas licenciadas. Atualmente, a BJSA tem 3.500 atletas cadastrados, sendo 450 licenciados para as competições de 2003. Representando apenas 3% deste público, as mulheres ainda não contam com categorias diferenciadas. A entidade ressalta que, no Brasil, existem aproximadamente 70.000 equipamentos de jet ski utilizados como prática de lazer. Dentre os vários eventos de grande porte, o Campeonato Mundial-World Finals, realizado anualmente na cidade de Lake Havasu, no Arizona-EUA, reúne em média 1.100 pilotos de 40 países e o Brasil já se destaca como potência internacional. Até hoje, foram realizadas 16 etapas do Campeonato Brasileiro. O Campeonato Paulista, aberto à participação de pilotos de todo o Brasil, mantém em média 5 etapas anuais. Este é o segundo evento nacional de maior porte. Segundo Marcelo Brandão, presidente da Federação Catarinense de Jet Ski e organizador do Jet Waves, a última edição deste evento envolveu um público na ordem de 10.000 pessoas, 40 pilotos, sendo 25 estrangeiros e gerou mais de R\$5 milhões em mídia . Dados da BJSA apontam ainda para a presença de cerca de 5.000 equipamentos de jet ski durante o verão de Santa Catarina. Joicimar Aviz (Dentinho), proprietário da marina de moto aquática no Balneários de Camboriú-SC, ressalta que somente neste estado, sua marina abriga aproximadamente 2.500 equipamentos, além de 40% de embarcações de outras localidades do Brasil.

Fontes Associação Brasileira de Jet Ski – BJSA; www.360graus.com.br; www.sportweb.com.br; www.riolagos.com.br; www.jetski.com.br; www.molejetski.com.br; www.uol.com.br/lenzi; www.inema.com.br; www.jetwaves.com.br; www.fbeauty.com.br; www.revistanauticaonline.com.br; www.fbeauty.com.br; www.pwia.org;www.pronautica.com.br;www.bydente.com.br

Principais locais de prática de jet ski no Brasil, 2003

Main locations for jet skiing in Brazil, 2003



Jet ski: associações esportivas dirigentes
Sport representative bodies
Entidade Internacional: IBJSA- Califórnia, EUA
Entidade Nacional: BJSA- São Paulo-SP

Principais marcas / Main trade marks
Sea Doo, Kawasaki, Yamaha, Tiger Sark, Honda, Polaris

Categorias de Jetski segundo as cilindradas do motor

Jet skiing classes according to motor power capacity

Divisão Ski – Ski Stock, Ski Limited, Ski Superstock; *Divisão Sport* – Sport Stock Sport Limited e Sport Superstock; *Divisão Runabout* – Runabout 800/1200 Stock, Runabout 800 Limited, Runabout 800/1200 Superstock; *Freestyle* (estilo livre) – estreante e experts; *Slalon* (prova com relógio) e *Endurance*, prova de longa duração.

Mergulho – Pesca Subaquática

VALÉRIA BITENCOURT, SIMONE AMORIM E CLÉCIO MAYRINK

Diving – Underwater fishing

Diving is an underwater sport done in seas, rivers, lakes, caves, wreckage, and pools. Diving techniques are also used for underwater fishing, archeological exploration, photography and even tourism. Among the many international institutions that promote diving in the world, the World Underwater Federation (Confédération Mondiale des Activités Subaquatiques-CMAS) manages diving competitions internationally, while the Confederação Brasileira de Pesca e Desportos Subaquáticos (Brazilian Fishing and Underwater Sports Confederation - CBPDSA) manages underwater sports in

Definições e origens O mergulho é o esporte subaquático praticado em águas oceânicas e interiores – rios, lagoas, cavernas, naufrágios e piscina. Sua técnica também é utilizada para a prática da pesca subaquática, exploração arqueológica, fotografia e até mesmo o turismo. Segundo os especialistas, estas atividades não oferecem risco, desde que sejam seguidas as normas técnicas de segurança que incluem, cursos de habilitação ministrados por instrutores e escolas/operadoras credenciadas, conhecimento e utilização correta dos equipamentos, condicionamento físico e respeito ao meio-ambiente. Ainda como regra geral, é preciso respeitar os limites e, mesmo com a devida habilitação, só é permitida a prática do mergulho em dupla (no mínimo um parceiro). Dentro de uma gama de entidades internacionais que promovem o mergulho no mundo, o esporte competição é administrado internacionalmente pela Confederação Mundial das Atividades Subaquáticas-CMAS, e no Brasil, pela Confederação Brasileira de Pesca e Desportos Subaquáticos-CBPDS.

Modalidades Mergulho livre – praticado em apnéia (suspensão temporária da respiração); Mergulho autônomo – praticado com auxílio de equipamentos específicos que permitem a respiração submersa; Mergulho Recreacional – atividade de lazer; Mergulho Técnico – exige maior especialização para atividades mais profundas, sendo utilizado nos mergulhos em cavernas e naufrágios. Mergulho Profissional – destinado à formação de mão de obra especializada, utilizada na construção, manutenção e reparo de pontes, navios, cais, hidrelétricas, pesquisas, exploração de petróleo, entre outros. Para ingressar neste mercado de trabalho os cursos devem ser reconhecidos pela Marinha do Brasil.

Equipamentos Máscara, snorkel, nadadeira e cinto de lastro (mergulho livre). Para o mergulho autônomo, acrescenta-se: roupa isotérmica (neoprene), cilindro de ar comprimido, colete equilibrador, regulador, relógio, profundímetro, manômetro, computador, faca e lanterna e, para o mergulho técnico- roupa seca, cilindro duplo e cilindros extras com outras misturas gasosas, colete asa, computador técnico, lanterna HID.

Pesca Subaquática Unindo as técnicas avançadas de mergulho livre/apnéia, utiliza-se um arbalete (arma a base de elásticos) ou uma arma pneumática (a base de ar comprimido) para capturar peixes e animais marinhos permitidos pela legislação em vigor – IBAMA/Brasil. Quando os navegadores europeus chegaram à Polinésia encontraram rústicos equipamentos sendo utilizados como máscaras de bambus e cascos de tartarugas e nadadeiras de palha traçada. Em 1936, esses equipamentos foram exibidos em Paris e aperfeiçoados ao longo dos tempos. O Brasil destaca-se como potência no esporte, conquistando vários títulos internacionais por equipes e recordes individuais. Inicialmente era denominada “caça submarina”. Com o desenvolvimento ao nível mundial, passou a ser praticada também em águas interiores (água doce). A partir de 1997, a CMAS passa a denominar esta prática como pesca subaquática. As modalidades deste esporte são: Caça em Toca; Caça ao Buraco; Caça nas Algas; Caça na Praia; Caça com Caiaque; Caça na Espuma; Caça na Água Turva; Caça à Índio; Caça à Espera; Caça à Boleia e Folha Morta.

Há muitas versões sobre o surgimento do mergulho, mas de certo sua origem é milenar. Inicialmente os mergulhadores não dispunham de qualquer tipo de equipamento, sendo cogitada apenas a utilização de pedras para imergir com maior velocidade. Sem este auxílio, contava-se apenas com a capacidade pulmonar

Brazil. The Associação Brasileira de Caça Submarina (Brazilian Underwater Hunting Association - ABCS), created in the 1950s, was the very first institution to manage underwater sports in Brazil. According to CBPDS, 15,000 certifications for new participants are issued every year and in 2003 there were around 150,000 participants in diving and underwater fishing in Brazil. As a national institution, CBPDS has 22 state federations and organizes and/or supports 150 yearly sports competitions. The International Association for the Development of Freediving (Association

de armazenamento de ar para a permanência submersa, ou como hoje se define, com o mergulho livre (apnéia). Na Coréia e no Japão, por volta do ano 4500 a.C., registra-se o cunho comercial realizado por mergulhadoras especialistas em coletar pérolas, conchas e esponjas que tiveram grande destaque nesta atividade. Já indicando a tentativa de capacitar o homem a novas descobertas, gravuras de 900 a.C demonstram que guerreiros assírios utilizavam sacos de couro para tal finalidade e há indícios de que Alexandre “O Grande” tenha mergulhado com uma câmara submersível para observar a vida marinha, além de utilizar mergulhadores em suas ações militares. Na Segunda Guerra Mundial, os apneistas desenvolviam também a função de localizar minas e instalar explosivos nos navios de guerra, sem chamar a atenção dos inimigos. A prática esportiva começa a tomar forma em 1911, tendo como pioneiro Giorghios Haggi Statti. Com objetivo de conseguir financiamento e permissão para pescar utilizando dinamite, Statti se oferece à Marinha Italiana para resgatar a âncora do navio Regina Marguerita, a 77 metros de profundidade. Utilizando uma pedra de 50kg, abandonada no fundo do mar, executou o serviço de resgate da âncora que retornou a superfície amarrada por uma corda, puxada pela tripulação do navio. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, Raimondo Bucher, capitão da força aérea italiana, utilizou uma máscara, snorkel (tubos de respiração) e nadadeiras e desceu 30 metros em apnéia, fixando um bilhete para comprovação do feito. Como grande impulso a popularização do mergulho no mundo, o oceanógrafo francês Jacques Cousteau (falecido em 1997), perpetuou o estudo da vida marinha através de variadas expedições, bibliográficas, filmes, programas de TV que ilustram sua vida e obra. Recheada de grandes feitos, pode-se creditar o sucesso da prática esportiva ao constante investimento em pesquisas nas áreas tecnológicas e biomédicas que possibilitaram maior segurança ao mergulho no universo subaquático.

No Brasil , à época do descobrimento, os índios já utilizavam as técnicas de mergulho para a pesca de subsistência. Mas, foi no final da década de 1940 que alguns pilotos da antiga empresa de aviação PANAIR, João José Bracony e Paulo Lefevre, juntamente com André Semamá e Jean Manzoni, começaram a trazer equipamentos de mergulho excedentes de guerra na Europa, contribuindo simultaneamente para o incremento da caça submarina. Inicialmente a possibilidade de utilização destes equipamentos era reduzida e de alto custo. Com a fundação da Associação Brasileira de Caça Submarina-ABCS, na década de 1950, inicia-se o processo de regulamentação do esporte. Durante muitos anos a Marinha do Brasil investiu no desenvolvimento de cursos de mergulho, sendo responsável pela formação de grande parte dos instrutores. Na década de 1970, os equipamentos começam a chegar em maior quantidade no território nacional e com a ampliação das escolas e operadoras de mergulho, o esporte inicia sua curva de crescimento.

1531 Leonardo DaVinci desenha mergulhadores equipados com nadadeiras, capacetes, máscaras e respiradores, mas não existem provas de que estes acessórios tenham sido construídos. Guglielmo de Lorena projetou o primeiro sino de mergulho moderno.

1690 O astrônomo Edmundo Halley consegue patentear o sino de mergulho e demonstra no rio Tâmisia – Inglaterra, a aplicação prática da conexão com mangueira e barris de ar lastreados com possibilidade de renovação do ar na superfície.

Internationale pour le Développement de L'Apnée - AIDA), founded in 1992, has representatives in 10 countries, including Brazil, with 115 registered diving schools. While Brazilian championships of freediving include approximately 20 participants, the international championships include 150 divers from 30 countries. The prominent position Brazil has as a leading country today in underwater sports can be accounted for by its important industry of diving and underwater fishing equipment, the number of scientific associations and the publication of technical periodicals devoted to both sports.

1715 O inglês John Lethbridge constrói um “engenho de mergulho”: um barril de madeira de ar-comprimido pela superfície.

1819-1839 Augustus Siebe inventa e aperfeiçoa o escafandro (roupa fechada equipada com válvula de entrada e saída de ar). Este equipamento tornou as investidas no mundo sub- aquático mais viáveis e sofreu poucas alterações durante aquele século.

1866 O francês Benoist Rouquayrol desenvolve o Scuba (*Self-Contained Underwater Breathing Apparatus*), ainda sem um suprimento de ar de alta pressão.

1925/1934 As invenções dos equipamentos básicos como máscaras, nadadeiras e snorkel auxiliam a permanência do mergulhador no fundo do mar. O comandante Yves Le Prieur combina um cilindro de ar comprimido com uma válvula manual, possibilitando alguns minutos de submersão. Promove várias demonstrações na França e funda o primeiro clube de mergulho organizado. A caça submarina começa a atrair a atenção de praticantes na Europa.

1937 O jornalista americano e caçador submarino Guy Gilpatric em conjunto com Han Hass promovem grandes contribuições para o esporte. Até 1962, esta dupla, produz livros, filmes e ajudam a criar a primeira câmera submarina com flash – a rolleimarin.

Década de 1940 Adequando as várias tentativas anteriores como as de Rouquayol, LePrieur e Fleuss, Jacques Cousteau e Émile Gagnan criam o aqualung, também conhecido como scuba. Comprovado com o bom desempenho no rio Marne, França, este equipamento, que permitiu a respiração embaixo da água, ganha valor comercial após a Segunda Guerra Mundial. Considerado a maior revolução histórica dos esportes sub- aquáticos, o aqualung tem auxiliado os estudos também de cientistas, biólogos, geólogos e arqueólogos, principalmente na prospecção de petróleo, sendo atualmente comercializado em todo o mundo.

1950 Fundação da *Professional Diving Instructors Corporation*-PDIC, uma das primeiras entidades certificadoras de mergulho autônomo do mundo e membro fundador da *Recreational Scuba Training Council*-RSTC.

1952 Fundação da Associação Brasileira de Caça Submarina-ABCS, no RJ. A partir de 1954 iniciam-se os Campeonatos Brasileiros de Caça Submarina.

1958 -1959 Fundação da *Confédération Mondiale des Activités Subaquatiques*-CMAS em Mônaco, tendo como primeiro presidente o Comandante J.Y. Cousteau. Assim, oficializa-se a prática do mergulho livre como esporte competição no mundo, que antes era organizada pelo Comitê de Esportes Subaquáticos da Confederação Internacional de Pesca Esportiva (1952). A ABCS promove o Campeonato Internacional de Caça Submarina em Angra dos Reis–RJ. Primeiro campeonato mundial de caça submarina em Sezimbra-Portugal, O Brasil participa desta competição, ficando em terceiro lugar por equipes.

Década de 1950 Começa a despontar a indústria brasileira do mergulho, tendo como pioneiras a Atlântida, a Menrod do Brasil e a Orca. Com o auxílio dos meios de comunicação, o esporte desperta maior interesse nacional. Luis Pini, registra em Fernando de Noronha e atol das Rocas o pioneirismo na foto submarina brasileira. A pesca sub chega a Florianópolis–SC, tendo por

Antonio Julio da Silva, George Wildi, Joel Moura e Hugo de Souza. Estima-se, neste período a fundação de 15 clubes de caça submarina no Brasil.

1960 Bruno Hermann conquista o título individual máximo na caça submarina na ilha de Ustica, Sicília, feito que repetiu em 1963 no Rio de Janeiro, tornando-se o primeiro bi campeão mundial.

1964 Américo Santarelli, apneísta recordista mundial, inicia no ramo empresarial com a fundação da empresa Cobra Sub-RJ. Na década de 1970, inova com o estaleiro Cobra Náutica, que é o abriga maior quantidade de barcos do Brasil, tendo também clientes dos EUA, Canadá, América do Sul, Europa e África.

Década de 1960 Jacques Cousteau produz a série americana "O Mundo Submarino de Jacques" (1968-1976). Nesta década surgiram destacados apneístas como o italiano Enzo Majorca, o brasileiro Américo Santarelli, o polinésio Tetake Williams, o francês Jacques Mayol e o norte-americano Robert Croft.

1973 Fundação do Clube Barracuda de Desportos-CBD, na Urca-RJ, um dos mais tradicionais clubes do Brasil e celeiro de grandes atletas dos esportes subaquáticos. Criação da entidade de pesquisa e proteção ambiental Cousteau Society, na França.

1975 A equipe brasileira de caça submarina formada por Conrado Malta, Paulo Freitas (Turiba) e Gelson Francisco da Costa (Gandola) vence o mundial no Peru.

1980 Fundação da Confederação Brasileira de Pesca e Desportos Subaquáticos-CBPDS, no Rio de Janeiro, que passa a estruturar o Sistema Brasileiro de Ensino de Mergulho, dentro das normas internacionais da CMAS e Marinha do Brasil. Eduardo Paim Bracony é o primeiro a obter o grau máximo de instrutor internacional, o brevet CMAS n.º M3-00001. Fundação nos EUA da *Divers Alert Network*-DAN (Rede de Alerta de Mergulhadores) órgão que controla acidentes de mergulho em âmbito mundial.

1982 Lançamento da Revista "Mergulhar: A Descoberta do Mar".

1983 Lawrence Wahba inicia uma carreira de sucesso aos 14 anos. Atualmente Lawrence contabiliza mais de 350 matérias para TV, 3 mil mergulhos em mais de 26 países, dentre eles mergulhos com as baleias franca, crocodilos e tubarões. Fundação da Sociedade Brasileira de Medicina Hiperbárica-SBMH em SP, atualmente com serviço especializado nos estados do RJ, SP, CE, RN, RS e PR totalizando 23 estabelecimentos.

1986 A empresa Leomar inicia suas atividade como fabricante de roupa de mergulho sob medida. Em 1987, participa do Salão Náutico de São Paulo como a única representante da indústria do mergulho na exposição.

1987 O mergulhador Luciano Moreira de Souza Filho é eleito pelo COB atleta do ano na pesca sub. Em 1994, este atleta recebe a mesma homenagem do COI e, em 2002 lança o livro "As aventuras de um Pescador Sub".

1988 Jacques Mayol, (chinês), coordenou as filmagens subaquáticas do filme "Imensidão Azul", de Luc Besson, que ajudou a popularizar a prática do mergulho em todo o mundo.

1989 A Marinha do Brasil e a Petrobrás firmam convênio e inauguram, na Ilha do Mocanguê-RJ, o maior Centro Hiperbárico da América Latina. Marcus Werneck, instrutor e especialista em cavernas, funda a PDCI Brasil no RJ, atualmente representada em vários estados brasileiros.

1990 Fernando Kuromoto vence o Campeonato Brasileiro e Mundialito de fotosub. Fundação da Confederação Brasileira de Caça Submarina-CBCS no RJ.

1992-1993 O apneísta Claude Capius funda a Associação Internacional para o Desenvolvimento da Apnéia-AIDA, na França. Celebração mundial do 50º aniversário da invenção do mergulho scuba moderno. Neste ano, são certificados 515 mil

novos mergulhadores no mundo. Eduardo Paim Bracony entra para o Guinness Book (nove vezes recordista mundial de pesca subaquática). Criação do Instituto de Biologia Marinha e Mergulho-IBIMM em SP.

1995 A Revista Náutica lança, como edição especial, a Revista Mergulho, referência no segmento da mídia segmentada.

1996 Fundação da Sociedade Brasileira de Mergulho Adaptado –SBMA, no RJ. Clóvis Dutra, um dos pioneiros da pesca subaquática cria a empresa Real Dive-RJ.

1997 A Copa do Brasil de Fotosub, válida como Campeonato Brasileiro de 1997/1998 é realizada no Salão Náutico Internacional do Rio de Janeiro e marca o pioneirismo com o primeiro concurso da história do esporte nacional a ser decidido com voto popular eletrônico. O Brasil é vice-campeão do Sul Americano no Chile e conquista o direito de representar o continente Americano no Campeonato Mundial de Pesca Sub na Croácia, em 1998.

1998 Realização do Primeiro Encontro Nacional de Mergulho Adaptado, em Arraial do Cabo –RJ. Durante este evento a Profa. Lúcia Sodré assume o posto de Diretora de Cursos e a SBMA passa a ser referenciada como Centro Internacional de Treinamento.

1999 Arraial do Cabo sedia grandes eventos: o Campeonato das Américas de Pesca Sub, paralelo ao Sul Americano, no qual o Brasil conquista o título de campeão individual e por equipes; e a Semana Internacional de Mergulho, promovida pela CBPDS e CONSUASA (atualmente denominada COPAS, isto é Confederação Pan-Americana de Atividades Subaquáticas). Delmar Soares Corrêa, conquista o penta-campeonato de foto sub. Lançamento do portal da internet Brasil Mergulho, centro de informações com mais de 3 mil páginas.

2000 A AIDA passa a operar também no Brasil, com sede em Florianópolis-SC, sob a vice-presidência da campeã e recordista mundial da modalidade, Karoline Meyer. A Universidade Federal do Paraná inicia o curso Ciências do Mar.

2001 Em Ubatuba-SP, realiza-se uma etapa do evento internacional *Clean Up*, que acontece anualmente em várias partes do mundo com o objetivo de promover ações sociais de limpeza de praias, mares e oceanos, envolvendo este ano 220 mergulhadores. Carlos Secchin, fotógrafo, mergulhador e ambientalista, lança o livro Narcosis (euforia que acomete o mergulhador em grandes profundidades). Escrito entre 1976 e 1999 este livro, dentre outras obras de Secchin ressalta seus 35 anos de mergulho nos mares do Brasil.

2002 O 23.º Campeonato Mundial de Pesca Subaquática, realizado na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo-RJ contou com a participação de 19 países. Eduardo Bracony recebe do presidente da CMAS, M. Achille Ferrero, a medalha de mérito esportivo mundial. Realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Medicina Hiperbárica, em Salvador.

2003 Inauguração do laboratório experimental com o mais profundo tanque oceânico do mundo (23 milhões de litros de água) no Parque Tecnológico da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Lawrence Wahba é premiado no Festival Mundial de Imagens Submarinas, com um documentário sobre Golfinhos Rotadores. O instrutor de mergulho e cinegrafista Emílio Rodrigues (Zagaia) participa do Reality Show Big Brother Brasil – TV Globo e, com isso, auxilia simultaneamente a divulgação da prática do mergulho. Lançamento da revista Deco Stop (MG), primeira publicação especializada em mergulho técnico do Brasil.

Situação atual Segundo o presidente da CBPDS, Eduardo Bracony, a ordem de grandeza do mergulho e da pesca inclui cerca de 150 mil praticantes de mergulho e pesca no Brasil. No fomento ao esporte competição, esta entidade promove e/ou apóia 150 eventos anuais, contando com 22 federações estaduais. Visando a fornecer o suporte administrativo às entidades filiadas, além de disponibilizar informações online, a CBPDS é pioneira no lançamento no CD ROM sobre o ensino do mergulho,

pesca e turismo-sub, editado em português, francês, inglês, espanhol e italiano.

No nível mundial, a CMAS administra 14 mil clubes, 108 federações e 4.5 milhões de mergulhadores. A PDIC, indica a ordem de 5 milhões de mergulhadores amadores em atividade, com tendência de crescimento. A AIDA Internacional está representada em mais de 10 países. No Brasil, esta entidade conta com 110 sócios e 115 escolas de mergulho regulamentadas e os campeonatos nacionais contam com aproximadamente 20 participantes e os internacionais com 150 mergulhadores de 30 países. A *Scuba Schools International*-SSI, possui mais de 1.900 centros autorizados em 90 países. Destes, o Brasil conta com 9 representantes distribuídos nos estados BA, DF, SC, SP. As estimativas deste segmento esportivo no Brasil, apontam que 65 mil aficionados praticam o mergulho pelo menos 12 vezes/ano, gerando 15 mil novos a cada ano. No ramo da pesquisa e desenvolvimento, o objetivo principal da DAN é trabalhar a segurança dos mergulhadores aliando esforços de investigação nas áreas de saúde. Para isso conta com 200 mil membros em todo o mundo.

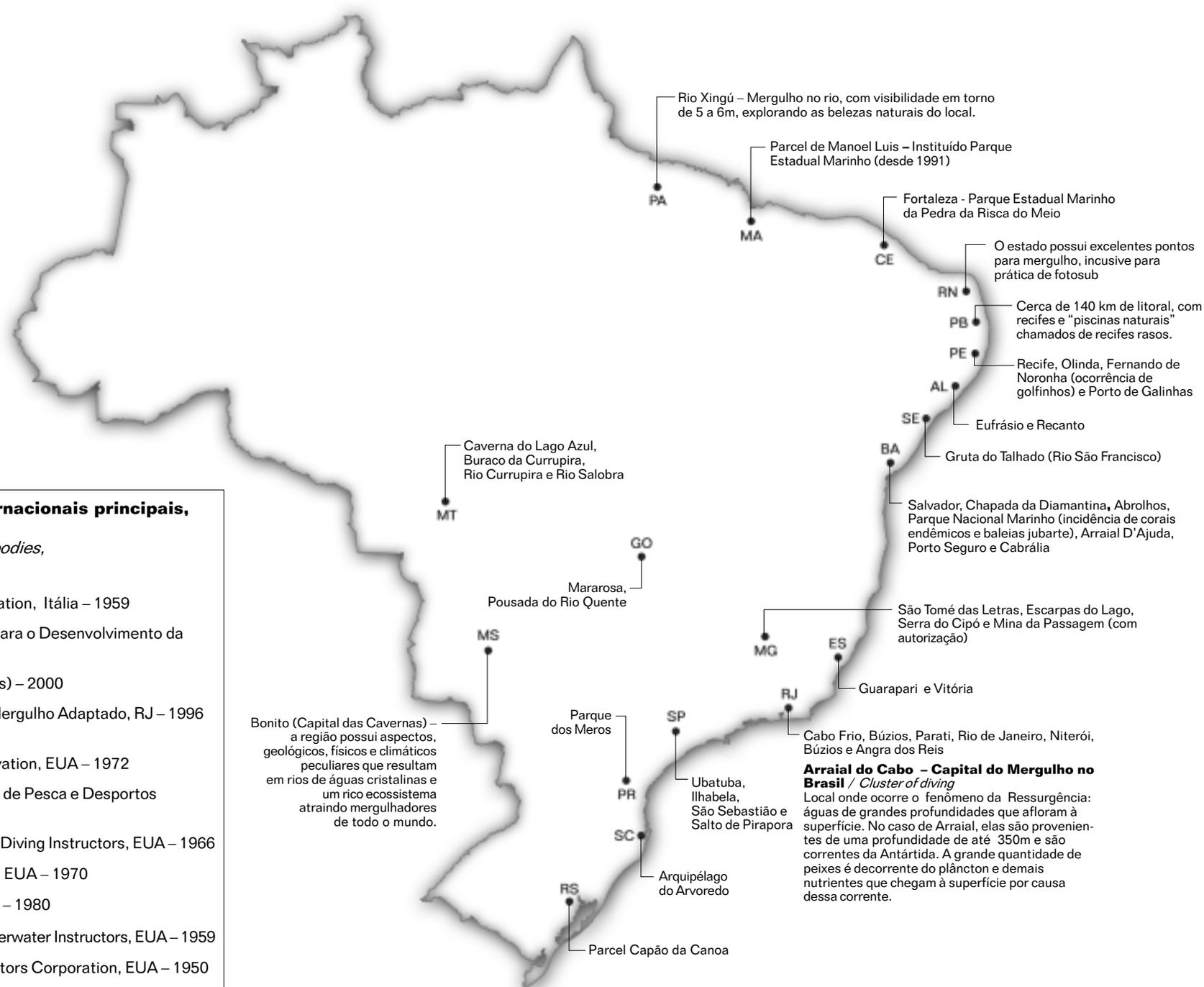
Considerado o segundo maior mercado de equipamentos do mundo, a indústria nacional movimenta na ordem de R\$ 11 milhões neste item. Abastecendo o mercado interno, além de várias outras empresas, destacam-se, no ramo de roupas isotérmicas, o pólo industrial de Garopaba-SC, sede das empresas Mormaii, maior fabricante de wetsuits, que gera 150 postos de trabalho, uma rede de 21 lojas franqueadas e 30 fabricantes licenciados e a Neoprene Brasil, pioneira na produção de chapas de neoprene na América Latina. Para habilitar mergulhadores em todos os níveis, estima-se que existam 500 escolas/operadoras filiadas as principais certificadoras internacionais, que ministram cursos de habilitação, promovem eventos e estimulam o turismo interno e externo.

No crescente segmento do ecoturismo, o mergulho abastece a economia nacional com a movimentação de R\$ 26 milhões/ano, sendo destes, R\$ 3 milhões circulam em Fernando de Noronha. Fortalecido também no esporte de inclusão, segundo a Profa. Lúcia Sodré, a SMA, além da capacitação do mergulho adaptado, promove centros itinerantes de reabilitação em universidades e escolas. Desde a sua fundação, já formou 50 mergulhadores distribuídos nos estados de RJ, SP, SC, BA e PR, mas ressalta cerca de 300 pessoas já tiveram contato com esta prática nos batismos realizados em piscinas. Segundo a Federação Brasileira das Empresas de Mergulho Recreativo-FBEM, são certificados 15 mil novos praticantes por ano e apenas no turismo dedicado ao esporte, os amantes do fundo do mar gastam R\$ 26 milhões no país anualmente. Para divulgar o esporte, além das revistas especializadas e bibliografias disponíveis, é na internet que se hospedam os 129 mil sites com todo o tipo de informação (sistema de busca google/páginas Brasil). A revista Mergulho, aponta o perfil de público predominante : Faixa etária: 21 a 40 anos – Classe Social: A/B Sexo: Masculino:84% (fonte: Revista Mergulho/leitor – Tiragem média: 40.000 exemplares. Distribuição: Sudeste 75,6%; Nordeste 12,1%; Norte 1,5%; Centro Oeste 3,7% e Sul 7,1%.)

Fontes PDIC Brasil; Revista Pequenas Empresas & Grandes Negócios(03.08.03); CBPDS – Confederação Brasileira de Pesca e Desportos Subaquáticos (www.cbpds.com.br); Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda; Lúcia Sodré (SBMA), Escola de Mergulho Vic-Sub/RJ; World Underwater Federation – CMAS; Revista Veja 07/08/02; Revista Mergulho; www.brasilmergulho.com.br; www.divein.com.br; www.aidabrasil.com.br; www.revistanauticaonline.com.br; www.webventure.com.br; www.360graus.com.br; www.karolmeyer.com; www.mergulhomania.com.br; www.leomar.com.br; www.esportes.terra.com.br; www.empresario.com.br; www.mergulho.com.br; www.oceanus.tur.br; www.rioradical.com.br; www.nsscds.com; www.ssila.com; www.nau.com.br; www.pdic.com.br; www.mergulhe.com.br; www.ocean.com.br; www.diversalertnetwork.org; www.ibimm.com.br; www.cttmar.univali.br; www.barracuda.com.br; www.pescasub.com.br; www.techdiving.com.br/biblioteca;www.pdic-intl.com; O Globo – Caderno Boa Viagem 26/02/2004.

Locais selecionados para prática do mergulho por estado, 2004

Selected locations for diving practices per state, 2004



Entidades nacionais e internacionais principais, sede e ano fundação

Main national and international bodies, headquarters and start-up year

- CMAS – World Underwater Federation, Itália – 1959
- AIDA – Associação Internacional para o Desenvolvimento da Apnéia, França – 1992
- AIDA BRASIL, Brasil (Florianópolis) – 2000
- SBMA – Sociedade Brasileira de Mergulho Adaptado, RJ – 1996
- HSA Internacional, EUA – 1981
- CMC – Center for Marine Conservation, EUA – 1972
- CBPDS – Confederação Brasileira de Pesca e Desportos Subaquáticos, RJ – 1980
- PADI – Professional Association of Diving Instructors, EUA – 1966
- SSI – Scuba Schools International, EUA – 1970
- DAN – Divers Alert Network, EUA – 1980
- NAUI – National Association of Underwater Instructors, EUA – 1959
- PDIC – Professional Diving Instructors Corporation, EUA – 1950
- COPAS – Confederação Panamericana de Atividades Subaquáticas (organização itinerante), RJ
- WRSTC – World Recreation Scuba Training Council, EUA
- IDEA – International Diving Educators Association, EUA
- GUE – Global Underwater Explorers, EUA
- IANTD – International Association of Nitrox and Technical Divers, EUA
- NACD – National Association for Cave Diving, EUA – 1968
- NSS CDS – National Speleological Society /Cave Diving Section, EUA – 1941
- TDI – Technical Diving International, EUA – 1994
- ADS – Association of Diving School, Japão – 1980
- IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente, Vários Estados – 1980
- DEMA – Diving Equipment & Marketing Association, Maior feira de equipamentos de mergulho do mundo (EUA)
- Salão Náutico – setor equipamentos de mergulho, SP e RJ

Bonito (Capital das Cavernas) – a região possui aspectos, geológicos, físicos e climáticos peculiares que resultam em rios de águas cristalinas e um rico ecossistema atraindo mergulhadores de todo o mundo.

Arraial do Cabo – Capital do Mergulho no Brasil / Cluster of diving
Local onde ocorre o fenômeno da Ressurgência: águas de grandes profundidades que afloram à superfície. No caso de Arraial, elas são provenientes de uma profundidade de até 350m e são correntes da Antártida. A grande quantidade de peixes é decorrente do plâncton e demais nutrientes que chegam à superfície por causa dessa corrente.

Estados com Escolas e Operadoras cadastradas na CBPDS

States with schools of diving according to CBPDS

MA, PI, CE, RN, PB, PE, AL, SE, BA, MG, ES, RJ, SP, SC, RS, PR, GO, DF, MT, MS e PA.

Clubes de Mergulho / Underwater clubs – CBPDS

CE, RN, PB, PE, BA, MG, ES, RJ, SP, SC, RS, PR, DF e MT.

Estados com maior número de naufrágios / Wreckage areas

PE, BA, RJ e SP.

Motociclismo

VALÉRIA BITENCOURT, SIMONE AMORIM E JULIO CAMARGO CARONE

Motorcycling

Motorcycling can be defined as the use of motorcycles in previously established routes and/or with obstacles in different ways according to performance and skills in the following disciplines: Track racing, Motocross, Supercross, Enduro & Rallies, Leisure Motorcycling, Trial, Cross-Country, and other variations depending on the country and its motorcycling culture. Brazil is the third manufacturer of motorcycles in the world and one of the leading countries in motorcycling. The number of motorcycling clubs has grown tremendously since 1927, when the very first club was founded to the 1,400 clubs that exist

Definições e origens O uso de motocicletas em percursos medidos e/ou com obstáculos em diferentes formas de desempenho e habilidade delimitam o esporte do motociclismo cujas modalidades são: Motovelocidade; motocross; supercross; enduros; enduro de velocidade, de regularidade; trial; cross-country; mototurismo; supermotard, e outras variações, dependendo do país e de sua cultura motociclística. Estas competições são praticadas com motocicletas em circuitos fechados de asfaltados e circuitos em estradas e trilhas indoor e outdoor. Assim como os circuitos, as motos possuem características/tecnologia de produção para cada modalidade. Para manter a segurança, é obrigatório o uso de capacetes, luvas, protetores de cotovelos, de joelhos, cinto abdominal, protetor cervical, botas, além de macacões de proteção e mascaradas revestidas com malha de kevlar, que agüentam até quase 30 segundos de fogo. Um trabalho de bastidores sustenta o desenvolvimento dos pilotos e máquinas (técnicos, fabricantes e equipes patrocinadas). Devido a grande exposição dos pilotos, os esportes motociclísticos exigem muita técnica e o esforço físico é centrado nos braços, pernas, abdômen, glúteos e pescoço.

A origem do motociclismo localizou-se na França, em 1790, quando o Conde de Sivrac, cria o “celiférico”, resultado da primeira tentativa de unir duas rodas do mesmo tamanho a uma tábua de madeira, criando um veículo de sucesso entre os jovens daquela época. Em 1817, o Barão alemão Drais, aperfeiçoando a primeira invenção, instala um eixo vertical na roda dianteira permitindo que o condutor guiasse o engenho, batizado de *draisiene*, também sucesso de venda. Em 1855, trabalhando em uma oficina improvisada no quintal de sua casa em Cannstatt-Alemanha, Gottlieb Daimler, juntamente com Wilhelm Maybach criam um motor 264 cm³ (centímetros cúbicos) com 0,5 cv (meio cavalo de força potência) a 500 rpm (rotações por minuto). Denominado “carrilhão”, o motor de Daimler, era movido a gás, mas logo Maybach introduz a gasolina como combustível, porém não obteve sucesso devido ao risco de explosão, fato muito comum naquela época. Assim, estes inventores anunciaram que o carrilhão seria movido a gás e petróleo, que após alguns tentativas frustradas passou a funcionar a contento. No mesmo ano, Daimler inventa e consegue a patente do *Einspur*, um biciclo com chassis de madeira e rodas de apoio e um motor, que gerava 0,5 cv cavalos de força a 600 rpm (rotações por minuto). Testado no percurso de três km entre Cannstatt e Unterturkheim, em meia hora com uma velocidade média de 6km/h Daimler e Maybach deram por cumprida sua missão de locomover um veículo mediante o uso de motor e o motociclismo passou a seguir um curso de constante inovação. Com a invenção do motor, passou-se a investir na tentativa de adaptação ao biciclo, de fabricação prática e barata.

Embora as motos tenham chegado ao Brasil entre 1907 e 1909, eram utilizadas apenas como meio de locomoção. A partir de 1920, iniciam-se as competições esportivas no estado de São Paulo entre pilotos, mecânicos e lojistas que trabalhavam no cruzamento da Rua Barão de Limeira com a Rua General Osório, local que é conhecido até hoje como a Esquina do Veneno. Entre os precursores estavam Edgard Soares, Sylvestre Martins Paschoal, Adu Celso, Walter “Tucano” Barchi, “Jacaré”, Nivanor Bernardes, Roberto Boetcher, Moronguinho e muitos outros, com especial destaque para Edgard Soares, que adaptou um motor Ilo 2T de 98cm³ em sua bicicleta de aro 14, começando sua trajetória de vários títulos no Jardim Ipiranga, vencendo corridas na Argentina e batendo o recorde de Interlagos, que levou 17 anos para ser superado. Em 1925, nasce a primeira entidade do país na modalidade: a Federação Paulista de Motociclismo.

today. As competitions have been taking place in Brazil since the 1920s, today Brazil has been considered a prominent country in motorcycling rallies, especially because of the successful Rally Internacional dos Sertões. Its 11th edition in 2002 made it the third largest off-road competition in the world and the largest in Latin America in number of competitors: 214 vehicles among motorcycles (90), trucks, ATVs (all terrain vehicles) and expedition. This event generated more than 220 hours of reports on TV networks of 40 countries in 2001. The 78th edition of the International Six Days Enduro

1893 – 1904 A indústria de motos se desenvolve em várias partes do mundo. Em 1903, surge o ícone do motociclismo norte-americano: a Harley-Davidson. No início deste século, os veículos a motor ainda eram produzidos de forma artesanal e muitas fábricas foram fechadas nos períodos de guerra. Na França, em 1904, oficializa-se o motociclismo com a fundação da Federação Internacional de Motociclismo-FIM.

1910 A *Autocycle Union* da Inglaterra criou uma série de testes e provas extremamente difíceis (*trials*), com duração de um dia, para avaliar as motos e habilidade dos pilotos. Este evento foi batizado de *Scottish Trial*, evoluindo até se tornar o Scottish Six-Day Trial, com sistema de disputada por equipes, durante seis dias. Despertando interesse de outros países, em 1913, passa a se chamar *International Six-Day Trial*-ISDT. O objetivo da competição é vencer trechos diários de 80 a 100km, mesclando trial, enduro e motocross. Em 1976, teve a participação de 15 países e 340 inscritos, mas apenas 51 completaram a prova. Após algumas realizações as regras foram mudando até 1981, quando passou para International Six-Day Enduro – ISDE. Em 2003, o Brasil sedia pela primeira vez em um país fora da Europa, a 78ª edição deste evento em Fortaleza, promovido pela FIM e a Confederação Brasileira de Motociclismo-CBM, com a participação de 450 pilotos de 30 países. O Brasil começou a participar deste evento em 1997.

1913 A França realiza o primeiro Grande Prêmio, porém os campeonatos mundiais compostos por várias etapas (Grand Prix – GPs) só foram oficializados em 1949, na Europa.

1920 O motocross (provas em circuito fora de estrada, com obstáculos naturais) nasce na Inglaterra, mas somente em 1947 é realizada na Holanda a primeira prova internacional, denominada Motocross das Nações. Em 1999, Indaiatuba-SP sedia uma etapa deste evento, envolvendo 100 pilotos de 30 países. Atualmente o Motocross das Nações está na 57ª edição, que foi realizada da Bélgica. Pilotos brasileiros, escolhidos pela CBM, participaram das últimas três edições.

1922 O evento 24 Horas de Le Mans, na França, inaugura as provas de resistência, mas ainda restrito aos europeus. Somente em 1961, com a entrada das motos japonesas, passa a ser referência como a maior prova de 24 horas mundial e em 1975, registra 350 mil espectadores. Em 1976 aconteceu a primeira participação brasileira, com a dupla Walter “Tucano” Barchi e Paulé. Em 1984, Tucano deixa as pistas, com mais de 70 vitórias em 14 anos de competição.

1927 Fundação do Moto clube do Brasil no RJ, primeiro de uma série de outros que marcam a união dos aficionados por motos.

Década de 1930 Embora as provas regionais continuassem a acontecer na Europa, houve um declínio de competições internacionais de moto, devido ao clima belicoso da Alemanha, instabilidade econômica dos países europeus e proximidade da II Grande Guerra Mundial.

1940 Inauguração do Autódromo de Interlagos-SP, fator de estímulo ao esporte no país.

1946 – 1952 Edgar Soares começa a correr com a Matchless 350 monocilíndrica de 4T, sagrando-se bi-campeão paulista em 1947, conquistando posteriormente outros títulos. Neste período, acontecem as importações de motos no Brasil. A empresa Insnard (SP) importa a Velocette 350 KTT. Em 1950, Edgar Soares,

– ISDE took place in Fortaleza-CE in 2003 for the first time outside Europe. This event, organized by the Fédération Internationale de Motocyclisme (International Motorcycling Federation - FIM) and by the Confederação Brasileira de Motociclismo (Brazilian Motorcycling Confederation - CBM), had the participation of 450 pilots from 30 countries. Brazil had 14,000 regular (200,000 occasional) motorcyclists in 2003 including 5,615 athletes of all categories registered with 23 federations (Table 1). The number of motorcycling disciplines and leisure participants has been growing 18% a year.

oficializa seu lado empresarial inaugurando uma loja e oficina, em São Paulo. Em 1952, a Trivellato importa a novidade em motos de competição Vincent 500.

1948 Rodolfo Schmidt e Raul Brandão fundam oficialmente a Confederação Brasileira de Motociclismo com sede em São Paulo, filiada a FIM em 1949. Antes, entretanto, sem a devida chancela de uma entidade que coordenasse o esporte de forma nacional, algumas competições de motociclismo foram realizadas no país, sob inspiração de imigrantes italianos, alemães, espanhóis, franceses, portugueses e húngaros que se aportaram por terras brasileiras no início do século. Em 1954, o fracasso de uma competição internacional proposta por políticos paulistas e avalizada pela CBM acarretou na suspensão desta entidade em provas internacionais por 10 anos, determinada pela FIM. Iniciou-se a partir daí um esvaziamento da entidade que só conseguiu se reerguer em 1972, com a eleição de Eloy Gagliano para a presidência e a recuperação da filiação internacional da CBM. De 1985 a 1993, dois paulistas, Carlos Paes de Almeida Filho e Alfredo Rômulo Tambucci, assumiram a presidência da entidade. Afundada em dívidas e com a credibilidade internacional comprometida, a entidade elege para sua presidência o mineiro e ex-piloto Lincoln Miranda Duarte (atual presidente). Nesta época, a CBM se restringia a apenas uma pasta com documentos. Funcionava precariamente em São Paulo até ser transferida para Belo Horizonte, onde se instalou definitivamente e iniciou todo um processo de soerguimento de sua estrutura. Hoje, a Confederação Brasileira de Motociclismo reconquistou o respeito internacional, diversos de seus diretores ocupam cargos nas principais entidades de gerenciamento do motociclismo mundial, de pilotos, patrocinadores, governos e público. O resultado é o sucesso de suas competições e o reconhecimento mundial com a realização de diversos eventos internacionais em nosso País.

1949 Eloy Gagliano (SP), lança a Revista Motociclismo, primeira mídia segmentada nacional. Em 1952, Gagliano realiza o primeiro “24 horas de Interlagos” com 57 motos e 114 pilotos.

1970 Acontece a primeira edição das 500 milhas de Interlagos-SP.

1971 Fundação da unidade brasileira da Honda Motor, responsável pela importação e distribuição dos produtos Honda no país. Em 1975, o governo veta a importação de motocicletas e a Honda começa a fabricar motos em Manaus.

1972 – 1973 A Yamaha Motor chega ao Brasil. Em 1973, Adu Celso Santos vence o GP de Motovelocidade da Espanha, na categoria 350cc, feito inédito para o Brasil e repetido na mesma pista em 1993, por Alexandre Barros na categoria 500. São Paulo realiza a 500 Milhas de Interlagos com a participação de 5 países: Brasil, Estados Unidos, Uruguai, Venezuela e Japão.

1974 Três pilotos representam o Brasil no primeiro Pan-Americano de Motocross realizado no Chile, que envolveu 22 pilotos de 7 países.

1975 As primeiras importações legalizadas de motos no Brasil foram feitas através da Federação Paranaense de Motociclismo-FPRM, com aprovação do Conselho Nacional de Desportos-CND.

1976 Realização do *Rallye Cote d' Ivoire* – Cote d'Azur, França (8.500 km). Este evento registrou 3 mortes e por isso ficou conhecido como rali da morte. Em 1977 inscreveram-se 133 pilotos, sendo 43 de motos, mas somente 66 participantes completaram a prova (18 motociclistas). Após um ano de interrupção, retorna ao calendário

em 1979, por iniciativa do piloto Thierry Sabine, como Rally Paris – Dakar, com largada em Paris e chegada em Dakar, com 20 dias de duração num difícil trajeto. Desde então, este evento ganha destaque entre pilotos, indústria e mídia mundial. Em 1988, os brasileiros estrearam na competição e em 2003, o Brasil foi representado apenas pela equipe da Petrobrás / Lubrax (em 2002 foram 3 equipes e 8 pilotos). A equipe foi a única a competir nas 3 modalidades: carros, motos e caminhões. Na 26ª edição, em 2004, o Rally bate o recorde de participantes com 607 inscritos (603, em 1998). Alguns pilotos brasileiros já se destacaram nesta competição: André Azevedo, Klever Kolberg, Juca Bala, Massud Nassar, Luis Mingioni e Jean Azevedo.

1978 A Yamaha lança a primeira motocicleta trail do país (TT 125), sendo comercializada até 1984.

Década de 1970 Início da prática do motociclismo off-road no Brasil, principalmente nos estados de São Paulo e Minas Gerais, como forma alternativa de diversão de finais de semana. A falta de motos específicas para esta modalidade inibiu o seu rápido crescimento. O impulso para o esporte foi dado pela Honda e Yamaha, que começaram a produção nacional, embora ainda não específicas para esta modalidade. Inauguração dos autódromos do RJ, Brasília, GO e PR.

1985 Acontece em Minas Gerais o primeiro Enduro da Independência. Por ter uma forte divulgação na mídia, este evento conta com um número grande de participantes desde sua primeira edição, que chegou a reunir mil pilotos de vários estados brasileiros nos primeiros anos de existência.

1985 Jorge Liz Cancelli, motociclista desde os anos 60, realiza o Primeiro Enduro do Litoral Paranaense, com a participação de 36 pilotos. Em 1988, Cancelli realiza o Campeonato Paranaense de Enduro de Regularidade e o trial indoor com a participação dos melhores pilotos brasileiros: Freddy Tejada, Capivara, Caio Salerno, Rodrigo Moutinho, Geraldo Coelho, Cláudio Hermany, Cláudio Penteado, e Eljo Aragão.

1986 Alexandre Barros participa de seu primeiro Grande Prêmio na categoria 80cc. Contabilizando atualmente na ordem de 200 corridas, este atleta é a maior referência da motovelocidade brasileira e com destaque no cenário mundial.

1987 Acontece o Primeiro Enduro de Regularidade Cerapió (Ceará – Piauí), o mais tradicional evento off-road do norte/nordeste brasileiro, com a participação de 36 duplas em duas categorias. Este evento atraiu a mídia eletrônica (TV) e imprensa (principais revistas segmentadas – Motorsport e Motoshow). O Píocerá/Cerapió, de 1991 a 1994 inaugura a abertura dos Campeonatos Brasileiros de Enduro de Regularidade e, em 2000, foi considerado pela imprensa especializada, pilotos e equipe como a melhor prova desta modalidade no Brasil.

Década de 1980 Originário da Inglaterra, o trial começa a despontar no Brasil nos anos de 1980.

1991 Juca Bala conquista o tricampeonato brasileiro de enduro de velocidade (1989 a 1991) e vence o Latino Americano de Enduro (categoria 4 tempos) e o Rally dos Sertões (1996).

1995 Jorge Negretti conquista grandes títulos no motocross e supercross. Ricardo Raspa integra a equipe Honda. Além de participar de etapas brasileiras válidas pelo mundial de motocross, Raspa fez parte do primeiro time brasileiro a participar do Motocross das Nações em 1998.

1998 Adú Celso foi convidado a participar do *Centennial Gran Prix* (Holanda), evento restrito a participação de vencedores em campeonatos mundiais e GPs. A primeira edição do Prêmio Moto de Ouro, promovida pela revista Motociclismo, premia pilotos e a indústria da moto no Brasil. Na sexta edição deste evento (2003), Alexandre Barros foi condecorado com o título de “Maior piloto de moto do Brasil de todos os tempos”. Interligando os três estados – Ceará, Piauí e Maranhão –, o evento Cerapió é batizado de Cerapião e, este ano teve seu regulamento adaptado para as disputas de enduro de regularidade, enduro padrão FIM e Rally com trechos fechados de velocidade. O motódromo de Serra Verde-BH sedia etapas do GP Brasil de Motocross, em 1998 e 1999, contabilizando, em 1998, 20 mil pagantes. Oriundo dos EUA, chega ao Brasil a Arena Cross, a mais completa infra-estrutura para eventos itinerantes de motociclismo. Administrada pela empresa

Carlinhos Romagnolli Promoções e Eventos, a Arena Cross é responsável pela realização de muitos eventos, chegando em 2003 a totalizar 22 etapas e 16 cenografias para os campeonatos de motocross e motovelocidade, além da 18ª edição do Enduro da Cuesta de Regularidade. Para isso conta com uma infra-estrutura de 6 carretas e 100 pessoas para produção por etapa, que chega inclusive a gerar 200 empregos transitórios. Cumprindo o papel social, a cada temporada os eventos realizados por esta empresa chegam a arrecadar 100 toneladas de alimentos. Como destaque de mídia, somente a Copa SBT, é transmitida para 350 cidades de São Paulo e, contando com o apoio da ESPN, os eventos são transmitidos para todo o Brasil chegando a 10 milhões de assistentes deste canal a cabo.

Década de 1990 O sexo feminino começa a se interessar e ganhar destaque neste esporte. Atualmente, ainda sem contar com uma categoria específica para mulheres, a CBM já registra a inscrição de 9 mulheres para as competições nacionais. O Arquiteto Chico Moraes, organiza o Rally São Francisco, entre Ribeirão Preto e Maceió, evento que originou, em 1992, a primeira edição do Rally dos Sertões, com percurso de 3.500km largada em Campos dos Jordão-SP e chegada em Natal-RN e 34 inscritos. A partir da 3ª edição, em 1995, passa a ser denominado Rally Internacional dos Sertões, homologado pela FIM. Em 1996, foi criada a empresa Dunas Race, especificamente para operacionalização deste evento que envolve cerca de 300 pessoas para a sua organização e 54 inscritos motos e 23 carros. Com nova evolução, em 2000 foi introduzida a categoria caminhões (1999/2000). Ratificando seu sucesso, este evento já está incorporado calendário internacional de grandes eventos. Realizado apenas em território nacional com roteiros interestaduais, marca ações ecológicas e sociais, chegando a distribuir de 100 toneladas de alimentos, além do enriquecimento de resgate da memória brasileira como Luiz Gonzaga, Grandes Sertões Veredas e Colunas Prestes. Em 2001, gerou mais de 220 horas de reportagens em TVs de 40 países. Na 11ª edição, em 2002, o evento se consolida como a terceira maior prova off-road do mundo em número de participantes – 214 veículos entre motos (90), carros, caminhões, quadriciclos e expedition – é a maior da América Latina.

2001 Jean Pierre Colinvaux, piloto carioca destacado, inicia o processo para o lançamento do supermotard no Brasil. Oriundo da Califórnia nos anos 1970, o supermotard é uma modalidade de competição que mescla a prática do motociclismo em pista de asfalto e terra, combinando precisão da motovelocidade com as manobras do motocross. Ao retornar do exterior, onde iniciou estudos e negociações, Jean Peierre promove o levantamento para capacitação e negociações de locais para a prática desta modalidade no RJ, SP e MG e já tendo realizado algumas eventos. A partir de 2002, a FIM passou a reconhecer esta modalidade e realiza o primeiro campeonato mundial.

2002 O Cerapió/Píocerá completa 15 anos. Estiveram envolvidas diretamente neste evento mais de 700 pessoas de quase todos os estados brasileiros. Em 2003, este evento percorreu 48 cidades (1.600 km), contou com 360 participantes (171 motos); 6 mulheres completaram a corrida; e 650 pessoas acompanharam o evento ao longo do percurso (produção, familiares e amigos). O evento Brasil-Nordeste de Motocross reúne aproximadamente 2 mil pessoas e 100 pilotos, no motódromo Rota do Sol-RN. O 2º Endurande Trial de Belo Horizonte-MG, é transmitido pela Rede Record para 500 municípios de Minas Gerais, atingindo picos de 1 milhão de espectadores. A Copa de Verão de Motocross, em São João da Barra-RJ reúne 100 pilotos. Dados da FIM apontam a média de público no mundial de motovelocidade de 100 mil pessoas por etapa, registrando este ano 1.698.312 torcedores (10% maior do que 2001). Uma pesquisa realizada pela Datafolha (SP) realizada durante o GP de Motovelocidade do Rio de Janeiro demonstrou o perfil de público: 90% viajaram em grupo; 58% são leitores de revistas especializadas; 84% do sexo masculino; e 67% acompanharam o evento pela TV. O GP RJ atraiu 41.500 espectadores e desde 1995 é realizado no Autódromo Nelson Piquet. Botucatu-SP sedia o Campeonato Brasileiro de Supercross – Copa Pelé Pro composta por 6 etapas e 100 pilotos de todo o país. A etapa final acontece em Marilândia do Sul-PR. Alexandre Barros (SP) foi o 4º colocado no Mundial de Motovelocidade e conquistou o título de melhor Motociclista Latino Americano. Desde o ano de 2000 Alexandre é o 4º melhor piloto mundial desta categoria e único atleta brasileiro a representar o país neste esporte há mais de uma década.

2002 Lançamento do Shopping Moto & Aventura em SP, primeiro do segmento na América Latina.

2003 Realização do Motocross dos Campeões, em Capivari –SP, idealizado para coroar a todos os pilotos de motocross de alto rendimento independente de suas filiações e campeonatos. O Prof. de Educação Física e fisiologista Roberto César de Oliveira desenvolve programa de treinamento físico para motociclistas off-road – Motocross Training, através de pesquisa realizada com Centro de Medicina da Atividade Física e Esporte, da Escola Paulista de Medicina. A última temporada do Rally dos Amigos (SP) bate recorde com 192 veículos inscritos (118 motos). Este evento integra e define a Taça Brasil de Rally, que premia os melhores classificados nas três provas organizadas pela Dunas Race: Rally Rota Sul (RS) e o Rally dos Sertões. Rondônia sedia a abertura do Latino Americano de Motocross, com a presença de 25 pilotos de 6 países – Brasil, Bolívia, Equador, Guatemala, México e Venezuela. Fortaleza sedia o International Six Days Enduro, com a participação de 376 pilotos de mais de 30 países.

Situação Atual O Brasil é considerado uma grande força no Motociclismo mundial. Atualmente a Confederação Brasileira de Motociclismo – CBM estima na ordem de 14 mil praticantes regulares com 23 federações filiadas, apontando 5.615 atletas registrados em todas as categorias no ano de 2003 (Tabela 1). Hoje, o número de praticantes cresce a um percentual de 18% ao ano, tendo como base a terceira frota de motocicletas do mundo (ver dados complementares do mapa adiante). Em coletiva de imprensa para lançamento dos pneus “Croosengo”, no ASW Off-Road Park, em Mogi das Cruzes – SP, a empresa BFGoodrich, marca do Grupo Michelin presente no Brasil desde 1996, revelou uma ordem de 200 mil praticantes de motociclismo off-road no Brasil. Há também 12 autódromos de motovelocidade no país (ver mapa). Em 52 anos de Mundial de Motovelocidade, os pilotos brasileiros conseguiram 6 vitórias, destacando-se como melhor piloto da atualidade Alexandre Barros, atualmente uma referência internacional. Lincoln Miranda Duarte, atual presidente da CBM e União Latino-Americana de Motociclismo, ocupa também uma posição de membro da Comissão Mundial de Motocross da FIM.

Como no automobilismo, os campeonatos, principalmente os de motovelocidade são geridos pela indústria, que utiliza e os pilotos e eventos para divulgação das marcas e testes de produtos. A despeito dos elevados custos para a prática, os esportes motorizados atraem atenção da mídia de massa e segmentada, que impulsiona o mercado de aficionados. A Youthstream, que passa a organizar os Mundiais de Motocross a partir de 2004, anuncia a ampliação de 12 para 16 etapas. Os Campeonatos Nacionais, administrados pela CBM, contarão com provas em todo o país de Motocross, Arena Cross, Motovelocidade, Enduro, Rally, Cross Country, Regularidade e Trial, somente não acontecendo, em 2004, o supercross. Segundo Lincoln Duarte, atual presidente da CBM, o Brasil está preparado para receber eventos de qualquer categoria do motociclismo. O Campeonato Brasileiro de Motocross registra uma curva de crescimento observada no período 2002/2003, ressaltada nos itens: a) público presente por etapa – 2002 (22,6 mil) e 2003 (25 mil); b) participação de pilotos nas categorias Open, 60cc, 80cc, 125cc e 250cc – 2002 (177) e 2003 (182). No relacionamento com a mídia também se observa um crescimento na ordem de 1.254 % neste período. Somente nas cinco primeiras etapas foram veiculados 51h de transmissão nos canais de TV ESPN Brasil e Band Sports. Lincoln ressalta a contribuição deste crescimento aos investimentos em patrocínio da Honda, Mobil e Dunas Race, e co-patrocínio da Yamaha, Pirelli e Riffel.

Se dados superlativos demonstram o potencial do motociclismo competitivo, ressaltam-se também em sua prática de lazer. Como agentes do mototurismo, há cerca de 1.400 motoclubes no Brasil (Tabela 2), com maior concentração nos estados: São Paulo (360), Minas Gerais (247) e Rio de Janeiro (184). Na comemoração do ícone Harley-Davidson, festejado na cidade de Milwaukee-EUA, compareceram um milhão de visitantes e 300 mil motocicletas desta marca. No Brasil, em Campo Grande-MS, o mega evento anual Motor Road, realizado pela Top Brasil desde 1998 no Parque Laudício Coelho chega, em 2003, reunindo 120 mil visitantes, 8 mil motociclistas de 300 motoclubes do Brasil e do mundo (EUA, Grécia, Paraguai, Argentina, Uruguai e Chile). Nesta última versão foi festejada também a criação do primeiro motoclube formado exclusivamente por mulheres – o Clube Sempre Livre. Finalmente, cabe dar destaque ao mototurismo nas caravanas que cercam os circuitos de motos GPs,

impulsionando simultaneamente o desenvolvimento esportivo-social-cultural e econômico das cidades sedes.

Fonte Confederação Brasileira de Motociclismo www.cbm.esp.br; www.ibest.estadao.com.br/esportes; Rally dos Sertões; O Lance; www.fmx.com.br; www.mototour.com.br; www.fmr.esp.br;

www.fgm.com.br; www.montonline.com.br; www.fbm.com.br; www.fprm.com.br; www.fcm.org.br; www.fpm.esp.br; www.fmeng.esp.br; www.fepem.esp.br; www.fmr.esp.br; www.fmdf.esp.br; www.enduro.esp.br; www.cerapio.com.br; Abraciclo – www.abraciclo.com.br; www.motox.com.br; www.prefeitura.sp.gov.br; www.riogp.com.br; www2.uol.com.br; www.bestsports.com.br;

www.motosclassicas70.com.br; www.diarioradical.com.br; www.motoadventure.com.br; www.fcm.org.br; www.trialcompany.com.br; www.mundomoto.com.br; www.anfamoto.com.br; www.indaclima.com.br; www.indaclima.com.br/gmb; www.arena.cross.com.br; www.supermotard.com.br; www.bhnet.com.br/motocross; www.automundo.com.br; www.cbm.esp.br/historia

Tabela 1 / Table 1

Pilotos Filiados à Confederação Brasileira de Motociclismo

Brazilian Motorcycling Confederation – Affiliated pilots

Modalidade / Category	Ano 2003	Ano 2004 (1)
Motovelocidade	459	232
Amador Motovelocidade	32	02
Motocross	1.880	1.184
Amador Motocross	141	57
Enduro Regularidade	1.795	1.184
Amador Enduro de Regularidade	308	42
Todo Terreno	746	512
Amador Todo Terreno	254	132
Total	5.615	3.345

Fonte / source: CBM; (1) Dados 2004: registros até abril / 2004 data up to April

Tabela 2 / Table 2

Motoclubes no Brasil, 2003

Motorcycling clubs in Brazil, 2003

Estado / State	Quantidade / Total
São Paulo	360
Minas Gerais	247
Rio de Janeiro	184
Rio Grande do Sul	137
Bahia	92
Paraná	83
Espírito Santo	54
Goiás	46
Mato Grosso do Sul	34
Pernambuco	33
Rio Grande do Norte	21
Paraíba	15
Sergipe	14
Distrito Federal	13
Santa Catarina	12
Alagoas	10
Ceará	10
Mato Grosso	8
Amazonas	3
Maranhão	3
Pará	2
Rondônia	2
Tocantins	2
Acre	1
Amapá	1
Piauí	1
Roraima	1
Total	1389

Fonte / source: CBM

Rally dos Sertões – 3º maior Rally do mundo

World's 3rd largest Rally

O Rally dos Sertões é um campo de testes e movimenta mais de R\$20 milhões, sendo o terceiro maior Rally do mundo atrás somente do Paris-Dakar e o da Tunísia. Hoje as maiores montadoras do país participam da prova como forma de trazer credibilidade a seus produtos. As equipes de fábrica contam com mais de 40 mecânicos. A Mitsubishi levou R\$ 2 milhões em peças de reposição ao Rally. As montadoras vendem carros já preparados para rally. Trata-se do evento Off-Road com a maior cobertura de mídia da América Latina. Aproximadamente 120 jornalistas acompanham a prova todos os anos.

Número de veículos participantes: 86 carros; 88 motos; 7 quadriciclos; 7 caminhões; 33 carros categoria Expedition.

Estrutura Equipe Médica: 20 Médicos; Equipe de Resgate: 10 Bombeiros; Equipe Técnica (fechamento): 4 Equipes/ 104 pessoas; Cronometragem: 2 Equipes/ 10 pessoas; Apuração: 1 Equipe/ 4 pessoas; Cenografia: 1 Equipe/ 28 pessoas; Organização: 1 Equipe / 36 pessoas; Os Canastras: 3 pessoas; Ação Social: 12 pessoas; Helicópteros: 2 de filmagem e 2 de UTI; Aviões: 2 cobrindo a prova e 1 de transporte de pessoal; Comunicação: Rádios e celulares via satélite; Secretaria de Prova: 1 Equipe; Assessoria de Imprensa: 1 Equipe; Carros de organização: 75 pick-ups; Motos de organização: 10 como apoio; Autorizações: Comissão Nacional de Rally-CNR, Confederação Brasileira de Automobilismo-CBA, Confederação Brasileira de Motociclismo-CBM, Unión Latino Americana de Motociclismo-ULM, Alvarás das Federações, Polícia Civil, Polícia Militar e Polícia Rodoviária. Total de pessoas envolvidas: 300.

Fonte dos números / Source for the event's data: Dunas Race – www.dunas.com.br (2003).

Organizações internacionais

International directive bodies

Federação Internacional de Motocross–FIM, Suíça

União Latino-Americana de Motociclismo – Sede Presidência: Belo Horizonte-MG;

Sede Direção: Caracas, Venezuela. Esta instituição é formada por 20 países.

European Motorcycle Union–UEM, Itália – Formada por 33 países

Asian Motorcycle Union–UAM, Malásia – 18 países membros

African Motorcycle Union–AMU – 12 países

North American Motorcycle Union–NAMU – 2 países

Oceania Motorcycle Union–UOM – 2 países

International Freestyle Motocross Federation–IFMXF, Alemanha

A indústria do motociclismo no Brasil

The motorcycle industry in Brazil

A indústria de fabricantes de 2 rodas movimentou, incluindo peças e reposições, R\$ 7 bilhões em 2001 e R\$ 8,32 bilhões em 2002, registrando índices de crescimento em todas as regiões do país e recordes de produtividade. O Brasil é o principal mercado produtor e consumidor da América Latina e o terceiro maior do mundo, embora não haja números sobre o impacto do esporte e lazer desta posição. Contando com uma frota de 3.8 milhões de motocicletas (20% em atividades profissionais), registra-se um crescimento de 900% nos últimos 10 anos (92-02), com aumento de 15% em 2003 e previsão de duplicar o mercado em 3 anos (02-05) (fonte Abraciclo e Suframa). Como maior evento nacional, o “Salão 2 Rodas”, envolve toda a cadeia produtiva do setor de motocicletas, referência comercial e de entretenimento para o público. É a maior feira da América Latina, com 203 expositores de grandes marcas nacionais e de 28 países, somando 750 marcas (dados de 2003).

A Associação Nacional dos Fabricantes e Atacadistas de Motopeças-ANFAMOTO tem 210 empresas ligadas direta e indiretamente ao setor de peças e acessórios para motos de todas as regiões do Brasil. Única no setor na América Latina, mantém parcerias com as principais associações/ entidades nacionais ligadas ao setor de 2 rodas, como ABRACICLO, ANFIC, ABRAM, ABRAMOTO, CIESP, SIMEFRE, ADVB, ABRACY, SINCOPEÇAS, SETECESP, FCESP, CCESP, SEBRAE, SERASA, ASSOHONDA e convênio com a Motorcycle Industry Council, a mais importante associação do setor de duas rodas nos Estados Unidos. Veículo impresso: “Anfamoto em Revista”, tiragem 20 mil exemplares/bimestral/distribuição dirigida gratuita para todas as empresas associadas no Brasil, Mercosul, Itália e Portugal. As empresas associadas à ANFAMOTO totalizam 14.700 empregos diretos e movimentaram em 2001 R\$ 3,44 bilhões, equivalentes a 0,34% do PIB. Por sua vez, as empresas da Associação Brasileira dos Fabricantes de Motocicletas, Ciclomotores, Motonetas e Bicicletas-ABRACICLO, no setor de Setor Motopeças, somavam em 2002, 10.500 empregos diretos, faturando US\$ 1,3 bilhões, equivalentes a 0,33% do PIB. Segundo o presidente da ABRACICLO, Yuji Horie, o segmento mantém as previsões otimistas para 2004, em direção à meta de 1 milhão de motocicletas vendidas no Brasil. “Nossa expectativa é de um crescimento de cerca de 11% de uma forma global, em relação a 2003, alcançando 1.050.000 unidades produzidas, 110.000 unidades exportadas e 940.000 unidades comercializadas no território nacional”.

[Autódromos] de motovelocidade e locais de prática de motocross por estado, 2003

Motorcycling [racetracks] and motorcross practice locations per state, 2003



Hóquei sobre patins – Esportes com patins

VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM

Roller hockey – Roller sports

Traditional roller hockey is usually played on box skates (4 wheels, two side by side), rather than on in-line skates (one row of 3 or 4 wheels). It is very much different than in-line hockey, which uses ice hockey sticks and a hard plastic puck. In this version of roller hockey the sticks are much shorter, a hard ball (similar to field hockey) is used, and the playing surface is much smaller. Traditional roller hockey is sometimes referred to as ball and cane hockey. The first international meeting of

roller hockey took place in France in 1910 while the first Brazilian league of roller hockey was founded in São Paulo-SP in 1913. When the 1st Brazilian championship took place. The sport grew so much in Brazil that São Paulo alone had 40 rinks and 25 teams in the 1920s. However, the 1960s saw the closing of clubs and the consequent drop in international results (10th position in the World Championship in 1966). As Sertãozinho-SP became the cluster of roller hockey in Brazil during the

1980s, the Brazilian team became again one of the best in the world during the 1990s and the women's team won the world championship in 2002. The Brazilian in-line hockey team is today one of the top 16 worldwide and one the top 3 in the Pan-American Games. This chapter also features other roller sports. Brazil has today 3,480 registered athletes, 4.524 regular roller-skaters and at least 20,000 occasional participants (see Table 1).

Hóquei sobre patins tradicional

Definição e origem Consiste na condução de um objeto esférico por um bastão curvado na ponta, que tem como objetivo fazer gols no time adversário. “Joga-se entre duas equipes de 5 (cinco) jogadores cada uma, calçando patins de rodas, numa pista retangular de superfície plana e lisa, de madeira, cimento, asfalto ou outro qualquer material considerado conveniente” (definição da Confederação Brasileira de Hóquei sobre Patins-CBHP). Mesclando o hóquei no gelo (Canadá, 1855) e o hóquei na Grama (Inglaterra,1875), nasceu *o rink hockey*, em 1885, data de sua primeira manifestação, em Londres. Após sua difusão pela Europa, regulamenta-se na Inglaterra, em 1905, com o aparecimento da primeira Associação, e em 1906, com o primeiro campeonato da história. O primeiro encontro internacional acontece em 1910, na França. No Brasil, neste período, os filhos dos barões do café que estudavam na Europa retornavam ao Brasil trazendo a novidade esportiva. Dentre eles, as famílias Rodovalho, Lara Campos, Simonsen e Porchat. Foi então que o proprietário do Rink Colúmbia, um inglês radicado no Brasil de nome Harris, começou a promover animadas partidas de Hóquei para entreter seus clientes. Conhecido como o Pai do Hóquei, premiava os vencedores com “gasosas” (refrigerantes) ou doces. Anos mais tarde, começavam a surgir os primeiros clubes em São Paulo, como o Skating Palace.

1913 Fundação da Liga Paulista de Hóquei e do primeiro campeonato. Naquele período, o Hóquei era jogado com estique de Hóquei na grama e bola de pólo a cavalo.

1915 A Seleção da Argentina vem ao Brasil para enfrentar três equipes paulistas, nos primeiros jogos Internacionais destes países. Surge no Rio de Janeiro a primeira equipe carioca de Hóquei: o Leme H.C. Esta equipe fez história ao vencer equipes dos EUA pertencentes aos navios de guerra “Pittsburg” e “Frederic”, assim como os vice-campeões paulistas por 3 x 1 e 8 x 3, nos primeiros jogos interestaduais do país. O fim do Leme H.C. em 1919 fez nascer a equipe de hóquei do C.R.Flamengo.

1917 Criação da Confederação Paulista de Hóquei. O esporte passa por uma fase de declínio no Brasil, mas cresce na Europa.

1921 Em Montreux (Suíça) é criada a *Fédération Internationale de Patinage a Roulettes* - FIPR.

1928/1932 O Major Miguel Morinaro recria a Liga Paulista de Hóquei, com sede no Rink Colúmbia na cidade de São Paulo, que chegou a abrigar 40 riques e 25 times. Mas foi a febre do mini-golf vinda dos Estados Unidos, em 1931, que reativou a paixão de paulistas e cariocas. O Cine República foi demolido e reconstruído novamente o Skating Hockey Clube, que retomou seu reinado. Surge a primeira mídia segmentada do esporte, o semanário informativo “Patinando”. Pela dificuldade de se obter as regras oficiais internacionais, o esporte no Brasil é jogado com regras provisórias. Tendo em vista o renascimento do Hóquei Paulista, o Leme H.C., do Rio de Janeiro, recriou sua equipe e organiza bem sucedidos amistosos com os paulistas. As primeiras equipes de Hóquei feminino começam a aparecer em São Paulo. Porém, em 1932, a revolução paulista, leva muitos atletas à luta armada e até mesmo à morte. Assim, o Hóquei brasileiro sofre uma ruptura em seu desenvolvimento

1936 Incentivados por Raul Lara Campos, Antoninho Rodovalho, Alberto Uszbal e Superchi, o Hóquei reapareceu em São Paulo, instalado no Rinqe Frontão Boa Vista. Continuando na investida

pelo ressurgimento do Hóquei, este grupo cria a Federação Paulista de Hóquei e Patinação, em 1948,

1950 O Comitê Olímpico Internacional-COI, reconhece oficialmente a FIPR, mas o Hóquei só entra no Programa Olímpico em 1992, na Olimpíada de Barcelona, mas como esporte de exibição.

1952 A FIPR passa a demoninar-se Federation International de Roller Skating-FIRS e cria Comitê Internacional de Rink Hóquei-CIRH, órgão responsável pelo gerenciamento do esporte. Tais acontecimentos motivam a filiação de outros países, como Chile, Brasil, Argentina, Uruguai, Colômbia, Venezuela, Cuba, Austrália, Nova Zelândia e Japão.

1953 Patrocinado por Raul Lara Campos, o Brasil participa pela primeira vez de um Campeonato Mundial, na Suíça, ficando em 10º lugar.

1954 Visando unificar regras, o comendador brasileiro Hiada Torlay e o uruguaio Nobel Valentini reunidos em São Paulo fundam Confederação Sudamericana de Patín, que organiza o I Sul-Americano de Hóquei, no Pacaembú, em São Paulo-SP. Estimulado por José Ferreira Relvas, o hóquei é introduzido em Recife. A primeira quadra de hóquei do nordeste é construída no Clube Português do Recife.

1959 – 1960 Realização do primeiro Campeonato Pernambucano e do primeiro Campeonato Brasileiro. Fundação da Federação Pernambucana de Patinação.

1966 São Paulo sedia o XVII Campeonato Mundial, envolvendo 10 seleções, ficando o Brasil em último lugar.

Década de 1980 Neste estágio, o Hóquei brasileiro passou por muitas transformações. A primeira delas, aconteceu com a criação do Sertãozinho Hóquei Clube, em 1980. Idealizado pelo jogador Haroldo Pêrsio Requena e concretizada pelo prefeito de Sertãozinho (município a 350Km de São Paulo-SP), Waldir Alceu Trigo, foi criada a primeira equipe profissional do país. Buscando jogadores de outros times, o Sertãozinho acabava com a era do amadorismo puro, elevando o nível do hóquei nacional e coroando a cidade com o título de “Capital Brasileira do Hóquei”. Sertãozinho foi também responsável pela popularização e elitização do esporte. Depois de conquistar por 3 vezes o título de campeão Sul-Americano, e inúmeros títulos paulistas e brasileiros, a cidade sediou então o XXVII Campeonato Mundial, no qual o Brasil ficou na penosa 9ª posição. Com isso, o país foi rebaixado à 2ª divisão do Hóquei mundial.

1988 Visando recuperar o prestígio do Hóquei brasileiro, seus dirigentes conseguem o desligamento da modalidade da Confederação Brasileira de Desportos Terrestres-CBDT e fundam Associação Brasileira de Patinagem (atual Confederação Brasileira de Hóquei e Patinação), especializada nos esportes sobre patins

1990 O Brasil sagra-se Campeão Sul Americano e retorna à elite do esporte, permanecendo entre os melhores nos eventos mundiais de Portugal (1991), Olimpíada de Barcelona (5º lugar, 1992) e Recife (1995).

1992 Por orientação do COI, o Hóquei passa a estimular a participação do sexo feminino a fim de manter o status de esporte olímpico. Assim, acontece o primeiro Campeonato Europeu e Mundial de Hóquei Feminino. No Brasil, neste mesmo ano, acontece o primeiro confronto nacional feminino entre a AABB e a Sociedade Esportiva Palmeiras. O primeiro campeonato brasileiro feminino acontece em 1994. Rapidamente vários estados formaram equipes femininas, como Recife e Rio de Janeiro. Desde então, o Hóquei feminino no

Brasil se tornou uma realidade, e hoje é uma das maiores potências mundiais. Dentre os campeonatos que são disputados regularmente, estão o Campeonato Paulista, o Pernambucano e o Nacional. As atletas Fernanda Gonçalves, Tatiana Veggi, Luciana de Martino, Daniela Barbosa, Cristiane Okada, Paula Sakuma, Patrícia Martins, Patrícia Perini, Amanda Bayer e Marina Orfali, comandadas pelo técnico Caetano Boncristiane se classificaram em 11º lugar (19 participantes), no primeiro Campeonato Mundial, em Portugal. A atacante Patrícia Martins foi a artilheira do Campeonato, título inédito para o Hóquei do Brasil.

1996 O Projeto Arco Iris idealizado por Antonio Martins e Paulo Sakuma, monta a primeira equipe profissional de Hóquei Feminino, que passa a vencer vários campeonatos nacionais e internacionais.

1999 Prêmio Brasil Olímpico na versão Hóquei sobre Patins é concendido a Pablo Gomes Navarro.

2001 A Cidade de Sertãozinho realiza o 25º Campeonato Brasileiro de Hóquei sobre Patins. O Clube Sertãozinho Hóquei Clube conquista seu 10º título brasileiro, além de já contar com 3 campeonatos sul-americanos e o mundialito de 1985.

2002 A equipe feminina de Hóquei tradicional conquista o vice-campeonato mundial em Paços de Ferreira-Portugal. Patrícia Martins (Clube Portuguesa) destaca-se como artilheira no cenário internacional. As integrantes da seleção brasileira são emprestadas para clubes de Portugal e Espanha, recebendo moradia, alimentação e ajuda de custo de R\$ 600,00/mês. Esta equipe, montada pelo técnico Antônio Martins Albuquerque permanece invicta por 87 jogos. As garotas do Hóquei sobre patins recebem do Clube Portuguesa (Lusa) uma ajuda de custo de R\$ 300,00. Criação da revista brasileira online sobre Hóquei “The Slot”. Cada edição conta em média com 750 page views.

2003 Daniel Bellengero recebe o prêmio Brasil Olímpico, concedido pelo COB. A seleção brasileira masculina de Hóquei sobre patins conquista a medalha de bronze nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo, na República Dominicana.

Hóquei sobre Patins In Line (HPL)

Definições e origem Derivando-se da prática do patins no gelo, no HPL é utilizado um disco (*puck*) como no gelo e um estique longo (*hockey long stick*). O jogo é mais veloz, geralmente com marcação homem a homem. Diferentemente do Hóquei tradicional, nesta modalidade é permitido o contato físico. O Hóquei sobre patins em linha (conhecido também como *street hockey* nos EUA) teve origem em 1980 quando os irmãos Scott e Brennan Olson, jogadores de Hóquei no gelo, encontraram um par antigo de patins em linha numa loja de artigos esportivos usados. Adaptaram o modelo, com botas de Hóquei, rodas de poliuretano e travas de borracha para a prática no asfalto. Naquela época o esporte era chamado de Rollerblade, o que originou o nome da empresa criada pelos irmãos Olson no mesmo ano. Com o intuito de manter a técnica e condicionamento físico fora da temporada regular, os atletas do hóquei no gelo descubrem o hóquei sobre patins. Somente a partir de 1994 esta modalidade começou a despontar no mundo de forma estruturada. Observando o interesse que esta nova prática estava provocando, as entidades representativas, aproveitando a estrutura organizacional existentes começa a adaptar as regras estimulando o esporte competição.

Acompanhando esta tendência mundial a Confederação de Hóquei e Patinação-CBHP, realiza o primeiro Torneio Nacional de HPL em 1995, em São Paulo-SP. Em 1996, o Paraná sedia o primeiro

Campeonato Brasileiro, marcando assim a regulamentação do HPL no Brasil. Em nível internacional, foi realizado pela FIRS (Fédération Internationale Roller Sports), através de seu recém-criado comitê CIRILH (*Comitê Internacional de Roller In Line Hockey*), o I Campeonato Mundial em Chicago-EUA, já sob a denominação de Hóquei sobre Patins em Linha, oficializando assim a criação e incorporação desta nova modalidade. O Brasil participa desta competição, ficando em 9º lugar, feito considerado relevante devido a sua característica de país tropical e sem a tradição do hóquei no gelo. Com crescente desenvolvimento, o HPL nacional participa dos campeonatos e é destaque no cenário internacional.

1994 O atleta Geraldo Cardoso inicia o HPL no Rio de Janeiro. Após três anos de aperfeiçoamento no Canadá, ele inicia uma escola no bairro da Lagoa, com 250 alunos. Em 1998, torna-se o primeiro jogador profissional de hóquei in line da América do Sul, jogando no Carolina Crushers (Carolina do Norte-EUA) competiu na melhor liga do mundo. Atualmente é integrante da Seleção Brasileira de HPL e coordenador da equipe Mad Parrots.

1995 – 1999 O Clube de Regatas do Flamengo (RJ) destaca-se nesta modalidade. Passando por um período de inatividade, retorna as competições em 2002.

1999 Nos jogos Pan Americanos de Winnipeg, o time canadense perde a medalha de ouro após exame positivo de antidoping e o Brasil fica com a medalha de prata.

2001 A Federação de Hóquei e Patinação do Mato Grosso do Sul contabiliza neste ano mais de 40 atletas de Hóquei

2003 Nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo, o Brasil conquista o terceiro lugar.

Estado de São Paulo: localização do cluster de Hóquei sobre patins

State of São Paulo: roller hockey cluster location



Tabela 1 / Table 1

Esportes com patins no Brasil – Número de participantes, 2004

Roller sports in Brazil – Number of participants, 2004

Modalidade / Disciplines	Atletas federados / Registered athletes	Praticantes regulares (1) / Regular participants
Hóquei sobre Patins Tradicional	1.290	1.677
Hóquei sobre Patins em Linha	480	624
Patinção Artística	1.650	2.145
Corrida sobre Patins	60	78
Total	3.480	4.524

(1) Estimativa de praticantes regulares pela CBHP: cerca de 30% dos federados; estimativa de participantes ocasionais / *occasional participants*: 20.000

Situação Atual – Tradicional e Inline O hóquei brasileiro destaca-se como potência mundial tendo jogadores de ambos os sexos atuando nos times de Portugal. Citando-se um exemplo, Jurandyr Silva “Didi”, que ainda está em atividade e já foi o melhor jogador do mundo, atualmente joga no Oliveirense de Portugal com passagens também pelo Juventude de Viana de Castelo, FC. Porto e pela Espanha. Foi três vezes artilheiro na segunda e primeira divisões. Conquistou o prêmio de melhor jogador e artilheiro da Euro-Liga. Cláudio Selva “Cacau”(PE) integra o Nortecoope, clube da primeira divisão portuguesa. Cacau considera que a diferença entre o nível de desenvolvimento de Portugal e do Brasil está no espaço de mídia, o que dificulta a captação de patrocínios. No hóquei em linha, o Brasil conquistou a qualificação para próxima Copa do Mundo da modalidade, o que mantém o país entre os 16 melhores do mundo. Entre os títulos conquistados estão: campeão do “Torneio Internacional Brasil/Argentina – 1998”, campeão do “Torneio Qualificatório do Hemisfério Sul para classificação na Copa do Mundo – 1999”, 10º lugar na “Copa do Mundo de Hockey In Line – 2000”, 8º lugar na “Copa do Mundo de Hockey In Line – 2001”, medalha de bronze no “Sul Americano – 2002”, 13º Lugar na “Copa do Mundo de Hockey In Line – 2002”, medalha de prata no “Sul Americano – 2003”, medalha de prata na “Copa do Mundo de Hockey In Line – 2003” e 9º lugar no ranking da *International Ice Hockey Federation*-IIHF. Segundo Geraldo do Amaral (Vice-Presidente da CBHP), a não-inclusão do HPL no programa regular dos Jogos Olímpicos impede a modalidade de receber incentivos da Lei Ângelo Piva, o que dificulta o melhor desenvolvimento do esporte no país. Além da falta de apoio financeiro e de mídia, apontada por alguns atletas, a Associação de Jogadores de Hóquei do Brasil indica também a dificuldade de aquisição do material importado, que tem sido resolvida pelos próprios atletas. No plano

Esportes praticados com patins / Roller sports

Patinção – Hóquei sobre Patins – Tradicional – Hóquei In Line – Patinação Artística – Gelo – Roda – Corrida – Patinação In Line – Patinação Radical – Rollerbasketebol

Patinção “Recreação ou esporte que consiste em deslizar sobre uma superfície polida, de gelo ou de cimento, por meio de patins, que se adaptam à sola do calçado. Para o cimento, o patim possui quatro rodas presas a uma chapa de metal, ajustada ao tamanho dos pés, e amarrada aos sapatos por meio de tiras de couro. A patinação tem como princípio fundamental o equilíbrio, que só se adquire com a prática. Quase todas as grandes cidades do mundo possuem locais especialmente destinados à aprendizagem ou à prática da patinação (rinqes), em praças ao ar livre, ou em recintos cobertos. Com o caráter esportivo, a patinação se manifesta em competições individuais ou coletivas”. (Enciclopédia Barsa, 1994). Com a evolução dos equipamentos e aprimoramento técnico dos praticantes foram surgindo, ao longo do tempo, modalidades esportivas com regras próprias.

Patinção em rodas Os primeiros patins, feitos na Holanda no começo do século XVIII, eram modelados com base nos patins de gelo, com as rodas em uma fileira. Mais de cem anos depois, nos Estados Unidos, foram introduzidos os patins convencionais, com dois jogos de rodas lado a lado. Em 1884, a invenção do rolamento deu um impulso na patinação em rodas. No final do século XIX, havia rinqes de patinação em São Paulo-SP, Rio de Janeiro-RJ, Niterói-RJ e Porto Alegre-RS. No começo do século XX, as competições se tornaram populares nos Estados Unidos e em alguns outros países, entre eles o Brasil. Pela metade daquele século, a atividade recreativa foi difundida, se tornando muito popular no fim dos anos 1970, que testemunharam o advento do rollerblading, o retorno dos patins com as rodas em fileira. O rollerblading vem ganhando crescente popularidade desde o fim dos anos 1980 (Grolier Multimedia Encyclopedia, 1995)

Entidade Representativa A Confederação Brasileira de Hóquei e Patinação-CBHP abrange cinco modalidades: hóquei em linha, hóquei sobre patins tradicional, patinação artística, corridas sobre patins e patinação radical (categorias: Mirim, Infantil, Juvenil e Sênior – masculino e feminino). A CBHP é filiada à *International Roller Sports Federation* – FIRS e vinculada ao Comitê Olímpico Brasileiro-COB. Representa as Federações de 12 estados, destacando-se Rio de Janeiro, São Paulo,

internacional, as entidades dirigentes são a *International Roller Sports Federation* - FIRS, com base em Barcelona-Espanha, e o *Comitê Internationale de Rink Hockey*- CIRH, sediado em Portugal.

Promovendo o esporte de alto rendimento, a CBHP realiza e/ou apóia os Campeonatos Paulista, Pernambucano e Nacional. Na modalidade Hóquei sobre patins tradicional, a entidade registra 1.290 atletas federados e estima em 1.670 praticantes e, na modalidade hóquei sobre patins em linha, são 480 atletas federados e 624 praticantes estimados. A Federação Paulista de Hóquei e Patinação, visando desburocratizar e estimular o processo de filiação de novos times, admite a título de “filiados experimentais”, o ingresso de equipes que não estejam ligadas a clubes ou associações com personalidades jurídicas. Ademais, há oito federações do esporte no Brasil, sendo os estados mais atuantes: RJ, SP, PE, CE, RS, DF, PR e MS. O site www.hockeyworld.com.br registra 55 times deste esporte no país.

Fontes Confederação Brasileira de Hóquei e Patinação; Federação Paulista de Hóquei e Patinação; Geraldo Cardoso; A página Web jornal laboratório(www.apagina.jor.br); www.hockeyworld.com.br/novo/noticias/ver_noticia.asp?numeron=181; www.patins.com.br; www.hoqueipe.com; www.hoqueisubaquatico.hpg.ig.com.br; <http://www.estado.com.br/edicao/pano/00/02/19/esp521.html>; www.theslot.com.br; www.fihockey.org; www.bestsports.com.br; www.flamengo.com.br; AJHB – Assoc. Jogadores de Hóquei do Brasil; www.br.terra.com/panamericanos; www.maebee.com.br; www.icearena.com.br; www.pistadegelo.com; www.hoqueibtc.hpg.ig.com.br/historico.htm; www.iihf.com; www.esporte.gov.br; www.hoqueidepernambuco.hpg.ig.com.br; Hóquei Pernambucano no Exterior, por Juliana Dutra.

Pernambuco, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Ceará, Paraná, Santa Catarina e Amazonas. Em termos de ranking Internacional e resultados recentes, as posições do Brasil são as seguintes: (i) Mundial – Número de ordem 5 no Hóquei Tradicional; 2 no Hóquei Tradicional Feminino; 8 do Hóquei em Linha; neste âmbito o país detém 3 Medalhas de Prata e 2 de bronze na Patinação Artística. (ii) Pan-Americano: Bronze Hóquei em Linha (Winipeg e Santo Domingo), Prata Hóquei Tradicional, detendo 1 medalha de Ouro, 2 de Prata e 4 de Bronze na Patinação Artística. (iii) Sul Americano (Brasil): Ouro no Hóquei em Linha, 1 medalha de Ouro, 3 de Prata e 2 de Bronze na Patinação Artística. Além destes resultados obteve-se Medalha de prata no Mundial de Patinação Artística (2002), com o Grupo de Dança neste evento conquistando Bronze no solo individual. No Campeonato Mundial de Hóquei Feminino de 2002 realizado em Paços do Ferreira, Portugal, o selecionado nacional sagrou-se Vice-Campeão (Ministério do Esporte-www.esporte.gov.br).

Participação, eventos e filiações A CBHP estima que existam no Brasil cerca de 20 mil praticantes ocasionais (15 mil crianças e adolescentes e 5 mil adultos) os praticantes de esportes com patins. Nos 5 primeiros anos de funcionamento a CBHP (fundada em 1988) chegou a ter 1.000 atletas federados (Fonte: Tuca Reichert – CBHP). Hoje, a filiação alcança 3.480 atletas, os quais somados aos regulares e ocasionais totalizam 28 mil praticantes (ver Tabela 1). Estas estimativas de regulares e ocasionais devem ser classificadas como mínimas desde que somente no RS, a Federação Gaúcha de Patinagem tem cadastrados 2.000 praticantes atuantes em variadas categorias, com média de 300 atletas registrados em cada modalidade, totalizando 1.200 (Emil, 2004). Com relação a eventos, a CBHP informa que em 2003, os esportes com patins somaram no Brasil 13 Campeonatos e 140 Torneios Estaduais (participações no exterior são contabilizadas à parte). Para estas modalidades esportivas as entidades internacionais são: *International Roller Sports Federation*-FIRS, Barcelona/Espanha (com mais de 100 entidades filiadas em todo o mundo); *Comitê Internationale de Rink Hockey*-CIRH, Portugal; *National Hockey League*-NHL, EUA; *International Ice Hockey Federation* – IIHF, Suíça; *International Inline Skate Association*-IISA, EUA; *Roller Skating Association International*-Indiana, EUA; e *Aggressive Skaters Association*-ASA, -EUA.

Patinação artística (gelo – rodas – corrida)

VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM

Figure skating (ice skating, roller skating and speed skating)

After the first world competition of figure skating took place in Saint Petersburg, Russia, in 1896, the sport has been developing through 3 disciplines: ice skating, roller skating, and speed skating (in-line skating). Figure skating started in Brazil in the early 1900s in São Paulo-SP. It then became a fad to skate in rinks and in parks, where people met socially at that time. Although Brazil began to manufacture skates in 1955, the very first Brazilian participation in international competitions happened in 1969. Later on, between

1980 and 1993, a cluster of ice skating flourished in a shopping center in RJ (Barra Shopping), which produced repercussions in various locations of the country. Today, figure skating although still little popular in Brazil already enjoys some prominent position in the international scenery. The Confederação Brasileira de Hóquei e Patinação (Brazilian Hockey and Skating Confederation-CBHP) has 1,650 figure skating affiliated athletes and estimates occasional skaters to be 2,145. Speed skating has 60 registered athletes and

78 occasional/regular skaters. Because Brazil has only three companies that assemble ice rinks, most of which used for temporary entertainment and promotions and usually located in shopping centers, the Confederação Brasileira de Desportos no Gelo (Brazilian Ice Sports Confederation-CBDG) and the Brazilian Olympic Committee have been providing the necessary training conditions for Brazilian figure skating athletes to participate in Winter Games in other countries such as the U.S.

Definições Patinação Artística no gelo – Patinar sobre gelo durante séculos antes da era cristã foi uma forma rápida de transporte sobre rios, lagos e canais congelados. Com o tempo, patinadores começam a fazer desenhos no gelo com as lâminas dos patins e a promover os primeiros concursos, configurando assim a prática esportiva. Mesclando arte e habilidade motora, o esporte fica conhecido internacionalmente como “*figure skating*”. A dança sobre o gelo surgiu na Europa, por volta de 1880, mas somente em 1976 conquista espaço como esporte olímpico, em Innsbruck (Áustria). Buscando aperfeiçoamento, os patinadores através do domínio das técnicas descobrem outras formas de prática que dão origem a novas modalidades como a dança sobre patins e os saltos e piruetas. As modalidades olímpicas são: *figure skating* (formação de figuras no gelo através de coreografia, podendo ser solo ou em dupla), *speed skating* (corrida contra o tempo) e *short track speed skating* (corridas). **Patinação Artística sobre Rodas** – Como alternativa para os períodos de verão (degelo), surge a opção da patinação artística sobre rodas, inicialmente utilizando-se as mesmas regras da patinação no gelo que continuam a vigorar com semelhança. Por questões técnica, na patinação sobre rodas os círculos são fixados no piso para que o patinador possa seguir sua seqüência de evoluções, o que não acontece sobre o gelo. Modalidades: Figuras Obrigatórias, Dança, Livre Individual, Duplas e Grupos de Precisão. **Corridas** – Com o advento dos patins in line (rodas enfileiradas), percebeu-se que o design permitia uma melhor postura aerodinâmica e velocidade na qual o atleta pode atingir até 100 Km/hora. Segundo a Profª Cecília Maria Simplicio (Tuca Reichert) as corridas de velocidade, podem ser realizadas em patinódromo (pista de forma oval) ou na rua. **Disciplinas:** contra relógio – atleta corre na pista sozinho contra o tempo; média distância – os atletas competem entre si; longa distância – maratonas; corridas em pelotão – os atletas correm em pelotão (formação em fila), vencendo o que chega primeiro. Em alguns países também são realizadas corridas de revezamento.

Origens Em 1863 o americano James Plimpton consegue a patente do patim de quatro rodas (tradicional) já contando com o mecanismo de freio na frente, configurando assim o patim moderno, que permite executar movimentos circulares. Em 1876, foi inaugurado em Paris o primeiro centro de patinação sobre rodas, que se tornou o principal ponto de reunião da aristocracia parisiense da época. A partir de então, a patinação foi se estendendo por toda a Europa, com a criação de diversos riques, principalmente em Berlim, Frankfurt e Londres. A invenção do patim de rolimã, em 1884, promove o crescimento do esporte e impulsiona a criação de espaços para a prática em várias partes do mundo. No período 1910 - 1926, alguns patinadores percorrem estradas na Bélgica e França, mas as corridas sobre patins também são realizadas em riques de patinação. Até a Primeira Guerra Mundial os riques eram pontos de encontros da elite. Durante a guerra vários riques foram fechados e a patinação sofre uma drástica ruptura de desenvolvimento. Com o fim desta, os países que já conheciam a patinação retornam a investir no esporte imprimindo um ritmo mais organizado e crescente. No Brasil, no início de 1900, em São Paulo, a Patinação era uma atividade exclusivamente recreativa, trazida da Europa pelos filhos de famílias ricas que lá concluíam seus estudos superiores. Tornou-se então um modismo a prática da patinação em riques e parques, que naquela época serviam de ponto de encontro para a alta sociedade. Os riques de patinação, de acordo com o modismo da época, passaram a promover os chamados “concursos de patinação”, onde o patinador se apresentava para o público presente, que ao término das apresentações colocava seu voto numa urna, levando-se em consideração a patinação, naturalidade,

elegância e perfeição do melhor patinador(a). Nessa fase inicial dos concursos, segundo alguns relatos, havia um patinador brasileiro de nome Antoninho Marques, que se tornou famoso por ganhar todos os concursos em que participou (CBHP, 2004)

1896 Acontece em São Petersburgo, Rússia o primeiro campeonato mundial de patinação artística. Este evento passa a ser realizado anualmente, deixando apenas de acontecer durante a primeira e a segunda guerras mundiais.

1916 José Erotides Marcondes Machado (Tidoca), registra a participação brasileira no exterior em um concurso realizado na França e, em 1920, vence todos os eventos que participa, sendo creditado a ele o primeiro título de campeão brasileiro de patinação artística.

1924 Neste ano, durante a realização dos Jogos Olímpicos de Paris, o Comitê Olímpico Internacional promove em Chamonix, França, um evento exclusivo para modalidades praticadas no gelo. Inicialmente este evento foi denominado “A Semana Internacional de Esportes de Inverno”, que dois anos após foi reconhecido pelo COI como os primeiros Jogos Olímpicos de Inverno. Fundação da *Fédération Internationale de Patinage à Roulettes*-FIPR, com sede em Montreux, Suíça. Em 1952, a FIPR passa a se denominar *Fédération Internationale of Roller Skating*-FIRS, sendo reconhecida oficialmente pelo Comitê Olímpico Internacional em 1975.

1936 – 1944 O esporte passa por um período de estagnação no Brasil, recuperando-se somente em 1944 com a inauguração de vários riques. Dentre estes, destaca-se o Rique Boa Vista, na Ladeira do Porto Geral - SP.

1943 Em Ohio, EUA, sedia-se o primeiro show da maior companhia de patinação artística no gelo do mundo, a *Holiday on Ice*. Em 1945, esta companhia inicia um *tour* inaugurando o primeiro projeto de rique de gelo itinerante e, em 1949, se apresenta pela primeira vez na América do Sul passando pela Europa (1950), Japão (1953) África (1960). Em 1975, a Profa Lucy Pastusiak (Polônia), integrante desta companhia, apresenta-se no Ginásio do Maracanãzinho (RJ) e, após algumas apresentações agendadas retorna e fixa residência no Brasil. Atualmente é Profa de Patinação Artística no Barra On Ice/Shopping Barra Garden (RJ). Mãe das campeãs Jacqueline e Simone Pastusiak (tetra-campeã brasileira), Lucy ressalta que o fato de o Brasil não ter uma pista oficial (olímpica) de gelo, impossibilita os atletas de competirem internacionalmente em caráter oficial. Em 1988, o *Holiday on Ice* entra para o Guinness Book como o show de patinação no gelo mais assistido do mundo. Atualmente, apresenta-se em mais de 70 cidades de 15 países/ano e dentro de seu quadro técnico conta com 300 funcionários de 25 países, incluindo alguns patinadores brasileiros. Em 1994, com mais de 1.000 integrantes de todas as gerações, o *Holiday on Ice* celebrou seus 50 anos. Hoje, a empresa *Holiday On Ice Rinks* promove eventos e instalação de pistas de gelo no Brasil.

1955 No Brasil, o comendador Hiada Torlay, passa a fabricar patins de rodas, marcando o início da indústria nacional neste setor esportivo.

Década de 1950 Além dos concursos nos riques, a patinação começa a ser praticada também em clubes. A apresentação do espetáculo sobre rodas *Skating Vanities*, em São Paulo, impulsiona a realização de shows no Brasil que são destaques até os anos de 1970, quando passa a se destacar como esporte competição.

1964 Criação da empresa Patins Lusul (SP), tradicional fabricante de patins no Brasil que também atua no ramo de representações de grandes marcas do mundo.

1969 Incentivado pelo Comendador Hiada Torlay, o atleta Bruno Casale registra a primeira participação brasileira em um mundial de corridas sobre patins, no VII Campeonato em Mar Del Plata (Argentina).

Década de 1960 Funcionamento da Pista de Gelo no Quitandinha (Petrópolis-RJ), evento hoje de poucos registros, sem precisão de períodos, de atividades desenvolvidas e impactos.

1971 O primeiro Campeonato Sul Americano de Patinação Artística, realizado em SP, conta com a participação do Brasil, Uruguai, Argentina e Colômbia. A brasileira Cecília D’Andrea sagrou-se a primeira campeã sul-americana da modalidade, feito repetido em 1973.

1972 Patrocinada pelo Comendador Hiada Torley, Cecília D’Andrea, que apenas pretendia assistir este evento a fim adquirir experiência, participa de última hora do Campeonato Mundial da Alemanha de Patinação Artística (individual feminino).

1975 O Clube Militar do Rio de Janeiro sedia o Primeiro Campeonato Brasileiro de Patinação Artística.

1979 A patinação desliga-se da Confederação Brasileira de Desportos-CDB com a fundação Confederação Brasileira de Desportos Terrestres-CBDT que passa a investir na participação da patinagem em competições internacionais.

Década de 1970 O comendador Hiada Torlay, investe no intercâmbio de técnicos e patinadores do Chile, Argentina, Uruguai e Colômbia e contribui significativamente para a promoção de cursos e estímulo ao esporte.

1985 O primeiro Campeonato Brasileiro de Corridas acontece em Porto Alegre-RS. A partir deste evento observa-se a regularidade dos campeonatos brasileiros e a participação do Brasil nos campeonatos Sul-Americanos, Pan-Americanos e Mundiais.

Década de 1980 A Pista de Patinação no Gelo do Barra Shopping (RJ) promove um grande interesse em aficionados. Neste período foram realizados alguns campeonatos. Também no Rio de Janeiro, a pista do Tivoli Park funciona como um point da prática no gelo. Com o fechamento destas pistas, principalmente a do Barra Shopping, em 1993, o patim no gelo passa por fase de declínio e atletas são impossibilitados de competir internacionalmente por falta de uma pista oficial no Brasil.

1990 – 1991 Acontecem alguns campeonatos de patinação no gelo no Ibirapuera (SP), promovidos pela empresa *Holiday On Ice*.

1988 A falta de investimentos no esporte leva alguns aficionados a investir na separação do Hóquei e da Patinação sob administração da CBDT, surgindo a ABP, sigla da Associação Brasileira de Patinagem. Em 1991, por decisão do Conselho Nacional de Desportos, esta entidade passa a constituir-se como Confederação Brasileira de Hóquei e Patinação-CBHP.

1993 A Escola de Patinação Artística Marcelo Santiago promove turnês de shows até o ano de 1996. Em 2002 apresenta o espetáculo ‘*Unforgettable*’ na Sala Vila Lobos, no Teatro Nacional de Brasília-DF.

1995 Fundação da Empresa Barra On Ice (RJ). Inicialmente esta empresa desenvolvia projetos de pistas de patinação no gelo com equipamentos terceirizados, mas atualmente já conta com pista própria, passando por Teresópolis, Niterói, Cabo Frio, Pizza Hut,

Norte Shopping, Shopping Vitória, Shopping Barra Garden, onde se encontram points da modalidade.

1999 Janaína Espíndola recebe o Prêmio Brasil Olímpico (COB) na patinação artística. No Pan-Americano de Winnipeg, destacam-se Diego Dore e a dupla Luciana Rolha - Max Coelho. Fundação da empresa Twice (SP) que atua no ramo do entretenimento e instalação de pistas de gelo no Brasil.

2001 Tuca Reichert, treina a primeira equipe brasileira de patinação de elite que participa da *6th Annual North Shore In Line Marathon* em Duluth, Minnesota, EUA. Realização do Campeonato Brasileiro de Patinação Artística em Blumenau-SC.

2002-2003 A patinação artística brasileira destaca-se em vários campeonatos internacionais. No Campeonato Pan-Americano das Nações, Colômbia, conquistam seis medalhas. Mayra Ramos e Marcel Sturmer destacam-se como melhores atletas da modalidade.

Situação Atual A patinação artística, embora ainda pouco popular no Brasil, já se destaca no cenário internacional. Quanto aos atletas filiados, a CBHP registra 1.650 na patinação artística, com estimativa de 2.145 praticantes ocasionais e, na modalidade corrida sobre patins, de 60 atletas registrados e de 78 regulares /

ocasionais. Além da falta de patrocínio e do alto custo de equipamentos, o pouco investimento em infra-estruturas fixas para treinamentos e competições oficiais inibe o desenvolvimento do esporte. Embora o Brasil já conte com três empresas especializadas na montagem de pistas de gelo, estas instalações são mais utilizadas para fins de entretenimento e promocionais, baseadas de forma temporária em sua grande maioria em Shopping Centers. Esta situação se agrava na modalidade sobre o gelo, não somente pela pouca quantidade disponível quanto a inexistência de uma pista nos padrões internacionais. Segundo o empresário Washington Ascenso, da Lusul/Patins de SP, especializada na fabricação de patins do Brasil, as vendas destes equipamentos tem maior aquecimento nos segmentos de recreação e *fitness*. Como prática de lazer, a patinação sobre rodas além do benefício para a saúde e fator de integração social. Neste sentido destacam-se os trabalhos dos professores Érika Cordeiro (RJ) e Tuca Reichert (DF) na promoção de eventos/encontros informais que ao mesmo tempo divulgam as modalidades de patinação. Aliando o esporte competição e o entretenimento, os professores Lucy Pastusiak, Simone Pastusiak e Geraldo Cardoso (campeão brasileiro de hóquei) ministram aulas regulares na pista fixa do Shopping Barra Garden (RJ). Roberto Guimarães treinou a equipe do Holyday On Ice durante 18 anos e atualmente ministra aulas na pista fixa do

Shopping Monte Verde (MG). Estimulando o esporte de alto rendimento, o Fluminense Football Clube (RJ) firmou recentemente parceria com o COB e com a Confederação Brasileira de Desportos no Gelo-CBDG para o desenvolvimento de praticantes e aprimoramento técnico para as Olimpíadas de Inverno. Iniciando parte deste trabalho, as atletas de patinação artística sobre rodas Anna Carolina Menezes e Cristal Nitzsche estão sendo preparadas, com treinamento em Boston-EUA, para adaptação e treinamento das técnicas sobre o gelo.

Fontes Jorge de Oliveira Serafim e Tuca Reichert – CBHP (www.cbhp.com.br); Érika Cordeiro; Lucy e Simone Pastusiak, Geraldo Cardoso (Barra Garden), *Fédération Internationale de Roller Skating*; Arquivos históricos Ligia Perissinotto Requena e Comendador Hiada Torlay; www.correioweb.com.br/cw/2001-03-31/mat_32613.htm; www.patinacaoartistica.com.br; www.patinadoresdebrasil.com.br; www.rogeriocarnieto.hpg.ig.com.br/pistas; www.Lusul/Patins.com.br; www.patinar.com.br; www.jovem.te.pt; www.rollerskating.org; www.holidayonicerink.hpg.ig.com.br; Washington Ascenso (www.patins.com.br); www.pistadegelo.com.br; Revista Isto É Olimpíada; www.wmulher.com.br (Entrevista com Lucy com Lucy Pastusiak - patinadora artística, por Flavio Hesse, 2003).

Localização de pistas fixas de patinação no gelo no Brasil, 2003

Figure and speed skating on ice facilities in Brazil – location, 2003



Entidades dirigentes / Institutional bodies

Fédération Internationale de Roller Sports - FIRS (Barcelona)
International Skating Union (Lausanne)

Confederação Brasileira de Hóquei e Patinação - CBHP (São Paulo-SP)

Confederação Brasileira de Desportos no Gelo CBDG (Rio de Janeiro-RJ)

Federação Hóquei e Patinação do Mato Grosso do Sul

Federação Brasileira de Hóquei e Patinação

Federação Catarinense de Patinação Artística

Federação Hóquei e Patinação do Estado do Rio de Janeiro

Federação Gaúcha de Patinação

Federação Mineira de Hóquei

Federação Mineira de Patinação Artística

Federação Paulista de Patinação Artística

Federação Paulista de Hóquei e Patinação

Federação Paranaense de Hóquei

Federação Paranaense de Patinação Artística

Federação Pernambucana de Patinação

Fédération Internationale de Roller Sports - FIRS – Barcelona

International Skating Union (Gelo)

Patinação Artística e Corrida – estados mais desenvolvidos (rinqes e escolas)

Speed and Figure Skating – states with facilities and schools

DF, MG, PR, RJ, SP, RS, SC, BA, MS, PE

Centro de treinamento para representação internacional

Training center for international competitions

Fluminense Football Club (RJ) – Parceria com COB e CBDG

Bungee jump – Scad dive

VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM

Bungee jumping – Scad diving

Bungee jumping today is a modernized version of an ancient rite of manhood performed in the Pentecost Islands in the South Pacific. Young men jumped from specially constructed bamboo towers with vines attached to their ankles to break their fall. Modern day bungee jumping

utilizes special purpose harnesses and very strong elastic cords so that participants jump off from high and unexpected places such as bridges, bypasses, helicopters, balloons or even metal platforms. Scad diving is all about being dropped from around 50 meters in the air into a

suspended safety net. The scad diver freefalls (no elastic cords or parachutes) reaching a speed of over 90 kph. In Brazil the Associação Brasileira de Bungee Jump (Brazilian Bungee Jumping Association-ABBJ) organizes these practices through 4 affiliated companies.

Definições e origens A prática do bungee jump pode ser traduzida como saltar no vazio de lugares altos e inusitados com uma corda elástica presa aos pés, podendo sua base ser de uma ponte, viadutos, helicópteros, guindastes, balões de ar quente ou até mesmo de plataformas metálicas. O código de normas para realização de operações seguras na modalidade teve como base a Associação de Padrões da Nova Zelândia- SANZ e segue as regras internacionais de segurança e qualidade do trabalho em alturas. O Bungee Jump teve suas raízes em rituais antigos de masculinidade das Ilhas Pentecostais no Pacífico Sul. Os jovens saltavam de torres de bambu com cipós amarrados aos tornozelos para suavizar a queda. A moderna prática do Bungee Jump só ficou mais conhecida em 1987, quando um grupo de esportistas pioneiros saltou da Torre Eiffel, em Paris. Em 1988 surgiu, em Ohakune, na Nova Zelândia, o Bungee Jump comercial, criado por A. J. Hackett. Atualmente é administrado em âmbito internacional pelas entidades: *North American Bungee Association*–NABA; *United States Bungee Association*–USBA; Nova Zelândia–SANZ; *The British Elastic Rope Sports Association*-BERSA. No Brasil é praticado desde 1993 pela empresa Adrena, formada pelos irmãos Lico e Fabio Shoel, que são *jumpmasters* formados pela *Adrenalin Dreams Adventures*–USA desde 1996, recordistas brasileiros de bungee jump em pontes e fundadores da Associação Brasileira de Bungee Jump-ABBJ, em São Paulo.

Situação atual Mais praticado como lazer e com história recente no país, o bungee jump é utilizado também em eventos promocionais para atrair a atenção do público, como o Bungee

Jump Halls (Florianópolis-SC, Santos e Caraguatatuba-SP e Capão da Canoa-RS) e o Osklen Bungee Expedition, na Ponte do Vale da Esperança-SP. Por seu alto impacto, muitos se contentam em assistir aos poucos aventureiros. A paulista Fabiana Bruno é recordista brasileira de jump balloon saltando de um balão em movimento a 200 metros de altura; Sérgio Santos é recordista brasileiro e sul-americano de bungee jump; e Ruy Fernandes é recordista brasileiro de Rope-Swing. Daniela Monteiro saltou do maior bungee jump do mundo, na África do Sul (216m). A principal referência para a prática está localizada na Ponte de Paulo Afonso, Bahia. Filiadas à ABBJ, as empresas: Maxtreme, Adrena Eventos & Expedições, Adrena Mil Bungee Jump e Team Extreme, operam diretamente no esporte. A equipe Adrena registra mais de 50 mil saltos desde 1996 e já realizou mais de 100 eventos no território nacional.

Scad Dive

Definições e origens Traduzido como “mergulho profundo”, o scad dive é um equipamento que permite ao praticante saltar de uma plataforma a 50 metros do chão, sem elásticos, pára-quadras ou qualquer outro suporte. Conduzido por um guindaste até uma plataforma especial, o aventureiro salta 30 metros em queda livre e cai numa rede flexível instalada a 20 metros do chão. Originário da Alemanha, sua criação foi registrada em 1997, por Max Wienand e sua equipe após um evento de bungee jump em Munique. Percebendo que o bungee jump já não causava tanto impacto, seis meses depois, inspirado por atrações circenses, ele criou o Scad Dive. A tecnologia do equipamento foi construída

nos mais altos padrões de qualidade e segurança, rigorosamente inspecionada, controlada e testada pela TÜV, órgão de segurança da Alemanha. Para aventurar-se não é preciso ser profissional em saltos, mas há restrições tais como não estar grávida; não ter problemas de coração e coluna; e pesar entre 50 e 120kg. Para menores de 16 anos o salto só é permitido com autorização dos pais. A prática chegou ao Brasil em 2002, em São Paulo-SP, trazido pela empresa Unilever para promover nova linha de desodorantes antitranspirantes, desenvolvida especialmente para homens dispostos a curtir as emoções e as aventuras do dia-a-dia. O sucesso da campanha chamou a atenção do público que fez filas para testar a nova aventura, seguindo posteriormente para outros estados do Brasil.

Situação atual Atualmente o scad dive já está difundido em mais de 20 países, entre eles Israel e Arábia Saudita, tendo atraído mais de 100 mil pessoas. Configurando como prática de lazer, o equipamento de scad dive, por sua possibilidade de mobilidade e instalação em qualquer local, no Brasil ainda é mais utilizado como atração em eventos promocionais. Alguns praticantes adeptos a aventuras mais radicais, consideram que o bungee jump, após o surgimento do scad dive “virou coisa do passado”, embora ainda atraia mais expectadores do que aventureiros.

Fontes Revista Isto É; www.nossarede.com.br; Revista Veja; Associação Brasileira de Bungee Jump; www.bungee.com; JC Online; www.brasilnovazelandia.org.br; www.360graus.com.br; www.diarioradical.com.br

Trekking – Enduro/Rally a pé

VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM

Hiking/Rally a pé

Trekking or hiking is off road walking or 4x4 walking in natural surroundings such as forests, mountains, rivers, trails, with the help of tools such as maps, compass or GPS (equipment of orientation via satellite). It is generally done in groups, which fosters companionship spirit and promotes interaction with nature. Trekking as a sport of

Definições O trekking pode ser considerado uma caminhada rústica com orientação por meio de mapas, bússola ou GPS (equipamento de orientação por satélite), em ambientes naturais como florestas, montanhas, cerrados, rios, trilhas, entre outros. Geralmente é praticado em grupo, estimulando o espírito de companheirismo e promovendo a interação com a natureza. Seus formatos assumem diferentes variações como trekking independente, trekking organizado, trekking assistido, trekking de competição e trekking de regularidade. Já o enduro a pé, também chamado rally a pé, é um esporte que migrou dos enduros de jipes e motos, vindo a incorporar-se ao trekking. Rally a pé não é um jogo de estratégia. É uma caminhada em forma de competição, praticada por equipes de 3 a 6 pessoas. As provas dos campeonatos costumam levar de 3 a 4 horas e meia, em um percurso de 8 a 13 km. Para empresas e grupos, esses valores podem cair pela metade. Como particularidade, nesta modalidade, diversos esportes podem ser acrescentados aos trajetos como o rapel, a tirolesa e a escalada, sem a obrigatoriedade da prática, conforme o interesse do praticante. Como no trekking, também assume as variações de práticas, divididas entre rally a pé de regularidade e rally a pé de velocidade.

Origens A palavra trekking surgiu no século XIX, utilizada por trabalhadores holandeses que colonizaram a África do Sul e viajavam muito, tendo que carregar seus pertences por longos e diferentes percursos. Originária do verbo *trek*, significa migrar. Mais tarde, com o domínio britânico na região, a palavra foi absorvida pela língua inglesa e passou a designar as longas e difíceis caminhadas realizadas pelos exploradores em direção ao interior do continente em busca de novos conhecimentos, como a nascente do rio Nilo e as neves do monte Kilimanjaro nos países vizinhos. Com o interesse de novos aventureiros em busca de fortes emoções e integração com a natureza, o trekking começa a configurar-se como prática esportiva ou de lazer, também conhecida pelas denominações *hiking* ou *backpacking*.

No Brasil, o termo foi introduzido na língua portuguesa “significando caminhadas em trilhas naturais em busca de lugares interessantes para se conhecer, possibilitando um maior contato com a natureza” (Ortiz, 1999). Segundo George Hirata, algumas provas parecem ter sido realizadas no estado de Minas Gerais na década de 1980, com características muito semelhantes às das provas atuais. Mas a prática organizada de excursões na natureza foi inaugurada pelo Centro Excursionista do Brasil a partir de 1919, na região de Teresópolis-RJ. No início dos anos de 1990, o esporte renasceu sendo praticado apenas por amigos, como hobby alternativo em SP. Em 1992, naquele estado, amantes da natureza resolveram adaptar as regras dos enduros de moto e jipe à caminhada ecológica, iniciando a prática esportiva.

1989 Sergio Beck – montanhista e espeleólogo- lança o livro “Aventura de Caminhar”, que se tornou fonte de consulta para novos praticantes. Além de outros títulos, Beck foi o primeiro brasileiro a subir uma montanha acima dos 8.000m (8201 m, Cho-Oyu-Nepal) e o primeiro empresário a produzir mochilas para a prática do excursionismo no Brasil (Back Pac, 1995).

1991-1992 Esdras Martins, um dos responsáveis pela introdução da modalidade no Brasil, considera como marco inicial do Enduro a Pé, as provas realizadas pelos jipeiros da “Tração 4x4” na Serra da Cantareira-SP. Esdras Martins atualmente dirige a Liga Nacional de Enduro a Pé e o Campeonato Paulista de Trekking.

1994-1996 Este período marca o início das equipes Sociedade, Arame Farpado, Os Saknussemms, Peterê, Referência,

organized groups began in Brazil in the early 1910s. Today 8 Brazilian states have 18 institutions with organizing leaders and guides that conduct 800 tour groups per month. In spite of the lack of official records, the institutions that represent trekking estimate that there are 7,000 regular trekkers in the country. Brazil also has industries

Kumékifica e Curtlo Caravana North. George Hirata (Equipe Curtlo Caravana North) ressalta que, em 1996, havia apenas 3 organizadores de eventos em São Paulo para atender, em média, a 80 equipes. Atualmente, este quadro evoluiu para 18 organizadores em 8 estados do Brasil, com números na ordem de 800 equipes por mês.

1997 A Trilhabrazil, com apoio da Salomon, empresa francesa de calçados, realiza a Copa Salomon de Trekking. Participaram deste campeonato mais de 100 equipes diferentes, totalizando mais de 400 praticantes. Registra-se a primeira matéria em TV, na ESPN Brasil, com reportagem de Renata Falzoni.

1998 Fundação da Liga Nacional de Enduro a Pé-LINEP com o objetivo de unificar, organizar competições e incentivar a criação de novos circuitos em todo o território nacional. Fundação da Confederação Brasileira de Rally a Pé.

1999 A equipe Os Penalvas, campeã nos trekkers em 1998, monta um dos maiores campeonatos do estado de São Paulo, na cidade de Presidente Prudente. Surge também a Taça São Paulo de Enduro a Pé, organizada por ex-integrantes da equipe Alpha-mato. Nesse ano, tem início a disputa da Liga Nacional de Enduro a Pé-LINEP, com oito etapas e com a colaboração de 4 organizadores diferentes. No ano seguinte, por falta de entendimento entre os organizadores, a Liga Nacional deixa de ser disputada. Os estudantes Leonardo Azevedo e Daniel Loureiro, juntamente com um grupo de amigos adeptos do trekking, introduziram a prática do Enduro a Pé no Estado do Espírito Santo, criando o Circuito Capixaba de Trekking com apoio da LINEP.

2000 O I Campeonato de Rally a Pé de regularidade do Rio de Janeiro conta com a participação de 250 competidores. Dan Robson coloca em prática o Projeto Areias 365 (Parte I). Partindo no dia 31 de dezembro deste ano da Barra do Chuí, divisa entre Brasil e Uruguai, o projeto, idealizado por ele, foi concluído no dia 30 de dezembro de 2001 no Oiapoque, estado do Amapá, próximo a Guiana Francesa. Com este feito, Dan registra sua participação na história deste esporte como o primeiro homem a explorar o contorno geográfico do Brasil a pé, e sozinho. O jornalista gaúcho Airtton Ortiz, amante da modalidade e primeiro a pisar no cume do Kilimanjaro-África (1997), lança o livro Na Estrada do Everest-Trekking no Himalaia, pela editora Record. O Circuito Capixaba de Trekking quebra o recorde nacional de equipes inscritas, com 106 representações.

2001 Acontece a primeira etapa do Campeonato Paulista de Trekking, em Atibaia-SP, com 125 equipes e cerca de 600 participantes. Na Floresta da Tijuca-RJ, maior parque nacional em ambiente urbano e patrimônio natural do Rio de Janeiro, acontece a segunda etapa Copa Rio de Trekking. O guia “Estrada Real para caminhantes”, de Raphael Olivé, recebeu o certificado de mérito como finalista do X Prêmio “Fernando Pini” de Excelência Gráfica 2.000, na categoria Guias e Manuais, reconhecendo-a como uma das três melhores publicações nacionais do gênero. No mesmo período, é realizada a primeira etapa do Circuito Mineiro de Trekking, na Serra do Cipó-MG, com 47 equipes inscritas.

2002 Aproximadamente 600 pessoas, divididas em 125 equipes, participaram da quarta etapa do Campeonato Paulista de Trekking, realizado em Pilar do Sul-SP. Com a orientação e o apoio técnico da equipe do Campeonato Paulista de Trekking, surgem circuitos no Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais e Ceará. Somente na primeira prova, realizada no estado do Espírito Santo, 100 equipes

that manufacture gear shoes and backpacks. Trekking has tended to merge with other sports such as Brazilian rally a pé (hiking competition where the participants have to follow rules, and keep track of time) for example, and especially with national and international tourism because of the large offer of trekking locations in Brazil (see map).

participaram. Em São Paulo, surgem organizadores em diversas cidades do interior. Em Salesópolis, os integrantes da equipe Os Piratas do Tietê organizam a Primeira Copa Alto Tietê. Na cidade de Valinhos, a equipe Kumékifica organiza o Circuito Cidades do Interior. Em Botucatu, Fernando Arena organiza o Circuito Botucatu de Trekking (atual Circuito Pró Cuesta de Trekking). No sudeste deste estado, região de Sorocaba, Votorantim, Piedade e Tapiraí, tem início o Circuito Cascata Branca de Trekking.

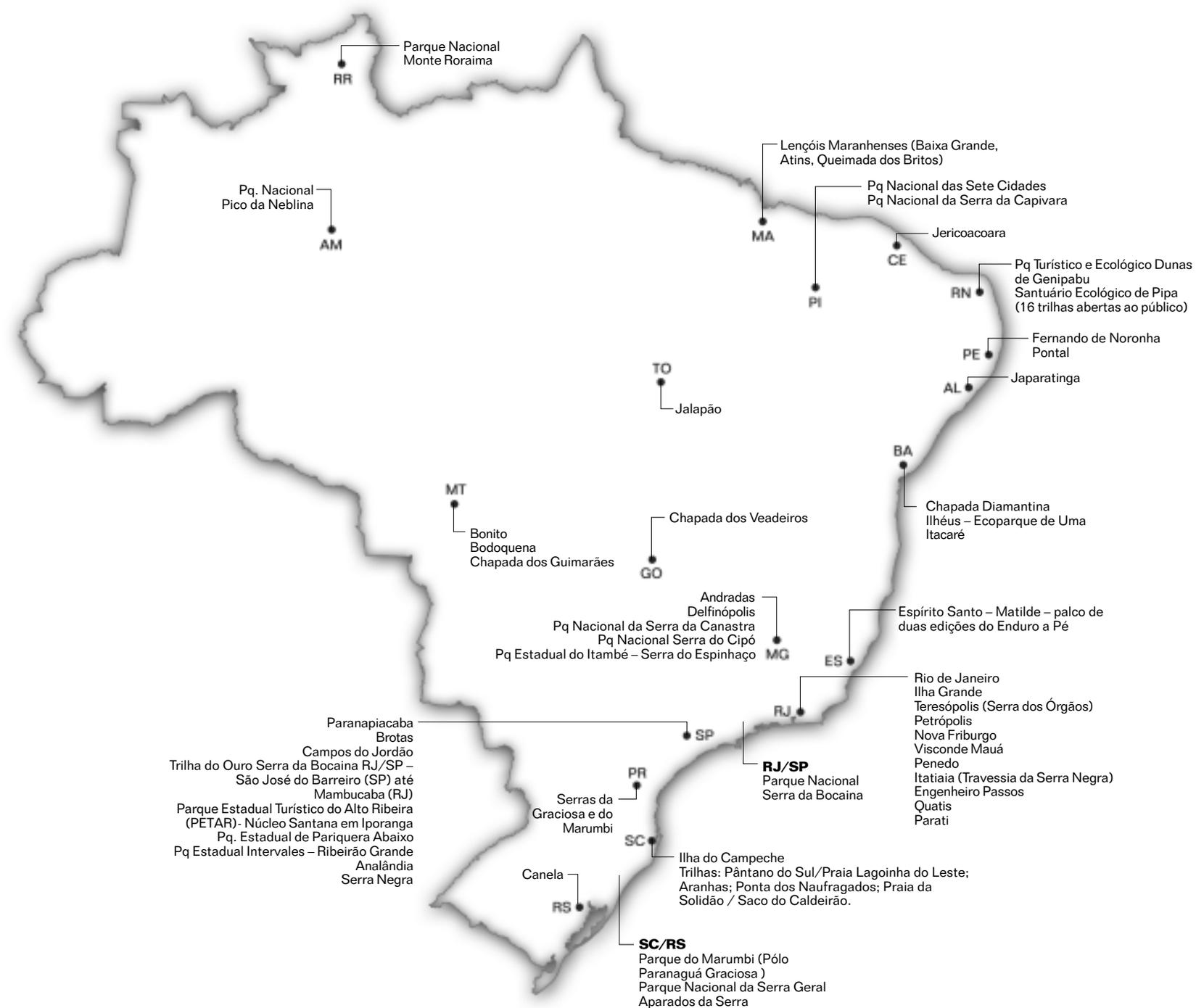
2003 Novos campeonatos fortalecem ainda mais o Enduro a Pé, ressaltando a prática em âmbito nacional. Começam, simultaneamente, os Circuitos Paranaense, Catarinense e Baiano. Na cidade de Campinas-SP acontece a Copa North de Enduro a Pé que, logo na segunda etapa, bate o recorde nacional de participantes, com mais de 150 equipes. Uma parceria entre o SEBRAE-MT, a Associação Brasileira de Esportes de Aventura-ABEA e a Enduro a Pé é firmada, com objetivo de implantar o Circuito de Enduro a Pé no Estado de Mato Grosso, além de promover o primeiro curso prático e teórico para 25 participantes daquele estado, no Parque da Chapada dos Guimarães. A cidade de Brotas-SP sedia o I Campeonato Brasileiro de Trekking, com equipes de São Paulo-SP, Botucatu-SP, Campinas-SP, Vitória-ES, e do Rio de Janeiro-RJ.

Situação atual Embora sem registros oficiais, as entidades representativas deste esporte estimam a ordem de 7.000 praticantes regulares. Os diversos formatos de eventos e competições contribuem simultaneamente para a divulgação e movimentação da indústria de equipamentos, acessórios, vestuário e turismo. Devido à diversidade geográfica e climática, o Brasil é um país com condições ideais para a prática do trekking e do enduro a pé, surgindo cada vez mais empresas e operadoras de turismo que exploram a atividade. O fato de não exigir preparo específico e poder ser praticada por qualquer pessoa, em qualquer faixa etária, e não oferecer grande risco (desde que praticado com orientação), faz com que o trekking seja considerado um dos esportes, dos que convivem diretamente com a natureza, mais acessíveis e que abraça grande parte dos pacotes de ecoturismo. Como prática esportiva ou de lazer, observa-se o potencial de crescimento da modalidade, no sentido do turismo interno e externo. Segundo pesquisa da Organização Mundial do Turismo de 2002, o ecoturismo cresce 20% ao ano, enquanto que o turismo, apenas 7,5%. No Brasil, o turismo de aventura envolve números na ordem de 500 mil ecoturistas em busca de emoções (Embratur, 2001). O presidente do Instituto de Ecoturismo do Brasil, João Allievi, ressalta a crescente demanda pela conscientização ecológica também na fase escolar. Segundo ele, “há estimativas de que, no Estado de São Paulo, 90% das escolas particulares levem duas vezes ao ano alunos para vivenciarem os ensinamentos da sala de aula nas trilhas da Serra do Mar ou Cantareira”. Além disso, cresce o número de aventureiros com destino às trilhas místicas – como a de Santiago de Compostela-Espanha –ora em implantação no Brasil ligando os sítios históricos de MG.

Fontes Linep–Esdras Martins; www.enduroape.com.br; www.trilhaape.com.br; www.360graus.com.br; www.braziladventure.com.br; www.worldadventure.tripod.com.br; www.inema.com.br; www.watermag.com.br/minas/trekking.htm; Isto É – Pólos de Ecoturismo; www.worldadventure.com.br; www.northbrasil.com.br; www.dan.com.br; Revista Nez Adventure, abril 2002 (Em Foco: Dan Robson, por Ana Paula Brasil); www.zone.com.br/trekking; www.estadao.com.br; rally a pé: www.rallyape.com.br; Liga Nacional de Enduro a Pé – LINEP.

Principais locais para a prática de trekking por estado, 2003

Main trekking locations in Brazil per state, 2003



Entidades gestoras / Organizations

Mundo / World

Fédération Française de la Randonnée Pedestre, França

Brasil

Liga Nacional de Enduro a Pé – LINEP, São Paulo e Confederação Brasileira de Rally a Pé – COMBRAP, São Paulo

Campeonatos / Championships

Campeonato Brasileiro

Liga Nacional

Regionais: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina e Bahia.

Os principais campeonatos regionais são realizados no Rio Grande do Sul, RJ, SP e interior Paulista.

Campeonatos 2003 – Circuitos por região (*)

Championships in 2003 per regions (up to Sept.)

Estado / States	Nº de equipes / Teams
RJ	82
SP	176 (1º turno)
SP interior	45
MG	87
ES	159
PR	N/d
SC	26
BA	48

* classificação em setembro de 2003

Corrida de Aventura

VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM

Adventure Racing

Adventure racing is a competition of multiple purposes that involves desire for adventure and discovery. Participants race through inhospitable and little explored regions that challenge racers’ physical and mental limits. Adventure racing includes sports that are directly related to nature such as orienteering, trekking, horseback riding, rappel, swimming, canoeing, canyoning, mountain

Definições A Corrida de Aventura – também denominada de Rally Humano – é uma competição de múltiplos propósitos esportivos que envolve grande espírito aventureiro e expedicionário. Os participantes percorrem, na maioria das vezes, regiões inóspitas e pouco exploradas que colocam em cheque seus limites físicos e mentais. Os esportes que integram esta competição estão diretamente relacionados à natureza como orientação, trekking, equitação, rapel, natação, canoagem, canionismo, escalada, rafting, mountain bike entre outras, sendo adaptados conforme os critérios da organização ou as condições locais. Embora a muitos pareça impossível atingir os objetivos propostos pela organização das Corridas de Aventura, todos os trajetos e atividades são devidamente testados para que possam ser concluídos de maneira a causar o menor impacto possível ao meio ambiente. Geralmente as equipes participantes são compostas de três a cinco membros, de ambos os sexos. Os participantes são orientados por bússolas e mapas para que realizem o percurso no menor tempo possível. A infra-estrutura de suporte das competições é complexa e exige contatos e articulações com órgãos governamentais, organizações não-governamentais-ONG, empresários e até comunidades locais.

Origens Em 1985, após completar um trekking de mais de 300 km pelo deserto do Sahara, o francês Patrick Bauer decidiu compartilhar sua experiência e criou o “Marathon des Sables”. Basicamente, a corrida exigia resistência física, velocidade e grande poder de orientação para se cruzar o Sahara. Hoje, o evento acontece anualmente em diferentes regiões do Marrocos, onde a variação térmica é altíssima: de dia, a temperatura pode chegar a 50°C, e à noite, a 0°C. A expedição a pé dura sete dias, num total de 230km.

1988 Todos os anos acontece na Argentina, durante aproximadamente três dias, o Raid Aventura, no qual 240km são percorridos através de caiaque, canoa, rafting, trekking, cross country, mountain bike, escalada, natação, ski alpino, ski de travessia, cavalgada, rapel e marcha sobre o gelo. Na primeira versão, em 1988, o evento aconteceu nas geleiras do Glaciar Perito Moreno, na Patagônia.

1989 No final da década de 1980, as corridas de aventura popularizaram-se na Europa e na Nova Zelândia. Em 1989, Gerard Fusil, jornalista e aventureiro francês produziu, na Nova Zelândia, o Raid Gauloises (*The Raid*). Com base em sua experiência atual, Gerard conceitua o formato das corridas de aventura como “uma forma de buscar e superar os próprios limites, testando-os e integrando-os ao trabalho em equipe e no respeito ao meio ambiente”. Em 1999, o mesmo Gerard criou o Elf Authentique Aventure, com sua primeira edição nas Filipinas.

1992 Com o intuito de introduzir a modalidade de esporte na América do Norte, Market Burnet criou, neste ano, a empresa *Eco-challenge Lifestyles Inc.*

1994 A França é um país que criou tradição em esportes de aventura. Desde este ano, o Corsica Raid acontece anualmente na ilha de mesmo nome, e possui um formato diferente das outras corridas similares. A competição dura sete dias, dividida em etapas de um dia, em que os competidores praticam duas ou três modalidades. As modalidades envolvidas são canioning, mountain bike, orientação, ascensão em cordas, rapel e caiaque oceânico.

1995 Acontece o primeiro Eco-Challenge, em Utah-EUA. A aventura reuniu 50 equipes e mais de 600 pessoas que coletaram cerca de 70 toneladas de material metálico para ser reciclado. Durando até 10 dias e média de 500km, esta prova reúne modalidades esportivas como canoagem, canioning, mountain bike,

climbing, rafting, and mountain biking. Brazilian teams have been competing abroad since 1998, same year when the Expedição Mata Atlântica (Atlantica Forest Expedition-EMA) covering 220km through the Mata Atlântica along the coastal region of São Paulo began. This event has had annual editions within the international circuit of the sport. The Sociedade Brasileira de Corridas de

equitação, trekking, escalada, entre outras. As equipes são compostas de quatro pessoas, podendo ser mistas. A segunda edição aconteceu no mesmo ano, em New England-EUA, transmitida pela Discovery Channel para 60 milhões de pessoas, em 124 países.

1996-1998 No início deste período, foi realizada a maior Eco-Challenge de que se tem notícia, na província da Columbia Britânica-Canadá, com a participação de 70 equipes. Em 1997, a competição saiu da América e foi para a Austrália. A primeira participação brasileira aconteceu em 1998, no Marrocos, com a equipe Brasil 500 Anos. Neste ano, a prova teve uma etapa com camelos. Ainda em 1997, Alexandre Freitas, atleta e empresário, participou da Southern Traverse-Nova Zelândia, e resolveu trazer a novidade para o Brasil. No ano seguinte, em 1998, realizou-se a primeira Expedição Mata Atlântica, popularmente conhecida como EMA, por intervenção de Freitas.

1998 A Expedição Mata Atlântica-EMA foi a primeira corrida de aventura brasileira que cobriu um percurso de 220km por dentro da Mata Atlântica, de Paraibuna até Ilhabela-SP. Mantém, ainda hoje, as mesmas edições anuais. O evento reúne a prática dos esportes de aventura, trabalho intenso de equipe e cuidados com a preservação ambiental. A modalidade de expedição acontece em regiões inexploradas da Mata Atlântica e visa testar os limites da resistência humana. A entidade responsável pela organização da EMA é a Sociedade Brasileira Multisport Adventure Race-SBMAR. Mas o principal órgão representativo no país é a Sociedade Brasileira de Corridas de Aventura-SBCA, criada também no mesmo ano para organizar o importante evento.

1999 A Patagônia-Argentina sediou o Eco-Challenge neste período e contou com a participação dos brasileiros do Brazil Adventure. No mesmo ano aconteceu o Raid Aventura, na reserva ecológica próxima à cidade de São Rafael, no estado de Mendoza-Argentina, uma região seca e inóspita com alta variação de temperatura. A equipe Brasil 500 anos venceu esta competição. Ainda em 1999, uma equipe brasileira venceu a competição EMA, que teve um percurso de 400km para a categoria Extrema, 350km para a categoria Aventura e 250km para a categoria Alternativa. As modalidades geralmente são trekking, orientação, técnicas verticais-rapel, canoagem, rafting, mountain bike, caverna e natação. As equipes são formadas por 3 pessoas, tendo pelo menos uma pessoa do sexo oposto. O grande desafio da Corrida de Aventura da Costa do Sol é vencer lugares pouco explorados com bastante autonomia. A prova dura cerca de 36 horas, com percurso de 150km na Paraíba. A primeira edição aconteceu em 1999, sendo a primeira corrida brasileira a não contar com equipe de apoio. Geralmente é composta por 20 equipes, formadas por 4 atletas, podendo ser mistas.

2000 Para os corredores de aventura, o Eco Challenge representa o ponto crucial a ser alcançado. Os requisitos para formalizar o convite de inscrição à equipe são grandes. Além do número de vagas limitadas, a organização analisa cuidadosamente o currículo esportivo dos atletas. Na edição 2000 da prova Corsica Raid-França, a competição foi dividida em duas categorias: a Elite Aventure, para os mais experientes e que cumprem todo o trajeto, e a Challenge Aventure, para os que não conseguirem cumprir os tempos. Ainda no mesmo período, a Patagônia sediou o evento Raid Aventura e contou com a participação de diversas equipes internacionais. O ano contou também com o lançamento do Circuito Brasileiro de Corridas de Aventura – CBCA, reunindo as principais corridas do país além de funcionar como treinamento e ingresso das equipes vencedoras para a EMA. As corridas do circuito são PETAR2000, Elf Authentique Aventure, Litoral; Raid Brotas

Aventura (Brazilian Adventure Racing Society - SBCA), the main Brazilian institution in adventure racing, has organized approximately 40 events with 1,200 competition hours since its foundation in 1998. The 2003 SBCA official calendar of events included 70 competitions involving 400 teams that participated in regional and national circuits.

“Extreme”, Desafio Costa do Sol e Expedição Mata Atlântica 2000. Na modalidade Elf Authentique Aventure, o nordeste brasileiro sediou a Elf através da Alaya Expedições, percorrendo três estados – Ceará, Piauí e Maranhão – num total de 800km. Durante o percurso, os participantes deveriam promover intercâmbio com as populações locais nas áreas de cultura, saúde, educação e arte. O evento tem uma duração média de 12 dias durante os quais os sete integrantes, de cada equipe, devem passar pelos PCs (postos de controle) dentro de um certo tempo, o que determina a categoria a qual pertencem: *Extreme* – para os atletas mais preparados que conseguem cumprir todos os tempos; *Adventure* – a categoria em que todos iniciam a prova; e *Discovery* – para quem quer viver a experiência sem ultrapassar os limites. Evento de menor porte, a primeira edição da Odisséia Pernambuco aconteceu em 2000. A prova leva um dia de duração e 40km de percurso. As equipes devem completá-la em até oito horas através de trekking, mountain bike, orientação e algumas provas surpresas. Os competidores se dividem em categorias separadas para equipes mistas e não-mistas, ambas com três integrantes. A equipe mista vencedora ganha uma vaga para participar do evento Desafio Costa do Sol. Outra competição é a Raid Brotas, que se realiza da cidade de Brotas-SP, conhecida como um *point* de aventureiros em busca de adrenalina. No último final de semana de cada mês acontece o Raid Brotas, uma pequena competição para quem quer entrar no mundo das corridas de aventura. Deste surgiu o Raid Brotas Extreme, a segunda maior prova do Circuito Brasileiro de Corridas de Aventura-CBCA. O percurso, de aproximadamente 220km, deve ser vencido em três dias através de sete modalidades esportivas. Os competidores formam uma equipe mista com quatro pessoas a que se soma a equipe de apoio, com duas pessoas. Em 2000, em sua primeira edição, o evento contou com a participação de 25 adolescentes carentes que puderam integrar tanto as equipes competidoras quanto as equipes de apoio. Estimulando o cultivo à formação da memória do esporte, os participantes devem doar livros, guias, vídeos ou estudos sobre esporte de aventura para construir uma biblioteca temática pública em Brotas.

2001 O evento de 2001 da modalidade Eco-Challenge foi realizado na Nova Zelândia. O Circuito Brasileiro de Corridas de Aventura-SBCA passou a ter 7 etapas, todas preparatórias para a EMA 2001-Amazônia. Somente para esta edição, foram necessários oito meses para o fechamento do percurso.

2002 Neste período, o Circuito Brasileiro de Corridas de Aventura promoveu 8 etapas preparatórias e classificatórias para a EMA 5ª edição, que ocorreram na região sudeste do Brasil. No evento, a melhor equipe brasileira ganhou inscrição gratuita para a prova Raid The North, no Canadá. A competição, juntamente com a EMA, integra o Circuito Mundial – *Adventure Racing World Series*.

Situação Atual A SBCA tem como fundamento, desde sua origem, fomentar o crescimento sólido e duradouro das Corridas de Aventura no Brasil, entendidas como atividades de base esportiva e cultural. Em seis anos de atividade, a Sociedade promoveu aproximadamente 40 eventos, totalizando 1.200 horas de competição. Com a realização do Circuito Mundial de Corridas de Aventura -AR World Series-, em 2001, e a inclusão da EMA como uma competição síntese da América Latina, o esporte cresceu em representatividade. Atualmente, a SBCA passou a patrocinar e gerenciar as complexas negociações que envolvem a assistência e o suporte aos organizadores, além dos preparativos necessários à realização dos eventos e à divulgação dos campeonatos. Em paralelo, a entidade criou subprodutos, no Circuito Brasileiro de Corridas de Aventura, com eventos de curta duração – 6 a 12 horas e percurso aproximado

de 50Km. O objetivo é, simultaneamente, incentivar o crescimento quantitativo e qualitativo dos praticantes de alto rendimento e o fomento a novos adeptos. Em geral, os praticantes desta modalidade de esporte são oriundos de outras modalidades tais como academias de ginástica ou aficionados por esportes de aventura. Para os iniciantes, a EMA-Escola promove cursos que fornecem noções básicas através das principais disciplinas, como orientação, trekking, mountain biking, rafting e canoagem. Além disso a Escola procura desenvolver, no aluno, o espírito de equipe, o espírito de solidariedade e de conscientização ambiental. Outras empresas também promovem cursos e eventos, como a Adventure Camp e a Ecomotion. Nos últimos três anos, estas empresas promoveram mais de 20 eventos no Brasil. De menor porte, a Carioca Adventure iniciou-se, há dois anos, como promotora de eventos com etapas regulares. Dados da revista Adventure de maio de 2003 comprovam

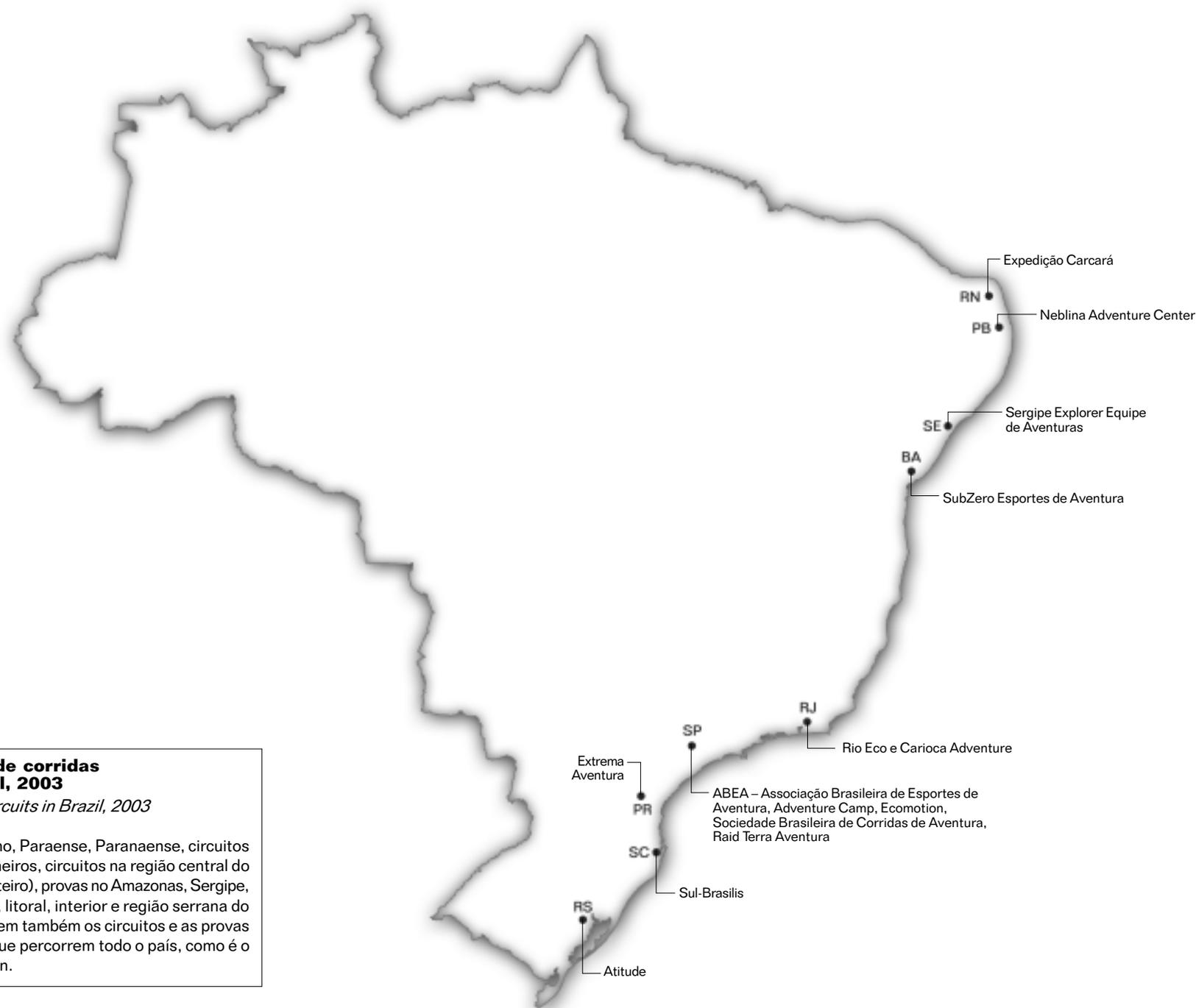
o desenvolvimento dos cinco anos das corridas de aventura no Brasil. Em 2003, aproximadamente 70 provas compõem o calendário oficial de eventos, envolvendo 400 equipes que participam ativamente dos circuitos nacionais e regionais distribuídos por todo o país. Configurando o atual crescimento deste esporte no país e no mundo, o reality show Conquistador do Fim do Mundo, realizado na Patagônia-Argentina em 2003, e produzido pela produtora Promofilm, foi transmitido simultaneamente para o Brasil (rede de TV SBT), Equador, Chile, Estados Unidos e México. Mesmo não contando com uma forte divulgação na mídia de massa, dos 22 mil inscritos pela internet para inscrição na prova, somente 12 pessoas integraram a equipe brasileira após a seleção. A finalista da última etapa da competição foi a atleta e professora de educação física Lilia Godoi, do Rio de Janeiro. Impulsionada pela abertura de canais de comunicação através da mídia impressa e eletrônica, a prática

desta modalidade de esporte populariza-se também para fora do meio esportivo. Valorizada pelos conceitos estratégicos e pela necessidade de integrar o trabalho de equipe para assegurar o cumprimento das metas, vários departamentos de recursos humanos de empresas de grande e médio porte utilizam-se das corridas de aventura como estratégias de treinamento e desenvolvimento de pessoas. É necessário, ainda, considerar o potencial deste esporte junto ao segmento do turismo de aventura.

Fontes: Alexandre Freitas/SBCA; www.ecoviagem.com; www.ecoesporte.com.br; www.rioradical.com.br; www.cariocadventure.com.br; www.corridasdeaventura.com.br; www.360graus.com.br; www.ema.com.br; www.guiadeaventura.com.br; www.ecomotion.com.br; www.ecoaventura.com.br; www.abea.org.br; Revista Adventure, Ano IV, nº46, Maio/03-Pablo Bucciarelli.

Instituições e clubes selecionados de corrida de aventura no Brasil, 2003

Institutions and clubs of adventure racing in Brazil, 2003



Principais circuitos de corridas de aventura no Brasil, 2003

Main adventure racing circuits in Brazil, 2003

Circuito Carioca, Nordeste, Paraense, Paranaense, circuitos Catarinenses, circuitos Mineiros, circuitos na região central do país (incluindo Brasília no roteiro), provas no Amazonas, Sergipe, Rio Grande do Sul, e ainda, litoral, interior e região serrana do Estado de São Paulo. Existem também os circuitos e as provas de abrangência nacional, que percorrem todo o país, como é o caso da EMA e o Ecomotion.

Bike Trials

VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM

Bike Trials

Bike trials is an individual sport that incorporates the use of a special bicycle which the rider must maneuver and balance on in order to complete specially designed artificial or natural "sections." The objective is to pass through the sections with

Definições e origens Bike trials é um esporte no qual as habilidades sobre uma bicicleta especial são testadas através de uma série de etapas ou 'trials' (do qual vem o nome do esporte, em inglês "tentativas"), sem qualquer tipo de contato físico como colocar o pé/mão no chão, cair, ou ultrapassar os limites laterais, no menor tempo possível. Para a prática do bike-trials, é necessária uma bicicleta especial, com marcha muito reduzida, pneus macios e freios poderosos" (Edu Capivara, 2003). Bike Trials teve sua origem no Motorcycle Trials, executado em moto vencendo várias etapas de trilhas artificiais ou naturais. Como os atletas queriam proporcionar a seus filhos algo semelhante antes destes começarem a treinar em motocicletas, desenharam bicicletas que pudessem vencer obstáculos parecidos para que as crianças treinassem até poder atingir idade para pilotar motos. Entretanto, algumas dessas 'crianças' nunca abandonaram as bicicletas, aperfeiçoando-as a ponto de criarem um novo esporte. O pioneiro foi Pedro Pi na Espanha em 1980. Em 1983, o paulista Eduardo Tadeu da Fonseca, conhecido como "Edu Capivara", desenvolveu uma bicicleta para Bike Trials sem conhecer os avanços de outros países. Motivado pelas competições e shows de Motorccycle Trials, adaptou sua BMX e começou a acompanhar as provas passando, com sua bicicleta, pelas sessões das motos muitas vezes sem cometer faltas. Por não conhecer o esporte Bike Trials, Edu Capivara o denominou Velotrial. Em 1984 Caio Salermo, Luciano "Kdra" Lancelotti, Luiz Antônio Cazarré também iniciaram a prática, utilizando bikes de freestyle semi-adaptadas.

1985 Pilotos europeus se apresentam no Ginásio do Ibirapuera-SP para shows de Motorcycle Trials e Bike Trials, com transmissão

as little physical contact with the ground as possible, obtaining minimum penalty points. Bike trials has been practiced in Brazil since the early 1980s under the denomination of velotrial: Brazilian athletes' adaptation to bike trials, which began in

ao vivo pela TV. Os pilotos trouxeram suas motos e duas bicicletas de Bike Trials. Do contato com competidores brasileiros surgiu o convite para o Brasil participar do Primeiro Campeonato Mundial de Bike Trials. Assim, em 1986, Edu Capivara inicia a carreira internacional com a 6ª colocação no Mundial. Ao retornar ao Brasil, começam as ações para transformar o hobby em profissão e consegue o patrocínio das empresas Scott e JKS, que investem no atleta até os dias atuais.

1990 Fundação da *Bike Trials International Union*-BIU, em Gifu, no Japão.

1993 Edu Capivara foi nomeado, pela BIU, delegado internacional do esporte, e segue organizando os campeonatos paulista e brasileiro de Bike Trials, segundo as regras internacionais.

1995 Segundo o atleta Cristiano Martins, a partir deste ano o esporte firmou-se nos Estados Unidos e os próprios praticantes começaram a organizar torneios. O Bike Trials ganha adeptos na Europa e logo os brasileiros começam a se interessar pelo esporte.

1996 – 1997 O Bike Trials participa, como esporte demonstração, das Olimpíadas de Atlanta-EUA. Em sua primeira participação oficial, Arnaldo Rodrigo Jorge (Zoinho) vence todas as etapas do Campeonato Brasileiro na categoria Junior. Em 1998, sagra-se campeão da Categoria Profissional Pró e recebe o certificado de piloto com cadastro na BIU, passando a ser reconhecido internacionalmente. Em 2000, conquista o título de tetra no campeonato brasileiro.

1986, when they attended their first international events. Today 5,000 people practice bike trials in the world including 200 registered Brazilian bikers. Fifty athletes participate in competitions regularly.

1998 – 1999 Edu Capivara executa um *drop* (salto de obstáculo) de 5 metros de altura, nos Jogos da Natureza. O piloto Cristiano Martins conquista o 3º lugar no ranking mundial e o vice no Campeonato Norte-Americano. Peter Kraus se apresenta no Parque do Ibirapuera-SP e palestra sobre o panorama do esporte no mundo.

2002 – 2003 Anderson Marcelo(SP), campeão brasileiro, participa do Desafio Fantástico/Rede Globo atravessando o corrimão da Ponte Metálica que liga Teresina-PI a Timon-MA. A modalidade é inserida nos Jogos Mundiais de Verão, no Ginásio do Ibirapuera-SP.

Situação Atual No Brasil, o Bike Trials encontra-se ainda em crescimento, contando com 50 competidores regulares. Eduardo Capivara ressalta que a modalidade ainda não tomou dimensões maiores no Brasil porque não existe no mercado um modelo Bike Trials, no estilo mountain bike. De acordo os bikers, a tecnologia do equipamento é fator decisivo no desempenho dos competidores. Na atualidade, Edu Capivara estima que, no mundo, o Bike Trials seja praticado por 5.000 pilotos dos quais apenas 200 são brasileiros. As disputas nos campeonatos mundiais são acirradas e o Brasil não figura ainda entre os 20 primeiros colocados. Devido ao interesse da mídia pela destreza e agilidade das manobras, o esporte vem apontando um crescimento reduzido devido à dificuldade da prática, mas atrai admiradores que se deslumbram com os espetáculos de habilidade, equilíbrio e coragem dos praticantes.

Fontes Edu Capivara, Diretor de Bike-trial da Federação Paulista de Ciclismo; www.scott.com.br; www.bikemagazine.com.br; Bike Trials Magazine www.biketrial.com/intro/what.shtml

Esportes de praia



Esportes de praia

VERA L.M.COSTA, FERNANDO GARRIDO E JULIO V. COSTA NETO

Beach sports

Sea bathing became a habit in Rio de Janeiro at the beginning of the 19th century. It was later recommended for its therapeutic effects by the British businessmen settled in the capital of the Empire (Rio de Janeiro) at that time. The 1885 Regulamento da Instrução Primária (Regulations of Primary Instruction), which was applied to Colégio Dom Pedro II (Brazilian model school located in RJ), produced a school curriculum that emphasized gymnastics and long walks to ‘strengthen’ the lungs not only when people were sea bathing but also when they were learning how to swim. Sea bathing was already a leisure habit at least in Rio de Janeiro - city

Origens e definições Segundo Gilberto Freyre (1948), o hábito de banho de mar foi introduzido no Brasil, no início do século XIX, a partir da cidade do Rio de Janeiro. Os banhos eram recomendados por seus efeitos terapêuticos pelos ingleses então radicados como comerciantes na então capital do Império. Um outro indício da existência do hábito no país, vincula-se ao Regulamento da Instrução Primária de 1885, aplicado à reforma do Colégio Dom Pedro II (colégio padrão do Brasil com sede no RJ) a partir deste ano. A proposição curricular dava ênfase à ginástica e a longas caminhadas para o fortalecimento dos pulmões, tanto como ao banho de mar no aprendizado da natação (Guedes, 2004). De qualquer maneira, pelo menos no Rio de Janeiro – cidade que estabelecia modismos no país como capital nacional – os banhos de mar já eram praticados no sentido recreativo no Brasil do início do século XX, de acordo com relato de Rosa Maria Araújo (1993). Em 1915, os jornais já noticiavam prêmios de futebol nas praias populares do RJ. Nos anos de 1930, o futebol e o voleibol já eram atividades organizadas encontradas nas areias da praia de Copacabana, também no RJ. E a partir desta década, os banhos de mar associados a esportes e atividades lúdicas de recreação foram progressivamente ocupando as praias brasileiras até alcançar o estágio de “cultura da praia”, como hoje se observa em sua plenitude em todo o litoral brasileiro de 8500 km de extensão. A expressão ‘cultura da praia’ tem sentido peculiar em várias regiões do mundo – basicamente: Austrália, Havaí, Califórnia, além do Brasil – associada a práticas esportivas e a convivência comunitária. A melhor comparação com o caso brasileiro pode ser feito com o da Austrália, que também ascendeu nos anos de 1930 tomando-se um estilo de vida da nação e berço de vários esportes (Stewart & Nicholson, *in* DaCosta, L. P. & Miragaya, A., 2002).

A explicação deste fenômeno cultural que associou o esporte com a vida cotidiana e a praia, parte da constatação comum de que o esporte ocupa um efetivo lugar no cotidiano social. Fato este comprovado pelos grandes espaços ocupados nos noticiários do mundo, pela mobilização da indústria e da tecnologia, na alteração de comportamentos, hábitos e costumes das populações. Imagens esportivas espetaculares invadem o universo de pensamento das pessoas e mobilizam seus desejos e aspirações encaminhando-os à busca dessas atividades seja em práticas formais ou não-formais. As práticas esportivas recreativas, exercidas nos tempos livres do trabalho, oferecem ao ser humano de hoje um espaço que lhe permite produzir um desequilíbrio cuja tomada de consciência é em si própria uma aspiração, um apelo inevitável à procura de seu equilíbrio vital (Maganane, 1969). Essas atividades, praticadas como lazer se apresentam como uma das possibilidades de resgate do sentido da existência humana e, enquanto manifestações corporais fomentam relações pessoais, ambientais e sociais, assumindo uma função integrativa dessa disponibilidade e ação, em que os homens se encontram na atualidade.

As praias, nas regiões litorâneas, enquanto um espaço público e da natureza, passaram a se constituir uma opção para essa prática ludo-esportiva, cuja vivência se apresenta num mundo social e cultural, no qual os indivíduos se relacionam, fazendo nascer motivos, expectativas, valores, representações e os significados que eles mesmos atribuem às suas ações. A demanda espontânea dessas práticas se constitui como expressões simbólicas do status de seus freqüentadores. A dinâmica de comunicação motriz desenvolvida em práticas fisco-esportivas a céu aberto, junto a elementos da natureza (céu, sol, mar, areia, vento), parece levar o participante, quando em ação, a aprender o distanciamento e o contato corporal, o enfrentamento físico, o domínio da agressividade, das reações afetivas e relacionais. O comportamento

that established fads in the country while national capital – in the early 20th century. Local newspapers featured beach soccer competitions on RJ popular beaches in 1915. Soccer and volleyball became organized activities on Copacabana Beach, RJ, in the 1930s, when sea bathing associated with sports and recreational activities gradually took up space on Brazilian beaches to produce the so-called ‘beach culture’, style known today along the 8,500km of the Brazilian sea coast. The expression ‘beach culture’ has a peculiar meaning in the various regions of the world – particularly in Australia, Hawaii, California and Brazil – where it is associated with sports

lúdico dos participantes faz da areia da praia e da faixa de mar que lhe cerca, um espaço lúdico, um lugar de acolhimento, de fraternidade, de enfrentamentos, de realizações. Os modos de comunicação exercidos nos jogos ai realizados agem como facilitadores dessa integração.

No Brasil, encontram-se distribuídas ao longo da faixa de areia várias práticas, tais como basquete de praia; beach soccer; carro à vela (*windcar*); frescobol; futebol americano de praia; futevôlei; futebol de praia; handebol de praia; sandboarding; vôlei de praia etc. Em adição a este grupo há práticas na faixa litorânea do mar, como surf, windsurf, bodyboarding, surf de peito, vela, jetski, maratonas marítimas e outras. Esses esportes demandam uma cultura esportiva que manifesta interesses e gostos ligados às práticas esportivas *outdoors*, que se desenvolvem circundadas por uma bela paisagem, num espaço aberto, desenvolvendo sensações de amplidão, de infinito. Muitas dessas práticas ganham adesão de populares na areia e no mar, associando-lhes a exposição ao sol, os banhos na água salgada, e algumas se expandem para outros locais como clubes, condomínios, agremiações em quadras de areia. O fato de aqui privilegiarmos as práticas espontâneas de lazer não implicou em quantificá-las em termos de adesão. Essas adesões, ainda que provisórias, são intensas entre os grupos, constituindo-se em arte de viver o estilo de jogar na praia, exigindo um ajustamento dessas práticas e de seus adeptos às possibilidades que as condições do tempo, do espaço e do ambiente oferecem. Porém, embora se reconhecendo a larga escala de participação esportiva das praias brasileiras, pretende-se que não haja ainda estimativas mesmo de ponto de partida e de exploração, no âmbito do conhecimento gerado no país. Nestas condições, optou-se por descrições sucintas de fatos de memória e de inventário de algumas atividades selecionadas, na perspectiva de mapeamentos e levantamentos futuros mais precisos. Em alguns casos – como na peteca, por exemplo – um esporte praticado na orla da praia não foi incluído por já se ter um capítulo próprio neste Atlas. Este critério foi preferencialmente adotado quanto aos esportes radicais, de risco e da natureza, também contemplados à parte na presente obra.

Fontes ARAÚJO, Rosa M. (1993). A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano. Rio de Janeiro: Rocco; BETRÁN, J. O., BETRÁN, A. O. (1995). La crisis de la modernidad y el advenimiento de la posmodernidad: el deporte y las prácticas físicas alternativas en el tiempo de ocio activo. Apunts: Educación Física y Deportes: Barcelona: (41), p.10-29; COSTA, V. L. M. (1995) Práticas esportivas de lazer na praia: Estudo das comunicações motrizes. Relatório de pesquisa apresentado ao C.N.Pq; COSTA, V. L. M., COSTA, M. de M., SALLES, J. G. C., SILVA, M. C. de P. (1996). Futebol de praia: representações simbólicas do espaço lúdico. (Tema Livre) Coletânea do 3º Congresso Latino-Americano da ICHPER SD. Foz do Iguaçu, p.623; COSTA, V.L.M., FIGUEREDO, R. de O., SILVA, C.A.F.da, NOVAES, Giovani (1996). Frescobol: representações simbólicas do espaço lúdico. (Tema Livre).Coletânea do 3º Congresso Latino-Americano da ICHPERD SD. Foz do Iguaçu, p.593; COSTA, V.L.M., TUBINO, M.J.G. (1998). Esportes praticados na areia da praia: representações simbólicas do espaço lúdico. Artus – Ver. Ed Fis.Desp, v.18, nº 1, p.27-37; ELIAS, N., DUNNING, E. (1992). Deporte y ocio en el proceso de civilización.México: FCE; FIGUEIREDO, Renata S.O., COSTA, V.L.M , DACOSTA, Lamartine (1996). Frescobol no RJ: interpretações históricas. IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, Belo Horizonte, outubro de 1996, Coletânea, pp. 417 – 425; FREYRE, Gilberto (1948). Ingleses no

practices and community living. The Brazilian situation is similar to that of Australia, which was also developed in the 1930s and which became the nation’s lifestyle and cradle of several sports (Stewart & Nicholson, in DaCosta, L. P. & Miragaya, A., 2002). Although participation in sports on the Brazilian beaches occurs on a large scale, there are no estimates in relation to points of departure or exploitation of investigations within the realm of knowledge generated in the country. Therefore, this chapter summarizes facts and inventory of selected activities not only in terms of mapping but also in terms of more precise future surveys.

Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio Editora; GEERTZ, C. (1989). A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara; GUEDES, Claudia. Escola de Educação Física e Esportes da USP. Capítulo deste Atlas, 2004; MAGNANE, G. (1969). Sociologia del deporte. São Paulo: Perspectiva; POCCIELO, C. (1995). Les cultures sportives. Paris: Presses Universitaires de France; STEWART, B. & Nicholson, M. (2002), Australia. *In* DACOSTA, L. P. & MIRAGAYA, A., Worldwide Experiences and Trends in Sport for All. Aachen: Meyer & Meyer; TUBINO, M.J.G., TUBINO, F., GARRIDO, F.A.C. (s.d.) Dicionário Enciclopédico Tubino de Esportes (no prelo); TUBINO, M.J.G. (1992). Esporte e cultura física. São Paulo: IBRASA.

Futebol de Praia – Futebol de Areia
Jogo praticado com os pés, na areia, no qual são executados passes e chutes numa bola, entre duas equipes de onze ou cinco jogadores, todos masculinos ou femininos, sendo um deles o goleiro. O objetivo é marcar gols na trave do adversário. Duração: 35 minutos, sendo 2 tempos de 10 minutos e intervalo de 10 minutos. No Brasil as primeiras aparições se deram no início do século XX, na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro-RJ.

1915 Primeiras disputas oficiais realizadas na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro. As equipes eram conhecidas como Leme, Copacabana, Lisboa, Oceano e Rio de Janeiro.

Década de 1940 Surgimento das primeiras entidades oficiais de direção do esporte no Rio de Janeiro, as Ligas Atlético de Copacabana-LAC, Esportiva do Leblon-LEL e Esportiva da Urca-LEU. Promoção de competições locais e entre praias.

Década de 1950 Ocorrência dos primeiros torneios “Interpraias” no Rio de Janeiro.

1960 Fundação da Federação Carioca de Esportes de Praia e a realização do I Campeonato de Carioca de Futebol de Areia.

1965 Realização do I Campeonato Brasileiro de Seleções de Futebol de Areia. Campeão: Rio de Janeiro-RJ.

1968 Primeiro Campeonato Brasileiro de Clubes de Futebol de Areia. Campeão: Radar, do Rio de Janeiro-RJ.

Situação Atual
Em retrospecto, esse esporte teve seu desenvolvimento atrelado à sua organização oficial e adesão à prática popular, na areia. Hoje, dada a facilidade de espaço e de equipamento o esporte recebe grande adesão popular. É comum ver-se em qualquer praia do Brasil, sua prática como lazer, associada às manifestações institucionais. A entidade representativa oficial (Federação) localiza-se no estado do Rio de Janeiro-RJ. Encontram-se organizações por todo o país ao nível de clubes.

Fontes
TUBINO, MJG; TUBINO, F; GARRIDO, FAC (s.d.) Dicionário Enciclopédico Tubino de Esportes (no prelo).

Vôlei de Praia
Jogo praticado por duas equipes de dois ou quatro jogadores, numa quadra de areia de 16X8m, separadas por uma rede, no qual são executados passes, toques, cortadas, bloqueios e saques numa bola a ser impulsionada para o lado adversário. Os praticantes são jogadores, masculinos ou femininos. O objetivo é marcar pontos colocando a bola no chão do campo adversário. Duração: 3 sets, sendo os dois primeiros de 12 pontos e o terceiro no sistema “tie-break”, de 15 pontos, com limite de 17 pontos.

Origens
No Brasil as primeiras aparições se deram nos anos de 1930 na praia de Copacabana-RJ. Nos anos de 1950, já estava

instalado nas praias de Copacabana, Ipanema e Leblon, no Rio de Janeiro, sendo disputados os primeiros torneios. Inicialmente, e por algumas décadas, apresentou-se somente como prática de lazer em finais-de-semana, jogado em duplas, quadras e sextetos.

1985 A empresa brasileira Koch Tavares introduziu o Vôlei de Praia no cenário mundial com a realização do I Hollywood Volley, disputado no Rio de Janeiro e em Guarujá, SP.

1987 I Campeonato Mundial de Vôlei de Praia ocorreu na praia de Ipanema-RJ, vencido pelos norte-americanos Sinjin Smith/Randy Stoklos; os brasileiros melhor colocados foram os jogadores Renan e Montanaro.

1990 Criação do Circuito Mundial de Vôlei de Praia, masculino: *World Champion Series*.

1991 Criação do Circuito Banco do Brasil de Vôlei de Praia com cinco etapas: Fortaleza- CE, Natal-RN, João Pessoa-PB, Recife-PE e Salvador-BA. Os jogadores Paulão e Paulo Emílio são os campeões.

1992 Surgem as primeiras competições femininas. Nos Jogos Olímpicos de Barcelona, realizados neste ano, o Vôlei de Praia apareceu como esporte de exibição.

1993 O presidente do Comitê Olímpico Internacional, o espanhol Juan Antonio Samaranch, assistiu à etapa do RJ do circuito mundial e oficializou o vôlei de praia no rol dos esportes olímpicos.

1994 Primeiro circuito mundial para as mulheres. O Rio de Janeiro foi palco deste evento em uma das etapas do masculino e do feminino.

1996 Nos Jogos Olímpicos de Atlanta, o Brasil estreou na modalidade, sendo representado, no masculino, pelas duplas Franco/Roberto Lopes e Zé Marcos/ Emanuel; e, no feminino, por Jaqueline/Sandra Pires e Adriana Samuel/Mônica: medalhas de ouro e prata, respectivamente.

Situação atual Em resumo, este esporte tem tido desenvolvimento e expansão por todo o país tanto como modalidade oficial quanto como prática de lazer. A prática popular, de lazer, na areia, se dá numa perspectiva de sociabilidade entre os participantes. Hoje, o vôlei de praia é divulgado pela televisão sem se destacar a adesão popular nas práticas. As entidades representativas oficiais (Confederação e Federações) localizam-se em todos os estados do Brasil. As competições oficiais mobilizam um grande número de espectadores na praia. Em locais onde não existem praias, é jogado em quadras de areia, até mesmo em associações e clubes. Na forma de lazer é jogado por seis pessoas em cada equipe.

Fontes TUBINO, MJG; TUBINO, F; GARRIDO, FAC (s.d.) Dicionário Enciclopédico Tubino de Esportes. (no prelo); www.voleibrasil.com em 20 de junho de 2003; www.cbv.com.br em 20 de junho de 2003; www.ig.farejador.com.br em 23 de junho de 2003; www.curitibaesportes.com.br em 18 de junho de 2003.

Frescobol Jogo praticado com raquetes de madeira, na areia. São executadas batidas e rebatidas numa pequena bola de borracha, geralmente entre dois e três jogadores, masculinos e/ou femininos, imprimindo cada vez mais velocidade à bola. O objetivo é mantê-la o maior tempo possível em movimento no ar. Duração: como lazer, definida pelos participantes; como competição, a seqüência é definida pelo número de toques nas batidas e rebatidas até que a bola toque o corpo de um dos participantes ou caia no solo. Avaliação em competição: definida pelo maior tempo de bola em jogo, nos itens ataque, defesa e velocidade, pelo entrosamento entre os praticantes e maior número de toques na seqüência mais longa.

Origens No Brasil as primeiras aparições se deram no verão do ano de 1945 no Rio de Janeiro, na praia de Copacabana, entre os postos 4 e 6 (Gerheim, 1992; Moura, 1987, 1990). Criação atribuída ao industrial Lian Pontes de Carvalho (1918-1995), embora haja controvérsias. Tornou-se o esporte preferido dos rapazes do Clube dos Cafajestes (grupo de jovens *playboys* das décadas de 1940 e de 1950), que representavam à época, o espírito lúdico, rebelde e boêmio do carioca (Figueiredo, Costa e DaCosta, 1996).

Década de 1950 O frescobol foi proibido em Copacabana, RJ, transferindo-se para as praias vizinhas como Ipanema e Praia do Diabo (Moura, 1987).

Décadas de 1960 e 1970 Intensa repressão policial e campanhas negativas por parte da imprensa no RJ, o que segundo Moura (1987), mais contribuíram para a sua popularização. Nos

anos de 1970, havia nas praias da zona sul do RJ um sistema de mensagens, sinais e alarmes que envolvia salva-vidas, vendedores ambulantes e outros esportistas que anunciavam a presença dos policiais (Moura, 1987). Desde os anos de 1960 houve tentativas de institucionalização, regulamentação e de campeonatos.

1971 Resolução da Secretaria de Segurança Pública de nº 0451, que regulamentou todas as atividades esportivas nas praias do Rio, inclusive o frescobol, afastando-o da beira d'água até às 14:00 horas (Gerheim, 1992).

1994 Há indícios de memória de que se realizou neste ano o I Campeonato Brasileiro de Frescobol.

Situação Atual Esse esporte, criado no caráter inventivo e sonhador de Lian Pontes de Carvalho, começou, segundo ele mesmo, por uma brincadeira de impulsionar uma bolinha de tênis descascada com o auxílio de uma tábua, tornou-se um dos esportes mais difundidos como prática de lazer nas praias brasileiras. Hoje, trata-se de um jogo encontrado praticamente em toda a orla marítima no Brasil. O esporte é divulgado pelos próprios praticantes e recebe grande adesão popular dado ao baixo custo do equipamento e a simplicidade de sua prática. As entidades representativas oficiais (Confederação e Federações) localizam-se nos estados: Bahia, Espírito Santo, Pará, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina. Existe uma Associação Brasileira de Frescobol e uma Liga Brasileira de Frescobol, ambas no estado de São Paulo.

Fontes COSTA, V. L. M., FIGUEIREDO, R. S. S. O. (1996). O frescobol nas praias do Rio de Janeiro: a produção e o deslocamento de sentido do jogo e do espaço lúdico. (Tema Livre). Coletânea do 3º Congresso Latino-Americano da ICHPERD SD. Foz do Iguaçu, p.594; COSTA, V.L.M., FIGUEIREDO, R. de O., SILVA, C.A.F. da, NOVAES, Giovanni (1996). Frescobol: representações simbólicas do espaço lúdico. (Tema Livre).Coletânea do 3º Congresso Latino-Americano da ICHPERD SD. Foz do Iguaçu, p.593; GERGEIM, F. (1992, 27 de setembro). Agora é para valer. Rio de Janeiro: Revista de Domingo (JB), nº 856, p.32-34; MOURA, F. (1987). Frescobol, um esporte como outro qualquer. Rio de Janeiro: SESC-Departamento Nacional-Intercâmbio, abr/jun (30), p.21-27; Tubino, MJG; TUBINO, F; GARRIDO, FAC (s.d.) Dicionário Enciclopédico Tubino de Esportes. (no prelo); www.th5eventos.com.br/historia.htm em 04/05/2003; www.nossoscampeoes.com.br em 18/05 e 23/07/2003.

Beach Soccer Jogo praticado com os pés, na areia, no qual são executados passes e chutes numa bola, entre duas equipes de cinco jogadores, sendo um deles o goleiro. O objetivo é marcar gols na trave do adversário. Duração: 45 minutos, sendo 2 tempos de 12 minutos e 2 intervalos de 3 minutos.

Origem No Brasil as primeiras aparições se deram no início dos anos 1990, a partir de uma parceria entre a empresa Octogon Koch Tavares e a Rede Globo de Televisão.

1994 I Mundialito de Beach Soccer realizado na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro. Participaram do evento representantes da Argentina, Brasil, Estados Unidos e Itália. Campeão: Brasil.

1995 I Mundial de Beach Soccer na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro. Participaram do evento representantes da Alemanha, Argentina, Brasil, Estados Unidos, Itália, Inglaterra, e Uruguai. Campeão: Brasil

1997 I Campeonato Brasileiro de Beach Soccer numa arena montada no Jockey Club de São Paulo. Participaram do evento representantes dos estados de Bahia, , Pernambuco, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo e Distrito Federal. Campeão: Rio de Janeiro.

Situação Atual A prática popular, na areia, se deu a partir do Futebol de Areia de 11 e de 05 jogadores. Na atualidade, o Beach Soccer é divulgado pela televisão, sem colocar em evidência uma adesão popular à prática. Entretanto, há ascensão no número de espectadores em campeonatos, principalmente se patrocinados e transmitidos em rede de televisão. As entidades representativas oficiais (Confederação e Federações) localizam-se nos estados: Alagoas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Roraima, São Paulo, Sergipe, Tocantins e Distrito Federal.

Fontes TUBINO, MJG; TUBINO, F; GARRIDO, FAC (s.d.) Dicionário Enciclopédico Tubino de Esportes. (no prelo); www.beachsoccerbrasil.com.br em 23 de julho de 2003.

Basquete de Praia Jogo praticado por duas equipes de quatro jogadores, num campo de areia, menor que a quadra oficial, no qual são executadas corridas, passes, e arremessos de uma bola à cesta do campo adversário. Os praticantes são jogadores masculinos ou femininos. O objetivo é marcar pontos colocando a bola na cesta do campo adversário. Apresenta duas variantes: uma americana, cuja cesta não possui tabela e se localiza em quadra circular, outra, nacional, com tabela e cesta, ao fundo da quadra retangular.

Origem No Brasil as primeiras aparições se deram em 1997, nas praias de Santos-SP. O professor Augustin Stin levou os treinos de basquete da Associação Peruíbe de Basquetebol para a praia.

1998 Lançamento do basquete de praia em Santos, do basquete feminino e da I Copa de basquete de praia.

Situação Atual Em seu desenvolvimento este esporte tem apresentado reduzida expansão como prática de lazer. Hoje, o basquete de praia é praticado geralmente por clubes, no estado de São Paulo, em Peruíbe, Santos, São Vicente e Praia Grande.

Fontes TUBINO, MJG; TUBINO, F; GARRIDO, FAC (s.d.) Dicionário Enciclopédico Tubino de Esportes. (no prelo). www.beachbasquetebol.com.br em 29 de abril de 2003; www.nossoscampeoes.com.Br/bizarros em 25 de abril de 2001.

Beach Handebol Jogo praticado com as mãos, na areia, no qual são executados passes e arremessos com uma bola, entre duas equipes de quatro jogadores, todos masculinos ou femininos, sendo um(a) deles (as) o (a) goleiro(a). O objetivo é marcar gols na trave do adversário. Duração: 25 minutos, sendo 2 tempos de 10 minutos e intervalo de 5 minutos.

Origens Esse esporte foi criado a partir do handebol tradicional de quadra numa tentativa de popularização. A prática popular, na areia, como lazer, já era registrada, entretanto, desde a década de 1980. No Brasil as primeiras aparições se deram nos anos 1990, a partir de uma promoção do Comitê Olímpico Brasileiro-COB.

1995 I Festival Olímpico de Verão realizado na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro. Participaram do evento representantes da Argentina, Brasil, Itália e Portugal. Campeão: Brasil.

1996 II Festival Olímpico de Verão na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro. Participaram do evento representantes do Brasil, Canadá, Cuba, e Itália. Campeão: Itália

2001 I Campeonato Mundial de Beach Handebol em Akita – Japão. Participação do Brasil. Classificação obtida: 3º lugar no masculino e feminino.

Situação Atual O esporte é divulgado pela televisão sem menção à adesão popular. As entidades representativas oficiais (Confederação e Federações) localizam-se nos estados: Alagoas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Roraima, São Paulo, Sergipe, Tocantins e Distrito Federal.

Fontes TUBINO, MJG; TUBINO, F; GARRIDO, FAC (s.d.) Dicionário Enciclopédico Tubino de Esportes (no prelo).

Carro à Vela (*Windcar*) Corrida de carros à vela, de formato triangular, com três rodas, na areia das praias ou em terrenos de terra. O praticante manobra a direção do carro com os pés e a do velame com as mãos. O objetivo é cruzar a linha de chegada à frente dos adversários no menor tempo possível.

Origens No Brasil as primeiras aparições se deram no início dos anos de 1990.

1990 Primeiro Campeonato Brasileiro em Capão da Canoa-RS. Participaram do evento representantes do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo.

1991 Criação da Associação Gaúcha de Windcar-AGAW no Rio Grande do Sul.

1996 Participação de brasileiros no Tour d'Europe (França, Bélgica e Inglaterra). Classificação do Brasil: 3º lugar.

1997 Práticas de windcar como atividade de lazer nas praias de Torres e Mariluz no Rio Grande do Sul.

1998 Participação de brasileiros no VI Campeonato Mundial de Carro à Vela em De Panne (Bélgica). Classificação do Brasil: 4º lugar por equipe.

Situação Atual A criação da Associação permitiu a organização do esporte no país. Fomento da prática como competição e como lazer. O esporte vem sendo praticado oficialmente nas regiões sul e sudeste, especificamente em São Paulo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. As entidades representativas oficiais (Federação Brasileira e Clubes) localizam-se nos mesmos estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo.

Fontes TUBINO, MJG; TUBINO, F; GARRIDO, FAC (s.d.) Dicionário Enciclopédico Tubino de Esportes. (no prelo); www.fbcv.cjb.net em 23 de julho de 2003.

Futebol Americano de Praia Jogo praticado por duas equipes de onze jogadores, num campo de areia de 109X49m, no qual são executados corridas, passes, dribles e arremessos de uma bola oval a ser impulsionada para o campo adversário. No Rio de Janeiro pode-se encontrar campo com 75m de extensão e uma variação de equipes com 30 a 40 atletas utilizados por partida. Os praticantes são jogadores masculinos. O objetivo é a conquista de território para marcar pontos colocando a bola na baliza ou trave em forma de Y, na linha de fundo (*end zone*) do campo adversário. Duração: 4 quartos de 15 minutos. Segue as mesmas regras do futebol americano.

Origens No Brasil as primeiras aparições se deram em 1986, nas praias de Copacabana no Rio de Janeiro, trazido por estudantes que regressaram de estudos nos Estados Unidos.

1992 Robert Lee Segal cria nos EUA o primeiro time de Futebol Americano de Praia.

1999 Criação da Associação Carioca de Futebol Americano.

2000 I Campeonato Carioca Ball ocorreu na praia de Copacabana, RJ, vencido pelo Rio Guardians.

2003 Oito equipes disputam o Carioca Bowl disputado em jogos nas orlas de Copacabana, Ipanema, Barra e Saquarema.

Situação Atual Este esporte tem apresentado reduzida expansão como prática de lazer. As entidades representativas oficiais são Associação Brasileira de Futebol Americano e Flag – ABRAFA e os clubes. O esporte é praticado nos estados: Distrito Federal, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo, Santa Catarina.

Fontes TUBINO, MJG; TUBINO, F; GARRIDO, FAC (s.d.) Dicionário Enciclopédico Tubino de Esportes. (no prelo); www.jbonline.terra.com.br em 29/04/2003;www.odiaonline.ig.Br em 04/05/2003;Thedim, F. Domingo tem futebol... americano. (22 out 2003). Oito times disputam o Carioca Bowl. *Veja Rio*. Ano 13, nº 42, p.22.

Sand Boarding Praticado individualmente em dunas de areia, de pé, com pés presos por duas alças em cima de uma prancha, no qual são executadas manobras corporais (saltos e giros). As manobras são: *Japan Air, Jet Sand, Metody Backside, Batidas de Frontside ou Backside, Back Flip, Front Flip, Indy, Tail Grab, Nose Boné*.

O objetivo é deslizar duna abaixo, sem quedas, para alcançar uma marcação que pode ser a água do mar, de lagoa ou rio. O material da prancha pode ser madeira com fórmica em baixo, fibra de carbono ou vidro à parte.

Origens O esporte surgiu no Brasil no final dos anos de 1980, nas dunas de areia de Florianópolis, Santa Catarina. Sua criação é atribuída aos irmãos Mac Fly, em SC, em 1986, segundo o site www.abea.org.br em 23 de julho de 2003.

1994 Realiza-se o I Campeonato na praia de Joaquina em outubro deste ano.

Situação Atual Esse esporte teve seu desenvolvimento mediante a expansão da prática e adesão popular como lazer nas dunas de areia, aumentando o número de praticantes e de desempenho técnico. Suas manobras são adaptações de outros esportes: do Surf, do Skateboarding e do Snowboarding. A publicidade tem auxiliado na difusão do Sandboarding associando-o a marcas de produtos e de turismo. O esporte é praticado nos estados: Bahia, Ceará, Maranhão, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Sergipe.

Fontes TUBINO, MJG; TUBINO, F; GARRIDO, FAC (s.d.) Dicionário Enciclopédico Tubino de Esportes. (no prelo).

www.dunasesmorros.hpg.ig.com.br em 23 de julho de 2003; www.abea.org.br em 23 de julho de 2003.

Futevôlei Jogo praticado na areia, realizado entre duas equipes de dupla de jogadores, todos masculinos ou femininos, no qual são executados golpes numa bola, usando pés, pernas, coxas, tronco ou cabeça. O objetivo é marcar pontos na quadra do adversário, enviando a bola por sobre a rede de uma quadra de Vôlei de Praia, de modo a criar dificuldades para a recepção do adversário.

Origens O Futevôlei um esporte genuinamente brasileiro e carioca. Criado em 1965 por um grupo de amigos atletas no Rio de Janeiro, na areia da praia de Copacabana, em frente à rua Bolívar, liderado pelo ex-jogador Octávio de Moraes, o "Tatá", e seus amigos Ralph, Luiz Fernando, o "Tananan", Airton, Adilton Brandão, Orlando, o "Pingo de Ouro", Feitoza, Francês, Carson Grace, Betão, Zé e Chico Brandão. Esses atletas se dividiram, inicialmente, em cinco para cada lado da quadra e continuaram a praticar a sua "linha de passe". Com o passar dos anos novas regras fizeram a adaptação para 2 (dois) atletas de cada lado, a chamada dupla e até 1 (um) atleta de cada lado, a chamada "umpla" (www.futevolei.com.br, em 15 de junho de 2003). É também conhecido como "pé-bol" e "pé-vôlei".

1965 Início do esporte na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro. A proibição do futebol nas areias das praias levou à criação do esporte praticado com os pés e outras partes do corpo numa quadra de Voleibol de Praia.

1968 Primeiro campeonato carioca de Futevôlei também chamado na época de "pé-bol" homenageando o ex-flamengista Almir "Pernambuquinho".

Década de 1970 O esporte já era praticado em várias praias do Rio de Janeiro. Principal divulgador: Ayrton Brandão de Freitas. Passou a ser dirigido pela Federação Carioca de Esporte de Praia. Promoção de competição locais e entre praias.

Década de 1980 Importante participação para evolução do esporte: despertou o interesse das redes de televisão, fazendo com que várias competições importantes fossem realizadas. Participação de atletas profissionais (Maradona o maior jogador do mundo da época) e premiações em dinheiro, destacando-se entre elas, a Copa Orloff de Futevôlei realizada no Leme, o Torneio Camel e a Copa Itaú ambos realizados em Ipanema-RJ. As duplas que se destacavam eram Crioulo e Gugu (Copacabana), Marcelo e Leivinha (Ipanema), Edinho (seleção) e Hulk (Copacabana), Gugu e Jonas (Ipanema). As mulheres passaram a praticar Futevôlei trazendo um certo glamour à atividade.

Década de 1990 Esta década foi a mais importante da história do Futevôlei. Surgiram entidades desportivas (associações e federações) em todo o país que começaram a regulamentar o Futevôlei, destacando-se a ACAF (criada no fim da década de 80 em 1989), formada por praticantes de Copacabana o berço do Futevôlei e a CBFv (criada em 1998) formada por praticantes de Brasília outro pólo bastante desenvolvido da modalidade. O Futevôlei ultrapassa as quadras de praia e se formam por todo o Brasil quadras de areia suscitando grande adesão ao esporte. Competições como Circuito SKOL de Futevôlei, Campeonato Carioca e Brasileiro patrocinado pela Koch Tavares, Campeonato Verão Vivo em Recife patrocinado pela TV Bandeirantes e Copa Kolynos, Super Futevôlei 4 X 4, incrementaram a modalidade e proporcionando um aumento exponencial de praticantes não só no Rio de Janeiro mas em todo o território Brasileiro. Os atletas que se destacavam na época eram Renan (considerado o Pelé do Futevôlei), Luciano, Helinho, Magal, André He-Man, Pedrinho, Juninho, Junior Negão e Cabeção, além de jogadores profissionais como Renato Gaúcho, Edmundo e Romário que deram um toque de mídia para completar. O Futevôlei teve seu espaço na TV quando a regravação da novela Pecado Capital exibida pela TV Globo em 1998 foi ao ar e exibiu o personagem Tenorinho. Este era um malandro suburbano que se fazia passar de garoto zona sul e adorava praticar suas aulas de Futevôlei, (interpretado pelo ator Eri Johnson) e que formava sua dupla com o atleta de Futevôlei Pedrinho (www.futevolei.com.br, em 15 de junho de 2003).

Situação Atual. Dada a facilidade de espaço, de equipamento e de organização, o esporte recebe grande adesão popular. É comum ver-se em qualquer praia do Brasil, sua prática como lazer, associada às manifestações institucionais. Há entidade representativa oficial (Federação) em 27 unidades do país: Acre, Alagoas, Amapá,

Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Paraíba, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe, Tocantins. O esporte conta ainda com uma federação internacional da modalidade.

Fontes TUBINO, MJG; TUBINO, F; GARRIDO, FAC (s.d.) Dicionário Enciclopédico Tubino de Esportes. (no prelo); www.futevolei.com.br em 20 de fevereiro de 2004; www.cbffutevolei.com em 20 de junho de 2003; www.joanaprado.com.br em 20 de junho de 2003; www.ligafutevolei.com.br em 23 de junho de 2003.

Maratona aquática Este esporte é numa modalidade de natação que consiste numa travessia de águas abertas, praticada sob forma de competição no mar em frente a praias, como também em rios, lagos e lagoas. Os competidores são masculinos e femininos numa mesma prova nas distâncias de 5, 10 e 25 km, para os Campeonatos Mundiais da Federação Internacional de Natação Amadora-FINA. Os eventos competitivos não-oficiais têm distâncias arbitradas de acordo com os locais de realização, como um, dois ou três mil metros das provas de praias do Rio de Janeiro e Niterói, tradicionais no Brasil. Os vencedores seguem o critério de pontuação por ordem de chegada e por características de cada prova local. Há inclusive competições em rio abaixo com 60 km, como uma famosa travessia da Argentina (Arnaldo Fernandes, 2004).

Século XIX Em 1897, realizou-se a primeira travessia aquática que se tornou tradicional no Brasil: a "Travessia da Guanabara". Até o ano de 1943 foram realizadas 16 provas desta Travessia, com percurso de 4.100m tendo início na Ilha de Boa Viagem–Niterói e chegada na Praia de Santa Luzia–Rio de Janeiro. Em São Paulo, ainda no final do século XIX, as competições aquáticas situavam-se em Santos e nas águas do rio Tietê, que atravessa a cidade de São Paulo. No mesmo período, realiza-se pela Liga de Natação do RS, a primeira prova em "distância longa" no rio Guaíba, Porto Alegre-RS (Atlas do Esporte no Brasil, 2004, capítulo "Natação").

Décadas de 1910 e 1920 As competições no rio e no mar prevaleceram neste período, e por falta de piscinas eram comuns as provas de travessias. Nos demais estados do Brasil além do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, havia travessias no Rio Negro-AM, rio Capibaribe-PE, e Baía de Todos os Santos-BA. Conforme as piscinas foram sendo construídas as travessias diminuíram em número e importância (Atlas do Esporte no Brasil, 2004, capítulo "Natação").

Década de 1980 Reinício e crescimento das competições de travessias de mar e rios no Brasil, por estímulo da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos-CBDA e com a denominação de maratonas aquáticas. Antes, havia eventos esparsos de travessias, sendo uma delas tradicional: a Samoa, competida em Icarai, Niterói-RJ, local tradicional desta modalidade desde o século XIX. Este reaparecimento teve a feição dos eventos esportivos de praia dado o formato de promoção de produtos e instituições que se tornou dominante desde então. Já nesta fase, instituiu-se na praia de Itaipu-RJ, a travessia Camboinhas-Itaipu, tendo a frente Luiz Sodré, Tomemitsu Nukaria, Arnaldo Hees, Arnaldo Fernandes, Ivar Oleris, Rubens Langer, Leonardo Nogueira, Marlene e Vera Sasse. Ainda nesta década a CBDA deu incumbência à empresa Luarsa Eventos Esportivos para desenvolver o esporte de maratonas aquática no país. A partir daí estabeleceu-se um calendário nacional de eventos, tendo com primeiro patrocinador a empresa Skol. Em 1999, o Brasil começou a competir nos campeonatos internacionais da FINA na modalidade.

Situação atual Hoje, a Luarsa coordena o setor de Maratonas Aquáticas da CBDA, organizando o calendário Brasileiro, Estadual (FARJ), e Niteroiense da modalidade. Há também cerca de 6.000 atletas e mais de 1.500 equipes cadastradas no esporte. O Campeonato Brasileiro está na nona edição, sempre ocorrendo em Niterói a prova mais importante do país, isto é, o encerramento do Campeonato e prova seletiva para compor a seleção brasileira. Niterói é sede em função da Praia de Itaipu ser abrigada das marés fortes, e calma e despoluída, sendo assim um dos locais preferidos dos nadadores para a prática da modalidade. Realizaram-se em 2002, no Brasil, quatro etapas do Mundial da FINA nas cidades de Brasília, Rio de Janeiro, Salvador, Tapes-RS e Camboriu-SC. A CBDA já se fez representar em maratonas aquáticas em quatro Campeonatos Mundiais e dois Sul-Americanos.

Fontes Arnaldo Augusto A. Fernandes, Coordenador de Maratonas Aquáticas da CBDA; www.luarsa.com.br

Flag football e Futebol americano

VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM

Flag football and American football

Flag football is a variation of American football without the usual roughness and tackling of the American version, but with the same objective: to score touchdowns or field goals. A team must carry, pass, or kick the ball into the 10-yd (9-m) end zone on the opponents' half of the field to score. In flag football, in order to prevent the opponent to score a touchdown it is enough to remove a flag attached to the ball

Definição O Flag Futebol é uma variante do futebol americano, jogado sem a costureira vitalidade e confronto corporal entre os jogadores, mas com o mesmo objetivo: marcar o *touchdown*. Este é o gol do futebol americano e ocorre quando um jogador cruza a linha de fundo carregando a bola, entrando na *end zone* (zona de pontuação), ou quando ele recebe a bola dentro desta área. No Flag, para evitar que o adversário marque o *touchdown*, basta puxar uma das duas fitas (*flags*) que são presas à cintura de cada jogador, num cinto próprio. O árbitro paralisa a jogada no local onde ocorreu a retirada da fita (*flag*). A bola é recolocada no local onde se interrompeu a jogada para que se possa dar reinício ao jogo. A vantagem do *flag* football é poder utilizar todas as estratégias do futebol americano sem que haja o risco de se machucar. Portanto, os longos passes, as corridas e as sensacionais jogadas em que os jogadores correm, fingindo estar com a bola, são freqüentemente utilizadas. A principal diferença é que no flag football, assim como no futebol americano, é preciso combinar a jogada antes, ou seja, se um dos jogadores não estiver na posição previamente combinada, a jogada irá fracassar. O formato singular do jogo, em que as equipes são obrigadas a planejar cada jogada, sob pena de não conseguirem avançar em campo, favorece um intenso relacionamento entre os jogadores que, em conjunto, irão decidir a melhor jogada e ser executada. No Brasil, a modalidade Flag tem se expandido com destaque nas escolas de SP e nas praias do RJ, dando-lhe assim um significado peculiar de adaptação cultural.

Origem O Flag football teve início nas bases militares americanas nos anos de 1940. Durante os anos de 1950, já havia ligas recreativas nos EUA, sendo que em 1960 surgiu a primeira liga nacional americana na cidade de Saint Louis. Posteriormente, o esporte consolidou-se em vários países através de programas, torneios e da criação de ligas nacionais. No final de 1990, foi fundada a International Flag Football Federation-IFFF, que organiza a principal competição internacional, a Copa do Mundo de Flag Football. A National Football League-NFL, entidade líder deste esporte no mundo (tem origem e atuação nacional nos EUA, daí "national" no nome embora atuante também no plano internacional) e que abriga as operações da IFFF, realiza anualmente, através de seus programas de Flag em diversos países, uma competição mundial em que o campeão nacional tem o direito de representar seu país na competição. O último campeonato infantil – são consideradas, nesta categoria, crianças até 15 anos – foi organizado pela NFL e realizado no México. Contou com a participação dos Estados Unidos, do Canadá, do México, Coreia, Áustria, Austrália, Tailândia, Japão, Alemanha e Holanda. Em anos recentes, o esporte tem crescido no Brasil, acompanhando tendência internacional.

Década de 1980 No início da década, a Rede Bandeirantes de Televisão passou a exibir com freqüência os jogos da liga profissional americana, a NFL.

carrier's clothing to stop the play. The referee stops the game at that place where the flag was removed and re-starts the game. Flag football has been growing fast in São Paulo schools and on Rio de Janeiro beaches with some Brazilian cultural touch. The Associação Brasileira de Futebol Americano & Flag (Brazilian American and Flag Football Association - ABRAFA & FLAG), created in 2000, was the very first

1990-2000 Durante a década de 1990, alguns aficionados iniciaram, por diversão e sem equipamento de proteção, a prática do futebol americano nas praias do Rio de Janeiro. Mais adiante, em 1998, formou-se uma lista de discussão, na Internet, chamada Red Zone, interessada em reunir e organizar os adeptos da modalidade. Os primeiros passos de organização efetivos foram dados em 1999, pelos professores de Educação Física Paulo Arcuri e Cláudio Telesca, coordenando atividades de Flag nas escolas do ensino fundamental da cidade de São Paulo-SP. No mesmo período, foi constituída a Associação Brasileira de Torcedores de Futebol Americano-ABTFA, com 500 cadastrados. No ano de 2000, o aumento no número de praticantes e a formação das primeiras equipes, tornou possível a criação da Associação Brasileira de Futebol Americano & Flag -ABRAFA & FLAG, pioneira no país, na organização de torneios, cursos, palestras e programas de Flag Football para escolas públicas.

2000-2001 Em junho de 2001, a ABRAFA & FLAG iniciou o projeto "Flag na Escola", visando difundir a prática do Flag nas escolas públicas de São Paulo (cidade e estado) e estimular a realização de campeonatos de Flag entre as escolas. A Associação ofereceu, gratuitamente, no parque do Ibirapuera, cursos de capacitação de Flag aos professores da rede pública para que pudessem ensinar a modalidade nas aulas de Educação Física de suas respectivas escolas. Foi distribuído material didático e equipamentos aos professores responsáveis pelo projeto. A prática do Flag contribuiu para a formação de ligas em diversas cidades brasileiras e estima-se que aproximadamente 6.000 crianças tiveram contato com esta modalidade de esporte. No Rio de Janeiro, originou-se o *beach football* (versão do futebol americano de praia), no qual as regras originais foram adaptadas por causa do piso diferente e porque os jogadores não usam capacetes e protetores.

2000-2002 Neste período, foram realizados campeonatos internos bem como torneios, envolvendo a participação das escolas, tanto em SP com em RJ. Na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, houve 3 campeonatos de futebol americano de praia, sem equipamento. O Colégio Mackenzie de Tamboré-SP foi a primeira escola particular brasileira a introduzir o Flag no currículo escolar com o propósito de desenvolver a qualidade do trabalho em grupo, formar turmas de treinamento e realizar competições. Com tal propósito, o professor Cláudio Telesca organizou o Primeiro Festival de Flag das escolas públicas de São Paulo/ABRAFA & FLAG e a Primeira Palestra de Flag na Faculdade UNISA, Meeting de Educação Física, coordenada pelo Prof. Paulo Arcuri. No mesmo período, ocorreu a primeira participação brasileira da ABRAFA & FLAG e do Colégio Mackenzie Tamboré no Segundo Mundial de Flag, nos EUA. O primeiro *Touchdown* brasileiro foi marcado por Fernando Basaglia, aluno do Ensino Médio do Colégio Mackenzie

one in the country to organize flag football tournaments, courses, lectures and programs in public schools. Most of the 3,300 flag players that Brazil has today in schools, universities, clubs, leagues, and associations live in São Paulo. Praia de Botafogo-RJ has become reference as a meeting spot for flag football on the sand. flag football has already begun in Belo Horizonte-MG e Brasília-DF.

Tamboré em uma competição internacional. A Faculdade de Educação Física Mackenzie-SP, motivada pelo sucesso obtido pelo Flag no Colégio Mackenzie Tamboré, formou times masculinos e femininos, e orientou os futuros professores a divulgarem o Flag em seus atuais e futuros empregos. Atualmente, 12 escolas paulistas integram o projeto. À medida que a modalidade tornou-se conhecida, atraiu atenção da mídia nacional, que passou a contar com 4 canais de TV a cabo que transmitem os jogos para o Brasil. Entre os anos de 2000 e 2002, a ESPN Internacional divulgou as atividades de Flag durante as transmissões dos jogos do campeonato americano.

2002 Neste período, a ABRAFA & FLAG promoveu uma série de cursos de capacitação de Flag para professores de clubes como no Alphaville Tênis Clube-SP e no E.C. Pinheiros-SP, com o professor Paulo Arcuri. O mesmo curso, organizado pela ABRAFA & FLAG, associada ao Colégio Mackenzie Tamboré, foi oferecido para os professores das escolas públicas de Barueri-SP, dado pelo mesmo professor. Neste período ocorreu o Primeiro Jogo de Flag entre Faculdades, Mackenzie e UNISA, organizado pelo Mackenzie e ABRAFA & FLAG-SP. Através da promoção de aulas gratuitas no Parque do Ibirapuera, a ABRAFA & FLAG promoveu o surgimento da LIGA FLAG-SP, evento informal, com o Primeiro Campeonato que conta com o apoio material da ABRAFA & FLAG.

2003 O evento "Brasil no Mapa do Futebol Americano", promovido pela National Football League-EUA e ocorrido no Rio de Janeiro, contou com a presença de Damian Silva Vaughn – jogador brasileiro de futebol americano e campeão do Super Bowl Tampa Bay – e de Tony Gonzalez – do Kansas City Chiefs. A NFL aproveitou a realização do Latin X-Games II para incluir oficialmente o Brasil na estratégia global de expansão internacional do esporte. No Encontro Nacional de Atividades Físicas-ENAF-MG, o professor Paulo Arcuri inseriu o Flag nas atividades curriculares. No Rio de Janeiro, a Praia de Botafogo torna-se referência de encontro dos praticantes de Flag areia. Outras cidades onde surge o Flag neste estágio pioneiro: Belo Horizonte-MG e Brasília-DF.

Situação Atual Em janeiro de 2003, a ESPN Internacional comercializou, pela primeira vez, todas as quotas de publicidade do SuperBowl. No mesmo período, a Rede Globo de Televisão efetuou reportagem especial sobre o Super Bowl, no programa Esporte Espetacular uma semana antes, e no dia do jogo. A emissora recebeu, gratuitamente, os direitos de transmissão dos jogos americanos a fim de popularizar o esporte no Brasil. Atualmente, há cerca de 3.300 praticantes no país em escolas, faculdades, clubes, ligas e associações, a maioria das quais se situa em São Paulo.

Fontes www.abrafa.esp.br Associação Brasileira de Futebol Americano & Flag; www.3works.com.br/abtfa – Associação Brasileira dos Torcedores de Futebol Americano; O Globo (RJ) – reportagens Caderno Esportes.

Regras do Flag Football / Flag football rules

Sorteia-se o time que começa, atacando. O jogo se inicia a partir da 5ª jarda (5 passos) da *end zone* (linha de fundo da defesa), e o time possui 3 *downs* (tentativas) para alcançar o meio de campo, e mais 3 para fazer o *touchdown* (alcançar a linha de fundo do adversário). Um dos jogadores fica agachado com as pernas afastadas e este tem que passar a bola por entre as suas pernas

(*snap*), fazendo com que a bola chegue até as mãos do *Quarterback* (lançador), que por sua vez vai passar para um dos jogadores recebedores que, após receberem o passe, correm em direção à linha de fundo (*end zone*) para marcar o *touchdown*. Todo o cuidado é pouco, pois a qualquer descuido, o adversário pode interceptar o passe e correr com a bola para o *touchdown*.

Países que praticam Flag, 2003

Adherent countries to flag football, 2003

Alemanha, Argentina, Austrália, Áustria, Bahamas, Bélgica, Brasil, Canadá, Dinamarca, Escócia, Espanha, Filipinas, Finlândia, Holanda, Ilhas Virgens, Inglaterra, Israel, Itália, Japão, Coreia, México, Noruega, República Tcheca, Rússia, Suécia e Suíça.

Carrovelismo

VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM

Land sailing or Land yachting

Land sailing or land yachting is a sport done in a wind-powered craft (land yacht) that operates on land. It uses the power of the wind by using a sail or traction kite. The pilot is seated in most types of land yacht, but stands on a speed sail. Today's land yachts can reach 186 Km/h on land and 270 Km/h on ice. In 1898, in De Panne, Belgium, brothers André and François Dumont started to

Definições Carrovelismo – por vezes chamados *windcar* no Brasil – é um esporte praticado com pequenos veículos sobre rodas, movidos pelo vento (força eólica) e dirigido com os pés. O manejo do ângulo da vela em relação ao vento determina a sua velocidade. Os windcards atuais chegam a 186 Km/h em terra e 270 Km/h no gelo. O equipamento básico é constituído de chassis tubular metálico, carenagem de fibra de vidro e mastro de alumínio. Os demais componentes lembram os veleiros pequenos. Bem mais rápido e ágil que os veleiros, o carro a vela pode deslocar-se aproximadamente três vezes mais do que a velocidade do vento.

Origens Em 1598, na Holanda, o engenheiro e matemático Simon Stevin, a pedido do Conde Maurício de Nassau (estabelecido no Brasil, no século seguinte), construiu um verdadeiro “coletivo à vela” para reduzir o cansaço das pessoas. O coletivo era capaz de transportar 28 indivíduos por 75km, em duas horas ininterruptas. Desde então, houve uma evolução constante das velas e dos veículos como meio de transporte. Em 1898, em uma cidade belga chamada De Panne, situada nos limites da França, os irmãos André e François Dumont começaram a desenvolver velas para atingir, em competições, a maior velocidade possível. No Brasil, Lodovico Brunetti foi o pioneiro neste esporte, começou a praticar na Praia de Pitangueiras, no Guarujá-SP, em 1936. Há indícios de que, na década de 1940, algumas pessoas demonstraram interesse no Brasil por “andar sobre rodas movidas ao vento”.

Início década de 1990 Neste período, Amyr Klink e Paul Gaiser percorreram a costa gaúcha em carros à vela, tipo Manta, atraindo muitos adeptos que passaram a construir seus carros, a realizar raids e competições, vindo a formar a Associação Gaúcha de Windcar em 1991. Lodovico Brunetti (SP) é o mais aficionado defensor da modalidade, promotor do intercâmbio entre construtores e esportistas europeus, o que possibilitou, aos demais esportistas o acesso às técnicas de pilotagem, às regras básicas e aos equipamentos brasileiros. Lodovico fundou a Associação Paulista de Carro a Vela-APAW e é construtor dos equipamentos. Em Santa Catarina, um grupo de pilotos liderado por Henrique Borba investiu na criação da Associação Catarinense de Carro a Vela-ACW Ainda neste período realizou-se o primeiro evento que reuniu pilotos de todo o Brasil – RS, SP e RJ. O sucesso deste evento impulsionou a realização do primeiro Campeonato Brasileiro, em Capão da Canoa-RS.

1991 Fundação da Associação Gaúcha de Windcar-AGAW que realiza os eventos oficiais do esporte nas modalidades prova de revezamento, longa distância e provas de equipe. O primeiro Raid Ecológico reuniu 22 pilotos para percorrer, em 7 dias, os 650 quilômetros entre a praia de Torres e a cidade de Chuí, no extremo sul do Estado. Com o objetivo de ampliar as fronteiras para a prática do Carro à Vela, foram realizadas duas excursões a primeira das quais ao Chile-deserto do Atacama, que, por ser um terreno muito macio, não oferecia condições favoráveis para a prática da modalidade.

develop sails to reach the highest speed possible in competitions of vehicles on sand. Lodovico Brunetti was the land sailing Brazilian pioneer in 1936, when he started to land sail on Praia de Pitangueiras, in Guarujá-SP. The first Brazilian Land Sailing Championship took place in Capão da Canoa-RS in 1991. The Federação Brasileira de Carro a Vela-FBCV (Brazilian Land Sailing Federation-FBCV) was

1995 Fábio Trein foi campeão brasileiro estreante.

1996 Este ano marcou a primeira participação de pilotos brasileiros em competições internacionais. No Tour D'Europe, realizado na Bélgica, França e Inglaterra durante 14 dias, Roberto Nardi e Paulo Moraes conquistam o terceiro lugar.

1997 Fundação da Federação Brasileira de Carro a Vela, em Porto Alegre-RS, constituída pelas Associações Paulista, Gaúcha e Catarinense de Windcar. Jorge Bercht conquistou o campeonato brasileiro na classe 5. Lê Borba foi campeão brasileiro júnior. Paulo Moraes conquistou o pentacampeonato brasileiro (1992 – 1996). Guilherme Simões foi campeão brasileiro júnior. Durante 3 dias realizou-se um passeio com 25 pilotos, entre as praias de Torres e Mariluz, no Rio Grande do Sul, num percurso de aproximadamente 100 quilômetros. O evento atraiu grande público e a atenção da mídia, a ponto de passar a integrar o calendário anual.

1998 Além dos eventos oficiais no Brasil, uma equipe brasileira, representando a FBCV, marcou presença no 6º Campeonato Mundial de Carro à Vela, realizado em De Panne-Bélgica. Neste evento, o Brasil obteve o 4º lugar por equipe, ficando à frente de países tradicionais na modalidade como EUA, Inglaterra, Nova Zelândia, Holanda e Austrália. Fábio Trein foi campeão brasileiro nas classes 3 e 5. Jorge Bercht foi vice-campeão brasileiro e conquistou o 4º lugar por equipe no mundial, juntamente com Roberto Nardi, Roberto Azambuja, Carlos Simões e Paulo Moraes. Caio Borba foi campeão brasileiro júnior. Na capital mundial do carrovelismo – De Panne-Bélgica – foi comemorado o centenário da primeira corrida.

Década de 1990 A modalidade começou a se desenvolver de forma mais organizada com a realização de campeonatos regionais, brasileiros e sul-americanos. Há também campeonatos mundiais e europeus. Antes disso, algumas pessoas construíam seus carros baseados em fotografias de revistas importadas ou inspirados em barcos à vela. Numa mistura de competição com criatividade, foram realizados vários tipos de eventos: provas de revezamento, longa distância e provas em equipes, além das competições em circuitos ovais, nos moldes das provas realizadas na Europa, de acordo com as regras da *Fédération Internationale de Sand et Land Yatching*–FISLY entidade que rege a prática do Carro à Vela em todo o mundo.

2000 Fabio Trein, Jorge Berchte Carlos Somões foram convidados a participar do 7º Red Bull, Campeonato Mundial de Carro à Vela, em Terscheling-Holanda, que contou com 43 pilotos de 10 países. Conquistaram o 3º lugar na categoria standart.

2001 As praias de Rada Tilly-Patagônia foram qualificadas por Eric Engelbrecht, presidente da FISLY, como uma das melhores do mundo para a prática do esporte. No campeonato Sul-Americano em Rada Tilly, Paulo Morais venceu e o Brasil marcou uma boa presença colocando 6 pilotos entre os 10 primeiros colocados. Foi realizado, em Arroio do Sal-RS o primeiro Enduro por Equipes de Carro à Vela.

founded in 1997 in Porto Alegre-RS by the land sailing associations of SP, RS and SC. Today the FBCV has 60 registered athletes and estimates that there are 150 regular pilots in Brazil. The number of occasional pilots is unknown. Although Brazil can manufacture land yachts, the small number of pilots seems to inhibit large scale production, which would reduce costs.

2002 Em Ivanpah Dry Lake-EUA aconteceu o mundial de carrovelismo. No litoral do RS aconteceram as gravações do programa “Aventuras AXN Windcar nas Areias do Sul”, com os pilotos do Clube Papa Vento fazendo parte da equipe AXN. Em Córdoba- Argentina, foi realizado o 6º Encontro Sul-Americano de carros à vela.

2003 O VIII Campeonato Austral de Carrovelismo, realizado na praia de Rada Tilly-Argentina, contou com a presença de atletas do Brasil, Chile, EUA e Argentina. No balneário El Condor (norte da Patagônia, Argentina) foi realizado o evento “El Mes del Viento”. Participaram do evento os brasileiros Jorge Bercht, Carlos Simões, Rui Braga, Roberto Azambuja, Ricardo Ambros, Tadeu Krug, Ralph Kaloeich, Rudi Weisbauer, Bia Bolemann, Roberto Nardi, entre outros.

Situação Atual Nas praias do litoral sul se concentram os maiores números de praticantes de carrovelismo. Em outros países, o esporte é praticado também no deserto e no gelo, bastante difundido na Europa. Na Bélgica, França, Holanda, Alemanha e Inglaterra, o número de praticantes supera a marca de 10.000 pessoas inscritas em Clubes e Federações. Há federações registradas também na Argentina, Austrália, Dinamarca, Holanda, Nova Zelândia, Emirados Árabes e Estados Unidos. A Federação Brasileira de Carro à Vela, em Porto Alegre, aponta 60 atletas federados e estima na ordem de 150 praticantes regulares no Brasil mas, devido ao crescimento desordenado e a dificuldade de controle operacional, um grande número de pessoas já deve ter tido contato com esta prática (praticantes ocasionais). Valorizado pelo efeito visual do colorido das velas que se destacam na relevância dos recursos naturais brasileiros e pela facilidade de acesso a praticantes ocasionais, o esporte, embora ainda pouco desenvolvido no país, merece destaque como potencial provocador de turismo interno e externo e vem ganhando, aos poucos, destaque de mídia e atenção das operadoras de Turismo de Aventura. Roberto Nardi, de Porto Alegre-RS e Lodovico Brunetti (SP) movimentam a indústria nacional com a construção dos veículos porém consideram que o pequeno número de praticantes inviabiliza a formação de uma linha de produção. O windcar custa em média R\$ 2.500,00 a R\$ 4.000,00, dependendo do material utilizado. Visando a popularização do esporte, Lodovico faz demonstrações nos finais de semana no Parque Vila Lobos–SP. Segundo este especialista, apesar do Brasil possuir um extenso litoral, as praias de areia fofa não são ideais para este tipo de esporte. Para este tipo de terreno, são necessários pneus especiais – tipo ballon, que são importados e muito caros. Rio Grande do Sul e Santa Catarina, por possuírem litoral muito extenso, são locais muito propícios para esse tipo de esporte. Em São Paulo (litoral) destaca-se como point a Ilha Comprida pois reúne as condições ideais para a prática do carrovelismo: são 74 km ininterruptos de praia larga e com piso firme.

Fontes Federação Brasileira de Carro a Vela, Associação Patagônica de Carrovelismo, Paul Gaiser, Ludovico Brunetti, Álvaro Delmonte da Silva; www.inema.com.br; www.ecoesportres.om.br; www.fbcv.cjb.net

Esqui aquático

VALÉRIA BITENCOURT E SIMONE AMORIM

Water skiing

Water skiing is both a recreational activity and a competitive sport. Water skiers skim across the surface of calm waters with their feet on one or two skis. Water skiing was invented in the United States in 1922 when Minnesotan Ralph Samuelson built the first pair of skis and was towed on them behind an outboard-powered boat.

Definições Nesta modalidade de esporte, o praticante desliza sobre as águas calmas apoiando os pés sob duas lâminas ou pranchas. Nas embarcações/lanchas, utilizadas para locomoção, são acopladas cordas e manetes de fixação para o apoio e distanciamento da mesma, o que possibilita a realização das manobras. As manobras podem ser contra as marolas produzidas pelo movimento da embarcação ou por obstáculos artificiais, como slides (rampas). Os locais mais apropriados para a prática são os rios, lagos, lagoas e represas. Para sua segurança, o praticante deve utilizar luvas e coletes salva-vidas. Como prática de lazer, encontram-se ainda algumas adaptações para o formato esportivo, como *keenboard* (prancha de joelho), *skibob* (bóia em formato salsichão, que pode levar até cinco pessoas), *air chair* (esquiar sentado) ou mesmo utilizando as solas dos pés ou o próprio corpo. Em sua forma recreativa, a locomoção pode ser feita por qualquer tipo de embarcação, desde que tenha capacidade suficiente para o deslocamento.

Origens Em 1922, para por em prática seu objetivo de deslizar na água puxado por uma lancha, Ralph Samuelson nos EUA, adaptou duas tábuas de pinho de 2,5m x 10cm, colocando as extremidades em água fervente para modelagem. Considerando-se o atual formato deste esporte, chega-se mais próximo da configuração do esqui aquático como modalidade esportiva. No Brasil, os primeiros esquis foram trazidos por membros da sociedade paulista, na década de 1940, importados dos EUA. No final dos anos 1950, Baby Pignatari e Ermelino Matarazzo exibiam equipamentos e destreza na Represa Guarapiranga, em São Paulo. Naquele período estes equipamentos eram de madeira tratada e empenada, para assumir o formato desejado. Além de ter trazido o esqui para o Brasil, Paulo Weigand (SP) é detentor de vários títulos nacionais e internacionais e contribuiu para o desenvolvimento do esporte. Atualmente, Weigand integra o quadro de dirigentes da Confederação Brasileira de Esqui Aquático-CBEA, entidade máxima nacional na modalidade.

Década de 1960 No início, esquiava-se sempre com os dois pés e as manobras se limitavam a pular a marola, ficar agachado, tirar um esqui fora d'água, dentre outras poucas ações. A partir desta década, o esqui aquático passou a ser dividido nas modalidades slalom, saltos na rampa, truque e sola, critérios que vigoram nos dias atuais.

Década de 1980 Fundação da Associação Brasileira de Esqui Aquático-ABEA. A partir de 1984 iniciam-se, anualmente, os Campeonatos Brasileiros, sem interrupções até a presente data. Já são contabilizados mais de 20 campeonatos, tendo como palcos os principais locais: São Paulo-SP, Rio de Janeiro-RJ, Belo Horizonte-MG, Itu-SP, Araraquara-SP, Ribeirão Preto-SP, Avaré-SP, Londrina-PR, Porto Alegre-RS e Florianópolis-SC.

1991 O Brasil sedia o 8º Campeonato Latino-Americano de Esqui Aquático, em Jaguariúna-SP, registrando um recorde de países participantes – 7 países e 68 atletas. Nicholaas Fuldauer (SP) vence o Campeonato Brasileiro na categoria *overall*, feito que se consumou até o ano de 2002. Este atleta, na categoria Slalom, detém oito títulos brasileiros e na categoria Truques, nove. Em 1999 sagrou-se campeão latino-americano de Slalom.

1994 Nas duas etapas do Campeonato Brasileiro de Esqui Aquático, realizados pela Associação Brasileira de Esqui Aquático-ABEA (atualmente CBEA), foram introduzidas demonstrações de *wakeboard*.

Brazil imported the first water skis in the 1940s. The Associação Brasileira de Esqui Aquático (Brazilian Water Skiing Association - ABEA) was founded in the early 1980s. The annual Brazilian Championships have been taking place since 1984 in São Paulo-SP, Rio de Janeiro-RJ, Belo Horizonte-MG, Itu-SP, Araraquara-SP,

1995 O esqui aquático estréia no Pan de Mar Del Plata. No mesmo período é inaugurada uma pista de esqui aquático com rampa para saltos na represa de Alpha Village Itu-SP, homologada pela Confederação Brasileira de Esqui Aquático e pela *International Water Ski Federation-IWSF* (Federação Internacional de Esqui Aquático). Desde então, o local vem sediando campeonatos nacionais e internacionais, chegando a receber, nos eventos, aproximadamente 300 pessoas.

1996 A ABEA inclui a modalidade Wakeboard nos campeonatos de esqui aquático.

1998 A ABEA, FEWRJ, FCEA e a FEASP fundam e Federação Brasileira de Esqui Aquático e *Wakeboard*. Marina Carvalho Lorenzo conquista o título de campeã no Slalom Feminino Open. Em 2000, esta atleta conquista o vice-campeonato (Slalom) no Latino Americano de Esqui Aquático e o terceiro lugar (Truques) ambos na categoria Sub-21 Damas. Paulo de Nagy, brasileiro de origem húngara, lança o livro Esqui Aquático – Dicas e Segredos (Editora Nórdica) e dedica um capítulo ao trabalho que realiza em prol da inclusão de esquiadores brasileiros, portadores de deficiência. Nagy é credenciado pela Federação Britânica de Esqui Aquático-BWSF e amparado pela Associação Britânica de Esqui Aquático para Deficientes Físicos-BDWSA.

1999 Reconhecida pelo COB, a Confederação Brasileira de Esqui Aquático-CBEA oficializa-se como entidade máxima deste esporte, tendo como fundadoras as Federações de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg a melhor colocação foi de Lisa Debbaudt, classificada para as finais da prova de Slalom e, ainda este ano, esta atleta recebeu o Prêmio Brasil Olímpico, concedido pelo COB. Nicholaas Fuldauer conquistou o título de Campeão Latino Americano de Slalom, em Lima-Peru. Além de Nicholaas, os atletas Marcos Brandão Figueiredo, Tiago Gerin, Ziza Debault e Flávio Montesso participaram do evento.

2000 O recordista brasileiro juvenil de Slalom, Fernando Simone Neves, fica em segundo lugar no Campeonato Latino Americano de Slalom, repetindo esta conquista em 2001. A IWSF registra 30 milhões de praticantes em 92 países.

2001 O Clube Náutico Alpha Village, em Itu-SP, sedia o XIX Campeonato Latino-Americano de Esqui Aquático. Thiago Gomes Silva Gerin, campeão brasileiro de Truques e tetra-campeão brasileiro na categoria adulto rampa, fica em terceiro lugar no evento.

2002 O esqui aquático foi incluído nos Jogos Sul-Americanos realizados no Brasil, mas a competição não foi realizada devido à

Ribeirão Preto-SP, Avaré-SP, Londrina-PR, Porto Alegre-RS e Florianópolis-SC. The Confederação Brasileira de Esqui Aquático (Brazilian Water Skiing Confederation - CBEA, former ABEA) has 600 registered athletes and estimates that Brazil has approximately 4,000 aficionados today.

falta de inscrições mínimas (4 países) segundo as regras da Organização Desportiva Sul-Americana - ODESUR. Nicholaas Fuldauer vence todos os campeonatos brasileiros na categoria Overall de 1991 a 2002. Na Slalom, conta com oito títulos brasileiros e, na Truques com nove.

2003 Nicholaas Fuldauer e Fernando Neves terminaram na sexta e sétima colocações na prova final do Slalom dos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo. Marina Lorenzo foi a única brasileira a representar o esqui (Slalom) e conquista o prêmio Brasil Olímpico (COB).

Situação Atual A Confederação Brasileira de Esqui Aquático-CBEA, reconhecida pela Federação Internacional de Esqui Aquático-IWSF e pelo Comitê Olímpico Brasileiro-COB vem trabalhando para a inclusão do esqui aquático nos Jogos Olímpicos através de participações nos Jogos Pan-Americanos e Sul-Americanos. Com quase 20 anos de história, a regularidade dos campeonatos brasileiros contribuiu para o desenvolvimento do esporte de alto rendimento, além de promover a integração de atletas de vários estados como São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Paraná e Goiás, que realizam também os campeonatos regionais. No Estado de São Paulo, encontra-se a maior concentração de praticantes (em torno de 70%), devido ao grande número de represas e infra-estrutura. O fato faz com que muitas pessoas procurem cursos para iniciantes, com a passagem de 800 alunos somente na escola de *wake* e esqui aquático 2D Wakecenter (SP), nos recentes três anos de funcionamento da escola. No ramo industrial, o Estaleiro Zemar é o único fabricante de esquis que atende a todo o mercado interno. Ao mesmo tempo em que a tecnologia contribuiu para a alta performance, eleva os custos dos equipamentos. Os esquis aquáticos utilizados em competições, embora já possam ser encontrados no Brasil, são todos importados. No ramo de embarcações, os fabricantes nacionais como Esquimar de SP, exportam para a Argentina e o Paraguai, como também a Master Boat (Sertãozinho-SP), que produzem lanchas de alto padrão, similares aos modelos importados. Dados da IWSF registram 50 milhões de praticantes no mundo, 90 federações filiadas e 30 mil competidores. Segundo Fábio Albuquerque, presidente da CBEA, estima-se o número de aficionados no Brasil, calculados na ordem de 4 mil. Dos 600 competidores filiados a esta entidade, somente 80 participam mais regularmente das competições.

Fontes Confederação Brasileira de Esqui Aquático - CBEA (Fábio Albuquerque) www.cbea.com.br; www.valoronline.com.br (Valor Econômico 2001); ABW-Associação Brasileira de Wakeboard; www.artplay.magazine.nom.br; www.iwsf.com; www.estadao.com.br; www.esportes.terra.com.br; www.lancenet.ig.com.br/pan/espn

Modalidades do Esqui Aquático / Water Skiing Events

Saltos de Rampa – O esquiador utiliza dois esquis especiais de material resistente e leve. O barco passa paralelo à rampa, e o esquiador, para adquirir mais velocidade vai em direção à mesma, cruzando as marolas.

Truques – Esta é a modalidade mais técnica. O esquiador deve executar diversas manobras como saltos, giros, loopings, cambalhotas, entre outras.

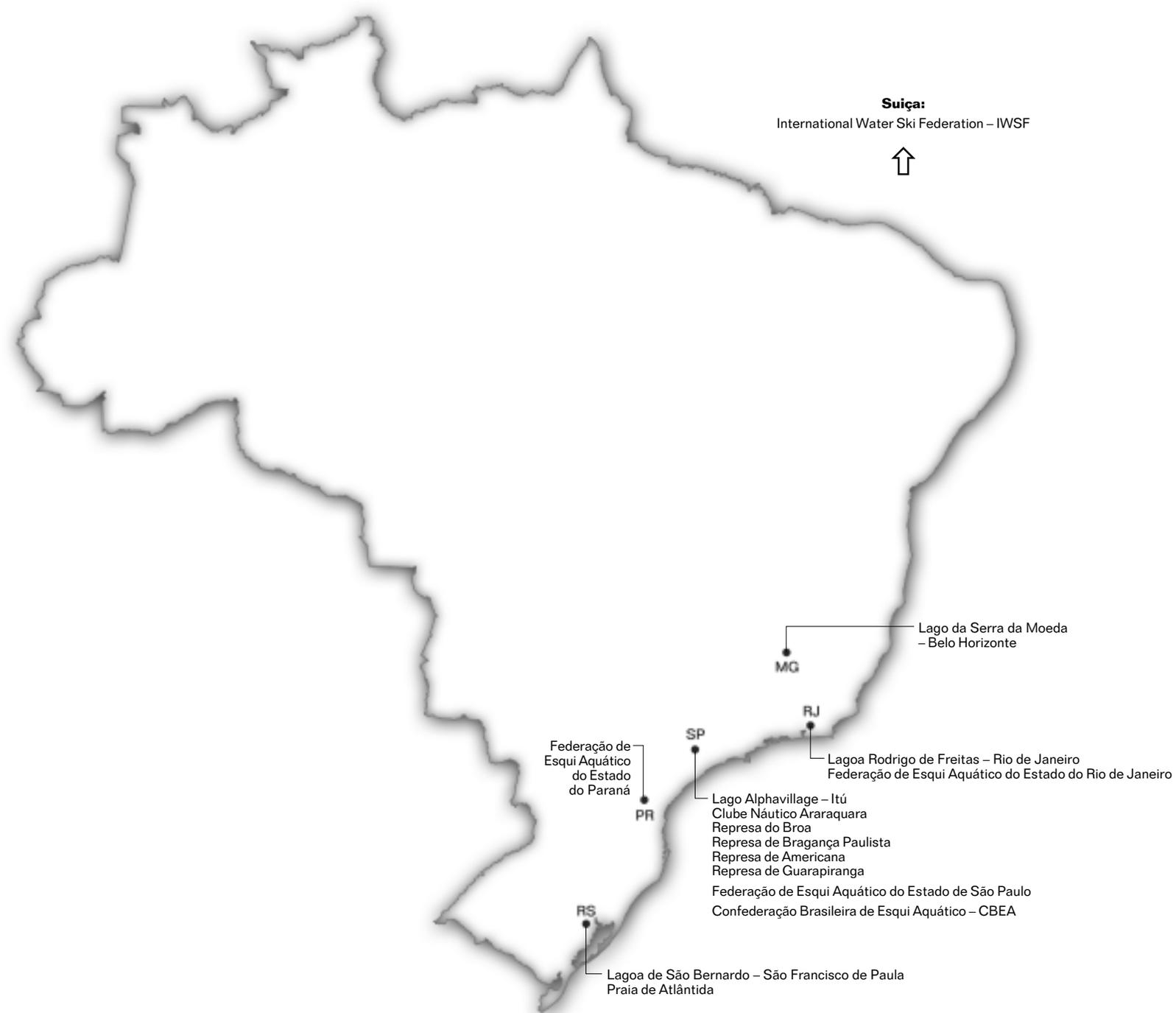
Slalom – Vence o esquiador que contornar o maior número de bóias com o menor comprimento de corda. A pista tem 259 metros de comprimento e é composta por uma estrutura montada que fica submersa, dotada de cabos de aço, braços de madeira e bóias. Nela forma-se um “corredor” com as seis bóias (três de cada lado), pelo qual a lancha segue em linha reta.

Locais com infra-estrutura para sediar os Campeonatos Brasileiros - CBEA

National championships of water skiing: official locations - CBEA

Estados sede de federações filiadas à CBEA

Federations affiliated to CBEA – state locations



Locais para prática

Best locations for practice

Os locais mais apropriados para esta prática são rios, lagos, lagoas e represas. Mas o ideal é que seja praticado em lagos com dimensão mínima 700 x 80 metros abrigados de ventos e sem o trânsito de outras lanchas.

Sandboard & Skimboard

VALÉRIA BITENCOURT, PATRÍCIA NAVARRO E SIMONE AMORIM

Sandboarding & Skimboarding

Sandboarding, also known as the tropical version of snowboarding, blends peculiarities of other board sports such as snowboarding, surfing and skating. A sandboarder slides down sand dunes performing maneuvers. The sport was developed in California-US in the 1970s by snowboarders who adapted boards to slide down on sand due to the lack of snow. Sandboarding appeared in Florianópolis-SC during the 1980s and was taken to the Brazilian northeastern region, where there are more appropriate beaches for the practice. Sandboarding can be said to be still in its first steps in Brazil as it can be observed by the number of Brazilian athletes who participated in the last national

Sandboard

Definições e origens Mesclando peculiaridades de outros esportes de pranchas como o snowboard, surfe ou skate, esta prática, conhecida como uma versão tropical do snowboard, consiste em deslizar executando manobras em dunas de areia. Além da prancha, que pode ser de madeira ou fibra, um dos principais equipamentos para a prática do sandboard é o deck – um revestimento de borracha que mantém a firmeza dos pés. Criado na Califórnia-EUA, na década de 1970 por snowboarders que, na falta de neve em suas montanhas, adaptaram as pranchas para deslizarem na areia. Devido à baixa temperatura da água e a escassez de ondas, o esporte vem ganhando novos adeptos na Argentina, Uruguai, EUA, África, Austrália, Chile, Peru, Argentina, Uruguai, Brasil, Alemanha, Itália, França, Japão, México, Namíbia, Austrália e alguns países árabes. No Brasil, o sandboard surgiu na década de 1980 na cidade de Florianópolis e depois difundiu-se no Nordeste.

1996 Fundação da Associação Catarinense de Sandboard-ACSB. Desde 1997, esta entidade realiza o circuito estadual de sandboard e, a cada ano, ganha novos adeptos e maior interesse da mídia.

1999 Na primeira etapa do Campeonato Nordestino participaram cerca de 50 atletas, contando com um público na ordem de 1.500 pessoas.

2001 O brasileiro Digiacom Dias vence o Mundial na Alemanha.

2002 No Campeonato Copiapó Sandoboard Open, no Chile, destacam-se Eduardo Mesquita, Guilherme Vieira e Eduardo Wentz. Digiacom Dias conquista o bi-campeonato Sul Americano, no Peru. Este atleta foi o primeiro no mundo a realizar a manobra doublé front flip (dois mortais para frente e um salto).

Situação Atual O *point* mais conhecido para a prática deste esporte no Brasil são as dunas da Joaquina, em Florianópolis, mas também é praticado em outras cidades de Santa Catarina como Garopaba, Joaquina, Duna de Waimea, Dunas Altas, Rio Vermelho, Ararangua , Laguna e Imbituba, Farol de Santa Marta, Dunas do Siriú, Praia Grande, Morro dos Conventos, Jaguaruna, Santinho, Ingleses e Rio Tavares. No Rio Grande do Sul, as cidades de Torres, Pelotas, Praia do Cassino e Cidreira. No Rio de Janeiro, Cabo Frio e Arraial do Cabo. No Ceará, Fortaleza, Cumbuco, Prainha, Icarai, Praia da Sabiaguaba, Praia do Iguape, Barra do Ceará, Taíba, Paracuru, Lagoinha Jericoacoara, Cofeco, Barro Preto e Morro Branco. No Rio Grande do Norte, Morro Branco, Morro do Careca, Galinhos, Praia de Santa Rita e Genipabu. Na Bahia, Busca Vida, Costa Azul, Mangue Seco, Petromar, Guarajuba, Ipitanga, Imbuí, Salvador, Jauá, Hawaizinho (Itapoá) e Morro do Urubu (Arantes). No Sergipe, as cidades de Abaís e Aruana, Praia do Saco, Ponta do Mangue, Vale da Lucrecia e Abaís e, no Maranhão, Lençóis Maranhenses. A modalidade conta com entidade representativa desde 1996, a Associação Catarinense de Sandboard-ACSB. A ACSB registra 100 atletas filiados. Segundo o presidente da entidade – Diogo Lazzaretti – que

championship (2003): 45 sandboarders (37 men and 8 women) if compared to the number of athletes that took part in the last American championship: 80 sandboarders (70 men and 10 women). The Associação Catarinense de Sandboard (Santa Catarina Sandboarding Association - ACSB), with 100 affiliated athletes, has been the sandboarding representative institution since 1996. Skimboarding is one of the most high-tech water sports anywhere. The skimmer uses a thin board (today made out of fiberglass or carbon fiber and high density foam to serve as a core) to glide out into the ocean toward the oncoming wave, banks off of it, and rides it back into shore. Some of the basic

também é atleta de destaque, a inexistência de um circuito nacional é prejudicial ao esporte, mas a falta de investimentos em patrocínio inibe o seu desenvolvimento. O organizador da Prova Genipapo no RN, Cassiano Gomes, planeja a organização de um campeonato que reúna todos os atletas do país, mas ainda em caráter extra-oficial. Um dado expressivo sobre a prática no Brasil do Sandboard diz respeito aos 45 competidores (37 homens 8 mulheres) do último campeonato nacional comparados ao campeonato da modalidade nos EUA, onde compareceram 80 atletas (70 homens e 10 mulheres). Os atletas Digiácomo Dias, Eduardo Mesquita, Guilherme Vieira, Eduardo Wentz são os destaques que representam o Brasil nos diversos campeonatos nacionais e internacionais e variam nas modalidades *Slope Style, Freestyle, Big Air, Expressiom Session, Duel Slalom, e Boardercross*, e manobras específicas como 180°, Salto 180°, 360°, Salto 360°, Helicóptero, *Back Flip, Front Flip, Indy, Tail Grab, Nose Bone, Japan Air, Jet Sand, Slalom, Metody Backside, Batidas de Frontside ou Backside.*

Fontes Atleta Digiácomo Dias www.sandboard.cl; www.inema.com.br

Skimboard

Definição e origem Neste esporte, também conhecido como skimming, skimboard ou somente skim (do inglês, “deslizar sobre uma superfície”), o praticante desliza sobre a areia molhada contra as ondas do mar com uma fina pranchinha de madeira e fórmica, o skimboard, indo de encontro às marolas espumantes. Quanto mais rápido a prancha deslizar pela lâmina de água, maior será a possibilidade de se realizar as manobras que vão desde saltos mortais, passando por batidas e chegando até aos giros de 360 graus. A modalidade teve início com Jim Kauer, um californiano que, nos anos de 1930, juntamente com seus amigos, construíram pranchas para os dias de maré baixa. Com o tempo, a prática se estendeu por toda a costa da Califórnia. Com os adventos tecnológicos incentivados pela Segunda Guerra Mundial, novos materiais provenientes do petróleo surgiram, como a resina e a fibra de vidro, o que contribuiu para o aprimoramento das pranchas de skim. Considerado um esporte nos Estados Unidos, onde há até campeonatos, o skimboard tem origem no “sonrisal”, uma prancha redonda de madeira, usada entre os anos 1960 e 1980 com a mesma finalidade, porém sua estrutura não permitia manobras radicais na água. Segundo seus praticantes, o skimboard chegou ao Brasil na década de 1950, juntamente com o surfe, mas somente na década de 1970 começa a desenvolver-se. No início da década de 1980, o surfista Wilson Alexandre encontrou uma tábua fina flutuando nas águas do Leblon, no Rio de Janeiro. Por acaso, o surfista jogou a madeira na areia molhada e a tábua deslizou. Nos anos seguintes, Wilson foi aprimorando o design de sua “tábua”, até que encontrou um americano com um skimboard, fabricado na Califórnia com o material “polivac”, semelhante aos das pranchas de surfe.

moves were speed runs and fly aways with the occasional top turn to make a big spray. Skimboarding started in Laguna Beach, California, in the 1930s and arrived in Brazil in the 1950s, becoming more popular during 1970s. Today Brazilian skimboards seem to be more resistant than American boards as they last up to 5 years of intense activity. This partly explains the 80% increase in skimboard sales in 2002 in relation to 2001. Although there is no official institution that manages skimboarding in Brazil, contests taking place informally and non-regularly, it is important to mention that there are Brazilian skimboarding athletes in Europe and in Japan.

Década de 1970 Com o aparecimento da espuma de poliuretano, as pranchas de surf se tornaram muito mais leves facilitando as manobras. Na praia de Laguna Beach, o californiano Tax Haines começou a fabricar as pranchas de skimming com o novo material, o que permitiu aos praticantes executar manobras como as do surfe. No Brasil, o skimboard popularizou-se, ficando conhecido como “sonrisal” pelo formato redondo das pranchas.

Década de 1980 No início dos anos de 1980 houve uma grande repercussão do skim, que passou a ser praticado na Europa, principalmente na França e em Portugal. Começam a aparecer pranchas de formatos alongados que permitiam ao skimmer andar “na base”, inovando com manobras como batidas, floats, ente outras.

Década de 1990 Em setembro de 1999 aconteceu em Florença–IT, o *Swatch/Wave Loch European Mobile*, o evento de skimboard com a maior estrutura móvel do mundo de ondas artificiais. O Wave Loch, que leva o nome do seu inventor Tom Lochterfeld, possui completa infra-estrutura para demonstrações e competições do esporte.

Situação atual Os skimboards nacionais são mais resistentes do que os produtos similares americanos, suportando até cinco anos de atividades intensas. Atualmente há atletas brasileiros na Europa e no Japão. A maioria das competições é realizada em Portugal, França, Estados Unidos e Japão. A edição de 2001 da World Cup em Portugal contou com 65 participantes de todo o mundo. Segundo Wilson Alexandre, fabricante de pranchas do Rio de Janeiro, em 2002 houve um crescimento de 80% nas vendas de skimboard com relação ao ano anterior. Apesar disto, ainda não há no Brasil uma entidade que administre a modalidade e, conseqüentemente, as competições são realizadas informalmente e sem regularidade. Em 2003, vinte atletas (homens e mulheres) de expressão do skate e surf participaram do evento *Red Bull Hard Skimming* em Atlântida–RS. A disputa contou com as provas de sliding, e venceu quem deslizou a maior distância à beira-mar e freestyle e contou com a premiação de R\$ 3.500,00. Segundo Carlos Alexandre Sampaio, atleta e fabricante das prancha slide skim, produzidas artesanalmente desde 1999 no Rio de Janeiro, o esporte no Brasil está estagnado devido à tecnologia da prancha, elaborada a partir de madeiras antigas e guardadas em locais impróprios. Atualmente, Carlos Alexandre está desenvolvendo um projeto de desenvolvimento das pranchas slide skim com espuma de PVC de alta densidade (divinycel – material fabricado na Suíça). No Rio de Janeiro, os campeonatos esporádicos realizados por Wilson Alexandre, outro produtor e designer de pranchas, envolvem, em média, 15 atletas e já há expectativas para a criação de uma associação do esporte. Na costa braseira, os melhores locais para a prática do skim são as praias de enseada onde a força das ondas é concentrada na zona de arrebentação.

Fontes Taiana de Freitas, Wilson Alexandre, Carlos Alexandre Sampaio; www.slideskim.com; www.skimfolha.esoterica.pt; www.rioradical.com.br; www.sportweb.virgula.terra.com.br.

Tamboréu

VALÉRIA BITENCOURT

Tamboreu

Tamboréu is a Brazilian sport that was invented by two Italian immigrants in Santos (a beach city). Similar to tennis, tamboréu is generally played by doubles in opposite sides of a rectangular court. The objective of each player is to throw the ball over the net in the opponents' side. The equipment used includes a wooden ring up (26 cm in diameter) covered by a board lid, and

Definições Similar ao tênis, o tamboréu é em geral jogado por duplas de atletas em lados opostos de uma quadra retangular. O objetivo de cada jogador é arremessar a bola no campo adversário por cima da rede. O equipamento utilizado envolve um aro de madeira de até 26 cm. de diâmetro, coberto por um tampo de compensado, também de madeira. As bolinhas utilizadas são as mesmas do jogo de tênis. Embora seja tipicamente um esporte de praia, também pode ser praticado em quadras de saibro (34 x 10m), divididas ao meio por uma rede de 1m de altura (semelhante à utilizada no tênis). Seus praticantes se dividem em duas grandes categorias etárias: de infantil (até 15 anos) a veteraníssimo (acima de 60 anos).

Origens Em 1937, os irmãos italianos Bruno e Luigi Danadelli chegaram a Santos trazendo dois pandeiros de aro de madeira e tampa de couro. Acompanhados pelos irmãos João e Santiago Esteves, além de Ramon Sanches, Danilo Alonso Maestre, Arthur e Pedro Berjon Lopes, jogavam em quadra riscada na areia da praia de Gonzaga, em Santos –SP. O jogo trouxe visibilidade gerando interesse em outros aficionados. Com o tempo, os jogadores desenvolveram técnicas e estabeleceram regras específicas, diferentes das de outros países europeus como França e Espanha, que também praticam o esporte. Por isso, os campeonatos, da maneira como são disputados, existem somente no Brasil e, por isso, circula no meio que este é um esporte genuinamente brasileiro.

1940-1942 Neste período, em Santos, o esporte já entusiasmava platéias e os clubes começaram a armar quadras para a prática. Aos poucos, o Clube Tupis formou uma equipe e entre 1947/1948 conquistou o título de campeão da cidade em duplas. Destacam-se então as equipes Banco do Brasil, o Graussás, o Fri-Kik, o Estudantes e o Fluminense, e os grandes entusiastas eram Melchert, Simões, Eurico, Morgado, Nathan, Amorim, Mario Rubens Abreu, Rivaldo, e Vasco, Berjon, Italo e Alpe, participantes de todas as comissões organizadoras dos campeonatos.

1949 Com a passagem da equipe do Clube Tupis para o Caravelas, formou-se uma das maiores equipes de todos os tempos, já naquele tempo jogando-se partidas em 3 duplas. Essa equipe era formada pelos esportistas Washington e Hegdemburgo, Eurico e Dallis, Gil e Altair (Fininho).

1953-1954 Criação da sub-comissão de Tamboréu. Ligada a Comissão Central de Esportes da Prefeitura de Santos, o tamboréu passou a participar de campeonatos com cunho oficial, sendo os dois primeiros vencidos pelo Caravelas. Surgiu, então, o Banco Estadual de São Paulo- Banespa como um dos patrocinadores do esporte na ocasião, tendo em suas fileiras Zeca e Paulo Campos, Arnaldo e Walter, Sallum e Aron, mas Washington, que se transferiu para aquela equipe, passou a vencer vários campeonatos.

Década de 1960 No início desta década o tamboréu chegou à cidade de São Paulo-SP, sendo praticado em quadras improvisadas e posteriormente em quadras de saibro. A Associação Atlética Banco do Brasil construiu a primeira quadra coberta da cidade. No final desta década, o esporte cresceu na cidade originando a competição entre clubes com a realização de torneios. Com o tempo, o público juvenil começou a se interessar e, assim, surgiu uma nova geração de aficionados, inicialmente constituída por públicos de terceira idade.

1967 Fundação da Federação Paulista de Tamboréu (SP) com a participação dos seguintes clubes: Associação Atlética Banco do Brasil, Associação Atlética São Paulo, Clube Atlético Aramaçan,

tennis balls. Although tamboréu is only a beach sport, it can also be played in clay courts (34m x 10m), divided in the middle by a one-meter high net. As one more option of recreational activity originated on the beach, tamboréu has not caught on yet. It has 2,000 players in the whole country, including 500 in Santos-SP. Tamboréu has also been adapted for court format in

Clube Esportivo da Penha, Ipê Clube, Liga Santista de Tamboréu e Sport Club Corinthians Paulista.

Década de 1990 Neste período houve vários torneios em cada ano conforme se segue: em 1990, 08; em 1991, 13; em 1992, 09; em 1993, 11; em 1994, 08; em 1995, 10; em 1996, 01; em 1997, 05; em 1998, 08; em 1999, 07; em 2000, 11; em 2001, 06; em 2002, 10; em 2003, 15. Os dados estão no site www.tamboreu.com.br.

2000 Com a finalidade de promover e difundir o esporte, foi criada a Liga Interiorana de Tamboréu-LIT, com sede na Cidade de Campinas-SP.

Situação Atual Como mais uma opção de atividade recreativa originária na praia, o tamboréu chega à atualidade, embora ainda pouco popular, como uma modalidade de esporte que contabiliza na ordem de 2 mil praticantes, sendo 500 em Santos-SP. Também adaptado para o formato de quadras, este esporte é praticado em São Paulo, Campinas, Brasília e Rio de Janeiro. A modalidade está mais difundida no estado de São Paulo, possuindo além da Liga Santista, a Liga Interiorana e a Federação Paulista de Tamboréu, sendo que esta última conta com os seguintes clubes filiados: A.A. Banco do Brasil, Associação Atlética São Paulo, A. A. Portuários de Santos, Arujá Country Club, Círculo Militar de Campinas, Clube Atlético Aramaçan, Clube de Campo de Valinhos, Clube Esportivo da Penha, Ipê Clube, Liga Santista de Tamboréu, Sociedade Hípica de Campinas, Sport Club Corinthians Paulista. O Atlético Santista Clube foi o pioneiro de quadras de saibro (oficiais) em Santos e hoje possui a melhor quadra coberta específica para este modalidade. Com a formação de outros clubes, acontece a renovação e a propagação do esporte, já com maior aceitação do público juvenil, onde se destacam o Fluminense, O Tamoio e o Clube

Polos de irradiação do Tamboréu no Brasil, 2004

Tamboréu clusters in Brazil, 2004



São Paulo, Campinas, Brasília, and Rio de Janeiro although it has more aficionados in the state of São Paulo, where several leagues can be found: Liga Santista (League from the city of Santos), the Liga Interiorana (League from the Interior of the state) and the Federação Paulista de Tamboréu (SP Tamboreu Federation).

Portuários. Fabricadas artesanalmente por Tadeu Kolonko, na Feira do Baú-Santos, as raquetes de tamboréu brasileiras são feitas de madeira naval e rede (as mesmas utilizadas nas raquetes de tênis), e chegam a ser comercializadas 50 unidades/mês, com vendas aquecidas no período de inverno, quando o esporte é mais praticado. Kolonko já está adaptando as raquetes para o público feminino, que começa a se interessar pelo esporte. Em São Paulo, a empresa Dipol é especializada na fabricação de materiais esportivos, inclusive o tamboréu. A fabricação é toda industrializada e são produzidas cerca de 30 unidades por semana, que são vendidas para os clubes e jogadores nas praias. Segundo o presidente da Liga Santista de Tamboréu, José Roberto Pereira, embora seja ainda um esporte amador, a entidade visa a profissionalização do esporte, mas para isto necessita de investimentos em organização e divulgação. No fomento a novos adeptos, a Liga Santista de Tamboréu-LST, promove escolinha de praia com apoio da Secretaria Municipal de Esportes. A Escolinha do Clube dos Corretores de Café conta com 18 praticantes, já de ambos os sexos. No estado de SP, o tamboréu é encontrado nas seguintes localidades: Cidades de Santos, São Vicente, Guarujá, Praia Grande, São Paulo, Santo André, Campinas e Valinhos; em Campinas e região, quatro clubes possuem quadras de tamboréu: a Sociedade Hípica de Campinas, o Círculo Militar de Campinas, a Associação Atlética Banco do Brasil e o Clube de Campo de Valinhos.

Fonte www.online.stcecelia.br- Jornal Laboratório da Faculdade de Artes e Comunicação da Universidade de Santa Cecília-UNISANTA, Tamboréu é o verdadeiro esporte das praias; Camila Micheletti; www.santos.sp.gov.br/comunicacao/historia/tamboreu.html; www.copebras.com.br; www.tamboreu.com.br; www.litamboreu.hpg.ig.com.br/historia.htm



Acrobacia aérea / aeroesportes

JOSÉ KOFF, LUIZ G. RICHIERI E LUIZ CARLOS DELL'AGLIO

Air sports and aerobatics

Air sports in Brazil are a legacy inherited from Santos Dumont, the Brazilian inventor of the airplane at the very beginning of the 20th century, before the Wright Brothers in the United States. As a sportsman registered in the Fédération Aéronautique Internationale (World Air Sports Federation - FIA) based in Paris, Santos Dumont submitted his flying machines to the control of time and distances when he displayed them in France. This pioneer in aviation then received the Olympic Diploma in 1905, issued by the International

Olympic Committee – IOC, in recognition for his sport and technological accomplishments. That was the beginning of the long time tradition of air sports in Brazil, which reached its peak in the 1940s with the foundation of 700 air clubs equipped with Brazilian aircraft units. According to the tradition of air sports, aerobatics is primarily defined as the handling and piloting of aircraft with art and skill for the performance of movements and circuits with pre-established difficulties and subject to measurement. Starting in

the 1980s, the Associação Brasileira de Acrobacia Aérea (Brazilian Aerobatic Association - ACRO) has been organizing the development of the sport in the country, which has 73 aircraft units e 320 members today. The total number of air clubs has come down to 190, but the number of aircraft units has increased. Brazil comes second, after the United States, in number of small aircraft units. The Brazilian company Embraer is the fourth largest aircraft manufacturer in the world.

Origem e Definição A acrobacia aérea é uma atividade definida na tradição do esporte da aviação. Implica no manejo de aeronaves com arte e destreza quanto ao cumprimento de movimentos e percursos, com dificuldades estabelecidas e sujeitas à mensuração. Trata-se, em síntese, de um esporte de aventura e risco com impacto sobre praticantes e assistentes. Sua origem situa-se nos primórdios da aviação quando esta ainda era mais entendida como um esporte, do que um meio de transporte. Tal compreensão é particularmente cara aos brasileiros por estar Alberto Santos Dumont entre os pioneiros esportistas da aviação no início do século XX. Antes dele, já havia uma tradição de conquista do ar no país desde o século XVIII, com os feitos dos balonistas Bartolomeu de Gusmão, Augusto Severo e outros. Nesta feição reside também uma das explicações do Brasil estar situado, nos dias presentes, entre os países líderes dos aeroesportes e da acrobacia aérea em particular. Outra razão pertinente é a do país possuir hoje a segunda frota de aviões de pequeno porte do mundo, sendo a primeira a do EUA. A esta vantagem, alia-se a existência de uma indústria sofisticada de aeronaves, com a empresa nacional Embraer à frente, como a quarta indústria do mundo neste setor.

A acrobacia aérea tanto pode ser apreciada pelo legado que representa na história da aviação brasileira, como uma manifestação típica do esporte atual voltado para práticas de aventura. Nesta última abordagem, a acrobacia de competição pode ser redefinida pela distinção com o show aéreo, uma vez que a primeira versão tem como característica o vôo à baixa altitude, aquele que empolga o público, e a segunda se realiza sempre em altitudes seguras e de visibilidade menos privilegiada. Ao contrário das aparências, entre todas as modalidades dos esportes aeronáuticos, é a acrobacia de competição a mais segura e com o menor índice mundial de acidentes. Dela só participa a elite dos pilotos, aficionados e devotados que têm, no esporte, o foco principal do seu engajamento.

1904 Santos Dumont inscreve-se nos Jogos Olímpicos de Saint Louis, nos EUA, para participar nas provas de balonismo, mas desistiu em razão de defeito no equipamento. Após afastar-se da aviação em 1917, Santos Dumont passou a praticar esporadicamente esqui na Europa – tendo inventado um equipamento para facilitar subidas em encostas – e tênis no Brasil, até seu falecimento em 1932.

1905 Outorga, ao brasileiro Santos Dumont, do Diploma Olímpico pelo Comitê Olímpico Internacional - COI, pelas performances e recordes obtidos nos concursos do nascente esporte da aviação na França. Acrescente-se a este fato que o inventor do avião era inscrito na Federação Aeronáutica Internacional, com sede em Paris, na qual eram registrados recordes certificados de balonismo e aviação no mundo, por controle de tempo e de distâncias. O Diploma Olímpico era um mérito esportivo concedido por indicação do Barão Pierre de Coubertin – então presidente do COI – a personalidades de renome internacional pelo “comprometimento físico, intelectual e moral no sentido da harmonia ideal”. Além de Santos Dumont, estavam entre os primeiros outorgados deste diploma, o presidente Theodore Roosevelt dos EUA e o explorador polar Fridtjof Nansen, da Noruega. Nestas condições, o primeiro laurel olímpico atribuído ao Brasil e à América Latina foi obra de Santos Dumont e da aviação esportiva brasileira.

1911 Fundação do Aeroclube do Brasil, no Rio de Janeiro, por Irineu Marinho, Sampaio Corrêa, Maurício de Lacerda e outras personalidades ilustres à época.

1941 Criação do Ministério da Aeronáutica pelo Governo de Getúlio Vargas, após várias tentativas iniciadas na década anterior. Note-se que a Aviação Naval existia desde 1916 e a Aviação Militar originara-se em 1919, com ambas se extinguindo em favor do novo ministério que passou a atuar em âmbitos militar e civil.

Década de 1940 Início da campanha cívica destinada a fomentar a criação de aeroclubes em todo o Brasil, tendo à frente Assis Chateaubriand (presidente dos Diários Associados), Andrade Queiroz e Salgado Filho, este último Ministro da Aeronáutica, à época. Neste período houve quatro campeonatos brasileiros de acrobacias aéreas, possivelmente apoiados por aeronaves e pilotos militares. Em São Paulo, em plena Segunda Guerra Mundial, monta-se uma indústria subvencionada pelo Governo Federal – a Neiva S.A. de Botucatu – com a finalidade de produzir aviões monomotores para equipar os aeroclubes recém-fundados. Estas aeronaves foram apelidadas de “paulistinhas” e permaneceram em serviço nas décadas seguintes formando pilotos e atuando como meio de lazer e transporte intermunicipal. Estima-se que tenham sido criados cerca de 700 aeroclubes no Brasil como resultado da campanha dos anos de 1940, com a incorporação de 900 aeronaves “paulistinhas”.

Década de 1950 A acrobacia aérea expandiu-se efetivamente no país nesta década, quando a Força Aérea Brasileira - FAB desativou os modelos Fairchild PT-19 e os repassou para os aeroclubes, dando início ao treinamento de acrobacia em aeronaves próprias para esta finalidade. A partir deste evento, escolas de pilotos e aeroclubes passaram a adquirir por conta própria outras aeronaves mais modernas e de melhor performance.

Década de 1980 Fundação da Associação Brasileira de Acrobacia Aérea - ACRO. O primeiro presidente da ACRO foi o coronel Antonio Braga, que durante 15 anos liderou a Esquadilha da Fumaça – esquadrão de demonstração e show aéreo da Força Aérea Brasileira - FAB. Esta esquadrilha tem antecedentes que remontam aos anos de 1940, constituindo, até hoje, a face de maior visibilidade das acrobacias aéreas no Brasil.

1986 O Departamento de Aeronáutica Civil - DAC, Ministério da Aeronáutica, através de sua Divisão de Aerodesporto, importou sete kits do modelo *Christen Eagle* – na época considerada uma das aeronaves mais avançadas – entregando-os aos aeroclubes de Nova Iguaçu-RJ, de Belo Horizonte-MG, de São Paulo, de Rio Claro-SP, do Paraná-PR, do Rio Grande do Sul e de Erechim-RS, e dando início a uma renovação na acrobacia brasileira. Este acontecimento constituiu um marco do esporte e deu surgimento a uma nova e promissora geração de pilotos esportivos.

1989 Com o impulso obtido em 1986, resgatou-se o Campeonato Brasileiro de Acrobacias Aéreas – evento interrompido no final da década de 1940 – pela realização, neste ano, de sua quinta edição. Os pilotos, para este renascimento, eram na maioria de formação militar dada as exigências profissionais anteriores. Os civis, embora minoria, ganharam destaque pela experiência em shows aéreos. Este é o caso de Alberto Bertelli, o nome mais conhecido da modalidade naquele período, que foi o precursor dos shows aéreos no país.

1994 Neste ano, o Brasil participou do campeonato mundial de acrobacias aéreas realizado na Hungria, como também passou a ter uma presença constante neste evento maior da modalidade. Deste modo, representantes brasileiros compareceram em 1996, em Oklahoma-EUA; em 1998, em Trencin, na Eslovênia; em 2000, em Muret, na França; e em 2001, em Burgos, na Espanha.

2003 Em continuidade à restauração ocorrida em 1989, realizou-se, neste ano, a 19ª edição do Campeonato Brasileiro de Acrobacia Aérea, dividindo-se em quatro etapas, sendo a primeira em Ponta Grossa – PR e as seguintes em Barretos, Bragança Paulista e Araras, municípios do Estado de São Paulo. No presente estágio, estão consolidadas as categorias de competidores que são as seguintes: Básica (iniciantes); Esporte (segundo estágio que permite conhecer o potencial dos pilotos); Intermediária (início do reconhecimento das qualidades inerentes ao piloto de acrobacia, aumentando-se o número de manobras e sua dificuldade); Avançada (grau máximo de exigências das manobras); Ilimitada (topo da escala de performance de um piloto de competição); Estilo Livre Quatro Minutos (o piloto escolhe as manobras a serem realizadas, não sendo obrigatória a mesma seqüência das primeiras cinco categorias, sendo permitido o uso de fumaça e fundo musical durante a apresentação).

Situação Atual Na perspectiva dos aeroesportes em geral, há hoje, no Brasil, 190 aeroclubes indicando uma redução a 1/3 do total existente na década de 1940, embora o número de aeronaves tenha aumentado. Já o esporte de acrobacias aéreas é praticado nos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais, Goiás, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pernambuco e Distrito Federal. O estado que possui a maior concentração de pilotos e aeronaves é São Paulo, seguido do Rio Grande do Sul. A ACRO dispõe de aeronaves modelo *Super Decathlon* – de fabricação americana, que a exemplo dos *Christen Eagle* foram cedidas pelo DAC – e as disponibiliza para curso de pilotagem acrobática até a categoria Esporte, ao custo de US\$130,00/hora. As principais aeronaves que hoje participam do Campeonato Brasileiro de Acrobacia, em sua maioria, são de propriedade particular, pertencendo a associações esportivas ou a aeroclubes. Tal fato ocorre pelo seu alto custo de aquisição e manutenção. O custo destas aeronaves varia de US\$ 65.000,00 a US\$ 250.000,00 e o da hora voada e manutenção alcança US\$ 150,00. Apesar destes custos, hoje a frota nacional da modalidade soma 73 aeronaves. Por outro lado, os gastos com o treinamento dos pilotos de alto nível são bastante elevados. É normal que pilotos de acrobacia treinem de 50 a 100 horas por ano, a um custo estimado de US\$100 a US\$200/hora. Atualmente a ACRO possui, em seus quadros, 320 associados e sua sede está localizada em Sorocaba - SP. Pode-se considerar que cada aeronave origine quatro empregos diretos e outros tantos indiretos em sua manutenção. Os eventos deslocam em média 250 profissionais para sua realização.

Fontes DaCosta, L.P., Santos Dumont: o Primeiro Herói Olímpico do Esporte Brasileiro, Coletânea do IV Encontro Nacional de História do Esporte, UFMG, 1996, pp. 229-332; Lins de Barros, H., Santos Dumont e a Invenção do Vôo. Zahar, Rio de Janeiro, 2003; Veado, W., Santos Dumont. Editora do Brasil, São Paulo, 1973; www.airsports.fai.org

Localização dos principais aeroclubes capacitados para competições de acrobacias aéreas, 2003

Location of the major air clubs licensed for aerobatic competitions, 2003



Ultraleve

JOSÉ KOFF, GUSTAVO HENRIQUE ALBRECHT E JOSÉ AUGUSTO SANTANA

Microlight/Ultralight

According to the Fédération Aéronautique Internationale-FAI (World Air Sports Federation), after the historical origin of aviation, microlights or ultralights are considered today machines piloted by their owners, which can come down on any rural flat land and which are capable of taking off and landing in short distances free from heavy structures. These criteria make it possible today to classify the prototype "Demoiselle", constructed

Origem e definições As aeronaves ultraleves são hoje definidas pela *Fédération Aéronautique Internationale*–FAI, no marco da origem histórica da aviação: aparelhos pilotados pelo próprio dono, que possam aterrissar em áreas planas campestres e capazes de decolar e descer em distâncias curtas sem ter dependência de estruturas pesadas. Em termos técnicos, os ultraleves são aeronaves que apresentam características – também definidas pela FIA – tipificadas para a comunidade praticante de aero-esportes como se segue: (a) movimentadas por pequenos motores, capazes de prover voo seguro e aterrissagem com motor desligado; (b) levantamento de voo e aterrissagem em velocidade reduzida (max. 65 km/h); e (c) com peso máximo de 300 kg monoplacé e 450 kg biplacé.

Por esses critérios da FIA, seria hoje possível classificar o protótipo *Demoiselle* construído e voado por Alberto Santos Dumont em 1908, na França, como precursor do ultraleve. E do ponto de vista de praticidade, o *Demoiselle*, de fato, teve boa recepção junto aos candidatos a pilotos então existentes, uma vez que foram produzidos 50 exemplares em série. Já as versões atuais surgiram da asa delta utilizada no voo livre, cujos pilotos, por vezes incapacitados de levantar voo pela ausência de condições adequadas, adaptaram um pequeno motor nas asas para ganhar a altura facilitadora do voo. O passo seguinte da evolução do ultraleve ocorrido na década de 1970 consistiu na adaptação de carrinhos que suportavam o assento do piloto e o motor, surgindo, em consequência, os modelos *Trike*, *Weedhopper*, *Quicksilver* e *Condor*, com diferentes soluções de compatibilidade entre asa, motor e sustentação do piloto. Hoje, os dados referenciais da modalidade de ultraleve são: Tipos de ultraleves – Terrestres, anfíbios e hidro (Básicos ou Avançados); Capacidade de transporte – Monoplacé e Biplacé; Tipo de comando – dois eixos (não tem aileron); Triaxial – igual aos aviões; Pendular – trike e flyboats; Estrutura flexível – parapente com motor.

1978 Primeiro voo de ultraleve no Brasil, realizado no Rio de Janeiro por Paul Gaiser, piloto de asa delta, que equipou uma delas com um pequeno motor de 10 hp. O motor ficava na parte dianteira da quilha da asa e a hélice, movido por um eixo comprido, ficava na parte posterior desta quilha. O trem de pouso era as próprias pernas do piloto que corria com a asa nas costas, com o acelerador nos dentes, e desta forma decolava. Com esse mesmo modelo, Gustavo H. Albrecht voou no Rio Grande do Sul nos anos 1979 e 1980. Neste mesmo estágio, surgiu o primeiro Trike no Brasil conduzido pelo também praticante de asa delta Patrick Brendel, que foi o terceiro piloto a voar ultraleve no Brasil.

1981 Aparecimento do modelo Weedhopper, trazido pelos Comandantes Vieira Souto, Carlos Luiz Martins, Sérgio Pedra, Fernando Pinto, Geraldo Pinto e outros, que com o Coronel Berto voaram no mesmo dia no Campo dos Afonsos e receberam seus CPD (Certificado de Piloto Desportivo), na ordem sucessiva em que voaram.

1982 Início da fabricação de ultraleves no Brasil por indústrias sediadas no Rio de Janeiro. Neste ano, quase simultaneamente, a Microleve Comércio e Indústria Aeronáutica Ltda. produzia sob licença, o modelo Quicksilver, antes importado. Logo após, a Netuno Indústria Aeronáutica Ltda., que importava o modelo Condor, também passou a produzi-lo no país. Com tais iniciativas, a evolução

and flown by Alberto Santos Dumont in 1908, in France, as the precursor of the microlight. The first flight of today's version of the microlight in Brazil took place in 1978 and since then the number of microlights in the country has been steadily increasing to a total of 5,300 aircrafts in 2003. The Associação Brasileira de Ultraleves (Brazilian Microlight Aircraft Association – ABUL), developed in 1987, has established rules and standards for this

das aeronaves ultraleves foi acelerada. Os modelos renovados sucessivamente perderam o aspecto de fragilidade, ganharam performance e hoje se assemelham a pequenos aviões.

1984 Neste ano emitiu-se a primeira regulamentação sobre ultraleves no Brasil, então denominada de IAC 3310-0684, do DAC. Este ato normativo estabelecia as primeiras regras para a fabricação das aeronaves então denominadas de ULM, para a habilitação dos pilotos e para padrões de operação em sítios de voo. Assim, os ultraleves foram desobrigados, por exemplo, de só operar em aeródromos, uma exceção criada exclusivamente para facilitar suas operações e, portanto, a multiplicação do uso. Simultaneamente à emissão do IAC 3310, foi flexibilizado o CPD a fim de estimular a habilitação dos novos pilotos da categoria. Esta reformulação permitia a certificação de pilotos com idade de 15 anos, mas manteve a exigência de um curso preliminar em escola, homologada pelo DAC.

1985 Emissão de proposta de alteração na definição de ULM constante na IAC 3310, que foi finalmente editada pelo DAC em janeiro de 1987, com a CI 122-01D: Peso vazio máximo de até 200 kg; Carga alar com peso vazio menor que 10 kg/m²; Carga alar com peso máximo de 23 kg/m². No novo ato, as escolas de ULM continuavam responsáveis pela habilitação mas o DAC passava a determinar o currículo mínimo para o curso teórico, e estabelecia o número mínimo de horas para o curso prático em 10 horas.

1987 Em 14 de março deste ano foi criada a Associação Brasileira de Ultraleves - ABUL, com a presença de 12 entidades constituídas e representativas de seis estados da União e do Distrito Federal. Nesta ocasião foi eleito, para presidi-la, o aviador militar, civil e esportivo Gustavo Henrique Albrecht, que continua no cargo na presente data. No âmbito da FIA, a representatividade do ultraleve continuou com o Aeroclube do Brasil, do mesmo modo que os demais aero-esportes praticados no país.

1991 Edição de ato normativo do DAC (RBHA 103) criando uma divisão na definição de ultraleve: ULTRALEVE BÁSICO (Peso vazio máximo de 230 kg p/ terrestres e 260 kg p/ aquáticos ou anfíbios; Carga alar com peso máximo menor ou igual a 28 kg/m²; Velocidade de estol sem motor menor ou igual a 57 km/h) e ULTRALEVE AVANÇADO (Peso vazio máximo igual a 300 kg; Carga alar com peso máximo menor ou igual a 38 kg/m²; Velocidade de estol menor ou igual a 57 km/h). Além disso, a nova norma delegou para a ABUL a aplicação das provas e a execução dos vôos de cheque para pilotos de ultraleve em todo o país, dando surgimento a 38 representações desta Associação em todo o território nacional.

2000 – 2003 Neste período identifica-se um crescimento estável na frota de ultraleves do Brasil. Segundo informações do Registro Aeronáutico Brasileiro – RAB, foram registradas no DAC, respectivamente, 286 unidades no ano de 2000, 113 unidades no ano de 2001, e 804 unidades no ano de 2002. Nos primeiros cinco meses de 2003, houve registro de 402 unidades de ultraleves no país. Em 2001, foi realizado em Beas de Segura – Espanha o campeonato mundial de ultraleves (microlight), dentro do programa dos Jogos Mundiais de Aero-esportes (World Air Games), com 17 países participantes; nesta ocasião, foi identificado o perfil dominante do competidor internacional de ultraleve: 41 anos de idade e 12.5 anos de experiência.

sport and includes today 3,200 members. There are in Brazil around 20 companies that either manufacture or assemble 40 types of microlights, including 18 models that have been developed by Brazilian engineers and designers. One hundred units were exported to 10 countries in 2002. The Brazilian microlight industry employs 9,000 people and has annual revenue of US\$100 million.

Situação Atual Atualmente a Associação Brasileira de Ultraleves tem, em seus quadros, 3200 sócios, com representantes em todos os estados brasileiros e 35 escolas de formação de pilotos. Considerando-se o período de 1978 até os dias atuais, foram construídos e montados aproximadamente 5300 aeronaves deste tipo no Brasil, sendo que no DAC estavam registradas 4100 unidades em 2003. Para se avaliar melhor o significado deste segmento da aviação desportiva, deve-se levar em conta que, atualmente, 45% dos “mais pesados que o ar” existentes no país pertencem a esta categoria de aeronaves. Considerando-se que as aeronaves novas mais simples (básicas) custam em torno de R\$ 80 mil e as mais sofisticadas (avançadas), custam R\$ 200 mil, estimam-se negócios anuais realizados na ordem de R\$100 milhões, somente em transações com aeronaves novas. Outro fator importante de caráter econômico-social é que o desenvolvimento tecnológico e a manutenção desta frota geram um mercado de trabalho que emprega mais de 9000 brasileiros. As estatísticas do DAC mostram que São Paulo é o estado brasileiro com maior concentração de ultraleves, seguido do Rio de Janeiro, Paraná, Ceará e Rio Grande do Sul. Existem no Brasil cerca de 20 empresas fabricantes e/ou montadoras de 40 tipos de ultraleves, sendo que 18 modelos são projetos totalmente desenvolvidos por engenheiros e projetistas brasileiros. Uma das pioneiras nestas montagens, a Microleve, já produziu mais de 1400 aeronaves, tendo exportado mais de 100 unidades de seu projeto anfíbio para os Estados Unidos, França, Itália, Grécia, Portugal, Tailândia, Coreia do Sul, Peru, Paraguai e Argentina.

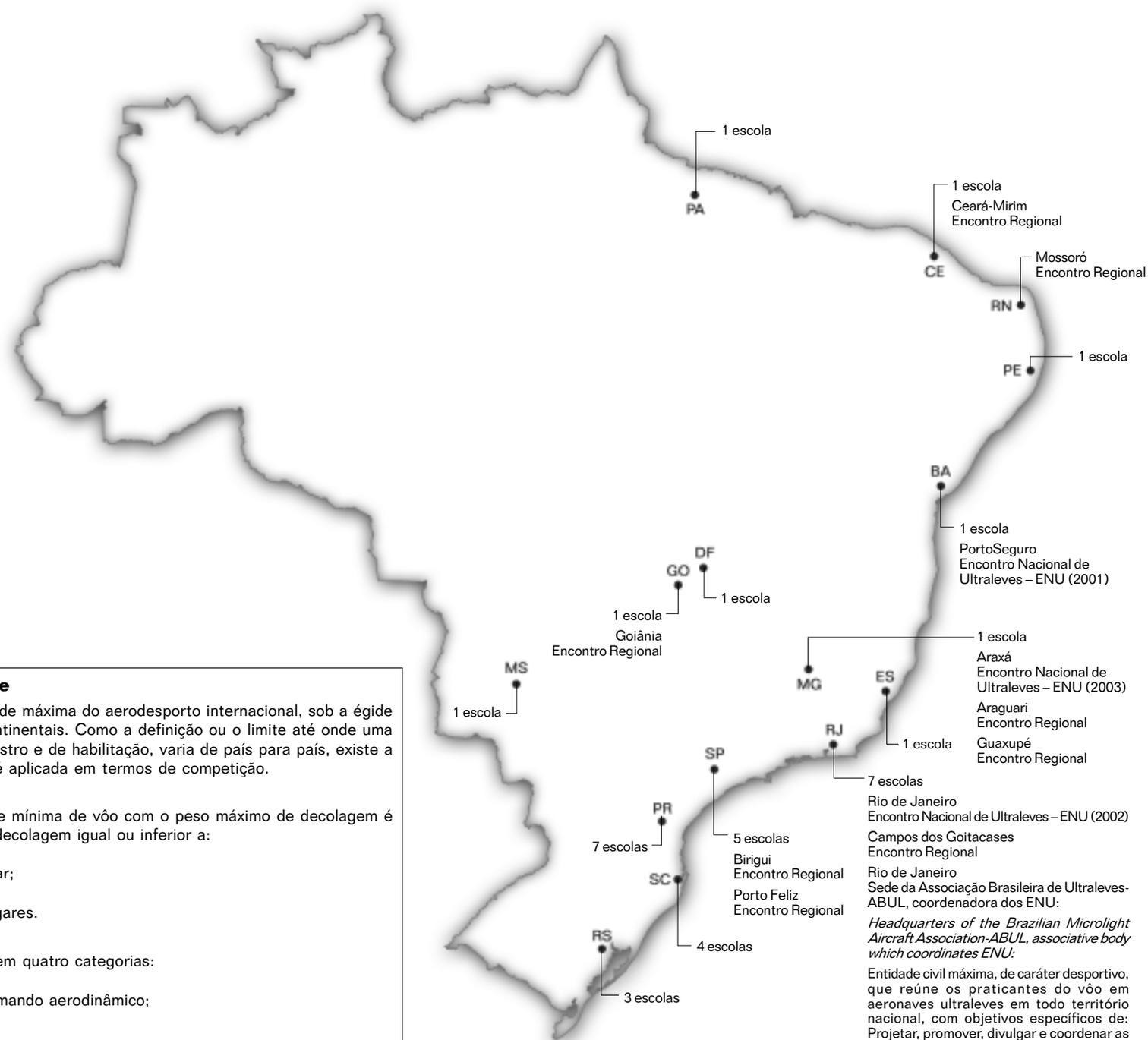
O iniciante interessado em voar ultraleves pode obter o seu Certificado de Piloto Desportivo - CPD após, pelo menos, 15 horas de treinamento. Mas se desejar voar ultraleves avançados precisará de, no mínimo, mais 25 horas de treinamento, que lhe outorgará o Certificado de Piloto de Recreio - CPR. Estes ultraleves avançados apresentam performance compatível com aviões leves, alguns atingindo velocidades de 130 nós e autonomia de 5 horas, o que lhes permite voar sem escala por até 950 km. Os custos inerentes à instrução para a obtenção destes certificados podem ser da ordem de R\$ 3000,00 a R\$5000,00. A cada ano, ocorrem vários encontros regionais e nacionais, para eles convergindo até 80 aeronaves. Algumas voam mais de 1500 km para participarem de tais eventos. O turismo nacional tem apontado para a influência destes encontros, assim como para os benefícios que os ultraleves têm trazido para algumas regiões turísticas. O mais importante destes eventos é o Encontro Nacional de Ultraleves - ENU, que em 2001 ocorreu em Porto Seguro - BA, em 2002 no Rio de Janeiro-RJ e em 2003, em Araxá-MG. Os eventos regionais mais conhecidos são os de Ceará-Mirim e Mossoró-RN, Birigui-SP, Porto Feliz-SP, Goiânia-GO, Araguari-MG, Guaxupé-MG e Campos dos Goitacases-RJ. No plano internacional, os campeonatos de ultraleve da FIA têm acontecido nos EUA e na Europa, o que limita a participação do Brasil e demais países de outros continentes em razão de elevados gastos de transporte. Em resumo, a modalidade de ultraleve é a que apresenta os melhores números para a economia no conjunto de aero-esportes praticados no Brasil. Estima-se que no ano de 2002 tenham sido movimentados, neste segmento, cerca de R\$300 milhões, incluindo combustível, manutenção, turismo, construção de sítios de voo e negócios com aeronaves.

Fontes Departamento de Aeronáutica Civil – DAC; www.fai.org; www.abul.org.br

Localização dos principais encontros nacional (ENU) e regional (anual) de ultraleves, 2003

Locations of microlight main national (ENU) and regional (annual) meetings, 2003

Número de escolas de formação de pilotos por estado / Schools for pilots per state



Modalidades de competições com ultraleve

A FAI - Federação Aeronáutica Internacional é a entidade máxima do aerodesporto internacional, sob a égide da qual são realizados os campeonatos mundiais e continentais. Como a definição ou o limite até onde uma aeronave experimental é ultraleve, para efeitos de registro e de habilitação, varia de país para país, existe a definição da FAI para uma aeronave ultraleve, a qual é aplicada em termos de competição.

Definição FAI

É uma aeronave de um ou dois lugares cuja velocidade mínima de voo com o peso máximo de decolagem é menor do que 65 km/h e que tem o peso máximo de decolagem igual ou inferior a:

- 300 kg para aeronave terrestre de um lugar;
- 330 kg para aeronave aquática ou anfíbia de um lugar;
- 450 kg para aeronave terrestre de dois lugares; e
- 495 kg para aeronave aquática ou anfíbia de dois lugares.

Categorias

Para efeito de competição, a FAI divide os ultraleves em quatro categorias:

- Aeronave de asa fixa com controles aerodinâmicos;
- Aeronave com controle por mudança de CG e sem comando aerodinâmico;
- Asa delta motorizada; e
- Paramotor.

Num mesmo evento poderão ser feitos campeonatos de mais de uma destas categorias, sendo cada um, um campeonato em si mesmo, sem interferência com as demais categorias.

As provas utilizadas num campeonato de ultraleves obedecem, como em todas as modalidades aerodesportivas, às regras da FAI, e são de três tipos:

Tipo A- Provas de navegação

(planejamento e execução), sem limite de combustível (50% do total das provas);

Existem várias destas provas catalogadas nas quais o piloto recebe o circuito a ser voado e deve, antes da decolagem, declarar ao Diretor de Provas o tempo de voo ou a hora de sobrevoo de cada ponto de virada.

Tipo B- Provas de performance

(economia, velocidade mínima e máxima, permanência) com limite de combustível (25 % do total das provas); Podem ser feitas provas isoladas de permanência e economia. É recomendado que as provas de velocidade mínima e máxima sejam sempre executadas numa mesma decolagem. Um exemplo de prova: é dada uma quantidade de combustível igual para todos os competidores que decolarão e voarão num eixo determinado, o mais longe possível, fotografarão um ponto facilmente identificável no terreno e retornarão para pouso na base. Vence o piloto que voar a maior distância. Não marca pontos quem pousar fora da base.

Tipo C- Provas de precisão

(pousos) representando 25% das provas.

Os competidores deverão pousar, com o motor cortado, na área de pouso que mede 100 m x 25 m. A área tem faixas com pontuação diferente, sendo a máxima de 250 pontos. Não marca pontos quem tocar qualquer parte do ulm fora da área ou não conseguir taxiar por meios próprios para fora da área, após o pouso.

Vôo Livre

JOSÉ KOFF E NADER COURI RAAD FILHO

Hang Gliding & Paragliding (For English summary see map)

Definição e origem O esporte de Vôo Livre é aquele que se pratica com asa delta ou parapente e cuja definição codificada pela Federação Aeronáutica Internacional – FAI refere-se a uma estrutura rígida que é manobrada com o deslocamento do peso do corpo do piloto, ou por superfícies aerodinâmicas móveis (asa delta), ou até por ausência de estrutura rígida com cabos e outros dispositivos (parapente). O aparecimento da asa delta deveu-se ao progresso das pesquisas aeroespaciais nos EUA, principalmente com respeito aos novos materiais de equipamentos aeronáuticos, nos início dos anos de 1970. Nesta mesma década surgiram os primeiros equipamentos no Brasil, especificamente no Rio de Janeiro, onde ocorreu o primeiro vôo registrado de asa delta em 1974: o do piloto francês, Stephan Segonzac. As provas de um campeonato de asa delta são as de permanência no ar e a de precisão. A principal prova de um campeonato de parapente é a prova de Pilão com Velocidade, que consiste em sobrevoar pontos predeterminados em menor espaço de tempo, obrigando a utilização de GPS para comprovação do percurso. É um dos poucos esportes em que homens e mulheres competem juntos.

1974 O primeiro piloto brasileiro de asa delta foi Luis Cláudio Mattos. Seu primeiro vôo foi realizado em 7 de setembro deste ano, do topo da Pedra da Agulhinha na praia de São Conrado, no Rio de Janeiro. Em novembro de 1975, quando já havia mais de uma dezena de pilotos, foi realizado o Primeiro Campeonato Brasileiro de Vôo Livre, em São Conrado. Esta competição contou com provas de permanência em vôo e precisão, sagrando-se campeão André Sansoldo e vice-campeão Irency Beltrão, que viriam a representar o Brasil no Primeiro Campeonato Mundial de Vôo Livre, realizado na cidade de Kossen, Áustria, em 1976.

Vôo à vela

JOSÉ KOFF E THOMAS MILKO

Gliding (For English summary see map)

Definição e origem Segundo define a *Federation de Aéronautique Internationale* – FAI, um planador consiste numa asa fixa aerodinâmica capaz de sustentar vôos e manobras no ar sem elementos de propulsão. Há, contudo, o “motor glider” que caracteriza o planador equipado com um meio de propulsão e capaz de sustentar vôos sem auxílio deste equipamento. As primeiras experiências do vôo sem motor, aconteceram no final do século XIX entre os diversos pioneiros da aviação. O grande impulso do esporte ocorreu na Alemanha, quando depois da derrota na Primeira Guerra Mundial, o país viu-se impossibilitado de treinar seus pilotos em aeronaves motorizadas. Assim sendo, os esforços foram concentrados no desenvolvimento de planadores. No Brasil, pela existência de áreas de colonização alemã no sul do país e pela influência da Alemanha na vida nacional nas décadas de 1920 e 1930, houve reflexos do uso de planadores com registros esparsos de vôos em RS, SC e SP. Nos anos de 1930 surgiram clubes pioneiros também por iniciativa alemã constituindo os primeiros da América Latina nesta modalidade de aviação.

1934 Criação do “Aeroclube Politécnico de Planadores - APP” em Jundiá – SP, com associados de nacionalidade alemã e brasileira que se dedicaram a vôos de lazer e obtenção de dados meteorológicos. O clube pioneiro teve por base um grupo de entusiastas da Escola Politécnica de São Paulo (hoje parte da Universidade de São Paulo - USP). Chamado inicialmente de Clube Politécnico de Planadores, a entidade resultou da primeira expedição alemã que chegou ao Brasil para realizar pesquisas meteorológicas incluindo pioneiros pilotos de planador como Hanna Reitsch, Wolf Hirth, Heini Dittmar e Walter Giorgii, destacado

1975 Após o primeiro campeonato e com o crescente número de adeptos, construiu-se uma nova rampa no RJ, a da Pedra Bonita, para cuja manutenção e controle foi criada a ABVL. A Associação Brasileira de Vôo Livre é presidida desde 1997 pelo piloto Nader Couri Raad Filho, e tem sua sede na cidade do Rio de Janeiro.

1981 Na modalidade asa delta o Brasil conquistou neste ano seu primeiro título mundial, quando o piloto Pedro Paulo Pepê Lopes conseguiu o troféu individual no Japão.

1986 Primeiras tentativas também no RJ de se adaptar pára-quedas comuns para voar a partir de encostas, dando um início rudimentar ao já então chamado de Vôo Livre no Brasil, como reflexo do exterior. Alguns destes vôos partiram da Pedra da Gávea e pousando em São Conrado, em frente à praia existente no local.

1988 O suíço François Knebel traz para o Brasil o primeiro parapente, dando início a cursos que revelaram os primeiros pilotos nacionais desta modalidade: Ruy Marra, Bruno Menescal, Daniel Schmidt, Luiz Otávio Meneses Filho, Patrik Bredel, Antonio Lage e André Lima Duarte.

1989 O primeiro Campeonato Brasileiro de Parapente foi realizado na rampa da Serra do Vulcão em Nova Iguaçu - RJ, sagrando-se campeão o piloto Bruno Menescal. Neste mesmo ano o Brasil participou do campeonato mundial, realizado na Áustria.

1991 Neste ano, no campeonato mundial realizado em nosso país, o Brasil sagrou-se vice-campeão individual e por equipes. Em 1999,

meteorologista. O APP conta hoje com mais de 100 sócios ativos, além de alunos de seus cursos, e deste grupo originou-se o terceiro colocado no campeonato mundial da modalidade realizado na África do Sul em 2001, Alberto Kunath.

Década de 1950 Neste período, a Sociedade Construtora Aeronáutica Neiva (Botucatu – SP) projetou e construiu os primeiros planadores nacionais de instrução, que foram chamados Monitor e o modelo BN-1, próprio para competições.

1954 Criação da Associação Brasileira de Vôo a Vela – ABVV, em São Paulo – SP, órgão que passou a representar a modalidade junto à FAI no exterior e ao Departamento de Aviação Civil – DAC, órgão regulador e de fomento dos esportes no Brasil. Hoje a ABVV congrega 150 associados, 30 aeroclubes e quatro planadores próprios.

Década de 1970 Com base na experiência dos modelos Monitor e BN-1 da Neiva S.A., a Embraer – maior empresa brasileira produtora de aeronaves e quarta do mundo na atualidade – projetou e produziu em série o planador Urupema, avançado tecnologicamente e de alto desempenho.

2001 Neste ano, a AEROMOT de Porto Alegre, fabricante da linha de motoplanadores Ximango entrou na concorrência internacional para renovação de frota de planadores e motoplanadores da Força Aérea dos EUA. Concorrendo com a Bombardier do Canadá e outros fabricantes internacionais, o modelo Ximango foi selecionado nos testes de excelência de vôo dando lugar à venda de 14 planadores 100 hp. Em 2003, a AEROMOT instalou uma subsidiária na China para a produção local do Ximango.

na Itália, o Brasil sagrou-se campeão mundial por equipe e em 2001, na Espanha, a equipe brasileira sagrou-se novamente vice-campeã. Porém, 1991 também marca o falecimento de Pepê Lopes – já renomado na modalidade de asa delta – aos 33 anos, durante um campeonato que disputava em Wakayama – Japão.

Situação Atual O crescimento da prática do Vôo Livre no país constata-se pela filiação de 11 estados e mais de 2500 pilotos à ABVL em 2003. Quantidade de asas deltas: 2000; de parapentes: 3500; de praticantes de asa delta em atividade: 2000; de praticantes de parapente em atividade: 3000. O Brasil é considerado como a segunda força mundial no esporte depois dos EUA. As asas deltas e os parapentes de alta performance ainda são importados, principalmente dos Estados Unidos, Itália, França, Inglaterra, Suíça e Austrália. Mas a indústria nacional já produz excelentes equipamentos. O iniciante no esporte gasta em média R\$2.000,00 no curso inicial, mas se quiser adquirir equipamento próprio pode despende entre R\$5.000,00 e R\$22.000,00. Estima-se que este esporte empregue aproximadamente 3000 pessoas no país, e em função dele circulem R\$ 20.000.000,00/ano. Os principais estados para a prática do Vôo Livre são Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, mas o vôo é praticado em todos os estados da União. As características topográficas de alguns sítios de Vôo Livre são internacionalmente conhecidas pelos adeptos deste esporte, que vem realizar treinamento e turismo específico no Brasil. Governador Valadares, Andradas, Quixadá e Brasília são alguns exemplos de locais procurados por pilotos de todo mundo. Contudo, a imagem da modalidade fixou-se na cidade do Rio de Janeiro, sua origem brasileira.

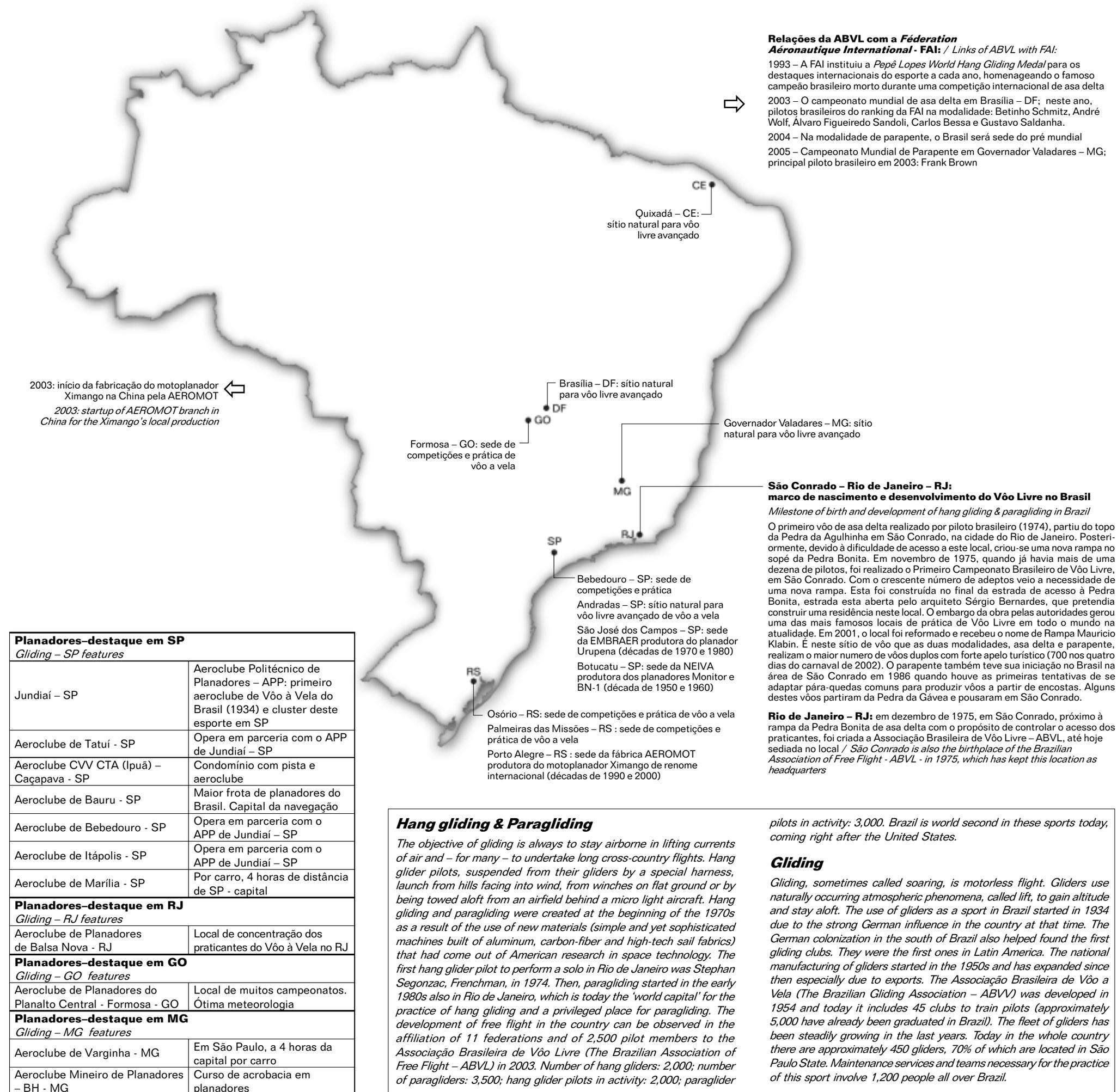
2002 O piloto naturalizado brasileiro Gerard Moss realizou uma viagem de circunavegação do globo terrestre com um modelo Ximango, realizada em 100 dias e devidamente certificada pela FAI. Este feito constituiu um dos marcos históricos do desenvolvimento do Vôo à Vela no país.

Situação Atual São realizados, anualmente, de 5 a 8 campeonatos regionais, dos quais deriva-se o Campeonato Nacional e os representantes para as competições internacionais. O locais destes eventos consideram a topografia e as condições meteorológicas, como Bebedouro-SP, Formosa-GO, Osório e Palmeiras das Missões-RS. Estes eventos reúnem normalmente de 40 a 50 planadores, e mais de 200 pilotos. Há hoje cerca de 45 clubes de Vôo à Vela em atividade formando pilotos (aproximadamente 5000 foram formados no Brasil). A frota de planadores vem crescendo bastante nos últimos anos, atualmente contando com cerca de 450 aeronaves em todo país. A maior concentração ocorre em SP com 70% de todos os planadores, seguindo-se o RS. O custo médio das aeronaves estrangeiras é de US\$ 50 mil e o da hora de vôo é de R\$ 110,00. Atualmente o único modelo em desenvolvimento no Brasil é o P1. Trata-se de um planador bi-place que será fabricado em São José dos Campos. Os principais planadores estrangeiros em uso no Brasil são os da marca SZD, de procedência polonesa, e os modelos Alexander Schleicher e Schempp-Hirt, ambos alemães. Nos últimos três anos, foram computadas, na média, 15000 horas anuais em vôo de planadores no Brasil, sendo que, destas, 4800 horas foram em competições nacionais. Estima-se que nos serviços de manutenção e equipes de vôo necessárias à prática do esporte estejam envolvidos 1200 pessoas em todo o Brasil.

Fontes / sources Associação Brasileira de Vôo Livre; www.abvl.com.br; FAI Sporting Code , Section 3 – Gliders; www.planadores.org.br; Calabresi, C. & Polliti, C., Pesquisa sobre planadores no Brasil, 1998, obtido em www.educacaofisica.com.br; Vôo a Vela em www.360graus.terra.com.br, em 26.02.2002.

Destaques das modalidades de asa delta, parapente e planadores por localização, 2003

Gliding sports: features per location, 2003



Relações da ABVL com a *Fédération Aéronautique Internationale - FAI*: / *Links of ABVL with FAI*:

- 1993 – A FAI instituiu a *Pepê Lopes World Hang Gliding Medal* para os destaques internacionais do esporte a cada ano, homenageando o famoso campeão brasileiro morto durante uma competição internacional de asa delta
- 2003 – O campeonato mundial de asa delta em Brasília – DF; neste ano, pilotos brasileiros do ranking da FAI na modalidade: Betinho Schmitz, André Wolf, Alvaro Figueiredo Sandoli, Carlos Bessa e Gustavo Saldanha.
- 2004 – Na modalidade de parapente, o Brasil será sede do pré mundial
- 2005 – Campeonato Mundial de Parapente em Governador Valadares – MG; principal piloto brasileiro em 2003: Frank Brown

2003: início da fabricação do motoplanador Ximango na China pela AEROMOT
 2003: startup of AEROMOT branch in China for the Ximango's local production

Planadores–destaque em SP <i>Gliding – SP features</i>	
Jundiaí – SP	Aeroclube Politécnico de Planadores – APP: primeiro aeroclube de Vôo à Vela do Brasil (1934) e cluster deste esporte em SP
Aeroclube de Tatuí - SP	Opera em parceria com o APP de Jundiaí – SP
Aeroclube CVV CTA (Ipuã) – Caçapava - SP	Condomínio com pista e aeroclube
Aeroclube de Bauru - SP	Maior frota de planadores do Brasil. Capital da navegação
Aeroclube de Bebedouro - SP	Opera em parceria com o APP de Jundiaí – SP
Aeroclube de Itápolis - SP	Opera em parceria com o APP de Jundiaí – SP
Aeroclube de Marília - SP	Por carro, 4 horas de distância de SP - capital
Planadores–destaque em RJ <i>Gliding – RJ features</i>	
Aeroclube de Planadores de Balsa Nova - RJ	Local de concentração dos praticantes do Vôo à Vela no RJ
Planadores–destaque em GO <i>Gliding – GO features</i>	
Aeroclube de Planadores do Planalto Central - Formosa - GO	Local de muitos campeonatos. Ótima meteorologia
Planadores–destaque em MG <i>Gliding – MG features</i>	
Aeroclube de Varginha - MG	Em São Paulo, a 4 horas da capital por carro
Aeroclube Mineiro de Planadores – BH - MG	Curso de acrobacia em planadores

São Conrado – Rio de Janeiro – RJ: marco de nascimento e desenvolvimento do Vôo Livre no Brasil

Milestone of birth and development of hang gliding & paragliding in Brazil

O primeiro vôo de asa delta realizado por piloto brasileiro (1974), partiu do topo da Pedra da Agulhinha em São Conrado, na cidade do Rio de Janeiro. Posteriormente, devido à dificuldade de acesso a este local, criou-se uma nova rampa no sopé da Pedra Bonita. Em novembro de 1975, quando já havia mais de uma dezena de pilotos, foi realizado o Primeiro Campeonato Brasileiro de Vôo Livre, em São Conrado. Com o crescente número de adeptos veio a necessidade de uma nova rampa. Esta foi construída no final da estrada de acesso à Pedra Bonita, estrada esta aberta pelo arquiteto Sérgio Bernardes, que pretendia construir uma residência neste local. O embargo da obra pelas autoridades gerou uma das mais famosas locais de prática de Vôo Livre em todo o mundo na atualidade. Em 2001, o local foi reformado e recebeu o nome de Rampa Mauricio Klabin. É neste sítio de vôo que as duas modalidades, asa delta e parapente, realizam o maior número de vôos duplos com forte apelo turístico (700 nos quatro dias do carnaval de 2002). O parapente também teve sua iniciação no Brasil na área de São Conrado em 1986 quando houve as primeiras tentativas de se adaptar pára-quadras comuns para produzir vôos a partir de encostas. Alguns destes vôos partiram da Pedra da Gávea e pousaram em São Conrado.

Rio de Janeiro – RJ: em dezembro de 1975, em São Conrado, próximo à rampa da Pedra Bonita de asa delta com o propósito de controlar o acesso dos praticantes, foi criada a Associação Brasileira de Vôo Livre – ABVL, até hoje sediada no local / *São Conrado is also the birthplace of the Brazilian Association of Free Flight - ABVL - in 1975, which has kept this location as headquarters*

Hang gliding & Paragliding

The objective of gliding is always to stay airborne in lifting currents of air and – for many – to undertake long cross-country flights. Hang glider pilots, suspended from their gliders by a special harness, launch from hills facing into wind, from winches on flat ground or by being towed aloft from an airfield behind a micro light aircraft. Hang gliding and paragliding were created at the beginning of the 1970s as a result of the use of new materials (simple and yet sophisticated machines built of aluminum, carbon-fiber and high-tech sail fabrics) that had come out of American research in space technology. The first hang glider pilot to perform a solo in Rio de Janeiro was Stephan Segonzac, Frenchman, in 1974. Then, paragliding started in the early 1980s also in Rio de Janeiro, which is today the 'world capital' for the practice of hang gliding and a privileged place for paragliding. The development of free flight in the country can be observed in the affiliation of 11 federations and of 2,500 pilot members to the Associação Brasileira de Vôo Livre (The Brazilian Association of Free Flight – ABVL) in 2003. Number of hang gliders: 2,000; number of paragliders: 3,500; hang glider pilots in activity: 2,000; paraglider

pilots in activity: 3,000. Brazil is world second in these sports today, coming right after the United States.

Gliding

Gliding, sometimes called soaring, is motorless flight. Gliders use naturally occurring atmospheric phenomena, called lift, to gain altitude and stay aloft. The use of gliders as a sport in Brazil started in 1934 due to the strong German influence in the country at that time. The German colonization in the south of Brazil also helped found the first gliding clubs. They were the first ones in Latin America. The national manufacturing of gliders started in the 1950s and has expanded since then especially due to exports. The Associação Brasileira de Vôo à Vela (The Brazilian Gliding Association – ABVV) was developed in 1954 and today it includes 45 clubs to train pilots (approximately 5,000 have already been graduated in Brazil). The fleet of gliders has been steadily growing in the last years. Today in the whole country there are approximately 450 gliders, 70% of which are located in São Paulo State. Maintenance services and teams necessary for the practice of this sport involve 1,200 people all over Brazil.

Pára-quedismo

VALÉRIA BITENCOURT, SIMONE AMORIM, AUGUSTO RIBEIRO E JOSÉ KOFF

Sport parachuting

Parachuting competitions consist of jumps that aim at certain maneuvers in terms of performance, style, accuracy and timing with the best possible efficacy from the competitors. The classical competitions of parachuting are style (maneuvers) and accuracy. The objective is to reach an established target. Recently, with the development of the sport, other parachuting competition disciplines have been added such as Canopy Formation, Formation Skydiving, Freefall Style and Accuracy, Artistic Events, and Para-Ski, today generically known as skydiving. Parachuting started in Brazil in

Definições As competições esportivas de pára-quedismo consistem em saltos de pára-quedas que visam a determinadas manobras em performance, estilo, correção e tempo com o melhor mérito possível dos competidores (ver, por exemplo, item 3.2, *Competitive Rules for Artistic Events*, FAI, 2003). O pára-quedismo (PQD) em geral caracteriza-se por suas formas de prática: esportiva, militar, lazer e salvamento. As versões esportivas utilizam, ou não, uma aeronave como condutor dos competidores que, por sua vez, usam duplo equipamento para maior segurança. A outra dimensão da segurança é a certificação obrigatória dos saltadores, treinadores e pilotos das aeronaves de apoio, estas também sujeitas a homologação. Atualmente são utilizados pára-quedas em formato retangular, totalmente manobráveis/dirigíveis, que permite o pouso no solo sem o impacto da queda. O sistema de competição é composto por dois tipos: Campeonatos Oficiais, promovidos e/ou apoiados pela *Fédération Aéronautique Internationale*-FAI e, no Brasil, pela Confederação Brasileira de Pára-Quedismo-CBPq; e os encontros informais – *boogies*, realizados em datas comemorativas ou confraternizações. Visando unificar a segurança e regulamentar a prática deste esporte, a CBPq criou um Código Esportivo, composto por 16 normas.

As provas clássicas do PQD são de estilo (prova técnica e realizada em queda livre) e de precisão (a mais antiga, cujo objetivo é atingir um alvo estabelecido), a qual é mais praticada em competições militares por ser fundamental em finalidades de combate. No Brasil, as competições tradicionais são reconhecidas pelo Departamento de Aeronáutica Civil-DAC, Ministério da Aeronáutica, e pela CBPq, resultando então na lista de recordes nacionais da modalidade hoje abrangendo: Precisão Individual, Precisão de Grupo, Estilo Individual, Formação em Queda Livre (FQL 4 e 8), Formação em Queda Livre Relativo de Velame, Trabalho Relativo de Velame (TRV) com Rotação, Maior Número de Saltos, Maior Formação em Queda Livre e Salto de Maior Altitude. Recentemente, com o desenvolvimento do esporte, têm sido incorporadas outras provas e estilos que serão abordadas adiante tais como *Skydiving*, *Freestyle*, *Skysurfing*, *Freeflying*, *Cross Country*, *Wing Fly*, Salto Duplo ou Tandem, *Base Jump* e *Canopy Piloting*. Estas variações de pára-quedismo esportivo são hoje denominadas genericamente de *skydiving* (salto em queda livre).

Origens Há versões que atribuem à antiguidade chinesa o uso, por acrobatas, de objetos semelhantes a um guarda-sol para saltar da Muralha da China em dias de festas imperiais. Outro fato de memória é datado de 1495, tendo Leonardo Da Vinci como o inventor do pára-quedas. Embora sem provas de que o engenho tenha sido produzido por ele, o artefato foi projetado em formato de uma pirâmide rígida e coberta de panos resistentes com cordões presos à base, convergindo para um ponto de apoio do pára-quedista. Fausto Venâncio, em 1595, descreve outro equipamento semelhante ao anterior em seu livro *Machine Novae*, mas também não se tem prova de sua utilização. Em 1617, Fausto realiza o primeiro salto de pára-quedas, da Torre da Catedral de Veneza. Através da teoria da queda dos corpos de Isaac Newton (1710), instaurou-se então o conceito técnico do pára-quedismo. O modelo clássico de pára-quedas, embutido numa mochila e acionado por uma corda, surgiu no início do século XX e marcou contínuo aperfeiçoamento técnico até os dias presentes. Ao surgir a aviação, no início do século XX, o pára-quedas foi usado como meio de sobrevivência em acidentes aéreos. Durante as 1ª e 2ª Guerras Mundiais, pára-quedas foram meios de salvar vidas e enviar alimentos em atividades aéreas, além do crescente uso em operações táticas militares. Após a Segunda Guerra Mundial, os militares começaram a realizar competições esportivas.

the 1920s, when Spencer Stanley, American, had his first jump in São Paulo state. The first Brazilian to jump was the Second Lieutenant João Pereira Lima, in 1925 in Campo de Marte-SP. The first parachutist team jump in South America included 12 students and took place in Campo dos Afonsos–RJ in 1941. During World War II the Brazilian Army organized a parachuting training center that has trained 67,000 military parachutists since its inauguration in 1945. Brazil has today 11 parachuting federations located in the following states: AC, AM, BA, SC, CE, DF, RJ, ES, MG, PR and PE.

No Brasil, o PQD teve como porta de entrada o estado de São Paulo, onde o norte-americano Spencer Stanley realizou o primeiro salto na década de 1920. Mas, o grande divulgador do esporte no país foi Charles Astor – natural da França e vivendo no Brasil – que, em 1931, promoveu cursos de instrução para formação de pára-quedistas civis no Aero Clube de São Paulo, marcando a época com grandes demonstrações públicas. Em 1941, no Campo dos Afonsos–RJ, acontece o primeiro salto coletivo da América do Sul, com 12 alunos. Neste período, o Subtenente Agenor de Souza foi o primeiro brasileiro a realizar um salto de 60 segundos de queda livre.

1783-1797 Os franceses marcam suas contribuições iniciais para tornar o pára-quedas operacional. Sebastian Lenormand constrói um pára-quedas e testa o equipamento com animais. Em 1793, Jean Pierre Blanchar constrói o primeiro pára-quedas com velame de seda dobrável, mas como Lenormand, nunca utilizou o invento que foi testado num salto de balão, por um cão. André Jacques Garnerin finalmente realiza, em Paris, um salto de pára-quedas suspenso por uma gôndola de balão, em 1797. Com o sucesso deste feito é considerado o primeiro pára-quedista do mundo a utilizar o equipamento.

1901 Primeiro salto de pára-quedas partindo de balões acontece na Califórnia-EUA. Nas décadas seguintes, este tipo de salto passa a ser inserido em shows de demonstrações com o saltador partindo da asa de uma aeronave.

1905 Realiza-se um congresso em Bruxelas em que se postulou a criação de uma "Federação Universal Aeronáutica para regular os vários torneios de aviação, promovendo o avanço da ciência e do esporte de meios aeronáuticos". Em 14/10 funda-se em Paris, França, a Federação Aeronáutica Internacional-FAI (sede depois mudada para Lausanne, Suíça).

1925 Em Campo de Marte-SP, o 2º Tenente João Pereira Lima, realiza o primeiro salto de pára-quedas do Brasil.

1937 A FAI inclui o pára-quedismo entre os esportes sob sua supervisão e direção.

1940 No Brasil, Rosa Helena Schorling, natural do Espírito Santo, primeira mulher pára-quedista, vence a prova Cruzeiro do Sul, na Semana da Asa realizada no RJ.

1941-1943 Dois cursos de PQD foram promovidos no Rio Grande do Sul, ministrados por Dirceu Meira, no Aero Clube de Porto Alegre-RS e por Batista Júnior, na Varig, localizada na mesma cidade.

1944-1945 Em 1944, o Capitão Roberto de Pessoa recebe o primeiro *brevet* de pára-quedista militar conferido a um brasileiro na Escola de Fort Benning–EUA e, em 1945, inicia-se a formação das primeiras turmas de pára-quedistas militares brasileiros. Este preparo militar resultou da criação da Escola de Pára-quedistas do Exército Brasileiro (atual Centro de Instrução de Pára-quedistas General Penha Brasil). Neste período algumas demonstrações públicas são realizadas, com maior ênfase na Semana da Asa, evento de grande prestígio à época.

Décadas de 1950 – 1960 Em 1951 acontece na Iugoslávia o primeiro Campeonato Mundial de PQD da FAI, envolvendo 5 países europeus. O salto livre foi introduzido como esporte e posteriormente empregado como atividade militar. O PQD passa a ser considerado também esporte militar e o *Conseil International du Sport Militaire*-CISM inicia seus campeonatos mundiais anuais

The Campeonato Brasileiro de Pára-Quedismo (Brazilian Parachuting Championship) has 4 phases in average and puts together 50 athletes in Campinas and Boituva (São Paulo state). Most of the 924 top level parachutists registered with the Confederação Brasileira de Pára-Quedismo (Brazilian Skydiving Confederation – CBPq) come from the following states: SP– 240, MG -103, BA – 88 and RJ – 79. However, due to the high number of jumps that take place all year round, it is possible to estimate that there are approximately 50,000 non-registered parachutists.

neste período. O Brasil, por ser filiado ao CISM, participa em alguns desses campeonatos a partir do início dos anos de 1960. Em 1965, realiza-se no Campo dos Afonsos-RJ, o II Campeonato Mundial de Pára-quedismo do CISM, com a participação de uma seleção brasileira militar (ref. *Sport International*, no. 27, vol.2, 1965, pp. 1 – 3). Nos anos seguintes, o esporte começa a ganhar impulso e aumentar a participação civil, com novos clubes de pára-quedismo sendo criados nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

1962 Fundação da Federação Brasileira de Pára-Quedismo, em São Paulo, que passa a se denominar no mesmo ano de União Brasileira de Pára-Quedismo. A nova entidade realiza o primeiro torneio esportivo em Rio Claro-SP.

1964 Campina Grande –PB sedia o primeiro Campeonato Brasileiro oficial, contando com a participação de 9 clubes de 4 estados.

1964 Surge na França o primeiro pára-quedas retangular, que promove um grande impulso no esporte.

1968 Nos EUA é inventada por Domina Jalbert a primeira grande revolução do PQD – o velame, um tipo de asa flexível e retangular, composto por duas camadas de tecido unidas entre si por estreitas tiras costuradas em todo o comprimento. A evolução deste equipamento possibilita saltos mais seguros com ótima dirigibilidade e o surgimento de algumas outras modalidades esportivas como o *skysurf*, o *base jump*, o *free fly* e a formação em queda livre. Nasceram daí, os velames *Faim-Air*, ou retangulares.

1972 O brasileiro Sargento Ewerton Gonçalves vence o primeiro Campeonato Mundial de Precisão, no Campeonato mundial do CISM deste ano.

1976 A União Brasileira oficializa-se como Confederação Brasileira de Pára-Quedismo, em Boituva -SP.

1979 Fundação da Escola de PQD Azul do Vento, Campinas-SP, que ao longo do tempo torna-se centro de referência do esporte. Administrada por Ricardo Pettená, penta campeão brasileiro, e Marcos Pettená, dentre inúmeras contribuições, esta escola traz para o Brasil, em 1982, o programa AFF-*Accelerated Free Fall*, o mais avançado do mundo para a formação de pára-quedistas. Em 1985, a Azul do Vento investe em instalações e aeronaves e cria o primeiro Centro de Pára-quedismo, no Campo dos Amarais.

1987-1988 Na França, inventa-se o skysurfe (*skysurfing*). Joel Cruciani realiza o primeiro salto de skysurfe utilizando uma prancha de surfe original com fixações para os pés. Laurent Bouquet utiliza a prancha de um skate e constrói o primeiro sistema de recuperação da prancha, em caso desta soltar durante o salto. Patrick de Gayardon constrói o primeiro equipamento de libertação da prancha durante o salto para o caso de emergência. Em Seul, Coréia, realiza-se a cerimônia de abertura dos 25º. Jogos Olímpicos-1988, com uma exibição de pára-quedismo em conjunto com *skydiving*. A mesma combinação reapareceu em 1997, no Programa Oficial da quinta edição dos *World Air Games* (Lahti, Finlândia), evento da FAI que reúne todas as modalidades aero-esportivas de sua alçada de direção.

1990 A empresa Vertical do Ponto – RJ, inicia a produção nacional de pára-quedas para salto semi-automático.

1991 Experimentando novas posições em queda livre o alemão Olav Zipser inventa o *freelfly*. Em Vero Beach, Flórida-EUA, Zipser salta de cabeça para baixo (*head down*), surpreendendo até mesmo pára-quedistas.

1992 Realiza-se no Arizona-EUA, a primeira demonstração competitiva de Skysurfe, quando se produziu um vídeo de divulgação que percorreu as televisões do mundo inteiro.

1993 Lançamento da revista especializada AirPress, em São Paulo-SP com tiragem de 5.000 exemplares. Fundação da Escola Skydive de Resende-RJ, que atualmente registra a marca de 100 mil lançamentos. Publicam-se as primeiras regras de performance e segurança para a competição do Skysurfe e na Espanha acontece o primeiro Campeonato Mundial desta modalidade, com a participação de 40 equipes de 15 países. Lançamento do Clube Skydive de Resende – RJ.

1994-1995 No Brasil, o Primeiro Simpósio da Air Press reúne 107 participantes em Águas de Lindóia-SP. Na segunda versão, este evento é ampliado para âmbito internacional envolvendo 200 participantes. Primeira competição de *freelfly*, no formato atual, acontece em Dallas, no Texas-EUA, organizado pela *Sky Sports International*-SSI. O skysurfe é introduzido nos *Extreme Games*, evento em escala mundial reunindo competições de esporte radicais.

1996 Criação e desenvolvimento da modalidade *Wing Suit* (macacão especial criado pela NASA) pelo pára-quedista francês Patrick de Gayardon. Gui Pádua, brasileiro de MG é convidado por Patrick para saltar com ele como cinegrafista no Campeonato Mundial na Turquia e conquistam o segundo lugar. A FAI reconhece o skysurfe como modalidade esportiva. Inauguração do Clube Barra Jumping de Pára-quedismo, no Aeroporto de Jacarepaguá- RJ.

1997 A FAI organiza na Turquia os primeiros Jogos Aéreos Mundiais (WAG , realizado de 4 em 4 anos), que integrou o Primeiro Campeonato Mundial de Skysurfe (masculino e feminino). Neste evento Gui de Pádua e Pierre Chopard conquistam o vice-campeonato. Em 2001, este evento é realizado na Espanha. Em cada uma das etapas contou com cerca de 3.500 participantes, 2 mil atletas, 20 eventos envolvendo 8 esportes aéreos.

1998 Neste ano, o Distrito Federal ganhou uma área em Sobradinho para a prática de PQD: 80 atletas participaram do primeiro lançamento. Embora em 2003 esta área já estivesse desativada, a Federação do DF já contava com quatro clubes associados e 2 mil atletas cadastrados, revelando assim numa vocação da região de Brasília para o pára-quedismo esportivo.

1999 A equipe brasileira quebra, em Campinas-SP, o recorde nacional com 18 mulheres em queda livre. O pára-quedista austríaco Felix Baumgartner, reconhecido mundialmente por feitos inusitados, pratica a *base jumping* na mão direita do Cristo Redentor-RJ e, sem o conhecimento da administração do monumento. Por isso, Felix é retido pela polícia. O perito no assunto, Luiz Henrique dos Santos (Sabiá), adepto desta modalidade desde 1994, ressalta que diferentemente dos EUA, onde esta prática é reprimida, no Brasil ela é por vezes tolerada. Sabiá calcula que 550 atletas pratiquem o *base jump* no mundo, mas, no Brasil, estima em apenas 10 praticantes. Além do *base jump*, Sabiá coleciona vários outros títulos internacionais de pára-quedismo, contabilizando mais de 6.700 saltos, sendo o terceiro no ranking mundial de skysurfe.

2000 Gui Pádua, com um *Wing Suit*, bate os recordes sul-americanos de permanência no ar e de deslocamento em queda livre. No evento comemorativo dos 500 anos do descobrimento do Brasil, realizado pelas Forças Armadas, na Base Aérea Campos dos Afonsos-RJ, 588 pára-quedistas quebram o recorde mundial de lançamento em massa.

2001 Lançamento do projeto “Voando contra o Câncer Infantil” realizado por Gui Pádua, e pela escola Azul do Vento – Campinas, para o Hospital do Câncer de Barretos. Luciana Rubertoni vence o Circuito Ford Ranger de *Freestyle* e o campeonato brasileiro desta modalidade.

2002 Daniel Guerra é o 6º colocado na Copa do Mundo de *Freestyle*, na Áustria e, no ano seguinte, fica em 8º lugar no Campeonato Mundial na mesma categoria em Gap, França. Os brasileiros Ricardo Pettená, Breno Assis, Humberto do Prado e Márcia Farkouh participam da equipe de 300 pára-quedistas que quebraram o recorde de formação em queda livre – FQL 300 way, no Arizona-EUA. Neste ano, a FAI postula oficialmente ao COI a inclusão do pára-quedismo / *skydiving* nos Jogos Olímpicos de Beijing-2008, cuja resposta foi negativa no ano seguinte.

2003 No aeroporto de Amarais-SP, 64 way (pára-quedistas) em formação quebram o recorde brasileiro e sul americano de formação. Foram necessários mais de 200 saltos para o sucesso deste feito e

participaram atletas e técnicos de 10 estados do país. Gui Pádua registra 7.400 saltos e é um dos poucos atletas a saltar da maior cachoeira do mundo, a Angel Falls, na Venezuela. Realizado pelo Floripa Jump, no Aeroclube de São José-SC, a 5ª Aerofesta, maior festival de PQD da América Latina, que teve a participação de 322 pára-quedistas (200 staffs) de cinco países. Neste evento Jonas Lima insere a modalidade *Boat Jump*. Paulo Assis realiza um salto inédito sob um conjunto de viadutos em SP e integra a equipe de 56 pára-quedistas na maior formação mundial de pára-quedas abertos. A Expo Aero Brasil 2003 – Feira Internacional de Aviação, realizada em Araras-SP chega a 7ª edição com 262 expositores de 10 países do segmento aeronáutico. O Primeiro Campeonato Mundial de Pouso (*Canopy Piloting*), realizado na Califórnia, teve a participação de 5 brasileiros. Organizado pela Azul do Vento, em Campinas, 64 pára-quedistas, ressaltando o tema Dando as Mãos no Céu Pela Paz Mundial em figura diamante, quebram recorde brasileiro e sul americano com formação em queda livre.

2004 Paulo Assis realizou um pouso radical passando por baixo de dois viadutos da Rodovia Marechal Rondon, em Bauru-SP. Na Tailândia acontece nova quebra de recorde de lançamento em massa (672 pára-quedistas). Gui Pádua bate o recorde mundial de skysurfe saltando de uma altura de 2,5 mil pés (8,5 mil metros), no RJ. Cinco brasileiros foram classificados para o Primeiro Mundial de Pouso Radical (*Swoop*). Paulo Assis, Fábio Brandt, Luigi Cani, João Tambor e Luis Aiello foram selecionados na etapa *qualifying* que aconteceu em Perris Valley, na Califórnia-EUA.

Situação Atual Há onze federações de pára-quedismo no Brasil, localizadas nos estados do AC, AM, BA, SC, CE, DF, RJ, ES, MG, PR e PE. O atual Campeonato Brasileiro de PQD é composto de 4 etapas em média e reúne cerca de 50 atletas, em Campinas e Boituva, no estado de SP. Quanto ao número de praticantes, a FAI contava, em 2002, com 36 países membros que somam 126.154 pára quedistas/competidores no mundo. No Brasil, a CBPq destaca 924 pára-quedistas registrados, com maior concentração nos estados SP – 240, MG -103, BA – 88 e RJ – 79. Mas estima-se uma ordem de grandeza de 50 mil praticantes não regulares que tenham tido pelo menos um contato inicial com o esporte. As cifras correspondentes a saltos realizados dão suporte a esta estimativa maior: somente o Barra Jump já realizou cerca de 20 mil saltos. Outro exemplo significativo é o da Skydive Resende: atualmente este clube contabiliza 20.000 pára-quedistas lançados em cerca de 100 mil saltos, 1.500 saltos duplos realizados e 500 atletas formados. Por outro lado, a

mais antiga escola de PQD no Brasil – o Centro de Instrução Pára-Quedista General Penha Brasil -, já formou desde a sua inauguração em 1945, 67 mil pára-quedistas militares. Mas escolas civis também tem desenvolvido o esporte para iniciantes e aficionados como a Govvertical e a Barra Jump do RJ, ou a Azul dos Ventos de Campinas-SP, que formam anualmente 1.200 saltadores. Estes praticantes no Brasil, tiveram seu perfil pesquisado pela Revista AirPress, referência no segmento, que identificou um alto poder aquisitivo (classe A/B), e uma faixa etária predominante de 25/45 anos, sendo 64% do sexo masculino, empresários, executivos e profissionais liberais.

Embora tenham operado várias fábricas de materiais de pára-quedismo no Brasil nas décadas de 1960-1980 e início dos anos de 1990, hoje todo o equipamento utilizado é importado, refletindo os constantes avanços tecnológicos. Segundo a FAI, há fábricas de equipamentos atualizados nos EUA (maioria), Nova Zelândia, Reino Unido, França e Alemanha. Há, nestas circunstâncias, representantes das fábricas principais dos EUA no país, fornecendo pára-quedas e acessórios. Contudo, em SP, localiza-se a RAWA fabricante de capacetes com câmera por praticantes de *freelfly*. A empresa Air Shop de SP é única representante nacional da empresa *Sunrise Rigging International*(EUA), fabricante do Wings Harness/Container System. A escola Azul do Vento é representante da *BirdMan* (EUA) fabricante do *wing suit* e outros equipamentos. A Vertical do Ponto do RJ faz manutenção em qualquer tipo de pára-quedas. Composto basicamente de produtos importados, o custo dos equipamentos básicos (pára-quedas principal, reserva e dispositivo de abertura automática do reserva) pode somar US\$ 5 mil; um único salto duplo tem o preço médio de R\$ 450,00. Para quem não é especialista no esporte, o pára-quedismo pode ser praticado como lazer nas modalidades salto duplo (conduzidos por um instrutor) e pára-sail (vão de pára-quedas puxado por carro/jipe ou lancha). Há, hoje, uma crescente adesão a este tipo de lazer, servindo inclusive para a formação de pacotes de agências de turismo.

Fontes Ernesto Castro; Pedro Ushizima Jr. – Revista Airpress; www.odia.com.br; www.fpdf.kit.net; Jornal Folha de SP (06/05/2000 – Os “fora-da-lei”); www.cbpq.org.br; www.barrajumping.com.br; www.skydiveresende.com.br; www.govvertical.com.br; www.360graus.com.br; www.pratapolis.hpg.ig.com.br/Gui%20padua.htm; www.jbonline.terra.com.br; www.aerosportfeira.com.br; www.rioradical.com.br; www.flysite.com.br; www.revistfoco.com.br; www.xd.com.br/paraquedismo_historia; www.galileu.globo.com; inventors.about.com/library/inventors/blparachute.htm

Principais locais para prática de pára-quedismo esportivo por estado, 2003

Main locations for parachuting as sport practice per state, 2003

RJ
Barra Jumping – Aeroporto de Jacarepaguá
Clube Skydive de Resende
Base Aérea de Campo dos Afonsos
Base Aérea de Santa Cruz

SP
Azul do Vento – Campinas
Skydive Vera Cruz – Boituva
Centro Nacional de Pára-quedismo – Boituva
Araraquara
Bauru
Guarulhos
Jaboticabal
Piracicaba
Santos
Presidente Prudente
Ribeirão Preto

AC
Rio Branco

AM
Base Aérea de Manaus
Dept de Pára-quedismo do Aeroclube do Amazonas – Manaus

BA
Base Aérea de Salvador – Ilha de Itaparica
Skydive Itaparica Island
Clube de Pára-quedismo Chapéu de Couro – Salvador

CE
Base Aérea de Fortaleza

DF
Base Aérea de Brasília

ES
Vila Velha

GO
Goiânia

MS
Base Aérea de Campo Grande

MG
Belo Horizonte
Aeroclube de Juiz de Fora
Paraclubes Águias de Ouro – Juiz de Fora
Montes Claros
Poços de Caldas

PA
Base Aérea de Belém

PR
Fly Pára-quedismo – Londrina
Skull Clube Escola de Pára-quedismo – Curitiba
Vertical Speed – Curitiba
Wings Pára-quedismo – Curitiba
Pato Branco
Bacacheri
Ponta Grossa
Foz de Iguaçu
Arapongas

PB
João Pessoa

PE
Base Aérea de Recife
Gravidade Pára-quedismo – Recife

SC
Blumenau
São Francisco do Sul
Base Aérea de Florianópolis

RS
Passo Fundo
Alegrete
Base Aérea de Santa Maria
Santo Ângelo
Sapiranga
Viamão
Base Aérea de Canoas

RO
Vilhena, Base Aérea de Porto Velho

SE
Aracaju

AL
Maceió – Tabuleiro dos Martins

MT
Cuiabá

MA
Ilha Jump Pára-quedismo – São Luis
Imperatriz

RR
Base Aérea de Boa Vista

PI
Teresina

Aeromodelismo

JOSÉ KOFF E EDSON MALUF

Aeromodelling

One of the best definitions of aeromodelling is found in the description of one of its categories of competition: it is a flight during which the model is aerodynamically maneuvered in altitude and attitude by a pilot on land using control handles by means of one or more non-extensive wires that are either connected to the model or commanded by a remote control unit. Aeromodelling started in France in 1871. The first initiatives in

Definição e origem O Aeromodelismo é geralmente considerado um esporte que reúne emoção e ciência, por desenvolver raciocínio e destreza. O fascínio que a aviação exerce sobre as pessoas explica, em princípio, o sucesso que o aeromodelismo apresenta em diferentes países e culturas. Pois, através das réplicas ou de próprios modelos construídos, todos podem ser pilotos, mantendo os pés no chão. Uma definição mais precisa é encontrada na descrição de uma de suas atuais versões: voo durante o qual o aeromodelo é aerodinamicamente manobrado por superfícies de controle, em altitude e atitude, por um piloto no chão, por meio de um ou mais cabos não extensíveis, diretamente ligados ao aeromodelo. Podem ser usados sistemas nos quais os fios ou cabos de controle são mantidos na mão ou conectados a um pivô central. Acrescente-se que nenhum outro meio de controle do modelo ou motor pode ser usado durante a decolagem e voo, exceto o exercido pelo piloto através dos cabos ou cabo.

A Federação Aeronáutica Internacional – FAI (criada em 1905), liga a origem do aeromodelismo ao francês Alphonse Penaud. Tratava-se de pessoa que vivia no final do século XIX, dedicando-se à matemática e à solução de problemas relacionados ao voo de objetos voadores, atividade típica da época. Em abril de 1870 ele inventou a propulsão a elástico com tiras retorcidas, que permitia o deslocamento no ar de pequenos objetos. No início de 1871, Penaud construiu o primeiro modelo de uma série que denominou *planophore*, propulsado a elástico. Com 16 gramas, o protótipo possuía uma hélice propulsor simples montado numa fuselagem com leme e estabilizadores verticais e horizontais. Este modelo foi eficaz em seu voo e estabeleceu o desenho básico dos aeromodelos atuais. Penaud foi aclamado ao demonstrar o voo do seu *planophore* em agosto de 1871, em Paris, nos jardins de Tulleries - Paris, o qual voou 60 metros de distância a 20 metros de altura, em 13 segundos. Em 1955 a Comissão Internacional de Aeromodelismo da FAI, em homenagem póstuma, deu o nome de Alphonse Penaud a uma de suas principais taças de competição. Hoje, o *planophore* dá lugar a cerca de 50 aeromodelos diferentes de competição, o que gera dificuldades iniciais para sua apreciação descritiva e acompanhamento do jargão técnico.

No Brasil, não há dados precisos sobre o início da prática do aeromodelismo, porém há indícios e testemunhos de que em 1936 a Casa Sloper, situada a Rua Direita, na cidade de São Paulo-SP, vendia material para este hobby e esporte. Também, desde 1941 a firma Almeida & Veiga daquela cidade importava kits de aeromodelos americanos. A partir desta oferta supõe-se que já haveria aficionados na modalidade, pelo menos em um ponto de apoio e intercâmbio no país.

1942 Em 19 de julho deste ano foi realizado o I Campeonato Paulista de Aeromodelismo no Campo de Marte, São Paulo - SP.

1943 Inaugura-se a Casa Aerobrás em São Paulo - SP, na qual Shoji Ueno iniciou a fabricação de kits dos modelos Aspirante e Pernilongo, desenhados por Afonso Arantes; dos modelos Gavião e Extraviador 1000, desenhados por H. Miaoka; e do modelo Cometa, desenhado por L. Giraldelli. O campo usado para a prática do esporte ficava na Av. Rebouças, esquina com a rua Iguatemi, hoje Avenida Brigadeiro Faria Lima, na capital paulista. A Casa Aerobras – ainda hoje em operação –, embora uma firma comercial, constituiu um marco na história do aeromodelismo brasileiro, pois servia de ponto de encontro de aeromodelistas, bem como centro dos produtos importados e disponíveis para a prática do esporte.

1945 O II Campeonato Paulista de Aeromodelismo foi realizado neste ano e localizado na várzea da já mencionada Avenida

Brazil took place in 1936 and the first contest was in São Paulo in 1942. The Associação Brasileira de Aeromodelismo (Brazilian Aeromodelling Association - ABA) was created in 1959 and today it includes 13,000 members and 180 affiliated clubs in the whole country. There are approximately 100,000 model participants competing in 70 national championships and several other tournaments and contests within the 50 categories of

Rebouças. Nesta ocasião fez-se presente o primeiro clube formado pelos aeromodelistas, que então se chamava “Parafuso”. Neste estágio, surgiu uma revista que veiculava artigos técnicos e matérias sobre aeromodelismo, com a denominação de “Velocidade”.

1947 Surgimento do Clube “Cai-Cai” de aficionados do aeromodelismo. Neste estágio, Ernesto Conrado apresenta, no Ibirapuera, seu primeiro planador e Afonso Arantes voa o primeiro modelo de acrobacia “Mr. Damer”, como também Morimoto desenha os modelos Térmica e Pégasus. Nesta ocasião, a revista “Ciência Ilustrada” – veículo popular à época no Brasil – publicava matérias sobre aeromodelismo.

Década de 1940 Em função da expansão imobiliária, o campo da Avenida Rebouças foi sendo tomado progressivamente por residências, e o grupo formado por Afonso Arantes, Ângelo Rodrigues, Clécio D. Meneghetti, Afonso Mônaco, H. Miakoa, Rubens Arco e Flecha, Heder, L. Giraldelli, E. Conrado, Paulo Marques, Felício Cavalli e Emílio Naldoni mudou-se para o Brooklin, ao lado da Hípica Paulista. Daí foram para o Alto de Pinheiros, onde foram realizados vários concursos do troféu “A Gazeta” – importante jornal diário de São Paulo dedicado aos esportes – para modelos a elástico.

1956 Ainda se considerando o pólo de desenvolvimento da cidade de São Paulo, os aeromodelistas pioneiros passam a voar na Base Aérea de Cumbica pois, da mesma forma que ocorrera na Avenida Rebouças, o campo do Alto de Pinheiros foi tomado por casas.

1959 Fundação da Associação Brasileira de Aeromodelismo – ABA e ocorrência de marcos importantes da memória do aeromodelismo no Brasil: Primeiro Campeonato Brasileiro de Aeromodelismo e a participação de brasileiros no I Campeonato Sul-Americano, tendo como vencedor Paulo Marques em duas categorias de planadores. No Ibirapuera, constrói-se a primeira pista oficial de aeromodelismo com alambrado e asfalto, como resultado de campanha liderada por Afonso Mônaco.

1969 Início das atividades do modelódromo do Parque Ibirapuera em São Paulo-SP, tendo à frente Emílio Naldoni, que promoveu a atualização da pista então existente.

1975 Eolo Carlini, primeiro brasileiro a participar de um Campeonato Mundial de motor FAI, classificou-se em *fly-off*, entre os melhores do mundo.

Década de 1970 Neste estágio, o desenvolvimento do aeromodelismo no exterior e no Brasil apresentou um importante impulso pela introdução dos transistores, dos chips e dos circuitos impressos nos transmissores de rádio. Com estas inovações tecnológicas, ocorreu um barateamento dos equipamentos, provocando um novo surto de expansão do aeromodelismo em escala mundial, sobretudo entre os praticantes de rádio-controle. No Brasil, em especial, houve um novo surto de crescimento com o aparecimento de entidades que se tornaram modelos nacionais: o clube CASA em São Paulo (200 sócios e 16 bancadas de montagem e reparo); o clube ACA no Parque do Flamengo – RJ; o clube Palestra em São Paulo – SP; o clube de voo livre Aerobu em São Paulo – SP; o clube de Aeromodelismo da Paraíba, em João Pessoa – PB; e a loja Mobral de Aeromodelismo de Feliciano Cavalli, na cidade de São Paulo.

1986 Graças aos esforços de Walter Nutini, o aeromodelismo foi reconhecido como esporte, no Brasil, pelo então existente Conselho Nacional do Desporte – CND, do Governo Federal. Na ocasião, estava na presidência da ABA o aeromodelista Vitor Garutti.

aeromodelling. The aeromodelling market size in Brazil, including all the events, is about US\$ 40 million a year and it employs 6,000 people, besides the innumerous hours of voluntary work at sports events. Brazilian aeromodelling also originated a large number of amateur constructors of models in the country in addition to the specialized national industries that have started to export their own models.

1996 A delegação brasileira de aeromodelismo Voo Circular Controlado-VCC, consegue o 6º lugar no Campeonato Mundial da Suécia e repete esta colocação em 1998, desta vez na Ucrânia. Neste último evento, Luiz Eduardo Mei consegue o recorde brasileiro e sul-americano em velocidade, voando a 294 km/h.

Década de 1990 A ABA atinge a todas as regiões do país e desdobra sua atuação além dos clubes registrando equipes – por vezes associadas a clubes locais –, associações, instrutores e grupos de demonstração. Surgem as revistas brasileiras especializadas “Modelismo em Notícias” e “Sport Modelismo”.

Situação Atual A Associação Brasileira de Aeromodelismo é o órgão máximo de administração do aeromodelismo nacional, operando por meio de clubes. Como tal, é membro da Comissão Internacional de Aeromodelismo-CIAM, da FAI. Atualmente existem 180 clubes filiados à ABA, localizados em 23 estados do Brasil. O número atual de sócios registrados ultrapassa 13 mil, sendo que o estado de São Paulo é o maior centro de praticantes do esporte – confirmando o pioneirismo e uma tradição já consolidada –, seguido do Rio de Janeiro. Estima-se que o número de praticantes no país ultrapasse a marca de 100 mil, cogitando-se as cinco dezenas de categorias em que integram o aeromodelismo atual. E há cerca de 70 provas anuais no calendário da ABA no atendimento de tal diversidade. Uma das funções chave da ABA é estabelecer normas de segurança e supervisionar seu cumprimento. Note-se, neste particular, que o aeromodelismo pertence à jurisdição e é sujeito ao controle da Divisão de Aerodesporto do Departamento de Aviação Civil - DAC.

Sem embargo, a diversificação implica em grande variação nos custos de prática e desenvolvimento. Existem aeromodelos sem motor e movidos a elástico adotados por crianças de 4 a 6 anos, que podem custar de R\$5,00 a R\$40,00. Para iniciar os vôos com motor, há oferta dos modelos VCC (voo circular controlado) que podem custar de R\$250,00 a R\$2.000,00. Já quando a sofisticação do voo exige controle por rádio, há modelos que permitem vôos afastados do rádio-controlador a uma distância de 1200m; nesta opção, os custos podem se iniciar em R\$1.000,00 e chegar a R\$50.000,00. Tais aeromodelos podem utilizar motores a gasolina ou turbinas a gás ou querosene. Quanto aos helicópteros, encontramos os modelos providos de motores a explosão ou turbina, e que podem variar desde R\$2.000,00 até R\$25.000,00. Os planadores são mais acessíveis, pois podem ser encontrados entre R\$250,00 (voo livre e sem rádio) e R\$6.000,00, com controle de rádio.

O mercado brasileiro deste esporte e seus eventos movimenta R\$120 milhões e emprega mais de 6000 pessoas, sem contar as horas voluntárias dos eventos esportivos. O aeromodelismo também deu origem a um grande número de construtores amadores de aeronaves esportivas além de indústrias nacionais especializadas que, inclusive, se tornaram exportadoras. Os princípios são os mesmos, mudando apenas a escala. Existem, no mercado de aeromodelismo, profissionais que foram convidados para desenvolver maquetes para ensaios em voo e túneis de vento em conceituadas empresas do país e no exterior. Atualmente, mais de 80 profissionais que atuam na Embraer – a maior empresa brasileira do setor aeronáutico – tiveram o aeromodelismo como hobby em sua infância ou na juventude.

Fontes www.aba-br.org.br; Faria, F., 125 Anos de Aeromodelismo, 2003 (site da ABA).

Localização dos principais clubes de aeromodelismo filiados a ABA, 2003 [Municípios] onde existem instrutores certificados pela ABA

ABA Aeromodelling network – Main clubs per state / [Cities] with instructors, 2003

Modalidades de aeromodelismo

Aeromodelling categories

Categoria F1 – Vôo Livre

- F1A – Planadores Classe A2
- F1B – Modelos com Motor a Elástico (Wakefield)
- F1C – Modelos com Motor a Pistão
- F1D – Modelos de Interiores
- F1E – Planadores com controle automático de direção
- F1F – Helicópteros
- F1G – Coupe D'Hiver
- F1H – Planadores Classe A1
- F1J – Modelos com motor a pistão (Classe 1/2 A)
- F1K – Modelos com motor CO2

Categoria F2 – Vôo Circular Controlado

- F2A – Velocidade
- F2B – Acrobacia
- F2C – Corrida em conjunto
- F2D – Combate

Nacionais:

- Acrobacia Mini – FAI
- Acrobacia Iniciantes
- Corrida em Conjunto Fórmula Brasil.
- Combate CB

Categoria F3 – Rádio controle

- F3A – Acrobacia com motor rádio-controlado
- F3B – Modelos de Planadores
- F3C – Helicóptero
- F3D – Pylon Racers
- F3F – Planadores Slope Soaring
- F3G – Planadores com motor
- F3H – Soaring Cross Country Racing
- F3I – Aero Tow Soaring
- Planadores com duração Termal

Nacionais

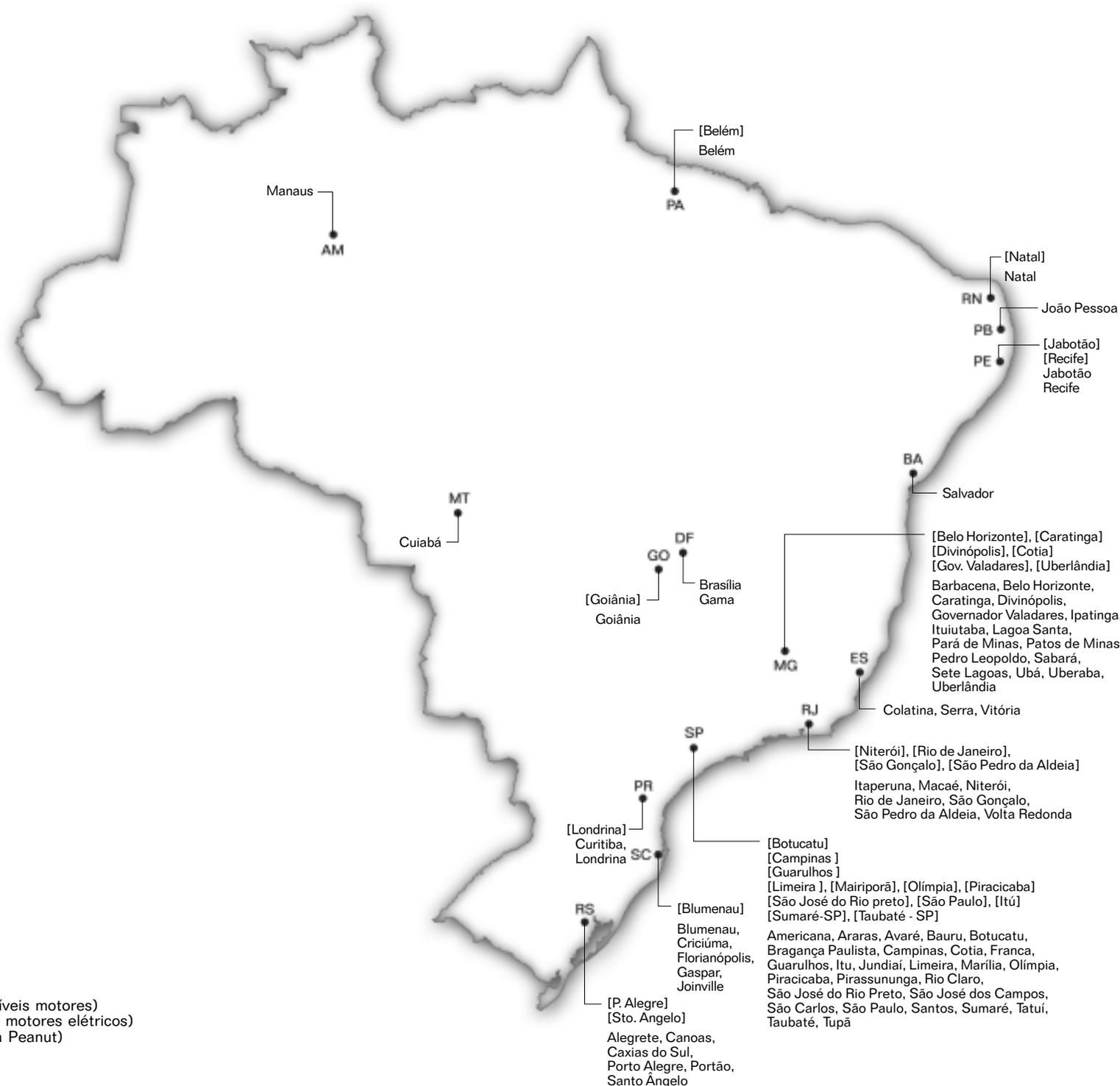
- Acrobacia Mini – FAI
- Acrobacia Avançado
- Helicóptero Avançado
- Helicóptero Mini – FAI

Categoria F4 – Escala

- F4A – Modelo em escala vôo livre
- F4B – Modelo em Escala Vôo Circular Controlado
- F4C – Modelo em Escala Rádio-controlados
- F4D – Modelos em Escala para Indoor Vôo Livre (extensíveis motores)
- F4E – Modelos em escala para Indoor Vôo livre (CO2 ou motores elétricos)
- F4F – Modelos em Escala para Indoor Vôo livre (Fórmula Peanut)

Nacionais:

- Escala stand-off



Objetivos da Associação Brasileira de Aeromodelismo – ABA, 2003

Aims of the Brazilian Aeromodelling Association - ABA, 2003

I. Difundir, coordenar, organizar e dirigir as atividades desportivas do aeromodelismo brasileiro no âmbito nacional e internacional;	VIII. Homologar recordes e títulos nas competições de caráter nacional, pugnar, acompanhar e atestar as tentativas de recordes para homologação pela FAI.
II. Representar o aeromodelismo brasileiro junto aos Poderes Públicos em caráter geral;	IX. Indicar nomes de personalidades brasileiras que tenham contribuído para o desenvolvimento da modalidade esportiva, para serem agraciados pela FAI,
III. Representar o aeromodelismo brasileiro no exterior, junto a Federação Aeronáutica Internacional – FAI e promover o intercâmbio com as entidades internacionais no esporte;	X. Aplicar penalidades, no limite de suas atribuições, aos responsáveis pela inobservância de normas estatutárias, regulamentares e legais;
IV. Autorizar a emissão das Licenças Desportivas FAI para os membros que representem o Brasil em competições internacionais;	XI. Interceder perante os poderes públicos e em empresas privadas, em defesa dos direitos e dos interesses legítimos das pessoas jurídicas e físicas sujeitas à sua jurisdição;
V. Autorizar a emissão e renovação das Licenças de Operação BRA para os aeromodelistas brasileiros, conforme regulamento FAI;	XII. Zelar pela organização e pela disciplina na prática do aeromodelismo, das entidades estaduais e entidades de prática que lhe são filiadas;
VI. Propor e organizar eventos esportivos internacionais a serem realizados no Brasil;	XIII. Expedir as filiadas, através de Boletim Oficial, com caráter de adoção obrigatória, qualquer ato necessário à organização, funcionamento e disciplina das atividades do aeromodelismo.
VII. Subordinar, ao Sistema Brasileiro do Desporto, todas as atividades desportivas do aeromodelismo no Território Nacional e participação no exterior;	

Balonismo

VALÉRIA BITENCOURT, PATRÍCIA NAVARRO E JOSÉ KOFF

Ballooning

Ballooning is a sport in which the pilot needs to know which way the wind is blowing so s/he knows which way the balloon will go. As the air is in layers, and the different layers may be moving in different directions, the pilot can´t steer the balloon, but s/he can move up and down to find a layer of air that will allow the balloon to change directions. Balloons can fly very close to the ground or up to 16,000 m of altitude (registered record). In Brazil aero sports have had a prominent tradition that started with Bartolomeu de Gusmão, the

Definição Destacada como uma atividade aero-esportiva, a prática do balonismo reflete, nos céus, um espetáculo de cores e movimentos leves. O balonista maneja as correntes de ar nas diferentes altitudes à medida que desloca o balão, podendo voar rente ao solo ou até 16 mil metros de altitude (marca do recorde registrado). Segundo seus praticantes, a melhor altitude para voar é de 330m, com ventos de 12 nós. O controle de subida e descida faz com que o balão, de material antiinflamável e aquecido por chamas de gás propano, decole e pouse em locais pré-determinados. É justamente através desse controle que o piloto procura a corrente de vento mais apropriada, que varia de intensidade, dependendo da topografia. A altitude é determinada pela força do elemento ar que provoca o vento, definindo a trajetória, acrescida da energia do elemento fogo, que sustenta o ar quente. As provas de competição geralmente são de precisão, quando um alvo deve ser atingido, seja no chão ou suspenso no alto de um mastro. Existem outras modalidades como Caça a Raposa, Fly In, Distância Máxima, Distância Mínima e Prova do Mastro. O órgão responsável pela regulamentação do esporte no mundo é a Federação Aeronáutica Internacional-FAI e, no Brasil, é o Departamento de Aviação Civil–DAC do Ministério da Aeronáutica.

Origens Existem relatos que afirmam ter o grego Arquimedes anunciado, em 287 A .C., o princípio da ascensão dos balões. Porém a descoberta dos desenhos cunhados em um vaso de barro, encontrados no planalto de Nazca, no Peru e expostos no Museu de Lima, leva a crer que o primeiro balão de ar quente possa ter sido construído há mais de 2 mil anos, pelos índios Nazca. A idéia de um gás mais leve e de que o ar tinha um peso determinado foi confirmada pelos estudos de Galileu Galilei no século XVI. A primeira experiência de vôo no Brasil, utilizando um balão a ar quente, foi vivida pelo padre brasileiro Bartolomeu de Gusmão, em 1709. Em Portugal, diante da corte e do rei D. João V, Bartolomeu de Gusmão apresentou seu invento. Após duas tentativas que redundaram em um vôo de quatro metros, o balão foi destruído por dois guardas, receosos de que o padre voador provocasse um incêndio no palácio. O experimento de Bartolomeu de Gusmão ficaria para a história, como o primeiro vôo promovido pela engenharia humana. Apesar destes dados, há registros, não confirmados, de que o primeiro vôo de balão no Brasil foi realizado por dois americanos, J. e E. Allen, em 1867. O primeiro vôo de balão foi oficialmente registrado no Brasil em 1885, quando Edouard Heilt subiu por alguns segundos no Saco dos Alferes-RJ. Alguns anos após, em 1894, o brasileiro Augusto Severo de Albuquerque pilotou o balão Bartolomeu de Gusmão sobre o Realengo, no Rio de Janeiro. Em 1902, seu balão Pax chegou a subir 400 metros de altitude.

1782-1900 De forma incidental, os irmãos franceses Montgolfier descobriram que a fumaça de uma fogueira fazia insuflar um saco de seda mas, foi em 1783 que grandes descobertas aconteceram. Um balão de seda, forrado de papel, foi lançado aos céus. O balão subiu cerca de 1.830 m, percorreu mais de 1.6 km do ponto de partida e permaneceu insuflado por dez minutos. Para avaliar os efeitos da altitude sobre os seres vivos, os irmãos franceses colocaram um carneiro, um pato e um galo a bordo do balão. A primeira experiência humana conhecida, foi realizada num balão cativo por François Pilatre e de Rozier. O primeiro vôo em balão livre foi realizado em 21 de novembro do mesmo ano, por de Rozier e pelo marquês d’Alrandes. A dupla atravessou a cidade de Paris num balão Montgolfier. Os irmãos Montgolfier tornaram-se os pioneiros na utilização do hidrogênio, em lugar de ar quente, para a propulsão de balões. A partir de então foi possível a utilização de

pioneer in ballooning with his experimental flights in 1709. His name was given to the balloon Augusto Severo piloted over Rio de Janeiro in 1894. In 1902, Severo’s other balloon Pax went up 400 m. Santos Dumont, the inventor of the airplane, was also a balloonist and participated in competitions of the Federation Aeronautique Internationale-FAI which took place in Paris at the beginning of the 20th century. The latest version of ballooning, with hot air equipment, had the first South-American flight in Araraquara-SP in 1970. The

balões a gás para transporte de passageiros e comunicações urgentes. Jean-Pierre Blachard realizou a travessia do Canal da Mancha levando uma mensagem da França para a Inglaterra mas, quase no final da viagem, o balão começou a perder altitude e ambos tiveram, para aliviar o peso, de tirar roupas e demais acessórios, inclusive a primeira carta aérea. A mensagem ficou no mar, mas o correio aéreo se tornara realidade. O fotógrafo Félix Nadar registrou a primeira fotografia aérea da cidade de Paris, inaugurando a aerofotografia. Em 1858, geógrafos, zoólogos, meteorologistas e exploradores mapearam diferentes regiões do mundo voando em balões. Os balões acelerariam as comunicações e formariam o embrião do Correio Aéreo. Já no início do século XX, Santos Dumont ganharia um prêmio por seu giro perfeito, com um balão dirigível em torno da Torre Eiffel.

1906 As atividades aero-esportivas deste ano começaram com a corrida “Gordon Bennet” de balões de hidrogênio, em Paris. Santos Dumont participou, com mais quinze competidores, mas abandonou a prova por problemas técnicos.

1960 As evoluções técnicas dos balões minimizaram os riscos de incêndios de forma que voar de balão passou a ser uma atividade aérea mais segura.

1970 O comendador Victório Truffi, com a ajuda do amigo Bob Rechs, realizou o primeiro vôo na América do Sul, num moderno balão de ar quente, em Araraquara-SP, no Estádio Fonte Luminosa.

1987 Neste período, o piloto francês Bruno Schwartz fundou a empresa Air Show, no Rio de Janeiro, a maior da América do Sul e representante da inglesa Thunder-Colt Balloons. Também foi criada a Associação Brasileira de Balonismo em São Paulo-SP. Durante a realização do Primeiro Encontro Brasileiro de Balonismo em Casa Branca-SP, iniciou-se a organização da atividade de balonismo no país com a adoção de importantes regras de segurança, a exigência de licença de brevês para a prática do balonismo e a criação de escolas de treinamento para esta modalidade. O recorde australiano de lançamento de asa-delta foi quebrado por um balão, em Croav, na Austrália, pelo piloto brasileiro de asa-delta Manoel Navarro e o balonista Chris Dewhirst, com a altura de 27.000 pés (9.000m).

1988 A Casa Branca-SP sediou o Primeiro Campeonato Brasileiro de Balonismo tendo Rubens Kalousdian como campeão. Feodor Nenov participou do evento como navegador, conquistando o título de Campeão Nacional.

1989 O Segundo Campeonato Brasileiro de Balonismo aconteceu em Americana-SP. Leonel Brites ficou em primeiro, e Rubens Kalousdian em segundo. No mesmo período, realiza-se o Primeiro Festival Sul Brasileiro de Balões em Torres-RS, com a participação de 10 balões. Orlando Geniocolo Filho conquistou o primeiro lugar.

1990 Antônio C. H. Marques, ‘Caco’, venceu o Segundo Festival de Balonismo em Torres-RS, e contou com a participação de 15 balões. No Terceiro Campeonato Brasileiro de Balonismo, em Piracicaba- SP, Rubens Kalousdian sagrou-se campeão.

1991 Miguel Leivas venceu o Terceiro Festival de Balonismo em Torres-RS e Bruno Schwarts foi o campeão do 4º Campeonato Brasileiro de Balonismo-GO.

1992 Leonel Brittes, além de vencer o 4º festival de Balonismo de Torres-RS, foi sorteado e ganhou um carro 0 km, oferecido como prêmio na Prova do Mastro. A chance desta prova ser

Associação Brasileira de Balonismo (Brazilian Ballooning Association) was founded in São Paulo-SP in 1987, when the company Air Show began the industrial production of balloons in the country. Today there are around 150 sport balloonists in Brazil. Their annual main championship takes place in Torres-RS and it is already in its 15th edition. Forty thousand spectators attend the Ballooning Festival in Torres, which runs competitions with 36 balloons from 5 Brazilian states, Argentina and France (data from the 2003 event).

concluída é de apenas uma em cem. O piloto Bruno Schwartz participou do Primeiro Campeonato dos Campeões, evento internacional que comemorou o Aniversário do Rei Hussein da Jordânia. Rui Kalousdian foi o campeão do 5º Campeonato Brasileiro, em Piracicaba-SP.

1993 Antônio C. H. Marques, ‘Caco’, venceu o 5º Festival Kodak/Skol de Balonismo, realizado em Torres-RS. O navegador Feodor Nenov realizou, com sucesso, o primeiro vôo sobre a cidade de São Paulo. No mesmo período, Curitiba-PR comemorou seus 300 anos com um festival de Balonismo. No 6º Campeonato Brasileiro, em Campinas-SP, Fábio Passos ficou em primeiro e Rubens Kalousdian em segundo.

1994 Walterson Leite Lima sagrou-se campeão do Sexto Festival de Balonismo em Torres-RS. Em Brasília, o brasileiro Manoel Navarro (asa delta) e o inglês Andrew Elsen (balonista) quebraram o recorde de altitude na América do Sul, no primeiro lançamento de asa delta, através de um balão, atingindo 25.000 pés, o equivalente a 8.000m. Fábio Passos conquistou o título de Bicampeão Brasileiro de Balonismo.

1995 Ademir Brollaci venceu o Sétimo Festival de Balonismo em Torres-RS. Durante o evento, Eduardo de Melo e Patrícia Pompermaier celebraram seu casamento dentro de um balão semi-inflado. No Oitavo Campeonato Brasileiro, em Ribeirão Preto-SP, Rubens Kalousdian tornou-se tricampeão.

1996 Aquilino Gimenes venceu o Oitavo Festival de Balonismo em Torres-RS. Feodor Nenov atingiu a marca de 6.000 m de altitude sobrevoando o maior vulcão do Japão, o Monte Fuji, com 3.776m. No mesmo período um pequeno grupo, liderado por Don Cameron, construiu, na Europa, o primeiro balão de ar quente moderno. Cinco anos depois, fundou a Cameron Balloons em Bristol, Inglaterra, atualmente o maior fabricante de balões do mundo. A Equipe Bis Lacta de Balonismo tornou-se a maior equipe competitiva das Américas, com quatro balões, pilotados pelos mais experientes balonistas brasileiros: Rubens Kalousdian, Rui Kalousdian, Sacha Haim e Antônio Carlos Paulo.

1997 Luis Eduardo Consiglio venceu o Nono Festival de Balonismo em Torres-RS. Sacha Haim ficou com a medalha de ouro nos Primeiros Jogos Mundiais da Natureza, em Foz do Iguaçu-PR.

1998 Rui Kalousdian foi campeão do Décimo Festival de Balonismo em Torres-RS. O balonista Ricardo Free e seu companheiro João Batista Rosa conseguiram ganhar o prêmio de um carro zero km, na Prova do Mastro.

1999 Ricardo Free venceu o Décimo Primeiro Festival de Balonismo em Torres-RS, enquanto Fábio Passos sagrou-se Tricampeão Brasileiro de Balonismo nos anos de 1993, 1994 e 1999 respectivamente. Bruno Schwartz venceu o Primeiro Festival de Balonismo de Maringá-PR. Partindo da Suíça, Bertrand Piccard e o inglês Brian Jones realizaram a primeira volta ao mundo sem escalas, no balão Breitling Orbiter 3, após uma travessia de mais de 46 mil quilômetros, com a duração de 19 dias, 21 horas e 47 minutos. O balão desta prova tinha 55 metros de altura e seu vôo foi o mais longo em duração e distância, da história da aviação. Ainda no mesmo período, Sacha Haim venceu o terceiro *European Ballooning Festival*, em Iqualada, na Espanha.

2000 Fábio Passos venceu o Décimo Segundo Festival Internacional de Balonismo em Torres-RS.

2001 No Décimo Terceiro Festival de Balonismo em Torres-RS, Sacha Haim foi o vencedor. Ainda em 2001, repetiu-se o *European Balloon Festival*, um dos principais eventos de balonismo internacional, contando com a participação de 42 balões de 8 países. O Brasil foi representado pelo piloto Sacha Haim, que obteve a melhor marca do evento, ganhando uma das cinco provas, com apenas 5 cm de distância do alvo. No mesmo festival, Fábio Passos venceu outras duas provas, finalizando o festival em primeiro lugar. No Décimo Terceiro Campeonato Brasileiro de Balonismo, Ricardo de Almeida foi o campeão.

2002 Sacha Haim venceu o Décimo Quarto Festival de Balonismo de Torres-RS, e ganhou a Moto oferecida como prêmio pela Dimasa/Menegalli, na Prova do Mastro. O 15º Campeonato Brasileiro de Balonismo foi realizado pela terceira vez em Ribeirão Preto-SP e Fabio Passos conquistou o tetracampeonato. Sacha Haim ficou em segundo e Rubens Kalousdian em terceiro. Os pilotos Ricardo de Almeida, Rubens Kalousdian e Rui Kalousdian representaram o Brasil no 15º Campeonato Mundial de Balonismo, em Chatellerault- França, com a participação de 101 Balões competitivos, representando 27 países e mais 50 Balões convidados para os vôos festivos.

2003 No Décimo Quinto Festival Internacional de Balonismo de Torres-RS, Sacha Haim venceu pela terceira vez consecutiva. A francesa Capucine Terran, única mulher na competição, ficou em 30º lugar. O recorde sul-americano, de número de passageiros voando em balões ao mesmo tempo, foi quebrado. Quarenta e nove pessoas, distribuídas em 7 "gigantescos" balões, voaram sobre a cidade de Pindamonhangaba-SP e puderam contemplar a beleza da Serra da Mantiqueira. O feito foi realizado pela Air Adventures, empresa brasileira que vem se especializando neste segmento, e contou com a participação de alguns dos melhores pilotos do estado de São Paulo. Entre os dias 17 e 24 de agosto de 2003, realizou-se

o 16º Campeonato Brasileiro de Balonismo em São Lourenço-MG, e reuniu os 25 melhores pilotos do país. No evento, o paulista Rubens Kalousdian venceu e conquistou, após 21 provas, o seu sexto título brasileiro enquanto Sacha Haim e Bruno Schwartz asseguraram o segundo e o terceiro lugar, respectivamente. Os títulos apurados valem no ranking nacional, que funciona como base para a classificação para o Mundial da Austrália. A Associação Brasileira de Balonismo soma os pontos obtidos nos dois últimos Campeonatos Brasileiros e indica os dois primeiros colocados. Com o encerramento da competição em São Lourenço-MG, o ranking dispôs-se como se segue: 1º lugar – Rubens Kalousdian; 2º lugar – Sacha Haim; 3º lugar – Bruno Schwartz e 4º lugar – Fábio Passos.

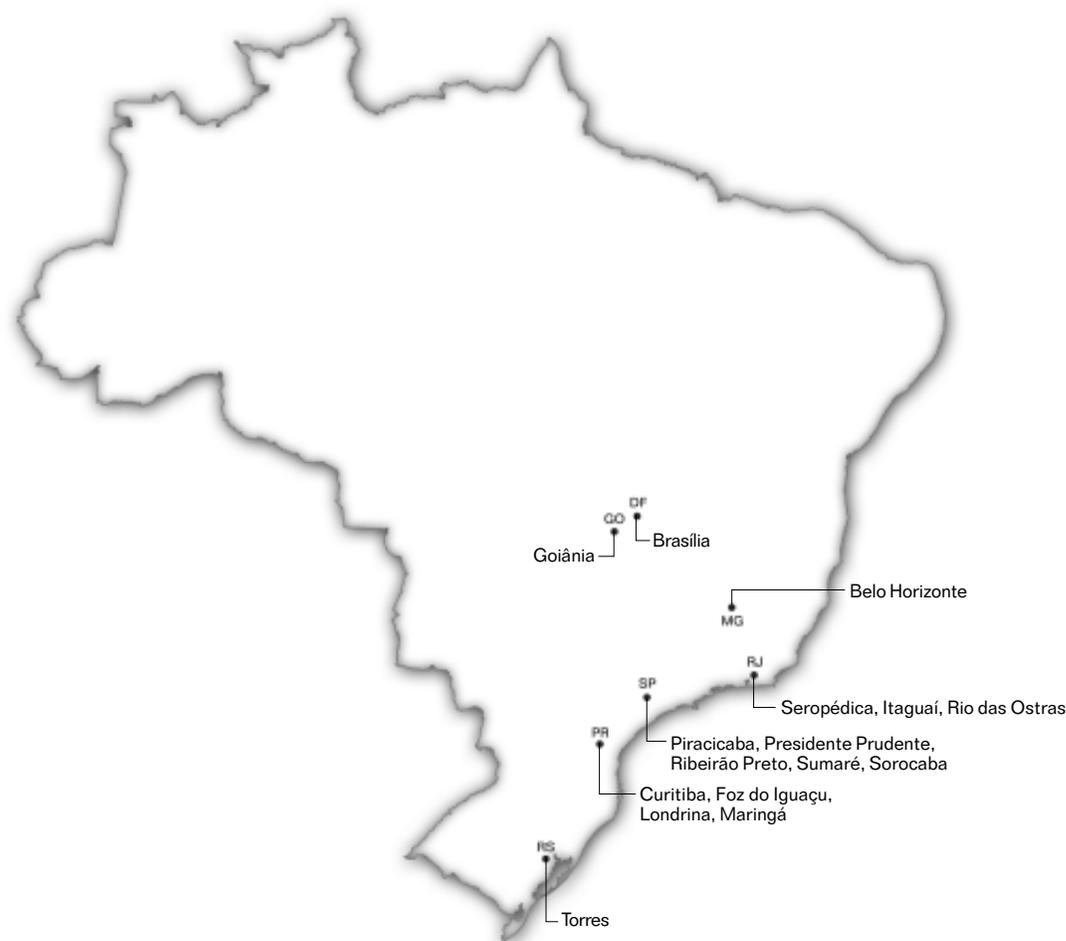
Situação atual Durante a década de 1990, a cidade de Torres, no Rio Grande do Sul, tornou-se a capital brasileira do Balonismo. A cidade agrada aos praticantes, tanto por seu clima e topografia ideais, como por oferecer uma das melhores infra-estruturas do Brasil para a prática do balonismo. Aproximadamente 40.000 pessoas visitaram o Parque de Balonismo no período de realização do Festival. Atualmente, o Festival de Torres é considerado o mais tradicional da América do Sul. A última versão do evento contou com a participação de 36 balões e pilotos de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, além da participação de pilotos estrangeiros, vindos da Argentina e da França. Nos países da Europa, nos Estados Unidos e no Japão, são realizadas várias competições importantes, chegando a reunir centenas de balões num único evento. O Brasil é o país da América do Sul com o maior número de balões, cerca de 150, segundo a empresa Air Show. No entanto, o custo unitário aproximado de 25 a 30 mil reais e a necessidade de forte infra-estrutura terrestre para auxiliar a prática do balonismo inibem o ingresso de novos adeptos. Favorecido pelo espetáculo de beleza e visibilidade de

longo alcance, os balões também são utilizados por empresas para fins promocionais. Com esta finalidade, a Air Show destina 68% de sua produção de balões de ar quente para empresas de diversos ramos de atividade exibirem suas marcas. No início do balonismo no Brasil, notava-se que praticamente 100% dos equipamentos utilizados para a prática dos vôos eram importados, e portanto muito mais caros, impossibilitando que a prática se tornasse mais difundida. No decorrer dos tempos, foram nascendo empresas nacionais que começaram a fabricar equipamentos e, aos poucos, começaram a produzir materiais 100% nacionais. No caso dos tecidos utilizados para a confecção dos envelopes (o balão), entretanto, a diferença de qualidade dos importados fazia com que os nossos balões se desgastassem muito mais rapidamente, o que resultava na redução do tempo de "vida útil" do balão. Hoje ainda existem diferenças de qualidade, mas progressivamente estas diferenças têm diminuído. Isso faz com que se possa voar com equipamentos nacionais de alto nível. Algumas empresas se destacam e começam a ganhar o mercado internacional. O empresário e balonista Ricardo de Almeida, da empresa Aeromagics, já conta com uma produção total de 67 balões, com projeto para iniciar a exportação do produto. Segundo dados do DAC, existem no país 150 pilotos credenciados, sendo que aproximadamente 55 estão na ativa. A Associação Brasileira de Balonismo conta, em seu quadro de associados, com 59 pilotos. Existem seis clubes de Balonismo no Brasil, quatro em SP, um no RJ e outro em Belo Horizonte-MG.

Fontes Bruno Schwartz da Air Show: www.rioradical.com.br; www.flysitecom.br; www.balonismobrasil.com.br; www.torres.com.br/balonismo; Folha de São Paulo; Revista Manchete; Revista Australian Geographic; www.360graus.com.br; www.inema.com.br; Departamento de Aviação Civil; www.abea.com.br; www.aeromagics.com.br

Principais locais de prática de balonismo por estado, 2003

Main locations for ballooning practice per state, 2003



Cursos de balonismo

Ballooning training courses

SP	Oficina de Balão Associação Brasileira de Balonismo Balão no Ar Orbis Clube de Balonismo e Aventura- SP7 / Air Brasil Centro de Balonismo de Piracicaba – Curso Básico de Balonismo / Air Brasil
RJ	Aeroclube do Brasil
GO	Núcleo Goiano de Balonismo

Fabricantes de balões no Brasil

Industrial production of balloons in Brazil

SP	Aventurar Infláveis e Balões Balão no Ar Balloon Exportação e Importação Ltda Rubic Balões Indústria e Comércio Ltda Visage Balões e Infláveis Ind. e Com. Ltda Aeromagic Ballons
RJ	Air Show Promoções Ltda



Ensino superior em Educação Física

MARIO RIBEIRO CANTARINO FILHO E LAMARTINE P. DACOSTA

Undergraduation in Physical Education

Today there are nearly 400 undergraduate programs of physical education in Brazil, a very expressive number if compared to the 56 that existed in 1971 and one of the highest in the world in terms of professional training in physical education. It reflects a tradition that started in 1834, when Brazilian students were first admitted to the Philantropinum headquarters in Germany (Table 1). During the 19th century, physical education lessons in the largest Brazilian cities were

conducted by elementary school teachers (licensed after high school training) who had to adapt current knowledge and improvise techniques. In 1910 civilian teachers started to be trained at military institutions, but the training of physical education teachers in undergraduate schools only started in the early 1930s with the creation of the first schools. However, military instructors still conducted physical education lessons in the school system of several Brazilian states during the first half of

the 20th century. From the 1930s to the 1990s, undergraduate schools of physical education were founded primarily in Brazilian capitals other than SP and RJ and then the expansion continued from the state capitals along the coast to the interior, first under government sponsorship and later by means of private investments. From 1961 to 2004, the central debate involving undergraduation in physical education referred to the curriculum of professional training.

Origens e definições A função social de educador físico – orientador de práticas de atividades físicas para propósitos de desenvolvimento pessoal – tem acompanhado a função respectiva ao médico ao longo da história da civilização ocidental. O valor sócio-cultural da prática da medicina já observado na Grécia Antiga continua hoje presente em qualquer sociedade contemporânea, explicando uma demanda profissional jamais reduzida na história. Neste contexto insere-se o educador físico: como o médico, ele já atuava na Grécia Antiga sob o nome de *paidotribes*, um educador de jovens por meio de exercícios físicos, jogos e música. Este ator social representava um misto de mestre, líder e gestor da *palaestra*, uma espécie de ginásio e centro cultural das cidades gregas. No Renascimento, ele retorna numa posição central da pedagogia então recriada por impulso das ciências e das artes em renovação. E assim se dispôs até que a “Educação Física” — nome genérico atual de práticas corporais historicizadas em mais de 25 séculos nos países ocidentais (DaCosta, 1999. p.10) — fosse deslocada para as instituições escolares quando da universalização do ensino na Europa no século XIX.

Em resumo, à semelhança do médico, esta longa duração da profissão de educador físico indica que o bom professor de práticas corporais de sentido educacional, esportivo, terapêutico, preventivo e recreativo é um líder de ações socioculturais em sua essência profissional. Como diferença da profissão médica, este educador dedica-se mais à saúde do que às doenças, assumindo o mito da recriação corporal no seu aspecto heróico e construtivo. Há que se conceber então apropriadamente uma simetria entre o médico e o educador físico, em que este faz intervenções por meio de diferentes níveis opcionais de conhecimento especializado e aquele por vias predominantemente biológicas (excetua-se, no caso, especialidades voltadas para a saúde pública e para a prevenção) num processo decisório definido pelos antecedentes. Em consequência desta oposição entre as livres opções do educador físico e os padrões seletivos do médico, este último profissional tem maior dependência em serviços de apoio especializado (hospital, clínica, enfermagem etc).

Em termos de intervenção do educador físico, a busca de origens revela que na história da Educação Física há uma coincidência com a Filosofia da Educação em suas primeiras manifestações na Antiga Grécia, e com a Pedagogia, no seu alvorecer durante o Renascimento na Europa. Eis que então se encontra na “República” (Livro III) de Platão e na “Política” (Livro IV, Cap. 3) de Aristóteles descrições de sentido curricular, sistematizando exercícios corporais com o objetivo explícito de aumentar a força moral e o vigor físico. Já no século XV, na Itália, Vittorino de Feltre (1378-1446) desenvolvia e praticava um perfil de educador que o levaria a ser considerado o primeiro pedagogo no sentido atual da expressão como também o primeiro professor de Educação Física, como ensinada nos dias presentes. Veja-se, por exemplo, como se concebia a Educação preconizada por Feltre em seus elementos essenciais (Zapico Garcia, 1997, p.123): a Educação do corpo deixava de ser um tipo de preparação militar, como prevalecia à época, e se tornava um meio de desenvolvimento integral da pessoa; a concepção platônica de se obter força moral pelo vigor físico era reforçada; recomendava-se duas horas de exercícios físicos para os alunos diariamente; em dois meses do ano os alunos se transferiam para o Lago Guarda nos Alpes onde praticavam exercícios e jogos em meio à natureza; as atividades físicas praticadas incluíam movimentos simples, várias modalidades atléticas, esgrima, natação e jogos de pelota.

Ainda acompanhando Zapico Garcia (Ibidem, pp. 123-124), atribuiu-se a Vittorino de Feltre a noção de programa em suas intervenções

como pedagogo e um certo sentido experimental, como se aprecia pelas atividades encontradas na “Casa Giocosa”, em que se aliavam abordagens lúdicas com a disciplina corporal (escola dirigida por Feltre, no norte da Itália). Tal modelo de práticas corporais de bases idealísticas reaparece posteriormente em Rousseau no final do século XVIII e sobrevive ao longo do século XIX nos estabelecimentos de ensino denominados de *Philantropinum*, na Alemanha e na Suíça, em que despontaram pedagogos como Basedow e Pestalozzi, exemplos típicos da fase em que a Pedagogia *stricto sensu* e a Educação Física constituíam um único ramo de saber. O próprio nexo de currículo surge neste período heróico de uma Pedagogia situada nos valores da natureza e centrada no ente humano. Assim, pode-se entender “currículo” como um conjunto de estudos e práticas destinadas a desenvolver plenamente no aluno as suas potencialidades (Zapico Garcia, Ibidem, p.118).

Quanto às instituições de formação de professores, pode-se seguir Naul (1994) ao descrever acontecimentos europeus, quando se constata que a maioria dos atuais estabelecimentos de Ensino Superior de Educação Física originou-se de escolas militares, passando posteriormente para escolas normais (formação elementar de professores) e depois para departamentos ou institutos de universidades. Assim sendo, criou-se um modelo híbrido com três enfoques de formação que convive até hoje em diferentes graus de influência, com substituição do treinamento militar por exercícios de base educacional e científica. Na Alemanha, por exemplo, a formação em Educação Física nas universidades foi iniciada logo após a Primeira Guerra Mundial (Krueger, 2003). No Brasil, este tipo de formação teve início nos primeiros anos de 1930, antecipado por formação de civis em entidades militares desde a década de 1910. Antes disso, no século XIX, a Educação Física, quando existente, dependia de professores de classe que conduziam atividades físicas por adaptações de conhecimentos correntes ou improvisações. Na primeira metade do século XX, militares atuaram como “instrutores” no sistema escolar em vários estados brasileiros. Nesta linha de conta da Educação Física brasileira, incorporam-se fatos de memória como se seguem.

1834 O marco inicial da formação em Educação Física no Brasil situa-se nesta data quando o primeiro brasileiro de um grupo que totalizou três dezenas ao longo de quase um século, foi admitido no *Philantropinum*, em sua sede na Alemanha (Tabela 1). Os discípulos brasileiros dos grandes mestres da Educação Física, à época, eram meninos e adolescentes que se formavam nesta disciplina aliada a outras e que poderiam ou não optar pelo ensino ao término do curso (não havia formação de professores em universidade para ensino elementar). Pouco se sabe dos feitos deste grupo ao retornar, porém um deles – pertencente à família La Roque – foi fundador de clubes de remo em Belém do Pará no final do século XIX (Josiléia Vanilloto, comunicação 2001).

1851 Neste ano, o Governo Imperial incluía a ginástica no ensino das escolas primárias. Quatro anos depois a mesma medida legal — lei nº 630 de 17/09/1851 — era regulamentada especialmente para o Colégio Pedro II do Rio de Janeiro, então considerado como escola padrão para todo o território brasileiro. Mas somente em 1876 surge uma medida legal referida explicitamente à formação de professores: o Decreto nº 6370 que introduziu no município da Corte (Rio de Janeiro), em suas duas Escolas Normais, o ensino de ginástica e de princípios gerais da Educação Física. Nestas condições, o ensino da Educação Física no Brasil, pelo menos na forma da lei, constituiu em seus primórdios uma das funções do(a) professor(a) de nível primário. Já a especialização apareceu

efetivamente quase meio século depois nos cursos de curta duração promovidos pelo Exército.

1876 Como disciplina de ensino, a expressão “ginástica” predominava à época como se verifica nos atos legais a partir de 1851. Educação Física aparece primeiramente no citado Decreto 6370 de 1876 e passa a ser denominação principal quando a legislação voltou-se para a criação de meios de formação de professores (Projeto de Lei de 21/09/1905, por exemplo). Enfim, “Educação Física” foi a matéria regulamentada em 1916, no Município do Rio de Janeiro, quando se deu ao médico a “competência” de dirigi-la “proporcionando às necessidades e à capacidade de cada idade e sexo”.

1882 O Deputado Ruy Barbosa, na qualidade de relator, apresentou à Câmara dos Deputados, no Rio de Janeiro, em sessão realizada em 12 de setembro, a “Reforma do Ensino Primário e Várias Instituições Complementares da Instrução Pública”. O Parecer e o Projeto foram obras da Comissão de Instrução Pública, composta pelos Deputados Ruy Barbosa, Thomas do Bonfim Espínola e Ulysses Machado Pereira Viana. O capítulo que tratava da Educação Física enfatizava que “a comissão desejaria propor-vos a fundação de uma escola normal de ginástica, na qual se formassem professores para as escolas deste município e para as províncias que o solicitassem. Limitou-se, porém, a instituir, em cada escola normal, uma seção especialmente consagrada a esse ensino”. O Projeto ainda previa: a obrigatoriedade da ginástica na formação dos professores e professoras; a inclusão, nos programas escolares, da ginástica como matéria de estudo; a equiparação dos professores de ginástica aos de outras disciplinas.

1905 Em 21 de setembro, o Deputado Jorge de Moraes, representante do Estado do Amazonas, apresentou, na Câmara dos Deputados, no Rio de Janeiro, o seu projeto sobre Educação Física, cujo parecer, de autoria do Deputado Afonso Costa, foi levado à Comissão de Instrução Pública daquela casa legislativa. O projeto definia: “O Congresso Nacional resolve: Art. 1º. Ficam criadas duas escolas de Educação Física, sendo uma militar e outra civil. Art. 2º. Fica o poder executivo autorizado a adquirir terrenos para que a mocidade das escolas superiores possa, em espaços apropriados, dar-se à prática dos jogos ao ar livre.” Com referência à escola civil, segundo a proposta de sua criação, “fornecerá os professores de Educação Física para todos os colégios existentes no País”, e enfatizava: “o professor de ginástica necessita de uma soma regular de conhecimentos que só um curso bem organizado pode fornecer.” E, entre esses conhecimentos, citava “a anatomia, a fisiologia, princípios gerais de higiene, a história e evolução da Educação Física”, além de outros necessários ao fim a ser atingido.

1906 O Governador do Estado do Amazonas, Antonio Constantino Nery, baixou o Decreto nº 771, de 5 de abril, que criou “uma cadeira de Educação Física, anexa à Diretoria Geral da Instrução Pública, que será provida por um professor de comprovada capacidade pedagógica e técnica”. Era competência desse professor “dar lições práticas de ginástica e jogos escolares”, assim como ministrar palestra, semanalmente, aos professores das escolas de Manaus e às pessoas interessadas e que obtinham permissão para tal. As palestras deveriam abranger “noções de anatomia, fisiologia, higiene e pedagogia, indispensáveis ao ensino da ginástica e demais processos de Educação Física”. Para tal função foi nomeado Antonio Monteiro de Souza, e sua primeira preleção foi publicada em 1908, com o título “Educação Física – Abertura de Curso”.

1906 – 1939 Nos primeiros meses de 1906 chegou a São Paulo uma Missão Militar, contratada na França para instruir e reorganizar a Força Pública do Estado de São Paulo. Entre os integrantes da Missão, os capitães Delphim Balanciér e Louis Lemaitre eram especialistas em Educação Física. A Missão Militar propôs a criação de um órgão para habilitar mestres e monitores de Ginástica e Esgrima, envolvendo oficiais e sargentos. Em 3 de março de 1910, o Secretário da Justiça e da Segurança Pública do Estado de São Paulo, Washington Luis Pereira de Souza, enviou ao Comandante Geral da Força Pública o expediente que versava “fica criado, nessa corporação, um Curso de Esgrima e Ginástica, destinado aos oficiais e elementos da Força Pública, devendo ser tomadas as providências para a instalação de respectivo aparelhamento em sala adrede preparada”. A Seção de Educação Física da Força Pública do Estado de São Paulo, no ano de 1914, passou a denominar-se Escola de Educação Física, segundo consta do Relatório Interno do Batalhão Escola. No início de 1933, a Escola passou a ter outra estrutura, adotando-se o Método Francês, transformação esta iniciada pelo Capitão do Exército, Antônio de Mendonça Molina, comissionado para aquela Escola. Em 28 de maio de 1936, por Decreto do Governo do Estado de São Paulo, foi a Escola de Educação Física regulamentada, com o fim de formar Instrutores e Monitores de Educação Física Geral e Desportiva; formar Mestres de Armas e Monitores de Esgrima; proporcionar, aos médicos, conhecimentos especializados em Educação Física e formar Massagistas Desportivos. Em 1939, vários artigos do Regulamento da Escola foram alterados. Enfim, a Escola de Educação Física da Polícia Militar do Estado de São Paulo, pioneira que foi, prosseguiu a sua longa trilha em favor da formação de pessoal na área de Educação Física.

1917 Ambrósio Manoel Torres, em sua obra Manual Teórico e Prático de Educação Física, informou que foi “diretor fundador do Curso Superior de Educação Física – Belém do Pará – 1917 a 1921”.

1920 Fernando de Azevedo em sua obra “Da Educação Física: o que ela é, o que tem sido, o que deveria ser” reserva, nas páginas 108 a 114, um capítulo que trata do papel do professor de Educação Física. Alertou o autor sobre a necessidade de conhecimentos de Anatomia, Fisiologia, Higiene, Pedagogia, Ginástica e outros, que deveria possuir o professor de Educação Física para as suas atividades no magistério. Acentuou Fernando de Azevedo a preocupação que tinham os Estados Unidos, entre outros países, na formação e escolha de professores de Educação Física, citando uma instituição cujo “curso se constitui da inteligente iniciação de seus alunos em todas as matérias fundamentais ou subsidiárias da educação física”.

1922 Foi criado, em 10 de janeiro, o Centro Militar de Educação Física, por Ato do Ministro da Guerra, que deveria funcionar anexo à Escola de Sargentos de Infantaria, com o objetivo de “dirigir, coordenar e difundir o novo método de Educação Física Militar e suas aplicações desportivas”. Os Cursos propostos a serem desenvolvidos pelo Centro eram: Curso de Educação Física para Primeiros e Segundos Tenentes e Curso de Educação Física para Sargentos, ambos com duração de três meses; Curso de Demonstração para Oficiais Superiores, com um mês de duração. Além desses Cursos, seriam realizados cursos transitórios, sendo um Curso de Instrutores e Monitores para Sargentos e um Curso sobre Desportos Atlético, com vista às festas desportivas comemorativas do Centenário da Independência do Brasil. O Centro Militar de Educação Física não foi instalado.

1922 Desde essa data, Montevidéu foi sede do Instituto Técnico da Associação Cristã de Moços-ACM que, além de preparar pessoal administrativo, formava pessoal técnico em Educação Física, sendo que os brasileiros cursavam os dois primeiros anos da ACM, no Rio de Janeiro, e os dois anos restantes, em Montevidéu. Diplomaram-se naquela instituição, entre outros, os brasileiros: Renato Eloy de Andrade, Oswaldo Diniz Magalhães, Silas Raeder, H. P. Clark e Ciro de Moraes. Frederico Guilherme Gaelzer e Otacílio Braga foram formados na ACM de Springfield, EUA. Na Tabela 2, encontra-se um detalhamento desta formação fora do país de acordo com levantamento da ACM de Montevidéu.

1925 No programa do I Congresso Brasileiro de Educação Física, a ser realizado na segunda quinzena de dezembro, na Cidade de São Paulo, constavam no item VIII, referente à formação de professores e técnicos de Educação Física, os títulos: Escola Normal Superior de Educação Física; Programa de uma Escola Normal

Superior de Educação Física e A Responsabilidade Civil dos Professores de Educação Física.

1925 – 1945 Através de Ato do Ministro da Marinha, em 22 de julho de 1925, foi criada e regulamentada a Escola de Educação Física da Marinha, para a formação de Monitores, a fim de conduzir a prática da Educação Física. A primeira turma de Monitores formou-se em dezembro de 1927. O Curso de Monitores teve orientação, no decorrer dos anos, de Robert Fowler e Giovanni Abita, ambos profissionais estrangeiros. Abita, ex- oficial italiano, foi contratado em 1922 pela Marinha Brasileira, e ministrou a Ginástica Pedagógica e a Esgrima, na Escola de Educação Física, desde 1925. Em 10 de junho de 1940 foi criado o Departamento de Educação Física da Marinha e o Curso de Monitores ficou subordinado a esse órgão. Entre as atribuições do Departamento havia: “preparar o pessoal para o desempenho das funções de monitores”, ministrar a Educação Física nas Escolas de Aprendizes de Marinheiros, navios, corpos e estabelecimentos navais. No mês de abril de 1945 foi extinto o Departamento de Educação Física, surgindo o Departamento de Esportes da Marinha.

1927 No mês de junho, o Deputado Jorge de Moraes voltou a discutir, no Congresso Nacional, o mesmo tema apresentado anteriormente, no ano de 1905, defendendo a ginástica escolar e a preparação de professores de Educação Física.

1927 No dia 8 de setembro, Fernando de Azevedo proferiu discurso, na qualidade de Diretor Geral da Instrução Pública do Distrito Federal, expondo as bases e os princípios que norteariam a reforma do ensino primário e profissional naquela unidade da federação no ano seguinte. Tratou, Fernando de Azevedo, da formação do magistério, com a criação da “escola tecnológica de mestres e contra-mestres, com seu laboratório de psicotécnica e orientação profissional, e a escola destinada à formação de professores de Educação Física, com seus gabinetes de antropometria física, gabinetes de antropometria pedagógica, e com suas escolas de aplicação”.

1928 Os Decretos de números 3.281 e 2.940, assinados pelo Prefeito do Distrito Federal, reformando o ensino no município, reservaram diversos artigos à Educação Física. Tal reforma foi nomeada, posteriormente, de Reforma Fernando de Azevedo. A formação de professores de Educação Física, para os estabelecimentos de ensino do Distrito Federal, seria de competência da Escola Profissional de Educação Física. Somente os diplomados por Escola Normal, com idade entre 19 e 30 anos, poderiam ser matriculados nesse curso, cuja duração seria de três anos, consoante das seguintes matérias: Anatomia e Fisiologia aplicadas ao exercício; Fisiologia da fadiga; Higiene do exercício; História da Educação Física; Antropometria pedagógica; Didática; Teoria e prática de jogos infantis; Teoria e prática da ginástica pedagógica e Teoria e prática dos esportes. A Escola Profissional de Educação Física, conforme a necessidade, ofereceria cursos especiais de Ginástica ortopédica ou corretiva, e de exercícios de reeducação motora. Os Decretos não foram executados em sua totalidade e a Escola Profissional de Educação Física não vingou.

1929 Realizou-se o Curso Provisório de Educação Física, que funcionou na Escola de Sargentos de Infantaria, na Vila Militar, e foi organizado no modelo do Centro Militar de Educação Física, estando à frente do Curso o Tenente Ignácio de Freitas Rolim e o Tenente Médico Virgílio Alves Bastos, com a colaboração do Major Pierre Segur, da Missão Militar Francesa. Matricularam-se militares e civis, sendo estes professores primários, no total de 20, com o aval de Fernando de Azevedo, Diretor de Instrução Pública do Distrito Federal.

1929 No mês de julho foi realizado o I Congresso Brasileiro de Eugenia e, entre suas conclusões, destaca-se: “O I Congresso Brasileiro de Eugenia incita o governo da República que, com máxima urgência: organize Escolas Superiores de Educação Física para conveniente preparo dos professores indispensáveis à cultura física nacional”.

1929 Foi elaborado o “Anteprojeto de Lei submetido ao estudo da Comissão de Educação Física pelo General Nestor Passos, Ministro da Guerra”. A Comissão era composta pelo General Nestor Sezefredo dos Passos (Presidente), Deputado Artur Lemos, Prof. Fernando de Azevedo, Prof. Faustino Esposel, Dr. Renato Pacheco, Dr. Arnaldo Guinle, Dr. Jorge Machado, Comandante Jair de Albuquerque, Tenente Ignácio de Freitas Rolim e Tenente Jair Dantas Ribeiro. O Anteprojeto

continha 44 artigos, destacando-se: o Diploma, para professores e instrutores de Educação Física, e o Certificado de Aptidão para os monitores, que seriam expedidos pelas Escolas Nacional Superior e Estaduais de Educação Física, de Ginástica da Marinha e Centros Regionais de Instrução Física Militar, aos aprovados nos devidos cursos. A Escola Nacional Superior de Educação Física, com sede no Distrito Federal, teria como finalidade a formação de professores, instrutores e monitores, para o exercício nas escolas públicas e privadas, clubes, cursos ou instituições referentes às atividades físicas, Exército, Marinha, Polícias e Bombeiros, assim como especializar médicos civis e militares, e os cursos teriam diferente duração, sendo de dois anos para professores e instrutores, três meses para os médicos, dois anos para mestres de Esgrima e um ano para os monitores. A proposta previa que, enquanto não fosse criada a Escola Nacional Superior de Educação Física, os cursos poderiam ser realizados no Centro Provisório de Educação Física, mantido pelo Ministério da Guerra. Seria também criado o Conselho Superior de Educação Física, órgão esse com sede no Ministério da Guerra. O Anteprojeto também foi analisado pela Associação Brasileira de Educação, através da Comissão tendo Jorge de Moraes (Presidente), Otacílio Braga, Silas Raeder, Arthur Azevedo e Cecília Muniz (Secretária). Entre as suas Conclusões, a Comissão da ABE sugeriu a criação, pelo Governo Federal, da Escola de Educação Física, a fim de formar instrutores civis destinados às escolas primárias, secundárias e normais do País, ficando essa Escola junto à Universidade do Rio de Janeiro.

1929 A Associação Brasileira de Educação realizou em São Paulo, de 7 a 15 de setembro, a III Conferência Nacional de Educação, quando Augusto Ribeiro de Carvalho apresentou uma proposta para a criação de um Instituto Técnico para a formação de Monitores ou de Mestres em Educação Física.

1930 Em 11 de janeiro, o Ministro da Guerra, Nestor Sezefredo dos Passos, baixou Instruções com o fim de organizar o Centro Militar de Educação Física, em substituição a um Curso Provisório que havia sido realizado em 1929. O Centro era destinado aos oficiais subalternos e aos sargentos, para preparar Instrutores e Monitores de Educação Física, assim como “difundir, unificar e intensificar o ensino da Educação Física no Exército”. Poderiam participar dos Cursos do Centro Militar de Educação Física “oficiais e sargentos das forças auxiliares, professores federais, estaduais ou municipais e civis”. Ficou o Centro instalado na Fortaleza de São João, na Urca. Os Cursos seriam realizados duas vezes no ano, com cinco meses de duração, cada Curso. Em 1931 foi o Centro desligado da Fortaleza de São João, tornando-se autônomo, passando à direção do Major Newton de Andrade Cavalcanti.

1931 – 1953 A Diretoria Técnica de Educação Física, órgão do Governo do Estado de Pernambuco, por Portaria de 21 de abril de 1931, determinou a realização de um Curso Especial de Educação Física. Em 1940, o Governo do Estado criou o Curso Normal de Educação Física, “tendo por fim a aprendizagem da direção da Educação Física geral e da ginástica rítmica”. Em fevereiro de 1946, o Curso Normal, da Escola de Educação Física do Estado de Pernambuco, foi reconhecido. Em 1947, o Curso Superior de Educação Física, da mesma Escola, teve autorizado o seu funcionamento, e o seu reconhecimento data de novembro de 1953.

1931 – 1962 Em 26 de junho de 1931 foi criado, no Estado do Espírito Santo, o Departamento de Educação Física, pelo Decreto Estadual nº 1.366. Previa o Decreto que o Departamento manteria, anualmente, um Curso de Educação Física, que funcionaria no período das férias escolares, com a finalidade de preparar o professor estadual para “ministrar a instrução de educação física pelo método moderno”. No mês seguinte, por Decreto, foram baixadas as instruções para o funcionamento do Curso Especial de Educação Física, que se destinava ao professorado “e aos oficiais do Regimento Policial Militar”, para preparar professores e instrutores de Educação Física, para as suas atividades nas escolas e nas instituições militares. O Curso teve vigência no período de 4 de agosto a 1º de dezembro e, em seguida, foi iniciado o Curso Regular. Em agosto de 1934, por Decreto de nº 5.207, criou-se a Escola de Educação Física em substituição ao Curso Especial, mantendo-se a formação de Instrutores, Professores e Monitores, e foi criado o Curso de Medicina Especializada em Educação Física. Em 1935, a Escola de Educação Física possuía o Curso com a duração de nove meses letivos e o currículo era composto das disciplinas seguintes: Anatomia e Fisiologia Humana; Higiene;

História da Educação Física; Noções de Psicologia; Pedagogia e Metodologia da Educação Física; Cinesiologia; Antropometria; Noções de Biotipologia e de Estatística; Massagem; Socorros de Urgência; Ginástica Ortopédica; Método Francês; Composição de Lições; Histórias e Dramatizações; Direção de Lições; Iniciação Esportiva; Ginástica Rítmica e Danças Regionais; Coro Orfeônico. Em 1936, o Departamento de Educação Física transformou-se em Diretoria e a Escola Superior de Educação Física surgiu em substituição à Escola anterior, por força da Lei nº 98, de 24 de setembro de 1936, e foi regulamentada em março de 1939. Em outubro de 1940, por Decreto Federal, a Escola Superior de Educação Física foi reconhecida e o Curso Normal era o existente. Em 1944, diversas alterações surgiram no âmbito da Educação Física no Estado do Espírito Santo, tais como: realizou-se, na Escola Superior, o Curso de Monitores Técnicos Desportivos, com o fim de formar pessoal para a função técnica nas atividades desportivas; a Diretoria transformou-se em Serviço de Educação Física e a Escola Superior retornou à sua denominação anterior de Escola de Educação Física. Em 1962, a Escola foi incorporada à Universidade do Espírito Santo e teve início o Curso de Licenciatura em Educação Física.

1931 – 1969 No Estado de São Paulo foi criado o Departamento de Educação Física, subordinado à Secretaria do Interior, pelo Decreto nº 4.885, de 27 de janeiro. Entre as finalidades desse órgão havia a de “organizar uma escola de Educação Física para a formação de professores técnicos”. Nesse ano de 1931, o Departamento de Educação Física realizou dois Cursos, um para atender os professores estaduais do interior e o outro para os professores da Capital. Em fevereiro de 1933, por Decreto Estadual, foi extinto o Departamento de Educação Física, e os serviços pertencentes a este passaram para o Departamento de Educação, originariamente Diretoria Geral de Ensino. O Diretor de Ensino do Estado de São Paulo, Fernando de Azevedo, no início do ano de 1933, designou quinze professores normalistas para efetuarem estudos no Centro Militar de Educação Física, no Rio de Janeiro, com o objetivo de serem preparados para o magistério na Escola de Educação Física do Estado. Pelo Decreto do Interventor Federal em São Paulo, em maio de 1934, foi estabelecido o Departamento de Educação Física, subordinado à Secretaria da Educação e da Saúde Pública, que entre os seus fins constava o de “manter uma Escola de Educação Física para a formação de professores técnicos”. Em 1º de agosto de 1934, através do Decreto nº 6.583, do Estado de São Paulo, o Departamento de Educação Física foi regulamentado e o Decreto dedicou diversos artigos à Escola Superior de Educação Física, que foi instalada na data referenciada. Nos dois anos seguintes, a Escola formou duas turmas de Instrutores de Ginástica e uma turma de Professores de Educação Física. A grade curricular para os dois anos do Curso de Professores, tanto para a parte prática como para a parte teórica, apresentava as seguintes disciplinas: Educação Física da Idade Madura; Práticas Higiênicas da Velhice; Grandes Jogos; Natação; Danças Rítmicas; Método Francês; Pedagogia da Educação Física; Anatomia e Fisiologia dos Grandes Aparelhos; Mecânica Animal e Cinesiologia; Psicologia Educativa; Higiene; História da Educação Física; Biologia, Antropologia, Morfologia e Biometria; Fisioterapia e Ginástica Ortopédica; Acidentes Esportivos: suas prevenções e Socorros de Urgência (1936). Extinto o Curso de Instrutores de Ginástica passou-se à realização do Curso de Professores, que foi de julho de 1935 a março de 1936. Em março de 1939, a Escola Superior de Educação Física passou a ter nova regulamentação. Recebeu a Escola a autorização de funcionamento em março de 1939, e o reconhecimento do Curso Superior em maio de 1940, pelo Governo Federal. Em setembro de 1944, o Governo Federal concedeu reconhecimento dos Cursos da Escola de Educação Física do Estado de São Paulo, a saber: Normal, Medicina Especializada, Técnica Desportiva, Treinamento e Massagem. A Escola de Educação Física foi incorporada, em dezembro de 1958, ao Sistema Estadual de Ensino Superior, e integrada à Universidade de São Paulo em dezembro de 1969.

1933 – 1955 A Inspeção de Educação Física, do Estado de Minas Gerais, organizou um Curso de Educação Física que envolveu 140 participantes, com início em 11 de setembro e término em 30 de novembro. No ano seguinte, no mês de junho, foi regulamentada e organizada a Inspeção, que já funcionava desde 1929. As instruções constantes do Decreto de junho, definiam que o Curso de Educação Física destinava-se às professoras do Estado, com o “ensino teórico-prático dos assuntos propriamente específicos de Educação Física”, além de estudos outros, principalmente “a

prática de antropometria”. No transcurso do tempo e com as alterações ocorridas na Escola de Educação Física, do Estado de Minas Gerais, foi autorizado o seu funcionamento em 1952 e reconhecidos os seus Cursos em abril de 1955, sendo eles: Superior de Educação Física; Educação Física Infantil; Técnica Desportiva; Massagem e Medicina Especializada em Educação Física e Desportos. A Escola tinha, como sede, a cidade de Belo Horizonte.

1933 Pelo Decreto nº 23.252, de 19 de outubro, foi criada a Escola de Educação Física do Exército em substituição ao Centro Militar de Educação Física. Formar Instrutores e Monitores de Educação Física, bem como formar Mestre de armas e Monitores de Esgrima, eram as finalidades da Escola, entre outras. Além dessas atribuições, competia à Escola a especialização de Médicos em Educação Física, o preparo de Massagistas Desportivos e a formação, eventualmente, de Instrutores e Monitores não-militares. A Escola de Educação Física do Exército, com nova organização e estrutura, prossegue em atividade.

1934 Pelo Decreto nº 1.164, de 8 de janeiro, o Governo do Estado do Pará regulamentou o Curso de Educação Física, que havia sido criado no Departamento de Educação Física, em dezembro de 1933. Os artigos iniciais desse Decreto tratavam dos fins e da organização geral do Curso.

1935 O Professor Ciro de Moraes apresentou o trabalho “A Organização de Institutos ou Escolas de Educação Física”, no VII Congresso Nacional de Educação, realizado no Rio de Janeiro, no período de 23 de junho a 7 de julho, sob os auspícios da Associação Brasileira de Educação. O autor abordou os assuntos: criação de uma Escola de Educação Física que teria o curso de Instrutores, com duração de 1 ano; curso de Professores de Educação Física, de 3 anos; curso de Médico Especializado, de 1 ano; curso de Bacharéis, de 2 anos. Propôs ele, ainda, a criação de um Instituto de Pesquisa, a fim de “prestar à Educação Física informações de caráter científico”. Entre as Conclusões apresentadas pelo Congresso, constou a referente a ser criada, pelo Governo Federal, uma Escola Normal de Educação Física, vinculada à Universidade do Rio de Janeiro.

1937 No mês de maio, o Conselho Nacional de Educação remeteu ao Ministro da Educação e Saúde o Projeto referente ao Plano Nacional de Educação. Sobre a Educação Física constava do Projeto, entre outros assuntos, o que segue: nas Universidades e nas Faculdades de Medicina isoladas haveria um Departamento de Educação Física, cabendo a esse um curso para instrutores de ginástica; o Governo Federal criaria uma Escola Superior de Educação Física para a formação de instrutores e mestres, em cursos próprios; o Curso de Instrutor teria um ano de duração, com as disciplinas: Anatomia e Fisiologia aplicada aos Esportes, Teoria e Prática da Ginástica e da Técnica Desportiva, Higiene, Técnica das Massagens e Socorros de Urgência; o Curso de Mestre, com a duração de dois anos, teria as mesmas disciplinas do Curso de Instrutor, com acréscimo das disciplinas: Biometria, Antropologia e Morfologia aplicadas, Biotipologia e Bioquímica, Educação Física Geral e Especializada, Higiene e Fisioterapia aplicada.

1937 O Conselho de Segurança Nacional apresentou ao Presidente da República o “Anteprojeto de Lei sobre a Educação Física Geral”, composto de doze capítulos com 132 artigos, que abrangeu os temas: Da formação do pessoal especializado; Da Escola Nacional de Educação Física; Do Instituto Nacional de Educação Física.

1938 – 1940 O Prof. Manuel Carvalho de Anchieta, capixaba, foi colocado à disposição do Governo do Estado do Piauí para organizar um órgão de direção e ensino da Educação Física naquele Estado. Em março de 1939 foi, então, criada a Inspeção de Educação Física, que tinha, entre as suas competências, manter um curso Especial de Educação Física, com o objetivo de habilitar o professorado para o magistério. Em 1º de julho de 1940, por Decreto do Governo do Estado, foi criado o Curso de Monitores de Educação Física, mantido pela Inspeção de Educação Física. Curso esse que se destinava à “formação de auxiliares de ensino”.

1938 – 1944 O Professor Aloyr Queiroz de Araújo, capixaba, foi colocado à disposição do Governo do Estado de Santa Catarina, com o encargo de organizar o ensino da Educação Física naquele Estado. Foi criada a Inspeção de Educação Física, pelo Decreto-Lei nº 125, de 18 de junho de 1938, subordinada ao Departamento de Educação, que tinha, como competência, “a organização e

direção da Escola de Educação Física para a formação de professores especializados naquela disciplina”. Em 18 de agosto do mesmo ano, por Decreto Estadual, foi regulamentado o Curso Provisório de Educação Física, “que se destina à Especialização de professorado estadual”, reforçando, portanto, a norma anterior, com o objetivo de formar professores e instrutores. O Curso Provisório veio a ser reconhecido pelo Decreto Federal nº 7.366, de 10 de junho de 1941. E, em 11 de novembro de 1944, por Decreto Estadual, o Curso Provisório passou a denominar-se Escola de Educação Física do Estado de Santa Catarina. Ainda, nesse mesmo mês e ano, o Governo do Estado baixou o Decreto-Lei nº 1.198, constando no Artigo 1º: “Funcionará anexo à Escola de Educação Física do Estado de Santa Catarina o Curso de Habilitação de Professor de Educação Física”, com duração de três meses e “com aulas prático-teóricas intensivas”.

1938 Foi realizado pela Divisão de Educação Física do MES, no Rio de Janeiro, um Curso de Emergência de Educação Física, para a formação de professores, com a colaboração da Escola de Educação Física de Exército e do Instituto de Educação. O Curso preparou 165 professores de ambos os sexos, 69 médicos e 9 médicos especializados. O Curso teve início em dezembro de 1938 e término em abril de 1939.

1939 O Ministro Gustavo Capanema enviou ao Presidente Getúlio Vargas, em janeiro, o Projeto de Decreto-Lei para a criação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos. Em sua Exposição de Motivos, Capanema referia-se, inicialmente, à obrigatoriedade da Educação Física nas escolas primárias, normais e secundárias, e que ela seria aconselhável em todos os estabelecimentos de ensino. Ressaltava o Ministro, a necessária formação de “professores instruídos, possuidores da ciência e da técnica dos exercícios físicos”, bem como a necessidade de “elevantar o nível dos desportos em nosso país”. Afirmava Gustavo Capanema: “Em suma, professores de Educação Física, técnicos em desportos, médicos especializados em Educação Física e desportos, tais são os elementos essenciais e básicos de que necessitamos para desenvolver e aperfeiçoar entre nós a Educação Física e os desportos”. Pelo Decreto-Lei nº 1.212, de 17 de abril, foi criada a Escola Nacional de Educação Física e Desportos, na Universidade do Brasil, sediada no Rio de Janeiro, “como padrão para as demais escolas do país”. Entre suas finalidades, a Escola tinha a de “formar pessoal técnico”, através dos seguintes cursos: Curso Superior de Educação Física (Diploma de Licenciado em Educação Física); Curso Normal de Educação Física (Diploma de Normalista Especializada em Educação Física); Curso de Técnica Desportiva (Diploma de Técnico Desportivo); Curso de Treinamento e Massagem (Diploma de Treinador e Massagista Desportivo); Curso de Medicina da Educação Física e dos Desportos (Diploma de Médico Especializado em Educação Física e Desportos). Os diplomados, após terem registrados os seus diplomas no órgão competente do Ministério da Educação e Saúde, estavam aptos ao exercício profissional, nas entidades e estabelecimentos definidos no Decreto-Lei. O Curso Superior de Educação Física tinha a duração de dois anos e os demais cursos eram de um ano letivo. A Escola Nacional de Educação Física e Desportos iniciou suas atividades acadêmicas no dia 1º de agosto, nas instalações do Instituto Nacional de Surdos Mudos e nas praças desportivas do Fluminense Football Club, no bairro das Laranjeiras, na cidade do Rio de Janeiro, e o seu primeiro Diretor foi Ignácio de Freitas Rolim, então Major do Exército.

1939 – 1956 Foi fundada, em Curitiba, em 15 de junho de 1939, a Escola de Educação Física e Desportos, estabelecimento de ensino particular, com os Cursos: Superior de Educação Física; Normal de Educação Física; Treinamento e Massagem. O Conselho Nacional de Educação negou a autorização de seu funcionamento, e a Escola não prosseguiu nas suas atividades. Em abril de 1940, a Diretoria Geral de Educação do Estado do Paraná regulamentou a Escola, amparando a iniciativa particular. Em 16 de janeiro de 1945, o Governo Federal reconheceu os Cursos Superior e Normal de Educação Física da referida Escola, que foi encampada pelo Governo do Estado do Paraná no ano de 1956.

1940 – 1944 Em 6 de maio, em reunião do Conselho Técnico Administrativo do Departamento Estadual de Educação Física, do Governo do Rio Grande do Sul, sob a Presidência do Capitão Olavo Amaro da Silveira, também Diretor desse órgão, foi instalado o referido Departamento. Os membros do Conselho debateram a respeito das matrículas para o Curso Normal, da Escola Superior de Educação Física, que seria ministrado no ano de 1940; aprovaram o

Regimento Interno; tomaram conhecimento do corpo docente que ministraria as disciplinas do Curso Normal e debateram outros assuntos. Portanto, foi criada e regulamentada a Escola Superior de Educação Física. A Escola foi autorizada a funcionar, pelo Governo Federal, em 27 de maio de 1941 e, pelo Decreto Federal nº 15.582, de 16 de maio de 1944, foram reconhecidos os seus Cursos: Superior de Educação Física, Normal de Educação Física, Técnica Desportiva, Medicina Especializada em Educação Física e Desportos, Treinamento e Massagem. A sede da Escola Superior de Educação Física, pertencente ao Governo Estadual, era na cidade de Porto Alegre.

1941 Nos primeiros meses do ano, o Serviço de Educação Física, do Estado do Rio de Janeiro, efetuou em Niterói o Curso de Habilitação de Professores de Educação Física, com a participação de professoras normalistas estaduais. O Chefe daquele Serviço era o Prof. Tobias Machado. A Municipalidade de São Gonçalo, no Estado do Rio de Janeiro, efetuou um Curso de Educação Física, a partir de 4 de janeiro, com duração de seis meses, e diplomou 27 professores; entretanto, o Curso não foi reconhecido.

1945 A Escola Nacional de Educação Física e Desportos, criada em 1939, teve suas alterações curriculares através do Decreto-Lei nº 8.270, de 3 de dezembro. Os seus cursos passaram a ser: Superior de Educação Física, Educação Física Infantil, Técnica Desportiva, Massagem e Medicina Aplicada à Educação Física e aos Desportos. O Curso Superior, cuja seriação era de dois anos, passou para três anos, e os demais cursos ficaram com um ano de duração. Para o ingresso no Curso Superior de Educação Física e no Curso de Massagem era exigida a conclusão do Curso Ginásial. Para o ingresso no Curso de Técnica Desportiva o candidato tinha que apresentar o Diploma de Licenciado em Educação Física, portanto, o Curso de Técnica Desportiva, na classificação atual, seria um curso de pós-graduação.

1950 Em 21 de janeiro de 1950, a Escola de Educação Física de São Carlos, no Estado de São Paulo, de cunho particular, teve autorizado o funcionamento do seu Curso Superior de Educação Física, que já possuía. A Escola foi reconhecida, pelo Governo Federal, em 14 de outubro de 1952, pelo Decreto nº 31.595.

1953 – 1959 Em dezembro, a Escola de Educação Física de Bauru, particular, e situada no Estado de São Paulo, com os Cursos Superior e Infantil de Educação Física, foi autorizada a funcionar. Foi a Escola reconhecida pelo Governo Federal em 6 de novembro de 1959.

1956 No Diário do Congresso Nacional, do dia 4 de março, veio a lume o Projeto nº 1.054, que “cria o Curso de Treinadores Desportivos e estabelece as condições de seu funcionamento”. O Curso teria como fim a formação de treinadores nas várias modalidades desportivas e seria ministrado pela então Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil e pelas demais Escolas de Educação Física reconhecidas. O Curso teria a duração de um ano com as seguintes disciplinas: Anatomia e Fisiologia Humana, Higiene Aplicada, Psicologia Aplicada, Metodologia do Treinamento Desportivo, Organização dos Desportos, Desporto de Especialização e Educação Física Geral, sendo essa como prática educativa obrigatória. O Projeto foi encaminhado ao Congresso Nacional pelo Presidente Juscelino Kubitschek, originário que foi do Ministério da Educação e Cultura, sendo Ministro Clovis Salgado. O Projeto foi elaborado por uma Comissão constituída dos Senhores Mário Pollo, João Peregrino da Rocha Fagundes, Mário Nunes de Souza e Alfredo Colombo. O Projeto não se tornou realidade.

1961 Os diretores das IES de todos os estados fazem uma reunião no RJ, sob os auspícios da então existente Divisão de Educação Física do MEC, emitindo um manifesto como resultado final de evento. Este tipo de reunião voltou nos anos de 1970 e 1980 no trato do debate que deu origem ao Anteprojeto do Currículo de Graduação em Educação Física (ver adiante). Em 2000 e 2002, o Conselho de Federal de Educação-CONFED promoveu eventos similares, e em 2003 foi criado o Conselho dos Dirigentes das Instituições de Ensino Superior em Educação Física do Brasil – CONDIESEF-BR, que passou a representar as IES em seus posicionamentos e reivindicações.

1962 O Conselho Federal de Educação aprovou, em 17 de novembro, o Parecer nº 298/62, referente aos currículos mínimos dos Cursos de Educação Física e Desportos. Os Cursos de Normalistas e de Médicos, como de especialização que eram, deveriam ser organizados pelas Escolas de Educação Física. O

Curso de Massagem era de nível médio e o candidato deveria ser portador de certificado do Curso Ginásial. Para o Curso Superior, o candidato deveria ter o Curso Secundário completo. A formação do Licenciado em Educação Física e a do Técnico Desportivo passariam a ser feitas em cursos paralelos, de três anos de duração. O Curso Superior de Educação Física apresentava uma grade curricular de treze matérias, acrescidas das matérias pedagógicas, de acordo com o Parecer nº 292/62 e a matéria Desporto poderia ser dividida em disciplinas. O Curso de Técnica Desportiva tinha uma listagem de doze matérias, iguais às do curso anterior citado, e com o acréscimo de dois Desportos para a especialização. As matérias pedagógicas também faziam parte do currículo do Curso de Técnica Desportiva, porém foram consideradas incluídas, por equívoco, na publicação original, e foram, então, retiradas. As Escolas de Educação Física poderiam acrescentar, aos Cursos, outras matérias obrigatórias ou facultativas.

1969 O Conselho Federal de Educação aprovou o Parecer nº 894/69, em 2 de dezembro, que gerou a Resolução nº 69/69, que fixou os mínimos de conteúdo e duração do Curso de Educação Física, substituindo a Resolução de 1962, que tratava da formação do Licenciado em Educação Física e do Técnico Desportivo em cursos paralelos, que “na prática não se mostrou exequível”, pois o estudante efetuava o Curso de Licenciatura e complementava a sua formação com as disciplinas que lhe faltavam do Curso de Técnica Desportiva, alcançando as duas titulações. Com essa nova Resolução nº 69/69, “a formação de professores de Educação Física será feita em curso de graduação que conferirá o título de Licenciado em Educação Física e Técnico de Desportos”. O currículo mínimo passou a ser constituído de matérias básicas, isto é, de conhecimentos biomédicos, de matérias profissionais, de cunho gino-desportivas e as pedagógicas, na forma, essas, do Parecer nº 672/69 (Psicologia da Educação, Estrutura do Ensino de 1º e 2º Graus, Didática e Prática de Ensino através de Estágio Supervisionado). O Curso teria 1.800 horas como mínimo, e com a duração de três a cinco anos. As Escolas de Educação Física poderiam oferecer, somente, o Curso de Licenciatura, ou incluir os dois esportes para a obtenção, também, do título de Técnico Desportivo.

1976 Com o advento da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, que fixou as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º Graus, foram criadas as habilitações profissionais no ensino de 2º Grau. O Conselho Federal de Educação analisou proposta para a criação da habilitação profissional de Técnico de 2º Grau em Educação Física e Desportos, e emitiu o Parecer nº 2.676/76, aprovado em 4 de agosto de 1976, que levou à criação da habilitação de Técnico em Desportos. Em 10 de março de 1977, foi esse Parecer atualizado, pelo de número 861/77. A habilitação, em 2º Grau, de Técnico em Desportos, poderia ser feita sob duas formas: uma delas, seguindo os estudos regulares, com três anos de duração, ou então por via supletiva, através de exames especiais.

1978 O Conselho Federal de Educação, através da Resolução nº 06/78 de 13 de julho, instituiu a habilitação de Professor de Educação Física ao Nível de 2º Grau, apoiado no Artigo 77, alínea b, da Lei nº 5.692/71 e nos termos do Parecer nº 548/77- CFE. O habilitado poderia exercer o magistério nas quatro primeiras séries do 1º Grau e, também, na quinta e sexta séries, caso não houvesse professores portadores de diploma de licenciatura plena ou de curta duração em Educação Física, para o magistério nessas duas outras séries. As matérias para a formação especial abrangeriam conhecimentos gino-desportivos, Fundamentos da Educação, Noções de Anatomia, de Fisiologia, de Primeiros Socorros, Didática e Funcionamento do Ensino de 1º Grau.

1978 Surgiu o Anteprojeto do Currículo de Graduação em Educação Física, resultado da reunião promovida pelo Departamento de Educação Física e Desportos -DED, do Ministério da Educação e Cultura, ocorrida na cidade do Rio de Janeiro, com a participação de especialistas da área. O Anteprojeto propunha a graduação do Licenciado em Educação Física com uma habilitação específica, possibilitando, ao estudante, escolher uma das seguintes: Habilitação em Desportos, Habilitação em Rítmica e Ginástica, Habilitação em Recreação, e Habilitação em Aptidão Física e Saúde. As matérias estariam agrupadas no Núcleo Comum, para todas as habilitações, e mais as matérias específicas para cada habilitação.

1981 No período de 28 de setembro a 1º. de outubro foi realizado, em Florianópolis, um Seminário para Discussão do Currículo Mínimo

para os Cursos de Educação Física, promovido pela Secretaria de Educação Física e Desportos-SEED, do Ministério da Educação e Cultura e pela Universidade Federal de Santa Catarina, através do seu Departamento de Educação Física. O Seminário tinha como objetivos a “coleta de sugestões e formulação de proposta de currículo mínimo para os cursos de Educação Física”.

1982 Foi realizado em Curitiba, pela Universidade Federal do Paraná, o “Seminário sobre o Currículo Mínimo para a formação de Docentes de Educação Física”, que apresentou os princípios norteadores para a reforma do Currículo Mínimo de Educação Física até então vigente. A proposta apresentada foi inovadora, pois as disciplinas seriam agrupadas nas áreas do Conhecimento do Homem, da Sociedade, do Filosófico e do Técnico. O Curso prepararia o Licenciado em Educação Física, com capacidade de análise e síntese, ampla visão da realidade e com atitude crítica; ser consciente das necessidades e possibilidades do cidadão; ter espírito inovador, criador e democrata; possuir conhecimentos, métodos e técnicas, a fim de desenvolver a sua área de atuação.

1984 No “Seminário de Diretores das Escolas de Educação Física”, que foi realizado em março, durante os festejos do Cinquentenário da Escola de Educação Física, da Universidade de São Paulo, foram efetuados debates a respeito da formação do Licenciado em Educação Física, do Bacharel em Educação Física, do Bacharel em Desporto e da alteração do Currículo Mínimo de Educação Física.

1987 O Parecer 215/87, aprovado em 11 de março, de autoria do Conselheiro Mauro Costa Rodrigues, membro do Conselho Federal de Educação, tratou da “Reestruturação dos cursos de graduação em Educação Física, sua nova caracterização, mínimos de duração e conteúdo”. O Parecer deu origem à Resolução nº 03, de 16 de junho, publicada no Diário Oficial da União em 10 de setembro, que “Fixa os mínimos de conteúdo e duração a serem observados nos cursos de graduação em Educação Física (Bacharelado e/ou Licenciatura Plena)”. Para o estudo dessa proposta, sobre o currículo de Educação Física, o Presidente do CFE designou, em maio de 1984, um Grupo de Trabalho constituído do Conselheiro Mauro Costa Rodrigues (Presidente), Ahylton da Conceição, Herbet Almeida Dutra, Luiz Pegoraro, Marco Antonio Laffranchi, Mario Cantarino, Roque Vicenti Beraldi, Ruthenio de Aguiar e Eugênio de Silva Corrêa. Esse Grupo de Trabalho, apoiado na legislação vigente, nos pareceres do CFE, na proposta de reformulação do currículo, bem como em diversos textos sobre o tema, deu a sua contribuição ao Conselheiro Relator, cabendo-lhe a apresentação do Parecer e da Resolução. As Escolas de Educação Física passaram a elaborar, de acordo com a Resolução nº. 03/87, os seus próprios currículos, grupando as disciplinas nos campos do Conhecimento Filosófico, do Ser Humano, da Sociedade e do Conhecimento Técnico, formando Licenciados ou Bacharéis, ou ambos, para atuação na Educação Escolar e Não-Escolar, tais como academias, clubes, condomínios e outros mais.

1987 No mês de outubro, o Presidente do Conselho Nacional de Desportos, Prof. Manoel José Gomes Tubino, enviou expediente ao Presidente do Conselho Federal de Educação, a respeito de preparação de recursos humanos para o setor de esporte. Após a análise da orientação e prática do esporte no país, com carência de quantidade e qualidade de treinadores para as diversas atividades esportivas, foi proposta a criação de “Cursos de Especialistas em Desportos”, a serem efetuados, em parceria, com Escolas de Educação Física, entidades desportivas e órgãos governamentais do setor. As disciplinas a serem desenvolvidas no Curso estariam vinculadas às áreas de conhecimento seguintes: Psicopedagogia do Esporte, Teoria do Treinamento Esportivo e Bases Biológicas do Treinamento Esportivo.

1987 – 2004 O propósito explícito da Resolução 03 de 16 de junho de 1987 do CFE que fixou “os mínimos de conteúdo e duração a serem observados nos cursos de graduação em Educação Física – Bacharelado e/ou Licenciatura Plena”, foi o de anular Currículo Mínimo como padrão obrigatório para todas as IES brasileiras de Educação Física. Nestes termos, a revisão radical do CFE eliminou o rol de disciplinas e/ou matérias e passou a se referir por áreas “de cunho humanístico” e de “cunho técnico”, deixando ao encargo de cada IES a elaboração de sua oferta de disciplinas “considerando as peculiaridades de cada Região e os perfis profissionais desejados”. Além disso, a Resolução 03/87 definiu a carga horária mínima de 2880 h/a que poderia ser cumprida entre 4 e 7 anos de duração. Tal disposição nivelou a Educação Física aos demais cursos de formação

superior, inclusive permitindo a incorporação da oferta de Bacharelado até aquele momento desconhecida pelas tradições brasileiras no âmbito dos exercícios físicos, jogos, recreação e esportes. De resto, a Resolução 03/87 configurou uma estruturação de disciplinas que permitia um ajuste no modelo tradicional tripartite uma vez que balizava por percentual em cargas horárias: 80% deveriam ser dedicadas à Formação Geral (disciplinas de cunho humanístico e técnico) e 20% ao Aprofundamento (disciplinas de interesse da região em que situava a IES, de demandas pelo mercado de trabalho e de preferência dos alunos); na Formação Geral, 60% seriam destinadas ao conhecimento técnico. Em 2004, ao ser debatida a Proposta Alternativa ao Parecer nº 0138 CNE/CES (Audiência Pública do CNE com representantes do CNE, MEC, MEsp, COESP-EF, CONDIESEF-BR, CBCE e CONFEF, em 02/2004) concluiu-se que: "A Resolução no. 03/87 é reconhecida como um importante e inequívoco avanço, por ter assegurado autonomia e flexibilidade para que as Instituições de Ensino Superior pudessem 'estabelecer os marcos conceituais, os perfis profissionais desejados, elaborar as ementas, fixar a carga horária para cada disciplina e sua respectiva denominação, bem como enriquecer o currículo pleno, contemplando as peculiaridades regionais' (Art. 3º, § 4º) e para que pudessem também organizar os conteúdos em campos de conhecimentos, bem como possibilitar um novo tipo de formação – o bacharelado – para além da Licenciatura Plena".

1998 Criação em Minas Gerais do Conselho dos Dirigentes das Instituições de Ensino Superior em Educação Física – CONDIESEF, que passou a representar as IES de Educação Física do Estado em diferentes instâncias de negociação e / ou consultas. Nos anos seguintes foram fundadas entidades similares em SC, RS e MS, e finalmente em 2003, criou-se o Conselho dos Dirigentes das Instituições de Ensino Superior em Educação Física do Brasil – CONDIESEF-BR, em reunião ocorrida em Caxambu-MG. Neste mesmo ano e posteriormente em 2004, o CONDIESEF-BR reuniu especialistas dos diferentes campos de intervenção acadêmico-profissional em Educação Física, que contribuíram na definição das Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Educação Física, em nível superior de graduação plena, então em discussão junto ao Conselho Nacional de Educação-CNE.

2004 O Conselho Nacional de Educação-CNE emite o Parecer CNE/CES 58/2004, de 18 de fevereiro de 2004 com a respectiva Resolução que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Educação Física, em nível superior de graduação plena, assim como estabelece orientações específicas para a licenciatura plena em Educação Física, nos termos definidos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica. Neste documento as definições de base situam-se nos artigos que se seguem: Art. 3º – A Educação Física é uma área de conhecimento e de intervenção acadêmico-profissional que tem como objeto de estudo e de aplicação o movimento humano, com foco nas diferentes formas e modalidades do exercício físico, da ginástica, do jogo, do esporte, da luta/arte marcial, da dança, nas perspectivas da prevenção de problemas de agravo da saúde, promoção, proteção e reabilitação da saúde, da formação cultural, da educação e da reeducação motora, do

rendimento físico-esportivo, do lazer, da gestão de empreendimentos relacionados às atividades físicas, recreativas e esportivas, além de outros campos que oportunizem ou venham a oportunizar a prática de atividades físicas, recreativas e esportivas; Art. 4º – O curso de graduação em Educação Física deverá assegurar uma formação generalista, humanista e crítica, qualificadora da intervenção acadêmico-profissional, fundamentada no rigor científico, na reflexão filosófica e na conduta ética.

Situação atual Atualmente há cerca de quatro centenas de cursos superiores em Educação Física no Brasil (ver capítulo sobre "Infra-estrutura" neste Atlas), número expressivo se comparado às 56 existentes em 1971 quando da publicação do Diagnóstico da Educação Física e Esporte no Brasil. Este quantitativo só é superado pelos EUA com suas cinco centenas de departamentos de Educação Física e áreas congêneres situados em universidades (Margareth Costa, comunicação 2003). Tal ordem de grandeza, portanto, sugere que a Educação Física brasileira tende a se tornar uma das principais profissões do país a médio prazo. E como suporte a esta previsão há de se cogitar de uma tradição que também a médio prazo alcançará dois séculos de existência, com se demarcou no início deste capítulo.

Fontes Areno, Waldemar. A Educação Física e os Desportos no Rio de Janeiro de 400 anos. Rio de Janeiro: ENFEFD/UB, 1966.

Azevedo, Fernando de. Da Educação Física: o que ela é, o que tem sido, o que deveria ser. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1920.

_____. A evolução do esporte no Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1930.

_____. Novos caminhos e novos fins: a nova política de educação no Brasil. 3ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1958.

Betti, Mauro. Educação Física e sociedade. São Paulo: Movimento, 1991.

Brasil. Ministério da Educação e Cultura. Divisão de Educação Física. Educação Física no Brasil: 1851-1957. Rio de Janeiro, 1958.

Brasil. Ministério da Educação e Saúde. Departamento Nacional de Educação. Divisão de Educação Física. Excerto do Parecer e Projeto da Comissão de Instrução Pública sobre a Reforma do Ensino Primário. Apresentado em 1882, cujo Relator foi Ruy Barbosa. Rio de Janeiro, 1949.

Brasil. Ministério da Educação e Saúde. Departamento Nacional de Educação. Divisão de Educação Física. Pioneiros da Educação Física no Brasil. Rio de Janeiro, 1943.

Brasil. Ministério da Educação e Saúde. Departamento Nacional de Educação. Divisão de Educação Física. Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública. Parecer e Projeto apresentado em 1882, cujo Relator foi Ruy Barbosa. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.

Cantarino Filho, Mario Ribeiro. A Educação Física no Estado Novo: história e doutrina. 1982. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, DF.

_____. Formação Profissional. Brasília, mimeografado, 6p. 1982.

_____. Mercado de trabalho em Educação Física. A Gazeta, Vitória (ES), 3 a 5 mar. 1968.

_____. Regulamentação do Técnico Desportivo. Jornal de Brasília, 31 dez. 1978. Esporte, p.22.

DaCosta, Lamartine P. Formação Profissional em Educação Física, Esporte e Lazer no Brasil. Blumenau: Editora da FURB, 1999.

Daiuto, Moacyr Brondi. Sexagésimo aniversário do início das atividades didáticas: 1934-1994. São Paulo: Escola de Educação Física.

Educação Física mudará seu currículo. Jornal de Brasília, Brasília, 24 set. 1978. Esporte, p. 25.

Escola Superior de Educação Física de São Paulo. Educação Física, Rio de Janeiro, n.6, p.77-80, set. 1936.

Ferrari, Orlando A. A História da Educação Física do Espírito Santo. Vitória: Escola Técnica de Vitória, 1958.

Ferraz, Arrison de Souza. Fragmentos da História da Tropa de Piratininga. São Paulo, 1942.

_____. O Presidente Washington Luis e a Cultura Física Brasileira. In: Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Washington Luis: visto pelos contemporâneos no primeiro centenário de seu nascimento. São Paulo: IHGSP, 1969. p.141-154.

Krueger, Arnd. Information to Sport History Scholars list: PE as a university subject. Institut fuer Sportwissenschaften Universitaet Goettingen, 23 Jun 2003.

Marinho, Inezil Penna. Especialização: fator preponderante na técnica da Educação Física. Rio de Janeiro: Batista de Souza, 1940.

_____. História da Educação Física e dos Desportos no Brasil: Brasil Colônia, Brasil Império, Brasil República. 4 v. Rio de Janeiro: MES/DEF, 1952-1954.

_____. A organização da Educação Física no Brasil. Boletim de Educação Física, Rio de Janeiro, MES/DEF, v.1, n.1, p.9-28, 1941.

_____. Qualidades do Professor de Educação Física. Boletim de Educação Física, Rio de Janeiro, MES/DEF, v.1, n.1, p.29-40, 1941.

Naul, Roland. Physical Education Teacher Training – Historical Perspectives in Sport Sciences in Europe 1993. J. Mester (ed). Aachen: 1994, pp 588 – 610.

Nery, Guilherme Pinto. Traços históricos da Educação Física no Amazonas. Manaus, 1984.

Ramos, Jayr Jordão. Escola de Educação Física do Exército: 1930-1965. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1966.

Rio Grande do Sul (Estado). Secretaria de Educação e Cultura. Departamento de Educação Física. Escola de Educação Física: instruções para matrícula. 1945.

Torres, Ambrosio Manoel. Manual teórico e prático de Educação Física. Rio de Janeiro: Renato Americano, 1938.

Zarpico Garcia, J. M. História y Evaluación del Diseno Curricular Español en la Educación Física Escolar. Actas Universidad de Salamanca, 1996 – 1997, pp. 117 – 162.

Tabela 1 / Table 1

Alunos brasileiros no Philantropinium/Schnepfenthal, 1834 – 1924

Brazilian students in Philantropinium/Schnepfenthal, 1834 – 1924
Name / place and date of birth / years of studies /

Nome	Local e ano nascimento	Período de estudos
Stockmeyer, Luis	Rio de Janeiro, 1825	1834 – 1840
Stockmeyer, Christiano	Rio de Janeiro, 1827	1837 – 1841
Fröhlich, Guillermo	Rio de Janeiro, 1826	1838 – 1842
Stockmeyer, Carlos	Rio de Janeiro, 1829	1839 - 1841
De Sá, Tito	Rio de Janeiro, 1828	1840 – 1843
0De Sá, Julio	Rio de Janeiro, 1830	1840 – 1845
Moreira, José Antonio	Rio de Janeiro, 1830	1841 – 1846
Moreira, Joaquim	Rio de Janeiro, 1832	1841 – 1846
Moreira, João Antonio	Rio de Janeiro, 1830	1844 – 1848
Pereira, Francisco F.F	Rio de Janeiro, 1831	1844 – 1848
Moreira, Manoel	Rio de Janeiro, 1833	1846 – 1848
Moreira, Antonio	Rio de Janeiro, 1834	1846 – 1848
Klingelhoefer, Adolf	Rio de Janeiro, 1836	1850 – 1853
Klingelhoefer, Eduard	Rio de Janeiro, 1840	1850 – 1856
Pinto, Constancio	Rio de Janeiro, ?	1854 – 1857
Machado, Carlos	Rio de Janeiro, ?	1854 – 1857
Pinto, Antonio	Rio de Janeiro, ?	1856 – 1857
Pinto, Alberto	Rio de Janeiro, ?	1856 – 1861
Reidner, Johann	Rio de Janeiro, ?	1860 – 1864
Reidner, Franz	Rio de Janeiro, ?	1860 - 1864
de La Roque, Jean	Pará, 1850	1861 – 1866
de La Roque, Auguste	Pará, 1851	1861 – 1867
de La Roque, Henri	Pará, 1849	1861 – 1864
de La Roque, Guilherme	Cametá, 1853	1863 – 1869
Herzberg, Eugen Graf v.	Rio de Janeiro, 1854	1865 – 1868
de La Roque, Luiz	Pará, 1856	1865 – 1871
de La Roque, Carlos	Pará, 1857	1865 – 1871
Tesdorpf, Paul H.	Rio de Janeiro, 1858	1866 – 1868
Tesdorpf, Ludwig	Rio de Janeiro, 1856	1866 – 1868
Mathies, Cuno	Santa Anna/Braz., 1882	1890 – 1897
Krug, Waldemar	Sao Paulo, 1897	1910 – 1912
Krug, Eberhard	Sao Paulo, 1900	1912 – 1914
Otto, James	Berlim, 1907	1922 – 1924

Tabela 2 / Table 2

Lista dos diretores profissionais brasileiros especializados em Educação Física (*) – arquivos CLACJ, 1925 – 1970

Brazilian P.E. professionals specialized at the YMCA – Montevideo, 1925 – 1970 / name / year

Fonte / source: Julio C. Lagomarsino – ACJ, Montevideo, 2003

Nombre	ACM	Graduación
Clark, Henry P.	Rio	1925
Eloy deAndrade, Renato	SP	1926
Magalhaes, Osvaldo Diniz	Rio	1927
Raeder, Silas	Rio	1927
de Moraes, Cyro A.	Rio	1929
Lotufo, Joao	SP	1935
Oppliger, Ernesto	PA	1935
Rothier Duarte, José	Rio	1935
Monteiro, Asdrúbal	SP	1935
Lopes Pinto, Alfonso	Rio	1942
Solé Vernin, Luiz O.	Rio	1942
de Cerqueira Leite, Eduardo	SP	1944
Figueira, Honor	Rio	1945
Pires, Romeu P.	SP	1947
Alves de Oliveira, Daniel	SP	1948
Pitan e Silva, Neltair	SP	1950
Haranczyk, Julián E.	SP	1951
Tati P., Felice	SP	1951
Tristao de Carvalho, Mucio	SP	1952
Dourado N., Adalvo	Rio	1953
Rosas, Cristiao	SP	1953
Chaves, Erasmo Figueira	Rio	1955
Millei, José	SP	1955
Baggio, Walter	Rio	1956
André Filho, Mauro	SP	1958
Oppliger, Margarida A.	PA	1958
Machado, Edgar	PA	1958
Galeno, José		1959
Galeote Rodríguez, José	SP	1960
de Luca, José Moreira	SP	1960
Antonelli, Antonio		1962
Da Silva, Altair		1962
De Araujo, Jayme José		1962
Alvarez, Jairo		1963
Texeira Alves, Darío		1963
Viera, Milcíades		1963
Cunha, José A.		1966
de Vilhena, Humberto		1969
de Cerqueira Leite, Jorge	SP	1970

(*) Solicitado por Dr. Lamartine P. Da Costa para Atlas de Educação Física – Brasil

Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo

CLAUDIA GUEDES

School of Physical Education and Sport – University of São Paulo

At the end of the 19th century, education in Brazil was still following the teaching legacy of Jesuit Priests, when it started to be influenced by the positivist ideas of Auguste Comte, (see chapter on Positivism in this Atlas). In this context of innovations it was possible to observe the very beginning of physical education as a profession and of the physical education teacher as the new undergraduate professional. Although Mackenzie College (an independent college founded in São Paulo state in the 1880s by Presbyterian clergy who had immigrated from England and from the United States) was the pioneer institution to support this new proposition, the first undergraduate school in SP to train teachers was a military institution

Origens e definições No século XIX, as “Ciências” chegaram ao Brasil através dos portos, carregadas pelos bacharéis em direito com idéias positivistas, refletindo uma Europa em reconstrução política e o desenvolvimento crescente dos Estados Unidos da América. A Educação procurada pelos brasileiros apóia então suas bases na busca da superação da ignorância enquanto arma que garantiria a soberania nacional e o futuro dos jovens sob o lema da “ordem, do progresso e do amor” (lema positivista da teoria de Augusto Comte, muito popular na época). A virada do século para a educação trouxe a cisão entre a Igreja Católica e o controle educacional do país, colocando nas mãos do novo Estado republicano a responsabilidade pelo ensino de primeiro e segundo graus, garantindo sua condição laica. Isso gerou uma série de reformas. A mais importante foi a de Benjamin Constant, que adotou o positivismo como a filosofia de base para as instruções na escola pública e com isso afastou ainda mais o ensino católico como oficial, abrindo portas para outras instituições religiosas como, por exemplo, a protestante. O protestantismo tem suas origens no Brasil aos 55 anos de sua descoberta, quando chegaram aqui os primeiros calvinistas de raízes francesas e holandesas. Entretanto, foi com a abertura religiosa assegurada pela Constituição de 1824, que o país tornou-se atraente para um “boom” imigratório que fixaria esta religião entre os brasileiros e tornaria o trabalho, a atividade física e um novo tipo de educação, marcas indelévels de sua contribuição ao desenvolvimento da educação brasileira. No entanto, a importância das atividades físicas e da educação moral já havia sido mencionada nas escolas católicas. Em 1823, um ano depois da Independência do Brasil, um padre Jesuíta chamado Belchior Pinheiro de Oliveira – Deputado da Província de Minas Gerais – apresentou à Câmara (Congresso Nacional) uma proposta para criar uma educação completa para crianças e jovens que deveriam desenvolver suas habilidades em três grandes áreas: física, moral e intelectual. A proposta do Padre Belchior para um “Tratado de Educação” foi entregue a José Mariano de Albuquerque Cavalcante – Deputado da Província do Ceará. Neste tratado, o autor esclarece sua preocupação com uma certa Educação Física, depois de constatar a frágil saúde demonstrada pela criança brasileira. Nesta época já existiam duas grandes obras que defendiam a Educação Física e moral das crianças. A primeira, publicada em Portugal e traduzida do francês pelo brasileiro, natural de Florianópolis, o bacharel Luis Moniz Barreto, em 1787, intitulava-se “Educação Physica e Moral dos Meninos de Ambos os Sexos”. Esta obra enfatizava a necessidade da força física e virilidade pelos meninos na construção de homens saudáveis, com hábitos de higiene desenvolvidos. Os exercícios físicos ao ar livre condicionavam o bom desempenho nos estudos e levava também à disciplina moral. Um segundo livro com essa preocupação foi escrito pelo médico brasileiro Francisco de Mello Franco chamado “Tratado da Educação Physica dos Meninos para uso da Nação Portuguesa”, publicado em 1790 por ordem da Academia Real de Ciências. A preocupação maior do autor era a busca para a cura dos males provocados pela “degeneração da raça” de que sofriam os jovens portugueses. Enquanto solução para a cura dos males, vícios e sedentarismo, Mello Franco dedicou quatro capítulos que traçavam um plano de atividades físicas necessárias não somente às crianças e jovens, mas também às futuras mães.

Esta obra veio com o seu autor, que acompanhava D. Leopoldina em viagem para o Brasil. Dr. Francisco de Mello Franco, chamado o

but only in the early 20th century. In 1931, the Universidade de São Paulo (University of São Paulo State – USP) created the Escola de Educação Física e Esporte (School of Physical Education and Sport – EEFÉ), leading institution not only in Brazil but also in Latin America. This leadership was initially based on the continuous improvement of professional training and then on the emphasis given to scientific research. From 1934 to 2002 3,000 teachers improved training, almost 300 students graduated with a B.S. in physical education and Sports, approximately 300 graduate students earned their Master’s degree, 70 earned their Ph.D. degrees and more than 2,000 physical education teachers became specialists in several areas.

pai da puericultura pela medicina brasileira, permaneceu no país até o ano de 1817, onde publicou outro tratado, desta vez sobre as febres. Nesta obra, ele dedicou todo o segundo volume sobre as condições precárias de saúde dos brasileiros e à necessidade de exercícios ao ar livre, da prática de jogos e de ginástica. O clima tropical fortemente sentido pelos imigrantes europeus favorecia a degeneração da força física e da virilidade, defendia Mello Franco. Outrossim, o modo de vida sedentário e dedicado às festas é denunciado como profícuo ao nascimento de crianças frágeis e conseqüentemente um futuro recheado de homens fracos. No Brasil colonial a necessidade era de criação de escolas que possibilitassem uma “educação completa”, como queria Belchior, para a melhoria da saúde. Essa importância era tanta, que Cavalcante – Deputado da Província do Ceará, ao ler a proposta de Belchior, imediatamente iniciou a criação de um concurso nacional que daria uma medalha de Menção Honrosa àquele (a) que providenciasse o melhor plano de Educação Física, moral e intelectual para os jovens brasileiros e haveria um prêmio em dinheiro para aquele (a) que criasse o melhor plano de Educação Física para os jovens. Não se sabe ao certo se houve quem se candidatasse ou se alguém ganhou os prêmios acima mencionados. Mas, a tentativa teve uma repercussão nacional tamanha, que o governo mandou importar quantos manuais fossem necessários para suprir o treinamento de mestres de ginásticas nas escolas normais. A partir da Independência do Brasil os interesses nacionais estavam voltados para criar uma nação e desenvolver o senso de patriotismo. Através da evocação do século XIX, expressões se repetiam sobre o desejo de atingir progresso, aumentar o conhecimento, melhorar a vida em ambos as dimensões – práticas e morais. Buscavam-se condições dignas de moradia e uma administração pública segura e melhor. Apenas uma pequena elite tinha acesso a escolas, cuidados médicos, entretenimento e outros benefícios de uma vida digna. Isto revelava que estes benefícios não estavam ao alcance do grande número de trabalhadores e pessoas pobres. O interesse em melhorar a qualidade de vida destas pessoas incluía cuidados médicos apropriados, educação para práticas saudáveis nas suas vidas diárias e como utilizar o tempo livre para o próprio benefício.

A nova Constituição de 1824 também mencionava a importância da instrução pública e comentava sobre a necessidade de construir escolas e criar um *currículo* que providenciaria conhecimento e habilidades para os jovens que auxiliassem no desenvolvimento do país. A Educação Física era parte de várias discussões e propostas de novas leis que versavam sobre a instrução pública. O Regulamento da Instrução primária de 1885 e secundária do município da corte deveria primeiro ser aplicado à reforma do Colégio Dom Pedro II. A parte mais significativa desta reforma está na ênfase dada à inclusão de ginástica no currículo. Para isso, no entanto, mudaram a escola do centro da cidade para a periferia, onde de acordo com o Ministro da reforma educacional – Luiz Pereira Couto Ferraz, os estudantes teriam mais espaço ao ar livre, poderiam então, além da ginástica, dedicar-se ao banho de mar no aprendizado da natação e longas caminhadas para o fortalecimento dos pulmões.

Década de 1870 A má organização governamental, entretanto, e a falta de investimentos financeiros impediram a melhoria da educação nos idos desta década, adiando a expansão dos exercícios físicos como disciplina formal. Outro problema era a falta de professores preparados para atuar com a população jovem. À

The EEFÉ-USP has international prestige today due to its scientific production. The Biodynamics Department has 5 laboratories: Biomechanics, Biochemistry, Physiology, Nutrition and Biophysics. The Pedagogy Department manages the Centro de Estudos Socioculturais do Movimento Humano (Center of Sociocultural Studies of Human Movement) and two Laboratories: Motor Behavior and Pedagogy. There are two additional laboratories in the Sports Department: Psychology and Sports Development. The EEFÉ-USP also publishes a scientific journal on a large scale: the “Revista Paulista de Educação Física”, classified in the Qualis as I – C and indexed in LILACS and SPORTDiscus.

medida dos anos, no entanto, a necessidade de professores qualificados para ensinar Educação Física nas escolas tornou-se reconhecida. Neste período a educação permanecia nas mãos dos padres Jesuitas. As poucas escolas que existiam eram direcionadas a uma elite da população e tinham rígidas restrições àqueles que não eram católicos. A prática da atividade física ainda estava condicionada aos bons hábitos de moralidade, ou seja, exercícios físicos eram apenas para os meninos, às meninas destinava-se o aprendizado das prendas domésticas. No final do século XIX, a intensa restrição social colocada pela posição católica conservadora dos tempos coloniais começou a ser abandonada em prol de intensa atividade social e da diversificação de interesses influenciada pelo grande número de imigrantes, que agora se mesclavam nas grandes cidades da época. A sociedade dessas cidades (mais especificamente Rio de Janeiro e São Paulo) estava se tornando mais urbana e cosmopolita. Em 1870, por exemplo, a fundação da Sociedade Alemã de Turnverein em São Paulo, chamou a atenção da elite emergente, que rapidamente aderiu à prática dessa modalidade de ginástica nacionalista.

1882 Em um fluente e convincente discurso, feito neste ano pelo Bacharel, escritor, político e membro do Comitê Público de Educação – Rui Barbosa, a Educação Física retorna aos interesses da administração imperial. Rui Barbosa defendeu a importância da Educação Física baseado na erudição filosófica grega, nos preâmbulos filosóficos franceses, como por exemplo, Montaigne e Rabelais. O orador cita muitos outros de vários países que se ocuparam da importância da Educação Física na instrução dos jovens. Rui Barbosa também fez de suas experiências fora do país o carro chefe de sua oratória: – exemplos de países europeus que já haviam adotado planos de Educação Física como França, Alemanha, Inglaterra, Dinamarca e Itália e principalmente os Estados Unidos, uma vez que este país já considerava a Educação Física, parte essencial do sistema de educação. Em um dos mais expressivos momentos de seu discurso, Rui Barbosa declarou que a ginástica e todo tipo de exercícios físicos ajudavam a todas as crianças e jovens a desenvolver um senso de ordem e hábitos morais saudáveis. A Educação Física também era importante para o desenvolvimento postural, dos passos firmes e corretos, do uso eficiente do corpo e bons hábitos de higiene. Através das lições de práticas corporais, Rui Barbosa acreditava que se poderia obter melhores resultados do que pelas lições verbais.

Décadas de 1880 – 1890 Marca-se neste período o início da demanda por uma nova profissão, a de Educação Física. Em retrospecto, houve mudanças sociais que conduziram à descoberta das atividades físicas como lazer. Em São Paulo expandem-se os passeios de bicicleta: as tardes de cricket no clube inglês e a expectativa dos jogos de futebol tornaram-se entretenimentos preferidos dos paulistanos, que por meio dessas atividades aprendiam o jeito de ser do imigrante inglês. Além disso, havia as brigas de galo, apresentações de música e dança, bem como tantas outras vindas do norte da Europa. A prática esportiva, nessa época, passa a ser de suma importância, tanto para as horas de lazer quanto para demonstrar status e poder aquisitivo nas rodas sociais. Esse evento pressionou a tradicional posição dos Beneditinos e Jesuítas, os quais passam a incorporar em seus programas educacionais os “desafios da reforma e melhora curricular protestante”, assim chamados por Freyre (1974). O ensino superior

no Brasil continuava dominado pelo sistema tradicional de ensino. As duas escolas de direito, as duas escolas de medicina, as duas escolas de farmácia e a única escola de minas seguiam a rotina tradicional e ponderavam os valores de uma educação ultrapassada. Nenhuma delas tinha a característica de um ensino não apenas profissionalizante, que era o que buscava o ministro Chamberlain (criador da primeira escola mista, dos jardins de Infância em São Paulo, das primeiras escolas normais e da primeira escola superior privada), para suprir a lacuna na educação dos filhos de imigrantes tanto americanos quanto alemães. De acordo com um documento intitulado *Project Mackenzie – A Protestant College for Brazil – In the General Assembly of the Presbyterian Church, Synod of Brazil. Immediate Endowment of a Christian College in Brazil Similar to Robert College in Constantinople or the Syrian Protestant College of Beirut*, escrito em 1888, existe a justificativa para a criação do Mackenzie, evidenciada pelas seguintes palavras: “Os jovens rapazes que desejam ir além do estudo básico antes de estudar para uma profissão, ou aqueles que desejam uma educação que não seja completamente profissional são compelidos a estudar fora... Aqueles pais de família portadores de consideráveis ganhos monetários, patronos de nossas escolas, têm mandado, com grande relutância, seus garotos para a Alemanha, porque infelizmente o país não oferece educação superior nos termos em que precisamos. Outros garotos, filhos de pais menos afortunados, param de estudar, e seus talentos são em grande escala, perdidos para uma nação que não oferece oportunidades para o seu desenvolvimento (Mackenzie SP, 1888)” Essa foi uma das principais razões para a criação do Mackenzie College. Mas o principal acontecimento girava em torno da construção da Estrada de Ferro São Paulo, que ligava o Vale do Paraíba (principal centro cafeeiro) a Santos (principal porto alfandegário). Não havia sequer uma instituição, no Brasil, que formasse engenheiros ou quaisquer outros profissionais habilitados para trabalhar nessa construção. As escolas presbiterianas que alcançaram o país no final do século e atingiram seu auge nas duas primeiras décadas do século XX contribuíram para a inclusão de práticas de atividades motoras e esportes. Esta contribuição influenciou outros modelos educacionais, tanto quanto católicos até a própria reforma educacional do estado de São Paulo – que se tornou modelo federal. Esta reforma foi conduzida pelo modelo criado por Chamberlain e novamente proposta por Fernando de Azevedo em 1928.

A colonização portuguesa significou a aculturação do povo indígena no mesmo patamar de dominação e miscigenação. Muitos dos hábitos indígenas foram transformados pelos hábitos europeus e outros foram acolhidos pelos colonizadores. Com o advento da imigração de outros povos europeus e africanos no passar dos séculos, novo panorama surge entre os brasileiros. No final do século XIX e início do Século XX a imigração italiana traz novos hábitos e preconceitos entre os portugueses, as rivalidades ficaram fortes nas disputas entre espaços físicos e evidenciavam-se nas ruas com as brigas de galo, as lutas e as partidas de futebol. Entretanto, serão os hábitos Anglo-saxões que irão remodelar a vida social dos brasileiros, mesmo que até a primeira década do século XX, os costumes franceses é que ditavam o comportamento social a partir de atividades intelectuais como os saraus, as peças de teatro, apresentações de dança e música. Um exemplo da força francesa na educação brasileira foi a tradução do manual originalmente intitulado: *Higiene Scolaire: Influence de l'école sur la santé des enfants* (Higiene Escolar: A Influência da Escola na Saúde das Crianças), publicado em 1882 por R. Ryant, que se tornou livro didático nas escolas normais mais importantes do país a partir de 1890. Além dos manuais franceses, é interessante notar que houve várias tentativas para implementação de escolas normais, baseadas no modelo francês, que fossem especializadas em formar professores capazes de ministrar aulas de Educação Física nas escolas públicas. Entretanto, a primeira manifestação governamental para criação de uma escola preparatória de educadores físicos acontece logo nos primeiros anos do século XX.

1905 Em 21 de dezembro deste ano, o Dr. Jorge Moraes, Deputado pelo Estado do Amazonas, defendeu a criação de um curso para professores de ginástica, esportes e Educação Física para lecionarem nas escolas. No seu discurso, segundo Marinho (1942), o deputado profere as seguintes palavras: “Desde o século XIX as Forças Armadas Francesas têm sido um modelo de Escola de Educação Física. Iniciada em Grenelle e hoje situada em Vincennes, esta escola recebe de volta a cada cinco anos soldados para atualizarem-se e reforçarem os exercícios físicos. Eu recomendo a

criação de uma Escola de Educação Física que siga o modelo das Forças Armadas Francesas e que seja criada uma para a Polícia Militar e outra para os cidadãos civis (Deputado Jorge Moraes, 21 de Dezembro de 1905. Assembléia da Câmara, Rio de Janeiro)”.

1910 Somente após cinco anos da proposição Jorge Moraes, no entanto, é que surge a Escola de Educação Física da Força Pública, influenciada ou não pela iniciativa do Deputado Moraes, seguiu as prerrogativas da Escola de Joiville Le Point e serviu como modelo para as iniciativas seguintes de criação de Escolas Superiores de Educação Física nacionais como a Escola Superior de Educação Física do Exército (1933) e da Escola Superior de Educação Física (1934). As interfaces políticas que coincidem com esta inquestionável preocupação com a Educação Física foram aquelas que movimentaram as reformas educacionais da formação do novo modelo de governo: a República Positivista. O lema filosófico demonstrava a necessidade de prover as escolas públicas com aulas de Educação Física e moral para uma juventude que deveria ser educada para o progresso, através da ordem.

Décadas 1900 – 1910 Entre 1905 e 1910, Decretos leis aparecem no Amazonas, Ceará, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo, requisitando a obrigatoriedade da Educação Física, Moral e Cívica, daí portanto, a demanda por instrutores de ginástica ou professores de Educação Física cresceu consideravelmente. Todavia, o único estabelecimento de ensino especializado era a Escola de Educação Física da Força Pública, originalmente criada apenas para a formação do corpo militar que iria atuar em outros quartéis treinando soldados. Uma das prerrogativas para a demanda de profissionais civis para atuar nas escolas vem com força total em dois decretos-leis de 1911 e 1916. O primeiro divide o Colégio Dom Pedro II em duas unidades (Internato e Externato) e designa que: “As aulas de Ginástica serão obrigatórias em ambas as escolas e deverão ter como objetivo o desenvolvimento da força muscular e hábitos saudáveis (...), os professores deverão orientar os seus alunos a reconhecer a importância da Educação Física”. O segundo decreto, designava a obrigatoriedade de inspeção sanitária (médica) em todas as escolas brasileiras. Na secção 4, deste decreto, diz-se da responsabilidade do médico escolar: “(...) é de inteira responsabilidade do médico escolar orientar aos estudantes sobre a importância da prática da Educação Física e assegurar-se de que os exercícios sejam propriamente ajustados às necessidades e às idades dos alunos. Paralelamente às reformas escolares, outros eventos contribuíram para a divulgação dos esportes e da ginástica como por exemplo, a criação em 1913 da Associação Atlética Esportiva do Exército, a Liga Militar de Futebol; em 1915 o primeiro campeonato Sul Americano de Basquetebol Masculino, organizado pela ACM; em 1918 por iniciativa da Professora Klara Korte, foi criado o primeiro centro de cultura física feminina no Rio de Janeiro e principalmente as conseqüências da Primeira Guerra Mundial, que traçaram novos rumos para a classe média urbana brasileira através dos novos conceitos nas ciências, nas artes e na educação dos anos de 1920.

Década de 1920 Em face do frenesi deste período, da descoberta de novas atividades sociais pelos brasileiros, desde aquelas realizadas ao ar livre nos finais de semana, que reuniam o prazer do passeio pelas ruas da cidade até à diversão dos jogos trazidos pelos imigrantes, as pessoas começam a aderir mais e mais à prática de atividades físicas. Novas idéias sobre educação e o ensino militar, baseadas nos novos conceitos científicos, ficaram evidentes em 1922 quando o Ministério da Guerra criou o Centro Militar de Educação Física-CMEF. Esta foi a primeira instituição que oferecia estudos experimentais para o desenvolvimento da fisiologia do exercício. As pesquisas inicialmente abordavam testes de urina, saliva, condicionamento cardiovascular, avaliações e medidas da capacidade física. O CMEF tornou-se modelo para os laboratórios de fisiologia que foram criados durante os anos 1960. Um exemplo, pode ser a criação do LABOFISE, hoje situado na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

1928 – 1933 Nos campos civis educacionais, mudanças conhecidas como “Reforma Fernando de Azevedo” tomaram lugar no cenário nacional neste ano e tiveram consideráveis propostas no país inteiro. Esta reforma reorganizava as escolas primárias, os ginásios, as escolas secundárias, as escolas normais e as escolas técnicas secundárias. Fernando de Azevedo, em seu texto, deu à Educação Física uma atenção especial na construção do “Currículo Nacional”. De acordo com Azevedo (1940), ‘A Educação Física deveria ser

ensinada em todas as escolas brasileiras, para ambos os sexos, entretanto com especial atenção às necessidades e características da graça feminina’. Azevedo também defendia que a Educação Física deveria ter, nos planos governamentais, a concretização de uma proposta para a criação de uma escola específica profissionalizante que preparasse professores civis para atuarem nas escolas públicas. Para fazer valer a sua sugestão de formação de professores especializados para ministrarem aulas de Educação Física, Azevedo formou uma aliança com o Tenente Inácio de Freitas Rolim e com o Dr. Virgílio Alves Bastos e criaram um curso provisório de Educação Física baseado no modelo que havia sido desenvolvido pelo CMEF. Azevedo listou 20 nomes de professores e mais 60 nomes de monitores de ensino para fazerem este curso. Com estes 80 civis e trabalhadores da educação juntaram outros 8 tenentes do exército e dois médicos. Este curso provisório não foi entretanto na sede da Escola de Educação Física da Força Pública-SP, como se poderia prever, mas sim na Escola de Educação Física do Exército-EsEFEx, situada no RJ e que foi criada em 1933 justamente para suprir a lacuna na formação necessária de professores.

O curso foi delineado segundo o currículo do CMEF e baseado nos resultados das pesquisas sobre adequação dos exercícios à idade e sexo das crianças e adolescentes. Os objetivos principais deste curso eram (1) formar homens para ministrarem aulas de Educação Física no Exército e Marinha e (2) formar homens e mulheres civis em instrutores de Educação Física para suprir a demanda das escolas públicas em várias cidades brasileiras. O currículo do curso provisório tornou-se o currículo básico da EsEFEx e este por sua vez embasou o primeiro currículo da Escola Superior de Educação Física exclusivamente para formação civil. A proliferação de clubes e associações em prol do desenvolvimento esportivo gerou a expectativa de uma nova geração que iria combinar o desenvolvimento econômico e a atitude saudável. As crônicas de jornais da época, como o Estado de São Paulo, evocam do governo atitudes de apoio ao desenvolvimento organizado destas práticas. Como resposta às reivindicações populares por meio da mídia impressa, pelos resultados dos atletas que participaram nos Jogos Olímpicos de 1920 na Antuérpia e outros tantos eventos que marcaram esta época, o governo do Estado de São Paulo tomou a iniciativa da criação do Departamento de Educação Física - DEP, um órgão associado à Secretaria do Interior para organizar a Educação Física no Estado: “Considerando que os esportes aperfeiçoam a raça humana, combatem o alcoolismo, habilitam à disciplina e ao espírito de renúncia pela causa comum; Considerando que, há mais de um século tem países mais adiantados criado departamentos com o fim especial de orientar e dirigir os esportes; Considerando que o esporte atende aos mais altos interesses eugênicos num país em que mister tomam em consideração estes fatos – CRIA O DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO PHYSICA (Decreto 4.855 de 27 de janeiro de 1931)”. No ano seguinte, publicaram-se as finalidades do DEP, as quais eram resumidamente: “a) Orientar a Educação Física em todos os estabelecimentos públicos, primários, secundários, superiores e profissionais; b) Organizar e orientar o ensino e a prática da gymnastica e dos esportes nas instituições públicas onde se tornem necessários ou aconselháveis; c) Fiscalizar e orientar o ensino da gymnastica e a prática esportiva nos estabelecimentos de ensino particular; d) Organizar uma escola de educação física para a formação de professores técnicos; e) organizar um plano systemático de educação física, de acordo com as instruções do decreto no. 10.890, de 18 de abril de 1931 e com o decreto no. 23.252, de 19 de outubro de 1933, ambos do governo provisório; f) promover a adoção desse plano pelas entidades esportivas, clubes ou fundações; g) manter um gabinete tecnico e uma biblioteca especializada para o estudo e demonstração dos problemas de educação física; (...) (Decreto no. 6.440 de 16 de maio de 1934)”.

1934 A Escola Superior de Educação Física – ESEP nasce quase que simultaneamente com o governo Vargas. É em 1931 que as primeiras linhas de seu projeto aparecem sob o teto do DEP. Considerada a primeira Escola de Educação Física em caráter civil instituída no Brasil, a ESEP era parte integrante do Departamento de Educação Física - DEP (Daiuto, 1994). O início de suas funções estava atrelado à disponibilidade de profissionais especializados, o que atrasou o início de suas atividades para o ano de 1934. Segundo Manoel (1997) as características da ESEP no período de 1930 a 1960 foram resultantes dos eventos ocorridos em 1890 e 1900. As disciplinas eram de cunho prático e largamente fundamentadas para o ensino esportivo. As bases científicas foram

introduzidas pelo corpo docente, na sua maioria com graduação em medicina. O primeiro Currículo contava com sete cadeiras: Anatomia humana, Physiologia Humana, Higiene, Noções de Psychologia Educativa, Educação Physica, Noções de Orthopedia e História da Educação Physica. O primeiro corpo docente da Escola era formado de doze professores: Dr. Arne Ragnar Enge, Dr. Américo Netto do Rego Cavalcanti, Dr. Francisco Pompeu do Amaral, Dr. João Alves Meira, Dr. Miguel Leuzzi, Prof. Jarbas Salles de Figueiredo (responsável pela aula inaugural, ministrada em 4 de agosto de 1931, sobre o tema "Atividades Físicas para crianças de 7/8 anos de Idade, de acordo com o método francês"), Prof. Antonio de Castro Carvalho, Prof. José Villela Bastos, prof. Antonio Cochiarelli, Prof. Idyllio Alcantara de Oliveira Abbade, Prof. Alfredo Giorgetti e Prof. Alvaro Cardoso. Sem sede própria, a ESEP utilizou diversos espaços físicos para a realização das aulas. Para as aulas teóricas foram inicialmente utilizadas as salas de aula do Parque D. Pedro II e as baías do parque Água Branca. Para as aulas práticas, os professores e alunos se encontravam na Escola de Educação Física da Força Pública, da Associação Atlética São Paulo, Clube Regatas Tietê, Esporte Clube Pinheiros, do Clube Espéria, Estádio Municipal do Pacaembu, dependências do Departamento de Educação Physica, e no centro esportivo "Constância Vaz Guimarães" no Ibirapuera (onde as aulas teóricas começaram também a serem ministradas), de onde finalmente se mudou para a cidade universitária. O primeiro ano letivo da ESEP foi de agosto de 1934 a abril de 1936, com apenas um mês de férias (janeiro). A primeira turma de alunos saía com seus professores pelo interior do estado para divulgar os verdadeiros objetivos da Educação Física e da ESEP. Para isso o DEP promovia excursões, apresentações de ginástica, disputa de jogos amistosos e palestras para a comunidade e autoridades locais.

Nas primeiras três décadas de sua existência, a ESEP se destacou pelo ensino e difusão da Educação Física. Duas iniciativas ficaram como marco para a Educação Física paulistana: a primeira foi a grandiosidade das apresentações de ginástica tanto em São Paulo quanto em outros Estados. Um evento de repercussão nacional, foi a visita da Escola ao Rio de Janeiro em dezembro de 1934 para um estágio no ESEFEx. A excursão ao Rio através da demonstração de ginástica consagrou a imagem da ESP na Sociedade Paulista e principalmente carioca. A outra iniciativa foi a criação dos cursos internacionais, que eram realizados na cidade de Santos para especializarem os professores já formados. Um dos nomes mais importantes que ministrou cursos foi Auguste Listello, a convite do professor Antônio Boaventura da Silva.

A primeira turma de graduados em "Instructores de Gymnastica" formou-se em 1935 com 34 componentes, cujos nomes seguem em destaque no final deste capítulo. Estes estudantes também formaram a Associação de Alunos da Escola Superior de Educação Physica em 14 de Março de 1934 que, unida à Federação Universitária Paulista de Esportes (formada em 18 de setembro de 1934), organizou várias competições, das quais a ESEP se destacou como campeã universitária durante vários anos. Enquanto profissionais graduados, uniram-se com seus professores em representação de classe através da criação da Associação de Professores de Educação Física em 15 de junho de 1934.

1934 – 1958 Logo após o curso de Instructores de Gymnastica, 30 estudantes engajaram-se no curso de Licenciatura em Educação Física, que cumpriu o período letivo de julho de 1935 a março de 1936 com as seguintes disciplinas: Biologia, Orthopedia, Physioterapia, Theoria e Prática dos Esportes, Theoria e Prática de Dansas Clássicas e Rhythmicas, Organização de Educação Infantil, Organização, Administração e Direcção de Torneios, Competições de Gymnastica e Esporte, Accidentes Esportivos, Prevenções e Socorros de Urgência. "Em 02 de abril de 1936 foram diplomados os primeiros Licenciados em Educação Física do Brasil" (Daiuto, 1994:18). De 1934 a 1958 a ESEP teve como diretores aqueles que também dirigiam o DEP, foram eles os senhores: Dr. Antonio Smith Bayma 1934-1936), Dr. Arne Ragnar Enge (1936-1938), Dr. Edmundo Carvalho (1938-1940), Major Sylvio Magalhães Padilha (1939 a 1951), Dr. Arthur Alcayde Valls (SD), Dr. Paulo Godoy (1951-1953), Mario Nunes de Souza (1954-1957) e Alaor Pacheco Ribeiro (1957 a 1958). Desde a sua fundação em 1931 (Decreto Estadual n. 4.855 de 27 de Janeiro de 1931) pelo Governo do Estado como parte integrante do DEP e o início dos cursos em 1934, a ESEP até 1940 não foi reconhecida pelo Governo Federal como Instituição de Ensino Superior. Após o reconhecimento (Decretos Lei no. 5.723, de 28 de maio de 1940 e 16.531 de 06 de

setembro de 1941), havia um prazo de cinco anos para satisfazer as exigências legais. O prazo foi descumprido várias vezes, mas sempre reconsiderado devido à eficiência exaltada pelos estabelecimentos educacionais, no que concernia a sua contribuição ao progresso da Educação Física no país. Entre o período de criação e reconhecimento, havia sempre a ameaça de fechamento da ESEP, e este *momentum* não foi sanado com o reconhecimento oficial, havia a necessidade de sanar outros tantos entraves ao seu pleno funcionamento. A década de 1950 foi crucial para a consolidação do projeto acadêmico para a ESEP. Dentre a aspiração por uma sede própria, estabelecimento de um corpo docente dedicado apenas à ESEP, havia a necessidade de autonomia, que conseqüentemente envolvia a dependência do DEP. Nesta década duas campanhas foram feitas para a estruturação da ESEP. A primeira em 1954 não teve nenhum desdobramento significativo, mas contribuiu para delinear a seguinte, que foi em 1956 com a participação de professores e alunos. A participação do presidente do Centro Acadêmico Rui Barbosa – CARB – foi fundamental.

1959 – 1969 O Presidente do CARB, José Geraldo Massucato, através de um amigo conseguiu o convite para participar de um jantar, onde estaria presente o Governador do Estado de São Paulo. Entre um discurso e outro, o representante dos alunos da ESEP pediu a palavra e conseguiu que o Governador Jânio Quadros atendesse ao seu apelo em prol da transformação da ESEP em Instituto Isolado de Ensino Superior – Escola Superior de Educação Física do Estado de São Paulo ESEFESP. Desta forma o anteprojeto foi enviado à Assembléia Legislativa do Estado e a lei que promulgava a incorporação da Escola ao sistema estadual do ensino superior e criava as tão sonhadas cátedras, foi aprovada. Depois da primeira etapa vencida, a luta foi pelo provimento das cadeiras de ensino. Este processo, no entanto, teve seus percalços e percursos jurídicos durante pelo menos três anos. Somente em 16 de outubro de 1961 foi que o Governador Carvalho Pinto assinou o decreto nomeando os primeiros professores catedráticos da Escola Superior de Educação Física do Estado de São Paulo-ESEFESP: Prof. Dr. Florindo de Alencar (Diretor); Prof. Moacyr Brondi Daiuto; Prof. Alaor Pacheco Ribeiro; Prof. Mario Nunes de Souza; Prof. Cyro de Andrade; Profa. Maria Laura Barreto Figueiredo; Prof. Paulo de Escagnolle Taunay; Prof. Dimas Alves de Almeida; Profa. Maria José Moraes Barros; Prof. Miguel Morano; Prof. Antonio Boaventura da Silva; Prof. Mario Miranda Rosa; Profa. Stella Ferreira Mansur Guerios; Prof. Arnaldo Pedroso Filho; Prof. Jarbas Gonçalves e Profa. Maria Amália Corrêa Giffoni.

O passo seguinte era o estabelecimento de uma sede própria. As negociações para a incorporação da ESEFESP pela Universidade de São Paulo (ainda em construção) tiveram início em 1962, ainda que configurasse apenas como uma construção dos edifícios para solucionar a peregrinação de alunos e professores pelos clubes da cidade, assim como a improvisação dada pelo Ginásio do Ibirapuera. A incorporação, no entanto, somente se efetivou em 1969 pelo Decreto Estadual n. 170 de 10 de dezembro, trazendo novos elementos, mas não a sede tão necessária. A ESEFESP tornou-se Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo – EEF-USP.

Décadas 1960 – 1990 A busca por especialização fora do país começa a diferenciar a EEF-USP das outras instituições. A entrada na Universidade de São Paulo em 1969 caracteriza finalmente o processo de autonomia que vinha sendo buscado desde a separação do DEP. Além disso, a transição trouxe a necessidade de construção de uma disciplina acadêmica também voltada para a preparação profissional. Em 11 de março de 1975, finalmente acabaram as dificuldades dos espaços físicos pela escola, pois foi inaugurada a sede própria da EEF-USP, ocupando uma área de 10.000 m². Estava, portanto, concretizado o projeto de uma escola com infra-estrutura e pessoal. Segundo Manoel (1997), a fase de transição é marcada pela busca de ampliar as atividades, incorporando a pesquisa como carro chefe para a produção de conhecimentos. Um marco importante é a criação do primeiro curso de pós-graduação *stricto sensu* da área na América Latina, oferecido em nível de Mestrado em 1977, com a participação dos Professores: Cyro de Andrade, Fernanda Barroso Beltrão, Mario Nunes de Souza, Moacyr Brondi Daiuto, Irany Novah Moraes, Aluisio de Queirós Teles, Halmut Heindrich Grabert, Horst Haedisch, Ítalo Bustamant Palloci, João Eduardo Rodrigues Villalobos, José Fernando Bittencourt Lomônaco, Mario Carvalho Pini, Maurício Rocha e Silva Junior, Raymond Victor Egg, Rock Spencer Maciel de Barros, Rosa

Rosenberg Krausz, Mario Miranda Rosa, Jarbas Salles F. Gonçalves, Lamartine Pereira da Costa, Maria Augusta P. M. Kiss, Antonio Boaventura da Silva, Manoel Gomes Tubino e Alfredo Gomes de Faria Júnior. Os primeiros mestres formados foram Maria Alice Magalhães Navarro (Noção do Ritmo da Criança) e Rubens Lombardi Rodrigues (Lesões do planalto Tibial e suas implicações médico desportivas), que defenderam suas dissertações no dia 11 de dezembro de 1979. Na fase 1969 -1977 foi formado o primeiro centro de pesquisa, voltado para investigação de questões biológicas como Fisiologia do Exercício e Antropometria, sob a direção da Prof. Maria Augusta P.M Kiss.

As transições da EEF-USP e suas inovações atingem o auge no período de 1982 a 1989, quando voltam do exterior (Estados Unidos, Japão e Alemanha), docentes com o título de doutor em Educação Física. As questões se intensificaram entre a visão tradicional da Educação Física voltada apenas para a atuação profissional e uma visão de um curso academicamente orientado também para a pesquisa. Nesta fase há a reformulação do Mestrado com a criação da área de Pedagogia do Movimento Humano e do primeiro curso de doutorado em Educação Física da América Latina (1989), na área de Biodinâmica do Movimento Humano. Para a graduação, há o resultado das discussões internas sobre as finalidades do curso de preparação profissional: a criação dos cursos de Bacharelado em Educação Física e Esporte (1992) e a reformulação da Licenciatura que se torna facultativa aos bacharéis (Manoel, 1997). A EFE-USP torna-se então Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo – EEF-USP.

Situação atual No cenário nacional a Escola de Educação Física e Esporte da USP, desde suas origens remonta como modelo. Várias situações urgem sua pertinência e relevância histórica não somente em nível nacional, mas também como correspondência ao cenário internacional. De 1934 a 2002, a EEF-USP já graduou cerca de 3.000 alunos em Licenciatura, quase 300 bacharéis em Educação Física e Esporte. Aproximadamente 300 mestres e 70 doutores já defenderam suas teses e mais de 2.000 professores de Educação Física tornaram-se especialistas em diversas áreas. A atual estrutura acadêmica conta com três departamentos: Esporte, Pedagogia do Movimento do Corpo Humano e Biodinâmica do Movimento do Corpo Humano, supridos por 40 docentes, sendo 34 com titulação de Doutor ou acima e dentre estes, 33 em Regime de Dedicção Exclusiva à Docência e à Pesquisa. Os cursos em andamento recebem 111 disciplinas para aproximadamente 650 alunos matriculados na graduação e 150 na pós-graduação. Os Programas de extensão até 2002 atingiram cerca de 2000 pessoas.

Os programas de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) têm recebido desde 1992 conceito "A" pela CAPES, configurando as últimas avaliações a nota 5. Internacionalmente a EEF-USP vem ampliando os convênios acadêmicos, envolvendo professores e alunos com duas instituições estrangeiras como a *Deustche Sporthochschule Köln*, da Alemanha e a Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física-FCDEF, de Portugal. Para dar suporte à demanda da produção científica, o departamento de Biodinâmica oferece cinco laboratórios: Biomecânica, Bioquímica, Fisiologia, Nutrição e Biofísica. O departamento de Pedagogia administra um Centro de Estudos Socio-culturais do Movimento Humano e dois Laboratórios: Comportamento Motor e de Pedagogia. No Departamento de Esportes há dois laboratórios: Psicologia e Desenvolvimento do Esporte. A EEF-USP conta também com uma publicação científica em larga escala de distribuição que é a Revista Paulista de Educação Física, classificada no Qualis como I – C e indexada no LILACS e SPORTDiscus.

Enquanto primeira escola de Educação Física para civis no Brasil – e por que não usar as palavras do saudoso Professor Daiuto: "Quiçá na América Latina!" – a EEF-USP traçou sua vocação no sentido de incorporar a pesquisa ao seu projeto pedagógico e de buscar a coerência entre as produções científicas para melhorar e suprir as demandas do mercado de trabalho. A EEF-USP completa em 2004 seus 70 anos, mantendo-se atualizada com as repercussões mundiais do desenvolvimento da área, incentivando o corpo docente na busca de atualizações, especializações e cooperações tanto em níveis nacionais quanto internacionais, sem, no entanto, perder a tradição de compromisso com a educação, com as ciências da vida e com a sociedade. Para isso esta instituição de ensino superior direciona, primordialmente, sua atenção para o desenvolvimento do campo de conhecimento da Educação Física, propondo uma

formação profissional de qualidade a partir da produção de conhecimento através de suas pesquisas e intercâmbios acadêmicos.

Fontes primárias: Documentos Oficiais, manuscritos, recortes de jornal, correspondências, etc foram consultados nos seguintes locais: Arquivo da Cidade de São Paulo; Arquivo da Gazeta Esportiva; Arquivo do Centro de Memória da EEFÉ-USP; Arquivo do Centro de Memória do Instituto Mackenzie; Museu do Imigrante; Arquivo da Câmara dos Deputados, Brasília DF.

Fontes Daiuto, Moacyr Sexagésimo Aniversário do início das Atividades Didáticas 1934-1994. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994; ESEFESP. Editorial. O CARB: Jornal do Órgão dos

Alunos da Escola de Educação Física do Estado de São Paulo. N. 4, agosto, 1962; Freyre. G. Ordem e Progresso (Tomos 1 e 2). José Olympio, Rio de Janeiro, 1974; Giffoni, Maria Amália Correa. Subsídios para a história da Escola de Educação Física da USP. Revista do Instituto Histórico e geográfico de São Paulo. Vol. LXXXII, 1987, PP. 134 – 139; Guedes, Claudia Maria & Park, Roberta. 'É Preciso Fortificar as Crianças': Health, Exercise, and Educational Reform in the Eighteenth and Early Nineteenth Century Portugal. In press. Guedes, Claudia Maria. 'From Small Beginnings' To A Major Enterprise: The Development Of The Escola Superior De Educacao Physica At The University Of Sao Paulo, Brazil. ISHPES, 2003; Guedes, Claudia Maria. *The Role of Mackenzie College in the Introduction of Basketball in Brazil*. Nassh 2003; Henry, F. M.

Physical education: an academic discipline. Journal of Health, Physical Education and Recreation, 35 (7):32-33, 69, 1964; Marinho, I. P. Contribuições para a História da Educação Física no Brasil. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1942; *Project Mackenzie – a Protestant college for Brazil – in the general assembly of the Presbyterian Church, synod of Brazil. Immediate endowment of a Christian College in Brazil similar to Robert College in Constantinople or the Syrian Protestant College of Beirut, 1888*; Schwarcz, L. K. Entre cientistas, confeitarias, bondes e muita garoa. Um passeio pelo centro de São Paulo na virada do século XIX. Mimeo, 2000; Sevcenko, Nicolau. Orfeu Extático na MetrÓpole. São Paulo. Sociedade e Cultura nos Frementes anos 20. Cia das Letras, São Paulo, 2000.

ESEP – Primeira turma de graduados em "Instructores de Gymnastica", 1935

Adonira de Souza Pinto Machado	Luiz Almeida Martins
Affonso Apolinário Doin Netto	Helena Gomes Escobar Mazza
Alice Pereira	Lydia Manara
Alaor Pacheco Ribeiro	Maria Aparecida Pereira Guena
Bo Dethow	Maria Lenk
Court Edgar Knoepfel	Maria Lucia Sampaio Pinto
Cyro de Andrade	Mario Nunes de Souza
Dimas Alves de Almeida	Milton Alcântara de Oliveira
Elvira de Santos Pimentel	Milton Müller da Silva
Ermida Vial Ribeiro	Moacyr Brondi Daiuto
Eugenie Nicolau Aun	Martha Novinski Barrion de Mello
Eurydice da Silva Costa	Maria de Lourdes Ramos Biemmi
Francisco Golvanese Natale	Paulo Alves
Geloyra de Campos	Sebastião Simas F. de Carvalho
Jacintha F. G. Bretas Salles	Stella Ferreira Mansur Guérios
Jandira Gomes Escobar Orecchia	Vera Cintra
José Nunes Sardinha	Wally Thiele Daiuto

EEFE-USP – Professores do primeiro curso de pós-graduação *stricto sensu* em Educação Física da América Latina, oferecido em nível de Mestrado em 1977

Cyro de Andrade	Maurício Rocha e Silva Junior
Fernanda Barroso Beltrão	Raymond Victor Egg
Mario Nunes de Souza	Rock Spencer Maciel de Barros
Moacyr Brondi Daiuto,	Rosa Rosenberg Krausz
Irany Novah Moraes	Mario Miranda Rosa
Aluisio de Queirós Teles	Jarbas Salles F. Gonçalves
Halmut Heindrich Grabert,	Lamartine Pereira da Costa
Horst Haedisch	Maria Augusta P. M. Kiss
Ítalo Bustamant Palloci	Antonio Boaventura da Silva
João Eduardo Rodrigues Villalobos	Manoel Gomes Tubino
José Fernando Bittencourt Lomônaco	Alfredo Gomes de Faria Júnior.
Mario Carvalho Pini	

Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Física

HELDER GUERRA DE REZENDE

Physical Education – Graduate School (Master's and Ph.D. Programs)

The first graduate program in physical education in Brazil was developed and offered at the Universidade de São Paulo (University of São Paulo State - USP) in 1977. Before that, professionals who wanted to develop research in physical education had to go abroad, particularly to the U.S., to pursue their graduate degrees. Today, there are approximately 1,200 researchers with Master's degrees and 300 with Ph.D. degrees (see Tables 1 to 4 below), conducting research and teaching in the professional areas related to physical activity in Brazil.

In 2005, 1,400 Brazilians are expected to hold M.S. degrees while 500 will hold Ph.D. degrees. Although these numbers are very expressive in terms of Latin America, they represent low estimates because of (i) the unknown number of physical education researchers who graduated in physical education but post-graduated in other specializations in Brazil and abroad, and (ii) the gap of information about scholarships for Ph.D. degrees abroad provided by Conselho Nacional de Pesquisas (National Council of Research-CNPq) between 1985 and 2003. Twelve

Instituições de Ensino Superior (Undergraduate Schools – IES) have developed and added graduate programs (Master's and Doctorate degrees) in physical education since 1977. Two of these schools have nevertheless discontinued their graduate programs (see Tables below). On the other hand, there are five inter-institutional initiatives that have been offering Master's degree programs since 1977, which has generated opportunities outside the traditional centers located in the mid-western and southern regions of Brazil.

Definições No Brasil, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) em vigor, os cursos e programas de formação superior são reconhecidos como cursos de graduação e cursos de pós-graduação. Os cursos de pós-graduação são abertos a pessoas interessadas que tenham sido diplomadas em cursos de graduação. Este nível de formação, por sua vez, distingue-se em pós-graduação *lato sensu* e pós-graduação *stricto sensu*. A pós-graduação *lato sensu* compreende cursos desenvolvidos, num mínimo de 360 horas, para pessoas que tenham concluído a graduação, não computando o tempo de estudo individual ou em grupo, bem como o tempo destinado à elaboração de monografia ou trabalho de conclusão de curso. Estes cursos têm objetivo técnico-profissional específico, não abrangendo o campo total do saber no qual se insere. A pós-graduação *stricto sensu* é compreendida pelos cursos de mestrado e de doutorado, e constituída pelo ciclo de estudos regulares em seguimento à graduação, visando desenvolver e aprofundar a formação, conduzindo à obtenção do grau acadêmico de mestre e doutor. O curso de mestrado acadêmico, mesmo tomado como etapa preliminar para obtenção do grau de doutor (embora não seja condição indispensável), constitui grau terminal, com duração mínima de um ano, tendo a exigência de dissertação em determinada área de concentração de estudos na qual revele domínio do tema e capacidade de concentração, conferindo o diploma de mestre. O curso de mestrado profissional dirige-se à formação profissional, com estrutura curricular clara e consistente vinculada a sua especificidade, articulando o ensino com a aplicação profissional, de forma diferenciada e flexível. Ele admite o regime de dedicação parcial, exigindo a apresentação de trabalho final, sob a forma de dissertação, projeto, análise de casos, performance, produção artística, desenvolvimento de instrumentos, equipamentos, protótipos, entre outras, conforme a natureza da área e os fins do curso. O curso de doutorado constitui-se no último nível de formação pós-graduada, tendo por fim proporcionar formação científica ou cultural, ampla e aprofundada. Desenvolve a capacidade de produção científica, com duração mínima de dois anos, exigência de defesa de tese em determinada área de concentração de estudos, que contenha trabalho de pesquisa com real contribuição para o conhecimento do tema, conferindo o diploma de doutor. Em termos de memória da implantação dos programas de pós-graduação stricto-sensu em Educação Física e denominações

afins, e de inventário atual dos cursos correspondentes, segue-se uma cronologia e quadros demonstrativos por instituição.

1951 No contexto de reformulação e modernização do Estado brasileiro, o Decreto nº 29.741, de 11 de julho de 1951 instituiu uma comissão para promover a “Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior”, conhecida desde então como CAPES (hoje a sigla é a mesma porém “Campanha Nacional” deu lugar à “Coordenação”). Os objetivos da Campanha eram (a) assegurar a existência de pessoal especializado em quantidade e qualidade suficientes para atender às necessidades dos empreendimentos públicos e privados que visassem o desenvolvimento econômico e social do país; (b) oferecer aos indivíduos mais capazes, sem recursos próprios, acesso a todas as oportunidades de aperfeiçoamento.

1958 Anísio Teixeira dá evidentes sinais no sentido de defender a necessidade de estruturação da pós-graduação brasileira ao afirmar que “a experiência democrática só terá sido feita quando, além do sistema de educação, se tiverem organizado o sistema de pesquisa e o sistema de difusão do conhecimento”.

1965 O Ministro da Educação Suplicy de Lacerda solicitou ao Conselho Federal de Educação definição e regulamentação dos cursos de pós-graduação expressa no artigo 69 da LDB. Segundo o Ministro, a pós-graduação não deveria estimular apenas a formação de pesquisadores, mas também assegurar o treinamento eficaz e de alto padrão a técnicos e trabalhadores intelectuais, para fazer face ao desenvolvimento nacional em todos os setores. Também neste ano, a Câmara de Ensino Superior do Conselho Federal de Educação, por meio do Parecer nº 977/65, relatado pelo Cons. Newton Sucupira, posiciona-se no sentido de definir e caracterizar os cursos de pós-graduação, conforme a explicitação feita anteriormente.

1968 A Lei da Reforma Universitária nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, representa o grande marco desencadeador da pós-graduação brasileira. Segundo a Lei, o ensino superior teria como objetivo a pesquisa, o desenvolvimento das ciências, letras e artes, além da formação de profissionais de nível universitário. A Lei tratou das atribuições das universidades e estabelecimentos isolados de ensino no que se refere à graduação, pós-graduação, de cursos de aperfeiçoamento, bem como de cursos profissionais.

Década de 1970 Início da cooperação EUA – Brasil promovida pela Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura – DEF/MEC e Ministério das Relações Exteriores (Itamaraty), no sentido da formação de mestres e doutores em Educação Física, em universidades dos EUA.

1974 O Decreto nº 73.411, de 04 de janeiro de 1974, instituiu o Conselho Nacional de Pós-Graduação com o objetivo de propor medidas necessárias à atualização e à execução da Política Nacional de Pós-Graduação.

1977 A CAPES autoriza o início das atividades acadêmicas do primeiro curso de pós-graduação *stricto sensu* da América Latina. Trata-se do Curso de Mestrado em Educação Física da Universidade de São Paulo-USP, sediada na cidade de São Paulo-SP.

1977 – 2003 Expansão dos programas de pós graduação *stricto sensu*, influenciando a produção acadêmica em Educação Física, esporte e lazer no país, e com impacto na criação e manutenção de periódicos científicos, laboratórios e associações científicas nas áreas relacionadas às atividades físicas (ver capítulos correspondentes neste Atlas).

Situação atual No presente estágio estima-se que haja um mínimo de 1.200 mestres e 300 doutores em atividades na pesquisa e ensino das áreas profissionais afins às atividades físicas no Brasil (Tabelas de 1 a 4). Em 2005, estes profissionais pós-graduados em *stricto sensu* somarão 1.400 mestres e 500 doutores, quantidade bastante expressiva em termos de América Latina. Estes totais foram estimados por baixo em razão de ser desconhecido o número de mestres e doutores que se graduaram em Educação Física, mas que se pós-graduaram em outras especializações, tanto no Brasil como no exterior, e que continuam atuando em Educação Física. Também há hiatos de informação de bolsas para doutoramento no exterior concedidas pelo Conselho Nacional de Pesquisa-CNPq entre 1985 e 2003. Já com relação às Instituições de Ensino Superior – IES que mantêm programas de mestrado e doutorado em Educação Física, contam-se 12 programas criados desde 1977, dos quais dois foram desativados, conforme os quadros de perfil também encontrados adiante. Em compensação, desde 1997 surgiram cinco iniciativas de mestrado interinstitucional no país, gerando uma oferta de programas além das tradicionais regiões centro-sul e sul do Brasil.

Fontes CAPES; CNPq; IES de Educação Física com programas de mestrado e doutorado.

Tabela 1 / Table 1
Número de mestres e doutores titulados pelos programas de pós-graduação stricto-sensu em Educação Física no país, 1977 – 2003

Number of researchers that hold Master's and Ph.D. degrees in physical education in Brazil 1977 – 2003

Fontes / sources: IES informantes

IES Universities	TITULADOS	
	MEST	DOUT
USP-SP	221	20
UFMS-RS	240	36
UFRJ-RJ	118	-
UGF-RJ	206	22
UNICAMP-SP	273	88
UFMG-MG	67	-
UNESP-RC-SP	146	0
UCB-RJ	142	-
UFSC-SC	90	-
UDESC-SC	61	-
UCB-DF	50	-
UNIMEP-SP	25	-
TOTAL	1126	166

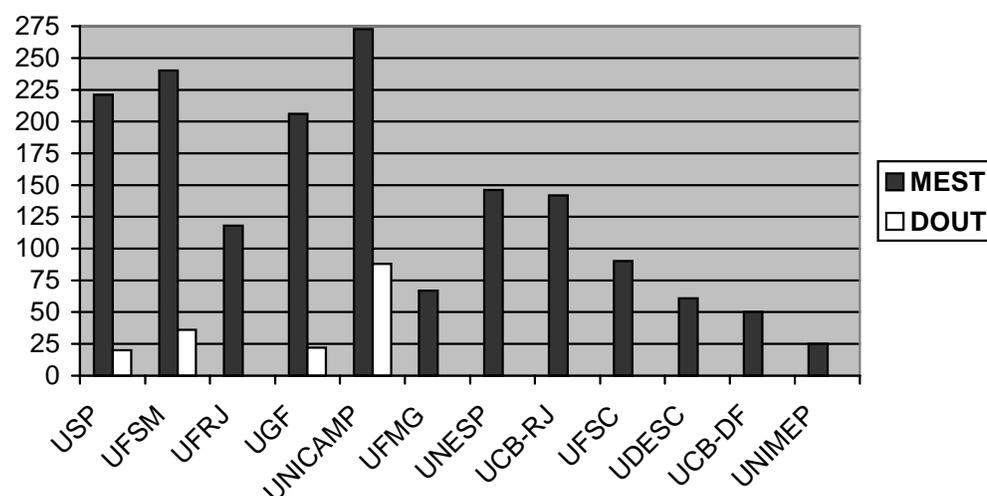


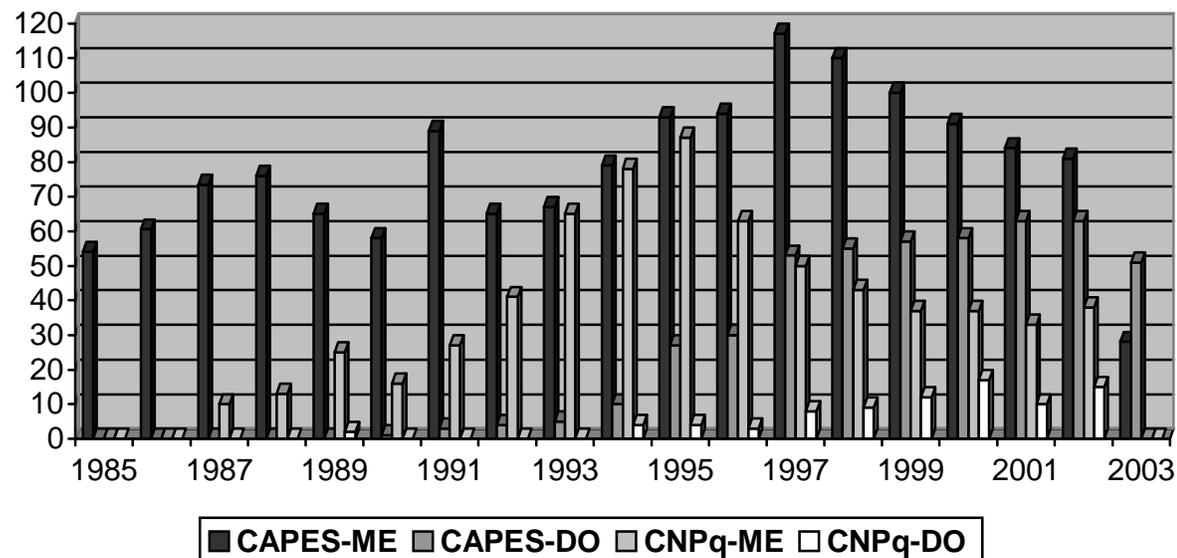
Tabela 2 / Table 2

Concessão de bolsa de mestrado e de doutorado em Educação Física no país/CAPES e CNPq - 1985 a 2003

Scholarship grants for Master's and Ph.D. degrees in Physical Education in Brazil / CAPES - Coordination for the Improvement of University Graduates and CNPq - National Council of Research - 1985 to 2003

ANO	NÍVEL			
	MEST		DOUT	
	CAPES	CNPq	CAPES	CNPq
1985	54	-	-	-
1986	60,5	-	-	-
1987	73,5	10	-	-
1988	76	13	-	-
1989	65	25	-	2
1990	58	16	1	0
1991	89	27	3	0
1992	65	41	4	0
1993	67	65	5	0
1994	79	78	10	4
1995	93	87	27	4
1996	94	63	30	3
1997	117	50	53	8
1998	110	43	55	9
1999	100	37	57	12
2000	91	37	58	17
2001	84	33	63	10
2002	81	38	63	15
2003	28	NI	51	NI
TOTAL	1.485	663	480	74

NI: Não informado / not available



Observação:

- Os dados da concessão de 1985 a 1994 são referentes aos Programas: Demanda Social (DS) e Programa Institucional de Capacitação de Docentes e Técnicos (PICDT);
- Os dados da concessão de 1995 a 2002 são referentes aos Programas: DS, PICDT, Programa de Fomento à Pós-Graduação (PROF) e Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares (PROSUP);
- Os dados da concessão de 2003 são referentes aos Programas: DS e PICDT, tendo em vista que a concessão do PROF e do PROSUP ainda não foi totalmente efetivada.

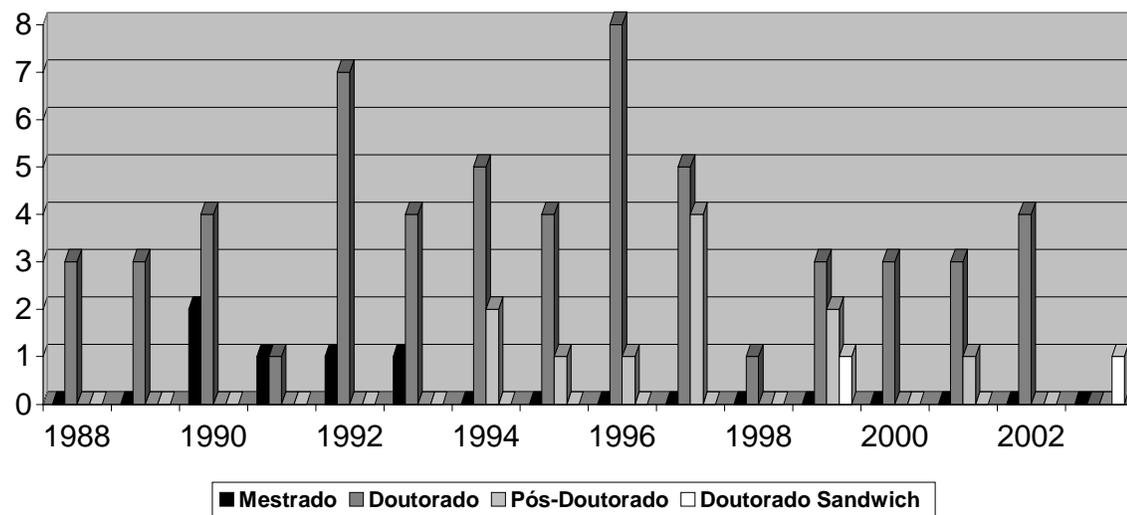
Tabela 3 / Table 3

Concessão de bolsa em Educação Física para o exterior/CAPES - 1988 a 2003

Scholarships granted for the study of physical education abroad/CAPES - 1988 to 2003

Ano Início da Bolsa	Nível	Total
1988	Doutorado	3
1989	Doutorado	3
1990	Mestrado	2
	Doutorado	4
1991	Mestrado	1
	Doutorado	1
1992	Mestrado	1
	Doutorado	7
1993	Mestrado	1
	Doutorado	4
1994	Doutorado	5
	Pós-Doutorado	2
1995	Doutorado	4
	Pós-Doutorado	1
1996	Doutorado	8
	Pós-Doutorado	1
1997	Doutorado	5
	Pós-Doutorado	4
1998	Doutorado	1
1999	Doutorado	3
	Pós-Doutorado	2
2000	Doutorado	3
	Pós-Doutorado	1
	Doutorado Sandwich	1
2001	Doutorado	3
	Pós-Doutorado	1
2002	Doutorado	4
2003	Doutorado Sandwich	1
Total Geral		76
Doutorado		63

Fontes não oficiais estimam que foram titulados cerca de 10 doutores e 20 mestres nos EUA e cerca de 20 doutores titulados em países europeus, antes da implantação dos Programas Brasileiros de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação Física. O processo de titulação de grande parte desses especialistas foi apoiado por Convênios intermediados pela Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura (Departamento na década de 1980). Cabe ressaltar que este quantitativo deve ser bem inferior ao total de especialistas da Educação Física titulados no exterior, considerando que muitos outros buscaram a sua qualificação por iniciativa e com recursos próprios.



Mestrados interinstitucionais em Educação Física autorizados pela CAPES

Inter-institutional Master's degrees in P. E. authorized by CAPES

A CAPES implantou em 1997 o Programa de Mestrado Interinstitucional (MINTER) destinado a atender a necessidade de formação de recursos humanos, especialmente nas regiões carentes de programas de pós-graduação stricto sensu. O Programa pressupõe a parceria entre Instituições de Ensino Superior interessadas na (Instituição Receptora e Instituições

Associadas) capacitação do seu quadro docente e um Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu oficialmente reconhecidos e que tenham obtido nota igual ou superior a 4 (quatro) na avaliação mais recente da CAPES. Desde a sua implantação foram autorizados os programas dentro das especificações apresentadas na Tabela abaixo de acordo com o MINTER:

N	IES Receptora	IES Promotora	Nº de Titulados	Início	Término
1	UEPA/UFPA	UGF	10	Mai/1998	Out/2000
2	UEL	USP	11	Ago/1998	Jul/2001
3	UFPB	UNESP-RC	11	Jan/2000	Dez/2002
4	UFG	UNICAMP	18	Abr/2000	Abr/2002
5	UA	USP	06	Abr/2002	Em andamento

Perfil dos programas de pós-graduação em Educação Física e denominações afins autorizados pela CAPES, 1977 – 2003

Profile of post graduation programs in P.E. and other correspondent denominations authorized by CAPES, 1977 – 2003

IES	Universidade de São Paulo (USP)										
PROGRAMA	Educação Física										
LOGRADOURO	Av. Prof. Melo Moraes, 65 - Cidade Universitária - CEP: 05.508-900 - São Paulo - São Paulo.										
TELEFONE	(11) 3091-3095										
FAX	(11) 3091-3095										
E-MAIL	cpgeefe@usp.br										
NÍVEL	Mestrado	INÍCIO DO CURSO E AUTORIZAÇÃO DA CAPES									1977
	Doutorado	INÍCIO DO CURSO E AUTORIZAÇÃO DA CAPES									1989
ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO	Biodinâmica do Movimento Humano (M / D)										
	Pedagogia do Movimento Humano (M)										
EGRESSOS TITULADOS	221 Mestres										
	20 Doutores										
AVALIAÇÃO DO PROGRAMA JUNTO À CAPES											
1980	1981	1982	1983-84	1985-86	1987-88	1989-91	1992-93	1994-95	1996-97	1998-00	
B	C	C	A	A	A	A	A	A	5	5	

IES	Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)										
PROGRAMA	Ciência do Movimento Humano										
LOGRADOURO	Campus Universitário - Camobi - CEP: 97.105-900 - Santa Maria - Rio Grande do Sul										
TELEFONE	(55) 220-8431										
FAX	(11) 220-8016										
E-MAIL	ppgcmh@cefd.ufsm.br										
NÍVEL	Mestrado	INÍCIO DO CURSO E AUTORIZAÇÃO DA CAPES									1979
	Doutorado	INÍCIO DO CURSO E AUTORIZAÇÃO DA CAPES									1991
ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO	Fisiologia do Exercício										
	Aprendizagem Motora										
	Desenvolvimento Humano										
	Pedagogia do Movimento Humano										
	Biomecânica										
	Cineantropometria										
	Comunicação, Movimento e Mídia										
EGRESSOS TITULADOS	240 Mestres										
	36 Doutores										
AVALIAÇÃO DO PROGRAMA JUNTO À CAPES											
1980	1981	1982	1983-84	1985-86	1987-88	1989-91	1992-93	1994-95	1996-97	1998-00	
B	B	B	B	B	A	B	A-	B/C	3	2	
OBS.: Atualmente o Programa está em processo de reestruturação visando um novo credenciamento junto a CAPES											

IES	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)										
PROGRAMA	Educação Física										
LOGRADOURO	Av. Pau-Brasil, 540 - Bairro Cidade Universitária - CEP: 21.941-590 - Rio de Janeiro - Rio de Janeiro										
TELEFONE	(21) 2562-6803										
FAX	(21) 2562-6801										
E-MAIL	posgrad@eefd.ufrj.br										
NÍVEL	Mestrado	INÍCIO DO CURSO E AUTORIZAÇÃO DA CAPES									1980 / 1981
ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO	Biociências da Atividade Física										
	Pedagogia da Educação Física e do Esporte										
EGRESSOS TITULADOS	118 Mestres										
AVALIAÇÃO DO PROGRAMA JUNTO À CAPES											
1981	1982	1983-84	1985-86								
B+	C	B-	C								
OBS.: Atualmente o Programa está desativado											

IES	Universidade Gama Filho (UGF)										
PROGRAMA	Educação Física										
LOGRADOURO	Rua Manoel Vitorino, n. 625 - Bairro Piedade - CEP: 20.748-900 - Rio de Janeiro - Rio de Janeiro										
TELEFONE	(21) 2599-7138										
FAX	(21) 2599-7138										
E-MAIL	ppgef@ugf.br										
NÍVEL	Mestrado	INÍCIO DO CURSO E AUTORIZAÇÃO DA CAPES									1985
	Doutorado	INÍCIO DO CURSO E AUTORIZAÇÃO DA CAPES									1994
ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO	Educação Física & Cultura (M / D)										
	Atividades Físicas & Desempenho Humano (M / D)										
EGRESSOS TITULADOS	206 Mestres										
	22 Doutores										
AVALIAÇÃO DO PROGRAMA JUNTO À CAPES											
1985-86	1987-88	1989-91	1992-93	1994-95	1996-97	1998-2000					
CN	B	B+	B+	A	5	5					

IES	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-RC)										
PROGRAMA	Ciências da Motricidade										
LOGRADOURO	Av. 24-A, n. 1.515 - Bairro Bela Vista - CEP: 13.506-900 - Rio Claro - São Paulo.										
TELEFONE	(19) 3534-6436										
FAX	(19) 3534-0009										
E-MAIL	spgib@rc.unesp.br / Itbgobbi@rc.unesp.br										
NÍVEL	Mestrado	INÍCIO DO CURSO E AUTORIZAÇÃO DA CAPES									1991
	Doutorado	INÍCIO DO CURSO E AUTORIZAÇÃO DA CAPES									2000
ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO	Biodinâmica da Motricidade Humana (M / D)										
	Pedagogia da Motricidade Humana (M)										
EGRESSOS TITULADOS	146 Mestres										
	Ainda não foram titulados doutores										
AVALIAÇÃO DO PROGRAMA JUNTO À CAPES											
1992-93	1994-95	1996-97	1998-2000								
CN	B	4	4								

IES	Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)				
PROGRAMA	Educação Física				
LOGRADOURO	Rua Érico Veríssimo, 701 – Cid.Universitária “Zeferino Vaz”– Bairro Barão Geraldo – CEP: 13.083-970 – Campinas – São Paulo.				
TELEFONE	(19) 3788-6609 / 3788-6610				
FAX	(19) 3289-4338				
E-MAIL	posgrad@fef.unicamp.br				
NÍVEL	Mestrado	INÍCIO DO CURSO E AUTORIZAÇÃO DA CAPES	1988		
	Doutorado	INÍCIO DO CURSO E AUTORIZAÇÃO DA CAPES	1993		
ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO	Atividade Física, Adaptação e Saúde				
	Ciências do Desporto				
	Biodinâmica do Movimento Humano				
	Estudos do Lazer				
	Pedagogia do Movimento				
EGRESSOS TITULADOS	273 Mestres				
	88 Doutores				
AVALIAÇÃO DO PROGRAMA JUNTO À CAPES					
1987-88	1989-91	1992-93	1994-95	1996-97	1998-00
CN	B+	B+	B+	4	4

IES	Universidade Metodista de Piracicaba				
PROGRAMA	Educação Física				
LOGRADOURO	Rodovia do Açúcar Km 156 – Campus Taquaral – CEP: 13400-911 – Piracicaba – São Paulo				
TELEFONE	(19) 3124-1708				
FAX	(19) 3124-1515				
E-MAIL	ademarco@unimep.br				
NÍVEL	Mestrado	INÍCIO DO CURSO E AUTORIZAÇÃO DA CAPES	2000 / 2003		
ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO	Corporeidade, Pedagogia do Movimento e Lazer				
	Performance Humana				
EGRESSOS TITULADOS	25 Mestres				
AVALIAÇÃO DO PROGRAMA JUNTO À CAPES					
2003					
3					

IES	Universidade Castelo Branco (UCB)				
PROGRAMA	Ciência da Motricidade Humana				
LOGRADOURO	Av. das Américas, n. 20.000 – Bairro Recreio dos Bandeirantes – CEP: 22.780-160 – Rio de Janeiro – Rio de Janeiro				
TELEFONE	(21) 2498-3838				
FAX	(21) 2406-7792				
E-MAIL	cprocih@castelobranco.br				
NÍVEL	Mestrado	INÍCIO DO CURSO E AUTORIZAÇÃO DA CAPES	1994		
ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO	Atividade Física, Epidemiologia, Saúde e Qualidade de Vida				
	Dimensões Filosóficas e Sociais da Motricidade Humana				
	Dimensões Pedagógicas da Motricidade Humana				
	Dimensões Psiconeurofisiológicas da Motricidade Humana				
	Treinamento da Performance Motora e do Alto Rendimento				
EGRESSOS TITULADOS	142 Mestres				
AVALIAÇÃO DO PROGRAMA JUNTO À CAPES					
1999-2000					
3					

IES	Universidade Federal de Santa Catarina				
PROGRAMA	Educação Física				
LOGRADOURO	Universidade Federal de Santa Catarina – Centro de Desportos – CEP: 88.040-900 – Florianópolis – Santa Catarina				
TELEFONE	(48) 331-9926				
FAX	(48) 331-9792				
E-MAIL	mestrado@cds.ufsc.br				
NÍVEL	Mestrado	INÍCIO DO CURSO E AUTORIZAÇÃO DA CAPES	1995 / 1996		
ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO	Atividade Física Relacionada à Saúde				
	Teoria e Prática Pedagógica em Educação Física				
EGRESSOS TITULADOS	90 Mestres				
AVALIAÇÃO DO PROGRAMA JUNTO À CAPES					
1996-97			1998-00		
4			4		

IES	Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)				
PROGRAMA	Ciências do Movimento Humano				
LOGRADOURO	Rua Pascoal Simone, n. 358 – Bairro Coqueiros – CEP: 88.080-350 – Florianópolis – Santa Catarina.				
TELEFONE	(48) 244-2260				
FAX	(48) 244-2260				
E-MAIL	d7pos@udesc.br				
NÍVEL	Mestrado	INÍCIO DO CURSO E AUTORIZAÇÃO DA CAPES	1997 e 1999		
ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO	Estudos Biocomportamentais do Movimento Humano				
EGRESSOS TITULADOS	61 Mestres				
AVALIAÇÃO DO PROGRAMA JUNTO À CAPES					
1999-2000					
3					

IES	Universidade Católica de Brasília				
PROGRAMA	Educação Física				
LOGRADOURO	QS 7 Lote 1 – Bairro Águas Claras – CEP: 71.966-700 – Taguatinga – Distrito Federal				
TELEFONE	(61) 356-9350				
E-MAIL	ppgef@pos.ucb.br				
NÍVEL	Mestrado	INÍCIO DO CURSO E AUTORIZAÇÃO DA CAPES	1999 / 2002		
ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO	Atividade Física e Saúde				
EGRESSOS TITULADOS	50 Mestres				
AVALIAÇÃO DO PROGRAMA JUNTO À CAPES					
2002					
3					

IES	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)				
PROGRAMA	Educação Física				
LOGRADOURO	<i>Av. Carlos Luz, 4664 – Bairro: Pampulha – CEP: 31.310-250 – Belo Horizonte – Minas Gerais</i>				
TELEFONE	<i>(31)34992322</i>				
FAX	<i>(31)34992322</i>				
E-MAIL	<i>mestrado@eef.ufmg.br</i>				
NÍVEL	Mestrado	INÍCIO DO CURSO E AUTORIZAÇÃO DA CAPES	1988 / 1989		
ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO	Treinamento Esportivo				
EGRESSOS TITULADOS	67 Mestres				
AVALIAÇÃO DO PROGRAMA JUNTO À CAPES					
1989-91	1992-93	1994-95	1996-97	1998-00	
C	C	C	4	4	

Educação Física escolar

JOÃO CARLOS JACCOTTET PICCOLI

School Physical Education

Although physical education in schools started in the 15th century Italian Renaissance, it was adopted with more effective bases in some European countries at the end of the 18th century. Programs and recommendations of renowned educators of the science of pedagogy science and of schools of excellence such as the Philanthropinum, located in Germany, greatly contributed for the development of physical education in schools. The first milestone of the memory of Brazilian physical education in schools took place in the branch of the Philanthropinum located in

Definições Educação Física Escolar é um elemento do processo educacional formal, que tem como meio específico as atividades físicas exercidas a partir de uma intenção educativa, possibilitando o desenvolvimento das dimensões cognitiva, afetivo-social e motora de crianças e adolescentes através de exercícios ginásticos, jogos, esportes, danças e lutas. Para se abordar as manifestações da Educação Física escolar brasileira, requer, primeiramente, que se estabeleçam alguns marcos de memória gerais que contribuíram para o seu desenvolvimento. Uma definição de partida concerne à interpretação temporal do corpo que, pouco valorizado no período medieval, reconquistou seu espaço no período renascentista, tendo o exercício físico denominado de ginástica desde o século XVIII, recebido maior ênfase na escola.

Marcos internacionais de memória

1423 A escola *La Gioiosa de Mantova* foi estabelecida por Vittorino Rambaldoni da Feltre no norte da Itália, primeiro educador a colocar a educação do corpo no mesmo nível das disciplinas tidas como intelectuais.

Século XVII A Educação Física não era considerada como um aspecto essencial da educação para ser tratado, salvo em raras exceções.

Século XVIII A Educação Física já era alvo de atenção a qual eram buscadas soluções, apesar de que, na maioria dos casos, as mesmas se fundamentassem em mero empirismo.

1762 Jean Jacques Rousseau (1712-1778), enciclopedista e pedagogo suíço, escreveu e publicou a obra “Emílio ou da Educação” em que foi ressaltada a importância do exercício do corpo e do espírito. A Educação Física ocupou uma importante função na concepção de Rousseau, já que era considerado um dos meios mais seguros para se estabelecer relações naturais entre o homem e as coisas (experiência que a criança adquiria sob a ação das coisas externas).

1774 Johann Bernard Basedow (1723-1790), estabeleceu sua escola-modelo – *Philanthropinum*, em Dessau, Alemanha, onde a ginástica estava incluída no currículo escolar e possuía o mesmo status que as disciplinas intelectuais. Inicialmente, nessa instituição eram praticadas atividades originárias dos tempos medievais como a equitação, o vôleio, a natação, a esgrima, a dança e os jogos, posteriormente, foram acrescentados exercícios naturais como o correr, saltar, arremessar, transportar e trepar.

1784 Christian Gotthilf Salzmann (1744-1811), pedagogo e educador alemão, criou um estabelecimento semelhante ao de Basedow, localizado, também, na Alemanha, na cidade de Schnepfenthal. Era, nele, acentuada a importância da educação sensorial para a formação física, para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da capacidade intelectual do educando, como também, desenvolvido o interesse educativo do esforço, que deveria ser executado de acordo com as possibilidades dos alunos.

1785 Johann Christoph Guts Muths (1759-1839), educador alemão, iniciou a lecionar como professor de Ginástica no Instituto de Schnepfenthal, fundado por Salzmann, e lá permaneceu por 54 anos. A Educação Física para Guts Muths possuía, então, o objetivo de exercitar uma ação educativa destinada a harmonizar o corpo com as forças espirituais e morais e desenvolver, na criança, qualidades e capacidades que lhe permitisse superar obstáculos de caráter físico. Observa-se, também, a sua preocupação em

Schnepfenthal, where the first Brazilian student was registered in 1834. Three dozen students from different regions of Brazil were admitted there in the following years. The first initiative to include physical education in the curriculum of the schools in Brazil occurred in Rio de Janeiro, then capital of the Brazilian Empire in 1837. Since the very beginning, physical education had been related to both the military and the middle class through hygienist procedures that aimed at the improvement of health and hygiene conditions of the Brazilian population. Brazil followed

proporcionar às mulheres atividades físicas, fundando a primeira escola de ginástica feminina onde os exercícios físicos eram adaptados ao sexo, como, também, possuía a consciência do valor que o esporte oferecia à formação física e da personalidade da juventude.

1794 Gerhard Ulrich Anton Vieth (1763-1836) publicou o primeiro de três volumes de sua obra “Ensaio de uma Enciclopédia dos Exercícios do Corpo” (*Versuch einer Enzyklopädie der Leibesübungen*), onde atribuía importância à prática do exercício físico para a formação moral e física do indivíduo e insistia na obrigatoriedade de Educação Física nos âmbitos da escola e da universidade. Afirmando que os exercícios físicos deveriam visar o aperfeiçoamento completo do corpo humano, Vieth os classificava de acordo com as diferentes partes do corpo em exercícios simples e combinados. Preferia, entretanto, classificá-los em exercícios passivos (exercícios de oscilação, atitudes, fricções e massagens, banho e exercícios de endurecimento) e exercícios ativos, que se dividiam em exercícios para os sentidos e para os membros, como marchar, corridas, exercícios de trepar, saltos, dança, exercícios de tração e de repulsão, lançamentos, lutas, esgrimas, volteios e transporte de fardos, além da patinação, do tiro, da equitação e de jogos diversos. Vieth tornou-se o primeiro professor de ginástica a demonstrar a necessidade de se proporcionar ao exercício físico uma base anatomo-fisiológica tendo em vista a sua preparação científica, que lhe permitia compreender e delinear os efeitos biológicos e higiênicos da ginástica, como também, estabelecer uma relação de causa e efeito entre a atividade física e as suas influências sobre o corpo.

1799 Vivat Victorius Franziskus Nachteggall (1777–1847), educador dinamarquês, influenciado por Guts Muths, inaugurou seu ginásio particular ao ar livre, primeira instituição européia dos tempos modernos, direcionada exclusivamente ao ensino da Educação Física, que ocupou lugar de destaque nos meios educacionais europeus por mais de 25 anos. Nachteggall acreditava num programa de Educação Física de natureza ampla, mas, com a destruição de seu Instituto pelos bombardeios a Copenhague durante as guerras Napoleônicas (1801 a 1814), foi forçado, pelas circunstâncias, a atribuir uma característica militar a seu programa. Embora não tenha estabelecido um novo sistema de ginástica na Dinamarca, organizou e sistematizou a prática da Educação Física de uma forma não observada, na época, em outros países. É, também, considerado o primeiro educador a mencionar a utilização de colções como forma de segurança.

Século XIX Foram observadas preocupações metodológicas do ensino da Educação Física, principalmente, na primeira metade, em vários países europeus. Certamente que o crescimento e interesse pelos problemas da Educação Física, em 1800, deu-se com base em experiências pedagógicas dos enciclopedistas, dos filantropos, de Pestalozzi, Fröbel entre outros. O desenvolvimento das escolas públicas alemãs para as massas aconteceu no século XIX. As sociedades ginásticas intituladas *Turnvereine*, logo que se constituíram, não alteraram as práticas escolares nem introduziram a ginástica nas escolas, tinham, entretanto, a tendência de agir de forma suplementar ao trabalho escolar, em vez de nelas assegurar o espaço para a prática da Educação Física. A Educação Física, em particular a ginástica, passaram a ser introduzidas nas escolas públicas com caráter obrigatório. Entretanto, a imposição legal da obrigatoriedade freqüentemente não era atendida por falta de meios adequados para a sua prática e porque os objetivos

German, Swedish, Austrian and French models of physical education until the 1950s. Today physical education taught in Brazilian schools has theoretical references produced in the country and it is included in the Parâmetros Curriculares Nacionais (National Curriculum Standards – PCNs) as the other disciplines are. However, research that has been taking place since 1971 has revealed that Physical Education in the schools does not happen as described in the legal acts and in the proposed educational patterns.

pretendidos eram baseados em doutrinas com pouca fundamentação científica e orientação pedagógica, como também, metodologia inadequada.

1801 Nachteggall tornou o ensino da ginástica compulsório numa escola pública de ensino fundamental freqüentada por crianças de baixo poder aquisitivo, em 1801. Pode-se, então, observar que a Dinamarca, tornou-se o primeiro país a exigir o ensino da Educação Física nas escolas públicas de ensino fundamental e médio, administrada diariamente fora do horário escolar com previsão para a utilização de aparelhos e espaço externo entre 96 a 144 metros quadrados para essa prática.

1804 Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), suíço, educador por excelência e pedagogo influenciado por Rousseau, estabeleceu, no Castelo de Yverdon na cidade de Yverdon, nas cercanias do Lago NeuChâtel, Suíça, seu instituto de educação onde aplicou suas idéias educacionais. A Educação Física, ou melhor, a ginástica era considerada um meio de formação do espírito, sob o ponto de vista intelectual, e uma forma de desenvolvimento moral e estético, sob o ponto de vista da moral e da beleza. Observa-se, assim, a influência formativa do exercício físico, no desenvolvimento integral do indivíduo. Pestalozzi, também, considerava que o movimento era uma necessidade natural, indispensável à criança e a Educação Física, um meio de formação física e de desenvolvimento sensorial e estético essencial na educação e na saúde da juventude.

1807 Foi aprovada uma legislação na Suécia que determinava que, em cada estabelecimento de ensino, de acordo com as suas possibilidades, deveriam ser disponibilizados locais para a prática da ginástica onde seriam praticadas atividades de saltar, trepar, fazer volteios, nadar entre outras, sob a supervisão de um mestre (professor). Nota-se que Pehr Henrik Ling (1776-1839), embora tenha tido a intenção de desenvolver a ginástica escolar através de sua ginástica pedagógica, somente teve essa idéia concretizada através de seu filho Hjalmar Frederick Ling.

1820 Foi determinado na Suécia que não poderiam ser dispensados da prática da ginástica os jovens considerados inaptos para tais atividades, a não ser aqueles autorizados pela direção do estabelecimento.

1823 A Round Hill School foi criada por Joseph Cogswell (1786-1871) e George Bancroft (1800-1891), na cidade de Northampton, Massachusetts, Estados Unidos. A escola utilizava a instrução individual e primava pela preservação da saúde e melhoria dos aspectos moral e mental das crianças. Os fundadores da escola acreditavam que uma forma de se alcançar tais objetivos era através do estabelecimento de um programa de Educação Física, assim, foram, então incluídas aulas de dança, de equitação e de ginástica, esta última, ministrada por Charles Beck (1798-1866), discípulo de Jahn. A *Round Hill School* tornou-se pioneira na inclusão da atividade física como parte integral do currículo escolar nos Estados Unidos. Inicialmente, a prática da Educação Física nas escolas fundamentais era prerrogativa dos meninos, apenas. Em 1825, William Bentley Fowle (1795-1865) introduziu em sua escola de meninas, em Boston, Massachusetts, a utilização de aparelhos como barras e as roldanas para serem usadas nos horários de recreio.

1826 Friedrich Fröbel (1782-1852), pedagogo alemão, fundador dos jardins da infância, discípulo e continuador das idéias de Pestalozzi, escreveu a obra Educação do Homem em que era salientada a importância da manutenção de um corpo vigoroso e ativo.

Fröbel retorna à idéia de Platão e de Vittorino da Feltre, mas a ultrapassa ao afirmar que os exercícios corporais conduziam a criança a um conhecimento claro da estrutura interna de seu corpo, levando-a a sentir, com maior intensidade, as conexões mútuas internas da atividade de seus membros. Ao defender a idéia de se utilizar o jogo e os exercícios ginásticos com um sentido recreativo e de educação sensorial, acompanhados de música e de canto na educação pré-escolar, demonstrou a sua preocupação em relacionar a Educação Física, intelectual e moral da criança à formação de sua personalidade.

1857 o superintendente das escolas de Cincinnati, Ohio, Estados Unidos, propôs que todos os professores contratados deveriam aprender um sistema de ginástica adaptado a todas as séries do ensino fundamental.

1863 Foram alteradas de 4 para 6 horas de ginástica e de exercícios com armas, para as classes mais adiantadas e para as mais atrasadas, 3 horas apenas, na Suécia. Assim, mesmo com esses dispositivos legais, a ginástica pedagógica de Ling não conseguiu ser desenvolvida.

1864 O Instituto Central Real de Ginástica, fundado por Pehr Henrik Ling em 1814, foi reorganizado, assumindo o controle da ginástica escolar seu filho Hjalmar Frederick Ling (1820-1886). Ao desenvolver a ginástica escolar ou higiênica, este recebeu o título de pai da ginástica escolar sueca, disseminando a prática de tal atividade nas escolas suecas com o apoio de Ellin Falk (1872-1942), Inspetora de Ginástica das Escolas Elementares de Estocolmo, criadora da ginástica moderna infantil adaptada às características psíquicas da criança e às suas necessidades lúdicas. Enquanto que no século XIX os sistemas ginásticos, centrados na saúde do corpo, na perfeição física e de movimentos e utilizados como forma de servir à nação estavam sendo transformados em programas de Educação Física na Alemanha e na Escandinávia, na Inglaterra, as escolas públicas estavam vivenciando uma outra forma de educação, através de jogos e esportes, cuja ênfase estava nos valores de honestidade, jogo limpo (fair play), espírito esportivo, esforço individual, iniciativa e coragem.

1866 Foi inaugurada a Escola Normal da União de Ginástica Norte-Americana, que formava professores de ginástica de acordo com o movimento alemão de Jahn, com enfoque no treinamento físico. No curso, com duração de um ano, desenvolvido à noite, os alunos estudavam história e objetivos da Educação Física, anatomia, primeiros socorros, dança e ginástica combinada com métodos de ensino.

1874 August Hermann (1835-1906), professor de ginástica na escola de ensino médio – Ginásio Martino Katharineum – em Brunswick, Alemanha, após permanecer por algum tempo na Inglaterra, ficou tão convencido da importância do jogo como poder educativo que introduziu a prática do rugby nas escolas de meninos, sendo seguido pela implantação do baseball americano em 1875 e o críquete, em 1876.

1877 Na Suécia, com a visita do professor e capitão Lars Mauritz Törngren (1839-1912), diretor do Instituto Real Central de Ginástica de Estocolmo, às escolas públicas inglesas, foi escrito um livro sobre jogos escolares.

1880 Em Hartford, Cincinnati, Estados Unidos, nas duas escolas de meninas de Catharine Beecher (1800-1878), eram realizados exercícios semelhantes à ginástica sueca de Ling, quando começou a ser divulgada nos Estados Unidos. Outros planos e sistemas de Educação Física foram introduzidos nos Estados Unidos a partir da década de 1880, incluindo o sistema ginástico sueco cujo precursor foi Hartwig Nissen (1855-1924), que o introduziu em Washington, DC e, posteriormente, em Boston. Outro divulgador deste sistema foi Nils Posse (1862-1895) em Boston, Massachusetts que estabeleceu uma escola de formação de professores que muito contribuiu para a popularidade da ginástica sueca, no continente norte-americano. A Educação Física curricular no século XIX possuía, principalmente, natureza corretiva, com ênfase na prática de exercícios formais. Os sistemas de Educação Física utilizados nas escolas americanas eram os de origem européia e escandinava. Poucas eram as salas específicas para os exercícios físicos nas escolas públicas dos Estados Unidos. As aulas eram ministradas nas salas de aula regulares, reunindo um grande número de alunos num pequeno espaço, e os professores não estavam preparados pedagogicamente para ministrar

atividades físicas. O sistema sueco de ginástica começa a ser mais aceito do que o sistema alemão, pois o primeiro não era praticado com aparelhos, era mais flexível no que se refere às condições de oferta do que a ginástica alemã.

1884 Pierre Fredi, Barão de Coubertin (1863-1937), ao visitar a Inglaterra, conheceu as doutrinas pedagógicas de Thomas Arnold e o deixou convencido da repercussão que o movimento desportivo poderia ter na educação da juventude e na melhoria do entendimento entre as classes sociais, os povos e as nações do mundo contemporâneo. Ao retornar à França, tentou utilizar a estrutura dos jogos como instrumento pedagógico para revitalizar a juventude francesa.

1892 Na convocação da Associação Americana para o Avanço da Educação Física-AAAPE, hoje conhecida como *American Alliance for Health, Physical Education, Recreation and Dance* (Aliança Americana para a Saúde, Educação Física, Recreação e Dança) – AAHPERD, Nils Posse, defensor do sistema ginástico sueco, face ao que foi intitulado de “batalha dos sistemas”, entre os defensores dos sistemas de ginástica sueco e alemão, sugeriu que os sistemas de ginástica estrangeiros fossem substituídos por um sistema nacional baseado nas necessidades do povo americano. Para esta idéia, contribuiu John Dewey (1859-1952) que sugeria mudanças no processo educacional, com enfoque na criança. A Educação Física nova propunha um ambiente no qual as crianças pudessem vivenciar experiências sociais e psicomotoras. Aqueles programas tradicionais que não utilizassem o jogo e a dança associados à atividades espontâneas, não mais atingiriam as necessidades de desenvolvimento das crianças. Assim, a Educação Física deveria se tornar o componente principal no currículo escolar. Estes foram os indícios de uma mudança de paradigma, isto é, da utilização de sistemas rígidos de Educação Física para uma Educação Física nova, mais centrada no desenvolvimento integral da criança.

1896 Observa-se a influência do movimento inglês na Dinamarca através de Wilhelm Bardenfleth, Ministro da Igreja e de assuntos Escolares quando enviou uma circular para todas as autoridades escolares, solicitando a inclusão dos jogos no programa de Educação Física das escolas públicas dinamarquesas. No ano seguinte, um orçamento, por um período de 3 anos, foi encaminhado ao Comitê Nacional para a promoção de jogos entre escolares dinamarqueses. Observa-se, então, que esta atitude estimulou o desenvolvimento de um novo enfoque à prática da ginástica nas aulas de Educação Física.

1908 A Educação Física Escolar recebeu impulso na Suécia, por Elin Falk (1872-1942) quando ocupava o cargo de inspetora de Educação Física das Escolas Primárias de Estocolmo. Nota-se que Elin Falk criticava a ginástica escolar preconizada por Ling, na época, por sua rigidez de movimentos e de atitudes com conotação militarista, pelo conteúdo corretivo que limitava a liberdade de ação e o sentimento de liberdade da criança, pelo excesso de exercícios de ordem, pouco justificados e pelo excesso e falta de adequação nas vozes de comando. Ao observar crianças que jogavam entre si, fora da atividade escolar, notou que o faziam de forma alegre, com vivacidade e entusiasmo o que não era observado nas aulas de ginástica, então ministradas nas escolas. Para interferir neste processo, acrescentou nas aulas de Educação Física os jogos, as rodas, os exercícios em forma de jogo e as sessões historiadas. Elin Falk é considerada a criadora da ginástica moderna infantil, essencialmente adaptada às características psíquicas da criança e às suas necessidades lúdicas, acreditava que a finalidade da ginástica era libertar o corpo e a alma para alcançar o indivíduo a sua totalidade.

1910-1930 Período em que Josef Gottfrid Thulin (1875-1965) dominou a ginástica na Suécia. Ao tratar da Educação Física para crianças de 6 a 8 anos, dizia que a sessão deveria focar vários temas e os exercícios, deveriam ser ministrados em forma de jogo, com a finalidade de desenvolver as qualidades de observação, de criatividade, de vivacidade e de coragem da criança, como também, da confiança em si próprio. Pretendia, então, constituir um todo coerente em que as formas de exercícios e de jogos dariam expressão às ações de uma narração ou de um conto, também conhecido como sessão historiada de exercícios. Foi, também, o introdutor das sessões historiadas ou contos do movimento nas práticas infantis, assinalando a transição da concepção anátomo-fisiológica, característica principal do sistema de Pehr Henrik Ling, para o enfoque psicológico-social.

Década de 1920 Período em que Karl Gaulhofer (1885-1941) e Margarete Streicher (1891 -?) estabeleceram a filosofia da escola austríaca de ginástica. A ginástica escolar ou natural austríaca de Gaulhofer e de Streicher, contribuiu para o desenvolvimento da Educação Física Escolar. Influenciado por Jahn e Spiess e familiarizado com as obras de Guts Muths e Vieth, Gaulhofer desenvolveu seu próprio programa de Educação Física, incluindo uma variedade de atividades e respeitando a individualidade da criança. A ginástica escolar austríaca, contrapondo-se aos outros sistemas europeus que previam exercícios com movimentos criados artificialmente, considerava a Educação Física como educação do indivíduo e o corpo, seu ponto de aplicação. Os exercícios físicos tinham o objetivo principal de desenvolver os movimentos necessários para a vida cotidiana e para o trabalho físico aos quais as pessoas estavam engajadas. Assim, era postulado que a ginástica natural compreendia todos os meios de formação empregados dentro e fora da escola e que, ao se exercitar o corpo, seguindo princípios pedagógicos rígidos, tinha-se como objetivo educar o homem em sua totalidade.

1930-1945 Período de amadurecimento dos estudos sobre o desenvolvimento motor, a partir da Inglaterra. A abordagem desenvolvimentista partiu de estudos feitos primeiramente por Arnold Gesell, em 1928, e Myrtle McGraw, em 1935, a partir da perspectiva maturacional que argumentava ser o desenvolvimento uma função de processos biológicos que resultavam na aquisição da habilidade motora infantil; Mary Shirley, em 1931, e Nancy Bailey, em 1935, cujos estudos estavam relacionados ao interesse pelo relacionamento da maturação e de processos de aprendizado com o desenvolvimento cognitivo. Monica Wild, em 1938, realizou a primeira investigação abordando os padrões motores desenvolvimentistas em crianças em idade escolar. Após a segunda grande guerra, as investigações se concentraram na descrição das capacidades de desempenho motor de crianças, liderados por Anna Espenschade, Ruth Glassow e G. Lawrence Rarick.

1933 Deu-se a implementação do programa Movimentando-se e Crescendo (“Moving and Growing”) e Planejando o Programa (“Planning the Programme”) em substituição ao Plano de Treinamento Físico para as Escolas primárias inglesas, pelo Departamento de Educação da Inglaterra, estendendo-se o movimento expressionista alemão, através de Rudolf von Laban (1879-1958), ao campo educacional. Nota-se a influência de Laban nessa nova proposta, através do estudo da arte do movimento que propunha a substituição do ritmo de classe imposto pelo professor e da posição ocupada pela ginástica na educação, pelo movimento e pelas atividades individuais. Assim, Laban defendia a idéia de que para as crianças realizarem movimentos adequados deviam passar pelas etapas da exploração, da experiência e da repetição, assegurando-se a elas, o desenvolvimento de formas pessoais de movimentos.

1945 É apresentado, em dezembro, por Maurice Baquet, diretor técnico do Instituto Nacional de Esportes da França-INS, após longa discussão entre técnicos e representantes de cada federação esportiva francesa, o projeto da Educação Esportiva que contribuiu para a introdução do esporte nas escolas de ensino fundamental, como também, nas de ensino médio. É atribuído ao Dr. Bellin de Coteau, a sistematização do método esportivo. A Educação Física Esportiva Generalizada surgiu como uma opção mais prazerosa do que o exercício físico feito por mera obrigação. Era, então, proposta uma atividade corporal voluntária a jovens franceses de ambos os sexos que não conheciam a satisfação do esforço físico, do domínio corporal e da exaltação de seu ser. Os vários métodos de Educação Física utilizados na França e em outros países europeus tornaram-se inoperantes, porque não levavam em consideração o fator psicológico, elemento preponderante. A expressão Educação Física conotava apenas o aspecto físico e não a melhoria ou manutenção da estrutura corporal. Ao desenvolver uma educação integral, a Educação Física Esportiva atuava simultaneamente sobre o corpo, o espírito, o caráter e sobre o senso social do indivíduo, através da utilização do desporto, isto é, da iniciação desportiva e do treinamento desportivo generalizado ou especializado. O esporte e a Educação Física, não eram um fim em si mesmos, mas um meio de formação e preparação para a vida. Assim, a iniciação esportiva generalizada proporcionaria à criança, a partir dos 6 anos de idade, uma iniciação à vida social e coletiva, através de jogos e competições esportivas; iniciação ao esforço progressivo, dosado em relação à idade e as possibilidades fisiológicas das crianças e iniciação técnica a qualquer esporte.

Década de 1960 Período em que a Educação Física Infantil se fundamentou nas questões da psicomotricidade, com enfoque re-educativo e após, terapêutico. A psicomotricidade, além de incorporar, inicialmente, o mesmo paradigma da Educação Física, através da ginástica, da dança, do jogo e do esporte, utilizou a primeira, através de diferentes grupos de exercícios, no diagnóstico de variáveis físico-motoras ou no tratamento re-educativo terapêutico de crianças. Observa-se, então, que a psicomotricidade, como também, a Educação Física são utilizadas no âmbito da Educação Física Escolar numa perspectiva educativa. A Educação Psicomotora, vertente da psicomotricidade, é a ação psicológica e pedagógica que utiliza os meios da Educação Física com o objetivo de normalizar ou melhorar o comportamento da criança. Assim, parte dos pressupostos re-educativo e terapêutico cuja finalidade é de normalizar o comportamento da criança, tomando como referência o diagnóstico através de provas de avaliação do perfil psicomotor, e do pedagógico, que busca a melhoria dos padrões motores de comportamento através de grupamentos de exercícios utilizados pela ginástica.

Entre os defensores da Psicomotricidade encontram-se Picq e Vayer. Le Boulch defende a idéia de que a educação básica pelo movimento, associada aos jogos e as atividades esportivas, constituem um meio educativo primordial que deveria ocupar um lugar de destaque no ensino de crianças na faixa etária de 6 a 14 anos. Lapierre, Vayer, Aucouturier, Costalatt, entre outros, inicialmente adotaram uma postura re-educativa-terapêutica para, posteriormente, expandirem suas idéias para o aspecto educativo. Tais estudiosos fizeram uma inovação no âmbito do exercício físico, e por extensão, no da Educação Física Escolar, determinando novas variáveis de investigação e de diagnóstico relativos ao desenvolvimento de habilidades motoras das crianças.

Décadas de 1960 e de 1970 os estudos sobre a abordagem desenvolvimentista foram direcionados para a aquisição de padrões motores maduros fundamentais. Observou-se, então, um período normativo-descritivo nas investigações relativas ao desenvolvimento motor.

Décadas de 1980 e 1990 O enfoque das investigações concentrou-se na compreensão dos processos subjacentes envolvidos no desenvolvimento motor, ao invés de se centralizar no produto do desenvolvimento. Observa-se, então, a contribuição de Esther Thelen e de Jane Clark e colaboradores na formulação da teoria de sistemas dinâmicos de desenvolvimento motor.

1992 A abordagem ecológica do desenvolvimento humano, de Urie Bronfenbrenner surgida, como teoria, a partir de 1992, com a publicação de sua Teoria dos Sistemas Ecológicos, considera de forma equilibrada, a questão pessoa-contexto. Ao caracterizar o ser humano em desenvolvimento, como alguém ativo em seu meio, inter-relacionando-se com outras pessoas direta ou indiretamente, amplia a visão de homem e de mundo, ao considerar as dinâmicas que se estabelecem entre as pessoas e seus contextos e as transformações daí advindas.

1999 A Agenda de Berlim vem a público depois de uma reunião internacional com mais de 500 representantes de 60 países, convocada pelo International *Council of Sport Science and Physical Education*-ICSSPE. Este documento listou os problemas comuns diagnosticados em mais de 50 países quanto à prática da Educação Física (pesquisa sob responsabilidade de Ken Hardman da Universidade de Manchester, Inglaterra). De um modo geral foi constatado um estado de retrocesso da Educação Física Escolar em escala mundial, em grande parte devido à impossibilidade da escola e dos órgãos dirigentes da educação manterem adequadamente as atividades físicas e jogos nos currículos, já saturados por demandas de novos conhecimentos. Foi aventada ainda a possibilidade da extinção da Educação Física nas escolas, pela extensão do problema tanto nos países ricos como pobres. A Agenda – nome derivado do fato de ter sido feito um elenco de recomendações a serem implementadas pelos países signatários – foi então orientada no sentido de redefinir a Educação Física na área de saúde mais sensível e envolvida com os benefícios das atividades físicas em qualquer país (vide texto da Agenda de Berlim, em destaque neste capítulo). Logo se seguindo à emissão da Agenda, realizou-se a Terceira Conferência Internacional de Ministros e Representantes Oficiais responsáveis pela Educação Física e Esporte-MINEPS III, em Punta Del Este - Uruguai de 30 de Novembro a 3 de Dezembro de 1999, quando se referendou as recomendações de Berlim e

tendo o Brasil como um de seus signatários (vide textos da Agenda de Berlim e da MIMEPS III em destaque, neste capítulo).

Marcos nacionais de memória

Século XIX No Brasil, desde o início deste século houve manifestações relacionadas à Educação Física. Na origem, os primeiros vínculos se referiram às instituições militares e à classe média, sendo conduzidos para caminhos higienistas, que visavam à melhoria da condição de saúde e de higiene da população brasileira. Favorecendo a educação do corpo, objetivava a constituição de um físico saudável e equilibrado organicamente, menos suscetível às doenças. Associado a essas idéias, observava-se nos meios políticos e intelectuais, uma preocupação com a eugenia já que o contingente de escravos negros era relativamente grande e poderia gerar, segundo aquela concepção, uma desqualificação da raça branca. A Educação Física, neste contexto, juntamente com a educação sexual, sensibilizaram os brasileiros para manterem a “pureza” e a “qualidade” da raça branca. Apesar dos pressupostos higiênicos, eugênicos e físicos da Educação Física serem defendidos, a prática das atividades físicas era um tanto prejudicada, pois havia, no período, uma associação do trabalho físico ao trabalho escravo. Essa relação gerava na sociedade uma discriminação no que tange à prática das atividades físicas que, de certa forma, dificultou a sua obrigatoriedade nas escolas.

1834 Primeiro aluno brasileiro é matriculado no *Philanthropinum* de Schnepfentahl, na Alemanha, escola modelo de Educação Física na Europa, e que foi seguido por mais três dezenas nos anos seguintes, vindos de varias regiões do Brasil.

1837 Antonio Ferreira França possibilitou, em cada escola paroquial de primeiras letras do Município do Rio de Janeiro – então capital do país –, o ensino da ginástica e defesa do corpo, natação, equitação e dança.

1851 É registrado, através do Decreto Nº. 630, de 17 de setembro, a reforma dos ensinos primário e secundário do Município da Corte no qual nada consta sobre a obrigatoriedade do ensino da Educação Física (ginástica) nas escolas.

1854 O deputado e Ministro do Império, Luiz Pedreira do Couto Ferraz aprova o “Regulamento da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte” que incluía no ensino fundamental (primário, na época) das escolas públicas, a ginástica.

1855 Em 17 de fevereiro, é aprovado o regulamento do Colégio D. Pedro II (colégio modelo do país) que previa o ensino da dança e de exercícios ginásticos, durante as horas de recreação dos alunos.

1876 O regulamento do Colégio D. Pedro II foi alterado, através do Decreto Nº. 6.130, de primeiro de março, pelo qual o ensino da ginástica continuava obrigatória aos alunos. Ficava, entretanto, ao critério dos diretores (reitores, na época) a dispensa dos alunos que estivessem impossibilitados de praticá-la. Os alunos que se distinguiram nas aulas de ginástica, receberiam uma menção nas notas de aprovação relacionadas a cada ano escolar.

1877 O Decreto Nº. 6.479, de 18 de janeiro, aprovou o regulamento para as escolas públicas de instrução primária no Município da Corte que dividia as escolas de instrução primária em duas classes: as que pertenciam à instrução primária elementar com denominação de 1º. grau e as complementares, chamadas de 2º. grau. O ensino da ginástica era previsto nas escolas primárias de 1º. grau. Salienta-se que o ensino da ginástica não era obrigatório a não ser três anos após a promulgação do regulamento em questão, para que os professores pudessem se habilitar no ensino dessa disciplina.

1879 Contribuição de Rui Barbosa através de seu parecer, em nome da Comissão de Instrução Pública, sobre a reforma decretada pelo ministro Leôncio de Carvalho. O parecer, emitido em setembro de 1882, previa a ginástica para os meninos nos dois primeiros anos da escola primária elementar e calistenia, para as meninas. Nos dois anos de estudos seguintes, chamados de escola primária média, seria observado a mesma prática do período anterior. Na escola primária superior, isto é, nos quatro anos que se seguiam, seriam oferecidos: a ginástica e os exercícios militares para meninos e calistenia para meninas.

1882 Em 9 de janeiro é aprovado o programa de ensino que deveria ser observado, provisoriamente, nas escolas públicas de instrução primária do Município da Corte em que a ginástica, através de exercícios de corpo livre, constituía-se em matéria facultativa a ser

ministrada no intervalo das aulas, isto é, das 11:30 às 13:30. Apresentação do parecer sobre a Reforma do Ensino Primário, na sessão de 12 de setembro de 1882 da Câmara dos Deputados. Rui Barbosa, além de defender a inclusão da ginástica nas escolas, equiparou os professores de ginástica aos das outras disciplinas, destacando a necessidade de se ter um corpo saudável para sustentar as atividades intelectuais. Seu parecer sobre a Reforma do Ensino Primário, repercutiu, também, em outros estados brasileiros, além do Município da Corte. Observa-se, no Amazonas e no Pará, medidas que davam uma posição de destaque à Educação Física. Apesar de ter sido aprovado seu projeto na Câmara dos Deputados, jamais foi posto em execução.

1883 O regimento interno para as escolas públicas primárias do Município da Corte é aprovado em 6 de novembro e previa a prática de exercícios de ginástica durante as pausas existentes entre as aulas, de meia hora cada. O ensino da ginástica compreendia exercícios de corpo livre, consistindo de flexões, extensões, passos, marchas, carreiras e saltos.

1885 A prática da ginástica nas escolas públicas de instrução primária é declarada obrigatória, em 23 de novembro, através da Decisão Imperial Nº. 71. Assim, a ginástica se tornaria obrigatória no currículo das escolas primárias.

Século XX No início desse século, a Educação Física, sob o título de ginástica, foi incluída nos currículos escolares da Bahia, do Ceará, do Distrito Federal, de Minas Gerais, de Pernambuco e de São Paulo. Nesse período, a educação brasileira estava sendo influenciada pelo movimento que discutia a reconstrução educacional do Brasil, através de uma nova educação voltada para o desenvolvimento integral do indivíduo. A Educação Física, como meio para se alcançar o objetivo almejado, seria um dos agentes de importância no processo. Nesse período, a Educação Física seguia os moldes europeus – o alemão, o sueco e o francês – baseados em princípios biológicos e que estavam inseridos num movimento mais amplo, de natureza política, cultural, e científica denominado de Movimento Ginástico Europeu. Assim, no período de 1889 a 1920, enquanto o método alemão era utilizado nos estabelecimentos militares, nas escolas civis brasileiras predominava o método sueco. O método alemão foi oficialmente substituído no Brasil em 27 de abril de 1921, pelo decreto n.º 14.784, emitido pelo, então, Ministério da Guerra que oficializou o método de Georges Hébert, adaptado às teorias da Escola Militar Francesa de Joinville-le-Pont.

1905 O deputado pelo Estado do Amazonas, Jorge de Moraes, defendeu a inclusão da Educação Física no ensino fundamental podendo ser continuado tal empreendimento, no ensino secundário.

1929 Um ante-projeto de lei foi submetido pelo Ministro da Guerra General Nestor Sezefredo dos Passos, à Comissão de Educação Física. A Educação Física, ministrada dentro dos moldes do Método Francês sob o título de Regulamento Geral da Educação Física, seria obrigatória em todos os estabelecimentos de ensino brasileiros, a partir dos seis anos para meninos e meninas. Apesar das intenções de implementar a prática da Educação Física nas escolas, observava-se uma ausência de professores que pudessem administrá-la de forma competente porque não existia, anterior a 1929, uma instituição superior que formasse professores de Educação Física para atuar nas escolas de Ensino Fundamental. Criação do Curso Provisório de Educação Física, na escola de Sargentos de Infantaria, que diplomou 22 professores públicos primários (ensino fundamental) encaminhados pelo então, Diretor da Instituição Pública do Distrito Federal (Rio de Janeiro-RJ), Prof. Fernando de Azevedo, além dos 60 sargentos instrutores, 8 oficiais e 2 médicos militares.

Década de 1930 Com a expansão das ideologias fascistas, a idéia da eugenia da raça associada à Educação Física voltou a ser enfatizada. O Exército Brasileiro passou a se constituir na principal instituição de estruturação de um movimento em prol de uma Educação Física que mesclasse objetivos patrióticos e de preparação pré-militar. Nota-se, entretanto, que o discurso eugênico ceceu seu espaço aos objetivos higiênicos e de prevenção de doenças, possíveis de serem trabalhados no contexto escolar. Como pode ser observada na Constituição outorgada por Getúlio Vargas em 10 de novembro de 1937, a Educação Física passou a ser obrigatória em todas as escolas de ensino fundamental, médio, como também, nos cursos de magistério em nível médio.

1930-1941 Para dar uma maior amplitude ao ensino da Educação Física, o General Nestor Sezefredo dos Passos, Ministro da Guerra, sensibilizado pelo comentário do Presidente da República, Washington Luis, de que a Educação Física merecia ser melhor considerada e era um problema de máxima relevância para a nação, determinou a reabertura do Centro Militar de Educação Física em 11 de janeiro, o qual havia sido fechado em 1922. Embora destinado a formar instrutores e monitores, além de difundir, unificar e intensificar o ensino da Educação Física no Exército, o Centro Militar de Educação Física, que em 19 de outubro de 1933 se transformou na Escola de Educação Física do Exército, estava aberto, também, aos oficiais e sargentos das forças auxiliares, professores federais, estaduais ou municipais e civis. Nota-se, então, uma ação mais efetiva na formação profissional, no âmbito civil em Educação Física, no mesmo período, sobretudo a partir da criação das Escolas de Educação Física de São Paulo e Espírito Santo, e principalmente, a partir de 1939, através do Decreto Lei Nº 1.212, de 17 de abril de 1939, que criou a Escola Nacional de Educação Física e Desportos-ESEF na Universidade do Brasil, hoje, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A Escola Nacional da Educação Física teve a incumbência de oferecer o curso superior de Educação Física (2 anos de duração), curso normal de Educação Física (1 ano), curso de técnica desportiva (1 ano), curso de treinamento e massagem (1 ano) e curso de medicina da Educação Física e dos Desportos (1 ano). Assim, a partir de 1941, o exercício da função de professor de Educação Física, nos estabelecimentos oficiais de ensino fundamental das capitais dos estados brasileiros e nas cidades com população superior a 50.000 habitantes, seria prerrogativa de professor normalista especializado em Educação Física.

1931 O Ministério dos Negócios da Educação Pública, criado no governo de Getúlio Vargas em 14 de novembro, aprovou o Decreto n.º 19.890, de 18 de abril de 1931, que previa a obrigatoriedade da Educação Física nos estabelecimentos de ensino médio (secundário, na época) voltado para o desenvolvimento harmonioso do corpo e do espírito, concorrendo, desta forma, para formar um indivíduo de ação, física e moralmente sadio, alegre e resolutivo, consciente de seu valor e de suas responsabilidades.

1937 A Constituição de 1937 tornou-se a primeira referência sobre a Educação Física feita em textos constitucionais federais sendo incluída no currículo, como prática educativa obrigatória e não como disciplina curricular, juntamente com o ensino cívico e os trabalhos manuais, em todas as escolas brasileiras. Segundo o art. 132 dessa mesma Carta, havia uma previsão de serem organizados para a juventude períodos de trabalhos anuais nos campos e nas oficinas e desenvolvida a disciplina moral e o adestramento físico, de maneira a prepará-la para o cumprimento de seus deveres para com a economia e a defesa da Nação.

Em 24 de dezembro de 1937, o Estado da Bahia criou a Inspetoria de Educação Física, Recreação e Jogos Escolares que tinha como finalidade difundir, regulamentar e controlar a Educação Física nas escolas de ensino, fundamental e normal em nível médio; elaborar e reunir dados biométricos necessários à dedução de médias e extremos de normalidade dos escolares baianos, para que pudesse ser agrupado, de forma homogênea inicial e de verificação final, o aproveitamento dos mesmos; organizar festas e torneios desportivos escolares, como forma de incentivo, entre as escolas, no desenvolvimento de jogos, de exercícios ginásticos e de educação desportiva. O Estado da Bahia, com essa iniciativa, e, de acordo com a Constituição de 1937, proporcionou um tratamento que tinha como objetivo revigorar a prática da Educação Física escolar no território brasileiro.

1939 Com o Decreto Lei Nº 1.212/39, deram início Cursos de Educação Física nos estados do Espírito Santo, de São Paulo, de Minas Gerais, de Pernambuco, do Pará, da Bahia, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, todos seguindo os padrões da Escola de Educação Física do Exército que, conseqüentemente, estava fundamentada nas diretrizes emanadas pela Escola francesa de Joinville-Le-Pont. A idéia do desenvolvimento da aptidão física nos cursos formadores profissionais de Educação Física do Brasil, já que seus conteúdos e programas estavam vinculados às Ciências Biológicas, não era observado na Escola de Educação Física do Exército, pois, primeiramente era considerado necessário o suporte da Educação Física regular para depois se desenvolver a aptidão física e o rendimento desportivo. Considerando-se o es-

tabelecimento de instituições de ensino superior formadoras de profissionais de Educação Física, o contingente de professores habilitados na área começou a ser disponibilizado no mercado de trabalho que se consolidou, principalmente a partir de 1937 (Estado Novo), através do processo de escolarização da Educação Física, com forte ênfase no método francês originado na Escola de Joinville-Le-Pont.

1945 No período de 1945 a 1961, com a promulgação da Lei Nº 4024, de 20 de dezembro de 1961 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – L.D.B.), houve um amplo debate a respeito do sistema educacional brasileiro. Na discussão do projeto de lei que resultou na LDB de 1961 não se verificava menção sequer à Educação Física, o que causou um grande impacto, entre os idealistas, os técnicos e os educadores especializados da área, que se esforçavam em introduzir essa prática educativa no sistema educacional brasileiro. Com a intervenção do diretor da Divisão de Educação Física, do Ministério da Educação e Saúde, Prof. Antônio Pires de Castro Filho, a Educação Física foi agregada à lei e se constituiu na única prática educativa a receber um tratamento especial. O art. 22 da LDB obrigava a sua prática nos cursos primários (ensino fundamental) e médio, até os 18 anos de idade, as demais disciplinas seriam regulamentadas no currículo escolar, por decisão dos Conselhos Federais e Estaduais de Educação.

1946 O Governo Federal aprovou o Decreto Nº. 8529, de 2 de janeiro, que tratava da Lei Orgânica do Ensino Primário, primeiro passo para a centralização da educação e, conseqüentemente, da Educação Física no Brasil, que dividia a educação primária em curso elementar, primeiros quatro anos de escolarização e curso complementar, um ano após o curso elementar. Tal Lei mencionava que a Educação Física deveria ser incluída no currículo de ambos os cursos, em cada série escolar. O Decreto Nº. 8530, de 2 de janeiro, lançou as bases para a nova estrutura centralizada no ensino normal do Brasil. A Lei Orgânica do Ensino Normal subdividiu o ensino normal em curso de 1.º e 2.º ciclos: o primeiro, efetuado nas escolas normais regionais e formava regentes de ensino primário e o segundo, realizado nas escolas normais e graduava professores primários. A Educação Física constava da lista de disciplinas que deveriam ser oferecidas aos alunos do curso normal, através de atividades recreativas e jogos.

1948 O anteprojeto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional foi encaminhado à Câmara de deputados, em novembro, resultado na Lei Nº. 4024 aprovada em 1961 que tornava a Educação Física obrigatória nas escolas de ensino fundamental e médio, até a idade de 18 anos.

Década de 1950 O processo de esportivização da Educação Física Escolar, no Brasil, teve início com a introdução do Método Desportivo Generalizado, na década de 1950, pelo professor francês Auguste Listello, através dos cursos de aperfeiçoamento técnico-pedagógicos realizados em Santos, São Paulo, sob o patrocínio do Departamento de Educação Física de São Paulo, posteriormente, denominado de Departamento de Educação Física e Esportes, como também no Rio de Janeiro. A Educação Física desportiva generalizada, fundamentada nos princípios norteadores do método esportivo, criado em 1945 na França, que objetivava levar os jovens à busca de uma ação esportiva eficaz, econômica e bela e ao descobrimento de atividades para o tempo livre, estava direcionada para o desenvolvimento de uma educação integral. Listello teve o mérito de valorizar a aprendizagem esportiva na escola e de recomendar a aplicação de exercícios em duplas, no ato da ginástica (segunda parte da aula). Nota-se, então, que este método era utilizado nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental e Médio, nas décadas de 1960, 1970 e no início de 1980, no Brasil.

Observa-se, na década de 1950, no Brasil, uma outra contribuição, a da Ginástica Feminina Moderna, movimento renovador que ocorreu no campo artístico com a chamada arte moderna, este iniciado na primeira metade do século XIX, por artistas como os pintores franceses Jean Baptista Corot, Jean François Millet, Honoré Daumier, Édouard Manet, Claude Monet, Paul Cézanne, Pierre Auguste Renoir, Edgar Degas, Camille Pissarro, Georges Seurat, entre outros. As artes plásticas, a partir dessa concepção, não deveriam ser dirigidas apenas aos sentidos, mas se constituir, principalmente, numa mensagem à inteligência e aos sentimentos do homem, traduzindo as representações mentais e as manifestações emocionais, que refletiam as idéias e a riqueza de sensibilidade de cada artista. A transferência do aspecto objetivo

para o subjetivo no âmbito das artes, aconteceu, também, na ginástica, considerada como uma manifestação de arte. A ginástica moderna não considerava o corpo dividido em partes, mas sim como um todo orgânico que se movimentava de uma forma global e natural. Ao introduzir aparelhos como a bola, a maça e o arco, levava o executante a desenvolver seus movimentos com maior naturalidade.

A ginástica feminina moderna teve sua disseminação no Brasil pelas professoras Margareth Fröelich (austríaca) em 1953, Illona Peuker (húngara) e Erica Sauer (brasileira), através de cursos de atualização realizados no país e freqüentados por professores de Educação Física de vários estados brasileiros que, certamente, a transmitiram em suas aulas de Educação Física Escolar, para meninas, nas décadas de 1960 e 1970.

Ainda na década de 1950, Gerhard Schmidt divulgou o método natural austríaco que muito contribuiu para a metodologia da Educação Física Escolar brasileira. Entretanto, poucos foram os seus seguidores, fixando-se os professores, apenas nos modelos de plano de aula, os quais eram chamados de método. A ginástica natural austríaca, denominada no Brasil de método natural austríaco, cujas origens remontam ao período posterior à primeira guerra mundial, combatia a formalidade que caracterizava a ginástica da época. Ao combater os diferentes sistemas de ginástica que visavam o treinamento para competições, a educação pré-militar, a educação postural, entre outras tendências, objetivava o maior desenvolvimento possível do ser humano, de maneira integral, sendo o seu lema: "do corpo, sobre a alma, para o homem". Como o artificialismo, o militarismo e a ênfase terapêutica não eram enfatizados, o método centralizava as atenções na naturalidade, na liberdade de expressão e nas preocupações verdadeiramente de natureza pedagógica.

Década de 1960 Surge uma série de dispositivos legais focalizados ao ensino da Educação Física escolar no Brasil. Após 1964, observa-se no Brasil a adoção do modelo esportivo, hoje, muito utilizado nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental e Médio, levando a ginástica a um segundo plano nos programas dessa prática educativa.

1966 O decreto Nº 58.130, de 31 de março que regulamentava o artigo 22 da Lei Nº 4.024/61, considerava a Educação Física prática educativa para os alunos do ensino fundamental e médio, até 18 anos, com o objetivo de aproveitar e dirigir as forças físicas, morais, intelectuais e sociais do indivíduo de maneira a utilizá-las na sua totalidade, neutralizando, na medida do possível, as condições negativas do educando e do meio. Para que este objetivo fosse alcançado, as escolas deveriam organizar um programa adequado de atividades, distribuindo-as pelos dias da semana, de modo que os alunos se exercitassem convenientemente em quantidade e por tempo que não neutralizasse a continuidade e interligação dos efeitos das práticas parceladas. Caberia, então, à escola decidir o número de aulas de Educação Física por semana que seriam oferecidas, como também, era salientado que as aulas deveriam ser ministradas por professores devidamente qualificados sendo exigido uma freqüência mínima de 75% nas aulas.

1967 O Ministro da Educação e Cultura, tomando como referência a Lei 4.024/61 e o decreto 58.130/66, aprovou a portaria ministerial Nº 148, de 27 de abril de 1967, que determinava a composição do programa de Educação Física Escolar pela ginástica, por jogos, pelos esportes, pelas danças e pela recreação, canalizados para a promoção do desenvolvimento harmonioso do corpo e do espírito e de modo especial, ao fortalecimento da vontade. Tinha, também, o objetivo de formar e disciplinar hábitos sadios, adquirir habilidades, equilibrar e conservar a saúde e incentivar o espírito de equipe de modo que fosse alcançado o máximo de resistência orgânica e de eficiência individual. Para que os programas elaborados pelos professores e aprovados pelo diretor da escola antes do início das aulas fossem implementados de forma eficiente, deveria ser levado em conta o princípio de continuidade dos efeitos dos exercícios, da distribuição das atividades pelos dias da semana e da freqüência exigida por lei. Caberia ao estabelecimento escolar decidir, quanto ao número de aulas semanais de Educação Física a ser ministrado, como também, não era permitido a realização de exercícios violentos imediatamente antes ou depois das refeições principais. A

avaliação da aprendizagem, a ser executada por tais professores, seria através de provas práticas padronizadas ou outro que fosse decidido, de acordo com o programa a cumprir.

1969 Foi aprovada a portaria ministerial Nº13/69, de 6 de fevereiro, pela Divisão de Educação Física do antigo Ministério da Educação e Cultura que autorizava as escolas a contratarem professores de Educação Física a título precário, naquelas localidades em que não houvesse profissional habilitado na área. Salienta-se que a manutenção desses professores se faria se os mesmos participassem de cursos de atualização promovidos pelos órgãos estaduais competentes. Essa portaria foi gerada porque o artigo 22 da LDB de 1961 e seu decreto regulamentador, na tentativa de obrigar as escolas de Ensino Fundamental e Médio a incluir a Educação Física em seus currículos, causaram um outro problema, a falta de professores, pelo número insuficiente de cursos formadores de profissionais em Educação Física no Brasil. Como a Portaria nº. 13/69 estava gerando irregularidades a respeito das autorizações a título precário (professores que atuavam no ensino da Educação Física sem habilitação), face às múltiplas interpretações contrárias ao sentido da portaria, a Divisão de Educação Física do MEC emitiu o ofício circular Nº15, de 15 de agosto de 1969 que apontava, primeiramente, para algumas distorções setor, como o baixo número de professores habilitados que gerava um obstáculo ao desenvolvimento da Educação Física no Brasil.

Como forma de se corrigir esse problema, foi determinado pela Divisão de Educação Física, a partir de agosto de 1969, que as autorizações para o ensino da Educação Física a título precário seguiria prioritariamente aos licenciados em Educação Física, por qualquer curso reconhecido no país e registrado no MEC, aos portadores de registro através de exame de suficiência, aos professores com Curso de Educação Física infantil, aos alunos matriculados no terceiro ano das instituições superiores de ensino de Educação Física, aos matriculados no segundo das mesmas instituições, aos leigos que apresentassem certificado de frequência de cursos de atualização promovidos pela Divisão de Educação Física e, após, enquadravam-se os demais candidatos.

Nesse mesmo ano, como a Lei Nº. 4024/61, um tanto limitante, não estendia os objetivos da prática da Educação Física a jovens a partir dos 19 anos, foi aprovado o Decreto Lei Nº 705, de 25 de julho de 1969 que estendia a prática da Educação Física a todos os níveis e ramos de escolarização, isto é, à Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio) e Educação Superior, dispensando dessa prática os alunos matriculados em cursos noturnos. A extensão da obrigatoriedade da Educação Física a todos os alunos de todos os níveis e ramos de escolarização, com exceção dos cursos noturnos que poderiam ser dispensados desta prática, abrangia aqueles que, por uma questão de saúde, nem sempre podiam alcançar a frequência mínima exigida pela lei, embora se encontrassem os alunos em condições de aprendizagem. Considerando-se essa problemática, o Decreto-lei nº. 1.044, de 21 de janeiro de 1969 entrou em vigor para amparar os alunos que fossem portadores de afecções congênitas ou adquiridas, de infecções, de traumatismo ou de outras condições mórbidas propiciando um tratamento excepcional, para compensar a ausência às aulas.

Em 1969, o Centro Nacional de Recursos Humanos-CNRH, órgão do antigo Ministério do Planejamento e Coordenação Geral e a Divisão de Educação Física do MEC, elaboraram um diagnóstico conduzido pelo Prof. Lamartine Pereira da Costa, para analisar a situação da Educação Física e dos Desportos no Brasil. Tal empreendimento iniciado em 6 de maio, tinha como finalidade o aperfeiçoamento do homem brasileiro em todos os seus aspectos, como também, a melhoria de sua qualidade de vida. Foi, então, concluído que, embora houvesse uma obrigatoriedade legal desde 1854, a Educação Física e os esportes no ensino fundamental eram praticamente inexistentes, já que, apenas alguns estados brasileiros da região sudeste e sul estavam realizando iniciativas de incentivo à sua implantação. As escolas normais, posteriormente cursos de magistério em nível médio, não preparavam os professores de 1ª a 4ª séries para os objetivos da Educação Física no nível correspondente de ensino e os cursos de curta duração de aperfeiçoamento de professores normalistas/magistério em Educação Física, Desportos e Recreação, ministrados pelas Instituições de Ensino Superior e pelos órgãos de direção setorial dos Estados, não eram eficazes, uma vez que estavam canalizando professores para atuar, de um modo geral, no nível médio.

Década de 1970 O Ministério da Educação e Cultura, através de seu Departamento de Educação Física elaborou uma Política Nacional de Educação Física e de Desportos gerando o Plano Nacional de Educação Física e Desportos-PNED para o período de 1976 a 1979, que entendia a Educação Física Escolar como causa e o esporte de alto nível como efeito, tendo o esporte de massa como intermediário. Nessas circunstâncias, o relacionamento entre esses três elementos possibilitaria o crescimento progressivo da escala e da qualidade das atividades físicas, organizadas de acordo com as potencialidades do País. Estes conceitos foram inspirados explicitamente no “Diagnóstico da Educação Física e Desportos” que foi publicado em 1971.

O PNED defendia os seguintes objetivos fundamentais: o aprimoramento da aptidão física da população; a maximização e a difusão da prática da Educação Física e do esporte estudantil; a elevação do nível técnico dos esportes, para o aprimoramento das representações nacionais; a implantação e a intensificação da prática do esporte de massa e a capacitação de recursos humanos necessários às atividades a serem desenvolvidas no sistema desportivo nacional, visava à melhoria da qualidade de vida do brasileiro, no que se refere à sua produtividade e a sua capacidade de viver e de desfrutar a vida. A implantação deste plano dependia de ações em sua área de enfoque para melhorar os aspectos qualitativos e quantitativos do setor. No Ensino Fundamental, a ênfase estava na melhoria do ensino de Educação Física, principalmente de quinta à oitava séries, através da iniciação desportiva e de primeira a quarta séries, por atividades físicas associadas à educação do movimento e da postura.

O esporte, como fenômeno escolar, se desenvolveu, principalmente na década de 1970, através do Decreto Nº. 69.450/71, que preconizava a iniciação desportiva, a partir da 5ª série do Ensino Fundamental e da Lei Nº. 6.251/75 e do Decreto Nº. 80.228/77 que a regulamentou. Era, então, afirmado que o desporto escolar seria ensinado e praticado nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio e estimulado através de atividades extra-classe e de competições interescolares.

1971 A Portaria Nº. 148/67 foi substituída pela Lei Nº. 5.692/71, de 11 de agosto que fixava as Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º graus e pelo Decreto Nº. 69.450, de 1º de novembro de 1971 que regulamentava o art. 22 da Lei Nº. 4.024/61, o art. 7º da Lei Nº. 5.692/71 e dava outras providências. A Lei Nº. 5.692/71, através de seu artigo 7º, tornava obrigatório a inclusão da Educação Física nos currículos plenos dos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio da Educação Básica. Como o dispositivo da LDB de 1961, que determinava a obrigatoriedade da Educação Física nos estabelecimentos de ensino não havia atingido os objetivos planejados, causado pela liberdade facultada pela lei e pela falta de uma mentalidade propícia, agravando-se, ainda mais, por não ter sido regulamentada, foi aprovado o Decreto Nº. 69.450, de 1º de novembro de 1971, que caracterizava a Educação Física como atividade que, por seus meios, processo e técnicas, despertava, desenvolvia e aprimorava as forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando, constituindo-se num dos fatores básicos para a conquista das finalidades da educação nacional. Houve, também, uma preocupação legal em integrar a Educação Física, esportiva e recreativa como atividade escolar regular nos currículos dos cursos de todos os graus em qualquer sistema de ensino.

A falta de especificidade do decreto gerou uma centralização das ações em torno da aptidão física, tanto na organização das atividades como no seu controle e avaliação. A iniciação esportiva, a partir da quinta série do ensino fundamental, tornou-se um dos eixos básicos fundamentais do ensino, como também, era enfatizada a descoberta de novos talentos que pudessem representar o Brasil em competições internacionais. A conotação esportiva nos programas de Educação Física de 5ª à 8ª séries do Ensino Fundamental pode ser observada no próprio Decreto Nº. 69.450/71, que instituiu a iniciação esportiva a partir da 5ª série. O decreto Nº. 80.228/77, que regulamentou a Lei Nº. 6.251/75, previa, também, o estabelecimento de centros interescolares de treinamento desportivo nos estabelecimentos oficiais de Ensino Fundamental e Médio que possuíam instalações desportivas próprias, aproveitando-se os horários disponíveis durante o período regular e o período especial, com caráter extracurricular. Assim, observa-se no desenvolvimento das aulas de Educação Física a partir da 5ª série, uma ênfase totalmente esportiva.

1978 Foi emitida a Resolução Nº. 6/78 que estabelecia a habilitação de professor de Educação Física em nível médio, para atuar de 1ª à 4ª séries do ensino fundamental, com possibilidade de ministrá-la, também, na 5ª e 6ª séries. Isto não significava, na época, que o ensino fundamental estivesse fora do alcance do graduado em curso de licenciatura plena de Educação Física já que o próprio Conselho Federal de Educação (hoje Conselho Nacional de Educação) era de parecer favorável pela atuação do profissional habilitado em curso superior de licenciatura plena no ensino fundamental e médio.

Década de 1980 Observa-se a elaboração da Política Nacional de Educação Física e Desportos para o período de 1980 a 1985 onde era enfatizada a necessidade de se expandir o ensino da Educação Física no ensino fundamental, com ênfase nas séries iniciais, isto é, de 1ª à 4ª séries. A idéia era de que as aulas gerassem uma ação formativo-educativa que motivasse o aluno para a prática regular permanente e a utilização das horas de lazer em atividades físicas. Por outro lado, a formação profissional necessitava ser adequada e aprimorada nos cursos superiores de Educação Física visando atender às necessidades prioritárias do ensino fundamental. A Educação Física escolar, elemento indissociável da educação voltado para o ensino de crianças de quinta a oitava série, passou a priorizar o segmento de primeira a quarta série do ensino fundamental, como também, a educação infantil. O enfoque foi, então, centralizado no desenvolvimento psicomotor da criança, retirando-se da escola a função de promover os esportes de alto rendimento.

As ações desportivas que seriam iniciadas na escola, a partir da 5ª série do Ensino Fundamental, tinham como finalidade assegurar o interesse e a participação de um número crescente de brasileiros em todas as modalidades desportivas, através de programação e de incentivos adequados à prática de tais atividades. Certamente, esperava-se que, a partir desse modelo desportivo, o Brasil se projetasse internacionalmente no campo dos esportes. Entretanto, a idéia de se ter a Educação Física Escolar como a causa e o esporte de alto rendimento seu efeito, tendo como intermediário o esporte participação, envolvendo a população, não atingiu ao objetivo almejado, isto é, gerar atletas de alto rendimento, nessa década.

A formação de professores para o ensino da Educação Física de 1ª a 4ª séries exigia uma habilitação específica de Ensino Médio, isto é, de curso de magistério ou normal (nomenclatura utilizada anterior a 1971 e voltando a ser utilizada a partir de 1996, com a Lei Nº. 9394/96). Ao ensino de crianças de 1ª a 8ª séries, estavam habilitados aqueles que cursassem um curso superior de licenciatura de Ensino Fundamental de curta duração e ao Ensino Fundamental e Médio, aqueles professores que eram habilitados por um curso superior de graduação correspondente à licenciatura plena em Educação Física. As tendências que primavam pelo desenvolvimento da técnica, do esporte e dos aspectos biológicos na Educação Física Escolar, juntamente com o novo momento histórico vivenciado pelo Brasil na década de 1970, geraram movimentos que combateram a tradicional tendência mecanicista, a partir dos últimos anos desta década e a partir da que se seguiu.

Através das abordagens desenvolvidas na década de 1980, as relações entre a Educação Física e a sociedade passaram a ser discutidas sob a influência das teorias críticas da educação através do questionamento do seu papel e a de sua dimensão política. O aspecto biológico foi reavaliado e as dimensões psicológicas, sociais, cognitivas e afetivas foram enfatizadas, concebendo-se o aluno como um ser humano integral. Por outro lado, os objetivos educacionais tornaram-se mais amplos, isto é, não apenas voltados para a formação de um físico que pudesse sustentar a atividade intelectual. Eram aconselhados conteúdos mais diversificados, além dos exercícios físicos e dos esportes e pressupostos pedagógicos voltados mais para o aspecto humano do que para o adestramento.

A abordagem psicomotora de Le Boulch é a vertente educativa da psicomotricidade, cujo objetivo é favorecer o desenvolvimento da criança preparando-a para interagir num mundo em constante transformação, através de um melhor conhecimento e aceitação de si mesmo, melhor ajuste de sua conduta e de uma autêntica autonomia e acesso a responsabilidades em sua vida social. A educação psicomotora, por intermédio da ação sobre as atitudes e os movimentos corporais, busca formar um ser total já que o ato motor não é um processo isolado.

No Brasil, a educação psicomotora surgiu em clínicas privadas de reeducação motora, tendo sido incorporada aos currículos dos cursos superiores de Educação Física através de disciplinas relacionadas à criança como a Educação Física Infantil, dado à influência que os autores franceses, que defendiam a corrente da Psicomotricidade, tiveram sobre os professores desses cursos. Assim, o método psicocinético de Jean Le Boulch e os princípios psicomotores propostos por Pierre Vayer e Lapierre (1971) influenciaram significativamente a Educação Física Infantil no Brasil.

1982 A então existente Secretaria de Educação Física e Desportos do MEC emitiu a Portaria Nº. 1/82, de 7 de abril que obedecia a Lei Nº. 6.251, de 8 de outubro de 1975, que instituiu as normas gerais sobre os desportos e o Decreto Nº. 80.228, de 25 de agosto de 1977, que as regulamentava. Segundo este dispositivo legal, o esporte escolar, com finalidade formativo-educativa, abrangia as atividades desportivas praticadas no âmbito do ensino fundamental e médio. Caberia, então, à Secretaria de Educação Física e Desportos do MEC, promover e realizar eventos esportivos escolares em caráter nacional, representar o esporte escolar no exterior, selecionar e preparar equipes representativas do esporte escolar para participar de competições internacionais e difundir e incentivar, em todos os níveis escolares, a prática dos esportes. Assim, as escolas de ensino fundamental seriam as entidades básicas do esporte escolar, estimulado através de atividades extra-classe e de competições interescolares.

1983 A Educação Física e os esportes foram submetidos à discussão em 1983, 1984 e no primeiro semestre de 1985 por diversos setores representativos da sociedade brasileira, dentre os quais salientavam-se os secretários estaduais de educação e de esportes e as associações de professores de Educação Física. Como conclusões deste fórum, destaca-se a necessidade de se incorporar efetivamente a prática da Educação Física ao processo da educação geral e integral, bem como de se considerar o esporte com a profundidade do fenômeno social que já se caracterizava. Tomando por base esses e outros aspectos, foi elaborada uma política para o período de 1986 a 1989, orientada a romper com a ênfase nos objetivos do esporte seletivo de alto rendimento e concentrando esforços na participação de todos os indivíduos, independente de seu talento. As atividades físicas, por sua importância e alcance social, deveriam ser orientadas basicamente às ações que contribuíssem com eficácia para formar o homem e os cidadãos brasileiros, dentro da perspectiva de uma educação integral e permanente.

1985 Em dezembro deste ano, foi redigido um relatório conclusivo por uma comissão instituída pelo Ministério da Educação, para estudar o esporte nacional, que caracterizou como Esporte-educação aquela manifestação desportiva que ocorresse na escola e em outros ambientes que tivessem por finalidade o desenvolvimento integral do homem brasileiro, como um indivíduo autônomo, democrático, participante e cidadão.

Ao serem integradas aos programas de Educação Física das escolas, como previsto no documento, as atividades esportivas tinham como finalidade sensibilizar o aluno sobre a importância dessa prática, como fator de bem estar e de participação regular. Atingindo esta meta, também seria um meio de descoberta e de desenvolvimento de novos valores desportivos que seriam canalizados ao esporte de rendimento. É de se salientar que o relatório, atento aos problemas gerados pela especialização esportiva precoce, afirmava que as instituições escolares deveriam propiciar condições favoráveis para que os alunos tivessem as suas capacidades psicomotoras contempladas através de programas efetivos e de vivências esportivas, de acordo com as indicações de suas faixas etárias.

1986 Nesse ano, foi publicada a obra "Concepções abertas no ensino da Educação Física" de Reiner Hildebrand (professor alemão visitante na Universidade Federal de Santa Maria, RS) e Ralf Laging, que considera a co-participação dos alunos nas decisões didáticas que configuram as aulas. A concepção aberta de ensino proporciona uma abertura para a construção de um indivíduo autônomo e crítico, característica esta inibida na concepção fechada.

1987 Aparecimento de investigações sobre o modelo desenvolvimentista, baseado, principalmente, nos estudos de Gallahue, Connolly, entre outros. Tal modelo, implementado no

Brasil através das investigações do Prof. Go Tani e colaboradores, tem o movimento como o principal meio e fim da Educação Física, pois é através dele que o indivíduo interage com o meio ambiente para alcançar os seus objetivos ou satisfazer as suas necessidades. A importância dos movimentos não se restringe apenas ao aspecto biológico, acrescenta-se também a sua relevância social e cultural. A comunicação, a expressão da criatividade e a dos estímulos são concretizadas através dos movimentos. A abordagem desenvolvimentista preconizada por Tani está direcionada a crianças de 4 a 14 anos e busca, nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento, uma fundamentação para a Educação Física Escolar. Assim, uma aula de Educação Física deve privilegiar a aprendizagem do movimento, embora possa ocorrer outras aprendizagens em decorrência da prática das habilidades motoras.

1989 A abordagem construtivista-interacionista foi construída a partir das propostas de Educação Física da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas de São Paulo que teve como colaborador o Prof. João Batista Freire através de sua obra – Educação de corpo inteiro-, publicada em 1989. A proposta, que visa a construção do conhecimento a partir da interação do sujeito com o mundo, numa relação que extrapola o simples exercício de ensinar e aprender, está fundamentada nos estudos de Jean Piaget e tem o jogo como um instrumento pedagógico, já que enquanto a criança joga ou brinca, ela aprende. Ao valorizar as experiências dos alunos e a sua cultura, a proposta construtivista-interacionista é uma alternativa para os métodos diretivos no ensino da Educação Física.

Década de 1990 As abordagens desenvolvidas na década de 1980 e as relações entre a Educação Física e a sociedade passaram a ser discutidas sob a influência das teorias críticas da educação através do questionamento do seu papel e a de sua dimensão política. O aspecto biológico foi reavaliado e as dimensões psicológicas, sociais, cognitivas e afetivas foram enfatizadas, concebendo-se o aluno como um ser humano integral. Por outro lado, os objetivos educacionais tornaram-se mais amplos, isto é, não apenas voltados para a formação de um físico que pudesse sustentar a atividade intelectual. Eram aconselhados conteúdos mais diversificados, além dos exercícios físicos e dos esportes e pressupostos pedagógicos voltados mais para o aspecto humano do que para o adestramento. Na década de 1990, o esporte recebeu uma nova legislação que instituiu normas gerais sobre esta matéria. A lei nº 8.672, de 6 de junho de 1993, mais conhecida como Lei Zico, proporcionou uma nova leitura ao chamado Desporto Educacional.

Observa-se uma intenção de retirar o rendimento esportivo da escola e canalizá-lo para uma manifestação específica, intitulada de Desporto de Rendimento, também conhecido por Desporto-Performance, Desporto de Alto Nível, Desporto-Espectáculo ou Desporto-Competição que envolve as atividades predominantemente física com caráter competitivo, sob a forma de uma disputa consigo mesmo ou com outros, e exercitada de acordo com regras pré-estabelecidas e aprovadas por organismos internacionais de cada modalidade desportiva.

1991 A abordagem sistêmica surgiu no início dessa década através da obra "Educação Física e Sociedade" do Prof. Mauro Betti, sob a influência de estudos nas áreas da sociologia e da filosofia e, em menor número, da psicologia. Betti entende a Educação Física como um sistema hierárquico aberto, já que os níveis superiores exercem algum controle sobre os sistemas inferiores, como é caso, por exemplo, da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul e a sua relação com os diretores das escolas estaduais de Ensino Médio. Considera-se um sistema hierárquico aberto porque recebe influências da sociedade, ao mesmo tempo que a influencia. A função da Educação Física escolar não se restringe ao ensino de habilidades motoras, apesar de que a sua aprendizagem, na concepção desse pesquisador, se constitua, também, num dos objetivos, não o único, a ser alcançado. É necessário que o aluno compreenda essas situações e as associe à sua vida, para delas tirar melhor proveito.

Salienta-se que o princípio mais importante derivado desta abordagem é o de não excluir os alunos das atividades propostas nas aulas de Educação Física. Um outro princípio, também salientado, é o de se diversificar as atividades utilizadas nas aulas. A importância dessa diversificação está relacionada a utilização do tempo

livre de lazer, oferecendo-se oportunidades para o alcance da cidadania.

1992 A abordagem ecológica do desenvolvimento humano, de Urie Bronfenbrenner surgida, como teoria, a partir de 1992 com a publicação de sua Teoria dos Sistemas Ecológicos, retoma os seus estudos anteriores, considerando de forma equilibrada, a questão pessoa-contexto. Ao caracterizar o ser humano em desenvolvimento, como alguém ativo em seu meio, inter-relacionando-se com outras pessoas direta ou indiretamente, amplia a visão de homem e de mundo, ao considerar as dinâmicas que se estabelecem entre as pessoas e seus contextos e as transformações daí advindas. A aplicação dessa concepção ocorreu no Brasil através de estudos conduzidos por Copetti e Krebs, por Dockhorn, Haeffner, Godoy et al, em 1995 que investigaram o desenvolvimento de escolares e o impacto que os costumes e os hábitos culturais tiveram nesse processo.

Nesse ano deu-se a publicação do livro Metodologia do Ensino da Educação Física escrito por um coletivo de autores (Professores Carmen Lúcia Soares, Celi Nelza Zülke Taffarel, Lino Castellani Filho, Valter Bracht, Maria Elizabeth Medicis Varjal e Micheli Ortega Escobar), trabalho que destacou a abordagem crítico-superadora na Educação Física, baseada no marxismo e no neomarxismo. Tal abordagem é diagnóstica, pois pretende ler os dados da realidade, interpretá-los e emitir um juízo de valor; é judicativa, porque julga os elementos da sociedade a partir de uma ética que representa os interesses de uma determinada classe social e teleológica, pois, determina um alvo a alcançar, dependendo da perspectiva de classe de quem reflete. Na seleção dos conteúdos para as aulas de Educação Física é preconizado pelos adeptos de tal proposta que sejam considerados a relevância social dos conteúdos, sua contemporaneidade e sua adequação às características sócio-cognitivas dos alunos.

1993 A legislação desportiva aprovada em 1993 e 1998, juntamente com as ações do então existente Instituto Nacional para o Desenvolvimento do Desporto-INDESP reforçaram o ensino dos esportes nas aulas de Educação Física de escolas de Ensino Fundamental brasileiras, em detrimento de outras manifestações da cultura corporal, que poderiam ser, também, ensinadas.

1995 Com a criação do INDESP, em 1995, vinculado ao Ministério Extraordinário dos Esportes, em suas diretrizes para iniciar em 1996, tinha como meta garantir a prática do esporte educacional, prioritariamente, para crianças e adolescentes, como instrumento do processo de desenvolvimento integral e formação da cidadania. Houve, ainda neste ano, a publicação do livro "Da cultura do corpo" de Jocimar Daolio em que foi apresentada a abordagem Educação Física Plural que considera o movimento humano enquanto técnica corporal construída culturalmente e determinada pelas características de certo grupo social. Assim, considera o gesto como uma técnica corporal por ser uma técnica cultural. Os anos de 1995 e 1996 foram marcados por inúmeras alterações referentes à estrutura, a organização e ao funcionamento da educação brasileira, suas normas e regulamentos. A alteração significativa teve início com a extinção do Conselho Federal de Educação, em outubro de 1994, culminando com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB, Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, revogando as Leis n. 4.024/61, 5.692/71 e demais leis e decretos-lei que as modificaram.

No final do ano de 1995, a Secretaria de Educação Fundamental-SEF do Ministério da Educação e do Desporto-MEC, divulgou a primeira versão do que se chamou de Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, documento elaborado por equipes contratadas pela SEF/MEC compostas por professores com exercício no ensino fundamental e assessorado pelo professor espanhol, César Coli, participante da reforma educacional acontecida em seu país. Essa versão, submetida a aproximadamente 400 consultores, dentre os quais professores universitários do país, especialistas das diferentes áreas de ensino e representantes das principais associações científicas ligadas à educação, foi examinada e debatida, resultando daí uma série de reuniões e publicações sobre o tema em questão.

Os PCNs apresentam princípios educativos e uma proposta de articulação entre objetivos, conteúdos, orientações didáticas e critérios de avaliação, buscando contribuir para o aperfeiçoamento da prática pedagógica docente. Como referencial nacional, sem

caráter de obrigatoriedade, o documento busca um aperfeiçoamento da qualidade no ensino fundamental, e sua aplicação pressupõe o pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas e a gestão curricular autônoma das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação e das escolas. Certamente, os PCNs não dispensariam a necessidade de serem formuladas diretrizes curriculares nacionais que fundamentariam a fixação de conteúdos e a base nacional comum dos currículos, em caráter obrigatório para todo o Brasil, nos termos do artigo 26 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996 que fixou as diretrizes e as bases da educação nacional.

1996 A Lei 9.394/96 deu uma nova roupagem à Educação Física. Se antes havia um descontentamento entre os profissionais da área com o Decreto nº 69.450/71 e seus padrões de referência, hoje pode-se analisar a situação do ensino da Educação Física frente a esta nova orientação legal. O artigo 26 deste dispositivo estabelece que a Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é um componente curricular da Educação Básica e deverá ser ajustada às faixas etárias e às

condições da população escolar, sendo facultativa aos alunos dos cursos noturnos.

1998 Em 1998, através da Lei n. 9.615, de 24 de março, novas normas gerais sobre o esporte brasileiro, chamado de Lei Pelé, foram instituídas que, comparadas com a Lei n. 8.672/93, em relação ao esporte escolar, nota-se que o enfoque comunicava o mesmo, isto é, formar crianças, adolescentes e jovens, para serem cidadãos livres, responsáveis e solidários, através do desenvolvimento corporal e mental harmônico, aprimorando-se a implantação de hábitos saudáveis, estimulando-se o fortalecimento da vontade das tendências de liderança, além de motivar a camaradagem e a fraternidade.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, ao serem elaborados como proposição pedagógica, sem caráter obrigatório, não dispensavam a necessidade da formulação de diretrizes curriculares nacionais para o Ensino Fundamental ocorrida pela Resolução do Conselho Nacional de Educação nº 2, de 7 de abril de 1998. Através dessas diretrizes,

a escola deverá garantir a igualdade de acesso aos alunos a uma base nacional comum, de maneira a legitimar a unidade e a qualidade da ação pedagógica na diversidade nacional. A base comum nacional e sua parte diversificada integrar-se-ão a um paradigma curricular que estabeleça a relação entre a educação fundamental e a vida cidadã através da articulação entre vários aspectos como a saúde, a sexualidade, a vida familiar e social, o meio ambiente, o trabalho, a ciência e a tecnologia, a cultura e as linguagens. As áreas de conhecimento envolvidas são: Língua Portuguesa, Língua Materna, Matemática, Ciências, Geografia, História, Língua Estrangeira, Educação Artística, Educação Física e Educação Religiosa.

2001 Como o artigo 26 estava gerando inquietações em relação à obrigatoriedade da Educação Física na Educação Básica, a Lei n. 10.328, de 12 de dezembro desse ano, introduz a palavra “obrigatório” após os termos componente curricular e ameniza tais preocupações, tornando a Educação Física um componente curricular obrigatório na Educação Básica (Educação Infantil, Ensinos Fundamental e Médio).

Fontes / sources

Marcos internacionais de memória

Arnheim, Daniel D.; Pestolesi, Robert A. Elementary physical education: a developmental approach. Saint Louis: C.V. Mosby Company, 1978.

Bennet, Bruce; Howell, Maxwell L.; Simri, Uriel. Comparative physical education and sport. 2. ed. Philadelphia: Lea & Febiger, 1983.

Bronfenbrenner, Urie. A ecologia de desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

De Genst, Henry. Historie de L'Éducation Physique; temps modernes et grands Courants contemporains. BRUXELLES: Maison d'Édition A. de Boeck, 1949. Tome II.

Gerber, Ellen W. Innovators and institutions in physical education. Philadelphia: Lea & Febiger, 1971.

Hackensmith, C. W. History of Physical Education. New York: Harper & Row, 1966.

Piccoli, João Carlos Jaccottet. A Educação Física Escolar: subsídios teóricos para a sua compreensão. (Informações contidas no livro que se encontra no prelo).

Piccoli, João Carlos Jaccottet. A Educação Física na escola pública do Rio Grande do Sul: antecedentes históricos – 1857/1984. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 1994.

Piccoli, João Carlos Jaccottet. A prática da Educação Física na escola do século XIX: a contribuição de Franz Nachteggall. Revista Kinesis, n. 25, p. 103-112, 2001.

Welch, Paula D.; Lerch, Harold A. History of American physical education and sport. Illinois: Charles C. Thomas Publisher, 1981.

Marcos nacionais de memória

Betti, Mauro. Educação Física e sociedade. São Paulo: Movimento, 1991.

Brasil. Divisão de Educação Física. Curso de Educação Física por correspondência. Regulamentação do art. 22 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Decreto N. 58.130, de 31.03.66). Brasília: MEC, 1966.

Brasil. Ministério da Educação e da Cultura. Departamento da Educação Física e Desportos. Lei n. 6.251/75, Política Nacional de Educação Física e Desportos, Plano Nacional de Educação Física e Desportos – PNED. Brasília: Departamento de Documentação e Divulgação, 1976.

Brasil. Ministério da Educação e Desporto. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Costa, Lamartine Pereira da. Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil. Rio de Janeiro: MEC/ FENAME, 1971.

_____. Formação profissional em educação física, esporte e lazer no Brasil. Blumenau: FURB, 1999.

Darido, Suraya Cristina. Apresentação e análise das principais abordagens da Educação Física Escolar. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. v. 20, n. 1, p. 58.

Freire, João Batista. Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física. São Paulo: Scipione, 1989.

Krebs, Ruy Jornada. Teoria dos sistemas ecológicos: um paradigma para o desenvolvimento infantil. Santa Maria: CEFD/ UFSM, 1997.

Moacyr, Primitivo. A instrução e o império: subsídios para a História da Educação no Brasil – 1854-1888. São Paulo: Nacional, 1937. v.2.

Moreira, Wagner Wey. Repensar a formação profissional. In: PASSOS, Solange C. E. (org.) Educação Física e esportes na universidade. Brasília: MEC/ SEED, 1988.

Negrine, Airton. Aprendizagem e desenvolvimento infantil - psicomotricidade: alternativas pedagógicas. 2. ed. Porto Alegre: Edita, 1998.

Pereira, Celestino Feliciano Marques. Tratado de Educação Física: problema pedagógico e histórico. Lisboa: Bertrand, (s.d.). v.1.

Piccoli, João Carlos Jaccottet. A Educação Física Escolar: subsídios teóricos para a sua compreensão. (Informações contidas no livro que se encontra no prelo).

Piccoli, João Carlos Jaccottet. A Educação Física na escola pública do Rio Grande do Sul: antecedentes históricos – 1857/1984. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 1994.

São Paulo. Secretaria de Estado da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Proposta curricular para o ensino da Educação Física de 1º Grau. São Paulo: CENP, 1990.

Schmidt, Gerhard. Gymnasia natural y recreación. Buenos Aires: Vertical XX, 1965.

Tani, Go et al. Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: EPU/ EDUSP, 1988.

The Berlin Agenda suggests changes in school Physical Education of international application. It has been made public after a meeting with more than 500 representatives of 60 countries, summoned by the International Council of Sport Science and Physical Education – ICSSPE. This document listed the common problems diagnosed in more than 50 countries in relation to Physical Education (research under the supervision of Ken Hardman from the University of Manchester, England). In a general way, it was pointed out that besides the backward stage of worldwide Physical Education taught in schools, it is possible that it disappears from curricula.

A reunião de cúpula denominada *World Summit on Physical Education- 1999, Berlin* reforça a importância da Educação Física como um processo permanente de desenvolvimento humano e de qualidade de vida. Isto é particularmente importante para toda criança tal como disposto na Convenção Internacional dos Direitos da Criança. Todas as crianças têm direito à: (1) o maior nível de saúde; (2) educação primária obrigatória e livre para o desenvolvimento físico e cognitivo; (3) lazer e descanso; jogo e recreação.

A AGENDA DE BERLIM CONVOCA GOVERNANTES E MINISTROS RESPONSÁVEIS PELA EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE PARA:

- Implementar políticas para a Educação Física como um direito humano para todas as crianças;
- Reconhecer que a qualidade da Educação Física depende de educadores bem qualificados e tempo programado com o currículo, com os quais é possível promover um nivelamento quando outros recursos são escassos, como acontece com equipamentos;
- Investir em treinamento inicial para profissionais e desenvolvimento de educadores;
- Apoiar a pesquisa para melhorar a eficácia e a qualidade da Educação Física;
- Articular com instituições financeiras internacionais a inclusão da Educação Física como parte de sua definição de Educação;
- Reconhecer a função distinta da Educação Física na saúde física, no desenvolvimento integral humano, e no apoio e interação com comunidades;
- Reconhecer que a falta de atividades físicas representa um custo maior em cuidados com a saúde do que em investimentos necessários para Educação Física;

Propõe-se, então, uma Educação Física de qualidade porque:

- É um meio efetivo de inclusão social com o significado de promover em todas as crianças – qualquer que sejam suas capacidades/incapacidades, sexo, idade, cultura, etnia, religião ou nível social – com as habilidades, atitudes, valores, conhecimento e entendimento para a participação permanente em atividade física e esportes;
- Ajuda a assegurar o desenvolvimento integrado e completo de mente, corpo e espírito;
- É o único conteúdo escolar cujo foco principal está no corpo, atividade física, desenvolvimento físico e saúde;
- Ajuda as crianças a desenvolver modelos e interesses em atividade física, que são essenciais para o desenvolvimento saudável e que é uma posição básica para adultos com estilos de vida saudáveis;
- Ajuda as crianças a desenvolver o respeito pelo seu corpo e pelo corpo dos outros;
- Desenvolve o entendimento da função da atividade física na promoção da saúde;
- Contribui para a autoconfiança e auto-estima das crianças;

- Realça o desenvolvimento social preparando as crianças a lidar com a competição, vitória e derrota; e cooperação e colaboração;
- Promovem as capacidades e conhecimentos para o trabalho futuro em esporte, atividade física, recreação e lazer, uma área crescente de empregos.

Berlim, 05 de Novembro de 1999.

Declaração de Punta del Este – 1999

1. No limiar de um novo milênio, a Terceira Conferência Internacional de Ministros e Representantes Oficiais responsáveis pela Educação Física e Esporte-MINEPS III realizou-se em Punta del Este - Uruguai, de 30 de novembro a 3 de dezembro de 1999. Em um espírito de verdadeira cooperação global e entendimento mútuo, os participantes adotaram esta declaração que intenciona mobilizar organizações governamentais, intergovernamentais e não-governamentais e indivíduos em toda parte do mundo.
2. Os Ministros reiteram a importância da Educação Física e Esporte como um elemento essencial e uma parte integral do processo de educação continuada e desenvolvimento humano e social. Estas atividades podem também contribuir para a coesão social, a tolerância mútua e a integração de etnias diferentes e minorias culturais. Eles enfatizam a importância da Organização Educacional Científica e Cultural das Nações Unidas como ponto principal para Educação Física e Esporte no Sistema das Nações Unidas.
3. Nesta era da globalização, os Ministros notam a necessidade de esforço renovado para o diálogo e cooperação entre o Norte-Sul. E, assim sendo, estimula países doadores e as entidades financeiras internacionais para reconhecer a Educação Física e o Esporte como ferramentas poderosas para o desenvolvimento com vistas a reduzir as diferenças entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento, e mobilizar recursos através de programas oficiais de desenvolvimento assistencial. Eles também notam a necessidade e pedido de ajuda da UNESCO, para a inclusão da Educação Física e Esporte como indicador de Desenvolvimento Humano do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas no mesmo nível da Educação, Saúde e Meio-ambiente.

Eles estão profundamente interessados em notar que, apesar de programas de esporte de elite e Esporte para Todos em anos recentes, as oportunidades para crianças participarem em Educação Física tem sido significativamente reduzida. Isto é verificado no tempo requerido para a Educação Física escolar que não tem sido respeitado e, da mesma maneira, vem sendo substancialmente reduzido em muitos países em razão de outras prioridades. A redução de programas de Educação Física, além disso, tem contribuído para um aumento significativo da delinquência e violência juvenil e aumento de custos médicos e sociais. Estudos indicam que em níveis internacionais, para \$ 1 investido em atividade física, tem-se uma economia de \$ 3.2 em custos médicos. Neste contexto, eles endossam a Agenda de Berlim para a Chamada à Ação adotada pela *World Summit on Physical Education* em 1999, e encorajam os Estados Membros a assegurar que a Educação Física e Esporte esteja incorporada em programas escolares ou, no mínimo, que seus requerimentos legais com respeito aos programas de Educação Física no currículo escolar sejam encontradas.

5. Os Ministros identificam que, embora um progresso substancial têm sido produzido em todo o mundo, as mulheres ainda estão pouco representadas como participante, treinadoras, árbitras e dirigentes no esporte. Eles advertem os Membros de Estados e grupos esportivos a empreenderem um curso de ação para aumentar o envolvimento de meninas e mulheres na educação física e esporte em todas as capacidades de nível regional, nacional e local, usando a Convenção das Nações Unidas de 1979 na Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra Mulheres e a Declaração de Brighton sobre Mulheres e Esporte como documentos de referência.

6. Os Ministros enfatizam a importância de promover a atividade permanente, ao longo da vida, de esportes e propõem que programas de atividade física e esporte devam estar disponíveis para pessoas mais velhas e pessoas com menos habilidades;
7. Os Ministros enfatizam os valores éticos do esporte e desejam que todos os países, desenvolvidos e em desenvolvimento, trabalhem juntos para combater o comportamento antiético, sobretudo quanto ao doping no esporte. Eles apoiam a iniciativa do Comitê Olímpico Internacional-COI em estabelecer a Agência Mundial Anti-Doping-WADA e enfatizam a importância do papel de todos os governantes em eliminar o doping no esporte em geral. Eles encorajam esta agência a dar assistência aos países em desenvolvimento em seus empenhos na luta contra o doping no esporte. O papel da UNESCO, neste campo, deveria se concentrar na informação e na educação em particular;
8. Os Ministros apoiam uma política de preservação e realçamento dos Jogos e Esportes Tradicionais baseados na herança cultural de regiões e nações, incluindo a elaboração de uma "lista mundial de esportes de jogos", e do encorajamento na participação de festivais mundiais e regionais destes jogos e esportes.
9. Os ministros identificam que, com a chegada do novo milênio, a UNESCO deve desempenhar um papel principal como uma organização catalisadora para reforçar a cooperação global, baseada no fato que a educação física e o esporte podem desempenhar um papel significativo no desenvolvimento sócio-econômico de todos os países. Eles desejam que a UNESCO, em conjunto com outras Nações Unidas, agências especializadas e a AOI, preparem um programa abrangente para dar assistência técnica e financeira aos países em desenvolvimento.
10. Os Ministros desejam que o Diretor-Geral da UNESCO distribua suficientes recursos financeiros e humanos e reforce a estrutura interna do secretariado da UNESCO no campo da educação física e esporte.
11. Os Ministros encorajam o Diretor-Geral da UNESCO a promover periódicos encontros regionais de oficiais seniores e especialistas de Estados Membros sob os auspícios do Comitê Intergovernamental para Educação Física e Esporte-CIGEPS.
12. Em ordem para garantir o progresso, os Ministros recomendam ao diretor-geral da UNESCO a participação de uma mesa-redonda de ministros da educação física e esporte na 31ª Sessão da conferência geral da UNESCO, com a idéia de empreender um exame interino de ação continuada para o MINEPS III.
13. Os Ministros reconhecem a importância do papel que as organizações não-governamentais desempenham na promoção da educação física e esporte como um instrumento para realizar a democracia e coesão social, e encoraja os Estados Membros a fortalecerem suas participações com as ONG no desenvolvimento de programas e políticas relacionadas à educação física e os esportes.
14. Eles enfatizam o importante papel que a mídia pode desempenhar, especialmente na criação de um público informado sobre a crucial contribuição socio-econômica da educação física e do esporte para o bem-estar de uma nação e das pessoas.
15. Os Ministros reafirmam seu compromisso para trabalhar em concordância e com devoção para promover uma Cultura de Paz com a ajuda do esporte e a busca de apoio para seus esforços pelo mais alto nível político. Eles saudam a adoção unânime de uma resolução sobre a Trégua Olímpica pela Assembléia Geral das Nações Unidas para esta 54ª Sessão e reafirmam sua decisão para promover a paz, diálogo e reconciliação após o período dos Jogos Olímpicos.
16. Os Ministros pedem, ao Diretor-Geral da UNESCO, para transmitir a Declaração de Punta del Este para o Secretário-Geral das Nações Unidas para que ela possa estar dentro da estrutura do Ano Internacional para a Cultura de Paz (2000) e no programa da Década Internacional para a Cultura de Paz e Não-Violência para as Crianças do Mundo (2001-2010).

A Educação Física escolar no Rio Grande do Sul

JOÃO CARLOS PICCOLI

School Physical Education in Rio Grande do Sul

In the 1850s, as a province of the Brazilian Empire, the state of Rio Grande do Sul was the very first one to promote physical education, in a very simple manner, as a consequence of the European immigration to that region. Physical education was then for the first time mentioned in the Rules and Regulations for Elementary Education of the province of RS in 1857, but not as a compulsory class in the school curriculum. Physical education or 'gymnastics' (as it was called) was included in the curriculum of state elementary schools with at least one class a week in

Origens Em meados do século XIX, o Rio Grande do Sul – então Província do Império Brasileiro – tornou-se uma região pioneira da Educação Física no país, embora de forma rudimentar, devido à imigração européia, especialmente a alemã e italiana. A Educação Física foi pela primeira vez mencionada no Regulamento para a Instrução Primária e secundária da Província do RS em 1857, mas não era uma disciplina obrigatória no currículo escolar. Mesmo tendo sido incluída no texto legal, era raramente ministrada nas escolas por falta de professores qualificados. Por sua vez, a primeira escola normal – estabelecimento então formador de professores de ensino elementar – do RS foi estabelecida em 1869, mas a Educação Física foi incluída somente no currículo de 1877. Vinte anos após, a Educação Física, isto é, “ginástica”, foi incluída no currículo das escolas estaduais de ensino fundamental, através do Decreto Estadual no. 89 de 2 de fevereiro. Através do decreto estadual N°. 130 de 22 de janeiro de 1898, que aprovou o regimento interno das escolas elementares do estado, a ginástica era prevista além dos exercícios diários executados nos intervalos das aulas, pelo menos uma vez por semana.

Início do século XX A Educação Física, à época, estava regulamentada pelos decretos aprovados em 1897 e 1898, os quais a tornaram obrigatória. Em que pese a definição legal, no RS – já então Estado da República do Brasil – a disciplina era raramente ministrada nas escolas estaduais, ainda carentes de professores especializados.

1910 – 1920 Os professores de classe ministravam diferentes tipos de atividades para as crianças do ensino fundamental, tais como jogos com bola, e passos de dança. No período não existia uma instituição superior formadora de professores de Educação Física. Assim, os professores de classe viam-se obrigados a obter livros importados sobre a Educação Física ou entrar em contato com imigrantes alemães com o propósito de aprender algo sobre a ginástica alemã, ilustrada em fotografias e figuras da época.

Década de 1920 O ensino da Educação Física nas escolas de ensino fundamental seguia padrões estrangeiros e tinha como objetivo desenvolver o físico do indivíduo. O ensino normal nessa década era ministrado na Escola Normal de Porto Alegre e em Escolas Complementares localizadas na capital do Estado e em outras cidades gaúchas. Este período é caracterizado pelo provável aparecimento do primeiro programa de Educação Física nas escolas estaduais de ensino fundamental.

1929 Estabelecimento da Inspeção de Educação Física da Diretoria Geral de Instrução Pública do Estado Rio Grande do Sul, tendo como primeiro inspetor o professor Frederico Guilherme Gaelzer. Deu-se, nesse ano, a inclusão da Educação Física no currículo da Escola Normal de Porto Alegre, hoje, Instituto de Educação Flores da Cunha, como também, a realização do primeiro curso intensivo (janeiro e fevereiro) de atualização em Educação Física para professores de classe de ensino fundamental do RS, patrocinado pela Diretoria Geral da Instrução Pública e organizado pelo Inspeção de Educação Física, professor Gaelzer. Com este procedimento, observa-se a preocupação dos dirigentes da educação estadual em capacitar os professores de classe na área da Educação Física para que pudesse ser implementada no âmbito escolar.

Houve aprovação, em 13 de março de 1929, do regulamento do ensino normal e complementar. A Escola Normal, cujo programa de estudos era de 2 anos, após 3 anos de educação complementar,

1897. From this year until 1929, physical education classes were conducted by regular class teachers (training done at high school level at Escola Normal), who were not specialists. From 1929 until 1941 schoolteachers had to go through some specific training in their Escolas Normais. Physical education teachers started to have their undergraduate training in 1941. From the 1950s until today physical education teaching in RS has taken up multiple approaches in terms of physical activities with emphasis on sports. In the 1970s school competitions began to have prestige

incluía a prática obrigatória de Educação Física, com duração de 50 minutos cada uma. Na década em pauta, a formulação do programa de Educação Física para as escolas complementares do estado gaúcho estabelecia como finalidades o desenvolvimento físico-pessoal do aluno e o fornecimento de conhecimentos básicos para que futuros professores do ensino fundamental pudessem demonstrar competência no ensino da Educação Física. Este plano preconizava sessões diárias para todos os adiantamentos escolares, sendo as aulas, duas vezes por semana, ministradas em local interno espaçoso e/ou áreas arejadas. O programa de Educação Física para as escolas complementares do RS foi, provavelmente, a primeira iniciativa de unificar o ensino da Educação Física nessas escolas.

Década de 1930 Promoveu-se no estado a realização de cursos intensivos de férias, primeiro impulso para que a obrigatoriedade da Educação Física nas escolas estaduais fosse cumprida.

1936 Publicação em Porto Alegre da obra do professor tenente Mário Marques Ramos, docente da então Escola Normal General Flores da Cunha, sob o título “Educação Física: curso elementar”. O livro do professor Ramos, com conotação didática, foi um dos primeiros a surgir no Brasil neste tema.

1939 O professor Frederico Guilherme Gaelzer, Inspeção de Educação Física da Diretoria Geral de Instrução Pública do Estado do RS, árduo seguidor do método sueco de ginástica, concedeu uma entrevista a um jornal da cidade de Porto Alegre em que expressava o desejo de que o Método Francês não fosse adotado na Escola Nacional de Educação Física e Desportos do Rio de Janeiro (hoje, ESEF/UFRJ). Tal atitude gerou a sua demissão do cargo de Inspeção de Educação Física do RS. O professor Gaelzer foi uma grande personalidade na área da Educação Física, com cursos realizados na Europa, Estados Unidos, Uruguai e até mesmo, na Escola de Joinville-le-Pont, na França, onde se originou o Método Francês.

Década de 1940 O Decreto Estadual N°. 246, de 13 de novembro, reorganizou a Secretaria de Educação e Cultura do Estado, extinguindo a Inspeção de Educação Física e criando o Departamento de Educação Física. O novo órgão, responsável pela Educação Física no Rio Grande do Sul, tinha como meta principal orientar a prática da educação Física e dos Desportos em todos os estabelecimentos de ensino do estado.

1941 O Ministério da Educação e Saúde, em 27 de maio, através do Decreto N°. 7219/41, autorizou o funcionamento da Escola de Educação Física da Secretaria da Educação e Cultura do Estado do RS. Embora tenha sido autorizada a funcionar em 1941, a ESEF começou suas atividades em 1940.

1944 Aconteceu o reconhecimento da instituição formadora de professores de Educação Física, em 16 de maio, através do Decreto N°. 15.582/44. Fruto do Decreto N°. 1.212/39, e incorporada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1969, a ESEF formou 201 professores no Curso Normal, de 1940 a 1942 e somente 11 professores no Curso Superior, com duração de 2 anos, em 1942. Não houve formandos no Curso Superior de 1940 a 1941.

1941 A Escola de Educação Física do Rio Grande do Sul da Secretaria de Educação e Cultura, foi a primeira instituição estabelecida no Estado para formar professores. Apesar de ter sido a escola autorizada em 1941, ela começou a funcionar antes, em 1940.

and the undergraduate training of teachers went from the capital -Porto Alegre – to the interior of the state. In 2003, the Secretaria de Educação do RS (RS Secretary of Education) promoted the School Games of Rio Grande do Sul – JERGS, aiming at students from 10 to 17 years of age registered in the public and the private school systems. This event had the participation of 497 municipalities, 10,300 schools and approximately 1,700,000 people involved as assistants or in activities that would provide support to the Games.

1942 A Secretaria de Educação e Saúde Pública do RS foi substituída pela Secretaria de Educação e Cultura-SEC. O Decreto estadual N°. 246 de 13 de novembro, que reorganizou a SEC e extinguiu a Inspeção de Educação Física, criou o Departamento de Educação Física. O novo órgão, responsável pelo desenvolvimento da Educação Física Escolar no RS, tinha como metas principais: a) a orientação da prática da Educação Física e dos Desportos em todos os estabelecimentos de ensino público primário e secundário (ensino fundamental e médio), normal (ensino médio), profissional e superior; b) a organização e a implementação de um plano sistemático de Educação Física seguindo os moldes preconizados pelo governo federal; c) a realização de pesquisas sobre a Educação Física e Desportos; d) a indicação de métodos de Educação Física adequados para a sua prática nas escolas e e) a concessão de licença para o exercício do ensino da Educação Física às pessoas ainda não habilitadas.

1947 A Lei Orgânica do Ensino Primário foi implantada no RS através do Decreto estadual N°. 2351 de 22 de março e fixava as bases da organização do ensino primário (ensino fundamental) em que a Educação Física deveria fazer parte do currículo escolar das escolas primárias estaduais. Salienta-se que, anterior a 1946, o ensino fundamental era praticamente ignorado pelo governo federal, isto é, não havia diretrizes emitidas pelo Ministério da Educação e Saúde. As decisões pertinentes a esse nível de ensino, onde a Educação Física estava inserida, estavam ao encargo dos órgãos especializados de cada estado. A Constituição do Estado do Rio Grande do Sul, promulgada em 8 de julho de 1947, incluía a Educação Física escolar obrigatória, ficando sob a responsabilidade do Estado e dos municípios o seu estímulo e orientação.

Década de 1950 A Escola de Educação Física do RS continuou a formar especialistas na área, mas mesmo assim, esse número não foi suficiente para suprir as escolas com professores de Educação Física.

1953 O governador do Estado general Ernesto Dornelles, através de sua mensagem à Assembleia Legislativa de 22 de abril, afirmava que a Escola de Educação Física do RS havia formado 574 professores num período de 13 anos e não ignorava a falta de professores de Educação Física no Estado. Informava, porém, que a regulamentação do curso da ESEF gerou um aumento de pessoas interessadas em cursá-lo, assim, esperava, com isso, prover o mercado com professores formados.

1956 O Departamento de Educação Física, estabelecido em 1942, foi substituído pela Divisão de Educação Física-DEF da Superintendência de Educação Física e Assistência Educacional - SEFAE, através do Decreto Estadual N°. 39.825, de 21 de agosto e tinha como objetivo orientar, fiscalizar, difundir, estimular e aperfeiçoar por todos os meios, a prática da Educação Física, dos esportes e da recreação na capital e no interior do Estado do Rio Grande do Sul, de uma maneira geral e particularmente nos estabelecimentos de ensino.

A SEFAE-RS preparou as diretrizes para a Educação Física nos estabelecimentos de ensino fundamental do RS que, primeiramente, se resumia no ensino de exercícios físicos baseados no Método Francês e em alguns desportos competitivos. Após 1956, foram incluídas atividades mais ecléticas e ao professor foi permitido incluir em seu programa de aulas, exercícios físicos utilizados em outros sistemas de Educação Física, tais como contestes, danças,

acrobacias, excursões, escotismo, iniciação aos desportos como natação, atletismo, basquetebol, entre outros. Assim procedendo, o professor estaria estimulando o aluno a utilizar os benefícios da Educação Física em suas horas de lazer. As Diretrizes de 1956, elaboradas pela SEFAE, na gestão do professor Jacintho Francisco Targa, introduziram uma nova orientação em relação ao ensino da Educação Física no estado gaúcho e preconizava, nas escolas de ensino fundamental, o ensino da Educação Física entrosado com os demais componentes curriculares, sempre voltado para a educação integral do educando.

1957 – 1958 A ESEF-RS, que estava sob a supervisão administrativa da Divisão de Educação Física da SEFAE, teve seu curso ampliado de 2 para 3 anos e possuía, na época um corpo docente de 38 professores. E até o ano seguinte, a DEF-SEFAE limitava-se a efetuar a fiscalização da Educação Física no ensino médio, realizar duas campanhas de natação e um curso intensivo anual de Educação Física em Porto Alegre e organizar o desfile escolar na semana da pátria, além de se incumbir dos serviços normais de rotina. Cabis, também, a esse órgão a orientação à fiscalização dos professores estaduais de Educação Física diplomados ou portadores de licença para lecionar a título precário. Nesse ano, o RS possuía 440 professores primários de Educação Física, dos quais, 373 estavam lotados em grupos escolares, 57 encontravam-se exercendo funções de inspeção, orientação e coordenação na SEFAE e os 10 restantes estavam à disposição de outros setores da SEC-RS. Os professores de Educação Física no ensino médio somavam 193, estando 180 em exercício nos estabelecimentos de ensino médio e normal e o restante estavam lotados na SEC-RS.

1962 A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional foi implementada no RS. A prática da Educação Física no ensino fundamental foi mencionada no artigo 22 da Lei Federal Nº. 4.024/61 e regulamentada pelo Decreto Federal Nº. 58.130/66, que foram as bases legais iniciais do ensino da Educação Física escolar na década de 1960.

1964 Foi constituído o Departamento de Esportes do Estado do Rio Grande do Sul-DEERGS pela Lei estadual Nº. 4838, de 7 de dezembro, vinculado diretamente ao governador do Estado. Salienta-se que, enquanto o DEERGS estava vinculado ao chefe do poder executivo gaúcho, a Divisão de Educação Física-DEF da SEFAE estava vinculada à Secretaria de Educação e Cultura – SEC e tratava das questões curriculares da disciplina Educação Física nas escolas.

1965 A Divisão de Educação Física da SEFAE foi reorganizada pelo Decreto Estadual Nº. 17.750 de 31 de dezembro e passou a contar com cinco setores. O Setor de Coordenação Técnica era subdividido em Coordenação da Educação Física no Ensino Primário, Normal, Secundário e Técnico. Eram, então, atribuições desse setor a promoção, a organização e a orientação técnica da Educação Física, a orientação e a fiscalização das atividades de recreação e desportos nas escolas públicas do RS.

1967 Com a emissão da Portaria Federal Nº. 148 de 4 de abril pelo Ministério da Educação e Cultura, que complementava o Decreto Nº.58.130/66, foi determinado que o programa de Educação Física nas escolas seria constituído por um conjunto de atividades de ginástica, jogos, desportos, danças e recreação, com o objetivo de promover o desenvolvimento harmonioso do corpo e do espírito de equipe de modo que fosse alcançado o máximo de resistência orgânica e de eficiência individual. Essa portaria que, além de complementar o primeiro artigo do decreto em pauta, emitia deliberações sobre a distribuição das aulas de Educação Física foi enviada a todas as Delegacias de Educação para que esses preceitos fossem implementados.

1969 A Portaria Federal Nº. 13, de 6 de janeiro, autorizava a contratação de professores para atuar no ensino da Educação Física Escolar. A falta de professores diplomados nas escolas estaduais do RS e a obrigatoriedade legal da Educação Física foram os fatores principais que levaram a SEC-RS a contratar professores de Educação Física a título precário. Em 25 de julho deste ano, foi aprovado o Decreto-Lei Nº.705 que alterava o artigo 22 da Lei Nº.4.024/61 (L.D.B.) e decretava que a prática da Educação Física seria obrigatória em todos os níveis de escolarização, com predominância superior no ensino superior. Mesmo com o advento deste decreto-lei, a prática da Educação Física não era observada

em todas as séries do ensino fundamental no RS, pois os professores titulados e os que estavam a título precário eram aproveitados para o ensino da 5ª série em diante. Isto significa dizer que a Educação Física de crianças de 1ª a 4ª séries era ministrada por professores de classe.

Década de 1970 Este período caracterizou-se pelo estabelecimento da obrigatoriedade da Educação Física no ensino fundamental e médio seguindo os padrões de referências citados no Decreto Nº. 69.450/71, como também, pela criação de novas Instituições Superiores de Educação Física no RS, excetuada a ESEF da UFRGS, que começaram a habilitar novos professores de Educação Física e regularizar aqueles a título precário. Observa-se, também, nesta década o início dos Campeonatos Escolares Gaúchos do Rio Grande do Sul, que eram realizados de modo assistemático.

1970 O Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria -UFSM, a Escola Superior de Educação Física das Faculdades Integradas de Santa Cruz, posteriormente, Universidade de Santa Cruz-UNISC e a Escola Superior de Educação Física de Cachoeira do Sul da Fundação Educacional do Vale do Jacuí, posteriormente, Universidade Luterana do Brasil-ULBRA, Campus de Cachoeira do Sul, iniciaram suas atividades educacionais nesse ano.

Ao longo do ano de 1970 foram organizados os Jogos Estudantis Gaúchos pela Divisão de Educação Física-DEF da então Secretaria de Educação e Cultura do RS, com parceria a ESEF-UFRGS, Conselhos Municipais de Desportos e Federações Desportivas gaúchas com o objetivo de desenvolver o gosto pelas atividades esportivas entre os estudantes de diferentes categorias de idade e ambos os sexos que estivessem matriculados em estabelecimentos de ensino e frequentassem regularmente as aulas de Educação Física. As modalidades programadas para os jogos foram: natação, voleibol, ginástica, xadrez, basquetebol, atletismo, handebol e pesca e lançamento. Os Jogos que tinham caráter estadual denominaram-se Campeonato Estudantil de Natação, Voleibol, e assim por diante. Tais Campeonatos Estudantis deveriam ser precedidos por uma fase regional que selecionariam os melhores atletas e/ou equipes para a fase estadual. Na época o diretor do DEF-RS era o professor Sílvio Santos.

1971 A antiga Divisão de Educação Física da SEC-RS transformou-se em Departamento de Educação Física-DED/SEC-RS, pelo Decreto Estadual Nº. 21.120 de 17 de maio e tinha como diretor o professor Sílvio Santos. Essa alteração ocorreu após ter sido a Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura, atualmente Ministério da Educação, ter sido substituído pelo Departamento de Educação Física e do Desporto-DED/MEC, pelo decreto Federal Nº. 66.967, de 27 de julho de 1970.

Em 14 de maio desse ano, pelo Decreto estadual Nº. 21117, o Departamento de Esportes do Rio Grande do Sul-DEERGS, criado em 1964, ligado ao Poder Executivo, incorporou-se à Secretaria de Educação e Cultura. Em 1971, ocorreu a aprovação da Lei Nº. 5.691 e do Decreto Nº. 69.450/71, a primeira, reforma educacional, que atualizou e expandiu a LDB de 1961 (Lei Nº. 4.024) e o segundo, que regulamentou os objetivos, os padrões de referência, a compensação, o controle e a implantação da Educação Física no Ensino Fundamental, Médio e Superior. A Faculdade de Educação Física da Fundação Universidade de Passo Fundo, posteriormente, Universidade de Passo Fundo-UPF e a Escola de Educação Física do Instituto Porto Alegre-IPA, Faculdade Metodista IPA, deram início às suas atividades de formação de recursos humanos para o ensino da Educação Física no Estado do RS.

1972 Foi elaborado o primeiro Plano Estadual de Educação Física, Desportos e Recreação através do DED/SEC-RS, que tinha como objetivos gerais a elevação do nível da Educação Física escolar, dos desportos e da recreação no estado gaúcho. Neste ano iniciou-se a organização dos Jogos Estudantis Estaduais organizados pelo Departamento de Educação Física e Desportos-DED-RS com a finalidade principal de desenvolver entre os estudantes dos ensinos fundamental e médio, matriculados em estabelecimentos de ensino do RS, o gosto pelas atividades esportivas, servindo como complemento para os Jogos Estudantis Municipais. Somente poderiam participar desses Jogos os alunos ou equipes classificadas nos Jogos Estudantis Municipais. Como nos Jogos realizados em 1970, somente poderiam participar dos campeonatos que

compunham os Jogos Estudantis Estaduais os alunos e/ou equipes classificadas nos Jogos Estudantis Municipais. No ano de 1972, as modalidades oferecidas foram a natação, o voleibol, a ginástica, o xadrez, o handebol, o atletismo, o basquetebol e a pesca.

Houve a implementação da Lei Nº. 5.691/71, que determinava a prática da Educação Física obrigatória para o ensino fundamental e médio. A Faculdade de Educação Física da Associação de Professores de Cruz Alta-APROCRUZ, posteriormente, Universidade de Cruz Alta-UNICRUZ iniciou suas atividades no RS.

1973 Neste ano registra-se a abertura dos cursos na Escola Superior de Educação Física da Fundação Universidade de Pelotas-UFPPEL, na Escola de Educação Física da Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior em Novo Hamburgo-FEEVALE, posteriormente, curso de Educação Física do Centro Universitário FEEVALE e na Faculdade de Educação Física da Fundação Áttila Taborda-Faculdades Unidas de Bagé-FUNBA, posteriormente, Curso de Educação Física da Universidade da Região da Campanha de Bagé.

1974 O Departamento de Educação Física e Desportos-DED da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do RS organizou o Campeonato Estadual Gaúcho-CEG que visava congregar os alunos do ensino fundamental e médio na tentativa de desenvolver e aprimorar física, moral-social e intelectualmente os jovens; estimular a prática do esporte, aperfeiçoando técnicas e táticas; oportunizar a descoberta de novos valores e contribuir para a sua formação cívica. As modalidades oferecidas nas categorias mirim, infantil e juvenil foram: o basquetebol, handebol, voleibol, atletismo, ginástica e natação para ambos os sexos; futebol, para o sexo masculino e categoria infantil; damas e xadrez, para ambos os sexos e judô, para o sexo masculino. O CEG foi realizado em três etapas e em dois grupos (capital e interior). Na época o diretor do DED-RS era o professor Adil Mueller Quites.

1977 Observa-se a criação do Departamento de Educação Física do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade de Caxias do Sul-UCS posteriormente, Curso de Educação Física da UCS.

1977 – 1979 O Departamento de Educação Física e Desportos-DED-RS, posteriormente, Subsecretaria de Desporto da Secretaria de Educação e Cultura-SEC, atual Secretaria de Educação do RS implementou o Plano Estadual de Educação Física e Desportos-PLANEED que teve como base a Política Nacional de Educação Física e Desportos elaborada para o período governamental de 1976 a 1979 pelo, então, Ministério da Educação e Cultura, posteriormente, Ministério da Educação e do Desporto. O PLANEED tinha como objetivo a projeção da imagem do DED/SEC-RS como órgão central da Educação Física no RS.

1979 A Faculdade Salesiana de Educação Física do Instituto Dom Bosco de Santa Rosa, posteriormente, curso de Educação Física da Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS-UNIJUI com sede em Ijuí iniciou suas atividades na preparação de profissionais de Educação Física para atuar em escolas. Com o objetivo de congregiar alunos do ensino de 1ª e 2ª graus (atualmente, ensino fundamental e médio) através do desenvolvimento e aprimoramento físico, moral, social e intelectual do jovem, do estímulo à prática do esporte, da descoberta de novos valores e da contribuição cívica do jovem, foi realizado o Campeonato Escolar Gaúcho-CEG. Sob a coordenação do DED-RS, Coordenadorias e Inspeções desportivas Escolares o CEG foi realizado nas modalidades de ginástica olímpica, natação, xadrez, atletismo, basquetebol, handebol, futebol e voleibol (ambos os sexos), ginástica rítmica desportiva (feminino), judô e futebol infantil (masculino), nas categorias: mirim, infantil, infanto-juvenil e juvenil. Na época o diretor do DED-RS eras o professor Rudy Osmar Auler.

A Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo é estabelecida pelo Decreto estadual Nº 28650, de 15 de março de 1979 à qual ficou vinculado o esporte amador, retirado da denominada Secretaria de Educação e Cultura-SEC. Pelo Decreto estadual Nº 29194, de 17 de outubro de 1979, foi criado o Departamento de Desporto ligado a Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo cujo objetivo era incumbir-se de assuntos relacionados ao fomento e a prática do esporte amador e comunitário no Estado do RS.

1980 No início da década, houve esforço para a implementação e melhoria da prática da Educação Física Escolar, no Rio Grande do Sul. Em 1980, como forma de se incentivar e implementar a praticada

Educação Física Escolar, a Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul elaborou as Diretrizes do Ensino de 1º grau para a área de Comunicação e Expressão. Tais diretrizes constituíam-se em uma linha metodológica para orientação do professor. A mensagem que estava contida nessas diretrizes era para que: a Educação Física fosse valorizada como um dos componentes da educação geral; a atividade física, como meio de formação de hábitos de vida sadia, se tornasse uma prática consciente; o aluno fosse formado como ser pensante, crítico, responsável e social; a atividade física fosse ministrada como forma de liberação, auto-conhecimento e expressão; o aluno e professor fossem respeitados como individualidades e que o desporto e as atividades físicas em geral se tornassem meios de educação integral.

Também no ano de 1980 foi realizado o VIII Campeonato Escolar Gaúcho, organizado pelo DED-RS que objetivava congregar estudantes do ensino de 1º e 2º graus (atualmente, ensino fundamental e médio) com o fim de desenvolver e aprimorar os aspectos físicos, morais, sociais e intelectuais do jovem; estimular a prática do esporte, aperfeiçoando técnicas e táticas; oportunizar a descoberta de novos valores no esporte e contribuir para a formação cívica dos jovens. O CEG de 1980 foi realizado nas modalidades: ginástica rítmica desportiva (feminino), judô (masculino), xadrez, atletismo, basquetebol, handebol, voleibol, ginástica olímpica e natação (ambos os sexos), futebol infantil (masculino). Os jogos foram desenvolvidos em várias etapas em âmbito municipal e a final na capital do Estado. Na época o diretor do DED-RS era o professor Arno José Ciulla Raupp.

1981 As Diretrizes Curriculares para o Ensino de 1º grau, para o currículo por atividades, foram estabelecidas para implementar o ensino da Educação Física de 1º a 4ª série. Tal documento se tornaria o marco inicial para a introdução e melhoria do ensino da Educação Física 1º a 4ª série nas escolas públicas gaúchas. O IX Campeonato Escolar Gaúcho foi realizado em 1981 e organizado pelo DED-RS, Coordenadorias e Inspecções Desportivas Escolares localizadas no interior do Estado. As modalidades oferecidas foram as mesmas observadas no CEG de 1980. Na época o diretor do DED-RS era o professor Arno José Ciulla Raupp. O Departamento de Educação Física, posteriormente, em 1983, Subsecretaria de Desporto da Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul elaborou um projeto para a implementação da Educação Física no ensino de 1º a 4ª série, nos anos de 1981 e 1982. Tal projeto envolveu as cidades de Bagé, Cruz Alta, Gravataí, Passo Fundo, Pelotas e Santa Maria que formou professores multiplicadores para orientar professores de Educação Física e de classe que atuassem de 1º a 4ª série nas cidades escolhidas para abrigar o projeto.

1983 O Departamento de Desportos da Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo, que tratava do esporte amador, foi extinto e a Subsecretaria de Desporto-SUDESP da SEC-RS, estabelecida pelo decreto estadual Nº. 31 120, de 15 de março, em substituição ao Departamento de Educação Física e Desportos-DED da SEC que tratava apenas da Educação Física e do Desporto escolar. O Decreto Nº. 31 120/83 revogou o Decreto Nº. 28650/79.

1984 O ensino da Educação Física de 1º a 4ª série encontrava-se em estágio embrionário mesmo que tenha sido observado um envolvimento maior do professor de Educação Física no ensino desta disciplina, nas séries iniciais do ensino fundamental. Nas últimas séries, isto é de 5ª a 8ª série e no ensino médio, as aulas eram direcionadas à iniciação desportiva. A Educação Física era norteadada pelo decreto federal nº. 69.450 de 1971 que através de seus padrões de referência estabelecia uma distribuição de três sessões de 50 minutos de Educação Física no ensino fundamental e médio e duas, na educação superior. Com uma composição de no mínimo de 50 alunos, as turmas deveriam ser separadas por sexo, preferencialmente divididas por nível de aptidão física.

O Campeonato Escolar Gaúcho de 1984 seguiu as mesmas diretrizes dos que o antecederam, isto é, mesmas modalidades distribuídas nas categorias mirim, infantil e juvenil, etapas realizadas no interior e a final na capital do Estado. O único diferencial é que organizado pela Subsecretaria de Desporto-SUDESP, sob a direção do Subsecretário professor Hélio Dourado.

1986 Realizaram-se os Jogos escolares do Rio Grande do Sul sob a organização da Subsecretaria de Desporto da Secretaria de Educação e Cultura, que na época estava sob a direção do professor Cleomar Antonio Pereira Lima. Neste ano, o Curso de Educação

Física da Universidade do Vale do Rio dos Sinos-UNISINOS iniciou suas atividades e seu reconhecimento deu-se em 1991.

1988 Ocorreram os I Jogos da Juventude Escolar Gaúcha sob a supervisão da Subsecretaria de Desporto da Secretaria de Educação e Cultura (hoje, Secretaria de Educação). Na época o subsecretário de desporto era o professor Airton da Silva Negrine.

1992 Na década de 1990 houve continuidade no estabelecimento de outros cursos de Educação Física no Estado. Em 1992, foi proposto pela Secretaria da Educação do RS às Universidades e demais Instituições de Ensino Superior gaúchas, o Projeto Melhoria da Qualidade de Ensino – Educação Física 1º e 2º graus, elaborado no período governamental gaúcho de 1991 a 1995, que tinha como finalidade atualizar os profissionais de Educação Física através de aperfeiçoamento técnico-pedagógico. Tal Projeto proporcionou elementos para o planejamento do ensino da Educação Física no território gaúcho para o ano de 1993.

O Curso de Educação Física da Universidade Luterana do Brasil, Campus Canoas, foi oferecido nas habilitações licenciatura e bacharelado. O Curso de Educação Física, habilitação bacharelado foi o primeiro a ser oferecido no Estado do Rio Grande do Sul. O Centro de Desenvolvimento da Dança do estado do Rio Grande do Sul lotado na Secretaria da Cultura, junto ao Instituto de Artes Cênicas foi estabelecido através do Decreto Estadual Nº. 34429, de 6 de agosto de 1992, como atividade permanente e com o objetivo de desenvolver, formar e aperfeiçoar a técnica a teoria da dança, através do ensino técnico-científico e da promoção de pesquisa, destinado à comunidade em geral.

Os XXI Jogos Escolares do Rio Grande do Sul-JERGS foram realizados sob a coordenação da Subsecretaria de Desporto/SE-RS, na gestão do professor Ibirapuitan João Rocha de Lima, e executados pelas Delegacias de Educação (atualmente intituladas Coordenadorias Regionais de Educação) e com o apoio das prefeituras municipais. Os JERGS tinham a finalidade de estimular a iniciação e a prática esportiva entre os escolares de forma diferenciada, de acordo com seus níveis, independente de seus talentos, assegurando-lhes o acesso a essa prática; contribuir para a socialização e formação integral do aluno; fomentar a ocupação do tempo livre do estudante, com a finalidade de interiorizar hábitos saudáveis de vida; incentivar a integração entre a escola e a comunidade através da atividade esportiva, reforçando o espírito de grupo entre as escolas participantes e contextualizar o esporte como meio de educação. Os JERGS de 1992 desenvolveram-se nas categorias: mirim, infantil e juvenil e nas modalidades de: atletismo, basquetebol, handebol, voleibol, judô, xadrez e ginástica olímpica (ambos os sexos); futebol de capo e futsal (masculino); ginástica rítmica desportiva (feminino) e eram divididos em etapas.

1995 No dia 10 de janeiro deste ano, através do Decreto Estadual Nº. 10356, o esporte amador passou para a competência da Secretaria de Educação do Estado – SE-RS. Enquanto a cultura e o turismo evoluíram ao status de secretarias, o governo estadual da época extinguiu a Subsecretaria de desporto – SUDESP e recriou o Departamento de Desportos-DESP/SE-RS vinculado à Secretaria de Educação do Estado-SE-RS, mantendo as mesmas atribuições da extinta SUDESP, através do Decreto Estadual Nº. 35918, de 12 de abril de 1995. Assim, ao Departamento de Desportos caberia a implementação e aplicação da proposta pedagógica para o ensino da Educação Física e os princípios norteadores integrados para o esporte escolar e amador, lazer e recreação escolar. Com a aprovação da Lei Federal Nº. 8672, de 6 de julho de 1993, Lei Zico, foram instituídos os sistemas desportivos nacional, estaduais e municipais. O DESP/SE-RS desenvolveu sua política, a partir de 1996, exclusivamente direcionada ao desporto olímpico, ligado ao Sistema Desportivo Estadual. As tarefas vinculadas ao Sistema Estadual de Educação, onde a Educação Física estava inserida, ficou ao encargo do Departamento Pedagógico Da SE-RS e não ao DESP. Essa prática ocorria não de forma oficializada.

O Padrão Referencial de Currículo-PRC foi estabelecido no Estado do Rio Grande do Sul com o propósito de servir de referência para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem para as escolas do Sistema Estadual de Ensino. A relevância deste documento seria contribuir para um ponto de partida comum no planejamento e no desenvolvimento da ação didática e pedagógica, buscando-se uma unidade na diversidade, já que, existia a tendência de as escolas agirem isoladamente. A Educação Física, nesse

documento, era caracterizada como o componente curricular que tinha como objetivo desenvolver e estimular o lado biológico do ser humano, suas aptidões corporais e sensoriais e, concomitantemente, o lado emocional, oferecendo-lhe estímulos ao desenvolvimento em seu campo de ação. Assim, a Educação Física é essencial no desenvolvimento das potencialidades inatas do aluno de todos os níveis de ensino e através de suas manifestações sociais, culturais e políticas contribui significativamente para o processo de inserção do ser humano no mundo.

1996 A Lei Nº. 10.726, de 23 de janeiro de 1996 instituiu o Sistema Estadual do Desporto que priorizava a promoção do desporto educacional; o fomento à prática do desporto participação; a proteção e o incentivo às atividades desportivas com identidade cultural; a proteção, o incentivo e o apoio a projetos na área de desporto formal e não-formal praticado pelo indivíduo portador de deficiência, como forma de promoção, lazer e bem-estar social; o apoio à capacitação de recursos humanos; o apoio a projeto de pesquisa, documentação e informação na área de ciência do desporto; o incentivo ao desporto como forma de promoção e lazer e do bem-estar social; o estímulo ao desporto de rendimento e o apoio à infraestrutura com prioridade para instalações escolares. Segundo o Decreto Estadual Nº 36501, de 11 de março deste ano, que aprovou o Regimento Interno da Secretaria da Cultura do RS, a seção Centro de Desenvolvimento da Dança competia promover e incentivar a realização de festivais, mostras e encontros de dança no Estado, realizar oficinas e cursos na área da dança e executar outras atividades relacionadas ou que lhe fossem atribuídas.

1997 O Curso de Educação Física da Universidade da Região da Campanha-URCAMP, Campus Alegrete, foi implantado no primeiro semestre de 1996 e autorizado posteriormente pela Resolução Nº. 1996 de 10 de dezembro de 1996, do Conselho Superior desta Universidade.

1998 A Portaria SE/RS Nº. 350/98 aprova o Regimento Interno da Secretaria de Estado da Educação, na qual delegava ao Departamento de Desportos: a) coordenar a formulação e a execução da política estadual do desporto do RS, com a colaboração do Conselho Regional de Desportos - CRD, b) realizar estudos e planejar o desenvolvimento do desporto no RS com a participação do CRD; c) supervisionar e normatizar as práticas do desporto educacional; d) coordenar ações do desporto estadual, realizando a integração com os sistemas nacional e internacional; e) prestar cooperação técnica a projetos e atividades relacionadas ao desporto não profissional; f) garantir e fomentar as práticas desportivas formais e não formais; g) promover e apoiar eventos esportivos destinados à integração do indivíduo portador de deficiência; h) atuar no desenvolvimento de projetos na área de recreação e lazer; i) apoiar tecnicamente as escolas da rede pública estadual com subsídios para instalações adequadas à prática da Educação Física, assim como, dotá-las de material esportivo necessário ao desenvolvimento de tal prática e j) executar outras atividades correlatas ou que lhe venham a ser atribuídas. O Curso de Educação Física da Universidade Luterana do Brasil, Campus São Jerônimo, RS foi autorizado por determinação do Conselho Universitário.

1999 O Departamento de Desportos-DESP-RS, no governo estadual gestão 1998-2002, assumiu o compromisso político de investir na Constituinte Escolar para o atendimento das necessidades da Educação Física curricular e do desporto escolar (tarefa vinculada ao Sistema Estadual de Educação), e oportunizar o lazer e o esporte, como direitos e necessidades humanas, às populações marginalizadas, historicamente excluídas do acesso às oportunidades sociais e culturais. Observa-se que a política do DESP-RS nesse período governamental era tratar as questões da corporeidade como totalidade no processo ensino-aprendizagem, inter-relacionadas às diversas temáticas curriculares refletidas em cada nível e modalidade de ensino.

A Secretaria da Educação do RS, através do Departamento de Desportos – DESP, encaminhou a reorganização dos Jogos Escolares do Rio Grande do Sul – JERGS, com a participação das Coordenadorias Regionais de Educação (denominação atual para as Delegacias de Educação). O Curso de Educação Física do Centro Universitário La Salle, Canoas, RS, foi autorizado a funcionar, pelo Conselho Universitário daquela Instituição.

2000 Criação dos Cursos de Educação Física do Centro Universitário UNIVATES em Lajeado, RS; da Faculdade Cenecista

de Ciências e Letras de Osório, RS, da Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto da Pontifícia Universidade Católica do RS e do Curso de Educação Física da Universidade Luterana do Brasil, Campus Carazinho, RS.

2001 A Lei Estadual Nº. 11691, de 20 de novembro deste ano, autorizou o Poder Executivo do Estado do RS a instituir a Fundação de Esporte e Lazer do Rio Grande do Sul–FUNDERGS vinculada à Secretaria do Turismo, Esporte e Lazer, destinada a projetar, planejar, coordenar e executar a política de esporte e lazer do Estado do Rio Grande do Sul. O Departamento Estadual de Desportos – DESP, da Secretaria da Educação, a partir de então ficaria extinto. Foi instituída uma comissão de transição para o estabelecimento da nova estrutura esportiva gaúcha pelo governador do estado. As atividades da FUNDERGS passarão a ser exercidas segundo a Política e o Plano Estadual de Esporte e Lazer e de forma integrada com os Sistemas Nacional, Estadual e Municipais de Esporte e Lazer. O Curso de Educação Física da Faculdade de Educação, Ciências e Letras São Judas Tadeu-FECLSJT em Porto Alegre, RS, o Curso de Educação Física da Universidade Luterana do Brasil, Campus Torres, RS e da Faculdade da Serra Gaúcha, em Caxias do Sul, RS, iniciaram suas atividades.

2002 O Decreto Estadual Nº. 41491, de 19 de março de 2002, instituiu a FUNDERGS e aprovou o seu estatuto. Esse órgão estadual, vinculado à Secretaria do Turismo, Esporte e Lazer tem a finalidade de promover o esporte educacional, formal e não-formal, e de práticas

corporais de lazer; incentivar o esporte participação como forma de promover o lazer e o bem-estar social; estimular o esporte de rendimento como meio de desenvolvimento da auto-estima individual e coletiva da população; proteger as atividades de esporte e de lazer, com identidade cultural; formar e capacitar recursos humanos em esporte e lazer e realizar eventos esportivos e competições. Segundo o Decreto Nº. 41.494, de 19 de março de 2002, foi instituído o Prêmio Anual de Incentivo às Artes Cênicas – área de dança. Assim, observa-se a preocupação do Governo do Estado em estimular a prática da dança em todos os âmbitos no estado gaúcho. Tal empreendimento está ao encargo da Secretaria da Cultura e do Instituto Estadual de Artes Cênicas–IEACEN do RS.

Os Jogos escolares do Rio Grande do Sul - JERGS para o ano de 2002 buscaram consolidar, nas escolas estaduais, a criação de espaços de lazer em atenção aos Princípios e Diretrizes para a Educação Pública Estadual que orientavam a construção da escola democrática e popular. Assim, esses jogos seriam oferecidos através de Jogos Festivos (manifestações da cultura local, jogos de mesa, jogos adaptados, apresentações culturais e gincanas) e de Jogos Esportivos, nas modalidades de voleibol, futsal, futebol de campo, handebol, basquetebol e atletismo.

Situação atual Em 2003, a Secretaria de Educação do RS promoveu os Jogos Escolares do Rio Grande do Sul – JERGS, direcionados aos alunos na faixa etária de 10 aos 17 anos de idade matriculados em escolas públicas municipais, estaduais, federais e

particulares de ensino. Era estimada a participação de 497 municípios, 10.300 escolas e aproximadamente 1.700.000 pessoas envolvidas nas atividades. O evento teve início em junho e se prolongou até dezembro de 2003, compreendendo três fases: escolar, municipal e regional. As modalidades oferecidas foram: futebol de campo, futsal, voleibol, basquetebol, atletismo e handebol, distribuídas nas categorias: mirim, infantil e juvenil.

Atualmente, o Projeto de Lei Estadual Nº. 22.101 que dispõe sobre o Sistema Estadual de esporte e Lazer no âmbito do estado do RS caracteriza o esporte como atividades físicas e intelectuais que se apresentam nos aspectos formais e não-formais. O primeiro, configurado por atividades competitivas, individuais e coletivas, reguladas por normas nacionais e pelas regras desportivas internacionais aceitas em cada modalidade. O segundo, caracterizado, pela liberdade dos participantes, pela definição dos espaços e pela elaboração das regras do jogo, adequadas aos seus interesses e as suas condições físicas e sensoriais. Assim, o esporte, como manifestação da cultura corporal caracteriza-se como: esporte educacional, participação e de rendimento. No momento em que este projeto seja aprovado em plenário da Assembléia Legislativa do Estado, a Lei Nº. 10.726, de 23 de janeiro de 1996, ficará revogada. O Curso de graduação em Educação Física da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI, Campus Santo Ângelo, RS, foi autorizado para iniciar suas atividades a partir de julho deste ano.

Dança em Educação Física, esporte e lazer – I: Dança e ballet clássico

CÁTIA PEREIRA DUARTE, RENATA VASCONCELOS E MÔNICA NASCIMENTO

Dance in physical education, sport and leisure – I: Dance and classical ballet

Dance has always taken up a central position in the process of the historical construction of sport and physical education. That is why Pierre de Coubertin had always wanted to privilege dance since he started the Olympic Games of the modern era in 1896. As a matter of fact, dance has been an essential part of the Winter Games since the 1920s. In terms of physical education, in the 1920s and 1930s, the great names of dance in Europe were also the gymnastic methods reformers, particularly

Rudolfo Laban, who choreographed the opening ceremony of the Olympic Games of Berlin in 1936. In the last Olympics, Sydney 2000, dance was the basis of the cultural program of the event. Dance linked to physical education in Brazil came up in the 1920s as gymnastic movements were added to elementary bases. This new hybrid product was offered by “academias” (dancing studios), generally conducted by foreign ballet dancers. In the following decades this new type of dance

was included in the professional formation of physical education teachers and their teaching practices. Today dance is considered part of the national standards of the school curriculum in Brazil. Brazil has today around 500 dance schools which teach mostly classical ballet and which are attended by nearly 50,000 participants who learn under the supervision of 1,500 professionals. There are approximately 50 events related to the discipline every year.

Definições e Origens Na construção histórica do esporte e da Educação Física, a dança ocupa um lugar central, pois dela se origina a arte do movimento. E esta manifestação artística acompanha a vida humana na Terra desde seus primórdios. Por esta razão, Pierre de Coubertin, ao restaurar os Jogos Olímpicos a partir de 1896, procurou sempre prestigiar a dança e desde a década de 1920 ela tem sido parte fundamental dos Jogos Olímpicos de Inverno, esperando-se que seja incluída, em algumas de suas versões, nos Jogos de Verão a partir de 2012. Em termos de Educação Física, nas décadas de 1920 – 1930, na Europa, os grandes nomes da dança foram também os renovadores dos métodos ginásticos. Entre estes, cita-se Rudolfo Laban que coreografou a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Berlin, em 1936. Já nas últimas Olimpíadas de Sydney, culminando em 2000, a dança constituiu a base do programa cultural do evento. Em resumo, a dança é um fenômeno originário na cultura de todos os povos, que se manifesta em outras atividades corporais entre as quais incluem-se os esportes e a Educação Física, quer visando-se ao lazer, à saúde, à formação educacional, ou a todos estes em conjunto.

Década de 1920 No Brasil, a vertente da dança ligada à Educação Física surge neste período, por agregação de movimentos ginásticos às suas bases elementares, constituindo práticas ofertadas pelas então denominadas “academias”, geralmente conduzidas por bailarinas vindas do exterior. Nas décadas seguintes, tal procedimento híbrido incorporou-se à formação de professores de Educação Física e de suas conseqüentes práticas docentes. Um marco pioneiro desta vertente ocorreu em 1925, ao serem oferecidas lições de balé clássico em conjunto com dança moderna, sapateado, ginástica rítmica e ginástica acrobática. O local em foco foi o Rio de Janeiro – RJ, capital e centro cultural do país, à época. A direção do empreendimento foi de Naruna Corder, brasileira de nascimento e egressa do Royal Ballet de Londres.

Década de 1940 Inclusão da dança por Helenita Pabst Sá Earp na formação de professores de Educação Física, na antiga Escola Nacional de Educação Física – Universidade do Brasil, na Urca, Rio de Janeiro – RJ (hoje UFRJ). Esta disciplina tornou-se influente ao longo da década, gerando um núcleo que liderou a disseminação da dança em diferentes modalidades, pelas demais faculdades e escolas de Educação Física por todo o país nos anos subseqüentes. Posteriormente, a dança passou a fazer parte dos currículos das licenciaturas de Educação Física em abrangência nacional. Tal proposta pressupunha que os alunos, ao explorarem os elementos artísticos e científicos do movimento, relegariam a segundo plano o aspecto motor, desencadeando um processo que originaria novas propostas de movimentos corporais com possibilidades criativas, então nomeado de SUD – Sistema Universal de Dança.

Década de 1980 A partir da Resolução 03 de 1987 do então Conselho Federal de Educação, que reformulou a Licenciatura e o Bacharelado em Educação Física, inicia-se um processo progressivo de adaptação regional dos currículos desta formação profissional em nível superior. Nesta perspectiva, a dança foi favorecida por já ter uma tradição de meio século na licenciatura em Educação Física, como também pela maior possibilidade de optar por práticas de preferência local em comparação com as demais disciplinas. Já na esfera da aplicação da arte no processo educacional, o novo currículo confirmou a necessidade do profissional em Educação Física desenvolver competências em termos de dança em suas diferentes manifestações. Além disso,

a dança em Educação Física ressurgiu na UFRJ como Dança Rítmica, na Universidade Federal de MG como Ritmo/Movimento e, na Universidade Gama Filho, como Dança Educacional.

Década de 1990 Em pesquisa de campo com uma amostra de 80 faculdades de Educação Física de todos as regiões do Brasil – representando cerca de metade do total existente no país em meados da década, e um quarto do total atual – verificou-se que a dança constituía a sétima disciplina na ordem de preferências daquelas Instituições de Ensino Superior - IES, entre 370 opções de disciplinas identificadas no levantamento (DaCosta, 1999). Além disso, a investigação constatou um ecletismo generalizado em todas as disciplinas em razão da variedade local de adaptações à Resolução 03/87 do Conselho Federal de Educação, que descentralizou o currículo de formação superior em Educação Física via autonomia das IES.

Neste período, também surgem evidências de que o método Dança-Educação Física vinha sendo fortalecido como proposta teórica relacionada ao trabalho corporal, voltada para a integração do indivíduo como um todo. Este método era comprometido com um trabalho educativo e formativo de base predominantemente preventiva, visando resgatar, no ser humano, um trabalho de conscientização corporal. E como tal, a sua versão mais geral, isto é, a Dança – Educação, tornara-se parte importante da formação do professor de dança *stricto sensu*. Neste contexto de sentido formativo e educacional, houve maior valorização de IES dedicadas ao ensino da dança como profissão de nível superior, coincidindo com a expansão da oferta de cursos em escala nacional (ver mapa).

Situação Atual Nos primeiros anos da presente década, assiste-se à consolidação da Dança-Educação na ocupação do espaço social em posição privilegiada, numa tendência já reforçada na década anterior. Esta perspectiva educativa implica em proporcionar, além do desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo-social (numa perspectiva da cultura corporal), o que tem de mais peculiar: expressividade acompanhada do ritmo. Em termos de Educação Física, tal formulação trata da arte/modalidade/atividade como promotora de desenvolvimento e autonomia corporal. Parceiros desta idéia estão os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCNs, documento este que classifica a dança como um dos conteúdos da Educação Física, possibilitando o desenvolvimento da cultura corporal na comunidade escolar. Nestas circunstâncias, o entendimento da dança na Educação Física hoje, pressupõe a variedade em suas modalidades de práticas, incluindo desde o ballet clássico às danças folclóricas.

Ballet Clássico

Definições e Origens A dança remonta a tempos imemoriais, manifestando-se em todos os povos em distintas formas. Na vida do homem primitivo, a dança presidia todos os acontecimentos – nascimento, casamento, morte, caça, doenças, visando a vida, a saúde, a fertilidade, através da comunhão com a natureza. Mas as suas formas posteriores superaram o sentido estritamente simbólico, como já se constatava no Renascimento quando a dança passa a ser ensinada por mestres, a serviço das cortes. As fontes deste movimento surgem no século XIV, da Itália para outros países da Europa. A palavra “ballet” vem da palavra ballare (bailar) e de ballator (bailarino) e originalmente balletto. O primeiro ballet como espetáculo aconteceu em 1581, em Paris e, em 1661, o rei Luís XIV fundava a Academia Real de Ballet e a Academia Real de Música, confirmando o *status* de arte alcançado por ambas manifestações.

No século XIX, o Romantismo transformou todas as artes, inclusive o ballet, inaugurando assim um novo estilo, no qual aparecem figuras exóticas e etéreas se contrapondo aos heróis e heroínas, personagens reais apresentados nos ballets anteriores. O primeiro grande ballet romântico foi “La Sylphide”, que iniciou o trabalho nos sapatos de ponta. Ainda neste século, o francês Marius Petipa marca a relevância do ballet na Rússia, trabalhando com Tchaikovsky que criou três dos mais importantes ballets do mundo: “A Bela Adormecida”, o “Quebra-Nozes” e “O Lago dos Cisnes”. Logo após, o russo Diaghilev, editor de uma revista de artes, promoveu em Paris, os músicos russos, a Ópera russa e o ballet russo, inaugurando uma nova ordem no âmbito da dança com arte, que passou a apresentar estilos renovados como nas demais expressões.

No Brasil, o ballet clássico teve seu primeiro impulso significativo quando das visitas ao país de companhias internacionais de renome, como a de Diaghilev (1913 e 1917) e Ana Pavlova e seu corpo de baile (1918 e 1919). Neste período, Maria Olenewa, solista de Pavlova, permaneceu no Rio de Janeiro, pretendendo introduzir o ensino do ballet clássico em moldes avançados. Este objetivo foi alcançado efetivamente em 1927, ao ser criada uma escola de bailado sob sua direção no Teatro Municipal. Em 1930 a escola foi oficializada e surgiu o Corpo de Baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Em 1937 foi contratado o coreógrafo e maître de ballet Vaslav Veltchek, outro mestre competente que haveria de consolidar definitivamente a obra de Olenewa. Porém, antes deste fato, em 1927, no Estado do Paraná, Tadeuz Morozowicz criava a primeira escola de Ballet do sul do Brasil. A Escola funcionou na Sociedade Thalia, em Curitiba.

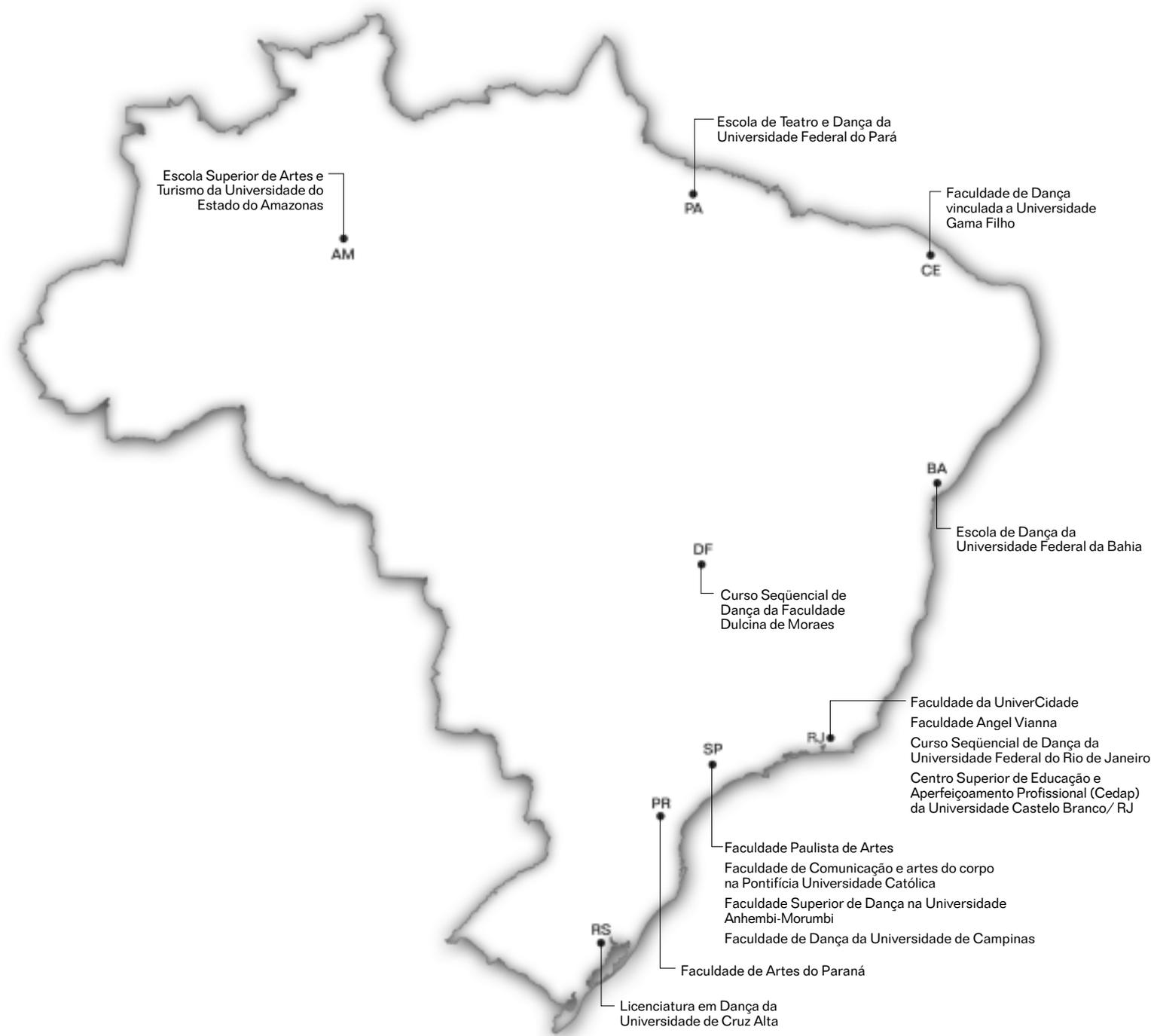
Na década de 1930, talvez devido à ameaça e conseqüente eclosão da 2ª Guerra Mundial, houve uma migração de profissionais europeus para o Brasil, em particular para o Rio de Janeiro, maior centro cultural do país, à época. Vindos de países onde a ginástica e o ballet estavam em fase de mútuas influências, alguns destes profissionais imigrantes acompanharam o modelo de “academia” introduzido com sucesso por Naruna Corder desde 1925. Nas décadas de 1930 e 1940 as academias tanto de ballet *per se*, com este associado à ginástica floresceram no Rio de Janeiro, concentrando-se no bairro de Copacabana, destacando-se as de ballet clássico de Ana Baliska, russa; de Emma Vargas, húngara; e de Pierre Michailowsky e Anna Grabinsky, russos.

Situação Atual Estima-se que no país existam atualmente 500 escolas de dança em que o ballet é predominante, com cerca de 1.500 profissionais envolvidos, com mais de 50 mil participantes e com 50 eventos anuais relacionados à modalidade (dados de baixa confiabilidade). No âmbito da Educação Física, há no mínimo cerca de 200 IES que oferecem a disciplina de dança, porém são desconhecidos os estilos adotados pela variedade de opções em escala nacional. Por sua vez, a prática escolar atual, de acordo com os PCN, implica em admitir a dança como um meio comum, mas de difícil quantificação. A inovação recente, nestas circunstâncias, residiria na incorporação da dança nos projetos de inclusão social seja por professores de Educação Física, por profissionais de dança *stricto sensu* ou por ambos em conjunto, como se verifica nos exemplos listados no mapa da parte III.

Fontes Ver parte II deste capítulo que se compõe de três partes.

Localização das escolas superiores de dança por estados, 2002

Colleges & universities specialized in dance per state, 2002



Ordens de grandeza das práticas dirigidas de dança por modalidade, Brasil, 2002

Size estimates of oriented dance practices per styles Brazil, 2002

MODALIDADE	NÚMERO DE ESCOLAS, ACADEMIAS, CLUBES etc Schools, clubs etc	NÚMERO PROFISSIONAIS Teachers & monitors	NÚMERO DE PARTICIPANTES Participants	NÚMERO EVENTOS POR ANO Events
Style				
Ballet Clássico	500	1500	50 000	50
Dança Moderna	100	300	6 000	n/d
Dança Contemporânea	1800 (100 cias)	1600	43 000	n/d
Dança Jazz	2500	7000	10 000	400
Danças de Salão	5000	10 000	100 000	n/d
Danças Folclóricas	200	200	n/d	n/d
CTG	200	600	100 000	n/d
IES de Ed Física	200	300	n/d	n/d
Totais	10500	18 500	309 000	450

Fontes / sources: Itaú Cultural – Banco de Dados; sites de dança na Internet; DaCosta – CNPq (1999); consultas a profissionais e entidades.

Dança em Educação Física, esporte e lazer – II: Dança moderna, dança contemporânea, dança jazz e sapateado

CÁTIA PEREIRA DUARTE, RENATA VASCONCELOS E MÔNICA NASCIMENTO

Dance in physical education, sport and leisure – II: modern dance, contemporary dance, jazz dance and tap dance

Modern dance is not the development of classical ballet but the evolution of its opposite: it is a free type of dance without the traditions, conventions and positions of academic schools. It started at the very beginning of the 20th century with the American Isadora Duncan, and arrived later in Brazil, (Rio Grande do Sul, Minas Gerais and Rio de Janeiro) in 1930, under North American and German influences. Today Brazil has around 100 schools of modern dance, 300 professionals and 6,000 students but very few events of modern dance. Contemporary dance concentrates on the development of choreographies that have a considerable degree of eclecticism,

physical vigor and sensitivity. This variety has caught on in Brazil: 1,200 schools, 100 companies, 500 dance studios, 1,600 professionals (dance instructors and ballet dancers), and 43,000 students. Although contemporary dance companies have been taking more and more space in the Brazilian cultural scene because of its presence in the media and the greater public attending its shows every time, there have been very few specific events organized by either governmental or private institutions. Jazz dance uses most of the technical movements of classical ballet and Modern Dance movements with adaptations. It appeared at the end of the 19th century with essentially

popular roots having an initial evolution parallel to jazz music. Jazz dance adjusted to the cultural eclecticism and even blended in with local dances, which partly explains its success in the following numbers: 1,500 dance schools, more than 1,000 gyms and clubs that offer jazz dance, 7,000 professionals, 60,000 students and 4,000 local and national events of jazz dance organized in Brazil today. Tap Dance has different origins such as the Irish Jig' and the British 'Clog'. Later African dances contributed to put together the work done by the feet and the sophisticated movements of the body. In Brazil tap dance has many fans, but it is not a popular style.

Dança Moderna

Definições e Origens A dança moderna é um estilo consagrado da arte de dançar, marcado pelas formas de expressão de sua época. A dança moderna não é a evolução da dança clássica e sim a evolução do oposto à dança clássica. Os primeiros sinais de uma nova revolução estática e formal da dança já eram visíveis nos primeiros anos do século XX. Isadora Duncan, americana, nascida na cidade de São Francisco em 1878, foi a precursora da dança moderna. Suas primeiras aparições datam de 1900. Isadora se rebelou contra as formas pré-estabelecidas da dança clássica e proporcionou, com sua dança livre, o nascimento de uma nova era da dança, sem as tradições, convenções e posições da escola acadêmica. Esta revolução teve sua fase científica e orientada para o ensino por desenvolvimentos de Rudolf Laban, na mesma época. E este contexto levou a se considerar que ambas escolas – clássica e moderna –, tinham elementos comuns e convergiam para a formação de um novo estilo.

No Brasil, em específico no Estado do Rio Grande do Sul, a dança moderna tem como precursora Lya Bastian Meyer. Estudou na Alemanha e formou uma geração de dançarinos especialmente entre as décadas de 1930 e 1950. Ceci Frank, responsável por levar a técnica de Graham para Porto Alegre, também merece ser citada. Ainda em Porto Alegre, destaca-se Eva Schul, introdutora da técnica de dança moderna de Hanya Holm. No Rio de Janeiro, o grupo de Elenita Sá Earp e Glória Futuro, voltado para a Educação Física, nomeava suas práticas na década de 1940 com “dança moderna”. Em Belo Horizonte, no período de 1959 a 1974, Arnaldo Alvarenga, professor de dança e artes cênicas, desenvolve sua dissertação de mestrado focalizando o ensino e a linguagem da dança moderna em MG. Mais tarde, entre 1974 e 1978, Eva, do Rio Grande do Sul, dirigiu a Academia e o Grupo de Dança Mudança, por onde passaram profissionais que perpetuaram a dança moderna no Estado.

Situação atual Atualmente no Brasil , cerca de 100 escolas, 300 profissionais e 6.000 alunos vêm se envolvendo com a dança moderna, embora haja raros eventos específicos desta modalidade.

Dança Contemporânea

Definições e Origens Na dança contemporânea não existem as grandes divisões que o tempo impôs ao balé clássico, embora distintas escolas tenham formado intérpretes com diversas técnicas. Um bom intérprete de dança contemporânea deve trabalhar sempre com vistas a um equilíbrio entre sua habilidade física, compreensão e sensibilidade. Na atualidade, há o surgimento e a consolidação de grandes e numerosas companhias de dança ditas contemporâneas, que se dedicam à elaboração de coreografias dotadas de um grau considerável de ecletismo, vigor físico e sensibilidade. Tais companhias procuram, através de suas obras artísticas, refletir e elucidar aspectos da cultura vigente a partir dos movimentos corporais presentes em suas coreografias.

Em 1962, em Curitiba, houve um evento que marcou um importante momento da dança contemporânea em escala nacional: o Primeiro Encontro das Escolas de Dança do Brasil, promovido e organizado por Paschoal Carlos Magno. Antes, em 1956, no estado da Bahia e com significado regional, a dança contemporânea inicia seu primeiro

dos três grandes momentos: a criação da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia - UFBA. Em 1977, acontece o segundo grande momento da dança contemporânea naquele estado, Dulce Aquino, também professora da UFBA, cria o Concurso Nacional de Dança Contemporânea fazendo, assim, com que a modalidade tivesse visibilidade até o fim dos anos 1980. O terceiro grande momento da dança contemporânea na Bahia se deu com a criação do Curso de Pós Graduação em Artes Cênicas da UFBA.

Em 1969, no Paraná, sob a direção de Ceme Jambay, foi criado o primeiro Corpo de Baile do Teatro Guaíra, atual Balé Teatro Guaíra. Em 1990, o Rio de Janeiro pôde contar com um grande evento da dança Contemporânea, o Olhar da Dança Contemporânea e o Panorama da Dança Contemporânea do Rio, criado por Lia Rodrigues. Um acontecimento também marcante para este estilo foi a chegada ao Brasil do curador Guy Darnet, responsável pela escolha das Companhias que participariam da sétima edição da Bienal de Lyon. Em 2000 e 2001, a dança contemporânea, em Brasília, pôde contar com trinta profissionais atuantes, dezesseis em GO, seis no MS e dois no MT.

Nos dias atuais, as grandes companhias de destaque no Brasil em termos de classificação são as oficiais (aquelas que têm longa sobrevida, ou seja, contam com ótima perspectiva de desenvolvimento de seu trabalho assim como sua manutenção): Corpo de Baile do Teatro Municipal/ RJ; Balé da Cidade de São Paulo/ SP; Companhia do Balé de Minas Gerais da Fundação Clóvis Salgado/ MG; Companhia de Balé do Teatro Guairá/ PR; Balé do Teatro Castro Alves da Bahia/ BA; Corpo de Dança do Amazonas/ MA; novas oficiais (aquelas mantidas pelas secretarias de Culturas Estaduais ou Municipais, pois os bailarinos são selecionados através de concurso público e contratados de acordo com a legislação vigente): Balé de Lodrina/ PR; Balé de Niterói/ RJ; Balé de Manaus/ AM; Balé de Santos/ SP; Balé de Santo André/ SP; Balé de Ribeirão Preto/ SP; profissionais/ empresas independentes (particulares, porém seus coreógrafos não são necessariamente seus empregadores, em atuação há mais de 10 anos no circuito nacional e internacional): Grupo de Dança Primeiro Ato/ RJ; Companhia Carlota Portela/ RJ; Companhia Cisne Negro/ SP; com marca de um só autor (aquelas cujo empregador também é seu coreógrafo): Grupo Amina/ RS; Grupo Olho do Tamandú/ SP; Companhia Lia Sampaio/ AM; Companhia Jorge Silva/ BA; Ballet Rural/ BA; Balé Tran-chan/ BA; Quasar/ GO; Débora Colker/ RJ; Companhia de Atores - bailarinos Regina Miranda/ RJ; Ballet Estagium/ SP; e Grupo Corpo/ MG.

Situação Atual Atualmente, há cerca de 1200 escolas de dança, 100 companhias e 500 academias, estimando-se em 1600, o número de profissionais (professores e bailarinos de companhia) e, em 43 mil, o número de alunos que se envolvem com a modalidade. Contudo, contam-se poucos eventos específicos organizados pelos órgãos públicos e privados do país, a despeito de que as companhias de dança contemporânea estejam ocupando um espaço cada vez maior no cenário cultural brasileiro, quer pelo critério de divulgação na mídia, quer pela presença de um grande público em seus espetáculos.

Dança Jazz

Definição e Origens Paralelamente à evolução da Dança Moderna ou Contemporânea, tem crescido o interesse pelo

sapateado e a Dança Jazz. O sapateado tem diferentes origens como, por exemplo, o Jig que surgiu na Irlanda e posteriormente, o Clog na Inglaterra. As danças africanas, que uniam o trabalho dos pés a sofisticados movimentos de corpo, também contribuíram para o nascimento do “sapateado”. Quando estes povos chegaram ao Novo Mundo, surgiu o sapateado como a dança nativa da América do Norte. E nos EUA, a dança jazz encontrou nos palcos da Broadway, em Nova York, o seu melhor meio de desenvolvimento. Em 1933, ela já se destacava no cinema quando Fred Astaire fazia seu primeiro filme “Dancing Lady” junto com Ginger Rogers. E desde então a modalidade tem convivido em altos e baixos com relação às suas congêneres, no ensino de dança em qualquer parte do mundo.

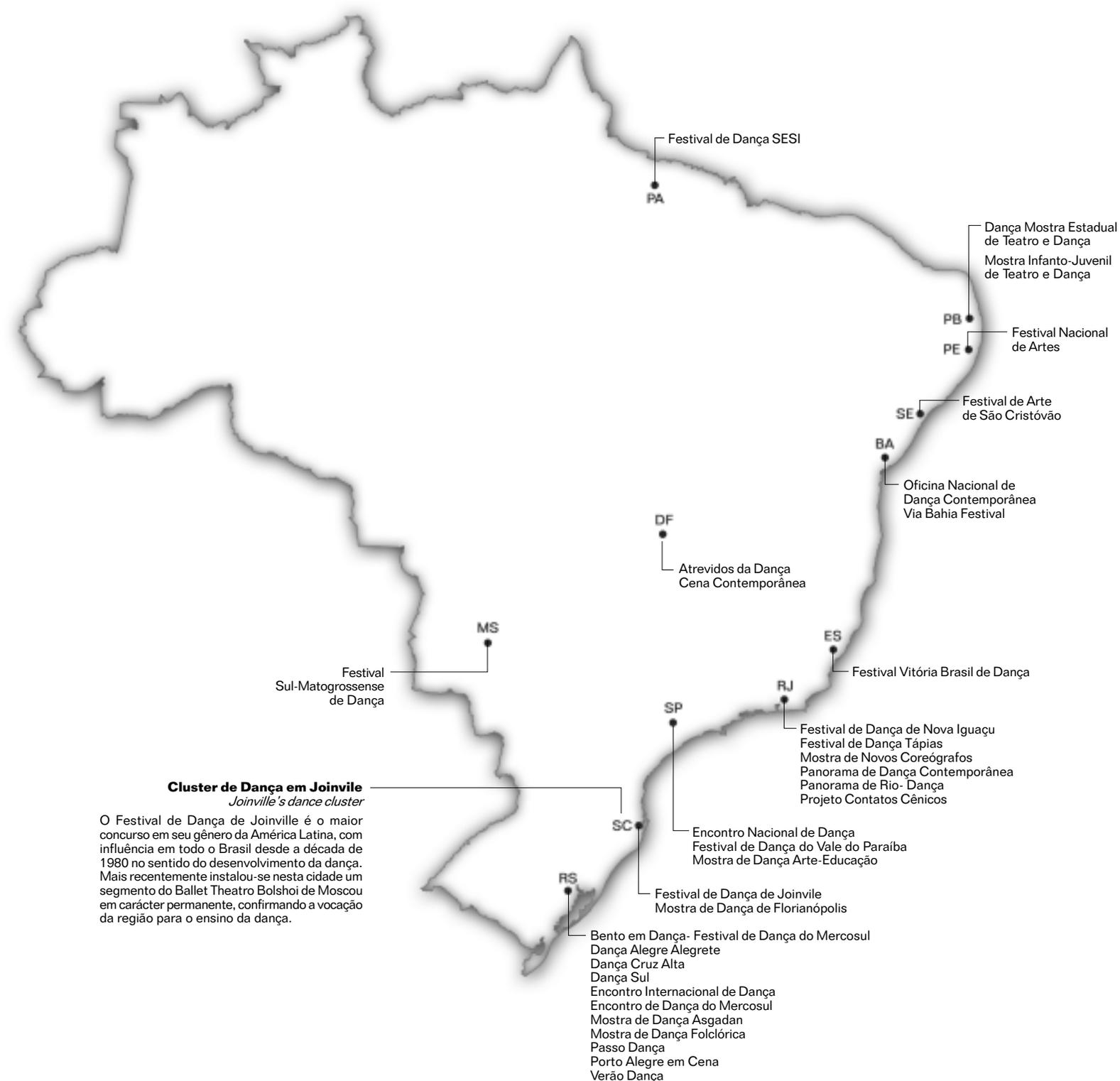
No Brasil o sapateado tem muitos admiradores, porém não é um estilo popular. Já a dança jazz surgiu no final do século XIX, com suas raízes essencialmente populares, tendo uma evolução inicial paralela à da música jazz. Em nossos dias, podemos observá-la nos programas de televisão, cinemas e em peças teatrais, sendo de suma importância ressaltar seu desenvolvimento nos palcos que se deu através de grupos de dança, com influência em grandes companhias de bailado. Por outro lado, aulas de “dança jazz” são procuradas em diversas academias e escolas de dança por todo o país e por todas as idades. Este fato é particularmente visível entre professores de Educação Física que se dedicam à dança. No contexto mais amplo desta modalidade, destaca-se a figura de Carlota Portella como precursora da dança Jazz no país. A dança jazz utiliza, por vezes com adaptações, a maior parte dos movimentos técnicos do ballet clássico, como também, movimentos comuns aos da dança moderna. Mesmo dividindo espaço com a dança contemporânea entre as grandes Companhias de dança brasileiras, a dança jazz não é ofuscada, em sua preferência, por pessoas que desejam uma modalidade de dança para estudar.

Situação Atual A dança jazz foi e continua a ser uma técnica muita aberta às influências das danças sociais, propagando-se pelas academias e escolas de dança do Brasil. Atualmente, cerca de 1500 escolas de dança e mais de 1000 instituições entre academias e clubes, desenvolvem a modalidade. Cerca de 7000 profissionais e 60 mil alunos se envolvem com a modalidade, nos aproximadamente 4000 eventos organizados pelas próprias instituições e eventos de âmbito nacional.

Fontes Hanley, E A., Un Dilemme Éternel: les Sports Artistiques aux Jeux Olympiques, Rapport de la 40eme Session de la Academie Internationale Olympique, Ancienne Olympie, 2000; DaCosta, L. P., Formação Profissional em Educação Física, Esporte e Lazer no Brasil. Editora da FURB, Blumenau, 1999; Offona, P. A Educação pela Dança, Summus, SP, 1988; Fux, M., Danças – Experiências de Vida e Educação, Summus, SP, 1983; Nanni, D., Dança e Educação: Pré Escola à Universidade, Sprint, 2001; Cartografia da Dança: Criadores e Intérpretes Brasileiros, Coordenação Geral do Núcleo de Artes Cênicas, Organização de Fabiana Dutra Britto, Itaú Cultural , SP, 2001; Nonato, M. E. P., Ginástica Jazz – a dança na educação física: a ginástica para todos, Manole, SP, 1993; www.petroflex.com.br; www.grupopaodeacucar.com.br/acaosocial; www.anhembibrazil.com.br/portal/servicos_g/solidariedade/projetos/assindes.htm; www.itaucultural.org.br; www.cidadania-e.com.br; www.pemcdd.hpg.com.br.

Festivais nacionais de dança por localização estadual, 2002

National dance festivals per state, 2002



Modalidades preferidas por estado e região do Brasil, 2002

Preferred styles of dance per state and region of Brazil, 2002

Dança Clássica	RS, SC, PR, RJ, SP, BA, MG
Dança Moderna	SP, RJ, BA
Dança Contemporânea	PA, RS, SC, PR, SP, RJ, MG, BA, DF
Dança Jazz	PA, RS, SC, PR, SP, RJ, MG, BA
Danças Folclóricas	Regiões Norte, Nordeste e Sul
Danças de Salão	Regiões Norte, Nordeste e Sul
Danças Indígenas	Regiões Centro-Oeste e Norte

Dança em Educação Física, esporte e lazer – III: Danças de salão e danças nacionais populares

CÁTIA PEREIRA DUARTE, RENATA VASCONCELOS E MÔNICA NASCIMENTO

Dance in physical education, sport and leisure – III: Ballroom dancing and national popular dances

In Brazil, the spontaneous dancing evening concerts of the 19th century started to be replaced by ballroom dancing lessons in 1914, when Louise Poças Leitão, Swiss lady, introduced the instruction and the dance practice of traditional rhythms such as waltz and mazurka in São Paulo. Ballroom dancing then developed in Rio de Janeiro under the orientation of teachers that followed various methods. This made ballroom

dancing a very popular practice. In Brazil as a whole, ballroom dancing has been made up of diffuse influences of the so-called Danças Internacionais Populares (international popular dances), which came in different fads in terms of time and place. However, Danças Nacionais Populares (national popular dances) are favorites in the country. The present survey mentions 18 of them while the other 17, classified as

Danças de Salão

Definição e Origens Entre as re-significações da dança ocorridas no Renascimento europeu, há que se destacar o aparecimento de versões mais acessíveis às classes menos favorecidas. Hoje, estas últimas são mais conhecidas pelo nome genérico de dança de salão. No Brasil, os espontâneos saraus dançantes do século XIX deram lugar a dança de salão de aprendizado, a partir de 1914, quando a suíça Louise Poças Leitão, evadindo-se da I Guerra Mundial, aportou em São Paulo. Ensinando valsa, mazurca e outros ritmos tradicionais para a sociedade local, Madame Poças Leitão criou tradições e discípulos que continuariam seu trabalho, entre elas o Núcleo de Dança Stella Aguiar. No Rio de Janeiro, a dança de salão cresceu nas mãos de Maria Antonieta que, com a ajuda de várias correntes de professores, tornou sua prática uma forma de ensino popular. No Brasil como um todo, a dança de salão constituiu-se por influências difusas das chamadas Danças Internacionais Populares em diferentes modismos no tempo e no espaço.

Dentre as danças difundidas, há que se destacar aquelas hoje utilizadas no ensino das academias, clubes, e outras instituições, tais como o Batuque, dança de origem africana por requebros, palmas, sapateados, acompanhados ou não de canto; o Bolero, uma das raízes do mambo, chá chá chá e salsa, que nasceu na Inglaterra, passando pela França e Espanha com nomes variados; o Chá chá chá, dança derivada do Danzon Cubano, cujo nome foi tirado do barulho feito pelos dançarinos nas pistas de dança; o Forró, designação popular dos bailes com danças populares encontrados no nordeste do Brasil; o Lundum, conhecido também como lundu, landu ou londu, de origem africana, baseada em sapateados, movimentos acentuados de quadris e umbigadas; o Mambo, que nasceu em Cuba tendo como origem os ritmos afro-cubanos derivados de cultos religiosos no Congo; o Merengue, um ritmo veloz e malicioso, nascido na República Dominicana; a Lambada, que nasceu da adaptação do Caribó em 1976, em Belém do Pará; o Pagode, uma variação do samba que apresenta caraterísticas do choro, tem estilo romântico e andamento fácil para dançar, tendo grande sucesso comercial no início da década de 1990 no Brasil.

Outras modalidades para a prática de ensino no Brasil são o Rock and Roll, um estilo musical que nasceu nos EUA em meados da década de 1950, por evolução e assimilação de outros estilos, tornando-se uma forma dominante de música em todo mundo; a Rumba, um embalo sensual que nasceu como dança da fertilidade em que os passos dos bailarinos imitavam a corte dos pássaros e animais antes do acasalamento; a Salsa, ritmo musical desenvolvido a partir da segunda metade do século XX com contribuições da música caribenha e de danças folclóricas daquela região, dançada com acompanhamento de instrumentos de percussão; e o Samba, dança popular com origens africanas, cuja coreografia segue o ritmo com compasso binário, tocado por instrumentos de corda (cavaquinho e vários tipos de violão) e de percussão. Esta última modalidade manifesta-se especialmente no Maranhão, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Como ritmo musical, o samba nasceu e se desenvolveu nas primeiras décadas do século XX, instalando-se nos bairros da Saúde e da Gamboa, no Rio de Janeiro. Variações ocorreram também no final da década de 1920 e início da década de 1930, surgindo o samba-enredo, o samba choro e o samba-canção. Também nessa fase nasceu o samba dos blocos carnavalescos dos bairros do Estácio e Osvaldo Cruz, e dos morros da Mangueira, do Salgueiro e São Carlos, com inovações rítmicas que ainda persistem. A partir dos meados da década de 1940 e ao longo da década de 1950, a samba sofreu nova influência de ritmos latinos e americanos, surgindo assim o samba de gafieira. Embora mantenha sua originalidade, com a Bossa Nova, em 1950 fundiu-se com jazz , gerando uma versão de ritmo internacional.

Finalmente há de se cogitar do Tango como opção de ensino, que surgiu como criação anônima dos bailes pobres e marginais de Buenos Aires no final do século XIX. Evoluiu a partir do candomblé africano, do qual herdou o ritmo; da Milonga, da qual herdou a coreografia e da Habanera, da qual herdou a linha melódica. Acrescente-se ainda a Valsa, uma dança de salão derivada do Ländler em 1770 e 1780, popular na Áustria, Baviera e Boêmia, caracterizando-se pelo compasso ternário da música, pelos passos em que os pés deslizam pelo chão e pelos giros dos pares; o Xote, um tipo de dança de salão de origem alemã, popular no Nordeste e no Sul do país, executada ao som de sanfonas nos bailes populares, que chegou ao Brasil em 1851 pelo professor de dança José Maria Toussaint, que a chamava de schottische ou xótis; e a Dança do Ventre, uma dança originada no Egito Antigo, onde os rituais integravam pessoas entre si, por meio de movimentos que representavam os animais e seus aspectos divinos, assim como os quatro elementos da natureza e suas divindades. A Dança foi divulgada, sempre ligada à música e a ritmos de percussão, respeitando, no entanto, a improvisação. Chega ao Brasil com Shahrazade – que verteu o nome "Raks el Chark" para dança do ventre –, dançarina que procurou inovar, por inclusão da influência cultural brasileira aos movimentos já existentes.

Danças Nacionais Populares

Afro-brasileira Trata-se de uma reelaboração de dança étnica desenvolvida através de pesquisa e resgate cultural. Com a prática da modalidade pode-se ampliar seu espaço de improvisação e criação, cujo conteúdo inclui o samba, o afoxé, a dança dos orixás, os ritmos afro-baianos (samba-reggae, timbalada, olodum e ritmos tribais com bases solos) e outros elementos vindos das doze nações da cultura africana encontradas no Brasil.

Baião Dança cantada nordestina, resultante de origens africanas, indígenas e colonizadores portugueses. Sem transformações, sofreu uma alteração no Sul do país onde, para troca de par, se usa a umbigada em vez dos estalos de dedos, como era dançada e ainda se preserva no resto do país.

Batucajé Dança sacra, afro-brasileira do Piauí e Bahia, baseada em movimentos de batuque.

Bumba-meu-boi Dança que representa a morte e a ressurreição, numa sátira contra a opressão do colonizador, a exemplo dos congos, caboclinhos e guerreiros. O Bumba-meu-boi é encontrado em todos os estados brasileiros, com nomenclaturas diferentes: Boi calemba no Pernambuco, Boi de Reis e Boi-bumbá no Pará, Reis do Boi em Cabo Frio, Cavalo-marinho no Rio Grande do Norte, Boi-mamão em Santa Catarina.

Caiapós Dança dos indígenas da região litorânea paulista, encontrada também em estados do Centro-Oeste e Norte do Brasil.

Candomblé De origem africana, representa uma prática de exorcismo em que vivos e mortos se confundem. O candomblé tem sobrevivido por meio do imaginário, de que as divindades descem de mundos desconhecidos e tomam posse do corpo de seus filhos para lhe conceder poderes de fazer o bem e o mal.

Carimbó Música e dança folclórica da Ilha de Marajó desde o século XIX. Atualmente é dançado no interior do Pará e em seus arredores, com uma prática de homenagem a Santo Benedito.

Chico Dança com vários volteios entre casais nos fandangos do interior do Paraná.

international, include six types of original Brazilian dances. While it is difficult to quantify popular dances because of their diffuse nature, it is possible to provide estimates for ballroom dancing because of its teaching nature. Today 10,000 instructors teach 100,000 student dancers in approximately 5,000 institutions, which makes this variety one of the most practiced in the whole country.

Chimarrita Originária dos Açores e Ilha da Madeira, a dança é famosa nos fandangos gaúchos, paranaenses e paulistas.

Ciriri Dançado em fileiras na maioria dos estados do norte do Brasil, tendo uma variação em círculos somente no interior do Mato Grosso; valoriza a troca dos casais e as diversas escolhas de homens e mulheres com os pares que desejem enamorar.

Côco Dança de origem ameríndia (tupi), sem riqueza rítmica e melódica, também chamada bambelô ou zamba, encontrada na região praiana do Norte e do Nordeste, sobretudo em Alagoas.

Fandango Apresenta a oportunidade de praticar várias danças de acordo com a cultura regional. No Rio Grande do Sul é dançada a chimarrita, a chula e a tirana-do-lenço, enquanto em São Paulo são praticadas a tiraninha, a quero-mana e a dão-dão.

Frevo Trata-se de um misto de marcha e polca, com variações de compasso binário e quaternário, tendo se preservado em Pernambuco, onde é mais dançado. O frevo é rico em criatividade e em improvisação, permitindo ao bailarino criar os passos mais variados, desde os mais simples aos mais acrobáticos.

Maxixe Tem origem no batuque estilizado, sendo dançado em ritmo sincopado. O maxixe lembra a polca e a habanera, com movimentos sensuais, motivo pelo qual foi excluído das danças sociais de salão.

Mineiro-pau Dança singela, de origem indígena, atualmente dançada em Pernambuco como forma de recreação entre os jovens.

Sairê Também chamado totiúna (cruz comprida), é uma procissão dançada por ocasião das festas de São João, Santo Antônio, São Tomé e outros santos. Típica do território do Amapá, Amazonas e Pará.

Tatu Dança do Rio Grande do Sul, que conta a história de tatu tímido e desdentado, perseguido pelos cães na Revolução dos Farrapos, que levava ofícios para o general David Canabarro.

Tirana Dança de origem espanhola, manifesta-se do norte ao nordeste, e desconhecida apenas nas regiões litorâneas. Ao som de cantos solistas, é dançada com sapateado e insinuações de namoro entre os casais.

Situação Atual Estima-se que na região Centro-Oeste, cerca de 200 escolas trabalhem com danças indígenas, envolvendo entre professores, alunos e adeptos, mais de 10 mil pessoas em eventos locais e regionais organizados. Já nas regiões Norte e Nordeste, as danças folclóricas assumem grandes escalas de participação com a maioria da população envolvendo-se com as festas culturais e religiosas, o que torna impraticáveis as estimativas. Na região Sudeste, poucas pessoas se envolvem nas danças folclóricas regionais, em contrapartida, a dança de salão é muito requisitada. Neste caso, estima-se a existência de 5000 entidades (escolas, academias, clubes etc), 10 mil profissionais e 100 mil praticantes de dança de salão, fazendo desta modalidade uma das mais praticadas em todo o país. Na região Sul há cerca de 200 Centros de Tradições Gaúchas-GTG com aproximadamente 600 professores atuando nos fandangos e academias que prestigiam festividades folclóricas. Neste âmbito regionalista de identidade cultural estima-se que cerca de 100 mil indivíduos participem regularmente das manifestações, incluindo aproximadamente 500 bailarinos de ambos os sexos que fazem apresentações nas invernadas (grupos que se encontram três vezes na semana para dançar e estudar folclore).

Fontes Ver parte II deste capítulo.

A dança em Blumenau e o Bolshoi em Joinville – SC

Dance in Blumenau and the Bolshoi in Joinville – SC



The special aptitude of Joinville / Blumenau – SC region for the development of dance

As atividades de dança em Blumenau iniciaram-se em 1972 quando Pauline Stringer, bailarina formada pela *Royal Academy*, chega da Inglaterra para assumir a Escola de Ballet, em Blumenau. Desde então têm sido formados bailarinos profissionais na cidade, entre os quais destaca-se o nome de Úrsula Aloma Ionem. Ainda em Blumenau, há dois grupos importantes a mencionar: Cravo Cia. das Artes e Ambulare Cia. Estas circunstâncias, aliadas ao impacto nacional do Festival de Joinville e a localização de um curso do Grupo Bolshoi de Moscou, nesta última cidade, sugerem a existência de uma vocação da região de colonização alemã em SC, voltada para o ensino da dança.

Cluster de dança de Joinville - SC

The Dance Festival of Joinville during its 20 years of existence has put together around 77,000 dance students and professionals. More than 1,150,000 spectators have attended the shows. Today the event involves 4,000 participants and it is the largest contest of dance students in Latin America. It causes repercussions in the region where the festival takes place and even in national scale in the sense of the continuing search of excellence in the teaching and learning of dance.

Origem e Definições O Festival de Dança de Joinville está hoje consolidado como o maior concurso de estudantes de dança da América Latina, envolvendo também bailarinos amadores e profissionais. Responsável por grande parte do escoamento da produção das escolas de dança do Brasil, este evento realiza-se anualmente na segunda quinzena de julho, reunindo um público total de 50 mil pessoas, em espetáculos localizados no Centreventos Cau Hansen. Durante as 11 noites do Festival, sobem ao palco companhias convidadas e grupos concorrentes, com trabalhos inscritos em sete modalidades – Ballet Clássico de Repertório, Ballet Clássico, Dança Contemporânea, Jazz, Dança de Rua, Danças Populares e Sapateado –, subdivididas em três categorias: júnior, sênior e avançado. Durante o Festival são realizados também o Festival Meia Ponta, para crianças de 10 a 12 anos e a Mostra de Dança Contemporânea, para companhias profissionais. As apresentações são feitas em palcos alternativos, montados em praças, shoppings e empresas, acompanhadas de uma ampla programação de cursos, palestras e oficinas.

Promovido pelo Instituto Festival de Dança de Joinville, o evento é mantido com verba de patrocínio e com recursos próprios, obtidos

basicamente com inscrições e bilheteria. Nestas condições, os objetivos atuais do Festival são: viabilizar o intercâmbio entre estudantes e profissionais de dança; possibilitar a discussão de temas relevantes para o crescimento do setor; estimular o aperfeiçoamento técnico dos participantes; (d) auxiliar na formação de novos bailarinos e revelar talentos; promover a dança como opção artística e incentivar a arte entre os jovens.

1983 Em 10 de julho deste ano, nascia o Festival de Dança de Joinville no auditório da Sociedade Harmonia Lyra, um quase centenário prédio no centro da cidade. O início, além de tímido, foi prejudicado pelas cheias que assolaram Santa Catarina nos anos de 1983 e 1984. O número de escolas inscritas neste primeiro Festival foi então surpreendente: 40 escolas e cerca de 600 estudantes de dança. O Festival durou cinco dias com o público lotando o auditório para assistir espetáculos de clássico, moderno, jazz e danças folclóricas, o que superou todas as expectativas.

1984 Com a realização do II Festival de Dança, as expectativas foram mais uma vez superadas ao se inscreverem cerca de mil estudantes de dança, representando 62 escolas, o que exigiu um novo local para as apresentações – o ginásio Ivan Rodrigues – e o aumento na duração do evento para 7 dias. Houve também repercussão fora de Santa Catarina – principalmente a partir da apresentação de “O Grande Circo Místico”, da Fundação Teatro Guaíra, de Curitiba. A partir daí, o evento não parou mais de crescer, tanto em participação como na evolução técnica e artística das apresentações, trazendo incluso o apoio da iniciativa privada e o conseqüente amadurecimento do evento.

1995 O passo definitivo para a internacionalização do Festival foi dado neste ano, com as apresentações do Ballet Theatro Bolshoi,

Moscou (Rússia), nas noites de pré-estréia e abertura, e do Stuttgart Ballet (Alemanha). Para atender à nova programação, o evento passou a ser realizado em 13 dias.

1997 A partir deste ano, as noites competitivas do Festival também passaram a receber bailarinos e grupos convidados. Neste mesmo ano, o evento também ganhou uma nova casa: o Centreventos Cau Hansen – uma arena multiuso que abriga toda a estrutura administrativa e serve de palco para as competições e apresentações de atrações especiais do Festival.

1999 A criação do Instituto Festival da Dança dá início a uma nova etapa na história do evento, que no ano seguinte ganhou mais uma atração, o Festival Meia Ponta. Realizado na Sociedade Harmonia Lyra, berço do Festival de Joinville, a primeira edição do Meia Ponta reuniu 19 grupos e cerca de 300 participantes, entre estudantes de dança, jurados, coreógrafos e diretor de escolas e grupos.

2001 O evento infantil ganha uma nova casa, o Teatro Juarez Machado, no próprio Centreventos, local que também serviu de sede para a realização da primeira edição da Mostra de Dança Contemporânea, um evento não competitivo, voltado para companhias profissionais.

Situação Atual Ao longo de 20 anos, cerca de 77 mil estudantes e profissionais da dança participaram do evento. Os espetáculos foram vistos por mais de um milhão e 150 mil pessoas. Hoje, o evento envolve quatro mil participantes e é o maior concurso de estudantes de dança da América Latina, produzindo repercussões na região onde se situa e até mesmo em escala nacional, no sentido da busca continuada da excelência no ensino da dança.

Dança e inclusão social

Social inclusion is related to recent advancements in dance activities developed by P.E. teachers and dance professionals in Brazil

A tradição de atividades esportivas ofertadas para pessoas carentes e locais adaptados, existe desde a década de 1930 no Brasil. Recentemente, este tipo de iniciativa passou a incluir a dança com maior empenho e propriedade. A seguir listam-se alguns exemplos que focalizam a dança em particular – conduzida por profissionais específicos da área – como outros mais ecléticos, sob condução de profissionais de Educação Física.

Escola de Dança e Integração Social para a Criança (Edisca) Há dez anos esta organização não-governamental – ONG promove, por meio da dança, um trabalho de resgate e desenvolvimento da auto-estima e inclusão de crianças e adolescentes em situação de risco em Fortaleza - CE. Em 2003, o corpo de baile da ONG se apresentou, em grande estilo, em Paris, França, com o espetáculo “Duas Estações” que narra o drama do povo do sertão nordestino.

Programa Educação Pelo Movimento (PEM) Opera desde fevereiro de 2001, na Cidade de Deus, Rio de Janeiro –RJ, dirigido pelo professor de Educação Física Sylvio Dufreyer oferecendo aulas diárias de atividades corporais artísticas e educacionais sistematizadas, tais como dança folclórica brasileira, ginástica olímpica, dança de rua, capoeira, circo e informática. Iniciação musical e incentivo à leitura são ministradas nos primeiros meses. Este projeto tem como objetivo a formação dos jovens, buscando facilitar sua inserção na sociedade, como um indivíduo capaz do exercício pleno de sua cidadania.

Luar de Dança Esta iniciativa visa à formação de profissionais de Dança Clássica e Moderna em parceria com escolas Municipais e Estaduais do RJ, para levar arte à comunidade de baixa renda. Aulas de dança clássica e moderna são ministradas para mais de 700 crianças e adolescentes de comunidades carentes da Baixada Fluminense. Os cursos estimulam o surgimento de novos talentos e favorecem o desenvolvimento de coreógrafos incumbidos de formar novos grupos. Os professores envolvidos no projeto viajam para a Itália para se atualizar, numa parceria com a organização não-governamental italiana Noi Ragazzi Del Mondo.

Projetos Sociais do Pão de Açúcar Iniciativa empresarial para o fomento de danças populares entre pessoas desfavorecidas por meio de monitores, em São Paulo - SP. Danças contempladas: dança do jacaré e do jabuti do Maranhão; maracatu, coco, samba-reggae, frevo e xote.

Fundação Telefônica A entidade empresarial Grupo Telefônica investe em projetos destinados ao atendimento a jovens infratores nos Estados do Centro-sul do Brasil. Os projetos apoiados pela Fundação Telefônica prevêm, entre outras ações, criação de oficinas de atividades pedagógicas (arte-educação, dança de rua, artesanato), encaminhamento dos jovens à escola e cursos profissionalizantes, além de promoção de atividades esportivas e culturais.

Assindes Esta entidade assistencial de São Paulo–SP, oferece cursos profissionalizantes, informática básica, objetos em concreto celular, confecção de blocos de anotações, confecção de cartões, auxiliar de cozinha, ajudante de garçom, costura industrial, atividades de integração de grupo em dança e teatro, palestras de fisioterapia e enfermagem.

Banco Rural – Instituto Junia Rabello Esta instituição de responsabilidade social sob direção de um empreendimento bancário tem ampliado investimento em arte e cultura, alcançando a cifra de R\$ 2 milhões/ano em 2003, aplicados em diversas regiões do país. Entre os projetos culturais apoiados pela instituição destacam-se patrocínios ao grupo de dança contemporânea Primeiro Ato.

Escola de Samba Mangueira Esta associação do Rio de Janeiro –RJ também oferece a dança em seu projeto Mangueira do Amanhã, que atua principalmente com talentos esportivos e que hoje alcança renome internacional.

Vila Olímpica do Salgueiro Este projeto situado no Rio de Janeiro – RJ, instalado na sede da Escola de Samba do Salgueiro, atua sob a supervisão geral do professor Avelino José de Souza e oferece a adolescentes e jovens atividades de ginástica, karatê, basquete, futebol de campo e de salão, jiu-jitsu, capoeira, musculação, hóquei sobre patins e dança.

loga

ALMERINDA ALICE MENDES, DARCYMIRES DO RÉGO BARROS, HILDA CASTELO DE LACERDA, IÉDA OLIVEIRA ALDRIGHI, JOSÉ MARIA COUTINHO, MARIA FERNANDA L. SOUZA, MARIA HELENA FERREIRA SCHMIDT, NEUZA VERÍSSIMO MEIRELES, NORMA PINHEIRO ALVES, PAULO MURILO ROSAS E SONIA MARIA RICETE COSTA.

Yoga

Yoga in Brazil started in the 1950s, when the first Centro Esotérico do Brasil (Brazilian Esoteric Center), called AMO-PAX, was founded in Resende-RJ. In this period several Indian masters (swamis) became associated with Brazilian teachers,

who developed yoga in national scale. This development took place in the studios of the 1950s; in the associations of the 1970s; in the federations of the 1980s and in the courses of the past decade. Besides that, eminent teachers became yoga

Definições A loga (expressão portuguesa para o termo hindu original Yoga) é uma das escolas de pensamento que integra o pensamento Védico. O termo “Veda” representa as seis Escolas Filosóficas da Índia denominadas de “Darsanas” (ponto de vista). Cada Escola se assenta em diferentes linhas de pensamento que se complementam, a saber: “Nyaya” – escola analista que se pauta na lógica em que repousa todo pensamento científico da Índia; “Vaisesika” – escola analista de reconhecimento das coisas existentes na natureza; “Samkhaya” – escola materialista que procura explicar a natureza das coisas e procura encontrar a causa do sofrimento, da insatisfação e da dor; “Mimansa” – composta por duas escolas (Purva Mimansa) que procura examinar a natureza do “dharma” e (Ultra Mimansa) que estuda o absoluto; “Yoga” – é um processo consciente através do qual se consegue a maestria sobre a mente harmonizando o físico, emocional, o intelectual e o social, liberando o potencial criativo para o bem do indivíduo e da sociedade (*Uma Krishnamurti*,1998); “Vedanta” – engloba todas as escolas tradicionais e pode ser considerada como uma das mais perfeitas sínteses do pensamento Hindú. A Yoga Clássica, segundo a tradição, foi criada por *Hiranyagarba* muito embora, os pesquisadores afirmem que a loga sistematizada por *Patanjali* representa um clímax no longo e contínuo desenvolvimento desta filosofia. Apesar de *Patanjali* ser considerado somente um compilador e um sistematizador, de qualquer forma não se pode negar a importância de sua obra chamada de “*Yoga Sutras*”. Alguns historiadores apontam o nascimento de *Patanjali* por volta do século II d.C., outros acham que ele viveu por volta do século II a.C. e afirmam ser o mesmo que escreveu o *Maha-Bhashya*, a gramática da língua sânscrita.

Origens A loga no Brasil teve início na década de 1950 por intermédio de *Sevananda*. Este, unindo-se a *Savananda* e *Váyuananda* fundaram, em Resende-RJ, o primeiro Centro Esotérico do Brasil denominado Amo-Pax que, após alguns anos de experiência monástica, encerrou suas atividades. O desenvolvimento da loga no país a partir desta iniciativa definiu-se nas décadas de 1950, por academias; de 1970 por associações; de 1980 – 1990 por federações; e de 1990 - 2000 por cursos, no seu enfoque principal. Além disso, foram figuras de Professores eminentes que se tornaram marcos de identificação da loga em sua memória de adesão nas diferentes regiões do Brasil. A influência dos Professores e Mestres, por sua vez, fez-se nas décadas de 1950 – 1960, por transmissão oral (Mestre a discípulo); de 1970, por cursos de formação em academias em RJ e em SP, como também por curso de extensão em “Dakshina Tantra “ em RJ; e de 1980 – 2000, por cursos de formação, academias e Associações em todo o país.

1957 A primeira academia que se tem notícia no Brasil foi fundada neste ano pelo Prof. de Educação Física francês Jean Pierre Bastiou. Esta personalidade se posiciona também como o responsável em levar o primeiro grupo de estudantes à Índia, objetivando a formação dos primeiros instrutores de loga no Brasil.

Década de 1950 Apoiando-se nos ensinamentos recebidos enquanto participante das atividades desenvolvidas pelo Centro Esotérico Amo-Pax, Alberto Lohman foi o pioneiro a levar para os hospitais psiquiátricos o trabalho da loga. Este médico psiquiatra, em parceria com prof. Hermógenes, estenderam o trabalho de loga aos hospitais não psiquiátricos. A academia do Prof. José Hermógenes, neste período, teve a colaboração de Vayuananda,

vindo da experiência de Rezende. Em resumo, os Professores que mais influenciaram o desenvolvimento do loga no Brasil, nesta década, foram: Caio Miranda – RJ; Jean Pierre Bastiou – RJ; José Hermógenes– RJ; Ovídio Juan Carlos Trotta (Vayuananda) -RJ; Shitaro Shimada – SP; Swami Sevananda – RJ. Cabe fazer constar que os Professores brasileiros foram formados por Mestres da Índia a partir desta década, tais como Vishnudevananda, Datatreya, Dayananda, Yogendra, Sivananda, Iyengar, Krishnamasharya, Desikachar, Maharishi Mahesh Yogi, Dhivendra Bramachari, Gerard Blitz e outros.

Década de 1960 Neste período, surgiram livros pioneiros na loga publicados no Brasil, destacando-se: Miranda, Caio. Hatha-Yoga: a ciência da saúde perfeita. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1962; Hermógenes, José A. Silva. Auto-perfeição com Hatha Yoga . São Paulo: Record, 1965; Bastiou, Jean Pierre. Encontro com o Yoga. Rio de Janeiro: Lidador, 1965. Os Professores que se destacaram nesta década foram: Alice Almerinda Mendes-RJ; Cláudio Duarte-SP; De Rose-RJ; Ercília Pinheiro-PE; Ieda Oliveira Aldrighi-RJ; Léa Mello-RJ; Lêda Miranda-RJ; Lia Miranda-RJ; Maria Helena Monteiro-RJ; Maria Helena Bastos Freire-SP; Maria José da Luz-PE; Maria José Marinho-BH; Marilda Veloso-RJ; Matildes Albuquerque-RS; Miriam Both-RJ; Monserrat- PR; Neusa Veríssimo-CE; Nilda Fernandes-Brasília; Norma Pinheiro Alves-RJ; Paulo Murilo Rosas-RJ. Este último lançou, nesta década, os livros pioneiros do Tantra no Brasil: “Os segredos do Tantra e do Yoga” e A Psicologia dos Tantras.

Década de 1970 A fase da criação de Associações de loga no país inicia-se neste estágio, em âmbitos regionais e nacionais, tais como: Associação do Rio Grande do Sul, fundada por Maria Helena Schmidt e Dagmar Krebs; Associação Brasileira dos Professores de Yoga, com sede no Rio de Janeiro, fundada em 10 de outubro de 1973 por Vitor Binot, Vayuananda, Jean Pierre Bastiou, Eneida de Oliveira Santos, Orlando Cani, Maria Augusta Cavalcanti, Alfredo Varella, Ana Maria Simões, Aura Perly, Beatriz Freire, Bernardo Perisse´; Carmem Sylvia Penteado, Dagmar Krebs, Domingas Alencar, Gracila Bevilaqua, Graziella Preus, Jacy Pontes Vaz, Maria Cristina Ataliba Cinchini, Maria Emília Goulart, Maria Eugênia Telles, Maria de Lurdes Machado, Marly Rafael Mayer, Nilda Fernandes Mesquita, Ione Martinez, Zilda Vianna, Zomar Ramos, BG Del Dena, Lavinia Genab e Maria Eugênia de Almeida; Associações em São Paulo fundadas por Cláudio Duarte e Maria Helena Bastos Freire; Associação de Belo Horizonte, fundada por Maria José Marinho; e a Uni-Yoga fundada por De Rose. Este último tornou-se o precursor no período em exame do desenvolvimento por meio de entidades federativas dando encaminhamento à Confederação Brasileira de Yoga - CBY, então chamada de Swasthya Yoga. A criação das Associações decorreu do interesse de algumas pessoas que viajaram à Índia em busca de conhecimentos sendo incentivadas a criarem associações para disseminarem os ensinamentos adquiridos. A partir daí, os cursos de formação de professores começaram a ser delineados. No final da década foi criado o primeiro vínculo institucional com o exterior: a Federação Internacional de São Paulo.

Década de 1980 Cria-se a Confederação Brasileira dos Professores e Praticantes de Yóga - COBAPEPY, que posteriormente deu origem à Confederação Nacional de Yoga do Brasil - CONYB. Este fato confirma a tendência da loga se desenvolver pela via federativa de Associações, que marcou a fase referida à

references in the different Brazilian regions. Today there are six university courses for the training of yoga teachers and around 400,0000 students (yogis) in different institutions spread all over Brazil.

who developed yoga in national scale. This development took place in the studios of the 1950s; in the associations of the 1970s; in the federations of the 1980s and in the courses of the past decade. Besides that, eminent teachers became yoga

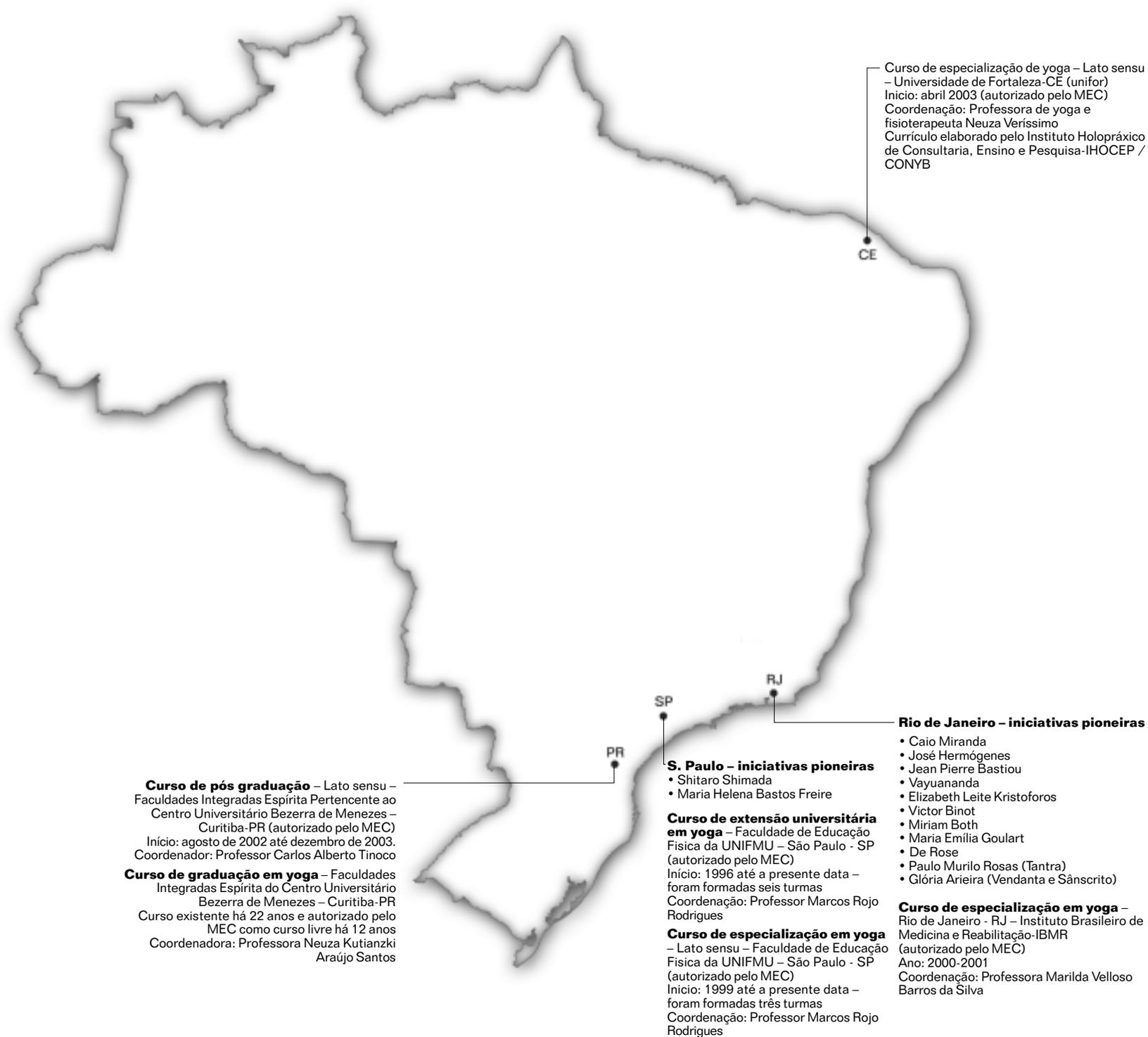
esta década. A Federação de Florianópolis, então fundada, foi resultado desta tendência de aglutinação de Associações. De resto, a expansão nacional por Associações teve continuidade pelo surgimento das entidades: Associação do Paraná, Associação de Pernambuco, Associação da Paraíba, Associação do Ceará e Associação da Bahia. Um prenúncio da fase seguinte – a dos cursos de formação de Mestres e Professores – ocorreu com a abertura do curso pioneiro de graduação em loga da Faculdade Espírita do Paraná. No período, os Professores em destaque, com a maioria já ativa no final dos anos de 1970, foram: Beatriz Lohman-RJ; Dagmar Krebs-RS; Divalda Campos Gomes-ES; Francisco Cosmelli-RS; Helder Carvalho-RJ; Hilda Castelo de Lacerda-PE; Horivaldo Gomes-RJ; José Maria Coutinho-ES; Maria Augusta Cavalcanti-RJ; Maria Alice Figueredo-BA; Maria Helena Schimdt-RS; Maria Simões Lopes-RS; Marly Rafael Maia-PE; Mercedes Bodê-RS; Mário Bittencourt-PE; Paulo Guerra-RJ; Ruth Pontual-PE; Zita Maidi- RS; Harbans Lal Arora-CE; Ligia Bittencourt- PE; Marcos Rojo Rodrigues-SP; Rita Morelli-RN; Ved Kumari Arora-CE.

Década de 1990 Criação da Federação do Ceará, Federação do Rio de Janeiro, Federação do Rio Grande do Sul e Federação da Paraíba, como também da Associação do Pará, Associação de Santa Catarina, Associação de Brasília, Associação de Goiás, Associação Brasileira de Dakshina Tantra–RJ e Associação Nacional de Yoga Integral–RJ. Professores de destaque: Alexandre Perlingeiro-RJ, Hirley Diniz-PE e Maria Amélia Norões e Silva-PE. Nova iniciativa de associativismo nacional: fundação da Confederação Brasileira de Yoga - CBY por Tonay Valle. Primeiro curso de pós graduação em Yoga no Brasil: Faculdade Metropolitana Universitária de São Paulo – SP. Fundação da Confederação Nacional de Yoga do Brasil, presidida por Maria Helena F. Schmidt de Vitória–ES e do Instituto Holopráxico de Consultoria, Ensino e Pesquisa - IHOCEP, dirigido por Norma Pinheiro do Rio de Janeiro- RJ. Esta última publica em 1997 o livro “Holopráxis na educação e na saúde” (Grupo Palestra Sport, RJ), acompanhando a tendência de edição de obras acadêmicas no tema da Yoga iniciada em 1996 por Manohar Laxman Gharote com “Yoga Aplicada: da teoria a prática” (São Paulo: FMU).

Situação Atual A partir de 2000, instalam-se cursos de pós-graduação *Lato Sensu* em loga nos estados de Rio de Janeiro, Ceará e Paraná (ver mapa), redefinindo a forma de desenvolvimento da filosofia originária da Índia, em sua adaptação às condições brasileiras. Neste ano, marco de 2000, cria-se também a Associação do Piauí, comprovando que a expansão da loga no Brasil estava praticamente já atuando nos seus limites geográficos. Hoje, além do associativismo típico da loga no país e seus cursos de formação, cabe citar os congressos, jornadas e encontros como elementos básicos de desenvolvimento pois já estavam presentes na época pioneira dos anos de 1950, e ainda continuam em processo de aperfeiçoamento. Inicialmente, estes eventos se realizavam para transmissão dos conhecimentos adquiridos na Índia pelos que lá estiveram, como fez o Prof. Jean Pierre Bastiou, por exemplo. Neste contexto, os professores participantes das jornadas, ao retornarem às suas origens, formavam novos instrutores, ampliando um ciclo que hoje permite atender cerca de 400 mil pessoas adeptos da loga em todo o Brasil. Por sua vez, estima-se o total de empregos gerados pelo ciclo em 15 mil pessoas, sendo 10 mil professores e mestres (dados de média confiabilidade).

Academias pioneiras de ioga no Brasil, 1950 – 1960 e cursos universitários, 2003

Pioneer yoga initiatives in Brazil, 1950 – 1960 and university preparation of teachers, 2003



Congressos de ioga no Brasil e desdobramentos, 1980 – 2000

*Yoga conferences, meetings and colloquiums
in Brazil, 1980 – 2000*

1984	Porto Alegre	1º Congresso Nacional
1986	Ceará	2º Congresso Nacional
1988	Recife	3º Congresso Nacional
1990	Paraná	4º Congresso Nacional
1992	Espírito Santo	5º Congresso Nacional
1994	Paraná	6º Congresso Nacional
1996	Teresópolis	7º Congresso Nacional
1998	Rio de Janeiro	8º Congresso Nacional
2000	Recife	9º Congresso Nacional
2002	Espírito Santo	10º Congresso Nacional

Jornadas, 1990 – 2000

1995	Ceará	1ª Jornada Norte-Nordeste
1997	Natal	2ª Jornada Norte-Nordeste
1999	Salvador	3ª Jornada Norte-Nordeste
2001	Ceará	4ª Jornada Norte-Nordeste
2003	Rio G. do Norte	5ª Jornada Norte-Nordeste

Encontros, 1999 – 2003

(A partir da criação do Instituto Holoprático de Consultoria,
Ensino e Pesquisa - IHOCEP)

1999	Rio de Janeiro	1º Encontro Pedagógico da CONYB
2000	Rio de Janeiro	2º Encontro Pedagógico da CONYB
2001	Rio de Janeiro	3º Encontro Pedagógico da CONYB
2002	Rio de Janeiro	4º Encontro Pedagógico da CONYB
2003	Rio de Janeiro	5º Encontro Pedagógico da CONYB



Lazer – cidades e regiões

ANTÔNIO CARLOS BRAMANTE

Leisure – cities and regions

Because societies have grown very complex in size, activities and population, new sub-areas to study leisure have been developed. They go from the segmentation of the target public, such as gerontology (with great possibilities of growth due to the profile for the Brazilian society for the next years), gender (women still have fewer opportunities of leisure), people with disabilities (each time more supported by groups of affirmative action), to the

Definições e Origens O lazer é um tema de sentido diversificado quer em teoria ou prática. Entretanto, uma abordagem pertinente refere-se à crise do mundo atual. Hoje, não é novidade que o mundo vive em crise, mas vale ressaltar a interpretação oriental no entendimento do significado da palavra “crise”, que se representa por dois ideogramas: “ameaças” + “oportunidades”, em que tanto as pequenas como as grandes questões da existência humana estão colocadas neste início de novo milênio. Se o mundo vive em crise, o Brasil certamente não fica imune a essa realidade e muito menos nós, brasileiros que, há muito tempo buscamos, com grande esforço minimizar os efeitos das “ameaças” buscando potencializar as “oportunidades”. Como o ser humano representa um micro cosmo dessa situação, ele sente, age, reage em suas múltiplas manifestações, deixando esse estado de instabilidade na busca de uma vida mais longa e melhor, seja por sua sobrevivência, seja em sua transcendência. Nestes tempos de grande aceleração das mudanças e extraordinários avanços tecnológicos nunca antes imaginados, fica difícil, senão impossível compreender e aceitar tantas desigualdades, preconceitos e dificuldades do planeta terra e da terra Brasil. Esses desafios estão colocados em todas as dimensões e ambientes da vivência humana, da família à escola, da religião ao partido político, do trabalho ao lazer. Associado quase que invariavelmente ao mundo do trabalho e das obrigações exógenas, o lazer não passa impune nesse cenário de enormes transformações, seja no seu significado, seja na sua vivência.

Já escrevia John Neulinger (1984), considerado o “pai” da psicologia do lazer, há quase 20 anos: “um completo tratamento do tópico lazer iria demandar um esforço enciclopédico...”

Isso decorre por que, a cada dia que passa, o lazer, enquanto campo de conhecimento e área de intervenção, vive vários paradoxos: nunca se falou tanto na existência de “tempo livre” ao mesmo tempo em que raramente o ser humano sentiu-se tão atarefado; poucas vezes um tema é tão recorrente e praticamente adotado por todos os meios de comunicação como o lazer, no entanto, tão pouco vivido; provavelmente nunca se *teve* tanto lazer sem, contudo *ser* lazer, em que o “comprar” uma atividade recreativa ganha mais valor do que “viver” uma experiência genuína de lazer. Não há grandes variações nas interpretações históricas sobre o desenvolvimento do lazer ao longo do tempo. Há autores que buscam sua origem na própria existência do ser humano, entendendo que desde os primórdios, a ludicidade, ou seja, a capacidade de brincar e jogar – essência da experiência de lazer – esteve impregnada na vida das pessoas. Essa interpretação de vertente mais antropológica, na qual o lazer faz parte do repertório cultural do ser humano, teve, tem e, pelas investigações mais recentes, parece que continuará tendo crescente importância na descoberta da essência lúdica do *ser humano* que se transforma em *ser brincante* nos estudos do lazer. Outro ramo epistemológico privilegiado nos estudos do lazer é o da sociologia, compreendendo-o como uma manifestação humana na relação do ser humano consigo próprio, com os outros e com a natureza. Sua análise está atrelada a determinados construtos como “tempo” e “espaço”, principalmente quando o lazer ganha maior importância ao ser relacionado a um fenômeno característico do processo de industrialização e conseqüente urbanização de uma dada sociedade.

Décadas de 1970 e 1980 O campo da psicologia começou a ter um impacto significativo nos estudos do lazer a partir da década de 1970 do século passado, quando diversos autores começaram a pesquisar os hábitos de vida das pessoas e, através de técnicas mais aprimoradas de investigação, entenderam que o lazer era um fenômeno muito mais complexo do que se imaginava, ao atrelar a

inclusion of new areas of study to better understand the meaning of leisure, such as psychoanalysis, human geography or even history itself. In the case of Brazil, it has then been important to focus on the city as the “locus” to experience leisure. In this Atlas, where the expression leisure has been adopted among others, the city has been chosen as it is where more than 80% of the population lives. It is then the place that should add to its architectural design the

natureza da atividade na qual a pessoa estava envolvida ao que representava o lazer. Verificou-se que nem sempre as pessoas diziam a verdade nas pesquisas! Havia um superdimensionamento naquilo que socialmente era desejável e, em contrapartida, um sub-dimensionamento nas experiências lúdicas questionadas pela própria sociedade. Essa dimensão de “atitude” frente ao lúdico trouxe uma rica contribuição aos estudos do lazer. Nos anos de 1980 verifica-se a aproximação desses dois ramos da ciência já mencionados na abordagem do lazer (sociologia e psicologia), para criar uma terceira forma, mais complexa e mais explicativa: a psico-sociologia. Autores têm argumentado que se lazer é uma expressão da liberdade individual na eleição de experiências lúdicas, essas são fortemente influenciadas e influenciam os chamados “agentes socializadores do lazer” (ou, como nós brasileiros temos preferido, “educadores para o lazer”). Nessa relação entre o repertório individual e a influência desses agentes – notadamente a família, a escola, o clube, a igreja, o ambiente de trabalho, entre outros – surge a noção de competência percebida, que irá auto-determinar as pessoas a um maior (ou menor) envolvimento com o lazer.

Década de 1990 Cresce nos anos desta década, e ainda repercute nos dias atuais, uma concepção de lazer muito questionada, particularmente nos círculos mais críticos dessa dimensão da vida humana que é o entretenimento. Também chamada como a “indústria do terceiro milênio”, utiliza-se de elementos constitutivos do lazer (tempo/espaço/atitude), no entanto, sob forte influência do mercado, tornando-o mais uma mercadoria a ser consumida. A idéia do turismo como indutor do desenvolvimento econômico, a influência do mercado nos grandes espetáculos esportivos e artísticos, os parques temáticos e aquáticos, são apenas alguns exemplos dessa nova era de um lazer consumatório. Visando minimizar o impacto que essa nova concepção de lazer encerra, alguns autores começaram a criar uma nova taxonomia para o lazer que inclui o “lazer levado a sério”, “lazer casual”, “edutenimento” e “infotenimento”, entre outras. O que se apregoa, tanto nos ambientes do “ócio” como no de “negócio”, é uma crescente “lazerização” das relações, ou seja, valores do trabalho permeando os ambientes de lazer e valores do lazer invadindo os ambientes de trabalho. Já não é incomum encontrar, na literatura, assertivas indicadoras de sucesso de qualquer empreendimento tanto do “ócio” como do “negócio” incluindo, além do “Fator T”, de tempo (fazer as pessoas economizarem tempo), o “Fator M”, de marca (identificação do produto/serviço) o “Fator E”, de entretenimento. Esse último fator apregoa que, onde não houver a satisfação/prazer, atributos característicos do jogo, poderá ocorrer a “adesão” mas dificilmente verificar-se-á a “aderência” de alguém a esse mesmo produto/serviço (... nos meios empresariais conhecidos como processo de “fidelização”...). Vejamos então em retrospecto, um sumário dos marcos principais dos acontecimentos de lazer no Brasil já a par dos avanços de interpretação teórica antes mencionados:

- Surgimento dos primeiros clubes social-recreativos do RS a partir da segunda metade do século XIX
- “Jardins de Recreio” a partir dos anos 20 do século passado em Porto Alegre-RS
- “Jardins de Infância” dos anos 30 em São Paulo-SP
- As propostas do Ministério do Trabalho nos anos de 1940, incluindo a importância do lazer para a classe trabalhadora
- A criação do Sistema “S” (SESC, SESI, etc.) nos anos de 1940
- A criação da Associação Brasileira de Recreação em 1957

several functions of residencial places, transit, work, leisure, available at appropriate and specific locations. This Atlas then has a section on cities, which displays not only the example of a small municipality but also the examples of middle-sized and large cities. The different chapters touch the cities’ historical development and cultural vocation, particularly focusing on their own development of leisure, especially within physical and sports contents..

- Obrigatoriedade da disciplina “Recreação” no currículo das FEFs nos anos de 1960
 - Pesquisa de Acácio Ferreira (“Lazer Operário”) publicada em livro em 1959
 - Criação da primeira Faculdade de Turismo em 1970 (Anhembi-Morumbi)
 - CELAR- PUC/RS (anos 1970): Cursos de Especialização em Lazer
 - UFRGS (anos 1970 e 1980): dez anos de Cursos de Especialização
 - CELAZER/SESC – DR/SP (1978-83): livros publicados
 - A presença de Dumazedier no Brasil (anos 1970 e 1980)
 - O Movimento “Esporte para Todos” (anos 1970 e 1980)
 - Livro de Renato Requiza: “Lazer no Brasil”, 1980
 - I Encontro Nacional de Recreação e Lazer (ENAREL) em 1989
 - Primeiro Bacharelado em EF/ Modalidade de R/L na FEF/ Unicamp em 1989
 - Política Nacional de Lazer do SESI (1991)
 - Início de uma crescente publicação de livros na área a partir dos anos 1990
 - Cursos de Especialização em Lazer em várias partes do país (anos 1990)
 - Implantação das primeiras Políticas Públicas Setoriais de Lazer nos anos 1990
 - Início do primeiro (ainda único) Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Estudos do Lazer na FEF/Unicamp em 1992
 - Edição da Carta Internacional de Educação para o Lazer (1993)
 - Criação dos dois primeiros cursos de graduação específicos em lazer na Universidade Anhembi-Morumbi e na Universidade do Vale do Itajaí (1998)
 - V Congresso Mundial de Recreação e Lazer realizado no Brasil (São Paulo), promovido pelo SESC em 1998.
 - Criação do CELAR/UFMG em 1998 (início da publicação anual da Revista *LICERE*)
 - Início do seminário anual “O Lazer em Debate” - CELAR/UFMG (1998)
 - Implantação do *site* CEV-Lazer a partir de 1998
 - Implantação do GTT “Recreação e Lazer” no CBCE a partir de 1997
 - Aumento significativo dos Cursos de Turismo no final dos anos 1990 / início de 2000
 - Participação de pesquisadores Brasileiros nos Congressos Mundiais de Lazer nas décadas 1990 / 2000
 - Ampliação das relações acadêmicas com países da América Latina nas décadas 1990 / 2000
 - Criação da terceira Faculdade de Lazer em BH (Grupo Marista) a partir de 2004
- Situação Atual** Dada a complexidade da sociedade dos dias presentes, não é incomum a criação de novas sub-áreas para estudar o lazer que vão, desde a segmentação do público alvo, tais como a gerontologia (com enormes possibilidades de crescimento dado o perfil que se configura para a sociedade brasileira nos próximos

anos), gênero (a mulher ainda possui menores oportunidades de lazer), portadores de deficiência (cada vez mais apoiados por grupos de ação afirmativa), até a inclusão de novas disciplinas para melhor compreender o seu significado, tais como a psicanálise, a geografia humana ou a própria história. Não bastasse a complexidade própria de um fenômeno interdisciplinar por natureza e multi-profissional na sua abordagem, paralelo ao lazer há um grande número de construtos que podem confundir-lo ainda mais no seu entendimento, principalmente quando comparado com “jogo”, “recreação”, “tempo livre”, “ócio”, “entretenimento”, para citar alguns.

Além disso, vale destacar, como as pessoas se apropriam dessa necessidade, seja através de ações espontâneas, seja através de ações programadas, criando-se um intrincado modelo de “oferta/demanda” que, de longe, supera a análise mais simplista de mercado, atingindo conceitos como a relação desejo/necessidade. Frente a esse universo de possibilidades surge uma questão essencial para as circunstâncias brasileiras: afinal, é necessário um profissional para compreender essas dimensões do lazer? Em caso positivo, como ele deverá ser formado? Aí vem outro paradoxo que atualmente se observa no Brasil: um curso de Educação Física com uma de suas ênfases no lazer (Faculdade de Educação Física-

FEF da Universidade de Campinas-Unicamp/SP) e dois novos cursos específicos de lazer (Universidade Anhembi-Morumbi/SP e Universidade do Vale do Itajaí/SC), estão em “fase terminal”, mesmo antes de cumprir um ciclo mínimo de avaliação, devido à escassa procura. Um quarto curso está à porta (Marista de Belo Horizonte/MG) com uma proposta avançada que, quem sabe, poderá dar uma nova direção à formação desse profissional. Aos poucos, descobre-se que, no Brasil, não basta preparar os novos profissionais de lazer se não houver capacidade de “educar” aqueles que irão empregá-los, enfatizando-se o lado dos amplos benefícios auferidos advindos dessa decisão. Portanto, ao mesmo tempo em que se observa uma verdadeira explosão dos empreendimentos e da adesão ao lazer, ainda estamos por descobrir qual é o perfil desse profissional.

Neste contexto, ainda tendo em vista as circunstâncias brasileiras, é importante se atentar para a cidade como “locus” da vivência do lazer. Muito embora a vivência do lazer seja observada tanto na zona urbana como na rural, para fins desta apresentação em um Atlas que aborda o lazer em face a outras expressões, optou-se pela cidade como o ambiente onde mais de 80% da população brasileira habita e, portanto, o lugar que deveria incorporar no

seu desenho arquitetônico, além das funções de moradia, circulação e do trabalho, com igual importância, os espaços de lazer. É conveniente então tratar o tema em pauta nessa perspectiva, reportando-se à Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001, a qual regulamenta os artigos 182 e 183 da Constituição Federal, estabelecendo diretrizes gerais sobre política urbana. Essa lei, no Título VII (Da ordem Econômica e Financeira), Capítulo II (Da Política Urbana) traduz, com fidelidade, a necessidade dos municípios brasileiros ordenarem o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e garantir o bem-estar de seus habitantes. A partir dessa lei, a realização de um plano diretor que oriente uma política de desenvolvimento e de expansão urbana torna-se obrigatório para todas as cidades brasileiras com mais de 20 mil habitantes. Dessa maneira, espera-se que uma parcela significativa dos municípios brasileiros, ao cumprir a referida lei, tenham a sensibilidade de incluir o lazer como uma das importantes funções da cidade. Baseando-se nesse referencial, algumas cidades são especificadas neste Atlas, desde o exemplo de um pequeno município até grandes metrópoles, apresentando sua evolução histórica e sua vocação cultural, com destaque para o seu desenvolvimento no campo do lazer, especialmente dentro dos conteúdos físico-esportivos.

Lazer e esportes no Rio de Janeiro – RJ

FERNANDO GARRIDO

Leisure and sports in Rio de Janeiro-RJ

The city of Rio de Janeiro has quite a few traditions related to sports and leisure activities that date back to the beginning of the 19th century, inherited particularly from immigrants that belonged to groups other than the predominating Portuguese and Spanish. Germans founded the first club of games and sports in 1821. The British introduced horse racing in Rio de Janeiro in 1816. It caught on so well that it became a regular activity as of 1851, attended by 4,000 people when the total population of the city at that time was of 200,000 inhabitants. The British clubs then encouraged the practice of cricket and rowing in the 1850s. Rowing, in particular, became such a popular sport, expanding around the already established clubs attended by Brazilians, that the public that attended rowing competitions was larger than any other social activity in the city. Skating, indoor cycling and the Spanish fronton also became popular around 1875 with bets in cash. The Associação Cristã de Moços (Young Men's Christian Association-ACM), founded in Rio de Janeiro in 1893, did not follow the models of either the already existing clubs or the betting system of commercialized sport. Instead, ACM started to influence the various sports practices in the city and

later on in the many other regions of Brazil. In addition, ACM brought basketball and volleyball to Brazil, which still are national preferences in sports today. In the first half of the 20th century, sports were consolidated through institutions (clubs, federations, and government agencies) and soccer started to have a very popular appeal, with masses of people going to stadiums to watch the 'game spectacle', encouraging large adherence of the media. From the 1950s to the 1990s, a number of other sports were introduced into the city life and have become the city's trademark, especially concerning the use of streets, parks and beaches as places for practice. The decades of the 1990s and early 2000s have confirmed and given continuity to the vocation of Rio de Janeiro as a city of sports and leisure privileging nature, particularly its beaches. The sports preferences of the Cariocas (people from Rio de Janeiro) within this period can be observed in Table 1, which includes skating as the new urban offer while Table 2 shows the offer of available places in the city. The network of bikeways expanded during this period suggests the dominating influence of urban facilities available as the bikeways go along at the beaches and then towards neighboring districts, creating a

Definições e Origem Na cidade do Rio de Janeiro desde o início do século XIX, o esporte surgiu na vida social como um hábito de lazer distintivo dos imigrantes (estilo de vida). Nos primeiros clubes surgidos na cidade, as práticas esportivas preferidas eram os jogos de salão. Na segunda metade do século XIX, transformações sociais favorecidas pela entrada de capitais internacionais possibilitaram a melhoria da indústria e do comércio, gerando crescimento econômico. Nascia um mercado consumidor decorrente do crescimento populacional e do surgimento do trabalho assalariado. Embora de modo insuficiente, houve urbanização e a melhoria dos meios de transporte e de comunicação, o que contribuiu para o despertar de uma vida social urbana mais ativa. A cidade nesta época era a capital do Império Brasileiro e seu centro urbano de maior importância, irradiando costumes para as demais regiões do país.

O esporte, uma atividade sociocultural nova, era uma das marcas do lazer dos imigrantes, parte importante da população da cidade durante o Império e alvorecer da República. Destacavam-se práticas individuais como o turfe, o remo, a natação, o atletismo, a ginástica de aparelhos, a patinação sobre rodas, o bilhar, a bocha e o ciclismo, situadas em clubes, estabelecimentos comerciais e de forma espontânea, com ou sem apostas. Estes costumes foram assimilados em parte por alguns habitantes originários cujo tempo de lazer começaria a favorecer tanto os modismos como o sentido de prestígio social que as elites da cidade buscavam para moldar a sociedade local. Na passagem do século XIX para o XX, o esporte, sinônimo de modernidade da Europa burguesa, organizava-se efetivamente como opção de lazer. E a sua expansão como fato social coincidiu com a formação do Estado Republicano; a aspiração das elites de tornar o Rio de Janeiro uma metrópole moderna e civilizada; a urbanização da cidade; a exigência de novos hábitos nos indivíduos; e o crescimento da indústria e comércio. Desse modo, as competições esportivas (mais de característica individual que coletiva) entre clubes adquiriram relevância na vida social urbana. Destacavam-se os esportes de força e resistência, em geral representados pelo halterofilismo, culturismo, ginástica olímpica, atletismo e lutas, utilizados em benefício do corpo forte e da estética. O remo e o futebol despontavam como preferências dominantes. E o público do remo mostrou-se maior e mais fiel do que em qualquer outra atividade social, até ser substituído pela fascinação do futebol como espetáculo.

As competições esportivas eram adotadas voluntariamente e freqüentemente como serviço pago e/ ou como meio de apostas. Penetravam no gosto da população carioca, apoiadas pelo poder público, o qual por vezes estabelecia os locais de prática. Nessa perspectiva, contribuíam para a melhoria dos meios de transporte, facilitando o acesso às competições, bem como os meios de comunicação. Assim somente houve turfe na cidade quando a rede de bondes (transporte coletivo elétrico) deu acesso aos prados e

vice-versa quando estes viabilizaram a expansão das linhas. Após a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), o crescimento industrial e econômico do país levava à expansão do mercado consumidor, apoiando-se nos meios de comunicação e na publicidade ainda que de forma tímida. O esporte dinamizava-se pela busca de resultados nas competições e a formação de clubes e entidades dirigentes, passando a interessar o poder público e a sociedade como valor social. À época já se detectava a importância de uma atividade esportiva em favor da juventude e do futebol como espetáculo ao dispor das massas pagantes. Não é surpreendente, portanto, que o rádio já como veículo popular tenha se alinhado ao futebol e ao automobilismo dos anos de 1930. Em síntese, neste período, o RJ consolidou sua vocação esportiva e de lazer por ter sido o portão de entrada de novos costumes vindos do exterior.

Após a Segunda Guerra Mundial, a expansão do consumo local alicerçada pelo desenvolvimento econômico, gerou progresso material e aumentou o interesse dos meios de comunicação e de publicidade – em especial da televisão, já nos anos de 1950 – pelo esporte, sobretudo no sentido de lazer passivo. Tais constatações no concernente ao Rio de Janeiro foram representadas nos aumentos no número de páginas da seção esportiva e do tempo da programação esportiva na TV ocorridos ao longo dos anos. Nas últimas décadas do século XX, o Rio de Janeiro já tinha o esporte como uma de suas principais identidades culturais, marcando e simbolizando seu estilo de vida quer no sentido de espetáculo ou na sua prática. Por outro lado, um novo tipo de tendência esportiva – os “esportes radicais”, de influência internacional – ganhava expressão no Brasil, a partir da cidade do Rio de Janeiro onde estas atividades se manifestavam de modo rudimentar desde os anos de 1930 (esportes de montanha, de excursão e de praia). Os interesses da sociedade expandiram o acesso ao esporte, quer em função de interesse de negócios (bens e serviços de lazer), quer pelo mesmo ter se tornado uma aspiração coletiva. O auge deste processo de desenvolvimento está ocorrendo nos primeiros anos do Século XXI quando a cidade está direcionando seus projetos de desenvolvimento urbano em função de ser sede dos Jogos Pan-Americanos de 2007, tanto quanto por ser candidata a abrigar os Jogos Olímpicos de 2012. Este retrospecto de quase dois séculos é desmembrado em marcos de memória como se segue.

1790 No final do século XVIII, os exercícios físicos e jogos eram utilizadas em benefício da higiene corporal, o que nos é confirmado por Azevedo (1930:24). De acordo com este autor, havia um manual intitulado “Tratado de Educação Physica dos Meninos para Uso da Nação Portuguesa” – escrito em 1790 pelo brasileiro Francisco de Mello Franco, doutor em medicina pela Universidade de Coimbra – cujo conteúdo foi disseminado por ordem da Academia Real de Ciências de Lisboa. No Brasil, denota-se já no século XIX, a utilização de atividades físicas e esportivas sob finalidades higiênicas

'sporting' transit system besides the function of popular transportation. The new fact of the period 1990-2000s, not examined in the 1999 investigation cited above, was the growth of the so-called extreme sports or sports of adventure, which found the best places for practice in Rio de Janeiro. Besides the extensive beaches, Rio de Janeiro has the largest urban forest in the world, with mountains for sports such as mountaineering and with support for the various disciplines of air sports. That generates incomparable advantages for extreme sports in international terms. These extraordinary conditions for sports found at the beaches and in the Forest of the Maciço da Tijuca (Tijuca Mountains) have sculpted the urban planning of the city and enormously influenced the sports culture and the life of the population. For this reason, the plan of transformations of the city for the Pan-American Games of 2007 and for the candidacy of Rio de Janeiro as host city /headquarters of the future Olympic Games – featuring the system of urban transportation – takes into consideration the natural endowments of Rio de Janeiro and the legacy of local sports traditions that add a century and a half of personal, community, governmental and entrepreneurial initiatives.

como uma preocupação da época estampada nos temas das teses elaboradas pelas escolas de Medicina, principalmente as do Rio de Janeiro e Salvador. Esses fins, segundo Cantarino Filho (1988:79), nortearam o conceito de Educação Física durante muitos anos.

1808 A vinda da Corte Portuguesa neste ano para o Rio de Janeiro enquanto transcorriam as guerras napoleônicas na Península Ibérica, possibilitou grandes alterações nos aspectos físico, político, econômico, social e cultural da cidade. O Rio de Janeiro não passava de pequeno povoado, sem indústria, com pobreza e ignorância. Segundo Renault (1985), os costumes eram relaxados; a administração, corrupta; os senhores e escravos viviam em promiscuidade; não havia conforto nem comodidades; a população era diminuta e eminentemente composta de negros, índios e mulatos. Foram estes alguns dos aspectos que contribuíram para que a Corte estimulasse a imigração europeia deixando de lado a hegemonia da colonização portuguesa. De imediato, a presença de estrangeiros no Rio de Janeiro e, sobretudo no sul do país, foi sentida nas artes, educação, ciências, alimentação, transporte, comércio, construção, indústria, máquinas, moda, profissões e recreação. As elites, representadas pelos membros da Corte, uma camada social até então praticamente inexistente, então vislumbraram com essa imigração a defender e povoar o país, substituir a escravidão e “civilizar” o povo pela importação da cultura europeia. Para Alencar (1983:85), a presença da Corte no Rio de Janeiro possibilitou o surgimento de uma “idéia de império” (princípio de um sentimento nacionalista) entre as classes proprietárias e as camadas urbanas. A cultura amparada nos padrões europeus estava limitada às elites freqüentadoras da biblioteca, do museu, das aulas régias de ciências econômicas e do teatro, hábitos de uma vida social que atendiam aos anseios dessa nova categoria. A educação na escola restringia-se às elites, com uma instrução pública pouco expressiva.

Início do século XIX Primeiros registros da chegada do esporte de criação inglesa no Rio de Janeiro. Todos os domingos na casa de campo de um inglês casado com uma brasileira, no bairro de Irajá, segundo nos conta Freyre (1948), reuniam-se negociantes ingleses para jogar *quoits* e outros jogos violentos e beber *porter*. Freyre ainda nos relata que a euforia dos ingleses pela conquista do mercado brasileiro era tanta que eles chegaram a trazer “patins para o gelo” e *stock*, confundindo o Brasil com a Sibéria. A influência inglesa seria mais marcante no hábito do banho salgado, sob finalidades higiênicas e recreativas, despertando entre os habitantes da cidade essa prática que se tornou uma das alternativas ao então prevaiente jogo de cartas e outros jogos de salão. Também neste estágio, as práticas esportivas apareceriam como obrigatórias nos regulamentos das escolas primária superior, militares, do normal e também do Colégio Pedro II, no Município da Corte (atual Município do Rio de Janeiro). Na Academia Real Militar, eram realizadas desde 1810.

Nesta fase, encontramos a ginástica, a natação, a esgrima, a equitação e o tiro ao alvo como práticas esportivas empregadas na formação militar da Escola Naval e do Colégio Militar, e como forma de passatempo de alguns grupos selecionados de civis.

1814 Conforme nos relata Renault (1985), nesses tempos de poucas distrações, a população do Rio de Janeiro tomava conhecimento na imprensa de que “carreiras” (corridas a pé) seriam realizadas em 30 de maio de 1814, na praia de Botafogo. Essas “carreiras”, outra forma de divertimento, constituíam um hábito de natureza esportiva trazido pelos imigrantes, inclusive com premiação.

1815 A primeira referência encontrada na cidade do Rio de Janeiro de atividade social similar a clube é a da “Assembléia Portuguesa”, criada neste ano (Silva:1978). O nome “Assembléia” significava reunião em família, prática da vida social no tempo dos vice-reis. Encontra-se descrito na obra de M. B. Nizza da Silva (“Cultura e Sociedade no Rio de Janeiro 1808-1921”, Rio de Janeiro, 1985). Antes, no século XVIII, tornaram-se comuns na cidade as “Academias Literárias” que davam oportunidade de convívio social aliado a uma atividade que fosse aceita pelo governo colonial. Possivelmente, as assembleias e as academias foram os traços culturais luso-brasileiros que favoreceram a assimilação do clube esportivo vindo de contribuições de outras tradições européias, como a inglesa (aristocrática) e alemã (comunitária).

1816 As corridas de cavalo (turfe), à semelhança das inglesas, tinham seus primeiros ensaios a partir deste ano, em Botafogo. Segundo Pereira (1995), nove anos após surgiria neste local a primeira corrida turfística. Um “Clube de Corridas”, denominado “Prado Fluminense”, seria criado em 1849, mas somente em 1851 aconteceriam as primeiras corridas. Nessa ocasião, mais de 4 mil pessoas compareceram ao evento, que contou com a presença da família do imperador. Três anos após, surgia outro clube, o Jockey Club Fluminense, que teve vida efêmera, dando lugar a uma nova associação, o Jockey Club (1868). O turfe, após meados do século, organizar-se-ia através de um calendário de eventos anuais anunciando os dias das corridas, os locais dos eventos e os prêmios, tudo realizado de acordo com o regulamento inglês. Isto teria desencadeado um crescente interesse do público, que freqüentava os locais das corridas envoltas sob apostas, independentemente de classe social.

1821 A Sociedade Germania, fundada em 20 de agosto deste ano no Rio de Janeiro, já constitui um clube no estilo europeu distinto dos protótipos ibéricos. E como clube mais antigo do país, mereceu destaque em pesquisa de Da Costa (1993), ao esclarecer que a instituição foi efetivada quando da deflagração do processo imigratório no Brasil e visava à convivência social e recreativa desse grupo. Um total de 28 pessoas tomou parte de sua fundação, a qual, após quatro anos, passou a ter 72 sócios, sendo: 39 alemães, 11 ingleses, 5 suíços, 5 escandinavos, 3 franceses, 7 de nacionalidades não identificadas, 1 português e 1 brasileiro. Os jogos de salão, práticas preferidas da época, encontravam-se disponíveis nos poucos clubes da cidade e de acesso restrito à população através de mensalidades e regulamentos.

Meados do século XIX A cidade do Rio de Janeiro, neste período, alcançava uma população de aproximadamente 200 mil habitantes. As colônias estrangeiras podiam ser vistas divertindo-se com jogos, até então desconhecidos, no British Cricket Club, em São Cristóvão, e no *British Rowing Club*, em Botafogo. O tiro ao alvo também já era explorado pelo imigrante em organizações como a *Société du tir a la carabine*. O desenvolvimento do esporte em clubes e estabelecimentos comerciais, uma novidade no meio urbano, exigia um comportamento social civilizado, inclusive atrelado, segundo Gilberto Freyre (1948), à influência do capital industrial e mercantil inglês. Os arredores da cidade passavam a ser explorados por passeios a cavalo seguidos de passeios a pé pelas matas. Essas atividades, hoje conhecidas como *trial*, enduro equestre e excursionismo, estavam estão em amplo crescimento ao redor da cidade do Rio de Janeiro, caracterizando uma difusão do esporte hípico no país. A equitação despontou ensinada por mestres a homens e mulheres. O banho de mar, a ginástica de aparelhos, a natação, o passeio campestre e a corrida encontram-se assimilados aos hábitos da sociedade que, segundo Renault (1982), mais esclarecida, utilizava essas práticas para a preservação da saúde. Esse relato mostra-nos novamente as atividades esportivas configuradas em sua essência para o atendimento dos cidadãos com o corpo (fins higiênicos/saúde), considerando-se que as doenças epidêmicas rondavam o cotidiano da população.

1851 A difusão do remo ocorria através da organização do Grupo Mareantes de Niterói, fundado neste ano quando foi realizada sua primeira regata em três páreos: um, formado por canoas de um remo de pá tripuladas por pescadores e os outros, pelos seus associados. Após meados do século, começariam a ser programadas várias regatas por instituições civis e pela Marinha do Brasil. Depreende-se, desde já, uma prática esportiva como lazer (recreio) disponível à população.

1868 O esporte, um hábito social dos imigrantes, difundia-se como lazer. E, neste ano, a colônia portuguesa do Rio de Janeiro refletindo o que já ocorria com outras “colônias” estrangeiras da cidade, fundava a Real Sociedade Clube Ginástico Português, clube ainda existente nos dias atuais, criado por dois irmãos portugueses proprietários de uma “venda” na Rua do Hospício, hoje Rua Buenos Aires. O clube nasceu da vontade de se ter um lugar específico para se lutar esgrima.

Década de 1870 A prática esportiva era visível, em torno de 1872, por práticas dos imigrantes ingleses de forma espontânea em áreas livres (públicas), como no Campo de São Cristóvão, no Campo de Santana (Praça da República) e nas vizinhanças da Rua General Polidoro (perto do Cemitério São João Batista). Ainda nesta década, surgia o Rio Cricket and Athletic Association em Niterói, impulsionando a prática do críquete, do tênis de quadra e sobre a grama. Nas praças e parques, áreas mais freqüentadas do Rio de Janeiro, podiam ser encontrados esportes como o críquete, a pelota basca, a patinação, o bilhar e o remo, com fins de recreio (lazer) e higiene. (Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Da Coleção Jardins Públicos da Cidade/Manuscritos, Vol. nº5, 1833/1903, folhas 16 a 18). A formação dos clubes nos moldes europeus (especialmente ingleses), um livre direito do cidadão no contexto sociocultural carioca, incentivava o desenvolvimento do esporte como lazer. Nesse sentido, surgia o Clube Guanabareense (atual Botafogo de Futebol e Regatas) em 9 de agosto de 1874, realizando a primeira regata dezoito dias após a sua fundação, o que, para Alberto Mendonça (1909), consolidava o remo. Neste mesmo ano, começaram as importações e construções de embarcações no país. O remo de escaleres de pá e vela crescia despertando interesse, com grande afluência de público aos locais de prática. Isto possibilitou o surgimento de clubes de remo por todo o país. A chegada regular de imigrantes de origem italiana respondia pelas primeiras referências à prática do jogo de bocha no Brasil. De inicialmente realizado em canchas nas capelas, foi também praticado em clubes e bodegas. Jogava-se a bocha principalmente nos encontros familiares dominicais como atividade de lazer. A partir desse mesmo ano ocorreria a intensificação da imigração no país. A patinação sobre rodas, prática acentuada dessa época, contava com professores que orientavam os jovens à sua iniciação e com um periódico publicado no RJ denominado *Skating Rink*, cuja edição de 26 de julho de 1878, permite observar a interpretação dada ao esporte na época: “O proprietário de Skating Rinks no intuito de tornar cada vez mais interessante aquele estabelecimento recreativo, que tão popular se tornou, vai instituir carreira de patinadores, onde cada qual poderá provar a sua perícia naquele divertimento” (*Skating Rinks*, 1878). A prática esportiva implementava-se pela construção de velódromos adaptados e a criação de clubes, auxiliando, respectivamente, na disseminação do ciclismo e da ginástica de aparelhos, esportes em moda, em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. O ciclismo, segundo Rocha (1975), despertou interesse com as competições promovidas nas estradas pelas indústrias fabricantes de bicicletas. O interesse comercial e publicitário das fábricas pelo esporte marcava o início da relação empresa/esporte, buscando a sua popularização, especialmente a do ciclismo no Brasil. Tal popularização ocorria de forma análoga à da Europa, embora a bicicleta por essa época fosse considerada um artigo de luxo. As competições de remo constituíam, contudo, o maior interesse da população. Daí serem assistidas de arquibancadas montadas pelo menos desde 1875. Este fato é comprovado através da solicitação do Club de Regatas Guanabareense à Câmara Municipal para a realização de sua regata anual na praia de Botafogo, em 10 de agosto daquele mesmo ano. Do pedido de realização do evento esportivo constavam a montagem e desmontagem de arquibancada e a solicitação de isenção de pagamento de impostos para a construção almejada. Justificava-se tratar de evento de interesse para o desenvolvimento físico dos associados e de vir a ser assistido por sócios e seus convidados, sem que houvesse venda de poules para apostas. (Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Documentação Avulsa/Sports e outros, Manuscritos 1872-1905).

Décadas de 1880 – 1890 Desde cedo, o esporte encontrava-se nas mãos de comerciantes, o que o caracterizaria como um negócio. O turfe e o remo, os primeiros esportes organizados, tiveram seus eventos regidos por meio de apostas pelos clubes. Da mesma forma, no críquete, aconteciam apostas já em torno de 1872. As corridas a pé no Clube Brasileiro de Cricket, entre 1880 e 1886, também tiveram páreos corridos com a venda de poules. O futebol, em 14 de agosto de 1904, num jogo entre o Fluminense e o Paulistano, no Rio de Janeiro, teria pela primeira vez suas entradas cobradas em campos da cidade e, talvez, do Brasil (Neto:1952). A pelota vasca ou basca, de origem espanhola, era praticada dessa forma desde fins do século XIX. A presença de empresários no esporte evidenciava-se na formação de estabelecimentos denominados “Frontões”, “Boliches” e “Velódromos”, locais de diversão pública autorizados a funcionar desde que pagassem impostos à Municipalidade. Isso lhes gerava lucro e renda devido ao pagamento de entradas nos espetáculos competitivos, ao ensino da prática esportiva e ao envolvimento em apostas. Neste período, também os estabelecimentos de atividades esportivas orientados sob apostas sofreriam restrições de funcionamento e cobrança de altos impostos à Municipalidade. Isto gerou um documento intitulado “Memorial sobre Frontões”, enviado ao Prefeito do Distrito Federal em 24 de janeiro de 1899, expondo o seguinte: “Os Frontões, de origem espanhola, que exploram o jogo de bolas permitido por lei federal sofrem com a taxação de altos impostos e o impedimento de seu funcionamento diário. O funcionamento autorizado somente aos domingos, em decorrência de considerações expostas pelos Clubes de Corrida em 1895 à Municipalidade, criaram dificuldades para existência dos locais destinados a esse jogo e a reposição dos altos investimentos realizados. Aqueles viam com maus olhos a acolhida do povo pelo novo divertimento esportivo, o que levou a que o Conselho Municipal tomasse medidas restritivas ao jogo em lei de 1895. O pedido solicitava a dilatação do horário de funcionamento diurno aos domingos, feriados e santificados e nos dias úteis após as seis horas da noite. Confiava a que fosse dada equidade de condições pelas funções esportivas dos Frontões em comparação aos Velódromos e Boliches que pagavam um pequeno imposto, considerando para tal pedido ser aquele um dos esportes mais universalmente aceitos, inclusive por exigir o concurso de profissionais para o seu ensino, o que também gerava empregos e impostos para a Municipalidade”(…) “A atividade de jogos de bola contribuía para o desenvolvimento da força física e ao mesmo tempo, era um excelente exercício higiênico ao dispor de todas as classes sociais. Do pedido ainda consta que os Frontões de Niterói e São Paulo fazem grande concorrência pelo motivo de funcionarem todos os dias, inclusive sem pagar impostos. Normalmente no pedido de licença para organização pública de jogos, propunha-se que o produto líquido de um espetáculo no ano fosse revertido para a Municipalidade ou instituição a que aquela designar” (Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Diversões Públicas/Manuscritos, 1891 a 1899). A relação do esporte com apostas era explicada em junho de 1894 no parecer do Visconde de Ouro Preto à Municipalidade, o qual afirmava a falta de competência desta para proibir as apostas, uma vez que elas seriam o principal atrativo de diversos gêneros de esportes. Segundo o Visconde, as atribuições da Municipalidade deveriam se limitar ao estabelecimento de regulamentos para a segurança, higiene e polícia dos estabelecimentos em que os ditos jogos fossem franqueados ao público, a fim de evitarem perigos e abusos. Concluía afirmando que tais atividades eram consideradas lícitas de acordo com a Constituição Federal (Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Diversões Públicas, 1891 a 1899, 40-41). Uma exceção ao sistema de apostas do esporte comercializado e aos clubes, surgiu em 1893 com a Associação Cristã de Moços-ACM ao se instalar no Rio de Janeiro. Tratava-se de uma entidade de apelo religioso para qual o esporte era uma atividade essencial. Como tal a ACM passou a influenciar as práticas esportivas na cidade e depois em várias regiões do Brasil. Deve-se à ACM a introdução no país do basquetebol e do voleibol, até hoje parte das preferências nacionais esportivas.

Nos anos de 1880-1890, o remo consolidou-se na cidade do Rio de Janeiro, o que, segundo Edmundo (1957:843), “servia para demonstrar como se intensifica, então, o gosto pelos esportes náuticos”. A institucionalização deste esporte começara na década anterior pela criação do Club Náutico Saldanha da Gama (1876). Seguiram-se, então, o Club de Regatas Cajuense (1885); o Club de Regatas Internacional (1887); o Union des Canotiers (1892); o Grupo de Regatas Gragoatá, o Clube de Regatas Icarahy e o Clube de Regatas Flamengo (1895); o Club de Natação e Regatas (1896),

que mais tarde teria a incorporação do nome Santa Luzia; o Club de Regatas Boqueirão do Passeio (1897); o Clube de Regatas Vasco da Gama (1898) e o Club de Regatas Guanabara, no ano seguinte. Neste período, tiveram início de forma tímida os banhos de mar na Praia das Virtudes (hoje, Parque do Flamengo) e se consolidou a percepção da utilização de logradouros públicos, como praças e parques, para a prática esportiva com fins de recreio e higiene (entretenimento e passeio ao ar puro). Desde 1857, discutia-se a importância de espaços públicos para essa finalidade, como na carta escrita por João Maria Colaço de Magalhães, o Visconde de Condeixa, ao Dr. João de Oliveira Fausto, presidente da Câmara Municipal. Na ocasião, o Visconde descrevia o que vira nas praças da Inglaterra e solicitava melhoria no Campo de Santana, o qual deveria ser utilizado pelos habitantes no atendimento a esses fins. (Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Jardins Públicos/Manuscritos, 1833 a 1903). Denota-se, assim, o início da relação entre o esporte e o poder público em benefício da população. Nos anos de 1890, a fim de tornar a atividade esportiva uma fonte de negócio em locais públicos, os comerciantes justificavam-se perante a Municipalidade: “O povo seria o grande beneficiado por fazer um exercício higiênico e de vigor que influísse na saúde e no caráter do homem, uma diversão tão em falta nesta Capital, mas amplamente praticada nas principais cidades européias”. Tais exercícios eram esgrima, ginástica, equitação, corrida a pé, velocípedes, regatas e tiro ao alvo que já estavam incorporados aos costumes locais e assim eram citados nos jornais e revistas da cidade. (Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Diversões Públicas/ Manuscritos, 1870 a 1899, p.113 e Diversões, 1893).

Décadas de 1900 – 1920 A primeira entidade de direção do futebol na cidade do Rio de Janeiro nascia nos idos de 1905, com a criação da Liga Metropolitana. Dentre seus fundadores encontravam-se: o América F.C., o Bangu A.C., o Fluminense F.C., o Botafogo F.C. e o Foot-Ball Athletic Club. Posteriormente ingressaram na Liga: o Rio Cricket e o Paysandu Cricket Club. Porém, a primeira competição interestadual de futebol havia ocorrido quatro anos antes, em São Paulo, entre paulistas e cariocas, ocasião em que jogaram e empataram por duas vezes (1x1 e 2x2). Um ano após a fundação da Liga Metropolitana, ocorria o primeiro campeonato carioca de futebol, vencido pelo Fluminense F.C.. A primeira disputa interestadual de futebol, no Rio de Janeiro, acontecia com o jogo entre o Paulistano e o Fluminense, em 1902. No ano seguinte, apareceria a primeira arquibancada no Fluminense Football Club. Na época em apreciação, as competições esportivas já eram assistidas por um grande público, o que comprova o interesse da sociedade carioca pelo esporte. As condições de acomodação em arquibancada coberta – sociais – encontravam-se disponíveis a uma pequena assistência privilegiada. A maioria das pessoas ficava de pé durante o evento: ao redor do campo, no futebol, e na beira da orla marítima, no caso do remo. Para Azevedo (1930:33), o poder de “atração irresistível” das multidões vulgarizou o futebol e auxiliaria a juventude a praticar outros esportes.

Neste estágio, início do século XX, o governo municipal implementou um amplo programa de urbanização no Rio de Janeiro. Obras arquitetônicas de prédios públicos no estilo parisiense, alargamentos e embelezamentos (com o aparecimento de estátuas, jardins, praças, pavilhões de regatas, teatros e avenidas) encontravam-se entre as reformas pensadas a partir de um padrão estético de modernidade e do controle e erradicação de epidemias. A Avenida Central (hoje, Avenida Rio Branco) passou a ser o modelo da modernidade da cidade: nela foram situados os novos prédios do Teatro Municipal (similar ao da Ópera de Paris), a Biblioteca Nacional e o Museu de Belas Artes, como também órgãos governamentais, edifícios de empresas nacionais e estrangeiras, recreação, lojas de artigos de consumo europeus, igrejas e instituições literárias e de artes. Em um de seus cruzamentos, encontrava-se a Rua do Ouvidor, com livraria, cafés e confeitarias, e como tal constituindo o ponto de encontro de intelectuais e artistas. Quanto aos esportes, as novidades eram o halterofilismo e o culturismo, os quais surgiram em circos e teatros de variedades, mas no Rio de Janeiro foram adotados pelas classes mais altas destacando-se a figura de Floriano Peixoto, filho do então Presidente da República do Brasil. Já em 1904, de acordo com Paulo Azeredo (1948), foram realizadas provas da modalidade em São Paulo entre o Clube Atlético Espéria e o Clube de Regatas São Paulo. Em 1906, no Rio de Janeiro, teriam sido exibidos no Parque Fluminense (área pública próximo ao Largo do Machado, que inclusive localizava-se uma pista de patinação) por um grupo de

lutadores chefiados por Paul Pons. Por essa época, iniciavam-se os esportes de luta (artes marciais), como o *jiu jitsu*, através dos imigrantes de origem japonesa, estabelecidos no país.

A participação das classes média e pobre no esporte, representadas pelos empregados do comércio, isto é, “os caixeiros”, é ressaltada por Francisco Rainho. Para ele, tal presença já se fazia sentir lentamente nas atividades sociais e esportivas dos clubes desde o início do século. As evidências estavam presentes na criação dos clubes e na maior oferta da prática esportiva, especialmente do futebol, que influenciava e era influenciado pela sociedade nos anos de 1900 e de 1910. A formação da equipe do Bangu Atlético Clube (formado oficialmente em 1904 por técnicos ingleses e operários de uma fábrica de tecidos), clube dos subúrbios do RJ foi uma primeira sinalização da adesão das classes populares ao esporte, com futebol à frente.

Desde o século passado, podia-se observar o esporte nos clubes ao alcance da população, independentemente de classe social. Este fato evidencia-se através da própria ACM e do Club Recreativo Dezesete de Julho, fundado em 1884, portanto muito tempo antes da criação da ACM do RJ. Através do seu estatuto, podemos verificar que os sócios tinham distrações adequadas para recreio, como leitura de bons livros e jornais, palestras e jogos. No artigo nº48 das Disposições Gerais/Cap.XI do referido diploma legal constava: “Os salões da sociedade serão todas as noites franqueados aos sócios seja qual for a sua categoria.” (Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Diversões Públicas/ Estatuto/Manuscritos, 1884-1885, 1-9).

Segundo Inezil Penna Marinho (s/d), o futebol desenvolvia-se em relação aos demais na década de 1910, sendo praticado regularmente nos clubes em várias regiões do país. O Sport Club Rio Grande, de Porto Alegre, e a Associação Atlética Ponte Preta, de Campinas, surgidos em 1900, eram clubes especializados nesse esporte. As equipes de futebol surgidas de clubes oriundos da prática do remo, os clubes de “elite” (que disputavam competições oficiais e procuravam bons jogadores nas equipes dos bairros) e a cobrança de ingressos da assistência levaram os torcedores a exigirem vitórias. Desse modo, a classe social passou a ser o que menos importava, prevalecendo o desejo de vencer diante da crescente rivalidade que surgia.

Introduzido por ordens religiosas e clubes ingleses ao longo da segunda metade do século XIX, o futebol teve um início elitista, racista e excludente (esporte de branco e da classe alta). Era praticado em clubes fechados, colégios seletos e por empresas estrangeiras com acesso exclusivo de estrangeiros e estudantes da classe alta. Porém, ainda na primeira década do século XX, o futebol daria mostras da democratização no esporte, permitindo a participação de jogadores negros, operários e empregados do comércio nas competições esportivas. Eduardo Galeno (1995) conta-nos uma passagem do futebol descrita na revista “Sports”, do Rio de Janeiro, em 1915, a qual retrata a visão da classe alta da época: “De modo que nós que freqüentamos uma Academia temos uma posição na sociedade, fazemos a barba no Salão Naval, jantamos na Rotisserie, freqüentamos as conferências literárias, vamos a five o'clock... somos obrigados a jogar com um operário, limador, torneiro mecânico, motorista e profissões outras que absolutamente não estão em relação com o meio onde vivemos. Nesse caso a prática do esporte torna-se um suplício, um sacrifício, mas nunca uma diversão”.

Em resumo, o futebol no Rio de Janeiro passou a ser jogado livremente nas ruas, várzeas, praias e escolas, independentemente de classe social e com qualquer tipo de bola. Sob a forma de “pelada”, era uma atividade livre, uma forma de lazer. Foi esse fator organizacional e ao mesmo tempo espontâneo que possivelmente constituiu uma das razões do futebol a perder seu caráter amador, ingressando no profissionalismo após os anos 1920 e transformando-se em esporte de expressão nacional. Outra consequência da popularização do futebol foi a aceitação do esporte como prática social em logradouros públicos, o que nas décadas seguintes – anos de 1970 em diante – viria a facilitar a adoção das atividades físicas em geral da população carioca. Algo semelhante ocorreria com as praias: os banhos de mar praticados pelas elites inicialmente começaram a se popularizar com a chegada dos bondes elétricos na zona sul do Rio de Janeiro via túnel Alaor Prata, aberto na década de 1910.

A prática esportiva do futebol e de outros esportes dispunha, segundo Fernando Azevedo (1930:50), de equilíbrio, razão, força e

disciplina e não de decadência moral, como alguns queriam caracterizá-lo. Diante das acusações à juventude de excessos de linguagem, de atitudes inconvenientes e de haver deposto os livros para jogar bola, remar e correr, descuidando-se da cultura intelectual para se entregar à da força, Azevedo perguntava-se: “Será que a atividade atlética que tanto tínhamos depositado esperanças de ver renascer as energias pátrias e a regeneração da raça era ao contrário um fator de decadência moral?” Para ele, os exageros cometidos pela juventude poderiam ser resolvidos com uma Educação Física integrada ao sistema de educação geral. Azevedo (1930:40) confirma-nos a influência da atividade esportiva sobre a juventude e a multidão ao dizer que o esporte, particularmente o futebol, “falou à emotividade durante os dois primeiros decênios de nosso século e preparou para o advento da *athletica*” (“o atletismo e outros esportes, como quiserem”).

Em termos institucionais, os esportes das décadas de 1910 e de 1920 desenvolveram-se via formação de entidades federativas, inclusive de caráter nacional. Da reunião de representantes da Federação Brasileira das Sociedades de Remo, da Comissão Central de Concursos Hípicos, do Automóvel Clube do Brasil, do Clube Ginástico Português, do Centro Hípico Brasileiro, do late Clube Brasileiro e do Aero Clube Brasileiro, entidades de cunho privado e até mesmo de nível nacional, surgia a Federação Brasileira de Sports (1914). A essa entidade caberia organizar o esporte amador e formar os melhores atletas nas representações brasileiras em Jogos Olímpicos. Também com essa finalidade, nascia um Comitê Olímpico Nacional (1913) provisório e apoiado pelo Jornal do Brasil. Em 1916, a Federação Brasileira de Sports se transformaria em Confederação Brasileira de Desportos – CBD, entidade eclética maior do esporte brasileiro. Com este arranjo institucional, o poder político do esporte brasileiro se instalou no Rio de Janeiro.

Contudo, surgiram os primeiros conflitos no esporte nacional com tal concentração institucional, começando com a contestação da Federação Brasileira de Sports pela Liga Paulista de Football, que anunciava uma Federação Brasileira de Futebol como mais legítima. O impasse necessitou da intervenção do então Ministro das Relações Exteriores, que mediou o conflito entre as duas federações, considerando-se que o país logo iria disputar o Campeonato Sul-Americano de Futebol, em 1919. Mas tais confrontações prosseguiram até 1941 quando o Governo Federal interviu no esporte organizado de todo o país, disciplinando filiações e diluindo disputas regionalistas. De resto, a década de 1920 deu continuidade às iniciativas e mudanças originadas nos anos de 1910, porém houve surgimento de “academias” na cidade com base em protótipos criados em anos anteriores. Esta inovação consistia em serviços pagos de ginástica, halterofilismo ou lutas geralmente liderados por imigrantes monitores ou mesmo professores.

Décadas de 1930 – 1940 A prática esportiva no início deste período ainda refletia a busca de afirmação individual vinda de uma tradição que prestigiava a força física e um certo valor estético de formação corporal rígida. Porém, tornava-se progressivamente clara uma tendência a uma participação coletiva na qual o futebol manifestava-se como modelo e o sentido recreativo como seu conteúdo e valor social. Assim, o futebol crescia no Rio de Janeiro seguido de uma prática de menor intensidade de esportes tais como o tênis, atletismo, basquetebol, voleibol, remo e natação (A.B.E:1930:14). A Associação Brasileira de Educação-ABE reconhecia, na época, o esporte como um campo vasto da Educação Física e considerava que, mesmo diante do número reduzido de praticantes, aquele já influía na reforma dos hábitos da população. Gastão Mariz de Figueiredo confirma-nos a posição emitida pela ABE sobre o desenvolvimento do esporte no país. Segundo ele, nas primeiras décadas do século XX, as competições esportivas ainda eram esporádicas, com um pequeno grupo de atletas participando de vários esportes, situação que perdurou até meados do século. O próprio Gastão competia no remo, na natação, no basquetebol e ainda jogava pólo aquático na Lagoa Rodrigo de Freitas, tempo em que suas águas eram limpas. A especialização no esporte somente começaria a ser definida mais tarde, possivelmente em função da exigência cada vez maior de dedicação aos treinamentos a fim de se alcançar o alto rendimento nas competições, o que levaria a um maior envolvimento pessoal e / ou ao profissionalismo.

A década de 1930 assistiu a subida do Estado Novo (nome oficial do regime implantado pelo Governo Vargas) ao poder, o qual pretendia melhorar os costumes políticos e levar o país a novas

realidades sociais e econômicas. Instaurava-se então o populismo, com ênfase na mobilização das massas e nos aspectos nacionalista e desenvolvimentista. A organização da sociedade, objetivada pelo Estado Novo, apoiava-se nas reformas de uma nova lei eleitoral e de uma legislação social, na reorganização da justiça e da educação e na implantação definitiva do capitalismo vinculado ao desenvolvimento social. O Estado organizava as classes sociais, não abrindo mão do controle sobre elas. Contudo, favorecia a classe trabalhadora, que obtinha conquistas como: contratos coletivos, salário mínimo, jornada de trabalho de 8 horas (limite máximo) e criação de sindicatos por classes, subordinados ao poder público. Nesse momento, segundo Prost (1992), as classes menos favorecidas conquistavam o trabalho assalariado e um maior tempo em sua vida privada. Isto conseqüentemente proporcionava maior tempo para se adquirir o hábito de assistir e praticar esportes e ter opções de lazer.

Intensificava-se um crescimento industrial na direção da produção de bens de consumo e, em menor escala, de equipamentos para atender à demanda do mercado interno, ocasionando um aumento da capacidade de produção e da acumulação de divisas estrangeiras. As universidades e a cultura desenvolviam-se através de um reordenamento da sociedade civil. A política do governo, apoiada no povo e na burguesia das grandes cidades, desenvolvia-se contra os proprietários de terras, conseguindo com isso neutralizar a ação dos coronéis. As concepções políticas estavam inspiradas nas idéias corporativistas e autoritárias do regime fascista. Uma elite intelectual formada por técnicos, políticos, empresários e militares conduzia o país ordenadamente visando a interesses nacionais, com a participação do povo. Na área da educação, um processo de reformas instalado antes do Estado Novo ganhava sentido pela oferta de maiores oportunidades de educação à população, preparando-a para assumir o papel produtivo no desenvolvimento do país. Assim, a Associação Brasileira de Educação (1930) havia se pronunciado através de pareceres e inquéritos, demonstrando sua preocupação com a melhoria da Educação Física, a começar com professores qualificados. Em resumo, o período do Estado Novo marcou definitivamente o esporte e a Educação Física escolar do país, dando-lhe uma valorização explícita bem maior do que os governos anteriores. Nestas condições, o Exército Brasileiro criou no Rio de Janeiro, em meados dos anos de 1930, as chamadas “Colônias de Férias” que reuniam escolares – adolescentes e jovens de ambos os sexos – em jogos e esportes em quartéis e praias durante suas férias. Este modelo de mobilização esportiva teve sucesso e foi progressivamente sendo implantado em todo o país. Outra consequência discernível do modelo foi o uso intensivo das praias cariocas como locais de treinamento e práticas esportivas, o que também se tornou uma realidade permanente. Em relação a este mesmo período há testemunhos orais de que o futebol se instalou nas areias das praias do Rio de Janeiro assumindo um cunho típico destes locais. Mais uma vez, o RJ fez-se constar como local de experimentações de esportes ajustados ao meio social e físico local.

Décadas de 1950 e 1960 Um grande crescimento urbano-industrial levaria ao aumento da densidade populacional da cidade do Rio de Janeiro nos anos de 1950. No país como um todo transcorria um estágio de acelerado desenvolvimento econômico, com construção de grandes obras públicas (rodovias e eletrificação) e diversificação da rede de escolas no país. Nesse momento, surgiam estatais como a Petrobrás e uma nova lei sobre o salário mínimo, estabelecendo-se um tempo de prosperidade na sociedade brasileira. As transformações econômicas empreendidas também influenciaram o campo político, educacional e cultural e impulsionou a música, a poesia, o teatro e o cinema. Na educação, em especial na Educação Física, um intercâmbio de profissionais da área e a formação de cursos técnico-pedagógicos disseminava novos modelos didático-pedagógicos. Nesse sentido, o Método Desportiva Generalizada – MDG abriria perspectivas para um maior desenvolvimento do esporte na escola, principalmente dos coletivos (esportes de massa). Tal contexto favorável levou à instituição da Campanha Nacional de Educação Física pela Divisão de Educação Física-MEC, cujo Diretor era o professor Alfredo Colombo. Essa Campanha, realizada nas praças, ruas e praias, proporcionou uma iniciação esportiva à população, segundo comunicação pessoal do professor José Ferreira da Silva (1997). Reconhecido como “Ruas de Recreio”, “Praias de Recreio” e “Ruas de Lazer”, esse evento contou com a cobertura do jornal “O Globo”. A partir dessa época, surgiram algumas competições esportivas que marcaram a sociedade carioca, como os Jogos da Primavera, em 1949

(para meninas até 15 anos); os Jogos Infantis, em 1951 (até os 15 anos), e os Torneios de Pelada do Aterro do Flamengo, iniciados em 1966. Esses eventos, promovidos pelo “Jornal dos Sports”, levariam a uma maior mobilização da população carioca, ao aparecimento de talentos e a um maior envolvimento das empresas privadas no setor esportivo. Denota-se isso na criação de espaços públicos, como o Estádio do Maracanã – a maior instalação esportiva do mundo à época –, assim como na construção de equipamentos esportivos (como quadras e ringues de patinação) em praças da cidade.

O desenvolvimento econômico trouxe expansão do consumo. A ordem de consumo instalada levou à aquisição de novos hábitos e comportamentos, disseminados pelos meios de comunicação, em especial pela televisão. Apoiados por comerciantes e viabilizados através de anúncios publicitários, relações públicas e marketing, os meios de comunicação permitiriam a difusão de novas concepções higiênicas e estéticas ao alcance da população. Entre os novos hábitos e comportamentos valorizados encontravam-se a prática de atividades esportivas (como ocupação de lazer realizadas regularmente), as dietas e o asseio do corpo em clubes e academias, que começavam a proliferar. Os cuidados com o corpo, a higiene e a beleza passaram a ser produzidos por comerciantes, não mais por médicos e moralistas. A divulgação da prática esportiva como um gênero de lazer padronizado e passivo implementava-se através da televisão, um instrumento de massas, que se tornaria, a partir de então, de divulgação universal do esporte.

O crescimento da cidade do Rio de Janeiro, dinamizado com a realização de grandes obras viárias e habitacionais, expandia a cidade de norte a sul. Nessa perspectiva, a relação esporte/urbanização podia ser vista na criação de logradouros públicos – como o Parque do Flamengo (Aterro), oficialmente denominado como Parque Brigadeiro Eduardo Gomes. Garantia-se, assim, o acesso da população carioca à prática esportiva de lazer gratuita e junto à natureza. O esporte foi também estimulado pela criação da Loteria Esportiva, instituída para gerar recursos ao setor e que veio a concorrer para a formação de um novo quadro esportivo brasileiro. A Loteria Esportiva Federal, como um grande instrumento impulsor do esporte, destinava 6,75% de sua receita para a aplicação em programas de Educação Física e Desportos. Nessa ocasião, podia-se observar a valorização do esporte, segundo Mello e Souza (1984), através das lideranças políticas “que não o consideravam uma coisa séria”. Com o passar dos anos, esses recursos seriam fragmentados e direcionados principalmente para a Previdência Social e outros programas e reduzidos para o esporte.

Um Diagnóstico da Educação Física/Desportos no Brasil, instaurado pelo Estado em 1969/1970 através do convênio entre o Departamento de Educação Física do MEC e o Centro Nacional de Recursos Humanos do Ministério do Planejamento e Coordenação Geral, permitiu identificar fatos positivos e negativos a respeito do esporte em âmbito nacional e no Rio de Janeiro. Tal estudo, coordenado pelo professor Lamartine DaCosta, serviria de base na reformulação das políticas públicas. Entre as constatações destacou-se a expansão de clubes no RJ, sendo esta de três a cinco vezes maior nos períodos de 1901/1930 e 1931/1960, segundo dados do Diagnóstico/1971. Na cidade do Rio de Janeiro, antiga Guanabara, entre as 244 associações desportivas (clubes) informantes da pesquisa, a proporção de clubes fundados aumentou de 47 para 133 entre essas épocas. Ainda no RJ, as modalidades mais praticadas segundo o levantamento eram o futebol, o futebol de salão, a natação, o voleibol, o basquetebol, o tênis de mesa e o judô.

Décadas de 1970 e 1980 Este período corresponde à plena valorização das atividades físicas no Brasil a partir de valores testados no Rio de Janeiro em primeira instância. O primeiro experimento bem sucedido foi o chamado Método Cooper, trazido ao país por Neri Nascimento, Manoel Tubino e Cláudio Coutinho, que se popularizou devido aos resultados apresentados durante sua aplicação no selecionado brasileiro tricampeão de futebol, no México. Esse método, fundamentado principalmente na prática massificada da corrida de rua, objetivava o desenvolvimento da aptidão física, satisfazendo não só a aparência física, mas principalmente a manutenção da saúde e do prolongamento da vida útil. A corrida, a caminhada a pé e o andar de bicicleta tornavam-se hábitos na vida cotidiana do RJ e de diferentes regiões e cidades brasileiras, inclusive pela demarcação de praias e caminhos, e pela divulgação nos meios de comunicação.

Um outro movimento esportivo de dimensões mundiais, apoiado na publicidade e nos meios de comunicação penetrava no país – o Esporte Para Todos – EPT. Inicialmente concebido na Noruega com a denominação “TRIMM”, abria perspectiva para a valorização do esporte por meio de eventos, informação à população e uso intensivo da mídia. Como um fato consumado, o EPT produziu uma ampla adesão, em especial na camada mais pobre da população, ampliando a oferta da prática esportiva à sociedade antes mesmo da existência de uma legislação favorável. A implantação do EPT no país tornou-se possível após o lançamento de uma campanha nacional liderada por Lamartine DaCosta. Entre as heranças da Campanha EPT na sua versão do RJ, situa-se o fechamento do trânsito em ruas dedicadas ao lazer e a caminhadas, o que se fixou como tradição hoje ainda respeitada no Parque do Flamengo e na orla de praias que se estende de Copacabana ao Leblon, e da Barra da Tijuca ao Recreio dos Bandeirantes. A Campanha “MEXA-SE”, promovida nacionalmente pela TV Globo e que antecedeu o Movimento EPT, foi produzida no RJ, também deixando como herança a própria denominação que se fixou na língua falada no Brasil como sinônimo de atividade física de lazer. Em 1988, todos estes movimentos de popularização de práticas físicas de saúde e de lazer foram consagrados pela nova Constituição Federal: no artigo 217, o esporte em suas distintas manifestações, passou a ser direito de todos. E as atividades físicas, em consequência, assumiram uma renovada conceituação, aumentando assim sua abrangência social.

Situação atual As décadas de 1990 e de 2000, esta em seus primeiros anos, confirmaram e deram continuidade à vocação do Rio de Janeiro como cidade esportiva e de lazer voltado para a natureza da cidade, sobretudo suas praias. As preferências esportivas da população da cidade neste período podem ser apreciadas na Tabela 1 encontrada adiante. Neste painel de opções há que considerar a influência da mídia, a qual mostra-se distinta da prática. Esta última pressupõe escolhas de acordo com a oferta de espaços públicos, sobretudo praias. Daí a natação ter a maior preferência de prática e marcar a 11ª posição na audiência de mídia. Já o futebol tem uma segunda classificação na mídia, mas aparece em quinto na prática, pela crescente dificuldade na busca de locais apropriados. Em termos de novas modalidades, a pesquisa listou apenas o skate por ter ofertas urbanas, foco escolhido pelo levantamento. De qualquer modo, a vocação esportiva dos cariocas parece se expressar mais objetivamente pela oferta de locais disponíveis na cidade. A Tabela 2 apresenta um resumo destas ofertas enfatizando a redução no número de clubes de grande porte na cidade nas últimas três décadas, o que pode significar tanto um decréscimo em razão das crises econômicas dos últimos anos, como transferência de interesses de lazer para outras ofertas. A rede de ciclovias expandida no período em foco confirma a sugestão da influência dominante dos equipamentos urbanos disponíveis, pois se irradiaram das praias para o interior da malha urbana da cidade, criando uma circulação “esportiva” além da função de transporte popular. O fato novo do período – e não examinado na investigação de 1999, acima citada – foi a expansão dos chamados esportes radicais ou de aventuras, que encontraram na cidade um dos seus melhores sítios de práticas em todo o mundo. Esta versão esportiva carrega uma grande emoção, risco de vida e exige a superação dos próprios limites. Dentre tais esportes podemos citar: a asa delta e o parapente (vôo livre); o mountain bike; o skate; o windsurfe; o bicross; o jet ski; o surfe o ultraleve. Denota-se, com isso, um aumento no número de esportes praticados e também um movimento de incorporação dessas novas práticas de sentido ecológico pela sociedade. Ocorre que além de extensas praias, o Rio abriga a maior floresta urbana do mundo, com montanhas próprias para escalada e para suporte de diversas modalidades de aerodesportes, gerando vantagens incomparáveis em termos internacionais com relação aos esportes de versões radicais. Estas condições excepcionais levaram o planejamento urbano da cidade a se orientar pelas funções exercidas pelas praias e pela floresta do maciço da Tijuca na vida da cidade. Por isso, o plano de transformações da cidade para os Jogos Pan-Americanos em 2007 e para a candidatura como sede de futuros Jogos Olímpicos – destacando-se o sistema de transportes urbanos – já estão considerando este legado da natureza localizado no Rio de Janeiro. O outro legado não tangível para o planejamento físico da cidade – mas fundamental para se obter o apoio da população –, consiste nas tradições esportivas locais que incorporam um século e meio de iniciativas pessoais, comunitárias, governamentais e empresariais, segundo o trajeto de fatos de memória aqui antes percorrido.

Tabela 1 / Table 1**Preferências esportivas da população do RJ por opções da mídia e da prática, 1999***Sports preferred by RJ population measured by media and practice options–1999*

Ordem Preferências / Preference order	Mídia / média (1)		Prática / practice (2)
Classificação / classification	Por duração / Per time	Por frequência / Per frequency	Por frequência / Per frequency
1	Automobilismo	Automobilismo	Natação
2	Vôlei de Praia	Futebol	Futsal
3	Beach Soccer	Natação	Vôlei Indoor
4	Futsal	Vôlei Indoor	Basquetebol
5	Futebol	Basquetebol	Futebol
6	Atletismo	Atletismo	Atletismo
7	Vôlei Indoor	Tênis	Capoeira
8	Basquetebol	Futsal	Jiu Jitsu
9	Maratona	Vôlei de Praia	Judô
10	Natação	Boxe	Patinação s/ rodas
11	Taekwondo	Rali	Ciclismo
12	Boxe	Hipismo	Skate

Fonte / source: Garrido, F., "Tendências da cultura esportiva no Rio de Janeiro: uma análise da mídia e das práticas de esportes". Dissertação de mestrado – UGF / RJ, 1999.

(1) Levantamento feito no "Esporte Espetacular", TV Globo, com 26 programas; "Stadium", TV Educativa, com 13 programas; e 14 quadros de programação geral, incluindo o gênero esportivo, de acordo com faixas horárias (manhã, início da tarde, tarde, noite, fim de noite e madrugada).

(2) Levantamento feito em 26 locais e instituições de ofertas de práticas esportivas como lazer do RJ, selecionadas de modo a cobrir a área urbana da cidade. Nesta delimitação não foram incluídas atividades de florestas e montanhas.

Fontes / Sources

Araujo, R. M. B. (1995). A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano. Rio de Janeiro: Rocco.

Areno, W. (1996). A Educação Física e os Desportos no Rio de Janeiro de 400 anos: Rio de Janeiro.

Assessor. (1982). Esporte e Publicidade. Rio de Janeiro.

Associação Brasileira De Educação. (1930). A Educação Physica no Brasil. Rio de Janeiro: Marcelo & Cia.

Associação Cristã De Moços. (1899). Programa da semana. Rio de Janeiro: n.23, 4 fev.

Azeredo, P. (1948). *A História do Levantamento de Pesos*. Rio de Janeiro: Revista Força e Saúde, Jul: 17.

Azevedo, F. de (1920). Da Educação Física. São Paulo: Melhoramentos.

_____. (1930). A Evolução do Esporte no Brasil. São Paulo: Melhoramentos.

_____. (1920). Antinous – Estudo de cultura athetica. São Paulo: Weiszflog Irmãos.

Cantarino Filho, M. R. (1988). A educação física no Estado Novo. In: Tubino, M.G. Artus. Rio de Janeiro: 21-22.

Confederação Brasileira De Futebol. (1984). 70 anos 1914/1984. Rio de Janeiro: CBF.

DaCosta, L. P. (1995). Revisitando o desporto Brasileiro pela história dos clubes. Um estudo de caso: O primeiro clube do Brasil. In: III Encontro Nacional de História da Esporte, Lazer e Educação Física. Curitiba: UFPR/DEF. 166-169.

_____. (1981). Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa. Rio de Janeiro: Palestra.

_____. (1987). A Reinvenção da Educação Física e do Desporto segundo Paradigmas do Lazer e da Recreação. Desporto e Sociedade. Lisboa: Ministério da Educação.

_____. (1991). Um "novo" esporte ou uma "nova" pesquisa? In: Junior, A. G. F. Pesquisa e produção do conhecimento em educação física. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 117-122.

Da Silva, José Ferreira. (1997). Comunicação pessoal. Rio de Janeiro.

Edmundo, L. (1957). O Rio de Janeiro do meu tempo. Rio de Janeiro: Conquista.

Figueiredo, Gastão Mariz de. (1997). Comunicação Pessoal. Rio de Janeiro.

Filho, J. L. (1978). Cultura e Desporto. Rio de Janeiro.

_____. (1941). A Função social dos desportos. Rio de Janeiro: Pongetti.

Freyre, G. (1948). Ingleses no Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.

Galeno, E. (1995). Ao Sol e à Sombra. Porto Alegre: L e PM.

Helal, R. (1997). Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis: Vozes.

Instituto de Planejamento do Rio de Janeiro/IPLAN. (1985). O Rio de Janeiro de Pereira Passos. Rio de Janeiro: IPLAN RIO.

Jordão Ramos, J. (1983). Os jogos gregos e as olimpíadas. São Paulo: Brasiliense.

_____. (1972). Os exercícios físicos na história e na arte. Rio de Janeiro: Gol.

_____. (1970). Panorama mundial da educação física e atividades correlatas. Revista Brasileira de Educação Física e Desportos, n.9: 18-26.

Tabela 2 / Table 2**Cidade do Rio de Janeiro / Rio de Janeiro City, 1999****Áreas, instalações e empreendimentos de prática de esportes e ofertas de lazer***Areas, facilities and enterprises for sports and leisure***Praias por extensão de oferta (Região Administrativa) – total 79,3 km / Beaches (1)**

- Botafogo – 3,5 km
- Copacabana – 4,2 km
- Ramos – 0,7 km
- Santa Cruz – 5, 8 km
- Ilha do Governador – 25,4 km
- Paqueta – 6,0 km
- Barra da Tijuca – 21,2 km
- Guaratiba – 4,5 km

Áreas de praças, jardins e parques x habitante / average green area vs inhabitant (2)

- 304 922 970 m2 / 5 551 536 habitantes = 54,9 m2

Ofertas de lazer e de atividades físicas / Leisure and physical activities offers (3)

- Museus – 79
- Teatros – 104
- Cinemas – 122
- Centros culturais – 67
- Bibliotecas públicas – 79
- Casas se espetáculos – 50
- Shopping centers – 26
- Clubes de grande porte – 190; total em 1971: 244 (4)
- Academias de ginástica – 1700 (5)
- Parques temáticos – 5
- Escolas de samba – 11

Fontes / sources: (1) e (2) Secretaria Municipal de Urbanismo do RJ– SMU, 1999; (3) Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos (RJ) – IPP, 1999; (4) Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil, DaCosta, L.P., DEF/MEC, Brasília, 1971; (5) ACADE, RJ, 2003, cadastro.

Jornal do Brasil. (1935). Rio de Janeiro. 4 de abril.

Junior, J. M. (1990). Aspectos históricos da contribuição da educação física escolar para o desporto comunitário no Brasil. Revista da Fundação de Esporte e Turismo do Paraná, 2 (1), 23-30.

Lamounier, Gastão. (1997). Comunicação Pessoal. Rio de Janeiro.

Lenk, M. (1942). Organização da educação física e desportos. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.

_____. (1982). Braçadas e abraços. Rio de Janeiro: Grupo Atlântica-Boavista.

Licht, H. (1986). O Remo Através dos Tempos. Porto Alegre: Corag.

Mazzoni, T. (1950). História do Futebol. São Paulo: Leia.

Melo, V. A. (1995). Turfe: o "sport" brasileiro do século XIX. In: III Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Coletâneas... Curitiba: UFPR./DEF.

_____. (1996). O esporte no contexto cultural do Rio de Janeiro do final do século XIX – um projeto de pesquisa. In: Rodrigues, Marilita Arantes. Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 4, Belo Horizonte. Coletânea.

Mendonça, A. de. (1909). História do Sport Náutico no Brasil. Rio de Janeiro: Federação Brasileira das Sociedades de Remo.

Needell, J. D. (1993). Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras.

Neto, A. F. (1993). Ensaios: educação física e esporte. Espírito Santo: UFES.

_____. (1994). Interesses físicos no lazer: A influência do esporte de alto rendimento para a criança na relação lazer – escola – processo educativo. (Tese de Mestrado). São Paulo: UNICAMP.

Neto, P. C. (1952). História do Fluminense. Edição Comemorativa do Cinquentenário. Rio de Janeiro: Borson.

Novaes, J. da S. (1990). Ginástica em academia no Rio de Janeiro. (Tese de Mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ.

Oliveira, P. G. de. (1987). A imigração alemã e a introdução do punhobol no Rio Grande do Sul. (Tese de mestrado). Rio Grande do Sul. Universidade Federal de Santa Maria.

O Paiz. (1885). Rio de Janeiro, 4 de janeiro.

O Sport. (1887). Rio de Janeiro, 19 de novembro / 10 de dezembro.

O Sportman. (1887). Rio de Janeiro, 8 de maio / 10 de setembro.

Penna Marinho, I. (s/d). História Geral da Educação Física. São Paulo: Cia Brasil.

_____. (1943). Contribuição para a História da Educação Física no Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional

_____. (1979). História da Educação Física no Brasil. São Paulo: Cia Brasil.

Picchia, M. D. (1937). Programa patriótico. Revista de Educação Física. n.35: 1

Prado, A. C. M. (1996). A re-criação do esporte. Santos: Congresso Latino Americano de Esporte para Todos.

Renault, D. (1982). O Dia a Dia no Rio de Janeiro Segundo os Jornais 1870-1889. Brasília: Civilização Brasileira.

_____. (1985). O Rio Antigo nos Anúncios de Jornais 1808 / 1850. Rio de Janeiro: CBBA / Propeg.

_____. (1978). Rio de Janeiro: A Vida da Cidade Refletida nos Jornais 1850 / 1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Revista O Boqueirão. (1947). Comemorativa do Meio Centenário de Fundação do Club de Regatas Boqueirão do Passeio. Rio de Janeiro: Laemmert.

Revista da Real Sociedade Clube. (1969). História de um século da fundação do clube Ginástico Português : Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.(1883/1903). Da Coleção Jardins Públicos da Cidade (Manuscritos). n.5: 16-18.

_____. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Sociedades e Associações (Manuscritos).

_____. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. (1870/1889). Diversões Públicas (Manuscritos). 113.

_____. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. (1893). Diversões (Manuscritos).

_____. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. (1884/1885).

Diversões Públicas/Estatuto (Manuscritos). 1-9.

_____. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. (1872/1905). Documentação Avulsa/Sports e outros (Manuscritos).

_____. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. (1891/1899). Diversões Públicas (Manuscritos).

Rocha, J. da S. (1975). Club de Regatas Vasco da Gama: Histórico. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora.

Rossi, S. (1984). História da Associação Atlética Ponte Preta. São Paulo: R. Vieira Gráfica e Editora

Sanctos, Padre L. G. dos. (1825). Memórias para servir a História do Reino do Brasil. Lisboa: Imprensa Régia.

Schermann, A. (1958). A Evolução dos Desportos Através dos Tempos. Rio de Janeiro: Pongetti.

Sevcenko, N. (1994). Futebol, metrópoles e desatinos. Revista USP, n.22, São Paulo: USP, jun/jul/ago, 30-37.

Skating Rink. (1878). Rio de Janeiro, 24 de julho / 29 de agosto.

Souza, N. M. (1983). História social do esporte brasileiro. Anais do ciclo de debates: Panorama do esporte Brasileiro. Câmara dos Deputados. Brasília: Coordenação de Publicações.

Tubino, F. (1993). O rádio ontem e hoje. Rio de Janeiro: UGF (mimeo).

Tubino, M. J. G. (1996). O Esporte no Brasil. São Paulo: Ibrasa.

_____, (1992). Dimensões Sociais do Esporte. São Paulo: Cortez.

_____, (1992). Esporte e Cultura Física. São Paulo: Ibrasa.

_____, (1987). Teoria Geral do Esporte. São Paulo: Ibrasa.

_____, (1994). O que é o Esporte. São Paulo: Brasiliense.

_____, (s/d.) Dicionário de Esportes (no prelo).

_____, (1997). A mídia, as transformações sociais e a ética. Rio de Janeiro: UGF(mimeo).

_____, (1989). A interpretação do esporte na educação brasileira. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Tubino, M. J. G. & Barbieri, C. & Garrido, F. A. C. (1997). Resultados esportivos internacionais do Brasil: Uma questão de interpretação. Brasília: CND. (mimeo).

Valente, E. F. (1995). Esporte para Todos e o Olimpismo. In: III Encontro Nacional de História da Esporte, Lazer e Educação Física. Curitiba: UFPR/DEF. 134-143.

O lazer na Cidade de São Paulo – SP

LUIZ OCTÁVIO LIMA DE CAMARGO

Leisure activities in the city of São Paulo-SP

The city of São Paulo has approximately 11 million inhabitants and its metropolitan area gathers 17 million people, the largest urban center in Brazil and the third in the world. Since large and modern urban centers offer many different options of leisure, observations of groupings typical of mapping are made possible. For this reason, São Paulo was chosen to open the section that deals with leisure activities related to sports and physical activities in general. This chapter starts off by describing leisure theories from connections with the industrial revolution confronting pre-industrial societies against the emerging material culture. Leisure then appears in the modern city, in Brazilian cities and, particularly, in São Paulo, capital of the state with the same name. The city of São Paulo has had the most remarkable urban growth in the

world. In 1836 it was a village with 12,000 people (Portuguese and their descents). In 1900 the village had grown into a town with 240,000 inhabitants due to the intense European immigration, particularly from Italy, Germany and Spain. A period of intense industrialization started in the 1910s and lasted until the late 1930s, when foreign immigration declined and the migration of Brazilians from other regions increased, all attracted to dreams of easy jobs. As a result, the population of 580,000 São Paulo had in 1920 reached 2 millions in 1950. Different meanings taken up by sports and leisure activities marked singularly each decade of the 20th century within this rhythm of accelerated growth. It is possible to conclude that the growing use of the automobile within this period shaped the urban space and green areas of São Paulo to traffic and not to the use of leisure. The recreational club- one

of the most common means of leisure in the city during the first half of the 20th century – was abandoned in the 1970s, when the family was no longer the cultural reference for most people. In the next development stage, vertical and horizontal condominiums got recreational facilities similar to those of the clubs, but this time not so much used. As a result, there was a decrease in the attendance to the recreational club. In addition, the following facts have contributed to the decline of old habits of home leisure: (i) new technological devices like videogames and the Internet, at home; (ii), the spread of gyms and health clubs, of video rental clubs and of 'lan-houses', in neighborhood leisure, and (iii), the development of the shopping centers, shopping malls and thematic parks, in urban leisure. Facts of memory are displayed in chronological order from 1823 to 2003 (a spread of 180 years).

Definições e Origens A gênese do tempo livre e do lazer modernos sempre foi situada no século XIX, como consequência da revolução industrial (Dumazedier, 1974; 1995). Uma região se industrializa, um movimento de urbanização acelerada se associa a esse processo, o tempo de trabalho passa a ter um perfil diferente do vivido na zona rural; o tempo livre das pessoas, ao final do dia, da semana, do ano (férias) e da existência (aposentadoria) torna-se visível, bem como as práticas de lazer que nele se desenrolam. Nesse esquema explicativo, há uma dinâmica econômica que cria o tempo livre e uma dinâmica sócio-cultural que impõe o lazer como conteúdo quase exclusivo desse tempo. E como se coloca o problema do lazer em regiões que não chegaram a se industrializar? Ao fim de uma época em que se acreditava que a industrialização era o destino de todas as sociedades, por isso chamadas de “em vias de industrialização” ou de “em vias de desenvolvimento”. Assume o papel preponderante desempenhado pela urbanização, na emergência de processos culturais que resultam em reivindicações de lazer, com ou sem o processo prévio de industrialização. De fato, o assunto ainda permanece inédito nas dissertações e teses produzidas no Brasil (ver sobretudo Marques Gomes, 2004). Os modernos estudos sobre a cultura material (Braudel, 1979; Roche, 2003) vêm hoje corroborar esta assertiva. Tais estudos permitem refinar a análise clássica sobre a gênese do lazer nas sociedades modernas, em meio a “transformações (que) surgem antes do triunfo da revolução industrial, já que estão na urbanização e nos movimentos culturais que ela cria” (Roche, 2003, 20). De forma condensada, esta análise pode ser explicitada como se segue.

Sociedades pré-industriais Neste âmbito, os tempos do trabalho, da família, da religião e da diversão são indivisíveis – as pessoas das classes populares divertem-se nos tempos em que o exercício da prática religiosa impõe-se à do trabalho, notadamente nos domingos e dias santos, quando o antes e após o culto são tempos voltados à ludicidade e à diversão. As diversões consistem basicamente de festas e práticas reguladas por um consenso entre a autoridade religiosa e a autoridade política, boa parte delas restritas aos homens. O próprio tempo de trabalho é marcado por pausas, adotadas em conformidade com os ritmos naturais – biológicos (dos indivíduos), das estações e do clima/temperatura (da natureza) – nas quais são praticados certos exercícios lúdicos, que hoje fazem parte do folclore. As elites, principalmente os chamados nobres de sangue, até o final da Idade Média (no Brasil, até o final do século XIX), sobretudo nas zonas rurais então predominantes, pouco se distinguem culturalmente do restante da população, exceto pelo detalhe nada desprezível de que se proibiam o trabalho, qualquer tipo de trabalho; de resto, podiam ser tão ignorantes como o mais humilde de seus servos. Ainda nas sociedades pré-industriais, mas aqui falando especificamente das sociedades européias ocidentais e do período que se inicia no pós-renascimento, surge o chamado processo civilizador (Elias, 1990), prenehe de normas que regulam o comportamento na “civis” (cidade) – normas para a conversação, para o passeio, para receber, para ordenar o espaço doméstico, para servir a mesa, para comer, para se vestir, etc. Essas normas desdobram-se numa cultura material, de objetos e de espaços que, entre outras funções (afetivas, estéticas, comunicativas), passam a explicar a distinção das elites

– no caso, do sangue, da nobreza (aliás, muitos objetos eram de consumo exclusivo da nobreza).

Cultura material Com o fim do feudalismo, o acesso à cultura material é irrestrito e surgem infinitas variedades de materiais e de espaços produzidos para indivíduos que se querem mostrar civilizados, a quase totalidade dos mesmos no século XIX, uma cultura feita para alguns, de consumo e de ostentação, mas sempre impregnadas de significados que a história da vida cotidiana hoje tenta desvelar. A distinção desloca-se do sangue para a posse do dinheiro e uma curiosa inversão se produz – não mais se é nobre pela posse e desenvoltura no uso de baixelas num jantar; ao contrário, a posse e a desenvoltura no uso de baixelas num jantar é que passa a determinar a “nobreza”, a característica “civilizada” do indivíduo. Essa cultura material desdobra-se em três segmentos essenciais na análise do lazer moderno: primeiro, na chamada ação cultural, que começa com a transformação de coleções exclusivas de nobres e reis em museus, ainda no século XIX. Estes museus se diversificam no exercício das formas culturais nos campos das artes plásticas, da música e mesmo da ciência, na primeira metade do século XX, e, na segunda metade do mesmo século, deixam de ser espaços de conservação para se transformarem em espaços de criação, os chamados centros culturais. A difusão do esporte insere-se nesta mesma perspectiva, de início prática de nobres e burgueses, encontra nos Jogos Olímpicos recriados pelo Barão de Coubertin (primeira edição em 1896) sua grande forma de expressão. Ao longo do século XX diversifica-se e renova-se constantemente. Em segundo lugar, criação de novas formas de entretenimento doméstico, e aqui pode-se estabelecer uma genealogia que vai do folhetim em jornais e livros, bem como do romance literário, às revistas de novidades no século XIX, ao rádio, na primeira metade do século XX, à tevê e internet na segunda metade do século XX e ao entretenimento virtual que se prenuncia neste século XXI. Todas estas práticas têm em comum a possibilidade de exercício dentro do espaço doméstico que hoje competem e, não raro, impõe-se ao exercício da sociabilidade familiar e vicinal tradicionais. E, por último, na criação de formas de entretenimento extra-doméstico, e aqui uma nova genealogia se estabelece, que vai das primeiras montanhas russas, do início do século XIX, em Paris, às Feiras e Exposições Internacionais, aos “Grands Magazins”, aos teatros, bares, restaurantes, hotéis, agências de turismo da segunda metade do século XIX, às salas de cinema, de teatro de variedades e aos parques de diversões da primeira metade do século XX, aos parques temáticos e “shopping centers” da segunda metade do século XX. A revolução industrial aprofunda o fosso entre os integrados e os excluídos. Se os privilegiados na nova distribuição de riquezas beneficiam-se dos avanços dessa cultura material e dela fazem objeto de consumo e ostentação, às classes populares, notadamente operárias, resta o pagamento dessa conta. Se, no mundo pré-industrial, feito de trabalho rural, as jornadas de trabalho anuais oscilavam de 700 a 1.000 horas, a busca do trabalho das cidades revela-se uma armadilha: salários vis e jornadas de trabalho de 3.500 a 4.000 horas anuais. Ainda no século XIX, os grandes movimentos sociais e políticos caminham em dois sentidos opostos – de um lado, o da negação e da tentativa de eliminação dessa cultura doravante denominada de “burguesa”; de outro, o da

tentativa de democratização dessas práticas. É sob essa ótica que devem ser analisados todos os movimentos que se ocuparam dos excluídos: o da luta pela redução da jornada de trabalho, que uniu vozes expressivas no campo da política (Marx e Engels, à frente, sem esquecer Lafargue e seu manifesto *O direito à preguiça* (publicado pela primeira vez em 1883), da educação popular, de alguns segmentos religiosos (a encíclica “*Rerum Novarum*” de Leão XIII também deve ser analisada sob essa perspectiva). Alguns movimentos produzidos no seio das próprias elites constituem um quarto segmento do moderno campo do lazer, o voltado à ação social – o surgimento da YMCA (Associação Cristã de Moços, no Brasil), em 1844, na Inglaterra, ocupando-se da triste situação dos jovens operários ingleses submetidos a pesadas jornadas de trabalho, propondo-lhes alternativas de recreação e bem-estar; dos Vanderwögel (pássaros migradores) alemães, no final do século XIX, jovens burgueses que, em revolta ao modelo de família e de escola vigentes e, sobretudo, ao modelo de trabalho industrial, aproveitando a inovação da bicicleta, percorriam as estradas do país sem destino. Tais iniciativas, na primeira metade do século XX, deram origem aos centros sociais, colônias de férias e albergues da juventude, e, atualmente, encontraram uma nova formatação política e jurídica, a das ONGs.

O lazer moderno Também no final do século XIX, a introdução do ensino leigo na França produz uma inesperada competição com o ensino religioso. Essa competição converte-se num laboratório de práticas extra-escolares – ginástica, excursões e práticas esportivas. Nasce o estudo do meio e boa parte das práticas lúdicas hoje associadas ao ensino. Essas atividades extra-escolares convertem-se, na primeira metade do século XX, em educação popular e, na segunda metade, resultam no hoje forte movimento profissional da animação sócio-cultural. Esta perspectiva educacional impôs-se, também, em outras fontes de produção do lazer moderno: o movimento higienista que, predominantemente no século XIX, inspirou a criação dos parques e jardins urbanos, como contraponto ao cinzento das cidades e ao ar poluído decorrente da promiscuidade urbana e de suas múltiplas atividades domésticas e industriais, espaços que, com o tempo, incorporam outras duas funções, além da higiênica: a estética e a recreativa. A mesma evolução no uso do espaço surge nas áreas criadas – os parques nacionais, por exemplo – em contraponto à devastação que se segue às fortes correntes migratórias campo-cidade, notadamente na América do Norte e do Sul, prática rapidamente adotada nos demais países desenvolvidos, emergentes e excluídos. A análise dos pensadores marxistas já é bem conhecida no sentido que privilegia o consumo e a ostentação que as elites fizeram e fazem uso dessas práticas e objetos, servindo à distinção (P.Boudieu, 1983; 1994, 82). Tal interpretação é, sem dúvida, reducionista, mesmo se os fatos por ela privilegiados são empiricamente observáveis. Sobretudo estas análises descaram o fato maior de uma revolução técnico-científica ao inverter a relação entre tempo de trabalho e produção (a produção aumenta mesmo com menor carga de tempo de trabalho humano) e de uma revolução ético-estética, constituída de novas aspirações que surgem – e rapidamente se disseminam por toda a população – de uma nova relação dos indivíduos: consigo mesmos (o cuidar de si, o uso expressivo do corpo, até então escondido), com os outros (a busca

de relações menos superficiais, menos baseadas em papéis, e mais autênticas, que do tempo livre expande-se para os campos do trabalho, da religião, da política) e com a natureza (a civilização se reconcilia com o uso lúdico da água, tão valorizado na Idade Média e tão esquecido na Idade Moderna, bem como com os espaços verdes naturais). No campo do trabalho, essas aspirações foram percebidas pelos “engenheiros” do trabalho que desdobraram-se em tentar ajustar essas novas expectativas aos ambientes de trabalho, com a sua redução quantitativa e a sua melhoria qualitativa.

Lazer e a cidade brasileira Mais do que práticas e objetos, o que se dissemina no conjunto da população é um novo paradigma de existência, no qual cabem o viver a vida, o exprimir-se. Lazer deixa de ser supérfluo para se tornar ingrediente essencial à qualidade de vida, perspectiva que hoje se impõe. Mesmo que a problemática do lazer ainda continue menor no conjunto dos estudos sociais acadêmicos, já se percebeu que, parafraseando Bachelard em sua crítica à psicanálise, “o estrume não explica a rosa”. Um fenômeno tão explosivo como a busca da “sombra de Dioniso” num mundo que ainda vive à sombra de Prometeu, não pode ter sua explicação reduzida aos fatos econômicos que lhe são subjacentes. E, nas cidades brasileiras, como esse fenômeno se realizou? Quais explicações o pensamento social brasileiro avança? Começemos pelo pensamento econômico, ainda que seja para demonstrar que, para as teorias aí esboçadas, os problemas dos tempos e espaços sociais sempre foram marginais e analisados exclusivamente sob um ângulo da produção e do consumo. A explicação mais corrente, fortemente impregnada pelos estudos econômicos inspirados pela Comissão Econômica para a América Latina-CEPAL, nos anos de 1950 e 1960, é a da modernização das sociedades periféricas segundo a lógica econômica do interesse dos países centrais e hegemônicos. A teoria da dependência (Fernando Henrique Cardoso) que se seguiu, sofisticou essa análise no plano da dinâmica econômica, mas não deixou de continuar a colocar na obscuridade as transformações culturais que se realizavam à margem. Essa análise predominou nos tempos da ditadura que ocupou a segunda metade dos anos 1960 e toda a década de 1970. De lá para cá, exceto pelo esforço de alguns economistas da Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, interessados na redução da jornada de trabalho no Brasil, pode-se dizer que as ciências econômicas passam ao largo do problema do lazer. No campo da sociologia brasileira, pressupõe-se que o lazer sempre esteve submetido a um processo (no sentido jurídico do termo) e, nesse sentido, teve sua importância até superestimada nas análises. Nessas, o lazer é “um obstáculo a ser superado na luta contra as desigualdades sociais seja porque ele é o resultado de uma indústria cultural produzida pela lógica do capitalismo, seja porque ele é o signo de uma ideologia de modernização da sociedade, seja porque ele se estrutura dentro de um imaginário que aliena os indivíduos dos problemas cotidianos, principalmente do trabalho” (Camargo, 1982). A indústria de massa constitui um elemento de falsa consciência, diminuindo nos trabalhadores a percepção da opressão capitalista (Frederico, 1978). Já para Leôncio M. Rodrigues, “os efeitos da massificação se fazem sentir não na capacidade de reivindicação, mas no enfraquecimento dos comportamentos classistas e das ideologias trabalhistas” (1974, 125). Analisando as leituras realizadas por operárias, Ecléa Bosi nota que a indústria cultural se dirige a elas “não como um público especial, mas como um público consumidor anônimo, debilitando sua consciência, o sentido e o significado de classe” (1977, 157). Lazer, indústria cultural, modo de produção capitalista, alienação são conceitos também na análise que Miccelli (1979) faz dos programas populares da televisão brasileira, no início da década de 1980, e que constitui ainda a matriz predominante da análise sociológica no Brasil. Este foi, em resumo, o balanço efetuado em 1982 que ainda mantém sua atualidade. Nada de mais normal, assim, que o problema do lazer nem seja ainda relevante na produção sociológica brasileira. Lamente-se, apenas, que essa ênfase na dinâmica socioeconômica lançou na obscuridade outras análises mais pertinentes, como as de Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre e mesmo, relativamente fora dos meios acadêmicos, os irmãos Oswald e Mário de Andrade.

Sérgio Buarque de Holanda (1989) entende que a única revolução verdadeiramente ocorrida no Brasil foi a urbanização, que se inicia após a abolição da escravatura, em 1.888 e ainda era uma promessa à época da divulgação de sua tese (1936) e, de certa forma, ainda deixa à margem inúmeros setores sociais do país, mormente os que vivem nos chamados “grotões”. A urbanização, segundo ele, tende a transformar o espírito cordial (movido pelo

coração, pelos sentimentos) que rege as relações primárias dos meios rurais, substituindo-o pela etiqueta das cidades, onde predominam as relações sociais secundárias. Essa revolução altera o trabalho e as relações sociais nele inseridas, a família e, é claro, o lazer. A cidade é o advento do movimento civilizatório, com todas as implicações daí decorrentes. Gilberto Freyre (1971) entende que a transformação da sociedade brasileira não pode deixar de ser explicada por sua raiz ibérica. Segundo ele, os povos anglo-saxões foram avançados na concepção do tempo e retrógrados na concepção do espaço, o contrário do que sucede entre os povos ibéricos. Os sinos das igrejas anglo-saxões soavam a cada quinze minutos enquanto os nossos apenas às 6 da manhã e da tarde. Por outro lado, os anglo-saxões não mostravam, para com as belezas das regiões por ele colonizadas, a mesma sensibilidade e integração dos ibéricos. Esquemáticamente falando, os anglo-saxões sempre se mostraram mais avançados em relação ao trabalho, enquanto os ibéricos sempre se mostraram mais avançados em tudo o que diz respeito ao gozo da vida. Oswald e Mário de Andrade foram sobretudo literatos e militantes da área artística, mas profundamente inquietos com o que imaginavam uma diversidade cultural ameaçada. Mário de Andrade era profundo conhecedor das raízes culturais brasileiras e chegou a ser o chefe do Departamento de Cultura e Recreação do Município de São Paulo. Oswald de Andrade foi talvez mais enfático, ao propor em seu Manifesto Antropófago “a insistência radical no caráter indígena de nossas raízes (tupi or not tupy that is the question)”, bem como “o humor como forma crítica e traço distintivo do caráter brasileiro (a alegria é a prova dos nove)”. Para ele, também era necessária a criação de uma utopia brasileira, centrada numa sociedade matriarcal, anárquica e sem repressões: “Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud, a realidade sem complexos, sem loucura, sem substituições e sem penitenciárias do matriarcal de Pindorama”. Propunha a postura antropofágica como alternativa entre o nacionalismo conservador, anti-europeu e a pura cópia dos valores ocidentais: “Nunca fomos catequizados.(...) Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará”.

Tais inspirações não se afirmaram como hegemônicas no pensamento sociológico e antropológico brasileiros, mas certamente foram e ainda são a inspiração de numerosos estudos de relevo, cabendo destacar, em primeiro lugar, Roberto da Mata. O antropólogo procura investigar mais do que a modernização o fenômeno de resistência à modernização e a persistência das dimensões da chamada malandragem numa espécie de idealtipo nacional, à maneira weberiana. Estão, também, no cerne de um sem número de observações vindas de observadores externos mais receptivos ao fenômeno do lazer, ainda que declaradamente simpatizantes da sociabilidade transbordante do país. Essa percepção baseia-se no fato de que a industrialização inacabada do país teve, como contrapartida saudável, a preservação de nossa ludicidade tradicional que hoje é um patrimônio importante. Tudo se passa como se a cultura tradicional, tendo resistido à cultura moderna e industrial, possa vir a lastrear uma cultura pós-industrial e pós-moderna. O sociólogo italiano Domenico de Masi dizia, ainda que com caráter anedótico, que “no Brasil, dá-se mais gargalhada em um dia do que, na Itália, em uma semana e do que, na Suécia, em um mês”. O filósofo espanhol Julián Marias já afirmou que “há mais alegria no mercado de Olinda do que em toda a Suíça”. De qualquer forma, dentre os pensadores da sociedade brasileira, estes são os que melhor posicionaram seu foco de observação de forma a captar a dimensão do lazer na sua totalidade.

Lazer na cidade de São Paulo É importante observar que, na aurora do século XIX, quando a indústria já se afirmava em alguns países da Europa, São Paulo era um pequeno povoado, de cultura ainda predominantemente tupi-guarani (a língua mais falada) e bastante conservador. As práticas recreativas mais comuns da população eram o banho nos numerosos córregos da cidade, a caça e a pesca, as cavalhadas e touradas aos domingos e dias santos, as rinhas de galo, corridas de cavalo, os jogos de malha bastante espalhados pelas áreas desocupadas da cidade, interesses basicamente masculinos, nos quais se incluíam ainda as brigas de rua de adolescentes e jovens (flagelo das autoridades policiais). Para as famílias, como de resto em todo o mundo pré-industrial, os únicos eventos acessíveis eram, nas famílias mais ricas, os eventos domésticos, notadamente as festas de batizado, crisma, casamento, os saraus, e, para as classes populares, as festas e quermesses religiosas, importantes num país com 120 dias santos e feriados por

ano, além dos domingos. Não havia, pois, o lazer moderno e sim um conjunto de práticas lúdicas associadas ora ao trabalho, ora ao culto, ora à vida familiar e, quase sempre, associadas a todas essas instâncias. A Faculdade de Direito do Largo São Francisco, criada em 1827, era sem dúvida um núcleo inovador da cultura local, mas ao que tudo indica, além da vida boêmia, pouca contribuição trouxeram os estudantes para a vida recreativa da cidade (Bartalini, 1999, 17). Da mesma forma, a chegada da Marquesa de Santos à cidade, por volta de 1830, deve ter aumentado a cota de saraus e festas, mas sem interferir num padrão cultural bastante conservador. O Horto da Luz, já aberto ao público desde 1825, não registra essas práticas já bastante desenvolvidas em centros cosmopolitas, como o passeio, a “promenade” (Bartalini, 1999, 32). A São Paulo da segunda metade do século já é outra cidade. Beneficiada localmente pelo êxito da lavoura cafeeira do Estado e pelo fato mais significativo, em sua repercussão nacional, da integração à economia formal dos capitais até então destinados ao tráfico de escravos, extinto em 1850, a cidade ganha ares cosmopolitas, com hotéis, bares e restaurantes. Registre-se que a frequência a bares, aos poucos deixa para trás o antigo preconceito associado à malandragem. Estes passam paulatinamente à condição de pontos de encontro, de espaços do “ver e ser visto”. As primeiras linhas férreas acentuam as viagens familiares e turísticas, panorama que se acentua nos anos 1890, com a chegada maciça de imigrantes europeus. A cidade aos poucos perde seu caráter provinciano. Já é mais importante e mais bem abastecida do que as grandes fazendas. Os banhos nos rios continuam sendo a prática recreativa preferida, mas uma curiosa postura municipal de 1864, como que a atentar para o novo porte da cidade, já proíbe os banhos despidos durante o dia. A renovação se mostra, também, a partir de 1870, com o desaparecimento das rótulas das janelas e balcões, que serviam para manter as mulheres afastadas dos olhares públicos, já desaparecidos das cidades litorâneas desde a chegada da família real portuguesa em 1808, e que eram os últimos resquícios da antiga cidade provinciana.

As mulheres, contudo, passaram a povoar a paisagem recreativa da cidade apenas quando, na segunda metade do século, um equipamento mais bem aparelhado no Parque do Luz e, depois, a abertura do Parque Antártica e de outras áreas verdes que começaram a surgir, permitiram os piqueniques e a prática familiar da peteca que, por sua elegância, era também admitida para o sexo feminino. As últimas décadas do século são tumultuadas: menos pela agitação política, como seria de se supor com os incidentes que marcaram a queda do Império, e mais com a avalanche de migrantes do país e do exterior. São Paulo que, em 1836, tinha 12 mil habitantes, passa para 23 mil em 1874, 44 mil em 1886 e chega em 1900, com espantosos 240 mil habitantes. Nesse período, pois, já existia uma cultura material do lazer, mas ainda não existia o tempo livre moderno produzido e pago pelo trabalho, o que acabaria por acontecer apenas no século XX.

Século XX No início desse período, São Paulo já era o grande centro cultural-econômico do Brasil. A eletricidade havia mudado a fisionomia da cidade com seus bondes circulando nas ruas centrais, os locais de entretenimento público multiplicavam-se ao mesmo tempo em que surgiam as primeiras fábricas. Com os imigrantes do exterior, chegam novas práticas recreativas, notadamente as modalidades esportivas. É para São Paulo que Charles Miller traz a nova prática esportiva que aqui teria seu terreno mais fértil, o futebol. Nessa passagem, ainda, uma nova prática começa a se disseminar: os clubes recreativos. Segmentados por classe social e, às vezes, também por etnia, surgem os clubes burgueses, notadamente às margens dos rios Tietê e Pinheiros. Nos bairros industriais, os clubes de trabalhadores, voltados às práticas lítero-musicais, notadamente de operários imigrantes europeus que, no seu interior, escondiam as primeiras associações reivindicativas de trabalhadores proibidas até a legalização dos sindicatos na década de 1930. O futebol começa a impor-se como prática recreativa predominante entre adolescentes e jovens do sexo masculino e as salas de cinema começam a se difundir como o grande entretenimento familiar. As pequenas salas da época do cinema mudo tornam-se maiores com o advento do cinema falado e gigantescas com o advento do cinema emcope, na década de 1950. O rádio, após a década de 1920, impõe-se como o entretenimento doméstico por excelência, posição que manteria até a difusão da televisão, acontecida após os anos 1960. Em 1920, a população dobra novamente, chegando a 580 mil habitantes e intensas transformações operam-se na paisagem urbana, com novas ruas e avenidas.

Década de 1930 Em 1935, o prefeito Fábio Prado cria o Departamento de Cultura e Recreação da cidade de São Paulo, para cuja direção convida o eminente escritor e poeta Mário de Andrade. Em sua curta gestão de menos de três anos, este Departamento, que ainda contava com consultores do calibre de Paulo Duarte, Sérgio Milliet e para o qual Mário de Andrade convidou para ter como colaborador Nicanor Miranda, efetuou pesquisas, levantamentos demográficos, construção de parques infantis, criação do coral paulistano, pesquisas folclóricas, setor de iconografia, publicações variadas etc. Sua proposta de criação de parques infantis enxergava aí uma possibilidade de preservação das brincadeiras tradicionais infantis (e também adultas) como um eixo imprescindível à identidade cultural. Durante esse período, São Paulo é o centro da questão operária no país. Aqui estão as grandes indústrias, aqui se concentram os imigrantes mais esclarecidos, aqui a luta se desenrola. Os salários eram vis, mas, para os operários, a se julgar pelas pautas de reivindicações, o maior problema estava nas extensas jornadas de trabalho de, às vezes, mais de 15 horas por dia, de domingo a domingo (Camargo, 1982). Nesta década de 1930, Getúlio Vargas cria a legislação do trabalho e, como num passe de mágica, o país é dotado de todos os benefícios trabalhistas que, nas três décadas anteriores, tinham custado tanta luta e aos quais os operários da maior parte dos países desenvolvidos ainda não tinham acesso: jornada de 8 horas diárias de trabalho, fim de semana remunerado, férias remuneradas e aposentadoria remunerada. Na segunda metade do século, São Paulo já é a cidade de 2 milhões de habitantes – a segunda do país – o Rio de Janeiro já seria suplantado na década de 1960 como a maior cidade.

Década de 1950 A década foi duplamente marcada com o apogeu de uma modalidade de lazer doméstico – a radionovela, que conseguia prender uma família inteira diante do aparelho de rádio em casa (apenas a Rádio São Paulo chegou a ter vinte novelas sendo levadas simultaneamente ao ar, com a necessidade de um enorme elenco) e com a inauguração da primeira emissora de tevê, que iria incorporar e amplificar o sucesso das novelas. Essa década foi, também, ainda marcada pela mais importante intervenção urbana recreativa, a criação do Parque Ibirapuera. Ainda não foi feita nenhuma análise de fundo sobre a importância do Parque Ibirapuera para a cidade e, a nosso ver, esta análise deveria ser feita com vários enfoques. A análise poderia mostrar, em primeiro lugar, que a criação do parque foi uma iniciativa ao mesmo tempo tardia e insuficiente. Na época, São Paulo, por padrões urbanísticos vigentes, já deveria contar com, ao menos, três outras áreas assemelhadas (um parque urbano para cada grupo de 500 mil habitantes) e até 1970, com mais dez áreas assemelhadas. Por outro lado, a São Paulo de 1950 ainda não era o monstro de cimento para o qual todo parque é um oásis. A sociologia do lazer já desvelou essa dinâmica da interação dos indivíduos com as áreas verdes. Há uma relação entre a sensação de artificialidade e monotonia do espaço físico e a busca de espaços naturais, ainda que domesticados, como os parques e jardins. Dessa forma, até o início de 1970, a frequência ao parque ainda era reduzida, o que de alguma forma justificou as diferentes investidas para a ocupação utilitária do seu espaço. Temos, assim, um resultado paradoxal: a iniciativa de criação do parque foi tardia, mesmo que a população ainda não sentisse os efeitos nefastos do crescimento urbano que a moviam em direção aos espaços verdes e livres. Essa mesma análise poderia demonstrar, também, que a São Paulo da época perdeu sua grande oportunidade de dotar-se de áreas verdes na proximidade das residências e dos bairros, itens dentro dos espaços livres de lazer nos quais a cidade hoje se mostra mais deficitária. O custo do espaço urbano ainda não era tão elevado nem os cofres públicos estavam tão minguados, de forma que uma visão estratégica mais inovadora poderia e deveria ter valorizado a manutenção dos espaços livres e mesmo a desapropriação de outros no seio dos bairros que cresciam. O que se assistiu, nas décadas seguintes, foi o contrário: a mutilação de “inúteis” praças e áreas verdes em favor da cada vez mais “útil” circulação viária do novo personagem que irá alterar a paisagem física e cultural da cidade: o automóvel.

Década de 1960 Neste estágio, São Paulo já é uma cidade que tem suas artérias viárias congestionadas e já conhece o fenômeno das mega-migrações de fins de semana quando os veículos entopem suas vias de acesso ao litoral e ao interior, por mais que estas sejam sempre ampliadas e modernizadas. Nessa mesma época, grandes associações culturais voltadas aos trabalhadores começam a ganhar visibilidade, notadamente SESC, SESI e ACM. Os sindicatos também estão presentes, mas sua ação recreativa acontece sobretudo sob a

forma de colônias de férias que já se espalham pelo litoral e pela região serrana. No início da década de 1970, os leitos de colônias de férias, apenas no Estado de São Paulo, já superam a capacidade hoteleira de uma cidade do porte de Salvador. O período também mostra o peso da televisão e da telenovela como novos hábitos de entretenimento doméstico, com mudanças de hábitos daí decorrentes. Como que para equilibrar o novo peso do lazer doméstico, começam a surgir os grandes equipamentos de lazer extra-doméstico da atualidade, os shopping centers, e os grandes eventos que passariam a pontuar os ciclos anuais da cidade: a corrida de Fórmula 1, a Mostra Internacional de Cinema que, ao lado das Bienais de Arte, de Livros, pouco a pouco colocam a cidade no concerto das metrópoles mundiais e globalizadas.

Década de 1970 Trata-se da época do “São Paulo deve parar”. De todos os lados, partiam advertências sobre os perigos do crescimento abusivo da cidade. No final dos anos de 1960, um *Seminário sobre o lazer: perspectivas para uma cidade que trabalha* tinha sido quase objeto de escândalo, pelo que se qualificou de impropriedade de um tema para uma população miserável. O que se viu, contudo, foi que a problemática do lazer decorre antes das condições urbanas que da industrialização. Uma cidade, já com quase 5 milhões de habitantes, tem diferentes dimensões perversas para a qualidade de vida. A mais gritante delas é sem dúvida a do espaço. A conturbação das cidades da Grande São Paulo já se fazia evidente e a preocupação passa a ser não mais em relação à cidade, mas em relação à metrópole e à região metropolitana. Surge o primeiro estudo, Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de São Paulo-PDDI, com importantes avanços conceituais (sobretudo em relação ao que nos interessa aqui, as áreas verdes e livres), mas que teve tão pouco eco como o segundo plano realizado em seqüência ao PDDI, já em 1995.

Décadas de 1980 e 1990 Este período foi marcado pelos seguintes fatos relevantes para o lazer da população as cidade de São Paulo:

- a nova Constituição, em 1988, declara o lazer direito básico da população e, com isso, os diferentes planos de governo municipal, estadual e federal, passam a abordar especificamente o tema, seus problemas e suas soluções;
- surgem dois novos itens do lazer doméstico, os vídeo-games e a internet;
- no lazer extra-doméstico vicinal, de bairro, verifica-se a proliferação de academias de ginástica, de vídeo-locadoras e das “lan-houses”;
- e, no lazer urbano, observa-se a disseminação dos shopping centers nas diferentes regiões da cidade e a febre dos parques temáticos.

Destes novos fatos é que emergem as principais preocupações em relação ao lazer da população. De um lado, deve-se dizer que são equivocadas as preocupações com o excesso de lazer doméstico da população. As práticas domésticas não são necessariamente desintegradoras do vínculo social, nem necessariamente de menor qualidade do que a que se processa no plano extra-doméstico. Mas não deixa de ser preocupante observar que, por força do apelo de novos recursos midiáticos, somados à insegurança da população, às dificuldades de circulação, o lazer doméstico ganha um passo importante em relação ao lazer extra-doméstico, que viu uma prática centenária caminhar celeremente para a extinção e uma nova iniciativa também caminhar celeremente para o fracasso. Entre os fatos negativos, no final do século XX, devem, assim, ser registrados a decadência dos clubes recreativos e as desastrosas iniciativas de parques temáticos. O conceito de clube recreativo já tinha envelhecido na década de 1970, quando a família deixa de ser a referência cultural maior dos indivíduos e a família explode em grupos de iguais para os quais a mesma família passa a constituir, antes, um embaraço e um estorvo. Os condomínios verticais e horizontais ganham instalações recreativas semelhantes às dos clubes e, ainda que tão pouco utilizadas como as destes, contribuem para apressar o seu fim. Outros fatos, tais como, no lazer doméstico, o advento dos videogames e da Internet; no lazer vicinal, de bairro, a proliferação de academias de ginástica, de videolocadoras e das “lan-houses”; e, no lazer urbano, o desenvolvimento dos shopping centers foram, ao que tudo indica, a derradeira pá de cal nessa prática centenária de lazer. O lazer extra-doméstico conheceu, ainda, a euforia e a desilusão dos parques temáticos, iniciativas temerárias e desastrosas de cópia de

empreendimentos americanos sem o necessário respaldo de um estudo de mercado que levasse em conta a cultura recreativa local. O enorme parque aquático *The Waves* é o ícone dessa aventura. Numa cidade – e país – que valoriza a prática aquática apenas dentro do contraponto sol-água e onde o banho “indoor” das piscinas aquecidas cumpre apenas função estética, de manutenção da forma, ou de saúde, mas não recreativa, tentou e fracassou, nos seus menos de 10 anos de existência, na disseminação dessa prática, tendo-se transformado na primeira sucata imobiliária do país, realidade que alguns países europeus, notadamente França e Espanha, conheceram nessa mesma ocasião e pelos mesmos motivos. O fato de, quase ao mesmo tempo, o governo francês ter fechado um parque temático de 1 bilhão de dólares, a Eurodisney parisiense ter estado em situação quase falimentar deve ser visto nesta mesma perspectiva. Do ponto de vista institucional, o poder público perde a hegemonia para as entidades privadas lucrativas do comércio e não lucrativas do terceiro setor. Os shopping centers e a moderna indústria de eventos (congressos, feiras, exposições, competições esportivas) para a qual a parece especialmente vocacionada, de um lado, e, de outro, o SESC com seus bem aparelhados centros culturais e esportivos assumiram a dianteira e constituem indubitavelmente as referências maiores dos chamados entretenimento urbano e lazer sócio-educativo, respectivamente.

Século XXI A cidade entrou no século XXI como a mega-cidade de 11 milhões de habitantes no interior de uma mancha conturbada, a Região Metropolitana, de 17 milhões de habitantes. Seus desafios e oportunidades parecem ser os seguintes:

- a ocupação recreativa e sustentada do seu potencial hídrico de rios (Tietê, Pinheiros e Tamanduateí) e represas (Guarapiranga, Billings e Cantareira), hoje impróprios à balneabilidade e mesmo à freqüentação de suas margens;
- a ocupação recreativa e também sustentada do seu potencial de parques verdes, sobretudo da Serra do Mar;
- a recuperação de imensas áreas centrais hoje inóspitas, como o centro histórico e os armazéns abandonados pela desativação do transporte ferroviário e pela desindustrialização dos anos de 1990;
- a definição de uma política de articulação dos eventos grandes médios e pequenos, que permita uma maior organicidade à ação dos agentes da iniciativa cultural e divulgue essas iniciativas.

À vista das interpretações e sugestões dos antecedentes ora em exposição, cabe por em realce fatos de memória pontuais que ilustram, de modo resumido, as diferentes fases da vida recreativa da cidade de São Paulo nos dois últimos séculos.

1823 Surge o primeiro jornal em São Paulo, “O Paulista”, ainda manuscrito.

1825 Criado em 1798, por decreto de D. João VI, para ser um Horto Botânico de estudo de espécies vegetais de outros países, é aberto ao público, no centro da cidade, o Jardim da Luz, ocupando uma área de 113.400 m². É o jardim público mais antigo da cidade.

1827 Surge o primeiro jornal impresso de São Paulo, “O Farol Paulistano”.

1842 O serviço de iluminação com lâmpões a gás começa a funcionar em São Paulo.

1853 Começa a circular o primeiro jornal diário da cidade, “O Constitucional”.

1854 Por volta desse ano surgem os primeiros hotéis: Hotel Paulistano (na rua São Bento); Hotel do Comércio (rua Floriano Peixoto); Hotel da Providência (rua do Comércio) e o Hotel Universal (no Pátio do Colégio).

1854 É inaugurada, em São Paulo, a primeira editora do país, a Francisco Alves.

1855 Criação da Cia da Estrada de Ferro Dom Pedro II cujo objetivo era fazer a ligação férrea São Paulo-Rio de Janeiro, com ramal para Minas Gerais.

1857 Começa a surgir, na cidade, um carnaval com feição mais moderna, em substituição ao entrudo primitivo. Surgem os bailes de máscaras e os carros carnavalescos.

1859 Registro do primeiro meio de hospedagem com a denominação de hotel – Hotel de França, referência não somente para os turistas como para os residentes, enquanto espaço de encontro e de alimentação.

1860 Já existem na cidade quatro confeitarias: a de Jacó Loskiell e a de Pereira Jr., na rua do Comércio; a de Gaspar Leonard, na rua Direita e a de Rodovalho & Irmãos, na antiga rua do Imperador. Neste ano, é criado o primeiro bloco carnavalesco, “Os Zuavos”.

1867 Inauguração da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí (São Paulo Railway).

1868 Fundação da Cia Paulista de Estradas de Ferro.

1872 É inaugurada a iluminação a gás na cidade.

1872 O Parque da Luz, que, em 1860, tinha perdido uma vasta área para a construção da Estação da Luz, é objeto de várias intervenções (criação de fontes, lagos e novas mudas de plantas) transformando-se em parque público.

1872 Inauguração da Cia Mogiana de Estradas de Ferro.

1875 Inauguração da Estrada de Ferro Sorocabana.

1876 Última cavalcada na atual Praça Princesa Isabel e inauguração do Hipódromo da Mooca (Rafael Aguiar Paes de Barros).

1877 É inaugurada a Estrada de Ferro São Paulo-Rio de Janeiro (Central do Brasil).

1878 O grande marco da hotelaria paulistana: a inauguração do Grande Hotel (no Largo do Rosário), em prédio especialmente construído com essa finalidade, acompanhando na arquitetura e no serviço, o modelo da hotelaria francesa criado por Cesar Ritz.

1888 Criação do São Paulo Athletic Club.

1891 Inauguração da iluminação elétrica na cidade.

1892 Inauguração do Parque Villon, atual Parque Tenente Siqueira Campos, projetado pelo francês Paul Villon.

1893 O padre e cientista brasileiro Roberto Landell de Moura realizou a primeira transmissão falada, sem fios, por ondas eletromagnéticas. Sua experiência mais importante – praticamente desconhecida do mundo – foi em São Paulo, quando transmitiu por telegrafia sem fio do alto da avenida Paulista para o alto de Sant’Ana. Todos os equipamentos usados forma inventados pelo próprio Landell de Moura, com patentes registradas no Brasil em 9 de março de 1901.

1895 Inauguração do Museu Paulista (Museu do Ipiranga).

1896 Primeira exibição cinematográfica em São Paulo, para o presidente Campos Sales.

1896 Alberto Loefgren cria em São Paulo o Horto Florestal, em área de 196 ha.

1896 É realizada a primeira partida de futebol em São Paulo, disputada entre os membros do São Paulo Athletic Club e os empregados da São Paulo Railway Company (há controvérsias sobre essa data, já que o jogo poderia ter sido em 1895)

1899 Um grupo de 7 jovens italianos cria o primeiro clube de remo de São Paulo, o atual Clube Espéria.

1901 É criada a Liga Paulista de futebol, que reunia os seguintes clubes: São Paulo Athletic, Paulistano, Germânia (atual Pinheiros), Mackenzie e SC Internacional.

1902 Primeira edição do Campeonato Paulista de Futebol, vencido pelo São Paulo Athletic Club. A Associação Crista de Moços-ACM instala-se em São Paulo. Inaugura-se o Parque Antártica, aberto ao público, destinando ao lazer um espaço superior a 300.000m², abrigando, além da vasta área verde, circos temporários, parques infantis, pistas de atletismo, quadras de tênis, tornando-se o recanto favorito da população em finais de semana para passeios e piqueniques. Neste cenário, formou-se um dos primeiros campos de futebol da cidade.

1905 É inaugurada a Pinacoteca do Estado, no bairro da Luz.

1907 É inaugurado o primeiro cinema de São Paulo, o Bijou-Theatre, na rua São João. Até então, os filmes eram exibidos de forma itinerante, principalmente em teatros.

1908 Em julho deste ano, o Parque da Antartica também foi palco da “largada” e “chegada” da primeira corrida automobilística ocorrida no Brasil e na América do Sul, fato que elevou a cidade ao nível das grandes capitais européias.

1911 Inauguração do Teatro Municipal de São Paulo

1913 É criada, em São Paulo, a “Eclética”, a primeira criadora de anúncios, embrião das agências de publicidade atuais.

1913 Inauguração da Mappin Stores na rua 15 de Novembro, pelos irmãos Walter John e Herbert Joseph Mappin, para atender à aristocracia cafeeira. Em 1919, a loja se mudou para a praça do Patriarca e, em 1939, foi para a praça Ramos de Azevedo.

1917 É inaugurado o Teatro São Pedro, no bairro da Barra Funda.

1920 Inauguração do primeiro terminal aéreo – Campo de Marte.

1922 Transcorre, no Teatro Municipal, a Semana de Arte Moderna, movimento cultural transformador. Dela participam artistas como Mário de Andrade; Oswald de Andrade; Tarsila do Amaral, Heitor Vila Lobos, Graça Aranha, entre outros, e choca a sociedade paulistana.

1922 Inauguração da Via Anhanguera, ligando São Paulo a Ribeirão Preto.

1924 Inauguração da primeira rádio de São Paulo, a Educadora Paulista. Realização da Primeira Corrida de São Silvestre.

1925 Inauguração da Biblioteca Municipal de São Paulo.

1928 O Presidente Washington Luiz inaugura a rodovia Rio-São Paulo. O dirigível Zeppelin sobrevoa a cidade de São Paulo.

1933 É disputado o primeiro campeonato paulista profissional. O vencedor foi o Palestra Itália (atual Palmeiras).

1933 Instala-se, em São Paulo, a primeira agência de publicidade – a J.Walter Thompson.

1935 Criação do Departamento de Cultura e Recreação da Prefeitura Municipal de São Paulo, sob a direção de Mário de Andrade.

1937 Conclusão das obras e inauguração do Aeroporto de Congonhas.

1938 É inaugurado o Parque da Aclimação, inspirado no “Jardim da Aclimação” de Paris e implantado por iniciativa privada de Carlos José Botelho. Antes, o local servia para a “aclimação” temporária, do gado trazido da Holanda. O parque foi tombado em 5 de outubro de 1986.

1939 É inaugurado o Autódromo de Interlagos.

1940 Inaugurado o Estádio do Pacaembu.

1940 Inauguração da primeira agência de turismo em São Paulo – a empresa estrangeira Miller Turismo.

1941 Transferência do Jockey Club de São Paulo para as suas atuais instalações de Cidade Jardim.

1942 A Biblioteca Municipal de São Paulo foi transferida para o prédio idealizado por Rubens Borba de Moraes e Jacques Pilon, inaugurado pelo Prefeito Prestes Maia, à Rua da Consolação 94, do qual constavam duas torres de depósito de livros, para abrigar um milhão de volumes, das quais apenas uma foi construída. O edifício foi considerado um marco da arquitetura Art-Déco em São Paulo. Recebeu o nome do escritor Mário de Andrade em 15 de fevereiro de 1960.

1943 Inaugurada a primeira agência de turismo brasileira em São Paulo – a Agência Geral de Turismo Ltda que, após sucessivas alterações de razão social, hoje é a Agência Geral Tour Brasil Ltda.

1947 Inauguração da Via Anchieta, rodovia ligando São Paulo a Santos, cidade portuária do Estado de São Paulo. Inauguração do Museu de Arte de São Paulo-MASP.

1946 Criação do Departamento Regional do Serviço Social da Indústria e do Departamento Regional do Serviço Social do

Comércio-SESC de São Paulo. Ambas as instituições iniciam uma política de abertura de Centros Sociais.

1947 Primeira versão dos Jogos Operários do SESI, ainda hoje existentes.

1948 Inaugurado o Museu de Arte Moderna de São Paulo, presidido por Francisco Matarazzo Sobrinho, o Cicillo. O museu expõe seu acervo na sede provisória, na rua Caetano Pinto, onde ficava a Metalúrgica Matarazzo, com Picasso, Kandinsky, Dufy, Chagall, Morandi, Volpi, Di Cavalcanti, Anita Malfatti, em sua maioria, doados pelo próprio Cicillo.

1948 É criado o Teatro Brasileiro de Comédia – TBC.

1950 Inaugurada no Brasil a primeira emissora de tevê – a TV Tupi.

1951 Primeira Bienal de Artes Plásticas de São Paulo. Inauguração da Via Dutra, que moderniza a antiga rodovia Rio-São Paulo.

1954 Inauguração do Parque do Ibirapuera (Oscar Niemeyer e Burle Marx), com 100 ha. Inaugura-se o Hotel Othon. O empreendimento de 26 andares da família Bezerra de Mello hospedou celebridades e foi o hotel mais importante da cidade por décadas. Era o único a ter uma boate e uma sala de cinema.

1958 Inaugurado o Jardim Zoológico de São Paulo, no Parque da Água Funda. Pavimentação do trecho São Paulo-Sorocaba da rodovia Raposo Tavares.

1960 Inauguração do Estádio do Morumbi e do SESI-Catumbi, o primeiro Centro de Atividades-CAT da instituição em São Paulo..

1961 Inauguração da Estação Rodoviária de Campos Elíseos e da duplicação do trecho São Paulo-Campinas da Via Anhanguera, com pavimentação de todo o trecho compreendido até Igarapava, na divisa com Minas Gerais, tornando-se então a mais longa rodovia pavimentada do país. Inauguração do Centro da ACM, a rua Nestor Pestana, com modernas instalações esportivas “indoor”

1963 Francisco Matarazzo Sobrinho, conhecido como Cicillo, o fundador da Bienal e do MAC, além do MAM (Museu de Arte Moderna) e do TBC (Teatro Brasileiro de Comédia), tem atritos com a diretoria do MAM e resolve transferir todo o acervo do museu para a USP, que cria o Museu de Arte Contemporânea (MAC) para abrigá-lo. Seu primeiro diretor é Walter Zanini.

1965 Acontecem, em São Paulo, os primeiros festivais de música popular, patrocinados pelas TVs Excelsior e Record.

1966 É inaugurado o primeiro grande centro comercial de São Paulo, inspirado em similares americanos, o Shopping Center Iguatemi.

1968 Inauguração da atual sede do MASP na Av. Paulista, no centro da cidade. Inauguração do primeiro trecho (Capital-Torre de Pedra) da Rodovia Castelo Branco, um projeto avançado com o ambicioso objetivo de ligar São Paulo a Mato Grosso. Inauguração do SESC-Consolação, projeto do arquiteto Icaro de Castro Mello, o primeiro centro cultural e esportivo da cidade, reunindo espaços para atividades físicas e artísticas, em especial o Teatro SESC-Anchieta. O evento marca a adoção pelo SESC do lazer como diretriz principal de ação.

1969 O SESC de São Paulo e a Secretaria Municipal de Bem Estar Social realizam o *Seminário sobre o Lazer – Perspectivas para uma cidade que trabalha*. O evento foi duramente criticado por intelectuais paulistanos, que viam no evento um acinte à situação de pobreza do país.

1970 É inaugurado o Museu de Arte Sacra, no Mosteiro de Nossa Senhora da Luz, fundado em 1774, que até hoje abriga uma comunidade religiosa contemplativa e guarda os restos mortais de seu Santo Fundador, Frei Antônio de Sant’Ana Galvão. O museu é detentor de um tesouro de arte que ultrapassa o âmbito nacional e o situa em posição de destaque internacional no seu gênero.

1971 Inauguração do Play Center. Foi o primeiro parque temático do país, contando com mais de 30 atrações e funcionando dentro da moderna engenharia financeira do entretenimento, destinado a quem procura fortes emoções. Sua inauguração coincide com a desativação do Parque Shangai, inaugurado na década de 1950 e que ainda se inscrevia no ultrapassado conceito dos antigos parques de diversões do país, que, de forma itinerante, ainda continuam funcionando em diferentes cidades e regiões.

1973 Primeira prova do Campeonato de Fórmula 1 no Autódromo de Interlagos. O vencedor da prova foi o brasileiro Emerson Fittipaldi. O autódromo sedia o evento até hoje (de 1981 a 1990 a prova brasileira foi transferida para o Autódromo de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro).

1974 Inaugurada a primeira pista da Rodovia dos Imigrantes, ligando São Paulo ao litoral sul do Estado. A Fundação Maria Luíza e Oscar Americano é criada e aberta ao público, contando com a antiga residência do doador, bem como com a coleção de obras de arte e extenso parque. Inauguração do Centro de Atividades do SESI em Vila das Mercês.

1975 Renato Requiça assume a direção regional do SESC de São Paulo, instaurando uma política agressiva de investimentos em benefício do lazer do trabalhador. No mesmo ano, é inaugurado o SESC-Interlagos, na época o mais requintado de São Paulo, com projetos de arquitetura de Botti & Rubin, de paisagismo de Rosa Kliass e Maddalena Ré, de iluminação de Esther Stiller e de decoração de interiores do botânico Harry Blossfeld.

1976 Inauguração dos primeiros cem quilômetros da moderníssima Via Bandeirantes, com o ambicioso projeto de efetuar uma segunda ligação rodoviária da capital ao norte do Estado. Inaugurado o Shopping Ibirapuera, cuja divulgação centrou-se na oferta de 400 mil itens à venda. Inauguração do Parque do Carmo, com 154 ha.

1977 Inauguração da Rodovia Bandeirantes. Primeira Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, iniciativa do crítico de cinema Leon Cakoff, hoje já na 27ª edição.

1980 Inauguração do CAT do SESI em Vila Leopoldina.

1981 Inauguração do Shopping Eldorado. Inauguração do CAT do SESI em Cidade A.E. Carvalho.

1982 É criado o Centro Cultural São Paulo, sob inspiração de Mario Chamie, então Secretário de Cultura do Município. A sede do CCSP é um projeto dos arquitetos Eurico Prado Lopes e Luiz Benedito de Castro Telles. No mesmo ano, o SESC marcou sua presença na recuperação de reciclagem do patrimônio cultural para o lazer, com a inauguração do SESC-Pompéia, projeto da arquiteta Lina Bo Bardi sobre uma antiga fábrica. O impacto dessa obra fez-se presente não apenas na administração pública, incentivando projetos de restauro e reciclagem em outros municípios, como na indústria do entretenimento com, ao menos, dois empreendimentos que seguiram a mesma filosofia, o Radar Tantan, na Barra Funda e o Moinho Santo Antônio, na Mooca.

1982 Inaugurado o Shopping Morumbi. Inauguração da Rodovia dos Trabalhadores (hoje Ayrton Senna) ligando São Paulo ao leste do Estado. Inaugurado o Parque Ecológico do Tietê, com 1.400 ha, a maior parte no município de São Paulo, projeto do arquiteto Ruy Otake e administrado pelo DAEE do Governo do Estado.

1984 Inaugurado o Shopping Center Norte, mostrando a pujança da região norte da cidade na economia local.

1984 Danilo Santos de Miranda substitui Renato Requiça na direção regional do SESC e aprofunda a política de lazer da instituição, com forte promoção de eventos próprios e significativo apoio à vida cultural da capital e do Estado.

1985 A Rede Globo de Televisão estréia a novela Roque Santeiro, de Dias Gomes, censurada em 1975, a que conseguiu a maior audiência na história da telenovela brasileira.

1989 Inauguração do Memorial da América Latina, projeto do arquiteto Oscar Niemeyer, na Barra Funda.

1991 Inauguração do primeiro parque aquático “indoor” do país, o The Waves, na zona sul da cidade, com projeto do arquiteto Ruy Otake.

1992 Inauguração do SESC-Itaquera, com conceito semelhante mas ainda mais arrojado do que o do SESC-Interlagos.

1993 Inaugurado, dentro do Shopping Eldorado, o Parque da Mônica, o primeiro parque temático “indoor” da cidade, em área de 10.000 m2.

1994 Inauguração do Parque Vilalobos, com 80 ha, com apenas uma parte finalizada do projeto do arquiteto Décio Tozzi. Hoje, somente metade da área de 717 mil m2 encontra-se aberta ao público.

1995 Inauguração do Market Place Shopping Center, o primeiro com âncora ostensiva de lazer (o parque temático “indoor” Fantasy Place).

1997 É realizada a primeira Parada Gays, Lésbicas e Travestis, reunindo 400 mil pessoas na avenida Paulista, no centro da cidade.

1997 Com o fechamento, por erros conceituais de planejamento, o parque aquático The Waves torna-se a primeira sucata imobiliária do país. Transformado em supermercado, perde o seu grande diferencial arquitetônico, a cobertura composta por uma parte opaca, em telhas de aço, e outra parte transparente, em policarbonato, fazendo desenhos curvos, como se fossem nuvens no céu.

1997 Inauguração do Parque do Gugu, na zona sul da cidade.

1998 O teatro São Pedro, na Barra Funda é reaberto depois de passar por reformas. O São Pedro é o segundo teatro mais antigo da cidade. Perde apenas para o Teatro Municipal. Foi construído por um empresário português, Manuel Fernando Lopes. Inauguração do SESC-Vila Mariana, complexo centrado na programação musical e teatral.

1999 Inauguração do Complexo Cultural Júlio Prestes na antiga estação ferroviária de mesmo nome. O espaço abriga a Sala São Paulo, com 1.509 assentos e dotada dos mais refinados conceitos e equipamentos de apoio à escuta musical. O local torna-se, também, sede da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo que, sob a liderança do maestro John Neshling, passa a integrar o rol restrito das grandes sinfônicas mundiais.

1999 Inauguração do Parque Ecológico do Guarapiranga, do Governo do Estado, com 250 ha, projeto do arquiteto Carlos Maximiliano Fayet.

2000 Showmissa comandada pelo padre Marcelo Rossi atrai cerca de 1 milhão de pessoas, segundo cálculos da Polícia Militar, ao autódromo de Interlagos, em São Paulo. Em eventos religiosos, o público é menor apenas que o do papa João Paulo, segundo em missa realizada no Rio, em 1997.

2002 O Parque do Gugu encerra suas atividades, obrigando os parques temáticos a repensar seu conceito e estratégias.

2002 Inauguração da segunda pista da Rodovia dos Imigrantes.

2002 Diferentes clubes recreativos tradicionais da cidade declaram-se em situação pré-falimentar.

2003 Inauguração do “Mundo da Xuxa”, parque temático “indoor” em área de 12 mil m2 do Shopping SP-Market.

Fontes Marques Gomes, Cristina. Pesquisa Acadêmica em Lazer, dissertação de mestrado (orientação da Profª Mirian Rejowski), ECA-USP, 2004. Bartolini, Vladimir. Parques Públicos Municipais de São Paulo. Tese de doutorado defendida em 1999 na FAU-USP. Bourdieu, Pierre – Questões de sociologia. São Paulo, Marco Zero, 1983; Ibidem. Sociologia. São Paulo, Ática, 1994; Bosi, E. Cultura de Massa e cultura popular. Petrópolis, Vozes, 1977. Braudel, Fernand. Civilisation matérielle, économie et capitalisme. Paris, A.Colin, 1979. Camargo, Luiz Octavio de Lima. Gênese do loisir dans les pays em voie de développement – le cas du Brésil. Tese de doutorado defendida em 1982 na Univ.Sorbonne-Paris 5, sob a direção de Joffre Dumazedier. O que é lazer. São Paulo. Brasiliense, 1986. Educação para o lazer. São Paulo: Moderna, 1998. Dumazedier, Joffre. Lazer e cultura popular. São Paulo, Perspectiva, 1994. A revolução cultural do tempo livre. São Paulo: Studio Nobel, 1994. Elias, Norbert. O processo civilizador. 2 vols. Rio, Zahar, 1990; Micelli, Sérgio. A noite da madrinha. São Paulo, Perspectiva, 1979. Holanda, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. Rio: José Olympio, 1989. Freyre, Gilberto. Novo mundo nos trópicos. São Paulo: Nacional, Edusp, 1971.; Frederico, C. Consciência operária no Brasil. São Paulo, Ática, 1978. Lafargue, Pierre. O direito à preguiça. Kairós, RJ, 1980. Roche, Daniel. História das coisas banais. Rio: Rocco, 2.000. Rodrigues, Leôncio M. Trabalhadores, sindicatos e industrialização. São Paulo, Brasiliense, 1974.

Fontes consultadas para a cronologia Oliveira, Nadja. Agências de viagem: atuação dos agentes pioneiros da cidade de São Paulo (1940-1970). Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação. ECA/USP-2003; Pires, Mário Jorge. Raízes do turismo no Brasil: viajantes e hospedeiros. São Paulo: Manole, 2001; Pires, Raquel d’Alessandro. Hotéis da cidade de São Paulo: história e trajetória (1889-1971); Site www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2003/saopaulo450/br

Pesquisa sobre práticas e aspirações culturais de lazer da população paulistana, 1996

Research on cultural leisure activities and aspirations of São Paulo's population, 1996

A pesquisa foi realizada para o SESC de São Paulo, coordenada pelo sociólogo Luiz Octávio de Lima Camargo. O trabalho de campo foi efetuado pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo, junto a uma amostra de 1.233 pessoas representativas da população da população paulistana acima de 15 anos, nos meses de setembro a novembro de 1996. A amostra selecionou os entrevistados por quotas que levavam em conta a distribuição geral da população por sexo, faixa etária, condição sócio-econômica e local de moradia.

Os resultados mostraram que, de cada 100 paulistanos acima de 15 anos:

- 88 assistem tevê diariamente ou várias vezes por semana
- da progamação de tevê, 31 deles preferem novelas, 24 os telejornais e 16 os filmes

- 83 ouvem rádio diariamente ou várias vezes por semana
- 71 preferem, na rádio, a audição musical pura e simples
- 68 lêem jornais diariamente ou várias vezes por semana
- nos jornais, 19 preferem a seção esportiva, 17 o noticiário nacional, 12 a seção policial e 5 a economia
- 40 lêem revistas ao menos uma vez por semana
- no último ano, 10 leram ao menos um livro e 47 nenhum
- 24 escrevem ao menos cartas, 7 compõem poemas
- 18 têm a culinária como “hobby”, 12 a criação de animais, 11 a jardinagem, 11 os consertos domésticos
- todos apreciam algum tipo de música, sendo que 23 preferem a música sertaneja, 22 a música popular brasileira, 15 o pagode, 9 o rock, 6 a música clássica
- 4 compõem algum tipo de música
- 14 executam algum instrumento musical
- 7 declaram alguma habilidade com desenho, 6 com pintura

- 40 tiram fotografias e 2 já fizeram algum curso na área
- 9 freqüentam parques diariamente ou algumas vezes por semana, 28 algumas vezes por mês
- 3 freqüentam semanalmente salas de cinema, 9 ao menos uma vez por mês, 10 algumas vezes por ano
- 34 preferem filmes de ação, 15 preferem comédia e 14 os filmes românticos
- 4 vão ao teatro ao menos uma vez por mês, 7 algumas vezes por ano
- 58 têm na comédia o gênero teatro preferido
- 21 foram a algum tipo de espetáculo no mês anterior à entrevista
- 2 visitam galerias de arte ao menos uma vez por mês, 8, algumas vezes por ano
- 56 participam de alguma atividade associativa, 37 tiram férias nos últimos 12 meses, 17 viajaram, 7 hospedaram-se em hotéis nessas viagens

Atividades esportivas e lazer em Porto Alegre – RS

JANICE ZARPELLON MAZO

Sport activities and leisure in Porto Alegre-RS

Porto Alegre, capital of the state of Rio Grande do Sul, was founded in 1772. Portuguese, German and Italian immigrants started arriving there in the early 19th century, which contributed for the establishment of sporting practices as an essential recreational part of city life. Initially leisure activities took place in the communities where the immigrants had chosen to live and later on in sports associations, squares, parks, and community centers. German immigrants organized the first sports associations during the second half of the 19th century: the first gymnastics society of Porto Alegre (Turnerbund) in 1867. Portuguese immigrants were relevant as they influenced the construction of 4 racecourses in the city. Italian immigrants participated in the

cycling competitions in the velodromes constructed in the late 19th century. The Serviço de Recreação Pública (Service of Public Leisure), an initiative of Porto Alegre Municipality, created the “Praça de Esportes” (‘Sports Square’) in various locations in the city in the 1920s aiming at the practice of supervised activities. This type of intervention became so much popular that as squares grew in number (by either expansion or adaptation of the existing ones) so did the number of participants in leisure sports. The city population had grown to approximately 250,000 inhabitants in the 1930s in spite of the decrease of migratory waves. The monthly average of children and young people that attended the squares for physical activities was 25,000 (10% of the population).

Interpraças (‘inter squares’), a new program that began in the 1950s, brought together teams of sports schools for children in the squares and parks through recreational and educational competitions. The population of Porto Alegre has reached 1.2 million people today and the blend of supervised activities of leisure and competitions has been one of the special traditions of the city that has 405 squares, 26 parks and 29 gardens. The present chapter reports on the urban and landscape changes that Porto Alegre has gone through as new programs of sports and leisure have been implemented since the 1920s. Maps show the location of the activities and of the areas available in the different stages of development.

Definições e Origens Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, foi fundada oficialmente em 26 de março de 1772. No início do século XIX recebeu vários grupos de imigrantes europeus, principalmente, portugueses, alemães e italianos que, em maior ou menor escala, contribuíram para a configuração, na cidade, das práticas esportivas no âmbito do lazer. As atividades de lazer eram realizadas, inicialmente, nas comunidades identificadas com os grupos migratórios e, posteriormente, nas associações esportivas, praças, parques e centros de comunidade. As primeiras associações esportivas foram organizadas pelos imigrantes alemães, na segunda metade do século XIX. Os imigrantes alemães fundaram a primeira sociedade de ginástica em Porto Alegre (Turnerbund) em 1867. Os imigrantes portugueses destacaram-se pela influência na criação de quatro hipódromos na cidade. E os imigrantes italianos participaram, especialmente, das provas ciclísticas nos velódromos da cidade no final do século XIX. Neste período, além das associações esportivas foram criados outros espaços de sociabilidades e de lazer, com destaque para a primeira praça municipal de Porto Alegre.

Segunda Metade do Século XIX Porto Alegre era uma cidade modesta do ponto de vista comercial, administrativo e populacional (aproximadamente 45.000 habitantes, em 1888). O modelo econômico-social estava centrado na pecuária e no comércio (Franco, 1993). Os prédios do Teatro São Pedro (1858), a Beneficência Portuguesa (1868), o Palácio da Justiça (1870) e o Mercado Público (1870) sinalizavam para a prosperidade da construção civil. A cidade começou a crescer, comercialmente, através das atividades de importação e exportação realizadas pelos imigrantes alemães e seus descendentes (teuto-brasileiros), através do porto (Franco, 1993). Os teuto-brasileiros se tornaram pequenos proprietários rurais no Vale do Rio dos Sinos e transformaram Porto Alegre no núcleo exportador de produtos para o centro do país. A ampliação dos negócios e das oportunidades de emprego transformou a cidade num pólo de atração para a zona colonial, ocasionando a migração dos estancieiros para a cidade. Além de exercerem influência no comércio e na indústria, os teuto-brasileiros criaram escolas, bancos, companhias de teatro e associações esportivas.

A melhoria das condições de vida dos teuto-brasileiros possibilitou um tempo livre que, associado a outros fatores, permitiu-lhes multiplicar os espaços para as práticas esportivas e atividades físicas voltadas para a saúde e o lazer. Em 1867 foi criada a primeira sociedade ginástica em Porto Alegre, a *Turnerbund* (atual SOGIPA), e em 1888, o primeiro clube de remo, o *Ruder Verein*. Os banhos de mar estavam associados à vida saudável das elites porto-alegrenses, e eram anunciados nos jornais da cidade como os “higiênicos banhos da Cidreira” (Pesavento, 1992). As “praias de banho” começavam a ser frequentadas pelos porto-alegrenses. Os teuto-brasileiros criaram diversos estabelecimentos ligados ao lazer e as sociabilidades, como restaurantes, cafés, livrarias, boliches, bilhares e hotéis (Gans, 1996). A população masculina se divertia nos salões de bilhar, bolão e boliche dos “alemães”: Salão de Bilhar e Bolão de August Walmrath, 1858 a 1872 (localizado na Rua Senhor dos Passos); Salão de Bilhar de Guilherme Jacob Roth, 1881 a 1889 (Rua Santa Catarina, atual Rua Dr. Flores); Salão de Bilhar de Peter Simon Welsch, 1872 (Beco do Rosário, na Rua 24 de Maio, atual Avenida Otávio Rocha); Salão de Bilhar de Carlos Gassmann, 1869 a 1871; Salão de Bilhar de Louis Nagel, 1862 a 1885 (Rua de Bragança/Rua general Silva Tavares, atual Rua Marechal Floriano); Salão de

Bilhar de Lorenz, 1884 (Rua de Bragança/Rua General Silva Tavares, atual Rua Marechal Floriano); Salão de Bilhar de Emil Bretsch, 1861; e Salão de Boliche de Louis Gebert, 1855 a 1870 (Gans, 1996). Somente no ano de 1873 foram criados quatro salões de bilhar em Porto Alegre (Becker, 1987: 249). Este autor afirma que o *billard* (termo de origem francesa) era um dos esportes preferidos da comunidade teuto-brasileira em 1875. O *billard* chegou ao Rio Grande do Sul, através dos imigrantes alemães, no período de 1824 a 1830. A influência francesa nesta prática desportiva trazida pelos alemães se deu, em razão do fato destes imigrantes serem oriundos de uma região da Alemanha que havia sido ocupada pelas forças de Napoleão Bonaparte. Além dos salões de bilhar, havia uma cancha de bolão fundada por Augusto Walmrath em 1873. O bolão era encontrado tanto na zona de colonização alemã quanto na comunidade açoriana ou lusa (Becker, 1987). A prática do bilhar foi preponderante em relação ao bolão até a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), quando o bolão começa a se afirmar nas associações esportivas.

No âmbito do lazer da população porto-alegrense, também se destacavam as corridas de cavalo conhecidas por “carreiras em cancha reta”, também chamadas de “carreiras de cavalos”. Para Prado Jr. (1996: 207) as carreiras – “o grande esporte dos pampas”, eram a diversão predileta dos gaúchos campeiros. As corridas eram realizadas esporadicamente e representavam um momento de reunião social e festiva, no qual as mulheres organizavam os piqueniques. O Morro de Teresópolis era o lugar mais conhecido da cidade pelas disputas de carreiras de cavalos (Macedo, 1982; Franco, 1988). Além de envolver apostas em dinheiro, as carreiras tinham o objetivo indireto de melhorar a raça dos animais. À medida que foram sendo criados os hipódromos (até o final do século XIX existiram 4 hipódromos), as corridas de carreiras começaram a perder espaço na cidade. O auge do turfe porto-alegrense foi na década de 1890, com grandes disputas prestigiadas pela elite porto-alegrense e alguns visitantes ilustres (Franco; Silva e Schidrowitz, 1940: 231). Os hipódromos (prados) eram frequentados por personalidades da história nacional e regional como Carlos Barbosa, Assis Brasil, José Montauray, Flores da Cunha, Oswaldo Aranha, Getúlio Vargas e João Goulart (Franco, 2000). Com o decorrer dos anos, os hipódromos foram cedendo espaço à expansão da cidade, sendo parcelados em loteamentos e ocupados por construções. O Hipódromo Moinhos de Vento (1894) resistiu em seu local de origem, no Bairro Moinhos de Vento até o ano de 1959, quando foi transferido para o Bairro Cristal, adotando o nome de Jockey Club do Rio Grande do Sul, popularmente chamado de Hipódromo do Cristal (Franco, 1993).

Entre 1863 e 1865 foi inaugurada a Praça da Harmonia, “criada especialmente para praça”, no final da Rua da Praia (Spalding, 1967: 198). A praça passou a denominar-se Praça Martins de Lima, em 1878, no mesmo ano do falecimento de José Martins de Lima, vereador e presidente da Câmara, que foi o idealizador da praça. Em 1894, a Praça São Miguel, localizada no arraial do Parthenon (atual Bairro Partenon) passou a denominar-se Praça Jayme Telles, conforme “Acto nº 34 de 14/04/1894 da Intendência Municipal de Porto Alegre – IMPA” (dados obtidos na Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Porto Alegre).

1900 O novo século, sob a influência do regime republicano (1889), é marcado pelas mudanças dos costumes da sociedade brasileira, que começa a substituir o estilo europeu português pelo modelo

sócio-cultural inglês e francês. Em Porto Alegre, a vida social começa a refletir o que ocorria no Rio de Janeiro (capital do país na época) e, também nos centros europeus como, por exemplo, Paris, Londres e Berlim. As práticas esportivas institucionalizadas em associações surgem enquanto uma forma de passatempo diferenciado. Os esportes associaram-se às novas formas de lazer e de se comportar na cidade. Porto Alegre, com pouco mais de 70.000 habitantes, crescia modestamente em relação a outras capitais do Brasil (Macedo, 1973). A cidade comportava “o número de 73.672 almas” de acordo com o recenseamento da “Directoria Geral de Estatística da Capital Federal” (Lima, 1909: 2). Os teuto-brasileiros impulsionavam o crescimento econômico e social da capital, que procurava inserir-se na modernidade. A predominância de fortes dinastias econômicas teuto-brasileiras atribuiu a Porto Alegre a denominação de “cidade dos alemães” (Singer, 1974). A elite econômica teuto-brasileira estendeu seu domínio para as associações esportivas porto-alegrenses (Pimentel, 1945).

Novas possibilidades de lazer são incorporadas às formas de vida citadina, como as visitas às exposições, os cafés-concerto e os passeios nas praças. A Praça da Concórdia mudou a denominação para Praça Garibaldi (Acto nº 51 de 4/7/1907 da IMPA), e a praça situada no ponto terminal da linha de bondes de Teresópolis recebeu o nome de Praça Dona Maria Luiza (Acto nº 57 de 7/7/1908 da IMPA).

Os sinais da modernidade eram percebidos na Rua da Praia (atual Rua dos Andradas), que abrigava cafés, cinemas, confeitarias, casas de chá e teatros. Os cafés Guarany, Colombo e América eram ponto de encontro dos homens, enquanto as mulheres porto-alegrenses freqüentavam confeitarias e casas de chá. A participação das mulheres ainda era restrita a determinados espaços de atuação. Algumas participavam na confecção das bandeiras e uniformes dos atletas das associações esportivas; outras eram convidadas para serem “madrinhas” dos barcos e das equipes. Elas também faziam parte da charmosa assistência das competições. Além das competições esportivas promovidas pelas associações, no campo da Redenção (atual Parque Farroupilha) esquina com a Rua da República eram realizadas as corridas de touro no pavilhão construído especialmente para as touradas. Os animais bravios procedentes da Fazenda do Leão entravam na arena junto com artistas “taumáticos”, que animavam o espetáculo para um grande público (Fortini, 1959). Notícias sobre as touradas foram anunciadas nos jornais até aproximadamente 1910.

O crescimento da cidade de Porto Alegre era visível, assim como a influência política e econômica dos teuto-brasileiros no processo de urbanização e modernização da cidade. A fisionomia arquitetônica da cidade foi remodelada no período de 1910 a 1914. O governo destinou recursos financeiros à construção de prédios públicos e privados, transformando a capital em uma espécie de sala de visitas do Estado. Neste período, construíram-se sedes de governo, repartições públicas, agências bancárias, companhias de seguro, indústrias, casas comerciais, clubes sócio-recreativos e residências particulares (Pesavento, 1980). A Praça General Marques passou a denominar-se Praça Conde de Porto Alegre (Acto nº 87 de 11/10/1912).

Os acontecimentos da primeira guerra mundial (1914-1918) repercutiram na cidade, especialmente, nas instituições e entidades ligadas aos teuto-brasileiros. As associações esportivas teuto-brasileiras sofreram forte pressão para nacionalizarem-se, a partir de

1917, quando o Brasil ingressou na Primeira Guerra Mundial. Algumas associações mudaram o nome, alteraram o brasão e outros símbolos identitários; outras optaram pelo encerramento das suas atividades. A mais antiga associação, a Sociedade Turnerbund resistiu as mudanças impostas e manteve seu nome original.

Década de 1920 A cidade sofreu várias transformações urbanas que a inseriram no modelo de modernidade espelhada na Paris do Barão Haussmann com seus bulevares e avenidas (Pesavento, 1999). O período mais intenso de intervenções urbanas foi nas administrações dos prefeitos Otavio Francisco da Rocha (1924-1928) e Alberto Bins (1928-1937) (Monteiro, 1995). Em 1924, quando encerrou a gestão do prefeito José Montauray (1897-1924), a Praça Marechal Deodoro da Fonseca (popularmente conhecida como Praça da Matriz) e a Praça Senador Florêncio (Praça da Alfândega) estavam sendo remodeladas. O “Plano Geral de Melhoramentos” da cidade de Porto Alegre, iniciado na gestão do prefeito José Montauray foi executado pelo novo prefeito, Octavio Rocha. Visando modernizar a capital gaúcha, espaços públicos foram adaptados transformando-se em praças, como ocorreu com o Alto da Bronze (Praça General Osório), como também foram instaladas novas praças: Praça Pereira Parobé (Decreto nº 24 de 17/10/1925), Praça Osvaldo Cruz (Decreto nº 105 de 29/8/1927); Praça Argentina (Decreto nº 152 de 7/8/1928). As três praças viabilizadas na cidade foram: Praça Dom Sebastião, Praça Julio de Castilhos e Praça Garibaldi, além da realização de alguns cuidados com a Redenção.

Em 1926 foi criado o Serviço de Recreação Pública pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre. As praças de Porto Alegre receberam uma atenção especial, com a instalação do primeiro Jardim de Recreio (Jardim de Infância), também chamado de “Praça de Desportos” na Praça General Osório, conhecida como Praça do Alto da Bronze visando a prática de atividades direcionadas (Werneck, 2002; Feix, 2003). No ano seguinte foi instalado o Jardim de Recreio na Praça Pinheiro Machado (Decreto nº 88 de 19/2/1927), sob a orientação técnica do professor de Educação Física, Frederico Guilherme Gaelzer. Posteriormente, foram instalados Jardins de Recreio na Praça Florida e Praça Dr. Montauray, também visando ao desenvolvimento de várias atividades de Educação Física, como por exemplo, jogos, brincadeiras e bailados. Alguns jardins de recreio eram abertos à noite para a prática esportiva da população.

O núcleo central da cidade foi modificado, já que o centro configurava-se como o espaço agregador das atividades comerciais e culturais da cidade moderna. Foram abertas largas avenidas destruindo os velhos casarões e cortiços, que simbolizavam a pobreza e o atraso da cidade. Surgiram as avenidas Júlio de Castilhos, Otávio Rocha, Alberto Bins e o viaduto da Borges de Medeiros.

Década de 1930 Na gestão do prefeito Alberto Bins, algumas praças mudaram de nome e outras foram instaladas para o lazer da população porto-alegrense: Praça 3 de Outubro, ex-Praça da Harmonia (Decreto nº 209/14/11/1930), e Praça Bento Gonçalves (Decreto nº 307 de 19/09/1935). Porto Alegre era uma cidade que comportava aproximadamente 250.000 habitantes, apesar da diminuição do fluxo migratório. Nas praças que tinham jardins de recreio, a média de frequência mensal era de “25.000 de crianças e jovens”, distribuídos em turmas ao longo do dia” (Werneck, 2002: 109). Em uma palestra proferida por Frederico Gaelzer, ele afirmou que os Jardins de Recreio “eram freqüentados, diariamente, por mais de mil pessoas” (citado por Werneck, 2002: 112).

A conquista da modernidade, em Porto Alegre, foi representada na Exposição Comemorativa do Centenário da Revolução Farroupilha (1835-1935) realizada em 1935 (Franco, 2000). A exposição pretendia mostrar ao país o progresso do Estado do Rio Grande do Sul, particularmente na indústria, pecuária e agricultura. A exposição teve uma dimensão nacional com a exposição da produção de diversos Estados brasileiros e estrangeiros. Durante a exposição, as associações desportivas promoveram diversas competições, exibindo o esporte como um costume da modernidade. As apresentações de hóquei e patinação apresentavam as novidades esportivas dos anos de 1930 em Porto Alegre. A patinação era praticada no *skating-rink* (pista para patinação) da popularmente conhecida como Praça da Harmonia (depois Praça 3 de Outubro, atualmente Praça Brigadeiro Sampaio), que se tornou um “ponto chic” de encontro aos domingos em razão da patinação (Porto Alegre, 1994). Estas práticas tiveram um caráter transitório, em virtude do desenvolvimento mundial dos esportes (Franco; Silva; Schidrowitz, 1940).

O local que serviu de palco à Exposição passou a denominar-se Parque Farroupilha (Decreto nº 307 de 19/09/1935 – PMPA). Na ocasião, foi implantado o traçado principal do parque, que se tornou um jardim público no início da década de 1940. Os espaços de lazer expandiram-se com a instalação de novas praças. Através do Decreto nº 38 de 7/11/1938 foram criadas a Praça Tacana, Praça Araguaia e Praça Tomocaré na Vila Assunção, Bairro Cristal. A Praça Antonio João e a Praça Guia Lopes foram criadas pelo Decreto nº 50 de 28/12/1938. Além destas, foram criadas: Praça General Daltro Filho (Decreto nº 21 de 19/5/1938), Praça Dr. Maurício Cardoso (Decreto nº 34 de 21/10/1938) e a Praça Assis Brasil (Decreto nº 69 de 16/5/1939).

De acordo com Nicanor Miranda, no final da década de 1930 existiam 37 parques em Porto Alegre (citado por Werneck, 2002: 115). A construção desses espaços “compreende a incontestável conveniência de educar fisicamente as coletividades, harmonizando a cultura mental com a física, de cujo equilíbrio depende a superioridade das nações” (Bakos, 1984: 35). Além das praças, foi construído o Estádio Desportivo Ramiro Souto, próximo à Igreja Espírito Santo (atual Av. José Bonifácio esquina com Av. Osvaldo Aranha), na gestão do prefeito Loureiro da Silva (1937-1943). A educação corporal e moral da juventude, além da escola, deveria estender-se às praças, parques e associações desportivas. Esta meta inseria-se no projeto de formação da nação brasileira durante o Estado Novo (1937-1945). Neste período, a campanha de nacionalização desencadeada pelo governo de Getúlio Vargas atingiu, especialmente, as cidades brasileiras fortemente identificadas com a cultura dos imigrantes alemães e italianos.

Porto Alegre ainda conservava as marcas dos teuto-brasileiros. Os descendentes de alemães perfaziam quase 20% da população do Estado do Rio Grande do Sul (Gertz, 1994: 44). Os traços culturais distintivos desta comunidade conservavam-se nas grandes lojas de comércio, indústrias, nas instituições de ensino e nas associações desportivas. Neste período são organizados clubes voltados para a prática da vela (iatismo). Conforme a Diretoria de Estatística Educacional da Secretaria da Educação e Saúde Pública, em Porto Alegre havia 156 clubes com 23.212 associados, dos quais 22.311 do sexo masculino e 901 do sexo feminino, sendo 1.942 maiores e 3.770 menores em 1937. Foram realizadas 3.609 competições. Estes clubes movimentavam uma receita geral de 2.987:857\$ (réis) e um patrimônio avaliado em 7.304:705\$ (réis).

O inventário das associações esportivas de Porto Alegre realizado em 1938, além dos clubes, também englobou os grupos de bolão e os clubes de futebol de várzea (hoje por vezes denominados de “não legalizados” ou “informais”). O total de clubes contabilizados foi de 254 com 40.881 sócios, dos quais 39.938 homens e 943 mulheres, sendo 36.000 maiores e 473 menores. As equipes de atletas totalizaram 23.092 participantes dos quais 3.971, ou seja, cerca de um terço jogavam futebol, 3.120 praticavam atletismo e 3.634 faziam ginástica geral, 1.490 se dedicaram ao remo, 1.798 à natação, 1.146 ao basquetebol, 1.190 ao voleibol, 653 ao tênis e 653 ao bolão. Ainda, foram realizadas 5.023 competições esportivas. A participação feminina era mais numerosa nas seguintes modalidades: ginástica (371), natação (325), tênis (148), atletismo (90), bolão (55) e voleibol (52). O ativo patrimonial dos clubes desportivos totalizava 12.711:663\$ (réis), sendo 9.178:627\$ (réis) em bens imóveis, 1.533:614\$ (réis) em móveis e utensílios, 639:109\$ (réis) em valores no caixa, 5:024\$ (réis) em títulos de renda, 1.355:289\$ (réis) em outros valores. Os compromissos sociais representados por empréstimos, dívidas em contas correntes e hipotecas se elevaram a 3.960:895\$ (réis), resultando no patrimônio líquido de 8.750:768\$ (réis). As entidades que possuíam a mais vultosa soma de bens eram a Protetora do Turf, o Country Club, a Sociedade Turnerbund, o Grêmio Foot-ball Porto Alegrense, o Sport Club Internacional, o Clube Força e Luz, o Club Excursionista e Sportivo, o Grêmio Náutico Gaúcho, a Associação Cristã de Moços, o Clube de Regatas Almirante Barroso, o Clube de Regatas Vasco da Gama, o Clube de Regatas Guaíba, o Clube Canotiere Duca degli Abruzzi, o Grêmio Náutico União, o Club Walhala, o Club Sulino de Tênis, o late Clube, o Foot-ball Club Porto Alegrense e o Varig Aéreo Sport, além de outros com parcelas menores de 100:000\$ (réis) (Revista Vida Policial, 1939: 21).

A campanha de nacionalização desencadeada no período do Estado Novo (1937-1945) forçou as associações esportivas a mudarem seu nome original, da língua italiana e alemã, para a língua portu-

guesa. As associações esportivas deveriam buscar formas de representação da identidade cultural brasileira. As competições esportivas multiplicaram-se nas diferentes modalidades, especialmente, voltadas para a juventude. Para citar alguns exemplos dos vários eventos que foram organizados, destacam-se: Campanha Pró-Natação, através da promoção de conferências de caráter cultural-esportivo nas sedes dos pequenos clubes da cidade, Campeonato Popular de Basquete (1938), Torneio Universitário de “Foot-ball” (1938), Torneio de Vôlei Feminino (1940), Grande Corrida Rústica “Semana da Pátria” (1939) (Pimentel, 1940: 433). A Semana da Pátria concentrava muitas comemorações, entre elas, a “Demonstração de Educação Física” (1938/1939), que eram apresentações de bailados e ginástica pelos alunos dos ginásios e colégios secundários de Porto Alegre, no Campo de Pólo do Parque Farroupilha (Pimentel, 1940: 19).

As praças, também, foram palco de muitos eventos desportivos, enquanto “um ato de caráter cívico” durante o Estado Novo (Pimentel, 1940: 19). São exemplos de alguns eventos: Torneio de Basquete e Vôlei da Praça Dr. Montauray (1938); Programa de Recreação na Praça de Educação Física Pinheiro Machado, em homenagem aos garotos vendedores de jornais (1938/1939). As praças que possuíam instalações para a prática desportiva eram denominadas de Praças de Desportos e de Educação Física, mas também, conhecidas como praças de ginástica. A primeira “praça de ginástica” de Porto Alegre foi instalada na Rua Vigário José Inácio, e depois transferida para a Rua 24 de Maio.

Década de 1940 As praças já existentes na cidade adotaram o nome de personalidades de expressão na cidade, como por exemplo, Praça Dr. Maurício Cardoso (1938), Praça Dr. Otávio Rocha, Praça Daltro Filho, Praça Campos Sales (Decreto nº 253 de 10/2/1941) (Pimentel, 1945: 170). No período, além das práticas esportivas, a Educação Física também recebeu uma atenção especial do governo, sendo criado, em Porto Alegre, o Departamento Estadual de Educação Física, subordinado à Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul. Tendo em vista a implantação de uma política de promoção do desenvolvimento da Educação Física no país, foi criada, em 1940, a Escola Superior de Educação Física (ESEF), vinculada ao Departamento Estadual de Educação Física, visando a formação profissional. Esta foi a primeira instituição formadora de professores de Educação Física no Estado do Rio Grande do Sul e, inclusive, permaneceu como a única durante 30 anos. O primeiro diretor da ESEF foi o capitão Olavo Amaro da Silveira. O corpo docente pioneiro reunia militares do exército, da brigada militar, médicos e instrutores/técnicos oriundos das associações esportivas de Porto Alegre. As associações esportivas cederam suas instalações para a ESEF ministrarem suas aulas nos primeiros anos de funcionamento. A ESEF permaneceu sob a tutela do Estado até o final da década de 1960, quando foi incorporada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Em 1942 foi criado o Departamento Municipal de Educação Física (Lei nº 121), subordinado ao gabinete do prefeito, com a finalidade de organizar e orientar os serviços dos parques infantis e praças de Educação Física (Boletim Municipal, v. 4, nº 10, 1942). A frequência média mensal das praças era de aproximadamente 25.000 pessoas, entre crianças e jovens, de ambos os sexos. Esta participação foi considerada expressiva, tendo em vista que Porto Alegre tinha uma população inferior a 300.000 habitantes (Werneck, 2002).

Em 1947, o Horto Florestal do município de Porto Alegre passa a denominar-se Jardim Botânico Municipal “Parque Saint-Hilaire” (Lei nº 16 de 29/11/1947- PMPA). Neste ano também foi criada a Praça da Saudade (Decreto-Lei nº 359 de 13/6/1947).

No final da década de 1940, o “Serviço de Educação Física da Diretoria de Praças e Jardins” de Porto Alegre promoveu competições de voleibol (categorias infantil e juvenil masculino e categoria juvenil feminino), basquetebol (categoria infantil e juvenil masculino), lance livre (categoria infantil e juvenil masculino), croquet (categoria juvenil feminino) e regata de veleiros em miniatura nas praças da cidade, em 1948. As praças vencedoras foram Praça Florida, Praça Pinheiro Machado, Praça General Osório. No mesmo ano, alguns logradouros públicos foram denominados praças: Praça Dr. Júlio de Aragão Bozano e Praça João Belém, através da Lei nº 47 de 14/04/1948; Praça Paulo Coelho (Lei nº 179 de 27/12/1948); as Praças Simões Lopes Neto, Praça São Caetano foram criadas através da Lei nº 133 de 19/11/1948; Praça Alcides Maia (Lei nº 143 de 1/12/1948); Praça Domingos Fernandes de

Souza (Lei nº 239 de 21/07/1949); Praça 1º de Maio (Lei nº 248 de 08/08/1949). Algumas praças tiveram sua denominação alterada, como foi o caso da Praça da República, no Bairro Glória, que passou a ser chamada de Praça Zeferino Brasil (Lei nº 70 de 04/06/1948 e Lei nº 133 de 19/11/1948).

Década de 1950 Foi promulgada a Lei Municipal nº 500 de 27/11/1950, que criou o Serviço de Recreação Pública (SERP), durante a gestão do prefeito Ildo Meneghetti. De acordo com esta legislação, as atividades físicas e esportivas deveriam ser o alvo principal da política da Secretaria de Recreação Pública, nas praças de Porto Alegre. A SERP implantou, em 1953, nas praças da cidade, uma atividade denominada de Interpraças (atualmente chamado de Programa Jogando em Porto Alegre), que reunia apenas equipes de escolinhas esportivas das praças e parques. Neste ano, a SERP publicava a primeira edição do Boletim Técnico Informativo do Serviço de Recreação Pública da Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

Os cafés localizados no centro da cidade eram os principais locais de sociabilidades dos porto-alegrenses: “a turma que gosta do turfe faz seu ponto de parada no café Jôquei Clube. Na parte fronteira do mesmo estão reunidos os futebolistas. Ali são vendidos os passes e são feitas as transferências” (Diário de Notícias, 14/01/1954, p. 8).

Os espaços destinados ao lazer continuavam alargando-se, enquanto símbolos da modernidade e do progresso no domínio da “cultura física”. Foram instalados o Parque dos Nativos (Lei nº 1482 de 27/10/1955) e o Parque Madepinho (Lei nº 1715 de 18/01/1957), além de 36 praças: Praça Dr. Salomão Pires Abrahão, na Ilha da Pintada (Lei nº 385 de 27/04/1950); Praça Piratini (Lei nº 532 de 22/12/1950); as Praças Chopin, José Maurício e dos Gusmões foram criadas através da Lei nº 795 de 26/12/1951; Praça São Geraldo (Lei nº 852 de 21/07/1952); Praça Esperanto, no Bairro Partenon (Lei nº 955 de 24/11/1952); Praça Desembargador Vieira Pires, no Bairro Belém (Lei nº 1044 de 18/05/1953); Praça Francisco Alves (Lei nº 1169 de 04/12/1953); Praça Professor Júlio Grau, no Bairro Passo da Areia (Lei nº 1226 de 31/12/1953); Praça Libanesa, no Bairro Jardim Lindóia (Lei nº 1288 de 09/08/1954); as Praças Professor Silva Nunes, Praça Araújo Guerra; Praça Antônio Cândido de Menezes, Praça Carai e Praça Ibitori foram criadas pela Lei nº 1312 de 22/09/1954; Praça Antônio Amabile, Vila Passo da Areia (Lei nº 1433 de 19/07/1955); Praça Buri, Bairro Petrópolis (Lei nº 1434 de 19/07/1955); Praça Dom Silvério (Lei nº 1453 de 13/08/1955); Praça Comandante Carlos Ruhl (Lei nº 1480 de 27/10/1955); as Praças Cabralia, Dom Pedro, Colônia, Império e República foram criadas através da Lei nº 1482 de 27/10/1955; Praça da Lampadosa (Lei nº 1517 de 05/12/1955); Praça David Rosenblit, na Vila Progresso (Lei nº 1518 de 05/12/1955); Praça Buriti (Lei nº 1602 de 11/06/1956); Praça Itu (Lei nº 1609 de 22/06/1956); Praça 11 de Dezembro (Lei nº 1624 de 19/07/1956); Praça Cleto Benvegnu (Lei nº 1630 de 01/09/1956); Praça das Nações Unidas, no Bairro Petrópolis (Lei nº 1662 de 23/11/1956); Praça Aratiba e Praça Frederico Westfalen (Lei nº 1715 de 18/01/1957); Praça Coronel Francelino Cordeiro (Lei nº 1750 de 13/06/1957); Praça Dr. Pedro Borba (Lei nº 1846 de 10/06/1958); Praça Alberto Ramos (Lei nº 1859 de 25/07/1958); Praça Major Joaquim de Queiroz (Lei nº 1907 de 18/12/1958); Praça República de Israel, no loteamento Jardim Residencial Botafogo (Lei nº 1917 de 29/12/1958); as Praças Marechal Rondon, no Bairro Passo da Areia, Praça Tiribiza, no Bairro Glória, Praça Potti, no Bairro Tristeza e Praça Tabira, no Bairro Vila Assunção foram criadas pela Lei nº 1943 de 05/05/1959; Praça Bonita, no Bairro Petrópolis (Lei nº 1959 de 26/06/1959); Praça Juventude, no Bairro Medianeira (Lei nº 1972 de 29/06/1959); Praça Engenheiro Paulo de Aragão Bozano (Lei nº 1984 de 02/09/1959); Praça Jesus de Nazaré, no Bairro Bom Jesus (Lei nº 2033 de 11/12/1959).

Década de 1960 A realização dos Jogos Mundiais Universitários (Universíade) foi um dos acontecimentos esportivos mais marcantes na cidade em 1963 (Koch, 2003). Desde a criação da Universíade (1924), pela primeira vez, este evento foi realizado em um país fora do circuito Europeu. O Estado do Rio Grande do Sul, que tinha como concorrentes Minas Gerais e São Paulo, foi escolhido para sediar os jogos com a condição de construir um ginásio de esportes, equipar os clubes com o equipamento necessário à prática de várias modalidades e providenciar alojamento para os

atletas. O ginásio foi construído em, aproximadamente, 3 meses e meio, ficando conhecido como Ginásio Universíade (atual Ginásio da Brigada Militar). Os equipamentos necessários para as competições foram adquiridos no exterior. Os atletas foram alojados nos imóveis do Núcleo Residencial Neuza Goulart Brizola, após uma negociação com a Caixa Econômica Estadual. A cerimônia de abertura dos jogos foi realizada no estádio do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense, com a participação de atletas representando 30 países. Na festividade, a pira simbólica da Universíade foi acesa pelo atleta Ademar Ferreira da Silva, sob uma salva de 32 tiros de canhão. A população porto-alegrense prestigiou o evento, pois muitos jogos tiveram seus ingressos esgotados. A mobilização da população foi fundamental para a realização da Universíade, que representou um impulso para os esportes e o lazer na cidade. Além das instalações construídas para a Universíade, na década de 1960, a cidade foi contemplada com o Parque Marinha do Brasil, que era um parque público localizado na Avenida Praia de Belas (Lei nº 3071 de 24/11/1967) e 21 praças: Praça Franck Long, Bairro Passo da Areia (Lei nº 2202 de 13/05/1961); Praça dos Açorianos (Lei nº 2235 de 22/07/1961); Praça Senador Alberto Pasqualini, no Bairro Ipanema (Lei nº 2250 de 09/09/1961); Praça Ucraniana, no Bairro Passo da Areia (Lei nº 2311 de 14/12/1961); Praça Júlio Mesquita (Lei nº 2418 de 10/09/1962); Praça General Darcy Vignoli, no Bairro Passo da Areia (Lei nº 2480 de 20/12/1962); Praça do Japão, no Bairro Boa Vista (Lei nº 2600 de 31/10/1963); Praça de Espanha (Lei nº 2853 de 18/11/1965); praça Vereador Osório da Rosa, Bairro Vila São Pedro (Lei nº 2935 de 31/08/1966); Praça Marquesa de Sevigñé (Lei nº 2939 de 12/09/1966); Praça professor Emílio Schenk (Lei nº 3014 de 30/12/1966); Praça Dr. Josetti, no Bairro Medianeira (Lei nº 3059 de 09/11/1967); Praça Ruy Teixeira (Lei nº 3086 de 06/12/1967); Praça Jean Dunant, no Bairro Agronomia (Lei nº 3092 de 12/12/1967); Praça Franklin Perez, no Bairro Vila Assunção (Lei nº 3162 de 29/08/1968); Praça Walter Shultz, no Bairro Vila Ipiranga (Lei nº 3188 de 24/10/1968); Praça Carmine Rosito, na Vila Ingá (Lei nº 3247 de 23/12/1968); Praça Dr. Nelson Renck, na Vila Elizabeth (Lei nº 3305 de 17/09/1969). Outras tiveram sua denominação alterada: Praça Tacana (1938), localizada na Vila Assunção, passou a ser chamada de Praça João Bergman (Lei nº 2365 de 18/05/1962); Praça Assis Brasil (1939) passou a denominar-se Edgar Schneider (Lei nº 2757 de 04/12/1964).

Década de 1970 A trajetória da recreação pública em Porto Alegre culminou com a criação do Centro de Estudos sobre Lazer e Recreação (CELAR), em 1973, “com expressiva repercussão no Sul e em outras regiões do país” (Werneck, 2002: 1996).

Alguns logradouros públicos foram transformados em praças: Praça dos Fenícios, no Loteamento Jardim Ipanema (Lei nº 3374 de 30/04/1970); Praça Arlindo Pasqualini (Lei nº 3410 de 10/07/1970); Praça Manuel de Macedo, no Bairro Jardim Itu-Sabará (Lei nº 3511 de 15/07/1971); Praça Vitória Régia, no Parque São Sebastião (Lei nº 3534 de 27/09/1971); Praça Darcy Azambuja, no Bairro Partenon (Lei nº 3600 de 23/12/1971); Praça Jorge Godofredo Felizardo, no Bairro Anchieta (Lei nº 3623 de 15/05/1972); Praça Desembargador La Hire Guerra, no Bairro Três Figueiras (Lei nº 3648 de 23/06/1972); Praça Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, no Bairro Itu-Sabará (Lei nº 3652 de 03/07/1972); Praça Frei Orlando, no Parque Residencial Jardim Botânico (Lei nº 3673 de 21/07/1972); Praça Professor Leonardo Macedônia, no Parque Residencial Dona Matilde (Lei nº 3701 de 08/11/1972); Praça Frederico Ozanam, no Bairro Vila Ipiranga (Lei nº 3702 de 08/11/1972); Praça Irmão Désiré Afonso, no Loteamento Vila Elizabeth (Lei nº 3728 de 14/12/1972); Praça de Esportes Luiz de Calasans, na Vila Elizabeth, Bairro Sarandi (Lei nº 3754 de 05/01/1973); Praça Miguel Gustavo, no Conjunto Residencial Passo da Mangueira (Lei nº 3765 de 13/06/1973); Praça Alfred Sehbe, no Loteamento Vila Ipiranga (Lei nº 3766 de 14/06/1973); Praça Jorge Bastane, no Bairro Parque São Sebastião (Lei nº 3791 de 11/09/1973); Praça Carmem Miranda (Lei nº 3796 de 15/10/1973); Praça Associação Rio Grandense de Imprensa, na Vila São Lourenço (Lei nº 3843 de 14/12/1973); Praça Adel Carvalho, na Vila Izabel (Lei nº 3895 de 15/07/1974); Praça Marselhesa, no Bairro Santa Cecília (Lei nº 3898 de 18/07/1974); Praça Dr. João Petersen Júnior, no Bairro Petrópolis (Lei nº 3905 de 19/09/1974); Praça das Nações Árabes, na Vila Ipiranga (Lei nº 3913 de 30/09/1974); Praça Cruz Vermelha (Lei nº 3936 de 06/12/1974); Praça Miguel Aníbal Genta, no Loteamento Jardim Planalto (Lei nº 3973 de 26/12/1974); Praça José Alexandre Zachia, no Bairro Cristal (Lei nº 4021 de 30/09/1975); Praça Raul Pilla (Lei nº 4025 de 17/

10/1975); Praça Fortunado Pimentel, no Bairro Vila Ipiranga (Lei nº 4094 de 31/12/1975); Praça John Kennedy, no Bairro Vila Ipiranga (Lei nº 4100 de 31/12/1975); Praça Ruben Santos Noronha (Lei nº 4101 de 31/12/1975); Praça Bispo Machado Krischke, no Loteamento Vila Isabel, Bairro Ipanema (Lei nº 4108 de 31/12/1975); Praça Heitor Brasil Berutti, na Vila Isabel, Bairro Ipanema (Lei nº 4109 de 31/12/1975); Praça Lupicinio Rodrigues, Ilhota (Lei nº 4113 de 09/01/1976); Praça Sport Club Internacional, Ilhota (Lei nº 4150 de 16/07/1976); Praça Dr. Luis Francisco Guerra Blessmann, no Loteamento Três Figueiras (Lei nº 4159 de 10/09/1976); Praça da Preservação, no Bairro Petrópolis (Lei nº 4161 de 10/09/1976); Praça Itati, no Jardim Itati (Lei nº 4158 de 10/09/1976); Praça Coronel Tristão José de Fraga, no Bairro Intercap (Lei nº 4164 de 21/09/1976); Praça Atos Damasceno Ferreira, no Bairro Floresta (Lei nº 4233 de 21/09/1976); Praça Benjamim Baptista de Magalhães, no Bairro Ipanema (Lei nº 4170 de 29/09/1976); Praça Raymundo Scherer, no Bairro Jardim Botânico (Lei nº 4229 de 12/12/1976); Praça Torben de Alencastro Friedrich, no Bairro Jardim Lindóia (Lei nº 4293 de 22/06/1977); Praça Jornal do Comércio, no Conjunto Residencial Jardim América, Bairro Santo Antônio (Lei nº 4307 de 13/07/1977); Praça Bernardo Dreher, no Bairro Ipanema (Lei nº 4309 de 18/07/1977); Praça Álvaro Coelho Borges (Lei nº 4321 de 18/10/1977); Praça Cinquentenário da Rádio Gaúcha, no Bairro Menino Deus (Lei nº 4347 de 30/11/1977); Praça Breno Puente Só, no Loteamento Vila Santo Antônio, Bairro Ipanema (Lei nº 4377 de 13/12/1977); Praça Professor Antônio Saint-Pastous de Freitas, Bairro Centro (Lei nº 4416 de 09/06/1978); Praça Engenheiro Guilherme Gaudenzi, no Bairro Praia de Belas (Lei nº 4460 de 28/09/1978); Praça San Martin, no Loteamento Vila Ipiranga IV (Lei nº 4556 de 30/04/1979); Praça Leopoldo Bernardo Boeck, no Loteamento Vila Ipiranga IV (Lei nº 4558 de 07/05/1979); Praça da Alfândega (Lei nº 4563 de 28/05/1979); Praça Dr. Ernesto Corrêa, no Bairro Cristal (Lei nº 4605 de 01/10/1979); Praça Grêmio Foot-ball Porto Alegrense, no Bairro Medianeira (Lei nº 4607 de 03/10/1979); Praça Heron Domingues, no Bairro Jardim Itu-Sabará (Lei nº 4614 de 24/10/1979); Praça Louis Braille, na Vila Assunção, Bairro Tristeza (Lei nº 4618 de 31/10/1979); Praça David Bem-Gurion, no Parque Residencial Morumbi, Bairro Jardim Itu-Sabará (Lei nº 4644 de 26/11/1979). A praça General Osório, sede do primeiro Jardim de Recreio de Porto Alegre, foi remodelada em 1972. Os nomes de algumas praças foram modificados, como aconteceu com a Praça da Harmonia, que passou a ser denominada de Praça Brigadeiro Sampaio (Lei nº 3387 de 25/05/1970) e a Praça São Pedro chamada de Praça Monsenhor Emilio Lottermann (Lei nº 3642 de 09/06/1972). Além das praças, um logradouro público foi transformado no Parque Moinhos de Vento (Lei nº 3703 de 09/11/1972).

Neste período foram implantados os “centros de comunidade” em diversos bairros, enquanto espaços destinados a atender a educação, cultura e lazer da população porto-alegrense. Estes centros, além de instalações destinadas às práticas desportivas, possuíam espaços para a promoção de atividades artístico-culturais e cursos de formação profissional. A Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC) desenvolvia projetos, visando atingir a população que não possuía centro de comunidade em seu bairro. O projeto “Tenda da Cultura” atingiu aproximadamente 36.000 pessoas em seis meses de atividades e o “Carrossel de Cultura” contabilizou quantidade semelhante de participantes nos seus espetáculos, no mesmo período (Werneck, 2002: 127).

Década de 1980 Alguns logradouros públicos foram transformados em praças: Praça Vinte de Maio (Lei nº 4711 de 08/01/1980); Praça Januário Greco, no Bairro Ipanema (Lei nº 4753 de 11/07/1980); Praça Augusto Cesar Sandino, no Bairro Menino Deus (Lei nº 4802 de 06/11/1980); Praça Engenheiro Guilherme Gaudenzi, no Bairro Praia de Belas (Lei nº 4901 de 25/05/1981); Praça Padre José Massimi, na Vila do IAPI, no Bairro Passo da Areia (Lei nº 4970 de 20/10/1981); Praça Inícius de Moraes, no Balneário Espírito Santo, Bairro Espírito Santo (Lei nº 4982 de 24/11/1981); Praça Província de Shiga, no Bairro Passo da Areia (Lei nº 5100 de 12/05/1982); Praça São João, no Bairro São João (Lei nº 5244 de 23/12/1982); Praça Breno Vignoli, na Chácara Santos Netto, Bairro Petrópolis (Lei nº 5312 de 16/09/1983); Praça Brigadeiro Niederauer (Lei nº 5375 de 28/12/1983); Praça Gládis de Deus Pereira, na Vila Nova Restinga (Lei nº 5376 de 28/12/1983); Praça Julio Andreatta, no Bairro São Geraldo (Lei nº 5386 de 05/01/1984); Praça Professor Luiz Leseigneur de Faria, no Bairro São João (Lei nº 5421 de 04/06/1984); Praça Oscar Boeira, no Bairro

Auxiliadora (Lei nº 5427 de 09/07/1984); Praça Dr. Jurandy Barcellos da Silva, no Conjunto Residencial Jardim Medianeira, Bairro Santa Teresa (Lei nº 5500 de 23/11/1984); Praça Padre Rambo (Lei nº 5460 de 07/11/1984); Praça Revolução Farroupilha (Lei nº 5559 de 25/01/1985); Praça México (Lei nº 5575 de 14/06/1985); Praça Professor Jacy Carneiro Monteiro, no Bairro Santo Antônio (Lei nº 5586 de 20/06/1985); Praça Berta Starosta, no Bairro Rio Branco (Lei nº 5592 de 27/06/1985); Praça Morro da Primavera (Lei nº 5649 de 17/10/1985); Praça João Calegari Neto, no Conjunto Residencial Dom Pedro I, Bairro Sarandi (Lei nº 5620 de 12/09/1985); Praça Cid Pinheiro Cabral, no Bairro Menino Deus (Lei nº 5631 de 26/09/1985); Praça Silvio Ughini, Bairro Rio Branco (Lei nº 5653 de 24/10/1985); Praça Sady da Conceição (Lei nº 5655 de 25/10/1985); Praça Henrique Luiz Roessler, no Bairro Cidade Baixa (Lei nº 5729 de 27/12/1985); Praça Cicero do Amaral Viana, no Bairro Menino Deus (Lei nº 5746 de 13/01/1986); Praça Dante Santoro, no Bairro Floresta (Lei nº 5761 de 12/06/1986); Praça da FEB, no Bairro Sarandi (Lei nº 5769 de 11/07/1986); Praça Montese, no Bairro Medianeira (Lei nº 5778 de 22/07/1986); Praça dos Jardineiros, no Bairro Vila Assunção (Lei nº 5771 de 21/07/1986); Praça José Comunal, no Bairro Belém Novo (Lei nº 5786 de 17/10/1986); Praça Joaquim Paulo de Amorim, no Bairro Glória (Lei nº 6011 de 07/12/1987); Praça União (Lei nº 6133 de 27/06/1988); Praça Coronel Elpidio Martins, no Bairro Centro (Lei nº 6264 de 07/09/1988); Praça Professor Darcy Inda Pereira, no Bairro Santa Teresa (Lei nº 6343 de 05/01/1989); Praça Moshe Dayan, (Lei nº 6349 de 05/01/1989); Praça PM Alcides Figueiredo César, no Bairro Parque São Sebastião (Lei nº 6358 de 16/01/1989); Praça Irene Elisalde Stricher, no Bairro cavahada (Lei nº 6366 de 20/01/1989); Praça Batalhão Suez, no Bairro Centro (Lei nº 6376 de 20/01/1989); Praça Itália, no Bairro Menino Deus (Lei nº 6441 de 31/08/1989); Praça Abraão Chwartzmann, no Bairro Cristo Redentor (Lei nº 6457 de 17/10/1989); Praça Dr. Antônio Lierira, no Conjunto Residencial Jardim Medianeira, Bairro Santa Teresa (Lei nº 6470 de 20/10/1989).

Muitas destas praças foram instaladas nos loteamentos, que se expandiram na cidade de Porto Alegre: Praça dos Cataventos, no Loteamento Jardim do Salso (Lei nº 4899 de 20/05/1981); Praça Alba Carvalho Degrazia, no Loteamento Parque Cristal, Bairro Cavahada (Lei nº 4991 de 30/11/1981); Praça Carlos Simão Arnt, no Loteamento Chácara Santos Netto, Bairro Bela Vista (Lei nº 5013 de 11/12/1981); Praça Grande Oriente do Rio Grande do Sul, no Loteamento Banco Agrícola e Mercantil S. A., Bairro Nonoai (Lei nº 5063 de 23/12/1981); Praça Vinte de Maio, no Loteamento Jardim Itati, Bairro Vila Ipiranga (Lei nº 5061 de 23/12/1981); Praça Simão Goldman, no Loteamento Parque Cristal, Bairro Cavahada (Lei nº 5123 de 08/06/1982); Praça Dr. Paulino de Vargas Vares, no Loteamento Recanto do Sabiá, Bairro Cavahada (Lei nº 5125 de 08/06/1982); Praça Paula Maciel de Oliveira, no Loteamento Belém Novo Balnear, Bairro Belém Novo (Lei nº 5149 de 16/07/1982); Praça Álvares Maciel, no Loteamento Parque Residencial Sarandi (Lei nº 5158 de 16/08/1982); Praça Inácio Martins da Silva, no Loteamento Belém Novo Balnear, Bairro Belém Novo (Lei nº 5269 de 06/01/1983); Praça Jorge Donario Machado, no Loteamento Vila do Ingá (Lei nº 5311 de 13/09/1983); Praça Gustavo Langsch, no Loteamento Chácara santos Netto, Bairro Bela Vista (Lei nº 5372 de 26/12/1983); Praça Florinda Tubino Sampaio, no Loteamento Juca Batista (Lei nº 5385 de 5/1/1984); Praça Dinah Néri Pereira, no Loteamento Juca Batista (Lei nº 5396 de 09/01/1984); Praça Engenheiro Daniel Ribeiro, no Loteamento Parque Industrial Benópolis (Lei nº 5412 de 18/05/1984); Praça da Amizade, no Loteamento Chácara Firmiano, Bairro São José (Lei nº 5418 de 28/05/1984); Praça Dr. Samir Squeff, no Loteamento Cidade Intercap (Lei nº 5422 de 22/06/1984); Praça Leda Schneider, no Loteamento Cidade Intercap (Lei nº 5424 de 27/06/1984); Praça Maurício Zaduchliever, no Loteamento Parque Residencial Santa Anita (Lei nº 5435 de 12/07/1984); Praça RBS, no Loteamento Jardim Novo Petrópolis, Bairro Itu-Sabará (Lei nº 5477 de 22/11/1984); Praça João Batista Scalco, no Loteamento Novo Petrópolis, Bairro Jardim Itu-Sabará (Lei nº 5478 de 22/11/1984); Praça Germinal Michele, no Loteamento Jardim Ipu (Lei nº 5489 de 23/11/1984); Praça Major Augusto Koch, no Loteamento Parque Minuano (Lei nº 5492 de 23/11/1984); Praça Isaak Radin, no Loteamento Jardim Sabará, Bairro Itu-Sabará (Lei nº 5493 de 23/11/1984); Praça Paulo Renato Crochemore, no Loteamento Bairro Anchieta (Lei nº 17/12/1984); Praça Angelo Ricci, no Loteamento Parque do Salso, Bairro Vila Nova (Lei nº

5547 de 27/12/1984); Praça Clio Fiori Druck, no Loteamento Cidade Intercap (Lei nº 5555 de 07/01/1985); Praça Osvaldo Schwerdt, no Loteamento Vila Izabel, Bairro Ipanema (Lei nº 5578 de 14/06/1985); Praça João Baptista Lessa, no Loteamento Belém Novo Balnear, Bairro Belém Novo (Lei nº 5588 de 21/06/1985); Praça Pedro João Faccio, no Loteamento Vila Diamantina, Bairro Rubem Berta (Lei nº 5599 de 10/07/1985); Praça Dr. Oscar Sális, no Loteamento Vila Ipiranga, Bairro Vila Ipiranga (Lei nº 5621 de 13/09/1985); Praça Antônio Valentim Stoll, no Loteamento Parque Arvoredo (Lei nº 5622 de 13/09/1985); Praça Floresta Aurora, no Loteamento Jardim Campos Velho, Bairro Cristal (Lei nº 5612 de 06/09/1985); Praça Antônio Gildo Irigaray, no Loteamento Vila IAPI, Bairro Passo da Areia (Lei nº 5633 de 26/09/1985); Praça Suíça, no Loteamento Jardim Verde Ipanema (Lei nº 5660 de 04/11/1985); Praça Francisco José Zaffari, no Loteamento Parque Santa Fé, Bairro Rubem Berta (Lei nº 5671 de 02/12/1985); Praça Professor Ernani Maria Flori, no Loteamento Jardim Verde Ipanema (Lei nº 5733 de 06/01/1986); Praça Che Guevara, no Loteamento Vila Restinga (Lei nº 5740 de 08/01/1986); Praça Juvenal Jacintho de Souza, no Loteamento Parque Residencial Ernesto Di Primio Beck, Bairro Guarujá (Lei nº 5747 de 13/01/1986); Praça Pery de Castro, no Loteamento Parque Residencial Bahamas (Lei nº 5750 de 13/01/1986); Praça José Dornelles Medina, no Loteamento Jardim Itati (Lei nº 5758 de 14/05/1986); Praça Laura Fulginiti, no Loteamento Residencial Altos do Ipê (Lei nº 5783 de 10/10/1986); Praça Frederico Garcia Lorca, no Loteamento Residencial Altos do Ipê (Lei nº 5804 de 25/11/1986); Praça Carlos José Gomes de Carvalho, no Loteamento Residencial Jardim Leblon (Lei nº 5805 de 27/11/1986); Praça Professor Emílio Mabilde Ripoll, no Loteamento Parque Salomoni (Lei nº 5817 de 17/12/1986); Praça Hamilton Chaves, no Loteamento Chácara Menezes, Bairro Nonoai (Lei nº 5853 de 8/01/1987); Praça Pedro Vergara, no Loteamento Ipanema Imperial Parque (Lei nº 5907 de 1/7/1987); Praça Davi Malinski, no Loteamento Jardim Verde Ipanema (Lei nº 5915 de 7/7/1987); Praça Dante Barone, no Loteamento Vila Assunção (Lei nº 5962 de 15/10/1987); Praça Tristão Sucupira Vianna, no Loteamento Jardim Guanabara (Lei nº 5966 de 20/10/1987); Praça Luiz Heron Araújo, no Loteamento Tapete Verde (Lei nº 5991 de 17/10/1987); Praça Administrador Belmiro Siqueira, no Loteamento Chácara Santa Flora (Lei nº 5997 de 30/11/1987); Praça Márcia Heinz, no Loteamento Jardim Maurício, Bairro Ipanema (Lei nº 6033 de 18/12/1987); Praça Vereador Valneri Antunes, no Loteamento Vila Petrópolis (Lei nº 6087 de 13/01/1988); Praça Recanto dos Amigos, no Loteamento Vila Carlos Barbosa, Bairro Medianeira (Lei nº 6130 de 27/06/1988); Praça Luiz Carvalho, no Loteamento Parque Arvoredo, Bairro Jardim Itu-Sabará (Lei nº 6144 de 11/07/1988); Praça Wolfgang Klaus Sopher, no Loteamento Itati, Bairro Vila Ipiranga (Lei nº 6148 de 01/07/1988); Praça Malaquias José de Souza, no Loteamento Balneário Arado Velho (Lei nº 6177 de 30/8/1988); Praça Universidade, no Loteamento Jardim Guanabara, Vila Intercap (Lei nº 6190 de 21/09/1988); Praça Guilherme Flores da Cunha, no Loteamento Parque do Arvoredo, Bairro Jardim Itu-Sabará (Lei nº 6192 de 21/9/1988); Praça Jardim das Oliveiras, no Loteamento Jardim Sargento Geraldo Santana (Lei nº 6248 de 01/11/1988); Praça José Amador dos Reis, no Loteamento Vila Protásio Alves (Lei nº 6371 de 20/1/1989); Praça do Verde, no Loteamento Jardim Ypu (Lei nº 6392 de 28/04/1989); Praça Professora Olga Gutierrez, no Loteamento Beverly Hill, no Bairro Santa Teresa (Lei nº 6445 de 26/09/1989); Praça Hélio Pellegrino, no Loteamento Max Geiss, Bairro Rubem Berta (Lei nº 6488 de 22/11/1989); Praça José Marti, no Loteamento Vila Santa Tereza, Bairro Cristal (Lei nº 6489 de 22/11/1989); Praça Augusto Ruski, no Loteamento Jardim Dona Leopoldina II (Lei nº 6490 de 22/11/1989); Praça Povo Palestino, no Loteamento Jardim Dona Leopoldina II (Lei nº 6525 de 26/12/1989). Algumas praças públicas receberam denominação, como foi o caso da Praça Francisco Aurélio Pacheco, no Loteamento Jardim Itu (Lei nº 5462 de 07/11/1984) e Praça Finlândia, no Loteamento Jardim Itu (Lei nº 5465 de 12/11/1984). Ainda foram criados dois parques: Parque da Harmonia (Lei nº 5066 de 23/12/1981); e Parque Marechal Mascarenhas de Moraes, no loteamento Parque Industrial Benópolis, Bairro Dona Teodora (Lei nº 5134 de 02/07/1982); Parque da Harmonia (Lei nº 5066 de 23/12/1981) A Lei que criou o parque foi revogada pela Lei nº 5885 de 25/03/1987, que mudou o nome para Parque Maurício Sirotsky Sobrinho. Após dois anos, o parque voltou a ter sua primeira denominação – Parque da Harmonia (Lei nº 6450 de 26/09/1989).

Década de 1990 Porto Alegre possui uma população de 1.286.251 habitantes (IBGE, 1996). Novas praças foram instaladas em bairros da cidade: Praça Delegado Carlos Armando Gadret, no Bairro Santana (Lei nº 6667 de 03/08/1990); Praça general Braga Pinheiro (Lei nº 6670 de 21/9/1990); Praça Estado de Santa Catarina, no Bairro Praia de Belas (Lei nº 6707 de 19/11/1990); Praça Rotary, no Bairro Praia de Belas (Lei nº 6747 de 07/11/1990); Praça Josué Ribas Martins, no Bairro Santo Antônio (Lei nº 6955 de 04/12/1991); Praça Dr. Francisco Juruena, no Conjunto Residencial Jardim Medianeira, Bairro Santa Teresa (Lei nº 7014 de 19/03/1992); Praça Zamprogna, no Bairro Humaitá (Lei nº 7092 de 19/06/1992); Praça Mansueto Bernardi, no Jardim das Palmeiras, Bairro Cavahada (Lei nº 7085 de 16/06/1992); Praça Maurício Rosenblatt, na Vila Petrópolis, Bairro Petrópolis (Lei nº 7252 de 18/05/1993); Praça Jairo Domingo de Galisteo, na Cidade de Deus, Bairro Cavahada (Lei nº 7301 de 31/08/1993); Praça Laurentino Zottis, no Bairro Cidade Baixa (Lei nº 7325 de 01/10/1993); Praça Jardim do Salso José Luiz Carneiro Cruz, Bairro Jardim do Salso (Lei nº 7405 de 10/01/1994); Praça Laurentino Zottis, no Bairro Cidade Baixa (Lei nº 7405 de 10/01/1994); Praça Ianomâmis, no Bairro Nonoai (Lei nº 7435 de 06/06/1994); Praça Valdomiro Gomes de Oliveira, no Bairro Jardim Itu-sabará (Lei nº 7465 de 20/07/1994); Praça Saint-Clair Soares, Bairro Jardim Itu-Sabará (Lei nº 7466 de 20/07/1994); Praça Dr. Dario Rodrigues da Silva, Bairro Teresópolis (Lei nº 7517 de 10/10/1994); Praça Artur Carneiro Pinto, Bairro Praia de Belas (Lei nº 7729 de 22/12/1995); Praça Luiz Carlos Vitória, no Bairro Rubem Berta (Lei nº 7870 de 23/10/1996); Praça Monsenhor João André Mascarello, Bairro São João (Lei nº 7899 de 27/11/1996); Praça João Roxo, no Bairro Jardim São Pedro (Lei nº 7903 de 29/11/1996); Praça Arthur Ferreira Filho, no Bairro Santo Antônio (Lei nº 7908 de 05/12/1996); Praça Parque Residencial Malcon, no Bairro Sarandi (Lei nº 7947 de 06/01/1997); Praça André Forster, Bairro Petrópolis (Lei nº 8123 de 06/01/1998); Praça Marco Antônio Hilário de Oliveira, no Loteamento Castelo Branco, Bairro Farrapos (Lei nº 8124 de 06/01/1998); Praça Vasco Rodrigues de Lima, no Bairro Restinga (Lei nº 8142 de 03/04/1998); Praça Monsenhor Avelino Dalla Vecchia, no Bairro Jardim Carvalho (Lei nº 8270 de 06/01/1999); Praça Pasqual Bavaresco, no Bairro Teresópolis (Lei nº 8295 de 10/05/1999); Praça Nelson Bório, no Bairro Cristo Redentor (Lei nº 8305 de 04/06/1999); Praça Arquiteta Berenice Baptista, no Bairro Três Figueiras (Lei nº 8332 de 02/09/1999); Praça Giovanna Xavier, no Bairro São José (Lei nº 8334 de 02/09/1999); Praça Doutor Orlando de Assis Corrêa, no Bairro Vila Nova (Lei nº 8348 de 29/09/1999); Praça Januário Pereira da Costa, no Bairro Santa Tereza (Lei nº 8399 de 02/12/1999); Praça da Juventude Thiago de Moraes Gonzaga, no Bairro Medianeira (Lei nº 8432 de 29/12/1999).

Nos loteamentos, também foram instaladas muitas praças: Praça Holanda, no Loteamento Chácara Schönwald, Bairro Higienópolis (Lei nº 6576 de 08/01/1990); Praça José Mariano de Freitas Beck, no Loteamento Jardim Vila Nova, Bairro Vila Nova (Lei nº 6577 de 08/01/1990); Praça Inspetor Irani Bertelli, no Loteamento Vila Ipiranga, Bairro Vila Ipiranga (Lei nº 6588 de 16/01/1990); Praça Cristo Redentor, no Loteamento Vila Cristo Redentor, Bairro Cristo Redentor (Lei nº 6592 de 30/01/1990); Praça Paulo Carvalho Pinheiro, no Loteamento Passo D'Areia, Bairro Passo da Areia (Lei nº 6610 de 31/05/1990); Praça Ruben Medeiros, no Loteamento Jardim Sabará, Bairro Jardim Itu-Sabará (Lei nº 6632 de 11/7/1990); Praça Dr. Viriato Dutra, no Loteamento Popular Vila Nova, Bairro Vila Nova (Lei nº 6666 de 3/8/1990); Praça Carlos Fonseca Amador, no Loteamento Vila Protásio Alves (Lei nº 6694 de 24/10/1990); Praça Irceu Antônio Gasparin, no Loteamento Parque do Arvoredo, Bairro Jardim Itu-Sabará (Lei nº 6713 de 19/11/1990); Praça Octacílio Gonçalves do Santos, no Loteamento Parque do Arvoredo, Bairro Jardim Itu-Sabará (Lei nº 6711 de 19/11/1990); Praça Jacob Edmundo Weissheimer, no Loteamento Jardim Bento Gonçalves (Lei nº 6731 de 22/11/1990); Praça Joaquim Sandri dos Santos, no Loteamento Parque Arvoredo, Bairro Jardim Itu-Sabará (Lei nº 6733 de 22/11/1990); Praça Cel. PM. Aldo Ladeira Ribeiro, no Loteamento Vila Passo da Areia, Bairro Santa Maria Goretti (Lei nº 6778 de 04/01/1991); Praça Catanzaro, no Loteamento Jardim Itati, Bairro Vila Ipiranga (Lei nº 6779 de 04/01/1991); Praça Poetisa Consuelo Belloni, no Loteamento Vila Passo da Areia, Bairro Santa Maria Goretti (Lei nº 6795 de 11/01/1991); Praça Figueira da Pedra, no Loteamento Jardim Vila Nova, Bairro Vila Nova (Lei nº 6829 de

02/05/1991); Praça Frei Celso Brancher, no Loteamento Vila São Caetano, Bairro Teresópolis (lei nº 6827 de 2/5/1991); Praça Rosa de Luxemburgo, no Loteamento Jardim do Salso, Bairro Bom Jesus (Lei nº 6850 de 4/7/1991); Praça Professor Jorge dos Santos Rosa, no Loteamento Parque dos Maias 1, Bairro Rubem Berta (Lei nº 6881 de 28/8/1991); Praça Emílio Olivo Sessa, no Loteamento Castelo Branco, Bairro Dona Teodora (Lei nº 6882 de 28/8/1991); Praça Normelinda Lemes Muniz, no Loteamento Castelo Branco, Bairro Farrapos (Lei nº 6885 de 4/9/1991); Praça Conselheiro Affonso Pereira da Fonseca, no Loteamento Castelo Branco, Bairro Farrapos (Lei nº 6886 de 4/9/1991); Praça 20 de Setembro, no Loteamento Vila Brasília, Bairro Jardim Carvalho (Lei nº 6887 de 4/9/1991); Praça Antero de Quental, no Loteamento Castelo Branco, Bairro Farrapos (Lei nº 6905 de 17/10/1991); Praça Arquiteto Edgar Albuquerque Graeff, no Loteamento Vila Petrópolis, Bairro Protásio Alves (Lei nº 6928 de 29/10/1991); Praça Antão Abade das Chagas, no Loteamento Castelo Branco, Bairro Farrapos (Lei nº 7003 de 10/01/1992); Praça Annita Zandwais, no Loteamento Belém Novo Balnear, Bairro Belém Novo (Lei nº 7031 de 06/05/1992); Praça Dirceu Mosmann, no Loteamento Castelo Branco, Bairro Farrapos (Lei nº 7058 de 28/05/1992); Praça Pedro Pufal, no Loteamento Castelo Branco, Bairro Farrapos (Lei nº 7059 de 28/05/1992); praça Setembrino Nunes da Silva, no Loteamento castelo Branco, Bairro Farrapos (Lei nº 7066 de 28/05/1992); Praça Cel. Alberto Walter de Almeida, no Loteamento Vila do Ingá, Bairro Passo das Pedras (Lei nº 7074 de 29/05/1992); Praça Fernando Augusto Jarros Worm, no Loteamento Vila Elizabeth, Bairro Sarandi (Lei nº 7104 de 02/07/1992); Praça Rubem Medeiros, no Loteamento Parque dos Mayas I, Bairro Rubem Berta (Lei nº 7105 de 02/07/1992); Praça Capataz João Ribeiro, no Loteamento Jardim das Palmeiras, Bairro Cavahada (Lei nº 7117 de 20/07/1992); praça Jorge Aveline, no Loteamento Balneário Juca Batista, Bairro Ipanema (Lei nº 7133 de 28/07/1992); Praça Paulo Hohlfeldt Filho, no Loteamento Passo da Areia, Bairro Passo da Areia (Lei nº 7151 de 28/9/1992); Praça Francisco Perasi, no Loteamento Bairro Cavahada, Birro Cavahada (Lei nº 7152 de 28/09/1992); Praça Irmã Dulce, no Loteamento Jardim Sabará, Bairro Jardim Itu-Sabará (Lei nº 7213 de 08/01/1993); Praça Benedito Stefani, no Loteamento Barão do Cahy, Bairro Sarandi (Lei nº 7214 de 08/01/1993); Praça Clemente Argollo Mendes, no Loteamento Jardim das Palmeiras, Bairro Cavahada (Lei nº 7217 de 11/01/1993); Praça 29 de Setembro, no Loteamento Vila São Caetano, Bairro Teresópolis (Lei nº 7221 de 11/01/1993); Praça Breno Caldas, no Loteamento Jardim Itu, Bairro Jardim Itu-Sabará (Lei nº 7222 de 11/01/1993); Praça Jaime Wainberg, no Loteamento Jardim Novo Petrópolis, Bairro Jardim Itu-Sabará (Lei nº 7262 de 09/06/1993); Praça Herbert Caro, no Loteamento Vila São Caetano, no Bairro Teresópolis (Lei nº 7285 de 15/07/1993); Praça Flávio Veiga Miranda, no Loteamento Parque Santa Fé, Bairro Rubem Berta (Lei nº 7349 de 29/10/1993); praça Crianças da Candelária, no Loteamento Imobiliária Max Geiss, Bairro Rubem Berta (Lei nº 7368 de 24/11/1993); Praça Carlinhos Hartlieb, no Loteamento Castelo Branco, Bairro Farrapos (Lei nº 7389 de 24/12/1993); Praça Oscar Bertholdo, no Loteamento Castelo Branco, Bairro Farrapos (Lei nº 7396 de 04/01/1994); Praça Praça Arquiteto Enio Wurdig, no Loteamento Parque do Sabiá (Lei nº 7521 de 13/10/1994); Praça Osvaldo Mazola Rodrigues, no Loteamento Castelo Branco, Bairro Farrapos (Lei nº 7464 de 20/07/1994); Praça Arquiteto Enio Wurdig, no Loteamento Parque do Sabiá (Lei nº 7521 de 13/10/1994); Praça Antonio Carlesso, no Loteamento Castelo Branco, Bairro Farrapos (Lei nº 7614 de 09/05/1995); Praça Iberê Camargo, no Loteamento Castelo Branco, Bairro Farrapos (Lei nº 7649 de 04/09/1995); Praça Norberto Cavalcanti, no Loteamento Castelo Branco, Bairro Farrapos (Lei nº 7655 de 04/09/1995); Praça Ephraim Pinheiro Cabral, no Loteamento Jardim Country Club, Bairro Boa Vista (Lei nº 7658 de 04/09/1995); Praça José César de Mesquita, no Loteamento Vila Nova Gleba, Bairro Rubem Berta (Lei nº 7683 de 25/10/1995); Praça Província de São Pedro, no Loteamento Residencial Piratini (Lei nº 7786 de 09/05/1996); Praça Percival Flores, no Loteamento Jardim Residencial Anna Carvalho, Bairro Partenon (Lei nº 7788 de 24/05/1996); Praça São Marun, no Loteamento Joframa, no Bairro Jardim Itu-Sabará (Lei nº 7971 de 07/03/1997); Praça Firmino Sá Brito Cardoso, no Loteamento Jardim Vila Nova, Bairro Vila Nova (lei nº 8045 de 16/10/1997); Praça Dom Edmundo Kunz, no Loteamento Castelo Branco, Bairro Farrapos (Lei nº 8070 de 19/11/1997); Praça Dom Cláudio Colling,

no Loteamento Castelo Branco, Bairro Farrapos (Lei nº 8127 de 06/01/1998); Praça Monsenhor Alberto Nejar, no Loteamento Castelo Branco, Bairro Farrapos (Lei nº 8156 de 13/05/1998); Praça Emílio Rocha do Prado, no Loteamento Vila Bom Jesus, Bairro Bom Jesus (Lei nº 8274 de 08/01/1999); Praça Cel. Edir da Silva, no Loteamento Jardim Sargento Geraldo Santana, Bairro Partenon (Lei nº 8435 de 30/12/1999). Além de alguns parques: Parque Alemanha, no Loteamento Iguatemi, Bairro Iguatemi (Lei nº 6688 de 15/10/1990); Parque Brigada Militar, no Loteamento Parque Arvoredo, Bairro Jardim Itu-Sabará (Lei nº 7047 de 20/05/1992); Parque Chico Mendes, no Loteamento Jardim Leopoldina (Lei nº 7113 de 8/7/1992); Parque Natural Morro do Osso (Lei 8155 de 12/05/1998); Parque Zeno Simon, no Loteamento Balneário Guarujá, Bairro Guarujá (Lei nº 8271 de 08/01/1999); Praça Ivo Alexandre Rizzo, no Loteamento Castelo Branco, Bairro Farrapos (Lei nº 8307 de 04/06/1999); Praça Monsenhor Roncato, no Loteamento Jardim Sabara, Bairro Jardim Itu-Sabará (Lei nº 8322 de 22/06/1999); Praça Glaucus Saraiva, no Loteamento Castelo Branco (Lei nº 8372 de 09/11/1999); Praça Marcos Machado, no Loteamento Castelo Branco, Bairro Farrapos (Lei nº 8374 de 09/11/1999); Praça Aristides Dias Souto, no Loteamento Castelo Branco, Bairro Farrapos (Lei nº 8375 de 09/11/1999); Praça Arlindo Wendelino Kremer, no Loteamento Castelo Branco, Bairro Farrapos (Lei nº 8376 de 09/11/1999); Praça Luiz Castro da Silva, no Loteamento Castelo Branco, Bairro Farrapos (Lei nº 8385 de 12/11/1999); Praça Cel. Orpheu Correa e Silva, no Loteamento Vila Nova Gleba, Bairro Rubem Berta (Lei nº 8400 de 02/12/1999); Praça Dimas Costa, no Loteamento Castelo Branco, Bairro Farrapos (Lei nº 8429 de 29/12/1999).

Alguns destes espaços, a partir de 1990, se tornaram palco do Programa de Verão da Gurizada, promovido pela Secretaria Municipal de Esportes-SME, que oferecia atividades esportivas e recreativas para crianças, nos meses de janeiro e fevereiro. As primeiras comunidades contempladas foram aquelas próximas ao Parque Chico Mendes, Praça Cândido de Menezes, Praça Lagos, Parque Partenon e Parque dos Maias, atendendo a cerca de 200 crianças por semana.

Em 1991, a SME iniciou as atividades voltadas para a Terceira Idade no Parque Araribóia, que passaram a ser oferecidas no Ginásio Tesourinha, a partir de 1993. Estas iniciativas originaram o programa de Bem com a Vida, realizado desde 1999, no Parque Araribóia, Bairro Jardim Botânico. O programa desenvolve as seguintes atividades: Bate-Papo sobre qualidade de vida; Jogos de Integração, Encontro Anual sobre Envelhecimento e Projeto Espaço Aberto da Terceira Idade (composto por oficinas sobre envelhecimento e qualidade de vida).

O Programa Lazer e Saúde – Caminhadas e Corridas Orientadas foi implantado em 1991 como projeto piloto, no Parque Marinha do Brasil. Devido à grande aceitação pelo público, gradativamente, o programa foi sendo ampliado.

A SME estima que aproximadamente 40.000 jovens participaram do Programa Interpraças até o início de 1990. Em 1999, a SME reformulou o Interpraças, que passou a configurar-se enquanto um campeonato dirigido para jovens até 18 anos, nas modalidades de vôlei, futsal, basquete, futebol de campo e handebol, realizado nas quadras esportivas das praças, parques e centros de comunidade. Este programa mudou a denominação para “Jogando nas Praças” e começou a contemplar, também, as escolas públicas e equipes ligadas às associações comunitárias e grupos de amigos. O Campeonato Municipal de Várzea é coordenado pela SME desde 1993, sendo realizado simultaneamente em todas as regiões onde havia Ligas cadastradas.

Em 1994, a SME implantou o Programa em Cada Campo uma Escolinha (ECCE), objetivando estimular a criação de escolinhas de futebol para jovens de 7 a 15 anos de idade, por meio de um sistema de co-gestão com as comunidades. As atividades iniciaram na Vila Campo da Tuca (Partenon), Vila Campos (Cristal), Vila Safira, Passo das Pedras, Cohab Rubem Berta e na Vila Nova Brasília (Sarandi). Este programa é uma iniciativa pioneira da SME, tendo em vista que nas administrações do município anteriores a 1989, as ações promovidas neste âmbito eram restritas a criação de escolinhas de futebol por ex-jogadores de futebol. Neste mesmo ano, no Bairro Rubem Berta iniciou o programa Brincando na Rua.

O trabalho com educação infantil em espaços informais, denominado Programa Graxaim, foi inaugurado em Porto Alegre no Bairro Passo das Pedras, em 1996. Desde agosto de 1998, é realizado o Programa Ônibus Brincahão, considerado uma Brinquedoteca Itinerante, que circula pelas comunidades de Porto Alegre. A primeira comunidade beneficiada com a visita do ônibus brinquedoteca foi a Vila Brasília (Bairro Sarandi). O programa iniciou com um ônibus (Brincahão 1) adquirido com dotação orçamentária da SME.

2000-2002 Foram contabilizados em Porto Alegre 395 praças (3.050.508 metros quadrados), 11 parques (5.415.808 metros quadrados) e o índice de área verde de 13,6 metros quadrados/habitantes, em 2000 (Jornal Zero Hora, 11/08/2000, p. 4-5).

Alguns logradouros públicos foram denominados praças: Praça Irineu Esteris da Silva, no Bairro Rubem Berta (Lei nº 8525 de 12/06/2000); Praça Henrique Halpern, no Bairro Santana (Lei nº 8613 de 28/09/2000); Praça Frederico Arnaldo Ballvé, no Bairro Higienópolis (Lei nº 8627 de 19/10/2000); Praça Gilda Marinho, no Bairro Chácara das Pedras (Lei nº 8648 de 29/11/2000); Praça Horacio Castello, no Bairro Partenon (Lei nº 8667 de 14/12/2000); Praça Padre Gregório de Nadal, no Bairro Centro (Lei nº 05/01/2001); Praça Roseli Nunes da Silva, na Vila Santa Helena, Bairro Lomba do Pinheiro (Lei nº 8724 de 28/05/2001); Praça Ari da Silva Delgado, no Bairro Vila Assunção (Lei nº 8781 de 09/10/2001); Praça Ervory Rodrigues Tavares, na Vila Safira, Bairro Mário Quintana (Lei nº 8801 de 30/10/2001); Praça Hugo Muxfeldt, no Bairro Jardim Carvalho (Lei nº 8809 de 26/11/2001); Praça Antonio Luiz Roso, no Bairro Três Figueiras (Lei nº 8825 de 10/12/2001); Praça Dom Luiz Felipe de Nadal, no Bairro Moinhos de Vento (Lei nº 8905 de 22/05/2002); Praça Holanda, Bairro Jardim Itu-Sabará (Lei nº 8909 de 27/05/2002); Praça Nina Rosa Calegari, no Bairro Rio Branco (Lei nº 8964 de 24/07/2002); Praça Tito Tajés, no Bairro Tristeza (Lei nº 8970 de 24/07/2002); Praça Padre Nebrídio Bolcato, no Bairro Partenon (Lei nº 8974 de 03/09/2002).

Muitas praças foram instaladas nos loteamentos: Praça Apparicio Silva Rillo, no Loteamento Castelo Branco, Bairro Farrapos (Lei nº 8454 de 04/01/2000); Praça Gládis Mantelli, no Loteamento Jardim do Salso (Lei nº 8461 de 13/01/2000); Praça Juan Sondermann, no Loteamento Parque Residencial Malcon, Bairro Sarandi (Lei nº 8644 de 29/11/2000); Praça Gladis Mantelli, no Loteamento Parque Santa Fé, Bairro Rubem Berta (Lei nº 8656 de 11/12/2000); Praça Eloar Guazzelli, no Loteamento Nova Ipanema (Lei nº 8675 de 19/12/2000); Praça Ernst Ludwig Herrmann, no Loteamento Parque Jardim Atlântida, Bairro São Sebastião (Lei nº 8776 de 09/10/2001); Praça Vinicius de Oxalá, no Loteamento Vila Sarandi, Bairro Sarandi (Lei nº 8777 de 09/10/2001); Praça Boris Russowsky, no Loteamento Jardim Sabará, Bairro Itu-Sabará (Lei nº 8783 de 09/10/2001); Praça Dante de Laytano, no Loteamento Nova Ipanema (Lei nº 8795 de 22/10/2001); Praça Walkirio Ughini Bertoldo, no Loteamento Presidente Costa e Silva, Bairro Rubem Berta (Lei nº 8826 de 10/12/2001). Outros logradouros públicos foram denominados parques: Parque Marcos Rubin, no Bairro Jardim Carvalho (Lei nº 8625 de 19/10/2000); Parque Municipal Gabriel Knijnik, na Vila Nova (Lei nº 8685 de 27/12/2000).

As atividades, inicialmente, desenvolvidas nas praças atingiram escolas e clubes. O programa “Jogando nas Praças” da SME estendeu-se para as escolas da rede privada de ensino e para os clubes esportivos, em 2000. A consolidação do programa para além de praças e parques (um logradouro público foi denominado Parque Marcos Rubin, no Bairro Jardim Carvalho, conforme Lei nº 8625 de 19/10/2000), através do número expressivo de aproximadamente 150 instituições participantes, gerou a mudança da sua denominação para “Jogando em Porto Alegre”, em 2002.

Situação Atual Porto Alegre é a cidade do Estado do Rio Grande do Sul que concentra o maior número de clubes sociais, esportivos e culturais, seguida por Santa Maria e Caxias do Sul. O Estado possui aproximadamente 800 clubes com registro e/ou alvará, sendo que, destes, apenas 120 são cadastrados na Federação Gaúcha de Clubes Sociais, Esportivos e Culturais (Federaclubes-RS). Esta entidade constatou que houve um crescimento de 15% no desempenho dos clubes sociais no ano de 2002. O principal motivo deste crescimento foi atribuído a conscientização dos dirigentes dos clubes no sentido de oferecerem mais benefícios aos associados. Estima-se um aumento deste índice até o final do ano de 2003, em razão da diversificação das atividades esportivas e do efeito do

desempenho dos atletas gaúchos nos Jogos Pan-americanos deste ano. A Federacões-RS apontou a necessidade de maior incentivo do governo, reconhecendo a importância dos clubes no desenvolvimento do esporte de base e de rendimento. A entidade, através de seu representante Salatino (2003, p. 24), criticou a "falta de uma política nacional do esporte, na qual os clubes estejam sintonizados com o desenvolvimento nacional. A modernização é um desafio a ser enfrentado pelos clubes, cujo futuro está focalizado nas atividades de lazer". É preciso que os clubes busquem novas formas de entretenimento para manter e conquistar novos associados.

Os espaços públicos voltados ao lazer, também, expandiram-se com a construção de praças e parques. A SME desenvolve vários projetos nestes espaços. No Programa "Jogando em Porto Alegre" foram inscritas mais de 800 equipes ligadas a 230 instituições, totalizando cerca de 9 mil e 600 crianças e adolescentes e a realização de mais de 3 mil jogos até o final de novembro de 2003. Já o Programa "Em Cada Campo uma Escolinha" - ECCE, está presente em cerca de 100 comunidades diferentes de Porto Alegre, totalizando 72 escolinhas de futebol, que atendem aproximadamente 2.500 crianças, sob a supervisão da SME. Desde sua implantação, participaram do Programa ECCE cerca de 1.500 crianças por ano.

O Campeonato Municipal de Várzea, em sua 11ª edição, marca presença em todas as regiões, com 32 ligas de futebol amador cadastradas, que realizam de março a setembro, 43 campeonatos regionais independentes na cidade de Porto Alegre, totalizando 225 equipes com mais de 5.600 atletas participantes. Desde a primeira edição do campeonato, as categorias da competição foram sendo ampliadas: categoria Principal Livre (1989), categoria Veterano (1994), categoria Infantil e Mirim (1998 – neste ano foi criada a versão infantil do Campeonato Municipal de Várzea, denominada Varzinha), categoria Feminino Livre (2001) e categoria juvenil (2002). A SME contabilizou a participação de aproximadamente 20.000 pessoas, desde a 1ª edição do Campeonato Municipal de Várzea, além de investimentos em torno de R\$ 40.000 por ano, com arbitragem, material esportivo e premiação, sem contabilizar recursos humanos. A organização do campeonato oficial da várzea, visando a integração das Ligas independentes de futebol dos bairros da Capital, foi desencadeada pela Administração Popular da cidade de Porto Alegre.

O Programa de Verão da Gurizada, atualmente chamado Programa Porto Verão, promove atividades voltadas para a população que permanece em Porto Alegre nos meses de verão. As atividades promovidas são as seguintes: recreativas nas 16 regiões do Orçamento Participativo (OP), esportivas na Praia do Lami, Parque Marinha do Brasil e Parque Ramiro Souto e temporada das piscinas nos sete centros de comunidade administrados pela SME. Os centros de comunidade são: Centro de Comunidade Georg Black (Gegeb), Centro de Comunidade da Restiga (Cecores), Centro de Comunidade Parque Madepinho (Cecopam), Centro de Comunidade Maria Goretti (Ceprema), Centro de Comunidade Bairro Floresta (Cecoflor), Centro de Comunidade Bairro Ipiranga (Cecobi) e Centro de Comunidade Vila Elizabeth (Cecove). Desde o início do programa, a SME contabilizou aproximadamente 550 mil

atendimentos. Nos centros de comunidade foram realizados 123.813 atendimentos durante a temporada de piscinas.

O Programa "Brincando na Rua", que iniciou junto a população do Bairro Rubem Berta, atende 28 comunidades periféricas da capital das regiões Norte, Humaitá-Ilhas-Navegantes, Lomba-Partenon, Noroeste, Sul, Extremo-Sul, Restinga, Nordeste, Eixo Baltazar e Glória. Desde a implantação do programa, 96 comunidades da cidade recebem totalizando cerca de 150 mil pessoas. O Programa "De Bem com a Vida", desde sua criação já realizou 58.774 atendimentos de idosos, expandindo-se para todas as regiões da cidade. O Programa "Lazer e Saúde" é realizado em nove locais da cidade: Parque Marinha do Brasil, Moinhos de Vento, Redenção, Calçadão de Ipanema, Ginásio Tesourinha, Parque Alim Pedro, Praça Darcy Azambuja, Parque Humaitá e Parque Santa Anita. Desde a implantação, o Programa cadastrou aproximadamente de 15.000 pessoas e prestou 457.964 atendimentos, mantendo uma média de 25.000 atendimentos por ano. O programa é realizado por dez professores de Educação Física, que atendem por turno, em média, 100 a 120 pessoas. Este é apontado como uma das poucas iniciativas públicas de atividade física permanente existente no Brasil, seguindo as recomendações da Organização Mundial de Saúde. O Programa "Graxaim" realiza serviços de recreação em 31 comunidades da cidade. Desde sua implantação, o "Graxaim" já realizou 25.138 atendimentos.

O Ônibus "Brincalhão" é um programa que, desde seu início, realizou 150.249 atendimentos. O programa já possui um segundo ônibus (Brincalhão 2) adquirido com verba do Orçamento Participativo. Os dois ônibus – brinquedotecas – visitaram 172 comunidades de todas as regiões do Orçamento Participativo de Porto Alegre, em 2002. Este programa pioneiro no Rio Grande do Sul serviu de referência não apenas para cidades (Caxias do Sul e Alvorada), mas também para os Estados de Goiás e São Paulo. Em resumo, Porto Alegre é uma capital que se destaca nacionalmente pela qualidade de vida. A ampliação do acesso ao lazer à população é um dos indicadores da qualidade de vida. Porto Alegre possui hoje um total de 405 praças, 26 parques e 29 jardins.

Fontes Amaro Jr. (1949). Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul. Ano 8. Porto Alegre. Tipografia Esperança.

Becker, K. (1987). O Esporte do Bolão no Rio Grande do Sul. Anais do IV Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul – 1980. São Leopoldo: Museu Histórico Visconde de São Leopoldo/Instituto Histórico de São Leopoldo, p. 249-264.

Feix, E. (2003). Lazer e cidade na Porto Alegre do início do século XX: a institucionalização da recreação pública. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano/UFRGS. Porto Alegre.

Fortini, A. (1959). O passado através da fotografia. Porto Alegre: Grafipel.

Franco, S. (1993). Para uma geografia da fortuna urbana. In: Bissón, Carlos (org.) Sobre Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, p. 98-103.

Franco, S. (2000). Porto Alegre: guia histórico. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Gans, M. (1996). Presença teuta em Porto Alegre no século XIX (1850-1889). PPGH/UFRGS. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre.

Jornal Zero Hora. O que administrar em Porto Alegre. Porto Alegre, 11/08/2000, p. 4-5.

Koch, R. (2003). Universidade 1963. Histórias e Resultados dos Jogos Mundiais Universitários de Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da UNISINOS.

Macedo, F. (1973). Porto Alegre: história e vida de uma cidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Macedo, R. (1973). Porto Alegre. História e vida da cidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Macedo, F. (1999). História de Porto Alegre. 3ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Menegat, R. (coord.). Atlas Ambiental de Porto Alegre. 2ª ed. Porto Alegre: UFRGS; PMPA; INPE.

Monteiro, C. (1995). Porto Alegre: urbanização e modernidade. A construção social do espaço urbano. Porto Alegre: Editora da PUCRS.

Pesavento, S. (1994). De como os alemães se tornaram gaúchos pelo caminho da modernização. In: Mauch, C. e Vasconcellos, N. (orgs.). Os alemães no sul do Brasil. Canoas: Editora da ULBRA, p. 199-220.

Pimentel, F. (1945). Aspectos Gerais de Porto Alegre. Porto Alegre: Imprensa Oficial.

Porto Alegre. Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMAM). ORBE – Sistema de Legislação Ambiental do Município de Porto Alegre: praças e parques.

Porto Alegre: Control Documentação e Informação, 2002. 1 cd-rom.

Porto Alegre, A. (1994). História Popular de Porto Alegre. Porto Alegre: Unidade Editorial.

Revista Vida Policial (1939). Instituições Desportivas da Capital. nº 17, ano II, dezembro. Porto Alegre.

Roche, J. (1969). A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Livraria Editora Globo.

Salatino, L. Os clubes no Rio Grande do Sul. Jornal Zero Hora. Porto Alegre, 26/10/2003, p. 24.

Spalding, W. (1967). Pequena História de Pôrto Alegre. Pôrto Alegre: Sulina.

Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer. Prefeitura Municipal de Porto Alegre (2003). Relatório de Atividades.

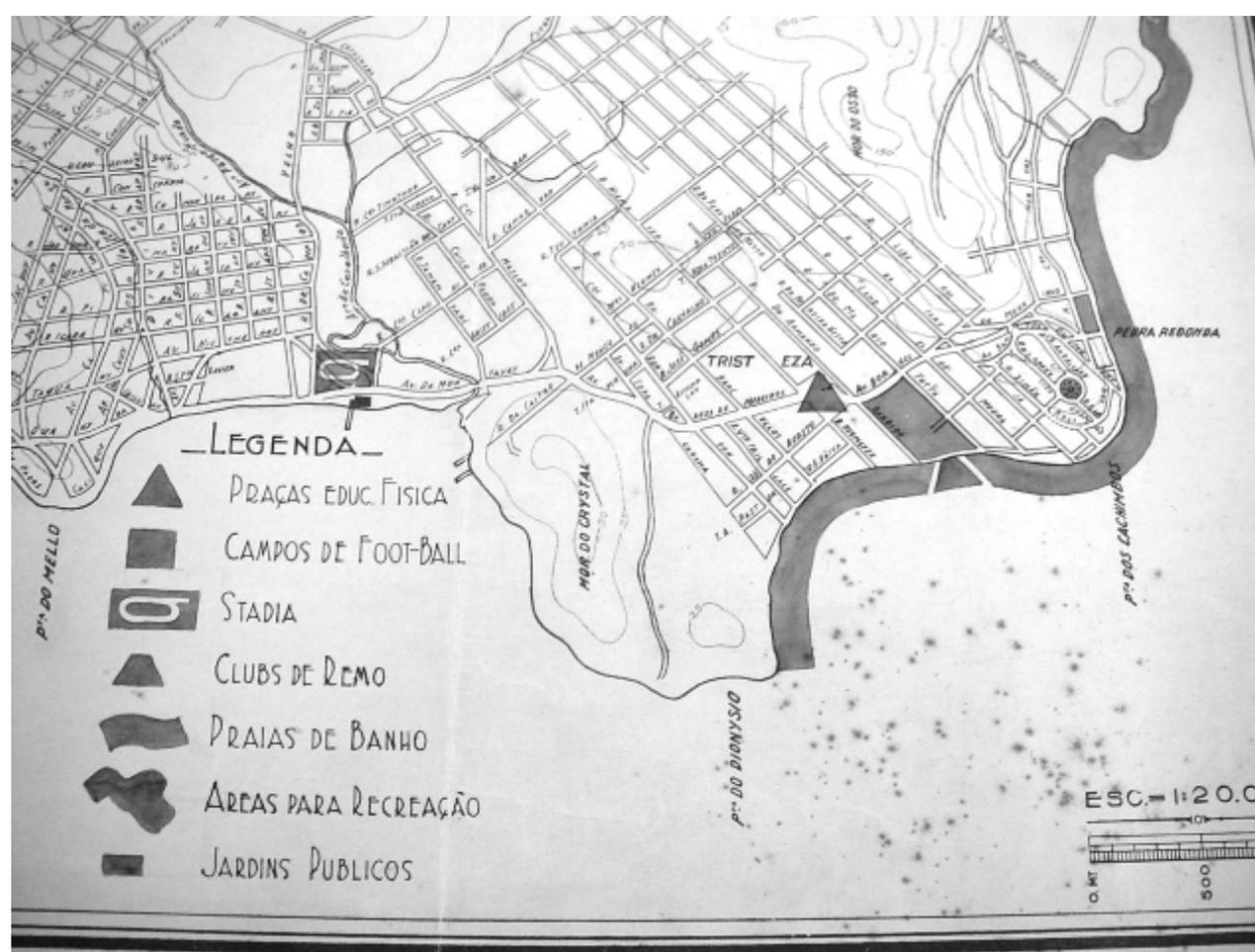
Werneck, C. (2002). Lazer e Estilo de Vida. In: Burgos, M e Pinto, L. (org.). Recreação, lazer e estilo de vida no Rio Grande do Sul: refletindo sobre algumas ações desenvolvidas na capital gaúcha no período 1926-1978. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

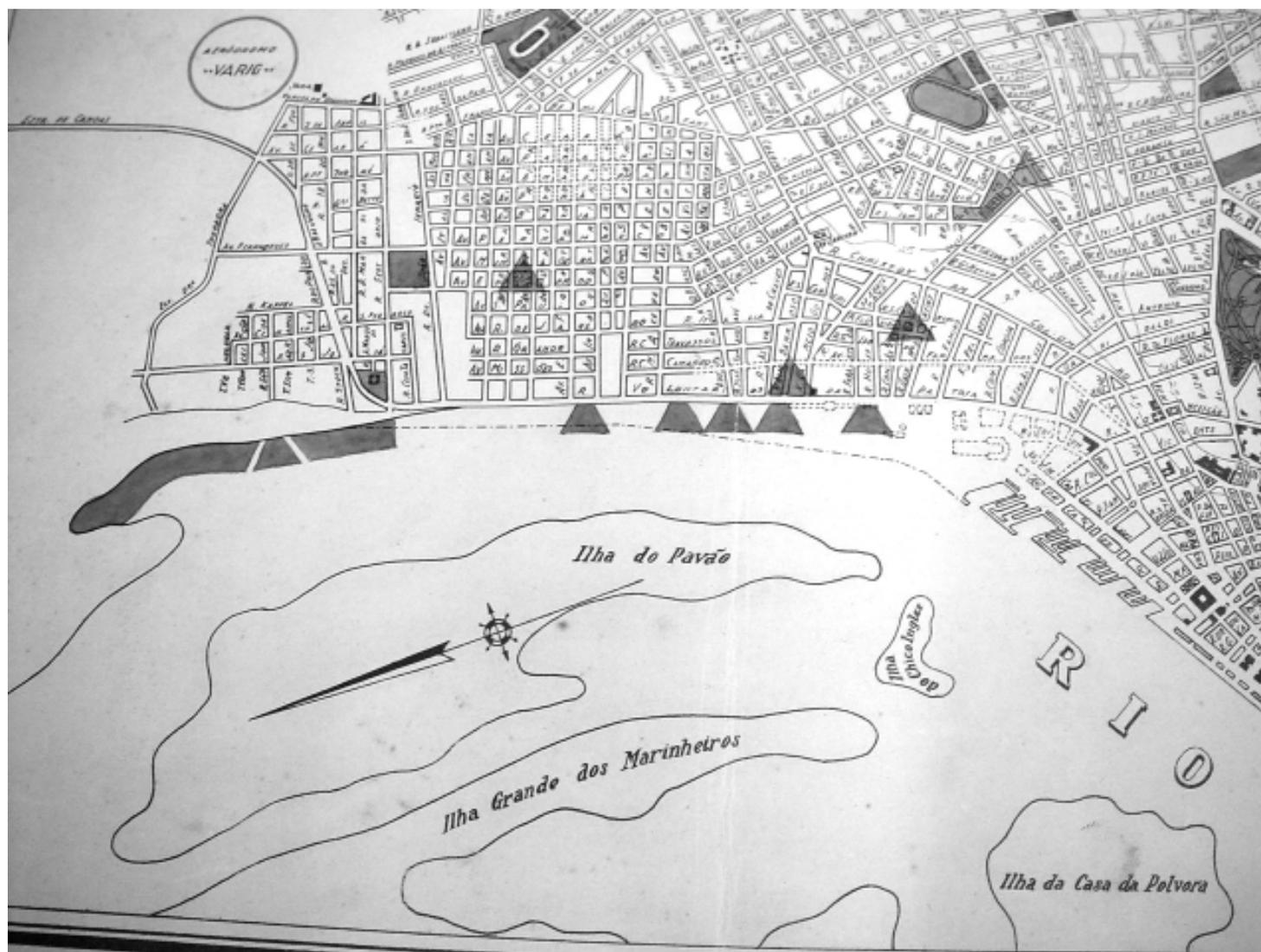
Mapas Arquivo Histórico de Porto Alegre. Moysés Vellinho. Mapoteca; Pesquisa: Janice Zarpellon Mazo; Fotografia: Paulo Cabral; Produção Multimídia da Rede CENESP/UFRGS.

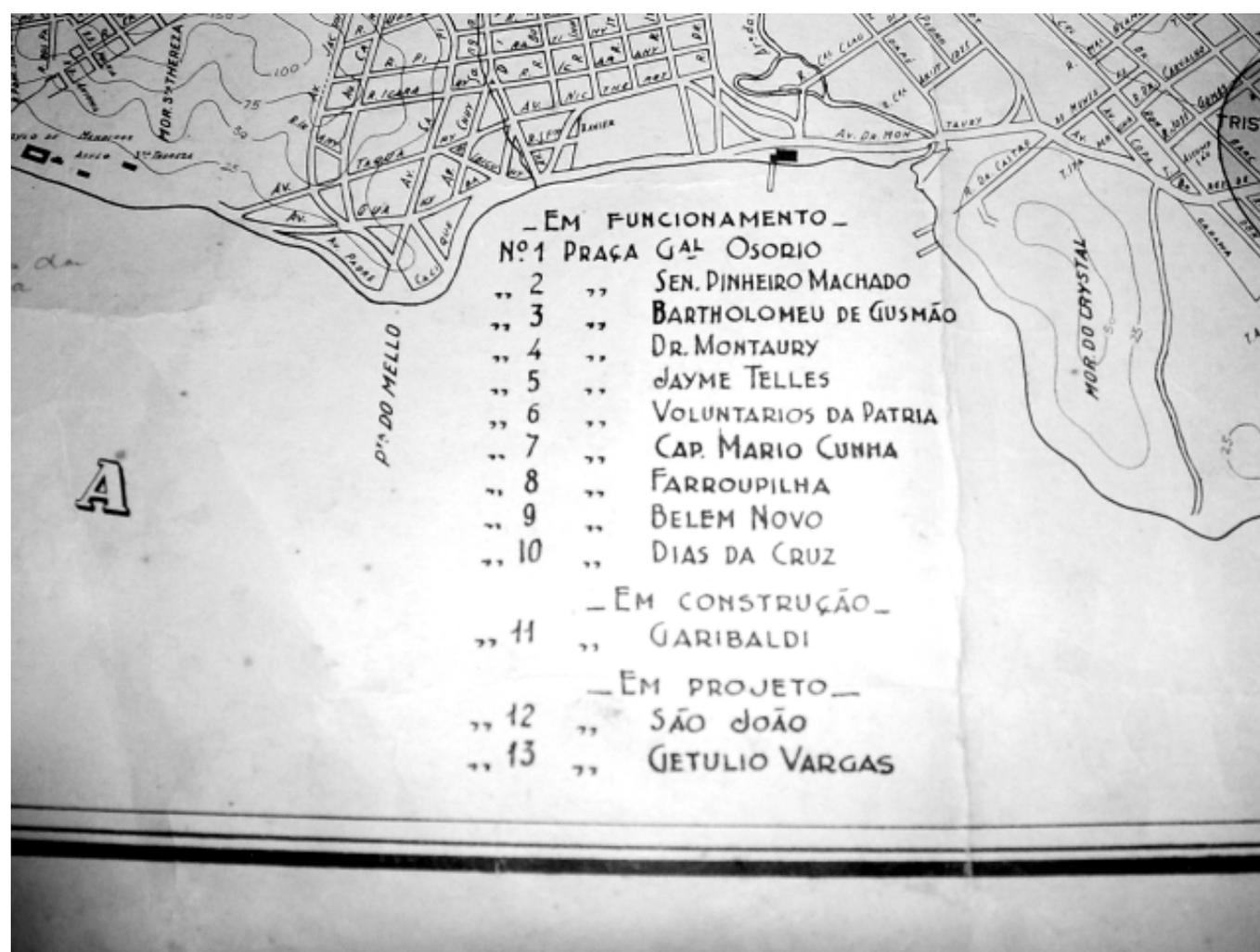
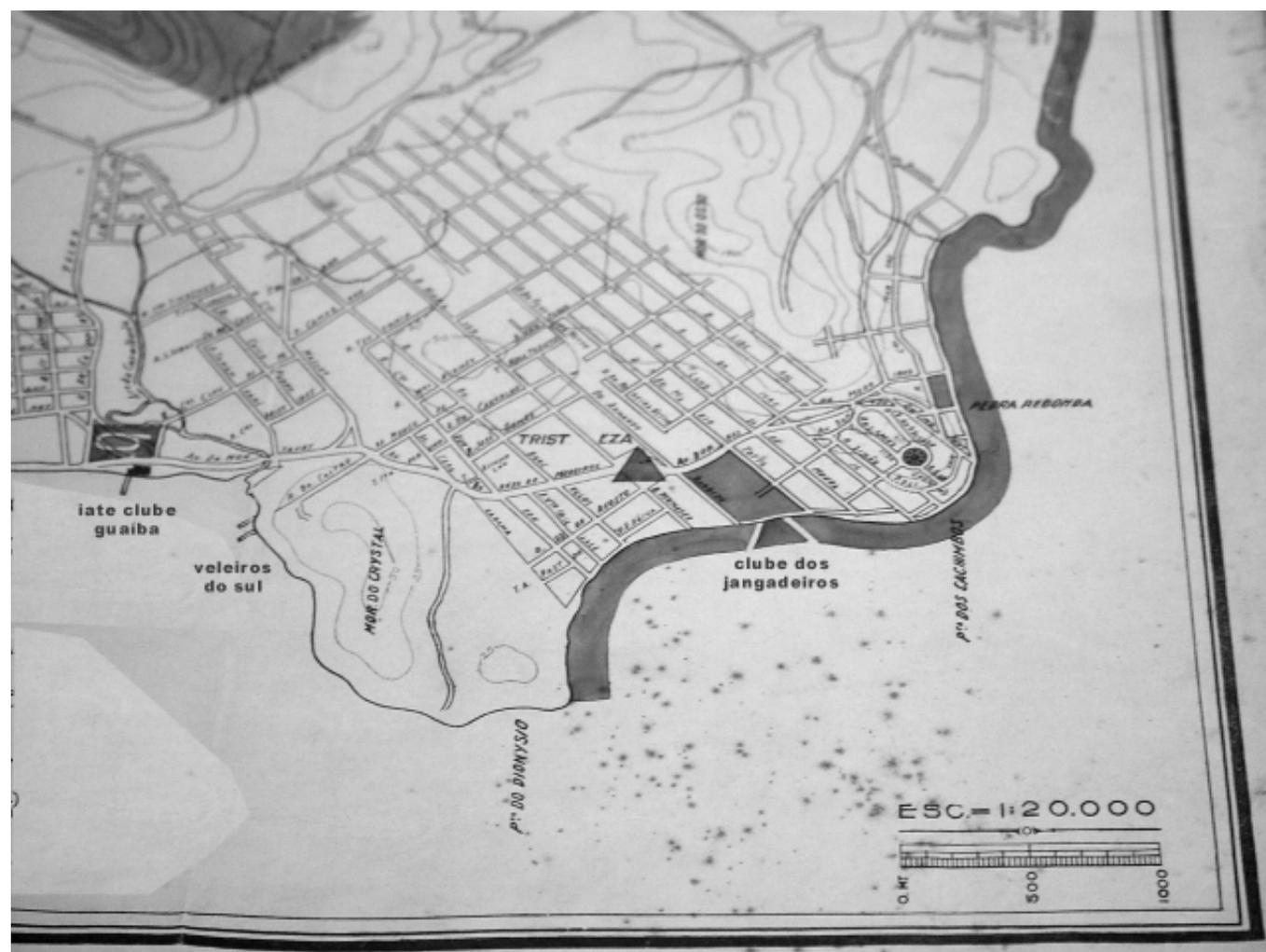
Mapas originais de Porto Alegre em 1932 com áreas de lazer e esportes assinalados

Porto Alegre in 1932 – Original maps including leisure and sport areas

Fonte / source: Arquivo Histórico de / Porto Alegre / Historical Archives









Lazer em Belo Horizonte – MG

MARILITA APARECIDA ARANTES RODRIGUES

Leisure in Belo Horizonte - MG

Belo Horizonte-BH (pop. 1.8 million), capital of the state of Minas Gerais, was created by law in 1894 and inaugurated in 1897. Since BH had been planned to represent modernity at the end of the 19th century, sports were among the basic elements of the new city project. The first sports club came up with the engineers and the workers involved in the construction of the city, which also included Italian immigrants. The first official sports of BH were turf and cycling as a

Definições e Origens Belo Horizonte foi concebida no período de 1894 a 1897, com as exigências urbanísticas de uma cidade moderna, para ser a nova capital do Estado de Minas Gerais. Essa nova cidade deveria representar o avesso da antiga capital Ouro Preto, cidade imagem do Brasil colonial. Naquele momento, romper com o passado colonial e instituir algo novo era a promessa maior da República que se instalava no país. Assim, várias cidades no Brasil passaram por reformas drásticas em nome da higiene, do saneamento, do progresso. No Estado de Minas Gerais, conforme Silva (2003, 144-154) foi proposta uma nova capital, ao invés de reformar a antiga. Com um projeto global de cidade, Belo Horizonte foi criada para atender às demandas da vida moderna, que deveriam promover mudanças profundas na vida social e cultural dos mineiros. Com base nos exemplos das cidades européias, propunha-se um novo padrão de sociabilidade voltado para o espaço público, cosmopolita e urbano. O projeto arquitetônico, além de projetar os espaços físicos, também projetava a forma de seus habitantes se fixarem, material e culturalmente, na cidade. Em seu planejamento, foram demarcadas zonas que funcionavam como instrumento para o controle da cidade, fixando limites que classificavam e hierarquizavam seu território. No plano inicial, a cidade era dividida em zona urbana, suburbana e rural. Para demarcar os limites da primeira e da segunda zona foi planejada uma avenida de contorno. Com isso, no espaço planejado da zona urbana, com um traçado em xadrez – território elegante e acessível a poucos, com terrenos entregues às leis do mercado –, a cidade oferecia uma infraestrutura moderna para as elites que ali residiam, negociavam e desfrutavam o seu lazer. Nos subúrbios, zona desprovida de planejamento, viviam em casebres e cafuas as camadas mais ínfimas da sociedade (Julião, 1992).

Espaços específicos para o lazer constam do planejamento da cidade como o Parque Municipal, o Hipódromo e o Jardim Zoológico. O Parque Municipal, localizado em sua zona central, acabou se transformando em espaço privado da elite, nos seus anos iniciais. Foi o cenário privilegiado para a realização das primeiras atividades físicas, esportivas, e de diferentes interesses no lazer. O Hipódromo só foi construído em meados da primeira década do século XX e o Jardim Zoológico, planejado para o espaço onde hoje se encontra o Minas Tênis Clube, nas imediações do Palácio da Liberdade, acabou sendo construído no Parque Municipal. A Praça da Liberdade, espaço do poder, foi também espaço de lazer na década de 1910, onde o *footing* e a patinação marcaram época. A busca pelo divertimento nos momentos de descanso pode ser sentida na capital desde o período de sua construção, quando foi fundada a primeira sociedade recreativa, o *Clube Recreativo de Belo Horizonte*, criado pelo pessoal da Comissão Construtora (Barreto, 1950). Mas, se buscarmos estudos realizados sobre o lazer na cidade em seus anos iniciais, vamos perceber que, como fenômeno moderno, o lazer foi gradativamente fazendo parte dos interesses de seus moradores. Sua presença significaria um importante elemento na constituição de uma imagem moderna para a cidade. No entanto, em Belo Horizonte, nesse período, o lazer constituía um privilégio de classe, um direito de poucos. O que chama atenção em sua história são os espaços criados especificamente para o lazer da “elite” e as perseguições policiais feitas aos “divertimentos” dos populares (Rodrigues, 2001). Como o objetivo desse Atlas é o mapeamento do desenvolvimento da atividade física, do esporte e do lazer, de forma sucinta, factual e cronológica, nesse texto estão apresentados fatos relatados por pesquisadores estudiosos da cidade.

1895 – 1896 Entre os interesses físicos no lazer, o esporte foi o mais evidenciado. Sua prática também foi responsável para caracte-

racecourse and a velodrome were constructed in the best district. Soccer came up in 1904 and soon after that lawn tennis, cricket, hockey, boxing, Greco-Roman wrestling, skating and shooting. The Clube Atlético Mineiro, a large club founded in 1916, started to offer a variety of sports and recreational activities, tendency followed by other large clubs, feature which still distinguishes BH today. Minas Tênis Clube, founded in 1935, is the largest in South America in

rizar a modernidade sonhada para Belo Horizonte. Abílio Barreto nos conta que a primeira tentativa de prática esportiva em Belo Horizonte foi feita pelo *Clube 17 de Dezembro*, fundado por funcionários da Comissão Construtora. Em dezembro de 1895, executaram-se os primeiros exercícios de *turf*, em uma pista improvisada. O ciclismo também foi uma prática pioneira. O responsável por sua introdução na cidade foi Fernando Esquerdo, membro da Comissão Construtora, com a bicicleta *Cliveland*, em 1896. Como no restante do Brasil, o esporte chegou a Belo Horizonte através dos costumes de inúmeros imigrantes que foram sendo incorporados aos cenários a às cenas da cidade, no final do século XIX. Sua construção contou com a participação expressiva de operários estrangeiros, sobretudo de italianos. Os filhos das elites que estudavam na Europa também foram os responsáveis por sua divulgação na cidade.

1897 – 1898 Desde 12 de dezembro de 1897, a modernidade sonhada para Belo Horizonte motivava a busca de novos espaços para a diversão, que tinham o Rio de Janeiro e São Paulo, para não falar da Europa como referências. Em 2 de janeiro de 1898, tentou-se pela primeira vez criar o hipódromo, mesmo tendo constituído sua diretoria provisória e diferentes comissões, não conseguiu o seu intento. Para o ciclismo, em 19 de junho de 1898, foi fundado, no Parque Municipal, o *Velo-Club*, iniciativa de Fernando Esquerdo e de ciclistas que constituíam parte da elite da cidade. Naquele momento, era de bom gosto possuir uma bicicleta, e o interesse por esse esporte foi se generalizando, sendo também praticado por senhoras e senhoritas.

Primeira década do século XX As experiências da modernidade deveriam acontecer no espaço público da cidade, e a rua passou a ser o símbolo fundamental da vida moderna. Mas Belo Horizonte só foi cedendo ao espírito moderno e aos valores cosmopolitas do início do século muito lentamente. A imprensa relatava a apatia dos belo-horizontinos pelos espaços de lazer existentes. Mesmo assim, merece destaque, nesse período, o surgimento do futebol e a construção do hipódromo. Na capital recém-inaugurada, uma das diversões prediletas era o pau-de-sebo. Colocava-se dinheiro no topo de um mastro escorregadio, e aventureiros tentavam pegá-lo. Era uma brincadeira que atraía multidões e que acontecia em qualquer festa (Silva, 1991). As touradas locais e companhias internacionais marcaram presença nesse período.

1904 Em maio deste ano, a novidade na cidade foi o futebol. O responsável por sua introdução e divulgação foi o carioca Victor Serpa, acadêmico de Direito, que havia praticado a modalidade na Suíça. Seus primeiros exercícios foram realizados no Parque Municipal, em uma das suas alamedas. Em 10 de julho, Serpa e outros companheiros fundaram a primeira agremiação de futebol da cidade – o *Sport Club Foot-Ball*. Sua sede ficava numa loja na Rua Caetés e os treinos eram feitos no Parque Municipal (Simões, 1997; 181-202). Foi o futebol, inicialmente, a prática esportiva que despertou o maior interesse na capital, tornando-se uma das práticas sociais mais significativas do seu cotidiano, bem como a mais elegante. Em 15 de outubro do mesmo ano, teve início o primeiro campeonato entre os primeiros clubes da cidade: o *Sport Club Football* – inscrito com dois times: o *Vespúcio* e o *Colomba*; o *Plínio F. Club*; o *Mineiro F. Club*; e o *Estrada and Athletic Association*. No ano seguinte, em 30 de setembro, pela primeira vez um clube de futebol da capital participou de um jogo intermunicipal.

1905 - 1906 O interesse da sociedade pelos esportes, aliado ao apoio da prefeitura, resultou na construção, neste período, do *Prado Mineiro*. Em 10 de janeiro de 1905, a *Sociedade Anônima Prado Mineiro* recebeu da administração municipal, pelo prazo de 25

facilities and in number of members (70,000 in 2002). Today, physical activities, sport and leisure are part of the daily life of BH inhabitants, not only in the walks they take in the several tracks and trails around the city (22 in 2003), or in the gymnastics they do in the health clubs (800 in 2003), but also in the sports they play in the clubs and in the activities they enjoy in natural environment (there are hills all around the city), which has attracted great interest in the last years.

anos, os terrenos necessários à construção de uma pista para corridas de cavalos, arquibancadas e demais dependências. Nessa construção, deu-se ao seu pavilhão o aspecto esportivo dos grandes prados europeus. Sua inauguração aconteceu em 8 de julho de 1906. Foi um acontecimento que mereceu destaque em vários jornais do País. O *Prado* passou a ser um espaço de grande importância para a vida esportiva da cidade – cenário para o turfe, o futebol, exposições e as primeiras experiências com a aviação.

1908 Em 25 de março foi fundado, na capital, um dos clubes mais representativos da sua história – o *Athletico Mineiro Football Club*, posteriormente (1915) *Clube Atlético Mineiro* –, e no ano seguinte foi criado o *Yale Athletic Club*, em 7 de julho, clube que teve destaque por suas grandes iniciativas no domínio dos esportes (Penna, 1997).

1909 Outra novidade aconteceu no dia 19 de dezembro, na festa promovida no Parque Municipal pelo *Sport Club*. Entre várias corridas de bicicletas, de velocípede e a pé, aconteceu a primeira competição pública de natação na capital. Em 60 metros, no lago do norte, Carnes Calvert coloca-se em primeiro lugar, seguido de Honório Magalhães, em segundo.

Década de 1910 Nessa década, o futebol foi-se caracterizando como uma das modalidades esportivas preferidas na cidade. Abriram-se, com ele, as fronteiras da capital para os primeiros jogos interestaduais. Em 1910, no campo do *Sport Club*, no Parque Municipal, esse clube disputou uma partida amistosa com o *Riachuelo F. Club*, do Rio de Janeiro. Em 1914, pela primeira vez o *scratch* de jogadores do Rio de Janeiro, formado por jogadores dos clubes *Flamengo* e *Botafogo*, jogou no Prado uma partida com um time formado por jogadores do *Yale, Atlético e América*, e em 1918, o *Sport Club* foi a São Paulo jogar com o *Palestra Itália*. Também no futebol, o primeiro jogo a cobrar ingresso foi uma partida realizada no dia 17 de julho de 1911, entre o *Morro Velho Athletic Club*, time com forte influência dos ingleses da vizinha cidade de Nova Lima, e o *Yale F. Clube*, da capital. Nesse período, a Prefeitura Municipal apoiou os times de futebol, *Yale Athletic Club* (1911) e *Clube Atlético Mineiro* (1916) cedendo espaço para a construção de seus campos esportivos, e um novo clube é fundado em 1912 – o *América Football Club*.

Um grande avanço no processo de institucionalização do futebol foi alcançado em 1915, com a criação da *Liga Mineira de Esportes Atlético*, alicerce da *Federação Mineira de Futebol*. Nesse mesmo ano, organizou-se o primeiro Campeonato Mineiro de Futebol, cujo título foi conquistado pelo *Clube Atlético Mineiro*. Aparecem, nessa época, os primeiros jornais esportivos: o *Foot-ball* (1917) e o *Treno* (1918). Além do futebol, várias manifestações esportivas apareceram no cenário da capital: o *lawn tennis*, o *cricket*, o *hockey*, o *box*, a luta greco-romana, o patins e o tiro, dentre outras. A presença do *croquet* – jogo de divertimento da sociedade inglesa, da segunda metade do século XIX – pode ser notada em fotografias da época, onde aparecem homens, mulheres e crianças, elegantemente vestidos, segurando o malho (*mallet*), uma espécie de martelo usado no jogo (Vita, 1913).

O ano de 1913 foi de muitas realizações. Em abril, a Prefeitura construiu um *rink* para patinação na Praça da Liberdade, que estabelecia horários diferenciados para moças e rapazes. A iniciativa do prefeito, além de promover o gosto por esses exercícios vistos como “salutares”, na época, tinha o objetivo de fazer convergir para os jardins públicos, pessoas que, até aquele momento, não se interessavam por esses espaços. Em maio, a capital assiste, em uma casa de diversões – o Pavilhão Variedades –, ao primeiro espetáculo de luta greco-romana, e inaugura-se a Sala de Armas dos alunos do

Externato do Ginásio Mineiro. Em julho, termina o primeiro campeonato de *Box* realizado no Pavilhão Variedades, com a presença de dez profissionais estrangeiros e o *Club de Sports Higiénicos* inaugura, em setembro, em suas instalações, o primeiro campo de tênis da cidade, com condições técnicas perfeitas para o jogo. Merece destaque a criação do Anglo-Mineiro em 1914, colégio metodista que seguia o sistema inglês de ensino. Segundo nos conta Pedro Nava, em suas memórias, era um colégio "sem latim, nenhum catecismo e excesso de esportes" e que possuía, em suas dependências espaçosas piscina, galpão de ginástica, campo de futebol, *lawn tennis*, críquete e hóquei (Nava, 1977). Outras escolas também participaram do desenvolvimento esportivo na cidade. Algumas fontes mencionam o hóquei e o basquete jogados na Escola Normal em 1917.

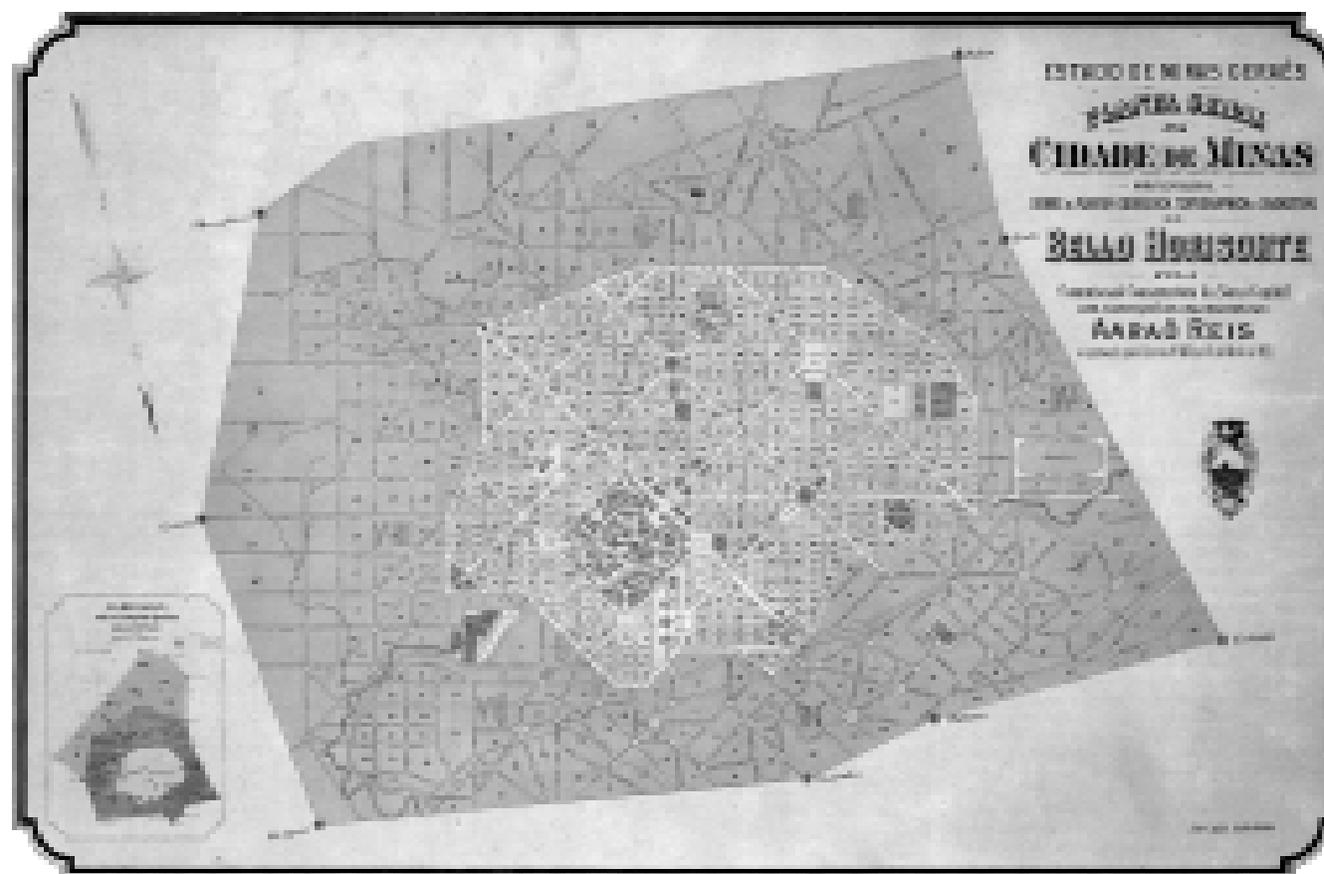
Década de 1920 Belo Horizonte vivenciou, nessa década, um movimento em prol da difusão do esporte e da Educação Física, cujo principal foco irradiador foi o estado vizinho de São Paulo. Nessa época, o esporte começou a ter aceitação na cidade não só por parte de clubes, que começaram a se organizar com o objetivo de implementar sua prática, como também por parte das escolas, nas quais essa aceitação foi crescente, aliando a ginástica, principalmente a militar, que até então era o seu conteúdo predominante. Algumas escolas foram precursoras de várias modalidades esportivas na cidade, como o *Anglo-Mineiro*, o *Izabela Hendrix*, o *Colégio Arnaldo*, o *Ginásio Mineiro* – atual Estadual Central – e a *Escola Normal* – atual Instituto de Educação – (Rodrigues, 1996). O Futebol se consolidou. Em 2 de setembro de 1921 foi criado o *Cruzeiro Esporte Clube*, com o nome de *Yale*, que depois foi mudado para *Palestra Itália*. A cidade já possuía vários clubes de futebol, representativos de alguns bairros como o *Guarani* e *Fluminense*, o *Calafate F. C.*, o *Carlos Prates F. C.*, o *Palmeiras* e o *Sete de Setembro*, dentre outros. Nesse período, os três maiores clubes de futebol da cidade – *Atlético*, *América* e *Cruzeiro* –, construíram seus estádios. Em 1920, a Prefeitura cedeu ao *América F. Clube* o terreno para construir seu campo, inaugurado em 1923. Suas arquibancadas tinham capacidade para 20 mil espectadores. Nessa época, iniciaram-se as obras em outro terreno doado pelo município, no Parque Municipal, porque a prefeitura decidiu construir o Mercado Municipal justamente na quadra do *América*. Ainda em 1923, também a *Sociedade Sportiva Palestra Itália* (Cruzeiro) inaugurou sua quadra de esportes na região do Barro Preto. No mesmo período iniciaram-se as obras de construção do *Clube Atlético Mineiro*, em terreno doado pelo Governo do Estado, em Lourdes, que foi inaugurado em 1929 com o nome oficial de Estádio de Futebol Antônio Carlos. Em 1970, esse terreno, onde nos anos de 1980 funcionou um Campo de Lazer, foi desapropriado pela prefeitura. Reincorporado ao Atlético, na década de 1990 foi negociado para a construção de um *Shopping* (*Diamond Mall*).

Ainda nessa década, temos notícias de jogos de outras modalidades esportivas realizados no *Prado Mineiro*, como basquetebol e voleibol femininos, em 1921, e a primeira corrida de automóveis da cidade, em 1927. Como preliminar, aconteceram também corridas de motocicletas e bicicletas. Os clubes de futebol também apoiavam a prática de outros esportes, como o basquetebol, do qual, em 1924, tem-se notícia de um torneio realizado pelo *América*. O tênis foi caracterizando-se como o esporte predileto da elite social na década de 1920, contando também com a participação do sexo feminino, nas quadras do *América* e na quadra construída pela Prefeitura, em 1926, no Parque Municipal. Além dessa quadra, no mesmo período foi construído também um *rink* de patinação (Rodrigues, 1999). Segundo Octávio Penna, já existiam em Belo Horizonte, em 1922, 21 associações esportivas, com 9.992 associados. Assim, vamos encontrar, até o final dessa década, o despertar tanto da prática esportiva na cidade como do gosto pelo espectadorismo de competições de várias naturezas.

Década de 1930 No final da década de 1920, é dado um novo destaque aos exercícios físicos na cidade. Como reflexo da Reforma do Ensino Primário e Normal de Francisco Campos, que buscou implantar uma política modernizante em Minas, houve uma grande preocupação com a Educação Física nas escolas, no sentido da criação de espaços de lazer associados à prática esportiva e à criação de parques infantis (Souza, 1994). O interesse pela prática da ginástica chamou a atenção do prefeito Octacílio Negrão de Lima que instituiu, nessa década, aulas de ginástica no Parque Municipal, que periodicamente eram ministradas às crianças, constituindo motivo de atração para o povo. Nesse período, os esportes difundiram-se por toda parte, assumindo um desenvolvimento acima de qual

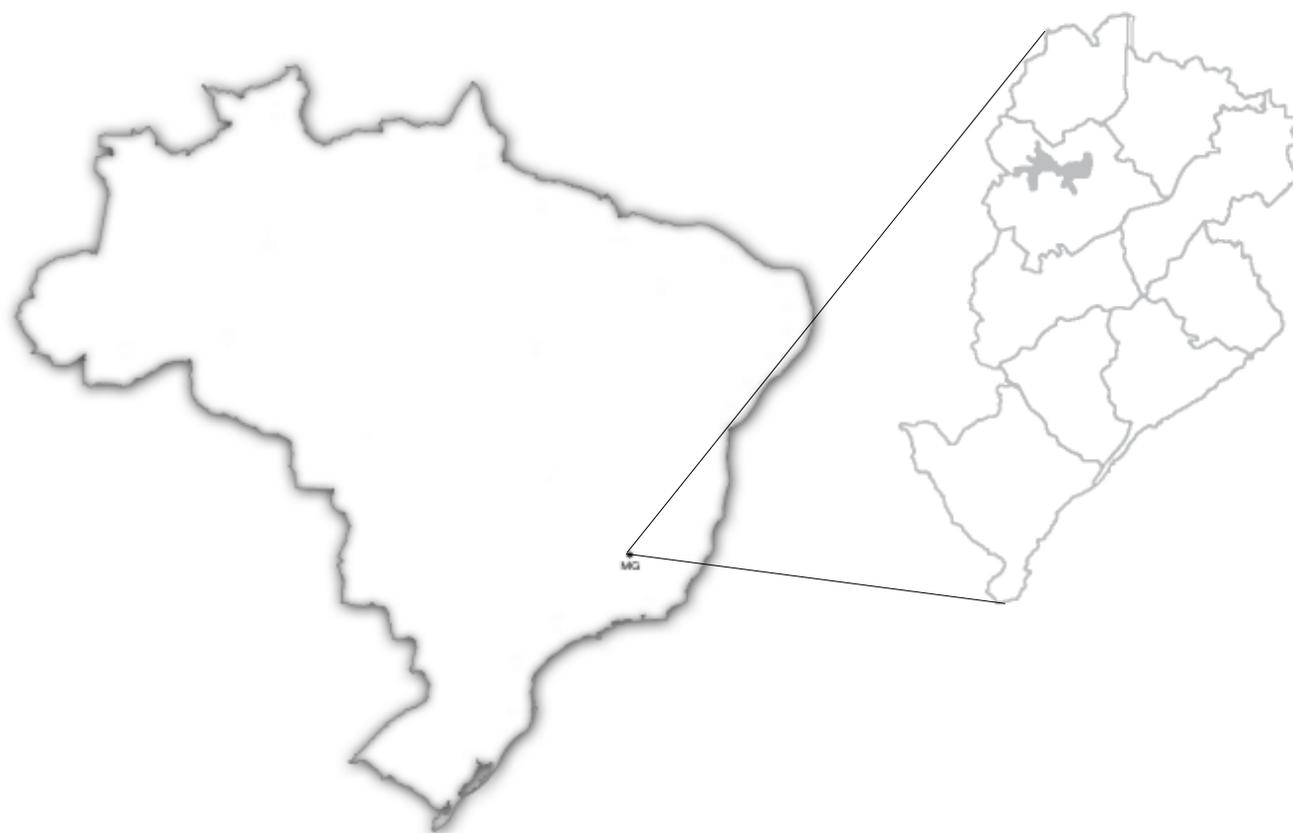
Projeto de Belo Horizonte em 1895

Belo Horizonte blueprint in 1895



Localização de Belo Horizonte

Belo Horizonte location



quer expectativa. Além do futebol, já popularizado e em regime profissional (1933), houve um grande interesse pelos chamados “esportes especializados amadores”, principalmente pela elite, que foi a grande responsável pela criação de diferentes clubes da cidade, gestados nos quintais de suas residências.

O *Minas Tênis Clube*-MTC, criado em 1935, teve um papel fundamental no desenvolvimento do esporte especializado na cidade, embora clubes como o *América*, o *Atlético* e o *Cruzeiro* já possuíssem departamentos de esportes amadores. Construído pela Prefeitura para ser um parque público – o *Balneário Santo Antônio* –, foi arrendado por um grupo da elite que ali fundou o *Minas Tênis Clube*. Sua inauguração foi um marco na cidade nos dias 27 e 28 de novembro de 1937. Havia uma grande expectativa, pois o *Minas Tênis* era considerado o maior parque esportivo do Brasil e até da América do Sul. Foi um grande acontecimento na vida esportiva do País. O clube possuía, inicialmente, departamentos de tênis, basquetebol, voleibol, natação, ginástica infantil, ginástica masculina e feminina, xadrez, esgrima, badminton e serviços médicos e hidroterápicos, dentre outros. A criação do *Minas Tênis* representou para Belo Horizonte, naquela época, mudanças em termos culturais bastante significativas. Nesse período, o Estado investiu no esporte, tornando-se o responsável por sua organização e difusão, pois passou a utilizá-lo como um dos instrumentos para a realização de fins sociais, políticos e econômicos. O *Minas Tênis* foi um dos instrumentos usados para essa política, uma vez que, a partir de 1938 o governo passou a considerá-lo uma instituição de utilidade pública, que funcionaria como *Praça de Esportes Minas Gerais*, colocada à disposição do Estado pela Prefeitura, e cedida ao Clube por prazo indeterminado. Os seus presidentes, até os anos de 1980, eram escolhidos e nomeados pelo governador. Com esse apoio, o clube teve um papel fundamental na difusão do esporte não só na cidade, mas em todo o Estado. Foi a partir de sua criação que surgiram as várias federações esportivas da capital. Em toda a sua história, o *Minas Tênis* tem sido o responsável tanto pela difusão de várias modalidades de esporte, como por melhorias em suas performances técnicas e pelas mudanças de valores, crenças e hábitos em Belo Horizonte.

Década de 1940 Com Juscelino Kubitschek de Oliveira como prefeito, Belo Horizonte viveu um período de grandes mudanças, uma vez que sua meta era promover o progresso a curto prazo. Para o lazer, foram criados novos espaços na cidade. A represa construída para o abastecimento de água da capital tornou-se um lago de raríssima beleza – a Pampulha. Em seu projeto de urbanização, foram criados o *Cassino*, a *Casa do Baile*, a *Igrejinha de São Francisco de Assis*. Para promover a “cultura física”, a prática de exercícios esportivos, foi criado também o *Late Golf Clube*, que posteriormente viria a chamar *Late Tênis Clube*. Seu prédio, projeto de Oscar Niemeyer, despontou como precursor de um modismo que se multiplicaria na arquitetura da cidade, e sua história cotidiana é considerada precursora, também na prática, do jogo da peteca. Nesse contexto, a peteca, que inicialmente havia sido um jogo praticado pelos idealizadores do *Minas Tênis Clube*, passou a ser uma das atividades dos praticantes do remo, os responsáveis por seu desenvolvimento. O jogo de peteca, difundido no *Late*, passou a fazer parte do cotidiano da cidade. Com o processo de esportivização, a peteca deixou de ser só uma brincadeira e passou a assumir formas mais sistematizadas. No *Late*, na década de 1940, já se jogava o jogo simples (um contra um), ou dois contra dois (dupla), em uma quadra de 15m x 7,5m (Rodrigues, 1997).

Quando Belo Horizonte completava o seu primeiro cinquentenário, já era uma das cidades brasileiras mais respeitadas no desenvolvimento esportivo. Os resultados obtidos por seus atletas e respectivas equipes eram divulgados pela imprensa nacional, destacando seu alto nível técnico e disciplinar. Os três maiores clubes de futebol eram o *Cruzeiro Esporte Clube*, o *Clube Atlético Mineiro* e o *América Futebol Clube*. Quase todos os bairros já possuíam seu campo e seu time de futebol. No esporte especializado, o *Minas Tênis Clube* era o responsável pelas vitórias alcançadas. Foram muitas conquistas, inclusive nacionais, com a natação. Os atletas dessa modalidade esportiva eram recebidos na cidade com grandes festas e no Palácio da Liberdade (sede do Governo) pelo próprio governador, com a mesma constância com que venciam nas raíes os adversários paulistas e cariocas. Nesse período, o *Ginásio do Paissandu*, situado onde hoje é a Estação Rodoviária, movimentava Belo Horizonte com a promoção de eventos esportivos. O Estado, com sua política esportiva, criou, em junho de 1946, a *Diretoria de Esportes de Minas*

Gerais-DEMG com a finalidade de fiscalizar e orientar os clubes e demais entidades. Esse seria um órgão gestor e controlador de verbas públicas a serem aplicadas na difusão do esporte em Minas Gerais. A DEMG funcionou até 1985, quando se incorporou à recém-criada Secretaria de Estado de Esportes Lazer e Turismo.

Década de 1950 Esse período é caracterizado, na cidade, por investimentos na construção de espaços para o esporte e o lazer, na formação profissional do Professor de Educação Física e na difusão do jogo da peteca. Em 1950, a capital mineira participou da Copa do Mundo de futebol sediada pelo Brasil. Para isso, foi construído o monumental Estádio Municipal (hoje Estádio Independência), com a capacidade para 45 mil pessoas. O esporte especializado também foi agraciado com a construção do ginásio do *Minas Tênis Clube* – palco onde o esporte mineiro encenou grande parte de seu desenvolvimento. Sua construção iniciou-se em 1949, e a inauguração se deu em 1952, por ocasião da realização dos Jogos Universitários Brasileiros, em Belo Horizonte. Com capacidade para 6 mil pessoas, transformou-se em um marco na vida esportiva, cultural e artística da cidade. Nessa mesma década, foram criados três novos clubes: em 1951, o Sparta Vôlei Clube; em 1953, o Círculo Militar; e em 1954, o Clube dos Viajantes (hoje Clube Recreativo Mineiro).

A formação profissional em Educação Física surgiu nesse período. Em 1952 foram criadas duas escolas de Educação Física, originárias da atual Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais: a Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais e a Escola de Educação Física das Faculdades Católicas de Minas Gerais. A primeira, vinculada à Diretoria de Esportes de Minas Gerais-DEMG, foi criada pelo então governador Juscelino Kubitschek de Oliveira e a segunda, mantida pela Sociedade Mineira de Cultura. Como era reduzida a demanda de alunos para atender a duas escolas, e eram escassos os recursos financeiros para mantê-las por possuírem interesses comuns, ambas se fundiram em 1953, constituindo, assim, a Escola de Educação Física de Minas Gerais, que foi agregada à Universidade Católica de Minas Gerais e mantida por recursos estatais da Diretoria de Esportes de Minas Gerais. Sua administração ficou a cargo do governo estadual e da Sociedade Mineira de Cultura. Essa escola foi federalizada e integrada à Universidade Federal de Minas Gerais em 1969. Com o rompimento da Pampulha em 1954, o late Tênis Clube fez reformas em suas instalações. Seus associados passaram a freqüentar o MTC e, com isso, a peteca, que nunca havia tido muita expressão naquele clube, recebeu incentivo, despertando para um novo sentido – o esporte de rendimento. A partir de então, passou a ser praticada e divulgada em diferentes clubes da cidade, com destaque para o Quinze Veranistas.

Década de 1960 O lazer do belo-horizontino, além das praças e parques, passou a ter o clube como espaço privilegiado. Na década de 1960, surgiram vários na cidade, como o *Pampulha late Clube*, em 1960, o *Mackenzie Esporte Clube*, em 1961 e o *Jaraquá Country Clube*, em 1962. Em 1962 é construído o *Hipódromo Serra Verde*, na região de Venda Nova. Fazendo parte de um projeto para a construção de um arrojado centro esportivo, foi iniciada, em 1960, a construção do Estádio Magalhães Pinto – *O Mineirão*. Esse projeto previa também um ginásio para esportes especializados de diversas modalidades – o Mineirinho, um Centro Esportivo Universitário-CEU e, para os esportes aquáticos, a Lagoa da Pampulha. Com a capacidade para 130 mil torcedores, o Mineirão era o segundo maior estádio coberto do mundo. Sua inauguração aconteceu no dia 5 de setembro de 1965, com um público de mais de 100 mil pessoas. Desde então, tem sido o grande palco de realizações esportivas da cidade e responsável pelo desenvolvimento do futebol mineiro. Nesse período, é destacado o crescimento da prática de atividade física mais sistematizada. As academias de fisioterapia passaram a investir, também, em interesses estéticos. Nesse momento, foram criadas as primeiras academias de ginástica da cidade, como a Samurai’s Gyn, Academia Turner e Academia Silvana Marinho.

Década de 1970 A principal área de lazer do centro da Cidade, o Parque Municipal – lugar da memória esportiva e do lazer de Belo Horizonte –, já denominado Parque René Gianetti, depois de vários anos de abandono, foi tombado pelo patrimônio do Estado em 1975, por meio de um decreto que protegia seu conjunto paisagístico e arquitetônico. Depois de sofrer drásticas reduções em relação à sua planta original, restava somente a quarta parte desse terreno nesse período. Até meados dessa década, a peteca

ainda não havia institucionalizado o seu processo de esportivização. Suas regras ainda não estavam oficializadas e houve um movimento no sentido dessa oficialização. A Federação Mineira de Peteca, criada em julho de 1975, passou a lutar junto ao Conselho Nacional de Desportos - CND pela oficialização do jogo na tentativa já articulada anteriormente pela Federação de Clubes do Estado de Minas Gerais -FECEMG e que havia sido negada, com a alegação de ser a peteca um esporte somente praticado no Brasil. O reconhecimento da peteca como esporte, pelo CND, aconteceu somente em 27 de agosto de 1985. No futebol, o esporte mineiro mostrou a sua força, com a participação de quatro jogadores na conquista, pelo Brasil, do Tricampeonato Mundial de Futebol, em 1970 – Tostão, Dario, Piazza e Fontana –; com a conquista do Clube Atlético Mineiro do Campeonato Nacional de Futebol de 1971 e a vitória do Cruzeiro, em 1976, ao conseguir o título de Campeão da Taça Libertadores da América. Em todos esse momentos, a cidade comemorou nas ruas essas conquistas.

Década de 1980 A partir deste ano, com o investimentos do mercado, alguns esportes foram se espetacularizando, como é o caso do voleibol. Em Belo Horizonte, o Fiat/Minas, time ligado ao Minas Tênis Clube, ganhou o Campeonato Brasileiro Adulto por três anos consecutivos 1984/1985/1986. Nesse período, o esporte passou a ser objeto de marketing e transformado em uma mercadoria valiosa, que passou a negociar e ser negociado de acordo com os interesses do mercado. O destaque nos uniformes dos jogadores, na cidade deixou de ser o nome do clube, passando a ser o das empresas patrocinadoras. O esporte especializado ganhou, nesse período, um novo palco para suas realizações. Com a capacidade para 25 mil pessoas, sendo 16 mil nas arquibancadas, 4 mil na arena e 5 mil nas cadeiras, foi inaugurado o Mineirinho – Estádio Jornalista Felipe Drumond –, o maior do gênero da América Latina. Nesse período foi criada a Secretaria Municipal de Esportes, em 1983, fruto do Departamento de Execução Esportiva da Secretaria Municipal de Cultura e Informação, Turismo e Esportes, cuja política era voltada, inicialmente, para a realização de eventos, apoio ao esporte especializado (às Federações) e ao futebol amador (Campos de Várzea). O Campo do Lazer, antigo estádio do Clube Atlético Mineiro, foi o espaço em que a Secretaria de Esportes promovia, nessa década, várias atividades de lazer para a população, disponibilizava quadras esportivas e escolinhas de esporte, como de ginástica rítmica, basquete e futsal (depoimento de Beatriz Hank Miranda, em 31 de agosto de 2003). Levantamento realizado pela Prefeitura nos meados da década de 1980 mostrava a existência, na cidade, de 74 campos de futebol, nos padrões oficiais, além de 50 outros não oficiais. Essa quantidade de equipamentos de futebol, comparada à quantidade de outras modalidades esportivas, mostrava a maior popularização e a preferência do futebol. Entre os especializados, o futebol de salão era dos mais cotados, com quase 1.900 atletas inscritos na Federação Mineira de Futebol, perdendo somente para a Federação Mineira de Peteca, que reunia 3.500 atletas em 1983. Nesse período, a peteca foi um dos jogos que mais conquistaram adeptos. Expandiu-se em nosso meio com organizações de calendários de disputas nas esferas municipal, estadual e nacional. Em Belo Horizonte, quase todos os seus clubes criaram grandes espaços para a sua prática, e sua presença passou a ser notada, inclusive, no planejamento de construção de inúmeros edifícios de apartamento. Posteriormente, foi foco de atenção, também do mercado. Como objeto de marketing, a peteca despertou o interesse de algumas empresas, que passaram a utilizá-la para a divulgação de suas marcas. Durante muitos anos, o Banco Itaú patrocinou a Copa Itaú de Peteca, evento que chegou e envolver mais de mil duplas de jogadores. Merece destaque no período, a construção do Parque das Mangabeiras. Com extensa área verde, matas virgens e um enorme espaço construído para diversas atividades físicas, tornou-se a maior área de lazer da cidade.

Situação Atual A atividade física, o esporte e o lazer, na atualidade, fazem parte efetivamente do cotidiano do belo-horizontino, quer nas caminhadas em suas diversas pistas, na ginástica praticada em suas academias, nos esportes praticados nos clubes, como também nas práticas de esportes ligados à natureza, que, nos últimos anos, têm despertado um grande interesse. A caminhada começou com poucos adeptos e virou mania. Todas as manhãs e nos fins de tarde, corredores, ciclistas e carros disputam espaço nas 22 pistas de *cooper* da cidade, como as das avenidas dos Andradas, Bandeirantes e José Cândido da Silveira, dentre outras. Vários locais “eleitos” como pistas, pela população, foram

equipados com marcadores de quilometragem e sinalização de pedestres. No início da década de 1990, a Administração Municipal, aproveitando a pré-disposição da população para a atividade, colocou em prática o projeto “Correr ou Andar: É Hora de Começar”. Nas pistas de *cooper* – urbanizadas – uma equipe de técnicos e médicos orientou os praticantes sobre a modalidade esportiva. A Praça da Liberdade, que na década de 1970 e 1980 foi palco das artes e da feira *hippie*, após passar por uma grande reforma, volta a cumprir a sua função de espaço nobre de lazer do início do século. Hoje, durante todo o dia, podemos ver um grande número de pessoas caminhando em seus jardins.

Se na década de 1970 as academias eram estabelecimentos simples, hoje se sofisticaram, tanto no espaço físico quanto na oferta das mais variadas atividades corporais representando uma ótima fonte de renda. Em Belo Horizonte, existem cerca de 800 academias, que contam com o envolvimento de aproximadamente 3 mil profissionais, das quais, 5 são “mega-academias” com mais de 2 mil alunos. Os clubes da cidade passaram a investir cada vez mais na oferta de lazer. Um exemplo é o *Minas Tênis Clube*, que hoje disponibiliza, para os seus mais de 70 mil associados, quatro unidades em diferentes locais da cidade. O investimento no esporte competitivo também pode ser percebido com a criação do Centro de Treinamento. Em novembro de 2001 foi inaugurado o novo ginásio do Minas, agora sob a forma de arena multiuso. Esse complexo esportivo, denominado Centro de Treinamento Juscelino Kubitschek, é um dos mais modernos da América Latina. Tem mais de 15 mil m² de área construída, com 13 espaços esportivos (sete quadras poliesportivas, quatro quadras de squash, um ginásio de ginástica olímpica e um ginásio de judô), distribuídos em três níveis, o equivalente a um prédio de dez andares. Com atletas participando em Jogos Olímpicos, Jogos Pan-Americanos e diversas competições nacionais e internacionais, o Minas tem trazido vitórias para Belo Horizonte.

Mas a vida na cidade tem motivado a busca de novos espaços e atividades para o lazer na natureza. Essa procura vem despertando o mercado para promoções dessas atividades. A posição geográfica da cidade e seus arredores, com montanhas e trilhas desafiadoras é propícia para os esportes de aventura, dentre os quais, os mais difundidos são o *trekking*, o *rapel*, o ciclismo- *mountain bike* e *down hille* a cavalgada. Tem ganho prestígio também a escalada esportiva, o parapente, a asa delta, as trilhas motorizadas, o *skate* e *speed* e o patins *in line*, todas essas modalidades sendo praticadas como esportes competitivos ou de lazer (depoimento de Luís Renato Topan, alpinista e escalador de rocha, em 15 de julho de 2003). Hoje o desenvolvimento da atividade física, do esporte e do lazer na cidade pode ser avaliado tanto pela crescente construção de espaços e recuperação de outros existentes, pelo grande número de praticantes, como também pelo gosto pelo espectadorismo. A presença de grandes públicos deixa de ser privilégio somente do futebol. O prestígio e a espetacularização do voleibol na cidade chamou a atenção da imprensa nacional, principalmente nos jogos realizados no Ginásio do Mineirinho, em 1994 e 1995. Além de sucessivos recordes de público – inclusive no Mundial de Vôlei Feminino de 1994 –, a torcida ficou famosa no Brasil pelo grande incentivo aos jogadores.

As Políticas Públicas da Secretaria Municipal de Esportes, a partir de 1994, passaram a priorizar programas sociais, sem deixar de apoiar eventos para a cidade. Criou vários programas para a população atendendo a diferentes interesses, como: o *Recrear* – voltado à elaboração, coordenação e execução de ações de lazer para a população; o *Caminhar* – serviço de atendimento em parques, praças, pistas, escolas, com avaliação e orientação para a prática regular de atividades físicas; o *Superar* – atividades esportivas e de lazer para pessoas portadoras de deficiências; o *Vida Ativa* – atendimento da população da 3ª idade; e *Esporte Esperança* – política de esporte e lazer para criança. Um trabalho analisando o índice de qualidade de vida urbana - IQVU, realizado em 1994, procurou medir a qualidade de vida do munícipe como morador da cidade. Além de medir a oferta localizada, verificou-se também o quanto esta oferta é compartilhada na cidade. Uma das variáveis desse índice foi o esporte, na qual foi analisada a oferta, em metro quadrado, de clubes, piscinas, quadras, e o número de promoções esportivas e de participantes.

A leitura do mapa evidencia que, mesmo após cem anos de história, Belo Horizonte continua a ter maior número de equipamentos esportivos e de promoções esportivas nas áreas nobres da cidade. A maior concentração pode ser visualizada na região da Pampulha (Mineirinho, Mineirão, Zoológico, e um grande número de clubes) e na região do Belvedere/Serra (Parque das Mangabeiras, Minas Tênis Clube, dentre outros). No centro da cidade, a área nas proximidades do Parque Municipal também foi destacada, em decorrência dos investimentos públicos na região. A região oeste é rara exceção nesse conjunto. Não é uma zona nobre da cidade, mas as demandas da própria comunidade no sentido da construção de equipamentos esportivos (parques, clubes e campos de futebol) propiciam o desenvolvimento do esporte nesse local. Assim, esta cidade centenária vem sendo um espaço privilegiado para a atividade física, o esporte e o lazer, quer por demandas da sociedade, quer pelo uso político do Estado ou por interesses do mercado. Este trabalho contou com a colaboração de diversas pessoas e instituições: Secretaria Municipal de Modernização Administrativa e Informação da PBH – Secretário Leonardo Pontes Guerra; Ivana Parrela, diretora do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte; José Augusto Ribeiro Xavier, professor da disciplina de Administração de Clubes e Academias na Universidade de Itaúna; Júlio César Gonçalves de Souza Filho, Professor da Secretaria Municipal de Esportes; Fernando Sander, Presidente do (SENAGIC) Sindicato dos Estabelecimentos de Natação, Ginástica, Recreação e Cultura Física de Minas Gerais; Luis Renato Topan, alpinista e escalador de rocha; Beatriz Hauk Miranda, do Museu Abílio Barreto.

Fontes / Sources

Barreto, Abílio. *Resumo histórico de Belo Horizonte* (1701-1947). Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1950.

Belo Horizonte. Prefeitura Municipal. *Equipamentos Esportivos*. Belo Horizonte, 2003 (Escala: 1:75000). PBH, SCOPLAN, SMMAI/GEIT.

Belo Horizonte. Prefeitura Municipal. *IQVU 1994 - Variável Esportes*. Belo Horizonte, 1994. SMP/PBH/DITSMPI.

Belo Horizonte. Prefeitura Municipal. *Planta cadastral de Belo Horizonte*. Rio de Janeiro, 1942 (Escala: 1:2000, 50,5 x 35,5, impresso colorido). APCBH, IEPHA, MHAB, Prodabel, SMAU.

BH 100 anos: nossa história. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 1997.(CD-Rom)

Julião, Leticia. *Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna* (1891-1920). 1992. 200 p. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte.

Minas Gerais. Comissão Construtora da Nova Capital. *Planta geral da Cidade de Minas organizada sobre a planta geodésica, topográfica e cadastral de Belo Horizonte*. Rio de Janeiro, 1895 (Escala: 1:28000, 60,5 x 44,0, impresso colorido). APCBH.

Nava, Pedro. *Balão cativo*; memórias/2. 3. ed. Rio de Janeiro: J.Olímpio, 1977. 334p.

Os grandes jogos do dia 7, na Escola Normal. *O foot-ball*, Belo Horizonte, 13 set. 1917, p. 3.

Penna, Octávio. *Notas cronológicas de Belo Horizonte. 1711-1930*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1997. 276p.

Prefeitura Municipal De Belo Horizonte – *Índice de Qualidade de vida urbana*. Belo Horizonte, Assessoria de Comunicação Social de PBH, 1996, 31 p.

Rodrigues, Marilita Aparecida Arantes. *Constituição do sentido moderno de esporte*: pelas trilhas históricas do Minas Tênis Clube. 1996. 325p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Escola de Educação Física da UFMG, Belo Horizonte.

Rodrigues, Marilita Aparecida Arantes. O lazer na cidade moderna: a Belo Horizonte no início do século XX. *In*: ENAREL, 13, 2001, Natal, *Anais...*(Cd-rom) Natal: CEFET/FUNCERN, p. 317-323.

Rodrigues, Marilita Aparecida Arantes. *Trilhas históricas da peteca mineira*: brinquedo, jogo ou esporte? *In*: ENAREL, 9, 1997. Belo Horizonte. *Anais...*, Belo Horizonte, 1997, p. 593-606.

Rodrigues, Marilita Aparecida Arantes. Um olhar sobre o parque: lugar da memória esportiva de Belo Horizonte. *In*: CONBRACE, 11, 1999, Florianópolis. *Anais*, v. 3, p.1.407-1.413.

Silva, Luiz Roberto. *Doce dossiê de BH*. Belo Horizonte: Gráfica Editora Cedáblio Ltda., 1991. 236p.

Silva, Regina Helena Alves da. Belo Horizonte: o que marca a sua singularidade. (Estudos críticos). *In*: Arruda, Rogério Pereira de (Org.) *Álbum de Belo Horizonte* Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 145-154.

Simões, Leandro Ferreira. O jornal e a bola: para onde foi a torcida. *In*: Castro, Maria Céres Pimenta Spínola Castro et al. *Folhas do tempo*: imprensa e cotidiano em Belo Horizonte 1886-1926. Belo Horizonte: UFMG; Associação Mineira de Imprensa; Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1997, p.181-202.

Sousa, Eustáquia Salvadora de. *Meninos a marcha! Meninas à sombra*; a história do ensino da educação física em Belo Horizonte (1897-1994). 1994. Tese (Doutorado em Educação) – UNICAMP, Campinas, SP.

Vita . Belo Horizonte: Imprensa Oficial. n.15, 26 jul.1913, s/p.

Lazer em Campinas – SP

JACQUELINE MARTINS BATISTA E ROBSON APARECIDO MAZZOCATO

Leisure in Campinas-SP

Campinas, located in the state of São Paulo, was founded in 1774. Today it concentrates a great number of technologically advanced industries and shows the face of a metropolis with 969,369 inhabitants. The economic basis is predominantly

industrial while its cultural vocation is mainly related to academic and university life. Campinas went through an adaptation process to get adjusted to the innovations of technology while at the same time it kept its traditions in which sports and physical

activities play an important role. Below the reader finds the historical landmarks related to Campinas expansion, the creation of sports clubs and leisure activities in public places covering the period from 1857 until today.

Origens e Definições Campinas situa-se no Estado de SP e foi fundada em 1774. Hoje concentra um grande número de indústrias de ponta e exhibe feições de metrópole. Sua população é de 969.369 mil habitantes, sendo 497.221 mulheres e 472.175 homens (953.218 na área urbana 16.178 na rural). Sua base econômica predominante é a industrial e a sua vocação cultural predominante é a universitária. E sendo hoje um pólo de tecnologia, cabe relatar a memória deste ajustamento às inovações. Na história da antiga de “Campinas do Mato Grosso” podem ser encontrados os elementos para compreender a cidade como ela é hoje e buscar inclusive perspectivas e soluções para o futuro da “Princesa D’Oeste”. Durante as décadas de 1970. 1980 e 1990, a “princesa” participou das regiões pioneiras do cenário econômico, social e político do país. Hoje, ela pode até mostrar, em parte, as vestes corroidas por uma perversa degradação de alguns espaços e serviços públicos, mas seu passado glorioso foi marcado pela pujança da economia cafeeira e por idéias, atitudes e políticos de vanguarda. No campo das atividades físico-esportivas, Campinas possui forte tradição, com um grande número de equipamentos públicos administrados pela Administração Pública Municipal, inúmeros clubes e associações de classe destinadas ao lazer e esportes. Veja-se, em seguida, marcos de memória da cidade associados aos marcos esportivos e recreativos (basicamente associativismo e espaços públicos).

Século XVIII Por volta de 1720, sesmeiros passaram a requerer, ao Rei de Portugal, sesmarias nas Campinas. A partir daí, e até 1770, foi aumentando o número de requerimentos. Essa seria a fase proto-histórica da cidade, que começa com a chegada do primeiro homem, a derrubada da primeira árvore, a construção da primeira cabana e o início do desenvolvimento do aglomerado humano. Na primeira fase de sua história, a trajetória desse aglomerado humano até chegar ao “status” de cidade, passou de povoado à freguesia, de freguesia à vila e, finalmente, de vila à cidade. Essa era a seqüência que o Estado Monárquico português previa para suas cidades. Observando o grau de ocupação humana e o nível de desenvolvimento econômico, o governo ia levando os aglomerados de uma categoria à outra, ao longo do tempo.

1842 Campinas alcança o status de cidade. A cidade pode ser considerada colonial até a primeira metade do século XIX. Em 1822 o Brasil conquista sua soberania com a Independência, mas a cidade continua colonial, marcada pela mediocridade da vida urbana que dura mais de um século. Ainda como cidade colonial, Campinas superou a fase de economia de subsistência, entre 1770 e 1780, quando a cultura de cana-de-açúcar foi introduzida. Engenhos de açúcar em número considerável, tocados pelas mãos de escravos, possibilitaram o ingresso da cidade no circuito internacional do capital. Os senhores de engenho, ou “engenheiros”, chegaram a acumular pequenas fortunas, mas formavam uma elite aristocrática ainda sem refinamento nem desenvoltura.

Década de 1850 Houve uma transição rápida da economia açucareira para a cafeeira. A sociedade local passou a ser senhorial. Os “engenheiros” se tornaram rapidamente fazendeiros do café, que, por sua vez, passaram a ser Barões do Café. Nessa época Campinas se tornou capital agrícola da província e passou a rivalizar com a cidade de São Paulo, a capital do estado.

1857 Em julho deste ano funda-se, na cidade, o Clube Semanal de Cultura Artística.

Década de 1870 Este período marcou a chegada da modernidade a toda a região. A cidade de Campinas foi uma das primeiras a receber ferrovias. Os fazendeiros se quotizaram para construir duas estradas de ferro, que veio a se ramificar posteriormente. Nasceram, na região, as duas mais importantes ferrovias do café. A cidade então adquiriu um perfil capitalista e passou a ter uma sociedade burguesa. A essa altura, ser moderno era supostamente ser imigrante e não mais escravo republicano e não monárquico, urbano e não rural. Mudou o código de comportamento. Os Barões do Café cederam lugar a uma elite ilustrada de bacharéis, uma nova elite: comissários do café, banqueiros, atacadistas e fazendeiros do café que pareciam apresentar já uma mentalidade capitalista. Seus filhos passaram a estudar na Europa, e os próprios Barões faziam viagens anuais ao Velho Mundo. O gabinete de leitura e o teatro municipal da cidade eram espaços culturais muito freqüentados. Associações culturais promoviam eventos que beneficiavam a elite de todas as idades. A vida urbana local ganha destaque no cenário paulista.

1870 Em maio inaugura-se o Clube Concórdia.

1880 Neste ano, a população da cidade era equivalente à da capital. A elite, por seu turno, tentava controlar, treinar e reproduzir a força de trabalho, evitando assim que se tornasse violenta ou se marginalizasse. Essa mesma elite, de origem agrária, acompanhou o processo de industrialização (artesanato, manufatura, indústria) mantendo a liderança, antecipando o Estado em iniciativas importantes. Francisco Glicério e Campos Salles foram políticos de projeção nacional. Eles diziam saber o melhor a fazer, promovendo uma mudança de regime político e queriam evitar os erros decorrentes da centralização do poder. Criticavam severamente o discurso segundo o qual a vocação agrária do país não deveria ser desviada. Outros imigrantes começaram a se estabelecer. O século XX viu chegar eslavos, sírio-libaneses e japoneses.

1900 Em agosto há o surgimento da Associação Atlética Ponte Preta.

Década de 1910 Em abril de 1911 funda-se o Guarani Futebol Clube. Em maio de 1913, Tênis Clube de Campinas e em abril de 1918, o Clube Campineiro de Regatas e Natação.

1922 Em abril cria-se a Sociedade Recreativa Beneficente Bonfim Futebol Clube.

1948 Em setembro inaugura-se o Estádio Moisés Lucarelli da Associação Atlética Ponte Preta, e em outubro do mesmo ano, a Sociedade Hípica de Campinas.

1953 Em maio deste ano completa-se a construção do Estádio Brinco de Ouro da Princesa, do Guarani Futebol Clube.

Década de 1960 Em janeiro/1960: Sociedade Recreativa Vila Marieta; em abril/1960: Circulo Militar de Campinas; em novembro/1960: Associação Atlética Banco do Brasil; em maio/1961: Clube Fonte São Paulo; em junho/1963: Clube Recreativo dos Ferroviários; em setembro/1963: Ginásio de Esportes Engenheiro Alberto Jordano Ribeiro (“Ginásio do Taquaral”); em junho/1964: Clube de Campo Irapuã; em novembro/1964: Andorinha Parque Clube; e em setembro/1965: Grêmio Recreativo Campinas.

Década de 1970 Em janeiro/1970: Unidade Paineiras da Associação Atlética Ponte Preta; março/1972: Praça de Esportes Dr. Edgar Ariani; junho/1972: Praça de Esportes Ferdinando Panattoni; julho/1972: Praça de Esportes Pompeo de Vitto; setembro/1972: Kartódromo Afrânio Ferreira Jr.; setembro/1972: Praça de Esportes Tancredo Neves; novembro/1972: Balneário Parque Taquaral; novembro/1972: Parque Portugal “Lagoa do Taquaral”; setembro/1973: Praça de Esportes Argemiro Roque; outubro/1973: Praça de Esportes Dr. Orestes Quêrcia; novembro/1973: Centro Esportivo do SESI – Cat Maria Braz; dezembro/1973: Praça de Esportes Dr. Carlos Grimaldi; março/1974: Praça de Esportes José Gentil Franco de Campos; julho/1976: Praça de Esportes Salvador Lombardi Neto; agosto/1976: Centro de Vivência dos Idosos; novembro/1976: Praça de Esportes Benedito do Santo; novembro/1976: Unidade da Cidade Pontepretana da Associação Atlética Ponte Preta; janeiro/1977: Observatório de Capricórnio; e setembro/1979: Nosso Clube Recreativo e Esportivo.

Década de 1980 Dezembro/1980: Clube da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Campinas; janeiro/1982: Praça de Esportes João Carlos de Oliveira “João do Pulo”; julho/1982: Ginásio de Esportes Rogê Ferreira; abril/1986: Praça de Esportes Dr. Carlos Andrade Pinto; abril/1986: Praça de Esportes Dr. Orestes Laércio Aulicínio; outubro/1986: Praça de Esportes Dr. Olímpio Dias Porto; novembro/1986: Centro Esportivo Brasil de Oliveira; maio/1987: Praça de Esportes Sarkis Salamene; junho/1987: Parque Ecológico Monsenhor Emílio José Salim; e dezembro/1987: Praça de Esportes Dr. Roberto Ângelo Barbosa;

Década de 1990 Em 1990, o Lago do Café é doado pelo extinto IBC à Prefeitura Municipal de Campinas; em 1991 é tombada em 1991 a Fazenda Santa Eliza; setembro/1993: SEST em Campinas; setembro/1994: Centro de Esportes e Lazer do SESI - Cat. Joá Penteado; dezembro/1994: Memorial Ulisses Guimarães; e dezembro/1996: Praça de Esportes Gilberto Campos Valente.

Situação Atual Na década de 1960 a cidade já tinha um porte considerável. O estado se colocou à frente da descentralização da economia, que se interiorizou. O processo de urbanização da cidade foi beneficiado pelo reforço no erário público, proporcionado pela Reforma Tributária de 1956/1966. Entre 1965 e 1975 a renda per capita aumentou 57%. Em 1970 a cidade viveu uma fase de grande expansão industrial. Em 1988 a produção industrial da região só era superada no Estado de São Paulo, pela Grande São Paulo e pelo Estado do Rio de Janeiro, o que colocava Campinas na posição de segundo pólo de manufatura de São Paulo. Sua produção agropecuária era a segunda de São Paulo, seu movimento de exportações representa mais de 15% do total do Brasil. Embora a agricultura pudesse ser considerada de grande expressão da região, a cidade assume sua vocação industrial. Em sua maioria, as indústrias são de complexidade tecnológica: metalurgia, transportes, mecânica, informática e micro-eletrônica. O setor comercial e de serviços é muito desenvolvido, em termos comparativos regionais e nacionais. Se em 1960 a cidade ostentava o status de primeiro município em qualidade de vida do país, hoje a criminalidade e a violência superam muitos outros municípios do país, considerados de grande risco social. Os problemas urbanos se multiplicaram sem que surjam soluções viáveis para revertê-los.

Lazer em Morungaba – SP

LUCIANA WALKER E RICARDO PENTEADO

Leisure in Morungaba-SP

Morungaba-SP (pop. 9,919), an agricultural region since 1880, started expanding with the Italian immigration to the Veneto region. Although

today the urban area is predominantly industrial, it is still possible to see some agricultural production in the region. The city became a tourist

attraction in 1904. Soccer boomed later when the stadium was constructed in 1946. Various other sports and recreational options are offered.

Origens e Definições Em 29 de junho de 1888 foi traçada, por Pereira Cardoso, a primeira rua da cidade hoje denominada Morungaba, fundando um povoado com o fim de transformar o Bairro dos Mansos, que só contava com casas rústicas e distantes uma das outras. Foram construídas muitas casas de tijolos, tão sólidas que até hoje existem várias. O surgimento do povoado se deu como quase todas as outras cidades da região: erguia-se uma capela, um entreposto comercial e em torno iam aparecendo moradias. A ocupação das terras deu-se em virtude da cultura de café no seu processo expansionista. Foram abertas muitas fazendas, extensas glebas de terra. Descendentes do português Brito Leme foram os responsáveis pelo primeiro momento de ocupação do solo. Um desses descendentes, Francisco Bueno de Aguiar, proprietário da Fazenda Sant'Ana, doou a Nossa Senhora da Conceição o terreno para se erguer uma igreja. Desse terreno foram destacados lotes menores que eram vendidos e onde se ergueram as primeiras residências do Bairro dos Mansos. Foi com o dinheiro dessas transações que se para Morungaba, que do Tupi Guarani, significa colméia de morungas, abelhas produtoras de mel. Esse pequeno núcleo foi oficialmente elevado a distrito de paz do Município de Itatiba, em 1891. O segundo momento na formação de Morungaba foi a chegada dos imigrantes italianos, principalmente da região de Vêneto, por volta de 1880. Eles tiveram grande influência na forma de morar, de vestir, nos métodos da agricultura, na formação da estrutura social, na língua, na religião, nos costumes, na alimentação. Da mescla dessas duas culturas é que se formou o povo morungabense. Com o passar dos anos, muitos dos imigrantes tornaram-se proprietários das terras onde antes eram empregados. Em 1965, Morungaba foi elevada a Município, ato assinado pelo governador Luiz Antônio Fleury Filho. Com isso, chegaram as indústrias, deu-se início a importantes obras públicas e preocupação com a infra-estrutura urbana. Em 25 de julho de 1994, com a Lei no 8830, a cidade é elevada à categoria de Estância Climática, no estado de São Paulo.

1946 Em 10 de Março funda-se o Morungaba Esporte Clube: estádio com capacidade para 2.000 (duas mil) pessoas; pista de atletismo; campo de futebol; vestiários; bar e lanchonete. Número de Associados: 120. Área total: 24.000 m².

1947 Em 08 de dezembro – Praça João Pessoa: Área total: 1.400 m².

1963 Em 08 de janeiro – Clube de Campo Morungabense: Campo de Futebol; quadras de esportes; piscinas; boate; mesa de bilhar; bar; playground; sauna; salão para bailes para 400 pessoas. Número de associados: 1800. Área total: 7.492 m².

1969 Em agosto – Estádio Leonardo Frare (Buenópolis Futebol Clube): Estádio com capacidade para 3.000 (três mil) pessoas; campo de futebol; bar; lanchonete; espaço para festas e bailes. Número de associados: 180. Área total: 23600 m².

1985 Em 29 de junho – Praça Pedro de Camargo Neto: Área total: 2.750 m².

1986 Em 29 de junho – Ginásio de Esportes Luís Seraphin: Capacidade para 1.000 (um mil) pessoas; quadra poliesportiva; sala de musculação. Área total: 1650 m² de área coberta.

1988 Em 29 de junho – CEM (Centro de Equestre de Morungaba): Capacidade para 3.000 (três mil) pessoas; recepção; sanitários, camarins; pavilhão de 1.000 m² para feiras e exposições; área para rodeio, parque de diversão, bailes populares de carnaval, festa do peão, etc. Área: 17.126 m².

1989 Criação do CEPEM (Centro de Preparação Equestre de Morungaba): Localizado na Vila São Benedito. Lanchonete, vestiários e alojamento para 6 pessoas. Shows equestres, equipe de competição, aulas de equitação, aulas de hipismo e trilhas ecológicas. Área total: 40.000 m².

1989 Em 29 de junho – Praça Fioravante Frare: Área total: 150 m².

1990 Em 29 de junho – Ginásio de Esportes de Bocha: Campo de Bocha Oficial; quadra poliesportiva, mesa de bilhar, raia de malha, quatro salas de cartas; vestiários; lanchonete; arquibancada para 400 pessoas. Área total: 1000 m².

1992 Em dezembro – Praça Amauri Benedito Bazeto: Área total: 450 m².

1997 Rancho da Montanha: Localizado no km. 108 da Rod. Das Estâncias. Passeios ecológicos a cavalo. Área total: 2,5 alqueires.

1994 Em 29 de Junho – Praça Antonio Miguel Sobrinho: Praça equipada com playground. Área total: 972 m².

1998 Em agosto – CENAEM (Centro Nacional de Arte Equestre de Morungaba): Localizado a 1500 m do centro. Passeios a cavalo, shows de cavalos e aulas de equitação. Área total: 6.000 m².

Situação Atual Recursos naturais da região hoje utilizados para a prática do lazer esportivo: Rio Jaguari - O Rio Jaguari propicia a prática da pesca, banho, natação, bóia cross, caiaque ao longo de seu percurso. Dispõe de um bom volume de água, porém não apresenta queda d'água com desnível significativo; Parque Ecológico – Localizado no Bairro do Pico Alto – Serra das Cabras à 800 metros do centro. Inaugurado em dezembro de 1996, possui uma área de 11 alqueires, com cachoeiras de pequeno porte, lago, mata nativa e de reflorestamento, propicio a caminhadas e piquenique; portaria, estacionamento, quadra poliesportiva, lanchonete, playground, tirolesa, vestiários, anfiteatro, ciclovia, pedalinho, trilha. Eventos Esportivos Anuais: Eventos esportivos como Campeonatos de Futebol Veterano e Varzeano, Futsal, Futebol Society, Vôlei de Areia, Malha, Truco e até mesmo Campeonato de Pipa (mudança na nomenclatura em determinadas regiões do Brasil). Outros eventos também são relevantes como: Corrida Pedestre, Copa das Montanhas de Enduro Fim, Mountain Bike Etapa Morungaba, diversos Encontros de Motos no parque Ecológico, Circuito Aquathlon, Passeios de Jipe, Passeio Ciclístico, Olimpíada Estudantil, Desfiles de Cavalos e Rodeio na Festa do Peão.

Fontes www.morungaba.com.br; Inventário da oferta realizado pelos alunos do 3o ano de Turismo da Universidade Paulista em Junho de 2003. Pesquisa de campo e coleta de dados realizado pelos alunos Luciana Walker e Ricardo Penteado do curso de mestrado em Lazer da Unicamp sob a orientação do Professor Dr. Antonio Carlos Bramante.

Localização do município de Morungaba no estado de SP

Municipality of Morungaba location in the state of SP



Municípios Limítrofes: Amparo - 26 km, Bragança Paulista - 43km, Itatiba - 18km, Campinas - 42km, Pedreira, e Tuiuti.

Distância da Capital: Morungaba- São Paulo- 103km.

Acesso: Rodovia Constâncio Cintra, SP 360, conhecida como Rodovia das Estâncias. Pela Rodovia Dom Pedro I, entrada nº 106, sinalizada por placas.

Topografia: Levemente acidentada

Clima: Tropical de altitude

Extensão Territorial: 143k

População: 9.919 (urbana: 7.800; rural 2.119)

Temperatura Média: 18 a 26 graus, dentro de ótimo sistema ecológico

Toponímia: Morungaba, do tupi-guarani, colméia de morungas, abelhas produtoras de dulcíssimo mel (Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo).

Cluster esporte e lazer de Santos – SP

LUCIANA VAZ

Sports and leisure in Santos - SP

Santos, 417,983 inhabitants, coastal city of the state of São Paulo, is today the largest port in South America. Its origins are linked to the origins of Brazil itself. Its history has witnessed the sugar economy, the starting point of the Portuguese colonization and the coffee cycle. Santos's economic activities today include

the port, the fishing industry, tourism, and commercial activities in general. Part of the sports history of this city started with the synergy between businesses and leisure activities. Naturally endowed with 7 km of beaches Santos today enjoys life in natural environments and active leisure. Sports came up with the arrival

of German immigrants (first sports club in 1865), British businessmen (1881), Spaniards (1885), and Italians (1897) as it happened in many other cities in southern Brazil. Today, Santos is considered one of the main clusters of extreme and outdoor sports in Brazil.

Definições e Origens Santos é hoje o maior porto do Brasil e suas origens estão ligadas às origens do país. O litoral paulista e a Ilha de São Vicente foram descobertos no início do ano de 1502. Posteriormente, a ilha foi habitada por europeus e, desta ocupação, surgiram dois pequenos núcleos urbanos: o Povoado de São Vicente, elevado a Vila, por Martim Afonso de Sousa, em 1532 e o chamado Nova Povoação, fundado por volta de 1540 por Brás Cubas que posteriormente elevou-a a condição de vila, em data não conhecida, exatamente por falta de documentos. Segundo as leis portuguesas uma vila tinha o direito de ter Câmara Municipal, símbolos de autonomia como pelourinho, estandarte e território demarcado. Assim surge a vila do Porto de Santos, depois simplesmente Vila de Santos, sendo o principal porto do litoral paulista, o qual teve desenvolvimento superior às outras vilas litorâneas. Santos ficou famosa por ser pátria de figuras notáveis: os Gusmões, José Feliciano Fernandes Pinheiro (Visconde de S. Leopoldo), os irmãos Andradas. Foi por causa de um deles, José Bonifácio, o Patriarca da Independência, que a Assembléia Provincial (equivalente hoje à Assembléia Estadual) resolveu aprovar uma Lei que elevava a Vila de Santos à condição de Cidade, assinada pelo presidente da Província de São Paulo, Venâncio José Lisboa, em 26 de janeiro de 1839. Em síntese, Santos passou pelas três fases de categorias urbanas: povoado, vila e cidade. Em sua história, estão registradas a economia açucareira, a dispersão bandeirante e a época do café. Hoje, Santos tem como atividades econômicas o porto, o comércio, o turismo e a pesca. A partir desta sinergia encontrada na cidade, elabora-se parte da história do esporte e lazer de Santos. Esta cidade, com 417.983 habitantes em 2000, é naturalmente voltada para o lazer e o esporte, sendo privilegiada pelos 7 km de praias - com o maior jardim contínuo do mundo (5335 m) que começa na Praia do José Menino e segue até a Ponta da Praia -, pelo clima, ruas planas e uma boa infra-estrutura; fatores esses contribuintes para a prática de esportes ou passeios à beira mar, em qualquer período, pois toda orla possui iluminação. O cidadão santista dos dias presentes encontra apoio e condições para desenvolver todo seu potencial esportivo e recreativo nas escolinhas mantidas pela Prefeitura ou por clubes particulares. Cada vez mais a cidade se firma como palco de importantes competições nacionais e internacionais, como também centro de atrações de turismo e lazer. Em conjunto, define-se lazer e esporte em Santos como um cluster, isto é, influências mútuas que criam e/ou aceleram as atividades. Segue-se uma cronologia resumida do desenvolvimento destas atividades na cidade principal do litoral paulista.

1857 Ano da criação da Sociedade Carnavalesca Santista.

1865 Fundação do Clube Germânia em 31 de dezembro deste ano.

1869 Em 12 de junho foi fundado o Clube XI por 15 sócios da antiga Sociedade Carnavalesca Santista. Este clube se destacou por importantes ações culturais como espetáculos literários, teatrais e musicais.

1870 Em 9 de março funda-se o *Grêmio Les Bavards*.

1880 Fundação da Sociedade dos Democráticos que promovia atividades sociais e dançantes, em 2 de março deste ano.

1889 Um grupo de ingleses, praticantes de críquete, fundam um clube em 8 de agosto para a prática esportiva, o Clube dos Ingleses, chamado Santos Athletic Club (o mais antigo clube atlético da cidade).

1893 Em 30 de abril foi fundado o primeiro clube náutico da cidade, o Clube Regatas Santista. Neste mesmo ano oficialmente surgiu o remo no Brasil. É da ligação de Santos com o mar que surgiu este esporte pioneiro.

1885 Fundação do Centro Espanhol e Repatriação de Santos criada para atender a comunidade hispânica nas práticas esportivas, no cultivo da arte e do folclore espanhol.

1895 Criação do Clube Éden Santista, forte rival do Clube XV. O rival do XI teve curta duração entrando em decadência por volta de 1930.

1897 Fundação da *Società di Beneficenza Italiana*-SIC.

1898 Fundação do Clube Internacional de Regatas-CIR.

1901 Sportiva Anual do Clube dos Ingleses com provas de atletismo (salto à distância, salto em altura, arremesso de peso, corrida de bicicleta, corrida de ¼ de milha, prova de 200 e 120 metros), além de provas para as crianças e outras provas como corrida do saco, corrida de três pernas e cabo de guerra.

1902 Os sócios do clube XI formaram o primeiro clube de futebol de Santos, o Clube Atlético Internacional.

1903 Fundação do Clube de Regatas Saldanha da Gama.

1908 O tênis ganha um maior prestígio na cidade devido à sua prática no Clube dos Ingleses com conseqüente ampliação do seu terreno.

1911 Fundação do Clube de Regatas Vasco da Gama.

1912 Em 14 de abril cria-se o Santos Futebol Clube-SFC.

1912 Primeira partida do SFC contra o Santos Athletic em 15 de setembro, na qual o SFC venceu por 3 a 2.

1913 Fundação do Clube Atlético Santista que nasceu na sede de uma escola, a Academia de Comércio José Bonifácio. Criado para a prática do futebol amador teve destaque na cidade pela expansão do futebol.

1914 A colônia espanhola funda o Espanha Futebol Clube que, após a 2ª Guerra Mundial, passou a se chamar Jabaquara Futebol Clube.

1916 Inauguração da praça de esportes da Vila Belmiro.

1917 Fundação da Associação Atlética Portuguesa.

Década de 1920 Em 07/09/1913, surge o City Atlético Clube e em 1926, o Tênis Clube de Santos que, destinado à prática do tênis inicialmente acabou expandindo-se em diferentes modalidades. Em 1929 ocorreu a inauguração do primeiro campo de futebol de Santos e do Estado de São Paulo com iluminação elétrica, sendo o jogo inaugural entre o City Atlético Clube e o Bahia Futebol Clube.

Década de 1930 Nesta década três santistas construíram a primeira prancha de que se tem notícia no Brasil e surfaram com ela na Praia do Gonzaga. O *bowls* (bocha) era um jogo bastante praticado nesta época. Em 1930, aconteceu a crise econômica do café que refletiu no remo, um esporte caro, que foi perdendo espaço para outras modalidades, como a natação, futebol, voleibol e pólo aquático. O *bridge* despontou no final deste ano. O Tênis Clube de Santos realizou o primeiro Campeonato Aberto de Tênis do Brasil. Em 1932, inaugurou-se o Estádio Ulrico Mursa, o primeiro com arquibancada de cimento armado e cobertura no Estado de São Paulo. Em 1932, aparece um grêmio que reunia os adeptos da pesca amadora. Surge o clube da Pesca de Santos pelas mãos do comandante Sebastião Arantes. No ano seguinte, a praça esportiva da Vila Belmiro passa a ser chamado Estádio Urbano Caldeira. Em 1935, começaram as primeiras disputas de *bridge* entre o Santos Athletic Club e o Clube XV; neste período, os jogos de bilhar integravam a vida social do Anglo-American Club; em agosto deste

ano foi disputado o Primeiro Jubilee Cup. Em 1937, nasce o Tamboréu na praia do Gonzaga, com os irmãos Donatellis que brincavam rebatendo uma bola de tênis com aros de madeiras e tampo de couro, que se assemelhavam aos pandeiros dos músicos. O Badminton, no ano seguinte, começa a ser praticado a partir da instalação da primeira rede na cidade no salão principal do Clube dos Ingleses.

Década de 1940 Inicia-se a prática do *Snooker* no Santos Athletic Club em 1940, ano que também marca o fato da cidade ser a Campeã, pela primeira vez, nos 5º Jogos Abertos do Interior-JAI de São Paulo, na cidade de São Carlos-SP. Depois desta edição, a cidade conquistou mais 24 títulos de campeã até a 66ª edição em 2001. Em 1946, a cidade de Santos sediou, pela primeira vez, os Jogos Abertos do Interior, sendo também campeã neste ano. Em 03/06/1945, o Centro Português de Santos criou a Escola de João de Deus que propiciava aulas de esgrima, tiro ao alvo e dança.

Década de 1950 Funda-se do Clube Sírio-Libanês em 1952. Em 1953/1954, cria-se a sub-comissão de Tamboréu ligada à Comissão Central de Esportes da Prefeitura, passando existir campeonatos da modalidade com cunho oficial. Em 1956, Édson Arantes do Nascimento (Pelé), com 15 anos de idade, chega a Vila Belmiro pelas mãos de Valdemar de Brito. Em 25/09/1958 é lançada a pedra fundamental, pelo Clube de Regatas Santista, do primeiro ginásio de Bochas com cobertura de cimento-armado construído no Estado, o Ginásio Acácio Augusto de Almeida.

Década de 1960 Nessa década, o Santos Futebol Clube-SFC conquistou em todos os anos o título de campeão paulista. Sua equipe dessa época é lembrada até hoje devido a jogadores marcantes como Pepe, Mengálio, Coutinho, Lima, Zito, Dorval, Gilmar, Dalmo, Calvet e Pelé, entre outros. Em 1968, Santos ganhava sua primeira Faculdade de Educação Física -FEFIS-UNIMES, na qual estudaram personagens conhecidos como Pelé, Negreli, Emerson Leão, Paulo Russo, Fábio Goulart, Stael Martins etc.

Década de 1980 Em 1986, inauguração do espaço esportivo do Serviço Social da Indústria-SESI, único da cidade com pista de atletismo oficial. No mesmo ano, o Serviço Social do Comércio-SESC instala-se com atividades recreativas e esportivas em uma área de terreno de 20.639 m2 e com uma área construída total de 34.251 m2, cuja capacidade de atendimento é de 10.000 pessoas/dia.

Década de 1990 Em 15/06/1992 tem início as atividades da primeira Escola de Esporte Radical do Brasil. Além de surfe, outras modalidades são praticadas, tais como *longboard*, *bodyboard* e prancha normal, (as aulas de vôlei e futebol de areia são ainda mantidas). Em 1992, constrói-se uma pista de skate e bicicross sobre o Emissário Submarino de Santos (construído na década de 1970). Também neste ano, há a inauguração do Posto 5 – Gibiteca Marcel Rodrigues Paes – com aproximadamente 6000 gibis com exemplares das décadas de 1930, 1940 e 1950, além de reproduções e originais de revistinhas como Batman e Capitão Marvel.

No ano seguinte, inauguração do posto 6 – Biblioteca Municipal Mário Faria – totalmente informatizada com aproximadamente 5000 livros. Neste mesmo local ocorrem aulas abertas de ginástica e tai-chi-chuan. Em 1997, fundação da Federação Paulista de Surfe com sede e foro na cidade de Santos. Em 1998, acontece o primeiro ano do curso de Educação Física na Universidade Santa Cecília-UNISANTA.

Situação Atual A cidade destaca-se por revelar atletas de expressão nacional, desde triatletas até patinadores artísticos (CIR). O SFC volta a uma época de vitórias. A cidade reforça a sua vocação para o turismo, lazer e práticas físico-esportivas. Em termos de eventos anuais expressivos citam-se: Triathlon Internacional de

Santos, Convenção Internacional Reebok University/Fitness Brasil, Campeonato Santista de Pedestrianismo, Jogos Escolares de Santos-JOES, Circuito de Windsurfe da Baixada Santista, Copa Cidade de Santos de Basquete Máster, 10KM Tribuna FM, Copa Lusíada a Tribuna FM, Torneio Interclubes de Tênis, Campeonato Brasileiro de Patinação Artística, Grande Prêmio 100 km A Tribuna de Ciclismo, Jogos Abertos do Interior-JAI, Torneio Estadual de Natação, Campeonato Brasileiro Interfederativo de Pólo Aquático, Jogos dos Funcionários Públicos-JOFUPS, Torneio Rogério Sampaio de Judô, Dia Pelé e Campeonato Brasileiro Absoluto Troféu José Finkel de Natação. Equipamentos e espaços esportivos e de lazer: Jardim Botânico "Chico Mendes"; Orquidário Municipal; Aquário Municipal; Morro do José Menino (procurado para a prática de Asa Delta), Parque Marinho da Laje (ponto de mergulho)

lho) e o Quebra-Mar, no bairro do José Menino (*point* dos surfistas que possibilita inclusive a prática do surfe noturno, com um amplo sistema de iluminação, só visto na Austrália e África do Sul); praias de Ponta da praia, Aparecida, Embaré, Boqueirão, Gonzaga e José Menino; sítios de ecoturismo: Trilhas do Cabuçu, do Caeté, da Vila Itatinga e dos Rios Jurubatuba e Jurubatuba-mirim.

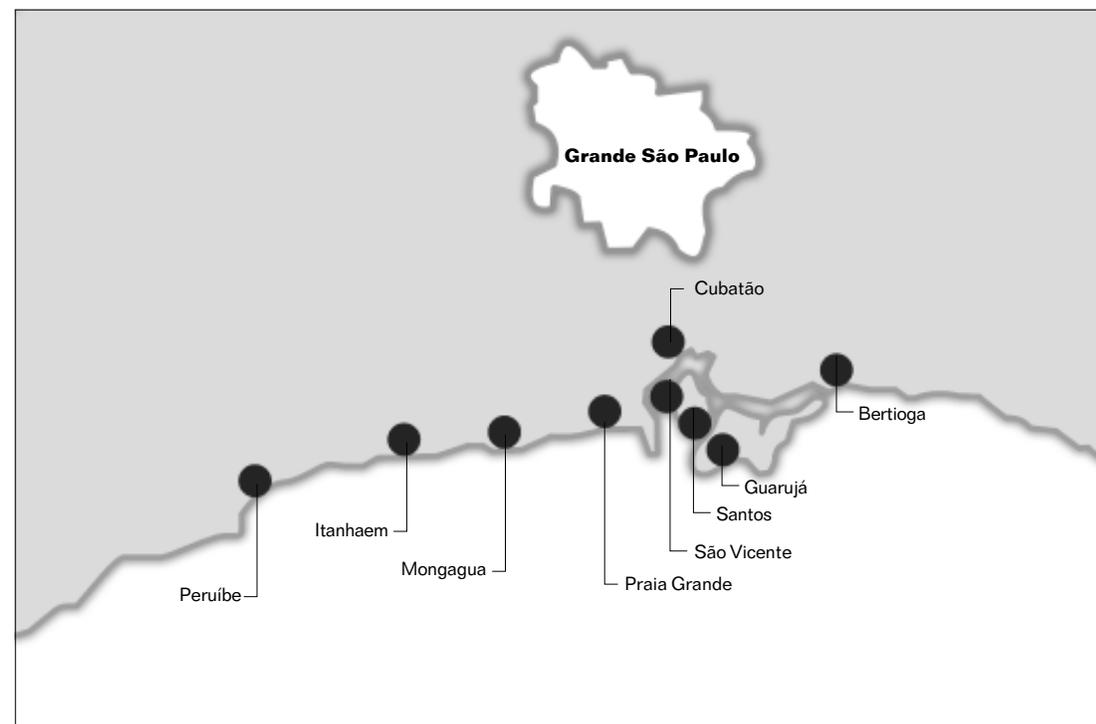
Quanto aos serviços públicos esportivos e de lazer, a Secretaria Municipal de Esportes-SEMES mantém o Programa de ginástica na praia desenvolvido nos Postos 2, 4, 5 e 6, para pessoas acima de 15 anos de idade, com aulas pela manhã e à noite, além de capoeira, tai-chi-chuan e vôlei. Há também o Centro Comunitário "Antônio Feliciano" (Dale Coutinho), Centro Recreativo "Manoel Nascimento Jr." (M. Nascimento), Jardim Botânico "Chico Mendes" e CECON (N. ESPERANÇA),

Centro Esportivo e Recreativo "Adalberto Mariani", Centro Recreativo "Rubens Ferreira Martins" e NGA - 57 (INPS) para ginástica de prevenção a osteoporose. Outras ofertas são feitas nos bairros de Ponta da Praia, José MeninoVila, Belmiro, morros da cidade, Zona Noroeste, Aparecida, Embaré, Campo Grande e Vila Rica.

Fontes Guia do litoral paulista. São Paulo, 2003. www.uol.com.br/guiadolitoral/santos/santos.html; Lendas e histórias. Santos, 2003. www.novomilênio.inf.br/santos; Município de Santos. São Paulo, 2003. www.stm.sp.gov.br/info-muni/municipios.htm; Nori, Célio. Boleiros da areia: o esporte como expressão de cultura e cidadania. São Paulo: SESC, 2002; Prefeitura municipal de Santos. Santos, 2003. www.santos.sp.gov.br.

Localização de Santos e praias vizinhas em relação à grande São Paulo

Santos and neighborhood beaches in relation to Great São Paulo



Destaques de atletas olímpicos santistas, 2003

Selected olympic athletes from Santos, 2003

ATLETAS - athletes	MODALIDADES - sports
Andréa Berti Rodrigues	Judô
Benedicta Sousa Oliveira	Atletismo
Cristina Parmegianni	Judô
Danielle Zangrano	Judô
Haroldo de Mello Lara	Natação
José Oswaldo da Fonseca Marcelino	Voleibol
Leonidio Pasquale de Prá Filho	Voleibol
Ligia Santos Silva	Tênis de mesa
Lúcio Grottone	Pugilismo
Manoel Maria	Futebol
Manoel dos Santos	Natação
Mario Sabino	Judô
Priscilla Marques	Judô
Sanderley Parrela	Atletismo
Sérgio Teles de Pinheiro	Voleibol

Clubes de futebol de praia

Beach soccer clubs

Localização - location	CLUBES (ANO DE FUNDAÇÃO) <i>Clubs - inauguration year</i>
Divisa	Milionário Praia Clube (1972), Clube Recreativo Praiano (1979), Contabol Praia Clube (1968), Esporte Clube José Menino (1961) e Esporte Clube Praiano (1978).
Proximidade do Emissário	Esporte clube Canal Zero (1969), Amigos Unidos da Praia Clube (1976), Esporte Clube Barravento (1972) e Real Colorado Praia Clube meados de 1970.
Praia do José Menino (entre o Emissário e o Canal 1)	Madri Futebol clube (1985).
Praia do José Menino (entre os canais 1 e 2)	Samburá Praia Clube (1969), Brumar Futebol Clube (1970), Olímpia Futebol Clube (década de 1940), Esporte Clube Alvorada (1970).
Praia do Gonzaga (entre os canais 2 e 3)	Saveiro Clube (1977), Futebol da Sangue (1975), Chapéu de Sol Futebol Praia (década de 1960), Associação dos advogados de Santos (1943), Grêmio dos Amigos Futebol de Praia (1963), Walter Praia clube (1970) e Náutico Praia Clube (década de 1960).
Praia do Boqueirão (entre os canais 3 e 4)	Bola de Praia (década de 1970), Produção Atlético Clube (1958), Igaratá Clube (1968).
Praia do Embaré (entre os canais 4 e 5)	Grêmio Recreativo Santo Antônio (1997 ou 1998).
Praia da Aparecida (entre os canais 5 e 6)	Marcopollo Praia Clube (1999), Reunidos Praia Clube (1975), Sociedade Esportiva Independente (1980), Praia e bola (1970) e Chopebol Clube (1976).
Ponta da praia (após o canal 6)	Democrático Atlético Clube (1956) e Clube da Ponta de Futebol de Praia (1967).

Principais títulos - Santos Futebol Clube - main titles

- Pentacampeão da Taça Brasil (1961, 1962, 1963, 1964 e 1965).
- Bicampeão Mundial Interclubes (1962 e 1963).
- Bicampeão Copa Toyota Libertadores da América (1962 e 1963).
- Campeão do Torneio Roberto Gomes Pedrosa (1968)
- Campeonato Brasileiro (2002).
- Campeão Paulista (1935, 1955, 1956, 1958, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964, 1965, 1966, 1967, 1968, 1969, 1973, 1978 e 1984).

Lazer em Presidente Prudente – SP

ROSÂNGELA BENITO

Leisure in Presidente Prudente-SP

Presidente Prudente, 20th Brazilian city in quality of life, is located in the western part of the State of São Paulo, 565 km from the capital. It has approximately 190,000 inhabitants: 97.5% in the urban area and 2.5% in the countryside. It was a

great coffee producer in the 19th century, but industries predominate in the region today. The city has 28 sports squares, 5 baseball stadiums, 12 gateball stadiums, 2 aeromodelling clubs, 7 sports gymnasiums, 1 Olympic center, 13 licensed social

clubs, and 1 municipal stadium. Presidente Prudente is known in Brazil as the ‘Track and Field Capital’ as its 4x100 relay athletes were silver medal winners in the Sydney 2000 Olympic Games.

Definições e Origem Presidente Prudente situa-se na região oeste do estado de São Paulo, a 565 km distantes da capital. A cidade fica a 75km do Estado do Paraná e 86 km do Estado de Mato Grosso do Sul. Atualmente conta com uma população de aproximadamente 190 mil habitantes, sendo que 97,5% residem em área urbana e 2,5% em zona rural. O município tem como área total 563,6 km² e apresenta uma temperatura média de 23,1°C, com o inverno frio e seco e o verão quente e chuvoso. As atividades industriais são o ponto forte da economia da região. Entretanto, desde sua fundação, em 1917 e até 1920, a atividade econômica predominante era o plantio do café, ganhando força com a chegada da Estrada de Ferro Sorocabana em 1919, que emprestou durante algum tempo o nome ao local, conhecida como “Alta Sorocabana”. Estima-se que em 1927 existiam 10 milhões de pés de café na localidade. A partir de 1930, devido ao manejo incorreto do solo, a diminuição da exportação em virtude da crise do capitalismo e a concorrência com outras regiões, a produção de café apresentou um declínio, vindo a ser substituída nos anos que se seguiram pelo cultivo de algodão. Essa nova opção foi fortalecida pelo crescimento da indústria têxtil e a exportação do produto e, assim, iniciava-se o processo de industrialização de Presidente Prudente. Até a década de 1950 a população se concentrava no campo. A partir de 1960 nota-se a inversão no quadro do censo de Presidente Prudente, quando a maioria da população já se encontrava na área urbana, abandonando a zona rural. Hoje, Presidente Prudente possui cerca de 445 indústrias e quatro distritos industriais, sendo seus principais produtos: alimentícios, bebidas, laticínios, usina de álcool e açúcar, curtumes e derivados do couro, entre outros. A cidade recebe os títulos de Capital do Nelore Mocho e do Cavalo Quarto de Milha, por ter um dos maiores rebanhos e haras especializados do país. Para avaliar este salto de qualidade do ponto de vista do esporte e do lazer, veja-se uma retrospectiva das atividades físico-esportivas dentro da história recente.

Década de 1920 Fundação da Associação Cultural Agrícola e Esportiva-ACAE: complexo esportivo e de lazer , ainda não concluído na presente data, que conta com um estádio de beisebol com campo oficial gramado, 1 campo oficial para treino e jogos, 1 campo gramado para beisebol pré-júnior e um campo para softbol. Um campo oficial de futebol de campo, 2 campos de futebol suíço, quadras de tênis de campo, futebol de salão, vôlei e basquete.

Década de 1930 Fundação do Tênis Clube de Presidente Prudente–TCPP: salão Social, sala de jogos, quadras de tênis , futebol de salão, vôlei e basquete; Um complexo esportivo e de lazer com piscinas, vestiários, lanchonete, etc. Fundação da Associação Prudentina de Esportes Atlético-APEA: quadras poliesportivas, salão de festas, piscina, vestiários, lanchonete, campo de futebol, etc.

Década de 1960 Fundação do Ipanema Clube: quadra poliesportiva, salão para boate, salão de festas, toboágua, 2 churrasqueiras grandes, bar, piscina infantil, piscina semi-olímpica, piscina média, piscina de biribol oficial, sauna completa, campo de futebol suíço, campo de futebol, estacionamento de 1.500m². Fundação do San Fernando Clube de Campo: salão de festas, quadras poliesportivas, campo de futebol, piscinas, vestiários, etc.

Década de 1970 Associação Atlética do Banco do Brasil: quiosques, churrasqueiras, piscinas (2 infantis e 1 adulto), sauna (masc.e fem.), salões sociais (para 200 e 450 pessoas), ginásio poliesportivo, campo de futebol oficial e society, playground, quadra de vôlei areia e futevôlei, quadra de tênis, sala de jogos de salão, estacionamento interno, bar e lanchonete. Ginásio Municipal de Esportes *Watal Ishibashi*: com capacidade para 4.000 pessoas, alojamento, 01 cabine para rádio e para televisão, 02 vestiários, 01 quadra poliesportiva Estádio Caetano Peretti: capacidade para 3.000 pessoas, 01 campo de futebol oficial, 02 cabines para rádio e televisão, 02 vestiários. Centro Esportivo do Jardim Brasília: 02 piscinas (desativadas), 01 campo de futebol. Estádio Municipal de Futebol Jardim Regina: 01 campo de futebol oficial Estádio do Jardim Everest: 01 campo de futebol, 01 quadra de futebol de salão (não oficial). Campo de Futebol Rio 400: 01 campo de futebol. Ginásio de Esportes da UNESP: capacidade para 200 pessoas, 02 vestiários, 01 quadra poliesportiva, piscina, entre outros. Campo de Futebol Jd. Vale do Sol: 01 campo de futebol. Centro Esportivo Brasil Novo: campo de futebol, quadra poliesportiva, vestiários. Campo de Futebol conjunto Mário Amato: 01 campo de futebol.

Década de 1980 Fundação do Meridional Praia Clube: parque aquático infantil com sapo, pelicano, baleia e escorregador, parque aquático com dinossauros, toboágua com 150 metros de pista, piscinas de biribol, balneário com 2.500.000 litros de água, cascata de água natural, lago natural com 24.000.000 litros de água, 250 churrasqueiras cobertas e ao ar livre, bosque de árvores nobres, pista de cooper, quadras poliesportivas, bocha, quadras de futebol de areia, quadras de vôlei de praia, campos de futebol oficial, campos de futebol suíço, pesque e pague, salão de festas com 2.500 m², 4 lanchonetes, 242.000 metros quadrados de área de lazer. Arena do Rancho Quarto de Milha: considerada a maior arena coberta da América Latina, com capacidade para 10 mil pessoas sentadas. Conjunto Esportivo do Parque do Povo: 02 campos de futebol suíço, 02 quadras poliesportivas descobertas. Circuito de treinamento do Parque do Povo: aberto ao público, 02 parques infantis, aparelhos de ginástica Estádio Walter Lemes Soares: quadras poliesportivas descobertas. Campo de futebol. Praça das andorinhas “Miguel Buchala”- Cohab: local aberto ao público, 01 campo de futebol suíço, 02 quadras poliesportivas, 01 campo de futebol de areia. Conjunto Esportivo do Centro Olímpico “Paulo Salim Maluf”: complexo esportivo. Ginásio de Esportes da UNOESTE: capacidade para 2000 pessoas, 02 vestiários, 01 quadra poliesportiva, 01 cabine para rádio e televisão.

Década de 1990 Ginásio de Esportes da Vila Iti: 02 quadras poliesportivas, 01 campo de futebol. Campo de futebol da Vila Iti: 01 campo de futebol. Estádio Municipal Eduardo José Farah-Prudentão: capacidade para 60.000 pessoas, 01 campo de futebol oficial, 25 cabines para rádio e televisão, 02 vestiários, 08 sanitários. Parque de Uso Múltiplo P.U.M: capacidade para 1.000 pessoas, 02 quadras poliesportivas cobertas e 04 descobertas, 02 banheiros, 02 vestiários. Estádio de Ameliópolis: campo de futebol, 02 vestiários. Estádio Municipal Floresta do Sul: campo de futebol, vestiários.

Década de 2000 Construiu-se, no ano de 2000, a pista de atletismo da UNESP Mário Covas com a mais recente tecnologia, com o piso de laminado, cujo sistema é aprovado pela Federação Internacional de Atletismo-IAAF e Confederação Brasileira de Atletismo-CBTA. Neste local planeja-se criar o Centro Nacional de Alto Rendimento de Atletismo de Presidente Prudente. Também neste início de década são inventariados, como recursos naturais para a prática do lazer esportivo: Cidade da Criança: área verde de 70 hectares com infra-estrutura e atrações como Teleférico, Trilha ecológica, Zoológico, Parque Infantil, Kartódromo, Planetário, Observatório Astronômico, Parque Aquático, Associação dos Pescadores, Escola Livre de Meio Ambiente e dois lagos. Thermas de Prudente: piscinas com águas bicarbonatadas e sulfatadas, com propriedades terapêuticas, antiinflamatórias, antialérgicas e sedativas. No âmbito de eventos esportivos constam como os mais importantes: Campeonato de Futebol Prudentino: desde 1978 acontece anualmente do mês de março a setembro. Rodeio dos Campeões: teve início na década de 1990, hoje está na sua 11ª edição que reúne um público de 100 mil pessoas. Campeonato Prudentino interno de tiro ao alvo: está na sua 4ª edição. Torneio “Presidente Prudente” de Atletismo: organizado em conjunto com a UNESP, Secretaria Municipal de Esportes e Federação Paulista de Atletismo, está em sua 2ª edição. Torneio Preparatório “ Federação Paulista de Atletismo”: 4ª edição. Campeonato Municipal de Futebol Amador, promovido pela Secretaria Municipal de Esportes, está na sua 5ª edição. Campeonato de Futebol de Areia: conta com a participação de equipes representantes dos clubes, bairros, comércio e indústria de Presidente Prudente, está na sua 20ª edição. Há investimento em várias modalidades esportivas como judô, natação, xadrez entre outros, que tem revelado esportistas de destaque.

Situação Atual Além de se destacar como pólo industrial, Presidente Prudente investe também no esporte, sendo hoje conhecida como “Capital do Atletismo” pois tem os atletas ganhadores da medalha de prata no revezamento 4x100 metros nos Jogos Olímpicos de Sidney-2000, como também um atleta prudentino foi Tricampeão Pan-Americano e recordista sul americano nos 400m com barreiras. A cidade conta com espaços apropriados para a prática do esporte e lazer e com o investimento dos Clubes e Universidades no Esporte amador e de alto rendimento. Foi considerada em 1996, pela pesquisa da Revista Exame, a 20ª cidade brasileira em qualidade de vida. A cidade possui: 28 praças esportivas; 05 estádios de beisebol; 12 estádios de gateball; 02 clubes de aerodelismo; 07 ginásios esportivos; 01 centro olímpico; 13 clubes sociais; 01 estádio municipal. E os títulos conquistados de maior relevância são: 1982 e 1983 - Campeão Paulista de Basquete Feminino; 1998 - Campeão Brasileiro de Beisebol - equipe pré-infantil da ACAE; 2000 – um atleta prudentino é vice-campeão olímpico do revezamento 4x100 nos Jogos de Sydney-2000; 2002 – Vice-campeão da Copa São Paulo de Futsal e Vice-campeão da Copa TV Fronteira de Futsal.

Fontes Abreu, Dióres Santos. Formação histórica de uma cidade pioneira paulista: Presidente Prudente. FFCLPP, 1972. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Dados coletados por pesquisa de campo.

Lazer em Santo André – SP

EDUARDO TADEU COSTA, PAULO HENRIQUE DOS SANTOS E ROSANA ABADE BARBOSA

Leisure in Santo André-SP

Santo André is located in the metropolitan area of São Paulo, known as the ABC, industrial heart of Latin America. The city was constructed in successive waves of workers. The textile industry of the early decades of the 20th century attracted Italians and Spaniards who added to the Portuguese that were already there. Starting in the 1940s, the metallurgical, mechanical and

auto part industries that were brought to Santo André caused new migration waves that brought other cultures to the city. These newcomers were not only from the state of Minas Gerais and the northeast of Brazil but they were also foreigners from Lithuania, Ukraine, and Japan. They found work that helped them climb the social ladder in the city. Sports and leisure activities got adjusted

to the dynamic changes. The Italian club created in 1900, the first one, featured soccer and bocce as main interests. Today there is great variety of possibilities in physical activities, which can be seen in the inventory included in the chapter. It comprises the period 1900 – 2003 and focuses on leisure parks and public facilities for sports practice.

Definições e Origem A cidade de Santo André encontra-se localizada na área Metropolitana de São Paulo conhecida como ABC. Sua história coincide com a história da região, pois os sete municípios que compõem o ABC são uma subdivisão do antigo município de São Bernardo, que surgiu como fazenda no século XVIII, ganhando a conotação de freguesia no início do século passado, até atingir a condição de município a pouco mais de 100 anos. Santo André foi fundada por João Ramalho em 1553. A Vila de Santo André da Borda do Campo é uma das mais antigas vilas portuguesas no Brasil. Ela foi fundada em 1553, perdendo sua denominação e localização precisa após a sua transferência para São Paulo de Piratininga, em 1560. Santo André deixou de existir enquanto unidade administrativa, tornando-se apenas um bairro

de São Paulo. A região passou por um período de estagnação, tornando-se apenas local de passagem entre o Porto de Santos e o interior, para renascer, dois séculos depois, com a instalação da estrada de ferro São Paulo Railway, que levava o café do interior do estado para o Porto de Santos.

A formação de toda região apresenta uma história de ciclos, destacando, neste século, a industrialização e a formação urbana. A cidade foi construída por muitos trabalhadores, entre eles os operários das indústrias que aqui se instalaram nas primeiras décadas do século XX. Com a indústria têxtil, vieram os italianos e espanhóis, que se somaram aos portugueses que aqui se encontravam. A partir dos anos de 1940, as indústrias metalúrgica, mecânica e de autopeças, que aqui se

instalaram, provocaram novos fluxos migratórios, trazendo outras culturas para a cidade. Eram nordestinos, mineiros, bem como povos estrangeiros, como lituanos, ucranianos e japoneses que encontraram na cidade não só o trabalho, mas uma forma de ascensão social. A indústria atingiu seu auge na década de 1970, sofrendo um decréscimo na década seguinte, culminando com a recessão dos anos de 1980. Os anos de 1990 ficaram marcados pela evasão industrial e pelo aumento de atividades nos setores de serviços e de comércio, modificando o perfil da cidade. Dos 174,38 km² do município, 60,9% pertencem à área de mananciais da Região Metropolitana de São Paulo. Segundo o IBGE, dados obtidos no Censo/2001, a população andreeense era de 649.331 habitantes, sendo que 97% localizados na área urbana e 3% na área de mananciais.

Data	Marcos de memória – Esporte e Lazer / Sport and leisure
Primeira década do século XX	Primeiro clube: Sociedade Italiana, fundada em 20/09/1900. Futebol e Bocha eram as principais práticas esportivas dos moradores. Bocha: trazida por imigrantes italianos e, por necessitar de uma pequena pista (canha) era bastante popular, praticada até mesmo em bares e restaurantes. Festa dos Napolitanos c. 1910: Festa de Nossa Senhora do Carmo (Marona do Carmo) Período: Agosto. Nasceu com os primeiros moradores do Ipiranguinha, na maioria italianos, vindos da região de Nápolis. A festa era marcada pelos jogos, inclusive dados e búzios; música, fogos de artifício e missa campal. 1903 - Fundação da Sociedade Recreativa Lyra da Serra e do Serrano Atlético Clube (1º Clube de Futebol) em Paranapiacaba. Estes clubes estavam ligados aos engenheiros ingleses que trabalhavam na estrada de ferro São Paulo Railway. O Serrano, criado por iniciativa dos operários, foi o primeiro clube de futebol criado na cidade. No salão do Lyra Serrano aconteciam bailes e sessões de cinema. No clube havia cancha de bocha, sala de jogos e campo de futebol. Fundação dos Clubes: Operário F. C.; Corinthians Foot-ball Clube de São Bernardo, Primeiro de Maio F. C., Brasil F.C., Primavera F.C., Associação Atlética São Bernardo.
Década de 1920	Criação do Parque Regional do Pedroso: Localizado na área de mananciais, o parque possui 8.396.857 m ² , sendo uma extensa área de vegetação nativa. Fundação dos Clubes: Floresta, Gaúcho, Ouro Verde, Aliança F C, Hespanha; Internacional; Flor do Mar F C; Bolívia F C; Clube Atlético Rhodia, que tinha como um dos seus objetivos estimular a prática do atletismo (1925); A A Audax, o clube destacou-se pelo estímulo ao atletismo, bola ao cesto e futebol; Germania e Teutônia, conhecidos como clubes dos alemães; S.E. Capuava; E.C. Palmeiras; Vila Alzira F.C. e E.C. Vila Pires. Clube Atlético Rhodia, fundado em 1925, realizou inúmeros bailes no Carlos Gomes. O Baile era precedido de um cortejo que ia da estação ferroviária até o local, sob animação da Banda da Guarda Civil de São Paulo.
Décadas de 1920 e 1930	Introdução das práticas do vôlei, basquete e atletismo. Ao contrário da bocha e do futebol, que eram práticas exclusivas masculinas, estas modalidades trouxeram as mulheres, na maioria operárias, para a prática esportiva. Durante o período de 1925 a 1930, no Cine Theatro Carlos Gomes aconteceram grandes bailes carnavalescos animados pela Banda Lyra de Santo André. A banda foi fundada em 21/04/1918.
Década de 1930	Fundação dos clubes: Lidgerwood F.C; Clube da Indústria Kowarick; Bonsucesso F.C.; E.C. das Nações; Clube Atlético Aramaçan: Destacando-se na prática do remo, natação, atletismo, bola ao cesto e tênis; Clube Atlético Piratininga.
1931	Fundação da Liga Esportiva Municipal Sambernadense-LEMS.
1933	Realização do primeiro campeonato de futebol promovido pela LEMS – Corinthians Santo André - campeão da temporada.
1936	Fundação da Liga Esportiva de Futebol de Santo André Clube Elite Utinga, fundado em 1936 e o Primeiro de Maio foram os principais promotores de bailes posteriormente na década de 1950.
Década de 1940	Fundação dos clubes: E.C. Cruzeiro do Sul; E.C. Sete de Setembro; Clube Atlético Pirelli Festas Venezianas: Promovidas pelo Aramaçan foram realizadas na década de 1940, no mês de outubro. O ponto alto da festa era o desfile e concurso de barcos decorados.

1940	Inauguração do Estádio do Primeiro de Maio – Rua Campos Sales
1941	Fundação da Associação Santoandreeense de Futebol, transformada em Liga Santoandreeense de Futebol através do Decreto Lei 3199. Primeiro Jogo da Seleção de Futebol de Santo André – Partida realizada em Sorocaba
1942	A Liga Santoandreeense de Futebol Instituiu o Torneio João Ramalho Criação da Escola de Árbitros de Futebol pela Liga Santoandreeense de Futebol
1947	Realização dos Primeiros Jogos Desportivos do SESI em Santo André
1948	Fundação do Bochófilo de Santo André A bocha começou como atividade recreativa; mas os campeonatos entre operários se tornaram freqüentes. Grupos de praticantes fundaram O Bochófilo de Santo André
Década de 1950	Fundação dos clubes: Ouro Verde Popular F.C.; S.E. Humaitá; A A América; G. D. Vila Guiomar; Santos F.C. de Santo André; Casa Branca F.C.; C.C. Alvinegro; Vasco da Gama F.C.; Bonsucesso F. C.; Novo Horizonte A C; S.E. Curuça; Clube de Campo do ABC O Esporte Clube Parque das Nações durante os anos 1950 e 1960 promoveu programas de calouros, shows, concursos de dança e quadrilhas juninas.
1951	Aprovação da Lei Municipal n.º 649 que instituiu o “Dia do Atleta”, comemorado no dia 15 de Agosto
1952	Criação da Comissão Municipal de Esportes. Em razão dos Festejos do IV Centenário da Fundação da Vila de Santo André da Borda do Campo. A Comissão organizou o Torneio do ABC. Com esta iniciativa, a Administração Municipal marca sua entrada na área do esporte. Inauguração das gerais do Estádio Américo Guazzelli
1953	Realização dos Jogos Comemorativos do IV Centenário de Santo André.
1954	Realização da Prova Ciclística “Cidade de Santo André” A colônia japonesa, através da Sociedade Cultural ABC, fundada em 1954, tem realizado até a data presente atividades com o objetivo de fortalecer o espírito comunitário e a confraternização entre os integrantes da colônia. Destaque para o festival poliesportivo Undokai.
1956	Realização da Copa Prefeitura de Santo André de Futebol
1958	Realização do Campeonato de Futebol das Indústrias – Fichet campeão
1959	Realização do Campeonato Intermunicipal de Futebol do ABC Santo André é sede dos 24º Jogos Abertos do Interior, inaugurando o Ginásio Municipal Pedro Dell’Antonia para a realização das competições.
Década de 1960	Fundação dos clubes: Tênis Clube de Santo André e Santo André F.C. Palácio de Mármore (Moinho São Jorge) marcou a década de 1960 com grandes bailes e personalidades
1961	Santo André é sede do II Jogos Regionais do Litoral Realização, em Santo André, do XVI Congresso das Ligas de Futebol Amador do Estado de São Paulo.
1967	Santo André é sede do VII Jogos Regionais do Litoral
1969	Realização da Copa Campestre de Futebol Realização de Primeira Taça da Cidade de Santo André – Camilópolis campeão. Inauguração do Estádio Municipal de Santo André; batizado em 1973 como Estádio Municipal Bruno José Daniel.

Década de 1970	Criação dos Parques: <ul style="list-style-type: none"> Parque Prefeito Celso Daniel: Parque Público Municipal com 67.531 m². Parque Antônio Pezzolo: parque público municipal com 34.632 m². Densamente arborizado, com Brinquedoteca Pública e Escola Municipal de Iniciação Artística.
1970	Realização dos 1 ^{os} Jogos Escolares de Santo André: Editado anualmente. Construção do Centro de Atividades Theobaldo de Nigris - SESI
1974	A Seção de Esportes da PMSA elabora o Manual de Recreação Infantil contendo jogos, músicas, brincadeiras, etc.
1977	Criação do Parque Estadual da Serra do Mar: com cerca de 315 mil hectares, o parque representa a maior porção contínua preservada de mata atlântica do Brasil.
1978	Inauguração dos Centros Comunitários: Vila Linda e Cata Preta
1979	Inauguração dos Centros Comunitários: Vila Floresta, Vila Sá, Salvador dos Santos, Praça Internacional, Jardim Santo Alberto,
Décadas de 1970 e 1980	Clube Atlético Pirelli tornou-se referência do esporte nacional nas modalidades: ciclismo, boxe, voleibol, basquete, judô e marcha atlética.
Década de 1980	Criação do Parque Regional da Criança "Palhaço Estremilique": Parque público municipal, com 66.398 m ² . O parque abriga a Escola Municipal de Iniciação Artística. Nas décadas de 1980 e 1990 o CA Rhodia, o E. C. Corinthians de Santo André tornaram-se os principais realizadores de bailes para Terceira Idade
1980	Inauguração do Centro Comunitário Parque Erasmo Assunção
1981, 1983, 1984, 1985, 1986	Jogos Abertos do Interior: Santo André foi campeão geral do 43° / 48° / 49° / 50° e sede do 51° e 53°
1982, 1986, 1989	Santo André foi Campeão geral dos Jogos Regionais
1982	Inauguração do Centro Comunitário Vila Palmares
1984	Inauguração do Centro Comunitário Campestre
Década de 1990	Criação dos Parques: <ul style="list-style-type: none"> Parque Norio Arimura: parque público municipal com 16.755 m² Parque Antônio Flaquer: parque público municipal com 36.307 m² Parque Cidade dos Meninos: parque público municipal com 12.619 m² Parque Escola: parque público municipal com 48.941 m². Possui estufa de mudas, horto medicinal e bromeliário. Parque Central: parque público municipal com 346.647 m²; possui densa área gramada e alguns núcleos de vegetação de porte. Parque da Juventude: parque público municipal com 40.729 m²
1990	Criação do Serviço de Lazer e Recreação ligado ao Departamento de Esporte da Secretaria de Educação, Cultura e Esporte. É criado o cargo de agente de lazer preenchido através de concurso público. São desenvolvidos programas, compreendendo os diversos conteúdos do lazer, voltados para diferentes faixas etárias. Começa a ser desenhada uma política de lazer para os equipamentos públicos existentes outrora privatizados.
1997	A criação do Departamento de Lazer ligado à Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer traz maior autonomia para esta área dentro da Administração Pública Municipal, desvinculando-o do Esporte e forçando a formação de uma estrutura própria. Inicialmente voltada para a configuração de sua identidade, o Departamento de Lazer assume, a partir de 2001, um papel agregador e intensifica sua atuação junto a outros setores da Administração, bem como junto a outros provedores de lazer na cidade.
2000	Santo André foi sede do 44° Jogos Regionais
2002	Inauguração da unidade do SESC – Santo André Inauguração do Espaço Skate: espaço público de referência para a prática do esporte
2003	Criação do Parque Natural Nascentes de Paranapiacaba. Com mais de 4 milhões de metros quadrados, correspondendo a área verde no entorno da Vila de Paranapiacaba. A cidade possui 444 praças, sendo que muitas delas passaram por um processo de reurbanização e paisagismo nos últimos seis anos.

Santo André na área metropolitana da cidade de São Paulo-SP

Location of Santo André in the metropolitan area of the city of São Paulo



Fontes Assumpção, P. - História do Futebol em Santo André, Prefeitura de Santo André, 1989; Médici, A. - Viva Cidade: Festas e Artistas Populares, Prefeitura de Santo André, 1989 e Migração, Urbanismo e Cidadania: A história de Santo André contada por seus personagens, Prefeitura de Santo André, 1991; Gaiarsa, O. A. - Santo André, Ontem, Hoje, Amanhã, Prefeitura de Santo André, 1991; Guia Cultural de Santo André, Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer/Fundo de Cultura, Prefeitura de Santo André, 1999; Museu de Santo André: www.santoandré.sp.gov.br.

Lazer em Sorocaba – SP

ANTONIO CARLOS BRAMANTE E ELCIE HELENA COSTA RODRIGUES

Leisure in Sorocaba-SP

The city of Sorocaba, founded in 1654 and today with 500.000 inhabitants (99% in the urban area), is located in the state of São Paulo, 100km from the capital. The economy moves around industrial and commercial activities, which attracts the attention of Sorocaba as a regional center. Sorocaba lives with the nostalgia of a rich

Definições e origens A cidade de Sorocaba localiza-se no Estado de São Paulo a cerca de 100 km da capital. A população é de aproximadamente 500 mil habitantes, com uma proporção bem equilibrada de homens e mulheres, sendo que 99% da população reside em zona urbana (IBGE, 2000). As atividades econômicas giram na esfera das indústrias e do comércio, fato que atrai a atenção como pólo regional. Com seus 348 anos de existência a cidade transita entre a nostalgia de uma rica história e avanços voltados para um futuro moderno. Em relação à questão do lazer, Sorocaba, em 1977, implantou o “Programa Lazer” desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação e Saúde, estabelecendo as diretrizes e ações nessa área, baseado nas prioridades do Plano Setorial de Educação de Sorocaba para o período 1977/1981. Cabe mencionar que na década de 1970 desencadeou-se em nível mundial importante discussão sobre o lazer com significativo desenvolvimento de referencial teórico. Foi nesta época a realização de uma incisiva campanha de massificação da prática esportiva comunitária e atividade corporal com essência da experiência do lazer. Vale ressaltar que o lazer só passou a figurar como direito social na Constituição Federativa do Brasil, em 1988, portanto, onze anos depois de Sorocaba já ter manifestado sua preocupação com a temática. Este fato estabelece a vanguarda do “Programa Lazer” na realidade brasileira, na qual o Poder Público preocupou-se em promover o bem-estar da população, garantindo ofertas de lazer como um direito social. Houve, portanto, uma história de vocação para o lazer em Sorocaba.

A identificação com o conceito de “vocação” se justifica nos traços levantados ao longo da história, que reconstitui antigas tradições, as quais ainda hoje parecem ser reafirmadas. Dizer que há uma vocação para o lazer, inspira-se na premissa de que a sociedade sorocabana adere a um “chamamento”, que tem arraigada em sua cultura uma relação próxima com os “dias festivos” (as feiras) de outrora. Uma das análises da história de Sorocaba, desde seus primórdios, indica existir uma forte relação com a forma de “circular” e meios de transporte na cidade ao longo do tempo. É possível identificar na história como a cidade caminhou: da fase das bandeiras ao do tropeirismo (muare e mulas moveram a vida); os trilhos da primeira ferrovia do Brasil (nos tempos da industrialização da região) e mais recentemente, transformando-se maior centro de manutenção de pequenas aeronaves do país.

Século XVII Este período corresponde à primeira etapa da história de Sorocaba, a do bandeirismo e tropeirismo (fase pré-industrial), que se inicia com a fundação da cidade em 1654, pelo bandeirante Baltazar Fernandes. Sete anos mais tarde, o povoado recebeu a estatura de vila real e em 03 de março de 1661 passou a dispor de um governo local constituído por uma Câmara e juízes. A palavra Sorocaba significa em tupi-guarani “terra rasgada”, em virtude do vale formado pelo rio que corta o relevo. Além da tradição das bandeiras, outro traço herdado da história de ocupação de desenvolvimento da cidade foi o tropeirismo. Os bandeirantes faziam longas viagens em busca de índios e ouro, desbravando as terras longe do mar – os sertões. Os tropeiros notadamente comercializavam animais, deslocando-os das regiões do sul para os mercados do centro - norte, em tropas, primordialmente formadas por equinos – cavalos, muare, mulas e asnos. Apesar destes movimentos serem bem distintos por diversos fatores históricos, culturais, sociais e econômicos, pode-se dizer que tanto o Bandeirismo como o Tropeirismo guardam um ponto em comum: “as grandes distâncias percorridas, suas andanças, suas vidas rudes e duras e cheias de adversidades” (Prestes, 1999, p.59).

Estas viagens comuns a bandeirantes e tropeiros sugerem um traço cultural voltado para a aventura; da busca de conhecer novas

history and progress towards a modern future. During the 17th and 18th centuries, Sorocaba was an obligatory stop for expeditions of muleteers that helped populate the region . In the 19th century steel and textile industries were installed in the region and, at the end of the 20th century, Sorocaba was already the largest repair center for

paisagens, novos povos, da conquista de novos territórios, que caracterizam, ainda nos dias de hoje, muitas experiências lúdicas observadas na cidade. O tropeirismo foi marcante não só pela posição geográfica do caminho obrigatório de Sorocaba, mas também pela polarização de enorme volume de comercialização impulsionada pela realização das famosas Feiras de Muare (animais pertencentes à raça dos mulos) (Job, 1997). As Feiras de Muare de Sorocaba, por mais de 150 anos, atraíram milhares de pessoas de diversas regiões e movimentava a economia com as mais deferentes atividades. Os participantes das feiras, que duravam até três meses, podiam desfrutar de uma vasta programação artística durante os eventos, tais como Folias do Divino; cavalhadas; disputas eqüestres, como corridas de raias e montarias, além de peças teatrais e demais apresentações profanas, como os circos de cavalinhos. Havia também programas de rua com artistas itinerantes, com muita música e dança. Atribui-se destas Feiras o surgimento de dois teatros da época. O tropeirismo, ao lado de ser uma atividade econômica, foi constituído de significativo caráter de aventura e liberdade, a partir da permanente descoberta de rotas e paisagens. O contínuo processo de trocas de experiências com os diferentes lugares visitados, seus usos, costumes e linguagens, oferecia oportunidade de comunicação e inter-relações com as várias culturas do caminho. Visto desta forma, não parece ser exagerado depositar a devida importância do Ciclo do Tropeirismo os valores de integração, que mesmo construído na idéia do “movimento da marcha”, criaram “os lugares dos encontros”, nos quais as trocas transcenderam às coisas e aos animais. Assim, nasceram as praças e as pessoas continuam se encontrando.

Século XIX Em meados deste século, um marco relevante da história da cidade foi a substituição da atividade econômica de comercialização de animais e tropas pela criação de indústrias, primordialmente do ramo têxtil. Surgiu então a segunda etapa da história da cidade: a da “Manchester Paulista” (fase industrial). Um dos principais fatores para este avanço constituiu-se na mudança pioneira na forma do cultivo e extração do algodão, que transformou de arbóreo para herbáceo. Este processo desencadeou a necessidade de melhoria do transporte da produção. Assim, surgiu a Estrada de Ferro Sorocabana, que por sua vez foi construída a partir da primeira indústria siderúrgica do Brasil na região, ao mesmo tempo em que contribuiu para o fim da era das tropas. Todos estes elementos inter-relacionados contribuíram para o surgimento de um importante pólo industrial de referência internacional, mais tarde batizado de “Manchester Paulista”, numa alusão à *Manchester*, cidade inglesa de grande concentração de indústrias (Sorocaba, 1996). Neste contexto, Sorocaba continuou sendo um local de atração comercial, com afluxo de pessoas principalmente da região. Entretanto, é possível verificar que mesmo uma indústria moderna e bem montada e voltada para exportação não criou tantas oportunidades de encontros como as freqüentadas, concorridas e tradicionais feiras de muare. Estas experiências já prenunciavam o que no futuro seria chamado de “turismo de negócio”, um importante interesse cultural do lazer, além dos outros aspectos abordados.

Século XX Neste estágio, houve um terceiro impulso no desenvolvimento da cidade: a da Aviação. Apesar de não possuir aeroporto bem montado e sim, apenas uma pequena estrutura, a cidade conta hoje com a maior oficina especializada em consertos de pequenas aeronaves do país. Esta tradição para os transportes é percebida por um outro fator: durante alguns anos foram realizados o Festival da Aviação no aeroclube da cidade, que meados da década de 1990 transformou-se numa “feira da aviação”, AEROSPORT, que se tornou uma das mais importantes feiras do país, gerando um significativo volume de negócios, rememorando de alguma forma as tradicionais Feiras de Muare. Nota-se, portanto, numa análise a

small aircraft in Brazil. In terms of leisure and sports, in the 1970s, Sorocaba became a pioneer center of the movement Sport for All, redefining this proposition through its own experiences. Since then the public policies of leisure in Sorocaba have become models all over the country.

partir da relação lazer/meio de transporte, que Sorocaba tem uma história singular, a qual contribuiu para destacá-la no âmbito nacional, tanto em uma como na outra dimensão de seu desenvolvimento. Isto posto, vejamos os marcos de adaptação das atividades de lazer nas intervenções do poder público neste terceiro estágio.

Década de 1950 O primeiro espaço gerenciado pelo poder público, com instalações de grande porte, foi o Ginásio Municipal de Esportes em 1952. A infra-estrutura física nessa área manteve-se inalterada durante praticamente três décadas, traduzindo uma certa omissão por parte das gestões que se sucederam.

Década de 1960 As investigações identificaram, que em 1964, foi promulgada a Lei que dispunha sob a construção de quinze campos de futebol, contribuindo para a ampliação de uma base física alternativa. Atualmente existe cerca, de uma centena de áreas espalhadas pela cidade com campos de futebol de várzea. Oportuno relembrar, que esta rede de áreas foi e ainda é fomentada por campeonatos de futebol tradicionais, conhecidos como “varzeanos”.

Décadas 1970 – 1990 Além do Estádio Municipal, surgiram novos equipamentos de lazer na cidade: centros esportivos, com o predomínio do interesse físico–esportivo, ampliando-se o seu número na década de 1980 e nos anos 1990. Estes Centros Esportivos foram criados aos moldes das Unidades Operacionais do SESI. O então Secretário da Educação e Saúde da época, Prof. Otto Wey Netto tinha sido Diretor do SESI também durante o período de construção das primeiras unidades. Assim, parece ser possível inferir que um influenciou o outro na sua concepção e uso. Adiante, novos espaços foram implantados, inclusive a partir de parcerias com os governos estadual e federal, como é o caso do Centro Social Urbano - CSU. Os Centros Sociais Urbanos foram construídos durante o Governo Geisel (1980) fazendo parte de um programa de alcance social que se propunha demonstrar a aproximação do estado e sociedade. Neste caso, deve-se entender o CSU apenas como uma estrutura física, com salas de aula, salão, campos de futebol, quadra poliesportiva e piscinas (Pereira, 2000). Saliencia-se que neste espaço está hoje a única piscina pública da cidade, equipamento este que por vários períodos permaneceu desativado. Finalmente, em 2001, um último espaço passou para a responsabilidade da Secretaria de Esportes e Lazer, uma “herança”, de um Centro de Convivência Esportiva, até então gerenciado pela Secretaria da Cidadania. No total, a SEMES administra, atualmente, doze próprios esportivos municipais, com edificações simples, pouco diversificadas, apresentando defasagem arquitetônica, requerendo melhorias e reformas. Cabe destacar que poder o público possui ainda uma pista de skate e outra de bicicross, em dois centros esportivos distintos, ambas conceituadas e preparadas para competições oficiais. Apesar do Lazer no Poder Público ser bem distinto das práticas esportivas, estes espaços foram concebidos com os conceitos hegemônicos do esporte. Não possuindo espaços de multi-uso que possibilitassem a realização de experiências de lazer dos diferentes interesses culturais, tais como teatro, dança, projeção de filmes, festas, etc.

Década de 1970 No cenário mundial, nesta década, existia uma franca campanha de sensibilização e massificação da prática esportiva, dentro de uma visão participativa e comunitária denominado “Esporte para Todos”. Em 1972 aconteceu a primeira “ação de lazer comunitário” realizada em Sorocaba. Ressalta-se que os preparativos do evento contaram com um “protocolo de providências”, abrangendo desde pontos operacionais de infraestrutura até reuniões com a comunidade local, visando recrutar a monitoria necessária para acompanhamento da atividade, demonstrando sintonia com o que estava ocorrendo com os movimentos mundiais no campo da recreação comunitária. A

metodologia de organização e execução do evento concebida naquele momento tem recebido poucas alterações ao longo desses 30 anos, nas atuais Ruas de Lazer ou Manhã de Recreio promovidas em todo país. Nos anos que se seguiram surgiu a oportunidade de se implantar uma nova visão de política pública no campo do lazer, dando ênfase à vertente da ampliação da participação das pessoas em experiências saudáveis e lúdicas. Assim foi concebido o “Programa Lazer” - PL. O Programa era composto de quatro subprogramas básicos: recreação comunitária; recreação em microambientes; recreação em parques municipais e eventos especiais. O subprograma “Recreação Comunitária” trabalhava assessorando as comunidades para a realização das chamadas Áreas de Lazer, que deram origem às ruas de lazer ou às manhãs de recreio. Outro subprograma era a Unidade Móvel de Recreação – UNIMOR, que tinha como pressuposto principal a descentralização das ações a partir do apoio de um veículo adaptado com equipamentos de lazer, levando experiências de lazer para comunidades que não tinham a iniciativa de solicitar a presença da PM para esses eventos após mapeamento geográfico os bairros já atendidos. Embora a adaptação de um veículo em si nunca tenha se concretizado, a ação estratégica foi levada a cabo.

Algumas das propostas dos subprogramas “Recreação em Microambientes” e “Recreação em Parques Municipais” foram sendo desativadas ao longo dos anos. No primeiro grupo o objetivo era realizar atividades de lazer em instituições sociais, levando em consideração as necessidades e especificidades de cada grupo-alvo. Assim, foram desenvolvidos dois Projetos “Recreação para Grupos Profissionais”, atividades recreativas para comércio, indústria entre outras e “Recreação Terapêutica” para auxiliar no processo de recuperação e profilaxia da saúde. No segundo grupo “Recreação em Parques Municipais”, a preocupação era de levar programação de lazer para espaços alternativos de lazer, baseando-se na “vocaçãõ” de cada um deles a partir de sua topografia: um mais ligado às atividades físico-esportivas (“Chico Mendes”) e outro, artísticas (“Biquinha”). O zoológico (“Quinzinho de Barros”) já possuía programação específica, enfocando o lazer pela educação ambiental. No último subprograma, “Eventos Especiais”, a proposta era de um intenso calendário de atividades de impacto com realização mensal. Assim, nasceu um conjunto de eventos que se transformou na base da programação que atualmente são realizadas na cidade de Sorocaba. Eram eles:

- Festival de jogos gigantes: (fevereiro) festival de jogos de mesa desenhado em grandes proporções, montados em praça pública.

- Momento de *bricolage* – lazer utilitário: (março) oficina de aprendizagem da execução de pequenos reparos de utilidades domésticas, tais como hidráulica, elétrica, alvenaria, carpintaria, dentre outros.

- Expo-verde: (abril) feira de educação ambiental com comercialização de produtos de jardinagem (realizado até hoje).

- Manhã de Integração do Trabalhador – MINTRA: (maio) grande evento na Praça Central, promovendo atividades de lazer para homenagear os trabalhadores.

- Feira da Barganha: (junho) revivendo a nostalgia das feiras, promover encontro para troca de objetos (realizado até hoje, comercializa também produtos de procedência duvidosa).

- Férias Quentes: (julho) atividades recreativas para crianças no período de férias escolares (realizado até hoje, em duas edições anuais, aglutinando as “Férias Felizes” originalmente previstas para o mês de janeiro)

- Passeio Ciclístico de Sorocaba: (agosto) encontro de ciclistas para circular com segurança em caravana pelas ruas da cidade (realizado até hoje).

- Passeio a Pé: (setembro) comemorando a semana da pátria, com caminhada, seguida de piquenique (Atualmente existe o Projeto Caminhada).

- Super Domingão de Recreio: (outubro) comemorando o dia das crianças com atividades recreativas, as escolas abririam suas portas se transformando em centro comunitário (realizado até hoje, como “o mês da criança”, não necessariamente em escolas).

- Meu Tempo de Criança: (novembro) Resgate das brincadeiras e brinquedos dos tempos mais antigos, preservando a cultura.

- Férias Felizes: (janeiro) como anteriormente dito, substituídas através da ampliação do Projeto Férias Quentes (realizado até hoje).

Resgatar o início da trajetória do “Programa Lazer” suscita uma intrigante reflexão. Se neste rol de eventos apresentados mais da metade ainda é realizado, como, por exemplo, “50º Férias Quentes” ou “26º Expo-verde”, significa vanguarda do passado ou falta de inovação do presente? Por outro lado, ainda que geralmente a lógica da Administração Pública geralmente possa ser aquela de não dar continuidade a ações desenvolvidas pelos governos antecessores, não parece ser o caso de Sorocaba. No campo do lazer, a proposta de Sorocaba, certamente demonstrou vanguarda, lançou conceitos que ampliavam a visão monolítica dos interesses físico-esportivos do lazer. O “Programa Lazer” naquela época falava da busca pela “qualidade de vida da comunidade”, destacando a necessidade de melhor adaptação e convivência com o meio ambiente. Outro aspecto que merece destaque é a elaboração de um documento programático – “Programa Lazer”, que se baseava nas premissas defendidas numa carta do lazer, lançada no Seminário Mundial de Lazer, promovido pela Fundação Van Clé, em Bruxelas, no ano de 1976.

Num quadro comparativo, o campo físico-esportivo de lazer sofreu um ordenamento mais significativo, organizando a participação da cidade em competições oficiais da região e do estado. Além desta participação, há uma tradição na promoção de duas categorias de competições do município – os campeonatos de futebol varzeano e os torneios abertos de futebol de salão, acontecendo igualmente de forma tradicional na vida esportiva da cidade. As competições de futebol de campo de várzea, até hoje, envolvem número significativo de jogadores, cerca de quatro mil, aproximadamente 180 equipes, divididas em cinco categorias. Acredita-se que estes campeonatos sejam os maiores realizados envolvendo as cidades do Estado de São Paulo, considerando-se as características das mesmas. Nesta mesma esteira ocorrem dois torneios de futsal de indiscutível tradição na cidade. Um, envolvendo público adulto é realizado há mais de 40 anos, o outro é destinado às crianças e adolescentes e já somam mais de duas décadas. Ambos trazem números expressivos, figurando entre os maiores da modalidade no Estado, em se tratando de equipes e atletas inscritos. Em média cerca de 450 equipes com mais de quatro mil jogadores em cada edição. Estes torneios recebem a epígrafe: “maior torneio de futsal do mundo”.

Décadas de 1980 – 1990 Em 1983, como uma forma de descentralizar a infraestrutura física-esportiva a Secretaria de Educação e Cultura implantou três “Quintais Comunitários”, com equipamentos recreativos e esportivos, que deram, posteriormente, origem a 13 Centros de Convivência Esportiva, sob o comando da então Secretaria de Esportes. Mais tarde estes equipamentos foram transferidos para a recém-criada Secretaria da Criança e Adolescência (1993-96), que os transformou em Centro de Convivência da Criança e do Adolescente com uma proposta atualizada de co-gestão comunitária. Mais recentemente esta proposta foi abandonada ao serem transferidos para a Secretaria da Cidadania, onde se encontram até hoje, com atendimentos, quando existentes, voltados para atividades mais de cunho social.

Situação Atual Entre 2000 e 2003, a Administração Pública implantou ainda 12 quadras poliesportivas comunitárias, em diferentes áreas da cidade, que em alguns casos também recebeu pistas de caminhada, diversificando a oferta programática. As Pistas de Caminhada fazem parte do Projeto Caminhada, que tem por objetivo sensibilizar a população para a prática de atividade física promovendo um estilo de vida saudável. Este Projeto tem

influenciado a concepção urbanística da cidade, uma vez que espaços nas beiras de rios e em áreas de contenção de enchentes estão recebendo estes equipamentos de lazer, além de paisagismo.

Chama a atenção como uma cidade que demonstra vanguarda programática não se deu conta do desequilíbrio em relação a seus espaços específicos e não específicos no campo do lazer. Não que o espaço não fosse fundamental, é que ele não era necessariamente permanente. A cada promoção ele era re-inventado, redescoberto, e revestido de inovação, respeitando a evolução do tempo. Aqui se consolidou a perspectiva “errante” de um “espaço virtual”, construído nos movimentos de cada sazão programática, re-editando, de alguma forma, os pousos das tropas e suas feiras festivas e cheias de novidades. Renato Requixa (1980) denomina de espaços específicos aqueles destinados diretamente à prática de lazer, tais como: quadras poliesportivas, cinemas, teatros, dentre outros. Na categoria não-específicos encontram outros espaços que não foram concebidos com a finalidade primeira de prática de lazer, mas que também são utilizados como esta finalidade: ruas (nas ruas de lazer), shoppings que além das compras têm se tornado “centros” de lazer, a casa (segundo Bramante, 1992) um dos locais mais utilizados como espaço de lazer devido as características da vida moderna, etc.

Em certa medida a vocação para o lazer presente na cidade de Sorocaba, parece ter respeitado os lastros da cultura e ter reencontrado raízes profundas no Ciclo do Tropeirismo, que promoveu suas pujantes e renovadas feiras, constituindo inúmeras formas de encontros comerciais e festivos. Estes eventos de outrora eram realizados sempre em logradouros e locais rústicos e muitas vezes adaptados. Os eventos de lazer da atualidade também carregam uma sintonia com o improvisado e a capacidade de se adaptar, buscando promover as festas e encontros que continuam a reunir grandes números de participantes. Procuram os espaços alternativos, explorando as muitas possibilidades que o movimento proporciona. Este traço rústico remete a uma simplicidade de quem cultiva festa e andança e sempre está pronto para uma nova aventura.

Fontes Almeida, A. História de Sorocaba para crianças. Sorocaba: Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, 1992; Borges, M. I. D. Quintal comunitário. *In* Esporte não formal: propostas e programas para os municípios. São Paulo, s.d.; Bramante, A. C. Qualidade no gerenciamento de lazer. *In* Bruhns, H. T. (org) Introdução aos estudos de lazer. Campinas: Editora Unicamp, 1997; Camargo, L. O. L. O que é lazer. São Paulo: Brasiliense, 1986; DEVASTO, D. Uma perspectiva histórica e metodológica do lazer em Sorocaba. *In*: Comunidade Esportiva. São Paulo, 1986; Dumazedier, J. Lazer e cultura popular. São Paulo: Perspectiva, 1974; *Ibidem* A revolução cultural do tempo livre. São Paulo: Estúdio Nobel / SESC. 1994; JOB, V. R. Algumas considerações sobre o ciclo do ouro e o tropeirismo. *In* O tropeirismo e a integração geográfica e cultural do Brasil. Sorocaba: Prefeitura Municipal de Sorocaba, 1997; Le Corbusier. Carta de Atenas. *In*: IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna. Belo Horizonte: Diretório Acadêmico da Escola de Arquitetura da UFMG, 1964; Prestes, L. F. A vila tropeira de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba: aspectos socioeconômicos e arquitetura das classes dominantes (1750-1888). São Paulo: ProEditores, 1999; São Paulo. Fundação SEADE. Perfil Municipal. Disponível em: www.seade.gov.br Acesso em: 28. ago.2002; Sorocaba. Câmara de Vereadores. Coletânea de leis municipais. Disponível em: www.camara.sorocaba.sp.gov.br Acesso em: 15.ago.2002; *Ibidem* Perfil do Município 1996. Publicação Oficial. Prefeitura Municipal de Sorocaba, 1996; *Ibidem* Programa Lazer. Publicação Oficial. Prefeitura Municipal de Sorocaba, 1977-1981; Retrospectiva SEMES-1996/Calendário-1997. Publicação Oficial. Prefeitura Municipal de Sorocaba, 1996; Vieira, R. O papel do tropeiro na integração cultural do Brasil. *In*: Sorocaba. O tropeirismo e a integração geográfica e cultural do Brasil. Sorocaba: Prefeitura Municipal de Sorocaba, 1997.

Lazer e Esportes em Aracaju-SE

AILTON FERNANDO S. DE OLIVEIRA, ACÁCIO SANTOS NASCIMENTO, WAGNER OLIVEIRA, DIOGO GOMES LOBO, PRISCILA GOMES SILVA, MANOELA DE ARAÚJO ANDRADE, MARIA EUGÊNIA LIMA PODEROSO, VERUSKA DOS SANTOS COSTA, JOSÉ ROBSON DOS SANTOS E ÂNGELO DE ALMEIDA PAZ

Leisure and sports in Aracaju-SE

Aracaju (pop. 500.000; area 176 Km²), capital of the state of Sergipe, was founded in 1855. Aracaju is a port today and its economy is primarily based on commerce and tourism. Physical education started in Aracaju in the 1930s through teachers

who had been trained in the south of the country. The first undergraduate program in physical education was developed in 1970 in Aracaju. This chapter displays data related to 11 sports since their very beginning in 1907, which is the case of

soccer, and in 1909, rowing. Aracaju has today 264 registered health clubs and gyms, many of which with the latest gym facilities equipment, heated pools, shops and various options of sports.

Origens Aracaju é nome de origem tupi que segundo alguns estudiosos da língua indígena, significa cajueiros dos papagaios. Nasceu do antigo povoado de Santo Antônio do Aracaju que por volta de 1800 já registrava alguns moradores e a existência de uma capelinha construída no alto do morro, que depois transformou-se na Colina de Santo Antônio. Por ser próxima à poderosa região política e econômica do Cotinguiba e por ter um ancoradouro, facilitando a entrada dos navios de maior porte, o Governador Inácio Barbosa através da resolução nº 413 de 17 de março de 1855, elevou o povoado de Santo Antônio do Aracaju à condição de Cidade e sede da capital da província. Inicia-se assim o desenvolvimento econômico de Aracaju e em 1929 já contava com 170 logradouros e grande número de importantes edifícios segundo registros da época. Sua posição marítima privilegiada é banhada pelo Rio Sergipe. No limite norte encontra-se o município de Nossa Senhora do Socorro; no limite sul e oeste o município de São Cristóvão; e ao leste contornando a cidade, o Oceano Atlântico e o município da barra dos coqueiros. O último Censo em 2002 apontou cerca de 500.000 habitantes, distribuídos numa área de 176 Km². O comércio e a indústria do turismo são as principais atividades econômicas. Em termos de esporte, lazer e Educação Física há registros de memória disponíveis a partir da década de 1930.

Década de 1930 Um dado importante deste período, em Sergipe, foi a contribuição da Escola Normal na formação do professorado sergipano. Manoel Franco Freire, diretor da Instrução Pública do estado, procurou engajar Sergipe ao movimento de reforma do Ensino Normal que ocorria naquela época, em vários estados brasileiros. Dentre várias ações, introduz o ensino da Educação Física e Canto Orfeônico, funcionando como um incentivo e necessidade para capacitação de algumas professoras que lecionavam na Escola Normal. A professora Elodir Fontes de Carvalho, no final desta década foi uma das primeiras professoras que no Rio de Janeiro, participou durante um ano no Curso de Educação Física Infantil, de grande importância à época em âmbito nacional. Outra professora que deu importante contribuição à gênese da Educação Física no Estado de Sergipe foi Maria Augusta Moura, que também participou do mesmo Curso então promovido pelo Ministério da Educação para capacitar professores em Educação Física Infantil. Esta disciplina era basicamente voltada para a recreação que se tornou assim o sentido da Educação Física em seu embrião no estado.

Décadas de 1940 – 1950 Os primeiros sergipanos que realizaram Curso de Formação Profissional em Educação Física já nos anos de 1940 e 1950 foram os professores: Adalberto Campos Silva; José Carlos Calazans, José Carlos Barbosa e Edilberto Reis Cunha. Dentre os citados, apenas o professor Edilberto Reis Cunha permaneceu no Estado de Sergipe, dando sua contribuição. Ele lecionou na Escola Técnica Federal de Sergipe e na rede Estadual de Ensino.

1956 O professor Félix D’Ávilla foi outro nome de grande relevância na Educação Física do Estado de Sergipe: foi aluno da Escola Nacional da Educação Física e Desporto, ENEFD da UFRJ, na condição de bolsista do Estado de Sergipe, no período do governo de Leandro Maciel.

1957 O professor Félix D’Ávilla conclui o curso na ENEFD, retornou a Sergipe e foi designado para ensinar no Colégio Estadual Atheneu Sergipense. Além deste estabelecimento de ensino, Félix D’Ávilla lecionou nos colégios da rede particular, tais como Salesiano, Jackson de Figueiredo e Pio Décimo. Alguns anos depois, lecionou no Colégio Tiradentes e, em seguida, com a criação da Faculdade Tiradentes, foi o primeiro professor de Educação Física daquela instituição.

1959 O professor Félix D’Ávilla tornou-se uma importante referência na Educação Física sergipana. Participou neste ano, do Simpósio sobre os problemas de Aracaju, organizado pela prefeitura, na gestão do prefeito José Conrado de Araújo. Nesse Simpósio, o professor Félix D’Ávilla integrou a comissão de Educação e Cultura.

1961 O professor Félix D’Ávilla prestou concurso para inspetor de ensino do Ministério da Educação. Foi aprovado e permaneceu em Sergipe. Dessa vez, com o cargo assumido, permaneceu em Sergipe até o momento em que foi convidado para ir ao Rio de Janeiro assumir o cargo de Inspetor Seccional de Educação Física daquele Estado. Desta posição foi indicado para assumir a direção da Divisão de Educação Física-DEF do Ministério da Educação,

1969 Organiza-se o primeiro curso de capacitação para leigos que atuavam com a prática da Educação Física no Estado de Sergipe. Uma das profissionais que participou do curso de capacitação foi Valquíria Sandes de Sã, que na época ministrava aulas de Educação Física no Colégio Estadual, gerando então um exemplo de melhoria do ensino de significado para os demais professores não habilitados.

1970 Neste ano, Sergipe ainda carecia de um Curso de Formação de Professor de Educação Física e, em todo o estado, só existiam três professores graduados: Edilberto Reis Cunha, Cândido Augusto Pereira Sampaio e Maria Edma de Barros. Dessa forma, o então reitor da Universidade Federal de Sergipe, o professor João Cardoso do Nascimento Júnior, pressionado pela urgência de Decreto Governamental, convida o professor Félix D’Ávilla para vir a Sergipe implantar a prática da Educação Física e Desporto na Universidade Federal de Sergipe. O Reitor designou uma comissão, com a participação do professor Félix D’Ávilla, para elaborar o anteprojeto de criação do Centro de Educação Física e Desporto.

1970 Em 25/07 é aprovado do Centro de Educação Física e Desporto pelo Conselho Universitário, com a seguinte estrutura, conforme regimento aprovado em 25-8-1970: Direção Geral, Serviços Auxiliares e Serviço de Medicina

1972 Em 11/01 a primeira estrutura organizacional do Centro sofre pequena alteração em virtude de o Conselho Universitário ter agregado o setor da orientação do Estudo de Problemas Brasileiros (EPB). Com isso, o Centro de Educação Física e Desporto passou a denominar-se Centro de Civismo, Educação Física e Desporto e ficou subdividido em dois setores: um que se encarregava da orientação do Estudo dos Problemas Brasileiros, e outro, da prática da Educação Física e Desporto.

1974 Foi criado o Curso de Educação Física no Centro de Educação Física e Desporto da Universidade Federal de Sergipe, que se constituiu no primeiro Curso de Graduação de Professores desta área no Estado.

1975 O Curso de Educação Física iniciou suas atividades docentes numa casa na Praça Camerino mesmo sem ter a infra-estrutura ideal para dar atendimento aos alunos. Faltavam instalações esportivas e o Campus estava nos primeiros momentos da sua construção. O primeiro currículo foi elaborado a partir da orientação básica do Conselho Federal de Educação, que estabeleceu, em 1969, o currículo mínimo para os Cursos de Graduação em Educação Física. Os principais professores neste estágio foram Alberto Teixeira, Felix D’Ávilla e Cândido Augusto. Este curso ofereceu 40 vagas por semestre.

1978 Houve a conclusão das instalações iniciais e a transferência do Curso de Educação Física para o Campus Universitário.

1996 Fundado o Curso de Educação Física da Universidade Tiradentes, entidade privada, oferecendo 40 vagas por semestre.

2003 Criação na Universidade Tiradentes do Curso de Educação Física matutino, oferecendo 40 vagas semestral.

2004 O curso de Educação Física da Universidade Tiradentes passa a oferecer 120 vagas no curso matutino e 120 no curso noturno semestralmente.

Fontes Pesquisa Histórica em Educação Física publicado pelo Professor Amálio Ferreira Neto. Professor Silvio Holanda Coordenador do Curso de Educação Física DA UNIT.

Xadrez

Década de 1970 Tem-se notícia do xadrez em Sergipe, através de militares do Exército e profissionais liberais que jogavam nos horários livres e que identificaram este estágio pioneiro.

1974 O Capitão Valdom Matos, militar atuante, trouxe a Sergipe, pela primeira vez, o Grande Mestre Internacional Henrique da Costa Mecking – o Mequinho, cujo prestígio estava em alta, pois situava-se entre os quatro melhores do mundo e o segundo das Américas. Paralelamente, um grupo de bancários sergipanos sedimenta o que hoje é um dos maiores clubes epistolares do mundo, o Clube de Xadrez Epistolar Brasileiro–CXEB. Seus fundadores de destaque são Ubirajara de Oliveira Barroso, Presidente de Honra do CXEB, e Antônio de Góis.

Década de 1980 Tem início a fase dos Jogos da Primavera na cidade, competição de nível escolar e reveladora de vários talentos do xadrez. Esse evento possibilitou o envio de vários atletas para representar o Estado nos Jogos Estudantis Brasileiros – JEBs, revelando vários talentos, principalmente no feminino.

1989 Foi criada a Federação Sergipana de Xadrez e, pelo menos no estágio da existência dos JEBs, o xadrez sergipano estava em alta. Após a suspensão ou não prosseguimento dos Jogos por governos posteriores, isso no período de 1994 a 2002, o xadrez entra num estado de depreciação através de resultados pouco animadores no âmbito do Xadrez Escolar.

1991 Carlos Alberto Viana Júnior, até o momento o melhor jogador de Aracaju, teve o mérito de ser terceiro colocado no Jogos Universitários Brasileiros–JUBS, sendo classificado para representar o Brasil no mundial da Rússia.

2001 O xadrez sergipano recebe mais uma vez a visita de Mequinho para realização de um confronto contra a seleção sergipana; o resultado foi de 23 (vinte e três) vitórias e 2 (dois) empates.

2002 Sergipe leva uma das melhores delegações para competir no Campeonato do Nordeste de Xadrez, o Nordestão, e consegue atingir quatro lugares, entre os dez melhores colocados: o 1º (primeiro) e o 3º (terceiro) entre os mais significativos;

2002 Aracaju recebe o melhor enxadrista brasileiro de então, o Grande Mestre Internacional Geovanni Vescovi (PR) para mais um desafio contra a Seleção sergipana e o placar foi de 19 (dezenove) vitórias e 1 (um) empate.

2003 Tem-se a criação da sala de Xadrez “*Scacorum Ludus*” na Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe, a qual é filiada à Federação Sergipana de Xadrez;

2004 A Federação Sergipana de Xadrez retorna à sua tradição e projeta implementar o xadrez nas escolas cuja iniciativa advém de uma parceria entre a Confederação Brasileira de Xadrez, o Ministério da Educação e o Ministério dos Esportes.

Fontes Fábio da Rocha – Vice-Presidente da Federação Sergipana de Xadrez; José de Góes Filho; Carlos Alberto Viana Júnior; e José Dias de Souza Neto.

Voleibol

Décadas de 1930 e 1940 Segundo entrevistas feitas com ex-presidentes e dirigentes da Federação Sergipana de Voleibol, essa modalidade já era praticada aleatoriamente desde da época em que Godofredo Diniz foi prefeito de Aracaju. Ele em sua primeira gestão assumiu de 1935-1941, realizou o festival de verão na praia de Atalaia, no qual vários esportes eram praticados, inclusive o voleibol, e contava com a presença de equipes de outros estados. O voleibol também era praticado nas escolas e em alguns clubes com a finalidade de lazer e recreação. De um modo geral, o voleibol sergipano confunde-se desde então com o voleibol de Aracaju.

Década de 1950 Segundo Antônio Lisboa, nesta década, o voleibol era improvisado: os recursos eram escassos e por isso, os atletas tiravam do seu próprio dinheiro para comprar materiais de jogo e participar das competições. Com relação ao espaço físico, as quadras eram descobertas, permitindo um curto prazo de treinamento, pois, na época de inverno o voleibol era impraticável pelas chuvas, dificultando o seu desenvolvimento. Apesar das dificuldades, existia alguma prática nos clubes, e o voleibol local – e sergipano – possuía bons atletas, como Félix D’Ávila, Álvaro, professor Hedilberto, Coronel Gil Silveira, os quais poderiam se tornado atletas de destaque, se tivessem recebido incentivo e apoio.

1956 Em 18/08, amantes do voleibol como Antônio Lisboa, José Lisboa, Renato Mazze Lucas e outros, fundaram a Federação Sergipana de Voleibol localizada em uma sala no Edifício Palace (centro de Aracaju), tendo como primeiro presidente José Lisboa. Os clubes fundadores foram o Vasco, Cotinguiba, Confiança, Associação Atlética de Sergipe e o Olímpico. A partir desse momento o voleibol sergipano passa a ser praticado sistematicamente, com realização de competições inter-clubes.

Década de 1960 Baseado em palavras de Jamsom Amaral presidente da Federação de Voleibol da época, os praticantes e bons atletas, pela falta de incentivo, afastavam-se da prática do voleibol. A Federação Sergipana de Voleibol ainda não era filiada a Confederação Brasileira de Voleibol.

Década de 1970 Segundo Lises Alves Campus presidente da Federação de Voleibol da época, o voleibol sergipano e de Aracaju começa a evoluir, pois, na sua gestão e com um pequeno apoio da Confederação Brasileira de Voleibol, a Federação Sergipana passou a ter recursos materiais significativos para iniciar um bom trabalho. Aliado a isso, a prática nos clubes e os bons atletas encontrados em Aracaju, o voleibol sergipano começou a despontar nos campeonatos brasileiros. Tanto que nesta época, as seleções sergipanas participaram praticamente em todos os campeonatos a nível nacional, mesmo sem obter êxito.

1972 Percebe-se que a ascensão do voleibol sergipano quando Lises Alves Campus era presidente, iniciando um trabalho de base, na prática da modalidade.

1975 Realização em Aracaju do Campeonato Brasileiro da modalidade, com o apoio do governador do Estado Paulo Barreto de Menezes.

Década de 1980 De acordo com um dos ex-presidentes da Federação Sergipana de Voleibol, José Jvan de Carvalho Paixão, nesta década o voleibol sergipano possuía recursos financeiros significativos e ótimos recursos materiais devido ao contrato que Federação Sergipana de Voleibol tinha com a Confederação Brasileira de Voleibol. Este acerto previa a entrega de fardamentos, bolas e outros materiais, a serem distribuídos pela Federação para todos os clubes que praticavam o voleibol, surgindo disso, maior motivação para os atletas.

Houve nessa gestão a preocupação com a formação dos árbitros da modalidade, através da promoção de cursos, possibilitando aos técnicos e dirigentes das equipes, tomarem conhecimento das irregularidades dos fundamentos nas competições, possibilitando maior preocupação, no aperfeiçoamento de seus atletas, propiciando conseqüentemente, maior evolução técnica. Praticava-se o voleibol como lazer em Aracaju, ou como competição nos clubes, nas escolas e nas seleções. Tais fatos aliados ao grande trabalho realizado pelo professor Homero J. A. Ribeiro e do senhor Arenaldo Alves, permitiram formar uma elite de atletas do voleibol naquela época, podendo-se citar entre eles: Paulo Bedeu, Jorginho, Bahia e Creonice. Foi uma década de vários resultados positivos: vice-

campeão brasileiro juvenil masculino da 2ª divisão e 3º colocado no campeonato brasileiro infanto-juvenil masculino.

1985 Vice-campeão Brasileiro infanto-juvenil masculino.

1986 Vice-campeão Brasileiro adulto feminino.

1987 Vice-campeão Brasileiro infanto-juvenil feminino.

1994 Vice-campeão do campeonato Brasileiro infanto-juvenil da segunda divisão, sendo este o mais recente título conquistado.

Situação atual Em Sergipe o voleibol é sistematicamente organizado através da Federação local, que possui a diretoria de divulgação, administrativa, financeira, técnica, de arbitragem, de praia, como também, o tribunal de justiça e conselho fiscal. Essa estrutura é responsável pela promoção dos eventos e campeonatos relacionados ao voleibol sergipano. Na Federação existem vários clubes filiados, mas atualmente apenas o IATE, Arqui Clube, Cotinguiba e AABB – todos de Aracaju – participam efetivamente dos campeonatos.

Fontes Federação Sergipana de Voleibol; Professor Acácio dos Santos Nascimento.

Surfe

1966 Início do surfe em águas sergipanas, Paulo Tavares sergipano, que residia em Salvador, traz uma prancha para Aracaju. Logo surgem outros surfistas nas praias locais como Ubiracê Aragão, Agostinho.

1974 Primeira fábrica de pranchas da cidade com o nome de Era Surfboards, dirigida pelos surfistas, Edney, Ricardo Black e Agostinho. Surge no mesmo ano outras fábricas: a B. Brothers Surfboards, fabricada por Kleiber Brandão, e de Bobô Cruz, sem denominação de marca.

1976 Primeiro campeonato de surfe em Sergipe patrocinado e organizado em Aracaju pelas Pranchas Gledison's do Rio de Janeiro. O evento foi realizado na Praia de Atalaia, com a presença do surfista Rico de Souza que tinha o patrocínio da Gledison's.

1978 Primeiro campeonato organizado por sergipanos, Kleiber e Bobô realizam o “1º Surf Contest de Aracaju”, com o vencedor sendo o surfista Américo da Cabana.

1978 Fundada a Associação Sergipana de Surfe, em Aracaju, tendo como presidente Ubiracê Aragão e Vice-Presidente Marcos Monteiro, e como diretores: Zé Ivan e Nairson Menezes (Publicidade).

1983 Organizado pela Associação Sergipana de Surfe, o primeiro circuito Sergipano de Surfe, de 9 e 10 de Julho com a primeira etapa.

1983 Inaugurada em Aracaju a Fábrica de Pranchas Sequência, com Fábio Leite, Richard e Tady.

1989 Surge em Aracaju, a Liga Sergipana de Surfe, organizando o Circuito Duna's de Surfe com o surfista Sérgio Corrêa.

Fontes Ata em cartório da fundação da Associação Sergipana de Surfe; Professor Chalita.

Remo

1909 Em 10/10, data de início de competições de remo em Sergipe que teve como fundador o Sr. João Hora. Suas primeiras competições foram as regatas no rio Sergipe com início no late Clube até a Ponte do Imperador. Os primeiros clubes de remo foram o Cotinguiba, Sergipe, Aracaju, e Confiança, sendo o Clube do Sergipe o primeiro campeão de remo da cidade. Atualmente o remo só é praticado no late Clube.

Fonte Luciano Santana de Oliveira filho do fundador do remo em Sergipe.

Federação Sergipana de Futebol

1907 Fundação em Aracaju dos clubes Democrata e Independentes, que eram formados por militares baianos. Em 7 de janeiro deste ano, acontece a primeira partida entre o Democrata e Independentes na Praça General Valadão.

1909 Em 10/10, fundação do Cotinguiba Esporte Clube; em 17/10 foi fundado o Clube Sportivo Sergipe.

1918 Fundada também em Aracaju, a primeira Liga de Futebol denominada 'Desportiva Sergipana', que organizou o primeiro

campeonato sergipano contando com a participação de quatro clubes: Cotinguiba, Sergipe, Industrial e o 41º Batalhão. O Cotinguiba sagrou-se o primeiro campeão.

1920 Construção do primeiro Estádio de Futebol de Aracaju, o Adolfo Rollemberg.

1926 Fundada a Federação de Futebol com o nome de Federação Sergipana de Esportes Atlético tendo como primeiro presidente o Sr. Edson de Oliveira Ribeiro.

1931 Em 15/08 é fundado o Vasco Esporte Clube.

1936 Em primeiro de maio, funda-se a Associação Desportiva Confiança.

1941 A Federação passou a ser denominada de Federação Sergipana de Desportos.

Década de 1960 Nesse período o presidente da Federação Sergipana de Desporto, o Rosarense Robério Garcia, implantou o regime profissional no futebol de Aracaju.

1969 Foi inaugurado o Estádio Estadual Lourival Baptista que ficou conhecido como o Batistão, com capacidade para mais de 30.000 lugares, sendo a mais importante praça de futebol do estado. Na sua partida inaugural houve um jogo entre a seleção sergipana e a seleção brasileira, contando com a presença de Pelé.

1976 A Federação passa a ser denominada de Federação Sergipana de Futebol, tendo como primeiro presidente o Sr. José Carlos de Oliveira.

1977 Foi criada a Liga Sergipana de Futebol Menor, realizando no mesmo ano o primeiro campeonato, sendo a equipe do Progresso do Bairro Atalaia o primeiro campeão.

Situação atual O município de Aracaju é representado na primeira divisão do futebol profissional pelo Clube Sportivo Sergipe e pela Associação Desportiva Confiança, sendo esses os clubes com maior número de torcedores.

Boxe

1988 Em 20 de junho foi fundada a Federação Sergipana de Pugilismo, sendo seu primeiro presidente Valter Duarte Moreira. Neste mesmo ano é criada a primeira academia no estado, localizada na avenida 07 de setembro s/n, no centro da cidade de Aracaju.

1988 Em 25/11, foi realizado o primeiro campeonato sergipano no SESC – Charles Morits. Naquela época havia apenas uma equipe: a 'Punhos de Ouro' com 30 atletas lutando entre si, sendo o atleta Sebastião Nanam, o primeiro campeão sergipano individual.

Situação atual O estado possui 8 equipes, tendo um número aproximado de 138 praticantes registrados.

Fontes Arquivo da Federação Sergipana de Pugilismo; Arquivo pessoal do presidente atual.

Jiu-Jitsu

1994 O professor José Jairo Moura introduziu o Jiu-Jitsu no estado de Sergipe em sua primeira academia na rua Laranjeiras, nº 1348, em Aracaju.

1997 Foi fundada a Federação Sergipana de Jiu-Jitsu e registrada no dia 20 de maio deste ano, com o nome de Federação Tradicional de Jiu-Jitsu do Estado de Sergipe. Seu primeiro presidente: o professor e faixa preta de Jiu-Jitsu, Luiz Sérgio Branco Corrêa. Ocorreu o primeiro campeonato sergipano neste mesmo ano, realizado no late Clube de Aracaju. Primeira equipe campeã estadual: Equipe C.I.A de Jiu-Jitsu.

2003 Foi fundada a Federação de Jiu-Jitsu Olímpico do Estado de Sergipe e registrada no dia 27 de janeiro em Aracaju. Presidente: o faixa preta de Jiu-Jitsu Paulo Everton Andrade de Oliveira.

Situação atual O estado possui aproximadamente 8 equipes, tendo cerca de 1.100 praticantes.

Fonte Dados fornecidos pelo presidente da Federação Sergipana de Jiu-Jitsu, José Jairo Moura.

Taekwondo

1972 O Grão-Mestre Jung Rool Kim inicia o Taekwondo em Aracaju e no estado de Sergipe, sendo ministrada sua primeira

aula no late Clube de Aracaju. Primeiro presidente da Federação Sergipana de Taekwondo: Sérgio Meio Montes.

1982 Aconteceu o primeiro campeonato sergipano no SESC – Charles Morits.

Situação atual O estado de SE possui aproximadamente 850 praticantes. Seu presidente atual é o professor Jorge Alves dos Santos.

Fonte Presidente da Federação Sergipana de Taekwondo, professor Jorge Alves dos Santos.

Judô

1967 Os professores José Jairo Moura e José Jurandi Moura iniciam o judô no estado de Sergipe. O trabalho foi iniciado no Centro de Cultura Física de Sergipe na rua Dom Bosco número 138, em Aracaju.

1970 Ocorreu o primeiro campeonato sergipano no late Clube de Aracaju sendo a equipe Jairo Moura a primeira campeã estadual.

1972 Foi fundada a primeira academia de Judô na rua São Cristovão nº 758 como sede provisória. Em 1974, aquisição de sede própria localizada na rua Laranjeiras nº 1 348, Aracaju.

1978 Foi fundada a Federação Sergipana de Judô com sua primeira sede na rua Laranjeiras; primeiro presidente: Professor José Jairo Moura.

Situação atual O estado de SE possui aproximadamente 11 equipes de Judô.

Fontes Atas e recortes de jornal da cidade de Aracaju.

Karatê

1977 Notícias sobre karatê nos jornais de Aracaju tendo como iniciador do esporte o Professor Fernando Rocha.

1978 Criada a primeira academia da modalidade no estado, localizada na rua Marum nº 600, Aracaju, no estilo shotokan. Neste mesmo ano foi fundada a Federação de Karatê de SE, sendo como presidente o Professor Fernando Rocha.

1983 Realizado o Primeiro Campeonato Sergipano de Karatê, tendo a equipe Askase tornado-se campeã estadual. Primeiro campeão sergipano individual: karateca Miguel Ferreira da Costa.

Situação atual O estado possui em média 40 entidades que ministram a modalidade, tendo um numero aproximado de 20.000 praticantes.

Fontes Ata oficial de fundação; arquivo pessoal do presidente atual.

Aikido

1994 Em fevereiro, foi introduzido o aikido no estado de Sergipe pelo professor Valdenberg Araújo da Silva, tendo sua prática iniciada na Universidade Federal de Sergipe-UFS com os próprios alunos da instituição. Neste mesmo ano foi fundada a Associação Sergipana de Aikido, tendo como presidente professor Valdenberg.

Situação atual O estado possui cerca de 120 praticantes, havendo 6 academias da modalidade no estado.

Fonte Faixa preta primeiro dan Ednaldo Lima Almeida.

Academias

1966 – 1967 Fundada a primeira academia denominada Academia de Eurípedes, localizada na Rua Dom Bosco, no Bairro do Cirurgia, Aracaju.

1976 Fundada a segunda academia da cidade denominada Academia Aragão, que inicialmente funcionou próximo ao late Clube e logo apos na rua Dom José Thomaz como sede própria. A prática maior era a Musculação, com maioria de praticantes composta de homens, pois a musculação à época era encarada como uma modalidade masculina.

Situação atual Há 264 academias de ginástica cadastradas em Aracaju, muitas delas com as mais novas tecnologias em aparelhos de ginástica, piscinas aquecidas, lojas e oferecendo as mais diversas modalidades de práticas.

Fonte Professor Aragão, graduado em Educação Física e Personal Trainer em algumas academias da cidade de Aracaju.

Federações esportivas – fundação

1937 Em novembro, Federação Sergipana de Basquetebol. Atual presidente: Carlos Alberto da Silva Santos.

1956 Em 15 de agosto, Federação Sergipana de Voleibol. Primeiro presidente: professor José Canabrava. Presidente atual: Gualter Prudente Resende.

1959 Em 30 de abril, Federação Sergipana de Futsal. Primeiro presidente: o Sr. Lélio Fontes.

Década de 1960 A capoeira chega – ou renova-se – em Sergipe trazida para Aracaju pelo Mestre Baiano e Mestre Moura.

1974 Em 13 de fevereiro, Federação Sergipana de Handebol. Primeiro presidente: José Leó de Carvalho Filho; presidente atual: Tarcisio Mendes Correia.

1974 Primeiro de março, Federação Sergipana de Tênis; presidente: Paulo César Freire Novais. Atual presidente: Edmilson Barbosa Barreto.

1977 Em outubro, Federação Sergipana de Jiu-Jitsu; presidente: Jairo Moura.

1978 Federação Sergipana de Karatê; primeiro presidente: Fernando Rocha.

1981 Em agosto, Federação Sergipana de Natação.

1981 Em 11/08, Federação Sergipana de Atletismo; primeiro presidente: Odilardo Santos Fraga Alves. Atual presidente: José Orleandes de Barros.

1981 Em 25 de agosto, Federação Aquática de Sergipe. Primeiro presidente: Gustavo Laporte; atual: Márcio Porto.

1982 Em 29 de outubro, Federação Sergipana de Tênis de Mesa. Primeiro presidente: Carlos Cavalcante Nascimento. Presidente atual: Alécio Figueiredo.

1982 Em outubro, Federação Sergipana de Judô. Primeiro presidente: Carlos Manuel Burgos.

1986 Em 10 de junho, Federação Sergipana de Ciclismo. Principal destaque: o ciclista Rodrigo César que em 1988 ficou em 1º lugar na corrida Governador Aginaldo Archer Pinto na cidade de Manaus-AM. Primeiro presidente: Joel dos Santos. Presidente atual: Gilvan Costa Cavalcante.

1988 Em 20 de junho, Federação Sergipana de Pugilismo. Primeiro presidente: Walter Duarte. Como destaque nacional tivemos o sergipano Adilson Rodrigues Maguila, campeão mundial de boxe.

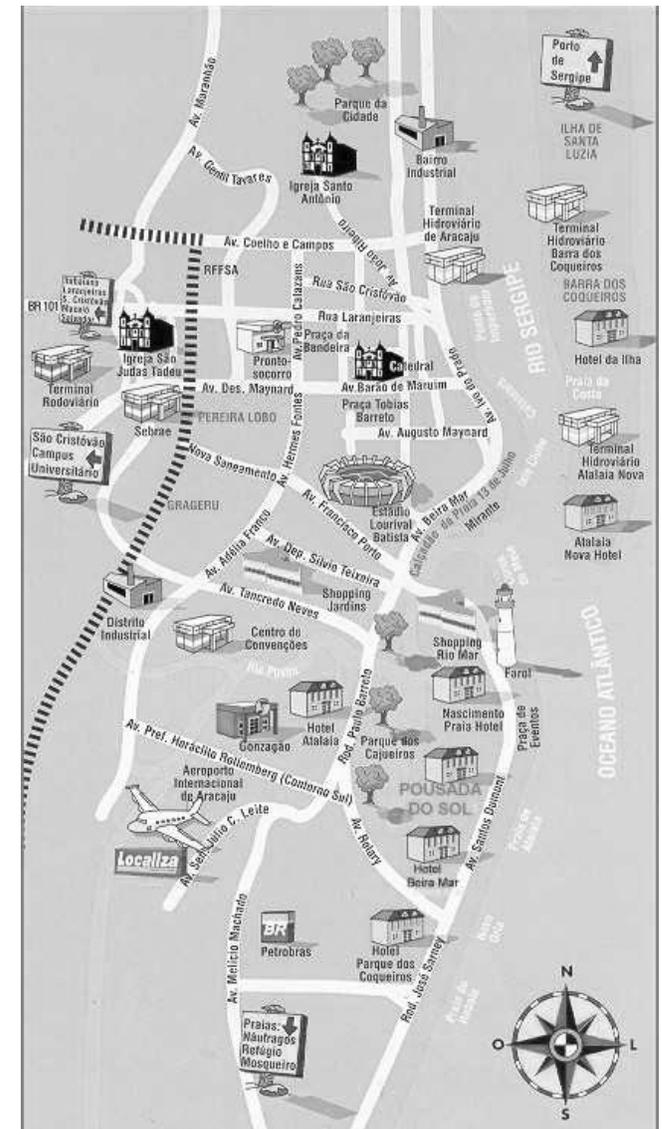
1989 Federação Sergipana de Xadrez.

1991 Em 16 de dezembro, Federação Sergipana de Ginástica. Primeira presidente: Arline Pinto Ribeiro. A ginasta sergipana Larissa Barata foi campeã juvenil de GRD, na Copa dos Quatro Continentes em Curitiba. Larissa ganhou seis medalhas de ouro. Atual presidente: Maria Luciene Cacho Rezende.

Fontes Revista Panorâmica da Universidade Tiradentes; Presidentes das Federações; e Atas de fundação.

Aracaju: principais pontos turísticos

Aracaju: main touristic attractions



Lazer e esporte em Lagarto-SE

JOSÉ LUIZ ANDRADE, REGINALDO NASCIMENTO E VÂNIA MARIA DE AZEVEDO SANTANA

Leisure and sport activities in Lagarto-SE

The municipality of Lagarto (area: 1.036 Km²), founded in 1697 in the state of Sergipe, is located 78km from Aracaju, the capital. Lagarto's economy is based on agriculture and sheep farms. In

terms of sports and recreational activities, Lagarto has today six sports gymnasiums, one indoor court, two multi-sport courts, 210 soccer fields, one 250m-track, 10 motocross tracks, two social clubs,

one soccer stadium and one rodeo park, considered one of the top three in Brazil. In 2003, 19 schools and 2,870 school athletes participated in the Jogos Estudantis (Student Games) in Lagarto.

Origens Fundada a 20 de Outubro de 1697, com o nome de Vila de Nossa Senhora da Piedade do Lagarto, em atendimento à exigência de Sua Majestade, o Rei de Portugal ao Governador Geral do Brasil, Dom João de Lancastro. O atual município de Lagarto se inseriu no contexto de necessidade de povoar as terras do interior da então Capitania de Sergipe D' El Rei, cujo Ouvidor Geral era o Sr. Diogo Pacheco Pereira. A invocação à Nossa Senhora da Piedade advém da Criação da Freguesia, em 11 de novembro de 1679. Quanto ao nome Lagarto, a tese mais aceita é a que afirma ter originado de um brasão pertencente a uma das primeiras famílias enviadas ao Centro-Sul de Sergipe para construir Sesmarias. Com uma área de 1.036 Km², a cidade está localizada a 78 Km da capital, Aracaju. De vocação agrícola e, essencialmente pecuarista, Lagarto produziu ao longo de seus mais de trezentos anos de existência, fatos de memória que a colocam entre as cidades mais importantes do Estado de Sergipe.

1880 A Vila de Nossa Senhora Piedade do Lagarto, segundo determinação da Lei Provincial de número 1.140, de 20 de abril, é elevada à condição de Cidade.

1883 No dia 03 de maio foi fundado o primeiro jornal escrito de Lagarto, cujo fundador foi Dr. Joviniano Ramos Romero.

1893 Lagarto entra na era republicana brasileira, tendo como primeiro governante o Sr. José Cirilo de Cerqueira.

1942 – 1945 Lagartenses participam de Força Expedicionária Brasileira-FEB, contra as forças nazifascistas, em campanhas na Itália, durante a II Guerra Mundial.

1950 – 1960 Surgimento dos Clubes Sociais: Associação Atlética de Lagarto e Associação Banco do Brasil.

1960 – 1970 Registro do Lagarto Esporte Clube-L.E.C. na Federação Sergipana de Futebol, sagrando-se tri-campeão amador, a nível regional. Em 1968 o L.E.C. torna-se profissional. Ainda nessa época é criada a Liga Lagartense de Futsal, por iniciativa do professor e jornalista, Emerson da Silva Carvalho; em 1963 os pecuaristas Landulfo José de Almeida, José de Sérgio, João de Cândido e João Miúdo, introduzem em Lagarto a modalidade esportiva Vaquejada, uma das tradições culturais da região e meio

de lazer de alta aceitação popular, realizada até hoje pelo empresário José Rodrigues dos Santos (Zezé Rocha).

1970 – 1980 É fundada a Associação Cultural de Lagarto-ASCLA; surge o Rotary Clube de Lagarto; equipe Lagartense participa pela primeira vez de Corrida Rústica na cidade de Aracaju; realizada a primeira Corrida Rústica em Lagarto pelo então instrutor do Tiro de Guerra (TG) 143, o Sargento Belarmino Ignácio de Andrade; primeira apresentação de Ginástica Calistênica na praça; criada a Corrida Cidade de Lagarto, em comemoração à emancipação política de Lagarto, pelo instrutor Farias; implantada a modalidade de judô por intermédio do Sargento Belarmino Andrade e pelo professor Vital, este último, criador da primeira academia da modalidade.

1980 – 1990 É criada a Corrida Cenecista Laudelino Freire, com a participação histórica de João da Mata, vencedor da Corrida de S. Silvestre; em 1983, a professora Vânia Azevedo, corredora lagartense, torna-se a 1ª mulher sergipana a correr a distância de 42.195 metros (IV Maratona Bradesco Jornal do Brasil), no Rio de Janeiro. No mesmo ano é realizada a I Corrida Cidade de Lagarto, pelo então Sargento do Tiro de Guerra local, José Luiz Andrade, evento este que marca o início de uma nova fase do atletismo Lagartense. Fundado em 1984, Arte Cênica "Xamego Nordestino", grupo ligado à cultura popular, formado por alunos e ex-alunos do Colégio Cenecista "Laudelino Freire", de Lagarto, preocupado em perpetuar as cantigas, danças e vida do povo do Nordeste do Brasil. Em 1986 é criada a Liga Lagartense de Futebol Amador e criados os Jogos Estudantis de Lagarto, na administração do Prefeito Artur de Oliveira Reis, sendo campeão o Colégio Cenecista Laudelino Freire. Em outra data, na abertura dos I Jogos Estudantis de Lagarto, a Academia Vigor reúne um grupo de alunos e, sob a direção das professoras Vânia Azevedo, Cláudia Regina Azevedo e Rídací Evangelista, Lagarto assiste à primeira demonstração pública de Ginástica Aeróbica, no Estádio Paulo Barreto de Menezes. Surge o Projeto Esporte para Todos (Programa do Governo Federal). Lagarto é campeão de Voleibol Estudantil Infantil (masc / fem.), nos Jogos Estaduais, sagrando-se bi-campeão na categoria feminino e campeão no masculino, sendo representado pelo GENNSP (Ginásio da Escola Normal Nossa Senhora da Piedade), e tri-campeão, na mesma competição, de futsal, com o extinto Colégio N. Sra. da Salete.

1990 – 2000 Fundado o Atlético Clube Lagartense (futebol profissional), sagrando-se campeão do Campeonato Sergipano em 1998. Participação de Jaciara Rodrigues (GENNSP), na prova de arremesso de peso, nos Jogos Escolares Brasileiros. Década produtiva no judô, com o professor Landulfo Júnior, sagrando-se campeão em várias modalidades a nível regional e nacional, a exemplo do hexacampeonato (1988 – 1993), na modalidade juvenil. Piloto Lagartense, José Mateus Santana Trindade, sagra-se campeão baiano de motocross. Participação da corredora Lagartense, Vânia Azevedo, no *XII World Veterans' Championships*, em Durban, na África do Sul, compondo a equipe brasileira dessa categoria.

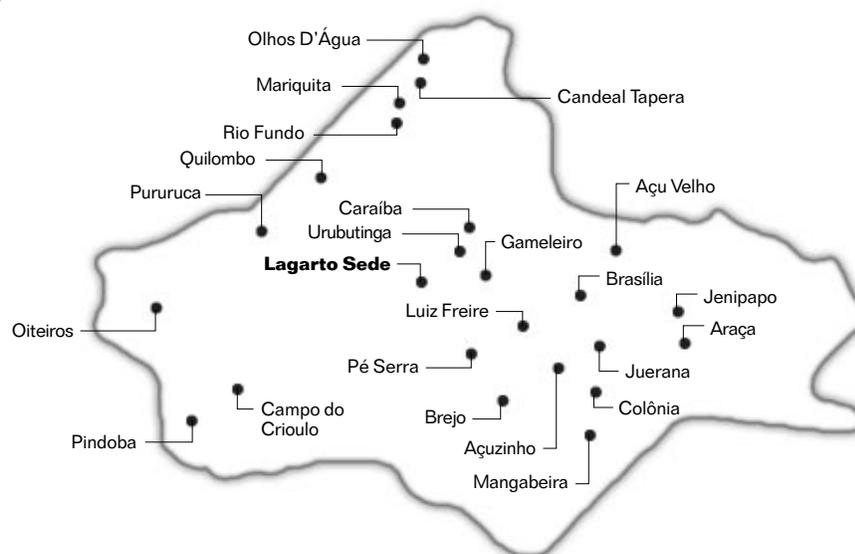
2003 Vânia Azevedo, integrando a equipe paulista Find Yourself, conquista o primeiro lugar geral da competição – de revezamento em 105 Km – II Prova Ilha Bela Corpore Terra e Mar, em Ilha Bela, S. Paulo.

Situação atual Hoje o município de Lagarto é destaque a nível nacional no setor industrial e agropastoril, como referência nacional para a criação de ovinos Santa Inês, de responsabilidade do pecuarista Landulfo José de Almeida. Na área esportiva a cidade não vem tendo um crescimento significativo, apesar de possuir uma estrutura até certo ponto considerável para a prática do esporte, possuindo 06 ginásios de esporte, 01 quadra coberta, 2 quadras poliesportivas, 210 campos de futebol, 01 pista de atletismo de 250 metros, 10 pista de motocross, 02 clubes sociais, 01 estádio de futebol e 01 Parque de Vaquejada, tido como um dos três melhores do país. No ano de 2003, os Jogos Estudantis do município contou com a participação de 19 escolas e 2.870 atletas nas modalidades de handebol, voleibol, futsal, futebol de campo, tênis de mesa, judô, dama, natação e atletismo. Também neste ano Lagarto passa a fazer parte do circuito de motocross, tendo o Motódromo Parque São João, reconhecido pela Federação Sergipana de Motociclismo, como um dos melhores do Norte/Nordeste.

Fontes Acervo Emerson da Silva Carvalho; Acervo Adalberto Fonseca; Acervo Claudefranklin Monteiro Santos; CIFORM Municípios (julho/2002); Conselho Estadual de Cultura de Sergipe (Ofício n. 045/97); Departamento de Ed. Física da Diretoria Regional de Ensino de Lagarto.

Município de Lagarto: localização distritos

Municipality of Lagarto's districts location



Lazer e esportes em Maceió-AL

EDUARDO MONTENEGRO, PATRÍCIA CAVALCANTI AYRES MONTENEGRO, NEIZA FREDERICO FUMES, BÁRBARA TENÓRIO DE ALBUQUERQUE VITAL, BRUNO BARBOSA GIUDICELLI, CÍCERO OLIVEIRA DOS SANTOS, DANTE WANDERLEI LIMA DE OLIVEIRA, JAILSON ELIAS DOS SANTOS, JOSÉ EDSON RODRIGUES FERREIRA, JOSÉ MAÉRIO TENÓRIO, MARIA JANAINA MARQUES DA SILVA, NINA KÁTIA SILVER COSTA BEZERRA DE OLIVEIRA, NILSON MONTEIRO NÉRI, PAULO SÉRGIO PAES BARRETO E MENDES, RICARDO DE MEDEIROS SOARES, RICARDO LUIZ DE SOUZA, RICARDO JORGE NUNES DE OLIVEIRA, SANDRA MARIA PONTES, VANNINA DE OLIVEIRA ASSIS E WCEUTON OLIVEIRA SILVA

Leisure and sports in Maceió –AL

Maceió (pop. 797.759), capital of the state of Alagoas (Northeastern Brazil), founded as a village in 1815, takes up an area of 508 Km², including 112,5 Km² of urban sector. In spite of the busy port and the large commercial center, Maceió has become a tourist destination because of the beaches, lakes and green areas of the region in which it is located. It is 2,131km from Rio de Janeiro and 3,572km from

Definições e origens
Maceió surgiu na metade do século XVIII de um engenho de açúcar denominado Massayó, palavra de origem indígena, significando terra alagadiça. Em 05 de dezembro de 1815, o povoado é elevado à categoria de vila e logo após foi estabelecida como capital de Alagoas por possuir um movimentado porto e toda a infra-estrutura de uma capital. Quando da independência do Brasil, Alagoas já estava em pleno progresso, tendo o açúcar, como sua riqueza maior. Em 1831, surge o primeiro jornal impresso de Alagoas, mais precisamente em Maceió: o Íris Alagoense. Em 1849, mais uma conquista de Maceió, já como capital: o primeiro estabelecimento de ensino secundário, o Liceu Alagoano, até hoje em funcionamento. Antes mesmo da abolição da escravidão, Alagoas já estava na luta por este objetivo. Em setembro de 1881, foi instalada a Sociedade Libertadora Alagoana, que marcou época. Detinha dois jornais, o ‘Lincoln’ e o ‘Gutemberg’, ambos engajados na luta pelo fim da escravidão. O ideal republicano começou a surgir com o jornal ‘O Apóstolo’, em 1871, depois surgiu o ‘A República’. No final do século XIX começam a surgir às primeiras usinas, sendo a pioneira a usina Brasileiro, do francês Vandesmant, em Atalaia. Ao contrário da atividade industrial, a comercial teve seu início em Maceió, com o crescimento da população nos engenhos.

Hoje, Maceió é o maior centro comercial de Alagoas, passando por vários setores de exploração comercial. Sua população totaliza 797.759 habitantes (IBGE 2000) e a área ocupada é de 508 Km², dos quais 112,5 Km² compõem a área urbana; clima tropical semi-quente e semi-úmido com temperatura mínima de 18°C a 24°C e máxima de 27°C a 32°C. Maceió tem aproximadamente 50 bairros em seu território, dentre os quais Jaraguá, Centro e Bebedouro deram início a sua formação. A cidade é banhada por quatorze praias, sendo desde total, cinco delas consideradas urbanas. Com um litoral privilegiado, com praias ainda inexploradas, suas areias brancas, seus coqueirais e a cor inconfundível do mar, Maceió, e todo o litoral alagoano, se apresenta como uma excelente opção de turismo no nordeste brasileiro. A distância de Maceió à Brasília é de 1.930km; ao Rio de Janeiro-RJ: 2.131km; a São Paulo-SP: 2.253km; e a Porto Alegre: 3.572. Algumas iniciativas neste setor, com a organização de grupos adeptos de esportes radicais e *outdoor* já são encontrados em Maceió, organizando freqüentes incursões a cachoeiras, barreiras (cânions), reservas florestais, rios e dunas para a prática de esportes como canoagem, corridas de orientação, escaladas, cavalgadas, caminhadas, prática de jet ski etc. Dentre os esportes da natureza, o surfe foi o pioneiro, tendo Maceió inscrita com a praia do Sobral no circuito nacional de surfe e com bons praticantes de surfe e body bord no ranking nacional. Hoje, há um calendário esportivo da cidade com eventos regulares de rally de motos e carros, triatlo, corridas de aventura (Eco challenger), mountain byke, pesca de arremesso, além de outras atividades vindas da tradição esportiva local que se inicia no final do século XIX.

1886 Fundação do Clube Phenix Alagoana em Maceió, destinado inicialmente às festividades sociais e posteriormente esportivas.

1908 O futebol *Association* chega a Maceió trazido por estudantes alagoanos de férias de seus cursos em Recife. A primeira partida foi realizada no Praça Gonçalves Lêdo. Em fins de 1908 nasce o primeiro clube de futebol de Maceió: o Alagoano Footbal Club, fundado por Manoel Machado, que retornando a Maceió de férias da Bahia, onde cursava a Academia de Medicina, se juntou aos demais acadêmicos, que como ele em férias na cidade, no dia 31 de dezembro do referido ano, e instalou em sua residência na Praça dos Martírios, a sede do clube do qual foi aclamado presidente.

Porto Alegre-RS. In terms of recreational activities and sports, the facts of memory since 1886 displayed in this chapter show that although soccer has prevailed since the early 20th century, it has been losing ground to other sports and physical activities such as the ones offered by the local health clubs and/or extreme sports. Besides the events and the development of sports federations, Maceió has

1908 Em dezembro, o campo para treinos do Alagoano Football Club foi situado em um terreno baldio cercado de gradil no encontro das ruas Ângelo Neto com a praça Gonçalves Ledo, emprestado pelo Sr. Américo Guimarães.

1909 Em março, sem ter adversários para jogar o Alagoano Football Club se divide em Floriano Futebol Clube (calção preto, camisa branca com faixa azul) e o Deodoro Futebol Clube (calção preto, camisa branca com faixa encarnada). Venceu a equipe do Floriano pelo placar de 2 a 0. O “Gutemberg”, jornal de grande circulação em Maceió, em 1 de abril dá a notícia do jogo como “nota radiosa”, a presença de cinqüenta senhoritas da elite maceioense. Houve a participação da banda de música da polícia Militar e o jogo foi honrado pelo comparecimento do Governador do estado o Dr. Euclides Malta. Em julho, um grupo de comerciantes, tendo a frente o Sr. Manoel de Castro (o Manoel do Bazar), Paulo Valente Ribeiro, Nole Bandeira e Orlando Sucupira, fundaram o Republicano Foot-ball Club, cujos treinos realizaram-se num pequeno terreno baldio da Rua Floriano Peixoto. Em outubro, encontraram-se para um jogo no campo Jacutinga o Alagoano Football Club e o Republicano Foot-ball Club, saindo vencedor pelo placar de 3 a 0 o Alagoano Football Club.

1912 Em setembro, Fundação do Clube de Regatas Brasil (CRB), no bairro da Pajuçara. Fundado por Lafaiete Pacheco e Antônio Vianna, como um clube de regatas. O futebol só começou a ser praticado em 1916, com o ingresso de outros sócios no clube.

1913 O Centro Sportivo Alagoano (CSA) surgiu em 1913, sob a denominação de Centro Sportivo Sete de Setembro. As atividades iniciais abrangiam boxe, luta romana, levantamento de peso, lançamento de dardos, disco, esgrima e esportes náuticos que eram praticados na Lagoa Mundaú. O futebol surgiu para a equipe azulina quando a sua sede social funcionava no prédio na praça da Independência, antiga praça da Cadeia. Em 1918 o time recebeu o seu nome definitivo: CSA.

1916 Fundação do Ipiranga Futebol Clube, no bairro do Farol, do Brasil Futebol Clube, no bairro da Ponta Grossa.

1917 Fundação do Paulista Futebol Clube, no bairro do Centro, atual Rua Barão de Penedo, do Enéas Campelo Futebol Clube, no bairro do Farol (nome dado ao clube em homenagem ao professor de Educação Física Enéas Campelo), do Eleven Nacional Esporte Clube, no bairro da Levada, nome dado em homenagem ao cargueiro inglês *Eleven*, do qual um dos tripulantes era o presidente do clube, Sr. Salustiano Neto.

1917 Torneio promovido pela comissão de festejos em comemoração ao Centenário da Emancipação Política do Estado de Alagoas. Inscrevendo-se para o evento apenas as equipes do CSA e do Ipiranga, sendo esta a vencedora da partida por 1 x 0. Considerada assim a primeira campeã do Estado de Alagoas.

1921 Fundação do Esporte Clube Barroso, localizado na Praça da Independência, no centro da cidade.

1923 Fundação do Tiradentes Esporte Clube, localizado à Rua Coronel Meira, Bebedouro

1924 Fundação do Municipal Esporte Clubes, sede localizada na Prefeitura de Maceió.

1926 Fundação do Vasco da Gama, sede localizada à rua Alto da Saudade, bairro de Ponta Grossa.

today 16 soccer leagues, covering 28 neighborhoods (55% of the city) that manage 485 soccer teams and clubs, 7,102 athletes, 74 soccer fields (participants and facilities belonging to the leagues), 101 health clubs, an extensive calendar of extreme sports events, and competitions of various traditional sports. In addition, Maceió has four undergraduate schools of physical education.

1927 Fundada a Coligação Esportiva de Alagoas-CEA. Organiza o primeiro Campeonato Oficial de Futebol de Alagoas, com a participação das agremiações: CRB, CSA, Ipiranga, Brasil, Paulista, Enéas Campelo e Eleven que faziam parte da primeira divisão do futebol alagoano. Sagrando-se campeã a equipe do CRB

1927 A CEA filia-se a Confederação Brasileira de Desportos–CBD, então entidade máxima e eclética do esporte no país. Neste mesmo ano já participa em sua primeira competição de nível nacional, enfrentando em gramados cariocas a Seleção Paraense.

1931 Fundação do Santa Cruz Futebol Clube, situado no bairro do Prado.

1932 Fundação do Nordeste Atlético Clube, situado à Rua General Hermes.

1934 Fundação do Esporte Clube de Maceió, localizado na rua Boa Vista. Neste mesmo ano a CEA passa a ser denominada Federação Alagoana de Desportos-FAD.

1936 Fundação do Oceano Esporte Clube, localizado no bairro de Santo Antonio, atual Bebedouro.

1937 Fundação do Ferroviário Atletico Clube, localizado no bairro do Prado.

1938 Fundação do Comércio Esporte Clube, localizado à Rua do Comércio, no bairro do Centro.

1939 Fundação do Andaraí Futebol Clube, localizado à Rua Bom Conselho, bairro da Levada.

1940 Fundação do Oceano Esporte Clube, localizado no bairro de Bebedouro; do Caxias Voley Clube fundado pelo esportista Paulo Mendes; do Bonfim Voley Clube, fundado pelo esportista Gerson Omena, situado no Poço; do Flamengo Esporte Clube, situado à praça 13 de Maio, no bairro do Jaraguá.

1941 Surgimento do Campeonato da Segunda Divisão de futebol, tendo a partida final disputada entre as equipes do Andaraí e Ipiranga, sendo este último consagrado o primeiro campeão.

1942 É realizada em Maceió uma partida do Campeonato Brasileiro de Futebol entre agremiações de Alagoas e Sergipe. Sai vencedor Alagoas pelo placar de 2 x 1.

1943 Fundação da Associação dos Cronistas Desportivos de Alagoas–ACDA, em 10 de julho.

1945 Fundação do Conselho Regional de Desportos e do Departamento de Árbitros da FAD.

1949 Acontece um campeonato de voleibol promovido pela FAD cujo final dá-se entre as equipes do Caxias Voley Clube e do Bonfim Voley Clube. A equipe do Caxias tinha a seguinte formação: Carijó, Helio,Licito, Paulo Mendes, Murilo Mendes, Moisés Mendes. Sagra-se campeão a agremiação do Bonfim com os jogadores: Ivens, Edson, Walter, Lailton, Cacau, Bill e Gerson Omena

1951 Fundado o Bangu Voley Clube na residência das Sras. Valéria Florêncio Hora e Flávia Florêncio Hora. Em função do surgimento do Bangu foi fundado o Pajuçara Esporte Clube, pelo esportista Toroca. Surgindo daí outras agremiações de bairros tais como Águias do Voley, fundado por Ailton Oliveira, no bairro do Farol, Vasco da Gama, no bairro do Poço, Náutico em Jaraguá e o Ipiranga, no

Poço. Todos estes clubes tinham como atividade principal à prática do Voleibol.

1952 É fundada a Federação Alagoana de Desporto Universitário-FADU, na cidade de Maceió.

1955 Acontece o 1º Campeonato Feminino Alagoano de Voleibol, sagrando-se campeã a equipe do late Clube Pajuçara.

Década de 1960 Surge o Futebol de Salão nos clubes, sagrando-se campeão do primeiro torneio o Jaraguá Tênis Clube. Pelo Jaraguá jogaram: Toroca, Chipaca, Zito Sarmento, Gilson Moreira, Napoleão Moura, João Moura, Divaldo Lindoso, Deda, Santa Rita, Louvain Aires, Teça e Zequito Porto

Década de 1970 Inicia-se a prática do judô em Alagoas, trazida pelo Professor Edmundo Moura que abre a sua academia, recebendo o nome de Judô Clube Moura.

1970 O Handebol é implantado em Maceió, através dos professores Belmiro Alves do Colégio Sagrada Família, no bairro do Centro e Jouse Alves do Colégio Bom Conselho, do bairro de Bebedouro. Neste ano, em outubro, inaugura-se na cidade o Estádio Rei Pelé.

1972 O Professor Edson Nunes introduziu o Handebol na Escola Moreira e Silva, onde teve grande sucesso e divulgação para todo o estado.

1972 Em Maceió sedia a sua primeira competição de âmbito nacional: os IV Jogos Estudantis Brasileiros – JEBs.

1972 Inicia-se a prática do Taekwondo na cidade, com os professores Ademário Santana, José Roberto, João Andrade e Nicanor Rodrigues Ferreira. Este grupo foi formado por Ademar Santa e Angélio que tinham treinado na cidade de Recife. Em março, funda-se a Federação Alagoana de Vela e motor – FAVM, também em Maceió, e em junho o Mestre Yong Man Kim, 3º Dan, se instala em Maceió e abre a primeira academia de Taekwondo localizada no 1º andar da Panificação Elétrica na Rua do Comércio, 41 – Centro.

1975 Maceió foi sede dos Jogos Universitários Brasileiros – JUBs. Em janeiro é fundada a Federação Alagoana de Judô-FAJU, por iniciativa do Prof. Sílvio Gusmão de Holanda Melo que reúne as seguintes entidades: Academia Ryu Setsu, pertencente ao Prof. Sílvio Holanda; Judô Clube Moura, do Prof. Edmundo Moura; e Judô Clube Suzuki, do Prof. Shinzo Suzuki.

1976 Vinda do grupo coreano de Taekwondo a Maceió para fazer demonstrações no Alagoinhas late Clube, oficializando, assim, a prática da luta na cidade.

1979 Em janeiro, é fundada a Federação Alagoana de Xadrez, na cidade de Maceió; em março, cria-se a Federação Alagoana de Ciclismo-FAC; em setembro tem início a Federação Alagoana de Voleibol, tendo como fundador o Sr. Walter Pitombo Laranjeiras.

Década de 1980 Nicanor Rodrigues Ferreira, primeiro alagoano a submeter-se a um exame na cidade do Rio de Janeiro para graduar-se faixa preta é aprovado e recebe o registro nº (04) 1-228970 pela *World Taekwondo Federation-WTF/ KUKKIWON*. Em 1980, é fundada a Federação Alagoana de Futsal e a Federação Alagoana de Handebol, com sedes em Maceió. Principais clubes que participaram dos campeonatos promovidos pela Federação Alagoana de Handebol: Centro Esportivo Alagoano (CSA), Clube de Regatas Brasil (CRB), late Clube Pajuçara, Clube Fênix Alagoana, Associação da Escola Técnica Federal de Alagoas, Associação Atlético Sagrada Família, Associação Ipiranga, entre outros

1983 – 1989 Maceió foi sede da Confederação Brasileira de Handebol, tendo como Presidente o professor da Universidade Federal de Alagoas, José Maria Teixeira.

1985 – 1989 O Professor da Universidade Federal de Alagoas, Francisco de Assis Farias (Shyko), alagoano de Santana do Ipanema, foi técnico da Seleção Brasileira de Handebol nas categorias Júnior e adulto feminina

1986 Os Jogos Universitários Brasileiros–JUBs, voltaram a ser sediados em Maceió. Em junho, é fundada a Federação Alagoana Aquática do Estado de Alagoas-FAEAL, na cidade de Maceió. Os esportes aquáticos como natação, pólo aquático, nado sincronizado e saltos ornamentais estão enfim representados no estado e na capital alagoana.

1987 Carlos Humberto Barbosa Gomes implanta a prática do Aikidô em Maceió, na garagem de sua residência situada no bairro da Serraria.

1990 É reconhecido oficialmente em Maceió, o Aikidô pois se filia ao Instituto Takemussu, órgão representante do Aikidô no Brasil.

1993 Criação do Museu do Esporte. Fundado em agosto deste ano e batizado como Museu Edvaldo Alves Santa Rosa (Dida), o Museu do Esporte é um dos templos dedicados à memória esportiva em Maceió. O nome foi dado para homenagear o jogador alagoano que fez carreira no Flamengo e que cedeu o lugar ao rei Pelé na seleção brasileira que disputou a copa de 1958, onde o Brasil sagrou-se campeão pela primeira vez. O Museu do Esporte guarda um acervo memorável, como a camisa que o então jovem Pelé, com apenas 17 anos, disputou a final daquela Copa do Mundo. Mas o museu guarda outras relíquias de vários esportes, tanto de Alagoas como do Brasil em seu acervo de fotografias, jornais, revistas, troféus, taças, diplomas, entre outros objetos de memória.

1994 É Fundada a Federação Alagoana de Tênis de Mesa-FATIM, na cidade de Maceió.

1995 Inicia-se a prática do Jiu-Jitsu em Maceió através do Prof. Diojones Farias. Em março, inaugura-se na cidade a Federação Alagoana de Karatê Dô Tradicional-FAKT.

1998 Surge na cidade a Federação Alagoana de Aikidô, com as primeiras filiações: Academia Paulus Tertius; Academia Desafio, do Prof. Cícero José da Silva Vergetti; e Academia Alfa, do Prof. Luiz Coutinho.

2000 Em janeiro, inaugura-se a Federação Alagoana de Bodyboarding, na cidade de Maceió; em junho, inicia suas atividades também na capital de AL a Federação Alagoana de Ginástica-FAGIN; em setembro surge a Federação Alagoana de Karatê Interistilos como também a Federação Alagoana de Triatlo; em outubro surge na cidade de Maceió a Federação Alagoana de Esportes Colegiais-FAEC.

2001 A seleção Alagoana de handebol feminina, representada pelo Colégio Santíssimo Sacramento, equipe comandada pelo Professor de Educação Física Lourival da Rocha, na categoria até 14 anos feminino, sagrou-se campeã brasileira nos Jogos da Esperança (Olimpíada Colegial 2001), em Poços de Caldas – MG. Em fevereiro, são fundadas a Federação Alagoana de Capoeira Abadá e a Federação Alagoana de Muaythai (Boxe Tailandês); em março, tem surgimento a Federação Alagoana de Jiu-Jitsu Esportivo/Tradicional, a Federação Alagoana de Karatê Shotokan-FKSA e a Federação Alagoana Full Contact e Kick Boxing, todas na cidade de Maceió; em junho, é lançado pela Secretaria de Turismo e Esportes da cidade, o Projeto “A escola é sua” no bairro de Benedito Bentes em Maceió, abrindo a escola para eventos recreativos e esportivos com a participação da comunidade local, alunos e pais (média de público: 100 por dia); em outubro é fundada a Federação Alagoana de QWAN KIDO e a Federação Alagoana de Futebol de Praia, com sedes em Maceió.

2002 A seleção Alagoana de Handebol feminina sagrou-se campeã do 50º JUBs realizados na capital alagoana, equipe comandada pelos professores Evânio Salvador e Francisco Gaia; em fevereiro é realizado um evento festivo reunindo os ‘Destaque esportivos de 2001’, no Ginásio de Esportes do Colégio Santa Úrsula, como também inaugura-se a Federação Alagoana de Beach Soccer, na cidade de Maceió; em março, realiza-se o III Evento Internacional de Mountain bike, realizado no Venta Club Pratagy; em abril cria-se a Federação Alagoana de Biccross - FABX, na cidade de Maceió; em maio é realizada a 1ª Copa Setures de Jetski – Norte/nordeste na praia de Pajuçara, que contou com a participação de atletas de vários estados do Brasil; em junho, funda-se a Federação Alagoana de Futvolei; em julho, a seleção Alagoana de Handebol masculina

sob o comando da professora Henriette Lins, foi vice-campeã da divisão B, competição que se realizou em Goiânia-GO, conseguindo voltar à divisão A dos Jogos da Juventude (antigo JEBs), categoria até 16 anos; em agosto é fundada a Federação Alagoana de Surfe, na cidade de Maceió; em setembro implanta-se o projeto “Voleibol na comunidade”, no bairro do Jacintinho em Maceió, com a participação inicial de 70 (setenta) inscritos entre crianças, jovens e adultos; finalmente, em novembro, realiza-se na capital alagoana o III Campeonato Brasileiro de Voleibol Máster, evento realizado nos ginásios de esportes dos colégios Santíssimo Sacramento, Marista de Maceió e Madalena Sofia.

2003 A equipe de Handebol masculina do Colégio Santa Madalena Sofia sagrou-se vice-campeã brasileira na Olimpíada Colegial até 14 anos, sob o comando do professor de Educação Física Jailson Elias; em janeiro, surge a Federação Alagoana de Musculação e Fitness-FAMFIT, na cidade de Maceió, através do Sr. Reginaldo José Gomes; em março, tem lugar o IV Evento Internacional de Mountain Bike, realizado no Venta Club Pratagy; em junho, implanta-se pela Secretaria de Turismo e Esportes o projeto “Handebol na comunidade”, no bairro da Pitanguinha em Maceió, com a participação inicial de 100 (cem) inscritos entre crianças, jovens e adultos; também em junho realiza-se a 2ª Copa Setures de Jetski – Norte/nordeste na praia de Pajuçara, com a participação de atletas de vários estados da federação, e funda-se Federação Alagoana de Motociclismo, na cidade de Maceió; em dezembro, tem lugar o 1º Rodeio da Cidade de Maceió, realizado no pátio externo do Shopping Iguatemi.

2004 Em março, implanta-se pela Secretaria de Turismo e Esportes o projeto “Handebol na comunidade II” no bairro do Canaã em Maceió, com a participação inicial de 60 (sessenta) inscritos entre crianças, jovens e adultos; em abril, sagra-se campeão de futebol de Alagoas da 1ª Divisão o Sport Clube Corinthians Alagoano.

Situação atual Os profissionais que atuam na área de Educação Física e Esportes na cidade de Maceió são oriundos principalmente da Universidade Federal de Alagoas-UFAL, que criou o seu curso de Educação Física em 1974, formando mais de 800 licenciados até 2003. Recentemente (2002) algumas turmas de especialização foram ofertadas pelo curso de Educação Física da UFAL, com grande tradição na área da Educação Física escolar e oferta de cursos de arbitragem, atualização de técnicos, organização de eventos esportivos, dentre outras; estas ofertas foram e são organizadas anualmente pelo Departamento de Educação Física da UFAL em convênio com outras entidades ligadas ao esporte profissional e amador em Maceió. Uma outra instituição federal de formação profissionalizante, que há 5 anos oferece um curso de técnico em lazer e esportes, é o CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológica) de Maceió. Além destas, foram criadas recentemente em Maceió, duas faculdades que oferecem cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física: o IBESA (Instituto Batista de Educação Superior de Alagoas) e a FAL (Faculdade de Alagoas). Estes cursos, ainda em fase de implantação, não formaram turmas até a presente data, mas seus currículos oferecem bacharelado em lazer, esporte, atividade física e saúde. Em breve haverá quatro instituições, só em Maceió, oferecendo profissionais de Educação Física à sociedade alagoana. Em termos de atividades de lazer e esportes, os fatos de memória mostram que o domínio do futebol ocorrido desde as primeiras décadas do século XX, tem sido diluído com a implantação progressiva de outros esportes e atividades físicas, como as ofertadas pelas academias de ginástica e/ou esportes radicais. Nestas condições, além dos eventos e aparecimento de federações, cabe registrar que a cidade possui hoje 16 ligas de futebol, cobrindo 28 bairros (55% do total da cidade), que administram 485 equipes e clubes, 7.102 atletas e 74 campos (participantes e instalações somente da jurisdição das ligas). Por sua vez, há na cidade 77 (setenta e sete) academias cadastradas na Vigilância Sanitária do Município, INMETRO e CREF-AL (junho de 2004), e mais 24 informais de pequeno porte.

Fontes Pesquisa de campo e coleta de dados realizados pelos alunos do Curso de Pós-Graduação em Educação Física e Cultura da UGF sob a orientação dos Professores Ms. Eduardo Montenegro, Ms. Patrícia Cavalcanti Ayres Montenegro e Dra. Neiza Frederico Fumes.

Lazer e esportes em Palmeira dos Índios-AL

ANA PAULA VILARINS, HILDÊNIA VIEIRA E SILVA, JOSEFA GOMES DA SILVA, LENUSA DA SILVA ALVES E EDUARDO MONTENEGRO

Leisure and sports in Palmeira dos Índios-AL

Palmeira dos Índios (pop. 67,204), founded in 1889, is located in the interior of the state of Alagoas, 140 km from the capital Maceió. In the beginning its economy was based on agriculture, but it gradually developed into cattle raising, fruit farming and dairy production. In terms of sports and leisure activities, memory facts go back to 1921,

Origens e Definições No século XVIII, no ano de 1740, os índios da tribo Xucuru, que na linguagem indígena quer dizer 'andariho', e da tribo Kariri, ambas da nação Tupi, instalaram-se no local onde hoje se situa a cidade de Palmeira dos Índios. Palmeira dos Índios está localizada na mesorregião do sertão e do agreste alagoano. Sua altitude é de 309m acima do nível do mar. Dista 140 km de Maceió-AL; 85 km de Garanhuns-PE; 38 km de Arapiraca-AL; 36 km de Bom Conselho-PE. Atualmente sua população é de 67.204 habitantes. Região de vocação agrícola, aos poucos foi passando para a pecuária e a fruticultura. A cidade possui vária indústrias de laticínios. Atualmente a região é exportadora de Pinha, graviola, banana e caju. Foi elevada à categoria de vila em 01 de julho de 1835 e em 20 de agosto de 1889, pela Lei 1092, passou à condição de cidade. Em termos de esporte e atividades de lazer, os registros de memória conhecidos remontam à década de 1920.

1921 O Jornal “O Índio” de 12 de junho falava pela primeira vez sobre *foot-ball*. No final da nota, o jornalista palmeirense D’Oliveira afirmava, que era necessário criar uma sociedade esportiva em Palmeira dos Índios, pois esta, já era uma grande cidade e dia a dia avizinhava-se da civilização e o *foot-ball* era o esporte preferido pelos povos cultos. Finalizando a matéria, ele conclamava a população para abraçar essa idéia.

1922 No dia 24 de setembro, criou-se na cidade a primeira agremiação esportiva: o Brazil Foot-Ball Club (B.F.C.). Seu fundador foi o coronel Miguel Pereira Bezerra, ilustre comerciante da cidade. No dia 15 de outubro, o comerciante José Constant de Amorim, fundou uma outra agremiação, o Centro Sportivo Palmeirense (C.S.P) que logo se tornou rival da primeira. O primeiro confronto oficial entre essas duas equipes de futebol, aconteceu no dia 19 de novembro de 1922: o jogo aconteceu no campo do B.F.C. Segundo o jornal “O Índio”, foi uma tarde inesquecível. Pela primeira vez, um esporte conseguiu dividir a cidade. Sua população compareceu em massa. A filarmônica Santa Cecília estava presente para animar as torcidas e os jogadores. O placar foi de 0 x 0.

1923 No dia 24 de fevereiro, a cidade de Palmeira dos Índios recebeu pela primeira vez uma agremiação esportiva de outra cidade: o time do Victoria Foot-ball Club, da Rainha do Paraíba, que vinha para inaugurar o campo do C.S.P. A partida terminou empatada pelo escore de 0 x 0.

1924 No dia 19 de outubro, é criado mais um time em Palmeira dos Índios: o Indiano Foot-Ball Club, que teve como primeiro presidente o coronel Jose Constant de Amorim.

1927 Inaugurada a Praça do Açude (Moreno Brandão), às margens do lago do Goiti, criando um local de descanso e lazer.

1930 A partir deste período foram criadas várias agremiações de futebol, principalmente oriundas dos principais bairros da cidade. Foram eles: São Cristóvão Sport Clube de Palmeira de Fora; o Grêmio Futebol Clube, fundado por Euclides Tavares; o Abicinho Esporte Clube (AEC), Juvenil Atlético Clube (JAC) e o Novo Brasil Futebol Clube (NBF).

1940 Inauguração da praça das Casuarinas, com uma pista para as corridas de Jegue, situada a rua Francisco Cavalcante.

1945 Foi criado o Centro Social Esportivo (C.S.E). Seu primeiro presidente foi Nilo Barros, seguido de Leonardo Pinto e depois Dr. Milton Pitta.

1946 Inauguração do estádio Edson Amaro pertencente ao C.S.E, cujo terreno foi doado pela Prefeitura Municipal, ele ficava onde hoje temos o Estádio de Futebol Juca Sampaio.

1947 No dia 19 de abril, O C.S.E. foi inscrito na Federação Alagoana de Desportos-FAD.

1949 O CSE ganha projeção a partir deste ano quando adquiriu a fama de 'imbatível', pois permaneceu invicto até 1952. A sede

when the local newspaper began to publish articles about soccer. Soccer clubs started to appear here and there and followed by other sporting activities in the 1940s. The first stadium was built in 1946 and the first athletic track in 1952. Handball came up in 1960 and the first health club in 1985. The first gymnasium for sports was

social desse clube estava instalada na rua Major Cícero de Góis Monteiro (Carpil), onde funcionou por vários anos o Aeroclube de Palmeira dos Índios.

1952 Criada em maio pelo esportista Robson Tavares Mendes, a Associação Palmeirense de Atletismo (A.P.A.). Essa agremiação esportiva, já tinha campo próprio (pista), instalado nos Eucaliptos. Ainda nesse ano, encontramos no jornal “Opinião Pública” referências sobre a existência de outra agremiação na cidade de Palmeira dos Índios. Tratava-se do Botafogo Futebol Clube, que no dia 11 de maio, jogou uma partida amistosa contra o time Centro Esportivo Batalhense, da cidade sertaneja de Batalha, cujo resultado foi um empate pelo escore de 3 x 3.

1960 Em finais da década de 1960, o handebol começou a ser conhecido em Palmeira dos Índios através do pioneirismo da irmã Marcelina Dantas (Holandesa) pertencente à congregação das irmãs do Centro Educacional Cristo Redentor. Nesta época o então professor de Educação Física Luiz Freire iniciou treinamentos da referida modalidade com o intuito de preparar equipes para competições. Neste ano foi inaugurada a Associação Atlético Banco do Brasil, com um campo de futebol medindo 62m x 32m e uma piscina com área total de 500m³ com área reservada às crianças.

1965 É fundado o campo de futebol do São Cristóvão Futebol Clube, medindo 65 x 11 m.

1967 Fundada uma quadra poli-esportiva no Colégio Sagrada Família, medindo 21 m x 15m.

1971 É fundado o Clube Social Aeroclube, cuja piscina tinha 400m³ com áreas reservada às crianças.

1972 Em 12 de dezembro é Fundado o Museu Xucurus (Museu do Índio), localizado numa Igreja edificada em 1805.

1975 Inaugurado no Colégio Estadual Humberto Mendes uma piscina semi-olímpica medindo 25m x 12m. Uma piscina para saltos ornamentais com trampolim de 5m e plataforma de 10m. Um ginásio de esportes, cuja quadra mede 36m x 18m. Um campo de futebol de 100m x 50m.

1977 Inaugurado o campo de futebol de Vila Nova, medindo 100m x 90 m, fundado pela família Tenório Cavalcante.

1979 Inaugurado o Centro Social Urbano Palmeira dos Índios e o seu campo de futebol medindo 103m x 47 m.

1984 Inaugurado o campo de futebol do Viaduto da Br 316, cujas dimensões é de 57m x 32 m, obra organizada e executada pela comunidade das proximidades do viaduto.

1985 Inaugurada a academia Agitu’s com as modalidades de musculação, ginástica e hidroginástica e natação. Piscina medindo 12m x 6m.

1986 O C.S.E. disputou seu primeiro campeonato como profissional da 1ª divisão, sendo seu diretor na oportunidade o comerciante Roberto Ferreira Basta.

1987 Inaugurada a academia Halteres Club, com as modalidades de musculação e ginástica.

1988 É inaugurado no dia 28 de agosto o Ginásio de Esportes do Centro Educacional Cristo Redentor, cuja quadra tem as dimensões oficiais para o jogo de handebol, medindo 40mx20m. Posteriormente são construídos um campo de futebol (43m x 21m) e uma piscina (25m x 12m). Uma sala de dança e uma sala de judô.

1990 Inaugurada uma quadra de Voleibol, medindo 27m x 15m no centro Social Urbano Palmeira dos Índios. Re-urbanização da Praça da Independência, com coreto para apresentações artísticas, espaço para prática da Capoeira com 8.400m².

inaugurated in 1988 and the rodeo arena (‘vaquejada’ in Brazil) in 1992. A variety of sports became available in the 1990s, including a public skatepark and walkways in the urban area. The natural resources of the rural area offer hiking and ecological trails. The city has an extensive calendar of sports events and popular festivals.

1992 Parque de vaquejada – Rodeio, as margens da Br 316, com 3.200m².

1994 Inaugurado o Ginásio de esportes do CAIC – bairro do São Francisco, com quadra polivalente do medindo 37m x 16m. Inaugurado na Praça Francisco Cavalcanti, o Espaço Skate: espaço público de referência para a prática do esporte.

1995 Inaugurado o Teleférico, com 800m de subida em direção a plataforma onde está erguido o Cristo do Goiti (escultura feita em pedra).

Em 1997 O C.S.E. é citado pela revista “O Placar”, como sendo um dos 500 maiores clubes futebolístico do Brasil. Inaugurada uma quadra de Futvolei, medindo 22m x 13m, no centro Social Urbano Palmeira dos Índios.

1998 A praça Humberto Mendes é re-urbanizada recebendo um complexo esportivo e de Lazer para a prática do Skate, corrimão e bike cross, com rampas medindo 18m x 11 m com 2.520m².

1999 Inaugurado o conjunto poli-esportivo São Francisco cujo ginásio dispõe de palco para apresentações artísticas e acomodações para equipes visitantes. Inaugurada a academia Boa Forma, com as modalidades de musculação e ginástica.

2000 Em 05 de dezembro foi fundado o primeiro curso Superior de Educação Física do sertão alagoano, vinculado a Fundação Educacional Dom Fernando Lório Rodrigues e a FACESTA- Faculdade São Tomás de Aquino. Inaugurada a academia Ciência da Beleza, com as modalidades de musculação e ginástica.

2001 Em janeiro a empresa UNIMED-Palmeira dos Índios adota a praça Moreno Brandão, conhecida como a praça da índia Tixiliá, as margens do Lago do Goiti como o intuito de urbanizá-la. Em 18 de março a UNIMED-Palmeira dos Índios em parceria com a Prefeitura e a Faculdade São Tomás de Aquino, lança oficialmente o projeto “Saúde e lazer na praça”. Evento realizado na Praça Moreno Brandão. Neste mesmo dia é lançado o projeto pela UNIMED e prefeitura para a construção de uma “pista de caminhada orientada” às margens do Lago Goiti. Inaugurado o Palhoção da estação ferroviária. Local para a prática de atividades físicas, concurso de forró e danças populares.

2002 Inaugurado o campo de futebol do Rodeio (periferia), medindo 48m x 27m. Obra executada pela comunidade. Inaugurada a academia Alternativa, com as modalidades de musculação, ginástica e hidroginástica e natação. Piscina medindo 10m x 5m.

2004 Inaugurado em 28 de abril o Ginásio do SESC – bairro do São Francisco, cuja quadra tem as dimensões de 40m x 20 m.

Situação Atual Recursos naturais da região hoje utilizados para a prática do lazer esportivo: Serra do Goiti – pista para caminhada em subida, com pontos de parada para execução de exercícios localizados; passeio de teleférico (Base da serra do Goiti); trilhas ecológicas; Eventos Esportivos Anuais: Eventos esportivos como Campeonatos de Futebol Veterano, Futsal, Futebol Society, Vôlei de Areia, torneios de Handebol. Outros eventos relevantes: Corrida Pedestre (no entorno da cidade), Corrida da independência (15 Km), Jogos da primavera (entre clubes e escolas), Caminhadas a serra do Goiti, Passeio Ciclístico, Olimpíada Estudantil, corrida de jegues e Vaquejadas; Festas Populares que envolvem atividades esportivas e de Lazer: Festival do caju; Festival da Pinha, Festival do Amendoim.

Fontes Série PRODER. Perfil sócio-econômico de Palmeira dos Índios-AL. Pesquisa de campo e coleta de dados realizado pelos alunos: Ana Paula Vilarins, Hildênia Vieira e Silva, Josefa Gomes da Silva e Lenusa da Silva Alves, acadêmicas do curso de Educação Física da FACESTA sob a orientação do Professor Ms. Eduardo Montenegro.



Lazer Esportivo e Esporte para Todos

EDISON FRANCISCO VALENTE E JAPSON MACÉDO DE ALMEIDA FILHO

Leisure Sport Activities and Sport for All

Sport for All (SFA) today is defined as a way to intervene in society in order to include and engage the population either as a whole or in target groups, through motivation, in the practice of physical activities of leisure, health and sport. There is a current thesis in Brazil that says that SFA has come up from the use of free time of the poor, from their own demand, and from communitarian and institutional free initiative to solve such a demand. The German and Italian immigration to the south of the country as historical facts support this interpretation. The social emancipation by means of free initiative would also explain the appearance of sports programs of leisure that offered free access to anyone at a time

Origens e Definições A partir da segunda metade do século XVIII e durante o século XIX, uma série de fatores importantes mudou significativamente o sistema de relações sociais no que diz respeito à vida pública e privada na Europa. Surgiu, assim, em escala mundial, um novo significado para as atividades sociais, sendo a Revolução Industrial um marco histórico fundamental que veio fortalecer a diferença entre tempo de trabalho e tempo de não trabalho. Com as conquistas dos trabalhadores, o descanso semanal, lei das oito horas de trabalho diário de 1850, a redução da semana de trabalho para cinco dias em 1919, entre outras medidas, faz surgir uma nova conotação do tempo, o da sociedade do lazer, o qual passou a ser ocupado com as mais diversas formas de atividades, segundo anseios, interesses de indivíduos e/ou grupos e tendências da cultura local. No Brasil, além de outras manifestações culturais, surgem os primeiros clubes populares de esportes, no sul do país, na primeira metade do século XIX, por iniciativas de pioneiros alemães e italianos, destacando-se a ginástica (Turnen), o bolão e o tiro ao alvo. Jogos tradicionais europeus como a bocchia foram introduzidos nesta época e até hoje são praticadas como lazer popular. O esporte de influência inglesa também surgiu na década de 1840, mas orientou-se para a prática de elite e como demonstração de status social. Na então capital do país, Rio de Janeiro, o turfe e o remo tornaram-se preferências públicas, incluindo posteriormente as camadas populares (Andrade Melo, 1999).

Tal desenvolvimento espontâneo ocorreu no Brasil antecipando-se às demais nações da América Latina e num padrão de relações sócio-culturais distinto das tradições dos países ibéricos, Portugal e Espanha. Mesmo as etnias negras que chegaram ao Brasil na condição de escravos desenvolveram formas locais de danças e jogos - como a capoeira, por exemplo - que sobrevivem até os tempos presentes como meio de identidade cultural (DaCosta, 1995). Posteriormente, na década de 1930 – a chamada Era Vargas (1930 - 1945) – o governo federal usou o canto orfeônico e a Educação Física praticados nas escolas, como vetores de mobilização em massa. A resposta popular bem sucedida desta empreitada mostrou, pela primeira vez no país, a existência de uma ordem oculta no esporte com amplas possibilidades de adesão dos diferentes grupos sociais da população em termos massivos (DaCosta & Labriola, 2000). E, com base neste contexto histórico, pode-se definir o Esporte para Todos como um modo de intervenção na sociedade através da motivação da população em seu todo ou em segmentos alvo, visando-se a prática de atividades físicas com o objetivo de inclusão dos participantes em desenvolvimentos de lazer, saúde e de práticas esportivas (DaCosta & Miragaya, 2002).

1971 Neste ano, outra evidência emergiu concernente à vocação esportiva popular do país: com a publicação do primeiro censo de clubes esportivos em escala nacional, percebeu-se um elevado índice de associações esportivas em relação à população total. Ou seja: contaram-se cerca de 30 mil clubes formais (com sede, estatutos, bens etc) e foi possível estimar, por projeções, a existência de aproximadamente 100 mil clubes informais – improvisados e com pequeno número de participantes – para uma população de 90 milhões de habitantes (Ministério da Educação, 1971). Com isso, a tese da emancipação teve um delineamento inicial à vista de que o sentido comunitário encontrado no esporte não se repetia em outros setores sociais. Note-se que a interpretação de livre empreendimento, como traço comum do esporte brasileiro, acompanha o que acontece com o comércio e a indústria do país,

long before the proposals that had origin in Europe in the early 1970s. However, the Brazilian antecedents came into light when the Campanha Esporte para Todos (Campaign of Sport for All) was created also in the early 1970s. Such similar manifestations with different denominations have been taking place since 1926, which demonstrate that non-formal sports have cultural development in Brazil. Another evidence of this fact came up in 1971, when the first census of clubs took place in national scale and it was discovered that there was a high number of sports associations in relation to the total population. That is to say: 30,000 formal clubs were acknowledged (with headquarters, statutes, property, etc) and it

que congregam o maior número de pequenos negócios e franquias do mundo, depois dos EUA e do Japão.

Década de 1970 No caso brasileiro, o censo de 1971 revelou ainda que a atividade dominante dos clubes era a prática esportiva de lazer, uma vez que apenas 0,5% da população total do país tinha vínculos com o esporte de alta competição. Por isso, é corrente no país a tese de que o Esporte para Todos-EPT foi gerado no Brasil a partir de carências por parte da população pobre no uso do tempo livre, e pela correspondente manifestação desta, e por livre iniciativa comunitária e institucional em resolver tal demanda. O aparecimento de programas de esporte recreativo acessível a qualquer pessoa, em época bem anterior às propostas da Carta europeia do Esporte para Todos, do início da década de 1970, denota o grau de emancipação social e de livre iniciativa da população. Como tal, esta declaração internacional é considerada como marco do início da expansão do lazer esportivo em âmbito mundial. Mas os antecedentes brasileiros vieram à luz, ao ser criada a Campanha Esporte para Todos, na mesma década de 1970. A implantação desta campanha originou-se quando da oficialização do Plano Nacional de Educação Física e Desportos, por intermédio da Lei N.º 6.251/75, iniciando-se suas atividades, em março de 1977. O sucesso da então chamada “Campanha EPT” pode ser avaliado por ter a mesma cerca de 35 mil organizadores e monitores das atividades. Estas pessoas, voluntárias ou funcionários públicos de Prefeituras, constituíram um total, respectivo aos dois anos de duração da campanha, uma vez que permaneciam períodos bastante reduzidos nas funções e eram substituídos com frequência. Outras cifras significativas concernem à mídia e ao patrocínio: 66 jornais, 60 estações de rádio, 30 emissoras de televisão e dois mil patrocinadores. Note-se que tais adesões foram elevadas em virtude da mobilização, em forma de patrocínio, de pequenos empreendimentos regionais municipais.

Década de 1980 Houve também mídia de cobertura nacional - rádio e televisão – na campanha de 1977, usando-se horários gratuitos destinados ao serviço público, obrigatórios por lei no Brasil. Além disso, publicou-se um jornal mensal destinado aos voluntários, que movimentava a campanha com instruções para a organização de eventos e notícias variadas. No seu todo, a mídia nacional então procurava dar um certo sentido de unidade à campanha, que era intensamente diversificada nas bases municipais. Partes deste suporte nacional constituíram a chamada Rede EPT, criada em 1982 para substituir a campanha nacional, em regime misto de voluntariado e de envolvimento governamental. Esta Rede manteve-se funcionando até 1988 por meio de diversos apoios governamentais e de empresas patrocinadoras, mas o maior esforço foi desenvolvido por seus líderes tendo à frente Lamartine DaCosta, Jorge Takahashi, Lígia Paim, João Nelson dos Santos, Edison Valente, Marlene Blois, Jorge Steinhilber, Wagner Domingos, Juergen Dieckert (pioneiro do TRIM na Alemanha e professor visitante no Brasil) e outros. Por suas características originárias de rede de pessoas e não de instituições, a Rede EPT deslocou o enfoque de campanha para a oferta de apoio de informações técnicas às iniciativas locais. E a dissolução da infra-estrutura de mobilização contribuiu para que apenas cerca de 200 membros restantes permanecessem inicialmente em atividade. Destes, a maioria era de profissionais de Educação Física e muitos deles vinculados a universidades. Por isso, a Rede EPT concentrou seus esforços num programa de rádio em rede nacional com 800 emissoras, veiculado

was still possible to estimate by projections the existence of approximately 100,000 other informal clubs – improvised and with a small number of members – for a population of 90 million inhabitants at that time. Today the number of initiatives of Brazilian SFA is among the highest in the world. They have been recognized by the World Health Organization–WHO and by the Trim and Fitness International Sport for All Association-TAFISA, international institutions that have selected Brazil to locate their projects of massive participation in physical activities, health and leisure. Sport for Social Inclusion is the most used expression to designate SFA programs in Brazil today.

todos os domingos pela manhã, e na publicação de uma revista técnico-informativa - “Comunidade Esportiva” - derivada do jornal antes existente na campanha de 1977.

Vale destacar neste estágio de apreciação histórica os seguintes fatos:

- De acordo com os principais marcos históricos do EPT brasileiro, em termos institucionais, a sua periodização ficou assim definida: 1977-1978 – fase experimental e de implantação do EPT no Brasil sob a coordenação do Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL; 1979-1981 – fase de replanejamento governamental das ações do EPT, sob a coordenação da Subsecretaria de Esporte Para Todos da SEED/MEC; 1982-1988 – fase áurea da Rede Esporte Para Todos até sua desativação por parte do Governo Federal.

- A Rede EPT gerou trabalhos de pesquisa, até então algo raro no EPT internacional, alguns dos quais de crítica aos modos de intervenção do Esporte para Todos no âmbito comunitário, como também aos excessos de comercialização e massificação, sobretudo pela mídia. Um total de 12 dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre a temática do EPT no Brasil foram defendidas a partir de 1981. Como resultado, os procedimentos recomendados pelo EPT brasileiro passaram a refletir a realimentação de seu passado e das informações que vinham do exterior.

- Membros da Rede transferiram experiências e conhecimentos a profissionais e instituições da América Latina, incluindo Uruguai, Equador, Peru, Chile, Paraguai, Argentina e Costa Rica. Assim sendo, já no Congresso Mundial de *Trim and Fitness* de 1988, no Canadá, constatou-se, através de consulta aos participantes por questionário, que o Brasil era a terceira fonte preferida de informações sobre o EPT em âmbito internacional, entre cerca de 50 países presentes.

- A ênfase nas iniciativas locais, com suas próprias denominações, dissolveu a expressão “Esporte para Todos” e consolidou o uso da categorização “esporte não formal” de sentido mais técnico. Efetivamente, o EPT brasileiro, enquanto proposta sobreviveu, mas retornou às suas origens, confundindo-se com a recreação e o lazer, e adotando variadas denominações. Neste particular, cabe enfatizar que o chamado “Decálogo do EPT” – suporte de orientação da Rede EPT desde o início da década de 1980 – definia e regulava atividades partindo de propósitos sociais (comunidade, meio ambiente, lazer, saúde e, sobretudo, integração social), tendência até hoje sobrevivente nos chamados projetos e programas de inclusão social pelo esporte.

- A crescente falta de identidade institucional, própria do EPT, bem como o desinteresse das instituições privadas e públicas de suporte, acabaram por dissolver progressivamente a Rede.

- A partir de 1988, alguns poucos membros da Rede EPT passam a operar com suas próprias iniciativas, quer de intervenção ou de interesse acadêmico. Em 1992, durante a Conferência das Nações Unidas do Meio Ambiente e Desenvolvimento, sediada então no Rio de Janeiro, com ampla cobertura da mídia internacional, este grupo residual teve a incumbência da TAFISA de organizar uma caminhada em prol da defesa do meio ambiente. O resultado foi um evento sem precedentes na história do EPT em perspectiva internacional: 250 mil pessoas participaram da caminhada, inaugurando o programa

da TAFISA, hoje denominado de *World Walking Day* e seu correspondente brasileiro com a mesma denominação em língua portuguesa, liderado por João Nelson dos Santos, remanescente do EPT de 1977. A denominação TAFISA refere-se à entidade *Trim and Fitness International Sport for All Association* (sucessora do Movimento Trim), atuante desde o final dos anos de 1960 na congregação de países possuidores de iniciativas de EPT, esporte de massa e esporte recreativo para fins de lazer e saúde.

Década de 1990 Neste estágio, iniciou-se a consagração das tradições operacionais do EPT brasileiro, mas igualmente confirmando a tendência de programas de formato autônomo e de remotas relações com o modelo divulgado pela carta Européia do Esporte para Todos. Para este resultado, aparentemente a instabilidade institucional – especialmente na área governamental – contribuiu para esvaziar a unidade pretendida pelo EPT em 1977. Outra razão mais plausível foi a da iniciativa local ter se mostrado mais forte e eficiente, com isso enfraquecendo intervenções de significado nacional. Hoje, o Esporte para Todos existe no Brasil por expressão cultural ou iniciativas de intervenção, ambas de ocorrência local, ou por programas de alcance nacional desenvolvidos pela iniciativa privada sem relações entre si, todos com denominações e conceitos próprios. Como não há uma organização nacional que acompanhe tais atividades descentralizadas de esporte não formal, são desconhecidos os resultados globais dessas manifestações. Já do lado dos programas nacionais, os resultados quantitativos são auspiciosos e se incluem entre as mais importantes do mundo na área do EPT, se esta concepção genérica de esporte para qualquer pessoa é a eles aplicada.

Em síntese, há três programas nacionais ao estilo do EPT que se iniciaram na década de 1990 no Brasil, e se situavam em plena expansão no ano 2000 e seguintes: (i) Dia da Caminhada Mundial - DMC, versão do *World Walking Day* da TAFISA, promovido pela Rede Terra, uma ONG dedicada originalmente à proteção do meio

ambiente, sob a direção de João Nelson dos Santos; (ii) Dia Mundial do Desafio, versão do *Challenge Day* também da TAFISA, dirigido pelo SESC-SP antes aqui citado, sob a coordenação de Maria Luiza Souza Dias, um evento freqüentemente sugerido como o maior do mundo, em participação concentrada em um único dia; (iii) Agita São Paulo, campanha de exercícios físicos para a saúde, liderada pelo CELAFISCS, entidade brasileira de prestígio internacional especializada em pesquisas vinculadas às atividades físicas. Estas três iniciativas tiveram origem no Estado de São Paulo, ampliaram-se por diversas regiões do Brasil e hoje estão se internacionalizando. O exemplo do “Desafio” é sintomático, por operar na escala de 30 milhões de participantes em 2003. A “Caminhada” se faz presente também no ano 2000, por contar com 15 instituições parceiras de apoio e patrocínio e mais de cem municípios filiados, com participantes a eles vinculados. O “Agita”, por seu turno, no mesmo ano atingiu a escala de 18 milhões de participantes, apenas nos eventos de impacto. O “Agita” em particular, está se tornando referência internacional por estar implantando diversos desdobramentos na América Latina e se desenvolver por sucessivos levantamentos e pesquisas científicas. Sua liderança é de Victor Matsudo que conseguiu criar uma rede de entidades promotoras de vida ativa contando em 2000 com 160 instituições de saúde, educacionais, governamentais e empresariais privadas. Neste complexo de filiações, há que se destacar a Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo que fornece a sustentação financeira básica da campanha.

Situação Atual O presente estágio da promoção de atividades físicas não formais no Brasil, tem revelado, todavia, o amadurecimento na conciliação da mais antiga abordagem recreativa e de lazer com a mais recente abordagem de prevenção e manutenção de saúde. Esta particularidade tem sido mais evidente com relação ao “Agita”, que iniciou sua rede com instituições parceiras voltadas para saúde e progressivamente congregou entidades dedicadas à educação, ao lazer e à cultura. As duas outras iniciativas – “Caminhada” e “Desafio” – tem feito o caminho inverso. Em última análise, saúde associada à

recreação e ao lazer, com a finalidade de criar um estilo de vida ativo, tem se apresentado no final da década de 1990 como uma tendência central que oferece coerência às promoções de esporte não formal no Brasil. Mais do que uma simples constatação, esta tendência reflete um último estágio da história no país da atividade-promoção, que ainda se chama, em âmbito internacional, de Esporte para Todos. Uma comprovação desta síntese conclusiva situa-se no documento denominado de “Manifesto de São Paulo para a Promoção da Atividade Física nas Américas”, emitido por organizações brasileiras, pan-americanas e internacionais, no final de 1999 (CDC- Atlanta, 2000).

O impacto internacional dos sucedâneos do EPT brasileiro pode ser avaliado ainda pela posição de liderança do “Agita” em seu tema, e propostas junto à Organização Mundial de Saúde – OMS, como também pela inserção de especialistas e projetos brasileiros no âmbito da TAFISA. Assim sendo, em 2002, o “Agita” foi escolhido pela OMS para coordenar o Dia da Atividade Física em todo o mundo, com sua base de coordenação na cidade de São Paulo – SP. Por sua vez, em 2003, o representante brasileiro junto à TAFISA, Lamartine DaCosta, completou 30 anos de participação em diferentes posições de direção naquela entidade internacional. Hoje, este pioneiro internacional do EPT ocupa a função de coordenador de pesquisas no Conselho Diretor da TAFISA (sediada na Alemanha no presente estágio). E, nestas condições, em 2002, ele foi o Editor – juntamente com Ana Miragaya, também brasileira – do livro e banco de dados *Worldwide Experiences and Trends of Sport for All*, que congregou 87 autores de 36 países dos cinco continentes no tema do EPT. Neste estudo comparativo, constatou-se, finalmente, que o EPT exibiu muitas variações entre países e culturas, mas a opção de “inclusão social” era comum à maioria dos casos nacionais. E como a “integração social” já era válida nas origens do EPT brasileiro desde há três décadas, entende-se que estas expressões relacionadas à cidadania constituam a base de fundamentação do esporte para todos, quer no Brasil ou no exterior. Vejamos, portanto, o legado das iniciativas brasileiras do Esporte para Todos dentro uma moldura de significados de lazer e de saúde.

DATA MARCOS DE MEMÓRIA

Século XIX Os primeiros clubes populares de esportes apareceram no sul do país, mais especificamente no Rio Grande do Sul, na primeira metade do século XIX, por iniciativas de pioneiros alemães e italianos destacando-se a ginástica (Turnen), o bolão e o tiro ao alvo. Jogos tradicionais europeus, como a bocchia, foram introduzidos nesta época e até hoje são praticadas como lazer popular.

1803 O governador de Belém, Dom Marcos de Noronha e Brito estimulava os moradores a construírem “casas de recreio” nas novas estradas.

1821 Foi criado, no Rio de Janeiro, o primeiro clube de jogos comunitários do país, denominado “Sociedade Germânia”.

1829 A freguesia de São Francisco de Paula, atualmente município de Pelotas, publica normas disciplinares para as atividades recreativas comunitárias, inclusive impondo penas financeiras e detenções.

1833 O Teatro 7 de Abril, de Pelotas-RS, considerado o mais antigo em funcionamento no Brasil, recebia a alta burguesia local, espaço em que esse segmento se utilizava para seus momentos de entretenimentos sócio-culturais.

1840 Em São Paulo, o esporte de influência inglesa, orientou-se para a prática das elites e configurou-se como demonstração de status social.

Década de 1840 Na então capital do país, Rio de Janeiro, o turfe e o remo tornaram-se preferências públicas, incluindo, posteriormente, as camadas populares.

1845 Vários cursos de “Dança de Salão” foram ofertados na cidade, principalmente aos preferidos nos salões da sociedade, como a polca, a valsa e a quadrilha de valsa, além de lundu e a caiumca, que eram praticados em bailes populares do Rio de Janeiro.

1845 O Cassino Fluminense, no Rio de Janeiro, foi fundado com a finalidade de servir de ponto de encontro da alta da sociedade, promovendo bailes de gala, concertos, banquetes e conferências. Contava sempre com a presença da Família Imperial e era patrocinado pelo Conde D’Eu.

1849 Implantação de atividades recreativas em escolas do Espírito Santo.

1850 No Rio de Janeiro, na travessia do Paço Imperial, o Professor Bidegarry oferecia atividades de ginástica para os nobres com o objetivo de tratamento de deformidades e fraquezas.

1854 Em São Luís do Maranhão, o aluguel de cavalos, para passeio pela cidade e arrabaldes, era praticado como forma de divertimento dos homens da melhor sociedade sanluisense, até o advento do automóvel.

1857 Foi fundado o Clube Semanal de Cultura Artística de Campinas-São Paulo.

1870 Com o término da Guerra do Paraguai, no Rio de Janeiro, muitas festividades aconteceram no Corte, as quais perduraram por quase cinco meses.

1878 A Reforma de Leôncio de Carvalho fomentou a criação de escolas normais e colocou como obrigatório o ensino dos 7 aos 14 anos. A tarefa de educação era moralizar o povo do Rio de Janeiro, ou seja, desaprovar o estatuto colonial do “ócio” e incutir-lhes o hábito de “amor ao trabalho”.

1878 Nessa época a população carioca já havia incorporado hábitos modernos, tais como: o banho de mar, a natação, a esgrima, a patinação, entre outras. A dança de salão, no Rio de Janeiro, tornou-se a diversão preferida para animar a sociedade. Houve uma proliferação de escolas de dança. A princípio, nas escolas, dançava homem com homem. E, pouco a pouco, as mulheres foram, também, sendo atraídas para as escolas de dança.

1879 Foi criado, em Pelotas-RS, o Clube Caixerl, a partir de uma mobilização popular dos “caixeiros” que pleiteavam o fechamento do comércio aos domingos e dias santificados, a partir das 15,00h.

1880 O futebol, ao se implantar no país, primeiramente em São Paulo, importado da Inglaterra, ajustou-se de modo consecutivo a escolas religiosas (c. 1880), a clubes de elite já existentes de outros esportes (c. 1890) e, daí, incorporando-se à tradição popular esportiva brasileira (c. 1910).

1880 No Colégio São Luiz, em Itu-SP, os alunos já praticavam o futebol, trazido por um missionário alemão, quando o mesmo ainda não era, praticamente, conhecido no Brasil.

1910 Surge o “futebol pelada no Brasil” incorporando-se como mais uma de suas tradições esportivas populares no Rio de Janeiro.

1916 Práticas pioneiras tiveram, por sua vez, teorias fundadoras como as desenvolvidas pelo educador Fernando de Azevedo, entre 1916 e 1933. Repensando a Educação Física escolar da época, Azevedo apresentou propostas alternativas de ensino em que a utilização de jogos, brincadeiras, atividades esportivas e físicas, que ocorrem de forma recreativa e mais ou menos espontâneos na comunidade. Seriam também aproveitadas para estimular a criança e o adolescente pelo “gosto do exercício”. Na verdade, seu programa visava estimular a ocupação do tempo livre e/ou disponível com práticas saudáveis e comunitárias, de forma localista e segundo as características e interesses de cada comunidade.

1919 Em Pelotas-RS, foi fundado o Teatro Guarany, inaugurado em 1921, justificado pela falta de salas de projeções de cinema que se pretendia popularizar e sendo freqüentado, na realidade, pela pequena burguesia.

1920 Oficialização do jogo de peteca, conhecido, até então, apenas como uma atividade recreativa.

1920 Fernando Azevedo publica, em São Paulo e Rio de Janeiro, “Antinous: estudos de cultura atlética”, pela Weiszflog Irmãos, defendendo a formação do homem integral, em que corpo e espírito estariam interligados, enfocando a relação estreita entre o aprimoramento físico e moral do indivíduo e a construção nacional.

1924 A prática em ruas já existia na cidade de São Paulo desde 1924 com a Corrida de São Silvestre – hoje sobrevivendo como evento internacional – sendo posteriormente adotada como solução

- típica de EPT no Brasil e em vários países da América Latina. Ou seja: a praça e a rua, bem como eventualmente a praia e as áreas livres dos centros urbanos, passaram a definir atividades de esporte recreativo e de grupos não freqüentadores de clubes.
- 1924 Aconteceu, em São Paulo, a primeira Corrida de São Silvestre no Brasil.
- 1925 A Revista do Ensino, órgão de divulgação da política educacional do Governo de Minas Gerais, publica os seguintes artigos ligados à Educação Física: "Jogos Menores"; "Secção recreativa: jogos físicos na escola", "Jogos activos", "Para dar um elemento de vida ao ambiente escolar".
- 1926 Em Belo Horizonte-MG, a Revista do Ensino publica: "Jogos nas escolas: horas da alegria e da força", "Noções de Educação Physica: exercícios e jogos", "O recanto do recreio nas escolas" e "A alegria dos recreios".
- 1926 Introdução da praça de esporte e recreação, por Frederico Gaelzer, em Porto Alegre-RS, como um programa de tempo livre oferecido à população por atividades locais e equipamentos adaptados em logradouros públicos. Nesta iniciativa já se encontram nexos do movimento Esporte para Todos, de aplicação atual como grupos alvo (escolares, jovens, adultos, mulheres etc.) e estratégias (voleibol simplificado oferecido na rua, próprio para participantes femininos), além de, naturalmente, lugares de prática de acesso livre e amplo.
- 1928 Em Minas Gerais, aconteceu a "Marcha Nico Lopes", no Município de Viçosa.
- 1929 Sob a coordenação de Frederico Gaelzer, a Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul implanta, em Porto Alegre, os programas de "Jardim de Recreio" e a primeira "colônia de férias" do Estado.
- 1932 Organização de colônia de férias, por Custódio Lobo em instalações de quartéis, no Rio de Janeiro.
- 1932 Início da circulação das revistas Educação Physica e Revista Técnica de Esportes e Atletismo, as quais, a partir de 1939, se chamaram "Educação Física" e "Revista de Educação Física" (Publicação Oficial da Escola de Educação Física do Exército).
- 1933 Fernando Azevedo assume a função de Diretor da Instrução Pública do Estado de São Paulo.
- 1934 Fundação do Clube Politécnico de Planadores em São Paulo.
- 1937 Um grupo da elite Mineira funda o Minas Tênis Clube, institucionalizando o esporte como forma de lazer e impregnando-o de valores alicerçados no amadorismo.
- Década de 1940 Inezil Penna Marinho propõe um método básico para a Educação Física, baseando-se nas características culturais e comunitárias do povo brasileiro. Na década de 1940, ele sugeriu ao órgão máximo do esporte no Governo Federal, que a capoeira, por suas tradições históricas, constituísse a base do método da Educação Física brasileira. Marinho também propôs que a formação de professores deveria habilitar o profissional a trabalhar na escola e na comunidade de modo a aproveitar as experiências das mesmas. Este método, por seu turno, estimulava as já citadas Colônias de Férias e a utilização dos espaços públicos para práticas de atividades físicas e esportivas.
- 1946 Nascimento da atividade denominada "frescobol", na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, durante o verão carioca. Seu nome originou-se de uma brincadeira do arquiteto Júlio Sena, o qual insinuava ser "um jogo de fresco", gozação essa logo adotada por tenistas inconformados com seus sucessos.
- 1950 Foi criado o Serviço de Recreação Pública de Porto Alegre, sendo o professor Frederico Gaelzer seu primeiro Diretor.
- 1950 A prática do frescobol é proibida pela Polícia na Praia de Copacabana, obrigando seus praticantes a procurarem praias mais distantes.
- 1951 O Grupo Feminino de Dança da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, situada no Rio de Janeiro, apresenta-se com dança moderna, folclórica e percussão, em 26 diferentes Faculdades e Universidades Norte-Americanas e duas vezes, na Organização dos Estados Americanos.
- 1952 Inezil Penna Marinho publica, no Rio de Janeiro, o primeiro volume de sua coleção – "História da Educação Física e do Desporto no Brasil".
- 1954 O Prof. Caio Miranda propôs a criação de 2000 parques de recreação em âmbito nacional e sugere a criação de um Conselho Nacional de Recreação.
- 1955 Novo enfoque é dado à Educação Física. O esporte passa a ter papel importante. Esse vínculo da Educação Física com o esporte foi oficializado, por meio da Portaria nº 104, de 06/04/1955, a qual criava os Centros de Educação Física.
- 1957 No Rio de Janeiro, é iniciado o movimento "Ruas de Recreio", coordenado pelo Professor Alfredo Colombo, em parceria com o Jornal "O Globo", o qual perdurou até 1969. A promoção envolvia profissionais e uma instituição governamental local de Educação Física. Desde então, "Ruas de Lazer" tornaram-se comuns em diversas regiões do Brasil, e mais identificadas com o bloqueio do tráfego para a prática livre de atividades físicas.
- 1958 No Rio de Janeiro, a Escola Nacional de Educação Física e Desportos oferece um Curso de Especialização em Recreação.
- 1958 O Governo Federal aprova instruções para a organização e execução da Campanha Nacional de Educação Física.
- 1958 Portaria Nº 3, de 6 de janeiro. (D.O de 13-3-58, pág. 5.133), da Divisão de Educação Física. Institui Campanha de Ruas de Recreio em diversos bairros. É instituída, pelo Governo Federal, a Campanha de Ruas de Recreio, para promover a difusão de atividades esportivas e recreativas em praças e ruas.
- 1958 Portaria Nº 101, de 22 de dezembro (D.O de 16-1-59, pág. 892), da Divisão de Educação Física, baixa Regulamento para as Praias de Recreio, promovidas e patrocinadas pela D.E.F.
- 1961 Implantado, em escolas públicas do Rio Grande do Sul, o "Programa de Recreação Escolar".
- 1967 Criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização, em 12/12/67, através da Lei 5.379, promulgada em D.O, em 19/12/67, cujos estatutos foram aprovados pelo Decreto 62.484, de 29/03/68 (D.O 02/04/68), ambos assinados pelo Presidente Arthur da Costa e Silva e o Ministro Tarso Dutra. Registrado em 30/04/68 (processo 218.381/68) sob o n.º 18.963, no Cartório Álvaro César de Melo Menezes-GB. Somente em novembro de 1969 é que foi designado, pelo Ministro da Educação, o seu primeiro presidente- o Dr. Jorge Boaventura de Souza e Silva.
- 1969 Implantação dos Jogos Escolares Brasileiros, pelo Ministério da Educação e Cultura, dando ênfase à esportivização da Educação Física no Brasil..
- Década de 1970 Exemplos práticos de esporte para qualquer pessoa e propostas teóricas que incentivavam atividades recreativas e de lazer, apareceram no início da década de 1970, com iniciativas locais de EPT no seu sentido estrito. Todavia, distante de contato e influência das fontes europeias do Esporte para Todos, em Itapira (50.000 habitantes) e Sorocaba (300 000 habitantes), cidades industriais do Estado de São Paulo, respectivamente os professores de Educação Física Oscar de Campos e Antônio Carlos Bramante deram o sentido de promoção e do uso da mídia à já tradicional recreação pública brasileira. Especificamente, Campos criou uma campanha permanente de incentivo à prática de atividades físicas para grupos alvo, com eventos de participação em massa objetivando mobilizar praticantes. Bramante, por sua vez, ampliou o acesso a lugares de práticas de jogos e brincadeiras por adaptação e simplificação, como também adotou o modelo de campanha de motivação popular. Em ambos os casos, jornais, rádio e televisão locais constituíram suportes da promoção.
- 1970 Implantação do movimento Cooper no Brasil. Keneth Cooper, elegera o Brasil um dos campos experimentais da promoção de exercícios aeróbios, além dos EUA e do Japão. De fato, desde o final da década de 1960, locais adaptados para corridas e sinalizados com instruções e distâncias a percorrer, foram instaladas por todo o país por iniciativa local e em resposta às conclamações públicas de Cooper. Este, pessoalmente, adotou um estilo de cruzada em favor de exercícios para a saúde no Brasil cujo efeito final pode ser avaliado pelo fato da palavra "cooper" ter sido assimilada pela língua portuguesa como sinônimo de "exercício de corrida", como hoje se encontram nos dicionários brasileiros.
- 1970 Em 27 de julho de 1970, com a promulgação do Decreto 66.967, da Presidência da República, foi criado o Departamento de Educação Física e Desportos - DED, como um órgão central de direção superior do Ministério da Educação e Cultura, com a finalidade de "planejar, coordenar e supervisionar o desenvolvimento da Educação Física, dos Desportos Estudantis e da Recreação no País, em consonância com as diretrizes impostas pela política nacional para o setor".
- 1971 Publicação do primeiro "Diagnóstico da Educação Física/Desportos" no Brasil, pelos MEC/DED e MPCG/CNRH/IPEA, com dados quantitativos e qualitativos específicos dessas áreas.
- 1971 O Departamento de Educação Física e Desporto do Ministério da Educação e Cultura, elabora o Plano de Educação Física e Desportos.
- 1971 Com a publicação, pelo Ministério da Educação e Cultura, do primeiro censo de clubes esportivos em escala nacional, descobriu-se um elevado índice de associações esportivas em relação à população total. Ou seja: contaram-se cerca de 30 mil clubes formais (com sede, estatutos, bens etc.) e foi possível estimar, por projeções, a existência de aproximadamente 100 mil clubes informais – improvisados e com pequeno número de participantes – para uma população de 90 milhões de habitantes.
- 1971 O censo revelou ainda que a atividade dominante dos clubes era a prática esportiva de lazer uma vez que apenas 0,5% da população total do país tinha vínculos com o esporte de alta competição. Por isso, é corrente no país a tese de que o Esporte para Todos- EPT foi gerado no Brasil a partir de carências no uso do tempo livre por parte da população pobre e pela correspondente manifestação por ela mesma, e por livre iniciativa comunitária e institucional em resolver tal demanda.
- 1973 Foram realizadas as *Jornadas Internacionais de Estúdio sobre el Deporte*, na Argentina, em 1973, onde Jürgen Palm expôs, pela primeira vez na América, o produto TRIM, inclusive, apresentando o seu personagem de "cartoon" – o TRIMMY. Estavam, na ocasião, presentes os brasileiros Lamartine Pereira Da Costa e Octávio Teixeira, trazendo para o Brasil as propostas desse modelo Alemão.
- 1975 Em 1975 surgiu, em dimensão nacional, uma iniciativa de promoção de exercícios físicos de veiculação restrita à televisão: a campanha "Mexa-se" da Rede Globo de Televisão. Neste caso, um patrocinador de grande porte – Unibanco, o quinto banco do país – associou-se ao maior empreendimento privado de televisão do Brasil e quarto do mundo, em audiência e produção de programas. A direção da produção de "Mexa-se" efetuou-se por Myriam Delamare que manteve a campanha no ar por quatro meses, com uma seqüência de comerciais que entraram na história da publicidade brasileira pela criatividade, ao estilo das campanhas PARTICIPATION do Canadá e TRIM da Alemanha.
- 1975 Iniciativas dignas de menção ocorridas em meados da década de 1970 foram as promoções esportivas de massa e de ruas de lazer realizadas pela Prefeitura de São Paulo – maior cidade do país, com 8 milhões de habitantes à época – e os eventos de esporte de rua e de comunidades carentes da Fundação Mudes – entidade privada do Rio de Janeiro – ambas de curta duração (2

- 3 anos) mas de resultados expressivos. Os eventos de São Paulo, em particular, a partir de iniciativas de Caio Pompeu de Toledo, criaram o nexo de impacto na opinião pública uma vez que em 1975 um passeio a pé, segundo seus promotores, mobilizou, em números aproximados, 150.000 pessoas e um passeio ciclístico com cerca de 80.000 pessoas.
- 1975 Foi oficializado o Plano Nacional de Educação Física e Desportos, mediante a Lei 6.251, de 08/10/75, em que o Esporte Para Todos foi incluído dentre suas prioridades, com a nomenclatura oficial de DESPORTO DE MASSA.
- 1975 A “Mexa-se” completou o cenário para o lançamento da campanha nacional de Esporte para Todos em 1977, já assumindo explicitamente uma resposta nacionalmente adaptada à Carta Européia de Esporte para Todos. Além disso, “Mexa-se” criou experiência no manejo de técnicas no uso da mídia e do marketing para a promoção de exercícios físicos no país, já testadas por iniciativas locais e comunitárias nas cinco décadas anteriores.
- 1977 A Campanha esporte Para Todos foi implantada no Brasil a partir da oficialização do Plano Nacional de Educação Física e Desportos, por intermédio da Lei N.º 6.251/75, e iniciou suas atividades em março de 1977, com um trabalho de capacitação de recursos humanos com integrantes que compunham a infra-estrutura de supervisão do Movimento Brasileiro de Alfabetização.
- 1977 Como ponto referencial para as diferentes iniciativas do EPT brasileiro, foi sugerido, por Lamartine Da Costa, um conjunto de idéias-força que serviriam para orientar as ações da Campanha em todo o território nacional. Essas idéias-força enfatizavam dez expressões-chave consideradas de fácil apreensão, administração, organização e de direito de todos os cidadãos. Este ideário recebeu a denominação de DECÁLOGO, o qual foi idealizado com base no decálogo utilizado pelo MOBREAL em sua campanha de alfabetização.
- 1977 A campanha “Esporte para Todos” de 1977, foi criada no Brasil a partir da intenção do Ministério da Educação e Desporto em desenvolver o que se chamava, na época, de “esporte de massa”. Por outro lado, houve a influência das campanhas européias do movimento “Trim and Fitness” – especialmente a que transcorria na Alemanha – quanto ao formato de adoção prioritária da mídia como base das intervenções na sociedade. A liderança desta primeira iniciativa do Governo Federal em termos de EPT foi de Lamartine DaCosta que, de imediato, buscou apoio numa rede logística e administrativa já existente no país para programas de alfabetização. Esta infra-estrutura pertencia ao Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBREAL, entidade que vivia de doações financeiras mas também vinculada ao Governo Federal. Como tal, o MOBREAL permitiu que a campanha EPT fosse ativada a curto prazo e com investimentos mínimos. A definição em seu “Documento Básico”, emitido em 1977, diz: “Esporte para Todos é um conjunto de atividades esportivo-recreativas que visam, em graus diferentes, a sociabilização e a forma física dos praticantes; que ocorrem em locais e equipamentos improvisados e sob orientação ou auto-condução simplificada; e que tenham acesso a todos os grupos naturais da sociedade, sem limitações excessivas de condições econômicas, de sexo ou de faixa etária” (DaCosta, 1981). Esta definição, em síntese, deu mais um sentido de inclusão social à campanha do que a massificação esportiva planejada pelo governo.
- 1977 O primeiro evento de impacto nacional da Campanha EPT, foi um passeio de bicicletas realizado no dia 10 de maio de 1977, que reuniu, segundo seus organizadores, aproximadamente, 2.300.000 (dois milhões e trezentos mil) participantes dos 2.418 (dois mil, quatrocentos e dezoito) municípios envolvidos.
- 1978 Por meio do Decreto 81.454, de 17/03/78, que dispõe sobre a organização administrativa do MEC, foi criada a Secretaria de Educação Física e Desportos (SEED), em substituição ao Departamento de Educação Física e Desportos, com Regimento Interno aprovado em 01/09/81, através da Portaria MEC n.º 522, assinada pelo Ministro Rubem Ludwig.
- 1978 Dado ao apoio da rede Mobral, a Campanha Esporte para Todos conseguiu se fazer presente através de monitores voluntários em cerca de 80 % dos 4 mil municípios do país, com uma estimativa de participantes na ordem de 6 milhões/ano nos diferentes eventos organizados. O período considerado nesta contagem abrange os anos de 1977 e de 1978, ao término do qual o Ministério da Educação desativou a campanha por julgá-la fora de qualquer controle institucional.
- 1978 O Movimento Esporte Para Todos é vinculado à Secretaria de Educação Física e Desportos do MEC.
- 1979 Foi realizado o “Curso de Publicidade e Treinamento de Dirigentes Técnicos do Esporte Para Todos”, em Salvador, concluído em 15/10/79. Deste curso participaram 35 profissionais de Educação Física de todas as Unidades Federadas e publicitários de vários Estados brasileiros. O corpo docente foi composto tanto por professores brasileiros, quanto por professores alemães.
- 1979 Lançado, em setembro, o primeiro número da Revista Brasileira de Ciências do Esporte - RBCE.
- 1980 Lançamento da “Revista Comunidade Esportiva” pelo Movimento Esporte Para Todos.
- 1980 A Secretaria de Educação Física e Desporto do Ministério da Educação e Cultura elabora um documento-proposta denominado “Política Nacional de Educação Física e Desporto”, depois publicado e divulgado sob o título de “Diretrizes Gerais para a Educação Física/Desporto”.
- 1980 A Universidade Gama Filho, do Rio de Janeiro, foi a primeira Escola de Educação Física do Brasil a adotar o Esporte Para Todos como matéria eletiva e, sob a coordenação dos Professores Margit Greve e Cláudio Reis, recebeu a denominação de “Educação Física Permanente”.
- 1980 Na Universidade Federal de Alagoas, em 1980, sob a responsabilidade do Professor Verter Paes Cavalcanti, foi implantada a disciplina com o título de “Esporte Para Todos”.
- 1980 O sociólogo Renato Requiza lança, com o apoio do SESC-SP, “Sugestões de diretrizes para uma política nacional de lazer”.
- 1981 A Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro regulamenta a prática do frescobol nas praias.
- 1981 A Portaria MEC n.º 522, de 01/09/81, que aprovou o Regimento Interno da Secretaria de Educação Física e Desportos, do Ministério da Educação e Cultura (SEED/MEC), no Artigo 10, em seu capítulo I – Categoria e Finalidade -, definiu esta Secretaria da seguinte maneira: “A Secretaria de Educação Física e Desportos – SEED – órgão central de direção superior do Ministério da Educação e Cultura, tem por finalidade planejar, coordenar e supervisionar o desenvolvimento da Educação Física, do Desporto e do Esporte Para Todos no País, em consonância com as diretrizes definidas pela Política Nacional de Educação Física e Desportos; prestar cooperação técnica e assistência financeira supletiva às unidades federadas e às instituições de ensino e esportivas, bem como às entidades nacionais dirigentes do desporto e zelar pelo cumprimento da legislação federal pertinente”.
- 1981 Foi criada a Sub-secretaria de Esporte Para Todos (SUEPT), da SEED/MEC. Segundo o Artigo 30, da Portaria n.º 522, do MEC, por indicação do Secretário Péricles Cavalcanti e referendado pela Ministra Esther Figueiredo, da Educação e Cultura, assumiram os novos Subsecretários da SEED, dentre os quais o Cel. Newton Heráclio Ribeiro que ficou com a responsabilidade de propor as ações desenvolvimentistas para o Esporte Para Todos no Brasil, segundo os próprios objetivos da SUEPT. Baseado no Artigo 150 dessa Portaria, a Subsecretaria de Esporte Para Todos recebeu a incumbência de “elaborar, propor e avaliar, em articulação com a Subsecretaria de Coordenação, a programação para o desenvolvimento do Esporte Para Todos, em todo o território nacional”.
- 1981 O “Documento Básico da Campanha Esporte Para Todos”, anteriormente adotado pelo MOBREAL, DED/MEC foi, também, posteriormente pela SEED/MEC, em 1981, como uma espécie de manual que indicava, aos voluntários esportivos e, depois aos denominados “AGENTES EPT”, as diretrizes desse movimento no Brasil.
- 1981 Realização em São Paulo, no mês de outubro, do Encontro de Agentes EPT, com a temática “As informações básicas sobre o EPT”.
- 1982 Criada a Rede de Esporte Para Todos no Brasil, em um Encontro da SUEPT/SEED/MEC, realizado em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, com o objetivo de integrar pessoas e profissionais da Educação Física e trocar informações, experiências e a descoberta de valores socioculturais das comunidades brasileiras, por meio simplificado e pelos mais diversos sistemas de comunicação. Formada por agentes de todo o País, profissionais da Educação Física, líderes comunitários, instituições e com um grande envolvimento de professores de recreação das Universidades, a Rede tinha, também como objetivo a participação, mobilização e conscientização de pessoas para a importância da prática de atividades físicas e esportivas não formais. Partes deste suporte nacional constituíram a chamada Rede EPT, para substituir a campanha nacional em regime misto de voluntariado e de envolvimento governamental.
- 1982 Foi criada a Central de Difusão da Rede Nacional de Esporte Para Todos, sediada na Praça da República, 141-A, Rio de Janeiro, para onde convergiam as informações circuladas entre os agentes, para um possível retorno, via mídia, às comunidades.
- 1982 Foram implantados, em todo o Brasil, os “Núcleos de Difusão da Rede EPT” - institucionais ou não- os quais possuíam vida própria e não dependiam da SUEPT para funcionar. De um modo geral, suas ações recebiam apoio e o patrocínio de entidades e empresas locais. O núcleo adquiria identidade no local onde houvesse pelo menos um “Agente EPT” atuando junto à comunidade. Os núcleos institucionais, ligados às Secretarias de Estado e/ou Municípios, eram coordenados por Agentes Profissionais ou semi-profissionais. O primeiro marco operacional de trabalho, efetivado com segmentos representativos das Unidades Federadas, foi realizado em abril de 1982, por ocasião de um Treinamento de Recursos Humanos de EPT, com o objetivo de buscar apoio institucional para o projeto. Este treinamento foi realizado em Jacarepaguá – Rio de Janeiro, na Associação dos Empregados do Comércio do Rio de Janeiro, no período de 26 a 30/04/1982, coordenado pelo Prof. Person Cândido Matias, onde dois grupos distintos participaram: Agentes EPT, representantes das Unidades Federadas e profissionais de Rádios Educativas. Ao todo foram 17 radialistas e 26 Agentes. Este encontro originou-se da “necessidade de entrosamento entre elementos das Unidades Federadas (Agentes, Profissionais de Rádio e Professores das Universidades), para a elaboração de um plano de participação das emissoras educativas locais, nos programas radiofônicos do projeto da Rede EPT”.
- 1982 Realizado na cidade de Sorocaba-SP, no mês de abril de 1982, um Encontro de Professores Universitários, cuja temática principal foi: “A introdução do EPT nos currículos das Escolas de Educação Física”.
- 1982 Realização do I Congresso Panamericano e Brasileiro de Esporte Para Todos no Brasil, no Parque Barigüí, em Curitiba, com o objetivo de congregar o maior número de profissionais da Educação Física para discutir questões sobre o esporte Para Todos. Pela primeira vez surgiu a idéia de uma organização aberta, menos formal, e as propostas dos dois congressos simultâneos causou uma expectativa muito grande entre os epetistas brasileiros e algum descrédito no âmbito tradicionalista. Foram 182 trabalhos apresentados, 1239 pessoas inscritas, 909 participantes, 35 entidades envolvidas, 58 moderadores de debates e 82 componentes da organização local.
- 1982 Em São Paulo, no mês de novembro, foi realizado um encontro enfocando a “necessidade de acompanhamento e entrosamento de Professores de Recreação com Agentes EPT das Unidades Federadas”.
- 1982 A SEED/MEC reúne um grupo de especialistas na área de Educação Física, para elaborar as Diretrizes de Implantação e Implementação da Educação Física na Educação Pré-escolar e no Ensino de 1ª a 4ª série do 1º Grau.

- Entre 1982 e 1983 Foram realizados: um Congresso Brasileiro e Panamericano (Curitiba-1982), dois Congressos Brasileiros (Belo Horizonte-1984 e Campo Grande-1986), quatro Congressos Regionais (Nordestino – na Paraíba; da Região Norte – em Belém; da Região Sul – em Caxias – RS; do Centro Oeste- em Goiás), todos em 1983, uma Conferência Pan-americana (Gramado – RS, 1984), dois cursos de pós-graduação (lato sensu), nível de especialização, em Santa Maria – RS (1984) e Campo Grande – MS (1986). Além disso, anualmente, havia, no mínimo, dois encontros, em nível nacional, com Agentes de Ligação e Teóricos (Professores Universitários) para o planejamento e a avaliação das ações da Rede EPT. Aconteciam, ainda, encontros regionais entre agentes e, durante cada ano, a realização de Congressos, cursos, encontros, simpósios estaduais e municipais onde procurava-se discutir problemas específicos ao movimento EPT, pertinentes a cada Unidade Federada e municípios.
- 1983 Reunião dos representantes das Associações dos Profissionais da Educação Física – APEFs – com agentes EPT, em São Paulo, durante a qual, pela primeira vez, foi elaborada uma “Carta de intenção das Associações de Professores de Educação Física do Brasil/Esporte Para Todos”, apresentada por presidentes das APEFs do Brasil, em 08/11/1983.
- 1983 Foi realizado o II Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, em Guarulhos.
- 1983 Foram realizados, no mês de abril, o “Encontro nacional de Agentes das Unidades Federadas” e o “Curso Nacional para Agentes do Programa Esporte para todos”, pela Secretaria da Educação de Santa Catarina, com apoio da SEED/SUEPT/MEC. Nesse Encontro foi elaborada a “Carta de Compromisso do EPT”; uma espécie de código de ética proposto por Agentes de Ligação das Unidades Federadas, com o objetivo de preservar a filosofia do EPT brasileiro.
- 1983 Foi realizado, em julho de 1983, em São Paulo, o II Seminário de Agentes EPT de Ligação das Unidades Federadas do Brasil, com a participação dos presidentes das APEFs, onde foi reforçada a carta de intenção e a união de esforços para a promoção e divulgação do EPT em todo o território brasileiro.
- 1983 Realizado, em julho, em Brasília, O “Encontro de Agentes EPT de Ligação com as Unidades Federadas”, promovido pela SUEPT/SEED/MEC, onde a “Carta de Compromisso do EPT” foi legitimizada pelos Agentes de Ligação.
- 1983 Foram realizados os Congressos Regionais de Esporte Para Todos: o nordestino em João Pessoa-Paraíba; o da Região Norte em Belém-Pará; o da Região Sul em Caxias do Sul-Rio Grande do Sul; e o do Centro-Oeste em Goiânia-Goiás.
- 1984 Realizado, em fevereiro de 1984, em Natal-RN, um Encontro de profissionais da Recreação sob os auspícios da SUEPT/SEED/MEC. Esse evento foi o marco inicial que oportunizou, ao profissional de recreação, a iniciação de um trabalho mais sistematizado e científico em torno do EPT e da própria Recreação. Pela primeira vez a “pesquisa científica do esporte não formal” foi temática principal entre os Agentes e Professores Universitários de Recreação.
- 1984 Foi publicada, pela SEED/SUEPT/MEC, a “Carta de Belo Horizonte: reflexões sobre a Educação Física brasileira”, elaborada por ocasião do II Congresso Brasileiro de Esporte Para Todos, em julho de 1984, em Belo Horizonte, com o objetivo de apresentar as problemáticas e críticas para estimular reflexões de professores e alunos da Educação Física brasileira, apresentação de propostas ao Estado e a sensibilização das comunidades sobre a Educação Física no Brasil.
- 1984 Realização do Encontro de Agentes EPT de Ligação das Unidades Federadas e Professores de Recreação, em Belo Horizonte, no mês de julho de 1984, enfocando a importância do “exercício da crítica no EPT brasileiro”.
- 1984 Constituída a Comissão de Esporte e Turismo na Câmara Federal.
- 1984 Realização do primeiro Encontro Nacional de Recreação e Lazer – 1º ENAREL.
- 1984 Realização do I Seminário Informativo para Agentes de Ligação EPT das Unidades Federadas, pela Diretoria de Educação Física e Esportes da Secretaria da Educação e Cultura do Estado de Alagoas, com apoio da SEED/SUEPT/MEC.
- 1984 Realização da I Conferência Panamericana de Esporte Para Todos, promovida pela SUEPT/SEED/MEC, em Gramado-Rio Grande do Sul.
- 1984 Realização do primeiro curso lato sensu de especialização em Esporte Para Todos no Brasil, realizado pela Universidade Federal de Santa Maria-RS.
- 1986 Realização do II Curso lato sensu de especialização em Esporte Para Todos no Brasil, promovido pela SUEPT/SEED/MEC, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul e Prefeitura Municipal de Campo Grande.
- 1986 Realizado, em Campo Grande-Mato Grosso do Sul, o III Congresso Brasileiro de Esporte Para Todos.
- 1988 O ano de 1988 marca, simultaneamente, a culminância da atuação e a desativação da Rede EPT. Nesta ocasião, já não funcionavam a revista e o programa de rádio, mas o Congresso Nacional votou a inclusão de mais um direito dos cidadãos brasileiros: o das práticas de “esporte não formal”, que assim se nivelava à educação, saúde, descanso remunerado do trabalhador, habitação, dentre outros.
- Década de 1990 Período de consagração das tradições operacionais do EPT brasileiro, bem como o de confirmação de sobre a tendência de programas de formato autônomo e de desvinculação com o modelo divulgado pela carta Européia do Esporte para Todos. Três programas nacionais ao estilo do EPT iniciaram-se na década de 1990 no Brasil e estiveram em plena expansão no ano 2000: (i) Dia da Caminhada Mundial, versão do *World Walking Day* da TAFISA, promovido pela Rede Terra, uma ONG dedicada originalmente à proteção do meio ambiente, sob a direção de João Nelson dos Santos; (ii) Dia Mundial do Desafio, versão do *Challenge Day* também da TAFISA, dirigido pelo SESC, sob a coordenação de Maria Luiza Souza Dias, um evento frequentemente sugerido como o maior do mundo em participação concentrada em um único dia; (iii) Agita São Paulo, campanha de exercícios físicos para a saúde, liderada pelo CELAFISCS, entidade de prestígio internacional especializada em pesquisas vinculadas às atividades físicas.
- 1992 Durante a Conferência das Nações Unidas do Meio Ambiente e Desenvolvimento, sediada então no Rio de Janeiro com ampla cobertura da mídia internacional, este grupo residual teve a incumbência da TAFISA de organizar uma caminhada em prol da defesa do meio ambiente. O resultado foi um evento sem precedentes na história do EPT em perspectiva internacional: 250 mil pessoas participaram da caminhada, inaugurando o programa da TAFISA hoje denominado de *World Walking Day*.
- 1993 Defendida na UNICAMP, pelo Prof. Edison Francisco Valente, a dissertação de mestrado “Perspectivas Históricas do Movimento Esporte Para Todos no Brasil”.
- 1994 Publicado pelo Grupo de História do Esporte, Lazer e Educação Física/FEF/UNICAMP, o livro do Prof. Ms. Edison Valente, o qual foi lançado por ocasião do II Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física, realizado em Ponta Grossa.
- 1996 Foi implantado o Centro de Memória do Esporte, Lazer e Dança, em Porto Alegre, ligado à Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- 1996 Defendida, na UNICAMP, a tese de doutorado do Professor Edison Francisco Valente, intitulada “Esporte Para Todos: a desescolarização da Educação Física e do esporte e o universalismo olímpico”.
- 1996 Foi realizado o Congresso Panamericano de Esporte Para Todos, em Santos - SP.
- 1997 Realizado o 9º Encontro Nacional de Recreação e Lazer.
- 1997 Por ocasião do V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física, foi lançado pela EDUFAL, o livro do Prof. Dr. Edison Valente intitulado “Esporte...para todos?”.
- 1998 Lançamento da Revista Licere, do Centro de Estudos do Lazer e Recreação da EEF/UFMG.
- 1999 Realizado o 11º Encontro Nacional de Recreação e Lazer.
- 2001 Realizado o 13º Encontro Nacional de Recreação e Lazer.
- 2002 Lançamento da edição internacional, em inglês, do livro *Worldwide Experiences and Trends of Sport for All* (DaCosta & Miragaya – eds. 2002), publicado pela Editora Meyer & Meyer, Alemanha, reunindo 87 autores de 36 países com a finalidade de consolidar o EPT como área de conhecimento e pesquisa. Além dos editores, a obra incluiu os seguintes brasileiros como autores: Antonio Bramante, Edison Valente, João Nelson dos Santos, Lamartine DaCosta, Maria Luiza S. Dias e Victor Matsudo.

Fontes

Coletânea do I Encontro de História da Educação Física, Esporte e Lazer. Campinas-SP: Grupo de História do Esporte, Lazer e Educação Física/FEF/UNICAMP, 1993.

Coletânea do II Encontro de História da Educação Física, Esporte e Lazer. Ponta Grossa-PR: DEF/UEPG/Grupo de História do Esporte, Lazer e Educação Física/FEF/UNICAMP, 1994.

Coletânea do III Encontro de História da Educação Física, Esporte e Lazer. Curitiba-PR: DEF/UFPRUEPG/Grupo de História do Esporte, Lazer e Educação Física/FEF/UNICAMP, 1995.

Coletânea do IV Encontro de História da Educação Física, Esporte e Lazer. Belo Horizonte-MG: EEF/UFMG/ Grupo de História do Esporte, Lazer e Educação Física/FEF/UNICAMP, 1996.

Coletânea do V Encontro de História da Educação Física, Esporte e Lazer. Maceió-AL: CEFET-AL/Grupo de História do Esporte, Lazer e Educação Física/FEF/UNICAMP, 1997.

Coletânea do VI Encontro de História da Educação Física, Esporte e Lazer. Rio de Janeiro-RJ: UGF/IHGB/INDESP/Grupo de História do Esporte, Lazer e Educação Física/FEF/UNICAMP, 1998.

Coletânea do VII Encontro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança. Gramado-RS: EEF/UFRGS /Grupo de História do Esporte, Lazer e Educação Física/FEF/UNICAMP, 2000.

Gaelzer, Lenea. Lazer: bênção ou maldição. Porto Alegre: Sulinas/Ed. da UFRGS, 1979.

Requiza, Renato. Sugestões de diretrizes para uma política nacional de lazer. São Paulo: SESC, 1980.

Valente, Edison Francisco. *Perspectivas históricas do movimento Esporte Para Todos no Brasil*. Campinas-SP: Grupo de História do Esporte, Lazer e Educação Física/FEF/UNICAMP, 1994.

DaCosta, Lamartine P. (ed). *Teoria e prática do esporte comunitário e de massa*. Rio de Janeiro: Palestra Editora, 1981.

DaCosta, Lamartine P. & Miragaya, A. (eds). *Worldwide Experiences and Trends of Sport for All*. Aachen: Meyer & Meyer, 2002.

Atividades físicas na empresa

GIULIANO GOMES DE ASSIS PIMENTEL

Occupational physical activities

The cornerstone of occupational physical activity in Brazil was Fábrica de Tecidos Bangu (Bangu Textile Mill), in Rio de Janeiro, a pioneering initiative even in international terms, which added a soccer field to its productive space in 1901. It is possible to establish 3 influences in the synergy between recreational activities and companies in Brazil: (1) British companies, located especially in São Paulo and Paraná; (2) German colonization enterprises in Southern Brazil, and (3) initiatives of the Jesuit

priests and Marists who developed a sports tradition as a way to control the internal discipline of their organizations in the interior of Brazil. Between the decades of 1900 and 1980 the following distinct phases in the development of sport and physical activities can be pointed out: (1) sports clubs created by workers and unions (1910s/1920s); (2) assistencialist and corporatist mobilization from the part of the companies (1930s); (3) creation of employers' associations to offer sports and leisure as social

service to workers (1940s), and (4) sport and leisure as a means to develop human resources in companies (1980s). This last phase still prevails today with occupational physical activity as the main focus among entrepreneurial options. The institutions founded in the 1940s have grown to such gigantic proportions (see chapters of SESI and SESC in this Atlas) that today several millions of workers are offered sports and recreational activities (10% of the country's population in 1990).

Origem e Definições No Brasil do século XVII práticas recreativas e compensatórias já eram identificadas em engenhos de açúcar ou companhias estrangeiras de comércio. Mas o marco germinal na atividade física em empresas no país foi a Fábrica de Tecidos Bangu (RJ) que, a partir de 1901, anexou um campo de futebol ao seu espaço produtivo. Além desta iniciativa pioneira até mesmo em termos internacionais, podem se estabelecer três influências na sinergia entre lazer e empresas: companhias inglesas, especialmente em São Paulo e Paraná; empreendimentos da colonização alemã no sul do país e dos padres jesuítas e maristas no interior do país (criadores da tradição do esporte como apoio à disciplina em organizações no Brasil). As teorias que informam o surgimento de atividade física de lazer nas empresas possuem em sua gênese, intencionalidades voltadas ao controle social (do tempo livre do funcionário) para prevenir-lhes da vadiagem ou/e, mais recentemente, para criar vínculos gregários entre patrões, empregados e comunidade local. No Brasil das primeiras décadas do século XX, a expansão do esporte nas empresas coincide com o movimento operário sindicalizado, quer por iniciativa de empregados ou de patrões, sendo esta última versão apontada por alguns teóricos como paliativo ao conflito de classes.

Adaptando a tipologia de DaCosta & Pegado (1990) para a atividade física na empresa, pode-se defini-la como o conjunto de estratégias relacionadas ao universo do lazer (clubes, equipes, ginástica laboral, promoções recreativas) com vistas a realizar propósitos da empresa no âmbito da melhoria das relações de trabalho, proteção psicossomática dos empregados, aperfeiçoamento da segurança no trabalho, aumento da produtividade por melhores condições de saúde, redução do absenteísmo e da rotatividade do pessoal, marketing social etc. De acordo com a experiência brasileira levantada por DaCosta & Pegado (ibidem), à medida que avança, a atividade física na empresa passa por “surto” relacionados a mudanças nos propósitos e estratégias que, por sua vez, são decorrentes de mudanças estruturais no mundo do trabalho e do conhecimento científico na área.

1910 Experiências isoladas, com predominância dos modelos ingleses de clubes operários a exemplo de Bangu no Rio de Janeiro e Paranapiacaba em São Paulo. Principais estratégias desse período são os clubes de empregados e o futebol. Em Blumenau e Joinville, no estado de SC – área de colonização alemã -, a indústria têxtil e a de metalurgia adotam o clube esportivo e recreativo de operários como meio de se criar comunidades fabris. Neste caso, os esportes praticados eram vários, além do futebol.

1920 Em 1926 é proposta a Lei das Férias. Movimento de clubes ligado a grupos profissionais propicia a criação de clubes “classistas” (denominação corrente à época) em empresas, tais como a Associação Atlética do Banco do Brasil-AABB, em Belém e Rio de Janeiro. A rede das AABBs teve início em 1928 e hoje abrange todas as regiões do país, sendo considerada a maior rede de clubes do mundo (ápice de 1.200 clubes na década de 1990 – ver capítulo das AABB neste Atlas).

1930 Década em que houve o primeiro “surto” de iniciativas esporte-empresa no Brasil, especialmente em São Paulo e Rio de Janeiro, sendo de cunho assistencialista e corporativista. Os ideais eugenistas e higienistas em voga nesse período aceleram a preocupação com o condicionamento físico do trabalhador e da sua família. As empresas começam a intervir mais diretamente na criação de associações desportivas classistas, como Light & Power (1930) e Caloi (1933). Em 1937 Nicanor Miranda abre clubes de menores operários em São

Paulo. O Decreto-lei nº 1.713 de 1939, ao dispor sobre o Estatuto dos Funcionários Públicos da União cria centros de educação física voltados ao tempo livre do funcionário e família.

1940 O Decreto-lei nº 3.199 de 14 de abril de 1941 regulamenta o esporte do trabalhador dentro dos clubes mantidos pelas empresas. No dia 10 de novembro de 1943 a Consolidação das Leis de Trabalho entra em vigor, fixando a jornada em 8 horas diárias e universalizando a lei de férias e o descanso semanal. Nesse mesmo ano, o Serviço de Recreação Operária é criado no Rio de Janeiro-RJ pelo Ministério do Trabalho. Visando a “paz social” – expressão usada nos documentos de fundação – no pós-guerra (1946), são criados pelas confederações patronais respectivas, o Serviço Social do Comércio-SESC e Serviço Social da Indústria-SESI, instituições líderes no oferecimento de práticas corporais para trabalhadores assalariados. Em 1947, o SESI realiza a primeira edição dos Jogos Operários contando com três modalidades: futebol, basquetebol e voleibol reunindo 2.500 participantes. Por conta desse contexto, se considera um segundo “surto” brasileiro da atividade física na empresa (ver capítulos SESI e SESC neste Atlas).

Décadas 1950 – 1960 A ginástica laboral atrai a atenção de empresas e governo a partir de experiências internacionais (Polônia, Japão, Estados Unidos, URSS etc.). Em função dos investimentos de multinacionais, aumenta a industrialização no país e, conseqüentemente, o emprego de mão de obra nesse setor, havendo um irreversível êxodo rural e tornando a problemática da atividade física na empresa uma questão cada vez presente. Ocorrem grandes investimentos na construção de equipamentos físico-esportivos de lazer, numa tentativa de massificar a prática de esportes e ginástica. Publicam-se artigos de opinião sobre os benefícios da ginástica e do esporte para trabalhadores, com destaque para textos produzidos em 1958 por Inezil P. Marinho.

1970 O movimento Esporte Para Todos-EPT estimula o esporte não-formal, ampliando o trabalho desenvolvido nas Associações Desportivas Classistas-ADC. Entre 1973 e 1981, os especialistas brasileiros Kolling e Schimitz coordenam estudos na Instituição de Ensino Superior FEEVALE de Novo Hamburgo-RS sobre os efeitos e metodologia da ginástica laboral. Kolling, em especial, fez várias pesquisas no interior de fábrica na indústria calçadista de Novo Hamburgo. As lesões por esforço repetitivo (LER) começam a constituir-se em problemática epidemiológica. No contexto do milagre econômico, deflagram-se Associações Desportivas Classistas visando o bem-estar e integração dos funcionários. São dessa época, as ADCs das seguintes empresas que têm se destacado nas atividades físicas e lazer organizadas para empregados: FURNAS, BANESPA, ISHIBRAS, CPFL, EMBRATEL, ITAÚ, EMAQ (estaleiro naval), TELERJ, CALOI, CHAPECÓ.

1980 Este período marca o “terceiro surto”, quando o toyotismo muda as relações de Recursos Humanos-RH nas empresas. Em 1981, em São Paulo-SP, patrocinado pelo BANESPA, ocorre a primeira reunião de profissionais do setor esporte-empresa, buscando sistematizar a intervenção nesse campo. Estudantes de Educação Física da Universidade Federal do Paraná-UFPR, por conta da disciplina Recreação II, promovem piloto de ginástica de pausa na fábrica da BRAHMA, em Curitiba. Em 1983, Marlene Blois coordena levantamento do Centro de Integração Escola Empresa-CIEE (RJ) sobre a realidade fluminense, identificando que as grandes empresas eram as que mais ofereciam esporte e lazer no conjunto de ofertas de atividades daquele estado. No mesmo ano, o BRADESCO patrocina encontro no RJ para troca

de informações sobre o esporte na empresa, tendo Lamartine DaCosta como um dos organizadores do evento. Em 1988, o I Seminário de Associações Desportivas Classistas em Blumenau-SC produz a Declaração de Blumenau sobre Administração, Esporte e Lazer na Indústria. A Constituição Federal de 1988 cita o lazer como direito social e redefine as relações de trabalho. No ano seguinte, a Lei 7.752 concede incentivo fiscal às empresas que promovessem programas esportivos para empregados e familiares. Ainda em 1989, os Jogos Operários do SESI já aglomeravam 102.000 participantes em 21 modalidades. Estimava-se que, naquele ano, SESI e SESC estavam atingindo com suas ofertas 10% da população brasileira, isto é 15 milhões de pessoas (DaCosta & Pegado, 1990) ao se totalizar os atendimentos em suas unidades operacionais.

1990 Devido ao reordenamento das relações internas na empresa, o esporte perde para a ginástica laboral o paradigma como a atividade física para o trabalhador. É criado o Serviço Social do Transporte através da lei 8.706, de 14 de Setembro de 1993, o qual presta serviços de promoção social e de desenvolvimento profissional ao trabalhador em transporte, transportador autônomo e seus dependentes. A ginástica laboral começa a ser mais difundida, passando a constituir-se em crescente objeto de estudos em centros de pesquisa, especialmente na Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ e Universidade Federal de Santa Maria-UFSM. A atividade física na empresa passa a receber maior racionalização gerencial.

Situação atual Na atualidade, a atividade física na empresa vem se ajustando conforme os arranjos produtivos locais os quais, segundo Bedê (2002, p. 13) “podem ser entendidos como aglomerados ou clusters de empresas. As empresas que compõem um cluster, além da proximidade física e da forte relação com os agentes da localidade, têm em comum uma mesma dinâmica econômica”. Com base na literatura disponível sobre o tema e consultas a especialistas (ver nas “Fontes” abaixo as principais referências) são identificados possíveis clusters de atividade laboral no Brasil em que empresas são influenciadas entre si: Grande Belo Horizonte, Grande Curitiba, Grande Rio de Janeiro e Baixada Fluminense, Brasília, Vale do Itajaí em SC, Grande Campinas, Grande São Paulo e ABC Paulista, Grande Porto Alegre e Vale dos Sinos em RS (ver mapa). Esta delimitação foi obtida por citação em textos desde a década de 1920, não incluindo as AABB por terem distribuição difusa no país. Por sua vez, o SESI e o SESC acompanham as concentrações ora denominadas de clusters por constituírem áreas de intensa industrialização e serviços de comércio. Por exemplo, o programa “Ginástica na Empresa” do SESI (conduzido nas sedes da empresas) apresenta totais de atendimento entre 200 e 300 mil participantes desde o início da década de 2000, sobretudo por atendimentos na Grande São Paulo e Grande Belo Horizonte.

O sistema dos 4S (SESI, SESC, SENAI e SENAC) tem sido enfraquecido por reformas tributárias nos últimos anos, obrigando estas entidades ao oferecimento de ginástica laboral ou atividades recreativas nas indústrias contra pagamento em parceria e assim competindo com autônomos atuantes na mesma área. Mesmo com dificuldades, a escala de atendimento dos 4S continua em níveis de milhões de participantes, como no exemplo mais destacado do SESI cuja cobertura espacial em 2003, era de 27 estados e 1.396 municípios. Esta escala se repete fora dos 4S somente na rede AABB, que atende a cerca de um milhão de trabalhadores bancários e suas famílias (ver capítulo da FENABB neste Atlas). Na área de

atividades de lazer, proliferam os serviços de qualidade (saúde) em empresas, demandando mais profissionais para esse campo. Conseqüentemente, aumentam quantitativamente pesquisas e cursos sobre atividade física na empresa em eventos (congressos) da Educação Física e Fisioterapia.

Na presente década, o tipo mais comum de atividade física internamente na empresa é a ginástica laboral, cuja duração varia entre 08 e 15 minutos, sendo realizada conforme as características do setor produtivo, compensando, relaxando e/ou condicionando o trabalhador. Em perspectivas mais amplas, a atividade física na empresa tem sido encarada no meio empresarial como benefício assistencial ao empregado, bem como meio auxiliar no combate ao absenteísmo por atestado médico (particularmente dores lombares), ao alcoolismo e envolvimento com drogas ilícitas, à baixa moral (motivação e atenção para o labor) e aos acidentes de trabalho.

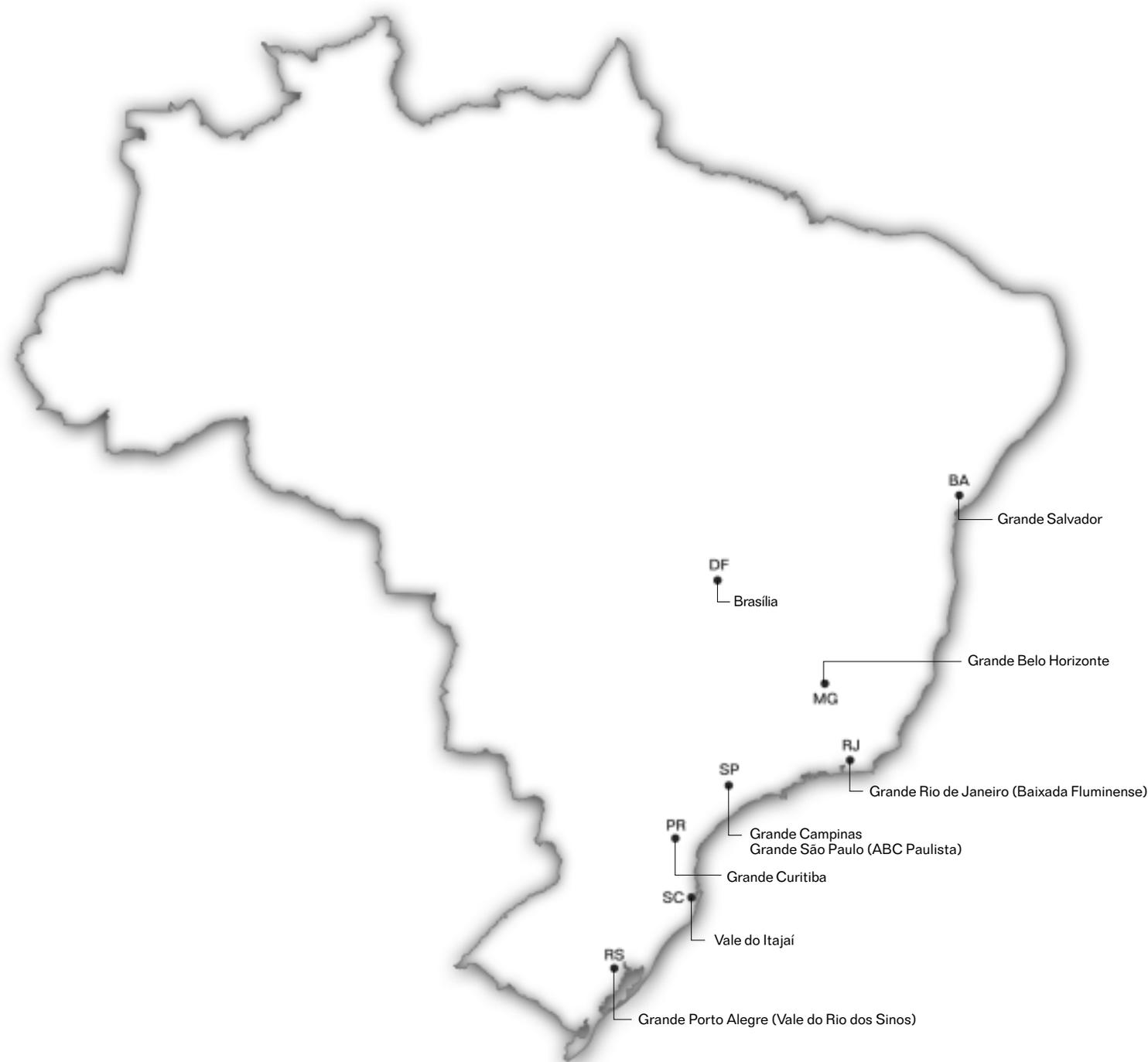
Segundo coleta estratificada junto a profissionais de Educação Física na lista de discussão sobre Ginástica Laboral do Centro Esportivo Virtual (ver capítulo sobre o CEV neste Atlas) e em referências da área, os setores que mais empregam atividade física na empresa são: construção civil, abatedouros, escritórios informatizados, bancos, telefônicas, montadoras de automóveis, gráficas, petroquímica, transporte, poder público, tecnologia, além de indústrias pesadas de grande porte em geral. Departamentos que trabalham em ambiente de baixas temperaturas (setor de corte em abatedouros, montagem de chips de informática) são os que requerem maior preocupação, em função do frio minimizar a sensibilidade motora. Outra tendência identificada é a surgida entre profissionais de Educação Física, atuantes em empresas no sentido da criação de uma Associação Brasileira de Atividade Física na Empresa-ABAFE, a qual poderia certificar a qualidade dos serviços ginásticos e recreativos oferecidos. Para 2004 são

aguardados, em Jundiaí-SP, o I Encontro Nacional de Ginástica Laboral e a oficialização da ABAFE.

Fontes DaCosta, Lamartine e Pegado, Paulo. Esporte e lazer na empresa. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Física e Desportos, 1990; Lima, Valquíria de. Ginástica laboral: atividade física no ambiente de trabalho. São Paulo: Phorte, 2003; Pulcinelli, Adauto & Sampedro, Renan M. F. A visão das empresas gaúchas sobre atividades físico-desportivas na empresa. Santa Maria-RS: Kinesis. N° 11, jul. 1993; Bede, Marco A. Subsídios para a identificação de clusters no Brasil: atividades da indústria. São Paulo: SEBRAE, 2002; Acervo da Lista de discussão CEV-GINA (ginástica laboral); Anais do Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 2003, 2002, 2001, 2000, 1998, 1997, 1996 e 1995; Consultas: Deise Guadalupe de Lima (UFMS), Jacqueline Martins (SESI), Lamartine DaCosta (UGF), Leopoldo Vaz (CEFET-MA) e Pedro Reis (CESUFOZ).

Maiores Concentrações de Empresas com Ofertas de Atividades Físicas, 2003

Occupational Physical Activity: Major Areas of Supply and Influence, 2003



Agita São Paulo – Agita Brasil

VICTOR RODRIGUES MATSUDO, SANDRA MAHECHA MATSUDO, TIMOTEO LEANDRO ARAUJO, DOUGLAS ANDRADE, ERINALDO ANDRADE, LUIS DE OLIVEIRA E GLAUCIA BRAGGION

Get Moving São Paulo – Get Moving Brazil

The “Agita São Paulo” (Get Moving São Paulo) Program is one of the largest of its kind in the world. It has been known since 1996, when it left its place of origin in the city of São Paulo and traveled around Brazil. Then “Agita São Paulo” went on to spread its message throughout the Americas and reached other continents in 2002 as Agita Mundo (Move for Health). This voluntary movement has been piloted by Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul (Physical

Fitness Research Center from São Caetano do Sul–CELAFISCS), located in São Paulo state. Today “Agita São Paulo” includes 260 associated institutions that help promote not only the improvement of physical activity at a local level but also the awareness of the benefits of an active lifestyle. Besides the decentralized promotions, Agita São Paulo uses the strategy of Mega-Events, whose target public includes older adults (since 1996), students (1997) and workers (1998). In

2000, Agita São Paulo became the model for The Physical Activity Network of the Americas (PANA) as it became associated with similar programs in various countries of the continent. In 2002, it was the leader of the World Physical Active Day according to the World Health Organization. The Agita São Paulo Program makes systematic assessment of its results, which have demonstrated that they have been satisfactory for the various population groups.

Origem e Definição O Programa Agita São Paulo é um movimento voluntário criado em 1996 para combater o sedentarismo no Estado de São Paulo, promovendo o nível de atividade física e o conhecimento dos benefícios de um estilo de vida ativa. Esta promoção teve início através de uma associação entre a Secretaria de Estado da Saúde de SP e o Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul – CELAFISCS, desdobrando-se, em seguida, por parcerias institucionais. Um dos fatos geradores da campanha situou-se em Rego e al. (1990) com relação à região metropolitana de São Paulo, que estimou, para o início da década de 1990, um total de 69,3% dos adultos não suficientemente ativos, com mulheres (80,2%) mais sedentárias do que homens (57,3%). Um levantamento nacional em 1997 (n=2.504) mostrou 60% de adultos como insuficientemente ativos (Data Folha, 1997). Essa prevalência foi maior do que qualquer outro risco, como diabetes (6,9%), obesidade (18%), hipertensão (22,3%) ou tabagismo (37,9%).

Atualmente, o Agita em suas diferentes versões, constitui um dos maiores do mundo em seu gênero, sempre mantendo seus objetivos de melhorar o nível de atividade física da população e aumentar o conhecimento sobre os benefícios da vida ativa. E sua mensagem central é “todo cidadão deve acumular pelo menos 30 minutos de atividade física por dia, na maior parte dos dias da semana (se possível todos) de intensidade moderada de forma contínua ou acumulada”. Assim disposto, o Programa tem sido liderado pelo CELAFISCS, que é uma instituição científica independente, sem fins lucrativos, fundada em 1974, com o propósito de pesquisar a relação atividade física/saúde. A expansão do Agita fez-se consecutivamente em São Paulo, no Brasil, nos países da três Américas, e finalmente em escala mundial, ao ser escolhido pela Organização Mundial de Saúde – WHO para liderar, no ano de 2002, a promoção Agita Mundo (com expressões equivalentes em outras línguas).

1994 O CELAFISCS inicia o planejamento do Programa, que seria chamado posteriormente de “Agita São Paulo”, buscando parceria com destacadas instituições científicas especializadas no Brasil e no exterior, como o *Aerobic Research Center* e o *Center for Disease Control and Prevention* – CDC dos Estados Unidos; o *Health Education Authority* da Inglaterra, e o *Active Australia*.

1996 O Agita São Paulo é lançado em dezembro, com o apoio de organizações governamentais estaduais, não-governamentais e do setor privado. A denominação do Programa foi definida por assessoria de marketing (expressão conotando o movimento do corpo para a saúde e para a participação). Ainda em 1996, inicia-se a estratégia de atuar com grupos-alvo. O primeiro foi o da 3ª idade, “Agita Melhoriade”. Desde então, o Programa tem contemplado este grupo com atividades específicas tais como incentivar a prática regular da atividade física; desenvolver um diagnóstico do nível de conhecimento sobre os benefícios da atividade física; e promover espaços de exercício próprios para este grupo nas cidades. Além disso, todos os anos tem sido organizado um megaevento, na ocasião do dia nacional e internacional do idoso.

1997 Neste ano, aborda-se o segundo grupo – alvo do Agita SP, o de estudantes, sob a denominação de “Agita Galera”, também atuando-se por meio de megaevento. Este acontece sempre na última sexta-feira do mês de agosto e tem como objetivo promover a discussão da importância da atividade física para a saúde, bem como a elaboração e implementação de ações permanentes para a

promoção do estilo de vida ativo. As ações são desenvolvidas pela Rede Estadual de Ensino de São Paulo, reconhecidamente um dos maiores sistemas de ensino do mundo sendo responsável por 80% das matrículas no ensino fundamental e médio do Estado. Sua estrutura abrange cerca de 6.100 unidades escolares que oferecem ensino para cerca de 6,1 milhões de estudantes.

1998 O grupo-alvo trabalhadores foi incluído na estratégia do Agita SP neste ano, para promover não somente a prática sistematizada da atividade física, mas também como um meio para atingir objetivos na melhora da saúde e qualidade de vida da mão de obra do Estado. O Megaevento do Trabalhador é estrategicamente desenvolvido junto às comemorações do 1º de maio (Dia do Trabalho) denominado, portanto, Agita Trabalhador. Dentre os diversos eventos de parceria do Agita neste âmbito, destaca-se o da Força Sindical no Estado de São Paulo, que reúne cerca de 2 milhões de pessoas durante todo um dia de múltiplas atividades, oferecendo diversos serviços à população, dentre eles alguns serviços de prevenção primária à saúde. Ainda com relação a 1998, importa revelar que, neste estágio, já estava consolidada a estratégia do Agita SP baseada em megaeventos.

1999 Início da municipalização do programa, além das parcerias e na perspectiva de se assumir compromissos no sentido de adotar uma política municipal de promoção de atividade física. Com este propósito, estabeleceu-se um modelo de ação adaptável às características e necessidades locais, respeitando a identidade cultural de cada cidade. Quando da adesão, o município tem total liberdade para a escolha do nome, mas a maioria dos programas tem adotado o nome Agita + Nome da Cidade, como Agita Limeira, Agita Piracicaba, Agita Ribeirão etc.

1999 – 2002 Neste período foram progressivamente estabelecidos meios de avaliação do Programa, sobretudo utilizando-se a metodologia da lembrança do Agita junto à população (*recall*). Em 1999, com dados obtidos a partir de 645 questionários randomizados aplicados por meio de entrevistas, revelou-se que a logomarca do Agita São Paulo alcançava, em 1999, 53% da população e, entre eles, 19,5% conheciam a mensagem principal. Dados mais recentes indicaram uma porcentagem similar de pessoas que conhecem a existência do Programa Agita São Paulo (52,8%), mas um aumento significativo (60%) no número de pessoas que conhecem o objetivo do Programa (31,3%). No Estado como um todo o *recall* do nome do programa se manteve em torno de 37,3% da população, sendo que a mensagem identificada no ano de 2000 foi de 9,5%, aumentando para 24% da população em 2002, representando um aumento de 152%. Estes resultados tem apoiado o uso da mídia não paga, um dos esteios principais do Programa em SP e no plano nacional. No período em foco, o valor monetário da mídia não paga, somente considerando o meio televisão, foi de US\$13 milhões. E impacto da mídia de um megaevento como o Agita Galera representou um potencial de audiência na TV de 21 milhões de pessoas, conforme dados de 1999.

2000 Este ano marca o início da internacionalização do Programa no referente aos procedimentos de campanha em prol dos exercícios físicos e da saúde. O instrumento para esta expansão foi a Rede de Atividade Física das Américas - RAFA / *The Physical Activity Network of the Americas* - PANA, criada com o objetivo de construir uma “rede das Redes nacionais”, integrando membros das

instituições públicas e privadas, nacional e internacionalmente, para promover a saúde e a qualidade de vida mediante a atividade física. Desde então, o Agita tem operado como modelo para programas similares em países do continente.

2001 Início do Agita Brasil – Ministério da Saúde, o qual tem visado ao incremento do conhecimento da população sobre os benefícios da atividade física para a saúde. Dirigido a toda a população e, em especial, àqueles segmentos com risco de doenças crônicas não-transmissíveis, o programa é de aplicabilidade fácil, de baixo custo e alto benefício. Para assegurar a implantação e implementação das atividades e ações do programa Agita Brasil, o Ministério da Saúde tem estabelecido parcerias com os gestores estaduais e municipais do Sistema Único de Saúde - SUS, além de contar com o respaldo técnico-científico do CELAFISCS para o desenvolvimento de ações de educação e promoção da saúde. Desde a sua implantação até 2002, o Programa Agita Brasil realizou 25 oficinas no país. Dessas oficinas participaram representantes de 537 municípios, quando se capacitaram 2.214 multiplicadores.

2002 Lançamento do Agita Mundo pela WHO inspirada nos resultados do Agita São Paulo. O foco do evento mundial celebrado no dia 7 de abril centrou-se na cidade de São Paulo e conseguiu mobilizar, só no Ibirapuera, mais de 25.000 pessoas espalhadas pelo parque. Neste dia, o objetivo do Agita Mundo foi o de mobilizar vários segmentos da população em uma grande caminhada, visando sensibilizar as pessoas para a adoção de um estilo de vida ativo e de hábitos nutricionais saudáveis como forma de manutenção da saúde. Respeitando e aproveitando as diferenças culturais, cada país foi responsável por incentivar a realização de eventos no maior número de cidades possíveis, como forma de propagação da mensagem de uma vida saudável. Total geral de eventos em 148 países (incluindo o Brasil): 1987 (contabilizados pela OMS); eventos nos municípios de SP e do Brasil: 1120.

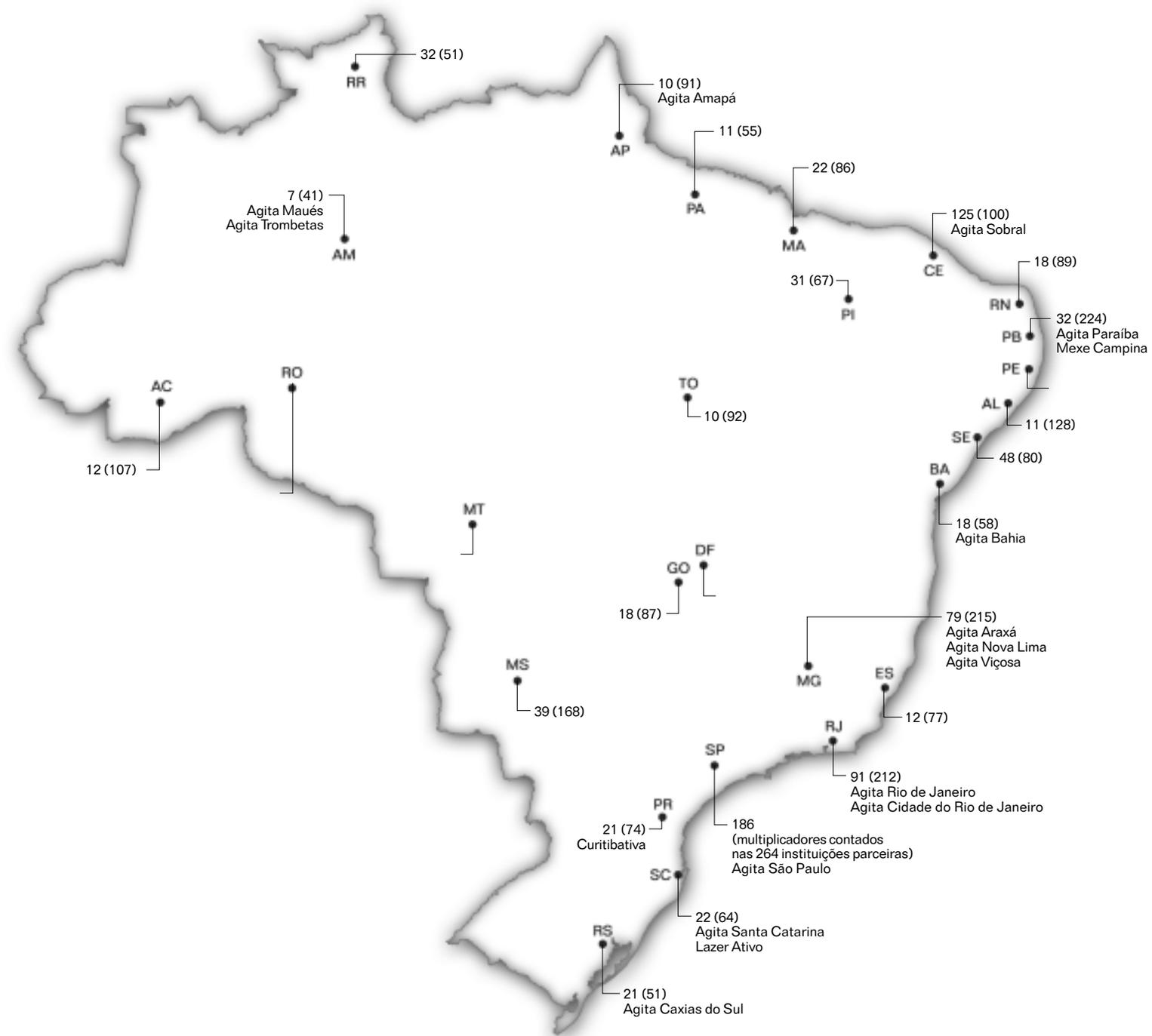
Situação Atual Em agosto de 2002, cinco anos e meio após sua implantação, o Programa contava com 264 Instituições Parceiras e se confirmava uma melhoria na lembrança do Agita em termos da população do Estado, principalmente na área do ABC – municípios de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul (1.492.667 habitantes) -, quando se compararam os dados de 1999 com os de 2002. Neste período, uma avaliação feita em 625 domicílios do ABC, observou-se um aumento de quase mil ativos por mês e 29.853 em 3 anos. Em todo Estado de São Paulo, numa amostra de 2001 sujeitos maiores de 15 anos de idade, 55,3% foram classificados como fisicamente ativos (somando atividades moderadas e vigorosas) e 10% como sedentários. Observou-se, também, que os indivíduos que vivem em cidades litorâneas são mais ativos (66,4%) do que os que vivem no interior (54,1%) ou na capital (40,4%). Com relação aos megaeventos, a escala de participação alcançou 30 milhões de pessoas / ano desde 2001, embora esta cifra seja um total de estimativas locais e não corresponda inteiramente aos indivíduos com adesão ao Programa.

Fontes Matsudo et alii. Isto é Agita SP, 2002; Andrade et alii. Agita Galera – Dia da Comunidade ativa: megaevento em programa de intervenção. XXI Simpósio Internacional de Ciências do Esporte, p. 133, 1998. www.agitasp.com.br.

Agita Brasil – Estados participantes por número de municípios e (multiplicadores), 2002

Get Moving Brazil – Adherent states per number of municipalities and (monitors), 2002

N = 876 (2.217)



Dia do Desafio – SESC São Paulo / Coordenação do Continente Americano

MARIA LUIZA SOUZA DIAS E MARIA APARECIDA CECILIANO DE SOUZA

Challenge Day – SESC São Paulo / Coordination for the Americas

Challenge Day has been taking place in Brazil since 1995 and is coordinated in the American continent today by SESC – Serviço Social do Comércio (Social Service of Commerce) – of São Paulo. It proposes that people stop their everyday routine to exercise for 15 minutes. To stimulate participation, Challenge Day organizes a competition between two or three cities of similar size. They are challenged to

make the largest percentage of the population exercise during 15 continuous minutes. Challenge Day takes place annually, always on a weekday: the last Wednesday of May. Challenge Day aims to encourage people to exercise daily, making participants aware of the importance of exercise for health maintenance. Challenge Day was developed in Canada in 1983, and since then it has been spread around by TAFISA

(Trim and Fitness International Sport for All Association). Today, Challenge Day conducted from Brazil is the largest event of its type in the world. The results of the year 2003 topped expectations, reaching 1,548 registered cities and 38,244,746 participants in 24 countries. It is possible to say then that the Americas might be integrated through sports and physical activity.

Definições O Dia do Desafio / *Challenge Day*, realizado no Brasil desde 1995, e coordenado no Continente Americano pelo SESC – Serviço Social do Comércio – de São Paulo, apresenta um conceito muito simples: incentivar a prática da atividade física diária, ressaltando a importância desta prática para a manutenção da saúde. Realizado anualmente, sempre na última quarta-feira do mês de maio, propositadamente um dia de semana, o Dia do Desafio propõe que as pessoas interrompam suas atividades rotineiras e pratiquem, durante 15 minutos consecutivos, qualquer tipo de atividade física. Para estimular a participação, o Dia do Desafio propõe uma competição entre duas ou três cidades do mesmo porte, que procuram envolver o maior percentual da população nessa disputa. Sem estipular restrições quanto às atividades escolhidas, o Dia do Desafio privilegia aspectos fundamentais para o convívio humano como acessibilidade, envolvimento, diversão, diversidade, segurança, além de trazer benefícios para a saúde, tanto no aspecto individual como coletivo.

Origens O Dia do Desafio teve sua origem no Canadá, na cidade de Saskatoon, província de Saskatchewan, no ano de 1983. Desta cidade, a entidade ParticipACTION - gestora do evento – promoveu sua expansão nacional e depois internacional. Hoje é difundido mundialmente pela TAFISA, *Trim and Fitness International Sport for All Association*, entidade internacional com sede atual na Alemanha.

1995 Neste ano, o Dia do Desafio chegou ao Brasil por meio da TAFISA e da Campanha ParticipACTION, passando a ser promovido pelo SESC – Serviço Social do Comércio – São Paulo, em parceria com as Prefeituras Municipais, iniciando sua trajetória no Estado de São Paulo, até abranger todo o Continente Americano. Em 7 de abril, o então Ministro Extraordinário de Esportes Edson Arantes do Nascimento participa, no SESC Pompéia – uma das unidades operacionais do SESC SP – do lançamento do Dia do Desafio. Nesse primeiro evento, entram na disputa 35 cidades do Estado de São Paulo. Algumas delas também se inscrevem para o Desafio Internacional, como por exemplo: Santos X TelAviv; Ribeirão Preto X Zagreb; São José do Rio Preto X Gabrodo; Bauru X Sibiu e Sorocaba X Manado. Tanabi – SP, com pouco mais de 20 mil habitantes, obteve a primeira colocação em percentual de participantes das cidades brasileiras, com mobilização de 70,61% de sua população e foi apontada como um dos melhores desempenhos pela Coordenação Alemã. No total, houve 35 cidades inscritas e 1.968.150 participantes no Brasil.

1996 O Dia do Desafio Internacional recebe o apoio da UNESCO e o reconhecimento de evento de promoção educacional e cultural. Neste segundo ano de realização, as cidades brasileiras cresceram em número de inscrições e de participantes. Ainda este ano, somente as cidades paulistas participaram do Desafio no Brasil e, a exemplo do ano anterior, também aceitaram desafios prévios de cidades de outros continentes. Começava a ser desenhado um evento de abrangência mundial. Houve 52 cidades inscritas e 2.910.158 participantes.

1997 Neste ano, a TAFISA descentraliza a coordenação do Dia do Desafio em 3 grupos: França – *Aquitaine Sport Pour Tous*, coordena as cidades da Europa; *Sports Authority of Thailand* reúne as cidades da Ásia; e SESC São Paulo passa a coordenar as atividades na América Latina. Com o envolvimento de outros países da América Latina, o movimento ganha novas propostas, adaptando-se às culturas das cidades.

As cidades concorrentes estabeleceram um pacto de honra: hastear a bandeira da “cidade vencedora”, durante uma semana, na Prefeitura Municipal da “cidade vencida”. Iniciou-se um movimento cultural, com intercâmbio de informações e reafirmação de “cidades irmãs”. Países do Continente Latino Americano e número de cidades inscritas: Argentina -1; Brasil – 96; Colômbia -1; Costa Rica –2; Equador – 2; Japão (desafio intercontinental com cidade brasileira) - 1; Uruguai -2; Panamá - 2; Peru – 2. Participação de estados brasileiros e respectivo número de cidades inscritas: Minas – 1; Paraná – 2; Rio Grande do Sul – 11; Santa Catarina - 2; São Paulo – 80. Totais: 9 países envolvidos; 109 cidades inscritas; e 4.693.333 participantes.

1998 Mais que um dia de atividades físicas e esporte para todos, o Dia do Desafio torna-se um processo de organização e cooperação comunitária desencadeado pelo SESC e conduzido pelas lideranças, instituições públicas e privadas. O evento começa a explorar temas de caráter social, ligando a atividade física a assuntos comunitários. Com o slogan “Um movimento comunitário para uma vida saudável”, 1998 marcou um grande crescimento do evento. Países do Continente Latino Americano e número de cidades inscritas: Antigua – 1; Argentina -1; Bolívia – 10; Brasil - 114; Canadá – 1; Chile – 2; Costa Rica – 4; Equador – 6; Panamá – 4; Peru – 1; Suriname – 1; Uruguai – 4. Participação dos estados brasileiros e respectivos números de cidades: Minas Gerais – 1; Paraná – 6; Rio de Janeiro – 1; Rio Grande do Sul – 11; Santa Catarina – 3; São Paulo – 92. Totais: 12 países; 149 cidades inscritas; e 5.948.926 participantes.

1999 O Desafio deste ano é marcado pela participação de grandes metrópoles, como La Paz, São Paulo, Cidade da Guatemala, Quito e Santa Cruz de la Sierra. A atividade esportiva transforma-se em um instrumento de ação social: a cidade de Armênia - Colômbia, vítima de um terremoto, mobiliza seus habitantes para a reconstrução de casas e locais públicos, no Dia do Desafio. Santos – Brasil inicia uma campanha contra a violência, promovendo caminhadas e passeios de bicicleta com os participantes vestidos de branco. Araçatuba, Brejo Alegre e Guararapes – Brasil, levam a atividade física para as áreas rurais e promovem atividades físicas e sessões de relaxamento com cortadores de cana.

Países do Continente Latino Americano e número de cidades inscritas: Antigua – 1; Argentina -1; Bolívia - 10; Brasil - 190; Chile – 9; Colômbia –1; Costa Rica – 5; Equador – 10; Guatemala – 6; Japão – 1 (desafio intercontinental com cidade brasileira); México – 2; Panamá – 6; Peru – 1; República da Guiana – 1; Suriname – 5; Uruguai – 7. Participação dos estados brasileiros e respectivos números de cidades: Goiás –1; Minas Gerais –2; Paraná – 8; Rio de Janeiro – 1; Rio Grande do Sul – 15; Santa Catarina – 4; São Paulo – 159. Totais: 16 países envolvidos; 257 cidades inscritas; e 10.415.404 participantes.

2000 O SESC SP passa a coordenar as atividades do Dia do Desafio em todo o Continente Americano. Crescem os desafios intercontinentais, com participação de cidades brasileiras disputando com Bulgária, Coréia, Croácia, Eslováquia, Hungria, Israel, Iugoslávia, Japão e Tailândia. Uma representação da Croácia, visita a cidade “adversária” de Holambra – SP. Países participantes no Continente Americano e respectivo número de cidades: Antigua – 1; Argentina – 25; Barbados – 1; Belize – 1; Bolívia – 15; Brasil – 263; Chile – 8; Colômbia – 3; Costa Rica – 9;

El Salvador – 1; Equador – 1; Guatemala – 27; México – 8; Nicarágua – 4; Panamá – 8; Peru – 8; Suriname – 5; Uruguai – 10; Venezuela – 2. No Brasil: Distrito Federal – 1; Goiás – 1; Minas Gerais – 1; Paraná – 1; Rio de Janeiro – 1; Rio Grande do Sul – 22; Santa Catarina – 10; São Paulo – 219. Totais: 28 países envolvidos; 410 cidades inscritas; e 12.961.995 participantes.

2001 Neste ano, o Dia do Desafio adota a última quarta-feira de maio como o Dia Mundial da Atividade Física, rompendo as fronteiras entre países e culturas. Nos quatro continentes, o Esporte para Todos tornou-se linguagem universal. Nas Américas, participaram: Antigua – 1; Argentina – 57; Belize -1; Bolívia – 43; Brasil 415; Chile – 10; Colômbia – 22; Costa Rica – 18; Dominica – 1; El Salvador - 7; Equador – 1; Estados Unidos – 2; Guatemala – 269; Honduras – 10; Japão (desafio intercontinental com cidades brasileiras) – 2; México – 30; Nicarágua – 3; Panamá – 5; Peru – 4; República Dominicana – 1; Porto Rico – 1; Uruguai – 9; Venezuela - 4. No Brasil: Ceará – 1; Distrito Federal – 1; Espírito Santo – 1; Goiás – 1; Minas Gerais – 1; Paraná – 7; Rio de Janeiro – 9; Rio Grande do Sul – 27; Rondônia – 1; Santa Catarina – 15; São Paulo – 350; Sergipe – 1. Totais: 23 países envolvidos no Continente Americano; 922 cidades inscritas; e 19.008.211 participantes.

2002 Com o slogan “Cuidar do Corpo é divertido”, o Dia do Desafio ganha um caráter mais descontraído e estimula a participação prazerosa, na qual cada participante busca a melhor forma e seu próprio ritmo para desenvolver uma atividade adequada às suas condições. Países participantes: Antigua – 1; Argentina – 39; Belize – 1; Bolívia – 64; Brasil – 512; Chile – 29; Colômbia – 116; Costa Rica – 20; Cuba – 4; El Salvador – 12; Equador – 1; Estados Unidos – 2; Guatemala – 155; Honduras – 1; Ilhas Falkland – 1; México – 97; Nicarágua – 6; Panamá – 5; Paraguai – 1; Peru – 3; Porto Rico – 1; República Dominicana – 2; Suriname – 7; Uruguai – 10; Venezuela – 6. Estados Brasileiros participantes (total de cidades): Ceará – 10; Distrito Federal – 1; Espírito Santo – 1; Goiás – 1; Minas Gerais – 1; Paraná – 11; Rio de Janeiro 18; Rio Grande do Sul – 52; Rondônia – 1; Santa Catarina – 18; São Paulo – 396; Sergipe – 1; Tocantins – 1. Totais: 25 países envolvidos no Continente Americano; 1096 cidades inscritas; e 24.661.479 participantes.

Situação Atual De acordo com o levantamento de DaCosta & Miragaya (2002), reunindo 36 países de cinco continentes e tendo como o tema as iniciativas de Esporte para Todos, o Dia do Desafio conduzido a partir do Brasil é o maior evento em seu gênero do mundo. E os resultados de 2003 superaram as expectativas, alcançando 1548 cidades inscritas e 38.244.746 pessoas (ver mapa) quebrando a rotina, com 15 minutos de atividade física. Esta campanha de combate ao sedentarismo com objetivos simultâneos de desenvolvimento de lazer e de saúde, teve recentemente a adesão de Cuba, que hoje exibe uma das mais significativas participações do continente com 169 cidades.

O crescimento do evento nos últimos anos indica a mudança de atitude da população frente ao sedentarismo e sinaliza que o Dia do Desafio tornou-se um importante movimento de socialização e integração comunitária. A evolução dos números de participação e a consistência das ações propostas apontam para um crescimento contínuo sustentado por iniciativas de estímulo à prática diária de atividades físicas.

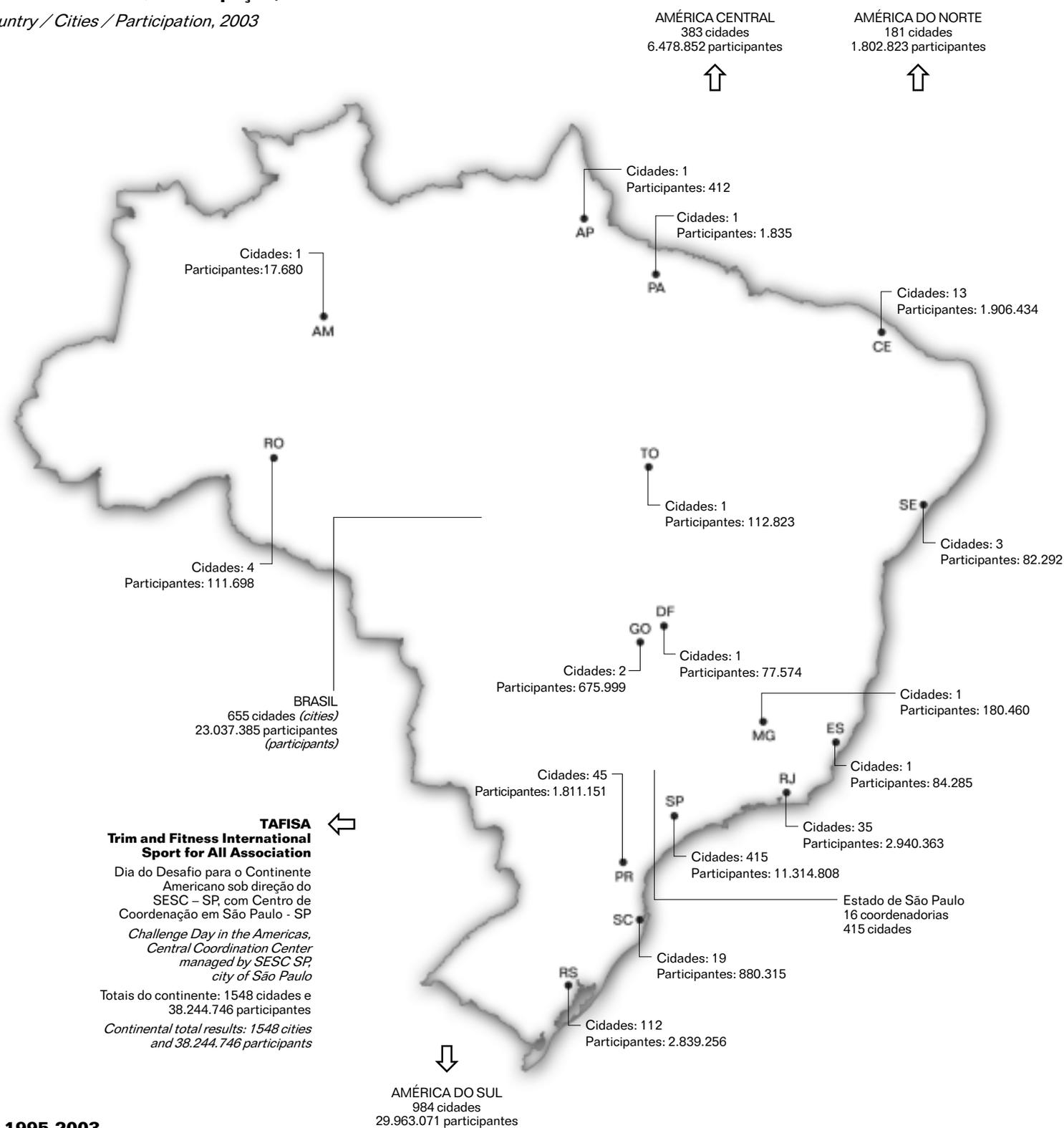
Fontes DaCosta, L. & Miragaya, A., *World wide Experiences and Trends of Sport for All*, Meyer & Meyer Sport, Oxford, 2002.

Dia do Desafio no Brasil por Estado / Número de cidades/ Participação, 2003
Dia do Desafio nas Américas por País / Número de cidades/ Participação, 2003

Challenge Day in Brazil and Americas / State or Country / Cities / Participation, 2003

Totais de cidades por países
Number of cities per country

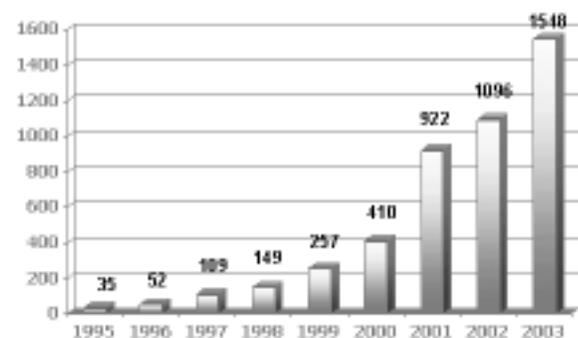
Antigua	1
Argentina	34
Belize	1
Bolívia	76
Brasil	655
Canadá	1
Chile	56
Colômbia	123
Costa Rica	31
Cuba	169
El Salvador	13
Equador	1
Estados Unidos	1
Guatemala	154
Honduras	5
Ilhas Falkland	1
México	179
Nicarágua	7
Peru	6
Porto Rico	1
República Dominicana	1
Suriname	8
Uruguai	12
Venezuela	12



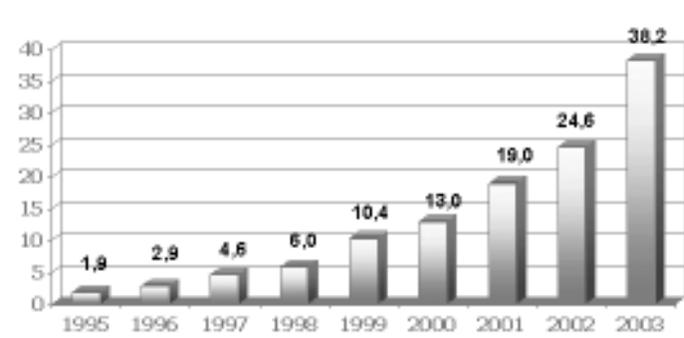
TAFISA
Trim and Fitness International Sport for All Association
 Dia do Desafio para o Continente Americano sob direção do SESC - SP, com Centro de Coordenação em São Paulo - SP
Challenge Day in the Americas, Central Coordination Center managed by SESC SP, city of São Paulo
 Totais do continente: 1548 cidades e 38.244.746 participantes
Continental total results: 1548 cities and 38.244.746 participants

Expansão do Dia do Desafio nas Américas, 1995-2003
Growth of the Challenge Day in the Americas, 1995-2003
 (1) Adherent Cities and (2) Participation (million)

Crescimento no número de cidades participantes



Evolução no número de pessoas envolvidas - em milhões



Dia mundial da caminhada – Brasil

JOÃO FERNANDO BRINKMANN DOS SANTOS

World Walking Day – Brazil

World Walking Day - WWD – is an event conducted by the Trim and Fitness International Sport for All Association – TAFISA, which connects 60 countries through a walking tour on the third Sunday of October every year. The first WWD took place on June 7, 1992, when TAFISA organized an ecological walking tour in Rio de Janeiro. One quarter of a million walkers participated in this first event, which represented one of the largest participations ever for a single event on a single day

Origem e Definição O Dia Mundial da Caminhada – *World Walking Day - WWD* – é um evento liderado pela *Trim and Fitness International Sport for All Association* – TAFISA, que reúne cerca de 60 países em torno de uma caminhada no terceiro domingo do mês de outubro, todos os anos. Este evento reúne participantes de ambos os sexos e qualquer idade, não havendo qualquer distinção ou categoria entre eles. Tradicionalmente o evento consiste na promoção de uma caminhada, através de roteiros culturais, turísticos e ecológicos, sendo também uma promoção que reúne milhões de pessoas em todo o mundo, com o objetivo de conscientizar indivíduos e grupos quanto à importância dos exercícios físicos para uma vida mais saudável. O ponto de partida do WWD aconteceu no dia 7 de junho de 1992, quando a TAFISA organizou no Rio de Janeiro, uma caminhada ecológica com a adesão de 250 mil pessoas, representando uma das maiores participações em um único evento, num só dia da história do esporte, e contribuindo para fixar a imagem do compromisso internacional quanto à defesa da natureza em escala global. Este empreendimento foi idealizado e implementado por Jurgen Palm (presidente da TAFISA), Lamartine DaCosta (brasileiro, membro do Conselho Diretor da TAFISA), Isaac Braz (líder internacional do movimento em prol de caminhadas) e João Nelson dos Santos (coordenador do evento e líder da Campanha Esporte para Todos em São Paulo, desde 1977). A edição inaugural do Dia Mundial da Caminhada – DMC se fez presente por ocasião do *Earth Summit 92* (ECO92 - Rio de Janeiro), e em sua segunda edição, em 1993, já contava com a adesão de mais de 15 países. No caso do Brasil, em especial, os resultados iniciais positivos da caminhada ganham maior significado ao se observar o contexto histórico dos esportes de lazer e de promoção comunitária, que sempre se revelaram bem sucedidos ao serem liderados em condições de responsabilidade social.

1910 Primeiro Campeonato Brasileiro de Pedestrianismo, organizado pelo clube Espéria de São Paulo – SP. Antes, na mesma cidade, praticava-se o pedestrianismo (caminhada e corrida) de modo livre e assistemático em caminhos e terrenos abertos, desde o início do século.

1925 Primeira disputa da Corrida de São Silvestre, pelas ruas do centro da cidade de São Paulo – SP, inaugurando os eventos de impacto esportivo no país, organizados em logradouros públicos.

1926 Realização de uma corrida pedestre de revezamento de 600 km entre São Paulo e Rio de Janeiro, com sessenta participantes e trajetos em campo e estrada. A chegada foi no Palácio do Catete, sede da Presidência da República, à época.

Décadas 1930 – 1970 Introdução das Colônias de Férias pelo Exército nos anos de 1930 e de Ruas de Lazer, pela Prefeitura do Rio de Janeiro – RJ, nas décadas de 1940 e 1950 (atividades fora dos clubes e das escolas). No final dos anos de 1960, o movimento Cooper em prol de exercícios aeróbicos, introduzia o hábito da corrida de rua em todo o Brasil. Em 1975, a Rede Globo de TV lança a Campanha “Mexa-se” que associou eventos de participação massiva com a mídia. Neste mesmo período, em Sorocaba – SP e Itapira – SP criavam-se programas de esporte recreativo e de lazer em áreas livres com o suporte das prefeituras locais. E na cidade de São Paulo, organizavam-se caminhadas de 100 mil participantes. Em 1977, teve início a Campanha “Esporte para Todos” - EPT no Brasil, com apoio do Governo Federal. Neste evento, a participação popular atinge os maiores índices históricos, através do MOBREAL, promovendo em datas nacionais passeios a pé e de bicicletas, Futebol Pelada e Ruas de Lazer, alcançando 2.777 municípios e uma participação estimada em 5,3 milhões de pessoas no ano da inauguração.

in the history of sport. That contributed to fix the image of the international commitment towards nature conservation. Today Brazil is one of the leading WWD countries. It offers continuous assistance in various locations during the promotion of the event. An average of 130 municipalities that have permanent link with WWD and around 50 municipalities that have occasional link (in case municipalities mobilized by local TV stations) participate together annually in the

Década de 1980 Criação da Rede EPT como movimento de voluntários e varias parcerias com o governo nos níveis federal, estadual e municipal, e empresas privadas, resultando em vários empreendimentos locais de esporte de lazer e de saúde.

1993 Lamartine DaCosta, como membro da direção da TAFISA, traz para o Brasil as promoções *Challenge Day* e *World Walking Day*, sendo a primeira assumida pelo Serviço Social do Comércio – SESC de São Paulo e a segunda por João Nelson dos Santos, que coordenara o evento de abertura no Rio de Janeiro, no ano anterior. Estes vínculos ainda permaneciam estáveis em 2003, quando ambos os eventos já se mostravam efetivos em termos de impacto nacional e internacional. No caso do DMC, João Nelson dos Santos utilizou-se de patrocínio com empresas e órgãos públicos sediados no estado de São Paulo como ponto de partida para desenvolver o movimento da caminhada, por meio de eventos municipais.

1994 – 1997 Testes de eventos de caminhadas são conduzidos por João Nelson dos Santos no interior de SP em busca de um modelo próprio para o DMC brasileiro. Este empreendedor, professor de geografia e publicitário por profissão, cria neste estágio a Rede Terra, uma Organização Não Governamental – ONG, que conduz o DMC para o movimento de defesa ecológica juntamente com a promoção esportiva de responsabilidade social.

1998 A Rede Terra encontra o modelo do DMC para torna-lo ativo ao longo do ano e não somente próximo à sua data de referência: uma página na Internet com conselhos sobre os benefícios da caminhada, textos técnicos, perguntas e respostas, organização de grupos e de pontos de encontro para a prática local, formulário de inscrição para o evento principal etc. Para a caminhada internacional do mês de outubro deste ano (data mundial) foi lançado material publicitário e de informações direcionadas para as Prefeituras Municipais, base escolhida para a gestão do DMC. O patrocínio da manutenção do *site* foi obtido da EQUIFAX, multinacional de informações bancárias com filial no Brasil e sediada em São Paulo–SP. Com este apoio e alcance da Internet, o DMC tornou-se um evento nacional, possibilitando a inscrição de quase 30 mil participantes de várias regiões do país.

1999 Neste ano o DMC inclui um foco temático para a mobilização de novos grupos alvo para o esporte da caminhada. A escolha inaugural incidiu na Terceira Idade uma vez que a Organização Mundial da Saúde – OMS promovia, na ocasião, o Ano Internacional do Idoso, o que veio gerar uma sinergia de efeitos nacionais e internacionais. Também foram reforçados, neste ano, os vínculos com o movimento ambientalista, tendo a Rede Terra se associado à Universidade da Água de São Paulo – SP, entidade protetora de mananciais e da conscientização do valor dos recursos hídricos para o futuro do Brasil. Outra parceria em torno do DMC como evento de base mobilizadora foi feita com o Departamento de Apoio às Estâncias Turísticas – DADE, da Secretaria de Esportes e Turismo – Governo do Estado de São Paulo, com o apoio da EMBRATUR, do então Ministério do Esporte e Turismo. Como consequência, promoveram-se seminários regionais com o apoio do DADE e EMBRATUR em 56 estâncias turísticas paulistas com o tema: “Caminhada da Melhor Idade”.

1999 O DADE e a Rede Globo de TV juntam interesses promocionais, fazendo que esta última entidade de mídia mobilizasse 46 cidades do Vale do Paraíba em São Paulo – SP, no sentido de uma maior participação na caminhada deste ano (ver gráficos).

event. The size of this event displays a yearly average participation of 73,000 walkers during the 1999 – 2002 period. Television reached around 1,000,000 people with messages and images of the WWD every year (see graphs and tables). In addition to that, it is estimated that the WWD generates 5,400 jobs per day and a US\$10.00 consumption per participant in the affiliated municipalities within each period of the annual promotion every year.

2000 As comemorações do aniversário do Brasil, no mês de abril, determinam um novo tema: “Caminhada 500 Anos Brasil”. Incentivada para divulgar pontos históricos, a promoção ganha caráter nacional, possibilitando a ampliação do número de cidades participantes em adição às do estado de São Paulo.

2001 No primeiro ano do novo milênio, o DMC recebe a denominação de “Caminhada 1”, sendo promovido em 120 cidades paulistas e 10 cidades de outros estados, na data mundial e, como proposta de atividade de lazer em datas comemorativas locais.

2002 O objetivo de preservar nascentes de água caracteriza o DMC deste ano como “Caminhada das Águas”, proposta como uma caminhada em roteiros ecológicos na data mundial. O evento, nesta versão, experimenta um desdobramento em outras datas, em proveito da Semana do Meio Ambiente como também em datas comemorativas locais.

2003 O DMC no Brasil assume a característica de campanha, sob a denominação de ÁGUA PARA TODOS, o que possibilita criar responsabilidade social em favor do meio ambiente e, especialmente da água, tendo como base de mobilização a iniciativa pessoal da prática do esporte, aliada ao lazer e uso do tempo livre. O tema para este ano foi cunhado de “Caminhada Turística”, sugerindo a articulação entre turismo e meio ambiente, visando à proteção do patrimônio natural brasileiro. Para as datas comemorativas locais, a campanha incentiva o uso da marca DIA DO DESAFIO ECOLÓGICO.

Situação Atual O curso adotado pelo DMC no Brasil dá continuidade aos procedimentos básicos da Campanha Esporte Para Todos de 1977 e anos seguintes, já com a então denominada Rede EPT, que se manteve ativa por meio de voluntariado até 1988. Tal experiência tem se apoiado nas prefeituras como vetores de implementação de campanhas e eventos populares esportivos, sobretudo na perspectiva da inclusão social. Em síntese, o DMC em 2003 pode ser considerado como atuante dentro de uma faixa de continuidade e de busca da qualidade na oferta para sua clientela municipal. Alcançou uma participação média anual de 130 municípios, de vínculo permanente com a promoção e mais 50 municípios, também em média, de engajamento eventual (caso dos municípios do Vale do Paraíba – SP, mobilizados pela TV local). Esta ordem de grandeza espacial corresponde a uma média anual de 73 mil participantes no período 1999 – 2002, com a TV atingindo cerca de um milhão de pessoas, com mensagens e imagens do DMC a cada ano (ver gráficos e quadros). O custo estimado para cada município pequeno em organizar o DMC em um determinado dia é de R\$300,00 (US\$100,00), sendo de R\$1000,00 (US\$330,00) o correspondente aos municípios médios, desde que o material impresso de divulgação e a manutenção do *site* da Internet e outros gastos administrativos são cobertos pelos patrocinadores. Em adição a isto, estima-se que o DMC gere nos municípios a ele filiados cerca de 5400 emprego-dia, como também um consumo por participante de R\$30,00 (US\$10,00) a cada ano.

Fontes Educação de Massa e Ação Comunitária. MOBREAL – AGGS, 1979 Rio de Janeiro, Correa, A. L. (ed) e Da Costa, L. P. (org); 70 anos de Esporte Para Todos no Brasil. Edição SEED/MEC, 1983, Da Costa, L. P.; Francisco Buonafina; Nilda Abdo Gorayb Florio; João Nelson dos Santos; José Maria de Campos; www.uniagua.or.br; www.redeterra.com.br; www.walkingday.com.br

Dia da caminhada: tendências interpretações, 1999 – 2002

World Walking Day – Brazil: trends and interpretations, 1999 – 2002

Nos gráficos que se seguem, o número médio de participantes / ano, ao se confrontar com grupos de cidades, não apresentam relação direta entre o número de participantes e o total da população. As cidades que demonstram maior participação podem ser interpretadas por este fato em virtude de possuírem espaços urbanos destinados à prática de caminhadas; apoio de organizações não-governamentais; participação de grupos comunitários, como os da “terceira idade”; organização de prefeituras, muitas vezes com a participação ativa de autoridades locais; patrocínios de empresas locais e, em função da divulgação na mídia e, especialmente em TVs regionais. De maneira geral, as cidades com pequena participação, revelam a evolução dos princípios do “Esporte Para Todos”, demonstrando uma continuidade de atividades de lazer – caminhadas, diversificadas em temas de interesse global, com a participação de pessoas e grupos, identificados com as realidades locais. A adesão de pessoas e grupos, inscritos via Internet, representariam no presente estágio

o compromisso de parte da população em participar em um determinado dia, de uma caminhada mundial. Hoje, possibilidade de cada um escolher o local, o horário e o objetivo da sua caminhada indicaria uma tendência central chamado esporte de inclusão social, nova denominação do Esporte para Todos.

Dentro da nova perspectiva de diversidade de temas, as iniciativas de caminhadas se multiplicam também em datas diferentes, como as comemorações locais. Assim, ao se comparar os dados do Dia da Caminhada com os resultados de 1977 sobre o EPT, observa-se que a participação atual pode, por projeção, alcançar 1 mil municípios e quase 500 mil pessoas. Essas diferenças entre o EPT e a promoção do Dia da Caminhada atual, mostram que a amplitude da promoção no território varia conforme a infra-estrutura, enquanto que a participação nas cidades varia conforme a divulgação. Naquela época, as promoções eram de impacto, numa única data, com o mesmo propósito e, hoje, tende a ser segmentada em razão dos interesses diversificados dos organizadores e das próprias

comunidades, para dirigirem a promoção para determinados públicos, promovendo a mesma atividade de caminhada, de diferentes maneiras, várias vezes ao mês ou ao ano.

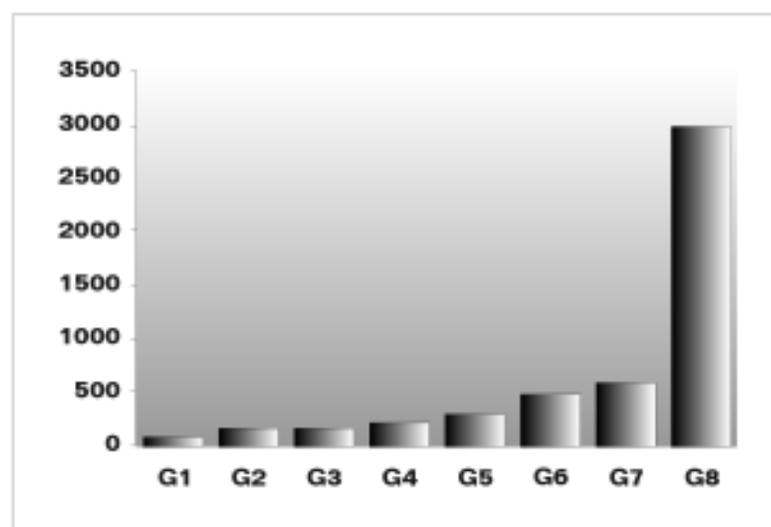
Convenções para leitura / Keys for interpretation

Gráficos / graphs: Número médio de participantes/ano X grupos de cidades (G) / *Average number of participants per year vs groups of towns (G)*

Quadros / tables: Número médio de participantes/ano com arredondamento afim de possibilitar comparações nos gráficos / *Average number of participants per year with adaptations for comparisons*

Período da coleta dos dados numéricos / Period of collected data: 1999 – 2002

Estâncias turísticas / Tourist-oriented towns



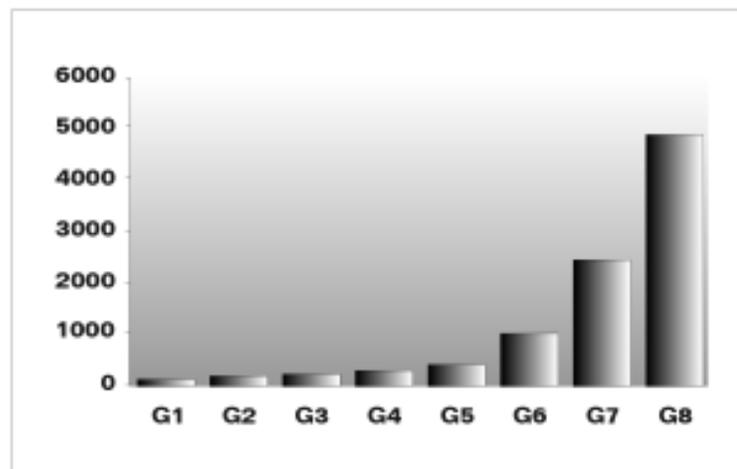
Destaques / features

A estância de Aparecida-SP representa o envolvimento de populações vizinhas à cidade em se organizarem, em reverência a Santa, participando de uma caminhada entre a Basílica e o Porto, onde a imagem de Nossa Senhora foi encontrada. A caminhada teve a participação de grupos da “terceira idade”, a adesão da Igreja, com a benção de padres e a divulgação através da TV Vanguarda – Rede Globo. Já a estância de Paraguaçu Paulista – SP exemplifica um caso de integração entre a administração pública e patrocinadores para a organização de caminhadas, servindo como modelo de mobilização, inclusive com a utilização de materiais promocionais de qualidade. A participação popular em caminhadas é também referência para o lazer.

Estâncias Turísticas	POP.	PART.
G1 Eldorado	13.872	50
Joanópolis	10.300	50
Paranapanema	16.000	50
Piraju	24.274	50
G2 Avaré	76.400	100
Embu	213.878	100
Ibitinga	44.658	100
Ibiuna	80.000	100
Ilha Solteira	22.641	100
Salesópolis	22.000	100
Salto	96.348	100
São José do Barreiro	4.113	100
São Pedro	25.000	100
São Roque	180.000	100
Tremenbé	35.573	100
G3 Igarapé do Tietê	23.077	150
G4 Holambra	10.000	200
Presidente Epitácio	36.699	200
G5 Barra Bonita	33.982	300
Batatais	51.324	300
Pereira Barreto	25.359	300
Ribeirão Pires	100.000	300
G6 São Luiz do Paraitinga	10.417	500
G7 Itú	150.000	600
G8 Aparecida	36.000	3000
Paraguaçu Paulista	37.535	3000

Estâncias balneárias

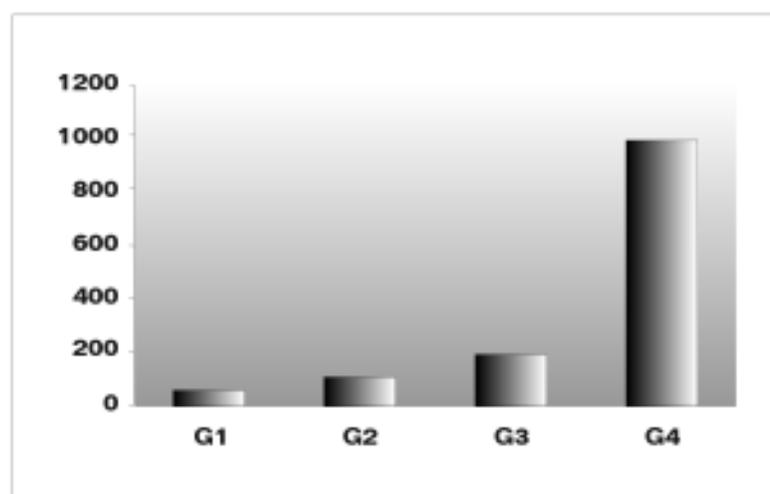
Seashore tourist towns



Nota: as cidades do litoral sul de SP tiveram o apoio de TV.

Estâncias Balneárias	POP.	PART.
G1 Cananéia	9.322	100
Ilha Bela	12.938	100
Ilha Comprida	3.983	100
G2 Bertióga	30.000	150
Guarujá	226.365	150
Mongagua	27.065	150
Peruibe	50.000	150
São Vicente	284.927	150
G3 Iguape	26.261	200
G4 Itanhaém	90.000	250
G5 Ubatuba	60.033	400
G6 Santos	412.268	1.000
Caraguatatuba	80.000	1.000
G7 São Sebastião	45.000	2.500
G8 Praia Grande	180.000	5.000

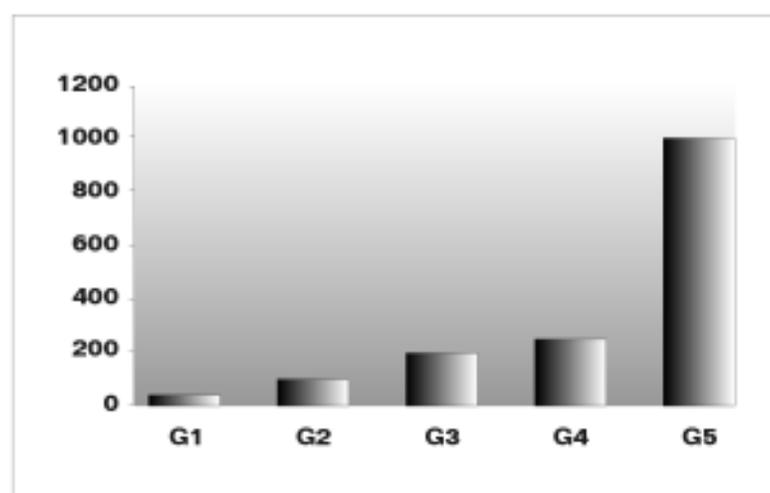
Estâncias climáticas / Mountain tourist towns



Nota: a cidade de Caconde teve o apoio de TV e Bragança Paulista tem pistas de caminhadas.

Estâncias Climáticas	POP.	PART.
G1 Santo Antonio do Pinhal	6.000	50
São Bento do Sapucaí	10.000	50
G2 Cunha	23.462	100
Morungaba	12.000	100
Nuporanga	6.500	100
Santa Rita do Passa Quatro	24.874	100
G3 Analândia	3.446	200
Campos Novos Paulista	4.176	200
G4 Bragança Paulista	160.000	1000
Caconde	87.485	1000

Estâncias hidrominerais / Mineral springs resorts

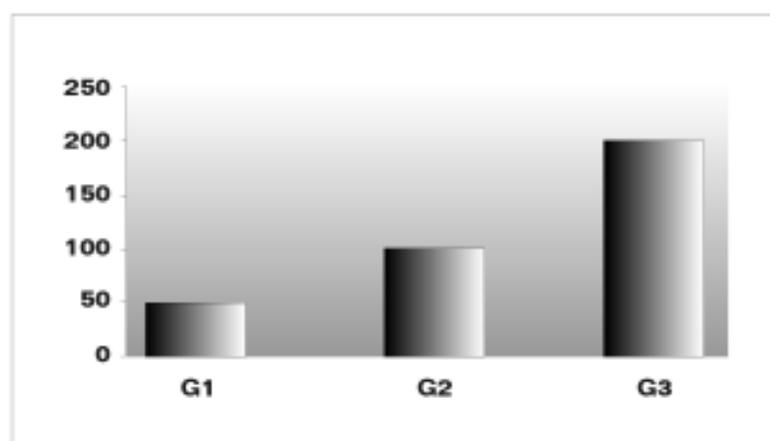


Nota: as cidades com maior participação envolveram grupos da "terceira idade"

Estâncias Hidrominerais	POP.	PART.
G1 Águas de São Pedro	1.720	50
G2 Águas da Prata	7.176	100
Águas de Lindóia	16.000	100
Águas de Santa Bárbara	4.319	100
Atibaia	100.677	100
Ibirá	9.313	100
Lindóia	4.916	100
Monte Alegre do Sul	6.006	100
Serra Negra	28.000	100
Socorro	31.942	100
G3 Campos do Jordão	36.016	200
G4 Amparo	55.457	250
G5 Poá	120.000	1000

Fazenda Ipanema: cidades de sítio turístico – patrimônio histórico

Ipanema Farm: Tourist and heritage towns and sites

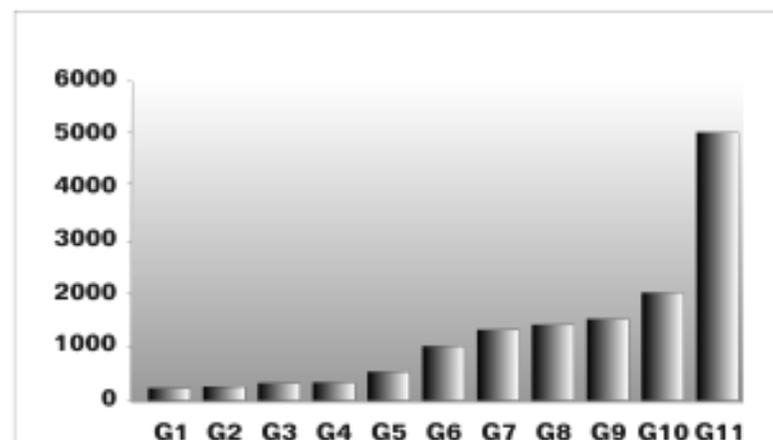


Nota: As cidades que participaram, através da Fazenda Ipanema, situam-se na região de abrangência do sítio histórico / natural do IBAMA e têm a economia dirigida, entre outras atividades, para o turismo.

Cidades - Fazenda Ipanema / IBAMA	POP.	PART.
G1 Pilar do Sul	23.165	50
Sarapuá	7.005	50
G2 Araçoiaba da Serra	17.125	100
Arapei	2.338	100
Iperó	14.283	100
Jumirim	1.803	100
Laranjal Paulista	20.718	100
Mineiros do Tietê	11.020	100
Piedade	41.232	100
Porto Feliz	42.727	100
G3 Itapetininga	112.340	200
Leme	77.825	200
Limeira	230.348	200

Municípios vinculados à Associação dos Dirigentes Municipais de Esportes – SP

Municipalities affiliated to Municipal Sport Managers Association – ADIMES



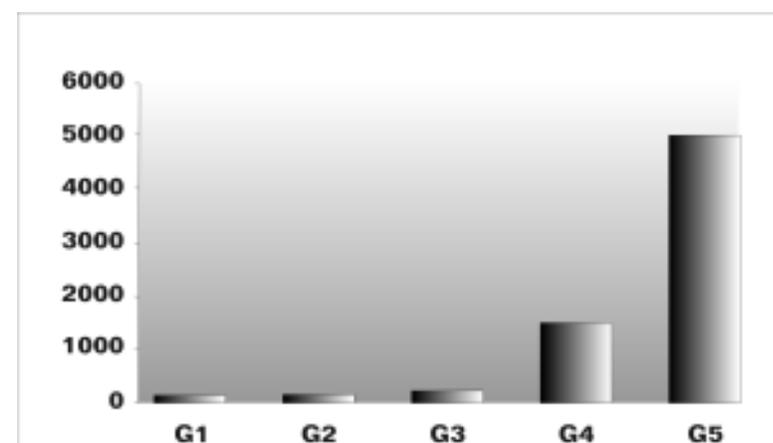
Destaques / features

As cidades que participaram, com a coordenação da ADIMES – Associação dos Dirigentes Municipais de Esportes - SP, representam administrações públicas com objetivos de implementar projetos de esporte, inclusive não-formais, para a população local e regional. A cidade de Itapira -SP é líder nessa política. Recentemente construiu uma pista para caminhadas ao longo das margens do Rio do Peixe que corta a área urbana, facilitando a promoção e, ao mesmo tempo, incentivando caminhadas de maneira inovadora, através da auto-gestão da atividade. A cidade é recordista em caminhadas e precedeu a Campanha EPT, tornando-se inclusive modelo para este empreendimento, levado a efeito no final da década de 1970.

Cidades - ADIMES	POP.	PART.
G1 Louveira	18.069	150
G2 Engenheiro Coelho	8.736	200
Conchal	22.606	200
Monte Mór	30.849	200
Pedreira	31.890	200
G3 Vinhedo	38.625	250
G4 Aguaí	26.360	300
Arthur Nogueira	26.019	300
Elias Fausto	12.485	300
Espirito Santo do Pinhal	10.087	300
G5 Mogi Guaçu	114.546	500
G6 Araras	95.997	1000
Paulínia	44.431	1000
G7 Mogi Mirim	75.337	1300
G8 Hortolândia	115.720	1400
G9 Americana	167.945	1500
G10 Valinhos	74.608	2000
G11 Itapira	60.791	5000

Municípios do Vale do Paraíba – TV Globo (Estado de São Paulo)

Municipalities of Vale do Paraíba River – TV Globo (São Paulo State)



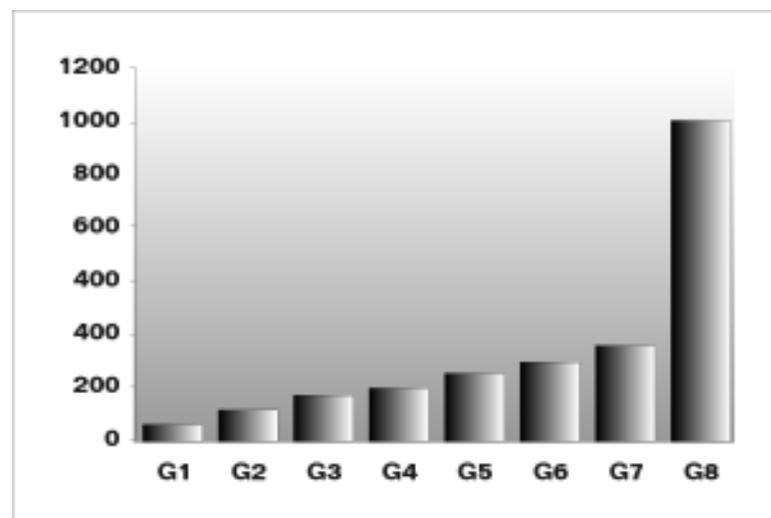
Destaques / features

O gráfico mostra a participação de várias cidades nas "Caminhadas de Aparecida" com a divulgação da TV Vanguarda – Rede Globo. (ver também gráfico "Estâncias turísticas"). Com base no *share* da emissora, o maior índice de audiência significou 73 aparelhos sintonizados em cada 100 ligados na região, o que significou uma audiência próxima de 1 milhão de pessoas que receberam a mensagem do DMC.

Vale do Paraíba - TV Vanguarda / Globo	POP.	PART.
G1 Taubaté	220.230	100
G2 Potim	12.463	150
Roseira	7.382	150
G3 Lorena	73.296	200
G4 Guaratinguetá	98.265	1500
G5 Aparecida	36.000	5000

POTENCIAL DE PARTICIPAÇÃO DE PÚBLICO - CAMPANHA TV	
Público atingido através de inserções televisivas	1.000.000
Provável índice de aceitação da mensagem	1%
Público estimado de participantes informais	10.000
Abrangência de cidades na campanha	46

Outras cidades do Estado de São Paulo / Other towns of São Paulo State



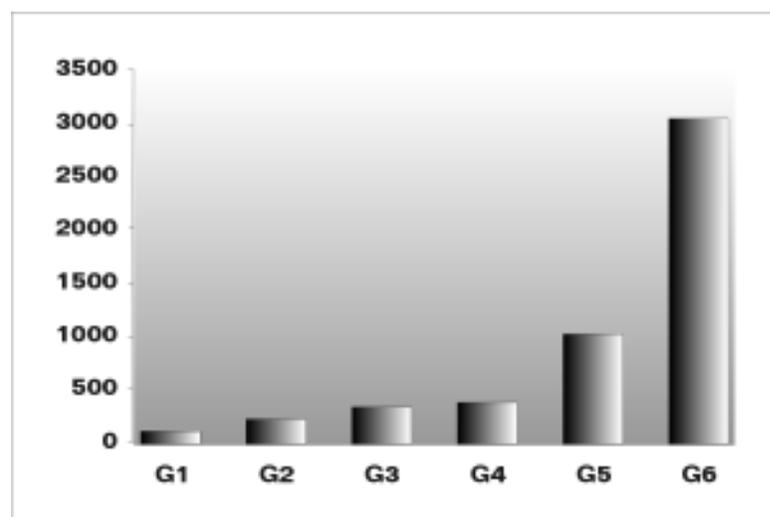
Outras cidades - Estado São Paulo POP.		PART.	
G1	Piracaia	20.246	50
	Santana de Parnaíba	57.299	50
	Vargem Grande do Sul	34.123	50
G2	Apiaí	23.972	100
	Brodósqui	15.529	100
	Brotas	17.059	100
	Espirito Santo do Turvo	3.108	100
	Glicério	4.174	100
	Guapiara	19.240	100
	Iacanga	8.110	100
	Icém	6.638	100
	Jacareí	167.751	100
	Mairiporã	49.893	100
	Ourinhos	86.876	100
	Palmares Paulista	9.360	100
	Salto Grande	7.188	100
	Santa Cruz das Palmeiras	23.946	100
	Tarumã	10.325	100

(continuação)

G3	Jaguariúna	25.399	150
G4	Altinópolis	13.888	200
	Dracena	40.043	200
	Pindamonhangaba	113.937	200
	Pirapora do Bom Jesus	10.499	200
G5	Jundiaí	293.373	250
G6	Santo André	624.820	300
G7	Itatiba	71.590	350
	Itaquaquecetuba	228.344	350
		9.839.06	
G8	São Paulo	6	1000

Outras cidades do Brasil adicionais às estâncias de SP

Other towns of Brazil in addition to the São Paulo tourist towns



Destaques / features

A cidade de Foz do Iguaçu-PR exemplifica o caso de uma grande empresa – ITAIPU Binacional, que programou atividades com funcionários e comunidades vizinhas, inclusive de países limítrofes com o Brasil, no sentido de possibilitar atividades de lazer, principalmente caminhadas, articuladas com o meio – ambiente e o compromisso social da empresa. A cidade de Campo Mourão-PR exemplifica a nova tendência de parcerias entre prefeituras e ONGs para a promoção de atividades comunitárias identificadas com o lazer, a saúde e o esporte. A iniciativa da caminhada partiu de um médico, vinculado ao Rotary Clube de Araucária-PR, produzindo inclusive outdoors para divulgação tendo conseguido grande participação.

Outras cidades - Brasil		POP.	PART.
G1	Araxá / MG	74.206	100
	Beberibe / CE	38.139	100
	Petrópolis / RJ	269.669	100
	Viçosa / MG	57.450	100
G2	Farroupilha / RS	52.821	200
G3	Cambuquira / MG	12.040	300
	Juiz de Fôra / MG	424.479	300
	Volta Redonda / RJ	232.287	300
G4	Porto Trombetas(Oriximiná) / PA	41.999	350
G5	Campo Mourão / PR	79.508	1000
	Recife / PE	1.346.045	1000
G6	Fóz do Iguaçu / PR Mercosul	231.627	3000

Cidades participantes e projeções de potencial de participação

Participant towns and projection of potential participation – index

Destaques / features

Os quadros acima mostram, no primeiro bloco, o total de cidades (645) do estado de São Paulo, acrescido de cidades (157) de outros estados, escolhidas através do critério de "potencial turístico das cidades brasileiras" – EMBRATUR e representa a média aritmética (18%) – índice de adesão para o Brasil; no segundo bloco, representa o percentual de adesão de cidades paulistas (20%); o terceiro bloco, representa as cidades brasileiras de "potencial turístico" e identifica um índice de participação das cidades próximo a 8%. Com base nesses índices, o gráfico "potencial de participação de cidades – Brasil" representa o número potencial de cidades brasileiras para o Dia da Caminhada. No terceiro bloco, "Potencial de Participação de Público – Brasil", estima-se a participação em 1.000 cidades brasileiras, com base no número real de participantes em 139 cidades atuais.

Cidades participantes e projeções	
Cidades mobilizadas no estado de S. Paulo e Brasil	802
Cidades que promoveram o Dia da Caminhada	139
Índice de adesão	18%
Cidades mobilizadas no estado de S. Paulo	645
Cidades que promoveram o Dia da Caminhada	127
Índice de adesão	20%
Cidades turísticas brasileiras contatadas	157
Cidades que promoveram o Dia da Caminhada	12
Índice de adesão	8%

Potencial de participação de cidades - Brasil	
Total de cidades brasileiras	5.561
Provável índice de adesão	18%
Potencial estimado de participação de cidades - Brasil	1.000

Potencial de participação de público - Brasil	
Total de participantes em 139 cidades	63.250
Provável índice (base: 63.250/139)	
Potencial estimado de participantes em 1.000 cidades	455.035

Cidades participantes com projeção para 2003

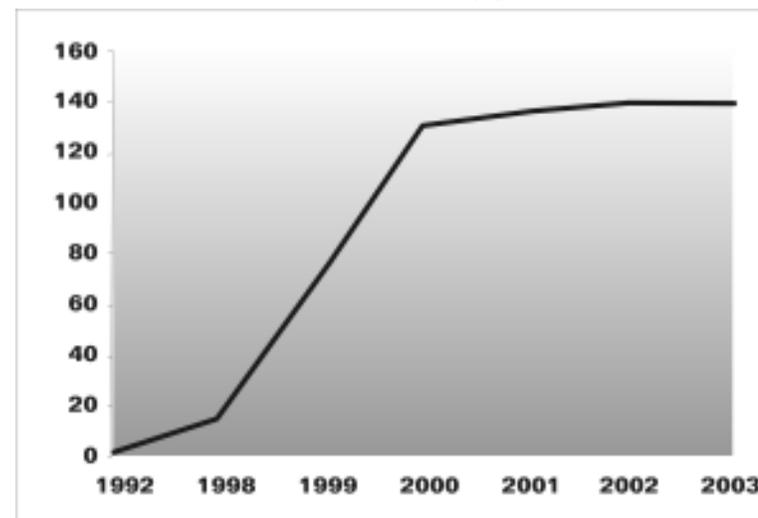
Participating towns and projection for 2003

Destaques / features

O gráfico desenha uma curva ascendente do DMC no Brasil, a partir de 1999, impulsionado através da participação das estâncias paulistas, com a realização da Caminhada da Melhor Idade. Entre 1999 e 2000, uma nova ascendência se dá em razão da estratégia de divulgação da "Caminhada 500 Anos Brasil". Entre 2000, 2001 e 2002 nota-se uma constante no número de cidades, projetada também para 2003.

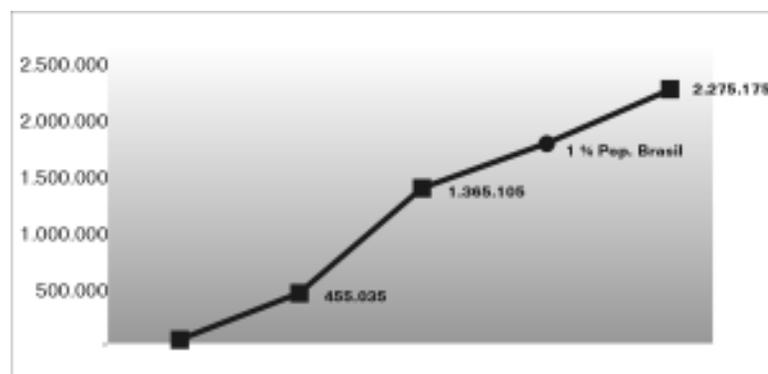
Número de cidades por ano / Number of towns per year

1992-1/Rio; 1998-14 cidades SP; 1999-70 cidades; 2000-130 cidades; 2001-135 cidades; 2002-139 cidades; 2003- projeção.



Potencial de participantes no Brasil usando-se mídia

Potential of participation with media support



Destaques / features

A visualização do gráfico acima considerou, para as projeções, os dados reais das cidades; o potencial de participação no Brasil; e os dados reais apresentados nas cidades com 1.000 participantes, que utilizaram mídias locais, acrescidos do coeficiente 3 e 5, os quais representam os maiores índices de participantes (entre 3/5.000) nas cidades que utilizaram mídia abrangente de Rádio, Jornal e, principalmente TV. Essas projeções configuram um novo patamar médio, estimado em 1% da população brasileira, como potencial de participantes para o Dia da Caminhada.

Promoção da saúde através da atividade física

ANA MIRAGAYA

Promotion of health through physical exercise

Health promotion is the combination of educational and environmental strategies that encourage behaviors or actions, individual or collective, which conduct to the health of the population. Strategies of health promotion (such as, capacity building; community development; economic, regulatory and policy initiatives; health education, counseling and skills development; health information; social marketing) should emphasize changes in life conditions of life and work of the population, which make up the structure of the health problems of a society. The concern about health and physical activities, traced back to Ancient Greece, has been incorporated to cultures and to the different historical periods according to multiple societies through the centuries. When the American Association for the Advancement of Physical Education was founded in 1885, its major objective was the improvement of the health of the population, especially through the education of children and adolescents. In Brazil, this concern was first manifested in books of Physical Education, the first of

which published in 1790 by Francisco de Melo Franco, Brazilian medical doctor graduated at Universidade de Coimbra in Portugal. Physical Education in this book is part of a chapter under medical heading. Schools of Medicine in Brazil began to graduate their first medical doctors during the early 19th century. The new doctors' theses emphasized hygienic questions and added aspects other than the human body in the understanding of medical practice of an area called 'Physical Education'. Six books that highlighted the practice of swimming as a way to keep healthy were published in Brazil between 1900 and 1938. The first survey of patterns of physical qualities of Brazilians of several age brackets (children and adults) took place in various regions of the country between 1976 and 1982. This project (Projeto Brasil) aimed at collective health objectives and identification of talents. It made up such a special framework that it was often applied in the following years at national and international levels. After this pioneer survey, along the decades of 1980 and 1990, there were several government

initiatives in the sense of training specialists in physical activities and health. Various research groups on the theme came up in universities and many scholars also started to work in this area independently. It was during this period that community-wide campaigns to promote sports and physical activities for leisure and health were put into practice. A national survey by sampling, covering 70% of the population, aiming to identify proportions of sedentary and active individuals took place in 1996. This study initiated research that led scientists to develop the methodology for the International Questionnaire of Physical Activities (IOPA). Another national survey with 23.457 individuals over 14 years of age happened in 2004. It identified as 50.9% the average index of physically active individuals (sufficient and insufficient) in Brazil. Besides displaying research on health promotion through physical activities in Brazil, this chapter also exposes an inventory of interventions in this area by different initiatives, institutions and their production of knowledge.

Definições Promoção da saúde é a combinação de estratégias de assistência educacional e ambiental que encorajam comportamentos ou ações, individuais ou coletivas, as quais conduzem à saúde da população. As estratégias de promoção da saúde (tais como capacidade de construção; desenvolvimento comunitário; iniciativas econômicas e de instauração de políticas; educação para a saúde, orientação e desenvolvimento de habilidades; informação sobre saúde; marketing social) devem enfatizar mudanças nas condições de vida e trabalho da população, que por sua vez formam a estrutura dos problemas de saúde de uma sociedade. A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda 5 prioridades de ação para apoio das estratégias de saúde: (1) construção de políticas públicas saudáveis; (2) criação de ambientes para a saúde; (3) fortalecimento de ação comunitária para a saúde; (4) desenvolvimento de habilidades pessoais e (5) re-orientação de serviços de saúde. A promoção de saúde tem como objetivo agir sobre os determinantes da saúde e desenvolver alternativas saudáveis para a população. Os modelos de promoção da saúde incluem conteúdos sócio-políticos, ecológicos e sócio-culturais.

Embora a prática de atividade física tenha sido considerada como comportamento saudável pelas sociedades de uma forma geral, a prova científica documental apontando os vários benefícios da prática de atividade física sistemática é relativamente recente. Vários estudos epidemiológicos têm demonstrado que indivíduos fisicamente ativos vivem mais que indivíduos sedentários e têm menos propensão a desenvolver vários tipos de doenças crônicas incluindo doenças coronarianas, hipertensão arterial, diabetes do tipo 2, osteoporose, câncer do cólon, ansiedade, e depressão. Além disso, estudos epidemiológicos e experimentais já demonstraram que a atividade física tem efeitos benéficos no metabolismo de lipídios, na pressão arterial, composição corporal, intolerância à glicose, sensibilidade à insulina, densidade óssea, e funções imunológicas e psicológicas. Com o uso de tecnologias modernas que reduzem drasticamente a atividade física no trabalho em casa, e até mesmo no lazer, um estilo sedentário de vida parece ser o comum em muitos países desenvolvidos. Evidências disponíveis na literatura especializada apontam o estilo de vida como responsável por aproximadamente metade das mortes prematuras. A combinação entre falta de atividade física e dieta inadequada é a segunda causa de morte precoce nos EUA, superada apenas pelo tabagismo, considerado o principal fator modificável de risco à saúde. O estresse contínuo, isolado ou associado a outros fatores comportamentais de risco, pode também resultar em inúmeros agravos à saúde dos indivíduos, além de comprometer o bem-estar e a produtividade no trabalho. Há muitas evidências científicas que têm cada vez mais demonstrado que a prática de atividade física sistemática é uma ferramenta essencial para a promoção da saúde, porque ela inibe o surgimento e o desenvolvimento de fatores de risco que predispõem ao aparecimento de disfunções crônico-degenerativas. No Brasil, como em outros países em desenvolvimento estudos populacionais de padrões de atividade física têm sido escassos e de pouca representatividade.

Outra definição que solicita atenção refere-se à diferença entre atividade física e fitness, expressões que podem conter ambigüidades. De acordo com a Organização Mundial da Saúde-OMS, a definição de saúde sugere uma variedade de conceitos e condições que podem estar envolvidas: "um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não meramente a ausência de doença ou enfermidade". Em 1953, Sir Russell Brain observou que a saúde é mais do que as 15.000 maneiras que uma pessoa tem para ficar doente de corpo ou mente. Observou ainda que os Gregos Antigos inseriam exercícios físicos em programas de medicina preventiva e higiene, que incluía descanso adequado, limpeza, dieta e exercícios físicos. O educador físico ao longo dos anos aderiu a uma conjunção conceitual forte entre a promoção de saúde e o fitness (Park, 1995). De acordo com Shephard (1995), ainda não está claro qual o valor mais apropriado e como este deverá ser medido: se é a atividade física (processo) ou o fitness (resultado do processo). De qualquer forma, algumas definições são importantes para delimitação da área de estudos. Segundo o documento publicado em 1993, resultante de um congresso no Canadá do qual participaram 100 cientistas reconhecidos internacionalmente dentro da área de Educação Física e esportes, foram apresentadas as definições a seguir. Atividade física é qualquer movimento do corpo produzido por músculos esqueléticos que resulta num aumento substancial em relação ao gasto de energia do descanso. Conseqüentemente, esta definição inclui exercício/atividade física (praticados deliberadamente para melhorar a saúde e o desempenho físico) e esportes, mas também o equivalente em gastos de energia em outros tipos de lazer ativo, trabalho ocupacional e tarefas domésticas. Como o *fitness* é considerado como resultado de um processo, os congressistas observaram que a avaliação física estava concentrada na performance. Os cientistas então se concentraram nos marcadores de saúde relacionados com o fitness: (1) índices de morfologia (massa muscular em relação à altura, composição corporal e distribuição de gordura, flexibilidade das articulações, e densidade mineral óssea), (2) função muscular (potência, força, e endurance), (3) habilidades motoras (agilidade, equilíbrio, coordenação e velocidade), (4) função cardíaco-respiratória (transporte de oxigênio, função do coração e pulmões, e pressão arterial) e (5) regulação metabólica (tolerância à glicose, metabolismo de lipídios e de lipoproteínas, e escolha de substratos metabólicos). A definição de saúde adotada neste congresso foi a de Bouchard e colaboradores de 1990: 'condição humana com dimensões físicas, sociais e psicológicas, cada dimensão caracterizada num contínuo com pólos negativo e positivo. A saúde positiva está associada com a capacidade de aproveitar e curtir a vida e de superar obstáculos; e não meramente ausência de doença. A saúde negativa está associada com a morbidade e ao extremo com a mortalidade prematura' (Bouchard, Shephard & Stephens, pp 6-7).

Origens A preocupação com a saúde assim como a prática de atividade física são descendentes da Grécia Antiga, e foram se adaptando a culturas e aos tempos diferentes através dos séculos. Quando a *American Association for the Advancement of Physical Education* (Associação Americana para o Avanço da Educação

Física-AAAPE) foi fundada em 1885, seu maior objetivo era a melhora da saúde da população, principalmente através da educação de crianças e adolescentes. Em um pronunciamento em 1889, Edward M. Hartwell, presidente da AAPE, sugeriu que a Educação Física deveria ser a matéria mais importante do currículo escolar já que seu objetivo principal era promover a saúde e estabelecer as bases sobre as quais hábitos adequados de saúde são desenvolvidos. Apesar de já haver alguma pesquisa sobre a atividade física e a saúde, estudos sobre lazer e sobre hábitos profissionais/ocupacionais em larga escala em relação ao fitness cardiovascular e o risco de doenças cardiovasculares só se iniciaram em 1949, quando Morris e colaboradores iniciaram sua investigação sobre atividade física e saúde nos 31.000 homens que trabalhavam para a *London Transport Service* (Serviço de Ônibus de Londres). Os resultados mostraram que os motoristas dos ônibus, que eram sedentários, tinham um índice muito maior de eventos coronarianos do que os cobradores, cuja função acarretava andar quilômetros por dia além de subir e descer os degraus dos ônibus de dois andares para receber o valor das passagens (Park, 1995).

A Inglaterra ensinou o mundo a praticar esportes durante o século XIX, já que muitas práticas surgiram nesse país, principalmente o remo. As competições entre as Universidades de Oxford e Cambridge iniciaram-se em 1829 e chegaram a atrair audiências de cerca de 100.000 espectadores em meados dos anos de 1850, tal o prestígio que tinham. Depois da competição de 1867, o periódico científico britânico *The Lancet* discutiu os perigos da dilatação do coração e de aneurisma que seriam causados pelo esforço da remada à exaustão durante as competições, nas quais o lema era 'a vitória ou a morte'. Para verificar alegações de que as competições de remo traziam danos aos competidores que eram amadores (deveriam ser homens que não fossem 'profissionais' mecânicos, artesãos ou trabalhadores que faziam esforço físico em suas profissões), John Morgan (médico e ex-atleta do remo) localizou 255 ex-remadores que participaram da prestigiada competição entre 1829 e 1869 e lhes enviou questionários. A maioria dos respondentes relatou que sua atividade como remadores havia melhorado sua saúde e não diminuído ou piorado. Morgan concluiu em 1873 que os remadores viveram em média 2 anos a mais do que o cidadão inglês comum. Pesquisa similar foi feita com os remadores americanos de Harvard entre 1852 e 1892, cuja conclusão apontada por Meylan foi de que os anos pós-competitivos desses remadores foram mais saudáveis dos que os de indivíduos comuns não-remadores (Park, 1995). Contribuições de organizações profissionais e de indivíduos têm sido importantes para avançar a pesquisa em saúde e a ciência da atividade física. A *Fédération Internationale de Médecine du Sport* (Federação Internacional de Medicina do Esporte - FIMS) foi estabelecida por médicos de 11 países durante os Jogos Olímpicos de Inverno em St. Moritz em 1928. Sabe-se no entanto que a primeira associação de médicos interessados em esportes ocorreu em Oberhof, na Alemanha, em 1912. A *British Association of Sport and Medicine* (Associação Britânica de Esporte e Medicina) foi fundada em 1953 e o *American College of Sports Medicine* (Colégio

Americano de Medicina Desportiva) em 1954. No Brasil, já na década de 1920 havia práticas de medicina do esporte (ver capítulo “Treinamento esportivo” neste Atlas).

A preocupação com a promoção da saúde tem suas raízes no movimento sanitário do final do século XIX e tem participado de sucessivos compromissos internacionais, quer aqueles especificamente relacionados à questão da saúde, como a Declaração de Alma Ata (1978), a Carta de Ottawa (1986), a Conferência de Adelaide (1988), a Declaração de Jacarta (1997) e a Carta de Bogotá (1992), quer aqueles relacionados às questões mais amplas de direitos sociais e desenvolvimento sustentável, como a Agenda 21 (1992), Carta do Caribe (1993) e a Conferência Pan-Americana sobre Saúde e Ambiente–COPASAD (1995). Os debates, discussões e compromissos se apóiam no entendimento de que saúde é na realidade qualidade de vida. Desta forma, a promoção da saúde consiste em proporcionar às populações os requisitos e as condições necessárias para melhorar e exercer controle sobre sua saúde, envolvendo: “a paz, a educação, a moradia, a alimentação, a renda, um ecossistema estável, justiça social e equidade” (Carta de Ottawa, 1986). Promover a saúde envolve, conseqüentemente, incorporar a construção desses pré-requisitos aos objetivos do conjunto das políticas públicas e da ação social. O setor de saúde deverá ter o papel principal no fomento à incorporação desse conceito e uma ação mediadora entre os vários agentes no sentido de promover a articulação das políticas públicas nessa direção, de modo a garantir os meios e as mudanças sociais necessárias à criação de ambientes favoráveis, promovendo mudanças em estilos de vida, processos de trabalho e formas de lazer. Para o Brasil em especial, este fomento desejável pode ter seu ponto de partida nas tradições da Educação Física, que desde suas primeiras proposições no século XVIII já se apoiavam na saúde e na moral.

1790 Os primórdios da promoção da saúde através da atividade física no Brasil se iniciam neste ano, com a obra publicada em Portugal e intitulada ‘Tratado de Educação Física dos Meninos para uso na Nação Portuguesa’, do Dr. Francisco de Melo Franco, brasileiro formado na Universidade de Coimbra, que chama a atenção para a formulação de preceitos e comportamentos desejáveis e necessários visando à melhoria das condições do parto e dos primeiros meses do nascituro. A Educação Física nesta obra surge como um capítulo da Medicina.

1828 Em Recife-PE publica-se a obra ‘Tratado de Educação Physico-Moral dos Meninos’ de Joaquim Geronimo Serpa, ainda vinculada à saúde do corpo na tradição iniciada por Melo Franco. A obra já apresenta alguns preceitos educacionais que à época apoiavam-se em comportamentos morais.

1829 Na Inglaterra, início das competições de remo entre as Universidades de Oxford e Cambridge, evento marco na história do esporte no mundo.

1800 - 1850 Os primeiros clubes populares de esportes apareceram no sul do Brasil, mais especificamente no Rio Grande do Sul, por iniciativas de pioneiros alemães e italianos destacando-se a ginástica (Turnen), o bolão e o tiro ao alvo. Jogos tradicionais europeus como a bocchia foram introduzidos nesta época e até hoje são praticadas como lazer popular. A esgrima já era praticada no Rio de Janeiro do início do século XIX, cidade em que o remo tornou-se o primeiro esporte de competições regulares no país neste período (ver capítulos sobre estes esportes neste Atlas).

1873 Na Inglaterra, conclusão do estudo de Morgan: os 225 remadores que treinaram e competiram em períodos entre 1829 e 1869 viveram em média 2 anos a mais do que o cidadão inglês comum.

1885 Fundação da *American Association for the Advancement of Physical Education* (Associação Americana para o Avanço da Educação Física-AAAPE).

1850 - 1890 Na segunda metade do século XIX tem início o período das teses nas Faculdades de Medicina no Brasil, que enfatizavam questões higiênicas e adicionavam fatores externos ao corpo humano no entendimento da prática médica de uma área denominada Educação Física. Pode se observar certos comportamentos sociais como parte de terapias médicas tais como atividades físicas que as mães podem estimular nos filhos, conforme a tese de 1854, do Dr. Ignácio Firmo Xavier, de Recife. Mais tarde, em 1888, Pedro Manuel Borges, em livro da Editora Garnier, RJ,

aborda a ginástica como ‘uma parte da medicina que ensina o modo de conservar e restabelecer a saúde por meio do exercício’. É importante observar que, já em fins do século XIX, a ginástica é pensada enquanto uma parte da medicina na busca da saúde. Dentre as inúmeras possibilidades de análise abertas por esta conceituação, segundo Ademir Gebara, é fundamental notar que esta relação entre ginástica e medicina-saúde será, no decorrer do século XX mais explicitamente reivindicada pela Educação Física (ver “Livros e Teses em Educação Física, século XIX”, neste Atlas).

1912 Primeira associação de médicos interessados em esportes em Oberhof, na Alemanha.

1900 - 1938 No Brasil da virada do século XX, a natação aparentemente representava os ideais de exercício e saúde conforme observado no livro ‘A Natação: Tratado Prático de Natação e Salvação’ escrita por Blache (1909), em que já havia preocupação com a saúde através das aulas de natação e com a saúde do nadador. Outras obras brasileiras publicadas mais tarde, tais como ‘Manual de Natação’ (Gama Jr, 1934), ‘Natação de Velocidade’ (Lamego, 1937), ‘Ensinando a Nadar’ (Lotufo, 1938), ‘Tratado de Natação’ (Monegal & Sá, 1938) e ‘Gymnastica e Natação’ (Coutinho, 1938) também enfatizavam a prática da natação como mantenedora da saúde (Miragaya & DaCosta, 2000).

1928 Fundação da *Fédération Internationale de Médecine du Sport* (Federação Internacional de Medicina do Esporte-FIMS) por médicos de 11 países durante os Jogos Olímpicos de Inverno em St. Moritz.

1935 Fundação da primeira Associação de Professores de Educação Física-APEF em São Paulo (ver capítulo sobre APEFs nesse Atlas).

1949 Morris e colaboradores iniciaram investigação sobre atividade física e saúde nos 31.000 homens que trabalhavam para a *London Transport Service* (Serviço de Ônibus de Londres).

1953 Fundação da *British Association of Sport and Medicine* (Associação Britânica de Esporte e Medicina).

1954 Fundação do *American College of Sports Medicine* (Colégio Americano de Medicina Desportiva).

1957 No Rio de Janeiro, é iniciado o movimento “Ruas de Recreio”, coordenado pelo Professor Alfredo Colombo, em parceria com o Jornal “O Globo”, o qual perdurou até 1969. A promoção envolvia profissionais e uma instituição governamental local de Educação Física. Desde então, “Ruas de Lazer” tornaram-se comuns em diversas regiões do Brasil e mais identificadas com o bloqueio do tráfego para prática livre de atividades físicas (Esporte para Todos). Antes, em Porto Alegre-RS, eventos semelhantes tiveram lugar na década de 1920, marcando uma tendência de mobilização popular para atividades físicas de lazer no país, as quais mais tarde se voltaram também para a saúde.

1970 Implantação do movimento Cooper no Brasil. Kenneth Cooper havia elegido o Brasil como um dos campos experimentais da promoção de exercícios aeróbios, além dos EUA e do Japão. Desde o final da década de 1960, locais adaptados para corridas e sinalizados com instruções e distâncias a percorrer foram instaladas por todo o país por iniciativa local e em resposta às conclamações públicas de Cooper. Este, pessoalmente, adotou um estilo de cruzada em favor de exercícios para a saúde no Brasil, cujo efeito final pode ser avaliado pelo fato da palavra “cooper” ter sido assimilada pela língua portuguesa como sinônimo de “exercício de corrida”, como hoje se encontram nos dicionários brasileiros (ver capítulo ‘Lazer Esportivo e Esporte para Todos’ neste Atlas).

Década de 1970 Início da ‘Campanha Esporte para Todos’. O Esporte para Todos (EPT) era uma proposta de intervenção na sociedade por meio de motivação da população em seu todo ou em segmentos alvo, visando-se à prática de atividades físicas com o objetivo de inclusão dos participantes em desenvolvimentos de lazer, saúde, esporte e proteção da natureza. A denominação hoje mais usada no país para programas de EPT é “esporte de inclusão social”. Hoje há três programas nacionais ao estilo do EPT que se iniciaram na década de 1990 no Brasil e se situavam em plena expansão no ano 2000 e seguintes: (i) Dia da Caminhada Mundial, organizado por associações de municípios em SP; (ii) Dia Mundial do Desafio liderado pelo SESC; e (iii) Agita São Paulo, campanha de exercícios físicos para a saúde, liderada pelo CELAFISCS,

entidade brasileira de prestígio internacional especializada em pesquisas vinculadas às atividades físicas (ver capítulo ‘Lazer Esportivo e Esporte para Todos’ neste Atlas).

1976 - 1982 O ano de 1976 foi marcado como o início da implantação do Projeto Brasil, financiado pelo MEC, que previa numa primeira etapa o levantamento de padrões das valências físicas do brasileiro em várias regiões e em diversas faixas etárias da criança e do adulto. Numa segunda etapa com base na experiência acumulada anteriormente, propunha-se à determinação precoce de potencialidades esportivas e o aconselhamento das especialidades mais adequadas. Ou seja, o Projeto Brasil visava à conciliação de objetivos de saúde coletiva e de identificação de talentos, numa formulação que se tornou freqüente nos anos seguintes nos planos nacional e internacional. A escala e abrangência geográfica do Projeto Brasil foi por outro lado destaque à época, pois seu roteiro indicava amostras tais como Volta Redonda-RJ (168 casos); Itapira-SP (690); Londrina-PR (1311); Belo Horizonte-MG (1500); e Recife-PE (1200). O Projeto foi dissolvido em 1982 (ver capítulo da ‘Fisiologia do Exercício’ neste Atlas).

1978 Fundação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte–CBCE (ver capítulo correspondente neste Atlas).

1981 No Brasil, o professor Marcos Nahas publica seus primeiros artigos em atividade física e saúde, dando início a uma importante linha de pesquisa no tema com continuidade e impacto em escala nacional, e respectiva cooperação com entidades e especialistas internacionais.

1985 Em Brasília, foi criado o Programa Nacional de Educação e Saúde através do Exercício Físico e do Esporte pelos Ministérios da Saúde e da Educação e do Desporto, envolvendo, respectivamente, a Coordenadoria de Doenças Crônicas-Degenerativas e a Secretaria de Educação Física (Dr. Gilberto Paiva e Dr. Geraldo Quintas). A iniciativa surgiu com o objetivo de contribuir para o aumento da prática esportiva e de atividades físicas pela população, conscientizando-a sobre a importância da atividade física como fator de saúde e estimulando o desenvolvimento de hábitos mais saudáveis de vida. Em 1985 foi também publicada a primeira edição do Curso em Exercício e Saúde à Distância elaborado por Cláudio Gil Araújo e Denise Sardinha Mendes Soares de Araújo, como projeto do Programa. Em 1987/1988, o Programa foi implantado em 14 estados através de convênios com Universidades Públicas e a Secretaria de Educação Física e Esportes do MEC. A Política Nacional do Programa foi implementada por uma Comissão Interministerial - Ministérios da Saúde e da Educação - e por um Comitê Assessor, objetivando sempre a discussão do binômio exercício físico e saúde. Em 1998, foi instituído o Comitê Técnico Científico de assessoramento das ações do Programa através da Portaria nº 3711/1998 do Ministério da Saúde. A coordenação geral do Programa, que ainda hoje opera em 27 estados brasileiros, está a cargo da Prof. Dra. Antonia Pria Bankoff da Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP. Por conta disso, situa-se na Faculdade de Educação Física da UNICAMP o Núcleo de Educação a Distância em Exercício Físico e Saúde, que tem a função de orientar e divulgar as ações do Programa. Além desse suporte e da coordenação geral, há coordenadores em cada estado da federação formando, assim, uma rede nacional de informações sobre o desenvolvimento das ações voltadas à popularização da prática de atividades físicas. Por fim, vale apontar que os coordenadores do LABSAU participam do Grupo de Trabalho Temático (GTT) sobre Atividade Física e Saúde do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

1991 Fundação do NuPAF, Núcleo de Pesquisa em Atividade Física e Saúde, talvez o primeiro nesta temática no Brasil por iniciativa dos Professores Markus V. Nahas e Ademir Tadeu Cardoso, junto ao Centro de Desportos da UFSC. O objetivo do NuPAF é desenvolver projetos, treinamento de pesquisadores e intercâmbio com outras áreas acadêmicas envolvidas com o estudo das relações propostas na “Hipótese do Exercício Físico”. Nestes anos, diversos projetos foram concluídos, com participação discente em muitos deles, resultando em publicações em vários periódicos especializados, palestras e cursos. A abordagem inter ou multidisciplinar e o envolvimento de alunos de graduação e pós-graduação nos trabalhos práticos e reuniões científicas têm sido uma prioridade para o Núcleo. Um programa de promoção da saúde para indivíduos de meia-idade, enfatizando atividades físicas e informação, foi iniciado em 1993, complementando a atuação do

NuPAF na área de prestação de serviços a comunidade, proporcionando a vinculação mais estreita da pesquisa com o ensino e a extensão no âmbito da UFSC. A partir daí observou-se um crescimento significativo na produção e no número de pessoas envolvidas com a pesquisa nesta área no país.

1980 - 2000 Em relação às práticas de duas décadas (1980 e 1990) a partir da leitura e análise de periódicos e algumas obras produzidas neste período, Fabiano Devede identifica em uma pesquisa publicada em 2000, duas tendências teóricas acerca da relação histórica entre a Educação Física (EF) e a saúde: (1) ampliação da relação da EF com a saúde encarando a saúde de forma crítica, no sentido de reconhecer seus diversos determinantes, além da prática regular de exercícios físicos, tendo como principais autores no Brasil: Faria Junior, J. Mota, Y. Carvalho, C. Soares e F. Devede; (2) a influência da corrente norte-americana da *Health-Related Fitness*, que estabelece uma relação entre a EF e a saúde estritamente correlacionada à aptidão física, priorizando parâmetros fisiológicos, com os seguintes autores no Brasil: M. Nahas, V. Barbanti, D. Guedes, V. Francalacci e J. Guedes. De acordo com Devede, a primeira tendência enfatiza a Promoção da Saúde (PS), concebida como um ideário cujas propostas abordam quatro questões básicas sobre a saúde: multifatorialidade, desmedicalização, educação para a saúde e o caráter coletivo, observadas em seus 5 princípios: (1) a PS deve focalizar a população como um todo e não apenas os grupos de risco; (2) a ação deve ser voltada para muitos fatores que influenciam a saúde de modo a assegurar que o meio ambiente total também conduza à saúde; (3) a PS deve envolver uma ampla variedade de estratégias e agências (comunicação, educação, legislação, medidas fiscais, mudanças organizacionais, desenvolvimento comunitário e atividades espontâneas locais) contra os azares da saúde; (4) a PS requer a participação de toda a comunidade; alguma coisa que envolva a aquisição (individual e coletiva) de estilos de vida; (5) profissionais da saúde têm parte a desempenhar no processo de tornar viável a PS através de sua defesa e educação (Devede, 2000). O autor em foco acrescenta que a segunda corrente defende a criação de estilos de vida ativos como principal objetivo a ser atingido pela EF escolar. A EF deve despertar o prazer pela atividade física, fornecer conhecimentos a respeito dos diferentes exercícios, da aptidão física e da elaboração de programas de exercícios, conceder certa autonomia aos alunos para que possam reconhecer o valor dos exercícios e ainda escolher, elaborar e avaliar de forma simplificada, programas para si próprios. Sob tais recomendações, em 1986, Charles Corbin idealizou a "Escala da Aptidão para Toda a Vida (EATV)", que descreve os objetivos e caminhos a serem seguidos pela EF no espaço escolar através das seguintes fases a serem transpostas no decorrer dos anos escolares de acordo com a Tabela 1.

1992 Início do Dia Mundial da Caminhada (*World Walking Day* – WWD), evento liderado pela *Trim and Fitness International Sport for All Association* – TAFISA, que reúne cerca de 60 países em torno de uma caminhada no terceiro domingo do mês de outubro, todos os anos. O Brasil foi um dos primeiros países a aderir ao movimento por meio de João Nelson dos Santos, um dos líderes do EPT no estado de SP, e até hoje detém o recorde de participação em caminhadas com 250.000 pessoas num único evento, realizado no RJ em 1992 (ver capítulo correspondente a esta atividade neste Atlas).

1994 O Centro de Medicina da Atividade Física e do Esporte-CEMAFE foi criado neste ano como um órgão ligado à Reitoria da Universidade Federal de São Paulo (Escola Paulista de Medicina) através de aprovação do Conselho Departamental e da Congregação. O CEMAFE é uma entidade de natureza multidisciplinar cujos objetivos são: (1) Atividades de Ensino: desenvolvimento de simpósios, cursos de especialização, aperfeiçoamento, extensão nas diferentes áreas de conhecimento ligadas às ciências da atividade física e do esporte. Estágios de aperfeiçoamento destinados a alunos e profissionais de Cursos na Área da Saúde; (2) Atividade de Pesquisa: projetos de pesquisas científicas em associação com as diferentes disciplinas da Universidade Federal de São Paulo-UNIFESP, Escola Paulista de Medicina; (3) Atividades de Assistência: Atendimento de pacientes ambulatoriais, e comunidade da UNIFESP-Escola Paulista de Medicina (docentes, médicos, alunos, funcionários e pacientes) na área de avaliação funcional; (4) Prestação de Serviços: Consultoria, projetos de planejamento e avaliação de atletas, sedentários e praticantes de atividades físicas.

1995 Início do Dia do Desafio / *Challenge Day* no Brasil, hoje coordenado no Continente Americano pelo SESC – Serviço Social

do Comércio – de São Paulo, com a proposta de que as pessoas interrompam suas atividades rotineiras e pratiquem, durante 15 minutos consecutivos, qualquer tipo de atividade física (ver capítulo sobre este evento neste Atlas).

1996 Criação do curso de Mestrado em Educação Física na Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, com área de concentração em Atividade Física e Saúde. Início neste ano da promoção Agita São Paulo / *Get Moving São Paulo*, um dos maiores do mundo em seu gênero, tendo se projetado desde 1996 de sua região de origem para todo o Brasil primeiramente, depois para as Américas e, já em 2002, alcançando os demais continentes. Este movimento voluntário tem sido liderado pelo Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul-CELAFISCS localizado em São Paulo, e hoje envolvendo 260 parcerias institucionais que promovem em nível local a melhoria do nível de atividade física e o conhecimento dos benefícios de um estilo de vida ativa. Um dos fatos geradores da campanha situou-se em Rego *et al.* (1990) com relação à região metropolitana de São Paulo, que estimou para o início da década de 1990, um total de 69,3% dos adultos não eram suficientemente ativos, com as mulheres (80,2%) mais sedentárias do que os homens (57,3%). Um levantamento nacional em 1997 (n=2.504) mostrou 60% de adultos como insuficientemente ativos (Data Folha, 1997). Essa prevalência foi maior do que qualquer outro risco, como diabetes (6,9%), obesidade (18%), hipertensão (22,3%) ou tabagismo (37,9%) (ver capítulo 'Agita SP' neste Atlas).

1996-1997 Primeira pesquisa brasileira de validade nacional a incluir atividade física foi a 'Pesquisa sobre Padrões de Vida' (PPV), que ocorreu entre março de 1996 e fevereiro de 1997, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, órgão brasileiro responsável pelas estatísticas oficiais em colaboração com o Banco Mundial (*World Bank*). Essa pesquisa estudou uma amostra probabilística estratificada em múltiplos estágios de 4.893 residências, incluindo 11.033 adultos a partir de 20 anos de idade. As residências pesquisadas estavam nas áreas mais populosas do país: os estados do nordeste e do sudeste que representam 70% da população brasileira. As pessoas selecionadas responderam a um questionário sobre suas atividades físicas de lazer. Na PPV, 20% da população indicaram a prática de exercício físico ou esporte (EF), havendo um grande diferencial entre homens (27,3%) e mulheres (13,1%). A frequência de prática de EF foi relativamente semelhante entre as regiões nordeste (NE=18,7) e sudeste (SE=20,9%), mas substancialmente menos mulheres do NE (8,9%) praticavam EF comparadas às do SE (15,9%). A faixa etária de 10 a 15 anos foi a de maior relato de prática de EF. Nos anos seguintes estes números tornaram-se relativos pela mudança de metodologia (ver capítulo 'Cenário da Prática de Atividades Físicas e da Epidemia de Excesso de Peso no Brasil' neste Atlas).

1997 Realização do I Congresso Brasileiro de Atividade Física e Saúde, um evento bienal, que teve sua quarta edição em 2003.

1998 Em 1998, o Ministério da Saúde, por meio da Secretaria de Políticas de Saúde, instituiu o Projeto Promoção da Saúde, em cooperação técnica com a OPAS e o PNUD, objetivando elaborar e desenvolver uma política nacional de promoção da saúde. A política de promoção da saúde do Ministério da Saúde tem como missão "reorientar o enfoque das ações e serviços de saúde, visando à construção de uma cultura de saúde baseada nos princípios de solidariedade, equidade, ética e cidadania e advogar por uma dinâmica de atuação que esteja sintonizada com a defesa da qualidade de vida do cidadão brasileiro, potencializando as ações desenvolvidas pelo setor saúde e a busca pela realização do homem como sujeito de sua própria história". O Plano de Desenvolvimento da Promoção da Saúde - elaborado para o quadriênio 2000/2003, tem por objetivo registrar a sua missão, a sua visão de futuro, afirmar seus princípios e definir linhas estratégicas de ação, áreas de atuação e projetos. É um registro que nasceu do sentimento e da constatação de ser a Promoção da Saúde, como enfoque estratégico, um dos maiores desafios à configuração de um novo modelo de atenção à saúde. O plano de ação da Promoção da Saúde prevê as principais linhas de atuação: Promoção da Saúde da Família e da Comunidade, Promoção de Ações contra a violência, Capacitação de RH para a promoção e Escola Promotora de Saúde, Espaços saudáveis e Comunicação e Mobilização Social.

2000 Criação da Rede de Atividade Física das Américas-RAFA (*The Physical Activity Network of the Americas-PANA*) com o objetivo de construir uma "rede das redes nacionais", integrando membros das

instituições públicas e privadas, nacional e internacionalmente, para promover a saúde e a qualidade de vida mediante a atividade física. O apoio científico da RAFA é provido pelo *Center for Disease Control and Prevention*-CDC (EUA) e Centro de Estudo do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul-CELAFISCS (Brasil). As atividades atuais da RAFA são as seguintes: coordenar o seguimento das atividades do Dia Mundial da Atividade Física (6 de abril); desenvolver o Estudo da Prevalência Internacional de Sedentarismo usando o Questionário Internacional de Atividade Física (IPAQ) demonstrando a possibilidade de coletar dados internacionais comparáveis; implementar ou identificar a *home page* para RAFA e ligar este site às *home pages* chaves existentes; e desenvolver guias de vários aspectos da Rede: Secretaria permanente; Membros da RAFA; Voto; e Operação da rede (ver capítulo 1 Rede de Atividade Física das Américas / Agita Mundo' neste Atlas).

2001 Fundação do Colégio Brasileiro de Atividade Física, Saúde e Esporte-COBRASE (ver capítulo correspondente nesse Atlas)

2002 Publicação do livro "*Worldwide Experiences and Trends in Sport for All*", editado por Lamartine DaCosta e Ana Miragaya. De acordo com esta obra, um em cada seis habitantes do planeta pratica algum tipo de atividade física ou de esporte. Conseqüentemente, o esporte se tornou uma moeda internacional, aceita por todos em qualquer lugar, o que se pode verificar nos capítulos do novo livro, que teve 87 autores veiculando informações de 36 países, inclusive o Brasil, em um estudo comparado feito pelos editores. É um dos maiores estudos do gênero realizados na área do esporte. Ao mesmo tempo em que o livro expõe resultados de um longo estudo em Esporte para Todos é também um gigantesco banco de dados do qual recursos relativos aos muitos países participantes podem ser acessados como referência por alunos, pesquisadores, gerentes de políticas públicas, líderes esportivos e demais administradores da área dos esportes. A ênfase do *Sport for All*-SFA (Esporte para Todos) é na cooperação, na criatividade, no desafio, no entretenimento, na auto-expressão e nas diferenças individuais em vez de na competição. Pode-se então observar os quatro grandes desafios dos últimos 30 anos abordados no livro citado: (1) convencer os sedentários de que ser fisicamente ativo não é só prazer e divertimento, significa também mais saúde e ficar em forma; (2) incentivar as pessoas a praticar algum esporte, o que elas jamais fizeram, na esperança de que a tentativa possa levá-las a uma participação contínua, reduzindo barreiras sociais e psicológicas; (3) integrar esporte, recreação, e estratégias de saúde, e (4) garantir o acesso dos menos favorecidos a uma infra-estrutura desportiva e ajudá-los a financiar seu envolvimento com o esporte.

2003 Publicação do estudo: 'Epidemiologia descritiva de atividade física de lazer no Brasil', 1996-1997. O objetivo desta pesquisa foi descrever a prevalência, frequência, tipo, motivação e distribuição sócio-econômica e demográfica da atividade física de lazer (AFL) da população brasileira adulta estudada pela PPV. A razão principal dada por homens para a prática da atividade física foi o lazer (78,8%), enquanto que para as mulheres foi o lazer (44,6%) e a preocupação com a saúde (32,3%). A preocupação com a estética foi mais comum entre as mulheres (16,8%) do que entre os homens (3,8%). De acordo com a análise da PPV elaborada por Carlos Monteiro *et al.* (2003), somente 13% dos brasileiros pesquisados fazem um mínimo de 30 minutos diários de atividade física em um ou mais dias da semana e destes somente 3,3% fazem pelo menos 30 minutos diários de atividades em 5 ou mais dias da semana. Nas faixas etárias mais jovens da população pesquisada, os homens são mais ativos do que as mulheres, mas a partir da faixa de 40 a 45 anos tanto homens quanto mulheres diminuem a prática da atividade física. Os homens relataram estarem mais engajados em esportes coletivos enquanto as mulheres preferem mais atividades como caminhadas e jogging, atividades essas preferidas por homens e mulheres que se exercitavam cinco vezes na semana. Os homens apontaram o lazer como razão básica para engajamento em AFL enquanto as mulheres elegeram com igual importância o lazer, cuidados com a saúde e a estética. Tanto para homens quanto para mulheres a razão cuidados com a saúde tendeu a ser relativamente mais importante para aqueles que praticavam atividade física mais dias da semana. Também em ambos os gêneros o aumento de faixa etária estava associado com uma maior frequência de AFL, com mais caminhada/jogging do que com esportes coletivos e com mais razões ligadas a cuidados com a saúde do que com razões relativas ao lazer. Para homens e mulheres houve uma forte associação entre a AFL e o status sócio-econômico, medido pela renda ou pelo

nível de instrução, independentemente de idade, região e local de residência urbana ou rural. O estudo conclui que a prevalência da AFL no Brasil está bem abaixo do nível observado em países desenvolvidos. Entretanto, a distribuição demográfica e social da AFL no Brasil seguiu um padrão similar àquele usualmente observado em países desenvolvidos, onde homens tendem a ser mais ativos do que mulheres, onde a aumento da faixa etária contribui para a diminuição da AFL e o status sócio-econômico mais alto está associado com mais AFL.

2003 Publicação da pesquisa: 'Sedentarismo: prevalência e variáveis associadas em adultos brasileiros', cujo objetivo foi medir a prevalência do sedentarismo e variáveis associadas numa população adulta de uma cidade do sul do Brasil. Foi um estudo *cross-sectional* baseado numa amostra de 3.182 sujeitos com idades de 20 anos ou mais. A atividade física (AF) foi avaliada através de uma versão curta do *International Physical Activity Questionnaire* (Questionário Internacional de Atividade Física - IPAQ), usando entrevistas na casa dos respondentes sobre as atividades realizadas dentro da última semana. O questionário cobre lazer, ocupação, transporte e atividades domésticas. Sedentarismo foi definido como menor do que 150 minutos por semana (150min-wk⁻¹) gastos em AF moderadas ou vigorosas. O tempo gasto em AF foi multiplicado por dois. Os resultados da pesquisa mostram a prevalência do sedentarismo em 41,1% da população pesquisada. O sedentarismo foi positivamente associado com a idade e nível sócio-econômico e inversamente associado com status de saúde relatado pelo próprio sujeito pesquisado. Pessoas de cor branca e mulheres que moravam sozinhas tenderam mais a ser sedentárias. A conclusão do estudo foi que a prevalência do sedentarismo nesta população adulta brasileira é alta, mesmo assim ainda mais baixa do que aquela relatada em estudos de AF de lazer somente em outras populações. Estudos em países em desenvolvimento podem estar seriamente limitados se atividades desenvolvidas durante o trabalho, transporte e atividades domésticas não forem também levadas em consideração.

2004 Foi realizado no dia 15 de junho, no auditório da Reitoria da UFSC, o I Fórum Intersetorial de Promoção à Saúde, com o objetivo de propor a criação de uma Rede Municipal de Promoção da Saúde. Neste ano também foi divulgado o "Inquérito Domiciliar de Comportamentos de Risco e Morbidade Referida" do Instituto Nacional do Câncer-INCA com a participação do IBGE, sendo os dados apresentados pela Dra. Gulnar Azevedo no VI Congresso Brasileiro de Epidemiologia (2004). O levantamento foi feito no período 2002-2003, em 16 capitais brasileiras com 23.457 indivíduos maiores de 14 anos e incluiu fatores de risco como tabagismo, álcool, sobrepeso, hipertensão arterial, diabetes e sedentarismo (analisado pelo IPAQ curto). O índice médio de indivíduos fisicamente ativos (suficientes e insuficientes) válido para a população pesquisada foi de 50,9%. Esta investigação foi a de maior abrangência nacional desde a já citada "Pesquisa sobre Padrões de Vida" (1996 – 1997) e

com o tal foi incluída neste Atlas (ver capítulo 'Cenário de tendências gerais dos esportes e atividades físicas no Brasil').

Situação Atual A prática da atividade física sistemática tem sido considerada como um dos fatores mais importantes na melhoria, manutenção e recuperação do nível da saúde da população uma vez que o sedentarismo tem forte relação com a prevalência de doenças crônico-degenerativas não-transmissíveis como câncer, dislipidemias, obesidade, hipertensão, osteoporose, diabetes (não-dependente de insulina) e doenças cardiovasculares, conforme já citado. Grupos populacionais fisicamente ativos têm se beneficiado da prática regular da atividade física na redução da incidência de doenças respiratórias obstrutivas, enfermidades cardiovasculares e dores crônicas, o que leva à redução das taxas de morbidade e mortalidade. Entretanto, isso não parece atingir um grande percentual da população brasileira, especialmente a dos grandes centros. A área da promoção da saúde através da prática regular de atividades físicas e do ser 'mais ativo' ainda se encontra em seus primeiros estágios apesar de se observar um maior interesse e número crescente de pesquisadores na área. Há mais pesquisas sendo desenvolvidas, mais exposição dos males do sedentarismo, mais instituições promovendo a atividade física, porém há também a necessidade de uma conscientização maior por parte das populações em relação à mudança de comportamento para a prática de atividades físicas, especialmente das de lazer ativo. A exposição da situação alarmante dos índices de morbidade e mortalidade e das formas de prevenção poderia em muito ser auxiliada pela força da mídia. No estudo que fez sobre o potencial da mídia e tecnologias aplicadas no mecanismo de mudança de comportamento, através de programas de intervenção de atividade física, Figueira Júnior (Ver Rev. Bras. de Ciência e Mov., 2000) relata que a mídia, através de inovações tecnológicas tem levado ao aumento da visibilidade das propostas iniciativas atuação dos novos paradigmas para se atingir um estilo de vida ativo. A ação da mídia permite uma rápida e abrangente penetração social, que para os programas de intervenção, é de extrema importância. Por outro lado poucos trabalhos têm apresentado a relação custo-benefício do uso da mídia; metodologias utilizadas para a intervenção; acompanhamento de uma característica regional ou de grupos populacionais específicos e quantificação de formas de mídia mais efetiva, na contribuição da mudança de comportamento, frente à atividade física. É através da mídia que se sabe sobre congressos internacionais (Educação Física, medicina, esportes, etc.) que ocorrem no Brasil, sobre esporte de uma forma geral, e principalmente sobre campeonatos mundiais onde haja participação de brasileiros e os Jogos Olímpicos, que, a cada quatro anos, inspiram mudança de comportamento de determinados grupos populacionais, especialmente de jovens que se sentem motivados à prática de modalidades esportivas bem representadas nas vitórias brasileiras dos Jogos. Este Atlas reporta os números do Brasil, únicos no mundo nas mais variadas áreas de atividade física e esporte que

podem acelerar a congregação e motivação dos brasileiros a uma vida ativa, não somente em termos de profissionais de Educação Física, cientistas do esporte, instituições do esporte (clubes, associações, etc), locais de prática (indoor e outdoor), tipos de esportes (de conservadores a radicais), publicações esportivas, atletas das mais variadas modalidades, materiais desportivos, equipamentos, criatividade de brasileiros na prática desportiva, áreas de lazer, instituições, associações, clubes, mas também em termos de clima, posição geográfica, belezas naturais, costa, praias, matas, o conjunto que faz do país o cenário ideal para promover a saúde através da atividade física e do esporte.

Fontes Núcleo de Pesquisa em Atividade Física e Saúde: <http://www.nupaf.ufsc.br/portugues/index.htm>; Nuteses: <http://www.nuteses.ufu.br/index3.html> Biblioteca Virtual de Saúde do Ministério da Saúde: <http://dtr2001.saude.gov.br/bvs>; Revista Digital: Educación Física y Deportes <http://www.efdeportes.com/indicbr.htm> Blache, P. (1909). A Natação: Tratado Prático de Natação e Salvação. Rio de Janeiro: H. Garnier. Coutinho, P. (1938); Gymnastica e Natação. Rio de Janeiro: J do Valle; Bouchard, C., Shephard, R. & Stephens, T. (1994). *Physical Activity, Fitness, and Health: International Proceedings and Consensus Statement*. Champagne: Human Kinetics Publishers; DaCosta, L. P. (1968). Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Desportivo. Brasília: Divisão de Educação Física do M.E.C.; Devide, F. (2000). Tendências teóricas a respeito da relação histórica entre a Educação Física e a saúde. pp.401-407 Anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física; Figueira Júnior, A. Potencial da mídia e tecnologias aplicadas no mecanismo de mudança de comportamento, através de programas de intervenção de atividade física. Ver. Brás. Ciên. e Mov. v.8 n.3 p.39-46 junho 2000; Gama, JR., C.N. (1934). Manual de Natação. São Paulo: Casa Siqueira-Salles de Oliveira & Cia Ltda; Lamego, J.L. (1937). Natação de Velocidade. Rio de Janeiro: Editora Liga Carioca de Natação; Lotufo, J. (1938). Ensinando a Nadar. Rio de Janeiro: Companhia Brasil Editora. Miragaya, A.& DaCosta, L. (2000). Considerações históricas sobre métodos e técnicas do treinamento da natação no Brasil (1909-1938). Anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança. pp.727-731 Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física; Monegal, J. & Sá, L.G. (1938). Tratado de Natação. Porto: Livraria Simões Lopes de Domingos Barreira; Monteiro, C., Conde, W., Matsudo, S., Matsudo, V., Bonsenor, I., Lotufo, P. (2003). *A descriptive epidemiology of leisure-time physical activity in Brazil, 1996-1997*. Rev Panam Salud Publicas/Pan Am J Public Health 14(4); Park, R. (1995). *History of research on physical activity and health: selected topics, 1867 to the 1950s* in Quest, 47, 274-287; Shepard, R. (1995). *Physical activity, fitness, and health: the current consensus* in Quest, 47, 288-303.

Alguns programas de incentivo à atividade física operando em 2004

Programs that promote physical activities in Brazil- 2004

Lazer Ativo (COAFIS)

Os objetivos do Lazer Ativo são incentivar a adoção de um estilo de vida mais ativo e promover a qualidade de vida do trabalhador catarinense. Isto é feito através de informação, sensibilização e acesso efetivo dessas pessoas às atividades de lazer que envolvam movimento corporal e que facilitem a integração com colegas e familiares, preferencialmente em contato com a natureza. Localizado na Av. Beira-mar Norte (próximo à UFSC), o COAFIS oferece gratuitamente à comunidade serviços e orientação para a prática de atividades físicas.

Laboratório de Atividade Física e Promoção da Saúde (LABSAU) do Instituto de Educação Física e Desportos (IEFD) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

O hábito da prática de atividade física sistemática tem se transformado numa ferramenta valiosa na promoção da saúde pelo fato de inibir o aparecimento e desencadeamento de fatores de risco que levam indivíduos a doenças crônicas e degenerativas. Este grupo de pesquisa 'vem procurando produzir e discutir informações que possam subsidiar tomadas de decisões quanto à proposição de programas regulares de exercícios físicos no meio escolar e não-escolar, na tentativa de minimizar a incidência

de sedentarismo na sociedade moderna. O Laboratório de Atividade Física e Promoção da Saúde (LABSAU) do Instituto de Educação Física e Desportos (IEFD) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), ainda em fase de implantação, tem como objetivo contribuir para a produção e a difusão do conhecimento na temática das 'atividades físicas e promoção da saúde'. Dentre as unidades da UERJ que vêm trabalhando em conjunto com o LABSAU, pode-se mencionar a Universidade Aberta da Terceira Idade, a Clínica de Hipertensão do Laboratório de Fisiopatologia Clínica e Experimental do Hospital Universitário Pedro Ernesto e o Instituto de Nutrição. Alguns estudos vêm sendo realizados em parceria com o Núcleo do Instituto de Ciências da Atividade Física da Aeronáutica e com a reputada Clínica de Medicina do Exercício - CLINIMEX. O LABSAU também trabalha como consultor para assuntos relacionados à atividade física junto ao portal Idade Maior, especializado em envelhecimento. É importante mencionar que o LABSAU também é o representante oficial do 'Programa Nacional de Educação e Saúde através do Exercício Físico e do Esporte' do Governo Federal no estado do Rio de Janeiro, através de seus coordenadores, o Prof. Marcos Santos Ferreira.

Tabela 1 / Table 1

Escala da Aptidão para Toda a Vida (EATV) de C. Corbin adaptada por Davide, 2000

Life-long fitness scale from C. Corbin (EATV) adapted by Davide, 2000

1. Exercitação 1. Exercise	Fazer da prática de exercício um hábito Desenvolver o prazer pela prática Encontrar o melhor exercício para si
2. Níveis de aptidão física 2. Fitness levels	Atingir níveis mínimos de aptidão relacionados à saúde Estabelecer objetivos realistas
3. Aquisição de conhecimentos 3. Knowledge acquisition	Benefícios dos exercícios para a saúde Como exercitar-se adequadamente Efetividade dos diversos tipos de exercícios Diferentes componentes da atividade física
4. Auto-avaliação 4. Self evaluation	Nível de aptidão física relacionada à saúde Interpretação dos resultados
5. Solução de problemas 5. Problem solving	Planejamento de um programa pessoal Consumidor bem informado

Algumas instituições no Brasil que promovem saúde através da atividade física

Institutions that promote physical activities in Brazil

1. COBRASE - Colégio Brasileiro de Atividade Física, Saúde e Esporte Tem por objetivo produzir e difundir pesquisas científicas; atuar no desenvolvimento e na democratização do conhecimento tecnológico; realizar atividades de ensino e extensão; além de universalizar o acesso à informação profissional, institucional e acadêmica; tudo nas áreas de conhecimento da Atividade Física, da Saúde e do Esporte (ver capítulo neste Atlas).

2. SESC – Serviço Social do Comércio Tem por objetivo democratizar o acesso ao lazer, a educação, a cultura, a saúde e o esporte, promovendo deste modo a qualidade de vida dos trabalhadores e das comunidades em geral (ver capítulos nesse Atlas).

3. SESI – Serviço Social da Indústria Tem a função de prestar serviços sociais de saúde, educação, lazer, cultura, alimentação e de promoção da cidadania, visando à melhoria da qualidade de vida do trabalhador da indústria, transportes, comunicação e pesca, bem como a de seus dependentes (ver capítulos neste Atlas).

4. ACM – Associação Cristã de Moços Instituição que congrega pessoas sem distinção de raça, posição social, crença religiosa, política ou de qualquer natureza, é uma tradição de mais de cem anos no Brasil combinando Educação Física e esportes com voluntariado, e estes com atividades de sentido comunitário (ver capítulos neste Atlas).

5. Clubes Panathlon Constituem a versão do Rotary ou do Lions no esporte. A influência do Panathlon no Brasil se faz sentir por meio da promoção da ética no esporte, campanhas de atividades físicas de saúde e preservação da memória do esporte (ver capítulo neste Atlas).

CDMB - Comissão Desportiva Militar do Brasil Embora seja uma organização militar com objetivos especializados nesta área, tem promovido nos últimos anos o esporte de inclusão social planejando a utilização de instalações militares por crianças e adolescentes em situação de risco (ver capítulo neste Atlas).

Produção acadêmica e sites de informação após 1990 – seleção de contribuições

Academic production and sites of information after 1990 – selection of contributions

Adiciona-se a seguir uma lista não-exaustiva das principais publicações brasileiras e/ou produzidas por brasileiros vinculadas à área da Promoção da Saúde através da Atividade Física, organizadas por ano de publicação. Observa-se que se trata de uma área de pesquisa bastante recente envolvendo muitas vezes trabalho interdisciplinar. As publicações desta lista se iniciam na década de 1990. Esta coletânea expõe: (1) artigos completos publicados em periódicos; (2) livros publicados; (3) trabalhos completos publicados em anais de eventos; (4) trabalhos resumidos publicados em anais de eventos; (5) trabalhos resumidos expandidos publicados em anais de eventos; (6) dissertações de mestrado; (7) teses de doutorado; (8) monografias de conclusão de cursos de aperfeiçoamento /especialização e (9) sites com informações sobre a promoção da saúde através da atividade física.

Artigos completos publicados em periódicos

Articles published in periodicals

Barbanti, V. Aptidão Física e Saúde. Revista Festur, Curitiba, v. 3, n.1, p. 5-8, 1991.

Faria Júnior, A. Educação Física, desporto e promoção da Saúde. Revista Horizonte. v.IX, n.51, p.1-8, 1992.

Matsudo, S. M., Matsudo, V. K.R. Prescrição e benefícios da atividade física na terceira idade. Revista Brasileira de Ciência e Movimento; v.6, n.4, p.19-30, out. 1992.

Storchi, C. M., Nahas, M.V. A prática espontânea de atividades físicas nas ruas de Florianópolis - diagnóstico preliminar com indivíduos de meia-idade. Revista Brasileira de Ciência e Movimento. São Paulo, SP: CELAFISCS/FEC-ABC, v.6, n.1, p.7 - 13, 1992.

Nahas, M. V. & Corbin, C. B. Educação para atividade física e saúde: justificativa e sugestões para implementação nos programas de Educação Física. Revista Brasileira de Ciência e Movimento; v.8, n.3, p.14-24. 1992.

Nahas, M. V. & Corbin, C. B. Educação para a aptidão física e a saúde: justificativa e sugestões para implementação no II Grau. Revista Brasileira de Ciência e Movimento. São Paulo, Sp: CELAFISCS/FEC-ABC, v.6, n.3, p.14 - 24, 1992.

Nahas, M. V., Corbin, C. B. Aptidão física e saúde nos programas de Educação Física: desenvolvimentos recentes e tendências internacionais. Revista Brasileira de Ciência e Movimento. São Paulo, Sp: CELAFISCS/FEC-ABC, v.6, n.2, p.47 - 58, 1992.

Böhme, M. T. S. Aptidão Física: importância e relações com a Educação Física. Revista Mineira de Educação Física, Viçosa, v.2, n.1, p. 17-25, 1994.

Nahas, M. V., Pires, M. C., Waltrick, A. C. A., Bem, M. F. L. Educação para atividade física e saúde - implementação de proposta curricular experimental. Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde. Londrina, Pr: APEF - Londrina, v.1, n.1, p.57 - 65, 1995.

Junior, I. F. F. Aptidão física relacionada à saúde em adultos. Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde. v.1, n.2, p. 39-48, 1995.

Guedes, D. P. & Guedes, J. E. Atividade física, aptidão física e saúde. Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde. v.1, n.1, p. 18-35, 1995.

Nahas, M. V. Revisão de métodos para determinação dos níveis de atividade física habitual e diversos grupos populacionais. Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde. Londrina, Pr: APEF-Londrina, v.1, n.4, p.27 - 37, 1996.

Candeias, N. M. Conceitos de educação e de promoção em saúde: mudanças individuais e mudanças organizacionais. Rev. Saúde Pública, abr. 1997, vol.31, no.2, p.209-213.

Nahas, M. V. Esporte & Qualidade de Vida. Revista da APEF. v.12, n. 2, p. 61-65, 1997.

Pontes Jr, F., Almeida, M. & Andrade, J. Atividade física no idoso: considerações gerais. Rev. Bras. Med; 54(10):840-3, out. 1997.

Florindo, Alex. Educação física e promoção em saúde. Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde 1998; 3(1): 84-89.

Martins, C. O., Duarte, M. F. S. A influência da música na atividade física. Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde. APEF de Londrina, v.2, n.4, p.5 - 16, 1998.

Nahas, M. V. Esporte e Qualidade de Vida. Revista de Educação Física. Maringá, Pr: APEF Maringá, v.12, n.2, p.61 - 65, 1998.

Glaner, M. F., Pires Neto, C. S. & Zinn, J. L. Diagnóstico da aptidão física relacionada à saúde de universitários. Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde, v.3, n. 4, p. 35-41, 1998.

Petroski, C.E. Efeitos de um programa de atividades físicas na terceira idade. Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde, v.2, n. 2, p. 34-40, 1998.

Pires, G. Martiello Jr, E. & Gonçalves A. Alguns olhares sobre aplicações do conceito de qualidade de vida em Educação Física/ Ciências do Esporte. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. v. 20, n. 1, p. 53-57, setembro, 1998.

Nahas, M. V. Esporte e Qualidade de Vida. Revista de Educação Física. Maringá, Pr: APEF Maringá, v.12, n.2, p.61 - 65, 1998

Martins, D. M., Duarte, M. F. S. Efeito do exercício físico sobre o comportamento da glicemia em indivíduos diabéticos. Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde. Londrina, Paraná: , v.3, n.3, p.32 - 44, 1998.

Fechio, J. J., Corona, E., Fechio, C. J. et al. Influência da atividade física para portadores do vírus HIV. Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde, v.3, n. 4, p.43-56, 1998.

Ribeiro, S. Atividade Física e sua intervenção junto à depressão. Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde, v.3, n. 4, p.73-79, 1998.

Matsudo, S. M., Araújo, T. L., Matsudo, V. Nível de atividade física em crianças e adolescentes de diferentes regiões de desenvolvimento. Revista da APEF. v.3, n. 4, 1998.

Lopes, A. S., Pagani, M. Avaliação de um programa de atividade física relacionado à saúde do toxicômano. Revista KINESIS, Santa Maria, n. 15, p.45-54, 1998.

Nahas, M. V., Barros, M. V. G., Souza, J. V. O Estilo de Vida das Pessoas com Síndrome de Down em Santa Catarina. Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde. Londrina, PR: v.4, n.1, p.13 - 19, 1999.

Dantas, E. H. M. Atividade física, prazer e qualidade de vida. Revista Mineira de Educação Física. Viçosa, v.7, n.1, p. 5-13, 1999.

Matsudo, V. Vida ativa para o novo milênio. Revista Oxidologia, p.18-24, set/out, 1999.

Lopes, F. J. & Alterthum, C. Caminhar em busca da qualidade de vida. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. v. 21, n. 1, p.861-866, setembro, 1999.

Fleck, M., Leal, O F. Louzada, S. et al. Desenvolvimento da versão em português do instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial de Saúde (WHOQOL -100). Revista Brasileira de Psiquiatria, v. 21, n. 1, 1999.

Carvalho, T., Nóbrega, A C., Lazzoli, J. et al. Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte- posição oficial : atividade física e saúde. Jornal de Medicina do Exercício. p. 3-4, jan/fev/mar/ 1999.

Marques, A T., Gaya, A. Atividade física, aptidão física e educação para a saúde: Estudos na área pedagógica em Portugal e no Brasil. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, v.13 n.1 p.83-102, 1999.

Czeresnia, D. O conceito de saúde e a diferença entre prevenção e promoção. Cad. Saúde Pública, out./dez. 1999, vol.15, no.4, p.701-709.

Matsudo, S., Matsudo, V. & Barros Neto, T. Efeitos benéficos da atividade física na aptidão física e saúde mental durante o processo de envelhecimento. Rev. Bras. Atividade Física & Saúde, vol. 5 (nº 2):60-76 2000.

Figueira Júnior, A. Potencial da mídia e tecnologias aplicadas no mecanismo de mudança de comportamento, através de programas de intervenção de atividade física. Rev. Bras. Ciên. e Mov. v.8 n.3 p.39-46 junho 2000.

Minayo, M. C., Hartz, Z. M. & Buss, P. M. Qualidade de Vida e Saúde: um debate necessário. Ciência & Saúde Coletiva. v. 5, n. 1, p.7-18, 2000.

Matsudo, S. M. & Matsudo, V. Evidências da importância da atividade física nas doenças cardiovasculares e na saúde. Revista Diagnóstico e Tratamento, v.5, n. 2, p. 10-17, 2000.

Nahas, M. V., Barros, M. V. G., Francalacci, V. L. O pentáculo do bem-estar: base conceitual para avaliação do estilo de vida de

indivíduos e grupos. Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde. Londrina, PR: , v.5, n.2, p.48 - 59, 2000.

Assumpção, F. B., Kuczynski, E., Sprovieri, M. H., et al. Escala de avaliação de qualidade de vida. Arquivo Neuropsiquiatria, v. 58, n.1, março, 2000.

Chor, D. & Faerstein, E.. Um enfoque epidemiológico da promoção da saúde: as idéias de Geoffrey Rose. Cad. Saúde Pública, jan./mar. 2000, vol.16, no.1, p.241-244.

Manifesto de São Paulo para promoção da atividade física nas Américas. Revista Brasileira de Ciência e Movimento. Brasília, v.8, n.1, janeiro 2000.

Silva, R. C. Rosendo & Malina, R. M. Nível de atividade física em adolescentes do município de Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. Cad. Saúde Pública, out./dez. 2000, vol.16, no.4, p.1091-1097.

Carvalho, Y. M. Atividade física e saúde: onde está e quem é o "sujeito" da relação? Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v.22, n. 2, janeiro, 2001

Palma, A.. Educação Física, corpo e saúde: uma reflexão sobre outros "modos de olhar". Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v.22, n. 2, janeiro, 2001

Marchand, E. A. A influência da atividade física sobre a saúde mental de idosos. Revista Digital - Buenos Aires - Año 7 - nº 38 - Julio de 2001

Assis, M. A. A., Nahas, M. V. Evidências epidemiológicas da associação dos hábitos alimentares e de atividade física com a doença coronariana e a obesidade. Revista Ciências da Saúde. Florianópolis, SC: , v.20, n.1/2, p.70 - 78, 2001.

Barros, M. V. G., Nahas, M. V. Comportamentos de risco, auto-avaliação do nível de saúde e percepção de estresse entre trabalhadores da indústria. Revista de Saúde Pública. São Paulo: v.35, n.6, p.554 - 563, 2001.

Alves, E. Proveitos do exercício físico na prevenção e tratamento da obesidade infanto-juvenil. Revista Digital - Buenos Aires - Año 7 - nº 39 - Agosto de 2001

Gomes, V. B., Siqueira, K. S. & Sichieri, R. Atividade física em uma amostra probabilística da população do município do Rio de Janeiro. Cad. Saúde Pública, jul./ago. 2001, vol.17, no.4, p.969-976.

MS. Secretaria de Políticas de Saúde. Programa Nacional de Promoção da Atividade Física "Agita Brasil": Atividade física e sua contribuição para a qualidade de vida. Rev. Saúde Pública, abr. 2002, vol.36, no.2, p.254-256.

Silva, D. K., Nahas, M. V. Prescrição de exercícios físicos para pessoas com doença vascular periférica. Revista Brasileira de Ciência e Movimento. Brasília, DF: , v.10, n.1, p.55 - 61, 2002.

Teles, L.O. & Fontoura, P.P. Relação entre atividade física, saúde e qualidade de vida. Notas Introdutórias. Revista Digital - Buenos Aires - Año 8 - nº 52 - Septiembre de 2002

Akerman, M., Mendes, R., Bogus, C. M. et al. Avaliação em promoção da saúde: foco no "município saudável". Rev. Saúde Pública, out. 2002, vol.36, no.5, p.638-646.

Muza, G. M. e Costa, M. P. Elementos para a elaboração de um projeto de promoção à saúde e desenvolvimento dos adolescentes: o olhar dos adolescentes. Cad. Saúde Pública, jan./fev. 2002, vol.18, no.1, p.321-328.

Vieira, V. C., Priore, S. E. & Fisberg, M. A atividade física na adolescência. Adolesc. Latinoam., ago. 2002, vol.3, no.1, p.0-0.

Xavier, G. N. A., Nahas, M. V. Aspectos gerais de saúde e estilo de vida das servidoras da UFSC: diagnóstico e recomendações para um programa de promoção da saúde da mulher. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional. São Paulo: v.27, n.103/104, p.127 - 135, 2002.

Marques, A. C., Nahas, M. V. Qualidade de vida de pessoas portadoras de Síndrome de Down, com mais de 40 anos, no estado de Santa Catarina. Revista Brasileira de Ciência e Movimento. Brasília, DF: , v.11, n.2, p.55 - 61, 2003.

Nahas, M. V., Goldfine, B. D., Collins, M. A. Determinants of physical activity in adolescents and young adults: *The basis for high school and college physical education to promote active lifestyles*. The

Physical Educator. Indianapolis, Indiana: , v.60, n.1, p.42 - 56, 2003.

Alves, R. B. Vigilância em saúde do trabalhador e promoção da saúde: aproximações possíveis e desafios. Cad. Saúde Pública, jan./fev. 2003, vol.19, no.1, p.319-322.

Khawali, C., Andriolo, A & Ferreira, S. R. Benefícios da atividade física no perfil lipídico de pacientes com diabetes tipo 1. Arq Bras Endocrinol Metab, fev. 2003, vol.47, no.1, p.49-54.

Salles-Costa, R., Heilborn, M. L., Werneck, G. L. et al. Gênero e prática de atividade física de lazer. Cad. Saúde Pública, 2003, vol.19 supl.2, p.325-333.

Guerra, S., Oliveira, J., Ribeiro, J. C. et al. Relação entre a atividade física regular e a agregação de fatores de risco biológicos das doenças cardiovasculares em crianças e adolescentes. Rev. Bras. Saude Mater. Infant., jan./mar. 2003, vol.3, no.1, p.9-15.

Batista, D. C., Chiara, V. L., Gugelmin, S. A. et al. Atividade física e gestação: saúde da gestante não atleta e crescimento fetal. Rev. Bras. Saúde Mater. Infant., abr./jun. 2003, vol.3, no.2, p.151-158.

Salles-Costa, R., Werneck, G. L., Lopes, C. S. et al. Associação entre fatores sócio-demográficos e prática de atividade física de lazer no Estudo Pró-Saúde. Cad. Saúde Pública, jul./ago. 2003, vol.19, no.4, p.1095-1105.

Mattos, L., Pinto, V., Meirelles, L. & Farinatti, P. Influência de programas não-formais de exercícios (doméstico e comunitário) sobre a aptidão física, pressão arterial e variáveis bioquímicas em pacientes hipertensos. Rev Bras Med Esporte, set./out. 2003, vol.9, no.5, p.267-274.

Carvalho, C. M., Fonseca, C. C. & Pedrosa, J. I. Educação para a saúde em osteoporose com idosos de um programa universitário: repercussões. Cad. Saúde Pública, maio/jun. 2004, vol.20, no.3, p.719-726.

Domingues, M. R. e Araújo, C. L. Conhecimento e percepção sobre exercício físico em uma população adulta urbana do sul do Brasil. Cad. Saúde Pública, jan./fev. 2004, vol.20, no.1, p.204-215.

Mendonça, C. P. & Anjos, L. A. Aspectos das práticas alimentares e da atividade física como determinantes do crescimento do sobrepeso/obesidade no Brasil. Cad. Saúde Pública, maio/jun. 2004, vol.20, no.3, p.698-709.

Livros publicados na área da promoção da saúde através da atividade física

Books written and/or edited by Brazilians on the theme 'health promotion through physical activity' Nahas, M. V. Fundamentos da Aptidão Física Relacionada à Saúde. Florianópolis, SC: UFSC, 1991, v.1.

Guedes, Dartagnan Pinto, Guedes, Joana Elisabete Ribeiro Pinto. Exercício Físico na Promoção da Saúde. Londrina: Midiograf, 1995.

Nahas, M. V. Obesidade, Controle de Peso e Atividade Física. Londrina, PR: Midiograf, 1999, v.1.

Chorayeb, Nabil & Barros, Turibio. O Exercício. São Paulo, Atheneu Editora, 1999.

Lovisoló, Hugo. Atividade Física, Educação e Saúde. Rio de Janeiro: Sprint, 2000, p. 112.

Nahas, M. V. Atividade Física, Saúde e Qualidade de Vida. Londrina, PR: Midiograf, 2001, v.1.

Corazza, M. A. Envelhecimento, Atividade Física e Saúde. Rio de Janeiro, RJ: Phorte Editora 2001.

De Rose Jr. Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência. Porto Alegre, RS: Artmed, 2001.

DaCosta, L. & Miragaya, A. (Eds.). *Worldwide Experiences and Trends in Sport for All*. Aachen: Meyer & Meyer Sport; 2002.

Barbanti, V., Bento, J.O. *et al.* Esporte e Atividade Física: Interação entre Rendimento e Saúde. São Paulo, SP: Manole, 2002.

Roeder, M. Atividade Física, Saúde Mental e Qualidade de Vida. Rio de Janeiro, RJ: Shape 2003.

Duarte, E. & Lima, S. M. Atividade Física para Pessoas com Necessidades Especiais Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2003.

Pitanga, F. J. Epidemiologia da Atividade Física, Exercício Físico e Saúde. Rio de Janeiro, RJ: Phorte Editora 2003.

Gonçalves, A Conhecendo e Discutindo: Saúde Coletiva e Atividade Física. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2004.

Saba, F. Mexa-se: Atividade Física, Saúde e Bem-Estar. Manole, 2004.

Gonçalves, A & Vilara, R. Qualidade de Vida e Atividade Física: Explorando Teoria e Prática. São Paulo: SP, Manole, 2004.

Trabalhos completos publicados em anais de evento acadêmico

Full papers published in annals of academic events

Nahas, M. V. Esporte e Qualidade de Vida In: Fórum Técnico do Sesc - 50 Anos no Jogo do Esporte Anais. Goiânia, GO: 1996. v.1. p.30 – 33.

Nahas, M.V. Atividade física como fator de qualidade de vida In: AIESEP - Congresso Mundial, 1997, Rio de Janeiro. Memórias do Congresso Mundial AIESEP, 1998. v.1. p.361 – 368.

Nahas, M. V. Educação Física no Ensino Médio: Educação para um Estilo de Vida Ativo no terceiro milênio In: IV Seminário de Educação Física Escolar, 1997, São Paulo. Anais. São Paulo: USP, 1997. v.1. p.17 – 20.

Nahas, M. V. Atividade Física, Saúde e Qualidade de Vida In: VII Encontro de Ciência do Movimento Humano, 1999, Natal. Anais do VII Encontro de Ciência do Movimento Humano. Natal, RN: UFRN, 1998.

Juvêncio, J. F., Duarte, M. F. S. Análise ergonômica do trabalho, qualidade de vida e atividade física: em busca de uma saúde melhor. In: 51ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 1999, Porto Alegre, RS. Anais da 51ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. SBPC, 1999.

Moutinho, A E., Paula, D., Rogero, M., Marucci, M.F. Prática de atividade física de professores, alunos e funcionários de uma instituição de ensino superior In: Universidade de São Paulo. Faculdade de Saúde Pública. Anais. São Paulo, Universidade de São Paulo. Faculdade de Saúde Pública, 1999 p.23.

Nahas, M.V. Atividade física, saúde e qualidade de vida In: II Simpósio Nordeste de Atividade Física e Saúde, 2000, Salvador, BA. Anais do II Congresso Nordeste de Atividade Física e Saúde, 2000. v.1. p.49.

Federation Internationale d'Education Physique - FIEP. Congresso Mundial de Educação Física Desporto e Recreação - Manifesto Mundial de Educação Física FIEP 2000. Foz do Iguaçu, BR, 2000.

Nahas, M. V. Promoção da atividade física: uma questão de saúde pública In: II Simpósio Nordeste de Atividade Física e Saúde, 2000, Salvador, BA. Anais do II Simpósio Nordeste de Atividade Física e Saúde. , 2000. v.1. p.115

Nahas, M. V. Doenças crônico-degenerativas: o papel da atividade física In: III Simpósio Nordeste de Atividade Física e Saúde, 2001, Campina Grande, PB. Anais do III Simpósio Nordeste de Atividade Física e Saúde. 2001. v.1. p.56 – 59

Nahas, M.V. Vivendo com qualidade! In: II Encontro catarinense sobre Síndrome de Down, 2001, Florianópolis, SC. Anais do II Encontro catarinense sobre Síndrome de Down. , 2001. v.1. p.11 – 14.

Trabalhos resumidos publicados em anais de evento acadêmico

Abstracts published in annals of academic events

Pires, M. C., Waltrick, A. C. A., Bem, M. F. L., Nahas, M. V. Educação para a atividade física e a saúde: proposta curricular para a primeira série do II Grau In: I Congresso Catarinense de Medicina Desportiva, 1993, Florianópolis. Anais. Florianópolis:1993. v.1. p.33

Nahas, M. V. Educação para atividade física e saúde nos programas de Educação Física In: II Jornada de Pesquisa da UDESC, 1993, Florianópolis, SC. Anais da II Jornada de Pesquisa da UDESC. Florianópolis, SC: , 1993. v.1. p.149 – 149.

Nahas, M. V. Educação Física e qualidade de vida: do conhecimento à prática In: V Simpósio de Pesquisa em Educação Física, 1993, Florianópolis, SC. Anais do V Simpósio de Pesquisa em Educação Física. , 1993. v.1. p.45 – 45

Nahas, M. V., Alvarez, B. R., Francalacci, V. L. Atividades físicas e orientação para a prevenção de doenças crônico-degenerativas na meia-idade In: XII Seminário de Extensão Universitária da Região Sul, 1994, Florianópolis, SC. Anais do XII Seminário de Extensão Universitária da Região Sul, 1994. v.1. p.0 – 0

Nahas, M. V. Programas de atividade física e prevenção na meia idade In: Encontro Sul-Brasileiro de Extensão Florianópolis, SC: , 1995. p.0 - 0

Nahas, M. V., Alvarez, B. R. Hábitos de Atividade Física e Aptidão Física dos Servidores da UFSC In: VI Simpósio de Pesquisa em Educação Física, 1995, Florianópolis, SC. Anais do VI Simpósio de Pesquisa em Educação Física, 1995. v.1. p.54 – 54.

Nahas, M.V., Duarte, M. F. S., Francalacci, V. L., Alvarez, B. R., Duarte, C. R., Bem, L, M. F. *Physical activity and health related fitness of Brazilian public service employees ages 20 to 69*. Proceedings of the 13th Triennial International Ergonomics Association. International Ergonomics Association - IEA, p.483 - 485, 1997.

Ramos, V. M., Nahas, M. V. Motivação para a atividade física em programas de reabilitação cardíaca In: XVII Congresso Pan-Americano de Medicina do Esporte, 1997, Gramado, RS. Anais do XVII Congresso Pan-Americano de Medicina do Esporte, 1997. v.1. p.93 – 93.

Nahas, M. V. Envelhecimento, Qualidade de Vida e Atividade Física In: VI Simpósio Paulista de Educação Física, 1997, Rio Claro, SP. Anais, 1997. v.1. p.13 – 13.

Nahas, M. V. Atividade Física Como Fator de Qualidade de Vida In: Congresso Mundial de Educação Física, 1997, Rio de Janeiro. Artus - Revista de Educação Física e Desportos. Rio de Janeiro: 1997. v.13. p.73 – 73.

Simm, E., Barros, M. V. G., Francalacci, V. L., Nahas, M. V. Lazer Ativo: programa de intervenção para promoção da saúde e qualidade de vida dos industriários catarinenses In: II Congresso Brasileiro de Atividade Física e Saúde, 1999, Florianópolis. Anais. Florianópolis: UFSC, 1999. v.1. p.169 – 169.

Lima, D. G. Atividade física e qualidade de vida no trabalho. In: Anais do I Congresso Centro-Oeste de Educação Física, Esporte e Lazer; Brasília, setembro de 1999.

Barros Neto, T. L. Atividade Física e Qualidade de vida. In: Anais do I Congresso Centro-Oeste de Educação Física, Esporte e Lazer; Brasília, setembro de 1999.

Pagani, M. M., Duarte, M. F. S. Aptidão física relacionada à saúde dos carteiros a PE de Florianópolis. In: VII Congresso de Educação Física e Ciências do Esporte dos Países de Língua Portuguesa, 1999, Florianópolis, SC. Livro de Resumos do VII Congresso de Educação Física e Ciências do Esporte dos Países de Língua Portuguesa. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1999. v.1. p.95 - 97.

Ramos, V. M., Nahas, M. V., Barros, M. V. G. Estilo de vida e estágios de mudança de comportamento para atividade física em mulheres catarinenses de três grupos étnico-culturais In: XXII Simpósio Internacional de Ciências do Esporte, 1999, São Paulo. Anais, 1999. v.1. p.115 – 115.

Muller, T. S., Barros, M. V. G., Simm, E., Nahas, M. V. Lazer Ativo: um programa de promoção da saúde para o trabalhador da indústria catarinense In: III Congresso Brasileiro de Atividade Física e Saúde, 2001, Florianópolis. Anais do III Congresso Brasileiro de Atividade Física e Saúde, 2001. v.1. p.171 – 172.

Barros, M. V. G., Nahas, M. V. *Association between perceived health status and physical activity behaviors in a sample of industrial workers in SC-Brazil* In: 2001 Annual Meeting of the American College of Sports Medicine, 2001, Baltimore, EUA. Medicine & Science in Sports & Exercise, 2001. v.33. p.s115 - s115.

Xavier, G. N. A., Nahas, M. V., Duarte, M. F. S., Barros, M. V. G. Projeto Pedala Floripa In: III Congresso Brasileiro de Atividade Física e Saúde, 2001, Florianópolis. Anais do III Congresso Brasileiro de Atividade Física e Saúde, 2001. v.1. p.173 – 174.

Florindo, A. A., Latorre, M., Tanaka, T., Jaime, P. & Zerbin, C. Atividade física habitual e densidade mineral óssea em homens adultos e idosos: (resumo) Rev. bras. epidemiol.;(Supl. esp):131, mar. 2002. Apresentado em: Congresso Brasileiro de Epidemiologia - Epi 2002: a epidemiologia na promoção da saúde, 5, Curitiba, 23-27 mar. 2002.

Souza, Gustavo de Sá e, Menezes, Aldemir Smith, Duarte, M. F. S. Determinantes da prática de atividade física em adolescentes da cidade de Florianópolis – SC In: II Encontro Latino-Americano para Estudos da Criança, 2002, Florianópolis, SC. Anais do II Encontro Latino-Americano para Estudos da Criança, 2002, p.213 – 213.

Oliveira, E. S. A., Loch, M. R., Honda, S. S., Santos, J., Duarte, M. F. S. Efeito de um programa de atividade física sobre os níveis de

flexibilidade de diabéticos e hipertensos adultos In: IV Congresso Sul-Brasileiro de Medicina do Esporte, 2002, Blumenau, SC. Revista Brasileira de Medicina do Esporte. São Paulo: Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte, 2002. v.8. p.194 – 194.

Loch, M. R., Nahas, M. V. Termos relacionados à qualidade de vida: um estudo com profissionais de Educação Física In: XXV Simpósio Internacional de Ciências do Esporte, 2002, São Paulo. Revista Brasileira de Ciência e Movimento - Suplemento, 2002. v.10. p.170 – 170.

Françalacci, V. L., Nahas, M. V. Programa de promoção da atividade física na Beira-Mar - Florianópolis, SC In: XXV Simpósio Internacional de Ciências do Esporte, 2002, São Paulo. Revista Brasileira de Ciência e Movimento - Suplemento, 2002. v.10. p.165 –

Xavier, G. N. A., Nahas, M. V., Duarte, M. F. S. *Cycling and health promotion in Brazil - A community outreach project from UDESC and UFSC* In: XXVI FIMS World Congress, 2002, Budapeste. Anais do XXVI FIMS World Congress, 2002. v.1. p.A-075 - A-075.

Guimarães, V., César, C., Barros, M.B., Carandina, L. & Goldbaum M. Atividade física e hipertensão arterial na grande São Paulo, 2002 In: Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva - ABRASCO. Livro de resumos I: VII Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva; Saúde, Justiça, Cidadania. Rio de Janeiro, ABRASCO, 2003. p.609. (Ciência & Saúde Coletiva, 8 supl. 1 2003).

Loch, M. R., Nahas, M. V. Associação entre atividade física no lazer, percepção de saúde e de estresse em grupo da UFSC In: XVI Congresso Brasileiro de Medicina Esportiva, 2003, Florianópolis, SC Revista Brasileira de Medicina do Esporte, 2003. v.9. p.S18.

Silva, D. K., Nahas, M. V Associação entre o nível de atividade física habitual e a percepção de qualidade de vida em mulheres com doença vascular periférica In: IV Congresso Brasileiro de Atividade Física e Saúde, 2003, Florianópolis. Anais do IV Congresso Brasileiro de Atividade Física e Saúde. 2003. v.1. p.57 – 57.

Silveira, L. D.& Duarte, M. F. S. Níveis de depressão, formas de tratamento e hábitos de atividade física de pessoas com transtorno depressivo In: XXVI Simpósio Internacional de Ciências do Esporte, 2003, São Paulo. Anais do Simpósio Internacional de Ciências do Esporte. CELAFISCS, 2003.

Xavier, G. N. A., Della Giustina, M.C., Nahas, M. V. Grupo CicloBrasil: Promovendo o caminhar e pedalar In: IV Congresso Brasileiro de Atividade Física e Saúde, 2003, Florianópolis. Anais do IV Congresso Brasileiro de Atividade Física e Saúde, 2003. v.1. p.76 – 76.

Loch, M. R., Nahas, M. V. Percepção de saúde, satisfação com o peso corporal e características do estilo de vida de professores do centro de desportos da UFSC In: IV Congresso Brasileiro de Atividade Física e Saúde, 2003, Florianópolis. Anais do IV Congresso Brasileiro de Atividade Física e Saúde, 2003. v.1. p.42 – 42.

Trabalhos resumidos expandidos publicados em anais de evento acadêmico

Expanded abstracts published in annals of academic events

Nahas, M. V. Atividade Física, saúde e qualidade de vida In: V Simpósio Nordestino de Atividade Física e Saúde, 2003, Aracaju, SE. Anais do V Simpósio Nordestino de Atividade Física e Saúde, 2003. p. 27 – 28

Nahas, M. V. Políticas públicas na promoção da atividade física In: V Simpósio Nordestino de Atividade Física e Saúde, 2003, Aracaju, SE. Anais do V Simpósio Nordestino de Atividade Física e Saúde, 2003. p. 53 - 53

Dissertações de mestrado

Master's dissertations on health promotion

Santos, Airody Pinheiro dos. Concepção político-social do corredor de rua da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 1987. 153p.

Stefanelo, Lourdes Lago. Motivos para a prática regular de atividades físicas. São Paulo: USP, 1989. 175p.

Santana, Carlos Hernan Guerrero. Perfil cognitivo dos praticantes de aeróbica em relação à saúde. São Paulo: USP, 1992. 103p.

Brandeli, Josaine. Educação Física e promoção da saúde: um estudo sobre trabalhadores da indústria vinícola. Porto Alegre: UFRGS, 1992. 118 p.

Alves Júnior, Edmundo de Drummond. O idoso e a Educação Física informal em Niterói. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992. 191p

Monteiro, Henrique Luiz. Saúde coletiva e aptidão física escolares de segundo grau: estudo a partir do Colégio Técnico-Industrial - UNESP, Bauru. Campinas: Unicamp, 1993. 95p.

Ferreira, Marcos Santos. Atletismo e promoção da saúde nos livros-texto brasileiros. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993. 205p.

Carvalho, Yara Maria de. O mito da atividade física e saúde. Campinas: Unicamp, 1993. 151p.

Furtado, Elen Salas. Sentido da atividade física na terceira idade. Rio de Janeiro: UGF, 1996.168p.

Pereira, Tony Izaguirre. Atividades preventivas como fator de profilaxia das lesões por esforços repetitivos (L.E.R.) de membros superiores. Porto Alegre: UFRGS, 1996. 126p.

Antonelli, Paulo Ernesto. A importância da dinâmica corporal na manutenção da saúde e melhoria da qualidade de vida, voltada para a faixa etária entre 45 e 72 anos de idade. Porto Alegre: PUC/RS, 1996. 210p.

Karan, Francisco Console. Esporte como prevenção de osteoporose: um estudo da massa óssea de mulheres pós-menopáusicas que foram atletas de voleibol. Porto Alegre: UFRGS, 1997.145p.

Xavier, Giselle Noceti Ammon. Aspectos epidemiológicos e hábitos de vida das servidoras da UFSC: diagnóstico para um programa de promoção da saúde da Mulher. Florianópolis: UFSC, 1997.

Almeida Júnior, Bráulio Rodrigues de. Influência da atividade física e da ingestão de cálcio na osteoporose. São Paulo: USP, 1997. 128p.

Almeida, Márcio Antônio de. A atividade física como estratégia de prevenção de agravos à saúde: considerações teóricas, metodológicas e de aplicação. São Paulo: USP,1998. 47p.

Gomes, Euza Maria de Paiva. Atividades físico-desportivas de mulheres da elite carioca (1900 a 1930). Rio de Janeiro: UGF, 1998. 127p.

Vieira, Ivaldo Brandão. Qualidade de vida de portadores de deficiência em função do tipo de atividade física praticada. Rio de Janeiro: UCB, 1998.

Silveira, José Luiz G. Aptidão física, índice de capacidade de trabalho e qualidade de vida do bombeiro da região de Florianópolis, Sc. Florianópolis: UFSC, 1998.

Pitanga, Francisco José Gondim. Associação entre nível de prática de atividade física e variáveis de aptidão física relacionadas à saúde. Santa Maria: UFSM, 1998. 160p.

Barros, Mauro Virgilio Gomes de. Atividades físicas no lazer e outros comportamentos relacionados à saúde dos trabalhadores da indústria no estado de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 1999.

Ferreira, Fernanda Gomes. Desenvolvimento e aplicação de um modelo de programa da qualidade para o serviço público. Florianópolis: PPGE/UFSC, 1999.

Ramos, Vanessa Miranda. Estilo de Vida e Estágios de Mudança de Comportamento para Atividade Física em Mulheres Catarinenses de diferentes grupos étnico-culturais. Florianópolis: UFSC, 1999.

Coelho, Carla Werlang. Qualidade de vida, atividade física e saúde: uma análise baseada em três estudos. Rio de Janeiro: UGF, 1999. 148p.

Almeida, Ana Cristina Pimentel Carneiro de. O futuro das atividades físicas de lazer e recreação ligadas à natureza e a educação ambiental. Santa Catarina: UFSC, 2000. 143p.

Florindo, Alex Antônio. Atividade física habitual e densidade mineral óssea em homens adultos e idosos. São Paulo: USP, 2000.114p.

Silveira Júnior, Paulo Cesar Soter da. O potencial de adesão a um programa de intervenção de hábitos saudáveis como fator de controle de risco coronariano em aeronautas brasileiros. Rio de Janeiro: UCB, 2000. 339p.

Baptista, Tadeu João Ribeiro. Procurando o lado escuro da lua: implicações sociais da prática de atividades corporais realizadas por adultos em academias de ginástica de Goiânia. Goiânia: UFG. 2001, 201p.

Andreotti, Marcia Cristina. Fatores que influenciam a adesão de idosos a um programa de Educação Física supervisionado. São Paulo: USP, 2001. 140p.

Miragaya, Ana Maria. Relação entre atividade física sistemática e tensão pré-mestrual em mulheres não atletas de 18 a 50 anos. Rio de Janeiro: UGF, 2001. 220p.

Lopes, Keila Maria Dias Carmo. Os efeitos crônicos do exercício físico aeróbio nos níveis de serotonina e depressão em mulheres idosas. Brasília: UCB, 2001. 120p.

Leon, Marília Isabel Winter Hughes. A eficácia de programa de atividades físicas especiais para mulheres idosas com incontinência urinária. Rio de Janeiro: UCB, 2001. 118p.

Silveira, Lucinéia Daleth da. Níveis de depressão, hábitos e aderência a programas de atividades físicas de pessoas com transtorno depressivo. Santa Catarina: UFSC, 2001.113p.

Teixeira Júnior, Jairo. Os efeitos dos exercícios físico sobre a depressão e ansiedade em portadores de epilepsia. Brasília: UCB, 2002. 106p.

Morais, Pedro Paulo de. Relação entre nível de atividade física e indicadores de qualidade de vida de trabalhadores da administração pública federal. Brasília: UCB, 2002. 123p

Passos, Betânia Maria Araújo. Os efeitos da hidroginástica na flexibilidade e nas atividades da vida diária. Brasília: UCB, 2002. 118p.

Balsamo, Sandor. A influência da musculação e da hidroginástica na densidade mineral óssea. Brasília: UCB, 2002. 93 p.

Barbosa, Maria Teresa da Silva. Efeitos do treinamento resistido de moderada intensidade sobre a densidade mineral óssea em mulheres idosas. Brasília: UCB, 2002.135p

Prati, Sérgio Roberto Adriano. Influência do exercício físico programado e da ingestão de nutrientes nos níveis de adiposidade de adolescentes obesos. Florianópolis: UFSC, 2002. 195p

Morais, Pedro Paulo de. Relação entre nível de atividade física e indicadores de qualidade de vida de trabalhadores da administração pública federal. Brasília: UCB, 2002.

Silva, Daniela Karina. Atividade física habitual e qualidade de vida relacionada à saúde de mulheres com doença vascular periférica. Florianópolis: UFSC, 2002.

Brandão, Juliana da Silva. Perfil do estilo de vida e sócio-demográfico dos professores de Educação Física aposentados no Vale do Itajaí. Florianópolis: UFSC, 2002.

Penha, José Carlos Lopes. Respostas Fisiológicas do Exercício e da Atividade Física nas Pessoas Idosas. São Paulo: UNIFESP, 2003.

Oliveira, Cristiane Melo de. Efeitos da atividade física orientada sobre o auto-conceito de pessoas idosas. Brasília: UCB, 2003. 89p.

Rodrigues, André Valentim Siqueira. A influência do condicionamento físico aeróbico no desempenho cognitivo de oficiais do exército submetidos a estresse mental. Rio de Janeiro: UGF, 2003. 95p.

Coelho, Emerson Filipino. O efeito agudo dos exercícios físicos contra - resistência nos estados de humor. Rio de Janeiro: UGF, 2003. 85p.

Rojas, Paola Neiza Camacho. Aderência a programas de exercícios físicos em academias da cidade de Curitiba/PR. Florianópolis: UFSC, 2003.

Lopes, Marize Amorim. A interferência da atividade sensório-motora nas relações familiares dos idosos participantes do programa de atividades físicas do CDS/NETI/UFSC. Florianópolis: UFSC, 2003.

Teses de Doutorado

Ph.D. theses on health promotion

Lacerda, Yara Cerqueira Montenegro Osório de. Saúde e espiritualidade na atividade corporal. Rio de Janeiro: UGF, 1999. 221p.

Salve, Mariângela Gagliardi Caro. Efeitos da atividade física sobre o sistema locomotor e nos hábitos de vida. Campinas: Unicamp, 1999. 172p.

Costa, Geni de Araújo. Atividade física, qualidade de vida e currículo: por uma velhice bem – sucedida. São Paulo: PUC - São Paulo, 2000. 265p.

Mira, Carlos Magalhães. O declínio de um paradigma: ensaio crítico sobre a relação de causalidade entre exercício físico e saúde. Rio de Janeiro: UGF, 2000.

Araújo, Denise Sardinha Mendes Soares de. Auto-percepção da aptidão física relacionada à saúde. Rio de Janeiro: UGF, 2001. 169p.

Matsudo, Sandra Marcela Mahecha. Evolução da aptidão física e capacidade funcional de mulheres ativas acima de 50 anos de idade de acordo com a idade cronológica. São Paulo: USP, 2001.

Monografias de conclusão de curso de aperfeiçoamento/especialização

Final papers of recycling/ specialization courses

Oliveira, Elusa Santina Antunes de. Revisão de estudos sobre os níveis de atividade física da população brasileira no período de 1988 a 2000. Florianópolis: UFSC, 2001.

Marqueze, Elaine Cristina. Hábitos e motivos para atividade física em universitários da UDESC - Florianópolis, SC. 1998. (Curso de Especialização em Educação Física) - Universidade Estadual de Londrina

Bornhofen, Adilson. Nível de conhecimento de policiais militares sobre atividade física relacionada à saúde. 1997. (Curso de Especialização em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina

Pereira, Mara Silveira. Fatores motivacionais da adoção de atividade física de adultos. 1996. (Curso de Especialização em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina

Ramos, Vanessa Miranda. Motivação para a atividade física em programas de reabilitação cardíaca. 1996. (Curso de Especialização em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina

Zomer, Regina Tereza. Atividade física como fator de tratamento e prevenção da artrite reumatóide e osteoartrite. 1995. (Curso de Especialização em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina

Storchi, Carla M. Atividades Físicas espontâneas nas ruas de Florianópolis, SC. 1991. (Curso de Especialização em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina

Sites com informações sobre promoção da saúde através da atividade física

Sites with information on health promotion through physical activity

Atividade física e nutrição: RGNutri

www.rgnutri.com.br/: Site de empresa especializada em nutrição, avaliação e educação alimentar que atua por meio de consultorias em empresas, entidades e no atendimento a equipes esportivas/atletas. Informa sobre a influência da alimentação na fisiologia e na performance durante a atividade física, orienta sobre a nutrição adequada mediante estados patológicos e conforme o sexo e fase da vida; informa sobre calorias, propriedades dos alimentos, vitaminas e minerais, legislação relacionada, trabalhos científicos e eventos, entre outras.

Centro de Medicina da Atividade Física e do Esporte – CEMAFE

www.unifesp.br/centros/cemafe/: Órgão vinculado à Reitoria da Universidade Federal de São Paulo (Escola Paulista de Medicina), de natureza multidisciplinar, com atividades dirigidas ao ensino, pesquisa, assistência e prestação de serviços em planejamento e

avaliação de atividades físicas. Informa sobre esportes e atividades físicas, eventos, a equipe e apresenta acesso a documentos.

Atividade física e o hábito de fumar: Fumozero

www.fumozero.med.br/fumo/: O site, elaborado pelo médico Rubens Sztlerling, apresenta a trajetória pessoal na luta contra o hábito de fumar, os tratamentos existentes, dados sobre o tabagismo no Brasil e no mundo. Disponibiliza notícias sobre o tema e documenta o tratamento para reabilitação pulmonar realizado pelo médico e sua experiência posterior com relação à atividade física.

Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Avaliação Nutricional e Funcional

www.propp.uff.br/gp/luizanhos.htm: Grupo formado por pesquisadores da UFF, UFRJ, UERJ, do IBGE, da Fiocruz e do Instituto de Nutrição Annes Dias, cujas linhas de pesquisa envolvem o desenvolvimento de metodologias de avaliação nutricional e do gasto energético, avaliação nutricional de crianças, escolares, adolescentes, adultos e idosos, e a inter-relação entre nutrição, atividade física, trabalho e saúde.

Atividade física e envelhecimento

www.scf.unifesp.br/artigos/artigo_1_geriatria.htm: Disponibilizado pela Sala de Condicionamento Físico On-line da Universidade Federal de São Paulo. Mostra como a prática do exercício físico constante influencia a vida do idoso, o impacto da atividade física na saúde pública, apresenta os riscos e benefícios da atividade física, a necessidade de avaliação médica prévia e fornece orientações gerais dirigidas aos idosos.

Atividade Física, obesidade e anemia carencial na adolescência: simpósio

www.institutodanone.org.br/obesidade.pdf: Anais do simpósio promovido pelo Instituto Danonne e realizado em Salvador, em junho de 2000. Os textos, em formato PDF, apresentam a situação da obesidade e da anemia entre os adolescentes brasileiros, indicadores e fatores de risco, mensuração alimentar e de atividade física, avaliação de gasto energético, epidemiologia dos transtornos alimentares na adolescência, com destaque para a anemia ferropriva.

Atividade física na adolescência: estado nutricional, práticas e distúrbios alimentares e atividade física

www.pnut.epm.br/Download_Files/Compacta NutAdolescencia.pdf: Artigo publicado na Revista Compacta, disponibilizado pelo Programa de Pós-Graduação em Nutrição - UNIFESP / EPM. Aborda as transformações biológicas que ocorrem na adolescência, especialmente a partir da puberdade e enfatiza a importância da atenção durante esta fase para a prevenção de doenças no adulto. Apresenta avaliações do estado nutricional dos adolescentes no Brasil, das práticas e distúrbios alimentares e dos níveis de atividade física praticados.

Agita Brasil / Moving world:

Physical Activity Promotion Program

Publicação da Secretaria de Políticas de Saúde do Ministério da Saúde, em formato PDF e traduzido para o inglês, com informações sobre o Programa Nacional de Promoção da Atividade Física, que visa proporcionar uma melhor qualidade de vida mediante hábitos saudáveis. Menciona doenças cujas

mortes poderiam ser evitadas ou tratadas através de um estilo de vida adequado, por exemplo, as doenças cardiovasculares e a diabetes mellitus. Disponível em inglês: www.saude.gov.br/bvs/publicacoes/agita_brasil.pdf

Programa Agita São Paulo

agitasp.locaweb.com.br/: A Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo apresenta o programa encomendado ao Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul-CELAFISCS, para a promoção da saúde da população através da atividade física.

Atividade física e dicas de saúde

www.saude.gov.br/sps/dicas.htm#atividade: Página da Secretaria de Políticas de Saúde do Ministério da Saúde que traz algumas dicas para uma melhor qualidade de vida: atividade física, monitoramento do nível de colesterol, carboidratos como fonte de energia, ingestão de água e os benefícios dos exercícios em pesos no tratamento e prevenção da osteoporose.

Agita Mundo – Agitando para a saúde

www.agitasp.com.br/agitamundo/default.asp: O site apresenta o slogan do Dia Mundial da Saúde de 2002, proposto pela Organização Mundial da Saúde, que mostra a importância da prática de atividade física para a saúde e qualidade de vida e o combate ao sedentarismo. Traz informações sobre as atividades, programação de eventos, documento oficial, relatórios dos participantes, entre outras.

Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul- CELAFISCS

www.celafiscs.com.br/index.htm: Centro de estudos e de formação e capacitação de profissionais em Ciências do Esporte. O site traz um breve histórico do centro, resumo das publicações, serviços, pesquisas realizadas, etc.

Agita São Paulo

www.saude.sp.gov.br/Agitasp/Html/agita_pr.htm: Programa da Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo que mostra a importância da atividade física para a saúde e qualidade de vida. O site apresenta informações sobre o programa, dicas de exercícios e locais para prática da caminhada, instruções sobre atividade física, entre outras.

Dia Mundial da Saúde: 7 de abril de 2002

www.paho.org/English/hpp/hpn/whd2002.htm: Tema do ano 2002: “Move for Health!”. Dedicado à promoção de fóruns para discussão sobre os benefícios para a saúde da atividade física regular, do estilo de vida e alimentação saudáveis.

Núcleo de Pesquisa em Atividade Física e Saúde

www.nupaf.ufsc.br/portugues/index.htm: O objetivo do NuPAF é desenvolver projetos, treinamento de pesquisadores e intercâmbio com outras áreas acadêmicas envolvidas com o estudo das relações propostas na “Hipótese do Exercício Físico”. Um programa de promoção da saúde para indivíduos de meia-idade, enfatizando atividades físicas e informação, foi iniciado em 1993, complementando a atuação do NuPAF na área de prestação de serviços a comunidade, proporcionando a vinculação mais estreita da pesquisa com o ensino e a extensão no âmbito da UFSC.

Projetos de Inclusão Social I – História e conceitos

HELOISA G. P. NOGUEIRA, NILDA TEVES, LEONARDO MATARUNA E LAMARTINE DACOSTA

Projects of Social Inclusion I – History and concepts

The social projects that use sports and/or Physical Education as a means to mobilize participants and their association with activity managers and coordinators – volunteers, community groups and/or institutions, professionals etc – can be primarily defined as actions of intervention for social development in which common objectives are discussed and established together with the participants according to the proposals of the project. Other means such as cultural projects and environmental action projects have some relative advantages that are similar to or distinct from sports. The essence of the projects, either related to the formal process of education or to a complement

to these means, will define the possible reach of the levels of social inclusion. Since the 1920s Brazil has had several types of experiences in which social projects used and adopted sports as their only badge. This chapter briefly describes and analyzes various principles selected from social and sports actions. The selection process was supported by the following observations: (i) the perception that ‘social inclusion’ is an expression of the modern day that incorporates the past within the works of Christian charity, very influential since the 18th century in Brazil; (ii) the tradition that the government had to propose and act in order to improve the conditions of the poor population of the

country; (iii) the effort of juridical order to protect and see about the underprivileged and marginalized people since the 19th century; and (iv) the engagement of the traditional volunteers of private institutions – international, national and entrepreneurial – to the needy groups of society. While primary evidence was looked into and sorted out, facts of memory of sport itself were included and with them memory of empirical experiences of social nature that took place in Brazil. Such procedure anticipates and provides the chapters that follow in this section with references to a better understanding, direction and future evaluations.

Definições e Origens A mobilização crescente da sociedade em torno da elaboração de projetos de intervenção social (por vezes denominados de PIS), quer no âmbito específico do esporte e da Educação Física quer como empreendimentos no campo da cultura e da educação, torna imperativo definir, no âmbito deste Atlas, o que se entende por inclusão social em ambas as dimensões. Em princípio, os PIS que usam o esporte e/ou a Educação Física como meio de mobilização dos destinatários e da associação destes com os interventores – voluntários, grupos comunitários e/ou instituições, profissionais etc – podem ser definidos como ações de intervenção para o desenvolvimento social em que são estabelecidos objetivos comuns com os destinatários, de acordo com as propostas do projeto. Outros meios, tais como projetos culturais e de proteção ambiental, possuem vantagens relativas similares ou distintas do esporte. A natureza dos projetos, se relacionada ao processo formal de educação ou complementar a estes meios, é que definirá o alcance possível dos níveis de inclusão social. Esta terminologia é recente e teve origem na expressão inglesa *full inclusion*. Trata-se de um novo paradigma que prescreve a educação de todos os alunos nas classes e escolas de bairro. Significa que todas as crianças devem ser incluídas na vida social e educacional, e não somente posicionadas no curso geral da escola e da comunidade (Carmo, 2002).

Tais concepções preliminares têm delineamento ao serem apreciadas as experiências brasileiras na área de ações sociais em projetos esportivos, que registram iniciativas pioneiras no país desde a década de 1920. E com vistas a estes legados, pretende-se inicialmente descrever e analisar sucintamente fundamentos selecionados de ações sociais com o propósito de contextualizar os PIS na cultura brasileira. Tal seleção apoiou-se na percepção de que “inclusão social” é uma expressão atual que incorpora o passado das obras de caridade cristã, bastante influente desde o século XVIII no Brasil; a tradição do governo propor e agir para melhorar as condições da população pobre do país; o esforço de ordenação jurídica, desde o século XIX, de proteção e cuidado com pessoas desprivilegiadas e marginalizadas; e o empenho voluntário tradicional, de instituições privadas – internacionais, nacionais e empresariais – aos grupos carentes da sociedade. Na busca de fundamentação incluem-se fatos de memória do próprio esporte trazendo experiências empíricas brasileiras de cunho social. Tais procedimentos antecipam e referenciam os capítulos seguintes desta seção quanto a uma melhor compreensão, encaminhamento e futuras avaliações. Cabe fazer notar que os PIS do esporte no Brasil – o que se repete no exterior, segundo estudo comparativo com 36 países de DaCosta & Miragaya (2002) – justificam-se mais pela prática do que pela teoria, impondo, assim, um retorno às suas origens e a um exercício de definições.

Nesta linha de conta, pretende-se que inclusão e exclusão social sejam faces da mesma moeda nas sociedades históricas. Nas sociedades igualitárias, não tem sentido falar-se em inclusão social. Significa dizer que o conceito de inclusão social é historicamente constituído. O processo de formação e de organização social determina os pressupostos e o exercício da inclusão e da exclusão social. Em todas as concepções de exclusão está presente a idéia de rejeição, de deixar de fora, de separar pessoas e grupos do convívio com outros indivíduos e dos benefícios sociais que lhes são devidos. As raízes das formas de organizações sociais são muito antigas e diferem umas das outras. Na sociedade grega a exclusão social aparecia diretamente ligada ao ostracismo, à impossibilidade de participar da vida política da cidade; já em Roma, a idéia de

desterro representava excluir o indivíduo ou grupo do convívio dos pares, assim como os guetos na Idade Média ou os parias na sociedade hindu em que indivíduos, por força de nascimento, eram concebidos como não pertencentes ao mundo.

Mesmo as sociedades modernas percebem o binômio inclusão-exclusão como intrínseco e, por isso mesmo, o assunto tem sido foco de investigação de vários cientistas sociais como Durkheim, Simmel, Max Weber, Marx e tantos outros. Desde o momento em que as sociedades modernas foram abaladas pelos ideais revolucionários, particularmente a França e os Estados Unidos modificaram em grande parte suas antigas estruturas sob o argumento da igualdade, liberdade e fraternidade. Prometiam, assim, efetivar a inclusão em nome da igualdade. Até o século XIX, no entanto, inclusão social nada tinha a ver com desenvolvimento. Falava-se apenas de progresso, referindo-se à esperança de civilização oferecida a europeus e a norte-americanos. À América Latina restava, no máximo, a esperança de construir um sistema de desenvolvimento que deveria basear-se na educação, ou seja, na promoção do capital humano na perspectiva do modelo de civilização europeu. A influência européia, por via do positivismo veio sustentar, em muitos dos intelectuais latino-americanos, uma visão de sociedade preocupada com a produção da riqueza material e pouco centrada na participação e inclusão da população que resultasse na formação da cidadania (Hermet, 2002). Os efeitos desta situação, em grande parte, reabilitaram os processos de exclusão, legitimando-se as diferenças específicas entre os homens. Doentes mentais, portadores de necessidades especiais, mulheres, crianças, idosos e em grande parte negros, passaram a fazer parte de um mundo separado dos demais.

No Brasil, a influência que a Igreja Católica exerceu junto ao Estado trouxe para si o encargo de apaziguar as distâncias reais entre os incluídos e os excluídos. A ela ficaram afetos os setores de assistência social: hospitais, internatos, escolas. Tudo isso era promovido pelo viés da misericórdia, da caridade. Na organização da sociedade brasileira e no processo de modernização dela decorrente houve diversos determinantes internos e externos. Entre estes, as interpretações do jurista Raymundo Faoro (1958), em seu clássico livro “Os donos do poder”, apontam para o peso da burocracia portuguesa na vida brasileira e a conseqüente institucionalização de relações patrimoniais. Fator interno da maior relevância para a formação social do Brasil diz respeito ao desenvolvimento da estrutura agrária. Das antigas fazendas, passando pelos engenhos de cana-de-açúcar aos grandes latifúndios, a estrutura agrária nunca se articulou organicamente com a economia urbana de forma a dinamizar o desenvolvimento. A grande propriedade territorial e agrícola tornou-se o celeiro de sustentação da ordem senhorial e escravocrata que, a ferro e fogo, domesticou a negros, mestiços e brancos a se ajoelhar e pedir favores, a agradecer esses favores, mas não a se imaginar semelhantes, muito menos, iguais em direitos. A herança portuguesa, reforçada pelo exercício da elite imperial, incentivava a presença do Estado no sentido de abrir perspectivas de carreira a bacharéis, militares, operários em busca de uma legislação social, migrantes urbanos em busca de emprego, etc. Todos olhavam para o Estado como porto de salvação. A República, assim como mais tarde o Estado Novo, veio sustentar a proposta de fazer do Estado um agente do bem comum, um promotor de políticas sociais. Porém não contava que os sentimentos comunitários, a identidade coletiva que estabelece o lastro da cidadania estivesse restrita às relações

de pertencimento locais e familiares mantidos apenas pela força da cultura coletiva. A conjunção das elites intelectuais reunidas sob a égide do Estado Novo na busca de uma identidade coletiva para o país, de uma base para a construção da nação culminou na construção de uma imagem paternalista de governo que cristalizou um modelo de práticas e políticas públicas predominantemente assistencialistas, frustrando, em suas origens, as idéias e o exercício da autonomia, da liberdade, da cidadania e, conseqüentemente, da inclusão social. Nesta contextualização explica-se o discurso de Getúlio Vargas, por ocasião da assinatura de decretos-leis referentes às classes trabalhadoras em 1938, quando disciplina o futuro institucional da nação por via do trabalho: “Quais as aspirações das massas obreiras, quais os seus interesses? E eu vos responderei: a ordem e o trabalho” (Vargas, 1938, 203). As dificuldades enfrentadas pelo Estado Novo para re-construir o imaginário da nação para o mundo extra-elite, as pressões dos imigrantes para manter seus laços culturais de origem, muitas vezes misturadas às ameaças fascistas, foram possíveis questões que não facilitaram a compreensão e a adoção de um modelo político expansivo e democrático. Com a emergência das lutas sociais pelo direito à cidadania social, além da civil e política, o Estado se viu obrigado a atender cada vez mais a grandes parcelas da população em seus pleitos fundamentais. A universalização do ensino público, a ampliação da rede pública hospitalar, dos benefícios previdenciários, a proteção à criança, ao adolescente, ao idoso, aos portadores de necessidades especiais enfim, tornou-se o momento de se enfrentar o processo de inclusão como um fenômeno, não apenas político-econômico, mas fundamentalmente social.

O entendimento da inclusão refere-se, então, à instância de direito de todos os integrantes da sociedade poderem ter acesso aos bens sociais coletivos, incluindo-se as práticas esportivas. Sabe-se que os avanços sociais produzidos pelas iniciativas advindas do esporte são eficazes porém não corrigem a distorção estrutural que é educacional. No entanto, trata-se de assimilar os indivíduos, independentemente de origem social, raça ou aspecto físico, à comunidade nacional. A base para a inclusão implica no acolhimento de indivíduos diferentes, respeitando-se suas particularidades e diferenças. Quando se estabelecem critérios de quem pode ou quem não pode participar dessa comunidade inviabiliza-se a assimilação e consolida-se a exclusão. Sob a égide da normalização, inviabiliza-se a integração, a assimilação, enfim a inclusão. No caso da escola, quando se estabelece que a criança não pode repetir o ano escolar por mais de duas vezes, institui-se em princípio a exclusão da escola, legitimada pela norma. Da mesma forma acontece com o critério de idade, de aptidões físicas, de sexo, definindo quem pode e quem não pode praticar determinadas atividades, inclusive o esporte. Ao se levantar a bandeira do esporte para todos, está-se defendendo o direito à diferença, levando-se em conta que o objetivo maior é o da inclusão, da assimilação, da integração ao invés do sucesso. Igualam-se os desiguais em nome da justiça social; sejam portadores de necessidades especiais, idosos ou outros grupos quaisquer, todos devem poder participar dos eventos oferecidos ao público em geral. Cabe ao Estado gerenciar os recursos financeiros de modo a implementar políticas públicas que atendam aos interesses da população em geral. Cabe às empresas cumprir sua responsabilidade com o social gerenciando economicamente seus programas sociais, utilizando o ferramental do *business* para avaliar, de fato, resultados sociais atingidos. Dessa forma, a inclusão passa a ser mais um novo paradigma de

pensamento e de ação, na direção de incluir todos os indivíduos em uma sociedade na qual o direito à diferença deve ser respeitado. O grande desafio, assim como a universalização da cidadania, é ampliar os processos de inclusão que vão desde as garantias de aposentadoria, o acesso à escola, como a participação livre nos eventos sócio-culturais. Não é tarefa fácil quando se consolidaram, no imaginário coletivo, mitos, crenças e pré-conceitos. Martine Xiberras (1993) faz o seguinte comentário “excluídos são todos aqueles que são rejeitados de nossos mercados materiais ou simbólicos, de nossos valores”. Sentir-se excluído por rejeição, por discriminação, significa romper com os vínculos de adesão social que ligam os atores a valores. Uma ruptura que resulta numa perda do sentido de pertencimento, de filiação, até mesmo de nacionalidade. Sentir-se desviante, à margem da comunidade é uma forma de ostracismo, de morte social. Poder participar, ver-se reconhecido como um membro do grupo remete ao fortalecimento da auto-estima, à valorização de si mesmo. A inclusão social não se reduz a um ato de piedade mas sim a um ato político de re-ligação dos seres humanos entre si e do fortalecimento dos laços sociais. Atualmente fala-se de marginalização ao invés de exclusão, atribuindo-se aos indivíduos o resultado e a responsabilidade sobre suas próprias escolhas. Essa lógica individualista exige os governantes do dever de preservar os valores e os laços sociais coletivos. Não é só por decreto que um governo exclui os cidadãos da participação plena da sociedade, mas por outro lado ele pode, mediante políticas públicas, favorecer a inclusão de grandes parcelas da população nos benefícios básicos sociais. Se a igualdade representava o princípio das novas sociedades sem classe, hoje se exige o direito à diferença nos processos de inclusão social. É nesse sentido que se pode pensar a legitimidade da inclusão social. É sobre essa legitimidade que se abrem os espaços para as lutas por justiça social, pela defesa de princípios morais, religiosos e políticos. Não é uma tarefa simples, entretanto.

A partir de 1975 a ideologia neoliberal desalojou rapidamente o que se entendia por desenvolvimento. À concepção que inclui o acesso de todos aqueles que, pelos mais diversos caminhos, possam desfrutar de benefícios sociais e culturais, como patrimônio que a todos pertence – versão europeia do conceito de cidadania – contrapôs-se o modelo de cidadania corrente das democracias liberais, expresso essencialmente no depósito de um voto nas urnas e no desejo de uma participação política vivida na identificação afetiva do povo com seu líder (Hermet, 2002). Apesar do abismo em relações aos países desenvolvidos haver se expandido de maneira exponencial, contabilizando, em 1999, uma diferença de renda entre os 5% mais ricos e os 5% mais pobres do mundo de 1 para 74, a democratização dos países latino-americanos passou a representar uma realidade e um progresso. A emergência de uma nova visão de desenvolvimento tornou-se factual, em 1990, quando o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento-PNUD assumiu o Indicador de Desenvolvimento Humano-IDH como índice estatístico comparativo para seu relatório anual. A introdução do novo indicador do PNUD redefine a luta contra a pobreza e a exclusão social através de quatro imperativos, quais sejam: (i) o desenvolvimento não apenas deve ser duradouro como também equitativo; (ii) a melhoria dos índices econômicos representa um meio e não um fim no processo de desenvolvimento; (iii) o crescimento é mensurado agora também pelo desenvolvimento social, pelo nível de igualdade, justiça, democracia e (iv) a proteção ao meio ambiente participa em parte ou no todo de qualquer forma de intervenção visando ao desenvolvimento que deve ser sustentável, isto é com equilíbrio entre gastos e retornos. Assim, o IDH relativiza o significado do Produto Nacional Bruto-PNB e amplia o escopo com a avaliação da expectativa de vida e o nível de educação atingido em cada país. Por fim, a estreita relação entre economia e política é assumida como intrínseca já que os programas econômicos são o resultado das lutas que se desenvolvem no seio das instituições do Estado. Na denominação do novo indicador não mais se destaca a economia, mas o humano. Já não se focaliza o crescimento, certamente desejado, dos fluxos de produção, mas estende-se a elementos que expressam uma melhora tangível no modo de vida das populações desafortunadas. O processo de mudança em virtude do qual uma coletividade tem acesso, em conjunto, a um bem-estar social maior não é quantificado apenas sob o ponto de vista do resultado econômico, mas abrange o cultural porque envolve mudança de hábitos, de valores, de comportamentos e de respostas coletivas construídas e amadurecidas pela comunidade na busca de uma vida melhor. Assim, a matriz em permanente evolução, dos sentimentos e das maneiras de perceber as coisas que caracterizam todas as comunidades em um momento dado torna-se cultural. O

que significa que os processos culturais vão constituir, também, um setor importante de atividade que gera riqueza e cria empregos a níveis perfeitamente contabilizados (Hermet, 2002).

Desde a década de 1990 que o Banco Mundial passou a incluir, na avaliação de projetos de desenvolvimento, a idéia de “capital social” que expressa, exatamente, esta capacidade de uma sociedade estabelecer laços de confiança inter-pessoais e redes de cooperação com vistas à produção de bens coletivos. Segundo o Banco Mundial, o capital social refere-se às instituições, as relações e normas sociais que dão qualidade às relações inter-pessoais em uma dada sociedade. A coesão social é vista como fator crítico para a prosperidade econômica e para o desenvolvimento sustentado. Pesquisa realizada em 1993 e relatada por Robert Putnam revela as disparidades de desenvolvimento entre o norte e o sul da Itália, ocorridas após a implantação da descentralização administrativa do país. Durante vinte anos, os estudos de Putnam acompanharam, através de técnicas e metodologias variadas, os resultados conquistados. Ao final deste tempo, Putnam constata que o Norte, mais desenvolvido, soubera aproveitar-se melhor das vantagens da descentralização, enquanto o Sul conseguira melhorias mas não no mesmo ritmo das do Norte. Ao examinar minuciosamente cada uma das regiões, seus processos políticos, econômicos, administrativos, Putnam compreende que níveis maiores de envolvimento da população com a coisa pública, mais cooperativa e mais confiante com seus pares, mais associativa, fazem diferença. A capacidade maior de as pessoas cooperarem e confiarem umas nas outras gera laços horizontais de participação e propicia a produção do bem comum e o desenvolvimento econômico.

Assim, um problema tão complexo como a inclusão demanda múltiplos esforços que vão desde as iniciativas do Estado, da sociedade civil organizada, das instituições, enfim de todos aqueles que tem por princípio os direitos humanos, direitos de todos se desenvolverem, de exercerem plenamente a cidadania, independentemente do estado físico, da condição social, ou de suas origens étnicas. Mas, para que o paradigma da inclusão possa se efetivar é necessário, também, que se disponibilizem os espaços, as condições objetivas que permitam que todos aqueles que por ele se interessem possam desfrutar de seus benefícios. E o esporte, a Educação Física e as atividades físicas em geral têm apresentado, em seus percursos históricos, tais requisitos objetivos. Seus espaços se espraiam muito além das escolas e dos clubes; adentram nas empresas, nos condomínios, nos hospitais buscando e trazendo para as atividades físicas, para o esporte, pessoas que até então ficaram à margem. Incluí-las nas atividades requer, dos profissionais de várias especialidades e dos voluntários a eles associados, a capacidade de lidar com a diferença, com o inusitado, com as aparentes impossibilidades. E mais do que esta habilitação, o conhecimento da inclusão no contexto da exclusão é a base mínima da avaliação das ações destes interventores sociais.

Ações Religiosas As duas instituições que, por sua natureza, cuidaram de organizar a colonização do Brasil foram o Estado e a Igreja Católica. Embora fossem instituições distintas, nos períodos relativos à colonização uma estava ligada à outra. Não existia, como existe hoje, o conceito de cidadania, de pessoa com direitos e deveres com relação ao Estado, independentemente da religião. A religião do Estado era a católica e os súditos, ou seja, os membros da sociedade, deveriam ser católicos. Em princípio, houve uma divisão de trabalho entre as duas instituições. Ao Estado coube o papel fundamental de garantir a soberania portuguesa sobre a Colônia e administrá-la política e economicamente. À Igreja coube cuidar das “almas”. Ela estava presente na vida e na morte das pessoas, nos episódios decisivos do nascimento, casamento e morte. Nada mais natural, portanto, que a Igreja se encarregasse também da assistência aos desvalidos de toda a natureza. As associações religiosas que se incumbiam da assistência dividiam-se em duas categorias: as que distribuíam auxílio a todos os necessitados em geral tendo como modelo a Santa Casa da Misericórdia, e as que se ocuparam dos próprios sócios, tais como as Irmandades Religiosas, as Ordens Terceiras e as Associações de Beneficência, de socorro mútuo, representadas, estas últimas pelas Beneficências Portuguesas, com seus hospitais, havendo ainda associações beneficentes inglesas, francesas e italianas. A Igreja desempenhou, assim, no caso da colonização do Brasil, importante papel. A força que dela emanava, manifestava-se por três modos: o episcopado, com o clero secular, as ordens religiosas e as corporações leigas – ordens terceiras, irmandades e confrarias. Tais corporações eram

organizadas por classes sociais e profissões. Assim, as ordens terceiras, como a do Carmo e a de S. Francisco eram constituídas pelas elites locais; as irmandades, pelas profissões, como S. José dos Carpinteiros, Santo Elói dos Ourives, São Jorge dos Ferreiros. Os negros mantinham irmandades próprias, como a de Nossa Senhora do Rosário, de São Benedito e de Santa Efigênia. Uma das principais organizações era a da Santa Casa da Misericórdia, que exercia funções de assistência social de toda ordem para todo o tipo de público. Mantinha hospitais, asilos para pobres e velhos, cuidava dos presos e assistia aos condenados à morte.

Documentos históricos sugerem que em março de 1582 o jesuíta José de Anchieta acudiu a esquadra espanhola que aportara no Rio de Janeiro, devido a enfermidades que acometera sua população. Para abrigar os enfermos, o jesuíta mandou construir um barracão de palma, coberto de sapé, que deu origem à Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro e, possivelmente, ao primeiro hospital da cidade. Desde 1548 que a Coroa portuguesa resolvera intervir mais diretamente na questão do povoamento do território brasileiro, nomeando como primeiro governador-geral Tomé de Souza. O governo de Tomé de Sousa (1549-1553) foi sucedido por outros quatro governadores-gerais até a União Ibérica em 1580, quando o reino de Portugal se uniu ao de Espanha. O domínio espanhol sobre o Brasil foi importante na formação de várias instituições de caridade, entre elas a Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro e outras que se disseminaram ao longo dos séculos pelas principais cidades e vilas. A cidade, à época, somava uma população de 3.850 habitantes, a maior parte composta por índios, 750 portugueses e 100 africanos. A vida econômica da cidade baseava-se primordialmente nos engenhos de açúcar, que inicialmente contaram com a mão-de-obra escrava indígena e, mais tarde, com os negros africanos de Angola. A falta de políticas de higiene pública e saneamento propiciou freqüentes epidemias de cólera, febre amarela e varíola, entre outras doenças que atingiam sua população. A Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, regida pela Santa Casa de Lisboa, abraçava os mesmos propósitos caritativos desta última: acolher os presos, alimentar os pobres, curar os doentes, asilar os órfãos, sustentar as viúvas, enfim, ser a casa a serviço dos mais carentes, dos desassistidos e abandonados. Em seus dois primeiros séculos de existência, contou apenas com um físico e um cirurgião efetivos, além dos que se ofereciam para auxiliá-los em troca do internamento de doentes particulares e do uso das instalações para outros interesses. A instituição foi regida pelo “Compromisso” da Misericórdia de Lisboa, do ano de 1618, confirmado pelo alvará de 18/10/1806, alterado pela deliberação da Mesa de 13/05/1838 e reformado em 30 de maio de 1907. O cargo de provedor da Santa Casa de Misericórdia do RJ era geralmente ocupado por políticos influentes, nobres titulares ou ricos comerciantes, muitos dos quais adotaram medidas econômicas e administrativas para manter e ampliar as atividades da Irmandade no Rio de Janeiro. Até o século XIX, as exigências para a admissão na Irmandade eram severas: “ser puro de sangue há pelo menos duas gerações, o que equivale dizer não ter sangue de negro, mouro ou judeu; ser isento de trabalhar com suas próprias mãos, em caso de ser oficial mecânico, ser dono de sua tenda; que saiba ler e escrever; e ter recursos suficientes para acudir ao serviço da irmandade quando necessário e para não ser suspeito de aproveitar do dinheiro da instituição em benefício próprio”. Embora não subvencionassem as Misericórdias, os governos do Império e Provincial concediam-lhes vantagens e benefícios como a isenção de impostos, taxas, selos e o privilégio da organização de loterias, cuja renda proveniente da venda de bilhetes era aplicada no custeio das Santas Casas.

A primeira loteria foi criada pelo Coronel Comendador Custódio Moreira Lírio, por ocasião do retorno da família real a Lisboa, em 1821. A Santa Casa do RJ e da Bahia destacaram-se das demais em relação ao seu patrimônio, resultante de doações e legados além de bens imóveis e apólices da dívida pública. Nestas Instituições, alguns profissionais recebiam modestos vencimentos. O mais comum, entretanto, era que todos os médicos das localidades das diversas Santas Casas se revezassem no atendimento aos pacientes, sem receber qualquer remuneração. A prestação da assistência médico-cirúrgica era gratuita. A Santa Casa tinha a grande responsabilidade de manter o maior hospital do Rio de Janeiro até o final do século XVIII, que oferecia assistência à população pobre da cidade e seus arredores, sem distinção de raça ou nacionalidade. A assistência aos presos era uma das principais obras do “Compromisso” da Misericórdia, que lhes oferecia roupas e alimentos, além de auxílio médico e jurídico, conforto espiritual e sepultamento dos que eram

condenados à morte. O preso deveria se encontrar preso há mais de um mês, e a acusação não poderia versar sobre a contração de dívidas. A maior fonte de renda da Santa Casa, no entanto, referia-se aos serviços funerários dos quais tinha monopólio, tanto em Portugal quanto nas colônias. A maior causa dos constantes desentendimentos entre a Irmandade e as autoridades da província do Rio de Janeiro, ao longo dos séculos XVII e XVIII, estava relacionada aos serviços prestados pelo hospital aos militares adoentados e feridos, pois vários governantes se recusavam a cumprir as determinações régias que estipulavam um pagamento anual à instituição religiosa, a fim de cobrir os gastos das tropas militares que sempre foram acolhidas pela Misericórdia, mesmo depois de estabelecido o hospital militar. Grande parte de seus enfermos era de sua responsabilidade, entretanto alguns doentes arcavam com os custos de sua estadia, pagando ao nosocômio da Irmandade uma diária. Entre julho de 1809 e junho de 1810, o hospital recebeu cerca de 1.545 enfermos pobres, dos quais 293, aproximadamente, tiveram condições de pagar suas despesas. No caso de internação de escravos, cobrava-se uma diária ao seu respectivo senhor, mais os custos com os medicamentos fabricados na botica do hospital. Na verdade, o socorro prestado pelo hospital aos escravos quase nunca era pago pelos seus donos que, em última instância, acabavam doando o cativo à Irmandade. Apesar das constantes dificuldades financeiras reais vividas pela Santa Casa ao longo de sua história, a maior parte das doações recebidas não era aplicada na filantropia, mas desviada para a conservação e ampliação do patrimônio financeiro e imobiliário da confraria. O provedor Miguel de Carvalho, referindo-se ao período de 1902 a 1906, declara que "quase duplicamos o patrimônio constituído de títulos, restauramos e melhoramos sensivelmente parte do patrimônio predial, elevando de modo apreciável a sua renda". Os serviços hospitalares ficavam então prejudicados, não respondendo às necessidades da população carente que se diversificava e crescia nos primeiros anos do século XX. A partir de 1917, a Irmandade passou a exigir a apresentação de atestado de pobreza para que o enfermo tivesse atendimento gratuito.

Ações humanitárias da sociedade civil Em junho de 1859, um homem de negócios suíço chamado Henry Dunand ficou profundamente impressionado com a visão de milhares de soldados feridos no campo de batalha de Solferino, no norte da Itália, abandonados à própria sorte, em agonia por falta de assistência médica. Apelou, então ali mesmo, para a população local o vir ajudar, insistindo para que os soldados de ambos os lados fossem ser tratados. Mas não ficou por aí. Em 1862 publicou um livro intitulado "Uma recordação de Solferino", em que fez dois apelos: em primeiro lugar, que fossem constituídas sociedades de assistência em tempo de paz com enfermeiros que tratariam dos feridos em tempo de guerra e, em segundo lugar, que esses voluntários, que seriam convocados para auxiliar os serviços sanitários do exército, fossem reconhecidos e protegidos por meio de acordo internacional. Estas idéias levaram rapidamente à criação do "Comitê Internacional para a Assistência aos Feridos", que mais tarde se transformou no Comitê Internacional da Cruz Vermelha. Em resposta a um convite do Comitê Internacional, os representantes de dezesseis países e quatro instituições filantrópicas reuniram-se numa Conferência Internacional em Genebra, em 1863. Este acontecimento marcou a fundação da Cruz Vermelha como instituição. No ano seguinte, os representantes de doze governos participaram e adotaram um tratado preparado pelo Comitê Internacional, intitulado "Convenção de Genebra para o Melhoramento da Sorte dos Soldados Feridos nos Exércitos em Campanha". Os dez artigos constantes do tratado constituíram o primeiro tratado de Direito Internacional Humanitário.

Outras conferências foram realizadas posteriormente, ampliando o direito básico a outras categorias de vítimas, como os prisioneiros de guerra. Após a Segunda Guerra Mundial, uma conferência diplomática adotou as quatro Convenções de Genebra de 1949, depois de reunir durante quatro meses. Estas Convenções incluíram, pela primeira vez, disposições relativas à proteção de civis em tempo de guerra. Em 1977, as Convenções foram completadas por dois Protocolos Adicionais. No Brasil, a Cruz Vermelha é uma entidade supra-estatal, fundada em 05 de dezembro de 1908. A Cruz Vermelha Brasileira é uma sociedade civil filantrópica, independente, com personalidade jurídica, sede e foro na cidade do Rio de Janeiro, de duração indeterminada, conforme estabelecem a Lei n. 2380, de 31 de dezembro de 1910, o Decreto n.9620, de 13 de junho de 1912, e o Decreto n. 23482, de 21 de novembro de 1933. É constituída com base nas Convenções de Genebra, das

quais o Brasil é signatário e nos Princípios Fundamentais da Cruz Vermelha. A Cruz Vermelha Brasileira é oficialmente reconhecida pelo governo como Sociedade de socorro voluntário, autônoma, auxiliar dos poderes públicos e, em particular, dos serviços militares de saúde, conforme as disposições das Convenções de Genebra e como única sociedade nacional da Cruz Vermelha que possa exercer suas atividades em todo o território brasileiro. Tem por finalidade prevenir e atenuar os sofrimentos humanos com toda a imparcialidade, sem distinção de raça, nacionalidade, nível social, religião e opinião política, podendo estender sua atuação, em determinados casos, além do território nacional. Atualmente, a Cruz Vermelha está em 171 Sociedades Nacionais em 171 países com mais de 350 milhões de voluntários, regidos por mesmo estatuto, princípios e finalidades.

Ações jurídicas de proteção à criança O trabalho infantil no Brasil é quase tão velho como a própria história do país. Desde o início da colonização, as crianças negras e indígenas eram incorporadas ao trabalho. Com o desenvolvimento socioeconômico do país, a forma de trabalho infantil se modificou. O Código Criminal de 1830 tratou de reformular a responsabilidade penal dos menores de idade. Era dominante a preocupação fundada na ideologia cristã de amparar a criança órfã e desvalida, recolhendo-a em instituições destinadas à sua criação, mantidas pela Igreja Católica, com subsídio do governo. Os legisladores ocuparam-se com a regulamentação do ensino, tornando-o obrigatório e incentivando a criação de escolas e facilitando o acesso das crianças pobres. Porém, tais escolas não eram destinadas a todos. Não eram permitidos "meninos que padecessem moléstias contagiosas, ou que não tivessem sido vacinados, e os escravos". Quanto às crianças indígenas, essas nem eram mencionadas. A partir da 2ª metade do século XIX, destaca-se a legislação relativa ao processo de libertação dos escravos, impulsionada pelo movimento abolicionista. Um interesse crescente em relação à criança, em particular aos cuidados a ela ministrados pela família, liderado pela medicina higienista abriu caminho para a intervenção jurídica. Havia claramente a intenção de reprimir a delinqüência, como indicavam as leis penais da época.

Com a imigração crescente da Europa e do Japão, pouco antes do final do século XIX, a revolução industrial chegou ao Brasil. As novas formas de divisão do trabalho facilitaram o próprio exercício do trabalho e possibilitaram a inclusão da mão-de-obra infantil a custos mais baixos, particularmente na indústria têxtil. A partir da difusão dos avanços das ciências como a medicina, a sociologia, a economia e a educação, aliada aos ideais positivistas, esta assistência ganhou uma forma alternativa: a filantrópica, que passa a concorrer com a caridade no tratamento da questão. Na passagem do século XIX para o XX, a esfera jurídica marcou um novo ciclo da trajetória brasileira relativa à infância. Defendia-se a idéia de uma legislação especial para menores, sob a "tutela oficial" do Estado, a exemplo do que ocorria em outros países da Europa e dos EUA. Idéias discutidas em congressos internacionais sobre o problema do aumento da criminalidade infantil e juvenil serviam de base para que se pleiteasse uma "nova Justiça", na qual a educação (para o trabalho) e a recuperação (com base no trabalho) deveriam prevalecer em detrimento da punição. É na década de 1920 que os problemas relacionados à criança tornam-se objetos da alçada jurídica surgindo, assim, a categoria social denominada menor, em outras palavras, o filho do pobre. A palavra "menor" passa ao vocabulário corrente tornando-se uma categoria classificatória da infância pobre. Tal categoria, criada em 1921, altera "o código civil determinando que se considere abandonado o menor que não tem habitação certa, ou meios de subsistência próprios, órfão ou dependente de um responsável julgado incapaz de sua guarda". Embora a criança pobre tenha sido alvo da preocupação da parte do Estado desde meados do século XIX, o primeiro relatório sob título "A infância desamparada" é elaborado por Sabóia Lima, em 1939. Em 1923 foi criado o Juizado de Menores. Em 1927, o Decreto 17943-A consolidou as "Leis de Assistência e Proteção aos Menores", marcando o início de um domínio explícito da ação jurídica sobre a infância. Instalado o governo Vargas, o projeto de reformulação do papel do Estado teve repercussão direta na legislação para a infância, na medida em que a situação de carência da criança era associada ao quadro social de pobreza da população. A família do trabalho passou a constituir o foco da ação assistencial do Estado. As leis atenderão a dois alvos: a criança/ o jovem e o menor, como reflexo da visão dicotômica predominante em relação à infância das classes populares. Uma série de leis, criadas na passagem dos anos 1930 para os 1940, focalizarão, por um lado, a

assistência à maternidade, à infância e à adolescência, através de programas de educação e saúde, buscando-se estruturas políticas sociais básicas (Conselho Nacional de Serviço Social, Departamento nacional da Criança, Legião Brasileira de Assistência). Por outro lado, tratarão de definir medidas de recuperação e controle dos menores abandonados e delinqüentes, através da internação e repressão à criminalidade, firmando políticas "especiais" (compensatórias), que variavam de acordo com o "grau de periculosidade" do menor (Serviço Nacional de Menores; delegacias de polícia; estabelecimentos de triagem e internação de menores). Em 1940 é promulgado o Código Penal, colocando em evidência a necessidade da revisão do Código de Menores sob alegação de que o mesmo não poderia ser exclusivamente jurídico, mas deveria ter um caráter social (preventivo, curativo, assistencial). As controvérsias se estenderão por mais três décadas até que se efetivasse a primeira reformulação do Código, em 1979. Em 1941 surge um serviço oficial, aglutinador da assistência à infância no Brasil: o Serviço de Assistência ao Menor-SAM, que abandona o ideal filantrópico de transformar as crianças em pessoas úteis para a sociedade, para encarcerá-las em instituições totais. O sistema perdura até os anos 1960. Em 1959, desenvolveu-se um movimento que levou à elaboração da Declaração Universal dos Direitos da Criança, aprovada pela Assembléia Geral das Nações Unidas. A Declaração veio corroborar a necessidade de uma reforma que garantisse o respeito aos direitos das crianças.

Em 1964 é criada a Funabem e retorna-se à retórica da integração social do menor pelo trabalho, agora dentro de uma política mais ampla de segurança nacional. Na década de 1970 aparece um relatório de pesquisa realizado com o objetivo de subsidiar a definição de políticas e programas sociais, mediante diagnóstico de criança em situação de risco. Encomendada pelo Tribunal de Justiça da cidade de SP e realizada pelo Cebrap e publicada em 1972, sob o título "A criança, o adolescente, a cidade", a pesquisa teve por objetivo contribuir para a ação dos juizados de menores, num período em que a questão do menor colocava-se como um problema social grave. É interessante observar que na cidade do RJ se empreende, no mesmo período, uma pesquisa semelhante, publicada em 1973, com o título "Delinqüência Juvenil na Guanabara". Estas pesquisas marcam, sem dúvida alguma, os primeiros passos das Ciências Sociais em direção à elaboração de diagnósticos referentes à condição social da criança, reunindo, deste modo, os interesses do Estado aos dos assistentes sociais, dos psicólogos, dos pedagogos, antropólogos e sociólogos. No final da década de 1970 e início da década de 1980, é que começam a surgir propostas alternativas de atendimento a crianças e jovens de classes populares, condenando o confinamento e o assistencialismo. Esses projetos novos, vinculados a organismos da sociedade civil e a instituições públicas, dão origem a formas diferenciadas no tratamento da questão e engajam-se em campanhas contra o trabalho infantil e juvenil. Desenvolve-se a compreensão de que as etapas de vida – infância e adolescência – não devem ser consideradas apenas em função de processos biológicos universais. Trata-se de uma construção social que determina não somente as práticas, mas também noções diferentes de infância, conforme o contexto sócio-histórico que se esteja falando. Numa sociedade desigual como a brasileira, existem, assim, diversas visões de infância. As propostas de atendimento alternativo, desenvolvidas basicamente por ONGs, deram origem, em 1986, à Frente Nacional de Defesa dos Direitos da Criança e a inúmeros projetos e programas de educação não-formal. Em 1988, a Carta Constitucional, em seu Artigo 227, culminou na elaboração do Projeto do Estatuto da Criança e do Adolescente, garantindo o trabalho protegido a jovens de 14 a 18 anos, proibindo seu emprego em tarefas insalubres, perigosas ou noturnas. Em 1990, a Lei n. 8069 instituiu o Estatuto da Criança e do Adolescente. Dados do IBGE/PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) de 1998 mostram que, neste ano, 7,7 milhões de crianças e adolescentes entre 5 e 17 anos trabalhavam, o que significou uma redução de 20% dos 9,7 milhões que trabalhavam em 1992.

Atividades esportivas como meio de inclusão social O uso de atividades esportivas como meio de incorporação ou recuperação de pessoas desprivilegiadas na sociedade é tão antigo quanto o aparecimento do esporte moderno, na Inglaterra. Em meados do século XIX, naquele país, a expansão do *rugby* do futebol teve tanto um propósito de educação dos jovens de elite como o papel de disciplinar as massas populares. A associação de qualidades físicas com virtudes morais – educação e regras de comportamento social –

foi denominada de cristianismo muscular (*muscular Christianity*), segundo relata McIntosh (1979), no sentido de salvação e incorporação da população pobre à sociedade. Outra iniciativa inglesa de ajuda aos pobres em seu país, e também relacionada ao esporte, diz respeito à fundação da Associação Cristã de Moços-ACM (*Young Men's Christian Association-YMCA*). O movimento surgiu em 1844, promovendo a leitura de textos bíblicos e a prática de esportes. O objetivo era proporcionar aos jovens, que se aglomeravam nas cidades em busca do trabalho, atividades saudáveis e motivadoras. No Brasil, a ACM instalou-se em várias cidades a partir de 1893 quando iniciou atividades na então capital do país, Rio de Janeiro. Além de ser provavelmente a entidade pioneira em PIS do esporte no país, a ACM introduziu o voluntariado em ações sociais esportivas, que se tornou uma tradição na sua versão brasileira: em 2002, para 147.607 associados, 287 projetos, e 35.758 pessoas carentes atendidas, havia 5.080 voluntários e 2.146 profissionais (ver capítulo sobre a ACM neste Atlas).

Nos anos de 1920, a Prefeitura de Porto Alegre deu início a uma série de iniciativas então denominadas de “Recreação Pública”, que se prolongaram por mais de uma década. Tais ações foram efetivamente precursoras dos PIS atuais, pois atendiam a população no espaço público (ruas, praças, etc) com práticas de recreação e esportes. O líder da ação sócio-esportiva recreativa foi Frederico Gaelzer, professor de Educação Física, que fez também experiências com colônias de férias para crianças carentes no início da década de 1930. Outra versão da colônia alternativa surgiu na Escola de Educação Física do Exército, sediada no RJ, cujo impacto foi maior do que a iniciativa do RS por ter se repetida por todo o país usando-se unidades do Exército Brasileiro. Esta experiência embrionária de PIS, feita por militares, sobrevive até hoje e se tornou uma tradição. A fase seguinte de experiências do uso da Educação Física e de esportes para a população em geral, fora do ambiente de clubes e escolas, deixou de ser pontual e emergiu de forma dispersa em diferentes locais do Brasil, sobretudo em SP e RJ. Assim aconteceu com “Ruas de Recreio” – e outras denominações afins – projeto da Prefeitura do Rio de Janeiro nos anos de 1950 com repercussões nas décadas seguintes. Outras ações similares aconteceram no interior e na capital de SP nas décadas de 1960 e 1970, servindo de suporte e facilitação da Campanha Esporte para Todos – já então por iniciativa do Governo Federal – implantada no país no final dos anos de 1970. Esta última alcançou escala nacional e operou em seu auge com nove mil voluntários (ver capítulo “Lazer Esportivo e Esporte para Todos” nesta seção do Atlas). Os voluntários foram treinados para gerar projetos locais autônomos e, para este propósito, havia um “Decálogo” que orientava e fundamentava ações a desenvolver, mantendo um sentido de unidade na campanha. A chamada campanha EPT (de Esporte para Todos) enfatizava a cultura local recreativa e esportiva, o que acabou por realçar as atividades já existentes no país e afastá-la dos princípios internacionais então correntes e que justificou originalmente sua criação. De resto, o Decálogo EPT pregava o desenvolvimento comunitário, a integração social, o civismo, a humanização das cidades, a valorização da natureza e a valorização do serviço à comunidade, ao estilo do que hoje se denomina responsabilidade social. Entretanto, o Decálogo pregava adesão à prática de atividades físicas de lazer e saúde tanto como à prática esportiva e ao esporte organizado, o que dava equivalência aos dois tipos de desenvolvimento explicitados pela campanha: o sócio-cultural e o esportivo. Em que pese este equívoco de origem – sutileza não discernida à época – a fase EPT brasileira do período 1977–1988 experimentou abordagens por grupos-alvo (idosos, pobres, população rural, portadores de necessidades especiais etc), um pioneirismo que hoje sedimenta os PIS em geral. Estes se auto-desenvolveram, superaram aparentemente o foco desmedido no esporte e têm atuado com prioridade em seus objetivos, postos nas dimensões sociais e culturais. Faltaria, portanto, uma consolidação teórica destas experiências de oito décadas de existência, a fim de garantir intervenções sociais de maior legitimidade.

Ações esportivas de inclusão para portadores de necessidades especiais O movimento de inclusão social começou de forma incipiente na segunda metade dos anos 1980 nos países em desenvolvimento, e se desenvolveu fortemente na primeira década do século XXI engajando todas as nações. A Declaração de Salamanca foi o ponto de partida fundamental para que muitos países se envolvessem com mais ímpeto em relação aos deficientes. A Declaração é proveniente de uma conferência mundial sobre necessidades educativas especiais e pode ser considerada

uma carta magna da política da inclusão. Anteriormente, segundo a UNESCO (1994), no lugar do termo inclusão utilizava-se os termos integração (inserção da pessoa deficiente preparada para conviver na sociedade) e integração plena ou total para designar o que chamamos hoje de inclusão. Por isso é comum encontrar muitos documentos da Organização das Nações Unidas e textos de pesquisadores da área utilizando a terminologia Integração Plena. Em algumas reuniões científicas de destaque, como a Conferência Mundial de Educação, Fórum Mundial Social, Convenção Europeia de Psicologia Social, Congresso Brasileiro de Medicina do Esporte, tem sido discutida a questão da inclusão social, escolar e esportiva de “pessoas com necessidade e direitos especiais”, incluindo nesta categoria os portadores de deficiência física, mental, auditiva, visual e múltipla; autistas; toxicômanos; pessoas com dificuldades de aprendizagem; insuficiências orgânicas; distúrbios do crescimento – nanismo; superdotação; obesos; problemas de conduta; distúrbio de atenção com hiperatividade, distúrbio obsessivo compulsivo; idosos; distúrbios emocionais; enfermos crônico-degenerativos e com patologias infecto-contagiosas; e transtornos mentais.

Em vez de enfatizar a deficiência, a evidência maior deve estar voltada para a pessoa, seu potencial e suas ações. Apesar de alguns teóricos da área de políticas públicas educacionais apontarem que todas as pessoas no mundo possuem limitações em alguma coisa, e que logo “todos somos deficientes e diferentes”, como alerta Carmo (2002), os impactos dos estigmas e a violência simbólica continuam presentes para aqueles que são diferentes, ou melhor, cujas deficiências são evidentes. Entende-se por “diferença” a natureza biológica do indivíduo, enquanto “desigualdade”, a natureza social. Assim, todos os indivíduos são diferentes e desiguais, mas não deficientes. O Relatório da Força Tarefa entre Agências das Nações Unidas sobre o Esporte para o Desenvolvimento e a Paz, no capítulo 3, intitulado “O esporte na busca das metas do desenvolvimento do milênio” apresenta o item Esporte, Educação e Inclusão. Nesta parte, o relatório defende que “é imperativo que os programas de esportes dentro e fora da escola incluam todas as pessoas e assegurem oportunidades iguais de participação independente de gênero, raça ou habilidade (...)” oferecendo “(...) a jovens portadores de deficiência a oportunidade de participar de programas de Educação Física na escola e através de clubes da comunidade (...)” tendo em vista os benefícios adicionais que recebem do esporte e da atividade física”.

Tendo em vista a Inclusão Escolar, pode-se afirmar que esta ação corrobora para o decréscimo do analfabetismo. Quanto maior o número de pessoas inseridas nas escolas, independente de credo, raça, gênero, necessidades especiais, estado de saúde e valores sociais, menor será a taxa de analfabetos no país, desde que haja condições materiais mínimas de trabalho, capacitação profissional e principalmente instalações físicas que permitam uma digna acessibilidade autônoma. No Brasil, a Educação Física Adaptada surgiu oficialmente nos cursos de graduação através da Resolução 3/87 do Conselho Federal de Educação e prevê a atuação do professor de Educação Física junto ao portador de deficiência e outras necessidades especiais. Por isso, sabe-se que muitos professores de Educação Física hoje atuantes nas escolas não receberam, em sua formação, conteúdos e/ou assuntos pertinentes a Educação Física Adaptada ou a Inclusão. A inserção de pedagogos e profissionais de Educação Física em hospitais num processo de inclusão profissional resgata a importância pedagógica de assistência à pessoa hospitalizada. Esta medida faz com que psicologicamente o indivíduo hospitalizado possa abstrair e ter contato com o conhecimento externo à realidade hospitalar. Ações como estas contribuem para o processo de reabilitação e, em alguns casos, promovem a interação e inclusão de portadores de diferentes quadros clínicos numa classe hospitalar na troca de suas experiências. A preocupação em desenvolver o estudo da inclusão de pessoas portadoras de necessidades educativas especiais durante o Ensino Fundamental vem ao encontro da atual Lei de Diretrizes e Bases para Educação Nacional-LDB, Nº 9.394/96 que, em seu capítulo V, define a Educação Especial como “modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para pessoas com necessidades educacionais especiais”. O Estatuto da Pessoa com Deficiência – Brasil (1999) estabelece acesso a serviços de educação, esporte e lazer, subsidiando em caráter prioritário, programas que promovam a inclusão social destas pessoas. Outro documento importante é a Declaração Mundial Sobre a Educação para Todos, produzido na Conferência de Jomtien (1990) que trata dos objetivos e metas, princípios de ação e definição de políticas para melhoria da Educação, rumo à sociedade inclusiva.

Nela, em seu artigo 3º se propõe a universalização do acesso à Educação e Promoção da Equidade, e no item 5, cita sobre a necessidade de uma atenção especial às pessoas portadoras de deficiências com vistas a garantir “Educação” aos portadores de qualquer tipo de deficiência, como parte do sistema educativo. Neste ano, foi aprovado o estatuto da criança e do adolescente Lei Nº. 8.069/90 – Brasil (1990) a qual, em seu artigo 54, estabelece atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência na rede regular de ensino. Há ainda a Lei Nº. 7.853, de 24 de outubro de 1989, que dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência–CORDE, institui a tutela jurisdicional de interesses coletivos ou difusos dessas pessoas, disciplina a atuação do Ministério Público, define crimes, e dá outras providências. O Decreto n 3.298, de 20 de dezembro de 1999, regulamenta a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. O ano de 2002 foi considerado o Ano Europeu do Deficiente, quando ocorreu uma série de atividades e planejamentos que resultaram na Declaração de Madrid, que combate a discriminação e a exclusão social e propõe a inclusão, direitos e condições de igualdade para esta população.

O esporte adaptado em seu desenvolvimento internacional tem revelado que oportunizar a prática esportiva a partir de um determinado quadro de deficiência não significa que está se fazendo inclusão. Realizar uma prova de um esporte adaptado em uma competição convencional, ou vice-versa, não é realizar inclusão, mas sim integração. Toda ação inclusiva é integrada, mas nem todo gesto de integração simboliza inclusão. É claro que ações participativas conjuntas do esporte convencional e adaptado possibilitam uma melhor aceitação social. Isto ocorre em virtude de que o esporte desconhecido passa por um processo de compreensão, através do ato consciente e reflexivo do conhecimento da ação para-esportiva. Sabe-se que a rejeição, ou o não interesse pelo Esporte Especial está ligado estritamente ao preconceito intrínseco de ignorar a deficiência. Existe uma preocupação sob o ponto de vista da ótica inclusiva no que tange a criação de novos jogos e esportes específicos para deficientes. Se a adaptação não for tangenciada pelas limitações e potencialidades de cada sujeito com deficiência, submetendo-se à normatização média de um quadro clínico, o indivíduo com menor capacidade motora terá dificuldades de atingir o padrão comum de mobilidade; e o de maior potencial poderá ficar limitado às estruturas pré-estabelecidas. Contudo, somente restarão os melhores em cada um dos esportes adaptados o que irá gerar o esporte competitivo, excluindo os demais não vencedores. Se analisarmos sobre todas as perspectivas intrínsecas ao processo de Inclusão, talvez não exista uma atividade ou possibilidade totalmente inclusiva, sempre haverá exclusão em um determinado aspecto, até mesmo entre pessoas com a mesma deficiência. O para-esporte de rendimento não pode ser visto como assistencialista. Esta conduta por sua vez está inserida no esporte de participação ou de reabilitação, mas não deve ser o pilar sustentador para se justificar a superação do indivíduo. Incluir socialmente através do esporte significa reconhecer as potencialidades e superações dos limites do sujeito enquanto sujeito, e não do indivíduo deficiente. O para-atleta e o deficiente praticante de esporte de lazer utilizam a atividade física como princípios de lazer ou trabalho. Contudo, usam as atividades em determinados momentos, como um escudo que induz a exclusão social, quando embutem o ato assistencial do esporte. Entretanto, poder-se-ia incluir o deficiente e o atleta regular com igualdades de condições para que ambos tivessem as mesmas oportunidades esportivas, se a idéia de se fazer inclusão com equidade continuar a ser propagada pelos novos pensadores do esporte adaptado. As diferenças motoras dos indivíduos com deficiência existem e não podem ser negadas, escondidas ou reprimidas.

Na diferença ou desigualdade é que repousam as ações dos profissionais em Educação Física na escola, os quais não devem tentar igualar o desigual, mas oferecer formas de manifestações físicas, culturais e esportivas acessíveis a todos os indivíduos que compõem seu universo de trabalho. A menção do conceito ‘sociedade inclusiva’ é bastante recente nos meios especializados em assuntos de deficiência, sendo mais recente do que os conceitos de educação inclusiva, lazer inclusivo e empresa inclusiva. Em outras palavras, foi dado ao processo de consecução da meta de uma sociedade inclusiva o prazo de cerca de 20 anos (1991-2010) para consegui-lo. Existem atualmente no mundo cerca de 500 milhões de deficientes sendo

que 80% deles se encontram nos países em desenvolvimento. O número de deficientes vem aumentando, mas principalmente, esta camada da população vem se destacando e se envolvendo em causas nobres e aparições esportivas. Este fato vem corroborar para que a sociedade inicie a inclusão desde a própria casa, oportunizando ao máximo, que o direito constitucional à educação seja atendido. A escola é o segundo ambiente de aceitação do deficiente, criando a tendência dos educadores reverem seus currículos, seus planejamentos, seus conceitos e formações, para que efetivamente o portador de necessidades educativas especiais possa participar de uma verdadeira inclusão. Esta em sua versão atual afasta-se do que excluiu o diferente, desde que ele ou ela podem ser eficientes.

Ações empresariais As mudanças econômicas e sociais impostas pela globalização e pela revolução tecnológica geraram novas relações de trabalho e pressionam no sentido da discussão sobre o papel das instituições como agentes sociais no processo de desenvolvimento sustentável e sobre a necessidade da formulação de valores éticos. O coração da idéia de sustentabilidade – conceito tão perseguido hoje no mundo dos negócios – apóia-se em três grandes pilares: desenvolvimento social, responsabilidade ambiental e viabilidade das empresas. Se o PIB brasileiro cresceu mais de 100 vezes e a população saltou de 17 milhões para 170 milhões, a riqueza produzida, no entanto, não foi distribuída. Um bilhão e meio de pessoas no mundo vivem abaixo da linha de pobreza (ganham menos de US\$2,00 por dia ou consomem menos de 1.800 calorias). No Brasil estima-se que sejam 40 milhões. Na virada para o século XXI, a renda da 1% da população mais rica era praticamente igual à dos 50% mais pobres, de forma que cerca de um terço dos brasileiros convive com a insegurança alimentar. A floresta amazônica está sendo destruída na razão de um campo de futebol por segundo. Estas transformações sociais e ambientais, e as novas demandas de mercado têm gerado inúmeros desafios que o Estado, o Mercado e a Sociedade Civil são incapazes de enfrentar de maneira isolada, evidenciando a necessidade de se alcançar uma melhor combinação na atuação destes três segmentos. A crescente exigência por competitividade está tornando comum a crença de que a empresa deva envolver-se responsabilmente com a comunidade. Entende-se, então, como Responsabilidade Social Corporativa, a maneira ética de condução dos negócios de uma empresa de forma que esta se torne co-responsável pelo desenvolvimento social, atendendo, simultaneamente, os interesses dos diferentes públicos com os quais ela se inter-relaciona, sendo capaz de incorporá-los ao planejamento de suas atividades. Isto significa, que a empresa é socialmente responsável quando consegue gerar valor não apenas para seus proprietários e acionistas, mas sim para todos os demais públicos com os quais ela se relaciona: Empregados, Fornecedores, Clientes, Governo, Meio Ambiente, e Comunidade (Instituto Ethos, 2001). Com vistas a conhecer mais de perto as iniciativas de responsabilidade social corporativa das empresas brasileiras, inúmeras pesquisas têm sido desenvolvidas, e estão sumariamente relatadas em capítulo específico. Entre estas, a eleição das 10 empresas-modelo 2003, no campo da responsabilidade social, promovida pela Revista Exame em parceria com o Instituto Ethos. Juntas, estas empresas faturaram 22 bilhões de reais em 2002, geraram um total de 52.000 empregos diretos e investem 87 milhões de reais anuais nos 1.200 projetos sociais voltados para a comunidade. Estão instaladas nas regiões sul, centro-oeste, norte e nordeste do país. São elas: 3M, Acesita, Belgo Mineira, CPFL, Multibrás, Natura, Perdigão, Philips, Serasa e TRW Automotive/divisão chassis e cintos.

Situação atual As experiências relatadas ao longo das seções compostas por este Atlas apontam para a formação de tendências quanto aos processos e práticas realizadas no Brasil no âmbito do esporte, da Educação Física e do lazer que podem subsidiar o entendimento e aprofundamento das ações e dos projetos de inclusão social (PIS). A visão de conjunto proporcionada pelo volume de dados coletados nesta edição do Atlas dá conta da magnitude de experiências que necessitam ser acompanhadas, para delas tirar lições. Por outro lado, a geração espontânea e ininterrupta de novas práticas esportivas assim como a criação de novas formas de lazer, as quais as instituições públicas e privadas mal conseguem acompanhar, sugerem um monitoramento contínuo na forma de banco de dados para, minimamente, mantê-los atualizados. Em termos de clientela potencial dos PIS, cogita-se aqui de um quantitativo que considera 40 milhões de pessoas categorizadas como marginais na sociedade em que vivem. Esta cifra tem sido questionada, mas pode ser assumida uma estimativa de ponto de partida, o que por si só

confere validade aos PIS de baixo custo e impacto relevante. No que tange ao fator "deficiência" – geralmente entendida como física – o monitoramento prende-se à ampliação do que hoje pode ser entendido como deficiência, por conta da extensão das dificuldades econômicas, políticas, sociais, étnicas que assolam a humanidade, particularmente o Brasil, sugerindo um trabalho de redefinição e delimitação de base teórica. Em 1980, a Organização Mundial de Saúde adotou uma classificação internacional de impedimentos (*impairments*), deficiências (*disabilities*) e incapacidades (*handicaps*), que implica numa abordagem mais precisa e ao mesmo tempo mais relativista. A Classificação Internacional de Impedimentos, Deficiências e Incapacidades faz uma distinção clara entre "impedimentos", "deficiências" e "incapacidades". Ela tem sido utilizada amplamente em áreas tais como reabilitação, educação, estatística, políticas, sociais, legislação, demografia, sociologia, economia e antropologia. Alguns usuários têm expressado preocupação no sentido de que a Classificação, na definição da palavra "incapacidade", ainda possa ser considerada médica demais e centrada demais no indivíduo, e talvez possa não esclarecer adequadamente a interação entre condições ou expectativas da sociedade e as habilidades da pessoa. Essas e outras preocupações, expressadas por usuários durante os 12 anos desde sua publicação, serão abordadas em revisões futuras da Classificação.

O Censo do IBGE de 2000 mostra um número maior de portadores de deficiência do que o esperado: 24,5 milhões de pessoas, cerca de 14,5% da população brasileira. Foram incluídas na pesquisa todas as pessoas que apresentem alguma dificuldade de enxergar, de ouvir, de locomover-se ou com alguma deficiência mental. O conceito seguiu recomendações recentes da Organização Mundial da Saúde e da Organização das Nações Unidas-ONU. Existem atualmente, no mundo, cerca de 500 milhões de deficientes sendo que 80% deles se encontram nos países em desenvolvimento. A maioria dos deficientes brasileiros mora em áreas urbanas (79%); é do gênero feminino (53,58%); e tem idade superior a 60 anos (29,34%). A porcentagem de deficientes que não possuem escolaridade é de 27,61%. Em se tratando das raças: 51,14% são brancos, 39,86% pardos, 7,5% negros e 0,51% índios. Mais da metade dos deficientes (52%) é inativa; importante relembrar da alta porcentagem de deficientes com mais de 60 anos. Dos ativos, 17% não contribuem para a previdência social. Sobre a religião 73% dos deficientes são católicos, 17% evangélicos, 1,3% são espiritualistas, 0,86% orientais, 0,39% de religião afro-brasileira e 6% deles não adotam religião. Em se tratando do estado civil, 44% são casados e 11,9% viúvos, (Neri, 2003). O Censo de 1999, do Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial explicita ainda mais a composição deste grupo-alvo: as matrículas da educação especial totalizavam 374.129 pessoas, sendo 18.629 deficientes visuais; 49.810 deficientes auditivos; 17.333 deficientes físicos; 197.996 deficientes mentais; 46.745 múltiplas deficiências; 1.228 altas habilidades e superdotados; 9.223 condutas típicas e 35.165 outras necessidades, sendo que o nível de ensino para todas as deficiências era o ensino fundamental, com 195.515 pessoas. A deficiência com maior atendimento por nível de ensino (fundamental) era a mental (101.968 indivíduos) e a menor era a deficiência física (8.151 pessoas). Talvez o número reduzido de matrículas para deficientes físicos estivesse relacionado à falta de acesso às escolas regulares. Na modalidade de atendimento, 60,5% dos deficientes eram atendidos em escolas especializadas (226.208 indivíduos), 22,6% em classes especiais (84.532 indivíduos), 6,6% em classe comum com sala de recursos (24.743 indivíduos), e 10,3% da classe comum sem sala de recursos (38.646 indivíduos) (MEC, 2003).

O Atlas observa, ainda, que há aproveitamentos diferenciados entre os vários grupos-alvo que participam dos PIS através de atividades esportivas. Os grupos-alvo de deficientes, de uma forma geral e dos idosos têm respostas mais consistentes do ponto de vista físico porque otimizam a anterior fragilidade de suas condições físicas, donde resultam possibilidades maiores de inclusão social. A situação é diferente com crianças e adolescentes pobres ou mulheres porque, então, a dificuldade inercial não diz respeito à limitação física exclusiva mas social. No âmbito deste público – certamente o de maior porte -, a educação formal ainda parece ser a melhor forma de inclusão social. A atividade esportiva, ora em revisão, auxilia e/ou completa a socialização e melhora a produtividade na escola mas não a substitui. O assunto, no entanto, é polêmico. Um argumento central vindo também da área de portadores de deficiências físicas resume as controvérsias: como reivindicar por igualdades sociais

quando alguém que é diferente e que deseja se afirmar pela sua diversidade, se inferioriza diante do esporte, ou seja, quando visualiza o esporte como única forma de ascensão pelo assistencialismo? O para-atleta é atleta, o para-esporte é esporte, o deficiente é eficiente, ou seja, os princípios de superação são iguais do ponto de vista inclusivo, e o que muda é a diversidade, afinal cada esporte, cada praticante, cada modalidade tem as suas particularidades. Em se tratando de esportes para deficientes, existem diversidades que devem ser trabalhadas para que ocorra realmente a inclusão. Por exemplo, o futebol para cegos utiliza videntes como goleiros. Neste ambiente, jogadores cegos podem jogar apenas na linha. Se todos utilizam vendas, porque não se poderia ter alguns videntes participando desta modalidade? Outra problemática é que a torcida deve permanecer em silêncio durante toda a partida, podendo se manifestar apenas na hora do gol. Isto ocorre para que os jogadores possam escutar a bola com guizo. A regra foi adaptada por profissionais e deficientes para que os cegos pudessem participar de atividades coletivas. Como Carmo (2002) explica, torcer em silêncio é algo sacrificante, que está muito mais adequado para quem está na porta da UTI de um hospital, do que para quem está numa quadra assistindo uma partida de futebol. O mesmo se passa com o Goalball, um esporte criado especificamente para cegos. Atualmente algumas equipes das associações e clubes estão montando times de videntes. Como todos utilizam vendas durante a partida, porque também não incluir o praticante dos esportes regulares nesta prática? Sabe-se que o espaço esportivo do portador de necessidades e direitos especiais é exclusivo deste, ou seja, para que, dentro das suas limitações, o aludido possa ser o melhor.

É importante, assim, repensar de forma permanente e criativa o uso da atividade física e do esporte no esforço de inclusão social. O mesmo empenho parece estar ocorrendo quanto à distinção dos objetivos a atingir com os PIS propostos para cada grupo-alvo de forma a adequar corretamente a relação custo-benefício resultante, evitando o emprego de recursos desproporcionais aos objetivos almejados. O número de empresas envolvidas com projetos sociais no Brasil é significativo e, segundo as informações correntes no tema, tal comportamento se firma como estratégia corporativa. Se em 2000, 2,5 bilhões de dólares ao ano eram gastos em projetos comunitários no país, a tendência perceptível é a da transformação da filantropia em inclusão social, com a implantação de controles, não apenas financeiros, mas na forma de avaliação dos índices de melhoria de vida da população. Este percepção apóia-se na avaliação do Instituto de Pesquisas Econômicas-IPEA de 2003, que estimou em apenas 2% a proporção de empresas brasileiras envolvidas com PIS e que avaliavam e monitoravam seus empreendimentos (Gonzales, 2004). Em resumo, a formação de parcerias tri-setoriais, envolvendo o setor público, o privado e o voluntariado, converge como uma tendência que pode se tornar dominante tendo em vista o número considerável de prefeituras que mantêm em funcionamento, e com sucesso, empreendimentos na direção da inclusão social. Como tal, esta evidência se fortalece ao serem examinados os capítulos que se seguem.

Fontes www.slepto.procc.fiocruz.br:8081/dic/verbetes/.htm; www.ines.org.br; www.feneis.com.br/MEC.htm; www.oca.org.br/cruzvermelha/AcruzVermelha.htm; www.Dhnet.org.Br/denunciar/Brasil_2201/Cap4_Trabalho_Infantil.htm; www.schwartzman.org.br/simon/paradoxos_Main.htm; www.oit.org.pc/ipec/tid/docs/final_praticas_cult_brasil.doc; www.cedeplar.ufmg.br/abphe/Textos/Abphe_2003_85.pdf; www.usu.cespi/marlegi.htm; www.168.96.200.17/ar.libros/anped/065T.pdf; www.adm.ufba.br/.../ISTR%202003%20Capital%20Social%20Desenvolvimento%20Local.pdf; Revista Carta Capital Especial nº 270-A de dezembro de 2003; Revista Exame, Edição Especial, Guia de boa cidadania corporativa, abril de 2003; McIntosh, P., *Fair Play. Ethics in Sport and Education*. London: Heinemann, 1979, pp. 20–36; DaCosta, L.P. & Miragaya A. (Eds), *Worldwide Experiences and Trends in Sport for All*. Meyer & Meyer Sport. Aachen: 2002; IBGE, 2000; Conferência De Jomtien, 1990; UNESCO, 1994; BRASIL, LDB, 1999, Forum Mundial Social; Congresso Brasileiro De Medicina Do Esporte; Conferência Mundial De Educação, Convenção Européia De Psicologia Social; Comitê Paraolímpico Brasileiro, Resolução 3/87 Do Conselho Federal De Educação, MEC, 2003; Ferreira, Nilda Teves, Cidadania, uma questão para a educação, 2ª ed. RJ: Ed. Nova Fronteira, 1993; Hermet, Guy, Cultura & Desenvolvimento, Petrópolis: Ed. Vozes, 2002; D'Araújo, Maria Celina, Capital Social, RJ: Jorge Zahar Editor, 2003; Gonzales, Amélia, A Ação Social de sua Empresa gera mudanças?, Razão Social – O Globo, número 12, 2004.

Projetos esportivos de Inclusão Social-PIS – Crianças e jovens

MARTA CORRÊA GOMES E MARCIO TURINI CONSTANTINO

Sports projects for Social Inclusion – Children and adolescents

As the Sport for All movement was well accepted in Brazil during the 1970s and 1980s, it created support for the so-called Projetos Esportivos de Inclusão Social (Sports Projects for Social Inclusion - PIS), which appeared in the 1990s. The PIS were developed based on the Federal Constitution of 1988, which promoted sports and leisure as citizenship rights obliging the government to provide them for the population. This chapter examines the experience of

PIS in relation to the groups of children and adolescents in risky situations. Tables 3 through 15, at the end of this text, display data and complementary information about the PIS, collected directly from sources during 2003 and 2004. As the municipalities of the interior of the participating states were not yet in the survey, the minimum estimates for the project in terms of numbers for Brazil (Table 14) indicate that 11,626 professionals helped 1,936,030

children and adolescents, which represents 5.2% of the Brazilian population between 7 and 17 years of age (Table 15). The data displayed suggest that this type of intervention has been growing in Brazil, and that there is still a large field for investment to be made on this area. The number of children and adolescents that participate in the PIS can double when data referring to the PIS from the interior of the states are finally added when ready.

Origens e definições A Constituição Federal de 1988 significou um marco na história do Sistema Esportivo Brasileiro. Ao reconhecer o esporte e o lazer como formas de promoção e bem-estar social estabelece no artigo 217 que “É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não-formais, como direito de cada um (...)” (p.59). Identificou-se então uma legitimação e oficialização institucional do poder público na intervenção social sobre o esporte e o lazer. DaCosta e Bramante em 1989 observaram que tal fenômeno se caracterizou nas últimas décadas como um movimento de transição da prática esportiva não-institucionalizada (originada espontaneamente da população como manifestação cultural) para a prática de eventos organizados, produzidos ou patrocinados por entidades governamentais e privadas, com base em iniciativas locais, especialmente prefeituras e grupos voluntários. Ao definir como dever do Estado o fomento de práticas esportivas formais e não formais, a Constituição Federal de 1988 também prevê o destino dos recursos públicos prioritariamente ao esporte educacional e, em casos específicos, para o esporte de alto rendimento. Este fato possibilitou uma ampliação da compreensão sobre a esfera de intervenção do Estado, não se limitando ao fomento do esporte de alto rendimento, ou à promoção da prática recreativa de jogos e exercícios físicos entre as diversas opções de lazer que se produzem nas comunidades. A noção de direito à prática esportiva gerou a denominação atual de ‘inclusão social’ não só por meio das atividades esportivas, mas pelo direito ao seu acesso e aprendizado como um bem social e cultural. Ao analisarmos os ‘Projetos Esportivos de Inclusão Social-PIS’, verifica-se um perfil centralizado na intervenção profissional continuada, balizada por um processo de ensino-aprendizagem com efetiva sistematização, o que possibilita a participação do aluno duas, três vezes ou mais por semana, podendo se estender por um longo período de tempo. Logo, os Projetos Esportivos de Inclusão Social caracterizam-se pelo oferecimento inteiramente gratuito de participação efetiva e sistemática em atividades da cultura corporal com iniciativas de financiamento governamental, não-governamental (ONGs) e do setor privado. Os projetos possibilitam a extensão do acesso das pessoas às atividades físicas e de lazer, sugerindo a ampliação das possibilidades de uma melhoria da qualidade de vida através da afirmação de direitos fundamentais que garantam o exercício da cidadania. Sendo assim, a gratuidade das atividades, por si só, supõe a democratização dos espaços e oferece a crianças e adolescentes que não teriam acesso às instituições privadas e pagas, a oportunidade de escolha e da prática dentre diferentes atividades ofertadas.

Convém destacar que esta definição apresentada sobre PIS delimita-se aos projetos sistemáticos e continuados de intervenção profissional, não incluindo aqueles que realizam apenas atividades eventuais e esporádicas como jogos ou torneios, colônias de férias, ruas de lazer, entre outros eventos. Entende-se portanto que a inclusão do esporte como um direito na Constituição Brasileira é consequência pontual de um longo e demorado processo histórico. De acordo com Álvaro Melo (1989, p.158) no texto ‘Desporto Constitucionalizado’, “verificar-se-á, ainda, se tais normas constitucionais desportivas se adequam aos ‘fins existenciais’ da sociedade desportiva brasileira, sem olvidar que a Constituição não se faz apenas no momento da Constituinte, mas na soma de muitos momentos, compondo um processo histórico, longo e demorado, até porque a norma constitucional não é um fim em si mesma”. Outra consideração importante é que o esporte no final do século XX já se constituía como um dos maiores fenômenos sócio-culturais existentes, situando a inclusão social como um dos principais desafios da área para o século XXI. O professor Jurgên Palm (Palestra proferida pelo mesmo como professor visitante, no

Curso de Mestrado em Educação Física da UGF, em 2000), presidente da TAFISA (*Trim and Fitness International Sport for All Association*), observa que devemos especular sobre as mudanças ocorridas no esporte nos últimos cem anos e que provavelmente grandes mudanças são esperadas no século XXI. Para Palm estas mudanças têm produzido uma diversificação de motivos e interesses e, conseqüentemente, uma gama maior de diversos tipos de participantes em esportes, o que coloca o esporte de competição como mais uma atividade dentre uma numerada lista de atividades. Ele lista seis desafios do esporte na Sociedade Pós-Moderna, em face das mudanças sócio-culturais que estamos vivendo: (1) a redução do papel do trabalho; (2) o aumento no número de idosos; (3) o aumento nos custos de saúde; (4) o impacto da violência; (5) o incremento da virtualização; e (6) o papel da globalização. Tubino (1996, p.55) considera como relevante neste processo a chegada do Movimento “Esporte para Todos” (conhecido também no Brasil como EPT) e o ciclo de debates “Panorama do Esporte Brasileiro” na Câmara Federal. Considera-se também aqui o impacto e os resultados de alguns Manifestos e Documentos da área de Educação Física e Esportes, que contribuíram para a origem do Movimento EPT e para dar fundamentação na discussão política e acadêmica acerca da democratização do esporte como fenômeno sócio-cultural e sua constitucionalização no Brasil.

Década de 1960 Surgem documentos emitidos por organismos internacionais que tratavam da reformulação de questões relativas da área de Educação Física e esportes. Esses documentos relataram a necessidade de entender e legitimar o fenômeno esportivo numa dimensão maior do que a dominante na época: o esporte como rendimento. Assim, propunham a democratização do esporte como um direito de todas as pessoas. Em 1964 foi emitido o “Manifesto Mundial do Esporte” pelo *Conseil Internationale d’Education Physique et Sport*-CIEPS, que representou a primeira grande reflexão internacional sobre o esporte como fenômeno social, tratando do conceito do esporte e do direito de todos à prática esportiva. Este documento foi dividido em três capítulos dos quais reconheceu o esporte como sendo praticado na escola, no tempo livre e na alta competição, representando um marco para a abrangência do conceito de esporte, ou seja, o entendimento de que não existia apenas o esporte de alta competição como fato esportivo. Em 1966 foi emitida a “Carta Européia do Esporte para Todos”, pelo Conselho da Europa, registrando a preocupação em promover o esporte na perspectiva da educação permanente e do desenvolvimento cultural. Desencadeou o Movimento Esporte para Todos (EPT), que teve início na Noruega em 1967 com campanha denominada “Trim”. Em 1968 foi emitido o “Manifesto da Educação Física”, pela *Fédération Internationale d’Education Physique*-FIEP. Este documento se preocupou em abordar o conceito, os meios, o lugar das atividades, as estratégias metodológicas e os próprios educadores de educação física.

Década de 1970 Em 1977 foi criada a Campanha EPT, através do Plano Nacional de Educação Física e Desportos e a Lei No. 6.251/75. Este movimento teve início no Brasil com o objetivo de promover a mobilização e adesão das práticas esportivas a partir da própria motivação e iniciativa local (municípios). Em 1971, o professor Lamartine Pereira DaCosta, principal nome relacionado ao desenvolvimento do EPT no Brasil, elaborou o Diagnóstico da Educação Física/Desportos no Brasil (DaCosta, 1971), revelando que a atividade predominante nos clubes brasileiros era a prática esportiva de lazer. Por outro lado, constatou-se carência no uso do tempo livre entre a população pobre. Esta verificação, somada a própria manifestação e iniciativa comunitária em resolver tal demanda,

gerou a iniciativa do EPT, definido por DaCosta como “um conjunto de atividades esportivo-recreativas que visam, em graus diferentes, a sociabilização e a forma física dos praticantes; que ocorrem em locais e equipamentos improvisados e sob orientação ou auto-condução simplificada; e que tenham acesso a todos os grupos naturais da sociedade, sem limitações excessivas de condições econômicas, de sexo ou de faixa etária” (1981, p. 10). Segundo Valente e Almeida Filho (2003), esta definição, em síntese, deu mais um sentido de inclusão social à campanha do que a massificação esportiva planejada pelo governo. O EPT gerou ações voltadas para a promoção do acesso às práticas do esporte não-formal, em que marca a transição entre as práticas competitivas de alto desempenho e a recreação de pessoas comuns. Destacamos o “Decálogo do EPT”, que foi um suporte de orientação à Rede EPT. O decálogo definia e regulava atividades partindo de propósitos sociais (1º – lazer; 2º – saúde; 3º – desenvolvimento comunitário; 4º – integração social; 5º – civismo; 6º – humanização das cidades; 7º – valorização da natureza; 8º – adesão à prática esportiva; 9º – adesão ao esporte organizado; 10º – valorização do serviço pela comunidade). Percebe-se que alguns dos objetivos previstos no decálogo do EPT foram retomados e estão presentes dos projetos atuais de Inclusão Social pelo Esporte, como o lazer, a saúde e adesão à prática esportiva, por exemplo. Em 1978 foi emitida a Carta Internacional da Educação Física e do Esporte da UNESCO. O documento reforçou o direito à prática da Educação Física e dos esportes. Estimulava os governos, as organizações não-governamentais, os educadores, as famílias e os próprios indivíduos a utilizar a educação física como uma prática permanente. Este documento consolidou a tendência internacional da ampliação do conceito de esporte, ressaltando o fenômeno da participação esportiva.

Década de 1980 Neste período, segundo Tubino (1996, p.57), ainda com o sucesso do EPT no país e pelas ricas experiências desenvolvidas, a exarcebação da valorização dos resultados esportivos e da centralização da atenção a atletas de talentos no Brasil prossegue normalmente. A partir de 1985 este quadro começaria a ser modificado com o rompimento do ciclo militar de governo e a chegada de novos dirigentes na estrutura do Estado que estaria destinada a tratar das questões do esporte. A recém-criada Comissão de Esporte e Turismo organizou na Câmara Federal o ciclo de debates “Panorama do Esporte Brasileiro”. Neste contexto, surge a Comissão de Reformulação do Esporte Brasileiro que norteou suas ações frente aos seguintes passos: 1º) Consolidar o novo conceito de esporte no país, através do exercício das manifestações do seu conteúdo; 2º) Constitucionalizar o esporte na carta de 1988, com um texto avançado que definisse inclusive o papel do Estado diante da sociedade, quanto ao fenômeno esportivo; 3º) Desburocratizar o esporte brasileiro, através do Conselho Nacional de Desportos; 4º) Criar condições financeiras para os projetos específicos do esporte de desenvolvimento científico e tecnológico e da capacitação de recursos humanos; 5º) Rever as práticas esportivas equivocadas no esporte-educação. Na discussão da reformulação do conceito de esporte foram reconhecidas as seguintes formas de organização esportiva: esporte federado, esporte universitário, esporte escolar, esporte classista, esporte militar, esporte não-formal ou promoção social, e esporte profissional. Considerando agora o esporte como prioridade social e educacional também foi discutido o redimensionamento dos papéis até então desempenhados pela União, Estados, Municípios, CND, COB, Confederações, Federações, entre outras instituições ligadas ao esporte brasileiro. Em 1988 o esporte foi constitucionalizado no artigo 217 da Constituição – Título VIII (Da ordem Social), Capítulo III (Da Educação, da Cultura e do desporto), Seção III (do desporto).

As ações da Rede EPT terminaram em 1988 com a sua desativação por parte do Governo Federal (ver capítulo 'Esporte para Todos' neste Atlas). Valente e Almeida Filho (2003), sugerem que 1988 tenha sido um ano que marcou simultaneamente a culminância da atuação e a desativação da Rede EPT, tendo em vista que as práticas de esporte não-formal fora votado no Congresso Nacional como mais um direito dos cidadãos brasileiros. Assim, para estes autores, em que pese as críticas cabíveis ao Movimento EPT no Brasil, deve ser considerado a importância que este Movimento representou na promoção do esporte e o lazer para o cidadão comum. Também, em 1988, as Recomendações da UNESCO são aprovadas por seus estados-membros quanto às mudanças da Carta Internacional de Educação Física e Desportos de 1978. Este documento recomenda o favorecimento de igualdade de acesso a todas as categorias de população, incluídos os deficientes físicos e mentais e os grupos menos favorecidos, como as mulheres e os pobres, além de condenar o *apartheid* dentro e fora da África do Sul e qualquer forma de preconceito, intolerância e racismo. A partir da década de 1990 estas recomendações passam a regular os princípios das práticas de exercícios e jogos.

Década de 1990 Após a constitucionalização do esporte verificam-se alguns importantes desdobramentos: a) a inclusão do esporte nas constituições estaduais; b) a revogação da Lei 6.251 e do Decreto 80.228; c) a necessidade de rediscussão do esporte educacional; d) o fortalecimento transitório dos feudos esportivos do país. Tubino (1996, p. 81) identifica que a maioria dos estados contemplou o esporte nas constituições estaduais com uma plena abrangência conceitual, ou seja, considerando o esporte nas suas manifestações de educação, participação e rendimento. Na rediscussão do esporte educacional, o CND, na época presidido pelo professor Manoel J. G. Tubino, fez recomendação ao Congresso Nacional que discutia em suas instâncias a Lei de Diretrizes e Bases. Tubino (1996, p.82) toma como parâmetro a seguinte citação da professora Vera Lúcia M. da Costa: "O Desporto Educacional, responsabilidade pública assegurada pelo estado, dentro ou fora da Escola, tem como finalidade democratizar e gerar cultura através de modalidades motrizes de expressão de personalidade do indivíduo em ação, desenvolvendo este indivíduo numa estrutura de relações sociais recíprocas e com a Natureza, a sua formação corporal e as próprias potencialidades, preparando-o para o lazer e o exercício crítico da cidadania, evitando a seletividade, a segregação social e a hipercompetitividade, com vistas a uma sociedade livremente organizada, cooperativa e solidária". Pode-se considerar que esta conceituação de esporte-educação viria nortear a intervenção pedagógica dentro dos objetivos sociais dos PIS. Note-se que desde meados da década de 1980 já era efervescente a discussão acadêmica na área de Educação Física a cerca das renovações nas pedagogias de ensino, que em superação às pedagogias tecnicista e humanista urge a pedagogia crítica na Educação Física. No início da década de 1990 surge o paradigma da Cultura Corporal, no qual a abordagem do ensino das atividades físicas deveria privilegiar as suas relações com o contexto social e cultural do aluno e o compromisso da formação de uma cidadania crítica com a consciência para o engajamento na transformação social.

Na apresentação de uma nova legislação esportiva que substituiu a Lei No. 6.251/75 foi apresentada a Lei No. 8.672/93 (Lei Zico) pelo ex-jogador de futebol Zico e secretário de esportes no governo Collor, a qual foi bloqueada no Congresso Nacional neste período. No governo Itamar com Márcio Braga como secretário e Artur da Távola como relator, e com a contribuição de Otávio Teixeira e Álvaro Melo nos acertos de substitutivos, esta lei foi aprovada como a nova legislação brasileira substituindo a Lei No. 6.251/75. Segundo Tubino (1996, p. 94) "esta lei, pelo que tudo indica, promove profundas modificações estruturais no esporte brasileiro, dando contornos definitivos ao processo de contestação e ruptura iniciado em 1985. Agora com esta nova legislação, ressurgem a esperança de um futuro mais democrático, mais participativo, e por que não dizer, mais promissor para o esporte brasileiro". Destacamos desta lei a referência à destinação de recursos para o esporte na qual se identifica uma melhora quantitativa. Com a criação do FUNDESP (Fundo Nacional de Desenvolvimento Desportivo), surgem novas perspectivas para a promoção do homem brasileiro através do esporte. A legislação também prevê a criação e assegura benefícios fiscais específicos destinados a fomentar as práticas físicas e esportivas, como direito de todos e pela livre iniciativa. Assim intensifica-se, nesta década, a implementação de PIS com

referência de inclusão social e promoção de cidadania pela livre iniciativa. Em 1998 a Lei No. 8.672/93 (Lei Zico) foi substituída pela Lei No. 9.615 (Lei Pelé).

Situação Atual De acordo com informações adquiridas no site oficial do Ministério dos Esportes do governo federal (www.esporte.gov.br/boletim_email/boletim_politica_nacional.asp), recentemente o secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan, divulgou um documento intitulado Esporte para o Desenvolvimento e a Paz. É um relatório que faz uma análise da situação do esporte no mundo e propõe ações práticas para os governos. No Brasil, o Ministério do Esporte dentro da sua Política Nacional de Esporte tem tratado do esporte em quatro níveis: 1. Esporte social – instrumento de inclusão social (em todos os tipos de esporte, há o fator inclusão social, mas há, também, uma política específica para isto); 2. Esporte Educacional – complemento à atividade escolar (política global, que envolve o esporte além da disciplina Educação Física, e a revitalização dos jogos estudantis e universitários); 3. Esporte de alto rendimento – o esporte competitivo (com o esporte para milhões, pode ser produziremos muitos atletas – e estes servem de exemplo para a prática de esporte por milhões); e 4. Recreação e Lazer – Esporte como qualidade de vida: saúde e bem-estar físico e psicológico (incentivo à prática esportiva para todos, como parte do cotidiano). O Ministério do Esporte é o órgão institucional máximo de organização do esporte no Brasil. Tem como atual ministro Agnelo Queiroz e apresenta em seu organograma três diferentes Secretarias: Secretaria Nacional de Esporte Educacional, Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Esporte e Lazer e Secretaria Nacional de Esporte de alto Rendimento. Esta nova organização político-administrativa reflete o avanço conceitual do esporte e das formas de organização política direcionada para a tomada de ações de forma setorial. Ao Departamento de Políticas Sociais de Esporte e de Lazer, subordinado a Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Esporte e Lazer compete, entre outras, subsidiar a formulação, implementação e avaliação dos programas, projetos e ações de cunho social, destinados ao esporte como atividade ocupacional e de lazer.

Ainda segundo informações adquiridas no site oficial do Ministério dos Esportes do governo federal (http://www.esporte.gov.br/boletim_email/boletim_politica_nacional.asp), tomando o esporte como fator de inclusão social, é prioridade atender o universo de 32 milhões de crianças e jovens, de 0 a 17 anos de idade, que vivem em situação de pobreza absoluta, ou seja, originários de famílias cuja renda mensal não chega a meio salário mínimo por pessoa. Outro dado importante é de que a essas crianças e jovens é negado o direito constitucional de acesso a atividades de esporte e lazer, sendo possível, segundo este Governo, corrigir esta distorção, com programas que estão em execução e que demonstram ser o caminho mais rápido para a inclusão social dessas populações. Hoje são realizados pelo Governo Federal três Programas Esportivos nesta área, que atendem crianças e jovens: Programa Esporte Solidário, Navegar e Segundo Tempo, este último iniciado no dia 03 de outubro de 2003 está em fase de implantação e já atende 516,7 mil crianças e adolescentes em 2.681 núcleos em todo o país. Estes programas se descentralizam nos Estados e Municípios, o que fica bem exemplificado no Programa Esporte Solidário, que chegou a atingir 783 municípios no ano de 2001. Neste particular, as experiências das prefeituras municipais com esporte para todos promovidas pela campanha EPT foram de grande valia como referência para a implementação e operacionalização de programas e atividades de esporte formal e não formal com perspectivas de desenvolvimento em nível local. Porém, observa-se que os PIS seguem um outro padrão de organização e operacionalização, situando-se dentro de um perfil mais institucionalizado e diretivo.

Além da parceria com o Governo Federal, os Estados e Municípios também têm seus próprios PIS, conforme o desdobramento da Constituição Federal nas Constituições dos Estados e Municípios. Constata-se, ainda, que hoje os PIS estão sendo desenvolvidos pela iniciativa privada e por organizações não-governamentais (ONGs) apoiadas por pessoas físicas ou grupos, com subsídios de órgãos nacionais e/ou internacionais do setor público e/ou privado. Na instância das ONGs, pode-se destacar algumas iniciativas de grande repercussão como o Projeto Virando o Jogo e Dois Toques da Fundação Gol de Letra com apoio do Unicef, e o Projeto Educação pelo Esporte, do Instituto Ayrton Senna. As empresas privadas estão sendo cada vez mais questionadas quanto à responsabilidade social que assumem frente aos pressupostos dos direitos sociais e

cidadania, previstos na Constituição de 1988. A constituição também prevê leis específicas de incentivos fiscais para empresas do setor privado com interesse em realizar investimentos na área social. Destaca-se o Projeto Vila Olímpica da Mangueira de iniciativa da empresa Xerox do Brasil. Identificam-se ainda projetos com iniciativa de pessoas físicas sem fins lucrativos como, por exemplo, o da Associação Gurupiense dos Amigos do Basquete-AGAB, realizado na cidade de Gurupi, Tocantins. Embora a iniciativa de desenvolvimento de PIS seja uma realidade crescente para ações de ONGs e iniciativa privada, constata-se que a iniciativa governamental, em suas três instâncias, ainda representa o maior oferecimento de programas e número de atendimentos em todo o Brasil. Entretanto, uma característica presente em quase todos os PIS são as parcerias realizadas entre os diferentes setores sociais, que se entende pelo desenvolvimento de ações em conjunto do poder público, do terceiro setor (ONGs) e do setor privado, a partir da iniciativa de um dos três setores. O Espaço Criança Esperança é um exemplo de parceria envolvendo governos, ONGs, iniciativa privada e comunidade. Nos estados onde são desenvolvidos este PIS, participam Unicef e governo estadual com o Viva Rio no Rio de Janeiro e o Instituto Sou da Paz e o Serviço Social Bom Jesus de Piraporinha em São Paulo. Diante das recomendações de 1988 da UNESCO que reforça o favorecimento da igualdade de acesso a todas as categorias de população, identificamos nos atuais PIS o atendimento voltado para grupos alvos (crianças e adolescentes, idosos, deficientes). Neste sentido os grupos-alvo são atendidos mediante objetivos voltados para as suas expectativas e necessidades. A metodologia predominante utilizada atualmente pelos PIS caracteriza-se pelo direcionamento institucional de organização com intervenção profissional, sistemática e continuada, diferenciando-se do estilo EPT, que tinha em seu perfil a transferência das ações aos diferentes grupamentos naturais de pessoas nos seus preceitos tradicionais de atividade física organizada. A Tabela 1 apresenta uma comparação entre características EPT e PIS, de acordo com interpretações acima dispostas.

Ressalte-se que em 1999, na ocasião da III Conferência de Ministros e altos funcionários do Esporte da UNESCO (III MINEPS) a Agenda de Berlim, entre outras declarações, sugere que o conhecimento desenvolvido esteja voltado para a intervenção em consonância com as necessidades e expectativas sociais do grupo atendido, o que caracteriza um sentido de legitimação social da intervenção em Educação Física. Com vistas ao grupo alvo pesquisado neste capítulo, observamos grandes promoções de PIS principalmente nos centros urbanos e em áreas mais carentes e marginalizadas, onde é crescente a violência. Assim, os PIS destinados a crianças e adolescentes apresentam-se com uma função de intervenção local direcionada a uma demanda específica: substituir alguns processos de geração de violência, como a falta de oportunidades sociais, pela inclusão social e desenvolvimento da cidadania, objetivando a diminuição dos índices de criminalidade local. Toma-se como exemplo o Projeto Vila Olímpica da Mangueira e o Projeto Vila Olímpica da Maré, ambos localizados em áreas carentes do Rio de Janeiro. Estes projetos legitimam suas ações com referências na ocupação e substituição das horas ociosas das crianças e adolescentes por horas de atividades esportivas, culturais e de lazer; e oferecem formação e orientação profissional, atendimento médico e odontológico. Visando a contribuir para a diminuição dos índices de repetência e evasão escolar, também exigem como pré-requisito para inscrição nas suas atividades a comprovação de que o aluno está matriculado na escola. Tais procedimentos são justificados com a intenção de oferecer maiores oportunidades de crescimento pessoal e ajudar crianças e jovens a crescerem e se desenvolverem com uma saúde melhor, além de resgatarem sua cidadania. Em geral, o sentido de cidadania dos PIS está centrado na ampliação de oportunidades a partir do oferecimento de um conjunto de atividades multidisciplinares. Juntamente com as atividades esportivas e de lazer, estão normalmente presentes as atividades artístico-culturais, atividades de orientação para o trabalho, de assistência médica básica, de complementação alimentar e aulas de informática (inclusão digital). Aliás, a este respeito é oportuno citar as informações contidas no site oficial do governo federal que diz que 'a utilização do esporte para a promoção do desenvolvimento começou de forma informal. Funcionários da ONU distribuíam bolas de futebol para os refugiados e deixavam as meninas jogar vôlei, mesmo se seus governos não permitissem a prática de esportes por mulheres'. "De repente, os funcionários de ONGs e da ONU perceberam que poderiam ter resultados expressivos se incluíssem atividades esportivas em seus

projetos com as populações carentes. Hoje, muitos programas sociais somente sobrevivem porque estão baseados em atividades esportivas”, explicou um funcionário da ONU. Ao analisar as propostas dos PIS verifica-se a presença do discurso da promoção da cidadania enfatizada como meta para a consolidação da democracia. Os princípios da diversidade e da inclusão social são as marcas que nos ajudam a delimitar o perfil dos PIS.

Analisando-se as descrições dos diversos PIS, alguns deles apresentados na Tabela 2, identificam-se algumas propostas básicas em comum. Ressalta-se que cada PIS apresenta características peculiares que enfatizam um determinado objetivo: a iniciação esportiva, o treinamento esportivo e a ocupação do tempo livre e/ou prática esportiva habitual, dependendo das demandas sócio-culturais relacionadas ao grupo-alvo atingido. Seguem abaixo as propostas básicas em comum encontradas nos PIS: (i) Aprendizado e prática habitual de esporte e lazer: característica identificada pela iniciação e prática esportiva sem objetivo de formação de atletas. Normalmente a prática esportiva nos PIS é combinada com atividades multidisciplinares e com objetivo da permanência na escola e melhoria do rendimento escolar das crianças e jovens; (ii) Ocupação social do tempo livre: aqui se observa a necessidade de ações político-sociais voltadas para uma demanda social – desvio das crianças e jovens da violência e criminalidade e desvio da exploração do trabalho infantil. Observa-se um número crescente de PIS em áreas consideradas de alto risco social para as crianças e jovens como a favela da Mangueira e da Maré, no Rio de Janeiro, por exemplo. Aqui também são identificadas atividades multidisciplinares, e a busca da permanência na escola e da melhoria do rendimento escolar das crianças e jovens; (iii) Formação esportiva e treinamento esportivo: aqui se verifica uma característica que é reforçada quando possível pela estrutura (caso, por exemplo, da Mangueira) de realizar tal intervenção. Normalmente este objetivo é promovido pelo apoio de um patrocinador como marca e marketing. Neste caso observa-se que a formação de atletas e de equipes e o treinamento esportivo despontam como uma ferramenta atual de inclusão social no contexto dos PIS.

O fenômeno da inclusão social e da cidadania pelo esporte é recente na área de Educação Física e esportes e está em plena discussão atualmente, buscando-se as melhores compreensões em níveis conceituais, filosóficos, administrativos e pedagógicos. Neste caminho verificamos que os PIS são resultantes não somente do processo em andamento de democratização do esporte, mas também de uma demanda sócio-cultural cada vez mais emergente, tendo

em vista o contexto atual em que se vive. Como exemplo, pode-se citar a própria capoeira, que é uma manifestação da cultura popular e tem sua prática totalmente espontânea em muitos espaços públicos. Hoje ela está se esportivizando e ganha “consumidores” que freqüentam desde as academias de elite (aqueles que podem pagar) até as turmas dos CETEPs da rede FAETEC (Governo do Estado do Rio de Janeiro) com o projeto Esporte Educacional, inteiramente gratuito e voltado para comunidades carentes. Estes consumidores, embora distantes em realidade sócio-econômica, estão em busca dos mesmos objetivos sociais: o conhecimento sistematizado, o acesso à cultura, atrelado aos benefícios sobre o corpo, ou pela saúde ou pela aparência. Reproduzimos abaixo uma pequena parte da apresentação do material de divulgação do Seminário Internacional Esporte e Cidadania: Ações Sócio-culturais para a Cidadania. (Seminário realizado nos dias 25 e 26 de novembro de 2003, no SESC Vila Mariana, localizado na cidade de São Paulo), o qual endossa esta perspectiva dos PIS na atualidade: “A recorrência e o agravamento de problemas sociais, notadamente nos grandes centros urbanos, tem impedido agentes públicos e privados, comprometidos com a causa da inclusão social, a um posicionamento mais ativo, porque preocupados com a eficiência dos meios e a eficácia dos resultados. É indispensável vislumbrar-se uma efetiva implementação de ações capazes de responder às demandas sócio-culturais de crianças e jovens, de adultos e idosos, ainda hoje colocados à margem dos benefícios da sociedade. Uma das vias pressupostas deste exercício de cidadania seria a prática habitual, o aprendizado e a manutenção de políticas esportivas, mas também multidisciplinares, destinadas, sobretudo às crianças e adolescentes. Diante desse quadro e preocupação, o SESC e a Prefeitura de São Paulo, por meio da Secretaria de Esportes, Lazer e Recreação, realizam um Seminário Internacional Esporte e Sociedade – Ações Sócio-culturais para a Cidadania. (Seminário Internacional Esporte e Sociedade – SESC Vila Mariana)”.

O texto descrito faz parte das discussões acadêmicas em nível internacional e nos conduz à análise que Valente (1996) faz sobre a escola de hoje, que como instituição social promotora de desenvolvimento social via Educação, é incapaz de comandar todos os conhecimentos exigidos por uma sociedade globalizada. Neste sentido, o autor demonstra que a “desescolarização apresenta-se como uma das alternativas primordiais para o processo de educação do homem contemporâneo” (p.181). Ele demonstra que os problemas vivenciados pela sociedade brasileira contemporânea em relação à qualidade de vida (destacamos a saúde, alimentação, educação, lazer) têm levado indivíduos e famílias a buscarem outras

alternativas fora da escola. Este é, inclusive, um fenômeno identificável, em nível internacional. É importante descrever o sentido que o autor dá ao termo desescolarização: “interpretação de fenômenos sócio-culturais de práticas de atividades, esportivas ou não, ‘fora da escola’; fazem parte do processo de educação do indivíduo, informalmente ou não-formalmente. Não devemos confundir desescolarização, com deseducação ou sub-educação”. (p.194). Valente procura deixar bem claro o reconhecimento do importante papel da escola na sociedade, sendo a desescolarização uma representação simbólica – uma metáfora – de transformação, de mudança de locus do processo educacional: “Com a mudança dessa lógica, a democratização desse processo educacional passou a ser vinculada, também, para a necessidade de participação de outras instituições e/ou outras formas de participação nesse processo”. (Valente, 1996:195). O sentido de desescolarização no contexto do EPT era centralizado na idéia da democratização e massificação esportiva, referenciada pela simplificação e não-formalidade das atividades. No contexto dos PIS o sentido central da desescolarização está na inclusão social e cidadania motivada pelo direito e a democratização esportiva, sendo influentes as referências de demandas sócio-culturais como a recorrência e o agravamento de problemas sociais, notadamente nos grandes centros urbanos. O fenômeno da desescolarização também pode ser identificado dentro do ambiente escolar, porém fora do domínio da organização curricular da escola.

Como exemplo, citam-se os PIS (governo federal) Esporte na Escola e Segundo Tempo, em que são utilizadas as dependências da escola, porém com gerência de pessoas não ligadas a ela. Na área do mapa deste capítulo adiante (Tabela 3 e seguintes) estão dispostos dados e informações complementares sobre os PIS levantados diretamente junto às fontes durante a elaboração deste capítulo no período 2003 – 2004. Em resumo, as estimativas mínimas – não foram atingidos os municípios do interior em todos os estados levantados – para o Brasil (Tabela 14) indicam haver um atendimento de 1.936.030 crianças e adolescentes nos PIS em adição a 11.626 profissionais. O total estimado da clientela dos PIS portanto é no mínimo de 5,2% da população de 7 a 17 anos do país (Tabela 15). Os dados apresentados sugerem que este tipo de intervenção é crescente no Brasil, e que ainda existe um grande campo de investimento a acontecer nesta área. É possível que com a computação dos dados referentes aos PIS do interior do Brasil a estimativa de número de crianças e adolescentes atendidas possa atingir em mais do que o dobro da estimativa percentual mínima apresentada.

Tabela 1 / Table 1
Comparações entre intervenções estilo EPT e estilo PIS
Comparative features between Sport for All and Social Inclusion sport projects

Foco	EPT	PIS
Objetivos	Lazer, saúde, desenvolvimento comunitário, integração social, civismo, humanização das cidades, valorização da natureza, adesão à prática esportiva, adesão ao esporte organizado, e valorização do serviço a comunidade (Decálogo do EPT).	Além da manutenção de alguns objetivos do EPT como Saúde, lazer e adesão à prática esportiva, observa-se o enfoque na ampliação de oportunidades de conhecimentos, situando-os como um valor de inclusão social e promoção da cidadania nas demandas e necessidades dos grupos alvos atendidos.
Atividades	- Ênfase das atividades centradas em processos assistemáticos e não regulares como colônia de férias, ruas de lazer, ginástica de pais e filhos, macroginástica, etc. com impacto sobre grupos sociais naturais com vistas à integração social e a forma física a massificação esportiva. - Considera-se deficitário os programas semanais regulares que permitam integrar grupos nos mesmos dias, toda semana.	- Ênfase em atividades centradas em processos sistemáticos e regulares voltados para grupos alvos e objetivos específicos. Por exemplo, iniciação esportiva para crianças e adolescentes; ou caminhada orientada para adultos e idosos. - Eventos não regulares como jogos, colônia de férias, macroginástica, passeios de bicicleta e a pé, que no caso estão inseridos no processo sistemático dos PIS.
Metodologia	Repasse para os diferentes grupamentos naturais de pessoas dos preceitos tradicionais de atividade física organizada.	Direcionamento institucional de organização e metodologia com intervenção profissional.
Pessoas atendidas	Grupos sociais naturais (indivíduo, família, pequeno grupo, grupo comunitário e grande grupo) perpassando da forma física para a socialização.	Direcionamento para grupos alvos (crianças e adolescentes, idosos, deficientes) com objetivos específicos voltadas para os grupos.

Tabela 2 / Table 2

Exemplos de projetos esportivos de inclusão social (PIS) por nível de governo e entidade privada

Examples of Social Inclusion sports projects (PIS) per government level and private bodies

PIS e iniciativas centrais	DESCRIÇÃO
GOVERNO FEDERAL	
<p>Recriança</p> <p>Época: 1996 a 1999</p>	<p>Com abrangência nacional, teve iniciativa do governo federal com descentralização para os estados e municípios. O projeto atendeu crianças e adolescentes de 7 a 16 anos e objetivou a educação através de atividades esportivas, recreativas, artístico-culturais, de orientação para o trabalho, além de assistência médica básica e de complementação alimentar. Em 1996 o projeto atendeu 91.381 crianças e adolescentes e teve 2.016 profissionais envolvidos. Em 1999 o projeto atendeu 331.995 crianças e adolescentes e teve 11.287 profissionais envolvidos.</p>
<p>Programa Esporte Solidário</p> <p>Período: 1995 e atual</p>	<p>É uma iniciativa do governo federal com desdobramentos de ações integradas de setores públicos dos estados e municípios, e outras instituições como Sesi, por exemplo. O programa foi aprovado em dezembro de 1995 e passou a ser executado em 1996 e utiliza o esporte como atividade de lazer e instrumento de educação para a vida. Seu forte impacto social é garantido pelo desenvolvimento de ações complementares de atenção à saúde, reforço escolar e alimentar, oficinas pedagógicas e orientação social. Essas ações visam contribuir para a inserção social, o crescimento pessoal, a melhoria da qualidade de vida e a efetiva participação na comunidade de milhares de crianças e adolescentes brasileiros. Voltado para crianças e adolescentes de 7 a 17 anos que vivem em situação de risco. Em 2001, o Esporte Solidário alcançou o seu ápice, estando presente em 783 municípios, beneficiando cerca de 318.000 participantes, contando com cerca de 3000 profissionais, entre professores, estagiários e monitores. Em 2002 ele atendeu aproximadamente 130.000 e após o processo de transição de mudança de governo, os últimos dados referentes ao programa não foram atualizados.</p>
<p>Projeto Navegar</p> <p>Época: 1999 e atual</p>	<p>É desenvolvido pelo Ministério do Esporte em parceria com as secretarias municipais e estaduais de Esportes, Educação e de Meio Ambiente, Capitania dos Portos (Marinha), Corpo de Bombeiros e entidades onde os núcleos estão instalados. Criado há quatro anos, se consolidou e hoje tem 37 núcleos espalhados em 17 Estados brasileiros. Atende atualmente em seus núcleos 5.920 jovens na faixa etária dos 12 aos 15 anos, com aulas de remo, vela e canoagem. Os beneficiados pelo projeto Navegar são crianças matriculadas na rede pública de ensino de comunidades carentes. Por meio do Projeto Navegar os alunos conseguem ter maior interação com a escola, aprendem a preservar os recursos hídricos e noções básicas nas áreas de turismo, de saúde e de navegação. O programa também gera empregos com a formação dos núcleos e possibilita a colocação dos alunos em clubes náuticos e marinas públicas após sua formação.</p>
<p>Programa Esporte na Escola</p> <p>Época: 2001 a 2003</p>	<p>Foi lançado oficialmente em 2001, por meio da Portaria Interministerial nº 072 – Ministério do Esporte e Turismo e Ministério da Educação, com o objetivo de "democratizar o acesso à prática e à cultura do esporte como instrumento educacional, visando o desenvolvimento integral das crianças e adolescentes como meio de formação da cidadania e melhoria da qualidade de vida". Visou estimular a prática e a cultura do esporte nos estabelecimentos de ensino fundamental de todo o Brasil, considerando o esporte um instrumento pedagógico. Objetivou garantir a prática do ESPORTE NA ESCOLA sem que isso significasse substituir a Educação Física escolar pelo ESPORTE, mas sim, tendo a Educação Física como um pré-requisito para que o esporte pudesse ocorrer na escola de forma não seletiva. Sugeriu que o núcleo de Esporte na Escola viesse a funcionar da seguinte maneira: Nas aulas de Educação Física, para valorizar o esporte como um dos seus conteúdos; em horários extra-turno; e incluindo a comunidade nas atividades esportivas nos finais de semana. Tinha como meta beneficiar em 12 anos cerca de 36 milhões de alunos matriculados no ensino fundamental – rede pública - de todo o Brasil (Censo MEC/INEP, 2001). Durante o exercício de 2002 constatou-se que o programa beneficiou 1.570.333 alunos do ensino fundamental. Esse número corresponde, exatamente, a 4,36 % dos 36 milhões de alunos do ensino fundamental. Os dados do ME demonstram que no primeiro semestre de 2003 o atendimento chegou a 1.736.722 alunos. O material esportivo distribuído para as escolas públicas do Programa Esporte na Escola era fabricado por meio do Projeto Pintando a Liberdade, onde toda a produção é feita por presidiários e internos dos programas de recuperação de menores de rua e adolescentes. Isso com o intuito de reintegrá-los à sociedade e qualificá-los profissionalmente.</p>

<p>Programa Segundo Tempo</p> <p>Época: 2003 e atual</p>	<p>Depois de consubstanciada a transição de governo, substituiu o Programa Esporte na Escola. O programa Segundo Tempo, do Ministério do Esporte, receberá no ano de 2004, recursos de R\$ 20 milhões para ampliar o atendimento a crianças na faixa de 7 a 14 anos. Deste total, R\$ 7,6 milhões serão liberados pelo Ministério do Esporte e R\$ 12,4 milhões pelo Serviço Social da Indústria (Sesi), que participa do projeto juntamente com o Ministério da Educação e outras instituições públicas e privadas. O projeto atende crianças de famílias com renda de até três salários mínimos com atividades esportivas, aulas de arte, orientações de saúde, reforço escolar e complementação alimentar. No ano passado, o projeto foi desenvolvido em 21 estados e atendeu a 519.320 crianças. Segundo a assessora da Secretaria Executiva do Ministério do Esporte, Eidilamar Fátima da Silva, a meta de atendimento para 2004 é de um milhão de crianças em 178 municípios distribuídos pelos 26 estados brasileiros e o Distrito Federal. O Programa Segundo Tempo tem como objetivo promover a inclusão social das crianças. As atividades são desenvolvidas no horário em que elas não estão em sala de aula. Segundo a coordenadora do programa no Sesi, Maria das Graças Cunha, o resultado do projeto é visível. Para ela, o comportamento das crianças muda muito e os resultados não podem ser quantificados mas sim sentidos.</p>
<p>Esporte à Meia Noite</p> <p>Época: 1999 e atual</p>	<p>Suas atividades são realizadas à noite para evitar que os adolescentes fiquem ociosos nas ruas e se envolvam em crimes e brigas de gangues, como confirmam as estatísticas criminais da Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal. Das 23h às 2h, quatro ônibus do governo estadual circulam por áreas de maior risco da capital. Os adolescentes têm aulas com professores de educação física, bombeiros, policiais civis e militares, cedidos ao programa pelo governo local. Os integrantes praticam futebol de salão, ginástica, capoeira, basquete, entre outras oficinas. Além das modalidades esportivas, eles também podem freqüentar os cerca de 20 cursos profissionalizantes, entre eles, o de secretariado, office-boy e técnico de instalação de TV a cabo e processamento de dados. Um dos critérios exigidos para se inscrever nos cursos é estar matriculado na escola e ter entre 14 e 17 anos. Hoje o programa conta com a participação de 500 adolescentes. Segundo dados do Projeto, a possibilidade do resgate da cidadania entre adolescentes em situação de risco através de um programa voltado para o esporte, tem ajudado a diminuir as estatísticas criminais entre os jovens de baixa renda no entorno de Brasília, além de breçar a formação de gangues.</p>
GOVERNOS ESTADUAIS	
<p>Programa Esporte Educacional</p> <p>Época: 1996 e atual</p>	<p>Foi desenvolvido a partir de 1996 pelo Ministério Extraordinário dos Esportes através do Instituto Nacional dos Esportes, em parceria com as Secretarias Estaduais e/ou Municipais de Educação e/ou Esporte. Tem como objetivo assegurar a participação na prática esportiva da população em geral, prioritariamente pessoas dos estratos sócio-econômicos menos favorecidos, como instrumento de educação, desenvolvimento integral e formação da cidadania. No Rio de Janeiro, por exemplo, foi desenvolvido pelo governo Estadual, inicialmente pela Fundação de apoio à Escola (FAEP) e, em seguida, pela Fundação de Apoio às Escolas Técnicas-FAETEC nos Complexos Esportivos dos seus Centros de Educação Integral-CEI, atualmente denominados Centros de Educação Técnica e Profissionalizante-CETEP. Este PIS desenvolve atividades para crianças, jovens, adultos, idosos e pessoas portadoras de deficiência. Atendeu entre 2000, 2001 e 2002 um quantitativo médio de 15000 crianças e adolescentes por mês. Os alunos atendidos têm oportunidade de praticar inúmeras modalidades de esporte individuais e coletivos, além das lutas e danças folclórica, clássica e moderna. Inclui reforço alimentar e oferece cursos profissionalizantes, escola de teatro e escola de música.</p>
<p>Centro de Esporte do Ensino Fundamental</p> <p>Época: 2002 e atual</p>	<p>O Centro de Esporte do Ensino Fundamental é um projeto da Secretaria de Estado da Educação do governo do Sergipe que foi implementado e está em funcionamento desde do dia 4 de outubro de 2002 na Escola Estadual John Kennedy. A justificativa deste projeto considera a necessidade de implantar ações mais efetivas nas escolas na área do esporte e garantir aos alunos do ensino fundamental a participação em um processo diferenciado de educação por intermédio do esporte e ainda, a necessidade de ampliação do atendimento ao aluno, especificamente a valorização do esporte na escola como manifestação cultural, fundamentadas nos procedimentos sociais, éticos e histórico. O Centro atende hoje a cerca de 730 alunos nas modalidades: ginástica rítmica e artística, danças, lutas, handebol, natação, basquete, vôlei, atletismo e viva vôlei.</p>

Handebol na Comunidade Época: 2003 e atual	Este é um dentre vários outros projetos esportivos desenvolvidos pela Secretaria de Esporte e Lazer do Governo de Alagoas. Este projeto atende 50 crianças e teve início em maio de 2003.
Projeto Esporte Popular Época: 2001 e atual	Desenvolvido pelo Governo do Estado do Mato Grosso do Sul, através da FUNDESPORT (Fundação de Desporto e Lazer do MS), visa implantar núcleos de iniciação esportiva no Estado de Mato Grosso do Sul, privilegiando o aprendizado do esporte de forma lúdica e participativa, respeitando-o como manifestação cultural. Atendeu 1890 crianças e adolescentes em 2002 nos núcleos localizados em Campo Grande e 1320 nos núcleos localizados em municípios do interior, entre eles, Bataguassu, Bataiporã e Nova Andradina, totalizando um atendimento de 3210 crianças e adolescentes.
Projeto Centro de Desporto e de Lazer – CEDEL	Com o objetivo de proporcionar a prática esportiva de toda a comunidade, é desenvolvido pelo Governo Estadual de Rondônia, através da Secretaria de Estado de Esportes, Cultura e Lazer. Atende cerca de 6000 crianças, jovens e adultos em 6 unidades pertencentes a comunidades em geral.
Programa Curumim Época 2002 e atual	É um Programa da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social e Esportes de Minas Gerais que essencialmente objetiva elevar o nível de bem estar da criança das regiões mais pobres e periféricas do Estado, favorecendo seu desenvolvimento integral, concentrando-se na promoção pessoal e social. Através de atividades de esporte, lazer e reforço escolar, o programa visa ocupar o tempo livre não despendido na escola, das crianças de baixa renda, com idade de 06 a 14 anos, incluindo vestuário e alimentação. O Programa enfatiza a elevação do desempenho e probabilidade de permanência da criança na escola, seu sucesso e regresso. Atendeu em 2003 4.120 crianças em 25 núcleos e contou com 235 profissionais entre professores de Educação física, estagiários, auxiliares, etc.
PREFEITURAS	
Vila Olímpica da Maré Época: 1999 e atual	Projeto instalado na comunidade da favela da Maré, no Rio de Janeiro, com iniciativa da prefeitura municipal do Rio de Janeiro e apoio da Petrobrás. São oferecidas 22 modalidades esportivas, além de oficina cultural, informática, lazer, coral, recicloteca, guardiões da limpeza, meio ambiente e mães amigas. Os alunos contam ainda com atendimento médico, psicológico, pedagógico e social. Reúne mais de 10 mil alunos, entre crianças, idosos e portadores de deficiência. Mais de 80 profissionais e voluntários. Com o agravamento dos problemas sociais e conflitos armados envolvendo muitos jovens da região, a Associação de Moradores levou adiante o sonho tirar o projeto do papel. O objetivo era integrar a prática desportiva a um programa de promoção da cidadania, aliando esporte à questão social. A idéia recebeu o apoio de Pelé, então Ministro dos Esportes, da prefeitura do Rio de Janeiro e da Petrobrás. O apoio da Petrobrás lhe garantiu o prêmio na categoria "Comunidade" pelo Guia Exame de Boa Cidadania Corporativa, em 2001. No mesmo ano, a empresa recebeu o prêmio Top Social 2001, concedido pela Associação de Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil-ADVB. Cerca de R\$ 1,4 milhão foi investido pela companhia na Vila Olímpica da Maré desde 1999, início do patrocínio da empresa ao projeto. Os Resultados apresentam a valorização da auto-estima e a noção de cidadania que são conceitos reforçados em todas as práticas sociais, esportivas e educacionais. Déborah Viana da Costa, 13 anos, freqüenta a Vila Olímpica há sete meses e já se tornou a 8ª atleta no ranking de tênis do estado do Rio de Janeiro. O bom desempenho dos jovens que participam do projeto também foi verificado nas escolas, onde se verifica a diminuição das taxas de reprovação. Dos 1.800 alunos do CIEP Centro Operário Vicente Mariano, 900 participam de atividades na Vila Olímpica. Desses, 11% estavam no reforço escolar (3ª e 4ª séries) devido às dificuldades de aprendizagem e conseguiriam reverter este processo com boas notas nas provas e aprovação.
Projeto Futuro Época: 2001 e atual	Com iniciativa da Fundação Esportes de Maringá, este projeto foi criado para desenvolver atividades de iniciação esportiva nos bairros da cidade com a finalidade de criar oportunidades para crianças, jovens e adolescentes que possuem aptidão para algum esporte. Tem também como objetivo revelar novos talentos, através da implantação no Município de um programa voltado à iniciação esportiva nos bairros da cidade. O projeto atua em vários pólos localizados nos bairros mais carentes e nos distritos, atendendo mais ou menos 3000 crianças na atualidade. Em 2004 se prevê a ampliação deste número. Tudo isto pode ser feito através da Lei de Incentivo, a qual permite o repasse para a Fundação de uma porcentagem dos impostos.
Projeto Escola de Esporte	Desenvolvido pela prefeitura municipal de Belém, através da Secretaria Municipal de Educação, Coordenadoria de Esporte, Arte e Lazer, o projeto visa a aprendizagem e o incentivo à prática do esporte para crianças a partir de 4 anos, voltando sua atenção de atendimento também a adolescentes em situação de risco, pessoas portadores de deficiências e idosos, garantindo ainda a inclusão de servidores públicos municipais. Atendeu em 2003 cerca de 9650 pessoas em 28 locais de realização, contando com 61 profissionais.

Projeto Em Cada Campo uma Escolinha Época: 1994 e atual	Desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer, o programa procura qualificar a atuação das lideranças comunitárias com as escolinhas de futebol nos campos de várzea. É um trabalho conjunto entre SME, comunidades e ligas esportivas, procurando atender a grande demanda das crianças e adolescentes de 7 a 15 anos sem possibilidade de acesso às escolinhas tradicionais e demandantes de atividades extra-classe escolar, na área de esporte e recreação. A parceria é construída em comunidades onde já existem alguns trabalhos com crianças, realizado por líderes da própria comunidade, mediante reuniões e acompanhamento técnico sistemático. A SME supervisiona, coordena e realiza a orientação pedagógica das atividades das escolinhas. Já realizou 171.367 atendimentos, em 52 escolinhas, envolvendo em torno de 100 líderes esportivos. Atendeu em 2003 cerca de 4200 crianças e adolescentes.
Projeto Esporte Noite Adentro Época: 2001 e atual	O objetivo deste Projeto é preencher o tempo ocioso dos adolescentes em situação de risco social ou não, no Município de Boa Vista, Roraima. Para isto, utilizam-se as praças e ruas públicas, promovendo atividades esportivas e de lazer, tornando esta prática desportiva um hábito para a população nos locais envolvidos. Em 2002 atendeu aproximadamente 29.000 pessoas (crianças, adolescentes e seus familiares) em atividades como Tênis de mesa, Voleibol, Futebol de areia, Jogos de salão (dama, dominó, xadrez), Capoeira e Futsal. Contou com apoio profissional e técnico de 26 pessoas.
Projeto Escolinha de Iniciação Esportiva Época: 2002 e atual	Desenvolvido pela Prefeitura do Município de Porto Velho com o objetivo de proporcionar a aprendizagem e o direito à prática de diferentes esportes a Crianças de 7 a 14 anos. Este projeto tem como alvo crianças preferencialmente provenientes de comunidades carentes periféricas. Atende cerca de 800 crianças por mês.
INICIATIVA PRIVADA	
Programa de Iniciação Esportiva – PRIESP Época: 1978 a 1988	Programa de iniciativa privada da Fundação Roberto Marinho, através do trabalho integrado entre Prefeituras Municipais e estudantes de educação física, ensinando vôlei, basquete, atletismo e natação. Os objetivos proclamados eram incentivar e oportunizar crianças e jovens de comunidades carentes a prática disciplinada do esporte, ocupando seu tempo livre e transformando-o em horas de lazer orientado. O primeiro núcleo de iniciação sócio-esportiva foi criado em 10/04/78, no Morro da Mangueira, Rio de Janeiro. Em seus dois últimos anos – 1987 e 1988 – o PRIESP contou com a parceria da Petrobrás, atingindo 38 mil crianças e adolescentes em mais de 82 municípios de 14 estados brasileiros (RJ, SP, PA, AL, PB, CE, MG, RN, SE, RS, BA, PR, AM, ES). Estima-se um envolvimento de mais de 2000 profissionais neste programa social. Desenvolveu, ainda, atividades extras, como Jogos Internúcleos, Clínicas de Atletismo e Vôlei, Colônia de Férias, Jogos Internos e Competições.
Vila Olímpica da Mangueira Época: 1987 e atual	Projeto iniciado em 1987 no Rio de Janeiro, por iniciativa da Escola de Samba Estação Primeira da Mangueira com apoio financeiro da empresa privada Xerox de Brasil, tem hoje reconhecimento internacional. O programa social da mangueira já atendeu mais de 30 mil crianças, sendo responsável pelo aumento do índice de escolaridade das crianças do morro – de 40% para 95% em apenas dez anos. Atualmente são atendidas 4.500 crianças e adolescentes, que, além de esportes, podem também ter acesso a educação para o trabalho e alfabetização solidária, informática e encaminhamento médico. Só nas atividades esportivas são atendidas 2000 crianças. Além das aulas de esportes alguns alunos têm a oportunidade de receber treinamento esportivo e disputar competições em nível do esporte de rendimento. Os resultados mostram na prática que os jovens deixam de ser presas fáceis do crime organizado no Rio de Janeiro, além de estimular neles a disciplina, o espírito de equipe e o sentido de cidadania.
AGAB Época: 1998 e atual	A AGAB (Associação Gurupiense de amigos do Basquetebol) desenvolve um trabalho de grande alcance social e atende atualmente cerca de 1.800 crianças de baixa ou nenhuma renda, com idade de 5 a 12 anos, incluindo portadores de deficiências, numa parceria com a APAE de Gurupi. A instituição é a número um do ranking nacional de mini-basquete e a segunda da América do Sul, perdendo apenas para os paraguaios. A AGAB surgiu a partir da motivação do professor de educação física e promotor público Ricardo Vicente da cidade de Gurupi, em Tocantins, que não se conformava em verificar o índice crescente de criminalidade infantil na região. Sendo assim, decidiu iniciar o PIS com o basquete, a fim de diminuir o índice de crimes entre menores na sua cidade e devolver o sentido de cidadania a estas crianças.
Centro Rexona Época: 1997 e atual	Tem como objetivo democratizar e usar o esporte como ferramenta para formar pessoas conscientes de seus direitos e deveres. A iniciativa, que é uma parceria da Unilever do Brasil, através da marca Rexona, com o governo do Paraná, foi lançada em fevereiro de 1997. Com sede em Curitiba, o projeto já beneficiou dez mil crianças e jovens de escolas públicas, sem condições de acesso a clubes e academias. Atualmente, o Rexona mantém 22 núcleos em 18 cidades paranaenses e três em São Paulo e atende quatro mil crianças, na faixa etária de seis a 14 anos. Durante o aprendizado elas contam com professores especializados e coordenados pelo técnico Bernardinho, da seleção brasileira masculina de vôlei, e por Ana Moser. "A prática esportiva desenvolve valores éticos, morais e de cidadania", afirma a ex-jogadora. "É uma ferramenta de educação que tem força para interagir entre as pessoas". Em Heliópolis – a maior favela de São Paulo, com 100 mil habitantes –, o Núcleo Rexona funciona desde o ano passado e oferece aula duas vezes por semana para 420 crianças.

<p>Espaço Criança Esperança Época: 2001 e atual</p>	<p>Com iniciativa do Unicef e a Rede Globo de Televisão o Espaço Criança Esperança é um exemplo de parceria envolvendo governos, ONGS, iniciativa privada e comunidade. Tanto em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia, estados onde são desenvolvidos estes PIS, participam Unicef e governo estadual com o Viva Rio no Rio de Janeiro e o Instituto Sou da Paz e o Serviço Social Bom Jesus de Piraporinha em São Paulo. Com instalações que comportam piscinas, núcleo de multimídia, biblioteca, ginásio e quadras poli-esportivas os Espaços Criança Esperança contribuem para o fomento de uma cultura de paz em comunidades carentes. Os Espaços Criança Esperança funcionam como centros-modelo de atendimento a crianças e adolescentes, localizados próximos a comunidades de baixa renda, visam o fortalecimento comunitário, a prevenção da violência urbana no Brasil e a promoção de uma cultura da paz. No Rio de Janeiro o Espaço Criança Esperança desenvolve atividades esportivas, oficinas artísticas, culturais e de informática, e beneficia mais de 2 mil jovens das comunidades dos morros do Cantagalo, Pavão e Pavãozinho. Em São Paulo, o Espaço Criança Esperança encontra-se no Jardim Ângela, local escolhido devido ao alto índice de violência e atende cerca de 1.400 crianças e adolescentes. Com atividades artísticas e culturais e um moderno núcleo de multimídia, onde milhares de crianças diariamente dão os primeiros passos rumo a uma vida melhor. Em 2003 foram inauguradas novas unidades dos Espaços Criança Esperança em Belo Horizonte e Olinda. O Espaço Criança Esperança de Belo Horizonte atende a mais de 1.500 crianças da comunidade do Aglomerado da Serra. Em Olinda, 2 mil crianças carentes das comunidades de Rio Doce, Peixinhos, Vila Popular, São Benedito, Ouro Preto e Varadouro são beneficiadas. Ao todo quase 7 mil crianças e adolescentes são atendidas pelo Projeto.</p>
<p>ONGs</p>	
<p>Educação pelo Esporte Época: 1995 e atual</p>	<p>O Programa Educação pelo Esporte é desenvolvido pelo Instituto Ayrton Senna-IAS e tem como objetivo promover o desenvolvimento pessoal e social de crianças e adolescentes socialmente excluídos, utilizando-se do esporte como metodologia e dessa forma, contribuir para o sucesso das crianças na escola e na vida. Implementado em 1995, o Programa, que atende diretamente 10.130 crianças e adolescentes e cerca de 700 universitários/educadores, e indiretamente atinge a mais de 20.000 famílias, tem no esporte o instrumento para viabilizar a formação integral das novas gerações. Essa formação ocorre graças ao potencial que a integração e interdisciplinaridade entre atividades esportivas, oficinas do saber (reforço escolar) e ações voltadas à saúde da meninada têm de educar e promover as competências necessárias para que crianças e jovens possam ser campeões na escola e na vida. O Programa tem como parceiras as universidades federais de Mato Grosso do Sul, Pará, Pernambuco, Minas Gerais, Santa Catarina, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Maranhão e do Paraná; as universidades estaduais do Rio de Janeiro, São Paulo, Mato Grosso e de Londrina; e UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Além das universidades, as ONGs Instituto Guga Kuerten e Instituto Zequinha Barbosa também passaram a integrar o quadro de parceiros do Programa. Segundo uma avaliação realizada em 2003, os participantes do Programa apresentam resultados escolares bem melhores do que a média da região onde estudam. Nenhum deles abandonou a escola (0%) em 2002, frente a média de 10,6% de evasão nos estados onde os projetos estão sediados (dados do Inep, ano 2000). Entre os participantes, 93,6% foram aprovados na escola em 2002, frente a média de aprovação de 77,4%. A reprovação menor entre os que integram o Programa foi de 6,4% contra uma média de 11,4%. A avaliação externa mostrou que um dos objetivos do Educação pelo Esporte, o de desenvolver potenciais ligados aos Quatro Pilares da Educação da Unesco (aprender a ser, a conviver, a conhecer e a fazer) está sendo atingido. Hoje, os participantes do Programa são mais capazes de construir um projeto de vida, com autoconfiança e autonomia (aprender a ser); de conviver com as diferenças, com consciência de seus direitos e deveres (aprender a conviver); de apropriar-se dos instrumentos de conhecimento, apresentando maior habilidade oral, gosto pela leitura e escrita (aprender a conhecer); e de atuar produtivamente, facilitando o ingresso e a permanência no novo mundo do trabalho (aprender a fazer).</p>

<p>Virando o Jogo e Dois Toques Época: 1999 e atual</p>	<p>Em dezembro de 1998, Raí e Leonardo deram o pontapé inicial para a realização de um sonho que nasceu da força da amizade. Enquanto jogavam no mesmo time e dividiam as conquistas, ambos vislumbravam a possibilidade de oferecer oportunidades de acesso à educação e à cultura para crianças de baixa renda. Assim nasceu a ONG Fundação Gol de Letra que procurou pessoas e grupos como o Instituto Ayrton Senna, o Cenpec, a Casa do Teatro, a Fundação Abrinq para absorver novos conhecimentos e criar a metodologia e a linha pedagógica da instituição. O apoio financeiro do BNDES e da Fundação Kellogs alavancaram a reforma e a preparação da infraestrutura local, um prédio cedido pelo Governo do Estado de São Paulo. Em agosto de 1999, a Fundação Gol de Letra abriu suas portas com o início do projeto Virando o Jogo. Desde então, crianças com idade entre 7 e 14 anos, integrantes do projeto freqüentam atividades de complementação escolar. Artes plásticas, dança, teatro, leitura e escrita, informática e esportes são as linguagens utilizadas para despertar um novo olhar para o mundo, estimulando o prazer de aprender e de transformar a realidade. Mas as crianças não são o único foco de atuação da Fundação Gol de Letra. Os adolescentes também são personagens da nossa história. O projeto Cara da Vila foi o trabalho pioneiro com jovens. Reunidos em oficinas de vídeo, hip hop, teatro e fotografia, eles pesquisaram a história do bairro e transformaram as novas descobertas em expressões artísticas de cada linguagem. Em setembro de 2001, a Fundação Gol de Letra ampliou sua atuação e desembarcou em Niterói. Na unidade carioca, as crianças participam do Programa Dois Toques. As atividades de complementação escolar são realizadas com o uso de linguagens como a dança, a arte, o esporte, a música. Um ano depois, a unidade Niterói ampliou a sua atuação com o programa Aprendizes. Direcionado para jovens com idade entre 14 e 15 anos, o projeto tem como objetivo formar formá-los para atuarem como monitores, na instituição e também representando-a em diferentes espaços. Para isso, eles freqüentam atividades de informática, biblioteca, educação física, cidadania e música, complementando a grade do Programa Dois Toques. São atendidos cerca de 800 crianças e adolescentes nestes projetos.</p>
---	---

I. PIS – Iniciativas do Governo Federal / Federal Government initiatives

Tabela 3 / Table 3

Dados e estimativas do pico de atendimento e de profissionais envolvidos por projeto e ano
Data and estimates of number of children and professionals involved per project and year

PIS	Região Norte		Região Centro-Oeste		Região Nordeste		Região Sudeste		Região Sul		Total de Atend. por PIS	Total de Prof. por PIS
	Atend.	Prof	Atend.	Prof	Atend.	Prof.	Atend.	Prof.	Atend.	Prof.		
Navegar (dados de 2003)	6720	319	1920	143	2560	176	3520	242	4320	297	19.040	1.117
Esporte Solidário (dados de 2001)	34.981	253	28.615	310	79.523	422	127.248	703	47.805	1.124	318.172	2812
Esporte na Escola (dados de 2003)	154325	411	138847	479	480986	1550	737413	3079	230139	1179	1.741.710	6.698

Fontes dos dados Site do Governo Federal – Ministério do Esporte, disponível em www.esporte.gov.br; Programa Esporte na Escola: RELATÓRIO DE GESTÃO – Informações disponibilizadas pelo Ministério do Esporte, tendo como cooperador Ricardo Nascimento de Avellar Fonseca; Projeto Navegar: Informações disponibilizadas pelo Ministério do Esporte, tendo como cooperadora Fernanda da Silva Lima. Projeto Esporte Solidário: RELATÓRIO ANUAL DE AVALIAÇÃO – PPA 2000-2003, EXERCÍCIO 2002. Ministério do Esporte e Turismo, disponível em: www.camara.gov.br/internet/comissao/index/mista/orca/ppa/ppa_2000-2003.htm, acessar Ministério do Esporte e Turismo ou diretamente no endereço: www.camara.gov.br/internet/comissao/index/mista/orca/ppa/ppa%202000-2003/ppa_rel_aval/018_%20Esporte%20e%20Turismo.PDF

Metodologia da estimativa e da análise Os dados coletados representam aqueles de maior atendimento dos Programas: Navegar (dados de 2003); Esporte Solidário (dados de 2001); Esporte na Escola (dados do 1º semestre de 2003); Segundo Tempo (dados de 2003). No Relatório Anual de

Avaliação dos Projetos vinculados ao então Ministério do Esporte e Turismo (PPA 2000-2003, Exercício 2002) observa-se a restrição quanto à análise dos dados referentes ao Esporte Solidário no ano de 2002, reportando-se à sua evolução (melhor demonstrada na Tabela 2). Tal fato é justificado no relatório em função da perda de parte dos dados que compõem o indicador 'Taxa de Atendimento de Jovens Carentes com Prática Esportiva', além do destaque que se faz à incorporação pelo programa de algumas ações do extinto programa Esporte Direito de Todos, com dados que comporiam o outro indicador do Programa: 'Taxa de Atendimento de Idosos Carentes Acima de 60 Anos com Prática Esportiva' (o Programa Esporte Direito de Todos, tratava dos idosos, pessoas portadoras de deficiência e dos eventos de identidade cultural e criação nacional). Segundo o relatório, o atendimento pelo Esporte Solidário com essa incorporação a partir de 2002, não se restringiu a crianças e adolescentes em situação de risco, "o que corrobora para a dificuldade de medição de impacto na realidade social a que se destina o Programa" (Projeto Esporte Solidário: Relatório Anual de Avaliação – PPA 2000-2003, EXERCÍCIO 2002. Ministério do Esporte e Turismo, p.13).

II. PIS – Iniciativas do Governo Federal / Federal Government initiatives

Tabela 4 / Table 4

Atendimento a crianças e jovens no período 2000 – 2003, por projeto
Participating children and adolescents in 2000 – 2003, per project

PIS	2000			2001			2002			2003		
	Atend.	Munic/núcleos	Estados	Atend.	Munic/núcleos	Estados	Atend.	Munic/núcleos	Estados	Atend.	Munic/núcleos	Estados
Navegar	2840	14/14	7	8040	31/33	17	14280	36/38	17	19040	36/38	17
Esporte Solidário	199033	418	24	318172	732/783	25	130000	*	*	-----	-----	-----
Esporte na Escola	-----	-----	-----	-----	-----	-----	1570333	-----	21	1741710	276	27

* O ano de 2002 para o Esporte Solidário não traz informações com números, mas apenas metas que não foram cumpridas; estas seriam 1000 municípios em 27 estados, atendendo 500.000 alunos.

Delimitações e limitações da estimativa Os dados apresentados referem-se aos Programas Esportivos de Inclusão Social do Governo Federal preferencialmente voltados para crianças e adolescentes: Navegar, Esporte Solidário e Esporte na Escola, que são desenvolvidos em municípios brasileiros, com a parceria de governos estaduais e/ou prefeituras. No caso específico do programa Esporte na Escola, o funcionamento se deu através de Núcleos de Esporte em escolas públicas do ensino fundamental. Segundo relatório de gestão do Programa, esta implantação ocorreu inicialmente por meio de convênios assinados com as Secretarias de Estado de Educação, pelo fato do MET não

possuir uma legislação própria que permitisse o repasse do dinheiro direto na Escola. Não foram encontrados dados discriminados por regiões do Programa Esporte Solidário. Os dados apresentados por regiões do Esporte Solidário são estimativas por percentual de atendimento com referência de dados do Programa Esporte na Escola, este último com características mais semelhantes ao Esporte Solidário (Sudeste – 40%; Nordeste – 25%; Sul – 15%; Norte – 11%; Centro-Oeste – 9%). O Programa Navegar assume características diferenciadas, principalmente ao referente geográfico por se tratar de atividades desenvolvidas no meio aquático.

Tabela 5 / Table 5

Médias de atendimento e profissionais envolvidos e total das médias dos Projetos, 2001 – 2003
Averages of participating children and professionals involved and total of averages of projects, 2001 – 2003

PIS	Média de atendimento a crianças e adolescentes de 2001 a 2003	Média de profissionais envolvidos de 2001 a 2003
Navegar*	13.786	813
Esporte Solidário**	224.086	1980
Esporte na Escola***	1.656.021	6653
Total das médias dos Programas	613.287	3.148

* Médias de 2001, 2002 e 2003

** Médias de 2001 e 2002

*** Médias de 2002 e 2003

III. PIS – Iniciativas do Governo Federal / Federal Government initiatives

Tabela 6 / Table 6

PIS de iniciativa federal: municípios envolvidos e investimentos por projeto, 2002

PIS with federal support: municipalities involved and investments per project, 2002

PIS	Número de municípios envolvidos	Total de investimento (em R\$)
Navegar	36	42.261.184,00
Esporte solidário	1.000 * (meta não atingida)	Orçamento Aprovado: 225.982.546,00 Executado: 160.772.737,00 (em 2002)
Esporte na escola	276 (dados de 2002)	Total liberado: R\$ 27.781.196 Executado R\$ 24.777.020 (em 2002)

* O dado de 1.000 municípios apresentado na Tabela representa uma meta estabelecida para 2002 e que não foi atingida no Esporte Solidário. Não existem dados conclusivos de 2002 apresentados pelo site do Ministério do Esporte do Governo Federal a este respeito. O dado mais concreto é de 783 municípios atingidos em 2001. Verificar outras informações no Relatório Anual de Avaliação - PPA 2000-2003, exercício 2002 apresentado abaixo na metodologia de análise.

Fontes de dados Site do Ministério do Esporte do Governo Federal www.esporte.gov.br/

Programa Esporte na Escola: Relatório de Gestão – Informações disponibilizadas pelo Ministério do Esporte, tendo como cooperador Ricardo Nascimento de Avellar Fonseca; Projeto Navegar: Informações disponibilizadas pelo Ministério do Esporte, tendo como cooperadora Fernanda da Silva Lima. Projeto Esporte Solidário: Relatório Anual de Avaliação – PPA 2000-2003, Exercício 2002. Ministério do Esporte e Turismo, disponível em: www.camara.gov.br/internet/comissao/index/mista/orca/ppa/ppa_2000-2003.htm, acessar Ministério do Esporte e Turismo ou diretamente no endereço: [www.camara.gov.br/internet/comissao/index/mista/orca/ppa/ppa_2000-2003/ppa_rel_aval/018_%20Esporte%20e%20Turismo.PDF](http://www.camara.gov.br/internet/comissao/index/mista/orca/ppa/ppa%202000-2003/ppa_rel_aval/018_%20Esporte%20e%20Turismo.PDF)

Metodologia da Análise Os dados de investimentos representam o orçamento anual aprovado para gastos com cada programa e o que foi executado conforme suas definições e especificidades. O Programa Esporte Solidário, por exemplo, teve seu início de gestão com gastos previstos para investimentos voltados para o que foi denominado “Os Cinco Pilares do Programa”: Esporte, Reforço Escolar, Reforço Alimentar, Educação Para a Saúde e Arte-Educação. Foram firmadas

parcerias com governos de estados e municípios, além de entidades não-governamentais, como o SESI, no intuito de diminuir os custos do concedente (no caso, o Governo Federal). O reforço alimentar e a infra-estrutura deveriam ser contrapartidas da entidade inscrita no programa, enquanto o governo federal, além de liberar recursos financeiros para a sua implementação, também arcaria com os custos da capacitação e remuneração dos recursos humanos. Os materiais esportivos eram doados pelo Projeto Pintando a Liberdade. Para tanto, a entidade inscrita deveria encaminhar ofício de solicitação dos mesmos, endereçado a Secretaria Nacional de Esporte, anexado ao projeto técnico⁽¹⁾. Porém, no início do exercício de 2002, o Decreto de Programação Financeira de nº 4.120/2002 contingenciou cerca de 75% do orçamento do órgão, com expansões posteriores, não programadas, fato que, segundo o Relatório Anual de Avaliação, dificultou a sua prontidão para atender com celeridade às suas demandas. A dotação inicial do programa Esporte Solidário seria de R\$ 37.603.000, entretanto, por intermédio de emendas, sofreu um aumento de 500%, correspondendo a R\$ 225.982.546,00 de recursos liberados. O programa teve executado 71% desse orçamento, que corresponde a R\$ 160.772.737,00. Entre as ações destacadas, constata-se a expansão de núcleos em comunidades carentes, que conseguiu atingir a meta proposta inicialmente de 48,78%, utilizando-se cerca de 75% dos recursos, objetivo alcançado em função de não se seguir o conceito inicial do programa de se trabalhar com os cinco pilares, diminuindo o custo per capita/ano da ação⁽²⁾. O Programa Esporte na Escola (PEE), igualmente em razão do contingenciamento de recursos (decretos 4.120 e 4.230) recebeu R\$ 27.781.196 milhões de reais, representando somente 33,13 % dos recursos aprovados inicialmente pelo Orçamento Geral da União, no valor de R\$ 83.846.491,00. Desse total, R\$ 44.492.000,00 seriam programados para implantação de infra-estrutura esportiva e R\$ 17.910.691,00 para funcionamento de núcleos. Essas duas ações representariam 75% do total orçado no programa, sendo o restante comprometido com ações como capacitação de recursos humanos, edição e distribuição de material técnico-didático, concursos temáticos, promoção de eventos, etc. Dos R\$ 27.781.196 milhões de reais liberados pelo STN ao Programa Esporte na Escola, foram executados 89,18 %, isto é, R\$ 24.777.020, readaptados de acordo com o grau de alcance das metas programadas em um determinado período de tempo, o que provocou o cancelamento das ações de Edição e Distribuição de Material Técnico-didático e Concurso Temático sobre o esporte, como mostra a Tabela 7 reproduzida do relatório de Gestão 2002 do programa⁽³⁾.

(1) Informações mais detalhadas disponíveis em www.ibds.org.br/manual_esportes.html, acessar Programa Esporte Solidário ou diretamente em www.ibds.org.br/manuais/esportes/Doc/1-20Anexo%20Esporte%20Solid%20E1rio.doc; (2) Relatório Anual de Avaliação – PPA 2000-2003, Exercício 2002. Ministério do Esporte e Turismo, disponível em: www.camara.gov.br/internet/comissao/index/mista/orca/ppa/ppa_2000-2003.htm, acessar Ministério do Esporte e Turismo; (3) Programa Esporte na Escola: Relatório de Gestão 2002 – Informações disponibilizadas pelo Ministério do Esporte, tendo como cooperador Ricardo Nascimento de Avellar Fonseca.

IV. PIS – Iniciativas do Governo Federal / *Federal Government initiatives*

Tabela 7 / Table 7

Projeto Esporte na Escola – Alcance de metas, 2002
Sport in Schools Project – Accomplishment of targets, 2002

Ações	Meta programada	Meta atingida	Índice de alcance
1) Implantação de infraestrutura esportiva	940 quadras	1	0,001
2) Funcionamento de núcleos de esporte na escola	86.900 alunos beneficiados	1.570.333 alunos beneficiados	1.807%
3) Capacitação de recursos Humanos em esporte na escola	36.000 profissionais	6.700 profissionais	18,61%
4) Edição e distribuição de material técnico-didático	250.000 exemplares distribuídos	0	0
5) Concurso temático sobre o esporte	4 concursos	0	0
6) Campanha na área do esporte na escola	8 campanhas	8 campanhas	100%
7) Promoção de eventos esportivos na escola	2 eventos	2 eventos	100%

Fonte: SIGPLAN

Tabela 9 / Table 9

Avaliação geral do Programa Esporte Solidário
General assessment of the Program Esporte Solidário

Esporte solidário
<ul style="list-style-type: none"> Destaca-se que as constantes mudanças institucionais sofridas na área de esporte - três ministros em quatro anos, cada um trazendo consigo um rol de prioridades e lógica de trabalho interno diferenciado, causando falha na comunicação entre as unidades internas do Ministério do Esporte e Turismo-MET, o que por sua vez prejudicou a alimentação do sistema de informações gerenciais, por não ter havido retorno quanto às ações de empenho, publicação e pagamento dos convênios relativos aos processos encaminhados pela área técnica - e a extinção do antigo Instituto do Desenvolvimento do Esporte - INDESP para tornar-se Secretaria Nacional de Esporte - SNE, em outubro de 2000, trouxeram mudanças políticas para o setor, criando problemas na implantação do Programa ao longo destes anos, comprometendo o alcance de melhores resultados.
<ul style="list-style-type: none"> Quando no ano de 2001 o Ministério do Esporte e Turismo pediu a inclusão do Programa Esporte na Escola, por pressão política de seu próprio ministro, ao este ter sido aprovado, houve duplicidade de esforços e competição por recursos para se executar praticamente as mesmas ações, muito embora o diagnóstico elaborado e a proposta para a sua consecução tivessem sido muito bem realizados.
<ul style="list-style-type: none"> O Programa sofreu forte mudança em sua estrutura, no ano de 2002, quando incorporou algumas ações do extinto Programa Esporte Direito de Todos, o qual tratava dos idosos, pessoas portadoras de deficiência e dos eventos de identidade cultura e criação nacional.
<ul style="list-style-type: none"> A questão da capacitação de recursos humanos da equipe gerencial, os quais, pelos recursos ínfimos destinados a esta ação, não tiveram acesso a cursos básicos, como de informática e planejamento (de fato, as únicas capacitações oferecidas à equipe gerencial dizem respeito às ofertadas pelo Ministério do Planejamento em convênio com a ENAP); e recursos humanos insuficientes, tanto quantitativos quanto qualitativamente.
<ul style="list-style-type: none"> As constantes emendas parlamentares (as quais são, em sua maioria, desalinhas com a proposta do programa).
<ul style="list-style-type: none"> A falta de capacidade gerencial para se articular com os ministérios que participam desse Programa (multissetorialidade).
<ul style="list-style-type: none"> A inadimplência estadual ou municipal (com o advento do Cadastro Único de Exigências para Transferência voluntárias para Estado e Município – CAUC, os pequenos municípios foram obrigados a levantar documentação e prestar informações gerenciais com sofisticação que torna impeditiva a habilitação dos entes federativos mais carentes, inclusive de capacidade gerencial para cumprir com as exigências).
<ul style="list-style-type: none"> Historicamente, a prática de se liberar limites orçamentários e financeiros nos últimos dias do ano tem motivado constantes inscrições de restos a pagar pelo órgão, que acabam sendo considerados na definição do limite para o ano seguinte, comprimindo ainda mais a capacidade de pagamento e de execução de novos objetos. Trata-se, pois, de um ciclo vicioso, onde a execução de boa parte do orçamento de um ano acaba por se dar no ano seguinte.
<ul style="list-style-type: none"> Os resultados e satisfação do público alvo são verificados mediante visita <i>in loco</i> e pelo recebimento dos relatórios técnicos emitidos pelos conveniados. Logo, não há controle social efetivo sobre o Programa, a não ser por algumas cartas que são enviadas esporadicamente à gerência do Programa por pais, mestres ou alunos, relatando sua experiência com o mesmo. Como os recursos administrativos, financeiros, humanos e materiais são escassos no Programa, poucas visitas <i>in loco</i> são realizadas. Dessa forma, pode-se dizer que os resultados do Esporte Solidário são, praticamente, aferidos apenas mediante o recebimento dos relatórios técnicos.

Delimitações e limitações da estimativa Os municípios envolvidos e os investimentos de cada Programa referem-se aos dados do Navegar (dados de 2002); Esporte Solidário (dados de 2001 e 2002); Esporte na Escola (dados de 2002). Os municípios envolvidos em PIS do governo federal têm seu maior número no Esporte Solidário: 783 municípios (dados de 2001); em 2002 foi colocado como meta o envolvimento de 1.000 municípios neste Programa; registra-se que o Movimento EPT atingiu o número de pico de 1.000 municípios envolvidos, o que caracteriza uma tendência de cerca de 1.000 municípios brasileiros em iniciativas de Programas e Projetos Sócio-Esportivos; porém, ao contrário do que foi estabelecido como meta para 2002, houve um decréscimo de municípios envolvidos no Esporte Solidário, ou seja, menos de 783 municípios estiveram envolvidos na iniciativa. Neste contexto, insere-se também o “Programa Segundo Tempo” que é o mais recente PIS do Governo Federal, implementado em outubro de 2003 para atender a crianças e adolescentes na faixa etária de 7 a 14 anos. Este Programa apresenta-se como a substituição do Programa Esporte na Escola, consubstanciado pela mudança de governo. Optou-se em apresentar os dados deste Programa separadamente (Tabela 8), considerando que sua recente implementação não permite ainda uma avaliação.

Tabela 8 / Table 8

Dados preliminares do Programa Segundo Tempo
Preliminary results of the Program “Second round”

Programa Segundo Tempo	
Atendimento desde a implementação do Programa em outubro de 2003	519.320 crianças e adolescentes
Estimativa de profissionais envolvidos	Mais de 3.000
Meta de atendimento para 2004	1.000.000 de crianças e adolescentes
Municípios envolvidos (Meta para 2004)	178
Orçamento previsto para 2004	R\$ 20.000.000,00

Avaliação dos projetos e programas de iniciativa do Governo Federal O decréscimo em número de atendimentos sofrido pelo Programa Esporte Solidário no ano de 2002, que em 2001 atendeu 312.172 e em 2002 caiu para 130.000, teve como principal fator o contingenciamento de recursos consolidado no Decreto de Programação Financeira de nº 4.120/2002, que atingiu também outros programas do órgão como o programa Esporte na Escola, limitando seus recursos. Entretanto, a partir do Relatório Anual de Avaliação do Ministério do Esporte e Turismo de 2002 (PPA 2000-2003, Exercício 2002. p.10-18) pode-se destacar outros fatores que vieram a prejudicar a qualidade de implementação do Esporte Solidário que podem ser observados e levados em consideração para influenciar positivamente possíveis futuras ações. Tais fatores foram reproduzidos do relatório e estão organizados em tópicos, conforme é demonstrado na Tabela 9. É importante destacar que o mesmo relatório demonstra que um dos aspectos que influenciaram negativamente o Programa Esporte na Escola, além do contingenciamento de recursos sofrido, foi a sua reavaliação no âmbito interno do Ministério do Esporte e Turismo, em virtude da mudança administrativa ocorrida no final de março de 2002, resultando em estancamento da execução por um curto período. Segundo o relatório, outro fator que prejudica a qualidade de implementação deste Programa é a baixa capacitação dos quadros municipais, os quais são os responsáveis pela execução das ações descentralizadas. Notemos que a estratégia de implementação através da relação direta com a escola traduz-se como um grande diferencial do programa Esporte na Escola. A escola recebe recursos para compra de material esportivo, equipamentos e material didático para capacitação de professores, indicando também aqueles que serão capacitados. Conforme o relatório, a escola, que para o Programa é o núcleo de esporte, tem o completo comando das atividades e ações: “O Programa respeita as diferenças regionais, culturais, materiais e dá à escola autonomia com responsabilidade e, ao mesmo tempo, dá meio para que ela execute tal autonomia” (p.12). Neste sentido, alguns indicadores foram apresentados pelo Programa Esporte na Escola, no seu relatório de Gestão de 2002 (p.27), como propostas para que a gestão 2003 alcançasse plenamente o seu objetivo inicial: Descentralização, fazendo com que o poder público local seja co-responsável, participando, em conjunto com as instituições locais e representantes da comunidade, da definição e da gestão de políticas, programas e ações locais; Sustentabilidade, a fim de que haja compatibilidade entre os aspectos econômicos, sociais e educacionais do município; Parcerias, de modo a potencializar os resultados das ações, envolvendo os diversos níveis da administração pública (federal, estadual e municipal), iniciativa privada e ONGs; Mobilização / participação da comunidade; Capacitação dos quadros técnicos municipais, de modo a elevar os níveis de qualidade e eficiência, para o planejamento e execução das ações voltadas para o desenvolvimento do esporte. Deve-se observar que esta questão das parcerias envolvendo a descentralização também foi um ponto positivo no programa Esporte Solidário, principalmente no que tange a capacitação de recursos humanos. O relatório afirma que esta capacitação, quando realizada pelos parceiros do Programa – Secretarias Estaduais de Esporte, Prefeituras Municipais e ONGs, obteve excelente resultado. Ainda de acordo com o relatório, onde houve esta capacitação para se trabalhar com o Programa, verifica-se que a execução técnico-filosófica foi adequada, não fugindo aos princípios pedagógicos que norteiam o Esporte Solidário.

PIS – Iniciativas dos Governos dos estados e das capitais estaduais

PIS – Government initiatives of states and capitals

Tabela 10 / Table 10

Caracterização das iniciativas dos estados e municípios das capitais estaduais, 2003

Scope and results of initiatives – Governments of states and their capitals, 2003

Regiões	No. de Projetos	No. de atendimentos	No. de profissionais
Norte	14	14.755	355
Nordeste	11	5212	218
Centro-Oeste	21	19.985	302
Sudeste	16	75.486	1226
Sul	7	22.844	275
Total	69	138.282	2.376

Fonte de dados Sites de órgãos responsáveis pelo setor de esporte e lazer dos Governos Estaduais e de Prefeituras Municipais (capitais), tais como Secretarias de Esporte e Lazer, entre outros; Contatos com órgãos responsáveis pelo setor de esporte e lazer dos Governos Estaduais e de Prefeituras Municipais (capitais): via telefone, fax, postal e e-mail.

Metodologia da estimativa Coleta de dados referentes ao número de PIS desenvolvidos, o número de atendimento mensal de crianças e jovens nos PIS e o número de profissionais envolvidos diretamente (professores de Educação Física e profissionais de saúde) pelos governos estaduais e pelas prefeituras/capitais do Brasil. A apresentação no mapa refere-se ao total de cada região brasileira (somatório dos dados colhidos pelos estados de cada região).

Delimitações e Limitações da estimativa Os dados foram coletados apenas pelas iniciativas dos governos estaduais e das prefeituras/capitais de cada estado. A opção metodológica de coletar apenas os dados da iniciativa dos governos estaduais e das prefeituras municipais/capitais se deu em função da complexidade quantitativa da tarefa de coleta de dados, sobretudo para apenas dois pesquisadores envolvidos. A opção principal de coleta de dados dos autores foi a internet e nem sempre os estados e municípios dispunham de página de internet ou de informações nos sites de seus órgãos competentes ou da própria prefeitura ou do governo estadual; nesses casos, os contatos foram feitos por telefone, fax ou e-mail, os quais em muita das vezes não foram correspondidos.

Tabela 11 / Table 11

Totais dos PIS – Iniciativas dos estados e municípios das capitais estaduais, 2003

Total PIS – Government of states and state capitals, 2003

Estimativa mínima de atendimento e número de profissionais envolvidos						
Minimum estimates of delivery and number of professionals						
Regiões	Governo Federal		Governos Estaduais e Prefeituras Municipais (capitais)		Total	
	Atend.	Prof.	Atend.	Prof.	Atend.	Prof.
Norte	161.045	730	14.755	355	175.800	1.085
Nordeste	483.546	1.726	5212	218	488.758	1.944
Centro-Oeste	140.767	622	19.985	302	160.752	924
Sudeste	740.933	3.321	75.486	1226	816.419	4.547
Sul	234.459	1.476	22.844	275	257.303	1.751
Total	1.760.750	7.875	138.282	2.376	1.899.032	10.251
					Total Geral	

Metodologia da estimativa Somatório dos dados de PIS do Governo Federal – Navegar e Esporte na Escola (2003) – com os dados de PIS dos Governos Estaduais e das Prefeituras Municipais (2003). Nos dados do Governo Federal não estão incluídos os dados do Programa Esporte Solidário, uma vez que não foram encontrados dados concretos, por região, sobre este PIS para o ano de 2003. Só foram encontrados dados, por região, deste PIS no ano de 2001, conforme apresentado na Tabela 1.

Delimitações e limitações da estimativa Os dados apresentados referem-se aos programas oficiais desenvolvidos pelo governo federal com registro de 2003 e aos programas e projetos desenvolvidos pelas Secretarias Estaduais e Municipais (capitais) de Esporte e Lazer com registro de 2003. Não são computados os dados das demais prefeituras dos estados.

PIS – Iniciativas de ONGs e setor privado

PIS – NGOs and private bodies initiatives

Tabela 12 / Table 12

PIS – ONGs – Projetos selecionados, 2003

PIS – NGOs – Selected projects, 2003

Regiões	No. de Projetos	No. de atendimento	No. de profissionais
Norte	1	1511	76
Nordeste	11	3173	102
Centro-Oeste	3	901	53
Sudeste	28	7258	308
Sul	6	814	67
Total	49	13.657	606

Os dados apresentados das ONGs representam dados selecionados dos PIS destes setores disponíveis e acessíveis no contexto desta pesquisa.

Fontes www.unicef.org.br – Projetos apoiados pela UNICEF; www.abong.org.br – Associação Brasileira de ONGs (ABONG); senna.globo.com/institutoayrtonsenna/programas/fazer1.html – Instituto Ayrton Senna Projetos; www2.uol.com.br/espnbrazil/prog/social.htm – projetos esportivos de inclusão social, divulgados no site da ESPN Brasil UOL.

Metodologia da amostragem indicativa Os dados pesquisados foram selecionados e coletados em função da disponibilidade e acessibilidade nos meios da comunicação social disponíveis aos autores.

Delimitações e Limitações da amostragem Os dados adquiridos para as ONGs e o Setor privado delimitam-se como uma representação de dados selecionados de alguns PIS de ONGs e do setor privado. Não foi possível encontrar um (s) órgão (s) que tivesse registros de todos os projetos de ONGs ou do setor privado desenvolvidos no Brasil.

Tabela 13 / Table 13

PIS – Iniciativa privada – Projetos selecionados, 2003

PIS – Private initiatives – Selected projects, 2003

Regiões	No. de Projetos	No. de atendimento	No. de profissionais
Norte	5	2167	81
Nordeste	15	3875	196
Centro-Oeste	1	300	18
Sudeste	37	16070	494
Sul	3	929	37
Total	61	23.341	769

Os dados apresentados do Setor Privado representam dados selecionados dos PIS destes setores disponíveis e acessíveis no contexto desta pesquisa.

Fontes www.mangueira.com.br – Site da Mangueira; www.unicef.org.br – Projetos apoiados pela UNICEF; www.pr.gov.br/paranaesporte/proj_voleibol.shtml – Centro Rexona; www2.uol.com.br/espnbrazil/prog/social.htm – Projetos esportivos de inclusão social, divulgados no site da ESPN Brasil UOL; www.sadia.com.br/empresa/informativo – Sadia: responsabilidade social; www.banespa.com.br/site/servicos/institucional/sn_respsocial_acao_cultural.jsp – Site do Programa de Responsabilidade Social do Grupo Santander Banespa; www.frm.org.br – Fundação Roberto Marinho; www.bcnosportes.com.br/bcnosportes/gestao/inc_hpnu – BCN Esportes; red Globo 6.globo.com/CEsperanca/0,,1867,00.html – Site do Espaço Criança Esperança.

PIS – Estimativas mínimas de atendimento e de profissionais no Brasil

PIS – Minimum estimates of delivery and professionals in Brazil

Tabela 14 / Table 14

Governo, ONGs e Iniciativa privada, 2003

Government, NGOs and private initiatives, 2003

Regiões	Iniciativa Governamental*		ONGS**		Iniciativa Privada**		Total		
	Atend.	Prof.	Atend.	Prof.	Atend.	Prof.	Atend.	Prof.	
Norte	175.800	1.085	1511	76	2167	81	179.478	1242	
Nordeste	488.758	1.944	3173	102	3875	196	495.806	2.242	
Centro-Oeste	160.752	924	901	53	300	18	161.953	995	
Sudeste	816.419	4.547	7258	308	16070	494	839.747	5.349	
Sul	257.303	1.751	814	67	929	37	259.046	1855	
Total	1.899.032	10.251	13.657	606	23.341	769	1.936.030	11.626	
Total Geral									

* Os dados apresentados da iniciativa governamental não computam os dados do PIS do governo federal Esporte Solidário; e os dados apresentados referem-se aos programas oficiais desenvolvidos pelas Secretarias Estaduais e Municipais (capitais) de Esporte e Lazer, não sendo computados os dados das demais prefeituras dos estados.

** Os dados apresentados das Ongs e da iniciativa privada representam dados selecionados dos PIS destes setores disponíveis e acessíveis no contexto desta pesquisa.

Tabela 15 / Table 15

Estimativa percentual mínima de crianças e jovens atendidas em PIS no Brasil, 2003

Minimum percentage estimate of participating children and adolescents in PIS in Brazil, 2003

População brasileira de crianças e jovens (7 a 17 anos)*	36.992.374
Número de crianças e jovens atendidos em PIS no Brasil**	1.936.030
Estimativa percentual mínima de crianças e jovens atendidos em PIS no Brasil	5,2%

* Projeção preliminar da população do Brasil por idades de 7 a 17 anos: 2003

Fonte: IBGE / Diretoria de Pesquisas / Departamento de população e indicadores sociais

Divisão de estudos e análises da dinâmica demográfica

** Dados de 2003 com as limitações e delimitações conforme apresentada da Tabela 14.

Fontes / sources

DaCosta, L.P. Diagnóstico de Educação Física / Desportos no Brasil. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Fundação Nacional de Material Escolar, 1971.

_____ (editor). Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa. Rio de Janeiro: Palestra Edições, 1981.

_____ Educação Física e esporte não formais. Rio de Janeiro: Ao Livro técnico, 1988.

ICSSPE (28), Jan. 2000, p.11. Agenda de Berlim, 1999. Tradução: Marcio Turini; Revisão: Lamartine P. Da Costa, Turini, M. UGF – Mestrado e Doutorado em Educação Física. Publicado no Boletim n. 8 do CONFEF de Maio / Junho de 2001.

Ministério Do Esporte E Turismo. Projeto Esporte Solidário: Relatório Anual de Avaliação – PPA 2000-2003, EXERCÍCIO 2002., disponível em: www.camara.gov.br/internet/comissao/

index/mista/orca/ppa/ppa_2000-2003.htm

Parente Filho, M.S., Melo Filho, A., Tubino, M.J.G. Esporte, Educação Física e Constituição. São Paulo: IBRASA, 1989.

Senado Federal. Constituição da República Federativa do Brasil. Edição em CD ROM, Subsecretaria de Edições Técnicas. Brasília, 2003.

SESC e Secretaria Municipal de esportes, Lazer e recreação de são Paulo. Seminário Internacional de Esporte e Sociedade: ações socioculturais para a cidadania. São Paulo, 25 e 26 de novembro de 2003.

Tubino, M.J.G. O Esporte no Brasil, do período colonial aos nossos dias. São Paulo: IBRASA, 1996.

Valente, E. F. Esporte Para Todos: a desescolarização da Educação Física e do Esporte e o universalismo olímpico. Tese de Doutorado. São Paulo: PPGEF/UNICAMP, 1996.

Sites da internet: www.esporte.gov.br; www.unicef.org.br ;

www.abong.org.br;

www2.uol.com.br/espnbrazil/prog/social.htm;

www.manguera.com.br ;

www.pr.gov.br/paranaesporte/proj_voleibol.shtml;

www.unicef.org.br; www.frm.org.br;

www2.uol.com.br/espnbrazil/prog/social.htm ;

www.sadia.com.br/br/empresa/informativo;

www.banespa.com.br/site/servicos/institucional/sn_respsocial_acao_cultural.jsp;

redglobo6.globo.com/CEsperanca/0,,1867,00.html;

www.esporte.gov.br/;

www.camara.gov.br/internet/comissao/index/mista/orca/ppa/ppa_2000-2003.htm;

www.ibds.org.br/manual_esportes.html.

Esporte e Inclusão Social – Mulheres

LUDMILA MOURÃO E SEBASTIÃO VOTRE

Sports and Social Inclusion – Women

In Brazil, research on the theme women and sport is difficult to pursue primarily because women's living experiences and careers are not very visible in physical activity or sports. Women have been excluded since the very beginning of the colonization process. This situation had prevailed until some decades ago once most women were illiterate, subordinated to men by law and politically inactive. However, women founded the first competitive sports team of tenpins in Rio Grande do Sul in 1918. In the following year in Rio Tietê, São Paulo, Blanche Pironnet Bezerra was the winner of a swimming contest in which she was the only female athlete. Later on, an important social change took place in the early 1930s: President Getúlio Vargas sanctioned the new Electoral Code in 1932, finally granting Brazilian women the right of vote and consolidating women's citizenship in which sports projects are inserted. Still in 1932, two other events were extremely relevant for women athletes in Brazil: (i) the first female championship of basketball took place in São Paulo with the same rules of the men's

events, and (ii) Maria Lenk became the first Brazilian and South American woman to participate in the Olympic Games in Los Angeles (127 athletes). In 1935, there was a great offer of women's sports events in São Paulo, including the "Jogos Femininos do Estado de São Paulo" ("Women's Games of the State of São Paulo"), which gathered 150 women in sporting activities. Then, the "Jogos da Primavera" ("Spring Games") were developed in Rio de Janeiro during the 1950s. They followed Olympic patterns for women, which became traditional in the country. In the 1990s and on the turn to the 21st century a very important advancement has been observed in the participation of women in sports not only in terms of top sport but also in terms of physical activities in general. Two hundred and four Brazilian athletes participated in the Olympic Games of Sydney, 2000: 110 men and 94 women while 246 are participating in the Olympic Games in Athens, Greece: 122 women and 124 men. Women's participation increased from 46.1% to 49.60%. These

numbers represent the feminization of Brazilian top sport in comparative terms: 46% of the Brazilian athletes were women while the global average of women sent by all the 199 countries combined was of 38% of the 10,382 athletes registered for the Olympic Games in Sydney. The results of the Olympic Games and Pan-American Games confirm this feminine advancement as in basketball, beach volleyball, water polo, handball, diving and, especially, in artistic gymnastics and acrobatics, the women have already taken over men's position in number of medals. In administrative positions, Brazilian women have reached IOC's objective for 2000; in other words, Brazilian women have taken up 10% of the positions of management in sports. This represents one more conquest in the sporting area for Brazilian women, with a percentage above 12% in intermediary positions only. There is still no evidence of the participation of women in top positions of direction, management and presidency of Federations, Confederations and national teams.

Origem e definições O tema da mulher e o esporte tem seu ponto de partida, como debate público internacional, quando da proibição da participação feminina nos Jogos Olímpicos, restaurada a partir de 1896. No Brasil, a abordagem do tema é dificultada, em princípio, por não serem muito visíveis vivências e trajetórias na atividade física e esportiva. Contudo, a marginalização do sexo feminino no país já se faz presente desde o início do processo de colonização. Este estado permaneceu até recentemente, pois a maioria das mulheres era analfabeta, subordinada juridicamente aos homens e politicamente inexistente (Del Priore, 2000). Neste contexto, na década de 1990 e na passagem para o século XXI tem se constatado, no Brasil, um importante avanço da participação feminina tanto no esporte de competição, como nas atividades físicas em geral.

Século XIX Neste estágio da construção da sociedade brasileira, há evidente submissão das mulheres ao patriarcalismo, mas o prenúncio de um tempo de modernidades é bastante visível no final do século. A educação física do século XIX, defendida pelos higienistas, coopera para criar, de fato, um corpo mais saudável. Corpo robusto e harmonioso, organicamente oposto ao corpo relapso, flácido e doentio do indivíduo colonial. De acordo com pesquisa feita por Madel (1986) em países selecionados, diferentes discursos médicos no período de 1850 a 1930, trazem modelos de medicina social e se caracterizam por apresentarem propostas intervencionistas a respeito do saneamento e higienização das cidades, dos cidadãos e das famílias. O que se via no Brasil, como nos centros europeus (Pfister, 1997) e nos Estados Unidos (Vertinsky, 1994), nesse período, eram grandes agentes que atuavam com base na função social da prática da atividade físico-desportiva feminina, na figura de especialistas da área médica, da educação, da área militar e da igreja, que exerciam influência poderosa sobre a construção social da atividade física para as mulheres. As preocupações giravam em torno da preparação de uma mulher para o seu papel social fundamental, que era o de reprodutora. Formar um povo higiênico era objetivo do Estado, que pensava em salvar sua população e atingir de toda forma a moral da família nacional, tendo a mulher como sujeito responsável por esta função. A diferença é que, nos Estados Unidos e na Europa, houve movimentos de mulheres no sentido de desmistificar a idéia da fraqueza feminina para a prática de atividades físico-desportivas, e também a de que estas atividades eram incompatíveis com a reprodução. Este fato não se reproduziu no Brasil do século XIX, quando a mulher passou a aparecer, tornou-se visível, no turfe, na natação, no tênis, e assim sucessivamente, porém sem representar constrangimentos à hegemonia masculina.

Passagem do século XIX para o XX Há uma vibração por parte das mulheres brasileiras com as visíveis características de libertação que se manifestavam nos comportamentos e gestos mais comuns como o uso das bicicletas, a prática dos esportes (turfe, natação, tênis), assim como a busca de roupas mais cômodas e a rejeição, embora que ainda minoritária, ao uso do espartilho. A emancipação prenunciava-se nos mais variados recantos sociais,

essas liberdades adquiridas pelo corpo implicam necessariamente novas responsabilidades assumidas por ele. As mulheres que se dedicavam à prática de atividade físico-desportiva no país tinham, no contexto familiar, o apoio e, muitas vezes, um tipo de educação que valorizava a educação corporal, como no caso das famílias de imigrantes. Também para as mulheres que residiam nas zonas rurais, observava-se maior oportunidade de praticar a equitação e jogos, bem como andar de bicicletas. Estes comportamentos esportivizados, somados a outros movimentos sociais e culturais da época, concorreram para alterar as representações sociais relacionadas às liberdades corporais da mulher brasileira, sobretudo as de elite, que tinham possibilidade de praticar esporte e entreter-se ao lazer. Desde essa época evidencia-se uma relação estreita entre o esporte e as camadas aristocráticas. Na passagem do século, verificava-se uma presença insignificante de mulheres de classes desfavorecidas na atividade físico-desportiva.

1896 Os primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna, realizados neste ano, circunscrevem-se neste período e representam, com toda a sua força simbólica, a restrição esportiva que vivia a mulher no cenário mundial. Idealizado por Barão Pierre de Coubertin (1863-1937), este evento optou por seguir a tradição dos Jogos Olímpicos da Antiguidade, mantendo a mulher fora das quadras, campos e arenas esportivas, excluindo, portanto, 51% da humanidade da participação no mesmo. Apesar dos esforços que Coubertin fez para manter as mulheres fora das competições, houve uma competidora extra-oficial na maratona de 1896, uma mulher grega pobre que acabou sendo conhecida como 'Melpomene', cujo nome verdadeiro era Stamati Revithi. Ela não teve permissão para competir, porém fez o mesmo trajeto de 42 km no dia seguinte, sendo que a última volta aconteceu fora do estádio porque a entrada lhe foi proibida. Ela foi a primeira a enfrentar as barreiras da tradição esportiva na era moderna.

1900 Neste ano, já se encontram mulheres participando dos Jogos Olímpicos realizados em Paris, contudo este evento, como o de 1904, em Saint Louis, e o de 1908, em Londres, tiveram pouco público e foram muito mal organizados, o que fez com que as mulheres pudessem se incluir sem muitas dificuldades. Entretanto, elas não eram reconhecidas como atletas, já que a participação feminina nos Jogos não tinha o consentimento do Comitê Olímpico Internacional - COI. As mulheres atletas que ganhavam as competições recebiam diplomas em vez de medalhas e ramos de oliveira, prêmios que iam somente para os heróis homens. O papel da heroína Olímpica ainda estava para ser construído.

1918 Criação da primeira equipe feminina do Brasil de Bolão em Porto Alegre, RS. De acordo com Teixeira, Iza (2001): "Em 1896 foi fundado, o 14 de Abril é o segundo mais antigo grupo de Bolão da América do Sul, e o sugestivo Violeta Arco-Íris, formado exclusivamente por mulheres, existe desde 1918". O Bolão é o esporte das colônias alemãs do Rio Grande do Sul.

1919 Neste ano, por ocasião das festas do Clube Espéria, nas margens do rio Tietê-SP, Blanche Pironnet Bezerra participou,

como pioneira das provas de natação e única mulher entre os participantes, sagrou-se vencedora. De origem belga, nascida em 1903 na cidade de Verviers, chegou ao Brasil em 1912, e praticava a natação por divertimento e saúde, sem preocupação com competições.

1900 – 1928 O golfe e o tênis, ambos esportes de elite, eram categorias abertas às mulheres nos Jogos Olímpicos de Paris em 1900: 12 mulheres de cinco países participaram nesses dois esportes. Os Jogos Olímpicos de 1904 em Saint Louis, nos Estados Unidos, tiveram a participação de somente 6 mulheres atletas, em competições de arco e flecha porque as concorrentes internacionais de outras modalidades esportivas não obtiveram o patrocínio necessário para a viagem internacional. A ginástica feminina foi incluída nas Olimpíadas de 1904 somente como demonstração, por não ser considerada evento oficial. Os Jogos Olímpicos de 1908 em Londres teve 36 mulheres atletas competindo em quatro esportes: tênis, vela, patinação no gelo e arco e flecha, todos esportes de alto prestígio social. A participação das mulheres estava começando a crescer. Embora as Olimpíadas de 1912 em Estocolmo tivesse a participação de 55 mulheres atletas (2,2% de todos os competidores) de 11 países, competindo em seis modalidades esportivas, inclusive natação, os esportes femininos permaneceram um fenômeno marginal e ainda não oficializado pelo COI. De acordo com Gertrud Pfister, foram as suecas feministas que introduziram as competições de natação nas Olimpíadas. A natação representava a primeira batalha de mulheres atletas olímpicas por metros e segundos. A natação era um esporte bastante popular naquela época e contribuiu consideravelmente para uma maior participação de atletas femininas nos Jogos.

Já que o COI se recusava a incluir o atletismo feminino nos Jogos Olímpicos, a francesa Alice de Milliat desafiou a situação da época, fundou a *Fédération Sportive Féminine Internationale* (Federação Esportiva Feminina Internacional) e organizou os primeiros Jogos Olímpicos Femininos em 1922. Eles foram tão bem sucedidos que foram re-editados em 1926, 1930 e 1934 como *The Women's World Games* (Jogos Femininos Mundiais). Eles se tornaram visíveis ao COI, que resolveu incorporá-los permanentemente aos Jogos Olímpicos.

1930 – 1935 Em 1930, em São Paulo, houve o primeiro campeonato feminino de bola ao cesto, praticado com as mesmas regras válidas para os homens. Maria Emma Hulda Lenk Zigler, em 1932, foi a primeira mulher brasileira e sul-americana a participar de uma Olimpíada: a de Los Angeles (num total de 127 atletas). Já nos Jogos de 1936, em Berlim, a mesma atleta esteve presente, com outras cinco brasileiras (num total de 328 atletas participantes). Também em 1932, Getúlio Vargas promulga o novo Código Eleitoral, garantindo finalmente o direito de voto às mulheres brasileiras, consolidando a cidadania da mulher a qual se insere com mais força e dignidade também nos projetos esportivos. Com relação a 1935, Tavares e Portela (1998, p.481) demonstram a proliferação de eventos desportivos femininos em São Paulo, quando apresentam o registro dos "Jogos Femininos do Estado de São

Paulo”, que reuniram 150 mulheres em atividades poliesportivas, e evidenciam a ampliação do campo esportivo feminino no Brasil”.

1941 Neste ano, o Estado Novo (denominação do Governo de Getúlio Vargas assumida na década de 1930) criou o Decreto Lei 3199 que criou o Conselho Nacional dos Desportos – vigorando até 1975 –, e que trazia, em seu artigo 54, a seguinte orientação, inspirada por recomendações médicas higienistas à época: “As mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”. O Decreto só foi regulamentado em 1965 pelo Conselho Nacional de Desportos, que através da Deliberação 7, estipula: “Não é permitida a prática feminina de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo, halterofilismo e baseball”. Contudo, as mulheres brasileiras nesse momento estão conquistando seu espaço junto a um estilo de vida ativo, e ampliando suas participações em atividades esportivas.

1948 A delegação olímpica brasileira segue para os Jogos de Londres, com 11 mulheres (no total estiveram presentes 355 mulheres entre todos os países participantes) e 68 homens.

Décadas de 1940 – 1950 No final da década de 1940 criam-se diferentes espaços de mudança para a condição feminina relacionada ao esporte na sociedade brasileira. Em 1949, Mário Filho criou os “Jogos da Primavera” - primeira olimpíada feminina realizada no Brasil - que, a partir de 1949 até os dias atuais, passaram a acontecer no Rio de Janeiro-RJ a cada mês de setembro (Mourão, 1998). Os “Jogos da Primavera” conquistaram a juventude carioca desde o final dos anos de 1940 até os dias atuais, mostrando-se um termômetro da esportivização feminina no Rio de Janeiro e com versões em muitos estados brasileiros. Para participar dos “Jogos da Primavera”, os clubes, colégios, associações e demais interessados deviam enviar um ofício ao Jornal dos Sports. A estratégia utilizada pelo jornal para dinamizar as inscrições das interessadas nos Jogos buscou se afinar com a realidade esportiva feminina dos anos de 1950, não determinando as modalidades em que as atletas deveriam se inscrever; incentivando e dando liberdade para que as moças se vinculassem às práticas esportivas de acordo com seu gosto e interesse, estimulando a socialização com o esporte. Qualquer atleta, registrada ou não nas federações esportivas, poderia se inscrever. Isto também garantia o caráter democratizante do evento, uma vez que não discriminava a participação de mulheres que já se encontravam inseridas no mundo esportivo. Também foi possível verificar que, inicialmente, as mulheres não procuravam os esportes que eram considerados inadequados à sua prática pela legislação vigente e pelas representações da sociedade, asseguravam de certa forma a continuidade dos preconceitos e preceitos femininos. A escolha da Rainha dos “Jogos da Primavera” simbolizava naquele certame a presença da graça e da beleza, da juventude que tanto brilhou nas competições. A comissão julgadora era formada por professores da Escola de Belas Artes, escritores e críticos. Os julgamentos estavam relacionados à plástica feminina e traços fisionômicos (70%), à eficiência esportiva observada durante os Jogos (20%), e à disciplina na participação das jovens nos Jogos (10%). Estes jogos representaram um processo contínuo de expansão e desenvolvimento da mulher brasileira nas atividades físicas e esportivas por mais de cinco décadas.

1956 Os Jogos Olímpicos de Melbourne realizaram-se de 22 de novembro a 8 de dezembro. O Brasil enviou apenas uma mulher

em sua delegação que representou o país no salto ornamental. Mary Dalva Proença, competiu na plataforma, classificando-se em 16º lugar.

1960 Grande tenista brasileira, a paulista Maria Esther Andion Bueno torna-se a primeira mulher a vencer os quatro torneios do Grand Slam, até se tornar a “rainha de Wimbledon”, (Australian Open, Wimbledon, Roland Garros e US Open). Conquistou, no total, 589 títulos em sua carreira. Neste mesmo ano os Jogos Olímpicos foram realizados em Roma, entre 25 de agosto e 11 de setembro. O Brasil participou com 82 atletas e única representante do sexo feminino foi Wanda dos Santos, competindo na prova de 80m com barreiras.

1964 Aída dos Santos foi a única mulher a participar dos Jogos Olímpicos de Tóquio pelo Brasil, em 1964. Ela estava sozinha naqueles jogos, não havia técnico e muito menos sapatilhas para ela competir. Mesmo com essas restrições, a heroína Aída dos Santos chegou à final olímpica e saltou 1m74, uma extraordinária marca que rendeu à atleta o quarto lugar. O bronze naquela final ficou com a soviética Taisiya Chenchik, que saltou 4 centímetros mais alto que a brasileira.

1968 – 1976 Em 1968 foram 84 atletas dos quais 3 mulheres; em 1972, 89 atletas e 5 mulheres; e em 1976, 93 atletas dos quais 7 mulheres.

Década de 1980 Neste estágio, constata-se um avanço em direção à emancipação esportiva feminina no Brasil, embora esta prática ainda não esteja democratizada, ou seja: ainda não está ao alcance de todas as mulheres. Esta análise está referenciada pelo número de atletas mulheres nas delegações nacionais aos Jogos Olímpicos: 15 em 1980, 21 em 1984 e 35 em 1988, ficando o início da década de 1990, isto é o ano de 1992, marcado por classificar uma delegação feminina com 51 representantes.

Década de 1990 Iniciam-se conquistas em termos de resultados no esporte feminino de alto rendimento, apontando para a consolidação da mulher no esporte e o rompimento definitivo das diferenças neste território outrora marcado pela hegemonia masculina. Outros números creditam estas análises. O basquetebol feminino foi campeão mundial na década de 1990. Estes resultados são sinais de crescimento do esporte feminino no país, mas sobretudo internacionalmente. Em 1996, nos Jogos de Atlanta, a equipe olímpica brasileira é composta de 70 mulheres e neste mesmo evento Sandra e Jaqueline, que venceram o torneio feminino de vôlei de praia, entraram para a história como as primeiras mulheres brasileiras que ganharam medalha de ouro nas Olimpíadas.

2000 Dos 28 esportes que estiveram em disputa nos Jogos Olímpicos, 26 contam com a potencialidade feminina. As duas únicas exceções são o boxe e a luta livre, já que o beisebol tem a sua versão feminina no softbol. Em Sydney participaram 204 atletas do Brasil: 110 homens e 94 mulheres. Esses números representam a feminização do esporte brasileiro de alto nível, em termos comparativos. Na delegação brasileira que esteve na Austrália, a representação feminina foi de 46%, enquanto a média global dos 199 países presentes era de 38% dos 10.382 atletas inscritos.

2004 A Delegação Brasileira nos Jogos Olímpicos Atenas 2004 tem um total de 246 atletas, recorde de participação do Brasil na

História dos Jogos Olímpicos: 124 homens e 122 mulheres, o que significa um aumento da participação feminina para 49,50%, de acordo com o Comitê Olímpico Brasileiro (ver capítulo do Cenário Geral neste Atlas). Esses números representam a feminização do esporte brasileiro de alto nível, em termos comparativos.

Situação Atual Ainda hoje no Brasil, constata-se uma tendência à participação esportiva baseada na hierarquia entre as classes sociais de acordo com certos tipos de prática, independentemente de gênero. Entretanto, observa-se uma mudança de direção em termos de esporte de alto nível da mulher brasileira, superando as barreiras e os obstáculos que durante mais de um século a separou do esporte. No plano internacional, há aumento gradual no número de mulheres atletas de 1900 a 2000 (de 1,9% em 1900 para 38,3% em 2000, no número total de atletas participando dos Jogos Olímpicos). Em termos nacionais este número supera a média global, pois atinge a marca de 46%, o que demonstra que a mulher brasileira virou o jogo e hoje ocupa a paisagem desportiva no Brasil junto com os homens. Embora não seja visível tal crescimento, tornou-se evidente a superação das mulheres em alguns esportes se comparados com resultados dos homens brasileiros. Os Jogos Olímpicos e Pan-Americanos indicam que esta tendência se realiza nas modalidades de basquetebol, vôlei de praia, pólo aquático, handebol, saltos ornamentais e sobretudo na ginástica artística e acrobática. Nos postos administrativos, as mulheres brasileiras atingiram a meta do COI para 2000, ou seja, a ocupação até 10% dos postos de direção no esporte, isso representa mais uma conquista no campo esportivo da mulher brasileira, com um percentual acima de 12%. Contudo, ainda se verifica esta tendência apenas em postos intermediários na administração, e não temos ainda evidências da participação feminina em direção e presidência de Federações e Confederações e na direção de seleções nacionais.

Fontes Del Priore, Mary (2000). Mulheres no Brasil Colonial. São Paulo: Contexto; Carvalho, A. (2002). A Participação Feminina nos Jogos Olímpicos – trabalho não-publicado apresentado no Fórum Olímpico, Universidade Gama Filho, Junho 2002; DeFrantz, A. (1997). *The Changing Role of Women in the Olympic Games*. Trabalho apresentado na 37ª Sessão Internacional para Jovens Participantes - IOA Report, Ancient Olympia; Théberge, N. (1991). *Women and the Olympic Games: a consideration of gender, sport and social change*. In Landry, F., Landry, M. & Yerlès, M. (eds), Sport ... The Third Millenium, Les Presses de l' Université Laval, Sainte – Foy – Canada, pp. 385–396; Pfister, G. Journal of the International Council for Health, Physical Education, Recreation, Sport and Dance 32 (1996), N° 4, pp. 20-26; Olympic Women (recuperado em 14 de maio de 2002) www.olympicwomen.co.uk/. TAVARES, Otávio & PORTELA, Fernando (1998). Jogos Femininos do Estado de São Paulo (1935): a primeira “olimpíada” feminina do Brasil. In *Anais do VI Congresso*. Mourão, Ludmila (1998). A representação social da mulher brasileira na atividade físico-desportiva: da segregação à democratização. Tese de Doutorado, Universidade Gama Filho; www.confef.org/infoatlas; COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. *Delegações Brasileiras nos Jogos Olímpicos - 1920-2000*. Rio de Janeiro: COB. COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO – Memória Olímpica. Disponível em: www.cob.org.br. Acesso em 25 de outubro de 2003. Teixeira, Iza (coord.). (2001). Associação Leopoldina Juvenil Resgate de uma história. Porto Alegre: Scan. p.93.

Esporte e Inclusão Social – Mulheres na gestão esportiva brasileira

EUZA MARIA DE PAIVA GOMES

Sports and Social Inclusion – Women in Brazilian sports management

Women have been conquering more positions in the sports scenario (as players/participants and as managers/directors) around the world. The Olympic Games and the Olympic Movement reflect this inclusion. In Brazil, however, the number of women who have reached top positions in sports management does not correspond to the increase in the number of women who participate in physical activities. In 1996, the International Olympic Committee formally established that all agencies and departments involved in the Olympic Movement would have at least 10% of the management positions occupied by women

Origens e definições Hoje no cenário esportivo mundial, a mulher está conquistando cada vez mais espaços, sendo os Jogos Olímpicos e o Movimento Olímpico um espelho deste movimento de inclusão. Entretanto, observa-se que a crescente prática de atividades físicas pelas mulheres no Brasil não corresponde à participação no poder administrativo exercido nos esportes. Em síntese, o papel feminino na gestão dos esportes ainda representa um ajustamento ao contexto moral da sociedade. Neste sentido, Mourão (1998) aponta que, a diferença do processo de apropriação do espaço esportivo pela mulher foi diferente dos processos de inserção em outros espaços, em que foi tensa a relação entre os gêneros, porque, propriamente, a mulher brasileira não demandou um confronto com o homem, nem a redistribuição do/território esportivo (ver capítulo “Esporte e Inclusão Social – Mulheres” neste Atlas). Entretanto, a participação política da mulher brasileira vem avançando nas artes, no mundo do trabalho e também no esporte. Desta forma, observa-se a crescente presença feminina principalmente em cargos intermediários do poder decisório no esporte brasileiro. No Brasil, as mulheres representam 40% da população economicamente ativa (são 59% dos advogados, 54% dos médicos e 50% dos professores universitários) e os reflexos dessa escalada são percebidos em todos os campos, inclusive no esportivo. No entanto, Meszáros (2002) alerta que as relações de poder que afetam diretamente as mulheres não foram muito alteradas. Em vez disso, mascararam sua falha com a falsa admissão das minorias para cargos subordinados ao homem. O registro de promoção de mulheres a postos importantes de tomada de decisão política nas sociedades pós-capitalistas é lamentável, mesmo em relação a países socialistas (p.37).

Por isso, as mulheres com cargos de técnicas formam um conjunto ainda insignificante no país, em termos quantitativos. Ilustramos essa tendência, de acordo com estudos realizados por Souza de Oliveira (2002), com dez grandes clubes do Rio de Janeiro-RJ, que contam com centenas de técnicos do sexo masculino e apenas 34 técnicas, a maioria absoluta delas nas categorias de base, em times não-profissionais. Essa é uma situação que parece ser comum no Brasil: normalmente as mulheres ficam mais restritas às áreas de formação dos esportes competitivos e dos esportes de lazer e recreação. Partindo de reconhecimento empírico da condição das mulheres na administração do esporte no Brasil, pode-se definir uma situação de exclusão da mulher em que pese sua maior participação em cargos intermediários no campo administrativo do esporte. Este reconhecimento tem antecedentes que reforçam as interpretações de exclusão e que mostram também um avanço positivo na equidade entre gêneros, como se descreve a seguir.

1960 No Brasil, neste ano, Maria Lenk torna-se a primeira mulher a integrar o Conselho Nacional de Desporto-CND, órgão hoje extinto, que normatizou e regulamentou o esporte no país a partir de 1941. Foi também personagem central de oposição quando da discussão do Decreto-lei nº 3.199, de 1941, que vigorou até 1975, com um de seus artigos declarando: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”. O testemunho oral da própria Maria Lenk a respeito das limitações da mulher no esporte fora e dentro do Brasil indica que “Só mais tarde, em 1928, ingressou no Atletismo. Mas assim mesmo com muitas restrições. Aí eles fizeram uma prova de 800m, e as mulheres não estavam treinadas, elas desmaiaram etc., aí cortaram. Isso não é prova para mulher, diziam os homens. Mas ainda nos anos 60, eu

until the end of 2000 and that this percentage should be doubled in 2005. Research was then necessary to describe the access women have had to key positions that represent power in sports in Brazil. This chapter is based on a national survey done in 2004 to identify the role played by women in the management of the main sports institutions. The results related to Brazilian sports confederations (one for each discipline in the country) showed that the confederations are male territories: only 1 out of the 53 confederations (29 affiliated and 24 linked) is presided by a woman, which represents less than 2% of the participation of

já era do Conselho Nacional de Desporto, eu me lembro bem, já eram 65 ou 68, por aí. Eu defendia que a mulher deveria ser liberada pra fazer os esportes que ela quisesse. Porque era proibido jogar futebol, lutar. Eu tenho documentos que estão lá no CND defendendo que elas deveriam” (Mourão, p. 228).

Década de 1980 No início desta década, Juan Antonio Samaranch foi eleito presidente do Comitê Olímpico Internacional-COI e ao assumir esta função anunciou que “a mentalidade a respeito das mulheres evoluiu muito com o passar do tempo. Naturalmente esses ideais vão repercutir no Movimento Olímpico”. E de fato tais palavras foram transformadas em ações por Samaranch nos anos seguintes ao estabelecer critérios de equidade entre homens e mulheres na administração do COI e suas entidades filiadas.

Década de 1990 Desde os meados desta década, o COI tem estabelecido um planejamento para a evolução da mulher no Movimento Olímpico. As duas conferências mundiais sobre mulher e esporte ocorridas em Lausanne, 1996 e Paris, 2000; a criação de um grupo de trabalho no COI, em 1995; as conferências de Brighton, 1994 e Windoeck, 1998 são exemplos destes avanços. Desde então, entidades filiadas ao COI (Comitês Nacionais Olímpicos-CONs e pelas Federações Esportivas-FIs) têm colocado em prática iniciativas de promover o esporte feminino como também a participação na gestão esportiva (Devide, 2002).

1996 O Comitê Olímpico Internacional estabeleceu formalmente que todos os órgãos envolvidos com o Movimento Olímpico tivessem, até o fim do ano 2000, pelo menos 10% dos cargos diretivos ocupados por mulheres e que até o ano 2005 esta percentagem deveria dobrar.

1997 – 2001 Neste período, Anita DeFrantz dos EUA foi eleita vice-presidente do COI e atualmente, em 2004, é membro do Comitê Executivo daquela entidade maior do esporte internacional. Esta situação é inédita na história do COI e teve como um de seus pontos de sustentação o fato de que na gestão das entidades filiadas ao COI apenas 14,4% dos cargos, entre 1970 e 1995, eram ocupados por mulheres. Em relação ao cargo de presidente, a participação feminina, no mesmo intervalo, reduzia-se para 4,5%.

2004 Realiza-se em março a Conferência Mundial sobre a Mulher e o Esporte na cidade de Marrakech no Marrocos, com a presença de cerca de 600 participantes de 137 países. Nesta Conferência o Brasil foi representado pela coordenadora das atividades administrativas do Comitê Olímpico Brasileiro-COB, Christiane Paquelet Abeid. Os participantes do evento concluíram que ainda não existiam ações concretas, visíveis e tangíveis que ajudassem as mulheres e as jovens a praticarem o esporte e a ascenderem às funções de direção desta área. Finalmente nesse encontro foram ainda reafirmados os objetivos estabelecidos em 1996, pelo COI, pelos CONs e pelas FIs, nomeadamente que “pelo menos 20% de mulheres integrem o seio de seus órgãos executivos e legislativos, até 2005”.

2004 Euza Gomes produz uma pesquisa que corresponde à sua tese de doutorado, levantando um primeiro panorama acerca da participação da mulher em cargos administrativos nos principais órgãos esportivos no Brasil. Baseados em levantamentos realizados pela Internet no site oficial do Ministério dos Esportes, e no do Comitê Olímpico Brasileiro (Confederações filiadas e vinculadas e respectivas Federações), os dados foram posteriormente

women in the highest agencies/departments of the central administration of sports in Brazil. Only 34 out of the 484 sports federations (one for each discipline in every state of the country) are chaired by women: 6.1%. This percentage is very far from the target of 20% established by the IOC for 2005. It seems then that Brazilian women's greatest challenge for the next years is to conquer more top technical and management positions in the sports scenario. The difference between men and women in this sector today is perhaps the same that existed in the fields, courts and tracks 100 years ago.

contrastados com visitas realizadas ao COB e através de comunicações orais feitas com os responsáveis pela organização dos registros disponibilizados pelas Confederações e Federações. Os resultados preliminares mostraram que esporte no Brasil nunca foi presidido por uma mulher. Porém, ao contrário da maior parte das leituras feitas pelos estudiosos até o momento, há uma forte presença feminina nos cargos intermediários da administração do esporte. A presença de 20,45% de mulheres no Ministério dos Esportes (Tabela 1) pode parecer um índice elevado, visto que, a meta estipulada pelo COI para 2000 era a ocupação de no mínimo 10% dos postos de direção no esporte. Entretanto, os cargos de chefia no Gabinete do Ministro, na Secretaria Executiva, na Consultoria Jurídica e nas Secretarias Nacional de Esporte Educacional, Nacional de Desenvolvimento do Esporte e Lazer e Nacional de Esporte de Alto Rendimento são todos ocupados por homens. A participação feminina ocorre em sua maioria em cargos de assessoria e não nos cargos de chefia, coordenação ou diretoria.

No Comitê Olímpico Brasileiro-COB, que é composto por cinquenta membros, a presença feminina ainda é mais discreta ao se revisar a Tabela 1, nesta assembléia a participação é marcada pela coordenadora das atividades administrativas que também pertence ao Comitê Executivo – Christiane Paquelet Abeid. A outra representante feminina no COB é a Presidente da Confederação Brasileira de Ginástica – Vicélia Ângela Florenzano, que é a única mulher na administração máxima de uma confederação esportiva no Brasil. Como contribuição histórica, ainda existe um dado que soma-se a este sobre a presidência de Confederações, que é o nome da paulista Aparecida Martinez, que já presidiu a Confederação Brasileira de Levantamento de Peso. Conclui-se desta forma, que o órgão de maior representação do esporte no país mantém na sua estrutura de poder as características de reserva masculina na administração do esporte nacional. As confederações esportivas no Brasil são territórios fortemente marcados pela presença masculina: das 53 Confederações (29 filiadas e 24 vinculadas) a mulher preside apenas uma delas, o que representa menos de 2% da participação da mulher nos órgãos máximos da administração central dos esportes no Brasil.

Voltando a observar a Tabela 1, o Comitê Paraolímpico Brasileiro-CPB tem a sua direção composta por dez membros, dos quais três são preenchidos por mulheres: a Diretoria de Administração e Patrimônio, por Cynthia Losso; a Assessoria Especial da Presidência por Ana Carla Thiago e o de Coordenadora de Comunicação por Gisliene Hesse. Este é o mais expressivo espaço de atuação feminina a partir dos dados apresentados, criando-se então a sugestão de um Comitê que trata das pessoas portadoras de necessidades especiais como inclinado a concentrar mais sensibilidade e equilíbrio para lidar com as minorias. Na Comissão Nacional de Atletas, a participação feminina é de 20%, sendo composta pelas seguintes atletas: Ádria Rocha dos Santos, Ana Beatriz Moser, Helen Cristina Santos Luz, Luisa Parente Rodrigues de Carvalho, Roseane Ferreira dos Santos (Rosinha), Sandra Tavares Pires e Suely Rodrigues Guimarães. No entanto esta participação está distante da representatividade da mulher no atual cenário esportivo brasileiro, visto que, nos Jogos Pan-Americanos realizados em 2003 em Santo Domingo, as mulheres atletas já representavam mais de 40% da equipe brasileira.

Nos estados brasileiros encontram-se 484 federações registradas. De acordo com a Lei Pelé, 1998, Art. 16, as entidades nacionais de

administração do esporte, bem como as ligas são autônomas, o que explica a existência de várias federações de um determinado esporte num mesmo estado, sendo registrada somente uma federação por estado. Cabe ressaltar a grande dificuldade de realizar o levantamento dos dados dessas federações, pois várias confederações esportivas não dispõem a lista completa de suas federações e nem os nomes dos dirigentes em suas páginas na Internet. Verificamos esta fonte através de visita ao Departamento Técnico do Comitê Olímpico Brasileiro, baseado na nova relação das confederações cedidas por seus dirigentes (Gráfico 1).

Das federações esportivas mapeadas, somente 34 são presididas por mulheres, o que representa um percentual de 6,1%, bastante distante dos 20%, meta preconizada pelo COI para o ano de 2005. Destacam-se neste conjunto as 19 federações de Ginástica Olímpica que tem 18 delas presididas por mulheres, o que representa 4% do total das federações registradas. A presença feminina no comando das federações de ginástica parece ser justificada pela própria história desse esporte, visto que, na antiga Escola Nacional de Educação Física e Desporto-ENEFD, no Rio de Janeiro (décadas 1930 – 1960), a cadeira de ginástica era privativa das mulheres. Além da Ginástica, dezesseis outras federações são comandadas

por mulheres, sendo sete de desporto aquático, duas de ciclismo, boxe e badminton, e uma de futebol, hipismo e handebol.

No caso particular da natação, sugere-se ter havido a influência da atleta, professora e administradora Maria Lenk, antes citada por ter sido a primeira mulher a integrar o Conselho Nacional de Desporto-CND a partir de 1960 e posteriormente ter ocupado uma das assessorias da presidência do COB. Entretanto, as federações presididas por mulheres são na sua maioria dos estados do norte e nordeste, sendo que somente as federações de hipismo do Espírito Santo, badminton de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul, e a de boxe de São Paulo pertencem às regiões sul e sudeste, que são as regiões mais desenvolvidas no cenário esportivo no Brasil.

Situação atual As diferenças entre homens e mulheres nos Jogos Olímpicos estão diminuindo (veja box abaixo). Em breve, é possível que assistamos provas em que homens e mulheres competirão formando equipes mistas, cada qual aproveitando suas potencialidades. Neste sentido, vários fatores têm contribuído para a política de inclusão da mulher no campo do esporte olímpico. O aumento de eventos esportivos televisionados, o aumento de modalidades e de medalhas distribuídas às mulheres, a

especialização e a padronização propiciada pela tecnologia do esporte de alto rendimento e a recomendação pelo COI de se estabelecer uma meta para uma maior participação da mulher na administração do esporte, são alguns dos aspectos relevantes na efetiva inclusão feminina nos esportes e na administração dos Jogos Olímpicos. Contudo, o novo grande desafio das mulheres dentro do cenário esportivo, nos próximos anos, é conquistar mais cargos nos postos técnicos e diretivos. A diferença entre homens e mulheres nesse setor, atualmente, é talvez a mesma que existia dentro dos campos, quadras e pistas há 100 anos atrás.

Fontes Mészáros, I. Para além do capital Rumo a uma teoria da transição. Campinas SP: Editora da UNICAMP (2002); Miragaya, A. Maria Lenk: as três revoluções que levaram a gentil nadadora da atlética às olimpíadas de 1932. In Coletânea de textos em estudos olímpicos, v. 1 Turini, M. & DaCosta, L. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho,(2002).; Mourão, L. Vozes femininas e o Esporte Olímpico no Brasil. In Coletânea de textos em estudos olímpicos, v. 1 Turini, M. & DaCosta, L. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho (2002); Pesavento, S. J. História e História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica (2003).

Tabela 1 / Table 1

Participação da mulher no comando dos principais órgãos da administração esportiva do Brasil, 2004

Women's participation as CEO of the main sport bodies in Brazil, 2004

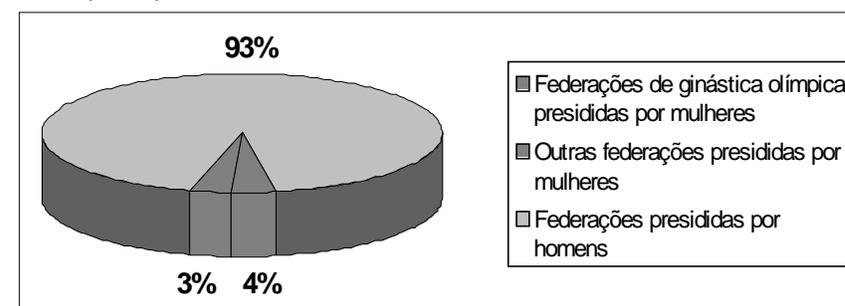
Órgãos <i>Bodies</i>	Número de cargos <i>Positions</i>	Efetivo masculino <i>Men</i>	Efetivo feminino <i>Women</i>	Porcentagem de efetivo feminino <i>% of women</i>
Ministério dos Esportes	88	70	18	20,45%
Comitê Olímpico Brasileiro	50	48	2	4%
Comitê Paraolímpico Brasileiro	10	07	3	30%
Confederações Esportivas Filiadas	29	28	1	3,7%
Confederações Esportivas Vinculadas	24	24	0	0,0%
Comissão Nacional de Atletas	35	28	7	20%
Total	183	163	20	10,9

Fontes / *sources*: Sites do Ministério dos Esportes e das Confederações Esportivas – Março 2004

Gráfico 1 / Graph 1

Federações esportivas registradas no Brasil

Men's participation as CEO in national federations: 93%



Fonte / *source*: Comitê Olímpico Brasileiro – Abril de 2004

Participação das mulheres brasileiras como atletas nos Jogos Olímpicos

Brazilian women's participation in the Olympic Games as athletes: 49,5% in Athens- 2004

A Delegação Brasileira para os Jogos Olímpicos de Atenas-2004 teve uma participação recorde de atletas femininas com 49,5%. De acordo com o COB, em 2004, 18 mulheres são recordistas de participações olímpicas pelo Brasil. Disputaram 3 edições: Piedade Coutinho (natação, em 36, 48 e 52); Conceição Geremias (atletismo, em 80, 84 e 88); Elisângela Adriano (atletismo, em 96, 2000 e 2004); Marcia Narloch (atletismo, em 92, 96 e 2004); Jacqueline (voleibol, em 80 e 84, e vôlei de praia, em 96); Vera Mossa (voleibol, em 80, 84 e 88); Ida (voleibol, em 84, 92 e 96); Sandra Lima (voleibol, em 84, 88 e 96); Sandra Pires (vôlei de praia, em 1996, 2000 e 2004); Ana Moser (voleibol, em 88, 92 e 96); Márcia Fu (voleibol, em 88, 92 e 96); Leila (voleibol, em 92, 96 e 2000); Márcia Pellicano (vela, em 88, 92 e 96); Adriana (basquete, em 92, 96 e 2000); e Marta (basquete, em 92, 96 e 2000). Disputaram 4 edições: Fernanda Venturini (voleibol, em 88, 92, 96 e 2004); Fofão (voleibol, em 92, 96, 2000 e 2004) e Janeth (basquete, em 92, 96, 2000 e 2004).

Fonte / *source*: www.cob.br

Esporte e Inclusão Social – Atividades físicas para idosos I

ALFREDO FARIA JUNIOR

Colaboradores: Ivone Cogo, Rafael Botelho, Gustavo Gonçalves Cardozo, Ana Paula Sousa da Silva, Regina Celi Lema Santos, Paulo Farinatti, Marcos Avellar do Nascimento, Ana Cláudia Romeu Craveiro, Silvio Telles, Marieni Bello Corrêa, Alessandra Brod, Eduardo Pires Rodrigues, Edmundo de Drummond Alves Junior e Ivanete Oliveira.

Physical activities for the elderly I – Intervention procedures

Physical activities organized for the elderly in Brazil went through 3 distinct phases. It started up with the 'propaedeutic' phase from the 1930s to the 1960s. The model followed at the time was the offer of activities for specific groups, including groups other than the elderly such as children in schools, clubs and summer camp. Oswaldo Diniz Magalhães's radio program "A Hora da Ginástica" ("Time for Gym"), in Copacabana, Rio de Janeiro, including people of all ages in one large group, encouraged the adherence of the elderly. The second phase, named 'reckless enthusiasm', went from 1970 to 1993. The model followed during this period showed a massive and uncontrolled expansion of the practice of physical activities for all age groups together, including people who were 60 and older, at a number of locations: beaches, streets, gardens, public squares, social and sports clubs, residential condominiums, health clubs and even universities. Generally offered by volunteers who had no theoretical basis, many of these initiatives were organized by enthusiastic laypeople that lacked appropriate scientific information, qualification or training to conduct activities for the elderly. Very rarely did any seniors who participated in these programs have any medical supervision as the volunteers who conducted the activities offered the same exercises

for the elderly, young people and adults. It was also during this second phase that people who had good intentions and who completely subscribed to the 'movimento da esportivização' (an increase in the influence of sports institutions which offer and disseminate sport-related sense-patterns), which influenced Brazilian Physical Education, developed adaptations in sports so that the elderly could adhere to them. The Política Nacional do Idoso – Lei nº 8.8842/94 (National Policies for the Elderly – Law nº 8.8842/94), published in 1994, showed a very evident demographic change that had been taking place in Brazil: the elderly population had increased from 7,2 millions in 1980 to 10,7 millions in 1991. That was the beginning of the third phase: 'intervention in the elderly population supported by theoretical and scientific principles'. In spite of the new law, it is still possible to observe that some vestiges of the previous phase ('reckless enthusiasm') have prevailed as the Physical Education authority (Conselho Federal de Educação Física – Federal Council of Physical Education – CONFEF) has exercised very little law enforcement. Some initiatives to adapt sports to the needs and limitations of the elderly had very little theoretical support and used inappropriate methodologies that would

seem childish and clumsy at first because not so much information was available at the time. Most of the projects offered physical activities for both adults and the elderly together. As a result, in the beginning, there were accidents and even deaths among the elderly people in the activities offered, which indicated that scientific approaches and care in the teaching of the activities should be priority. It is now possible to see a change in paradigm that has been searching for more appropriate scientific principles for the work with the elderly in Brazil, especially through (1) initiatives of graduate programs that have developed new theories and research, (2) training courses, and (3) the spread of this knowledge through the publication of books and articles in journals (see chapter on Physical Activities for the Elderly II). This chapter displays summarized data of a survey, especially done for this Atlas, about interventions of the new ways to work with the elderly but with no estimates or projections due to lack of data base. The chapter on Physical Activities for the Elderly III shows more detailed information including data coming from the Ministry of Sport and Tourism, which has supported centers where 65,634 senior citizens were helped between 1998 and 2002.

Definições e origens Este capítulo refere-se aos modos de intervenção nas atividades físicas para idosos. 'Atividade física' neste texto é entendida como qualquer movimento humano estruturado (organizado), não-utilitário (no sentido ocupacional ou laboral do termo), ou terapêutico, produzido por músculos esqueléticos que resulta em um aumento substancial de dispêndio de energia, que se manifesta em jogos ativos, esportes, ginástica, dança e formas de lazer ativo, como cuidar do jardim, rastelar, passear o cachorro, caminhar, correr, pedalar, nadar etc. O conceito supõe os subdomínios: promoção da saúde, experiência social, experiência pedagógica, experiência estética, catarse, exercício de cidadania, competição e superação de limites (Faria Junior, d'Avila, 1999). O termo idoso (Brasil, Lei nº 8.8842/94) é ora preferido em lugar de eufemismos como melhor idade, feliz idade ou expressões hoje consideradas ultrapassadas, como terceira idade. Pesquisas sobre envelhecimento humano e educação sugerem que os idosos constituam categoria à parte, não sendo considerados como adultos, apenas com alguns anos a mais. A origem dos modos de intervenção em foco neste capítulo, são expostas como fatos de memória das condições brasileiras, os quais se seguem relacionados à uma periodização aqui proposta como propedêutica e demarcada da década de 1930 até 1969.

Período Propedêutico

Década de 1930 Em 1932, Oswaldo Diniz Magalhães “começou a ginástica pelo rádio em 16 de agosto de 1932” na Rádio Educadora Paulista. No Rio de Janeiro, a imprensa registrava “Copacabana, a praia encantada, terá mais um motivo de atração para seus freqüentadores, graças a um acordo firmado entre a Rádio Vidok do Brasil e a Sociedade Rádio Nacional serão transmitidas do serviço de salvamento da saúde pública as aulas de ginástica que a P. R. E. 8 irradia diariamente, com absoluto sucesso ... “ (A Noite, 09 mar. 1938. apud Carvalho, 1994). A 'Hora da Ginástica' era um programa radiofônico que transmitia aulas de ginástica visando a manutenção da saúde (Carvalho, 1994). Eram recomendados exames médicos periódicos e fornecidos mapas para acompanhamento das aulas. Com a instalação de alto-falantes na praia de Copacabana-RJ, “centenas de pessoas, de ambos os sexos, e da mais variada idade” puderam praticar “conscientiosamente os exercícios”, transmitidos pelo rádio (A Noite, 23 mar. 1938. apud Carvalho, 1994). As cartas dirigidas a Magalhães comprovam a presença de pessoas com mais de 60 anos entre os radioginastas. Quanto ao esporte para veteranos, em 1936, no Parque Trianon, em São Paulo, já se realizavam competições de atletismo (Gobbi, 1990).

Década de 1940 Em 1943 foi criada a Associação Atlética Veteranos de São Paulo. A Associação Cristã de Moços em várias sedes no Brasil, embora sem trabalho específico para idosos,

aceitava pessoas mais velhas em suas classes (Faria Junior, In: Mota, Carvalho, 1999).

Décadas de 1950 – 1960 Em São Paulo, destacou-se Antonio Boaventura da Silva, pioneiro ao ministrar aulas de ginástica para os catráticos da USP e para adultos e idosos, no Esporte Clube Sírio (Telles, 2003).

Padrão do Período Oferecimento de atividades para grupos específicos, como por exemplo, para crianças em escolas, clubes e colônias de férias. A Hora da Ginástica, por ser para todos, possibilitou a adesão de pessoas idosas.

O Entusiasmo Inconseqüente

Década de 1970 Em um país com 4.707 milhões pessoas com mais de 60 anos (1970) as idéias de Kenneth H. Cooper e as de Helmut Schultz – introdutor da Matroginástica (ginástica para mães e filhos) – , parecem ter contribuído para uma mudança paradigmática. Assim, em 1970, o Município de Itapira-SP assinalou essa mudança ao ampliar a oferta fora das escolas e clubes, atendendo toda a população em parques e áreas livres. Pessoas de várias idades se reuniam, ao ar livre para a prática de atividades físicas. Em Campinas (1975) o SESC oferecia aulas de ginástica (Salgado, 1999. p. 126) e Pedro Barros Silva desenvolvia programa de adaptações de diferentes esportes (voleibol, basquetebol) para pessoas de 40 a 90 anos, com predominância de mulheres (Mello, Cunha Junior, 2000). Em ambientes abertos, a Campanha Mexa-se (1975) da Rede Globo procurou mobilizar toda a população para a prática de atividades físicas. No mesmo ano, o I Plano Nacional de Educação Física e Desporto – PNED, que incluiu o esporte de massa entre as áreas prioritárias, possibilitou o lançamento da “Campanha Esporte para Todos” (1977/1979). No Paraná, em 1978, Rosemary Rauchbach já mantinha um grupo de ginástica para senhoras com mais de 50 anos.

Década de 1980 No período os maiores problemas eram a diversidade de objetivos, terminologia, corte etário, qualidade e segurança nas atividades. As atividades podiam ter “funções profilática e reparadora” [...] “para grupos específicos, dentre eles a Terceira Idade” (Sorocaba-SP, 1979/81). O corte etário variava e abrangia faixas muito amplas e desiguais. No Centro Olímpico da Universidade Federal do RS-UFRGS de Porto Alegre-RS (1983), o programa de natação, considerava “adultos [alunos de] 14 anos em diante”. Em Belo Horizonte-BH, o Projeto Movimento (1980) reunia os corredores até 30 anos; entre 30 e 39; entre 40 e 49 anos; entre 50 e 59 anos e acima de 60 anos. A Macroginástica – ginástica para grandes grupos (Domingo Alegre, Domingo Feliz, Manhã de Recreio e Dia Alegre) – reunia pessoas de diversas idades e condicionamento

físico, e sem nenhum controle médico, antecipou os atuais problemas de qualidade e segurança. Assim a Matroginástica de Canavieiras-BA (1979) reuniu 2000 pessoas “com idades entre 2 e 60 anos”; o Projeto Recreação e Lazer Orientado em Praças e Quadras de Esporte, (Florianópolis-SC,1980), 50 000 pessoas, entre 4 e 60 anos; a Caminhada de Mogi Mirim a Itapira-SP (1981), “210 pessoas, de 7 a 79 anos”; a Rua de Lazer-Gincana, em Chapecó-SC, que incluiu pessoas “com mais de 60 anos; a corrida de 8 km (Aracajú-SE, 1982), 680 corredores “jovens, crianças e idosos de até 68 anos de idade”; a Travessia da Lagoa de Araruama-RJ (1980), que “reuniu 900 nadadores, desde crianças até os mais velhos e experientes de 70” e o 1º Torneio Master, no Clube Regatas do Flamengo, reuniu 524 nadadores. A participação de idosos às vezes era destacada e premiada como nos passeios ciclísticos em Santa Maria-RS (1981) e em Aquidauana-MS. Há registros de organização de grupos de idosos por gênero, como na I Caminhada para Mulheres, de Itapira a Mogi Mirim (1981), ambos de SP, para “senhoras de 45 a 67 anos”. Entre 1982 e 1991, o SESC, em seus segmentos estaduais, organizava torneios de handebol, basquetebol, frescobol, peteca, voleibol e apresentações de dança e aulas abertas (biodança, capoeira, dança do ventre e afro, tai chi chuan, ginástica aeróbica, hidroginástica, macroginástica, esportes adaptados). Ainda nessa década começaram a ser oferecidas atividades exclusivas para idosos: Manhã de Lazer – 600 idosos (Palmeiras dos Índios-AL, 1980); a ginástica no Solar Colombino (Projeto Rondon/ESEFEGO, 1982) -; o 1º Evento de Esportes para Todos (Xapuri-AC, 1983) com “mais de 250 idosos acima de 60 anos”, jogando “dominó, baralho, dama e futebol e dança”; o projeto “Todos Podem Fazer”, da Secretaria de Educação e Cultura-PB, no Lar da Providência. Em 1984, foi criado no Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria-UFSM o “Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade-NIEATI que passou a reunir, sob a liderança do professor José Francisco Dias, o Juca, Grupos de Atividades Físicas para Idosos-GAFTI, tendo o Grisalhas da Primavera sido o primeiro. Além disto, ainda em 1986, o NIEATI inverteu a ordem que adotara, qual seja, ao invés de somente ir em direção à comunidade, como no caso do projeto GAFTI, e criou o Projeto Idoso, Natação e Saúde. Em 1989, procurando também reverter a forte tendência do entusiasmo inconseqüente foi criado por Alfredo Faria Junior o projeto “Idosos em Movimento – Mantendo a Autonomia” (Projeto IMMA), começando a funcionar no município do Rio de Janeiro. O Projeto IMMA além das atividades de intervenção introduziu atividades de pesquisa e capacitação de profissionais para o trabalho com idosos (Faria Junior, Ribeiro, 1995). Em âmbito legal, a Constituição Brasileira (Brasil Assembléia Nacional Constituinte, 1988) e a Constituição do Estado do Rio de Janeiro, por exemplo, não fazem qualquer referência a atividade física para idosos.

Década de 1990 (Antes da Política Nacional do Idoso)

1991 – 1993 Em 1991, a Assembléia Geral das Nações Unidas, em 16 de dezembro, elaborou a Resolução 46/91, contendo os “Princípios das Nações Unidas para o Idoso: acrescentando vida aos anos que foram acrescentados à vida”. A partir de então, os Governos têm sido motivados a incorporar, o quanto antes, estes princípios nos seus programas sociais, em âmbito nacional. São 18 aqueles princípios, contidos em cinco grupos, a saber: independência, participação, assistência, realização e dignidade. Neste período, no Brasil, já era bem evidente a transição demográfica, com o número de idosos tendo passado de 7215 milhões em 1980, para 10722 milhões em 1991. Em Santa Maria, com o crescente interesse da comunidade do município advindos do sucesso do primeiro grupo do NIEATI/UFMS, foram criados mais de 50 grupos no município, durante a década em apreciação. Neste período, o trabalho de qualidade que vinha sendo realizado pelo SESC continuou a ser desenvolvido. Mesmo municípios pequenos como Guaçuí, no Espírito Santo, mantinham projetos, como o Grupo Bem Viver que, desde 1992, atende a cerca de 150 idosos, com Jorge Luiz de Carvalho. Assim, em 1993, no seu Festival Nacional, adultos e idosos fizeram apresentações de dança (Bauru, Guaratinguetá, Piracicaba, Santo André, Santos e São Paulo, todos em SP; Fortaleza-CE; Rio de Janeiro-RJ); danças folclóricas (Belém-PA, Florianópolis-SC, Palmeira das Missões-RS) e performance (Catanduva-SP). Em Santa Maria-RS, em 1993, o NIEATI/UFMS implantou o projeto “Movimento e Vida – Atividades Físicas e Recreativas em Asilos”, iniciado em três grandes asilos para idosos do município, onde, além das atividades físicas eram oferecidas “Expressão Plástica na Terceira Idade” e “Fisioterapia no Asilo”.

Trabalho com idosos – em direção a uma fundamentação teórica e científica

Década de 1990 Em 1994 foi sancionada a Política Nacional do Idoso (Brasil. Lei nº 8.884/94) que assinalou um novo marco paradigmático ao “incentivar e criar programas de lazer, esporte e atividades físicas que proporcionem a melhoria da qualidade de vida do idoso e estimulem sua participação na comunidade” (ibid). Dois anos após, o Decreto nº 1.948, de 03/07/96, regulamentou a Política Nacional do Idoso” com a Lei nº 8.842, de 04/01/94, estabelecendo os princípios, diretrizes e ações para a gestão da Política Nacional do Idoso. Em 1997, foi tornado público o “Plano Integrado de Ação Governamental para o Desenvolvimento da Política Nacional do Idoso” (Brasil. MPAS, 1997) e, no ano seguinte o Ministério do Esporte e Turismo começou a apoiar a implantação de núcleos de atividades físicas para idosos. Com isto, 12 municípios brasileiros puderam atender 2 500 idosos. Em 1999, foi confirmado na Secretaria Nacional de Esporte o “Programa Vida Ativa na Terceira Idade” em observância ao disposto no então chamado “macro-objetivo 19”: “Assegurar os serviços de proteção social à população mais vulnerável à exclusão social”, das Orientações Estratégicas do Presidente Fernando Henrique Cardoso para o quadriênio 1999/2003, e ao Plano Estratégico de Desenvolvimento do Esporte, do Ministério do Esporte e Turismo que, em seus objetivos específicos, preconizava a democratização da prática esportiva, como instrumento de inclusão social e plena cidadania. O objetivo geral do Programa era: “implementar projetos que proporcionem, por meio da prática de atividades físicas, culturais, esportivas e de lazer, a melhoria da qualidade de vida do idoso a manutenção de sua autonomia e que estimulem sua participação na sociedade”. Como objetivos específicos o Programa buscava “Estimular a prática da atividade física regular como meio de promoção da saúde (conjunto de ações que provoquem mudanças no estilo de vida, objetivando prevenção de doenças, reeducação postural, e boa disposição física e psíquica), e para que seja incorporada como um hábito salutar”; “incrementar a prática do lazer por meio do estímulo às atividades lúdico-recreativas tecnicamente orientadas, como instrumento de descontração, de liberação, de interação e de criatividade”; “apoiar programas educativos objetivando a aquisição de hábitos saudáveis e que estimulem a autonomia física e psíquica do idoso”; “incentivar a realização de eventos de caráter esportivo ou recreativo, de forma a integrar o idoso na comunidade, aguçando-lhe o espírito de cooperação e de participação”; “fomentar ações que objetivem a integração do idoso às demais gerações, proporcionando-lhe, neste processo, o exercício da autoconfiança e da auto-estima” e; “capacitar recursos humanos para a atuação técnica adequada no desenvolvimento e sistematização de atividades físicas e recreativas direcionadas a esse segmento”. Dentre as ações previstas

encontrava-se o apoio “à realização de eventos desportivos e de lazer, voltadas para a terceira idade” ; “a implantação de núcleos para o exercício permanente da atividade física grupal, devidamente orientada, contribuindo para o bem-estar biopsicossocial do idoso, garantindo-lhe a melhoria da qualidade de vida ou seja viver com dignidade e exercendo a verdadeira cidadania”; “a manutenção dos núcleos implantados, a fim de que os idosos tenham incentivo à continuidade nas atividades físicas, e conseqüente autonomia e prevenção de doenças. Estes núcleos serão mantidos com o apoio da Secretaria Nacional Esportes-SNE por três anos, depois disto a Entidade Proponente terá que se comprometer a continuar o trabalho com recursos próprios” (Brasil. Ministério Dos Esportes, 2004). Com o apoio do Ministério do Esporte e Turismo foram atendidos 5.058 idosos, em 13 municípios de nove estados brasileiros. O Projeto IMMA, com este apoio manteve pólos de intervenção nos municípios de Araruama, Duque de Caxias, Niterói, Rio de Janeiro e São Gonçalo, todos no Estado do Rio de Janeiro.

1995 e 1996 No Estado do Paraná identificou-se o programa AÇÕES: promoção e apoio em atividades de esportes adaptados, atividades físicas relacionadas com a natureza e atividades lúdicas sociais; estimular os municípios a promover ações para a maior idade apoiando-os com os recursos básicos necessários (material esportivo/premiações/material de divulgação e apoio técnico quando solicitado). Eventos propostos pela Paraná Esporte: Maior Idade em Ação (Correndo/ Caminhando/ Pedalando/ Trucando); Mini Maratona (115 Municípios participantes); Caminhando com a Maior Idade (111 Municípios participantes); Festival de Truco (149 Municípios participantes); Passeio Ciclístico (151 Municípios participantes). Apoio em eventos e manifestações municipais vinculados ao esporte e lazer (Cachel, Koritaki, Kuster /n: Faria Junior, 1996).

2000 Com o apoio do Ministério do Esporte e Turismo foram atendidos 15.611 idosos, em 48 municípios de 11 Estados brasileiros. No Município do Rio de Janeiro, o Projeto IMMA em parceria com o Fundo Rio e a Prefeitura do Município do Rio de Janeiro (2000-2001) instalou pólos em cinco dos Centros Municipais de Assistência Social Integrada (CEMASI): CEMASI Carlos Drummond de Andrade (Caracol, Penha Circular); CEMASI Barracão da Mangureira (Praça 11); CEMASI Casa de Realengo (Realengo); CEMASI João Alberto Lopez (Comunidade da Formiga); CEMASI do Abrigo Cristo Redentor (Bonsucesso).

2001 Com o apoio do Ministério do Esporte e Turismo foram atendidos 18.915 idosos, em 43 municípios de 12 Estados brasileiros.

2002 No Pará, a Universidade Federal do Pará, oferece, no campus do Castanhal, oferece atividades físicas (vivências de expressão corporal, danças – de salão e regionais, atividades lúdicas) para “pessoas que estão na faixa etária entre 55 e 85 anos ... (Nogueira, 2002)”. Em São Luís (MA), Alisson Costa e Cristhine Pereira (2002) constataram a existência de 16 grupos que trabalhavam com idosos na cidade, dos quais apenas 6 ofereciam atividades físicas. Os grupos que ofereciam atividades físicas para idosos estavam, em grande maioria, localizado em bairros de classe média-baixa, eram públicas e já existiam há mais de um ano. Os alunos, geralmente, pagavam “alguma taxa para ajudar na manutenção do local” (idem). Dos professores que ministravam aulas, apenas 60% possuíam formação universitária e trabalhavam há mais de cinco anos com idosos. Destaca-se ainda a experiência em São Luís da oferta da Capoeira no contexto da atividade física para idosos. A experiência realizou-se com um grupo do Centro de Convivência de Idosos do Anil e declarações do tipo “eu não posso fazer isto”, transformaram-se em “momentos de festa nas rodas de capoeira” (Santos Filho, 2002). Em Recife, a Secretaria Municipal de Esporte e Turismo, em parceria com a UFPe e ESEF/UPE, implantou o Programa Academia da Cidade, nas praças da Jaqueira e do Jardim de São Paulo, na avenida da Boa Viagem e no Sítio da Trindade, com o objetivo de fomentar a prática de exercícios físicos por faixa etária e para pessoas portadoras de necessidades especiais (Nascimento et alii). Em Alagoas, Em Maceió, Alagoas, idosos praticam atividades físicas em clubes e associações de idosos (Geraldês, Dantas, 2002). A natação master também se destaca nesta cidade (Santiago, Maurício, 2002). Em Brasília desponta um programa multidisciplinar intitulado “Envelhecer com Saúde” ... que tinha como objetivo “ofertar à comunidade, a oportunidade de cuidar de sua saúde bio-psico-social”. No campo das atividades físicas são oferecidas “ginástica e alongamento, musculação, dança de salão, ioga, tai-

chi-chuan, natação e hidroginástica” (Safons, 2002). Em Minas Gerais, detectou-se em Viçosa (MG) um grupo de mulheres idosas, praticantes de atividades físicas pelo menos três vezes por semana (Pereira, Chaves, Ferreira, 2002), em Viçosa, o Projeto “Clube da Terceira Idade”, da Prefeitura Municipal de Viçosa, em parceria com a UFV (Amorim alii 2002) e Programa “Atenção à Terceira Idade” criado pela Secretaria de Ação Social da Prefeitura Municipal de Viçosa, em convênio com o Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa; um “clube de 3º Idade”, em Caratinga (Martins Junior, Beresford, 2002), o Projeto AFRID, na Universidade Federal de Uberlândia (Costa, Santos, Costa, 2002; Costa, 2003) e o Instituto Mauro e Alcides Ferreira (IMMAF), em Barbacena (Abreu et alii 2002). No Estado do Rio de Janeiro, em Campos dos Goytacazes, foi detectado um grupo de idosos praticantes de atividades físicas (Cordeiro et alii 2002), em Nilópolis um grupo de mulheres idosas (Coutinho, 2002) e em Volta Redonda um Projeto da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer e uma UNATI. No Estado de São Paulo, em Campinas, a UNICAMP desenvolvia o projeto Aprender a Nadar, com grupos formados por no máximo 30 pessoas, a maioria com idade superior a 65 anos, mas a participação não é restrita apenas a idosos... (Clemente, et alii 2002). Em Rio Claro-SP a Universidade Estadual Paulista (UNESP) mantinha o programa de extensão “Atividade Física para a Terceira Idade” – PROFIT (Miyasike-da-Silva alii 2002), em São Caetano do Sul destacava-se o Centro de Terceira Idade Dr. Moacyr Rodrigues (Criciani et alii 2002) e na Capital o Projeto Sênior da Universidade São Judas Tadeu (Souza, Velardi, 2002). No Rio Grande do Sul, em Canoas, identificaram-se ofertas de atividades físicas para idosos em centros de convivência, (Truccolo et alii 2002) e em Porto Alegre o Grupo Hidrocem, na academia Mergulhão (Lobo, 2004) e o “Programa de Bem com a Vida” que tem “como objetivo geral desenvolver um trabalho com adultos e terceira idade na área da atividade física” (Rodrigues, 2002) O Projeto, em 2002, atendia 6105 em 8 regiões da cidade e em 111 grupos diferentes” (idem). No Paraná, em Londrina, a Universidade Estadual de Londrina mantém uma UNATI que “desenvolve atividades físicas adequadas à população idosa, buscando manter o máximo possível a autonomia e independências nas atividades da vida diária (Utiyama et alii 2002). Em Curitiba, a Universidade Federal do Paraná desenvolve o Projeto de Extensão Sem Fronteiras, que “desenvolve práticas corporais e esportivas ... para pessoas numa faixa etária superior a 50 anos” (Bardini, Silveira, Vendruscolo, 2002) e a Secretaria Municipal de Esporte e Lazer criou “uma rede de atenção à população idosa de Curitiba. O Programa Idoso em Movimento é desenvolvido em 8 regionais, nos Centros de Esporte e Lazer e/ou equipamentos disponíveis na comunidade, atendendo aproximadamente 58 grupos” (Rauchbach, 2002). Detectou-se ainda referência ao Programa Maior Idade em Ação. As atividades do programa têm como objetivo maior a disseminação da importância da participação em programas de lazer, esporte e atividades físicas, contribuindo com a vivência na sociedade e, conseqüentemente, proporcionando uma melhoria na qualidade de vida.

2003 Com o apoio do Ministério do Esporte e Turismo foram atendidos 23.550 idosos, em 52 municípios de 12 Estados brasileiros. Decididamente o Programa ‘Vida Ativa para a Terceira Idade’, do Ministério do Esporte e Turismo, foi fundamental para manter muitas das atividades físicas para idosos que vinham sendo oferecidas em todo o país. No âmbito legal, foi sancionada a Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, que “Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências” (Brasil. Congresso Nacional, 2003). Quando se refere ao esporte e ao lazer dos idosos, o Estatuto do Idoso pormenoriza menos do que o fez a Política Nacional do Idoso (Brasil. Lei nº 8.884/94), sancionada pelo presidente Itamar Franco. Na política, são previstas Ações Governamentais para “prevenir, proteger e recuperar a saúde do idoso, mediante programa e medidas profiláticas”, tais como “programas de lazer e atividades físicas” que contribuam para melhoria da qualidade de vida do idoso e estimulem sua participação na comunidade. No Estatuto desaparece a expressão ‘atividade física’ e aparece o termo ‘esporte’, polissêmico, como se leu no início desta Seção. Há apenas, no Capítulo V – Da Educação, Cultura, Esporte e Lazer um artigo (Art. 20) determina que “o idoso tem direito à educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de saúde”. Na esfera federal, no Ministério dos Esportes, a Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer, desenvolveu o Programa Esporte e Lazer da Cidade que apóia projetos propostos para toda população, com

destaque ou não para as pessoas idosas. Os Programas de atividades físicas para idosos aparecem detalhados no capítulo Atividade Física para Idosos III.

Situação atual Hoje, todas as capitais de Estados brasileiros têm ofertas de atividades físicas organizadas por secretarias estaduais e/ou municipais, universidades e/ou IES, públicas e privadas, academias, clubes e ONGs. Por sua vez, o Ministério do Esporte e Turismo apoiou vários núcleos onde foram atendidos 65.634 idosos, entre 1998 e 2002 (detalhamento no capítulo Idosos III). Por trabalhos apresentados em congressos, seminários e eventos afins, por exemplo, fica-se sabendo da existência de Projetos como 'Vida Ativa para a 3ª Idade', da Secretaria Executiva de Esporte e Lazer, do Governo do Estado do Pará, coordenado por Walquíria Cristina Batista Alves. Em Manaus, a Universidade Federal do Amazonas mantém o Projeto Idoso Feliz Participa Sempre, coordenado por Rita Maria dos Santos Puga Barbosa. No Estado de Pernambuco, a Diretoria de Esportes, com Ednilton Vasconcelos, da Secretaria de Turismo e Esporte, com Fernando Jordão, mantinha atividades físicas para idosos (2002). Mas, atividades físicas para idosos também são oferecidas por prefeituras de municípios do interior dos diversos Estados da Federação, como: em Brejinho, no Rio Grande do Norte; o Grupo da Melhor Idade, na cidade de Cabaceiras (Paraíba) ou o 'Projeto Bem Viver', no quadro do Programa Municipal de Atenção ao Idoso, mantido pela Prefeitura de Guaçuí (Espírito Santo), coordenado por Jorge Luiz de Carvalho e que atende 150 idosos. Universidades também contribuem com a oferta de projetos de intervenção com idosos, como: a Universidade de Brasília, com Marisete Peralta Safons; Universidade Estadual de SP, de Rio Claro, com Liliam e Sebastião Gobbi; a PUC de Campinas, com Jeanete Liasch Martins de Sá; a Universidade Federal de Santa Maria, com José Dias (Juca); a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, mantém o Projeto IMMA, em parceria com a UnATI, atualmente coordenado pelo Dr. Paulo Farinatti. Apesar deste quadro promissor, foram poucas as respostas à enquête que o autor e colaboradores deste capítulo procederam antes de sua elaboração no período 2003-2004. Assim sendo, os resultados permitem apenas traçar um esboço inicial de mapa de projetos de atividades físicas com idosos: No Rio Grande do Sul, destacam-se os Municípios do Vale do Taquari: dos 40 municípios, 19 oferecem, em Grupos de Convivência: atividades físicas (7), dança (12), danças alemãs (1) e ginástica (1), jardinagem (1); de lazer – arte (1), artesanato e trabalhos manuais (2), brincadeiras (3), corais (3), jogos de salão (5) teatro (2) para 5189 idosos. Porto Alegre-RS: a Secretaria de Esportes, Recreação e Lazer mantém, em 2002, 44 pólos de intervenção distribuídos pelos bairros da cidade, oferecendo atividades sistemáticas para adultos e 3ª idade, como: alongamento (7), biodança (1), bocha (3), caminhada (11), dança (4), esportes (2), expressão corporal (1), ginástica (32), ginástica chinesa (1), jogos adaptados (1), musculação (1), tênis (1), voleibol adaptado (2) e ioga (3). Em São João do Polêsine atividades físicas são oferecidas no grupo de convivência denominado: "Longa Vida" (Filietto, Dias, Andrade, 2000). Em Santa Maria-RS: o NIEATI/GAFTI/UFMS oferece vários projetos, tais como "Karatê na Terceira Idade", com o objetivo de, através da mentalização dos Katas, fazer com que o idoso fortaleça e mesmo recupere a memória recente; "A Terceira Idade da Dança" criado para desenvolver todas as manifestações possíveis da dança; "Caminhando e Cantando" que inclui caminhadas com orientação, alongamento, controle de pressão arterial e diabetes; "Yoga na Terceira Idade"; "Lian Gong em Dezoito Terapias", uma série de exercícios terapêuticos tirados do tai-chi-chuan; "Avós, Pais, Professores e Funcionários Unidos pela Saúde", um programa de ginástica dentro das escolas, com o objetivo maior de trazer para dentro do contexto escolar os avós e a família numa interação de cunho intergeracional com uma visão de educação gerontológica. O NIEATI desenvolve também, junto ao Colégio Metodista Centenário o projeto "Centenário uma Escola para Adultos", para pessoas de 45 anos em diante, com um currículo desenvolvido pela escola que vai de Filosofia e Línguas Estrangeiras a Computação, mantendo um trabalho muito rico de integração intergeracional, desenvolvendo também atividades de yoga e canto coral. Em Santa Maria e região, os profissionais do NIEATI/UFMS liderados por José Dias (Juca) estimam que mais de 4800 idosos deverão ser atendidos no primeiro semestre de 2004, com o reforço de mais 21 grupos de idosos rurais do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Santa Maria. Outra experiência a destacar é ACAMPAVIDA, um acampamento de idosos oriundos das diversas regiões do estado

do Rio Grande do Sul, que acontece sempre na segunda quinzena de novembro. O ACAMPAVIDA, em 2003, atingiu sua quarta edição, de cunho nacional e do Mercosul, e foi realizado nas dependências do Centro de Eventos da UFSM. O evento promove, juntamente com estudantes de todos os centros de ensino da universidade e seus professores, mais de 30 oficinas para idosos e, algumas delas coordenadas por idosos da comunidade que participam, como representantes de vários grupos na elaboração de todo o evento. O IV ACAMPAVIDA teve como expectativa reunir cerca de 3000 idosos oriundos de várias regiões brasileiras e ainda da Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile. Participaram do 4º ACAMPAVIDA idosos e adultos vindo dos municípios de: Arroio Grande, Dilermando de Aguiar, Dona Francisca, Estância Velha, Faxinal do Soturno, Júlio de Castilhos, Lavras do Sul, Porto Alegre, Rio Grande, Rosário do Sul, São João do Polêsine, Santa Catarina, Santa Maria, Santiago, São Pedro do Sul e Três Mártires (Teixeira, Pereira, Acosta, 2003). Outros eventos desenvolvidos pelo NIEATI são os Jogos de Integração de Idosos, que acontecem nos meses de outubro. Em 2003, foram realizados os IV Jogos, integrando idosos do município e da região de abrangência direta do NIEATI/UFMS, ou seja, 14 municípios. Estes jogos são realizados em dois dias e basicamente atendem a uma clientela em torno de 800 idosos. Há ainda o GIO CARE, jogos dedicados à 4ª Região de Colonização Italiana, ligados estritamente à questão cultural, com jogos típicos tais como joga da mora, bocha, etc. Acontece em um dia, de maneira rotativa, isto é, cada ano ocorre em uma cidade sorteada durante os jogos. O NIEATI/UFMS promove o evento Mostra de Danças na Terceira Idade, que ocorre todos os anos com a participação de grupos de danças de várias manifestações culturais em Santa Maria, durante um dia inteiro e a participação é aberta a grupos de todo o estado do Rio Grande do Sul. Em Pelotas, A Universidade Federal desenvolve o Projeto de Extensão "Atividades Físicas para a Terceira Idade" (Silva, Madrid, Gonçalves, 2003). Em Florianópolis, Santa Catarina, a Universidade Federal oferece "Ginástica para a Terceira Idade" (Moraes, Lopes, 2000). Em outros Estados, como São Paulo, encontram-se os grupos de idosos que fazem atividades físicas: no Parque Duque da Caxias no Município de Santo André, e caminhadas e atividades de alongamento e relaxamento, no município de São Carlos. Observou-se, também, que muitas vezes a oferta é feita em vários municípios, por uma mesma instituição, como é o caso do SESC.

Outros destaques – ainda se acompanhando os resultados do levantamento – podem se feitos pelo detalhamento da situação de cinco cidades que são atípicas por fatores de ordem demográfica, em relação ao envelhecimento populacional:

São Paulo-SP Nesta cidade de maior concentração de idosos em relação à população do país, há programas não exclusivos para idosos, como o Agita São Paulo que, desde 1996 "vem realizando atividades específicas com a terceira idade" (Matsudo, 2002), e os programas do SESC na Consolação, Carmo, Ipiranga, Pompéia, Vila Mariana com alongamento, caminhada (2), dança (2), esportes adaptados, ginástica voluntária (2), hidroginástica (1), jogos de salão, natação (2), reeducação postural (1), tai chi chuan (1), ioga (2). A Prefeitura tem 17 Centros Esportivos com: ginástica (17), voleibol (13), caminhada (7), hidroginástica (6), natação (6), alongamento (2), condicionamento físico (2), dança (2), expressão corporal (1), jazz (1) e musculação (1); há 17 Universidades e/ou Instituições de Ensino Superior-IES abertas aos idosos. Na USP destaca-se o Programa Autonomia para a Atividade Física-PAAF, criado em 1994 como "uma proposta educacional para o autocuidado" (Andreotti, Ulasowicz, Okuma, 2002) e no Instituto Adventista São Paulo-IASP foi criado o GRUPO FELIZ IDADE, que atende "mais de 80 idosos, a maioria mulheres" (Mariano et alii 2002). Projeto Vida Ativa (associação entre o Núcleo de Estudo e Pesquisa sobre Educação Física para Idosos, do Departamento de Pedagogia do Movimento Humano da Escola de Educação Física da USP, o Serviço de Geriatria, do Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da USP e o Centro de Prática Esportiva da USP) (Okuma *et alii in*: Faria Junior, 1996). Destaca-se o Programa Autonomia para a Atividade Física-PAAF que é um programa educacional que tem, na sua essência, a meta de formar nos idosos participantes, durante 12 meses, comportamentos que determinem autonomia para a prática de atividade física a partir de conhecimentos teóricos e práticos sobre esta temática (Okuma, Velardi, Miranda *in*: IV Seminário Internacional sobre Atividades Físicas para a Terceira Idade).

Rio de Janeiro-RJ Neste respeito a este centro urbano que possui a maior proporção de idosos em uma população total de um município – 12% e com bairro com maior número de idosos do Brasil – Copacabana –, um dos respondentes declarou que "O verão de 2000 ficou marcado como o verão da malhação. A Prefeitura carioca investiu em aulas gratuitas de ginástica, lambaeróbica, tai-chi-chuan ... Em 2001 as verbas rarearam e a estação mais quente do ano passou em branco". Entretanto, a partir de maio, a Prefeitura lançou o "Projeto Feliz Idade, destinado à terceira idade" oferecendo "além de bailes ao ar livre, aulas de ginástica e alongamento" (Pessoa, 2001). As aulas de ginástica tinham lugar nas praias de Copacabana (Lido), Ipanema, Botafogo, Urca e Flamengo; na Ilha do Governador e nas praças Xavier de Brito (Tijuca), Rio Grande do Norte (Engenho de Dentro), Patriarca (Madureira), Barão de Drummond (Vila Isabel). Atualmente a Prefeitura mantém como atividades: alongamento (1), caminhada (2), dança (1), ginástica (3), hidroginástica (2), musculação (1), recreação (1) e tai-chi-chuan (1), nos projetos Bom Dia Maré, Tai-Chi-Chuan nas Praças; Feliz Idade; e Vida Ativa; e os Projetos Vida, com dança sênior (4), tai chi chuan (1) corpo e movimento (1) em Vila Isabel e Flamengo; o Clube da Saúde (caminhada), os grupos do Posto 6 (caminhada e natação); o Núcleo Práticas Naturais em Saúde (FIOCRUZ), o Projeto Dançar s/ Idade (Dança Sallo Tchê). Também a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social mantém o Projeto Rio Experiente, com 53 grupos de convivência, espaços onde os idosos fazem "ginástica, dança e artesanato, duas ou três vezes por semana" (Maria, 2003). Dentre os projetos da Prefeitura do RJ destaca-se o Projeto Tai Chi Chuan nas Praças em bairros do Município, a saber: Méier (Praça Amambai), Jacarepaguá (Praça Seca), Santa Cruz (Praça Marquês de Herval), Campo Grande (Praça Dom Pedrito), Penha (Parque Ari Barroso), Tijuca (Praça Afonso Pena), Laranjeiras (Praça São Salvador), Copacabana (Praça do Lido), Guadalupe (Praça Marzagão), Irajá (Praça José dos Santos) e Glória (Largo da Glória). O Projeto aceita "homens e mulheres de qualquer idade, preferencialmente os idosos" (Rodrigues, 2004). Em Quintino, no Projeto da Melhor Idade, constatou-se a existência de um grupo de idosos, entre 60 e 69, praticando atividade física (Amorim et alii 2002). Na Universidade Aberta da Terceira Idade, da UERJ, a oferta abrange dança de salão, biodança e ginástica, esta última orientada por professores e estagiários do Projeto Idosos em Movimento – Mantendo a Autonomia (Projeto IMMA). A Secretaria Municipal de Saúde mantém o Programa de Terapias Alternativas que oferece, em mais de 70 postos, shiatsu, massoterapia, ioga e pa tuan ching (técnica oriental que engloba exercícios que imitam movimentos de animais). Para aderir ao Programa é necessário, por exemplo, estar vinculado a programas municipais de acompanhamento da saúde dos idosos. Fora da esfera pública destacam-se: o Grupo Ilona Peuker, o único grupo brasileiro máster na ginástica rítmica. Este Grupo havia dançado junto de 1955 a 1975, tendo se desfeito quando Peuker encerrou sua carreira técnica. Após o falecimento de Peuker, em 1995, o grupo voltou a reunir-se para homenageá-la com uma apresentação, na Suécia, em 1998. Em 2003, o Grupo se apresentou em julho, em Lisboa, na Gymnaestrada e, em setembro, abriu o Campeonato Estadual de Ginástica Rítmica. No âmbito da iniciativa privada, as ofertas de algumas Instituições de Ensino Superior em seus *campi* são: Instituto Sênior – saúde, trabalho, cultura e lazer, da Universidade Estácio de Sá – ioga (Rebouças); meditação, ioga, oficina de dança (Ipanema); ioga (Dorival Cayme); oficina de dança, ioga (Nova América); ioga (ilha do Governador); Instituto de Gerontologia, da Universidade Cândido Mendes – alongamento, ioga e xadrez; Univercidade (*sic*) – alongamento com reeducação postural, dança de salão loga, reike (Ipanema); Universidade Aberta da Terceira Idade da Universidade Gama Filho – alongamento e dança sênior, grupo de biodanza (*sic*) e como opcionais hidroginástica e ioga (Craveiro, 2003); Universidade Veiga de Almeida – oficina corpo e movimento, tai chi chuan, hidroginástica, dança sênior e ioga e "atividades físicas, na Universidade Castelo Branco (UCB) em parceria com a Secretaria Municipal de Esportes, no Projeto Felicidade (*sic*)" (Furtado, Beltrão, 2002). Como iniciativa espontânea deve-se mencionar o 'jogo de damas', praticado por idosos em várias praças da cidade. A mais famosa é a Praça Serzedelo Corrêa, "uma verdadeira concentração de craques da dama". A Federação de Damas do Rio organiza regularmente torneios dos quais muitos idosos participam (Chevrard, 2002). Finalmente, até mesmo escolas de samba oferecem programas de atividades físicas (aulas de ginástica e técnicas de caminhada) para grupos de idosos (o primeiro, constituído por pessoas normais

e sadias; o segundo, formado por pessoas obesas e com problemas vascular e cerebral), como é o caso do Grêmio Recreativo Escola de Samba Tradição, sob a orientação de Airton Leite da Silva, voluntário (Silva *l/r*: IV Seminário Internacional sobre Atividades Física para a Terceira Idade).

João Pessoa-PB Município com maior concentração de idosos do país, em relação à população, mas que tem uma das menores expectativas de vida, com média de 58 anos, teve em seu levantamento a informação de que “A criação de grupos organizados de idosos na Paraíba, especificamente em João Pessoa teve origem em 1986...” (Sena, 2001). Atualmente existem 25 grupos de idosos que, em sua maioria pratica dança de salão e participa de festas e excursões. Outros grupos incluem a ginástica em suas programações, “dando ênfase às localizadas, alongamento e conscientização corporal” (idem). Outros poucos, incluem “caminhadas e natação” (idem). A Prefeitura Municipal de João Pessoa, através da Secretaria do Trabalho, Ação e Promoção Social (SETRAPS), mantém o Programa ‘É Pra Viver’ e Centros de Cidadania, onde em alguns, os idosos podem encontrar “aulas de ginástica, recreação e dança” (Guedes, In: Guedes, 2001). Assim, por exemplo, o Centro Comunitário de Mangabeira oferece ginástica, dança, atletismo e voleibol (Tavares, Guedes, 2001). O Grupo de Danças de idosos do Centro de Convivência Arco-Íris de Mangabeira é coordenado por Rosilene Lucena Guedes. Outro grupo de dança na cidade é o ‘Grupo de Danças Sênior Renascer’. Também se observam na cidade atividades espontâneas, destacando-se a “prática da caminhada em praças, campos e ruas na zona sul de João Pessoa” (Jurema, Pereira, Aração, 2001) e especificamente em Tambaú (Moita, Silva, 2001). O Núcleo Integrado de Estudos e Pesquisa da Terceira Idade e o Departamento de Educação Física da Universidade Federal da Paraíba, introduziram a Biodanza no Abrigo Vila Vicentina Júlia Freire (Costa, Trindade, 2001)) no programa “Atividade Física: Contribuição para Saúde Biopsicossocial e Espiritual”.

Niterói-RJ Cidade com maior índice de envelhecimento do país – 30,9 e com o 3º IDH do Brasil, em que o poder público mantém programas para idosos e para adultos e idosos. A Universidade Federal Fluminense-UFF, por exemplo, mantém um ‘Espaço Avançado’ que inclui os Projetos Prev-Quedas, Dança Sênior e Viva Bem a Idade que Você Tem (ginástica) e no HUAP, o Projeto Mequinho. Em ambientes abertos, em projetos não exclusivos para idosos, a Secretaria de Esportes da Prefeitura de Niterói oferece aos praticantes da caminhada, orientação de professores de Educação Física e enfermeiros, duas vezes por semana, das 7h às 9h. As turmas variavam de 50 a 60 pessoas que participam das sessões, realizadas no Campo de São Bento, em Icaraí, no Parque Palmir Silva (Monteiro Lobato), no Barreto, e no Jardim Botânico de Niterói, no Fonseca. A Prefeitura integrou o Projeto GUGU que “aceita participantes de qualquer faixa etária”, em 27 núcleos

distribuídos pela cidade, sendo 24 de ginástica, 1 de dança de salão, 1 de teatro e 1 de coral, e o Projeto de Consciência Corporal, para pessoas com mais de 55 anos, visando “a reeducação da postura, do movimento e a prevenção”. O IBASM oferece também atividades para idosos associados. Na comemoração dos 430 anos de Niterói, no Jardim Botânico, foi realizado o Festival da Feliz Idade quando foram feitas apresentações de ginástica e de dança de salão. A Prefeitura mantém o Programa ‘Viva Idoso’ que, em 2002, realizou no Estádio Caio Martins o 1º Encontro Municipal pela Valorização da Pessoa Idosa. Durante esse Encontro foi realizada uma Oficina denominada Mais Vida na Vida, sobre multi-técnicas corporais. Em 2003 a Prefeitura realizou o 2º Encontro Municipal pela Valorização da Pessoa Idosa com encontros desportivos de veteranos do basquete, futebol de veteranos, vôlei das veteranas com bolão, natação das veteranas. No âmbito da iniciativa privada, na Região Oceânica funciona Kairós – Instituto de Aprimoramento Pessoal que, entre outras atividades, oferece ginástica. Na praia de Icaraí, a Academia Hage reúne cerca de 40 pessoas, de 30 a 80 anos, predominantemente do sexo feminino; o Grupo de Ginástica de Praia, da profª Eliane Gomes da Silva Borges é constituído por cerca de 60 adultos, predominantemente do sexo feminino; o Grupo de adeptos da Unibiótica reúne cerca de 40 pessoas, de ambos os sexos, com idades entre 50 a 84 anos. Na Zona norte da cidade, tem-se o Projeto Vereador ZAF que oferece aulas de ginástica na Associação dos Moradores da Rua Benjamin Constant, no Barreto. Uma pesquisa efetuada em 22 academias de Niterói que anunciavam seus serviços nas ‘Páginas Amarelas’ (2002) revelou que dessas academias estudadas, 13,6% não aceitavam idosos, 77,4% aceitavam idosos em turmas de adultos e apenas 9% tinham turmas exclusivas para idosos em hidroginástica (42% destas), alongamento, dança de salão e dança sênior, ginástica e musculação (Faria Junior, Nascimento, 2002). O SESC de Niterói, em comemoração ao Dia Nacional do Idoso, organizou jogos cooperativos, em 26 de setembro. Em âmbito das organizações não-governamentais, o Instituto de Educação Gerontológica IMMA, presidido pelo Dr. Alfredo Faria Junior, oferece turmas exclusivamente para idosos de atividades físicas (ginástica e dança expressiva e dança de salão), e atividades educativas (alfabetização, leitura e escrita; inglês; italiano; roda de leitura e educação para a saúde) e de lazer (artesanato, cartanagem, confecção de cartões, turismo social ativo e xadrez). Com o novo desafio de enfrentar o aumento do número de idosos portadores de necessidades especiais esse Instituto, em parceria com a Associação Fluminense de Amparo aos Cegos-AFAC, oferece ginástica para idosos cegos e portadores de deficiência visual, ou não. Em Niterói há duas associações criadas voltadas para o lazer das pessoas idosas: o Clube Ideal da Terceira Idade e o Clube da Maturidade. A prática do esporte master também é destaque em Niterói. Assim, há 24 anos, na praia de Icaraí, tem-se a Rede da 3ª Idade, de voleibol na praia que, sob a liderança de Armando Assis Barbosa, reúne cerca de 50 adeptos, idosos e adultos

mais jovens, predominantemente do sexo masculino (Cardozo, Silva, 2004). O voleibol feminino master treina semanalmente no ginásio da AABB (ver capítulo sobre a Federação das AABB neste Atlas). Quanto à natação, os nadadores do Clube de Regatas Icaraí fazem parte da Associação Brasileira de Natação Master. Em 2003 o Campeonato Brasileiro de Natação Master foi realizado em Niterói. A colônia japonesa da cidade pratica o Gateball (Alves Junior, 1992). Para estudar e apontar sugestões para o esporte master o Instituto de Educação Gerontológica IMMA vem realizando encontros (acadêmico/científicos) sobre a temática.

Veranópolis-RS Neste município com maior expectativa de vida – 72 anos, homens e 83 anos, mulheres – do RS, existem grupos distribuídos pelos distritos. O grupo do Centro oferece, para 250 idosos, atividades físicas, danças folclóricas e hidroginástica; educativas – alfabetização e computação e de lazer – coral.

Fontes Boletim Informativo. Unimotrisaude em Sociogerontologia. Manaus, 1995; Bramante, Antonio Carlos, Costa, Lamartine Pereira. Esporte não formal. Propostas de Programas para os Municípios. Brasília: SEED, 1989; Brasil Assembléia Nacional Constituinte, Constituição Brasileira, 1988; Brasil. Congresso Nacional. Lei nº 8.842, de 04/01/94, que estabelece os princípios, diretrizes e ações para a gestão da Política Nacional do Idoso. Caderno Adulto, Santa Maria. N^{os} 3, 5, 6 e 7; Carvalho, Sérgio. Hora da Ginástica. Resgate da obra do Professor Oswaldo Diniz Magalhães. Santa Maria: 1994; Comunidade Esportiva, Noticiário e Informações Técnicas, Rio de Janeiro. . Todos os n^{os} de 1980 – 1985; Congressos de Educação Física e Ciências do Desporto de Países de Língua Portuguesa – Anais; Cooper, Kenneth H. Aptidão física em qualquer idade. Exercícios Aeróbicos. Rio de Janeiro: Fórum, 1970; Costa, Lamartine P. (Org.). Teoria e prática do esporte comunitário e de massa. Rio de Janeiro: Palestra, 1981; Costa, Lamartine Pereira, Takahashi, George Maseo. Fundamentos do esporte para todos – 1983. Brasília: SEED, 1983; Faria Junior, Alfredo. Idosos em Movimento – Mantendo a Autonomia: um projecto para promover a saúde e a qualidade de vida através de actividades físicas. In: Mota, Jorge, Carvalho, Joana. A qualidade de vida nos idosos. O Papel da Actividade Física. Porto: UFCDEF/UP, 1999; Faria Junior, Alfredo, Ribeiro, Maria das Graças C. Idosos em Movimento – Mantendo a Autonomia. Evolução e referencial teórico. Rio de Janeiro: UERJ, 1995; Guedes, Onacir Carneiro. IV Seminário Internacional sobre Atividades Físicas para a Terceira Idade. 2001, João Pessoa. João Pessoa: UNIPÊ, 2001; Guia Brasileiro da 3ª Idade. São Paulo: CNI/ Ed. Guia 3ª Idade, 2001; Mazo, Giovana Zarpelon. Universidade e Terceira Idade: percorrendo novos caminhos. Santa Maria: UFSM, 1998; Rauchbach, Rosemary. A Atividade Física para a 3ª Idade. 1 ed. Curitiba: Lovise, 1990; Seminários Internacionais Sobre Atividades Físicas Para A Terceira Idade -Anais.

Localização de ações e programas avançados para idosos, 2003

Location of advanced actions and programs for the elderly, 2003



Esporte e Inclusão Social – Atividades físicas para idosos II

Produção e disseminação do conhecimento, e formação de recursos humanos.

ALFREDO FARIA JUNIOR E RAFAEL G.

Colaboradores: Ivone Cogo, Cristina da Cruz de Oliveira, Silvio Telles, Regina Celi Lema Santos, Paulo Farinatti, Plínio Decaro, Marieni Bello Corrêa, Alessandra Brod, Edmundo de Drumond Alves Junior e Ivanete Oliveira Botelho

Physical activities for the elderly II – Production of knowledge and human resources development

As it was pointed out in the chapter 'Physical Activities for the Elderly', the paradigmatic change in terms of intervention activities was influenced by the ideas of Kenneth H. Cooper (1970). Cooper's book displayed 'additional tables' for people who are 50 and older for walking, basketball, cycling, running/jogging, running/jogging in place, handball and swimming (ibid). The introduction to Matrogymnastics by Helmut Schultz in 1975 also contributed for that change as it encouraged the participation of the family in physical activities. Later, the ideas of Kurt Meinnel (1984), to whom 'aging is the phase in which motor abilities decrease' (p. 378), influenced the theoretical bases and gave the name to the project developed by Rita Puga Barbosa at the Universidade do Amazonas (Amazonas Federal University). The production of knowledge in the area of physical activity and aging in Brazil has been happening especially in graduate programs in three areas: education, physical education and gerontology. The training of human resources started to develop in the 1980s not only through courses and lectures delivered in meetings, seminars, conferences and events related to the area but

also through the introduction of the theme in a few disciplines of undergraduate programs in physical education of some universities. As the Ministry of Sports and Tourism in 1997 began to encourage the training of personnel to work with the elderly, professionals were trained in all states: 413 in 1997, 498 in 1998, 607 in 1999, 400 in 2001 and 890 in 2002. Although periodicals have been crucial for professionals in terms of research and knowledge, there are no specialized periodicals in physical activities for the elderly in Brazil. For this reason, the periodical that gets the closest to a specialized publication in the theme is 'Caderno Adulto', published by the Núcleo Integrado de Apoio à Terceira Idade (Integrated Center of Support to the Elderly), located at the Universidade Federal de Santa Maria (1997). As an alternative, the following journals have chosen to publish special issues on the subject: 'Terceira Idade' (Ano I, n. 10, jul. 1995), 'Motus Corporis' (v. 4, n. 2, nov. 1997), 'Revista do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte' (v. 23, n. 3, maio 2002), 'Fitness & Performance' (maio/jun. 2002) and 'Cinergis' (v. 3, n. 1, 2002), which inserted four articles on aging under the theme "Desenvolvimento

em Contexto de Populações Especiais" ('Development of special populations according to their context'). It has also been observed that the number of Brazilian authors and books on the theme has been increasing as well as the number of chapters on physical activities for the elderly in books about aging in general. 'Physical activities for the elderly' as subject matter of research has been discussed and spread in courses and special sessions in non-specific events such as (1) the Simpósios Internacionais de Ciências do Esporte (International Symposia on Sports Sciences); (2) the Jornadas da SBGG-RJ (1993, 1994 e 1996), (3) the Congressos Brasileiros de Geriatria e Gerontologia (Brazilian Conferences on Geriatrics and Gerontology) and (4) the Seminários (Seminars) organized by the Ministério da Previdência e Assistência Social (Ministry of Welfare and Social Assistance) and SESC. After 1996 the Seminários Internacionais sobre Atividades Físicas para a Terceira Idade (International Seminars about Physical Activities for the Elderly Population) became the most comprehensive scientific meetings in terms of academic reputation.

Definições Neste capítulo, as informações estão divididas em três categorias: produção do conhecimento; disseminação do conhecimento e formação de recursos humanos. Produção do conhecimento é a categoria que inclui os resultados obtidos através da pesquisa e da teorização, consignados em relatórios apresentados sob forma de teses, dissertações, monografias, memórias e trabalhos de conclusão de cursos – TCC (licenciatura, bacharelado e graduação). Em comunicação pessoal para este trabalho, Cristina Oliveira, Rafael Botelho e Alfredo Faria Junior definem disseminação do conhecimento como o procedimento que permite propagar informações, fatos, conclusões, idéias e trabalhos provenientes da capacidade e inteligência humanas, nos mais diversos suportes de informação. Na perspectiva deste trabalho, optamos por incluir livros, separatas, opúsculos, folhetos, desdobráveis, anais, periódicos e CD-ROM. A disseminação do conhecimento faz-se, também, em eventos, específicos ou não. Quanto à formação de recursos humanos, ela abrange desde a mera inclusão de unidades didáticas em cursos de formação inicial e/ou continuada de profissionais, cursos de capacitação até palestras sobre atividades físicas para idosos.

Origem: período propedêutico (até 1969)

Décadas de 1930 e 1940 Nessas décadas, a disseminação do conhecimento era feita, sobretudo, através de textos publicados nas Revistas Educação Física e Revista Brasileira de Educação Física (RBEF) e buscavam estabelecer relações entre exercícios físicos, esporte e longevidade (RBEF, 1934; EP, 1937; R. Netto, 1938b; Knoll, 1939; Pollilo, 1943) e levantavam preocupações com maturidade de crianças, jovens e adultos (Loureço Filho, 1944a; 1953; Peregrino Junior, 1944), envelhecimento precoce (R. Netto, 1938a), aposentadoria (Loyola, 1942; Rosa, 1944) e alimentação (Mendonça, 1942). Na RBEF encontram-se fotos que sugerem a prática de atividades físicas em idades avançadas, como a do Rei Gustavo, da Suécia, aos 88 anos, "jogando sua partida diária de tênis" (Tissé, 1946) e de "membros do Parlamento sueco, de várias idades, em pleno trabalho ginástico" (RBEF, 1947). No final do período, destaca-se o texto de Fernando Telles Ribeiro sobre "Exercícios físicos e longevidade", inspirado em autor romeno (1968).

Desenvolvimento: Período do Entusiasmo Inconseqüente (1970 – 1993)

Década de 1970 Nesta década, os periódicos continuaram a ser os meios preferidos para a disseminação do conhecimento. Embora não existissem periódicos específicos sobre atividades físicas para idosos em outros periódicos de Educação Física se encontram alguns artigos sobre a temática, como: atividade física na terceira idade (Legido, 1974), longevidade esportiva (Oliveira, 1978) e atividade física e lazer na terceira idade (Legido, 1974; Araújo, 1977).

1976 Em Quebec, realizou-se, sob a égide da UNESCO, o Congresso Internacional de Ciências da Atividade Física (*The International Congress of Physical Activity*), evento pré-olímpico. O Congresso apresentou uma Seção intitulada Atividade Física e o Processo de Envelhecimento (*Physical Activity and the Aging Process*) e a ela compareceram Alfredo Faria Junior e Darcymires do Rego Barros.

1977 Foi publicado pelo SESC de São José dos Campos o opúsculo "Características da terceira idade e atividades físicas", de Sérgio S. Araújo.

1978 No campo da produção do conhecimento, os primeiros trabalhos de pesquisa foram desenvolvidos na pós-graduação em educação, como é o caso da pesquisa voltada para as questões do auto-conceito dos praticantes de atividades físicas (Sterglich, 1978). Quanto à disseminação do conhecimento, foram publicados os Anais do *The International Congress of Physical Activity* – Congresso Internacional de Atividade Física (Landry & Orban, 1978), que teve como tema central: a Atividade Física e o Bem-Estar Humano (*Physical Activity and Human Well-Being*). Os Anais incluíram os textos: 'Aging – Metabolism – Motion' (*Envelhecimento, Metabolismo e Movimento*) Pokrovsky, 1976; *Physiology of Exercise and Aging* (Fisiologia do Exercício e Envelhecimento) deVries, 1976; *Kinanthropometry and Aging: Morphological, Structural, Body Mechanics and Motor Fitness Aspects of Aging* (Cineantropometria e Envelhecimento: Aspectos Morfológicos, Estruturais, Biomecânicos e Motores do Envelhecimento) Hebbinck, 1976; *Aging and Involvement in Physical Activity: a Sociological Perspective* (O Envelhecimento e o Envolvimento em Atividade Física: uma Perspectiva Sociológica) Mcpherson, 1976.

1979 Neste ano, o Boletim da FIEP traduziu e publicou os artigos "Atividade física numa perspectiva do bem-estar das pessoas idosas", de Fernand Landry (1979), e "Jovens Velhos", de Mark Sarner (1979).

Década de 1980 Nessa década os periódicos de Educação Física continuaram sendo os veículos preferenciais para a disseminação de conhecimentos sobre atividades físicas para idosos, com temas como: terceira idade no EPT (Correa, 1980), atividade física e envelhecimento (Landry, 1980), longevidade desportiva (Queiroz, 1980; Morato, 1983; Pinheiro, 1983; Cardoso, 1984), atividade física e lazer na terceira idade (Queiroz, 1980; Morato, 1983; Pinheiro, 1983; Cardoso, 1984); a forma física como seguro de vida (Mesquita, 1983); atividade física – um imperativo para todas as idades (Silva in: USP, 1984); treinamento na terceira idade (Dantas, 1983); gênero (Knopçich, 1984); exercícios aeróbicos (Miranda & Okuma, 1986). No que concerne à formação de recursos humanos, no âmbito universitário,

em cursos de graduação, há registro da inclusão da temática: idosos e atividades físicas, em 1980, por Faria Junior, na disciplina Metodologia do Ensino de 2º Grau, ministrada na Universidade do Estado do RJ-UERJ. Para fins didáticos, foi então produzido um vídeo pelo Centro de Tecnologia Educacional dessa Universidade, com roteiro de Faria Junior (Ribeiro, 1995).

1981 No que diz respeito à produção do conhecimento, fora do âmbito da pós-graduação, as poucas pesquisas efetuadas procuravam tirar conclusões globais, com base em depoimentos dos participantes – crianças, jovens, adultos e idosos. Edson Porto (1982) entrevistou 605 corredores de rua, de 12 a 65 anos, em bairros do Rio de Janeiro e concluiu que: quem fez exame médico não o fez como pré-requisito para a prática da corrida; o controle do treinamento era feito pelo tempo, pela distância percorrida ou pela relação distância/tempo; a orientação ao corredor iniciante era dada pelos que corriam há mais tempo; e quanto à frequência da prática o estudo constatou grande variabilidade, indo de 7 vezes por semana na Zona Sul a 1 vez, na Zona Norte. Quanto à disseminação do conhecimento, o Boletim da FIEP traduziu e publicou o artigo "Comportamento da 'performance' e o treinamento de idosos" (continuação), de W. Hollmann (1981). A Artus/Revista de Educação Física publicou o artigo "Lazer e Terceira Idade – a contribuição da Educação Física no trabalho social dos idosos", de Kátia Brandão Cavalcanti (1981).

1982 O trabalho "Atividades físico-desportivas na terceira idade", de Jubel R. Cardoso, foi apresentado no Seminário de Gerontologia Social realizado pelo SESC de Campinas (1982). O SESC de São Paulo (Bertioga) publicou o opúsculo "Esporte e cultura para a terceira idade".

1983 No campo da produção do conhecimento, Vera Luza Lins Costa realizou pesquisa que fundamentou sua monografia de Especialização em Lazer, intitulada "Atividades Físicas e de Lazer para Idosos em Asilos" (UGF, 1983). No nível de mestrado foi apresentada a dissertação: Educação Física para o envelhecimento (Ribeiro, 1983). Quanto à disseminação do conhecimento, a editora Ao Livro Técnico traduziu e publicou o livro "Ginástica, jogos e esportes para idosos" (*Gymnastik, Spiel und Sport für Senioren*) (Baur, Egeler, 1983). A Revista Brasileira de Educação Física e Desportos publicou o artigo "Segurança, descontração e saúde na Terceira Idade", de Paulo Fernando Leite (1983), a Revista de Educação Física, "Treinamento físico na terceira idade", de Estélio Dantas (1983), a Revista do Corpo e da Linguagem a tradução "A psicotricidade na gerontologia" de Jean-Michel Lehmann (1983) e Medicina & Esporte, "O idoso e o esporte", de Eliana Mora (1983).

1984 Neste ano, a Universidade de São Paulo publicou, em cinco cadernos, "Problemas do idoso. Um desafio social". O 4º Caderno

foi escrito por Antônio Boaventura da Silva e teve como subtítulo “Aspectos físicos e psicológicos do envelhecimento” (1984). A editora Ao Livro Técnico traduziu e publicou o livro “Motricidade – O desenvolvimento motor do ser humano” (*Bewegungslehre*) de Kurt Meinel (1984), que mais tarde viria a influenciar na construção teórica do Projeto “Universidade na Terceira Idade Adulta” (1993) desenvolvido na Universidade Federal do Amazonas, por Rita Puga Barbosa. Para Meinel (ibid) a Terceira Idade Adulta é “caracterizada como a fase da crescente diminuição do rendimento motor” (p. 378). O Boletim da FIEP traduziu e publicou os artigos “Orientação para Idosos”, de Herbert de Vries (1984), “Indicações e contra-indicações de exercícios e atividades para pessoas idosas – caderno da terceira idade”, de John Piscopo e “Resposta cardio-respiratória ao variar a intensidade do exercício na terceira idade”, de Franklin Delano Nunes Galvão (1984). Nas revistas SPRINT/Revista Técnica de Educação Física e Desportos foi publicado “A mulher e o idoso”, de José Knoplich (1984), na Revista Brasileira de Educação Física e Desportos, “Natação para idosos, terapia e lazer”, de Débora Scholnic Vaisemberg e Fabíola Esparo Pons (1984), na Revista da Associação dos Professores de Educação Física, “Efeito de oito sessões de exercícios de alongamento muscular executado de forma recreativa na amplitude articular de pessoas idosas”, de Nelcy Helena Fazolo, na revista Corpo e Movimento, “Atividade física e terceira idade”, de Jubel Raimundo Cardoso (1984). Na formação de recursos humanos, registra-se a palestra de Pedro Barros Silva sobre ‘Atividade Física na Terceira Idade para os participantes do ‘Seminário de Gerontologia’, promovido pelo SESC de Piracicaba.

1985 A Revista Brasileira de Ciências do Esporte publicou “Atitudes dos idosos através da atividade física: uma comparação entre culturas”, de Heloisa Maria de Amorim Sá (1985); Corpo e Movimento, “Clube da Terceira Idade” (1985) e Sprint/Magazine, “Treinamento na terceira idade”, de Ana Lúcia de Carvalho (1985). Foi apresentada na Universidade Federal do RJ-UFRJ a dissertação de mestrado “Ações pedagógicas e prática de Educação Física, por idosos” (Sobral, 1985).

1986 O Boletim da FIEP publicou “Alterações morfológicas e funcionais do sistema muscular do idoso”, de Lílian Fernandes da Rocha Pereira (1986). Produção do conhecimento: neste ano, José Francisco Silva Dias, o Juca, apresentou sua dissertação de mestrado em Educação, intitulada: “Diagnóstico da situação do idoso em Santa Maria (RS) e sua relação com a formação de profissionais pelo Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) da UFSM” (1986), e Sueli Barbosa Sobral defendeu sua dissertação intitulada “Proposta de ação pedagógica e prática de Educação Física centrada na pessoa idosa, com ênfase nas necessidades humanas básicas” (UFRJ) e Bruno Winter a monografia “Movimento e Terceira Idade” na Universidade Estadual de Maringá (UEM, 1985).

1987 A Artus/Revista de Educação Física e Desportos, publicou “Alterações do sistema cardiovascular no envelhecimento e a atividade física”, de Vernon F. da Silva e Eduardo Meirelles (1987) e a Revista Brasileira de Ciência & Movimento, “Terceira idade: avaliação do consumo de oxigênio em mulheres praticantes e não praticantes de atividade física”, de Rosemaire de Oliveira, Mônica H. N. Pereira, Victor K. R. Matsudo (1987) e “O jazz para a terceira idade”, de Vera Bojkian, apresentado no Curso de Treinamento de Instrutores de Ginástica e Dança (SESC, 1987).

1988 No campo da produção do conhecimento, Rosemary Rauchbach apresentou sua monografia de especialização em Educação Física – Exercício e Saúde, na Universidade Federal do Paraná-UFPR, depois publicada em forma de livro intitulado: “A Atividade Física para a Terceira Idade” (Rauchbach, 1990). Quanto à disseminação do conhecimento, a Revista Brasileira de Ciência & Movimento publicou “Terceira idade: características antropométricas e consumo de oxigênio em mulheres praticantes e não-praticantes de atividade física”, de Rosemaire de Oliveira, Mônica H. N. Pereira, Victor K. R. Matsudo (1988) e a Sprint/Revista Técnica de Educação Física e Desportos traduziu e publicou “Exercícios para Idosos”, de John Piscopo (1988).

1989 No campo da produção do conhecimento e no da formação de recursos humanos, como reação ao ‘entusiasmo inconsequente’, foi criado por Alfredo Faria Junior, em 17 de outubro, o Projeto: Idosos em Movimento – Mantendo a Autonomia (Projeto IMMA), que paralelamente às atividades de intervenção introduziu atividades de pesquisa e a qualificação de profissionais para o

trabalho com idosos (Faria Junior & Ribeiro, 1995). Foi defendida a dissertação de mestrado intitulada “A atividade física e a sua relação com a auto-imagem e auto-estima na terceira idade” (Lima, 1989). A disseminação dos conhecimentos se fez através da Revista Brasileira de Ciências do Esporte publicou “Análise de expectativas e resultados da prática de atividades físicas por idosos”, de Jocimar Daolio e colaboradores e “A prática do yoga e o processo de envelhecimento”, de Adriana de Faria Gehres (1989). A Revista Kinesis publicou o “Diagnóstico da situação do idoso em Santa Maria-RS e sua relação com a formação de profissionais pelo Centro de Educação Física e Desportos-CEFD da UFSM”, de José Francisco da Silva Dias (1989). Neste ano foi realizado o I Congresso de Educação Física dos Países de Língua Portuguesa, no Rio de Janeiro. Neste Congresso foi apresentado o trabalho “A universidade e a pesquisa sobre os idosos”, por Edmundo de Drummond Alves Junior.

1990 Neste ano os brasileiros tomaram conhecimento do livro publicado em Portugal intitulado “Educação Física Geriátrica” (Fradinho, 1990) e da tradução do livro de C. Raul Lorda Paz, intitulado “Educação Física e recreação para a terceira idade” (1990). Na revista brasileira Motrivivência foi publicado o artigo “A pessoa idosa e o fenômeno esportivo: uma abordagem didática”, de Reiner Hildebrandt e Vera Luza Lins Costa (1990). A hegemonia dos livros estrangeiros, traduzidos do alemão ou editados em Portugal, começou a se modificar com a publicação da obra “A Atividade Física para a Terceira Idade”, de Rosemary Rauchbach (1990).

1991 A Assembléia Geral das Nações Unidas, em 16 de dezembro, elaborou a Resolução 46/91, contendo os “Princípios das Nações Unidas para o Idoso: acrescentando vida aos anos que foram acrescentados à vida”. Neste ano, a hegemonia das publicações estrangeiras continuou a ser enfrentada com a publicação de “O idoso e a atividade física”, de Alfredo Faria Junior e Edmundo de Drummond Alves Junior (1991) e de “Yoga para a Terceira Idade”, de Beatriz Esteves (1991). Duas traduções foram publicadas em periódicos: “O Treinamento de força: a fonte de independência para os mais velhos”, de Janis A. Work, na Sprint/Magazine (1991), e “Exercício e envelhecimento”, de Roy Shephard, na Revista Brasileira de Ciência e Movimento (1991). Na Revista Kinesis foi publicado, “Atividade Física: atitudes dos idosos frente ao envelhecimento”, de Giovana Zarpellon Mazo (1991), na Revista Brasileira de Ciências do Esporte, “Reapropriação do corpo do idoso frente ao envelhecimento”, de Carlos Roberto de Brito (1991), e “Idoso feliz participa sempre”, de Elias Luciano de Souza Santana e colaboradores (1991), na Sprint/Magazine, “Longevidade versus qualidade de vida: liberdade de escolha?”, de Napoleão Arantes M. Freitas (1991), “Osteoporose e envelhecimento” e “Osteoporose e atividade física: uma revisão”, ambos de Sandra Mahecha Matsudo e Victor K. Matsudo (1991). Neste ano, foi fundado o *European Group for Research into Elderly and Physical Activity* - EGREPA (Grupo Europeu para Pesquisa com Idosos e Atividade Física), que viria a ter grande influência na disseminação do conhecimento no campo das atividades físicas para idosos, no Brasil. A filiação ao EGREPA era franqueada tanto para membros individuais, como para instituições. O EGREPA era dirigido por um Comitê Executivo composto dos seguintes membros: presidente em exercício, presidente eleito, presidente anterior, vice-presidente, secretário e tesoureiro. A entidade tinha um Comitê Gestor integrado por 13 membros, e apenas um brasileiro integrou esse Comitê, Alfredo Faria Junior. Em termos institucionais, o Centro de Estudos do Projeto Idosos em Movimento – Mantendo a Autonomia (Projeto IMMA) era o representante do EGREPA no Brasil. Para cumprir suas disposições estatutárias, o EGREPA realizava, periodicamente, Congressos Internacionais. Em Congressos do EGREPA dois brasileiros foram convidados como conferencistas: Victor Matsudo, em 1993 (Oeiras) e Alfredo Faria Junior, em 2000 (Bruxelas). Neste ano, em Porto Alegre-RS foi realizado o “Seminário dos Profissionais de Educação Física que atuam em Atividades Físicas na Terceira Idade”, na FESC (1991).

1992 Neste ano, em sua “Proclamação Sobre Envelhecimento”, a Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) designou 1999 como o Ano Internacional do Idoso. Na produção do conhecimento destacam-se as dissertações de mestrado “As atividades físicas na terceira idade numa perspectiva da reeducação de movimentos”, de Darcymires do Rego Barros (1992) e “O idoso e a Educação Física informal em Niterói”, de Edmundo de Drummond de Alves Junior. (UFRJ, 1992). Quanto à disseminação do conhecimento a Sprint/Magazine publicou três artigos: “Reapropriação do idoso através das atividades recreativas”, de

Carlos Roberto de Brito, “Os benefícios da natação para a terceira idade”, de Anderson Santana e “Modificação do exercício para a terceira idade” (1991). Na Revista Brasileira de Ciência & Movimento foi publicado “Prescrição e benefícios da atividade física na terceira idade”, de Sandra Mahecha Matsudo (1992) e na revista Educativa, “Educação Física, uma atividade produtiva na terceira idade”, de Paula Monteiro Perez (1992). Em Recife foi constatada a publicação de uma revista referente ao III Congresso de Educação Física dos Países de Língua Portuguesa, que incluía os resumos de Alfredo Faria Junior, “Idosos, atividade física e promoção da saúde: em busca da manutenção da autonomia”; de Edmundo Drummond Alves Junior, “O idoso e a Educação Física informal”; de Erick Salum de Godoy, “Efeitos do treinamento com peso na terceira idade”; de Carlos F. Cunha Junior, “Educação Física, auto-estima e auto-conceito em idosos”; de Vera L. Costa e M. Teresa Ramilo, “Significado do comportamento motor das pessoas idosas, numa perspectiva transcultural”. Depois, como produto do mesmo congresso, foi publicado um livro com vários artigos, com um apenas, na íntegra: o de Vera Luza Costa e Maria Teresa Ramilo, “Significado do comportamento motor das pessoas idosas, numa perspectiva transcultural”. No campo da formação de recursos humanos tem-se registro da palestra Robson Jaques sobre ‘Educação do Movimento para a Terceira Idade’ (1992) e da realização de cursos livres sobre ‘Atividades Físicas para a Terceira Idade’, como o ministrado por Jubel R. Cardoso e Ernesto Marques Filho, no ‘Simpósio Idoso, Corpo e Movimento’ (SESC, 1992), que incluiu atividades como: hidroginástica, esportes coletivos adaptados, ioga, linguagem corporal e dança (Salgado, 1999. p. 24).

1993 No campo da produção do conhecimento assinala-se a defesa das dissertações de mestrado de Leonea Vitória Santiago, “Natação máster: resistindo à velhice” (UGF, 1993) e de Sueli dos Santos, “Tempo de reação, tempo de movimento e aquisição de *timing* antecipatório em idosos” (Unicamp) e a Monografia de Especialização “O idoso e prática esportiva na idade escolar”, de Maria Salete F. dos Santos (UFSM, 1993) e a memória de licenciatura (monografia) “Idosos em Movimento – Mantendo a Autonomia: um estudo da auto-estima”, de Carlos Fernando F. da Cunha Junior (UERJ, 1993). Quanto à disseminação do conhecimento, a Revista Brasileira de Ciências do Esporte publicou O lazer dos aposentados no Brasil, de Kátia Cristina Calegari, ‘A auto-estima e o auto-conceito dos idosos: onde anda a Educação Física?’, de Carlos Ferreira da Cunha Junior, ‘Idosos x lazer: proposta alternativa de atuação na cidade de Uberlândia – MG’, de Rita de Cássia Brito, ‘A importância e os benefícios das atividades físicas para idosos hipertensos nas academias de ginástica’, de Maria Aparecida da Silva Dantas e Amilton da Cruz Santos, ‘Efeitos do treinamento com pesos na saúde e aptidão física de idosos’, de Erik Salum de Godoy, ‘Natação para a terceira idade: implicações para a saúde e a pesquisa de experiência bial em nosso meio’, de Bráulio Araújo Junior, Marília Vampré e Aguinaldo Gonçalves, ‘Atividades físicas e a mulher de meia idade: uma relação especial e esquecida’, de Maria Aparecida Cordeira Sperancini e Sílvia Maria Saraiva Valente Chiapeta; Sprint Magazine, ‘O exercício para a terceira idade’, Patrick Fitzgerald, tradução de Regina Helena; o Boletim Científico do Mestrado e Doutorado em Educação Física, da UGF, ‘Natação máster: resistindo à velhice’ (dissertação de mestrado, de Leonéa Vitória Santiago, e a Revista Brasileira de Ciência e Movimento, ‘Treinamento de resistência e envelhecimento’, de Steven Fleck. Sob a presidência de Peter Vogelaere e com o apoio da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, cujo presidente do Conselho Diretivo era então Jorge Olímpio Bento, o EGREPA realizou sua 1ª Conferência Internacional, em Oeiras (Portugal). Essa 1ª Conferência do EGREPA teve Antônio T. Marques como Presidente da Comissão Organizadora e José Manuel Constantino, da Municipalidade de Oeiras, como Secretário do Comitê Executivo. O brasileiro Victor K. Matsudo foi conferencista e apresentou uma revisão sobre o tema “Osteoporose e Atividade Física”. Do Brasil compareceram ainda: Silene Okuma, Geni Pereira, Paulo Farinatti, Rita Puga Barbosa, Alfredo Faria Junior, Darcimires R. Barros, Sydney Farias, Luiz Alberto Batista, Beatriz Pereira, Yara Kuster, Sueli Santos, Vera Luza Costa, Adroaldo Gaia e Estélio Dantas. Foi publicado então o Livro dos Resumos, intitulado “Atividade física e saúde na terceira idade” (Marques, Bento, Constantino, 1993). A Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, da Universidade do Porto, publicou o livro “A Ciência do Desporto. A Cultura do Homem” (Bento, Marques, 1993) como trabalhos de

autores ligados a essa Universidade e apresentados no III Congresso de Ciências do Desporto e Educação Física, realizado em 1992, no Recife. Neste livro encontra-se o capítulo “Significado do comportamento motor das pessoas idosas, numa perspectiva transcultural”, de Vera Luza Costa e Maria Teresa Ramilo.

O Esporte e Lazer das Cidades: em busca de melhor fundamentação teórica e científica para o trabalho com idosos (1994 até hoje)

Situação Atual A Política Nacional do Idoso (Brasil. Lei nº 8.842/94) marcou o início desse novo período, e determinou o “apoio a estudos e pesquisas sobre as questões relativas ao envelhecimento; adequar currículos, metodologia e material didático aos ... aos idosos; inserir nos currículos mínimos ... conteúdos voltados para o processo de envelhecimento; incluir Gerontologia e a Geriatria como disciplinas curriculares nos cursos superiores”.

1994 Neste mesmo ano em que no Brasil foi sancionada a Política Nacional do Idoso a Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto fez publicar os Anais da 1ª Conferência Internacional do EGREPA. Os Anais foram editados por António Marques, Adroaldo Gaya e José M. Constantino (1994). De autores brasileiros foram publicadas na íntegra as comunicações: “Análise e comparação da evolução da agilidade e das velocidades de deslocamento e de movimento em indivíduos adultos” (Okuma et al.), “Idosos em Movimento – Mantendo a Autonomia. O reconhecimento do talento” (Pereira), “Estudo diagnóstico da mobilidade articular em mulheres idosas participantes de um programa de atividades físicas” (Farinatti et al.), “Imagens: clínica psicomotora – amostra da população de Manaus na faixa etária superior a 50 anos” (Barbosa et al.), “Assistência aos moradores do asilo São Vicente de Paula, Maringá, Paraná, Brasil” (Assef et al.), “Idosos em Movimento – Mantendo a Autonomia: análise do ensino ministrado” (Laborinha, Faria Junior & Cytrim), “Brincadeira de Hoje e de Sempre” (Schwartz, Okuma & Matos), “Idosos em Movimento – Mantendo a Autonomia: população e expectativas” (Faria Junior), “Considerações biomecânicas na indicação de atividades para uma Pedagogia da Promoção da Saúde” (Batista & Castro), “O folclore português como atividade física na terceira idade na Universidade Federal de Santa Catarina” (Lopes & Farias), “Esporte e Lazer para a terceira idade e idosos” (Lima, Kuster & Souza), “Modelo para a atividade física significativa, consciente e autônoma” (Okuma et al.), “Universidade na Terceira Idade Adulta” (Barbosa), “Idoso feliz participa sempre” (Barbosa et al.), “Análise de características dinâmicas do andar em idosos e sua influência na seleção de atividades físicas” (Serrão & Amadio), “Tempo de movimento e aprendizagem de uma tarefa de timing antecipatório em idosos” (Santo & Tani), “Avaliação da composição corporal e parâmetros biomecânicos selecionados em mulheres de meia-idade” (Costa, Damaso & Amadio), “O homem e a água. Reflexões sobre um estudo de caso” (Costa & Ramilo) e “Aspectos motivacionais para a prática de atividades físicas por gerontes” (Dantas). Neste ano foi publicado o livro “Terceira Idade: terapia corporal para idosos”, de Magda Vilas-Boas (1994). Silene Okuma apresentou a comunicação “Atividade física na terceira idade: resgate do corpo, resgate de si”, no Simpósio Internacional de Ciências do Esporte, Saúde e Desempenho (1994). Quanto aos Centros de Documentação, foi criado em agosto de 1994, no SESC de Campinas, o ‘Centro de Estudos de Atividades Físicas para a Terceira Idade’. Neste mesmo ano foi realizado na *University of Stirling*, na Escócia, a ‘II EGREPA Conference’, com o tema ‘*Physical activity and health in the elderly*’ (Atividade física e saúde na terceira idade). Embora alguns dos brasileiros não tenham comparecido, do livro dos resumos constam trabalhos de Rita Maria Puga Barbosa (12), Estélio Dantas (2), Paulo Farinatti e Pedro Paulo Soares (1). No campo da produção do conhecimento, foram defendidas as dissertações de Elizabeth Quintiliano May Effting, “Lazer para idosos aposentados – divergências de objetivos entre instituições e clientela” (UGF, 1994) e de Giovana Zarpellon Mazo, “Aprendizagem e desempenho de ações motoras: retrospectiva e perspectivas dos idosos” (UFSM) e, também, foi apresentada a memória de licenciatura (monografia) “Idosos em Movimento – Mantendo a Autonomia” de Santana Maria Brandão Nascimento Gonçalves (UERJ, 1994).

1995 No campo da produção do conhecimento, Onacir Carneiro Guedes defendeu em 1995, na *Université Libre de Bruxelles-ULB* (Universidade Livre de Bruxelas – Bélgica), sua tese de doutorado *Approche des caractéristiques psychologiques des judokas de*

différents niveaux a l'aide du Questionnaire de Personnalité de Thill (Abordagem das características psicológicas dos judocas de diferentes níveis através do Questionário de Personalidade de Thill). A disseminação do conhecimento se concentrou na publicação do livro, “Idosos em Movimento – Mantendo a Autonomia: evolução e referencial teórico”, de Alfredo Faria Junior e Maria das Graças Ribeiro (1995) e dos artigos “Atividade física e o controle das principais doenças que acometem os idosos”, de Rosiane Victor Alves, publicado na Rev. IMIP (1995). Neste ano foi lançado o “Boletim Informativo Unimotrisaúde em Sociogerontologia” pela Faculdade de Educação Física, da Universidade do Amazonas. Foram publicados, na Revista Movimento, Rio Grande do Sul, os artigos: “Jovens-velhos esportistas eternamente?”, de Antônio Jorge Soares, na *Sprint Magazine*, Atividade física para idosos, Loretta DiPietro e Linda S. Pescaletto, tradução Regina Helena A. Ribeiro, ‘Xuxa estrela: seis vídeos de ginástica: aulas se destinam a idosos, grávidas e adolescentes’, de Inês Amorim; na Revista Brasileira de Ciências do Esporte, ‘Retrospectiva e perspectiva dos idosos diante da aprendizagem e desempenho de ações motoras’, de Giovana Zarpellon Mazo, ‘Idosos em movimento – mantendo a autonomia: promovendo a saúde em ambientes multi-culturais’, de Alfredo Gomes de Faria Junior, ‘A terceira idade na sociedade atual: fragmentos sobre educação, lazer e velhice’, de Cândida Luisa Pinto Cruz, ‘Contato com a terceira idade’, Joice de Lurdes *et alli*, ‘A prática de atividade física na terceira idade’, de Simoni Armínio, Cláudio Antunes da Silva e Elaine Romero, ‘Lazer e aposentadoria: o caso da associação dos aposentados de Campinas e região’, de Kátia Cristina Calegari. Revista de Educação Física/UEM, ‘O sábio corpo idoso’, de Heloísa T. Bruhns. Revista Paulista de Educação Física, ‘Tempo de reação e a aprendizagem de uma tarefa de *timing* antecipatório em idosos’, de Go Tani e Suely Santos. Motriz – Revista de Educação Física da UNESP – Rio Claro, ‘Programa de atividades físicas e terceira idade’, de Andréia Nadai; na Revista Mineira de Educação Física, ‘O cálculo, o estrogênio e a atividade física na intervenção da osteoporose em mulheres no climatério’, de Raquel Maria de Abreu Pinto e Sílvia Maria Saraiva Valente Chiapeta, ‘Efeitos da atividade física na *performance* de uma tarefa motora espacial em mulheres na meia-idade’, de José Alberto Pinto, Eduardo Torres Ribeiro e Nerilson Terra Santos; na Revista Brasileira de Ciência & Movimento, ‘Atividade física e perfil metabólico no climatério pré-menopáusicas com terapia de reposição hormonal’, de Maria Amélia Roth *et alli*. Note-se que, devido à falta de periódicos especializados em atividades físicas para idosos, alguns decidiram publicar números temáticos, como a revista ‘Terceira Idade’ (Ano I, n. 10, jul. 1995). Encontramos, ainda, nos Anais do IV Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa os resumos de Alfredo Faria Junior, ‘Educação Física gerontológica: algumas considerações teóricas’; de D. I. R. Barros, ‘A reeducação psicomotora do idoso numa visão da consciência de si’; de L. V. Santiago, ‘Práticas desportivas competitivas na terceira idade: a influência da mídia nestas práticas’; de E. S. Furtado, ‘O sentido da atividade física para os alunos da Universidade Aberta à Terceira Idade-UNATI, da Universidade Gama Filho’; de M. Lopes e S. Farias, ‘O folclore português como atividade física na terceira idade’; de Alfredo Faria Junior, C. Laborinha e M. G. Ribeiro da Costa, ‘Brinquedos cantados na memória de idosos da classe trabalhadora’; de Paulo Farinatti, ‘Comportamento de parâmetros cardíaco-respiratórios em idosos e jovens durante recuperação após esforços de diferente intensidade’.

1996 Neste ano foi exarado o Decreto nº 1.948, de 03/07/96, que regulamentou a Política Nacional do Idoso”, estabelecendo os princípios, diretrizes e ações para a gestão da Política Nacional do Idoso. Disseminação do conhecimento: nos mais importantes eventos específicos têm-se os Seminários Internacionais sobre Atividades Físicas para a Terceira Idade. O primeiro ocorreu por iniciativa de Alfredo Faria Junior que, junto com a equipe do Projeto IMMA, organizou o evento na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com apoio da Universidade Aberta da Terceira Idade (UnATI/ UERJ). Os Anais desse I Seminário foram publicados em dois volumes (Faria Junior, 1996). No volume I, encontram-se: a “Apresentação” (Faria Junior) e os textos das Conferências: “*Aspects cardiorespiratoires du vieillissement*” – Aspectos cardíaco-respiratórios do envelhecimento (Vanfraechem) e “*Les aspects psychologiques du 3^{ème} Âge et les repercussions de l’activité physique*” – Os aspectos psicológicos da terceira idade e as repercussões da atividade física (Vanfraechem-Raway). A seguir têm-se os textos das mesas redondas: “Exercícios terapêuticos nas afecções reumáticas em

idosos” (Krigel); “A socialização de idosos da classe trabalhadora através das atividades físicas” (Ribeiro); “Exercício físico para os idosos” (Vilela & Moreira); “Idosos e turismo social ativo” (Faria Junior); “Aspectos médicos fisiológicos da atividade física na terceira idade” (Araújo); “Avaliação da autonomia do idoso, definição de critérios para uma abordagem positiva” (Farinatti) e “Projeto Vida Ativa: resultados preliminares de uma proposta de avaliação física para idosos” (Okuma). No volume II têm-se: “Força de preensão manual: um ensaio de normatização para idosos” (Faria Junior, Farinatti & Vasconcelos); “Orientação postural” (Araújo); “A aptidão física, o idoso e o trabalho” (Assis & Palma); “O idoso e sua performance na ginástica de praia” (Avellat); “Programa Maior Idade em Ação” (Cachel et al.); “Uma proposta de atividade física para o idoso institucionalizado” (Considera); “Comunicação na 3ª Idade: em busca da autonomia” (Costa); “O estudo do gênero no Projeto Idosos em Movimento – Mantendo a Autonomia: expectativas masculinas da Turma de 1996/2” (Cunha Junior); “Evasão no programa de atividades físicas do Projeto IMMA” (Lira & Faria Junior); “Idosos, Memória e História da Educação Física e do Esporte no Brasil” (Cunha Junior & Melo); “Os idosos e a dança: relato das observações de uma experiência” (Menezes); “Índice de massa corpórea e relação cintura quadril das alunas do Projeto IMMA – UnATI/UERJ” (Monteiro et al.); “Turismo como uma opção na prevenção das alterações crônico-degenerativas na terceira idade” (Motta & Segura); “Estado nutricional e atividade física entre idosos da UnATI/UERJ” (Prado & Veggi); “A preparação de recursos humanos para a atuação em atividades físicas para idosos – um estudo de acompanhamento (follow-up) de ex-estagiários do Projeto IMMA (Ribeiro & Faria Junior) e “Representação de pessoas idosas sobre as atividades corporais” (Vendruscolo). No I Seminário de Preparação Para a Aposentadoria, realizado na UERJ, foi publicado o trabalho de Alfredo Faria Junior, “Contribuições da Educação Física para a preparação para a aposentadoria”. Na IX Jornada Brasileira de Geriatria e Gerontologia, foram apresentados os trabalhos: “Auto cuidado e atividades físicas”, de C. Balestra, “Benefícios da atividade física da terceira idade frente ao aparelho cardíaco-pulmonar”, de S. E. Parucker, K. Araújo e M. Benet, “A importância da avaliação clínica de idosos submetidos a programas de atividades físicas”, de W. Jacob Filho et al. Foi publicada a obra: “Idosos em Movimento: Mantendo a Autonomia. Ensaio e Pesquisas”, de Alfredo Faria Junior, Hajime T. Nozaki e Maria das Graças C. Ribeiro (1996). A Revista Paulista de Educação Física publicou “Tempo de reação e a aprendizagem de uma tarefa de ‘timing’ antecipatório em idosos”, de Suely Santos e Go Tani. Na Revista Mineira de Educação Física foram publicados, “Flexibilidade de idosos após um ano de prática de ioga e calistenia”, de Paulo de Tarso Veras Farinatti, Jacques H. P. Vanfraenchem e Eliane Knudsen, “O envelhecimento como fator da flexibilidade na motricidade do cotidiano”, de Sissi Aparecida de M. Pereira e Estélio Henrique M. Dantas, “Efeitos da atividade física e da dieta alimentar sobre a densidade óssea em mulheres no climatério”, de Sílvia M. S. V. Chiapeta *et al.*, “Diagnóstico da presença da mulher de meia-idade nos trabalhos publicados nos principais periódicos nacionais da área de Educação Física no período de 1989 a 1994”, de Maria Aparecida Sperancini e Luciana Moura; na Revista Paulista de Educação Física, “Efeitos do exercício aeróbico com música sobre os estados de ânimo de pessoas idosas”, de Maria Luzia de Jesus Miranda, Maria Regina C. Godeli e Silene Sumire Okuma e no *Sprint Magazine*, “Idoso no Brasil”, Edson Costa Ferreira; na Revista de Educação Física/UEM, “Musculação na terceira idade”, de Tânia Rosane Bertoldo Benedetti e Aloísio Luis Benedetti; na Revista Movimento/RS, Lazer, “Estilo de Vida e Longevidade”, de Katia Brandão Cavalcanti, na Corporis – Revista da Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco, “Alterações nas características antropométricas induzidas pelo envelhecimento”, de Fernando José de Sá P. Guimarães e Cândido Simões Pires Neto. Foi publicada a obra: “Idosos em Movimento: Mantendo a Autonomia. Ensaio e Pesquisas”, de Alfredo Faria Junior, Hajime T. Nozaki e Maria das Graças C. Ribeiro (1996). No campo da produção do conhecimento foram defendidas as dissertações (mestrado) de Elen Salas Furtado, “Sentido da atividade física na terceira idade” (UGF, 1996), de Rosecler Vendruscolo, “Representação de pessoas idosas sobre as atividades corporais” (UGF, 1996), de Manoel Osmar Seabra Junior, “A reeducação do movimento respiratório em relação aos domínios psicológico e motor em idosos” (Unicamp), de Paulo Ernesto Antonelli, “A importância da dinâmica corporal na manutenção da saúde e melhoria da qualidade de vida, voltada para a faixa etária entre 45 e 72 anos de idade” (PUC/RS) e de Andréa Krüger Gonçalves, “O idoso aposentado e a percepção de seu movimento” (UNESP, 1996) e foram

apresentadas as memórias de licenciatura (monografia), “A dança para idosos do Projeto Idosos em Movimento – Mantendo a Autonomia (IMMA): relato de uma experiência”, de Fernanda Soares Portela F. da Silva (UERJ, 1996), de Patrícia Mano Trindade, “A reeducação do movimento respiratório em relação aos domínios psicológicos e motor em idosos” (Unicamp) e “Uma experiência em estágio remunerado no Projeto Idosos em Movimento – Mantendo a Autonomia (IMMA)”, de Flávia Mansour y Mansour (UERJ, 1996). Foi, também, publicada a monografia de graduação de Cristiana Garcia, “Atividade física como terapia para a 3ª Idade” (ESEFM).

1997 No campo da produção do conhecimento foi defendida a tese de doutorado de Silene Okuma, “O significado da atividade física para o idoso: um estudo fenomenológico” (USP, 1997) e apresentadas as dissertações de mestrado de: Deolinda Maria Costa, “Atitude declarada dos idosos quanto à prática de atividade física e exercício” (UCB, 1997), Sissi Aparecida Martins Pereira, “A Redução da Flexibilidade na Motricidade do Cotidiano: Influência do Aumento da Idade Cronológica, Sexo e Atividade Física” (UCB, 1997), de Francisco Console Karan, “Esporte como prevenção de osteoporose: um estudo da massa óssea de mulheres pós-menopáusicas que foram atletas de voleibol” (UFRGS, 1997), Kátia Cristina Calegari, “Lazer e aposentadoria: relações e significados” (Unicamp, 1997), Edison Riuitiro Oyama, “Educação Física e o idoso: implicações de gênero” (USP, 1997) e “Atividades físicas, brincadeiras e sexismo: as experiências de um grupo de idosos(as)”, de Carlos Fernando F. da Cunha Junior (UERJ, 1997). Foram apresentadas as memórias de licenciatura (monografias) “Atividade física para o idoso institucionalizado”, de André Tavares Considera (UERJ, 1997) e ‘A motivação, adesão e evasão no projeto de atividades físicas Idosos em Movimento – Mantendo a Autonomia’, de Luis Carlos Lira (1997). No campo da disseminação do conhecimento destaca-se a realização do XI Congresso Brasileiro de Geriatria e Gerontologia, que incluiu mesa redonda sobre “Atividade Física na Terceira Idade”, coordenada por Luiz dos Santos e que teve como expositor Alfredo Faria Junior. Encontra-se no Volume 1 das Actas do V Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa (realizado em Maputo, Moçambique) uma conferência sobre “Envelhecimento populacional, atividade física e promoção da saúde”, de Alfredo Faria Junior; no Volume 2, foi publicada a comunicação intitulada “Estudo cinemático do ciclo da marcha do idoso”, de Paulo Roriz, Filipa Sousa e J. Luís Gonçalves. No mesmo ano, realizou-se em São Paulo, a ‘Workshop Envelhecimento Saudável’, ‘adaptação das Diretrizes de Hidrelger para promover atividade física entre idosos’, coordenado por Andréa Prates (Geriatria do HSPE). Os trabalhos foram abertos por Victor Matsudo (CELAFISCS) e Ney Perracinni (HSPE), seguidos pela apresentação das Diretrizes de Heidelberg feita por Andréa Prates e discussão em grupos coordenada por Victor Matsudo e Wilson Jacob (Serviço de Geriatria FMUSP) e apresentação dos grupos de discussão tendo Douglas Andrade (CELAFISCS) e Inah Junqueira Costa (HSPE). Registrou-se a publicação dos livros “Atividades Físicas para a Terceira Idade” (Faria Junior et alli 1997), Atividade Física na 3ª Idade (Meireles, 1997), “Saúde na Terceira Idade”, com temas sobre ginástica e Yoga para idosos (Hermógenes, 1997). O livro Mulheres em Movimento, de Elaine Romero (1997), inclui dois capítulos sobre atividades física para idosos: ‘A mulher idosa e a dança de salão: implicações psico-somáticas’, de Maristela de Moura Silva Lima, e ‘A mulher idosa e as atividades físicas sob enfoque multicultural’, de Alfredo Faria Junior. Quanto aos artigos em periódicos foram publicados na Artus/Revista de Educação Física e Desporto, ‘Cultura física na perspectiva do idoso’, Helmut Krüger *et al.*, ‘Atividade física na perspectiva da cultura e qualidade de vida do idoso’, Elen Salas Furtado, ‘Cultura física na perspectiva do idoso’, Alfredo Gomes de Faria Junior, ‘Repercussões das atividades físicas sobre a marcha de idosos’, de Fernanda do Nascimento L. dos Santos e Alfredo Faria Junior, ‘A sensação subjetiva de esforço de idosos durante a prática de atividade física’, de Fernanda Neves Salazar, Regina Krigel e Alfredo Gomes de Faria Junior, ‘O idoso aposentado e a percepção de seu movimento’, de Andréa Krüger Gonçalves e Paulo Sérgio Emerique, ‘Comparação do nível aptidão física entre homens e mulheres idosos fisicamente ativos’, de Erinaldo L. Andrade *et al.*, ‘Idosos e atividade física: *síte* privilegiado no centro esportivo virtual dos países de língua portuguesa’, de Alfredo Gomes de Faria Junior, Laércio Elias Pereira e João Batista Tojal, ‘Idosos em movimento – mantendo a autonomia – turismo social ativo’, de Andréa Guimarães Marques e Luiza Nolasco, ‘Motivação, adesão e

evasão no programa de atividades físicas idosos em movimento mantendo a autonomia (IMMA)’, de Luis Carlos Lira, Alfredo Gomes de Faria Junior e Maria das Graças C. Ribeiro, ‘Um estudo de acompanhamento de estágios para atuação em atividades físicas para idosos’, de Alfredo Gomes de Faria Junior, Lea Laborinha e Maria das Graças C. Ribeiro, ‘Atividade física e o idoso’, de Kátia Pereira Dias e Márcia Clausem Vilela, ‘Sexismo à atividade física: a experiência de pessoas do projeto idosos em movimento mantendo a autonomia’, de Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, ‘Força muscular características morfológicas de mulheres idosas praticantes do programa de atividades físicas do Sesi/Petrópolis’, de W. D. Monteiro, ‘Adiposidade corporal em mulheres idosas de acordo com o nível de atividade física e o número de horas de TV’, de Vagner Raso *et al.*, ‘Programa de intervenção com a mulher idosa: estudo piloto’, de Morgana A. E. Meirelles, ‘Projeto de integração da terceira idade em turmas diferenciadas de atividades não-formais da Educação Física’, de José Ricardo Ramos e Soyane de Azevedo Vargas, ‘Os significados de corpo, de envelhecimento e da prática de atividade física para mulheres na meia idade’, de Maria Elisa Caputo Ferreira e Olavo Feijó, ‘Avaliação dos programas de atividade física para a terceira idade’, de Carla Werlang Coelho e Sebastião Iberes Lopes Melo. Revista Motus Corporis/UGF, ‘Velhos esportistas: utilidade e estética’, de Antônio Jorge G. Soares, ‘Representações de pessoas idosas sobre as atividades corporais’, de Rosecler Vendruscolo e Hugo Lovisolo, ‘Terceira idade: em movimento’, de Hugo Lovisolo, ‘Terceira idade: enfoques múltiplos’, de Elen Salas Furtado, ‘Asilos e práticas profissionais para uma velhice adequada’, de Guita Grin Debret. Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte – Anais – ‘O processo de evasão no projeto de atividades físicas Idosos em Movimento Mantendo a Autonomia (IMMA)’, de Luiz Carlos Lira, ‘Por uma Educação Física de qualidade para os idosos’, de Edmundo de Drummond Alves Junior, ‘O meio aquático e o comportamento do idoso’, de Fátima Moraes Garcia e André Moreira Chagas, ‘Alegria de viver a idade avançada: um estudo de caso com idosos institucionalizados’, de Márcia Álvares de Oliveira Monteiro, ‘Determinação da força de prensão manual da infância à terceira idade’, de Jocaf Leitner, ‘Análise dos movimentos para a prática de atividade física na terceira idade: um estudo realizado com o grupo de terceira idade da Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais’, de Adriene Marize Murada Nunes, José Roberto Silva Vidigal e Leonardo Maia Matarelli, Centro de Desportos da UFSC e seu trabalho com a terceira idade’, de Marise Matos Gonçalves, ‘Vivência no âmbito do lazer para a terceira idade: uma construção coletiva na Universidade Federal de PE-UFPE’, de Tereza França, ‘Atividade física e terceira idade: uma abordagem crítica’, de Viviane de Assis Ramos, ‘Atividade física na terceira idade: aderência, principais patologias e motivos de prática’, de Suraya Cristina Darido *et al.*, ‘A hidroginástica enquanto vivência lúdica para a terceira idade: construindo uma proposta’, de Keyla Mota Braz da Silva e Tereza França, ‘Avaliação morfofuncional e atividades aquáticas na terceira idade’, de Alberto Madureira *et al.*, ‘História de vida de mulheres que vivem com alegria à terceira idade’, de Maria Gorette da Cunha Lisboa e Kátia Brandão Calvanti, ‘Significações imaginárias e terceira idade’, de Mariluce Condessa Bowen, ‘Composição corporal em mulheres de 18 a 85 anos’, de Nívea Márcia Velho e Edio Luiz Petroski, ‘Novos olhares sobre o lazer e aposentadoria’, de Kátia Cristina Calegari, ‘Lazer e auto-realização nos estilos de vida de docentes aposentados da UFRN’, de Rita Luiza de Souza Santos, ‘Resgate da corporeidade: o envelhecimento e as atividades físicas no NETI/UFSC’, de Juliana Pinheiro Machado, Júlio César D. Rocha. Motriz – Revista de Educação Física da UNESP-Rio Claro, ‘Idosos: Educação Física X anti-Educação Física’, de Sebastião Gobbi, ‘Cinética do fluxo sanguíneo no início de exercício moderado em idosos’, de Sebastião Gobbi, ‘Influência da atividade física e da ingestão de cálcio na osteoporose’, de Bráulio Rodrigues de Almeida Junior e Rubens Lombarde Rodrigues. Revista da APEF – Londrina, ‘Educação Física e o idoso: implicações de gênero’, de Edison Riuitiro Oyama e José Guilmar Mariz de Oliveira. Revista Brasileira de Atividade & Saúde, Índice de massa corporal e *performance* neuro-motora em mulheres idosas ativas e sedentárias’, de Erinaldo L. Andrade *et al.*, ‘Atividade física para pessoas idosas e recomendações da Organização Mundial de Saúde de 1996’, de Sebastião Gobbi, ‘Exercício aeróbico ou de força muscular melhora as variáveis da aptidão física relacionadas à saúde em mulheres idosas?’, de Vagner Raso *et al.*, ‘Exercícios com peso para mulheres idosas’, de Vagner Raso *et al.*, ‘Atividade física na terceira idade: uma forma de prevenir a osteoporose’, de

Erasmus Paulo Milorini Ouriques e Juçílio de Albuquerque Fernandes, ‘Feitos de um programa de atividades físicas na terceira idade’, de Élio Carlos Petroski. Como já antes salientado, não há periódicos especializados em atividades físicas para idosos no país. O periódico que mais se aproxima de uma publicação especializada é o ‘Caderno Adulto’, do Núcleo Integrado de Apoio à Terceira Idade, da UFSM, lançado em 1997. Assinala-se que, neste ano, foi também publicado um número temático na ‘Motus Corporis’ (v. 4, n. 2, nov. 1997). Foi publicado o livro: “Atividades físicas para a terceira idade”, de Alfredo Faria Junior e colaboradores (1997). Edmundo Drummond Alves Junior, apresentou em Belo Horizonte, no ENAREL, o trabalho intitulado “Uma nova velhice se apresenta, o exemplo da Universidade do Tempo Livre de Rennes”. Formação de recursos humanos: neste ano o Ministério do Esporte e Turismo começou, no quadro do Projeto Vida Ativa na Terceira Idade, a liberar recursos para a capacitação de recursos humanos para trabalhar com atividades físicas para idosos. Assim, foi possível lançar o mais amplo programa nacional de formação de recursos humanos, organizado pelo Departamento Nacional do Serviço Social da Indústria-SESI e com o apoio desse Ministério, que ofereceram o curso “Atividades Físicas para a Terceira Idade”. O curso foi ministrado em todos os estados da Federação, e se estendeu por três anos consecutivos, com a duração de 48 horas-aula concentradas em seis dias. O curso nos três anos foi coordenado por Felix d’Ávila, do SESI. Para o curso aceitavam-se como alunos profissionais da área de saúde (Brasil. Ministério da Saúde, Resolução nº 218/97, do CNS) e incluía como disciplinas: Aspectos Biológicos do Envelhecimento, Aspectos Psicológicos do Envelhecimento, Planejamento de Atividades Físicas para a Terceira Idade, Lazer e Turismo para a Terceira Idade, Atividades Físicas para a Terceira Idade I e Atividades Físicas para a Terceira Idade II. Em 1997 o Curso foi ministrado em Rio Branco-AC, Manaus-AM, Rio de Janeiro-RJ, Campina Grande-PB, Vitória-ES, Maceió-AL, Natal-RN, Recife-PE, e Salvador-BA. O Corpo Docente era constituído pelos doutores Alfredo Faria Junior (UERJ/IMMA), Lea Laborinha (UFF/IMMA) e Silene Sumire Okuma (USP) e mestres Ernesto Márquez Filho (SESC/SP), Eduardo José da Costa Faria (UERJ/IMMA), Maria das Graças Costa Ribeiro (UERJ/IMMA), Sandra Mahecha Matsudo (CELAFISCS) e Victor Andrade Mello (UFRJ/IMMA). Foram capacitados 413 profissionais.

1998 No campo da produção do conhecimento Paulo de Tarso Veras Farinatti defendeu na Université Libre de Bruxelles (ULB) sua tese de doutorado intitulada *Mise au Point d'une technique d'évaluation de l'autonomie d'action des seniors: de la théorie à la pratique* (Belgique. ULB, 1998). Além disso, foram defendidas as dissertações (mestrado) de Euza M. de Paiva Gomes, “Atividades físico-desportivas de mulheres da elite carioca (1900 a 1930)” (UGF, 1998), de Giselda de Angela Costa Gonçalves, “Adaptações no padrão de locomoção em idosos” (UNESP), de Ernesto Marques Filho, “A atividade física no processo de envelhecimento: uma proposta de trabalho” (Unicamp), de Jorge Luiz Nogueira Daister, “Idoso institucionalizado: sua visão do movimento e da prática fisioterápica”. Rio Claro: UNESP e Maria Elisa Caputo Ferreira, “O corpo representado por mulheres na meia-idade” (UGF, 1998). Foram publicadas as monografias de especialização de Mariléia Barbosa Ribeiro, “Hidroginástica para a 3ª idade” (ESEFM); de João Mariho Gomes, “Musculação na terceira idade” (ESEFM). Foram, também, apresentadas: a memória de licenciatura de Rogério Couto Dias, “Idoso e Flexibilidade” (UERJ), e a monografia de bacharelato de Wanja de Carvalho Bastos, “Educação Física: estimulação de potencialidades dos idosos” (UFRJ). Foi publicada a monografia de graduação de Cristiane Maria Bilato, “O efeito de um programa de condicionamento físico de hidroginástica em mulheres na 3ª idade” (ESEFM). No processo de disseminação do conhecimento destaca-se a realização, este ano, do II Seminário Internacional sobre Atividades Físicas para a Terceira Idade, organizado pela equipe do Projeto IMMA, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com apoio da Universidade Aberta da Terceira Idade (UnATI/UERJ) e teve como presidente Faria Junior. Os Anais desse II Seminário foram publicados em um único volume (Faria Junior, Marques, Krigel, 1998). Nele encontram-se: “apresentação” (Faria Junior, Marques, Krigel), “Conceituação de Necessidades Especiais” (Glat); “Idoso – um cidadão com necessidades educativas especiais” (Faria Junior); “Objetivando construir uma metodologia mais própria para a prática pedagógica das atividades físicas para idosos” (Alves Junior), “Formação do fisioterapeuta para atuar com pessoas idosas” (Krigel), “A importância de projetos inter-geracionais em programas para a terceira idade” (Eiras), “Família, escola e sexismo:

subsídios para projetos de atividades físicas para pessoas idosas” (Cunha Junior), “Exercícios físicos na prevenção da osteoporose” (Santos), “Reflexões sobre atividade física para o idoso institucionalizado: relato de uma experiência” (Considera); “A situação dos idosos asilados na cidade do Rio de Janeiro: perspectivas para um trabalho em equipe” (Nunes); “Envelhecimento, alterações neurológicas e exercícios físicos” (Ferreira), “Atitude declarada dos idosos quanto a prática de atividade física e exercício” (Costa); “Programas de lazer para idosos no Brasil: sugestões a partir de um panorama” (Melo); “Qué está saliendo mal? Perspectivas” (Rossi); “Recreación y Vejez, perspectivas” (Fjan); “Avaliação da autonomia do idoso: o Sistema Sênior de Avaliação da Autonomia – Ação” (Farinatti); “Reflexões sobre formas de trabalho que possam contribuir para uma metodologia da marcha ‘atlética’ para idosos” (Santos); “Atividades físicas para a mulher idosa, uma alternativa de qualidade de vida” (Romero); “A atividade física e o paciente institucionalizado: um desafio interdisciplinar” (Seabra); “Programas de Atividades Físicas para Idosos” (Marques); “A atuação da fonoaudiologia na população idosa” (Costa); “Aprendizagem, memória e envelhecimento cerebral” (Moreira); “Exercício físico, alterações fisiológicas e longevidade” (Moreira); “Relações sociais entre membros de um grupo de idosos durante aula de atividades físicas (Faria Junior & Duarte); “Dança de salão para a terceira idade; uma proposta de reintegração” (Feijó& Rezende); “Atividade respiratória: um exercício contra depressão – Projeto Cuba e Brasil” (Risman) e “Fatores que propiciam a participação do idoso em programas de atividades físicas” (Lira). Neste ano foram publicados os livros: “O Idoso e a Atividade Física”, de Silene Okuma (1998) e “Por que não Educação Física Gerontológica?”, de Rita Puga Barbosa (1998) e Universidade e Terceira Idade: percorrendo novos caminhos”, de Giovana Zarpellon Mazo (1998). O Boletim da FIEP traduziu e publicou o artigo “Comportamento da ‘performance’ e o treinamento de idosos”, de W. Hollmann e o artigo de Pedro Paulo Alcoforado de Oliveira, intitulado “A longevidade desportiva” (1998) e os Cadernos de Extensão da UERJ publicaram “Idosos em Movimento: Mantendo a Autonomia” de Alfredo Faria Junior, Lea Laborinha, Maria das Graças Costa Ribeiro e Helena Barros C de Carvalho (1998). Neste ano foram publicados na Revista *Corporis* – Revista da Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco, ‘Indicações para a prescrição de exercícios dirigidos a idosos: revisão de literatura’, de Daniela Karina da Silva e Mauro Virgílio Gomes de Barros, na Revista *Motus Corporis*/UGF, ‘Representação de pessoas idosas sobre as atividades corporais’ (dissertação de mestrado), de Rosecler Vendruscolo, ‘Sentido da atividade física na terceira idade (dissertação de mestrado)’, Elen Salas Furtado, ‘O corpo representado por mulheres na meia-idade’, de Maria Elisa Caputo Ferreira, ‘Corpo-consciência, Lazer e qualidade de vida: um enfoque na faculdade da terceira idade – FEFISA’, de Ricardo Ricci Uvinha. Revista Brasileira de Atividade & Saúde, ‘Influência do treinamento físico no meio aquático para mulheres na terceira idade’, de Alberto Saturno Madureira e Sônia Maria Toyoshima Lima. *Sprint Magazine*, ‘Diabetes e prescrição de exercícios’, de Eduardo Silveira Netto, ‘Hidroginástica na maturidade’, de Vicente Bonachela, ‘Hidroginástica na maturidade – exercícios’, de Vicente Bonachela. Revista de Educação Física da UEM, ‘Educação Física gerontológica, por que não?’, de Rita Maria dos Santos Puga Barbosa, ‘A osteoporose nas mulheres pós-menopausa e a influência da atividade física: uma análise de leitura’, de Antonia Dalla Pria Bankoff, Tatiana Passos Zylberg e Laurita Schiavon, ‘Conexões: educação, esporte e lazer – Lazer, terceira idade e sua mútua relação’, de Solange Bertozzi de Souza. Revista de Educação Física – Rio de Janeiro, ‘Envelhecimento: o papel da atividade física na manutenção da saúde’, de João Felipe Dias Alves e Mauro Santo Teixeira. Nas Actas do VI Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa encontramos os trabalhos de D. Asensio, M.A. Fernández Del Olmo e A. Rey Cao, ‘A enfermidade de Parkinson: proposta de terapia multidisciplinar’, de Paulo Farinatti e J. H. P. Vanfraechem, ‘Descrição e desenvolvimento do teste sênior de “caminhar e transportar” (tsmp)’, de M. P. Stigger, ‘Futebol de veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano’, de P. E. Antonelli, ‘A importância da dinâmica corporal na manutenção da saúde e na melhoria da qualidade de vida voltada para a faixa etária entre 45 e 72 anos’, de F.Camiña, C. Alsina Santasusana, O. Garcia e J. L. Muñoz, ‘Avaliación da resistencia aeróbica en individuos maiores de 60 anos na comunidade galega’, de F. Camiña, A. Ardá Suárez, D. Lacarra Palomino e G. Ramallo González, ‘Avaliación da flexibilidade en

personas da terceira idade na comunidade galega’, de F. Camiña e J. M. Cancela Carral, ‘Avaliación da forza muscular nas personas da terceira idade da comunidade galega’, de F. Camiña, C. Carrera López, R. Palmás Regueira e C. Rizzo Gómez, *Avaliación do equilibrio estático en personas da terceira idade na comunidade galega*’, de F. Camiña Fernández, J. M. Cancela Carral, E. Real Deus, R. Fernández Pazos e L. Fariña Barreiro, ‘*Actividade física e ben-estar para a terceira idade. Um programa de intervención no medio acuático*’, de J. S. Pereira e V. S. Santos, ‘Aplicação da escala de tinetti em uma população de idosos’, de R. A. Pinho, e T. R. B. Benedetti, ‘Evolução da aptidão muscular na terceira idade’, de V. F. Silva e F. A. Oliveira, ‘Programa de wellness e prática de vídeo-game (*wellgame*): efeitos no processamento motor quantitativo de Gerontes’, de Santiago Victoria, ‘A intervenção do programa de atividades físicas para idosos, da câmara municipal do Porto na reestruturação dos hábitos de vida dos seus frequentadores’, de A.C.R. Wolff, ‘O lazer na perspectiva da terceira idade: um estudo exploratório’. Edmundo Drummond Alves Junior apresentou em São Paulo, no Enarel, pesquisa intitulada “O trabalho voluntário realizado por idosos numa universidade do tempo livre: tempo de lazer ou de uma segunda carreira?” No campo da formação de recursos humanos, o curso “Atividades Físicas para a Terceira Idade” foi ministrado em Cuiabá-MT, Brasília-DF, Porto Velho-RO, Boa Vista-RR, São Luiz-MA, Belém-PA, Teresina-PI, Macapá-AM, Fortaleza-CE, Aracajú-SE. Foram capacitados 498 profissionais.

1999 Neste ano foi reestruturado o Programa de Vida Ativa na Terceira Idade, do Ministério do Esporte e Turismo. Esse Programa se preocupava com a produção do conhecimento e dentre as ações da Secretaria Nacional de Esporte desse Ministério destacava-se o apoio a “projetos de caráter científico e de pesquisa, para que possamos ter trabalhos e bibliografias para uma contínua reflexão acerca do trabalho com idosos, considerando que estamos vivendo um momento social novo onde os ‘mais velhos’ aos poucos conquistam novos espaços e testemunham que ‘aprender é tarefa de quem está vivo’. Assim, “é fundamental a busca de novas estratégias de intervenção prática, inseridas numa perspectiva de Educação Física que contribua na vida dos idosos, possibilitando que tornem a existência ‘humana’ até o fim”. Este ano consignou-se a defesa da tese de doutorado de Leonéa Vitória Santiago, defendida na Universidade do Porto, intitulada “Os valores orientadores das práticas desportivas em Grupos Emergentes da Terceira Idade: um estudo sobre suas construções simbólicas” (Universidade do Porto, 1999). Foram defendidas as dissertações (mestrado) de Fabiano Pries Devid, “A representação social dos nadadores mester campeões sobre sua prática competitiva da natação” (UGF, 1999), de Rosana Aparecida Andreotti, “Efeitos de um programa de Educação Física sobre as atividades da vida diária de idosos” (USP), de Maria Urbana Pinto Brandão Rondon, “Comportamento imediato e prolongado da pressão arterial pós-exercício em idosos normotensos e hipertensos” (USP), de Marcelo Antonio Ferraz, “Acomplamento sensorio-motor no controle postural de idosos: efeitos da atividade física” (UNESP), de Renato de Moraes, “Efeitos do envelhecimento nas habilidades de andar para frente, andar para trás, sentar e levantar” (UNESP), de José Alípio Assis dos Santos Filho, “O idoso diante do lúdico” (UNESP) e Eveline Torres Pereira, “Imagário social e velhice: o discurso do idoso” (UGF, 1999). Foram publicadas as monografias de especialização: de Josiane Santos Brant Rocha, “Hidroginástica e envelhecimento” (ESEFM); de Alessandra Carla Ferreira, “A prática da hidroginástica como resgate da corporeidade em pessoas da terceira idade” (ESEFM); de Idelma Maria Santana Teixeira, “Hidroginástica na terceira idade como proposta para uma boa qualidade de vida” (ESEFM); de Luciana de Mendonça Lima, “Atividade física na 3ª idade – em específico o trabalho de força” (ESEFM); de Adriana Ronzani, “A hidroginástica e a percepção de bem estar no idoso” (ESEFM); de Zuleica Duarte, “Atividade física e idoso” (ESEFM); de Cláudia Cordeiro, “Atividade física e envelhecimento” (ESEFM); de Christiane Casali, “Atividade física para a 3ª Idade. Reapropriação do corpo” (ESEFM); de Fabíola Melo de Medeiros, “Hidroginástica e 3ª Idade” (ESEFM); de Ângela Caixeiro, “Flexibilidade na terceira idade” (ESEFM); de Alessandra Moraes, “A musculação como treinamento de força na terceira idade” (ESEFM). Foi apresentada a memória de licenciatura “A flexibilidade do idoso”, de Rogério Couto Dias (UERJ, 1999). Foi publicada a monografia de graduação de Joana Darc Jeremias Pelozzi, “Benefícios da caminhada para a terceira idade” (ESEFM). No campo da disseminação dos conhecimentos o Programa de Vida Ativa da Terceira Idade também

desenvolveu ações destinadas a “apoiar a elaboração de material de divulgação da Política Nacional do Idoso no setor esportivo, buscando sensibilizar a população alvo a desenvolver atividades esportivas e recreativas. Apoiar a elaboração e publicação de obras didáticas, nessa área, com a finalidade de difundir e incentivar o hábito da prática da atividade física de forma saudável e prazerosa”. Isto se consubstanciou na “Edição e Distribuição de Material Técnico Didático de Esporte”. Neste ano destacaram-se, a publicação do livro “Ginástica, Dança e Desporto para a terceira idade”, organizado por Alfredo Faria Junior, que integra a coleção do SESI, coordenada por Felix d’Ávila (1999) e o “Posicionamento oficial da Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte e da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia: atividade física e saúde no idoso”, de Antonio Cláudio da Nóbrega e colaboradores, publicado na Revista Brasileira de Medicina do Esporte (1999). Foram publicados na Revista Brasileira de Ciência & Movimento, “Avaliação da atividade física habitual e densidade mineral óssea em homens adultos e idosos: um estudo epidemiológico”, de Alex Antonio Florindo *et al.*; “Níveis de agilidade em idosos: efeitos de um programa de atividades físicas e de intensidade moderada”, de Verônica Miyasike da Silva *et al.*; “A influência da prática da atividade física sistemática ao longo da vida na agilidade, equilíbrio, tempo de reação e tempo de movimento dos idosos participantes do PAAF 1997 e do PAAF 1999”, de Silene Sumire Okuma *et al.*; “Comparação do comportamento da pressão arterial durante o exercício físico em idosos treinados e não treinados”, de Sebastião Gobbi *et al.*; “A influência da prática do exercício regular na força e flexibilidade dos idosos participantes do PAAF”, de Linda Massako Ueno *et al.*; “Padrão de conhecimento do novo paradigma da atividade física de acordo com o nível de atividade física em idosos não sedentários do Estado de São Paulo”, de Sandra M. Matsudo *et al.*; “Aptidão física e a prática de atividade física em idosos asilados”, de Tânia Bertolo Benedette; “Composição corporal, índice de massa corporal e distribuição regional de gordura em indivíduos idosos”, de Joie de Figueiredo Nunes e Erasmo Paulo Miliorini Ouriques; “Estudo das contribuições das atividades físicas para a função pulmonar, à tolerância aos exercícios e para a auto-imagem e auto-estima de idosos”, de Marizete Peralta Safons; “Estabilidade das variáveis de aptidão física em mulheres idosas, ativas participantes de um programa de treinamento com pesos”, de Vagner Raso, Sandra Matsudo e Victor Matsudo, “Verificação do efeito de um programa de alongamento sobre o comportamento de força em membros superiores e inferiores em mulheres idosas”, de Sílvia Maria Saraiva Valente Chiapeta, Maria Aparecida Cordeiro Sperancini e Jair Cindra Virtuoso Junior, “Efeitos do treinamento contra-resistência na força muscular e flexibilidade de mulheres idosas”, de Aline Rodrigues Barbosa *et al.*; “Atividades aquáticas da comunidade ao rendimento: na caminhada de 1.600 m em grupos de idosas”, de Leydes Aparecida Coelho *et al.*; “Efeito de um período de destreinamento após um programa de treinamento de tai chi chuan sobre o nível de aptidão física de mulheres idosas”, de Rosana F. Oliveira, Sandra Matsudo e Victor K. Matsudo; “Prática de caminhada sem intensidade e duração adequadas pode não resultar em melhoria da capacidade de *endurance* em mulheres idosas”, de Márcio Pereira Silva, José Alípio Assis dos Santos Filho e Sebastião Gobbi; “Estimativa da composição corporal em mulheres idosas”, de Gleci Lurdes Gubiani e Cândido S. Pires Neto; “Projeto idoso feliz participa sempre – Universidade da terceira idade adulta: uma retrospectiva da implantação ao presente”, de Rita Maria dos Santos Puga Barbosa; “Análise dos fatores determinantes da adesão à prática da atividade física regular em mulheres da terceira idade”, de Adriana Barni Truccolo *et al.*; “Estudos de parâmetros motores na terceira idade”, de Francisco Rosa Neto; “Índice de massa corporal de alunas da universidade livre da terceira idade da Unicastelo”, de Denilce Aparecida Gomes Xisto; “A prática da atividade física no dia-a-dia da terceira idade”, de Cléia Inês Rigon Dorneles e Gelcemar Oliveira Farias; “Nível de atividade física de adultos acima de 50 anos de idade do Estado de São Paulo”, de Erinaldo Luis Andrade; “Atividade física e perfil metabólico de mulheres no climatério pré-menopáusicas com terapia de reposição hormonal”, de Maria Amélia Roth *et al.*; na Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde, “Força muscular e características morfológicas em mulheres idosas praticantes de um programa de atividades físicas”, de Wallace D. Monteiro *et al.*; “Idosos asilados e a prática de atividade física”, de Tânia Rosane Bertoldo Beneditti e Edio Luiz Petroski; “A influência da atividade física na capacidade funcional: envelhecimento”, de Linda Massako Ueno; na Motriz – Revista de Educação Física Unesp/Rio Claro, “Atividades Corporais e a mulher

idosa”, de Glauco Nunes Souto Ramos *et al.*; “Terceira idade: a música e a dança de salão interferindo no estado de ânimo”, de Silvia Aguilar da Cruz e Silvia Deutsch, “Alterações nos níveis de coordenação de pessoas da terceira idade através de um programa de atividade física generalizada”, de Paula F. Polastri *et al.*; “O profissional da Educação Física e a terceira idade: intervenção e conhecimento”, de Kátia Cristina Calegari, “Exercício e diabetes: influência do treinamento físico sobre os sintomas apresentados por ratos tratados com aloxana”, de Julio W. dos Santos, Eliete Luciano e Alice R. Mello, “A reeducação do movimento respiratório em idosos”, de Patrícia Mano Trindade, “Efeito da atividade física sobre a concentração de glicogênio muscular hepático e cardíaco de ratos idosos”, de Fernando da Rocha Silva de Azevedo *et al.*, “Atitude declarada dos idosos quanto à prática de atividade física e exercícios”, de Deolinda Maria Costa, “Efeito do treinamento físico (aeróbico e misto) com e sem terapia de reposição hormonal, sobre a composição corporal de menopausas”, de Andréia Nadai *et al.*; na Revista Brasileira de Ciência do Esporte- “Perfil levantado pela área de Educação Física, dos idosos participantes do PIASI: projeto interdisciplinar de assistência à saúde do idoso HC-UEL- Londrina-PR”, de Lucília K Utiyama e Denílson de C Teixeira, “A prática de atividades físicas alternativas realizadas por idosos em ambiente associativo”, de Edmundo de Drummond Alves Junior, “Corporeidade e lazer: perspectivas de integração social intergerações com alunos do primeiro grau menor e idosos institucionalizados”, de Márcia Álvares de Oliveira Monteiro e Elizabeth Jatobá Bezerra Tinoco, “A concepção de ‘se movimentar’ em propostas pedagógicas de Educação Física com idosos”, de Cláudia Elisa Grasel Ceolim, José Francisco Silva e Ingrid Marianni Backer, “Atividade Física interferindo no humor do idoso”, de Marize Amorim Lopez, Sidney Ferreira Farias e Paulo Sérgio da Silva Borges, “Praticantes de atividades aquáticas: autonomia dos idosos”, de Fábio Dacol e Giovana Zarpellon Mazo, “Proposta de um programa de atividade física para terceira idade em uma abordagem institucional”, de Ana Cláudia Costa de Souza, “Uma perspectiva de mediação entre conhecimento e realidade: os quinze anos do núcleo integrado de estudos e apoio à terceira idade”, de Marco Aurélio de Figueiredo Acosta, “Programa específico para terceira idade: contribuindo para um envelhecimento bem sucedido”, de Carla Patrícia da Mata e Maria Elisa Caputo Ferreira, “Uma proposta metodológica de dança na terceira idade”, de Caroline Protázio Souza, Paulo Henrique Ventura e Valéria M. Chaves Figueiredo, “Jogar envelhecendo: atividade lúdica na terceira idade”, de José Alípio Assis dos Santos Filho, “Proposta de um programa de atividade física para terceira idade em uma abordagem institucional”, de Cláudia Costa de Souza, “Atividade física e terceira idade”, de Érika de Jesus Machado e Mey de Abreu Van Munster, “A hidroginástica e a longevidade: trajetória de vida”, de Zélia Natália Coletti Ohlweiler e Veruska Pires, “A perspectiva do lazer na pré-aposentadoria”, de Josean Pierre Cardoso de Araújo, Jonas Moraes Sobrinho e Kátia Brandão Cavalcanti, “Contextualização. Velhice e atividades corporais”, de Rosecler Vendruscolo, “Consciência corporal, expressividade e envelhecimento”, de Rosemary Rauchbach; na Revista *Motus Corporis*/UGF- “Imagário social e velhice: o discurso do idoso (dissertação de mestrado)”, de Eveline Torres Pereira, “Mulheres na meia-idade e corporeidade”, de Maria Elisa Caputo Ferreira e Olavo Guimarães; na Revista Paulista de Educação Física, “Validação de uma bateria de testes de atividades da vida diária para idosos fisicamente dependentes”, de Rosana Aparecida Andreotti e Silene Sumire Okuma; Revista Mineira de Educação Física, “Osteoporose: A integridade óssea pela atividade física e outros fatores – um enfoque diferente”, de Erasmo Paulo Miliorini Ouriques e Joie de Figueiredo Nunes, “Atitudes dos idosos quanto à prática de atividade física e exercício (Resumo de dissertação)”, de Deolinda Maria Costa; na Corpoconsciência, “Terceira idade e qualidade de vida: uma análise sócio-cultural”, de George Falcão Belo; na Sprint Magazine, “Osteoporose: A epidemia silenciosa do século vinte”, de Maria de Fátima Pousa Lima e Edvaldo de Farias; na Licere, Revista do Centro de Lazer e Recreação/EEF/UFMG, “Lazer e qualidade de vida: o enfoque na faculdade da terceira idade – faculdade de Educação Física de Santo André – FEFISA”, de Ricardo Risse Uvinha, na Humanidades, “O século do idoso e o papel do desporto”, de Jorge Bento, “Algumas considerações sobre envelhecimento e atividade física”, de Marisete Perralta Santos, na Revista Paulista de Educação Física, “Validação de uma bateria de testes de atividades da vida diária para idosos fisicamente independentes”, de Rosana Aparecida Andreotti e Silene Sumire Okuma. No 7º

Congresso de Educação Física e Ciências do Esporte dos Países de Língua Portuguesa, realizado em Florianópolis, foi realizado um ‘painel temático’ intitulado: Atividade Física na Terceira Idade. Nele foram apresentadas tres intervenções: “Impacto da atividade física sobre a dimensão psicológica do idoso: uma análise sob a ótica da velhice bem-sucedida”, por Silene Okuma; “Atividades físicas para idosos – um desafio para a educação gerontológica”, por Alfredo Faria Junior; “Idosos, atividades físicas, CEFD/NIEATI/UFMS 15 anos”, por José Francisco Silva Dias. Como temas livres foram apresentados: “Atividade sensório- motora interferindo no estado emocional do idoso” (Lopes, Farioa, Borges, 1999), “Idosos asilados e as modificações na flexibilidade com a prática sistemática de um programa de atividades físicas” (Benedetti, Petroski, 1999), “Um programa de atividades corporais centrado na Dança Sênior” (Meireles, Feijó & Vargas, 1999); “Atividade física na Terceira Idade: a busca da qualidade de vida” (Amaral & Gaio, 1999); “A (re) descoberta da corporeidade do idoso” (Antones & Gioda, 1999); “Programa de assistência ao idoso do IPESC: situação dos idosos e atuação dos profissionais” (Rocha & Mazo, 1999) e “ Composição da bioquímica sanguínea entre idosos fisicamente ativos” (Gobbi, Zago & Ruiz, 1999). Foram publicados os anais do II Congresso Brasileiro de Atividade Física & Saúde conjuntamente com o VIII Simpósio de Pesquisa em Educação Física, (Florianópolis) e, nestes, continham os trabalhos completos de Maria Alice Altenburg de Assis, “Alimentação saudável para uma vida ativa: da criança ao idoso; de Sandra Marcela Matsudo, “Benefícios da atividade física no processo de envelhecimento”; de Gregory J. Welk, *Promotion of physical activity: from children to the elderly* (Promoção de atividade física: da infância à terceira idade); os resumos são de A. C. A. Guimarães, E. A. G. P. Pires e S. F. Farias., “Nutrição e longevidade”; de E. S. Azevedo e V. Shigunov, “Benefícios das atividades físicas do cotidiano agro-alimentar na vida de pessoas da 3ª idade”; de E. P. M. Ouriques, J. F. Nunes e N. Heuko Filho, “Relação entre densidade mineral óssea e índice de massa corporal em pessoas com idade acima de 80 anos; de J. F. Nunes, E. P. M. Ouriques e N. Heuko Filho, “Densidade mineral óssea e atividade física em mulheres idosas”; de T. R. B. Benedetti e E. L. Petroski, “Atividades da vida diária em idosos asilados e a prática de exercícios físicos”; de V. M. Vincenzi, “Alterações na capacidade aeróbia, taxas de colesterol, triglicerídeos e glicemia sanguíneas com utilização da geléia real liofilizada”; de V. Raso, S. M. M. Matsudo e V. K. R. Matsudo, “Determinação da sobrecarga de trabalho (SC) em exercícios de musculação através da percepção subjetiva de esforço (PSE) de mulheres idosas – estudo piloto”; M. S. Pereira e A. L. Mata, “Atividade física e terceira idade: um diagnóstico relacionado à qualidade de vida”. Os resumos dos relatos de experiência são de S. Gobbi, R. Villar, V. S. Miyasike e A. S. Zago, “Projeto de extensão atividade física para a terceira idade da Unesp-Rio Claro”. No III Encontro Fluminense de Educação Física Escolar (EnFEFE) foi publicado o trabalho de Carlos Alberto Moreira, “Aprendizagem, memória & envelhecimento cerebral” (UFF). No campo da formação de recursos humanos, o Programa Vida Ativa na Terceira Idade também encetou ações visando “apoiar a realização de cursos de capacitação e reciclagem técnica, destinados aos agentes multiplicadores, envolvidos nas ações de resgate das atividades lúdico-desportivas”. [...] “Devido a toda uma educação reprimida e repressiva a que os idosos se submeteram, aliada ainda às limitações de movimentos decorrentes da idade, faz-se necessário que o profissional interfira nesses aspectos com estratégia metodológica, sensibilidade, muitos cuidados e habilidades para sua aplicação” (o curso “Atividades Físicas para a Terceira Idade” foi ministrado em Palmas-TO, Belo Horizonte-MG, João Pessoa-PB, Recife-PE, Cuiabá-MT, Campo Grande-MS, Belém-PA, Fortaleza-CE, Curitiba-PR e Porto Alegre- RS. Foram capacitados 607 profissionais.

2000 Produção do conhecimento: foram defendidas as dissertações de Sonia Regina Xavier Cardoso, “Análise Comparativa da Função Respiratória na Doença de Parkinson” (UCB, 2000), de Amandio Aristides Rihan Geraldês, “Efeitos do treinamento contra-resistência sobre a força muscular e o desempenho de habilidades funcionais selecionadas em mulheres idosas” (UCB), de Regina Krigel, “Programa de educação em saúde e de exercícios físicos para mulheres idosas portadoras de gonartrose” (UCB, 2000), de Lucília Kuniyoshi Utiyama, “Efeitos de uma programa de atividades motoras nas variáveis da função pulmonar de idosos” (USP), de Alex Antônio Florindo, “Atividade física habitual e densidade mineral óssea em homens adultos e idosos” (USP), de Adriana Coutinho de

Azevedo Guimarães, “Asilos da grande Florianópolis: normas e prática relacionadas à qualidade de vida” (UFSC) e de Erasmo Paulo Miliorini Ouriques, “Hábitos de atividade física e histórico de vida associados à densidade mineral óssea de pessoas com idade acima de 80 anos” (UFSC). Foram publicadas as monografias de especialização de Margarete Vale, “Contribuição da hidroginástica para melhoria da qualidade de vida na terceira idade” (ESEFM); de Carmem Lúcia Silva Ramos, “Hidroginástica – melhora do condicionamento aeróbico do idoso” (ESEFM); de Luiza M. de Lima Assis, “Hidroginástica para a terceira idade” (ESEFM); de Adriana Clemente, “Hidroginástica – estilo de vida para a terceira idade” (ESEFM); de Ana Lúcia da Mata, “Atividades físicas na terceira idade” (ESEFM); de Gilmar Naves de Souza, “A relação entre massa corporal magra e o treinamento contra-resistência em mulheres idosas” (ESEFM). Foi apresentada a memória de licenciatura (monografia) intitulada “Atividade física para idosos institucionalizados: relato de uma estagiária no Abrigo Cristo Redentor”, de Rachel Brunocilla Melo (UERJ, 2000); foram apresentadas as monografias de bacharelado de Carmen Navarro da Rocha, Rosana Martins Chaves e Marilena da Silva Durão, “Lazer, atividade física e idosos: uma análise crítica no Centro Comunitário do Centro Psiquiátrico Pedro II” (UFRJ), de Michele Cristina Costa da Silva, “Os benefícios da prática do alongamento para um grupo de 3a idade” (UFRJ), de Lilian Rocha Escocard Caxias, Sintia Roberta Araújo da Silva e Andresa de Melo Macedo, “Atividades físicas para idosos: aspectos sociais” (UFRJ), de Carla Maciel O. de Souza, Cláudia Letícia de B. Oliveira e Olivia Martins, “Avós, netos e jogos: heranças” (UFRJ), de André de Souza Rocha, Fernanda Campos Pinto e Luciana de Souza Galvão, “Atividade física na prevenção e tratamento das osteoporoses” (UFRJ). Foram publicadas as monografias de graduação de Faustina Gaspar, “Preparo físico na 3ª idade” (ESEFM); de Cintia Campos, “Educação Física gerontológica 3ª idade” (ESEFM); de Luciano de Souza Reis, “Musculação aplicada à 3ª idade” (ESEFM); de Gislaíne Garcia, “Importância da atividade física na 3ª idade” (ESEFM). No processo de disseminação do conhecimento destaca-se a realização, este ano, do III Seminário Internacional sobre Atividades Físicas para a Terceira Idade, organizado pela equipe do Projeto IMMA, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com apoio da Universidade Aberta da Terceira Idade (UnATI/UERJ) e do CNPq e que teve como presidente Paulo Farinatti. Os Anais desse III Seminário foram publicados em um único volume (Faria Junior, Decaro, Sanches, 2000). Nele se encontram: “Apresentação” (Faria Junior, Decaro & Sanches); “Apontamentos da Janela da Minha Idade” (Bento); “População idosa com deficiência visual – atividade física – orientação e mobilidade” (Castro); “Por uma metodologia de ensino – aprendizagem de atividades físicas para pessoas idosas portadoras de deficiência visual” (Vargas); “Desporto, idosos e promoção da saúde: uma relação possível” (Santos); “Corpos idosos e o modelo da velhice ativa, participativa” (Guedes), “Aspectos sócio-antropológicos do envelhecimento e as atividades físicas” (Cunha Junior); “Gestão de Academias para Idosos” (Capinussú); “Além da segmentação demográfica: a importância da análise psicográfica no desenvolvimento de programas de atividades físicas para a terceira idade” (Vilela), “Alguns aspectos psicopedagógicos da atividade física a terceira idade: um exemplo de pesquisa em Natação” (Vanfraechem-Raway); “Idoso, estresse e atividade física” (Guedes); “Biologia do envelhecimento físico: algumas considerações” (Araújo); “Atividade física e lombalgias” (Silva), “Comportamento de variáveis cardíaco-respiratórias na recuperação pós-esforço: uma análise comparativa em indivíduos jovens e idosos” (Farinatti), “Atividades físicas e terceira idade: do presente ao futuro” (Vanfraechem); “aspectos psicológicos do envelhecimento e as atividades físicas” (Costa); “Por uma educação sobre o envelhecimento: aportes da Educação Física” (Faria Junior); “Atividades Físicas, pessoas idosas e os modelos vigentes no livro didático” (Decaro). Dos Anais (op. cit.) fazem parte os textos integrais das comunicações livres: “O despertar do talento na grande idade: a eclosão do vulcão” (Reis, Barbosa & Mettrau); “A hidroginástica como mineralizadora óssea para a 3ª idade portadora de osteoporose” (Costa); “Saúde e atividade física: conceitos e prática em alunos de academias e sedentários na terceira idade” (Silva, Farias & Lins); “As implicações da surdez nos idosos para as atividades físicas e sociais” (Mattos); “Projeto IMMA – Pólo Niterói: avaliação de conhecimentos sobre atividades físicas e hipertensão” (Lugão); “A importância e a aplicabilidade da hidroginástica para indivíduos portadores de osteoporose” (Ireno & Polissenii); “O fenômeno do *ageism* (envelhecimento) na formação de professores

– implicações para a Educação Física” (Coutinho); “Atividades físicas e o envelhecimento na situação prisional” (Sanches); “O idoso e as atividades físicas: influência dos fatores sócio-econômicos” (Faria Junior); “Sociograma como meio de verificação das relações sociais de um grupo de praticantes de atividades físicas (Projeto IMMA)” (Castro, Villano & Faria Junior); “Ginástica, recreação e lazer: uma abordagem gerontológica do grupo ‘é pra viver, do SETRAPs” (Guedes); “Efeitos de um programa de resistência muscular localizada e de resistência progressiva sobre a autonomia e a independência funcionais do idoso” (Aragão, Dantas & Pastore). Neste ano, o EGREPA realizou seu 8º Congresso Internacional, em Bruxelas (Bélgica), organizado pelo *Institut Supérieure d’Education Physique et de Kinésithérapie*-ISEPK (Instituto Superior de Educação Física), da *Université Libre de Bruxelles*-ULB. O Presidente do Congresso foi Jacques Vanfraechem, da ULB. Os conferencistas foram: Per-Olof Astrand, Alfredo Faria Junior, Claude Javeau, Marco V. Narici, Jacques R. Poortmans, Edgar Thill e Arsênio Veicsteinas. Alfredo Faria Junior, o segundo brasileiro convidado do EGREPA como conferencista, falou sobre *The Teaching of Physical Activities for the Elderly. The State of the Art* (O ensino de atividades físicas para idosos. O estado da arte). As comunicações apresentadas por brasileiros foram: *La pratique de la self-defence comme moyen d’améliorer le stress des personnes âgées* (A prática da defesa pessoal como forma de melhorar o estresse em pessoas idosas), de Onacir Carneiro Guedes; *Influence of age and sex on the relationship between cardiac output and oxygen uptake during physical effort* (Influência da idade e gênero na relação entre débito cardíaco e o consumo de oxigênio durante esforço físico), de Paulo Farinatti e Jacques Vanfraechem, *Exercise adherence by elderly people with visual disabilities* (Adesão de idosos com deficiências visuais ao exercício físico), de Luis Carlos Lira, *Comparison of specific knowledge (physical activity and hypertension) of two elderly groups – IMMA Project : Duque de Caxias and Andaraí* (Comparação de conhecimento específico (atividade física e hipertensão arterial) de dois grupos de idosos – Projeto IMMA: Duque de Caxias e Andaraí), de Elizabeth Lugão; *Étude comparative de sujets belges féminins pratiquant et non pratiquant pas d’activités physiques* (Estudo comparativo de mulheres belgas praticantes e não-praticantes de atividades físicas), de Rosilene Maria de Lucena Guedes; *Predictor factors of functional status in a geriatric institutionalized population* (Fatores que predizem o status funcional de uma população geriátrica institucionalizada), de Ricardo Oliveira Guerra. Na programação do Congresso, realizaram-se oficinas sobre ‘Expressão Corporal’, Ginástica e Recreação’, ‘Danças Tradicionais’, ‘TaoKiné’, ‘Auto Defesa’, ‘Ginástica de Manutenção’ e ‘Yoga’. Dois brasileiros dirigiram oficinas: Onacir Carneiro Guedes, a de ‘Auto Defesa’ e Rosilene de Lucena Guedes, de ‘Ginástica e Recreação’. Em periódicos brasileiros, foram publicados os artigos: “Atividade física habitual e sua relação com a densidade mineral óssea em homens adultos e idosos”, de Alex Antonio Florindo e colaboradores, na Rev. Brasileira de Atividade Física e Saúde (2000). Neste ano Sandra Marcela Mahecha Matsudo lançou seu livro “Avaliação do Idoso – física & funcional” (2000). Nos periódicos foram publicados, na Revista Brasileira de Ciência & Movimento, Determinação da sobrecarga de trabalho em exercícios de musculação através da percepção subjetiva de esforço de mulheres idosas – estudo piloto, de Vagner Raso, Sandra Matsudo e Victor Matsudo, Exercícios com peso para pessoas idosas: a experiência dos CELAFISCS, de Vagner Raso. Impacto do envelhecimento nas variáveis antropométricas, neuromotoras e metabólicas da aptidão física, de Sandra Matsudo, Victor Matsudo e Turíbio Leite de Barros Neto; na Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde, Atividade física habitual e sua relação com a densidade mineral óssea em homens adultos e idosos, de Alex Antonio Florindo *et al.*, Efeitos de um programa de treinamento contra-resistência sobre a força muscular de mulheres idosas, de Aline Rodrigues Barbosa *et al.*, Efeitos de um programa geral de atividade física de intensidade moderada sobre os níveis de resistência de força em pessoas de terceira idade, de Anderson Saranz Zago *et al.*, Efeitos benéficos da atividade física na saúde mental durante o processo de envelhecimento, de Sandra Matsudo, Victor Matsudo e Turíbio Leite Barros Neto. Motriz – Revista de Educação Física Unesp/Rio Claro, Velhice... espaço social de aprendizagem: aspectos relevantes para a intervenção da Educação Física, de Fabiano Pries Devede; na Revista *Motus Corporis*/UGF, O trabalho voluntário realizado por idosos numa universidade do tempo livre: tempo e lazer e “segunda carreira”, de Edmundo de Drummond Alves Junior, Os valores

orientadores das práticas desportivas em grupos emergentes da terceira idade: um estudo sobre as construções simbólicas, de Leonéa Vitoria Santiago. Revista Mineira de Educação Física, Comportamento da flexibilidade do quadril em mulheres idosas praticantes de atividade física, de Carlos Henrique S. Ferreira e Adilson Osés, O processo de socialização do idoso através da prática de atividade física, de Keila Nunes Valente, Raquel Guimarães Lins e Daniel Fragoso de Queirós, Efeito de um programa de atividades físicas para idosos com limitações de movimento sobre o comportamento de força, de Jair Sindra Virtuoso Junior, Silvia Maria Saraiva Valente e Maria Aparecida Cordeiro Sperancini, Hidroginástica como melhoria da qualidade de vida dos idosos no aspecto motor, de Franciane Rossi de Carvalho *et al.*, O idoso da instituição asilar e a atividade física, de Fabrícia Geralda Ferreira e Eveline Torres Pereira, Efeitos da atividade física e da ingestão de cálcio dietético sobre a densidade óssea de mulheres no climatério, de S. M. S. V. Chiapeta *et al.*, Hidroginástica localizada socializante para a terceira idade, de Valéria Orrico Bezerra, Hidroginástica na terceira idade: um enfoque no aspecto social, de Flaviane M. Vieira *et al.*; na Revista Perfil – Publicação do Curso de Mestrado em Ciências do Movimento Humano/ESEF/UFRGS, Escola postural para a terceira idade, de Elisa Verneti Schuch, Cláudia Tarragô Candotti e Ana Maria Steffens Pressi. Sprint Magazine, Bases de Educação Física gerontológica, de Rita Maria dos Santos Puga Barbosa. No Livro de Resumos do oitavo Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa, têm-se as seguintes publicações: as comunicações, na subárea Educação, de Edmundo de Drummond Alves Junior, “Praticando atividade física para um envelhecimento saudável: perspectivas para os velhos brasileiros do Século XXI”; de Marize Amorim Lopes e Giovana Zarpellon Mazo, “Produção acadêmica na área da Educação Física e gerontologia”; de Janaína Nascimento de Oliveira, Adriana Silgueiredo dos Reis e Juliana Pires de Souza, “Atividade física e o processo de inclusão social dos idosos: mito ou realidade?”; de Adriana Silgueiredo dos Reis, “Dança: um fator de inclusão social na terceira idade?”. Na subárea Saúde, foram apresentadas as comunicações de Hamilton Santos, Analisa Silva, Vasco Godinho, Raimunda Silva e Eleutério Quaresma, “Atividade física e idosos – um estudo sobre autonomia e fatores que determinam a adesão à prática de atividade física no conselho de Amadora”; de Maria Aparecida Covolan, “O stress na terceira idade: suas causas, conseqüências e como é administrado nesta fase da vida”; de Maria Aparecida Covolan, “Qualidade de vida na maturidade: um dos objetivos do programa da Universidade da Terceira Idade da UNIMEP”; de Paulo Farinatti, “Sistema sênior de avaliação da autonomia de ação: um novo método de avaliação da autonomia funcional de idosos”; de Carlos Alberto Kelencz, “Uso da musculação no treinamento de força para idosos”; de Sandra Silva Martins, Maria Helena Moreira, Teresa Lourenço Branco e Luís Bettencourt Sardinha, “Fracionamento da massa gorda corporal e pertinência das associações das respectivas frações em mulheres pós-menopáusicas”; de Giovana Zarpellon Mazo, Jorge Mota, Mauro V. G. Barros e Tânia Bertoldo Benedetti, “Avaliação da atividade física em idosos: validade concorrente e reprodutibilidade de um questionário”; de Maria Helena Moreira, Ricardo Silvestre, Pedro Jorge Castanheira, Maria de Lurdes Machado e Luís Bettencourt Sardinha, “Comparação da composição corporal em mulheres com e sem terapia hormonal de substituição”; de Marcia Moura e Regina Simões, “Corpo idoso no asilo: para além da institucionalização”; de Leonor Moniz Pereira e Elisabete Saragoça, “Apoio à distância e o idoso”; de Jacinto Pinto, Miguel Videira, Joaquim Sérgio e Francisco Madeira, “Influência das informações neuro-sensoriais visuais e podais sobre o comportamento postural ortostático em indivíduos idosos”; de Ana Rey Cao, “Corpo, pensamento e saúde. Uma proposta metodológica para pessoas idosas”; de Francisco Rosa Neto e Fabiane Graef Müller, “Estudo de parâmetros motores na terceira idade”; de Marisete Peralta Safons, “Qualidade de vida na terceira idade: uma proposta multidisciplinar”; de Maria do Carmo Santos, Margarida Espanha, João Branco e José Santos, “Efeitos da idade nos níveis de força isocinética dos músculos extensores e flexores do Joelho em mulheres idosas ativas”; de Roberta Carolina Valle da Trindade e Elaine Romero, “Representações de corpo e de saúde emocional em mulheres fisicamente ativas e sedentárias no período da menopausa”; de Adriana Barni Trucolo e Eduardo Henrique De Rose, “Comparação dos fatores determinantes da aderência ao exercício entre adultos brasileiros e americanos. Foram publicados como *posters* os trabalhos de Fátima de Sant’Anna Amorim, Heron Beresford e

Estélio H. M. Dantas, “Uma explicação fenomênica sobre a relação entre o consumo máximo de oxigênio (V_{O2} MÁX.) e a autonomia ou independência do idoso na realização das atividades da vida diária (AVDS)”; de Tânia Bertoldo Benedetti e Giovana Zarpellon Mazo, “Atividade física e condições de vida dos idosos institucionalizados na Grande Florianópolis”; de Simone C. De Carli e Tânia Bertoldo Benedetti, “Idosos e Dança: aptidão física, auto-imagem e auto-estima”; de Andréa Krüger Gonçalves e Cátia F. Leite, “O envelhecimento de acordo com a opinião de universitários e a Educação Física na terceira idade”; de Cátia Marques, Pedro Filipe Teles e Ana Maria Teixeira, “A influência da prática de exercício físico regular na susceptibilidade às doenças e ao *stress* de indivíduos idosos”; de Gustavo Puggina Rogatto e Sebastião Gobbi, “Efeitos da atividade física regular sob parâmetros antropométricos e funcionais de mulheres jovens e idosas”; de Gustavo Puggina Rogatto e Sebastião Gobbi, “Níveis de força e área muscular do braço (AMB) de jovens e idosos praticantes de atividade física”; de Helena Maria Ruete, “Hidroginástica na terceira idade: análises das mudanças psicológicas”; e de Regina Simões e Wagner Wey Moreira, “Qualidade de vida na terceira idade: uma investigação junto aos alunos da Universidade da Terceira Idade da UNIMEP”. No IX Congresso de Educação Física de Volta Redonda e no II Encontro Regional do CBCE, realizados juntos no Centro Universitário de Volta Redonda (UniFOA), foram apresentados as comunicações orais de Jair Sindra Virtuoso Júnior e Paulo Roberto Amorim, “Análise dos Efeitos de um Programa de Atividades Físicas sobre o Comportamento da Aptidão Cardiorrespiratória em Mulheres Idosas com Limitações de Movimento”; de Jair Sindra Virtuoso Júnior e Paulo Roberto Amorim, “Efeitos de um Programa de Exercícios de Alongamento sobre o Comportamento da Flexibilidade em Mulheres Idosas com Limitações de Movimento”

2001 No processo de disseminação do conhecimento destaca-se a realização, este ano, do IV Seminário Internacional sobre Atividades Físicas para a Terceira Idade, organizado por Onacir Carneiro Guedes no Centro Universitário UNIPÊ, em João Pessoa. Os Anais desse IV Seminário foram publicados em um volume (Guedes, 2001a) e as conferências reunidas no livro “Idoso, Esporte e Atividade Física” (Guedes, 2001b). Dele constam: “Desporto, Corporalidade, Saúde, Vida” (Bento); “Idoso, Esporte e Competição” (Guedes); “O risco das atividades competitivas para os idosos” (Faria Junior); “Autodeterminação e adaptação psicológica do idoso” (Thill); “Envelhecimento e auto-estima” (Trindade); “Percepção, Ação e envelhecimento” (Barreiros); “Educação para o envelhecimento: parâmetros curriculares nacionais, temas transversais e formação de professores” (Faria Junior); “Motivação de idosos praticantes de atividades físicas” (Guedes); “O processo de envelhecimento: modelos teóricos de saúde e incapacidade” (Guerra); “Envelhecimento e mudanças sociais: algumas considerações” (Aquino). Neste ano foram publicados os livros: “Atividade física na maturidade”, de Carlos Alberto Moreira (2001), “Terceira Idade & Atividade Física”, Maria Alice Corazza (2001); “Idoso, Esporte e Atividades Físicas”, de Onacir C. Guedes (2001); “A Atividade Física para a Terceira Idade”, de Rosemary Rauchbach (2001) e “Envelhecimento e Atividade Física”, de Sandra Marcela Mahecha Matsudo (2001). Foi publicado no número 11 da Prata da Casa “O jogo como elemento da ludicidade para a terceira idade”, de José Alípio Assis dos Santos Filho (2001), na Revista Paulista de Educação Física, “Andar para frente e andar para trás em indivíduos idosos”, de Renato Moraes, Eliane Maurberg de Castro (2001). Edmundo Drummond Alves Junior apresentou no CONBRACE, em Caxambu, o trabalho “Construindo um programa de prevenção de quedas que seja capaz de influir na vida ativa de pessoas com necessidades especiais: preparando-se para um envelhecimento saudável”. No V Encontro Fluminense de Educação Física Escolar (EnFEFE), foram apresentados os trabalhos de Bianca Viana Santos Souza, “A integração social do idoso na Educação Física escolar” (UFF); de Aldracir Casanova Cunha, Luciege Lacerda Lopes Canário e Paulo Roberto dos Santos, “A representação social da velhice em três grupos sociais distintos” (UFF); de Gabriela Aragão Souza de Oliveira, “As aulas de Educação Física escolar e o entendimento da prática de atividade física dos idosos por parte dos alunos: um relato de experiência” (UFF); de Cristina de Matos Peixoto Fanzeres, Évelin Mendes Araújo e Renata Maria Burnier, “Relato de experiência: preparação para um envelhecimento saudável -visão do jovem sobre o idoso e suas perspectivas para o futuro” (UFF). No X Congresso de Educação Física de Volta Redonda, realizado na UniFOA, foram apresentadas

as comunicações orais – temas livres de Alfredo Gomes de Faria Junior e Marcos Avellar do Nascimento, “O idoso e as atividades físicas: o caso de uma mega-academia”; de Ana Cláudia R. Craveiro, “Gerontologia nos currículos de formação de professores de Educação Física: o caso do Rio de Janeiro”; de Marlene Dias P. Pinto, Rachel B. de Melo, Ana G. de Souza e Flávio Luis de Almeida, “Indícios de depressão em um grupo de idosos portadores de deficiência visual praticantes de atividades físicas”; de Elizabeth C. Lugão e Leonardo G. de Oliveira, “Hábitos tabagísticos em um grupo de idosos hipertensos praticantes de atividades físicas”; de Edmundo Drummond Alves Junior, “Abordando nas aulas de Educação Física a temática do envelhecimento”; de Keila Nunes Valente e Raquel G. Lins, “O projeto de extensão de natação da UFRJ e a terceira idade” e de Rachel Brunocilla e Flávio Luís de Almeida Santos, “Comportamento da força de preensão manual em idosos freqüentando o projeto IMMA/AFAC”. Produção do conhecimento: foram defendidas as dissertações de mestrado “Ensino da atividade física para pessoas idosas portadoras e não portadoras de deficiência visual: análise da comunicação oral do professor”, de Soyane de Azevedo Vargas (UERJ, 2001), “Qualidade de vida em um grupo de idosos praticantes de atividade física”, de Elizabeth Carvalho Lugão (UERJ, 2001), de Marcia Cristina Andreotti, “Fatores que influenciam a adesão de idosos a um programa de Educação Física supervisionado” (USP), de Marco Aurélio do Nascimento Maia, “Efeitos do treinamento de força na composição corporal e limiar anaeróbio em indivíduos na terceira idade” (UCB/Brasília), de Antônio Tadeu Fregonasse, “Precisão de equações de biomedicina (BIA) em mulheres brasileiras pós-menopausa por meio de absorptometria radiológica de dupla energia (DXA)” (UCB, Brasília), de Keila Maria Dias Carmo Lopes, “Os efeitos crônicos do exercício físico aeróbio nos níveis de serotonina e depressão em mulheres idosas” (UCB, Brasília) e de Fátima de Sant’Anna Amorim, “Efeitos do aumento da capacidade aeróbica na qualidade de vida e na autonomia de idosos”, (UCB, 2001). Pesquisas que fundamentaram dissertações de mestrado revelaram que nos cursos de graduação em Educação Física a determinação da Política Nacional do Idoso de incluir Gerontologia e Geriatria não é obedecida e que quando tópicos sobre atividades físicas e envelhecimento são incluídos nos programas, acontecem por iniciativa de alguns professores, como mostrou Ana Cláudia Romeu Craveiro (UERJ, 2001). Foram publicadas as monografias de especialização de Eliana Brandão, “Abordagem do aspecto cardíocirculatório na prática da natação na terceira idade” (ESEFM); de Mária Lúcia Silva, “Terceira Idade, características do processo do declínio físico” (ESEFM); de Betânia Passos, “Envelhecimento, flexibilidade, hidroginástica e atividades da vida diária: revisão de literatura” (ESEFM); de Andréa Ferreira, “Uma revisão de conceitos sobre a 3ª Idade e um enfoque da hidroginástica com programa especial para idosos” (ESEFM). Foram apresentadas as memórias de licenciatura de Elen Passos de Souza, “O estudo da curva de intensidade do esforço associada às aulas do Projeto de Idosos em Movimento: Mantendo a Autonomia” (UERJ) e Adriana da Costa Ferreira, “Avaliação do mérito e relevância do Projeto Idosos em Movimento Mantendo a Autonomia: uma exploração inicial do tema e da investigação” (UERJ). Foram apresentadas, também, as monografias de bacharelado de Bianca Nogueira, Mirela Lamego e Ana Paula Fraga, “Os benefícios do trabalho cardiovascular para idosos através da Hidroginástica” (UFRJ), de Sergio da Silva Baía e Marcos Ernesto Trotta, “Treinamento de contra-resistência na melhora da qualidade de vida do idoso” (UFRJ), de Fábio Augusto Oliveira de Jesus, Marcos André Pereira de Barros e Wladimir Glatthardt da Silva, “Respostas do treinamento contra resistência em idosos” (UFRJ) e de Alexandre Carvalho da Silva e Ebener dos Santos Pinto, “Atividade física, lazer e idosos: buscando relações para a Educação Física” (UFRJ). Foi publicada, também, a monografia de graduação de Rodrigo Silva, “Treinamento de força para idosos – terceira idade” (ESEFM). Na formação de recursos humanos o Ministério do Esporte e Turismo contabilizou 400 profissionais capacitados.

2002 Produção do conhecimento: foram defendidas as dissertações de mestrado intituladas: “Educação Gerontológica e aposentadoria de jogadores profissionais de futebol”, de Regina Celi Lema Santos (UERJ, 2002), “Atividade física sob uma perspectiva existencial de vida para o idoso sedentário autônomo: uma reflexão axiológica e fenomenológica” de Sebastião Paulo Teodoro dos Santos (UCB, 2002), de Paulo Roberto da Silveira Lima, “Perfil lipídico de mulheres entre 50 e 70 anos de idade e sua associação com fatores de risco

para doenças cardiovasculares” (UCB, Brasília), de Gislane Ferreira de Melo, “Envelhecimento e atividade física: alterações na composição corporal de idosas inseridas em duas modalidades esportivas” (UCB, Brasília), de Betânia Maria Araújo Passos, “Os efeitos da hidroginástica na flexibilidade e nas atividades da vida diária” (UCB, Brasília), de Aguinis de Cássia Lacerda de Araújo Mendonça, “Efeito da ginástica da hidroginástica sobre a aptidão cardiorespiratória em mulheres idosas” (UCB, Brasília), de Heloísa Thomás Rabelo, “Os efeitos do treinamento de força no desempenho nas atividades de vida diária de mulheres idosas” (UCB, Brasília), de Ricardo José Rabelo, “Efeitos de um programa de aprendizagem de natação na realização das atividades da vida diária de mulheres idosas independentes” (UCB, Brasília) e “Proposta de ação pedagógica e prática de Educação Física centrada na pessoa idosa com ênfase nas necessidades humanas básicas”, de Sueli Barbosa Sobral (UFRJ, 2002). Na graduação foram apresentadas as memórias de licenciatura (monografias) “Longevidade atlética: fatores intervenientes na carreira do atleta”, de Daniela Maria Barreto dos Santos (UERJ, 2002), “Efeitos de doze semanas de treinamento contra-resistência sobre a força muscular de mulheres com mais de 60 anos de idade”, de Ericka Sant’Ana Federici Trancoso e “A prática regular de atividade física e seus efeitos sobre o *status* cognitivo e a prevenção de quedas em idosos”, de Cristiane Matsuura e as monografias de bacharelado de João Marcelo Esgobi Heringer da Silva, “Atividade física e idosos” (UFRJ), de Marlo Marques da Cunha; “Processamento de Informação em Portadores da Doença de Parkinson” (UFRJ), de Roberto Simonard Quintão de Miranda e Guaraci de Freitas, “Atividade física para a terceira idade” (UFRJ) e de Magali Gomes de Andrade e Wagner Alvarez Carpintero Junior, “Treinamento de força para idosos” (UFRJ). Quanto à disseminação do conhecimento registrou-se a publicação das obras: “Contribuições para o Trabalho com a Terceira Idade”, de Marco Aurélio Acosta (2002), Atividade Física na 3ª Idade: o segredo da longevidade (Ferreira, 2002), e dado a público o número 6 do “Caderno Adulto”, do Núcleo Integrado de Estudo e Apoio a Terceira Idade, da UFSM. Nesta categoria destaca-se ainda a realização, este ano, do V Seminário Internacional sobre Atividades Físicas para a Terceira Idade, organizado pela equipe da Universidade de São Paulo, e teve como presidente Silene Okuma. Os Anais desse V Seminário foram publicados em um único volume (Okuma, 2002) e foram acompanhados de uma separata com o texto da ‘conferência de encerramento’: “Educação Física e Envelhecimento: perspectivas e desafios”, de Faria Junior. Os Anais incluem os textos “*International initiatives to promote physical activity in older adults*” (‘Iniciativas internacionais para a promoção da atividade física em adultos mais velhos’), de Wojtek Chodzko-Zajko “Actividade física habitual na pessoa idosa. Influência de diferentes programas na aptidão física”, de Jorge Motta; “Um modelo pedagógico de ensino da Educação Física para pessoas com mais de 60 anos”, de Silene Sumire Okuma; “Avaliação funcional, física e psicossocial na velhice”, de Marcos Duarte; “Avaliação psicossocial na velhice”, de Maria Luiza de Jesus Miranda; “Avaliação física e funcional na velhice”, de Sandra M. Matsudo; “Guita Grin Debert; “Políticas públicas e atividades físicas para a terceira idade”, Rejane Penna Rodrigues; “O papel da atividade física para idosos nas políticas públicas”, de Victor K. R. Matsudo; “Qualidade de vida e envelhecimento”, de Anita Liberalesso Néri; “Atividade física, envelhecimento e qualidade de vida”, de Paulo Farinatti; “Atividade física, envelhecimento e a pessoa deficiente”, de Marinea Crosara de Resende; “A deficiência visual nas pessoas idosas e o ensino de atividades físicas”, de Soyane Vargas. Os Anais incluem ainda as comunicações feitas nos Tutoriais, nas sessões de Vídeo-pôster e pôsteres. Quanto aos periódicos, a ‘Revista do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte’ (v. 23, n. 3, maio 2002) e a ‘Fitness & Performance’ (maio/jun. 2002) publicaram números temáticos sobre atividades físicas para idosos. A Revista Paulista de Educação Física publicou “Padrões de atividade física em idosos avaliados por acelerometria”, de Jorge Mota, Alfredo Feijó, Rita Teixeira e Joana Carvalho e “A avaliação de idosos sobre o papel e a influência da música na atividade física”, de Maria Luiz Miranda e Maria Regina Godel, na Revista Brasileira de Ciência e Movimento (2002). “O lazer dos idosos: barreiras a superar”, de Minéia Carvalho Rodrigues. No 9º Congresso de Educação Física e Ciência do Desporto dos Países de Língua Portuguesa foram apresentados como temas livres: “O Idoso e as atividades físicas: um estudo em academias de Niterói”, de Faria Junior e Marcos Avellar do Nascimento; “Efeitos do incremento da força muscular no desempenho da habilidades funcionais selecionadas em mulheres idosas”, por Amândio Geraldez e Estélio Dantas; “Influência da atividade física na resistência

aeróbica e na agilidade de idosos ativos e asilados”, por André Kruger Gonçalves e colaboradores; “Estudo comparativo de dois testes de resistência em um grupo de idosos”, por Giovana Zarpelon Mazo e colaboradores; “Associação entre variáveis cardíorespiratórias e da composição corporal de mulheres pós-menopáusicas”, por Helena Santa-Clara e colaboradores; “Natação Master em Maceió: em busca de um entendimento à luz da linguagem das normas utilidades, gostos ou vontades”, por Leonéa Santiago Delfim L. Maurício. Como pôsteres foram apresentados “Relação entre índice de massa corporal, gordura massa magra em homens adultos e idosos”, por Alex Antônio Florindo e colaboradores; “Atividade física no imaginário de mulheres com mais de 56 anos”, por Eveline Torres Pereira, Simone Freitas Chaves e Nilda Teves Pereira; “Atividade física na velhice”, por Fábio de Carvalho Messa; “Perfil antropométrico de participantes do Projeto da Melhor Idade”, por Fátima de Sant’Anna Amorim e colaboradores; “Perfil antropométrico de mulheres idosas praticantes de atividades físicas”, por Jaqueline Roberta Sampaio e colaboradores; “Corporeidade e qualidade de vida em idosos asilados e não asilados na cidade de Caratinga – MG” por José Martins Junior e Heron Beresford e “A motivação para a prática regular do exercício físico e/ou atividade desportiva em idosos da cidade do Recife”, por Kátia Keissan Toniolo e Ana Maria Duarte. O periódico Cinergis (v. 3, n. 1, maio/jun. 2002) publicou um número temático com o título Desenvolvimento em contexto de populações especiais, incluindo três artigos voltados para o idoso e envelhecimento. No VI Encontro Fluminense de Educação Física Escolar (EnFEFE), foram apresentados os trabalhos de Carolina Vilas Boas e Antônio Carlos Vaz, “Impactos da improdutividade na velhice e o papel possível da Educação Física” (UFF); de Carlos Henrique dos Santos Martins e Rosane Medeiros, “Por que o idoso não pratica atividade física?” (UFF).

2003 Neste ano foi sancionada a Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, que “Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências” (Brasil.Congresso Nacional, 2003). De sua leitura se observa que o Estatuto do Idoso se preocupa com os três itens que vimos desenvolvendo nesse capítulo: formação de recursos humanos, produção do conhecimento e disseminação do conhecimento. Quanto à formação de recursos humanos, esse Estatuto, em seu Artigo 22, determina que “nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria”. O Estatuto, entretanto, não mais menciona a inclusão da geriatria e da gerontologia como “disciplinas curriculares no ensino superior”, como determinava a Política Nacional do Idoso (Brasil. Congresso Nacional, Lei nº 8.8842/94). Na formação de recursos humanos o Ministério do Esporte e Turismo contabilizou 890 profissionais capacitados. Hoje pontilham várias iniciativas locais, regionais e nacionais de disseminação da informação sobre as atividades físicas para idosos, difíceis de mapear. Mas, geralmente essa formação é feita em cursos rápidos, em fins de semana, feriados e durante e Congressos e eventos afins, por grupos ligados ao ‘comércio do fitness’. Alguns exemplos de ofertas feitas esse ano foram: Curso de “Musculação para Idosos”, no Il Búzios in Fitness, “O Corpo não tem idade – Educação Física Gerontológica”, no 7º Congresso Paulista de Educação Física, em Jundiá (2003), no 35º ENAF (2003) o Curso: “Terceira Idade em Ação”, incluindo brincadeiras, composição corporal, dança-terapia, ginástica localizada, gincanas, hidroginástica, o trabalho do personal trainer, matroginástica, musculação e valor social e psicológico da atividade física, e o de “Atividades Físicas para a Terceira Idade”, no 18º Congresso Internacional da FIEP, em Foz do Iguaçu (2003). No Art. 25, o Estatuto estabelece ainda que o “O Poder Público apoiará a criação de universidade aberta para as pessoas idosas e incentivará a publicação de livros e periódicos, de conteúdo e padrão editorial adequados ao idoso, que facilitem a leitura, considerada a natural redução da capacidade visual”. Quanto à disseminação do conhecimento neste ano destacou-se a realização do VI Seminário Internacional sobre Atividades Físicas para a Terceira Idade, que teve como presidente Walquíria Alves, da Secretaria Estadual de Lazer e Esporte, do Estado do Pará. O Seminário contou com o apoio do Ministério dos Esportes e da Universidade Estadual do Pará. Nas mesas redondas foram apresentadas as seguintes intervenções: “Atividade física, envelhecimento e longevidade”, por Paulo Farinatti, “Envelhecimento Saudável e qualidade de vida”, por José Fernandes Filho, “Os valores orientadores das práticas desportivas em grupos de idosos”, por Estélio Dantas, “Velhice

bem sucedida”, por Johannes Doll, “Atividade física, envelhecimento e longevidade”, por Marisete Peralta Safons, “Envelhecimento saudável e qualidade de vida” com Alfredo Faria Junior. Quebrando a tradição este foi o único desses Seminários Internacionais que não organizou Anais, mas um CD com algumas das comunicações, em alguns casos, repetidas. Foram apresentados, sobre o tema específico do Seminário os Temas Livres: “Os benefícios do alongamento para a Terceira Idade”, por Ivanilde Passos Tavares; “Envelhecimento e Níveis Séricos de IGF-1 em idosos do Gênero Feminino”, por Nádia Monteiro e colaboradores; “Valores Orientadores das Práticas Corporais em Grupos de Idosos”, por Ítalo S. L. Campos; “A Cinesioatividade no atendimento terapêutico ocupacional do idoso com doença de Parkinson”, por Ana Cláudia Borba G. Barros e colaboradores; “Atividade física no parque: estimulando a autonomia do idoso de Manaus”, por Valtimar Carneiro de Souza; “Implicação da realização de uma única atividade no desenvolvimento da aptidão física das pessoas da 3ª Idade do Projeto NUEx do CDEF / UFPA”, por Ana Toledo Moreira e colaboradores; “Verificação da relação $IMS \times VO^2 \max \times X \times 3^a \text{ Idade}$ ”, por F. Oliveira e J. H. S. Penha; “Os benefícios do treinamento de força nas AVDs e na qualidade de vida dos Idosos”, por Luciana Mendonça Arantes, Geni Araújo Costa e Lucélia Justino Borges; “Avaliação do desempenho morfo-funcional dos alunos da 3ª idade praticantes de atividade física do Programa Platnum da Cia Atlético”, por Danille da Costa Cardoso; “Um estilo de vida saudável: hidroginástica para a 3ª idade”, por Risoleide Helena Pereira Palitot; “Os valores orientadores das práticas desportivas em grupos de idosos: aspectos sócio-afetivos”, por Estélio Dantas, Hélio Furtado e Tânia Gianni; “Comparação entre independência funcional de idosos fisicamente ativos e sedentários”, por E. P. César e colaboradores; “Corporeidade e 3ª Idade”, por Hildeana Nogueira; “Políticas públicas na área do esporte e lazer para a 3ª Idade, por Walquíria Cristina Batista Alves; “A avaliação da autonomia funcional em um grupo de gerontes pós-menopausadas na Cidade de Barbacena”, por Wanderson de Oliveira D. Leite e colaboradores; “O perfil de pressões arteriais de um grupo de gerontes pós-menopausadas na Cidade de Barbacena”, por Wanderson de Oliveira D. Leite e colaboradores; “Perfil da flexibilidade de gerontes ingressantes em um programa de Shiatsu terapia”, por I. C. Pereira e colaboradores; “Relação entre massa corporal total e densidade mineral óssea em idosas brasileiras”, por Luciane Moreira Chaves e colaboradores. Registrou-se a publicação dos livros: “Longevidade e Esporte” (Lenk, 2003), “Atividade Física na 3ª Idade” (Meireles, 2003), “A Atividade Física para a Terceira Idade” (Rauchbach, 2003), “Atividade física na 3ª idade. O segredo da longevidade” (Ferreira, 2003), “Atividades físicas no processo de envelhecimento; uma proposta de trabalho” (Marques Filho, 2003), “Exercício, Maturidade e Qualidade de Vida” (Dantas, Oliveira, 2003) e “Educação Física Gerontológica. Construção sistematicamente vivenciada e desenvolvida” (Barbosa, 2003). Quanto a artigos, foram publicados na Revista de Saúde Pública, “Fatores determinantes da capacidade funcional entre idosos” de Tereza Etsuko da Costa Rosa e colaboradores, na Revista Paulista de Educação Física, “Efeito de um programa de treino em idosos: comparação da avaliação isocinética e isotônica, de Joana Carvalho e colaboradores, (2003/1), “Universidade Aberta à terceira idade e a perspectiva de resignificação do lazer”, de Rita Fenalti e Gisele Schwartz, “Perfil sócio-demográfico e de adesão inicial de idosos ingressantes em um programa de Educação Física, de Márcia Andreotti e Silene Okuma (2003/2), na Revista Brasileira de Ciência e Movimento, “Análise meta-analítica preliminar dos programas de exercícios com pesos para pessoas idosas saudáveis”, de Vagner Raso (2003/1). “Efeitos do exercício físico e da atividade física na depressão e ansiedade em indivíduos idosos” de Nadia Carla Cheik et al. (2003/3). Neste ano foi publicado o número 7 do “Caderno Adulto”, do Núcleo Integrado de Estudo e Apoio a Terceira Idade, da UFSM. Neste ano foram publicados os livros: Em 2003, foi criado o Centro de Documentação Cantídio Dias Ferreira, no Instituto de Educação Gerontológica IMMA, em Niterói, Rio de Janeiro. No XIII

CONBRACE foram apresentados os trabalhos de Martim Bottaro, Gislane F. Melo, Ricardo Jacó de Oliveira, Keila M. Lopes, Sarah Amarante, Richard Paul Chartrain, ‘Efeitos de 24 semanas de treinamento resistido a 50 e 80% de uma repetição máxima sobre a força muscular em idosas’; de Carlos Kemper, Nanci Maria De França, Keila M. Lopes, Sarah Amarante, Sharazade Prateat, Rolando J. V. Dumas, Martim F. Bottaro Marques, Ricardo de O. Jacó; ‘Os efeitos de seis meses de natação sobre a composição corporal de idosas’; de Anderson Debastiani, Marcione Decacia Munaro, Diogo Cristiano Netto, Eliane Maria, ‘Educação Física e envelhecimento humano: a produção científica no âmbito das últimas três edições do Conbrace’; de Bruna Bardini, Carmela Bardini, Renata Silveira, Rosecler Vendruscolo, Soraya Francisca Dinkhuysen Oliveira, ‘Espiritualidade e velhice: em busca de novos horizontes’; de Eduardo Trzuskovski de Vargas, ‘Refletindo sobre cultura, sociedade e atividade física em relação ao idoso’; de Gustavo Ribeiro do Nascimento, Silvana Tais de Moraes, ‘Considerações bio-psico-sociais da atividade física para o idoso’; de José Luiz Riani Costa, ‘Atividade física no contexto da política municipal do idoso’; de Mirella Pinto Valerio, Cláudia Elisa Graesel, ‘Políticas públicas para o envelhecimento: possíveis contribuições da Educação Física’; de Luís Carlos Lira, Raquel Guimarães Lins, ‘O turismo social ativo nos programas de lazer para pessoas idosas’; de Sandra Cristhianne França Correia, Roberto Costa, Tereza França, ‘A vida da vida com jogos, ginásticas e caminhadas: ciclos populares uma prática em construção com idosos’. No VII Encontro Fluminense de Educação Física Escolar (EnFEFE), foi apresentado o trabalho de Sílvia Telles e Kristine Wagner de Souza, “A escola e a educação gerontológica” (UFF). Quanto à produção do conhecimento, ela continuou a se desenvolver no meio acadêmico, predominantemente em Cursos de Mestrado. Em comunicação pessoal para este Atlas, Botelho e Faria Junior verificaram que em 101 trabalhos (seriam 102, porém um foi publicado duas vezes) de iniciação científica, em Educação Física, realizados entre os anos de 1992 e 2003, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, apenas nove trabalhos se enquadraram na temática da Educação Física gerontológica, o que constitui 8,9%. Foi defendida a dissertação de Cristiane Melo de Oliveira, “Efeitos da atividade física orientada sobre o auto-conceito de pessoas idosas” (UCB, Brasília). Foram, também, apresentadas as monografias de bacharelado de André Luis Machado Lopes e Thiago Cordeiro da Costa Pinto, “A importância do treinamento de força para a melhora da qualidade de vida do indivíduo idoso” (UFRJ), de Jaime Luciano de Souza, Luciana Quental Victorino e Paula Ribeiro da Silva, “Prováveis alterações entre idosos sedentários no ganho de força, VO^2 e flexibilidade” (UFRJ); de Rogério Borges Pimentel, Marcos Antônio Campos de Oliveira; “A importância do treinamento de força para a terceira idade nos programas de musculação” (UFRJ).

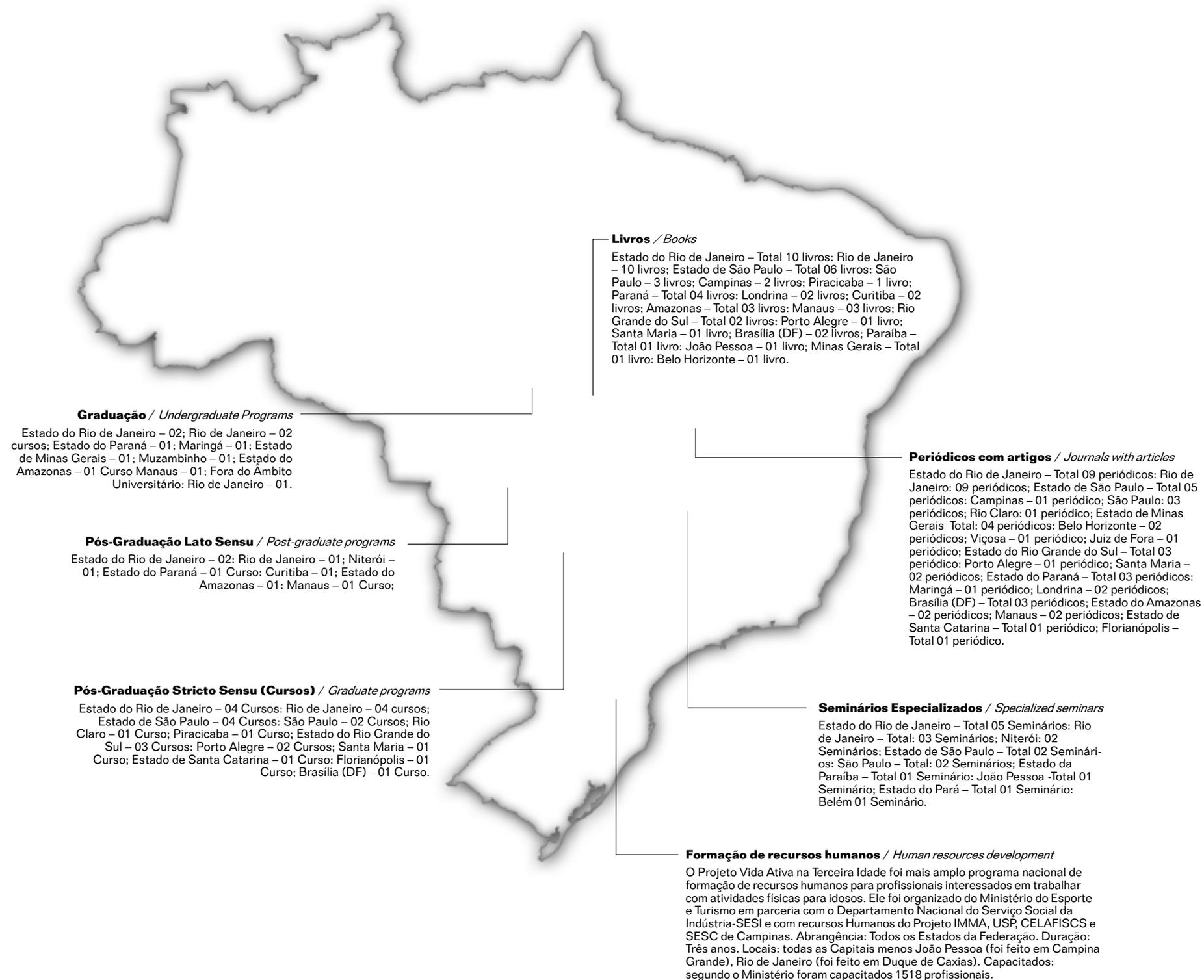
2004 No campo da produção do conhecimento, registrou-se, até este momento, a tese de doutorado intitulada: “A pastoral do envelhecimento”, de Edmundo de Drummond Alves Junior (2004) e a dissertação de mestrado “Acidentes com idosos: uma análise sob perspectiva da prevenção”, de Kristine Wagner de Souza (UERJ, 2004). Disseminação do conhecimento: a Revista Brasileira de Ciência & Movimento publicou o artigo “Aplicação do questionário Internacional de Atividades Físicas para Avaliação do nível de atividades físicas de mulheres idosas: validade concorrente e reprodutibilidade teste-reteste”, de Tânia Benedetti, Giovana Mazo e Mauro Barros (2004).

Fontes Beltrão, Fernanda Barroso; Beresford, Heron; Macário, Nilza Magalhães (Org.). Produção em ciência da motricidade humana. 2. ed. Rio de Janeiro: Shape, 2002; Biblioteca da Escola Superior de Educação Física: trabalhos de conclusão da graduação. Muzambinho: Escola Superior de Educação Física, 1998. Disponível em: www.efmuzambinho.org.br/biblioteca/mostra.asp?tipo=G. Acesso em: 30 abr. 2004; Biblioteca da Escola Superior de Educação Física: trabalhos de conclusão da pós-graduação. Muzambinho: Escola Superior de Educação Física, 1998. Disponível em:

www.efmuzambinho.org.br/biblioteca/mostra.asp?tipo=P. Acesso em: 30 abr. 2004; Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 13., 2003, Caxambu. 25 anos de História: o percurso do CBCE na Educação Física brasileira. Anais... Caxambu: CONBRACE, 2003. 1 CD-ROM; Faria Junior, Alfredo G. de; Botelho, Rafael Guimarães; Oliveira, Cristina da Cruz de. Bibliografia do capítulo atividade física e envelhecimento II: produção, disseminação do conhecimento e formação de recursos humanos, do Atlas do Esporte e Lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Centro de Documentação do Instituto de Educação Gerontológica (IEG), 2004; Faria Junior, Alfredo G. de, Farinatti, Paulo de Tarso Veras, Ferreira, Marcos Santos (Orgs.). Educação Física – memórias de licenciatura (1992-1994). Rio de Janeiro: UERJ/CECAFI, 1995; Faria Junior, Alfredo G. de Farinatti, Paulo de Tarso (Orgs.). Pesquisa e produção do conhecimento em Educação Física – Livro do Ano da SBDEF (1991). Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1992; Faria Junior, Alfredo G. Research trends in physical education in Brazil, England and Wales (1975-1984): a comparative study. Post-doctoral final report. London: University of London Institute of Education, 1987; Ferreira Neto, Amarílio (Coord.). Catálogo de periódicos de Educação Física e esporte (1930-2000). Vitória: Proteoria, [200-]; Livros do século. Campinas: Centro Esportivo Virtual. [2002]. Disponível em: www.cev.org.br/biblioteca/index.html. Acesso em: 30 mar. 2004; Melo, Victor Andrade de (Org.). Resumo das monografias do bacharelado em Educação Física. Rio de Janeiro: Centro de Memória da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, [2003]. Disponível em: www.ceme.eefd.ufrj.br/monobacef/home.html. Acesso em: 06 abr. 2004; Núcleo Brasileiro de Dissertações e Teses em Educação Física e Esportes. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1998. Disponível em: www.nuteses.ufu.br/index3.html. Acesso em: 15 abr. 2004; Paiva, Edil V. de; Leite, Siomara Borba (Org.). Catálogo dos resumos das dissertações do mestrado em educação da UERJ: 1982 – 1993. Rio de Janeiro: UERJ, Faculdade de Educação, 2001; Paiva, Edil V. de; Leite, Siomara Borba (Org.). Catálogo dos resumos das dissertações do mestrado em educação da UERJ: 1994 – 2000. Rio de Janeiro: UERJ, Faculdade de Educação, 2001; Silva, Rossana Valéria de Souza e; Alves, Maria Bernardete Martins; Pringolato, Elaine Maria Pereira (Org.). Produção científica em Educação Física e esportes: dissertações e teses. Uberlândia: UFU/NUTESES, 1998. (Série Mestrados e Doutorados em Educação Física e Esportes, v. 1); Silva, Rossana Valéria de Souza e; Santos, Cristiane da Silva; Sousa, Estela Rodrigues de; Lima, Lana Ferreira de; SILVA, Roseane Patrícia Souza e (Org.). Produção científica em Educação Física e esportes: dissertações e teses. Uberlândia: UFU/NUTESES, 1998. 428 p. (Série Mestrados e Doutorados em Educação Física e Esportes, v. 2); Silva, Rossana Valéria de Souza e; Sousa, Estela Rodrigues de; Santos, Cristiane da Silva (Org.). Produção científica em Educação Física e esportes: dissertações e teses. Uberlândia: UFU/NUTESES, 1998. 662 p. (Série Mestrados e Doutorados em Educação Física e Esportes, v. 3); Seminário de preparação para a aposentadoria, 1., 1996, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: UERJ, UNATI, 1996. v. 2; Seminário internacional sobre atividades físicas para a terceira idade, 1., 1996, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: UERJ, UNATI, 1996. 2 v.; Seminário internacional sobre atividades físicas para a terceira idade, 2., 1998, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: UERJ, UNATI, 1998; Seminário internacional sobre atividades físicas para a terceira idade, 3., 2000, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: UERJ, UNATI, 2000. Paginação irregular; Seminário internacional sobre atividades físicas para a terceira idade, 4., [e] Congresso científico internacional de Educação Física, esporte e lazer, 3., 2001, João Pessoa. Anais... João Pessoa: Centro Universitário de João Pessoa, 2001; Seminário internacional sobre atividades físicas para a terceira idade, 5., 2002, São Paulo. Anais... São Paulo: USP, Escola de Educação Física e Esporte, 2002; Seminário internacional sobre atividades físicas para a terceira idade, 6., 2003, São Paulo. Anais... Pará: UFM, Escola de Educação Física e Esporte, 2003. 1 CD-ROM.

Atividades físicas para idosos: localização da produção do conhecimento e formação de recursos humanos, 2003

Physical activities for the elderly – Location of production of knowledge and human resources development, 2003



Esporte e Inclusão Social – Atividades físicas para idosos III

Uma tentativa preliminar de mapeamento regional

PAULO DE TARSO VERAS FARINATTI E LEONARDO GOMES DE OLIVEIRA LUZ

Physical activities for the elderly III – a preliminary regional mapping

It has been estimated that the Brazilian population age 60 and over will be 31.8 million in 2005, which will place Brazil as the sixth country in the world in terms of aging population. Different kinds of intervention programs are offered today in both public and private institutions in Brazil in order to promote better conditions of life to

the elderly population. This chapter displays a mapping investigation that has identified the following tendencies: (a) an enormous increase not only in the number of centers of physical activities but also in the number of elderly adherents to the programs offered in the Southern and Southeastern regions; (b) smaller

indices of the participation of the elderly of the Northern and Mid-Western regions in these programs in relation to the other regions of the country; (c) different types of gymnastics as the athletic activities preferred by elderly adherents. Tables 1, 2 and 3, and figures 1 and 2 show these tendencies in numbers.

Definições O envelhecimento das sociedades e os avanços tecnológicos vêm provocando reajustamentos nas estruturas sociais e no modo de vida das populações. Veras e Camargo Júnior (1995) afirmam que essas repercussões tendem a ser ainda maior nos países em desenvolvimento, dentre eles o Brasil. Em nosso país, observa-se um processo de transição demográfica semelhante ao que se dá em outras regiões do mundo. Em primeiro lugar, as informações apontam para um declínio permanente do ritmo de crescimento populacional. Os indicativos da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, entre 1992 e 1999, sugerem que a taxa de crescimento demográfico anual foi da ordem de 1,40% ao ano. Em décadas anteriores, esta taxa foi consideravelmente mais elevada, tendo chegado a quase 3,0% ao ano na década de 1960, 2,5% na década de 1970 e 1,93% na década de 1980 (Brasil. IBGE, 2001). Os dados demográficos mostram que a população idosa brasileira passou de 2.209 milhões em 1950 para 3.330 milhões em 1960 e 4.717 milhões em 1970, atingindo 7.219 milhões em 1980. Estima-se que a população brasileira com 60 anos ou mais de idade irá compor, em 2025, um contingente de 31,8 milhões de pessoas, o que situará o mesmo como o sexto país do mundo em termos de população idosa (Brasil. IBGE, 2001). O rápido crescimento da população de idosos no Brasil causa um importante impacto em toda a sociedade, principalmente nos sistemas de saúde. Entretanto, a infraestrutura necessária para responder às demandas desse grupo etário, em termos de instalações, programas específicos e recursos humanos adequados, quantitativa e qualitativamente, ainda é precária. Além das transformações demográficas, o Brasil tem experimentado uma transição epidemiológica, com alterações relevantes no quadro da morbi-mortalidade, em especial da população idosa. Essa mudança no perfil de morbi-mortalidade faz com que o cenário caracterizado por uma população jovem, com maior incidência de doenças infecciosas, transforme-se em um outro, no qual predominam os agravos crônicos, característicos de uma população mais envelhecida, com conseqüente aumento dos custos com tratamento, hospitalização e reabilitação (Veras, 1994). Com isso, são exigidas mudanças no paradigma de atenção à saúde da população, em especial de idosos – por exemplo, os padrões tradicionais, centrados na assistência hospitalar e no modelo asilar, revelam-se ineficientes para atender às demandas dos problemas de saúde.

Um modelo de atenção à saúde do idoso, capaz de satisfazer a essas demandas, deveria enfatizar o conceito de capacidade funcional. Embora esse conceito seja bastante complexo, na prática costuma-se trabalhar com o conceito de capacidade/incapacidade para realização de tarefas predeterminadas. Rosa e colaboradores (2003), por exemplo, definem incapacidade funcional como presença de dificuldade no desempenho de gestos e atividades da vida cotidiana, ou mesmo pela impossibilidade de desempenhá-las. Guralnik e colaboradores (1984) afirmaram que, na ocorrência de comprometimento da capacidade funcional a ponto de impedir o cuidado de si, a carga sobre a família e sobre o sistema de saúde pode ser muito grande. Resultados de pesquisa realizada no município de São Paulo mostraram que mais da metade da população estudada (53%) referia necessidade de ajuda parcial ou total para realizar, pelo menos, uma das atividades da vida diária. Neste mesmo estudo, identificou-se que 29% dos idosos necessitavam de ajuda parcial ou total para realizar até três dessas atividades, e 17% necessitavam de ajuda para realizar quatro ou mais atividades da vida diária (Ramos *et al.*, 1993). A presença de algumas doenças, deficiência ou problemas médicos são fatores associados com a redução da capacidade funcional. No entanto, Mor V. e colaboradores. (1989) relataram que também sofre

influência de fatores demográficos, socioeconômicos, culturais e psicossociais. Com isso, nota-se a inclusão de comportamentos relacionados ao estilo de vida como fumar, beber, comer excessivamente, fazer exercícios, padecer de estresse psicossocial agudo ou crônico, ter senso de auto-eficácia e controle, manter relações sociais e de apoio, como variáveis potencialmente intervenientes na capacidade funcional. No que diz especificamente respeito ao exercício, Ros a e colaboradores (2003) demonstraram que as relações sociais tendem a associar-se com a dependência moderada ou grave. Por sua vez, o fato de não se envolverem em atividades físico-desportivas aumentava a chance de os idosos nutrirem relações sociais mais pobres.

No Brasil, evidências da participação de idosos em atividades físicas em grupos organizados, ainda que não específicos, podem ser encontradas desde o início da década de 1930 (Faria Junior, 1999). No entanto, até a década de 1970, as atividades físicas eram oferecidas para adultos e idosos, sem um trabalho específico, em separado, para esse último contingente de pessoas. Foi na transição dos anos 1980 para os anos 1990 que se notou uma expansão massiva (e de certa forma descontrolada) da oferta de programas de atividades físicas voltados especificamente para pessoas com mais de 60 anos. Hoje, por todo o país, vê-se proliferar em academias, clubes sociais e esportivos, condomínios residenciais, hortos, praças públicas, praias, ruas e até em Universidades, esses programas, geralmente oferecidos por voluntários e concebidos, freqüentemente, sem qualquer fundamentação teórica. Muito embora, atualmente, existam informações a respeito da existência de programas de atividades físicas especificamente desenvolvidos com pessoas idosas em nosso país, a literatura carece de dados que apresentem uma visão mais ampla do que se tem feito nesse sentido em âmbito nacional. Informações como tipos de atividades oferecidas pelos programas, principais regiões do país que oferecem esse tipo de atividade, número de idosos atendidos pelos programas, ainda permanecem pouco conhecidas. Um maior conhecimento sobre esses aspectos, todavia, auxiliaria no planejamento da distribuição dos investimentos para disseminar os programas de atividades físicas para idosos pelo país. Além disso, consistiria em ferramenta útil para estudiosos do tema, uma vez que o mapeamento dos programas tornaria mais fácil a análise das motivações e dificuldades para implementá-los nas diferentes regiões do país. Desse modo, o presente capítulo visa apresentar, de forma descritiva, os resultados de um levantamento preliminar dos programas de atividades físicas para idosos no Brasil.

Metodologia O modelo adotado para obter os dados apresentados foi o compilamento das informações obtidas pelas seguintes vias: a) pesquisa realizada na *Internet*, valendo-se das palavras-chaves (idosos – atividade física – programas); b) solicitação direta de informações aos centros que, sabidamente, ofereciam programas de atividades físicas para idosos; c) envio de correspondência a listas de discussão, convidando seus participantes a divulgá-la e/ou enviar informações sobre programas sobre os quais tivesse conhecimento. O período de coleta dos dados foi de março de 2003 a junho de 2004. A análise dos dados foi feita por meio de estatística descritiva, estratificada por região do país, Unidades Federativas e, em alguns casos, tipos de atividades desenvolvidas.

Resultados Antes de passar para a apresentação dos dados obtidos no presente levantamento, algumas limitações metodológicas devem ser mencionadas. A estratégia utilizada para a obtenção das informações pode ter influenciado no valor absoluto dos dados obtidos tanto para o número de núcleos, quanto para o

número de idosos inseridos nos respectivos programas. O fato é que nem todos os centros de atividades físicas do país, independentemente da sua região, dispõem de recursos tecnológicos para disponibilizar material a respeito de sua existência através de páginas da Internet. A representatividade em termos nacionais, assim, poderia ser afetada. No entanto, os dados representam um retrato do que pode estar acontecendo no país, uma vez que a chance de os relatos subestimarem a quantidade real de programas e de total de idosos foi a mesma em todas as regiões. A Tabela 1 apresenta os resultados para o total de núcleos de atividades físicas existentes, assim como o total de idosos engajados em programas por todo o Brasil. Também é possível identificar a distribuição tanto dos núcleos quanto do quantitativo de idosos por Unidade Federativa (UF). Já a Tabela 2 exibe os valores médios de idosos engajados por núcleo para cada UF e no Brasil. Em todo o país, foram computados 177 núcleos de atividades físicas específicas para pessoas idosas, com um total de 72.015 idosos praticando atividades. O Rio Grande do Sul (RS) destacou-se no que diz respeito ao número de núcleos de atividades físicas, totalizando 51 centros. Pernambuco e Rio de Janeiro (RJ) vieram em seguida, com 29 e 28 núcleos, respectivamente. É significativo ressaltar que, apesar do número expressivo de núcleos de atividades físicas apresentado pelo RS, a quantidade de idosos praticando atividades supervisionadas não ocupou o mesmo lugar de destaque. Quando se comparou a quantidade média das pessoas atendidas por núcleos de atividades físicas no RS com a do RJ, estado com o maior quantitativo de idosos fazendo exercícios, identificou-se que o número de idosos inseridos em programas de atividades físicas no RJ foi, aproximadamente, quatro vezes maior do que no RS (Tabela 2). Paraná (PR), São Paulo (SP), Espírito Santo (ES) e Amazonas (AM) também se destacaram no tocante à média de idosos por programa de atividades físicas, apresentando, respectivamente, médias de 868, 910, 1.050 e 1.200 idosos. No caso de ES e AM, é interessante comentar que os valores reportados referem-se a apenas um programa, contando com aquele quantitativo de praticantes.

Quando se analisou a tendência por regiões do país, observou-se um predomínio do número de núcleos nas regiões Sul (37%) e Sudeste (29%), conforme mostra a Figura 1. Já em relação ao total de idosos engajados nos diferentes programas, percebe-se que a região Sudeste representou mais da metade dos relatos no país, superando a região Sul, o que denota – ao menos em princípio – um maior contingente de idosos sendo atendidos por cada programa (Figura 2). As regiões Nordeste, Centro-Oeste e Norte apresentaram um comportamento similar no que diz respeito ao número de centros de atividades e no que tangeu ao total de idosos envolvidos em seus programas, sendo a região Nordeste a de maior destaque dentre elas e a região Norte a de menor expressão. Uma outra análise significativa refere-se às atividades habitualmente desenvolvidas pelos programas de atividades físicas para idosos. Infelizmente, não foi possível obter essas informações para a totalidade dos núcleos presentemente levantados. Apenas 55 deles prestaram informações mais detalhadas sobre suas rotinas. A Tabela 3 resume as informações disponíveis. No limite dos dados que se pôde levantar, nota-se que a atividade predominante nos programas para idosos é a ginástica. Em suas diferentes formas, esse tipo de atividade fez parte da metodologia de aula em 60% dos centros. As outras atividades mais encontradas, em ordem decrescente, foram: recreação, dança, hidroginástica, musculação, caminhada e alongamentos.

Conclusões As implicações de uma quantidade crescente de pessoas idosas são muitas. As demandas sociais deste grupo

aumentam e representam um desafio social, político e econômico. O Brasil começa a exibir um perfil demográfico em que os idosos ganham importância, devendo-se construir as condições para que suas necessidades sejam atendidas, de maneira a que continuem a participar ativamente de suas comunidades. Isso é fundamental para o país, sob qualquer prisma que se analise a situação: economicamente, uma vez que não se pode prescindir da experiência e capacidade produtiva desse estrato populacional; socialmente, já que os idosos devem ser respeitados em seus direitos de cidadão. Em qualquer idade, o ser humano é portador de dons e de aptidões para viver, para fazer projetos e executá-los. Não se pode conceber que se coloquem os idosos à parte, que se lhes neguem estes direitos fundamentais. A pessoa idosa, cidadã em toda a plenitude do termo, guarda integralmente seus direitos, e cabe à sociedade garantir o seu exercício. Com isso, valorizam-se as iniciativas que procuram diminuir os obstáculos e desenvolver as potencialidades em prol de uma vida autônoma, na plena acepção do termo. A prática de atividades físicas insere-se nesse contexto, e parece estar se disseminando. A tentativa de mapear os programas existentes no país pode fornecer elementos que subsidiem uma discussão mais objetiva sobre suas características e origens. Por que surgem tais programas? A que necessidades atendem e que instituições os vêm desenvolvendo? Em que regiões seriam necessários mais investimentos? Quais as dificuldades para mantê-los? O presente levantamento representa, talvez, o marco inicial de um processo que

deve ser continuado e constantemente revisto e atualizado. Os dados ora obtidos permitem pensar que programas de atividades físicas para idosos vêm sendo propostos em todas as regiões do Brasil. Algumas tendências puderam ser identificadas: (a) Há uma maior proliferação de núcleos de atividades físicas e de idosos participantes de atividades físicas nas regiões Sul e Sudeste; (b) As regiões Norte e Centro-Oeste do país apresentam índices menores, em relação às demais regiões do país; (c) As atividades mais praticadas nas aulas de atividades físicas para pessoas idosas parecem ser as ginásticas, em suas diferentes modalidades (geral ou analítica).

Apesar das limitações que poderiam diminuir a representatividade dos dados, os resultados obtidos tiveram uma certa coerência com o que era esperado. Muito embora os valores encontrados possam estar subestimados em termos absolutos, acredita-se que espelharam razoavelmente a tendência relativa dos estratos analisados. De qualquer forma, estímulo deve ser dado para que haja continuidade do levantamento aqui iniciado. É a continuidade do trabalho que tornará o mapeamento dos núcleos de atividades físicas especificamente voltados para idosos cada vez mais preciso, oferecendo um retrato fiel da realidade brasileira nesse particular.

Fontes Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Síntese de Indicadores Sociais 2000. Rio de Janeiro: FIBGE, 2001; DaCosta, L. P. Autonomia: valor central da terceira idade na promoção da saúde e da actividade física. In: Marques AT, Bento

JO, Constantino J (orgs). Actividade física e saúde na terceira idade. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1993; Faria Junior, A. G., Ribeiro, M. G. C. Idosos em movimento: mantendo a autonomia: evolução e referencial teórico. Rio de Janeiro: EdUERJ, UNATI, 1995; Faria Junior, A. G. Idosos em Movimento – Mantendo a Autonomia: um projeto para promover a saúde e a qualidade de vida através das atividades físicas. In: Mota J, Carvalho J (orgs). A qualidade de vida no idoso: o papel da actividade física. Porto: Universidade do Porto, p. 36-49, 1999; Guralnik, J. M., Lacroix, A. Z. Assessing physical function in older populations. In: Wallace, R. B., Woolson, R. F., editors. *The epidemiologic study of the elderly*. New York: Oxford University Press, p. 159-181, 1992; Mor V., Murphy, J., Masterson-Allen, S., Willey, C., RazmpouR, A., Jackson, M. E. et al. *Risk of functional decline among well elders*. *J Clin Epidemiol*. 42: p. 89-904, 1989; Ramos, L. R., Rosa, T. E. C., Oliveira, Z. M. C., Medina, M. C. G., Santos, F. R. G. Perfil do idoso em área metropolitana na região sudeste do Brasil. *Rev. Saúde Publica*. 27: p.87-94, 1993; Rosa, T. E. C., Benicio, M. H. D., Latorre, M. R. D. O., Ramos, L. R. Fatores determinantes da capacidade funcional entre idosos. *Rev Saúde Publica*. 37 (1): p.40-48, 2003; Veras, R. P. País jovem com cabelos brancos: a saúde do idoso no Brasil. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/UERJ, 1994; Veras, R. P., Camargo Junior, K. R. Idosos e universidade: parceria para qualidade de vida. In: Veras, R. P. Um envelhecimento digno para o cidadão do futuro. Relume Dumará: UNATI/UERJ, 1995.

Tabela 1 / Table 1
 Número de núcleos respondentes de atividade física para idosos por estado, 2003 – 2004

Number of respondent initiatives of physical activities for the elderly per state, 2003 – 2004

Estado / State	Núcleos / Initiatives	Idosos atendidos / Elderly adherents
Alagoas	1	300
Amazonas	1	1.200
Amapá	1	80
Distrito Federal	6	1.507
Espírito Santo	1	1.050
Mato Grosso	2	1.000
Mato Grosso do Sul	4	470
Minas Gerais	7	2.380
Pará	3	800
Paraíba	7	1.700
Paraná	14	12.157
Pernambuco	29	3.100
Piauí	5	2.000
Rio de Janeiro	28	20.617
Rio Grande do Sul	51	8.995
Rio Grande do Norte	1	100
São Paulo	16	14.559
Total	177	72.015

Tabela 2 / Table 2
 Média de idosos engajados por núcleo por estado e no Brasil, 2003 – 2004

Average of elderly adherents per initiative and per state, 2003 – 2004

Estado / State	Média de idosos por núcleo / Average of adherents
Alagoas	300,0
Amapá	80,0
Amazonas	1200,0
Distrito Federal	251,2
Espírito Santo	1050,0
Mato Grosso	500,0
Mato Grosso do Sul	117,5
Minas Gerais	340,0
Pará	266,7
Paraíba	242,9
Paraná	868,4
Pernambuco	106,9
Piauí	400,0
Rio de Janeiro	736,3
Rio Grande do Sul	176,4
Rio Grande do Norte	100,0
São Paulo	909,9
Brasil	406,9

Tabela 3 / Table 3
 Percentual por tipo de atividade em programas de atividades físicas para idosos, 2003 – 2004

Percentage of senior adherents per type of activity 2003-2004

Ginástica	60%
Recreação	27%
Dança	22%
Hidroginástica	18%
Musculação	15%
Caminhada	15%
Alongamentos	7%

Figura 1 / Figure 1
 Distribuição do número de núcleos por região do Brasil
 Distribution of initiatives per regions in Brazil

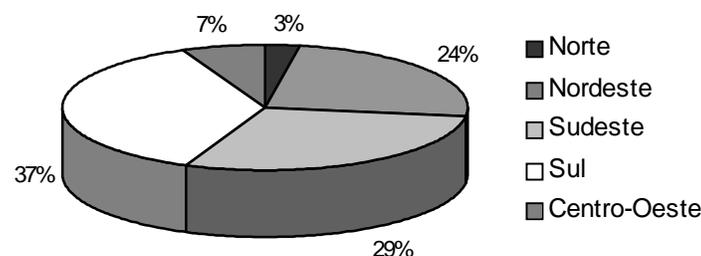
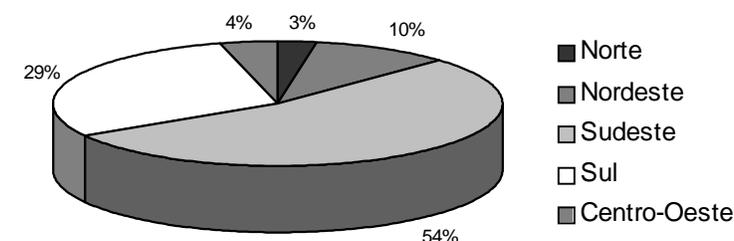


Figura 2 / Figure 2
 Distribuição do número de idosos atendidos por Região
 Distribution of senior adherents per region



Esporte e Educação Física de Inclusão Social – Surdos

LEONARDO MATARUNA, CELBY RODRIGUES VIEIRA DOS SANTOS, HELOISA NOGUEIRA, FERNANDA COSTA E SILVA E WALESKA ROCHA DE SOUZA

Inclusive sports & Physical education – Deaf sports

The education of the deaf started in Brazil during the Second Empire (19th century), with Ernest Huet, French teacher of the deaf, who had been invited by Pedro II, the Emperor of Brazil. The Imperial Instituto de Surdos e Mudos (Imperial Institute of the Deaf and Dumb), today Instituto Nacional de Educação dos Surdos (National Institute for the Education of the Deaf – INES), was founded on September 26, 1857. The deaf and hearing-

impaired have played sports at this institution since 1937 encouraged by the International Silent Games (today Deaflympic Games) ever since it was founded in 1924. The very first Brazilian Olympics for the Deaf took place in 1957 and the foundation of the Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (Brazilian Confederation of Sports for the Deaf – CBDS) happened in 1987. The CBDS is affiliated to the Brazilian Paralympic

Committee and internationally to the International Committee of Sports for the Deaf-CISS. Although the institutions that see to the deaf in Brazil are still limited in their assistance to their special clientele, there has been continuous exchange with the other Latin American countries and expansion of the CBDS, which has today 43 affiliated state and local associations in seven out of the 27 Brazilian states.

Origens No Brasil, a educação dos surdos teve início durante o Segundo Império, com a chegada de Ernest Huet, mouco, francês e professor de surdos, a convite do Imperador Pedro II. Com o apoio do Imperador e do reitor do Imperial Colégio Pedro II – Dr. Manoel Pacheco da Silva – foi fundado, em 26 de setembro de 1857, o Imperial Instituto de Surdos e Mudos, atual Instituto Nacional de Educação dos Surdos – INES. Hoje, esta entidade tem administração direta do Governo Federal, no âmbito do Ministério da Educação, com autonomia administrativa, específica no atendimento a portadores de necessidades especiais. Os principais registros sobre a História da Educação dos Surdos revelam que no final do século XV não havia escolas especializadas para surdos na Europa; e pessoas ouvintes tentaram ensinar aos surdos como Giralamo Cardamo, um italiano que utilizava sinais e linguagem escrita; ou Pedro Ponce de Leon, um monge beneditino espanhol que utilizava, além de sinais, treinamento da voz e leitura dos lábios. Nos séculos seguintes, alguns professores dedicaram-se à educação dos surdos. Entre eles, destacaram-se: Ivan Pablo Bonet (Espanha), Abbé Charles Michel de l'Épée (França), Samuel Heinicke e Moritz Hill (Alemanha), Alexandre Gran Bell (Canadá e EUA), Ovide Decroly (Bélgica). No século XVII surge a língua de sinais e a sua utilização no processo de ensino. O Abade L'Épée, por volta de 1760, foi um dos grandes responsáveis por esse avanço. Ele reuniu surdos dos arredores de Paris e criou a primeira escola pública para surdos, também precursora no uso da língua de sinais. Este encontro proporcionou a origem da Comunidade Surda. Por ter resultado positivo, essa metodologia inaugurada na França se espalhou por toda a Europa e depois pelo mundo. Entretanto, o desenvolvimento durou pouco. Essa modalidade de ensino foi abafada pela força da Medicina e da Filosofia, que duvidavam da capacidade da pessoa surda. A partir do Congresso de Milão em 1880 adotou-se o oralismo, método que considera a voz como o único meio de comunicação e de educação para os surdos. Desde então, foram excluídas todas as possibilidades de uso das línguas de sinais na educação dos surdos. Atualmente, os surdos educados por esse método falam dos horrores e das perseguições que sofreram ao usarem a língua de sinais. Em 1960, com o fracasso do oralismo criou-se a metodologia da comunicação total, que durou muito pouco por ter sua concepção bem parecida com a primeira. Segundo Brito (2004), as línguas de sinais distinguem-se das línguas orais porque utilizam um meio ou canal visual-espacial e não oral auditivo. Assim, articulam-se espacialmente e são percebidas visualmente, ou seja, usam o espaço e as dimensões que ele oferece na constituição de seus mecanismos “fonológicos”, morfológicos, sintáticos e semânticos para veicular significados, os quais são percebidos pelos seus usuários através das mesmas dimensões espaciais. Daí o fato de muitas vezes apresentarem formas icônicas, isto é, formas lingüísticas que tentam copiar o referente real em suas características visuais. Esta iconicidade, mais evidente nas estruturas das línguas de sinais do que nas orais, deve-se a este fato e a outro no qual o espaço parece ser mais concreto e palpável do que o tempo, dimensão utilizada pelas línguas oral-auditivas quando constituem suas estruturas através de seqüências sonoras que basicamente se transmitem temporalmente. Entretanto, as formas icônicas das línguas de sinais não são universais ou o retrato fiel da realidade. Cada língua de sinais representa seus referentes, ainda que de forma icônica, convencionalmente porque cada uma vê os objetos, seres e eventos representados em seus sinais ou palavras sob uma determinada ótica ou perspectiva. Por exemplo, o sinal ÁRVORE em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) representa o tronco da árvore através do antebraço e os galhos e as folhas através da mão aberta e do movimento interno dos seus dedos. Porém, o sinal para o mesmo conceito em CSL (língua de sinais chinesa) representa apenas o

tronco com as duas mãos semi-abertas e os dedos dobrados de forma circular. Embora a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS – seja a língua legítima e natural dos surdos, a Língua Portuguesa é também sua língua nacional. A LIBRAS foi criada a partir da mistura da Língua de Sinais Francesa com os sistemas de comunicação já usados pelos surdos das mais diversas localidades. Dentre as estratégias que proporcionam o aprendizado do Português pelo surdo, encontra-se na Comunicação Total, um conjunto de alternativas bi-modais. De acordo com essa filosofia, a LIBRAS facilita a prática de símbolos socialmente partilháveis e é um acesso importante a aprendizados e conteúdos curriculares, devendo ser adquirida pela criança, naturalmente, ao entrar em contato com outros surdos, sem contudo sair do contexto familiar. Esse modelo bilíngüe prevê a prática da LIBRAS (como língua natural) e do Português como aquilo que pode constituir, em última instância, um letramento de fato. A mensagem por uma alternativa bi-modal é produzida de dois modos simultâneos: um áudio-fonético e um visual-motor. Assim sendo, uma mensagem pode ser produzida em Português – a um só tempo – por fala oral e por “fala” manual corporal. Tal técnica oferece, desde a Estimulação Precoce, condições alternativas que facilitam o aprendizado do Português dentro da linearidade que lhe é peculiar. Hoje o método de educação mais utilizado é o bilingüismo. O bilingüismo é a forma de comunicação utilizada no ensino dos esportes e atividade física na atualidade, e serve como referência no diálogo entre atletas portadores de surdez de uma mesma equipe, e sua respectiva comissão técnica.

Definições Denomina-se deficiência auditiva a diminuição da capacidade de percepção normal dos sons, sendo considerado surdo o indivíduo cuja audição não é funcional na vida comum; e parcialmente surdo, aquele cuja audição, ainda que deficiente, é funcional com ou sem prótese auditiva. Pelo menos uma em cada mil crianças nasce profundamente surda. Muitas pessoas desenvolvem problemas auditivos ao longo da vida, por causa de acidentes ou doenças. Existem dois tipos principais de problemas auditivos. O primeiro afeta o ouvido externo ou médio e provoca dificuldades auditivas “condutivas” (também denominadas de “transmissão”), normalmente tratáveis e curáveis. O outro tipo envolve o ouvido interno ou o nervo auditivo, chama-se surdez neuro-sensorial, que corta o volume sonoro e também distorce os sons. Essa interpretação descoordenada de sons é um sintoma típico de doenças do ouvido interno. A surdez neuro-sensorial pode se manifestar em qualquer idade, desde o pré-natal até a idade avançada. O INES (2004), centro de referência no atendimento de surdos, adota as definições para a tipologia de deficiência auditiva do ponto de vista educacional, baseada na classificação do *Bureau International d'Audiophonologie*-BIAP, e na Portaria Interministerial nº 186 de 10/03/78, considera-se: Parcialmente Surdo: A) Portador de Surdez Leve – aluno que apresenta perda auditiva de até quarenta decibéis. Essa perda impede que o aluno perceba igualmente todos os fonemas da palavra. Além disso, a voz fraca ou distante não é ouvida. Em geral, esse aluno é considerado como desatento, solicitando, freqüentemente, a repetição daquilo que lhe falam. Essa perda auditiva não impede a aquisição normal da linguagem, mas poderá ser a causa de algum problema articulatório ou dificuldade na leitura e/ou escrita. B) Portador de Surdez Moderada – aluno que apresenta perda auditiva entre quarenta e setenta decibéis. Esses limites se encontram no nível da percepção da palavra, sendo necessário uma voz de certa intensidade para que seja convenientemente percebida. É freqüente o atraso de linguagem e as alterações articulatórias, havendo, em alguns casos, maiores problemas lingüísticos. Esse aluno tem maior dificuldade

de discriminação auditiva em ambientes ruidosos. Em geral, ele identifica as palavras mais significativas, tendo dificuldade em compreender certos termos de relação e/ou frases gramaticais complexas. Sua compreensão verbal está intimamente ligada à sua aptidão para a percepção visual. Surdo: I) Portador de Surdez Severa – aluno que apresenta perda auditiva entre setenta e noventa decibéis. Este tipo de perda vai permitir que ele identifique alguns ruídos familiares e poderá perceber apenas a voz forte, podendo chegar até quatro ou cinco anos sem aprender a falar. Se a família estiver bem orientada pela área educacional, a criança poderá chegar a adquirir linguagem. A compreensão verbal vai depender, em grande parte, de aptidão para utilizar a percepção visual e para observar o contexto das situações. II) Portador de Surdez Profunda – aluno que apresenta perda auditiva superior a noventa decibéis. A gravidade dessa perda é tal, que o priva das informações auditivas necessárias para perceber e identificar a voz humana, impedindo-o de adquirir naturalmente a linguagem oral. As perturbações da função auditiva estão ligadas tanto à estrutura acústica quanto à identificação simbólica da linguagem. Um bebê que nasce surdo balbucia como um de audição normal, mas suas emissões começam a desaparecer à medida que não tem acesso à estimulação auditiva externa, fator de máxima importância para a aquisição da linguagem oral. Assim também, não adquire a fala como instrumento de comunicação, uma vez que, não a percebendo, não se interessa por ela, e não tendo *feedback* auditivo, não possui modelo para dirigir suas emissões. A construção da linguagem oral no indivíduo com surdez profunda é uma tarefa longa e bastante complexa, envolvendo aquisições como: tomar conhecimento do mundo sonoro, aprender a utilizar todas as vias perceptivas que podem complementar a audição, perceber e conservar a necessidade de comunicação e de expressão, compreender a linguagem e aprender a expressar-se. Na área da deficiência da audição, as alternativas de atendimento estão intimamente relacionadas às condições individuais do educando. O grau da perda auditiva e do comprometimento lingüístico, a época em que ocorreu a surdez e a idade em que começou sua Educação Especial são fatores que irão determinar importantes diferenças em relação ao tipo de atendimento que deverá ser prescrito para o educando. Quanto maior for a perda auditiva, maiores serão os problemas lingüísticos e maior será o tempo em que o aluno precisará receber atendimento especializado. Existe ainda a deficiência auditiva conjugada com a visual. São várias as definições que tentam esclarecer o que é a surdocegueira e definir o surdocego de forma que possamos conhecê-lo melhor, para poder planejar o atendimento, elaborar os programas educacionais e também dar maior apoio às famílias. Uma das definições mais antigas, de nosso conhecimento, diz: “Surdocegas são as crianças que têm dificuldades auditivas e visuais, cuja combinação resulta em problemas tão severos de comunicação e outros problemas de desenvolvimento e educação, que elas não podem ser integradas em programas educacionais especiais para deficientes auditivos ou para deficientes visuais” (Lieve de Leuw, 1997, citada por Feneis). Atualmente há preocupações entretanto em descobrir quais as possibilidades que a criança apresenta e suas necessidades em vez de destacar suas dificuldades. Assim têm sido descobertos muitos recursos para atendê-la. Também existem outros recursos para reconhecer um surdocego, e outras informações sobre o seu desenvolvimento. Há casos de crianças surdocegas brasileiras que desenvolveram condições de serem educadas com os surdos, comunicando-se em LIBRAS e usando o Braille para o conhecimento da leitura e escrita. Mas para que isso aconteça é necessário que a intervenção seja precoce (Feneis, 2004). A partir desta base de conhecimentos pode-se acompanhar fatos de memória que levem à prática esportiva e seus benefícios aos surdos.

1857 O Imperial Instituto de Surdos e Mudos foi fundado em 26 de setembro, incentivado por D. Pedro II que tinha preocupação com a educação especial (expressão dos dias presentes) no Brasil. Baseado nas experiências positivas que tivera três anos antes com a fundação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos-IIMC, e com os avanços obtidos nos trabalhos para deficientes visuais, o Imperador atentou-se para outras deficiências que até a época não possuíam um atendimento especializado. Pode-se dizer que o mês de setembro foi marcante para ambas as deficiências, visual e auditiva, pois o IIMC, atual Instituto Benjamim Constant, foi inaugurado no dia 12 de setembro do referenciado ano de 1954, marco inicial da educação especial na América Latina, (Mataruna, 2004).

1866 Surgimento na Dinamarca das Associações de Surdos que operaram com grandes empenhos até 1893.

1870 De acordo com Araújo (1998), os atletas surdos são as primeiras pessoas portadoras de deficiência que se apresentam na cena esportiva. Ocorreram atividades esportivas para surdos no século XIX, por volta de 1870, nas escolas do estado de Ohio, EUA, que foram as primeiras a oferecer beisebol para surdos; e em 1885 o estado de Illinois, no mesmo país, introduziu o futebol para esta população (Winnick apud Ganho, 1990).

Década de 1880 Neste período, clubes esportivos para surdos iniciavam suas atividades em competições e encontros esportivos em Berlim e em outras partes da Europa (*International Paralympic Committee*, 2003).

1896 A.J. de Moura e Silva, professor do INES, viajou para o Instituto Francês de Surdos, a pedido do governo brasileiro, para avaliar a decisão do Congresso de Milão e concluiu que o Método Oral Puro não se aprestava para todos os surdos (INES, 2004).

1906 O futebol para surdos nos Estados Unidos da América disseminou-se nas escolas especiais. Neste ano a Escola de Wisconsin para Surdos passou a oferecer o basquetebol (Winnick, 1990).

1917 Em São Paulo-SP, o Dr. Vieira de Mello publicou, na Gazeta Clínica, um trabalho sobre a educação de crianças surdas na Escola Pública. Anos mais tarde foi instalada uma escola especial, onde funciona a Secretaria de Educação de São Paulo. No mesmo período, entrou em funcionamento uma classe especial no Grupo Escolar do Belém (hoje E.E. Amadeu Amaral). Em 1933, houve a criação de mais duas classes especiais, anexas à Escola Normal Padre Anchieta, na citada capital de São Paulo.

Década de 1920 Um grupo de surdos do Rio de Janeiro funda a Associação Brasileira de Surdos-Mudos-ABSM, orientados pelo já aqui citado francês Ernest Huet, mouco e ex-diretor do Instituto de Surdos de Paris. O objetivo foi de fomentar a luta pelo direito de serem educados na sua língua natural, como também para procurar vencer as dificuldades de integração. Visualiza-se desde esta época a necessidade de mecanismos de inclusão social.

1922 O Comitê Paraolímpico Internacional indica que neste ano foi fundado o *International Committee of Sports for The Deaf*-CISS (Comitê Internacional de Esportes para Surdos) com a participação de seis países. Entretanto, há algumas contradições de quais eram estes países. A oficialização deste processo aconteceu dois anos mais tarde, em Paris.

1924 Neste período ocorreu a participação de França, Bélgica, Grã Bretanha, Holanda, Hungria, Itália, Romênia, Polônia e Tchecoslováquia na primeira Olimpíada Mundial dos Surdos, uma espécie de jogos olímpicos para deficientes auditivos. Os jogos aconteceram em Paris no período de 10 a 17 de agosto deste ano, liderados por Mr. Eugène Rubens-Alcais, um jovem surdo francês, que reuniu seis federações nacionais com o objetivo de realizar os jogos internacionais (CISS, 2004). As provas do evento aconteceram nos seguintes esportes: atletismo, natação, ciclismo, futebol e tiro. A oficialização da fundação do CISS aconteceu em 24 de agosto deste ano, logo após os Jogos, com os nove países participantes. O evento provocou forte impacto, o que leva à consolidação do CISS, após o Congresso de Bruxelas, em 1926, que incluiu a Alemanha como novo membro. O aludido órgão aponta que o nome original do evento era *International Silent Games* (Jogos Internacionais do Silêncio). A partir dessa data, de quatro em quatro anos, realizam-se os jogos mundiais, tendo o Brasil participado, pela primeira vez, em 1993. Atualmente os jogos são chamados de *Deaflympic Games* (Jogos Surdolímpicos). Anteriormente a este ano, Araújo (1998)

relata que as equipes escolares de surdos ocorriam entre escolas especiais e equipes regulares. Quiçá este seja um dos primeiros registros de inclusão social de deficientes auditivos no esporte regular.

1926 Em 31 de outubro foi realizado o 1º Congresso do CISS em Bruxelas. Neste congresso, a Alemanha foi reconhecida como um novo membro, tendo como seu representante Sr. Siepmann.

1928 A segunda versão dos Jogos Internacionais do Silêncio, aconteceu em Amsterdã, entre 1-2 de agosto deste ano, seguido pelo 2º congresso, o qual, admitiu a Suíça como um membro novo do CISS.

1929 Durante o 3º Congresso do CISS, Dinamarca, Finlândia, Noruega e Suécia foram aceitos como novos membros.

Década de 1930 A ABSM passa por diversas dificuldades sendo desativada e reaberta quatro décadas depois.

1931 Acontecem os 3º Jogos Internacionais do Silêncio em Nuremberg, Alemanha, no período de 19-23 de agosto. Durante estes jogos mais 5 nações foram aceitas no 4º Congresso do CISS, ampliando o número de países participantes, assim como, enriquecendo a disputa esportiva.

1933 No 5º Congresso em Copenhague, entre os dias 19 e 20 de agosto, foi determinado o estabelecimento de uma Comissão Mundial de Recordes para monitorar e listar recordes mundiais no atletismo e natação.

1935 Os Estados Unidos da América, representados por S. Robey Burns, foram admitidos como o primeiro país membro não-europeu da CISS durante o IV Jogos Internacionais do Silêncio, realizados em Londres entre 18 e 24 de agosto desse ano. Ele foi seguido pelo Japão, cuja filiação foi endossada no 6º Congresso.

1937 No Brasil, o ginásio poli-esportivo do INES foi construído em 1937, possibilitando cada vez mais o atendimento aos alunos do Instituto. O CISS não tinha um símbolo para sua bandeira oficial. Para solucionar este problema foi realizada uma competição de desenhos, tendo sido selecionado o desenho de Mr. Chante (nome de registro em atas) durante o 7º Congresso realizado em Budapeste entre os dias 20 e 21 de agosto deste ano.

1939 Neste período, por determinação do então Ministro da Educação brasileiro, a Escola Nacional de Educação Física e Desportos-ENEFD ocupou as instalações do INES no Rio de Janeiro, passando os estudantes a conviver com o dia a dia da instituição. A partir daí, o desenvolvimento das atividades físicas passou a influenciar na compreensão de sua importância para a qualidade de vida da comunidade surda. A bandeira da CISS, nas cores azul e verde, foi inaugurada na cerimônia de abertura do V Jogos Internacionais do Silêncio, realizados em Estocolmo, no período compreendido entre 24 e 27 de agosto do ano em pauta. No Congresso, realizado em conjunto com os *International Silent Games*, a Bulgária foi admitida como um novo membro e convidada para iniciar a comissão técnica que era responsável por cada ramo esportivo. A CISS foi honrada pela primeira vez com a presença de um membro da realeza, o Príncipe Gustav-Adolf da Suécia. Durante a II Guerra Mundial, a CISS interrompeu suas atividades de expansão dos seus objetivos.

1939 – 1957 O período reflete a política dos anos Vargas, o término da guerra e a influência cultural americana e européia. Os alunos do INES mantêm o desenvolvimento das ações esportivas, culminando com as comemorações do I Centenário do Instituto e a I Olimpíada Nacional de Surdos.

1949 Após a Guerra, os jogos do CISS voltaram a acontecer em Copenhague, entre 12 e 16 de agosto deste ano, quando foram realizados os VI Jogos Internacionais do Silêncio, seguindo a determinação do Congresso realizado em Paris. Os jogos foram honrados com a presença do Príncipe Knud da Dinamarca. No 10º Congresso em Copenhague, a filiação na CISS de Espanha e Iugoslávia foi registrada. A proposta apresentada pelo Sr. H. Prochazka, da Áustria, em sediar os Jogos Internacionais de Inverno foi aceita. O *I International Winter Silent Games* (Jogos Internacionais do Silêncio de Inverno) foi realizado em Seefeld, entre 26 e 30 de janeiro de 1949, e contou com a presença de 33 competidores oriundos de cinco nações.

1951 Em 12 de maio deste ano, durante o 11º Congresso, o CISS foi apreciado pelo Comitê Olímpico Internacional, que confirmou o

alto padrão de administração e atividades empreendidas durante os 25 anos. O reconhecimento enquanto instituição esportiva de rendimento ocorreu quatro anos depois. Criou-se a Federação Mundial de Surdos (*World Federation of the Deaf* - WFD), na Finlândia. Esta iniciativa significou uma importante conquista no espaço político para as discussões e articulações das lutas das comunidades surdas.

1953 Após os II Jogos de Inverno, realizados em Oslo, Noruega, de 10 a 14 de fevereiro, o VII *Silent Games* aconteceu em Bruxelas entre os dias 15 e 19 de agosto. Sr. Rubens-Alcais retirou-se da Presidência durante o 12º Congresso realizado em Bruxelas, sendo o cargo assumido por Sr. Oscar Ryden da Suécia. Sr. Rubens-Alcais morreu em 8 de março de 1963 e foi enterrado no cemitério de Ivry, perto de Paris. No Rio de Janeiro-RJ, foi fundada a Associação Alvorada, através de um grupo de surdos, liderado pela Profa. Ivete Vasconcelos, em 16 de maio. Sua sede inicial era em uma sala emprestada do Colégio Santo Inácio, no bairro de Botafogo, mudando-se mais tarde para um espaço cedido pela Liga Libanesa, em um Clube na Tijuca, também bairro daquela cidade. Depois passou para uma sala no Boulevard Vinte e Oito de Setembro, em Vila Isabel; e por fim, através da contribuição de seus sócios, passou para a sede que permanece até a presente data no bairro da Piedade. O primeiro esporte a ser desenvolvido na associação foi o voleibol, que contava com os praticantes: José Carlos Laviola, João Escobar, Maria Regina, Alfredo Santos Cunha, entre outros, os quais eram apoiados pelo Padre Eugênio Oates.

1954 Foi fundada a Associação de Surdos de São Paulo – ASSP, em 19 de março deste ano, que desenvolve trabalhos sociais e esportivos voltados a pessoas com deficiência auditiva.

1955 O Comitê Olímpico Internacional reconheceu o CISS como Federação Internacional no dia 15 de junho. Sr. Ryden serviu por dois anos com zelo e inteligência, sendo sua posição passada para Sr. J.P. Nielsen da Dinamarca durante o 13º Congresso realizado em 1955. Austrália e Nova Zelândia foram aceitas como membros no mesmo Congresso, quando a CISS passou a ter 23 nações afiliadas.

1956 No dia 26 de setembro ocorreu no INES, Rio de Janeiro, um encontro para a discussão entre surdos e educadores, comprometidos com a linguagem de sinais.

1957 Depois do reconhecimento pelo Comitê Olímpico Internacional, o CISS retificou seu estatuto de acordo com o Espírito Olímpico no 14º Congresso realizado neste ano, em Milão, Itália. No mesmo Congresso, Argentina, República Democrática da Alemanha, Chile, Grécia, Iran, Israel, Turquia, Uruguai e URSS, foram convidados a se integrarem como novos membros, chegando a um total de 32 nações filiadas. O Canadá foi aceito como membro no Congresso seguinte, o 15º realizado em Montana-Vermala, durante os IV Jogos de Inverno. No Brasil, neste ano ocorreu a I Olimpíada Nacional de Surdos comemorando o Centenário do INES. A olimpíada, caracterizada pela imprensa como Olimpíada Silenciosa, teve a participação de surdos de vários estados, com destaque para as equipes do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Distrito Federal (depois Guanabara), e a presença do Ministro da Educação e Cultura, Clóvis Salgado. Os eventos foram realizados no INES e no Fluminense Futebol Clube, onde o atleta surdo Waldemar da Conceição participou da equipe de futebol e atletismo, com salto em altura e salto triplo. A Olimpíada aconteceu durante os três anos seguintes, sempre com grande repercussão jornalística.

1959 Em 20 de janeiro deste ano foi criada a Federação Desportiva de Surdos do Estado do Rio de Janeiro–FDSE/RJ, com a denominação de Federação Carioca de Surdos-Mudos-FCSM, reunindo as seguintes associações: Sociedade dos Surdos-Mudos do Distrito Federal, atual ASURJ, Associação Cultural e Beneficente dos Surdos-Mudos e Associação dos Surdos-Mudos da Guanabara. O Primeiro presidente da Federação foi Sentil Dellatorre, que atuou por 20 anos no movimento do esporte para surdos. A Federação foi fruto da iniciativa do Conselho Nacional de Desportos–CND, presidido, à época, pelo General Eloy Oliveira de Menezes. Reconhecida por muitos anos pelo CND e pela Confederação Brasileira de Desporto–CBD, hoje extinta e sem sucessora. A FCSM foi desfilada da CBD, através do parecer de um dos membros daquela entidade eclética. Mais adiante, quando o CISS ainda engatinhava, obteve filiação internacional junto ao Comitê Internacional de Esportes dos Surdos, para assegurar ao Brasil o

direito de participar dos Jogos Mundiais para Surdos, realizados de 4 em 4 anos em países diferentes. Infelizmente, só recentemente o Brasil viu concretizado este propósito.

1961 Neste ano ocorre na Finlândia o 16º Congresso em conjunto com o 9º Jogos Internacionais do Silêncio.

1965 P. Bernhard da França assume a presidência do CISS. O Brasil e o México são aceitos como membros da entidade, através de votação em seu 18º Congresso. Pela primeira vez os Jogos Internacionais do Silêncio, em sua décima edição, sai da Europa e se realiza em Washington D.C., nos Estados Unidos da América. Ambos os eventos foram realizados no período de 20 de junho a 03 de julho.

1966 A comissão executiva do Comitê Olímpico Internacional decidiu premiar a CISS pelos seus serviços prestados ao esporte, com a Copa Olímpica (*Olympic Cup*), criada em 1906 pelo Barão de Coubertin. A placa de bronze e um diploma foram entregues a CISS em uma cerimônia dois anos depois (23 de março de 1968), em Lausanne na Suíça. Esta condecoração é concedida a uma instituição ou associação com uma reputação geral para o mérito e integridade do movimento olímpico e que possua um desenvolvimento ativo e eficiente na promoção do esporte de acordo com os princípios de Pierre de Coubertin. Um fato interessante é que em 1949 o Fluminense Football-Clube, no Rio de Janeiro, recebeu esta mesma condecoração.

1967 De 28 de janeiro a 04 de fevereiro, a FCSM promoveu, no Rio de Janeiro, os IV Jogos Desportivos Silenciosos Latino-Americanos, com a participação de Argentina, Brasil, Uruguai, Chile, Venezuela, Colômbia, EUA e Peru, além de representantes do CISS. Nesta oportunidade, o Brasil conquistou troféus em várias modalidades esportivas.

1969 Neste período, a FCSM participou dos V Jogos Desportivos Silenciosos Latino-Americanos, realizados em Buenos Aires – Argentina. Em dois ônibus fretados saiu a caravana do Rio de Janeiro e, após três dias de viagem, chegou a Buenos Aires, onde escreveu uma das mais bonitas páginas da modalidade, conquistando troféus.

Década de 1970 Profissionais ouvintes ligados a surdez fundam a FENEIDA – Federação Nacional de Integração do Deficiente Auditivo. Um fato significativo é que muitos surdos não sabiam da existência dessa organização, o que ocorreu anos mais tarde.

1971 Um grupo de surdos de São Paulo retoma a ABSM, desta vez motivados e orientados pelo Monsenhor Vivente de Paula Penido Burnier. Mais uma vez não houve continuidade.

1974 O CISS celebra em Paris seu 50º aniversário de sucesso nas atividades e serviços ao esporte para surdos em todo o mundo. Em novembro, a Venezuela foi sede do primeiro campeonato regional não-europeu: um evento Pan-Americano, contando com a participação de 300 atletas de 11 nações americanas que competiram nas modalidades atletismo, futebol, tênis de mesa, natação e voleibol.

1977 Bucareste sediou o 13º Jogos Mundiais para Surdos no mês de agosto. Duas nações se filiaram ao CISS, Bangladesh e Costa do Marfim. Durante o Congresso realizado imediatamente depois do 9º Jogos Mundiais de Inverno em Meribel foram tomadas importantes decisões sobre o esporte para surdos como o estabelecimento de níveis de audição para competidores internacionais e aceitação da África do Sul como membro da CISS, entretanto não aceitando a sua participação em competições internacionais.

1981 Ano Internacional dos Deficientes. Os 14º Jogos Mundiais em Colônia, Alemanha, realizados em julho deste ano, foram honrados com a primeira participação do presidente do Comitê Olímpico Internacional, Juan Antonio Samaranch, que assistiu durante dois dias a Cerimônia de Abertura e as preliminares do evento. No Congresso realizado poucos dias antes, foi determinada a utilização do inglês como única língua oficial em substituição a utilização de duas línguas no passado, inglês e francês. Entretanto, o título do evento permaneceu em francês mantendo as origens. Utilização do teste de doping pela primeira vez nos Jogos.

1982 A Associação dos Surdos de Minas Gerais-ASMG, Sociedade dos Surdos de Belo Horizonte-SSBH, e Associação dos Surdos de Uberaba fundaram, em 13 de março de este ano, a Federação Mineira

Desportiva dos Surdos-FMDS, depois de sentirem a necessidade de organizar melhor a prática desportiva no estado de Minas Gerais. A Federação elegeu seu primeiro presidente o Sr. Antônio Campos de Abreu. Durante 17 anos de trabalhos enfrentou muitas dificuldades, como a total falta de apoio, já que os órgãos públicos do estado de Minas Gerais nunca se aproximaram do movimento dos portadores de surdez. Mas graças à persistência e empenho de seus dirigentes, a FMDS conquistou muitos campeonatos nacionais e sempre teve participação com selecionados nacionais que brilharam no exterior. Uma proposta relevante da FMDS é a alteração da lei que torna facultativa a prática da Educação Física nas escolas especiais, já que a pessoa surda é absolutamente “normal” na prática esportiva, o que não acontece com outras deficiências, que exigem regras e adaptações, e até mesmo, a construção de estruturas esportivas com mecanismos de acessibilidade. Esta proposta visa uma forma mais eficiente para tornar os indivíduos surdos, cada vez mais, cidadãos produtivos e felizes.

1983 Um grupo de surdos organiza uma Comissão de Luta pelos Direitos dos Surdos, desenvolvendo um trabalho importante nessa área. O grupo ganha força e legitimidade ao reivindicar, junto à FENEIDA, espaço para seu trabalho, o que foi negado naquele momento. Ao formar uma chapa, o grupo de surdos é vencedor nas eleições para diretoria da entidade, sendo que o primeiro passo foi a reestruturação do estatuto da entidade. Neste sentido, a FENEIDA, passou posteriormente (quatro anos mais tarde) a ser denominada Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos-FENEIS. Essa mudança foi muito significativa, pois não se referiu apenas a uma troca de nomes, mas à busca de uma nova perspectiva de trabalho e de olhar sobre os surdos. A apropriação dessa Federação pelos surdos é repleta de significados. Simboliza uma vitória contra os ouvintes que consideravam a eles, surdos, incapazes de opinar e decidir sobre seus próprios assuntos; e entre eles sublinha o papel da linguagem de sinais na educação regular. Desnuda, ainda, uma mudança de perspectiva, ou de representação discursiva, a respeito de si próprios: ao alterarem a denominação “deficientes auditivos”, impressa na sigla FENEIDA, para “surdos”, em FENEIS, deixam claro que recusavam o atributo estereotipado que normalmente os ouvintes ainda lhes conferem, isto é, o de serem “deficientes”. A CISS decidiu permitir a participação da África do Sul em competições internacionais em países que aceitassem sua presença.

1984 Neste ano se iniciou o processo de organização da Confederação Brasileira de Desportos de Surdos-CBDS, fato que só veio a se concretizar 3 anos mais tarde.

1986 Queda da FENEIDA.

1987 Em 16 de maio deste ano, em assembléia geral, com a presença de diversos representantes de associações de surdos dos estados brasileiros, é fundada a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos-FENEIS, que lutou pelo reconhecimento da linguagem brasileira de sinais, pelo direito das crianças, adolescentes e adultos à educação; ao lazer; à cultura; e ao trabalho, entre outros. A Confederação Brasileira de Desportos de Surdos-CBDS foi fundada em 17 de novembro, na cidade do Rio de Janeiro-RJ. A Confederação é uma entidade federal de administração do esporte, nos termos do artigo 9º da Lei nº 8.672, de 06/07/1993 (Lei Zico). A entidade já adequou seu estatuto à lei que instituiu normas gerais sobre o esporte. A CBDS tem como filiadas as instituições que desenvolvem o esporte para pessoas portadoras de deficiência auditiva, em âmbito nacional. É filiada ao Comitê Paralímpico Brasileiro-CPB, e, internacionalmente, ao CISS, órgão mundial de direção do esporte para surdos.

1992 Em setembro deste ano ocorre em Curitiba-PR, o I Campeonato Paranaense de Futsal para Surdos, organizado pela Federação Desportiva de Surdos do Paraná (FDSPP). Em Belo Horizonte-MG, a Confederação Brasileira de Desportos para Surdos em 12 de setembro, organizou o II Campeonato Brasileiro de Natação. Ocorre também o I Campeonato Paranaense de Futebol de Campo-FDSPP, em Maringá-PR.

1993 Uma grande participação do Brasil em eventos internacionais ocorreu neste período. Na Bulgária – primeira participação em competição mundial – com os atletas Alexandro Grade e Geovana Coceiro, ambos de natação, que estabeleceram onze recordes sul-americanos do desporto de surdos. Nesse campeonato participaram 51 países e 1705 atletas. No Brasil ocorrem dois eventos

organizados pela FDSPP: I Campeonato Paranaense de Atletismo e I Campeonato Paranaense de Natação – FDSPP – Londrina – PR. Neste mesmo período Brasília sedia o Campeonato Brasileiro de Desportos de Surdos.

1995 O CISS decidiu não aceitar o convite do Comitê Paralímpico Internacional para se integrar ao mesmo, recusando desta maneira a inclusão dos surdos nos Jogos Paralímpicos. Importante lembrar que a CBDS foi a primeira organização esportiva de pessoas com necessidades e direitos especiais. O mesmo fato aconteceu durante esta década nacionalmente, sem uma data de registro precisa, entre o convite do CPB para que a CBDS participasse de eventos integrados, apesar de a mesma estar diretamente filiada a este órgão.

1999 A FENEIS foi declarada Utilidade Pública Federal, em 12 de julho.

2000 Em 29 de abril deste ano ocorreu a I Copa do Brasil de Futsal, em Londrina-PR. A Associação de Surdos de Londrina sagrou-se Campeã Feminina de Futsal.

2001 O Brasil se fez representar por uma equipe de Tênis de Mesa nos Jogos Mundiais de Verão, na cidade de Roma, Itália, quando o número de países filiados ao CISS foi igual a 86 nações. Os XIX Jogos Mundiais para Surdos aconteceram no período de 22 de julho a 1º de agosto deste ano. A Federação Desportiva de Surdos do Estado do Rio de Janeiro enviou seus atletas que participaram da modalidade tênis, além do tênis de mesa.

2002 Neste período, mudanças significativas foram sendo consolidadas no âmbito da organização esportiva dos surdos. Durante as Olimpíadas de Surdos 2002, realizadas em Passo Fundo-RS, foi criado o Comitê Olímpico Brasileiro de Surdos. O Comitê, ora em fase de organização dos estatutos e eleição de diretoria, se alia à organização do Núcleo Desportivo Sócio – Cultural do Instituto Nacional de Educação de Surdos-INES, além de se comprometer com todas as entidades de atendimento ao Surdo no RJ: Associação de Assistência à Criança Surda, Funlar Vila Isabel e Escolas Municipais, hoje responsáveis pela escolaridade do ensino fundamental. Incentiva-se o desenvolvimento de programas específicos de handebol, futsal, ginástica artística, tênis de mesa, atletismo, voleibol, judô e capoeira, realizados em conjunto com as federações específicas, e define-se a obrigatoriedade do ensino da Educação Física, resgatando assim, o que já aconteceu no século passado. Percebe-se, ainda, um aumento significativo da participação da pessoa surda também no campo da Educação Física, já não apenas como praticante, mas buscando a formação profissional. Registra-se, também, a presença de professores formados, com licenciatura plena, nos estados do Paraná e no Rio Grande do Sul. Durante a I Olimpíada Brasileira dos Surdos, realizada em Passo Fundo-RS, ocorreu segundo Mello, Brito e Diehl (2002), a adaptação da arbitragem dos jogos de futsal e basquetebol de atletas surdos brasileiros. Este ato foi de fundamental importância na busca do reconhecimento e valorização da cultura sócio-esportiva surda. Importante ressaltar que a I Olimpíada Nacional de Surdos ocorreu no ano de 1957. Sendo assim, o evento ocorrido neste ano não poderia ser declarado como a primeira Olimpíada Brasileira. Fatos como este apontam para a problemática do extravio de informações e registros histórico-esportivos, muito comum no Brasil na área do esporte adaptado.

2003 Aconteceram na Argentina os Jogos Pan-Americanos de Surdos, em que o Brasil conquistou onze medalhas. O atleta Jonas no salto em distância garantiu duas medalhas de prata. A atleta Laís do atletismo ganhou duas medalhas de prata na corrida. Em Lages-SC, organizou-se em 27 de setembro, o I Encontro de Futsal de Surdos da Região Sul do Brasil, que teve como campeão a Associação de Surdos de Londrina.

Situação Atual Cerca de 24,5 milhões de brasileiros são portadores de algum tipo de deficiência física ou mental, o que representa 14,5% da população (dados sujeitos a redução dependendo dos conceitos usados para tipos de deficiência). Quase a metade destes são chefes de família. Mais de 50% deles têm menos de três anos de escolaridade completos, o que significa um ano a menos em relação ao restante da sociedade. A renda do portador de deficiência é, em média, menor que a média geral, mesmo tendo jornada de trabalho semelhante. Além de ter salários mais baixos, as empresas não respeitam a legislação, o que determina um número percentual mínimo de funcionários deficientes. Os dados estão presentes no livro “Retratos da Deficiência

no Brasil". As pesquisas para a elaboração da obra foram produzidas em parceria com a Fundação Banco do Brasil e o IBGE. O responsável pelo trabalho é Marcelo Néri, chefe do Centro de Políticas Sociais, da Fundação Banco do Brasil. A publicação tem como objetivo identificar o perfil sócio-econômico-demográfico dos deficientes. Além disso, descreve as políticas de inserção social nas áreas de saúde, educação, transferência de renda e trabalho. Segundo o autor, as políticas em vigência para a inclusão social do deficiente são paternalistas e atacam as conseqüências, não dando prioridade às causas da insuficiência de renda. O INES, como centro de referência nacional em surdez, lidera o número de atendimentos ao portador de surdez. Como órgão do Governo Federal, abriga, ao longo da história, o maior número de pessoas surdas. No entanto, considerando tal oportunidade, e mesmo após a realização da I Olimpíada Nacional de Surdos, o desenvolvimento da Educação Física e o comprometimento da comunidade desportiva surda com a prática desportiva, ainda é bastante limitado. Alguns fatores devem ser sinalizados. O primeiro é o fato de esta comunidade lutar contra os preconceitos e barreiras criadas pela sociedade, desde a formação de seus organismos esportivos. Este fato é encontrado em diversos países e até mesmo dentro da própria comunidade surda, quando se depara com deficientes auditivos e surdo-cegos. O segundo fator decorre pelo tempo e aglutina várias causas, das quais podemos destacar os pareceres históricos, indeferidos, que impediram, por exemplo, a Federação Desportiva de Surdos do Estado do Rio de Janeiro de filiar um time de futebol e participar dos campeonatos

regulares. É necessário registrar que todas as regras esportivas de surdos são as mesmas determinadas para os não-surdos, sem restrição, ou seja, não há modificações de regras. Em algumas modalidades apenas ocorre uma adaptação na desenvoltura visual em contraponto a sonora. As organizações internacionais do sistema desportivo de surdos são realizadas pelo *International Committee of Sports for the Deaf*-CISS, órgão reconhecido pelo Comitê Olímpico Internacional, com oitenta e seis países filiados e diversas associações internacionais. No continente sul-americano, existe a Confederação Sul-Americana de Desportos de Surdos-CONSUDES. A Confederação Brasileira de Desportos de Surdos-CBDS, com sede em São Paulo e Rio de Janeiro, possui Federações, Clubes, Agremiações, Associações filiadas e realiza alguns campeonatos, participando de eventos internacionais. Hoje o órgão de âmbito pan-americano que rege os jogos do continente é a *Organización Deportiva Panamericana de Sordos*-PANAMDES, que realizou em 2003 os Jogos Pan-americanos-Argentina. A Federação Mundial dos Surdos comemora o dia 30 de setembro de cada ano como o Dia Internacional do Surdo, entretanto no Brasil, comemora-se no dia 26 em virtude da data de inauguração do primeiro instituto educacional desta deficiência. A formação em LIBRAS deveria ser passada a todos estudantes do ensino fundamental no Brasil, assim como noções mínimas sobre todas as deficiências, o que reduziria o preconceito e contribuiria para a inclusão social. A massificação da linguagem em LIBRAS corroboraria para a comunicação entre as pessoas, além de mais uma possibilidade de estabelecer contatos

entre indivíduos regulares e portadores de deficiência auditiva. Esta ação pode introduzir a conscientização de cidadania em atender a pessoa surda.

Fontes Araújo, P.F. Desporto Adaptado no Brasil: Origem, Institucionalização e Atualidade. Brasília: INDESP, 1998; Brito, L.F. Livro Digital. Instituto Nacional de Educação de Surdos. Acessado em: www.ines.org.br. Disponível em: 01 de abril de 2004; CISS. Comitê Internacional des Sports des Sourdes: Site Oficial. Acessado em: www.ciss.org/history/fullversion.html. Disponível em: 01 de março de 2004; INES. Deficiência Auditiva. Acessado em: www.ines.org.br. Disponível em: 28 de março de 2004; INTERNATIONAL PARALYMPIC COMITTEE. Comitê Paraolímpico Internacional: Site Oficial. Acessado em: www.ipc.org. Publicado em: novembro de 2003. Disponível em: 10 de fevereiro de 2004; Mataruna, L. A História da Educação Especial no Brasil. *no prelo*. Rio de Janeiro: s/ed., 2004; Mello, L.; Brito, V.V. R. R.; Diehl, R.M. ADAPTAÇÃO NA ARBITRAGEM DO DESPORTO COLETIVO PARA SURDOS, 2002. I Congresso de Atividade Motora Adaptada do Mercosul (2002, Porto Alegre). A Atividade Motora Adaptada a Serviço das Diferenças: anais [CD-ROM], Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto, Porto Alegre: PUCRS, 2002; Neri, M. Retratos da Deficiência no Brasil (PPD): Diversidade. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2003; Winnick, P.J. Adapted Physical Education and Sports. Champaign: Human Kinetics, 1990.

Número de entidades de atendimento ao surdo no Brasil por estado, 2003

Number of supportive organizations of the deaf in Brazil per state, 2003

Acre	05	Maranhão	55	Rio Grande do Norte	16
Alagoas	06	Mato Grosso	52	Rio de Janeiro	36
Amapá	21	Mato Grande do Sul	35	Rondônia	14
Amazonas	12	Minas Gerais	75	Roraima	02
Bahia	28	Pará	20	Sta. Catarina	42
Ceará	04	Paraíba	12	São Paulo	264
Distrito Federal	41	Paraná	56	Sergipe	21
Espírito Santo	15	Pernambuco	15	Tocantins	03
Goiás	32	Piauí	23		

Fonte / source: DDHCT, 2003

Entidades Nacionais e Internacionais responsáveis pelo esporte dos surdos, 2003

National and international organizations dedicated to deaf sports, 2003

Confederação Brasileira de Desportos para Surdos – 43 filiados	
Federação Desportiva de Surdos do Estado do Rio de Janeiro	05 filiados
Federação Paulista Desportiva de Surdos	11 filiados
Federação Mineira Desportiva de Surdos	15 filiados
Federação Desportiva de Surdos do Estado do Rio de Janeiro	05 filiados
Federação Desportiva de Surdos do Estado do Rio Grande do Sul	07 filiados
Federação Goiana de Desportos de Surdos	03 filiados
Liga Nordeste Desportiva de Surdos	07 filiados
Associações e Sociedades Desportivas Filiadas Diretamente à Confederação Brasileira de Desportos de Surdos -11 filiados	
Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos	Feneis
<i>Confederación Deportiva Panamericana de Sordos</i>	Panamdes
<i>International Committee of Sports for the Deaf (Comité International des Sports des Sourds)</i>	CISS
<i>World International of the Deaf</i>	
<i>European Union of the Deaf</i>	

Olimpíadas do Silêncio – Olimpíadas dos Surdos

Silent Games – Deaflympic Games

Verão / Summer			
Data / Date	Local / Place	Nações	Número de Atletas
10-17 Ago 1924	Paris, França	9	145
18-26 Ago 1928	Amsterdã, Holanda	10	210
21-24 Ago 1931	Nuremberg, Alemanha	14	316
17-24 Ago 1935	Londres, Grã-Bretanha	12	283
24-27 Ago 1939	Estocolmo, Suécia	13	264
12-16 Ago 1949	Copenhague, Dinamarca	14	405
15-19 Ago 1953	Bruxelas, Bélgica	16	524
25-30 Ago 1957	Milão, Itália	25	625
6-10 Ago 1961	Helsinkki, Finlândia	24	595
27 Jun-3 Jul 1965	Washington DC, Estados Unidos	27	697
9-16 Ago 1969	Belgrado, Iugoslávia	33	1183
21-28 Jul 1973	Malmö, Suécia	32	1061
17-27 Jul 1977	Bucareste, Romênia	37	1468
23 Jul-1 Ago 1981	Colônia, Alemanha	32	1663
10-20 Jul 1985	Los Angeles, Estados Unidos	29	1648
7-17 Jan 1989	Christchurch, Nova Zelândia	32	1469
24 Jul-2 Ago 1993	Sofia, Bulgária	51	1900
13-26 Jul 1997	Copenhague, Dinamarca	57	2078
22-Jul-1 Ago 2001	Roma, Itália	71	2405
Jan 2005	Melbourne, Austrália	---	---
Inverno / Winter			
Data / Date	Local	Nações	Número de Atletas
26-30 Jan 1949	Seefeld, Áustria	5	33
20-24 Fev 1953	Oslo, Noruega	6	53
10-13 Fev 1955	Oberammergau, Alemanha	7	61
27-30 Jan 1959	Montana, Suíça	8	56
11-16 Mar 1963	Are, Suécia	8	53
20-25 Fev 1967	Berchtesgaden, Alemanha	12	86
25-29 Jan 1971	Adelboden, Suíça	13	92
11-16 Fev 1975	Lake Placid, Estados Unidos	15	268
21-27 Jan 1979	Meribel, França	14	180
16-22 Jan 1983	Ma. di Campodoglio, Itália	16	191
7-14 Fev 1987	Oslo, Noruega	15	225
2-9 Mar 1991	Banff, Canadá	18	287
14-19 Mar 1995	Yllas, Finlândia	20	312
7-14 Mar 1999	Davos, Suíça	18	273
27 Fev-9 Mar 2003	Sundsvall, Suécia	25	1000

Fontes / sources: Instituto Nacional de Educação de Surdos – Informativo Especial dos 140 anos; INES, 1990; JCH-Join Comitê; www.Brazil.Ciss.Or; DDHCT-INES, 2003; SURDOSOL, 2003; Leite, Tobias, Compêndio para o Ensino Surdo-Mudos; www.kamb.hpg.ig.com.br/historia_surdos.htm; www.assp.com.br/; www.paralympic.org; www.fdsrj.hpg.ig.com.br/fpds.htm; www.feneis.com.br, 2004; edweb6.educ.msu.edu/kin866/ressportpsych.htm; Antônio Menescal (comunicação pessoal, 2004); Leonardo Mataruna (comunicação pessoal, 2004); www.feneis.com.br.

Inclusão Social – Esporte para deficientes visuais

LEONARDO MATARUNA, CIRO WINCKLER DE OLIVEIRA FILHO, MÁRIO SÉRGIO FONTES E JOSÉ JULIO GAVIÃO DE ALMEIDA

Social full inclusion – Blind sports

Sports, physical education and physical activities for the blind are very similar to conventional practices except for the focus, selected methodology and the necessary adaptation of structures and instruments. Sports coaches and P.E. teachers should aim primarily at the processes of orientation and mobility of athletes and students. The specialized support to the visually impaired started in Brazil soon after the first initiatives took place in Europe in the 19th century. The Instituto Benjamim Constant-IBC, the first Brazilian institution to have special courses for blind children, was founded in 1854. The sporting activities in IBC also followed the ones in

Europe and the United States as shown in records of gymnastic activities dated back to 1906. The first formal sports competition for the visually impaired took place in the United States in 1907. Professional work dealing with sports for blind children started in Brazil in 1944, but it was only in 1970 that the first Brazilian visually impaired athletes went to the Paralympic Games in Heidelberg, Germany. Almost 100 visually impaired athletes participated in the first Jogos Nacionais de Deficientes Visuais no Brasil (Brazilian Games for the Visually Impaired) in Curitiba-PR in 1981. The number of events for the blind and the number of

visually impaired athletes has been growing ever since the Associação Brasileira de Desportos para Cegos (Brazilian Association of Sports for the Visually Impaired-ABDC) was created in 1984. Today there are 80 Brazilian institutions affiliated to ABDC with 1,579 athletes: 35.7% train Goalball (special sport for the blind); 25.7%, soccer; and 24.7%, track and field (see map). Ninety-six Brazilian athletes, including 39 visually impaired, will compete in the Paralympic Games in Athens, 2004. This is the highest number of athletes Brazil has ever sent to Paralympic Games, including 12 blind women, the largest Brazilian representation of blind women.

Definições Para delimitar o grupamento de deficientes visuais, que são divididos em cegos e de baixa visão, utilizam-se as escalas oftalmológicas de acuidade visual, aquilo que se enxerga a determinada distância; e campo visual, a amplitude da área alcançada pela visão. Para definir as características da pessoa com deficiência visual, a *International Classification Diseases*, em sua décima versão (ICD –10), utilizou o seguinte parâmetro oftalmológico: cegueira encontra-se dentro de uma acuidade visual inferior a 3/60 ou campo visual baixo; a baixa visão corresponde à acuidade visual entre 3/60 a 3/18; ambas as classes são consideradas no melhor olho e com a melhor correção (OMS, 2001). Uma pessoa é considerada cega caso se enquadre nos seguintes critérios: com a visão corrigida do melhor dos seus olhos sua acuidade visual seja 20/200 ou menos. Ainda compreende esta definição quando o diâmetro mais largo do seu campo visual subentende um arco não maior de 20 graus, ainda que sua acuidade visual nesse estreito campo seja superior a 20/200. Esse campo visual restrito é muitas vezes chamado de “visão em túnel” ou “em ponta de alfinete”, e a essas definições chama-se de “cegueira legal” ou “cegueira econômica”. Nesse contexto, caracteriza-se como portador de baixa visão aquele que possui acuidade visual de 6/60 (pés) ou 18/60 (escala métrica) e/ou um campo visual entre 20° e 50° (IBC, 2004). Na classificação educacional leva-se em conta o contexto em que o aluno está inserido. O aluno é deficiente visual a partir do momento que sua capacidade visual interfere em sua performance de aprendizado (Craft, 1990). A classificação esportiva utiliza-se de critérios biomédicos para separar as pessoas cegas e as com baixa visão em classes distintas. Esta classificação respeita uma avaliação oftalmológica e ocorre para que os atletas compitam dentro de classes, desenvolvendo assim o desporto de maneira mais igualitária conforme o grau de deficiência. A classificação esportiva é dividida em três grupos: B-1 é aquele considerado cego, podendo perceber ou não luminosidade, mas não conseguindo distinguir o formato de uma mão colocada à sua frente; B-2 aquele que possui resíduo visual, tendo um campo visual de até 5 graus e/ou acuidade visual de até 2/60 metros ou 20/400 pés; já o B-3 é aquele que tem campo visual variando de 5 a 20 graus e/ou acuidade visual entre 2/60 metros ou 20/400 pés a 6/60 metros ou 20/200 pés (IBSA, 1998). A Educação Física para alunos cegos não possui muitas diferenciações da prática convencional, o que desmistifica a forma de trabalho. O que varia é o enfoque aplicado, a metodologia a ser utilizada e a alternância das estruturas e instrumentos, para que ocasionalmente, possa permitir o maior número de vivências das crianças que, assim como nas classes convencionais, devem ter o maior número de experimentações durante o seu crescimento e desenvolvimento. Primordialmente, o professor de Educação Física nos primeiros anos de vida da criança deve objetivar os processos de orientação e mobilidade. O trabalho de ginástica para deficientes visuais foi pioneiro no Instituto Benjamim Constant, no início do século XX e começou a ser desenvolvido em outros Estados como: São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais, Espírito Santo e Pernambuco. A cidade de Curitiba teve alguns movimentos fundamentais na história do esporte para cegos e possibilitou o acontecimento de algumas práticas esportivas, já desenvolvidas em outros países, pela primeira vez no Brasil no final do século passado. A Educação Física para cegos vem tendo um grande incentivo através do trabalho realizado por novos professores, além do intercâmbio feito através de seminários, congressos e cursos com as principais universidades do país. Algumas Instituições de Ensino Superior têm se interessado pela

questão, incluindo em seus currículos disciplinas pertinentes a Educação Física Adaptada ou Especial que possuem tópicos aludidos ao deficiente visual. O órgão que rege o esporte para cegos no Brasil é a Associação Brasileira de Desporto para Cegos-ABDC, que está diretamente ligada à Federação Internacional de Esportes para Cegos (*Internacional Blind Sports Federation-IBSA*). Tanto a ABDC quanto a IBSA atendem especificamente à deficiência visual e múltipla deficiência (cego-surdo) em todas as suas modalidades esportivas. A estrutura organizacional é diferente do esporte regular. A estrutura do esporte adaptado, em paralelo com o convencional, está regida da seguinte forma: as associações, centros educacionais e escolas estão relacionadas aos clubes; todas as associações estão ligadas ao órgão nacional (ABDC), como estariam ligadas às federações a uma confederação esportiva, sendo que a escala anterior, a federativa, não existe no desporto adaptado. A ABDC dirige todas as modalidades esportivas de cegos no país e tem uma representação confederativa ligada ao Comitê Paralímpico Brasileiro que está subordinado ao Comitê Paralímpico Internacional; a ABDC está subordinada também à IBSA, como por exemplo, a Confederação Brasileira de Judô, está subordinada à Federação Internacional de Judô e ao Comitê Olímpico Brasileiro.

Origens A atividade física formal para cegos começou a ser desenvolvida no final do século XIX com aulas de ginástica no Instituto Benjamim Constant-IBC, no Rio de Janeiro-RJ, se consolidando somente no início do século seguinte. A prática não formal remonta aos tempos que antecedem a Abolição da Escravatura no país e apontam para práticas de lazer como o ato de deslocar-se dentro da água, algo como uma forma de natação, e a pescaria como as prováveis atividades físicas iniciadas por pessoas cegas no Brasil. Existem pistas na história oral de que a ajuda no domínio de cavalos e os jogos de azar eram praticados por volta da década de 1880. Encontram-se referências a escravos capoeiras que, mesmo após a perda da visão durante a fuga para os quilombos continuavam a praticar esta manifestação corporal em seus novos guetos. Segundo o Comitê Para-olímpico Brasileiro (2004), o esporte para portadores de deficiência nasceu no Brasil em 1958, quando o paraplégico Robson de Almeida Sampaio retornou dos Estados Unidos, onde estivera em tratamento, e funda na cidade do Rio de Janeiro o Clube do Otimismo. No mesmo ano, o também paraplégico Sergio Delgrande funda em São Paulo o Clube dos Paraplégicos. Em 1959 o ginásio do Maracanzinho foi palco da primeira competição para-esportiva no país, um jogo de basquete em cadeira de rodas, reunindo as equipes do Clube do Otimismo e do Clube do Paraplégico, vencendo este último pelo placar de 22 a 16 pontos. A primeira participação em competição internacional ocorreu no ano de 1969, em Buenos Aires. As conquistas brasileiras apontaram para a necessidade de mudanças na estrutura e organização existentes no país. Sendo assim, seis anos depois se estruturou a Associação Nacional de Desporto para Excepcional-ANDE, que atendia a todo tipo de deficiência. A primeira vez que o Brasil participou com uma delegação em Jogos Paralímpicos foi em 1972, na cidade de Heidelberg, Alemanha. Quatro anos mais tarde os jogos foram divididos em duas sedes: Aylesbury, na Inglaterra, e Nova Iorque, nos Estados Unidos. Na Inglaterra participaram somente atletas em cadeira de rodas e o Brasil conquistou 21 medalhas. Nos Estados Unidos os jogos foram destinados aos paralisados cerebrais, amputados e cegos. A atleta Anelise Hernany foi a primeira cega brasileira medalhista internacional. Foi na modalidade atletismo, na prova dos 100m rasos, que o Brasil começou a apresentar a força feminina esportiva e

principalmente dar os primeiros passos para a história internacional do esporte para cegos.

Muitas práticas esportivas para cegos ainda não foram implantadas no Brasil, mas encontram-se em estudo. Existem outras modalidades em aprimoramento no Japão e Espanha que atualmente, são os países que mais investem em esportes para deficientes visuais no mundo. A pessoa com deficiência visual pode praticar várias modalidades esportivas desde que se respeite um ponto básico: a adaptação das regras. Estas devem ser alteradas não para deixar o atleta em vantagem sobre os adversários ou outros praticantes, mas para permitir que este realize o movimento. A seguir, 17 esportes estão descritos para esclarecer o entendimento destas adaptações. (1) Montanhismo é uma prática não competitiva que tem como objetivo a exploração e prática de escaladas em montanhas. A adaptação principal refere-se ao sistema de informação e de guia para possibilitar a participação de pessoas com cegueira e baixa visão. (2) No beisebol existem duas vertentes para o jogo: (i) a americana, na qual se utiliza a bola sonora e duas bases que emitem som, onde após rebater a bola lançada, o atleta deverá correr em direção a uma das duas bases e (ii) a japonesa, que se assemelha ao jogo de beisebol tradicional com a diferença básica do jogo sendo que o lançador (atleta cego) rola a bola para o rebatedor que pode ter cegueira ou baixa visão. O jogo acontece em um campo similar ao do beisebol. (3) No tênis de mesa utiliza-se uma mesa igual à do jogo convencional, no entanto a bola não deve ser jogada sobre a rede, mas sim rolada por baixo dela. A bola é especial com pequenas bolinhas de chumbo dentro; a rede é colocada de maneira que por baixo dela passe uma bola rolando; os pontos são marcados quando a bola toca a parte de trás da mesa sem cair da mesma. (4) O vôlei foi adaptado para deficientes físicos severos e deficientes visuais. A rede fica colocada a 30 cm do chão e a bola sem guizos é rolada por baixo dela. Na primeira linha de jogadores dentro da zona de ataque só ficam atletas cegos, na segunda linha na área de defesa ficam atletas com baixa visão, os pontos ocorrem quando a equipe atacante lança a bola e esta deixa a quadra adversária cruzando as linhas laterais, depois da zona de ataque, ou a linha de fundo. Uma outra ocorrência que gera pontos é haver mais de três toques da equipe de posse de bola. (5) No tênis de campo, o jogo acontece em uma quadra de badminton adaptada, onde a rede tem a altura de uma rede de tênis. A bola tem guizos, o atleta B1 pode rebater a bola após esta ter tocado o solo 3 vezes, o B2 após 2 toques da bola no chão e o B3 após 1 toque. (6) O Bird Golf é praticado por pessoas com baixa visão. O jogo é adaptado com alvos maiores (algo parecido um guarda chuva invertido) e a bola possui uma estrutura próxima à de uma peteca, que a deixa com maior direção na fase de voo e não rola ao tocar o solo. (7) No tiro com arco, as regras são as mesmas do esporte convencional. A diferença é o sistema de mira sonora que permite ao competidor perceber se está mirando o ponto cego do alvo. (8) O futebol society, prática esportiva muito próxima do futebol cinco ou futsal para cegos, é jogado com bolas maiores e grama sintética. (9) Provas de travessia na natação são realizadas em mar aberto ou lagos por atletas com deficiência visual acompanhados de um nadador sem deficiência. (10) No hipismo, diferentemente da equoterapia, as provas são competitivas, tendo como característica as provas de adestramento. (11) A capoeira é jogada por pessoas com deficiência e sem deficiência visual, tendo como principal objetivo a interação e percepção do movimento. (12) No karatê não são praticadas as lutas, mas as formas e os movimentos desta arte marcial. (13) No boxe são utilizadas luvas sonoras para mostrar a

distância dos lutadores e a posição da guarda utilizada. (14) A prática do esqui na neve se torna viável com a presença de um guia que tem por responsabilidade passar à pessoa cega todas as informações necessárias para a prática desta modalidade. O esqui para cegos não necessita de adaptações nos esquis nem na pista. (15) No atletismo, os cegos e deficientes visuais competem nas mesmas provas que os atletas videntes, necessitando de um guia em determinadas situações. (16) O judô é um dos esportes que menos necessita de adaptação para que os atletas cegos possam participar. Um bom judoca deve guiar-se pelo que sente e não pelo que vê, estando um cego em vantagem a um desportista vidente, quando este não utiliza estratégias ou o desequilíbrio pela força. O goalball, showdown e o torball são jogos com bola desenvolvidos especificamente para pessoas cegas. (17) O goalball é um esporte praticado em quadras cobertas, onde participam, em cada jogo, duas equipes de três jogadores, com no máximo mais três atletas substitutos. O objetivo básico de cada equipe é fazer com que a bola siga rolando e ultrapasse a linha de gol da equipe, que deverá impedi-lo. Ganha a partida a equipe que ao final do jogo, obtiver o maior número de gols. A bola, de borracha, sempre arremessada com as mãos, é fabricada exclusivamente na Alemanha. Com 76 cm de circunferência e pesando 1,250 Kg, ela possui guizos em seu interior e oito orifícios de aproximadamente 1 cm de diâmetro, para que os jogadores possam localizar auditivamente a bola em movimento. Os jogadores posicionam-se de pé para os arremessos e, geralmente, agachados ou ajoelhados para a defesa, quando, através de deslocamentos laterais, buscam ocupar a maior área possível, deitando-se de lado na quadra. Assim disposto, apreciam-se a seguir fatos de memória sobre o tema ora submetido à revisão.

1784 O filantropo francês Valentin Hauy fundou a primeira escola para cegos no mundo, na cidade de Paris, denominada Instituto Real dos Jovens Cegos. Utilizava-se o processo de representação dos caracteres comuns com linhas em alto relevo, criado por Hauy, para a leitura.

1825 Na França, o jovem estudante cego de 16 anos de idade, Louis Braille, nascido em 4 de janeiro de 1803, criou um sistema de pontos em relevo que se tornou mundialmente conhecido como sistema Braille, sendo publicado definitivamente em 1829 (IBC, 2004).

1835 Ocorreu a primeira demonstração oficial de interesse pela educação de pessoas portadoras de deficiência visual no Brasil, quando o Conselheiro Cornélio Ferreira França, Deputado pela Província da Bahia, apresentou à Assembléia Geral Legislativa o projeto para a criação de uma “Cadeira de Professores de Primeiras Letras para o Ensino de Cegos e Surdos-Mudos nas Escolas da Corte e das Capitais das Províncias”. O projeto não foi aprovado por ser fim do mandato de seu idealizador e por ele não ter sido reeleito.

1852 José Álvares de Azevedo, que desde 1844 estivera estudando no Instituto Imperial dos Jovens Cegos de Paris – mesma escola que estudou Louis Braille – retorna ao Brasil com sólida formação estudantil aos 16 anos. Objetivando o resgate da cidadania dos cegos brasileiros, ele idealizou a construção de uma escola nos moldes do instituto parisiense no Rio de Janeiro e teve apoio de Couto Ferraz e Xavier Sigaud (médico do Imperador), que eram figuras proeminentes do governo. Desta maneira estas informações chegaram ao conhecimento do Imperador D. Pedro II, no sentido de esclarecer, com vigor e veracidade, que uma pessoa cega, educada dentro dos padrões ideais, poderia converter-se num ser capaz e produtivo (Almeida, 2004).

1854 Em 12 de setembro foi criado, pelo decreto nº 1.428, o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, que mudou posteriormente de nome para Instituto Benjamin Constant-IBC. Abria-se assim o espaço na educação brasileira para o atendimento da pessoa com deficiência visual. Na inauguração do Instituto, que ocorreu somente 5 dias após a aprovação do decreto, o Doutor Sigaud em seu discurso exclamou a seguinte frase: “A cegueira não é mais uma desgraça”. Neste momento nascia a “Educação Especial” na América Latina, sendo a cegueira a primeira deficiência a ser atendida (IBC, 2004).

1863 Foi publicado o primeiro livro em alto relevo no Brasil intitulado “História Cronológica do Imperial Instituto dos Meninos Cegos”, escrito por Cláudio Luiz da Costa. O livro continha três volumes e serviu de alicerce para a atual imprensa Braille.

1870 Estimou-se que havia no Brasil 12.000 pessoas com deficiência visual. Estes números serviram para identificar que o

local do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, localizado na época no prédio nº 127 da Praça da Aclamação (Largo do Santana, no Rio de Janeiro), não era suficiente para atender a demanda populacional. O Doutor Benjamin Constant Botelho de Magalhães que, desde 1861, vinha lecionando matemática e ciências naturais no Educandário, assumiu em 1869 a direção do instituto, tornando-se o terceiro diretor desde a inauguração. D. Pedro II, sempre atento à problemática da educação das pessoas cegas, doou um terreno com 9.515 m² situado na Praia Vermelha, Urca - Rio de Janeiro, onde funciona o instituto até os dias atuais.

1891 Em 24 de janeiro, através do artigo 2º do decreto 1.320, o Imperial Instituto dos Meninos Cegos passou a ser chamado de Instituto Benjamin Constant.

1898 Foi fundada na Dinamarca a primeira Escola Nacional para Meninos e Jovens Deficientes Visuais daquele país, conhecida como *Refsnaesskoen*.

Década de 1900 Segundo informações colhidas junto a professores cegos aposentados do Instituto Benjamin Constant, a preocupação com a Educação Física para alunos cegos já existia nesta instituição desde a primeira década do século. A atividade física era orientada por um instrutor, funcionário da instituição, que ocupava o cargo de “Mestre de Ginástica”. Limitava-se a pequenos movimentos e deslocamentos em forma de marcha. Os alunos tinham aulas regularmente, duas vezes por semana, às 06,00 horas da manhã e faziam os exercícios com o mesmo uniforme utilizados nas demais atividades. Esta prática, no entanto, não era tão salutar, pois de acordo com as informações orais colhidas, o horário escolhido para as atividades era muito cedo e, além disso, o fato de não existir um uniforme específico para essa prática criava certo desconforto para os alunos.

1906 Um registro fotográfico disponível no site do Instituto Benjamin Constant apresenta jovens cegos, alunos da instituição que faziam aulas de ginástica em filas, com camisas de botão, e de manga comprida. A foto apresenta os alunos em forma fazendo a cobertura com o braço sobre o companheiro à frente.

1907 Primeiro registro de competição esportiva formal para pessoas com deficiência visual nos Estados Unidos, entre alunos das escolas para cegos de Overbrook e Baltimore.

1922 Foi fundada a organização destinada ao atendimento das pessoas com deficiência, intitulada Sociedade Internacional para Criança Defeituosa. Em 1939 esta mesma instituição transformou-se na Sociedade Internacional para o Bem Estar dos Deficientes Físicos, em 1960 na Sociedade Internacional para Reabilitação dos Deficientes e desde 1969 é conhecida como *International Rehabilitation*, abrangendo todas as deficiências.

1925 No Brasil, ex-alunos do IBC, Áeres da Mata Machado e João Gabriel de Almeida, pleitearam junto ao governo de Minas Gerais a criação de uma escola para deficientes visuais, o que ocorreu através da Lei 895 de 10 de setembro do mesmo ano. Estava fundado assim o Instituto São Rafael que a partir de 1976 passou a se chamar de Escola Estadual São Rafael (Cruz Filho, 2003).

1927 A criação do Instituto de Cegos Padre Chico nasceu em resposta ao apelo do Doutor José Pereira Gomes, feito em 7 de setembro deste ano, na reunião comemorativa à semana Oftalmo-Neurológica da Sociedade de Cirurgia e Medicina de São Paulo.

1929 Criação do Instituto de Cegos da Bahia, na cidade de Salvador.

1931 Foi realizada uma demonstração especial de ginástica por alunos cegos do IBC, treinados pelo Tenente Bonorino, do 3º Regimento de Infantaria, situado na Urca, já utilizando o uniforme de ginástica. Essa demonstração especial realizou-se na Fortaleza de São João, por ocasião de uma visita do General Leite de Castro, Primeiro Ministro da Guerra do Governo do Presidente Getúlio Vargas, (Russo Júnior; Mataruna, 2001). Oficiais e Sargentos (Penna Marinho – tese para concurso de professor, disponível no IBC), foram instrutores de ginástica durante muitas décadas no IBC.

1937 A prática da ginástica prevaleceu para os alunos do IBC até esta época em que se deu o fechamento da instituição, para obras.

1938 Neste ano foi criada na Espanha a *Organización Nacional de Ciegos Españoles*-ONCE, uma corporação de direito público, de caráter social, que tem como objetivo canalizar os serviços sociais

e todas as ações geradoras de empregos para os cegos e deficientes visuais espanhóis. É a primeira instituição a organizar o esporte de competição para deficientes visuais no mundo.

1940 Informações coletadas de ex-alunos do Instituto São Rafael, em Belo Horizonte, confirmam a existência de aulas de Educação Física na instituição no início desta década. Segundo as informações, a atividade física desenvolvida seguia o mesmo modelo adotado no IBC, ou seja, ginástica calistênica. No Censo Demográfico de 1940, 64.482 pessoas declararam possuir cegueira.

1941 Criação do Instituto Santa Luzia na cidade de Porto Alegre-RS.

1942 Neste ano foram feitas algumas alterações na simbologia Braille em uso no Brasil para atender a reforma ortográfica da Língua Portuguesa.

1943 Criação do Lar das Moças Cegas, em São Paulo-SP, e do Instituto dos Cegos no Ceará, em Fortaleza-CE.

1944 Reinício das atividades escolares no IBC. Têm-se notícias de uma mudança de orientação na prática da Educação Física para alunos cegos. A partir dessa época a Educação Física foi considerada fator importante no processo educacional dos alunos cegos, no que diz respeito a problemas de postura, equilíbrio, marcha, recreação, integração e socialização. Essa valorização deu-se através da contribuição e orientação de professores de Educação Física diplomados pela Escola Nacional de Educação Física, que começaram as primeiras experiências com alunos cegos do Instituto Benjamin Constant. Neste mesmo ano foi criado o Instituto de Cegos da Paraíba que, a partir de 1961, passou a ostentar o nome de sua fundadora, Dona Adalgisa Duarte da Cunha.

1946 Professores de Educação Física em caráter interino passaram a exercer as suas funções dando aulas a alunos cegos no IBC. Criação do goalball, um esporte criado exclusivamente para cegos, na Alemanha pelo alemão Hans Lorenzen e pelo austríaco Seep Reindl.

1947 Seis professores aprovados em concurso público desenvolveram um trabalho para melhorar a orientação da Educação Física a alunos cegos, contando com equipamentos modernos adquiridos na época, segundo relato de Penna Marinho (1972). A partir de então, práticas como atletismo, ginástica rítmica, luta livre e recreação, começaram ser introduzidas no processo educacional das pessoas cegas, conforme informações colhidas entre professores e funcionários do IBC.

1948 No dia 10 de dezembro a Assembléia Geral das Nações Unidas aprovou a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

1950 Dorina de Gouvêa Nowill foi responsável pela implantação do ensino integrado para pessoas cegas nas escolas de 1º grau, enquanto Estefânia Helmold desempenhou o mesmo papel para o ensino do 2º grau.

1952 Surge o Instituto de Educação e Reabilitação do Rio Grande do Norte.

1953 Durval Baptista Pereira oportunizou oficialmente o ingresso de pessoas cegas em cursos superiores. Aconteceram as primeiras competições de futebol para cegos dentro dos Institutos Educacionais no Sul do Brasil. No Instituto Santa Luzia, organizavam-se os “Grenais” para Cegos, e no Instituto São Rafael em Belo Horizonte-MG também se praticava este esporte.

1960 Nesta década houve a expansão do ensino integrado, com a criação de Serviços ou Coordenações de Educação Especial nas Secretarias de Educação e Cultura das diferentes Unidades Federadas, serviços esses estimulados pela então Campanha Nacional de Educação de Cegos, criada em 1958. Essa expansão de ensino integrado decorreu do fato de ter sido incluído na Legislação de Ensino, pela primeira vez no Brasil, um dispositivo referente à Educação de Excepcionais – Lei de Diretrizes e Bases, 1971: “Artigo 88 – A educação de excepcionais, deve, no que for possível, enquadrar-se no Sistema Geral de Educação, a fim de integrá-los na comunidade”. O canadense Joe Leis (B1) inventou o *showdown*, um jogo criado especificamente para pessoas cegas, sendo adotado em 1980 como esporte para doentes mentais em Arnhen, na Holanda.

1966 O mestre de capoeira Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha), 1889-1981, que era tido como o guardião da Capoeira Angola, perdeu a visão durante uma viagem ao Continente Africano. Antes

da viagem os efeitos da trombose e outras patologias já afetavam sua visão. Mesmo assim, após a perda total da visão, ele continuou jogando capoeira e sempre que pressentia os golpes atacava sem dar oportunidades aos adversários. “Primeiro pastinha ataca de meia lua para não ser atacado”, dizia o mestre.

1969 Ocorreu em Buenos Aires, Argentina, a primeira participação Brasileira paraesportiva em competições internacionais, iniciando a série de conquistas que transformou a história do esporte adaptado nacional. Entretanto, nenhum atleta cego participou deste evento.

1970 Início da Década da Reabilitação. A Educação Física dentro do IBC foi relegada a um segundo plano por falta de recursos materiais e, ainda, por afastamento e aposentadoria de professores, o que gerou um certo desinteresse na prática da Educação Física nessa instituição, apesar dos esforços de alguns professores. Primeira representação brasileira em Jogos Paraolímpicos na cidade de Heidelberg, Alemanha. A presença brasileira nestas competições foi se ampliando, entretanto sem atletas cegos nos primeiros estágios. O toarball foi desenvolvido este ano sobre a base do goalball. Construção da piscina do IBC no começo da década de 1970.

1971 Foi aprovada uma das primeiras deliberações voltadas para a pessoa com deficiência na Assembléia Geral da ONU – “Declaração dos Direitos das Pessoas com Retardo Mental”, que gerou, em 1975, a aprovação da “Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes”.

1972 O goalball foi esporte de demonstração nas Paraolimpíadas de Heidelberg, Alemanha. Um pormenor importante é que os Jogos Paraolímpicos deveriam ocorrer nas mesmas estruturas das Olimpíadas de Munique, entretanto por problemas políticos não relatados isto foi inviável.

1973 O Professor Gracimar Álvares Bueno formou-se o primeiro profissional de orientação e mobilidade em nível de pós-graduação através de um curso na *Western Michigan University*. A primeira professora cega a ingressar no magistério público do antigo Estado da Guanabara foi Ethel Rosenfeld, Professora Especializada na Educação e Reabilitação de Pessoa com Deficiência Visual.

1974 Aconteceu o Evento de Futebol e Atletismo para Cegos na cidade de Porto Alegre-RS, com a participação do Instituto Santa Luzia, Instituto Brasileiro de Integração Social-IBIS e uma equipe do Mato Grosso. Criação do curso intensivo de aperfeiçoamento de orientação e mobilidade para professores de nove estados brasileiros.

1975 Foi fundada a Associação Nacional de Desporto para Excepcional-ANDE, que agregava todas as áreas de deficiências. Ano comemorativo de Louis Braille, criador do método Braille em 1825. Na cidade de Curitiba, de 27 a 31 de julho, ocorreu o IV Congresso Brasileiro de Educação de Deficientes Visuais e um Seminário de Orientação e Mobilidade específico para professores desta área. Ocorreu um intercâmbio técnico e científico no Brasil de profissionais de orientação e mobilidade.

1976 Primeira participação da modalidade goalball nos Jogos Paraolímpicos de Toronto, Canadá.

1978 Evento de Futebol para Cegos realizado junto as Olimpíadas das APAEs, na cidade de Natal-RN. Primeiro Campeonato Mundial de Goalball, na Áustria.

1979 Evento de Futebol para Cegos, realizado em São Paulo, com a participação do IBIS e dos Institutos Santa Luzia, São Rafael e Padre Chico. O CENESP, órgão do Ministério da Educação, realizou concurso público para o magistério de 1º e 2º graus e, logo no ano seguinte, foram contratados cinco professores de Educação Física, os quais iniciaram um trabalho que revolucionou a Educação Física no Instituto Benjamin Constant. Início das atividades na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, de trabalhos com pessoas portadoras de deficiência.

1980 Evento de cegos realizados junto as Olimpíadas das APAES, em Curitiba. A UFRJ abriu o primeiro, e único, Curso de Especialização em Educação Física Adaptada para Deficientes Visuais. Nesta mesma época ingressavam no Instituto Benjamin Constant, no Rio de Janeiro, cinco novos professores de Educação Física e uma professora veterana, que começaram a atuar sobre bases empíricas do

conhecimento. Após o referido curso, iniciaram um processo de sistematização da prática pedagógica para o deficiente visual naquele instituto. No início da década as crianças jogavam futebol no IBC utilizando garrafas PETs com pedrinhas dentro.

1981 Ano Internacional das Pessoas com Deficiências. Criação da Associação Internacional de Esportes para Cegos-IBSA, que a partir de 1998 trocou o termo Associação por Federação, mantendo sua sigla original. Antes desta data quem organizava os eventos internacionais era a Organização Nacional de Cegos da Espanha - ONCE. Ocorreu o Campeonato Sul Brasileiro de Futebol de Salão, realizado em Porto Alegre no mês de março. Aconteceram os I Jogos Nacionais de Deficientes Visuais, organizados pela ANDE na cidade de Curitiba-PR com a participação de aproximadamente 100 pessoas com deficiência visual. Neste evento nacional surgiram as primeiras discussões para criação de uma entidade nacional para gerir o esporte.

1982 Dois novos professores aprovados em concurso foram também contratados pelo IBC, dando seguimento ao trabalho iniciado e que vem sendo desenvolvido até o presente momento. Ocorreram os Jogos Sul-Brasileiros de Futebol de Salão com a participação de entidades do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e do Rio de Janeiro, tornando-se praticamente uma competição com maior abrangência. Foi fundado o Comitê Coordenador Internacional Esportivo para Deficientes-ICC, com o objetivo de administrar os Jogos Paraolímpicos e representar as entidades dirigentes esportivas internacionais junto ao Comitê Olímpico Internacional. As quatro Federações Internacionais sob gestão do ICC foram: CP-ISRA, IBSA, ISMGF e ISOD. Sendo que logo após as Paraolimpíadas de Barcelona, o ICC foi substituído pelo Comitê Paraolímpico Internacional - IPC. Foi realizado o Primeiro Congresso de Esporte para Todos em Curitiba, marco das publicações em anais a respeito das pessoas portadoras de deficiência. O professor Paulo Sergio Miranda era o responsável pelas práticas de esporte no Instituto Benjamin Constant. Neste mesmo ano chega ao IBC o professor Carmelindo Vieira para dar enfoque ao judô competitivo. Início das atividades na Universidade Federal de Uberlândia para pessoas portadoras de deficiências.

1983 Os II Jogos Nacionais de Deficientes Visuais, novamente organizados pela ANDE, ocorreram com a participação de aproximadamente 200 pessoas nas modalidades: atletismo, natação e futebol de salão. O evento aconteceu na antiga Escola de Educação Física do Exército-EsEFEx na Urca (atual CCFEx), Rio de Janeiro. Esta competição selecionou alguns atletas para participarem da Seletiva dos Jogos Paraolímpicos de Nova York. O senhor Aldo Micoles foi um dos grandes incentivadores da criação da ABDC. Em 14 de dezembro foi feita uma reunião para a criação de uma entidade para gerir o esporte nacional com a participação das entidades seguintes: Associações dos Deficientes Visuais Paranaenses-ADEVIPAR, União dos Cegos do Espírito Santo-UNICEP, Centro Esporte dos Deficientes Visuais do Rio de Janeiro-CDEVERJ, Associação Catarinense de Integração de Cegos-ACIC, Sociedade Educacionais Lois Braille- SELB, Instituto São José dos operários (Campos-RJ), hoje ADVC.

1984 Em 19 de janeiro criou-se a Associação Brasileira de Desportos para Cegos- ABDC, de acordo com o art. 186 do decreto n 80.228, de agosto de 1977, e das resoluções n 14/83 e 01/84 do Conselho Nacional de Desportes-CND. Segundo Adevipar (2004), o objetivo imediato na criação da ABDC foi atender exigências internacionais quanto à participação de atletas cegos do Brasil nas Paraolimpíadas de Nova York. “Aldo Miccolis é eleito seu presidente provisório, dando-se assim, início à fase da história do desporto de cegos em nosso país, organizado em uma entidade nacional específica, fruto da vontade e da luta, desde 1981, de atletas, técnicos e dirigentes de entidades de cegos (...)”, surgindo uma identidade institucional de âmbito nacional. Em fevereiro deste ano, um grupo de nove deficientes visuais interessados na prática do futebol de salão fundou o então Clube de Apoio ao Deficiente Visual-CADEVI, hoje Centro de Apoio ao Deficiente Visual. No mesmo ano, a entidade participou da fundação da Associação Brasileira de Desportos para Cegos-ABDC, visando proporcionar oportunidades na área esportiva para esse segmento. A Associação se consolidou no desporto de cegos e atualmente congrega 450 deficientes visuais (Gurgel, 2003). Os III Jogos Nacionais de Deficientes Visuais realizados no CEFAN, Penha, Rio de Janeiro (centro de Educação Física da Marinha do Brasil), serviram como seletiva para as Paraolimpíadas de Nova York no mês

de maio. O Brasil só tinha 6 atletas deficientes visuais. Os Jogos Paraolímpicos de Nova York representaram a primeira participação internacional de atletas deficientes visuais. Neste evento a delegação brasileira com atletas cegos tinha somente 5 passagens aéreas, caso não conseguissem a outra passagem, um dos 6 atletas convocados seria cortado. No caso a escolhida para ser desligada foi Anelise Hernani, pois, na análise dos dirigentes e técnicos, era ela a atleta com menos chances de medalha. Para sorte do Brasil conseguiram a sexta passagem, pois Anelise foi a pessoa quem em 4 provas ganhou 3 medalhas: bronze nos 800m, prata nas provas de salto em distância e de 100m prata, porém foi desclassificada na quarta prova, a de 400m. A delegação era composta pelos seguintes atletas: Sergio Dias, Mario Sergio Fontes, Guaracy Fernandez e Anelise Hernani e pelos técnicos Paulo Sergio Miranda e Finesio Salmon. Estes jogos foram divididos em duas sedes: Aylesbury, na Inglaterra e Nova Iorque, nos Estados Unidos (número de participantes 1.700/2.300 e 41 países/45 países). Nos Estados Unidos, os jogos foram destinados aos cegos, paralisados cerebrais e amputados. Em Aylesbury, participaram somente atletas em cadeira de rodas e o Brasil conquistou 21 medalhas. A atleta Anaeline Hernani foi a primeira cega brasileira medalhista no atletismo (CPB, 2004). Foi fundada em 16 de dezembro deste ano, a União de Cegos do Rio Grande do Sul-UCERGS. Neste mesmo ano foram estruturados alguns cursos de preparação profissional para atender uma demanda futura de inserção da disciplina Educação Física Adaptada no ensino superior. Ocorreram também no mesmo período os primeiros campeonatos esportivos para cegos por uma entidade representativa desta área de deficiência.

1985 Ocorreu o Campeonato Latino Americano, no qual participaram 21 atletas e 6 conseguiram ganhar medalhas. Houve também os Campeonatos Brasileiros de Atletismo e Futebol de Salão. O destaque neste período está voltado para a regularização dos calendários esportivos dos eventos para deficientes visuais. Por unidade de cultura e linguagem o vínculo da ONCE com a América Latina tem sido estreitado. Com uma trajetória de mais de quinze anos a ONCE cria neste ano a *Unión Latinoamericana de Ciegos-ULAC*. Paralelamente a ONCE põe em desenvolvimento um fundo econômico de cooperação para projetos a favor de pessoas cegas, visando contribuir com outras nações. Os I Jogos Latino-Americanos em Barquisimeto, Venezuela, contaram com a participação de 6 atletas que conquistaram 21 medalhas, obtendo assim o 2º lugar na competição, perdendo por uma medalha para Cuba. A equipe técnica que acompanhou o grupo era composta do técnico Cenesio Follmamm e a chefe de delegação e acompanhante feminina Cineranes.

1986 A equipe brasileira, composta por 19 integrantes (destes, 12 eram atletas), enviou as inscrições fora do prazo para o Campeonato Mundial para Deficientes (*World Championships for Disabled*) em Gottemburgo, Suécia. Novamente ocorreram dificuldades para obtenção das passagens. Estas foram conseguidas horas antes do embarque. Ao chegar na Suécia, o Chefe de Delegação solicitou ajuda, ainda no aeroporto, a um policial que entrou em contato com Mr. Frederickson, organizador do evento, o qual ordenou que o mesmo embarcasse os brasileiros de volta para a sua pátria. A alegação sueca era de que havia enviado um telegrama ao Brasil negando a inscrição no evento. A equipe brasileira mobilizou toda a imprensa local e até a Rainha Sílvia da Suécia, que havia morado no Brasil, para possibilitar a participação no evento. Sendo assim, os atletas saíram em todas as capas de jornais deste país, além de aparecerem em horário nobre nas redes de televisão, e conseguiram, através de uma reunião concedida pela organização do evento, juntamente com a imprensa, participar do Campeonato. Logo após a decisão, os brasileiros que residiam na cidade fizeram uma feijoada em comemoração à “primeira conquista” brasileira. O Professor Mário Sérgio Fontes foi ao Campeonato Mundial de Goalball na Holanda, realizado em outubro daquele ano, para trazer as regras e as primeiras bolas para o Brasil. Outras fontes indicam que a primeira bola a chegar no Brasil foi trazida por Steven Dubner, no ano anterior. Surgimento das competições Oficiais de Judô para Cegos no Brasil. Foi disputado o primeiro Campeonato Internacional de Futebol para Cegos, realizado na Espanha. Aconteceu o I Simpósio Paulista de Educação Física Adaptada, e nos anos pares subsequentes este seria o evento que reuniria os profissionais e estudantes da área.

1987 O Brasil participa da 1º Competição Intercontinental de Judô – Meeting Internacional da Europa (Paris). A equipe era composta pelo técnico Marcos Aurélio Pacheco e pelos atletas Jaime Oliveira, Sydney Braga e José Roberto Simão, que conquistou

2 medalhas, sendo 1 de ouro. As equipes que competiram neste evento foram: França, Itália, Espanha, Brasil, Estados Unidos da América, Canadá e Inglaterra, tendo esta última um atleta cego-surdo. Neste evento, também foram realizadas provas de natação e atletismo. O atleta Mário Sergio Fontes ganhou a prova de 100 metros para cegos. Realização do I Campeonato Brasileiro de Atletismo em Curitiba.

1988 V Semana Internacional de Desportos para Cegos (Cinqüentenário de Aniversário da ONCE). No futebol o Brasil foi campeão na categoria B2; Mônica Pegoraro, B1, foi destaque na natação. O judô teve sua primeira participação em Jogos Paraolímpicos. Participação brasileira dos cegos nas VIII Paraolimpiadas em Seul – Coréia (número de participantes 4.200 de 62 países), modalidades de atletismo e judô. O grupo de deficientes visuais na delegação brasileira era de 27 componentes, conquistando medalhas: 6 de prata e 4 de bronze. O destaque deste evento foi a primeira participação da atleta Ádria Rocha Santos, conquistando a sua primeira medalha em Jogos Paraolímpicos nos 100 metros classe B2. Foi criado o primeiro curso de especialização em Educação Física Adaptada na cidade de Uberlândia-MG.

1989 Primeira participação brasileira num Simpósio Internacional de Atividade Física Adaptada-ISAPA e a partir de então, em cada ano ímpar, outros profissionais compareceram a ISAPAs, sendo que a última edição foi em julho de 2001.

Década de 1990 Iniciam-se os acampamentos esportivos para cegos nos Estados Unidos da América.

1991 Neste ano ocorreu o 1º Campeonato do Mundo de Judô em Arnhen, Holanda. O atual vice-presidente da União Européia de Judô convencional (olímpico) foi convidado para o evento, Sr. Klaus Jürgen Schultz, como representante da Federação Internacional de Judô-IJF. Foi a partir deste evento que a instituição suprema do Judô Mundial tomou conhecimento da existência desta prática aplicada a cegos, mas seu reconhecimento enquanto esporte ocorreu somente cinco anos mais tarde.

1992 Mário Sérgio Fontes foi a primeira pessoa cega a formar-se no Curso Superior de Educação Física. Participação brasileira nas IX Paraolimpiadas em Barcelona na Espanha (número de participantes 4.158 de 82 países). Um grupo de 8 atletas cegos participou nas modalidades de atletismo e judô. A atleta Ádria Rocha Santos conquistou a sua primeira medalha de ouro, a única da delegação. Nesta edição dos Jogos Paraolímpicos foi criada a classificação funcional esportiva, porém até 2004 não foram criadas estratégias para que classificações fossem aplicadas a atletas deficientes visuais. Durante a festa de abertura das Paraolimpiadas houve uma cena emocionante, o cão guia da atleta espanhola cega, Purificación Santa Marta, do atletismo, entrou pelo estádio guiando a mesma, que correu brilhantemente para acender a tocha paraolímpica. Ocorreu historicamente a prova de salto triplo para cegos nesta edição dos Jogos Paraolímpicos. Organização da primeira regata internacional para cegos em Auckland, Nova Zelândia, que resultou posteriormente na formação da *Blind Sailing International* -BSI.

1993 Ocorreu o encontro técnico de avaliação do esporte da pessoa com deficiência na década de 1983/92. O encontro teve como objetivo elaborar um documento que retrata o perfil das ações esportivas das pessoas portadoras de deficiência em âmbito nacional.

1994 De 7 a 10 de junho foi estruturada a Declaração de Salamanca sobre Princípios, Política e Prática em Educação Especial. Realização dos Jogos Latino-Americanos e do Caribe para Cegos e Deficientes visuais na cidade de São Paulo. Fundação da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada-SOBAMA. Nesta época, por iniciativa da Eliane Mauerberg de Castro, foi criada a revista *Brazilian International Journal of Adapted Physical Education Research*-BIJAPER, que possibilitou a internacionalização do Brasil na Educação Física Adaptada.

1995 Acontece a homologação oficial dos Estatutos da Associação Brasileira de Desportos para Cegos-ABDC, pelo Ministro da Educação Marco Maciel (ADEVIPAR, 2004). Ocorreu na Argentina os I Jogos Pan-Americanos para Cegos, onde o Brasil alcançou o segundo lugar geral no fim da competição conquistando 39 medalhas (Revista Eletrônica NETESPORTES, 2002). Este ano representa um marco para a história do para-esporte nacional, pois

foi criado o Comitê Paraolímpico Brasileiro. Foram realizados em Goiânia os I Jogos Brasileiros Paradesportivos (Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2004). Ocorreram ainda os Cursos de Capacitação de Recursos Humanos para o Esporte da América do Sul, América Central e Caribe, com palestras internacionais de atletismo, natação e futebol de cegos. Lançamento da Revista Benjamin Constant, uma publicação técnico-científica do centro de pesquisa, documentação e informação do instituto. A SOBAMA assumiu a realização bi-anual dos congressos brasileiros de atividade motora adaptada. Também investiu na idéia de publicar uma revista científica e lançando seu primeiro exemplar.

1996 Foi criado o *Foro Europeo de la Discapacidad* com sede em Bruxelas. Aconteceu no Rio de Janeiro os II Jogos Brasileiros Paradesportivos com números expressivos de atletas e com apoio de várias empresas e principalmente do Ministro Extraordinário dos Esportes da época, Edson Arantes do Nascimento, Pelé. Aconteceram nesse ano as Olimpíadas Internacionais de Xadrez, em Laguna-SC, ficando o Brasil em penúltimo lugar. O Brasil participou dos X Jogos Paraolímpicos de Atlanta, EUA, (número de participantes 4.912 de 104 países). O grupo de atletas cegos e deficientes visuais na delegação brasileira era de 15 pessoas, nas modalidades de atletismo, judô e natação. Os atletas deficientes visuais conquistaram as seguintes medalhas: 1 de ouro, 3 de prata e 2 de bronze. Ocorreu também o reconhecimento oficial pela IJF do judô enquanto modalidade para cegos, através do seu vice-presidente o Sr. Frank Carbo. James Maestro foi o primeiro atleta olímpico (1992) de judô que passou a competir em paraolimpiadas em função da deficiência adquirida, ganhando a medalha de bronze na categoria – 95 kg nas Paraolimpiadas deste mesmo ano.

1997 Os II Pan-Americanos para Cegos não aconteceram, pois o país que promoveria o evento, o México, não cumpriu os pré-requisitos exigidos pela IBSA (Revista Eletrônica NETESPORTES, 2002; PRODAM, 2002). Ocorrem os I Jogos Paraolímpicos de São Paulo, de 29 de outubro a 02 de novembro. Os esportes foram: futebol de salão, goalball, atletismo e judô. A IBSA reconhece o futebol como esporte para deficientes visuais a partir deste ano. Na I Copa América de Futebol, no Paraguai, o Brasil sagrou-se vice-campeão do torneio, tendo a maior goleada de todos os tempos, com o placar 10 x 0 contra os donos da casa. O I Campeonato Mundial de Esportes para Cegos – IBSA foi realizado em Madrid, na Espanha; o Brasil teve uma delegação de apenas 3 judocas, sendo custeada pela IBSA. O Brasil também participou do Latino Americano de Cegos no Panamá.

1998 I Campeonato Mundial de Futsal para Cegos e Deficientes Visuais. O Brasil obteve o título mundial na categoria B1, com a Argentina vice-campeã e a Espanha no terceiro lugar; na categoria B2/3 a Bielorrússia campeã, Espanha na segunda colocação e Itália no terceiro posto, o Brasil conquistou o quinto lugar. A I Copa Brasil de Goalball foi realizada em Campinas. Inicia-se então uma trajetória de atendimento e suporte econômico a países da América Latina, através do Conselho Geral da ONCE, que cria a Fundación ONCE para América Latina (FOAL), visando dar maiores suportes a pessoas cegas.

1999 II Jogos Pan-Americanos para Cegos, na cidade do México. O Brasil obteve a 3ª colocação por equipes, com 8 medalhas de ouro, 3 de prata e 1 de bronze; a equipe era composta por 4 mulheres e 5 homens. Outras fontes informam que neste mesmo evento do México os atletas brasileiros trouxeram 32 medalhas para o país (Revista Eletrônica NETESPORTES, 2002). Os Jogos Pan-Americanos passam a ocorrer a cada dois anos (PRODAM, 2002). Realização do Pan-Americano de Judô para Cegos em Colorado Springs, EUA. Na II Copa América de Futebol, no Paraguai, o Brasil sagrou-se campeão do torneio. No mesmo ano foram realizados os I Jogos Brasileiros Infante-Juvenis de Cegos no período de 5 a 7 de setembro deste ano na cidade de Paulínia, em São Paulo.

2000 I Jogos Brasileiros para Cegos e Deficientes Visuais, na Cidade de São Paulo nas modalidades atletismo, natação, futebol para cegos, xadrez e judô. Oficialização do futebol para cegos como esporte paraolímpico a partir dos Jogos Paraolímpicos de Atenas. XI Olimpíadas Mundiais de Xadrez em Zakopane na Polônia. I Primeiro Campeonato Mundial de Halterofilismo (*Powerlifting*). Nas XI Paraolimpiadas de Sydney o Brasil teve em sua delegação 18 atletas deficientes visuais, conquistando 4 medalhas de ouro das 6 totais da delegação e mais 3 de prata. O Brasil terminou a competição na 24ª classificação geral, com total de 22 medalhas, sendo 6 de ouro, 10 de prata e 6 de bronze. Participação nacional

no II Campeonato Mundial de Futsal para Cegos em Jerez de La Frontera, Espanha, sagrando-se bi-campeão mundial, obtendo placar no jogo final de 4 a 0 contra a equipe da Argentina.

2001 Os III Jogos Pan-Americanos para Cegos foram realizados entre os dias 29 de maio e 2 de junho na cidade de Spartanburg, Carolina do Sul, EUA. Os atletas brasileiros conquistaram um resultado inédito nos Jogos Pan-Americanos de Cegos, a primeira colocação geral com 72 medalhas (28 ouro, 30 prata e 14 bronze). A delegação brasileira participou do campeonato com um grupo de 34 atletas e 25 profissionais. Foram 13 países participantes no total e os jogos envolveram modalidades como o atletismo, a natação e o goalball. (Instituto Benjamin Constant, 2001). O Brasil promoveu e participou da Copa Mundial de Judô (*World Cup for Blind and Impaired Vision*), organizada pelos professores Leonardo Mataruna e Walter Russo Jr, que aconteceu no Rio de Janeiro. O evento contou com a presença de: Canadá, China-Taípei, Cuba, Espanha, Grã-Bretanha, Japão, Ucrânia, entre outros. A classificação final foi 1º Espanha; 2º Cuba; 3º Rússia. O Brasil conquistou no masculino, 1 de medalha de prata (Roberto Paixão, -66kg) e 7 medalhas de bronze (Alessandro Oliveira, -73kg; Arcleuton Nazareth e Esley Carvalho, -81 kg; Antônio Tenório, -90kg; Divino Donato e João Quirino, -100kg; Leonel Cunha, +100kg); no feminino, primeira competição de âmbito mundial para mulheres, o país alcançou com 2 medalhas de prata (Regiane Leite, -57kg; Magda Pinto, +63kg) e 3 medalhas de bronze (Rita Silva, -57kg; Renata Quintão, -57kg; Kelly Pinto, +63kg). Participação brasileira na III Copa América de Futebol, em Paulínia, o Brasil sagrou-se campeão. II Pan-Americano de Xadrez em Lima no Peru, o Brasil obteve as seguintes marcas: 6º lugar com Adroildo Martim, 11º lugar com Crisolon V. Boas e 12º com José L. Vaz. Curso Internacional de Capacitação em Arbitragem para Futebol de Salão. O Brasil participou do II Campeonato Mundial de Futsal B2/3 na Itália. A campeã foi a Bielorrússia, com a Espanha em segundo. O Brasil obteve a quarta colocação. Participação do atleta Aurélio Guedes dos Santos na XI Maratona Internacional para Cegos em Kasumigaura – Japão, obtendo a medalha de bronze. A Federação Internacional de Atletismo-IAAF decide incluir provas em seus Mundiais que sejam aplicadas a Deficientes Visuais. No VIII Mundial de Atletismo Edmonton – Canadá, as atletas brasileiras correram os 200 metros Classe T11-12 (B1 e B2), no qual Ádria Rocha Santos, conquistou o lugar mais alto do pódio, trazendo o ouro para o Brasil; e Maria José (Zezé) Ferreira Alves, conquistou o terceiro posto, garantindo o bronze.

2002 Acontece a Declaração de Madrid durante o Congresso Europeu das Pessoas com Deficiência. O VII Campeonato Mundial de Goalball da IBSA ocorreu na cidade do Rio de Janeiro de 31 de agosto a 07 de setembro, tendo como participantes: Alemanha, Argélia, Austrália, Brasil, Canadá, Coréia do Sul, Dinamarca, Eslovênia, Espanha, Estados Unidos, Holanda, Hungria, Japão, Lituânia e Suécia. As equipes que se classificaram para as Paraolimpiadas foram: no feminino – EUA, Canadá, Holanda e Alemanha; no masculino – Suécia, Lituânia, Eslovênia, Dinamarca, Alemanha e Hungria (ABDC, 2002). Entre os dias 30 de novembro e 08 de dezembro a Associação Brasileira de Desportos para Cegos - ABDC e a International Blind Sports Federation-IBSA realizaram o III Mundial de Futebol para Cegos, que aconteceu em Niterói-RJ. O evento contou com a presença de nove equipes, totalizando mais de 90 atletas, entre as quais estavam as campeãs da Europa, das Américas e da Ásia. A ABDC fechou o ano com a participação de mais de 1.200 atletas – maior número registrado desde a fundação da organização, em 1984. Participou também o atleta Aurélio Guedes dos Santos na XII Maratona Internacional para Cegos em Kasumigaura, Japão, obtendo a medalha de prata. Participação de atletas com deficiência visual no Campeonato Mundial de Atletismo (IPC) em Lille Villeneuve D´asq, França, obtendo 3 de ouro, 3 de prata e 1 de bronze. Participação da ABDC no Campeonato Mundial de Judô em Roma – Itália, conquistando 1 medalha de prata (Antonio Tenório), 03 de bronze (01 equipe feminina, Magda Pinto e Renata Quintão). A nova equipe técnica responsável por este ciclo paraolímpico no judô (2002-2004) contou com a direção do Prof. Carmelino Vieira e Prof. Walter Russo; Técnicos: Prof. Leonardo Mataruna e Prof. Jucinei Costa; Auxiliar Técnica: Prof. Mariana Melo; Árbitro: Jefferson Vieira; Psicólogo: Dietmar Samulski. Foi a primeira vez que uma equipe desta modalidade viajou com uma composição tão representativa. Participação no Campeonato Mundial de Futebol B2-B3 em Milão na Itália, obtendo o 4º Lugar. O Brasil competiu na Copa Coréia em Seul, na categoria B1, obtendo o 2º lugar. Participação

da equipe brasileira de futebol classe B1 em um evento com idade até 25, sagrando-se campeã do Torneio na Grécia. Neste ano a ABDC organizou 31 eventos nacionais e 2 internacionais.

2003 Ano Europeu das Pessoas com Deficiência. IV Copa América de Futebol, em Bogotá, Colômbia; o Brasil sagrou-se campeão. É importante ressaltar que o Brasil com este título assegurou a sua presença nas Paraolimpíadas de Atenas. Até este evento o Brasil perdeu apenas 2 partidas oficiais reconhecidas IBSA: 4x1 para a Espanha no mundial de 2002 e 2x0 para o Paraguai na Copa América de 2003. Alberto Martins da Costa foi eleito o primeiro brasileiro diretor técnico mundial da IBSA. Neste ano a ABDC organizou 29 eventos nacionais. Ainda este ano na cidade de São Paulo, ocorreu o I Brasil Open Paraolímpico de Atletismo e Natação. O Prof. Alberto Costa, pioneiro da Atividade Motora Adaptada do Brasil é indicado para a Direção Técnica Mundial da IBSA e o Prof. José Julio Gavião de Almeida para a Direção Técnica da ABDC. Novamente no Campeonato da Federação Internacional de Atletismo (IAAF), no IX Mundial de Atletismo Paris – França, na prova dos 200 metros Classe T11-12, a atleta Ádria Rocha Santos, ganha o ouro e ainda bate o Recorde Mundial na Classe T12, superior a sua, ou seja, correndo com pessoas com visão-subnormal. A atleta Maria José (Zezé) Ferreira Alves termina em 4º lugar. A Federação Internacional de Natação (FINA) incluiu as provas de 100 metros livres S11-12 (B1 e B2) em seus Mundiais, nos quais a atleta Fabiana Harumi Sugimori, participou terminando na quinta colocação em Barcelona.

Brasil – Número de atletas cegos, por entidades e modalidades esportivas, 2004

Brazil – Number of blind athletes per representative body and sport discipline, 2004

Regiões <i>Regions</i>	Entidades <i>Organizations</i>	Atletas <i>Athletes</i>	Média atletas por entidade <i>Athletes</i> / <i>organization</i> <i>average</i>
Centro-Oeste	7	157	22,43
Sudeste	40	810	20,25
Sul	13	258	19,85
Nordeste	11	243	22,09
Norte	4	111	27,75
Total (1)	75	1579	21,05

(1) Cinco novas Associações se inscreveram na ABDC no final de 03/2004, formando um novo total de 80 instituições filiadas.

Porcentagem de atletas por modalidade em níveis estimados no âmbito nacional

Percentage of athletes per sport discipline according to estimates in national concerns

Judô	Goalball	Xadrez	Futebol	Natação	Atletismo
4,75%	35,78%	2,72%	25,71%	6,97%	24,07%

Fonte / *source*: Associação Brasileira de Desportos para Cegos - ABDC, 2004.

Esportes e Práticas Esportivas Novas para Deficientes Visuais

Old and new blind sports disciplines

Montanhismo	Tiro com Arco
Esportes na natureza	Futebol Society
Baseball	Provas de travessia na natação
Triatlo	Hipismo
Tênis de Mesa	Capoeira
Vôlei	Karatê
Tênis de campo	Dança
Pára-quedismo	Surf
Corrida de Orientação	Pólo Aquático
Esgrima	Boxe
Golfe	Basquetebol

2004 Ano de Paraolimpíadas e últimas etapas de classificação para os Jogos de Atenas. Pela primeira vez o Comitê Paraolímpico Brasileiro desenvolveu as equipes permanentes, assim como treinamentos durante todo o período pré-competitivo. Instituições privadas estão investindo no esporte paraolímpico, colaborando para o fomento e manutenção do esporte adaptado no Brasil. Suspensão dos Bingos, fato que pode inviabilizar a continuidade do esporte para-esportivo no Brasil em alguns anos.

Situação Atual A associação com o maior número de atletas registrados no Brasil é a ADEVIBEL com 117 pessoas que disputam torneios em todo o território nacional. O Brasil viajará para os Jogos Paraolímpicos de Atenas 2004 com o maior número de atletas de todos os tempos. Em uma delegação de 96 atletas, aproximadamente 39 são deficientes visuais. Esta também será a maior representação de mulheres deficientes visuais de todos os tempos, contando com a participação de 12 atletas. A equipe paraolímpica oriunda da Associação Brasileira de Desportos para Cegos-ABDC contará com 10 jogadores de futebol, 6 de goalball, 7 judocas, 5 nadadores, 10 desportistas do atletismo entre outros que ainda podem conseguir índices classificatórios. As mulheres irão deslanchar nos Jogos Paraolímpicos de Atenas, pois as jogadoras de goalball conseguiram uma classificação inédita na modalidade. As judocas participarão pela primeira vez dos jogos, pois antes a modalidade era oferecida apenas para os homens. Assim como o judô feminino, o futebol de cegos será disputado pela primeira vez em uma paraolimpíada. O atual diretor técnico

da *International Blind Sports Federation*–IBSA (Federação Internacional de Esportes para Cegos), Prof. Dr. Alberto Costa, foi o primeiro brasileiro a alcançar um posto em nível mundial. O presidente do Comitê Paraolímpico Brasileiro, Prof. Vital Severino Neto, é Delegado Continental da IBSA AMÉRICA. O médico Dr. Helder da Costa Filho é classificador internacional da IBSA. O presidente da ABDC, Prof. David Farias Costa é o Presidente do Comitê *ad hoc* de Jovens da IBSA. Um projeto iniciado no ano de 1994 na cidade de Curitiba permite atualmente a distribuição de bolas que atendem a diversos países no mundo. Até este ano foram distribuídas 2.074 bolas de futebol para cegos. As bolas brasileiras são utilizadas em todas as competições internacionais na atualidade. Estas são desenvolvidas pelo Programa Pintando a Liberdade, no qual, presidiários confeccionam materiais esportivos.

Fontes Antonio Menescal; Mario Sergio Fontes; El Foro Europeo de la Discapacidad – www.edf-feph.org; Comité Español de Tercer Sentido: revista sobre surdoceguera. n.36, p.3, Madrid: ONCE, 2003; *Representantes de Personas con Discapacidad*. CERMI – www.cermi.es/graficos/deporte.asp; Declaração de Salamanca; David Farias Costas; GIL, Marta. Espaços de Inclusão – intervox.nce.ufrj.br/~gilmar/acercadainclusao.html; Jonas Freire; Carmelino Vieira; Ciro Wincler; Leonardo Mataruna; João Marcus Perelli; www.blindsailing.org/frameset1.html; www.abdcnet.com.br; www.ibcnet.org.br

Modalidades esportivas / Sport disciplines (1)

Regiões / <i>Regions</i>	Total	Judô	Goalball	Xadrez	Futebol	Natação	Ciclismo	Atletismo	Hipismo	Powerlifting
Centro-Oeste	7	2	4	1	4	3	*****	3	*****	*****
Sudeste	40	13	20	8	15	19	*****	24	*****	*****
Sul	13	3	6	3	6	6	*****	7	*****	*****
Nordeste	11	4	6	3	8	3	*****	3	*****	*****
Norte	4	0	1	1	4	3	*****	3	*****	*****
Total de Associações	75	22	37	16	37	34	*****	40	*****	*****
Paraolímpica Verão (S) (N) / <i>Summer</i>	-	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Paraolímpica Inverno (S) (N) / <i>Winter</i>	-	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não

(1) Judo, Goalball, Chess, Soccer, Swimming, Cycling, Athletics, Equestrian, Powerlifting

Esportes organizados e/ou aceitos pela IBSA

Sports organized or accepted by IBSA

Verão / <i>Summer</i>	Inverno / <i>Winter</i>
Atletismo	Biatlón.
Bolos	Esqui alpino.
Ciclismo em Tandem (dupla)	Esqui nórdico
Futebol de Salão (Futebol de 5)	
Goalball	
Judô	
Luta Greco-Romana	
Natação	
Power lifting	
Showdown	
Tiro	
Toarball	
Xadrez	

Modalidades Paraolímpicas para Cegos – Comitê Paraolímpico Internacional

Paralympic blind sports – International Paralympic Committee

Verão / <i>Summer</i>	Inverno / <i>Winter</i>
Atletismo	Biatlón.
Futebol de Salão (Futebol de 5)	Esqui nórdico
Goalball	Esqui alpino.
Judô	
Natação	
Ciclismo	
Hipismo	

II Mundial IBSA – 2003 / II World IBSA – 2003, Quebec / Canada
Resultados do Brasil / Brazilian results

Medalhas / Medals	Judô	Goalball	Natação	Atletismo
Ouro / Gold	1	0	0	2
Prata / Silver	1	1	0	3
Bronze / Bronze	2	0	2	4
Sem Medalha / Classificação Final	6º(M) 2º(F)	6º(M) 2º(F)	---	---
Número de Atletas (H) / Men	7	6	7	6
Número de Atletas (M) / Women	3	6	0	3

I Mundial IBSA – 1999 / I World IBSA – 1999, Madrid / Espanha

Medalhas	Judô	Goalball	Natação	Atletismo
Ouro	0	---	---	---
Prata	0	---	---	---
Bronze	1	---	---	---
Sem Medalha / Classificação Final	11º(M)	---	---	---
Número de Atletas (H)	3	---	---	---
Número de Atletas (M)	0	---	---	---

Medalhas de atletas brasileiros cegos em Jogos Pan-Americanos por esportes
Results of blind brazilian athletes in Pan-American Games per sport / Homem = Men / Mulher = Women

Ano / Year	Ouro Gold	Prata Silver	Bronze	Homem Ouro	Homem Prata	Homem Bronze	Mulher Ouro	Mulher Prata	Mulher Bronze
2003 – Argentina (1)	22	11	8	14	8	8	8	3	0
2001 – EUA (2)	28	29	15	15	18	12	13	11	3
1999 – México (3)	8	3	1	4	2	1	4	1	0

(1) Natação: 22; atletismo: 19; (2) Natação: 27; atletismo: 44; goal:1; (3) Natação: 5; atletismo: 7.

Competições para-olímpicas de destaque com participantes deficientes visuais brasileiros, 1952 – 2004

Main Parolympic competitions with Brazilian blind athletes participation, 1952 – 2004

Ano Year	Cidade City	País sede Host country	Participantes Participants	Países Countries	Medalhas – Brasil Medals - Brazil			
					Ouro	Prata	Bronze	TOTAL
1952*	Stoke Madeville*	Inglaterra*	130*	2*	---	---	---	---
1960	Roma	Itália	400	23	---	---	---	---
1964	Tóquio	Japão	390	22	---	---	---	---
1968	Tel Aviv	Israel	1100	29	---	---	---	---
1972	Heidelberg	Alemanha	1400	44	0	0	0	0
1976	Toronto	Canadá	2700	42	0	2	0	2
1980	Arnhem	Holanda	2560	42	0	0	0	0
1984	Nova Iorque	EUA	1700	41	1	3	2	6
	Stoke Madeville	Inglaterra	2300	45	6	14	2	22
1988	Seul	Coreia	4200	62	4	10	13	27
1992	Barcelona	Espanha	4158	82	3	0	4	7
1996	Atlanta	EUA	4912	104	2	6	13	31
2000	Sydney	Austrália	3824***	124***	6	10	6	22
2004	Atenas	Grécia	4000**	143**	---	---	---	---

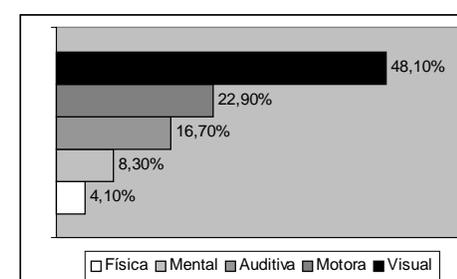
Fontes / sources: Comitê Paralímpico Brasileiro (2004), adaptado pelo autor; * Freitas & Cidade (2002); **HESSE, 2003; *** International Paralympic Committee (2003).

Presidentes e Vice-Presidentes da ABDC, 1984 – 2004

ABDC Presidents and vice-presidents, 1984 – 2004

Presidente	Vice - Presidente	Data / Period
Aldo Micolis	Mário Sérgio Fontes	1984/1985
Vital Severino Neto	Mário Sérgio Fontes	1985/1986
Mário Sérgio Fontes	----	1986/1987
Mário Sérgio Fontes	Marcio José Ferreira	1988/1991
César A. Gualberto	Lúcio (s/ registro de sobrenome nas atas)	1991/1992
Intervenção	Vital Severino Neto Mário Sérgio Fontes Adilson Ventura	1993 março/agosto
Vital Severino Neto	Mário Sérgio Fontes	1993/1994
Vital Severino Neto	David Farias Costa	1995/1998
Vital Severino Neto	David Farias Costa	1998/2000
David Farias Costa	Benedito Franco Leal Filho	2001/2004

Dados dos censos nacionais – Portadores de deficiências físicas
National census data – Persons with physical impairment



Número de deficiências detectadas Censo 2000 IBGE	
Visual	16.573.937
Motora	7.879.601
Auditiva	5.750.809
Mental	2.848.684
Física	1.422.224

Taxa de incidência de cegueira por 1000, 1920

Blindness index per 1000 inhabitants, 1920

Ano	Números Absolutos					
	Cegos / Blinds			Surdos-Mudos Deaf and dumb		
	H	M	Total	H	M	Total
1872	9,469	6,379	15,848	7,157	4,438	11,595
1900	10,250	8,563	18,813	4,224	3,137	7,361
1920	16,113	13,761	29,874	14,525	11,689	26,214

Fonte: Censo Demográfico de 1920/IBGE.

Distribuição de portadores de deficiências sensoriais por faixa etária, 1940
Physical impairment distribution per age group, 1940

%Deficiência/ Faixa Etária	0-9	10-19	20-29	30-39	40-49	50-59	60-69	70-69	> 80
Cegos por doença	14,9	15,0	19,2	29,4	43,0	55,9	68,7	74,8	73,6
Cegos de nascença	13,0	10,8	8,5	7,0	5,6	4,1	2,6	1,9	1,5
Cegos por acidente	5,9	6,4	12,1	15,9	18,4	18,4	15,5	13,3	11,8
Origem não declarada	1,3	1,2	1,2	1,4	1,7	1,7	2,8	4,3	7,8
Surdos mudos	64,4	66,3	58,8	46,0	31,2	31,2	10,3	5,6	5,0
Surdos mudos cegos	0,5	0,3	0,2	0,2	0,2	0,2	0,1	0,2	0,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Censo Demográfico de 1940/IBGE.

Dados dos censos nacionais – Portadores de deficiências físicas (continuação)
National census data – Persons with physical impairment

Distribuição de Portadores de Deficiências Sensoriais, 1981

Physical impairment distribution per age group, 1981

Deficiência	%
Cegueira	8,29
Surdez	8,69
Surdo-mudez	4,3
Retardamento mental	32,7
Falta de membro	6,11
Paralisia total	5,09
Paralisia de um dos lados	11,9
Outro tipo de deficiência	16,9
Mais de um tipo de deficiência	5,7

Fonte: PNAD, 1981

Distribuição de Portadores de Deficiências Sensoriais, 1991

Physical impairment distribution per age group, 1991

Deficiência	%
Cegueira	8,7
Surdez	10,6
Deficiência mental	39,5
Falta de membro	8,6
Paralisia total	2,86
Paralisia de um dos lados	12,2
Paralisia nas pernas	12,1
Mais de um tipo de deficiência	5,28

Fonte: Censo, 1991.

Distribuição de Portadores de Deficiências Sensoriais, 2000

Physical impairment distribution per age group, 2000

Deficiência	%
Deficiência mental	11,5
Tetraplegia, paraplegia ou hemiplegia	0,44
Falta de membro ou parte dele	5,32
Dificuldade de enxergar	57,16
Dificuldade de ouvir	19,0
Dificuldade de caminhar	22,7
Incapaz de ouvir	0,68
Incapaz de caminhar	2,3
Incapaz de enxergar	0,6

Fonte: Censo, 2000.

Organizações não governamentais de assistência e apoio a pessoa com deficiência

Non-governmental organizations dedicated to support persons with special needs

1. Conselho Brasileiro para o Bem-Estar dos Cegos www.rionet.com.br/~cbbec
 2. Instituto de Cegos da Bahia www.institutodecegos.org.br/
 3. CBBEC – Conselho Brasileiro para o Bem-Estar dos Cegos www.rionet.com.br/~cbbec
 4. União dos Cegos no Brasil – www.brasil-total.com.br/uniaocegos.htm
 5. Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual da Bahia www.gadv.jor.br/links.htm
 6. Fundação Dorina Nowill para Cegos www.fundacaodorina.org.br
 7. Instituto de Cegos da Bahia www.compos.com.br/icb
 8. Instituto Londrinense de Instrução e Trabalho para Cegos – www.ilitc.org.br/
 9. Acessibilidade – Prodam São Paulo SP – www.prodam.sp.gov.br/acess/
 10. Apoio a Portadores de Deficiência Visual – www.pga.com.br/dv.htm
 11. Associação de Cegos Louis Braille – ACLB Belo Horizonte MG – www.deficientesvisuais.org.br/
 12. Associação de Deficientes Visuais e Amigos – Adeva São Paulo SP – www.adeva.org.br/
 13. Associação De e Para Cegos do Pará – Ascepa – www.ascepa.hpg.ig.com.br/
 14. Catálogo Nacional de Publicações para Cegos – CNPC – www.universoespirita.org.br/spleb/cnpc.asp
 15. Compadres São Paulo SP – www.compadres.org.br/
 16. LARAMARA São Paulo SP – www.laramara.org.br/
 17. Instituto de Cegos “Padre Chico” São Paulo SP – www.padrechico.org.br/
 18. Pró-Criança Deficiente Visual Infante-Juvenil do Brasil Rio de Janeiro RJ – www.procriancadv.com.br/
- Associação dos Cegos em Juiz de Fora – www.guiaoptico.com.br/noticias/associacao2.asp

Fontes / Sources

Adevipar. História do Esporte para Deficientes Visuais no Brasil. Associação dos Deficientes Visuais – Paraná. Disponível: www.adevipar.hpg.ig.com.br/esporte.htm. Acessado: 27 de janeiro de 2004.

Almeida, M.G.S. 2004. O IBC chegou ao sesquicentenário de sua fundação. Histórico. Disponível: www.ibcnet.org.br. Acessado: 18 de FEVEREIRO de 2004.

ABDC (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS PARA CEGOS). III Campeonato Mundial de Futebol para Cegos. Associação Brasileira de Desportos para Cegos. Disponível: www.abdcnet.com.br/Modalidades/Mundiais/futebol/campeonato.htm. Acessado: 27 de janeiro de 2004.

Araújo, P.F. Desporto Adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/ INDESP, 1998.

COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO. Histórico. Comitê Paraolímpico Brasileiro. Disponível: www.cpb.org.br/historico.asp. Brasília. Acessado em: 25 de janeiro de 2004.

Freitas, P. S.; Cidade, R. E.. Paraolimpíadas: Revisando a História. Revista da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada, São Paulo, v.7, n.1, Dezembro, 2002.

INSTITUTO BENJAMIM CONSTANT. III Jogos Pan-Americanos para Cegos. Coluna Informe. Revista Benjamin Constant, Rio de Janeiro, n. 19, Agosto 2001, Disponível: www.ibcnet.org.br/Texto/RBCTXT/PUBLICTXT/RevAgo2001/Informe.txt. Acessado em: 29 de janeiro de 2004.

IPC. International Paralympic Committee. Disponível em: www.paralympic.org Acessado em: 29 de dezembro de 2003.

FUNDAÇÃO PARA O LIVRO DO CEGO NO BRASIL. Lente. nº 46, vol. XVI, Jan-Jul, 1976.

Gurgel, A. ABDCNEWS. São Paulo: Associação Brasileira de Desportos para Cegos, n. 8, novembro, 2003, p.4.

Hesse, G. A casa já está quase pronta. Brasil Paraolímpico. Brasília, Comitê Paraolímpico Brasileiro, v.7, n.6, outubro, 2003, p12-14.

IBSA – INTERNATIONAL BLIND SPORTS FEDERATION. *Classification B-1, B-2 and B-3*. Disponível em: www.ibsa.es/rules/rules.html. Acessado em: 12 de novembro de 1998.

Craft, D.H. *Sensory Impairment*. In: WINNICK, J.P. *Adapted Physical Education and Sport*. Illinois: Human Kinetics Books, 1990.

OMS, *Blindness and Visual Disability*. www.who.int/inf-fs/en/fact142.html, Acessado em: 10 de janeiro de 2004.

PRODAM. Acessibilidade. Prefeitura de São Paulo. Brasil: participa de Jogos para cegos, Notícias, Publicado em: 30 de maio de 2001. Disponível em: www.prodam.sp.gov.br/acess/newbanc2.asp?noticias=65. Acessado em: 28 de janeiro de 2004.

REVISTA ELETRÔNICA NETESPORTES. Para Deficientes. Disponível: www.netesportes.com. Publicado em: 14 de agosto de 2002. Acessado em: 30 de janeiro de 2004.

Russo Júnior, W.; Mataruna, L. O Judô como atividade pedagógica desportiva complementar, em um processo de orientação e mobilidade para portadores de deficiência visual. Disponível: www.efdeportes.com/efd35/judo.htm. Revista Digital EFDeportes, Buenos Aires, v.7, n. 35, abril, 2001. Acessado: 23 de janeiro de 2004.

Cruz Filho, J.J. Entrevista. Revista Benjamin Constant. Rio de Janeiro, ed. 25, agosto de 2003.

Penna Marinho, I. “Metodologia Filosófica e Científica Aplicada à Ed. Física e aos Desportos”. Tese de Mestrado – UERJ, 1972.

Esporte adaptado, Paraolimpíadas e Olimpíadas Especiais

CLAUDIA APARECIDA STEFANE, EFRAIN MACIEL E SILVA, LEONARDO MATARUNA E SÉRGIO JOSÉ DE CASTRO

Adapted Sport, Paralympics e Special Olympics

Historical registers show that the sensory impaired, particularly the deaf, were the first disabled individuals to engage in formal programs of physical activities, as schools in the state of Ohio-U.S. developed baseball games for the deaf in 1870. Twenty years later, the Imperial Instituto de Meninos Cegos (Imperial Institute of Blind Children), today Instituto Benjamin Constant, in Rio de Janeiro, offered gymnastics for the visually impaired. In the following decades, sports for disabled individuals had different development in various countries until Dr. Ludwig Guttman, who had been asked to create a rehabilitation program for injured World War II soldiers from England, instituted a sports program which grew into the

Origens Existem registros históricos de que os deficientes sensoriais foram os primeiros a praticarem atividades físicas formais, particularmente os atletas surdos. Por volta de 1870, escolas do estado de Ohio-EUA desenvolveram atividades esportivas para surdos com jogos de beisebol. Em 1885 o estado de Illinois-EUA introduziu o futebol, também para esta população. A prática do esporte para pessoas surdas na Europa começou na década de 1880 e em 1888, na Alemanha, quando um grupo de surdos resolveu fundar um clube desportivo (Perez, 1994). A Holanda, Suécia, França, Finlândia, Dinamarca e Itália fundaram em seguida clubes semelhantes (Santos, 1995). No Brasil, na década de 1880, há relatos de pescaria e de uma espécie de deslocamento aquático (natação) para pessoas cegas. No final da década seguinte, encontram-se publicações que apresentam a prática de ginástica para deficientes visuais no Imperial Instituto de Meninos Cegos, hoje Instituto Benjamin Constant, no Rio de Janeiro. A prática desportiva entre as Pessoas com Necessidades Educativas Especiais-PNEE iniciou-se formalmente na Alemanha em 1918, com um grupo de ex-combatentes, lesionados durante a I Guerra Mundial. Em 1932, na Inglaterra, fundou-se a Associação de Jogadores de Golfe de um só Braço. No entanto somente em 1945, em Aylesbury-Inglaterra, é que o esporte adaptado se consolida no contexto europeu, quando Ludwig Guttman cria um centro de tratamento de prática desportiva para a reabilitação física e emocional de deficientes medulares no hospital de Stoke Mandeville. Nesse mesmo período, nos EUA, soldados lesionados percorrem o país divulgando o esporte, jogando basquete em cadeiras de rodas. Em 28 de julho de 1948, em Londres, Ludwig Guttman fundou os I^{os} Jogos de Stoke Mandeville-Inglaterra e criou uma competição esportiva para cadeirantes (atletas em cadeira de rodas) que envolveu veteranos da Segunda Guerra Mundial que tinham ferimentos na coluna vertebral. Quatro anos mais tarde, os competidores da Holanda aderiram aos jogos, e o movimento internacional, agora conhecido como Paraolimpíadas, estava criado. Foi fundada então a Federação Internacional de Jogos de Stoke Mandeville-ISMGF na cidade de Aylesbury. Os primeiros jogos, com o estilo das olimpíadas para atletas com inabilidades, foram organizados pela primeira vez em Roma, em 1960. Em Toronto-Canadá, no ano de 1976, outros grupos de deficientes foram adicionados, e surgiu assim a fusão de diferentes grupos de deficiência para competições esportivas internacionais. No mesmo ano ainda, os primeiros Jogos Paraolímpicos de Inverno foram realizados na Suécia. O termo “para” refere-se à paraplegia, e foi substanciado como Paraolimpíadas pela primeira vez por uma paraplégica, Alice Hunter, paciente do Hospital de Stroke Mondeville, que escreveu originalmente para a revista *“The Cord Journal of the Paraplegics”* o artigo intitulado *“Alice at the Paralympiad”* (Alice nas paraolimpíadas), descrevendo sua história no esporte, (Freitas; Cidade, 2002). Segundo o Comitê Paraolímpico Internacional, a palavra *“Paralympics”* (Paraolimpíadas) deriva da preposição grega “para” (ao lado de, em comparação de, junto de) justaposta à palavra *“olympics”* (Olimpíadas). O Comitê argumenta, também, que as Paraolimpíadas são jogos que ocorrem em paralelo às Olimpíadas e não tem relação com a Paraplegia, que é uma lesão cervical. No início do movimento, o Dr. Ludwig Guttman desejava que os Jogos se chamassem “Olimpíadas dos Paralisados”, mas já havia o interesse em ampliar a participação a outros tipos de deficiências, além da lesão medular. Em 1976, no Canadá, os jogos passaram a ser chamados de “Olimpíadas dos Deficientes

Stoke Mandeville Wheelchair Games in the 1950s. Eight years later, Antônio Maglia proposed that the World Stoke Mandeville Games become Paralympic Games, taking place where the Olympic Games would be held, which happened in Seoul, in 1988. Programs of adapted sports began in Brazil in 1958 with the foundation of the first Brazilian club for disabled people. The Comitê Paraolímpico Brasileiro (Brazilian Paralympic Committee-CPB) and the Associação Brasileira de Desportos para Deficientes Mentais (Brazilian Association for the Cognitively Impaired-ABDEM) were founded in 1995, both located in Brasília today. The Sydney Paralympic Games, in 2000, had 4,000 athletes, including 65

Físicos”, porém este termo nunca foi aceito pelo Comitê Olímpico Internacional-COI, órgão que acompanhava e auxiliava a organização dos eventos. Em 1984, o COI aceitou a sugestão do Dr. Robert Jackson, presidente do ISMGF à época, para a adoção e utilização do termo Paraolimpíadas (ICP, 2001 apud Freitas; Cidade, 2002). A necessidade de organizar mais eficientemente os jogos, e falar com uma voz mais ativa ao Comitê Olímpico Internacional resultou na fundação do Comitê Internacional de Coordenação de organizações dos esportes do mundo para os descapacitados-ICC, no ano de 1982, tendo como presidente o Dr. Robert D. Steadward. O Comitê Paraolímpico Internacional-IPC foi criado em 1989, na Cidade de Düsseldorf-Alemanha e o Comitê Paraolímpico Brasileiro em 1995, na cidade de Niterói-RJ, tendo como Presidente João Batista De Carvalho. O corpo mais elevado do IPC compreende os Comitês Nacionais Paraolímpicos, dos esportes e das diferentes deficiências. As Paraolimpíadas de Inverno, ocorridas em 1994 em Lillehammer, foram os primeiros Jogos desta natureza sob a gerência de IPC.

Os Jogos Paraolímpicos foram realizados sempre no mesmo ano que os Jogos Olímpicos, entretanto somente após 1988 (Seul, Jogos de Verão) e 1992 (Albertville, Jogos de Inverno) passaram a ser realizados na mesma cidade e nos moldes que são disputados os Jogos Olímpicos. Em 19 de junho de 2001, um acordo foi assinado entre o Comitê Olímpico Internacional e o Comitê Paraolímpico Internacional assegurando que, a partir dos Jogos Paraolímpicos de 2008, ocorrerão sempre logo após os Jogos Olímpicos, usando os mesmos locais e facilidades. Em março de 2003 foi lançada uma nova visão do IPC. Há uma proposta tramitando no cenário internacional para que os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos ocorram quase que simultâneos, e assim o nome Paraolímpicos e Olímpicos serão abolidos e substituídos por Jogos de Verão. Esta proposta, segundo os idealizadores, visa reduzir os custos e as diferenças existentes entre participantes de ambos os eventos. Sabe-se que o montante de patrocinadores dos Jogos Olímpicos é muito superior ao dos Paraolímpicos, e a idéia é de que os investimentos abranjam a ambas as áreas. Os órgãos internacionais responsáveis pela organização do evento estão desenvolvendo estudos para avaliar quais as modalidades que possuem maior semelhança entre os dois segmentos, ou seja, quais esportes possuem regras convencionais sem muitas alterações para que se possa mantê-los. Esta medida pode ser um indicador negativo que acarretará a extinção gradativa de algumas atividades ou provas. Entretanto a proposta objetiva uma maior aceitação de mercado, por meio de patrocinadores e conseqüentemente, maior visibilidade. Outro objetivo é a difusão do conceito de superação máxima de limites, com o intuito de que o esporte paraolímpico não seja entendido como caridade, mas como esporte de rendimento. Os jogos teriam um formato único e uma duração de 20 a 25 dias. As modalidades paraolímpicas seriam reduzidas e três modalidades olímpicas suprimidas. Pretende que o número de participantes seja reduzido, fato este que já está acontecendo com as delegações que participarão dos Jogos Paraolímpicos de Atenas / 2004, no qual o número de pessoas envolvidas não deverá exceder o montante de 3.000, ente atletas, acompanhantes e comissões técnicas.

Definições A estrutura internacional se compõe a partir das Organizações Internacionais de Esporte para Pessoas Deficientes, *International Organization of Sport for People with Disabilities-*

Brazilian athletes who earned 22 medals (6 gold, 10 silver and 6 bronze medals) and were accompanied by 37 professionals of the administrative, technical, medical and support sectors. Brazil ranked 24th among the 180 participating teams from all over the world. Brazilian athletes broke 3 world records in athletics and soccer for amputees became 4 times champion. Today in Brazil Adapted Sports are administered by six large organizations and CPB, according to the type of physical disability (see Table 1). In addition, another considerable number of physically disabled and cognitively impaired athletes do their training in institutions such as SESC, SESI, Sociedade Pestalozzi, APAEs, among others.

IOSDs, que estão filiadas ao Comitê Paraolímpico Internacional, *International Paralympic Committee-IPC*. As organizações internacionais estão estabelecidas por grupos de deficiência com características semelhantes, e não por modalidades esportivas como no esporte em geral. As organizações internacionais são : *Comitê Internacional des Sports des Sourds-CISS; Cerebral Palsy International Sport and Recreation Association-CP-ISRA; International Sports Association for Persons with Mental Handicap-INAS-FMH; International Blind Sports Association-IBSA; International Stoke Mandeville Wheelchair Sports Federation-ISMWSF; International Sports Organization for the Disable-IOSD* e também as Olimpíadas Especiais, *Special Olympics International* que atua em todo o mundo, e que atualmente congrega 26 modalidades. No Brasil, em 2002, foi extinta tendo sido criada, em seu lugar, a Confederação Brasileira de Desportos de Participação-CBDP. Segundo Varela(1991), a CISS foi fundada no dia 15 de agosto de 1924, em Paris. É a associação desportiva internacional mais antiga do esporte para deficientes. Os primeiros Jogos Internacionais aconteceram em Paris, em 1924, e o último em 1994, em Sofia-Bulgária. A CISS é membro do IPC e é filiada diretamente ao Comitê Olímpico Internacional desde 1995. Importante ressaltar que os deficientes auditivos não participaram dos Jogos Paraolímpicos pois negaram o convite realizado antes da década de 1970 e que perdura até o presente momento, porque a Instituição acredita que a deficiência sensorial pela qual é responsável não diferencia seus atletas de um esportista do segmento do esporte regular. Quando abordamos o Paradesporto, devemos defini-lo como manifestação esportiva realizada por atletas que competem de acordo com o tipo de deficiência e classificação funcional contra outros atletas com funções similares. As categorias de deficiência são: Deficiência Visual, Auditiva, Física, Mental , Múltipla. Explanando sobre as especificidades classificatórias temos: Amputados são atletas que apresentam perda de pelo menos uma articulação ou membro importante, por exemplo cotovelo, punho, joelho, tornozelo. Dependendo do esporte, alguns amputados competem como atletas em cadeira de rodas. Paralisia cerebral é um distúrbio de movimento ou postura devido a uma área ou áreas do cérebro que controlam e coordenam o tônus muscular, reflexos, postura e movimento. Cerebral significa que existe uma deficiência no cérebro que causa falta de controle muscular. Os atletas com paralisia cerebral são divididos em oito classes diferentes. O processo de determinação do nível da capacidade funcional remanescente para desempenho de uma modalidade esportiva é denominado Classificação Funcional e é definido por profissionais entendidos como classificadores funcionais, formados em cursos estruturados pelas entidades específicas de cada modalidade para esse fim. (a classificação funcional consta de Box adiante). O resultado da avaliação determina em qual categoria de deficiência o atleta poderá competir permitindo assim uma harmonização mais equilibrada intequipes ou mesmo individuais, quando da realização de competições. Os sistemas de classificação funcional diferem de esporte para esporte, consoante as diferentes habilidades necessárias a cada modalidade paradesportiva. Por exemplo, uma amputação abaixo do joelho é diferente para um nadador e um jogador de voleibol. Segundo a CP-ISRA, as classes CP1, CP2, CP3 e CP4 de atletas com paralisia cerebral utilizam uma cadeira de rodas durante a competição (excluindo natação). CP5, CP6, CP7 e CP8 descrevem atletas com paralisia cerebral que não utilizam uma cadeira de rodas durante a competição.

Deficiência intelectual é aquela na qual o indivíduo deva apresentar: (a) Limitação substancial no funcionamento atual caracterizado pelo funcionamento intelectual. A Associação Americana de Retardo Mental define esta condição como um QI de 70 ou inferior, em uma medida de inteligência padronizada; (b) Limitações em uma ou mais das seguintes áreas de habilidade adaptativa: comunicação, cuidados pessoais, vida doméstica, habilidades sociais, uso comunitário, auto direção, saúde e segurança, atividades acadêmicas funcionais, lazer e trabalho; (c) Adquirida sua condição antes dos 18 anos de idade. “*Les autres*” é uma expressão francesa que significa os outros. É um termo utilizado para descrever atletas com uma gama de condições que resultam em distúrbios de locomoção tais como distrofias musculares, nanismo, esclerose múltipla, pólio e que não se encaixam nos sistemas de classificação funcional tradicional dos grupos de deficiência estabelecidos. Para competir nesta categoria de Cadeira de rodas o atleta deve apresentar uma perda de função dos membros inferiores de, pelo menos, 10%. Algumas das doenças mais comuns que podem causar a “elegibilidade” (características individuais que habilitam um indivíduo a participar de uma determinada modalidade paradesportiva) incluem: paraplegia traumática e quadriplegia (exemplo, lesões na coluna vertebral); espinha bífida; poliomielite; amputações; paralisia cerebral; e todos os outros atletas (*les autres*) não ambulantes ou andantes. Deficiência visual: refere-se a qualquer condição de grupo que interfira com a visão normal. Inclui toda a gama de dificuldades visuais, desde distúrbios corrigíveis até cegueira. Classificação Esportiva: B1: atletas totalmente cegos, B2: atletas com um mínimo de percepção de luz remanescente, B3: atletas com alguma percepção de luz remanescente. Deficiência Auditiva é considerada genericamente como diferença existente entre a performance do indivíduo e a habilidade normal para a detecção sonora de acordo com padrões estabelecidos pela *American National Standards Institute-ANSI*, em 1989. Zero audiométrico (0 dB N.A) refere-se aos valores de níveis de audição que correspondem à média de detecção de sons em várias frequências, por exemplo: 500 Hz, 1000 Hz, 2000 Hz, entre outras. Considera-se, em geral, que a audição normal corresponde à habilidade para detecção de sons até 20 dB N.A (decibéis, nível de audição). Segundo a O.M.S. (1994) estima-se que 1,5% da população brasileira, ou seja, cerca de 2.625.000 habitantes são portadores de deficiência auditiva, estando esta em terceiro lugar entre todas as deficiências do país. Estima-se que 42 milhões de pessoas acima de 3 anos de idade são portadoras de algum tipo de deficiência auditiva, de moderada a profunda (OMS). Há expectativa que o número de perdas auditivas na população mundial chegue a 57 milhões no ano 2000. Os níveis de limiares utilizados para caracterizar os graus de severidade da deficiência auditiva podem ter algumas variações entre os diferentes autores. Segundo critério de Davis e Silverman, 1966: Audição Normal: Limiares entre 0 a 24 dB nível de audição. Deficiência Auditiva Leve: Limiares entre 25 a 40 dB nível de audição. Deficiência Auditiva Moderada: Limiares entre 41 e 70 dB nível de audição. Deficiência Auditiva Severa: Limiares entre 71 e 90 dB nível de audição. Deficiência Auditiva Profunda: Limiares acima de 90 dB. Indivíduos com níveis de perda auditiva leve, moderada e severa são mais freqüentemente chamados de deficientes auditivos, enquanto os indivíduos com níveis de perda auditiva profunda são chamados surdos. Nos Jogos Paraolímpicos as modalidades são designadas por deficiências. Atletas com deficiência visual praticam judô e golbol; jogam futebol os atletas com paralisia cerebral, amputados e cegos; enquanto as modalidades de natação e atletismo estão abertas a todas às seis categorias de deficiência. Os anões, pessoas portadoras de distúrbios do crescimento que se incluem no grupo dos *les autres* podem competir na classe T-40 do atletismo e S-6 na natação. Um fato curioso é que os anões participam das Paraolimpíadas nestas modalidades e nas Olimpíadas no levantamento de peso.

1958 O esporte adaptado chega ao Brasil através de Robson de Almeida Sampaio e Sérgio Del Grande, os quais fundam o primeiro clube brasileiro. Ainda neste ano, Antônio Maglia propõe que os Jogos Mundiais de Stoke Mandeville passem a ser chamados de Jogos Paraolímpicos e que sejam realizados no mesmo local que os Olímpicos, o que nem sempre aconteceu.

1971 Primeira participação brasileira nos Jogos Pan-Americanos, realizados em Jamaica.

1972 Primeira participação brasileira nos Jogos Paraolímpicos de verão, em Heidelberg, Alemanha. Apesar da participação, o Brasil

não obteve nenhuma das medalhas laureadas entre os 1400 participantes de 44 delegações.

1973 O esporte para portadores de deficiência mental teve seu início no Brasil em 1973, com a Federação Nacional das APAEs. Criou-se a Olimpíada Nacional das APAEs realizada a cada 2 anos e que, em suas primeiras edições, além dos portadores de deficiência mental contou também com a participação de portadores de deficiência visual e auditiva. Somente após a 5ª Olimpíadas, em 1981, a competição passou a ser praticada somente por atletas deficientes mentais. Foram criadas as Associações Regionais de Deficientes Mentais-ARDEM que levaram à criação da Associação Brasileira de Desporto de Deficientes Mentais-ABDEM, reconhecida pelo Conselho Nacional de Desporto mediante a deliberação 04/85 (Pettengill, 1997). Participação brasileira nos Jogos Pan-Americanos, realizados no Peru-PER.

1975 Participação brasileira nos Jogos Pan-Americanos do México a partir da qual foi criada a Associação Nacional de Desportos para Deficientes-ANDE, que aglutinava as cinco grandes associações nacionais, organizadas por tipos de comprometimentos e não por modalidades esportivas. Atualmente tem sede no Rio de Janeiro e disponibiliza a prática de futebol de sete, bocha, natação, atletismo, halterofilismo, hipismo, ciclismo, vôlei sentado e polibatch entre os 900 atletas com paralisia cerebral e *les autres* cadastrados nos 32 clubes filiados.

1976 O Primeiro Jogo Paraolímpico de Inverno é realizado no ano de 1976 na cidade de Ornskoldsvik, na Suécia. O Brasil consegue as primeiras medalhas nos Jogos Paraolímpicos realizados na cidade de Toronto-Canadá, com os atletas Robson Sampaio de Almeida e Luís Carlos “Curtinho” na bocha, por equipe, classe 2, 3, 4, 5, 6, assumindo a 31ª colocação geral entre as 42 delegações.

1978 Participação brasileira nos Jogos Pan-Americanos realizados no Brasil.

1980 A delegação brasileira é representada na Holanda pelo time de basquete masculino em cadeira de rodas e um nadador, mas não obteve medalhas.

1982 Participação brasileira nos Jogos Pan-Americanos realizados no Canadá. Funda-se o Comitê Coordenador Internacional Esportivo para Deficientes-ICC, com o objetivo de administrar os Jogos Paraolímpicos e representar as entidades dirigentes esportivas internacionais junto ao Comitê Olímpico Internacional. As quatro Federações Internacionais sob gestão do ICC foram: CP-ISRA, IBSA, ISMGF e ISOD. Logo após as Paraolimpíadas de Barcelona, no ano de 1992, o ICC foi substituído pelo Comitê Paraolímpico Internacional-IPC.

1984 Os Jogos Paraolímpicos ocorrem em duas sedes: Aylesbury, na Inglaterra, e Nova Iorque, nos Estados Unidos. Nos EUA, o Brasil obteve a 29ª colocação entre as 41 delegações, obtendo seis medalhas, sendo uma de ouro, três de prata e duas de bronze. Em Stoke Mandeville, o Brasil obteve a 14ª entre as 45 delegações, com 22 medalhas, sendo seis de ouro, 14 de prata e duas de bronze. Ainda neste período, foi criada a Associação Brasileira de Desportos em Cadeira de Rodas-ABRADECAR a qual está sediada em Brasília-DF. Conta com 2000 atletas cadeirantes filiados, em mais de 60 clubes. A Associação desenvolve ainda atividades de atletismo, natação, basquete, esgrima, tênis, tênis de mesa, halterofilismo e tiro. Neste mesmo período, foi criada ainda a Associação Brasileira de Desportos para Cegos-ABDC a qual disponibiliza a prática do atletismo, da natação, do goalball, do judô, do xadrez e do futsal para pessoas com deficiência visual. Atualmente tem sua sede em São Paulo e conta com 1500 atletas, filiados em 53 clubes.

1986 Participação brasileira nos Jogos Pan-Americanos realizados em Porto Rico. Em 01 de fevereiro de 1986, na Holanda, foi criada a Federação Internacional de Desporto para portadores de deficiência mental- INAS-FMH filiada ao Comitê Olímpico Internacional-COI.

1988 Em Seul, os Jogos Paraolímpicos voltam a ser realizados nas mesmas instalações dos Jogos Olímpicos. A delegação brasileira contou com 65 participantes e obteve a 25ª colocação entre as sessenta e duas delegações com 27 medalhas, sendo quatro de ouro, 10 de prata e 13 de bronze. Destaque para o atleta, deficiente visual, Leonel Cunha que ganhou nesta competição como medalha de bronze no Judô e permaneceu como titular da Seleção Brasileira

durante 16 anos, participando de Seul'1988, Barcelona 1992, Atlanta 1996, Sydney 2000 e esteve até o mês de abril de 2004 na seleção permanente, mas não participará de Atenas 2004.

1990 Neste período, o então o Presidente Fernando Collor, através da Lei 8.028, criou o Departamento de Pessoas Portadoras de Deficiência, na Secretaria de Desportos. Houve participação brasileira nos Jogos Pan-Americanos realizados na Venezuela. A Associação Brasileira de Desportos para Amputados-ABDA é criada e seu reconhecimento, atribuído pelo Conselho Nacional do Desporto como entidade nacional dirigente, ocorre no ano seguinte, em 1991. Tem sua sede em Niterói-RJ e favorece a prática do atletismo, natação, halterofilismo, ciclismo e futebol. Neste período, ainda, é fundada a Associação Olimpíadas Especiais Brasil segundo os princípios da *Special Olympics Inc*. Suas competições priorizam o nível de habilidade em detrimento da preocupação com o alto rendimento.

1992 Nos Jogos Paraolímpicos de Barcelona participam 3020 atletas e 82 países, tendo os brasileiros se colocado em 32º lugar entre as 82 delegações, com sete medalhas no total: 3 de ouro e 4 de bronze. De 13 a 23 de setembro de 1992, em Madrid-Espanha, aconteceu a primeira paraolimpíada oficial para portadores de deficiência mental, os “*Juegos Paraolímpicos para Discapacitados Psíquicos*”. Participaram 2.000 atletas de 70 países em 5 modalidades: tênis de mesa, basquetebol, futebol de salão, natação e atletismo (Insero, 1991).

1994 Realizaram-se os Jogos Paraolímpicos de Inverno, em Lillehammer, Noruega para todas as deficiências locomotoras e contou com a participação de 31 países e mais de 1000 atletas. O Brasil não teve participantes nessa competição. Fundação da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada-SOBAMA, na cidade de São Paulo. É uma sociedade civil de caráter científico e educacional sem fins lucrativos, com personalidade jurídica própria que visa o progresso dos estudos da atividade motora adaptada em todas as suas áreas. Professores renomados fizeram parte da Instituição ou contribuíram para o desenvolvimento da área e devem ser citados como referência de todo o processo de construção do conhecimento da área como os docentes e pesquisadores: Prof. Edison Duarte, Prof. Apolônio Abadio do Carmo, Prof. Alberto Costa, Prof. José Julio Gavião, Prof. Paulo Araújo, Prof. Pedro Américo de Souza Sobrinho, Prof. Sydney Rosadas, Prof. Antônio Menescal, Prof. Carmelino Vieira, Prof. Eliane Mauerberg de Castro, Prof. Verena J. Pedrinelli, Prof. Ruth Eugênia Amarante Cidade e Souza.

1995 Criação do Comitê Paraolímpico Brasileiro-CPB em Niterói-RJ e fundação da Associação Brasileira de Desportos para Deficientes Mentais-ABDEM, ambos com sede atual em Brasília. A ABDEM conta com 9500 atletas filiados a onze entidades reunidas na Associação Recreativa de Deficientes Mentais-ARDEM, com a responsabilidade de disponibilizar a prática desportiva entre os portadores de deficiência mental em basquetebol, atletismo, futebol, futsal, natação, tênis de mesa, ginástica olímpica e ginástica rítmica.

1996 Os Jogos Paraolímpicos de verão correm em Atlanta-EUA com 4912 participantes. O Brasil concorre com 58 atletas, que garantem 21 medalhas: duas de ouro, 6 de prata e 13 de bronze, obtendo a 37ª posição, entre as 104 delegações.

1998 Jogos Paraolímpicos de Inverno, em Nagano, Japão, com a participação de 571 atletas. Foram os Primeiros Jogos Paraolímpicos de Inverno realizados fora da Europa. O Brasil não teve atletas nesta competição.

1999 Foi fundada a Federação de Basquetebol em Cadeira de Rodas do Estado do Rio de Janeiro-FBCRERJ em 10 de junho, pelo Professor de Educação Física Sérgio Castro.

2000 Em Sydney, Austrália, ocorreram os Jogos Paraolímpicos de Verão (18 a 29 de outubro) com a presença de 4000 atletas. O Brasil contou com 102 pessoas envolvidas, sendo 65 atletas e 37 do setor administrativo, técnico, médico e de apoio. Foram conquistadas 22 medalhas, sendo seis de ouro, 10 de prata e 6 de bronze. O Brasil ficou com a 24ª posição entre as 180 delegações. O país quebrou três recordes mundiais no atletismo, e o futebol para amputados sagrou-se tetracampeão. O time de basquetebol da Espanha ganha a medalha de ouro no basquete para Deficientes Mentais-DM nos Jogos Paraolímpicos. Dentre os atletas da equipe campeã, um jornalista forjou a deficiência e apresentou a fragilidade do sistema, fazendo com que os DM ficassem fora dos próximos

jogos. O escândalo assombrou o meio paraolímpico, o qual passou a ser mais rígido para evitar fraudes. No referente ao programa geral de esportes das Paraolimpíadas de Sydney 2000, havia 18 modalidades competitivas para um total de 3824 atletas de 122 países ou 123 delegações, incluindo atletas independentes do Timor Leste. Mais de 300 recordes mundiais e Paraolímpicos foram quebrados, tendo sido distribuídas 550 medalhas de Ouro nas modalidades disputadas. Não houve modalidades de demonstração.

2002 Jogos Paraolímpicos de Inverno, em Salt Lake City, EUA. Contou com a participação de 416 pessoas. Neste evento onde ocorreu o primeiro caso de doping na história, com o alemão Thomas Oelsner, de 31 anos. Até essa data, o Brasil não havia enviado representantes para os jogos de inverno. A Associação das Olimpíadas Especiais alterou sua razão social para CDBP por desvincular-se das *Special Olympics Inc.* A partir daí, a Confederação passa a promover o esporte para todos os PNEE (Deficientes Mentais e Paralisados Cerebrais - PC), mas com objetivos semelhantes aos da antiga Associação. A sede permanece em Valinhos, no estado de São Paulo. A CDBP promove a prática do atletismo, basquetebol, bocha, futebol, futsal, ginástica artística, ginástica rítmica desportiva, handebol, hóquei adaptado, natação, patinação de velocidade sobre rodas, tênis e tênis de mesa. Conta com 20.000 atletas e 4.500 técnicos filiados às 14 associações estaduais, compostas por 130 núcleos, distribuídos em cerca de 75 cidades. É importante salientar a participação de atletas não portadores de deficiência durante os Jogos Unificados, que foram criados a partir de 1980, a fim de promover princípios de igualdade e inclusão.

2003 É formada, pela Associação Niteroiense de Deficientes Físicos-ANDEF, a primeira equipe masculina e feminina de Voleibol Sentado, praticado por pessoas amputadas de membros inferiores. Ainda em 2003, o Brasil participa do Panamericano de Mar del Plata, na Argentina, e fica em segundo lugar com um total de 165 medalhas: 81 de ouro, 53 de prata e 31 de bronze. Vale a pena ressaltar que esse índice não computa as medalhas conquistadas pelos deficientes mentais, que participaram dos Jogos Paraolímpicos apenas em provas de exibição.

2004 Em maio deste ano, na Cidade de São Paulo, realizaram-se os I Jogos Paraolímpicos do Brasil. As XII Paraolimpíadas serão realizadas na Grécia, na cidade de Atenas, no período de 17 a 28 de setembro de 2004, onde estão previstos mais de 4000 atletas de 130 países. O CPB organizará o I Workshop de Mídia para capacitar sobre a metodologia de entrevistas com atletas Paraolímpicos. Nasce o G-8, um grupo de oito nadadores paraolímpicos de ponta como “membros natos” e dois integrantes permanentes, nessa organização institucional, e verdadeiramente virtual, já que não tem sede nem local fixo para reunião de seus componentes. Com o sentimento de identificação e amizade nascido dos freqüentes encontros da Equipe Permanente de Natação do Comitê Paraolímpico Brasileiro-CPB surge o G-8, Grupo dos Oito que, a exemplo do conhecido Clube dos 13, tem mais participantes do que o número que o nome indica. É um grupo que quase sempre é convocado em sua totalidade e que está, de fato, completo para os Jogos na Grécia. É composto pelos “natos” Fabiano Machado, Danilo Glasser, Moisés Batista, José Afonso de Medeiros – o Caco, Mauro Brasil, Marcelo Collet, Gledson Soares e Genezi Andrade –

totaliza-se com os “permanentes” Luiz Silva e Clodoaldo Silva (CPB, 2004). O CPB faz, juntamente com a UNIFESP e pesquisadores da Rede Cenesp, uma avaliação completa do estado de saúde e do potencial de treinamento dos atletas paraolímpicos. Pela primeira vez a UNIMED, VISA e LOTERIAS CAIXA apóiam o CPB durante a preparação dos atletas e durante os Jogos Paraolímpicos, fato que melhorou o volume de treinamentos, concentrações e intercâmbios internacionais..

Situação Atual Hoje, após 10 anos de história, ao fazer um breve retrospecto, pode-se observar 160 nações como membros institucionais. O crescimento do movimento é explicitado com a ascensão fenomenal dos Jogos Paraolímpicos. Em Sydney 2000 participaram 123 nações, um número muito superior de países que estiveram presentes aos Jogos Olímpicos de Munique, de 1972. A criação do Departamento de Pessoas Portadoras de Deficiência na Secretaria de Desportos, apoiada na Lei 8.028, em 1990, representou o passo inicial de um efetivo compromisso no Brasil de iniciar o resgate da participação de pessoas deficientes nas atividades esportivas. Em princípio, a experiência internacional indica que intervenções governamentais como estas contribuem de maneira significativa para que os portadores de deficiência sejam cada vez mais reconhecidos e valorizados quanto às suas potencialidades, por meio da prática de atividades físico-desportivas. Estas atividades, por sua vez, constituem o que se denomina de “esporte adaptado” e envolve várias modalidades esportivas que podem, ou não, ter caráter competitivo e são praticadas por Pessoas com Necessidades Educativas Especiais-PNEE. Diferentemente das demais organizações esportivas, o esporte adaptado está ordenado segundo as necessidades educativas especiais dos participantes. Algumas destas modalidades foram criadas especificamente para atender a necessidades dos praticantes. O goalball, por exemplo, é praticado exclusivamente por deficientes visuais. Outros esportes sofreram adaptações com relação às regras dos jogos convencionais, como o judô, atletismo, natação, entre outros. Atualmente, o Esporte Adaptado é administrado por seis grandes organizações: ANDE, ABDC, ABRADecAR, ABDA, ABDEM e a Confederação Brasileira de Desportos para Surdos (voltada para a deficiência auditiva e não vinculada ao CPB). Além dos praticantes filiados a estas instituições estima-se haver outro número considerável de PNEE praticando modalidades esportivas em outras instituições, tais como SESC, SESI, Sociedade Pestalozzi, APAEs, entre outras. A difusão deste esporte, associado aos bons resultados conquistados nos últimos eventos internacionais, constitui fator importante para o desenvolvimento do esporte adaptado no país, uma vez que hoje está concentrado na região sudeste. De qualquer forma, o esporte adaptado necessita do incentivo dos órgãos competentes para capacitar adequadamente os profissionais em sua atuação e para assegurar farta divulgação e fácil acesso as PNEE de todo o país. Além das competições regionais e nacionais promovidas pela Confederação Brasileira de Desportos de Participação-CBDP, pelas entidades associadas ao Comitê Paraolímpico Brasileiro-CPB e pela *Special Olympics Inc.* ocorrem eventos internacionais como os Jogos Paraolímpicos-JP e as Olimpíadas Especiais-OE. Ambos os eventos envolvem pessoas com comprometimento mental, sendo que os JP ainda conta com pessoas com deficiência física, visual e *les autres*. As OE e os JP

possuem edições de verão e de inverno, as quais ocorrem a cada quatro anos; sendo que todo ano ocorre um destes eventos. As modalidades esportivas que compõem os jogos mundiais das Olimpíadas Especiais são os esportes aquáticos, atletismo, badminton, basquete, bocha, boliche, ciclismo, equitação, futebol, golfe, ginástica, levantamento de peso, patinação, iatismo, softball, tênis de mesa e de campo, handebol e voleibol e a demonstração de caiaque, judô e pitch-and-putt. Nas Paraolimpíadas de verão, as seguintes modalidades estavam presentes: o atletismo, com corridas, saltos, lançamentos, eventos combinados e de rua; o arco e flecha, basquete, bocha, ciclismo, esgrima, futebol, futsal, goalball, halterofilismo, hipismo, iatismo, judô, natação, rugby, tênis em cadeira de rodas, tênis de mesa e de campo, tiro, vela, voleibol, provas eqüestres. Já nas Paraolimpíadas de inverno, foram exibidos: o esqui no gelo, o esqui cross-country, o hockey no gelo e dança esporte de cadeira de rodas.

Fontes Michigan State University; edweb6.educ.msu.edu/kin866/spsummer.htm.; Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas, www.abradecar.org.br; Associação Brasileira de Desporto para Cegos, www.abdcnet.com.br; Associação Brasileira de Desportos para Deficientes Mentais, www.abdem.com.br; Associação Brasileira de Desportos para Amputados, www.abda.org.br; Associação Desportiva para Deficientes, www.add.org.br; Associação de Desporto para Deficientes, www.ande.org.br; Bowers, Louis . Eu Sou Especial. Brasília – Secretaria dos Desportos da Presidência da República, 1991. 69p.; Comitê Paraolímpico Brasileiro, www.brasilparaolimpico.org.br; Confederação Brasileira de Desporto de Participação, www.cbdp.org.br; Federação de Basquetebol em Cadeira de Rodas do Estado do Rio de Janeiro, www.fbcrerj.org.br; Federação Paulista de Basquetebol sobre Rodas, www.basqueteso.br/rodas.com.br; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, www.ibge.gov.br; International Federation of Adapted Physical Activity, www.ifapa.net; International Paralympic Committee, www.paralympic.org; Organização Mundial de Saúde, www.who.int; Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada, www.sobama.org.br; Revista Sentidos, Canal Esporte Vivo www.sentidos.com.br/subhome/esportevivo.asp; Paralympic Games 2004 – Athens, www.olympic.org/uk/games/paralympic/index_uk.asp; Special Olympic Games (26 sports), www.specialolympics.org/; Esportes Unificados das Olimpíadas Especiais, www.specialolympics.org/Special+Olympics+Public+Website/English/; Compete/Unified_Sports/default.htm; Deficiências, www.entreamigos.com.br/textos/temas.htm; National Sports Center for the Disabled; Freitas, P.S.; Cidade, R.E. Paraolimpíadas: Revisando a História. Revista da Sobama, dezembro 2002, v.7., n.1, p.21-27.; www.dwarfism.org/; 64.4.26.250/cgibin/postrd BR?hm_action=http%253a%252f%252fsearch%252eabout%252ecom%252ffullsearch%252ehtm&terms=paralympic+games+; www.lpaonline.org/; Mataruna, L.; Verardi, P.H.; Nazareth, V.; Duarte, E. Mudanças Estruturais no Desporto Paraolímpico: uma análise do período 1998-2002. I Congresso de Atividade Motora Adaptada do Mercosul (2002, Porto Alegre). A Atividade Motora Adaptada a Serviço das Diferenças: analis [CD-ROM], Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto, Porto Alegre: PUCRS, 2002; Disability Sports Web Site.

Tabela 1 / Table 1

Perfil de competições de esporte adaptado para Pessoas com Necessidades Educativas Especiais no Brasil, 2004

Profile of adapted sports competitions to persons with special needs in Brazil, 2004

Instituição <i>Institutions</i>	Clubes filiados <i>Affiliated clubs</i>	Estimativa de atletas <i>Participants estimates</i>	Principais modalidades <i>Main disciplines</i>	PNEE participante (1) <i>Disability grouping</i>
ANDE	32	900	Futebol de 7 Bocha Natação Atletismo Halterofilismo Hipismo Ciclismo Vôlei sentado Polibatch	Les autres PC
ABRADECAR	67	2000 (participantes nos últimos jogos regionais paradesportivos das cinco regiões)	Atletismo Natação Esgrima Basquete Tênis Tênis de mesa Halterofilismo Tiro	Cadeirantes Muletantes
ABDC	75	1700	Atletismo Natação Futsal Goalball Judô Xadrez	Deficiência visual Cegos
ABDA	Em levantamento	Em levantamento	Futebol Atletismo Natação Halterofilismo Ciclismo Tênis de Mesa	Amputados
Confederação Brasileira de Desporto de Participação	14 Associações Estaduais filiadas com mais de 130 núcleos distribuídos em 75 cidades.	20.000 4.500 Técnicos	Atletismo Basquetebol Bocha Futebol Futsal Ginástica Artística Ginástica Rítmica Desportiva Handebol Hóquei Adaptado Natação Patinação de Velocidade sobre Rodas Tênis Tênis de Mesa	Todos
ABDEM	11	9500	Atletismo Basquete Futebol Natação Tênis de mesa Ginástica rítmica Futsal Ginástica olímpica	Deficiência mental

(1) Pessoas com Necessidades Educativas Especiais

Classificação funcional de atletas com paralisia cerebral

Athletes with cerebral palsy

CP1: atletas que apresentam prejuízo na gama de movimento funcional e prejuízo na força funcional nos braços, pernas e tronco. Os atletas utilizam cadeira de rodas elétrica ou ajuda para locomoverem-se. São incapazes de impulsionar uma cadeira de rodas. Os atletas competem em cadeira de rodas.

CP2: atletas com prejuízo da força funcional nos braços, pernas e tronco. Os atletas conseguem impulsionar uma cadeira de rodas. Os atletas competem em cadeira de rodas.

CP3: o atleta mostra algum movimento de tronco ao empurrar uma cadeira de rodas, mas o movimento de tronco para frente é geralmente limitado durante o movimento forçado. Embora apresentem algum movimento de tronco, o movimento de arremesso é geralmente feito pelo braço. Os atletas competem em cadeira de rodas.

CP4: o atleta mostra boa força funcional com limitações mínimas ou problemas de controle nos braços e tronco. O atleta apresenta equilíbrio insatisfatório. Os atletas competem em cadeira de rodas.

CP5: o atleta possui equilíbrio estático normal, mas apresenta problemas no equilíbrio dinâmico. Uma pequena mudança no centro de gravidade pode levar a perda de equilíbrio. O atleta pode necessitar de um dispositivo de assistência para andar, mas não necessariamente quando em pé ou arremessando (eventos de campo no atletismo). O atleta pode ter função suficiente para correr em pista.

CP6: o atleta não tem capacidade de manter-se parado; apresenta movimentos cíclicos involuntários e geralmente todos os quatro membros são afetados. O atleta consegue caminhar sem qualquer assistência. Geralmente apresenta maior problema de controle com os braços e melhores funções que um atleta CP5, especialmente na corrida.

CP7: o atleta apresenta espasmos musculares incontroláveis em uma metade do corpo. Apresenta boas habilidades funcionais no lado dominante do corpo. Anda sem assistência, mas geralmente manca devido a espasmos musculares incontroláveis na perna. Ao correr, pode parar completamente de mancar. Seu lado dominante possui é mais desenvolvido e apresenta boa de seqüência de movimento ao andar ou correr. O controle do braço ou perna apenas é afetado no lado não dominante; o lado dominante apresenta bom controle funcional.

CP8: o atleta apresenta um mínimo de espasmos incontroláveis em um dos braços, uma das pernas ou metade do corpo. Para serem elegíveis, estes atletas precisam ter um diagnóstico de paralisia cerebral ou outro dano cerebral não-progressivo.

Políticas públicas / Public policies

Em estudos realizados sobre as mudanças estruturais no desporto paraolímpico analisando o período 1998-2002, Mataruna, Verardi, Nazareth e Duarte (2002) apontaram as seguintes alterações nas políticas públicas do esporte adaptado, segundo a cronologia:

- 24/março de 1998: lei 9.615: normas gerais sobre o desporto;
- 29/abril de 1998: decreto lei nº 2.574: projeto de fomento da prática desportiva para pessoas portadoras de deficiências;
- janeiro de 1999: criação do Ministério do Esporte e Turismo, com a composição do Indesp e Embratur;
- dezembro 1999: reuniões do Comitê Paraolímpico Brasileiro para a discussão da avaliação dos atletas junto a universidades brasileiras (UPE e UNIFESP);
- 2000: criação da Comissão Nacional de Atletas e Câmara Setorial de Atletas;
- março de 2000: o Indesp elaborou portarias que visam o esporte de rendimento para pessoas portadoras de deficiência (portaria nº 21/2000) e criação da Rede de Excelência CENESP (portaria nº14/2000); (26/out) 2000 – extinção do Indesp.

Instituições esportivas especializadas *Specialized sport institutions*

CP-ISRA Associação Internacional de Esporte e Recreação para Paralisados Cerebrais Esta organização foi criada em 1978, com a finalidade de proporcionar maiores oportunidades desportivas e recreativas a pessoas com paralisia cerebral ou com lesões cerebrais não progressivas, congênitas ou adquiridas que provoquem disfunção motora. Auxilia os países membros a concretizar os seus projetos de desenvolvimento desportivo e recreativo nessa área de deficiência. A CP-ISRA promove seminários, demonstrações, cursos e participa da organização de eventos nacionais nos países membros. A CP-ISRA realiza os seus Jogos Internacionais de 2 em 2 anos; seus atletas têm competido nas Paraolimpíadas desde 1980.

INAS-FMH Associação Internacional de Esporte para Deficientes Mentais Foi fundada em 1988, com o objetivo de organizar e dinamizar o esporte de competição para deficientes mentais, bem como dar suporte adequado para o desenvolvimento da modalidade em países subdesenvolvidos e em desenvolvimento. A Associação organiza seus próprios Campeonatos Mundiais em diferentes modalidades e envia para os campeonatos mundiais de responsabilidade do Comitê Paraolímpico Internacional, atletas de natação e atletismo, como o acontecido nas Paraolimpíadas de Atlanta, quando 52 atletas de diferentes países participaram como demonstração nessas duas modalidades.

IBSA Federação Internacional de Esporte para Cegos. A Associação foi criada em 1981, em Paris, e desde então os atletas cegos e deficientes visuais parciais têm competido nas Paraolimpíadas. Sua ação está em enviar atletas cegos aos eventos e assistir os países com programas de desenvolvimento de esportes para cegos. A IBSA realiza seus Jogos Internacionais de 2 em 2 anos.

ISMGF/ISMWGF Federação Internacional do Jogos em Cadeira de Rodas de Stoke Mandeville. Talvez seja a mais conhecida federação internacional, que surgiu através do trabalho pioneiro de Ludwig Guttmann, em Stoke Mandeville, com pessoas portadoras de lesão medular. A partir de 1988 a ISMGF passou a se chamar ISMWGF, para englobar todos os atletas em cadeira de rodas com deficiências motoras distintas. A Federação regulamenta e organiza as provas em cadeira de rodas, a Competição Internacional acontece todos os anos, exceto no ano Paraolímpico. Os primeiros Jogos Internacionais para paraplégicos que aconteceram oficialmente em 1952, iniciaram o movimento Paraolímpico e conseqüentemente os Jogos Paraolímpicos, realizados pela primeira vez oficialmente, em 1960, em Roma.

IOSD Organização Internacional do Desporto para Deficientes. Esta organização surgiu logo após os Jogos Paraolímpicos de 1976, para atender às necessidades de organização e desenvolvimento desportivo, agrupando as deficiências que não estavam incluídas em outras federações, como os amputados e "les autres" (distrofias musculares, esclerose múltipla, nanismo, pólio). A IOSD insere esses atletas em competições de nível Internacional e Paraolímpico, colaborando na organização das atividades.

SPECIAL OLYMPICS Entidade Internacional destinada a reforçar o movimento de deficientes mentais, procurando conduzi-los a um caminho fisicamente saudável, produtivo e respeitado pelos membros da sociedade através dos esportes. Atualmente as Olimpíadas Especiais- OE atendem mais de um milhão de pessoas com retardo mental em mais de 200 Programas espalhados por aproximadamente 150 países. A Special Olympics teve seu início em 1968, quando Eunice Kennedy Shriver organizou os Primeiros Jogos Internacionais das Olimpíadas Especiais em

Soldier Field, Chicago/Illinois-EUA. Neste primeiro campeonato participaram 1000 atletas com retardo mental de 26 estados do Canadá competindo nas modalidades de atletismo, natação e hóquei de quadra. Em 1988, o Comitê Olímpico Internacional assinou um acordo histórico, reconhecendo oficialmente as Olimpíadas Especiais. Special Olympics conta com programas credenciados em 17 países da América Latina, beneficiando mais de 75.000 atletas com treinamento e competições esportivas durante todo o ano, graças ao trabalho de mais de 15.000 técnicos voluntários. Segundo dados da Organização Mundial de Saúde, estima-se que existam na América Latina 17 milhões de pessoas portadoras de deficiência mental. Special Olympics na América Latina tem o objetivo ambicioso de atingir 190.000 atletas até 2005. O esporte direcionado às pessoas portadoras de deficiência mental surgiu quando Eunice Kennedy Shriver convidou um grupo de crianças com deficiência mental para participarem de um churrasco e de jogos externos em sua casa. Foi quando percebeu que seus convidados apresentavam um potencial maior do que o atribuído a eles. Assim tiveram início as Olimpíadas Especiais, em 1962, nos Estados Unidos, através da Fundação Kennedy, um programa nacional de atividades esportivas que oferece a oportunidade de reunir crianças, praticar esportes e treinar para competições anuais em muitas modalidades. Entretanto já existia na Europa alguma atividade esportiva para pessoas portadoras de deficiência mental, com caráter demonstrativo (Pueschel, 1995; Pettengill, 1997). O programa SPECIAL OLYMPICS INTERNATIONAL da Fundação Kennedy foi implantado no Brasil em dezembro de 1990. Trata-se de um programa com características próprias e desvinculadas da Federação Nacional da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais-APAES.

Associação de Desporto para Deficientes-ANDE – www.ande.org.br

Entidades filiadas por cidades
Affiliated institutions per location

Rio de Janeiro-RJ: 04; Niterói-RJ: 01; Mogi das Cruzes-SP: 02; Curitiba-PR: 02; Florianópolis-SC: 01; Rondônia-RO: 01; Roraima-RR: 01; Natal-RN: 02; Santa Catarina-SC: 01; Brasília-DF: 01; Goiânia-GO: 01; Petrópolis-RJ: 01; União Vitória-ES: 01; Criciúma-SC: 01; Recife-PE: 03; Londrina-PR: 01; Campo Grande-MS: 01; Uberlândia-MG: 01; Belo Horizonte-MG: 01; Caruaru-PE: 01; Vitória-ES: 01.

Total – 32

Associação Brasileira de Desporto para Cegos-ABDC – www.abdcnet.com.br

Entidades filiadas por cidades
Affiliated institutions per location

Blumenau-SC: 01; Ribeirão Preto-SP: 01; Florianópolis-SC: 01; Canoas-RS: 01; Sarandi-PR: 01; Juiz de Fora-MG: 01; Chapecó-SC: 01; Joinville-SC: 01; Guarulhos-SP: 01; Poá-RS: 01; Uberlândia-MG: 01; Belo Horizonte-MG: 01; Teresina-PI: 01; Natal-RN: 01; São José do Rio Preto-SP: 02; Campos dos Goytacazes-RJ: 01; Ituiutaba-MG: 01; Uberava-MG: 01; Taubaté-SP: 02; São Carlos-SP: 01; João Pessoa-PB: 02; Campina Grande-PB: 01; Recife-PE: 01; São Luis do Maranhão-MA: 02; Manaus-AM: 01; Belém-PA: 01; Rio Branco-AC: 01; Brasília-DF: 02; Goiânia-GO: 01; Campo Grande-MS: 02; Cuiabá-MS: 02.

Total – 53.

Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas-ABRADECAR – www.abradecar.org.br

Entidades filiadas por cidades
Affiliated institutions per location

Boa Vista-RR: 01; Porto Velho-RO: 02; Manaus-AM: 02; Juiz de Fora-MG: 01; Belo Horizonte-MG: 01; Rio de Janeiro-RJ: 04; Vitória-ES: 01; São Paulo-SP: 06; São José do Rio Preto-SP: 01; Mogi das Cruzes-SP: 02; Caruaru-PE: 01; Recife-PE: 06; Salvador-BA: 01; Paratibe Paulista-PE: 01; Natal-RN: 04; Fortaleza-CE: 01; Maceió-AL: 01; Ceará Mirim-CE: 01; Maracanaú-CE: 01; João Câmara-RN: 01; Arco Verde-PE: 01; Goiânia-MS: 01; Campo Grande-MS: 03; Cuiabá-MT: 01; Planaltina-DF: 01; Uberlândia-MG: 01; Brasília-DF: 01; Uberaba-MG: 01; Curitiba-PR: 02; Porto Alegre-RS: 04; Joinville-SC: 02; Florianópolis-SC: 01; Criciúma-SC: 01; Porto União-SC: 01; Itajaí-SC: 01; Londrina-PR: 01; São Miguel do Oeste-SC: 01; Ponta Grossa-PR: 01; Maringá-PR: 02; Campo Mourão-PR: 01.

Total – 67

Associação Brasileira de Desporto para Deficientes Mentais-ABDEM – www.abdem.org.br

Entidades filiadas por cidades / *Affiliated institutions per location*

Cada uma das 11 cidades adiante listadas tem 1 representação: Fortaleza-CE; São Luís do Maranhão-MA; João Monlevade-MG; Belém-PA; Teresinha-PI; Rio de Janeiro-RJ; Porto Alegre-RS; Biguaçu-SC; São Paulo-SP; Araguaína-TO; Campo Grande-MS.

Confederação Brasileira de Desporto de Participação-CBPD

Entidades filiadas por estados / *Affiliated institutions per state*

14 Associações Estaduais filiadas com mais de 130 núcleos distribuídos em 75 cidades. Os estados são: Bahia, Distrito Federal, São Paulo, Santa Catarina, Rondônia, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, Pernambuco, Paraná, Pará, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais.

Inclusão Social – Esporte para portadores de nanismo

LEONARDO MATARUNA E LUCIANA DE OLIVEIRA BARROS

Social Inclusion – sports for short-statured people

This chapter refers to the social inclusion of short-statured people through sports, which is a relatively recent movement. The International Federation of Adapted Physical Activities was created in Quebec-Canada in 1973. In Brazil, the first register of short-statured people practicing sports in an organized fashion dates back to 1977. The Projeto Pequenos Notáveis (Little People Project) was created in Rio de Janeiro

Definições De acordo com a entidade americana *Little People of America* (Pessoas de Baixa Estatura da América – LPA), uma organização sem fins lucrativos que oferece apoio e informação para 5,000 pessoas de baixa estatura e suas famílias, há muitas condições e doenças que podem causar baixa estatura. Algumas dessas doenças envolvem uma desordem óssea primária – os ossos não crescem e nem se desenvolvem normalmente. Essas doenças são chamadas de displasia esquelética. De acordo com o *Human Genome Database* (Banco de Dados do Genoma Humano), já foram identificadas mais de 522 displasias esqueléticas, das quais a acondroplasia ou nanismo é a mais comum atingindo 80% das pessoas de baixa estatura. Trata-se de uma condição genética que resulta em braços e pernas desproporcionais em relação ao resto do corpo (o termo 'desproporcional' é usado somente como comparação com pessoas que não têm acondroplasia ou qualquer outro tipo de displasia esquelética), porém apropriados para o portador dessa condição genética. A altura média de adultos com nanismo, também conhecidos como anões, é de 1,20m. Existem outras condições genéticas ou não, com múltiplas causas, que resultam em baixa estatura. O nanismo ocorre em todos os povos e com igual frequência em homens e mulheres, e afeta segundo o Greenberg Center at Johns Hopkins Medical Center (Hospital Johns Hopkins) uma em cada 26.000 a 40.000 crianças (estimativa bastante conservadora). De acordo com a LPA, a população mundial em 6/6/2002 era de 6,250,000,000, enquanto a de pessoas com nanismo era estimada em 195.313 no mundo todo (6.250.000.000 / 40,000) / 0.8). A literatura médica em geral define pessoas com nanismo, homens e mulheres cuja estatura está abaixo de 1,45 m. Estes indivíduos não são portanto considerados deficientes físicos, mas de baixa estatura. O nanismo não é passível de tratamento embora algumas pessoas já tenham se submetido a cirurgias dolorosas de alongamento de membros inferiores. A posição de organismos internacionais é de que tal intervenção cirúrgica seja desnecessária e de resultados a longo prazo desconhecidos de forma que é muito mais importante construir a auto-estima de uma criança portadora de nanismo. Por outro lado, o nanismo proporcional, ou seja a condição de baixa estatura que resulta em braços, pernas, tronco e cabeça proporcionais como acontece com uma pessoa de altura média é freqüentemente resultado de uma deficiência hormonal que pode ser tratada com medicamentos. Certamente muitos indivíduos adultos com baixa estatura podem ser considerados como portadores de deficiência física, como resultado de condições principalmente ortopédicas relacionadas ao seu tipo de nanismo.

De acordo com a LPA, pessoas de baixa estatura inclusive as portadoras de nanismo podem e devem participar de atividades esportivas dentro dos limites individuais para cada caso: o tipo e natureza da baixa estatura, o grau de mobilidade e de flexibilidade, o condicionamento físico e o estilo de vida. Atletas com amputações, nanismo e outras condições são agrupados em suas disfunções por serem governados pela mesma organização esportiva internacional, a *International Sports Organization for the Disabled-ISO*. Nas competições Paraolímpicas, no caso do atletismo, anteriormente os portadores de nanismo competiam entre si, mas no momento a modalidade foi abolida para esta população. Na natação, atletas com nanismo são classificados de acordo com sua estatura, por exemplo, eles se enquadram na categoria Classe S6. A classificação esportiva para nanismo enquadra homens com 137 cm ou menos de altura, e mulheres, se medirem 130 cm ou menos. A classificação S6, de uma maneira geral, enquadra o indivíduo com eficiente movimento de propulsão, bom controle de levantamento do tronco, porém limitações na propulsão de pernas. A partida para as provas

in 1997 as a program for people who had growing problems; however, it was discontinued because of lack of support and sponsorship. Although the most practiced sport by dwarfs around the world is swimming, in Brazil they are soccer and futsal. It is believed that these disciplines are the most inclusive ones today in the country as the athletes can participate in the game with regular individuals. It is estimated that the number

desta modalidade pode ser dada desde o bloco em pé ou com o mergulho sentado. Os atletas com nanismo estão inseridos dentro da classe dos *Les Autres*. Esta é uma expressão francesa que significa "os outros". É um termo utilizado para descrever atletas com uma gama de condições que resultam em distúrbios de locomoção tais como nanismo, distrofias musculares, esclerose múltipla, pólio e que não se encaixam nos sistemas de classificação funcional tradicional dos grupos de deficiência estabelecidos. A classificação "*les autres*" acomoda atletas com deficiências físicas não cobertas por outros sistemas de classificação das organizações esportivas. Atletas com amputações, lesões espinhais, paralisia cerebral, portadores de nanismo, entre outros, estão concentrados nas competições para "*les autres*". Existem duas outras formas de classificar esses atletas para a prática esportiva. O primeiro método considera o número de membros afetados e o grau de severidade provocado. A letra "L" significa *Les Autres* e o número designa a classificação do comprometimento. As definições classificatórias são: L1) Atletas com comprometimento severo nas quatro extremidades (ex: esclerose múltipla severa, distrofia muscular, artite reumatóide juvenil com contrações, etc.); L2) Atletas com comprometimento severo nas três ou quarto extremidades cuja limitação é menos severa que as encontradas nos L1 (ex: hemiplegia severa, paralisia de uma extremidade com deformação de duas outras extremidades, casos de múltipla esclerose menos severa e problemas similares); L3) Atletas com limitação funcional em pelo menos duas extremidades (ex., hemiparesia, joelho ou cotovelo entevado em um lado com deformação de um braço); L4) Atletas com limitações funcionais em dois ou mais extremidade cuja limitação é menos severa que as encontradas no grupo L3 (ex: problemas articulares em um membro com limitações funcionais no outro); L5) Atletas com limitações funcionais em pelo menos uma extremidade ou deficiência comparável (ex: contrações ou ancilose nas articulações do cotovelo ou joelho, paralisia de um braço); L6) Atletas com ligeiras limitações (ex: artrite ou osteoporose, ancilose do joelho). O segundo método de classificação envolve um julgamento da capacidade motora do atleta. Muitos atletas "*les autres*" apresentam limitações em sua capacidade motora. Quando da utilização deste método, os classificadores usam dois tipos de informações: (a) a capacidade motora funcional do atleta e (b) a capacidade motora normal da junta. A capacidade funcional do atleta é expressa como uma porcentagem da capacidade motora normal. Um score de "0" se refere a nenhuma capacidade motora funcional, "1" refere-se à ligeira capacidade motora funcional, "2" a 25% da capacidade motora funcional, "3" a 50% de funcionalidade, "4" para 75% de capacidade motora funcional, e "5" para capacidade motora normal para o esporte. Além disto, duas características bem comuns são portadores de nanismo combinado com surdez, principalmente manifestável na infância; assim como o desenvolvimento de um quadro lordótico em função de excessiva curvatura na parte baixa da coluna. Portadores de nanismo podem ter infância normal, mas em função de comprometimentos ortopédicos durante a adolescência e com o aumento do peso podem se tornar paraplégicos (Lockette & Keyes, 1994). O nanismo nutricional caracterizado por atraso do crescimento esquelético (baixa altura para a idade) é definido como *stunting* pela WHO (1986), representando, sem qualquer questionamento, uma das manifestações biológicas mais características da desnutrição. Atribuída, durante muitos anos às características raciais, a baixa estatura é um problema de saúde pública que preocupa principalmente nos países em desenvolvimento, por sua magnitude e por comprometer o potencial de desempenho na idade adulta (Laurentino, Arruda & Arruda, 2003).

of dwarfs that do sports today in Brazil reaches 110. Baixada Fluminense (area that comprises a few cities) in Rio de Janeiro concentrates the greatest number of dwarfs who exercise lifting weights and doing gymnastics. The Brazilian city with the highest number of short-statured people is Itabaininha, in Sergipe, and the second one with the highest tendency is Desterro de Melo in Minas Gerais.

Origens Atividades físicas para portadores de nanismo no sentido de inclusão social é um movimento bastante recente. A primeira associação a reconhecer a necessidade de pessoas de baixa estatura foi a Finlândia. Apesar de muitos países já possuírem entidades que promovam a inclusão social de pessoas com baixa estatura, inclusive portadores de nanismo, o Brasil ainda não tem uma associação semelhante provavelmente pelo ainda reduzido número de indivíduos portadores de nanismo. Os esportes mais procurados no mundo são: futebol, golf, natação, halterofilismo, hipismo, esqui aquático, esqui na neve, hockey, cricket, entre outros, igualmente praticados por pessoas de estatura normal. No entanto, a natação e o ciclismo são geralmente recomendados para pessoas com displasias esqueléticas desde que essas atividades não façam pressão na coluna vertebral. No Brasil a preferência é pelo futebol e futsal. Corridas de fundo ou até mesmo longas caminhadas podem prejudicar o indivíduo por causa do constante impacto nas articulações. Isso não invalida o fato de que crianças portadoras de nanismo sem quaisquer problemas ortopédicos possam se engajar em atividades comuns para sua idade como correr e brincar. Em certos casos são necessárias adaptações aos equipamentos, mas a maioria dos indivíduos portadores de nanismo rejeita o procedimento de adaptação, quando se trata de esportes coletivos. Isso ocorre porque eles sabem que terão dificuldades para participar conjuntamente com indivíduos regulares das horas de lazer, se as regras ou estruturas forem modificadas, além do que essa diferenciação pode se transformar em discriminação.

1952 Em Helsinki, no campeonato de halterofilismo, a equipe norteamericana contou com a participação de Joe Di Pietro, portador de nanismo com 1.40 de estatura que foi capaz de levantar 307 kg, ganhando a medalha de ouro no peso galo.

1954 O Técnico Solich, do Clube de Regatas Flamengo-RJ escalou o ala cearense Babá (Mário Braga Gadelha), de 1,50m de altura (talvez o jogador mais baixo do futebol carioca), considerado um driblador razoável numa partida contra o Clube Vasco da Gama. O Flamengo ganhou o jogo por 2 a 1.

1957 O ator Billy Barty e outros 20 portadores de nanismo fundaram *Little People of America* (Associação das Pessoas Pequenas da América –LPA) em Reno-Nevada (Cape Gazette, 2002).

1968 Foi criada a associação das Pessoas de Pequena Estatura da Austrália, *Short Statured People of Australia - SSPA*, uma organização sem fins lucrativos, destinada a dar apoio a adultos com distúrbio do crescimento, ou seja, pessoas com estatura inferior a 1.50m / 150cm / 4'11"que residissem no continente australiano.

1970 A Associação de Crescimento Restrito, *Restricted Growth Association* - RGA, originalmente chamada de Associação para Pesquisa do Crescimento Restrito, *Association for Research into Restricted Growth-ARRG* foi criada neste ano. Esta instituição foi criada como uma organização de apoio a todos os aspectos referentes ao bem-estar das pessoas com problemas de crescimento e para representar seus interesses nacionais. A associação mantinha comunicações constantes que foram mantidas por revistas trimestrais e além disto, realizava encontros sociais regulares. Criou-se um banco de dados de registros médicos e de outros especialistas que tinham experiência com pessoas com problemas de crescimento, os quais eram mantidos para consulta, pesquisa e fundamentação de novos projetos.

1973 Foi criada em Quebec-Canadá, a Federação Internacional de Atividade Física Adaptada, *International Federation of Adapted Physical Activities*.

1975 No Canadá surge o grupo *The Canadian Half Pints*, uma equipe de basquetebol composto de indivíduos portadores de nanismo, que faz apresentações em escolas e clubes. Até o ano 2000, mais de 500.000 estudantes já haviam assistido uma das partidas-shows.

1976 Criação da Organização Internacional do Desporto para Deficientes-ISOD. Esta instituição surgiu logo após os Jogos Paraolímpicos de Toronto, para atender às necessidades de organização e desenvolvimento esportivo, agrupando as deficiências que não estavam incluídas em outras federações, como os amputados e "*les autres*" (nanismo, distrofias musculares, esclerose múltipla, pólio). A ISOD insere esses atletas em competições de nível Internacional e Paraolímpica, colaborando na estruturação das atividades.

1977-1979 Surge nos Estados Unidos um centro de pesquisa específico para pessoas com problema de crescimento, *Little People's Research Fund*.

Década de 1980 Surgimento da equipe de basquete nos EUA, *The American Mini-Trotters Team. The Tiny Trotters – The World's Smallest Basketball Team* – surge nessa década formado pelos astros Little Mac Biker Bob, Gold Berg, Turbo, Little Richard, Dynamite Kid, Little Lolo e Little Dudleys. Ambos os times de basquetebol para portadores de nanismo se apresentavam antes dos jogos da NBA contra times regulares na década de 1990. O *Northeast Bad Boys Little People* era outro time formado por indivíduos de baixa estatura que participava de jogos da NBA.

1981 Neste ano foi fundada, na Bélgica, a *Vereniging voor Mensen met Kleine Gestalte* que visa atender pessoas com baixa estatura através do esporte e práticas sociais, além de desenvolver assistência médica e em enfermagem para pessoas com maior comprometimento entre a comunidade de baixo tamanho.

1982 O Mini-Hoops, equipe canadense de portadores de nanismo inspirado no *Canadian Half-Pints Miniature Basketball Team*, desenvolve apresentações esportivas e artísticas em seu país. A idéia do time surgiu 14 anos antes através de Phil Watson, portador de nanismo e filho do campeão mundial dos pesos pesados de Wrestling, Whipper Billy Watson.

1984 Realiza-se em Belo Horizonte um desafio de futebol entre algumas escolas públicas que contou com a presença de Jorge Neves Salgado, portador de nanismo de 13 anos de idade na época e que se emocionou com a possibilidade de jogar pelo time de sua escola. O jogador de futebol, ícone da França, Michel François Platini (nascido em Jœuf, França, 21/6/1955), na infância tinha o apelido de "Anão", por ser muito pequeno. Filho de um ex-jogador de futebol, o baixinho Michel desde muito cedo aprendeu com o pai que, se não tinha físico privilegiado, poderia ser bem sucedido se compensasse com muita técnica. Neste ano Platini, que se desenvolveu fisicamente bem, encerrou a carreira jogando pela seleção francesa na Eurocopa.

1986 Foi fundado o *Los Angeles Breakers*, time de basquetebol da Associação Atlética de Anões da América-DAAA. A equipe é composta por homens e mulheres com altura entre 2'8" a 4'9" (80cm e 143cm). O *L.A. Breakers* foi 7 vezes campeão nacional e 3 vezes seguidas campeão do mundo em basquete para portadores de nanismo, conquistas realizadas nas competições nacionais da DAAA e nos Jogos Mundiais. A Bulgária, seguindo a tendência de outros países cria a *Little People of Bulgaria*.

1988 Portadores de nanismo participaram dos Jogos Paraolímpicos de Seul, Coréia, onde disputaram provas entre pessoas com o mesmo comprometimento, o que se diferenciou das outras edições do evento. Esses atletas especiais participaram pela última vez, em classe única, dos Jogos Paraolímpicos de Seul na Coréia, nas provas de atletismo, natação e bocha. Após estes jogos, eles foram classificados como *les autres*, e começaram a competir com pessoas com má formação congênita. Eles se destacavam em algumas modalidades do atletismo e natação, mas era bem comum encontrá-los em competições convencionais, que não fossem paraolímpicas (Menescal, 2004). O atleta brasileiro Rafael Ribeiro foi 3º colocado no Campeonato Citadino de Bicicross. Importante lembrar que mesmo com a conquista do bronze, o ato de juntar as baterias desestimulou o atleta que acabou abandonando as competições de bicicross, e que hoje, apenas pedala por distração ou na preparação para corridas de aventura, moutain bike e enduro.

Década de 1990 Itabaianinha tem a maior quantidade de pessoas de baixa estatura do Estado de Sergipe, concentrada no Povoado Carretéis, a 15km da sede do município. Estima-se que esta cidade seja a maior concentração de indivíduos de baixa estatura do Brasil. Nesse povoado é difícil encontrar uma pessoa de estatura mediana. A localidade é conhecida como 'Cidade dos Anões', porém não há indicações de que sejam portadores de acondroplasia ou nanismo. Há informações de que pessoas de baixa estatura existam lá desde a fundação do município (muitos, hoje, com mais de 80 anos), quando parentes se casaram e acabaram gerando filhos com deficiência genética por causa da consangüinidade (casamentos entre parentes), além do alto déficit hormonal e da desnutrição. No final desta década, algumas dessas pessoas de baixa estatura foram a São Paulo para se submeter a uma pesquisa e tratamento de crescimento, e chegaram a crescer cerca de 12cm, afirma Martins (1998). Com doses diárias de hormônio aplicadas durante toda a fase de crescimento (em média, dos 2 aos 17 anos), seria possível fazer com que eles alcançassem uma altura considerada normal. O problema é que as pessoas portadoras de baixa estatura desta cidade são, em sua maioria, agricultores e não podem sustentar o tratamento, cujo custo é estimado em cerca de US\$ 10 mil/ano/paciente.

1990 Realizaram-se os Jogos Mundiais para Deficientes, *World Games for the Disabled* em Assen, na Holanda, onde muitos portadores de nanismo participaram com destaque. O Brasil não compareceu com participantes nesta classe.

1994 Na cidade de Juiz de Fora-MG realizou-se um campeonato regional de peteca no qual a dupla de Cibere Teixeira ficou em terceiro lugar. A atleta portadora de nanismo, com 122cm e 60 kg, sentiu-se discriminada por ter sempre algumas regras mudadas em função do seu comprometimento físico, quando participa de competições regulares. Outros esportes praticados por Cibere são ciclismo, patinete e caminhada.

1996 Corrida de kart para portadores de nanismo nos EUA; e no Brasil, Rio de Janeiro, são desenvolvidas provas visando a iniciação de portadores de nanismo no automobilismo. Um estudo realizado com 1.147 observações e 409 pessoas com acondroplasia, publicado pelos pesquisadores no American Journal of Human Genetics, analisou as curvas de peso e altura de indivíduos com nanismo. O índice de massa corporal estimado pela fórmula $IMC = \{\text{peso}/(\text{estatura})^2\}$ foi adaptado para $IMC = \{\text{peso}/(\text{estatura})^3\}$, de acordo com o Índice de Rohrer. Ver mapa de dados (Hunter Ag, Hecht Jt, Scott Ci Jr., 1996).

1997 Alunos da cadeira de Ludomotricidade do Curso de Bacharelado em Educação Física-RJ, entre eles Leonardo Mataruna, elaboram o projeto Pequenos Notáveis, nas quadras da Lagoa Rodrigo de Freitas. Tratava-se de um programa de atividade física para pessoas com distúrbios do crescimento, que começou com a assistência individualizada a um adulto de 32 anos, parente de um dos integrantes do grupo. O grupo reuniu outros portadores de nanismo de ambos os gêneros, promovendo atividades sócio-culturais-desportivas, durante dois meses apenas. Devido à falta de patrocinadores e de locais apropriados, o projeto foi cancelado. Faziam parte do projeto a fundação da Associação dos Amigos dos Anões-3A e o Clube dos Anões do Rio de Janeiro-CARJ, propostas que não foram adiante pela dificuldade de congregar pessoas com a mesma deficiência.

1997 O Brasil participa do mundial de Stoke Mandeville, na Inglaterra, na competição que é destinada a deficientes físicos, entretanto não leva nenhum portador de nanismo. Nesta competição que tinha natação, tênis de mesa, halterofilismo e outras modalidades, o Brasil começou muito bem, ficando na frente na disputa do quadro geral de medalhas. No segundo ou terceiro dia, quando havia a competição dos portadores de nanismo, o país desceu no quadro de medalhas por estar sem representantes. Em Strasbourg foi lançada a *Charte européenne du sport pour tous: les personnes handicapées* (Carta Européia do Esporte para Todos: as pessoas deficientes). Este documento foi elaborado a partir a 5ª Conferência de Ministros Europeus Responsáveis pelo Esporte, que ocorreu entre 30 de setembro e 02 de outubro de 1996, em Dublin, Irlanda. Ele apresenta diferenciações de entendimento e desenvolvimento do Esporte para Todos, apresentado em 1966 na mesma cidade do lançamento da carta. O documento apresenta ainda noções de acessibilidade, orienta sobre construções adaptadas

e aborda a inclusão, na época entendida pelo termo integração. Importante ressaltar que as adaptações de acessibilidade não atendem aos portadores de nanismo, que não são citados no documento.

1998 Pesquisadores da Universidade Vanderbilt-EUA e da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo se reuniram para estudar o defeito genético que afeta 13 pessoas com idades entre 15 e 30 anos que não produzem hormônio de crescimento e, por isso, não ultrapassam 1,15 m de altura. O problema é resultado de uma grande quantidade de casamentos consangüíneos na cidade mineira de Desterro de Melo, localizada a 40 km de Barbacena. Esses portadores de baixa estatura fazem parte de uma família com cerca de 50 integrantes. A especialista em biologia molecular Joy Cogan, da Universidade Vanderbilt, está analisando várias amostras de sangue desses indivíduos para tentar descobrir qual o gene afetado e que defeito ele tem. Encontrando o gene defeituoso, será possível definir novos tratamentos para o grupo. Hoje, o indicado é que as pessoas que sejam portadoras dessa condição tomem doses diárias de hormônio de crescimento. O resultado é positivo e já fez com que dois (que tomaram o hormônio sem interrupção) dos 13 indivíduos pesquisados crescessem 9 cm e 14 cm por ano. Não há ainda dados precisos sobre que doses de hormônio utilizar. Outra característica dessas pessoas de baixa estatura é que também são incapazes de produzir outros hormônios relacionados à fertilidade. Por isso, eles não têm puberdade e não podem se reproduzir. O aparecimento de novos casos é consequência de casamentos entre pessoas com altura normal, mas que têm o gene defeituoso (Martins, 1998).

1999 Uma equipe de boliche, composta de três portadores de nanismo inicia os treinamentos no Rio de Janeiro para competir em um torneio internacional aberto, que ocorreria nos EUA. A equipe nacional não conseguiu viajar por falta de apoio financeiro e no mesmo ano, encerrou os encontros. Dwarf Games' 99 novamente aconteceu em Peterborough. O evento contou com a participação de mais de 150 atletas portadores de anismo competindo em vários esportes: caminhadas, arremoso de dardo, arremoso de disco, shot-put, natação, futebol de 5, hockey, basquete, voleibol, badminton, lançamento de peso, tênis de mesa e bocha. O atleta Rafael Ribeiro, atualmente cursando Engenharia Ambiental no Centro Universitário Franciscano-UNIFRA de Santa Maria-RS, tem como sonho escalar o Dedo de Deus, em Teresópolis-RJ. Neste ano, Rafael participou de um torneio de Futebol de 7 (Society), com indivíduos não-portadores de nanismo quando Rafael foi escalado como atacante. O título do futebol foi para a equipe de Rafael que ganhou o jogo por 1 X 0.

2000 Carvalho e colaboradores (2000) relatam que parte de um projeto promovido pelas Nações Unidas (FAO) e pelo Ministério da Educação do Brasil (Fundação de Assistência ao Escolar) para estudar a condição nutricional de alunos de educandários públicos visou avaliar, com um enfoque cartográfico, a magnitude e a distribuição espacial do déficit estatural de alunos de escolas públicas do Estado da Paraíba. Realizou-se um levantamento de caráter censitário da estatura de 50.144 escolares com idade entre 6 a 9 anos, matriculados na primeira série do ensino fundamental de todos os municípios do Estado da Paraíba, considerando-se como déficit estatural os valores classificados abaixo de -2 "scores" z do padrão do *National Center of Health Statistics-NCHS*. Em todo o Estado, 14,5% dos escolares foram considerados casos de nanismo, com uma distribuição heterogênea entre as quatro mesorregiões fisiográficas estudadas: 18,7% no Sertão, 13,8% no Agreste, 11,9% na Borborema e 10,9% na Zona da Mata. Nas escolas da área rural, 17,8% dos alunos apresentavam déficit estatural, enquanto no meio urbano a prevalência de nanismo foi de 11,8%. Os dados encontrados são indicativos de um processo de interiorização da desnutrição, contrastando substancialmente com as descrições históricas sobre a cartografia do problema na região (Carvalho et al, 2000).

2003 O professor Sérgio José de Castro idealiza, no Rio de Janeiro, a criação da Associação Brasileira de Esporte Para Anões-ABEPA, entidade sem fins lucrativos, destinada a proporcionar a prática de esportes adaptados e atividades socioculturais para pessoas de baixa estatura. A associação ainda não foi fundada, mas possui um pré-estatuto em construção. Como não há registros jurídicos da instituição junto aos órgãos competentes, por enquanto a proposta de criação é apenas um projeto, que estará sendo posto em prática nos próximos anos.

2004 Em abril, ocorreu o concurso de fisiculturismo de pessoas de baixa estatura na cidade de São Paulo. Foi apresentado no 19º Congresso Internacional de Educação Física, em Foz do Iguaçu, no mês de janeiro, o estatuto da ABEPA. Neste evento houve a apresentação de um estudo de natação para portador de acondroplasia. Acredita-se que a estrutura esteja se preparando para fomentar com maior consistência a prática esportiva de pessoas com distúrbio do crescimento. O atleta Rafael Ribeiro começará este ano um curso de mergulho, mas enquanto isso vem desenvolvendo atividades radicais de esportes na natureza como montanhismo e rapel, além de buscar patrocínios para ir a Teresópolis, Chile e Argentina, para encarar novos desafios e recordes. O prof. Leonardo Mataruna estabeleceu contato com membros da LPA e começa a procurar pessoas com nanismo no Brasil para realizar um cadastro e pontuar um estudo epidemiológico para analisar as causas do nanismo no país.

Situação Atual O Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição-Inan declarou, em pesquisa publicada em 1989, que o nanismo causado pela deficiência nutricional atinge, em média, 20,9% dos homens e 19,6% das mulheres com idade entre 20 e 25 anos no país. Esses resultados são frutos da pesquisa sobre a prevalência da desnutrição no Brasil. O nanismo nutricional é apenas uma das formas de distúrbio que causa o retardo no crescimento das pessoas. Sua origem é a desnutrição crônica e não tem relação direta com as formas de nanismos causadas por alterações genéticas. Segundo o estudo, a incidência do nanismo nutricional é maior nas áreas rurais das cinco regiões brasileiras, com exceção do Sul. Em média, ele atinge 27,3% dos homens no campo e 18,8% da população masculina urbana. Entre as mulheres, a variação é maior: 17,2% das mulheres

da cidade sofrem com esse problema. Esse número chega a 28,3% na zona rural. As regiões campeãs em incidência são a Norte e a Nordeste, onde o distúrbio atinge 35% e 33,6% dos homens, respectivamente. De acordo com os resultados da pesquisa, a ocorrência dessa forma de nanismo está fortemente relacionada à renda familiar. O número de homens cuja estatura abaixo da média da população é quatro vezes maior em famílias com renda mensal individual inferior a 0,25 salário mínimo, do que em famílias com renda mensal per capita igual ou superior a 2,2 salários mínimos. Em termos de esporte como inclusão social para pessoas adultas de baixa estatura, incluindo portadores de nanismo, é importante mencionar o papel do circo, até mesmo, porque quando a temática se complementa com a atividade física, o circo não pode ficar de fora. No circo, os portadores de nanismo têm a possibilidade de aprender teatro (interpretação e expressão), malabarismo e acrobacias que possuem semelhanças com os movimentos da ginástica artística. Para se ter uma idéia, algumas escolas de circo no mundo utilizam ex-atletas para auxiliar no treinamento de acrobatas. Mas o circo não pode ser pensado como a única possibilidade de ingresso profissional e, principalmente, de inclusão social para este segmento social. As atividades esportivas com perspectivas de crescimento olímpico para pessoas portadoras de nanismo são o halterofilismo, a vela e o remo, na função de timoneiros. Em paraolimpíadas esses indivíduos especiais estão tendo maior destaque e possibilidades na categoria S6 da natação. Em Jogos Mundiais para Portadores de Nanismo, a cada edição surgem mais esportes. O Brasil ainda não participou oficialmente de nenhuma etapa. Isto ocorre por desconhecimento dos portadores de nanismo e por um desconhecimento global das instâncias

máximas do esporte nacional. As estimativas médicas calculam que a proporção de indivíduos portadores de nanismo no Brasil seja de cerca de um para cada 10 mil habitantes, o que representa cerca de 17.000 indivíduos nesta condição, enquanto que a população de indivíduos com baixa estatura seria de 1.200.000. Os esportes mais praticados por portadores de nanismo no Brasil são o futebol e o futsal e, no mundo, a natação. Acredita-se que o futebol seja o mais inclusivo atualmente do país para indivíduos do sexo masculino, pois os atletas podem participar do jogo com indivíduos regulares. No estado do Rio de Janeiro, o local onde possui o maior número de portadores de nanismo fazendo atividade física, tais como musculação e ginástica, situa-se na região da Baixada Fluminense, no município de Duque de Caxias. Estima-se que o número de portadores de nanismo esportistas no Brasil hoje atinja um total de 110 pessoas. Em 2005 ocorrerão na França, os IV Jogos Mundiais dos Portadores de Nanismo; o Brasil deverá participar pela primeira vez com dois representantes na natação.

Fontes www.internationalgames.net/worlddwarf.htm; www.lpaonline.org/; ABEPA; 64.4.26.250/cgi-in/postrd/BR?hm_action; National Sports Center for the Disabled; www1.uol.com.br/saude/saude/sa04069803.htm; *Disability Sports of Michigan State University*; SSPA; DAAA; DAAUK; LPA; CSSA; www.sspa.org.au/basketball.htm; http%253a%252f%252fsearch%252eabout%252ecom%252ffullsearch%252ehtm&terms=paralympic+games+; www.canadianhalfpints.com; *Asociación para las Deficiencias que Afectan al Crecimiento y al Desarrollo*; LPJ; LPK; www.artnet.com.br/~lgm/down6.doc; SPORTEC; www.dwarfism.org; www.canadianhalfpints.com/welcome/videos/promo.ram.

Referências / references

Alvarenga, D. O jeito pequeno de viver num mundo de "gente grande". Revista Caderno. SuperIG, São Paulo; www.ig.com.br/home/caderno/artigo/0%2C2945%2C848648%2C00.html. Acessado em: 09 de abril de 2004.

Berruecos, J.M. *De Re Rústica: Las Olimpiadas, II La Competencia Evolutiva*. Disponível em www.morgan.iaa.unam.mx/usr/humanidades/198/Articulos/Berruecos.html. México: Universidad Nacional del México, s/d.

Cape Gazette. *Covering Delaware's Cape Region*. Disponível em: www.beachpaper.com/storiesmorgue/health/aaa2002health/littlepeople101002.html. October 11, 2002. Acessado em: 02 de abril de 2004.

Carvalho, A.T.; Costa, M.J.C.; Ferreira, L.O.C. et al. Cartografia do retardo estatural em escolares do Estado da Paraíba, Brasil. Rev. Saúde Pública, fev. 2000, vol.34, no.1, p.3-8.

Human Gnome Database – (www.ncbi.nlm.nih.gov/entrez/query.fcgi?db=OMIM)

Hunter A.G., Hecht J.T., Scott C.I.Jr. *Standard weight for height curves in achondroplasia*. Am J Med Genet. 1996 Mar 29; 62(3):255-61.

Gomes, J.B.B. O poder de polícia e o princípio da dignidade da pessoa humana na jurisprudência francesa. Disponível em: www.travelnet.com.br/juridica/art23c96.htm. Revista TravelNet Jurídica. s/d. Acessado em: 30 de março de 2004.

Laurentino, G.E.C., Arruda, I.K.G.; Arruda, B.K.G. Nanismo nutricional em escolares no Brasil. Rev. Bras. Saude Mater. Infant. out./dez. 2003, vol.3, no.4, p.377-385.

Lockette, K.F.; Keyes, A.M. *Conditioning with physical disabilities*. Champaign: Human Kinetics, 1994

Low, L.J.; Knudsen, M.J.; Sherrill, C. Dwarfism: *New interest area for adapted physical activity*. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 13, 1-15, 1996.

Martins, L. Anões de Sergipe crescem com hormônios. Folha de S. Paulo. Caderno 3, 10/05/98, p.6, col.1-6.

Martins, L. EUA vão estudar grupo de anões de MG. Caderno Saúde, Universo On-Line. Disponível em: www1.uol.com.br/saude/saude/sa04069801.htm. Publicado em 1998. Acessado em: 21 de maio de 2004.

Menescal, Antônio. Paraolimpíadas. Comunicação Pessoal. São Paulo: ABDC, 04 de abril de 2004.

Rivera F., Rivera M.A., Leitão S., Carvalho A., Moura H.J., Benigna M.J., Lins M.E., Santana P. A desnutrição crônica por municípios nos estudantes da primeira série do primeiro grau da sétima região educacional do Estado da Paraíba. Rev Nutr PUCCAMP 1994; 7: 113-31.

WHO (World Health Organization). *Use and interpretation of anthropometric indicators of nutritional status*. Bull World Health Organ 1986; 64: 929-41.

Dança em cadeira de rodas

MARIA BEATRIZ ROCHA FERREIRA E ELIANA LUCIA FERREIRA

Wheelchair dancing

Wheelchair dancing, a sports discipline that uses wheelchairs, can be either recreational or competitive. Only one of the partners of competitive ballroom dancing uses a wheelchair. The sport was formalized in England in the 1970s and then taken around to other countries. Gertrud Krombholz, one of the leaders of sports dancing in the world, brought wheelchair dancing to Brazil in the late 1990s.

Definição A dança em cadeira de rodas é uma modalidade esportiva que utiliza a cadeira de rodas. A prática pode ter caráter recreativo ou competitivo. Quando competitiva, as danças de salão envolvem a participação de um dançarino “cadeirante” e um “andante”. Essa modalidade é dividida em duas categorias: a *standard* em que se inclui a Valsa, o Tango, a Valsa Vienense, o Slow Foxtrot, o Quickstep; e as danças latinas, subdivididas em Samba, Cha-cha-chá, Rumba, Paso Doble e Jive. Já nas danças recreativas, subdivididas em criativa e dança moderna, a participação pode ser na categoria solo, casais ou em grupos.

Origens O século XIX foi um século de descobertas, entre outras, a do movimento corporal como meio de expressão. O interesse pela atuação do corpo humano em movimento abriu espaço e condições para a inserção de modalidades esportivas como a dança moderna, a dança terapêutica e a dança de salão. A dança em cadeira de rodas teve suas raízes neste contexto. O ponto fundamental destas modalidades consistiu no fato de serem expressões sempre individuais, que encorajam os dançarinos a desenvolverem estilos coreográficos pessoais. Com Isadora Duncan e sua “dança livre”, intensificou-se a exploração sobre as possibilidades de movimentos corporais e, desta forma, corpos diferenciados passaram a ser objeto de estudos. A nova abordagem tornou a dança moderna cada vez mais aberta a novas inserções, contextualizou os movimentos num cenário cotidiano e deu-lhe uma estória a ser contada. Uma interessante mescla de linguagens foi tecida, as da dança, através dos movimentos de efeitos do teatro, e os de uma dança mais metafórica, que isola os elementos do gesto e do corpo em unidades menores de percepção. O que estava em questão não era mais apresentar corpos perfeitos, unificados pela forma, nem delineados por imperativos estéticos. Um outro movimento propulsor do que viria a ser a dança em cadeira de rodas foi a proposta metodológica da dança terapia, predominante nos Estados Unidos na década de 1970, que permitia aos dançarinos desenvolverem, através dos gestos corporais, sua autoconfiança e auto-estima. Nessa mesma ocasião, na Europa e nos Estados Unidos, profissionais de Educação Física e Fisioterapia começaram a desenvolver atividades rítmicas com “cadeirantes”. A idéia consistia em procurar desenvolver o equilíbrio, a agilidade, a resistência cardiovascular, entre outros aspectos, no manejo da cadeira de rodas. De fato, estavam na busca de elaborar um novo significado para a idéia de locomoção.

1976 Com a chancela da Dança Folclórica Inglesa - *English Folk of Dance* - e da Sociedade do Som - *Song Society* - esta modalidade de esporte, com características de dança de salão, foi reconhecida como Dança Esportiva em Cadeira de Rodas. Enquanto modalidade esportiva, a prática estruturou-se a partir de conhecimentos advindos da dança moderna, da dança de salão, da educação física, da fisioterapia e da medicina, entre outros. O corpo de conhecimentos resultante desta proposta interdisciplinar, reconhecido pela *International Sport Organization for the Disabled*-ISOD, assim ficou definido: classificação funcional da deficiência e treinamento de classificadores, desenvolvimento da condição física envolvendo flexibilidade, resistência cardiovascular, força, equilíbrio, agilidade para pessoas com deficiência, desenvolvimento de uma coreografia específica atendendo ao ritmo, tempo, configurações, espaço, criatividade e regras específicas e treinamento de árbitros esportivos.

Década de 1970 No mês de abril de 1971, em Londres, Inglaterra, aconteceu a primeira competição de dança em cadeira de rodas. O evento contou com a participação de dez grupos. As duplas participantes foram divididas, conforme a idade, em adultos e juvenis

Today there are 45 groups of dancers that belong to the Associação Brasileira de Cadeira de Rodas (Brazilian Wheelchairs Association-ABRADECAR), which works together with the Universidade Estadual de Campinas (Campinas State University in São Paulo), Laboratório de Antropologia Bio-Cultural (Laboratory of Bio-Cultural Anthropology) linked to the School of Physical Education. The

e subdivididas em classes A e B. Na classe A, ficaram os dançarinos que possuíam os movimentos de mãos preservados e um bom controle da cadeira de rodas. Na classe B, estavam os dançarinos que utilizavam cadeira de rodas elétrica. A partir daí, a cada ano, competições e festivais de dança foram ocorrendo e incorporando novos adeptos e novos estilos.

1974 A ousada experimentação de novos movimentos sobre uma cadeira de rodas, em que os dançarinos com deficiência passaram a buscar um enriquecimento em suas performances, resultou na criação de uma nova categoria, a da dança não competitiva – dança artística - inspirada na dança moderna. O crescimento da modalidade gerou a necessidade de regulamenta-la. Foi, então, fundada na Inglaterra, a Associação de Dança em Cadeira de Rodas.

1985 – 1991 Os primeiros campeonatos de danças esportivas em cadeira de rodas foram regionais e de caráter não oficial. Ocorreram na Holanda, em 1985, na Bélgica, em 1987, e na Alemanha, em 1991.

1988 – 2002 Os *workshops* do *Danceability* realizados nos Estados Unidos passaram a incluir atividades conjuntas para pessoas com ou sem deficiências, para que ambas descobrissem suas possibilidades corporais e interativas. Essas propostas romperam fronteiras e chegaram até o Brasil influenciando alguns grupos que, posteriormente, foram aqui criados. Em 1991 surgiu, na Inglaterra, a Companhia “*CanDoCo Dance*”, a qual realizou uma mostra de dança e um *workshop* em São Paulo, em 1996, a convite do SESC Ipiranga. A Cia. voltou ao Brasil em 2002, a convite da Vera Special Arts trazendo Gertrud Krombholz, considerada a mentora da dança esportiva no mundo. A esportista veio ao Brasil novamente em 1993, ministrando cursos na Associação Niteroiense dos Deficientes Físicos, em Niterói-RJ, nas Faculdades Metodistas Unidas-SP e na Universidade Federal de Uberlândia-MG. Em 1997, o *Danceability* fez uma mostra de dança e a companhia ministrou um *workshop* sobre dança em cadeira de rodas no evento “Semana da Dança”, promovido pelo Centro Cultural São Paulo. Em 2002, o Congresso *Dancing Differently*, na Inglaterra, contribuiu ainda mais para impulsionar a luta pelo reconhecimento, em nível internacional, da necessidade de abertura de espaços na área da dança.

Década de 1990 Vários foram os primeiros grupos surgidos no Brasil. O Ázigo, da Universidade Federal de Uberlândia-MG, baseado nos princípios de Laban, em 1990; o Grupo Giro, em Niterói-RJ, baseado no método *Contact Dance Improvisation* e a Cia Limites no método “Progressão Qualitativa do movimento”, ambos em 1991, além do grupo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1995. Segundo os especialistas da área, atualmente existem 35 grupos no Brasil. As primeiras apresentações destes grupos ocorreram em aberturas de eventos para-esportivos e em eventos científicos voltados para a Educação Física Adaptada. Confirmando a força dessa tendência propulsora, com a participação de pessoas com deficiência em atividades artísticas e esportivas, a *Very Special Arts* – VSA – passou a incluir em seus eventos, a partir de 1991, a dança para pessoas com deficiência. Esta é uma associação não governamental, composta por comitês estaduais e municipais filiada ao *Kennedy Center for the Performing Arts*, criada no Brasil em 1990, com o objetivo de divulgar os trabalhos culturais de pessoas com deficiência e organizar anualmente eventos que possibilitam a apresentação e divulgação de diversas modalidades artísticas.

1991 Neste período foi constituído o Departamento de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas - *Wheelchair Dance Sport Committee*-WDSC, vinculado ao sub-comitê da Organização

Confederação Brasileira de Cadeira de Rodas (Brazilian Wheelchairs Confederation-CBCR) was founded in 2001. Its aim is to go beyond the traditional idea of a sports confederation that would be purely technical and political. The CBDR, however, has become a technical, political and scientific confederation that aims at the development of wheelchair dancing as a sporting and artistic activity.

Internacional de Esportes para pessoas com deficiência – *International Sport Organization for the Disabled*-ISOD, o qual é vinculado ao Comitê Paraolímpico-IPC, responsável pela dança em cadeira de rodas tanto na modalidade recreativa, como na competitiva. A partir do ano de 1991, começaram a ser publicados artigos científicos, capítulos de livros e livros abordando o tema desta modalidade. Alguns títulos são: Os sentidos dos Movimentos na Dança como Linguagem Não-Verbal, Interfaces da Dança: para Pessoas com Deficiência e Subsídios para Competições Oficiais de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas.

1992 Neste período o WDSC realizou a primeira competição de dança esportiva e, a partir do ano seguinte, esse Departamento passou a organizar os campeonatos europeus a cada dois anos: na Holanda, em 1993, na Alemanha em 1995, na Suécia em 1997, na Grécia em 1999, na Polônia em 2001 e na Rússia em 2003. As formações de classificadores e árbitros ocorreram em cursos específicos durante os campeonatos mundiais.

1995 Em 1995 ocorreram as primeiras apresentações de danças artísticas em cadeira de rodas nos festivais de dança de Joinville-SC e de Uberlândia-MG. Nos últimos anos, as apresentações de diferentes grupos em eventos esportivos, artísticos e de dança de salão se intensificaram.

1998-2003 Este período corresponde ao início do desenvolvimento científico e organizacional da modalidade no Brasil em que foram produzidas na Universidade de Campinas – UNICAMP, estado de SP, entre 1998 e 2001, três dissertações de mestrado e uma tese de doutorado sobre dança em cadeira de rodas. Os trabalhos provocaram um importante impacto no desenvolvimento da modalidade.

2001 O período marcou o I Simpósio Internacional e a 1ª Mostra de Dança em Cadeira de Rodas. Os eventos foram organizados pela Associação Brasileira de Cadeira de Rodas-ABRADECAR e pela Universidade Estadual de Campinas (particularmente o Laboratório de Antropologia Bio-Cultural vinculado ao Departamento de Educação Física da Faculdade de Educação Física) LABANTROPO-DEAFA-FEF-UNICAMP, e com o apoio financeiro do Ministério de Esporte e Conselho Nacional de Pesquisa e Tecnologia - CNPq. No mesmo ano, ocorreu o curso em Dança Esporte em Cadeira de Rodas, ministrado por Herbert Rausch, coreógrafo e técnico de Munique-Alemanha. A Confederação Brasileira de Cadeira de Rodas-CBCR no Brasil é fundada com o objetivo de superar a idéia de uma Confederação puramente técnica-política, no sentido de estabelecer uma Confederação Técnica-Política-Científica que vise o desenvolvimento da Dança em Cadeira de Rodas enquanto Atividade Artística e Esportiva. Os sócios fundadores foram organizações governamentais, não governamentais e profissionais de áreas afins.

2002 Realiza-se o II Simpósio Internacional, a IIª Mostra e I Campeonato Brasileiro de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas. Os eventos foram organizados pela CBCR e LABANTROPO-DEAFA-FEF-UNICAMP, com o apoio financeiro do Ministério de Esporte. O curso foi ministrado por Herbert Rausch e a classificação funcional por Miriam de Haas-Nagler (classificadora internacional indicada pelo WDSC).

2003 Neste período é realizado o I Campeonato Paulista de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas, organizado pela Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas e Escola Superior de Educação Física de Jundiáí-SP. Outros eventos também ocorrem: o III Simpósio, a III Mostra e o II Campeonato, organizados pela Confederação

Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas, pela Faculdade do Clube Náutico Mogiano e pela Universidade Brás Cubas, em Mogi das Cruzes. Os acontecimentos contaram com o apoio financeiro do Ministério de Esporte. O curso foi ministrado por Herbert Rausch.

Situação Atual A dança em cadeira de rodas começa a ser valorizada no Brasil através de esforços conjuntos de diferentes áreas do conhecimento, do interesse da comunidade acadêmica e científica, de organizações não governamentais e do Governo. A criação da Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas tem um papel significativo para o desenvolvimento desta modalidade enquanto atividade artística e esportiva, propiciando o

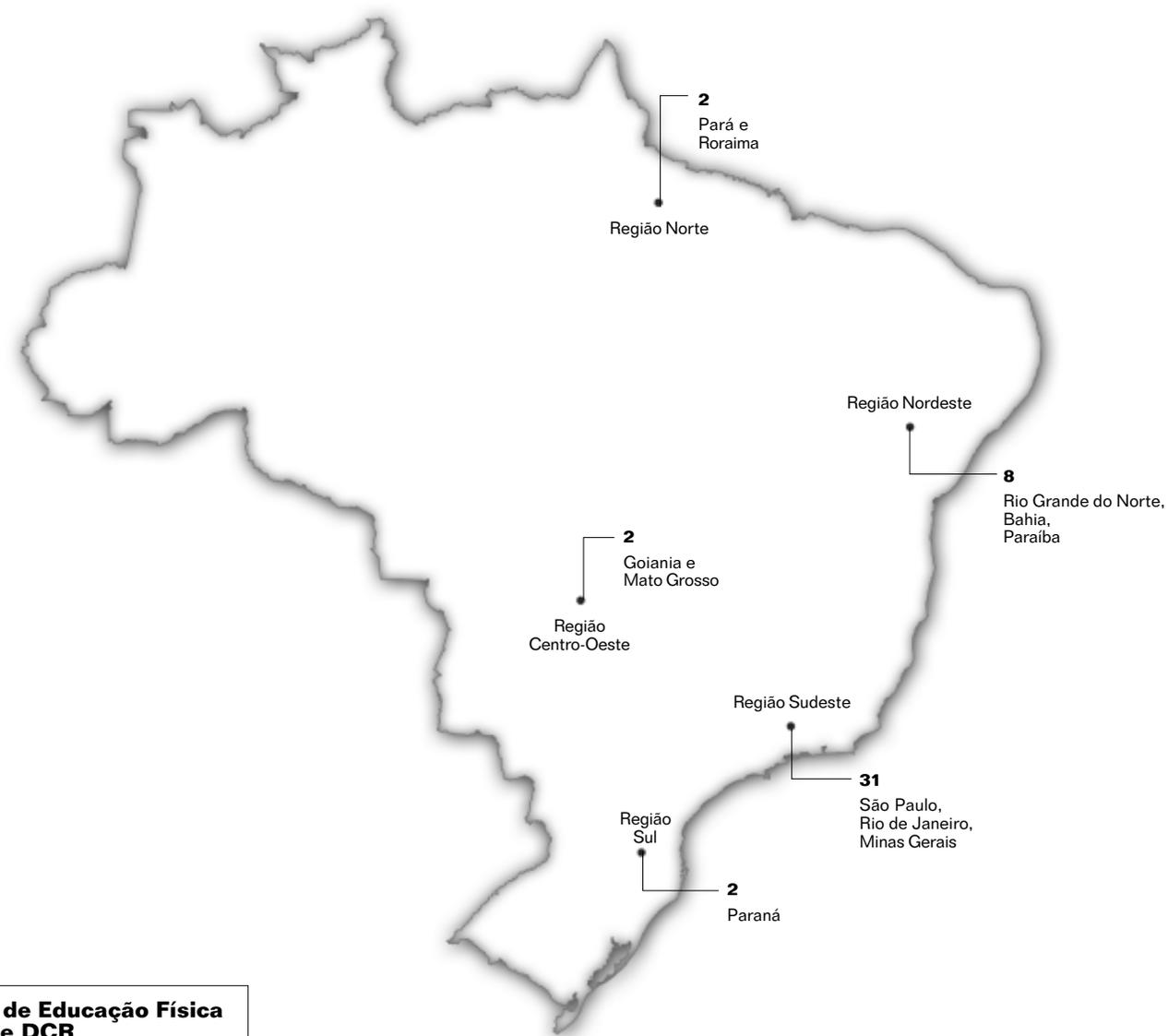
desenvolvimento técnico-científico, incentivo de parcerias entre o Governo, as Universidades e as Associações de Deficientes em direito à pessoa com deficiência. As organizações de eventos científicos e esportivos, a realização de cursos e classificação funcional ministrados por técnicos reconhecidos pelo WDSC, as dissertações de mestrado e doutorado e demais publicações deram uma característica singular à modalidade de Dança em Cadeira de Rodas no Brasil.

Fontes Ferreira, E. Corpo – movimento – Deficiência: As formas dos discursos da/na dança em cadeira de rodas e seus processos de significação. 2003. 232f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas; 2003; Hart,

G. I., Edwards, A. T. S. *Wheelchair dances*. Nova York: Wheelchair Dance Association, 1976. 2. ed.; Krombholz (2001), Krombholz, G. Internacional Conference of Wheelchair Dancing. Munique: WDSC, 1992; Ibidem, Wheelchair dance: wheelchair dance sport. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE DANÇA EM CADEIRA DE RODAS. Campinas: Rivieira, 2001. p. 15-25; Rocha Ferreira, M.B. Reflexões sobre Dança em Cadeira de Rodas. In: Interfaces da dança para pessoas com deficiência. Org. E. L. Ferreira, M.B. Rocha Ferreira, V.A. Madrugá Forti. Editoração: Gráfica R. Vieira, p. 79-88, 2.002; Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, FEF-UNICAMP e Faculdade de Educação Física e Desporto da Universidade Federal de Juiz de Fora - FAEFID –UFJF.

Localização de grupos de DCR no Brasil, 2003 (n=45)

Location of Wheelchair dancing groups in Brazil, 2003 (n=45)



Universidades e Faculdades de Educação Física com pesquisas ou eventos de DCR

Universities and colleges with researches or events promotion on Wheelchair dancing

Universidade de Campinas - SP

Universidade Federal de Uberlândia-MG

Universidade Brás Cubas, Mogi das Cruzes - SP

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - RN

Faculdade do Clube Náutico Mogiano, Mogi das Cruzes - SP

Escola Superior de Educação Física de Jundiaí - SP

Faculdades Metodistas Unidas - SP

Localização de grupos de DCR no Brasil, 2003

Location of Wheelchair dancing groups in Brazil, 2003

Sul (Paraná)	2
Sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais)	31
Centro-Oeste (Goiás e Mato Grosso)	2
Nordeste (Rio Grande do Norte, Bahia, Paraíba)	8
Norte (Pará e Roraima)	2
Total	45



Fisiologia do exercício

MAURÍCIO ROCHA, CLÁUDIO GIL SOARES DE ARAÚJO, PAULO SERGIO GOMES E ATTILA FLEGNER

Exercise physiology

The first Brazilian studies in physiology applied to physical exercise took place in the 1920s with the French mission of Joinville Le Point. During the 1930s, this discipline was taught in the pioneer course of Medicina Aplicada à Educação Física e Desportos (Medicine Applied to Physical Education and Sports), at Escola de Educação Física do Exército (School of Physical Education of the Army – EsEFEx), located in Rio de Janeiro – RJ, which had national and international recognition in Latin America during the following decade. After 1960 and in the following decades medical doctors specialized in sports medicine and physical education teachers worked together for the development of sports training. The largest federal institution

Origens A Missão Militar Francesa de Joinville Le Point, que implantou os primeiros cursos de Educação Física no Brasil, ao final da década de 1920, deixou organizado o Curso de Medicina Aplicada à Educação Física e Desportos, no âmbito da Escola de Educação Física do Exército-EsEFEx do Rio de Janeiro. Inicialmente restrito a médicos militares – de 1932 a 1938 – este curso pioneiro foi aberto a civis em 1939. Antes de 1932, a EsEFEx formara cinco médicos em seu curso de Educação Física, sendo este os primeiros especializados do país na área esportiva (Pini, 1983). A década de 1940 e anos seguintes encontraram o Curso de Medicina do Esporte regularizado, ministrado anualmente sob a liderança de Waldemar Areno na antiga Escola Nacional de Educação Física e Desportos – ENEFD, Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, que atingiu destaque profissional, nacional e internacional, principalmente na América Latina. Já na década de 1960 o desenvolvimento da área caracterizou-se por articulações com profissionais relacionados ao esporte, possibilitando contatos paralelos entre médicos especializados e licenciados em Educação Física. Entre os destaques geralmente citam-se o II Congresso Luso-Brasileiro de Educação Física, Rio de Janeiro, 1963, organizado por Jair Jordão Ramos e o Curso de Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Desportivo, 1968, dirigido por Lamartine Da Costa. Neste último, em particular, em que se destacou a metodização científica do treinamento esportivo pela primeira vez no Brasil, houve a participação dos médicos especialistas José Fraccaroli, José Rizzo, Maurício Rocha, Luiz dos Santos e Marcelo Viveiros. Na década de 1970 houve continuidade, no intercâmbio entre professores de Educação Física e médicos, já incluindo a participação de especialistas do exterior, como Kenneth Cooper e Philip Rasch em evento de 1972, e Bruno Balke e Per Olof Astrand em 1973, autoridades de realce no campo das atividades físicas, à época. Em termos de Fisiologia de Exercício, o principal destaque da década de 1970, seja pelo seu momento histórico ou por sua propagação, foi representado pelo Prof. Dr. Maurício José Leal Rocha. Poliglota e sob forte influência escandinava, produziu teses de livre docência, instalou laboratórios, desenvolveu projetos e formou pesquisadores na área. Desde este início no Brasil, a Fisiologia do Exercício teve caráter multi-profissional – mormente Medicina e Educação Física – e multidisciplinar, agregando ou trabalhando em associação com várias subáreas afins, tais como cineantropometria, termorregulação e treinamento esportivo.

A primeira iniciativa institucional e não episódica de implantação da Fisiologia do Exercício no Brasil foi a do LABOFISE – Laboratório de Fisiologia do Exercício, que surgiu em 1970 sob direção do já citado Maurício Leal Rocha. Também pela primeira vez, um órgão governamental se associou a um laboratório com a finalidade de desenvolvimento do esporte e da Educação Física. Esta parceria incluiu a Escola de Educação Física e Desportos - EEFD da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ (antes Universidade do Brasil) e a então Divisão de Educação Física e Desportos - DED do Ministério da Educação e Cultura - MEC, por influência e acertos de Maria Lenk, então diretora da EEFD. O resultado desta iniciativa foi a consolidação do ensino e pesquisa da fisiologia do exercício dentro e fora da UFRJ, com também a criação de um modelo de laboratório da área em foco, como ponto de partida de outros laboratórios que surgiram com apoio financeiro do DED - MEC em outras universidades do país. Já em 1979, o LABOFISE operava

supported and encouraged sports research and studies. It was exactly within this period of time that the first Brazilian exercise physiology laboratory – LABOFISE – was founded with the same meaning exercise physiology still has today among sports professionals. In the 1970s and 1980s, following the LABOFISE experience, several other laboratories were developed in different Brazilian universities as several professionals returned from their overseas specialized degrees in the area. Between 1980 and 1985, the focus of exercise physiology on the athlete's performance moved to the common individual's health. Exercise physiology has then been developing through (1) an increase in the number of research works associated

como um centro de referência de fisiologia do exercício para todo o Brasil e atuava como base de intercâmbio com especialistas e outros laboratórios similares do exterior.

Definições Como conceito, a Fisiologia do Exercício é o ramo do conhecimento dedicado ao estudo dos efeitos fisiológicos agudos (respostas) e crônicos (adaptações) do exercício físico sobre os diversos sistemas corporais. Entendem-se como efeitos agudos os que acontecem durante (imediatos) ou após (tardios) uma única sessão de exercício, enquanto os efeitos crônicos são aqueles observados em um indivíduo fisicamente treinado, diferenciando-o de um outro indivíduo inativo. Alguns dos exemplos mais comuns dos efeitos fisiológicos do exercício são: os agudos imediatos – taquicardia e sudorese, e os agudos tardios – hipotensão relativa e melhora da função endotelial e crônicos – bradicardia relativa de exercício submáximo e hipertrofia muscular. Como frequentemente acontece, existem diferentes denominações para um mesmo termo, de modo que, Fisiologia do Exercício pode ser também denominada de Fisiologia do Esforço (denominação utilizada na classificação de subáreas do conhecimento pelo Conselho Nacional de Pesquisas -CNPq) ou Fisiologia da Atividade Física, Fisiologia do Trabalho ou ainda, Fisiologia do Esporte. Essas outras denominações aparecem em disciplinas curriculares e em publicações de livros ou revistas especializadas, provavelmente em função do enfoque em que ela é abordada. A sua apresentação mais clássica é como uma disciplina biológica do ciclo básico das graduações em saúde, portanto sem caráter profissionalizante.

1951 Maurício Leal Rocha completou, na Suécia, curso de fisiologia especializada em adaptações cárdio-vasculares, assunto esse que ele já vinha estudando no Brasil como cardiologista.

1952 Fundação da Sociedade Brasileira de Cardiologia, que teve Maurício Rocha como um dos fundadores. Também neste ano, ele assumiu o setor de cardiologia do Hospital Miguel Couto, no Rio de Janeiro.

1968 Maurício Rocha, atuando com professor da Universidade do Brasil – RJ, passou a dar aulas de fisiologia na EEFD acumulando funções docentes na Escola de medicina da mesma universidade, nas disciplinas de fisiologia e cardiologia. Neste mesmo ano, ele se associa a Lamartine DaCosta – professor de Educação Física – para produzir o primeiro livro, em língua portuguesa, sobre as aplicações científicas do treinamento esportivo, obra que reuniu seis médicos e quatro profissionais de Educação Física (“Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Esportivo”, DED-MEC, Brasília). Neste mesmo ano, Luiz dos Santos e Maurício Rocha lançam o livro “Viver bem até os cem” (Editora Fórum – RJ), utilizando esquemas de *circuit training*, já no novo enfoque científico do treinamento esportivo.

1969 Sistematizações e experimentos iniciais do Exame Médico de Coletividades, reunindo à clínica os Testes de Desempenho Físico, realizados por Maurício Rocha, José Rizzo Pinto e Luiz dos Santos na EEFD - UFRJ, que teve continuidade depois de 1970 no LABOFISE sob a denominação de Projeto Brasil, com apoio do DED - MEC. Neste ano iniciou-se a implantação da disciplina “Treinamento Desportivo” em todas as Instituições de Ensino Superior em Educação Física do país, promovida pelo DED - MEC e com base no

with graduate courses in physical education and other areas; (2) laboratories located in institutions which are not universities; (3) development of scientific associations (one medical association and two physical education associations); (4) an increase in the number of national journals of the area, and (5) the multiplicity of academic events such as conferences and seminars. Today Brazil leads scientific production related to exercise physiology in Latin America and developing countries. It is one of the most important nations in terms of equipment use and national production in laboratories, clinics, clubs, universities and other institutions that act in exercise physiology (see map).

livro coletivo (DaCosta, editor) e no curso do ano anterior, os quais se basearam em nexos da então denominada Fisiologia do Esforço.

1970 Fundação formal do LABOFISE por Maurício Rocha e Attila Flegner (professor de Educação Física e engenheiro eletrônico). O laboratório foi equipado com instrumentos e máquinas de última geração, financiados pelo DED - MEC. A partir de então iniciaram-se novas abordagens no trato do esporte e da Educação Física que incluíam como elementos fundamentais o ensino da fisiologia, da estatística, o rigor na mensuração e na calibragem dos equipamentos utilizados nas pesquisas experimentais. Ainda este ano, completou-se a primeira pesquisa experimental com ratos em laboratório de Educação Física no Brasil, iniciada no ano anterior à oficialização do LABOFISE.

1971 Publicação do primeiro livro de avaliação em fisiologia utilizado na Educação Física: “Medida e Avaliação em Educação Física” de Donald Matthews, traduzido por alguns membros da equipe do LABOFISE (Paulo Sergio Chagas Gomes, Cláudio Gil Soares de Araújo, Sonia Correa e Raymond Hegg, da Universidade de São Paulo - USP).

1972 Realização de seminários internacionais em Treinamento Esportivo pela Associação Cristã de Moços - ACM e pelo DED-MEC (em conjunto com a Academia do *Conseil International do Sport Militaire* - CISM) no Rio de Janeiro, este último com a participação de Maurício Rocha, Lamartine DaCosta, Luiz do Santos, Eduardo de Rose, Maria Augusta Kiss e outros, consolidando o movimento de descentralização do ensino e pesquisa da disciplina em foco por todo o país. Desde este estágio até 1985, a SEED - MEC (sucessora do DED-MEC) sustentou tal movimento por meio de publicações (Revista Brasileira de Educação Física, Cadernos Técnicos, revistas em quadrinhos, livros etc).

1972 – 1974 Consolidação de três principais laboratórios de Fisiologia do Exercício, junto às escolas de Educação Física: LABOFISE no Rio de Janeiro (UFRJ – Dr. Maurício Leal Rocha), LAPEX em Porto Alegre - RS (UFRGS – Dr. Eduardo de Rose, com equipe treinada no LABOFISE) e o laboratório da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo - SP (USP - Dra. Maria Augusta Kiss). Reativação da Federação Brasileira de Medicina do Esporte - FBME e lançamento da Revista Medicina do Esporte, como seu órgão oficial. Aperfeiçoamento de equipamentos e rotinas de laboratório em Fisiologia do Exercício por especialistas brasileiros: Attila Flegner (eletrocardiograma-ECG de esforço adaptando com chicotes pré-cordiais, usando-se equipamento FUNBEC de fabricação nacional); Silvio Raso (ECG de esforço em bicicleta ergométrica, com 3000 casos – segundo quantitativo do mundo na área); Luiz dos Santos e Silvio Raso (testes ergométricos em operários e donas de casa em Campina Grande-Ceará, usando-se equipamento FUNBEC); Roberto Macedo (ECG em esteira rolante).

1973 Realiza-se o primeiro Curso de Pesquisador em Exercício Físico, LABOFISE - EEFD, com 150 horas. Em dezembro, houve um seminário de 40 horas sobre Organização de Laboratório de Pesquisa em Exercício, sob patrocínio da Escola de Educação Física do Exército - RJ e condução de José Luiz Fraccaroli e Luiz dos Santos, ambos da EEFD.

1976 O LABOFISE inicia sua oferta de 26 cursos de capacitação para auxiliar de pesquisa e 4 cursos de pesquisador, que se sucederam nos anos seguintes e abrangendo profissionais de vários estados das áreas de Medicina e de Educação Física. Antes, no ano anterior, a Federação Brasileira de Medicina do Esporte aprovou um modelo de organização de módulos iniciais para os Laboratórios de Pesquisa em Exercício Físico, em termos de Psicopedagogia, Fisiologia, Biomecânica e Biometria, conforme proposta de Luiz dos Santos. Este fato indica a ênfase na descentralização dos laboratórios dos grandes centros para os estados, implicando numa estratégia de iniciar, onde houvesse, a junção de recursos humanos qualificados e equipamentos adequados.

1976 Início da implantação do Projeto Brasil que previa, numa primeira etapa, o levantamento de padrões das valências físicas do brasileiro em várias regiões e em diversas faixas etárias da criança e do adulto. Numa segunda etapa, com base na experiência acumulada anteriormente, propunha-se à determinação precoce de potencialidades esportivas e o aconselhamento das especialidades mais adequadas. Ou seja, o Projeto Brasil visava a conciliação de objetivos de saúde coletiva e de identificação de talentos, numa formulação que se tornou freqüente nos anos seguintes nos planos nacional e internacional. A escala e abrangência geográfica do Projeto Brasil foi por outro lado destaques à época, pois seu roteiro indicava amostras tais como Volta Redonda - RJ (168 casos); Itapira - SP (690); Londrina - PR (1311); Belo Horizonte - MG (1500); e Recife - PE (1200). O Projeto foi dissolvido em 1982. Neste ano foi também realizado um amplo projeto antropométrico – ANTROPOJEBS –, coordenado pelo Eduardo De Rose, com a consultoria do canadense Dr. William Ross, durante os Jogos Estudantis Brasileiros, realizados em Brasília. Esse projeto marcou o avanço e a disseminação da cineantropometria no país, especialmente devido ao fato de que a equipe de trabalho incluía pesquisadores de vários estados brasileiros.

1975 – 1977 Em maio de 1975, houve a realização do Congresso Brasileiro e Internacional de Medicina do Esporte em Porto Alegre, sob a presidência do Eduardo De Rose, com a participação de 30 conferencistas estrangeiros, gerando as sementes dos contatos que futuros bolsistas teriam fora do Brasil. Logo a seguir, a Federação Brasileira de Medicina Esportiva, cujo presidente era o José Rizzo Pinto, em convênio com a DED-MEC, proporcionou o envio ao exterior de 20 pesquisadores ligados aos três laboratórios, incluindo alguns dos que vieram posteriormente assumir posições de destaque científico na área (Antonio Carlos Guimarães, Jorge Pinto Ribeiro, Paulo Sérgio Chagas Gomes e Claudio Gil Soares de Araújo, José Ney Ferraz Guimarães e Antônio Farias Neto). Ainda nesse período, Victor Keihan Rodrigues Matsudo deu início às atividades do Laboratório de Atividades Físicas de São Caetano do Sul - LAFISCS em São Caetano do Sul - SP, através de uma parceria com a prefeitura local e, logo depois, este médico realizou a primeira apresentação de tema livre de um brasileiro no American College of Sports Medicine - ACSM, versando sobre lesões no futebol. Em maio de 1977, no Congresso Brasileiro de Medicina do Esporte seguinte, realizado em Recife, novamente com a importante participação de convidados estrangeiros, houve uma representação dos laboratórios de pesquisa e Victor Matsudo projetou-se através do teste de capacidade anaeróbica de 40 segundos. No mesmo período, foi fundado o Laboratório de Performance Humana da Universidade Gama Filho - UGF, do Rio de Janeiro - RJ (na ocasião possuidora de equipes desportivas de excelência) por Edmundo Novaes, que levou vários pesquisadores do LABOFISE para compor os seus quadros (José Ney Ferraz Guimarães, Paulo Sergio Chagas Gomes, Manuel Moutinho, Cláudio Gil Soares Araújo).

1978 Em setembro deste ano, durante a realização do Simpósio de Esportes Colegiais de São Caetano do Sul-SP, iniciaram-se entendimentos para a criação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte-CBCE, com diversos pesquisadores de diferentes profissões e áreas de interesse. O ano de 1978 também marcou diversos eventos relevantes, incluindo a publicação do Caderno “Artus” de Medicina Desportiva pela UGF (Edmundo Novaes, José Ney Ferraz Guimarães, Paulo Sergio Chagas Gomes, Manuel Moutinho, Cláudio Gil Soares Araújo, Ricardo Canetti) e a realização do Congresso Mundial de Medicina Esportiva em Brasília, organizado pela Federação Internacional de Medicina Esportiva-FIMS e presidido

por Eduardo de Rose, que contou com convidados do exterior - inclusive de Cuba (país com o qual o Brasil não possuía relações diplomáticas à época) - e mais de mil participantes. Na ocasião, fundou-se o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte - CBCE, propositadamente multiprofissional e interdisciplinar e parcialmente baseado nos estatutos do seu congênere ACSM. Cresceu ainda a área correlata de cineantropometria e a participação de brasileiros em cursos e eventos internacionais da área. A primeira diretoria do CBCE foi composta por Victor Matsudo, Cláudio Gil Soares Araújo, Paulo Sergio Chagas Gomes e Osmar de Oliveira.

1979 Seleção de 20 profissionais de Educação Física pelo MEC para cursar o mestrado na área nos EUA (*Peabody College* e *Vanderbilt College*, no *Tennessee*), antes da implantação do mesmo curso no Brasil. Dos profissionais selecionados, 15 já haviam participado dos cursos de pesquisador e auxiliar de pesquisa ofertados pelo LABOFISE. Realiza-se o Primeiro Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e a publicação respectiva do primeiro número da Revista Brasileira de Ciências do Esporte, incluindo os resumos dos temas livres apresentados. Ainda nesse ano, outros temas livres brasileiros foram apresentados no congresso anual do ACSM, criando uma tradição que se consolidaria nos anos seguintes. No final deste ano, Claudio Gil Soares de Araújo, em palestra dada em Porto Alegre utiliza a expressão “Medicina do Exercício”, que seria posteriormente consolidada através de publicação, na revista do CBCE, de um curso de Medicina do Exercício nas edições de 1980 e 1981.

1981 – 1985 Há uma mudança substancial de enfoque na Fisiologia do Exercício praticada no Brasil, que passou da ênfase no treinamento desportivo para o enfoque em saúde, tanto na promoção como no uso em diagnóstico e em tratamento (programas de reabilitação cardíaca). Nessa época, a já então denominada SEED-MEC enviou aos Estados Unidos mais três grupos de professores de Educação Física para mestrado e doutorado, procedentes de vários lugares do Brasil (RS, RJ, SP, PR, MG etc), que, posteriormente, vieram a participar do desenvolvimento de programas de mestrado e doutorado no Brasil. Nesta ocasião, houve um crescente número de proposições de testes e rotinas de avaliação por autores nacionais, com destaque para as técnicas antropométricas de composição corporal, para a avaliação da flexibilidade com o Flexiteste, para baterias de testes de campo simples para escolares e atletas e para a incorporação do limiar anaeróbico, ventilatório e de lactato. Desta época em diante, um número crescente de brasileiros passaram a apresentar seus trabalhos no ACSM. A partir de 1995, a representação brasileira tem se colocado, freqüentemente, como a segunda delegação estrangeira em número de trabalhos apresentados.

1985 – 1990 Neste estágio o CBCE passou a ter mais características voltadas para a Educação Física. Por outro lado, com a criação e o desenvolvimento dos programas de mestrado e doutorado em Educação Física no Brasil, houve a necessidade de se instalar laboratórios de fisiologia do exercício nas universidades, o que fez com que, aos poucos, os laboratórios iniciais passassem a desempenhar um papel progressivamente menos importante na produção do conhecimento. Instalou-se um Programa Nacional de Exercício Físico e Saúde – programa interministerial dos ministérios da Saúde e Educação (Dr. Gilberto Paiva e Dr. Geraldo Quintas) – e é publicada a primeira edição do Curso em Exercício e Saúde à Distância elaborado por Claudio Gil Araújo e Denise Sardinha Mendes Soares de Araújo. Estima-se que mais de 15 mil professores tenham sido treinados através dessa publicação, que teve sua 2ª edição em 1988 e a 3ª em 1996. Novas publicações (ex. Revista Brasileira de Ciência e Movimento) se iniciam sob a liderança do Victor Matsudo e de outros, mantendo um canal aberto para a divulgação das pesquisas específicas em Fisiologia do Exercício. São também feitas apresentações de temas livres e palestras específicas da área em congressos afins, como no Brasileiro de Fisiologia e Brasileiro de Cardiologia, ampliando a inter-relação de grupos mais antigos e básicos (ex. Faculdade de Medicina da USP – Ribeirão Preto liderado pelo Lourenço Gallo Junior) com os grupos mais novos, ampliando assim o universo de pesquisadores envolvidos e relacionados com a Fisiologia do Exercício.

1990 – 1995 São retomados os trabalhos em laboratórios bem equipados, em instituições militares do Exército e da Aeronáutica,

em uma interessante combinação de civis e militares voltados para a pesquisa na Fisiologia do Exercício e em outros temas. Destacou-se, também, a estrutura erguida na antiga Escola Paulista de Medicina (atualmente UNIFESP), liderada pelo Turíbio Barros Neto, realizando pesquisas, avaliações físicas diferenciadas e consultoria ou acompanhamento de clubes e grandes academias. Turíbio Barros passa a desempenhar a função de fisiologista no São Paulo Futebol Clube, dando início a abertura de um importante mercado de trabalho para a área. Começam a surgir, cada vez mais, estudos de Fisiologia do Exercício utilizando animais de experimentação, especialmente no estado de São Paulo, sob a liderança de Carlos Eduardo Negrão e Eduardo Kokubun. É criado o primeiro curso de especialização com este novo enfoque em Medicina do Exercício e do Esporte, sob a coordenação do Claudio Gil Araújo e com a chancela da Universidade Estácio de Sá - RJ, voltado, primariamente, para o uso clínico da Fisiologia e da Medicina do Exercício para a manutenção e o aprimoramento da saúde, utilizando as instalações da Clínica de Medicina do Exercício - CLINIMEX também sediada no RJ, para o treinamento clínico prático dos médicos. Esse curso tem acompanhado o redirecionamento do interesse do atleta para a população comum, saudável ou não.

1995 – 2000 Reestruturação da Revista Brasileira de Medicina do Esporte, inicialmente trimestral, atualmente bimestral e já com versões em inglês e português de todos os artigos. Hoje é a única revista científica da área que é incluída no sistema de indexação do Scielo. Consolidação dos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Educação Física com enfoque nessa área e em vários grupos de pesquisa em Fisiologia do Exercício, incluindo a Universidade Federal do Espírito Santo (José Geraldo Mill), Universidade Estadual de Santa Catarina (Tales de Carvalho), Universidade Federal de Pernambuco (Manoel Costa), Universidade Gama Filho do RJ (Paulo Sérgio Chagas Gomes) e a Universidade Federal de Minas Gerais (Emerson Silami e Luiz Oswaldo Rodrigues). Multiplicam-se os laboratórios e os grupos devotados à pesquisa na área, com pesquisadores oriundos ou treinados nos grandes laboratórios e nos cursos de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil e no exterior. Neste estágio, torna-se evidente que as academias de ginástica incorporam, de modo crescente, procedimentos de avaliação morfofuncional em seu processo de admissão, incluindo equipamentos mais sofisticados, e empregando um número também crescente de profissionais de medicina e de educação física. O uso de instrumentos e equipamentos para medida da frequência cardíaca se populariza, assim como aumenta o número de publicações semi-especializadas de venda em bancas.

2000– 2003 Nesse período, orientações de dissertações e teses, direcionadas objetivamente à produção de artigos científicos, acarretam uma mudança substancial no perfil de publicação, levando a um aumento qualitativo e quantitativo dos artigos na área. Consolida-se o primeiro mestrado profissionalizante em Fisiologia do Exercício na Universidade Federal de São Paulo e surge o primeiro livro-texto, exclusivamente voltado para a Fisiologia do Exercício clínica, produzido por autores nacionais (Luiz Eduardo Nery). Em meados de 2002, um grupo de professores de Educação Física, sob a liderança do Paulo de Tarso Veras Farinatti, realiza um evento científico específico de Fisiologia do Exercício e lança uma sociedade e uma revista científica própria. Empresas da área de informática desenvolvem softwares e hardwares avançados para avaliação e acompanhamento em Fisiologia do Exercício. Fabricantes nacionais de equipamentos de exercício passam a se utilizar, cada vez mais, da consultoria de pesquisadores brasileiros gerando um considerável avanço tecnológico.

Situação Atual A Fisiologia do Exercício encontra-se em um estágio bastante avançado no Brasil, que ocupa posição destacada na área na América Latina e nos países em desenvolvimento. Neste particular, deve ser citada como significativa, a posição do Prof. Dr. Eduardo De Rose como atual presidente da FIMS. E provavelmente em decorrência do crescente reconhecimento do papel relevante do exercício físico regular para a saúde, é crescente no Brasil – como no exterior - o número de publicações, pesquisas e recursos na temática. Em início de 2003, dentre os 12 milhões de artigos científicos cadastrados no sistema MEDLine da Biblioteca Nacional de Medicina do Instituto Nacional de Saúde dos Estados Unidos, aproximadamente 1% referem-se a exercício físico ou esporte

ou atividade física (para efeitos comparativos – duas e quatro vezes mais, respectivamente, do que o número de artigos disponíveis sobre úlcera péptica e sobre acidente vascular cerebral isquêmico). Atualmente, a Fisiologia do Exercício é uma disciplina curricular da graduação de Educação Física e da pós-graduação da Medicina do Exercício e do Esporte, sendo bastante freqüente nas graduações de Fisioterapia e pós-graduações de Educação Física (temática biológica), Fisioterapia Esportiva e Nutrição Esportiva e, eventualmente, encontrada em graduações de Medicina, Nutrição e outras áreas da saúde. Aparece ainda, com a conotação de Fisiologia do Trabalho, nas graduações e pós-graduações de Engenharia de Produção e nas pós-graduações de Medicina, Enfermagem e Engenharia voltadas ao trabalho. Ainda que a Fisiologia do Exercício seja originalmente uma disciplina da área básica das ciências da vida, tem havido um crescente enfoque profissionalizante, não sendo incomum surgirem profissionais ocupando a posição de fisiologista do exercício em equipes desportivas, ou em laboratórios de pesquisa. Para tal tem contribuído os cursos de especialização específicos na área. Inexistem ainda mestrados ou doutorados acadêmicos de Fisiologia do Exercício no Brasil, muito embora existam vários mestres e doutores brasileiros qualificados na área, que fizeram suas dissertações e teses em programas de áreas afins – Fisiologia, Educação Física, Ciências Biológicas, Bioquímica, Nutrição, Engenharia Biomédica, Cardiologia etc – ou ainda, no exterior, em programas específicos de Fisiologia do Exercício. Há também uma importante quantidade de laboratórios ou centros de pesquisa na área de Fisiologia do Exercício no Brasil (vide mapa), com uma considerável expansão nos últimos 10 anos, fruto não só do maior interesse e demanda; do aumento do número de profissionais qualificados; do barateamento relativo dos equipamentos e da melhor qualidade e presteza das assistências técnicas.

Considerando-se dados de fornecedores de equipamentos havia, no início de 2003, cerca de 200 laboratórios no Brasil capazes de realizar medidas de consumo máximo de oxigênio em cicloergômetro ou esteira rolante, e de executar uma avaliação cineantropométrica básica. Eles estavam localizados em instituições de ensino superior, organizações militares, clubes, clínicas ou hospitais e grandes academias de ginástica (por vezes mais de uma unidade na mesma instituição). Um crescente número de clubes desportivos e confederações vêm incorporando procedimentos, equipamentos e profissionais de Fisiologia do Exercício, inclusive a seleção brasileira de futebol profissional. Outros dados disponibilizados pelos principais fornecedores de equipamentos para essa área (Inbramed, Micromed e Polar) no Brasil, indicam que existem mais de 4 mil estações de ergometria clínica equipadas com esteiras rolantes nacionais, sendo que, pelo menos a metade delas utiliza hardwares e softwares de eletrocardiografia e elaboração de laudos desenvolvidos no Brasil. Informações adicionais recentes apontam para a existência de cerca de 200 equipamentos de análise de gases expirados – permitem a determinação do consumo máximo de oxigênio –, na sua grande maioria de pequeno porte, com mini-câmaras de mixagem em uso em hospitais, clínicas, laboratórios universitários de pesquisa, academias e clubes desportivos. Estima-se, ainda, que existam mais de 170 mil de medidores de frequência cardíaca em uso efetivo atualmente no país, correspondendo a praticamente uma unidade para cada mil brasileiros. Muito embora esses últimos equipamentos não sejam desenvolvidos ou produzidos no Brasil, a comercialização e a assistência técnica proporcionou a geração de um número apreciável de empregos e movimentação anualmente quantias bastante relevantes.

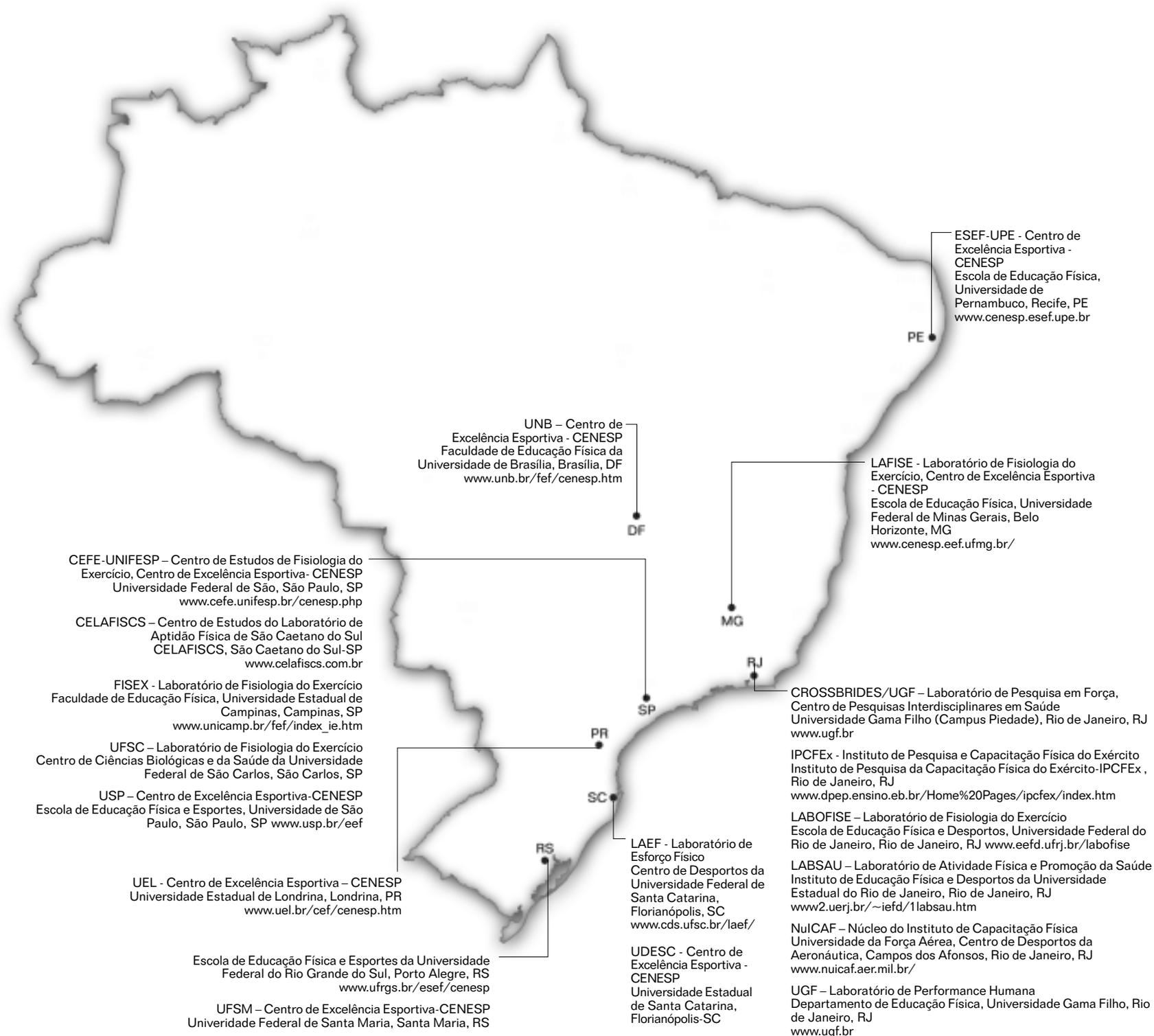
Observa-se um aumento no número de trabalhos submetidos e apresentados nos congressos da área (e em áreas afins), inclusive em eventos no exterior, com uma participação cada vez maior de

temas direcionados à aplicação prática. A produção científica brasileira na área encontra-se em rápida ascensão tanto em termos quantitativos como em qualidade (artigos publicados em revistas científicas com elevado fator de impacto), porém com uma participação internacional ainda muito modesta e restrita a alguns poucos pesquisadores mais experientes.

Por outro lado, a utilização indireta da Fisiologia do Exercício na área clínica, especialmente na realização de testes de exercício (ou de esforço) com objetivo clínico, amplia consideravelmente o número de profissionais e instituições envolvidas. O teste de exercício é um dos exames complementares mais solicitados em Medicina. Presume-se haver mais de 2 mil laboratórios de teste de exercício espalhados por consultórios, clínicas, hospitais e instituições similares no Brasil. Somente o Departamento de Ergometria e Reabilitação Cardíaca da Sociedade Brasileira de Cardiologia possui mais de mil membros em atividade, podendo-se estimar em cerca de 5 mil o número de médicos que supervisiona esse tipo de procedimento em todo o Brasil, incluídas aí as outras especialidades médicas, Medicina do Exercício e do Esporte, Pneumologia, Clínica Médica e Fisiatria. A mão de obra técnica adicional empregada nestes laboratórios e nas demais instalações e equipamentos acima mencionados, deve ter uma ordem mínima de grandeza de 7 mil pessoas. Finalmente, importa destacar a popularização da Fisiologia do Exercício uma vez que uma parcela considerável dos praticantes de exercício físico na população conhece conceitos elementares desta área, especialmente aqueles relativos ao uso da frequência cardíaca na monitoração da intensidade da sessão de exercício. Isto se deve em parte a ampla disponibilidade de tecnologia avançada de medição dessa variável (frequencímetros) e pela veiculação crescente desses conceitos na imprensa leiga e na semi-especializada (revistas populares destinadas ao tema exercício e atividade física) no país.

Principais laboratórios de fisiologia do exercício por localização, 2003

Main exercise physiology laboratories per location, 2003



Parque de instalações & equipamentos em fisiologia do exercício, 2003*

Estimated number of stations and equipment - Exercise physiology, 2003*

Instalação e/ou equipamento - Quantidade estimada	Operação ou/e testes - descrição
200 laboratórios / laboratories	Para medição de consumo de O ₂ em cicloergômetro ou esteira rolante; avaliação cineantropométrica básica / O ₂ measurement
4000 estações / stations	Para ergonomia clínica equipadas com esteiras rolantes nacionais, com cerca de 50% utilizando hardware e software de eletrocardiografia produzidos no Brasil / ergonomiy / treadmills
200 equipamentos / equipment	Para análise de gases expirados visando-se à determinação de consumo de oxigênio (no Brasil a maioria é de pequeno porte) / O ₂ maximum
170 mil freqüencímetros / personal equipment	Para verificação e acompanhamento da freqüência cardíaca (há uma unidade deste instrumento para cada 1 mil habitantes no país) / cardiac frequency monitors
2000 laboratórios / laboratories	Para testes de exercício em consultórios, clínicas, hospitais etc / clinic exercise tests

* Mão de obra vinculada à área: 5 mil médicos e 7 mil outros especialistas e técnicos / total of jobs (full or part time): 5 000 medical doctors and 7000 technicians and other specialities

Sociedade Brasileira de Fisiologia do Exercício

PAULO DE TARSO V. FARINATTI

Brazilian Society of Exercise Physiology

The Brazilian Society of Exercise Physiology-SBFEx, founded in July 2002, has scientific and multi-professional objectives as it gathers of the various fields of physical exercise physiology (working methods, assessment, exercise epidemiology, nutrition and related themes). The

Origem e Definição A Sociedade Brasileira de Fisiologia do Exercício - SBFEx foi criada em julho de 2002, durante o I Encontro Brasileiro de Fisiologia do Exercício. Trata-se de uma associação com fins científicos e natureza multi-profissional. A idéia da criação da Sociedade levou em conta o interesse em proporcionar oportunidade de intercâmbio e interação entre profissionais que atuam na área da fisiologia do exercício físico. Apesar de recente, pode-se dizer que o interesse na criação de uma sociedade nestes moldes remonta há pelo menos três décadas, como demonstram iniciativas com sucesso relativo em períodos de tempo determinados. Na fase atual, a SBFEx tem por objetivo abrir espaço para a participação, em bases iguais, de profissionais de diversas formações, unidos pelo interesse comum na fisiologia do exercício e suas implicações sobre a prescrição e avaliação em programas de atividades físicas (métodos de trabalho, avaliação funcional, epidemiologia do exercício, nutrição e temas correlatos). Em sua estrutura organizacional, buscou-se fugir da natureza classista típica de associações vinculadas a determinado campo de atuação profissional. Em retrospecto, alguns eventos podem ser identificados ao longo da história, que delinearão aos poucos a especialidade no Brasil.

1968 Neste ano ocorreu um dos primeiros exemplos de iniciativa visando a integração profissional na área: em julho de 1968, a Divisão de Educação Física do Ministério de Educação e Cultura – DEF-MEC organizou um seminário no Rio de Janeiro - RJ sobre treinamento esportivo, com a participação de médicos e professores relacionados ao esporte, sob a liderança do Professor Lamartine Pereira da Costa e do Dr. Maurício Leal Rocha. O seminário deu origem a um livro coletivo organizado pelo primeiro, intitulado “Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Desportivo”, com a participação de Maurício Leal Rocha, José Fracarolli, Luiz dos Santos, Mário Cantarino Filho, Maria Lenk, José Rizzo Pinto, Athaide Ribeiro e Benjamin de Viveiros. O pioneirismo da iniciativa consistiu no fato de que este grupo de médicos e professores de Educação Física trabalhou em condições de igualdade no trato de temas – incluindo a fisiologia do exercício – que antes eram prerrogativa da profissão médica.

1972 Organização de dois eventos de composição multi-profissional, ambos no Rio de Janeiro: um Seminário promovido pela Associação Cristã de Moços, com a presença de Kenneth Cooper e sob a denominação de “O Caminho Olímpico”, com a chancela da Sociedade de Medicina Desportiva do Rio de Janeiro e do já citado DEF/MEC; e um Estágio Técnico para médicos e professores de Educação Física organizado pelo *Conseil International de Sports Militaires* em associação com DEF/MEC, também contando com K. Cooper e outros docentes vindos do exterior. Repetia-se o procedimento misto inaugurado em 1968, com adição de participantes internacionais.

1978 Em setembro deste ano, funda-se o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte - CBCE. Na primeira versão dos Estatutos desta sociedade científica, propunha-se como objetivo congregar “profissionais e estudantes de diferentes áreas de conhecimento, que possuem, em comum, o interesse pelo desenvolvimento das Ciências do Esporte”. Em sua origem, portanto, os propósitos do CBCE passavam ao largo da identificação com um campo profissional específico, aproximando-se neste sentido do enfoque hoje adotado pela SBFEx. Além disso, médicos e professores de Educação Física, hoje renomados na Fisiologia do Exercício no

foundation of such scientific society had been so needed and desired for the last 3 decades in Brazil that there had been several relatively successful previous initiatives. The Revista Brasileira de Fisiologia do Exercício (Brazilian Journal of Exercise Physiology – RBFEx – edited in

Brasil, participaram da fundação do CBCE, como Victor Matsudo, Claudio Gil Araujo, Paulo Sérgio Gomes e Dartagnan Guedes. A história do CBCE, porém, viria levá-lo por caminhos diferentes do que se almejava quando de sua fundação. Aos poucos distanciando suas discussões das chamadas ciências biológicas de forma geral, tornou-se um fórum mais afeito às questões da Educação Física enquanto disciplina acadêmica e área de intervenção pedagógica, tendência ratificada por seus novos estatutos, publicados em 2002 e disponíveis em www.cbce.org.br/estatuto.htm.

Décadas de 1980 – 1990 Neste estágio, a participação de profissionais interessados em fisiologia do exercício migraria dos eventos do CBCE para os Simpósios de Ciências do Esporte organizados pelo Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul - CELAFICS, idealizado pelo Dr. Victor Matsudo (os Simpósios do CELAFISCS tornaram-se o evento mais importante do Brasil, no que diz respeito ao volume de apresentações de dados de pesquisa em fisiologia do exercício) e, em menor grau, para os Congressos da Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte - SBME. Em ambos os casos, porém, a fisiologia do exercício consistia em uma das temáticas abordadas, pulverizando as discussões em meio a sessões dedicadas a outros campos de interesse. Alguns pesquisadores vincularam-se à Sociedade Brasileira de Fisiologia - SBFis, nela cadastrando seus grupos de pesquisa. A SBFis foi fundada em 1957, abrindo espaço para a discussão em suas diversas vertentes. No entanto, o número de grupos cadastrados é pequeno em comparação com a quantidade de profissionais que militam na área: em 2003 eram apenas quatro, sediados na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade de Campinas, Universidade Federal de São Carlos e Universidade de São Paulo, cujas atividades tinham ênfase prioritária em fisiologia básica. Em termos institucionais, portanto, não se pode dizer que havia um órgão que congregasse de forma significativa profissionais interessados em fisiologia do exercício, como campo acadêmico ou de intervenção profissional.

1997 Criação nos EUA da *American Society of Exercise Physiologists* - ASEP, com o propósito de promover fóruns para a discussão de temáticas específicas à área, bem como na proposição de padrões para a formação profissional, em parceria com universidades naquele país. A ASEP publica, ainda, um periódico *on-line*, denominado *Journal of Exercise Physiology*. É significativo registrar que a ASEP nasceu de uma dissidência com o *American College of Sports Medicine* - ACSM. Entendeu-se que havia necessidade de uma associação especificamente dedicada aos problemas da fisiologia do exercício, mesmo que a postura do ACSM em relação aos seus membros não pudesse ser classificada como corporativa. No Brasil, alguns profissionais ressentiam-se de carência institucional semelhante, gerando uma demanda reprimida, com o agravante de que a associação que mais promovia a discussão na área, a SBME, constituía assumidamente uma sociedade de classe, reservada aos médicos.

2002 Realiza-se o I Encontro Brasileiro de Fisiologia do Exercício, na cidade do Rio de Janeiro. O evento ocorreu entre os dias 18 e 20 de Julho de 2002, simultaneamente a dois outros encontros que tiveram o patrocínio do Conselho Federal de Educação Física: o II Fórum Nacional dos Cursos de Formação Profissional em Educação Física do Brasil e I Encontro de Proprietários de Academia. Na oportunidade, a participação de profissionais de diversas áreas extrapolou o esperado, atingindo mais de 600 inscritos. Durante o

both Portuguese and English), a quarterly publication, became the official periodical of the new society in 2002. The SBFEx, with 398 official members in July 2003, plans to run exams of certification in exercise physiology to better prepare and train professionals.

evento, constatou-se o desejo de muitos em investir em uma sociedade que garantisse sua continuidade, expandindo o movimento para outros Estados do país. No dia 19 de julho de 2002, em reunião aberta, foi fundada a SBFEx e proposta a publicação trimestral da Revista Brasileira de Fisiologia do Exercício - RBFEx, que passava a ser o órgão oficial da nova sociedade. O primeiro número da revista publicou os textos completos das conferências proferidas pelos convidados nacionais e internacionais. Uma força-tarefa foi proposta para redigir seus estatutos, composta pelos Professores Dartagnan Guedes, Emerson Garcia, Fernando Pompeu, Paulo Farinatti, Paulo Sérgio Gomes e Ruy Krebs. Os estatutos da SBFEx tomaram forma e foram publicados em 2003, no primeiro número do segundo volume da RBFEx.

2003 Em meados deste ano, a RBFEx passa a disponibilizar seus artigos completos na *Internet* através do endereço www.saudeemmovimento.com.br/revista/rbfex e publica os estatutos da SBFEx no seu v.2, n .1. Iniciou-se também a análise dos manuscritos pelo sistema de *peer-review*, com consolidação do corpo de revisores. Em seu segundo volume, a RBFEx passa a publicar artigos com dados originais de pesquisas, além de artigos de revisão. Todos os textos são publicados de forma bilingüe (inglês e português), sendo o primeiro periódico especificamente dedicado ao exercício físico a fazê-lo no Brasil. Neste período também agendou-se o II Encontro Brasileiro de Fisiologia do Exercício para os dias 22 a 24 de Julho de 2004. Para este evento, pretende-se que pela primeira vez sejam apresentadas comunicações livres.

Situação Atual A sociedade está em fase de consolidação, como associação científica e de normatização profissional. Para tanto, investe na qualidade de seu periódico e na realização de seu encontro bienal, procurando atrair para seus quadros profissionais oriundos de diferentes áreas de atuação e formação. Dada sua fundação recente, pode-se dizer que conta com quantidade expressiva de afiliados no país (ver mapa), totalizando 398 membros em julho de 2003. Há, entretanto, uma maior concentração de inscrições nas regiões sul e sudeste. A realização de eventos futuros fora do eixo Rio-São Paulo faz parte dos planos para disseminação da sociedade no resto do país. A diretoria atual da SBFEx é formada por: Presidente; Presidente Eleito; Secretário Geral; Vice-Presidente Executivo; Vice-Presidente Científico; Vice-Presidente Financeiro e Vice-Presidente de Relações Públicas. A RBFEx vem mantendo sua periodicidade, hoje quadrimestral. A maior parte do material que publica é composta de artigos originais, com resultados de pesquisas. Não se excluiu, porém, a possibilidade de publicação de artigos de revisão. Optou-se, antes, pela busca de um equilíbrio entre os dois tipos de contribuição. A análise dos manuscritos submetidos feita pelo processo de revisão por pares, encontra-se sedimentada. Atualmente, a RBFEx está incluída no sistema SIBRADID. Aguarda-se a publicação de uma quantidade suficiente de números, provavelmente em 2004, para submissão do periódico a indexadores como a base Lilacs e Scielo. Como perspectiva futura, a SBFEx pretende ministrar exames de Certificação em Fisiologia do Exercício, dando início a uma maior atuação na esfera da formação profissional.

Fontes: DaCosta, L.P. (org), Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Desportivo. DEF/MEC, Brasília, 1968; www.saudeemmovimento.com.br/revista/rbfex, www.sbfis.org.br/grupocadstr.htm, www.asep.org.

Sociedade Brasileira de Fisiologia do Exercício: membros por estado, 2003 (n=398)

Brazilian Society of Exercise Physiology: membership per state, 2003 (n=398)



Sumário dos textos publicados no primeiro número da RBFEx

Summary of the first issue of the Brazilian Journal of Exercise Physiology

Volume 1, número 1, 2002

GOMES, P. S. C.; Pereira, M.I.R. Treinamento contra-resistência: revisitando frequência semanal, número de séries, número de séries, intervalo de recuperação e velocidade de execução (p.15).

KREBS, R. J. Implicações metabólicas da atividade física de crianças. (p.33).

GUEDES, D. P. Avaliação e prescrição de programas de exercícios físicos (p.47).

BOTTARO, M. Avaliação funcional como instrumento de pesquisa: estamos usando corretamente? (p.63).

LEY, R. O., Gomes, A. C., Meira, A. L., Erichsen, A. O., Silva, S. G. Estudo comparativo dos aspectos funcionais e composição corporal entre atletas de futebol de diferentes categorias (p.75).

SILVA, F. M. O treinamento dos esportes individuais: um estudo referenciado no treinamento da resistência (p. 89).

FARINATTI, P. T. V. Aspectos da prescrição do exercício para hipertensos (p.123).

CEDDIA, R. B. Composição corporal, taxa metabólica e exercício (p.143).

GARCIA, E. S., Dias, J. C., Garcia, A. M. Termorregulação durante a prática esportiva (p.157).

FLECK, S. J. Cardiovascular responses to strength training (169).

FLECK, S. J. Undulating periodization (p.172).

Fleck, S. J. Progression models in resistance training for healthy adults (p.175).

Volume 2, número 1, 2003

GERALDES, A. A. R. Exercício como estratégia de prevenção e tratamento da osteoporose: potencial e limitações (p. 01).

MOTA, G. R., Gobbi, S. Efeitos do envelhecimento e do treinamento físico sobre a capacidade de reserva em homens destreinados (p.29).

SIMÃO, R., Lemos, A., Viveiros, L.E., Chaves, C., Polito, M.D. Força muscular máxima na extensão de perna uni e bilateral (p.47).

SILVA, E. B. Teixeira, M. S. Gomes, P. S. C. Antropometria e força muscular relativa de membros superiores (p. 58).

LEITE, T.C., Farinatti, P.T.V. Estudo da frequência cardíaca, pressão arterial e duplo-produto em exercícios resistidos diversos para grupamentos musculares semelhantes (p.68).

Estatutos da SBFEx (p.89).

Rede de Centros de Excelência Esportiva – CENESP

ADROALDO GAYA

CENESP Network of Centers for Excellence in Sports – Laboratories

The objective of the CENESP network is to develop scientific and academic activities to support Brazilian sports in the following areas: a) evaluation and development of elite athletes; b) formation and qualification of human resources for sports; c) programs for detection of talented sports people; d) promotion of events of scientific and technological publication; e) execution of projects of

scientific and technological investigation. Two thousand four hundred and ninety four agents had been through qualified training in actions that took place in partnership with sports institutions (federations, confederations, associations and clubs) until July 2003. The Network is subsidized by the Ministry of Sports, which puts together seven universities also linked to the state and federal

governments. While 7,529 athletes were evaluated in 2002, 5,425 athletes had been evaluated in the first 7 months of 2003. The research project 'Projeto Esporte Brasil' (Project Sport Brazil) includes a data bank with more than 20,000 children and adolescents, which will allow specialists to follow the process of growth and development of schoolchildren.

Definição e origem Define-se a Rede de Centros de Excelência Esportiva – REDE CENESP - como um projeto interinstitucional. Ligada ao Departamento de Excelência Esportiva da Secretaria Nacional de Esportes de Rendimento do Ministério do Esporte. É formada por nove Universidades Públicas brasileiras, em sete unidades da federação. Constituem-na: a Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS; Universidade Federal de Santa Maria-UFSM; Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC; Universidade Estadual de Londrina-UEL; Universidade de São Paulo-USP; Universidade Federal de São Paulo-UNIFESP; Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG; Universidade de Brasília-UNB e Universidade Estadual de Pernambuco-UPE. O objetivo geral da Rede CENESP é contribuir com o avanço das ciências do esporte. Através de projetos patrocinados pelo Ministério do Esporte, a Rede tem o compromisso de desenvolver atividades científicas e acadêmicas com o intuito de apoiar o esporte nacional nas seguintes áreas: a) avaliação e acompanhamento de atletas de alto rendimento; b) formação e qualificação de recursos humanos para o esporte; c) programas de detecção de talentos esportivos; d) promoção de eventos de divulgação científica e tecnológica; e) execução de projetos de investigação científica e tecnológica. No âmbito da avaliação e acompanhamento de atletas, as ações da Rede CENESP circunscrevem-se a auxiliar o planejamento, o controle e o aperfeiçoamento do desempenho esportivo. A Rede possibilita avaliações de atletas nas áreas de: antropometria; fisiologia; biomecânica; bioquímica; psicologia; análise de jogo; nutrição e pedagogia do treino. Na ótica da formação e qualificação de recursos humanos, promove cursos de atualização, especialização para treinadores e gestores nas diversas modalidades esportivas. Até julho de 2003 foram capacitados 2494 agentes em ações realizadas em parceria com instituições esportivas (federações, confederações, associações e clubes). A Rede CENESP é coordenada por um Conselho Diretivo e um Conselho Técnico. O primeiro é constituído pelos diretores de cada centro sob a coordenação de um de seus membros eleito pelos seus pares. Este conselho, em ação conjunta com o Ministério do Esporte, tem a responsabilidade do planejamento e supervisão das atividades da REDE. O Conselho Técnico é constituído pelos representantes técnicos de todos os CENESPs, coordenados por um membro eleito pelos pares. O Conselho Técnico tem a responsabilidade de operacionalizar, planejar e efetivar as ações propostas pelo Conselho Diretivo. Completam os órgãos diretivos da Rede CENESP os representantes do Ministério do Esporte a quem cabe as decisões políticas e de gestão.

1995 Proposição da Rede CENESP em Universidades brasileiras por intervenção do, então existente, Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto-INDESP do Ministério Extraordinário dos Esportes.

1996 Avaliação dos atletas dos Jogos da Juventude em Curitiba, operação coordenada pelo CENESP-UFRGS (1 a 10/11), com 675 avaliações.

1997 Em 18/11 foram inauguradas oficialmente as instalações do CENESP/UFRGS e, em 8/12, as instalações do CENESP da UFMG. Avaliação dos Jogos da Juventude Goiânia (07 a 16/11). Coordenação: CENESP/UFMG. Avaliados 1485 atletas. Realização do Simpósio Internacional de Ciência e Tecnologia no Esporte – CENESP/UFRGS (19 a 22/11/1997).

1998 Inauguração das instalações dos CENESPs da UDESC em 23/04; da UFSM em maio; da UNB em 26/10; da UPE em 26/11 e

da USP também em novembro. Avaliação dos Jogos da Juventude de Porto Alegre/RS (20 a 29/11). Coordenação: equipe do CENESP/UFRGS. Foram avaliados 800 atletas.

1999 Realização do I Fórum Nacional do Esporte – CENESP/UFMG 25 a 27/11. Proposição do Projeto Esporte Brasil - PROESP-BR pelo CENESP/UFRGS. O PROESP-BR tem por objetivo delinear o perfil das condições de crescimento e desenvolvimento somatomotor, dos indicadores nutricionais, e dos níveis de aptidão física relacionados à saúde e ao rendimento esportivo em crianças e jovens brasileiras na faixa etária entre 7 a 17 anos. Este projeto é desenvolvido a partir das nove Universidades que compõem a Rede e instituições conveniadas. Projeta-se, para a primeira fase (até 2006) a constituição de um banco de dados nacional com 50 mil crianças e jovens.

2000 Portaria de 27 de Setembro de 2000, o INDESP credencia, em caráter definitivo e com efeito retroativo a 8 de Março, as seguintes universidades como membros efetivos da Rede CENESP: UFRGS, UFSM, UFMG, UDESC, UEL, USP e UPE. A mesma Portaria credencia, em caráter provisório, a UNIFESP que, já no ano seguinte, passa definitivamente a integrar a Rede. Realização do Fórum Brasil Esporte – CENESP/UEL - 29/11 a 02/12 em Londrina. Avaliação dos XXIV Jogos Escolares Brasileiros em Campinas (01 a 03/11). Coordenação: CENESP/UFRGS – avaliação 209 atletas.

2001 II Fórum Esporte Brasil – CENESP/UPE (28 a 30/11). Avaliação dos Jogos da Juventude (26/07 a 05/08). Coordenação: CENESP/UPE. Foram avaliados 1347 atletas. Avaliação dos Jogos da Esperança – Olimpíada Colegial (7 a 14 anos) em Poços de Caldas-MG (23/11 a 02/12). Coordenação CENESP/UFMG. Foram avaliados 714 atletas Avaliação dos Jogos da Esperança – Olimpíada Escolar (15 a 17 anos). Brasília-DF (20 a 28/10). Coordenação CENESP/UNB. Foram avaliados 682 atletas. Proposição do Projeto Passaporte do Atleta pela UPE. O Passaporte do Atleta consiste no registro informatizado, através de CD de um completo dossiê com informações técnicas, médicas, físicas e de desempenho esportivo dos atletas. O programa prevê núcleos de informação e registros de dados integrados nos nove núcleos CENESP. Proposição do Projeto: O Perfil do Campeão cujo objetivo é, através de investigação científica, traçar o perfil dos atletas brasileiros de alto desempenho no que se refere a um conjunto alargado de variáveis de estilo de vida, desempenho atlético, perfil socioeconômico e cultural. O Perfil do Campeão é executado sob a coordenação do CENESP/UEL.

2002 Em reunião nos dias 25, 26 e 27/11 em Brasília: apresentação e aprovação para destinação de recursos para os Projetos Técnicos da Rede. Projeto Esporte Brasil, Perfil do Campeão e Passaporte do Atleta. Planejamento de cronogramas para avaliações de atletas federados tendo em vista predominantemente os Jogos Panamericanos de São Domingos. Planejamento do Congresso Internacional de Treinamento Esportivo para realização no ano seguinte.

2003 Realização do Simpósio Internacional de Treinamento Esportivo –CENESP/UNIFESP (março em São Paulo-SP).

Situação Atual A Rede CENESP consolidou sua credibilidade como instituição de apoio ao esporte Olímpico e Paraolímpico brasileiro. Várias Confederações e Federações utilizam a Rede

como apoio na preparação de seus atletas. As avaliações realizadas nas competições nacionais, como os Jogos da Juventude e JEBs, tem proporcionado informações que credenciam a Rede como um importante coadjuvante na formação e preparação de atletas de excelência. Nos estados, os núcleos CENESPs atendem as federações e clubes esportivos. Durante os anos de 2002, foram avaliados 7529 atletas federados. No ano de 2003, considerando os dados até julho, já foram avaliados 5425 atletas. Na área de pesquisa, o Projeto Esporte Brasil contabiliza um banco de dados com mais de 20000 crianças e jovens Estes dados vão permitir uma radiografia nítida dos processos de crescimento e desenvolvimento somatomotor de escolares brasileiros. Sobre o Projeto Esporte Brasil, foi publicado uma edição especial da Revista Perfil da UFRGS denominada Dossiê Projeto Esporte Brasil (outubro de 2003), com estudos que apresentam uma perfil multidimensional da população dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Cinco teses de mestrado foram defendidas no Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano da UFRGS. Publicou-se em 2003 o livro “Areia Branca: um estudo multidimensional sobre escolares de município de Parobé-RS”. Informações sobre a aptidão física, relacionada ao rendimento esportivo tem possibilitado estudos efetivos na área de identificação e detecção de talentos esportivos. Dois artigos sobre o tema constam na Edição Especial da Revista Perfil. A participação dos CENESPs da UPE, UNIFESP e UFMG destacou-se na preparação da equipe Paraolímpica brasileira, que participou dos últimos Jogos de Sidney-2000. Também é motivo de referência a participação da Rede na preparação de atletas para os Jogos Panamericanos de São Domingos-2003.

Quanto a execução de projetos em tecnologia, a Rede tem desenvolvido um conjunto de instrumentos de avaliação e controle do treino. Por exemplo: pedais para análise de cargas para o ciclismo; calçados personalizados para atletas de nível internacional; plataformas de força sub-aquática; instrumentos de avaliação da performance atendendo às especificidades das modalidades esportivas olímpicas e paraolímpicas. Para além desses projetos nacionais, salienta-se o conjunto de pesquisas realizadas pelo corpo de pesquisadores (ver mapa) que atuam nos nove Centros da Rede. Os laboratório da Rede CENESP estão equipados com instrumentos de alta sofisticação. A tecnologia desses laboratórios permite avaliações de desempenho e o desenvolvimento de pesquisas de alto grau de rigor científico. Em resumo, a Rede CENESP tem preenchido uma lacuna significativa no auxílio ao esporte de rendimento no Brasil. Seu vínculo com importantes universidades públicas brasileiras tem possibilitado avanços no âmbito da pesquisa, da extensão, da prestação de serviço e do ensino na área das ciências do esporte. Todavia, este mesmo vínculo com instituições governamentais deixam-na sempre dependente de pretensões políticas e visões ideológicas sobre as quais não mantém qualquer controle efetivo. Portanto, na atual conjuntura seu futuro, mais que ditado por sua capacidade de gerar resultados, é dependente de conjunções políticas e de poder.

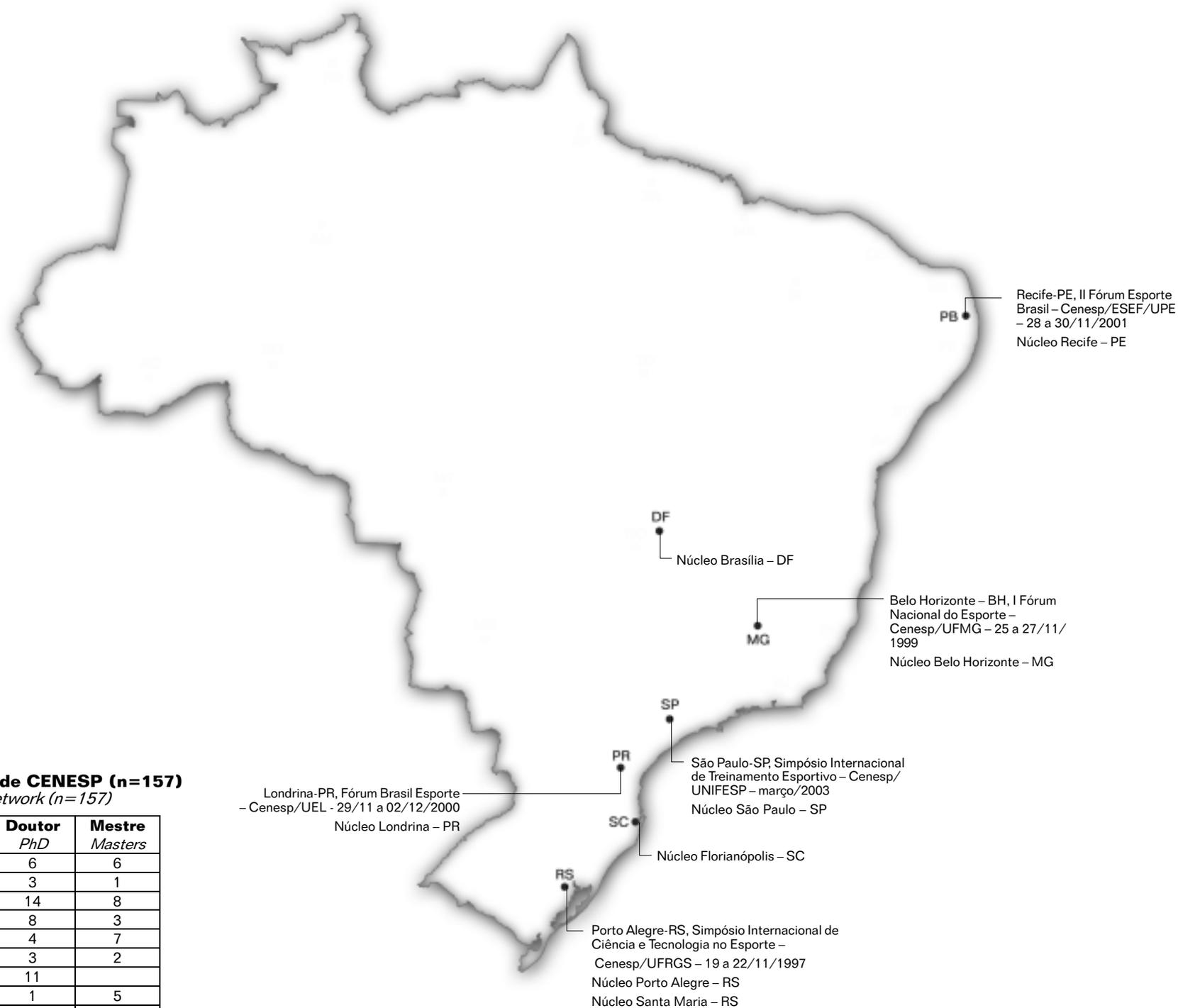
Fontes Projeto de Implantação de Centros de Excelência Esportiva em Porto Alegre e Belo Horizonte. Escolas de Educação Física da UFRGS e UFMG. 1995. CODIC. Coordenadoria Geral de Difusão de Ciências do Esporte. Ministério do Esporte.

Localização dos Núcleos CENESP por estado, 2003

CENESP facilities and laboratories location per state, 2003

Localização de Congressos, fóruns e simpósios do CENESP, 1997-2003

CENESP Conferences, forums and symposia localization, 1997-2003



Pesquisadores efetivos da Rede CENESP (n=157)

Regular researchers of CENESP Network (n=157)

Universidade <i>University</i>	Especialista <i>Specialist</i>	Doutor <i>PhD</i>	Mestre <i>Masters</i>
UDESC	4	6	6
UFSM		3	1
UFRGS	6	14	8
USP	1	8	3
ESEF/UPE		4	7
UNB		3	2
UFMG	1	11	
UEL	1	1	5
UNIFESP	37	11	18
Totais	50	61	46

CENESP e sua produção de pesquisas – livros publicados, 1995 – 2003

CENESP: research projects & books published, 1995 – 2003

Junior, Nilma; Resende Anelino (org). Avaliação Postural do Jovem Atleta Brasileiro. Brasília, INDESP, 1995.
 Gaya, Adroaldo et al. Os Jovens Atletas Brasileiros. Porto Alegre, UFRGS-INDESP, 1997.
 Samulski, Dietmar et al. Resultado da Avaliação dos Jogos da Juventude 1997. Belo Horizonte, UFMG-INDES, 1998.
 Moraes, Luis Carlos et al. Resultados das Avaliações – Olimpíadas Colegiais – Jogos da Esperança – 2001. Belo Horizonte, MET-UFMG. 2002.
 Dossiê Esporte Brasil. Edição Especial da Revista Perfil. Porto Aegre UFRGS. 2003.
 Gaya, Adroaldo. e Silva, Marcelo Areia Branca: um estudo multidimensional sobre escolares do município de Parobrobé, UFRGS-Prefeitura Munucipal de Parobé. 2003.

Medicina do esporte

ANTONIO CLAUDIO LUCAS DA NÓBREGA, RENATA RODRIGUES TEIXEIRA DE CASTRO, MARCOS AURÉLIO BRAZÃO DE OLIVEIRA E EDUARDO HENRIQUE DE ROSE

Sports medicine

Sports Medicine in Brazil has developed very closely to Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte (Brazilian Society of Sports Medicine - SBME), an institution devoted not only to continuing education and the scientific development of its members but also to the improvement of the quality of life of the population through physical activity and sports. Brazilian version of sports medicine started in 1933 through the inclusion of medical doctors in the physical education courses of

the Brazilian Army, and, after that, through specialization in a university course that developed into an association in 1962. Since then SBME, as a scientific society, has been a leader in sports medicine. Today SBME publishes the Revista Brasileira de Medicina do Esporte (Brazilian Journal of Sports Medicine - RBME) in Portuguese and in English, organizes a national conference every two years, certifies doctors through exams and specialization courses in universities, and

divulges public statements about physical activity and health. SBME has 823 members, including 239 specialists, affiliated to six regional segments in the country. There are six specialization courses in sports medicine linked to Brazilian universities. SBME develops intensive interchange with similar institutions in the Americas and one of its members, Dr. Eduardo De Rose, is the current president of the Fédération Internationale de Médecine du Sport (FIMS).

Origem e Definição A Medicina do Esporte no Brasil confunde-se com a evolução e desenvolvimento da Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte – SBME, uma entidade médico-científica, sem fins lucrativos, dedicada à educação continuada e ao aperfeiçoamento científico de seus membros, através de Congressos, Seminários, Simpósios e Cursos de Atualização, como também à melhoria da qualidade de vida da população, através da atividade física e do esporte. A versão brasileira da Medicina do Esporte tem marcado seu início em 1933 pela inclusão de médicos nos cursos de Educação Física do Exército Brasileiro, e, posteriormente, por um curso universitário de especialização médica que se desdobrou numa associação em 1962, assumindo então o seu duplo papel de área de conhecimento e de sociedade científica.

Atualmente, a SBME é a representante legítima da especialidade no Brasil e é filiada à *Fédération Internationale de Médecine du Sport* - FIMS, *Confederación Panamericana de Medicina del Deporte* - COPAMEDE, *Confederación Sudamericana de Medicina del Deporte* - COSUMED e *Confederación Iberoamericana de Medicina Del Deporte*. A SBME conta com várias regionais espalhadas por todo o país, desenvolvendo atividades científicas regularmente, normatizando procedimentos médicos e se posicionando publicamente com relação aos cuidados com a saúde por meio de exercícios físicos.

1933 Na data de 19 de outubro, pelo decreto número 23252, cria-se a Escola de Educação Física do Exército - EsEFEX no Rio de Janeiro, que incluiu médicos em seu curso de formação em Educação Física. Daquela data até 2002, um total de 102 médicos militares (4 do exterior) participaram deste curso, em adição a 49 civis. Entre os primeiros civis formados, estava o Dr. Waldemar Areno que promoveu a criação da especialização médica a partir do suporte institucional estabelecido pelo Exército.

1939 O Decreto Lei 1212, de 17 de abril deste ano, estabelece a fundação da Escola Nacional de Educação Física na Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, e torna obrigatória a formação, em nível de pós graduação “lato sensu”, do médico especializado que viesse a atuar em clubes ou escolas, na avaliação de atletas para a prática do esporte, ou de alunos para a prática de atividade física. Nesta Escola surge, nesta data, o primeiro curso brasileiro para formação de especialistas em Medicina do Esporte - o “Curso de Medicina da Educação Física e do Desporto” – liderado pelo Dr. Waldemar Areno.

1962 Em 18 de novembro é fundada a Federação Brasileira de Medicina do Esporte - FBME, por iniciativa do Prof. Waldemar Areno, do Rio de Janeiro, e do Prof. Mário Carvalho Pini juntamente com o Dr. Reynaldo Kuntz Bush, ambos de São Paulo. Desde então, a história da Medicina do Esporte no Brasil tem tido mútua identificação com a história da FBME.

1964 Realiza-se o Primeiro Congresso Brasileiro de Medicina do Esporte, na cidade de São Paulo.

1976 Criação da Revista Brasileira de Medicina do Esporte - RBME – Órgão Oficial de Divulgação Científica da FBME.

1992 Início da publicação do Jornal de Medicina do Exercício - JMEx pelo segmento do Rio de Janeiro da SBME, que veio a substituir o antigo “Boletim Informativo”, que tinha como objetivo divulgar notícias sobre a entidade. Criado pelo Dr. Marcos Aurélio Brazão de Oliveira, este veículo passou a publicar artigos científicos

relacionados com a especialidade. Atualmente, o JMEx é distribuído por todo Brasil através de patrocinador, e conta com a expressiva marca de 20.000 exemplares.

1993 A Sociedade de Medicina Desportiva do Estado do Rio de Janeiro inicia seu curso de atualização que, até 2003, já contabilizava mais de 1200 alunos.

1995 Reforma do Estatuto da Federação, que passou a ser denominada Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte - SBME.

1996 Publicação do Posicionamento Oficial da SBME sobre atividade física e saúde, acompanhando rotina típica de sociedades médicas de países avançados, dedicadas à área de exercício físico e saúde.

1998 Publicação do Posicionamento oficial da SBME sobre atividade física e saúde na infância e adolescência.

1999 Publicado o Posicionamento Oficial da SBME e da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia sobre atividade física e saúde no idoso.

2000 Publicação do Posicionamento Oficial da SBME sobre atividade física e saúde na mulher.

2001 Criação pela SBME de Normatização para a Concessão do Título de Especialista em Medicina do Esporte, através de um Exame Escrito e da análise do *curriculum vitae* do candidato, em virtude do convênio firmado entre a Associação Médica Brasileira e o Conselho Federal de Medicina. A SBME realiza, anualmente, a prova para a obtenção do Título de Especialista em Medicina do Esporte. Neste mesmo ano, publica-se o I Consenso de Petrópolis: Posicionamento Oficial sobre esporte competitivo, em indivíduos acima de 35 anos.

2003 Disponibilizada a versão eletrônica da RBME, com o endereço URL: www.rbme.org.br

Situação Atual A SBME está consolidada como entidade médico-científica e de normatização profissional em sua área, mantendo-se no enfoque central da melhoria da qualidade de vida da população, através da atividade física e do esporte. Nestas condições tem estreitado seu intercâmbio com entidades congêneres do exterior, sobretudo com a FIMS, cujo presidente atual – o brasileiro Dr. Eduardo De Rose – é egresso dos quadros da SBME. Tais relações têm sido bem sucedidas especialmente na América Latina onde seus membros tem tido destaque, tanto na produção científica como na condução de cursos em universidades brasileiras ou em entidades de países solicitantes.

A diretoria da SBME é formada por Presidente, Vice-Presidente, Secretário-geral, Tesoureiro, Editor da Revista Brasileira de Medicina do Esporte, Presidente-eleito, Presidente-anterior, Conselho fiscal e seus suplentes. O conselho consultivo é formado pelos Ex-presidentes e desempenha importante papel nas eleições da Diretoria, aprovando, ou não, a chapa apresentada pelo presidente eleito.

A RBME tem publicação regular, bimestral e é composta, em sua maioria por artigos originais com resultados de pesquisas. A análise dos artigos submetidos obedece ao processo de revisão pelos pares, que promove a qualificação dos mesmos através das sugestões e críticas de especialistas no tema selecionados pelo Editor-Chefe, para emitir um parecer consubstanciado. Atualmente, a RBME é indexada no Lilacs (sistema de registro

dos periódicos científicos da América Latina que atingem um grau de excelência) e recebe apoio financeiro do Ministério do Esporte e Turismo e do CNPq. Recentemente a RBME foi incluída na Coleção SciELO Brasil. Apesar de ser o principal veículo brasileiro de divulgação científica na área de medicina do esporte, constata-se que há um grande desequilíbrio quanto às regiões onde são produzidos os artigos, submetidos para publicação na Revista. Por Estados da Federação, os artigos submetidos em 2002 somaram: DF – 1; MG – 4; PR – 4; PE – 1; RJ – 17; RN – 1; RS – 3; SC – 2; e SP – 21. Ou seja: 75% das contribuições originaram-se de autores residentes na região sudeste do país; e menos de 3% dos artigos submetidos, foram escritos em estados que não fazem parte das regiões sul ou sudeste.

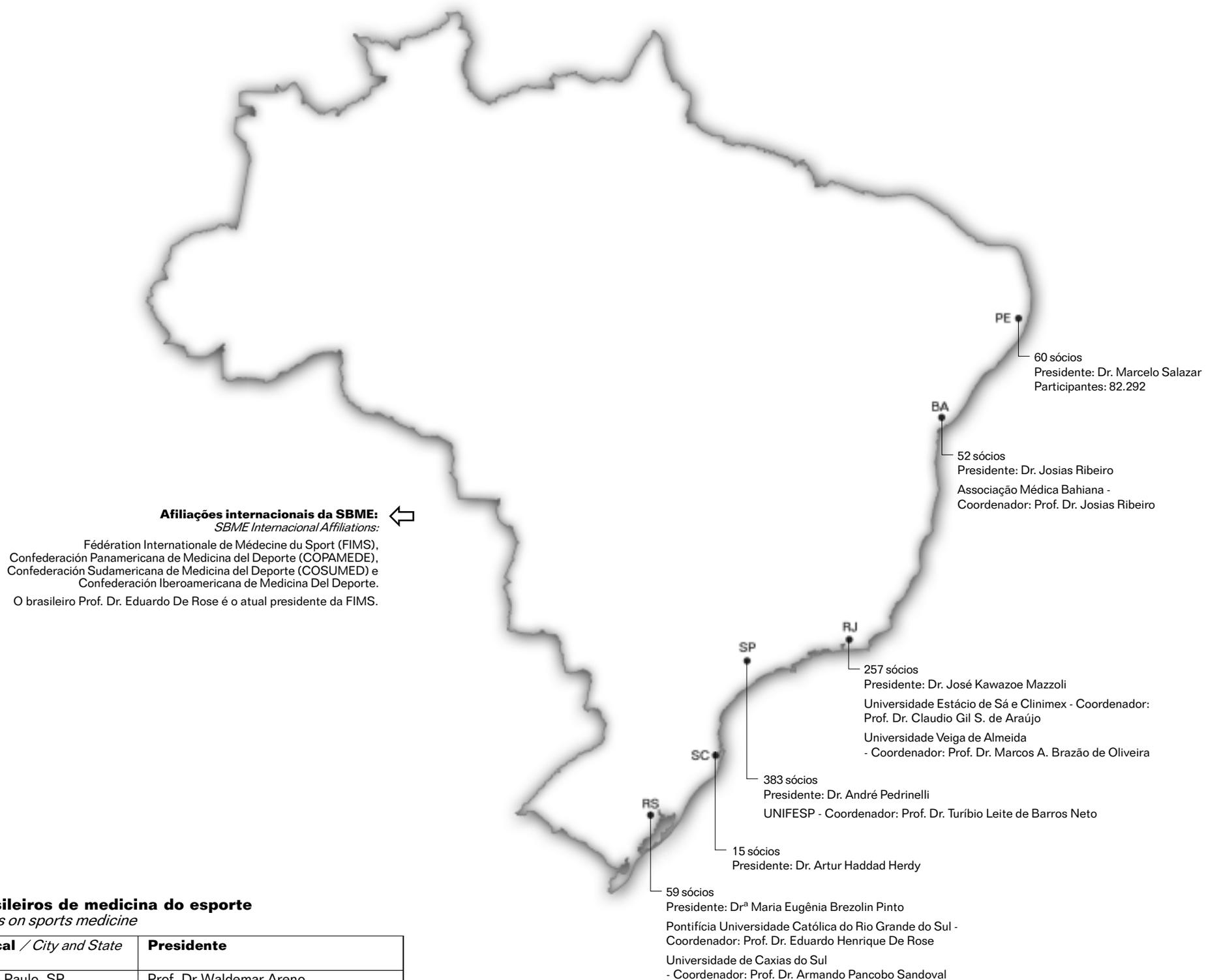
Em termos de provimento da especialização em Medicina do Esporte, as perspectivas atuais situam-se na revisão do ensino na formação médica. As diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em Medicina indicam que o médico deve estar capacitado a atuar em ações de promoção, prevenção, recuperação e reabilitação à saúde. Como primeiro item da sessão “habilidades específicas” destas diretrizes consta: “Promover estilos de vida saudáveis, conciliando as necessidades tanto de seus clientes/pacientes quanto às de sua comunidade, atuando como agente de transformação social”. Mais especificamente, considera-se conteúdo essencial a compreensão dos processos fisiológicos do ser humano, entre eles as atividades físicas e desportivas. Apesar disso, a maioria dos cursos de graduação em medicina do Brasil não contempla o ensino da medicina do exercício em sua grade curricular. Estudo transversal realizado por Nóbrega e Araújo, no final da década de 1980, identificou que, apesar de a maioria dos cursos de graduação em medicina ministrarem o tema fisiologia do exercício, apenas metade deles abordam o tema exercício durante o ciclo profissional: incluído no curso de cardiologia ou, mais raramente, no de endocrinologia.

Atualmente, há 239 médicos com especialização em Medicina do Esporte no Brasil, e sete cursos para provimento do título. No mapa, em anexo, é apresentada a localização dos cursos de especialização no Brasil bem como das regionais da SBME que têm maior representação nacional, com seus presidentes e número de membros inscritos (total: 826). Entendemos por representação não só o número de membros, mas também seu nível de atuação e organização. Na mesma representação gráfica é resumida, em tabela, a realização do Congresso Brasileiro de Medicina do Esporte, em diferentes cidades e regiões do Brasil, desde 1964. Outros congressos já tradicionais na especialidade são o Congresso Sul-Brasileiro de Medicina do Esporte e o Congresso Norte-Nordeste de Medicina do Esporte.

Fontes Carvalho T, Nóbrega ACL, Lazzoli JK, Magni JRT, Rezende L, Drummond FA, Oliveira MAB, De Rose EH, Araújo CGS, Teixeira JAC. Posicionamento Oficial da Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte sobre atividade física e saúde. Rev Bras Med Esporte 1996, 2:79-81; Nóbrega ACL, Araújo CGS. Medicina do exercício: o que é ensinado nos cursos de graduação médica no Brasil. R Bras Educ Med 1988, 12: 41-76; Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte. Normatização da Concessão do Título de Especialista em Medicina do Esporte e do Reconhecimento de Cursos de Especialização em Medicina do Esporte. Rev Bras Med Esporte 2001, 7: 37-40; Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte. Título de especialista em medicina do esporte. Rev Bras Med Esporte 2001, 7: 41-43.

Medicina do esporte: Localização dos cursos de especialização e de Regionais da SBME com maior representação nacional (presidentes e número de membros), 2003

Sport medicine in Brazil: specialization courses location and SBME major sections with president and membership, 2003



Congressos brasileiros de medicina do esporte
National congresses on sports medicine

Evento/ano <i>Event/year</i>	Local / City and State	Presidente
I / 1964	São Paulo, SP	Prof. Dr. Waldemar Areno
II / 1973	Rio de Janeiro - RJ	Prof. Dr. Eduardo Henrique De Rose
III / 1975	Porto Alegre - RS	Prof. Dr. José Rizzo Pinto
IV / 1977	Recife - PE	Dr. Rubens Pimenta da Silva
V / 1979	São Paulo - SP	Dr. José Luiz Fracaroli
VI / 1981	Natal - RN	Prof. Dr. Maeterlinck do Rego Mendes
VII / 1983	Salvador - BA	Prof. Dr. Maeterlinck do Rego Mendes
VIII / 1987	Rio de Janeiro - RJ	Prof. Dr. Eduardo Henrique De Rose
IX / 1989	São Paulo - SP	Dr. Maurício Bravo
X / 1991	Rio de Janeiro - RJ	Prof. Dr. Maeterlinck do Rego Mendes
XI / 1993	Salvador - BA	Prof. Dr. João Roberto Carazzato
XII / 1995	Vitória - ES	Dr. João Ricardo Turra Magni
XIII / 1997	Gramado - RS	Dr. Marcelo Salazar
XIV / 1999	Brasília - DF	Dra. Mariza Carla de Queiroz
XV / 2001	Rio de Janeiro - RJ	Dr. Marcos Aurélio Brazão de Oliveira
XVI / 2003	Florianópolis - SC	Dr. Tales de Carvalho

Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte – CBCE

FERNANDA SIMONE LOPES DE PAIVA

Brazilian College of Sport Sciences – CBCE

The Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (Brazilian College of Sports Science – CBCE) is a scientific society that gathers students and professionals (from different areas) who share the interest in physical education and sports as a field of knowledge and intervention. CBCE's objectives are to promote, increment, socialize and disseminate the academic production of the area especially through the Revista Brasileira de Ciências do Esporte (Brazilian Journal of

Sports Science – RBCE), a main quarterly indexed journal, submitted to peer evaluation and an electronic newsletter, "Jornal do CBCE" (CBCE's Journal). Because of the successful publication of three books between 1995 and 1999, CBCE has been editing the collection Educação Física e Esportes (Physical Education and Sports) since 2000, published by Editora Autores Associados, in São Paulo. CBCE has also been in charge of the organization of the Congresso

Brasileiro de Ciências do Esporte (Brazilian Conference of Sports Sciences – CONBRACE), which has assembled the scientific community every two years since 1979. Although CBCE was founded in 1978 inspired on the American College of Sports Medicine model, it has been running on a Brazilian mode adapted to the current context. CBCE had 5,208 members in 2003 and each CONBRACE has an average of 4,000 participants.

Definição e Origem O CBCE é, por excelência, uma sociedade científica congregadora de profissionais e estudantes de diferentes áreas que partilham o interesse por estudos relativos à Educação Física e ao Esporte, como área de conhecimento e intervenção. Seu maior objetivo é promover, incrementar, socializar e difundir a produção acadêmica da área. Isso se dá por meio de dois canais de comunicação, a saber, publicações específicas e organização de reuniões científicas, embora outras formas de participação nas diferentes instâncias e manifestações políticas do debate da área sejam também acionadas (consultorias, pareceres, audiências, etc.). No que tange às publicações, o CBCE edita, desde a sua fundação e sem interrupção, a Revista Brasileira de Ciências do Esporte -RBCE, publicação quadrimestral difusora da produção acadêmica de ponta, e um boletim informativo, atualmente denominado "Jornal do CBCE", que possui veiculação eletrônica. Em decorrência da experiência positiva com a publicação de três livros entre 1995 e 1999, desde 2000, co-edita a coleção Educação Física e Esportes, publicada pela Editora Autores Associados.

Na realização de eventos, como sociedade científica reconhecida e afiliada à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC, o CBCE é responsável por organizar a programação específica da área nas reuniões anuais desta última. Além disso, realiza o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte - CONBRACE que, desde 1979, de dois em dois anos, se propõe a reunir sua comunidade acadêmica.

1978 O CBCE foi fundado em 17 de setembro, em São Caetano do Sul – SP. São 27 os seus sócios-fundadores, liderados por Victor Matsudo, seu primeiro presidente. Além do presidente em exercício, a direção do CBCE comportava um presidente eleito para mandato subsequente, e vice-presidências, cujas nomeações variaram nas três primeiras gestões. O estatuto previa a criação de secretarias regionais, que, naquele primeiro momento, se consubstanciaram, precariamente, na forma de representantes estaduais junto à presidência. Laços interpessoais e a perspectiva institucional assumida ligavam-no ao *American College of Sports Medicine*.

1979 Realização do I CONBRACE e início da publicação da RBCE.

1981 Um dos boletins anuncia que o CBCE se fez presente na 33ª Reunião Anual da SBPC, com a participação de quatro associados.

1982 É antecipada a posse do presidente-eleito para a gestão 1983/1985, Osmar de Oliveira, em virtude da demissão voluntária do presidente em exercício, Cláudio Gil Soares Araújo.

1983 Primeira tentativa de incremento e dinamização das representações estaduais por Lino Castellani Filho, designado assessor da presidência para cuidar da questão. A publicação da RBCE registra seu primeiro atraso significativo.

1985 O grupo que assume o CBCE, liderado por Laércio Elias Pereira, propõe uma representação diferenciada de fazer "ciências do esporte" no Brasil, e, gradativamente, reconstrói o CBCE. Coloca-se em pauta, timidamente, a discussão epistemológica da área. Anunciam-se reformas estruturais da associação. Começa o trâmite do pedido de afiliação do CBCE à SBPC. Celi Taffarel passa a coordenar o trabalho das representações estaduais.

1986 Muda a linha editorial da RBCE, que, entretanto, permanece em atraso, tanto em virtude da falta de financiamento, como por falta de trabalhos acadêmicos aprovados.

1987 A Diretoria Nacional, com Celi Taffarel na presidência, é eleita por aclamação no IV CONBRACE que conta com um número recorde

de participantes, cerca de 4.000. Aprova-se uma reforma estatutária, em ressonância com a qualificação político-acadêmica da qual o CBCE vai se investindo. Muda a configuração da Direção Nacional que, além de presidência e vice-presidência, passa a ser composta por quatro diretorias – administrativa, científica, de divulgação e financeira – que constroem seu perfil na trajetória da instituição e cujas funções estão explicitadas no estatuto aprovado em 2002.

1988 Tenta se implementar a composição da RBCE por números temáticos. Eles são dedicados a O que é Motricidade Humana?, O Dirigente Desportivo, O que é "Deficiência"? e a comemoração CBCE: dez anos – A Educação Física face à nova LDB. No ano seguinte, a composição da revista volta a ser por demanda espontânea. Permanece o atraso na publicação. O CBCE participa do Fórum em Defesa da Escola Pública nas discussões da Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional – LDB.

1989 O VI CONBRACE é palco de uma eleição que consolida os rumos trilhados a partir de 1985. Nessa eleição confrontam-se a concepção de ciência e administração veiculada pelas primeiras gestões, com aquela que se implementou a partir de 1985. É esboçado o regimento interno das Secretarias Estaduais, que se tornariam uma importante instância do CBCE.

1990 O documento Alguns elementos para a política e ação do departamento científico do CBCE, redigido por Valter Bracht, então diretor científico e presidente nas gestões 1991/1993 e 1993/1995, marca um salto qualitativo nas discussões e ações do CBCE.

1991 Novo empreendimento para que a RBCE seja publicada por números temáticos, projeto que se implementa por três anos consecutivos. Eles são dedicados aos temas Lazer, Educação Física: ensino, Aprendizagem Motora, Atividade Física e Saúde, Currículo e o último, a textos preparatórios para discussão no VIII CONBRACE, realizado em 1993, cujo tema central foi Que ciência é essa? Memória e Tendências.

1992 Com um número reduzido de sócios em dia com suas anuidades – cerca de 200 –, na reunião anual da SBPC se estrutura um plano de ação para a restauração da credibilidade institucional do CBCE. A regularização da publicação da RBCE é uma das principais metas, que é paulatinamente atingida.

1995 O IX CONBRACE inova ao solicitar textos completos aos pesquisadores que submetem trabalho à apreciação da Comissão Científica do evento. Publica-se o livro As ciências do esporte no Brasil. Assume o Direção Nacional a equipe presidida por Elenor Kunz, que, dentre outras realizações, concentra esforços na manutenção da periodicidade e aprimoramento editorial da RBCE por temáticas e insere o CBCE nas principais discussões nacionais no âmbito da Educação Física/Ciências do Esporte, dentre outros, no debate sobre os parâmetros curriculares nacionais - PCNs e na elaboração das diretrizes curriculares para os cursos de formação profissional em educação física.

1996 Uma enchente danifica boa parte do acervo documental do CBCE.

1997 Instala-se a dinâmica dos Grupos de Trabalho Temático – GTTs – nos CONBRACEs. Eles permitiram a aglutinação de pesquisadores com interesse comum em temas específicos, com a finalidade de promover a reflexão, incentivar a produção e se comprometer com a difusão do conhecimento acerca de problemáticas estabelecidas pela própria discussão. Os GTTs são

também pólos sistematizadores e avaliativos de questões que possam subsidiar ações políticas do CBCE. Publica-se o livro Educação física escolar frente à LDB e aos PCNs.

1999 O XI CONBRACE tem número recorde de trabalhos aprovados – 636. Lino Castellani Filho preside a equipe eleita que intensifica a interlocução com outras sociedades científicas, universidades e núcleos de pesquisa, com destaque para os cursos de pós-graduação, objetivando maior articulação e interação com setores que produzem, fomentam e consomem bens científicos, tecnológicos e educacionais. Publicação do livro Educação Física/Ciências do Esporte: intervenção e conhecimento.

2000 Mudança na editoração da RBCE, que passa a ser co-publicada pela Editora Autores Associados. Essa parceria também inaugura a publicação da Coleção de Educação Física e Esporte.

2001 O XII CONBRACE consolida debates nos GTTs em torno das seguintes temáticas: Atividade física e saúde, Comunicação e mídia, Epistemologia, Escola, Formação profissional e campo de trabalho, Memória, cultura e corpo, Movimentos sociais, Pessoas portadoras de necessidades especiais, Políticas públicas, Pós-graduação, Recreação e Lazer e Rendimento de alto nível. Inicia-se a rediscussão do estatuto.

2002 Mudança estatutária que reordena o perfil da associação. Dentre as reelaborações, destaca-se a decisão de poderem afiliar-se ao CBCE sociedades científicas como sócios institucionais, e de a Direção Nacional ser composta por portadores do título de doutor.

Situação atual A memória sobre a construção indica como a instituição se constituiu, por passos sucessivos, uma sociedade científica reconhecida e aglutinadora dos debates mais expressivos na área de Educação Física/Ciências do Esporte. O CBCE cresceu e amadureceu na sua trajetória. Tornou-se brasileiro, de fato, com sua *desamericanização* e numa gradativa conquista do território nacional. Nesse contexto, o conhecimento com ele e nele produzido, e por ele veiculado evidencia o próprio avanço do debate epistemológico na área, e nas diferentes temáticas com as quais a Educação Física e o Esporte têm estabelecido interfaces. O avanço quantitativo e qualitativo na produção do conhecimento é visível (ver mapa). Os espaços de debate destinados à pesquisa científica nos CONBRACES têm sido palco, nos últimos eventos, da apresentação de trabalhos de fôlego, na maior parte desenvolvidas em estudos de doutorado, mestrado, iniciação científica, ou ainda, em trabalho conjunto dos novos grupos de pesquisa, núcleos de estudos e laboratórios sediados nas grandes universidades do país. O perfil associativo do CBCE também reflete essa mudança: se antes havia a necessidade de exprimir que seus quadros eram compostos de estudantes, graduados e pesquisadores, hoje o CBCE se quer e se faz composto por pesquisadores, sejam eles estudantes ou profissionais. O quadro associativo comporta, majoritariamente, não mais sócios que queiram "se atualizar" acompanhando o debate, mas, sócios que dele participam, nele interferindo de modo fundamentado. Em termos quantitativos, o CBCE tinha, em julho de 2003, 5208 sócios distribuídos em todos os estados da Federação brasileira.

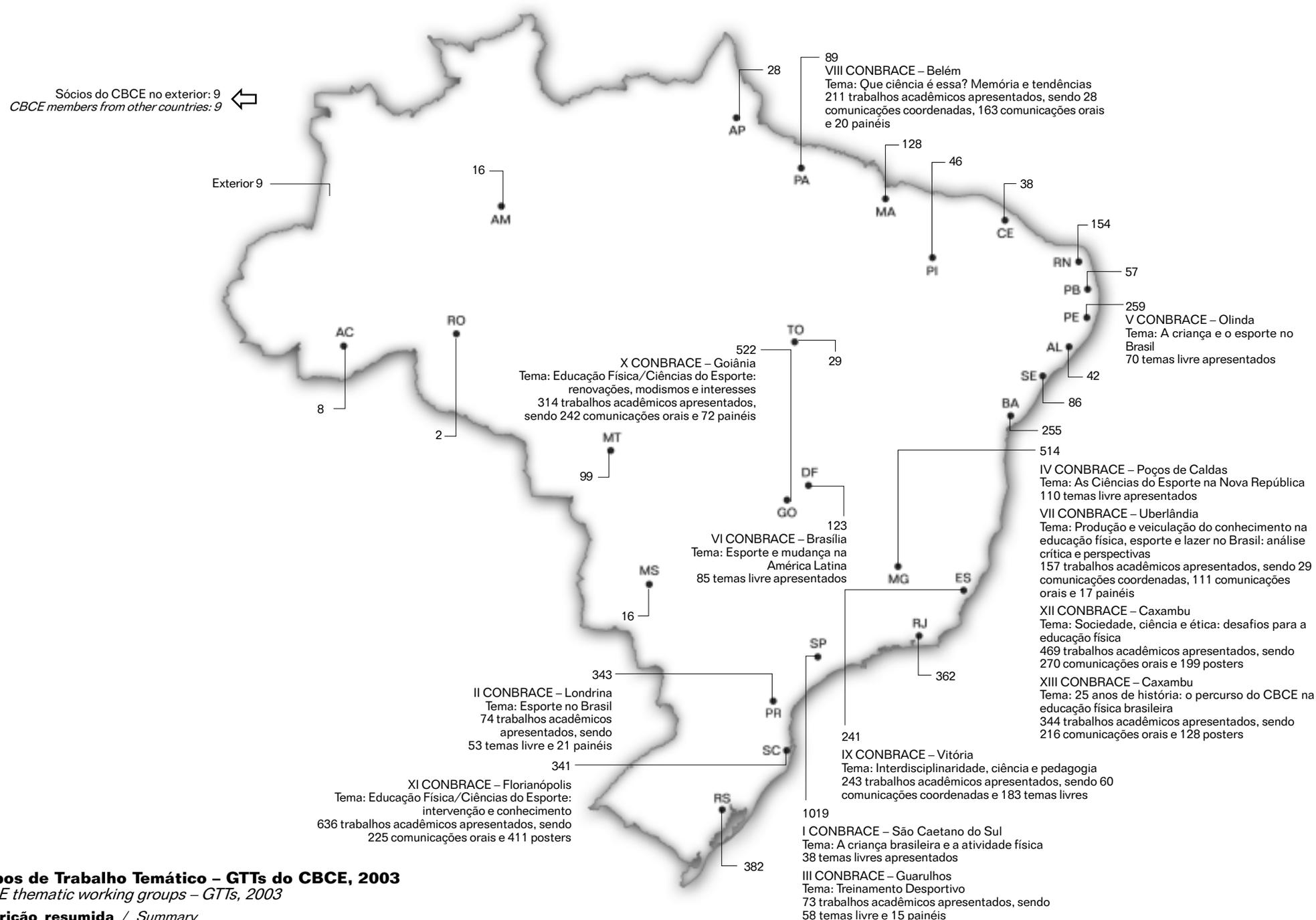
Fontes Estatutos do CBCE 1979 a 2002; PAIVA, Fernanda S. L. de. Ciência e poder simbólico no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Vitória: CEFD/UFES, 1994; REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. Especial 20 anos CBCE. Florianópolis: CBCE, set. 1998. Número especial; www.cbce.org.br; www.autoresassociados.com.br

Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte – Localização, tema e contribuições aprovadas, 1979 – 2003

CBCE Conferences – Location, themes and number of contributions accepted, 1979 – 2003

Número de sócios do CBCE por estado, 2003 (n = 5208)

Number of CBCE members per state, 2003 (n = 5208)



Grupos de Trabalho Temático – GTTs do CBCE, 2003

CBCE thematic working groups – GTTs, 2003

Descrição resumida / Summary

GTT 1 – Atividade Física e Saúde – Coordenador: Marcos Bagrichevsky
Estudos de diferentes possibilidades de análises e intervenções em saúde – considerada como objeto não-particular de um campo de conhecimento – e que, portanto, assumem a compreensão dos fenômenos a ela relacionados por meio de diferentes saberes (da saúde coletiva, fisiologia, sociologia, filosofia, entre outros).

GTT 2 – Comunicação e Mídia – Coordenador: Mauro Betti
Estudos relacionados à comunicação e à mídia enquanto fenômenos culturais na sociedade contemporânea, considerando suas relações com as Ciências do Esporte/Educação Física na qualidade de áreas de conhecimento e intervenção profissional. Análise e interpretação dos processos envolvidos na produção, difusão e recepção das mensagens das várias mídias e tecnologias comunicacionais, bem como do próprio conteúdo das mensagens, atentando para as implicações ideológicas, econômicas, socioculturais e pedagógicas de tais processos, assim como para as influências que dirigem às Ciências do Esporte/Educação Física.

GTT 3 – Epistemologia – Coordenadora: Terezinha Petrucia Nóbrega
Estudos dos pressupostos teórico-filosóficos presentes nos diferentes projetos de delimitação da Educação Física como um possível campo acadêmico/científico. Estudos sobre os fundamentos teóricos balizadores dos distintos discursos da Educação Física, na condição de área de conhecimento, voltados para o fomentar da atividade epistemológica, como interrogação constante dos saberes constituídos.

GTT 4 – Escola – Coordenador: José Angelo Gariglio
Estudos sobre a inserção da disciplina curricular, educação física, no âmbito da

Educação Escolar, ao seu ordenamento legal e das distintas perspectivas metodológicas animadoras das suas práticas pedagógicas.

GTT 5 – Formação Profissional / Campo de Trabalho – Coordenadora: Celi Nelza Zulke Taffarel
Estudos acerca dos distintos aspectos do processo de formação profissional concernente à área de conhecimento Educação Física. Estudos sobre a relação da formação e a inserção do profissional desta área de conhecimento no mundo do trabalho.

GTT 6 – Memória, Cultura e Corpo – Coordenador: Ricardo de Figueiredo Lucena
Estudos das diferentes manifestações da cultura corporal desenvolvidos a partir de distintas matrizes teóricas próprias ao campo das ciências sociais.

GTT 7 – Movimentos Sociais – Coordenador: Marcelo Russo Ferreira
Estudos de índole interdisciplinar voltados para a análise das problemáticas relativas aos movimentos sociais e das parcelas minoritárias da população, detectados tanto no meio rural quanto no urbano, a partir de modelos teórico-metodológicos que transcendam as formas tradicionais de pesquisa.

GTT 8 – Pessoas Portadoras de Necessidades Especiais – Coordenador: Dagmar B. Mena Barreto
Estudos sobre as especificidades e sentidos da deficiência inerente às pessoas portadoras de necessidades especiais, realizados no âmbito da Educação Física, entendida como área de conhecimento, tanto a partir do referencial das ciências sociais quanto das biológicas.

GTT 9 – Políticas Públicas – Coordenador: Luiz Fernando Camargo Veronez
Estudos dos processos de formulação, adoção e avaliação das políticas públicas de Educação Física, Esporte e Lazer. Estudos das concepções, princípios e metodologias de investigação adotados na consecução de políticas públicas, voltados para a apreensão da produção de bens e serviços públicos relativos à Educação Física, Esporte e Lazer.

GTT 10 – Pós Graduação – Coordenadora: Rossana Valéria Souza e Silva
Trata do estudo da pós-graduação em Educação Física, sua história e inserção no contexto da pós-graduação brasileira, com destaque para as relações entre a pesquisa e o desenvolvimento dos programas de pós-graduação no país; os principais problemas, tendências e características das pesquisas produzidas nos programas de pós-graduação; as políticas públicas de fomento à pesquisa e à pós-graduação e seus impactos sobre a ação dos profissionais que atuam nas diferentes instâncias de intervenção desse setor.

GTT 11 – Recreação/Lazer – Coordenador: Sandoval Vilaverde
Estudos acerca das questões de ordem conceitual do Lazer e suas intersecções com as distintas categorias com as quais estabelece nexos comunicativos (Recreação, Trabalho), vistas a partir da área de conhecimento Educação Física.

GTT 12 – Rendimento de Alto Nível – Coordenador: João Paulo Borin
Estudos em Educação Física relacionados com os distintos referenciais científicos balizadores da teoria do treinamento esportivo. Estudos dos aspectos metodológicos e da avaliação física do rendimento esportivo.

Pesquisa em Educação Física e esportes no Exército Brasileiro

RENATO S. PINTO SOEIRO E EDUARDO C. MARTINEZ

Research in physical education and sport in Brazilian Army

The Brazilian Army, through the Diretoria de Pesquisa e Estudos de Pessoal (Administration of Research and Studies of Personnel – DPEP), has today an organization specialized in sports research, physical education and physical activity for health. This institution cooperates with four universities in Rio de Janeiro and has produced 150 research papers in sports

Origens Os militares se destacaram como responsáveis pela execução das aulas de educação física escolar durante o século XIX em vários países. A formação militar sempre demonstrou preocupação com o preparo físico, o que era visto, não só como meio de manutenção da boa forma do combatente, mas também como maneira útil para a melhoria da disciplina e da moral do cidadão. Assim, esta doutrina repercutia no meio civil, fazendo com que alguns profissionais militares atuassem com atividades físicas em clientela distintas de sua clientela original.

No Brasil, uma das evidências dessa presença de militares no meio civil registrou-se em 1881, quando foi, pela primeira vez, nomeado oficialmente um professor de ginástica (sic) na Escola Normal, situada no Município da Corte (Rio de Janeiro): o capitão Ataliba M. Fernandes. Outro indício pôde ser encontrado na obra de Hely F. Câmara e Euclides Andrade, quando comentam a constante presença de instrutores formados pela Escola da Força Pública de São Paulo, já no início do século XX, ministrando exercícios em associações civis e estabelecimentos de ensino particular.

Por outro lado, os médicos militares não ficaram fora desse processo, embora, aparentemente, estivessem menos presentes. Há indícios que a Missão Militar Francesa – entidade instalada no Brasil para aperfeiçoamento do Exército Brasileiro - EB nas décadas de 1920 e 1930 – teria incentivado a medicina ligada à educação física, entre suas diversas iniciativas. Uma delas foi o então chamado Método Francês (de educação física) que foi aplicado tanto no meio militar como civil. E, neste contexto, é possível que os médicos militares ligados às atividades físicas estivessem compromissados primariamente com a “*prática*”, mas já começando a imprimir um caráter “*científico*” à área. Com a criação da Escola de Educação Física do Exército - EsEFEx, em 1933, que originaria o Centro Militar de Educação Física, iniciou-se um processo de desenvolvimento passo a passo, da interpretação científica da educação física e dos esportes em geral no meio militar, que seria somente oficializado e estabilizado na década de 1980.

1932 Fundação da Revista de Educação Física, pelo General Newton Cavalcanti, considerada órgão oficial da EsEFEx e que incluiu contribuições de médicos militares, uma vez que não existia ainda uma revista especializada em medicina do esporte.

1934 Foi construído o laboratório de fisiologia da EsEFEx, onde eram realizados estudos relacionados às situações de esforço, através de exames de urina (teste de Domaggio) e medidas da pressão arterial.

1937 Foi inaugurado o Departamento Médico da EsEFEx, onde foram realizados numerosos trabalhos científicos iniciais e se destacaram os médicos militares Augusto Sette Ramalho, Luiz da Silva Tavares e Áureo de Moraes. Em torno do nome de qualquer um deles poder-se-ia registrar o pioneirismo da Medicina do Esporte no Brasil. Neste estágio, houve inclusive inovações em termos de equipamentos de laboratório, entre quais cabe citar uma mesa em semicírculo, que permitia a realização do controle de pulso e pressão arterial após o esforço, a mesa de viola modificada e o respectivo cursor, o tensiômetro coletivo e o cronômetro esfigmométrico.

1973 Neste ano foi cogitada a passagem das atividades típicas de Medicina do Esporte para às da pesquisa científica. Embora sem conseqüências administrativas, tornou-se corrente na EsEFEx a idéia de torná-la capaz de aprofundar a investigação científica na

sciences in the last five years delivered in Brazilian conferences and published in Brazilian journals. The link between the Brazilian Army and the civilian world in terms of physical education began in the middle of the 19th century. As a result, a technical magazine was developed in 1932 to publish research papers in physical education of both military and civilian

complexa área do treinamento físico e da fisiologia do esforço, de modo a definir técnicas e processos que melhor se ajustassem à avaliação do preparo físico do militar e de suas condições orgânicas. Este ânimo revelado por testemunhos, coincide com a criação dos laboratórios de fisiologia do exercício, da Universidade Federal do RJ (Dr. Maurício Rocha), Universidade Federal do RS (Dr. Eduardo De Rose) e da Universidade de São Paulo (Dra. Maria Augusta Kiss), no mesmo período.

1981 Foi constituído um grupo de trabalho integrado pelos tenente-coronéis Luiz Carlos Pacheco Calomino, Kleber Caldas Camerino e major José Haroldo Castelo Branco, para, sob a presidência do primeiro, realizar estudos e consubstanciá-los em proposta, visando à criação de um órgão de pesquisa em treinamento físico. Esta nova entidade deveria realizar pesquisas no campo da atividade física, de modo a proporcionar ao Exército dados técnicos e científicos necessários à solução de problemas relativos à educação física e ao esporte.

1989 O projeto de 1973 foi efetivamente colocado em prática após uma viagem de instrução à Itália, França e Alemanha, do Comandante da EsEFEx, Coronel Arthur Cramer Ribeiro. Nesta ocasião, vieram à tona por comparações com o exterior, as enormes dificuldades que a Escola encontrava para cumprir todas as missões que lhes eram atribuídas, assim como a luta para acompanhar o progresso científico tecnológico, buscando atualizar seus equipamentos, instalações e recursos humanos.

1991 Por decisão do Ministro do Exército, General Carlos Tinoco Ribeiro Gomes, foi criado, por meio da Portaria Ministerial n.º 059-Res, de 5 de dezembro de 1990, o Centro de Capacitação Física do Exército - CCFEx, localizado na histórica área da Fortaleza de São João, no Rio de Janeiro, de forma a dotar o Exército de um pólo de referência, capaz de realizar altos estudos em benefício do treinamento físico e dos esportes. A Portaria n.º 047-4ª SCh/EME de 10 de dezembro de 1990, deu ao CCFEx sua organização inicial que compreendia do Comando do CCFEx, a EsEFEx, que permaneceu nas suas tradicionais dependências da parte plana da Fortaleza, a Comissão de Desportos do Exército - CDE, o Instituto de Pesquisa da Capacitação Física do Exército - IPCFEx e a Bateria de Comando e Serviços (Bateria Estácio de Sá), ocupando a área construída do extinto 2º Grupo de Artilharia de Costa. Os objetivos do novo Centro eram: criar interfaces entre as atividades de Ensino, Pesquisa e Esportes, direcionadas para o treinamento físico; assessorar o escalão superior quanto à doutrina do treinamento físico militar; e atuar como pólo de referência para altos estudos em Treinamento Físico, Medicina Esportiva e Esportes.

1995 Teve início o intercâmbio entre o CCFEx e universidades civis, com o intuito de aperfeiçoar seu corpo permanente, com base no convênio n.º 9505100 do Estado Maior do Exército. Este ato, celebrado entre a Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e o Ministério do Exército, tinha por finalidade estabelecer e regular programas de cooperação técnica científica e de formação de recursos humanos. Outros convênios com a mesma finalidade e vigência foram firmados com a Universidade Gama Filho - UGF, a Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ e a Universidade Castelo Branco - UCB, todas sediadas no RJ.

1997 Dentro da perspectiva de proporcionar oportunidade para seus próprios integrantes e os da comunidade científica nacional

researchers and a laboratory of exercise physiology was set in action in 1934. However, it was only in 1973 that the army realized it lagged behind in terms of research and then decided to create an institute to conduct research in sports training and in the fitness of its own personnel. That was the beginning of today's stage of development.

intercambiar com pesquisadores internacionais e nacionais de renome, o CCFEx passou a organizar, anualmente, simpósios internacionais, em que são examinadas idéias sobre o estado da arte e as inovações nas ciências básicas e aplicadas, ligadas às áreas do treinamento físico e medicina esportiva.

Situação Atual A Revista de Educação Física da EsEFEx passou a adotar uma linha voltada para a pesquisa científica somente a partir da década de 1990, publicando investigações desenvolvidas por militares e pesquisadores civis. Neste particular, cabe esclarecer que as pesquisas desenvolvidas por militares têm seus resultados e suas interpretações publicados em revistas científicas e/ou relatórios apresentados aos escalões superiores, tendo em vista que o IPCFEx e a EsEFEx desenvolvem estudos nas diversas áreas de interesse do Exército Brasileiro, que podem contribuir para o aumento da operacionalidade, do preparo e da saúde dos seus integrantes. Os resultados das pesquisas que não são publicadas em revistas, ou apresentadas em congressos, são mantidos em bancos de dados que podem ser encontrados nestas Instituições.

Em 2002, o Centro de Estudos de Pessoal - CEP passou a ser subordinado à Diretoria de Pesquisa e Estudos de Pessoal - DPEP, criado em substituição ao CCFEx. Atualmente enquadra a EsEFEx, o IPCFEx, a CDE, o CEP e a Bateria Estácio de Sá. Com esta organização a DPEP desenvolve, através do IPCFEx, pesquisas de capacitação física ligadas às áreas de Avaliação Física, Biomecânica, Bioquímica, Cardiologia, Cineantropometria, Fisiologia do Exercício, Termorregulação, Nutrição, Psicofisiologia e Treinamento Desportivo para solução de problemas de interesse do Exército. A EsEFEx, junto com seu corpo discente, realiza pesquisas nas áreas de História da Educação Física e do Esporte, Psicologia Desportiva, Fisiologia do Exercício, Cineantropometria, Termorregulação e Treinamento Físico Militar. Como requisito para conclusão de curso, os seus alunos realizam, desde 2000, um trabalho que visa consolidar os conhecimentos adquiridos denominado “Projeto Interdisciplinar”, em que desenvolvem pesquisas originais com objetivo de tornar o Treinamento Físico Militar cada vez mais científico. Nestes últimos cinco anos, foram realizadas mais de 150 pesquisas por militares, pesquisas que têm sido publicadas em periódicos e congressos da área de Educação Física e Medicina Esportiva. Neste esforço, estão hoje incluídos sete militares com titulação de mestre, dez cursando o mestrado e dois cursando o doutorado. E, consolidando uma tradição iniciada em 1932, a Revista de Educação Física chegou ao seu número 126.

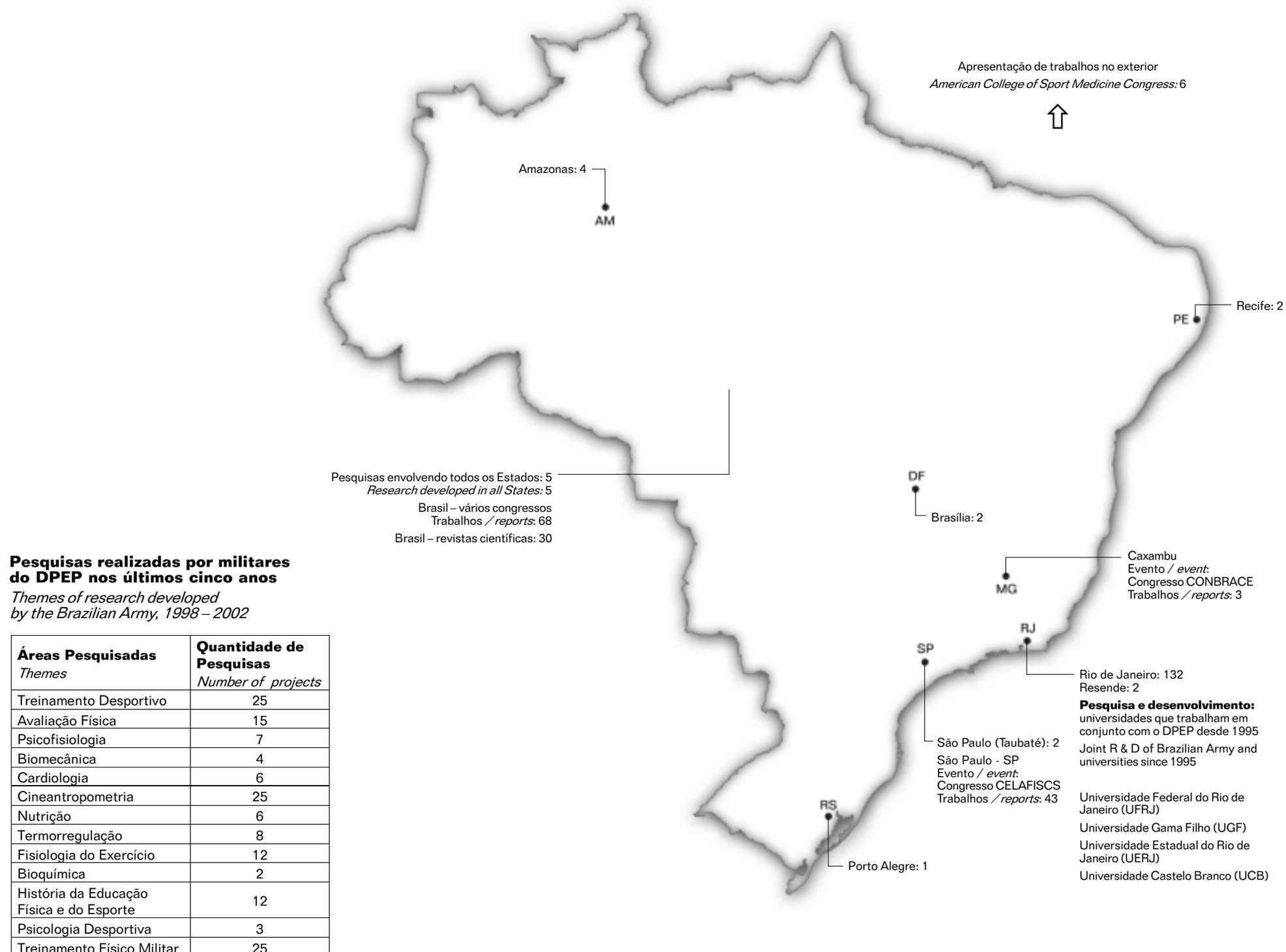
Fontes Melo, V. A. de. A Educação Física nas Escolas brasileiras do século XIX: Esporte ou Ginástica? Ferreira Neto, A. (org.). Pesquisa histórica na Educação Física 3. Aracruz: Facha, 1998.184p; Jordão Ramos, J. Escola de Educação Física do Exército (1930-1965). Temas de Educação Física. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1966, Pires, S. de A. Nova Perspectiva para a Educação Física e os desportos no Exército. Revista das Olimpíadas do Exército 1974. Curitiba: ed. Exército, 1974; Pitaluga Filho, M. V. e DaCosta, L. P. Aproximações Históricas da Construção de Testes Físicos em Educação Física e Desportos. In. VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física: Caminhos, meios, estratégias para o desenvolvimento da pesquisa do esporte, lazer e educação física: coletânea. Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho: IHGB: INDESP, 1998. p. 677 – 684; www.dpep.ensino.eb.br.

Número e localização da pesquisas produzidas pelo Exército Brasileiro – DPEP na área de esportes e atividades físicas, 1998 – 2002 (n=150)

Sports & physical activities: number and place of research supported by the Brazilian Army, 1998 – 2002 (n= 150)

Eventos acadêmicos para apresentação de relatórios de pesquisas, 1998 – 2002

Scientific conferences for the presentation of research reports, 1998 – 2002



Simpósios Internacionais em Ciências do Esporte do CCFEx, 1997 – 2000

Temas e expositores principais

CCFEx International Symposium, 1997 – 2000: Themes and key speakers

O primeiro simpósio internacional realizado pelo CCFEx foi no período de 11 a 13 de dezembro de 1997 e seu tema foi "Aptidão Física e Risco de Doença Cardíaco-Coronariana no Exército Brasileiro". Nos anos seguintes ocorreram o "Seminário de Doutrina do Treinamento Físico Militar", o Simpósio "Treinamento Físico: Limites para a Saúde e Desempenho", o "IV Simpósio Internacional de Atividades Físicas do Rio de Janeiro", o "V Simpósio Internacional de Atividades Físicas do Rio de Janeiro" e o "VI Simpósio Internacional de Atividades Físicas do Rio de Janeiro – Uma Abordagem Multidisciplinar em Atividade Física, Desporto, Nutrição e Saúde". Destacaram-se, entre outras, as participações dos Professores Doutores Michael L. Pollock, Harold W. Koll III, Eduardo H de Rose, Victor Matsudo, Kenneth Cooper, Eduardo de Rose, Manoel Gomes Tubino, Lamartine Pereira Da Costa, Attila Jozsef Flegner, Lawrence Armstrong, Scott K Powers, Stephen L Dodd, Mark Davis, Michael Reeves, Emerson Silami Garcia, Turíbio Leite de Barros Neto, Benedito Sérgio Denadai, Paulo Sérgio C. Gomes e Cáudio Gil Soares.

Biomecânica do esporte

LUIZ ALBERTO BATISTA E ALBERTO CARLOS AMADIO

Sport biomechanics

Sports Biomechanics is a specialized sector of biomechanics, which comes from the natural sciences dealing with physical analyses of biological systems and, consequently, physical analyses of movements of the human body. It is estimated today that one fourth of all scientific research is related to sports. In Brazil, the first approaches on the theme as an academic discipline took place in the early 1930s. In 1942, one of the greatest Brazilian swimmers, Maria Lenk, published a book about swimming in which she exploited

Definição A Biomecânica do Esporte é um setor especializado da Biomecânica e esta é uma disciplina, dentre as ciências derivadas das ciências naturais, que se ocupa com análises físicas de sistemas biológicos e, conseqüentemente, análises físicas do movimento do corpo humano. Os fenômenos são estudados através de leis e padrões mecânicos em função das características do sistema biológico humano, incluindo conhecimentos anatômicos e fisiológicos. Assim também é feito na Biomecânica em geral, apenas a ênfase recai sobre os fenômenos inerentes ao Esporte e a prática de atividades físicas. Em decorrência disso, a Biomecânica do Esporte permite, entre outras coisas, examinar e avaliar técnicas utilizadas para o monitoramento de movimentos esportivos ou atividades da vida diária, identificar os parâmetros mecânicos de rendimento corporal motor, identificar os elementos mecânicos presentes no quadro etiopatológico de lesões adquiridas durante a execução de práticas motoras, examinar e avaliar equipamentos e peças de vestuário.

Origens Diferentes especialistas admitem uma estreita relação histórica entre a Biomecânica e a Cinesiologia. Alguns defendem a idéia de que a primeira tenha se originado no seio da segunda e mesmo que, ainda hoje, não haja um consenso definitivo acerca dos detalhes dessa relação, existem várias evidências que atestam esta possibilidade. Em função disso, é pertinente tratar da origem da Biomecânica com referência à história da Cinesiologia. A conexão estabelecida entre os dois campos de conhecimento faz com que a Biomecânica tenha, mesmo que de forma indireta, raízes históricas que remontam ao tempo de Aristóteles. O filósofo descreveu, provavelmente pela primeira vez, a ação dos músculos submetidos a uma análise geométrica. Com o passar do tempo, esse tipo de investigação evoluiu, consolidaram-se as bases conceituais, dando origem ao que conhecemos como ciência no campo da Cinesiologia. A ótica pela qual os estudos se desenvolveram viu-se ampliada pela inclusão dos princípios e leis físico-matemáticos em seus métodos de investigação. Ao que tudo indica, foi a publicação do tratado “*De Motu Animalium*”, por Borelli, por volta de 1630, que deu sustentação instrumental e conceitual à visão da Biomecânica atual. Apesar das críticas sobre a contração muscular que seu trabalho sofreu, Borelli é considerado o pai da moderna Biomecânica do aparelho locomotor. Atualmente, a Cinesiologia e a Biomecânica constituem ciências com domínios científicos autônomos. Estudiosos admitem que, no início do século XX, a Cinesiologia e elementos do campo que mais tarde receberiam o nome de Biomecânica, começaram a ser aplicadas ao estudo de atividades laboratoriais e esportivas, assim como ao processo de elaboração de ginásticas corretivas. No que diz respeito à Biomecânica do Esporte há registros, antes mesmo do início do século XX, que denotam preocupações assemelhadas a determinados setores da Biomecânica do Esporte atual, como é o caso do estudo sobre tênis, publicado pela *Transactions of the Royal Society*, em 1893. Desta última data até o ano de 1980, ou seja, em um período de 87 anos, foram publicados, por todo o mundo, cerca de 6.789 trabalhos em Biomecânica. Deste total, 1.731 voltados ao esporte, aproximadamente 25,5% da produção mundial no período considerado. A extensa quantidade de assuntos estudados pela Biomecânica comprova que a magnitude da produção centrada no esporte foi significativa e superior a qualquer outro setor, considerado isoladamente. No Brasil, as primeiras abordagens no tema como disciplina acadêmica ocorreram na década de 1930.

1931-1935 O emprego da Cinesiologia e da Biomecânica do Esporte na Educação Física brasileira ocorreu em momentos distintos. Desde 1931, a Escola de Educação Física do Espírito

biomechanical analyses of the butterfly swimming style. Later on, in the 1960s, Germany and Brazil developed a program to train specialists in sports biomechanics. As a result, in the early 1970s studies and laboratorial practices were already being conducted in sports biomechanics at 3 Brazilian universities in São Paulo, Rio Grande do Sul and Rio de Janeiro. The first Brazilian Conference of Sports Biomechanics was held in 1988, becoming a regular event until 2003, when it came to its tenth edition. The Revista Brasileira

Santo oferecia, em sua proposta curricular, a disciplina Cinesiologia, com o objetivo de estudar a conceituação e a metodologia da anatomia e da mecânica do aparelho locomotor. Mais adiante, em 1935, a proposta curricular apresentada por Moraes para a criação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil (hoje Universidade Federal do RJ-UFRJ) – efetivada em 1939 - incluía, como uma de suas disciplinas obrigatórias, a Cinesiologia.

1942 Neste ano, Maria Lenk escreveu um livro sobre Natação, editado pelas Edições Melhoramentos-SP. Há, na obra, um capítulo sobre Ciência e Natação que aborda questões presentes ao contexto da Biomecânica atual, em especial quando se refere à descrição analítica dos movimentos sob cuja solução depende o êxito do nadador. Segundo Maria Lenk, o que mais lhe interessou na análise do nado foi a apresentação do *Butterfly*, pois ela própria aplicou os ensinamentos de forma bastante diferente daquela empregada pelos campeões americanos e mesmo pela maioria dos demais nadadores especialistas do nado peito. Declara a autora, professora e nadadora, que a eficiência do assunto, evidenciada no livro de forma teórica, constitui a primeira obra escrita no idioma português sobre Biomecânica da natação. Os fundamentos físicos são apresentados de maneira a possibilitar melhor compreensão e resolução das questões técnicas correlacionadas com as diferentes formas de nado. Aspecto de interesse técnico significativo e registro inédito são as fotos submersas de série de movimentos do nado *Butterfly* executados pela própria nadadora Maria Lenk nas provas de sua especialidade, permitindo detalhada análise do nado e comprovação das teorias descritas no capítulo Ciência e Natação.

1960 De acordo com os registros disponíveis e declarações testemunhais, a efetiva introdução da Biomecânica nos cursos de Educação Física no Brasil teve impulso na época em que se estava concretizando o acordo cultural entre o Brasil e a República Federal da Alemanha, iniciado por volta de 1960. Nesse mesmo ano, um outro fato importante, muito embora tenha passado despercebido, marca a história da Biomecânica no cenário da Educação Física brasileira, e que também poderia ter sido um marco no cenário mundial se ocorrido em outro contexto: em 7 de maio de 1963, o engenheiro naval Ary Biolchini proferiu uma conferência intitulada “A Natação vista por um Engenheiro” no curso de extensão universitária em Cinesiologia da Natação, da então Escola Nacional de Educação Física - UFRJ. Em uma ação precursora, no contexto da Biomecânica do esporte, o engenheiro Biolchini apresentou hipóteses acerca da mecânica natatória, as quais só seriam abordadas em congresso, para o público mundial, em 1970, pelo pesquisador e técnico norte americano de Natação, James Counsilman. Os trabalhos apresentados por este autor fazem parte do que poderia ser entendido como a pedra fundamental no estudo da Biomecânica da natação, o que ratifica a importância histórica, para a Biomecânica do Esporte brasileira, da palestra proferida por Ary Biolchini.

1976 Neste período, como parte das atividades do convênio Brasil-Alemanha, o professor Doutor Hartmut Riehle ministrou um curso na Universidade de São Paulo-USP. A Escola de Educação Física e Esporte da USP foi escolhida como a unidade que deveria receber apoio para o desenvolvimento de seus estudos em Biomecânica. Ainda no mesmo ano, o professor Riehle ministrou um curso de especialização em Biomecânica dos Esportes, na Universidade Federal de Santa Maria-UFSM na perspectiva de elaborar uma visão geral sobre a teoria e os métodos da Biomecânica e sua aplicação no esporte (Biomecânica especial do esporte). A iniciativa

de Biomecânica - Brazilian Journal of Biomechanics- RBB-BJB, a bilingual journal (English-Portuguese), was launched in 2000. It stood for the establishment of the scientific community represented by its founding society: Sociedade Brasileira de Biomecânica (Brazilian Biomechanics Society - SBB), created in 1992. Today there are 13 laboratories specialized in sports biomechanics in Brazil in addition to 16 other laboratories of general biomechanics, which also conduct research in sports activities.

visou, também, construir as bases para a formação de especialistas em Biomecânica, com know-how específico para ministrar aulas nos cursos de formação de professores de Educação Física. Dos participantes desse primeiro curso, poucos estavam trabalhando com a formação de professores, o que dificultou a implantação dos princípios da disciplina nos cursos de graduação. O professor Irocy Guedes Knackfuss, participante do primeiro curso, era um dos poucos que estava atuando no ensino de terceiro grau, tendo condições institucionais, ainda que limitadas, de iniciar um trabalho de Biomecânica na graduação em Educação Física. Knackfuss começou a desenvolver, no Instituto de Educação Física da Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ e na já então denominada Escola de Educação Física da UFRJ, um trabalho de iniciação da Biomecânica nos cursos oferecidos por aquelas instituições. As necessidades tecnológicas foram contornadas pela elaboração de instrumentação simplificada e pela adaptação de equipamentos disponíveis. A meta do mestre era levar os alunos à compreensão dos fenômenos mecânicos relacionados com o movimento corporal humano, principalmente com o movimento corporal esportivo. Ainda em 1976, o curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria-RS desenvolveu um dos primeiros estudos experimentais sobre a interpretação da trajetória do centro de gravidade do corpo humano em movimentos ginásticos, a partir da análise da imagem e da aplicação de modelos antropométricos humanos. Este trabalho de pesquisa teve a autoria de Aluisio Otavio Vargas Ávila e Hartmut Riehle.

1979 Neste ano, ainda por conta do acordo Brasil/Alemanha, o professor e pesquisador da Deutsche Sporthochschule Köln – República Federal da Alemanha, o professor Doutor Wolfgang Baumann - veio ao Brasil com o propósito de visitar a Universidade de São Paulo-USP, a Universidade Federal de Santa Maria-UFSM, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS, a Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ e a Universidade Estadual do Rio de Janeiro-UERJ. As visitas tinham como objetivos conhecer a situação das Universidades, estimar a viabilidade das mesmas desenvolverem estudos em Biomecânica e também fornecer orientação especializada a fim de serem construídos, ou ampliados, os departamentos que pudessem desenvolver o trabalho. A perspectiva era de que a experiência trouxesse reflexos tanto para a formação de professores quanto para as atividades de pesquisa. Em seu relatório, o professor Doutor Baumann concluiu que a Universidade Federal de Santa Maria-RS demonstrava grande interesse em oferecer cursos de pós-graduação e possuía potencial para desenvolver um bom trabalho, principalmente por contar com o apoio de uma equipe multidisciplinar, o que fazia com que ela possuísse o pré-requisito necessário ao desenvolvimento da Biomecânica. A Universidade de São Paulo-USP apresentava excelentes condições físicas para o desenvolvimento do projeto. Na Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, várias pesquisas vinham sendo desenvolvidas ainda que com métodos rudimentares, o que apontava a possibilidade de desenvolver ali um programa de ensino e pesquisa em Biomecânica para o qual a ajuda alemã seria efetiva. Chamou ainda a atenção para o fato de que, apesar do pouco material e da grande competência dos pesquisadores, o trabalho vinha caminhando.

Ao final do relatório, o Professor Baumann apresentou as seguintes recomendações: (i) que se adotasse o mais rápido possível, em todos os cursos de graduação em Educação Física, o livro “Biomecânica de Los Movimientos Deportivos” de G. Hochmuth; (ii) que professores brasileiros fossem enviados à Alemanha por

um período não inferior a três anos, para lá concluírem seus estudos e participarem de projetos de pesquisa, na área de Biomecânica; (iii) que as Universidades tivessem, o mais rápido possível, o equipamento elementar de cinemetria e dinamometria; (iv) que estes equipamentos de pesquisa deveriam ser desenvolvidos pelos próprios brasileiros; e (v) que os trabalhos fossem desenvolvidos em conjunto com outras áreas de conhecimento tais como Física, Engenharia, Medicina e Computação. Durante sua estada no Rio Grande do Sul, em 1980, o Professor Baumann ministrou um curso na Universidade Federal de Santa Maria e reiterou sua opinião de que aquela instituição iria ter um começo bem sucedido em Biomecânica.

Interpretação do desenvolvimento 1980 – 2003 Da década de 1980 e até a presente data, a Biomecânica vem passando por um expressivo crescimento e expansão do campo de aplicação no mundo todo, e também no Brasil. Durante algum tempo a implementação foi lenta, porém, desde que se iniciou no Brasil, no ano de 1988, a reunião de estudiosos e interessados em trocar experiências sobre o assunto, a taxa de crescimento aumentou expressivamente. Uma das conseqüências deste crescimento tem sido a ampliação da Biomecânica para além do espaço da Educação Física e do Esporte.

1988 No mês de outubro deste ano ocorreu em Porto Alegre-RS, o Primeiro Encontro Nacional de Docentes de Cinesiologia e Biomecânica, organizado e promovido pela Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS. Deste encontro participaram, como conferencistas, os professores Wolfgang Baumann, do Institut für Biomechanik – Deutsche Sporthochschule Köln, República Federal da Alemanha; Alberto Carlos Amadio, da USP; prof. Odílio Silva, da UNB; prof. Marco Aurélio Vaz, da Unisinos; prof. Sergio Guida, da UGF-RJ; profa. Sonia Correa, da UFRJ; prof. Antonio Carlos S. Guimarães, da UFRGS; prof. Aluísio Otavio Vargas Ávila, da UFSM; prof. Maria Gláucia Costa, da UFMG; profa. Antonia Bankoff, da UNICAMP; prof. Silvio Soares dos Santos, da UFU; prof. José Carlos Pio da Fonseca, da UNB; prof. Luiz Alberto Batista, da UERJ.

1989-1993 O Segundo Encontro de Docentes de Cinesiologia e Biomecânica foi organizado e promovido no ano subsequente, pela Universidade Federal de Pelotas– UFPel, na cidade de Pelotas-RS. Seguiu-se a este, em agosto de 1991, o III Congresso Nacional de Biomecânica, realizado na cidade de Juiz de Fora-MG, organizado e promovido pela Universidade Federal de Juiz de Fora-UFJF, com o apoio e patrocínio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq. O Quarto Congresso Nacional de Biomecânica foi realizado em dezembro de 1992. Este foi organizado e promovido pela Universidade de São Paulo-USP, na cidade de São Paulo, com o apoio e patrocínio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo–FAPESP. No dia quatro de dezembro, em assembléia durante o evento, ocorreu a fundação e estruturação oficial da Sociedade Brasileira de Biomecânica, responsável pela organização dos próximos congressos. A partir desse encontro, o congresso passa a ser denominado Congresso Brasileiro de Biomecânica. Já nessa ocasião, o número de participantes e o interesse pelas pesquisas extrapolaram os limites dos campos da Educação Física e do Esporte.

1993 O Quinto Congresso Brasileiro de Biomecânica foi realizado pela Universidade Federal de Santa Maria–UFSM na cidade de Santa Maria-RS em dezembro deste ano, com o apoio e patrocínio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul–FAPERGS e do CNPq. Durante assembléia ocorrida no evento, foi determinado que os próximos congressos seriam realizados de dois em dois anos.

1995 O Sexto Congresso Brasileiro de Biomecânica foi realizado pela Universidade de Brasília-UNB, em Brasília-DF, em maio de 1995 com o apoio e patrocínio do CNPq e da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal–FAP e do Centro de seleção e de promoção de eventos da Universidade de Brasília. O Sétimo Congresso Brasileiro de Biomecânica foi realizado pela Universidade Estadual de Campinas–UNICAMP, em Campinas, em maio de 1997, com o apoio e patrocínio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo–FAPESP, Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior–CAPES, Instituto Nacional do Desporto–INDESP-MET e FAEP- UNICAMP. O Oitavo Congresso Brasileiro de Biomecânica foi realizado pela Universidade do Estado de Santa Catarina–UDESC na cidade de

Florianópolis-SC, em maio de 1999, com o apoio e patrocínio do CNPq e do INDESP-MET. O Nono Congresso Brasileiro de Biomecânica foi realizado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, na cidade de Gramado-RS, em maio de 2001, com o apoio e patrocínio do CNPq, FAPERGS e Secretaria Nacional do Esporte – Rede dos Centros de Excelência Esportiva - CENESP do Ministério de Esporte e Turismo. O Décimo Congresso Brasileiro de Biomecânica foi realizado pela Universidade Federal de Minas Gerais–UFMG na cidade de Ouro Preto, em maio de 2003, com o apoio e patrocínio do CNPq, FAPMIG e Secretaria Nacional do Esporte – Rede dos Centros de Excelência Esportiva - CENESP do Ministério de Esporte e Turismo.

2000 Lançamento da Revista Brasileira de Biomecânica - *Brazilian Journal of Biomechanics*- RBB-BJB em novembro de 2000, o que representou a concretização de um ideal e demonstrou a consolidação da comunidade científica representada por sua respectiva sociedade fundadora, Sociedade Brasileira de Biomecânica-SBB, além de caracterizar a iniciativa pioneira que traduz o atual estágio de desenvolvimento da biomecânica brasileira. O objetivo central desta iniciativa foi dotar a comunidade de um veículo que, preocupado com a excelência, venha contribuir para a elevação da qualidade do seu produto técnico-científico bem como seja referência aos serviços, laboratórios e grupos que, de maneira aplicada, utilizam-se de informações para efetuar uma prestação de serviços realista, consciente e apoiada em parâmetros confiáveis no domínio específico das áreas da Saúde, Reabilitação e Rendimento de movimentos do corpo humano. Trata-se de um órgão de divulgação científica da SBB, com publicação semestral, editado pela Editora Estação Liberdade Ltda. A Revista representa um importante marco para a biomecânica brasileira, que sempre idealizou um veículo de divulgação para os Centros Universitários bem como Centros de pesquisa do movimento humano onde se inserem os Laboratórios de Biomecânica, Bioengenharia, Ergonomia, Análise do Movimento e da Marcha humana, entre outros. A Revista divulga as pesquisas realizadas na área de Biomecânica pondo em destaque resultados de trabalhos originais e localiza a origem dos grupos de pesquisadores atuantes na área. Este fato, no entendimento da comunidade científica, justifica e contextualiza o investimento.

O periódico pretende desempenhar um papel formativo no sentido de viabilizar o aprofundamento de procedimentos metodológicos e dos fundamentos técnico-científicos na análise e interpretação do movimento humano. Os textos submetidos à publicação são constituídos de artigos originais, tematicamente abrangentes, referentes a todas as áreas clássicas da Biomecânica e ainda às seguintes possíveis áreas de atuação: Análise do Esporte e do Exercício, Aplicação Clínica e Reabilitação, Arquitetura e Função Músculo-Esquelética, Biomecânica Ambiental em Humanos e Animais, Locomoção Humana, Mecânica Cardiovascular e Respiratória, Métodos e Instrumentação, Modelagem, Simulação e Otimização, Tecidos e Bio-materiais. Os textos são enviados pela comunidade científica em fluxo contínuo e conforme as Normas e Instruções definidas pelo Conselho Editorial. Atualmente, a Revista Brasileira de Biomecânica – *Brazilian Journal of Biomechanics*, código ISSN 1518-8191, com uma tiragem de 1.500 exemplares por edição, apresenta-se com as indexações em bases de dados da literatura científica conforme segue: a) LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), BIREME/OPAS/OMS e b) SPORT Discus – SIRC/ISI.

Situação atual Atualmente, a Biomecânica é disciplina curricular na grande maioria dos cursos de Educação Física no Brasil. Vários laboratórios e núcleos de estudo estão sendo consolidados assim como cursos de pós-graduação *lato sensu e stricto sensu*. Através da biomecânica e de suas áreas de conhecimento correlatas pode-se analisar as causas e funções do movimento. Para que se possa entender melhor a complexidade do movimento humano e explicar suas causas, é necessário que outros aspectos da análise multidisciplinar sejam também considerados. Além da biomecânica, fazem parte desse campo de estudo e de pesquisa outras importantes disciplinas como a física, a psicologia, a antropometria, a neurofisiologia, entre outras. A complexidade estrutural intrínseca ao movimento humano exige, para seu entendimento, a aplicação simultânea de métodos de mensuração nas diversas áreas do conhecimento da ciência. Fazem parte do campo de pesquisa da Biomecânica as seguintes aplicações nas categorias que caracterizam o estudo do movimento humano: (i) Esporte de Alto Nível de

Rendimento - corresponde à sistematização e otimização do rendimento desportivo, diagnose da técnica de movimento e condição física, redução de sobrecargas excessivas ao aparelho locomotor, regime de treinamento ótimo e relação estímulo-resposta em processos de adaptação ao exercício; (ii) Esporte Escolar e Atividades de Recreação - é o estudo da eficiência de processos de aprendizagem, adequação de sistemas e equipamentos com *feedback* pedagógico; (iii) Prevenção e Reabilitação orientadas à Saúde - corresponde ao desenvolvimento de métodos, procedimentos e técnicas aplicadas à terapia, descrição de padrões patológicos e dependências clínicas, adequação e desenvolvimento de equipamentos; e (iv) Atividades do Cotidiano e do Trabalho - envolve o estudo da postura e da locomoção humana, classificação e sistematização de grupos de movimentos em dependência de estações de trabalho, interface homem, máquina e meio ambiente, eficiência, saúde e segurança nas tarefas da vida diária e do trabalho.

Apesar de haver uma percepção positiva quanto à importância das informações que a Biomecânica oferece aos profissionais de Educação Física, quando comparada a outras disciplinas científicas e acadêmicas, como, por exemplo, a Fisiologia, a aplicabilidade da Biomecânica na prática profissional ainda é deveras tímida. O que verificamos é que a alta taxa de crescimento da Biomecânica do Esporte, como campo de investigação científica e ensino, ainda não é acompanhada, com igual intensidade, pelo grau de aplicabilidade no campo da prática profissional. Talvez seja porque uma expressiva maioria de profissionais que hoje estão atuando no mercado de trabalho não tenham tido a Biomecânica como disciplina curricular. Apesar disto, a Biomecânica do Esporte estabelece um importante ramo de interação com áreas diversas que se aplicam ao estudo do movimento esportivo no contexto das Ciências do Esporte, em especial no que diz respeito ao Treinamento Esportivo. Os métodos de medição que representam todo o suporte de desenvolvimento e evolução da ciência, particularmente em Biomecânica do esporte são a simulação e otimização computacional da técnica de movimento, o comando e controle da técnica de movimento por computação e a análise da sobrecarga do aparelho locomotor. Por se tratar de uma disciplina com alta dependência de resultados experimentais, é premente que a Biomecânica apresente grande preocupação com os seus métodos de medição. Os métodos utilizados para abordar as diversas formas de movimento são a cinemetria, a dinamometria, a antropometria e a eletromiografia. Utilizando esses métodos, o movimento esportivo pode ser descrito e modelado matematicamente, permitindo maior compreensão sobre os mecanismos internos, reguladores e executores do movimento do corpo humano.

A Cinemetria consiste num conjunto de métodos que busca medir os parâmetros cinemáticos do movimento, isto é, posição, orientação, velocidade e aceleração. O instrumento básico para medidas cinemáticas é baseado em câmeras de vídeo que registram a imagem do movimento e então, através de software específico, são calculadas as variáveis cinemáticas de interesse. Existem ainda outros métodos para o processamento de grandezas cinemáticas. Entre eles se destacam os métodos de medição direta, utilizadas para medidas de tempo, medidas de ângulos e medidas de aceleração. Ainda através da fotografia, da cinematografia, da cronofotografia e da videografia podemos registrar a imagem para processamento de variáveis cinemáticas. Ainda sobre a reconstrução de imagens com o propósito de recuperar a imagem plana do filme em coordenadas espaciais, um dos métodos é o DLT (*Direct Linear Transformation*), que não exige câmeras métricas (aquelas que possuem os parâmetros de orientação interna conhecidos). Através de rotinas fotogramétricas, é possível corrigir as necessidades de reconstrução para a determinação das coordenadas espaciais cujas etapas estão metodologicamente descritas no método. A Dinamometria engloba todos os tipos de medidas de força e pressão. As forças mensuráveis são as forças externas, transmitidas entre o corpo e o ambiente. De particular interesse são as forças de reação do solo transmitidas na fase de apoio, em atividades quase-estáticas ou dinâmicas. Juntamente com a constante peso corporal, essas forças de reação do solo são, geralmente, a causa de qualquer alteração do movimento do centro de gravidade. O instrumento básico em dinamometria é a plataforma de força, que mede a força de reação do solo e o ponto de aplicação desta força. A dinamometria mede a ação deformadora da força sobre os corpos através de um método direto onde se determinam quais forças externas são pré-requisitos necessários para o cálculo das forças internas (força muscular, força ligamentar e forças articulares).

A Antropometria se preocupa em determinar as características e propriedades do aparelho locomotor como as dimensões das formas geométricas de segmentos, distribuição de massa, braços de alavanca, posições articulares, etc. Define-se, então, um modelo antropométrico, que contém os parâmetros necessários para a construção de um modelo biomecânico da estrutura analisada. Algumas das variáveis que podem ser calculadas são as propriedades do biomaterial - resistência dos componentes do aparelho locomotor, elasticidade, deformação e limite de ruptura, as cinéticas - momento de inércia de segmentos corporais e o centro de rotação articular, origem e inserção muscular, comprimento e área de secção transversa muscular, além de braços de alavanca da musculatura. A densidade, distribuição de massa corporal, propriedades inerciais, centro de gravidade e momento de inércia são características antropométricas onde a maioria dos dados são determinados a partir de estudos cadavéricos. Os métodos analíticos são os mais utilizados, caracterizando-se por modelos do corpo baseados em dados antropométricos do indivíduo, portanto medida direta, *in vivo*. Assim, os métodos analítico-matemáticos realizam simplificações em função do modelo físico-matemático, bem como permitem interpretações dos dados de maneira controlada e segura quanto à aproximação estatística. A Eletromiografia se caracteriza pelo registro das atividades elétricas associadas às contrações musculares. Diferentemente dos métodos acima mencionados que determinam propriedades mecânicas, a eletromiografia indica o estímulo neural para o sistema muscular. Como um parâmetro de controle, a eletromiografia é muito importante para a modelagem do sistema dinâmico neuro-músculo-esquelético. O resultado básico é o padrão temporal dos diferentes grupos musculares sinérgicos ativos no movimento observado. Portanto, através da Eletromiografia determina-se de maneira direta a atividade muscular voluntária através do potencial de ação muscular. A inervação muscular transmite os potenciais cuja atividade elétrica média pode ser detectada por eletrodos colocados na superfície da pele sobreposta ao músculo, e daí observam-se o início e o fim da ação muscular em movimentos, posturas, ou seja, o padrão temporal dessa inervação/ativação. Depois destes sinais eletromiográficos serem amplificados, podem ser processados para comparação ou correlação com outros sinais eletrofisiológicos ou grandezas biomecânicas.

O progresso científico da metodologia de medição em Biomecânica contribuiu enormemente para a evolução das técnicas para análise do movimento humano e conseqüentemente para a evolução das técnicas desportivas. Naturalmente nenhuma disciplina se desenvolve por si mesma. Para consolidar-se como ciência, a Biomecânica recorre a um complexo de disciplinas científicas, e, particularmente no caso da Biomecânica do Esporte, pode-se observar uma estreita relação entre as necessidades e exigências específicas da prática esportiva. Em princípio, deve-se considerar que a estrutura funcional do sistema biológico humano passou por um processo organizacional evolutivo de otimização, que se diferencia sensivelmente do caminho de aperfeiçoamento técnico do movimento. Em contraposição a um corpo rígido, a estrutura biológica do corpo humano permite a produção de força através da contração muscular, que transforma o corpo num sistema autônomo e independente e assim acontece o movimento. Através da Biomecânica do Esporte e das áreas de conhecimento aplicadas podemos analisar as causas e parâmetros relacionados ao movimento desportivo.

Considera-se, portanto, o movimento como o objeto central de estudos da Biomecânica, analisando suas causas e efeitos produzidos em relação à otimização do rendimento esportivo. No sentido mais amplo de sua aplicação, ainda é tarefa da Biomecânica detectar, nas atividades esportivas, a caracterização e otimização das técnicas de movimento através de conhecimentos científicos que delimitam a área de atuação da ciência, que tem no movimento esportivo seu objeto central de estudo. O relacionamento entre os parâmetros estruturais do movimento faz-se presente, na prática, através da real interdependência entre os parâmetros qualitativo e quantitativo, dada à natureza da tarefa de movimento a ser realizada. Um dos grandes problemas da Biomecânica do Esporte é a natureza mecanicamente redundante do sistema músculo-esquelético do corpo humano, havendo músculos que podem desempenhar funções sinérgicas. Desde que há mais músculos presentes do que são requeridos para produzir qualquer situação de equilíbrio estático ou padrão de deslocamento observado pela cinemática, as equações clássicas de análise cinética não permitem uma solução única das forças

musculares cruzando as diferentes articulações do corpo humano. As pesquisas em Biomecânica do Esporte ainda são carentes de padronizações metodológicas, bem como são incompletos os modelos utilizados para a formação de teorias com explicação causal do movimento. Desta forma, fica restrita a possibilidade de comparações entre resultados de diversos autores e ainda corremos o risco de utilizar modelos físico-matemáticos não adaptados às características do movimento em estudo. Entretanto, com o acelerado desenvolvimento científico e tecnológico que observamos atualmente, encontra-se uma situação em que sempre surgem novas possibilidades e opções de procedimentos na elaboração e operação de dados e estas instruções estão sendo utilizadas em Biomecânica, colaborando assim para o progresso, modernização, automatização e enfim, enorme auxílio na análise e interpretação do movimento desportivo de maneira mais objetiva, precisa e científica. Observa-se ainda, que a análise da técnica do movimento desportivo e a necessária condição física exigida determinam clara relação de interdependência que deve ser interpretada como um sistema no processo de controle do treino desportivo. Assim, o estudo deste processo adaptativo, a quantificação das relações estímulo-resposta, baseia-se no conhecimento empírico acerca de variáveis biomecânicas que apontam para as fontes primárias desta sofisticada ciência. O estudo do movimento esportivo apresenta perspectivas positivas para permanentes soluções no dimensionamento de estratégias complexas de funcionamento do sistema biológico humano e suas relações com o meio ambiente.

Fontes Atas dos Congressos da Sociedade Brasileira de Biomecânica; Amadio, A. C. e Batista, L. A. *Transferência de conhecimento em Educação Física: O caso da Biomecânica*. Niterói: EdUFF, 1989. Dissertação de Mestrado; Baumann, W.; Schonmetzler, S. *Curso de Biomecânica*. Santa Maria: UFSM, 1980; Diem, L.; Loicken, M.; Hummel, S. *Auftr. d. Bundesregierung hrsg. Von d. Dt. Sporthochsch.* Koeln Aufl, Sankt Augustin: Richarz, 1984; SOCIEDADE BRASILEIRA DE BIOMECÂNICA em www.usp.br/eef/sbb/sbb.

Laboratórios de biomecânica no Brasil – abordagens eventuais em esportes, 2003

Biomechanics laboratories in Brazil – minor focus on sports, 2003

COPPE – Engenharia Biomédica, UFRJ-RJ.
Divisão de Medicina de Reabilitação, Faculdade de Medicina, USP-SP.
Grupo de pesquisas em Engenharia Biomédica, Departamento de Engenharia Elétrica, UFSC-SC.
Laboratório de Bioengenharia da Escola de Engenharia de São Carlos, USP-SP.
Laboratório de Bioengenharia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP-SP.
Laboratório de Biomecânica do Aparelho Locomotor, Instituto de Ortopedia, Faculdade de Medicina, USP-SP.
Laboratório de Biomecânica, LABORATÓRIO BIO, Universidade Estácio de Sá-RJ.
Laboratório de Eletroquímica e corrosão, Departamento de Química, UFSC-SC.
Laboratório de Engenharia Biomecânica, Faculdade Mecânica Unicamp-SP.
Laboratório de Engenharia Biomédica, LEB, Escolha Politécnica, USP-SP.
Laboratório de Engenharia de Reabilitação, PUCPr-PR.
Laboratório de Medições Mecânicas, LMM, Escola de Engenharia, UFRGS-RS.
Laboratório de Processamento de Sinais Biológicos e instrumentação Biomédica, LPSB-IB- Centro de Ciências da Saúde, UFPb-PB.
COOPE – Engenharia Biomédica UFRJ-RJ.
Divisão de Medicina de Reabilitação, Faculdade de Medicina USP-SP.

Laboratórios de biomecânica no Brasil – Área de concentração em esportes, 2003

Biomechanics laboratories in Brazil – Specialization in sports, 2003



Psicologia do esporte – SOBRAPE

JOÃO ALBERTO BARRETO E LUIZ SCIPIÃO RIBEIRO

Sports psychology – Brazilian Society of Sport Psychology-SOBRAPE

The international milestone of sport psychology was the foundation of the International Society of Sport Psychology-ISSP in 1965, when specialists in psychology and in sports met for the first time in an international conference in Rome. In Brazil, this same event establishes the consolidation of this discipline once Athayde Ribeiro da Silva, professional psychologist already working in this area of knowledge in Rio de Janeiro, represented Brazil in the Rome conference. Later on

he founded an association to promote this new area of knowledge and intervention in Brazil. Today, the Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte (Brazilian Society of Sports Psychology - SOBRAPE), founded in 1979, carries on the legacy of this pioneer initiative in terms of Latin America. This scientific society holds national conferences on sports psychology and keeps close links with the state affiliated societies developed in the 1980s: RS, RJ, SP, MG, SC and

PR. Brazilian sports psychology is the largest in the Latin America as there are approximately 900 specialists in sports psychology working in Brazil (Fig. 1), including 250 who are associated to SOBRAPE. It is important to point out that the training courses of SOBRAPE led by its founder, Benno Becker Jr., in Argentina, Uruguay, Chile, Paraguay, Peru, Ecuador, Colombia, Venezuela, Panama and El Salvador produced national societies of sports psychology in these countries.

Origens e definições A psicologia do esporte tem um de seus primeiros fundadores Norman Triplett dos EUA, que em 1898 identificou diferenças de desempenho entre ciclistas que treinavam individualmente e em grupo. O primeiro laboratório de estudos psicológicos de atletas foi instalado na Escola de Esportes de Berlim, na Alemanha (hoje Universidade do Esporte de Colônia), em 1920. Nos EUA, uma iniciativa semelhante aconteceu na Universidade de Pensilvânia em 1925. Mas esta área de conhecimento somente foi instituída a partir da formação da *International Society of Sport Psychology-ISSP* em 1965, quando especialistas em psicologia e esportes se reuniram pela primeira vez em um congresso internacional em Roma. No Brasil, este mesmo evento acadêmico pode ser considerado um marco fundador, uma vez que Athayde Ribeiro da Silva, psicólogo de profissão – então atuando no Instituto de Seleção e Orientação Profissional-ISOP, no Rio de Janeiro – representou o Brasil no congresso de Roma. Athayde Ribeiro da Silva fundou uma associação para promover a nova área de conhecimento e intervenção. Embora, a entidade promotora não tenha vingado, Athayde Ribeiro da Silva permaneceu como membro da ISSP e participou como autor do primeiro livro científico sobre treinamento esportivo produzido em conjunto por professores de Educação Física e médicos no Brasil (“Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Desportivo”, MEC, Brasília, 1968). Nesta obra coletiva – com Lamartine DaCosta e Maurício Rocha encabeçando mais sete autores de diversas especialidades – o capítulo de “psicologia esportiva” já alinhava o Brasil entre os países promissores no setor por já ter uma certa experiência de estudos e intervenções pioneiras na área. Porém, o passo definitivo para a introdução da psicologia do esporte no país, aconteceu em 1979, em Novo Hamburgo-RS, com a fundação da Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte da Atividade Física e da Recreação-SOBRAPE. E de modo similar à ISSP, a sociedade brasileira teve início com um congresso organizado em Porto Alegre-RS, por Benno Becker Jr., que foi então eleito presidente da nova entidade. A obra de Athayde Ribeiro da Silva teve um legado representado pelo seu livro “Psicologia esportiva e preparo do atleta”, em que as definições, conhecimentos e procedimentos da nova área acadêmica e profissional tornaram-se correntes no Brasil. Hoje, as entidades internacionais do setor também têm como ponto de partida definições da psicologia do esporte, seguindo a tradição do congresso de Roma-1965. Por exemplo, a Federação Européia de Psicologia do Esporte-FEPSAC possui uma declaração de princípio (*position statement*) de 1995, que atribui à psicologia do esporte vínculos com fundamentos psicológicos, processos e conseqüências da regulação das atividades relacionadas ao esporte de uma ou várias pessoas, agindo como sujeitos da atividade. O foco deste conhecimento, nestas circunstâncias, incide nas diferentes dimensões psicológicas do comportamento humano, isto é, afetivo, cognitivo, motivacional ou nas suas dimensões sensoriais e motoras. Nestes termos, resume-se a seguir memória e inventário da psicologia do esporte no Brasil e das correspondentes ações da SOBRAPE.

1954 João Carvalhaes, psicólogo do São Paulo Futebol Clube, torna-se o primeiro psicólogo a realizar trabalhos com os árbitros da Federação Paulista de Futebol, deixando uma importante obra de memória intitulada “Um psicólogo no futebol, relatos e pesquisas”.

1963 O médico Carlos Sanchez de Queirós, diretor e professor do Instituto de Psicologia do Esporte do Rio de Janeiro, da então Universidade do Brasil (hoje UFRJ), escreveu vários artigos e

realizou palestras sobre a Psicologia do Esporte, contribuindo, sobremaneira, na sua difusão inicial.

1968 Publicação do livro pioneiro “Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Desportivo”, tendo Lamartine DaCosta como Coordenador, incluindo três abordagens da área da psicologia do esporte: a teoria do estresse de Hans Selye como ponto de partida para o treinamento esportivo moderno (Lamartine DaCosta); modos de inserção da psicologia no treinamento esportivo avançado (Athayde Ribeiro da Silva) e regulação psicotônica no treinamento esportivo (Lamartine DaCosta). A participação de Hans Selye – então pesquisando no Canadá – ocorreu por contatos com o Coordenador do livro via correspondência.

1973 R. Haddock Lobo escreveu a obra “Psicologia dos esportes”.

1979 Manuel José Gomes Tubino publica a obra pioneira no Brasil em seu tema, “Metodologia científica do treinamento desportivo”, no qual há capítulo sobre a psicologia do esporte. Levava-se, assim sendo, para a prática dos treinadores esportivos noções ainda de domínio da teoria.

1981 Benno Becker organiza o primeiro congresso de psicologia do esporte brasileiro e latino-americano, em Porto Alegre-RS, com a participação de 1.750 profissionais e estudantes de diversas áreas de saber. Este evento criou condições para a consolidação definitiva da psicologia do esporte no país.

1983 Neste ano, no Rio de Janeiro, em 1983, coube ao João Alberto Barreto a fundação da Sociedade de Psicologia do Esporte do Estado do Rio de Janeiro-SOPERJ, primeira entidade estadual a ser legalizada no Brasil, filiada à SOBRAPE. Neste mesmo ano, a SOPERJ realizou um congresso internacional no Rio de Janeiro, sua cidade-sede. Neste estágio inicial da SOPERJ, seu presidente João Alberto Barreto se associou aos sociólogos João Lira Filho e Nelson Melo e Souza, concorrendo então para o avanço do entendimento da Psicologia e da Sociologia Esportiva. João Lira Filho, em particular, publicou o livro “Introdução à psicologia dos esportes”, no ano em foco, e Nelson Melo e Souza divulgou artigos e fez palestras sobre a violência no futebol. Ainda em 1983, José R. Torok e Maria Esther Bueno, editaram a obra “Tênis, o jogo do equilíbrio”, no qual a grande tenista fez um importante depoimento sobre as suas experiências cognitivo-emocionais nas competições, analisadas por João Alberto Barreto.

1986 Fundação da Sociedad Sudamericana de Psicologia Del Deporte, em Comboriú-SC, tendo como primeiro presidente Benno Becker Jr. e reunindo os países Brasil, Argentina, Colômbia, Equador, Chile e Uruguai. Em 1995, assumiu a presidência Enrique Aguayo Chaves, do Chile, sendo reeleito em 1997. Esta entidade já realizou cinco congressos continentais até 2003, demonstrando continuidade na promoção pelo desenvolvimento da psicologia do esporte nos países da América do Sul.

1989 – 1997 Neste período, Benno Becker Jr. participou da Diretoria da *International Society of Sport Psychology-ISSP*.

1994 Estélio H. M. Dantas, discípulo de João Alberto Barreto e de Manuel Gomes Tubino, lança a obra intitulada “A prática da preparação física”, em que se reservou espaço para um capítulo sobre a Psicologia Esportiva. Em 2001, este mesmo pesquisador lançou uma coletânea de estudos na obra “Psicofisiologia” com capítulos em Psicologia e Fisiologia e sua interação no contexto esportivo.

Década de 1990 Em 1990, Luiz Scipião Ribeiro introduz a psicofisiologia no Brasil, criando um laboratório especializado na Universidade Gama Filho-RJ. Neste período, surgem no país vários psicólogos esportivos e educadores físicos com pós-graduação em Psicologia em diversas regiões do Brasil gerando pesquisas e/ou atuação em programas de pós-graduação *stricto e lato sensu*, dos quais se destacam: Kátia Rubio, Suzy Fleury, Sandra Cavasini, Dante De Rose, Gisela Franco, Regina Brandão, Eliane Barbanti, Afonso Machado, Peterson Campos, e outros, em São Paulo; Maria Helena A Rodrigues, Sonia Ricceti, Maurício P. Albuquerque, Andréa Miranda, Paulo Ribeiro, Esmerino Rodrigues Jr., Ana Fernanda Baptista, Antônio Vargas, Teresa Fragelli, Marcelo Leuzzi, Adriana Miranda., Maria Lúcia Geloski, Maria A Welker, e outros, no Rio de Janeiro; Elenita Telöken, Roberto Scalón, Rossane de Godoy, Marisa Gotze, Marcio Geller, Edson Benvenuti, Rosemari Oppermann, Carlos Alberto Werutski, Juan Mosquera, Claus Stobaus, e outros, no Rio Grande do Sul; Antônio Serenini, Franco Noce, Renato Miranda, Luiz Moraes, e outros, em Minas Gerais; Oswaldo Pulita, e outros, em Santa Catarina; Márcia Walter, Ruth Pauls, Lenamar Vieira, Vanda José, Juliana Mendonça, e outros, no Paraná.

1998 – 2000 Anos profícuos para a produção de obras de revisão, referência e pesquisa na psicologia do esporte brasileira: em 1998, Olavo Feijó publicou “Psicologia para o esporte: corpo e movimento”; Benno Becker, em parceria com Dietman Samulski, publicou o “Manual de treinamento psicológico para o esporte”, e lançou como Organizador em 2000, o “Manual de psicologia de esporte & exercício” e a “Psicologia Aplicada à Criança no Esporte”, uma coletânea de trabalhos de autores especializados na área. Ainda em 1998, Suzy Fleury, com sua experiência de coordenar psicologicamente a Seleção Brasileira de Futebol, obra “Competência emocional”, baseada nos princípios da inteligência emocional.

2002 Benno Becker lançou como Organizador, a obra “Psicologia Aplicada ao Treinador Esportivo” com trabalhos de base para estudiosos e praticantes da Psicologia Esportiva. Fundação do Colégio Brasileiro de Psicologia Esportiva, sendo eleito presidente, o professor Olavo Feijó, um dos baluartes no desenvolvimento da Psicologia Esportiva no Rio de Janeiro.

Situação atual Hoje a SOBRAPE atua por congressos nacionais da especialidade – último realizado em 2003 – e por relações com as sociedades estaduais criadas desde a década de 1980, num total de seis filiadas: RS, RJ, SP, MG, SC e PR. O número de especialistas em psicologia esportiva atuantes no Brasil é estimado em 900 profissionais, sendo cerca de 250 associados à SOBRAPE. Este porte faz da psicologia do esporte brasileira a maior da América Latina além de projeção internacional digna de realce. É importante ressaltar que os cursos de formação da SOBRAPE na Argentina, Uruguai, Chile, Paraguai, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Panamá e El Salvador, foram geradores da criação de sociedades nacionais nestes países.

Fontes www.phyed.duth.gr/sportpsy/; Benno Becker Jr. Manual de Treinamento Psicológico para o Esporte (2002 2ª ed); www.wcupa.edu/; www.-personal.umd.umich.edu/; planeta.terra.com.br/esporte/bennopsicologia/.

Psicologia do esporte no Brasil e na América Latina

Sports psychology in Brazil and in Latin America

BENNO BECKER JR.

Definições É a disciplina que investiga as causas e os efeitos das ocorrências psíquicas que apresenta o ser humano antes, durante e após o exercício ou o esporte, sejam estes de cunho educativo, recreativo, competitivo ou reabilitador (Becker Jr., 1995). As reações estudadas são tanto pela prática (atletas e praticantes de exercício) como pela participação no contexto desportivo de treinadores, árbitros, professores, psicólogos, médicos, fisioterapeutas, espectadores, pais, etc. (Becker Jr, 2003). Segundo Weinberg & Gould (1996), investiga, também, o modo como os fatores psicológicos afetam o rendimento das pessoas. A Psicologia do Esporte & Exercício é uma das Ciências do Movimento do Esporte. O profissional em atuação nesta área poderá gerar conhecimento específico através de investigações, utilizando abordagens interdisciplinares ou seja, usando o conhecimento de outras ciências.

Profissionais da área Segundo a Federação Européia de Psicologia do Esporte – FEPSAC (1996), o uso do termo psicólogo esportivo tem um sentido amplo incluindo todas as pessoas qualificadas que trabalham na área, independente de sua formação acadêmica. Deve ser examinada, no entanto, a posição da International Society of Sport Psychology – ISSP, sobre os aspectos éticos da Psicologia do Exercício & Esporte (Becker Jr, 2000). Diferentes países podem impor restrições em relação ao termo psicólogo (FEPSAC, 1996).

Psicologia do Esporte no Brasil O início da Psicologia do Esporte no Brasil, segundo Feige (1977) foi com João Carvalhaes em 1954, que atuou com os árbitros da Federação Paulista de Futebol. Em 1958 o carioca Athaide Ribeiro da Silva atuou na seleção brasileira de futebol. A segunda geração de psicólogos desportivos no Brasil é de 1975, com Benno Becker Junior, Sandra Cavasini e João Alberto Barreto oriundos dos laboratório de pesquisa do exercício de Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente. Em 1979, na Feevale, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, foi criada a Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte – SOBRAPE, sendo eleito como presidente Benno Becker Jr. Em 1981 a SOBRAPE realizou em Porto Alegre o I Simpósio Internacional de Psicologia Aplicada ao Esporte e o I Congresso Brasileiro de Psicologia do Esporte, com participação de 1750 profissionais da América Latina. As sociedades do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná, Santa Catarina e Minas Gerais foram fundadas posteriormente. A SOBRAPE encarregou-se de difundir a Psicologia do Esporte para a América Latina, dando cursos de formação na Argentina, Chile, Uruguai, Equador, Bolívia, Colômbia, El Salvador, Panamá, Peru, e Paraguai, contribuindo diretamente para a criação de suas sociedades nacionais. A partir daquele ano, quase todo o evento científico de Educação Física, Esporte ou Medicina do Esporte, passou a ter a participação da Psicologia do Exercício e do Esporte nas suas sessões. Em 1986, foi criada no Balneário de Camboriú - SC a Sociedad Sudamericana de Psicologia del Deporte – SOSUPE, com participação da Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador e Uruguai, sendo eleito presidente Benno Becker Jr. Desta

etapa em diante houve um crescimento de 1.340% no número de psicólogos em atuação nos clubes esportivos na América do Sul (Salmela, 1992). O Brasil é líder nesta área na América Latina, com a realização de mais de 40 eventos científicos no país e colaborando para a execução de eventos em outros países. A SOBRAPE teve seus presidentes eleitos como diretores da International Society of Sport Psychology, Benno Becker Jr (1989 a 1997) e Dietmar Samulski (2000 a 2004).

Número de profissionais em atuação A Figura 1 mostra uma comparação dos profissionais em atuação na área de Psicologia do Esporte entre os países da América do Sul, mostrando a liderança do Brasil. Os dados são de uma investigação de Becker Jr. (2003) e foram recolhidos através de um protocolo composto de onze itens. A figura mostra os resultados do item 4, número de psicólogos em atuação em seu país.

O Brasil apresenta 880 psicólogos em atuação, Argentina com 300, Chile e Colômbia com 30, Uruguai com 20, Paraguai e Bolívia com 10, Equador, Peru e Venezuela com 5 cada. É importante também referir que, embora o profissional esteja trabalhando em clube ou seleção desportiva, não significa que receba um salário por esta tarefa. Há colegas nossos que trabalham sem receber, buscando investir nesta área nova, outros, alunos de Psicologia, que fazem estágio buscando apreender mais, esperando pela chance de serem contratados. Estes últimos não foram computados por não serem formados.

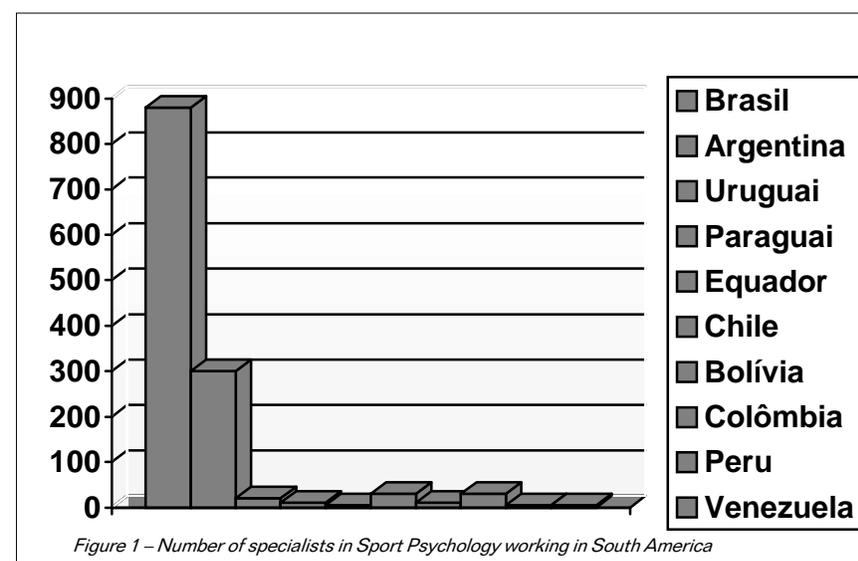
Publicações O número de publicações no Brasil aumentou significativamente, sendo autores Benno Becker Junior, Elenita Telöken, Roberto Escalon, Juan Mosquera e Claus Stobaus, do Rio Grande do Sul; Dietmar Samulski, Antonio Serenini, Franco Noce, Renato Miranda e Luis Moraes, de Minas Gerais; Athayde Ribeiro da Silva, João Alberto Barreto, Manoel Gomes Tubino, Olavo Feijó e Luiz Scipião Ribeiro, do Rio de Janeiro; João Carvalhaes, Sandra Cavasini, Suzy Fleury, Dante De Rose, Gisela Franco, Regina Brandão, Afonso Machado e João Ricardo Cozac de São Paulo (SP), Osvaldo Pulita de Santa Catarina (SC), Marcia Walter, Ruth Pauls, Lenamar Vieira e Juliana Mendonça, do Paraná.

Formação A formação do profissional em Psicologia do Esporte deveria ser na especialização. No Rio Grande do Sul há este curso desde 1995. Também houve início em São Paulo e no Rio de Janeiro mas houve interrupção destes programas. Assim, os psicólogos e professores de Educação Física para formarem-se na área têm recorrido aos cursos de extensão e à participação em eventos científicos. O Centro Universitário Feevale tem seu curso de graduação contemplado com uma área

específica de Esporte (além da clínica e a empresarial). É uma alternativa promissora. Outra é o Ensino a Distância – EAD. A Feevale realizou o I Curso de Psicologia do Esporte – Criança no Esporte, pelo EAD, através de Benno Becker Jr, com 25 alunos brasileiros e 25 de outros países (Estados Unidos, Espanha, Chile, Argentina, Venezuela, Bolívia e Peru).

Linhas de pesquisa As linhas de investigação com maior procura pelos psicólogos nacionais são: a) Criança no esporte. b) Exercício & esporte: influência sobre a área emocional. c) Motivação. d) Liderança. e) Técnicas cognitivas e somáticas de preparação psicológica. f) Estresse & rendimento. g) agressividade, agressão & violência no esporte. Há pouco apoio do governo e das instituições privadas para as investigações. Isto significa falta de instalações, material e de recursos humanos para a pesquisa na área de Psicologia do Esporte.

Fontes BECKER JR., B. La influencia de la educación física y del deporte en los niveles de ansiedad y de agresividad de alumnos adolescentes. Revista Ciencias de la Actividad Física, 3 (6), 77-88, 1995; BECKER JR., B. Manual de Psicologia do Esporte & Exercício. Porto Alegre: Nova Prova, 2000; BECKER JR, B. La evolución de la Psicología del Ejercicio & Deporte en Sudamérica. XXI Congreso Nacional Español de Psicología del Deporte. Leon, Federación de Sociedades de Psicología del Deporte, 2003; FEPSAC Position statement of Fepsac -Definition of sport psychology. In Internacional Society of Sport Psychology - ISSP Newsletter – October 1996; LIDOR R, MORRIS, T, BARDAXOGLU, N. & BECKER JR, B (2001) The World Sport Psychology Sourcebook. FIT, Inc. (3rd ed.); SALMELA, J. The world sport psychology source book – 2nd ed. Human Kinetics: Champaign, Il, 1992; WEINBERG, R.S. & GOULD, D. (1996) Fundamentos de psicología del deporte y el ejercicio físico. Barcelona: Ariel, 1996.



Psicofisiologia no Brasil

LUIZ CARLOS SCIPIÃO RIBEIRO, MAURÍCIO BARA FILHO, EMERSON FILIPINO COELHO E RENATO MARTINS BOUÇAS

Psychophysiology in Brazil

Psychophysiology is a research area which implies the interaction of psychological and physiological variables. It is based on various areas of knowledge such as learning, performance and motor control, biology, neurophysiology, biomechanics, psychology, physiology, and physical education. The main studies of

psychophysiology began in the United States in the 1980s, soon followed by European studies. Psychophysiology was brought to Brazil by Dr. Luiz Scipião Ribeiro (Boston – U.S.) and Dr. Dietmar Samulski (Colony – Germany), Brazilian scholars who had earned their Ph.D. Degrees abroad. The first Brazilian laboratory specialized

in psychophysiology was created in 1998 and the Centro de Psicofisiologia do Exercício (Center of Exercise Psychophysiology) in 2001, both located in Rio de Janeiro-RJ. Brazil had 12 psychophysiology scholars in 2003: all linked to the area of sports psychology (see chapter on sports psychology in this Atlas).

Definições A Psicofisiologia é uma área de estudos que consiste na interação de variáveis psicológicas e fisiológicas e se fundamenta em diversas áreas do conhecimento como aprendizagem, performance e controle motor, biologia, neurofisiologia, biomecânica, psicologia, fisiologia e Educação Física. Como tal, a psicofisiologia é uma área de estudos relativamente nova e que implica o entendimento de processos corporais internos do comportamento através de uma simultaneidade corpo-mente sempre presente na dinâmica da energia pessoal (Miranda, 1998; Ribeiro, 1992). Para Ribeiro e Benda (1995), a psicofisiologia consiste na interação da psicologia com a fisiologia, permitindo um melhor fornecimento de meios para a compreensão das respostas psicomotoras. A base desse campo localiza-se na etimologia da palavra, dividida em “psico” (eventos mentais) e “fisiologia” (processos corporais). Segundo Bulhões (1997), a parte “psico” objetiva compreender os processos psicológicos responsáveis pelo comportamento humano; a parte “fisiológica” centraliza-se nas essências do comportamento e na ênfase metodológica das variáveis dependentes que refletem as atividades do organismo em estudo. A partir disso, a psicofisiologia é definida, por Cacioppo e Tassinari (apud Collins, 1995:p.154), como “o estudo de fenômenos cognitivos, emocionais e comportamentais relacionados e revelados por princípios e eventos fisiológicos”. E por Miranda (1998, p.232) como o “estudo do comportamento simultâneo das dimensões fisiológicas e psíquicas que expressam a estrutura sistêmica humana, de acordo com seus objetivos e atividades”.

Origens Em sua abordagem histórica da psicofisiologia, Toledo (2000) fundamenta-se na filosofia Grega, na qual o idealismo mente-corpo já encontrava-se presente na arte e na literatura e os princípios eugênicos estavam baseados na frase “mens sana in corpore sano”. Ribeiro (2000) explica que a psicofísica constituiu a primeira psicologia experimental e abriu a porta para o Behaviorismo. Primeiramente centrado sobre o estudo matemático nas relações entre estímulo e sensação, a psicofísica está orientada nestes últimos anos com a teoria de detecção de sinal através da análise dos processos de decisão sustentando a percepção (Borg 2000). Nas primeiras décadas do século XX, a psicologia da aprendizagem dividia-se em duas linhas de pesquisa – comportamentalista e cognitivista. A primeira concentrava nas relações entre performance motora e o processo de aprendizagem, e a cognitivista, dedicava-se à análise dos chamados processos mentais complexos implicados na aprendizagem e no comportamento motor. As origens científicas do campo da psicofisiologia ocorrem a partir da psicologia no final do século passado, aproximando-se da Educação Física após a 2ª Guerra Mundial. Atualmente a aprendizagem, o controle e a performance motora tendem a integrar as áreas de biologia, da neurofisiologia, biomecânica, psicologia e da Educação Física, que se agrupam sob a ótica da psicofisiologia (Schmidt 1993, 2001).

1802 Surge um dos precursores da Psicofisiologia, George Cabanis, através do trabalho “Relações entre o físico e o moral dos homens”.

1900 – 1945 A psicologia da aprendizagem dividia-se em duas linhas de pesquisa – comportamentalista e cognitivista. A primeira concentrava nas relações entre performance motora e o processo de aprendizagem; e a cognitivista, dedicava-se à análise dos chamados processos mentais complexos implicados na

aprendizagem e no comportamento motor. Neste período surgem os primeiros laboratórios de Psicologia do Esporte na Rússia, na Alemanha e nos Estados Unidos. No campo da psicofisiologias origens científicas ocorrem a partir da psicologia no final do século XIX e aproximam-se da Educação Física no após guerra.

1980 Os principais estudos da Psicofisiologia originam-se nesta década nos EUA, destacando-se logo após pesquisas europeias. Até 1980, a área de maior interesse era a performance motora, interessando-se pela medida de ativação, a identificação da capacidade de atenção e alocação e dos processos centrais associados com a performance ótima através do biofeedback. Desde então, tem crescido o número de trabalhos na linha de atividade física e saúde.

1990 No Brasil, a psicofisiologia foi introduzida por doutores egressos de cursos no exterior como o Dr. Luiz Scipião Ribeiro (Boston – EUA) e o Dr. Dietmar Samulski (Colônia – Alemanha), que passaram a estudar e pesquisar os processos corporais dentro de uma simultaneidade psicofisiológica.

1998 Foi criado o Laboratório de Psicofisiologia do Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Educação Física da Universidade Gama Filho no Rio de Janeiro, pelo Dr. Luiz Scipião Ribeiro.

2001 Em maio, criou-se o Centro de Psicofisiologia do Exercício, sob a coordenação do Dr. Luiz Scipião e do Professor Paulo Figueiredo, Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro e fisiologista do Clube Regatas Flamengo. Por outro lado, a consolidação acadêmica do Laboratório de Psicofisiologia, já com quatro anos de operações, ocorreu neste ano quando a Dissertação de Mestrado de Maurício Bara, sob a orientação do Dr. Luiz Scipião foi premiada com o 1º lugar no II Prêmio Brasil Esporte de Literatura promovido pelo Ministério do Esporte e Turismo.

Situação atual A importância e a necessidade em se estabelecer uma interação entre psicologia e fisiologia do movimento humano e estudá-las conjuntamente está hoje em crescente expansão. Nesta visão metodológica de pesquisa, observa-se que a psicofisiologia inter-relaciona os aspectos psicológicos e fisiológicos com natureza simultânea e conjunta, não separadamente. A psicofisiologia apresenta-se como uma área científica complexa devido às mais diversas abordagens que os fenômenos fisiológicos e psicológicos podem apresentar ao serem abordados conjuntamente. Devido a esta razão, a Psicofisiologia tem apresentado diferentes ensaios com a intenção de sistematizar os trabalhos e modelos metodológicos da área. Uma primeira abordagem metodológica de pesquisa fundamenta seus estudos no campo das tendências médicas ou fisiológicas, baseada em estímulos físicos, efeitos corporais internos, funcionamento endócrino e doenças psicossomáticas. Estes estudos corroboram Brandão (1995), em cuja obra a psicofisiologia é estudada sobre a ótica da neurociência, fundamentando suas bases teóricas na fisiologia e nas bases neuro-humorais do comportamento. Entre os estudos mais recentes nessa abordagem temos Tsutsumi *et alii* (2001), Caputo *et alii* (2000) e Vrijkotte, Van Doornen e De Geus (2000) – estresse, hipertensão e frequência cardíaca, Kelsy *et alii* (2001) – narcisismo e resposta galvânica, Fostes e Webster (2001) – memória, frequência cardíaca e resposta galvânica, Itskovich, Fei e Harkins (2000) – dor e respostas psicofisiológicas.

A segunda abordagem metodológica baseia-se no estudo da atividade física e desempenho humano, no qual a psicofisiologia estuda as relações entre um estímulo e a sensação que as atividades físicas promovem. Isto é realizado através das relações quantitativas demonstradas entre os eventos ou fatos identificados e mensuráveis às respostas invocadas segundo uma regra experimental escolhida (Ribeiro 2000). Afim a esta linha de pesquisa, pode-se destacar “*A primer of psychophysiology*”, que define psicofisiologia como um estudo científico do papel desses muitos processos corporais no comportamento e na experiência consciente (Hasset, 1978 apud Ribeiro 1992). Estudos como o de Bara Filho, Da Costa e Ribeiro (1998), Carmack *et alii* (1999) e Myrtek *et alii* (1999) – atividade física e redução do estresse, De Vries *et alii* (2000) – atividade física e resposta hormonal, Naylor *et alii* (2000) – atividade física e respostas neuropsicológicas, Rissen *et alii* (2000) – atividades físicas e respostas eletromiográficas, Moya-Albiol *et alii* (2001) – atividade física e estresse psicológico podem exemplificar de maneira coerente essa abordagem psicofisiológica.

A terceira abordagem discute a psicofisiologia no campo das atividades físicas e do esporte através de métodos psicofísicos que podem influenciar a performance de esportistas e atletas competitivos (Borg, 2000). Exemplificando esta abordagem, os estudos realizados no Brasil como o de Bulhões (1997) – treinamento mental e performance técnica, Bara Filho (1999) e Toledo (2000) – técnica de relaxamento e variáveis fisiológicas cortisol e lactato sanguíneo, respectivamente, bem como as pesquisas no exterior de Blumenstein, Bar-Eli e Tenebaum (1995) – performance e biofeedback e Caird, Mckenzie e Sleivert (1999) – biofeedback, relaxamento e performance.

Fontes BARA FILHO, M. G. (1999). *Efeitos Psicofisiológicos do Fenômeno do “Burnout” em nadadores*. (Dissertação de Mestrado) Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho. BECKER JR, B. e SAMULSKI, D. (1998). *Manual do treinamento psicológico para o esporte*. Porto Alegre: Feevale. BLUMENTHAL J.A., WILLIAMS R.S., NEEDELS T.L., WALLACE A.G. (1982) Psychological changes accompany aerobic exercise in healthy middleaged adults. *Psychological Med*; 44(6): 529-36. BLUMENSTEIN, B.; BAR-ELI, M; TENENBAUM, G (1995). The augmenting role of biofeedback: effects of autogenic, imagery and music training on physiological indices and athletic performance. *Journal of Sports Science*; 13 (4): 343-54. BOUTCHER S.H., NURHAYATI Y., MCLAREN P.F. (2001). Cardiovascular response of trained and untrained old men to mental challenge. *Med Sci Sports Exerc*; 33(4):659-64. BRANDÃO, M. L. (2000). *Psicofisiologia*. São Paulo: Atheneu. BRANDÃO, M.R.F. (1995). Ansiedade em atletas. *Movimento* . Ano V (1): 24-27. MIRANDA, R et al. (1998). *III Simpósio Mineiro de Psicologia do esporte*. Juiz de Fora: UFJF. MURRAY, E.J. (1986). *Motivação e emoção*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; RIBEIRO, L. C. S. (1992). *Efeito do nível de ansiedade nas respostas psicofisiológicas ao estresse em atletas de alto-nível*. (Tese de Livre-Docência). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho. RIBEIRO, L. C. S., et al. (2001). *Psicofisiologia do exercício – conceitos e aplicações*. Rio de Janeiro: Jamit Sport & Marketing. (edição eletrônica) SAMULSKI, D. (1995). *Psicologia do esporte: teoria e aplicação prática*. Belo Horizonte: Imprensa Universitária/UFMG. SCHMIDT, R. A (1993). *Aprendizagem e Performance Motora, dos princípios a prática*. São Paulo: Ed. Movimento. SCHMIDT, R. A. e WRISBERG, C.A (2001). *Aprendizagem e Performance Motora, Uma abordagem da aprendizagem baseada no problema*. Porto Alegre: Artmed.

História da Educação Física, esporte, dança e lazer

EDISON FRANCISCO VALENTE E JAPSON MACÉDO DE ALMEIDA FILHO

History of physical education, sports, dance and leisure in Brazil

The first historical step towards the establishment of physical education in Brazil took place in 1834, when one of the 30 Brazilians that had been trying admission during almost a century was finally accepted in the Philantropinum, based in the Germany. The second step happened in 1981, according to academic sport historians, when Brazil had an increase in the number of scholars who held Master's and doctorate degrees in physical education: some of these researchers had just returned home with an international education and some others had degrees produced in Brazil as a result of the consolidation of Brazilian graduate programs in physical education, sports, and leisure. As a result, there was expansion and/or consolidation of various lines of research, among which those of history of physical education, sports, dance and

leisure. This area of specialized knowledge was particularly developed by a pioneer group of Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP that 1991. In the following years groups of research in the same theme came up in five other universities in the country. In 1993 the UNICAMP group organized and promoted the first Encontro de História do Esporte, Educação Física, Lazer e Dança (Meeting of Sport History, Physical Education, Leisure and Dance). Today the conference that puts together sports historians and related areas in Brazil takes place every two years and research has become continuous in quantity and quality. In the national conference of 2002 there were 87 presentations and 263 participants. It is important to point out that research papers on sports history have already been written

since the beginning of the 20th century. However, the majority of those researchers had not been so much engaged with either the reliability of their sources or the confrontation of different interpretations. The international technical publication that has the best reputation in the area is the “International Journal of the History of Sport”, in whose Editorial Board the Brazilian Lamartine DaCosta has been working as a member since 1998. The history of sports and related areas can be defined in terms of their utility for the development of physical activities, besides its broader meanings proposed by the social sciences. And within this option one of the first steps is to list its memory facts to develop future studies in history, as it is done tentatively below by means of a table with dates, events and locations.

Origem e Definições A Educação Física surgiu na Europa, por volta do século XVIII-XIX, como uma atividade disciplinadora em escolas burguesas. No Brasil, a criação da Escola Militar, oficializada pela Carta Régia de 04/12/1810, abriu espaço para que, já em 1837 no Município da Corte, se discutisse a criação de uma sociedade escolar que teria, entre outras, a cadeira de “gymnástica”. No entanto, o marco inicial para a historicidade da formação em Educação Física, no Brasil, situa-se em 1834, quando o primeiro brasileiro, de um grupo que totalizou três dezenas ao longo de quase um século, foi admitido no Philantropinum, em sua sede, na Alemanha. Pouco se sabe dos feitos deste grupo ao retornar. Porém em 1851 o Governo Imperial incluía a ginástica no ensino das escolas primárias. Quatro anos, depois a mesma medida legal — lei nº 630 de 17/09/1851 — era regulamentada especialmente para o Colégio Pedro II do Rio de Janeiro (capital do país, à época), então considerado como escola padrão para todo o território brasileiro. Mas somente em 1876 surge uma medida legal referida explicitamente à formação de professores: o Decreto nº 6370 que introduziu, no município da Corte (Rio de Janeiro), em suas duas Escolas Normais, o ensino de ginástica e de princípios gerais da Educação Física. Nestas condições o ensino da Educação Física no Brasil, pelo menos na forma da lei, constituiu, em seus primórdios, uma das funções do (a) professor (a) de nível primário. Já a especialização apareceu efetivamente quase meio século depois nos cursos de curta duração promovidos pelo Exército.

Aliás, a expressão “ginástica” predominava, à época, como se verifica nos atos legais a partir de 1851. Educação Física aparece primeiramente no Decreto 6370 de 1876 e passa a ser denominação principal quando a legislação voltava-se para a criação de meios de formação de professores (Projeto de Lei de 21/09/1905, por exemplo). De qualquer modo, “Educação Física” foi a matéria regulamentada em 1916, no Município do Rio de Janeiro, quando se deu ao médico a “competência” de dirigi-la “proporcionando às necessidades e à capacidade de cada idade e sexo”.

Em meados do século XIX, acompanhando o movimento europeu, surge a preocupação de introduzir atividades físicas orientadas tanto no meio educacional, quanto no meio militar. Nesse período, e no início do século XX, a expressão “Educação Physica” era utilizada, muitas vezes, para nomear um dos componentes da educação, ou seja, aquele que lidaria com o físico, em conjunto com a educação moral e intelectual.

De acordo com os dados apresentados acima, observa-se, de 1838 a 1916, um domínio de métodos ginásticos em atividades físicas são sistematizadas na escola e em corporações militares.

1917 – 1929 A expressão “Educação Physica” substituiu o termo “gimnástica” a qual se destinava às atividades para nomear um dos componentes da Educação, ou seja, aquele que lidaria com o físico, em conjunto com a Educação Moral e Intelectual, principalmente quando a mesma passou a ser difundida com mais ênfase pelas escolas normais no Brasil, por corporações e escolas militares e pela Escola de Educação Física do Exército.

1930 – 1940 Com a criação do Ministério da Educação e Saúde, são formuladas as primeiras iniciativas oficiais relacionadas com a Educação Física no Brasil. O Governo Brasileiro passou a assumi-la oficialmente, difundindo-a no nível escolar, caracterizando-se

como um marco histórico de afirmação desse campo do conhecimento, traduzido, mais tarde, com o aparecimento de publicações técnicas na área.

1941 – 1954 Inicia-se a influência do esporte na Educação Física Escolar e uma diversificação em suas atividades pela dança e a recreação, apesar de o Ministério da Educação e Saúde promover concurso para a elaboração de um método nacional de Educação Física. No ensino superior, as Escolas de Educação Física começam a ser implantadas fora do eixo Rio de Janeiro-São Paulo-Vitória, expandindo-se para outras localidades do Brasil, tais como Porto Alegre, Curitiba, Recife, Belo Horizonte, São Carlos e Bauru, sendo as duas últimas de caráter particular e as demais estadual. Nesse mesmo período a Educação Física deixa de ser identificada como “instrução militar”.

1955 – 1960 Dá-se um novo enfoque à Educação Física nacional, oficializando o vínculo com o esporte, criando os Centros de Educação Física, e admitindo-se as competições esportivas como substitutas das “sessões” de Educação Física. Nesse mesmo período surgem os primeiros cursos de especialização em recreação e o Governo Federal promove a Campanha Nacional de Educação Física.

1961 – 1969 Com a Lei 4.024/61, a Educação Física passa a ser obrigatória nos cursos primário e médio, com base em conceitos bio-psico-social, fixando duração mínima para os cursos de licenciatura, estabelecendo um núcleo de disciplinas a serem ministradas. Como características fundamentais desse período, constam-se as primeiras preocupações científicas com a Educação Física e os esportes, caracterizando-se como o início de um movimento científico-pedagógico na área. Foi também o período do primeiro, e único, Diagnóstico de Educação Física/Desportos no Brasil. No final desse período, a prática da Educação Física passa a ser obrigatória em todos os níveis e ramos do ensino. Com a implantação dos Jogos Escolares Brasileiros houve um processo de ratificação da esportivização da Educação Física no Brasil.

1970 – 1981 A formação do profissional de Educação Física foi consolidada com a implantação de cursos de licenciatura em diversas Universidades brasileiras. Houve, também, a consolidação de três movimentos básicos que influenciaram a Educação Física no Brasil: o científico-pedagógico, o Cooper e o movimento esporte Para Todos. Decorrente da publicação do “Diagnóstico de Educação Física/Desportos no Brasil”, houve a implantação do I Plano Nacional de Educação Física e Desporto, pelo Departamento de Educação Física e Desporto do Ministério da Educação e Cultura – DED/MEC. Foi, também, o período de criação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte e a preocupação de seus profissionais com a implantação de cursos de pós-graduação, principalmente após a criação do Conselho Nacional de Pós-Graduação. Nesse período a Secretaria de Educação Física e Desporto do Ministério da Educação e Cultura, que substituirá o DED/MEC, cria um grupo de trabalho para elaboração de um projeto de implantação de laboratórios de pesquisas pedagógicas, concluindo os trabalhos com a formulação de uma “Política de Estímulo à Pesquisa em Educação Física e desportos”.

1981 – 2002 O retorno de profissionais que foram participar de cursos de mestrado e doutorado no exterior, favoreceu para a

consolidação da pós-graduação em Educação Física, Esportes, Recreação e Lazer no Brasil. Em decorrência desse fato, surgem grupos de pesquisa nessas áreas, as mesmas entram na era da informatização, ocorre a expansão dos cursos de mestrado e doutorado no território nacional e são consolidadas as mais diversas linhas de pesquisa, dentre as quais as da História da Educação Física, Esportes e Lazer, na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

Mais especificamente, a partir de 1991, sob a coordenação do Prof. Dr. Ademir Gebara, foi criado na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (SP) – o Grupo de História do Esporte, Lazer e Educação Física - GHELEF, composto por pós-graduandos (especialistas e mestrandos), os quais semanalmente se reuniam para discutir questões vinculadas a essas áreas do conhecimento. Esse grupo foi pioneiro nas discussões e consolidações de pesquisas baseada na História Nova, transformando-se em um marco histórico para mudanças de interpretações da História da Educação Física, Esportes e Lazer no Brasil. A consolidação do GHELEF aconteceu a partir da realização do I Encontro de História da Educação Física e do Esporte.

O I ENCONTRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DO ESPORTE, foi realizado no período de 28 a 30/10/1993, em Campinas-SP, na FEFE/UNICAMP, contou com seis temáticas para mesas redondas: História do Esporte; História do Lazer; História da Educação Física nos Cursos de Graduação; Educação Física e Esporte: História e Teoria; História da Educação Física Escolar; e, História da Educação Física no Brasil. Foram apresentados 37 trabalhos e a participação de 68 profissionais. O I Encontro foi coordenado pelo Prof. Dr. Ademir Gebara e Prof. Ms. Edison Francisco Valente, com a colaboração dos demais membros do Grupo: Fernando Marinho Mezzadri, Dagmar Aparecida C.F. Hunger, Verter Paes Cavalcanti, Cacilda Pereira Widmer, Maria Elizete Brigatti, Fernando Renato Cavichioli, Marcelo Weishaupt Proni e Victor Andrade Melo e dos Professores Doutores convidados José Sebastião Witter, Lamartine Pereira da Costa e Sílvio Sanchez Gamboa.

O II ENCONTRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, foi realizado em Ponta Grossa-Paraná, coordenado pelo Prof. Ms. Fernando Marinho Mezzadri, promovido pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, com a apresentação de 49 trabalhos selecionados, dos mais de 120 inscritos, e a participação de mais de 180 pessoas, inclusive estrangeiros. Foi o ano em que pela primeira vez os participantes receberam, no início do Encontro suas coletâneas, impressas na UEPG. Houve, também, o lançamento dos primeiros livros produzidos por componentes do Grupo de História. Foram eles: “Perspectivas históricas do movimento Esporte Para Todos no Brasil”, do Prof. Ms. Edison Valente e “Quando a lei é a regra: um estudo da legislação da educação Física Escolar brasileira”, do Prof. Ms. Ricardo Lucena.

O III Encontro Nacional da História do Esporte, Lazer e Educação Física, foi realizado em Curitiba, no período de 10 a 15 de novembro de 1995, na Universidade Federal do Paraná, sob a Coordenação da Prof^ª. Ms. Divoenyh Julieta Cabral, Prof^ª. Ms. Maria Gisele dos Santos e o Prof. Ms. Fernando Marinho Mezzadri. Foram apresentados e publicados na coletânea do evento 70 trabalhos selecionados e

contou com a participação de mais de 200 participantes, entre estudantes, graduados, especialistas, mestres e doutores dessas áreas do conhecimento e áreas afins do Brasil e do exterior.

O IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, foi promovido pela Universidade Federal de Minas Gerais, no período de 22 a 26 de outubro de 1996, em Belo Horizonte, coordenado pela Prof^a Ms. Marilita Aparecida Arantes Rodrigues. Nesse Encontro, foram apresentados e publicados 80 trabalhos, contou com mais de 230 participantes do Brasil e do estrangeiro. Pela primeira vez esse evento foi tematizado e norteou-se em: “Métodos e fontes na produção do conhecimento histórico do Esporte, Lazer e Educação Física”.

O V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física, foi realizado em Maceió-Alagoas, no período de 23 a 29 de novembro de 1997, na Escola Técnica Federal de Alagoas e coordenado pelo Prof. Dr. Edison Francisco Valente, com a temática “As ciências sociais e a história do esporte, lazer e Educação Física”. Foram apresentados e publicados 100 trabalhos e realizadas 6 conferências magnas. Esse evento teve um caráter internacional, com 6 palestrantes estrangeiros, inclusive, pela primeira vez, o evento contou com tradução simultânea e transmissão via Internet. Estiveram participando, diariamente, desse Encontro em média 325 pessoas entre profissionais e acadêmicos do esporte, lazer e Educação Física e áreas afins.

O VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física, foi realizado em dezembro de 1998, na Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro – RJ, com a temática “Caminhos, meios e estratégias para o desenvolvimento da pesquisa do Esporte, Lazer e Educação Física”. Foram apresentados 87 trabalhos, 6 conferências magnas e 180 inscritos. Esse evento foi coordenado pelo Prof. Dr. Lamartine Pereira da Costa.

O VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, foi realizado na cidade de Gramado-RS, no Centro

de Convenções Serrano, no período de 29 de maio a 01 de junho 2000, com a temática “Memórias e descobrimentos: 500 anos de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança no Brasil”. Esse evento foi coordenado pelo Prof. Dr. Vicente Molina Neto e contou com a apresentação e publicação de 128 trabalhos, dos quais 6 internacionais e 122 nacionais.

O VIII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, foi realizado no período de 14 a 17 de novembro de 2002, na cidade de Ponta Grossa-PR, promovido pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, com a temática “As ciências sociais e a história da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança”. Foram apresentados 87 trabalhos e, pela primeira vez, a coletânea do evento foi publicada em CD e teve uma participação de 262 autores participantes.

2000 – 2003 Período da criação e implantação do Conselho Federal de Educação Física – CONFEF– que redundou na regulamentação da profissão, na publicação do código de ética dos profissionais registrados no CONFEF/CREFs e na resolução que define o campo de intervenção do profissional de Educação Física no Brasil. Atualmente, segundo o CONFEF, a Educação Física contempla, entre outros, os seguintes significados: o conjunto das atividades físicas e desportivas; o componente curricular obrigatório, em todos os níveis e modalidades do ensino básico; área de estudos e/ou disciplinas no Ensino Superior; e, o corpo de conhecimento, entendido como o conjunto de conceitos, teorias, e procedimentos empregados para elucidar problemas teóricos e práticos, relacionando à esfera profissional e ao empreendimento científico, na área específica das atividades físicas, desportivas e similares. Ao reafirmar o Manifesto Mundial da Educação Física – 2000, da *Fédération Internationale D'Education Physique*, o CONFEF entende que a Educação Física, pelos seus valores, deve ser compreendida como um dos direitos fundamentais de todas as pessoas e por ser um processo de Educação, seja por vias formais ou não-formais, além de promover

uma educação efetiva para a saúde e ocupação saudável do tempo livre de lazer, constitui-se num meio efetivo para a conquista de um estilo de vida ativo dos seres humanos.

Situação Atual Hoje, o Congresso que reúne historiadores do esporte e áreas afins no Brasil acontece a cada dois anos e a pesquisa tornou-se de fluxo contínuo em razoáveis quantidade e qualidade. Neste contexto, cabe realçar que trabalhos de história de esporte já se produziam no Brasil desde o início do século XX, embora sendo a maioria não compromissada com a confiabilidade das fontes nem com o confronto de interpretações. Em resumo, em anos recentes, o tema da história do esporte no país tem sido observado na perspectiva do desenvolvimento do conhecimento dentro das diretrizes do Conselho Nacional de Pesquisas – CNPq e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, tendo, como antecedentes, esforços individuais de diletantes – a maioria vinda do jornalismo esportivo – e de professores de Educação Física não especializados. Tais circunstâncias são similares ao desenvolvimento do tema em países mais adiantados embora uma produção de algum impacto acadêmico tenha surgido na Europa – basicamente Inglaterra e Alemanha – já na década de 1920 e depois nos EUA, dez anos mais tarde. Hoje há uma associação científica européia da área – o Comitê Europeu para a História do Esporte – CESH – e outra de maior abrangência, a Sociedade Internacional de História do Esporte e da Educação Física – ISHPES, além de entidades nacionais de importância nos EUA e na Austrália. A publicação técnica de melhor reputação na área é o *International Journal of the History of Sport* em que o brasileiro Lamartine DaCosta atua como membro do Conselho Editorial desde 1998. Em síntese, a História do Esporte e de áreas correlatas pode ser definida em termos de sua utilidade para o desenvolvimento das atividades físicas, além de seus significados mais amplos propostos pelas ciências sociais. E nesta opção, um dos primeiros passos é o de levantar seus marcos de memória visando-se a futuros estudos, como se faz tentativamente a seguir com uma cronologia histórico-geográfica.

DATA

MARCOS DE MEMÓRIA

- 1838 Introdução da ginástica no Ginásio Nacional (Colégio Pedro II), no Rio de Janeiro.
- 1839 Foi publicado um decreto em 11/05, elaborado pelo Governo da Província do Rio de Janeiro, autorizando a tradução e a impressão, no Brasil, da obra do francês Barão J.M. Gerardo, “Educação Physica”, com o intuito de fundamentar teoricamente o ensino da ginástica nas escolas normais brasileiras.
- 1844 Em São Luiz do Maranhão, foi fundado o Colégio N. S. da Glória, conhecido como “Colégio das Abranches”, destinado exclusivamente ao sexo feminino. Em seu currículo constavam atividades físicas.
- 1850 Na travessia do Paço Imperial, Rio de Janeiro, o Professor Bidegarry oferecia atividades de ginástica para os nobres com o objetivo de tratamento de deformidades e fraquezas.
- 1850 No Rio de Janeiro, o Deputado Luiz Couto Ferraz sugere a introdução da ginástica no nível escolar.
- 1851 A Lei nº 630 inclui, pela primeira vez, nos currículos das escolas primárias do Rio de Janeiro, por sugestão do Deputado Luiz Couto Ferraz, a ginástica dentro da proposta de mudanças das bases para a reforma do ensino primário e secundário, no Município da Corte.
- 1852 Antônio Francisco Gomes propunha, no Rio de Janeiro, além da ginástica, os exercícios de natação, esgrima, dança, jogo de malha e jogo de pella (forma primitiva do tênis), para ambos os sexos.
- 1852 Antônio Francisco Gomes apresenta tese à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, sob o título “Influência da Educação Physica no Homem”.
- 1854 Expedido, no Rio de Janeiro, o “Regulamento de Instrução Primária e Secundária do Município da Corte” que incluía a ginástica no rol das disciplinas curriculares do ensino primário.
- 1857 O Decreto Nº 2005, de 24 de outubro, mediante a “Reforma Marquês de Olinda”, determina que o internato do Colégio Pedro II, seja colocado fora da cidade, em terreno espaçoso para exercícios de ginástica, banhos e natação, bem como para recreio.
- 1858 A prática da ginástica tornou-se obrigatória nas escolas militares do Brasil.
- 1858 Em Joinville-Santa Catarina, foi criada a Sociedade Alemã de Ginástica, no Brasil, a primeira da América Latina.
- 1860 Famílias alemãs e militares prussianos da guarda imperial no Brasil já praticavam o método alemão.
- 1860 O exército Imperial adota o método alemão de ginástica, ministrando, também, aulas de esgrima, natação e remo, não só para os militares, mas, também, para o público em geral.

- 1862 O Decreto Nº 2.882, de 01 de novembro, mediante a “Reforma Souza Ramos”, além de manter a ginástica, acrescenta a dança no currículo do Colégio Pedro II.
- 1867 É fundada a “Sociedade”, hoje denominada de Sociedade de Ginástica de Porto Alegre, a qual se propôs a difundir o Turnen, como prática de preservação de identidade étnica do povo alemão no Rio Grande do Sul, inclusive sua tradições.
- 1870 O Instituto Mackenzie, São Paulo, de origem anglo-americana, incluiu esportes e ginástica em suas atividades pedagógicas.
- 1870 O Governo Imperial autoriza, no Rio de Janeiro, a impressão e manda distribuir pelas escolas o “Novo Guia para o Ensino da Ginástica nas Escolas Públicas da Prússia”.
- 1870 Na Reforma Paulino de Souza, Rio de Janeiro, o Manual de Ginástica de Spiess foi traduzido e recebeu indicação normativa para a escola pública.
- 1871 Surge a primeira Escola Normal de Sergipe, funcionando no Ateneu Sergipense, exclusivamente para homens.
- 1873 O Jornal do Comércio, no Rio de Janeiro, publica anúncio de um professor alemão se oferecendo para ministrar aulas de diversas disciplinas, dentre elas a Gymnastica.
- 1874 A Gymnastica passou a fazer parte das disciplinas do Instituto de Artífices de São Paulo.
- 1876 O Decreto 6370, de 30/09, introduz nos cursos das duas escolas normais do Município da Corte (Rio de Janeiro), exercícios de Gymnastica e princípios para a Educação Physica, como a primeira iniciativa de inserção da Educação Física em currículos dos cursos de formação de professores.
- 1877 Surge, em Sergipe, o Colégio Normal para mulheres, funcionando no Asilo N.S. da Pureza.
- 1880 O Decreto Nº 7.684, de 06 de março, regulamenta o ensino normal do Município da Corte, conservando, na 5ª série, os princípios gerais da Educação Física e os exercícios ginásticos nas demais séries.
- 1880 No Colégio São Luiz, em Itu-São Paulo, os alunos já praticavam o futebol, trazido por um missionário alemão, quando o mesmo ainda não era, praticamente, conhecido no Brasil.
- DécadaO Colégio Alberto Brandão, do Rio de Janeiro, oferecia aulas de ginástica particulares para de alunos que pudessem pagar.
- 1880

- 1881 No Rio de Janeiro, o Capitão Ataliba M. Fernandes foi o primeiro professor de gymnastica da Escola Normal da Corte, oficialmente nomeado.
- 1881 O Decreto N° 8.025, de 16 de março, prescreve a obrigatoriedade da ginástica, em duas sessões, no curso normal.
- 1882 Ruy Barbosa, em seu Parecer n° 224/1882 sobre a “Reforma do Ensino Primário e Várias Instituições Complementares da Instrução Pública”, sugere a inclusão da ginástica nos cursos normais e nas escolas primárias do Brasil. Esse Decreto foi resumido nos seguintes itens:
 “1° - Instituição de uma seção especial de ginástica em cada escola normal.
 2° Extensão obrigatória a ambos os sexos, na formação do professorado e nas escolas primárias de todos os graus, tendo em vista, em relação à mulher, a harmonia das formas femininas e as exigências da maternidade futura.
 3° Inserção da ginástica nos programas escolares como matéria de estudo, em horas distintas das do recreio, e depois das aulas.
 4° Equiparação, em categoria e autoridade, dos professores de ginástica aos de todas as outras disciplinas”.
- 1882 A Lei 41/MG determina a escolarização da Ginástica no ensino primário no Estado de Minas Gerais.
- 1883 O Decreto 607/MG inclui, em Belo Horizonte, a Ginástica na categoria de exercícios práticos.
- 1883 O Regulamento 100/MG inclui no currículo das escolas normais de Minas Gerais, uma cadeira de Pedagogia, “compreendendo a methodologia, educação moral, physica e legislação do ensino”.
- 1886 É publicado, no Rio de Janeiro, o livro “Gymnastica de Quarto, hygienica e therapeutica”, de G.M. Schereber, com bastante sucesso.
- 1889 Fundado, em Juiz de Fora-MG, o *High School and Seminari*, hoje Instituto Granbery da Igreja Metodista, fazendo-se presente em seu currículo, a ginástica como matéria obrigatória no genásio, na academia e no seminário.
- 1890 No Rio de Janeiro, o relatório do Inspetor Geral Ramiz Galvão, revela que a ginástica figura nos currículos das escolas primárias no Ginásio Nacional e na Escola Normal do Município da Corte.
- 1890 O Decreto 260/MG prescreve para o quarto ano do Curso Normal de Belo Horizonte, como um componente curricular específico, a “Gymnastica: exercícios de corpo livre (diariamente)”.
- 1892 Criação da Revista do Ensino, órgão de divulgação da política educacional do Governo de Minas Gerais.
- 1893 Surgimento da Associação Cristã de Moços – ACM – que implantou atividades desportivas no Brasil como o voleibol, o basquetebol, além da ginástica calistênica.
- 1894 Introdução do futebol no Brasil.
- 1895 A Livraria Laemert, no Rio de Janeiro, lança um manual de natação.
- 1896 Introdução da natação no Brasil, tendo como Estado-sede o Rio de Janeiro.
- 1896 Arthur Higgins lança, no Rio de Janeiro, o “Compêndio de Gymnastica e Jogos Gymnasticos Escolares”, considerado por muitos historiadores como a primeira sistematização pedagógica para a Educação Física no Brasil.
- 1898 O Decreto 1233/MG suspende, em Belo Horizonte, o ensino da cadeira de Ginástica (e também de Música) como forma de reduzir as despesas públicas.
- 1898 Introdução do basquetebol no Brasil, tendo com Estado-sede o Rio de Janeiro.
- 1898 No Rio de Janeiro, houve a Introdução do tênis no Brasil.
- 1901 O Decreto N° 3.914, de 26 de janeiro, aprova o Regulamento do Ginásio Nacional, exigindo a prática da ginástica “com intuito higiênico”.
- 1905 O Deputado Federal amazonense, Jorge de Moraes, mediante Projeto de Lei, apresentado em 21 de setembro, propôs a criação de duas escolas de Educação Física no Brasil: uma militar e outra civil, com o seguinte teor:
 “O Congresso Nacional resolve:
 Art. 1° - Ficam criadas duas escolas de Educação Física, sendo uma militar e outra civil.
 §1° - Para a instalação da primeira, fica o governo autorizado a comissionar oficiais de terra e mar, para estudarem na Europa e América do Norte o que existe de melhor na espécie.
 §2° - Quanto à escola civil, poderá igualmente comissionar pessoal idôneo ou contratá-lo imediatamente.
 Art. 2° - Fica o poder executivo autorizado a adquirir terrenos para que a mocidade das escolas superiores possa, em espaços apropriados, dar-se à prática dos jogos ao ar livre.
 Art. 3° - O governo deverá instituir, desde já, a prática da ginástica sueca e jogos ao ar livre nos seguintes estabelecimentos: Ginásio Nacional, Colégio Militar e Escola de Aprendizes e Marinheiros”.
- 1907 Introdução da Ginástica Alemã nas escolas do Rio de Janeiro.
- 1907 Presença da missão francesa para implantação do método francês entre os militares da Força Pública do Estado de São Paulo. É, também, o marco histórico da fundação de uma “Sala de Armas” que anos mais tarde foi transformada na Escola de Educação Física do Estado de São Paulo, considerado o mais antigo estabelecimento especializado do país.
- 1907 Criação, em São Paulo, do primeiro curso de esgrima no Brasil por uma Missão Militar Francesa.
- 1908 É instituído, no Brasil, o Serviço Militar Obrigatório, o qual veio influenciar a juventude para a prática da atividade física..
- 1908 Surgimento, no Rio de Janeiro, da primeira academia de ginástica no Brasil.
- 1908 O Decreto n° 131 designa Emília Franklin Mululo professora de ginástica para o sexo feminino, da Escola Normal do Espírito Santo.
- 1908 Instituída a instrução pré-militar nas escolas.
- 1908 O Decreto n° 132 designa o Tenente do Corpo de Polícia, Francisco Carvalho, para professor de exercícios militares e de ginástica para alunos do sexo masculino, da Escola Moderna do Espírito Santo.
- 1908 A ginástica é incluída como disciplina no curso primário e nas séries do curso normal do Espírito Santo.
- 1909 Foi implantada a Escola de Formação de Instrutores de Educação Física da Força Pública de São Paulo.
- 1910 O Decreto n. 2.836/MG introduziu a matéria Ginástica, de caráter teórico-prático, no currículo do ensino Normal da Capital – modelo das demais escolas do Estado de Minas Gerais.
- 1911 O Decreto N° 8.660, de 05 de abril, elabora novo regulamento para o Colégio Pedro II, estabelecendo que “as aulas de ginástica terão por fim robustecer o organismo, devendo os mestres adestrar os alunos nos exercícios que constituem a Educação Física”.
- 1912 O texto “Compêndio de Gymnastica e Jogos Gymnasticos Escolares”, de Arthur Higgins, foi indicado como livro didático para a Educação nas escolas públicas na cidade do Rio de Janeiro.
- 1915 Fernando Azevedo publica em São Paulo e Rio de Janeiro, “Da Educação Physica: o que ella é, o que tem sido, o que deveria ser”, pela Weiszflog Irmãos. Com ele, iniciou a produção teórica sobre a Educação Física no Brasil.
- 1916 Em Belo Horizonte, o Decreto 4524/MG, prescreve a Ginástica para ambos os sexos e introduz a ginástica sueca, os jogos, as danças e os brinquedos infantis pela primeira vez na legislação do ensino normal.
- 1916 Fernando Azevedo, por ocasião de um concurso para a cadeira de Ginástica e de Educação Física do Ginásio Mineiro de Belo Horizonte, propôs que “as dores e o sofrimento que os exercícios físicos pressupunham deveriam ser minimizados por uma série de procedimentos pedagógicos que visavam tornar mais prazerosa sua prática”.
- 1916 DECRETO N° 1.058, de 29 de janeiro. “Regulamento do Serviço de Inspeção Médica Escola do Distrito Federal”. Confere ao “médico a competência de dirigir a Educação Física dos alunos proporcionando às necessidades e à capacidade de cada idade e sexo”.
- 1916 Fernando Azevedo escreve, no Rio de Janeiro, “Poesia de Corpo ou Ginástica Escolar”, sendo publicado em 1920 e 1960 sob o título de “Da Educação Física o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser”.
- 1917 Criado, no Rio de Janeiro, o Centro de Instruções e Aperfeiçoamento de Infantaria que serviu, inicialmente, para a formação dos Sargentos Instrutores do Tiro de Guerra, tornando-se mais tarde a Escola de Sargentos da Infantaria.
- 1917 Realizado, pela primeira vez, no Rio de Janeiro, concurso para seleção de um quadro de Instrutores para a Escola Militar de Realengo.
- 1917 Eloá Passos Monteiro é contratada como a primeira professora de Educação Física da Escola Normal de Sergipe.
- 1919 No Rio de Janeiro, um grupo de oficiais e cadetes, tendo a frente o Cel. Newton Cavalcanti, criou a União Atlética da Escola Militar do Exército, a qual se propunha trabalhar pela sistematização da Educação Física entre militares e civis no Brasil.
- 1920 O método Francês foi adotado pelas Forças Armadas do Brasil.
- 1920 Fernando Azevedo publica, em São Paulo e Rio de Janeiro, “Antinous: estudos de cultura athlética”, pela Weiszflog Irmãos, defendendo a formação do homem integral, em que corpo e espírito estariam interligados, enfocando a relação estreita entre o aprimoramento físico e moral do indivíduo e a construção nacional.
- 1921 O Método Francês passa a ser divulgado na Educação Física Nacional por meio do Regulamento 7. Através do Decreto n° 14.784, o Ministério da Guerra regulamentou a doutrina de Joinville-le-Pont: “O Regulamento da Instrução Física Militar (Método Francês) passa a constituir o método oficial de todas as armas”.
- 1922 Um grupo de oficiais e cadetes da União Atlética da Escola Militar, no Rio de Janeiro, leva ao Presidente da República um manifesto reivindicando a regulamentação da Educação Física.

- 1922 O Ministério da Guerra, por portaria de 10/01/1922, cria o Centro Militar de Educação Física.
- 1922 Foi criada a Escola de Educação Física do Exército a qual, no entanto, não conseguiu se efetivar como tal naquele momento histórico.
- 1924 Em São Paulo aconteceu a primeira Corrida de São Silvestre no Brasil.
- 1924 O professor Américo Neto assume a cadeira de História da Educação Física na Escola de Educação Física de São Paulo.
- 1925 Fundação da Escola de Educação Física do Centro de Esportes da Marinha, no Rio de Janeiro, para a formação de praças especialistas na área. Esse tipo de formação de especialistas só veio atingir o meio civil 14 anos após de sua implantação.
- 1925 Em São Paulo foi realizado o PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, sob a presidência de Fernando de Azevedo. (Azevedo, 1930).
- 1925 A Revista do Ensino, órgão de divulgação da política educacional do Governo de Minas Gerais, publica os seguintes artigos ligados à Educação Física: "Jogos Menores"; "Secção recreativa: jogos físicos na escola", "Jogos activos", "Para dar um sentido de vida ao ambiente escolar".
- 1926 Em Belo Horizonte, a Revista do Ensino publica: "Jogos nas escolas: horas da alegria e da força", "Noções de Educação Physica: exercícios e jogos", "O recanto do recreio nas escolas" e "A alegria dos recreios".
- 1926 Fernando Azevedo assume a Diretoria da Instrução Pública do Distrito Federal, dando grande ênfase à Educação Física na reforma que empreendeu, chegando a matricular professores primários no Curso Provisório de Educação Física, na Vila Militar, embrião da escola de Educação Física do Exército. A sua gestão perdurou até 1930.
- 1927 Fundada, pela bailarina Maria Oleneva, uma Escola de Balé no Tetro Municipal do Rio de Janeiro.
- 1927 Criação da Inspeção de Educação Física do Governo de Minas Gerais pelo Decreto nº 970-A, de 15/10/27.
- 1928 O Governo Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, com a reforma efetuada por Francisco Campos, instalou os primeiros cursos de formação de especialistas em Educação Física no Estado de Minas Gerais.
- 1928 O DECRETO Nº 3.281, de 23 de janeiro, do Prefeito Antônio Prado Júnior, apresenta reforma do ensino municipal, dando destaque especial à Educação Física. O artigo 452 desse decreto criava "uma Escola Profissional de Educação Física, destinada a preparar e selecionar professores de Educação Física para os estabelecimentos de ensino do Distrito Federal".
- 1928 O DECRETO Nº 2940, de 29 de novembro, regulamenta a formação do professorado especializado, apresentado na Reforma Fernando de Azevedo. Parte VIII, Título I, intitulados "Da Higiene Física do Aluno e da Higiene Escolar" e "Da Educação Física, sua organização". Especifica-se que "instrutores de educação física" serão contratados para os grupos escolares e escolas fundamentais e profissionais, enquanto não puderem ser substituídos pelos professores diplomados pela "Escola profissional de Educação Física". Esta função foi definida como "título provisório".
- 1929 Fundação, no Rio de Janeiro, da Escola de Educação Física do Exército para a formação de praças e oficiais.
- 1929 Ano de funcionamento do Centro Provisório de Educação Física, como anexo da Escola de Sargentos da Infantaria. Foi nesse Centro que Fernando Azevedo matriculou 22 professores da rede pública do Estado do Rio de Janeiro, dando início a um relacionamento efetivo entre o meio civil e militar.
- 1929 Foi realizado, no Rio de Janeiro, o 1º Congresso Brasileiro de Eugenia, onde foram apresentadas três teses sobre a Educação Física: "Educação Physica" do Dr. Mário Candim; "Sports em Zea Mais", de P.F.Silveira e "Da Educação Physica como fator eugênico", defendida pelo Deputado Jorge de Moraes.
- 1929 Fundação da Escola de Educação Física da Força Pública do Estado de São Paulo para a formação de praças e oficiais.
- 1929 O Método Francês foi introduzido na Educação Física civil, tornando-se obrigatório em todas as instituições de ensino: "enquanto não for criado um método nacional de Educação Física fica adotado em todo o território brasileiro o denominado Método Francês, sob o título de regulamento Geral de Educação Física".
- 1929 A Associação Brasileira de Educação desenvolve, no Rio de Janeiro, uma campanha de intenso combate ao método francês.
- 1930 Criado o Ministério da Educação e Saúde, onde foram formuladas as primeiras iniciativas oficiais relacionadas com a Educação Física no Brasil.
- 1930 A PORTARIA DE 11 DE JANEIRO, do Ministro da Guerra, Organiza o Centro Militar de Educação Física. Embora destinado esse Centro a formar instrutores e monitores, além de difundir, unificar e intensificar o ensino da Educação Física no Exército, o artigo 95 dessa portaria dispunha: "O Centro receberá, também, para os seus cursos, oficiais e sargentos das forças auxiliares, professores federais, estaduais ou municipais e civis".
- 1931 Através do Decreto n. 19.890/31-Brasil, de 18 de abril, Francisco Campos tornou obrigatória a disciplina Exercícios de Educação Física no ensino Secundário brasileiro, inspirada na organização do trabalho industrial: o Taylorismo, fazendo crescer a demanda de professores(as) dessa área no País.
- 1931 Adoção oficial do Método Francês e sua implantação no ensino secundário – Portaria Ministerial nº 70/Brasil, de 30 de junho. Tomando como referência básica o "*Règlement General D'Education Physique. Méthode Française*", foi oficializada no Brasil sua tradução como "*Regulamento nº 7 de Educação Física*" ou "*Método Francês*".
- 1931 Entraram em vigor no Brasil os programas de Educação Física, calcados no Método Francês, os quais vigoraram até 1944, sem sofrer qualquer modificação.
- 1931 O Decreto Estadual nº 1.366/ES, cria o "Departamento de Cultura Physica do Estado do Espírito Santo".
- 1931 O Decreto Estadual nº 4855/SP, cria o Departamento de Educação Física de São Paulo.
- 1931 Em Vitória-ES, houve a edição do livro "História da educação física", de autoria de Laurentino Lopes Bonorino e colaboradores. Segundo Inezil Penna Marinho, trata-se do primeiro livro de História da Educação Física brasileira.
- 1931 Início do ensino da História da Educação Física no Departamento de Educação Physica do Espírito Santo.
- 1932 O DECRETO Nº 21.241, de 4 de abril, mantém a exigência da Educação Física nos estabelecimentos de ensino secundário e reconhece a necessidade da criação da função de inspetor especializado nessa prática educativa, estabelecendo seu artigo 98: "Enquanto não permitir o fundo de custeio dos serviços de inspeção, a designação de inspetores especializados para orientação do ensino da Música e dos exercícios da Educação Física, caberá aos inspetores de estabelecimentos de ensino zelar pela execução dos programas e das instruções que forem expedidos pelo Departamento Nacional de Educação. "O registro no Departamento Nacional de Educação, de professores candidatos ao magistério nos estabelecimentos sob inspeção federal, foi mantido pelo art. 87 desse decreto.
- 1932 Foi realizado, em Recife-PE, o 5º Congresso de Educação, pela Associação Brasileira de Educação, em que o 'problema da metodologia da Educação Física' constituiu-se num dos temas centrais do conclave, sendo o exército convidado, pela primeira vez, a participar de tal evento.
- 1932 Início da circulação das revistas Educação Physica e Revista Técnica de Esportes e Atletismo, a qual, a partir de 1939, se chamaram "Educação Física" e "Revista de Educação Física" (Publicação Oficial da Escola de Educação Física do Exército).
- 1933 Fernando Azevedo assume, como diretor, a Instrução Pública do Estado de São Paulo.
- 1933 No Rio de Janeiro, O DECRETO Nº 23.252, de 19 de outubro, transforma o Centro Militar de Educação Física em Escola de Educação Física do Exército. É admitida a matrícula de civis em seus cursos, de acordo com sua regulamentação.
- 1933 O Decreto 22.350/Brasil tornou a instrução militar de Educação Física obrigatória no país.
- 1933 Extinto o Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo.
- 1933 Com a presença do Presidente da República Getúlio Dorneles Vargas, foi inaugurado, no Rio de Janeiro, o Ginásio Leite de Castro, dotado de todas as instalações necessárias para a prática da Educação Física e esportes.
- 1933 O Presidente da República Getúlio Dorneles Vargas preside, Rio de Janeiro, o encerramento do ano letivo e a festa de colação de grau da 1ª turma da Escola de Educação Física do Exército.
- 1934 A Escola Superior de Educação Física de São Paulo (criada pelo Decreto 4855/31/SP como Departamento de Educação Física de São Paulo), passa a funcionar a partir do Decreto nº 10034/SP.
- 1934 A Escola de Educação Física do Exército revalida os primeiros diplomas de cursos realizados no exterior, na Associação Cristã de Moços do Uruguai.
- 1934 O DECRETO Nº 24.439, de 21 de junho, regulamenta o registro de diplomas e certificados expedidos pelos estabelecimentos sob jurisdição do Ministério da Educação e Saúde Pública.
- 1934 Com a nova Constituição Federal, na gestão de Gustavo Capanema (1934-1945), quatro artigos foram dedicados à Educação Física, incluindo a obrigatoriedade dessa prática nos ensinos primário e secundário, tornando-a facultativa no ensino superior. O lema era: educar para a Pátria.
- 1934 Restabelecido através do Decreto Estadual nº 6440/SP, o Departamento de Educação Física de São Paulo.
- 1934 O interventor federal Benedicto Valladares Ribeiro criou, através do Decreto n. 11.252/MG, o Centro de Educação Física do Departamento de Instrução da Força Pública de Minas Gerais, nos moldes do Centro Militar de Educação Física do Exército, com o intuito de formar "Instrutores e Monitores de Educação Física", para atuarem nos quartéis e fora deles. Esse Centro hoje é denominado de Academia da Polícia Militar de Minas Gerais

- 1935 PORTARIA DO DIRETOR-GERAL, de 18 de julho, a qual baixa instruções para o registro de professores na Diretoria Nacional de Educação, inclusive os referentes a professor de ginástica.
- 1935 Formatura da primeira turma do Centro de Educação Física do Departamento de Instrução da Força Pública de Minas Gerais.
- 1935 Criada a Associação dos Professores de Educação Física do Estado de São Paulo – APEF-SP, primeira entidade de classe do profissional da Educação Física no País.
- 1935 A Educação Física recebe um destaque especial no VII Congresso Nacional de educação, sendo tratadas várias questões referentes à mesma.
- 1935 De forma pioneira no Brasil, a Emenda nº 476, de 05.08.35, inclui a Educação Física na Constituição do Espírito Santo.
- 1937 Referência explícita à Educação na Constituição Federal de 1937, outorgada pelo Presidente Getúlio Vargas. O Governo Brasileiro responde aos apelos a ele dirigidos, criando órgãos oficiais e incorporando a Educação Física em seu projeto de educação e criou a Divisão de Educação Física, através da Lei 378, de 13/01/37, de onde partiram algumas diretrizes relativas ao ensino da Educação Física, tais como a sua obrigatoriedade.
- 1938 O DECRETO-LEI Nº 526, de 1º de julho (D.O de 5-7-38), institui o Conselho Nacional de Cultura. Art. 2º, § único, alínea "h", inclui a Educação Física (ginástica e esportes) como atividade de desenvolvimento cultural.
- 1938 Realização de cursos intensivos, tendo como conteúdo básico o Método Francês, preparando mais de mil professoras de Minas Gerais para concurso para professor de Educação Física, sendo ministrados pela Professora Luíza Macedo e pelo Professor Antônio Macedo, nas dependências do Minas Tênis Clube.
- 1938 Benedicto Valladares Ribeiro, através do Decreto-Lei n. 150/MG transformou o Minas Tênis Clube em Praça de Esporte de Minas Gerais, e ali manteve cursos destinados à formação de monitores "para o ensino prático e treinamento de exercícios físicos e esportes em geral". Esses monitores, na sua maioria militares, tornaram-se técnicos de Natação nos clubes e praças de esportes e, ao mesmo tempo, professores de Educação Física em colégios – mesmo religiosos femininos – da capital e do interior do Estado.
- 1939 O DECRETO Nº 1.056, de 19 de janeiro, institui a Comissão Nacional de Desportos.
- 1939 Autorização de funcionamento da Escola de Educação Física do Estado de São Paulo, em 04/03/39.
- 1939 Implantação, no Rio de Janeiro, da Escola Nacional de Educação Física e Desportos – ENEFD - da Universidade do Brasil, criada pelo Decreto-Lei 1212/39, Art. 50 (D.O de 20-4-39, página 9.073), o qual determina que, a partir de 1941, fosse exigido diploma de licenciado em Educação Física para o exercício das funções de professor desse componente curricular nos ensinos Público, Secundário, Normal e Profissional (o Governo de Minas ignorou tal determinação). No que se refere às escolas particulares, esse prazo foi prorrogado até 1943. Esse mesmo decreto também limitava a idade máxima para ingresso no quadro de professor nos cursos de Educação Física – 35 anos – e para se manter no exercício da função – quarenta anos.
- 1939 Criação da Sociedade Brasileira de Educação Física que, mais tarde, se transformaria na Associação Brasileira de Educação Física.
- 1939 A PORTARIA MINISTERIAL Nº 161, de 11 de maio, aprova instruções para a execução do serviço médico aplicado à Educação Física nos estabelecimentos de ensino subordinados ao Ministério.
- 1939 PORTARIA Nº 275, de 19 de junho (D.O de 20-6-39, página 14.681), do Departamento Nacional de Educação. Determina que, a partir de 1º-7-1939, nos estabelecimentos de ensino secundário do Distrito Federal, seja exigida, para as aulas de Educação Física, assistência efetiva de professor e médico, ambos especializados, devendo ser ministradas por professoras as destinadas ao sexo feminino.
- 1939 PORTARIA Nº 314, de 21 de julho (D.O de 26-7-39, pág. 17.802), do Departamento Nacional de Educação. Determina que a partir de 1º-8-1939, nos estabelecimentos de ensino secundário, sob regime federal, localizados no Estado do Espírito Santo, sejam exigidos, para as aulas de Educação Física, professores especializados, devendo ser ministradas por professoras as destinadas ao sexo feminino.
- 1939 DECRETO-LEI Nº 1.380, de 28 de junho (D. O de 30-6-39, página 15.627). estende as regalias de licenciado e de médico especializado em Educação Física aos alunos aprovados no Curso de Emergência de Educação Física organizado pelo Departamento Nacional de Educação.
- 1939 DECRETO-LEI Nº 1.713, de 28 de outubro. Dispõe sobre o Estatuto dos funcionários públicos Cíveis da União. Artigo 219 – Cuida do bem-estar, aperfeiçoamento físico, intelectual e moral dos funcionários e famílias. Parágrafo Único, item V, prevê criação de Centros de Educação Física e Cultural para recreio, aperfeiçoamento moral e intelectual dos funcionários e de suas famílias, fora das horas de trabalho.
- 1939 PORTARIA Nº 488, de 21 de dezembro (D. O de 23-12-39, página 29.101), do Diretor do Departamento Nacional de Educação. Aprova as instruções para a realização dos exames vestibulares às Escolas de Educação Física e Desportos.
- 1940 Surgem, no Rio de Janeiro, as primeiras preocupações com a organização de uma entidade estudantil na ENEFD por iniciativa direta do Major Inácio Freitas Rolim, primeiro diretor daquela Instituição.
- 1940 Helenita Sá Earp, pioneira do ensino da dança nos cursos de Educação Física no Brasil, passa a lecionar na Escola Nacional de Educação Física da Universidade do Brasil.
- 1940 O Curso de Educação Física do Departamento de Educação Física do Espírito Santo é reconhecido pelo Governo Federal e os alunos dos Cursos de Emergência e Especiais, realizados entre 1931 e 1939, foram reconhecidos como licenciados pelo Decreto-Lei nº 3384/1941/Brasil.
- 1940 Foi criado o movimento "Juventude Brasileira", coordenado pelo Ministério da Guerra e constituído por agremiações vinculadas as escolas, objetivando a formação cívica de seus membros, pela Educação Física.
- 1940 PORTARIA Nº 7, de 9 de janeiro, do Diretor do Departamento Nacional de Educação. Aprova as instruções para a realização dos exames práticos de Educação Física nos estabelecimentos de ensino secundário
- 1940 PORTARIA MINISTERIAL Nº 14, de 26 de janeiro (D.O de 27-1-40, página 1.646). Estabelece a exigência mínima de 3/4 de freqüência às aulas dadas em Educação Física para poder submeter-se aos exames finais das disciplinas.
- 1940 DECRETO Nº 5.723, de 28 de maio. Concede reconhecimento do Curso Superior da Escola de Educação Física de São Paulo.
- 1940 DECRETO-LEI Nº 2.296, de 10 de junho. Cria o Departamento de Educação Física da Marinha.
- 1940 DECRETO-LEI Nº 6.412, de 30 de outubro. Reconhece o Curso Normal de Educação Física da Escola Superior de Educação Física do Estado do Espírito Santo.
- 1941 DECRETO-LEI Nº 2.975 de 23 janeiro (D.O de 25-1-41, página 1.438). Prorroga os prazos concedidos pelo Decreto-Lei nº 1.212, de 17-4-1939, às instituições desportivas para contratarem pessoal legalmente habilitado em Educação Física.
- 1941 PORTARIA Nº 166, de 18 de fevereiro, do Departamento Nacional de Educação. Dispensa a exigência do limite máximo de idade para a matrícula na Escola Nacional de Educação Física e Desportos e em escolas congêneres, autorizadas ou reconhecidas.
- 1941 Decreto-lei nº 3.199/Brasil, de 14/04/41, estabelece as bases da organização dos desportos no Brasil.
- 1941 PORTARIA MINISTERIAL Nº 76, de 29 de abril (D.O de 13-5-41, página 19.346). Considera aprovados, nas disciplinas estudadas no Curso Superior de Educação Física, para os efeitos dos cursos de técnica desportiva e de treinamento e massagem, os diplomados por aquele que nestes se matricularem.
- 1941 DECRETO Nº 7.219, de 27 de maio. Concede autorização para o funcionamento da Escola Superior de Educação Física do Estado do Rio Grande do Sul.
- 1941 DECRETO Nº 7.365, de 10 de junho. Reconhece o Curso Especial de Educação Física do Estado do Piauí.
- 1941 DECRETO Nº 7.366, de 10 de junho. Reconhece o Curso Provisório de Educação Física do Estado de Santa Catarina.
- 1941 DECRETO-LEI Nº 3.384, de 3 de julho. Estende aos alunos dos Cursos de Educação Física de Vitória, Espírito Santo, as regalias dos licenciados em Educação Física.
- 1941 Início da circulação do "Boletim de Educação Física", da Divisão de Educação Física, do Ministério da Educação e Saúde.
- 1941 Criação do primeiro Regimento Interno da ENEFD.
- 1941 O livro "Educação Física Infantil" de autoria de Guiomar Meirelles Becker, foi premiada em 1º lugar no concurso de trabalho de Pedagogia aplicada à Educação Física, promovido pelo Ministério da Educação e Saúde.
- 1942 DECRETO-LEI Nº 4.073, de 30 de janeiro. "Lei orgânica do Ensino Industrial". Em seu artigo 26 estabelece a obrigatoriedade da Educação Física nos cursos regulares do Ensino Industrial.
- 1942 DECRETO Nº 8.923, de 4 de março. Autoriza o funcionamento do Curso de Especialização de Médicos em Educação Física da Escola Superior de Educação Física do Estado de São Paulo.
- 1942 DECRETO-LEI Nº 4.244, de 9 de abril. Consigna, em seu artigo 19, a Educação Física como prática educativa obrigatória em todos os estabelecimentos do ensino secundário, até a idade de 21 anos. No artigo 43 regula a assistência médica, e no artigo 50 estabelece a freqüência mínima para fins de prestação de exames finais.
- 1942 PORTARIA MINISTERIAL Nº 97, de 22 de abril (D.O de 23-4-1942, página 6.107 – Ret. DD.OO. de 24-4-42 e 4-5-42). Dispõe sobre o número de aulas semanais de cada disciplina e o de sessões semanais de Educação Física do Curso Ginásial, para alunos do sexo masculino.
- 1942 DECRETO Nº 9.890, de 7 de julho. Concede autorização para funcionamento da Escola de Educação Física e Desportos do Paraná.
- 1942 DECRETO-LEI Nº 4.607, de 2 de agosto (D.O de 24-8-42, pág. 13.041). Considera válidos os diplomas conferidos pelos Cursos de Emergência realizados oficialmente pelo Governo do Estado de São Paulo.

- 1942 O livro "Educação Física Infantil" de autoria de Guiomar Meirelles Becker é publicado.
- 1942 O Ministério da Educação e Saúde promove concurso para elaboração de um método nacional de Educação Física.
- 1943 O professor Inezil Penna Marinho cola grau na Escola Nacional de Educação Física e Desporto, no Rio de Janeiro.
- 1943 PORTARIA MINISTERIAL Nº 126, de 3 de fevereiro (D.O de 5-2-1943, pág. 1.635). Faculta aos portadores de certificados de licença ginásial, desde que satisfeitas as demais exigências legais, a matrícula nos Cursos Superior de Educação Física, Técnica Desportiva ou de Treinamento e Massagem.
- 1943 PORTARIA MINISTERIAL Nº 167, de 8 de março. Reduz o número de sessões de exercícios físicos de diárias, para três e duas por semana, respectivamente, para o sexo masculino e feminino.
- 1943 DECRETO-LEI Nº 5.343, de 25 de março. Regulamenta a habilitação para o exercício da função de professor de Educação Física nos estabelecimentos de ensino secundário, especificando as instituições que, a partir de 1943, poderiam conferir diplomas com direito a registro na Divisão de Educação Física.
- 1943 PORTARIA Nº 310, de 16 de abril. Do Diretor-Geral do Departamento Nacional de Educação. Aprova o Regimento do I Congresso Pan-Americano de Educação Física.
- 1943 PORTARIA Nº 467, de 16 de julho (D. O de 29-9-43 – Suplemento), do Departamento nacional de Educação. Consolida as disposições em vigor sobre a Educação Física nos educandários fiscalizados pelo Ministério da Educação.
- 1943 O Decreto-Lei 922/MG, de 16/07, cria a Diretoria de Esportes de Minas Gerais, com o objetivo de coordenar as atividades de Educação Física e Esportes naquele Estado.
- 1943 DECRETO-LEI Nº 5.975, de 9 de novembro (D. O de 9-11-43, pág. 16.593). Estende as regalias de licenciados aos diplomados pelo Curso de Educação Física da Marinha.
- 1943 PORTARIA MINISTERIAL Nº 583, de 30 de novembro. Aprova instruções para a realização dos exames de licença ginásial, estabelecendo limite mínimo de frequência às sessões de exercícios físicos para a prestação desses exames.
- 1943 PORTARIA Nº 688, de 24 de dezembro (D.O de 30-12-43, página 19.176), do Departamento Nacional de Educação. Regulamenta a realização dos exames vestibulares das Escolas de Educação Física.
- 1943 DECRETO-LEI Nº 6.141, de 28 de dezembro. Estabelece, pelo seu artigo 13, a obrigatoriedade da Educação Física para os alunos dos cursos comerciais, até a idade de 21 anos.
- 1944 PORTARIA Nº 156, de 10 de março, do Departamento Nacional de Educação. Estabelece as condições mínimas referentes à Educação Física a que devem atender os estabelecimentos de ensino secundário, por ocasião do pedido de verificação prévia para fins de autorização de funcionamento.
- 1944 DECRETO Nº 15.582, de 16 de junho. Concede reconhecimento a diversos cursos da Escola Superior de Educação Física de Porto Alegre.
- 1944 DECRETO Nº 16.531, de 6 de setembro (D.O de 18-9-44, página 16.191). Reconhece o Curso Normal de Educação Física, o de Medicina especializada em Educação Física e Desportos, o de Técnica Desportiva e o de Treinamento e Massagem da Escola de Educação Física do Estado de São Paulo.
- 1944 DECRETO-LEI Nº 6.939, de 6 de outubro (D.O de 9-10-44, página 17.433 – V. Lei no 3.177/67). Estende as regalias de licenciado aos diplomados pela Escola de educação Física de Força Pública do Estado de São Paulo.
- 1945 DECRETO Nº 17.592, de 16 de janeiro (D.O de 22-2-45, página 2.851). Reconhece os Cursos Superior e Normal da Escola de Educação Física e Desportos do Estado do Paraná.
- 1945 PORTARIA Nº 119, de 9 de março, do Departamento Nacional de Educação. Fixa o limite mínimo de 16 anos de idade para a matrícula nas Escolas de Educação Física.
- 1945 DECRETO-LEI Nº 8.270, de 3 de dezembro (D.O de 5 de dezembro de 1945, página 18.245). Altera o Decreto-Lei no 1.212, de 17-4-1939, aumentando para 3 anos a duração do Curso Superior, mudando de denominação o Curso de Técnica e o de Massagem e fazendo nova distribuição das matérias.
- 1945 DECRETO-LEI Nº 8.347, de 10 de dezembro. Modifica vários dispositivos da lei orgânica do Ensino Secundário, instituindo centros para a realização das atividades físicas.
- 1945 Inezil Penna Marinho publica, no Rio de Janeiro, seu primeiro texto – "Contribuições para a História da Educação Física no Brasil".
- 1945 Lançamento da Revista Brasileira de Educação Física.
- 1946 PORTARIA MINISTERIAL Nº 5, de 2 de janeiro. Fixa em duas semanais as sessões de exercícios físicos nos estabelecimentos de ensino de nível médio.
- 1946 DECRETO-LEI Nº 8.777, de 22 de janeiro. Dispõe sobre o registro definitivo de professores de ensino secundário do Ministério da Educação e Saúde.
- 1946 PORTARIA MINISTERIAL Nº 67, de 30 de janeiro. Expede instruções para a execução do artigo 72 do Decreto-Lei Nº 4.244 de 9 de abril de 1942, fazendo exigências relativas a material e instalações para a prática das atividades físicas.
- 1946 DECRETO Nº 20.654, de 22 de fevereiro (D.O de 7-3-46, página 3.301). Reconhece o Curso Normal da Escola de Educação Física do Estado de Pernambuco.
- 1946 DECRETO-LEI Nº 9.091, de 26 de março. Autoriza o Ministério da Educação a delegar competência ao Estado de São Paulo para inspecionar a execução, em seu território, das leis federais referentes à Educação Física nos estabelecimentos de nível médio.
- 1946 DECRETO-LEI Nº 9.193, de 23 de abril (D.O de 25-4-46, página 6.065). Concede as regalias de licenciado aos diplomados, no ano de 1940, pelo Curso Normal da Escola de Educação Física do Rio Grande do Sul.
- 1946 DECRETO-LEI Nº 9.613, de 20 de agosto (D.O de 23-8-46). Dispõe sobre a Educação Física no ensino agrícola.
- 1946 A Lei nº 8535, de 21/04/1946, modificou a estrutura do Ministério da Educação e Saúde, dando tratamento isolado às Divisões de Educação Física e Educação Extra-escolar. A Portaria Ministerial de nº 5 diminuiu o número de "sessões" semanais da Educação Física passando de três para duas e a Educação Física deixa de ser identificada como instrução militar.
- 1947 PORTARIA MINISTERIAL Nº 77, de 13 de fevereiro. Admite registro na Divisão de Educação Física do diploma de instrutor de Educação Física conferido, a partir do ano escolar de 1943, pela Escola de Educação Física do Exército.
- 1947 DECRETO Nº 23.088, de 19 de maio (D.O de 1-10-47, página 12.805). Concede autorização para o funcionamento da Escola de Educação Física de Pernambuco.
- 1948 PORTARIA Nº 13, de 23 de maio, do Departamento Nacional de Educação. Regulamenta o exame especial para a concessão de registro definitivo dos professores de Educação Física registrados provisoriamente na Divisão de Educação Física.
- 1948 PORTARIA Nº 13, de 23 de maio, do Departamento Nacional de Educação. Regulamenta o exame especial para a concessão de registro definitivo dos professores de Educação Física registrados provisoriamente na Divisão de Educação Física.
- 1949 PORTARIA MINISTERIAL Nº 73, de 14 de março. Admite o registro na Divisão de Educação Física o diploma de médico especializado em Educação Física, conferido pelo Centro Militar de Educação Física do Exército ou pela Escola de Educação Física do Exército.
- 1949 LEI Nº 745, de 27 de junho. Dispõe sobre o registro de professores de Educação Física, médicos assistentes de Educação Física e Técnicos Desportivos, não habilitados na forma da lei.
- 1949 DECRETO Nº 27.413, de 8 de novembro (D.O de 10-11-49, pág. 15.777). Cria o Centro de Educação Física e Cultura previsto no V do parágrafo único do artigo 219 do Decreto-Lei no 1.713 de 28 de outubro de 1939 e dá outras providências.
- 1950 Autorização de funcionamento da Escola de Educação Física de São Carlos (particular), em 21/01/50.
- 1950 LEI Nº 1.153, de 4 de julho. Estende as regalias de licenciado aos diplomados, até o ano de 1942, pelo Curso Normal da Escola Nacional de Educação Física e Desportos e por Escolas congêneres reconhecidas.
- 1951 Realização, em Santos, do Primeiro Curso Internacional de Educação Física e Desportos.
- 1951 O Grupo Feminino de Dança da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, situada no Rio de Janeiro, apresenta-se com dança moderna, folclórica e percussão, em 26 diferentes Faculdades e Universidades Norte-Americanas e duas vezes na Organização dos Estados Americanos.
- 1952 Inezil Penna Marinho publica, no Rio de Janeiro, o primeiro volume de sua coleção – "História da Educação Física e do Desporto no Brasil".
- 1952 PORTARIA MINISTERIAL Nº 501, de 19 de maio. Expede instruções sobre o ensino secundário, tendo vários artigos referentes à Educação física, estabelecendo nos artigos 143 e 144 as condições destinadas à concessão de autorização para funcionamento, equiparação e reconhecimento.
- 1952 DECRETO Nº 31.761, de 12 de novembro (D.O de 15 de janeiro de 1953, pág. 763). Autoriza o funcionamento dos Cursos Superior, Educação Física Infantil, Técnica Desportiva, Medicina Especializada e Massagem da Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais.
- 1952 Foi criada pela Sociedade Mineira de Cultura, sob a presidência de D. Antônio dos Santos Cabral, a Escola de Educação Física das Faculdades Católicas de Minas Gerais.
- 1952 Realização, em Santos-SP, do segundo Curso Internacional de Educação Física e Desportos.
- 1953 É fundada a Escola de Educação Física de Minas Gerais, fruto da fusão da Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais e da Escola de Educação Física das Faculdades Católicas de Minas Gerais.
- 1953 DECRETO Nº 32.168, de 29 de janeiro. Autoriza o funcionamento dos Cursos Superior, Medicina Especializada, Técnica Desportiva, Massagem Especializada e Educação Física Infantil da Escola de Educação Física das Faculdades Católicas de Minas Gerais.

- 1953 PORTARIA MINISTERIAL Nº 161, de 27 de março (D.O de 28-3-53, pág. 5.476). Determina a obrigatoriedade de frequência em Educação Física, fixando em dois o número mínimo semanal de sessões de exercícios físicos, com duração de cinquenta minutos cada e dados com assistência médica.
- 1953 DECRETO Nº 34.728, de 1º de dezembro Autorização de funcionamento da Escola de Educação Física de Bauru-SP (particular), cujas atividades foram suspensas no período de 1963 a 1966.
- 1954 DECRETO Nº 36.321, de 11 de outubro. Autoriza o funcionamento dos cursos de Medicina Especialista e de Técnica Desportiva da Escola de Educação Física e Desportos do Paraná.
- 1954 A Escola Superior de Educação Física do Rio Grande do Sul realiza curso de especialização em Recreação para professores de Educação Física.
- 1954 A Escola de Educação Física do Espírito Santo passa a fazer parte da Universidade do Espírito Santo.
- 1955 PORTARIA MINISTERIAL Nº 104, de 6 de abril. Regulamenta a instalação e o funcionamento dos Centros de Educação Física criados pelo artigo 19 da lei orgânica do Ensino Secundário.
- 1955 PORTARIA Nº 21, de 20 de setembro, da Divisão de Educação Física. Estabelece normas para o registro de diplomas de licenciados em Educação Física.
- 1955 Novo enfoque é dado à Educação Física. O esporte passa a ter papel importante. Esse vínculo da Educação Física com o esporte foi oficializado, por meio da Portaria nº 104, de 06/04/1955, a qual criava os Centros de Educação Física.
- 1955 A PORTARIA Nº 346, do Ministério da Educação e Cultura, determina as características biológicas dos candidatos selecionados para os cursos de Educação Física em âmbito nacional. Homens e mulheres deveriam ter menos de trinta anos, "peso proporcional à altura e ao tipo constitucional e perfeita integridade física".
- 1956 PORTARIA Nº 1, de 10 de janeiro. (D.O de 8-2-56, pág. 2.344), da divisão de Educação Física. Expede instruções para a realização dos exames de suficiência em educação física e dos Cursos intensivos para os inscritos nesses exames.
- 1956 PORTARIA Nº 2, de 17 de janeiro. (D.O de 8-2-56, pág. 2.344), da Divisão de educação Física. Expede instruções complementares para a realização dos exames de suficiência de Educação Física no Ceará.
- 1956 PORTARIA MINISTERIAL Nº 168, de 17 de abril (D.O de 24-4-56, pág. 8.623 – Ret. D.O 5-6-65) Consolida as disposições em vigor sobre a prática da Educação Física nos estabelecimentos de ensino secundário fiscalizados pelo Ministério da Educação e Cultura e baixa novas instruções.
- 1956 PORTARIA Nº 35, de 18 de junho (D.O de 6-7-56, página 12.920), da Divisão de Educação Física. Baixa instruções para a inscrição nos cursos intensivos de Educação Física e nos exames de suficiência.
- 1956 PORTARIA Nº 36, de 18 de junho (D.O de 9-7-56, página 13.039), da Divisão de Educação Física. Baixa instruções complementares para a realização dos exames de suficiência e dos cursos que lhes precedem.
- 1956 DECRETO Nº 39.825, de 21 de agosto (D.O de 24-8-56, pág. 16.039). Autoriza o Ministério da Educação e Cultura a celebrar convênio com o Rio Grande do Sul, para o fim de aquele Estado aplicar, em seu território, a lei federal referente à Educação Física.
- 1956 PORTARIA Nº 73, de 20 de dezembro (D.O de 8-1-57, pág. 458), da Divisão de Educação Física. Expede novas instruções para a realização dos exames de suficiência de Educação Física e dos cursos intensivos.
- 1956 PORTARIA Nº 11, do Ministério da Educação e Cultura, determina motivos de inabilitação do(a) candidato(a) selecionados para os cursos de Educação Física, entre outros, a carência ou o excesso de peso, a diminuição da acuidade visual ou auditiva e, até mesmo, a gagueira, o que idealizava um professor de Educação Física como sadio, porte atlético e bom comunicador.
- 1956 A PORTARIA do MEC Nº 168/56 indica a aproximação do conceito de Educação Física com o Esporte, admitindo as competições esportivas como substitutas das sessões de Educação Física.
- 1957 PORTARIA Nº 86, de 30 de abril (D.O de 11-5-57, pág. 11.799), da Divisão de Educação Física. Baixa instruções para a realização de cursos por correspondência sobre assuntos relativos à Educação Física, sem conferir nenhuma regalia aos seus candidatos.
- 1957 PORTARIA Nº 107, de 19 de maio, da Divisão de Educação Física. Aprova as instruções para a realização do V Curso de Aperfeiçoamento Técnico e Pedagógico, programado para a cidade de Santos pelo Departamento de Educação Física e Esportes e a Associação de Professores de Educação Física, ambos do Estado de São Paulo.
- 1957 LEI Nº 3.177, de 11 de junho (D.O de 13-6-57, página 15.350). Estende as regalias conferidas pelo Decreto-Lei nº 6.936, de 6-10-1944, aos diplomados pela Escola de Educação física da Força Pública do Estado de São Paulo, depois de 1943, desde que comprovem a conclusão do curso ginasial.
- 1957 PORTARIA Nº 116, de 10 de julho, da Divisão de Educação Física. Baixa instruções complementares para a realização do I Estágio Internacional de Educação Física.
- 1957 Organizada a União Nacional dos Estudantes de Educação Física, a qual ficou responsável por organizar o I Congresso de Estudantes de Educação Física, no Rio de Janeiro.
- 1958 DECRETO Nº 43.177, de 5 de fevereiro (D.O de 7-2-58, pág. 2.504). Institui a Campanha Nacional de Educação Física.
- 1958 A Escola Nacional de Educação Física e Desportos oferece, no Rio de Janeiro, um Curso de Especialização em Recreação.
- 1958 PORTARIA Nº 76, de 25 de setembro (D.O de 11-10-58, pág. 22.080), da Divisão de Educação Física. Baixa instruções para a realização de curso de atualização destinado aos responsáveis pela Educação Física nos estabelecimentos de ensino de grau médio e outro de treinamento para todos aqueles que desejem usufruir dos benefícios do exercício, na capital dos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte e da Paraíba.
- 1958 PORTARIA Nº 81, de 25 de setembro (D.O de 31-10-58, pág. 23.378), da Divisão de Educação Física. Baixa instruções sobre o Curso de Educação Física a ser realizado na capital dos Estados do Piauí e Amazonas e no Território do Amapá.
- 1959 DECRETO Nº 45.611, de 24 de março (D.O de 28-3-59, página 6.601) cassa a autorização concedida para o funcionamento do Curso de Educação Física Infantil do Instituto de Educação de Minas Gerais, mantido pelo Governo do Estado com sede em Belo Horizonte, no Estado de Minas Gerais.
- 1959 PORTARIA Nº 47, de 13 de abril (D.O de 29-4-58, pág. 10.172), da Divisão de Educação Física. Baixa instruções para a realização do curso sobre Programa por temporada e Ginástica Desportiva Generalizada na capital dos Estados de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará.
- 1959 PORTARIA Nº 49, de 13 de abril (D.O de 29-4-59, pág. 10.172), da Divisão de Educação Física. Baixa instruções para a realização do Curso de Atualização destinado aos responsáveis pela Educação Física nos estabelecimentos de ensino de grau médio, das cidades de Goiânia e Campo Grande, nos Estados de Goiás e Mato Grosso, respectivamente.
- 1959 PORTARIA Nº 50, de 13 de abril (D.O de 29-4-59, pág. 10.173), da Divisão de Educação Física. Baixa instruções para a realização do Curso de Atualização destinado aos responsáveis pela Educação Física nos estabelecimentos de ensino de grau médio na cidade de Uberaba, no Estado de Minas Gerais.
- 1959 PORTARIA Nº 76, de 29 de maio (D.O de 12-6-59, pág. 13.499), da Divisão de Educação Física. Cria Grupo de Estudo e Pesquisas sobre Treinamento Desportivo, que funcionará diretamente subordinado à Divisão de Educação Física.
- 1959 PORTARIA Nº 135, de 29 de julho (D.O de 7-8-59, página 17.251), da Divisão de Educação Física. Baixa instruções para a realização do XII Seminário de Professores de Escola de Educação Física.
- 1959 PORTARIA Nº 167, de 24 de setembro (D.O de 6-10-59, página 21.310) da Divisão de Educação Física. Baixa instruções para a realização de Curso de Atualização destinado aos responsáveis pela Educação Física nos estabelecimentos de ensino de grau médio, em Maceió, capital do Estado de Alagoas.
- 1959 PORTARIA Nº 170, de 1º de outubro (D.O de 15-10-59, pág. 21.978), da Divisão de Educação Física. Aprova instruções mínimas para a realização de estudos e debates sobre Treinamento Desportivo, em prosseguimento do Estágio Preparatório.
- 1959 DECRETO Nº 47.174, de 6 de novembro (D.O de 18-11-59, pág. 24.209). Concede reconhecimento ao Curso Superior e infantil da Escola de educação Física de Bauru, com sede em Bauru, no Estado de São Paulo.
- 1959 Em Belo Horizonte, A Natação passou a ser ensinada por uma professora no Curso Superior de Educação Física,
- 1960 DECRETO Nº 48.479, de 8 de julho (D.O de 19-7-60, pág. 10.369). autoriza o Ministério da Educação e Cultura a delegar competência ao Estado de Minas Gerais para dar cumprimento em seu território, mediante convênio, à legislação relativa ao ensino de grau médio na parte correspondente à Educação Física.
- 1961 A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 4.024, de 20/12/61, publicada no D.O.U. em 28/12/61, em seu Art. 22, tornou a Educação Física obrigatória nos cursos primários e médio. Também foi um momento de proposta de um conceito bio-psico-social de Educação Física (no qual o esporte surge com maior ênfase) e de maior questionamento (já iniciado em 1942) do conceito anatomo-fisiológico da Educação Física e do método ginástico francês. A mesma também fixou a duração mínima para os Cursos de Licenciatura em Educação Física e estabeleceu um núcleo de disciplinas a serem ministradas.
- 1961 Autorização de funcionamento da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo, em 30/01/61, a qual já vinha funcionando desde 24/08/31 com ofertas de cursos de Emergência, de Educação Física Infantil e de cursos de formação de Monitores.
- 1961 PORTARIA Nº 18, de 20 de abril (D.O de 5-9-61, pág. 8.109), do Departamento Nacional de Educação Física. Dispõe sobre o Curso de Medicina Aplicada à Educação Física.
- 1961 PORTARIA Nº 49, de 15 de junho (D.O de 5-7-61, pág. 6.118), da Divisão de Educação Física. Baixa instruções para a realização na capital do Espírito Santo, de um curso de atualização para professores de Educação Física, em colaboração com o Serviço de Educação Física do Estado.

- 1961 PORTARIA Nº 67, de 31 de julho (D.O de 28-8-61, pág. 7.857 ret. D.O 11-1-62), da Divisão de Educação Física. Baixa instruções reguladoras das atividades e funcionamento das Inspetorias Seccionais de Educação Física.
- 1961 PORTARIA Nº 70, de 31 de agosto (D.O de 31-8-61), da Divisão de Educação Física. Instala a Inspetoria Seccional de Educação física do Rio de Janeiro, com sede na cidade do mesmo nome, no Estado da Guanabara.
- 1962 O Parecer nº 298/MEC/CFE, aprovou o primeiro currículo mínimo do Curso Superior de Educação Física, estabelecendo um elenco de matérias obrigatórias e determinando, ao mesmo tempo, que delas poder-se-iam excluir aquelas que fossem "inadequadas ao sexo do estudante".
- 1962 PORTARIA Nº 32, de 3 de outubro, da Divisão de Educação Física. Dá nova estrutura ao Curso Básico de Educação Física por Correspondência.
- 1962 PARECER nº 298, 17 de novembro, do Conselho Federal de Educação. Estabeleceu os Currículos Mínimos dos Cursos de Educação Física e Desportos. Neste ato normativo se propôs a formação, em nível superior, do professor de Educação Física e do técnico desportivo em cursos de três anos.
- 1962 Fundação da Escola de Educação Física da Polícia Militar do Estado da Bahia para a formação de praças.
- 1962 A Escola de Educação Física de Minas Gerais, pioneiramente, introduz em seu currículo, a dança para turmas masculinas.
- 1963 PORTARIA Nº 6-Br de 22 de janeiro, da Divisão de Educação Física. Estabelece o programa do Curso Básico de Educação Física por Correspondência.
- 1963 PORTARIA Nº 7-Rr, de 28 de janeiro (D.O de 11-2-63), da Divisão de Educação Física. Baixa instruções para a realização na capital do Estado da Bahia, do IV Curso de Informações de Educação Física, destinado a atualizar os professores que, a título precário, exercem suas funções notadamente no interior do Estado.
- 1963 PORTARIA Nº 8-Br, de 4 de fevereiro, da Divisão de Educação Física. Baixa instruções para a realização da V Reunião de Diretores de Escolas de Educação Física.
- 1963 PORTARIA Nº 35, de 20 de maio, da divisão de Educação Física. Baixa Instruções sobre registro de diplomas de educação física para o ensino médio, especialização em Educação Física e de professores de Educação Física.
- 1964 DECRETO Nº 53.741, de 18 de março (D.O de 23-3-64, página 2.768 Ret. D.O de 31-3-64). Dispõe sobre a execução do Plano Diretor de Educação Física e dos Desportos.
- 1964 Fechamento do Diretório Acadêmico da ENEFD, no Rio de Janeiro.
- 1964 O Decreto 54.215/ Brasil, de 24/08, transforma os Jogos Universitários Brasileiros em atividade acadêmica regular.
- 1964 Autorização de funcionamento da Escola Superior de Educação Física de Goiás (estadual), em 07/12/64.
- 1965 DECRETO Nº 53.741, de 18 de março (D.O de 23-3-64, página 2.768 Ret. D.O de 31-3-64). Dispõe sobre a execução do Plano Diretor de Educação Física e dos Desportos.
- 1965 PORTARIA MINISTERIAL Nº 211, de 18 de agosto. Regulamenta a realização dos Exames de Suficiência para professores e médicos de Educação Física.
- 1966 DECRETO Nº 58.130, de 31 de março (D.O de 5-4-66, pág. 3.596 Ret. D.O de 15-4-66). Regulamenta o artigo 22 da Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional.
- 1966 PORTARIA Nº 15-Br, de 21 de julho (D.O de 23-6-66), da Divisão de Educação Física. Baixa instruções para a realização de exame de suficiência destinado a selecionar pessoal qualificado em Educação Física.
- 1966 PORTARIA Nº 31, de 9 de setembro (D.O de 26-9-66, pág. 11.335), da Divisão de Educação Física. Concede autorização à Inspetoria Seccional de Educação Física de Fortaleza, no Estado do Ceará, para registrar diplomas.
- 1967 PORTARIA Nº 10, de 15 de abril, da Divisão de Educação Física. Autoriza a Inspetoria Seccional de Educação Física de Belém a conceder registro de professor. .
- 1967 REALIZAÇÃO da VI Reunião de Diretores de Escolas de Educação Física. Vitória-ES de 1 a 7 de junho de 1967
- 1967 A Portaria MEC nº 148/67 é uma espécie de ratificação da Portaria 168/56 em relação ao vínculo da Educação Física com o Esporte.
- 1968 A Escola Nacional de Educação Física e Desporto, passa a chamar-se Escola de Educação Física e Desporto da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- 1968 Maria Lenk é nomeada Diretora da Escola de Educação Física e Desporto da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi a primeira mulher e primeira pessoa com formação exclusiva em Educação Física a ocupar esse cargo.
- 1968 DECRETO Nº 62.771, de 24 de maio (D.O de 28-5-68). Autoriza o funcionamento da Escola de Educação Física de Campinas, no Estado de São Paulo.
- 1968 LEI Nº 5.540, de 28 de novembro (D.O de 29-11 e 3-12-68). Fixa normas de organização e funcionamento do Ensino Superior e sua articulação com a escola média e dá outras providências. A letra c do seu artigo 40 autoriza as instituições de ensino superior a estimular as atividades de Educação Física e Desportivas.
- 1969 PORTARIA Nº 13-Br, de 6 de fevereiro, da Divisão de Educação Básica. Fixa normas para concessão de autorizações para lecionar Educação Física a título precário.
- 1969 PORTARIA MINISTERIAL Nº 94-A, de 28 de fevereiro. Designa Grupo de Trabalho para estudar e propor medidas para a expansão da Educação Física em todo o País.
- 1969 Fundação, Rio de Janeiro, do Curso de Auxiliar de Monitor de Educação Física – Comissão de Desportos da Aeronáutica para a formação de praças.
- 1969 Lançado, em Brasília, o projeto do primeiro "Diagnóstico da Educação Física/Desportos no Brasil", fruto de um convênio firmado, em 06 de maio de 1969, entre o Ministério do Planejamento e Coordenação Geral/CNRH-IPÊA e Ministério da Educação e Cultura/Divisão de Educação Física.
- 1969 O Decreto Presidencial nº 705, de 25/07/69, estende a obrigatoriedade da Educação Física a todos os níveis e ramos do ensino superior.
- 1969 DECRETO Nº 64.400, de 24 de abril (D.O de 25-4-69). Autoriza o funcionamento da Escola de Educação Física de Santos, no Estado de São Paulo.
- 1969 DECRETO-LEI Nº 705, de 25 de julho (D.O de 28-7-1969). Altera a redação do artigo 22 da Lei nº 4.024, de 20-12-61, estendendo a obrigatoriedade da prática da Educação Física a todos os níveis e ramos de ensino.
- 1969 A Resolução nº 69, do Parecer 894 do Conselho Federal de Educação, estabelece o currículo mínimo para o Curso de Licenciatura em Educação Física.
- 1969 PORTARIA Nº 29, de 22 de maio, da Divisão de Educação Física. Institui os Jogos Estudantis Brasileiros.
- 1969 PORTARIA Nº 64.905, de 29 de julho. Autoriza o MEC a constituir Grupo de Trabalho para elaborar o "Plano Nacional de Esportes, Educação Física e Recreação", a ser custeado pelos recursos provenientes da Loteria Esportiva Federal.
- 1969 DECRETO-LEI Nº 1.043, de 21 de outubro. Estabelece nova exigência para registro de diploma de professor de Educação Física conferido pelos estabelecimentos militares que menciona.
- 1969 RESOLUÇÃO Nº 2.068, de 6 de novembro, do Conselho Federal de Educação. Fixa os mínimos de conteúdo e duração a serem observados na organização dos cursos de Educação Física.
- 1969 PORTARIA Nº 5-Br, de 17 de novembro, da divisão de Educação Física. Baixa Instruções reguladoras dos Exames de Suficiência.
- 1970 No Rio de Janeiro foi implantado o movimento Cooper no Brasil.
- 1970 Em 27 de julho de 1970, com a promulgação do Decreto 66.967, da Presidência da República, foi criado o Departamento de Educação Física e Desportos - DED, como um órgão central de direção superior do Ministério da Educação e Cultura, com a finalidade de "planejar, coordenar e supervisionar o desenvolvimento da Educação Física, dos Desportos Estudantis e da Recreação no País, em consonância com as diretrizes impostas pela política nacional para o setor".
- 1970 DECRETO Nº 66.313, de 13 de março (D.O de 13-3-70). Autoriza o funcionamento da Escola de Educação Física de Joinville, no Estado de Santa Catarina.
- 1970 DECRETO Nº 66.344, de 18 de março (D.O de 19-3-70). Autoriza o funcionamento da Escola de Educação Física de Cruzeiro, no Estado de São Paulo.
- 1970 DECRETO Nº 66.642 de 27 de maio (D.O de 29-5-70). Autoriza o funcionamento da Escola de Educação Física de Batatais, no Estado de São Paulo.
- 1970 DECRETO Nº 66.692 de 11 de junho (D.O de 12-6-70). Autoriza o funcionamento da Escola de Educação Física de Santo André, no Estado de São Paulo.
- 1970 DECRETO Nº 66.795 de 29 de junho Autoriza o funcionamento da Escola de Educação Física de Assis, no Estado de São Paulo. (D.O de 30-6-70).
- 1970 DECRETO Nº 65.510 de 9 de novembro (D.O de 10-11-70). Autoriza o funcionamento da Escola de Educação Física de Alta Paulista, na cidade de Tupã, Estado de São Paulo.
- 1970 PARECER Nº 17/70, do Conselho Federal de Educação. Opina pela autorização do funcionamento da Escola de Educação Física de Passo Fundo, no Estado do Rio Grande do Sul.
- 1970 Desenvolve-se o Programa de Educação Física por Temporada, da Prefeitura Municipal de Curitiba.
- 1970 É criado o Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Sergipe, com a finalidade de implantar a prática da Educação Física nos cursos de graduação.
- 1971 A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 5.692/71, manteve a obrigatoriedade da Educação Física nas escolas de primeiro e segundo graus, sendo facultativa nos cursos noturnos.
- 1971 O Parecer CFE/257/71, regulamenta a Educação Física em todos os níveis de ensino.

- 1971 Publicação do “Diagnóstico de Educação Física/Desportos no Brasil” pelo MEC e Ministério do Planejamento IPEA, de autoria de Lamartine Pereira Da Costa, constituindo o primeiro censo e levantamento quantitativo do setor como também base para os futuros planos nacionais de Educação Física e Desportos no País.
- 1971 O Departamento de Educação Física e Desporto do Ministério da Educação e Cultura elabora o Plano de Educação Física e Desportos.
- 1972 O Centro de Educação Física e Desporto, da Universidade Federal de Sergipe, passa a denominar-se Centro de Civismo, Educação Física e Desporto após ser agregado a este o Setor de Orientação do Estudo de Problemas Brasileiros.
- 1972 Realização, no Rio de Janeiro, do 3º Encontro Brasileiro de Profissionais da Educação Física/MEC.
- 1973 Criado o Curso de Educação Física da Universidade de Brasília.
- 1974 Criado o Curso de Educação Física da Universidade de Sergipe.
- 1974 Criação do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual do Paraná.
- 1974 Criação do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Alagoas.
- 1975 Foi oficializado o Plano Nacional de Educação Física e Desportos, mediante a Lei 6.251, de 08/10/75, onde o Esporte Para Todos foi incluído dentre suas prioridades, com a nomenclatura oficial de “Desporto de Massa”.
- 1975 Implantação de aulas de Educação Física na Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor em São Paulo.
- 1975 O Conselho Nacional de Pós-Graduação elaborou o primeiro Plano Nacional de Pós-Graduação.
- 1976 Entra em vigor o Plano Nacional de Educação Física e Desporto – 1976-1979.
- 1977 A portaria 79.404/MEC de 16.03, reconhece o Curso de Educação Física da Universidade de Brasília.
- 1978 Por meio do Decreto 81.454, de 17/03/78, que dispõe sobre a organização administrativa do MEC, foi criada a Secretaria de Educação Física e Desportos - SEED, em substituição ao Departamento de Educação Física e Desportos, com Regimento Interno aprovado em 01/09/81, através da Portaria MEC n.º 522, assinada pelo Ministro Rubem Ludwig.
- 1978 Criação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, em 17/09/78. Sociedade científica com o objetivo de congregar profissionais e estudantes de diferentes áreas do conhecimento com interesses comuns pelo desenvolvimento das Ciências do Esporte.
- 1978 Reconhecimento do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual do Paraná.
- 1978 Foi realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, o Seminário para discussão e apresentação de propostas de um novo currículo para formação superior em Educação Física.
- 1979 A Escola de Educação Física de Minas Gerais é incorporada à Universidade Federal de Minas Gerais.
- 1979 Lançado, em setembro, em São Caetano do Sul-SP, o primeiro número da Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE).
- 1980 A Secretaria de Educação Física e Desporto do Ministério da Educação e Cultura, elabora um documento-proposta denominado “Política Nacional de Educação Física e Desporto”, depois publicado e divulgado sob o título de “Diretrizes Gerais para a Educação Física/Desporto”.
- 1980 A SEED/MEC compõe um grupo de trabalho formado pelos professores Alfredo Farias Júnior, Eliana Kahan, Jurguer Dieckert, Massaya Kondo, Nélio Parra e Solange Passos, para a elaboração de projeto de implantação de laboratórios de pesquisa pedagógica.
- 1981 O Grupo de Trabalho para a elaboração de projetos de pesquisa pedagógica apresenta uma “Política de Estímulo à Pesquisa em Educação Física e Desporto”, acarretando a criação da Comissão de Pesquisa em Educação Física e Desporto, a qual integrou a Educação Física a alguns órgãos de fomento à pesquisa – CNPq, CAPES e INEP.
- 1981 Realização do I Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte.
- 1982 A SEED/MEC reúne um grupo de especialistas na área de Educação Física, para elaborar as Diretrizes de Implantação e Implementação da Educação Física na Educação Pré-escolar e no Ensino de 1ª a 4ª série do 1º Grau.
- 1983 Foi realizado o II Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, em Guarulhos-SP.
- 1983 PARECER nº 215 de 11 de março, CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. Processo de discussão e reformulação do currículo mínimo de Educação Física.
- 1984 CARTA de Belo Horizonte. Documento emitido pelas Associações de Professores de Educação Física – APEF, incluindo a Federação a que essas Associações estavam filiadas, conforme meios de reunião e transporte providos pelo Congresso Brasileiro de Esporte para Todos realizado simultaneamente no mesmo período, com suporte financeiro da Secretaria de Educação Física e Desportos do MEC. A Carta propôs um perfil desejável de formação profissional, orientação para um currículo mais flexível no Ensino Superior de Educação Física e novos objetivos para a prática de Educação Física formal e não-formal.
- 1987 O Parecer CFE nº 215/87 reestrutura os cursos de graduação em Educação Física no Brasil, evidenciando a distinção entre o bacharelado e a licenciatura, afirmando: “o Bacharel em Educação Física é o graduado em nível superior, para o exercício profissional da área de seus estudos e o Licenciado em Educação Física é o graduado em nível superior, cuja formação é direcionada para o magistério de 1º e 2º graus”.
- 1987 Resolução nº 03. De 16 de junho, do CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. Fixa os mínimos de conteúdo e duração a serem observados nos cursos de graduação em Educação Física (Bacharelado e/ou Licenciatura Plena).
- 1989 Realização, em Brasília, do VI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte.
- 1990 Realização do I Congresso de Filosofia, História, Sociologia e Educação Física Comparada, em agosto de 1990, promovido pelo Centro Acadêmico de Educação Física da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- 1990 Realização do Congresso da Federação Brasileira dos Professores de Educação Física.
- 1991 Realização do VII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, em Uberlândia-Minas Gerais..
- 1991 Criado na Faculdade de Educação Física da UNICAMP, sob a coordenação do Prof. Dr. Ademir Gebara e composto por alunos da Pós-Graduação (especialização e mestrado), o Grupo de História do Esporte, Lazer e Educação Física/FEF/UNICAMP, como um novo movimento no Brasil para a formação de pesquisadores na área, bem como de incentivo à produção científica para a História do Esporte, Lazer e Educação Física. Inicialmente esse Grupo contou com a participação de 12 componentes.
- 1993 Realizado, em Belém do Pará, o VIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, cujo tema central foi “Que ciência é essa? Memória e tendências” .
- 1993 Criação, em São Paulo, do Grupo de Trabalho Temático “Memória, Cultura e Corpo”, no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.
- 1993 Realizado pelo Grupo de História do Esporte, Lazer e Educação Física da FEF/UNICAMP, o I Encontro de História da Educação Física e do Esporte, em 28/10/1993, em Campinas-SP, na FEF/UNICAMP.
- 1994 Realização do II Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física, em Ponta Grossa-Paraná, promovida pela Universidade estadual de Ponta Grossa, com a apresentação de 49 trabalhos selecionados, mais de 120 inscritos e a participação de mais de 180 pessoas, inclusive estrangeiros. Foi o ano em que, pela primeira vez, os participantes receberam no início do Encontro suas coletâneas, impressas na UEPG e o do lançamento dos primeiros livros produzidos por componentes do Grupo de História. Foram eles: “Perspectivas históricas do movimento Esporte Para Todos no Brasil”, do Prof. Ms. Edison Valente e “Quando a lei é a regra: um estudo da legislação da educação Física Escolar brasileira”, do Prof. Ms. Ricardo Lucena.
- 1994 Realização, em Brasília, do Congresso da Federação Brasileira dos Professores de Educação Física.
- 1995 É lançado o Movimento Nacional pela Regulamentação do Profissional de Educação Física.
- 1995 Realizado, em Vitória, o IX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, que teve como temática “Interdisciplinaridade, ciência e pedagogia”.
- 1995 PROJETO DE LEI Nº 330, apresentado pelo sr. Eduardo Mascarenhas, dispõe sobre a regulamentação dos profissionais da Educação Física e cria seus respectivos conselhos federal e regional.
- 1995 Realização do III Encontro Nacional da História do Esporte, Lazer e Educação Física, em Curitiba, na Universidade Federal do Paraná, com apresentação de 70 trabalhos selecionados e mais de 200 participantes.
- 1996 Promulgada a Lei Nº. 9.394/Brasil, de dezembro de 1996, conceituando, em seu § 3º., a Educação Física como atividade integrada à proposta pedagógica da escola e componente curricular da Educação Básica, a qual deveria se ajustar às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos.
- 1996 Realização do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, promovido pela Universidade Federal de Minas Gerais, ultrapassando a barreira dos 80 trabalhos apresentados e com mais de 230 participantes, com a temática: “Métodos e fontes na produção do conhecimento histórico do Esporte, Lazer e Educação Física”. Foi o primeiro Encontro tematizado.
- 1996 Realização do VII Programa de Educação Continuada, promovido pela Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre.
- 1997 Realização, em novembro de 1997, do V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física, na Escola Técnica Federal de Alagoas, com a temática “As ciências sociais e a história do esporte, lazer e Educação Física”, com a apresentação de 100 trabalhos e 06 conferências magnas. Esse evento teve um caráter internacional, com 06 palestrantes estrangeiros inclusive, pela primeira vez, com tradução simultânea e transmissão via Internet. Estiveram participando desse Encontro, diariamente, em média 325 pessoas entre profissionais e acadêmicos do esporte, lazer e Educação Física e áreas afins.

- 1998 PROJETO DE LEI nº 33/98, da Câmara dos Deputados, dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física.
- 1998 Foi promulgada a LEI Nº 9696, de 1º de setembro de 1998 que dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física.
- 1998 Realização do VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física, na Universidade Gama Filho, com a temática "Caminhos, meios e estratégias para o desenvolvimento da pesquisa do Esporte, Lazer e Educação Física", com a apresentação de 87 trabalhos e 06 conferências magnas, com 180 inscritos.
- 2000 Realização do I Fórum Nacional dos Cursos de Formação Profissional em Educação Física no Brasil, em Belo Horizonte - MG, em Agosto de 2000, com a temática "Educação Física: a profissão do século XXI".
- 2000 Foi publicado, no dia 18/08/2000, no Diário Oficial da União, a Resolução 025/00, do Conselho Federal de Educação Física, o código de ética dos Profissionais registrados no sistema CONFEF/CREFs.
- 2000 Foi aprovado em reunião do Plenário do Conselho Federal de Educação Física, no dia 11/11/2000, o Estatuto do CONFEF.
- 2000 Realização, em junho de 2000, do VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, na cidade de Gramado-RS, com a temática "Memórias e descobrimentos: 500 anos de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança no Brasil", com a apresentação de 128 trabalhos, dos quais 06 internacionais e 122 nacionais.
- 2002 Foi publicada a Resolução CONFEF nº 045/2002 que dispõe sobre o registro de não-graduados em Educação Física no Sistema CONFEF/CREFs.
- 2002 Foi publicada a Resolução CONFEF nº 046/2002 que dispõe sobre a intervenção do Profissional de Educação Física e respectivas competências e define os seus campos de atuação profissional.
- 2002 Realização do 2º Congresso Científico-cultural Latino-americano em Educação Física e Esportes Brasil/Cuba, promovido pela Federação Internacional de Educação Física, na Universidade Metodista de Piracicaba, com a temática "O esporte como fator de qualidade de vida".
- 2002 Realização do II Fórum Nacional das Instituições de Ensino Superior em Educação Física, em julho de 2002, no Rio de Janeiro, promovido pelo Conselho Federal de Educação Física, com a temática "Ética e competência profissional".
- 2002 Realizado o VIII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, em novembro de 2002, na cidade de Ponta Grossa-Pr, promovido pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, com a temática "As ciências sociais e a história da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança".

Fontes

BERCITO, S. "Ser forte para fazer uma nação forte": a Educação Física no Brasil (1932-1945).

Coletânea do I Encontro de História da Educação Física, Esporte e Lazer. Campinas-SP: Grupo de História do Esporte, Lazer e Educação Física/FEF/UNICAMP, 1993.

Coletânea do II Encontro de História da Educação Física, Esporte e Lazer. Ponta Grossa-PR: DEF/UEPG/Grupo de História do Esporte, Lazer e Educação Física/FEF/UNICAMP, 1994.

Coletânea do III Encontro de História da Educação Física, Esporte e Lazer. Curitiba-PR: DEF/UFPRUEPG/Grupo de História do Esporte, Lazer e Educação Física/FEF/UNICAMP, 1995.

Coletânea do IV Encontro de História da Educação Física, Esporte e Lazer. Belo Horizonte-MG: EEF/UFMG/ Grupo de História do Esporte, Lazer e Educação Física/FEF/UNICAMP, 1996.

Coletânea do V Encontro de História da Educação Física, Esporte e Lazer. Maceió-AL: CEFET-AL/Grupo de História do Esporte, Lazer e Educação Física/FEF/UNICAMP, 1997.

Coletânea do VI Encontro de História da Educação Física, Esporte e Lazer. Rio de Janeiro-RJ: UGF/IHGB/INDESP/Grupo de História do Esporte, Lazer e Educação Física/FEF/UNICAMP, 1998.

Coletânea do VII Encontro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança. Gramado-RS: EEF/UFRGS /Grupo de História do Esporte, Lazer e Educação Física/FEF/UNICAMP, 2000.

Coletânea do VIII Encontro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança. Ponta Grossa-PR: UEPG/Grupo de História do Esporte, Lazer e Educação Física/FEF/UNICAMP, 2002.

DaCOSTA, Lamartine Pereira. Diagnóstico de Educação Física/desportos no Brasil. Rio de Janeiro: FENAME/MEC, 1971.

_____. Formação Profissional em Educação Física, Esporte e Lazer no Brasil: Memória, Diagnóstico e Perspectivas. Blumenau-SC: FURB, 1999.

FERREIRA NETO, Amarílio (org.) Pesquisa histórica na Educação Física brasileira. V.1/organizador. Vitória-ES: UFES/Centro de Educação Física e Desportos, 1996.

_____. (org.). Pesquisa histórica na educação física brasileira, v. 2/ organizador. Vitória: UFES. Centro de Educação Física e Desportos, 1997.

_____. (org.). Pesquisa histórica na educação física brasileira, v. 3/ organizador. Aracruz-ES: Faculdade de Ciências Humanas de Aracruz, 1998.

_____. (org.). Pesquisa histórica na educação física brasileira, v. 4/ organizador. Aracruz-ES: Faculdade de Ciências Humanas de Aracruz, 1999.

_____. (org.). Pesquisa histórica na educação física brasileira, v. 5/ organizador. Aracruz-ES: Faculdade de Ciências Humanas de Aracruz, 2000.

_____. (org.). A pedagogia no Exército e na escola: a Educação Física Brasileira. Aracruz-ES: Faculdade de Ciências Humanas de Aracruz, 2000.

LUCENA, Ricardo. Quando a lei é a regra: um estudo da legislação da Educação Física escolar brasileira. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo/DEFD, 1994.

MELO, Victor Andrade de. História da Educação Física e do Esporte no Brasil: panorama e perspectivas. São Paulo: IBRASA, 1999.

VALENTE, Edison Francisco. Perspectivas históricas do movimento Esporte Para Todos no Brasil. Campinas-SP: Grupo de História do Esporte, Lazer e Educação Física/FEF/UNICAMP, 1994.

Colégio Brasileiro de Atividade Física, Saúde e Esporte – COBRASE

JOSÉ FERNANDES FILHO E ESTÉLIO HENRIQUE MARTIN DANTAS

Brazilian College of Physical Activity, Health and Sports – COBRASE

The Colégio Brasileiro de Atividade Física, Saúde e Esporte (Brazilian College of Physical Activity, Health and Sports - COBRASE), a non-profit institution, was founded in 2001, aiming at the production, publication, diffusion and incentive to scientific research in the areas of health, sports, and physical activity. COBRASE's main journal is the Fitness & Performance Journal (F&PJ), a bi-monthly publication of

30,000 copies, and 42 original articles besides the sections of specific scientific interests. F&PJ uses a peer review system to analyze the scientific contributions submitted to publication. Because of the rigorous criteria in the selection of articles, F&PJ has been indexed since 2002 by the following references: Academic Press, ATLANTIS, ELSEVIER, Heracles, Physical Education Index, SIBRADID, SPOLIT, Sport Discus

and SIRC. Only 7,5% of all the contributions received until 2003 were approved with no restrictions; 59,9% were returned to the authors for reformulation; and 32,6% were turned down. COBRASE had 7,650 members in Brazil in January 2004. Their characteristics are displayed in Table 1, which shows the professional multiplicity required for the creation of the institution.

Definições O Colégio Brasileiro de Atividade Física, Saúde e Esporte – COBRASE é uma Organização Civil de Interesse Público – OCIP (antes designada como Organização Não-Governamental – ONG), que foi criada visando a produção, a divulgação, a difusão e o estímulo à pesquisa científica nas áreas de conhecimento da saúde, do esporte e da atividade física. Devido à sua estruturação legal, o COBRASE não tem fins lucrativos, devendo todos os recursos arrecadados serem direcionados ao interesse público, dentro de sua área de atuação específica. O compromisso do COBRASE, como estabelecido por seus fundadores em sua gênese, é zelar pela qualidade total em suas ações, serviços e produtos aos quais esteja associado.

Origens A idéia de se fundar o COBRASE, originou-se da constatação da necessidade de se ter no Brasil uma sociedade científica multidisciplinar e abrangente nas áreas de Educação Física esporte e saúde, tendo como vetor principal um periódico científico de alto rigor científico. Considerando-se ainda esta área de conhecimento no país, analisando-se o panorama dos periódicos científicos no início da década de 2000, constatou-se que os mesmos poderiam ser divididos em dois grandes grupos: os de divulgação (magazines) e os técnico-científicos. Os de divulgação se caracterizam por possuírem uma aparência gráfica mais agradável, por veicularem assuntos de interesse geral e de contarem com uma grande circulação, porém são lidos e descartados. São veículos meramente de leitura com uma vida útil e um índice de rotatividade muito baixo. Por outro lado os periódicos científicos são colecionados e realizam uma circulação média por empréstimo de oito leitores para cada exemplar editado. Porém estas últimas publicações foram interpretadas como tendo aparência gráfica desatualizada, pequena circulação e falta de assuntos de interesse geral. A partir deste pressuposto surgiu a proposição de se criar o COBRASE e de se lançar o *Fitness & Performance Journal*, capaz de apresentar os seguintes indicadores de qualidade:

- Cientificidade – garantida pela qualidade dos artigos publicados, apreciados num esquema de *peer review* (avaliação por pares), com análise dos originais submetidos pelo sistema de duplo-cego conforme recomendações das indexações internacionais e nacionais já confirmadas;
- Atratividade – garantida pela aparência gráfica e por contarem com um adequado *blend* de artigos científicos e de seções de interesse geral, capazes de atrair os estudantes de graduação, dos cursos de especialização e os profissionais que atuam na área, para se iniciarem no consumo de pesquisa;
- Circulação – garantidos pelos 30.000 exemplares de tiragem, que circulam dentre os mais de 8.500 assinantes, os 3.700 exemplares distribuídos por bibliotecas e instituições de ensino, os cerca de 3.500 exemplares enviados para os assinantes institucionais (academias, clubes, federações etc.) e os demais exemplares distribuídos nos principais eventos das áreas de Atividade Física, Esporte e Saúde aonde o COBRASE se faz presente.

2001 No dia 16 de agosto, instituiu-se o COBRASE, para dar o suporte legal à consecução de seus objetivos. Optou-se por

organizá-lo como uma OCIP, para desde o início deixar bem claro que se constituía numa iniciativa de interesse público. Em setembro do mesmo ano é lançado o número zero do *Fitness & Performance Journal* – F&PJ, com 90.000 exemplares de tiragem, distribuídos inicialmente pelos então registrados 60.000 membros do Conselho Federal de Educação Física – CONFEF, pelas Instituições de Ensino Superior-IES de Educação Física, Nutrição, Fisioterapia e Medicina do Brasil, países hispânicos, Estados Unidos da América, Austrália, Nova Zelândia e Inglaterra.

2002 São editados seis números do F&PJ, com tiragem de 30.000 exemplares, veiculando 42 artigos inéditos, além das seções: Editorial; F&PJ Publicações (livros lançados no mercado); F&PJ Tecnologia (novidades em materiais de *fitness*, esporte, treinamento e pesquisa); F&PJ INFO (o que há de novo na INTERNET nas áreas cobertas pela publicação); F&PJ Profissão (notas do Ministério do Esporte e Turismo, COI, COB, Conselho Federal de Educação Física – CONFEF, etc.); F&PJ Mundo da Ciência (notícias das agências oficiais de financiamento de pesquisa – CAPES, CNPq, FAPERJ e pós-graduação *lato sensu e stricto sensu*); F&PJ Mundo Ativo (mercado de trabalho, concursos, editais, novidades, novas academias, calendário de congressos, estágios no exterior, etc.); F&PJ Nutrição/Suplementação (destinada aos nutricionistas e demais profissionais com interesse específico nestes setores); F&PJ Como Fazer... (dicas diretas e úteis destinadas aos acadêmicos de Educação Física). Graças ao rigor na seleção dos artigos logrou-se obter, ainda em 2002, as seguintes indexações: Academic Press, ATLANTIS, ELSEVIER, Heracles, Physical Education Index, SIBRADID, SPOLIT, Sport Discus e SIRC.

2003 Desde o início do ano, portanto após dois anos de edições do F&PJ, considerou-se consolidado o processo de implantação do periódico, dependendo apenas do cumprimento dos prazos necessários para a obtenção das indexações que foram solicitadas e ainda não concedidas pelos sistemas de informação científica do EMBASE, ERIC, *Institute of Scientific Information*, LILACS, MEDLINE, SCIELO e Scirus. Atingidos os objetivos iniciais do COBRASE, foi possível passar à implementação das outras atividades previstas, no campo da pesquisa, da institucionalização e da prestação de serviços. No tocante à pesquisa, logrou-se inscrever o Colégio no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. Podendo-se prever a época, para o início de 2004, a criação dos primeiros grupos de pesquisa. Porém, foi no campo da prestação de serviços que se pode observar o mais expressivo crescimento do Colégio. Quando a Companhia Municipal de Limpeza Urbana – COMLURB, do Município do Rio de Janeiro, abriu inscrição para a contratação de garis, foi surpreendida por uma inscrição de 66.000 pessoas que deveriam ser avaliadas, preliminarmente, no tocante à composição corporal e ao nível de condicionamento físico. Para lidar com o problema, o COBRASE habilitou-se junto ao citado órgão. E graças à atuação de seus profissionais, coordenando uma eficiente equipe de acadêmicos de Educação Física da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, conseguiu levar a cabo a empreitada. Posteriormente, foi chamado a auxiliar o Governo do Estado do Pará na elaboração da sua política de esportes, participando, do I Fórum Paraense de Esporte, promovido pela Secretaria Executiva

de Esporte e Lazer. Coroando este processo, a Secretaria Especial de Assuntos Estratégicos, da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, encarregou o Colégio de capacitar os recursos humanos para os Jogos Pan-Americanos-PAN 2007, através de três cursos de formação: Descoberta de Talentos Desportivos, Treinamento de Alto Rendimento e Tecnologia. Os cursos foram ministrados nas unidades do SESC em Madureira e em Engenho de Dentro, para mais de 160 profissionais. Ainda em 2003, o COBRASE foi o responsável pela parte científica do VI Santa Mônica Fitness, realizado de 06 a 09 de setembro, no Rio de Janeiro. Dos 71 trabalhos submetidos à comissão científica, 36 foram aprovados para publicação no F&PJ

Situação Atual O crescimento do COBRASE pode ser aquilardado tanto pela quantidade de artigos submetido para publicação no F&PJ como pelo tamanho de seu quadro de membros. Quanto aos originais a situação é a seguinte: dos 362 artigos até agora recebidos para publicação, apenas 27 (aproximadamente 7,5%) receberam menção "aprovado sem restrições". A grande maioria (217 artigos – 59,9%) foi aprovada com restrições e devolvida aos autores para reformulações. E os restantes 118 artigos (32,6%) foram recusados já na primeira triagem ou por parecer do Conselho Editorial. Já quanto ao quadro social, em janeiro de 2004 o COBRASE possuía 7.650 membros, com as características apresentadas na Tabela 1, que comprovam a multiplicidade profissional prevista para a definição do Colégio.

Também no presente estágio, além dos membros, o F&PJ é direcionado para: (a) 3.700 exemplares por bibliotecas e instituições de ensino, na América Latina, América do Norte e Europa, inclusive as 24 bibliotecas-base do COMUT, envolvidas com a área de Ciências da Saúde, a saber: Universidade Federal da Bahia; Universidade Federal do Ceará; Associação das Pioneiras Sociais – Hospital do Aparelho Locomotor; Fundação Universidade de Brasília; Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia; Universidade Federal de Minas Gerais; Universidade Federal do Pará; Universidade Federal de Campina Grande; Universidade Federal da Paraíba; Universidade Federal de Pernambuco; Universidade Federal Rural de Pernambuco; Pontifícia Universidade Católica do Paraná; Universidade Federal do Paraná; Fundação Oswaldo Cruz; Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; Universidade Federal Fluminense – Biblioteca Central do Gragoatá e Biblioteca Central do Valonguinho; Universidade Federal do Rio de Janeiro – Centro de Ciências da Saúde; Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Universidade Federal de Santa Maria; Universidade Federal de Santa Catarina; Centro Latino Americano e do Caribe de Informações em Ciências da Saúde; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Universidade de São Paulo; Universidade Estadual de Campinas; Universidade Federal de São Carlos; Universidade Estadual Paulista – Instituto de Biociências; (b) cerca de 3.500 exemplares enviados para os assinantes institucionais (academias, clubes, federações etc.); e (c) às 600 Instituições licenciadas pelo *Journal of Citation Report's* que compõe as instituições responsáveis pela atribuição, pelo ISI, do nível de impacto de uma publicação.

Localização geográfica dos membros do COBRASE, 2004

Geographical location of COBRASE members, 2004

N = 7650 (100%)

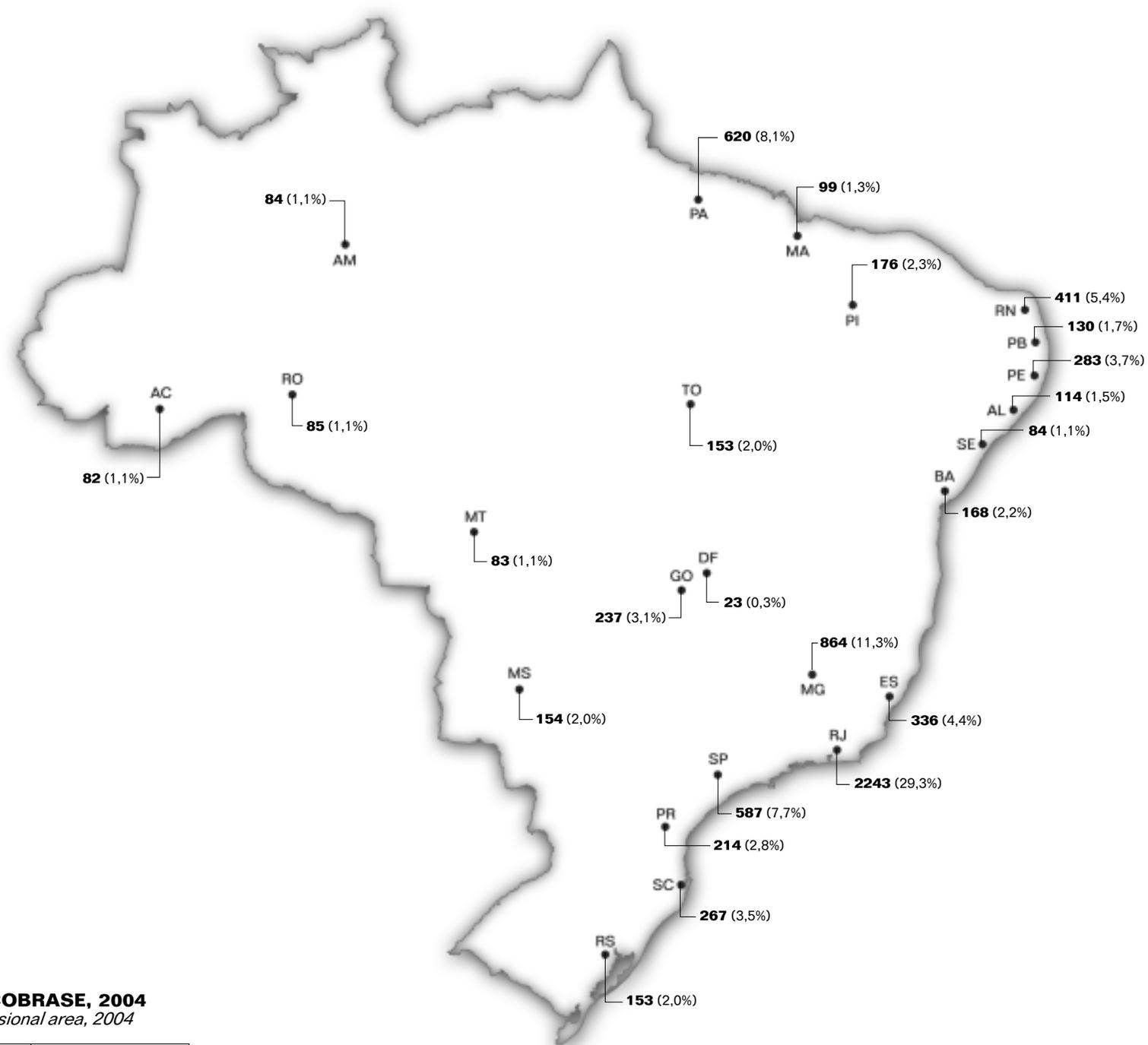


Tabela 1 / Table 1

Formação dos Membros do COBRASE, 2004
COBRASE membership per professional area, 2004

Área de Formação Professional areas	Estudantes Students		Profissionais Professionals	
	Nº	%	Nº	%
Educação Física	850	10 %	1.020	12%
Fisioterapia	765	9 %	893	10,5 %
Nutrição	722	8,5%	892	10,5 %
Medicina	213	2,5 %	850	10%
Enfermagem	-	-	765	9 %
Outros	170	2 %	510	6 %
Total	2.720	32%	4.930	58%

Brasil – Resultados esportivos I

Jogos Olímpicos e Jogos Pan-Americanos

ALEXANDRE M. CARVALHO

Brazil – Sports results I

Olympic Games and Pan-American Games

In sports the word 'results' uses specific characteristics in order to evaluate and classify the excellence of a country, athlete or team in a certain competition, tournament or sport discipline. In the 19th century, when several sports came up or were revived, records of the first competitions started to be registered. Table 1 shows some examples of the beginning of the process of organizing competition results by dates and by sports disciplines selected

Definições e origens A expressão “resultado” é freqüentemente entendida como efeito de uma ação, conseqüência, seguimento, termo ou fim. No esporte, a palavra resultado possui características próprias, servindo como um meio de classificação que denota a excelência de um país, atleta ou equipe numa determinada competição, prova ou modalidade esportiva. Poderá também expressar a tradição a partir do momento em que há uma certa repetição da excelência por parte de determinado país ou equipe; ou ainda servir como um meio de avaliação de políticas esportivas que se destinem a promover determinado país ou equipe, em certa modalidade esportiva ou tipo de competição. Os resultados esportivos têm origem atribuída pela maioria de seus especialistas internacionais aos Jogos Olímpicos da Grécia Antiga. Naquela época os vencedores olímpicos eram considerados heróis de suas cidades e seus nomes eram gravados em marcos de pedra e em estátuas comemorativas. O primeiro campeão olímpico que teve seu nome registrado – ou que pelo menos seu nome tenha chegado ao conhecimento do mundo atual -, foi Coreobus, campeão da prova de “estádio”, uma corrida de 192 metros, nos Jogos Olímpicos de 776 a.C. A partir de então, os resultados olímpicos passaram a ser continuamente registrados e servindo mesmo de base à datação de fatos históricos ocorridos na Antiga Grécia. No Século XIX, quando vários esportes surgiram ou foram restaurados, também foram realizados registros das primeiras competições. A Tabela 1 exhibe alguns exemplos de início de datação de resultados por modalidades esportivas selecionadas por início de regras próprias.

Tabela 1 – Data de início de registro de resultados em esportes selecionados

BEISEBOL	19 de junho de 1846
BASQUETEBOL	20 de janeiro de 1892
BOXE	1729 Jack Broughton, o primeiro campeão. 1867 regras do Marquês de Queenberry 1882 primeiro campeão oficial - John Sullivan, EUA
CICLISMO	31 de maio de 1868
GINÁSTICA	1811 Friedrich Ludwig Jahn cria primeiro local para prática de ginástica alemã 1896 nos Jogos Olímpicos de Atenas
ESQUI	1843 Noruega
NATAÇÃO	1837 Inglaterra
TÊNIS	1881 USTA Championships e depois, USA Open 1877 Wimbledon
HANDEBOL	1895
PENTATLO MODERNO	1912 Estocolmo, Suécia.
TIRO	1472 Suíça
FUTEBOL	1410 Itália 1672 Inglaterra

from their very beginning according to their own rules. Results started to be registered and kept in 1896 with the Olympic Games of the modern era, which set up examples and patterns. Table 2 lists the main authors and books on the Olympic Games organized according to current information and frequency of use by specialists. In Brazil there have been specialists in sports results since the 1950s. The pattern of the records shown below refers to

Tabela 2-Principais autores e livros sobre resultados dos Jogos Olímpicos, 1948 – 2000

Autores	Livros
Abrahams, Harold	XVII Olympiad Rome 1960, Cassell, London, 1960.
Bijkerk, Ton/ Paauw, Ruud	Gouden Boek van de Nederlandse Olympiers, De Vrieseborch, Haarlem, 1996
Buchanan, Ian	British Olympians, Guinness Publishing Ltd, Enfield, Middlesex, 1991
Bushnell, A. /Lentz, A.	United States Olympic Book 1960. New York 1961
Bushnell, A. / Lentz, A.	United States Olympic Book 1964, New York 1965
Charpentier, Henri	La Grande Histoire des Médailleurs Olympiques Français de 1896 a 1988, Robert Laffont, O.J.
Dohms, Gerhard	Olympia Helsinki 1952, XV. Olympische Sommerspiele 1952, 2 Teile, M. DuMont Schauberg Verlag, Köln, 1952
Greenberg, Stan	The Guinness Book of Olympic Facts and Feats, Guinness Publishing Ltd., 1996
Huberty, Ernst/ Wange, Willy	The Olympic Games 1968 Mexico-Grenoble, Lingen Verlag Köln 1968
Kamper, Erich/ Mallon, Bill	The Golden Book of the Olympic Games, Vallardi & Associati, Milano, 1992
Khavin, Boris	Wsjo ob olimpijskich igrach, Fiskultura i sport, Moskau, 1979
Kluge, Volker	Die Olympische Spiele von 1896-1980, Namen, Zahlen, Fakten, Sportverlag, Berlin, 1981
Kluge, Volker	Das grosse Lexikon der DDR-Sportler, Die 1.000 erfolgreichsten und populärsten Sportlerinnen und Sportler aus der DDR, ihre Erfolge und Biographien, Schwarzkopf Verlag, Berlin, 2000
Kluge, Volker	Olympische Winterspiele, Die Chronik, Sportverlag, Berlin, 1999
Kulge, Volker	100 Olympische Highlights, Momentaufnahmen Athen 1896-Atlanta 1996, Sportverlag, Berlin, 1996
Kürten, Dieter	Olympische Spiele 1988 Calgary - Seoul, Mosaik Verlag GmbH München 1988
Kürten, Dieter	Olympische Winterspiele Albertville 1992, Mosaik Verlag GmbH, München 1992
Lechenperg, Harald	Olympische Spiele 1956 Cortina - Stockholm - Melbourne, Copress Verlag München, 1957
Lechenperg, Harald	Olympische Spiele 1960 Squaw Valley-Rom, Schweizer Druck- und Verlagshaus AG Zürich
Lechenperg, Harald	Olympische Spiele 1968 Grenoble-Mexico City, Copress-Verlag München
Lechenperg, Harald	Olympische Spiele 1972 Sapporo - München, Copress-Verlag München, 1972
Lembke, Robert	Die Olympischen Spiele 1960 Rom-Squaw Valley, C. Bertelsmann Verlag, Gütersloh, 1960
Lembke, Robert	Die Olympischen Spiele 1964, Tokyo-Innsbruck, C. Bertelsmann Verlag, Gütersloh, 1964

Tabela 2 (continuação)

Lennartz, Karl/ Teutenberg, Walter	Die deutsche Olympia-Mannschaft von 1896, Kasseler Sportverlag, 1992
Lennartz, Karl und Mitarbeiter	Die Olympischen Spiele 1896 in Athen, Erläuterungen zum Neudruck des Offiziellen Berichtes, AGON-Sportverlag, Kassel 1996
Lennartz, Karl/ Teutenberg, Walter	II Olympische Spiele 1900 in Paris, AGON Sport Verlag, Kassel 1995
Lennartz, Karl/ Höfer, Andreas/Borgers, Walter	Olympische Siege, Medaillen - Diplome - Ehrungen, Herausgegeben vom Carl und Liselott Diem-Archiv, Olympische Forschungsstätte der Deutschen Sporthochschule Köln, Sportverlag, Berlin, 2000
Lyberg, Wolf	The Athletes of the Summer Olympic Games 1896-1996, IOC, 1999.
Lyberg, Wolf	The Athletes of the Games of the Olympiade 1896-1992, 4 Bände, IOC, 1993
Maegerlein, Heinz	Olympia 1960, Die XVII. Olympischen Sommerspiele in Rom, Wilhelm Limpert Verlag GmbH, Frankfurt am Main, 1960
Maegerlein, Heinz	Olympia 1964 Tokio, Wilhelm Limpert Verlag GmbH, Frankfurt am Main, 1964
Mallon, Bill	A Statistical Summeray of the 1904 Olympic Games, Durham, 1981
Mallon, Bill	The Unofficial Report of The 1920 Olympics, Antwerp, Belgium, 23 April-12 September 1920, MOST Publications, Durham, NC, 1992
Mallon, Bill/ Buchanan, Ian	Quest for Gold, The Encyclopedia of American Olympians, Leisure Press, New York, 1984
Maritchev, Gennadi	Who is Who at the Summer Olympics 1896-1992, Demarko Sport Publishing, Riga, 1996
Meisel, Heribert/ Grampp, Carl	Olympia 1960 Die Jugend der Welt in Rom und Squaw Valley, Südwest Verlag München
Meisel, Heribert/ Winkler, Hans-Jürgen	Olympia 1964 Die Jugend der Welt in Innsbruck und Tokio, Lizenzausgabe für Buchclub Ex Libris Zurich, Copyright Südwest-Verlag, München
Nilsson, Tore	Olympia 1948 XIV: de Olympiska Spelen i London och St. Moritz, Aahlén & Aakerlunds Förlag, Stockholm 1948
Nilsson, Tore/ Blomquist, Rolf	Olympia 1952 Rekordolympiaden i Helsingfors och Oslo i ord och bild, Aahlén & Aakerlunds Förlag, Stockholm, 1952
Nilsson, Tore	Olympia 1960 En bokfilm om VIII Olympiska Vinterspelen i Squaw Valley och XVII Olympiska Sommarspelen i Rom, Aahlén & Aakerlunds Förlags Ab, Stockholm 1960
Peereboom, Klaas	Olympisch Logboek 1948, De Bezige BIJ, Amsterdã, o.J.
Peereboom, Klaas	Olympisch Logboek 1952, De Bezige BIJ, Amsterdã, 1952
Stolze, Raymund	XXV. Olympische Sommerspiele Barcelona 1992, Sportverlag Berlin 1992

Tabela 2 – (continuação)

Valérien, Harry	Olympia 76 Montreal - Innsbruck, Südwest Verlag München
Valérien, Harry	Olympia'92 Die WinterspieleAlbertville, Südwest Verlag GmbH & Co.KG, München 1992
Wallechinsky, David	The Complete Book of the Summer Olympics, 1996 Edition, Little, Brown and Company, Boston, New York, Toronto, London, 1996
Wallechinsky, David	The Complete Book of the Summer Olympics, Sydney 2000 Edition, The Overlook Press, Woodstock & New York, 2000

No Brasil, desde a década de 1950, têm surgido especialistas e diletantes em resultados esportivos, sendo o pioneiro Adolpho Schermann, autor de “Os Desportos em Todo o Mundo”, edição da Revista da AABB, 1954, Rio de Janeiro (dois volumes, 1434 páginas). Neste contexto, em anos recentes, a Academia Olímpica Brasileira – órgão do Comitê Olímpico Brasileiro-COB – tem criado estímulos para nivelar especialistas brasileiros às demandas do Movimento Olímpico Internacional quanto ao aperfeiçoamento contínuo do registro de resultados esportivos. E, nesta linha de conta, insere-se o presente capítulo deste Atlas, como também o que se segue relacionado aos Campeonatos Mundiais e Paraolímpicos. O padrão seguido pelos registros apresentados a seguir refere-se aos resultados do Brasil nos Jogos Olímpicos e nos Jogos Pan-Americanos por data e local de realização, desdobrados por modalidade esportiva e respectivos atletas representantes do país. Na área olímpica, comentários foram aduzidos aos eventos constituindo resumos explicativos tanto dos Jogos como do desempenho da representação nacional. No caso dos resultados dos Jogos Pan-Americanos, a escala menor do evento com conseqüente maior regularidade das representações nacionais, dispensou tal tipo de esclarecimento.

BRASIL – RESULTADOS NOS JOGOS OLÍMPICOS

1920 – Antuérpia, Bélgica

Esporte: TIRO	Medalhas colocações	Atletas
Pistola de tiro rápido	OURO	Guilherme Paraense - 274 pontos
Pistola livre, 50m	PRATA	Afrânio da Costa - 489 pontos
Pistola livre, 50m, equipes	BRONZE	Afrânio da Costa - 489 pontos Guilherme Paraense - 456 pontos Sebastião Wolf - 454 pontos Dario Barbosa - 441 pontos Fernando Soledade - 424 pontos
Pistola de tiro rápido, 30m, equipes	4º lugar	Guilherme Paraense Afrânio da Costa Sebastião Wolf Dario Barbosa Fernando Soledade
PÓLO AQUÁTICO		
Masculino	6º lugar	Agostinho "Mangangá" de Sá, Alcides de Barros Paiva, Abrahão Saliture, Orlando Amendola, Edgard Leite Ribeiro, João Jório, Victorino "Chocolate" Ramos Fernandes, Ângelo Gammara, Adhemar Ferreira Serpa, Carlos Lopes.

O Brasil iniciou na Antuérpia sua história nos Jogos Olímpicos modernos. Começou com um bom desempenho nas provas de Tiro ao Alvo, nas quais conquistou 3 medalhas: uma de ouro, uma de prata e uma de bronze. Também participou das competições de Remo, com a equipe do quatro com timoneiro, eliminada na fase de classificação; de Pólo Aquático, vencendo a França por 5 a 1 e perdendo para a Suécia por 7 a 3; e da Natação, em que não alcançou qualquer colocação expressiva. Os Estados Unidos foram o maior destaque, com 95 medalhas, 41 de ouro. Resumo da participação brasileira: 5 colocações expressivas, em 2 modalidades, Tiro – 4 e Pólo Aquático – 1.

1924 – Paris, França

Esporte: REMO	Medalhas / colocações	Atletas
Esquife duplo	4º lugar (apenas 5 participantes)	Edmundo Castello Branco Carlos Castello Branco

O Brasil também participou das provas de Atletismo, mas os resultados não foram expressivos. Todos os seus atletas foram eliminados na fase de classificação. A colocação do Remo foi conseguida num universo de apenas 5 participantes. Os Estados Unidos conquistaram 99 medalhas, 45 de ouro. Resumo da participação brasileira: colocação expressiva, em 1 modalidade, Remo – 1.

1928 – Amsterdã, Holanda

O Brasil não participou dos Jogos Olímpicos de Amsterdã.

1932 – Los Angeles, Estados Unidos

Esporte: ATLETISMO	Medalhas / colocações	Atletas
4x100m		
Salto com vara	6º lugar (8 competidores)	Lúcio Almeida de Castro - 3.90m
Salto em distância	8º lugar	Clóvis de Figueiredo Raposo - 6.43m
REMO		
Dois com	4º lugar (4 participantes apenas)	José Ramalho, João Estevam Strata, Francisco Carlos Bricio - 8:53.2 min.
Esquife duplo	5º lugar (5 participantes)	Adamor Pinto Gonçalves, Henrique Tomasini

Os Jogos Olímpicos de 1932 tiveram um reduzido número de participantes em razão do alto custo da viagem da Europa para os Estados Unidos e da crise de 1929. O Brasil enviou representantes, mas não conseguiu conquistar uma única medalha. Os anfitriões norte-americanos conquistaram 103 medalhas, 41 de ouro. Resumo da participação brasileira: 4 colocações expressivas, em 2 modalidades, Atletismo – 2 e Remo – 2.

1936 – Berlim, Alemanha

Esporte: ATLETISMO	Medalhas / colocações	Atletas
400m com barreiras	5º lugar	Sylvio de Magalhães Padilha - 54.0s
BASQUETEBOL		
Masculino	8º lugar	Waldemar "Coroa" Gonçalves, Américo Montanarini, Aluizio "Baiano" Accioly Netto, Armando Albano, Carmine de Pilla, Ary "Pavão" dos Santos Furtado, Oscar Zelaya Alonso, Pedro Martinez, Antonio Luiz "Cacau" de Barros Nunes.
TIRO		
Carabina, deitado 50m	5º lugar	José Salvador Trindade Mello - 296 pontos.
NATAÇÃO		
400m, estilo livre, feminino	5º lugar	Piedade Coutinho de Azevedo - 5:35.2min

O Brasil competiu nas modalidades de Atletismo, Esgrima, Tiro ao alvo, Pentatlo Moderno, Ciclismo, Natação, Remo, Atletismo e Basquetebol. Entretanto, não se chegou ao pódio em qualquer delas. O aspecto significativo foi a maior diversidade de esportes em que o país se apresentou. A Alemanha superou os Estados Unidos e conquistou um total de 89 medalhas, 33 de ouro. Os EUA ficaram com 56 medalhas, 24 de ouro. Resumo da participação brasileira: 4 colocações expressivas, em 4 modalidades, Atletismo – 1, Basquetebol – 1, Tiro – 1, Natação – 1.

1948 – Londres, Inglaterra

Esporte: ATLETISMO	Medalhas colocações	Atletas
Salto triplo	5º lugar	Geraldo de Oliveira - 14.825m
Salto triplo	8º lugar	Hélio Coutinho da Silva - 14.49m
BOXE		
peso leve (+58, até 62kg)	5º lugar	Ralf Benedito Zumbano
HIPISMO		
Concurso individual	7º lugar	Aécio Morrot Coelho - 52.00 pontos perdidos. Montou "Guapo".
NATAÇÃO		
200m, peito	6º lugar	Willy Otto Jordan - 2:46.4 min
4x200m, livre	8º lugar	Sérgio Alencar Rodrigues, Willy Otto Jordan, Rolf Egon Kestener, Aram Boghossian - 9:31.0min
400m, livre, feminino	6º lugar	Piedade da Silva Tavares - 5:29.4 min
4x100m, livre, feminino	6º lugar	Eleanora Margarida Schmidt, Maria Leão da Costa, Talita de Alencar Rodrigues, Piedade Silva Tavares - 4:49.1 min
BASQUETEBOL	BRONZE	Zenny de Azevedo, João Francisco Bráz, Marcus Vinícius Dias, Affonso Azevedo Evora, Rui de Freitas, Alexandre Gemignani, Alberto Marson, Alfredo Rodrigues da Motta, Nilton Pacheco de Oliveira, Massinet Sorcinelli - 8 jogos, 7 vitórias, 1 derrota.

O Brasil repetiu nestes Jogos a variedade de representação ocorrida em 1936, com um resultado relevante: medalha de bronze com a equipe masculina de Basquetebol, voltando ao pódio olímpico depois de uma ausência de 28 anos. Os Estados Unidos recuperaram a hegemonia mundial olímpica, com 84 medalhas, 38 de ouro. Resumo da participação brasileira: 9 colocações expressivas, em 5 modalidades, Atletismo – 2, Boxe – 1, Hipismo – 1, Natação – 4, Basquetebol – 1.

1952 – Helsinque, Finlândia

Esporte: ATLETISMO	Medalhas / colocações	Atletas
Salto em altura	BRONZE	José Telles da Conceição - 1.98m
Salto em distância	4º lugar	Ary Façanha de Sá - 7.23m
Salto triplo	OURO	Adhemar Ferreira da Silva - 16.22m (recorde mundial)
Salto triplo	7º lugar	Geraldo de Oliveira - 14.95m
BOXE		
médio-ligeiro (- 71kg)	5º lugar	Paulo de Jesus Cavalheiro
meio-pesado (- 81 kg)	5º lugar	Lucio Grotone
TIRO		
Carabina deitado, 50m	8º lugar	Sebastião Moreira - 398/22 pontos
PENTATLO MODERNO		
Equipe	6º lugar	Eduardo Leal Medeiros, Aloysio Alves Borges, Eric Tinoco Marques - 313 pontos negativos.

1952 – Helsinque, Finlândia (continuação)

HIPISMO		
Saltos, individual	4º lugar	Elói Massey Oliveira de Menezes - 8.00 pontos negativos. Montou "Biguá".
Saltos, equipe	4º lugar	Elói Massey de Oliveira Menezes, Renildo Pedro Guimarães Ferreira, Álvaro Luciano Dias de Toledo - 56.50 pp.
NATAÇÃO		
1500m, livre	BRONZE	Tetsuo Okamoto - 18:51.3 min
SALTOS ORNAMENTAIS		
Trampolim	6º lugar	Milton Busin - 155.91 pts.
VELA		
Dragão	7º lugar	Wolfgang Richter, Peter Mangels, Francisco Felici Italo Osoldi - 2884 pts.
FUTEBOL		
Equipe	5º lugar	Carlos Martins Cavalheiro, Mauro Torres Homem Rodrigues, Waldir Villas Boas, Alves "Zózimo" Calazans, Adésio Alves Machado, Edison Campos Martins, Larry Pinto de Faria, Milton Pessanha, Edvaldo "Vava" Neto, Humberto Barbosa Tozzi, Jansen Moreira.
BASQUETEBOL		
Equipe	6º lugar	Almir Nelson de Almeida, José Luiz de Azevedo, Zenny de Azevedo, Angelo Bonfietti, João Francisco Bráz, Raymundo Carvalho dos Santos, Mayr Facci, Mario Jorge da Fonseca Hermes, Rui de Freitas, Sebastião Gimenez, Hélio Marques Pereira, Thales Monteiro, Alfredo Rodriguez da Motta.

A campanha do Brasil nos Jogos Olímpicos de 1952, ano em que a União Soviética participou pela primeira vez, apresentou uma boa consistência de resultados, principalmente nas provas de salto do Atletismo. Depois de 32 anos, voltou a ganhar uma medalha de ouro. Com a presença soviética teve início a Guerra Fria no esporte. Os Estados Unidos conquistaram 76 medalhas, 40 de ouro. A União Soviética totalizou 71 medalhas, 22 de ouro. Resumo da participação brasileira: 15 colocações expressivas, em 10 modalidades, Atletismo – 4, Boxe – 2, Tiro – 1, Pentatlo moderno – 1, Hipismo – 2, Natação – 1, Saltos ornamentais – 1, Vela – 1, Futebol – 1, Basquetebol – 1.

1956 – Melbourne, Austrália

Esporte: ATLETISMO	Medalhas / colocações	Atletas
200m	6º lugar	José Telles da Conceição
Salto triplo	OURO	Adhemar Ferreira da Silva
BASQUETEBOL		
Equipe	6º lugar	Zenny de Azevedo, Noel Marques Lisboa, Wlamir Marques, Angelo Bonfietti, Jamil Gedeão, Wilson Bombarda, Jorge Dortas Oliviere, Mayr Facci, Edson Bispo dos Santos, José Luiz Santos Azevedo, Fausto Sucena Rasga Filho, Amaury Antônio Passos.
BOXE		
Peso galo (-54kg)	5º lugar	Éder Jofre
TIRO		
Carabina, deitado	8º lugar	Severino Moreira - 597 pts.

A distância da viagem e seus altos custos fizeram com que o Brasil enviasse uma pequena delegação a Melbourne, a menor desde os Jogos de 1924. Além disso, o estabelecimento de índices obrigatórios para os esportes individuais limitou a presença de atletas brasileiros em várias competições. O destaque mais uma vez foi de Adhemar Ferreira da Silva, campeão no Salto triplo. A União Soviética supera os Estados Unidos pela primeira vez: conquista 98 medalhas, 37 de

ouro. Os Estados Unidos ficam com 74 medalhas, 32 de ouro. Resumo da participação brasileira: 5 colocações expressivas, em 4 modalidades, Atletismo – 2, Basquetebol – 1, Boxe – 1, Tiro – 1.

1960 – Roma, Itália

Esporte: CICLISMO	Medalhas / colocações	Atletas
Velocidade	5º lugar	Anésio Argenton
Quilômetro contra o relógio	6º lugar	Anésio Argenton - 1:09.96
NATAÇÃO		
100m, livre	BRONZE	Manuel dos Santos Júnior - 55.4s
VELA		
Finn	5º lugar	Reinaldo Conrad - 5176 pts
FUTEBOL	6º lugar	Equipe
BASQUETEBOL	BRONZE	Zenny de Azevedo, Edson Bispo dos Santos, Moyses Blas, Waldemar Blatkauskas, Carmo de Souza, Carlos Domingo Massoni, Waldyr Geraldo Boccardo, Wlamir Marques, Amaury Antônio Passos, Fernando Pereira de Freitas, Antônio Salvador Sucar, Jatyr Eduardo Shall

Além das medalhas de bronze, cabe destacar o excelente desempenho do ciclista Anésio Argenton. A União Soviética manteve a liderança esportiva mundial olímpica, com um total de 103 medalhas, 43 de ouro. Os Estados Unidos conquistaram 71 medalhas, 34 de ouro.

Resumo da participação brasileira: 6 colocações expressivas, em 5 modalidades, Ciclismo – 2, Natação – 1, Vela – 1, Futebol – 1, Basquetebol – 1.

1964 – Tóquio, Japão

Esporte: ATLETISMO	Medalhas / colocações	Atletas
Salto em altura, feminino	4º lugar	Aída dos Santos Menezes - 1.74m
BOXE		
Meio-médio-ligeiro (-63.5kg)	5º lugar	João Henrique da Silva
JUDÔ		
Médio (+68,-80kg)	5º lugar	Lhoffei Shiozawa
HIPISMO		
Saltos, individual	5º lugar	Nelson Pessoa Filho - 20.00 fp. Montou "Huipi!"
VELA		
Finn	7º lugar	Jörg Bruder - 4956 pts.
BASQUETEBOL		
Equipe	BRONZE	Edson Bispo dos Santos, Friedrich Wilhelm Braun, Carmo de Souza, Carlos Domingo Massoni, Wlamir Marques, Victor Mirshawka, Amaury Antonio Passos, Maciel Pereira Ubiratan, Antonio Salvador Sucar, Jatyr Eduardo Shall, José Edvar Simões, Sérgio de Toledo Machado.
VOLEIBOL	7º lugar	João Cláudio Franca, José Schwart da Costa, Hernando Leão de Oliveira, Newdon Emanuel de Victor, Carlos Albano Feitosa, Marco Antônio Volpi, Carlos Artur Nuzman, José de Oliveira Ramalho, Décio Viotti de Azevedo, Victor Barcellos Borges.

Nestes Jogos somente o Basquetebol masculino chegou ao pódio. Mas o destaque foi Aída dos Santos, quarta colocada no Salto em altura. A União Soviética superou os Estados Unidos em número de medalhas, 96 a 90. Porém, em número de títulos os EUA

venceram por 36 a 30. Resumo da participação brasileira: 7 colocações expressivas, em 7 modalidades, Atletismo – 1, Boxe – 1, Judô – 1, Hipismo – 1, Vela – 1, Basquetebol – 1, Voleibol – 1.

1968 – Cidade do México, México

Esporte: ATLETISMO	Medalhas / colocações	Atletas
Salto triplo	PRATA	Nelson Prudêncio - 17.27m
BOXE		
Peso mosca (-51kg)	BRONZE	Servílio de Oliveira
HIPISMO		
Saltos, equipe	7º lugar	Nelson Pessoa Filho "Pass-Op", Lucia Faria "Rush du Camp", José Fernandez Reynoso "Cantal" - 138.00 pn.
NATAÇÃO		
100m, peito	4º lugar	José Sylvio Fiolo - 4º lugar
VELA		
Flying Dutchman	BRONZE	Reinaldo Conrad, Burkhard Cordes - 48.4 pp.
Star	7º lugar	Erik Schmidt, Axel Schmidt - 74.4 pp.
REMO		
Esquife duplo	7º lugar	Harry Edmundo Klein, Edgard Gijsen
BASQUETEBOL		
Equipe	4º lugar	José Aparecido dos Santos, Carlos Domingo Massoni, José Edvar Simões, José Geraldo de Castro, Wlamir Marques, Luiz Cláudio Menon, Maciel Pereira Ubiratan, Hélio Rubens García, Antônio Salvador Sucar, Luiz Scarpini Celso, Carmo de Souza, Sérgio de Toledo Machado.

A campanha do Brasil nos Jogos Olímpicos de 1968 merece destaque pelas primeiras conquistas de medalha no Boxe e no latismo. Os Estados Unidos dominaram os Jogos, principalmente o Atletismo e a Natação, e acumularam um total de 107 medalhas, 45 de ouro, contra apenas 91 medalhas, 29 de ouro, da União Soviética. Resumo da participação brasileira: 8 colocações expressivas, em 7 modalidades, Atletismo – 1, Boxe – 1, Hipismo – 1, Natação – 1, Vela – 2, Basquetebol – 1, Remo – 1.

1972 – Munique, Alemanha

Esporte: ATLETISMO	Medalhas / colocações	Atletas
Salto triplo	BRONZE	Nelson Prudêncio - 17.05m
JUDÔ		
Meio-pesado (-93kg)	BRONZE	Chiaki Ishii
Aberto	7º lugar	Chiaki Ishii
TIRO		
Fossa Olímpica	8º lugar	Marcos José Olsen - 191 pts.
NATAÇÃO		
100m, peito	6º lugar	José Sylvio Fiolo - 1:06.24 min
4x100m, livre	4º lugar	Rui Tadeu Aquino Oliveira, Paulo Zanetti, Paulo Becskehazy, José Roberto Diniz Aranha - 3:33.14 min
4x100m, medley	5º lugar	Rômulo Duncan Arantes, José Silvio Fiolo, Sérgio Waismann, José Roberto Diniz Aranha - 3:57.89 min
VELA		
Soling	6º lugar	Axel Schmidt-Preben, Erik Oluf Schmidt-Preben, Patrick Motte Mascarenhas - 64.7 pp.
Star	4º lugar	Jörg Bruder, Jan Willem Aten - 52.7 pp.
Flying Dutchman	4º lugar	Reinaldo Conrad, Burkhard Cordes - 62.4 pp.
Tempest	7º lugar	Mário Backup, Peter Ficker - 73.7 pp.

1972 – Munique, Alemanha (continuação)

BASQUETEBOL	7º lugar	Joseph Washington, Radvilas Gorauskas, Ubiratan Maciel Pereira, Francisco Sérgio Garcia, Hélio Rubens Garcia, Marcos Leite Abdalla, José Aparecido dos Santos, Luiz Cláudio Menon, Adilson de Nascimento, José Edvar Simões, José Geraldo de Castro, Carlos Domingo Massoni.
VOLEIBOL	8º lugar	João Jens, Jorge Delan Couto, Antônio Carlos Moreno, Luiz Coelho Zech, José Marcelino, Mário Procópio, Paulo Roberto de Freitas, Décio Cattaruzzi, Alexandre Celso Kalache, Paulo "Russo" Sevcicuc, Alexandre Abeid, Aderval Luis Arvani

A participação brasileira nos Jogos Olímpicos de 1972 teve avanços em relação à Olimpíada anterior dada a primeira conquista de medalhas pelo Judô e pelo bom desempenho do latismo que, apesar de não ter conquistado medalhas, demonstrou força em quatro classes diferentes. A União Soviética superou os Estados Unidos: conquistou um total de 99 medalhas, 50 de ouro, contra 94 medalhas, 33 de ouro, dos Estados Unidos. A Alemanha Oriental se fez notar com um total de 66 medalhas, 20 de ouro. Resumo da participação brasileira: 13 colocações expressivas, em 7 modalidades, Atletismo – 1, Judô – 2, Tiro – 1, Natação – 3, Vela – 4, Basquetebol – 1, Voleibol – 1.

1976 – Montreal, Canadá

Esporte: ATLETISMO	Medalhas / colocações	Atletas
200m	5º lugar	Rui da Silva - 20.84s
Salto em distância	5º lugar	João Carlos de Oliveira - 8.00m
Salto triplo	BRONZE	João Carlos de Oliveira - 16.90m
BOXE		
Peso médio (-75kg)	5º lugar	Fernando Martins
NATAÇÃO		
400m, livre	4º lugar	Djan Garrido Madruga - 3:57.18min
1500m, livre	4º lugar	Djan Garrido Madruga - 15:19.84min
VELA		
Flying Dutchman	BRONZE	Reinaldo Conrad, Peter Ficker - 52.10 pontos perdidos
Finn	4º lugar	Claudio Biekarck - 54.70 pontos perdidos.
FUTEBOL		
Masculino	4º lugar	Carlos Rocha Gallo, Edval Tecão da Costa, Roberto Franqueira, Edino Nazareth Filho, Leovegildo Lins Gama, Alberto Ribeiro Marques, Mário dos Reis Emiliano, João Batista da Silva, Erivelto Martins, Mauro de Campos Filho, Júlio César da Silva Gurjol, Jarbas Tomazoli Nuñez, Rosemiro Corrêa de Souza, Eudes L. Medeiros, João Jesus dos Santos, Francisco Fraga da Silva, José Carlos Pessanha.
VOLEIBOL		
Masculino	7º lugar	Paulo Roberto de Freitas, Sérgio Danilas, Alexander Abeid, Elói de Oliveira Neto, Antônio Carlos Moreno, Bernard Rajzman, William Carvalho da Silva, Alexandre Kalache Celso, José Roberto Guimarães, Jean-Luc Rosat, Fernando d'Ávila Roscio, Paulo Roberto Peterle

A participação do Brasil nos Jogos Olímpicos de 1976 decresceu nos resultados, conquistando apenas 2 medalhas de bronze, uma no Atletismo, e outra na Vela, obtendo colocações expressivas, até oitavo lugar, em seis modalidades. Em Montreal, os países do Leste Europeu melhoraram significativamente seus resultados. A União Soviética cresceu no quadro de medalhas, com um total de 125, sendo 49 de ouro. Os Estados Unidos mantiveram seu total de quatro anos antes, 94 medalhas, mas ganharam uma de ouro a mais, 34. Porém, a Alemanha Oriental os superou em número de medalhas de ouro com 40, obtendo um total de 90, ao final. Resumo da participação brasileira: 10 colocações expressivas, em 6 modalidades, Atletismo – 3, Boxe – 1, Natação – 2, Vela – 2, Futebol – 1, Voleibol – 1.

1980 – Moscou, União Soviética

Esporte: ATLETISMO	Medalhas / colocações	Atletas
800m	4º lugar	Agberto Guimarães - 1:46.2min
4x100m	8º lugar	Milton Costa de Castro, Nelson Rocha dos Santos, Katsuiko Nakaia, Altevir Araújo Filho - 39.54s
4x400m	5º lugar	Paulo Roberto Correia, Antônio Dias Ferreira, Agberto Guimarães, Geraldo José Pegado - 3:05.9min
Salto triplo	BRONZE	João Carlos de Oliveira - 17.22m
BOXE		
Peso pena (-57kg)	5º lugar	Sidnei Dal Rovere
Peso médio-ligeiro (-71kg)	5º lugar	Francisco Carlos de Jesus
JUDÔ		
Peso médio (-86kg)	5º lugar	Walter Carmona
REMO		
Quatro com timoneiro	8º lugar	Laildo Machado, Wandir Küntze, Walter Soares, Henrique Johann, Manoel Novo
NATAÇÃO		
400m, livre	4º lugar	Djan Madruga Garrido - 3:54.15min
400m, medley	5º lugar	Djan Madruga Garrido - 4:26.81min
4x200m, livre	BRONZE	Jorge Luiz Fernandes Leite, Marcus Laborne Mattioli, Ciro Marques Delgado, Djan Madruga Garrido - 7:29.30 min
4x100m, medley	8º lugar	Romulo Duncan Arantes, Sérgio Pinto Ribeiro, Cláudio Mamede Kestener, Jorge Luiz Fernandes (Ciro Marques Delgado - reserva) - 3:53.23min
VELA		
Classe Flying Dutchman	8º lugar	Reinaldo Conrad, Manfred Kaufmann - 63.4 pp.
Classe 470	OURO	Marcos Pinto Rizzo Soares, Eduardo Henrique Penido - 36.4 pp.
Classe Soling	6º lugar	Vicente D'Ávila Melo Brun, Gastão D'Ávila Melo Brun, Roberto Luiz Souza - 47.1 pp.
Classe Tornado	OURO	Alexandre Welter, Lars Sigurd Bjorkström - 21.4 pp.
Classe Finn	4º lugar	Claudio Biekarck - 53.0 pp.

1980 – Moscou, União Soviética (continuação)

BASQUETEBOL		
Masculino	5º lugar	André Ernesto Stoffel, José Carlos Saiani, Luiz Gustavo de Lage, Milton Setrini, Wagner Machado da Silva, Marcos Abdalla Leite, Gilson Trindade de Jesus, Marcel Ramon Ponikwar de Souza, Adilson de Nascimento, Marcelo Vido, Oscar Daniel Schmidt, Ricardo Cardoso Guimarães.
VOLEIBOL		
Masculino	5º lugar	João Alves Granjeiro, Mario Xandó Oliveira Neto, Antonio Carlos Ribeiro Gueiros, José Montanaro Júnior, Antônio Carlos Moreno, Renan Dal Zotto, William Carvalho Silva, Amaury Ribeiro, Bernardo Rocha Rezende, Jean Luc Rosat, Geraldo Wanderley, Bernard Rajzman
Feminino	7º lugar	Denise Porto Mattioli, Ivonette das Neves, Lenice Peluso Oliveira, Regina Vilela Santos, Fernanda Emerick Silva, Paula Rodrigues Mello, Maria Isabel Alencar, Eliana Maria Aleixo, Maria Castanheira, Jacqueline Silva, Vera Helena Mossa, Rita Cássia Teixeira.

Em Moscou, o Brasil obteve a melhor campanha de sua história olímpica até então: conquistou um total de 4 medalhas, 2 de ouro e 2 de bronze. Destacou-se na Vela ao vencer as classes Tornado e 470. Porém, os resultados somente foram possíveis em virtude do boicote dos Estados Unidos e países aliados. Muitos países europeus deixaram suas Federações Esportivas decidirem se compareceriam ou não a Moscou. A Vela, o Hipismo e o Hóquei sobre a grama sofreram os maiores boicotes. A anfitriã União Soviética conquistou um total de 195 medalhas, 80 de ouro. A Alemanha Oriental ficou numa distante segunda posição, com 126 medalhas, 47 de ouro. Resumo da participação brasileira: 20 colocações expressivas, em 8 modalidades, Atletismo – 4, Boxe – 2, Judô – 1, Remo – 1, Natação – 4, Vela – 5, Basquetebol – 1, Voleibol – 2.

1984 – Los Angeles, Estados Unidos

Esporte: ATLETISMO	Medalhas / colocações	Atletas
200m	4º lugar	João Batista Eugênio da Silva - 20.30s
800m	OURO	Joaquim Carvalho Cruz - 1:43.00min
4x100m	8º lugar	Arnaldo da Silva, Nelson Rocha dos Santos, Katsuiko Nakaia, Paulo Roberto Correia (Róbson Caetano da Silva - reserva) 39.40s
FUTEBOL		
Masculino.	PRATA	Gilmar Rinaldi, Ronaldo Silva, Jorge Luiz Brum, Mauro Galvão, Ademir Roque Kaeser, André Luiz Ferreira, Paulo Santos, Carlos "Dunga" Verri, João Leiehardt Neto, Augilmar Oliveira, Silvio Paiva, Luiz Carlos Winck, Davi Cortez Silva, Antônio José Gil, Francisco "Chicão" Vidal, Milton Cruz.

1984 – Los Angeles, Estados Unidos (continuação)

JUDÔ		
Peso extra-leve (-60)	7º lugar	Luis Shinohara
Peso meio-leve (-65)	7º lugar	Sérgio Sano
Peso leve (-71kg)	BRONZE	Luís Onmura
Peso médio (-86kg)	BRONZE	Walter Carmona
Peso meio-pesado (-95kg)	PRATA	Douglas Vieira
REMO		
Dois sem	8º lugar	Ronaldo Carvalho, Ricardo Carvalho
Dois com	4º lugar	Valter Hime Soares, Angelo Rosio Neto, Nilton Silva Alonco
Quatro com	7º lugar	Andre Berezin, Luiz Santos, Denis Marinho, Laildo Machado, Manoel Novo
VELA		
Classe Finn	8º lugar	Jorge Zarif Neto - 78.7 pontos perdidos
Classe Tornado	7º lugar	Lars Grael, Glein Haynes - 74.7 pontos perdidos
Classe Soling	PRATA	Torben Grael, Daniel Adler, Ronaldo Senfft - 43.4 pontos perdidos.
Classe Flying Dutchman	6º lugar	Alan Adler, Marcus Tenke - 61.7 pontos perdidos.
TIRO		
Pistola de Tiro rápido	4º lugar	Delival Nobre - 591/141 pontos
Pistola esporte - feminino	7º lugar	Debora Srouf - 578 pontos
NATAÇÃO		
200m, costas	4º lugar	Ricardo Prado - 2:03.05min
400m, medley	PRATA	Ricardo Prado - 4:18.45min
VOLEIBOL		
Masculino.	PRATA	Bernardo Rezende, Mario Xandó Oliveira Neto, Antônio Ribeiro, José Montanaro Júnior, Ruy Campos Nascimento, Renan Dal Zotto, William Carvalho Silva, Amauri Ribeiro, Marcus Freire, Domingos Lampariello Neto, Bernard Rajzman, Fernando d'Ávila.
Feminino	7º lugar	Vera Leme, Fernanda da Silva, Mônica de Silva, Maria Salgado, Heloisa Roese, Regina Pereira Uchoa, Jacqueline Silva, Ana Maria Richa, Sandra Lima, Eliani Miranda da Costa, Luiza Pinheiro Machado, Ana "Ida" Alvares

Em 1984, em Los Angeles, o Brasil superou seus próprios resultados nas Olimpíadas de Moscou e realizou sua melhor campanha na história dos Jogos Olímpicos. Conquistou um total de 8 medalhas, 1 de ouro, 5 de prata e 2 de bronze. Porém, esse desempenho só foi possível em virtude da ausência dos países do Bloco Socialista, notadamente da União Soviética e da Alemanha Oriental. Os Estados Unidos conquistaram um total de 174 medalhas, 83 de ouro. Resumo da participação brasileira: 22 colocações expressivas, em 8 modalidades, Atletismo – 3 Futebol – 1, Judô – 5, Remo – 3, Latismo – 4, Tiro – 2, Natação – 2, Voleibol – 2.

1988 – Seul, Coréia do Sul

Esporte:	Medalhas / colocações	Atletas
ATLETISMO		
100m	5º lugar	Róbson Caetano da Silva - 10.11s
200m	BRONZE	Róbson Caetano da Silva - 20.04s
800m	PRATA	Joaquim Carvalho Cruz - 1:43.90 min
800m	6º lugar	José Luiz Barbosa - 1:46.39min
BASQUETEBOL		
Masculino	5º lugar	Paulo Villas Boas de Almeida, Jorge Guerra, Gerson Victalino, João "Pipoka" Vianna, Rolando Ferreira, Ricardo Cardoso Guimarães, Maury Ponikwar De Souza, Marcel Ponikwar De Souza, Luiz Azevedo, Paulo Silva, Oscar Schmidt, Israel Andrade
HIPISMO		
Saltos, equipe	8º lugar	Christina Johannpeter "Société", André Johannpeter "Heartbreaker", Vítor Alves Teixeira "Going", Paulo Stewart "Platon" - 75.00 pp.
FUTEBOL		
Masculino	PRATA	Cláudio Taffarel, Jorge "Jorginho" Campos, João Santos Batista, Ricardo Raimundo, Ademir Roque Kaeser, Geovani Silva, Edmar dos Santos, Hamilton "Careca II" de Souza, Romário de Souza Faria, José Araújo, André Cruz, Luiz Winck, Aloisio Alves, Milton de Souza Filho, José Ferreira Neto, Sérgio Luiz, Jorge "Andrade" da Silva, José "Bebeto" Gama de Oliveira.
JUDÔ		
Peso meio-pesado (-95kg)	OURO	Aurélio Miguel
VELA		
Classe tornado	BRONZE	Lars Grael, Clínio de Freitas - 40.1 pontos perdidos
Classe Star	BRONZE	Torben Grael, Nelson Falcão - 50.0 pontos perdidos
Classe Soling	5º lugar	José Paulo Dias, José Augusto Dias, Christoph Bergman - 67.4 pontos perdidos
Classe Flying Dutchman	7º lugar	Alan Adler, Marcus Temke - 76.4 pontos perdidos
NATAÇÃO		
200m, costas	8º lugar	Rogério Romero - 2:02.28min
VOLEIBOL		
Masculino.	4º lugar	Maurício Camargo Lima, Wagner Rocha, Paulo Roese, José Montanaro, Paulo Juroski "Paulão" da Silva, Renan Dal Zotto, William da Silva, Amauri Ribeiro, Antônio "Carlão" Aguiar Gouveia, Domingos Lampariello Netto, Leonídio De Pra Filho, André Falbo Ferreira.
Feminino	6º lugar	Kerly Santos, Ana Moser, Vera Mossa, Eliani Costa, Ana Maria Richa, Maria Trade, Ana Cláudia Ramos, Márcia Cunha, Ana Barros, Sandra Suruagy, Fernanda Venturini, Simone Storm

A participação brasileira nos Jogos Olímpicos de Seul pode ser considerada melhor do que a de quatro anos antes em Los Angeles, quando houve o boicote. Embora tenha conquistado 2 medalhas a menos, o fato de enfrentar Estados Unidos, Alemanha Oriental e União Soviética, juntos, deu ao Brasil seu melhor desempenho relativo, obtendo bons resultados em 8 modalidades. A União Soviética conquistou um total de 132 medalhas, 55 de ouro. A Alemanha Oriental obteve 102 medalhas, 37 de ouro. Os Estados Unidos marcaram posição com 94 medalhas, 36 de ouro. Resumo da participação brasileira: 15 colocações expressivas, em 8 modalidades, Atletismo – 4, Basquetebol – 1, Hipismo – 1, Futebol – 1, Judô – 1, Vela – 4, Natação – 1, Voleibol – 2.

1992 – Barcelona, Espanha

Esporte:	Medalhas / colocações	Atletas
ATLETISMO		
200m	4º lugar	Róbson Caetano da Silva - 20.45s
800m	4º lugar	José Luiz Barbosa - 1:45.06 min
4x400m	4º lugar	Róbson Caetano da Silva, Edilson Rocha Tenório, Sérgio Matias De Menezes, Sidney Telles de Souza (Eronilde Nunes de Araújo - reserva) - 3:01.61min
BASQUETEBOL		
Masculino.	5º lugar	Paulo Vilas Boas, Jorge Guerra, Gerson Victalino, João Pipoka Vianna, Ricardo Cardoso Guimarães, Maury Ponikwar de Souza, Marcel Ponikwar de Souza, Aristides Josuel Dos Santos, Wilson Fernando Minuci, Oscar Schmidt, Rolando Ferreira, Israel Machado.
Feminino.	7º lugar	Hortência Marcari Oliva, Helen Santos Luz, Nádia de Lima, Vânia Souza, Maria Paula Silva, Janeth Arcain, Adriana Santos, Marta de Souza Sobral, Ruth Souza, Maria Bertolotti, Joycenara Batista, Simone Pontello.
JUDÔ		
Peso meio-leve (-65kg)	OURO	Rogério Sampaio Cardoso
VELA		
Classe Tornado	8º lugar	Lars Grael, Clínio de Freitas - 69.7 pontos perdidos.
NATAÇÃO		
100m, livre	PRATA	Gustavo Borges - 49.43s
4x100m, livre	6º lugar	José Souza Júnior, Gustavo Borges, Emanuel Fortes Nascimento, Cristiano Michelena - 3:20.99 min
4x200m, livre	7º lugar	Gustavo Borges, Emanuel Fortes Nascimento, Teófilo Laborne Ferreira, Cristiano Michelena - 7:24.03 min
TÊNIS		
Simple	5º lugar	Jaime Oncins
VOLEIBOL		
Masculino	OURO	Marcelo Teles Negrão, Jorge Souza de Brito, Giovane Farinazzo Gavio, Paulo "Paulão" Jurovski da Silva, Maurício Camargo Lima, Janelson Carvalho Santos, Douglas Chiarotti, Antônio Carlos Aguiar Gouveia, Talmo Curto de Oliveira, André Falbo Ferreira, Alexandre "Tande" Ramos Samuel, Amauri Ribeiro.
Feminino	4º lugar	Ana Moser, Hilma Caldeira, Ana "Ida" Alvares, Ana Rodrigues, Ana Flávia Sanglard, Cristina Lopes, Leila Barros, Ana Barros, Márcia Cunha, Daniela Chritaro, Fernanda Venturini, Hélia "Fofão" Souza.

A participação do Brasil nos Jogos Olímpicos de 1992 apresentou uma queda, embora tenha conquistado dois títulos olímpicos: um no Voleibol e outro no Judô. Somente alcançou-se o pódio 3 vezes, numa disputa que viu o declínio do Leste Europeu como potência esportiva, principalmente da Alemanha, e da antiga União Soviética, que competiu como Equipe Unificada, e da Bulgária. A Equipe Unificada teve o melhor desempenho, totalizando 112 medalhas, 45 de ouro. Os Estados Unidos obtiveram 108 medalhas, 37 de ouro. A Alemanha, agora unificada, conquistou 82 medalhas, 33 de ouro. Resumo da participação brasileira: 13 colocações expressivas, em 7 modalidades, Atletismo – 3, Basquetebol – 2, Judô – 1, Vela – 1, Natação – 3, Tênis – 1, Voleibol – 2.

1996 – Atlanta, Estados Unidos

Esporte:	Medalhas / colocações	Atletas
ATLETISMO		
400m com barreiras	7º lugar	Everson Teixeira - 48.57s
400m com barreiras	8º lugar	Eronilde Araújo - 48.78s
4x100m	BRONZE	Arnaldo de Oliveira Silva, Róbson Caetano da Silva, Edson Luciano Ribeiro, André Domingos Silva - 38.41s
BASQUETEBOL		
Masculino.	6º lugar	André "Rato" Fonseca, Antônio José Santana, Aristides Josuel dos Santos, Caio Cassiolato, Caio Silveira, Carlos "Olivia" do Nascimento, Demétrius Ferraciu, João "Pipoka" Vianna, Joélcio Joerke, Oscar Schmidt, Rogério Klafke, Wilson Fernando Minuci
Feminino	PRATA	Hortência Marcarí Oliva, Maria Paula Silva, Janeth Arcain, Marta de Souza Sobral, Alessandra Oliveira, Maria Branca Silva, Adriana Santos, Leila Sobral, Roseli Gustavo, Sílvia "Silvinha" Luz, Cintia Santos, Cláudia Maria Pastor
BOXE		
Peso meio-pesado (-81 kg)	5º lugar	Daniel Bispo
CANOAGEM		
Caiaque, individual, 1000m	8º lugar	Sebastian Cuattrin - 3:34.669min
HIPISMO		
Saltos, individual	8º lugar	Alvaro Miranda Neto "Aspen" - 4-16 pontos perdidos
Saltos, equipe	BRONZE	Rodrigo Pessoa "Tomboy", Alvaro Miranda Neto "Aspen", Luiz Felipe Azevedo "Cassiana", André Johannpeter "Calei" - 17.25 pontos perdidos.
FUTEBOL		
Masculino	BRONZE	Nelson Silva, José "Zé Maria" Ferreira, Aldair Nascimento Santos, Ronaldo Guiaro, Flávio da Conceição, Roberto Carlos da Silva, José "Bebeto" Gama de Oliveira, Alexandre "Amaral" da Silva Mariano, Oswaldo "Juninho" Giroldo, Rivaldo Borba Ferreira, Sávio Bortolini Pimentel, "Narciso" André Luiz Moreira, José "Zé Elias" Moedin, Marcelo "Marcelinho Paulista" de Souza, Luiz "Luizão" Goulart, Ronaldo Nazario Lima.
Feminino.	4º lugar	Margarete "Meg" Pioresan, Elissandra "Nenê" Cavalcanti, Suzy Bitencourt de Oliveira, Roselane "Fanta" Motta, Márcia Taffarel, Elane dos Santos Rego, Delma "Pretinha" Gonçalves, Miraildes "Formiga" Mota, Mariela "Michael Jackson" dos Santos, Sisleide "Sissi" Lima do Amor, Roseli de Belo, Diedja Barreto, Marisa Pires Nogueira, Tânia Pereira Ribeiro, Nilda do Nascimento, Sônia "Acre" da Costa.

1996 – Atlanta, Estados Unidos (continuação)

JUDÔ		
Peso meio-leve (-65 kg)	BRONZE	Carlos Henrique Guimarães
Peso leve (-71 kg)	5º lugar	Sebastian Pereira
Peso meio-médio (-78 kg)	7º lugar	Flávio Canto
Peso meio-pesado (-95 kg)	BRONZE	Aurélio Miguel
Peso pesado (+72 kg) - feminino	7º lugar	Edinanci Silva
VELA		
Classe Laser	OURO	Robert Scheidt
Classe Tornado	BRONZE	Lars Grael, Henrique "Kiko" Pellicano - 43 pontos perdidos.
Classe Star	OURO	Marcelo Ferreira, Torben Grael - 25 pontos perdidos.
NATAÇÃO		
50m, livre	BRONZE	Fernando Scherer - 22.29s
100m, livre	BRONZE	Gustavo Borges - 49.02s
100m, livre	5º lugar	Fernando Scherer - 49.57s
200m, livre	PRATA	Gustavo Borges - 1:48.08 min
4x100m, livre	4º lugar	Fernando Scherer, Alexandre Massura, André Cordeiro, Gustavo Borges - 3:18.30min
TÊNIS		
Simples	4º lugar	Fernando Meligeni
VOLEIBOL		
Masculino.	5º lugar	Marcelo Teles Negrão, Cássio Leandro Pereira, Giovane Farinazzo Gavio, Paulo "Paulão" Juroski da Silva, Maurício Camargo Lima, Fábio "Pinha" Marcelino, Antônio Carlos Aguiar Gouveia, Max Pereira, Nalbert Bitencourt, Alexandre "Tande" Ramos Samuel, Gilson Bernardo, Carlos Schwanke.
Feminino	BRONZE	Ana Moser, Ana "Ida" Alvares, Ana Paula Connelly, Leila Barros, Hilma Caldeira, Virna Dias, Márcia Cunha, Ericléia "Filó" Bodziak, Ana Flávia Sanglard, Fernanda Venturini, Hélia "Fofão" Souza, Sandra Suruagy.
VOLEIBOL DE PRAIA		
Dupla, feminina	OURO	Sandra Pires, Jacqueline Silva
Dupla, feminina	PRATA	Mônica Rodrigues, Adriana Ramos Samuel.

A campanha brasileira nos Jogos Olímpicos de 1996 foi excelente. Conquistou um total de 15 medalhas, 3 de ouro, 3 de prata e 9 de bronze. Não houve qualquer boicote, o que realçou ainda mais o feito nacional. É certo que as mudanças ocorridas no Leste Europeu afetaram profundamente as representações esportivas daqueles países, mas a evolução brasileira foi evidente. Em 9 modalidades os atletas brasileiros alcançaram o pódio e em 12 conseguiram colocações expressivas. Além disso, soma-se o fato das mulheres terem conquistado suas primeiras medalhas olímpicas para o país, inclusive com um título no Voleibol de praia. Com o fim da União Soviética e da Alemanha Oriental, os Estados Unidos conseguiram uma folgada liderança, com 101 medalhas, 44 de ouro. A Alemanha obteve 65 medalhas, 20 de ouro, enquanto a Rússia ficou com 63 medalhas, 26 de ouro. Resumo da participação brasileira: 29 colocações expressivas, em 12 modalidades, Atletismo – 3, Basquetebol – 2, Boxe – 1, Canoagem – 1, Hipismo – 2, Futebol – 2, Judô – 5, Vela – 3, Natação – 5, Tênis – 1, Voleibol – 2, Voleibol de praia – 2.

2000 – Sydney, Austrália

Esporte:	Medalhas / colocações	Atletas
ATLETISMO		
200m	6º lugar	Claudinei Quirino da Silva - 20.28s
400m	4º lugar	Sanderlei Claro Parrela - 45.01s
400m com barreiras	5º lugar	Eronilde Nunes de Araújo - 48.34s
4x100m	PRATA	Vincente Lenilson de Lima, Edson Luciano Ribeiro, André Silva, Claudinei Quirino da Silva - 37.90s
BASQUETEBOL		
Feminino	BRONZE	Janeth Arcain, Ilisaine Karen David, Lilian Cristina Gonçalves, Helen Cristina Luz, Sílvia Andrea Luz, Cláudia Neves, Alessandra Oliveira, Adriana Pinto, Adriana Santos, Cintia Santos, Kelly Santos, Marta Sobral
FUTEBOL		
Masculino	7º lugar	Alexandro de Souza, Álvaro de Aquino, André Luís Garcia, Athirson Mazolli e Oliveira, Dermival Almeida Lima "Baiano", Luiz Eduardo Schmidt, Fabiano Pereira da Costa, Fábio Aurélio Rodrigues, Fábio "Bilica" da Silva, Fábio Costa, Geovanni Deiberson Maurício, Helton da Silva Arruda, Lucas Severino, "Lucio" Lucimar da Silva Ferreira, Marcos Paulo Alves, Mozart Santos Batista, Roger Galera Flores, "Ronaldinho" Ronaldo de Assis Moreira.
Feminino	4º lugar	Andréia Suntaque, Maria Dias Aparecida de Souza "Cidinha", Daniela Lima, Miraildes "Formiga" Mota, Juliana Cabral Ribeiro, Kátia da Silva Teixeira, Andréia dos Santos "Maicon", Marlisa Wahlbrink "Maravilha", Monica de Paula, Elissandra Cavalcante "Nenê", Delma Gonçalves "Pretinha", Raquel Souza Noronha, Rosana Augusto, Roseli de Belo, Jatoba Simone, Sisleide de Amor Lima "Sissi", Silvana da Silva Ferreira, Tania Ribeiro Perreira.
GINÁSTICA RÍTMICA		
Equipe, feminina	8º lugar	Camila Amarante, Natália Eidt, Flávia Faria, Alessandra Guidugli, Thalita Nakodomari, Dayane Silva - 38.266 pontos
HANDEBOL		
Feminino	8º lugar	Rosana Aleluia, Margarida Conte, Viviani Jaques, Fátima Loureiro, Chana Masson, Idalina Mesquita, Margareth Montão, Alessandra Oliveira, Valéria Oliveira, Dilane Roese, Maria Sales, Aline Silva, Lucila Silva
HIPISMO		
Saltos, individual	4º lugar	André Johannpeter "Calei" - 8.00 pontos perdidos
Saltos, equipe	BRONZE	Rodrigo Pessoa "Baloubet de Rouet", Luiz Felipe de Azevedo "Ralph", Álvaro Miranda Neto "Aspen", André Johannpeter "Calei"
Concurso, equipe	6º lugar	Luiz Augusto Faria "Hunfer", Vicente Araújo Neto "Teveri", Éder Pagoto "Amazonian Do Feroletto", Serguei Fofanoff "Sanderston" - 333.40 pontos perdidos

JUDÔ		
Peso leve (-73 kg)	PRATA	Tiago Camilo
Peso médio(-90 kg)	PRATA	Carlos Honorato
Peso meio-pesado (-100 kg)	7º lugar	Mário Sabino Júnior
Peso meio-médio (-63kg) - feminino	7º lugar	Vânia Ishii
Peso meio-pesado (-78 kg)	7º lugar	Edinanci Silva
Peso pesado (+78 kg)	7º lugar	Priscila Marques
NATAÇÃO		
4x100m, livre	BRONZE	Fernando Scherer, Gustavo Borges, Carlos Jayme, Edvaldo Silva Filho - 3:17.40min
200m, costas	7º lugar	Rogério Romero - 1:59.27min
TÊNIS		
Simplex	5º lugar	Gustavo Kuerten
VELA		
Classe Laser	PRATA	Robert Scheidt - 44 pontos perdidos
Classe Star	BRONZE	Torben Grael, Marcelo Ferreira - 39 pontos perdidos.
VOLEIBOL		
Masculino	6º lugar	Dante Amaral, Nalbert Bitencourt, Douglas Chiarotti, Marcelo Elgarten, Gustavo Endres, Giovanne Gavio, Giba Godoy Filho, André Heller, Maurício Lima, Max Pereira, Alexandre Samuel, Gilmar Teixeira
Feminino	BRONZE	Leila Barros, Erika Coimbra, Janina Conceição, Vima Dias, Kelly Fraga, Ricarda Lima, Kátia Lopes, Elisângela Oliveira, Waleska Oliveira, Karin Rodrigues, Raquel Silva, Fofão Souza.
VOLEIBOL DE PRAIA		
Duplas, masculino	PRATA	Ricardo Santos, José "Zé Marco" Melo.
Duplas, feminino	PRATA	Adriana Behar, Shelda Bede
Duplas, feminino	BRONZE	Adriana Samuel, Sandra Pires

O Brasil teve uma boa participação nos Jogos Olímpicos de Sydney, embora tenha sido prejudicada pela ausência de uma medalha de ouro olímpica. A última vez que ficara sem um título de primeira colocação fora em 1976, nos Jogos de Montreal. Contudo, a conquista de 12 medalhas em 8 modalidades esportivas representou o segundo melhor desempenho brasileiro na história olímpica, como também, em relação a 1996, manteve uma consistência de resultados. Os Estados Unidos conquistaram 97 medalhas, 40 de ouro. A Rússia ficou com 88 medalhas no total, 32 de ouro. Resumo da participação brasileira: 28 colocações expressivas, em 12 modalidades, Atletismo – 4, Basquetebol – 1, Futebol – 2, Ginástica rítmica – 1, Handebol – 1, Hipismo – 3, Judô – 6, Natação – 2, Tênis – 1, Vela – 2, Voleibol – 2, Voleibol de praia – 3.

Tabela 3 – Quadro geral da participação do Brasil nos Jogos Olímpicos, 1920 – 2000

Ano do evento	(1) Colocações expressivas	(2) Modalidades em que obteve resultados de (1)	(3) Número de medalhas - total (ouro-prata-bronze)	Modalidades em que obteve resultados de (3)
1920	5	2	3 (1-1-1)	1
1924	1	1	-	-
1928	-	-	-	-
1932	4	2	-	-
1936	4	4	-	-
1948	9	5	1 (0-0-1)	1
1952	15	10	3 (1-0-2)	2
1956	5	4	1 (1-0-0)	1
1960	6	5	2 (0-0-2)	2
1964	7	7	1 (0-0-1)	1
1968	8	7	3 (0-1-2)	3
1972	13	7	2 (0-0-2)	2
1976	10	6	2 (0-0-2)	2
1980	20	8	4 (2-0-2)	3
1984	22	8	8 (1-5-2)	6
1988	15	8	6 (1-2-3)	4
1992	13	7	3 (2-1-0)	3
1996	29	12	15 (3-3-9)	9
2000	28	12	12 (0-6-6)	8
TOTAL	214		66 (12-19-35)	

Tabela 4 – Colocações expressivas do Brasil em Jogos Olímpicos por modalidade esportiva^(*)

ANO	ATL	VEL	NAT	JUD	VOL	BAS	HIP	BOX	TIR	FUT
1920	-	-	-	-	-	-	-	-	4	-
1924	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1928	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1932	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1936	1	-	1	-	-	1	-	-	1	-
1948	2	-	4	-	-	1	1	1	-	-
1952	4	1	1	-	-	1	2	2	1	1
1956	2	-	-	-	-	1	-	1	1	-
1960	-	1	1	-	-	1	-	-	-	1
1964	1	1	-	1	1	1	1	1	-	-
1968	1	2	1	-	-	1	1	1	-	-
1972	1	4	3	2	1	1	-	-	1	-
1976	3	2	2	-	1	-	-	1	-	1
1980	4	5	4	1	2	1	-	2	-	-
1984	3	4	2	5	2	-	-	-	2	1
1988	4	4	1	1	2	1	1	-	-	1
1992	3	1	3	1	2	2	-	-	-	-
1996	3	3	5	5	2	2	2	1	-	2
2000	4	2	2	6	2	1	3	-	-	2
TOTAL	38	30	30	22	15	15	11	10	10	9

(*) Colocações expressivas: todas aquelas que se situaram entre os oito melhores colocados em cada prova, mesmo nas competições com menos de oito participantes.

Tabela 4 (continuação)

	REM	VPR	TEN	CIC	CAN	GRD	HAN	PAQ	PM	SOR	TOTAL
1920	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	5
1924	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
1928	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1932	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4
1936	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4
1948	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9
1952	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	15
1956	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5
1960	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	6
1964	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7
1968	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8
1972	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13
1976	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10
1980	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	20
1984	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	22
1988	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	15
1992	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	13
1996	-	2	1	-	1	-	-	-	-	-	29
2000	-	3	1	-	-	1	1	-	-	-	28
TOTAL	8	5	3	2	1	1	1	1	1	1	214

Tabela 5 – Principais esportes do Brasil de acordo com número de medalhas olímpicas

ESPORTE	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
1. Vela	12	4	2	6
2. Atletismo	12	3	4	5
3. Judô	10	2	3	5
4. Natação	9	-	3	6
5. Vôlei de Praia	5	1	3	1
6. Basquetebol	5	-	1	4
7. Voleibol	4	1	1	2
8. Tiro	3	1	1	1
9. Futebol	3	-	2	1
10. Hipismo	2	-	-	2
11. Boxe	1	-	-	1
TOTAL	66	12	20	34

A Vela é o esporte que melhor desempenho conseguiu para o Brasil em Jogos Olímpicos, somando um total de 12 medalhas, 4 de ouro, 2 de prata e 6 de bronze. Seu maior feito foi ter conseguido a primeira colocação em número total de medalhas e em número de medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos de Atlanta, única vez na história em que o Brasil dominou um esporte em ambos os critérios. Engrandece ainda mais o feito o fato dos Jogos terem sido disputados nos Estados Unidos, uma das maiores potências do mundo na Vela. O Atletismo perdeu espaço para a Vela nos dois últimos Jogos Olímpicos e hoje é o segundo esporte do Brasil neste âmbito de competição, com um total de 12 medalhas, 3 de ouro, 4 de prata e 5 de bronze. O Judô é o esporte que tem o terceiro melhor desempenho para o Brasil em Jogos Olímpicos, tendo já conquistado um total de 10 medalhas, 2 de ouro, 3 de prata e 5 de bronze. A Natação é o quarto esporte em número de medalhas, com um total de 9, sendo 3 de prata e 6 de bronze. O Voleibol de Praia vem ganhando uma grande e rápida projeção. Após somente dois Jogos Olímpicos, 1996 e 2000, já garantiu um total de 5 medalhas, 1 de ouro, 3 de prata e 1 de bronze.

Os esportes coletivos do Brasil nos eventos olímpicos têm tido atenção da mídia e de estudiosos do esporte, em face às interpretações correntes de que neles residem futuras oportunidades de resultados melhores. Em Jogos Olímpicos, o Voleibol, o Basquetebol e o Futebol, juntos, renderam 12 medalhas, 1 de ouro, 4 de prata e 7 bronze. Porém, o único título olímpico foi obtido pela equipe masculina de Voleibol em 1992, nos Jogos de Barcelona. E mais recentemente, o Handebol feminino vem mostrando avanços dignos de atenção. De resto, o Tiro já deu 3 medalhas, 1 de ouro, 1 de prata e 1 de bronze, todas na estréia do Brasil em Jogos Olímpicos, em 1920, em Antuérpia, Bélgica. Porém, não houve continuidade no desempenho. O Hipismo recentemente se inseriu no rol dos esportes em que o Brasil conquistou medalha em Jogos Olímpicos. Foram duas medalhas de bronze, uma em 1996 e outra em 2000. Contando com bons resultados em eventos entre Jogos, o Hipismo poderá aumentar sua participação no desempenho olímpico nacional. O Boxe só rendeu uma medalha olímpica ao Brasil, constituindo um caso isolado. Em resumo, o esporte olímpico brasileiro tem se sustentado basicamente na Vela, no Atletismo, no Judô, na Natação, no Voleibol de Praia e nos esportes coletivos.

BRASIL – RESULTADOS NOS JOGOS PANAMERICANOS

1951 – Buenos Aires, Argentina

ATLETISMO FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Arremesso de peso	PRATA	Vera Trezoitko
Salto em altura	BRONZE	Elizabeth Clara Muller
Salto em distância	BRONZE	Wanda dos Santos

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
Atletismo feminino	3	-	1	2

ATLETISMO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Salto triplo	OURO	Adhemar Ferreira da Silva
Salto triplo	PRATA	Hélio Coutinho da Silva
400m com barreiras	PRATA	Wilson Gomes Carneiro
Arremesso de peso	BRONZE	Nadim Severo Marreis
Salto em altura	BRONZE	Adilton de Almeida Luz
Salto com vara	BRONZE	Sinibaldo Gerbasi

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
Atletismo masculino	6	1	2	3

BASQUETEBOL MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
EQUIPE	BRONZE	Alberto Masson Alfredo Rodrigues da Motta Almir Nelson Almeida Ardelin Pinto Helio Marques Pereira José Luiz Azevedo Mario Jorge Fonseca Hermes Massenet Sorcinelli Paulo Rodrigues de Siqueira Sebastião Gimenez Tales Monteiro Zenny de Azevedo

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
Masculino	1	-	-	1

BOXE MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
75 KG	PRATA	Paulo Sacoman
81 KG	PRATA	Lucio Grottone

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	2	-	2	-

ESGRIMA MASCULINA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Sabre, individual	BRONZE	Estevão Molnar
Sabre, equipes	BRONZE	Virgílio Damásio de Sá Frederico Taveira Serrão Estevão Molnar Hugler Matt

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	2	-	-	2

LUTA LIVRE MASCULINA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
90 kg	PRATA	Antenor da Silva

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	1	-

NATAÇÃO FEMININA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
400m, livre	BRONZE	Piedade Coutinho Tavares
4x100m, livre	BRONZE	Talita Alencar Rodrigues Idamis Busin Ana Lucia Santa Rita Piedade Coutinho Tavares

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	2	-	-	2

NATAÇÃO MASCULINA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
400m, livre	OURO	Tetsuo Okamoto
1.500m, livre	OURO	Tetsuo Okamoto
200m, peito	PRATA	Willy Otto Jordan
4x200m, livre	PRATA	Ricardo Esberad Capanema Aram Boghossian João Gonçalves Tetsuo Okamoto

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	4	2	2	-

PENTATLO MODERNO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Individual	OURO	Eric Tinoco Marques
Equipe	PRATA	Aloysio Alves Borges Edgard Manuel E. Brilhante Eduardo Lela de Medeiros Eric Tinoco Marques

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	2	1	1	-

PÓLO AQUÁTICO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	PRATA	Alfonso Zapparoli Armando João Caropresco Claudino Caiado de Castro Edson Perri Guilherme Schall Isaac dos Santos Moraes João Havelange Leo Rossi Luiz Antonio dos Santos Milton Busin Nelson Brescia Samuel Scheimberg Saverio Gregorut

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	1	-

REMO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Dois sem	PRATA	Walter Karl Henrique Fusquini
Quatro sem	PRATA	Ivo Ritman Alberto Santos Manoel Amorim Alvaro Fonseca

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	2	-	2	-

TÊNIS FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Dupla	BRONZE	Helena Stark Silvia Villari

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	-	1

TIRO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Pistola de tiro rápido, equipe	PRATA	Pedro Simão João Sabocinski Ademar Faller Adhauray da Costa Rocha
Skeet, equipe	PRATA	Antonio Snizeck Max Schrappe Guido Albertini Edimar Eichenberg
Carabina deitada, equipe	BRONZE	João Sabocinski Ernani Martins Neves Alberto Pereira Braga Antonio Martins Guimarães

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	3	-	2	1

VELA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Star	OURO	Roberto M. Bueno Gastão A. F. P. Souza
Snipe	PRATA	Jean Robert Maligo Geraldo Luiz Q. Matoso

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	2	1	1	-

GERAL

ESPORTE	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
Atletismo feminino	3	-	1	2
Atletismo masculino	6	1	2	3
Basquetebol masculino	1	-	-	1
Boxe masculino	2	-	2	-
Esgrima masculina	2	-	-	2
Luta Livre masculina	1	-	1	-
Natação feminina	2	-	-	2
Natação masculina	4	2	2	-
Pentatlo Moderno masculino	2	1	1	-
Pólo Aquático masculino	1	-	1	-
Remo masculino	2	-	2	-
Tênis feminino	1	-	-	1
Tiro	3	-	2	1
Vela	2	1	1	-
TOTAL	32	5	15	12

QUADRO DOS 8 PRIMEIROS COLOCADOS EM NÚMERO DE MEDALHAS

PAÍS	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE	COLOCAÇÃO POR TOTAL	COLOCAÇÃO POR OURO
Argentina	154	68	47	39	1	1
EUA	98	46	33	19	2	2
México	40	4	9	27	3	6
Chile	39	8	19	12	4	4
Brasil	32	5	15	12	5	5
Cuba	28	9	9	10	6	3
Peru	14	2	5	7	7	7
Trinidad e Tobago	4	1	3	-	8	8

1955 - Cidade do México, México
ATLETISMO FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Salto em altura	PRATA	Deise Jordelina de Castro
80m com barreiras	BRONZE	Wanda dos Santos

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	2	-	1	1

ATLETISMO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Salto triplo	OURO	Adhemar Ferreira da Silva
400m com barreiras	BRONZE	Wilson Gomes Carneiro
Salto em altura	BRONZE	José Telles da Conceição
Salto em distância	BRONZE	Ary Façanha de Sá

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	4	1	-	3

BASQUETEBOL MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	BRONZE	Wlamir Marques Amaury Antonio Passos Almir Nelson de Almeida Mayr Facci Wilson Bombarda Edson Bispo dos Santos Pedro Vicente Fonseca Leonardo V. Ribeiro Paráiso Moacyr Penha Ribeiro Carlos Marino Willi Pecher Zenny de Azevedo

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	-	1

BASQUETEBOL FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	BRONZE	Neuci Ramos da Silva Agláe Giorgio Nair Kanawatti Wanda Lima Bezerra Eugenia Rindeika Isaura Marly G. Alvares Marlene José Bento Zilah Helen L. Santos Maria Aparecida Cardoso Zilda Ubrich Laura Rodrigues Nivea Figueiredo Silva

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
Equipe	1	-	-	1

BOXE MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
81 KG	OURO	Luiz Inácio
+81 KG	PRATA	Waldemar Adão
63,5 KG	BRONZE	Celestino Pinto

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	3	1	1	1

LEVANTAMENTO DE PESO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Meio-pesado	PRATA	Bruno Barabani

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	1	-

PÓLO AQUÁTICO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	BRONZE	Adhemar Grijó Filho Amaury Fonseca Denir Freitas Ribeiro Edson Perri Eduardo Antonio Alijó Everaldo Luiz A. Cruz Hilton de Almeida Márvio Kelly dos Santos Roberto Lara de Araújo Rodney Stuart Bell Rolf Egon Kesterner

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	-	1

TÊNIS FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Simplex	BRONZE	Ingrid Charlotte Metzner
Duplas	BRONZE	Maria Esther Bueno Ingrid Charlotte Metzner

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	2	-	-	2

VOLEIBOL FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	BRONZE	Celma Freire de Araújo Helena Valente Duarte Hildegarda Caroline Lassen Isaura Marli Alvares Lilian Collier Maria Imaculada Machado Maria José D. Barros Marlene Guedes Schenkel Norma Rosa Vaz Sônia Freire Araújo Vera Trezoitko Zilda Ulbrich

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	-	1

VOLEIBOL MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	BRONZE	Atila Gonçalves Martins Fernando Pavan Gilberto Geraldo T. Barcelos Jorge Almeida Belo Jorge de Melo Bittencourt José Gil Carneiro Mendonça Lúcio Cunha Figueiredo Mario Figueira Sobrinho Oscar Cunha Pinheiro Parker Gilbert C. Carvalho Reginaldo T. Lyra Silva Urbano Brochado Santiago

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	-	1

GERAL

ESPORTE	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
Atletismo feminino	2	-	1	1
Atletismo masculino	4	1	-	3
Basquetebol masculino	1	-	-	1
Basquetebol feminino	1	-	-	1
Boxe masculino	3	1	1	1
Levantamento de peso masculino	1	-	1	-
Pólo Aquático masculino	1	-	-	1
Tênis feminino	2	-	-	2
Voleibol feminino	1	-	-	1
Voleibol masculino	1	-	-	1
TOTAL	17	2	3	12

1959 – Chicago, Estados Unidos
ATLETISMO FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
80m com barreiras	PRATA	Wanda dos Santos

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	1	-

ATLETISMO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Salto triplo	OURO	Adhemar Ferreira da Silva

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	1	-	-

BASQUETEBOL FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	PRATA	Angelina Bizarro Genesia Isabel Cardoso Izaura Marli G. Alvares Maria Helena Cardoso Maria Helena Campos Marlene José Bento Marta Helga Kampmann Zilda Nepomuceno Nadir Bazani Zilda Ubrich Nair Kanawatti Neuci Ramos da Silva

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	1	-

QUADRO DOS 8 PRIMEIROS COLOCADOS EM NÚMERO DE MEDALHAS (1955 – Cidade do México, México)

PAÍS	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE	COLOCAÇÃO NO TOTAL	COLOCAÇÃO EM OURO
EUA	184	88	58	38	1	1
Argentina	80	27	33	20	2	2
México	58	17	11	30	3	3
Chile	25	4	8	13	4	4
Cuba	19	1	10	8	5	9
Venezuela	17	2	5	10	6	6
Brasil	17	2	3	12	7	7
Canadá	11	4	4	3	8	5

BASQUETEBOL MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	BRONZE	Carlos Barone Neto Carlos Domingo Massoni Carmo de Souza Edson Bispo dos Santos Fernando Pereira de Freitas Jathy Eduardo Schall Pedro Vicente Fonseca Wlamir Marques Waldemar Blatkauskas Wilson Bombarda Waldir Geraldo Boccardo Zenny de Azevedo

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	-	1

BOXE MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
54 KG	OURO	Waldomiro Claudiano Pinto
75 KG	OURO	Abraão Francisco de Souza
51 KG	PRATA	José Neves Martins
67 KG	BRONZE	Manoel Alves Teixeira
71 KG	BRONZE	Hélio Crescêncio
91 KG	BRONZE	Jurandir Nicolau

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	6	2	1	3

CICLISMO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
1.000m contra o relógio	OURO	Anésio Argentão

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	1	-	-

FUTEBOL MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	PRATA	Antônio Benedito Francoso Dari Batista Décio Teixeira Edilson Rodrigues Vieira Edmar Japiassu Maia Edson Luiz de Carvalho Elson Iazegi Beyruth Gerson Oliveira Nunes Hércules Correa Torres Hilton Cabral de Almeida Humberto Martins Barbosa José Germano Sales José Maria Silva José Ribamar Celestino José Ricardo da Silva Manoel José Dias Manoel Martins de Souza Nelson Purchio Ouraci Francisco Chagas Roberto Rodrigues Passoa Rubens Caetano Villadoniga Souza Rodrigues

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	1	-

HIPISMO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Saltos, individual	PRATA	Antonio Moraes Carvalho

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	1	-

PENTATLO MODERNO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Individual	OURO	Wenceslau Malta
Equipe	PRATA	Wenceslau Malta Breno Vignolli José Wilson Pereira Justo Botelho Santiago

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	2	1	1	-

PÓLO AQUÁTICO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	BRONZE	Adhemar Grijó Filho Everardo Luiz Cruz Filho Flávio Ribeiro Ratto Hilton de Almeida João Gonçalves Filho Luiz Daniel Marvio Kelly dos Santos Paulo Bruzzi Cochrane Rodney Stuart Bell Sylvio Kelly dos Santos

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	-	1

REMO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Dois sem	PRATA	Edgard Ginjsen Milton Bruno Meurer
Quatro com	BRONZE	Adriano Monteiro Soares João Agostinho Almeida João Calixto Jorge Rodrigues Nelson Guarda

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	2	-	1	1

VELA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Snipe	OURO	Antonio Marcos M. Barros Reinald Conrad
Lightning	OURO	Antonio F. Barbosa Axel Frederik B. Schmidt Erik Oluf P. Schmidt

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	2	2	-	-

VOLEIBOL FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	OURO	Hidegarde Caroline Lassen Ingeborg Ingrid Crause Iriana Silveira Sá Carvalho Lia de Freitas Lilian Hilda E. Poetscher Lucia Mendes de Moraes Maria Alice S. Ricciardi Marina Conceição Calistre Marta Maraglia Norma Rosa Vaz Rosamaria Bastos O'Shea Vera Trezoitko
	TOTAL	OURO PRATA BRONZE
	1	1 - -

VOLEIBOL MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	PRATA	Alexandre P. Studart Álvaro Caira Arlindo Lopes Corrêa Átila Gonçalves Martins Décio Viotti de Azevedo João Carlos C. Quaresma Joel Ramalho Jr. José Silverio A. Lage Luiz Eduardo Pons Roque Midley Maron Sérgio Boris B. Borges Urbano Brochado Santiago
	TOTAL	OURO PRATA BRONZE
	1 - 1 -	

GERAL

ESPORTE	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
Atletismo feminino	1	-	1	-
Atletismo masculino	1	1	-	-
Basquete feminino	1	-	1	-
Basquete masculino	1	-	-	1
Boxe masculino	6	2	1	3
Ciclismo masculino	1	1	-	-
Futebol masculino	1	-	1	-
Hipismo	1	-	1	-
Pentatlo moderno masculino	2	1	1	-
Pólo Aquático masculino	1	-	-	1
Remo masculino	2	-	1	1
Vela	2	2	-	-
Voleibol feminino	1	1	-	-
Voleibol masculino	1	-	1	-
TOTAL	22	8	8	6

QUADRO DOS 8 PRIMEIROS COLOCADOS EM NÚMERO DE MEDALHAS

PAÍS	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE	COLOCAÇÃO NO TOTAL	COLOCAÇÃO EM OURO
EUA	249	122	73	54	1	1
Canadá	56	7	21	28	2	4
Argentina	43	9	22	12	3	2
México	30	6	11	13	4	5
Brasil	22	8	8	6	5	3
Venezuela	15	1	7	7	6	10
Jamaica	14	2	4	8	7	7
Chile	13	5	2	6	8	6

1963 - São Paulo, Brasil
ATLETISMO FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Salto em distância	PRATA	Íris Gonçalves dos Santos
80m com barreiras	BRONZE	Wanda dos Santos
4x100m	BRONZE	Leontina Santos Erica Lopes da Silva Edir Braga Ribeiro Inês Pimenta
Lançamento de dardo	BRONZE	Íris Gonçalves dos Santos
	TOTAL	OURO PRATA BRONZE
	4 - 1 3	

ATLETISMO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
3.000m com obstáculos	PRATA	Sebastião Mendes
Lançamento de martelo	BRONZE	Roberto Chap Chap
Lançamento de dardo	BRONZE	Walter Gaertney Almeida
Salto triplo	BRONZE	Mario Gomes
	TOTAL	OURO PRATA BRONZE
	4 - 1 3	

BASQUETEBOL FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	PRATA	Angelina Bizarro Delcy Ellender Marques Diva Lucia Marchetti Isaura Marly G. Alvares Maria Amelia R. Gomes Maria Helena Campos Maria Helena Cardoso Marlene José Bento Nadir Lea Bazzani Neuci Ramos da Silva Nilza Monte Garcia Norma Pinto de Oliveira
	TOTAL	OURO PRATA BRONZE
	1 - 1 -	

BASQUETEBOL MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	PRATA	Amaury Antonio Passos Antonio Salvador Sucar Carlos Domingos Massoni Carmo de Souza Celso Luiz Scarpini Edson Bispo L. dos Santos Friedrich Wilhelm Braun Luiz Claudio Menon Ubiratan Pereira Maciel Victor Mirshawa Waldemar Blatkauskas Wlamir Marques
	TOTAL	OURO PRATA BRONZE
	1 - 1 -	

BOXE MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
57 KG	OURO	Rosemiro Mateus Santos
71 KG	OURO	Elcio Neves
75 KG	OURO	Luiz Leonidas César
51 KG	PRATA	Pedro Dias
60 KG	PRATA	João Henrique Silva
63,5 KG	PRATA	Orlando Nunes Ribeiro
67 KG	PRATA	Rubens Alves de Vasconcelus
+81 KG	PRATA	José Edson Jorge
81 KG	BRONZE	Rubens A. Oliveira
	TOTAL	OURO PRATA BRONZE
	9 3 5 1	

CICLISMO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
1.000m contra o relógio	BRONZE	Anésio Argenton
	TOTAL	OURO PRATA BRONZE
	1 - - 1	

ESGRIMA MASCULINA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Espada, equipe	PRATA	Carlos Luiz R. Couto Aloysio Alves Borges José Maria Pereira Arthur Telles C. Ribeiro
	TOTAL	OURO PRATA BRONZE
	1 - 1 -	

FUTEBOL MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	OURO	Adevaldo Virgilio Neto Airtton Baptista Santos Arlindo Santos Cruz Carlos Alberto Torres Claudio Olinto Carvalho Decio Antonio C. Bianco Dirceu Ferreira Evaldo Cruz Heitor Amorim Perocca Helio Dias de Oliveira Íris Pereira de Souza Jair Ventura Filho Joaquim Cardoso Neto José Carlos G. Ferreira Luiz Henrique F. Menezes Menott Tomaso Sobrinho Othon Valentim Filho Rivadavia Alves Pereira Santo Zanin Waldir Vicente
	TOTAL	OURO PRATA BRONZE
	1 1 - -	

JUDÔ MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
80 KG	OURO	Lhofei Shiozawa
+80 KG	PRATA	Milton Lovato
Absoluto	PRATA	Medhi Kastriget
	TOTAL	OURO PRATA BRONZE
	3 1 2 -	

NADO SINCRONIZADO FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	BRONZE	Leny Filelini Maria Helena Nascimento Fiametta Palazo Cecilia Ghezzi Ana Maria R. Oliveira Ignez Barros Porto Eliana Chaves Uruguai Ana Luisa Corrêa

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
1	-	-	1

NATAÇÃO FEMININA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
4x100m, livre	BRONZE	Eliana Souza A. Motta Angela Maria Palioli Maria Lourdes M. Teixeira Vera Maria Formiga

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
1	-	-	1

NATAÇÃO MASCULINA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
100m, costas	BRONZE	Athos de Oliveira Jr.
4x200m, livre	BRONZE	Athos de Oliveira Jr. Antonio Renzo Filho Antonio Celso Guimarãesb Peter Wolfgang Metzner

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
2	-	-	2

PENTATLO MODERNO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	PRATA	José Wilson Pereira Justo Botelho Santiago Nilo Jaime Silva

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
1	-	1	-

PÓLO AQUÁTICO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	OURO	Adhemar Grijó Filho Aladar Szabo Flávio Ribeiro Ratto Ivo Carotini João Gonçalves Filho Luiz Carlos A. Valim Luiz Daniel Luiz Eduardo P. Lima Marvío Kelly dos Santos Paulo Carotini

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
1	1	-	-

REMO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Esquife individual	PRATA	Ivon Pital Miguel
Quatro sem	PRATA	Jorge Rodrigues Fritz Muller Harri Edmundo Klein Edgard Roberto Knirien
Quatro com	PRATA	Antemidio Anselmo Julião Audifax Barbosa Assis Garcia Ramos Alberto Blemer Silvio A. Souza
Oito com	PRATA	Ernesto Vahl Filho Teodoro Rogério Vahl Ado Steiner Erich Passig Rui Souza Lopes Edson Schmidt Walfredo Santos Manuel Silveira Jobel S. Furtado
Esquife duplo	BRONZE	Edgard Gjisen Francesco Tedesco
Dois com	BRONZE	Antemidio Anselmo Julião Audifax Barbosa Adriano M. Soares

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
6	-	4	2

TÊNIS FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Simple	OURO	Maria Ester Bueno
Dupla	PRATA	Maria Ester Bueno Maureen Schwartz

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
2	1	1	-

TÊNIS MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Simple	OURO	Ronald W. Barnes
Dupla	OURO	Ronald W. Barnes Carlos E. Fernandes
Dupla	BRONZE	Iarte Adam Thomas Koch

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
3	2	-	1

TÊNIS MISTO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Dupla	PRATA	Maria Ester Bueno Thomas Koch

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
1	-	1	-

TIRO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Pistola livre, equipe	BRONZE	Durval Ferreira Guimarães Francisco P. Estrella Benevenuto Tilli Alvaro dos Santos Jr.
Fuzil livre, equipe	BRONZE	Milton Sobocinski Alvaro J. P. Altmann Edmar Viana Sales Amilcar Moura Caldeira

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
2	-	-	2

VELA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Finn	OURO	Hans Helmuth Domscke
Flying dutchman	OURO	Joaquim Roderbourg Klaus Hendriksen
Snipe	OURO	Reinaldo Conrad Ralph Conrad
Lightning	PRATA	Eric Schmidt Axel Schmidt Robinson Hasselmann
Star	BRONZE	Harry Adler Luiz C. Peixoto Ramos

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
5	3	1	1

VOLEIBOL FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	OURO	Corina V. Lasperg Elda M. S. Pimenta Eunice Rondino Joana M. C. Silva Leila F. Peixoto Lia Freitas Marina Celistre Marlene Dunishian Norma Rosa Vaz Tania L. Fagundes Vera Trezoitko Zilda Ulbrich

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
1	1	-	-

VOLEIBOL MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	OURO	Carlos E. Albano Feitosa Décio Viotti de Azevedo Fábio Starling Carvalho Giuseppe Mezzalma João Claudio França Josias Ramalho Luiz Roberto Moraes Marco Antonio Volpi Newton Emanuel Victor Pedro Barbosa de Andrade Roque Midley Maron Victor Mario B. Borges

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
1	1	-	-

GERAL

ESPORTE	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
Atletismo feminino	4	-	1	3
Atletismo masculino	4	-	1	3
Basquetebol feminino	1	-	1	-
Basquetebol masculino	1	-	1	-
Boxe masculino	9	3	5	1
Ciclismo masculino	1	-	-	1
Esgrima masculina	1	-	1	-
Futebol masculino	1	1	-	-
Judô masculino	3	1	2	-
Nado Sincronizado feminino	1	-	-	1
Natação feminina	1	-	-	1
Natação masculina	2	-	-	2
Pentatlo moderno masculino	1	-	1	-
Pólo Aquático masculino	1	1	-	-
Remo masculino	6	-	4	2
Tênis feminino	2	1	1	-
Tênis masculino	3	2	-	1
Tênis misto	1	-	1	-

GERAL (continuação)

Tiro	2	-	-	2
Vela	5	3	1	1
Voleibol feminino	1	1	-	-
Voleibol masculino	1	1	-	-
TOTAL	52	14	20	18

1967 – Winnipeg, Canadá

ATLETISMO FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Pentatlo	BRONZE	Aída dos Santos

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	-	1

ATLETISMO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Salto triplo	PRATA	Nelson Prudêncio

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	1	-

BASQUETEBOL FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	OURO	Delcy E. Marques Elza A. Pacheco Jacy B. G. Azevedo Lais E. A. Silva Lucia Maria Borges Marlene J. Bento Nadir Bazani Neusa M. Camargo Nilza M. Garcia Norma P. Oliveira Rosália B. Vasconcelos Angélica Bizarro

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	1	-	-

BOXE MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
75 KG	PRATA	Luiz C. Fabre

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	1	-

ESGRIMA MASCULINA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Espada, individual	OURO	Artur Telles Cramer Ribeiro
Espada, equipe	PRATA	Artur Telles Cramer Ribeiro Dário M. do Amaral Carlos Rodrigues do Couto José Maria Andrade Pereira

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	2	1	1	-

HIPISMO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Saltos, equipe	OURO	Nelson Pessoa Antonio A. Simões José R. Reynoso Renyldo Guimarães
Saltos, individual	PRATA	Nelson Pessoa

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	2	1	1	-

QUADRO DOS 8 PRIMEIROS COLOCADOS EM NÚMERO DE MEDALHAS (1963 – São Paulo, Brasil)

PAÍS	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE	COLOCAÇÃO EM TOTAL	COLOCAÇÃO EM OURO
EUA	201	109	56	36	1	1
Canadá	62	10	27	25	2	3
Brasil	52	14	20	18	3	2
Argentina	43	8	15	20	4	4
México	25	2	8	15	5	8
Venezuela	20	3	8	9	6	7
Cuba	14	4	6	4	7	5
Uruguai	12	4	1	7	8	6

JUDÔ MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Pena	OURO	Akira Ono
Leve	OURO	Takeshi Miura
Médio	PRATA	Lhofei Shiozawa
Absoluto	BRONZE	Mehdi Kastriget

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	4	2	1	1

LEVANTAMENTO DE PESO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Médio –75KG	PRATA	Koji Michi
Médio –75 KG	BRONZE	Luiz G. Almeida

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	2	-	1	1

NATAÇÃO MASCULINA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
100m, peito	OURO	José Sylvio Fiolo
200m, peito	OURO	José Sylvio Fiolo
4x100m, medley	BRONZE	José Sylvio Fiolo Ilson Pinto Asturiamo Waldyr Mendes Ramos João R. Costa Lima Neto

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	3	2	-	1

PÓLO AQUÁTICO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	PRATA	Ivo Kesselring Carotin João Gonçalves Filho Henrique Fillelini Luiz Eduardo P. Lima Claudio Rinaldi C. Lima Pedro Pinciroli Jr. Arnaldo Marsili Marcos Vargas da Costa Rodney Stuart Bell Paulo Kesselring Carotini

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	1	-

REMO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Dois com	BRONZE	Claudio Angeli Sylvio Augusto de Souza José Carlos Angeli

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	-	1

TÊNIS MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Simples	OURO	Thomas Koch
Dupla	OURO	Thomas Koch José Edson Mandarino

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	2	2	-	-

VELA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Finn	OURO	Joerg Bruder
Snipe	OURO	Nelson Piccolo Carlos Henrique de Lorenzi
Lightning	PRATA	Renato Augusto da Matta Fernão Dias Paes Leme Mario Borges Jr.
Flying dutchman	PRATA	Reinaldo Conrad Hans Otto C. Burkhard

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	4	2	2	-

VOLEIBOL MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	PRATA	Antonio Carlos Moreno Mario Guy Faria Mariz Paulo Sevciuc Victor Mario B. Borges Décio Viotti Azevedo Carlos Eduardo A. Feitosa Mario Stiebler Dunlop Arnaldo Jagle Sergio Teles Pires Sobrinho Fernando Marcos S. Blaser Marco Antonio Volpi Gelson Albino Schuch

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	1	-

GERAL

ESPORTE	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
Atletismo feminino	1	-	-	1
Atletismo masculino	1	-	1	-
Basquetebol feminino	1	1	-	-
Boxe masculino	1	-	1	-
Esgrima masculina	2	1	1	-
Hipismo	2	1	1	-
Judô masculino	4	2	1	1
Levantamento de peso masculino	2	-	1	1
Natação masculina	3	2	-	1
Pólo Aquático masculino	1	-	1	-
Remo masculino	1	-	-	1
Tênis masculino	2	2	-	-
Vela	4	2	2	-
Voleibol masculino	1	-	1	-
TOTAL	26	11	10	5

QUADRO DOS 8 PRIMEIROS COLOCADOS EM NÚMERO DE MEDALHAS

PAÍS	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE	COLOCAÇÃO EM TOTAL	COLOCAÇÃO EM OURO
EUA	201	109	56	36	1	1
Canadá	62	10	27	25	2	3
Brasil	52	14	20	18	3	2
Argentina	43	8	15	20	4	4
México	25	2	8	15	5	8
Venezuela	20	3	8	9	6	7
Cuba	14	4	6	4	7	5
Uruguai	12	4	1	7	8	6

1971 - Cali, Colômbia

ATLETISMO FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Salto em distância	PRATA	Silvina Graças Pereira
Pentatlo	BRONZE	Aída dos Santos

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	2	-	1	1

ATLETISMO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Salto triplo	PRATA	Nelson Prudêncio

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	1	-

BASQUETEBOL FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	OURO	Lais Elena A. Silva Maria Helena Campos Odila Fernandes Camargo Elza Arnelas Pacheco Nilsa Monte Garcia Maria Helena Cardoso Norma Pinto Oliveira Jacy B. G. Azevedo Nadir Bazani Marlene José Bento Delcy Ellender Marques Benedita Analia Castro

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	1	-	-

BASQUETEBOL MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	OURO	Washington Joseph Francisco Sergio Garcia Roberto José Corrêa Milton Setrini Jr. Hélio Rubens Garcia Marcos Abdala Leite José Aparecido Santos Luiz Claudio Menon Adilson Freitas Nascimento Luiz Martins de Mello Emil Assed Rached Carlos Domingo Massoni

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	1	-	-

BOXE MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
81 KG	PRATA	Waldemar Paulino Oliveira
+81 KG	BRONZE	Vicente Maximiliano Campos

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	2	-	1	1

CICLISMO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Estrada, individual	PRATA	Luis Carlos Flores

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	1	-

ESGRIMA MASCULINA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Espada, equipe	PRATA	Dario Marcondes do Amaral José Maria de Andrade Marcos A. Borges Arthur T.Cramer Ribeiro

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	1	-

LEVANTAMENTO DE PESO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
82,5 KG - arremesso	BRONZE	Luiz Gonzaga de Almeida
110 KG - arranque	BRONZE	Tamer Chaim
110 KG - arremesso	BRONZE	Tamer Chaim
110 KG - força/desenvolvimento	BRONZE	Tamer Chaim
110 KG - total	BRONZE	Tamer Chaim

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	5	-	-	5

NATAÇÃO FEMININA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
100m, borboleta	BRONZE	Lucy Maurity Burle
4x100m, livre	BRONZE	Lucy Maurity Burle Rosemary P. Ribeiro Peres Maria Teresa Hungerbuler Lucila Martins

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	2	-	-	2

NATAÇÃO MASCULINA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
100m, livre	PRATA	José R. Diniz Aranha
100m, peito	BRONZE	José Sylvio Fiolo
4x100m, livre	BRONZE	Ruy Tadeu Aquino Oliveira José Roberto Diniz Aranha Flavio Dutra Machado Paulo Zanetti
4x100m, medley	BRONZE	José R. Diniz Aranha Flavio Dutra Machado José Sylvio Fiolo César Lourenço
4x200m, livre	BRONZE	

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	5	-	1	4

REMO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Esquife duplo	OURO	Harry Edmundo Klein Edgard Gijzen
Dois com	OURO	Atalibio Magioni Celenio Martins Silva Manuel Tereso Novo
Quatro sem	OURO	Milton Teixeira Wandir Kuntze Mopir Miguel Bancov Érico V. Souza
Dois sem	PRATA	Milton Teixeira Wandir Kuntze

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	4	3	1	-

TIRO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Pistola livre	OURO	Bertino Alves de Souza

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	1	-	-

VELA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Finn	OURO	Joerg Bruder
Snipe	OURO	João Pedro Reinhard Ralph W. Christian
Lightning	OURO	Mario Buckup Peter Ficker Manfred V. Shaaffhausen

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	3	3	-	-

VOLEIBOL MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	BRONZE	Alexandre Abeid Luiz Eymard Zech Coelho Lino de Melo Gama Paulo Roberto Freitas Delano Couto Jorge Franco Decio Cataruzzi Mario Marcos Joubert Procópio Jorge Américo Oliveira de Souza João Ernesto Jenz Hélio de Oliveira Aderval Luiz Arvani Antonio Carlos Moreno

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	-	1

GERAL

ESPORTE	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
Atletismo feminino	2	-	1	1
Atletismo masculino	1	-	1	-
Basquetebol masculino	1	1	-	-
Basquetebol feminino	1	1	-	-
Boxe masculino	2	-	1	1
Ciclismo masculino	1	-	1	-
Esguima masculina	1	-	1	-
Levantamento de peso masculino	5	-	-	5
Natação feminina	2	-	-	2
Natação masculina	5	-	1	4
Remo masculino	4	3	1	-
Tiro	1	1	-	-
Vela	3	3	-	-
Voleibol masculino	1	-	-	1
TOTAL	30	9	7	14

QUADRO COM OS 8 PRIMEIROS COLOCADOS EM NÚMERO DE MEDALHAS

PAÍS	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE	COLOCAÇÃO NO TOTAL	COLOCAÇÃO EM OURO
EUA	218	105	74	39	1	1
Cuba	105	30	49	26	2	2
Canadá	81	19	20	42	3	3
México	41	7	11	23	4	5
Brasil	30	9	7	14	5	4
Colômbia	28	5	9	14	6	7
Argentina	22	6	4	12	7	6
Porto Rico	13	2	4	7	8	9

1975 – Cidade do México, México

ATLETISMO FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
200m	BRONZE	Silvina das Graças Pereira

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	-	1

ATLETISMO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Salto em distância	OURO	João Carlos de Oliveira
Salto triplo	OURO	João Carlos de Oliveira
3000m com obstáculos	PRATA	José Romão da Silva
400m	BRONZE	Delmo da Silva

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	4	2	1	1

BASQUETEBOL MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	BRONZE	Adilson F. Nascimento Fausto Gianecchini Gilson Trindade de Jesus José Geraldo de Castro Hélio Rubens Garcia Marcel Ramon P. de Souza Marcos Antonio Abdala Leite Milton Setrini Jr. Paulo César Esteves Roberto José Corrêa Sérgio Toledo Machado Ubiratan Pereira Maciel

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	-	1

BOXE MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
75 KG	PRATA	Fernando José Martins
81 KG	BRONZE	João Batista Rodrigues Santos
+81 KG	BRONZE	Jair de Campos

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	3	-	1	2

ESGRIMA MASCULINA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Espada, equipe	BRONZE	Arthur T. Cramer Ribeiro Francisco Itálico Buonafina Frederico Alencar Ronaldo Schwantes

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	-	1

FUTEBOL MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	OURO	Alberto Raimundo Marques Carlos Roberto Gallo Carlos Eduardo Ribeiro Claudio Adalberto Adão Eudes Lacerda Medeiros Edino Nazareth Filho Francisco Fraga Silva José Carlos Cassano João Batista da Silva João José dos Santos Luiz Alberto Pirola Marcelo Santos Oliveira Onofre Aluizio Batista Rosemiro Correa Souza Roberto Franqueira

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	1	-	-

HIPISMO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Adestramento, equipe	BRONZE	Diana Paes Leme Gerson Borges Ingrid B. Trokyo

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	-	1

JUDÔ MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
93 KG	OURO	Ricardo Oliveira Campos
70 KG	PRATA	Roberto Zuanabar Machusso
80 KG	PRATA	Carlos Eduardo Motta
63 KG	BRONZE	Luis Juniti Shinohara
+93 KG	BRONZE	Fenelon Oscar da Silva

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	5	1	2	2

LEVANTAMENTO DE PESO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
56 KG – arranque	PRATA	Paulo B. de Sene Batista
56 KG – arremesso	PRATA	Paulo B. de Sene Batista
110 KG – arranque	BRONZE	Eduardo Soares de Souza

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	3	-	2	1

NATAÇÃO FEMININA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
200m, borboleta	BRONZE	Rosemary Peres Ribeiro
4x100m, medley	BRONZE	Flavia Nadalutti Lucy Maurity Burle Cristini Bassani Teixeira Christiane Paquelet
4x100m, livre	BRONZE	Rosemary Ribeiro Lucy Maurity Burle Maria Elisa Guimarães Christiane Paquelet

NATAÇÃO FEMININA (continuação)

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	3	-	-	3

NATAÇÃO MASCULINA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
100m, costas	BRONZE	Rômulo Duncan Arantes
100m, peito	BRONZE	José Sylvio Fiolo
400m, livre	BRONZE	Djan Garrido Madruga
1.500m, livre	BRONZE	Djan Garrido Madruga
4x100m, medley	BRONZE	José Sylvio Fiolo Akcel de Godoy José Luciano Namorado Rômulo Duncan Arantes
4x200m, livre	BRONZE	Djan Garrido Madruga Rômulo Duncan Arantes Paul Henry Jovanneau José Luciano Namorado

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	6	-	-	6

REMO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Dois sem	OURO	Erico Vicente Souza Raul Bagattini
Esquife duplo	OURO	Mario Franco Castro Filho Gilberto Gerhardt
Dois com	BRONZE	Edilson Cunha Bezerra Antonio Augusto Pistoia Francisco Penedo Tambasco

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	3	2	-	1

TÊNIS FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Simples	PRATA	Patrícia Summers Medrado
Dupla	PRATA	Maria Christina H. Andrade Wanda Bustamante Ferraz

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	2	-	2	-

TÊNIS MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Dupla	BRONZE	João Carlos Schmidt Filho João Américo Soares Jr.

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	-	1

TIRO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Skeet	OURO	Athos Pisoni
Carabina deitada	PRATA	Durval Ferreira Guimarães
Skeet, equipe	PRATA	José Pedro Costa Sérgio Cunha Bastos Romeu Luchiari Junior Athos Pisoni
Carabina deitada, equipe	BRONZE	Durval Ferreira Guimarães Waldemar Capucci Edmar Viana Sales Milton Sobocinski
Fossa olímpica, equipe	BRONZE	Marcos Olsen Athos Pisoni Francisco Alavaugarte Mario Morganti

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	5	1	2	2

VELA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Flying dutchman	OURO	Reinaldo Conrad Buckhard Cordes
Finn	PRATA	Claudio Biekarck
Snipe	PRATA	Gregório Rocha Pontes Luiz André Almeida Reis

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	3	1	2	-

VOLEIBOL MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	PRATA	Paulo Roberto Peterlle Bernard Rajzman Celso Alexandre Kalache Antonio Carlos Moreno Paulo Roberto de Freitas Willian Carvalho da Silva Jean Luc Rosat Fernando Roscio D'Avila José Oswaldo Marcelino Mauro Henrique Fialho Eloi Lacerda de Oliveira Neto Sergio Danilas

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	1	-

GERAL

ESPORTE	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
Atletismo feminino	1	-	-	1
Atletismo masculino	4	2	1	1
Basquetebol masculino	1	-	-	1
Boxe masculino	3	-	1	2
Esgrima masculina	1	-	-	1
Futebol masculino	1	1	-	-
Hipismo	1	-	-	1
Judô masculino	5	1	2	2
Levantamento de peso masculino	3	-	2	1
Natação feminina	3	-	-	3
Natação masculina	6	-	-	6
Remo masculino	3	2	-	1
Tênis feminino	2	-	2	-
Tênis masculino	1	-	-	1
Tiro	5	1	2	2
Vela	3	1	2	-
Voleibol masculino	1	-	1	-
TOTAL	44	8	13	23

1979 – San Juan, Porto Rico

ATLETISMO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Salto em distância	OURO	João Carlos de Oliveira
Salto triplo	OURO	João Carlos de Oliveira
400m com barreiras	PRATA	Antonio Euzebio Dias Ferreira
800m	BRONZE	Agberto Conceição Guimarães
1.500m	BRONZE	Agberto Conceição Guimarães
4x100m	BRONZE	Altevir Silva Araújo Filho Milton Costa de Castro Nelson Rocha dos Santos Ruy da Silva

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	6	2	1	3

QUADRO COM OS 8 PRIMEIROS COLOCADOS EM NÚMERO DE MEDALHAS

PAÍS	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE	COLOCAÇÃO NO TOTAL	COLOCAÇÃO EM OURO
EUA	246	117	82	47	1	1
Cuba	134	57	45	32	2	2
Canadá	91	18	35	38	3	3
México	60	9	13	38	4	4
Brasil	44	8	13	23	5	5
Argentina	15	3	5	7	6	6
Venezuela	12	-	1	11	7	13
Colômbia	10	2	4	4	8	7

BASQUETEBOL MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	BRONZE	Adilson Freitas Nascimento Evaristo Souza Soares Fausto C. Gianechini Hélio Rubens Garcia José Carlos Santos Saiani José Geraldo de Castro Marcel Ramon P. de Souza Marcelo Vido Marcos Abdala Leite Milton Setrini Jr. Oscar Daniel B. Schmidt Ubiratan Pereira Maciel

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	-	1

BOXE MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
75 KG	PRATA	Carlos Antunes da Fonseca
71 KG	BRONZE	Francisco Carlos de Jesus

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	2	-	1	1

FUTEBOL MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	OURO	Carlos Alberto Sollito Cleo Inacio Hickman Cristóvão Borges Santos Dalmir Estigarriba Edson Board Gilcimar Wilson Francisco Jackson Liberato Ramos João Luiz dos Santos Luiz Carlos Silva Mattos Luiz Carlos Cosmo Silva Luiz Henrique Dias Oswaldo Silva Dantas Rogério Paes F. Corrêa Silvio Paiva Waldoir Marques de Souza Wagner Basílio

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	1	-	-

GINÁSTICA MASCULINA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	BRONZE	Gilmarcio Antunes Sanches Hélio Sampaio Araújo João Francisco T. Levy João Luiz Ribeiro Luiz Tadeu Braga Reinaldo Ferreira Calinsque

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	-	1

HÓQUEI SOBRE PATINS MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	PRATA	Antônio Dorian Requena José Ricardo G. Frei Haroldo Percio Requena Mario O. Guedes Alcoforado Mauricio Barbosa Duque Moacir Neuenschwander Paulo Peres Silvio Angerami Azevedo

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	1	-

JUDÔ MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
60 KG	OURO	Luiz Juniti Shinohara
78 KG	OURO	Carlos Alberto M. da Cunha
95 KG	OURO	Carlos Alberto S. Pacheco
Absoluto	OURO	Oswaldo Cupertino Simões
65 KG	PRATA	Luiz Yoshio Onmura
71 KG	BRONZE	Roberto Zausnabar Machuso
+95 KG	BRONZE	Oswaldo Cupertino Simões

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	7	4	1	2

LEVANTAMENTO DE PESO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
90 KG	BRONZE	Nelson Dias de Carvalho

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	-	1

NATAÇÃO MASCULINA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
100m, costas	PRATA	Rômulo Duncan Arantes
400m, livre	PRATA	Djan Garrido Madruga
1.500m, livre	PRATA	Djan Garrido Madruga
4x200m, livre	PRATA	Cyro Marques Delgado Djan Garrido Madruga Jorge Luiz Leite Fernandes Marcos Laborne Mattioli
200m, costas	BRONZE	Djan Garrido Madruga
200m, livre	BRONZE	Djan Garrido Madruga
4x100m, livre	BRONZE	Cyro Marques Delgado Djan Garrido Madruga Marcos Laborne Mattioli Rômulo Duncan Arantes

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	7	-	4	3

REMO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Dois com	OURO	Laildo Ribeiro Machado Waldir Kuntze Manuel Tereso Novo
Esquife quádruplo	PRATA	Gilberto Gerhardt José Claudio G. Lazzaroto Paulo Cesar Dworakowski Waldemar Trombeta
Quatro sem	BRONZE	Edson Figueiredo Menezes Henrique Gustavo Johann Oscar Alfredo Sommer Raul Bagattini

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
3	1	1	1

TIRO COM ARCO FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	BRONZE	Arci Zelia M. Kempner Cláudia Vasques Daisy Schmidt Pereira

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
1	-	-	1

TIRO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Pistola de ar, equipe	PRATA	Wilson Sceilmantel Bertino Alves de Souza Paulo Ramalho Lamego Silvio Souza Carvalho
Fossa olímpica, equipe	PRATA	Marcos José Olsen Francisco Alava Ugarte Paulo Monteiro Assis Flavio Antonio Bonet
Carabina deitado, equipe	BRONZE	Dilson Reis Durval Ferreira Guimarães Milton Sobocinski Waldemar Capucci

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
3	-	2	1

VELA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Lightning	OURO	Mario Buckup Joaquim Feneberg Ralph Walter Christian
Soling	PRATA	Eduardo Souza Ramos Manfredo Kaufmann Jr. Thomas Nicolaus Heimann
Snipe	BRONZE	Boris Osterbren Ernesto Ary Neugebauer

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
3	1	1	1

VOLEIBOL FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	BRONZE	Celia R. Oliveira Garritano Denise Porto Matioli Eliana Maria N. Aleixo Fernanda Emerick Silva Heloisa Helena S. Roese Ivoneete Neves Jacqueline Louise C. Silva Lenice Peluso Oliveira Maria A. Castanheira Maria Isabel B. Salgado Alencar Monica Caetano Silva Rita de Cássia Teixeira

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
1	-	-	1

VOLEIBOL MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	PRATA	Aloisio Alves Antonio Carlos G. Ribeiro Antonio Carlos Moreno Bernard Rajzman Deraldo Wanderley Helder Zech Coelho João Alves Granjeiro Neto José Montanaro Jr. Mario Xandó O. Netto Mauro Henrique Fialho Renan Dal Zotto Willian Carvalho da Silva

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
1	-	1	-

QUADRO COM OS 8 PRIMEIROS COLOCADOS EM NÚMERO DE MEDALHAS (1979 – San Juan, Porto Rico)

PAÍS	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE	COLOCAÇÃO NO TOTAL	COLOCAÇÃO EM OURO
EUA	266	126	95	45	1	1
Cuba	145	64	47	34	2	2
Canadá	137	24	43	70	3	3
Brasil	39	9	13	17	4	5
México	38	3	6	29	5	6
Argentina	36	12	7	17	6	4
Porto Rico	21	2	9	10	7	7
República Dominicana	14	-	5	9	8	10

1983 – Caracas, Venezuela

ATLETISMO FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
100m	OURO	Esmeralda Garcia
Heptatlo	OURO	Conceição Aparecida Geremias

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
2	2	-	-

ATLETISMO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
800m	OURO	Agberto Conceição Guimarães
1.500m	OURO	Agberto Conceição Guimarães
800m	PRATA	José Luiz Barbosa
400m com barreiras	PRATA	Antônio Euzébio Dias Ferreira
4x400m	PRATA	Agberto Conceição Guimarães Evaldo Rosa da Silva Gerson Andrade Souza José Luiz Barbosa
400m	BRONZE	Gerson Andrade Souza
Salto com vara	BRONZE	Tomas Waldemar Hintnaus
4x100m	BRONZE	Gerson Andrade Souza João E. Batista Silva Nelson Rocha dos Santos Robson Caetano Silva

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
8	2	3	3

GERAL

ESPORTE	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
Atletismo masculino	6	2	1	3
Basquetebol masculino	1	-	-	1
Boxe masculino	2	-	1	1
Futebol masculino	1	1	-	-
Ginástica masculina	1	-	-	1
Hóquei sobre patins masculino	1	-	1	-
Judô masculino	7	4	1	2
Levantamento de peso masculino	1	-	-	1
Natação masculina	7	-	4	3
Remo masculino	3	1	1	1
Arco e Flecha feminino	1	-	-	1
Tiro	3	-	2	1
Vela	3	1	1	1
Voleibol feminino	1	-	-	1
Voleibol masculino	1	-	1	-
TOTAL	39	9	13	17

BASQUETEBOL FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	BRONZE	Anne M. Krabenberg Dayse P. Mendes Elisa Garcia Hortência F. Marcari Maria A. G. Silva Maria Paula G. Silva Marta S. Sobral Solange M. Castro Soraya Brandão Suzete Pereira Silva Vanda R. Dal Col Vania Somayo Teixeira

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
1	-	-	1

BASQUETEBOL MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	PRATA	Adilson Freitas Nascimento Fausto Cisotto Giannechine Gerson Victalino Israel Machado C. Andrade Jorge Guerra Marcel Poncwar Souza Marcelo Vido Marcos A. Addala Leite Milton Setrini Jr. Nilo M. Guimarães Ricardo Cardoso Guimarães Silvio Maluzzi

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
1	-	1	-

BOXE MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
48 KG	BRONZE	Manoelito Santos
67 KG	BRONZE	Antonio Benedito Madureira

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	2	-	-	2

CICLISMO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Perseguição, equipe	BRONZE	Antonio Carlos Hunger Fernando A. Louro Hans Fischer Mauro Ribeiro

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	-	1

FUTEBOL MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	PRATA	Adalberto Machado Carlos Caetano B. Verri Edson Bonifácio Edson Santana Souza Everaldo A. Rogério Heitor Camarin Jr. Hugo José Duarte Jorge Amorim Campos José Augusto Bagattini José Ferreira Neto Marcus V. Nascimento Mauricio Poggi Vilela Paulo Sergio Belotti Paulo Roberto F. Primo Hélio Ricardo D. Conceição Marcio Antonio Paula Valdir Eduardo Carvalho

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	1	-

GINÁSTICA ARTÍSTICA FEMININA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	BRONZE	Jaqueline Pires Altair Prado Tatiana Figueiredo Marian Fernandes Claudia Magalhães Denilze Campos

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	-	1

HIPISMO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Adestramento, individual	BRONZE	Orlando Facada
Adestramento, equipe	BRONZE	Ileana Diniz José Schleder Orlando Facada

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	2	-	-	2

JUDÔ FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
48 KG	PRATA	Inez Nazareth S. Silva
52 KG	BRONZE	Solange Almeida Pessoa
56 KG	BRONZE	Tânia C. Ishii
61 KG	BRONZE	Carla Livia Muller Duarte
+72 KG	BRONZE	Soraia André

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	5	-	1	4

JUDÔ MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
60 KG	PRATA	Luiz J. Shinohara
71 KG	PRATA	Luis Yoshio Onmura
95 KG	PRATA	Aurélio Fernandes Miguel
+95 KG	PRATA	Frederico Flexa Alfredo
65 KG	BRONZE	Sérgio Santos
86 KG	BRONZE	Wlater Carmona

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	6	-	4	2

NATAÇÃO MASCULINA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
200m, medley	OURO	Ricardo Prado
400m, medley	OURO	Ricardo Prado
1.500m, livre	PRATA	Marcelo D. M. Jucá
200m, borboleta	PRATA	Ricardo Prado
200m, costas	PRATA	Ricardo Prado
4x100m, livre	PRATA	Cyro Marques Delgado Djan Garrido Madruga Jorge Luiz L. Fernandes Ronald Couce Menezes
4x200m, livre	PRATA	Cyro Marques Delgado Djan Garrido Madruga Jorge Luiz L. Fernandes Marcelo D. M. Jucá
400m, livre	BRONZE	Marcelo D. M. Jucá

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	8	2	5	1

REMO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Dois sem	OURO	Ronaldo E. Carvalho Ricardo E. Carvalho
Quatro com	PRATA	Denis Antonio Marinho José Raimundo G. Ribeiro Mauro Weber dos Santos Walter Hime P. Soares Nilton Alonço

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	2	1	1	-

TÊNIS DE MESA MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Dupla	OURO	Ricardo T. Ikoushi Claudio Mitsuhiro Kano
Equipe	OURO	Ricardo Tetsuo Ikoushi Aristides F. Nascimento Claudio Mitsuhiro Kano
Individual	PRATA	Ricardo Tetsuo Ikoushi

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	3	2	1	-

TÊNIS DE MESA MISTO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Dupla	BRONZE	Claudio Mitsuhiro Kano Sandra T. Noda

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	-	1

TIRO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Pistola livre	PRATA	Silvio Souza A. Carvalho
Fossa olímpica	PRATA	Marcos José Olsen
Pistola Standard	BRONZE	Delival Silva Nobre
Pistola livre, equipe	BRONZE	Silvio S. A. Carvalho Wilson Schidemantel Durval Ferreira Guimarães

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	4	-	2	2

TIRO COM ARCO FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	BRONZE	Claudia Nunes Vasques Ana Beatriz Miranda Martha Emilio

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	-	1

TIRO COM ARCO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Geral	BRONZE	Renato Emilio
70m	BRONZE	Renato Emilio

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	2	-	-	2

VELA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
470	OURO	José Luiz Ribeiro Paulo Roberto Ribeiro
Laser	OURO	Pedro Bulhões Fonseca
Lightning	OURO	Claudio Bieckark Gunnar Ficker Ralph Berger
Soling	OURO	Torben Schidt Grael Daniel Adler Ronald Senft
Star	PRATA	Peter Ficker Werner Sonksen

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	5	4	1	-

VOLEIBOL MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	OURO	Amauri Ribeiro Antonio Carlos G. Ribeiro Bernard Rajzman Bernardo Rocha Rezende Domingos Lampariello Neto Fernando Roscio Ávila Marcus Vinícius Freire Mario Xandó Oliveira Neto Renan Dal Zotto Ronaldo Pereira Macedo Ruy Campos Nascimento William Carvalho Silva

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	1	-	-

GERAL

ESPORTE	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
Atletismo feminino	2	2	-	-
Atletismo masculino	8	2	3	3
Basquetebol feminino	1	-	-	1
Basquetebol masculino	1	-	1	-

GERAL (continuação)

PROVA	OURO	PRATA	BRONZE	TOTAL
Boxe masculino	2	-	-	2
Ciclismo masculino	1	-	-	1
Futebol masculino	1	-	1	-
Ginástica feminina	1	-	-	1
Hipismo	2	-	-	2
Judô feminino	5	-	1	4
Judô masculino	6	-	4	2
Natação masculina	8	2	5	1
Remo masculino	2	1	1	-
Tênis de mesa masculino	3	2	1	-
Tênis de mesa misto	1	-	-	1
Tiro	4	-	2	2
Arco e Flecha feminino	1	-	-	1
Arco e Flecha masculino	2	-	-	2
Vela	5	4	1	-
Voleibol masculino	1	1	-	-
TOTAL	57	14	20	23

1987 – Indianópolis, Estados Unidos

ATLETISMO FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
800m	BRONZE	Soraya Vieira Telles
4x100m	BRONZE	Claudilea Santos Oliveira Cleide Amaral Inês Antônio S. Ribeiro Sheila Oliveira Santos

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
2	-	-	2

ATLETISMO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
1.500m	OURO	Joaquim Carvalho Cruz
3000m com obstáculos	OURO	Adauto Domingues
Maratona	OURO	Ivo Machado Rodrigues
200m	PRATA	Robson Caetano da Silva
800m	PRATA	José Luiz Barbosa
5.000m	PRATA	Adauto Domingues

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
6	3	3	-

BASQUETEBOL FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	PRATA	Hortência F. M. Oliva Janeth S. Arcaim Maria A. G. Silva Maria J. Bertolotti Maria P. G. Silva Marta S. Sobral Nadia B. Lima Neusa M. Ribeiro Ruth R. Souza Vania H. Souza Vania S. Teixeira Vanira H. Souza

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
1	-	1	-

QUADRO COM OS 8 PRIMEIROS COLOCADOS EM NÚMERO DE MEDALHAS (1983 – Caracas, Venezuela)

PAÍS	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE	COLOCAÇÃO NO TOTAL	COLOCAÇÃO EM OURO
EUA	302	148	101	53	1	1
Cuba	174	78	51	45	2	2
Canadá	119	22	42	55	3	3
Venezuela	76	14	25	37	4	4
Brasil	57	14	20	23	5	5
México	46	7	13	26	6	6
Argentina	35	2	11	22	7	7
Colômbia	20	2	8	10	8	8

BASQUETEBOL MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	OURO	André Ernesto Stofel Gerson Victalino Israel M. Campello Andrade João José Viana Jorge Guerra Marcel Ramon P. Souza Marcel Ramon P. Souza Oscar Daniel B. Schmidt Paulo Villas Boas Almeida Ricardo Cardoso Guimarães Rolando Ferreira Jr. Silvio Malvezi

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
1	1	-	-

BOXE MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
51 KG	BRONZE	Hamilton Rodrigues
63,5 KG	BRONZE	Wanderley de Oliveira
+91 KG	BRONZE	Carlos Barcelete

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
3	-	-	3

CICLISMO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Estrada, individual	PRATA	Marcos Mazzaron
Perseguição, equipe	BRONZE	Antonio C. Silvestre Antonio C. Hunger Paulo R. Jamur Fernando A. Louro

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
2	-	1	1

FUTEBOL MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	OURO	Ademir Roque Kaefer André Alves Cruz Carlos Eduardo Marangon Claudio José Taffarel Edvaldo Oliveira Chaves Evair Aparecido Paulino Geraldo Dutra Pereira Hamilton de Souza Luiz Carlos A. Gerra Marcio P. Monteiro Nelson L. Kerchner Raí S. V. Oliveira Ricardo G. Raimundo Ricardo R. B. Rocha Sergio D. Luz Valdo Candido Filho Washington C. Santos Willian D. H. Menezes

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
1	1	-	-

GINÁSTICA ARTÍSTICA FEMININA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Barras assimétricas	BRONZE	Luiza Parente Ribeiro

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
1	-	-	1

GINÁSTICA ARTÍSTICA MASCULINA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	BRONZE	Guilherme Pinto Gerson Gnoato Carlos Fulcher Carlos Sabino Ricardo Nassar Marco Antonio Monteiro

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
1	-	-	1

HANDEBOL FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	BRONZE	Anita A. Pires Carla S. Vasconcelos Claudia F. Monteiro Eliane A. Dias Elza Giovanelli Isabela Maroja Kelma M. M. Silva Marcia K. Tornin Marcia R. Tomadon Margarete M. Pioresan Nivia C. P. Cruz Simone M. R. Lima Tania M. S. Becker

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
1	-	-	1

HANDEBOL MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	BRONZE	Drean F. Dutra Edson R. Rizzo Everaldo V. Lopes Gilberto J. Cardoso José L. B. A. Ramalho José L. L. Vieira José R. Nascimento Luiz S. Sumaio Marcelo M. F. Sampaio Oswaldo Inocente Filho Paulo S. Bittar Sergio Hortelan Vinicius F. Tetti

TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
1	-	-	1

JUDÔ FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
48 KG	OURO	Monica Angelucci
72 KG	OURO	Soraia André
61 KG	BRONZE	Soraya S. Carvalho
+72 KG	BRONZE	Rosimeri Salvador
Absoluto	BRONZE	Ivana S. Santana

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	5	2	-	3

JUDÔ MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
60 KG	OURO	Sérgio A. Pessoa
86 KG	OURO	Rinaldo Cagianno
95 KG	OURO	Aurélio Fernandes Miguel
65 KG	PRATA	Nelson Onmura
71 KG	PRATA	Luis Onmura
+95 KG	PRATA	Frederico Flexa Alfredo
Absoluto	BRONZE	Rogério Cherubim

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	7	3	3	1

LUTA LIVRE MASCULINA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
90 KG	PRATA	Roberto C. Leitão

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	1	-

NATAÇÃO MASCULINA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
400m, livre	PRATA	Cristiano Michelena
200m, costas	PRATA	Ricardo Prado
200m, medley	BRONZE	Ricardo Prado
4x100m, livre	BRONZE	Jorge Fernades Cristiano Michelena Cyro Delgado Julio R. Lopes
4x100m, medley	BRONZE	Jorge Fernades Otavio Silva Cicero Tontelli Ricardo Prado
4x200m, livre	BRONZE	Jorge Fernades Cristiano Michelena Cyro Delgado Julio R. Lopes

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	6	-	2	4

PÓLO AQUÁTICO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	BRONZE	Ayrton P. C. Silva Eduardo R. V. Comini Eric T. Borges Fernando Rocha Filho Fernando Carsalade Francisco Chaves Neto Gilberto Gargiulo Gilberto Guimarães Hélio F. Gomes Filho João Meireles Mario E. A. Souto Sergio S. Figueiredo Jr. Silvio Manfredi

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	-	1

HÓQUEI SOBRE PATINS MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	BRONZE	Claudio M. Gomes Ermano B. Santos Filho Fabio T. N. Mainardi Fernando L. Jesus Lauro Terroso Neto Leonidas A. Agra Maurício B. Duque Roberto M. Caribé Silvio Brancacco Vitor M. N. Santos

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	-	1

REMO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Dois sem	OURO	Ricardo Carvalho Ronaldo Carvalho
Oito com	PRATA	Angelo Rosso Neto Carlos P. Bezerra Claudio M. Tavares Denis A. Marinho Flavio A. Melo Helder J. Lima Mauro W. Santos José Raimundo G. Ribeiro Nilton Alonço
Dois sem, leve	BRONZE	João F. Deboni José A. Almeida

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	3	1	1	1

TAEKWONDO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
83 KG	BRONZE	Gilberto S. M. Medeiros

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	-	1

TÊNIS FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Simplex	OURO	Gisele Miró

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	1	-	-

TÊNIS MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Simplex	OURO	Fernando Roese

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	1	-	-

TÊNIS MISTO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Dupla	BRONZE	Fernando Roese Gisele Miró

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	-	1

TÊNIS DE MESA MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	OURO	Claudio Mitsuhiro Kano Hugo Hoyama Edson Takahashi
Dupla	PRATA	Claudio Mitsuhiro Kano Hugo Hoyama
Individual	BRONZE	Carlos Kawai
Individual	BRONZE	Claudio Mitsuhiro Kano

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	4	1	1	2

TIRO FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Pistola de ar	BRONZE	Nara N. Amaral

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	-	1

TIRO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Pistola de fogo central, equipe	BRONZE	Durval F. Guimarães Beneduto Tilli Alfredo Lalia
Fossa olímpica	BRONZE	Rodrigo Bastos Alain Dufour Marcos Olsen

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	2	-	-	2

VELA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Laser	PRATA	Jonas Penteado
Star	BRONZE	Gastão D. Brun Carlos E. Courtney
Snipe	BRONZE	Ivan O. Pimenta Marcos S. Vianna
Soling	BRONZE	Daniel Adler Torben Grael Ronald Senft
Lightning	BRONZE	Gunnar Ficker Claudio Biekarck Carlos E. Wanderley

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	5	-	1	4

VOLEIBOL MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	BRONZE	Antonio C. A. Gouveia Bernard Rajzman Domingos Lamparielo Elberto Furtado Jr. Helder Z. Coelho José Francisco Filho Leonildo P. Prá Filho Luis A. P. Rodrigues Marcelo L. Dutra Mario X. Oliveira Neto Paulo A. J. Silva Renan Dal Zotto

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	-	1

GERAL

ESPORTE	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
Atletismo feminino	2	-	-	2
Atletismo masculino	6	3	3	-
Basquetebol feminino	1	-	1	-
Basquetebol masculino	1	1	-	-
Boxe masculino	3	-	-	3
Ciclismo masculino	2	-	1	1
Futebol masculino	1	1	-	-
Ginástica artística feminina	1	-	-	1
Ginástica artística masculina	1	-	-	1
Handebol feminino	1	-	-	1
Handebol masculino	1	-	-	1
Judô feminino	5	2	-	3
Judô masculino	7	3	3	1
Luta masculina	1	-	1	-
Natação masculina	6	-	2	4
Pólo Aquático masculino	1	-	-	1
Hóquei sobre patins masculino	1	-	-	1
Remo masculino	3	1	1	1
Taekwondo masculino	1	-	-	1
Tênis feminino	1	1	-	-
Tênis masculino	1	1	-	-
Tênis misto	1	-	-	1
Tênis de mesa masculino	4	1	1	2
Tiro feminino	1	-	-	1
Tiro masculino	2	-	-	2
Vela	5	-	1	4
Voleibol masculino	1	-	-	1
TOTAL	61	14	14	33

1991 – Havana, Cuba

ATLETISMO FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
3000m	BRONZE	Carmen de Oliveira Furtado
TOTAL	1	0

ATLETISMO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
100m	OURO	Robson Caetano da Silva
200m	OURO	Robson Caetano da Silva
1.500m	OURO	José Mauro Valente
400m com barreiras	OURO	Eronilde Nunes de Araújo
3.000m com obstáculos	OURO	Adauto Domingues
Decatlo	OURO	Pedro Ferreira Silva Filho
Maratona	PRATA	José Carlos Santana Silva
Salto triplo	PRATA	Anísio Souza Silva
Marcha de 20 km	BRONZE	Marcelo Moreira Palma
TOTAL	9	6

QUADRO DOS 8 PRIMEIROS COLOCADOS EM NÚMERO DE MEDALHAS (1987 – Indianápolis, Estados Unidos)

PAÍS	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE	COLOCAÇÃO NO TOTAL	COLOCAÇÃO EM OURO
EUA	369	168	118	83	1	1
Cuba	175	75	52	48	2	2
Canadá	162	30	57	75	3	3
Brasil	61	14	14	33	4	4
Argentina	48	12	14	22	5	5
México	38	9	11	18	6	6
Porto Rico	29	3	6	20	7	9
Venezuela	26	3	11	12	8	7

BASQUETEBOL FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	OURO	Adriana A. dos Santos Ana Lucia Mota Hortencia Fátima Oliva Janeth Santos Arcain Joycenara Batista Maria Paula Gonçalves Silva Marta Souza Cabral Nadia Bento Lima Roseli Carmo Gustavo Ruth Roberta Souza Simone Pontelo Vania Hernandez Souza
TOTAL	1	0

BOXE MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
51 KG	BRONZE	Luiz Claudio Freitas
57 KG	BRONZE	Rogério Brito Dezorzi
63,5 KG	BRONZE	Luiz Fernando Silva
71 KG	BRONZE	Lucas França
TOTAL	4	0

CICLISMO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Estrada, individual	BRONZE	Wanderley Magalhães Azevedo
TOTAL	1	0

GINÁSTICA ARTÍSTICA FEMININA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Barras assimétricas	OURO	Luisa Parente Ribeiro
Salto sobre o cavalo	OURO	Luisa Parente Ribeiro
TOTAL	2	0

GINÁSTICA RÍTMICA FEMININA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	PRATA	Alessandra Frederico Alessandra Seligman Bibiana P. Castro Débora Morais Gabriela A. Baal Valquiria A. Rosário
TOTAL	1	0

HANDEBOL MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	PRATA	Almir Albuquerque Santos Antonio Carlos Gonçalves Dias Claudio Oliveira Brito Fausto José Steinwandter Gilberto Jesus Cardoso Ivan Bruno Mazieiro Ivan Raimundo Pinheiro José Luiz Lopes Vieira José Ronaldo Nascimento Oswaldo Inocente Filho Paulo Roberto Martins Sergio Hortelan Valmir Augusto Fassina
TOTAL	1	0

HIPISMO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Saltos, equipe	OURO	Vitor Alves Teixeira Marcelo Artiaga de Castro Luiz Felipe de Azevedo André Bier Johannpeter
Saltos, individual	BRONZE	Vitor Alves Teixeira
TOTAL	2	1

HÓQUEI SOBRE PATINS MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	PRATA	Alan Karan Antonio Carlos Cavalaro Fabio Tadeu Mainard Flavio Pontes Guidi Jurandir da Silva Leonidas Azzi Agra Marcelo Magnus Cavalaro Maurício Barbosa Duque Roberto Miranda Caribé Vitor Manuel Santos
TOTAL	1	0

JUDÔ FEMININO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
52 KG	PRATA	Patricia Dias Bevilacqua
45 KG	BRONZE	Maria Cristina A. de Souza
48 KG	BRONZE	Mônica Angelucci
+ 72 KG	BRONZE	Edilene Aparecida Andrade
Absoluto	BRONZE	Soraia André
TOTAL	5	1

JUDÔ MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
60 KG	OURO	Shigueto Yamazaki
71 KG	PRATA	Sérgio Ricardo Oliveira
65 KG	BRONZE	Sumio Tsujimoto
78 KG	BRONZE	Renato Gagnino
+95 KG	BRONZE	Frederico Fernando Flexa Kuntze

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	5	1	1	3

LEVANTAMENTO DE PESO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
100 KG – arremesso	BRONZE	Edmilson Silva Dantas
100 KG – arranque	BRONZE	Edmilson Silva Dantas
100 KG – total	BRONZE	Edmilson Silva Dantas

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	3	-	-	3

NATAÇÃO FEMININA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
4x100m, medley	PRATA	Ana Catarina Azevedo Glicia Quitiba Lofego Paoletti Gomes Filippini Celina Mayumi Endo
4x100m, livre	BRONZE	Isabelle Marques Vieira Paula Marsiglia Paula Renata C. Aguiar Paoletti Gomes Filippini

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	2	-	1	1

NATAÇÃO MASCULINA

PROVA	MEDALHA	ATLETA
100m, livre	OURO	Gustavo França Borges
200m, costas	OURO	Rogério Aoki Romero
4x100m, livre	OURO	Emmanuel Fortes Nascimento Gustavo França Borges Julio Cesar Rebolal Lopes Teófilo Laborne Ferreira
200m, livre	PRATA	Gustavo França Borges
4x200m, livre	PRATA	Cassiano Schalch Leal Emmanuel Fortes Nascimento Gustavo França Borges Teófilo Laborne Ferreira
50m, livre	BRONZE	Gustavo França Borges
100m, borboleta	BRONZE	Eduardo Beça Piccinini

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	7	3	2	2

PÓLO AQUÁTICO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Equipe	BRONZE	Antonio Carlos Costa Armando Gutfreund Daniel Polidoro Mameri Eduardo Vale Comini Eric Tebbe Borges Fernando Alberto Rocha Filho Giuliano Bertolucci Hélio Frederico Gomes Filho João Antonio Meireles Paulo Francisco J. Abreu Paulo R. Vale Comini Roberto Bruno S. Chiappini Rodney Andrew Bell

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	1	-	-	1

REMO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
Dois sem	BRONZE	Carlos Alexandre B. Almeida Claudio Mello Tavares
Dois com	BRONZE	Alexandre Dias Fernandes Marcos Alves Arantes Oswaldo Kuster Neto

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	2	-	-	2

TAEKWONDO MASCULINO

PROVA	MEDALHA	ATLETA
83 KG	OURO	Fabio Goulart
+83 KG	PRATA	Lucio Aurélio F. Silva
50 KG	BRONZE	Cesar Galvão Nascimento

	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
	3	1	1	1

Brasil – Resultados esportivos II

Campeonatos Mundiais e Paraolímpicos

ALEXANDRE M. CARVALHO

Brazil – Sports results II *World Championships and Paralympic Games*

The preceding chapter displayed the Brazilian results of both the Olympic Games and the Pan-American Games. This apparently simple task implied cross results from different sources since there is neither a universal pattern to follow nor a central source that keeps international sports results; therefore, specialist researchers have worked on the definitions for the registration of sports results. The first one to construct a detailed work listing the Olympic medal winners was Fritz Wasner from Germany, in 1939, followed by Ferenc Mezö, Hungarian, author

Origens e definições Os historiadores e memorialistas do esporte têm sido os principais elaboradores e usuários dos registros de acontecimentos e de resultados de competições, na busca de sentido e significado, em primeira instância, dos Jogos Olímpicos e demais eventos de grande porte internacional. No capítulo anterior deste Atlas foram colocados em pauta a memória dos Jogos Olímpicos e dos Jogos Pan-Americanos com referência aos resultados do Brasil. Esta tarefa aparentemente simples implicou, no caso, em consultas cruzadas em diferentes fontes de dados porque não existe até agora um padrão universal e nem um registro central dos resultados esportivos internacionais. Particularmente com relação aos Jogos Olímpicos, o registro dos resultados tem sido recentemente aperfeiçoado por iniciativa do Comitê Olímpico Internacional-COI, que se associou a especialistas da área para tal tarefa. Estes atuam no esclarecimento de registros conflitantes por meio da análise de documentos originais de época e do cotejo de informações entre eles. Sendo a mais tradicional e universal competição esportiva do mundo, os Jogos Olímpicos têm sido naturalmente o principal foco dos estudos de registros esportivos e, por conseguinte, seu laboratório avançado. Por exemplo, tornou-se disponível nos últimos anos uma compilação confiável acerca de edições de 1900 dos Jogos de Paris, e de 1904, de Saint Louis, que foram as que geraram maiores problemas quanto à exatidão dos resultados. Já quanto aos Jogos de 1908, de Londres, o seu Comitê Organizador elaborou uma até então inédita “Reportagem Oficial”, que criou um mínimo de documentação sobre as competições realizadas. Mas nos eventos olímpicos seguintes o problema passou para a variedade de registros e fontes, com desvios peculiares a cada um deles.

Assim disposto, as definições sobre registros de resultados esportivos têm passado tradicionalmente por pesquisadores especialistas O primeiro deles a fazer um detalhado trabalho listando os medalhistas olímpicos foi o alemão Fritz Wasner em 1939, com o livro *Olympia Lexikon*. Seguiu-se o húngaro Ferenc Mezö, autor do famoso livro “Die Modernen Olympischen Spiele” (‘Os Jogos Olímpicos Modernos’), publicado em 1959. O livro foi compilado em comemoração aos 60 anos de renascimento dos Jogos Olímpicos e teve o patrocínio do COI. O austríaco Erich Kamper foi mais detalhista na elaboração dos resultados olímpicos, dispondo os registros não apenas pelas provas mas também especificando individualmente cada atleta com suas respectivas medalhas. Com isso, possibilitou aos leitores saberem o desempenho de cada atleta individualmente. Realizou vários trabalhos relacionados ao tema a partir dos anos de 1960. Caminho semelhante foi adotado pelo alemão Volker Kluge, que tem publicado várias compilações de registros sobre os Jogos Olímpicos e ultimamente está prestes a completar sua coleção “Olympische Sommerspiele” (Jogos Olímpicos de Verão). Esta obra é uma das mais completas no seu assunto, com lista de todos os participantes, de todas as provas – inclusive as eliminatórias – com informações sobre os seus respectivos sistemas de disputa de cada prova, além da documentação do processo de escolha da cidade e da situação política do mundo em cada época. Em adição aos dados há uma curta biografia de vários campeões olímpicos. Trata-se, em resumo, de um valiosa fonte de consultas com cerca de 4.900 páginas, incluindo o volume dedicado aos Jogos Olímpicos de Inverno.

Já o norte-americano David Wallechinsky publica livros sobre os Jogos Olímpicos desde 1984. Em seu trabalho lista os 8 primeiros

of the famous book “Die Modernen Olympischen Spiele” (‘The Modern Olympic Games’), published in 1959. Works by the following authors aimed at the improvement of the survey of sports Olympic results: Erich Kamper, Volker Kluge, David Wallechinsky, Rupert Kaiser, Bill Mallon, Ian Buchanan, Wolf Lyberg and Karl Lennartz. In Brazil, this initiative started in the 1950s, with Adolpho Schermann, whose main followers were Sérgio Marinho Barbosa (1970s), Maurício Cardoso (1980s), Paulo Brito and André Luís Nery (1990s), and Sílvio Lancellotti (1990s –

colocados em cada prova e traz comentários e curiosidades sobre vários atletas. É mais dedicado aos atletas norte-americanos e aos acontecimentos que mais marcaram os Jogos Olímpicos. O alemão Rupert Kaiser também pode ser incluído neste grupo avançado por ter inovado no formato de livros sobre os Jogos Olímpicos de Verão e de Inverno. Os pontos de destaque de seu trabalho são a disposição dos resultados em forma de tabela, que fornece uma melhor visualização, e o fornecimento de informação e os comentários em forma de telegrama. Através de frases curtas, conseguiu aglutinar uma rica informação sobre os feitos dos atletas e as modificações de regras que ocorreram no programa olímpico. O norte-americano Bill Mallon escreveu excelentes livros, com comentários e estatísticas, sobre os Jogos de 1896 a 1920 separadamente, fornecendo suporte em relação a um período dos Jogos Olímpicos em que há uma carência de informação. Realizou trabalhos em conjunto com Erich Kamper e Ian Buchanan, relacionando os vários medalhistas olímpicos. O sueco Wolf Lyberg também se destaca no mundo dos pesquisadores olímpicos, com trabalhos relacionados à história do próprio Comitê Olímpico Internacional e de seus dirigentes. Também opera como memorialista, documentando nomes de atletas participantes dos Jogos Olímpicos.

O alemão Karl Lennartz tem realizado trabalhos sobre a participação de seu país nos Jogos Olímpicos, sobretudo focalizando as primeiras décadas do Século XX. Ele é responsável pelo Instituto Carl Diem, na Alemanha, e editor do “Journal of Olympic History” publicado pela Sociedade Internacional dos Historiadores Olímpicos. Estuda minuciosamente documentos dos Jogos Olímpicos, como medalhas, diplomas e homenagens. O holandês Anthony Bijkerk destaca-se nos estudos sobre a participação da Holanda nos Jogos Olímpicos e publica artigos no publicação oficial da Sociedade Internacional dos Historiadores Olímpicos. Realizou trabalhos em conjunto com outros pesquisadores, como Bill Mallon. O austríaco Gottfried Schödl merece uma especial menção pelo seu peculiar trabalho de documentação estatística no esporte de Levantamento de Peso. Antigo presidente da Federação Internacional de Levantamento de Peso, ele é um grande exemplo de amor ao esporte. Em seu trabalho há relação de todos os resultados dos campeonatos mundiais para adultos e juniores e dos Jogos Olímpicos. Também lista a progressão do recorde mundial em cada prova e categoria de peso. Da antiga União Soviética podem ser mencionados Boris Khavin, autor de livros sobre os atletas soviéticos e da consultada obra “VSE ob olimpiyskikh igrakh”; Sergey Pavlov, autor de “Olimpiyskaya Entsiklopediya”; e Gennady Maritchev, da Letônia, com seu trabalho “Who is Who at the Summer Olympics 1896-1992”. No âmbito editorial dos resultados esportivos, há livros que têm sido verdadeiros documentos da história olímpica, principalmente com estatísticas. Destaque também deve ser dado aos trabalhos dos Comitês Olímpicos Nacionais, como o dos Estados Unidos, da Polônia, da antiga Alemanha Oriental, da Alemanha e da Hungria. Uma coleção digna de nota não apenas pelo seu conteúdo estatístico, mas também pelo seu valor iconográfico, chama-se “Olympiaboken”, publicada na Suécia desde 1948.

No Brasil não são muitos os trabalhos de documentação dos resultados esportivos, mas tem havido uma massa crítica de livros de referência em que pesem as limitações de público. O pesquisador pioneiro do país já mencionado no capítulo anterior – e que antecede

2000s). For the decade of 2000, it is important to mention Alexandre Carvalho (who keeps in touch with and follows the trends of Bill Mallon, Volker Kluge, David Wallechinsky and Karl Lennartz), whose work has been used as reference in the Fóruns Olímpicos (Olympic Forums) of 2002 (Rio de Janeiro-RJ) and of 2003 (Curitiba-PR), including 9 papers listed in the sources of this chapter. This chapter displays working methods, authors, and selected results of Brazil in World Championships and Paralympic Games as examples of record keeping.

Ferenc Mezö, na Hungria – é Adolpho Schermann, que escreveu um tratado em dois volumes denominado de “Os Desportos em Todo Mundo”, na década de 1950. Seu trabalho inclui estatísticas dos Jogos Olímpicos e dos Jogos Pan-Americanos, estes últimos ainda em suas primeiras edições. Também há relação de resultados de campeonatos mundiais e sul-americanos de alguns esportes, complementado por registros históricos resumidos de esportes, clubes e federações em perspectivas brasileiras. O seguidor deste formato no país posteriormente na década de 1990 é Sílvio Lancellotti, que merece destaque pelo extenso livro “Olimpiada 100 anos. História Completa dos Jogos”, em que traz copiosas informações e fatos históricos sobre os Jogos Olímpicos, incluindo a participação brasileira.

Outros autores a serem mencionados por terem publicado estatísticas e resultados esportivos no Brasil são: Sérgio Marinho Barbosa, com a coleção em três volumes “Jogos Olímpicos” (Fundação Mobral – Centro Cultural, 1979); Maurício Cardoso, com o livro “De Atenas a Atlanta 100 anos de Olimpíadas”; a Editora “Gete Publicações”, que listou os resultados de 1896 a 1980 nas provas mais atuais do programa olímpico; e Paulo Brito e André Luís Nery, que fornecem resultados dos Jogos Olímpicos (medalhistas) e dos Jogos Pan-Americanos (os campeões) com o livro “Placar Máximo – As Grandes Conquistas do Esporte”, publicado na década de 1990. Para a década de 2000, cabe citar Alexandre Carvalho, autor pertencente ao grupo de novos pesquisadores da Academia Olímpica Brasileira-AOB (órgão do Comitê Olímpico Brasileiro-COB), dedicados, portanto aos Estudos Olímpicos, com ênfase nos temas brasileiros. A produção deste autor – que mantém contatos e segue as linhas de Bill Mallon, Volker Kluge, David Wallechinsky e Karl Lennartz – está referenciada nos Fóruns Olímpicos de 2002 (Rio de Janeiro-RJ) e de 2003 (Curitiba-PR), e compõe-se de nove trabalhos relacionados nas “Fontes” deste capítulo. Estas contribuições focalizam análises dos Jogos Olímpicos por meio de países, dos atletas, dos esportes, das provas e das edições de cada ano; compilação de resumos históricos dos medalhistas dos campeonatos mundiais em seus variados esportes, olímpicos ou não; e mais recentemente o estudo das medalhas do Brasil nos Jogos Pan-Americanos. Tais inventários e memórias acompanham a história política dos países e sua influência nos resultados esportivos. No presente capítulo, os resultados que foram compilados de modo a permitir consultas mais eficientes concernem os campeonatos do mundo em diversas modalidades esportivas e as competições paraolímpicas.

Fontes Alexandre Carvalho. Fórum Olímpico 2002, Rio de Janeiro: A participação feminina nos Jogos Olímpicos. A participação dos países anfitriões nos Jogos Olímpicos. Desempenho dos países da América Latina nos Jogos Olímpicos: um estudo do Esporte Latino-Americano. Alexandre Carvalho. Fórum Olímpico, 2003, Curitiba: A Influência das mudanças da Geopolítica nos resultados esportivos – análise do Boxe Amador. A Alemanha nos Jogos Olímpicos de Verão e a História do Século XX. Critérios para verificação do desempenho de um país nos Jogos Olímpicos. Guerra Quente na Guerra Fria: uma análise estatística do confronto entre União Soviética e Estados Unidos nos Jogos Olímpicos de 1952 a 1988. A Evolução do Atletismo Africano nos Jogos Olímpicos. As provas antigas do Atletismo não mais disputadas nos Jogos Olímpicos da Era Moderna.

Campeonatos mundiais por esportes e modalidades selecionadas (1949 – 2003) e Paraolimpíadas

Os campeonatos mundiais possuem uma grande importância estratégica dentro da análise do desempenho de um país em termos de competição esportiva. Avaliam de forma mais ampla do que os próprios Jogos Olímpicos, que possuem um número de provas limitado. Aliás, a crescente tendência do Comitê Olímpico Internacional em restringir a participação de esportes e de atletas em seu evento maior está fazendo com que os campeonatos mundiais sejam o verdadeiro parâmetro para se avaliar resultados esportivos de cada país. Uma amostra de

organização de resultados de campeonatos mundiais é encontrada em seguida por seleção de esportes, modalidades, anos e medalhas conquistadas. A periodização, no caso, foi ajustada a fim de comportar o Tiro – esporte de bons resultados no passado – e os desempenhos mais recentes de variados esportes. Por esta apreciação, pode-se ser assumido que, da mesma forma que nos Jogos Olímpicos, o desempenho do Brasil em campeonatos mundiais está mais concentrado no Judô, na Vela, no Atletismo, na Nataação e nos esportes coletivos em

geral. Porém, há esportes que não estão no programa olímpico e nos quais o Brasil consegue expressivos resultados, como são os casos da Ginástica Aeróbica, Futsal, Vôlei de Praia e Punhobol / *Faustbal*, exemplos em que o Brasil é potência mundial (o primeiro esporte citado foi incluído na seleção). Segue-se a este exercício, uma tomada preliminar de registros de Paraolimpíadas de modo a acompanhar a tendência atual de considerar estas modalidades no mesmo nível de eventos de grande porte internacional.

ATLETISMO

Os desempenhos do Brasil no Atletismo são muito modestos em campeonatos mundiais, contudo há destaques em pista descoberta e em pista coberta.

Pista descoberta

ANO	ATLETA	COLOCAÇÃO (PROVA)
1983	Joaquim Cruz	3 - (800m)
1987	José Luis Barbosa	3 - (800m)
1991	José Luis Barbosa	2 - (800m)
1997	Claudinei da Silva	3 - (200m)
1999	Claudinei da Silva	2 - (200m)
	Sanderlei Parrela	2 - (400m)
2003	Vicente de Lima	3 - (4x100m)
	Edson Luciano Ribeiro	
	André Domingos	
	Cláudio Roberto de Souza	

Pista coberta

ANO	ATLETA	COLOCAÇÃO (PROVA)
1985	João Batista da Silva	3 - (200m)
1987	José Luis Barbosa	1 - (800m)
	Róbson da Silva	3 - (200m)
1989	José Luis Barbosa	2 - (800m)
2003	Maureen Higa Maggi	3 - (salto em distância)

BOXE

A participação do Brasil em campeonatos mundiais de Boxe não tem significado de importância, contrastando com competições internacionais isoladas à parte das organizadas pela Federação Internacional da modalidade. O registro digno de menção é de 1986.

ANO	ATLETA	COLOCAÇÃO (PROVA)
1986	José Rodrigues	3 - (-48 kg)

FISICULTURISMO

ANO	ATLETA	COLOCAÇÃO (PROVA)
1987	Luiz Otávio de Freitas	1 - +90 kg
1997	José Carlos Santos	1 - -65 kg
1998	José Carlos Santos	2 - -65 kg
1999	José Carlos Santos	1 - -65 kg
2000	José Carlos Santos	3 - -65 kg

GINÁSTICA

Na Ginástica o Brasil vem conseguindo significativos resultados nos últimos anos. Já conseguiu chegar ao pódio em 2 campeonatos mundiais, inclusive obtendo uma medalha de ouro em 2003.

ANO	ATLETA	COLOCAÇÃO (PROVA)
2001	Daniele Hypolito	2 - Exercícios de solo
2003	Daiane dos Santos	1 - Exercícios de solo

GINÁSTICA AERÓBICA

As competições de Ginástica Aeróbica são administradas por duas Federações. A partir de 1995 a Federação Internacional de Ginástica passou a controlar a Ginástica Aeróbica. Entretanto, a antiga Federação (FISAF) continua a organizar seus próprios campeonatos. O Brasil possui várias medalhas em campeonatos mundiais, principalmente no período da década de 1990. A partir de 2000 seus resultados ficaram mais restritos.

ANO	ATLETA	COLOCAÇÃO (PROVA)
1995	Isamara Secati	3 - Individual (F)
	Mário Luis Américo	1 - Individual (M)
	Erica Faccio e Pedro Faccio	1 - Dupla mista
	Ruy Faria Amadei	1 - Trio
1996	Isamara Secati	1 - Individual (F)
	Cláudio Franzen	3 - Individual (M)
	Erica Faccio e Pedro Faccio	2 - Dupla mista
1998	Isamara Secati	2 - Individual (F)
1999	Rodrigo Martins Ibsen Nogueira Admilson Victorio	Trio
2000	Isamara Secati	2 - Individual (F)

FISAF

ANO	ATLETA	POSIÇÃO (PROVA)
1990		1 - Dupla
1991		1 - Individual (M)
		2 - Dupla
		3 - Dupla
1992	Claudia Gomes Sayonara Motta Paulo Roberto	1 - Trio
		2 - Individual (F) 3 - Duplas
1993	Greice Kerche Alessandro Paiva Marilene Andrade Roberson Magalhães Helena Cardoso Olga Cardoso Andrea Valle	2 - Trio
		1 - Individual (F)
		1 - Individual (M)
		1 - Dupla
1995	Olga Cardoso Eduardo Taupp Regina da Silva Olga Cardoso Gustavo Braga Ricardo Barbosa	3 - Trio
		2 - Individual (F)
		1 - Dupla
1996	Magda Cristine Michel Nives Stael Martins	1 - Trio
		3 - Individual (F) 2 - Duplas
1997	Marcelo Capdevilla Disnei Sanches Renato Garcia	1 - Trio
1999	Cláudio Franzen	1 - Individual (M)
2000	Cláudio Franzen	1 - Individual (M)
2002	Admilson Victorio	3 - Individual (M)

HIPISMO

No Hipismo, o Brasil conquistou apenas uma medalha em campeonatos mundiais. Não confundir com a Copa do Mundo. O mesmo não ocorre com o Pólo eqüestre (ver abaixo) em que o país tem se destacado.

ANO	ATLETA	COLOCAÇÃO (PROVA)
1998	Rodrigo Pessoa	1 - saltos, individuais

PÓLO EQÜESTRE

ANO	ATLETA	POSIÇÃO
1995	Equipe	1
1998	Equipe	2
2001	Equipe	1

JUDÔ

No Judô, o Brasil não está entre as maiores potências internacionais, mas vem conseguindo resultados expressivos e constantes nos campeonatos mundiais.

ANO	ATLETA	COLOCAÇÃO (PROVA)
1971	Chiaki Ishii	3 - (peso meio-pesado)
1979	Walter Carmona	3 - (peso médio)
1987	Aurélio Miguel	3 - (peso meio-pesado)
1993	Rogério Sampaio Cardoso	3 - (peso leve)
	Aurélio Miguel	2 - (peso meio-pesado)
1995	Danielle Zangrando (f)	3 - (-56 kg)
1997	Fulvio Miyata	3 - (peso superleve)
	Aurélio Miguel	2 - (peso meio-pesado)
	Edinanci Silva (f)	3 - (-72 kg)
1999	Sebastian Pereira	3 - (peso leve)
2003	Carlos Honorato	3 - (peso médio)
	Mário Sabino Júnior	3 - (peso meio-pesado)
	Edinanci Silva (f)	3 - (-78 kg)

NATAÇÃO

Piscina olímpica

ANO	ATLETA	COLOCAÇÃO (PROVA)
1982	Ricardo Prado	1 - (400m, medley)
1994	Gustavo Borges	3 - (100m, livre)
	Fernando Scherer	3 - (4x100m, livre)
	Teófilo Ferreira	
	André Teixeira Gustavo Borges	

Piscina curta

ANO	ATLETA	COLOCAÇÃO (PROVA)
1993	Fernando Scherer Gustavo Borges Fernando Scherer J. C. Ferreira J. Souza Júnior Gustavo Borges	1 - (100m, livre) 2 - (100m, livre) 1 - (4x100m, livre) 3 - (4x200m, livre)
1995	Fernando Scherer Fernando Scherer Gustavo Borges Gustavo Borges Fernando Scherer Alexandre Massura André Cordeiro Gustavo Borges	2 - (50m, livre) 1 - (100m, livre) 2 - (100m, livre) 1 - (200m, livre) 1 - (4x100m, livre) 3 - (4x200m, livre)
1997	Gustavo Borges Gustavo Borges	2 - (100m, livre) 1 - (200m, livre)
2002	Gustavo Borges Eduardo Fischer	2 - (200m, livre) 3 - (50m, peito)

TAEKWONDO

ANO	ATLETA	POSIÇÃO
1991	Jorge Gonçalves	3 - pena
1993	Alyson Yamaguti	2 - mosca
1993	Milton Iwama	2 - pena
1995 - F	Leonildes dos Santos	2 - pena
1995	Lúcio Aurélio Silva	3 - pesado
2001 - F	Natalia Falavigna Silva	3 - leve

TIRO

O Tiro foi o esporte que garantiu ao Brasil suas primeiras medalhas olímpicas, quando os atiradores brasileiros vieram dos Jogos Olímpicos da Antuérpia, de 1920, com 3 medalhas (1 de ouro, 1 de prata, 1 de bronze). Em campeonatos mundiais o Brasil possui apenas 3 medalhas.

ANO	ATLETA	COLOCAÇÃO (PROVA)
1949	Harvey Dias Villela	3 - Arma de exército, 3 posições, 300m, 60 tiros
1978	Lamego Lamego	3 - Pistola de ar, 40 tiros, 10m 3 - Pistola de ar, 40 tiros, 10m, equipes.

VELA

A Vela é o esporte em que o Brasil apresenta seus mais consistentes resultados esportivos. Apesar de pouco difundidos pelos meios de comunicação, o confronto desta modalidade com outras nacionais competitivas demonstra sua superioridade. Abaixo estão os resultados conquistados nos campeonatos mundiais e também nos campeonatos europeus, já que estes últimos permitem a participação de velejadores dos demais continentes.

ANO	ATLETA	POSIÇÃO/ PROVA
1961	Axel Schmidt	1 - (Snipe)
1963	Axel Schmidt Reinaldo Conrad	1 - (Snipe) 2 - (Snipe)
1965	Axel Schmidt	1 - (Snipe)
1966	Joerg Bruder	2 - (Finn)
1967	Nelson Piccolo	1 - (Snipe)
1968	Joerg Bruder	3 - (Finn)
1969	Joerg Bruder Reinaldo Conrad	2 - (Finn) 2 - (Snipe)
1970	Joerg Bruder	1 - (Finn)
1971	Joerg Bruder Ralph Conrad	1 - (Finn) 2 - (Snipe)
1972	Joerg Bruder Joerg Bruder Claudio Biekarck	1 - (Finn) 2 - (Star)
1973	Reinaldo Conrad	3 - (Flying Dutchman)
1977	Claudio Biekarck Boris Ostergreen/Neugebauer Marco Aurélio Paradeda Gastão Brun Vincente Brun Roberto Martins	3 - (Finn) 1 - (Snipe) 3 - (Snipe) 3 - (Soling)
1978	Gastão Brun Vincente Brun Roberto Martins	1 - (Soling)
1979	Boris Ostergreen	3 - (Snipe)
1980	José Barcel Dias	2 - (Laser)
1981	Edson M. Araújo Torben Grael Walmor Gomes Soares Vincente Brun Gastão Brun Roberto Souza	3 - (Optimist) 3 - (Snipe) 1 - (Lightning) 1 - (Soling)
1983	Torben Grael	1 - (Snipe)
1985	Torben Grael Daniel Adler Ronaldo Senfft	2 - (Soling)
1987	Torben Grael Peter Tanscheit	1 - (Snipe) 3 - (Laser)
1989	Torben Grael Alan Adler Nelson Falcão	2 - (Snipe) 1 - (Star)
1990	Peter Tanscheit Torben Grael Marcelo Ferreira	3 - (Laser) 1 - (Star)
1991	Peter Tanscheit Torben Grael Marcelo Ferreira	1 - (Laser) 2 - (Star)
1993	Claudio Cardoso Frederico Monteiro George Nehm Peter Tanscheit Robert Scheidt	2 - (International Hobbie 16) 2 - (Snipe) 2 - (Laser) 3 - (Laser)
1994	Alan Adler Rodrigo Meirelles Torben Grael Marcelo Ferreira	2 - (Star) 3 - (Star)

Vela (continuação)

1995	Marcel Almeida Claudio Cardoso Frederico Monteiro Frederico Rizzo Robert Scheidt Torben Grael Marcelo Ferreira	2 - (International Hobbie 14) 2 - (International Hobbie 16) 2 - (Optimist) 1 - (Laser) 2 - (Star)
1996	Claudio Cardoso Frederico Monteiro Robert Scheidt Torben Grael Marcelo Ferreira	1 - (International Hobbie 16) 1 - (Laser) 3 - (Star)
1997	Claudio Cardoso André Chang Ricardo Dubeux Maurício Santa Cruz Eduardo Neves Alexandre Paradeda Flávio Fernandes Robert Scheidt	1 - (International Hobbie 14) 2 - (International Hobbie 14) 3 - (International Hobbie 14) 1 - (Snipe) 2 - (Snipe)
1998	Torben Grael Marcelo Ferreira	2 - (Star)
1999	Andre Fonseca Rodrigo Duarte Robert Scheidt	2 - (Snipe) 2 - (Laser)
2000	Robert Scheidt	1 - (Laser)
2001	Alexandre Paradeda Eduardo Paradeda Federico Vasconcellos Felipe Vasconcellos Robert Scheidt Andre Streppel	1 - (Snipe) 2 - (Snipe) 1 - (Laser) 2 - (Laser Radial)
2002	Isabel Barzagli Ficker Laura Zani Robert Scheidt Tiago Rodrigues Torben Grael Marcelo Ferreira	3 - (420er) 1 - (Laser) 3 - (Laser Radial) 2 - (Star)
2003	Isabel Barzagli Ficker Laura Zani Robert Scheidt	1 - (420er) 2 - (Laser)

Campeonato europeu (aberto a outros continentes)

ANO	ATLETA	POSIÇÃO (PROVA)
1966	Joerg Bruder	2 - (Finn)
1970	Joerg Bruder Thomas Lundqvist (Suécia)	2 - (Star)
1979	Eduardo Ramos Manfred Kaufman Thomas Heiman	1 - (Soling)
1989	Torben Grael Marcelo Ferreira	1 - (Star)
1991	Torben Grael Marcelo Ferreira	1 - (Star)
1998	Torben Grael Rodrigo Meireles	3 - (Star)
2000	Rafael Lorenzo	1 - (Optimist)
2003	Torben Grael Marcelo Ferreira	1 - (Star)

Paraolimpíadas, 1976 – 2000

Os Jogos Paraolímpicos tiveram início em 1960, em Roma, seguindo-se em várias cidades de quatro em quatro anos. A partir de 1988, em Seul, este evento passou a ser organizado na mesma cidade sede dos Jogos Olímpicos, em proveito da infra-estrutura montada. O Brasil compete desde 1976, em Toronto, e continuou regularmente a participar na fase inaugurada em Seul.

1976 – Toronto

ESPORTE	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
Lawn Bowls	1	-	1	-
TOTAL	1	-	1	-

Lawn bowls

PROVA	Posição	Atletas
Classe 2,3,4,5,6	2	Róbson S. Almeida Luiz Carlos Costa

1984 – Nova Iorque (EUA) / Stoke Mandeville (Inglaterra)

ESPORTE	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
Atletismo	21	6	12	3
m	5	2	2	1
f	16	4	10	2
Natação	7	1	5	1
m	4	-	3	1
f	3	1	2	-
TOTAL	28	7	17	4

ATLETISMO

PROVA	COLOCAÇÃO	ATLETAS
100m wheelchair (*)Classe 3	3	J. Graciano - 17,53s
Pentatlo - Classe 1C	2	Luiz Cláudio Pereira - 5.892,8 pt.
Disco - Classe 1C	2	Luiz Cláudio Pereira - 20,40m
Dardo - Classe 1C	1	Luiz Cláudio Pereira - 15,92m
Peso - Classe 1C	1	Luiz Cláudio Pereira - 7,88m
F - 60m - Classe C6	3	Márcia Malsar - 10,60s
100m - Classe B2	2	Anelise Hermany - 14,58s
200m - Classe C6	1	Márcia Malsar - 34,83s
800m - Classe B2	3	Anelise Hermany - 2:38,87min
Slalom - Classe 1B	2	M. Ferraz - 1:42,15min
Slalom - Classe 1C	2	A. Piedade - 1:48,29min
100m - wheelchair Classe 1A	2	M. Ferraz - 38,47s
200m - wheelchair Classe 1A	2	M. Ferraz - 1:22,80min
400m - wheelchair Classe 1A	2	M. Ferraz - 3:08,20min
800m - wheelchair Classe 1A	2	M. Ferraz - 5:28,39 min
1000m - cross-country C6	2	M. Ferraz - 5:50,00 min
Salto em distância - Classe B2	2	Anelise Hermany - 4,19m
Disco - Classe 1C	2	A. Piedade - 8,48m
Dardo - Classe 1C	1	A. Piedade - 7,12m
Peso - Classe 1 ^A	1	M. Ferraz - 2,18m
Peso - Classe 1C	1	A. Piedade - 3,59m

* wheelchair – cadeira de rodas

NATAÇÃO

PROVA	COLOCAÇÃO	ATLETAS
100m, livre, classe 5	3	M. Amorim - 1:13,94min
100m, costas, classe 5	2	M. Amorim - 1:24,98min
100m, peito, classe 5	2	M. Amorim - 1:47,79min
4x50m, medley, classe 5	2	M. Amorim - 3:15,81min
F - 100m, livre, C 6	2	Maria Jussara Mattos - 1:38,77min
100m, costas, C6	2	Maria Jussara Mattos - 1:56,74min
4x50m medley C6	1	Maria Jussara Mattos - 4:15,68min

1988 – Seul

ESPORTE	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
Atletismo	15	3	8	4
m	10	3	4	3
f	5	-	4	1
Natação	9	1	1	7
m	4	-	-	4
f	5	1	1	3
Judô	3	-	-	3
TOTAL	27	4	9	14

ATLETISMO

PROVA	COLOCAÇÃO	ATLETAS
400m - Classe B1	2	Cesar Antônio Goalberto - 54,21s
400m - Classe B2	2	Elmo Ir Ribeiro - 52,36s
100m - wheelchair - Classe 5,6	3	Iranilson Loiveira Da Silva - 16,25s
Maratona Classe B1	3	Carlos Sestrem - 3:01,59min
Pentatlo - T/P 1C	2	Luiz Cláudio Pereira - 4.386,06 pt.
Disco - Classe 1C	1	Luiz Cláudio Pereira - 25,10m
Dardo - Classe 1C	1	Luiz Cláudio Pereira - 20,90m
Dardo - Classe C6	2	Cláudio Nunes da Silva - 25,14m
Peso - Classe 1C	1	Luiz Cláudio Pereira - 8,61m
Peso - Classe C6	3	Sebastião Neto - 9,58m
F - 100m - Classe B2	2	Adria Santos - 13,35s
100m - Classe C6	2	Márcia Malsar - 16,06s
400m - Classe B2	2	Adria Santos - 1:03,99min
400m - Classe B2	3	Anelise Hermany - 1:05,94min
800m - Classe B2	2	Anelise Hermany - 2:32,50min

JUDÔ

PROVA	COLOCAÇÃO	ATLETA
Combined Blind - < 60 kg	3	Jaime de Oliveira
Combined Blind - < 65 kg	3	Júlio Silva
Combined Blind - > 95 kg	3	Leonel Cunha Filho

NATAÇÃO

PROVA	COLOCAÇÃO	ATLETA
100m, livre, 1C	3	Fábio Ricci - 2:08,94min
25m, costas, 1C	3	Fábio Ricci - 26,81s
25m, peito, 1C	3	Fábio Ricci - 31,31s
100m, borboleta, L6	3	Leandro Ramos Santos - 1:17,53min
F - 100m, livre, Classe 6	1	Graciana Moreira Alves - 1:19,45min
100m, livre, Classe 6	3	Maria Jussara Mattos - 1:24,36min
100m, peito, Classe 6	3	Graciana Moreira Alves - 2:14,19min
100m, borboleta, Classe 6	2	Maria Jussara Mattos - 1:45,10min
100m, borboleta, Classe 6	3	Graciana Moreira Alves - 1:45,52min

1992 – Barcelona

ESPORTE	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
Atletismo	4	3	-	1
m	2	1	-	1
f	2	2	-	-
Natação	3	-	-	3
m	3	-	-	3
TOTAL	7	3	-	4

ATLETISMO

PROVA	COLOCAÇÃO	ATLETA
Club	3	Sebastião Da Costa Neto - 43,50
Peso - Classe THW4	1	Luiz Cláudio Pereira - 9,03m
F - 100m - Classe B2	1	Adria Santos - 13,52s
Disco - Classe THW7	1	Suely Guimarães - 22,40m

NATAÇÃO

PROVA	COLOCAÇÃO	ATLETA
50m, costas, Classe S3	3	Genezi Alves - 1:07,58min
50m, borboleta, Classe S3,S4	3	Eduardo Wanderley - 1:14,07min
200m, medley, Classe SM5	3	Ivanildo Alves - 3:36,24min

1996 – Atlanta

ESPORTE	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
Atletismo	11	-	5	6
m	5	-	2	3
f	6	-	3	3
Natação	9	1	1	7
m	9	1	1	7
Judô	1	1	-	-
m	1	1	-	-
TOTAL	21	2	6	13

ATLETISMO

PROVA	COLOCAÇÃO	ATLETA
100m - T37	3	Douglas Amador - 12,31s
200m - T37	2	Douglas Amador - 25,18s
Peso - F52	2	Josias Lima - 7,11m
Disco - F36	3	Anderson Santos - 37,46m
Salto em distância - F34-37	3	Douglas Amador - 5,42m
F - 100m - T10	2	Adria Santos - 12,92s
100m - T11	3	Maria José Alves - 13,38s
200m - T10	2	Adria Santos - 26,15s
200m - T11	3	Maria José Alves - 26,87s
400m - T10	2	Adria Santos - 59,97s
Disco - F55-57	3	Suely Guimarães - 24,54s

JUDÔ

PROVA	COLOCAÇÃO	ATLETA
Combined Blind - < 86 kg	1	Antônio da Silva

NATAÇÃO

PROVA	COLOCAÇÃO	ATLETA
50m, livre, S2	3	Adriano Pereira - 1:19,19min
50m, livre, S6	3	Adriano Lima - 33,22s
100m, livre, S2	3	Adriano Pereira - 2:54,50min
100m, livre, S3	3	Genezi Andrade - 2:01,97min
200m, livre, S3	3	Genezi Andrade - 4:15,76min
100m, peito, SB4	3	I. Vasconcelos - 1:46,55min
50m, borboleta, S7	1	José Medeiros - 33,78s
150m, medley, SM3	2	Genezi Andrade - 3:34,32min
200m, medley, SM7	3	Gledson Soares - 2:54,10min

2000 – Sydney

ESPORTE	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
Natação	11	1	6	4
Atletismo	9	4	4	1
Judô	1	1	-	-
Futebol	1	-	-	1
TOTAL	22	6	10	6

ATLETISMO

PROVA	COLOCAÇÃO	ATLETA
100m - T13	2	André Luiz Andrade - 11,39s
200m - T13	2	André Luiz Andrade - 22,75s
400m - T46	2	Antônio Souza - 50,27s
Disco - F37	3	Anderson Santos - 42,97m
F - 100m - T12	1	Adria Santos - 12,46s
200m - T12	1	Adria Santos - 24,99s
400m - T11	2	Adria Santos - 59,46s
Disco - F58	1	Roseane Santos Ferreira - 31,58m
Peso - F58	1	Roseane Santos Ferreira - 9,00m

FUTEBOL

PROVA	COLOCAÇÃO	ATLETA
Equipe	3	Equipe

JUDÔ

PROVA	COLOCAÇÃO	ATLETA
< 90 kg	1	A. T. da Silva

NATAÇÃO

PROVA	COLOCAÇÃO	ATLETA
50m, livre, S4	3	Clodoaldo da Silva - 41,62s
50m, livre, S9	2	Mauro Brasil - 27,17s
50m, livre, S10	3	Danilo Glasser - 25,89s
100m, livre, S4	2	Clodoaldo da Silva - 1:32,17min
100m, livre, S6	2	Adriano Gomes de Lima - 1:10,60min
50m, borboleta, S6	2	Luis Silva - 34,15s
150m, medley, SM3	3	Genezi Andrade - 3:34,97min
4x50m, livre, máximo 20 pts	2	Equipe - 2:39,82 min
4x50m, medley, máx. 20 pts	2	Equipe - 2:41,40min
4x100m, livre, máx. 34 pts	3	Equipe - 4:12,18min
F - 50m, livre, S11	1	Fabiana Sugimori - 33,51s

TOTAL DE MEDALHAS POR ESPORTE

ESPORTE	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
Atletismo	60	16	29	15
m	26	6	11	9
f	34	10	18	6
Natação	39	4	13	22
m	30	1	10	19
f	9	3	3	3
Judô	5	2	-	3
m	5	2	-	3
Law Bowls	1	-	1	-
m	1	-	1	-
Futebol	1	-	-	1
m	1	-	-	1
TOTAL	106	22	43	41
m	63	9	22	32
f	43	13	21	9

TOTAL POR JOGOS PARAOLÍMPICOS

ANO	TOTAL	OURO	PRATA	BRONZE
1976	1	-	1	-
1984	28	7	17	4
1988	27	4	9	14
1992	7	3	-	4
1996	21	2	6	13
2000	22	6	10	6
TOTAL	106	22	43	41

Conhecimento Positivista da Educação Física e Esporte

EDIVALDO GOIS JUNIOR

Positivist basis of physical education and sports

Positivism can be concisely defined as a scientific method or ideology that states that all facts can be explained by an experimental and mathematical logic. As the military and Brazilian intellectuals of the late 19th century and early 20th century were positivists in consensual terms, physical education and sports had such a positivist basis that its effects can still be identified today. It is possible to say that Positivism went to the last consequences in Brazil, where it had its

own eclectic interpretation. The Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (Brazilian College of Sports Science - CBCE) was founded in the mid 1970s and essentially represented the thought of the professionals of the area. In a first instance the CBCE implicitly followed the style of positivist traditions; however, in a second instance, already in the 1980s, it explicitly denied them all. In Brazil, in general, physical education professionals, either as apocalyptic

critics or as engaged professionals, are technicians that repeat positivist methods; nevertheless, they are not positivists, since they ignore the presuppositions of Positivism. It is then possible to identify the influence of Positivism in the tradition of physical education as it has been directly linked to the armed forces; however, as all technical knowledge, it can just be repeated. This way it makes philosophical digressions innocuous.

Definição e Origem O Positivismo, de uma forma sucinta, é entendido como método científico que afirmava que todo o axioma racional poderia ser explicado, justificado, por uma lógica experimental e matemática. As leis da ciência regem o mundo, fugindo de explicações espiritualistas. Comte substituiu a religião pela Religião da Humanidade, versão propalada pelo Positivismo de última instância. Thomas Skidmore (1998) afirma que o positivismo no Brasil foi absorvido mediante reapropriações, ou seja, os brasileiros construíram sua própria leitura positivista, embora, sempre fizessem referência à figura de Comte, o principal líder do positivismo francês. No século XIX estavam firmemente pautados no positivismo comteano, porém, a partir do início do século XX, os positivistas brasileiros viram suas doutrinas se diversificarem repentinamente, surgindo novas tendências.

Embora no Brasil houvesse uma predominância do positivismo comteano, ele recebeu várias críticas de outros positivistas em um sentido amplo, como por exemplo, do médico sanitarista Luís Pereira Barreto, que defendia um positivismo pragmático e conciliador, ou seja, adaptado à realidade brasileira, e bastante heterodoxo. Tal tendência predominou no século XX e o Positivismo no Brasil diversificou-se de tal modo, que paulatinamente, sua discussão foi substituída por outras originárias e dissidentes de sua própria tradição. Em resumo, nas palavras de Skidmore, o positivismo manteve uma forte, ainda que difusa, influência no Brasil do século XX, não por suas doutrinas detalhadas, mas por seu estilo intelectual – sobretudo pelo apelo a uma abordagem ‘científica’ para compreensão da sociedade e da história. Era algo semelhante ao apelo que mais tarde tornaria importante o pensamento marxista no Brasil. Em princípio, tal tendência esteve presente nas campanhas sanitárias do início do século XX e, posteriormente, na expansão da Educação Física e dos esportes no país.

1870 Este ano marca a introdução das chamadas “idéias novas” no Brasil, entre as quais se incluía o Positivismo. É certo que esta corrente filosófico-doutrinária atraiu número crescente de jovens, oriundos das Escolas de Direito. Também é correto afirmar que os professores de matemática e ciências exatas, agrupados nas escolas militares e na Escola Politécnica, em que se transformou a antiga Real Academia Militar, aderiam em massa às doutrinas de Comte. Desse modo, concebe-se a idéia de que a Educação Física, como prática defendida pelos militares, logicamente, teria uma tradição positivista desde o século XIX, desde que nos círculos intelectuais do fim do século XIX e início do século XX, predominava o Positivismo no Brasil.

1870 - 1900 Os primeiros debates sobre o modelo de Educação Física a ser implantado no Brasil – sobretudo originados no Poder Legislativo - embora envolvessem discussões científicas, não se restringiam a elas nem se resolviam no campo acadêmico. Muitas divergências, surgidas com grande parte dos educadores civis e com a Igreja, foram sempre resolvidas em um campo antes político que científico. Nesse contexto, evidência-se o eclétismo de preposições políticas e científicas que marcam os defensores da Educação Física no Brasil. O Brasil no campo político, científico e cultural vivia em um eclétismo extremamente conciliador (Castro, 1997).

1889 – 1910 Segundo Castro (1997) no século XIX os militares dividiam-se em dois grupos, os de baixa patente, sem nenhuma formação acadêmica e os oficiais “científicos”, que eram formados pela Escola Militar da Praia Vermelha, onde o ensino predominante era o da matemática superior e das ciências, ao invés das matérias profissionais. De acordo com a mesma fonte, esses oficiais interessavam-se muito mais pela atuação política do que pela carreira, como demonstra a atuação de destaque que os “científicos” tiveram no golpe de 1889, nos primeiros anos da República e em diversas manifestações “florianistas”, culminando na Revolta da Vacina, no final de 1904, quando a Escola foi fechada. Em coincidência com tais tendências, em 1910 criava-se na cidade de São Paulo, o primeiro curso de formação de professores de Educação Física do país (“Curso de Esgrima e Gymnastica”), destinado aos oficiais da Força Pública do Estado e meio civil, com doutrina e direção de oficiais franceses.

1900 – 1920 Ser positivista no Brasil neste período não era propriamente ser um conhecedor da Lei do Três Estados, mas, sobretudo ser um cientifista, acreditar na ciência. Era um pensamento bastante reivindicatório em um período que a Igreja Católica ainda contava com muito poder político no Brasil. Eles seriam os defensores da ciência. Um bom exemplo empírico dessa explicação encontra-se nas memórias de Gilberto Amado, para o qual todo o mundo era positivista, isto é, darwinista, monista, fenomenista, evolucionista, mas ninguém propriamente prosélito de Augusto Comte. Também em adequação a este consenso, o Exército criou em 1919, um curso similar ao da Força Pública de São Paulo com sede no Rio de Janeiro.

1900 – 1930 Ainda acompanhando Castro (1997), nas primeiras décadas do século XX, esse quadro alterou-se no sentido da modernização e da profissionalização do Exército que culminou na década de trinta. Em termos doutrinários, organizacionais e de instrução, as principais alterações foram decorrentes das atividades da Missão Militar Francesa. A partir desse momento, o Exército torna-se mais técnico, o Método Ginástico Francês é adotado, contudo as discussões em torno do Estado Positivo passam a ocupar um espaço menor nos objetivos do Exército. A Escola de Educação Física do Exército, ativa desde 1919, passa a constituir uma referência nacional dando suporte às Instituições de Ensino Superior civis que apareceram nas décadas de 1930 e 1940.

Década de 1930 Neste período o debate não mais consistia na melhor interpretação ou aplicação do positivismo, mas sim, nas discussões sobre o modernismo, integralismo, comunismo, liberalismo, antimodernismo. Na Educação Física, experimenta-se um impulso destacado no mesmo nível do canto orfeônico nas escolas e nas demonstrações de massa em ruas e estádios, que marcaram o Governo Vargas. Criam-se as primeiras Instituições de Ensino Superior em Educação Física civis em São Paulo (1934) e Rio de Janeiro (1939); um órgão central de direção do setor no antigo Ministério da Educação e Saúde; e se estabelecem as bases para o funcionamento do Conselho Nacional de Desporto já em 1941, que reorganizou o esporte brasileiro no estilo corporativo. Acrescente-se que Getúlio Vargas e seus seguidores principais tinham suas origens ligadas ao tenentismo, populismo e o castilhismo gaúcho, esse último de caráter positivista. Isso atesta a associação da Educação Física ao positivismo de linha castilhista e autoritária.

Década de 1930 e 1940 Se os anos 1930 representaram a real institucionalização da Educação Física no país, os anos 1940 encontram um Positivismo decadente, num processo de crise com raízes na década anterior. E os intelectuais ligados ao pressupostos da ciência, como base para compreensão d sociedade e da natureza, passam a dar mais valor a outras filosofias e doutrinas – incluindo-se o Trabalhismo da Era Vargas – tornando o Positivismo eclético, o que acabou envolvendo concomitantemente a então ascendente Educação Física. Esta, por sua vez, era defendida por todas as correntes do Positivismo, destacando-se o meio militar que, ao se profissionalizar, ampliou suas expectativas quanto à Educação Física, em oposição à decadência que então experimentava sua doutrina originária.

Décadas 1940 – 1970 Neste período a Educação Física cresce e, em alguns casos se desenvolve, voltada para si mesma, perdendo sua memória e conseqüentemente seu passado positivista. Por outro lado, torna-se mínima a influência militar. Note-se que os estudos e pesquisas históricas do esporte e das atividades físicas em geral, somente tornaram-se importantes na década de 1990. Antes, contudo, nos anos finais de 1960 e durante a década de 1970, houve um surto cientificista neste setor no Brasil. Em 1968, publicava-se o primeiro livro coletivo reunindo professores de Educação Física e médicos da especialidade no tema do treinamento físico-esportivo com o sugestivo título de “Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Desportivo” (DaCosta et alii, 1968), que marcou a passagem dos métodos empíricos para a sistematização científica neste âmbito de conhecimento. Em meados da década seguinte, criava-se o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, entidade que se tornou importante na representação do pensamento dos profissionais da área. O chamado CBCE, numa primeira instância atuou implicitamente no estilo das tradições positivistas e numa segunda, já nos anos de 1980, renegou-as explicitamente.

Situação Atual A oscilação dos profissionais brasileiros relacionados às atividades físicas quanto aos fundamentos históricos de seus saberes e intervenções revela que suas relações com o Positivismo são ambíguas. De fato, a Educação Física soube utilizar-se de forma oportuna de diversas manifestações intelectuais, mas sem maiores comprometimentos. Também é fato que sua tradição guarda resquícios positivistas. Em resumo, no Brasil os profissionais da Educação Física em geral, quer críticos apocalípticos, quer engajados, são técnicos que reproduzem métodos positivistas, mas não são positivistas, pois sequer conhecem seus pressupostos. É possível identificar a influência do Positivismo na tradição da Educação Física ligada às Forças Armadas, contudo como todo o saber técnico, ele é reproduzido, sendo assim, torna inócuas as digressões filosóficas.

Fontes CASTRO, C. In Corpore Sano – Os militares e a introdução da educação física no Brasil. In: Antropolítica. Niterói, n. 2, p.61-78, 1997; LOVISOLO, H. O positivismo no Brasil e na Argentina. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, n. 19, setembro de 1992, p. 66-83; SKIDMORE, T. Uma História do Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998; DaCOSTA, L. P. (ed) Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Desportivo. Brasília: MEC-DEF, 1968.

Direito do esporte

ALBERTO DOS SANTOS PUGA BARBOSA

Sports law

Sports law started growing in importance during the second half of the 19th century, especially in Europe, when the development of associations became a common practice through the construction of clubs and the subsequent creation of sports official institutions. Sports main cornerstone was then the foundation of the International Olympic Committee – IOC – in 1894 and the organization of the First Olympic Games of the Modern Era in Greece in 1896. Since then sports law has evolved in its quest for

autonomy as a branch of law, particularly in the legislative, didactic, and scientific domains. Sports law has also been included in Sports Science in the theoretical field of Ciência Jurídica e Esporte (Juridical Science and Sport). The Brazilian law number 3.199, of April 14, 1941, which established the basis of the organization of sports in the country, is the juridical milestone of law studies and legislation of Brazilian sports. The second milestone of importance is the Constituição da República Federativa do Brasil, (Constitution

of the Federative Republic of Brazil) rewritten in 1988, which included sports in article 217, declaring: 'It is the state's responsibility to encourage formal and non-formal sports practices as a right of every Brazilian citizen'. There are today in Brazil seven institutions that study sports law, and two undergraduate law school courses offered in the area. From 1994 to 2003, 17 conferences, forums and seminars on sports law took place in several regions of the country.

Definições e Origens O verbete revela a integração da ciência jurídica – direito – com o esporte, com base especialmente nos fatos sociais a partir do mundo do esporte. Discute-se a relevância no direito no esporte, no instante em que o fenômeno do associativismo se materializa na edificação dos clubes, na segunda metade do século XIX, e, conseqüentemente a estruturação do esporte tendo como marco histórico a fundação do Comitê Olímpico Internacional - COI em 23 de junho de 1894 e a organização dos Jogos Olímpicos da Era Moderna na Grécia (1896). O Direito do Esporte avança em suas conquistas de autonomia como ramo do direito, particularmente, evoluindo nos domínios legislativo, didático e científico. O Direito do Esporte também está inserido na Ciência do Esporte no campo teórico Ciência Jurídica e Esporte. Neste capítulo optou-se pela expressão Esporte, por sua consagração popular, embora, predominantemente nos textos constitucionais e legislativos o uso seja Desporto, acompanhando-se os padrões da presente publicação.

1941 Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril, estabelece as bases de organização dos esportes no país, marco jurídico de partida dos estudos nas áreas de direito e legislação do esporte no Brasil. Este instrumento legal deu origem ao Conselho Nacional do Desporto-CND, órgão de cúpula que estabeleceu jurisprudência no setor durante as quatro décadas seguintes. O Ministério da Educação e da Saúde (denominação da época) orienta as Confederações e Federações a adotarem um código de disciplina e penalidades (Portaria Ministerial nº 254/41). O principal protagonista para edição desse diploma legal foi o Ministro João Lyra Filho.

1945 Em 16 de agosto deste ano é aprovado o Código Brasileiro de Futebol - CBF (1º Código) pelo Conselho Nacional de Desportos - CND.

1952 Publica-se a primeira obra doutrinária de título “Introdução ao Direito Desportivo” – Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti – de autoria de João Lyra Filho.

1956 O CND, em 31 de janeiro, aprova o Código Brasileiro de Justiça e Disciplina Desportiva - CBJDD, e, em 25 de julho do mesmo ano altera o Código Brasileiro de Futebol – CBF (2º Código).

1975 Lei nº 6.251, de 8 de outubro, institui normas gerais sobre “desportos”, consagra dentre as competências do CND “expedição de normas referentes à manutenção da ordem desportiva e à organização da justiça e disciplina desportivas”.

Décadas 1960 – 1980 O CBF, pela Deliberação CND nº 12/62 passa a denominar-se Código Brasileiro Disciplinar de Futebol - CBDF, sofrendo alterações pelas Portarias MEC nº 01/82, nº 25/84 e nº 325/87. O CBJDD sofre alterações pelas Portarias MEC nº 629/86 e nº 877/66. Consolida-se a matéria codificada aplicada ao futebol – CBDF – e às demais modalidades esportivas – CBJDD.

1988 A Constituição da República Federativa do Brasil (CF,88), promulgada em 5 de outubro daquele ano, faz inserir o Desporto no Título Da Ordem Social, materializando-se no art. 217, incisos e parágrafos, elegendo sede constitucional a Justiça Desportiva. I

TÍTULO VII – DA ORDEM SOCIAL [...] CAPÍTULO III – DA EDUCAÇÃO, DA CULTURA E DO DESPORTO [...] Seção III – Do Desporto Art. 217. É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não-formais, como direito de cada um, observados: I – a autonomia das entidades desportivas dirigentes e associações, quanto a sua organização e funcionamento; II – a destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional e, em casos específicos, para a do desporto de alto rendimento; III – o tratamento diferenciado para o desporto profissional e o não-profissional; IV – a proteção e o incentivo às manifestações desportivas de criação nacional. §1º O Poder Judiciário só admitirá ações relativas à disciplina e às competições desportivas após esgotarem-se as instâncias da justiça desportiva, reguladas em lei. §2º A justiça desportiva terá o prazo máximo de 60 (sessenta) dias, contados da instauração do processo, para proferir decisão final. §3º O Poder Público incentivará o lazer, como forma de promoção social.]

1993 Lei nº 8.672, de 6 de julho, ao instituir normas gerais sobre o esporte, operacionaliza caminhos jurídicos à Justiça Desportiva, fato que se repete e se aperfeiçoa na Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998, com as alterações da Lei nº 9.981, de 14 de julho de 2000 e Projeto de Lei de Conversão (PLC) 01/2003. Tais espaços são ampliados com a edição de Lei n. 10.671, de 15 de maio de 2003 – Estatuto de Defesa do Torcedor e Lei n. 10.672, de 15 de maio de 2003 – Altera dispositivos da Lei n. 9.615/98.

1994 Nos cursos de graduação em Educação Física a disciplina Legislação Desportiva tem as suas primeiras aulas na Faculdade de Educação Física, Universidade Federal do Amazonas.

Década de 1990 – 2000 A Faculdade de Direito do Recife, da Universidade Federal de Pernambuco, torna-se a primeira Instituição de Ensino Superior no Brasil a oferecer a disciplina Direito Desportivo aos seus alunos. Além deste fato, os Códigos – CBDF e CBJDD – foram recepcionados à partir da Lei nº 8.672/93 e ratificados pela Lei nº 9.615/98. Surge, em 2002, o Código Nacional de Organização de Justiça e Disciplina Desportiva - CNOJDD para competições desportivas de natureza pública, sendo aplicado nos Jogos de Juventude (Goiânia - GO) e Olimpíadas Colegiais (Poços de Caldas-MG). A base do CNOJDD é a experiência do Estado do Paraná, permitindo assim à União, o emprego de um instrumento jurídico-disciplinar em competições por si organizadas.

2003 Em nível de pós-graduação lato sensu em IES pública, registra-se o Curso de Direito Desportivo oferecido pela Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo em conjunto com o Instituto Brasileiro de Direito Desportivo - IBDD. Trata-se de um marco fundamental na conquista das autonomias didática e científica do Direito Esportivo brasileiro. Em retrospecto, até este ano os eventos acadêmicos de destaque recente foram o Seminário Nacional de Direito Desportivo, São Paulo, Faculdade de Direito (1994, 1999, 2000); Fórum Nacional de Legislação Desportiva, Curitiba, Paraná Esporte (1996, 1997); Encontro de Legislação Desportiva do Vale do Paraíba, São José dos Campos-SP, UNIVAP (1998); Seminário de Legislação Desportiva, Manaus-AM, CED (1998 - 2002);

Simpósio Amazonense de Direito Desportivo (2001, 2002); Simpósio Catarinense de Direito Desportivo (2001); Seminário de Legislação Desportiva, Campo Grande-MS, APEF (1999, 2000); Seminário de Direito Desportivo, Belo Horizonte, PUC-Minas (2001); Seminário de Direito Desportivo, Vitória-ES (2001); Seminário “Análise crítica e perspectivas para o Direito Desportivo brasileiro”, São Paulo, IBDD (2002); Seminários sobre o Estatuto do Torcedor, organizados pelo IBDD, IADD, ICDD, ICaDD (2003).

Situação Atual O Direito do Esporte passa a ocupar um espaço legítimo no espectro do Direito, especialmente : a) pelo exercício de um direito social reconhecido em termos constitucionais, seja na Constituição Federal, Constituição dos Estados e Lei Orgânica dos Municípios; b) pela construção e consolidação do Direito Desportivo, enquanto especialidade, seja pela representação da OAB nos órgãos da justiça esportiva, materializada pela presença de advogados com notório saber jurídico desportivo, seja pela formação de recursos humanos em nível de graduação, pós-graduação (lato e stricto sensu), enfim, pela indispensável presença do profissional do direito nas relações jurídicas decorrentes do esporte; e c) pelo intenso processo legislativo federal, evidenciando indicadores do exercício da cidadania pelos valores decorrentes do fenômeno esporte. Os principais centros de organização do Direito do Esporte, como especialidade jurídica permite destaque para (ordem alfabética): Amazonas (Manaus), Espírito Santo (Vitória), Mato Grosso do Sul (Campo Grande), Minas Gerais (Belo Horizonte), Paraná (Curitiba), Santa Catarina (Florianópolis) e São Paulo (São Paulo). Por seu turno, as organizações de Direito Esportivo hoje atuantes no país são o Instituto Amazonense de Direito Desportivo (IADD, 1994), Instituto Catarinense de Direito Desportivo (ICDD, 1999), Instituto Brasileiro de Direito Desportivo (IBDD, 2001), Instituto Capixaba de Direito Desportivo (ICaDD, 2002). Em organização: Instituto Mineiro de Direito Desportivo (IMDD), Instituto Gaúcho de Direito Desportivo (IGDD) e ‘Movimento de Direito Desportivo do Rio de Janeiro’.

Fontes LYRA FILHO, J. Introdução ao Direito Desportivo. Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti, 1952; PERRY, V. Direito Desportivo – Temas. Rio de Janeiro, s/d, 1981; MELO FILHO, A. Direito Desportivo Atual. Rio de Janeiro, Forense, 1986; MELO FILHO, A. Novo Direito Desportivo. São Paulo Cultural Paulista, 2002; KRIEGER, M. Lei Pelé e Legislação Desportiva brasileira anotadas. Rio de Janeiro, Forense/Gryphus, 1999; PUGA, A. Legislação Desportiva: Desafios para o século XXI. In Desafios para o Século XXI Coletânea de Textos da 1ª Conferência Nacional de Educação, Cultura e Desporto. Brasília, Câmara Federal, 2001; PUGA, A. Educación Física, Deporte y Derecho – Espacio com Expertos. Congreso Sudamericano FIEP e 8ª Jornada de Educación Física del Mercosur. Córdoba, Anais, 2003; TUBINO, M.G. 500 Anos de Legislação Desportiva brasileira. Rio de Janeiro, Shape, 2002; Lista de Discussão de Legislação Desportiva (CEVLEIS) do Centro Esportivo Virtual (CEV); www.cev.org.br/Listas/Legislação Desportiva; Instituto Brasileiro de Direito Desportivo (IBDD); www.ibdd.com.br; Portal do Direito Desportivo; www.marciliokrieger.com.br

Geografia do esporte

GILMAR MASCARENHAS

Sport geography

Sport geography is essentially the study of the space dimension of the sport activity. Its principles start from the presupposition that sports practice needs appropriate places, created according to principles, rules and aspirations of each discipline. This chapter makes an inventory of this area of knowledge within international and national perspectives. The very first research and author in Brazil was the French geographer

Definições A geografia do esporte consiste essencialmente no estudo da dimensão espacial da atividade esportiva. Sua fundamentação parte do pressuposto de que para se realizar, a prática esportiva necessita de lugares apropriados, criados de acordo com os princípios, regras e aspirações de cada modalidade. Tais lugares podem ser denominados de instalações esportivas. São estádios, ginásios, autódromos, pistas de esqui, velódromos, campos de golfe, hipódromos e diversos outros equipamentos que, no decorrer do século XX, se multiplicaram de forma inédita e passam a formar definitivamente a paisagem urbana mundial. Pressupõe-se também que os eventos esportivos, enquanto espetáculo, gerem volumosos fluxos, articulando uma área de influência em torno das cidades onde se realizam. Como qualquer outra ramificação do saber geográfico, a geografia dos esportes se preocupa em primeiro lugar com a distribuição espacial do fenômeno esportivo. O estudo sistemático de tal distribuição revela importantes aspectos econômicos, históricos, sócio-culturais e políticos, além daqueles de ordem climática. Por fim, a geografia dos esportes reúne um conjunto de informações e análises que podem e devem municiar o planejamento urbano e regional, estabelecendo um zoneamento esportivo, definindo áreas com suas potencialidades e carências específicas. Considerando-se o fato deste ramo de estudos ser muito recente no Brasil, a memória e o inventário da geografia do esporte são aqui descritas e resumidas por um quadro evolutivo de alcance internacional.

Origens Antes do surgimento da geografia dos esportes como ramo de investigação, alguns raros trabalhos geográficos incorporaram, de alguma forma, o fenômeno esportivo. No final do século XIX, Elisée Reclus em obra clássica (*Geographie Universelle*) dedicou um parágrafo ao cricket como elemento cultural constante na paisagem inglesa. Em 1919, a *National Geographic Magazine* publicava um artigo sobre as relações causais entre as condições ambientais (clima, relevo e vegetação, basicamente) e os jogos e esportes praticados por povos de diferentes regiões do planeta. Mais tarde, Albert Demangeon, em seu livro *L'Empire Britannique* (1938), sintetizou em quatro páginas o papel dos esportes na expansão mundial do imperialismo inglês. Somente na década de 1960, no bojo do avanço da abordagem geográfica em torno do turismo e da recreação, é que surge propriamente uma geografia dos esportes.

Décadas de 1940 e 1950 No Brasil, o geógrafo francês Pierre Monbeig constituiu um caso de pioneirismo no campo da geografia do esporte. Integrante do grupo que fundou o primeiro departamento de geografia em estudos acadêmicos no país, na recém-criada Universidade de São Paulo, várias vezes neste período citou o futebol ao estudar as intensas transformações da paisagem urbana paulista, como por exemplo em seu artigo “Aspectos geográficos do crescimento de São Paulo”. Não obstante a contribuição e pista deixadas por tão eminente profissional, o futebol e todo o universo esportivo permaneceram ausentes na imaginação geográfica brasileira até o final do século XX.

1963 Edward Shaw publica nos Estados Unidos o pequeno artigo *Geography and baseball*, considerado internacionalmente como o primeiro trabalho em geografia dos esportes. O autor observou inúmeras partidas de beisebol, sob as mais diversas condições atmosféricas e edáficas (tipo e estado do solo). Seu objetivo era verificar em que medida variações de temperatura, umidade, ventos e condição da superfície dos solos poderiam condicionar o desempenho dos jogadores. Trata-se de uma iniciativa que podemos inserir plenamente no âmbito da corrente determinista em geografia, aquela que se preocupa com a influência decisiva dos fatores ambientais sobre a atividade humana, corrente esta que há décadas caiu em obsolescência.

1969 Na *Oklahoma State University*, o geógrafo norte-americano John Rooney dá início ao que em breve se tornaria um profícuo grupo

Pierre Monbeig – who taught and conducted research at the Universidade de São Paulo (University of São Paulo) in the 1940s and 1950s. He produced several works including soccer among the various elements of transformation of the urban landscape. This chapter reviews the works of John Rooney (US), John Bale (UK) and other contemporary authors and contextualizes the still incipient Brazilian

de estudos em torno da geografia dos esportes. Trata-se de uma abordagem completamente distinta da supracitada, preocupada com a distribuição geográfica do fenômeno esportivo, em busca dos padrões espaciais e das leis que governam tal distribuição. Tal iniciativa se insere na corrente teórica neopositivista da “geografia pragmática”.

1974 Rooney publica o primeiro livro no ramo, *A Geography of American Sports*, não apenas analisando a distribuição do fenômeno esportivo nos EUA, mas definindo as bases da abordagem geográfica dos esportes e seu leque temático: origens e difusão espacial dos esportes; regiões esportivas; variações espaciais no esporte; paisagem esportiva e impactos locais do evento esportivo.

1976 Em Keele University, Inglaterra, John Bale, que viria a se tornar o maior expoente da geografia dos esportes em âmbito mundial, publica seu primeiro trabalho, ainda não propriamente enquadrado no ramo: uma tentativa de sugerir o futebol no ensino de geografia. Dois anos mais tarde, publica artigo sobre a difusão espacial do profissionalismo no futebol inglês.

Década de 1980 Nos encontros anuais da *Association of American Geographers*, a temática esportiva passa a comparecer regularmente, consolidando a geografia dos esportes nos EUA. Na Europa, começam os estudos neste campo. O Brasil, como toda a América Latina, permanece alheio a este movimento.

1982 Jorge Gaspar publica o primeiro trabalho em Geografia dos Esportes em Portugal.

1987 O grupo de Oklahoma lança o primeiro número da revista *Sport Place – An International Magazine of Sports Geography*, ainda hoje considerada o único periódico acadêmico dedicado à geografia dos esportes. Neste mesmo ano, os geógrafos franceses lançam seu primeiro atlas nacional dos esportes, de Mathieu e Praicheux. Agrupando algumas dezenas de modalidades mais importantes, mapeam basicamente a área de influência das ligas e competições e a origem dos atletas.

1989 John Bale publica o livro *Sports Geography*, hoje considerado o maior e mais preciso compêndio na área.

Década de 1990 Sobretudo a partir do esforço de John Bale, a geografia dos esportes incorpora novas abordagens teóricas, como o materialismo dialético e a perspectiva humanística que envolve subjetividade e percepção dos espaços (resgatando a contribuição de Armand Fremont, 1980). Países da Europa e América do Norte começam a introduzir, nos livros escolares, aspectos da geografia dos esportes. Surgem cursos de graduação como *Geography and Sports Science*, na University of Birmingham, Inglaterra. No Brasil, surgem as primeiras monografias de graduação e primeiros artigos no ramo.

1991 Num esforço de amplo alcance, Cuba lança o *Atlas de la Cultura Física y del Deporte*, reunindo um número inédito de informações para este gênero.

1992 Rooney e Pillsbury lançam o Atlas Norte-Americano dos Esportes, o mais completo e ambicioso projeto no gênero em todo o mundo.

1993 O atlas nacional da Suécia, de âmbito escolar, inclui mapas sobre esportes.

1996 Na Espanha, o geógrafo catalão F. Muñoz publica estudo pioneiro sobre o “urbanismo olímpico”, sistematizando as diversas experiências de planejamento urbano em cidades que sediaram Jogos Olímpicos.

1997 O geógrafo francês Jean-Pierre Augustin adentra pelo universo recente e difuso dos esportes de aventura, apontando sua “territorialidade incerta”, base de vários estudos posteriores.

production, pointing out the Ph.D. thesis of Gilmar Mascarenhas, who renovated Brazilian sports geography in 2001. Other features mentioned include theses, studies, projects, sport geography as an undergraduate discipline which started to be offered at Universidade Estadual do RJ (State University of Rio de Janeiro) in 2001, and this Atlas, now considered an essential work in sport geography.

1998 O geógrafo francês Löic Ravenel publica *La geografia du football en France*, um dos raros estudos sistemáticos em geografia do futebol. Pascal Boniface, dando prosseguimento a Jean-Pierre Augustin (1995), aprimora o estudo da dimensão geopolítica dos esportes. No Brasil, publica-se o primeiro artigo em geografia dos esportes, de autoria de Gilmar Mascarenhas, sobre a difusão espacial do futebol no Brasil.

2001 Primeira tese de doutorado em Geografia dos Esportes no Brasil, na Universidade de São Paulo, sobre o advento do futebol no Brasil, de autoria de Gilmar Mascarenhas.

2002 Em caráter eletivo, é oferecida a disciplina Geografia dos Esportes, no departamento de Geografia da Universidade do Estado do RJ-UERJ, em caráter pioneiro no Brasil.

2003 Tese de livre docência em Geografia Humana de Odette Seabra, na USP, “Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida na metamorfose da cidade em metrópole”, dedica um capítulo ao futebol de várzea.

2004 Lançamento do *Atlas do Esporte no Brasil*, um marco fundamental. Superando todas as expectativas, o Atlas brasileiro recobre uma gama inédita de atividades físicas, oferecendo aos pesquisadores e público geral uma formidável base de dados. A geografia dos esportes ganha impulso vital com esta publicação, que não apenas releva a magnitude do esporte no Brasil, como também salienta a necessidade de um maior conhecimento acerca de sua complexa espacialidade. Implantação do IVE (Instituto Virtual dos Esportes), no Rio de Janeiro, incluindo projetos tais como: Mapeamento das instalações esportivas na cidade do Rio de Janeiro, A espacialidade e o simbolismo dos estádios de futebol no Estado do RJ, e Impacto Sócio-Econômico dos Jogos Pan-Americanos e dos Jogos Olímpicos.

Situação atual Mundialmente, a geografia dos esportes segue sua evolução, com crescimento lento e gradual. No Brasil, realiza passos decisivos, com o surgimento de teses e dissertações. As monografias de graduação seguem se expandindo, em diversos estados da federação. Livros acadêmicos de geografia começam a incluir os esportes indicando tendências de que as perspectivas para a análise geográfica dos esportes no Brasil sejam bastante promissoras. Por outro lado, o crescente reconhecimento da geografia como ciência social e dotada de olhar peculiar vem estimulando o intercâmbio com áreas afins. Desta forma, estudos esportivos realizados por historiadores, sociólogos, profissionais de Educação Física, antropólogos, economistas etc., vem incorporando em suas análises temas, conceitos e perspectivas provenientes da geografia, conferindo a suas investigações uma salutar dimensão espacial, tradicionalmente negligenciada pela teoria social em sentido amplo.

Fontes Augustin, J. P., Sport, Géographie et Aménagement. Bordeaux: Édition Nathan, 1995; Bale, J., Human geography and the study of sports. (mimeo) 1998, e também Sports Geography. London: E. & F.N. Spon, 1989; Boniface, P., Géopolitique du football. Paris: Editions Complexe. 1998; Gaspar, J. et al., Transformações Recentes na Geografia do Futebol em Portugal. Finisterra, Lisboa, 34:301-24, 1982; Mascarenhas, G., A Geografia e os Esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes. Conexões: Educação, Esporte e Lazer, 1(2), pp.46-59, junho de 1999; Marhieu, D. e Praicheux, J., Sports en France. Paris: Fayard-Reclus, 1987; Ravenel, L., La géographie du football en France. Paris: Presses Universitaires de France, 1998; Rooney, J. e Pillsbury, R. Atlas of American sports. New York: Macmillan, 1992.

Meio ambiente e esporte – Produção do conhecimento

CARMEM LUISA B. A. DACOSTA

Environment and sport – Production of knowledge

Sports and environment have been historically related through the following perspectives: (i) the environment as agent - acting on the participant's body causing physical performance loss (example: excessive heat); (ii) sports as source of pollution – or even destruction – (example: winter sports in natural environment), and (iii) sports as agent - participants as environment guardians (example: surfers protecting local beaches). Although research tradition on human physical impairment due to hostile climate

conditions started in Brazil in 1850, it was only in the 1960s that sports became part of scientific investigations that brought successful results such as Brazil's conquest of the 1970 Soccer World Cup, as the main games were held in Mexico City, elevation 2,240m. The issue that dealt with the protection of the environment where sports events are held was approached in Brazil in the 1990s as a result of international action, which produced more theoretical academic research than field research. After evaluating international

research on sports and environment in 2001, fulfilling a European College of Sport Sciences request, the Brazilian researcher Lamartine DaCosta concluded that while sports express facts, the environment expresses values, which generates an ambivalent condition. The solution in this case would be the development of some type of ethics that could solve the dilemma permitting sports to be both a villain and a victim of the physical, social and cultural context at the same time.

Origens e Definições As relações do meio ambiente com a prática esportiva têm sido admitidas historicamente por três abordagens principais: a que constata uma redução no desempenho físico por efeito negativo sobre o corpo do praticante (exemplo: calor excessivo), aquela que identifica o esporte como poluidor da natureza – ou mesmo destruidor – (exemplo: esportes de inverno em locais naturais), e a que atribui ao esporte a faculdade de proteger o meio ambiente (exemplo: surfistas protetores de seus pontos em praias). Estas três interpretações têm semelhança com o que tem acontecido com o trabalho no campo e nas fábricas, sobre o qual os excessos geram ineficiência e contaminação, e o equilíbrio pode produzir auto-realização do trabalhador. No período colonial – séculos XV a XIX - em que europeus trabalharam ou fizeram nativos ou escravos trabalharem nas Américas, África e Ásia, tornou-se evidente que o clima quente (tropical e deserto) e as altas montanhas prejudicavam sobremaneira a produtividade do trabalho braçal. A passagem desta compreensão para o esporte foi natural e até mesmo cabível pois a ciência já mensurava deterioração da capacidade física no final do século XIX nos altas montanhas dos Alpes. Em 1907, o Barão Pierre de Coubertin – onze anos depois de resgatar os Jogos Olímpicos – adotava pela primeira vez no mundo do esporte uma posição de defesa da natureza, ao mobilizar os esportistas para que limpassem seus campos de prática (DaCosta, 1997). Estava inaugurada então a definição do esporte como poluidor. No Brasil, a preocupação com o meio ambiente de grande parte do país teve um significado inicial negativo e higienista, no século XIX, relacionado com doenças tropicais e, por conseguinte, também causador de condições inferiores de trabalho. No esporte brasileiro, aparentemente a preocupação com o meio ambiente teve realce nos anos de 1960 quando pesquisas foram feitas no sentido de dimensionar o efeito do calor sobre a atividade física, nas condições específicas do clima tropical úmido da cidade do Rio de Janeiro. A partir deste acontecimento vários modos de compreensão e definições deles decorrentes foram surgindo no país e no exterior na medida em que se identificavam causas e efeitos do meio ambiente sobre o esporte e vice versa, ao se acompanhar os desafios de competição de atletas em climas adversos. A produção do conhecimento deste tema em seu desenvolvimento teve os fatos de memória relatados a seguir, focalizando-se interesses a partir do Brasil.

1850 Eduardo Ferreira França (1809 – 1857) de Recife-PE, médico formado na França, publica o livro “Influência dos Pântanos sobre o Homem” (Tipografia Liberal do Século, Salvador, 1850), no qual se analisam os efeitos da insalubridade do meio ambiente sobre a moral humana (Paim, 1984). Esta obra confirma a idéia dominante no Brasil de que o clima tropical produzia indolência, vícios e doenças.

1888 A Editora Garnier do Rio de Janeiro-RJ, lança a obra do escritor e político Sílvio Romero (1851 – 1914) intitulada “História da Literatura Brasileira” em cujo capítulo “O Meio Fisiologia do Brasileiro” são descritas as teorias correntes na Europa quanto à inferioridade dos povos habitantes de regiões de clima quente. Sílvio Romero interpretando o fato argumenta que era necessário não generalizar a questão climática brasileira, pois o ambiente nocivo limitava-se a determinadas áreas da nação. Porém reconhecia a deterioração física de grande parte de seus cidadãos: “Temos uma população mórbida, de vida curta, achacada e pesada em sua mor parte (...) O trabalho intelectual é no Brasil um martírio; por isso pouco produzimos; cedo nos cansamos, envelhecemos e morremos depressa” (p. 93, vol. 1 da

7ª. Edição, 1980). Além destas dificuldades, Romero já como deputado federal e membro fundador da Academia Brasileira de Letras (RJ), denunciou em 1902, o tamanho das colônias alemãs no sul do país, que já comprometiam em sua opinião a identidade cultural lusófona do Brasil.

1902 O escritor Graça Aranha, membro da Academia Brasileira de Letras, publica o romance “Canaã”, um livro em que explora em estilo pré-modernista, a decadência cultural de colonos alemães no estado do Espírito Santo diante das dificuldades de adaptação ao ambiente tropical.

1967 O então Capitão-Tenente da Marinha, Lamartine DaCosta, professor de Educação Física do Centro de Esporte da Marinha, publica um livro com relatórios de pesquisas sobre atividades físicas em clima tropicais, realizadas no Rio de Janeiro, durante três anos (1964, 1965 e 1966). O livro foi denominado de “A Atividade Desportiva nos Climas Tropicais e uma Solução Experimental: o Altitude Training” (DaCosta, 1967), em razão de terem as investigações o objetivo de medir o gradiente redutor da performance física de longa duração sob impacto direto dos raios solares, como também os efeitos do mesmo esforço ao se realizar à sombra, em meio ao ambiente florestal. O experimento foi feito com 10 atletas masculinos de nível nacional e internacional do atletismo, em provas de corridas de média e longa distâncias. Como as análises estatísticas das observações comprovaram uma melhoria no gradiente redutor à sombra, especificamente nas subidas da Floresta da Tijuca da mesma cidade, surgiu um método de treinamento como resultado adicional ao estudo. Por conseguinte, a inibição do esforço físico devido ao calor foi relativizado pelo modo de se conduzir e dosar o exercício. Em suma, o determinismo que definia o trabalho físico em ambiente tropical tornou-se improcedente diante dos resultados desta pesquisa.

1967 Lamartine DaCosta publica “Planejamento México” pela então Divisão de Educação Física do MEC, em que estuda os efeitos do meio ambiente encontrado na altitude em geral e na Cidade do México em particular, a 2.240 metros, local dos Jogos Olímpicos de 1968 e da Copa do Mundo de 1970. Este pesquisador participara de um grupo de observadores de diversas nacionalidades que visitaram a Cidade do México neste ano, a fim de levantar as dificuldades de competições de alto rendimento no local. DaCosta em razão de seus estudos anteriores já participava na época da Sociedade Internacional de Biometeorologia e da Academia do Conselho Internacional do Esporte Militar-CISM, esta última uma entidade de ponta nas questões de treinamento esportivo. Nestes estudos, tal como ocorrera antes com o clima quente, mostraram que o meio ambiente adverso à atividade física representado por regiões elevadas, era real porém evitado de preconceitos.

1968 Os Jogos Olímpicos do México têm lugar neste ano, superando a ameaça de suspensão do evento pelo COI por existirem ameaças ambientais aos atletas pela elevada altitude da sede dos Jogos. DaCosta acompanhou o evento e fez um levantamento minucioso das condições de aclimação para a Seleção Brasileira de Futebol no local e em outras regiões do México, para uso posterior.

1968 João Lyra Filho publica neste ano o livro “Desporto e Trópico”, em que defende a teoria determinista do esporte praticado no clima prevalente na maior parte do Brasil, a qual subentende efeitos prejudiciais. Este então famoso cultor do direito e da sociologia do esporte, propôs nesta obra a elaboração de um “Cadastro Nacional dos Desportos” com a finalidade de “explicar,

à luz dos trópicos, em relação a um povo ou outro, as preferências por desportos mais atuados pelo instinto, pela alma ou pelo espírito” (Lyra Filho, 1968, p. 6).

1970 Realização da Copa do Mundo de Futebol no México. Lamartine DaCosta produziu um plano científico de adaptação usando os efeitos benéficos da altitude (super aclimação) e minimizando suas causas nocivas. Em conjunto com outras contribuições positivas, o plano biometereológico garantiu a vitória da Seleção ao final da competição. O relatório oficial da Federação Internacional de Futebol Amador-FIFA sobre a Copa de 1970, publicado em 1972, enfatizou o trabalho científico de aclimação à altitude mexicana de 2.240 metros, considerando como o mais eficaz entre os países concorrentes (FIFA, World Cup México 70 - Official FIFA Report, Zurich, 1972).

1977 Publicação do livro “Treinamento Desportivo e Ritmos Biológicos” de Lamartine DaCosta, reunindo pesquisas feitas com atletas brasileiros no Rio de Janeiro e em Atvidaberg, na Suécia, quando as reações dos sujeitos da investigação à mudança de ambientes foram mensuradas e comparadas à luz da aplicação de treinamento físico. Neste estágio da produção do conhecimento já se considerava importante o cruzamento de efeitos diversos advindos do meio ambiente (calor, altitude, mudança de fuso horário etc) buscando-se fatores de maior influência. Neste particular, o relacionamento social destacou-se como variável fundamental da aclimação “cruzada”, fenômeno de natureza ecológica incluindo influências de vários sistemas relacionados à vida humana.

Década de 1980 No Brasil, neste estágio, as atenções para o meio ambiente por parte dos esportistas permaneceram limitadas a interesses eventuais, tais como aos relacionados a competições em altitude na Colômbia, Equador, Bolívia e México. Entretanto, a agenda de pesquisas de DaCosta em termos de influência do meio ambiente no desenvolvimento atlético neste período incorporou experiências com atletas brasileiros preparando-se para os Jogos Olímpicos de Moscou (1981); planejamento *in loco* da adaptação à altitude de 3.600 metros para a representação brasileira ao Campeonato Sul-Americano de Natação em La Paz, Bolívia (1982); reconhecimento dos locais de jogos da Copa do Mundo de Futebol-1982, na Espanha, para adaptação da Seleção Brasileira de Futebol ao calor, alimentação e mudança de fusos horários; e estágio em Font Romeu, França, no laboratório de pesquisas em altitude dos Pirineus (1.850m), também em 1981.

Década de 1990 Neste período, o eixo de compreensão das questões ambientais no esporte se deslocou da proteção do praticante para a proteção do meio ambiente em que se pratica ou se compete esportes. Este fato foi produto do espírito da época desde que em 1992, realizava-se no Rio de Janeiro, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento de grande impacto internacional e marcante quanto ao início da responsabilidade dos estados nacionais, formalmente assumida, a respeito da proteção da natureza em escala global. Do lado do esporte, o COI assumiu a liderança no plano internacional e, já em 1995, esta instituição organizava a 1ª. Conferência Mundial sobre Esporte e Meio Ambiente em Lausanne, Suíça. Neste evento se estabeleceram as bases para emendar a Carta Olímpica, documento maior de princípios do COI e das Federações Internacionais a ele filiadas, o que ocorreu efetivamente em 1996. A partir desta data, o COI passou a assumir publicamente os seus “três pilares de sustentação: esporte, cultura e meio ambiente” (Tavares, 2002). A modificação da Carta Olímpica incluiu a definição de

desenvolvimento sustentável, já consagrada na histórica Conferência do Rio de Janeiro de 1992. Por este marco definatório, “as atividades físicas, os jogos e competições são sustentáveis quando sua instrumentalização respeita os valores intrínsecos da natureza e do esporte” (DaCosta, 2002). Em síntese, a definição então estabelecida e hoje corrente, propunha uma adaptação mútua entre praticantes e o meio ambiente, uma posição bem distinta em perspectivas do passado no Brasil com relação ao determinismo ambiental de Lyra Filho dos anos de 1960 ou do higienismo radical de Eduardo Ferreira França do século XIX, que entendia o meio ambiente como uma ameaça à saúde humana.

1993 Realização do Simpósio Internacional Cidadania, Esporte e Natureza, organizado pela Universidade do Porto, em Portugal, por proposta de Lamartine DaCosta, então professor visitante daquela universidade.

1994 Realização dos Jogos Olímpicos de Inverno de Lillehammer, Noruega, que representaram os primeiros “Jogos Verdes” (*Green Games*) da história do Movimento Olímpico Internacional, pelos critérios de sustentabilidade adotados nas instalações e organização das competições e hospedagem de atletas e visitantes. Neste ano, Sydney foi escolhida com sede dos Jogos de Verão do ano 2000, tendo privilegiado a proteção do meio ambiente em seu projeto de candidatura.

1997 Publica-se em Portugal, o livro “Meio Ambiente e Desporto – Uma Perspectiva Internacional”, tendo como editor Lamartine DaCosta e como organizador Antônio Marques, professor da Universidade do Porto. O livro teve o apoio financeiro do COI e a colaboração de 15 especialistas de vários países no tema proposto. A tese central do livro dispôs-se na condição ambivalente do esporte que tem atuado “como vilão e vítima” do meio ambiente. Neste mesmo ano, foi organizado um seminário na Universidade de Singapura sobre os problemas ambientais dos Jogos Olímpicos de Sydney a serem realizados em 2000, no qual Lamartine DaCosta (Universidade Gama Filho-RJ) debateu com Richard Cashman e Kristine Toohey, da Universidade de New South Wales, Austrália, as questões centrais sobre o meio ambiente envolvendo os Jogos Olímpicos.

1998 Acontece o Seminário Internacional de Esporte e Meio Ambiente, em Curitiba-PR, promovido pelo Comitê Olímpico Brasileiro-COB, com a presença de representantes de países latino-americanos e do COI. Otávio Tavares, Renato Miranda e Lamartine DaCosta organizaram um livro com os textos apresentados e as notas das discussões, que foi publicado em 2002 com o título “Esporte, Olimpismo e Meio Ambiente”. Neste Seminário teve destaque a “Agenda 21” como base para a revitalização dos esportes

tendo em vista as exigências de proteção ambiental. A Agenda 21 teve também origem na Conferência de 1992 do Rio de Janeiro, consistindo num compromisso de esforços conjugados de governos e instituições em projetos de conservação ou de proteção da natureza (“21” refere-se ao século visado pela Agenda).

1999 Tem lugar no Rio de Janeiro-RJ a Terceira Conferência Mundial sobre Esporte e Meio Ambiente, promovida pelo COI e organizada pelo COB. Este evento foi o maior até então ocorrido no tema proposto, com a presença de 93 representantes de Comitês Olímpicos Nacionais e de 19 Federações Internacionais de esportes. O significado desta participação inédita prendeu-se ao crescente envolvimento das modalidades esportivas *per se* nas questões ambientais, em complementação aos interesses voltados para os Jogos Olímpicos e mega eventos esportivos em geral. Segundo avaliação de DaCosta produzida em 2001 por solicitação da Universidade de Colônia, Alemanha, em 29,7% das contribuições e discussões da Conferência de 1999, o foco se pôs na ética, sobretudo em termos de comportamento pessoal e de intervenções de governo. Já 27,0% dos trabalhos voltou-se para perspectivas e projeções futuras do tema de proteção ambiental, enquanto 24,3% abordou técnicas e instrumentos de manejo ecológico. Os assuntos de promoção de eventos e os relacionados com a educação e cultura foram residuais com 18,9%.

2001 Uma avaliação dos principais direcionamentos da produção do conhecimento do esporte em seus relacionamentos com o meio ambiente foi feito por Lamartine DaCosta durante o Congresso do European College of Sport Sciences, na Universidade de Colônia, Alemanha (28 – 24 de julho de 2001), a convite dos organizadores. A síntese cobriu as três últimas décadas de exploração do tema e na essência incidiu sobre o caráter de resolução de conflitos que reveste os problemas da proteção do meio ambiente, e que inclui o esporte entre várias outras manifestações humanas. Contudo, o esporte tem apresentado um diferencial nesta relação por expressar fatos ao passo que o meio ambiente expressa valores (DaCosta, 2001), explicando assim sua condição ambivalente já enfatizada no livro de 1997 antes citado. Em conclusão, o pesquisador brasileiro pôs em evidência a ética como caminho apto para a solução do dilema de ser o esporte simultaneamente vilão e vítima do entorno físico, social e cultural.

Situação atual Há uma longa tradição no Brasil de abordagem do meio ambiente como forma de conhecimento dada a condições climáticas adversas encontradas em certas regiões do país. Mas em se tratando do esporte há poucas contribuições, embora o impacto externo desta produção menor tenha tido relevância desde a década de 1970. Em resumo, no Brasil esta área de conhecimento do

esporte pode ser relacionada entre aquelas cujos pesquisadores são mais reconhecidos no exterior do que internamente. Entretanto, na década de 1990 ganhou impulso a elaboração de dissertações de mestrado sobre a temática de meio ambiente e atividades físicas na Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, com também a linha de pesquisa congênere “Desenvolvimento Humano”, sediada na Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC. Esta última iniciativa tem sido liderada pelo pesquisador e professor de Educação Física, Rui Krebs Jornada, a partir dos conceitos propostos por Irie Brofenbrenner dos EUA. O modelo Brofenbrenner descrito já em 1979, orientava a pesquisa de meio ambiente tendo a pessoa como centro. E segundo Krebs, citando o autor original do modelo de análise “... a ecologia do desenvolvimento humano é o estudo da acomodação mútua e progressiva entre um ser humano ativo em crescimento, e as propriedades mutantes dos ambientes mediados nos quais a pessoa em desenvolvimento vive, conforme esse processo é afetado por relações entre esses ambientes e pelos contextos maiores nos quais os ambientes estão incluídos” (Krebs, 1995). Neste contexto teórico, o corpo humano é um micro sistema rendendo na prática dificuldades de análise diante de meso-sistemas e macro-sistemas, o que em parte explica a existência de múltiplas vertentes de definição do esporte em relação ao meio ambiente. Este desarticulação entre conceitos já estava exposta no livro de DaCosta sobre ritmos biológicos de 1977 mas não se desenvolveu nos anos seguintes. É previsível, portanto, que a linha Brofenbrenner-Krebs possa dar maior conteúdo e significado à tradição brasileira de estudos ecológicos e esportivos nos anos próximos.

Fontes DaCosta, L.P., Environment and sport – An international overview. Universidade do Porto-Portugal, 1997, p. 44; DaCosta, L.P., Conflitos ambientalistas do desporto e da educação física e a nova cidadania ecológica. In Vargas, A., Desporto e Tramas Sociais. Sprint, Rio de Janeiro, 2001, pp. 91 – 104; DaCosta, Lamartine. A Atividade desportiva nos climas tropicais e uma solução experimental: o Altitude Training. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1967; DaCosta, Lamartine. Planejamento México. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1967; FIFA. World Cup México 70 - Official FIFA Report, 1972; Tavares, O., DaCosta, L. P. e Miranda, R., Esporte, Olimpismo e Meio Ambiente. Editora Gama Filho, Rio de Janeiro, 2002; DaCosta, L. P. Olympic Studies. Editora Gama Filho, Rio de Janeiro, 2002 (em CD ROM): disponível em 2004 no site: www.aafra.org/search/search.htm; DaCosta, L.P. International Trends of Sport and Environment - a 2001 Overview. ECSS Congress, Cologne 24 - 28, July 2001; Krebs, R.J. Urie Brofenbrenner e a ecologia do desenvolvimento humano. Casa Editorial: Santa Maria RS, 1995; Krebs, R.J. Desenvolvimento Humano: teorias e estudos. Casa Editorial: Santa Maria, RS, 1995.

Esporte e mídia

LUIS POZZI E CARLOS HENRIQUE V. RIBEIRO

Sport and media

The link between media and sports has become so close along the years that today they are mutually dependent. The worldwide increase in sports coverage by the media has been the main lever of what is called today sports marketing. In Brazil, the tendency of the media to become associated to sports started in the mid 19th century, when the first periodical magazines came up: O Atleta (The Athlete – 1856), Sportman and O Sport (Sports – 1887). Publications such as Jockey (1912), Auto-Esporte (1912) and Turf (1915) became popular in the early 20th century. The magazine Vida Esportiva (1917) played a prominent role because of its national

Origens e Definições A relação entre mídia e esporte vem se estreitando cada vez mais ao longo dos anos, até chegarmos ao estado atual de dependência mútua. O crescimento mundial na cobertura esportiva pela mídia tem sido a principal alavanca do que se chama hoje de marketing esportivo. Sem tal cobertura, o gigantesco crescimento do interesse pelo esporte nunca teria ocorrido, e as várias indústrias que dependem dele jamais teriam se desenvolvido. Maior responsável pela popularização do esporte, expandindo o interesse pelas diversas modalidades, que antes se restringiam aos aficionados, a mídia passou a atender melhor às demandas de seus dois públicos: os consumidores de esporte (telespectadores e torcedores) e o mercado anunciante, interessado em atingir esses consumidores. A televisão é ainda a principal responsável pela globalização do esporte, já que sua linguagem universal permite que as imagens das partidas sejam comercializadas em escala global. Esta é a estratégia das empresas transnacionais que fabricam produtos esportivos. Além dos benefícios dessa massificação do esporte pela mídia – tais como a globalização dos atletas, a maior organização das entidades esportivas e o desenvolvimento do marketing esportivo -, a exposição de mídia se encontra no centro dos ganhos relacionados à indústria esportiva. Estas receitas são tanto diretas, como as receitas com venda de direitos de TV e pacotes de *pay-per-view*, como indiretas, tais como patrocínio, bilheteria e venda de produtos licenciados, cujos valores crescem proporcionalmente à audiência atingida.

De fato, a mídia representa há muito tempo a principal fonte de receita da indústria esportiva, sendo em muitos casos a única responsável pela sobrevivência financeira de clubes de alto nível de competição em todo mundo, caso que inclui o Brasil. Tal fato se dá pela incapacidade de se explorar as demais fontes do marketing esportivo mencionadas acima, o que reduziria esta relação de dependência. O esporte é um produto tão rentável e estratégico para a programação das emissoras de TV, que freqüentemente elas são responsáveis pela própria criação e desenvolvimento de uma nova modalidade e/ou evento esportivo. Assim surgiram os *Extreme Games*, as Olimpíadas de Esportes Radicais criadas pela *Enterntainment Sports Programming Network*-ESPN em 1994 – que se transformaram em um dos principais produtos desta rede de TV por assinatura: o *beach soccer* e outras promoções. O *beach soccer*, em particular, foi uma modalidade criada na década de 1990 no Brasil, através de uma parceria entre a TV Globo e a agência de marketing esportivo Koch Tavares, cujos formatos e regras foram feitos sob medida para os padrões comerciais e estéticos da televisão. Esta opção é uma das saídas encontradas pelas emissoras para fugir da escalada nos custos de aquisição de direitos esportivos, ao mesmo tempo em que elas passam a verticalizar a produção do conteúdo esportivo, ou seja, controlam desde a concepção e o planejamento do produto, passando pela produção e comercialização. Não por acaso, os grupos de comunicação representam para muitos a substituição dos fundos de *private equity*– fundações de sociedades privadas e empresas de participações – como principais compradores de propriedades esportivas, principalmente clubes de futebol.

Nos EUA, por exemplo, a compra dos clubes por empresas é fato comum, já que eles são franquias administradas e negociadas como qualquer outra empresa. Atualmente, 52 empresas possuem participação acionária em 130 equipes, das quais mais de um terço são constituídas por empresas de mídia. Na Inglaterra, o futebol é

circulation, photographs and cartoons about main competitions. While radio became the dominant medium in the 1930s, television started to become popular in the 1950s. The 1990s witnessed not only the technological advancement of the media, especially cable TV, but also the so many changes in the practices of sports competitions as they had to be adapted to the needs of the market and of the media. Today in Brazil, 25,000 hours are devoted to sports in the electronic media per year. Besides, cable TV networks transmit more than 1,000 sports events annually. Networks such as SPORTV can have a monthly audience of 5,5 million viewers. This

o principal produto da TV por assinatura, respondendo por mais de 60% das receitas do setor. Mais de 70% dos US\$ 450 milhões de receitas anuais da BSkyB – canal por assinatura da News Corporation, do magnata Robert Murdoch – vêm do futebol, motivo pelo qual 43% dos assinantes optaram pelo canal. Tal investida da BSkyB no futebol europeu – compra dos direitos da Premier League e tentativa de compra do clube mais rico do país, o Manchester United – forçou outras redes de televisão a seguir pelo mesmo caminho. Isto obrigou as principais entidades esportivas – FIFA e UEFA – a impor limites para a parceria entre grupos de comunicação e os principais clubes, para prevenir possíveis situações de conflitos de interesse na cobertura jornalística, na medida em que as emissoras tenderiam a promover mais os seus clubes e encobrir más notícias. Além disso, o aumento exponencial no custo dos direitos de TV das principais propriedades esportivas tem aumentado a pressão para que as emissoras busquem aumentar sua audiência, como forma de justificar o aumento de custo para os patrocinadores, o que tenderia a diminuir o poder de crítica puramente jornalística. Outra situação de conflito mais clara pode advir de um grupo ser dono dos direitos de transmissão de um campeonato e de um ou mais clubes participantes desse mesmo campeonato, o que poderia trazer suspeitas de manipulação de resultados. Do ponto de vista empresarial, a estratégia faz todo o sentido, já que a dona dos direitos do campeonato passa a gerar mais lucros de diversas formas, tanto através da venda de pacotes de *pay-per-view* do clube que adquiriu, como através do uso de seu poder de comunicação e divulgação de marca para alavancar as demais receitas do clube, como bilheteria, venda de produtos licenciados, merchandising, patrocínio, serviços ao torcedor, etc. Caminhando-se um pouco além, a diversificação pode chegar à criação e organização de eventos, construção de estádios, representação de atletas e de entidades esportivas, etc.

Percebendo a lógica por trás destes fatos, vários clubes europeus criaram seus próprios canais de TV, como elo direto de comunicação entre o clube e seus torcedores. Como apenas os grandes clubes tenderiam a lucrar mais com a venda individual dos direitos do que com a venda coletiva, as entidades esportivas passaram a disputar para manter o sistema tal como a tradição recomenda, ou seja, defendendo os clubes menores através da negociação coletiva. Hoje, a programação dos canais dos clubes se resume a jogos históricos, cobertura de treinos e entrevistas, sem contar com o principal atrativo, que são as transmissões ao vivo. O desenvolvimento da mídia ao longo das décadas segue uma seqüência de ordem geral, que é definida primeiro pela mídia escrita, passando para a radiofônica e finalmente a televisiva. Profissionais de cada época passaram a se especializar para ser aproveitados em cada mídia que surgia e se expandia, aliando suas experiências profissionais às inovações tecnológicas de cada período histórico específico. Em retrospecto, este tipo de desenvolvimento repetiu-se no Brasil. No século XIX, com o desenvolvimento da imprensa brasileira, verificou-se primeiramente a transcrição de jogos populares, tradicionais e de azar, dedicados sobretudo ao lazer das classes sociais privilegiadas nas páginas dos jornais. Praticar esportes naquele período significava, a aquisição de gostos e práticas do continente europeu, de caráter civilizatório, excetuando-se as práticas dos imigrantes trabalhadores que refletiam suas identidades originais. Turfe, remo e regatas são as atividades esportivas que despontam esporadicamente nos jornais. Destacam-se neste período os jornais especializados O Atleta

influence of the media on sports and vice-versa had a distinguished confirmation in 2003: the choice of Rio de Janeiro as the host city for the Pan-American Games of 2007 had full support of the population of the city (94%) and of the country (83%) in opinion polls. However, although Brazil features among the 10 largest publicity markets of the world, the investment of sports sponsorship in relation to the publicity market is only 4%, against an average of 8% in countries such as the United States, England, Japan, Germany, and Canada. Further comparisons between Brazil and the world on the theme 'sport and media' are presented at the end of this chapter.

(1856), Sportman e O Sport (1887). A partir destas publicações, pode-se acompanhar o trajeto da memória das mídias esportivas pioneiras no Brasil.

Década de 1900 Surgem as primeiras crônicas esportivas de personalidades ilustres da sociedade brasileira, entre eles José da Silva Paranhos e Machado de Assis. Jornais como o Correio da Manhã, O Paiz, Gazeta de Notícias e Jornal do Brasil passam a publicar em suas edições diárias os resultados esportivos.

Década de 1910 Publicações como Jockey (1912), Auto-Esporte (1912), Turf (1915) são criadas exclusivamente para atender a um público que começa a se interessar pelos temas esportivos. A revista Vida Esportiva (1917) se destaca entre as demais, pois além de ter circulação nacional, continha fotos e charges sobre as principais competições.

Década de 1920 É criada em 1924 a Gazeta Esportiva como encarte do jornal A Gazeta em São Paulo, divulgando esportes como automobilismo, futebol, remo, pólo aquático, boxe e tênis, além de promover encontros esportivos regionais e internacionais. A Corrida Internacional de São Silvestre acontece pela primeira vez em 31 de dezembro de 1924, passando a ser destaque nos jornais da época como uma prova inovadora e perigosa, com suas subidas e descidas nas ruas da cidade de São Paulo durante a noite.

Década de 1930 A relação entre nação e esporte cresce como propaganda oficial do governo brasileiro. O desenvolvimento da indústria cinematográfica permite a realização das “imagens em movimento”, o que em última instância facilita a produção e divulgação de corpos em ação associados ao esporte. Em 13 de março de 1931, o Jornal dos Sports é fundado por Argemiro Bulcão, tendo o Jornalista Mário Filho como redator. Os Jogos Olímpicos de Los Angeles-1932 têm destaque nos jornais com a pequena delegação brasileira enviada e os pífios resultados obtidos. A primeira transmissão esportiva no rádio coube a Nicolau Tuma, da Rádio Sociedade Educativa Paulista, ao transmitir o jogo entre as seleções de São Paulo e do Paraná pelo VII Campeonato Brasileiro de Futebol no ano de 1931.

Década de 1940 As notícias esportivas passam a ter menos destaque nos jornais neste período devido à Segunda Grande Guerra Mundial. Os esportes que obtinham visibilidade nesta década eram: turfe, futebol, tênis, automobilismo, basquetebol, ciclismo, hipismo, remo, natação, pólo aquático, iatismo, boxe, tênis de mesa e atletismo. Com o surgimento da Rádio Nacional no final da década anterior, os programas esportivos passam a obter patrocínios de diversos produtos, dentre eles os de estética e higiene pessoal.

Década de 1950 O rádio se consolida como força midiática, com cerca de 477 emissoras e 500 mil aparelhos receptores. Locutores esportivos como Geraldo José Almeida, Oduvaldo Cozzi, Pedro Luís, Jorge Curi e Paulo Planet Borges se destacam como divulgadores dos grandes *matchs* nacionais. Os Jogos da Primavera são promovidos pelo Jornal dos Sports e seu redator chefe Mário Rodrigues Filho se destaca na crônica esportiva. A Rede Record se torna pioneira em transmissão esportiva interestadual pela televisão, com o jogo Brasil e Inglaterra realizado no Maracanã-RJ no ano de 1956. Programas esportivos como o “Mesa Redonda”, de Geraldo José de Almeida e Raul Tabajara, se tornam sucesso na televisão.

Década de 1960 O Brasil torna-se bicampeão mundial de futebol, o que direcionou o investimento financeiro das empresas no

patrocínio deste esporte. Começam a ocorrer as primeiras aparições de esportistas nos programas de auditório. O desenvolvimento do cinejornal ganha destaque nas salas de cinema, com a criação do Canal 100 por Carlos Niemayer. A transmissão esportiva na televisão se inicia com profissionais advindos do rádio e uma nova forma de linguagem começa a se consolidar. A cobertura esportiva dos Jogos Olímpicos de Roma-1964 conta com a participação de 1.442 membros dos meios de comunicação de todo o mundo.

Década de 1970 A transmissão esportiva ganha força com o aparecimento da televisão a cores e o lançamento dos primeiros satélites de comunicação. O Brasil alcança a marca de 4 milhões de aparelhos de TV e os anunciantes começam a comprar espaços nos intervalos comerciais, em lugar de patrocinarem o programa como um todo. A Fórmula 1 ganha destaque na cobertura da mídia com as vitórias de Emerson Fittipaldi, o que atrai uma série de empresas dispostas a associar sua marca ao esporte do automobilismo. Apesar da receptividade popular, nas décadas de 1960 a 1970 as transmissões eram de péssima qualidade, dadas as restrições tecnológicas, com raros eventos transmitidos ao vivo. Nesta época, as emissoras de TV raramente pagavam pelos direitos de transmissão.

Década de 1980 Começa a ser reservado um espaço na grade de horários das emissoras de televisão aos domingos para a cobertura esportiva. Cresce o número de programas diários de rádio e televisão dedicados exclusivamente ao esporte. A figura do narrador esportivo ganha força nas transmissões esportivas e repórteres como Luciano do Valle e Galvão Bueno passam a ser essenciais para divulgação e desenvolvimento de outros esportes, além do futebol, ou no reconhecimento de estrelas esportivas. O espetáculo esportivo é impulsionado pelo investimento financeiro das emissoras de televisão, que procuram garantir a cobertura de eventos “exclusivos” em seus canais, tais como Olimpíadas e a Copa do Mundo de Futebol. Os esportes começam a se adaptar às novas realidades de patrocínio, marketing e transmissão. Modificações nas regras e alterações no calendário anual das competições são uma das principais características deste novo período. Surge nesta época a popularização das transmissões ao vivo e o aparecimento da TV paga nos EUA, com a criação da ESPN, primeiro canal dedicado a esportes. Consolida-se o conceito de venda dos direitos de transmissão para as empresas de mídia, que passam a cobrir estes custos com a venda de publicidade.

Década de 1990 É nesta década que grande parte das inovações tecnológicas e a profissionalização do esporte ganham bases sólidas de crescimento. O gerenciamento esportivo e as estratégias de marketing tornaram-se elementos essenciais nas escolhas dos locais em que ocorrem os eventos esportivos, pela sua capacidade de investimento direto. Destaca-se aqui a escolha dos EUA para sediar a Copa do Mundo de Futebol de 1994. O modelo de TV paga se populariza no mundo, com o aumento significativo da quantidade de canais, o advento do sistema de *pay-per-view*, no qual se paga pelo direito de se assistir a uma programação específica, e o aparecimento da TV digital, que significa um grande avanço em termos de qualidade de imagem e possibilidades de interatividade com o telespectador. O aparato tecnológico se intensifica e a emoção do esporte invade a casa do telespectador, com a miniaturização das câmeras, tornando possível assistir às transmissões de diversos ângulos, tais como de dentro do *cockpit* do piloto, em cima de uma tabela de basquete, dentro de um buraco de golfe ou debaixo da água. Jogos esportivos começam a ser viabilizados para os computadores pessoais através da Internet no final desta década.

O esporte se consolida como o principal conteúdo para atração de assinantes de TV paga, cujo aumento exponencial responde pelo financiamento dos custos de direitos esportivos, que crescem assustadoramente. Esta segmentação do público televisivo cria nichos de mercado no esporte, facilitando o acesso a competições nacionais e internacionais de pequeno e médio porte para um público de maior poder aquisitivo. As principais organizações esportivas brasileiras começam a pleitear o direito de organizar campeonatos mundiais de diversos esportes, com destaque para a campanha “Rio 2004”, que procurava garantir a cidade do Rio de Janeiro como sede dos primeiros Jogos Olímpicos no Brasil. Surge no meio empresarial o “contrato de imagem”, que garante aos atletas de alto nível melhores remunerações advindas de diversos patrocinadores, e não mais apenas do salário. As transmissões esportivas passam a privilegiar a grade de horários que melhor atenda aos interesses das emissoras e patrocinadores, com o

consentimento dos dirigentes esportivos. Dentre essas adaptações, destaca-se a Corrida Internacional de São Silvestre, que desde o final da década anterior passou a ser realizada no horário vespertino do dia 31 de dezembro. O vôlei foi um dos esportes que mais alterou regras em função das exigências da televisão, para ter jogos com duração mais curta e previsível: acabou com o sistema de vantagens e instituiu o *tie-break* no 5º set, com contagem menor. A longa duração das partidas é um dos principais motivos que barram uma popularização ainda maior do tênis, já que as emissoras de TV aberta procuram ter uma previsibilidade maior dentro de sua grade de programação, para que um evento não “invada” o horário de outro programa e prejudique seu encaixe comercial.

Década de 2000 Consolidação do sistema *pay-per-view*: um salto de qualidade com as transmissões digitais e a convergência entre TV e Internet, que aumenta ainda mais a quantidade de canais disponíveis. Deste modo, os custos dos direitos se fragmentam ao máximo, saindo de um modelo em que a TV aberta e o rádio disponibilizavam os conteúdos esportivos para a grande “massa” de interessados, para um novo modelo em que vários veículos passam a entregar o mesmo conteúdo de formas distintas, e para audiências mais fragmentadas. Deste modo, pode-se ser informado do que acontece no mundo esportivo através da TV aberta e fechada, rádio, internet e celular, por exemplo. Tal fragmentação é consequência direta da mudança no estilo de vida dos potenciais consumidores, cada vez mais difíceis de se atingir em casa, com o aumento na quantidade de opções de lazer e na adoção de atividades mais saudáveis em instalações próprias e na natureza.

Situação atual No Brasil, o número de horas dedicadas ao esporte na mídia eletrônica encontra-se na faixa de 25 mil horas/ano e emissoras de televisão por assinatura chegam a transmitir anualmente mais de mil eventos esportivos. Emissoras como a SPORTV chegam a ter uma audiência de 5,5 milhões de telespectadores mensais. A mídia impressa, radiofônica e Internet, ao se somarem à TV quanto ao foco nos esportes e atividades físicas em geral, estabelecem uma proporção importante de profissionais de mídia dedicados a este tema em comparação a outros setores de notícia e entretenimento. E, aparentemente, tanto o público do esporte como os profissionais a ele dedicado continuam a crescer no país. Um reforço a esta percepção situa-se na escolha do Rio de Janeiro como sede dos Jogos Pan-Americanos no ano de 2007 e na sua candidatura à sede dos Jogos Olímpicos de 2012, que tiveram apoio maciço da população da cidade (94%) e do país (83%), segundo dados do COB/IBOPE (2003).

Por outro lado, este modelo responsável pelo sucesso financeiro, tanto da mídia como do esporte, no qual as emissoras de TV compravam os direitos esportivos por valores cada vez maiores, vem dando seguidas provas de esgotamento no Brasil. Ocorre que o principal financiador desde modelo – o mercado publicitário – está retraído há algum tempo, não conseguindo acompanhar este aumento de custos da programação esportiva. Esta defasagem entre custos e receitas levou inclusive à derrocada de grandes intermediários de direitos esportivos, como a ISL, ex-agência de marketing da FIFA, e o grupo alemão Kirch, detentor dos direitos de transmissão das Copas do Mundo de 2002 e 2006. A eficiência do modelo tradicional de comunicação, baseado no comercial de 30 segundos vem sendo contestada por uma série de fenômenos que dificultam a penetração da mensagem junto ao público-alvo, tais como o aumento das opções de lazer, o “congestionamento publicitário” dos meios de comunicação e o uso do controle remoto durante os intervalos comerciais. O congestionamento pode ser definido como o sentimento de desordem e confusão que advém da enorme quantidade de comerciais na mídia. E no que concerne o controle remoto, isto é, com a popularização da tecnologia e o advento dos fenômenos do *zipping* e *zapping*, diminuiu-se a probabilidade do espectador estar exposto aos intervalos comerciais. Há, então, um favorecimento do patrocínio esportivo, já que sua mensagem está sendo passada durante o programa, de uma forma menos agressiva e mais subliminar, o que torna a venda mais suave e indireta, direcionada a um telespectador mais relaxado e atento ao programa. Dado deste cenário, os profissionais de mídia estão diante do desafio de buscar formas de comunicação que se destaquem no meio deste congestionamento e, mais importante ainda, que emprestem emoção à marca. Diante disso e da pressão dos anunciantes por resultados, as próprias agências de publicidade se vêem na necessidade de diversificar a comunicação, o que representa verbas menores para as formas mais tradicionais.

Embora a propaganda tradicional continue a ocupar uma grande parte do orçamento de marketing esportivo das empresas, seu alto custo tem encorajado o desenvolvimento de outras formas de patrocínio, como o patrocínio a eventos, times e atletas. Tais opções oferecem novas maneiras para aumentar o reconhecimento de marca, atingir audiências específicas e estimular o consumo do produto. O mesmo fenômeno se repete na mídia impressa, com o crescimento do número de revistas dedicadas a modalidades específicas, que era de 27 títulos em 1996; 140 em 1997; 97 em 1998; 133 no ano de 1999 e 75 em 2000, bem como a criação de jornais especializados diários como o Lance!, maior portal esportivo da América Latina, englobando *site*, jornal e revista. Esta aposta é mais do que justificada nos jornais, já que o caderno de esportes pode ser o fator competitivo chave para se manter o número de leitores. Por ser a segunda seção mais lida nos principais jornais americanos, os jornais se viram obrigados a expandir e melhorar sua cobertura esportiva.

Dentro deste cenário, um jornal de tradição como o Jornal do Brasil decidiu lançar em 2003 um Caderno de Esportes diário, que alia a cobertura de futebol com novos espaços que atendam à crescente demanda de leitores e anunciantes por esportes segmentados, como esportes de aventura, esportes a motor e modalidades olímpicas. Outro jornal de tradição, o Jornal da Tarde, lançou no mesmo período um Caderno de Esportes diferenciado às segundas-feiras, obtendo um crescimento imediato de circulação nesse dia. Em outras palavras, o mercado esportivo brasileiro sempre viveu uma espécie de “ditadura do futebol”, o que significa uma limitação indevida para os representantes das demais propriedades esportivas, especialmente para aqueles que não têm preparo para falar a língua do mercado comprador.

O futebol, esporte preferido por 71% dos brasileiros torcedores, fica por conta disso com 60% do valor investido em patrocínio e 61% das reportagens de TV. Diante disso, como trabalhar os outros esportes, cujos praticantes estão se expandindo e se diversificando (ver os capítulos de Cenários deste Atlas)? Uma das respostas para esse dilema pode ser encontrada no próprio futebol, cuja imagem de desorganização, desonestidade e desrespeito ao torcedor vem afugentando cada vez mais as empresas, que relutam em associar sua marca a um produto extremamente popular e maculado ao mesmo tempo. Outros esportes, apesar de não terem a mesma popularidade, têm uma série de vantagens, tais como: (a) imagem mais preservada, funcionando até mesmo como “atestado” de organização e seriedade, no caso dos profissionais do voleibol, por exemplo; (b) congestionamento de marcas menor, o que facilita a identificação do patrocinador com o esporte; (c) segmentação de mercado mais eficiente, já que cada modalidade tem um perfil de praticante diferente, que podem ser atendidos por empresas que buscam *targets* semelhantes.

Algumas empresas estão começando a compreender o significado do patrocínio, que não se resume apenas à visibilidade de mídia, mas pressupõe um envolvimento e um comprometimento maior do patrocinador com a propriedade patrocinada. Apesar disso, o mercado ainda desconhece os benefícios do patrocínio, por ser uma mídia relativamente nova, sujeita a riscos e com pouca medição de resultados. Cabe aos profissionais de marketing esportivo disseminar essa nova forma de encarar o patrocínio, mostrando todas as possibilidades que ele pode trazer às marcas, desde o planejamento das ações que mais se adequem ao perfil do patrocinador, passando pela coordenação e avaliação dessas ações. O fundamental é buscar atender aos objetivos de marketing do patrocinador e conhecer bem seu público-alvo, já que o esporte é perfeito para segmentar a comunicação: se o profissional de marketing quer atingir a massa e conta com verba para isso, o futebol pode ser a solução, agora, se ele visa atingir um público mais sofisticado gastando menos, esportes como golfe, pólo e iatismo são boas opções, assim como esportes radicais tendem a atrair públicos mais jovens e descontraídos.

Alternativa à crise do modelo Um formato que atende tanto à situação financeira das emissoras de TV quanto à busca dos anunciantes por alternativas de comunicação é a produção de programas esportivos patrocinados. Ao contrário do patrocínio de programas esportivos tal como o conhecemos, em que a marca do patrocinador é inserida tanto durante o programa como nos intervalos, chancelando a produção, estamos falando aqui de outro formato, no qual o mais importante é que o conteúdo do programa

seja adequado aos valores intrínsecos à marca do patrocinador e passe a emoção que as marcas tanto buscam. A chave para se obter cobertura da TV é saber que ela só se interessa por materiais de qualidade, trabalha com requerimentos muito específicos e prazos muito apertados e geralmente terá restrições para cobrir o evento. Não por que este seja inadequado, mas pela dificuldade em espaço na programação, pela limitação no tamanho e disponibilidade das equipes de reportagem e, principalmente, pelas políticas comerciais que protegem os patrocinadores da emissora contra outras marcas que conseguem interferir nas transmissões, sem pagar diretamente por isso. A saída para lidar com as restrições das emissoras está em investir na produção própria: recebendo o material das produtoras independentes, as emissoras de TV não só não têm que desembolsar pelos direitos de transmissão, como reduzem seu custo interno de produção, já que não precisam cobrir o evento com seu pessoal. A produção própria tem ainda a vantagem de se poder usar a matéria prima nos mais diversos formatos: boletim de notícias, programas de variedade e documentários, material para outros tipos de veículo, como cinema, vídeo, programação durante vôos aéreos, etc, ou vídeos promocionais a serem distribuídos aos seus vários públicos.

Assim disposto, vários objetivos são atendidos: as emissoras de TV recebem programação esportiva de qualidade a custo zero e receita publicitária associada ao produto, enquanto os patrocinadores podem escolher o conteúdo e o veículo que mais interessam ao seu público-alvo, por valores muito inferiores aos dos demais formatos comerciais. Outra forma recente de publicidade que tende a se impor nos eventos esportivos na TV é a publicidade virtual, tecnologia desenvolvida desde 1994 e que permite a inserção eletrônica de objetos tridimensionais – em movimento – em eventos

ao vivo, o que torna difícil distinguir o real do virtual. Do ponto de vista do patrocinador, a grande vantagem da publicidade virtual sobre a convencional é o impacto sobre o telespectador, que cresce de 23% para 100%, segundo os especialistas. A tendência é que a publicidade virtual ocupe gradualmente o espaço da publicidade convencional, desde que os limites éticos e de propriedade sejam respeitados, uma vez que estamos falando em inserir imagens virtuais sobre as imagens reais. Desta maneira, as principais entidades esportivas se apressaram em regulamentar o uso da publicidade virtual nos eventos, protegendo os detentores dos direitos de arena. Atualmente, as imagens virtuais só podem ser utilizadas, tanto em uma arena esportiva como ao ar livre, com a autorização do dono daquele “espaço”. Entretanto, tal forma de publicidade deverá multiplicar as receitas das emissoras, já que o valor da publicidade está sempre associado ao impacto que ela causa sobre o público-alvo.

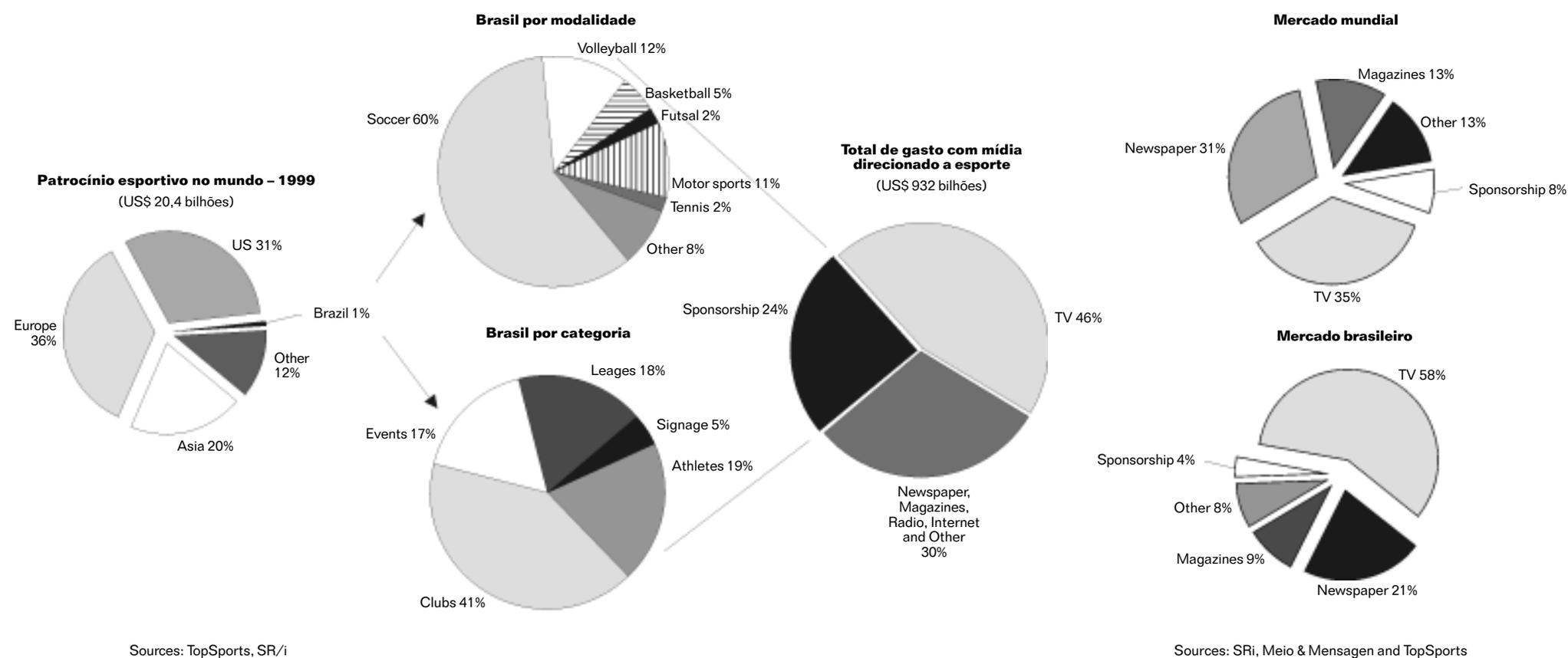
Mídia x Patrocínio Todas as estatísticas vêm apontando um redirecionamento da verba publicitária dos anunciantes, no sentido de se reduzir a participação da mídia tradicional em favor da chamada mídia alternativa, na qual o patrocínio se encaixa. O mercado de patrocínio esportivo mundial vem experimentando crescimentos médios anuais de 13% nos últimos 10 anos, tendo chegado a US\$ 20,4 bilhões em 1999, segundo a *Sponsorship Research International*, um dos principais institutos de pesquisas esportivas do mundo. Apesar disso, a participação do Brasil neste bolo é de apenas 1%, com investimentos de US\$ 226 milhões, sendo 60% disso em futebol. Se considerarmos os investimentos em mídia esportiva (cotas de patrocínio de eventos e comerciais em TV e outras mídias), a participação do patrocínio é de apenas 24%, o que demonstra o potencial de crescimento. Apesar de o Brasil estar entre os 10 maiores

mercados publicitários do mundo, o investimento de patrocínio em relação ao mercado publicitário é de apenas 4%, contra uma média de 8% em países como EUA, Inglaterra, Japão, Alemanha e Canadá. Em suma, a parceria entre mídia e esporte veio para ficar, já que, historicamente, os ganhos têm sido muito maiores que os revezes. A negociação entre as partes, que sempre foi desequilibrada, em função do maior poder de barganha e preparo técnico do pessoal de mídia em relação ao pessoal do esporte, tende a se equilibrar mais, na medida em que o esporte vem se profissionalizando em busca de se fortalecer financeiramente, viabilizando assim o objetivo final, que é o desenvolvimento do esporte. Neste sentido, os cursos e seminários de administração esportiva têm desempenhado um papel fundamental, no sentido de formar uma massa crítica que passará a substituir toda uma geração menos preocupada com esta situação de desequilíbrio.

Fontes AFIF, Antônio (2000). A Bola da vez: o marketing esportivo como estratégia de sucesso. Editora Infinito; Confederação Brasileira de Voleibol. (1999). O Esporte como indústria: solução para criação de riqueza e emprego. Rio de Janeiro: FGV; Boyle, R. & Haynes, R. (2000). Power play. Sport, the media & popular culture. Edinburgh: Pearson Education; Garrido, F. A. C. (1999). Tendências da cultura esportiva do Rio de Janeiro: uma análise da mídia e das práticas de esportes. (Dissertação de Mestrado). UGF, Rio de Janeiro; Helal, R. (1990). O que é sociologia do esporte. São Paulo: Brasiliense; Imprensa/Mídia Ano III, Número 37/38. Novembro/dezembro de 1997; Mídia Dados: Anuário. (1997 a 2003) Grupo de Mídia: São Paulo; Pozzi, L. F. (1998). A Grande Jogada: Teoria e Prática do Marketing Esportivo. Editora Globo; Whannel, G. (2002). Media sports stars, masculinities and moralities. New York: Routledge; www.members.tripod.com; www.tudosobretv.com.br

Esporte e mídia: dados mundiais x Brasil, 1999

Sport and media: world vs Brazil in figures, 1999



Turismo esportivo

ARIANNE CARVALHEDO

Sports tourism

Sports tourism deals with trips for recreational purposes in which individuals take part in physical activities, watch sports events or visit attractions associated with sporting activities. With its roots in the Olympic Games of Ancient Greece, sports tourism started up in Brazil in the early 1940s with the first diving enterprises of

leisure and competitions. Sport tourism has been mostly associated to eco-tourism in Brazil. Along the years many events have contributed to the development of sports tourism in Brazil such as the São Silvestre races (since 1945), the Maracanã stadium (1950), surf festivals (1970s), formula one races (1971), hang-gliding

championships (1974), and mountain bike (1981) and rafting (1982) events among many others. Key features in Brazil as of 2002: more than half a million people do eco-tourism; it employs 30,000 people through 5,000 companies and private institutions within a market of about US\$ 1,5 billion a year.

Definições O conceito de turismo esportivo ainda é bastante discutido, predominando versões particulares. Devido a esta dificuldade, estimativas sobre o impacto deste setor variam entre si. Entretanto, sua importância é inquestionável: como o turismo internacional hoje é responsável por 11% do PIB mundial, com crescimento estimado em 4.1% ao ano, e a indústria esportiva movimenta 2.5% do comércio mundial, estes dois mercados tendem a ser complementares. Confirmando tal previsão, o Conselho Internacional de Turismo Esportivo, em estudo recente realizado em 10 diferentes países, constatou que o turismo esportivo já é responsável por 32% do total de atividades turísticas nos países investigados. Em resumo, há três tipos de comportamentos associados ao turismo esportivo: turismo esportivo ativo; turismo esportivo de eventos; e turismo esportivo de visita (visita a estádios, museus de esportes, clubes, etc.). Portanto, podemos definir turismo esportivo como viagem com fins recreativos nas quais os indivíduos participam de atividades físicas, assistem a eventos esportivos ou visitam atrações associadas a atividades esportivas. No Brasil, apesar de indicações recentes sobre uma mudança no tratamento do Turismo Esportivo como um setor específico da indústria do turismo ou do esporte, este é muito mais analisado como subproduto do Ecoturismo. Isto não quer dizer, no entanto, que o Brasil não tenha investido também, nos últimos anos, em mega eventos esportivos, principalmente internacionais. Entretanto, grande parte deste apoio tem partido da iniciativa privada.

Origens Desde a Grécia antiga, indivíduos viajam com fins de participação ou admiração a jogos atléticos. Os Jogos Olímpicos da era clássica e os espetáculos atléticos romanos são exemplos desta tradição. Já o turismo esportivo e aquele associado à natureza podem ser relacionados às viagens dos descobrimentos no Renascimento, e do desbravamento de novas terras pelos europeus em outros continentes em períodos subseqüentes, aos acampamentos selvagens e esportes *outdoors*, desenvolvidos pelos norte-americanos e europeus, ao longo deste século.

Década de 1940 Raimundo Castro Maia traz os primeiros equipamentos de mergulho esportivo para o Brasil logo após a criação do Aqualung, criando um suporte de incentivo, ao esporte praticado na natureza.

1945 A Corrida de São Silvestre, evento anual da cidade de São Paulo desde a década de 1920, passa a aceitar competidores de outros países, tornando-se o primeiro mega evento esportivo brasileiro a constar dos calendários internacionais e, portanto, referência turística.

1950 Inauguração do Estádio Mário Filho – Maracanã, no Rio de Janeiro - RJ, para sediar a Copa do Mundo de Futebol realizada naquele ano. Este estádio passa a ser o maior do mundo, com capacidade para 200.000 pessoas, tornando-se um dos símbolos do Brasil no exterior. Sobrevive no local um museu do futebol brasileiro que, embora incipiente e desaparelhado para o turismo atual, ainda atrai visitantes.

Década de 1970 Época dos primeiros festivais de surfe em Saquarema – RJ, atraindo milhares de jovens para a Região dos Lagos, litoral norte fluminense.

1970 Primeiro vôo de balão como esporte – balonismo – no Brasil, marcando a expansão dos esportes da natureza no país e conseqüente crescimento de seus meios de atração do turismo interno e externo.

1971 Primeiro GP Brasil de Fórmula 1, prova automobilística hoje responsável por projetar o país no exterior e gerar importantes retornos e renda de turismo, sobretudo interno.

1974 Primeiros vôos de asa delta, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Hoje o esporte já conta com mais de 4.500 adeptos no Brasil (incluindo o Parapente). Na cidade do Rio de Janeiro, os vôos de asa delta constituem, na atualidade, um pólo de atração turística. O Sertão Central do Ceará é, por sua vez, conhecido internacionalmente hoje, como um dos melhores locais para vôos de longa distância em todo o mundo, atraindo todos os anos praticantes desta modalidade para o Estado. O município de Governador Valadares, local, até então, sem atrativos turísticos, também se tornou um pólo de turismo esportivo no Estado devido à prática deste esporte.

1981 Entrada no mercado, em larga escala, das bicicletas de Mountain Bike, geradora do cicloturismo.

1982 Criação da primeira operadora de Rafting do Brasil em Três Rios – RJ.

1986 Primeiro evento internacional de Volley de Praia, com atletas de expressão mundial, na Praia de Copacabana – RJ, reforçando a feição esportiva da imagem turística projetada por aquele local.

1987 Criação da Comissão Técnica Nacional, com representantes da EMBRATUR e do IBAMA, cujo objetivo era monitorar o Projeto de Turismo Ecológico. Esta foi a primeira iniciativa governamental de proceder a uma proposta de ordenação do Ecoturismo no Brasil. Primeiro Mundial de Volley de Praia em Ipanema – RJ.

1989 Introdução do canyoning no Brasil por um grupo de espeleólogos paulistas. Hoje, este esporte de aventura e de turismo soma cerca de 2.000 praticantes no país e conta com mais de 10.000 participantes de operações comerciais.

Década de 1990 Criação do parapente. Consolidação do mercado de rafting no Brasil. Lançamento das candidaturas de Brasília e do Rio de Janeiro para sediar os Jogos Olímpicos, cuja seleção inclui exigências de alta relevância em termos de recepção turística e preservação ecológica. Os resultados, nos dois casos, foram frustrantes em razão da falta de conhecimento esportivo por parte dos elaboradores das propostas, como também da equivocada contratação de consultoria estrangeira, para projetos que deveriam mostrar capacitação técnica nacional.

1993 Primeira final da Liga Mundial de Volleyball no Brasil, assinalando a vocação de mega eventos existente no Brasil.

1994 Elaboração do documento “Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo” por vários ministérios e agências do Governo Federal, da iniciativa privada e de diversas ONGs brasileiras. Primeira edição internacional do Rally dos Sertões – maior rally da América Latina.

1996 Jogos Mundiais da Natureza em Foz de Iguaçu – PR, reforçando a concepção do turismo receptivo da chamada Costa Oeste do Paraná. Este mega evento foi planejado como estímulo à criação de uma infra-estrutura hoteleira e de esportes de água, terra e ar ao longo dos 300 quilômetros de margens do lago delimitado por Brasil, Paraguai e Argentina.

1998 Primeira edição da Corrida de Aventura EMA, maior corrida de aventura do Brasil, no litoral norte de SP.

1999 Primeiros trabalhos com arborismo para Ecoturistas em SP. Primeira edição da Adventure Sports Fair em SP – maior feira de esportes e turismo de aventura da América Latina.

2001 Elaboração e veiculação nacional, por parte do Governo Federal, do Projeto Pólos de Desenvolvimento do Ecoturismo, iniciativa para a regulamentação da prática em todo o território brasileiro, maximizando seu potencial de atuação e recepção de novos turistas para áreas ainda pouco exploradas por esta indústria no Brasil.

2001 - 2002 Início dos preparativos no Comitê Olímpico Brasileiro para as candidaturas de São Paulo e do Rio de Janeiro aos Jogos Olímpicos de 2012, seguindo-se da elaboração de projetos destas duas principais cidades do país que contemplam, em suas prioridades, o turismo esportivo. Em termos técnicos, estes estudos de viabilidade representam a maturidade no Brasil nas abordagens de turismo esportivo ativo, de turismo esportivo de eventos, e de turismo esportivo de visita.

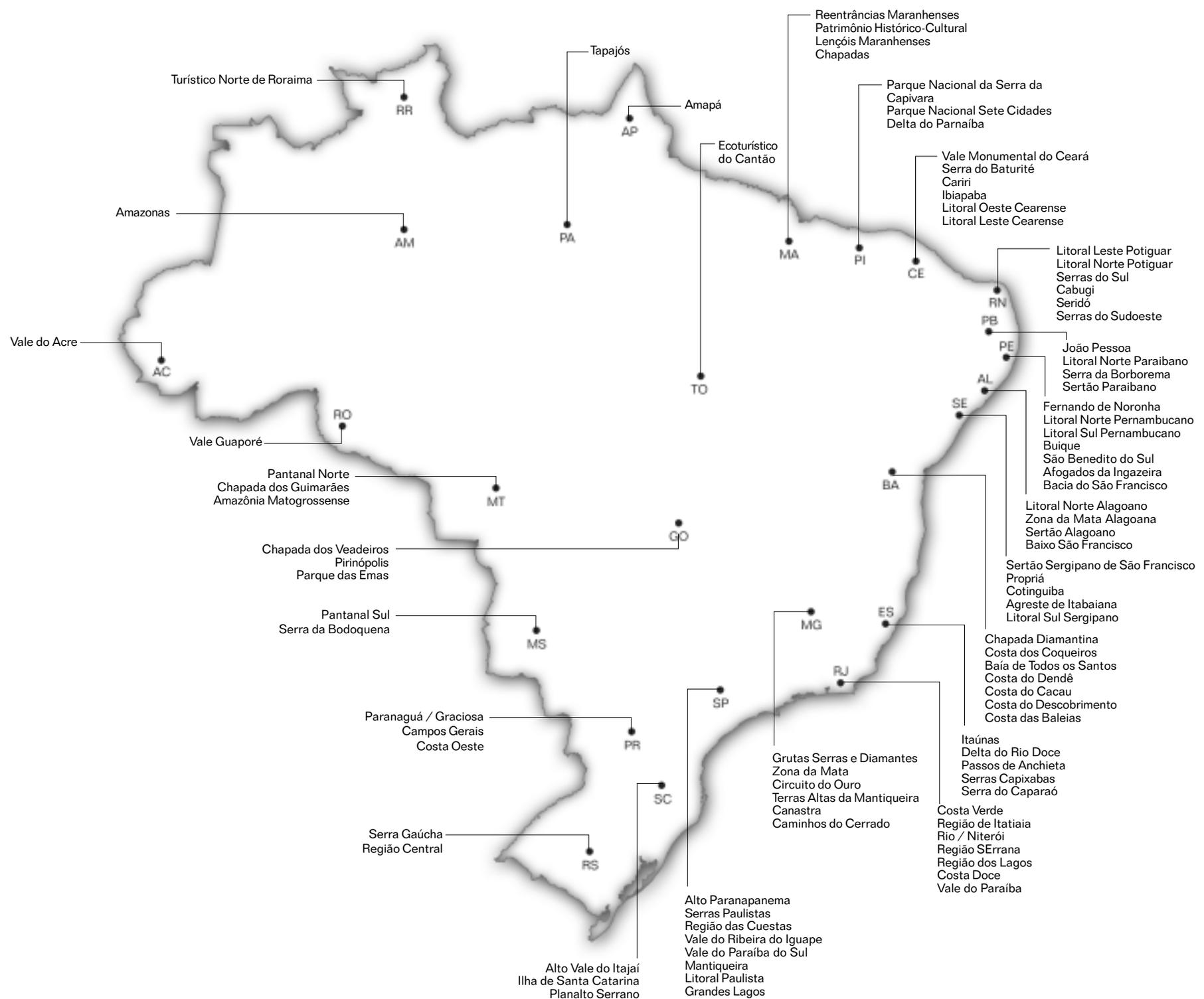
2002 Ano Internacional do Ecoturismo. Primeira edição dos X-Games – finais latino-americanas, no RJ.

Situação Atual Nos últimos cinco anos, o turismo esportivo tem se mostrado cada vez mais atraente para o público. Nos EUA, por exemplo, há mais de mil companhias de turismo de aventura e ecológico, faturando mais de US\$ 1 bilhão anualmente, apenas em 12 de seus estados da região oeste. Segundo a OMT, enquanto o turismo cresce a 7,5% ao ano, o ecoturismo expande-se a mais de 20%. No Brasil, na feição adotada de Ecoturismo, o Turismo Esportivo tem se revelado promissor por acompanhar uma tendência internacional. Estima-se que mais de meio milhão de pessoas no Brasil pratiquem o ecoturismo, que deve empregar cerca de 30 mil pessoas, através de, no mínimo, 5 mil empresas e instituições privadas, movimentando mais de US\$ 1,5 bilhão ao ano. Segundo o documento “Pólos de Ecoturismo” organizado pela EMBRATUR e pelo antigo Ministério do Esporte e Turismo, os ecoturistas brasileiros são turistas de alta renda que procuram, na natureza, formas de combater o estresse urbano.

Fontes Commonwealth Department of Industry, Science and Resources (2002). *Towards a National Sports Tourism Strategy*. www.tourism.gov.au.; GIBSON, H. J. (1998) 'Sport Tourism: A Critical Analysis of Research', *Sport Management Review*, 1, pp.45-76.; HALL, C. (1992b). *Hallmark tourist events*. Londres: Belhaven Press.; MAGALHÃES, G.W. org.(2001). Pólos de Ecoturismo: Planejamento e Gestão. Terragraph, São Paulo.; STANDEVEN, J. & De KNOP, P. (1999) *Sport Tourism*, Human Kinetics, Champaign, Illinois.; World Tourism Organization (1992). *Yearbook of Tourism Statistics* (Vols. 1–2). Madrid: WTO.

Principais locais de turismo esportivo no Brasil, 2003

Main locations for sport tourism in Brazil, 2003



Treinamento esportivo

MANOEL GOMES TUBINO E LAMARTINE DACOSTA

Theory and methods of sports training/coaching

According to sports competitions tradition, sports training or sports coaching is the name given to the set of means to develop an individual athlete or a team technically, physically and psychologically in order to place them in a 'projected' condition at the right time of the specific performance (Tubino, 1979, p. 35). However, this traditional focus on top sport has been losing ground not only to include sports coaching in order to improve and develop individuals' specific physical qualities (strength, resistance, agility, speed, etc.) for fitness but also to include access of population groups to leisure and health. The

Definições e origens Em específico e de acordo com a tradição da competição esportiva, chama-se “treinamento esportivo” ao conjunto de meios utilizados para o desenvolvimento das qualidades técnicas, físicas, e psicológicas de um atleta ou de uma equipe, tendo como objetivo final colocá-lo(a) na ‘forma’ projetada na época certa da performance, considerando-se ‘forma’ como a eficiência máxima de um indivíduo ou um grupo de indivíduos (equipe) em determinada prova esportiva (Tubino, 1979, p. 35). Em geral e mais recentemente, contudo, o treinamento esportivo passou a visar à melhoria de uma determinada qualidade física (força, resistência etc.) para fins de forma física (*fitness*), como também saiu da perspectiva única do rendimento para uma abrangência mais ampla de acesso ao lazer e à saúde e de pleno direito à cidadania (Tubino & Bastos, 2003). Há, ainda, influenciando a variedade da compreensão do treinamento esportivo ao longo de seu desenvolvimento, abordagens de tradições diversas representadas por autores e países distintos, conforme se pode exemplificar pela Tabela 1 abaixo para as décadas de 1970 e 1980. As origens do treinamento particularizado para a competição atlética remontam à Grécia Antiga quando a preparação dos atletas para os Jogos Olímpicos e outras competições similares era metodizada por sessões de aplicação de trabalhos além do normal para cada atleta (sobrecargas) – com halteres, corridas etc. – alternados com descanso. Assim se procedia de modo a fortalecer grupos musculares e resistência que pudessem auxiliar a performance nas provas atléticas (DaCosta, 1968, pp.1-15). Historicamente, o treinamento esportivo retoma o momento grego – datado na tradição das Olimpíadas entre 776 a. C. e 394 da era cristã – nas últimas décadas do século XIX, sobretudo com a restauração dos Jogos Olímpicos em 1896, privilegiando uma postura de melhoria técnica nos movimentos a serem aperfeiçoados para a performance e correspondente adoção de sobrecargas. Desta base tendeu-se naturalmente para abordagens científicas nos procedimentos e controle de suas aplicações a partir da década de 1920 na Europa, EUA e Japão, com maturidade na década de 1950 na antiga União Soviética (Ozolin e Matveev) e na Alemanha (Gerschler e Reidell). Desde então a ciência do treinamento esportivo tem se expandido continuamente e hoje já atinge as fronteiras do conhecimento e pesquisa da genética, cuja evolução apoia-se em códigos hereditários que individualizam o preparo físico-esportivo e permitem a identificação de talentos; no exterior, estão também surgindo tendências à redefinição desta área de conhecimento. No Brasil, há uma tradição própria em que a fase de preparo técnico de movimentos esportivos já se relaciona com indicações metodológicas desde o início do século XX, como se expõe a seguir.

1909 A Editora Garnier do Rio de Janeiro-RJ publica um livro traduzido do francês denominado “A Natação: Tratado Prático de Natação e Salvação” (“salvação” tem aqui o significado de salvamento, atividade reconhecida como esporte à época), de autoria de P. Blache. Nesta publicação há uma definição de treinamento para a prática de esportes como “apropriação e regularidade tão perfeitas quanto possível numa máquina humana para dar o máximo de rendimento quando aplicada a qualquer fim” (Miragaya & DaCosta, 2000, p. 165). Antes no seu texto, de modo sintomático o autor refere-se à expressão treinamento como uma “palavra com efeito bastante vaga para que nem todos a interpretem do mesmo modo”. O livro de Blache é pressuposto como um das primeiras fontes de treinamento do país, mas vale fazer constar que há fragmentos de um livro também de natação na Biblioteca nacional do RJ, seção de obras raras, que aparentemente é o primeiro documento que trata

scientific approach to sports coaching started to become prominent in the former Soviet Union (Ozolin e Matveev) and in Germany (Gerschler e Reidell) during the 1950s. The science of sports coaching has been expanding ever since, reaching today the frontier of knowledge, even genetic research (see box below), and tendencies that redefine sports coaching internationally as Coaching science, for example. Brazil has its own cultural coaching tradition, which shows that sports preparation has been related to methods choices since the early 20th century (see summary in English in a box below).

da técnica e de conselhos sobre como obter melhor rendimento do trabalho físico esportivo, pois foi publicado no RJ na década de 1890. Outros fragmentos do mesmo livro estão salvos no Arquivo Maria Lenk, depositado na Universidade Gama Filho-RJ. Em nenhuma das cópias entretanto é possível discernir nome do autor ou da obra.

1934 – 1938 Neste período são publicados cinco livros sobre natação no Brasil e mais um circula no país importado de Portugal no mesmo tema, todos compondo técnicas de bom nado e indicações de treinamento físico esportivo: “Manual de Natação” de Gama Jr., C.N., em São Paulo-SP (1934); “Como Vencer na Natação” de Takashiro Saito, treinador japonês contratado pela Marinha Brasileira no RJ (1935); “Natação de Velocidade” de Lamego, J.L. no Rio de Janeiro-RJ (1937); “Ensinando a Nadar” de João Lotufo – atuante em SP – publicado no RJ (1938); “Gymnastica e Natação” de Coutinho, P., RJ (1938); e “Tratado de Natação” de Monegal, J. e Sá, L.G., publicado no Porto, Portugal. No livro de Gama Jr. há alusão no prefácio à obra de Blache esclarecendo que “desde 1909 até hoje, ainda não surgiu, editado em nosso vernáculo, nenhum livro sobre natação”, sugerindo-se em perspectivas atuais que o livro pioneiro bastava às necessidades da época ou não havia demanda suficiente para a publicação de livros técnicos na nascente área de treinamento esportivo. De qualquer modo, na década de 1930, pelo menos na natação, assentaram-se bases empíricas e científicas na preparação esportiva exercida no Brasil (ver destaque de Ana Miragaya, adiante). Isto é evidente particularmente na obra de Saito que estabelece nexos de massagem terapêutica, da alimentação planejada, da recuperação física, do controle médico e sobretudo de trabalho metodizado. A incidência na natação neste avanço brasileiro não foi incidental em face a que no plano internacional foi a modalidade esportiva renovadora na sistematização e no aporte científico ao treinamento (Tubino, 1979, p.39).

1938 A Marinha Brasileira institui seu “Manual de Preparação Física” contendo orientações da Marinha dos EUA e contribuições do Médico Naval Dr. Heriberto Paiva, que praticava medicina esportiva (testes e acompanhamento de treinamento) desde 1926 no Centro de Esporte da Marinha-RJ (Garrido, 2004). Este Manual estava centrado na forma física como preparação militar, conceito avançado para a época no Brasil, o que permitiu o uso de seus preceitos no esporte civil por intermediação da “Liga de Sports da Marinha”. Por sua vez, Paiva tinha sido o médico da delegação brasileira aos Jogos Olímpicos de 1932, em Los Angeles, e o responsável principal pela permanência de Saito ao Brasil, por dez meses em 1934.

Década de 1950 Surge no Brasil um impulso similar aos dos anos de 1930 mas abordando os esportes em geral. No Rio de Janeiro – então capital federal -, o Prof. Alfredo Colombo cria em 1959, no âmbito da Divisão de Educação Física-DEF do MEC, uma comissão de estudos sobre treinamento esportivo, dadas as repercussões do tema vindas da Europa. Neste grupo militava Jair Jordão Ramos, oficial do Exército, que promoveu a vinda ao Brasil de pesquisadores líderes europeus do treinamento esportivo de bases científicas. Um dos produtos desta iniciativa foi o folheto “Os Cânones atuais do treinamento esportivo”, que Jordão Ramos redigiu e o Museu de Educação Física (RJ) publicou em 1967.

Década de 1960 Woldemar Gerschler (treinador de atletismo) e Herbert Reindell (fisiologista), ambos alemães e pioneiros na passagem do treinamento pré-científico (décadas de 1920 – 1940) para o científico (década de 1950), visitam o Brasil fazendo palestras e apresentações práticas na Escola de Educação Física do Exército-EsEFEx no RJ.

Today sports coaching in Brazil plays one of the leading roles in sports according to sports professionals. There is plenty of technical literature which includes 16 periodicals and technical magazines that touch directly and indirectly on the theme, and recent initiatives of the latest technology such as development of software for different types of coaching. Besides that, Brazil is a leading country in the training and development of personal trainers through courses and publications, with three decades of scientific production on sports coaching and its practical applications.

À frente da iniciativa – que ocorreu em meados da década - estavam Jordão Ramos e Colombo, com apoio do MEC, EsEFEx e da Confederação Brasileira de Desportos-CBD, então existente. Gerschler e Reidell eram efetivamente os líderes mundiais no tema do treinamento tendo à frente o método *Interval Training* que posteriormente deu origem ou influenciou os métodos *Circuit Training*, *Power Training*, *Altitude Training*, *Aerobics* e outros. O impacto inicial alongou-se pela publicação do opúsculo “Interval Training” de Jordão Ramos pela DEF-MEC (1960), com a descrição do método, princípios que lhe davam fundamento e exemplos práticos.

1965 Neste ano, o então oficial da Marinha Lamartine DaCosta que pesquisava o esforço físico em relação às variações de condições do meio ambiente no Centro de Esportes da Marinha, foi admitido na Academia do *Conseil International du Sport Militaire*-ACISM que reunia treinadores militares e civis de vários países. Nesta posição, DaCosta teve oportunidade de intercambiar com vários expoentes do treinamento esportivo, entre os quais Raoul Mollet da Bélgica, proponente do então chamado Treinamento Total (desenvolvimento múltiplo do atleta por diferentes áreas de conhecimento além das qualidades físicas). No Brasil, estes e outros avanços foram experimentados na equipe brasileira de Pentatlo Militar que competia com frequência no exterior com excelentes performances e possuía uma organização permanente no RJ. Como tal, as repercussões posteriores foram obtidas por livros, manuais, artigos e livretos publicados pelos seus treinadores da primeira metade da década de 1960, Lamartine DaCosta (Marinha) e José Antônio Pires Gonçalves (Exército).

1966 O *Conseil International du Sport Militaire*-CISM publica uma brochura técnica em inglês divulgando nos países filiados o Altitude Training, método de treinamento desenvolvido no Brasil por Lamartine DaCosta, por meio de pesquisas de campo e já dentro das concepções estabelecidas pelo Interval Training. O novo método distinguia-se contudo dos demais por estar centrado na teoria do estresse de Hans Selye, fisiologista alemão então fixado no Canadá, que mantivera intercâmbio com DaCosta durante as pesquisas. Pelas repercussões deste avanço no âmbito científico do esporte, no início da década de 1970, a Academia do CISM outorgou um prêmio especial ao pesquisador brasileiro. Note-se que o texto de divulgação do Altitude Training pela ACISM é provavelmente a primeira obra científica de esporte em inglês publicada no exterior por especialista brasileiro.

1968 A DEF do MEC promove no Rio de Janeiro, nas instalações do Clube Militar (Avenida Rio Branco, centro da cidade), um estágio de um mês de duração com o objetivo de capacitar professores das faculdades de Educação Física de todo o país no sentido da adoção dos conceitos e conhecimentos sobre o treinamento esportivo segundo suas proposições científicas mais recentes. As inscrições foram aceitas sem seleção de modalidades esportivas nem de disciplinas teóricas desde que o estágio foi assumido explicitamente como “eclético” e orientado para o “Treinamento Total” (Costa Ferreira, 1968). Como a DEF pagou passagens e estadia para um professor de cada Instituição de Ensino Superior de Educação Física localizada fora do RJ, com também permitiu a inscrição de treinadores não acadêmicos no estágio, ao final havia 120 pessoas, número expressivo para a época. Entre os estagiários estavam presentes professores da EsEFEx, como Cláudio Coutinho e do lado da Marinha, Manoel Gomes Tubino, ambos renovadores do treinamento esportivo nacional nos anos seguintes. Entre os treinadores estava Paulo Amaral, preparador físico da Seleção Brasileira de Futebol, bi-campeã do mundo. O estágio foi coordenado por Lamartine DaCosta que se associou ao Dr. Maurício Rocha, para a

cobertura do tema da fisiologia do exercício. O suporte de informação do estágio consistiu num livro de 380 páginas, denominado de “Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Esportivo”, com DaCosta, L. P. como editor e autor principal (fundamentos e Treinamento Total) juntamente com Maurício Rocha (fisiologia), José Fracarolli (cinesiologia), Luiz dos Santos (força), Mário Cantarino (velocidade), Maria Lenk (força e flexibilidade), José Rizzo Pinto (controle do treinamento), Athaide Ribeiro (psicologia) e Benjamim de Viveiros (alimentação do atleta). Este livro tornou-se de fato o vetor da assimilação do treinamento esportivo moderno no país, pois teve distribuição gratuita aos alunos da graduação e treinadores esportivos de todo o Brasil, com várias edições até 1972, somando ao final 18 mil exemplares. Além deste impacto quantitativo, a obra em foco constituiu o primeiro livro coletivo da Educação Física e esportes do país como pôs em circulação a expressão “ciência” vinculada ao treinamento esportivo e ao esporte alguns anos antes de se popularizar em âmbito internacional. Em segunda instância, o livro tornou-se um ponto de partida na cientificização da Educação Física brasileira, dando-lhe mais valor agregado além de reforçar os esforços já então correntes de substituir os métodos ginásticos – o método francês, por exemplo – por soluções de teor científico-pedagógico. Em resumo, o livro de DaCosta *et al.* tornou-se o primeiro livro texto da disciplina “Treinamento Esportivo” plenamente adotada a seguir nas IES de Educação Física de todo o país. Em 1972, a DEF – MEC lançou uma coleção de fascículos também orientada para os cursos de graduação em Educação Física, contendo noções de treinamento esportivo reproduzidos do livro de 1968 para reforçar o ensino da disciplina entre graduandos e aperfeiçoamento de treinadores (DaCosta, 1972).

1968 Antonio Pires Gonçalves publica pela Imprensa do Exército Editora (RJ) o livro “Condição Física”, já dentro da linha científica do treinamento esportivo. Em 1970, o mesmo livro é lançado pela editora EBRASA de Brasília-DF.

1968 Manoel Gomes Tubino, Cláudio Coutinho e Nery do Nascimento apresentam a Comissão Desportiva das Forças Armadas-CDFA (hoje CMDDB) no Simpósio de Treinamento Físico de Fontainebleau, na França, promovido pela Academia do CISM. Neste evento, os três especialistas brasileiros travam relações com Kenneth Cooper, então médico militar dos EUA e membro da ACISM, e outros nomes de destaque na área de treinamento e fisiologia aplicada ao esporte. Os resultados deste evento repercutiram por toda a década de 1970 no Brasil: o método de Cooper – e o respectivo teste de 12 minutos - tornou-se popular em escala nacional tendo como alavanca a sua utilização no treinamento físico da Seleção Brasileira de Futebol para a Copa do Mundo no México em 1970, na qual um dos preparadores físicos foi Cláudio Coutinho; além disso, a ACISM estreitou os laços com os especialistas brasileiros, trazendo ao Brasil um naipe de prestígio internacional para um Seminário em 1972, que consolidou definitivamente o treinamento esportivo associado à medicina do esporte no país em termos acadêmicos. Neste evento além do próprio Cooper, estavam presentes Philip Rasch (EUA) da Cinesiologia, Raoul Mollet (Bélgica) do Treinamento Total, Lelio Ribeiro (Portugal) dos fundamentos do treinamento esportivo, Maurício Rocha da fisiologia do exercício e Lamartine DaCosta que cobriu a parte de metodologia da pesquisa. Coincidentemente, o Seminário da ACISM-1972 no RJ marcou também a consolidação dos laboratórios de fisiologia do exercício da UFRJ (o primeiro especializado do país sob condução de Maurício Rocha), da UFRGS com Eduardo De Rose e da USP, com Maria Augusta Kiss, ambos presentes no Seminário. Os médicos José Rizzo Pinto e Luiz dos Santos estavam também entre os participantes que eram civis na quase totalidade.

Década de 1970 Durante os anos desta década houve a implantação efetiva do treinamento esportivo como área de conhecimento na Educação Física e nos esportes nacionais, uma vez que os acontecimentos do final dos anos de 1960 foram sobretudo demarcadores e motivadores pelas inovações que representavam. Se a década anterior teve como base a fisiologia do exercício, a de 1970 foi a vez da cineantropologia, área liderada pelo médico Cláudio Gil Soares de Araújo (RJ), e do controle do treinamento e identificação biotipológica dos talentos esportivos, nas quais despontaram Víctor Matsudo (SP), médico, e Paulo Sérgio Gomes (RJ), professor de Educação Física especializado em fisiologia do exercício (ver capítulo “Fisiologia do exercício” neste Atlas). A obra demarcadora deste período foi o livro “Metodologia Científica do Treinamento Desportivo” (1979), de Manoel Gomes Tubino, egresso da Marinha e então já na direção de Escola de Educação Física da Universidade Gama Filho (RJ). Esta obra organizou o conhecimento do treinamento

esportivo até então esparso, adicionou inovações vindas do exterior e deu um sentido prático e didático ao tema antes balizado mais por teorias. Como consequência, a obra de Tubino tornou-se o livro-texto da disciplina de treinamento esportivo nas Instituições de Ensino Superior de Educação Física das diversas regiões do Brasil e assim se mantém até os dias presentes com adições em cada edição – hoje na 13ª. - relativas às inovações ocorridas (ver, por exemplo, Tubino & Bastos, 2003). Em 1977, Tubino organiza e conduz o primeiro curso de pós-graduação *lato sensu* de treinamento esportivo na Universidade Gama Filho, em caráter pioneiro. Neste mesmo período, a apresentação de trabalhos sobre treinamento esportivo em congressos de Educação Física e esportes realizados no país já se tornara habitual sugerindo que a área estava consolidada na sua feição acadêmica. No plano sócio-cultural, o chamado movimento ‘fitness’ (forma física) que se apresentou sob diversas propostas em diferentes países, desde as corridas de rua e os exercícios aeróbicos (Cooper) até o Movimento ‘Esporte para Todos’ (Conselho da Europa), impulsionaram o treinamento esportivo para o cidadão comum e depois para a área de saúde como meio de intervenção (ver capítulo “Atividades Físicas e Promoção de Saúde” neste Atlas).

Década de 1980 Neste período surge um grande número de traduções de livros estrangeiros sobre treinamento esportivo no Brasil. Além da série de Kenneth Cooper de aconselhamento científico para o público em geral de grande sucesso no país, novas sistematizações e obras de revisão lançadas no exterior foram também publicadas em versão brasileira, como nos exemplos destacados de Jurgen Weineck sobre métodos de treinamento; e os de Mathews & Fox; Per Olaf Astrand; e Jurgen Stegemann sobre a fisiologia do exercício. Outros, como os dos russos N. Ozolin e L. Matveev sobre os ciclos de assimilação de cargas – já abordados pela obra de DaCosta de 1968 -, circularam no país em livros em espanhol. Em contraponto com este aporte, talvez o maior já visto até então no Brasil na área esportiva e das atividades físicas, surgiu uma nova geração de autores brasileiros que se notabilizaram por fazer investigações próprias e/ou por serem egressos de cursos de mestrado no Brasil ou vindo de estágios e cursos de pós graduação no exterior. Neste grupo, por exemplo, incluem-se Estélio Dantas (RJ), Waldir Barbante (SP), Antônio Carlos Gomes (PR), Paulo Roberto de Oliveira (SP) e José Fernandes (RJ), ainda hoje produtores de obras nacionais. Em 1983, Mario Carvalho Pini, médico, faz publicar (ver “Fontes”, adiante) como editor, um livro coletivo em dois volumes sobre “Fisiologia Esportiva”, reunindo o grupo de destaque em pesquisas sobre treinamento esportivo sediado na UFRGS (Adroaldo Gaya – professor de Educação Física, titular da disciplina -, Belmar J.F. Andrade, Jorge Pinto Ribeiro e Eduardo de Rose, médicos), com especialistas de SP não atuantes do setor esportivo, quatro especialistas italianos (liderados por Antonio Venerando, de renome internacional na área) e Lamartine DaCosta. O período, em resumo, também marca a colaboração estreita entre médicos e Professores de Educação Física – como no exemplo de Pini – além do aparecimento de dissertações e de pesquisas no tema do treinamento esportivo que passaram a constar de anais de congressos nacionais e, em alguns casos, internacionais. As contribuições da biomecânica ao treinamento esportivo que vinham dos anos de 1960 (SP e RJ) ganharam impulso neste período, com o 1º Congresso Brasileiro de Biomecânica realizando-se em 1988 e apresentando pesquisas relacionadas ao preparo físico e ao aperfeiçoamento da performance (ver capítulo “Biomecânica” neste Atlas).

Década de 1990 Fase da expansão do número de laboratórios especializados em fisiologia do exercício e de atividades físicas relacionadas a áreas de conhecimentos afins. A maioria dos 43 laboratórios contabilizados no Brasil pelo Atlas referentes a 2003, foi criada nos anos de 1990, incluindo a Rede de Centros de Excelência Esportiva – REDE CENESP (ver capítulo “Cenário de tendências gerais dos esportes e atividades físicas no Brasil” neste Atlas), embora os primeiros tenham surgido na década de 1960. Parcela importante deste parque de instalações de pesquisas vinculou-se a cursos de pós graduação *stricto sensu* em Educação Física e usa parte de equipamentos fabricada no país, servindo assim ao desenvolvimento da ciência nacional. Em termos de incidências de investigações, os trabalhos mantiveram-se voltados para atletas – dentro da tradição do treinamento esportivo – como também passaram a alcançar o cidadão comum, o que afinal tem contribuído para a redefinição da área de conhecimento treinamento esportivo no Brasil. Em 1998, em pesquisa para o CNPq, Lamartine DaCosta levantou as disciplinas ofertadas nos cursos de graduação de Educação Física, com uma amostra de 33% do universo de 120 IES da

especialidade existentes então no país, identificando a disciplina de treinamento esportivo como primeira opção entre 82 outras (DaCosta, 1999). Em outras palavras, o treinamento esportivo foi introduzido no ensino superior do país em 1968 com apoio inicial do Governo Federal e se desenvolveu até alcançar a posição dominante entre as diferentes áreas de conhecimento relacionadas às atividades físicas, num período de 30 anos.

Situação atual O treinamento esportivo como área de saber da Educação Física, esporte e atividades físicas de saúde e de lazer, tem posição central no Brasil dos dias presentes entre os profissionais da área. Há copiosa literatura técnica e cerca de 16 periódicos e revistas técnicas e de informação que abordam o tema direta ou indiretamente. Há também novas iniciativas de produção de tecnologia de ponta como a que desenvolve softwares orientadores da aplicação de treinamento, sendo o Micromed um dos exemplos de produção nacional. Nestas condições, com a expansão progressiva dos ‘*personal trainers*’ no país a partir do início da década de 1990, a produção científica e a oferta de cursos acompanhou a inovação e lhe deu formato científico e pedagógico local usufruindo das três décadas de tradição do treinamento esportivo no Brasil. Hoje o Brasil é um dos países líderes no desenvolvimento dos personal trainers. No exterior, há uma tendência em se denominar a área pela nova denominação de “Ciência do treinamento” (*Coaching science*), segundo a perspectiva de integração da fisiologia do exercício, biomecânica, psicologia, medicina do esporte, pedagogia etc de modo a se ter intervenções práticas de sentido multidisciplinar (ICSSPE Vade Mecum, Schaefer, U., 2000, pp. 45 – 57), completando a proposta de Treinamento Total dos anos de 1960. Outra proposição nascente concerne à modificação genética em atletas e em pessoas comuns com a finalidade de melhoria da forma física e de performances. Segundo Miah (2004), estas possibilidades apresentam problemas éticos complexos mas são plausíveis em suas aplicações, como também implicam na reformulação das definições de treinamento físico e de doping. Na área de identificação de talentos, contudo, já há iniciativas concretas do uso da informação genética, como se pode apreciar por pesquisa nacional resumida em destaque de José Fernandes *et al.* adiante neste capítulo.

Fontes Miragaya, A. M. & DaCosta, L. P. (2000) Considerações históricas sobre métodos e técnicas do treinamento da natação no Brasil (1909 - 1938). VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, Gramado-RS, junho. Anais, UFRGS, EEF; Blache, P. (1909). A Natação: Tratado Prático de Natação e Salvação. Rio de Janeiro: H. Garnier; Gama, jr., C.N. (1934). Manual de Natação. São Paulo: Casa Siqueira-Salles de Oliveira & Cia Ltda; Lamego, J.L. (1937). Natação de Velocidade. Rio de Janeiro: Editora Liga Carioca de Natação; Lotufo, J. (1938). Ensinando a Nadar. Rio de Janeiro: Companhia Brasil Editora; Monegal, J. & Sá, L.G. (1938). Tratado de Natação. Porto: Livraria Simões Lopes de Domingos Barreira; Saito, T. (1935). Como Vencer na Natação. Rio de Janeiro: Schmidt-Editor; Coutinho, P. (1938). Gymnastica e Natação. Rio de Janeiro: J. do Valle; Selye, H (1956) The Stress of Life. New York: McGraw-Hill; Jordão Ramos, J. (1960) Interval Training segundo Gerscheler – Reindell. DEF-MEC, Rio de Janeiro; DaCosta, L. P. (ed), (1968). Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Desportivo. Brasília: Divisão de Educação Física do MEC; Costa Ferreira, A. O. (1968). Apresentação *in* DaCosta, L. P. Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Desportivo; DaCosta, L.P. (1966) Sports Activities in Tropical Climates and an experimental Solution: the Altitude Training. Technical Brochure CISM, Bruxelles; Fernando Garrido, entrevista 2004; Gonçalves, J. A. P. (1970) Condição Física. Brasília: EBRASA; Tubino, M. G. T. (1979) Metodologia Científica do Treinamento Desportivo. IBRASA, São Paulo; Weineck, J. (1989) Manual do treinamento esportivo. 2a edição. São Paulo: Manole; Weineck, J. (1991) Biologia do Esporte. São Paulo: Manole; Barbanti, V.J. (1986) Treinamento físico - bases científicas, CLR, São Paulo; Matveiev, I. (1981) O processo do treino desportivo. Livros Horizonte, Lisboa; Barbanti, V.J. (1985) Teoria e Prática do Treinamento esportivo. CLR, São Paulo; Pini, M. C. (ed) (1983) Fisiologia Esportiva. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; Mathews, D. K. (1986) Medida e Avaliação em Educação Física. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; Tubino, M. J. G. (1993) As Qualidades Físicas na Educação e Desportos. Rio de Janeiro: Fórum; Dantas, E.H.M. (1995) A prática da preparação física. Rio de Janeiro: Shape; DaCosta, L.P. (1999). Formação Profissional em Educação Física, Esporte e Lazer no Brasil. Editora da FURB, Blumenau; Metodologia Científica do Treinamento Desportivo (2001) Manoel Gomes Tubino & Sergio Bastos, Shape, RJ, 2003; Miah, A. (2004) Genetically modified athletes. London: Routledge.

Tabela / Table 1

Conceitos e definições de treinamento esportivo por autor e país, décadas de 1970 – 1980

Concepts and definitions of sports training per author and country, 1970s – 1980s

Autores / Authors	Conceitos e definições / Concepts and definitions
Andrivet, Leclerq e Chignon (França)	Treinamento é o conjunto de procedimentos tendentes a conduzir um ser humano ao máximo de suas possibilidades físicas.
Daiuto (Brasil)	O treinamento ou "aperfeiçoamento" é o coroamento da "aprendizagem propriamente dita" e da "fixação". É a especialização, e como tal é condicionado ao grau de formação integral (intelectual, física, emocional e social), e nunca apenas em relação ao grau de formação técnica ou de capacidade individual.
Fauconnier (Bélgica)	O treinamento é o conjunto de atividades às quais se entrega um indivíduo a fim de desenvolver progressivamente suas qualidades, tanto mentais como físicas, aplicando-se particularmente àquelas que o caracterizam.
Giraldes (Argentina)	Treinamento é o conjunto de atividades que tendem a desenvolver as qualidades mentais e físicas com o objetivo de alcançar o máximo de rendimento individual.
Hegedus (Uruguai)	O Treinamento esportivo constitui uma preparação sistemática do organismo, respeitando processos de adaptações psicobiológicas, e que visam obter um alto rendimento.
Hollman (Alemanha)	Treinamento é a soma de solicitações corporais repetidas, executadas em espaços de tempo determinados, destinadas a aumentar o rendimento, as quais levam a modificações morfológicas e funcionais do organismo.
Matveiev (antiga União Soviética)	Treinamento esportivo, como fenômeno pedagógico, é processo especializado da Educação Física orientada, objetivando alcançar elevados resultados esportivos. A preparação esportiva compreende o aproveitamento de todo o conjunto de meios que asseguram a obtenção e a elevação da predisposição para alcançar resultados esportivos.

Fonte / source : Tubino & Bastos (2003)

Tabela 2 / Table 2

Estilo em natação / The importance of style in swimming

Blache (1909)	"O nadador deve verificar se cada membro executa corretamente o movimento exato e susceptível de produzir o trabalho que lhe incumbe, isto é, começar lentamente a treinar-se retificando os movimentos do nado que se empregam para chegar à maior perfeição possível" (p. 167).
Gama Jr.(1934)	"Um nadador de velocidade e que deseja exercitar-se para a distância de 100 metros deve nadar diariamente 100 metros a treino lento, tratando somente de aperfeiçoar o seu estilo (movimento de pernas, pés, braços, mãos e respiração)" (p. 57).
Lamego (1937)	"São igualmente de grande utilidade tiros freqüentes de 25 e 50 metros para obtenção de velocidade mas sem exagerar o número destes, pois muitas vezes são prejudiciais ao estilo. O ritmo muito acelerado pode resultar em movimentos desordenados" (p. 138).
Lotufo (1938)	"Todos porém podem aprender a conseguir bom estilo" (p. 173).

Tabela 3 / Table 3

Periodização de Monegal & Sá (1938)

Cycle variations in training programs according to Monegal & Sá (1938)

1º. dia	Pernas nadadores de velocidade: 100 a 500 metros nadadores de meio-fundo: 500 a 2000 metros nadadores de fundo: 1000 a 5000 metros
2º. dia	Braços idem em relação ao volume
3º. dia	Conjunto de pernas e braços idem em relação ao volume
4º. dia	Sprints de pernas idem em relação ao volume
5º. dia	Sprints de braços idem em relação ao volume
6º. dia	Sprints de conjuntos de pernas e braços idem em relação ao volume
7º. dia	À vontade, alternando
8º. dia	Distância de sua especialidade, na velocidade máxima

Tabela 4 / Table 4

Princípio da Individualidade Biológica

Principle of biological individuality

Blache (1909)	"É absolutamente impossível descrever um método racional para todos e sem conhecer particularmente cada indivíduo" (p.165)
Lamego (1937)	"O trabalho a que são submetidos os atletas em treinamento varia consideravelmente de acordo com as condições físicas de cada um" (p.136).
Lotufo (1938)	"Cada nadador é um caso especial e por isso não pode haver prescrições de treinamento que se adaptem perfeitamente a todos os que nadarem a distância X ou Y" (p. 173).
Monegal & Sá	Tomam nota das medidas dos nadadores, "dimensões de braços e pernas, perímetro torácico, capacidade pulmonar, cintura, etc., - registrando-as juntamente com seu peso, idade e categoria numa ficha de treinos e apontamos seus principais defeitos" (p. 63).

Tabela 5 / Table 5

Princípios de continuidade e progressividade

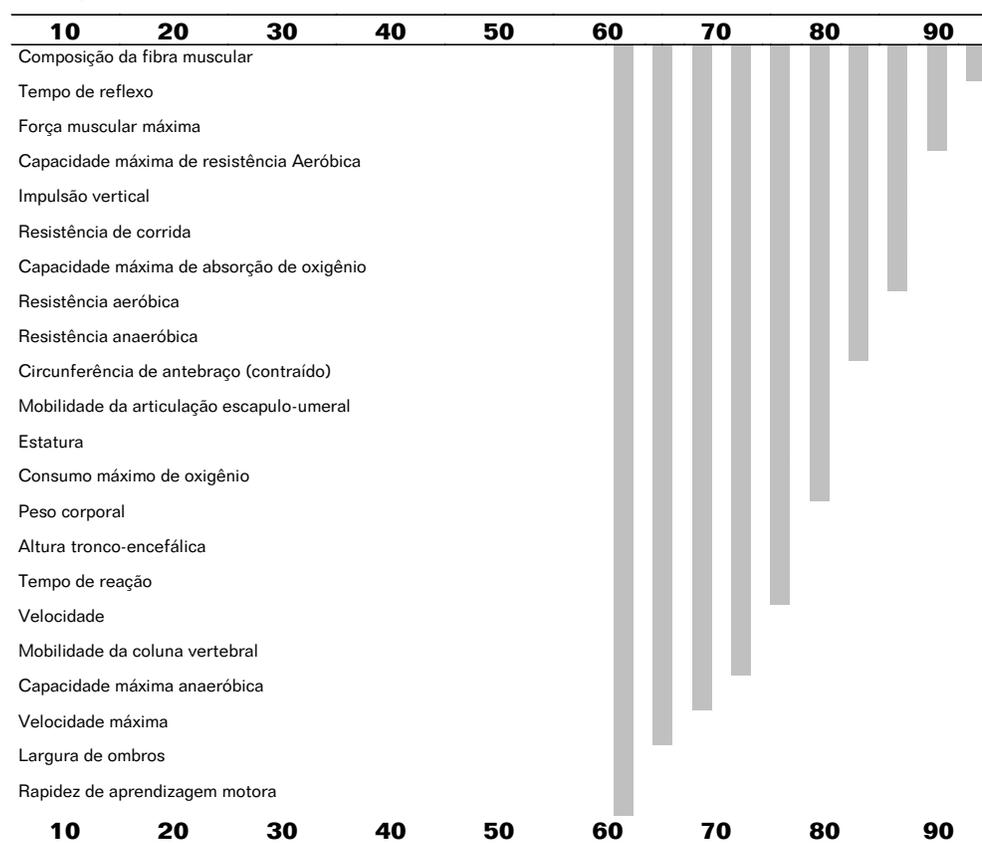
Principles of continuity and progress

Blache (1909)	"Caminhar progressivamente conforme a força e os meios de que se dispõe, isto é, começar por onde é preciso, e progredir sucessivamente."(p. 165)
Gama Jr. (1934)	"A continuidade e a progressividade do treino são as características essenciais." (p. 57)
Lamego (1937)	"É durante o treinamento que o nadador vai lentamente se transformando aos poucos, de um simples principiante que era, num atleta apto a produzir performances brilhantes". (p. 136)
Coutinho (1938)	"Adotamos com os melhores resultados os treinos progressivos a partir dos 15 metros. para as distâncias de 100 metros, aconselhamos que o nadador comece por 15, 25, 50, 75 e 100 metros, e, assim, progressivamente para outras distâncias." (p. 75)
Monegal & Sá (1938)	"Nos treinos aumentamos progressivamente as distâncias em cada nova série, sem sairmos, como regra geral, do limite máximo proposto." (p. 72)

Gráfico 1 / Graph 1

Taxa de herança para as qualidades funcionais e motoras

Heritage index for functional and motor qualities



Fonte: Fernandes Filho 1997.

Métodos e técnicas do treinamento esportivo no Brasil, 1909 – 1938

Methods and techniques of sports training/coaching in Brazil, 1909 - 1938

ANA MARIA MIRAGAYA

Swimming is generally considered the basis of sports coaching methods in Brazil. The six books on swimming published in Portuguese between 1909 and 1938, which belong to the Maria Lenk Archive at Universidade Gama Filho in Rio de Janeiro, contributed for the extension of the period of historical observation of sports coaching in Brazil. This paper investigated central categories of sports coaching

O treinamento esportivo no Brasil parte da hipótese de que no âmbito da natação estabeleceu-se a primeira tradição de métodos e técnicas formais entre os diferentes esportes praticados no Brasil (Tubino, 1979). Já em 1968, ao se publicar a primeira obra de características científicas sobre treinamento esportivo no Brasil, registrava DaCosta (1968) no capítulo de abertura - denominado de "Histórico, Evolução e Fundamentos do Treinamento Desportivo Moderno" - quanto à supremacia japonesa nas provas aquáticas dos Jogos Olímpicos de 1932, em Los Angeles: "A admiração causada pelas performances dos nadadores japoneses resultou, inclusive, na introdução do treinamento sistematizado em nosso país. O então Primeiro-Tenente Médico Heriberto Paiva, da Marinha de Guerra, que acompanhava a delegação brasileira aos Jogos Olímpicos de Los Angeles (1932), observou que a inferioridade dos nossos nadadores devia-se ao desconhecimento de um método de trabalho adequado. Regressando ao Brasil, incutiu nos dirigentes da extinta 'Liga de Sports da Marinha' a necessidade da adoção de novas técnicas. Em 1934, após prolongados entendimentos governamentais, chegava ao Rio de Janeiro o técnico japonês Takashiro Saito, da equipe de Matsusawa. A influência de Saito se fez sentir a curto prazo, com a conquista da hegemonia sul-americana através de Manoel da Rocha Villar, Benevenuto Nunes, Isaac Moraes, Antonio Ferreira dos Santos, João Havelange e outros. O impulso também atingiu São Paulo, onde Carlos de Campos Sobrinho, técnico da equipe de natação da Associação Atlética São Paulo de 1930 a 1933, já conseguira performances razoáveis com Forssell e Maria Lenk. Esta marcou o auge desta importante fase da evolução de nosso esporte, obtendo recorde sul-americano e mundial. Saito, nos dez meses que permaneceu em nosso país, lançou, em condições permanentes, as bases do treinamento sistematizado da Escola japonesa, tendo como veículo os nadadores da Marinha que ficaram à sua disposição em tempo integral. Assimilaram-se os benefícios da massagem terapêutica, da alimentação planejada, da recuperação física, do controle médico e sobretudo do trabalho metodizado. O empenho do eminente técnico japonês em transmitir conhecimentos chegou a ponto de ser organizado um livro, publicado em 1935, com o título 'Como Vencer na Natação', no qual se estudava o conjunto de fatores considerados no treinamento, que eram propriamente chamados pelo autor de "Treinamento Controlado".

Diante desta indicação e se dispondo numa moldura histórica o treinamento esportivo da natação com base no Acervo Maria Lenk, sob custódia da Universidade Gama Filho do Rio de Janeiro, foram identificadas seis obras no tema do treinamento da natação, produzidas por autores brasileiros ou representadas por traduções editadas no Brasil em língua portuguesa. O primeiro destes trabalhos foi publicado entre 1909 e os últimos em 1938. A questão a investigar diante dessas fontes primárias foi relacionada a categorias centrais do treinamento desportivo como hoje é interpretado, isto é, baseadas na intensidade, frequência e duração das sessões. Tais referenciais corresponderiam em tese a outras técnicas e métodos assumidos antes de 1968, mas também sujeitas à sistematização. Neste último caso, classificamos tais procedimentos como pré-científicos a fim de mapearmos a evolução do treinamento no período de quatro décadas focalizado pela investigação. Além disso, aqui se entende 'sistematização' não somente como procedimento mas outrossim por "princípios", "rotinas", "técnicas ordenadas por nível e por etapas", "planejamento", "informação padronizada e publicada", "distinções por sexo, idade e fase da carreira do nadador", "experiência do nadador e do treinador", "locais especializados" e "fases semanais, mensais ou anuais de treinamento". A metodologia do sentido histórico adotada no estudo, foi estruturada por estágios comparativos à vista da necessidade de identificação das categorias de treinamento e da respectiva classificação dentro da periodização estabelecida quanto à publicação dos livros. A pressuposição de DaCosta em 1968 é de que havia carência de conhecimentos sobre a sistematização do treinamento esportivo no Brasil. As obras publicadas não ofereciam muita informação e as partes dedicadas ao treinamento produzidas por nadadores ou treinadores diletantes pouco espaço dedicavam ao treinamento metodologizado. Mas a julgar pelos autores anteriores a Saito, as Olimpíadas da Era Moderna, que vinham ocorrendo desde 1896, impulsionaram tecnicamente o esporte, então surgindo especialistas sistematizadores da natação, especialmente, "num esporte de recente criação, em que a prática e a observação vão de mãos dadas com a teoria, é justamente na época das Olimpíadas, quando todos os ases e técnicos dos muitos países que praticam a natação acham-se reunidos num só local, que o máximo dos ensinamentos pode ser conseguido" (Lamego, p. 10).

Neste contexto, a maioria dos autores enfatiza a importância do estilo em natação, talvez por tradição, uma vez que na virada do século nadava-se como se sabia e podia para não morrer afogado, ao se levar em consideração Blache (1909). A Tabela 2 mostra diferentes interpretações desta característica, nas quais se observa que a preocupação com o estilo é primordialmente a execução correta do gesto desportivo que busca a eficiência e leva à perfeição (Blache, 1909), sobrepondo-se até ao

within compared stages in which techniques and methods that followed systematization procedures in swimming were analyzed. It was found that the knowledge exposed by the different authors evolved from an initial empirical-intuitive stage (1909) towards a more systematized and experimental approach during the 1930s.

desenvolvimento de velocidade, conforme Blache, Gama Jr. e Lamego. O estilo, apesar de mencionado por quase todos, não é citado por Monegal & Sá (1938), que, em seu tratado, já dividem os atletas em nadadores de velocidade, nadadores de meio-fundo e nadadores de fundo. Além de já periodizar treinos para todos os nadadores em (micro-) ciclos de oito dias (porém sem incluí-los em meso ou macro ciclos, como se poderia fazer hoje), conforme descrito na Tabela 3, Monegal & Sá acrescentam uma fase de 15 dias antes da competição, como se fosse um micro-ciclo de competição. Nesta fase, "os treinos que aplicamos são de distâncias médias, suprimindo a parte dos sprints que é substituída pelo conjunto de braços e pernas, na mesma distância, muito devagar e precavendo a respiração" (p. 72).

Já Gama Jr. (1934) relata que "a duração de um período de treinamento ultrapassa raramente as seis semanas, e compõem-se de 4 a 6 treinos por semana. Depois de um mês (4 semanas) desta prática deverá correr 3 vezes por semana, 50 metros a toda velocidade e 2 vezes por semana, 100 metros a treino puxado porém sem exigir do organismo excesso de esforço" (p. 58). A prática da corrida é recomendada somente por Gama Jr. Este procedimento fere o princípio de especificidade do treinamento esportivo hoje corrente. Gama Jr. é também o único que preconiza atividade pós-treino: "Logo após o treino (o nadador) pode e deve permanecer n' água sem risco para a saúde até o momento em que sinta a sua pele arrepiar-se" (p. 58). Além de Monegal & Sá (1938), Lamego (1937) é o outro autor a recomendar um treinamento especial antes de competição. Ele chama essa fase de 'apuro', na qual "o nadador é preparado exclusivamente para as distâncias que deverá correr. Atingirá sua fórmula máxima, ao mesmo tempo conservando-a" (p. 140). No entanto, ele não sugere prazos ou tempos, apenas diferenciando o treinamento dos nadadores de velocidade dos nadadores de fundo.

Em termos de princípios atuais do treinamento esportivo, a maioria dos autores preocupa-se em priorizar a individualidade biológica de cada atleta, expressando-se entretanto, de modo a individualizar e particularizar o treinamento, conforme se verifica na Tabela 4. Nestas interpretações, pode-se observar a progressão que vai de uma suposta prescrição geral em Blache, para o início de uma padronização com Monegal & Sá, que, talvez por influências de autores europeus já avançados em pesquisa esportiva, conseguiram atingir o início de uma sistematização de um programa de treinamento. Os princípios da progressividade e da continuidade, quase fundidos num só, são preconizados pela maioria dos autores conforme a Tabela 5. Esses cinco autores demonstram que, para se atingir um objetivo, há necessidade de continuidade e de progressividade, que não é traduzida em números ou fórmulas. Poder-se-ia, a grosso modo, comparar o que eles chamam de progressividade com o princípio da sobrecarga. Esta comparação se torna mais clara a partir da indicação de aumento de distância, sugerida por Coutinho. É importante apontar o trabalho de Monegal & Sá, que, parece, dentro do contexto da época, ser o mais evoluído no que talvez possamos chamar de uma "pré-ciência" do treinamento esportivo, visto os autores já se utilizarem de expressões técnicas tais como 'séries' e 'limite máximo proposto'. Nenhum dos trabalhos estudados menciona número de séries ou de repetições, nem tão pouco, diretamente, termos como duração de sessões ou intensidade. Indiretamente a duração de uma sessão é marcada pelo cronômetro e intensidade significa nadar mais rápido (Lamego, 1937; Coutinho, 1938; Lotufo, 1938; Monegal & Sá, 1938). Somente Lamego (1937) aconselha o aquecimento antes do trabalho na água: "antes de serem iniciados os trabalhos dentro d'água, se faça uma série de ginástica apropriada para a natação. Esta ginástica tem por fim, não só ativar a circulação como dar maior elasticidade aos músculos. Os principais movimentos são: rotação de braços, pescoço, cintura e tornozelos. São feitos também exercícios respiratórios" (p. 137).

Lamego (1937) também é o único a inovar e incluir em seu livro o 'preparo psicológico do nadador', como "de enorme importância, embora muitas vezes desprezado" (p. 143) e crucial para vitórias. Ele aponta fatores psicológicos que têm contribuído para a derrota de nadadores tais como: "a falta de coragem para a luta, o medo do esforço, o excesso de responsabilidade, o excesso de confiança em si próprios" e afirma que "compete ao treinador orientar o atleta e fazer dos seus discípulos recordistas e verdadeiros sportsmen" (p. 145). Como se pode observar, muitas das informações providas pelos autores mencionados foram inicialmente fruto de conhecimentos intuitivos e empíricos, aprimorando-se a partir da observação de alguns (Blache, 1909) e da experimentação de outros (Monegal & Sá, 1938) ao longo de quase quatro décadas. Trata-se, de fato, do início do surgimento da ciência do treinamento esportivo, essencial e indispensável a qualquer modalidade esportiva. O pensamento de 1909 evolui e 'cientificizou-se' ao longo dos anos, através de medidas como a coleta de dados físicos dos atletas e da utilização de uma metodologia mais direta, proposta por nadadores e treinadores. Contudo, deve-se este progresso à prática do ideal olímpico, cujo encanto atraiu tantos à quebra de recordes, à coroa de louros e ao desenvolvimento da perfeição.

Fontes Ver texto acima de Tubino & DaCosta.

Genética e treinamento esportivo: o uso prático da dermatoglia

Genetic technology in fingerprint identification for sports training/coaching

JOSÉ FERNANDES FILHO, PAULO MOREIRA SILVA DANTAS E PAULA ROQUETTI FERNANDES

The use of genetic technology in sports coaching has progressed in Brazil with the use of fingerprints as a discreet variable. It can be characterized therefore as a genetic marker of broad scope for the use in association with basic physical qualities and the fiber typology of participants and athletes. Today groups of research led by Fernandes Filho in various places in Brazil are doing research on various

themes related to the use of fingerprint technology as evaluation tools such as: sports profiles, predisposition versus state, physical activity and health promotion, sports performance, physical activity and disabled people, school physical education, selection and orientation of talents and links with identification of the type of muscular fibers.

O Treinamento Esportivo em seu processo formal teórico e prático está fundamentado através de uma metodologia, que utiliza a formulação de estratégias de intervenção de caráter físico, técnico, tático e psicológico, utilizando a avaliação como instrumento de diagnóstico e prognóstico. Os altos níveis de performance atlética alçam as estratégias de treinamento a patamares de grande acuidade tecnológica, e o detalhe promotor do sucesso desponta como item de fundamental importância nos escalões de alta qualificação atlética. Tais assertivas indicam que os aspectos morfofuncionais para performance ótima do praticante norteiam as estratégias de treinamento, estes pressupostos passam certamente pela relação Estado Funcional *versus* Predisposição Genética. A dermatoglia torna a utilização das impressões digitais como uma variável discreta caracterizando-se portanto, como um marcador genético, de amplo espectro para utilização em associação com as qualidades físicas básicas e a tipologia de fibras (Abramova, 1995; Beiguelman, 1994; Dantas, Roquetti Fernandes, Cunha, Ribeiro, Bruch, Caruzo, Batista e Fernandes Filho, 2004).

O estado atlético representa os níveis atuais, para a performance, refletindo o quanto preparado está o atleta para desempenhar e atingir níveis ótimos na competição, seu sucesso passa obrigatoriamente por sua determinação e momento vivido, pois é impossível dissociar o indivíduo e suas nuances, de Ser praticante. A predisposição genética reflete a construção matriz deste Ser 'genótipo', mas não obstante também está à mercê do meio e da interação do indivíduo com suas práticas motoras, sócio-afetivas e psicológicas em profunda associação com os aspectos morfofuncionais 'fenótipo'. Com base no que está ora aludido, vislumbra-se um novo paradigma no treinamento esportivo, a utilização prática da identificação do atleta total em sua prática, e a íntima relação existente entre o estado e a predisposição. Ao se analisarem as Impressões Digitais (ID), entre os representantes, altamente qualificados, de diversos grupos de modalidades esportivas e de diversas posições, revelaram-se certas tendências, nas correlações dos índices integrais das ID's, específicas das diferentes modalidades esportivas, segundo Abramova et al. (1995) na Rússia e Fernandes Filho. (1997) no Brasil consideram:

- O baixo nível de índice delta (D10), o aumento de desenhos arco (A) e presilha (L), e a diminuição desenhos verticilo (W, S), a diminuição da somatória total da quantidade de linhas em todos os dedos (SQTL), todos são próprios das modalidades esportivas, com alta potência, e tempo curto de realização;
- O alto nível de D10, a falta de arco (A), o aumento da parcela de verticilo (W, S) o aumento SQTL, caracterizam modalidades esportivas de resistência de velocidade, ex. as modalidades de jogos, demonstram esta tendência;
- As modalidades de esporte de velocidade e de força, inserem-se no campo de valores baixos de D10 e do SQTL;
- Em modalidades, com a propriocepção complexa, no campo de valores altos de D10;
- Em grupos de esportes de resistência, o D10 que ocupa a posição intermediária.

Finalizando os autores ora citados observam que as Impressões Digitais, como marcas genéticas, funcionam, tal qual, indicadores dos principais parâmetros de qualidades funcionais e motoras, diferenciando não só a dominante funcional e a modalidade esportiva, mas também, a justa especialização, nesta modalidade, as posições, por exemplo. Na aplicação prática, o atleta e seu preparador otimizam ações e decisões sobre o que acentuar na preparação tanto de longo prazo como a de médio e curto prazo, evidentemente algumas qualidades físicas podem ser identificadas como mais ou menos estáveis quanto à relação genótipo e fenótipo conforme demonstram no Gráfico 1. Dantas, Alonso e Fernandes Filho (2004) descrevem medidas práticas a partir da identificação dos perfis dermatoglíficos de diversas modalidades nacionais de projeção mundial, quando os pesquisadores observaram, por exemplo, a ocorrência de maior predominância de Arcos "A" (força) e Presilhas "L" (velocidade) e associação disto com maiores níveis de potência; o aumento do Índice Delta "D10" (coordenação) e níveis moderados de "L" (velocidade) indicando bons níveis de agilidade; o aumento da Somatória Total de Linhas "SQTL" (resistência) e ocorrências maiores de Verticilo "W" (resistência/coordenação) com níveis interessantes de resistência aeróbica. As várias combinações de marcadores demonstrada nestes estudos demonstram a praticidade da utilização da avaliação dermatoglífica.

As combinações das ocorrências dos marcadores genéticos com as qualidades físicas básicas em suas construções simples e associativas são uma amostra da magnitude da utilização dos dermatóglifos como auxiliares na predição e prescrição no caminho da alta performance. Trabalhos recentes no Brasil, entre eles (Dantas P.; Badine; Angelo; Rodrigues; Fernandes Filho, 2000; Dantas P.; Badine; Fernandes Filho, 2000; Dantas P., 2001; Dantas P.; Castanhede; Fernandes Filho, 2001; Dantas P.; Fernandes Filho, 2002; Medina, 2000; Pavel; Veiga; Dantas P.; Pereira; Santos; Monteiro; Ribeiro; Machado; Nunes; Fernandes Filho, 2003a; Pavel; Veiga; Dantas p.; Pereira; Santos; Monteiro; Ribeiro; Machado; Nunes; Fernandes Filho, 2003b), fazem alusão à importância da identificação dos aspectos de dermatoglia e qualidades físicas básicas em corroboração aos protocolos de avaliação e metodologia de treinamento no esporte de alto rendimento. A literatura mundial registra estudos (Nikitkiuk, 1988; Abramova et al., 1995; Abramova; Nikitina; Izzak; Kochetkova, 2000; Butova e Lisova, 2001) que indicam a necessidade de pesquisas que observem a correlação entre parâmetros genotípicos e fenotípicos. Parece que em vista destas evidências científicas que o uso da dermatoglia auxilia e otimiza as estratégias de treinamento indo ao encontro do conceito primário do treinamento esportivo quanto à formulação de estratégias atendendo talvez a uma carência relacionada ao princípio da individualidade biológica. O princípio ora citado obtém nas metodologias que utilizam os marcadores genéticos, um predito bastante eficaz, duas grandes justificativas demonstram sua amplitude de utilização:

- O aspecto mais importante do conhecimento do potencial genético é a orientação inicial, escolha certa e antecipada da especialidade esportiva (levando-se em conta os potenciais genéticos indispensáveis para o dado tipo de esporte) que ajuda o atleta a progredir rapidamente, e a atingir altos resultados, além de muitos anos na prática do esporte;

- O conhecimento do potencial genético permite diferenciar os componentes físicos, fracos e fortes, previstos (de prognóstico), das possibilidades do atleta e, respectivamente, o aperfeiçoamento ativo dos fortes componentes do preparo adequado, e também, o seu direcionamento esportivo, com a ajuda de métodos especiais para o desenvolvimento dos pontos fracos.

No campo da embriologia observa-se na formação das marcas dígito papilares, a indissociável relação com a formação organizacional e funcional humano, identificando que a formação do organismo acontece de ponto mais externo ectoderma até o endoderma. A pele é o maior órgão do corpo humano e consiste em epiderme e derme. A camada interna da pele começa como uma camada única de células epidérmicas, com o desenvolvimento, o ectoderma passa a apresentar várias camadas tornando-se aparentes as diferenças regionais, tanto na estrutura quanto na velocidade do desenvolvimento. Uma das características mais proeminentes da pele espessa existente nas regiões palmar e plantar, é a presença de cristas e sulcos da epiderme. No fim do 1º mês de gestação, forma-se uma fina camada externa, a periderme que tem como função troca de água, sódio e possivelmente glicose. Por volta do 3º mês a epiderme torna-se uma estrutura com 3 camadas: camada basal / germinativa, camada intermediária e camada superficial. Os 'coxins volares' formam-se nas palmas das mãos com cerca de 6 ½ semanas de gestação, e por volta de 7 ½ semanas já se formaram nos dedos; a regressão dos coxins tem início com 10 ½ semanas, e esta regressão que irá formar – determinar -, as impressões digitais definitivas (Carlson, 1996). Reiterando-se uma das idéias, na qual se firma este trabalho, Fernandes Filho (1997) afirma que as Impressões Digitais (ID) estabelecem-se, entre o terceiro e o sexto mês de vida fetal, junto ao sistema nervoso, do estrato blastogênico, do ectoderma: as impressões digitais não se alteram, durante toda a vida, e, "[...] incluem o tipo de desenho: a quantidade de linhas nos dedos das mãos (a quantidade de cristas dentro do desenho); a complexidade sumária dos desenhos e a quantidade total de linhas". O estudo demonstra a aplicabilidade prática da dermatoglia - marcador genético-, na otimização das estratégias de intervenção, não obstante consideramos que a interferência do meio fenótipo, poderia interferir positivamente ou negativamente na confirmação dos achados. Nos estudos realizados por Fernandes Filho e seus alunos a partir de meados da década de 1990, observa-se a utilização prática em diversas modalidades esportivas, no caminho da individualização, por exemplo:

- Modalidades com moderada a baixo nível de predisposição coordenativa, estão classificadas no aparecimento do arco (A) e diminuição da parcela verticilo (W), gerando por conseguinte a necessidade de medidas na direção de providências para solução ou mediação do problema, sugerindo portanto acentuar as intervenções nos pontos fracos assinalados;
- Em esportes que necessitam de níveis acentuados de resistência de velocidade devido ao caráter anaeróbico, como é o caso, das lutas, modalidades de alta performance coletiva, ex. futsal, basquetebol, handebol entre outras, apresentam perfis dermatoglíficos indicados pela presença moderada a alta de verticilo (W), moderada de presilha (L) e baixo ou ausência de arco (A), concretizando assim o aumento do D10 e SQTL. A interpretação da combinação e associação para mais ou menos destes indicadores, possibilita aos profissionais atuantes a formulação das melhores estratégias de intervenção;
- Outro ponto bastante interessante está na diferenciação dos esportes cíclicos e acíclicos quanto ao aumento ou diminuição do D10 e SQTL e na sua relação. Não obstante outros indicadores como arco (A) e presilha (L) indicadores da relação força, velocidades, possibilitam na sua indicação prévia _ predisposição _ a otimização das estratégias de treinamento.

Atualmente os grupos de pesquisa liderados por Fernandes Filho em diversos pontos do país, investigam variados temas nas linhas de pesquisa ligados à utilização da dermatoglia como instrumento de avaliação, dentre estes se cita:

- Perfis esportivos;
- Predisposição versus estado;
- Atividade física e promoção da saúde;
- Performance esportiva;
- Atividade física e portadores de necessidades especiais;
- Educação física escolar;
- Seleção e orientação de talentos;
- Relação com identificação do tipo de fibras musculares.

Em especial quanto ao tipo de fibra amparada por diversos autores, entre eles, Skinner (2002), que observa que o tipo de fibra muscular possui em sua formação um alto nível de correlação com as características herdadas, possuindo os genes efeito sobre estruturas e funções ligadas ao desempenho, por conseguinte também a tipologia _ contração rápida e lenta _ corroborando Frederiksen e Cristensen (2003), que demonstrou em estudos com gêmeos que a força atinge patamares de 92% quanto à hereditariedade sugerindo uma alta correlação com aspectos genéticos da tipologia de fibra. Especialmente quanto à utilização da dermatoglia como instrumento de identificação da tipologia de fibra na década de 80, Nikitiuki e seus alunos iniciaram uma série de estudo utilizando atletas de alta qualificação de resistência e velocidade, usando a biopsia como *gold standart*. Estes estudos indicam que algumas marcas dígito papilares estão diretamente associadas como marcador genético da tipificação da fibra. Podemos associar o número baixo de deltas (D10), mais os números baixos de linhas (SQTL) com a representação (força e velocidade) do tipo de fibra glicolítica. O número alto de deltas (D10), mais o número alto de linhas (SQTL), representam (resistência e coordenação) o tipo de fibra oxidativa. Exemplificando, quanto maior o número de presilhas, mais fibras glicolíticas ou quanto maior o número de verticilos maior o número de fibras oxidativas. Amparado nestes pressupostos, os estudos no Brasil encontram-se na atualidade na organização e formação de massa crítica em prol da fundamentação da utilização da dermatoglia como instrumento importante de investigação, recomendando ainda investigações associando a avaliação do estado (fenótipo) e estudos sobre o processo de construção do alto rendimento além da diversificação das modalidades e tarefas que exijam altos níveis de performance e também na área da promoção da saúde no sentido de melhorar a sensibilidade das observações.

Didática da Educação Física no Brasil

ALFREDO FARIA JUNIOR

Physical education teaching in Brazil

In general, pedagogy is defined in Brazil as the set of systematic knowledge about the educational phenomenon while teaching is regarded as the systematic set of principles, rules, resources and specific procedures that every teacher should have and should know how to apply in order to guide students in terms of the learning process. In Physical Education, the period between 1932 and 1938 is identified as “Pedagogia da Educação Física” (Pedagogy of Physical Education), preceded by the adoption of systems and methods of Physical Education that had come from other countries: Systematized Exercises by Jahn (1860); The Swedish Method (1888) and Calisthenics (adopted in the Brazilian Navy through American influence). In this period, the expression “Pedagogia da Educação Física” (Pedagogy of

Physical Education) was officially adopted by the Centro Militar de Educação Física (Military Circle of Physical Education) (Exército Brasileiro- Brazilian Army), becoming a current expression in its respective professional field. The following period, which took place from 1935 to 1969 was characterized by (i) Physical Education methodology, (ii) theoretical contradictions of these methods, (iii) the following additional methods: French Method, Danish Method, Swedish Method, calisthenics, Austrian Natural Method, Desportiva Generalizada, and (iv) the Techniques of Measurement and Evaluation developed abroad. The phase that goes from 1969 to 1984, called ‘Sob a Égide da Didática’ (the Era of Teaching), was mainly characterized by the teaching act (General Teaching and Physical

Education Teaching) supported by the perspective of national thinking at that time. Between 1982 and 1989 another stage was developed which can be defined as ‘A Didática em Questão’ (Teaching in Question). In other words: either exalted or denied, Teaching as systematic reflection and search for alternatives for the problems of pedagogical practice started to be questioned because it corresponded frequently to models that halt creativity. Finally, the last identified period, from 1990 up to today, is characterized by a paradigmatic plurality, that is to say, a web of expressions and concepts: Pedagogia da Educação Física (Pedagogy of Physical Education), Pedagogia do Esporte (Sports Pedagogy), Pedagogia do Desporto e Didática de Educação Física (Physical Education Teaching).

Definições Do ponto de vista formal, a didática é a disciplina pedagógica de caráter prático e normativo que tem por objeto específico a técnica de ensino, isto é, a técnica de dirigir e orientar eficazmente os alunos na sua aprendizagem. Trata-se, portanto, de uma das dimensões da pedagogia, por sua vez entendida – tomando-se por base seu conteúdo – como o conjunto de conhecimentos sistemáticos sobre o fenômeno educativo. A apreciação do desenvolvimento da didática da Educação Física no Brasil, como também da própria pedagogia da mesma área, pode ser feita por períodos demarcados com características típicas de identificação. Neste capítulo, o primeiro destes períodos é aqui denominado de “A Pedagogia da Educação Física” com duração de 1932 até 1938. Este período foi precedido pela adoção de Sistemas e Métodos de Educação Física estrangeiros: Exercícios Sistemáticos por Jahn (1860); Método Sueco (1888) e Calistenia, adotado na Marinha brasileira nos anos de 1920. Em termos cronológicos, apresentam-se a seguir os fatos de memória com maior significado deste estágio inicial e dos subseqüentes até a situação presente no país.

1932 Adotada oficialmente pelo Centro Militar de Educação Física a expressão ‘Pedagogia da Educação Física’ era de uso corrente no campo ora em exame. Em 1932, a Pedagogia da Educação Física fazia parte do Currículo do Curso de Instrutores da Escola de Educação Física do Exército. Neste estágio, o grande teórico da Pedagogia da Educação Física era Inácio de Freitas Rolim e a principal obra da época era de sua autoria: ‘Pedagogia da Educação Física’ (1932). O livro apresentava uma seção inicial que reunia o texto de duas Conferências: a primeira tecia Considerações sobre a Educação Geral nos seus pontos de contacto com a Educação Física e a segunda apresentava Princípios Gerais do Método. Uma segunda seção discorria sobre as Bases Pedagógicas (do Método Francês). Recentemente, Amarílio Ferreira Neto publicou a Pedagogia no Exército e na Escola (1999) na qual dedica o Capítulo I aos Militares e a Educação.

1933 Neste ano, a obra ‘Pedagogia da Educação Física’ (Rolim, 1933) recebeu uma nova seção, sobre jogos.

1934 A preocupação em desdobrar a Pedagogia da Educação Física para destacar a questão do método, começa a se fazer sentir. Uma evidência disto se encontra nos ‘Programmas para o período lectivo de 1934’, da ‘Escola de Educação Physica’ do Estado do Espírito Santo em que a disciplina ministrada pelo 1º Ten. Horácio Gonçalves, denominava-se “Noções de Psicologia, Noções de Pedagogia e Metodologia da Educação Física” (1934). Isto não significa que tudo desapareceria com o surgimento de um novo paradigma. Assim a Escola de Educação Física do Exército, manteve até 1970, a “Pedagogia e a Metodologia Aplicadas” como ‘Matéria’ no “Currículo para os Cursos de: Instrutor de Educação Física e Monitor de Educação Física” (EEFE, 1970, p. 4).

Período: Primazia da Metodologia da Educação Física (1935 até 1969)

1935 Foi difundida no Brasil a obra de Faria de Vasconcelos – ‘O valor físico do indivíduo – sua medição e avaliação’ (1935), editada em Portugal, embora enfatizasse mais a medida e a avaliação no campo da antropometria, difundiu testes não incluídos no Método

Francês - as ‘provas do Dr. Bellin du Coteau’; o coeficiente VARF e sua interpretação’ (1915) e as ‘fichas de performance’ para corridas (de rapidez, meio fundo, fundo e com obstáculos), saltos (altura e comprimento, com ou sem impulso), lançamento de pesos e natação (velocidade e meio fundo). A obra recomendava a ‘normatização’ dos resultados através “das ‘médias das ‘performances’ de crianças e adultos” (p. 194); as Provas de performance dos centros escolares de Educação Física de Paris; provas escolares suecas do Dr. Boigey (p. 199) e as provas de ‘performance’ norte americanas’ (p. 205). Nas provas escolares de Petre Lazar é destacada a aplicação didática das medidas pois, com base nelas, “êles organizou classes de ginástica e de exercícios físicos ...” (p.200).

1939 O Decreto-Lei nº 1190, de 4 de abr. 1939 criou, na Universidade do Brasil, a Faculdade Nacional de Filosofia que compreendia as ‘seções fundamentais’ de filosofia, de ciências, de letras, de pedagogia e uma ‘seção especial de didática’. Aos que completassem os denominados ‘cursos ordinários’, de três anos, das várias seções, seria conferido o título de ‘bacharel’, e ao bacharel que concluísse o ‘curso de didática’ seria outorgado o diploma de Licenciado. Dias mais tarde, o Decreto-Lei nº 1212 criou, na mesma Universidade do Brasil, a Escola Nacional de Educação Física e Desportos-ENEFD, destinada a “formar técnicos em Educação Física e Desportos”. Alfredo Faria Junior (In: Faria Junior, Oliveira, 1987) levantou a questão: como, “dentro de uma mesma universidade, com diferença apenas de dias, sejam criadas duas unidades universitárias voltadas para a habilitação de professores, que teriam no ensino secundário seus campo de exercício profissional, com concepções totalmente antagônicas”? [...]. Pode-se admitir que, no Projeto do Estado Novo, a Educação Física teria funções diferentes das demais disciplinas do currículo das escolas secundárias. Isto teria ocorrido porque, enquanto no grupo que estudou a criação da Faculdade Nacional de Filosofia-FNFi predominavam profissionais com uma visão formada para a formação do professor, na comissão que se dedicou ao projeto de criação da ENEFD encontravam-se militares, comprometidos com o ideário estadonovista, possuidores de uma visão tecnicista (ibid). O projeto estadonovista para a educação física se apoiava em um tripé: (a) criação da Divisão de Educação Física na estrutura do Ministério da Educação e Saúde-MES; (b) criação de uma Escola Nacional de Educação Física e Desportos, com currículo que serviria de padrão para todas as demais; (c) criação da Juventude Brasileira, organização que objetivava o “enquadramento de toda a infância compreendida entre 7 e 11 anos de idade e toda a juventude incluída entre 11 e 18 anos” (ibid). Na Carta Outorgada de 1937, a Educação Física apareceu, pela primeira e única vez, mencionada em uma Carta Magna brasileira (ibid). Esse ‘desenvolvimento em separado’ em relação com as demais licenciaturas, que mais mal do que bem tem trazido para a educação física, persistiu e hoje aparece claramente nas posições do sistema CONFEF/CREFs que busca isolar os professores de Educação Física dos demais professores e resiste em aceitar as premissas gerais das Diretrizes Nacionais para a Formação de Professores para a Educação Básica (BRASIL CNE, Parecer nº 9/2001). O currículo da FNFi incluía o estudo da ‘Didática’ enquanto o currículo da ENEFD usava a expressão ‘Metodologia’ (da Educação Física) para designar uma das disciplinas, obrigatórias nas três séries do ‘Curso Superior de Educação Física’. A

Metodologia do Treinamento Desportivo era obrigatória para os Cursos de ‘Técnica Desportiva’, ‘Treinamento e Massagem’ e ‘Medicina da Educação Física’ (BRASIL. Decreto-Lei nº 1190/39). Na ENEFD, essas ‘cadeiras’ tinham um catedrático, inicialmente o Capitão Antonio Pereira Lira para a Metodologia da Educação Física e do Treinamento Desportivo (BRASIL. Decreto nº 1212/39). Nesse modelo questiona-se: como poderiam quatro disciplinas Metodologia da Educação Física e dos Desportos, Metodologia da Educação Física, Metodologia dos Desportos e Metodologia do Treinamento Desportivo, cada qual com seu *corpus* próprio de conhecimento, virem a se integrar em uma ‘cadeira’ com sólida consistência teórica? Provavelmente isto se deu por problemas de ajustamento de pessoas na carreira docente da ENEFD.

1940-1941 Surgem resistências contra a hegemonia da influência estrangeira, sobretudo contra o Método Francês, com a Divisão de Educação Física-DEF amadurecendo a idéia de efetuar um “Inquérito sobre o Método Nacional de Educação Física” (Marinho, 1946). Inezil Penna Marinho começou a desenvolver o conceito bio-psico-sócio-filosófico da Educação Física, sobre o qual deveria se construir o Método Nacional de Educação Física.

1942 Convencido da importância, o Major João Barbosa Leite, primeiro diretor da DEF, autorizou que a Divisão efetuasse aquele Inquérito.

1943 Entre 20 de julho e 15 de outubro estiveram abertas na DEF inscrições para o ‘Concurso de Contribuições para o Método Nacional de Educação Física’ (Mota, 2003).

1945 A insatisfação com o Decreto Lei nº 1212/39 levou o Cap. Lira a apresentar ao Ministro da Educação e Saúde, ‘exposição de motivos’ e ‘anteprojeto’ para a reforma dos currículos da ENEFD (1945) que sugeria que se passasse a disciplina Metodologia da Educação Física, para os dois primeiros anos, e a Metodologia da Educação Física e dos Desportos, para o terceiro. Com a substituição do Cap. Lira na cadeira de Metodologia da Educação Física e dos Desportos, por Maria Jacy Nogueira Vaz, nenhuma iniciativa foi feita em favor da inclusão da Didática.

1946 Marinho escreveu então ‘Condições a que deverá satisfazer um Método Nacional de Educação Física’ (1946). “Mas, apesar de todo o esforço desenvolvido, a idéia não vingou, pois os métodos e sistemas de Educação Física de origem estrangeira estavam fortemente arraigados e não havia condição de extirpa-los, constituindo objeto de ensino em todas as escolas de Educação Física do país, no Exército, na Marinha e na Aeronáutica” (Marinho, 1981. p.13).

Década de 1950 Neste período, os currículos das escolas superiores de Educação Física apresentavam uniformidade, pautados que eram no adotado na ENEFD. Todos incluíam a “cadeira de Metodologia da Educação Física e dos Desportos, a única das Teóricas que figura na nas três séries que a integram, evidenciando-se, assim, como a principal na preparação do professor de educação física” (BRASIL. Universidade do Brasil, 1954).

1953 O nome mais expressivo neste estágio era Luiz Alves de Mattos, catedrático de Didática Geral e Especial na FNFi que, desde 1953, ministrava aulas de ‘Didática’ no Curso de Aperfei-

çoamento para Professores do Ensino Comercial, da FGV em colaboração com a Campanha de Aperfeiçoamento e Expansão, do Ensino Comercial-CAEC. Em 1956, essas aulas eram ministradas “pelas ondas curtas e médias da Rádio Ministério da Educação, para os professores do ensino secundário de todo o País” (Mattos, 1957). Na ENEFD, com Marinho Catedrático de Metodologia da Educação Física e do Treinamento Desportivo, registra-se sua iniciativa de apresentar discussão sobre a distinção entre Pedagogia, Didática e Metodologia. Pergunta-se por que Marinho, brilhante, com sólida formação humanística, leitor atento de obras desses três campos, não teria proposto a substituição da Metodologia pela Didática, no Curso Superior de Educação Física? Amarílio Ferreira Neto (1999), ao escrever sobre Inezil Penna Marino e a Educação Física Brasileira avança algumas respostas pela análise que fez da obra de Marinho.

1957 Em 13 de janeiro, a DEF comemorou seu 20º Aniversário. Com Alfredo Colombo à frente realizou pesquisas procurando “conhecer quais as atividades ou exercícios físicos que os alunos das escolas secundária preferem [preferiam] praticar” e “escolher os testes mais adequados para à verificação do aproveitamento em Educação Física” (Colombo, 1957. p.9). Quanto aos programas a DEF constatou serem “completamente diferentes, principalmente, os das cadeiras de Educação Física Geral e de Metodologia da Educação Física e Desportos. Para enfrentar o problema a DEF organizou “um seminário dos professores dessas cadeiras daquelas Escolas, com finalidade de proporcionar o mútuo conhecimento e o debate dos seus programas e dos processos pedagógicos utilizados” (ibid p. 10). Participaram as maiores expressões da Metodologia da Educação Física e dos Desportos: Cyro Andrade, da Escola de Educação Física de São Paulo, Jacinto F. Targa, da Escola Superior de Educação Física de Porto Alegre, Yesis Ilcia y Amoedo G. Passarinho e o Agregado Alemão, Jean Amsler. Foram publicados os textos: ‘Objetivos e finalidades da educação física’ (Andrade, 1957), O Moderno Sistema Sueco de Ginástica (Targa, 1957), A Doutrina Austríaca de Educação Física (Amsler, 1957), Planejamento do Ensino (Passarinho, 1957). As notas de aula de Didática, de Luiz Alves de Mattos, foram reunidas formando a primeira edição do livro: Sumário de Didática Geral (1957). O autor defende que ‘Didática’ não é sinônimo de ‘Metodologia’, e não se limita aos aspectos técnicos do ensino, mas utiliza os métodos como um recurso para a formação da personalidade do aluno. Mattos lançou o conceito de ‘Ciclo Docente’: “conjunto de atividades exercidas em sucessão e ciclicamente pelo professor para dirigir e orientar o processo de aprendizagem de seus alunos levando-o a bom termo” (ibid). Para Mattos o ‘ciclo docente’ abrange as fases do Planejamento - preparação de planos de curso, de unidade e de aula -, da Orientação da Aprendizagem - motivação, apresentação da matéria, direção das atividades, integração da aprendizagem e fixação da aprendizagem -, fase do Controle da Aprendizagem - sondagem e progresso da aprendizagem, manejo de classe e controle da disciplina, diagnose e retificação da aprendizagem, e verificação e avaliação do rendimento (ibid). O ‘ciclo docente’ de Mattos foi uma perspectiva teórica desenvolvida pelo autor no contexto acadêmico brasileiro, nada tendo a ver com o *teaching learning cycle*, de Roy O. Billet (1940) ou de *learning cycle*, de Henry C. Morrison (1942). O ‘Ciclo Docente’, como eixo norteador da Didática foi adotado por importantes autores, como Romanda Gonçalves, professora da Faculdade Fluminense de Filosofia e diretora do Instituto de Educação de Niterói (1969). A idéia de ‘Ciclo Docente’ aparece resumida em Irene Mello Carvalho (1973) sendo depois sintetizada, analisada e comentada por Maria Rita Sales Oliveira (1988). O livro de Mattos teve boa distribuição em Portugal, foi traduzido para o Espanhol, podendo ser encontrado nas livrarias, até a década de 90. Imídio Giuseppe Nérici, da Faculdade de Filosofia da Universidade do Distrito Federal, lançou seu livro ‘Introdução à Didática Geral – Dinâmica da Escola’ (1960) no qual enfatiza, além dos conteúdos tratados na obra de Mattos, questões sobre a Escola Secundária Brasileira e a Qualidade do Ensino.

1958 Persistia o paradigma da ‘Primazia do Método’, sendo o livro mais importante, ‘Sistemas e Métodos de Educação Física’ (Marinho, 1958).

1960 O paradigma da Primazia do Método foi reforçado pela DEF que publicou, e distribuiu gratuitamente, uma ‘Edição de Emergência’ da obra: Educação Física (Método Francês), “para atender,

principalmente, aos alunos de nossas escolas de Educação Física ...” (Colombo, 1960).

1961 Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL. Congresso Nacional, Lei 4024/61), sancionada pelo presidente João Belchior Goulart (Jango), várias modificações foram introduzidas nas licenciaturas, como a substituição da idéia de ‘currículo padrão’ (da Universidade do Brasil) pela de ‘currículo mínimo’, “um núcleo necessário de matérias, abaixo do qual ficaria comprometida uma adequada formação cultural e profissional. Este currículo abrangeria uma parte complementar fixada pelo estabelecimento de ensino, conforme suas possibilidades, para atender a peculiaridades regionais, a diferenças individuais e à expansão e atualização de conhecimentos, configurando o currículo pleno”.

1962 Pelo Parecer nº 283/62 do CFE já não se concebia mais “um curso exclusivamente de Didática, visto que, até o último semestre terminal (não nos referimos a ‘série’), sempre estarão presentes matérias de conteúdo. A licenciatura é um grau apenas ‘equivalente’ ao bacharelado, e não ‘igual’ a este mais Didática, como acontece no conhecido esquema 3 + 1. Posteriormente, Valnir Chagas (relator), Anísio Teixeira e Newton Sucupira elaboraram o Parecer 292/62 do CFE. Nele os autores sugeriram para a preparação pedagógica do licenciado: 1. Psicologia da Educação, Adolescência e Aprendizagem; 2. Elementos de Administração Escolar; 3. Didática; 4. Prática de Ensino sob a forma de Estágio Supervisionado. O Parecer sugeria ser desaconselhável, por todos os títulos, “separar o *como* ensinar do *quê* ensinar. A Didática não é *um moulin qui tourne en vide*, é a arte de ensinar alguma coisa a alguém ou, na definição clássica de Comenius, a arte de ensinar tudo a todos” (ibid). Destacavam a importância do ‘Estágio’ ser iniciado quando o ensino da Administração Escolar e a Didática “estivessem pelo menos a meio caminho” (ibid). No Parecer nº 298/62, fixando o currículo mínimo dos cursos superiores de Educação Física, apareciam, além da matéria Pedagogia (substituindo a Metodologia da Educação Física e dos Desportos) as matérias pedagógicas de acordo com o Parecer nº 292/62. Na Escola de Educação Física da UFES, “experiências do emprêgo das técnicas audiovisuais, na Cadeira de Pedagogia, datam de 1962” (Araujo, 1968. p.1).

1963 Neste ano, através de Liselott Diem e I. Nikolai, foram estabelecidos os primeiros contatos oficiais dos alemães com o Brasil, durante a realização do Congresso do *International Council of Health, Physical Education and Recreation* – ICHPER, realizado no Rio de Janeiro (Diem, 1983.p. 14). Neste ano a Metodologia da Educação Física foi substituída por ‘Pedagogia’ no currículo da ENEFD. Como isto contrariava o que dispunham os Pareceres 292/62 e 298/62 do CFE, Waldemar Areno consultou o CFE e deu origem a um Parecer elaborado por Valnir Chagas que levantava três hipóteses. Com base nesse parecer as matérias pedagógicas deixaram de ser incluídas no currículo da ENEFD, mantendo a “formação diferenciada do licenciado em Educação Física”, como ainda hoje defende o Sistema CONFEF/CREFs.

1965 Em junho, foi firmado acordo entre o Ministério da Educação e Cultura (através da Diretoria do Ensino Superior) e a *United States Agency for International Development*-USAID - Acordo MEC/USAID - “visando à constituição de uma Equipe de Planejamento do Ensino Superior-EPES, importando na doação, por aquela agência, de quase 500 mil dólares, num período de dois anos...” (Cunha, 1988. p. 175). O acordo partia de um diagnóstico do ensino superior brasileiro para o “lançamento de bases sólidas para uma rápida expansão e uma fundamental melhoria do atual sistema de ensino superior” (ibid). A Reforma Universitária aproximaria o sistema brasileiro do modelo norte-americano de universidade, com ênfase na privatização do ensino. A competência atribuída ao EPES pelo Acordo era ampla, chegando a fazer “sugestões em termos de currículos, métodos didáticos e programas de pesquisa ...” (ibid. p. 176).

1967 Nesta época os Recursos Audiovisuais eram destaque na Didática. Isto pode explicar porque a Associação Brasileira de Educação-ABE realizou o I Congresso Brasileiro de Audiovisuais onde, na Comissão XI, que teve como relator Faria Junior, discutiu-se o tema ‘Audiovisuais no Ensino da Educação Física’. Aloyr Queiroz de Araújo após o evento, reproduziu em seu livro, as “conclusões e recomendações” do evento (Araujo, 1968. p. 3).

1968 O movimento estudantil, já na clandestinidade, reagiu às restrições e ao modelo imposto pela Reforma Universitária. No

dizer de Maria Lenk (1972), o abandono do ensino superior brasileiro atingia, diretamente, as escolas de Educação Física, levando os universitários a engrossar as fileiras do movimento estudantil. Currículos defasados, desvinculados da realidade (organizados em função de condições culturais, sociais e econômicas ultrapassadas), “desatualização e falta de entrosamento de nossas entidades ... círculo vicioso da ineficiência, existente nas relações Professor de Educação Física – Dirigente ... deficiência de recursos” (Ferreira, 1968a. p. 5), geraram ondas de protesto no meio estudantil ligado à Educação Física. Após a repressão policial/militar, respostas políticas tiveram que ser desenvolvidas. A DEF, dirigida pelo Tenente Coronel Arthur Orlando da Costa Ferreira, lançou um vigoroso programa de publicações, tendo Lamartine Pereira DaCosta como Editor. Esse programa buscava suprir a carência de títulos, uma vez que o mundo editorial até então não tinha percebido o potencial que a Educação Física, o esporte e o lazer tinham como demanda reprimida. Primeiro foi revido o ‘Boletim de Educação Física’, agora com o título de Boletim Técnico Informativo (BTI) que ia de encontro à idéia de “alguns dirigentes antigos [que] costumam declarar que o professor de Educação Física no Brasil não gosta de ler ou escrever sobre assuntos técnicos de seu setor” (Ferreira, 1968. p. 6). O BTI deveria contribuir para “estabelecer uma unidade de doutrina em tórno da necessidade da aplicação efetiva da Educação Física em todos os níveis educacionais...” (Ferreira, 1968a. p. 6). “A matéria é [era] prioritariamente nacional mesmo com eventuais prejuízos quanto ao nível: apenas situações esporádicas serão [eram] inseridos artigos de origem estrangeira” (Ferreira, 1968c. p.5). O BTI abriu perspectivas de publicação de artigos sobre Didática: Instrução Programada (Faria Junior, 1968a); Meios Audiovisuais (Faria Junior, 1968b); Iniciação desportiva através de jogos (Barros, 1968); Planejamento (Milward, 1968). A DEF lançou o livro ‘Técnicas audiovisuais nas escolas de educação física’ (Araújo, 1968). A Portaria nº 22/1968 constituiu um Grupo de Trabalho (GT), sob a presidência da professora Maria Lenk, Diretora da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ, com a finalidade de oferecer colaboração ao CFE em sua revisão de currículos para as Escolas de Educação Física e Desportos do país. Participaram representantes das escolas de Goiás, São Paulo, São Carlos, Espírito Santo, Minas Gerais, Educação Física do Exército, UFRJ e os presidentes do CND e da DEF/MEC. Nesse Grupo de Trabalho, foi incluído, a convite da professora Maria Lenk, Alfredo Faria Junior, como “representante dos ex-alunos de Educação Física” (BRASIL. UNIVERSIDADE DO BRASIL, 1968). Em reunião do GT, quando lhe foi dada a palavra, Faria Junior fez uma síntese da situação da Didática no quadro das Matérias Pedagógicas, nos cursos superiores de Educação Física. A seguir sugeriu a inclusão das disciplinas: Didática de Educação Física; Filosofia, História e Sociologia do Desporto no currículo mínimo para esses cursos. Esta sugestão foi acatada e consta do Parecer nº 894/69, de 2 de dezembro de 1969, do CFE. Entretanto, o Relator José Borges dos Santos votou pela retirada dessas disciplinas, mantendo a Didática (de acordo com as matérias constantes do Parecer nº 672/69). Com base neste Parecer o CFE publicou a Resolução nº 9/69 fixando os mínimos de conteúdo e duração a serem observados na organização dos Cursos de Educação Física.

Período: Sob a Égide da Didática (1969 - 1984)

1969 Embora a sugestão de inclusão da Didática de Educação Física não tivesse sido acolhida, a argumentação utilizada parece ter sensibilizado os que dirigiam o Programa de Publicações da DEF que decidiram editar “Introdução à Didática de Educação Física” (Faria Junior, 1969), “para suprir as novas necessidades oriundas da reformulação curricular de 69 e por apresentar para a área, uma abordagem original, construída sob uma base teórica nacional”. Distribuído gratuitamente em todo o país tornou-se obra de referência, a ponto de Laércio Elias Pereira, Marcos Ganzeli, Mauro Betti e Sergio Spósito (1977) considerarem que “não existe [existia] professor de Educação Física no Brasil que não tenha [tivesse] tomado contato com o ‘livrão’ ...” (p.3). O autor adotou a perspectiva de ‘ciclo docente’ desenvolvida por Mattos (1957), reinterpretando-a para a educação física. Ultrapassou o reducionismo do método e incluiu clássicos elementos da Didática: os objetivos, os conteúdos, o método, o professor e os alunos (ibid). Desenvolveu o conceito de conteúdo, no lugar de ‘matéria’, adotado por Mattos (ibid). Conteúdo foi entendido como o “teor do ensino da Educação Física, através do qual serão atingidos os objetivos educacionais propostos. Desta forma poderíamos dizer que aqueles nada mais são do que reativos que, uma vez selecionados, programados, dosados, vêm facilitar

Universidade de São Paulo (USP), com apoio do CNPq, INEP e FINEP, o Encontro Nacional de Prática de Ensino.

1984 “Exaltada ou negada, a Didática como reflexão sistemática e busca de alternativas para os problemas da prática pedagógica, está [estava] certamente, no momento atual, colocada em questão” (Candau, 1984 apud Faria Junior, 1988). Os signatários da Carta de Belo Horizonte (1984) consideraram que “a Didática, na Educação Física, é [era] predominantemente condicionante, por modelos que impedem a criatividade do ser humano” e sugeria “que o ensino da Educação Física se fundamente em uma Didática repensada e recolocada numa perspectiva de transformação social, com um corpo teórico constantemente construído a partir de resultados de pesquisas e reflexões sobre a prática pedagógica na escola, no trabalho e no lazer, integrando as dimensões humanas, técnica e político-social” (p. 4). A Comissão de Elaboração dessa Carta, eleita pelas Associação dos Professores de Educação Física-APEFs (ver capítulo correspondente a esta entidade neste Atlas), estava constituída por: Airtton Negrine, Faria Junior, Antônio Carlos Prado, Benno Becker Junior, Eustáquia Salvadora de Sousa, Fernanda B. Beltrão, Jefferson Camfield, Laércio E. Pereira, Lamartine P. da Costa, Manoel Tubino, Moacir B. Daiuto e Nagib C. Matni. A Didática de Educação Física já constituía módulo em cursos de especialização, como no de Especialização em Treinamento Desportivo, mantido pelo PREPES, da UFMG. A UFPel, de Pelotas-ES, por iniciativa de Mauro Gomes de Mattos e Telmo Pagana Xavier, realizou o 5º Simpósio Nacional de Docentes de Nível Superior na Área de Ginástica, tendo como Tema Central, a Avaliação em Educação Física, e contou com a presença de Donald K. Matews. O Sistema FaMOC de Análise de Ensino foi divulgado internacionalmente através da ‘Revue d’Education Physique’, de Liège (Bélgica). Usando este Sistema, Dircema H. F. Krug e Arno Krug desenvolveram pesquisa (1984) sobre ‘os estilos de ensino dos supervisores, professores de conteúdos e Estagiários do Curso de Graduação em Educação Física. Cruz Alta-RS.’ Em Portugal, a Pedagogia por Objetivos na Educação Física parece ter entrado através da tradução da obra de Bernard Maccario, ‘Definição dos Objectivos da Educação Física’ (1984). Isto parece claro na declaração dos editores: “a coleção Horizonte da Cultura Física não podia ficar alheia ao vasto movimento que hoje é vivido em torno da pedagogia por objectivos: trata-se de um elemento importante da pedagogia actual que não se pode desconhecer” (contra capa). Assinala-se a presença no Brasil de de Reiner Hildebrandt-Stramann, hoje professor da Universidade Técnica de Braunschweig (*Technische Universität Braunschweig*), que foi professor visitante das universidades federais e estaduais de Santa Maria, Pernambuco, Maringá, Maceió, Campinas, Florianópolis e Vitória.

1985 A Didática de Educação Física e o Ensino da Educação Física foram temas incluídos e discutidos no 2º Congresso Latino-Americano de Educação Física, Desporto e Recreação realizado em Tramandaí-RS, sob os auspícios da APEF-RS. No Documento Final foram incluídas duas recomendações ligadas à Didática, como: que as IES “considerem as atividades profissionais do aluno... como Prática de Ensino ou Estágio Supervisionado, desde que acompanhado pelo professor responsável” (p.5), que as APEFs e as IES “promovam cursos de capacitação, atualização e/ou aperfeiçoamento em avaliação em Educação Física” e que “as disciplinas práticas dos cursos de formação de professores de Educação Física enfoquem com maior ênfase o aspecto avaliação em cada uma de suas especialidades” (p.6). Helder Guerra Resende apresentou sua dissertação sobre ‘A relação entre intenção e ação pedagógica de docentes atuantes no processo de formação de professores de educação física’ (BRASIL. UERJ, 1985), valendo-se do Sistema FaMOC. Foi publicado o livro ‘Criatividade nas aulas de educação física’ (Taffarel, 1985). Em sua argumentação a autora utiliza resultados de pesquisa da análise do ensino para criticar a predominância de “estilos de ensino predominantemente diretivos”, atribuindo o fenômeno “as influências exercidas no Brasil, por escolas estrangeiras” – método francês, sueco, desportiva generalizada, calistenia etc (p. 14).

1986 No Brasil, na Educação Física, começaram a surgir as primeiras reações ao paradigma da Pedagogia por Objetivos. “Critica-se no paradigma seu aspecto tecnicista; sua abordagem psicológica, com ênfase em aspectos comportamentais; sua despreocupação com problemas mais graves no âmbito da educação, da instituição educacional e da sociedade; a influência positivista; sua pretensa neutralidade ideológica; sua preocupação com a eficácia e a precisão; sua abordagem cientificista e, finalmente, sua visão econométrica

e simplista do trabalho educativo” (Faria Junior, 1986). Em Portugal, ainda permaneciam nos cursos de formação de professores, as ‘cadeiras’ de Metodologia da Educação Física I e II, Estudos Práticos I e II e Didáctica de Educação Física. Na prestação de Provas de Agregação, Jorge Olímpio Bento (1986) salientava e fundamentava a situação fulcral da Didáctica de Educação Física “no elenco de disciplinas consagradas à formação de competências pedagógicas e didáctico-metodológicas imanentes ao ensino em Educação Física e Desporto”. No Brasil, publicou-se a obra sobre ‘Avaliação em Educação Física’ (Faria Junior, 1986) que reuniu os textos das conferências de Octávio Teixeira, Donald K. Matews, Faria Junior, Maria Isabel da Cunha e Jorge D. Otañez, feitas no 5º Simpósio Nacional de Docentes de Nível Superior na Área de Ginástica e que não tinham sido incluídos nos Anais desse evento. Foram incluídos ainda os textos de Pedro Henrique Josuá, Luiz Tadeu Paes de Almeida, Helder Guerra Resende e Rislaine da Silva Bressane que tratavam de aspectos pouco explorados. O de Resende representou um avanço na pesquisa em Didática, ao introduzir o uso de “Microcomputadores e [para] a Simplificação da Análise do Ensino” (ibid). Por recomendação de Jürgen Dieckert, professor visitante na UFSM, coordenador da Série Educação Física – Fundamentação, da Editora ‘Ao Livro Técnico’, foi traduzida e publicada a obra de Reiner Hildebrandt e Ralf Laging, *Concepções Abertas no Ensino da Educação Física (Offene Konzepte im sportunterricht)* (1986). Esta obra abriu na Educação Física brasileira uma nova vertente de nítida influência doutrinária alemã.

1987 Neste ano Elenor Kunz defendeu no Instituto de Ciências do Esporte da Universidade de Hannover, na Alemanha. Sua tese foi transformada, após a supressão de alguns tópicos, no livro Educação Física. Ensino & Mudanças (1991). Foi publicada em Portugal a obra ‘Planeamento e avaliação em educação física’ (Bento, 1987). Nela Bento reconhece que em Portugal “o ensino da Educação Física carece [carecia] ser balizado quer por uma metodologia ou didáctica respectiva, quer ainda por programas elaborados em conformidade...” (p.10). Neste sentido, o autor propõe “transportar para o campo da Educação Física princípios da didáctica geral ... tentando contribuir para a criação de uma metodologia ou didáctica de Educação Física” (p.10). Examinando-se a bibliografia utilizada para a preparação da obra, observa-se que nenhum autor brasileiro de Didática Geral, como Luiz Alves de Mattos, Emídio Nérici, Romanda Gonçalves, Irene Carvalho, Vera Candau, Maria Rita Oliveira e outros, foi utilizado. Para fundamentar a obra a escolha recaiu sobre autores anglo-saxões (Anderson, 1980; Bandura, 1977; Bloom, 1975; Crum, 1983; Dieterweg, 1972; Eisner, 1978; Gage, 1974; Garlich et al. 1976; Jakowlew, 1976; Klingberg, 1976; Mager, 1965; 1977; Siedentop, 1979; Skinner, 1965; Thorndike, Hagen, 1969; Tyler, 1973), francófonos (de Ketele, 1975; de Landsheere, 1975; 1979; Osterrieth, 1976) e portugueses (Estrela, 1984). Na obra, Bento (ibid) critica a ‘Pedagogia por Objetivos’, e alerta que “o professor não deve deixar cair as suas reflexões nas malhas de uma qualquer tecnologia, nas roupagens de um qualquer esquematismo e formalismo cientificistas, por mais atraente que seja a oferta, por mais miraculosa e ‘desinteressada’ que pareça a receita – mesmo que se chame Pedagogia por Objetivos” (p.12). O autor critica ainda a perspectiva behaviorista (comportamental) de considerar apenas as ‘manifestações observáveis’, “na análise de objectivos de aprendizagem” (p.22). Neste ano, Maria Augusta Peduti Dal’ Molin Kiss lançou seu livro “Avaliação em Educação Física”, no qual aborda aspectos biológicos e educacionais.

1988 Por iniciativa do então professor visitante Dietmar Samulski realizou-se, na UFMG, o I Simpósio Internacional de Pedagogia do Esporte, que reuniu profissionais de vários países e tendências. Da Alemanha vieram Gerhard Heker (Novas Tendências e Perspectivas do Currículo de Educação Física – Saúde – Aventura – Experiência Corporal) e Klaus Eichner (Tecnologia e Ética no Esporte). Na cidade do Porto, Portugal, reuniu-se o *International Committee of Sport Pedagogy-ICSP*. Este comitê incluía membros de outras instituições: *Association Internationale des Écoles d’Education Physique-AIESEP*, *Fédération Internationale d’Education Physique-FIEP*, *International Association of Physical Education and Sport for Girls and Women-IAPESGW* e *International Society on Comparative Physical Education and Sport-ISCPE*. Nesta reunião delinear-se os principais projetos do ICSP: uma introdução à terminologia da Pedagogia do Esporte, métodos de pesquisa e Pedagogia do Esporte (a cargo de Herbert Haag) e a Criança e o Esporte: aspectos pedagógicos. A Coordenação do Centro de Pesquisa de Cruz Alta, publicou no 1º Resumo de Pesquisas em Educação Física (1988) o

trabalho de Arno Krug e Dircema H. Francescheto sobre ‘Estilos de Ensino dos Professores de Educação Física de 1ª a 4ª’.

1989 Realizou-se, no Rio de Janeiro-RJ, o I Congresso de Educação Física de Países de Língua Portuguesa, a partir de quando se intensificou o intercâmbio com professores portugueses. Possivelmente o tema deste congresso – “a aula de Educação Física no contexto escolar, um desafio para o Século XXI”, tenha influenciado uma série de trabalhos que vieram a ser publicados enfocando o tema ‘aula’, no contexto da Didática. A Disciplina ‘Análise de Ensino na Educação Física’ constava do currículo do curso de Mestrado da USP, ministrada por Faria Junior. A partir do I Congresso de Educação Física de Países de Língua Portuguesa intensificou-se o intercâmbio com Portugal, passando-se a contar com a presença constante de Jorge Olímpio Bento. Em Portugal, a Didáctica de Educação Física ainda convivia com a Metodologia da Educação Física, quando Jorge Bento (1989) propôs mudanças no “conteúdo programático para a ‘cadeira’ de Didáctica de Educação Física (e Desporto)” (p.27). E, dentre essas, destacava-se “a fusão das cadeiras de Didáctica de Educação Física e Metodologia da Educação Física I e II, originando as cadeiras de Didáctica de Educação Física e Desporto I e II” (ibid. p.31). Nas referências bibliográficas deste Relatório observa-se a ausência de qualquer menção a obras brasileiras, recaindo a preferência por obras autores alemães (Demeter, 1981; Drews, 1983; Grössing, 1972; Grupe, 1982; Klingberg, 1976; Meinel, 1976; 1984; Samulski, 1985; Stiehler, 1988; Wulf, 1980), norte-americanos e ingleses (Anderson, 1980; Singer, 1974; Siedentop, 1983; Montoye, 1987), belgas (D’Hainaut, 1980; De Landsheere, 1977; De Ketele, 1980) e espanhóis (Teleña, 1979), além dos portugueses (Bento, 1984; 1985; 1988; 1987; 1989; Constantino, 1987; Cortesão, Torres, 1983; Estrela, 1984; Gonçalves, 1987; Janeiro, 1989; Pinto, 1989; Sobral, 1988). Na década que se encerrava, a Análise do Ensino havia sido introduzida por um professor belga, visitante, na Universidade Técnica de Lisboa-UTL. A partir daí várias pesquisas foram feitas e Francisco Carreiro da Costa tornou-se a autoridade mais importante no assunto, naquele país.

Situação Atual Pluralidade paradigmática: um emaranhado de expressões e conceitos (de 1990 até hoje).

Pedagogia da Educação Física.

1993 Essa expressão foi retomada por Viktor Shigunov e Vanildo Rodrigues Pereira para intitular a obra: ‘Pedagogia da Educação Física. O desporto coletivo na escola. Os componentes afetivos’. Os autores retomam o tema dos Comportamentos Afetivos, dos componentes do domínio afetivo, dos componentes de instrução no ensino geral e da educação física. Finalmente a obra aborda a questão do desporto coletivo na escola e dá como exemplo o handebol escolar. Mas, os autores em nenhum ponto do livro discutem o conceito de Pedagogia da Educação Física.

Metodologia do Ensino da Educação Física: a Aula

1991 Por coincidência ou não, a partir do I Congresso de Educação Física de Países de Língua Portuguesa, em que o tema esteve centrado na ‘aula de educação física no contexto escolar’ alguns trabalhos vieram a ser publicados enfocando a ‘aula’, no contexto da Didática. Ainda é cedo para concluir se isso virá a se constituir em uma tendência. Mas, na série Fundamentação da Educação Física, coordenada por Dieckert, foi publicado o livro ‘Visão didáctica da educação física. Análises críticas e exemplos práticos de aulas’ (1991). O livro é assinado por um grupo de trabalho Pedagógico da UFP e UFSM. Da UFPe participaram Celi Tafarel, Eliane Moraes, Mércia Andrade, Micheli Escobar e Vera Luza Costa. Da UFSM, Amauri Bássoli de Oliveira, Carlos Luiz Cardoso, Wenceslau Leães Filho e o professor alemão, visitante nas duas Universidades, Reiner Hildebrandt, de Lüneburg. O livro analisava “a teoria de aula de educação física aberta às experiências dos alunos sob perspectivas didático-pedagógica, humana e político-social...e observa exemplos concretos de aula no Primeiro Grau, em especial....” (2ª Capa). Assinala-se também a publicação assinada por um Coletivo de Autores – Metodologia do Ensino da Educação Física (1991), que tinha como preocupação principal questões epistemológicas e metodológicas da Educação Física, isto é, quais o conhecimento que deveria integrar o conteúdo e como transmiti-lo. Os autores sugerem que o conteúdo da educação física é oriundo de uma área denominada Cultura Corporal. No dizer de Elenor Kunz (1994) esses dois livros “apresentam, inclusive, alguns exemplos concretos de como a Educação Física pelo ensino de Movimentos, Jogos e

Esporte pode atingir metas que vão da simples execução destas atividades e assim, abranger uma dimensão científico-educacional prevista pelos seus pressupostos teóricos. Mas, ainda não são propostas práticas concretamente desenvolvidas em nossas escolas brasileiras” (p. 12).

Ensino (da Educação Física)

1991 A obra de Elenor Kunz - Educação Física: Ensino & Mudanças (1991), lançou “algumas idéias em forma de perspectivas práticas para um ensino problematizador na Educação Física” (p. 18). Nele foram lançadas “bases teóricas e perspectivas práticas para o ensino da Educação Física com compromissos pedagógico-educacionais e possibilidades de transcender a instrumentalização para uma mera atividade prática do ensino, no âmbito das objetivações culturais do movimento humano” (p. 5). Mais tarde o autor publicou a obra: ‘Transformação didático-pedagógica do esporte’ (1994). Nela Kunz defende “uma concepção crítico-emancipatória do Ensino da Educação Física Escolar” e “uma nova forma de tematizar o ensino, neste caso o ensino do Movimento Humano, em especial os esportes” (p. 13).

1993 Sebastião Votre publicou o livro “O ensino e avaliação em educação física” (1993) que inclui um único tema que se pode rigorosamente considerar como ligado à Didática: “Avaliação na educação física”, de Nádia Pereira de Souza.

2001 Foi publicada a primeira edição do livro “Textos pedagógicos sobre o ensino da educação física” de Reiner Hildebrandt-Stramann.

2003 O livro “Textos pedagógicos sobre o ensino da educação física” (2003) reúne artigos de Reiner Hildebrandt-Stramann, publicados nos períodos em que esteve no Brasil como professor visitante. Os artigos retomam as ‘concepções abertas no ensino da educação física (*Offene Konzepte im sportunterricht*).

Pedagogia do Esporte

Como se mencionou anteriormente, as concepções alemãs de Pedagogia do Esporte (*Sportpädagogik*) e Didática do Esporte (*Sportdidaktik*) foram introduzidas e reiteradas por professores que aqui estiveram no período de vigência do Convênio do Brasil com a República Federal da Alemanha, e reforçadas por brasileiros que regressaram, após terem estudado nesse país. Para Liselotte Diem (1983) as medidas tomadas no quadro deste Convênio se enquadravam à nova Política Educacional do Brasil dos anos de 1970. (p. 14). Estas ações visavam mais a promoção do modelo alemão de pós-graduação e das tentativas de oferecer modelos curriculares para os cursos superiores de Educação Física brasileiros. No primeiro caso a CAPES manteve a opção pelo modelo norte-americano já implantado na pós-graduação em outras áreas do conhecimento. No segundo, os próprios brasileiros buscaram, nos encontros de Florianópolis e Curitiba, seus próprios caminhos para a reestruturação curricular. Essas concepções foram reforçadas por professores brasileiros que fizeram cursos na Alemanha.

Situação Atual A persistência da Didática de Educação Física (de 1990 até hoje).

Didática Não tendo havido qualquer ato revogatório, a Didática permanece presente nos currículo dos cursos de licenciatura em Educação Física. Entretanto, nas Universidades onde existe Faculdade ou Departamento de Educação, a Didática que é ministrada aos futuros professores de Educação Física, é a Geral. Com a existência de mais de 300 cursos de formação de professores de Educação Física no país torna-se impossível traçar o quadro da Didática. Pode-se apenas afirmar que alguns professores continuam freqüentando os Encontros Nacionais de Didática e Prática de Ensino-ENDIPE que, em 2000, atingiu sua 10ª versão.

Didática de Educação Física Na construção teórica sobre Didática e Análise do Ensino, Brasil e Portugal desenvolveram-na sem consultas ou intercâmbio entre especialistas, pelo menos até o I Congresso de Educação Física de Países de Língua Portuguesa. No Brasil, causa estranheza que com abolição da exigência de um currículo mínimo para a licenciatura em Educação Física (BRASIL. Conselho Federal de Educação. Resolução nº 3/87), as IES não tenham julgado importante incluir a Didática de Educação Física na formação de professores. Evidentemente vários fatores podem ter influído para isto. Os principais são a Ideologia do Internacionalismo Científico e a expansão de cursos rápidos, de fim de semana, na perspectiva do ‘comércio do fitness’. Apesar disto concepção da didática de educação física continua a se desenvolver no país. Na atualidade identificam-se duas tendências: a liderada por Faria Junior que vem

se preocupando com o novo desafio que se apresenta para os professores de Educação Física neste início do Século XXI: trabalhar na perspectiva de uma ‘educação inclusiva’ (Faria Junior, 2003) e com a ampliação do campo de atuação da Didática para além da educação escolar, atendendo às perspectivas de uma ‘educação social’ (Faria Junior, 2002). E liderada por Elenor Kunz que, numa abordagem de aproximação da realidade prática vivida pelos professores, quer “oferecer-lhes, não apenas teóricos de reflexão e fundamentação da ‘Educação Física Escolar’, mas elementos concretos de atuação, que – mais uma vez não – não podem ser tomados como modelo, mas exemplos a serem reavaliados, criticados e modificados” (Kunz, 2002, p. 11). Na primeira perspectiva a Didática de Educação Física tem procurado novos aportes, como a que traz a abordagem multidisciplinar. Em 1999, realizou-se o I Encontro Interno de Didática Específica em Educação Física, organizado por Luiz Alberto Batista no Instituto de Educação Física e Desportos-IEFD da UERJ, e que teve justamente como objetivo discutir a “Multidisciplinaridade na Formação de uma Didática Específica para a Educação Física”. Neste Encontro Faria Junior proferiu palestra sobre a Didática de Educação Física para Populações Especiais. Na perspectiva da inclusão, Faria Junior tem procurado desenvolver sua proposta de uma Didática de Educação Física sob uma abordagem multicultural, em uma perspectiva crítica. Talvez por isto o desenvolvimento da Didática esteja ocorrendo na prática com populações com necessidades educativas especiais. Nesse quadro, novas propostas para a medida e a avaliação da autonomia e da proficiência física de idosos têm sido construídas por: Faria Junior e colaboradores (1997), Paulo Farinatti (1998), Silene Okuma (1999) e Sandra Matsudo (2001). Ensaio de normatização também continuam a ser feitos, como a tabela de percentis para os resultados no Teste de Força Máxima de Preensão Manual de Idosos (Faria Junior, Farinatti, Vasconcelos, 1996). Além disto, já se encontra à disposição um ‘esquema de aula’, específico para pessoas idosas, dividido em seis partes, criadas para enfrentar algumas das transformações que comumente ocorrem com o envelhecimento (Faria Junior, 1999). Questões relacionadas com segurança, acidentes e morte nas aulas passaram a receber maior atenção. A correção da linguagem didática passa a ser mais exigida evitando a disseminação de preconceitos e estereótipos quanto à raça, idade, gênero, etnia, religião e preferência sexual. No que concerne a multidisciplinaridade, a Didática no Brasil tem recebido contribuições da Cineantropometria (Faria, in: Faria Junior *et al.* 1999), da Biomecânica (Batista, 1991; 1992) e da Fisiologia (Farinatti, 1998). A pesquisa também continuou a se desenvolver, tendo Lea Laborinha criado o Sistema de Indicadores para Análise da Abordagem Humanista – Nível Latente 90 (SIADAH – NL 90) durante seu curso de doutoramento na Universidade Autônoma de Barcelona (1991). Os Sistemas de Análise de Ensino têm sido usados na pesquisa sobre Didática, agora mais concentrados no ensino das atividades físicas para pessoas com necessidades educativas especiais – idosos (Laborinha et al. 1993), cegos e portadores de deficiência visual (Vargas, 2000). Na segunda tendência, Kunz dirige-se aos professores de Educação Física que têm “vontade e coragem para enfrentar uma mudança de orientação didático-pedagógica em sua prática cotidiana na escola, e que para isso, também, disponham a continuar [...] os estudos teóricos que fundamentam, reconceituam e argumentam com abrangência e profundidade sobre o ensino, a escola, a sociedade, a criança, o jovem, o aluno, o corpo, o movimento humano e enfim os esportes, a Cultura de Movimento, a Educação Física, e tantos outros temas correlatos e fundamentais para a profissão de professor” (Kunz, 2001. p. 11).

Prática de Ensino de Educação Física No período foi identificada a publicação do artigo ‘Prática de Ensino em Educação Física’, de Helena Alves D’Azevedo (In: Zen, Souza, 2001).

Fontes

Barbante, Valdir. “Aptidão Física Relacionada à Saúde – Manuel de Testes”. Itapira: DEFER / Prefeitura de Itapira, 1983.

Bento, Jorge Olímpio. Planejamento e avaliação em educação física. Lisboa: Horizonte, 1987.

Bento, Jorge Olímpio. Didática da Educação Física (e Desporto). Porto: Universidade do Porto, 1989.

Bloom, Benjamin S. *et al.* Taxionomia dos objetivos educacionais. Porto Alegre: Globo, 1972.

Brasil. Ministério da Educação e Cultura. Educação Física. Método Francês. Rio de Janeiro: DEF, 1960.

Brum, Regina A. Domínio Psicomotor. Objetivos e avaliação. Porto Alegre: Sulina, 1977.

Coelho, Olímpio. Pedagogia do Desporto. Lisboa: Horizonte, 1988.

Coletivo de Autores. Metodologia do ensino da educação física. São Paulo: Cortez, 2000.

D’Azevedo, Helena Alves. Prática de Ensino em Educação Física. *In:* Zen, Maria Isabel H. Dalla, Souza, Nádia Geisa S. de (Org.). Práticas de Ensino na UFRGS: narrando pedagogias. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2000.

Faria Junior, Alfredo G. de. Prefácio. *In:* Bento, Jorge Olímpio, Garcia, Rui, Graça, Amândio. Contextos da Pedagogia do Desporto. Lisboa: Horizonte, 1999.

Faria Junior, Alfredo G. de, Faria, Eduardo José da Costa. Didática de educação física. *In:* Faria Junior, Alfredo G. de *et al.* Uma introdução à educação física. Niterói: Corpus, 1999. 486 p. 241-383,

Faria Junior, Alfredo G. de, Carvalho, Carlos Manuel de, Farinatti, Paulo de Tarso, Ribeiro, Maria das Graças. *The IMMA fitness test for elderly people.* *In:* Ortega, Agustín Meléndez (ed.). *Actividad física y salud en la tercera edad.* Madrid: Ministério de Trabajo y Asuntos Sociales, 1996. 262p. p.252.

Faria Junior, Alfredo G. de. A pesquisa sobre o ensino da educação física na Inglaterra/País de Gales e no Brasil, entre 1975 e 1984. *In:* Faria Junior, Alfredo G. de (ed.). A aula de educação física no contexto escolar, um desafio para os anos 90. Rio de Janeiro: UERJ, 1994.

Faria Junior, Alfredo G. de *et al.* Avaliação nos livros textos de Didática: tendências e omissões. Temas de Educação, Rio de Janeiro. v.3, n.5, p.68-85, Jan./Abr. 1988.

Faria Junior, Alfredo G. de *et al.* Ideologia e manejo de classe nos livros textos de Didática. Temas de Educação, Rio de Janeiro. v.2, n.3/4, p. 81-91, mai./ago. 1987.

Faria Junior, Alfredo G. de. Educação Física (org.). Educação Física - Fundamentos Pedagógicos 1 (Avaliação). Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986. Coleção Aperfeiçoamento.

Faria Junior, Alfredo Gomes de. Avaliação do Domínio Cognitivo. *In:* Faria Junior, Alfredo G. de. Educação Física (org.). Educação Física - Fundamentos Pedagógicos 1 (Avaliação). Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986. Coleção Aperfeiçoamento.

Faria Junior, Alfredo G. de. O uso da resolução de problemas no ensino da educação física no 1º grau. Sprint, Rio de Janeiro. n.2, p. 92-95, mar./abr. 1985.

Faria Junior, Alfredo Gomes de. Diferenças individuais na aprendizagem em sistemas formais de ensino de Educação Física. *In:* Fundação Brasileira de Educação (FBE). Ritmos individuais na Educação Física Escolar. Dossiês do Centro de Cooperação Técnica. Niterói: FBE / Centro Educacional de Niterói, 1984.

Faria Junior, Alfredo G. de. Análise de ensino e estágio supervisionado em educação física. Monografia/ 1ª Colocação no Prêmio Liselott Diem. Brasília: MEC/DED, 1983.

Faria Junior, Alfredo G. de. A participação dos educandos na avaliação da aprendizagem em educação física. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. v.5, n. 1, p. 26, 1983.

Faria Junior, Alfredo G. de. *Une contribution à l'étude du comportement verbal du professeur d'éducation physique. Proposition du Système FaMOC d'analyse de l'enseignement.* Dissertation Doctorale Originale. Bruxelles: Université Libre de Bruxelles, 1980. 4 v.

Faria Junior, A. G. de (coord.) *et al.* Avaliação nos livros textos de Didática: tendências e omissões. Temas de Educação, Rio de Janeiro. v.3, n. 5, p.53-60, jan./abr. 1988.

Faria Junior, A. G. Paradigma docimológico clássico, um óbice às pesquisas sobre avaliação em educação física. II Simpósio Paulista de Educação Física, Abr. 1978, Rio Claro. Relatório Final ... Rio Claro: UNESP, 1979. mimeo.

Faria Junior, Alfredo G. de (ed.). A aula de educação física no contexto escolar, um desafio para os anos 90. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.

aprendizagem daquela prática educativa. São os agentes utilizados pela Educação Física para exercer a integração das novas gerações no meio físico e social, bem como para auxiliar no desenvolvimento da personalidade dos educandos" (Faria Junior, 1969. p. 70). Rompeu-se com o paradigma da Primazia do Método, e a Metodologia da Educação Física passou a ser integrada no contexto maior da 'Didática de Educação Física'.

1970 Um Grupo de Trabalho (GT) foi constituído para elaborar um anteprojeto que daria origem à Lei 5592, que impôs no país o paradigma da Pedagogia por Objetivos. Baseado no conceito de eficácia social ele "vê na escola e no currículo instrumentos para obter os produtos que a sociedade e o sistema de produção necessitam em determinado momento" (Sacristán, 1982, p. 10). O paradigma tem origens na corrente 'pragmatista' americana que busca um racionalismo na atuação pedagógica, coerente com uma visão utilitária do ensino, das instituições educativas e da educação em geral. O paradigma procura justificar-se metodologicamente por sua base experimental de cunho positivista, destacando o valor do observável e do quantificável. Os ideais de eficácia e precisão são fundamentais na pedagogia por objetivos. A nova Lei buscava diminuir o "distanciamento entre o setor educacional e o setor produtivo" e objetivava "uma educação para o produtor consumidor" (Silva, Rocha, 1973. p.13). No anteprojeto observa-se a influência de autores americanos como Hilda Taba (1962), Robert F. Mager (1962) e Benjamim Bloom (1956, 1964). Na Educação Física, após o Congresso Mundial de Educação Física de Strasbourg (1969), Jacinto Targa introduziu a discussão sobre a 'Pedagogia não diretiva' (1970) defendida pelos representantes belgas, e que gerou muitas discussões.

1971 Em 11 de agosto de 1971 passou a vigorar a Lei 5692, 'oficializando-se' a 'Pedagogia por Objetivos' na educação brasileira. Para alguns autores "a principal característica da Lei 5692/71 é ser renovadora em termos de organização curricular. O desenvolvimento do currículo em atividades, áreas de estudo e disciplinas, a parte de educação geral e a parte de educação especial do currículo, os objetivos de sondagem de aptidões, iniciação para o trabalho e habilitação profissional envolvem um re-estudo: (a) na formulação de objetivos, (b) na metodologia de ensino e (c) na avaliação dos resultados do processo educativo" (BRUM, 1975). Eurides de Brito da Silva e Anna Bernardes da Silveira Rocha (op. cit.) não escondem a opção daquele GT pela 'Pedagogia por Objetivos' incluída na Lei 5692/71, ao demonstrar que há necessidade de uma hierarquização entre finalidades da educação e objetivos educacionais. E que estes, "devem, exatamente, permitir a identificação das possibilidades e limitações dos alunos. Devem, por conseguinte, ser expressos em termos 'comportamentais'" (p. 33). Em uma ação bem articulada, o Serviço Nacional da Indústria-SESI traduziu e distribuiu ampla e gratuitamente o livro de Robert F. Mager – Objetivos para um Ensino Efetivo (1971), que teve um papel definitivo na difusão do paradigma. Em resumo, a Pedagogia por Objetivos foi imposta, não através dos professores de Didática mas sim da ação dos 'curriculistas', com passagem pelos EUA e que participaram da elaboração do anteprojeto da Lei 5692/71.

1972 A difusão continuou com a tradução, por professores da UFRGS, da obra de Benjamim Bloom e seus colaboradores, publicada e distribuída pela Editora Globo, introduzindo entre nós as Taxionomias de Objetivos Educacionais do domínio cognitivo (1972) e afetivo (1973). A ruptura com o pensamento didático nacional que desafiava a prevalência dos métodos, admitia a Didática Geral e as Didáticas Especiais (como a de Educação Física), centrado na idéia de 'ciclo docente', de Mattos, prosseguiu. Irene Mello Carvalho, ao lançar sua obra O Processo Didático (1972), sugeria uma nova Didática, "mais sugestiva do que normativa", mais coadunada do ideário da 'educação liberal' na concepção exposta por Benedicto Silva (1968), contribuiu para consolidar esse rompimento no âmbito da Didática (Geral). Neste ano, realizou-se o I Encontro Nacional de Professores de Didática, na Universidade de Brasília, ao qual compareceram vários de nós, professores de Didática de Educação Física (Faria Junior, 1972). A Fórum lançou, sem nenhum ganho para o autor, uma segunda edição da obra Introdução à Didática de Educação Física (Faria Junior, 1972) já parcialmente adequada à Lei nº 5692/71. Esse livro foi distribuído em Portugal, facilitado pelo fato do proprietário dessa editora ser cidadão deste país.

1974 Os primeiros mestrados em educação passaram a ser procurados pelos professores de Educação Física que buscavam avançar em sua

titulação. Lá a Pedagogia por Objetivos era um dos temas centrais dos cursos. Em um período da educação brasileira na qual predominava uma concepção 'legalista', todo o magistério era instado a cumprir a Lei 5692/71 que reformava o sistema educacional. A disciplina 'Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º Grau', obrigatória nos cursos de licenciatura, era o principal instrumento para a difusão entre os futuros professores do que preconizava essa Lei e do paradigma que a sustentava. O rompimento com o modelo nacional de teorização em Didática também se refletiu na Educação Física, com a tentativa de introdução da 'abordagem sistêmica' no ensino da Educação Física através da obra de Robert N. Singer e Walter Dick (1974): "Ensinando Educação Física". Parece importante destacar que, embora pouco empregada, a palavra Didática existe em Inglês – "*Didactic, meant to instruct*" (Sykes, 1988); "*Didatic – designed or intended to teach; Didactics – systematic instruction: Pedagogy. Teaching*" (Webster's, 1973. p. 317). Entretanto, contrariamente ao que ocorre em português, em inglês a palavra Didática não significa um campo de pesquisa, teorização e intervenção. Por isto no contexto anglófono o ensino (instrução) é a tônica, sem atingir a amplitude da Didática.

1975 Neste ano foi publicado o livro "*Sport Pedagogy: Content and Methodology*", editado por Herbert Haag, do *Institut fur Sportwissenschaften der Cristian Albrechts Universität*, Kiel, Alemanha, com trabalhos apresentados no '*First International Symposium on Sport Pedagogy*', realizado na República Federal da Alemanha. A Pedagogia do Esporte começava a consolidar sua doutrina no contexto alemão e começava a seduzir um grupo anglófono, e uns poucos francófonos (belgas).

1976 Durante o Congresso Internacional de Educação Física da FIEP, em Jyväskylä (Finlândia), cujo tema central foi 'avaliação', uma sessão especial foi dedicada à avaliação do professor. No mesmo ano, em Quebec, realizou-se, sob a égide da UNESCO, o Congresso Internacional de Ciências da Atividade Física (*The International Congress of Physical Activity*), evento pré-olímpico. Aproveitando a ocasião foi realizado um Seminário denominado *Pedagogy of Sport*. Nele, dentre outros, estiveram presentes John Cheffers, Jean Brunelle, Tousignant e Faria Junior. Na Educação Física havia um confronto entre o que a Didática preconizava e o paradigma imposto pela Lei, gerando uma sensação de desatualização da área, sentida por estudantes e professores, 'treinados' para o cumprimento da Lei 5692/71. Ouviam falar de taxionomias, finalidades da educação, objetivos do ensino, objetivos comportamentais, mas a Didática de Educação Física não aprofundava esses temas. Com a 'Didática de Educação Física: técnica de formulação e enunciado de objetivos' (Faria Junior, 1976) vencedora na Categoria Educação Física para Todos os Graus, no II Prêmio MEC de Literatura Esportiva, difundiram-se as Taxionomias de Objetivos do domínio psicomotor, elaboradas por autores que não do grupo de Bloom. O livro resumiu as iniciativas de Ragsdale (1950), Guilford (1958), Simpson (1966), Dave (1967), Kibler, Barker e Miles (1970), Jewell e colaboradores (1971) e introduziu no Brasil a Taxionomia de Anita Harrow, desenvolvida originalmente, em 1972 (Faria Junior, 1976). O livro, embora o Regulamento do Concurso determinasse, não foi imediatamente publicado. Tratando de um único tema da Didática o livro deveria abrir a possibilidade para o "surgimento de outras obras, de diversos autores, abordando assuntos em que são expertos, no campo da Didática de Educação Física" (p.IX). Em parte, mas não com o vigor e a rapidez esperados, a previsão realizou-se. Temas foram desmembrados por vários autores: 'objetivos', por Regina Brum (1977); 'testes, medidas e avaliação' por Alfredo Faria Junior e Manoel José Gomes Tubino (1976), Victor Matsudo (1982), Valdir Barbanti (1983) e Maria Augusta Peduti Dal'Molin Kiss (1987); 'objetivos, conteúdo e avaliação' por José Antônio Pires Gonçalves e Marcelo de Mello Andrade (1978), 'ensino da educação física' por Ayrton Negrine (1983) e Johann Melcherts Hurtado (1983). Faria Junior e Tubino lançaram no Congresso Internacional de Educação Física da Federação Internacional de Educação Física-FIEP, em Jyväskylä (Finlândia), em português e inglês, a obra 'Avaliação do ensino de futebol em escolas superiores de educação física' (1976). Os autores usaram as Taxionomias de Bloom (1972; 1973) e Harrow (1972) e incluíram objetivos, questões e testes, que poderiam ser empregados no futebol, nos cursos de Educação Física. Nesse Congresso, que teve como tema a avaliação em educação física, foi introduzido o método CIPP, de Daniel Stufflebean e Egon Guba.

1977 Liselott Diem e Jürgen Dieckert introduziram no Brasil os conceitos de 'Pedagogia do Esporte' (*Sportpädagogik*) e 'Metodologia do Esporte' (*Sportmethodik*) nas aulas que

ministraram na Universidade de São Paulo (Diem, 1983.p. 151). A palavra 'esporte' usada na expressão causou alguns problemas de interpretação oriundos das traduções do alemão da palavra *sport*. Entretanto, é necessário não esquecer o significado do termo 'esporte', na Alemanha. Neste país, após a Segunda Guerra Mundial, os educadores abandonaram o uso da expressão Educação Física (*Leibeserziehung*) por julgarem-na muito marcada por seu comprometimento com as práticas físicas durante o período do nacional-socialismo (nazismo). Por isto, segundo Erich Bayer (1992), substituíram-na pelo termo esporte (*sport*), cujo entendimento foi "estendido para incluir educação física e atividades recreativas" (p.575). Na Alemanha o termo 'esporte' é, freqüentemente usado de forma genérica até mesmo em contextos particulares, diferenciando, por exemplo, esporte prisional, esporte familiar, esporte de férias (*ibid*). Outras expressões aparecem no contexto alemão e não pode deixar de serem consideradas, pois se tornaram conhecidas no meio acadêmico e profissional brasileiro, se a devida cautela. Por exemplo, o termo 'expressão corporal' (*Körperliche Erziehung*) era usado no período da reforma pedagógica ocorrida nos anos de 1920, sobretudo nos países de língua alemã. Mais recentemente, usava-se na República Democrática Alemã (RDA) 'educação corporal' (*Körpererziehung*), entendida como intervenção pedagógica sobre o desenvolvimento físico do jovem, baseada nos princípios socialistas da 'cultura corporal' (*Körperkultur*). No Brasil, essa abordagem foi usada pelo Coletivo de Autores na obra Metodologia do Ensino da Educação Física (1991). Encontra-se também usada por autores brasileiros, a expressão 'cultura física', "um elemento chave da cultura socialista, tarefa coletiva integrante do programa do desenvolvimento operário de ginástica e desporto. Após a segunda guerra, a expressão russa *fizicejskaja kultura* foi adotada pelos países socialistas" (Faria Junior, 1997. p. 57). Assim, Diem e Dickert, ao empregarem a palavra esporte fizeram uso da expressão na acepção popular para tudo que não está ligado ao movimento regulamentado. "Neste sentido, podemos denominar esporte até mesmo o ato de trepar numa escada, de vencer um obstáculo ou de equilibrar-se sobre um muro" (Diem, 1981). Entretanto, no Brasil a palavra esporte teve origem em uma simplificação da palavra 'desporte', surgindo daí o termo 'esporte'. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1986) concorda com a origem do termo no francês antigo (*desport*) e registra três formas - desporto, desporte (p.574) e esporte (p.708). Entretanto, faz pequenas distinções que às vezes podem passar despercebidas. Assim, para desporto e desporte adota as mesmas acepções que apresenta para o termo esporte: 1. "o conjunto de exercícios físicos praticados com método, individualmente ou em equipes"; 2. "qualquer desses exercícios" (p.708). Entretanto, para a palavra esporte, acrescenta mais dois entendimentos: 3. "entretenimento, entretenimento, prazer", e "de maneira amadorística" (*ibid*). Portanto, podemos depreender que, quando do uso da palavra esporte por autores alemães que estiveram no Brasil (e/ou tiveram suas obras traduzidas) ou por professores brasileiros que retornaram de seus períodos de formação na Alemanha, que estão querendo se referir a uma atividade amadora, realizada por entretenimento e prazer. Regina A. Brum (1977) preocupou-se com os objetivos do domínio psicomotor e resumiu as classificações de Thomas Baldwin (1971), Hough e Duncan (1970) e Alvarez Manilla (s.d.). A disciplina 'Processo Didático em Educação Física', foi oferecida no 1º Semestre, no Curso de Mestrado em Educação Física da USP, tendo o professor. Cyro de Andrade como responsável, e Faria Junior, como colaborador. Com Cel. Osny Vasconcellos à frente, o DED/MEC mostrou-se sensibilizado pela necessidade de prover os professores de maiores conhecimentos didáticos. Para isto realizou em São Paulo (Água Branca), o Estágio de Aperfeiçoamento de Didática em Educação Física. O Estágio, coordenado por George Takahashi, teve como docentes Alfredo Faria Junior, Haimo Hartmuth Fensterseifer e Vera Lúcia Costa Ferreira e conferencistas Manuel José Gomes Tubino e Fernanda Barroso Beltrão. Ele reuniu professores de vários Estados que, posteriormente, vieram a desempenhar importantes papéis na Educação Física brasileira, em geral, e na Didática e Prática de Ensino de Educação Física, em particular. Neste Estágio, Faria Junior apresentou estudo de caso, com o Sistema de Joyce e debateu a possibilidade de utilização de Sistemas de Análise de Ensino na pesquisa em Didática como instrumentos para estudar o ensino ministrado nas aulas, tal como na realidade ele ocorria. A Universidade Federal do Rio Grande do Norte introduziu a pesquisa no campo da Didática de Educação Física quando ofereceu um curso ministrado por Faria Junior.

1978 Faria Junior e Vera Ferreira, no *Congrés International de l'Association Internationale des Ecoles Superieures d'Education Physique-AIESEP*, realizado em Macolin, Suíça, entraram em contato com Muska Mosston, e a partir daí introduziram a discussão sobre 'estilos de ensino' no Brasil. A idéia de estilo de ensino surgiu da necessidade de identificar e tornar clara a estrutura do comportamento docente. Por sugestão contida no relatório produzido por Olavo Amaro da Silveira, Faria Junior, Manoel Tubino, Darcymires do Rego Barros, Jacitho Targa sobre o Congresso Internacional de Educação Física, organizado pela FIEP e realizado em Jyväskylä, na Finlândia, "o então DED/MEC convidou a professora Lîsa Heinila para ministrar o Curso de Avaliação em Educação Física e Desportos, quando foi introduzido entre nós o Sistema (de Análise do Ensino) PEIAC-LH/75" (Faria Junior, Corrêa, Bressane, 1982. p. 37). Nesse ano, Airton Negrine (RS) apresentou sua dissertação sobre "Progressão pedagógica e o resultado da aprendizagem no ensino dos desportos".

1979 Neste ano, com os curriculistas já organizados, realizou-se a *First Physical Educational Curriculum Theory Conference*. A partir deste ano, a utilização de sistemas de análise do ensino na pesquisa começou a se expandir no Brasil, tendo Lea Laborinha utilizado o Sistema de Flandres na comunicação "Análise de Ensino: uma nova proposição de pesquisa e avaliação do processo ensino-aprendizagem em Educação Física", no I Encontro Brasileiro de Pós-Graduandos em Educação Física, realizado na USP. No contexto da 'avaliação', Waldyr Lins Castro apresentou, na Universidade Federal Fluminense-UFF, dissertação sobre 'Mensuração da aptidão física segundo o Banco de Havard' (1979). Registra-se a publicação do livro "Aulas de Educação Física" (1º Grau), de Hudson Ventura Teixeira e Mário Carvalho Pini, provavelmente o primeiro no Brasil a considerar na didática, aspectos multiculturais. As ilustrações do livro mostram sempre meninos e meninas, brancos e negros, demonstrando a atividade sugerida.

1980 A análise de ensino como vertente de pesquisa reforçou-se com a introdução por Faria Junior do Sistema FaMOC de Análise de Ensino (1980), desenvolvido durante seu curso de doutorado (ver neste Atlas "Inovações tecnológicas e científicas I"). Publicou-se a obra de Donald K. Mathews, 'Medida e Avaliação da Educação Física' (1980). Em Portugal, Francisco Sobral e Maria Luísa Melo Barreiros publicaram o livro Fundamentos e Técnicas de Avaliação em Educação Física (1980) que, entretanto, não teve repercussão no Brasil.

1981 Em novembro, a SEED realizou na Escola de Educação Física e Esporte de Goiás-ESEFEGO, em Goiânia-GO, 'Reunião sobre Conteúdo Programático de Didática de Educação Física', com Alfredo Faria Junior, Eustáquia Salvadora de Souza, Eugênio da Silva Correia, Riselaine da Silva Bressane e Vera Lúcia Costa Ferreira na Comissão de Apoio Técnico. A pesquisa em Didática teve grande incentivo com a realização um Seminário sobre Análise do Ensino durante o Congresso Mundial da AIESEP 1981, promovido pela UGF, no Rio de Janeiro. A análise do ensino continuou com os trabalhos de Alfredo Faria Junior, Riselaine Bressane, Tanice Brison Pires, Lea Laborinha, apresentados nesse Congresso, e de Lélia Brotherhood, no I Simpósio Mineiro de Ciência do Movimento (1981). Eustáquia Salvadora de Souza apresentou sua dissertação sobre a "Relação dos estilos de ensino de estagiários e supervisores" (BRASIL.UFSM, 1981). Neste ano, por ingerência do MEC, a editora Interamericana publicou a obra vencedora do II Prêmio MEC de Literatura Esportiva (Faria Junior, 1981) sem consulta ao autor. Na época já existia uma crítica interna na área. Celi Nelza Zülke Taffarel apresentou sua dissertação Criatividade e educação física (BRASIL.UFSM, 1981), fundamentada em pesquisa que analisou Planos e Relatórios de Aulas de Educação Física. Bressane (1981) apresentou o perfil comum do professor de prática de ensino de Educação Física "um Licenciado em Educação Física, sem formação pedagógica mais aprofundada (especialização ou mestrado em educação, em área de concentração em Métodos e Técnicas de Ensino, Tecnologia Educacional, Avaliação ou Didática), raramente um pesquisador, é alguém que excepcionalmente publica algo. Na maior parte das vezes não ingressa na carreira docente por concurso público, mas sim por indicação. Estes professores formam uma comunidade fechada que há treze anos exerce atividade sem deixar produção científica e que rejeita um pequeno grupo de mais novos que se ensaia nos campos da pesquisa e da publicação de artigos". Neste ano ainda, os professores alemães G. Hecker e R. Erdmann insistiram na adoção do conceito de Pedagogia do Esporte

(*Sportpädagogik*) e introduziram no Brasil o conceito de Didática do Esporte (*Sportdidaktik*), em aulas que deram no curso de mestrado da USP (Diem, 1983. p.151).

Período: A Didática em Questão (1982 - 1989).

1982 O Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro realizou, com o apoio do CNPq, o Seminário 'A Didática em Questão', cujo objetivo era "promover uma revisão crítica do ensino e da pesquisa em Didática. Participaram 65 professores de 17 unidades da federação" (Candau, 1983). A Editora Globo, decidida a "oferecer aos educadores em geral e, mais especificamente, ao professores e elaboradores de currículos ...", publicou a tradução da Taxionomia do Domínio Psicomotor (Harrow, 1982). A UFF recebeu da SEED a incumbência de organizar o Seminário sobre 'Estágio Supervisionado em Educação Física', coordenado por Faria Junior e Eduardo Vilela. Esse Seminário reuniu em Niterói-RJ, 28 professores de diversos Estados da federação. O 'Grupo de Apoio Técnico' era constituído por Faria Junior (UFF), Apolônio Abadio Carmo (UF Uberlândia), Carlos Coutinho Batalha (UFES), Eugênio da Silva Corrêa (FICB), Eustáquia Salvadora de Souza (UFMG), Johann Hurtado (UFPr), Paulo Murilo Alves Iracema (UFRJ), Riselaine da Silva Bressane (SEC/RJ) e Vera Lúcia Costa Ferreira (UGF)" (Faria Junior, Vilela, 1982). Nas conclusões, foram incluídas propostas alterações na Portaria nº 162/82. Em Juiz de Fora-MG, Délio da Silveira Martins mantinha a linha da Didática de Educação Física, na perspectiva de autores nacionais. Foi publicado o livro Prática de Ensino em Educação Física. Estágio Supervisionado (Faria Junior, Corrêa, Bressane, 1982), "preenchendo uma grande lacuna na formação dos profissionais de Educação Física" no qual o leitor podia ver "respostas suas perguntas sobre legislação específica da Prática de Ensino, aprenderá [aprenderia] a observar e colher dados para relatórios e tomará [tomaria] conhecimento dos modelos empregados nos diferentes centros com análises comparativas e diferentes tipos de fichas ..." (Matta, *ibid*). Manoel Tubino retomou as reflexões sobre Instrução Programada e defendeu na sua tese sobre o uso do ensino programado na formação de professores de Educação Física (BELGICA. ULB.1982). Destaca-se ainda Apolônio Abadio Carmo que apresentou sua dissertação 'Educação Física: crítica a uma formação acrítica'. No campo da avaliação, Victor Keihan R. Matsudo publicou 'Testes em Ciências do Esporte' com temas sobre 'avaliação antropométrica', 'avaliação da Potência Anaeróbica e Aeróbica', 'avaliação da força muscular', 'avaliação da velocidade', 'avaliação psicológica no Esporte', 'avaliação da Maturação Biológica' e elementos de 'estatística'. Faria Junior levanta a tese que o Paradigma docimológico clássico é um obstáculo ao desenvolvimento da pesquisa em avaliação. Em Portugal, Francisco Carreiro da Costa e colaboradores (1982) reuniram extratos da literatura internacional sobre Didática: Pedagogia por Objetivos (Birzea, 1979; Hameline, 1978), Estilos de Ensino (Mosston, 1978), Pesquisa e Análise de Ensino (Dussault, 1973). A expressão 'Pedagogia do Desporto', foi introduzida no Brasil, sem maiores considerações teóricas, através do título da obra de Olímpio Coelho (1988), publicada em Portugal. O uso da palavra desporto nesta expressão causou estranheza e resistências no Brasil. Em primeira instância, pode-se considerar que a palavra desporto encontra sua origem no francês antigo *de(s)port*, derivado de *se de(s)porter*, no sentido de divertir-se, folgar. Ele aparece no fim do século XII, no romance *o Eneas*, da escola literária normanda, significando todo tipo de diversão. Levada para a Inglaterra pela cavalaria conquistadora toma, em 1300, a forma *disport*. Sofrendo apócope da primeira sílaba ela chega a forma *sport* (Petiot, 1982. p.V), pela primeira vez empregada oficialmente na Inglaterra por James I, em 1617, na *Declaration of Sports*. Por volta de 1827, o uso da palavra *sport* é retomado na França, e se naturaliza nos vinte anos do pós-guerra 1871-1891 (*ibid*). Para Miguel Piernavieja del Pozo (1966) a palavra *deporte* (prov. y ant. deport) já se encontra registrada em documentos do castelhano antigo de princípios do século XII. Para Pozo (*ibid*) o termo *deporte* tornava-se mais freqüente na literatura quanto mais se recuava no tempo, com origens no século X. José Maria Cagigal (1981), por seu turno, destaca que "em espanhol se diz deporte, em português desporto [...] derivados dos velhos termos (castelhano-catalão-provençal) deporte, deportase, desporter, se-desporter"(p.147). Em dicionários de língua portuguesa, até 1910 só se registrava a palavra inglesa *sport*, como se observa no Dicionário Prático Ilustrado, de Jaime de Séguier. A partir daí aportuguesou-se a palavra para *desporto*, em Portugal, e *desporto* e *desporte* no Brasil. Em uma segunda instância, deve-se considerar que no meio acadêmico brasileiro,

'desporto' entendido como um conjunto institucionalizado de práticas competitivas, universal, com dominante física, delimitadas, codificadas, convencionalmente regulamentadas cujo objetivo confesso é, sob a base de uma comparação de performances, de proezas, de demonstrações, de prestações físicas, escolher o melhor concorrente (o campeão) ou de registrar a melhor performance (recorde). Neste conceito a 'competição desportiva' aparece como elemento chave, e pode ser entendida como sendo um encontro social que implica na luta consciente pela supremacia, entre dois ou mais indivíduos (distribuídos em lados opostos), tendo em vista um objetivo comum identificado. Ligadas à noção de supremacia estão a dominação, melhor classificação, melhor execução, que levam os indivíduos a ver recompensadas em atividades como sendo mutuamente exclusivas, e a avaliar resultados em termos estritamente relativos, em que o sucesso de um depende do fracasso de outros. A noção de luta envolve fazer (ou tentar fazer) grandes esforços em contenda ou trabalho e a progredir com dificuldade (consciente das forças oponentes). Em resumo, o desporto é um sistema de competições físicas generalizadas, universais, por princípio abertas a todos, que se estende espacialmente (todas as nações, todos os grupos sociais, todos os indivíduos podem delas participar) ou temporalmente (comparação de recordes entre várias gerações) e cujo objetivo é medir, comparar performances do corpo humano concebido como potência sem parar perfectível. "O desporto é, portanto, em definitivo o sistema cultural que registra o progresso corporal humano objetivo, é o positivismo institucionalizado do corpo" (Brohm, 1976. p.45). Neste ano foi realizada sob os auspícios da SEED, em Curitiba, uma "reunião para elaborar nova proposta de currículo para a formação de docentes em Educação Física" (Péricles, 1982). Nessa reunião Faria Junior argumentou em favor da "abolição da exigência do currículo mínimo, cabendo às IES reconhecidas, a competência para criar cursos, elaborar seus próprios currículos, fixar-lhes a duração" (Faria Junior In: Marinho, Faria Junior, 1987.p. 25). Para Valnir Chagas (1981) a competência das IES fixarem seus próprios currículos "seria uma competência natural do reconhecimento, uma real carta de idoneidade da Instituição" ... evidentemente "teríamos de enfrentar os eternos argumentos da transferência de alunos e da fraude, que sempre obstaculizam as tentativas de flexibilizar a educação brasileira. Como se às exceções devêssemos sempre sacrificar as melhores regras. Como se fraudes, distorções e simulações não se verificassem no regime em vigor e, mais ainda, no da rígida uniformidade que o precedeu" (p. 28). Os professores presentes aprovaram a proposta, decidiram pelo "professor generalista, formado sob uma perspectiva humanista, possuidor de licenciatura plena em Educação Física ... e que os currículos elaborados pelas IES levassem em conta quatro tipos de conhecimentos: Conhecimento do Homem, Conhecimento da Sociedade, Conhecimento da Sociedade, Conhecimento Filosófico e Conhecimento Técnico" (*ibid* p. 25).

1983 Em Porto Alegre-RS, Airton Negrine lançou 'O Ensino da Educação Física' (1983) no qual apresentava um "currículo de educação física para as quatro primeiras séries escolares" (p. 8). Embora com temas da Didática o livro tem em seu título o termo 'Ensino' e, "aproveitando a bibliografia estrangeira nessa área da Educação, o livro se adapta às nossas condições, levando em conta recursos tantas vezes precários da prática desportiva nacional" (1ª aba). Ainda nessa cidade foi publicada a tradução da obra de Anita J. Harrow – "Taxionomia do Domínio Psicomotor" (1983). Em Curitiba foi lançado 'O Ensino da Educação Física. Uma abordagem didática' (Hurtado, 1983). Embora usasse o termo 'Ensino', Johann Melcherts Hurtado defendeu a existência de uma Didática de Educação Física, um "corpo de assuntos próprios", resultado do "conjunto de informações que a Didática Geral, a Biologia, a Anatomia, a Fisiologia, a Psicologia e outras disciplinas" em relação com a "disciplina, Educação Física" (p.1). Valdir Barbante deu sua contribuição ao campo da medida e da avaliação ao publicar seu Manual de Testes – "Aptidão Física Relacionada à Saúde", no qual se destaca o trabalho de normatização de resultados das crianças e jovens de Itapira-BA. Nesse mesmo ano, a obra Análise de Ensino e Estágio Supervisionado em Educação Física (Faria Junior, 1983) obteve a primeira colocação dentre os concorrentes ao Prêmio Liselott Diem de Literatura Esportiva, mas não foi publicada. Nessa abordagem Waldyr Mendes Ramos (1983) apresentou sua dissertação sobre 'Professores de Natação para pré-escolares e seus estilos de ensino (BRASIL. UFRJ,1983) e Lea Laborinha, 'O perfil coletivo de ensino de professores universitário de educação física, revelado através de análise do ensino', usando o Sistema FaMOC. Foi realizado na

- Faria Junior, Alfredo G. de, Corêa, Eugênio da Silva, Bressane, Riselaine da. Silva. Prática de ensino em educação física: estágio supervisionado. Rio de Janeiro: Interamericana, 1982.
- Faria Junior, Alfredo G. de. Reflexões sobre os estilos de ensino revelados por alunos-mestres durante as atividades de estágio supervisionado. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. v.3, n.3, p.83-92, 1982.
- Faria Junior, Alfredo G. de. A observação do comportamento do professor de educação física - Sistema FaMOC para análise do ensino. Artus, Rio de Janeiro. n. 9/11, p. 155-158, 1981.
- Faria Junior, Alfredo G. de. Didática de Educação Física. Formulação de Objetivos. Rio de Janeiro: Interamericana, 1981.
- Faria Junior, Alfredo G. de, Tubino, Manoel José Gomes. *Soccer teaching's evaluation in physical education university courses*. [Avaliação do ensino do futebol em Escolas Superiores de Educação Física]. Brasília: MEC/DED, 1976.
- Faria Junior, Alfredo G. de. Didática de educação física. Técnica de formulação e enunciado de objetivos. Monografia - Obra 1ª colocada no Prêmio MEC de Literatura Esportiva. Brasília: MEC/DED, 1976.
- Faria Junior, Alfredo G. de. Introdução à didática de educação física. 2 ed. Rio de Janeiro: Interamericana, 1973.
- Faria Junior, Alfredo G. de. Introdução à didática de educação física. 1 ed. Rio de Janeiro: MEC/DEF, 1969.
- Ferreira Neto, Amarílio (Org.). Catálogo de periódicos de Educação Física e Esporte (1930 – 2000). Vitória: Pro reitoria, 2002.
- Ferreira Neto, Amarílio. A Pedagogia no Exército e na Escola. Aracruz: FACHA, 1999.
- Harrow, Anita J. Taxionomia do Domínio Psicomotor. Porto Alegre: Globo, 1983.
- Hildebrandt-Stramann, Reiner. Textos pedagógicos sobre o ensino da educação física. 1 ed. Ijuí: Ed. Uninjuí, 2001.
- Hildebrandt-Stramann, Reiner. Textos pedagógicos sobre o ensino da educação física. 2 ed. Ijuí: Ed. Uninjuí, 2003.
- Hildebrandt, Reiner. Concepções abertas no ensino da educação física. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.
- Hurtado, Johann G. G. Malcherts. O ensino da educação física. Curitiba: Educa / Editer, 1983.
- Kiss, M. A. P. M. Avaliação em educação física. Aspectos biológicos e educacionais. São Paulo: Manole, 1987.
- Kunz, E. Educação física: ensino e mudanças. Ijuí: UNINJUÍ, 1991.
- Kunz, E. Transformação didático-pedagógica do esporte. Ijuí: UNINJUÍ, 1994.
- Kunz, Elenor Kunz (Org.). Didática de Educação Física 1. 1 ed. Ijuí: UNIJUI, 1999.
- Kunz, Elenor Kunz (Org.). Didática de Educação Física 2. 1 ed. Ijuí: UNIJUI, 2002.
- Kunz, Elenor Kunz (Org.). Didática de Educação Física 3. 1 ed. Ijuí: UNIJUI, 2003.
- Maccario, Bernard. Definição dos objectivos da educação física. Lisboa: Horizonte, 1984.
- Mager, Robert F. Objetivos para o ensino efetivo. Rio de Janeiro: SENAI, 1971.
- Marinho, Inezil Penna. Sistemas e Métodos de Educação Física. Rio de Janeiro: s.e., 1953.
- Marinho, Inezil Penna. 2º Curso de Aperfeiçoamento sobre educação física (programa do 2º Ano). Estudo Crítico do Método Francês. Rio de Janeiro: s.e. 1953.
- Mathews, D. K. Medida e avaliação em educação física. 5.ed. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.
- Matsudo, Victor Keihan R. Testes em Ciências do Esporte. São Caetano do Sul: CELAFICS, 1982.
- Mosston, M. *La enseñanza da la educación física. Del comando al descubrimiento*. Buenos Aires: Paidós, 1978.
- Negrini, Airton. O ensino da educação física. Porto Alegre: Globo, 1983.
- Portugal. Diário da República. 13 set. 1986. Portaria nº 523, A / 86.
- Regulamento de Educação Física.; 1ª Parte. Rio de Janeiro: Gabinete Cartográfico do Estado Maior do Exército, 1934. Edição Provisória, autorizada pelo Estado Maior do Exército. Biblioteca da Defesa Nacional.
- Rolim, Inácio de Freitas. Pedagogia da Educação Física. Rio de Janeiro: Papelaria Velho, 1932.
- Sacristán, J. Gimeno. *La pedagogía por objetivos: obsesión por la eficiencia*. Madrid: Morata, 1982.
- Shigunov, Viktor, Pereira, Vanildo Rodrigues. Pedagogia da Educação Física. O desporto coletivo na escola. Os componentes afetivos. São Paulo: IBRASA, 1993.
- Silva, Rosana Valeria Souza, Sousa, Estela Rodrigues de, Santos, Cristiano da Silva. Produção Científica em educação física e esporte: dissertações e teses. Uberlândia: UFU, / NUTESSES, 1998. 3 vol. (Series Mestrados e Doutorados em Educação Física e Esportes).
- Silva, Rosana Valeria Souza et al. Produção Científica em educação física e esporte: dissertações e teses. Uberlândia: UFU, / NUTESSES, 1998. 2 vol. (Series Mestrados e Doutorados em Educação Física e Esportes).
- Soares, C. L. et al. Metodologia do Ensino de Educação Física. Metodologia do ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 2001.
- Sobral, Francisco, Barreiros, Maria Luísa Melo. Fundamentos e Técnicas de Avaliação em Educação Física. Lisboa: UTL, 1980.
- Souza, Nádia Pereira de. Avaliação na educação física. In: Votre, Sebastião. (org.). Ensino e avaliação em educação física. São Paulo: IBRASA, 1993.
- Taffarel, C. N. Criatividade nas aulas de educação física. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.
- Teixeira, Hudson Ventura, PINI, Mário Carvalho. Aulas de educação física (1º Grau). São Paulo: IBRASA / FENAME, 1979.
- Vasconcelos, Faria de. O valor físico do indivíduo, sua medição e avaliação. Lisboa: Clássica, 1935.
- Vaz, Alexandre Fernandez, Sayão, Déborah Thomé; Pinto, Fábio Machado. (Org.). Educação do corpo e formação de professores: reflexão sobre a prática de ensino de Educação Física. Florianópolis: UFSC, 2002.

Inovações tecnológicas e científicas I

Esporte, Educação Física, atividades físicas e lazer no Brasil

DIRCEU GAMA

Technological and scientific innovations I

Sports, physical education, physical activities and leisure in Brazil

The first technological and scientific innovations in sports, physical education, physical activities and leisure date back to Ancient Greece, particularly in relation to implements for physical training and advances in primitive medicine offered to the athletes. In Brazil, the very first registers refer to (i) flying objects, balloons – above all, which were improved from the 18th century until the invention of the airplane by sportsman Santos Dumont in the early 20th century, and to (ii) the adaptation of physical exercises to the environment and to the social-cultural conditions of the country. A piece of equipment similar to today's photo chart for horse races

was invented in Rio de Janeiro in 1868. The early 20th century saw the beginning of the production of various implements and equipment: (i) dumbbells in small workshops in 1908; (ii) crampons for mountaineering in 1912; (iii) sailboats for competition in 1915; (iv) tennis rackets and architectural projects for stadiums in 1927, and (v) the handcraft production of rowboats for competition started in São Paulo in the 1920s. In 1928, Santos Dumont invented a piece of equipment to improve the performance of snow skiers. Machines for testing and for physical examinations within the sphere of sports medicine were invented throughout the 1930s and into the 1960s,

when scientific and technological innovations started to appear more regularly, following a typology that still prevails today. Among the main innovations it is possible to cite the following prominent features: methods for training and evaluation of results; equipment and innovative implements for physical activities and competitions; scientific processes and protocols; tests of physical evaluation; various types of software; and sports clothing and shoes. The end of the chapter displays the three areas in which most Brazilian innovations and inventions took place within the last 4 decades: exercise physiology, cineanthropometry, and biomechanics.

Origens O aparecimento de inovações técnicas no universo esportivo, não obstante circunscritas às esferas da intervenção pedagógica, médica, competitiva, ou de lazer, não é de modo algum um fenômeno recente. Em grande medida, as primeiras contribuições de que se têm registro quanto a isso no mundo ocidental derivam dos legados fornecidos pela civilização helênica. De fato, na Grécia Antiga, pelo menos a partir dos Jogos Olímpicos surgidos em 776 a.C., as atividades atléticas passaram por sucessivas inovações técnicas e metodológicas. As jornadas de treinamento dos atletas gregos incluíam programas e recursos de exercícios físicos diferenciados em função da modalidade competitiva, metas de rendimento, recuperação pós-esforço e diagnoses acerca dos níveis de preparo para se obter performances. Tais procedimentos, além de balizarem metodologias de treinamento, espelham o encontro de soluções originais por parte de treinadores e competidores face às adversidades do cotidiano. Em meio a estas necessidades conjunturais surgiram os halteres, os sacos para socar, as cordas e traves de madeira, os aros gímnicos, a medicinebol, as bolas de bexiga, a periodização semanal e a divisão das sessões de treino conforme graus de intensidade. No que tange ao perfil de certas recomendações e produções de conhecimentos, há que se ressaltar não só a relevância, mas a especificidade de seus teores. Filostrato, cronista do século II da Crístandade, alinhou um tratado sobre lutas, apresentando uma classificação dos lutadores baseada na constituição corporal de cada um, distribuindo-os, numa ordem crescente, em quatro categorias: cervo, águia, urso e leão. Desenvolvida por Heródico, no século V a.C., a ginástica higiênica pertencida ao rol das atividades físicas deveras usuais. Platão (429-347 a.C.) chegou a prescrever ginástica para gestantes. Em particular, Hipócrates (460-365 a.C.) e Galeno (131-210 a.C.) destacaram a interferência da alimentação na consecução de trabalhos motores. Ambos lançaram os alicerces da nutrição atlética, recomendando e justificando cardápios ricos em vegetais e carnes. Galeno, por seu turno, distinguia dezoito manobras massoterapêuticas para uso atlético corrente, classificadas em totais e parciais, estimulantes e calmantes, fortes e suaves. Demonstrando notável intuição, Galeno ainda afirmava que a observação metódica da textura da urina representava um meio eficaz para a descoberta e controle de certas debilidades orgânicas.

Com a chegada da Modernidade, cabe sublinhar a figura de Georges Démeny (1850-1917), pedagogo e cientista cujos trabalhos influenciaram a estruturação da doutrina nacional francesa de Educação Física. Pensador vanguardista foi ele o pioneiro da análise cronofotográfica do movimento humano. No campo da fisiologia, merecem ressalva as pesquisas do italiano Ângelo Mosso (1846-1910), que redundaram no ergógrafo, aparelho destinado a mensurar a força muscular. A restauração do Olimpismo em 1896, encaminhada pelo Barão Pierre de Coubertin (1863-1937) e a massificação internacional do esporte de competição ao longo do século XX, abriram espaço para a consolidação de diversos protocolos de treinamento voltados ao aprimoramento de habilidades motoras de condicionamento físico, bem como da técnica e tática desportivas. Neste particular, são dignos de menção o Sistema Finlandês (Lauri Pihkala), o Fartlek (Gösser & Holner), o *Interval Training* (Gershler, Reindell &

Roskman), o *Circuit Training* (Adamson & Morgan), o *Power Training* (Raul Mollet), o Cross Promenade (Raul Mollet), o *Marathon Training* (Lydiard), a Isometria (Hetting, Müller, Bob Hoffman e outros), Métodos Aeróbicos (Dureyckov & Frukto; Kenneth Cooper; Percy Cerruty), o Altitude Training (Lamartine DaCosta), o Time-Lauf (Stampfl), o Sistema dos Pontos Fortes (Mihaly Igloi) e o Sistema GCA (Yuri Verchošhanskij). Em resumo, as inovações e as invenções tecnológicas e metodológicas têm acompanhado o desenvolvimento esportivo, e até mesmo redefinindo-o em sua perspectiva histórica. No Brasil, este fenômeno tem seus marcos de memória a partir de inovações pioneiras em barcos e objetos voadores, além da adaptação dos exercícios físicos ao meio ambiente e condições sócio-culturais do país.

1707 O padre brasileiro Bartholomeu de Gusmão, com apenas 21 anos de idade, apresentou numa conferência, em Lisboa, as principais idéias desenvolvidas por ele em um opúsculo intitulado 'Vários modos de esgotar sem gente as naus que fazem água'. Neste texto, expôs em detalhes um sistema hidráulico para retirada de água do casco de barcos, inaugurando os estudos em automação dos mecanismos de drenagem naval.

1709 Diante do Rei João V, de Portugal, Bartholomeu de Gusmão demonstrou, em Lisboa, a ascensão vertical de um balão até 4 metros acima do plano do solo pelo aquecimento de uma bucha, ganhando o reconhecimento histórico posterior de pioneiro do balonismo a ar quente. Precursor dos aeróstatos, o invento foi batizado de 'Passarola'.

1823 Joaquim Jerônimo Serpa publica os primeiros relatos à urgência de se tratar a Educação Física de forma sistemática no Brasil, através do livro *Tratado de Educação Física e Moral dos Meninos*, editado em Pernambuco. Nele, assevera-se uma série de objetivos educacionais condizentes com a puericultura e passíveis de serem atingidos pela atividade física higienista.

1845 Surge o primeiro trabalho científico eminentemente nacional em Educação Física de que se tem notícia. Trata-se de tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro pelo Dr. Manuel Pereira da Silva Ubatuba, intitulada "Algumas considerações sobre a Educação Física". Demonstra ele, aí, a importância dos exercícios físicos para a saúde e o vigor, bem como a influência da moral sobre o corpo e vice versa.

1868 O criador de cavalos e hipólogo Jácome de Abreu e Souza introduziu no incipiente hipismo nacional a técnica de registro de imagens conhecida como *photochart*, também alcunhada de 'olho mecânico.' Ele defendia a tese de que se fazia necessária a apresentação de provas cabais e irrefutáveis no julgamento dos resultados das corridas de cavalos.

1874 O médico Amaro Ferreira das Neves submete à apreciação de especialistas da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro a tese "Da Educação Física, Intelectual e Moral da Mocidade do Rio de Janeiro e sua influência sobre a Saúde". Tal trabalho era pioneiro, por advogar a prática de exercícios físicos partindo de resultados de pesquisas oriundas da fisiologia aplicada.

1880 Dando prosseguimento aos experimentos do padre Bartholomeu de Gusmão, Júlio César Ribeiro de Souza criou, em Belém do Pará, o aeróstato dirigível 'Victoria', patenteando-o no ano seguinte em Paris. A novidade era a colocação de uma cauda em sentido horizontal, a qual serviu de precursora da idealização dos lemes em profundidade dos aviões a jato contemporâneos.

1902 Augusto Severo dá início, em Paris, a construção do PAX, o primeiro dos dirigíveis semi-rígidos movidos a motores elétricos, acoplado ao bordo externo do teto da barca de navegação aérea, onde se encontrava o aeronauta, o invólucro contendo gás hidrogênio. Composto como um único corpo, e não mais como duas composições separadas unidas por arames ou fios, o PAX oscilava menos que os seus antecessores na medida em que fazia coincidir o centro de pressão e o centro de propulsão da aeronave, permitindo vôos a velocidades mais elevadas praticamente sem perdas de capacidade de manobra.

1906 Alberto Santos Dumont projetou o Demoiselle, uma máquina que associava um assento para o piloto, um motor e um par de asas, vindo posteriormente a obter o reconhecimento de precursora dos modernos ultraleves. Neste propósito, a *Fédération Internationale Aéronautique-FIA*, gestora dos esportes aéreos, colocou em seu site na internet (acessado em 2003) uma imagem do Demoiselle, considerando-o protótipo do ultraleve.

1908 É fundada no Rio de Janeiro a Academia Enéas Campelo de cultura física, a qual destacou-se na década de 1920 pela fabricação dos aparelhos para treinamento de força retratados nos livros e apostilas divulgadores dos chamados métodos culturistas (Hércules, Triat, Desbonnet, Attila, Sandow, Mercier, Prachet, Ruffier, Muler, Haeckel e Werdenschlag).

1912 O alpinista e ferreiro José Teixeira Guimarães forjou, em sua oficina sediada na cidade de Teresópolis, RJ, os primeiros grampos em formato de 'P' que viriam a ser utilizados na conquista do Dedo de Deus, marco histórico do montanhismo nacional. Os alemães, tidos na época como os maiores e mais sofisticados escaladores do mundo, só fabricariam seus grampos fixos vinte e oito anos mais tarde, em 1940. Alguns dos vinte e dois grampos afixados na empreitada de oitenta e oito anos atrás ainda são usados por escaladores de hoje, sem notícias de quebras ou mortes.

1915 O velejador Harry Hagen, associado do Rio Sailing Club de Niterói, Rio de Janeiro, montou o *Hagen Sharpie*, uma embarcação com o fundo do casco em formato de 'V', novidade internacional para a época, porquanto sugeria uma elevação da estabilidade e agilidade de navegação de pequenos e médios veleiros.

1924 Nos Jogos Olímpicos de Paris, o brasileiro descendente de alemães Willi Sewald participou da prova do lançamento de dardo com equipamentos próprios, feitos de madeira e fabricados numa marcenaria familiar no Rio Grande do Sul.

1927 Inaugura-se no Rio de Janeiro o Estádio de São Januário, planejado pelo arquiteto português Ricardo Severo, cuja planta

arquitetônica baseou-se originalmente na geometria do estilo colonial, e, por causa disso, prefigurando a edificação de uma instalação esportiva com pilares de argamassa, sem cimento ou metal.

1927 Em São Paulo-SP é inaugurada a primeira fábrica de raquetes com tecnologia brasileira, de propriedade de Hygino Franchini, produzindo em média 10 raquetes por mês. No ano seguinte, a fábrica é comprada por Alcides Procópio que, para atender a demanda, aumenta a produção em até 4.000 raquetes por mês.

1928 Novamente Santos Dumont apresentou ao Brasil e ao mundo o 'conversor marciano', composta de motor e hélice para uso nos esportes de inverno. A máquina era presa ao dorso de esquiadores, diminuindo o seu peso aparente e facilitando a subida de encostas.

Década de 1920 Início da construção de barcos de corrida no esporte de remo em São Paulo-SP pelo artífice italiano Carlos Remedi, em estaleiro no Rio Tietê. Remedi criou uma escola de artífices brasileiros descendentes de italianos que criou uma tradição sobrevivente até os anos de 1960. Um dos sucessores, Ariodante Mateucci, produziu embarcações nacionais que se consagraram nos Jogos Pan-Americanos de 1963, realizados em São Paulo-SP, ao vencer similares estrangeiros.

1933 O Primeiro-Tenente Médico da Marinha de Guerra, Heriberto Paiva, desenvolveu, no Rio de Janeiro, o simetógrafo, invenção destinada ao registro das proporções relativas de tronco, membros superiores e inferiores de nadadores.

1939 Sobressai-se a inventividade de Áureo de Moraes, Médico do Exército, instrutor da Escola Nacional de Educação Física do Exército e professor da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil – RJ, o qual projetou uma série de três instrumentos interligados concernentes à medição da pressão arterial: a mesa de Viola modificada, com seu respectivo cursor; o arteriotensiómetro coletivo; o cronômetro esfigmométrico. Sobre a mesa em formato de semicircunferência havia a acoplagem de um reservatório de 50 litros de ar comprimido, conectado a uma bomba compressora de pedal, um único manômetro de mercúrio, quatro manguitos simples de borracha, um estetoscópio biauricular e um distribuidor. Com isso, podia-se aferir simultaneamente as pressões de quatro indivíduos a cada 1 minuto e 15 segundos.

1950 Walter von Hütschler, velejador de competições internacionais nascido na Alemanha e de nacionalidade brasileira, desenvolve no Rio de Janeiro uma técnica de modificar o perfil aerodinâmico da vela pela flexão do mastro, hoje generalizada e utilizada em todos os barcos do esporte da vela em âmbito mundial.

1951 Forja-se a primeira Barra Olímpica no país, a Barra Força e Saúde – confeccionada pelo Torneiro-mecânico Batista, pai do atleta João Batista – que é utilizada no Pan-Americano de 1951, em Buenos Aires.

1960 Átila Flegner, engenheiro e professor de Educação Física, patenteou um eletrocardiógrafo portátil, capaz de mensurar a variabilidade de frequência cardíaca de indivíduos em deslocamento.

1960 Nas vésperas dos Jogos Olímpicos de Roma, o velejador Reinaldo Conrad engenhou, em São Paulo, um sistema de correias capaz de permitir aos iatistas navegarem com seus centros de gravidade corporais para fora das embarcações. Após os Jogos Olímpicos de 1964, em Tóquio, este sistema foi adotado pela grande maioria dos atletas de ponta nas competições internacionais de iatismo.

1960 Em Birigüi, oeste do estado de São Paulo, o professor Dario Miguel de Oliveira inventou o Biribol, uma adaptação do voleibol para ser jogado dentro de piscinas. Atualmente, existe uma Liga Nacional de Biribol e um campeonato nacional. Segundo o regulamento da Liga, a piscina oficial para Biribol é feita de 'fiberglass' nas medidas internas de 8,00 x 4,00 x 1,30 metros, produzidas por empresas autorizadas pela marca 'BIRIBOL'.

1963 Lamartine DaCosta empregou pela primeira vez no Brasil, em pesquisa científica de atividades físicas, um computador eletrônico para processar dados empíricos obtidos em coletas de campo com atletas. Estes dados deveriam ser comparados e analisados com registros meteorológicos diários, dificultando cálculos por meios tradicionais. A máquina cedida ao pesquisador era de grande porte e pertencia ao Ministério

da Marinha, tendo sido importada para o controle da logística daquela entidade militar.

1965 Um oficial do exército conhecido como coronel Parreiras organizou, no Rio de Janeiro, um procedimento para lapidar pranchas de surf servindo-se de técnicas da engenharia de aeromodelismo.

1965 O arquiteto e jogador de futebol de praia Otávio Moraes criou, na praia de Copacabana, Rio de Janeiro, o futevôlei, um esporte parecido com o voleibol, porém jogado sem participação dos membros superiores. O surgimento do futevôlei deveu-se às proibições da polícia de se jogar futebol na praia durante manhãs e começo de tardes.

1967 Alfredo Gomes de Faria Júnior e Aloyr Queiroz de Araújo relataram no I Congresso de Audiovisuais da Associação Brasileira de Educação os resultados da experiência de introdução em suas aulas, no Rio de Janeiro, de episcópios, diascópios, retroprojetores, diapositivos, diafilmes, projetores cinematográficos, toca-discos, gravadores, magnetofones e televisão.

1967 O surfista Homero Naldinho criou, no Rio de Janeiro, uma lixa elétrica para rematar a superfície de pranchas de surf após o carpintejo. Isso acarretou a diminuição do atrito delas com o meio líquido, elevando a velocidade de deslocamento dos surfistas.

1967 Lamartine DaCosta formalizou, no Rio de Janeiro, um método de treinamento da potência aeróbia denominado *Altitude Training*, que se originou de pesquisas experimentais ao longo da década de 1960. A Academia do *Conseil International du Sport Militaire-ACISM*, com sede na Bélgica, divulgou este método no ano seguinte por um livro em inglês, gerando assim a primeira obra científica brasileira em esporte a ser publicada no exterior. Posteriormente, a ACISM concedeu um prêmio especial ao pesquisador pelos seus feitos pioneiros na área de treinamento esportivo.

1968 A fábrica de bolas Mercur, sediada no Rio Grande do Sul, desenvolve, com tecnologia brasileira, uma bola especial para ser usada em qualquer dos torneios oficiais da Federação Internacional de Tênis.

1970 No México realizou-se a Copa do Mundo de Futebol quando o Brasil sagrou-se vencedor atuando em cidades de elevada altitude. Apesar deste empecilho que reduziu a performance de todas as equipes competidoras, a seleção brasileira venceu marcando seu maior número de gols no segundo tempo ao contrário das demais. Razões principais: adoção de práticas de treinamento físico e respectivo controle de bases científicas (teste de Cooper, por exemplo) e uso dos princípios do *Altitude Training* na adaptação dos jogadores (superaclimação, por exemplo). A inovação, no caso, consistiu no uso de simulação na combinação das variáveis intervenientes no processo de desenvolvimento e manutenção da forma física dos atletas brasileiros, com identificação do ótimo do rendimento atlético na altitude máxima de 2.200 metros (Cidade do México). Este método de otimização foi criado por Lamartine DaCosta a partir de dados coletados nos locais do campeonato.

1971 Lamartine DaCosta desenvolveu e patenteou em vários países o PROCON (Programação e Controle por Objetivos em Matriz), um procedimento administrativo específico para a implementação de projetos esportivos e sócio-culturais em geral, fundamentado em postulados da engenharia de sistemas (Da Costa, 2003).

1974 No Rio de Janeiro, o mestre de capoeira Demionor Mendonça engenhou um berimbau cujo arco era feito de bambu. A justificativa residia na maior durabilidade conferida ao instrumento por causa do bambu, vegetal mais resistente do que a biriba (madeira tradicionalmente usada na fabricação dos berimbaus) às intempéries e deterioração orgânica.

1977 Cláudio Gil Soares de Araújo finalizou o *Speed Test*, um teste de medição da condição anaeróbia de nadadores.

1978 Cláudio Gil Soares de Araújo elaborou o S-Index, um programa linear para calculadoras científicas HP com 49 linhas, dirigido à obtenção matemática das coordenadas corpóreas de endormorfia, hectomorfia e mesomorfia.

1978 Cláudio Gil Soares de Araújo efetuou o Compograma, um método de visualização tridimensional de perfis somatotípicos.

1978 João Batista da Silva inventou na Escola de Formação de Oficiais da Marinha Mercante-EFOMM um aparelho batizado de saltômetro, o qual obteve reconhecimento da Federação de Atletismo do Rio de Janeiro, e que consistia de um dispositivo ótico deslizante por sobre uma régua alocada nos bordos laterais das caixas de salto em distância, permitindo às arbitragens realizarem medições com precisão na casa dos milímetros.

1979 Os trabalhos de Alfredo Gomes de Faria Júnior ao longo da década de 1970 acerca do comportamento oral de docentes e alunos-mestres na educação física escolar resultaram no modelo FaMOC de análise de ensino, exposto em minúcias na tese de doutoramento deste pesquisador e adotado posteriormente em pesquisas da Universidade Livre de Bruxelas.

1979 João Batista da Silva desenvolveu, na EFOMM - RJ, um placar semi-digital portátil para competições de Atletismo, onde os resultados das provas eram exibidos via acionamento manual de circuitos eletromagnéticos. A vantagem de tal placar estava na sua possibilidade de uso em instalações esportivas sem fornecimento de energia elétrica.

1980 Cláudio Gil Soares de Araújo criou, no Rio de Janeiro, o Flexiteste, direcionado a quantificação angular da flexibilidade das principais articulações do corpo.

1980 Victor Matsudo padronizou, em São Paulo, um teste intitulado "Teste de 40 segundos", para averiguação da potência anaeróbia.

1981 A partir deste ano, na cidade de São Paulo, Carlos Martini Filho iniciou sua dupla carreira de atleta e fabricante de bumerangues. Vice-campeão mundial da modalidade precisão, Carlos patenteou um bumerangue para iniciação esportiva de crianças, com três pontas e à base de papelão.

1985 Dartagnan Pinto Guedes validou em sua dissertação de mestrado, defendida na Universidade Federal de Santa Maria-RS, um protocolo de averiguação da gordura corporal referendado apenas em levantamentos das especificidades morfológicas de homens e mulheres brasileiros.

1985 Em São Paulo, Victor Matsudo sistematizou um instrumento para seleção e detecção de talentos esportivos em larga escala e a baixo custo chamado de 'Estratégia Z', o qual propunha-se a comparar o nível de aptidão física populacional e o de atletas e indivíduos aspirantes ao esporte de rendimento. Até 1997, a utilização da 'Estratégia Z' já havia sido observada em triagens para identificação de potenciais atletas em voleibol, ginástica olímpica, futebol, basquetebol, atletismo e natação.

1988 No Campeonato Mundial de Pesca Esportiva, na França, onde o selecionado brasileiro sagrou-se campeão mundial pela primeira vez, foi testado internacionalmente, e com sucesso, pelos atletas-pescadores da Confederação Brasileira de Pesca e Desportos Subaquáticos, a invenção do treinador Goro Magário, a saber, um rotor de engate rápido. Ele serviu como um elo de ligação entre o chicote e a perna dos anzóis. Sua vantagem era a nítida redução do tempo gasto nas trocas de anzóis e facilitação da retirada de peixes de grande porte pescados.

1989 A empresa nacional de artigos esportivos São Paulo Alpargatas, detentora da marca 'Rainha', anunciou o lançamento de um calçado para provas de longa distância dotado de um mecanismo de amortecimento denominado 'System', aprimorado e patenteado por seu departamento de P & D (Pesquisa & Desenvolvimento).

1991 O lutador de karatê Isaías Barreto do Nascimento, diante da necessidade básica de efetuar exercícios intensos de flexibilidade para os membros inferiores, montou, em Ipatinga-MG, um aparelho nomeado 'Apollo'. O 'Apollo' é uma cadeira abduutora na qual o indivíduo assenta-se e controla, via mecanismos de alavancas, o ângulo de permanência dos membros inferiores em extensão horizontal. Patenteado no Brasil, Canadá, Estados Unidos da América, França, Alemanha, Inglaterra, Portugal, Suíça, Itália, Holanda e Espanha, o mesmo viabiliza a execução de atividades de alongamento muscular através dos métodos balístico, estático e PNF.

1993 Sérgio Bastos Moreira efetivou, no Ministério da Aeronáutica-RJ, a patente do software ESTAT 90, exclusivo para testar hipóteses e fazer análises estatísticas de sistemas biológicos.

1994 Sérgio Bastos Moreira iniciou a aplicação, no Ministério da Aeronáutica-RJ, de um software se sua produção para controle da aptidão física e profissional de pilotos militares.

1995 Milton de Sousa Coelho descreveu em sua dissertação de mestrado, defendida na Universidade Gama Filho-RJ, a composição de um colete de material sintético com o propósito de diminuir o impacto de golpes desferidos contra tronco e vísceras de pugilistas amadores.

1995 Baseando-se em especificidades somatotípicas das populações de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, Édio Luiz Petroski generalizou equações de cálculo da composição corporal para indivíduos de ambos os sexos.

1995 No município de Casimiro de Abreu-RJ, a Associação dos Pais e Amigos de Excepcionais-APAE resolveu adotar, em seus projetos de inclusão social para portadores de necessidades especiais, um jogo de xadrez específico para deficientes visuais, criado pelo comerciante e enxadrista Júlio César Marques. Neste jogo, as peças não precisam ser enxergadas porque o formato da base de cada uma reproduz, em Braille, o movimento que deve ser feito com ela no tabuleiro.

1995 O empresário e velejador Adriano Sabino, inspirado nas espumas de polietileno adotadas para preenchimento de espaços vazios em barcos, decidiu dar-lhes um formato cilíndrico e alongado, a fim de que pudessem exercer a função de objetos para recreação aquática. Com isso, ele criou e patenteou o 'Spaghetti de piscina', instrumento atualmente usual em aulas de hidroginástica e natação, visto que torna mais fácil o equilíbrio e a flutuação no meio líquido.

1996 No Ceará, o empresário Eduardo Lamboglia elaborou e patenteou um painel eletrônico portátil com placas luminosas de dupla face, para uso nas substituições de jogadores de futebol. Contendo uma pluralidade de leds dispostos num display, acionados por chaves rotativas, o painel, feito de poliestireno e alimentado com baterias recarregáveis, surgiu com o propósito de proporcionar um melhor alcance visual e mais facilidade de transporte do que as suas usuais antecessoras placas de metal. Este equipamento recebeu o endosso da Comissão de Arbitragem da Confederação Brasileira de Futebol.

1996 Em Natal, Rio Grande do Norte, a São Paulo Alpargatas projetou em seu departamento de P&D com o selo da marca 'Rainha', de mesma propriedade, um tênis para corridas de longo percurso com um microprocessador digital a ele acoplado. O microprocessador reúne dados indispensáveis ao monitoramento do desempenho do atleta, como aferição de distâncias, comprimento dos ciclos de passadas, velocidade de deslocamento e tempo de atividade. O calçado foi comercializado com o nome de 'Rainha Personal Trainer'.

1997 No Laboratório de Biomecânica da Escola de Educação Física e Esportes da Universidade de São Paulo-USP, Ibrahim Reda El Hayek e Rubens Lombardi Rodrigues, partindo da resolução NBR – 12577 da Associação Brasileira de Normas Técnicas, formataram métodos para determinação da deformabilidade de calçados esportivos mediante ensaios de compressão. Os resultados foram exibidos durante as sessões de comunicação oral do X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, acontecido em Goiânia.

1997 No Laboratório de Biomecânica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ, Luiz Alberto Batista produziu um software para a localização do centro de gravidade corporais através de segmentações bi-dimensionais do aparelho locomotor.

1998 A 'Olimpikus', marca pertencente ao grupo Azaléia, fabricante nacional de produtos esportivos sediado no Rio Grande do Sul, patenteia um solado sintético específico para calçados de corrida de longa e média distâncias conhecido como 'Evafon'.

1998 Na Clínica de Medicina do Exercício-RJ, Cláudio Gil Soares de Araújo desenvolveu o Teste de Sentar e Levantar, destinado a objetivar os níveis individuais de flexibilidade, potência muscular, equilíbrio, força e destreza.

1998 Paulo de Tarso Veras Farinatti produziu e validou, na Universidade Livre de Bruxelas, Bélgica, um método de avaliação

da autonomia física de idosos, que em seguida foi adotado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

1998 Em Poços de Caldas-MG, a empresa do setor de engenharia de projetos Planenco lançou, sob a supervisão do engenheiro civil Álvaro Ely Monteiro, da arquiteta Wilma Dinah Danza Vilela e do designer Álvaro Luís Danza Vilela, a GotaBike, uma bicicleta de madeira construída artesanalmente. A novidade está no seu quadro, composto de placas de compensado naval com quatro milímetros de espessura, unidas em camadas uma a uma impermeabilizadas com verniz à prova d'água, feitas a partir de sobras do desbaste de árvores retiradas de áreas de reflorestamento. As peças restantes, como pedais, freios, guidões e rodas, são de alumínio.

1999 Sergio Bastos Moreira e Silvio Gusmão de Holanda deduziram, através de análises estatísticas de dados colhidos via aplicação do teste de Léger-Boucher para aferição de potência aeróbia, três equações matemáticas para cálculo do desempenho de fundistas de provas de 10.000 metros em diferentes condições climáticas.

1999 Em Brasília, o inventor Bernardo Yuri Beresnitzky montou um triciclo articulando catracas e pedais de modo a deixar os membros inferiores esticados na posição horizontal. Reunindo princípios automotivos do ciclismo, windsurf, kart e jet-ski, o veículo foi patenteado com o nome de *Three Wheels*, nome que em inglês significa três rodas. Concomitante ao processo de licenciamento, o *Three Wheels* começou a ser testado pelo professor de educação física e especialista em biomecânica, Ulisses de Araújo, no treinamento para triatlo de indivíduos hemiplégicos.

1999 Na cidade de Porto Alegre-RS, o empresário e jogador de futebol de praia Valmir Antônio de Lemos confeccionou o 'Proter Pé', um acessório para os pés feito de materiais elásticos automoldantes e algodão, destinado a protegê-los de danos causados por impactos durante treinamentos de futebol, futevôlei e artes marciais. O 'Proter Pé' despertou o interesse de técnicos da Nike, empresa de artigos esportivos norte-americana, na qual ainda encontra-se em fase de testes laboratoriais.

1999 Em Porto Seguro, Bahia, o piloto de ultraleves Roberto Sales Araújo finalizou o modelo definitivo da embarcação 'Tracajá I', um aerobarco com propulsão aérea e lemes direcionais, e não aquática. Segundo o inventor, a vantagem do 'Tracajá I' está na sua navegabilidade portando até cinco passageiros em rios, pântanos, lagos e enseadas assoreados com profundidades na casa dos 10 cm de água. Conseguindo chegar aos 50 km/h de velocidade, o modelo funde a carroceria dos bugres com a hidrodinâmica dos hovercrafts e a propulsão a hélice dos ultraleves.

2002 A empresa brasileira do setor de exploração, refino e comercialização de petróleo e derivados Petrobrás S. A. passou a ser fornecedora exclusiva de combustível para a equipe inglesa Williams de fórmula 1. Com o nome de gasolina Podium, o combustível em questão destaca-se pela diminuição da emissão de enxofre durante a combustão sem comprometer o fornecimento de energia aos automóveis, reduzindo o acúmulo de impurezas nos motores e acrescentando vida útil às peças originais, o que reflete-se em menores custos de manutenção mecânica das mesmas.

2003 – 2004 O navegador brasileiro Amir Klink, em seu veleiro Parati II, parte para a Antártica (Janeiro de 2004), a fim de explorar o Mar de Bellingshausen, com o casco de sua embarcação feito de chapas de alumínio (construída em 2003). Esta inovação foi proposta por ele e sua tripulação, com o intuito de torná-lo mais resistente aos choques com blocos de gelo. Além disso, o esqueleto de sustentação da embarcação, os equipamentos de bordo e as baterias foram igualmente projetados pela equipe, dado o perfil bastante específico da viagem. Outra inovação consistiu no combustível e nos lubrificantes do motor da embarcação: o primeiro é uma espécie de óleo diesel especialmente desenvolvido pela Petrobrás para não congelar durante o percurso, além de ser anti-poluinte; o segundo, também criado pela mesma empresa, possui grande durabilidade, pois não necessita ser trocado durante os quatro meses que durará a expedição.

2004 Na cidade de Brasília-DF, o ciclista Flávio Duarte criou, através de parceria entre sua empresa, a Excentric Tecnologia e Pesquisa, e a Universidade de Brasília, uma bicicleta à base de fibra de carbono com quadro dobrável. Com apenas vinte centímetros de largura, noventa de comprimento e sessenta e cinco

de altura quando dobrada, a referida bicicleta apresenta um selim sem o bico frontal, destinado a minimizar a pressão na região perineal, além de uma roda dianteira maior do que a traseira, o que aumenta o torque do sistema de catracas limitando a velocidade de deslocamento. Outra diferença, por motivo de conforto, é a posição das suspensões, postas na coluna do selim, enquanto que nas outras bicicletas permanece junto ao garfo (a forquilha das rodas). Com o preço de venda estimado em R\$1000,00, a bicicleta em pauta mostra-se mais barata que suas concorrentes da mesma faixa de mercado (mais ou menos R\$3000), algo que já despertou o interesse de fabricantes do Brasil e da Argentina.

2004 Dando continuidade ao modelo System, inicialmente colocado à venda em 1989 sob a patente 'Rainha', a São Paulo Alpargatas S. A., empresa do setor de calçados esportivos, inicia comercialização do System 3000. A diferença com relação ao seu predecessor consiste na elevação da capacidade de amortecimento, resistência e durabilidade, devido à maior espessura da anilha rotativa de EVA, situada dentro do solado emborrachado, e ao emprego do material Engage R. Além disso, o modelo System 3000 é acompanhado de uma chave reguladora que possibilita ao usuário regular a anilha de EVA ao perfil de suas passadas segundo três opções: neutra, supinação e pronação. O modelo subdivide-se em cinco tipos diferentes de linhas, adaptadas para corrida, caminhada, voleibol, handebol e tênis.

Interpretação do curso do desenvolvimento A apreciação dos eventos listados mostra a predominância, desde o período colonial até a década de 1980, de uma concentração de invenções e adaptações na região Sudeste, com primazia para o eixo Rio de Janeiro-São Paulo. Somente nos anos de 1990 que se verificam levantes de descentralização para o Sul do Brasil, Nordeste e Distrito Federal. É digno de menção o perfil das incipientes produções acadêmicas efetivadas na segunda metade do século XIX, em muito influenciadas pela Medicina. No entanto, urge ressaltar que, até a década de 1960, as inovações aconteciam basicamente em função da necessidade de acadêmicos, cientistas, treinadores e atletas encontrarem soluções para problemas aparecidos no transcorrer das atividades de competição e, mais raramente, de pesquisa. Nos anos de 1960, as Forças Armadas ratificaram-se como pólo dinamizador, executor e gestor de conhecimentos científicos pertinentes ao campo do treinamento esportivo. Já nos anos de 1970, há uma nítida orientação acadêmica das inovações do período, corroborando o peso do olhar tecnocientífico nas intersecções gerencial, biomédica e pedagógica. Atentando para os anos 1980 e 1990, as inovações relatadas estão basicamente vinculadas aos esforços de praticantes para superação criativa de dificuldades práticas e a elevação do volume de pesquisas aplicadas. Com respeito à faceta universitária destas últimas, os estudos em Fisiologia do Exercício, Cineantropometria e Biomecânica aplicada à Educação Física sugerem um vasto espectro de possibilidades quanto ao seu potencial para a geração de conhecimentos.

Situação Atual Em 2000, pressionado pela necessidade de mapeamento da geografia submarina de Fernando de Noronha, o engenheiro Leonardo Veras criou um método de observação que consta de um prancha hidrodinâmica por ele desenhada em formato de asa, conectada por um fio a uma embarcação. Este procedimento deu origem ao 'Plana Sub', o mais novo esporte de natureza & aventura, em que os praticantes, presos à asa, deslizam ensaiando todo tipo de manobras por debaixo d'água quando aquela é tracionada por barcos em alta velocidade. No mesmo ano, o ciclista e desenhista industrial Flávio Deslandes idealizou, na cidade do Rio de Janeiro, uma bicicleta artesanal com estrutura de bambu, ao invés de fibra de carbono ou ligas metálicas. Batizado de bambucicleta, este invento, mesmo sem ser vendido em larga escala, já está sendo comercializado na Dinamarca na faixa de 15 a 20 mil coroas dinamarquesas (US\$ 2.000 a 5.000), e encontra-se no sétimo protótipo. Continuando em 2000, no estado de Minas Gerais, o publicitário Júlio Xavier patenteou o 'Spuni', um spray à base de gás butano, água desmineralizada, betaina de coco, aditivos e gás propelente, direcionado à marcação dos locais de cobrança de tiros livres diretos e indiretos em partidas de futebol. Em contato com o ar atmosférico, a solução aspergida converte-se numa espuma que permanece visível por até um minuto. Cada frasco contém o

equivalente a 25 aplicações, e está sendo examinado pela FIFA a fim de se avaliar a sua viabilidade para emprego oficial nos campeonatos internacionais organizados pela entidade. Em Barbacena, MG, o engenheiro Wagner Coutinho Grossi, fundamentando-se em cálculos geométricos e matemáticos do programa AUTOCAD, desenvolveu e patenteou o 'Gorpo', uma esfera de PVC cristal com três metros e quarenta de diâmetro, externa a uma outra alocada em seu interior e presa por fios de nylon aos seus bordos internos com um metro e oitenta de diâmetro. Podendo receber pessoas em seu interior, a esfera menor, quando preenchida, provoca imediatamente o rolamento da estrutura como um todo, semelhante a uma bola, cabendo a quem se encontra no interior permanecer equilibrado em bípede estação. Esta invenção foi adotada por técnicos da Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais-APAE de Barbacena, tendo em vista sua efetividade para trabalhos de propriocepção nervosa, espacialidade corporal, aprimoramento da força muscular e aptidão cárdio-respiratória.

No ano de 2001, Djalma Rabelo Ricardo e Cláudio Gil Soares de Araújo iniciaram, no Rio de Janeiro, um processo de preparação de fórmulas algébricas para a predição de relações estatísticas entre peso e altura. Atualmente, estão terminadas, mas sem registro de licença patente. Em 2002, os irmãos Flávio e Wagner Duarte, empresários e ciclistas, desenvolveram, em Brasília, um conjunto de inovações para bicicletas. A mais notória é um selim com formato alternativo, sem o bico frontal e dividido ao meio por uma fresta, o qual não pressiona a região perineal. Uma equipe de ciclistas de competição do Distrito Federal está testando o produto, apoiada pela Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília. A dupla também está trabalhando na preparação de um freio anti-travante; um sistema de tração que funciona sem as tradicionais coroas, catracas de marchas e correntes; um conversor de forças que transforma a inércia da bicicleta em energia cinética; uma pedivela extensível e um barco a pedal. Ainda no ano de 2002, em Guaxupé, Minas Gerais, o eletrotécnico Vital Gonçalves Rezende, inventou e recebeu licença patente de uma bicicleta com tração dianteira adicional, que lhe permite ser pedalada com rotações conjugadas de membros inferiores e superiores. Os arranjos feitos distribuem o esforço físico por quase todo o corpo de quem pedala, sendo inclusive acessível para indivíduos cadeirantes.

No presente estágio, em 2003, o Laboratório de Biomecânica da Universidade do Estado de Santa Catarina, integrado à Rede CENESP – Centros de Excelência Esportiva através de portaria baixada pelo Ministério do Esporte em 2002, está subsidiando a fabricação de raquetes de paddle para uma empresa alocada em território nacional cruzando informações de morfologia corporal e desenvolvimento etário. Quanto à execução de outros projetos em tecnologia da Rede, a mesma tem aperfeiçoado um conjunto de instrumentos de avaliação e controle do treino esportivo: pedais para quantificação de cargas no ciclismo; personalização de calçados e palmilhas para atletas de comprovado nível internacional; plataformas de força subaquáticas. Convém adiantar que parte dos investimentos da CENESP acontece em obediência às solicitações de empresas e fabricantes de artigos esportivos, credenciando-a enquanto instituição consultora e prestadora de serviços na área de Pesquisa & Desenvolvimento (P&D) em esporte, uma tendência embrionária e ainda incipiente na conjuntura nacional. Ainda em 2003, Alberto Carlos Amadio comanda a coordenação, no Laboratório de Biomecânica da USP, de investigações concernentes ao desgaste dos tênis de corrida e o desencadeamento de quadros lesivos nas articulações de membros inferiores. E, na Universidade do Estado do RJ, Luiz Alberto Batista vem trabalhando a fim de equacionar variáveis biomecânicas inerentes ao funcionamento dos equipamentos de goniometria e torsiometria articular dos sistemas Biopac.

Fontes Juarez Mueller e Márcia Miranda (tênis); Enrique Nicolini (remo); Átila Flegner (metodologia científica da pesquisa); Cláudio Gil Soares de Araújo (medicina do exercício); Lamartine DaCosta (treinamento esportivo); Janice Mazo (atletismo); Guilherme Pacheco (vela); Henrique Lins de Barros e Lamartine DaCosta (Santos Dumont); João Batista da Silva (atletismo); Katia Rubio (vela e Escola de Educação Física e Esportes da Universidade de São Paulo); Luiz Alberto Batista (Biomecânica); Paulo de Tarso Veras Farinatti (Fisiologia do Exercício); Fernando Garrido (Marinha do Brasil); Luiz dos Santos (halterofilismo); Marco Santoro (Copa do Mundo de Futebol 1970); Böhme, M. T. S./Massa, M. Avaliação da aptidão física na equipe juvenil de voleibol masculino do Esporte Clube Banespa. 1997, Goiânia. *In*: X Congresso Brasileiro de

Ciências do Esporte (CONBRACE). Anais... Goiânia: CBCE, 1997; Coelho, M. S. Toque-boxe: uma proposta de boxe não-violento. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1995; El Hayek, I. R./Rodrigues, R. L. Determinação da capacidade de amortecimento do solado de calçados esportivos através de ensaio de compressão. 1997, Goiânia. *In*: X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE). Anais... Goiânia: CBCE, 1997; Faria Júnior, A. G. *Introdução à Didática de Educação Física*. Rio de Janeiro: Fórum Editora, 1972; Faria Júnior, A. G. Prática de ensino em educação física: estágio supervisionado. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987; Fernandes, A. História do Surf no Brasil. 360 graus. terra. com. br/ surf/ default. asp? did =380; Ferreira, M. Calçados: Confortáveis, mas nem sempre saudáveis. www.usp.br/jorusp/ arquivo/ 1999/ jusp46 // manchete/ rep_res/ rep_int?pesqui4.html; Ferreira, R. A História do Hipismo Brasileiro. www.cbh-hipismo.com.br; Gouvêa, L. História do Balonismo. 360 graus. terra. com. br/ balonismo/ default. asp? did =380; Holanda, S. G./Moreira, S. B. Equações aplicáveis ao cálculo do desempenho de corredores de 10.000 metros em diferentes condições climáticas. Revista Treinamento Desportivo. Volume 4 – Número 1 – 1999; Lima, J. C. B. Mercado de Artigos Esportivos. www.geocities.com/minadeo/ pm7 – esporte.htm; Marinho, I. P. Sistemas e Métodos de Educação Física. São Paulo: s.d.; Moreira, S. B. Aptidão Física e Desempenho Humano – UGF. www.cnpq.br/ gpesq2/garea4/apg409/reg_se/uf_rj/g_5516/gp5516.htm; Petroski, E. L. Cineantropometria: Caminhos Metodológicos no Brasil. *In*: Bracht, V./Goellner, S. V./Neto, A. F. (Org.) As Ciências do esporte no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 1995; Ramos, J. J. Os exercícios físicos na história e na arte: do homem primitivo aos nossos dias. São Paulo: IBRASA, 1972; Schmidt, J. A vela no Brasil. www.maresbrasil.com/vela_brasil.html; planeta.terra.com.br/educação/inventabrasil; an.uol.com.br/anjaragua/2003/jan/18/; www.sbn-net.com.br/seculoXXI/2002/text/esporte/01.html; www2.correioweb.com.br/cw/2000-07-09/cab_1252.htm; www2.petrobras.com.br/portal/tecnologia.htm; www2.petrobras.com.br/minisite/PetrbrasPodium/gasolina.html; Jornal Gazeta Mercantil, data:18.10.2000 página 12 (caderno: Por Conta Própria): "Bicicleta feita em madeira" de José Carlos Videira; www.rainha.com.br/system3000/entrada.htm

Inovações tecnológicas e científicas II

A renovação científica do futebol brasileiro na Copa de Mundo de 1970 – México

MARCOS SANTORO

Technological and scientific innovations II

Scientific innovations of Brazilian soccer in the 1970 World Cup – Mexico

Scientific innovations generally depend on adequate means of diffusion and on the context that needs to be receptive to the changes that will eventually take place in the area each innovation is defined. The method Altitude Training, a Brazilian innovation that became internationally known, is a prominent example of this theory in terms of Brazilian sports at the end of the 1960s. At that time, the initial intention of the new method was to improve the physical capacity of athletes in general, but

it ended up renovating Brazilian soccer at the moment it demanded new ways of physical training based on scientific evidence. Before that, the prevalent idea was that the physical preparation of Brazilian soccer players depended on empiricism, casuistry and, above all, on the myth of athletic superiority especially due to the World Cups of 1958 and 1962. However, due to the difficulties athletes would have to face in relation to the altitude of 2,240m of Mexico City, where the World Cup

would take place in 1970, a more favorable atmosphere was developed for the assimilation of new ways to work based more on measurements and control than on beliefs. The bases for this advancement were developed in Brazil and later in Mexico by the physical education professor Lamartine Pereira DaCosta, who started using field experiments in 1964 to prepare Brazilian athletes for international competitions, especially for the Olympic Games of 1968, which took place in Mexico City.

Definições e origens As inovações científicas geralmente dependem de meios de difusão adequados e de ambientação social receptiva à mudança, na área em que se define cada criação. O método *Altitude Training* constitui um exemplo de destaque à luz desta conceituação em termos do esporte brasileiro, no final da década de 1960. Naquela época, a pretensão inicial do novo método foi a de melhorar a capacidade física dos atletas em geral, mas terminou por renovar o futebol brasileiro, ao impor bases científicas às novas formas de treinamento físico. Antes, prevalecia no esporte mais popular do país o empirismo, o casuísmo e o mito da superioridade atlética do jogador brasileiro em sua preparação física. Porém, diante das dificuldades então propaladas quanto à realização da Copa do Mundo de 1970, na cidade do México, a 2.240 metros de altitude, gerou-se um clima favorável à assimilação de novas formas de trabalho, mais dependentes de medições e controle, e menos de crenças. As bases para este avanço foram desenvolvidas no Brasil, e posteriormente no México, pelo professor de Educação Física Lamartine Pereira DaCosta, partindo de experimentos de campo a partir de 1964, com o objetivo de preparar atletas brasileiros para competições internacionais, sobretudo para os Jogos Olímpicos de 1968, realizados na Cidade do México.

1964 – 1966 Neste período, Lamartine DaCosta realizou vários experimentos sobre o efeito do calor na performance atlética, usando como elemento de observação a variação de temperaturas em diferentes altitudes em montanhas do Rio de Janeiro-RJ e de Nova Friburgo-RJ. Os sujeitos foram 10 atletas da representação brasileira de Pentatlo Militar, todos com experiência internacional. Ao longo dos três anos de medições verificou-se, estatisticamente, que o gradiente altitude tinha mais efeito sobre a qualidade física da resistência do que a temperatura, em condições opostas: ao passo que a elevação da temperatura reduzia, a subida gradual da altitude aumentava a resistência dos atletas *a posteriori*. Formalizou-se, então, um método de treinamento físico que pudesse explorar a melhoria progressiva da resistência por meio de repetições de esforços em altitudes variadas. A denominação do novo processo de treinamento acompanhou os padrões da época, usando-se uma expressão em inglês: *Altitude Training*.

1965 Seis atletas do grupo experimental do *Altitude Training* formaram a seleção brasileira que compareceu ao Campeonato do Mundo de Pentatlo Militar, realizado na Holanda neste ano, e se sagraram campeões por equipe. Nesta ocasião, estes atletas venceram a prova de 8 km *cross-country*, com resultados jamais obtidos em provas internacionais de longa distância por atletas nacionais. Estava então demonstrada, na prática, a eficácia do novo método de treinamento.

1967 Publica-se o livro “A Atividade desportiva nos climas tropicais e uma solução experimental: o *Altitude Training*” de Lamartine DaCosta, em que se expõe o processo de descobertas sucessivas partindo do aperfeiçoamento do conhecimento básico vindo do exterior via experimentos científicos locais. O avanço dos procedimentos adotados nas pesquisas relatadas no livro pode ser inferido por ter sido usado neste empreendimento pela primeira vez, possivelmente, um computador na área esportiva nacional. A máquina foi cedida pela Diretoria de Intendência da Marinha-RJ a fim de apoiar as análises estatísticas.

1967 Neste ano publicou-se uma segunda obra sobre pesquisas em altitude, por Lamartine DaCosta, na qual se apresentavam suges-

tões para a aclimação e treinamento local dos atletas brasileiros de diferentes modalidades visando-se aos Jogos Olímpicos do México, no ano seguinte. O livro foi denominado de “Planejamento México” e foi cancelado pela então Divisão de Educação Física-DEF do MEC, que também financiou a viagem e permanência do autor no México, quando de sua inclusão no grupo de cientistas observadores internacionais das condições de performances atléticas em altitudes elevadas. O “Planejamento México”, portanto, consistiu no ajustamento do *Altitude Training* à adequação do atleta brasileiro à aclimação local na cidade do México, levando em consideração também a adaptação à competição em grandes altitudes e prevenção das conseqüências da progressiva queda de pressão parcial de oxigênio na performance esportiva. Outra contribuição a esta obra de referência e consulta foi um curso de um mês, realizado no ano em pauta, para representantes de todas as faculdades de Educação Física do país – que na época não somavam 30 entidades – e que resultou em um livro não comercializado, depois entregue a todos os alunos da graduação respectiva. A proposta era introduzir a disciplina de treinamento esportivo nas faculdades de Educação Física, pois este campo de estudo estava defasado perante os centros mais avançados do exterior. Esse curso chamou-se “Ciência do Treinamento Desportivo” para dar uma dimensão científica à Educação Física que, naquela época, era deficitária neste setor. Ao final, estavam combinados os objetivos de uma boa preparação para as condições ambientais do México com o desenvolvimento da disciplina de treinamento esportivo no país.

1968 Realização dos Jogos Olímpicos do México e reconhecimento por notícias em jornais, do apoio dado à delegação pelo livro “Planejamento México”. Lamartine DaCosta é admitido na Academia do *Conseil International du Sport Militaire* - CISM, que reunia pesquisadores do esporte, militares e civis, de renome internacional. A ACISM tinha sede na Bélgica e promovia congressos e cursos em diferentes países, focalizando prioritariamente o treinamento esportivo. O famoso “Teste de Cooper” foi um dos produtos da ACISM por pertencer então a esta instituição o Dr. Kenneth Cooper, dos EUA, seu proponente.

1969 A ACISM publica, em língua inglesa, o livro “A Atividade desportiva nos climas tropicais e uma solução experimental: o *Altitude Training*”, dando curso internacional ao método desenvolvido no Brasil, como também concede a Lamartine DaCosta um prêmio especial por suas pesquisas pioneiras. A *International Society of Biometeorology* convida o pesquisador brasileiro para fazer parte de seus quadros. E neste mesmo ano, logo após se instalar a Comissão Técnica da Seleção Brasileira de Futebol para a Copa do Mundo de Futebol de 1970, no México, Lamartine DaCosta é convidado por João Saldanha, seu titular, a assessorar a Comissão quanto ao treinamento físico e aclimação dos jogadores. A mediação, no caso, foi de Cláudio Coutinho, um dos treinadores físicos da Comissão, que tinha sido aluno do curso em 1967, da DEF-MEC. A partir deste vínculo torna-se pertinente relatar os acontecimentos pelo contexto sócio-cultural que permeava o futebol, à época no Brasil, como também pelo viés da produção científica, algo ainda inovador na modalidade em foco ao ser pontuado no ano de 1970. Seguem-se fatos de memória por abordagens temáticas e por testemunhos.

1970 O reconhecimento pela Comissão Técnica, desde o início deste ano, da necessidade de um apoio científico ao seu trabalho, tinha como pressuposto, em uma análise dos dias presentes, que

haveria uma forte resistência. Este empecilho previsível explica-se pelo fato do futebol ter se tornado, ao longo do século XX, uma das instituições culturais do Brasil que se ajustaram às demandas de afirmação da identidade do “futebol-arte”, e que carrega consigo imagens e categorias que se confundem com a idéia de identidade do brasileiro.

Se, rigorosamente, qualquer esporte pode produzir a identificação coletiva através das vitórias, apenas o futebol o faz permanentemente, nas vitórias e nas derrotas. Por isso, até aqui, o Brasil continua sendo o país do futebol.(...)

‘A manifestação paroxística da brasilidade no futebol ocorre de quatro em quatro anos, nas Copas do Mundo, eventos memoráveis para os brasileiros, nos quais, pode-se dizer, são as representações em confronto sobre a nação que entram em campo. A força do futebol no Brasil pode ser avaliada, fundamentalmente, nesses momentos, quando a seleção brasileira representa, em todos os sentidos, os brasileiros.’ (Guedes, 1998)

O projeto de assessoria realizado pelo professor Lamartine DaCosta, em relação ao trabalho executado pela Comissão Técnica da Seleção Brasileira de 1970, objetivava o planejamento científico em todos os estágios de preparação física da seleção de futebol em relação aos efeitos da altitude, à sua aclimação e à possível deterioração da performance dos atletas. O estudo apresentado analisava a questão dos fusos horários; o tipo de treinamento a ser utilizado em cada etapa do processo de preparação; o uso do teste de Cooper no acompanhamento do preparo físico; a alimentação; as variáveis climáticas dos locais de competição; a umidade do ar; os efeitos do stress da altitude; a radiação solar; o horário de treinamento físico, técnico e tático equivalente ao horário dos jogos da competição; e o preparo psicológico dos atletas, o que implicava em deixá-los distantes dos perigos que então se propalavam quanto ao esforço intenso e continuado em altitudes elevadas. Nestas circunstâncias, a assessoria de aclimação e performance, antes e durante a competição, deveria ter um perfil reservado, segundo exigência do próprio consultor científico. Este se absteve de qualquer remuneração e contato com a imprensa a fim de preservar o objetivo de atingir o máximo da capacidade atlética dos jogadores da seleção, em condições de superaclimação já na altitude recomendada para a adaptação no México. Esta opção de aclimação superior ao necessário foi planejada para se efetivar por degraus sucessivos, com uma passagem inclusive por Bogotá, Colômbia, local situado acima da altitude da cidade do México. Estes procedimentos passaram pelo risco de serem anulados quando da mudança da direção da Comissão Técnica – Zagalo em substituição a João Saldanha – nas vésperas do embarque para Guanajuato, local escolhido no México por Lamartine DaCosta, para a fase de alcance do pique de treinamento. Porém, entre as alterações promovidas por Zagalo não constou o plano de usar cientificamente a altitude como fator positivo, que se distinguia dos países concorrentes do Brasil que apostaram no controle dos fatores negativos.

‘Quando enalteci o aspecto tático de Zagallo é porque foi formada uma comissão técnica que

estabeleceu um trabalho de equipe, dando importância ao estudo de onde ia se jogar, em que condições, quais as necessidades do jogador se manter às suas características sem sofrimento, onde se construiu um trabalho para altitude que até então não se via tão exposto e necessário, pois era um fator diferente você jogar muito acima do nível do mar.' (Lazaroni, 2003)

Neste particular, uma informação pouco divulgada foi o estudo dos efeitos da radiação solar na performance dos jogadores na altitude da cidade do México. Várias simulações estatísticas foram feitas de modo a se calcular o ótimo de exposição em diferentes horários do dia e durante os horários programados para os jogos. Segundo testemunho do consultor, os efeitos da radiação solar foram considerados equivalentes aos da altitude, uma alternativa apenas assumida pela seleção brasileira entre as equipes adversárias.

Outro aspecto é que já estudávamos os efeitos dos raios solares, o que não foi citado pela imprensa e que a Inglaterra também usou, trocando a textura do seu uniforme. Por isso é que treinávamos ao sol de 11 horas da manhã. E que resultou, posteriormente, em declarações dos jogadores de que não sentiam cansaço. (DaCosta, 2003)

Um retrospecto necessário quanto ao estado de ânimo dos responsáveis pela seleção, ao aceitar imposições como a que ocorreu com os horários de treinamento em face à radiação solar, refere-se ao fracasso na Copa de 1966 na Inglaterra, quando o selecionado brasileiro foi desclassificado prematuramente, e o preparo físico foi duramente criticado. Nesse sentido, tornou-se indispensável uma reformulação das concepções sobre o condicionamento físico dos jogadores de futebol brasileiros.

(...) 'E pela primeira vez na história do futebol brasileiro foi feita tal preparação. A princípio foi difícil. Houve muita resistência quando uma equipe de especialistas foi convocada para cuidar do preparo físico (...) Como se planificar a "Operação México" sem a ajuda especializada de Lamartine, introdutor do método conhecido como Altitude Training? Assim foi fácil escolher concentrações, planificar e controlar a aclimação e a adaptação dos jogadores' (Jornal O Globo, 1970, s/d. Coluna de João Saldanha)

Diante do fracasso de 1966, cabe trazer à tona o mito da invencibilidade, criado à época por conta do bicampeonato conquistado nas Copas de 1958 e 1962, pelo qual o Brasil detinha um futebol insuperável, dono de um estilo único, produto da mistura de raças e da genialidade e improvisação de seu povo, ainda tendo forte influência neste período.

'A emergência desse novo paradigma desarticulou nosso discurso vigente sobre a "arte" brasileira de jogar futebol. Não houve a incorporação de mais um elemento, como o preparo físico no período de 1966 para 1970: mesmo com uma comissão de preparadores militares, políglotas e formados nos EUA e Europa, as concepções dominantes sobre nossa identidade futebolística e cultural não conseguiram amalgamar o novo desafio lançado pelo predomínio da estratégia sobre a técnica. A visão assumida como "natural" de nossos indivíduos e sua maneira de viver foi desestruturada irremediavelmente pelo "futebol-moderno".' (Gil, 1994)

O contraste entre a crença popular do futebol pretensamente invencível e um programa científico de treinamento da Copa de 1970, ficou patenteando, sobretudo pela postura dos treinadores

físicos da Comissão Técnica. O professor Carlos Alberto Parreira e Cláudio Coutinho, cuja coordenação ficou sob a responsabilidade do também professor Admildo Chirol, assumiram os preceitos do *Altitude Training* e os mantiveram mesmo diante de críticas de que o jogador brasileiro não se ajustava à disciplina requerida por métodos de execução e controle rigorosos.

(...) 'essa preparação longa e demorada de três meses e mais a adaptação à altitude em Guanajuato. Essa trajetória continua bem viva pela sua importância na história do futebol brasileiro. Pela primeira vez, em nível de preparação física, foi feito um trabalho individualizado, cada jogador tinha a sua carga, atendendo suas exigências e sem descuidar nunca da sua parte técnica.' (Parreira, 2003)

O resultado final representou um marco histórico no esporte e no futebol brasileiros. Os relatos dos jogadores sobre as suas condições físicas excepcionais foram largamente divulgados, por intermédio das narrativas de jornais no decorrer da Copa. E, posteriormente, o relatório do evento publicado em livro e divulgado pela FIFA, prestigiou a preparação científica no seu capítulo médico, declarando que o planejamento brasileiro tinha sido o melhor entre os demais concorrentes.

'Embora treinos de preparação visando à escalação do selecionado acontecerem em 1966 e 1967, o ano 1968 foi o começo da preparação completa da seleção brasileira. Depois de 35 dias sucessivos de treinamento em equipe, a seleção fez uma excursão longa em Junho deste ano, jogando cinco partidas na Europa, duas partidas no México, duas contra o Peru e duas contra o Paraguai. Completando naquele ano, 21 partidas. No ano seguinte, 1969, além de 13 partidas o Brasil visitou Bogotá, 2.630 metros de altitude, para um período de treinamento de 20 dias. A equipe selecionada para a competição da Copa do Mundo foi finalmente definida em 12 de Fevereiro de 1970, jogando nove partidas antes de chegar no México no dia 1º de Maio, exatamente um mês antes do primeiro jogo do torneio. (...) O programa de treinamento e preparação durante 1970 incluiu sete partidas oficiais em Montevideu e então, a seleção foi recrutada no dia 18 de Abril para excursão de aclimação e treinamento especial a caminho do México.' (World Cup México 70 – Official FIFA Report).

Dentre as várias matérias da época no Brasil, que dissertavam sobre este tema na imprensa esportiva, vale por em registro algumas que falam por si mesmas, dispensando interpretações. Em conclusão, estava relativizada a crença absoluta no "dom", na "ginga" e na "genialidade" dos jogadores brasileiros de futebol por simples auto-crítica de fundamentação científica..

'Vendo correr o que estão correndo Jairzinho, Clodoaldo, Pelé e Paulo César, a gente se convence de que o trabalho mais perfeito sobre a seleção brasileira foi o da preparação física. (...) pela primeira vez na história do futebol brasileiro, um programa de trabalho baseado no melhor que a ciência da educação física pode oferecer atualmente ao futebol.' (Jornal do Brasil, 20 jun. 1970, p.23).

'Os homens do preparo físico foram trabalhando, a seleção chegou ao México e eis que um belo dia uma comissão internacional descobre que a seleção brasileira era a mais bem

preparada de todas as que estavam no México. E se a comissão disse, a seleção provou em todos os jogos que disputou, inclusive na final, quando os jogadores terminaram a partida com disposição para mais 90 minutos.' (Jornal do Brasil, 25 jun. 1970, p.23).

(...) 'segundo Admildo Chirol, já temos um título: somos campeões mundiais do preparo físico, o que foi comprovado por um órgão da Organização Mundial de Saúde (...) para chegar a esta perfeição atlética o Brasil seguiu o programa executado com todo o rigor científico. Para começar escolheu uma equipe excepcional de preparadores físicos, integrada por Admildo Chirol, o capitão Coutinho (o melhor conhecedor do assunto no exército brasileiro, inclusive com o estágio no organismo que cuida da preparação dos cosmonautas norte americanos) e Carlos Alberto Parreira que conhece a fundo os métodos europeus.' (Jornal do Brasil, 11 jul. 1970. Caderno B, capa).

Junto a toda aquela especulação sobre a altitude, e o novo ritmo de vida no México, os treinos em altitude enfatizavam os problemas. Tais acontecimentos deveriam ser solucionados pela equipe técnica com trabalho de psicoterapia de grupo, lazer e distração para evitar qualquer atitude indesejável de desarmonia ou irritação coletiva. (...) a correta preparação psicológica foi durante essa competição, e fatalmente o será na próxima Copa do Mundo, fator mais que importante para condicionar as excelentes performances aos dotes de cada um. (Revista Motel Clube Minas Gerais, 1970)

'Para Admildo Chirol, o principal motivo do excelente estado físico dos jogadores brasileiros foi a estada de 21 dias em Guanajuato porque aumentou em quase o dobro a taxa de glóbulos vermelhos do sangue, num período ideal para adaptação à altitude.' (Jornal do Brasil, 10 jun. 1970, 1º caderno).

'O que ficou na minha memória foi exatamente este contraste: de ter sido uma Copa em que o Brasil tinha uma superioridade muito grande tecnicamente, em que se fez um trabalho de altitude training, preparado pelo professor Lamartine DaCosta. O Brasil iria jogar em uma altitude razoável.' (Valente, 2003)

Fontes DaCosta, Lamartine. A Atividade desportiva nos climas tropicais e uma solução experimental: o Altitude Training. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1967; Azevedo, Aldo. A Relação Estado e Futebol no Brasil: elementos para sua construção. Montes Claros: editora Unimontes, 2002; DaCosta, Lamartine. Planejamento México. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1967; Damatta, Roberto (org.) Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982; FIFA. World Cup México 70 – Official FIFA Report, 1972; Gil, Gilson. O drama do "futebol-arte": O debate sobre a seleção nos anos 70 – Revista Brasileira de Ciências Sociais – ANPOCS – nº 25, p.100-109, 1994; Guedes, Simoni Lahud. O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: EDUFF, 1998; Soares, Antonio. Jorge. Futebol, malandragem, e identidade. Vitória: Secretaria de Produção e Difusão Cultural/UFES, 1994. Entrevistas: Carlos Alberto Parreira, 27 de novembro de 2003; Jaime Valente, 21 de julho de 2003; Lamartine Pereira DaCosta, 2 de julho de 2003; Sebastião Lazaroni, 25 de julho de 2003. Arquivos, jornais e revistas: Arquivo pessoal do professor Lamartine Pereira DaCosta; Jornal do Brasil, edições de 1970; Jornal O Globo, edições de 1970; Revista High Sport, n.51, mar. 1970; Revista Veja, 1970 (s/d).

Congressos / Eventos científicos em Educação Física

MARIA CECÍLIA DE PAULA SILVA E WALMIR VINHAS

Physical education scientific conferences and congresses

Physical education conferences and congresses in Brazil are different from those of other professions, especially due to non-scientific events such as courses, fairs, conventions and social parties that generally take place together. The number of regional, national and international conferences and congresses has been increasing very rapidly in the country since the 1970s, especially the events that have periodicity and develop time, location and theme links with their participants. Today these conferences/congresses have national reach and large size (more than 1,000 participants). There are also 49 regional congresses/conferences/events of local impact.

Definição Os congressos/eventos científicos em Educação Física, esporte e atividades físicas de saúde e de lazer – aqui generalizados como “Educação Física” –, caracterizam-se como reuniões de especialistas, profissionais e estudantes de diversas áreas para debater questões de interesse comum, a fim de desenvolver conhecimento e intercâmbio sobre intervenção profissional, pesquisa e temas de interesse acadêmico e intelectual. No Brasil os congressos de Educação Física têm características peculiares com sentidos e significados diversos de outras especializações, principalmente no que concerne à associação eventual com eventos não científicos como cursos, feiras, convenções, festas de confraternização etc. Enquanto alguns congressos objetivam prioritariamente a socialização e difusão da produção acadêmica da área, outros, de caráter mais instrumental, privilegiam a difusão de técnicas e a promoção/divulgação dos novos produtos industrializados para o mercado esportivo; ou priorizam a discussão a respeito de questões políticas/pedagógicas da área de conhecimento e da sua ação/intervenção social. A realização destes congressos/eventos tem crescido vertiginosamente no Brasil desde a década de 1970, por meio de reuniões regionais, nacionais e internacionais, sobressaindo-se alguns mais típicos e de maior impacto. Estas realizações marcantes geralmente são nacionais e/ou internacionais que apresentam periodicidade e uma certa tradição que cria referência temporal, local e temática aos seus participantes. Hoje, destes acontecimentos os exemplos mais destacados em importância acadêmica e/ou em projeção nacional, são os que se seguem.

CONBRACE O Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, desde 1979 realizando-se de forma bianual, é a expressão maior do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte-CBCE, uma sociedade científica filiada à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência-SBPC. Além do seu congresso nacional, o CBCE organiza sua programação com base em congressos regionais anuais, abrangendo todo o país, garantindo continuidade e se estabelecendo como instância científica em cada região (ver capítulo sobre o CBCE neste Atlas).

ENAREL Encontro Nacional de Recreação e Lazer, realizado anualmente (15ª sessão) e fundado no final da década de 1980. Objetiva divulgar, discutir e posicionar a produção acadêmica da área e sua inserção política e social no Brasil. Conjuntamente com sua realização ocorrem encontros paralelos tendo como ponto central o Lazer (encontros mundiais; encontros latino-americanos; encontros de professores/gestores de lazer, etc.). O ENAREL criou continuidade e referência no seu tema central antes abordado de forma fragmentada pelas já extintas Associação Brasileira de Recreação-ABR (anos de 1960) e a Rede Esporte para Todos, atuante na década de 1980 (ver capítulo Esporte para Todos neste Atlas).

Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança Este congresso é também bianual, estando em sua 8ª edição. Inicialmente denominado de encontro e posteriormente situado como congresso nacional, o evento é realizado com os teóricos da área – nacionais e internacionais – e contribuintes de áreas acadêmicas diversas. Divulga a produção acadêmica e promove a socialização de conhecimentos, além de conquistas e propostas para o desenvolvimento, ampliação e inovação da pesquisa histórica e das disciplinas afins. Desde a sua origem na Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, tem se sediado em Instituições do Ensino Superior que possuem Grupos de Pesquisa em história do esporte (ver capítulo História do Esporte neste Atlas).

The number of participants of all these events combined gets to 36,500 participants per year (2003). However, as the survey shown in this chapter does not include the areas of sports specialization such as exercise physiology, biomechanics, and sports psychology, the estimates for participation in conferences and congresses in all areas of physical education in Brazil should be double. Physical education and sports conferences started in Brazil in 1906, but the very first national event only took place in 1925. Taken into consideration the tendencies that have already been identified, it is possible to notice that there has been emphasis on very large

ENEFF Encontro Nacional dos Estudantes de Educação Física (24ª edição): fórum máximo de deliberações do movimento estudantil de Educação Física; encontros de periodicidade anual, contendo discussões político-acadêmicas distribuídas em mesas temáticas; grupos de trabalho temáticos; grupos de estudo; apresentação de trabalhos e produções acadêmicas; plenária final; organizados pelo movimento dos estudantes de Educação Física de todo o Brasil.

ENAF Encontro Nacional de Atividade Física (na sua 34ª edição). Evento nacional promocional; caráter de feira com encontros centrados na área de fitness. Na época inicial, abria-se o congresso com apresentação de temas livres possibilitando a participação dos estudantes, hoje opera como um mega-evento com cursos e apresentações variadas.

FIEP Congresso da Federação Internacional de Educação Física (encontra-se na sua 18ª edição). Evento internacional baseado em cursos para acadêmicos de Educação Física do Brasil e dos países limítrofes da América do Sul, incluindo encontro concomitante dos representantes da FIEP no continente americano e eventualmente de outros continentes. Nas edições da década de 2000 ampliou a apresentação de trabalhos científicos em temas variados, o setor de feira de produtos e de congressos paralelos. Realiza-se anualmente, sempre no mês de janeiro e em Foz de Iguaçu-PR, desde o final dos anos de 1980 (ver capítulo sobre a FIEP neste Atlas).

CELAFISCS Simpósio Internacional de Ciências do Esporte, promovido pelo Centro de Estudos do Laboratório de Atividades Físicas de São Caetano do Sul-SP. Realizado anualmente desde a década de 1980 (26ª edição). Concentra-se na temática de atividades físicas para a saúde e do treinamento esportivo, enfatizando a pesquisa científica, apresentando convidados de renome do exterior. Organizado anualmente em outubro em São Paulo-SP, tendo como evento paralelo uma feira de produtos e equipamentos relacionados ao fitness e à atividade laboratorial (ver capítulo Agita SP neste Atlas).

Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa Originado por um convênio estabelecido entre UERJ/RJ e a Universidade do Porto, Portugal, no ano de 1989, vem se realizando com continuidade (9ª edição). Ocorre alternadamente no Brasil e Portugal, periodicamente, e já teve uma edição em Moçambique, na África. Geralmente tem sede em universidades e adota temáticas variadas.

Fórum Olímpico Evento aberto em temas acompanhando a tradição dos congressos olímpicos. Promovido anualmente pela Academia Olímpica Brasileira-AOB, órgão do Comitê Olímpico Brasileiro-COB, inaugurado em 1997 e estando na 5a. edição, em 2004. Caracteriza-se por enfatizar a publicação de livros contendo trabalhos apresentados no Fórum. Tem como referência central os Grupos de Pesquisa em Estudos Olímpicos, encontrados em universidades brasileiras, as quais têm sediado este evento. Cada Fórum apresenta convidados de exterior relacionados à temática olímpica, a qual, por vezes, é examinada em cursos para estudantes durante o evento (ver neste Atlas “Estudos Olímpicos”).

Origem No Brasil, os congressos de Educação Física surgiram de forma peculiar, pois na sua origem – anos de 1920 – não havia ainda no Brasil modelos acadêmicos formalmente estabelecidos (Cursos Superiores de Educação Física). Antes, desde o início do século XX, a Associação Cristã de Moços-ACM, já promovia encontros de seus líderes vindos de vários estados do país, no

conferences or mega-events, which separate technical and scientific areas under the same coordination. As an example, this chapter mentions the Congresso da Federação Internacional de Educação Física (Congress of the International Federation of Physical Education – FIEP), which in its 19th edition in 2004, included 5 other national and international conferences; 4 events of scientific and technological nature; exhibits of materials/equipments of gymnastics, sports and leisure; short courses, and meetings, adding up 3,185 participants, 863 presentations of scientific research and 15 participating countries.

estilo de convenção e de intercâmbio técnico sobre atividades físicas. Há registros do 1º Congresso de Educação Física no Brasil, realizado em São Paulo, em 1925, tendo como organizador o educador Fernando de Azevedo. Não se sabe o tipo de participantes e nem as conclusões ou decisões assumidas neste evento. Posteriormente, houve um gradativo crescimento dos congressos da área, que atualmente atingem proporções nacionais e projeções internacionais de grande porte. Do caráter de confraternização que os congressos inicialmente possuíam, evoluiu-se para reuniões científicas, em que a pesquisa é entendida desde uma compreensão restrita (averiguação da realidade) até seu sentido amplo (da produção de conhecimento); contemplaram-se também abordagens com paradigmas distintos: a pesquisa empírico-analítica; a pesquisa fenomenológica-hermenêutica e a pesquisa crítico-dialética.

1906 Primeira Convenção Nacional do grupo de instituições Associação Cristã de Moços-ACM instaladas em estados brasileiros, com representantes do RJ, SP e RS.

1918 Realização da V Convenção Nacional das ACMs quando foi criado o Dia das Mães lançado inicialmente pela ACM de Porto Alegre. Este evento teve impacto nacional e constitui um registro da continuidade das Convenções da ACM na fase em que se implantava basquetebol e voleibol no Brasil.

1925 – 1926 Primeiro Congresso Brasileiro de Educação Física, organizado por Fernando de Azevedo, em São Paulo-SP.

1933 Setembro, no RJ: Conferência Nacional de Proteção à Infância. Temas: “Educação Física da Criança – O que se entende por Educação Física – como realizá-la nas diversas idades”; “Recreio e Jogos organizados para as crianças: seu papel na vida e na educação”; “Organização Municipal e Colônia de férias”.

1933 No VI Congresso Nacional de Educação, em Fortaleza-CE, houve uma seção exclusiva para a Educação Física, explicitada como “Seção de Educação Física e Recreação”. Tema: “Deverão os governos estaduais prover a Educação Física incluindo a administração desta na órbita de ação das diretorias de instrução pública ou dotando-as de órgãos especiais e autônomos?”.

1935 O VII Congresso Nacional de Educação, no Rio de Janeiro-RJ, foi inteiramente dedicado aos problemas da Educação Física. Foram apresentados 13 trabalhos e realizadas 6 conferências resultando em ações de políticas públicas ainda na década de 1930, tais como a criação da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura; da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil (hoje Universidade Federal do RJ); várias escolas e cursos disseminados pelo país; e diversas inspetorias e diretorias especializadas nos estados. Além disso, o art. 131 da Constituição Brasileira de 10 nov. 1937 é possivelmente resultado das reivindicações demonstradas neste congresso, pois cita pela primeira vez a Educação Física na Carta Magna da nação, relevando sua importância educacional.

1939 Em agosto: “Reunião do Conselho Nacional de Estudantes” no RJ. Neste evento é fundada a “Confederação Universitária Brasileira de Esportes-CUBE”, referendada por todas as federações universitárias esportivas e por mais de 168 associações acadêmicas do país filiadas ao então existente Conselho Nacional de Estudantes.

1939 Em setembro: 1º Congresso Brasileiro de Desportos Universitários, em São Paulo- SP. Instalado no salão do Palácio dos

Campos Elíseos, patrocinado pelo Presidente da República e com a presença de diversas autoridades civis do estado de SP, delegações estaduais, representantes de associações paulistas e entidades esportivas locais. Elegeram-se nesse congresso a diretoria da CUBE para o biênio 1940-1941.

1939 Em novembro: Reunião dos Intervenores Federais de todos os Estados, no Rio de Janeiro-RJ. Nesta convocação das autoridades maiores de cada estado (dispositivo da era Vargas que substituiu os governadores estaduais), uma série de medidas é proposta pelo Ministério da Educação e Saúde para amparar e desenvolver a Educação Física no país.

1940 Em julho: 1º Congresso Paulista de Educação Física, em São Paulo-SP, cujos trabalhos foram apresentados em uma sessão preparatória, cinco sessões ordinárias e duas sessões solenes. Houve 29 trabalhos agrupados como se segue. Seção I: Educação Física no ensino; Seção II: Ensino da Educação Física; Seção III: Assuntos Científicos; Seção IV: Assuntos Gerais. Este foi considerado o primeiro congresso especializado e documentado em Educação Física, realizado no Brasil. Compareceram 112 congressistas, representando o Distrito Federal (hoje RJ) e os estados de SP e MG; três escolas especializadas e funcionários da Divisão de Educação Física do Ministério de Educação e Saúde e do Instituto de Educação do Distrito Federal, além das seguintes escolas: Escola de Educação Física do Exército, Escola Nacional de Educação Física e Desportos e Escola Superior de Educação Física de SP.

1941 Em maio: realiza-se em Buenos Aires, Argentina, o II Congresso Sul-Americano de Medicina Desportiva, com o Brasil presente.

1941 Em agosto: Conferência sobre Educação Física e assuntos correlatos, promovida pela Associação Brasileira de Educação Física, no Palácio Tiradentes, cidade do Rio de Janeiro-RJ: 12 conferências proferidas por professores da Universidade do Brasil e nomes de projeção nos círculos educacional, jurídico e social.

1943 Em julho: I Congresso Pan-Americano de Educação Física, sob o patrocínio do governo brasileiro e com a assistência técnica da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde. Participaram 20 delegados representando treze nações americanas. Considerado um dos mais notáveis acontecimentos deste período para a Educação Física nacional. Foram apresentados 78 trabalhos: 44 do Brasil; 17 do Uruguai; 10 do Peru; 4 do México e 3 do Chile. As conclusões deste Congresso foram utilizadas na solução de diversos problemas comuns às nações americanas nessa especialidade.

1943 Em julho: No RJ realiza-se a Primeira Exposição Nacional de Educação Física. No Saguão da Biblioteca Nacional (Avenida Rio Branco, centro da cidade), foram expostos aproximadamente 1500 fotografias de instalações e atividades nos diversos graus de ensino e 369 obras especializadas de autores nacionais.

1944 Em dezembro: Reunião de Educação Física promovida pela Divisão de Educação Física do Ministério de Educação e Saúde, com a participação dos diretores de órgãos especializados, escolas e cursos de Educação Física, federais, oficiais e reconhecidos, além de representantes da Associação Brasileira de Educação Física e da Escola de Educação Física da Força Pública de SP. Objetivava-se estudar e debater os problemas relacionados com a Educação Física no Brasil, e firmar pontos de vista nacionais (doutrinários e técnicos) para o II Congresso Pan-Americano de Educação Física a realizar-se em 1945, na cidade do México.

Décadas de 1950 e de 1960 Este período foi marcado pelo aporte de conhecimentos trazidos por especialistas estrangeiros em eventos tipo convenção com cursos denominados de "Estágios Internacionais" para profissionais já atuantes e estudantes da graduação em Educação Física. As Associações de Professores de Educação Física-APEF foram as intermediárias destes eventos – basicamente as APEFs de SP, RJ e RS – que se tornaram típicos e sobreviveram até o final dos anos de 1960. No estágio em foco, a influência dos especialistas do exterior produziu no Brasil a passagem do domínio da metodologia na Educação Física para a abordagem científica das atividades físicas em geral (ver capítulo sobre APEFs neste Atlas). Houve efetivamente a criação de uma geração de líderes da Educação Física nacional relacionada a Augusto Listello (França), Gehrard Schmidt (Áustria), Margareth Froelich (Suécia) e Ilona Peuker (Hungria), esta se fixando no Brasil. Esta passagem peculiar de conhecimentos deu lugar a uma espécie

de "congresso-curso" que se dissolveu no início da década de 1970, pelo surgimento de uma produção científica nacional na área de atividades físicas.

1967 Em Vitória-ES, acontece a VI Reunião de Diretores de Escolas de Educação Física, outro tipo de evento acadêmico que abordava tanto temas de gestão e de diretrizes de governo como de áreas de conhecimento e currículo. Estas convenções tiveram continuidade e até hoje são organizadas por meio de suportes diversos.

1971 No Rio de Janeiro-RJ organiza-se o Congresso da Associação Internacional de Escolas Superiores de Educação Física – AIESEP, no *campus* da Universidade Gama Filho daquela cidade. Este evento marca o início da segunda etapa de congressos internacionais no Brasil após os eventos Pan-Americanos dos anos de 1940.

1972 Simpósio do Conselho Internacional do Esporte Militar-CISM, também no RJ, marcando o fim das convenções-cursos e o início dos congressos de produção científica nacional. Pela primeira vez especialistas renomados do exterior dividiram com brasileiros – como Maurício L. Rocha e Lamartine P. DaCosta – as aulas e discussões do Simpósio (ver capítulo "Fisiologia" neste Atlas).

1973 Em Bruxelas, Bélgica, acontece o Encontro Mundial de Educação Física Escolar da FIEP, que então comemorava seu cinquentenário. Estiveram presentes entre outros professores(as) brasileiros(as) Fernanda Beltrão, Alfredo Gomes de Faria Júnior; Manoel Gomes Tubino e Lamartine Pereira DaCosta. Em diferença dos congressos internacionais da década de 1940, a produção científica nacional apresentava-se incorporada às contribuições internacionais.

1975 Cria-se o Curso Nacional de Educação Física para Professores de Excepcionais, atualmente conhecido como Circuito Conesul de Educação Física e Pedagogia, em Porto Alegre-RS, sob coordenação de Vilson Bagatini. Em 29 anos de congressos-cursos sem interrupção, este evento hoje soma cerca de 16 mil participantes. Este é um dos congressos mais antigos do Brasil em termos de continuidade.

1979 Em São Caetano do Sul-SP, realiza-se o I CONBRACE com o tema: "A criança brasileira e a atividade física", com 38 temas livres apresentados e início da publicação da Revista Brasileira de Ciências do Esporte. A ênfase no tema livre foi uma característica dos primeiros congressos/eventos dos anos de 1970, pois a insipiente produção científica resultava em poucas apresentações de pesquisas.

1980 Em maio, em Salvador-BA: 1º Encontro Nacional dos Estudantes de Educação Física, com o tema: "Conjuntura política nacional e a participação dos profissionais de Educação Física nas Entidades". Consolidava-se com este evento princípios fundamentais para o amadurecimento acadêmico e caráter político do Encontro, que ainda se fazia referenciado no modelo de atuação do Movimento Estudantil das décadas de 1960 e 1970.

1981 – 2003 Período de realização de 13 edições do CONBRACE. Em Londrina-PR, aconteceu o II CONBRACE em 1981, com o tema: "Esporte no Brasil", havendo 74 trabalhos (53 temas livre e 21 painéis). Em 2003, em Caxambu-MG, ocorreu o XIII CONBRACE, com o tema: "25 anos de história: o percurso do CBCE na Educação Física brasileira", sendo apresentados 344 trabalhos acadêmicos (216 comunicações orais e 128 posters). O capítulo do CBCE neste Atlas, lista locais, temas e quantitativo de apresentações dos demais congressos deste período.

1981 – 2003 Em Goiânia-GO, realiza-se em 1981, o II ENEEF, com o tema: "Conjuntura nacional e a Educação Física de base, legislação e currículo". A 24ª edição aconteceu em 2003, em Curitiba-PR com o tema: "Educação Física: discutir cultura para mudar a estrutura".

1982 – 1984 Em Curitiba-PR realiza-se o I Congresso Esporte para Todos que teve apenas duas edições mas criou experiência que se estendeu à realização dos ENAREL a partir de 1989. O II Congresso EPT (expressão da época) ocorreu em Belo Horizonte-MG, em 1984. Em ambos os congressos EPT experimentou-se uma participação aberta, incluindo participantes não-especialistas e não-acadêmicos apresentando trabalhos. A participação massiva (400 pessoas em Curitiba e 600 em Belo Horizonte) destes eventos deu indicações da viabilidade de mega congressos-cursos que surgiram nos anos seguintes.

1989 – 1993 Em Brasília-DF: 1º Encontro de Profissionais de Recreação e Lazer, com o tema: "Lazer e Recreação: Melhoria da Qualidade de Vida". Este evento teve cinco edições, adotando a

sigla ENAREL, a partir de 1993. O segundo Encontro aconteceu também em Brasília em 1990, com o tema "A Situação da Recreação e do Lazer no Brasil". 3º Encontro: Brasília, 1991, com o tema "Lazer e Interdisciplinaridade". 4º Encontro: Rio de Janeiro-RJ, 1992, com o tema "Lazer e Meio Ambiente". 5º Encontro: Bertioga-SP, 1993, com o tema "O Lazer e suas Inter-relações na Sociedade".

1993 – 2002 Em Campinas-SP: I Encontro de História da Educação Física e do Esporte, com 35 trabalhos distribuídos em 6 mesas redondas. Os demais Encontros foram: 1994, Ponta Grossa-PR, com 42 trabalhos, distribuídos em 7 mesas redondas; 1995, Curitiba-PR, com 66 trabalhos apresentados com 8 mesas redondas (73 participantes); 1996, Belo Horizonte-MG, com 75 trabalhos distribuídos em 8 mesas redondas temáticas, 16 comunicações e 22 painéis; 1997, Maceió-AL, V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física; 1998, Rio de Janeiro-RJ, VI Congresso, com o tema: "Caminhos, meios e estratégias para o desenvolvimento da pesquisa do esporte, lazer e educação física", com 87 trabalhos apresentados (modificou-se, neste ano, a denominação de encontro para congresso); 2000, Gramado-RS, VII Congresso, tema: "Memórias e descobrimientos: 500 anos de história da Educação Física, esporte, lazer e dança no Brasil", com a apresentação de 122 trabalhos nacionais e de 6 trabalhos internacionais, num total de 128 trabalhos inscritos, distribuídos em mesas redondas, apresentações orais e pôsteres; 2002, Ponta Grossa-PR, VIII Congresso, tema: "As ciências sociais e a história da Educação Física, esporte, lazer e dança", com quase 200 trabalhos apresentados; nesta edição o evento consolidou-se nacional e internacionalmente, contando com 5 palestrantes convidados internacionais e 15 nacionais.

1994 – 2003 Em Brasília-DF, 6º ENAREL, organizado pelo Departamento de Educação Física, Esportes e Recreação-DEFER da cidade, congregando trezentos participantes. Os demais foram: 1995, Recife-PE, 7º ENAREL, tema: "Lazer: Ócio ou Negócio?"; 1996, Porto Alegre-RS, 8º ENAREL, tema: "O Lazer & a Recreação Comunitária: Porto Alegre-70 anos de Recreação Pública"; 1997, Belo Horizonte-MG, 9º ENAREL, tema: "A Diversidade Cultural no Lazer"; 1998, São Paulo-SP, 10º ENAREL, realizado simultaneamente com o 5º Congresso Mundial de Lazer, com um único tema: "Lazer em uma Sociedade Globalizada – Inclusão ou Exclusão"; 1999, Foz do Iguaçu-PR, 11º ENAREL, tema: Lazer, Meio-Ambiente e Diversidade Cultural; 2000, Balneário Camboriú-SC, 12º ENAREL, tema: "Formação Profissional no Lazer. Perspectivas e Tendências"; 2001, Natal-RN, 13º ENAREL, tema: "Lazer, Transdisciplinaridade e Educação"; 2002, Santa Cruz do Sul-RS, 14º ENAREL, tema: "Lazer: Desenvolvimento Regional e Estilo de Vida"; 2003, Santo André-SP, 15º ENAREL, tema: "Lazer e trabalho – Novos Significados na Sociedade Contemporânea".

1997 – 2003 Rio de Janeiro-RJ: 1º Fórum Olímpico, realizado simultaneamente com o Congresso da AIESEP, contando com o apoio da UGF (RJ), com a participação de 50 pessoas; 2000, Porto Alegre-RS, II Fórum Olímpico, evento promovido pela UFRGS, contando com a participação de 400 pessoas; 2002, Rio de Janeiro-RJ, III Fórum Olímpico, ocorrido no Hotel Interamericano (RJ), com a chancela do Comitê Olímpico Brasileiro-COB e da Universidade Gama Filho-UGF, e participação de 192 pessoas (o evento passou a ser anual); 2003, Curitiba-PR, IV Fórum Olímpico, COB e Universidade Federal do Paraná-UFPR, com a participação de 400 pessoas.

Situação Atual Os eventos/congressos científicos continuam hoje a se proliferar no país e a se diversificar em interesses e especializações. De sua base histórica nos grandes centros urbanos (São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte e Curitiba), estes acontecimentos já experimentam uma expansão das capitais para o interior em cada estado. Um levantamento não-exaustivo totalizou 49 eventos de impacto regional-nacional além de nove de influência nacional (ver área do mapa deste capítulo). Considerando que entre os nacionais apenas o Congresso de História e o Fórum Olímpico não são mega-eventos (acima de mil participantes) estima-se como soma mínima para este setor 9.000 participantes. Já os 49 regionais oscilam entre 300 e 900 participantes, atingindo um quantitativo também mínimo de 14.700 participantes. Haveria então uma estimativa mínima de 23.700 participantes em congressos-eventos nos temas de Educação Física, esportes e atividades físicas de lazer e saúde no país. Falta levantar entretanto eventos acadêmicos locais e/ou de especializações ligadas a nichos de conhecimento do esporte como Medicina Esportiva, Fisiologia do Exercício, Biomecânica, Psicologia do Esporte etc. que poderiam aumentar

com facilidade as cifras iniciais. Uma contagem de Walmir Vinhas – organizador de mega-eventos em Educação Física – dos participantes dos 58 congressos ora em foco pelo reconhecimento pessoal e consulta aos CREFs em cada estado, alcançou 36.500 participantes /ano (ano base 2003), estimativa incorporada por este Atlas como provisória e sujeita a ajustes nas próximas edições da publicação / banco de dados. Do ponto de vista de tendências identificadas, cabe dar realce à escala crescente do grupo dos nove nacionais. Estes eventos hoje estão se desmembrando em atividades diversas de caráter técnico e científico sob uma única coordenação: Congressos, Eventos, Feiras, Cursos, Encontros, Seminários e Reuniões. Como exemplo, temos o Congresso da FIEP, que em 2004 (19ª edição) comportou 5 Congressos simultâneos (Nacionais e Internacionais); 4 Eventos de caráter técnico/científico; Feiras de materiais/equipamentos ginásticos, esportivos, e de Lazer; Cursos de curta

duração; Encontros e Reuniões, totalizando 3.185 participantes, 863 apresentações de trabalhos científicos e 15 países participantes .

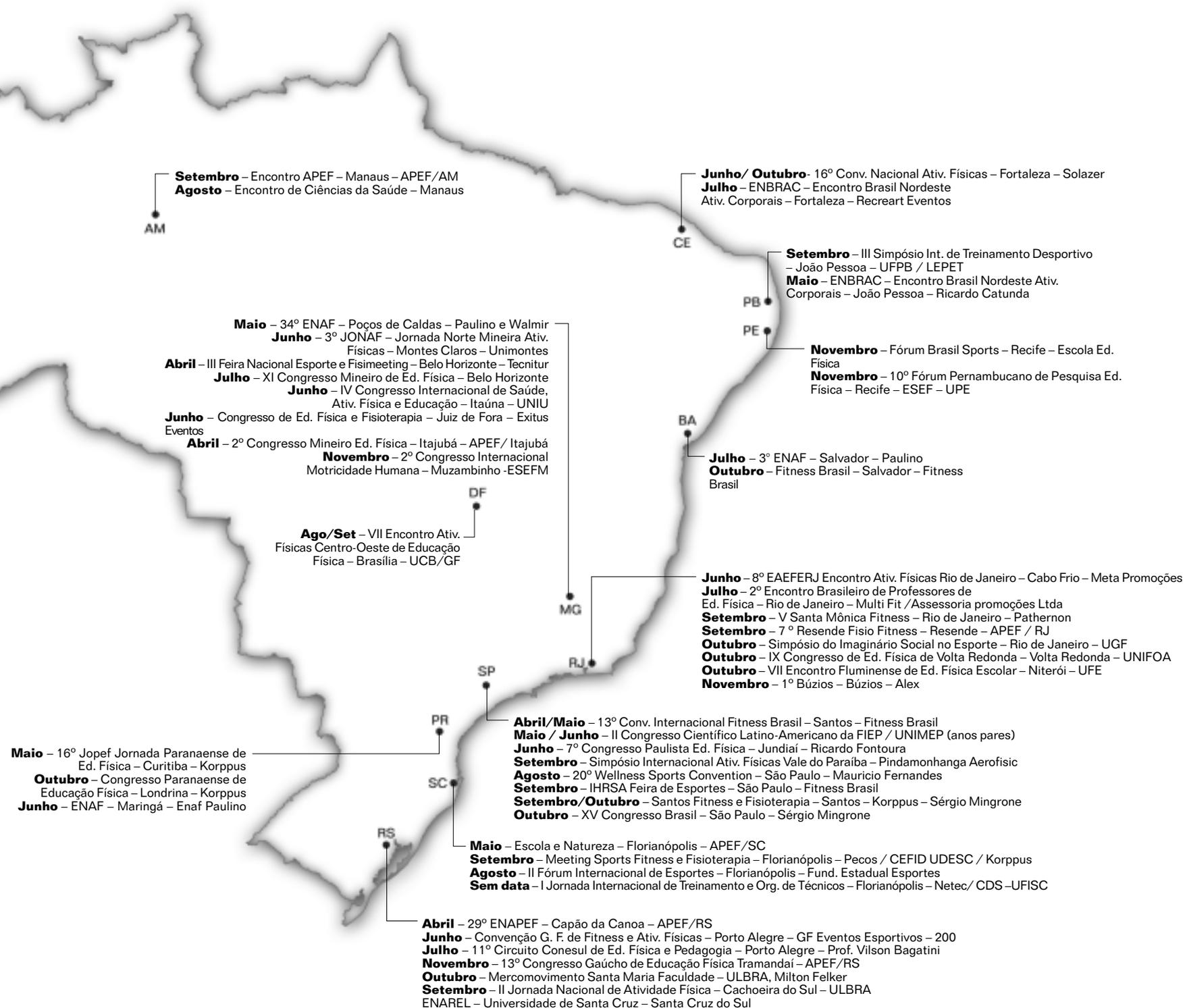
Em que pesem um crescimento e uma diversificação espontânea nestes mega-eventos, há contudo que se resguardar o compromisso com o rigor científico e com o conhecimento historicamente situado, que passa pela compreensão do compromisso com a realidade social da área e do país (grandes dimensões, imensas desigualdades econômicas, sociais, regionais) como também pela definição clássica de 'congresso'. A nossa organização de congressos reflete, em resumo, a evolução histórica da área e portanto tem uma certa validade. Mas há solicitações simultâneas de discussões apropriadas ao momento histórico e ao desenvolvimento técnico e científico da área; e nos regionais, de discussões apropriadas para as localidades onde estão situados. Estão sobretudo presentes a

ampliação e a consolidação dos Programas de Pós-graduação em Educação Física e de Centros e Grupos de Pesquisa em Educação Física e áreas congêneres, nas suas múltiplas áreas e integradas a outros Centros e/ou Sociedades Científicas nacionais e internacionais, que certamente estão demandando uma realização mais rigorosa dos congressos/ eventos científicos.

Fontes Accioly, A.; Marinho, I. P. História e Organização da Educação Física e dos Desportos. V.I. Rio de Janeiro: s.ed., 1956. DaCosta, L. P. Diagnóstico de Educação Física/Desportos no Brasil. Brasília: MEC, 1971; Tadeu Costa; Antônio Carlos Bramante; textos Exneef; www.boletimef.org; www.cbce.org.br; www.sescsp.org.br; CREFs. www.oceanoeventos.com.br; www.fiep.org.br; www.celafiscs.org.br; www.sescsp.com.br; www.confelires.com.br; www.ufb.br/gef; www.cob.org.br; www.facosfacad.com.br/forumolimpico.

Congressos / eventos em Educação Física selecionados por impacto regional, 2003

Conferences/events in physical education selected by regional impact. 2003



Feiras e exposições em esportes, atividades físicas e lazer

TERESINHA DANINGER ISOBE, ERNANI CONTURSI E HELOISA G. P. NOGUEIRA

Fairs and exhibitions of sports, physical activities and leisure

The large international fairs started to appear in England in the middle of the 19th century as a way to promote products and image of countries. The British World Fairs were so successful that they set up a pattern that spread around Europe, the United States and the rest of the world. The idea of the Olympic Games was partially inspired in the international fairs. A combination of Olympic Games with World Fairs took place in 1900 in Paris and in 1904, in Saint Louis, U.S. In Brazil the very first sports

fair occurred in 1925; however, the first modern fairs and exhibitions about sports and physical activity came up at the end of the 1970s and dealt with nautical products (starting in 1977). The next step reached the fitness market in the 1980s, and more recently the extreme and adventure sports, which put together a multiplicity of products and services. This chapter identifies 22 fairs in Brazil (Table 1): 10 large ones, 3 medium-sized and 7 smaller ones (2 not included). They were attended

by 400,000 people, had US\$63.3 million money turn over, and generated between 5,000 and 10,000 job positions over a year. The survey of exhibitors suggests that there are around 400 companies in Brazil – and some foreign companies – potentially able to respond to the appeal of the fairs to conduct business in the area of physical activity, sports, leisure and tourism. Table 2 data are significant as they reveal business growth in the sector of extreme and adventure sports.

Origens e definições As grandes feiras internacionais apareceram na Inglaterra em meados do século XIX como forma de promoção de produtos e imagem de países. O sucesso obtido com as *World Fairs* inglesas espalhou o modelo e invadiu a Europa, os EUA e o resto do mundo. A idéia dos Jogos Olímpicos, em parte foi inspirada nas feiras internacionais (DaCosta, 2002). Em alguns casos, houve fusão de um evento com outro, como em Paris, em 1900 e em Saint Louis-EUA, em 1904. Até mesmo os Jogos Olímpicos Latino-Americanos de 1922, realizados no Rio de Janeiro – cancelados pelo Comitê Olímpico Internacional – coincidiram com a Feira Internacional que comemorava o Centenário da Independência do país. No Brasil, a primeira grande Feira Internacional aconteceu em 1908, no Rio de Janeiro (Porto Alegre, em 1906, também organizou uma feira internacional, mas de menor porte). No setor esporte, o evento pioneiro foi a Primeira Exposição de Automóveis promovida pelo Automóvel Club do Brasil-ACB, em 1925, realizada no Rio de Janeiro-RJ, no Morro do Castelo (hoje área do centro da cidade), que incluiu uma corrida formalmente organizada. Este evento foi organizado pelo ACB, então uma entidade exclusivamente esportiva, e, como tal, focalizou a promoção ao esporte do automobilismo, com exposição e vendas para este segmento. Na década de 1930, uma lei federal autorizou a abertura das duas primeiras Faculdades de Educação Física no país, nos estados do Espírito Santo e São Paulo. Neste último estado, começou a funcionar, em 1935, a Associação dos Professores de Educação Física de São Paulo-APEF. Neste mesmo ano, esta entidade promoveu a 1ª Semana de Educação Física, que tinha por objetivo esclarecer a sociedade sobre a importância da realização de atividades físicas. Na década de 1940, e por quase 40 anos, a APEF realizou, na cidade de Bertioga, cursos de atualização profissional, nos quais se instalou a tradição da comercialização de material didático. Aparentemente este foi o embrião das convenções atuais que montam cursos de atualização profissional, juntamente com feira, programação científica, campeonatos, etc.

As primeiras feiras sobre esportes e atividades físicas realizadas no Brasil, na forma atualmente conhecida, surgiram no final da década de 1970 e abordaram os produtos náuticos (a partir de 1977), depois atingindo o mercado de fitness, já nos anos de 1980, direcionando-se mais recentemente para os esportes radicais e da natureza, que congregam uma multiplicidade de produtos e serviços. Contudo, hoje, em termos de número e cobertura territorial, as feiras e exposições sobre as atividades físicas do Brasil têm se expandido, prioritariamente, no segmento de Academia, conhecido como “Indústria do Fitness”. Nestas circunstâncias, o Brasil apresenta uma característica peculiar em relação aos mercados americano, canadense e europeu: são as feiras destinadas ao consumidor, voltadas à moda acadêmica e ao sport wear. A maioria das Convenções que começam a operar no país se inicia por este segmento. O *Fitness Business* é um mercado que envolve, atualmente, em torno de 20 mil academias no Brasil e cresce rapidamente tanto em equipamentos, quanto em produtos e serviços. Pesquisa realizada pela *International Health, Racquet & Sportsclub Association-IHRSA*, em 2002, aponta que 15% da população americana faz ginástica e pratica exercícios freqüentes nas academias, enquanto que, na Europa, o número cai para 9% e, na América Latina, atinge apenas 1,1%. Os organizadores de feiras e exposições investem, a cada ano, mais recursos na organização, estimulados pela percepção de um mercado de fitness ainda extremamente jovem e promissor. A mídia utilizada pelas feiras é totalmente dirigida para academias, fitness centers, hotéis e spas, com eventos voltados para investimentos regionais, outros nacionais e outros, ainda, voltados para todos os países da América Latina. A maioria das feiras e eventos nas áreas de *fitness* e esportes é organizada por empresas independentes e

trabalham de forma segmentada. Relata-se, a seguir, o inventário de eventos dos três segmentos do setor promocional e mercadológico das atividades físicas em geral no Brasil: (1) Fitness Business, (2) Convenções com Cursos e, finalmente, (3) Esportes e atividades de lazer e turismo em geral.

Encontro Nacional de Educação Física-ENAF Realizada no Estado de Minas Gerais, na cidade de Poços de Caldas, em suas duas versões, nos meses de abril e outubro, o ENAF já é uma tradição e está no mercado há 20 anos, sempre voltado para os profissionais de Educação Física. O Encontro recebe a maior freqüência de profissionais de Educação Física do mundo: são em média 4.000 profissionais em abril, e de 7.000 a 8.000 em outubro, ou seja, cerca de 12.000 profissionais de Educação Física por ano. A feira do ENAF disponibiliza 40 stands por evento. Em abril de 2004, movimentou cerca de R\$ 1,5 milhão e em outubro R\$ 2 milhões. Setenta por cento do movimento destas feiras é de confecções, 20% de suplementos e materiais didáticos/livros, CDs, vídeo, apostilas e apenas 10% corresponde à venda de equipamentos.

Sports & Fitness e Sports Business Show Estas duas feiras originam-se de um evento pioneiro no setor, realizado em 1986: *1st International Convention Aerobic Exercises*, uma grande convenção que dividia o Ginásio do Ibirapuera em São Paulo-SP com uma outra feira paralela. A feira-convenção tinha ao todo 50m² e dois únicos expositores, sendo um deles a Nike. A promoção foi da empresa recém-criada MF Promoções Esportivas, pertencente a Mauricio Fernandez, antes, introdutor no país da aeróbica competitiva. Desde então, ano a ano a Feira foi crescendo, tornando-se regular e consistente. Nas duas primeiras edições da Convenção não havia a Feira. Nessa ocasião, a Convenção acontecia duas vezes ao ano, em janeiro e em julho. A partir de 1988, as edições passaram a ser anuais. Em 1992, passou a chamar-se *Sports & Fitness*, englobando também as competições esportivas além da Convenção e da Feira, tornando-se uma referência para os profissionais de Educação Física em todo país, pela grande troca de informações que então possibilitava. Em 2000, a Feira acompanhou a mudança de conceitos na área, deixando de ser *Sports & Fitness*, para tornar-se *Wellness Sports Convention* desde que passou a associar prática esportiva com qualidade de vida.

Na edição de 2001, no Pavilhão da Bienal do Parque Ibirapuera, a Feira tornou-se um evento de grande escala: 8.000m², 179 expositores movimentando R\$ 5 milhões em volume de negócios, e um público estimado em mais de 20 mil pessoas. A prospecção de negócios ficou na casa dos R\$ 10 milhões. Mas, diante do aumento do investimento no mercado esportivo, foi necessário separar a área de consumo da área de negócios na Feira, qual foi então dividida em *Sports & Fitness* e *Sports Business Show*, a Feira Internacional de Equipamentos Esportivos e Serviços. Em 2002, a Sports & Fitness voltou ao Ginásio do Ibirapuera, retomando a proposta original de Feira de consumo, com inúmeras atrações para o público e o Congresso Internacional de Saúde, Fitness, Esporte e Lazer. A Feira ocupou 700m² e aproximadamente 70 expositores, com circulação de 10 mil visitantes e participantes.

Em julho de 2003, o Expo Center Norte – Pavilhão Amarelo (São Paulo-SP) foi sede da *Sports Business Show-2003*, a 20ª Feira Internacional de Equipamentos Esportivos e Serviços. Cerca de 5 mil pessoas entre empresários, fornecedores, lojistas, diretores corporativos e de clubes, e profissionais das áreas de Esporte e Educação Física, além de atletas, por ali passaram para participar de 1.500m² da Feira, reunindo 46 expositores, movimentando R\$ 3

milhões de reais em volume de vendas. A prospecção girou em torno de R\$ 8 milhões. Já a *Sports & Fitness* aconteceu no segundo semestre deste ano, consolidando a tradição de 17 anos de atuação no segmento de academias e seus complementos.

Convenção Internacional Fitness Brasil A primeira edição foi realizada em 1990 no Estado de São Paulo, em Santos, nas instalações do SESC. Em abril de 2003, na sua 13ª. versão, recebeu 4.200 profissionais de todos os Estados do Brasil, dos países latino-americanos, de Portugal e Espanha. Com quase 7.000 cursos comercializados, a Fitness Brasil organiza, simultaneamente aos cursos, uma feira, campeonatos, o *Brazilian Street Dance Festival* (campeonato de grupos de dança nos estilos hip-hop e street que recebeu, em 2003, mais de 500 competidores e um público de 5.000 pessoas em dois dias de competição) aulas e shows no Arts Stage Open (mostra cultural de dança aberta ao público com mais de 100 grupos se apresentando em 3 dias de evento e atendendo mais de 4.000 pessoas por dia) e uma festa de confraternização. Em 2004, o evento está programado para o período de 28 de abril a 2 de maio no seu local tradicional: SESC Santos.

No âmbito da Convenção, acontece como evento paralelo o *Fitness Brasil Sports Show*: uma feira de equipamentos, acessórios, material didático e roupas esportivas, cujo público é formado não só pelos convencionais, mas também pela população das cidades onde se realizam. Os visitantes podem encontrar as últimas novidades do mercado, muitas vezes a preços especiais. Com atuais 1.500m², a feira de Santos cresceu exponencialmente nos últimos 5 anos. Em 2003, 85 expositores atenderam um público circulante de 60.000 pessoas nos 5 dias do evento e geraram cerca de R\$ 8 milhões em negócios.

IHRSA / FITNESS BRASIL Latin American Conference & Trade Show A Fitness Brasil, no ano de 2000, tornou-se parceira da entidade norte-americana IHRSA, criando-se então a IHRSA/*Fitness Brasil Latin American Conference and Trade Show*, evento destinado aos proprietários, gerentes e coordenadores de academias, spas, clubes e hotéis, além de investidores, empresários e fabricantes de produtos e equipamentos esportivos. A IHRSA tem sido responsável por feiras e convenções de negócios em Fitness nos Estados Unidos, Europa e Ásia nos últimos 20 anos. Fazem parte do evento, que ocorre anualmente em São Paulo, no mês de setembro, três dias de conferências sobre assuntos econômicos atuais e técnicas de gerenciamento, administração, marketing e vendas direcionadas para academias, um importante *Trade Show* e clínicas práticas para experimentação de novos métodos e equipamentos. O período de realização deste evento é de 9 a 11 de setembro de 2004, no ITM Expo – Centro Têxtil de São Paulo-SP. Desde o primeiro ano de sua realização, é a maior feira de negócios do setor na América Latina. Em 2003 teve 12.000m² de área de exposição, 110 empresas expositoras e 5.000 visitantes, incluindo empresários de 22 estados brasileiros e 9 países, quando foram apresentados e negociados os últimos lançamentos de produtos e serviços para os clientes do segmento de atuação. Este inclui Acessórios e Equipamentos para atividades aquáticas, ginástica e musculação, Alimentação e Suplementação, Armários para academias, Áudio-visual para academias, CDs e Vídeos, Confeções de fitness-wear, Consultoria para academias, Engenharia, Arquitetura e Decoração de interiores, Equipamentos de Avaliação física, Equipamentos de Pilates, Informática para academias, Instituições, Manutenção de Equipamentos, Pisos, Playgrounds, Produtos para Spas, Programas de aulas, Editoras e Livrarias e Sistemas de acesso.

Convenção Fitness Brasil Norte-Nordeste A primeira foi realizada em 2001 no Estado da Bahia na cidade de Salvador, no

Centro de Convenções. No mês de outubro de 2003, em sua 3ª versão, recebeu 1.500 profissionais, principalmente dos Estados pertencentes à região Nordeste, com mais de 2.500 cursos comercializados. Neste âmbito, transcorre a *Fitness Brasil Sports Show* que já conta com 1.500m² de área de exposição e é considerada a melhor feira do gênero na região. Em 2003, o evento recebeu um público circulante de 12.000 pessoas, gerando R\$ 1,5 milhão em vendas. Personalidades locais costumam visitar a feira, que tem excelente repercussão na mídia.

Convenção Fitness Brasil Centro-Oeste A primeira será realizada em 2004 no Estado de Goiás, na cidade de Goiânia, no Centro de Convenções, no mês de junho, quando são esperados 1.000 profissionais. Para a promoção paralela *Fitness Brasil Sports Show* de Goiânia, as expectativas para a primeira edição de 2004, são animadoras: a Fitness Brasil prevê que haverá 1.000m² de área de exposição e 8.000 visitantes, tendo em vista que os expositores costumam apostar tradicionalmente em novos mercados.

Rio Sports Show Evento realizado na cidade do Rio de Janeiro, na Marina da Glória, bairro do Flamengo, já em sua quinta edição (2003), que se realiza sempre no mês de julho, a Rio Sport Show é uma feira que responde a uma demanda de empresários e gestores de atividade física. A feira dispõe de uma área de 10.000m² onde atende cerca de 80 expositores, movimentando R\$ 9 milhões em negócios. A Rio Sport Show também organiza convenções voltadas para a linha de suplementos alimentares. Em termos de produtos, 75% de sua venda são distribuídos em equipamentos, 12% em serviços diversos, 11% em suplementos alimentares e apenas 2% em *Sport Wear*. O público alvo é constituído de donos, gerentes, diretores de Academias e profissionais da área de Fitness em geral. Segundo dados dos organizadores, a maioria dos expositores desta feira do RJ também participa de eventos similares de SP, indicando que o mercado ainda está em estágio de formação.

Convenção GF de Fitness e Atividades Físicas Esta Convenção acontece desde 1994 no Estado do Rio Grande do Sul, na cidade de Porto Alegre. É voltada principalmente para profissionais de Educação Física. Em 1993 foi realizada, pela primeira vez, na cidade de Brasília, no mês de setembro, a versão GF - Brasília. A GF - RS é uma feira composta de 26 stands, recebe cerca de 2.000 visitantes, movimentando aproximadamente R\$ 800 mil por evento. Vende quase que exclusivamente *Sport Fitness* com uma forte comercialização na parte de confecções. A GF - Brasília, em sua 2ª edição, recebeu um público estimado em 700 pessoas, reunindo 18 stands e vendendo cerca de R\$ 550 mil em cada evento, sendo 50% em confecções; os demais stands oferecem suplementos alimentares, livros e serviços de academia. A feira também é aberta ao público em geral.

JOPEF Jornada Paranaense de Educação Física Evento realizado no Estado do Paraná, na cidade de Curitiba, no mês de abril, voltado principalmente para profissionais de Educação Física; em suas últimas versões abriu também módulos para as áreas de fisioterapia e nutrição. Esta feira segue o modelo que oferece apoio à realização de congressos. Como tal, organiza vendas em 15 - 20 stands, sendo 12 de confecções de *Fitness Wear* que geram negócios em torno de R\$500 mil. A frequência de público reúne até 1.500 profissionais e estudantes

Nordeste Eventos Evento realizado em Fortaleza-CE, sempre em novembro, e em junho em Recife-PE. Modelo idêntico ao das feiras de apoio a congressos. Recebe em torno de 800 participantes entre profissionais e estudantes e movimentada, por evento, cerca de R\$450 mil. A feira dispõe de cerca de 10 stands, sendo 10 de confecções, ligados à moda academia.

Cabo Frio Eventos Feira em conjunto com o Encontro dos Profissionais e Estudantes de Educação Física do Rio de Janeiro, que acontece sempre na cidade de Cabo Frio em frequência anual. O evento é voltado principalmente para estudantes e profissionais de Educação Física, recebe em torno de 1.300 pessoas e vende até 15 stands, movimentando R\$380 mil por feira. Cerca de 90% das vendas dos stands são de confecções de *Fitness Wear*.

Eventos e Feiras ACOBAR Este promoção inclui-se no segmento de esportes em geral. A Associação Brasileira dos Construtores de Barcos e Seus Implementos- ACOBAR é uma entidade de classe sem fins lucrativos, representativa da náutica de lazer de todo o país que realiza feiras e eventos desde 1977. Foi fundada em 19 de dezembro de 1975 e tem sede própria no Estado

do Rio de Janeiro. Hoje, a ACOBAR tem mais de 100 empresas associadas entre os mais variados setores da náutica tais como estaleiros, fabricantes de implementos, revendedores, importadores, lojas, prestadores de serviços, motores, marinas, oficinas, corretora de seguros, equipamentos, editora, internet, jets, capas e representações. A ACOBAR tem como objetivos principais congregar fabricantes de embarcações esportivas, de recreio e afins; defender a categoria perante os poderes públicos e a sociedade; desenvolver estudos para a solução de problemas da indústria náutica, na condição de órgão técnico e consultivo em colaboração com o poder público; promover intercâmbio com entidades congêneres; zelar pelo relacionamento ético entre os associados e destes em relação a terceiros; promover ou cancelar eventos que venham a incrementar o mercado náutico e ser facilitadora na solução de problemas do setor.

A ACOBAR organiza duas feiras por ano: Rio Boat Show e São Paulo Boat Show, que constituem o maior evento náutico da América Latina. Os produtos expostos concentram-se em embarcações de recreio e equipamentos e serviços afins. Em meados dos anos de 1990, havia uma média de 200 expositores por feira mas com a recessão econômica do início da década de 2000, ocorreu uma redução de 35% neste parâmetro de avaliação. Explica-se esta perda de volume por serem os produtos exibidos os de maior custo entre os demais do mercado de lazer, esporte e turismo. Considerando-se o período 2000-2003, houve um público médio de 50 mil pessoas/ano tanto no RJ como em SP, com R\$40 milhões de negócios em cada uma delas e projeções de negócios pós-feira de R\$100 milhões nos dois eventos somados. A edição de 2003 da Rio Boat Show teve 127 expositores em dez dias de exposição na Marina da Glória, contando um total de 2.600 empregos transitórios incluindo 650 pessoas na montagem pré-evento (5 por stand), staff dos expositores e staff da organização da feira indoor e outdoor com policiamento e manutenção.

Expolazer A Associação Nacional dos Fabricantes e Construtores de Piscinas e Produtos Afins- ANAPP representa o mercado de piscinas e produtos afins e se consolidou com a criação da Feira Internacional de Produtos e Serviços para Piscinas, Parques Temáticos e Lazer- EXPOLAZER. Esta é a maior feira desse segmento na América Latina e reúne industriais, empresários, lojistas e clientes do Brasil e do mundo. Criada há onze anos, a ANAPP é porta-voz da indústria do lazer. As atividades desenvolvidas pela ANAPP se estendem ao âmbito internacional. Fornece informações de todo o gênero para muitas embaixadas e associações de outros países. Em parceria com outras entidades como a ABNT, Vigilância Sanitária e o SESI, a ANAPP fornece informações e apoio, além de atividades de treinamento. O mercado é crescente e o Brasil, neste momento, corresponde ao segundo país do mundo nessa área. Existem cerca de 1.250.000 (um milhão, duzentos e cinquenta mil) piscinas em todo o território nacional. O número de lojas voltadas ao setor é de, aproximadamente, 2.100 em todo o país (dados de 2003). Somente no Estado de São Paulo existem em torno de 800 lojas. O número de indústrias no setor é de, aproximadamente, 200, o que acarreta a oferta de, pelo menos, 6.000 empregos diretos. O faturamento do setor, em 2002, equivaleu a um bilhão de reais contra R\$ 900 milhões em 2001. A região sudeste é a que detém a maior fatia de mercado, atualmente com 43%. Em 2002, as vendas tiveram um crescimento de 5%, comparativamente a 2001, com 9%. A ANAPP é procurada não somente por lojistas ou fabricantes. Recebe, também, ligações de consumidores: cerca de 250 ligações por mês, que são atendidas e orientadas. Em geral são dúvidas, tanto mercadológicas quanto técnicas. Por sua vez, criada em 1991, a Expolazer atingiu, em 2003, a escala de 12.000 visitantes e 115 expositores, sendo um evento essencialmente de negócios. Como tal, totalizou nesta edição, entre os visitantes, 3.000 lojistas e exportadores nacionais e importadores de 12 países.

Brazil Fishing Show Desde 2002, em seu lançamento, a *Brazil Fishing Show* – Feira de Pesca congregou cerca de 70 empresas que atuam nos segmentos de pesca, camping, turismo e náutico. Em 2003, 85 expositores atenderam um público circulante de 60.000 pessoas nos 5 dias do evento. Neste ano, a *Brazil Fishing Show* foi realizada no Transamérica Expo Center, São Paulo-SP. A próxima edição da feira já está programada para setembro de 2004. Estima-se que existam 47 milhões de pescadores eventuais e informais no país e seis milhões de pescadores esportivos, dos quais somente o Pantanal Mato-Grossense recebe a visita de 100.000 a cada ano,

enquanto a Amazônia atrai outros 3.000 estrangeiros. A atividade de pesca amadora no Brasil tem apresentado um crescimento vertiginoso nos últimos anos. O que era uma atividade de lazer transformou-se em uma indústria cada vez mais forte, que movimentada anualmente milhões de dólares em segmentos tão diversos como importação e exportação, aquicultura, turismo e mídia especializada. Considerando-se apenas o universo de peixes esportivos, as águas brasileiras abrigam mais de 100 espécies. Em termos de áreas de pesca, o país oferece tudo o que o pescador pode desejar: rios caudalosos cercados por florestas tropicais, corredeiras, lagos, e mais de 8.000km de costa, com uma grande extensão de praias, manguezais e costões, sem contar o alto-mar.

Adventure Sports Fair – Feira de Turismo e Esporte de Aventura Este evento teve sua primeira versão em outubro de 1999 e, desde então, tornou-se referência como importante ponto de contato entre profissionais, empresários, esportistas e amantes dos esportes e turismo de aventura. A Feira é organizada e gerenciada pela empresa Promotrade Brasil Feiras e Congressos Ltda e recebe o apoio de empresas como a UOL, Embratur, Eldorado FM, Família Aventura, Água Crystal e ESPN. Como tal, realiza-se anualmente, nos três pavilhões da Bienal do Ibirapuera, na cidade de São Paulo. Reúne, no mesmo evento, o lançamento de produtos, a veiculação de imagens institucionais e o convite à fruição do lazer e do esporte de aventura. As atividades ocorrem de forma simultânea e no sentido de envolver os visitantes em atividades práticas e excitantes, por vezes com suporte de palestras informativas. Na feira realizada em 2000, por exemplo, as palestras de eco-turismo e turismo sustentável reuniram operadoras, ministérios, ONGs ambientalistas e lojas. Os conceitos que orientam o evento apóiam-se tanto na biodiversidade do Brasil – um dos maiores do mundo – como nos procedimentos das operadoras de turismo de vários países que, crescentemente, têm aderido ao segmento. Como o ecoturismo e o turismo de aventura estão se expandindo, presume-se que a indústria de equipamentos crescesse no mesmo ritmo. No off-road Toyota, Goodyear e Bardahl bancaram a novidade daquele ano: uma pista que começava do lado de fora da Bienal e seguia até o interior, com dois mil metros quadrados. Os visitantes experimentaram a nova Hylux e ainda tiveram direito a uma foto digital da HP, presenteada ao visitante, ao final do circuito. Houve a participação de Cléster Cavalcante, Roberto Linker, Fábio Zander, Adriano Gambarini e Júlio Pin apresentando o Projeto Cadeirantes de roteiros de eco-turismo para deficientes físicos. Durante a Feira de 2003, por exemplo, as atrações oferecidas aos visitantes foram renovadas: pista de Off Road, tanque de mergulho, arvorismo, boulder de escalada, pista de esqui, orbit ball, eurobungy e snowboard. Em paralelo à Feira, ocorre o Adventure Congress – Congresso Brasileiro de Esportes e Turismo de Aventura. Conferências, workshops e fóruns, com palestrantes de renome nacional e internacional proporcionam ao público uma oportunidade única de entrar em contato com grandes nomes do mercado de aventuras. Realizam-se, assim, discussões e troca de informações relacionadas à prática dos esportes, à saúde, à qualidade de vida e ao meio ambiente.

O número de visitantes, entre 1999 e 2002, aumentou em mais de 100%, de 42.200 para 86.000, em 2002. Quanto ao número de expositores: em 1999, foram de 125, passando para 163, em 2000; atingiram um total de 195, em 2001 e finalizando com 223 expositores, em 2002. O volume de negócios gerados em 2002 correspondeu a R\$55 milhões, enquanto que nos anos anteriores – de 2001 a 1999 – foram, respectivamente de R\$45.500 milhões, R\$ 32 milhões e R\$ 19 milhões. O público tem apresentado um perfil concentrado nas classes A e B, com um percentual de 42 e 47%, respectivamente, e a faixa etária oscila entre 44%, entre 20 a 30 anos e 25%, entre 30 e 40 anos. A presença de solteiros é marcante, com 61% e a escolaridade aponta para o nível superior, com 71%.

Fenajeeep Esta feira já alcançou a 10ª edição em 2003, gerando R\$8 milhões em negócios, de acordo com seus organizadores da cidade de Brusque, no estado de Santa Catarina. Trata-se de um evento que congrega os praticantes da modalidade de Off-road, isto é, competições em terreno natural e trilhas em florestas usando-se veículos de tração em quatro rodas, como também os apreciadores e assistentes dos esportes de aventura em geral. A exposição e venda de produtos completam-se com competições nas áreas vizinhas ao empreendimento. A Fenajeeep realiza-se tradicionalmente no pavilhão Professora Maria Celina Vidotto Imhof, da cidade sede catarinense. Em sua última edição, a feira recebeu um público de 35 mil pessoas e mais de 700 competidores nas provas inseridas na programação da festa de 2003: o Raid Fenajeeep – Trilha do Garimpo (este com quase 500 “jipeiros”), o Jeep Indoor, o Arrancadão na Lama e a Queima de Pneus.

Congresso Brasileiro de Esportes, Fitness e Ciências da Saúde – CEFICS Evento convenção-feira foi iniciado em 2003 e lançado por Waldir Vinhas Promoções, de Minas Gerais. A primeira edição ocorreu em agosto de 2003 em São Lourenço-MG, com 600 participantes e dez expositores. Na parte correspondente ao Congresso, houve apresentação de trabalhos científicos, posters e temas livres; e cursos nas áreas de Educação Física, academia, assim como abrigou o Simpósio de Fisiologia e Pedagogia.

Feira Nacional de Esportes Evento anual e internacional sendo voltado para o segmento esportivo e o do turismo de aventura e ecoturismo. Visitantes: profissionais de educação física, fisioterapia e nutrição, atacadistas e varejistas de material esportivo, clubes, academias de ginástica, escolas de esportes, confederações e federações esportivas, prefeituras municipais, agências de viagem e operadoras de ecoturismo entre outros. Setores & Produtos: Equipamentos de fitness, Equipamentos e artigos para hidroginástica, Marcas esportivas, Tênis, Informática e softwares para academias de ginástica, Material e artigos esportivos, Alimentação light e diet, Estética e clínicas de emagrecimento, Construções esportivas, Pisos sintéticos em geral, Grama natural e sintética. Dados de 2003: Área em m²: 15.000; Número de expositores: 110; Visitantes: 47.000; Edição de 2004: Centro de Feiras e Exposições George Norman Kutova – Belo Horizonte-BH.

Feira de Esporte do Mercosul – FIEP Evento coordenado pela Delegacia Geral da FIEP no Brasil. Realiza-se nos últimos 10 anos consecutivos, sempre no mês de janeiro, na cidade de Foz do Iguaçu-PR, paralelamente ao Congresso Internacional de Educação Física da FIEP. Objetivo da Feira: atender o público do Congresso vindo de 12 a 18 países em média; o evento também é aberta para a população e firmas locais da cidade de Foz do Iguaçu. Área: em torno de 1000 metros quadrados. Característica da Feira: sempre em torno de 25 expositores; Segmentos de atuação: Malhas para Fitness, Livros, Aparelhos de Musculação e para Academia em geral, Programas de Softwares, Natação e áreas afins.

Situação atual Após 26 anos de experiência no estilo mercadológico moderno e com uma tradição que remonta aos anos de 1920, o setor de feiras e exposições em atividade físicas, esporte, lazer e turismo está concentrado nos três últimos segmentos mas se expande e se diversifica geograficamente no âmbito do fitness e das Academias. Dos 20 eventos identificados no Brasil segundo a Tabela 1, 10 são grandes, 3 são médios e 7 são pequenos, mostrando que a grande escala do negócio ainda indica sua viabilidade. Há ainda dois eventos descritos acima mas não incluídos na Tabela por falta de referências precisas, totalizando 22 eventos listados. Em termos de público circulante e de participantes – caso da Convenção-feira – a cifra de 400.000 pessoas é um ponto de partida para se estimar o impacto

mercadológico deste tipo de negócio, cujo movimento é no mínimo de R\$190 milhões/ano com uma geração de empregos temporários entre 5.000 (mínimo) e 10.000 postos de trabalho (máximo). O levantamento de expositores da Tabela 1 revela um total de cerca de 1.200, porém este número passa por duplas e triplas contagens de forma que não se conhece qual deles participa de mais de um evento por ano. De qualquer modo, há possibilidades de haver 400 empresas no Brasil – com algumas vindas do exterior – potencialmente capazes de adotar o apelo das feiras em seus posicionamentos de venda e negociações na área de atividades físicas, esporte, lazer e turismo. Por outro lado, a feira além de seu significado comercial, constitui um indicador de tendências e, no caso brasileiro, tal dispositivo de demonstração pública pode estar confirmando pelas cifras apresentadas, a expansão dos esportes e atividades físicas no país, mesmo na fase atual de estagnação econômica. Neste particular, os dados da Tabela 2 mostram-se significativos pois revelam crescimento de negócios no setor dos esportes radicais e da natureza justamente na fase de queda nas atividades econômicas em geral no país.

Fontes DaCosta, Lamartine. Olympic Studies, Editora UGF – edição internacional, RJ, 2002, pp. 162-164; www.enaf.com.br; www.fitnessbrasil.com.br; www.korppus.com.br / korppues@korppus.com.br; www.acobar.org.br; Lenilson Marcelo Bezerra – Secretário Geral da Acobar.

Tabela 1 / Table 1

Feiras e exposições com foco em atividades físicas, lazer, esporte e turismo, 2002 – 2003

Fairs & exhibitions focusing on physical activities, leisure, sport and tourism, 2002 – 2003

Eventos (1) / locais N= 22 Event/ place	Empregos temporários (2) Temporary jobs	Negócios - R\$ 1000,00 Money turn-over	Período Ano Month/s	Público Visitors	Ano Inicial Starting year	Expositores Stands	Porte Size
Rio Boat Show & SP Boat Show	2.600 em ambos eventos	100.000 (não inclui pós-feira)	RJ- abril SP- setembro	50.000 em cada evento	1977	127 no RJ e 120 em SP	Grande (maior da América Latina)
ENAF Poços de Caldas-MG	200	3.500	Abril e Outubro	12.000	1983	40	Grande
Sports & Fitness SP – SP	200	5.000	Anual	10.000	1986	70	Grande
Sports Business Show SP – SP	200	3.000	Anual	5.000	1986	46	Grande
Fitness BR Sports Show Santos- SP	200	8.000	Abril e Maio	60.000	1999	85	Grande
IHRSA SP – SP	200	N/d	Setembro	5.000	2000	110	Grande
CFitness BR Norte - Nordeste Salvador-BA	100	1500	Outubro	17.000	2001	N/d	Média
CFitness Br Centro-Oeste Goiânia-GO	50	N/d	Junho	8.000 (previsão)	2004 (em projeto)	N/d	Pequena
Rio Sports & Show RJ – RJ	200	9.000	Julho	N/d	1999	80	Grande
CGF Fitness e Ativ.Física Porto Alegre – RS / Brasília - DF	100	1.350 em ambos eventos	N/d	2000 no RS e 700 no DF	1993 em Brasília	26 no RS e 18 no DF	Média (duas feiras)
JOPEF Curitiba-PR	50	500	Abril	1500	N/d	15	Pequena
Nordeste Eventos Fortaleza-CE Recife-PE	50	450	Novembro Junho	800	N/d	12	Pequena (duas feiras)
CaboFrio Eventos CaboFrio-RJ	50	380	N/d	1300	N/d	15	Pequena
Expolazer SP – SP	200	N/d	N/d	12.000	1991	115	Grande
Brazil Fishing Show SP – SP	200	N/d	Setembro	60.000	2002	85	Grande
Adventure Sports Fair SP – SP	200	55.000	Outubro	86.000	1999	223	Grande
Fenajeep Brusque-SC	50	8	N/d	35.000	1993	N/d	Pequena
CEFICS S.Lourenço-MG	50	N/d	N/d	600	2003	10	Pequena
Totais e frequências (n=20)	4.900	188.038	Abril / outubro	421.700	26 anos	1197	G- 10 M- 3 P- 7

(1) Há dois eventos descritos acima que não foram incluídos na Tabela por falta de referências precisas.

(2) Os empregos temporários foram estimados de acordo com consulta aos próprios organizadores que indicaram como valores médios para as feiras: grande = 200 empregos; média = 100; pequena = 50. A cifra atribuída ao evento RJ e SP Boat Show veio dos organizadores e se esta escala se repete em Adventure e Expolazer (feiras de porte semelhante a do Boat Show), a ordem de grandeza de empregos parciais no setor alcançaria 10.000 postos de trabalho.

Tabela 2 / Table 2

Adventure Sport Fair-SP (*): resultados, 1999 – 2002 / results

Fonte / source: Promotrade Brasil Feiras e Congressos

Ano Edição Year	Receita em milhares R\$ - Money turn over	Expositores Stands	Visitantes Visitors
1999	19	125	42.200
2000	32	163	70.600
2001	45,5	195	78.600
2002	55	223	86.000

(*) Perfil do público: Classe A – 42%; Classe B – 47%; Faixa Etária – 44%- 20 a 30 e 25%- 30 a 40; Solteiros – 61%; Nível Superior – 71%.

FEIRA NACIONAL DE ESPORTES

Evento anual e internacional sendo voltado para o segmento esportivo e o do turismo de aventura e ecoturismo. Visitantes: profissionais de educação física, fisioterapia e nutrição, atacadistas e varejistas de material esportivo, clubes, academias de ginástica, escolas de esportes, confederações e federações esportivas, prefeituras municipais, agências de viagem e operadoras de ecoturismo entre outros. Setores & Produtos: Equipamentos de fitness, Equipamentos e artigos para hidroginástica, Marcas esportivas, Tênis, Informática e softwares para academias de ginástica, Material e artigos esportivos, Alimentação light e diet, Estética e clínicas de emagrecimento, Bronzeamento artificial, Protetores e filtros solares, produtos para tratamento da pele, haircare, Medicina a serviço do esporte, Fisioterapia esportiva, Nutrição e suplementação esportiva, Construções esportivas, Pisos sintéticos em geral, Grama natural e sintética, Equipamentos para esportes de aventura, Bicicletas, motos, jeeps e carros off-road, Municípios, estados e destinos turísticos com potencial para o ecoturismo e o turismo e esportes de aventura, Operadoras de ecoturismo, Moda fitness, moda praia, moda outdoor e esportiva, Acessórios de moda – óculos, relógios esportivos, sacolas e mochilas, Mergulho, pesca e náutica, Faculdades e escolas de educação física, fisioterapia, nutrição e turismo e Publicações especializadas. Dados de 2003: Área em m²: 15000; Número de expositores participantes: 110; Visitantes: 47000; Edição de 2004: Centro de Feiras e Exposições George Norman Kutova – Belo Horizonte-BH.

FEIRA DE ESPORTE DO MERCOSUL – FIEP

Evento coordenado pela Delegacia Geral da FIEP no Brasil. Realiza-se nos últimos 10 anos consecutivos, sempre no mês de janeiro, na cidade de Foz do Iguaçu-PR, paralelamente ao Congresso Internacional de Educação Física da FIEP. Objetivo da Feira: atender o público do Congresso vindo de 12 a 18 países em média; o evento também é aberta para a população e firmas locais da cidade de Foz do Iguaçu. Período de realização: janeiro; Área: em torno de 1000 metros quadrados. Característica da Feira: sempre em torno de 25 expositores; Segmentos de atuação: Malhas para Fitness, Livros, Aparelhos de Musculação e para Academia em geral, Programas de Softwares, Natação e áreas a fins e lançamento de Livros.

Estudos olímpicos – Academia Olímpica Brasileira – Educação olímpica

OTÁVIO TAVARES, CRISTIANO BELÉM, LETÍCIA GODOY, MARCIO TURINI, MARTA GOMES E NELSON TODT

Olympic studies – National Olympic Academy of Brazil – Olympic education

Olympic Studies is the name given to the set of studies of academic character that has the Olympic Games and/or the Olympic Movement in their various manifestations as themes, locus or standpoint of analysis of sport phenomena. In international terms today, Olympic Studies are generally carried out in universities and/or in institutions called National Olympic Academy-NOA, which also promote Olympic education in their countries. When the NOA of Brazil was created in 1989, it chose to focus not only

on the development of Research Teams in universities but also on the organization of national forums and publication of multi-author books. As a result of the application of this model, it is possible to consider that Olympic Studies in Brazil have been developed systematically, regularly and academically, which can be observed in the seven Research Groups working in national universities in 2003. The quantitative data related to the participation of Brazilian professionals in Olympic Forums indicate that approximately 400

professionals have constant interest in Olympic Studies while 130 researchers have continuous production in Olympic Studies in Brazil. According to the Academia Olímpica Brasileira, (Brazilian Olympic Academy), which used an international comparison pattern, Brazilian academic production occupies the fifth position in the world, coming after the United States, the tradition of the German and British Academies, and the recent Australian academy.

Definições Estudos Olímpicos (EO) é o nome dado ao conjunto de estudos de caráter acadêmico que tem como tema, *locus* ou viés de análise dos fenômenos esportivos, os Jogos Olímpicos e/ou o Movimento Olímpico em suas mais diferentes manifestações. Assim, pode configurar-se tanto em um tema em si quando estuda especificamente os Jogos Olímpicos e o Movimento Olímpico internacional, quanto se servir da dimensão histórica e alcance global do Movimento Olímpico como referência para estudar o fenômeno esportivo e a educação física a partir de diferentes abordagens (histórica, geográfica, econômica, sócio-antropológica, pedagógica e outras), comparadas ou não. Tradicionalmente, tanto no Brasil quanto no exterior, observa-se uma certa não distinção de significado entre este termo e seu congêneres mais antigo e conhecido, o termo Olimpismo.

Utilizado pela primeira vez apenas em 1911, o termo Olimpismo, criado por Pierre de Coubertin, fundador do Movimento Olímpico internacional, se refere ao conjunto de idéias e princípios, também chamados de 'Valores Olímpicos', que dá, ou deveria dar, base e justificativa aos Jogos Olímpicos e à ação do Movimento. O estatuto do Comitê Olímpico Internacional-COI (Carta Olímpica) define o Olimpismo como uma "filosofia de vida" que combina esporte com cultura e educação tendo como objetivo colocar o esporte a serviço do desenvolvimento harmônico do ser humano. Estudos acadêmicos datados da década de 1970 em diante, principalmente, têm definido, com algumas variações, o Olimpismo como uma filosofia, a proposta de uma antropologia filosófica ou uma ideologia de prática esportiva.

No plano internacional, o desenvolvimento nos últimos trinta anos de estudos sobre o esporte no campo das ciências sociais e humanas tem auxiliado a configuração de uma distinção epistemológica entre Estudos Olímpicos e Olimpismo, na qual o primeiro se remete a uma estratégia de abordagem para a produção do conhecimento, enquanto o segundo se refere aos fundamentos e valores que justificam e orientam a ação dos sujeitos ligados ao esporte em seus múltiplos níveis. Tal distinção, reconheça-se, ainda não é totalmente consensual. No Brasil observa-se o mesmo fenômeno. Todavia, devido ao desenvolvimento acadêmico bastante mais recente e ainda algo insipiente dos Estudos Olímpicos, verifica-se neste país o uso indistinto dos termos com um grau maior de intensidade. Assim, é recorrente o uso do termo Olimpismo no Brasil para designar tanto os estudos sobre os Valores Olímpicos quanto as investigações sobre o esporte e a educação física tendo como referência o Movimento Olímpico.

Origens As origens dos EO no Brasil são pouco discerníveis do desenvolvimento do próprio Movimento Olímpico neste país. Isto significa que assim como o desenvolvimento deste Movimento no Brasil possuía até a re-fundação do Comitê Olímpico Brasileiro-COB – já que houve uma entidade precedente datada de 1913 – em 1935 um caráter errático, o estudo e mesmo o conhecimento da 'Idéia Olímpica' eram virtualmente desconhecidos e se baseavam, quando muito, no interesse e na iniciativa de indivíduos e não de instituições. Neste contexto, o papel dos jornalistas na divulgação do Olimpismo no Brasil parece ser maior do que o atualmente estimado. Com efeito, o jornalista Tomás Mazzoni com sua coluna no jornal A Gazeta (SP), desde os anos de 1920 e 1930, a qual assinava sob o pseudônimo 'Olympicus', pode ser considerado um dos pioneiros no país.

1937 Américo R. Netto, advogado, jornalista e professor, publica "Jogos Olympicos de Hontem, de Hoje e de Amanhan" (São Paulo: SPES. 180p.), provavelmente o primeiro livro sobre Estudos

Olímpicos publicado no Brasil. Esta obra teve como base as crônicas publicadas pelo autor no jornal "O Estado de São Paulo", o que reforça o papel já atribuído ao jornalismo na etapa de divulgação do Olimpismo. A obra de Netto configura-se como o primeiro texto de caráter acadêmico sobre valores olímpicos. Registre-se ainda que Netto foi um dos professores pioneiros da primeira Escola de Educação Física e Esportes da Universidade de São Paulo-USP, durante os anos de 1930.

Interpretação do Desenvolvimento – anos 1930 Pode-se dizer que o desenvolvimento do conhecimento em Olimpismo inicialmente pautou-se em interesses e esforços individuais voltados para a propagação de seus valores. O ímpeto modernizador dos anos 1930 teve reflexos positivos sobre o conhecimento a respeito do movimento olímpico. No todo, porém, a obra de Netto constitui-se numa exceção em um panorama ausente de estudos acadêmicos e onde a tendência era que o debate das idéias fosse desenvolvido basicamente por meio da imprensa. Assim, os quarenta primeiros anos do século XX podem ser caracterizados como uma fase inicial de divulgação do Olimpismo.

1961 Inaugura-se a Academia Olímpica Internacional-IOA, em Antiga Olímpia, Grécia, que passa a divulgar os EO em escala mundial. Nesta mesma década, surgem as primeiras Academias Olímpicas Nacionais (National Olympic Academy-NOA), com programas e objetivos similares ao da IOA. Embora países sul-americanos já se fizessem representar neste estágio pioneiro nas sessões da IOA, o Brasil somente passou a participar de tais atividades depois de 1977 de modo limitado. A efetiva participação brasileira na IOA ocorreu a partir do final dos anos de 1980, quando o número de NOA no plano internacional já alcançava oito dezenas.

1969 A então existente Divisão de Educação Física do Ministério de Educação e Cultura – DEF/MEC, publica neste ano o livro "XIX Olimpiada México 68 – Aspectos Técnicos Evolutivos", obra que seguiu a temática olímpica, embora seu organizador – Lamartine DaCosta – não tenha usado a expressão "Estudos Olímpicos", ainda de reduzida circulação à época, mesmo no meio internacional. O livro foi composto de uma introdução descritiva e analítica dos Jogos Olímpicos – principalmente no viés histórico e organizacional – com ênfase na edição de 1968, realizada na Cidade do México. Adicionalmente, incluíram-se oito capítulos sobre esportes olímpicos e um sobre "Aspectos médicos e psicológicos", havendo então um total de 18 autores brasileiros, todos presentes aos Jogos do México no ano anterior.

Décadas de 1940 – 1960 Pode-se dizer que o Estudos Olímpicos no Brasil estagnaram na fase de divulgação durante este período. A obra de Américo Netto não é continuada nem por ele nem por outros autores. Por outro lado, a aceitação cada vez maior do esporte como uma prática social arrefece o debate público sobre as qualidades educativo-sociais da prática esportiva. Assim, não são encontráveis estudos acadêmicos do esporte pelo viés olímpico. O que subsiste são textos de caráter histórico, informativo, e por vezes laudatório, das bases histórico-filosóficas do Olimpismo. Por sua vez, o livro de 1969 – pressuposto com a segunda obra brasileira em EO – constituiu um trabalho ocasional mais voltado para as ciências do esporte do que para o olimpismo, embora pioneiro na temática.

Décadas de 1970 – 1980 Sylvio de Magalhães Padilha e Sônia Padilha iniciam em 1977 a participação brasileira nas Sessões Internacionais da Academia Olímpica Internacional – AOI, em

Olímpia Antiga (Grécia). Todavia, observa-se a inexistência de repercussão de tais participações no Brasil, provavelmente pela ausência de ligação da maioria destes participantes com instituições de ensino superior.

1989 O Prof. Adolfo Delucca comparece a 29ª. Sessão Internacional da Academia Olímpica Internacional retomando a participação brasileira neste evento após um hiato de sete anos. Após esta data a participação brasileira nos eventos da AOI torna-se ininterrupta. Em 1990, Georgios Hatzidakis é o primeiro professor universitário a participar da Sessão Internacional. Tal fato inaugura o perfil mais acadêmico dos participantes brasileiros nos eventos da AOI. Mas ainda em 1989, o Comitê Olímpico Brasileiro-COB cria um núcleo informal, por proposta do Prof. Dr. Lamartine DaCosta, que passa a gerir os assuntos referidos a uma NOA. O dispositivo foi denominado de "Academia Olímpica Brasileira-AOB" e operava diretamente vinculado ao vice-presidente do COB, André Richer, depois empossado presidente em 17/10/1990. Esta iniciativa inicial foi a opção encontrada para contornar dificuldades de alteração dos Estatutos do COB para acomodar uma Academia Olímpica a curto prazo, conforme estipulava a Carta Olímpica (regra 31, parágrafo 2.1).

Década de 1990 Os participantes brasileiros nas Sessões e outros eventos da AOI passam a ser, em sua maioria, professores universitários ou alunos de cursos de pós-graduação. Esta mudança, induzida pela atuação de Lamartine DaCosta, permite iniciar o surgimento de uma comunidade de pesquisadores e o estabelecimento das bases iniciais dos Estudos Olímpicos como atividade acadêmica sistemática. A base de sustentação deste encaminhamento foi a "Academia Olímpica Brasileira", que passou a ter posição na administração do COB, inclusive orçamentária, até que fosse oficializada em 1998. Este arranjo foi aceito pela IOA, permitindo inscrições de estagiários brasileiros via NOA em estágio de organização como antes ocorria com outros países. Significativamente, a AOB/COB repetiu a situação do próprio COB, que teve um funcionamento *ad hoc* desde 1913 aceito pelo COI, somente se oficializando em 1935.

1991 Prof. Dr. Lamartine DaCosta (RJ) é o primeiro palestrante brasileiro convidado pela Academia Olímpica Internacional. Foi seguido pelo Prof. Dr. Eduardo DeRose (RS) em 1993, pela Profa. Dra. Neise Gaudêncio (RJ) em 2001 e pelo Prof. Dr. Otávio Tavares (ES) em 2003.

1993 O Prof. Alberto Reppold (RS) participa do primeiro Seminário de Pós-Graduação em Estudos Olímpicos organizado pela IOA. Este evento marca a evolução da formação de quadros em Estudos Olímpicos no Brasil uma vez que situa os alunos brasileiros em um programa internacional destinado a alunos de mestrado e doutorado, o que vai permitir posteriormente a criação de grupos de pesquisa em Estudos Olímpicos em diversas instituições de ensino superior no Brasil. A viabilização de alunos brasileiros na Pós-Graduação da IOA aconteceu depois da IOA credenciar Lamartine DaCosta como orientador para candidatos de toda a América do Sul, circunstância até hoje em vigor.

1996 O Prof. Dr. Lamartine DaCosta inicia no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho (PPGEF/UGF) no Rio de Janeiro, a primeira linha de pesquisa em Estudos Olímpicos em uma pós-graduação *stricto sensu* no Brasil. É no âmbito deste Programa que serão concluídas as primeiras dissertações de mestrado (1998, 1999, 2001, 2002) e as primeiras teses de doutoramento (1999, 2000 e 2003) em Estudos Olímpicos

no Brasil. Em 1999, o mesmo professor cria um Grupo de Pesquisas no tema dos EO dentro dos padrões acadêmicos em vigor.

1997 Realiza-se no Rio de Janeiro o primeiro seminário em Estudos Olímpicos como evento paralelo do congresso da Associação Internacional de Escolas Superiores de Educação Física-AIESEP. Denominado Fórum Olímpico, o evento reúne cerca de 40 participantes e teve a apresentação de 13 trabalhos. A Universidade Gama Filho por meio do PPGEF organizou o evento e assumiu os seus custos.

1998 Oficialização da Academia Olímpica Brasileira-AOB. Seu primeiro presidente (1998-2001) é Prof. Dr. Lamartine DaCosta (RJ). O segundo presidente da AOB (2001- 2004) é o Prof. Dr. Eduardo H. DeRose (RS). A AOB tem sido, desde seu funcionamento *ad hoc* e posterior formalização, a principal agência de apoio do COB para o desenvolvimento dos EO no Brasil, tanto na formação de quadros quanto na organização de eventos.

1998 O Prof. Ms. Georgios Hatzidakis funda na Universidade Bandeirante (SP) o primeiro Centro de Estudos Olímpicos do Brasil. Posteriormente são formados no Brasil, como centros ou grupos de pesquisa em estudos olímpicos (GPEO) nos padrões de exigência do Conselho Nacional de Pesquisas-CNPq, GPEOs nas seguintes universidades: UGF-RJ (coordenador Prof. Dr. Lamartine DaCosta); UFRGS (coordenador Prof. Dr. Alberto Reppold Filho); UFJF (coordenador Prof. Dr. Renato Miranda); UFPR (coordenadora Profa. Ms. Leticia Godoy); USP (coordenadora Profa. Dra. Katia Rubio); PUC/RS (coordenador Prof. Ms. Nelson Todt); FMU/SP (coordenador Prof. Ms. Georgios Hatzidakis); e UFES (coordenador Prof. Dr. Otávio Tavares).

1999 Lançado pela Editora Gama Filho (Rio de Janeiro) o livro 'Estudos Olímpicos'. Editado por Otávio Tavares e Lamartine DaCosta, este volume dividido em 5 partes e 28 textos diferentes é o terceiro livro em estudos olímpicos no Brasil, e o primeiro a refletir a existência de uma nascente comunidade de pesquisadores em EO. Neste ano, tem início também um programa de cooperação entre a UGF-RJ a Universidade de Mainz (Alemanha) no tema dos EO, consistindo no intercâmbio de professores e alunos de mestrado e doutorado em projetos de pesquisa em conjunto.

2000 Sob a presidência do Prof. Dr. Alberto Reppold, o II Fórum Olímpico é realizado pela Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre). Foram apresentados 87 trabalhos. A presença de palestrantes estrangeiros de renome internacional na área de Estudos Olímpicos originou também um perfil de alto nível acadêmico para um congresso nacional.

2002 O III Fórum Olímpico é realizado no Rio de Janeiro-RJ, numa parceria entre a AOB e o PPGEF/UGF. Foram inscritos neste evento 111 trabalhos tendo sido apresentados 80 deles. Neste mesmo evento é lançado o cd-rom 'Biblioteca Básica em Estudos Olímpicos', composto de seis diferentes livros: 'Coletânea de Textos em Estudos Olímpicos' de Turini & DaCosta (eds.), 'Estudos Olímpicos 2001' de DaCosta & Hatzidakis (orgs.), 'Esporte, Olimpismo e Meio Ambiente' de Tavares, DaCosta & Miranda (eds.), 'Numismática, Filatelia e Memorabilia Olímpica' de Bara Filho, Silva & DaCosta (orgs.), 'Fórum Olímpico 2000' de Reppold Filho & Todt (eds.) e 'Olympic Studies' de DaCosta. Neste ano, a Profa. Arianne Carvalhedeo é aprovada com distinção no exame da Loughborough University para obtenção de grau em pós-graduação em EO no curso correspondente da IOA, em Olímpia, Grécia.

2003 Realiza-se em Curitiba-PR, o IV Fórum Olímpico. Organizado em torno do tema "Desafios para 2004 e além", as 11 sub-áreas temáticas receberam a inscrição de 100 trabalhos, tendo sido aceitos 96 destes. O grande número de trabalhos oriundos de GPEOs deu a este evento um caráter temático mais claro do que aquele dos Fóruns anteriores o que elevou o nível dos debates assim como demonstrou o amadurecimento da área. Participação da Profa. Arianne Carvalhedeo no 5th Symposium of the International Chair in Olympism – Legacy of the Olympic Games – 1984/2000, realizado pelo International Olympic Museum e Olympic Studies

Centre, apresentando o trabalho selecionado pelo evento: "Tourism as a Cultural Legacy of the Modern Olympic Games".

Interpretação do Desenvolvimento – anos 1990 e 2000
A participação nos eventos da IOA e o desenvolvimento da linha de pesquisa em EO no PPGEF da Universidade Gama Filho formam as bases iniciais para o desenvolvimento dos Estudos Olímpicos como campo acadêmico através da formação induzida de profissionais. Neste contexto, a organização dos Fóruns Olímpicos e a constituição dos GPEOs evidenciam o desenvolvimento dos Estudos Olímpicos como área de pesquisa e estratégia de abordagem, todavia, ainda bastante concentrada nas regiões sul e sudeste do país. A observação da produção apresentada nos Fóruns, embora ainda muito dispersa em função das múltiplas facetas do movimento olímpico, demonstra que os GPEOs tem se concentrado em duas temáticas: perfil e valores dos atletas brasileiros e educação olímpica. Por outro lado, o modelo adotado na origem para a AOB/COB – descentralizado por universidades e focado na produção acadêmica – mostrou-se bastante adequado em seus resultados embora fosse distinto de todas as NOA da América Latina: enquanto neste continente as NOA tenham optado por concursos e cursos de olimpismo para a seleção de candidatos aos estágios da IOA, a Academia brasileira concentrou-se na especialização em olimpismo por profissionais de carreira, evitando assim o elevado índice de abandono exibido por outros países com seus representantes ao retornarem dos eventos sediados na Grécia.

Situação atual Observados os dados anteriormente mencionados, os Estudos Olímpicos no Brasil podem ser posicionados em uma perspectiva de desenvolvimento que se apresenta com um caráter crescentemente sistemático, regular e acadêmico. A existência de 7 (sete) grupos de pesquisa e suas instituições de radicação (UFRGS, USP, UFES, UFJF, PUC/RS, FACOS/RS, FMU/SP) embora ainda concentrados nas regiões sul e sudeste do país, dá sustentação a esta afirmação. Por outro lado, os quantitativos de participação nos Fóruns Olímpicos permitem estimar em 400 (quatrocentos) o número de pessoas com interesse mais sistemático pelo tema e em 130 (cento e trinta) o número de pesquisadores com produção continuada sobre ele, no Brasil. Por fim, colocada dentro de um padrão de comparação internacional, a Academia Olímpica Brasileira, situa a produção acadêmica nacional entre as cinco principais do mundo, possivelmente ainda atrás da produção dos *scholars* norte-americanos, da tradição das academias alemã e britânica e da produção australiana mais recente. Esta posição deverá ter repercussões positivas em futuro próximo quanto à candidatura do Rio de Janeiro a sede dos Jogos Olímpicos de 2012, pois uma das exigências da seleção é a existência de NOA e programas de educação olímpica no país receptor dos Jogos.

Educação olímpica

Definições Trata-se não propriamente de um conteúdo definido mas, ajustando-se ao que preconiza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96), um conjunto de atividades educativas de caráter multidisciplinar e transversal tendo como eixo integrador o esporte olímpico. Seguindo referências internacionais, as ações de educação olímpica até agora desenvolvidas no Brasil se articulam majoritariamente segundo cinco temas: 'fair play' (jogo limpo), 'multiculturalismo', 'corpo, mente e espírito', 'busca da excelência' e 'Jogos Olímpicos, passado e presente'.

1995 Constitui-se em Lausanne, na sede do COI, um grupo internacional que produziu a primeira obra multicultural de sentido didático sobre o olimpismo. O Prof. Dr. Lamartine DaCosta participou como consultor neste grupo, por meio do qual foi produzido o manual didático "Keep the Spirit Alive: You and the Olympic Games", até hoje em circulação entre os países membros do COI.

1997 São apresentados pelos Profs. Marta Gomes e Fernando Portela no I Fórum Olímpico (RJ) os primeiros trabalhos de caráter

empírico sobre fair play na perspectiva da intervenção em ambientes escolares.

1998 O Prof. Cristiano Belem cria a primeira 'homepage' sobre fair play e olimpismo no Brasil. No ano seguinte, a página <ftp.pocos-net.com.br> passa a disponibilizar um 'manual do educador' e um 'caderno de atividades' em educação olímpica com foco no fair play. Esta oferta objetivava o aperfeiçoamento de professores voluntários em qualquer lugar do território nacional, no sentido do uso dos princípios do olimpismo e do fair play na educação física da rede escolar.

1999 A Profa. Ms. Leticia Godoy começa a desenvolver o projeto 'Educação Olímpica no Ensino Fundamental'. O primeiro projeto de educação olímpica no âmbito de um curso superior de educação física no Brasil, todavia já configurado para a intervenção no ensino fundamental. No mesmo ano, a publicação do livro 'Estudos Olímpicos' e a inserção de um grupo de professores coordenado pela profa. Marta Gomes no projeto de educação olímpica da Foundation of Olympic and Sport Education (FOSE) contribui para a aproximação à produção internacional e a circulação de referenciais teóricos para o tema.

2000 O Prof. Marcio Turini desenvolve experiência pedagógica e estudo exploratório de educação olímpica durante 'olimpíada' de alunos de ensino técnico na cidade do Rio de Janeiro. Neste ano, a Profa. Leticia Godoy comparece a convite em reunião de trabalho da FOSE, realizado na Grécia, onde participa da finalização do manual de orientação de professores em termos multiculturais denominado de "Be a Champion in Life!". Além deste manual a FOSE produziu vários materiais didáticos no tema do olimpismo e para isso montou uma rede de consultores internacionais entre os quais participaram Marta Gomes e Leticia Godoy.

2001 O Prof. Ms. Nelson Todt começa a desenvolver no curso de educação física da Faculdade Cenecista de Osório-FACOS, o projeto 'Rituais e Cerimônias Olímpicas'. Inicialmente restrito ao curso de educação física, atualmente o projeto envolve todos os cursos da instituição, com a participação de 120 alunos e mais 1000 espectadores.

2002 O Prof. Ms. Nelson Todt inicia na Faculdade de Educação Física da PUC/RS o projeto 'Estudos Olímpicos'. Com um caráter multi-temático, este projeto desenvolve estudos acadêmicos sobre o olimpismo quanto eventos artísticos de caráter educativo. Neste mesmo ano, o Prof. Ms. Cristiano Belém inicia o projeto de educação olímpica 'Esporte e Cidadania' com escolares do ensino fundamental na cidade de Poços de Caldas (MG).

Situação atual A educação olímpica encontra-se em um estágio inicial de desenvolvimento, estando diretamente ligada ao crescimento do número de pesquisadores e grupos de pesquisa em estudos olímpicos. Assim, apenas uma parte dos trabalhos foi feita no contexto do ensino superior e nenhuma delas contou efetivamente com a participação de órgãos do sistema de ensino nacional. Tal como anteriormente observado, nota-se a concentração das iniciativas nas regiões sul e sudeste. Por outro lado, observa-se o desenvolvimento simultâneo de experiências práticas e produção teórica o que permite supor a existência de condições para seu desenvolvimento futuro acelerado. Tal expectativa – a julgar pelas olimpíadas de Sydney (2000) e Atenas (2004), que deram prioridade a programas de educação olímpica – contribui para alavancar os esforços do COB quanto a candidatura de cidades brasileiras a sede dos Jogos Olímpicos quer em 2012 ou adiante.

Fontes DaCOSTA, L. P. (org.). *Biblioteca Básica em Estudos Olímpicos*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002. CD-ROM; TAVARES, O. & DaCOSTA, L. P. (eds.) *Estudos Olímpicos*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1999; NETTO, A.R. *Jogos Olympicos de Hontem, de Hoje e de Amanhan*. São Paulo: SPES, 1937; Da Costa, L.P. (org.) *XIX Olimpíada México 68 – Aspectos Técnicos Evolutivos*. Brasília: DEF/MEC, 1969; www.ioa.org.gr

Localização e ano dos eventos principais dos Estudos Olímpicos, 1937 – 2004

Time and place of the main Olympic Studies events, 1937 – 2004

Obras e pesquisas principais em Estudos Olímpicos produzidos no Brasil, 1937 – 2003

Main studies and research in Olympic Studies in Brazil, 1937 – 2003

Dissertações de mestrado / Masters' dissertations

Otávio Tavares – Mens Fervida in Corpore Lacertoso? As atitudes dos atletas olímpicos brasileiros diante do Olimpismo. Rio de Janeiro, PPGEF/UGF. Orientador: Prof. Dr. Lamartine P. DaCosta, 1998.

Fernando Portela – Fair Play? Que Fair Play?! Doutrina ou Exercício da Moral? Rio de Janeiro, PPGEF/UGF. Orientador: Prof. Dr. Lamartine P. DaCosta, 1999.

Marcio Turini – Comportamento Normalizado Versus Comportamento Efetivo na Prática do Fair Play entre jovens Escolares, de Quintino, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, PPGEF/UGF. Orientador: Prof. Dr. Lamartine P. DaCosta, 2002.

Arianne Carvalhedo – Tourism as a Cultural Legacy of the Modern Olympic Games. Rio de Janeiro, PPGEF/UGF. Orientador: Prof. Dr. Lamartine P. DaCosta, 2004.

Teses de doutorado / Ph. D. theses

Márcia De Franceschi Neto – A Participação do Brasil no Movimento Olímpico Internacional de 1896 a 1925. Rio de Janeiro, PPGEF/UGF. Orientador: Prof. Dr. Lamartine P. DaCosta, 1999.

Neise G. Abreu – Multicultural Responses to Olympism – an ethnographical research in Ancient Olympia, Greece. Rio de Janeiro, PPGEF/UGF. Orientador: Prof. Dr. Lamartine P. DaCosta, 1999.

Otávio Tavares – Esporte, Movimento Olímpico e Democracia; O atleta como mediador. Rio de Janeiro, PPGEF/UGF. Orientador: Prof. Dr. Lamartine P. DaCosta, 2003.

Livros / books

NETO, A. Jogos Olímpicos de Hontem, de Hoje e de Amanhã. São Paulo: SPES, 1937.

DaCOSTA, L.P. (org.) XIX Olimpíada – México 68: Aspectos Técnicos Evolutivos. Brasília: Divisão de Educação Física do MEC, 1969.

DaCOSTA, L.P. (ed.) *Environment and Sport – an International Overview*. Porto- Portugal: Universidade do Porto – Comitê Olímpico Internacional, 1997.

DaCOSTA, L.P. *Olympism and the Equilibrium of Man*. In Mueller, N. (ed.) *Coubertin and Olympism – Questions for the Future*. Niedernhausen: Schors-Verlags, 1998.

TAVARES, O. & DaCOSTA, L.P. (eds.) Estudos Olímpicos. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1999.

DaCOSTA, L.P. *Visions for Athens 2004*. In Messing, M. & Mueller, N. (eds.) *Blinkpunkt Olympia*. Kassel: Agon-Sportverlag, 2000.

TURINI, M. & DaCOSTA, L.P. (orgs.) Coletânea de Textos em Estudos Olímpicos. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.

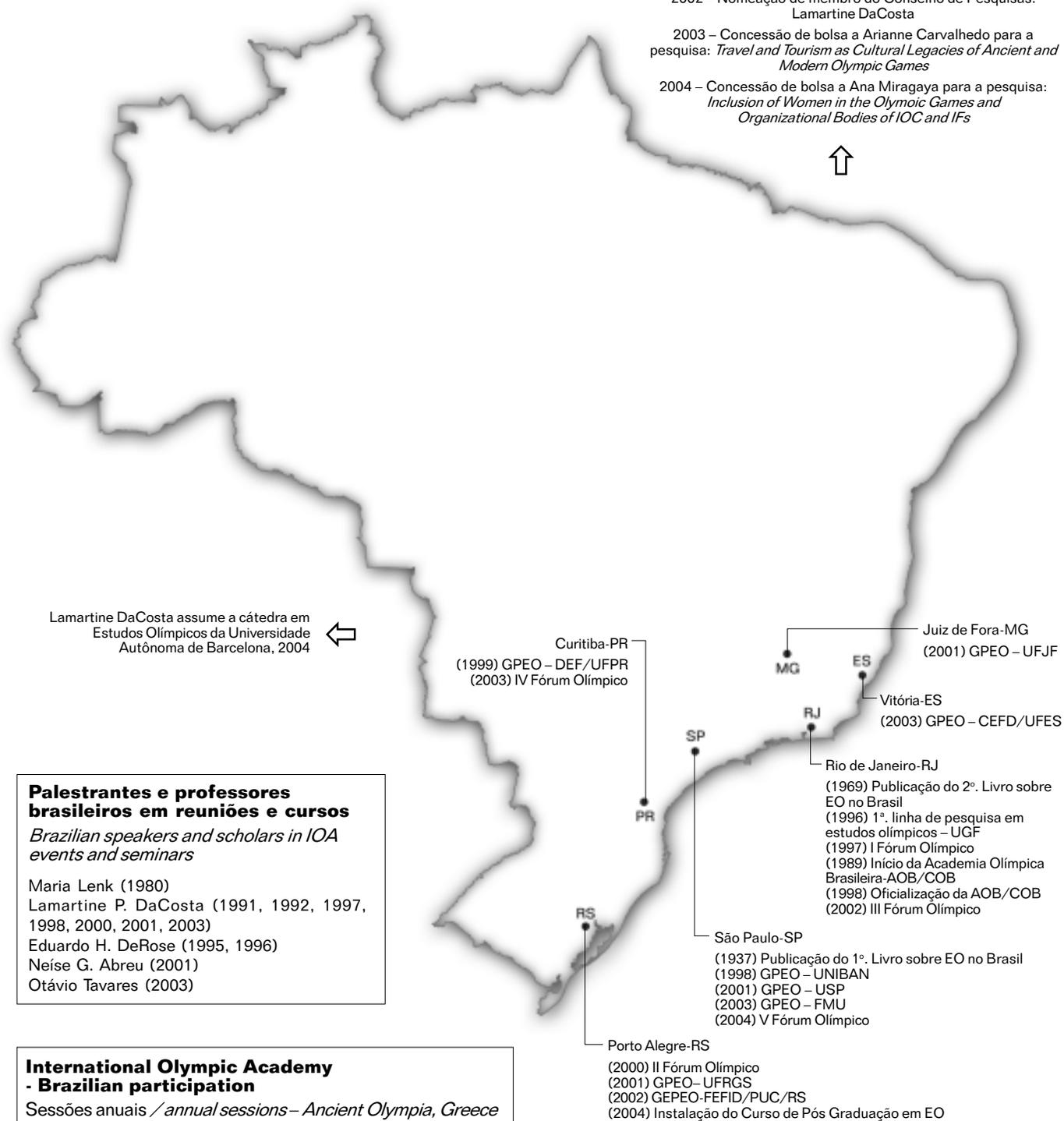
DaCOSTA, L.P. & HATZIDAKIS, G. (eds.) Estudos Olímpicos 2001. São Paulo: UNIBAN, 2002.

TAVARES, O., DaCOSTA, L.P. & MIRANDA, R. (eds.) Esporte, Olimpismo e Meio Ambiente: Visões Internacionais. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.

BARA FILHO, M. G., PAULA E SILVA, M. C. & DaCOSTA, L. P. (orgs.). Numismática, Memorabilia e Filatelia Olímpica, 2000. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.

REPPOLD FILHO, A. & TODT, N. (orgs.) Fórum Olímpico 2000: O Movimento Olímpico em face do novo milênio. Porto Alegre, RS. Anais. Porto Alegre / Rio de Janeiro: UFRGS / Editora Gama Filho, 2002.

DaCOSTA, L.P. *Olympic Studies: Current Intellectual Crossroads*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.



Palestrantes e professores brasileiros em reuniões e cursos

Brazilian speakers and scholars in IOA events and seminars

Maria Lenk (1980)
 Lamartine P. DaCosta (1991, 1992, 1997, 1998, 2000, 2001, 2003)
 Eduardo H. DeRose (1995, 1996)
 Neise G. Abreu (2001)
 Otávio Tavares (2003)

International Olympic Academy - Brazilian participation

Sessões anuais / annual sessions – Ancient Olympia, Greece

1977 - Sylvio de M. Padilha / Sonia Regina de M. P. Murray
 1978 - Rômulo Bibi Pereira
 1979 - Antonio José R. Montenegro
 1980 - Maria Lenk / Carlos G. Ventura
 1981 - Mirian F. Delamare / Ronald S. Marques
 1989 - Adolfo Humberto Delucca
 1990 - Georgios Stylianos Hatzidakis
 1992 - Ana Lúcia Brites / Leticia Godoy
 1993 - Neise G. Abreu / Marcelo N. dos Santos / Marcelo Cecchi
 1994 - Alberto M. Neto / Walkiria Reis
 1995 - Otávio Tavares / Marta Gomes
 1996 - Alexandre Zilles / Cristiane DeRose
 1997 - Kátia D'Ávila / Victor Melo
 1998 - Maria Cecília Silva / Maurício G. Bara
 1999 - Nelson Todt / Arianne C. Reis
 2000 - Patrícia Torsani / Walter G. Osório
 2001 - Marcio Turini / Maria Sílvia P. Martins
 2002 - Claudia Stefane / Cassiano Leal
 2003 - Cris de S. C. Costa / Eduardo R. da Silva

Pós graduação em EO

Postgraduate Seminar on Olympic Studies

1993 - Alberto Reppold Filho
 1994 - Edison Valente
 1995 - Neise G. Abreu
 1996 - Márcia De Franceschi Neto
 1997 - Otávio Tavares / Roberto Mesquita
 1998 - Fernando Portela
 1999 - Maurício G. Bara Filho
 2000 - Marta Gomes
 2001 - Emerson Franchini
 2002 - Arianne C. Reis
 2003 - Sem participação

Instalações Esportivas – Planejamento e desenvolvimento

FERNANDO TELLES RIBEIRO

Sports facilities – Planning and development

Technical knowledge and information on the construction of sports facilities in Brazil started in 1941, with the publication of the first book on the theme, followed by other not so much expressive publications and regulation projects. This chapter draws a comparison between the development of the theme in Brazil with initiatives in the U.S. and in France since the 1940s.

Origens e definições O conhecimento e a circulação de informações sobre o tema de construções esportivas no Brasil ainda é incipiente, embora a memória de suas primeiras iniciativas já tenha mais de meio século. Além disso, a literatura brasileira referente a normas e padrões construtivos de instalações para Educação Física, Esportes e Recreação é limitada quando comparada à de países mais desenvolvidos. A primeira manifestação do gênero no país consta de um inventário de plantas simplificadas e padrões técnicos de instalações esportivas, publicado em livro pela Professora Maria Lenk, em 1941. As publicações subsequentes e as estrangeiras que passaram a circular nos anos seguintes, foram causa e efeito da expansão de construções esportivas que acompanharam o crescimento do país em termos econômicos. Este fato foi especialmente evidente nas décadas de 1960 e 1970 – época do chamado milagre econômico brasileiro -, o que também tornou mais clara a falta de uma concepção coerente por ausência de critérios e normas de padronização. Além disso, os projetos raramente tinham por base um planejamento que levasse em conta a contribuição dos diversos indivíduos e entidades envolvidas no processo, bem como a opinião dos futuros usuários daquelas instalações. Esta constatação já se tornara evidente em 1945 nos EUA e, por esta razão, Caswell M. Miles, Vice-Presidente de Recreação da *American Association for Health, Physical Education and Recreation* obteve do *Athletic Institute* liderou a primeira conferência sobre instalações, no mesmo ano. Em 1946 foi publicada a primeira edição do guia *Planning Areas and Facilities for Health, Physical Education and Recreation*. Outro exemplo concerne à França, onde em 1941 apareceu o primeiro texto oficial sobre o tema, versando sobre proteção e utilização de locais e áreas de esportes precedido de amplo recenseamento nacional. Outros textos se seguiram naquele país, ressaltando-se uma circular de 1978 que estabeleceu medidas para tornar acessíveis aos portadores de deficiências físicas o acesso às novas instalações disponíveis ao público e também a abertura dos estabelecimentos de ensino à coletividade fora dos horários ou períodos escolares. Em 1980 publica-se a 9ª edição do manual *Equipements Sportifs et Socio-Educatifs*. O desenvolvimento posterior destas duas iniciativas do exterior pode servir de comparação com as circunstâncias brasileiras, de modo a compreender seus avanços e retrocessos.

1941 Publicação do livro de Maria Lenk sobre “Administração da Educação Física e Desportos” que abrangeu os seguintes tópicos: Aparelhamento para a Educação Física segundo o Método Francês, Parques Infantis, Construção de Piscinas, Instalações de Remo e Anexos (gabinete médico, sala de fisioterapia e vestiários).

1945 Nesse ano, o Capitão Jair Jordão Ramos publica a 1ª edição do livro “Dêem Estádios ao Exército”, um manual contendo dados e explicações sobre a construção de instalações utilitárias e esportivas.

1946 Em dezembro deste ano, houve uma repercussão da primeira conferência sobre instalações nos EUA: a publicação da 1ª edição do *Guide for Planning Facilities for Athletics, Physical Education and Recreation*. A cada dez anos e até 1974, novas edições revistas e atualizadas do Guia foram publicadas sempre seguindo o critério de projetos com base em planejamento envolvendo os diversos indivíduos, entidades e usuários no processo da construção, operação e manutenção das instalações.

It identifies discontinuation in Brazilian procedures, which result not only in inadequate and poor functional adjustments but also in serious faults in several constructions of sports and leisure facilities. This international comparison also points out that Brazil has not yet adopted the standard procedure of generating plans with contributions of individuals who are directly and indirectly

1957 No Brasil, publica-se “Construção de Campos Esportivos” de Nestor Lindberg.

1960 O Departamento de Educação Física-DEF do Ministério da Educação e Cultura- MEC publica os cadernos de Instalações para Piscinas 1 e Ginásios 2.

1965 A DEF-MEC lança um manual de Instalações Esportivas (304 páginas), como parte de um curso de Educação Física por Correspondência.

1971 Publicação do Diagnóstico da Educação Física e Esportes no Brasil (DaCosta, 1971) no qual duas das 12 grandes áreas submetidas a recenseamento foram relacionadas de modo explícito à construção esportiva (7), revelando assim a prioridade deste tema no contexto de atividades físicas no país, na época focalizada pelo estudo.

1974 O Serviço Social da Indústria-SESI divulga as Normas Fundamentais para Instalações Esportivas (50 páginas), constando de informações básicas para construção de instalações esportivas.

1975 A DEF-MEC publica em 1975 o manual Construção de Instalações Esportivas e Módulos para Centro Esportivo – Primeiro Grau.

1979 Nos EUA houve uma revisão completa do Guia com a participação de planejadores urbanos, arquitetos, arquitetos paisagistas, engenheiros e consultores para construções escolares. Foram também convidados a contribuir profissionais com experiência em planejamento, projeto e construção de instalações esportivas e de lazer, resultando na produção do *Planning Facilities for Athletics, Physical Education and Recreation*. Mais revisões e edições foram lançadas em 1983, 1985, 1993, 1999 e 2002; as duas últimas com a inclusão do termo *Sports* no título.

1980 No Brasil o SESC-SP lança uma publicação sobre a construção de vestiários.

1981 Publica-se pela Editora Cultrix de SP, o livro “Os Esportes - Traçados e Técnica Construtiva dos Campos Esportivos”, de Nestor Lindenberg, Prêmio MEC de literatura esportiva de 1981.

2003 Ano da coleta de dados do Atlas do Esporte no Brasil, destacando-se o SESI entre as instituições nacionais de esporte e lazer. Entre 1946 e 2002, a contribuição do SESI (Serviço Social da Indústria) na propagação de instalações esportivas e de lazer em todos os Estados da Federação, totalizou 1.716 unidades construídas: 640 quadras esportivas, 244 campos de futebol, 225 piscinas infantis, 12 piscinas olímpicas, 206 piscinas semi-olímpicas, 6 piscinas de saltos, 207 ginásios esportivos, 41 estádios e 73 pistas de atletismo (ver capítulo sobre o SESI na presente publicação).

Situação atual Os legados nacionais de documentação sobre instalações esportivas revelam inegável competência na abordagem de técnicas construtivas no âmbito do esporte e do lazer. Todavia, observa-se que nenhum de nossos autores reeditou ou atualizou seus trabalhos, contrariamente ao que ocorre em outros países mais avançados, notadamente França e Estados Unidos, os quais desde a década de 1940 vêm sistematicamente lançando novas edições revistas e ampliadas de suas mais importantes obras.

No Brasil muito se tem criticado sobre inadequações funcionais e até mesmo falhas graves em diversas construções esportivas e de

involved in the development, execution and use of future facilities. However, the construction of sports facilities in the country has expanded even during difficult economic times (Tables 1 and 2). It has also been estimated that Brazil will go through an intensive academic development phase that will focus on this sector in the next years.

lazer, em princípio pela já mencionada ausência de padrões de construção e manutenção. Outra ausência detectada pela comparação internacional refere-se à fundamental necessidade de um Comitê de Planejamento (Figura 1), cuja finalidade é a de analisar, discutir e implementar as contribuições de indivíduos que direta ou indiretamente estarão envolvidos no desenvolvimento, operação e uso da futura instalação (ver “Roteiro de projetos” abaixo). Tais participantes são arquitetos, engenheiros, professores de Educação Física, técnicos esportivos, consultores em instalações, gestores, especialistas em finanças, acústica, energia, iluminação etc., como também os próprios usuários (atletas, dirigentes esportivos, líderes locais e comunidade). Uma evidência da percepção crescente desta lacuna no país prende-se à iniciativa da Secretaria de Esportes e Lazer do Estado de São Paulo, na pessoa de seu Secretário Lars Graef, que estabeleceu um convênio com a Associação dos Arquitetos de São Paulo para o desenvolvimento de padrões de construções esportivas para o Estado e organização de um Seminário sobre Arquitetura Esportiva a realizar-se em 2004.

A demanda de práticas de atividades físicas é outro dado de entrada para se mapear a situação atual das instalações esportivas no Brasil. Nos países avançados este tipo de demanda já atinge contingentes de monta, como se verifica em Weber et al. (3), que indicava para a Alemanha em 1990 uma adesão de 70% de habitantes acima de 14 anos às atividades físicas em geral (Gráfico 1). No estado de SP, esta adesão em 2003 situava-se em cerca de 60%, de acordo com dados do SESC-Datafolha (7), valor confirmado pelo Atlas do Esporte com validade para todo o país (ver “ Cenário de tendências gerais dos esportes e atividades físicas” neste Atlas). Esta ordem de grandeza de participação explica em princípio, a expansão das instalações esportivas no Brasil mesmo diante da depressão econômica dos últimos anos, conforme exposto nas Tabelas 1 e 2. Em resumo, o porte em quantidade das instalações e o seu crescimento continuado justificam a prioridade atribuída ao planejamento ora identificado como tendência principal do setor em exame. Nestas condições, o desenvolvimento de cada projeto em específico tem se mostrado mais importante do que padrões normativos. Em adição a estas tendências identificadas, cabe realçar a extrema carência de especialistas na área de planejamento de instalações para esporte, Educação Física e lazer, prevendo-se também um surto de desenvolvimento no aperfeiçoamento de profissionais, na organização de cursos e na própria área de conhecimento como uma nova disciplina acadêmica das Instituições de Ensino Superior do Brasil nos próximos anos.

Fontes (1) Maria Lenk, Administração da Educação Física e Desportos, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1941; (2) *Planning Area and Facilities for Health, Physical Education and Recreation – The Athletic Institute and the American Association for Health, Physical Education and Recreation, Revised Edition, 1965*; (3) *Equipements Sportifs e Socio-Educatifs, 9e Edition mise a jour et augmentée. Edition du Moniteur, Hors-Série, Juin 1980*; (4) *The Economic Significance of Sport - Sport Economy. Bundesinstitute für Sportwissenschaft - Research Group, Edition - Prof. Dr Wolfgang Weber - Head of Group, 1996*; (5) *Facilities Planning for Health, Fitness, Physical Activity, Recreation and Sports – Concepts an Application – 10th Edition – 2002 – Thomas H. Sawyer – Editor-in-Chief*; (6) Atlas do Esporte no Brasil, SESI (II) Esporte e Lazer – Rui Campos; (7) SESC – Datafolha, O paulista e a atividade física – pesquisa. São Paulo, 2003; (8) DaCosta, L.P., Diagnóstico da Educação Física e Desportos no Brasil. Brasília: DED-MEC / Ministério do Planejamento, 1971.

Roteiro para o desenvolvimento de projetos de instalações esportivas e de lazer
Projects of sport and leisure facilities - Guide of development

Guia# 1: Adequar-se às normas brasileiras referentes ao uso e conforto dos portadores de deficiências.

Guia# 2: Desenvolver um Plano Diretor. O processo envolve a acumulação de vasta quantidade de informações que direta ou indiretamente suportam as necessidades da organização. O Plano é de responsabilidade dos escalões mais elevados da organização e envolve administradores de alto nível e seus projetistas.

Guia# 3: Utilizar abordagem participativa. Um preceito fundamental no planejamento de instalações esportivas e de lazer é a percepção dos usuários a ser conhecida através da consulta a seus representantes legítimos ou formais, bem como ouvir a opinião dos atuais e futuros operadores de instalações existentes ou a serem construídas.

Guia# 4: Pesquisar fontes financeiras. Quem irá custear? Estão garantidos os fundos necessários? São importantes questões que devem ser formuladas antes do início qualquer projeto.

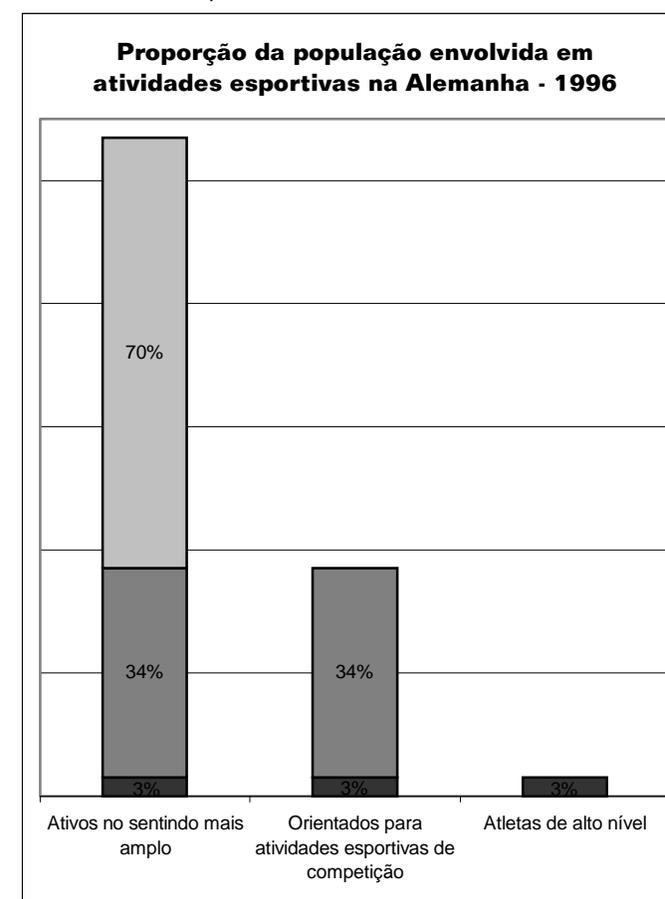
Guia# 5: Organizar um Comitê de Planejamento de Projeto composto por membros selecionados do departamento responsável (especialistas em programas), administradores, o responsável pela empresa de arquitetura (ex-ofício), um consultor em instalações (ex-ofício), representantes de grupos de usuários e até mesmo pessoal de manutenção. Engenheiros são normalmente incluídos como membros.

Guia# 6: Analisar quando renovar, expandir ou substituir uma instalação. Controlar os gastos operacionais e de manutenção. Buscar sustentabilidade econômica, social e ambiental.

Guia# 7: Desenvolver um programa-relatório para o arquiteto que é também referido como “programa de construção ou “especificações educacionais”. Trata-se de um documento importante que faz a ligação entre o conjunto de programas de Educação Física, esportes e recreação e o projeto da instalação. Descreve todos os programas atuais, bem como as atividades propostas e os eventos previstos, além dos espaços necessários para a prática dessas atividades.

Guia# 8: Um plano eficiente exige a competência e colaboração de muitas pessoas. Todos os participantes são importantes no processo de planejamento. São eles os especialistas em programas (professores de Educação Física, técnicos esportivos, técnicos em recreação). No processo de escolha de um arquiteto, considerar sua reputação e experiência bem como a funcionalidade e estética dos projetos realizados. Outros profissionais como engenheiros civis, estruturais, mecânicos, elétricos, projetistas (designers) de interiores, arquitetos paisagistas e empreiteiros (gerais, elétricos e mecânicos) devem ser selecionados pelo comitê de planejamento ou tal responsabilidade pode ser delegada ao arquiteto do projeto. Fonte / source: *Facilities Planning for Health, Fitness, Physical Activity, Recreation and Sports – Concepts and Application, 10th Edition, 2002, Thomas H. Sawyer, Editor-in-Chief.*

Gráfico 1 / Graph 1



Graph 1 – Population proportions dedicated to physical activities / occasional participants / competition-oriented participants / top level athletes (Weber et al., 1996)

Tabela 1 / Table 1

Brasil – Espaços esportivos por habitante, 1996 - 2003⁽¹⁾
Brazil – sport spaces for practices per head, 1996 - 2003 (1)

Referência	Ano	Espaços esportivos	Habitantes/ espaço	Habitantes / espaço Idade <10 anos
Kasznar – FGV (2)	1996	73.429	2.208	1.770
Atlas do Esporte (2004)	2003	78.597	2.162	1.733

(1) Espaços esportivos: quadras, ginásios, campos de futebol, estádios, piscinas não residenciais e pistas de atletismo; não estão contabilizados os equipamentos residenciais. (2) Kasznar, I.K., O Esporte como indústria. Rio de Janeiro: CBV-FGV, 2002.

Tabela 2 / Table 2

Instalações esportivas - Brasil / Sports facilities - Brasil - 2003
Número de Municípios do País / Number of municipalities in the state – 5.493
Número de Municípios Informantes / Number of respondent municipalities – 3.653
 Base de informações / Data base: Sistema CONFEF/CREFs e INDESP 2000

Estádios / stadiums	331 (em 12 estados)
Quadras / courts	31.297
Piscinas não residenciais / non residential swimming pools	12.160
Pistas de atletismo / athletics tracks	686
Ginásios / indoor gymnasiums	5.381
Campos de futebol / soccer fields	29.073

Figura 1 / Figure 1

Composição do Comitê de Planejamento de instalações esportivas
Planning Committee of Sports Facilities



Instalações - Responsabilidade no Planejamento *Sport facilities Planning responsibilities*

Planos bem sucedidos para áreas e instalações para Educação Física, esportes e recreação não são obras do acaso. Eles resultam da iniciativa e da ação de indivíduos e grupos. Esta afirmação aplica-se a planos urbanísticos de longo prazo, bem como a planos atuais para áreas específicas e instalações. As autoridades municipais e diretorias escolares têm responsabilidades definidas e comando nas funções de planejamento. Contudo, a responsabilidade geral para a formulação de um plano diretor para uma municipalidade ou para uma unidade governamental de âmbito maior deverá ser atribuída a uma agência de planejamento legalmente constituída. O planejamento de áreas e instalações para esportes, Educação Física e recreação deve ser formulado em consonância com o plano geral de desenvolvimento urbano da cidade. Não há desculpas para que as autoridades escolares e de recreação ignorem o planejamento urbano ao adquirirem áreas para o desenvolvimento de projetos. Através de leis de zoneamento, regulamentos e programas de melhorias públicas, as autoridades metropolitanas exercem um alto grau de controle sobre atuais e futuros desenvolvimentos. Este controle proporciona a base para o planejamento urbano geral, o qual deve incluir escolas e áreas de esportes e recreação.

A provisão para áreas de atividades físicas é reconhecida como elemento essencial no plano diretor. É da maior importância que as autoridades escolares e de recreação certifiquem-se de que a agência de planejamento responsável esteja totalmente

informada no que se refere às necessidades básicas e funções dos atuais e futuros programas de atividades.

A variedade de unidades de serviços que envolvem programas de esportes, educação física e recreação necessariamente englobam muitas agências governamentais. Cada uma dessas agências deve planejar suas instalações e atividades no âmbito de suas responsabilidades, buscando complementar as instalações e programas das outras agências e no mais completo interesse de todos. As principais agências são as que se seguem com denominações que podem variar por estado e município: Secretaria de Estado da Juventude Esportes e Lazer; Secretaria de Esportes, Lazer e Recreação; Secretaria Municipal de Obras - Divisão de Urbanismo; Secretaria Municipal de Meio-Ambiente; Secretaria de Transportes - Departamento de Trânsito. Embora sem responsabilidade legal no processo, existe uma extensa variedade de serviços e organizações com grande interesse no resultado final do planejamento e que podem ser convidadas a participar tais como clubes, escolas particulares, faculdades, associações de bairros, grupos de teatro, de danças, de artes, etc.

A amplitude e abrangência dessas agências que administram espaços e fornecem serviços dentro de uma comunidade evidencia a complexidade da coordenação em um processo de planejamento. Um elemento básico na coordenação é a comunicação entre as agências e relacionamento pessoal entre os diretores de todas as agências envolvidas. Sem esses dois ingredientes, praticamente não haverá coordenação. Outra condição essencial é a existência de boa vontade e elevado espírito comunitário entre os planejadores.

A coordenação do planejamento é mais facilmente posta em prática quando uma organização é chamada a assumir o processo. Isto é mais facilmente obtido através de um conselho de planejamento na qual todas as agências envolvidas em esportes, educação física e recreação tenham representação. Em seus estágios iniciais, é importante que todos os planos sejam submetidos ao conselho para revisões e comentários. A menos que alguma entidade seja criada para realizar essa função, será inevitável a ocorrência de erros extremamente difíceis de corrigir no futuro. Nem todos os tipos de agências mencionadas podem ser encontrados em uma única e determinada localidade. Em pequenas comunidades, onde nenhuma agência local esteja em condições de assumir a responsabilidade de desenvolver áreas esportivas e de recreação para toda a população, é possível obter-se serviços e assistência através de uma agência estadual, regional ou mesmo através de entidade experiente localizada em cidade próxima.

Todos os envolvidos no processo de coordenação devem estar a par das tendências de desenvolvimento nos campos da Educação Física, dos esportes e da recreação e devem encarar o processo de planejamento como algo dinâmico que envolve numerosos aspectos nos quais cada uma das diversas agências desempenha um papel relevante. A cooperação sincera por parte dessas agências assegura o máximo de serviços e benefícios e inevitavelmente favorece a colaboração dos demais grupos interessados.

Instalações esportivas – padrões *Sport facilities – standards*

Uma variedade de padrões para áreas, localização e número de espaços para instalações de esportes, Educação Física e recreação tem sido proposto ao longo dos últimos anos por pessoas com grande experiência na operação dessas áreas e instalações. Esses padrões são claros quando formulados para tornar possível um programa para atender as necessidades básicas de atividades físicas. Contudo, não são válidos para prescrever atividades ou instalações para todas as necessidades de uma localidade. Enquanto são guias úteis para aquisição e construção de uma propriedade, os padrões raramente são aplicáveis de forma total ou sem modificação, simplesmente pelo fato de que uma situação comum é raramente encontrada. Os padrões são estabelecidos para indicar as bases para o desenvolvimento racional de um plano local. Por essa razão, os padrões para áreas e instalações devem ser revisados e compatibilizados para o planejamento de cada unidade, sempre que as condições existentes exijam sua revisão.

Os padrões para áreas e instalações desenvolvidas por firmas de planejamento privadas, agências públicas e organizações de serviço em nível local, estadual e nacional vêm sendo amplamente apoiados em diferentes países e têm fornecido a base para recomendações em diversos planos de longo-prazo

para escolas, parques e sistemas de recreação. A proposta de que ao menos 4.000 m² de espaço por 100 habitantes da população atual e futura estejam reservados para áreas de esportes e recreação é mais amplamente aceita do que qualquer outro padrão sugerido. Contudo, este padrão não se relaciona com as características demográficas e geográficas de um local específico e está se tornando ultrapassado. Autoridades profissionais e governamentais, vêm preconizando taxas mais elevadas de espaço por número de habitantes nas grandes e pequenas cidades.

Entidades de planejamento têm sugerido modificação deste padrão para cidades de grande população. Alguns planejadores municipais acreditam que o desenvolvimento de áreas amplas e distantes pertencentes à municipalidade ajudará a cobrir a reconhecida deficiência no interior da mesma. Contudo, esta proposta deve ser considerada simplesmente como alternativa prática, indicadora não apenas da necessidade mas também da viabilidade. Padrões anteriores relacionavam o número de quadras de tênis ou piscinas por centenas de habitantes e assim por diante. Tais números não levam em consideração os terrenos, as pessoas, as condições climáticas ou a entidade responsável pelo planejamento. A especificação e alocação por centenas de pessoas são arbitrarias. Não refletem as necessidades da comunidade nem são

universalmente aplicáveis. Um processo de planejamento interativo e participativo com a comunidade deverá determinar o número de espaços e instalações necessárias.

Dimensões de áreas de recreação devem se baseadas no tipo de utilização. Guias para alocação de metros quadrados para diferentes tipos de parque são meramente ilustrativos. Toda atividade possui uma determinada demanda de público. A demandas por algumas atividades são freqüentemente atendidas de forma voluntária ou pelo setor privado. Academias de Ginástica, Centros de Tênis e outros empreendimentos, todos conduzem estudos de mercado para conhecer as demandas de lazer e necessidades de seus clientes potenciais. Entidades públicas devem conduzir estudos comparáveis para analisar a demanda. Se a municipalidade pode estimar com segurança o uso provável, a rotatividade, a capacidade e as ocorrências de pico e de baixa ocupação para cada atividade, ela pode determinar o número de áreas e instalações para cada grupo de atividade. Essa análise é comparável ao processo utilizado para determinar as necessidades de espaço para uma escola. As áreas de esportes e lazer serão, então, computadas para as instalações propriamente ditas, para vias de circulação, para paisagismo e outros aspectos.

Filosofia do esporte, ética e Educação Física, fair play

ANDRÉ CODEA, HERON BERESFORD, LAMARTINE DACOSTA E ALBERTO REPPOLD

Philosophy of sport, ethics and physical education, fair play

Sports philosophy refers internationally to the conceptual analysis and to the questioning of sports practices and areas related to them (games, physical exercises, dance, physical education, biosciences, etc), examining major themes on ethics, epistemology, metaphysics, theory of values and aesthetics, involving the use of the body as either physical or institutional activity. Sports philosophy not only deals with insights of various fields of philosophy, but above all it generates comprehensive interpretations of sports in themselves (ICSSPE, Vade Mecum, 2000). For the appreciation of this branch of knowledge and reflection in its development in Brazil, this chapter initially describes the tradition of ethics associated

with the practice of physical exercises, which arrived with Jesuit priests in 1549. This influence lasted for 200 years in the national educational system. At the end of the 18th century, physical education, still rudimentary in Brazil, started to be understood as belonging to the hygienist medical area, but it kept its tradition linked to morals values, tendency that survived until the end of the 19th century. The very first book on physical education and sports related to philosophy was published in Brazil in 1941. The concepts presented in that work were close to the ones used and internationally followed today. Few and occasional Brazilian initiatives in sports philosophy began to appear in the 1940s. This

situation was only altered in the late 1990s, when the academic production in this area became varied and regular. The sports philosophy themes that prevailed in Brazil between the 1940 and 2000 were: ethics in physical education and meaning of sports in Ancient Greece (1940s); philosophical principles of sports (1970s); epistemology (1980s); body culture, aesthetics, principles, moral development, ethics, fair play and values (1990s); and ethics, epistemology and philosophy of science (2000s). In 2003, the II Seminário de Ética em Educação Física (2nd Seminar on Ethics in Physical Education) took place in Foz de Iguaçu-PR, southern Brazil, with more than 100 participants and 21 papers presented.

Definições e origens A filosofia do esporte refere-se à análise conceitual e à interrogação das práticas esportivas e áreas a elas relacionadas (jogos, exercícios físicos, dança, Educação Física, biociências etc), examinando-se temas substantivos de ética, epistemologia, metafísica, axiologia e estética, envolvendo o uso do corpo como atividade humana ou institucional. A filosofia do esporte não somente lida com insights de vários campos da filosofia, mas sobretudo gera interpretações compreensivas do esporte em si mesmo. Do ponto de vista de método de investigação, a filosofia do esporte é aparentada com a história como também se orienta por argumentação, interrogação e diálogo de modo sistemático, quer por meio de análise – ou crítica –, ou síntese, isto é, de forma especulativa. A questão mais geral encontrada neste ramo da filosofia, concerne à natureza e aos propósitos do esporte e áreas congêneres (McNamee, 2004; ICSSPE Vade Mecum, 2000). As raízes da filosofia do esporte se confundem com a própria origem da filosofia desde que Platão em sua obra seminal “A República” identificou a ginástica e a música (as artes em geral) como bases da educação. No Brasil, como nos demais países de cultura ocidental, o ponto de partida para estudos filosóficos envolvendo atividades físicas apoiou-se na Antiga Grécia e na Educação Física, sendo Inezil Penna Marinho (RJ) o pioneiro neste ramo de conhecimento em livro de 1941. Embora, a filosofia da Educação Física e do esporte tenha tido no Brasil poucas adesões entre acadêmicos, houve tendências dominantes desde Penna Marinho a saber: ética na Educação Física e sentido do esporte na Grécia Antiga (década de 1940); fundamentos filosóficos do esporte (década de 1970); filosofia da Educação Física stricto sensu e epistemologia (década de 1980); cultura corporal, estética, fundamentos, desenvolvimento moral, ética - incluindo fair play - e valores (década de 1990); e ética e epistemologia (década de 2000). Hoje, é plausível considerar o tema da ética como o fio condutor da filosofia do esporte no Brasil. A ética, por sua vez, pode ser definida como a ciência da moral. É justamente através de algum princípio ético (como o princípio ético do dever, de Kant) que se pode avaliar se o agir ou o comportamento de algum indivíduo ou de um determinado grupo social deve ser considerado como moral. A Moral é aquilo que uma determinada sociedade aceita como sendo certo, ou justo, num determinado espaço de tempo, acerca da conduta ou do comportamento social de seus integrantes. Esta expressão possui termos correlatos. O Fair Play — que não possui tradução exata para o português, sendo comumente referido como “jogo limpo” (também são usadas as expressões correto, honesto, legal) ou “espírito esportivo” — corresponde a um preceito normativo genérico de bom comportamento individual e coletivo, e respeito às regras das competições esportivas. No Brasil a primeira referência sobre a Ética e a Moral associadas à prática de exercícios físicos surgiu com a chegada dos Jesuítas, em 1549. Como referencial básico, a *Ratio Atque Instituto Studiorum*, que em 1599 sofreu alterações passando a chamar-se *Ratio Atque Instituto Studiorum Societatis Jesu*, foi o pressuposto basilar da educação jesuíta, cuja existência perdurou aproximadamente por 200 anos. A moral da *Ratio* consistia na idéia da construção de um Homem bom a partir da harmonização de três postulados básicos: a natureza, o hábito e a razão, que por sua vez contemplavam três momentos da educação moral: a educação física, a educação do caráter e a educação intelectual. No caso da educação física, esta era executada à tarde, após os outros momentos, com a finalidade de liberar a tensão gerada por tal educação.

1787 Publicação do “Tratado de Educação Física e Moral dos Meninos de ambos os sexos traduzidos do Francês em linguagem Portuguesa pelo Bacharel Luiz Carlos Moniz Barreto” que, embora uma publicação portuguesa, foi divulgado no Brasil por sua situação colonial. Possuía cinco de seus sete capítulos dedicados à Educação Física e moral dos meninos, do nascimento aos 20 anos. A partir deste marco, houve várias obras similares de produção portuguesa e brasileira criando uma Educação Física rudimentar e calcada em nexos de comportamento moral e de preceitos higienistas (ver “Positivismo na Educação Física e Esporte” neste Atlas), que sobreviveu até o final do século XIX.

1790 Publicação do “Tratado da Educação Física dos Meninos para uso da Nação Portuguesa publicado por ordem da Academia Rural das Ciências de Lisboa”, pelo Dr. Francisco de Melo Franco, brasileiro e agregado à Universidade de Coimbra, em Portugal. Da mesma forma que a publicação de 1787, o estudo chegou ao Brasil, e continha doze capítulos, sendo o capítulo X dedicado ao exercício, e os capítulos VI e VII dedicados à educação moral. Estava criada a tradição e no ano seguinte, também em Portugal, publicou-se “Tratado de Educação Física dos Meninos para uso da Nação Portuguesa por ordem da Academia Real das Ciências por Francisco José de Almeida”

Século XIX Em 1819, surge em Portugal e no Brasil uma nova publicação do Dr. Francisco de Melo Franco, “Elementos de Higiene ou Ditames Teoréticos e Práticos para conservar a saúde e prolongar a vida”, que apesar de ser um trabalho sobre higiene, possuía um capítulo dedicado à influência do físico sobre o moral, e outro, dedicado à influência do moral sobre o físico. Em 1829, imprime-se no Brasil, na cidade de Recife-PE “Tratado de Educação Física – Moral dos Meninos”, de autoria de Joaquim Jeronymo Serpa, dentro da tradição da educação moral e dos exercícios higienistas. Esta obra é possivelmente a primeira produção em Educação Física impressa no Brasil (ver capítulo “Editoras de livros de esporte, Educação Física e lazer” neste Atlas). De qualquer modo, a tradição da postura moral em exercícios físicos estendeu-se no país ao âmbito da medicina tendo lugar a várias teses de médicos em busca de títulos doutorais sobre este tema. Em conjunto estas obras demarcam um período voltado para o aperfeiçoamento moral, contudo mais doutrinário do que filosófico, em face a que se apoiavam em nexos positivistas e de ordem jesuíta.

Década de 1940 Após um período de pouco avanço na área, desde o início do século, são retomadas as publicações acerca do tema da ética na tradição primeva da Educação Física brasileira, por iniciativa de Inezil Penna Marinho, então professor da antiga Escola Nacional de Educação Física e Desportos-ENEFD, situada na cidade do Rio de Janeiro (hoje Escola de Educação Física da UFRJ). A obra de destaque desta fase foi o primeiro código de ética relacionado à Educação Física: “Obrigação dos professores de educação física nos estabelecimentos de ensino secundário”, publicada em 1941. No ano seguinte publicou-se “A influência da Educação Física na formação e correção do caráter”, conciliando Penna Marinho – também formado em Direito além de Educação Física - com a tradição. Mas o mesmo autor inaugurou o debate filosófico de esporte em 1945, ao publicar “Os clássicos e a educação física”, em que revivia o momento grego antigo buscando-lhe os fundamentos da prática.

Décadas de 1970 Este período foi em princípio fundacionista como se verifica pelo exame do livro “Fundamentos Filosóficos da Educação Física”, de Mauro S. Teixeira, de São Paulo-SP. Contudo, o impacto da obra foi mínimo por carência de interlocutores. Mas Inezil Penna Marinho ainda permanecia ligado aos temas filosóficos, voltando-se também para o fundacionismo como se pode verificar com a publicação em 1971 de “Hedonismo (A Filosofia do Prazer) – De Platão e Aristóteles e Freud e Marcuse – Os Desportos como Fonte de Prazer”. No exterior, em 1972, foi fundada a *Philosophic Society for the Study of Sport*-PSSS, que hoje se denomina *International Association for the Philosophy of Sport*-IAPS, e que desde 1974 serve de base ao *Journal of Philosophy of Sport* (ver site *Human Kinetics*) e promove um encontro anual (*IAPS Annual Meetings*).

Década de 1980 Em 1983, publicação do Código de Ética do Educador Físico-Desportivo-Recreativo, por Jacinto Targa (1983), com base referenciada pelo autor como produção da Academia Olímpica Internacional, Grécia, emitida em Antiga Olímpia, no ano de 1975. Além do apelo à tradição, Inezil Penna Marinho consolida explicitamente a área com a obra “Introdução ao estudo da filosofia da educação física e dos desportos” (Editora Horizonte, Brasília, 1984). Esta década foi também marcada pela influência de Manuel Sérgio, português, formado em filosofia em seu país, que se fixou no Brasil, atuando como professor na Escola de Educação Física da Universidade de Campinas-UNICAMP. Em sua nova função Manuel Sérgio, levantou o debate da epistemologia a qual seria em sua opinião o horizonte de interrogação da Educação Física, inclusive modificando seu *status* ao considerá-la ‘Ciência da Motricidade Humana’ (Manuel Sérgio, 1988, p.18). Manuel Sérgio teve intensa participação acadêmica no Brasil – incluindo publicações várias – e estendendo o debate até o início da década seguinte, o que afinal favoreceu o crescimento de atenções sobre as temáticas filosóficas das atividades físicas. Em 1989, a Secretaria de Educação Física e Desportos do Ministério de Educação-SEED, órgão do MEC, publica “Valores Humanos, Corpo e Prevenção”, livro coletivo no tema dos exercícios físicos para a saúde com a participação de seis autores médicos e dois doutores em filosofia: Lamartine DaCosta (RJ) e Silvino Santin (RS). Os autores de especialização filosófica definiram na introdução e em suas contribuições ao livro, as interrogações da atividade física em geral dentro da moldura axiológica humana, reforçando assim indiretamente o papel da filosofia do esporte como disciplina de fundamentos para as demais relacionadas às atividades físicas no ambiente acadêmico brasileiro.

Década de 1990 Neste período a filosofia do esporte produzida no Brasil alcança finalmente regularidade e delimitação de abordagens, saindo do casuísmo e oscilações, em que pese o reduzido número de especialistas e protagonistas diversos. Os temas dominantes da época foram cultura corporal, estética, fundamentos, desenvolvimento moral, ética, fair play e valores. O destaque do período foi Silvino Santin da Universidade Federal de Santa Maria-UFSM, da cidade do mesmo nome no RS. Santin fez seu doutorado em filosofia na Universidade de Paris IV, Sorbonne (1971-1974), e voltando ao Brasil, escreveu oito livros nos temas da corporeidade, ética, estética, filosofia da ciência e axiologia abordando questões da Educação Física e lazer, ao longo da década de 1990 e embora não fosse formado em Educação Física. Além desta produção, Santin fez-se presente como convidado em diversos congressos e outros

eventos acadêmicos de Educação Física, constituindo um efetivo vetor da popularização da filosofia do esporte no Brasil, sem que usasse tal expressão mas adotando posturas bem próximas as definições atuais do Vade Mecum-2000 do *International Council of Sport Sciences and Physical Education-ICSSPE*, expostas no início do presente capítulo. Em meados da década Santin transferiu-se para o mestrado em Educação Física da UFRGS, onde se aposentou mas deu continuidade ao seu envolvimento com a filosofia do esporte. Nesta meados da década, Antônio Roberto Rocha Santos (PE) recebe o título de Doutor em Ciências do Desporto pela Universidade do Porto, Portugal, defendendo tese sobre o fair play e a ética no esporte.

1993 - 1994 Publicação do artigo 'Avaliação do desenvolvimento moral de adolescentes em relação a dilemas morais da vida diária e da prática esportiva', por José Luis Lopes Vieira (Revista da Educação Física da Universidade Estadual de Maringá, v. 4, n. 1, p. 34, 1993). Este trabalho sinalizou o aparecimento de pesquisas em ética nos esportes por estudantes de mestrado e doutorado, bem com por professores da graduação em suas contribuições para congressos, descentralizando o saber ainda concentrado em poucos expoentes. No ano seguinte, Eduardo Montenegro, na Universidade Gama Filho do RJ, defendeu sua dissertação de mestrado relativa a uma pesquisa de campo sob a denominação "Educação Física e o desenvolvimento moral do indivíduo numa perspectiva Kohlberguiana". Também em 1994, Maria da Graça Lisboa e Rosane Maria Batista Pereira, professoras da graduação em Educação Física da Universidade Estadual do Rio de Janeiro-UERJ, publicam o livro "Filosofia da Educação Física" (Edições EST, Porto Alegre), reforçando assim a área de fundamentos das atividades físicas.

1994 Lançamento do livro 'A ética e a moral social através do esporte', de Heron Beresford, pela Editora Sprint (RJ), que representou um passo à frente na literatura sobre o tema no Brasil pois era produto não só do fazer acadêmico, como em Santin, mas também representava uma linha de pesquisa em operação regular e de formação de outros pesquisadores, em duas universidades do RJ – UERJ (graduação) e Universidade Castelo Branco-UCB (mestrado). Beresford era e permanece professor de Educação Física com doutoramento em filosofia.

1996 Retomada do debate epistemológico da Educação Física por meio de um número especial da revista 'Motus Corporis' da UGF, Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Educação Física, reunindo os doutores Go Tani (USP), Mauro Betti (UNESP) e Hugo Lovisoló (UGF). Nesta fase, a preocupação situou-se mais em questionamentos do estatuto da Educação Física como ciência autônoma, em oposição aos posicionamentos de Manuel Sérgio. A consequência principal desta disputa acadêmica foi a da criação de linhas de pesquisa em epistemologia da Educação Física na Universidade Estadual de SP-UNESP, em Piracicaba-SP, e na UGF, no RJ.

1997 Lançamento do texto de Pedro Ângelo Pagani, 'A prescrição dos exercícios físicos e do Esporte no Brasil (1850-1920): cuidados com o corpo, Educação Física e formação moral' (In Ferreira Neto, Amarílio (org). Pesquisa histórica em Educação Física 2. Vitória, Ed. da UFES, 1997). Esta contribuição constituiu uma revisão histórica da moral do esporte no Brasil, criando bases para as interpretações que se sucederam, incluindo este capítulo. Neste ano realizou-se a primeira edição do Fórum Olímpico no RJ, promovido pela UGF com 40 participantes e 13 trabalhos apresentados (coordenação de Lamartine DaCosta). Este evento –

originalmente liderado pela Academia Olímpica Brasileira–AOB, órgão do COB - desde então tem incluído trabalhos sobre ética e fair play, tornando-se um dos sustentáculos da filosofia do esporte no país. Neste ano, Hugo Lovisoló, doutor em Antropologia Social, da UGF, publica pela Editora Sprint do RJ, 'Estética, Esporte e educação Física', ampliando a compreensão da filosofia do esporte por uma de suas principais vertentes de estudo.

Guiraldell

1999 Defesa de Dissertação de Mestrado 'Fair Play, que Fair Play?! Doutrina, ou exercício da moral?', por Fernando Antônio dos Santos Portela, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho, sendo orientador o Prof. Dr. Lamartine DaCosta. A este estudo se sucedeu o Grupo de Pesquisas sobre Estudos Olímpicos, no modelo CAPES-CNPq, o qual passou a incluir de modo regular estudos éticos e de fair play. O Grupo de Pesquisas da UGF em temas olímpicos incorporou a experiência de vínculos com a Academia Olímpica Internacional, na Grécia, onde Lamartine DaCosta atuava desde 1992 como conferencista e orientador de alunos de pós graduação (ver capítulo 'Estudos Olímpicos' neste Atlas). Neste particular, a filosofia do esporte em versão brasileira ganhou mais um ponto de apoio, traduzido por intercâmbio com o exterior.

2000 Neste ano, Alberto Reppold (RS) defende sua tese de doutorado na Universidade de Leeds, Inglaterra, na área de filosofia do esporte e em abordagem epistemológica, sob denominação de "*In Search of academic identity: physical education, sport science and the field of human movement studies*". Reppold era egresso da Academia Olímpica Internacional, Grécia, e como tal por meio de intercâmbio foi admitido em Leeds e tendo como orientador um dos nomes de destaque internacional em ética do esporte, Jim Parry (ver 'Fontes' abaixo). Neste ano, realiza-se o I Seminário de Ética Profissional no RJ, na UCB, promovido pelo Conselho Federal de Educação Física-CONFEEF (criado em 1998 pela Lei 9696) que a partir daí passou a protagonizar o desenvolvimento da ética do esporte no país. Durante o evento, três doutores especializados em ética e também formados em Educação Física – Lamartine DaCosta (UGF), Antônio Roberto Rocha Santos (UFPE) e Heron Beresford (UCB) – produziram a primeira versão do código de ética profissional em Educação Física a ser adotado pelo CONFEEF.

2000 Publicação do Código de Ética da Educação Física pelo Conselho Federal de Educação Física-CONFEEF, por meio da Resolução nº 25/2000.

2001 Realização do XII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, com o tema Sociedade, Ciência e Ética: Desafios para a Educação Física, realizado em Caxambú-MG, em outubro deste ano (ver capítulo correspondente ao CBCE neste Atlas).

2002 Realização do Fórum Olímpico 2002, com vários temas dedicados ao esporte olímpico, e em especial o tema Filosofia e Olimpismo, Ética Profissional, Violência, Doping e Fair Play nos Esportes, realizado no Rio de Janeiro-RJ, em julho deste ano. Este evento gerou seis livros, à época editados em CD-ROM.

2003 Realização em Foz do Iguaçu-PR (janeiro), do II Seminário de Ética Profissional em Educação Física, com cerca de cem participantes e 21 contribuições apresentadas.

Situação Atual A filosofia do esporte no Brasil possui tradições próprias e tem tido poucas relações com exterior em seu

desenvolvimento. Contudo, em 2004, foi publicado o livro "Ética Profissional em Educação Física", pela Editora Shape do RJ, contendo as contribuições do Seminário do ano anterior de Foz de Iguaçu-PR (299 páginas). Estes trabalhos possivelmente refletem hoje direções de pesquisas e a ordem de grandeza da filosofia do esporte no Brasil, uma vez que o evento citado reuniu cerca de 100 pessoas, incluindo nomes tradicionais – Santin, Beresford, DaCosta, Rocha Santos, Reppold – e os participantes dos dois grupos de pesquisa mais produtivos do país em ética em esporte e fair play (UCB/UERJ de Beresford e UGF de DaCosta). Neste conjunto incluem-se também novos doutores formados no exterior e outros especialistas de adesão recente aos temas filosóficos de vieses esportivos no país. Nestas condições, há possibilidades de que esta temática filosófica já tenha uma massa crítica que lhe dê auto-sustentação e incentive maiores relações com outros países além do que foi feito até o momento via Academia Olímpica Internacional-Grécia. Na graduação de Educação Física, por exemplo, a ética como disciplina colocou-se em 14º. lugar entre outras 82 oferecidas pelas faculdades da área em levantamento de 1997 (amostra de 25% do total de faculdades do país), segundo informa DaCosta (1999). Neste inventário cabe ainda relevar a área de epistemologia cuja sustentação tem sido sinalizada com o funcionamento regular desde 2000 do Grupo de Trabalho Temático (GTT) do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte-CBCE, com a elaboração de "...estudos dos pressupostos teórico-filosóficos presentes nos diferentes projetos de delimitação da Educação Física como um possível campo acadêmico/científico". Tal iniciativa somada aos já mencionados Grupos de Pesquisa e disciplinas envolvendo a epistemologia das atividades físicas em universidades brasileiras, sugere uma vertente adicional em crescimento e se sobrepondo aos estudos éticos da tradição.

Fontes McNamee, M. J. Philosophy of sport. Journal Nurs Philosophy, vol. 5, no. 2, 2004, pp. 182 – 183; Osterhoudt, R. G., Simon, B. & Volkwein, K., Philosophy of Sport. In ICSSPE Vade Mecum – Directory of Sport Science, ICSSPE, Berlin, 2000, pp.107 – 121; McNamee, M. J. & Parry, S.J., Ethics & Sport, Routledge, London, 2002; Sérgio, M. Para uma Epistemologia da Motricidade Humana, Compêndium, Lisboa, 1988; SEED – MEC, Valores Humano, Corpo e Prevenção, Quintas, G. (ed), 1989; Santin, S. Educação Física, Ética, Estética e Saúde. Edições EST, Porto Alegre, 1995; DaCosta, L.P. Olympic Studies, Editora UGF, 2002; Beresford, H. A Ética e a Moral Social através do Esporte. Rio de Janeiro: Sprint, 1994; Coletânea de textos em estudos olímpicos, Editores Marcio Turini & Lamartine DaCosta. Rio de Janeiro, Editora Gama Filho, 2002; Constantino, Márcio Turini. A prática do Fair Play no contexto da culturalidade: Análise de atividades de Fair Play em olimpíada escolar como reforço do desenvolvimento do espírito esportivo, Rubio, K. *et al.* A Areté e o Fair Play na organização do Movimento Olímpico Contemporâneo, Belém, C. M., Valores do Fair Play nas aulas de Educação Física e na prática esportiva dos alunos das Escolas Agrotécnicas Federais; Marinho, I. P. História da Educação Física no Brasil. São Paulo, Cia. Brasil, 1979; Marinho, I. P. Obrigação dos professores de educação física nos estabelecimentos de ensino secundário. Boletim de Educação Física, Rio de Janeiro.v.1, n.1, p.85-90, jun. 1941; Targa, J. Código de Ética do Educador Físico-Desportivo-Recreativo. Educação Física e Desportos, n. 4, p. 43, set 1983; www.epistemologiaeducacaofisica.hpg.ig.com.br/; DaCosta, L.P. Formação Profissional em Ed. Fis. no Brasil. Editora Furbe, Blumenau, 1999.

A philosophical approach to Olympism

LAMARTINE DACOSTA

In "Olympic Studies", 2002

Amateur Athletic Foundation of Los Angeles (www.aaflo.org/search/search.htm)

Writing of the philosophical foundation of modern Olympism in 1935, Pierre de Coubertin notes that "célébrer les Jeux Olympiques, c'est se réclamer de l'histoire" (1). Our times are clearly very different. All those sport academics who claim for more precise definitions of Olympism, surely have good grounds for doing so. But, only a few of them have been making use of adequate historical accounts in order to support their arguments. There are some attempts to move beyond this epistemological challenge. Hans Lenk aimed to relate Olympism to a social philosophy. Nobert Mueller takes another view since this philosophy should be educational. Jim Parry in turn proposes a philosophical anthropology. Lamartine DaCosta forwards a "process philosophy" in the sense of an ongoing development of Coubertin's traditional conception of "philosophy of life" embodied by the Olympic Charter. But are we right in understanding Olympism in an ought-to-be framework? Aren't we simply applying intersecting viewpoints from different disciplines of knowledge to construct Olympism? Yet at this point it may rightly be retorted that the way in which we all have stated the problem is misleading. Perhaps most of the efforts to define Olympism have been unhistorical in their nature, that is, in observing its qualities in practical circumstances. And to solve an epistemological problem, historical standpoints are still one the best preferred option among philosophers. After all, history is often considered the *locus classicus* of epistemology. Following my former suggestion that Olympism is mostly a composition of narratives on Olympic *ethos* created and celebrated by its adherents, let us in the light of such assumption search the subject-matter of the actual Olympic past. Doing so, we aim to disclose core meanings of Olympism in the overall historical process of the Olympic idea development. To begin, it is convenient to proceed to another presupposition that experiences of Olympism involve characteristically tensions originated by oppositions when shifting from a social or cultural situation to another.

This initial hypothesis has as an argumentative ally the narrative of Socrates' judgement that lies in the foundational thinking of western thought, including Olympism as far as Coubertin had reshaped the Olympic idea from ancient Greek culture. Thus far, in the famous judgment against Socrates in 399 B.C. a reference was made to Olympic athletes that is still thought-provoking to contemporary observers. As Plato describes in his *Apologia*, Socrates appealed to his judges for the same treatment meted out by tradition to Olympic Games heroes, if fraternity in the *polis* was the point at issue rather than public accusations. The verdict has remained an important issue in moral discussions ever since. Socrates was condemned to death for alleged corruption of youth, despite a life dedicated to making his fellow citizens good and wise. In fact, the philosopher and forefather of ethics suggested his own condemnation for the sake of the Athenian city-state, giving no alternative to the judges, who had to obey the law when the accusations were acknowledged as truthful. It was equally clear that the institution which provided justice should be preserved even when doing wrong. This Socratic decision remains, for skeptics, an instance of ethical relativism, an ambivalence expressed and defined in an Aristotelian epigram: "Fire burns both in Hellas and in Persia; but men's ideas of right and wrong vary from place to place". It is no coincidence that Olympic athletes were referred to by Socrates when he called for recognition of his efforts to improve the citizens' social and political relations. In fact, by the 5th century BC the Olympic Games were a gathering of poets,

musicians and sophists as well as athletes, all of them competing in public performances. This peculiar spirit of competition was in contradiction with the ideal of Socrates, in his search for the truth, as he proposes an exchange of arguments without winners or losers, in exact opposition to the sophist teaching. This contradiction explains the skepticism and relativism with which Socrates was interpreted by Protagoras and Gorgias, eminent sophists of Ancient Greece.

By contrast, the far-reaching repercussions of Socratic conduct on western philosophy are due primarily to the fact that justice and fairness are more easily recognized by their opposites. Socrates played on this in order to sacrifice himself as a moral lesson to the *polis*. This historical hint has, eventually, been followed up by modern institutions which encourage ethical attitudes, including the Olympic Movement of our time. As a result, Olympism is primarily bound up in paradoxical choices, namely how to curb corruption in sports competition and management and preserve sports organizations – usually the source or agents of misconduct – while pursuing purely educational and pedagogical goals (the so-called *Kalos Kagathos*). For their part, sports leaders today raise objections and questions about unfairness in athletic behavior, without necessarily putting forward any answers. The emphasis on the educational purposes of Olympism can thus be seen as a source of the contradiction which exists within sport, namely the attempt to keep institutions alive while pointing out their mistakes and defects. But if Socrates' ethical philosophy is fully taken for granted otherwise, his dramatic moral attitudes imply a real impossibility of finding answers. Among philosophers this situation has then been called *aporia*, the Greek word of puzzlement, meaning the cognitive perplexity posed by statements in opposition. This natural outcome eventually brought out by interrogations seems furthermore to be at the heart of the practical problems of present-days top sport. Coubertin himself became "aporetic" when he began to criticize the misconduct of sports practice shortly before his death in 1937.

In this instance, the ethical questioning of Olympism should not be about choices, as usually stated, but about how to reconcile opposing attitudes. In other words, the supposed opposition will become real if Olympism decides to treat its difficulties in the context of a crisis, a choice similar to that of Socrates at his judgment. Conversely, however, assuming that sports conflicts are a natural risk, the Olympic Movement will be dealing with aporias, implying a constant exchange of arguments and solutions, as the early Socratic basic thinking suggested for those seeking a virtuous life in the *polis*. On the basis of these facts and speculations, it is possible to contend that sport, in seeking *areté* (excellence), is naturally aporetic. Paraphrasing Alasdair MacIntyre when he discusses excellence, sport involves rules as well as achievements so far we cannot reach the latter without accepting the former. Although this interplay justifies competition - *de justus est disputandum* -, individual's achievements in sport usually put aside external authority. In short, according to MacIntyre, this apparent contradiction has to be understood historically because "the sequences of development find their point and purpose in a progress towards and beyond a variety of types and modes of excellence"(2).

Then, skeptics of former times as well as many sports scientists and philosophers of the present day apart, historical experience should be ahead of knowledge production, favoring an attitude which perceives sport in terms of its contradictions. Indeed, alongside proposals for education, self-realization and cooperation based on

modern Olympic ideals unresolved conflicts have emerged persistently over the years since the first Olympiad of modern times in 1896. Experience is therefore likely to reveal that Olympic ethics lags behind the ongoing process of cultural, economic and political change in many societies. Of course, spectacle, professionalism, nationalism and sectarianism are factors which have played a historical role in the weakening of the humanistic values of sport, but when facts are compared with updated interpretations of Olympism, an element of incompatibility still remains. On the other hand, the reactions of sports institutions and leaders have been characteristically reductionist and contingent, expressing the inside view of sport.

For this ethicist, a dependable ethics for top sport should be related to contextual factors so as to fit in with the plurality of values on which today's sports practice is based. In short, the gap in sports ethics is primarily due to the mistaken isolation of top sports organizations - with the inclusion of IOC – from the external social environment. This solipsism is often criticized by philosophers because it represents an attempt to avoid refutations, a rationale of many religions and movements supported by ethical codes or principles. Such isolation was envisaged by Coubertin, as reported by Juergen Moltmann in a past IOA session, where he defined Olympism as a modern religion (*religio athletae* is an expression commonly found in the writings of Pierre de Coubertin but in the sense of conscious and full dedication to sport) (3). Now, if Olympism is to be seen in the context of broad cultural relations its radical reliance on ethical principles simply does not make sense, given the so-called "moral crisis" of nowadays which levels down all social conventions in any country or region. This argument is in itself sufficient to confirm the applicability of the notion of *aporia* as a *prima facie* interpretation of top sport in general and of the Olympic Movement in particular, alongside their historical and philosophical foundational approaches.

Moreover, a comparison of sports with culture can shed light on the aporetic meaning of sport both on the competition ground and in its management. As continually emphasized by analysts of current trends, the fragmentation of social relations, the prevalence of individualism and commercial attitudes, the increasing domination of the mass media and even the breakdown of values have given rise to insurmountable conflicts in cultural production of many kinds. Much of this new trend generates questions without answers, both in sports and in various other spheres of culture. Again, rather than simply arguing "for" or "against" supposed distortions of sport, debates concerning the development of Olympism should take the reconciliation of opposites as an introductory step, adopting an aporetic line of reasoning. This choice is valid either in addressing social or cultural interrogations of present times. For that, the old Greek philosophy is still helpful since the Aristotelian tradition attempted to solve aporias by introducing them initially into a higher totality as a means of reducing their problematic content.

References (1) Coubertin, P., Les assises philosophiques de l' Olympisme moderne. Le Sport Suisse, 7 août 1935, p.1. In Mueller, N. (ed), Pierre de Coubertin - Textes Choisis, Tome II, Weidemann, Zurich, 1986, p. 439; (2) MacIntyre, A., After Virtue. University of Notre Dame Press, 1984, 189 – 190 (3) Moltmann, J., Olympism and Religion. International Olympic Academy, 20th Session Report, Ancient Olympia, 1980, pp. 81 - 88.

Administração/ Gestão esportiva

VERÔNICA PERISSE NOLASCO, VALERIA BITENCOURT, PRÓSPERO BRUM PAOLI, EUZA GOMES E MÔNICA CASTRO

Sports management

Sports management refers to the organization and the rational and systematic administration of sporting and physical activities in general and/or of institutions and groups that make these activities happen either geared to top sport competitions or to occasional or regular popular sport participation in addition to leisure and health practices. Sports management started in the early 20th century in Brazil at the YMCA (RJ, SP and RS). The military gave it a broader approach in the late 1920s, when sports management was linked to

the organization of competitions and to the management of sports facilities. As sports developed intensely throughout the 20th century triggering the creation of sophisticated sports institutions, the former meaning of both leadership and management in sports and in physical education gave place to functions of management used in a universal manner, such as planning, direction, coordination, and control. This shift was noticed in the 1940s with the beginning of sports management as a subject in undergraduate programs of

physical education and in the graduate programs in the early 1980s. Post-graduate courses of specialization in sports management came up in the 1990s. Today sports management ranks 5th among the 82 disciplines offered in both undergraduate and graduate programs of physical education in the country. Although Brazilian authors produce good textbooks on sports management, research conducted since the 1980s indicate that professional sports managers still lack qualitative skills.

Definição e origens A administração esportiva (denominação histórica da área de conhecimento no Brasil) ou gestão do esporte (nome mais apropriado da disciplina) concerne à organização e direção racional e sistemática de atividades esportivas e físicas em geral e/ou de entidades e grupos que fazem acontecer estas atividades quer orientadas para competições de alto nível ou participação popular ocasional ou regular, e práticas de lazer e de saúde. As definições desta área de conhecimento variam de acordo com países e continentes; assim, por exemplo, a *North American Society for Sport Management* (Sociedade Norte-Americana para Gerência do Esporte-NASSM) define a gestão esportiva como um corpo de conhecimentos interdisciplinares que se relaciona com a direção, liderança e organização do esporte, incluindo dimensões comportamentais, ética, marketing, comunicação, finanças, economia, negócios em contextos sociais, legislação e preparação profissional. Na prática, a administração esportiva é uma atividade de apoio ao esporte e à Educação Física desde o século XIX na Europa (operação de clubes, por exemplo) e nos EUA (organização do esporte escolar e comunitário, por destaque). No Brasil, a administração do esporte ou de entidades esportivas teve suas primeiras abordagens no início do século XX em âmbito da Associação Cristã de Moços-ACM (RJ, SP e RS), e depois mais amplamente no final da década de 1920 e durante a década de 1930 nos meios militares – sobretudo na Escola de Educação Física do Exército formadora de instrutores e monitores militares e civis – que neste período ligaram o tema em exame à organização de competições e à gestão de instalações esportivas. Já na Europa e nos EUA, ao longo do século XX, na medida que o esporte se ampliava e se criavam instituições esportivas mais sofisticadas, o sentido de liderança e de condução administrativa típico dos pioneiros do esporte e da Educação Física deu lugar a funções de gestão usadas de forma universal, tais como planejamento, direção, controle etc. No Brasil esta especificidade da administração no esporte teve suas primeiras aparições na década de 1940, conforme se relata a seguir.

1906 Primeira convenção nacional das ACMs brasileiras, com gestores das unidades do RJ, SP e RS. Periodicamente, estes gerentes locais se reuniam para troca de experiências em gestão e respectivo treinamento, por vezes com especialistas vindos dos EUA. Nos anos de 1920, os gestores eram denominados de “secretários gerais” e passaram a ser formados no Uruguai e mais tarde em São Paulo-SP.

1920 A Associação Cristã de Moços criou o Instituto Técnico Continental, com sede no Rio de Janeiro, Buenos Aires e Montevidéu, onde eram formados técnicos em Educação Física e em administração.

1922 Neste ano, a ACM participou da organização dos Jogos Olímpicos Latino-Americanos, que foram parte dos festejos do Centenário da Independência do Brasil (ver capítulo correspondente neste Atlas). Neste evento, a ACM se associou ao Comitê Olímpico Internacional para cobrir a parte administrativa do evento, dada a carência de administradores esportivos no país.

Décadas de 1930 e 1940 Publicam-se manuais no Exército Brasileiro sobre “organização de competições” sob esta denominação, de autoria de Jair Jordão Ramos, oficial identificado por vários postos na literatura esportiva de acordo com as diferentes edições dos manuais. Estes livretos foram publicados com poucas alterações até a década de 1970. Nos anos de 1940, circulou no Exército um outro livro de Jordão Ramos, com o título “Dêem Estádios

ao Exército”, que abordou a manutenção das instalações esportivas como uma função administrativa básica. O manual de Educação Física da Marinha Brasileira (sem autoria identificada) dos anos de 1940 seguia o do Exército, mas com adição de preceitos de organização de esportes por citação de publicações da Marinha do EUA.

1941 O Decreto Lei nº 3.199 deste ano, legitima o esporte profissional e coloca a organização e a prática do esporte sob a tutela do Conselho Nacional do Desporto-CND, órgão disciplinador normativo, além de última instância da Justiça Desportiva. O entendimento de “organização” neste caso referia-se à estrutura hierárquica das entidades esportivas de acordo com a filiação e jurisdição (nação, estado e município), definidas no ato legal. Este conceito na década de 1960 passou a ser chamado de “Sistema Desportivo Nacional”, mas a expressão “organização” vinda de 1941 levou a se incluir na disciplina de “Administração Esportiva” as condições de funcionamento do “Sistema”, até hoje mantidas em suas disposições gerais.

O Sistema Esportivo Nacional – ou organização esportiva nacional, expressão ainda corrente – tem seu marco inicial em 1937 quando da criação da Divisão de Educação Física-DEF do Ministério da Educação e Cultura. Em 1941, cria-se o CND pelo Decreto Lei 3199, estabelecendo os dois pólos focais do Sistema: “Educação Física” e “esporte”, os quais foram reproduzidos por todos os Estados e alguns municípios nos anos seguintes. Os marcos principais seguintes referem-se a 1970: reforma do DEF, passando a ser Departamento de Educação Física e Desporto; e 1978: Secretaria de Educação Física e Desporto-SEED, ambas vinculadas ao Ministério da Educação e Cultura. A partir de 1990, é criada a Secretaria de Desportos da Presidência da República e, em 1992 a Secretaria de Desportos volta a ser vinculada ao Ministério da Educação, até 1995, quando é criado o Ministério de Estado Extraordinário do Esporte. Em meados deste ano esta Secretaria é re-denominada como INDESP, ou Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto, desvinculado do MEC com outro status jurídico e subordinado ao Ministério Extraordinário do Esporte. Em, 2000 o INDESP é substituído pela Secretaria Nacional de Esporte e em 2002 ganha pasta no Ministério do Esporte e do Turismo. Em 2003, o Governo Federal separa as duas pastas e o esporte passa a ser administrado ao nível nacional por um Ministério próprio. O Sistema em 1941 incluía Confederações (nacionais), Federações (estaduais) e Ligas (municipais), que até hoje são mantidas em sua estrutura básica tendo a entidade local “clube” como “célula básica” (expressão de origem).

1942 Maria Lenk publica neste ano o livro Organização de Educação Física e Desportos (Imprensa Nacional, RJ), primeira obra de administração esportiva do Brasil, como hoje a disciplina é entendida. Este livro teve enfoque jurídico e de estrutura das entidades esportivas no Brasil. Em seguida, trata da organização de jogos e esportes na tradição do Exército Brasileiro, mas aborda em outros capítulos procedimentos de gestão assimilados explicitamente do exterior (EUA e Alemanha). O livro finaliza com um estudo de gestão de instalações esportivas. Este tipo de abordagem criou a tradição da disciplina no país e até hoje encontra-se a denominação “Organização” a ela relacionada em currículos da graduação em Educação Física.

1942-1967 Nesta fase ainda se faz presente a influência militar na então denominada “Administração” do esporte e da Educação Física, com várias funções operacionais civis – em clubes, federações, entidades de governo etc. – ocupadas por militares. A mesma

tendência é identificada na produção de manuais, livros e artigos. Como tal, esta periodização foi estabelecida por Renato Souza Pinto Soeiro em sua dissertação “A contribuição da Escola de Educação Física do Exército para o Esporte Nacional 1933-2000”, Mestrado em Ciência da Motricidade Humana – UCB/RJ/2003, que foi logo sucedida por outra fase mais focada na Ciência da Administração. No final dos anos de 1960, Renato Brito Cunha da Universidade Federal do RJ, Escola de Educação Física e Desportos, lança um livreto com uma versão do tema de organização de jogos e competições mais ajustado ao meio civil. Esta publicação teve várias edições e diferentes versões em vários estados e Instituições de Ensino Superior-IES de Educação Física, até a década de 1980.

Década de 1970 Em 1971, publica-se o Diagnóstico da Educação Física e Desportos no Brasil (DaCosta, L.P., FENAME, Brasília) no qual torna-se patente a deficiência da gestão esportiva no país (pp. 354 – 359). A SEED-MEC publica em 1979, o caderno técnico “Noções de Administração para Professores de Educação Física e dos Desportos” de Lamartine P. DaCosta, estabelecendo uma nova fase da já antiga disciplina estruturada por Maria Lenk. De modo significativo, a nova publicação não abordou organização de competições nem a descrição do Sistema Esportivo Nacional, voltando-se prioritariamente para conceitos modernos de gestão e de marketing. Anteriormente a esta obra, na mesma década, foram iniciados cursos de *lato sensu* de especialização em administração esportiva na Universidade Gama Filho do RJ. Também em linha com modernos conceitos de gestão, a UNICAMP de SP reestruturou a disciplina da graduação tendo marketing esportivo como base. Estes cursos não se relacionavam com a tradição da disciplina de Administração Esportiva da graduação, mas presa a aspectos operacionais do que funcionais.

Década de 1980 Publicação de livro sobre administração de academias de ginástica (1981, Editora IBRASA, SP), tendo como autores Maurício Capinussu e Lamartine DaCosta. Nesta década a disciplina de administração esportiva teve seu desenvolvimento centrado na UGF e na UNICAMP. Em 1985, na UGF tem início uma área de concentração denominada de Administração Esportiva no mestrado em Educação Física, sob orientação de Lamartine DaCosta. Esta área operou até 1995 com diplomação *stricto sensu* de 12 mestres. Com o fortalecimento do marketing esportivo no Brasil, acontece a separação desta disciplina da área de administração esportiva. A UNICAMP cria a sua área de especialização em administração esportiva, que dura até meados dos anos de 1990. Neste período, textos de Lamartine DaCosta sobre gestão e esporte são publicados em Portugal pelo Ministério da Educação – Direção Geral dos Desportos, em Lisboa, gerando então manifestações de pesquisa nesta área naquele país e correspondente modernização da especialidade compondo-se com a liderança do Prof. Dr. Gustavo Pires da Universidade Técnica de Lisboa, e de Dr. Pedro Sarmento da Universidade do Porto. O texto básico de DaCosta, L.P., circulando à época em Portugal foi “Atividades de Lazer e de Desporto para Todos em Abordagem de Rede e de Baixo Custo – uma Revisão da Teoria e da Prática”, Antologia de Textos Desportos e Sociedade, Ministério da Educação, Lisboa, 1987. Ainda no Brasil, neste estágio, surgem as primeiras manifestações de marketing no esporte (ver capítulo deste tema neste Atlas). Em 1989, o Comitê Olímpico Internacional-COI em seu Programa Solidariedade Olímpica, promove no RJ um curso de Gestão Esportiva na sede do COB, com 20 participantes.

1993 Neste ano reinicia-se a tendência inaugurada pelo Diagnóstico de 1971 quanto a estudos e pesquisas sobre o papel e eficácia da

ainda denominada Administração Esportiva no Brasil: Marcus Bechara, um dos mestrandos da UGF (linha de pesquisa da Administração e Marketing Esportivo) em sua dissertação levanta o questionamento da ausência de um paradigma na administração esportiva nacional que pudesse balizar os processos decisórios dos dirigentes esportivos. Critica a falta de planejamento estratégico na administração esportiva alertando que as federações evidenciam mostras, na sua maioria, de uma administração centralizada e autocrática. (Dissertação de Mestrado: Qualidade esportiva – Proposta de transformação nas relações das federações esportivas – UGF-RJ). Em resumo, a disciplina em foco neste estágio passa a ser examinada quanto à sua aplicação prática e não com respeito ao seu conteúdo.

1994 A Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG, através do seu Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Treinamento Esportivo, estabelece na sua estrutura, a linha de pesquisa em Administração e Marketing Esportivo.

1995 Pesquisa para dissertação, elaborada por Leandro Nogueira, também mestrando da UGF no RJ, com 10 professores de Educação Física do RJ, atuantes como administradores esportivos, demonstra que utilizavam mais o instinto pedagógico do que técnicas de gestão.

1996 Pesquisa elaborada por Próspero Brum Paoli no Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Treinamento Esportivo pela Universidade Federal de Minas Gerais, com 25 técnicos do futebol profissional da primeira divisão do campeonato brasileiro, referente à gestão do planejamento de trabalho dos técnicos. Os resultados sugeriram disfunções entre técnicas de gestão e procedimentos de liderança adotados pelos técnicos.

1998 Publica-se a chamada Lei Pelé (nº 9.615), que passa a imprimir a profissionalização administrativa de clubes configurados como clube-empresa. Esta lei ressalta simultaneamente a necessidade de profissionalização dos clubes e a demanda por cursos de administração esportiva.

Década de 1990 Ao longo dos anos deste período torna-se evidente que a gestão esportiva envolvia diferentes, mas não excludentes, campos de atuação: Clube-empresa, Clube social esportivo, Confederações, Federações, Associações e Ligas, Órgãos Governamentais e ONGs, Complexos esportivos, Indústria de esporte e lazer, Consultoria, Universidades, Empresas privadas. Em 1997-1998 foi feita uma pesquisa de Lamartine DaCosta (1999) para o CNPq, em que se identificou nas IES de Educação Física a situação das disciplinas da graduação. Neste levantamento a disciplina de Administração Esportiva (denominação mais comum encontrada) entre 82 outras opções posicionou-se em quinto lugar na frequência de escolhas por parte das IES, comprovando-se assim que a sua tradição de implantação desde 1941 estava consolidada. Embora na graduação houvesse fixação e estabilidade, a disciplina em nível de mestrado tanto da UGF e quanto da UNICAMP foi desativada; simultaneamente apareceram cursos de MBA em gestão esportiva em vários pontos do país como igualmente cursos *lato sensu* na mesma área de conhecimento. Entre estes novos empreendimentos destacou-se o MBA da Fundação Getúlio Vargas-FGV do RJ, que gerou influência nacional na formação profissional no tema.

1999-2000 A Secretaria Nacional de Esporte do Ministério do Esporte implementa neste período o projeto “Gestão Esportiva”, com o objetivo de “capacitar, através de palestras e cursos de qualificação profissional, recursos humanos, visando a melhoria gerencial do esporte brasileiro”. O público-alvo do projeto constituiu-se de servidores, técnicos de esporte, dirigentes esportivos, professores de Educação Física, atletas e ex-atletas. Em 1999 este projeto capacitou 450 pessoas (10 cursos ministrados) e em 2000 o total atingiu 1800 pessoas capacitadas (30 cursos ministrados). Em Portugal, Lamartine DaCosta participa de bancas (“Júris” naquele país) de doutorado em Gestão do Esporte completando a cooperação iniciada nos anos de 1980.

2003 Surge o Estatuto da Defesa do Torcedor (Lei nº 10.761 de 2003). Tal Estatuto oferece um conceito legal de torcedor como sendo “toda pessoa que aprecie, apóie ou se associe a qualquer

entidade de prática desportiva do país e acompanhe a prática de determinada modalidade desportiva”. Neste termos, a entidade responsável pela organização da competição, bem como a entidade de prática esportiva detentora de mando de jogo, foram equiparadas, para todos os efeitos legais, a fornecedor, como tal definido pelo Código do Consumidor. Esta postura implica em valorizar a gestão esportiva como técnica e responsabilidade social no Brasil.

Situação atual A pesquisa realizada por Rosângela Ramoska de Abreu (2002), com o tema a “Relação do Marketing Esportivo versus Associações Esportivas” concluiu que a “parceria entre clubes e empresas com o emprego do Marketing Esportivo está se tornando cada vez maior. Quanto aos clubes que não possuem patrocinadores em relação aos outros, enfrentam inúmeros problemas e dificuldades para se manter. O Brasil tem uma tradição esportiva, mas deve percorrer um longo caminho profissional”. Ratificando esta posição, o Primeiro Encontro de Marketing Esportivo-2003 (PROMARK Serviços-FIA e FEA/USP) alertou que “Faltam profissionais especializados para promover os negócios na grande área do esporte brasileiro”. Estas considerações podem ser admitidas para a gestão do esporte brasileiro em geral desde que se ampliam as opções no mercado de trabalho, mas o ritmo da capacitação profissional parece não estar atendendo ainda a expectativa da demanda pelo menos em termos de qualidade. Esta interpretação tornou-se comum nas pesquisas de dissertações de mestrado no tema da gestão esportiva desde a década de 1980, porém contrastam com os novos cursos abertos desde a década de 1990 (ver abaixo) e o porte razoável de livros publicados no Brasil neste tema (conferir na Bibliografia Esportiva em www.crasp.com.br).

Fontes www.esporte.gov.br/gestao/; DaCosta, L. P. Formação profissional em Educação Física, Esporte e Lazer. FURB, Blumenau, 1999; Revista On-Line – Ano 3 nº 6 – www.phorte.com/phorteonline; www.fia.com.br; Terra Editora. ACM São Paulo 1902 – 2002. São Paulo, 2002.

Seleção de cursos em gestão do esporte em pós-graduação e/ou especialização, 2003 – 2004

Selected graduate programs in sports management, 2003-2004

Escola Superior de Educação Física de Cruzeiro-SP, Pós-Graduação Lato Sensu em Marketing, Administração e Gestão no Esporte (www.esefic.br).

DIAMOND FESP-2004, Pós-Graduação em Administração Esportiva, com nível de especialização Lato Sensu (www.fesppr.br/pos/esportiva.php).

Universidade Sindi-Clube/SP, Curso de Administração de Departamentos de Esportes e Lazer em Clubes e Unidades Esportivas (www.sindiclubesp.com.br/universidade)

UniSESI – Universidade do Estado do SESI, instalada no Centro Esportivo Bernardo Werner, em Blumenau-SC, cursos de esportes de alto desempenho (de competição), de lazer e de gestão do esporte.

Universidade do Estado do Paraná – Curitiba-PR, Curso de Administração Esportiva.

Universidade Católica do PR – Curitiba-PR, Gestão e Legislação do Esporte.

MBA Administração esportiva FGV Belém 2003 (www.grupoideal.com.br).

USP – Universidade de São Paulo, Administração esportiva, Escola de Educação Física.

Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto da PUC-RS, Curso de especialização em administração esportiva (www.pucrs.br/uni/poa/feffd).

IBDD – Instituto Brasileiro de Direito Esportivo (www.ibdd.com.br).

Faculdade Trevisan-SP, Curso de Gestão Esportiva.

UniverCidade - RJ , Curso de Administração Esportiva (www.univercidade.edu/html/cursos/).

Fundação Getúlio Vargas - SP , MBA em Administração Esportiva.

Metrocamp – Campinas-SP, Cursos de pós-graduação em Educação Física-Área de Concentração – Administração Esportiva, Curso Gestão e Informação no Esporte, MBA em Gestão e Marketing esportivo (www.metrocamp.com.br).

Secretaria de Estado e Desenvolvimento Social e Esporte de MG em parceria com a Fundação de Desenvolvimento e Pesquisa-FUNDEP e a Faculdade Promove, Cursos de Gestão Esportiva

voltados para representantes de prefeituras municipais, clubes, federações esportivas, técnicos dos jogos escolares (www.conedh.mg.gov.br/).

Universidade de Brasília, Faculdade de Educação Física, Curso de Gestão do Esporte (www.unb.br).

Universidade de Caxias do Sul-RS –MBA em Gestão esportiva em parceria com a Universitat Autònoma de Barcelona, da Espanha e com a Università degli Studi di Torino, da Itália (www.universiabrasil.net).

Fundação Getúlio Vargas – FGV, RJ, Administração de Profissionais do Esporte: Curso de extensão, semestral (www.fgvsp.br/gvpec).

FMU – SP, Administração e Marketing Esportivo (www.phorte.com).

Faculdade Trevisan, SP, Gestão do Esporte: Curso de Especialização (www.faculdadetrevisan.com.br).

UNIMEP, Piracicaba-SP – Administração Esportiva: Curso de Especialização (www.unimep.br).

Sociologia e antropologia do esporte

BRUNO ABRAHÃO, JOSÉ DA SILVA, ANA PAULA VASCONCELOS E SÍLVIA PIRES

Sports sociology and anthropology

Sociology has approached themes related to sports, to physical activities and to the human body, facing questions such as origin, relationships with culture and religion since the late 1890s. Classic authors of sociology such as Max Weber, George Simmel, Leopold von Wiese, Max Scheler, Thorstein Veblen and Norbert Elias analyzed sports as themes in their work in the 1930s and 1940s. E. Risse published 'Sports Sociology', the first comprehensive sociological work on the sporting theme, in Germany in 1921. Although the very first work

with sociological focus on the theme of soccer, an article written by the internationally renowned sociologist Gilberto Freyre, was published in a newspaper in Brazil in 1929, the work that had the greatest impact dealing with social questions involving soccer was "O Negro no Futebol Brasileiro" ("Afro-Brazilians in Soccer"), written by Mario Filho, published in 1947. Although Mario Filho's book has generated debates and developments and has still been object of discussion among researchers of sports sciences. As Brazilian

anthropology began to study general sports themes in the 1970s, it started to exchange and share sports themes with sociology in the 1980s, following international tendencies. Today, although the starting point of investigations in sociology of sports in Brazil is soccer, it is also possible to observe some interdisciplinary effort strengthening analytical studies of both the social sciences and anthropology not only on the sport phenomenon but also on the social and symbolic mechanisms that have helped construct Brazilian society.

Origens e Definições Desde o final do século XIX a Sociologia aborda temas relacionados ao esporte, às atividades físicas e ao corpo, colocando-se diante de questões como origem, as relações entre a cultura e o esporte e entre este e a religião. Até mesmo “clássicos” da Sociologia, de Max Weber, Georg Simmel, Leopold von Wiese, Max Scheler, Thorstein Veblen chegando a Norbert Elias já nas décadas de 1930 e 1940, trataram do tema do esporte em seus trabalhos. Muitos creditam a Marcel Mauss o mérito de ter sido um dos primeiros a refletir sobre as potencialidades simbólicas do corpo como categoria do espírito, tal fato decorreu de sua capacidade de ampliar sua visão periférica – ou seja, etnográfica – para além do circuito dos objetos dos estudos clássicos, observando fatos muitas vezes desconsiderados pelo pensamento sociológico da época. No ambiente intelectual francês, Mauss foi participante ativo de um programa refinado de uma Antropologia das práticas corporais e esportivas, descobrindo, já em 1902, as potencialidades e o rendimento teórico sobre os estudos das técnicas de adestramento corporal da natação, um entre outros fenômenos esportivos em voga na época. E terminou a investigação por realizar um balanço comparativo entre ciências vizinhas à Antropologia, notadamente a Psicologia e a Sociologia. Mauss, definiu em sua sociologia, que é a sociedade que ensina o corpo e nele marca as diferenças que ela reconhece e/ou estabelece de sexo, de idade, de hierarquia social etc. Os corpos expressariam o que a sociedade engendra em suas relações com os atores sociais.

1910 Este ano marca a primeira vez que a temática da Sociologia relacionada ao esporte foi tratada de forma mais completa. Steinitzer é o autor pioneiro que em seu livro “Esporte e Cultura” já fazia inclusive uma abordagem crítica do esporte de rendimento.

1921 O primeiro trabalho sociológico de abordagem abrangente no tema esportivo foi publicado por Risse com o título Sociologia do Esporte, cujo objetivo era doutorar-se com Alfred Weber estudando essa abordagem. Weber desaconselhou Risse a desenvolver o trabalho, levando-se a sugerir que por longo tempo o esporte não foi observado pelos sociólogos como fenômeno social, da mesma forma que a Sociologia do Esporte também não era reconhecida como disciplina específica da Sociologia. O esporte encontrava espaço somente em outras disciplinas e teorias sociológicas, como a sociologia da cultura ou do lazer, ou como apontou Lüschen (1966), nas teorias do conflito, de grupos etc.

Início do século XX A Antropologia *per se* tem seus primórdios no século XIX e deslanche efetivo no início no século XX, se bem que é possível encontrar quem recue sua história aos tempos da civilização grega antiga, quando alguém teria percebido que além do “eu” haveria “outro” que se diferencia do eu. Mas somente se constituirá como disciplina específica no século XIX quando a Europa estende as fronteiras do conhecimento científico do mundo descoberto desde o Renascimento – América, África e etc. Nesse momento nasce um conhecimento dos outros que não são europeus, e que seriam classificadas como “sociedades primitivas” ou “sociedades nativas”. “A diferença incidiu nas sociedades ‘atrasadas’, ‘sociedades infantis’, sociedades as quais se precisava levar o desenvolvimento pretensamente europeu”.

A Antropologia, portanto, no seu início é etnocêntrica: ao invés de conhecer as diferenças afirmando-as positivamente, reconhecia as diferenças negando-as. Então, a Antropologia estava marcada pela crença, que hoje é uma descrença: a de que as sociedades européias eram mais civilizadas do que as sociedades primitivas. Reconhecida a diferença, mesmo

conotando-a etnocentricamente, os antropólogos passaram a estudá-la. A organização familiar, as crenças, a religião, a simbologia, a cultura e vários interesses vão constituindo o campo da antropologia. Da antropologia social que se elabora no início século XX é que surge o estudo das sociedades e da cultura. E vários centros começam a se desenvolver este tipo de estudo (Inglaterra e EUA, por exemplo). Na França, a Antropologia ainda era Sociologia quase até Mauss, no início do século XX.

Hoje, o campo da Antropologia é muito vasto, confundindo-se com outras disciplinas, outros campos de conhecimento. Têm-se estudos do urbano, da família, da religião, da política, dos negros, dos indígenas, mulheres, homossexuais, etc. Esta amplitude resultou na interpretação de que a Antropologia não se definiria pelo seu objeto empírico, mas sobretudo pela simbologia como seu campo específico. Simbologia ora compreendida como substrato de todas as possíveis e imaginárias manifestações do social. Seja por este viés ou de outros, a Antropologia chegou ao esporte via Sociologia e hoje ambas estão associadas nas interpretações dos fenômenos esportivos e das atividades físicas em geral. No Brasil, o caminho percorrido foi similar ao internacional de maior alcance: o primeiro sociólogo a abordar o esporte foi Gilberto Freire no final da década de 1920, e o fez pelo futebol. E o futebol também mobilizou os primeiros antropólogos brasileiros – como Roberto DaMatta, a partir dos anos de 1970 – a intercambiar seus estudos sobre o esporte com bases sociológicas já mais exploradas. Em resumo, o futebol foi e continua a ser o vetor do desenvolvimento da Sociologia e Antropologia do Esporte no Brasil. Importa relevar que, nos anos de 1930, o futebol foi incorporado ao ideal nacional como modelador da raça brasileira. Esta síntese teve surgimento em razão do país ser produto de diversidade étnica muito grande, assim buscou-se fortalecer a nação brasileira através dos ideais nacionais e da eugenia, encontrando-se então o futebol como base dessas pretensões.

1929 Gilberto Freire em artigo publicado no jornal “A Província” (edição de 19 dezembro, 1929, no. 292 p.3), alerta – assinando com o pseudônimo de Jorge Rialdo – para a necessidade do *Fair-play* (jogo limpo), qualidade que, para ele, os brasileiros ainda não conheciam ao praticarem o futebol. À época, havia notícias repetidas de que vários conflitos ocorriam em “*matches*”. Os brasileiros preocupavam-se tão somente com a vitória, enquanto ao se cogitar dos adversários no *sport*, só poderia ser admitida a derrota. Este quadro não é comum em outros países, sugerindo que os responsáveis pela “educação esportiva da mocidade brasileira” reagissem contra tais distorções. Não que deveríamos esperar que assistimos jogos empolgantes “com calma e discrição como fazem os bons fiéis em ofícios religiosos”, mas o que seria inaceitável conforme as boas maneiras seria a idéia de “ir cada um para um campo de *foot ball* incapaz de reconhecer as qualidades do adversário, e querendo decidir a braço o que estava combinado que fosse decidido ... a pé, mas dentro de certas regras e certas leis”.

1938 Acontece na França, a Copa do Mundo de Futebol, o que representou para o futebol brasileiro o início de um vínculo deste esporte com o nacionalismo. Gilberto Freyre nesta oportunidade escreveu artigo em 17/06/1938 para publicação nos jornais dos “Diários Associados” (maior rede brasileira de jornais, revistas e estações de rádio neste período) no qual atribui “admiráveis *performances* brasileiras nos campos de Strasburgo e Bordeaux” como também indica que uma das condições para os triunfos seria um *team* constituído de jogadores afro-brasileiros: “Branços,

alguns, é certo; mas grande número de pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros”. Para Freyre, esta ‘miscigenação’ até então contrapunha as orientações do Barão do Rio Branco, “senhor do Itamaraty”, surgidas no início do século XX, que admitia apenas jogadores “brancos ou então mulatos tão-claros que parecessem brancos”. Após a morte de Rio Branco, faleceria também o critério anti-brasileiro do Brasil de se fingir com uma “República de aryano perante os estrangeiros”. O Barão seria substituído por mulatos ilustres – um deles Nilo Peçanha, cujo “nosso estilo de foot-ball lembra o seu estilo político”. Nosso estilo contrataria ao europeu por um conjunto de “qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de Nilo Peçanha o qual foi até hoje a melhor afirmação na arte política (...) nossos floreios com a bola, ou alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar foot-ball, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e ao mesmo tempo malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil”. Esta seria a “maneira inconfundível” do estilo brasileiro, a expressão do nosso mulatismo ágil, “inimigo do formalismo apolíneo e amigo das variações”.

1941 João Lyra Filho, jurista, um dos redatores do Decreto Lei 3199 que definiu a organização do esporte brasileiro no Governo Vargas, conduz uma conferência no Ministério da Educação, no RJ, no tema “A Função Social dos Desportos”. Esta conferência provavelmente constitui a primeira formulação sociológica efetiva do esporte brasileiro. Em 1944, Lyra Filho elaborava uma tese (denominação de Nilo Peçanha em seu currículo – ver “Desporto e Trópico”, Gelsa, RJ, 1968, do mesmo autor) sobre “Sinais da Sociologia Desportiva”, em que se defendia uma base sociológica para as interpretações jurídicas do esporte nacional.

1942 Inezil Penna Marinho publica um folheto denominado “Educação Física e Sociologia”.

1947 Mário Filho, jornalista e proprietário do “Jornal dos Sports” (RJ) publica o livro “O Negro no Futebol Brasileiro”, que foi reeditado em 1964. Este autor, embora sem vínculos com o conhecimento sociológico e os meios acadêmicos, teve sua obra reproduzida no interior das ciências sociais com validação das narrativas que versam sobre o advento do futebol, inglês e elitista no Brasil, enfatizando a segregação dos negros e pobres, suas lutas e resistência, e finalmente, descrevendo a democracia, ascensão, afirmação do negro no futebol. A carência de estudos históricos de até então contribui para que a postulação fosse tomada como um verdadeiro clássico. Este caráter serviu para que estudiosos reproduzissem e legitimassem a obra, qualificando-a por verdadeira, objetiva e completa (Soares, A., História e a Invenção de Tradições do Futebol Brasileiro, 2001). Este fato – com exageros de exaltação racial e nacionalista – embora diluidor da visão sociológica, contribuiu e contribui até hoje para o debate da Sociologia do Esporte no Brasil, e portanto, para seus avanços.

1950 – 1954 Mário Filho questionava em suas colunas o valor do homem brasileiro depois das derrotas nas duas Copas do Mundo de Futebol deste período.

1958 Com a conquista da Copa do Mundo deste ano pela Seleção brasileira de futebol, Mário Filho exaltou o feito de seus jogadores,

retornando ao nacionalismo original, mas produzindo paradoxalmente repercussões na construção da Sociologia do Esporte em seu tempo.

1966 João Lira Filho, ainda voltado para as questões do esporte no país, profere a aula inaugural dos cursos da Escola Nacional de Educação Física e Desporto (RJ), com o tema “Conteúdo Sociológico dos Desportos”. Também praticando *ad hoc*, a Sociologia do Esporte, Lira Filho pode ser considerado um dos pais desta disciplina no Brasil, por sua extensa obra no tema.

Década de 1970 As ciências sociais brasileiras neste período cresceram focalizando temas voltados para o meio urbano, com produção de trabalhos objetivando a análise de fenômenos, tais como a criminalidade e a violência, as formas de sociabilidade das camadas médias, o desvio e a estigmatização, as minorias, os movimentos sociais – étnicos e migratórios, as práticas de lazer das camadas populares, a sociabilidade juvenil, as formas de religiosidade no contexto urbano, a doença e a medicina popular, e outros. Neste movimento metodológico etnográfico abriu-se espaço para investigações do fenômeno esportivo urbano, como por exemplo o feito pelo antropólogo Roberto DaMatta, em sua obra “Carnavais, Malandros e Heróis: por uma Sociologia do Dilema Brasileiro” (1979).

1982 A obra “Universo do Futebol” organizada pelo antropólogo Roberto Da Matta inaugura uma nova forma de analisar sociológica e antropologicamente o esporte. Antes o futebol, bem como outras esferas, era tido como um elemento que desviaria a atenção do povo brasileiro das suas verdadeiras preocupações. Mas DaMatta e colaboradores marcaram uma mudança epistemológica do binômio futebol-sociedade: a partir de então, o esporte é tido como parte da sociedade e vice versa. Com esta nova forma de olhar, não se poderia negligenciar a totalidade na qual está inserida cada modalidade esportiva.

1983 Janete Lever, uma jovem socióloga norte-americana publica a “Loucura do Futebol”. Nesta obra a autora analisa o paradoxo do esporte, ou seja, como ocorre a integração através do conflito, as origens e evolução do futebol. Atentou-se ao futebol brasileiro centrando seus esforços em conhecer o modo como esse esporte mediou a integração social no Brasil, aos clubes do Rio de Janeiro e o potencial que este teriam em representar segmentos específicos da população local. A autora preocupou-se com o papel do futebol na vida dos torcedores brasileiros e questionou a crença, até então bastante presente nos discursos teóricos, de que o futebol no Brasil poderia ser o ópio de seu povo.

Década de 1980 Neste período inaugura-se uma maior reflexão sobre o futebol que começa a ser visto como um objeto de apreciação das ciências humanas sobretudo por parte da Sociologia e da Antropologia, separadas ou em conjunto. Anteriormente, as análises acadêmicas sobre este tema se restringiam a ensaios jornalísticos ou trabalhos dispersos, sem preocupações conceituais ou institucionais. A partir de então o futebol passa a ser tomado como veículo privilegiado de análises sócio-antropológicas.

Década de 1990 O futebol passou a ser tema de curso nas grades curriculares das instituições de ensino superior. Em 1990, na Universidade do Estado do RJ-UERJ, foi fundado o Núcleo de Sociologia do Futebol, no Departamento de Ciências Sociais, que tem procurado veicular trabalhos e contribuições através de periódicos. A Revista de divulgação deste núcleo chama-se “Pesquisa de campo”. Neste mesmo estágio, o Curso de Antropologia do Museu

Nacional, pertencente à Universidade Federal do RJ-UFRJ, dá início ao oferecimento de um Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, com área de concentração em “Antropologia do Esporte”. No final da década, professores do Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Educação Física da Universidade Gama Filho-UGF (RJ) dão início a um intercâmbio com entidades internacionais, UERJ, UFRJ e com a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisas em Ciências Sociais-ANPOCS no Brasil, de modo a estimular estudos socio-antropológicos em esporte e atividades físicas. O desdobramento natural desta relação foi a ANPOCS incorporar o esporte como uma de suas áreas de apresentação de trabalhos no encontro anual da entidade.

2002 O Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos (SP), Luiz Henrique de Toledo, publica “Lógicas no Futebol”. Neste trabalho, fruto de sua tese de doutorado, o antropólogo analisa o futebol de um ponto de vista mais amplo, e outros atores entram em cena agrupados em feixes de categorias: os profissionais do esporte, os especialistas, os torcedores, entre os quais se estabelece um complexo sistema de relações e trocas. Nesta obra, o autor encarou o futebol como uma questão nacional, preocupando-se entretanto, em não vinculá-lo às idiosincrasias de um suposto *ethos* brasileiro homogêneo e até ufanista.

Situação atual Com base na revisão feita por Toledo (2002), pretende-se que o panorama atual das investigações sobre o tema Sociologia do Esporte no Brasil tem o futebol como fio condutor. Esta visão ampla revela um esforço interdisciplinar que vem consolidando as ciências sociais e a Antropologia como searas acadêmicas, produtora das reflexões de maior fôlego ou alcance analítico sobre o fenômeno esportivo. Nesse contexto, o futebol em especial adquiriu importância no citado processo de investigações coletivas que suportam os mecanismos sociais e simbólicos da formação da sociedade brasileira. Em retrospecto, a temática central consistiu na análise cultural do futebol, cujo interesse em primeiro lugar, é rebater e criticar a noção desta modalidade como ópio do povo e, em segundo lugar, inaugurar uma Antropologia voltada para os fenômenos esportivos. Este modelo analítico intentou conceituar categorias esporte e jogo sob um ponto de vista teórico, conjugando ambos pelo viés do ritual, mais especificamente utilizando-se da noção de drama. Para além dos aspectos intrínsecos a prática esportiva, evidenciou-se algumas de suas características básicas, como o sentido da competição, a *performance* que visa o rendimento máximo, o *status*, a recompensa financeira, entre outros. Em síntese, seria o esporte encarnado pelo futebol, analisado como um drama na sua dimensão simbólica. Esta incursão das ciências sociais na análise do fenômeno esportivo alçado a objeto de análise para compreensão da sociedade brasileira, teve como pano de fundo a produção de pesquisas nos anos de 1970 e início da década de 1980, sobretudo em alguns centros de excelência acadêmica. Hoje, os estudos sobre esses temas continuam a ser atualizados pelos programas de pós-graduação *stricto sensu* das Universidades Gama Filho (RJ), de Campinas-Unicamp (SP), Federal de São Carlos-UFSCAR, Federal do Rio de Janeiro-UFRJ e do Estado do Rio de Janeiro-UERJ. Nas “Fontes” que se seguem há um repertório dos textos (sobretudo livros) de maior destaque sobre Sociologia e Antropologia do Esporte, publicados no Brasil desde a década de 1970, com estes temas abordados de modo direto ou indireto.

Fontes BOURDIEU, Pierre. Programa para uma Sociologia do Esporte – Coisas Ditas, 1990; BRUNS, Heloísa T. (org). Conversando

Sobre o Corpo, 6ª edição, Campinas: Papyrus, 1989; BURHM, Eunice. Os Problemas Atuais da Pesquisa Antropológica no Brasil, Revista de Antropologia, 25, São Paulo 1982; CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. A Política dos Outros, São Paulo: Brasiliense, 1984; CARDOSO, Ruth. A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986; CLEVER, Janete. A Loucura do Futebol, Rio de Janeiro: Record, 1983; DA MATTA, Roberto. Carnavais, Malandros e Heróis – Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro, Rio de Janeiro: Zahar, 1979; DA MATTA, Roberto. Futebol: Ópio do Povo X Drama de Justiça Social – Novos Estudos – 1 (4), São Paulo, 1982; DA MATTA. Esporte e Sociedade: um Ensaio Sobre Futebol Brasileiro, in DA MATTA, Roberto (Org), O Universo do Futebol, Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982; FILHO, Mário. O Negro no Futebol Brasileiro, Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1947; FLORES, Luíz F. B. N. Na Zona do Agrião sobre Algumas Mensagens Ideológicas do Futebol, Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982; FILHO, Lyra João. Temas de Educação Física, Volume 4, Conteúdo Sociológico dos Esportes – Museu de Educação Física, UFRJ, Rio de Janeiro, 1966; GILL, Gilson. Drama do Futebol Arte: o Debate sobre a Seleção dos Anos 70, Revista ANPOCS, 25, São Paulo, 1994; LEITE, Lopes José S. A Vitória do Futebol que Incorporou a Pelada, Revista da USP, 22 – São Paulo, 1995; LEITE, Lopes & MARESCA, Sylvain. A Morte da Alegria do Povo, Revista ANPOCS, 20, São Paulo, 1992; MACHADO, Igor J. de Renó. Futebol Clás e Nação, Revista Dados, 43 (1), 2000; MAGNANI, José Guilherme Cantor. Festa no Pedago: Cultura e Lazer na Cidade, São Paulo: USP/CNPQ, Mimeo, 1984; MONTES, Maria Lúcia. Lazer e Ideologia: Representação do Social e do Político na Cultura Popular, Tese de Doutorado, São Paulo: USP/FFLCH, 1983; OLIVEN, Rubem. Urbanização e Mudança Social no Brasil, Petrópolis: Vozes, 1980; PEIRANO, Maris. Antropologia no Brasil (Alteridade Contextualizada), São Paulo: Sumaré, 1999; PERUZZOLLO, A C. A Espetacularização do Esporte: o Jogo de Linguagem dos Meios de Massa, Revista Kinesis – 7, 1991; PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Torcidas Organizadas de Futebol. Violência e Auto Afirmação: Aspectos da Construção das Novas Relações Sociais, Taubaté: Vogal Editora, 1997; RAMOS, Roberto. Futebol: Ideologia do Poder, Rio de Janeiro: Vozes, 1984; TOLEDO, Luiz Henrique. Futebol e Teoria Social: Aspectos da Produção Científica Brasileira (1982-2002), Revista Brasileira de Informações Bibliográfica em Ciências Sociais, Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS, Editora da Universidade do Sagrado Coração. São Paulo: V.52., P.133-165, 2001; TOLEDO, Luiz Henrique. Torcidas Organizadas de Futebol, Campinas Autores Associados/ANPOCS, 1996; TOLEDO, Luiz Henrique. Lógicas do Futebol, São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2002; VELHO, Gilberto. Observando o Familiar, In Velho, Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea, Rio De Janeiro: Jorge Zahar, 1981; VOGEL, Arno. O Momento Feliz do Futebol, In: DA MATTA, R. (Org). Universo do Futebol, Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Entrevista com Antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, In SZTUTMAN Renato, NASCIMENTO Silvana & MARRAS Stélio. Sexta-feira: Antropologia, Artes e Humanidade, 1999; ZALUAR, Alba. A Máquina e a Revolta: as Organizações Populares e Significado da Pobreza, São Paulo: Condephaat, 1985; Acesso a Internet: www.efdeportes.com/efd47/futebol.htm. LLAMAR. O Futebol Nacionalismo e Tradição. Observações a Partir de Alguns Escritos Marxistas. Núcleo História e Sociologia do Esporte UFPR, Centro Universitário Positivo, Unicamp, Centro Universitário Campos de Andrade. Acesso em 15/03/04; LEITE LOPES & MARESCA, Sylvain. A Morte da Alegria do Povo, 1992; TOLEDO, Luis Henrique. Torcidas Organizadas de Futebol, Campinas Autores Associados, 1996.

Marketing esportivo

FRANCISCO PAULO DE MELO NETO E MARIO FEITOSA

Sports marketing

While sports economy in the world sells US\$ 400 billion per year, soccer alone sells half of this amount (US\$ 200 billion). Brazil is the 5th largest sports market in the world selling approximately US\$10.46 billion a year. Sports marketing today is translated as an action of individuals or of companies that aim at benefiting a sports activity of public interest. This chapter focuses on sports marketing

Definições e origens O marketing esportivo é hoje entendido como uma ação de indivíduos ou de empresas, destinada a beneficiar uma atividade esportiva de interesse público. Também pode ser compreendido quando se realiza uma comunicação diferenciada de um produto, serviço ou imagem ou se implementam ações que visem a melhoria ou a fixação de uma imagem institucional. Em qualquer dos casos, leva-se em conta o conceito de esporte como veículo ou mídia. Na história do esporte, geralmente se atribui o marco fundador do marketing esportivo ao uso comercial do símbolo dos anéis olímpicos em 1938. A renda obtida pelo Comitê Olímpico Internacional-COI com este procedimento foi repassada aos Comitês Olímpicos Nacionais-CON e aos atletas, o que resultou numa tradição até hoje preservada. Em 1932, nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, já se obtiveram experiências pontuais no uso de símbolos esportivos agregados a produtos – Coca Cola, por exemplo – e, em 1936, nas Olimpíadas de Berlim, no uso da televisão como mídia típica do espetáculo esportivo. Assim sendo, já em 1960, nos Jogos de Roma, houve 46 empresas patrocinadoras financiando o empreendimento. E, em 1972, nos Jogos de Munique, o marketing esportivo encontrava sua consolidação, ao ser contratada uma agência especializada para a gestão dos contratos de patrocínio, do licenciamento de marcas e da comercialização de um mascote próprio para o evento. Em 1983, o COI associou-se à Agência ISL com experiência em marketing esportivo no plano internacional, para administrar seus contratos de patrocínio, o que fez fixar definitivamente este tipo de operação comercial no mundo do esporte. No Brasil, o marketing esportivo, em sua concepção atual, teve suas primeiras manifestações também nos anos de 1980.

Década de 1980 Em 1981, por iniciativa pioneira de Carlos Arthur Nuzman e Antonio Carlos de Almeida Braga, a empresa Atlântica-Boavista de Seguros inicia o patrocínio da modalidade de voleibol com o reconhecimento oficial do então Conselho Nacional de Desportos-CND. Nuzman, à época, ex-jogador da seleção brasileira de voleibol e dirigente da modalidade, conseguiu superar as barreiras do CND quanto à expansão de novas práticas de comercialização no esporte, como também propôs unir os interesses mercadológicos das empresas de grande porte ao novo formato de desenvolvimento do esporte. Almeida Braga, no período em foco, era um renomado empresário que associou sua empresa ao Banco Bradesco – o maior banco privado do país – resultando, então, no impulso definitivo da atuação do marketing esportivo, em sua versão brasileira. Na década anterior, já havia ocorrido casos isolados de patrocínio de empresas, como o da Lufkin no atletismo e o da Pirelli, no voleibol. Uma comprovação do interesse em criar sustentação permanente para o patrocínio do esporte nacional consistiu na realização de seminários de sensibilização para dirigentes esportivos, empresários, publicitários e técnicos esportivos sobre os benefícios da nova estratégia. Estes eventos foram promovidos pelo Grupo Atlântica-Boavista-Bradesco, no Rio de Janeiro e em São Paulo, quando circulou um dos primeiros estudos sobre marketing esportivo no Brasil, elaborado por Lamartine DaCosta e Célio Cordeiro. Nesta década, os destaques em marketing esportivo no Brasil foram: Supergasbrás, no voleibol feminino; Banco Nacional, colocando sua logomarca nas camisas das equipes de futebol do Fluminense e do Vasco (ambos do RJ), em 1984, na Copa Brasil daquele ano (total de negócios gerados: US\$700 mil); Coca-Cola, no Campeonato Brasileiro de Futebol de 1987 (início do Clube dos 13), fixando sua marca em todos os times participantes; Mesbla, na natação em 1985, resultando que, onze dos 16 nadadores brasileiros nos Jogos de Olímpicos de Seul (1988) foram patrocinados por esta empresa; Xerox, no basquetebol em hipismo em 1982 (em 1987 deu partida ao seu Projeto Olímpico da Mangueira, até hoje existente); Banco de Crédito Nacional-BCN

not only as a differentiated communication of a product, service or image, but also as the implementation of actions that aim at the improvement or fixation of an institutional image taking into account the concept of sport as vehicle or media. Sports marketing in Brazil reached a very important dimension in the early 1980s. This chapter examines the successive modifications of this business

em basquetebol feminino, em 1888; Nívea, no tênis; Alpargatas, no futebol, basquetebol e tênis; Ultracred no atletismo; Frangosul no voleibol; Triches no futsal; Company, Redley e Alternativa nos esportes de praia; Nutrimental, no apoio ao velejador Amyr Klink; Hermes Macedo na natação e no ciclismo; Refripar no xadrez; Fiat no voleibol masculino e no tênis; Unisa no automobilismo; Sadia, no voleibol e mais quatro modalidades; e outras empresas de vários estados do Brasil, dando origem aos chamados “anos dourados” do marketing esportivo brasileiro. Nesta fase de expansão, em 1985, as universidades Gama Filho e Estadual de Campinas (UNICAMP) implantaram áreas de Administração e Marketing em seus cursos de mestrado em Educação Física. Neste mesmo ano, a Fundação Mudes do Rio de Janeiro iniciou um sistema de informações (base de dados em fichas remetidas via correio para assinantes) sobre marketing esportivo sob a direção de Lamartine DaCosta.

Década de 1990 O impulso dos anos de 1980 teve continuidade até meados desta década, quando a crise econômica que sofreu o país reduziu o movimento dos negócios em geral. Contudo, neste período grandes empresas estatais, como o Banco do Brasil, Correios e Telégrafos e Telebrás adotaram o patrocínio como posicionamento mercadológico, definindo novos rumos para o marketing esportivo no Brasil. A Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos investiu na natação, entre 1991 e 1997, o equivalente a R\$7 milhões. O Banco do Brasil escolheu o vôlei no mesmo período e investiu em média R\$8 milhões por ano. A Telebrás preferiu o atletismo e, no período de 1994 a 1998, desembolsou R\$5 milhões. Este impacto ainda se fez presente no início da década de 2000, desde que o patrocínio das empresas estatais era considerado como uma das bases principais da política esportiva do Governo Federal. Também no final da década de 1990, os negócios relacionados ao futebol passaram a influenciar, por seu peso em relação aos demais esportes, as tendências do marketing esportivo em geral.

1997 Neste ano, o Esporte Clube Bahia, de Salvador-BA, e o Banco Opportunity do RJ constituíram o Bahia S.A. com capital inicial de 30 milhões de reais. Para tornar-se sócio do novo clube, e detentor de 49% de suas ações, o banco aportou recursos da ordem de 15 milhões de reais. O E.C. Bahia integralizou sua parte através dos valores de sua marca e do passe de seus jogadores. Como parte do contrato firmado, o clube arrendou sua marca por 25 anos, com direito de preferência por mais 10 anos.

1998 Levantamento feito pela Deloitte e Touche, neste período, avaliou a importância comercial das marcas dos principais clubes de futebol no Brasil. O Flamengo foi o de maior valor (R\$12,33 milhões), seguida do Botafogo (R\$7,43 milhões), e Corinthians (R\$7,00 milhões). Assim sendo, o maior ativo do Clube de Futebol popular no Brasil é a sua marca. Uma pesquisa de avaliação da marca FLA, realizada pela empresa Infomídia, no período entre agosto de 1998 a julho de 1999, obteve os seguintes dados em relação à televisão: número de exibições: 10.936; total de segundos: 36.385; valor: US\$10 milhões. E com respeito a jornal: número de exibições: 87.750; centimetragem: 539.284; valor: US\$ 16,3 milhões. De acordo com a pesquisa, o clube apresentava um faturamento de aproximadamente US\$10 milhões de exposição espontânea na mídia televisiva, e de US\$16,3 milhões na mídia impressa. Posteriormente, a ISL, empresa suíça de marketing esportivo, pagou US\$80 milhões por 50% da marca FLA. Especialistas da empresa investidora estimaram o crescimento das receitas do clube em 7% ao ano até 2014, e 3,5% até 2000.

1999 – 2000 Neste estágio, houve uma queda expressiva dos investimentos no futebol no Brasil conforme reportado na revista Negócios Exame, de fevereiro de 2001: “Em 1999, mais de 800

sector in relation to main sports in Brazil until 2003, focusing on sponsorship, which benefits primarily soccer (60%), volleyball (12%), auto racing (11%), basketball (5%) and futsal (2%). In 2002, only US\$ 640,000 (R\$1,92 million) out of the US\$109.3 million (R\$328 million) spent on sports sponsorship for these activities sponsored individual athletes.

milhões de reais foram investidos no futebol profissional. Em 2000, este valor caiu para 500 milhões de reais. A queda dos investimentos privados no futebol brasileiro foi devido às alterações feitas em julho de 2000 na lei Pelé: a não obrigatoriedade dos clubes se transformarem em empresa, a proibição dos investidores estrangeiros de adquirirem mais de 49% das ações do clube, de gerirem a parte esportiva dos clubes, de representá-los oficialmente em reuniões e negociações, e de comprarem participações em dois clubes diferentes. Clubes de futebol não são um negócio puro, eles não operam completamente independentes um dos outros nem um contra o outro do ponto de vista econômico. Eles são mutuamente interdependentes”. Com esta afirmação, o professor inglês John Goddard explicou a lógica dos negócios do futebol. Diferentemente de outros setores da economia, quando concorrentes brigam entre si por maiores fatias de mercado, atuam de forma independente uns dos outros (exceção para as parcerias estratégicas) e competem entre si economicamente, através de guerras de preço e busca incessante de diferenciações e vantagens competitivas. No futebol, os clubes são interdependentes, pois não existe competição quando há apenas uma equipe. A concorrência entre os clubes não é econômica, e sim esportiva, o que se reflete no campo do jogo. Os clubes sujeitam-se às mesmas regras e regulamentos das competições das quais participam. A rivalidade maior é entre os torcedores que reagem com forte paixão ao desempenho de seus clubes favoritos.

2000 As principais fontes de receita dos maiores clubes de futebol no Brasil são a televisão, os patrocinadores de fornecedores, merchandising e licenciamento, *catering* (aluguel de espaços nos estádios para revendedores de alimentos e bebidas), estádios, mensalidades de sócios e outros. Na Europa, os clubes faturam mais com seus estádios e venda dos direitos de TV, além do licenciamento de marca, patrocínios e venda de jogadores. Mal gerenciados profissionalmente, ao contrário dos clubes europeus, os clubes de futebol brasileiros tornaram-se reféns das cotas de TV, que representam a sua principal fonte de receita, pois 57% das suas estruturas de receitas são provenientes da venda dos direitos de transmissão de seus jogos para a mídia televisiva. Nos clubes europeus, este percentual oscila entre 20% (Inglaterra), 30% (França), e 32% (Itália). As cotas de TV perdem para a exploração comercial dos estádios (*catering*, ingressos, publicidade). Na Inglaterra, o percentual das receitas provenientes da exploração comercial dos estádios em relação à receita total dos clubes é de 43%; na Itália, é de 38%; e, na França, 21%. A venda de ingressos é uma das principais fontes de geração de receitas para os clubes brasileiros. Levantamento feito pela Deloitte e Touche, em 1998, apurou o faturamento dos principais clubes de futebol naquele ano, com a venda de ingressos em seus jogos e obteve o seguinte resultado: Corinthians (R\$9,64 milhões), Santos (R\$6,98 milhões), Sport (R\$2,45 milhões) e o Grêmio (R\$2,36 milhões). Em termos de receitas totais, o Flamengo ganha de todos os demais, tendo faturado mais de R\$29 milhões em 1998, seguido do Corinthians (R\$27 milhões) e do Santos (R\$23,6 milhões). O patrocínio é, para muitos clubes, a principal fonte de receita. É o caso do Flamengo (42,32%) e Botafogo (48,10%). O merchandising e o licenciamento representam percentuais inferiores a 5%.

2001 Neste período, o empresário Hélio Ferraz, à época membro do Conselho Deliberativo do C.R. Flamengo-RJ, fez um diagnóstico da administração dos clubes de futebol no Brasil do ponto de vista dos questionamentos mercadológicos: “O atual estágio de administração de clubes e federações esportivas do país, em sua transitividade, assemelha-se, guardadas as devidas proporções, à etapa da profissionalização atlética vivida a partir do final do século

passado – século XIX – quando a remuneração foi parcial e informal”. Para Ferraz, o segundo estágio de profissionalização dos clubes de futebol no Brasil teve início com a contratação dos primeiros patrocínios e parcerias no final dos anos de 1980. O terceiro estágio veio com a terceirização da gestão profissional dos ativos do clube, no final dos anos de 1990. Em fevereiro do mesmo ano, pesquisa realizada pelas empresas ISL e Booz Allen & Hamilton identificou o Brasil como o último colocado no ranking do patrocínio esportivo mundial. A Europa vem em primeiro lugar, com 36% dos patrocínios esportivos de todo o mundo, seguido pelos Estados Unidos, com 31% e a Ásia, com 20%. O Brasil, como último do ranking, detém apenas 1% do volume de patrocínios esportivos firmados em todo o mundo. Dentre as modalidades esportivas que mais se beneficiam do patrocínio esportivo no mercado brasileiro, tem-se o futebol (60%), o vôlei (12%), o automobilismo (11%), o basquete (5%) e o futsal (2%). Uma pesquisa realizada pela empresa Top Sports Ventures, realizada em junho de 2003, identificou as novas tendências e realizou um diagnóstico completo dos patrocínios esportivos no Brasil que indicou, no ano de 2002, a movimentação de R\$328 milhões em patrocínios esportivos. O futebol responde por aproximadamente 66%, o equivalente a R\$205 milhões. Deste total, R\$82,6 milhões são investidos na seleção brasileira de futebol e outros R\$82,6 milhões vão para os times de futebol. O restante é disperso no patrocínio de diversas modalidades esportivas. Apenas R\$1,92 milhão é direcionado para o patrocínio individual de atletas; e no quadro de investimentos totais em patrocínio, o esporte participa com 69%, sendo, portanto, o principal foco das ações de patrocínios no mundo.

2001 Segundo o consultor esportivo Alexandre Loures, da empresa Deloitte Touche Tohmatsu, são as seguintes as tendências na gestão dos negócios do futebol: profissionalização da gestão dos clubes; surgimento de novos conceitos de parceria entre clubes de futebol profissional e investidores estratégicos; cessão pelos clubes de futebol, dos direitos de uso de sua marca e de todas as atividades comerciais a eles relacionadas; desenvolvimento de novas posturas na administração da carreira dos atletas; criação de alternativas de novas receitas, focando cada vez mais no negócio; e uso de técnicas de gestão baseadas na transparência das demonstrações financeiras, na adequação da estrutura de capitais e no planejamento de longo prazo.

2001 O mercado brasileiro de licenciamento esportivo é dominado pelos grandes clubes de futebol que vendem o direito de uso de seus nomes, símbolos e emblemas para empresas interessadas em sua comercialização. No ranking do licenciamento esportivo mundial, o Brasil ocupa o terceiro lugar com 7% de participação nos negócios, de acordo com os dados da Licensing Industry Merchandising Association. Em 2001, o mercado brasileiro de licenciamento esportivo movimentou cerca de R\$150 milhões em pagamentos de royalties. No caso dos grandes clubes de futebol, as receitas de licenciamento de produtos com suas marcas são irrisórias – o Flamengo e o Corinthians, por exemplo, ganham apenas 5% de suas receitas mensais com licenciamento. No mesmo ano, o Flamengo e o Corinthians faturaram, segundo dados publicados pela Gazeta Mercantil de 18/03/01, US\$86,9 milhões e US\$58,0 milhões, respectivamente. Estes são resultados bem abaixo dos maiores licenciadores esportivos do mundo: Dallas Cowboys (US\$270 milhões), Manchester United (US\$259 milhões), Washington Red Skins (US\$210 milhões), New York Yankees (US\$180 milhões), Real Madrid (US\$155 milhões), Bayern de Munique (US\$150 milhões), São Francisco 49ers (US\$147 milhões), Los Angeles Lakers (US\$146 milhões) e New York Rangers (US\$145,7 milhões). Para David Diesendruck, da empresa Redibra, “o licenciamento no futebol brasileiro poderá chegar, em médio prazo, a 10 ou 15% de participação na receita total dos clubes”. Um aumento significativo, se considerarmos que hoje é de apenas 5% e, no caso de clubes europeus, de 25%. De acordo com o ranking mundial de licenciamento esportivo criado pelas empresas Feuter Brand e Deloitte Touche, os clubes brasileiros que mais faturam

são o Flamengo (21º lugar), o Vasco da Gama (32º lugar) e o Corinthians (33º lugar).

2003 O marketing esportivo no Brasil começou a ganhar novos formatos a partir da virada do século, quando os grandes investidores do esporte mudaram suas estratégias de comunicação. A FIAT, tradicional patrocinador esportivo, foi uma das empresas pioneiras no uso de um novo modelo de comunicação no Brasil, ao promover o lançamento da segunda geração do Pálio, em 2001, que veio a se confirmar no lançamento do “novo Pálio”, em 2003. A nova estratégia de comunicação da empresa é explicada em depoimento de seu diretor de marketing, João Ciacco: “Desta vez a estratégia de comunicação é mais abrangente e envolve diversas ferramentas de aproximação da marca com o consumidor. Em 2001, quando o mercado estava aquecido, fazia sentido colocar todas as fichas na propaganda institucional. Agora, é preciso chegar mais perto do consumidor, envolvê-lo com a marca e com o produto para vender. Por isso, foi preciso criar uma estratégia mais complexa e abrangente”. Da ênfase na imagem institucional da empresa, evoluiu-se para a comunicação com o consumidor. Trata-se, então, do fim dos tempos do marketing esportivo de natureza institucional, voltado para a melhoria e fixação de imagem, retornos de mídia e publicitário. E, por outro lado, do início do marketing esportivo de natureza promocional e comunicacional, com forte ênfase na comunicação da marca e do produto junto aos consumidores. Ou seja, de imagem, divulgação e fixação da marca, que constituíram o paradigma tradicional do marketing esportivo, muda-se para a comunicação e promoção da marca e do produto, bases do novo modelo de marketing esportivo. A força da imagem perde para a dinâmica da comunicação.

Situação atual Segundo pesquisa da InterScience, realizada no segundo semestre de 2003 junto a dez grandes anunciantes que investem mais de R\$1,1 bilhão por ano, “novas ferramentas de comunicação e marketing e mídias alternativas serão utilizadas pelas empresas em 2004”. O que significa afirmar que a verba para a propaganda tradicional vai continuar diminuindo (em 2002, representava 48,5% da verba total; em 2003, caiu para 47,9%; e, em 2004, estima-se que atingirá 46,6%). Em seu lugar, segundo a pesquisa, surgirão novas ferramentas de comunicação, tais como a internet, o marketing social e o marketing direto. Se o esporte aproveitar tais tendências e, principalmente, desenvolver atividades sociais e comunitárias, tornar-se-á uma das principais ferramentas de comunicação e mídia alternativa deste novo século. O patrocínio vem mantendo-se na faixa de 4,3 a 4,5% dos gastos totais em comunicação, marketing e propaganda. Atualmente, o patrocínio ocupa o oitavo lugar no ranking das ferramentas de comunicação utilizadas pelos grandes anunciantes. A propaganda vem em primeiro lugar, na faixa de 45 a 48%, seguido da promoção entre 16 e 17%, eventos (7,5 a 8%) merchandising (entre 6,5 a 7%), marketing direto (entre 5 e 6%), internet (entre 3 e 4%), e marketing social (entre 2 a 3%). Uma outra pesquisa realizada pela empresa Pelé Sports, em junho de 2003, concluiu que triplicou a participação dos investimentos em patrocínio no esporte brasileiro: de US\$7 milhões para US\$20 milhões anuais. Outros dados significativos foram obtidos na pesquisa: entre 60 e 70% do patrocínio mundial são alocados diretamente no esporte; as modalidades mais utilizadas são os patrocínios de eventos, federações, times, jogadores e arenas esportivas; dentre os patrocinadores do esporte, a indústria automobilística vem em primeiro lugar e, em seguida, as indústrias cervejeiras, de materiais esportivos, cartões de crédito e outras bebidas. O estudo identificou o futebol como a modalidade esportiva de maior crescimento em termos de investimentos. Com um PIB estimado em US\$2 trilhões em todo o mundo, o futebol se afirma como o melhor produto de patrocínio. O futebol brasileiro, segundo as projeções da pesquisa, deveria crescer de US\$20 para US\$60 bilhões. Tais previsões não se confirmaram. Com as seguidas mudanças na lei Pelé e os escândalos do CPI do futebol além da desorganização do calendário esportivo, os investidores internacionais têm se afastado dos clubes e abandonado o negócio do futebol.

Quarto setor e PIB do esporte Hoje, o binômio esporte-mídia e entretenimento é a base do que denominamos de mega setor do entretenimento. Um setor que movimenta bilhões de dólares a cada ano e gera milhões de empregos em todo o mundo. O volume de negócios movimentado pela economia do esporte é de US\$ 400 bilhões anuais, sendo que somente o futebol é responsável por US\$ 200 bilhões. O crescimento do Quarto Setor é da ordem de 6 a 10% por ano. A sua participação no comércio mundial é de 2,5%. Nos países desenvolvidos, sua participação no PIB é de 2,0 a 2,5%. No Brasil, é atualmente inferior a 1%. O Brasil é o 5º maior mercado esportivo do mundo. Neste setor, o Brasil movimenta aproximadamente US\$10,46 bilhões (R\$31,40 bilhões) por ano. Muito pouco se comparado aos EUA, que movimenta US\$27 bilhões. De acordo com o professor Istvan Kasznar, da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro, “em 1997, o produto interno bruto do esporte brasileiro era de 1,7% do PIB do país. Segundo cálculos da FGV, este percentual subiu para 3,2%, o que corresponde a um crescimento de 1,5% da economia do esporte neste período. Hoje, com a falência dos grandes clubes do esporte profissional e a retirada dos grandes investidores estrangeiros, este percentual é inferior a 1%. O cálculo do PIB esportivo é um indicador do potencial de crescimento do setor. É um setor abrangente, com uma diversidade de atividades que adicionam valor através da fabricação e venda de produtos, prestação de serviços e, sobretudo, geração de empregos”. Para fins de cálculo do PIB do esporte são estimados os valores de venda dos bens e serviços no mercado, o equivalente ao faturamento da indústria de material esportivo e venda de ingressos em eventos esportivos. Somando-se aos valores de venda, o total do consumo intermediário de bens e serviços que engloba a venda de publicidade, cotas de TV, merchandising e demais serviços relacionados à gestão do esporte e seus eventos como, por exemplo, reforma e construção de quadras, centros e arenas esportivas, além dos produtos e serviços prestados aos torcedores presentes às competições, tem-se o cálculo do PIB esportivo. A indústria do esporte é composta de três segmentos: os serviços ligados diretamente ao esporte, o ensino esportivo e a indústria de artigos esportivos. No estudo da FGV, para cada um desses segmentos foi calculado um PIB. O do ensino esportivo vem em primeiro lugar com R\$ 15,30 bilhões (dados de 1997), seguido da indústria de artigos esportivos (R\$ 8,0 bilhões), serviços diretos (R\$ 6 bilhões) e indiretos (R\$ 2,10 bilhões). Exibem-se adiante, os dados comparativos do PIB do país e do PIB do esporte. Observa-se um crescimento da participação do PIB do esporte no PIB do país. No entanto, esta tendência de crescimento não se confirmou a partir dos anos 2000, quando houve uma queda do PIB do esporte devido à crise financeira dos grandes clubes brasileiros – com casos de falência no futebol profissional, e inadimplência generalizada – e a fuga dos grandes investidores do esporte.

Do ponto de vista metodológico, estas estimativas tornam-se relativas em face ao conceito usado quanto ao esporte: há uma delimitação estrita – possivelmente usada no cálculo da FGV – e outra mais ampla que abrange as atividades de esporte recreativo (incluindo o turismo), utilizada nos países europeus nos cálculos do impacto do esporte na economia. Se o critério a ser usado for o de maior abrangência, então é possível que o PIB do esporte tenha se mantido em expansão nos anos de 2000, de acordo com a hipótese de maior participação esportiva com menor envolvimento de clubes no Brasil.

Fontes LEAL, Cassiano. A Função do marketing nos Jogos Olímpicos. Coletânea de Textos em Estudos Olímpicos. Editora Gama Filho, RJ, 2002; CAPINUSSÚ, Jose Mauricio & DACOSTA, Lamartine. Administração e Marketing nas Academias de Ginástica. Ibrasa, SP, 1989; MELO NETO, Francisco Paulo de. Marketing Esportivo. Editora Record, RJ, 2000; Jornal Gazeta Mercantil de 5/07/01, p:03, “A Hora do Clube- Empresa”; Gazeta Mercantil de 7/05/01, “Um novo cenário para o futebol brasileiro”; Gazeta Mercantil de 6/11/03, p.14. “FIAT amplia estratégias de comunicação com a chegada do Novo Pálio”.

PIB do esporte no Brasil / Sport GNP in Brazil
R\$ bilhões / R\$ 1000 million

Ano / year	PIB país / GNP country	PIB esporte / GNP sport	%
1995	890	28	1,5
1996	920	30	1,6
1997	950	32	1,7

Fonte / source: Jornal Valor, 30.08.2000

Posicionamento de marketing: esportes coletivos x esportes individuais

Marketing positioning: team vs individual sports

Na perspectiva de negócios a serem feitos no Brasil, numa pesquisa da InterScience, cujos dados foram publicados pela revista Carta Capital de 27/10/99, foram identificadas as seguintes vantagens dos esportes coletivos: maior audiência (87%), popularidade (29%), não-vinculação da imagem a uma única pessoa (3%) e outros (1%). No caso dos esportes individuais, são as seguintes as vantagens para fins de marketing esportivo: maior visibilidade da marca (60%), dirigidos às classes mais altas (20%) e outros (20%). Em termos de retorno de investimento, a pesquisa identificou os esportes coletivos (86%) superiores aos esportes individuais (14%).

Direitos de TV em eventos esportivos: o caso da Traffic

TV rights in sport events in Brazil: the case of Traffic in Brazil

Em duas décadas, o ex-jornalista esportivo e empresário, José Hawilla, transformou a Traffic de uma agência especializada em venda de publicidade em pontos de ônibus, na maior agência de marketing esportivo do Brasil. Em 1982, Hawilla descobriu um novo filão no marketing esportivo: a intermediação da publicidade nos campos de futebol. Daí para a venda de patrocínios e a representação de torneios esportivos foi um pulo. De olho na geração de conteúdo para a mídia televisiva, a Traffic comprou horários de programação na rede Bandeirantes e na Record. Da venda de publicidade, Hawilla evoluiu para a comercialização da imagem no esporte. Em 1989, adquiriu os direitos de imagem da seleção brasileira de futebol e o revendeu pelo dobro do valor à Coca-Cola. Em seguida, partiu para a compra dos direitos dos principais eventos esportivos no Brasil e na América Latina, inclusive os seus direitos de transmissão pela TV. O que significa total domínio da comercialização da publicidade, das promoções, dos patrocínios e da transmissão do evento. Foi na mídia televisiva que a Traffic apostou alto e ganhou milhões. Comprou três afiliadas da Rede Globo no interior de São Paulo (São José do Rio Preto, Bauru e Sorocaba) e associou-se ao grupo norte-americano HMT&F, à época em que o fundo de investimentos entrou com força total no mercado esportivo brasileiro. Em 2002 abriu a TV7, uma produtora de vídeo com investimentos de R\$10 milhões. Com a compra de uma concessão de TV em Itapetininga (São Paulo), a Traffic tornou-se proprietária de quatro emissoras e formou uma rede – a Rede TV Tem – que cobre 318 cidades paulistas, numa região com participação de 55% no PIB e 2,1 milhões de domicílios com aparelhos de TV. Pioneira na prática de marketing de eventos esportivos no Brasil, a Traffic tentou ampliar o seu leque de eventos com os campeonatos brasileiros. Desta vez, perdeu para a Globo Esportes. Mas, não se sentindo derrotado, Hawilla comprou os direitos dos eventos da Confederação Sul-Americana de Futebol e criou as Copas Mercosul e Sul-Americana.

Globo Esportes: o marketing de eventos esportivos como opção de negócios

Globo Sport: an option of business in sports marketing in Brazil

A Globo Esportes foi criada em 1999 como subsidiária das Organizações Globo, especializada em negócios esportivos. Nasceu com um giro anual de R\$400 milhões. Seu objetivo era transformar a Globo de mera compradora de eventos esportivos em unidade geradora de receitas esportivas. Diante das tendências de encarecimento dos direitos de futebol e do crescimento dos investimentos estrangeiros no esporte, a direção geral da Rede Globo decidiu pela criação de uma unidade de negócios própria para gerir os esportes, sobretudo o futebol. Os primeiros produtos, com os direitos comprados pela Globo Esportes, foram os campeonatos estaduais e o campeonato brasileiro de futebol. Detentora dos direitos totais sobre esses eventos, a Globo Esportes se beneficia de três fontes de receitas: a venda de cotas de patrocínio das transmissões dos jogos, a venda de ingressos e a venda de placas, licenciamento e tudo o que se referir ao evento. Com a implantação desta estratégia, a empresa triplicou o seu faturamento e fez dos negócios esportivos o seu grande filão.

Jogos de futebol na TV brasileira

Soccer competitions on Brazilian TV

Na negociação dos clubes de futebol com as redes de TV no Brasil, os valores renegociados representaram menos da metade dos valores inicialmente acertados pelos clubes, a partir do ano 2000. Naquele ano, os clubes solicitaram R\$73 milhões pela transmissão dos jogos do campeonato brasileiro, mas o acordo foi fechado em R\$40 milhões. Em 2001, a proposta apresentada pelos clubes foi de R\$78 milhões e a TV Globo aceitou pagar R\$70 milhões. Em 2002, houve uma redução drástica entre a proposta dos clubes no valor de R\$80 milhões para R\$43,1 milhões, o que foi pago pela televisão. Em 2003, de R\$85 milhões para R\$49,8 milhões. Ciente da situação de dependência dos clubes, a Rede Globo assumiu suas vantagens no processo de negociação e sempre obteve êxito em sua contraproposta num valor bem inferior ao desejado pelos clubes.

O negócio de reformas e construção de estádios nos EUA e no Brasil

The business of remodeling and construction of stadiums in the USA and Brazil

O negócio de arenas esportivas nos EUA movimenta cerca de US\$6 bilhões de dólares. No período de 1999 a 2005, a previsão era de construir e/ou reformar estádios para equipes de basquete, futebol americano, hóquei e baseball, num total de 33 novas arenas esportivas. Segundo dados da empresa Fitch, "para cada um dólar gasto em ingresso, outros três dólares são desembolsados por torcedores dentro dos estádios americanos" ("Negócio movimenta US\$6 bi nos EUA", Gazeta Mercantil, 12/08/99, p. b-4). No Brasil, movimento de construção e reforma de arenas multi-uso começou em 1999 com o interesse dos investidores na construção de modernos estádios para seus clubes parceiros. Foram desenvolvidos projetos de construção de estádios para os seguintes clubes: Flamengo (R\$160 milhões), Corinthians (R\$110 milhões), Santos (R\$100 milhões) e Cruzeiro (R\$90 milhões). Para outros clubes, como Vasco e Palmeiras, surgiram propostas de ampliação de seus estádios, respectivamente nos valores de R\$80 milhões e R\$40 milhões. Para clubes como o São Paulo e Atlético, foram apresentados projetos de conclusão de seus respectivos estádios, nos valores de R\$30 e R\$10 milhões (dados da Revista Clubes e Investidores, divulgados no jornal Gazeta Mercantil de 12/08/99). Em Curitiba-PR, foi construído um dos mais modernos estádios de futebol no Brasil, pertencente ao Clube Atlético Paranaense. O projeto foi lançado em maio de 1995 com orçamento previsto de R\$25 milhões. As fontes de recursos utilizadas no financiamento do projeto de construção da arena foram decorrentes da venda de jogadores, de cadeiras e camarotes (2,5 mil cadeiras ao preço médio de US\$2 mil, e 85 camarotes ao preço médio de US\$50 mil) e venda de cotas de patrocínio para diversos shows. Hoje este complexo de entretenimento contém uma megastore, um shopping center, churrascaria, lojas, academia de ginástica, lanchonetes e um amplo estacionamento.

Memória e museu do esporte

SILVANA VILODRE GOELLNER

Sport memory and museum

Any sport memory center aims at collecting, keeping and preserving the archives and collections of materials of the history of a specific sport or sport themes. It could focus on the life and work of important people connected to that specific sport and/or connected to a particular local, national or even international

Origens Pela sua própria natureza, sempre ligada a tradições, o esporte – como também a Educação Física – tem um dos apoios ao seu desenvolvimento assentado na memória e na história, quer por estudos especializados ou por instituições museológicas (museu do esporte) e de preservação de patrimônio cultural (centro de memória). Ao se focalizarem as duas últimas vertentes, destaca-se a figura do Barão de Coubertin, restaurador dos Jogos Olímpicos modernos, que apoiou suas concepções esportivas no nexo da herança cultural. Um testemunho de suas atitudes pioneiras situa-se, hoje, no Museu Olímpico de Lausanne, na Suíça, exemplo internacional de aplicação avançada da museologia. No Brasil, a proposta de Museu Olímpico tem sido levada adiante pelo Comitê Olímpico Brasileiro – COB, desde meados da década de 1990, mas ainda sem consecução operacional nos dias presentes. Por sua vez, a institucionalização da proposta de centros de memória já começa a frutificar materialmente no país, com base em iniciativas pioneiras e esparsas ocorridas desde a década de 1940.

Década de 1930 Gerson Sabino, jornalista de Belo Horizonte, inicia a coleção de diversos documentos relacionados ao futebol. Participou de todas as Copas do Mundo até o ano de sua morte, em 1998, tendo reunido vasto material referente a essa modalidade esportiva, cujo acervo tem um caráter particular e está sob responsabilidade de sua família. No Rio de Janeiro, em 1931, é fundado o Jornal dos Sports que, desde então, mantém um acervo histórico com todas as edições publicadas.

1947 Mario Ribeiro Cantarino inicia a organização do que hoje constitui maior biblioteca particular do Brasil sobre Educação Física e esportes. Com aproximadamente 4000 livros, grande parte deles editados entre 1930-1950, possui ainda algumas obras raras tanto nacionais como internacionais. Esta biblioteca hoje está instalada em Brasília e também funciona como um misto de biblioteca, arquivo e centro de informações, embora de modo informal e com atendimento voltado para pesquisadores.

Década de 1960 Jair Jordão Ramos organiza, de modo informal e particular, na sua própria residência, no Rio de Janeiro, o “Museu de Educação Física”. Preocupado com a preservação da memória publicou, ao longo desta década, sob a chancela deste Museu, os “Temas de Educação Física”. Antes de falecer, no início dos anos 1970, distribuiu esse acervo para pessoas que pudessem guardar com responsabilidade os documentos e objetos por ele reunidos e preservados. Neste mesmo período, em Porto Alegre, Henrique Licht – médico natural da cidade – inicia uma importante coleção sobre esportes. São livros, revistas, medalhas, vídeos, recortes de jornais, folhetos oficiais, flâmulas, mascotes, distintivos, programas de competições, fotografias originais reunidas em um expressivo conjunto de documentos e artefatos que contam a história dos esportes olímpicos e não olímpicos, tanto mundiais como nacionais e regionais.

Década de 1970 Roberto Gesta de Melo, atual Presidente da Confederação Brasileira de Atletismo, dá início a uma coleção particular que reúne, em sua residência, na cidade de Manaus, documentos e objetos olímpicos, com ênfase no atletismo.

1978 Criação da Biblioteca Dayanna Geyssa Gomes Bezerra, hoje pertencente ao Ministério do Esporte e contando com um acervo de aproximadamente 15.000 volumes, incluindo títulos de periódicos (revistas e jornais) dividido nas seguintes coleções: a) Especializado: diferentes esportes; b) Coleção referência: Anuários, bibliografias, dicionários, enciclopédias, glossários, vocabulários. c) Acervo bibliográfico básico: administração, assistência social, dados estatísticos, direito, economia, informática, planejamento

community. There have been examples of this initiative in Brazil since the 1930s. Today there are on-going projects related to the idea of an Olympic museum and a center of sports memory. These projects, including the project of the Museu Olímpico do Rio de Janeiro – RJ (Olympic Museum of Rio de Janeiro), can help develop

governamental; d) Normas jurídicas: desde 1937, além de Coleção de Leis do Brasil, de 1940 a 1988, – Coleção do Diário Oficial da União, desde 1964 e Coleção Vox Legis, de 1969 a 1985; e) Clube do Livro: acervo literário composto por 883 livros, pertencente à comunidade de servidores do Edifício.

1985 Inicia-se em São Paulo – SP, o Arquivo Histórico do Clube Esperia que contém toda a história do clube, fundado em 1899, às margens do Rio Tietê, naquela cidade. O setor de documentação e memória do clube recebeu o nome de “Museu da Imagem e do Som” em sua inauguração e, em 1989, sob a orientação do Dr. Ary Ayres de Godoy passou a chamar-se Arquivo Histórico. O acervo conta com aproximadamente 25.000 fotografias, 14.000 negativos, 2.000 troféus, 4478 recorte de jornais, 83.000 propostas de sócios antigas, plantas do clube. Atualmente possui em torno de 150.000 documentos.

1988 Fundação do Museu do Grêmio Football Porto Alegrense que abriga medalhas e troféus conquistados pelo clube, uniformes antigos e recentes, documentos e objetos históricos relativos à prática do futebol e a história do clube.

1991 Neste ano tem início o Centro de Memória Hans Nobiling, ligado ao Esporte Club Pinheiros, em São Paulo – SP que, a partir de 1996, passa a chamar-se Centro Pró-Memória Hans Nobiling. Busca recuperar, preservar e divulgar a história do Clube, que integra a história do esporte brasileiro, da cidade de São Paulo e da vida da colônia alemã na cidade, no início do século. Seu acervo contém, aproximadamente, 12.000 fotos, 2000 troféus, mais de uma centena de depoimentos gravados em vídeo e fita cassete, cerca de 500 revistas e jornais e dezenas de peças de vestuário esportivo.

1992 Início de operação do “Memorial Sogipa” pertencente à Sociedade de Ginástica Porto Alegre que se identifica pela sigla SOGIPA (fundada como *Deutscher Turnverein* – Sociedade Alemã de Ginástica – em 1867). O Memorial abriga documentos escritos, imagens e objetos sobre o clube e a ginástica no Rio Grande do Sul. Em 1996 com a contratação de pessoal especializado, reiniciou-se a organização do acervo de forma mais sistematizada.

1993 Fundação do Centro de Memória Esportiva “De Vaney” como uma unidade da Secretaria Municipal de Esportes de Santos, cujo trabalho consiste no resgate e na preservação da memória esportiva daquela cidade. Iniciado por Lauthenay Perdigã, possui uma biblioteca esportiva atualizada diariamente, com regras, recordes, novas modalidades e técnicas esportivas. O acervo engloba material a partir de 1938.

1995 Criação do Flu-Memória, vinculado ao Fluminense Football Club, no Rio de Janeiro, contém todo o acervo do clube, como atas, boletins, fotos, álbuns de recortes, revistas, etc.

1996 O Comitê Olímpico Brasileiro, através da contratação de técnicos especializados, cataloga o acervo já existente e coloca em funcionamento o Centro de Documentação e Informação que inclui Relatórios Oficiais de Jogos Olímpicos, monografias, relatórios técnicos, revistas (nacionais e estrangeiras), bem como material de audiovisual e multimídia. Pode-se, também, encontrar o material gerado pelo Departamento Técnico do COB, tais como quadros de acompanhamento de atletas brasileiros, delegações, recordes e resultados.

1997 Inauguração do Acervo Histórico do Minas Tênis Clube, denominado sala “Brenno Renato” em homenagem ao torcedor símbolo do Minas, que atuou no Clube de 1949 a 1990, ano de seu

a new public phase, different from the previous one that exhibited private collection in the past years. This new phase includes 17 initiatives of sports memory that exist in several states of the country, a technical book on the theme published in 2002 and three other centers located in universities.

falecimento. Este centro possui fotos, troféus, obras de arte em formato informatizado, livros, fitas de vídeo, DVDs, periódicos, clippings, jornais encadernados desde 1940 e obras de arte cuja ênfase é a história do próprio clube.

1997 Criação do Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CEME / ESEF-UFRGS, com o objetivo de reconstruir, preservar e divulgar a memória do esporte, da Educação Física, do lazer e da dança no Brasil. O acervo comporta por volta de 4000 livros publicados antes de 1960; 100 vídeos e filmes com temáticas relativas; mais de 3000 fotografias e inúmeros artefatos como vestuários, medalhas, troféus, painéis, banners, cartazes, distintivos, bandeiras e outras peças, várias delas raras. Seu acervo está dividido nas seguintes coleções: Olímpica, Dança, Lazer e Recreação, Educação Física, Universiade 1963 e Memorial ESEF. Em 2002, Henrique Licht, doou ao Centro de Memória do Esporte da ESEF-UFRGS uma coleção composta de aproximadamente 7000 itens.

2000 Criação do Arquivo Maria Lenk, que opera sob responsabilidade da Biblioteca da Pós Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro - RJ. Este arquivo foi constituído por documentos, livros e álbuns de recortes cedidos pela famosa nadadora brasileira, num total de 370 peças, abertas para consulta pública.

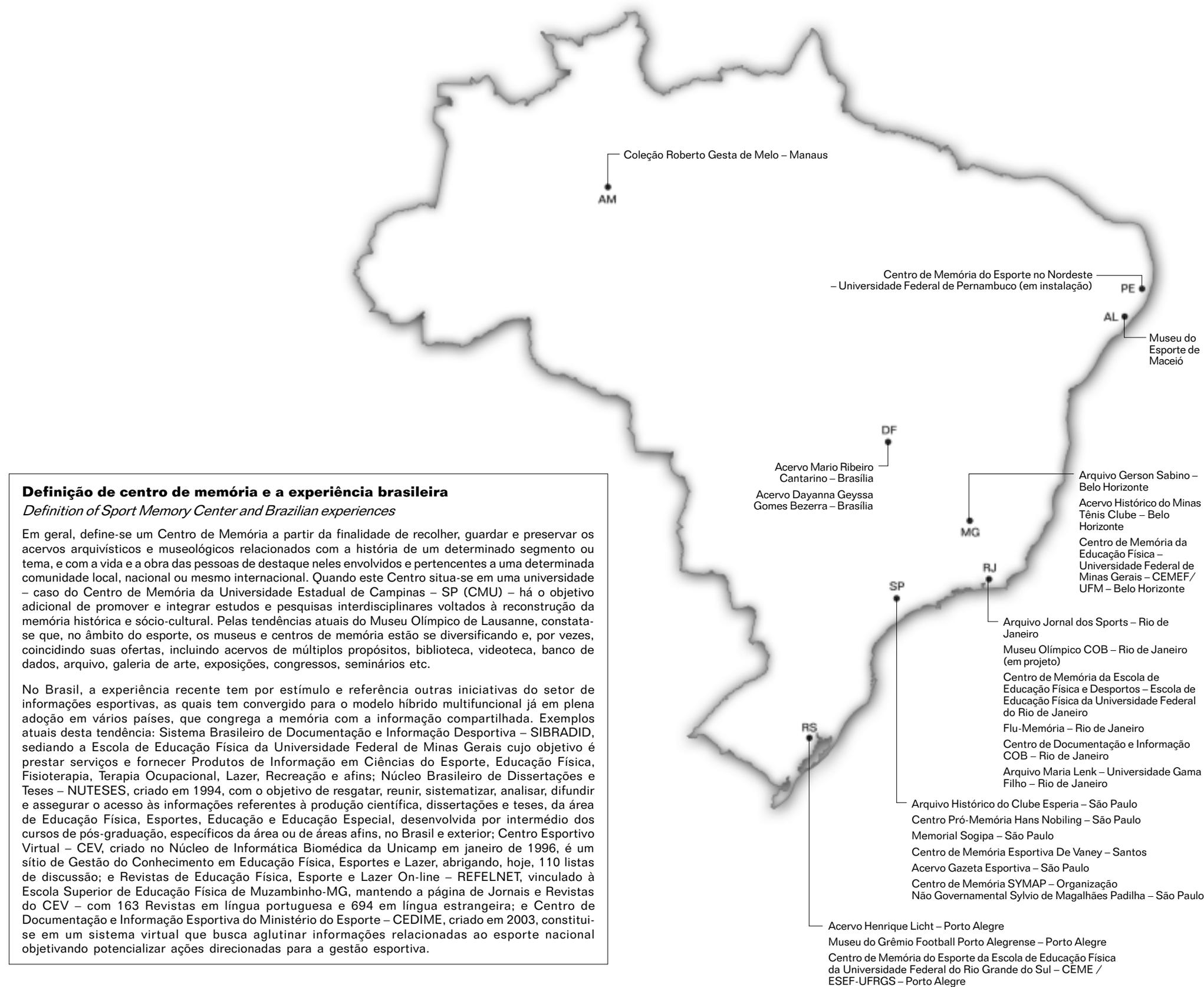
2001 Criação do Gazetaesportiva.net em lugar do jornal diário Gazeta Esportiva, publicado em São Paulo – SP, que passou a prestar serviços pagos a partir de uma *homepage* com respeito a fotos, textos, documentos, dados e outras informações retiradas dos arquivos daquele periódico. Esta organização possui um dos maiores acervos sobre o esporte no Brasil e tem, como um de seus colaboradores atuais, Henrique Nicolini (atual presidente para as Américas do Panathlon Club), que hoje se dedica à manutenção e resgate da memória do esporte de São Paulo e do Brasil.

2002 Publicação, no Brasil, do primeiro livro técnico em língua portuguesa sobre elementos de memória esportiva: “Numismática, Filatelia e Memorabilia Olímpica – 2000”, de Maurício Gattas, Maria Cecília Paula e Silva e Lamartine P. DaCosta (orgs), Editora Gama Filho, Rio de Janeiro – RJ (textos também em inglês).

Situação Atual No presente estágio, há iniciativas em andamento no Brasil no que tange a museu olímpico e centro de memória do esporte, as quais podem criar uma nova fase pública distinta dos acervos particulares até agora dominantes. Um novo projeto do museu olímpico do COB foi anunciado em julho de 2003, no Rio de Janeiro. Em relação aos centros de memória estão em processo de instalação ou inauguração no país: (1) Centro de Memória da Escola de Educação Física e Desportos, vinculado à Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro; iniciado em 2001 possui um acervo que está composto, fundamentalmente, por documentos afetos à Escola Nacional de Educação Física e Desportos; (2) Centro de Memória da Educação Física – Universidade Federal de Minas Gerais – CEMEF/ UFM; criado também em 2001, seu acervo apresenta, basicamente, documentos e artefatos relacionados à Escola de Educação Física da UFMG bem como a história desta disciplina curricular na cidade de Belo Horizonte; (3) Centro de Memória do Esporte no Nordeste – Universidade Federal de Pernambuco –, criado em 2003 objetiva reconstruir a história do esporte naquela cidade; Centro de Memória Sylvio de Magalhães Padilha (ONG SYMAP), iniciado em 2003 com documentação do antigo dirigente do COB e do COI que dá nome ao Centro (sede em SP – capital).

Centros de memória e arquivos sobre esportes no Brasil por estado, 2003

Sport memory centers and archives in Brazil per state, 2003



Centro Esportivo Virtual – CEV

LAÉRCIO ELIAS PEREIRA E LEOPOLDO GIL DULCIO VAZ

Virtual Sport Center – CEV

The Centro Esportivo Virtual (Virtual Sports Center – CEV) is a site that manages knowledge of physical education, sports and leisure through virtual communities. Its objective is to be not only a front door but also a transit area for the interchange of national and international information on sports. The CEV sees to the interests of sports people, students, researchers and professionals of the various areas of knowledge, engaged in sports sciences, in physical activities and in dance. CEV was created in 1996 as part of a post-graduate research at the

Origem e Definições O Centro Esportivo Virtual – CEV é um sítio de gestão do conhecimento baseado em comunidades virtuais (total de 123, em julho de 2003) em Educação Física, Esportes e Lazer, que tem o objetivo de ser a porta de entrada e área de trânsito para o intercâmbio de informação esportiva nacional e internacional, atendendo desde esportistas e estudantes com interesse geral, até pesquisadores e profissionais das várias áreas do conhecimento, interessados nas ciências do esporte, nas atividades físicas e na dança. O CEV opera basicamente com listas de discussão e informações disponibilizadas a partir de seu sítio na Rede Mundial de Computadores – Internet. As comunidades virtuais são, em princípio, compreendidas como um grupo de pessoas ligadas entre si por interesses comuns mas que interagem à distância, sem presença física nas relações de troca e geralmente usando-se a Internet. Portanto, baseando-se em pessoas (vetores de tecnologia) o CEV conta com a colaboração tanto de especialistas – coordenadores de páginas e administradores de listas de discussão – como de visitantes que encontram, em cada página e em cada lista, um mecanismo de interação para comentar, sugerir e/ou acrescentar alguma informação.

A porta de entrada do CEV é sua página www.cev.org.br, a partir da qual as transações de busca e de entrega de informação acontecem por meio de navegação entre opções a serem escolhidas, como sumarizadas a seguir por seus títulos de acesso: Principal – descreve o CEV com seus objetivos; Nosso time – lista os administradores, parceiros, contatos e dados estatísticos; Mapa do CEV – mapa de navegação pelo sítio; Navegando – apontadores para os endereços importantes para a Educação Física e esporte indicados nas listas de discussão; Registre-se – permite cadastrar-se, para receber boletins e outras informações; Eventos – possibilita o cadastro de eventos na área, assim como sua divulgação; Biblioteca – possibilita acesso a material bibliográfico disponibilizado na página; Leis – legislação em Educação Física e Esportes do Brasil; Revistas e Jornais – No REFELNET, da ESEF de Muzambinho-MG, revistas nacionais (90) estrangeiras (1200) e entrada para as páginas de esportes de 41 jornais de vários países; consulta 81 títulos de revistas em texto integral no SIRC-Austrália; Teses – 1300 resumos de teses organizados pelo Nuteses/Sibradid, e acesso à base internacional de teses da Universidade de Oregon; Publicações Eletrônicas – Boletim EF, Comciência, IASI-Boletim, Infociência, Jornal da Ciência, Lecturas em Educación Física, *Moving Together*, Naslin, AHORA; Livros – Livros dos colaboradores do CEV; Listas de discussão – reúnem pessoas interessadas em assuntos específicos; Quem é quem – listagem de nomes dos atores da Educação Física, esportes e lazer; Ciência e esporte – tópicos: terceira idade, história etc Esportes – ginástica olímpica, basquetebol etc Instituições – confederações esportivas, federações e associações desportivas; Cursos de Educação Física – graduação, especialização, mestrado e doutorado.

1978 Os anais do VI Simpósio de Ciências do Esporte, em São Caetano, foram organizados no formato de microfichas, gerando um fato pioneiro no trato da informação técnica em eventos acadêmicos em Educação Física no país.

1980 Em janeiro deste ano, a Fundação do Centro de Estudos e Documentação em Educação Física, Esportes e Lazer do Maranhão – CEDEFEL-MA –, em São Luís, reunindo profissionais da área no estado, sob a coordenação de Laércio Elias Pereira e Leopoldo Gil

Faculdade de Educação Física da Universidade de Campinas (School of Physical Education of University of Campinas, São Paulo). The first discussion list was efesport-L and the very first message was sent by Victor Melo, who immediately started a discussion list on history (cevhist-L). The next ones were the leisure list (cevlazer-L), managed by Lalo Soto, from Uruguay, and the sports psychology list (cevpsti-L), managed by Tulio Guterman, from Argentina. CEV, developed in Brazil by universities, is internationally known today, running basically

Dulcio Vaz, criou um “centro referencial” – informação sobre a informação –, então denominado de CEDEFEL, para recuperar e organizar informações nas áreas da Educação Física, Esportes e Lazer, a fim de promover a comunicação entre especialistas.

1980 Em fevereiro, o CEDEFEL foi apresentado, oficialmente, durante a I Conferência sobre *Documentación e Información Desportiva en Latino América*, realizado em Medellín – Colômbia, por Laércio Elias Pereira. Estavam presentes ao evento, do Brasil: MEC/SEED (Manfred Loecken), ISEFL, CEDIME, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte - CBCE (Laércio E. Pereira), SEDEL-MA (Laércio E. Pereira); de outros países: representantes da *International Association for Sports Information* – IASI, da Espanha, da Argentina, Venezuela, México e do país promotor, Colômbia.

1982 Cria-se o Micro Esporte Clube, uma cooperativa de informação usando microformas, que publica em 1983, o Índice da Revista Stadium, da Argentina – primeiros 23 anos da publicação –, tendo como autores Leopoldo Gil Dulcio Vaz e Laércio Elias Pereira, coedição do CEDEFEL-MA e da SEDEL-MA.

1984 Laércio Elias Pereira e Gabriel Palafox apresentam um trabalho em Mídias Interativas, na ECA/USP sobre a divulgação e venda de ingressos de futebol pelo Videotexto.

1985 Gabriel Palafox e Laércio Pereira ministram o curso Informática e Esporte no IV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, em Poços de Caldas, com proposta de organização da informação e comunicação, utilizando os recursos da informática.

1987 No I Simpósio Brasileiro de Informática em Educação Física e Esportes, realizado em Campinas, pela Faculdade de Educação Física - FEF da UNICAMP, Laboratório de Jornalismo – LABJOR, Núcleo de Informática Biomédica – NIB e CBCE, foi apresentada, pela primeira vez, dentre as possibilidades do uso das novas tecnologias da informação, a proposta de um “centro de estudos virtual”, por Laércio Elias Pereira.

1995 Realização de Curso de Atualização em Jornalismo Esportivo e Encontro de Editores de Revistas Técnicas em Educação Física e Esportes – 12 a 15 de dezembro de 1995 –, na UNICAMP, sob a responsabilidade do LABJOR, e coordenação de João Batista Andreotti Gomes Tojal e Laércio Elias Pereira.

1996 Em janeiro, é criado o CEV, como parte de um trabalho de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade de Campinas. Seu primeiro hospedeiro foi o NIB, com o qual compartilha tecnologia em multimídia e Internet com os projetos daquele Núcleo, especialmente o Hospital Virtual, de onde herdou a estrutura inicial. Tem o apoio do Ministério do Esporte, através da Secretaria Nacional de Esporte. Ainda neste ano, em abril, tem início o Curso de Especialização em Jornalismo Esportivo – estendendo-se até abril de 1997 –, iniciativa do LABJOR e do Departamento de Ciências do Esporte Faculdade de Educação Física da Unicamp. O curso teve como objetivos: analisar e discutir as relações entre as Ciências da Comunicação e as Ciências do Esporte; desenvolver o conhecimento de técnicas de pesquisa, submetendo os fenômenos esportivos (em sua dimensão jornalística) a um tratamento crítico-reflexivo; treinar talentos jornalísticos para o exercício competente da cobertura esportiva na mídia impressa ou áudio-visual; e preparar divulgadores das ciências do esporte

on discussion lists and information available in its Internet site. In 2003 it had 123 discussion lists, through which 16,200 participants exchanged messages with an average of 1,500 daily visits. CEV has already helped exchange 10 million messages since its very beginning. As it today plays the role of a permanent forum, CEV will soon become an important information center to support programs of distance education through continuous participation in the efforts to prepare and recycle professionals of the various specialities in physical education.

para atuar como colaboradores da imprensa. O curso foi coordenado por João Batista Tojal e durante a sua realização, criou-se a primeira lista de discussão do CEV: efesport-L, sendo a primeira mensagem enviada por Victor Melo que, em seguida, criou e passa a administrar a lista de discussões de história – cevhist-L –, seguindo-se a de Lazer – cevlazer-L, administrada por Lalo Soto, do Uruguai –, e a de psicologia do esporte – cevpsti-L, administrada pelo Tulio Guterman, da Argentina.

1997 Em 17 de dezembro foi criada a Organização Não Governamental – ONG CEV, em Campinas, por: Aguinaldo Gonçalves, Alfredo Gomes de Faria Jr., Elenice Faccion, Emiliana da Silva Simões, Giovanni De Lorenzi Pires, Glauca Gonçalves, Griciel Silva, João Batista Andreotti Tojal, Laércio Elias Pereira, Lino Castellani Filho, Marcelo Jager, Renato Sabbatini e Wilian Peres Lemos.

2002 Oficialização da ONG “Centro Esportivo Virtual” em Florianópolis, com a participação de: Carlos Roberto Duarte, Edgard Mattiello Jr., Emiliana da Silva Simões, Giovanni de Lorenzi Pires, Ivair de Luca, João Batista Freire da Silva, Laércio Elias Pereira, Marclio Krueger, Maria de Fátima Silva Duarte, Marino Tessari, Ruy Jornada Krebs e Thyrsa Pires.

Situação Atual Nos dias presentes, o CEV assumiu o perfil de um fórum permanente, com seu sítio recebendo uma média de 1.500 visitas diárias. As inscrições nas 123 listas de discussão atualmente (2003) contam com 16.200 inscritos. No conjunto já se distribuíram mais de 10 milhões de mensagens nestas listas desta a fundação do CEV. Além disso, a nova ONG CEV continua com as suas parcerias cujos destaques são: Núcleo de Informática Biomédica – Unicamp – Centro Esportivo Virtual; Escola Superior de Educação Física de Muzambinho – Páginas de Escolas e Revista & Jornais; Universidade Federal de Uberlândia – NUTESES – Teses em Educação Física; *Trim and Fitness Sport for All Association* – Lista cevtafis-L; *International Association for Sports Information* – IASI – Página Oficial em português; Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte – Listas de discussão; Conselho Federal de Educação Física – Listas de Discussão do Conselho Federal e Regionais; Escola do Futuro – USP – Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro – Olimpíada Virtual; Universidade Estadual do Rio de Janeiro – Sítio Terceira Idade; Federação Internacional de Educação Física – Manifesto Mundial de Educação Física e Lista de Discussão - fiep-L; Sistema Brasileiro de Documentação e Informação Desportiva - SIBRADID – Documentação e página da Biblioteca; Centro de Estudos Olímpicos da Universidade Autônoma de Barcelona – Lista de Discussão e pesquisas; Programa Agita São Paulo – Lista cevagita-L.

Hoje, o CEV caminha para se constituir num importante centro de informações para o suporte de programas de Educação com Informação à Distância - EIAD – participando dos esforços de preparação e atualização profissional em Educação Física, Esportes e Lazer, e contando, para este objetivo, com a seguinte equipe de administradores: Coordenador Geral – Laércio Elias Pereira; Coordenador Administrativo – Paulo Trindade e Ferdinand Câmara; Coordenador Técnico – Alderlan M. Coelho; Suporte Técnico – Consuelo Wolney Drumond; Gerente de Tecnologia: Tulio Buzollo de Aquino, Gerente de Projetos: Georgios Hatzidakis; Secretário Geral: Fernando Giannini; WebMasters – Alexandre Moreno Castellani, Danilo Carvalho, Osmar de Souza Magalhães e Rodrigo Rossi.

Administradores de Lista do CEV na Internet por nome, tema e localização, 2003

CEV Internet List of discussion leaders per name, theme and location, 2003



Esporte e religião

CARLOS NAZARENO FERREIRA BORGES

Sport and religion

The practice of physical activities related to religious traditions appeared in Brazil during the 16th century. The Jesuits of the Companhia de Jesus started games and physical activities with the children in their schools as strategies ‘to discipline the body and to spend their energy’. In the 19th century the Presbyterian and the Methodist churches included sports in their evangelization

Definições As referências preconceituosas quanto às atividades corporais vinculadas a práticas religiosas, parecem advir de uma visão tendenciosa quanto à doutrinação religiosa preconizada pela Igreja Católica no sentido da salvação da alma em detrimento do corpo. Apesar do movimento da reforma protestante, desde o século XVI, os vieses desta interpretação preconceituosa permaneceram, atribuindo às religiões em geral a aversão à prática de atividades corporais. Porém, segundo Lorenzo Luzuriaga, os colégios da Companhia de Jesus – ordem instituída pela igreja Católica como resistência à reforma protestante – desenvolviam longos recreios, distrações, esportes e teatro, adaptados às suas propostas de formação. Do ponto de vista do esporte *per se*, ao se propor a restauração dos Jogos Olímpicos modernos por Pierre de Coubertin, a partir de 1896, um nexu fundador foi o do *religio athlete*, com o significado de dedicação laica à excelência esportiva.

Origem No Brasil, a prática de atividades corporais relacionadas às tradições religiosas surgem no século XVI, quando os religiosos da Companhia de Jesus (Jesuítas) instalaram suas escolas. Os objetivos da Companhia consistiam na doutrinação de fiéis cristãos adultos livre do assédio dos hereges, por via da educação formal da criança. A prática de jogos e atividades físicas era utilizada como estratégia de “disciplinamento do corpo e desgaste de energia”. Assim se dispôs até o final do século XIX e início do século XX, quando transformações ocorridas com a idéia de educação eclesial na Europa chegam ao país trazendo no bojo novas concepções de práticas de atividades corporais. Embora ainda se mantivessem distantes de incentivar atividades envolvidas com o controle do corpo, já apresentavam sinais incentivando atividades de esporte, dança, jogos, ginástica, entre outras, como integrantes do processo de educação.

1871 Aportam, no Brasil, os primeiros missionários Americanos Presbiterianos. Instalam-se em São Paulo, fundando a Escola Americana e o Colégio Protestante, hoje Colégio Presbiteriano Mackenzie. As instituições Presbiterianas, copiando a iniciativa da Companhia de Jesus (católicos), davam ênfase à prática de atividades recreativas e artísticas como estratégia de docilização dos corpos, em que, contudo, sobressaía o discurso da motivação para a aprendizagem.

1880 – 1890 A tradição religiosa no Brasil registra a fundação de importantes obras educacionais, quer seja no âmbito da Igreja Católica, quer seja no âmbito das Igrejas reformadas. Entre as mais significativas destacamos o Colégio Metodista Piracicabano (Piracicaba - SP), o qual deu origem à Universidade Metodista de Piracicaba; o Colégio Salesiano Santa Rosa (católico), instalado em Niterói - RJ. Em comum, essas instituições privilegiavam a prática do esporte como recurso à educação, sobretudo o futebol. Registros do Colégio São Luiz em Itu - SP, pertencente aos padres jesuítas, indicam que neste período era praticada uma atividade recreativa que representaria os primórdios da prática do futebol no Brasil. Este dado representa a introdução do futebol no país antes da iniciativa de Charles Miller, tido como pioneiro pela historiografia oficial.

1893 O missionário norte-americano Myron Clark funda no RJ, na sede da Sociedade Bíblica Americana, a primeira sede da Associação Cristã de Moços – ACM na América Latina, com 71 sócios iniciais. A ACM nasceu de um ideal voluntário de iniciativa laica, e constituiu-se como uma das instituições de maior incentivo ao esporte, introduzindo no país o basquetebol, o voleibol e o futsal.

1890 – 1900 Observa-se o incremento de fundações escolares animadas por religiosos católicos e evangélicos e, assim como na

missions in different Brazilian regions. The YMCA came to Rio de Janeiro in 1893 and installed its head office in the Sociedade Bíblica Americana (American Biblical Society), place that served as a basis to its expansion in Brazil and in Latin America. Based on this tradition, today, five Protestant universities of SP, RS, RJ and Brasília follow the model of a sports university. Due to the

década anterior, as atividades corporais primadas pelo esporte continuam sendo elemento de sustentação pedagógica. Destacam-se a fundação em Juiz de Fora - MG, o Colégio Americano Granbery, da Igreja Metodista, cujo nome homenageia o Bispo Granbery, intrépido missionário para implantação desta Igreja no Brasil; a congregação Marista (católica), fundada por Marcelino Champagnat, instala-se em Congonhas do Campo - MG e de lá se difunde para todo o território nacional levando a contribuição de grande impulso para a prática esportiva em várias praças.

1902 Em São Paulo, instala-se a Associação Cristã de Moços - ACM. A partir desta iniciativa criaram-se associações idênticas em vários Estados brasileiros, na Argentina, Uruguai e Portugal.

1911 Imigrantes alemães constroem a primeira capela da Comunidade Evangélica Luterana de São Paulo e junto dela a primeira escola que, desde a fundação, dava prioridade à prática do esporte.

1952 As escolas superiores isoladas do Mackenzie, conseguiram por Decreto do presidente Getúlio Vargas, a autorização para se integrarem em universidade. Nasce, assim, a Universidade Presbiteriana Mackenzie - UPM. A instituição, que desde sua origem primou pela liderança e inovação na área de esportes no país, propõe um curso moderno e arrojado de formação profissional, além de um amplo incentivo à formação de equipes esportivas de competição.

1964 Um propósito antigo dos metodistas no Brasil, desde a fundação do Colégio Granbery em Juiz de Fora - MG, era fundar a Universidade Metodista do Brasil. Iniciou os primeiros cursos superiores sob a forma de Faculdades integradas em Piracicaba - SP. A expansão resultou mais tarde na criação da Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP, a primeira universidade metodista na América Latina, em 1975. Hoje, na UNIMEP situa-se um dos cursos de mestrado e doutorado em Educação Física de maior prestígio do país.

1965 O Papa Paulo VI promulga neste ano a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* que inclui a seguinte diretriz: “Empreguem-se bem os lazeres para o descanso do espírito e para consolidar a saúde da alma e do corpo ... através de exercícios e apresentações esportivas, que auxiliam a manter o equilíbrio do espírito, também na comunidade e ao estabelecer relações fraternais entre os homens de todas as condições, nações e raças” (número 61 da seção “Educação para a Cultura Integral do Homem”).

1970 O pastor batista e médico Kenneth Cooper inicia sua campanha internacional em prol de exercícios aeróbicos como base para a saúde e forma física. Os EUA, o Japão e o Brasil foram os países onde houve maior recepção à conclamação de Cooper, palavra inclusive incorporada ao português falado no Brasil com a conotação de corrida como exercício.

1970 – 1980 Observa-se nas universidades religiosas que apresentavam entre seus pressupostos pedagógicos a prática de atividades corporais, uma preocupação central com a formação completa do indivíduo (técnico, profissional, religioso), com o esporte sendo entendido como ferramenta competente para alcançar tal objetivo. Neste enfoque foi incorporado pela Universidade Luterana do Brasil - ULBRA, fundada em 1972; e pelas primeiras faculdades (em 1974) daquela instituição que mais tarde (1994) seria reconhecida como a Universidade Católica de Brasília - UCB. Importante ressaltar que esta última instituição reúne o carisma de várias congregações religiosas católicas que trazem o esporte como frente de ação

powerful influence of the church, a volunteer and secular movement started in Brazil in the 1970s: the Atletas de Cristo, who fulfill their religious mission through the universal language of the sport. This independent group includes today 6,000 members in 30 countries, sponsored mostly by professional Brazilian soccer players working abroad.

pedagógica (Salesianos de Dom Bosco; a das Filhas de Maria Auxiliadora; Irmãos Maristas; Irmãos Lassalistas; e Estigmatinos).

1980 – 1990 As universidades religiosas expandiram sua atuação para a área do esporte de rendimento. A ULBRA criou o Sport Clube ULBRA, a partir de Canoas - RS, com objetivo de representar os Luteranos em competições nacionais. A UNIMEP montou forte equipe de Basquetebol feminino tendo em “Magic” Paula e Janeth (atletas de seleção brasileira) suas estrelas maiores. A Mackenzie investiu no Basquetebol, montando equipe de alto nível para competições no Estado de São Paulo. Salesianos e Maristas, ainda timidamente, investiram em competições regionais, porém, sempre com equipes fortes. Nesta década, observamos o surgimento no Brasil de mais um movimento laico vinculado ao esporte e de grande expressão na sociedade, os Atletas de Cristo (1984). Este se constituiu como entidade civil sem fins lucrativos que subsiste através de doações voluntárias, evangelizando através da linguagem universal do esporte.

Situação Atual As Congregações Religiosas têm alargado seus horizontes de atuação para a esfera do nível superior. A prática de atividades corporais, sobretudo as esportivas continuam sendo privilegiadas sob o discurso do favorecimento da educação integral do indivíduo. A profundidade da idéia se expande para a manutenção do Curso de Educação Física em todas as instituições. No âmbito acadêmico, alguns esforços têm sido realizados no sentido de desmistificar a tradição preconceituosa contra as instituições religiosas. Serve de marco a dissertação de mestrado de Leidina Silva, defendida em 1999 na Universidade Gama Filho, do Rio de Janeiro, que passou a nortear os estudos das relações entre as atividades corporais e as tradições religiosas.

Hoje, a ULBRA ocupa um lugar de destaque nacional em práticas esportivas, sobretudo em competições de alto rendimento, vindo a constituir-se em verdadeira universidade dos esportes. Localizada em mais seis Estados do Brasil, além do RS (mais Uruguai e Portugal), apresenta-se com diversos títulos nacionais no esporte (sobretudo no Voleibol, Basquetebol e Futsal), vasto quadro de funcionários, alunos e professores. Também as instituições salesianas buscam aumentar seu espaço no quadro de universidades do esporte e, para isso já iniciaram sua expansão em Vitória-ES e em Niterói - RJ. Igualmente a UPM tenta ocupar algum espaço com suas equipes de Basquetebol. No plano das instituições animadas por leigos, a ACM possuía no Brasil em 2002, 186 mil membros (quinta posição do mundo entre as demais ACMs), e os Atletas de Cristo, guiados pela missão de difusão do Evangelho de Jesus Cristo através do esporte, já se encontram presentes em todos os Estados da Federação e em mais 30 países, agregando seis mil adeptos.

Fontes Borges, C. N. F. Significatividade das Atividades do Pátio na Educação Salesiana. Rio de Janeiro: UGF, 2000; Borges, C. N. F. Atividades Corporais e Escola Católica: O Romantismo que deu certo. Rio de Janeiro: UGF, 2003 (mimeo); Luzuriaga, L. História da Educação e da Pedagogia. 10ª Ed. São Paulo: Editora Nacional, 1978; Santos Neto, J. M. Visão do Jogo: Os primórdios do Futebol no Brasil. Campinas/SP: COSAC & NAIF, 2002; Silva, L. H. O Papel das Atividades Físicas na Educação Católica Marista. Rio de Janeiro: UGF, 1998; Silva, L. H. Igreja Católica, atividades corporais e esporte: superando preconceitos. Rio de Janeiro: UGF, 2002; www.atletasdecristo.org

Localização das principais instituições religiosas atuantes no esporte brasileiro e na Educação Física (1871 – 2003) – Protestantes e católicos

Location of the main religious institutions participating in Brazilian sports and in P. E. (1871 – 2003) – Protestant and Catholic



Esporte e arte / Esporte no cinema brasileiro

VICTOR ANDRADE DE MELO

Sports and art/ Sports in the Brazilian cinema

This chapter proposes that sport should be considered as the ‘eighth art’. Sports could be seen from various perspectives especially in terms of comprehension of sport in its dialogue with art as if both were similar languages in a mutual exchange. To consider sport as the ‘eighth art’ does not imply replacement of great painters, movie makers, writers, playwrights, dancers and musicians by sportspeople. It is but the way to consider the sport gesture as similar to gestures

Relações entre esporte e arte O esporte e a arte devem ser compreendidos de forma multifacetada. Uma das ocorrências mais facilmente identificadas é a comparação entre atletas e artistas, de belas jogadas com obras de arte. Um dos cronistas brasileiros que mais fez uso desse recurso foi Néelson Rodrigues, que costumava considerar as partidas de futebol como óperas e os jogadores como gênios da arte. Assim foi feito com Pelé, por ele encarado como um verdadeiro Michelângelo, e com Garrincha, comparado a Charles Chaplin, pela capacidade de instaurar um ambiente alegre e desvendar um sorriso na face do torcedor. É comum também a utilização de termos artísticos como referência a peculiaridades de certames esportivos. Constantemente cronistas e jornalistas esportivos fazem uso de expressões como “futebol-arte” (em contraposição a um jogo feito, “de resultados”), “a equipe joga por música”, “o atleta pintou uma aquarela naquela jogada”, “o time jogou como se coreografasse”, “a disputa foi um verdadeiro filme em dois atos”, “o jogador está fazendo cena, fazendo cinema”.

Outra dimensão importante a ser considerada é a tematização do esporte nas diferentes manifestações artísticas. No Brasil, isso pode ser claramente identificado nas artes plásticas (em obras de Rubem Gerschman, Cândido Portinari, Vicente Rego Monteiro, entre outros), na literatura (em Machado de Assis, Arthur Azevedo, Raul Pompéia, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos), na música (como em Noel Rosa, Geraldo Pereira, Chico Buarque, Pixinguinha, e mais recentemente em letras dos grupos O Rappa e Skank, entre muitos outros exemplos), no teatro (por exemplo, em algumas peças de Oduvaldo Viana), na dança (em que podemos destacar recentes coreografias de Deborah Colker) e no cinema (em filmes de Glauber Rocha, Joaquim Pedro de Andrade, Oswaldo Caldeira, Roberto Farias, Néelson Pereira dos Santos).

Esporte como forma de arte O que se discute mais profundamente, contudo, é uma terceira dimensão, por certo a mais polêmica: pode o esporte ser considerado como uma forma de arte? No decorrer das décadas de 1970 e 1980, houve muitas reflexões nesse sentido a partir de Pierre Frayssinet (1968). Outros autores se debruçaram sobre tal questão como Reid (1970), Ziff (1974), Kupfer (1975), Best (1979, 1980, 1985), Wertz (1984) e Cordner (1988), todos afirmando, em maior ou menor grau, que o esporte não é arte. Se considerarmos, todavia, as novas perspectivas atribuídas aos conceitos de arte e esporte na contemporaneidade, é possível discutir a questão. Pode-se começar dialogando com Hans-Georg Gadamer, que destaca o aspecto relacional da arte. Para ele, existe um jogo criativo que se estabelece entre o artista e o público, uma forma de diversão fundamental e muito séria, tanto quanto para qualquer outra atividade humana. O esporte é uma atividade que, enquanto linguagem é tão simbólica quanto a arte, nele também o aspecto relacional é primordial: a torcida participa ativamente do espetáculo, se envolve, influencia nos resultados. Não surpreende que Bertold Brecht considerasse a platéia esportiva como a mais adequada para um espetáculo, sugerindo inclusive que o teatro se aproximasse do esporte para buscar novos caminhos. Brecht acreditava que a dinâmica do esporte se constituía enquanto inspiração para um método que contribuísse para redimensionar o teatro e seu papel social. Enfim, em Gadamer encontra-se uma primeira aproximação entre esporte e arte.

Conceitos em confronto Importante aspecto a ser considerado ainda, de natureza cultural, diz respeito a mudança no tratamento e na classificação de objetos, originariamente não entendidos como artísticos e que, com o decorrer do tempo, passaram assim a ser classificados. Alguns artefatos da cultura popular servem como testemunho, inicialmente produzidos com

performed by artists. This chapter uses cinema as the example to explore sport as art. More than 4,000 movies worldwide are estimated to have touched themes related to sports. Some of them take up important space in the history of cinema, such as Leni Riefestahl’s “Olympia” (1937) and Slatan Dudow’s “Kuhle Wampe or who does the world belong to?” (1932). The latter had screenplay by Bertolt Brecht. Short films touching on sports themes have been produced

função prática e cotidiana e não para serem exibidos em museus ou galerias; e mesmo o cinema, no início uma curiosidade, fruto do avanço tecnológico. Os argumentos de alguma forma abrem caminhos para cogitar se o mesmo possa ter ocorrido com o esporte, ainda mais quando se identifica a grande relevância contemporânea atribuída aos elementos estéticos na composição do espetáculo e do campo esportivo. Nos dias atuais, o esporte passou a ter forte conexão com vários setores ligados à estética, como o design, a moda e a arquitetura.

Cada vez mais o espetáculo esportivo funciona como uma forma de celebração corporal, muito influenciado por uma concepção clássica de beleza. A exposição dos atletas é exponencial. É possível identificar atletas posando nus ou em posições sensuais atuando como modelos, influenciando coleções de importantes grifes, destacados pela beleza corporal. É cada vez mais observável o elemento erótico em redor da prática esportiva. O estético chega a ser, em alguns casos, tão ou mais importante do que as habilidades técnicas. Pode-se lembrar da tenista russa Anna Kournikova, sempre convidada para os principais torneios de esporte mundiais, a despeito de seus fracos resultados. Provavelmente, isso tem relação com sua beleza. Há ainda preocupações com a beleza dos estádios, quadras, piscinas e instalações esportivas em geral; das roupas e equipamentos esportivos e de tudo que cerca o campo construído ao redor do esporte.

Contextualizando o esporte na estética Até a modernidade, a arte ocupava um espaço primordial nas definições do conceito de estética. Desde então, há uma ampliação conceitual clara, percebendo-se que as situações estéticas estão em toda parte, tendo conexões com as ideologias. Isso também vem influenciar a própria expansão dos rígidos limites da arte, ao não negligenciar a contribuição das correntes que buscaram trazer elementos do cotidiano para dentro das instituições artísticas (como fez Duchamp) ou levar a arte para o cotidiano, para fora dos muros dos museus (como no caso do movimento Fluxus). Neste contexto, cabe lembrar Wolfgang Welsch: “...se o impulso da arte de transformar-se em vida – um dos mais fortes impulsos da arte moderna – for levado a sério, então as formas estéticas ultrapassando o domínio da arte poderiam ser vistas como correspondendo à própria iniciativa da arte, e, nesse sentido, ser apreciadas como instâncias de um preenchimento da intenção da arte, como um novo tipo de arte ao qual o impulso da arte moderna deu origem”. Há, portanto, uma clara tendência à corrosão dos limites entre as formas usuais de manifestações artísticas e uma revalorização da cultura popular, o que faz com que as outrora “não-artes” passem a ser consideradas como arte. Não se deve ainda esquecer o grande número de similaridades entre os campos estético e esportivo, inclusive nas suas formas de organização, carregadas de elementos simbólicos e se desenvolvendo em lugares específicos, regulados por normas próprias: sejam teatros, museus, cinemas ou estádios. Ambos causam um enorme fascínio, porque permitem o acesso a elementos de identificação, de proximidade. A diferença é que o esporte é uma arte popular, mais acessível, normalmente mais facilmente apreciável.

Esporte como obra de arte Mas como defender a consideração do esporte enquanto arte se não produz uma obra duradoura: ao final de um jogo, de uma competição, nada sobra da “obra produzida”? O mesmo ocorre em todas as formas de arte de performance, como o teatro e a dança. O esporte difere destas manifestações pelo fato de ser uma arte sem *script* prévio, depende de cada situação de jogo, o que não é suficiente para

in Brazil since 1899 and long films since 1926. Sports appear in 154 Brazilian long films: 57 of them have sports as central theme; in 54 of these films sports take up a prominent position and sports are just mentioned in the other 43. Sports themes vary from soccer (80 films), surfing (8 films), auto racing (8 films) and horse racing (8 films), to track and field, boxing, capoeira, judo, swimming, rowing, rodeo, and tennis (see below).

descharacterizá-lo enquanto forma de arte. E o que falar do fato de o esporte possuir regras muito estabelecidas, muito rígidas? Ora, no teatro e na dança, mesmo que existam variações em função da montagem e dos intérpretes, há também uma estrutura mínima que deve ser respeitada, seguida. Uma mesma peça, apesar de ter uma estrutura definida, muda a cada dia, a cada temporada. Da mesma forma, as regras do futebol apresentam um padrão mínimo a ser seguido, mas cada situação específica vai propiciar um drama diferente. Vale lembrar ainda algumas “coincidências”. No século XVI, a palavra “*sport*” podia significar atuação teatral. Em inglês o verbo “*to play*” pode ser adequadamente utilizado para designar uma representação teatral, uma performance musical ou uma prática esportiva.

Distinguindo o esporte da arte Por que será então que esporte e arte constituiriam campos distintos? Pode-se inferir que isso se deu em função das próprias transformações do conceito de cultura, no decorrer do século XX, que o aproximam da arte, às vezes mesmo se confundindo com ela. Contudo, mais ainda, deve-se lembrar que nas origens, o esporte foi compreendido com sentidos diferentes daqueles prevaletentes nas artes, mesmo que possuísse similaridades com ela. Pierre Bourdieu afirma que o esporte foi encarado como um dos objetos mais adequados à moral burguesa da iniciativa privada que se consolidava com força no século XIX. Conforme concebido, o esporte vai carregar, então, marcas de um certo anti-intelectualismo, claramente identificadas na consolidação de certas representações: o esporte é masculino, a arte feminina, o esporte é viril, a arte afeminada. Além disso, o esporte se torna algo bastante popular, enquanto a arte, durante muitos anos permaneceu encarada, como afirmava John Dewey, como o “salão de beleza da civilização”. A fala de Richard Shusterman bem ilustra o distanciamento: “A arte é, com efeito, colocada na quarentena dos museus, nas salas de concerto e de teatro, assim como nas salas de aula, longe de um acesso cotidiano, livre e casual. Não somente a equação elitista “arte = artes maiores” aliena e intimida muita gente na busca de satisfação através das belas-artes, como também lhes nega o reconhecimento da legitimidade artística do divertimento, ou das assim chamadas artes “menores” que tanto agradam as pessoas”.

O esporte como oitava arte Não é com facilidade que chegará o dia em que o esporte seja definitivamente considerado como arte, e não é um verbete, um capítulo ou um livro que serão, sozinhos, suficientes para consolidar essa idéia. Entretanto, ao se afirmar que é possível compreender o esporte como uma forma de arte, a “oitava arte”, trabalha-se em várias perspectivas: no sentido de chamar a atenção para certos preconceitos que podem ainda persistir; para melhor compreender epistemologicamente o objeto; para perceber, de maneira mais precisa e multifacetada, sua ocorrência social; e, fundamentalmente, no sentido de que seu diálogo com a arte ocorreu no nível de linguagens similares que se trocaram, se interpenetraram. Enfim, não se trata de substituir grandes pintores, cineastas, literatos, dramaturgos, dançarinos e músicos pelos esportistas. Mas sim, de considerar que os dribles de Garrincha, as piruetas de Nadia Comaneci e as cestas de Jordan também podem ser observadas como performances artísticas.

Esporte no cinema brasileiro Cinema e esporte estão entre as linguagens mais difundidas e acessíveis no decorrer do século XX, não só em seus espaços específicos (as salas de projeção e os estádios), como também através da ação dos meios de comunicação em geral. Nestas condições, deve-se destacar o fato de que ambos, mesmo possuindo raízes anteriores, são fenômenos típicos da modernidade, organizados a partir das mudanças culturais, sociais

e econômicas observáveis desde o fim do século XVIII e no decorrer do século XIX. Ambos constituem poderosas representações dos valores e desejos que permeiam o imaginário do século XX: a superação de limites, o extremo em determinadas situações, a valorização da tecnologia, a consolidação de identidades nacionais, a busca de uma emoção controlada, o exaltar de um certo conceito de beleza, tudo isso está constantemente presente nos filmes e nas competições organizadas. Não é surpreendente, com tantas semelhanças, que exista uma forte e estreita relação entre esporte e cinema. Internacionalmente, estima-se que já tenham sido produzidos mais de 4.000 filmes que de alguma forma tocam na temática, alguns ocupando espaço importante na história do cinema, como "Olympia" de Leni Riefestahl (1937) e "Kuhle Wampe ou a quem pertence o mundo?" de Slatan Dudow (1931), com roteiro de Brecht.

As primeiras imagens de esporte, no Brasil, podem ser encontradas nos curta-metragens realizados no final do século XIX, como no documentário produzido pelos irmãos Segreto (1899) sobre festividades, organizadas pelo Círculo Operário Italiano de São Paulo. Entre muitas imagens, há corridas e competições esportivas e *takes* do Velódromo de São Paulo, um dos espaços esportivos pioneiros daquela cidade. É de 1900 o curta mais antigo preservado, sobre uma competição: "Regatas em Botafogo", produzido pelos mesmos realizadores. Nos arquivos da Cinemateca Brasileira encontram-se muitos curtas com imagens esportivas relacionadas ao remo (como Regatas na Ponte Grande, de 1907, São Paulo, Empresa J. Cateysson e As Últimas Regatas, de 1908, Rio de Janeiro, Photo-Cinematographia Brasileira), ao turfe (como Grandes Prêmios Derby Clube e o Dr. Frontin e Grande Prêmio Jockey Clube, ambos realizados em 1910, no Rio de Janeiro), a

clubes (como O Fluminense Futebol Clube, 1928, Rio de Janeiro, Lafayette Filme, e Festa Esportiva no Parque Antártica, 1909, São Paulo, Empresa F. Serrador) e ao futebol (como entrega das taças aos campeões paulistas de futebol, 1907, São Paulo, Empresa J. Cateysson e Match internacional de futebol entre brasileiros e argentinos, produzido pela Photo-Cinematographia Brasileira, 1908), entre muitos outros esportes.

Um número significativo de imagens pode também ser recuperado nos jornais cinematográficos, existentes em grande número até a invenção da televisão. Nos cine-jornais, o esporte era um dos assuntos mais filmados e exibidos. Há programas como "Atualidades O Globo" e "Cinejornal Brasil", entre outros. Em decorrência da importância do esporte, logo surgiram cine-jornais específicos, como "O Globo Esportivo na Tela" e o "Esporte na tela". Isso sem falar na importante recente contribuição do "Canal 100" (décadas de 1960, 1970 e 1980), programas em que o futebol era assunto de grande importância, durante muitos anos exibidos antes dos longas-metragens. Esses programas merecem uma atenção especial, pelo papel que ocupam na formação do imaginário brasileiro sobre o esporte. O esporte foi filmado sob dimensões jamais vistas, provavelmente no mundo inteiro.

No que se refere aos longas-metragens, foram identificados 154 filmes que tocam na questão do esporte; em 57 deles o esporte é o tema central ou ocupa lugar de grande importância; em 54 filmes ocupa um importante espaço e em 43 é de alguma forma citado, mesmo não sendo central. Entre tais películas, não surpreendentemente, mais de 80 são dedicadas ao futebol, esporte de maior popularidade no Brasil. Destacam-se também o surfe (8 filmes), o automobilismo (8 filmes) e o turfe (8 filmes). Também

foram retratados o atletismo, o boxe, a capoeira, o judô, a natação, o remo, o rodeio, o tênis, entre outros. O primeiro filme brasileiro em que o esporte é assunto central foi produzido em São Paulo, no ano de 1926: Vício e Beleza, dirigido por Antônio Tibiriçá. Sob o rótulo de "filme científico", "proibido para mulheres" ou "só para homens", era uma película de forte caráter moral, que narra a história de um estudante de medicina, praticante de natação e atletismo, que apregoa as benesses do esporte para a saúde, em contraponto com outro jovem que freqüenta cabarés e tem uma vida conturbada. Em 1931, Genésio Arruda dirige Campeão de Futebol, uma homenagem aos jogadores da época. Nesse mesmo ano, Reid Valentino (pseudônimo de um ex-atleta de boxe) escreve o roteiro, estrela e dirige O Campeão. Nesses momentos iniciais, foram identificados ainda Alma e Corpo de Uma Raça (Milton Rodrigues, 1938), Futebol em Família (Ruy Costa, 1938), Gol da Vitória (José Carlos Burle, 1946), Copa do Mundo de 1950 (Milton Rodrigues, 1950). Entre os 154 filmes que abordam a questão do esporte, alguns merecem destaque pela importância na cinematografia nacional, como "Rio 40 graus", de Néelson Pereira dos Santos, e "Garrincha, Alegria do Povo", de Joaquim Pedro de Andrade. Nesses filmes, o esporte é focado em outra dimensão, como fator de identidade na construção da nação.

Fontes Melo, Victor Andrade de. Esporte, Arte, Imagem, Cinema: relações originais na modernidade", relatório final de Pós-Doutorado em Estudos Culturais (PACC/UFRJ), disponível em www.ceme.ufrj.br/cinema; Welsch, Wolfgang. Esporte – visto esteticamente e mesmo como arte? In: Rosefield, Denis (org.). Ética e Estética. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001; Shusterman, Richard. Vivendo a arte. São Paulo: Editora 34, 1998. p.250.

Aesthetic and spectacle foundations of the Olympic Games

In "Olympic Studies", 2002, pp. 153 - 175
Amateur Athletic Foundation of Los Angeles (www.aafla.org/search/search.htm)

In the history of art, the Renaissance man preceded the Renaissance artist and indeed the chief idealizations of man adopted a theatrical approach. This held particularly true in regard of Renaissance's architecture to which spatial conceptions became a reflection of man's corporeal dimensions. In other words, to the golden mean of ancient Greek art it was added spatial relationships originated from perspective techniques that were at that time mathematized, making the visual world objective and measurable in different artistic expressions (1). As icons of this Renaissance achievement, it is significant to mention the "Proportion of the Human Figure" (c. 1492), a popular drawing redone by Leonardo Da Vinci to represent the "universal man" (*uomo universale*); and the public spaces and buildings designed by Felipo Brunelleschi (c. 1415) in Florence, where the "human measure" (*misura umana*) became central aesthetic and functional references of urban development in Europe. Unsurprisingly, the theatrical vision of the world (*theatrum mundi*) from Renaissance transformed citizens in spectators of themselves when bringing city centers' spaces to their measures and perspectives.

Suggestively enough, a similar conception of the *theatrum mundi* made appearance in first-century AD Greece as a Stoic proposal of education (2). Undoubtedly, the *theatrum mundi* conception from Ancient Greece to Renaissance change its pedagogic sense and content by raising the narrative to the broader theme of aesthetic meaning in a spectacular relationship with audiences. The baroque style in the 15th

and 16th centuries-European painting and architecture had ultimately brought this visual interplay with spectators to the limits of its aesthetic appraisal.

In the 19th century science consolidated its fundamental role in social, cultural and economic relationships of the so-called modern world, Ancient Greece came again into focus among intellectuals and academic circles pertained to European traditions. The internationalization drive that coincided with that century of nationalistic endeavors everywhere in the world, had corresponded to archeological initiatives that restored many historical sites in Greece. In this context, cosmopolitanism and tourism became part of modernity and a symptom of capitalistic wealth in many countries. Under these circumstances, the role of Pierre de Coubertin was not only attained to the reinvention of the Olympic Games, reflecting similar attempts previously occurred. Overall, the Coubertinian philhellenism recreated a world-view centered in Ancient Greece's values having selected athletic competitions as support for international visibility. Notwithstanding, Coubertin trusted in the universal significance of sport, a condition accepted by art historians in present days. In all, he had renewed the Olympic Games reproducing the successful aesthetic and spectacle experience of international exhibitions, another nineteenth-century invention.

The world's exhibitions, festivals and fairs as a means of international insertion of new technologies, scientific knowledge or life-styles had their emergence and impact by mid-nineteenth

century. Coubertin improved his Olympic Games' project with meetings and contacts during the 1889 Paris Fair (3). The second Olympic Games of modern era took place jointly with the 1900 Paris Exhibition and the third in a merge with 1904 Saint Louis World Fair. The regional Olympic Games of 1922 in Rio de Janeiro was held taking advantage of the international fair promoted in that city in the same year. The size and importance of both the 1932 Los Angeles and the 1936 Berlin Games nevertheless proved that the Olympiads would have no need of support from another world class event. But, the influence of international exhibition according to its 19th century style remained henceforth in the Games. Conclusively, the contemporary Olympic Games have been representing a spectacle and an insertion of a particular host city in the world-view of sports audience, additionally to cultural and technological acknowledgements. The continuous update of media support to the Games has been giving stability to this composition of fixed scenarios (stadia and facilities for the competitions) with changing places to host the celebration.

References (1) Comar, P., La Perspective en Jeu, Gallimard, Paris, 1992, pp. 100 – 103; (2) Epitectus, Enchiridon. Bobbs-Merrill, Indianapolis, 1948, p. 23; (3) Quanz, D., The World Fairs of the 19th Century and the Olympic Games as Manifestations of Western Industrial Cultures. In Kang, S., MacAloon, J. and DaMatta, R. (eds), The Olympics and Cultural Exchange, Hanyang University, Ansan, 1989, pp. 483 – 491.

Filmes brasileiros com o esporte como tema central, 1926 – 2004

Brazilian films with sport as central theme, 1926 – 2004

TÍTULO: Vício e beleza (São Paulo, 1926, aventura); DIRETOR: Antônio Tibiriçá; COMENTÁRIO: Esporte como meio de saúde; ESPORTE: Natação, atletismo.

TÍTULO: Campeão de futebol (São Paulo, 1931, aventura); DIRETOR: Gen sio Arruda; COMENTÁRIO: Homenagem a jogadores de futebol; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: O campeão (São Paulo, 1931, aventura); DIRETOR: Reid Valentino; COMENTÁRIO: Sobre boxeador; ESPORTE: Box.

TÍTULO: Alma e corpo de uma raça (Rio de Janeiro, 1938, drama/documentário); DIRETOR: Milton Rodrigues; COMENTÁRIO: Atletas do Flamengo em drama; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: Brasil versus Tchecoslováquia (Rio de Janeiro, 1938, documentário); DIRETOR: Irmãos Ponce (produ o); COMENTÁRIO: O campeonato mundial de futebol de 1938; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: Futebol em família (Rio de Janeiro, 1938, comédia); DIRETOR: Ruy Costa; COMENTÁRIO: Jovem que ser jogador e enfrenta problemas com a família; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: Gol da vitória (Rio de Janeiro, 1946, comédia); DIRETOR: José Carlos Burle; COMENTÁRIO: Sobre o mundo do futebol; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: Copa do Mundo de 1950 (Rio de Janeiro, 1950, documentário); DIRETOR: Milton Rodrigues; COMENTÁRIO: Sobre a Copa e a perda do título; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: Entre o chão e as estrelas (Rio de Janeiro, 1950, documentário); DIRETOR: Musa Filmes (produtora; obs: filme inacabado); COMENTÁRIO: Sobre astro de futebol; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: O craque (São Paulo, 1954, drama); DIRETOR: José Carlos Burle; COMENTÁRIO: Sobre jogador de futebol; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: Pista de grama (Rio de Janeiro, 1958, aventura); DIRETOR: Haroldo Costa; COMENTÁRIO: Ambientado em hipódromo; ESPORTE: Turfe.

TÍTULO: O preço da vitória (São Paulo, 1959, aventura); DIRETOR: Osvaldo Sampaio; COMENTÁRIO: Desejo de menino ser jogador de futebol; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: Garrincha, alegria do povo (Rio de Janeiro, 1962, documentário); DIRETOR: Joaquim Pedro de Andrade; COMENTÁRIO: Sobre o atleta; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: O rei Pelé (São Paulo/Rio de Janeiro, 1963, semi-documentário); DIRETOR: Carlos Hugo Christensen; COMENTÁRIO: Sobre o atleta; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: O corintiano (São Paulo, 1976, comédia); DIRETOR: Milton Amaral; COMENTÁRIO: Sobre o fanatismo de um torcedor; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: Heleno (Rio de Janeiro, 1967, documentário); DIRETOR: Vitor Rangel; COMENTÁRIO: Sobre o atleta; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: Tostão, a fera de ouro (Belo Horizonte, 1970, documentário); DIRETOR: Paulo Leander, Ricardo Gomes Leite; COMENTÁRIO: Sobre o atleta; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: O Barão Otelo no barato dos milhões (Rio de Janeiro, 1971, comédia); DIRETOR: Miguel Borges; COMENTÁRIO: Referência a gandula de futebol; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: Brasil bom de bola (Rio de Janeiro, 1971, documentário); DIRETOR: Carlos Niemeyer; COMENTÁRIO: Histórias de futebol e a Copa de 70; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: Parabéns, gigantes da Copa (São Paulo, 1971, documentário); DIRETOR: Hugo Schlesinger; COMENTÁRIO: Copas do Mundo, especialmente a de 1970; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: O fabuloso Fittipaldi (Rio de Janeiro, 1973, documentário); DIRETOR: Roberto Farias; COMENTÁRIO: Sobre o atleta; ESPORTE: Automobilismo.

TÍTULO: O homem que roubou a Copa do Mundo (São Paulo, 1973, comédia); DIRETOR: Aldir Mendes de Souza; COMENTÁRIO: Sobre roubo da Copa; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: O judoka (Rio de Janeiro, 1973, comédia; Cinemateca Brasileira informa 1972); DIRETOR: Marcelo Ramos Motta; COMENTÁRIO: Judô bem presente; ESPORTE: Judô/lutas.

TÍTULO: Brasil – Tricampeão – Copa 70 (Rio de Janeiro, 1974, documentário); DIRETOR: Rogério Martins; COMENTÁRIO: Sobre a Copa de 70; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: Futebol total (Rio de Janeiro, 1974, documentário); DIRETOR: Osvaldo Caldeira, Carlos Leonam; COMENTÁRIO: Sobre a Copa de 74; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: Isto   Pelé (Rio de Janeiro, 1974, documentário); DIRETOR: Eduardo Scorel, Luiz Carlos Barreto; COMENTÁRIO: Sobre o atleta; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: Passe livre (Rio de Janeiro, 1974, documentário); DIRETOR: Osvaldo Caldeira; COMENTÁRIO: Sobre passe livre e sobre Afonsinho; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: A transa do turfe (Rio de Janeiro, 1974, comédia); DIRETOR: F.M.L. Melinger; COMENTÁRIO: Trama dentro do turfe; ESPORTE: Turfe.

TÍTULO: Esse maravilhoso mundo dos esportes (São Paulo, 1975, documentário); DIRETOR: Hugo Schlessinger; COMENTÁRIO: Documentário sobre esportes; ESPORTE: Vários.

TÍTULO: Brasil bom de bola 78 (Rio de Janeiro, 1978, documentário); DIRETOR: Osvaldo Caldeira; COMENTÁRIO: Preparativos para a Copa de 78; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: Nas ondas do surf (Rio de Janeiro, 1978, documentário); DIRETOR: Lívio Bruni Júnior; COMENTÁRIO: Surfe e skate; ESPORTE: Surfe; skate.

TÍTULO: Copa 78, o poder do futebol (Rio de Janeiro, 1979, documentário); DIRETOR: Maurício Sherman; COMENTÁRIO: Copa de 78 sob o ponto de vista político; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: Os trombadinhas (Rio de Janeiro, 1979, policial); DIRETOR: Anselmo Duarte; COMENTÁRIO: Participa o ativa de jogador de futebol; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: Flamengo paixão (Rio de Janeiro, 1980, documentário); DIRETOR: David Neves; COMENTÁRIO: Flamengo e futebol visto pelo torcedor; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: Um X Flamengo (Rio de Janeiro, 1980, documentário); DIRETOR: Ricardo D'Halvor Solberg; COMENTÁRIO: A magia do futebol; ESPORTE: Futebol;

TÍTULO: As amantes de Helen (São Paulo, 1981, drama); DIRETOR: Tony Vieira (Mauri Queiroz); COMENTÁRIO: Tênis e lesbianismo; ESPORTE: Tênis.

TÍTULO: Asa Branca, um sonho brasileiro (São Paulo, 1981, drama); DIRETOR: Djalma Limongi Batista; COMENTÁRIO: Saga sobre ascensão e dificuldades de jogador de futebol; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: Pr  frente Brasil (Rio de Janeiro, 1982, drama); DIRETOR: Roberto Farias; COMENTÁRIO: Futebol e política; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: Rodeio de bravos – onde o chão é o limite (São Paulo, 1982, aventura). DIRETOR: Coriolano Rodrigo; COMENTÁRIO: Rodeio; ESPORTE: Rodeio.

TÍTULO: Onda nova (São Paulo, 1983, comédia); DIRETOR: José Antônio Garcia,  caro Martins; COMENTÁRIO: Clube de futebol feminino encontra problemas; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: Quebrando a cara (São Paulo, 1983, documentário); DIRETOR: Ugo Giorgetti; COMENTÁRIO: Sobre Éder Jofre; ESPORTE: Boxe/lutas.

TÍTULO: Os trapalh es e o rei do futebol (Rio de Janeiro, 1986, infantil); DIRETOR: Carlos Manga; COMENTÁRIO: Trama ligada ao futebol; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: Manobra radical (Rio de Janeiro, 1991, aventura); DIRETOR: Alberto Salva; COMENTÁRIO: Surfista   personagem central; ESPORTE: Surfe.

TÍTULO: Gaiola da morte (São Paulo, 1992, aventura); DIRETOR: Waldir Kopezky; COMENTÁRIO: Sobre full-contact; ESPORTE: Full contact/Lutas.

TÍTULO: O vagabundo faixa preta (Recife, 1995, aventura); DIRETOR: Simi o Martiniano; COMENTÁRIO: Sobre lutas marciais; ESPORTE: Lutas marciais.

TÍTULO: Todos os cora es do mundo (Rio de Janeiro, 1996, documentário); DIRETOR: Murilo Salles; COMENTÁRIO: Sobre a Copa de 94; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: Uma aventura de Zico (Rio de Janeiro, 1998, aventura); DIRETOR: Antônio Carlos Fontoura; COMENTÁRIO: Zico e escolinha de futebol; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: Boleiros, era uma vez o futebol (São Paulo, 1998, comédia); DIRETOR: Ugo Giorgetti; COMENTÁRIO: Memórias de jogadores de futebol; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: Futebol (Rio de Janeiro, 1998, documentário); DIRETOR: Arthur Fontes, João Moreira Salles; COMENTÁRIO: Documentário sobre o desejo de ser jogador e as dificuldades; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: Histórias do Flamengo (Rio de Janeiro, 1999, documentário); DIRETOR: Alexandre Niemeyer; COMENTÁRIO: Sobre o clube; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: A turma do gol (São Paulo, 2000, desenho animado); DIRETOR: Paulo Mariotti, Renato Bulcão; COMENTÁRIO: Sonho de ser jogador; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: Surf adventures – o filme (Rio de Janeiro, 2001, documentário); DIRETOR: Arthur Fontes; COMENTÁRIO: Sobre o surfe; ESPORTE: Surfe.

TÍTULO: Garrincha (Rio de Janeiro, 2002, documentário); DIRETOR: Paulo César Saraceni; COMENTÁRIO: Sobre o atleta; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: Fluminense Futebol Clube: uma paixão (Rio de Janeiro, 2002, documentário); DIRETOR: n/d; COMENTÁRIO: Comemorativo do centenário do Clube; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: Garrincha, a estrela solitária (Rio de Janeiro, 2003, documentário/drama); DIRETOR: Milton Alencar Júnior; COMENTÁRIO: Sobre a vida do atleta; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: Casseta e Planeta – A taça do mundo   nossa (Rio de Janeiro, 2003, comédia); DIRETOR: Lula Buarque de Hollanda; COMENTÁRIO: Sátira com Copa de 70, ditadura e roubo da taça; ESPORTE: Futebol.

TÍTULO: Pelé Eterno (Rio de Janeiro, 2004, documentário); DIRETOR: Anibal Massaini Neto; COMENTÁRIO: Sobre a vida do atleta; ESPORTE: Futebol.

Publicações periódicas de ensino, de técnicas e de magazines em Educação Física e esporte

AMARÍLIO FERREIRA NETO

Publication of teaching journals, technical journals and magazines in physical education and sports

Periodicals in physical education and sports started to be published in Brazil during the second half of the 19th century. It was possible to observe that the sports press dominated sports editorials in terms of printing press, television, and Internet in 22 Brazilian periodicals published between

1896 and 2003. The publication of teaching journals has slowly faded away because it has already reached its objectives. Technical journals have associated their quantitative and qualitative growth, especially when it comes to top sport. The magazine press related to the area of

physical education and sport has reached a balance, but it can decrease within the next years once there are evidences that the market for fitness, physical activity and health, associated to performance and to body culture, has more marketing power.

Origens e Definições A revolução da imprensa ainda se faz presente no século XXI porque acelera avanços na tecnologia e amplia a variedade e usos de impressos na disseminação da cultura, noticiário, letras, artes e ciência. Nesta última área em especial, a informação periódica em papel impresso constitui, sobretudo, um meio de produção e legitimação do conhecimento. E em um de seus segmentos denominado de Educação Física, tal processo no Brasil tem passado da imprensa de variedades para imprensa esportiva; para imprensa militar e de ensino; para imprensa de ensino da Educação Física; para imprensa técnica de ensino da Educação Física e Esportes; para imprensa científica de Educação Física; e, finalmente, para magazine. Tais mudanças, só recentemente, têm sido alvo de atenção de pesquisadores brasileiros, como se segue em abordagens resumidas.

Imprensa de Variedades Desenvolvida durante o Império. Viveu seu apogeu na virada do século XIX–XX. Veiculada em formato jornal e conteúdo generalizado sobre política, cultura, literatura, noticiário. Incluía matérias sobre práticas e eventos esportivos.

1899 A Ilustração: publica “chronicas, folhetins, poesias, boatos, anedotas, sport, modas, artes e retratos”.

1907 Bandeira Brasileira Folha contendo crônicas, poemas e contos. Apresenta ainda duas seções: “Secção Sportiva e Theatral” e “Sports”.

Imprensa Esportiva Surge na segunda metade do século XIX. Veiculada em formato jornal e conteúdo exclusivamente relacionado com clubes, práticas esportivas, ginástica, vestimentas, eventos esportivos (considerados eventos sociais de grande importância) e humor. Consolida-se hoje nas editorias de esportes da grande mídia impressa, televisiva e na internet.

1896 A Bicicleta Destinada à divulgação do ciclismo, trazendo pequenas biografias de ciclistas importantes, resultado de corridas e programação do “Velo Club”. Apresenta crônicas, anedotas e poemas que têm como temática principal a bicicleta e ciclistas. Há matérias sobre o ciclismo em outros países, sobre eventos, novos produtos e técnicas.

1903 Arte e Esporte Semanário esportivo de qualidade. Apresenta notas sobre remo, futebol, ciclismo e ginástica. Lista a programação de artes (teatro e música) e de esportes (jogos de ping-pong, regatas e tiro ao alvo).

1917 A Cigarra Esportiva Cobre todos os esportes tais como “turf, football, rowing, natação, automobilismo, cyclismo, aviação, lawn-tennis, patinação, pelota, ping-pong e atletismo”. Acompanha as competições, divulga e comenta os resultados das equipes e dos atletas. Possui seção específica sobre “O Sport no Extranjeiro”.

Imprensa Militar e de Ensino Típica da virada do século XIX–XX. Assume formato de revista. Aborda por meio de artigos a organização, a administração, as instalações físicas, os materiais, as doutrinas e metodologias, recrutamento e formação de recursos humanos para as instituições militares e educacionais. Inclui artigos sobre higiene, exercícios físicos, métodos ginásticos, esportes, formação profissional e criação de cursos.

1895 A Eschola Pública Contempla uma parte pedagógica com ênfase em metodologia das disciplinas. Além de gravuras, cantos escolares, literatura infantil, curiosidades científicas, crítica bibliográfica e noticiário.

1913 A Defesa Nacional Revista chancelada pelo Estado Maior do Exército dedicada à discussão rigorosa de problemas nacionais e internacionais estratégicos sob a ótica militar, durante o século XX. É a referência para compreender a continuidade/

descontinuidade do projeto editorial levado adiante pela Revista de Educação Física, descrita adiante.

Imprensa de Ensino da Educação Física Encontrada a partir da década de 1930 no formato revista, nos tamanhos livro e A4. Empenha-se na luta pela escolarização, formação profissional, definição de legislação específica, definição de métodos, conteúdos com ênfase nas diversas ginásticas e esportes. Constitui a base para a compreensão do periodismo da Educação Física do século XX.

1932 – 1960 Revista Educação Física Chancelada pela Escola de Educação Física do Exército. Responsável pela produção e veiculação da doutrina sobre Educação Física aplicada no Exército. Simultaneamente, co-produz e veicula um projeto nacional para a área. A partir da década de 1960, volta-se, exclusivamente, para as pesquisas com ênfase na preparação física da tropa e de atletas de alto nível.

1932 – 1945 Revista Educação Physica Revista técnica de ensino de caráter privado e comercial editada pela Companhia Brasil Editora. Buscava divulgar os princípios científicos, a formação profissional, os esportes, os fins morais e sociais, colaborando com os governos e instituições particulares na implantação e consolidação da Educação Física no País.

1941 – 1958 Boletim de Educação Física Chancelado pela Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde. Veicula a política e ações governamentais na área.

1944 – 1952 Revista Brasileira de Educação Física Revista de ensino de caráter privado e comercial feita pela Editora A Noite. A coordenação editorial é de Inezil Penna Marinho. Há evidências de que esta é uma revista de síntese do pensamento brasileiro para a área, na primeira metade do século XX.

1945 – 1966 Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos Revista de ensino e pesquisa. Primeira do gênero associada à instituição de formação profissional de caráter civil.

1953 – 1979 Revista da APEF – São Paulo Publica textos voltados para a Educação Física e esporte nos diferentes níveis de ensino, bem como prima pela defesa e atuação qualificada dos profissionais da Educação Física.

1998 – 2003 Pensar a Prática Editada pela Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás. Periódico “científico-pedagógico” que busca [...] “refletir a ação educativa tendo, como marco referencial, a própria prática pedagógica e social”.

Imprensa Técnica de Ensino da Educação Física e Esportes Desenvolve-se dentro da imprensa de ensino da Educação Física. Sua marca é a presença de artigos ou seções sobre instalações, materiais, detalhamento técnico dos esportes e noticiário sobre organizações esportivas. Atualmente, caracteriza-se por ser revista especializada em uma só ou várias modalidades. Todavia, o conteúdo gira somente em torno de processos, produtos, técnicas, metodologias de ensino e busca de performance no esporte.

1926 Automobilismo Seus artigos tratam de carros, autopeças, tecnologia, competições, feiras, estradas, estabelecimentos industriais e comerciais do ramo.

1932 – 2002 Revista Educação Física Desde seu surgimento, mantém publicação de artigos e inclusive seções dedicadas à divulgação técnica das práticas esportivas, exercícios físicos em geral e do “método nacional”.

1932 – 1945 Revista Educação Physica A maior parte do seu ciclo de vida se assume como revista técnica de esporte e saúde.

1968 – 1984 Revista Brasileira de Educação Física e Desportos Recebe chancela da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura. Ressurge como boletim técnico informativo e é a continuidade do Boletim de Educação Física.

1969 – 1977 Esporte e Educação Chancelada pela Associação de Professores de Educação Física de São Paulo. Periódico de caráter técnico e informativo que aborda atualidades, técnica, notícias, turismo, planejamento, cultura, educação, administração do ensino.

1976 – 1999 Revista Artus Editada pela Universidade Gama Filho. É criada como periódico técnico e científico. Termina seu ciclo de vida como revista científica. Veiculava artigos técnicos sobre esportes e científicos em temáticas variadas.

1980 – 1986 Comunidade Esportiva É uma revista bimestral publicada com a finalidade de divulgar informações técnicas sobre as versões não-formais e informais da Educação Física e Esportes. Editada pela central de Difusão da Rede Esporte para Todos com apoio da Associação Brasileira de Recreação, a partir de suas sedes no Rio de Janeiro. Destina-se, também, a apoiar o movimento Esporte para Todos - EPT, tanto na tradição brasileira como nas diferentes interpretações internacionais.

Imprensa de Magazine Desenvolve-se dentro das demais formas de imprensa com maior ou menor ênfase. Por exemplo, está mais presente na imprensa de variedades e menos na imprensa de ensino e científica, uma vez que todo o Magazine tende a ser comercial. O produto principal não é a informação dos artigos, mas as mercadorias anunciadas (equipamentos, medicamentos, eventos acadêmicos, livros, cursos de pós-graduação lato sensu, etc.).

1982 – 2003 Sprint Magazine Mantida pela Editora Sprint. Inicialmente, reivindica ser de caráter técnico, todavia se consolida como magazine que veicula artigos de divulgação sobre temáticas variadas com predominância para atividade física e saúde, fitness, ginástica e esporte.

Situação Atual A imprensa esportiva instalou-se nas editorias de esporte da grande mídia impressa, da televisão e da Internet. A imprensa de ensino feneceu, porque seus objetivos foram cumpridos, faltando encontrar o seu lugar no século XXI. Se a Educação Física obteve seu espaço legal com a contribuição dos impressos de ensino e técnico, sua legitimidade, no século XXI, requer impressos de ensino voltados para a orientação da intervenção pedagógica na escola, tanto com chancela da esfera pública como de caráter comercial. Os periódicos técnicos tendem ao crescimento quantitativo e qualitativo associados, sobretudo, ao esporte de alto rendimento. A imprensa de magazine, relativa à área de Educação Física e Esporte, está estabilizada e pode vir a decrescer nos próximos anos, uma vez que há evidências de que o mercado de fitness, atividade física e saúde, associado à performance e ao culto corporal, possui mais força de marketing. Em suma, a comunidade científica tende a pesquisar a comunicação impressa da Educação Física, esporte e correlatos como objeto e fonte de conhecimento.

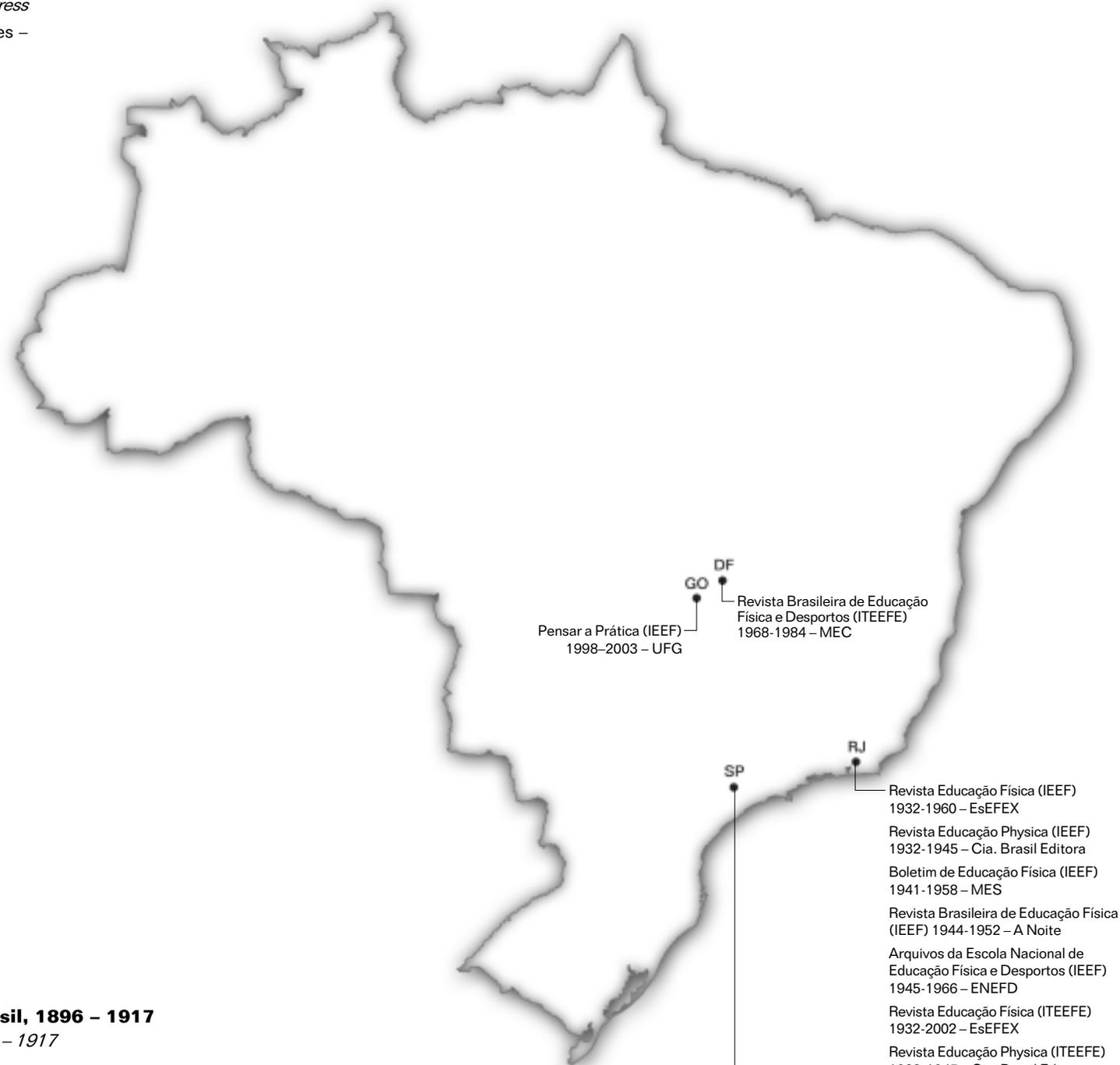
Fontes Cruz, H.F. (Org.). São Paulo em revista: catálogo de publicações da imprensa cultural e de variedades paulistana 1870-1930. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997; Ferreira Neto, A. et al. Catálogo de periódicos de educação física e esporte (1930-2000). Vitória: PROTEORIA, 2002; Martins, A. L. Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001; PERIÓDICOS Técnico-Científicos Nacionais da Área de Educação Física, Esporte, Lazer, Recreação e afins, indexados na Base de Dados SIBRADID. 2003. Disponível em: www.sibradid.eef.ufmg.br/perio.html. Acesso em: 11 jun. 2003; REFELNET – Revistas On Line. Revistas em língua portuguesa. 2003. Disponível por acesso em 11 junho de 2003 em: www.efmuzambinho.org.br/refelnet/refelnet.asp#115.

Esporte e Educação Física: tipologia de periódicos por período de circulação, local e chancela

Sport and P.E.: typology of periodicals according to circulation, location and support

Tipos Identificados / Types identified:

- Imprensa de Ensino de Educação Física – IEEF / *P.E. teaching press*
- Imprensa Técnica de Ensino da Educação Física e Esportes – ITEEFE / *Sport and P.E. techniques & teaching press*
- Magazines



Pensar a Prática (IEEF)
1998-2003 – UFG

GO

DF

Revista Brasileira de Educação Física e Desportos (ITEEFE)
1968-1984 – MEC

SP

RJ

Revista Educação Física (IEEF)
1932-1960 – EsEFEX
Revista Educação Física (IEEF)
1932-1945 – Cia. Brasil Editora
Boletim de Educação Física (IEEF)
1941-1958 – MES
Revista Brasileira de Educação Física (IEEF) 1944-1952 – A Noite
Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (IEEF)
1945-1966 – ENEFD
Revista Educação Física (ITEEFE)
1932-2002 – EsEFEX
Revista Educação Física (ITEEFE)
1932-1945 – Cia. Brasil Editora
Revista Artus (ITEEFE)
1976-1999 – UGF
Comunidade Esportiva (ITEEFE)
1980-1986 – Rede EPT
Sprint Magazine
1982-2003 – Grupo Sprint

Revista da APEF – São Paulo (IEEF)
1953-1979 – APEF – SP
Automobilismo (ITEEFE)
1926 – A. Calmasini
Esporte e Educação (ITEEFE)
1969-1977 – APEF – SP

Imprensa Esportiva – jornais e revistas – no Brasil, 1896 – 1917

Sport and P.E. newspapers and magazines in Brazil, 1896 – 1917

Imprensa de Variedades

1899 A Ilustração: “chronicas, folhetins, poesias, boatos, anedotas, sport, modas, artes e retratos”

1907 Bandeira Brasileira: crônicas, poemas, contos, “Secção Sportiva e Theatral” e “Sports”

Imprensa Esportiva

1896 A Bicicleta: ciclismo, biografias de ciclistas importantes, resultado de corridas e programação do “Velo Club”; crônicas, anedotas e poemas sobre bicicletas e ciclistas; o ciclismo em outros países

1903 Arte e Esporte: remo, futebol, ciclismo e ginástica; programação de artes (teatro e música) e de esportes (jogos de ping-pong, regatas e tiro ao alvo)

1917 A Cigarra Esportiva: “turf, football, rowing, natação, automobilismo, cyclismo, aviação, lawn-tennis, patinação, pelota, ping-pong e atletismo”; competições, resultados das equipes e dos atletas; seção sobre “O Sport no Extrangeiro”

Imprensa Militar e de Ensino

1895 A Eschola Pública: seção pedagógica com ênfase em metodologia das disciplinas; gravuras, cantos escolares, literatura infantil, curiosidades científicas, crítica bibliográfica e noticiário

1913 A Defesa Nacional: discussão de problemas nacionais e internacionais sob a ótica de estratégia militar, durante o século XX, incluindo a Educação Física

Publicações periódicas científicas em Educação Física e esporte de instituições universitárias

AMARÍLIO FERREIRA NETO

Sports and physical education journals published by universities

The foundations of Brazilian scientific journals were developed particularly during the 20th century based on societies of culture and science, student centers, independent colleges, and courses that yielded bachelor's degrees. The scientific journals of physical education appeared in the last quarter of the 20th century. This chapter displays a study on 22 scientific publications in

sports science that are published in Brazil today (2003). It was possible to observe that the publication of scientific periodicals in physical education has been going through an expansion process never seen before. However, as journals are developed, they may also be discontinued, revealing some scientific authority crisis generated by new demands for quality and production of

academic texts, according to academic indicators recognized nationally and internationally. The problem lies in the lack of adequate infra-structure for the editing and printing processes, in the deficiency of distribution channels, in the reduced number of copies per printing (between 500 and 1,000 copies) and in sponsorship.

Origem e Definição O periodismo científico é do século XVII. Emerge na Inglaterra, França, Itália, Escócia, Alemanha, inicialmente com ênfase nas letras, artes, política e, por fim, na ciência. Por volta dos 1660, surge na *Académie des Sciences de Paris* o *Journal des Savans* e na *Royal Society de Londres* o *Philosophical Transactions*. A partir desse momento, o relatório de pesquisa impresso adquire autoridade científica de publicação. No Brasil, o periodismo científico possui seus pilares, especialmente, no século XIX, assentado em sociedades de cultura e ciência, grêmios escolares, escolas superiores isoladas e cursos de bacharelado. As revistas científicas da Educação Física surgem no último quarto do século XX. Tais iniciativas só recentemente têm tido atenção de pesquisadores brasileiros como se segue em abordagens resumidas.

Imprensa Científica de Educação Física: surge associada à pós-graduação *stricto sensu* e à criação de sociedades científicas a partir do final da década de 1970 (as revistas *Kinesis*, *Paulista de Educação Física*, *Motrivivência* e *Movimento* receberam, adiante, um breve detalhamento como indicador do que pode ser feito para conhecer a materialidade de cada impresso).

1984 – 2002 Revista Kinesis: editada pelo Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria – RS. Publica artigos de temáticas diversas na área de Educação Física. Ciclo de Vida: 1984-2002: aproximadamente 32 números. Quantidade de artigos: aproximadamente 480. Periodicidade: semestral. Formato: livro com pequena variação e diagramação em página inteira. Número de Páginas: entre 80 e 290 por exemplar. Âmbito de Circulação: nacional. Tiragem: não indicado. Publicidade e Espaço Publicitário: livros. Iconografia: inexistente. Indexadores: Sibradid, IASI. Conteúdo: aprendizagem e desenvolvimento motor; biomecânica; fisiologia do exercício; cineantropometria; Pedagogia e Educação Física (este item oferece indicadores ilustrativos da riqueza do nosso periodismo: ora observamos as temáticas, ora assuntos, dependendo da revista).

1986 – 2002 Revista Paulista de Educação Física: publicada pela Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. Veicula artigos que abrangerão todos os assuntos ligados à Educação Física. Ciclo de Vida: 1986-2002: 31 números. Quantidade de artigos: aproximadamente 560. Periodicidade: semestral. Formato: A4 e diagramação em dupla coluna. Número de páginas: de 60 a 160 páginas por exemplar. Âmbito de Circulação: nacional. Tiragem: 1.000 exemplares. Publicidade e Espaço Publicitário: inexistente. Iconografia: inexistente. Indexadores: Lilacs; Sports Documentation Monthly Bulletin (University of Birmingham); IASI. Conteúdo: aprendizagem e desenvolvimento motor; biomecânica, biodinâmica do movimento humano; pedagogia do movimento.

1987 – 2003 Revista Brasileira de Ciência & Movimento: editada pelo Centro de Estudos e Laboratório de Atividade Física e Saúde de São Caetano do Sul (CELAFISCS) e Universidade Católica de Brasília. Especializada na publicação de artigos sobre atividade física e saúde.

1988 – 2003 Motrivivência: chancelada pela Universidade Federal de Sergipe/Universidade Federal de Santa Catarina. Nasce como periódico científico, preocupado com a disseminação da pesquisa em todos os níveis de ensino. Ciclo de Vida: 1988-2003: 17 números. Quantidade de artigos: 350. Periodicidade: variável com ênfase na semestralidade. Formato: livro com diagramação em dupla coluna. Número de Páginas: de 90 a 370 por exemplar. Âmbito de Circulação: nacional. Tiragem: estimada entre 1.000 e

2.000 exemplares. Publicidade e Espaço Publicitário: livros e revistas. Iconografia: uso freqüente de ilustração de imagens, charges em preto e branco. Indexadores: Sibradid. Conteúdo: currículo; o esporte e suas diversas concepções; o corpo; a Educação Física escolar e o compromisso com a escola pública; pesquisa; Educação Física: teoria e prática; o jogo e o brinquedo; Educação Física: globalização e profissionalização; políticas públicas; teoria e metodologia na Educação Física; movimentos sociais; corpo e sociedade; comunicação e mídia.

1989 – 2002 Revista de Educação Física/UEM: editada pelo Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá. Revista dedicada à veiculação de "resultados de pesquisas teóricas, históricas, experimentais, aplicadas e tecnológicas".

1990 – 1997? Synopsis: chancela do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná. Publica temas sobre Educação Física, esporte, lazer e saúde. (Obs. O ponto de interrogação significa o desconhecimento sobre a continuidade da publicação).

1993 – 2002 Revista Mineira de Educação Física: chancelada pelo Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa. Divulga pesquisas de conteúdo geral sobre Educação Física.

1993 – 2003 Motus Corporis: chancelada pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Física da Universidade Gama Filho. Publica artigos predominantemente na interface Educação Física, esporte, lazer, Pedagogia e Ciências Sociais. Ciclo de Vida: 1993-2003: 18 números. Quantidade de artigos: aproximadamente 300. Periodicidade: semestral. Formato: livro com diagramação em página inteira. Número de Páginas: de 53 a 240 páginas por exemplar. Âmbito de Circulação: nacional. Tiragem: estimada em 500 a 1.000 exemplares. Publicidade e Espaço Publicitário: inexistente. Iconografia: ausente. Indexadores: Sibradid. Conteúdo: Educação Física, esporte, lazer, ginástica e corpo vistos pela Sociologia/Antropologia, Pedagogia, História, Fisiologia e Filosofia.

1993 – 2003 Discorpo: chancelada pelo Departamento de Educação Física e Esportes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Publica temas sobre motricidade humana; movimento humano; Educação Física/esportes; atividade física e saúde.

1994 – 2003 Movimento: chancelada pela Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Publica predominantemente artigos tendo a Educação Física/Esporte como objeto visto pela Pedagogia e Ciências Sociais. Ciclo de Vida: 1994-2003: 20 números. Quantidade de artigos: aproximadamente 200. Periodicidade: semestral. Formato: entre 1994 e 2002 possuiu o tamanho A4 e diagramação em dupla coluna. A partir de 2003, assume o formato livro com diagramação em página inteira. Número de Páginas: entre 50 e 100 páginas por exemplar até 2002. Âmbito de Circulação: nacional. Tiragem: 500 exemplares. Publicidade e Espaço Publicitário: novas publicações. Iconografia: uso exclusivo nos artigos científicos. Indexadores: *Sibradid* e *Latin American Periodicals Tables of Contents*- LAPTOC. Conteúdo: Educação Física, esporte, jogo, dança nos diferentes níveis de escolarização; esporte na escola e de rendimento; formação profissional inicial e continuada; gênero; História Institucional da Educação Física, do Esporte e do Lazer; Psicologia do Esporte; metodologia da pesquisa; publicações científicas; Ciência, Educação Física e esporte; Biologia do exercício.

1995 – 2003 Motriz: editada pelo Departamento de Educação Física da Universidade Estadual Paulista – Rio Claro/SP. Dedicada

à divulgação de artigos "sobre motricidade humana, seja no campo da tecnologia, da ciência ou da filosofia".

1996 – ? Treinamento Desportivo: chancelada pelo Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná. Publica artigos sobre treinamento desportivo.

1996 – 2001? Corporis: chancela da Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco. Publica sobre a área de Educação Física.

1996 – ? Perspectivas em Educação Física Escolar: chancelada pelo Departamento de Educação Física e Desportos da Universidade Federal Fluminense. Especializada em Educação Física na escola.

1997 – 2003 Corpoconsciência: chancelada pela Faculdade de Educação física de Santo André em São Paulo. Publica sobre a área de movimento humano.

1997 – 2003? Perfil: chancelada pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Veicula artigos sobre temáticas relacionadas com a área de Ciência do movimento humano.

1998 – 2002 Licere: chancelada pelo Centro de Estudos do Lazer e Recreação da Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais. Apresenta as seguintes seções: "Múltiplos Olhares; Artigos; Vivências Cotidianas; Entre-Vistas e Tome Ciência!".

1998 – 2002 Conexões: Educação, Esporte, Lazer: chancelada pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Discute a problemática do esporte, do lazer e da Educação Física do ponto de vista teórico dos historiadores/cientistas sociais.

1999 – 2003 Ciência em Movimento: recebe chancela da Faculdade de Ciências da Saúde do Instituto Porto Alegre da Igreja Metodista. Publica sobre as áreas de Educação Física, Fonoaudiologia, Nutrição, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

1999 – 2003 Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano: chancelada pelo Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina. Publica artigos sobre antropometria, aptidão física, esportes, medicina do esporte e saúde.

2000 – 2003 Cinergis: chancelada pelo Departamento de Educação Física e Saúde da Universidade de Santa Cruz do Sul. Publica artigos sobre a área de Educação Física.

2000 – 2003 Revista Paranaense de Educação Física: chancelada pelo Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná. Publica sobre Educação Física e esportes.

Situação Atual O periodismo científico da Educação Física e Esportes vive uma expansão sem precedentes; porém nascimento e morte de revista caminham juntos. Uma crise de autoridade científica está presente, gerada por novas exigências de qualidade e produção, segundo indicadores acadêmicos reconhecidos nacional e internacionalmente. A face visível dessa problemática pode ser observada pela dificuldade expressa na ausência de infra-estrutura adequada para edição e impressão, deficiência de canais de distribuição, tiragem reduzida (entre 500 e 1.000 exemplares), financiamento. Essas dificuldades estão associadas pretensamente a questões específicas de maturidade da comunidade científica.

Fontes (ver mapa)

Imprensa Científica de Educação Física e Esporte: periódicos, período de circulação, local e chancela

Journals on P.E. and sport: denomination, circulation period, place and sponsoring university



Fontes / Sources Ferreira Neto, A. et al. Catálogo de periódicos de educação física e esporte (1930-2000). Vitória: PROTEORIA, 2002; Martins, A. L. Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Fapesp : Imprensa Oficial do Estado, 2001; Avaliação de Periódicos. Disponível em: www.proteoria.net. Acesso em: 16 jun. 2003; Periódicos Técnico-Científicos Nacionais da Área de

Educação Física, Esporte, Lazer, Recreação e afins, indexados na Base de Dados SIBRADID. 2003. Disponível em: www.sibradid.eef.ufmg.br/perio.html. Acesso em: 11 jun. 2003; REFELNET – Revistas On Line. Revistas em língua portuguesa. 2003. Disponível em: www.efmuzambinho.org.br/refelnet/refelnet.asp#115. Acesso em: 11 jun. 2003.

Publicações periódicas científicas em Educação Física e esporte de Sociedades científicas e Associações de categoria profissional

AMARÍLIO FERREIRA NETO

Journals on physical education and sports published by scientific societies and professional associations

The publication of institutional scientific journals in Brazil started at the turn of the 20th century based on periodicals from areas such as medicine, pharmacology, and legal medicine. The journals published by scientific societies and associations of physical education and sports turned up in the last quarter of the 20th century. They came from various types of press such

as variety press, sports press, military interest, teaching, physical education teaching and technical interest in the teaching of physical education and sports in addition to the accumulated experience the national and international universities and scientific societies had had. This chapter discloses information on eight publications. It is then possible

to observe some degree of difficulty in the maintenance of the periodicity of the journals, reduced number of printings, low qualification of journals by indicators of indexed catalogues, inefficiency of editorial boards, judges and authors, lack of private financial sources and excessive dependence on public financial sources.

Origens e Definições No Brasil, o periodismo científico institucional possui seus pilares especialmente na virada do século XIX–XX. Todavia, a base sobre a qual nosso periodismo científico institucional foi erguida, surgiu das revistas de Medicina, de Medicina Legal e Criminologia, de Farmacologia, de Odontologia, de Ciências Agrônomicas, de Engenharia, de Direito, de História e Geografia e da Museologia. As revistas de sociedades científicas e de associações de categoria da Educação Física e Esporte apareceram no último quarto do século XX e são descendentes da imprensa de variedades, de esportes, de interesse militar, de ensino, de ensino da Educação Física e de interesse técnico de ensino da Educação Física e Esportes, em adição à experiência acumulada pelas universidades e sociedades científicas brasileiras e estrangeiras. Tal evolução só recentemente tem tido atenção de pesquisadores brasileiros que estão verificando como elas tem se desenvolvido. Exemplo disso e da diversidade do periodismo da área é a Revista Brasileira de Fisiologia do Exercício, editada pelo Grupo Sprint, surgida recentemente como único periódico do tipo científico da área de Educação Física e Esportes que não possui vínculo com Universidade, Sociedade Científica e Associação de Categoria Profissional.

Década de 1970 A imprensa científica de Educação Física surge associada à pós-graduação stricto sensu e à criação de sociedades científicas neste período (algumas revistas adiante, recebem um breve detalhamento como indicador do que pode ser feito para conhecer a materialidade de cada impresso).

1979 – 2003 Revista Brasileira de Ciências do Esporte Editada pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte - CBCE. Pioneira como periódico científico mantido por sociedade científica no Brasil. Veicula artigos sobre temáticas variadas na área, atualmente, reconhecida como Educação Física. Ciclo de Vida: 1979-2003: 71 números. Em 1981, 1983, 1985, 1987, 1989, 1991, 1993, 1995, 1999, os anais do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte foram veiculados na revista. Quantidade de artigos: aproximadamente 1.200. Periodicidade: quadrimestral. Formato: entre 1979 e 2000, possuiu o tamanho A4 e diagramação em dupla coluna. A partir de setembro de 2000, assume o formato livro com diagramação em página inteira. Número de Páginas: média de 200 páginas por exemplar. Âmbito de Circulação: nacional. Tiragem: 2.000 a 3.000 exemplares. Publicidade e Espaço Publicitário: iniciativas precárias em todo ciclo de vida do periódico. Iconografia: uso exclusivo nos artigos científicos. Indexadores: *Sibradid*, *Sportsearch*, *Sport Discus*, *Ulrich's International Periodicals*, Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas. Conteúdo: “O que é deficiência?; Lazer; CBCE: 10 anos – A Educação Física face a nova LDB; O que é Motricidade Humana?; O dirigente desportivo; Educação Física: ensino; Aprendizagem Motora; Atividade Física e Saúde; Currículo; Metodologia; Epistemologia e Educação Física; Saúde e Qualidade de Vida; Formação Profissional Docente e Prática Educativa em Educação Física; Educação Física Escolar; Atividade Física e Envelhecimento; Bases Biológicas da Educação Física e Esporte; Pós-Graduação em Educação Física; Políticas Públicas em Educação Física, Esporte e Lazer; História da Educação Física e Esporte” (dada a extensão do material, optamos por indicar, apenas, ora os principais eixos temáticos, ora os assuntos de alguns exemplares da maioria dos periódicos).

1982 – 1999? Revista APEF – Londrina Chancelada pela Associação dos Professores de Educação Física de Londrina – PR.

Dedicada exclusivamente aos conteúdos relacionados com a atividade física e saúde. Pioneira como revista científica mantida por entidade representativa de segmento de categoria profissional. Ciclo de Vida: 1982-1999?: 14 números. Quantidade de artigos: 140. Periodicidade: semestral. Formato: A4 e diagramação em dupla coluna. Número de Páginas: entre 30 e 100 páginas por exemplar. Âmbito de Circulação: nacional. Tiragem: 1.000 exemplares. Publicidade e Espaço Publicitário: produtos variados. Iconografia: inexistente. Indexadores: Sibradid. Conteúdo: antropometria de escolares; medidas e avaliação em atividade física e saúde com abordagem de diferentes variáveis, metodologia do treinamento desportivo: estudo de diversas valências físicas; bases biológicas do esporte; conceito de esporte; efeitos da prática do esporte em diferentes idades; nutrição, atividade física, performance e saúde; futebol na escola; avaliação formativa na formação profissional; formação inicial do professor; caracterização profissional da Educação Física; pós-modernidade e Educação Física; prática pedagógica da Educação Física; Educação Física escolar e promoção da saúde; aspectos psicológicos da prática do esporte; aprendizagem de esportes; atividade científica.

1995 – 2003? Revista Brasileira Atividade Física & Saúde Editada pela Associação de Professores de Educação Física de Londrina. Aborda temáticas exclusivas da área de atividade física e saúde. Ciclo de Vida: 1995-2003?: aproximadamente 15 números. Quantidade de artigos: aproximadamente 300. Periodicidade: semestral. Formato: A4 e diagramação em dupla coluna. Número de Páginas: entre 80 e 100 por exemplar. Âmbito de Circulação: nacional. Tiragem: possivelmente 1.000 exemplares. Publicidade e Espaço Publicitário: produtos variados. Iconografia: ausente. Indexadores: Lilacs e Sibradid. Conteúdo: bastante similar aos da APEF – Londrina. (Obs. O ponto de interrogação significa o desconhecimento sobre a continuidade da publicação).

1995 – 2003 Revista Brasileira de Medicina do Esporte Editada pela Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte-SBME. Publica artigos sobre as áreas de Medicina do Esporte e Educação Física.

1996 – 2003 Revista da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada - SOBAMA Publica artigos sobre as áreas de Educação Física, Esportes, Fisioterapia e Educação Especial. Ciclo de Vida: 1996-2003: sete números. Quantidade de artigos: aproximadamente 70. Periodicidade: anual. Formato: A4 e diagramação em dupla coluna. Número de Páginas: média de 60 páginas por exemplar. Âmbito de Circulação: nacional. Tiragem: estimada em 1.000 exemplares. Publicidade e Espaço Publicitário: inexistente. Iconografia: ausente. Indexadores: Sibradid. Conteúdo: Educação Física, Esportes, Fisioterapia e Educação Especial.

2000 – 2003 Revista Brasileira de Biomecânica Chancelada pela Sociedade Brasileira de Biomecânica - SBB. Publica exclusivamente temas da área de biomecânica.

2001 – 2003 Fitness & Performance Journal Órgão oficial do Colégio Brasileiro de Atividade Física, Saúde e Esporte - COBRASE. Divulga artigos originais, de revisão e de tradução nas áreas de Ciências da Saúde, de Atividade Física e de Esporte. Ciclo de Vida: 2001-2003: nove números publicados: quantidade de artigos: aproximadamente 40. Periodicidade: bimestral. Formato: tamanho A4 com dupla coluna. Número de Páginas: 60. Âmbito de Circulação: nacional e internacional. Tiragem: 30.000 exemplares.

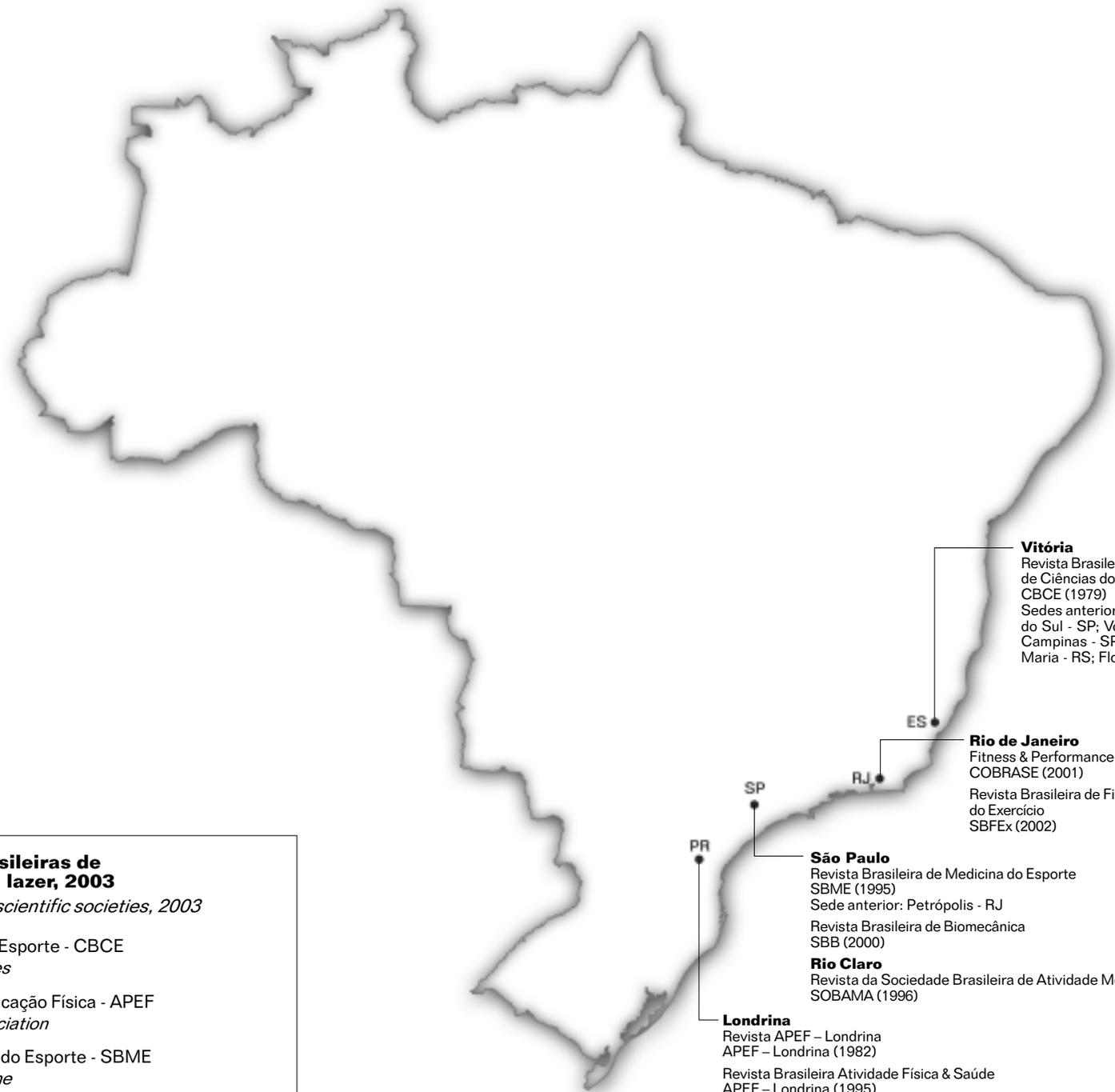
Publicidade e Espaço Publicitário: recurso muito utilizado no periódico, o que lhe confere similitude com um magazine. Iconografia: recurso presente em todos exemplares tanto para veicular produtos e serviços quanto nos artigos científicos. Indexadores (ou em processo final de indexação): *Academic Press*, *Elsevier*, *Embase*, *ERIC*, *FSTA – Food Sciences & Technology Abstracts*, *Heracles*, *Institute of Scientific Information*, *LILACS*, *Medline*, *Physical Education Index*, *Scielo*, *Scirus*, *SIBRADID*, *SIRC e Sport Discus*. Conteúdo: stress; percepção corporal; futsal; abdominais; avaliação física; ginástica olímpica, voleibol: perfil genético, somatotípico e psicológico; flexão de braços; força e flexibilidade; aprendizagem da natação; perfil de nadadores e frequência cardíaca no meio aquático; hidroginástica e hidroflexibilidade; qualidade de vida e atividade física na maturidade; antioxidantes fenólicos na prática esportiva; suplementação e massa muscular; ginástica laboral, ginástica de academia, step e fisiologia da ginástica; condicionamento físico; a cultura dos corpos nas academias; creatina; aprendizagem de tênis; aprendizagem motora; hidratação.

2002 – 2003 Revista Brasileira de Fisiologia do Exercício Chancelada pela Sociedade Brasileira de Fisiologia do Exercício - SBFEx e publicada pela Editora Sprint. Divulga artigos originais e revisão na área da fisiologia do exercício, com ênfase eminentemente aplicada. Todos os artigos são publicados, simultaneamente, nos idiomas português e inglês. Os artigos, em sua versão completa, encontram-se disponíveis na internet, no site www.saudeemmovimento.com.br/revista/rbfex.

Situação Atual O periodismo científico brasileiro da Educação Física se configurou nos últimos 25 anos por necessidade da comunidade científica vinculada à graduação, à pós-graduação, às sociedades científicas e à associação de categoria profissional. No estágio presente há evidências de que se vive uma crise de autoridade científica gerada por novas exigências de qualidade e produção, segundo indicadores acadêmicos reconhecidos nacional e internacionalmente. A face visível dessa problemática pode ser observada pela dificuldade expressa na manutenção da periodicidade, em tiragens geralmente baixas, na qualificação do periódico nos indexadores, na presença de endogenia nos conselhos editoriais, pareceristas e autores, na captação de produção original de autores nacionais e internacionais, na capacidade de fazer circular os periódicos no Brasil e no exterior – especialmente nas comunidades científicas de língua inglesa e espanhola –, e nas limitações do uso de publicidade, implicando na ausência de financiamento privado e dependência excessiva de financiamentos de agências públicas de fomento. Diante dessa situação, o editor funciona como um “patrono” que se responsabiliza pela inserção da revista na área, por criar e manter a identidade da publicação, acompanhar a avaliação editorial, coordenar com rigor o processo de avaliação por pares, identificar as limitações da revisão por pares, estabelecer comunicação profissional com os autores, cuidar da produção, publicação e das finanças. Há evidências iniciais que indicam a necessidade de classificá-los como periódicos científicos gerais e especializados de referência nacional e regional e, ainda, como periódicos genéricos de divulgação ampla e restrita, nos quais se insere a imprensa periódica de ensino e técnica.

Fontes FERREIRA NETO, A. et al. Catálogo de periódicos de educação física e esporte (1930-2000). Vitória: PROTEORIA, 2002 (ver capítulo anterior para as demais referências).

Publicações de Sociedades científicas e Associações profissionais: local, periódico, ano inicial de circulação e chancela
Journals issued by scientific Societies and professional Associations: place, denomination, institution and first year of circulation



Sociedades científicas brasileiras de esporte, Educação Física e lazer, 2003
Brazilian sport, P.E. and leisure scientific societies, 2003

Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte - CBCE
Brazilian College of Sport Sciences

Associação de Professores de Educação Física - APEF
Physical Education Teachers Association

Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte - SBME
Brazilian Society of Sport Medicine

Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada - SOBAMA
Brazilian Society of Adapted Motor Activities

Sociedade Brasileira de Biomecânica - SBB
Brazilian Society of Biomechanics

Colégio Brasileiro de Atividade Física, Saúde e Esporte - COBRASE
Brazilian College of Physical Activities, Health and Sport

Sociedade Brasileira de Fisiologia do Exercício - SBFEx
Brazilian Society of Exercise Physiology

Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte - SOBRAPE
Brazilian Society of Sport Psychology

Associação Brasileira de Recreadores - ABRE
Brazilian Association of Recreation - ABRE

Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana - SPQMH
Quantitative Research Society in Human Motricity - SPQMH

Vitória
 Revista Brasileira de Ciências do Esporte
 CBCE (1979)
 Sedes anteriores: São Caetano do Sul - SP; Volta Redonda - RJ; Campinas - SP; Maringá - PR; Santa Maria - RS; Florianópolis - SC

Rio de Janeiro
 Fitness & Performance Journal
 COBRASE (2001)
 Revista Brasileira de Fisiologia do Exercício
 SBFEx (2002)

São Paulo
 Revista Brasileira de Medicina do Esporte
 SBME (1995)
 Sede anterior: Petrópolis - RJ
 Revista Brasileira de Biomecânica
 SBB (2000)

Rio Claro
 Revista da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada
 SOBAMA (1996)

Londrina
 Revista APEF – Londrina
 APEF – Londrina (1982)
 Revista Brasileira Atividade Física & Saúde
 APEF – Londrina (1995)

Editoras de livros de esporte, Educação Física e lazer

ESTÉLIO HENRIQUE MARTIN DANTAS E DANTE GASTALDONI

Physical education, sports and leisure publishers

The book “Tratado de Educação Physico-Moral dos Meninos” (theme: P.E. and moral behavior for children) by Joaquim Jeronymo Serpa, published in Recife-PE in 1829, is a good example of isolated Brazilian work on physical education and sports printed and sold before the so-called pioneer period. This phase started at the turn of the 19th/20th century with publications in (1) São Paulo: “A Ginástica nas aulas -1895”(theme: gymnastics in schools) and “Manual Theorico-Pratico de Natação – 1903” (theme: swimming- theory and practice) both written by Manuel Baragiola and published by Libreria Italiana, São Paulo, and (2) Rio de

Janeiro: “História do Turfe no Brasil”(theme: history of turf in Brazil) by Thomaz Rabello (Editora Leuzinger, 1901) and “A Natação: Tratado Prático de Natação e Salvação”(theme: practice of swimming) by Paul Blache (Livreria Garnier, 1909). These are technical and historiographic publications, indicating the existence of a professional market for sports books around a century ago. If on the one hand the 1930s witnessed an important push in the publication of Brazilian technical books on sports sponsored by private publishers, on the other hand the 1970s had the federal government enter the market subsidizing books on physical

education. Today the profile of private and government publishing houses is still the same, but the dichotomy specialized publisher vs university presses (generally eclectic, some belonging to private schools) has increased. This chapter outlines the marketing share of the publishers on sports, how they are characterized and exposed: in 2002, the private publishing houses put out 422 titles (676,000 copies) while up to June 2004 the university presses had published 722 titles with an average of 1,000 copies per title (data from 52 respondents among 106 university publishers in Brazil) on physical education, sports and leisure.

Origens Em 1829, publicava-se em Recife-PE, o “Tratado de Educação Physico-Moral dos Meninos” de Joaquim Jeronymo Serpa, possivelmente o primeiro livro impresso no Brasil no tema da Educação Física. Antes circulavam na Colônia e no Primeiro Império, livros vindos de Portugal abordando conselhos de boa saúde e boa moral, na mesma feição da obra de Jeronymo Serpa. Entre estes é sempre citado o “Tratado da Educação Física dos Meninos para uso da Nação Portuguesa publicado por ordem da Academia Rural das Ciências de Lisboa”, impresso em 1790, de autoria de Francisco de Melo Franco, de nacionalidade brasileira (ver capítulo ‘Filosofia do esporte’ neste Atlas). Em 1838, o Governo da Província do Rio de Janeiro – então capital do Império – faz traduzir e imprimir a obra do francês Barão J.M. Gerardo, ‘Educação Physica’, a fim de apoiar o ensino da ginástica nas ‘escolas normais’ brasileiras (idem capítulo ‘História da Educação Física, Esporte, Dança e Lazer’) que formavam professores para escolas elementares. A partir destas obras pioneiras e isoladas, são detectados impulsos de publicação de livros em Educação Física e sobre esportes no país na passagem do século XIX para o XX; na década de 1930, com ênfase no esporte; e finalmente na década de 1960, a partir da qual criou-se continuidade na indústria livreira e a consolidação da demanda por livros técnicos e científicos tanto na Educação Física como no esporte, aos quais se agregou a literatura sobre o lazer nos vieses adotados hoje pelas atividades físicas.

1851 Institui-se a lei n.º 630 que inclui a ginástica nos currículos escolares do Império. A partir deste marco regulatório vários governos de províncias e instituições de ensino – principalmente escolas normais – geram manuais e livros para orientar a nova atividade. Esta fase perdura até 1915, quando a Editora Weiszflog Irmãos (SP) publica ‘Da Educação Physica: o que ella é, o que tem sido, o que deveria ser’ de Fernando Azevedo, dando início a oferta de livros teóricos sobre a Educação Física no Brasil (ver capítulo ‘História da Educação Física, Esporte, Dança e Lazer’, período 1851 - 1915).

1890 – 1910 Aparecem as primeiras obras sobre esportes, somando-se à oferta anterior voltada para a Educação Física. Exemplos relacionados a São Paulo-SP: “A Ginástica nas aulas” de 1895 e “Manual Theorico-Pratico de Natação” de 1903, ambos de autoria de Manuel Baragiola e publicados pela Libreria Italiana Fratelli Bertolotti de São Paulo; Rio de Janeiro: “História do Turfe no Brasil” por Thomaz Rabello (Editora Leuzinger, 1901); “A Natação: Tratado Prático de Natação e Salvação” de Paul Blache (Livreria Garnier, 1909); e “História do sport náutico no Brasil” (s/editora, 1909), de Alberto Mendonça. Todas estas obras são técnicas ou historiográficas sugerindo a existência de um mercado profissional e/ou de diletantes esportivos desde há um século no país. Uma fonte a ser citada para o alcance desta conclusão é o inventário recente de Genovez & Andrade de Melo (1998) sobre livros publicados em Educação Física e esportes no Brasil desde o século XIX.

Década de 1930 Neste período surge um novo surto de publicação de livros de esporte identificado por Miragaya & DaCosta (2000), concentrando-se na natação como se observa pelos livros citados por este pesquisadores com as respectivas datas de publicação: Gama, jr., C.N. (1934). Manual de Natação. São Paulo: Casa Siqueira-Salles de Oliveira & Cia Ltda; Lamego, J.L. (1937). Natação de Velocidade. Rio de Janeiro: Editora Liga Carioca de Natação;

Lotufo, J. (1938). Ensinando a Nadar. Rio de Janeiro: Companhia Brasil Editora; Monegal, J. & Sá, L.G. (1938). Tratado de Natação. Porto: Livreria Simões Lopes de Domingos Barreira (livro importado); Saito, T. (1935). Como Vencer na Natação. Rio de Janeiro: Schmidt-Editor; Coutinho, P. (1938). Gymnastica e Natação. Rio de Janeiro: J. do Valle. Como há um evidente hiato entre estes livros e o impulso do início do século, no livro de Gama Jr. há alusão no prefácio à obra de Blache esclarecendo que “desde 1909 até hoje, ainda não surgiu, editado em nosso vernáculo, nenhum livro sobre natação”. Uma possível explicação para tal queda na produção de livros, refere-se ao aparecimento de revistas de noticiário e de natureza técnica no intervalo de três décadas entre os surtos (verificar no capítulo ‘Publicações Periódicas de Ensino, de Técnicas e de Magazines em Educação Física e Esporte’ neste Atlas) que pode ter deslocado o interesse comercial sobre livros. Outra hipótese de mudança de interesse considera a liderança militar na área da Educação Física nas décadas de 1920 e de 1930, redundando em regularidade e especialização com a tradução dos manuais técnicos trazidos pela Missão Militar Francesa e publicados pelo então Ministério da Guerra. Foram os militares brasileiros que também iniciaram a produção de manuais na Escola de Educação Física do Exército, que apesar da pequena tiragem e circulação reduzida, podem ser caracterizados como parte dos antecedentes da produção bibliográfica técnica e científica nesta área.

Década de 1960 Após um novo arrefecimento nos anos de 1940 e de 1950, o mercado nacional de livros de esporte e de atividades congêneres recebe a influência nos anos de 1960 de obras em língua espanhola, a partir do material importado através de editoras especializadas como a *Editorial Stadium* (Argentina) e a *Paidotribo* (Espanha). Ainda no final da década de 1960 e durante o início da de 1970, o Governo Federal, através do Ministério da Educação e Cultura, inicia a edição de livros nas áreas de Educação Física, Esporte e Lazer, inicialmente sob a responsabilidade da Divisão de Educação Física e posteriormente da Secretaria de Educação Física e Esporte. Nesta iniciativa pioneira do Governo Federal na área em foco, as primeiras edições alcançaram grandes tiragens e um desses livros até hoje inclui-se entre os de maior circulação no país em seu gênero: “Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Desportivo”, de Lamartine DaCosta (editor) de 1968, com 18.000 exemplares distribuídos até 1972. A crescente demanda por este tipo de publicação à época, motivou que editoras privadas não especializadas lançassem livros de grande tiragem, tais como ‘Alongue-se’, de Bob Anderson, ou publicações na linha da medicina preventiva celebrizada pelo Dr. Kenneth Cooper. Inaugura-se, então, um processo de especialização editorial no segmento da Educação Física, daí derivando uma produção regular em escala industrial, seja por meio de editoras privadas, seja através das editoras universitárias que se sucederam aos programas governamentais de incentivo à produção de livros.

Década de 1970 As seis revistas técnicas de Educação Física e esportes que pontificaram no Brasil entre as décadas de 1930 e 1960 – três produzidas por entidades privadas e outras tantas por órgãos governamentais (ver ‘Publicações Periódicas...’) – podem ter inibido pretensamente a indústria editorial no setor de conhecimento em questão. Porém, nos anos de 1970, as revistas da linha esportiva já num contexto de grande notável expansão da Educação Física aparentemente passaram a estimular o consumo de livros de temática semelhante. De fato, o crescimento da

graduação em Educação Física antes de 1970, deu-se num ritmo de 3 a 4 (três a quatro) Instituições de Ensino Superior-IES de Educação Física, por década; mas entre 1968 e 1972 foram implantadas mais 31 IES privadas no país (ver ‘Cenário da formação profissional’ neste Atlas) num ritmo inusitado de crescimento. E a julgar pelo exemplo da revista “Artus”, periódico técnico-científico com noticiário, publicado pela Universidade Gama Filho-UGF desde 1976, houve um efeito de alavancagem na publicação de livros por esta IES privada. Ocorre que a “Artus” tornou-se o embrião da Editora daquela universidade, fundada oito anos depois, em 1984. A revista de periodicidade semestral era inteiramente voltada para a Educação Física e o esporte, trazendo artigos de professores, fisioterapeutas, médicos e especialistas interessados nas múltiplas relações entre o esporte e a cultura. Vale ressaltar que o periódico era, em boa parte, fruto da excelência da UGF nos esportes, respaldada desde Maria Lenk no início da década de 1940 e reafirmada posteriormente por vários medalhistas olímpicos apoiados por esta universidade. Em síntese, a experiência da UGF mostrou que as revistas no estágio dos anos de 1970 poderiam valorizar o livro e como este último teve continuidade em expansão nos anos seguintes estaria enfim terminada a competição entre estas mídias, se efetivamente tenha ocorrido.

Década de 1980 Nesta fase surge finalmente um mercado editorial específico voltado para o campo temático da Educação Física. Ocorrem lançamentos de diversos livros na área, realizados por editoras ecléticas, tais como a Ibrasa e a Atheneu, e até mesmo por editoras médicas, como a Guanabara-Koogan, a Artmed e a Interamericana, entre outras. Em Campinas-SP, a editora Papyrus se associa à UNICAMP para criar uma coleção de livros especializados em Educação Física e Lazer. É precisamente nesse período que as editoras universitárias começam a ampliar seus respectivos catálogos com títulos e periódicos na área da Educação Física.

1982 O Rio de Janeiro vê surgir a primeira editora privada brasileira especializada em Educação Física e Esportes. Trata-se da Sprint, que lança inicialmente três livros: ‘Ginástica Olímpica’, de José Carlos Eustáquio dos Santos e José Arruda, ‘Metas e Mitos’, de Sérgio Bastos Moreira e Nelson Bittencourt e ‘A Prática da Preparação Física’, de Estélio Dantas. Pode-se, portanto, atribuir à Sprint, o pioneirismo da especialização em Educação Física, Esporte e Lazer, dentre as editoras brasileiras não governamentais, reproduzindo no país um fenômeno que também se observava na Espanha, caracterizado por editoras particulares com campo temático bem demarcado, administradas por profissionais de Educação Física.

1986 Amplia-se o campo para as editoras privadas: surge no Rio de Janeiro a Shape, uma segunda editora privada especializada em Educação Física, que também é dirigida por profissionais de Educação Física. A empresa inicia seus trabalhos publicando os livros ‘Flexibilidade, Alongamento e Flexionamento’, de Estélio Dantas; ‘Informática e Educação Física’, de Sérgio Bastos Moreira e ‘Psicologia para o Esporte’, de Olavo Feijó. Como marca distintiva, a Shape passa a ser a única editora particular que atua no mercado editorial submetendo os originais recebidos à apreciação de um conselho editorial, que adota o princípio do *peer review* e utiliza o sistema do duplo-cego, para decidir o que será publicado.

Década de 1990 A produção da pós-graduação ganha visibilidade: o período caracteriza-se por um expressivo crescimento

do mercado editorial, com lançamento de diversos novos títulos, tanto oriundos de traduções como da crescente produção científica nacional. Nesse cenário, merece destaque a participação dos cursos de pós-graduação em Educação Física, que contribuíram com um aumento do número de originais disponíveis para publicação e com um aumento significativo da demanda por livros dessa área de saber. Exemplo significativo é o Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho, que iniciou uma política editorial sistemática, caracterizada pelos 19 títulos publicados desde então, garantindo-lhe a primazia em número de publicações no campo da Educação Física, dentre as 106 editoras universitárias que hoje são afiliadas à Associação Brasileira de Editoras Universitárias – ABEU.

O exponencial crescimento desse segmento de mercado motivou o surgimento de diversas editoras especializadas e de inúmeras "edições do autor", as quais, em sua grande maioria, desapareceram pouco tempo depois. Pode-se citar como exemplos dessa tendência a Performance Editora e a Editora Ney Pereira. A vida efêmera dessas editoras deveu-se, em parte, ao alto custo envolvido na produção dos livros, caracterizado, principalmente, pelo preço do papel, sempre indexado ao dólar; mas também foi fruto de algumas disfunções de um mercado editorial altamente centralizado, que atende a um país de dimensões continentais. Algumas dessas distorções vêm à tona quando se percebe que um significativo percentual do preço de capa do livro, não raro mais de 50%, são destinados ao livreiro e à distribuição. No entanto, nem todas as editoras que iniciaram suas atividades motivadas pelo crescimento desse mercado editorial saíram de cena. É o caso da Phorte Editora, de São Paulo-SP, e a Papyrus Editora, de Campinas-SP, também dirigida por profissional de Educação Física, que continuam na ativa. Outro fator significativo, fruto do já mencionado crescimento do mercado editorial específico, foi o de atrair a atenção das editoras de livros didáticos e das editoras ecléticas para o segmento da Educação Física. Diversas delas, como por exemplo, Manole, Revinter, Roca, Fontoura, Papyrus e ArtMed iniciaram um agressivo programa editorial na área, baseando seus lançamentos fundamentalmente em traduções e, com isso, enriquecendo expressivamente o acervo editorial disponível.

Situação atual Se a década passada foi de expansão, a atual é de consolidação. O mercado tem exigido doses crescentes de profissionalismo para colocar em circulação um produto que consiga conciliar conteúdo, qualidade gráfica e preço competitivo. A nova realidade ajudou a depurar e setorizar as editoras específicas da área, consolidando-as em dois grandes grupos, conforme a classificação do Sindicato Nacional de Editores de Livros–SNEL: as “pequenas editoras” (aquelas que possuem até 40 títulos no seu catálogo), tais como a Palestra, a Multiesporte, a Edgard Blucher, a Autores Associados e a Edibes, apenas para citar alguns exemplos; e as de “médio porte” (editoras que possuem de 40 a 400 títulos em seu catálogo), grupo do qual fazem parte Sprint, Shape e Phorte, além de algumas editoras que, embora não sendo especializadas na área, apresentam uma linha específica de publicações, como as já citadas Manole, Roca, Papyrus, Fontoura, Revinter. Os livros de Educação Física, Esporte e Lazer vêm aumentando sua participação no mercado editorial brasileiro desde 1990, à razão de 0,01% ao ano, conforme pode ser visto na Tabela 1. Este pressuposto é respaldado por dados do SNEL e representa apenas parte do mercado, mas trata-se de indicio significativo. A estimativa a considerar, no caso, é que as editoras vinculadas ao Sindicato estão ocupando cerca de 30% do mercado no segmento em pauta. Ou seja: a ordem de grandeza a se cogitar preliminarmente é de um mercado que movimenta cerca 676 mil exemplares (aproximadamente 422 títulos), a julgar pelos dados de 2002. Tomando-se ainda como exemplo deste último ano, a participação

das três editoras de médio porte especializadas em Educação Física no mercado editorial representou a publicação de 120.000 exemplares, com um faturamento estimado de R\$ 3.600.000,00 (três milhões e seiscentos mil reais).

Os problemas enfrentados por esse segmento de mercado, em tudo são semelhantes aos observados no mercado geral: dificuldade de distribuição, tiragens pequenas que aumentam o preço unitário do exemplar, a pirataria representada pelas cópias utilizadas produzidas por alunos e professores, além da ausência de uma política pública voltada para a distribuição de livros em escolas e bibliotecas. Entretanto, a crescente demanda vem incentivando o aperfeiçoamento deste mercado, propiciando o lançamento de produtos que cada vez mais agreguem qualidade e preços competitivos. Destacam-se neste mercado setorial dois livros publicados pela Shape em 2003: 'Metodologia Científica do Treinamento Desportivo', de Sérgio Bastos Moreira e Manoel José Gomes Tubino, que, com suas 13 edições se constitui no livro de Educação Física de maior número de edições no país; e 'A Prática da Preparação Física', cujos 26 mil exemplares comercializados em cinco edições o transformam no livro mais vendido desse segmento.

Outro aspecto de relevo que merece ser enfatizado no cenário atual, mormente a partir de 2000, é o crescimento exponencial da produção universitária brasileira. Contando hoje com 106 editoras associadas, a ABEU já conquistou um lugar de destaque no mercado editorial do país, conforme atestam o volume de títulos e o tamanho de seus estandes, que têm ocupado a maior área de exposição nas últimas edições da Bienal do Livro, tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo. A ABEU já foi citada, inclusive, como parâmetro de sucesso em um colóquio internacional sobre política editorial no âmbito universitário, realizado em setembro de 2001 na cidade de Coimbra, Portugal. Nesse contexto, o esporte vem ocupado um espaço crescente, conforme atesta Flávia Goullart Mota Garcia Rosa (UFBA), presidente da ABEU, lembrando que até junho de

2004, 52 das 106 editoras associadas à entidade já tinham publicado 722 títulos, com tiragens médias de 1000 exemplares, na área de Educação Física, Esportes e Lazer. Algumas dessas editoras notabilizaram-se por uma produção temática, como a Editora Gama Filho, que publicou diversos títulos sobre o tema dos Jogos Olímpicos e do Olimpismo recebendo como consequência em 2002, um diploma do Comitê Olímpico Internacional – COI, pela sua “dedicação na promoção e produção de trabalhos universitários em Olimpismo”. Na ocasião, a editora havia lançado a 'Biblioteca Básica em Estudos Olímpicos', um CD-ROM com seis livros de autores nacionais na temática olímpica. Esta mesma editora universitária tornou-se pioneira no país no tema da Educação Física, ao produzir um livro em inglês para venda no exterior em parceria com editora internacional. A obra em destaque foi "Worldwide experiences and trends in sport for All", de DaCosta, L. P. & Miragaya, A. (eds) de 2002 (800 páginas), com 87 autores de 36 países, sob a chancela e distribuição de *Meyer & Meyer Sport* (Aachen, Alemanha), segunda editora do mundo no segmento esportivo depois da *Human Kinetics* dos EUA.

Fontes Alfredo Gomes de Faria Jr. *et al.*, Uma Introdução à Educação Física, RJ,1999; Flavia Goullart Mota Garcia Rosa, Secretária da Associação Brasileira de Editoras Universitárias-ABEU (2004); Sindicato Nacional de Editoras de Livros-SNEL (2004); Miragaya, A. M. & DaCosta, L.P. (2000) Considerações históricas sobre métodos e técnicas do treinamento da natação no Brasil (1909 - 1938). VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, Gramado-RS, junho. Anais, UFRGS, EEF; Patrícia Falco Genovez & Victor Andrade de Melo, Bibliografia Brasileira sobre História da Educação Física e do Esporte. Editora Gama Filho, 1998, Rio de Janeiro; www.abeu.org.br; Editoras universitárias, nova questão coimbrã, Cremilda Medina; www.usp.br/jorusp/arquivo/2001/jusp572/caderno/txopiniao.html)

Tabela 1 / Table 1

Mercado editorial geral e específico da área de Educação Física, esporte e lazer
Brazilian market of sports, P.E. and leisure books, 1990 – 2003

Dados sem inclusão das editoras universitárias / University press not included

Ano	PRODUÇÃO (1º edição e reedição)				VENDAS			
	Títulos		Exemplares		Exemplares		Faturamento(R\$)	
	Geral	Ed. Fis.	Geral	Ed. Fis.	Geral	Ed. Fis.	Geral	Ed. Fis.
1990	22.479	38	239.392.000	76.000	212.206.449	60.800	901.503.687	1.824.000
1991	28.450	51	303.492.000	102.000	289.957.634	81.600	871.640.216	2.448.000
1992	27.561	50	189.892.128	100.000	159.678.277	80.000	803.271.282	2.400.000
1993	33.509	52	222.522.318	104.000	277.619.986	83.200	930.959.670	2.496.000
1994	38.253	53	245.986.312	106.000	267.004.691	84.800	1.261.373.858	2.544.000
1995	40.503	81	330.834.320	162.000	374.626.262	129.600	1.857.377.029	3.888.000
1996	43.315	89	376.747.137	178.000	389.151.085	142.400	1.896.211.487	4.272.000
1997	51.460	104	381.870.374	208.000	348.152.034	166.400	1.845.467.967	4.992.000
1998	49.746	129	369.186.474	258.000	410.334.641	206.400	2.083.338.907	6.192.000
1999	43.697	114	295.442.356	228.000	289.679.546	182.400	1.817.826.339	5.472.000
2000	45.111	121	329.519.650	242.000	334.235.160	193.600	2.060.386.759	5.808.000
2001	40.900	122	331.100.000	244.000	299.400.000	195.200	2.267.000.000	5.856.000
2002	39.800	127	338.700.000	254.000	320.600.000	203.200	2.181.000.000	6.096.000
2003*	16.180	53	98.620.000	106.000	81.580.000	84.800	1.083.500.000	2.544.000

*Dados referentes ao primeiro semestre do ano.
Fonte / source: SNEL

**Associações e movimentos –
abrangência nacional**



Associações de Professores de Educação Física – APEF

SERGIO SARTORI

Associations of Physical Education Teachers – APEF

The Associações de Professores de Educação Física (Associations of Physical Education Teachers – APEF) in Brazil are state and municipal associative and professional institutions that aim to organize the physical education profession at undergraduate level in order to develop political, technical and social actions within the sphere of physical education, sports, and physical activities of health and recreation/leisure. After the first APEF was founded in São Paulo-SP in 1935, all of the other state APEFs were successively created up to the 1970s when municipal

APEFs started to appear, showing a tendency that still exists today. The Federação Brasileira das Associações de Professores de Educação Física (Brazilian Federation of Physical Education Teachers' Associations of) was founded in 1946 to create the Conselho Profissional de Professores de Educação Física (Professional Council of Physical Education Teachers), which took place only in 1998. During the period of expansion (second half of the 20th century), the APEFs selected and proposed in different opportunities and compositions the following

objectives: to organize the professional category, to launch professional recycling courses, to organize conferences, to promote forums, deliberations and collective political actions, to develop social activities, to render services (insurance, credit services, loans, health insurance plans etc), to publish magazines and books focusing on professional themes. Although there are no precise data of activities conducted by all the APEFs together, members are estimated to be at least 20,000 physical education professionals.

Definição e origens As APEF são entidades associativas de caráter estadual e municipal que visam organizar a categoria profissional de Educação Física de nível superior com o propósito desenvolver ações de natureza política, técnica e social no âmbito da Educação Física, dos esportes e das atividades físicas de saúde e de lazer. A primeira APEF teve origem na mesma época da criação dos cursos superiores de Educação Física durante a década de 1930. A pioneira foi a de São Paulo-SP, fundada em 1935, e em seguida, já na década de 1940, surgiram a do Rio Grande do Sul-RS, em 1945, e a do Rio de Janeiro-GB (depois RJ), fundada em março de 1946. Neste mesmo ano de 1946 – e mais precisamente a partir dessas três entidades – foi fundada a Federação Brasileira das Associações de Professores de Educação Física com o propósito de criar a Ordem ou o Conselho Profissional de Professores de Educação Física. No geral, as APEF ao de expandirem por todo o país ao longo da segunda metade do século XX, elegeram em diferentes oportunidades e composições as seguintes funções: organização da categoria profissional, cursos de aperfeiçoamento, realização de congressos, promoção de fóruns, deliberações e ações políticas coletivas, desenvolvimento de atividades sociais, prestação de serviços (seguros, consórcios, caixa de empréstimos, planos de saúde etc) bem como publicação de revistas e livros focalizando temas da profissão de Educação Física.

Décadas 1940-1950 As APEF adotaram, nesta fase, uma postura predominante de aperfeiçoamento profissional avançado para seus associados e para a própria classe de professores de Educação Física. O meio predominante foi constituído por cursos em períodos de férias, então denominados de “Estágios Internacionais”. Para isso, as entidades líderes de SP, RS e RJ trouxeram prestigiados professores do exterior, de modo sistemático, com o apoio financeiro da então existente Divisão de Educação Física-DEF do Ministério da Educação e Saúde, sobretudo na fase em que Alfredo Colombo era o diretor, após 1956. Os mestres estrangeiros, em alguns casos, influenciaram na geração de escolas de pensamento e de tendências em versão brasileira. Neste particular, pontificaram Auguste Listello (França), Gehrard Schmidt (Áustria), Ivan Vargas (Iugoslávia), Piero Manarino (Itália), Margareth Froelich (Suécia) e Ilona Peuker (Hungria), esta última já vivendo no Brasil. Estes professores e os cursos de qualidade oferecidos pelas APEF efetivamente contribuíram para a passagem do Método Francês – método de instrução de exercícios físicos oficializado pelo Ministério da Educação e Saúde para todo o território nacional desde a década de 1930 – para formas abertas de ensino e conteúdos mais voltados para esportes.

Década de 1960 Os cursos de alto nível das APEF líderes passaram a incluir professores nacionais que já se destacavam em intervenções técnico – científicas no Brasil ou em países sul-americanos vizinhos, tais como Antônio Boaventura, (ginástica), Julio Mazzei (futebol) e Henrique Nicollini (natação). Em termos de intercâmbio sul-americano cabe registrar a participação de Milton Confré e Nelly Gomes, do Chile. Acrescente-se que o modelo das APEF foi adotado pelo SESC do Estado de São Paulo na área de atividades de lazer. Mesmo mais flexível pela própria natureza, esta área sofreu modificações conceituais importantes promovidas por Jofre Dumazedier (França) neste período, ao irradiar sua influência a partir de cursos de curta duração para professores de Educação Física. Em 1962, a DEF do Ministério da Educação e Saúde retirou seu apoio aos cursos internacionais, reduzindo assim a influência das APEF na classe profissional de Educação Física em âmbito nacional. Até então cerca de 600 professores por ano saíram de seus Estados em direção ao RS, SP e RJ para tais cursos (Rego Barros, 2003).

Década de 1970 Até este período as APEF tiveram expansão na dependência do crescimento da oferta de cursos superiores de educação física cobrindo a maior parte dos Estados. Registre-se ainda que até o final dos anos de 1960 surgiram APEF no Paraná e em Pernambuco. Estas novas entidades continuaram a tradição de promover eventos de natureza técnico-científica, sobretudo programas de capacitação profissional. Também neste estágio de evolução das APEF, os primeiros sinais de estagnação em termos de atividades fizeram-se presentes. Este desaceleração deveu-se tanto ao retorno de professores brasileiros pós-graduados no exterior (mestrado e doutorado) como pela criação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte – CBCE. Ambos os fatos representaram estímulos a um pensamento acadêmico mais voltado para problemas e soluções nacionais, distantes portanto, de fórmulas importadas. Além disso, o país entrou na fase de organização de congressos que substituiu a fase de cursos de aperfeiçoamento. Quanto à expansão propriamente dita, ocorreu nesta década um crescimento principalmente de APEF locais (municipais), sobretudo nos Estados de PR e SC, coincidente com a tendência à interiorização das Instituições de Ensino Superior em Educação Física. Destaca-se também neste período as deliberações do Congresso de Educação Física realizado pela APEF-GB (hoje RJ) que determinou as ações para que se processasse a luta pela regulamentação da profissão.

Década de 1980 Revitalização da Federação das APEF, sob liderança de Inezil Pena Marinho, que assumiu de imediato as propostas de uma Educação Física de criação nacional – elegendo a capoeira como “método nacional” – e voltada prioritariamente para a regulamentação da profissão. Em 1985, a proposta de Inezil logrou ser aprovada pelo Congresso Nacional, mas foi vetada pelo Presidente da República, José Sarney. A segunda tentativa para a regulamentação profissional somente reapareceria no início dos anos de 1990. No início desta década surgiu a APEF de MG, que adotou o modelo de núcleos municipais.

1984 Elaboração da Carta de Belo Horizonte, que reforçou o suporte da ética como base da regulamentação profissional e a necessidade de um desenvolvimento da Educação Física brasileira apoiado em bases educacionais e de pesquisas científicas. Este documento de produção coletiva foi gerado em proveito de uma articulação entre o Movimento Esporte para Todos e a nova Federação das APEF. Outro resultado deste apoio mútuo foi a criação de APEF nos Estados brasileiros ainda não cobertos por tais entidades.

Interpretação do desenvolvimento – anos de 1980 Neste período, a proposta da regulamentação e respectiva busca de uma representatividade no contexto da política nacional trouxe avanços e retrocessos na tentativa de mobilização dos profissionais de Educação Física. Basicamente o conflito estabeleceu-se entre defensores da possibilidade de existência de uma categoria profissional específica e defensores da proposta de esvaziamento do movimento das APEF em face ao atrelamento ao movimento sindical. Confere-se ainda que, neste período, havia APEF em funcionamento em quase todos os estados brasileiros. Entretanto, ao final da década e início dos anos de 1990, em virtude da derrocada do primeiro projeto de lei que visou a regulamentação da profissão, identificou-se um esvaziamento no movimento das APEF, resumindo sua existência às associações que sobreviviam do desconto em folha e que ainda realizavam eventos.

Década de 1990 O funcionamento das APEF neste estágio configura-se a partir do resgate do movimento pela regulamentação da profissão, liderado pela APEF-RJ, com apoio dos segmentos de RS, SP, MG e SC. Retornou-se, então, ao ideário que deu origem às

APEF propriamente ditas nos anos de 1940 e à Federação renovada dos anos de 1980. O marco que encerra esta fase bem sucedida, na sua proposição central, é o da criação do Conselho Federal de Educação Física – CONFEF, em 1998, pela Lei 9696, com o propósito de regulamentar a profissão e estabelecer um correspondente código de ética. Neste estágio também se ampliou a tendência à prestação de serviços (seguros, empréstimos etc), gerando maior variedade de funções nas APEF estaduais.

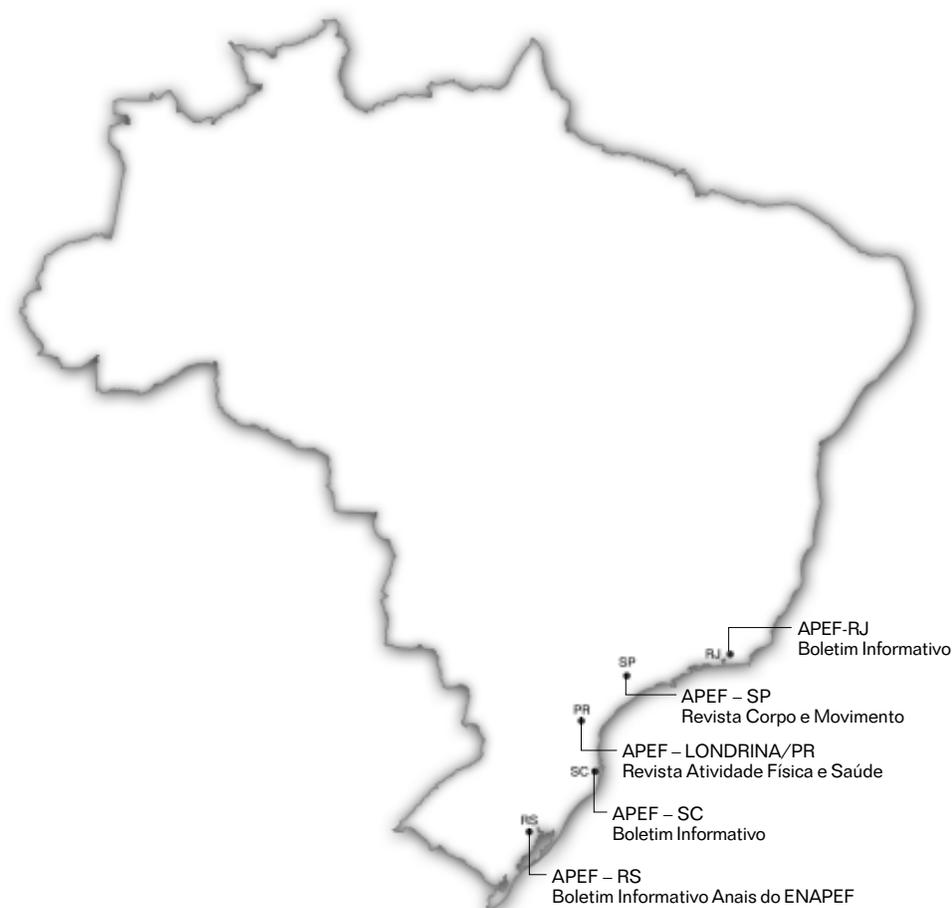
Situação Atual O crescimento das APEF tem acontecido pelo surgimento espontâneo de capítulos municipais em diversas regiões do país. O porte nacional deste novo tipo de entidade pode ser estimado pelo total de 25 entidades participantes na reunião que elegeu os primeiros membros do Conselho Federal de Educação Física em 1998. Embora não se tenham hoje dados precisos sobre as APEF estaduais em conjunto em sua representatividade nacional, pode-se avaliar suas novas tendências por entidades selecionadas em suas proposições e realizações, divulgadas por publicações próprias e por páginas institucionais na Internet. A nova tendência de municipalização das APEF, por exemplo, é mais evidente no Estado do Paraná, onde se contava no final de 2003 um total de 32 entidades municipais (FAPEF/PR, 2004). Em razão deste número foi criada naquele Estado uma federação estadual: a FAPEF/PR. Esta federação operava em 2003 em parceria com um sindicato: o SINDEFEPAR, isto é, o Sindicato dos Profissionais de Educação Física do Paraná, cujo presidente era o mesmo da federação. Nestas condições, há um novo modelo de associativismo profissional embrionário no país que concilia APEF com o sindicalismo e com a regulamentação da profissão e seu Código de Ética.

Já no RS, a conciliação se faz com a tradição, pois a APEF-RS é hoje a maior do país com 8.834 sócios (dado do final de 2003) e continua mantendo seus eventos de congregação profissional. Assim, o Encontro Nacional de Educação Física – ENAPEF, realizado anualmente na cidade de Capão da Canoa – RS, terá sua 30ª edição em 2004. Do mesmo modo acontece com o Congresso Gaúcho de Educação Física – CONGEF, evento anual que a APEF-RS organiza em Tramandaí – RS, sempre no mês de novembro. Além disso, esta Associação líder no país em sua categoria disponibiliza de forma bimestral o jornal da APEF-RS, ferramenta de comunicação entregue de forma gratuita aos associados. Ainda do âmbito de publicações, a entidade resgatou em 2003 a sua revista técnico-informativa (“Boletim Informativo”) antes tradicional na Educação Física brasileira. Entre os serviços disponíveis aos sócios, destaque-se também o Cartão do Associado, possibilitando descontos e vantagens em estabelecimentos comerciais. A APEF-RS participa de movimentos sociais, como o Agita Rio Grande, e apóia o desenvolvimento da classe por meio de seus veículos de comunicação, assim como a fiscalização que é realizada pelo CREF-2 do RS. Nestes termos, no caso da APEF-RS encontra-se mais uma vez a parceria com o CONFEF, como um posicionamento renovador do movimento das APEF em suas seis décadas de existência. De um modo geral, as APEF por todo o Brasil no estágio atual estão operando entre os modelos do RS e do PR em graus e composições distintas. Informações das APEF de MG, MS, MT e RJ são encontradas adiante a fim de apreciar os tipos de funcionamento destas entidades no Brasil. Estimadas em conjunto e de acordo com os casos ora em pauta neste capítulo, as APEF de todo o país devem totalizar um mínimo de 20 mil associados embora seja desconhecido o número de membros ativos e grau de adimplência destes participantes.

Fontes Darcymires Rego Barros em testemunho na Revista E.F. – Confef, nº 10, dezembro de 2003; www.apefrs.com.br; FAPEF/PR. A Educação Física e suas Amplitudes. Sergio Nascimento (Org.), 2004

Publicações das APEF por localização, 2003

APEF bulletins and magazines per location, 2003



APEF do estado do RJ – APEF- RJ, 1946 – 2003

APEF of Rio de Janeiro State, 1946 – 2003

Origem: 29 de março de 1946; Primeiro Presidente: Inezil Penna Marinho; Presidente atual: Sergio Kudsi Sartori; número de cadastrados: 2.430; Principais ações: publicação do Boletim Informativo APEF-RJ (desde 1947), de Organização de Competições de Esporte Coletivos – Renato Brito Cunha 1970, de Coletânea de Prova Para Concurso 1985 – Jorge Stenhilber e Jose Vieira, e versão 2001 – Sergio Sartori e Walfrido Amaral; Organização da categoria profissional no âmbito do Estado; Luta contra a extinção da carreira de Professor de Educação Física no Distrito Federal – 1946; Movimento pela regulamentação da profissão no Estado e em todo o país; Defesa pela garantia de três aulas semanais nos currículos escolares; Realização de congressos técnicos e científicos e desenvolvimento de cursos de Extensão Universitária (curso implantação do método calistênico,

programa de difusão de danças folclóricas etc); Busca de definições de terminologia nas atividades inerentes à Educação Física; Desenvolvimento da atividade acadêmica e profissional (prêmio Rui Barbosa); Aquisição de sede própria; Promotora de programas de capacitação profissional: Cursos de Reciclagem e Preparatório para Concursos do Magistério desde 1952, exclusivo para associados; Realização do Programa de Instrução Profissional para Provisionados 2000; Realizações de Fóruns: Educação Física Escolar, Esporte, Regulamentação das Atividades de Academias, Políticas Públicas; Difusora do processo de descentralização do movimento das APEF no país; Realização de Atividades sociais (Excursões, Festividades e Comemorações); APEF municipais do RJ: Campos, Niterói, Rio das Ostras, Costa Verde, Valença, Barra e Campo Grande.

APEF de Minas Gerais – APEFMIG, 1980 – 2003

APEF of Minas Gerais State, 1980 – 2003

Esta APEF foi fundada em 29 de março de 1980 e tem em seu acervo as seguintes realizações e intervenções: o conflito entre profissionais de Educação Física e Fisioterapeutas em relação ao mercado de trabalho; conquista do espaço de trabalho dos profissionais na ministração de aulas de 1ª a 4ª série; discussões e deliberações sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB e garantia da inclusão da Educação Física nesta mesma Lei; participação no “Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública”, através da Federação Brasileira das Associações dos Profissionais de Educação Física – FBAPEF; discussões das Leis Desportivas – LDBD; participação na lei orgânica do Estado de Minas Gerais; impedimento da implantação dos cursos de estudos adicionais; discussões sobre a regulamentação da profissão; intercâmbio entre os profissionais do Estado; criação de APEF e Núcleos Municipais e Regionais; trabalho integrado entre as demais entidades de Educação Física; participação ativa na construção dos Conselhos

Regionais e Federal da Educação Física; trabalho integrado junto a Secretaria de Estado da Educação na conquista de mais emprego e valorização dos Profissionais de Educação Física; participação na Assembléia que elegeu a primeira Diretoria do CONFEF no Rio de Janeiro; ação conjunta com o CONDIESEF e CREF 6 nas questões da regulamentação da profissão; e luta pela reativação da FBAPEF.

Hoje a APEFMIG promove ampliação do número de APEF e Núcleos, bem como estimula a reativação das entidades desativadas e manutenção das APEF ativas nos seguintes municípios do Estado de MG: Juiz de Fora, Barbacena, Cataguases, Ubá, Conselheiro Lafaiete, Itajubá, Pouso Alegre, Poços de Caldas, São Sebastião do Paraíso, Varginha, Uberlândia, Araguari, Monte Carmelo, Tupaciguara, Frutal, Iturama, Uberaba, Patos de Minas, Araxá, Ituitaba, Monte Carmelo, Montes Claros, Teófilo Otoni, Governador Valadares, Caratinga.

APEF de Mato Grosso do Sul – APEF-MS, 1980 – 2003

APEF of Mato Grosso do Sul State, 1980 – 2003

A Associação dos Profissionais de Educação Física de Mato Grosso do Sul foi fundada no dia 17 de setembro de 1980. Esteve ativa realizando eventos e participando dos movimentos e discussões relacionados à Educação Física do Estado, até o ano de 1991. Em seguida foi desativada de maio de 1994 a fevereiro de 1998. Reativou suas atividades no dia seis de abril de 1998, com uma diretoria que promoveu os seguintes reajustes: voltar a realização do Encontro Estadual de Educação Física; mobilização no Estado pela Regulamentação da Profissão; reativação das Coordenações de Educação Física na Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande e na Secretaria de Estado de Educação. A APEF-MS foi fundada reunindo 300 profissionais e hoje conta com 1.000 associados. Desde o início houve representantes de municípios do Estado, depois o Estatuto permitiu Diretorias Municipais nas cidades maiores e hoje há 10 destas entidades filiadas. Atualmente, a APEF-MS fomenta a organização de APEF municipais, as quais hoje totalizam 5, sendo 3 efetivadas e 2 em organização. As ações mais representativas ao longo de sua existência foram: desde 1980 participar das discussões e movimento brasileiro pela regulamentação da profissão; desde 1998 realizar o Encontro Sul-Mato-Grossense de Educação Física; e fazer transitar e unificar as informações da Educação Física nos municípios do estado de Mato Grosso do Sul.

Os eventos mais proeminentes realizados foram: 1998 – 1º Encontro Sul-Mato-Grossense de Educação Física (300 pessoas); 1999 – 2º Encontro Sul-Mato-Grossense de Educação Física (400 pessoas), 1º Seminário de Legislação Desportiva (50 pessoas) e Seminário de Educação Física Profissão Regulamentada: Realidade e Desafios (120 pessoas); 2000 – 3º Encontro Sul-Mato-Grossense de Educação Física (500 pessoas) e 2º Seminário de Legislação Desportiva (80 pessoas); 2001 – 4º Encontro Sul-Mato-Grossense de Educação Física (350 pessoas) e 1º Simpósio Sul-Mato-Grossense de Educação Física Escolar (60 pessoas); 2002 – 5º Encontro Sul-Mato-Grossense de Educação Física (600 pessoas) e 2º Simpósio Sul-Mato-Grossense de Educação Física Escolar (125 pessoas); 2003 – 6º Encontro Sul-Mato-Grossense de Educação Física – 13 a 16 de agosto, e 3º Simpósio Sul-Mato-Grossense de Educação Física Escolar – 25 s 27 de setembro.

APEF de Mato Grosso – APEF-MT, 1998 – 2003

APEF of Mato Grosso State, 1998 – 2003

A APEF – MT foi fundada em 27 de outubro de 1998 e em 2003 a entidade contava com 1.200 associados, mas apenas cerca de 100 são efetivamente participativos. A entidade não possui núcleos, mas representantes de cada segmento dentro do Estado, como por exemplo profissionais de academias, proprietários de academias e profissionais que atuam no setor público. Avanços: Indicação de profissionais como representante dentro do Conselho Estadual de Esporte e Lazer, Conselho Municipal da Capital de Esporte e Lazer; Participação em vários seminários, encontros dos profissionais da área; Reconhecimento pelo Estado como de Utilidade Pública; Indicação de projeto Leis para organização, criação e fiscalização de Academias e criação de Academias Públicas; Contatos com Sindicatos, Secretarias Estaduais, Municipais e Públicos. Outras lutas: ocupar os cargos dentro dos Conselhos, pois se pretende alterar a lei para ocupar uma vaga no Conselho Estadual de Educação e no Conselho Estadual de Saúde; e consolidar o Sistema CONFEF/CREF em Mato Grosso.

Associação Cristã de Moços – Movimento voluntário da Educação Física no Brasil

MARIO RIBEIRO CANTARINO FILHO
Colaborador: Lamartine DaCosta

Young Men's Christian Association -YMCA – voluntary movement for physical education in Brazil

The Young Men's Christian Association-YMCA, an internationally well known institution, had its very first South American organization founded in Rio de Janeiro in 1893, followed by the Porto Alegre YMCA (RS) in 1901, the São Paulo YMCA (SP) in 1902, and soon by many others in different Brazilian states. The expansion of the so-called YMCA movement in Brazil was such that it developed a tradition of more than 100 years joining physical education and sports, volunteer movement

and community activities. As YMCAs developed in Brazil, the SP YMCA increased in size, went through minor changes and ended up having more expression than the RJ YMCA, still keeping its original objectives and plans. Membership of SP-YMCA reached 70,000 in 1996. At this stage, the SP YMCA was assisting directly or indirectly around 200.000 people a year in 13 units and 5 centers of community development not only in the São Paulo City metropolitan region but also in the interior of

the state. Today the YMCAs in Brazil run their professional jobs supported by volunteers and by the mobilization of the community not only to obtain resources from the more affluent but also to serve the needy ones. In 2002, SP YMCA, one of the main YMCAs in the world, had 2,800 volunteers (1,350 in 1996) and 730 employees (740 in 1995). YMCA's intervention programs have kept the essence of the objectives proposed in 1893 (see chapter about the YMCA in this Atlas).

Origens definições A Associação Cristã de Moços-ACM, entidade de cunho internacional, instalou sua congênera na Cidade do Rio de Janeiro, a primeira na América do Sul, em 1893. Participaram de sua fundação 71 pessoas, em reunião à Rua 7 de Setembro nº 79. À frente da iniciativa estava Myron August Clark, missionário de religião protestante que veio para o Brasil, partindo de Nova Iorque, morando inicialmente em São Paulo e, depois, seguindo para o Rio de Janeiro. A ACM funcionou, inicialmente, à Rua da Assembléia nº 96. Em 1896, realizou-se uma campanha financeira para a aquisição de um prédio situado na Rua da Quitanda nº 47, onde a entidade se desenvolveu. Em 1917, a ACM promoveu nova campanha financeira para a compra de sua sede, campanha esta que foi renovada em 1926, concluindo com a aquisição da sede, em 1929, e instalando-se na Rua Araújo Porto Alegre nº 36. Foi esta sede vendida, nos anos 1950, e então construíram um prédio de 14 andares, em um terreno de 49 metros por 28 metros, situado na Rua da Lapa nº 40, sua sede final. Neste percurso de expansão a ACM brasileira desenvolveu um sentido de voluntariado que marca sua história de realizações no RJ e depois nos estados em que se instalou. Já no ano de 1954, a ACM RJ possuía, aproximadamente, cinco mil sócios. Suas atividades, nesta época, eram: ginástica, basquetebol, voleibol, pelota de mão, natação, halterofilismo, tênis de mesa, luta livre e “Snooker”. No início, as atividades físicas e esportivas da ACM no RJ tiveram a orientação de profissionais norte-americanos, desenvolvendo e divulgando, no meio esportivo, o basquetebol, o voleibol e a ginástica calistênica. Em síntese, o chamado movimento acemista brasileiro criou uma tradição de mais de cem anos combinando Educação Física com voluntariado, e estes com atividades de sentido comunitário, que até hoje prevalecem. Neste trajeto, a expressão maior da ACM no Brasil passou do RJ para SP, mas mantendo suas tradições originais.

1901 Em Porto Alegre, foi criada a Associação Cristã de Moços.

1902 Surgiu, na Cidade de São Paulo, a Associação Cristã de Moços, em 23 de dezembro, também por iniciativa de Myron August Clark.

1906 Primeira convenção nacional das ACMs brasileiras, com representantes do RJ, SP e RS.

1912 Na ACM, a prática do Basquetebol teve início, na sede da Rua da Quitanda nº 47, na cidade do Rio de Janeiro, em um pequeno ginásio, sob a orientação de Henry James Sims.

1913 A ACM brasileira lança uma revista de circulação nacional: “A Mocidade”.

1914 Funda-se com base na ACM brasileira, a Federação Sul-Americana de ACMs.

1915 A ACM promoveu, no Rio de Janeiro, um Torneio de Basquetebol, com a participação de equipes do Clube Internacional de Regatas, Colégio Sílvio Leite, Clube Ginástico Português, Corpo de Marinheiros Nacionais, América Futebol Clube e a própria ACM, que se sagrou vencedora. Nesse mesmo ano, também no Rio de Janeiro, a ACM organizou o primeiro Campeonato de Basquetebol da América do Sul. Na Europa, em plena 1ª. Guerra Mundial, a ACM brasileira se associou a federações acemistas de seis países para ajudar refugiados, posteriormente alojando parte deles como imigrantes no Brasil.

1918 Realização da V Convenção Nacional das ACMs quando foi criado o Dia das Mães lançado inicialmente pela ACM de Porto Alegre (oficializado pelo Governo Vargas para todo o país em 1931).

1920 A Associação Cristã de Moços criou o Instituto Técnico Continental, com sede no Rio de Janeiro, Buenos Aires e

Montevideu, onde foram formados Técnicos em Educação Física. Em SP, a ACM local já contava com cerca de mil sócios registrados.

1922 Desde essa data, Montevideu, como uma das sedes do Instituto Técnico da ACM, além de preparar pessoal administrativo, formava pessoal técnico em Educação Física, sendo que os brasileiros cursavam os dois primeiros anos da ACM no Rio de Janeiro, e os dois anos restantes, em Montevideu. Diplomaram-se naquela instituição, entre outros, os brasileiros: Renato Eloy de Andrade, Oswaldo Diniz Magalhães, Frederico Guilherme Gaelzer, Silas Raeder, H.P. Clark, Ciro de Moraes, Otacílio Braga e N. Pitthan e Silva. Nesse mesmo ano, a ACM participou da organização dos Jogos Olímpicos Latino-Americanos, que foram parte dos festejos do Centenário da Independência do Brasil (ver capítulo correspondente neste Atlas). Neste evento, a ACM se associou ao Comitê Olímpico Internacional e ao então existente Comité Olympico Nacional (antecessor do Comitê Olímpico Brasileiro-COB). Na sede de SP, os três departamentos – Educação Moral e Religiosa, Intelectual e Educação Física – da entidade reuniram neste ano 77.000 frequentadores.

1929 Nesse ano, o Diretor de Educação Física da Associação Cristã de Moços, do Rio de Janeiro, era Henry James Sims, diplomado pelos Institutos de Springfield e de Chicago, tendo vindo para o Brasil em 1912. Mas em 1929, os quadros da ACM, do Rio de Janeiro, já estavam nacionalizados na maioria de seus professores: Silas Raeder, como Diretor da Seção de Menores; H. P. Clark, Diretor de Educação Física e, antes, foi Secretário Geral; Ciro de Moraes, Diretor -Auxiliar de Educação Física e Otacílio Braga, Segundo Auxiliar Técnico.

Década de 1940 As ACMs abrigam “Tiros de Guerra” (estágios de treinamento militar para jovens, organizados pelo Exército Brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial) aderindo ao esforço de guerra do Brasil neste período. Antes, entre 1930 e 1932, a ACM de SP criara a “Casa do Soldado” para acolher militares em trânsito pela capital do estado de SP. Ainda nesta década as ACMs procuram aumentar o número de praticantes do sexo feminino para suas sessões de ginástica e esportes. Em 1944, a ACM de SP incorporava em seus quadros a primeira professora de ginástica: Maria Ohl.

1943 A ACM de SP totaliza 1.800 sócios neste ano.

1946 A ACM cria na Represa Billings-SP o seu primeiro acampamento de lazer e orientação de jovens no país. Em SP, a ACM local regulamenta e lança o Futebol de Salão criado no Uruguai.

1947 A ACM de SP modifica seus estatutos de modo a se tornar mais aberta e ecumênica, conforme proposição de Ítalo Portieri, seu presidente à época. Importante notar que a Igreja Católica desde os primórdios da ACM no Brasil mostrou-se hostil ao movimento acemista por ter se baseado nas igrejas evangélicas. Neste período, a ACM brasileira promoveu a realocação de refugiados de guerra europeus no Brasil, repetindo assim iniciativa semelhante ocorrida durante a 1ª. Guerra Mundial.

1948 O Arcebispado do RJ denuncia publicamente a ACM como uma “associação de heréticos”.

Década de 1950 Surgem iniciativas de integração de homens e mulheres nas funções da ACM, devido à predominância masculina nas atividades sociais, intelectuais e esportivas. Provavelmente, no campo esportivo este é o primeiro movimento para equidade entre gêneros no Brasil. O Exército Brasileiro adota oficialmente o método ginástico da Calistenia, introduzido e divulgado no país pela ACM.

1951 Consolida-se a reforma estatutária da ACM de SP estabelecendo paridade de representação entre religiões diversas de modo a equilibrar a maioria de metodistas, presbiterianos e batistas (ver neste Atlas o capítulo sobre Religião e Esporte para maiores informações sobre esta temática).

1960 A ACM de SP somava neste ano 12.145 sócios.

1964 As ACMs brasileiras criam seu próprio centro de formação, o Instituto Técnico de Preparação de Secretários da ACM de SP, desvinculando-se do Instituto Técnico de Montevideu.

1965 A ACM de SP lança a Operação Ubatuba, programa pioneiro de caráter social que criou um modelo operacional mais tarde usado pelo Projeto Rondon, uma iniciativa do Governo Federal de grande impacto nos anos de 1970 e 1980. Os programas Ubatuba / Rondon consistiram em enviar para regiões de populações carentes, universitários voluntários que atendiam a população local segundo suas especialidades.

1975 A ACM de SP – já a maior do Brasil – totalizava neste ano 22.375 sócios. As ACMs de todo o Brasil lançam o programa “Super-veteranos” que promovia atividades físicas e lazer para pessoas com mais de 60 anos.

1977 Total de sócios da ACM de SP: 28.000.

1980 Total de sócios da ACM de SP: 30.000.

1996 Total de sócios da ACM de SP: 70.000. Neste estágio, a ACM de SP atendia direta ou indiretamente cerca de 200.000 pessoas/ano por meio de ramificações de atividades em 13 unidades e cinco centros de desenvolvimento comunitário, distribuídos na região metropolitana da cidade de São Paulo e interior do estado.

2000 Marísia Donatelli torna-se a primeira mulher a ocupar o cargo de Secretária Geral na ACM de SP e das demais ACM de todo o país. Marísia foi formada no Instituto de Preparação de Secretários da ACM, tendo portanto seguido carreira na entidade.

Situação atual Hoje, a ACM mantém a mesma tradição que motivou sua instalação no Brasil: trabalho profissional com apoio de voluntariado e concomitante mobilização da comunidade, tanto para obtenção de recursos dos mais afluentes como para atendimento dos mais carentes. Em 2002, isto se traduzia em SP – onde se situa uma das principais ACMs do mundo – pela existência de cerca de 2.800 voluntários (1.350 em 1996) e 730 funcionários (740 em 1995). Por sua vez, os programas de intervenção mantinham-se na essência das propostas iniciadas em 1893 (ver capítulo sobre a ACM neste Atlas).

Fontes Myron Clark Fundador da ACM do Rio de Janeiro. ACM-RJ, 1966; Botelho, Cândida, ACM São Paulo 1902 – 2002. ACM SP 2002; Areno, Waldemar. A Educação Física e os Desportos no Rio de Janeiro de 400 anos. Rio de Janeiro: ENEFD/UB, 1966; Cantarino Filho, Mario Ribeiro. A Educação Física no Estado Novo: história e doutrina. 1982. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, DF; Marinho, Inezil Penna. História da Educação Física e dos Desportos no Brasil: Brasil Colônia, Brasil Império, Brasil República. Rio de Janeiro: DEF/MES, 1952-1954; REVISTA ACM. Rio de Janeiro: Associação Cristã de Moços, ano 7, nº 45, p.6, jul. 1943; SCHERMANN, Adolpho. Os desportos em todo o mundo. V.2. Rio de Janeiro: AABB, 1954; WOOD, A. Calistenia: la fuerza armoniosa por el ejercicio. Buenos Aires: Libreria de la Salud, 1938.

Antidoping no esporte brasileiro

ANTONIO CLAUDIO LUCAS DA NÓBREGA E RENATA RODRIGUES TEIXEIRA DE CASTRO

Anti-Doping in Brazilian sports

According to the World Anti-Doping Agency-WADA, the word 'doping' is probably derived from the Dutch word 'dop', the name of an alcoholic beverage made of grape skins used by Zulu warriors in order to enhance their prowess in battle. The term became current around the turn of the 20th century, originally referring to illegal drugging of racehorses. The practice of enhancing performance through foreign substances or other artificial means, however, is as old as competitive sport itself. Doping is the use of prohibited substances and methods to improve the performance of athletes during sports competitions. Although this simple definition is a little older than 100 years in the sports environments, the International Medical Commission of the Olympic Committee-IOC was created

Origem e Definição De acordo com a Agência Mundial Antidoping (*World Anti-Doping Agency-WADA*), a palavra inglesa 'doping' veio provavelmente da palavra holandesa 'dop', nome de uma bebida alcoólica feita com cascas de uvas usada pelos guerreiros Zulu para melhorar sua destreza em batalhas. O termo 'doping' tornou-se corrente no século XX, originalmente se referindo à administração de substâncias ilegais a cavalos de corrida. Posteriormente 'doping' passou a ter dois significados: (1) o uso de substâncias ou métodos proibidos, capazes de melhorar a performance durante competições esportivas e (2) o resultado desta ação. Embora a língua portuguesa tenha importado o termo 'doping' correntemente para ambos os sentidos, foi também desenvolvida uma nomenclatura técnica que consiste nos termos (1) 'dopagem' para o uso de substâncias ou métodos proibidos e (2) 'doping', para o resultado desta ação.

Apesar de esta simples definição ter pouco mais de 100 anos, o problema doping/dopagem e o desejo de superar limites têm acompanhado o ser humano por toda a sua existência. Este viés de compreensão da dopagem no esporte tornou-se corrente entre os especialistas. Entretanto, a ameaça de que o doping poderia reduzir o significado do esporte – ou mesmo anular – como um bem universal da humanidade, fez com que se aumentassem as medidas de antidopagem também em escala mundial. Em 1967, foi então criada a Comissão Médica do Comitê Olímpico Internacional - COI e, mais recentemente, em 1999, criou-se a *World Anti-Doping Agency-WADA* (Agência Mundial Antidoping) – conhecida também pela sigla AMA, que representa sua denominação em francês – cujo objetivo sintese é o de criar uma cultura esportiva livre de dopagem, “combinando os recursos do esporte e dos governos para reforçar, suplementar e coordenar os esforços existentes no sentido de educar atletas quanto aos efeitos maléficos do doping, enfatizando o ideal de jogo limpo (*fair play*) e detectando aqueles que burlam a si mesmo e o esporte” (WADA, 2003). A WADA foi criada por iniciativa do Movimento Olímpico e de governos, liderados pelo Comitê Olímpico Internacional, porém suas propostas sintetizam a experiência de cerca de quatro décadas de luta dos esportistas autênticos contra o doping. No Brasil, as primeiras manifestações de controle do doping no meio esportivo remontam ao início da década de 1970.

1896 Foram realizados em Atenas, na Grécia, os primeiros Jogos Olímpicos da Idade Moderna. Nesta época, os atletas já conheciam os efeitos do uso de estimulantes sobre a performance esportiva mas não se propalaram notícias a respeito durante os Jogos.

1896 – 1928 Os ideais implantados pelo Barão de Coubertin imperavam, valorizando a participação ao invés da vitória nos Jogos Olímpicos, confrontando-se porém com casos de desvios de normas, como no disfarce de atletas remunerados atuando como amadores. Nesta época o uso de doping era praticamente restrito aos ciclistas.

1928 A Federação Internacional de Atletismo Amador torna-se a primeira federação esportiva a banir o uso de doping – estimulantes (Arne Ljungqvist-2004). Outras federações seguiram este exemplo, entretanto, tais restrições eram ineficazes, uma vez que não havia possibilidade de testar o uso de substâncias proibidas.

1936 Os XI Jogos Olímpicos, realizados em Berlim, foram os primeiros Jogos marcados pela política e comercialismo de forma

only in 1967 and the World Anti-Doping Agency-WADA in 1999. The objective is to create a doping-free sports culture. There have been initiatives of doping control in Brazil since 1971, based on actions proposed by Prof. Eduardo H. De Rose, member of the Medical Commission of the IOC since 1979 and member of WADA since its foundation. In 1985, the Brazilian federal government issued a legal act ruling doping control in sports including a list of prohibited methods and substances that began to be identified through laboratory tests in 1989. The Laboratório de Controle de Dopagem (Laboratory of Doping Control-LAB DOP), located at the Universidade Federal do Rio de Janeiro (Federal University of Rio de Janeiro), was authorized by the IOC in 2002 in order to run anti-doping control. This was the

aberta, portanto sujeitos a críticas. A partir da II Guerra Mundial, anfetamina e anabólicos começaram a ser utilizados nos esportes.

1960 Foram descritos no campo científico-esportivo os primeiros casos de óbitos causados pelo uso de substâncias dopantes, inclusive nos Jogos Olímpicos de Roma realizados neste ano.

1966 A União Internacional de Ciclismo e a Federação Internacional de Futebol Amador dão início ao controle antidoping em seus campeonatos mundiais.

1967 Foi criada a Comissão Médica do Comitê Olímpico Internacional, cuja primeira atuação foi nos Jogos Olímpicos de Inverno de Grenoble e depois nos Jogos Olímpicos de Verão do México, ambos realizados em 1968. Esta comissão, dirigida pelo Príncipe Alexandre de Merode, surgiu em face aos eventos então relacionados ao uso de substâncias dopantes e foi responsável pela criação da primeira lista de substâncias proibidas para os Jogos Olímpicos.

1971 A primeira iniciativa de controle de doping no Brasil acontece em Porto Alegre-RS por responsabilidade do Prof. Eduardo H. De Rose, numa partida de futebol entre o clubes Grêmio e Internacional daquela cidade.

1972 Início do controle antidoping nos Jogos Olímpicos pela edição deste ano em Munique.

1975 No Brasil, o Conselho Nacional de Desportos - CND emite a Portaria 575 datada deste ano, regulamentando os exames de doping no futebol. Este ato normativo resultou de um trabalho em conjunto de médicos atuantes no esporte, liderados, entre outros, pelos Drs. Mario Macedo, do Paraná, e Eduardo H. De Rose, do Rio Grande do Sul.

1979 A Organização Desportiva Pan-Americana-ODEPA é a primeira associação continental a realizar controle antidoping em seus eventos (Jogos Pan-Americanos de San Juan, Porto Rico). Neste ano, o Dr. Eduardo H. De Rose passa a ser um dos membros da Comissão Médica do Comitê Olímpico Brasileiro - COB, atendendo aos problemas de doping, função até hoje mantida.

1980 Os Jogos Olímpicos de Moscou tornam-se um marco por não ter sido detectado um único caso de doping. A partir dos Jogos seguintes (Los Angeles, 1984), o uso de substâncias dopantes cresceu de forma alarmante.

1984 Olimpíadas de Los Angeles. A Comissão Médica do Comitê Olímpico Internacional passa a contar com a presença de um membro brasileiro: o Dr. Eduardo Henrique de Rose, nela atuando até hoje. Ele acompanhou o credenciamento de laboratórios para exames envolvendo os Jogos, e trazendo padrões das substâncias a serem testadas, então repassados ao Laboratório de Controle de Dopagem - LADETEC, criado em 1989, na Universidade do Rio de Janeiro - UFRJ.

1985 O Ministério da Educação do Brasil, em decorrência de solicitação do CND, publica a Portaria nº 531, de 10 de julho deste ano, estabelecendo que “o controle de dopagem de que trata esta Portaria objetiva detectar a administração ao atleta, ou o uso por parte deste, das substâncias ou agentes químicos representados

very first certified laboratory in Latin America and has been so far the only Brazilian laboratory approved by the IOC. The Comissão de Combate ao Doping (Commission to Combat Doping in Sport), today presided by Prof. Eduardo H. De Rose, was created within the Ministry of Sport in 2004. Because of the World Anti-Doping Code, the main objectives of the Commission to Combat Doping in Sport are to rule anti-doping control in Brazil and to penalize Brazilian athletes who break the rules. Table 1 displays anti-doping control in Brazil in 2003. It is possible to observe that the index of national tests that came out positive has been found at a level that demands continuous improvement of the institutional, legal and scientific instruments of anti-doping control in the country.

pelos 5 (cinco) grupos de fármacos a seguir exemplificados: 1. Estimulantes psicomotores; 2. Aminas simpaticomiméticas; 3. Estimulantes que agem sobre o sistema nervoso central; 4. Narcóticos analgésicos; e 5. Esteróides anabólicos”. Este ato permitiu uma efetiva abordagem científica ao controle de dopagem no país.

1988 Surge preocupação das Federações Internacionais com o uso de anabolizantes em “ciclos”, impedindo, ou ao menos dificultando, sua detecção durante competições, o que estimulou a criação dos controles antidoping fora de competição, sem aviso prévio. Tais controles foram inicialmente utilizados pela Federação Internacional de Ciclismo e, logo em seguida pela Federação Internacional de Natação e pela Federação Internacional de Halterofilismo.

1989 Para realização da Copa América de Futebol, promovida pela Confederação Brasileira de Futebol - CBF neste ano, montou-se um laboratório de controle de doping. Este laboratório foi dirigido pelo Prof. Jari Nóbrega Cardoso, constituindo um núcleo que posteriormente resultou no LADETEC (ver destaque adiante) primeiro laboratório para controle antidoping do país. As equipes antidoping existentes em diversas cidades foram treinadas pelo Dr. Eduardo H. De Rose, constituindo-se este fato no início deste controle em todo o Brasil.

1999 Fundação no dia 10 de novembro da Agência Mundial Antidoping (WADA / AMA) na qual o Prof. Eduardo H. De Rose, desde então, representa o Associação de Comitês Olímpicos Nacionais - ANOC.

2002 O Laboratório de Controle de Dopagem - LADETEC-LABDOP, situado na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, é credenciado pelo Comitê Olímpico Internacional para a realização de controles antidoping. Este foi o primeiro laboratório credenciado em toda a América Latina e, até hoje, continua sendo o único laboratório brasileiro com esta chancela (ver destaque adiante). A direção deste laboratório neste estágio – e que continua nos dias presentes – estava com o Prof. Francisco Radler de Aquino Neto, substituto do Prof. Jari Nóbrega Cardoso.

2003 – 2004 Realizada a primeira Conferência Mundial Antidoping, em Copenhague, organizada pela WADA. Nesta conferência foi assinada a Declaração de Copenhague, que universaliza as ações de controle antidoping. Também neste ano foi publicado o Código Mundial Antidoping, elaborado pela WADA como produto das decisões e acordos de Copenhague (ver destaque adiante). O Código de Antidopagem foi concebido para implementação progressiva de modo a harmonizar interesses, normas e políticas de entidade diversas. Em meados de 2004, após a adesão da Federação Internacional de Futebol Amador-FIFA, o Código completava a inclusão de todas as FI de esporte olímpicos, faltando apenas da UCI (ciclismo).

2004 Com apoio do Conselho Nacional de Esporte é nomeada, no Brasil, pelo Ministro Agnelo Queiroz, a Comissão de Combate ao Doping, presidida pelo Prof. Eduardo H. De Rose. O principal objetivo desta Comissão é, em virtude do Código Mundial Antidoping, normatizar o controle antidoping no país e as penalidades para infrações cometidas por atletas brasileiros. Também neste ano, foi

atualizado o ato normativo do Governo Federal quanto à antidopagem ao se emitir a Resolução nº 2, de 5 de maio de 2004, que " Institui Normas Básicas de Controle da Dopagem nas Partidas, Provas ou Equivalentes do Desporto de Rendimento de Prática Profissional e Não-Profissional" (Diário Oficial da União, nº 90 de 12/05/2004, pp. 100-103). Assinada pelo Ministro de Estado do Esporte e Presidente do Conselho Nacional do Esporte, Deputado Agnelo Queiroz, esta Resolução além de definições e procedimentos, inclui em anexo a lista de substâncias e métodos proibidos em competições esportivas no Brasil, base das demais medidas de combate à dopagem.

Situação atual A WADA tem atualmente dois brasileiros em seus quadros: o Prof. Eduardo H. De Rose e o Prof. Lamartine DaCosta. O primeiro participou do "Conselho de Fundação da WADA" em Lausanne – Suíça, desde 1999 até os dias de hoje, sendo ainda membro do Comitê de Médico Científico da entidade; o segundo foi eleito como membro do Comitê de Ética e Educação da WADA (Montreal-Canadá) em 2000 e reconduzido em 2003. Em termos operacionais, cabe assinalar que o esforço pessoal do

Prof. Eduardo H. De Rose que, juntamente com o Prof. Antonio Cláudio da Nóbrega, a Dra. Renata Castro, o Prof. Alexandre Nunes, o Dr. Rafael dos Santos Trindade e de outros médicos e profissionais por ele conscientizados, fazem com que o controle antidoping no Brasil venha tendo progressos importantes desde a década de 1990. O Comitê Olímpico Brasileiro, por iniciativa do seu presidente, Dr. Carlos Arthur Nuzman e através da equipe de médicos de controle antidoping, realiza controles fora de competição dos atletas brasileiros classificados para as principais competições internacionais (Jogos Olímpicos e Jogos Pan Americanos) desde o ano de 1996. Além disso, algumas confederações esportivas nacionais, como a Confederação Brasileira de Atletismo – CBAAt e a Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos – CBDA, entre outras, realizam controles periódicos de atletas, durante e fora de competição. Muitas federações esportivas internacionais realizam ainda controles eventuais de seus melhores atletas. Atletas brasileiros com boa colocação nos rankings internacionais são periodicamente testados por oficiais internacionais de controle antidoping (IDCO), a pedido destas federações internacionais. Em âmbito nacional, a

Confederação Brasileira de Futebol foi responsável pela grande maioria dos controles antidoping realizados durante competições nacionais em 2003. A Tabela 1, adiante, posiciona o controle antidoping no Brasil, com dados também de 2003. Por estes dados, observa-se que o índice de testes positivos nacionais encontra-se no intervalo entre valores máximos e mínimos de outros países, confirmando assim a necessidade de uma melhoria contínua dos instrumentos institucionais, legais e científicos do controle antidoping no país.

Fontes WADA. Athlete's Guide – Standards and Harmonization. Montreal, 2003; Copenhagen declaration on anti-doping in sport. WADA, Montreal, 2003; De Rose EH, Feder MG, Bento RMA, Aquino Neto FR. Uso de Medicamentos no Esporte. Comitê Olímpico Brasileiro, Rio de Janeiro, 2004; De Rose EH, Aquino Neto FR, Moreau RLM, Castro RRT. Controle antidoping no Brasil: resultados do ano de 2003 e perspectivas futuras. Rev Bras Med Esporte 2004, no prelo; Nóbrega ACL, De Rose E. Drogas Lícitas e Ilícitas In: O Exercício. Barros Netos TL, Ghorayeb N (ed.) Atheneu: Rio de Janeiro, 1999; www.wada-ama.org.

Tabela 1 / Table 1

Resultados de controles antidoping realizados no Brasil, 2003

Anti-doping control in Brazil – Results, 2003

Em competição <i>In competition</i>	Total	%	Positivos	% Positivos
12 modalidades <i>12 disciplines</i>	3.278	100,0	19	0,58
Fora da competição <i>Out of competition</i>	Total	%	Positivos	% Positivos
39 modalidades <i>39 disciplines</i>	533	100,0	6	1,12

Fontes / *sources*: Estatística da Comissão de Combate ao Doping do Conselho Nacional de Esporte, Ministério do Esporte.

Código Mundial Antidoping / World Anti-Doping Code

Alberto Puga e Álvaro Ribeiro

Hoje é indiscutível que o doping acarreta problemas de ordem médica e ética. Já em 1967, por ocasião de sua chegada à presidência da Comissão Médica do COI, Alexandre de Mérode (Prince de Mérode) (*apud* Lapouble, 1999, p. 121) enumerara os princípios de base da luta antidoping, a saber: *défense de l'Ethique Sportive, protection de la santé des athlètes et maintien des chances égales pour tous* (defesa da ética esportiva, proteção da saúde dos atletas e manutenção de oportunidades iguais para todos). Pode-se acrescentar, atualmente, que além desses princípios deve-se considerar os reflexos de ordem social que apresentam as condutas aditivas no esporte. Por outro lado, a dificuldade na identificação de novas substâncias, a evolução dos métodos, a banalização do consumo de medicamentos no esporte e a 'Lei do Silêncio' (Escande, 2003) que vigora no "mundo do doping", conjugados entre si, têm sido historicamente apontados por boa parte da doutrina como causas da sistemática defasagem dos exames antidoping. Aliada a este retardo tecnológico, a exigência da auto-superação pode levar o atleta de alto rendimento a querer ser melhor do que realmente ele poderia pelo uso de doping. Sua existência sendo muitas vezes subordinada à hiper-valorização da vitória, ele se torna refém de um sistema no qual, pensa, é excluído quem não ganha. Ignora que, se no sentido estrito da palavra, o esporte produz muito mais perdedores, num sentido mais amplo, quem pratica o esporte lealmente é sempre vencedor. O fracasso do atleta confrontado a seus limites, à impossibilidade de atingir o topo, enquanto outros chegam lá, é raramente levado em conta e não é objeto de um acompanhamento psicológico particular. O

término da carreira esportiva é vivido por certos atletas como uma espécie de morte (Laure, 1995), o que coloca em evidência a imprescindibilidade da abordagem ética no mundo esportivo através da educação e formação dos atores do esporte.

Este contexto, entretanto, possui um ponto de culminância: 5 de março de 2003, ao término da Conferência Mundial sobre Doping no Esporte, em Copenhague, quando Conselho de Fundação da AMA/WADA adotou o Código Mundial Antidoping após duas revisões realizadas a partir das observações feitas pelos signatários. Em junho de 2003 o Comitê Executivo da AMA/WADA adotou os Padrões Internacionais de laboratórios e de exames e, em setembro, os Padrões Internacionais de uso para fins terapêuticos e da Lista Proibida. Em 1º de janeiro de 2004 todos os Padrões Internacionais aplicáveis foram finalizados. Antes de agosto de 2004 (Jogos Olímpicos de Atenas) o Código e os Padrões Internacionais deverão ser adotados pelas Federações Internacionais na forma prevista em seus estatutos. Antes de fevereiro de 2006 o Código e os Padrões Internacionais deverão ser adotados pelos governos segundo seus processos legislativos internos. De Rose (2001) observa que na história da luta contra o doping, foram poucas as vezes em que modificações tão marcantes foram observadas em espaço de tempo tão curto. O autor preconiza, ainda, que a conjugação de esforços de governos e autoridades esportivas é imprescindível para o êxito daquela luta e que um desafio se impõe no tocante aos Estudos Olímpicos: "observar o problema do doping em novas perspectivas culturais, sociais, educacionais e legais".

Efetivamente, o Código Mundial Antidoping é o mais rigoroso e abrangente instrumento de que se tenha notícia para a preservação e restauração do espírito esportivo (*fair play*) quando da ocorrência de violação à regra antidoping. Se por um lado o Código propicia certa flexibilidade em relação a alguns procedimentos, à condição que seus princípios sejam respeitados, outras disposições devem ser recepcionadas *ipsis literis* (*verbatim*, no texto em inglês) por cada organização antidoping, a saber os artigos 1 (definição de doping), 2 (violação das regras antidoping), 3 (prova do doping), 9 (anulação automática dos resultados individuais), 10 (sanções individuais), 11 (consequência para as equipes) 13 (apelação, à exceção do item 13.2.2) e as definições. Em decorrência de sua adoção, modificações foram introduzidas na Carta Olímpica (alterações de 4 de julho de 2003), notadamente o artigo 45 (Código de Admissão), cuja redação determina que, para serem admitidos nos Jogos Olímpicos, os atores do esporte devem se adaptar à Carta Olímpica assim como às regras da Federação Internacional respectiva e, notadamente, respeitar o espírito de *fair play* de não-violência, comportando-se de acordo com este entendimento, e respeitar o Código Mundial Antidoping, conformando-se a todos os seus aspectos.

Fontes Puga, A. & Ribeiro A. Código mundial antidoping: ética e fair play no esporte olímpico. IV Fórum Olímpico, Curitiba-PR, out. 2003 (referências constantes do texto aqui apresentado são encontradas em forma completa na contribuição original do IV Fórum Olímpico); World Anti-Doping Code. WADA, March 2003, Montreal; www.wada-ama.org

LADETEC / LAB DOP – Laboratório de controle de dopagem
LADETEC / LAB DOP – Doping control laboratory

RAFAELA CASTRO COSTA

Origem e definições O Laboratório de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico-LADETEC, da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ foi constituído em 1984, como resposta ao objetivo da UFRJ no campo da química de transformar laboratórios de pesquisas em um Centro de Inovação Tecnológica e de formação de recursos humanos voltados à integração Universidade – Sociedade. Algumas empresas e instituições passaram a solicitar trabalhos, o que levou o LADETEC a se constituir em órgão de prestação de serviços em Pesquisa & Desenvolvimento (P&D). A multiplicidade de atividades obrigou o LADETEC a prosseguir atuando no genérico, mas tornando-se uma *holding* de laboratórios, dentre eles o LAB DOP, ao qual foi atribuído o propósito mais específico de atuar na área de antidopagem esportiva. A implementação do Laboratório de Controle de Dopagem-LAB DOP se deu em 1989, tanto para análise de substâncias estimulantes no âmbito do esporte brasileiro, quanto para o controle da presença de anabolizantes em carnes. Hoje, formalmente, o LAB DOP tem como objetivo operacional o desenvolvimento de metodologias, treinamento e apoio analítico nas áreas de petroquímica, química fina, farmacêutica, de produtos naturais, controle de processos, produtos, efluentes, matérias-primas e rejeitos industriais. O objetivo geral do LAB DOP é apoiar as atividades de P&D, através de um modelo que busca aliar a pesquisa acadêmica universitária à prestação de serviços demandados pela própria sociedade e geradores de recurso para a Universidade. Essas atividades de prestação de serviços, centradas nas análises de amostras biológicas para o controle de dopagem e de resíduos de alimentos, têm gerado os recursos necessários para manter a pesquisa analítica de ponta em medicina e esporte, com formação de pessoal qualificado em todos os níveis.

Instalações, equipamentos e pessoal O LAB DOP é parte integrante da rede de Apoio Analítico do Instituto de Química-IQ da UFRJ, no campus da qual se localiza com dois laboratórios ocupando aproximadamente 360m². As condições ambientais destas instalações têm de ser necessariamente controladas segundo os padrões normativos internacionais. E, nestas condições, o LAB DOP é o laboratório brasileiro mais bem equipado atualmente para o tipo de análise que está proposto. As tecnologias utilizadas, assim como a qualidade e confiabilidade, são equivalentes àquelas utilizadas por países da Europa e América do Norte. Para realizar os tipos de análise e pesquisas, o LAB DOP necessita de equipamentos sofisticados, com calibração realizada por órgãos competentes e manutenção periódica. Na posição do primeiro semestre de 2004, o laboratório dispunha dos seguintes equipamentos: dois cromatógrafos a gás; dois cromatógrafos a líquido; seis espectrofotômetros de massa; e duas câmaras frigoríficas. No atual estágio, está em fase de instalação o primeiro espectrofotômetro de massas por razão isotópica do Brasil, para a

aplicação em fluidos biológicos. As instalações do LAB DOP são compatíveis com as exigências do Comitê Olímpico Internacional – entidade de credenciamento de laboratórios antidopagem -, atendendo a mais de 45 federações e confederações esportivas, num trabalho de prevenção ao abuso de drogas. Em termos de pessoal, o LAB DOP é composto por: Coordenador – 01; Gerente da Qualidade – 01; Chefe de área – 04; Apoio Administrativo – 05; Equipe de apoio – 03; e Técnicos – 10 (total: 24 funcionários).

Credenciamento O LAB DOP, ao receber do Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial-INMETRO o certificado de qualidade ISO – 17025 em Junho de 2002, deu o passo essencial para o credenciamento do Comitê Olímpico Internacional-COI para realizar exames antidoping em competições internacionais. O LAB DOP é o primeiro e único laboratório credenciado pelo COI na América Latina e Caribe; o primeiro credenciado para ensaios segundo a norma ISO 17025, em universidades brasileiras pelo Inmetro; o terceiro credenciado pelo COI nas Américas (EUA e Canadá) e, neste tipo de certificação, o 25º do mundo. Após o credenciamento do COI, o Brasil passou a integrar o seleto grupo de nações que possui tecnologia e *know-how* para apoiar e sediar adequadamente eventos internacionais e práticas na área do esporte de alta competição.

Atuação e clientes A convite do COI, o laboratório acompanhou os trabalhos de controle dos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992, e Atlanta, em 1996, além dos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, em 1999. Já em Sydney 2000, o LADETEC avaliou a delegação brasileira e, no mesmo ano, fez seu pré-credenciamento no COI. A intermediação, nestes casos, foi desenvolvida pelo Prof. Eduardo H. De Rose, membro das Comissões Médicas do COI e Comitê Olímpico Brasileiro-COB. Os clientes do LAB DOP são órgãos ou instituições governamentais de controle, instituições ligadas à saúde pública (hospitais e profissionais da área médica), grupos de pesquisa, indústrias, agroindústrias e confederações e federações esportivas.

Fluxo das análises Estimulantes, anabolizantes, diuréticos, narcóticos, hormônios peptídicos, beta-bloqueadores, as chamadas drogas sociais e mesmo analgésicos, não têm sido incógnitos em amostras biológicas, principalmente de sangue e urina, analisadas pelos sofisticados sistemas de análise do LAB DOP. Hoje, são analisadas, mensalmente, mais de 4 mil testes de doping, tanto para entidades nacionais – incluindo o Campeonato Brasileiro da Confederação Brasileira de Futebol-CBF -, como para entidades internacionais, sobretudo o Comitê Olímpico Internacional. Para a análise precisa das amostras, cujo resultado positivo pode por fim à carreira de um atleta, o LAB DOP utiliza sistemas Agilent de Cromatografia Gasosa acoplada à Espectrometria de Massas

(GC/MS), que em menos de uma hora fornece o resultado da análise. Este sistema (hardware e software), que ocupa uma área menor do que 2m², proporciona resultados 100% precisos, mesmo que as amostras tenham concentrações mínimas como bilionésimas partes de um grama (nanograma). As amostras são enviadas ao laboratório pelo cliente, e ao chegarem têm as suas condições (armazenagem, aspecto, etc) inspecionadas. Se os parâmetros observados estiverem dentro dos padrões estabelecidos, as amostras são armazenadas, junto com a contraprova. Segue-se a alíquotagem (separação de amostra para análise por diferentes métodos para detecção de substâncias) acompanhadas de distribuição para as triagens: Triagem i: estimulantes; Triagem ii: narcóticos e beta-bloqueadores; Triagem iii: cafeína; Triagem iv: anabolizante; Triagem v: diuréticos; e Triagem vi: hormônios. Cada triagem segue metodologia específica para o preparo de amostra e análise. Com os resultados das análises, os dados são consolidados e os laudos analíticos são emitidos. A Tabela 1 adiante contrapõe alguns tipos de análise desenvolvidas pelo LAB DOP com os laboratórios no exterior que lhe servem de referência.

Indicadores de Performance O faturamento do LAB DOP gira em torno de R\$ 1.200.000,00 por ano (dados do início de 2004), valor este revertido em investimentos no próprio laboratório, como compra de equipamentos e manutenção. Os contratos de prestação de serviços são viabilizados através da Fundação Universitária José Bonifácio-FUJB da UFRJ, que dá o suporte legal e jurídico necessário aos contratos. A atividade de prestação de serviços – análises que geram os recursos financeiros do laboratório – tem como alvo os mercados que necessitam de análises de controle doping no esporte e de contaminantes em alimentos. As confederações e federações esportivas são clientes do LAB DOP na área de análise de urina humana, e as suas necessidades como cliente são: confiabilidade dos laudos técnicos emitidos, prazo de entrega, reconhecimento nacional e internacional validado por credenciamentos e certificações. O LAB DOP é um dos trinta laboratórios olímpicos no mundo hoje credenciados pelo COI cujos desempenhos em análises no controle antidoping no esporte são avaliados e comparados através de testes de comparação interlaboratorial (PI). O LAB DOP participa de tais comparações, e tem seu desempenho servido de parâmetro para credenciamento junto ao COI. A Tabela 2 apresenta comparações de 2003 com outro laboratório da América do Sul não credenciado pelo COI e atuando no mesmo segmento. Tais avaliações dão suporte ao LAB DOP para realizar todas as análises de competições esportivas em eventos internacionais, em especial os realizados no Brasil e no Cone Sul, garantido que seus resultados sejam aceitos internacionalmente.

Tabela 1 / Table 1

Tipo de análise x Laboratório de referência
Type of analysis vs laboratory of reference

Tipo de Análise	Laboratório de Referência
Anabolizantes em urina animal	Bithoven – Holanda
Anabolizantes em urina humana	Colônia – Alemanha
Estimulantes e Beta-bloqueadores	Barcelona – Espanha
Eritropoetina e urina humana	Paris - França
Eritropoetina e urina humana	Lausane – Suíça
Garantia da Qualidade	Barcelona – Espanha
Hormônios Peptídicos	Londres – Inglaterra
Espectrometria de Massas por razão Isotópica	Los Angeles – Estados Unidos

Fontes Entrevista com o Gerente da Qualidade do LAB DOP – MSc. Tarcísio Pereira da Cunha; “Perfil da Organização” – Sumário descritivo. LADETEC – Cópia Controlada nº 14 (03/

Tabela 2 / Table 2

Comparações de performance do LAB DOP com entidade similar sul-americana, 2003
LAB DOP performance comparisons with similar laboratory in South America, 2003

Indicadores / <i>Indexes</i>	Meta até DEZ 2003 / <i>Targets</i>	Meta até DEZ 2005 / <i>Targets</i>	Laboratório Olímpico de Bogotá – Colômbia (1)
Receita de prestação de serviços	R\$ 1.800.000,00	R\$ 3.600.000,00	-
Recursos clientes esporte / ano	R\$1.600.000,00	R\$ 3.000.000,00	R\$ 1.000.000,00
Volume de amostras analisadas / ano	4.000	6.000	2.000
Aquisição de clientes	Atingir 30	Atingir 50	15
Número de eventos esportivos cobertos	12	30	-

⁽¹⁾Referencial comparativo com outro laboratório da América do Sul não credenciado pelo COI atuando no mesmo segmento.

2004);www.sbg.org.br/publicacoes/beletronico/ bienio0204/boletim346.htm – “LAB DOP do Instituto de Química da UFRJ recebe credenciamento do Inmetro”; www.iq.ufrj.br/new/ extensao.html;www.universiabrasil.net/materia.jsp?materia=765;

www.cob.org.br/pan2007/portugues/ locais_laboratorio.asp; listas.ucb.br/pipermail/quimica_ucb_l/ 2002-July/000369.html; www.wada-ama.org; Arne Ljungqvist – 2004 from the International Amateur Athletic Federation – IAAF

Voluntariado no esporte

ANDRÉA D'AIUTO E ANTÔNIO CARLOS BRAMANTE

Sports volunteers

The meaning of the word ‘volunteer’ adopted by the Olympic Games of Barcelona was that of “a person who makes an individual, altruistic commitment to collaborate, to the best of his/her abilities in the organization of the Olympic Games, carrying out the tasks assigned to him/her without receiving payment or rewards of any other nature” (Moragas et al., 1999). Keeping this meaning as the central focus, this chapter does a historical review of volunteerism in Brazil, which starts with the religious movements of the 16th century reaching sports through clubs of European immigrants in the 19th century. The YMCA starts in Brazil in 1893 and introduces

Origens O primeiro registro de memória sobre trabalho voluntário no Brasil é pontuado apenas 43 anos depois da data do descobrimento por portugueses em 1500, quando foi fundada a primeira Santa Casa de Misericórdia (hospital de base comunitária) na então Vila de Santos, hoje, cidade de Santos, no litoral do estado de São Paulo (www.facaparte.org.br, 2004). Dando um grande salto na história do voluntariado no Brasil, deslocando-se para os acontecimentos do século XX, em 1908 instalava-se no país a Cruz Vermelha, seguida do Movimento de Escoteiros em 1910, ambos com o objetivo de ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião. Mas somente em 1935, foi promulgada a Lei de Declaração de Utilidade Pública, para regular a colaboração do Estado com as instituições filantrópicas as quais eram (e continuam sendo) administradas por grupos voluntários. Ainda na primeira metade do século passado (1942), o então Presidente da República, Getúlio Vargas, criou a Legião Brasileira de Assistência–LBA, voltada, essencialmente para atender, em caráter de emergência, famílias em situação de extrema necessidade. A luta por uma sociedade mais inclusiva em relação aos portadores de deficiência teve como instituição pioneira a Associação de Pais e Amigos do Excepcional–APAE, a qual, desde 1961 até aos dias presentes, vem trabalhando em todos os Estados brasileiros, atuando com um grande número de voluntários. Outro projeto envolvendo voluntários, de grande repercussão nacional e internacional, criado em 1983, é a Pastoral da Criança, sob a chancela da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Com o *slogan* “para que todas as crianças tenham vida”, o objetivo desse grupo, ligado à igreja católica, é atuar nas áreas da saúde, nutrição e educação, desde o ventre materno até aos cinco anos de idade. Essa ação é hoje realizada em mais de 30 mil comunidades brasileiras, envolvendo 133 mil voluntários (90% mulheres).

Com relação à juventude, muito provavelmente foi o Projeto Rondon, criado em 1967, que revelou o grande potencial do voluntariado no país referido à faixa etária jovem. Esse projeto governamental tinha por objetivo levar universitários em férias para as regiões mais longínquas do país, realizando um trabalho interdisciplinar no atendimento das necessidades básicas da população de inúmeros municípios brasileiros em situação de grande carência. A crise econômica mundial dos anos de 1970 repercutiu diretamente no aporte de recursos do governo federal brasileiro para projetos sociais. Essa situação foi se agravando na crise econômica nacional dos anos de 1980 e, na década de 1990, a iniciativa voluntária começou a buscar, com maior intensidade, parcerias com a classe empresarial, expandindo então o chamado Terceiro Setor no Brasil. Contudo, apesar do entusiasmo com o poder do renovado setor, houve convivência com o primeiro (o governo) e o segundo (o mercado). Assim, entre 1997 e 2000, o número de voluntários das empresas vencedoras do Prêmio Bem Eficiente (organizado pela Kanitz & Associados) aumentou em 37%. Já o dispêndio médio por beneficiado evoluiu 46%, sendo que as próprias entidades cresceram em média 23% (Polo Henriques, 2002). Ainda se cogitando de responsabilidade social das empresas brasileiras, em junho de 1998, quando foi criado o Instituto Ethos de Responsabilidade Social, em São Paulo-SP, apenas 11 empresas encamparam a idéia e se associaram; um ano depois, as associadas somavam 138, e em 2002, quando o Ethos completou quatro anos, 600 empresas formavam o quadro associativo, representando 30% do Produto Interno Bruto do país (Eboli, 2002). Em 1993, o sociólogo Herbert de Souza criou a “Ação da Cidadania Contra a Fome e a Miséria e pela Vida”, visando estabelecer um processo de organização da sociedade, com o objetivo de combater a fome. No primeiro ano de

volunteerism. A few decades after that, volunteers helped in the Latin-American Olympic Games that took place in Rio de Janeiro in 1922, which had 8 participating countries and 186,000 spectators within a conception similar to the one used in today’s large sports events. The use of volunteers in Brazilian mega sports events evolved and reached prominence during the 1977 Campanha Esporte para Todos (Sport for All Campaign), which had 9,000 volunteers. In the decades of 1980 and 1990, non-sports volunteerism grew so much in Brazil that today there are 20 million volunteers (Brazil is the 5th country in the world in numbers of volunteers), 1% of the

funcionamento, de 300 comitês locais, passou para mais de 5 mil em 1994, todos conduzidos por voluntários. Dez anos depois de sua fundação, o atual governo brasileiro lançou seu maior projeto na área social, “Fome Zero”, repetindo a emergência baseada na solidariedade humana (consubstanciada, em grande parte, na ação voluntária da sociedade). Assim dispostos, estes fatos de memória sugerem que criar um elo de pertencimento na ação voluntária das pessoas, calcada na solidariedade humana, apresenta-se como uma grande causa num país repleto de injustiças sociais. De qualquer modo, segundo o Centro de Voluntariado de São Paulo, hoje há cerca de 20 milhões de brasileiros engajados em atividades voluntárias (Éboli, 2002). O campo das atividades físico-esportivas apresenta-se então, com base em sua história, como uma arena privilegiada para que a associação entre reclamos sociais e voluntários se estabeleça, quer por filantropia ou para o desenvolvimento sócio-cultural do país.

Definições De acordo com o glossário dos Jogos Olímpicos de Barcelona – 1992, “o voluntário é uma pessoa que assume um compromisso individual e altruístico para colaborar com a melhor de suas habilidades na organização dos Jogos Olímpicos, cumprindo tarefas designadas a ele ou a ela sem recebimento de pagamento ou recompensa de qualquer outra natureza” (Moragas, Moreno e Peniagua, 1999). Já o ‘Olympic Games Terminology’ (2004), documento oficial do COI, é mais operacional ao definir ‘voluntários’ (p. 28), considerando eles/elas como ‘membros não remunerados do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos-COJO, que são gerenciados pelo COJO”, deixando subentendida a condição altruísta (amor ao próximo, abnegado e desinteressado) da função. De fato, a atitude de altruísmo é parte essencial do espírito original da prática esportiva do século XIX na Europa – incluindo os Jogos Olímpicos -, que posteriormente agregou valores materiais, pecuniários e profissionais de modo progressivo e em âmbito mundial. No Brasil, o trabalho voluntário começou a aparecer através dos clubes de imigrantes europeus de sentido comunitário e por vezes assistencial, a partir da primeira metade do século XIX. Estas instituições na origem refletiram a busca de identidade local, grupal e étnica - sobretudo as de raízes alemãs e italianas - que se reproduziu posteriormente entre imigrantes israelitas, libaneses, japoneses etc, como também nos próprios brasileiros, portugueses e espanhóis já no século XX. Como tais, os primeiros clubes brasileiros foram recreativos e esportivos propiciando a atuação de indivíduos envolvidos e motivados que se engajavam em funções internas do clube, gerando um voluntariado espontâneo, mesmo em localidades pobres. Neste particular, há que distinguir os clubes dos ingleses que se tornaram seletivos e aristocráticos, criando um modelo de associação esportiva que deu origem aos clubes brasileiros de elite nas grandes cidades, Rio de Janeiro e São Paulo em especial. De qualquer modo, o clube brasileiro, quer comunitário ou de elite, pobre ou rico, tornou-se um fato social importante no país até meados do século XX (ver seção deste Atlas dedicada aos clubes). Contudo, apesar das mudanças qualitativas e quantitativas de grande expressão, o voluntariado tem tido maior destaque na atuação junto a clubes social-recreativos, embora fique evidente a sua participação em outras esferas da administração esportiva em termos de gestão, como no exemplo das ligas e federações esportivas (ver “Situação atual” apontada mais à frente). Além disso, nas últimas décadas, o país, no âmbito da sociedade, reformulou o sentido original do voluntariado religioso e descobriu o trabalho voluntário social, que tem se desenvolvido em grande

GNP and 1.2 million direct jobs. A survey done in 2002 estimated that Brazil had more than 540,000 volunteering institutions, including NGOs, foundations, civil associations and assistance units. Today the so-called third sector (companies that assume social responsibility for their own projects) experiences a great expansion in the country – around 9% of growth in 2002. The organization of the Pan-American Games that will take place in Rio de Janeiro in 2007 is getting ready to select and train 15,000 volunteers, anticipating the possibility of headquartering other mega-events such as the Olympic Games and the Soccer World Cup.

porte e engajamento nas questões comunitárias e de solidariedade. Já no campo dos grandes eventos esportivos à feição dos Jogos Olímpicos, Pan-Americanos etc, o voluntariado é um fenômeno mais recente no país, com intervenções episódicas e nem sempre registrado e/ou divulgado na literatura especializada.

Este trajeto entre sentidos diferentes de voluntariado esportivo torna-se mais claro diante do conceito atual das Nações Unidas, entidade para a qual “o voluntário é o jovem ou adulto que, devido a seu interesse pessoal e ao seu espírito cívico, dedica parte do seu tempo, sem remuneração alguma, a diversas formas de atividades, organizadas ou não, de bem estar social ou de outros campos...” Assim sendo, pretende-se que o voluntário no esporte ao ser focalizado, obrigatoriamente não se pode deixar de lado a conotação social da função, pois em qualquer âmbito de atuação deste indivíduo, sua ação denota ato espontâneo, oriundo de vontade própria, através de motivação individual, interesses comunitários, sociais e de solidariedade. O indivíduo que pretende ou atua como voluntário seja nos níveis assistenciais ou esportivos é um cidadão participativo, ciente da sua importância e responsabilidade, comprometida com uma causa, que colabora doando seu tempo, suas habilidades e características a favor de um grupo, da sua comunidade ou do seu país. Quando se trata de esporte, sua participação é fundamental e estratégica, e sua atuação tem uma abrangência diversificada de acordo com as especificidades técnicas e operacionais na realização de cada empreendimento. Isto posto, segue-se uma exposição de fatos de memória sobre o voluntariado esportivo no contexto histórico da expansão da responsabilidade social no Brasil e do desenvolvimento deste tipo de protagonismo social no exterior e de acordo com experiências pioneiras nacionais.

1893 – 1902 Início das ações de implantação da Associação Cristã de Moços-ACM no Brasil, criando uma sede no Rio de Janeiro-RJ em 1893, e outra na cidade de São Paulo em 1902. Desde seus empreendimentos pioneiros – e ao se ampliar para outras regiões do país -, a ACM se apoiou em voluntários e em campanhas de mobilização de suporte financeiro, o que incluía formação religiosa, de cidadania e de práticas esportivas. Neste particular, até a presente data, as ACMs no país continuam a adotar o voluntariado no esporte e na Educação Física, contando em 2002 com 5080 voluntários e 2146 profissionais, para a tender a 186 mil associados e realizar neste ano um total de 1.872.000 atendimentos.

1906–1910 As feiras internacionais de amostra de produtos de comércio, indústria e agricultura chegam ao Brasil neste período, como a Feira Internacional de Porto Alegre, realizada nesta cidade do RS em 1906, e a feira internacional do Rio de Janeiro de 1908, realizada na então capital da República, em comemoração ao Centenário da Abertura dos Portos. Nesta fase, as feiras já eram consideradas grandes eventos resguardando as devidas proporções da época. No primeiro caso, a atividade esportiva mostrada na Feira foi o ciclismo e no segundo, o então popular esporte de patins. Embora estas atividades esportivas e recreativas já estivessem relacionadas aos mega-eventos à época não há registro da participação de voluntários do setor esportivos como ocorria nos eventos comunitários (clubes esportivos e recreativos). Também em 1908 instalava-se no país a Cruz Vermelha, seguida do Movimento de Escoteiros em 1910, ambos de operação típica com voluntariado.

1917 A ACM de SP dá início à organização de corridas de rua na cidade de São Paulo, contando então com participação

maciça, incluindo voluntários dentro das tradições históricas daquela entidade.

1919 Cria-se no Brasil, o movimento das “Bandeirantes”, o escotismo feminino, originado na Inglaterra em 1909. Este movimento teve seu auge no Brasil nas décadas de 1940 e 1950.

1922 Feira Internacional de 1922, Rio de Janeiro-RJ. Hoje se sabe que este evento foi cultural e esportivo além de exposição de produtos. Na parte esportiva houve três grandes eventos, sendo um deles os Jogos Olímpicos Latino-Americanos envolvendo 8 países e 6 modalidades esportivas, contabilizando ao final 186.000 espectadores (ver capítulo sobre o evento neste Atlas). No âmbito popular, a Feira promoveu uma Corrida Rústica na Estrada de acesso ao Corcovado com grande sucesso em participação. Embora haja características de mega-evento esportivo nesta promoção, também não há registros sobre a participação de voluntários em que pese ser o setor esportivo nacional caracteristicamente comunitário à época, sem intervenções governamentais. Aparentemente, o apoio às competições esportivas foi feito pelo Exército Brasileiro desde que se tratava de instituição sempre citada nos noticiários sobre a Feira nos jornais. Os clubes que cederam suas instalações – com o Fluminense F.C. à frente – também forneceram apoio às competições, explicando a composição dos suportes aos Jogos. A ACM forneceu oficialmente os meios de gestão dos Jogos, isto é seus Secretários, instrutores e voluntários. Em 15 de dezembro deste mesmo ano (a oficialização da fundação aconteceu em 28 de fevereiro de 1923), foi fundado no Brasil o Rotary, clube de prestação de serviços que conta hoje com 2.302 clubes no país (ocupando a 3ª posição mundial), envolvendo mais de 53.000 voluntários (ocupando a 5ª posição mundial).

1926 Recreação Pública em Porto Alegre-RS: início provável de eventos recreativos e de atividades físicas de grande número de participantes, posteriormente desdobrados em seu modelo em algumas partes do país. A organização e a gestão foram feitas por funcionários da Prefeitura local. Eventos similares ao de Porto Alegre, apareceram nos anos seguintes destacando-se: 1926- Corrida de Rua (São Paulo); 1932- Colônia de Férias (Rio de Janeiro); 1947- Ruas de Recreio (Rio de Janeiro), com introdução de patrocínios e divulgação nos meios de comunicação; 1969- Iniciam-se as promoções comunitárias de recreação e lazer em Itapira-SP e cidade de São Paulo e Rio de Janeiro; no ano de 1977 em Sorocaba-SP; 1975- “ Mexa-se”, a primeira grande campanha esportiva de âmbito nacional. Estes eventos ocorreram com apoio explícito de voluntários, mas são desconhecidos preliminares e impactos derivados deste tipo de procedimento.

1935 Foi promulgada a Lei de Declaração de Utilidade Pública no Brasil, para regular a colaboração do Estado com as instituições filantrópicas apoiadas por grupos voluntários.

1942 Getúlio Vargas, então Presidente da República, criou a Legião Brasileira de Assistência-LBA, que também se apoiou no serviço voluntário nos municípios em que se instalou.

1950 Copa do Mundo de Futebol. Rio de Janeiro-RJ: mega-evento de grande significação no esporte nacional mas conduzido por pessoas contratadas e funcionários da Prefeitura do RJ.

1961 Universiade. Porto Alegre, RS: mega-evento esportivo internacional em que, pela primeira vez no Brasil, registra-se a mobilização explícita de voluntários, especificamente para o apoio das delegações visitantes (ver Koch, R. *Universiade 1961*. UNISINOS, 2003, pp. 27 – 63). Somente para a recepção e acompanhamento das delegações houve 500 candidatas voluntárias. Como nos Jogos de 1922 no RJ, os clubes de Porto Alegre estavam à frente do suporte ao evento. Também neste ano, é fundada a Associação de Pais e Amigos do Excepcional-APAE, que se segmentou em todo o país atuando com voluntários.

1963 Jogos Pan-Americanos. São Paulo-SP: aconteceram entre os dias 20 de abril a 5 de maio de 1963, contando com a presença de 1.665 atletas de 22 países em 17 modalidades esportivas. Os voluntários que atuaram nesta edição do Pan-Americano eram formados por pessoas conhecidas dos organizadores e o número foi inexpressivo. Suas atividades ficaram restritas a acompanhamento de delegações e algumas funções administrativas básicas. Militares e clubes participaram do apoio, repetindo o procedimento de 1922 nos Jogos Olímpicos Latino-Americanos do RJ.

1965 Campeonato Mundial de Basquete. Rio de Janeiro- RJ: evento de grande impacto na sua cidade sede e em todo o Brasil devido o envolvimento da mídia, porém hoje desconhecido quanto aos aspectos organizacionais e gerenciais.

1967 Criação do Projeto Rondon. Iniciativa de grande sucesso que demonstrou a existência de uma vocação espontânea para o voluntariado por parte dos jovens universitários brasileiros, incluindo eventos esportivos promovidos por graduandos de Escolas de Educação Física na década de 1970, como no caso dos *campi* avançados da Universidade Estadual do RJ (UERJ) no estado do Pará, e também em projetos de festivais de esporte do interior de Goiás, desenvolvido pela Faculdade Dom Bosco de Brasília (Mileno Tonisse, 2003).

1977 Campanha Esporte para Todos (EPT): implantada no país a partir de 1977. Este movimento que contou com grande adesão e mobilização da população, prioridade para o sucesso do evento, teve também a adesão de 9.000 voluntários, surpreendendo os organizadores da iniciativa, gerando assim, o maior empreendimento de voluntariado no esporte que se tem notícia no país, até a presente data. A análise dos relatos, a descrição e características das atividades desenvolvidas pelos voluntários, pressupõe um modelo de mobilização, treinamento e adesão ainda cabível em muitos aspectos para as demandas atuais. Em resumo, os eventos de caráter esportivos informais – no estilo EPT -, contaram com a participação popular em larga escala, pois não tinham objetivos seletivos, promoviam a integração social, não incentivavam a discriminação em qualquer espécie, fomentavam o lazer, a saúde, o desenvolvimento comunitário, o civismo, a humanização das cidades, a valorização da natureza, a adesão à prática esportiva e ao esporte organizado (elementos do “Decálogo” da campanha). Além disso, os eventos eram adaptados aos recursos disponíveis a fim de facilitar a mobilização de todos os envolvidos, demonstrando a vocação do Brasil no esporte popular. Com essas características, valorizava-se o serviço comunitário, capaz de convocar indivíduos a apoiar as entidades públicas e privadas que participavam dessas ações, dando surgimento a voluntários engajados e participativos. Basicamente, o treinamento dos voluntários era feito por uma fita cassete – distribuída em larga escala – e pela divulgação intensiva do decálogo do EPT.

1980 Este ano marca o aparecimento do voluntariado como função-chave dos Jogos Olímpicos. A ocorrência teve lugar nos Jogos Olímpicos de Inverno sediados em Lake Placid, EUA, quando praticamente todas as funções não diretivas foram ocupadas por 6.703 voluntários, redundando em excelentes resultados. Antes, nos Jogos de Verão e de Inverno, a expressão ‘voluntário’ não aparece nos relatórios oficiais das Olimpíadas entre 1896 e 1908. Mas em Stockholm-1912 (Verão), os escoteiros passaram a figurar na organização, e mais tarde, em Cortina d’Ampezzo-1956 (Inverno), os militares. Mas em nenhum caso com o impacto de Lake Placid-1980, que foi sucedido por crescente número de voluntários nos Jogos, alcançando 32.579 em Nagano-1998 (Inverno) e mais de 50 mil em Sydney-2000 (Verão) (Moragas *et al.*, 1999).

1981 Criação da Rede EPT com suporte básico de patrocínio local e de voluntários, mantendo o objetivo tradicional do EPT de oferta de atividades físicas recreativas de interesse comunitário. A participação deste voluntário, também denominado ‘agente’, iniciava-se com sua motivação pessoal, através das ações de divulgação do movimento (Fita K-7 e Decálogo). Os voluntários eram oriundos de entidades esportivas, funcionários de órgãos do governo, empresas, e na maioria dos casos, cidadãos interessados em trabalhar pelo esporte e por sua comunidade, independente da sua idade, raça, sexo ou condição econômica. Depois de motivado a atuar no trabalho voluntário, este indivíduo era informado dos detalhes e objetivos e participava de treinamento, que evidenciava como características principais a ação em grupo, a capacidade de influenciar pessoas e incentivar a comunidade a participar das atividades, atuando com liderança e espírito de cooperação. Portanto, a mobilização como estratégia fundamental do movimento EPT, começou com a busca de adesões tanto de pessoas como de entidades, como governos, instituições religiosas, clubes, estabelecimentos de ensino, escoteiros e bandeirantes, entre outros. Esta mobilização é o resultado da somatória divulgação + contato pessoal. O forte envolvimento dos primeiros voluntários foi capaz de disseminar um espírito de colaboração e captação das propostas do movimento EPT, além de identificar possíveis agentes,

estimular sua adesão e participar dos treinamentos, através da troca de experiências. Já nesta fase percebera-se que o voluntariado esportivo ‘aberto’ (fora dos clubes) era circulante, entrando e saindo do movimento de acordo com conveniências ou impossibilidades, gerando então mobilização permanente.

A mobilização dos voluntários nos pequenos e médios municípios se deu por adesão das pessoas através de divulgação local (agentes estaduais, rádios locais, anúncios grátis nas TV e jornais etc.). Nas cidades de porte maior, a mobilização foi mais abrangente e aconteceu através de entidades que já atuavam nas áreas de esporte e lazer, como clubes, sindicatos, empresas, entre outros, além dos meios de comunicação. O treinamento oferecido aos voluntários foi o ponto forte para o sucesso do movimento EPT. As oportunidades de trocas de experiências, a propagação de informações e dicas, tinham como base um programa de rádio em cadeia nacional, envolvendo 800 emissoras sob coordenação da Rádio MEC (RJ), aos domingos pela manhã, além da Revista Comunidade Esportiva (distribuição gratuita via correio, com patrocínio), ambos desenvolvidos com a participação direta de voluntários. Havia ampla participação nos cursos e reuniões, com temas relevantes para sua atuação. Os voluntários faziam circular informações, trocavam experiências pessoais, prestavam depoimentos, propiciando a participação e reflexão de todos, e chegaram a divulgar um código de ética que servia como referencial de atuação local e comunitária. A Rede EPT extinguiu-se em 1988, logo após a nova Constituição Federal aprovada neste ano, considerar as atividades esportivas não-formais como dever de Estado, ampliando assim a gestão de órgãos de governo no âmbito esportivo-recreativo.

1983 Cria-se a Pastoral da Criança, sob a chancela da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, outro projeto envolvendo voluntários de modo maciço, de grande repercussão nacional e internacional, que atuou e continua a atuar nas áreas da saúde, nutrição e educação, de crianças até aos cinco anos de idade. Em 2003, esta entidade atendia 1 milhão de famílias e a cerca de 1,6 milhões de crianças em todo o país.

1993 Neste ano, o sociólogo Herbert de Souza criou a “Ação da Cidadania Contra a Fome e a Miséria e pela Vida”, visando estabelecer um processo de organização da sociedade com base em voluntários.

1995-2001 Precedendo o “Ano Internacional do Voluntariado”, fixado pela ONU em 2001, três momentos merecem registros na história recente do voluntariado no Brasil: (1) em 1995, foi criado pelo Governo Federal o programa “Comunidade Solidária”, visando incentivar a participação da sociedade civil na resolução dos problemas sociais nacionais; (2) em 1997, foram criados os primeiros Centros de Voluntários do Brasil – uma espécie de “banco de voluntários”, mediando a relação “oferta/demanda” nesse campo e, finalmente, (3) em 1998, foi promulgada a Lei do Voluntariado (Lei nº 9.608) a qual dispôs sobre as condições do exercício do serviço voluntário, estabelecendo, inclusive, um termo de adesão. Essa Lei veio, de certa forma, revolucionar o serviço voluntário no Brasil, já que, em inúmeras ocasiões, ocorreram impasses de ordem jurídica, devido à má fé, tanto de quem se oferecia para executar tais serviços como daqueles que deles se utilizavam, sob o argumento dos direitos trabalhistas (ou da sua omissão). Por isso, na Lei em questão ficou estabelecido no Art.1º: “Considera-se serviço voluntário, para fins desta lei, a atividade não remunerada prestada por pessoas físicas a entidade pública de qualquer natureza, ou a instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos, ou de assistência social, inclusive mutualidade”.

1996 Início do movimento Agita São Paulo que se estabeleceu – e assim opera até hoje – com base em parcerias e voluntariado gerado a partir das instituições parceiras (ver capítulo “Agita SP” neste Atlas). Como no movimento EPT, o treinamento dos voluntários constitui a base dos “Agita” nos estados e municípios onde se encontram as instituições filiadas (empresas, escolas, hospitais, órgãos de governo etc). Este movimento tem desenvolvido com sucesso a promoção de saúde e do lazer por meio de atividades físicas, constituindo hoje um modelo internacional de boas práticas tanto na organização como nos modos de intervenção.

1999 Realiza-se em Lausanne, na Suíça, um Simpósio Internacional de Voluntários e Movimento Olímpico, organizado pelo Comitê Olímpico Internacional-Museu Olímpico, no qual se avaliou o papel

deste figurante cada vez mais importante ao longo da história dos Jogos Olímpicos. Uma síntese do conhecimento sobre o tema foi apresentada por Moragas, Moreno e Peniagua (1999), focalizando-se então as abordagens temáticas principais para o desenvolvimento do Voluntariado Olímpico: (1) treinamento operacional para o evento, de acordo com experiência, habilidades e/ou conhecimentos técnicos do voluntário, e de esclarecimento sobre os significados do esporte e do Olimpismo; (2) benefícios como retribuição adequada às tarefas estabelecidas, principalmente quanto às expectativas profissionais de cada voluntário (visibilidade profissional via banco de dados, diplomas, certificados etc); (3) reconhecimento público por meio de uniformes próprios, emblemas e outros símbolos; (4) valorização da função de voluntário sempre que possível de modo a criar gratificação pessoal.

2002 Neste ano, segundo estudo de Lucianna Carvalho (2002), estimou-se que no Brasil havia um montante de entidades atuantes com voluntários superior a 540.000, incluindo organizações não-governamentais (ONGs), fundações, associações civis e unidades assistenciais. Em relação à quantidade de empregos gerados, o setor respondia por 5% dos empregos no mundo e por 2,5% dos postos de trabalho no país. Considerando-se as organizações religiosas, a participação nos empregos do país subia para 3,2%: somente as 400 maiores entidades beneficentes no Brasil empregavam 86.894 pessoas em 2000 - excluindo os voluntários - segundo o Quinto Censo do Terceiro Setor, elaborado pela Kanitz & Associados. A mesma pesquisa indicou que essas 400 organizações ajudaram diretamente mais de 13,3 milhões de pessoas em 2000, um crescimento de 9% no indicador em relação ao número de pessoas atendidas no ano anterior. Já na distribuição de investimentos para as entidades brasileiras, 68% deles vêm de recursos próprios; 14% se originam do governo e 17,2% de doações, divididas em individuais (14%) e doações de empresas (3,2%). Este levantamento não definiu a parcela relativa ao esporte nas participações identificadas.

Situação atual Hoje, cerca de 14% da população brasileira está envolvida com trabalho voluntário na área social. Este número ainda é pequeno, comparando-se com a situação de países líderes na mobilização social e solidária: apenas 7% dos jovens brasileiros realizam trabalhos voluntários, contra 62% nos Estados Unidos. No Brasil, o campo das atividades físico-esportivas parece ser uma arena privilegiada para que se amplie essa participação altruística com base em sua tradição, a mais enraizada depois das obras religiosas. É mesmo plausível afirmar que as atividades físico-esportivas no Brasil têm sua base estrutural e seu desenvolvimento gerencial calcados na ação de pessoas voluntárias. Um retrato da atualidade oferece elementos para essa assertiva se for considerada, para fins do inventário deste Atlas, a natureza da base administrativa das atividades físico-esportivas no país, ou seja, o poder público, a iniciativa privada e as chamadas ONGs (ver adiante em destaque “Esporte, voluntariado e Terceiro Setor”). Em princípio,

apesar de ser mais “deficiente” do que “carente”, o setor público intervém nas atividades físico-esportivas com vigor, principalmente pela alocação de espaços e equipamentos específicos para a sua prática e fruição, orientação profissional e (ainda que reduzida) dotação orçamentária. A capilarização da estrutura municipalista brasileira, com as suas quase 6.000 cidades, representa uma destacada infra-estrutura administrativa para as atividades físico-esportivas em todo país, conforme consta do levantamento de instalações esportivas feito pelos CREFs, incluído neste Atlas. Por estes números – embora incompletos em termos geográficos – entende-se que deve ser raro o município brasileiro que não possua mais do que um campo de futebol (mesmo que não oficial); grande maioria deles conta com quadra poli-esportivas; bom número tem suas quadras cobertas/ginásios de esportes; outros, piscinas e demais instalações. Além desta base municipal, tem crescido de maneira notável o número de pessoas que se apropriam dos mais distintos espaços públicos para realizar atividades físicas, sobretudo caminhadas (ver capítulo “Cenário geral das atividades físicas” neste Atlas). Se há essa infra-estrutura física instalada, a administração, animação e condução das atividades físico-esportivas num município, sejam elas programadas ou espontâneas, cabe ao voluntário, ele ou ela. Isto porque grande parte dos municípios brasileiros conta hoje em sua estrutura administrativa com pelo menos um órgão responsável pela oferta de tais serviços à população. E nem sempre um profissional, particularmente o especializado, tem essa incumbência. O que se vê crescer nas cidades, até por força das Leis Orgânicas, é a implantação de Conselhos Municipais de Esportes (e lazer, em alguns casos) cuja atribuição, na maioria das vezes de caráter consultivo, é auxiliar na formulação de políticas públicas para esse setor, trabalho esse desenvolvido de maneira voluntária. Algo similar ocorre na esfera estadual e na própria União, com seus respectivos conselhos, cujos titulares nada percebem financeiramente, atuando, quase sempre, voluntariamente.

Se na perspectiva “consultiva” essa ação voluntária ocorre nos três níveis do poder público, na parte “executiva”, isso também ocorre por inúmeras motivações, sejam elas pela ausência de profissionais, por arranjos políticos, prestígio pessoal ou mesmo por economia. Muitos municípios ainda contam com sua Comissão Central de Esportes (CCE) ou denominações equivalentes, constituída por voluntários, na maioria das vezes ex-atletas, que acompanham as delegações das respectivas cidades nos Jogos Regionais e Abertos do Interior, como é o caso do estado de São Paulo. Em alguns municípios de maior porte essa estrutura de CCE “evoluiu” para a criação de “Fundações Esportivas” que também contam em seus quadros inúmeros voluntários. Algo semelhante pode ser dito com respeito à própria estrutura do esporte amador do país, ainda constituída, em grande parte, por ligas municipais, federações estaduais e confederações no âmbito nacional: seus líderes atuam sem vínculo empregatício, sendo na maioria das vezes dirigentes

esportivos voluntários. Transitando-se do setor público para a iniciativa privada, o mesmo fenômeno se observa, vide os clubes social-recreativos: o Conselho Diretor de um clube é formado por voluntários; o Conselho Fiscal e/ou Patrimonial também; os cargos da Diretoria Executiva, mesmo considerando-se as variações estatutárias possíveis são, igualmente, ocupados por voluntários. Uma estimativa poderá dar a dimensão numérica, mesmo que preliminar do que isso pode representar no país: se a Diretoria Executiva eleita de um clube tiver um número mínimo de cinco funções (Presidente, Vice-Presidente, Tesoureiro, Diretor Social e Diretor Administrativo), multiplicando-se pelo número (estimativa conservadora) de 10.000 unidades no país (vide capítulo sobre clubes neste mesmo Atlas), são 50.000 voluntários atuando prioritariamente em ações ligadas, direta ou indiretamente, às atividades físico-esportivas.

Mas quando se fala em voluntariado no esporte existe uma grande lacuna em termos de “registro/difusão” de dados. Após a experiência de trabalho voluntário no esporte com o EPT, o Brasil não instituiu este campo de atuação, talvez pela própria ausência de grandes eventos esportivos no país durante muitos anos. Recentemente, o país começou a sediar tais promoções que necessitam da atuação de voluntários para serem viáveis financeiramente e legítimos socialmente. Os Jogos Pan-Americanos que irão se realizar na cidade do Rio de Janeiro em 2007, necessitarão de 15.000 voluntários em diversas áreas de atuação, daí a importância da implantação de programas que supram esta necessidade e que sirva como pilar diante da possibilidade do Brasil vir a ser palco de outros mega-eventos esportivos, como os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de Futebol. Mas o espírito do voluntariado não se esgotará em mega-eventos, pois ele enfim reside na própria essência da prática esportiva.

Fontes Ministério da Educação, Secretaria de Educação Física e Desportos (1989) Esporte Não Formal, Brasília; COB (2003), Rio de Janeiro – Cidade Candidata Jogos Pan-Americanos 2007; Éboli, C., Cresce o interesse das empresas pelas ações de responsabilidade social. Gazeta Mercantil, SP, 29/05/2002; www.voluntarios.com.br (2004); MEC, SEED, SUEPT(1984) Esporte para Todos: Tradição e renovação da Educação Física e dos Esportes no Brasil; Da Costa, L. (1981) Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa. Rio de Janeiro, RJ: Palestra Edições Desportivas; *International Symposium Lausanne – 1999: Volunteers, Global Society and the Olympic Movement, Olympic Museum, Lausanne, 2000*; Testemunhos de Mileno Tonisse, Universidade Católica de Brasília, dirigente do ‘Projeto Bosquinho’ de 1978 (2003); Marco Polo Henriques, Revista Medicis n.º9, 2002; Moragas, M., Moreno, A. B. & Paniagua, R. *The Evolution of Volunteers at the Olympic Games. In International Symposium Lausanne - 1999*, Olympic Museum, Lausanne, 2000, pp. 133 – 154.

Esporte, voluntariado e o Terceiro Setor *Sport, volunteerism and the third sector*

CARLOS HENRIQUE V. RIBEIRO

Definições Em 1999, foi instituída a Lei nº 9.790, que estabeleceu critérios para a abertura, legalização e funcionamento das OSCIPs, isto é “Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público”. Essa Lei estabelece um marco legal para a criação do Terceiro Setor no Brasil, sendo o primeiro, o governo, e o segundo as empresas atuando no mercado. Dentre eles está a questão da valorização do voluntariado para o estabelecimento de isenções fiscais, bem como doações de empresas privadas e pessoas físicas para abatimento do imposto de renda. São essas isenções fiscais que permitem o aumento de empresas interessadas em apoiar e patrocinar projetos esportivos de cunho social nas comunidades de baixa renda das grandes capitais brasileiras. O esporte e a ação social têm mantido uma parceria de sucesso no Brasil ao longo das últimas décadas. Como ação social, englobam-se duas atividades distintas, porém complementares. a) aquelas desenvolvidas por pessoas que realizam ações voluntárias em seu tempo livre; b) ações sem fins lucrativos que são promovidas por empresas, fundações, institutos, ONGs e OSCIPs, visando ao bem-estar de uma comunidade específica. Em um país com baixos índices de desenvolvimento humano e alta concentração de renda como o Brasil, o esporte assume por vezes o papel de promotor da mobilidade social para diversos indivíduos, principalmente aqueles advindos das camadas de baixa renda da população. A presença do Estado para a implementação e organização das atividades esportivas tem sido acompanhada do discurso de que é necessário ocupar o tempo livre de crianças e adolescentes, tirando-os da ociosidade. Mas, de fato, o esporte atua neste espaço como um dos principais agentes educadores, em locais como as favelas, as praças públicas e as praias, devido ao seu forte poder agregador e mobilizador.

1972 O “Movimento Esporte para Todos” é promovido por grupos de professores de Educação Física por volta de 1972 com o objetivo de aumentar o número de praticantes em atividades físicas visando o aspecto psicossocial.

1974 A campanha publicitária de cunho social “Mexa-se” desenvolvida pela Rede Globo de Televisão teve repercussão nacional e tinha como objetivo principal fazer com que pessoas sedentárias se engajassem nas práticas corporais, principalmente àquelas relacionadas ao andar e correr. Com chamadas alegres, dinâmicas e inserções diárias na grade de sua programação, essa emissora foi a pioneira em divulgar a prática de atividades físicas para o grande público.

Década de 1980 Com a anistia política, o processo de redemocratização e o retorno de diversos intelectuais ao Brasil no início dessa década, o País passa a repensar as questões sociais. Entre os principais personagens da ação social destacou-se o sociólogo Hebert de Souza, fundador da Ação da Cidadania Contra a Fome. Após a anistia política concedida pelo então Governo Militar, alguns intelectuais trouxeram experiências do Chile, da Europa e da América do Norte nas questões acerca da relação entre Governo, Empresas Privadas e Sociedade Civil. Durante esse período o esporte passa se pensado como meio de atrair crianças, jovens e adultos para a prática de atividades corporais que levassem à melhoria da capacidade física e também das questões sobre a valorização do espaço público.

1988 Nasce o Projeto Esportivo e Social da Mangueira que tem como missão tirar crianças e adolescentes da ociosidade para os moradores do Morro da Mangueira, a partir da prática

de esportes e formação de equipes de competição, principalmente o atletismo. Com os resultados positivos obtidos por esse projeto social, outras comunidades em áreas de baixa renda passam a receber o apoio de empresas públicas e privadas para a implementação e desenvolvimento de atividades esportivas.

1992 A Eco-92 realizada no Rio de Janeiro permite a discussão de diversos projetos sociais e o entendimento da necessidade da participação de cidadãos, presidentes de associações de moradores e demais membros da sociedade civil nas questões de ordem pública do país. É a partir desse período que inúmeras ONGs e entidades públicas sem fins lucrativos são criadas para tentar assegurar os direitos constitucionais de grupos com baixa representação política, entre eles estão o grupo feminino, de descendência afro-brasileira, crianças, idosos, índios, portadores de deficiência física e portadores de doenças graves, entre outros. O esporte entra nesse período com o discurso de integração social, além do apelo educacional.

1993 É criado o ‘Viva Rio’ por pessoas advindas da chamada “sociedade civil” carioca. Após a “Chacina de Vigário Geral” e a “Chacina da Candelária” que aconteceram respectivamente em agosto e dezembro daquele ano, diversos cidadãos resolvem interagir com as comunidades de baixa renda criando esta Organização Não-Governamental. Essas organizações tiveram em um primeiro momento que dialogar com as comunidades que estavam recebendo suas ações sociais. É a partir deste contexto que o esporte entra com a linguagem da prática do futebol, dança, futsal, atletismo entre outros para criar um elo entre pessoas de diferentes camadas sociais e oferecer resultados concretos na modificação da realidade dos moradores que são beneficiados por esses projetos sociais.

1994 Após a morte do piloto de Fórmula 1 Ayrton Senna, é criada a Fundação com o mesmo nome desse esportista. A Fundação tem como missão dar a oportunidade de crianças e adolescentes o acesso à educação, saúde, cultura e profissão. Os recursos para a implementação dos programas sociais vieram inicialmente dos royalties gerados pelo uso das marcas Senna, Senninha e da imagem de Ayrton Senna.

1997 É criada a Fundação Gol de Letra pelos tetracampeões de futebol Raí e Leonardo, na cidade de São Paulo-SP. Esta Fundação tem como missão “Investir na formação de gerações de crianças e adolescentes capazes de transformar suas realidades, garantindo-lhes o direito à educação, cultura e assistência social”. Essa entidade oferece atividades esportivas, culturais e educacionais para cerca de 600 crianças nas cidades de São Paulo-SP e Niterói-RJ. Os recursos iniciais para a implementação e desenvolvimento dessa iniciativa vieram inicialmente de um fundo institucional de cerca de um milhão de reais doados por esses ex-jogadores no período em que ainda estavam atuando como atletas.

1999 É criada a Lei nº 9.790, que estabeleceu critérios para a abertura das Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público-OSCIP. Cresce o número de iniciativas do Poder Público para integrar adolescentes e a prática de esportes tais como os ‘Jogos pela Paz’ realizado pelo Viva Rio e o Governo Estadual do Rio de Janeiro.

2000 É criado o Instituto Bola Pra Frente dos ex-jogadores de futebol Jorginho e Bebeto. Sua missão é “Tirar a criança da rua e a rua da criança”. Sediado em um bairro da periferia carioca, esse Instituto atende cerca de 500 crianças que se encontram em risco social, oferecendo atividades esportivas, culturais e profissionalizantes. O I Campeonato Mundial de Futebol Interclubes realizado em janeiro daquele ano conta com a participação de

inúmeros voluntários no que diz respeito à organização e apoio de atividades para os torcedores que se dirigiam ao estádio Mário Filho na cidade do Rio de Janeiro-RJ.

2002 Nasce o Instituto Dunga de Desenvolvimento Cidadão, do ex-jogador e capitão do tetracampeonato de futebol Dunga. Sua missão é “Promover através do Esporte um caminho de acesso à maioria entendida como pleno exercício da cidadania na construção de uma sociedade democrática e solidária”. Sediado em Porto Alegre-RS, esse Instituto oferece atividades esportivas de cunho social para 300 crianças no bairro da periferia da capital gaúcha.

2003 Cresce o número de inscritos pela Internet de pessoas interessadas em atuar como voluntárias durante a realização dos Jogos Pan-Americanos de 2007 na cidade do Rio de Janeiro. Grandes empresas incluem em seus balanços econômicos o “balanço social” para demonstrarem sua relação ética e socialmente responsável com seus consumidores, cliente e fornecedores. Projetos de Lei que permitem incentivos fiscais para empresas que doarem recursos financeiros para esse tipo de fundações estão em tramitação no Poder Legislativo brasileiro, criando uma espécie de “Lei Rouanet” de apoio aos programas sociais da área esportiva (ver capítulo ‘Ministério do Esporte’ neste Atlas).

Situação atual O chamado Terceiro Setor é hoje um setor gerador de emprego, já que ele é a oitava economia do mundo, movimentando mais de US\$ 1 trilhão por ano, cerca de 8% do PIB mundial. No Brasil ele representa R\$ 10,9 bilhões anuais (cerca de 1% do PIB), sendo R\$ 1 bilhão em doações. Emprega cerca de 1,2 milhões de pessoas e tem 20 milhões de voluntários (o Brasil é o quinto do mundo em voluntários). Entre 1991 e 1995, o mercado de trabalho no Terceiro Setor cresceu 44,38% contra 20% do Segundo Setor (empresas), firmando-se como uma nova porta de entrada no mercado de trabalho para estudantes de várias áreas (Carvalho, 2002). Tem crescido então o número de ações sociais desenvolvidos por empresas privadas, públicas, fundações, ONGs e OSCIPs, principalmente aquelas desenvolvidas em áreas de baixa renda que têm como vizinhas áreas de alto poder aquisitivo. Exemplos dessas situações podem ser vistas nos inúmeros projetos esportivos de cunho social estabelecidos nas grandes cidades brasileiras, tais como na zona sul da Cidade do Rio de Janeiro, nas comunidades dos morros Pavão-Pavãozinho (Ipanema), Rocinha (São Conrado) e Chapéu-Mangureira (Leme). O número de vilas olímpicas destinadas ao lazer e formação de atletas construídos pelo poder público nas esferas federal, estadual e municipal vem aumentando nas diversas regiões brasileiras. Na cidade do Rio de Janeiro, elas chegam a cerca de 12 vilas olímpicas que atendem uma média de 600 pessoas/dia em esportes diversos, tais como natação, ginástica, vôlei, basquete, entre outros.

Fontes Coelho, S. (2000). Terceiro setor: um estudo comparado entre Brasil e Estados Unidos. São Paulo: Editora SENAC; Fernandes, R. (1994). Privado porém público: o Terceiro Setor na América Latina. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; Ribeiro, C. H. de V. (2004). Mais do que pendurar as chuteiras: projetos sociais de ex-jogadores de futebol famosos (Tese de Doutorado). UGF, Rio de Janeiro; Ayala, V. R. Voluntariado Social, Incorporación Social y Solidaridad: Independencia, Interdependencia y Ambigüedades, Documentación Social. Revista de Estudios Sociales y de Sociología Aplicada, 1994; Carvalho, L. Solidariedade movimenta US\$ 10 bi. Gazeta Mercantil, SP, 29/05/2002.

**Associações e movimentos –
abrangência nacional – internacional**



FIEP – Federação Internacional de Educação Física

MANOEL J. GOMES TUBINO E ALMIR A. GRUHN

International Federation of Physical Education – FIEP

The International Federation of Physical Education – FIEP, founded in 1923 in Brussels, Belgium, is an international organization that aims at promoting physical education and the development of physical, educational and leisure activities in all of the affiliated countries. Based in Brazil, where there are delegates and representatives in all

Origens e Definições A Federação Internacional de Educação Física – FIEP, fundada em 1923 em Bruxelas - Bélgica, é uma organização internacional hoje com sua Presidência e Secretaria sediadas no Brasil, que tem por objetivo promover em todos os países filiados a difusão da Educação Física; o desenvolvimento das atividades físicas, educativas e recreativas; a formação dos professores, com atualização e aperfeiçoamento constantes; e a cooperação internacional neste domínio. Sua ação nas últimas oito décadas desenvolveu-se nos temas técnico, pedagógico e social de Educação Física e do esporte, excluindo toda discussão e toda discriminação de ordem política, religiosa e social. Através de suas quatro Seções Internacionais (Científica, Escolar, Esporte para Todos e Educação Olímpica), a FIEP desenvolve suas ações em 114 países onde possui Delegados Nacionais.

1900 Durante o Congresso Internacional de Educação Física de Paris (França), realizado entre 30 de Agosto a 6 de setembro, surge pela primeira vez a idéia de se criar uma organização Internacional de Educação Física. Foi constituída, então, uma “Comissão Internacional Permanente de Educação Física” cujos objetivos estavam voltados para a formação universitária de professores.

1911 No Congresso Internacional de Odensée (Dinamarca), em 7 – 10 de julho deste ano, criou-se o *Institute Internationale d’Education Physique*, orientado para a Educação Física Escolar, o que o tornou uma entidade precursora da FIEP, embora tenha havido interrupção de atividades durante a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918).

1923 O movimento da internacionalização da Educação Física se revigora e ressurgiu com a criação da *Fédération Internationale de Gymnastique Educative* – FIGE. Este evento marca o início da FIEP. A FIGE foi organizada oficialmente em 02 de julho de 1923, durante o Congresso Internacional de Bruxelas. Esta nova instituição reuniu Federações, Ligas e Uniões de vários países, sendo o primeiro presidente o General Lefebure (Bélgica).

1930 Em Estocolmo (Suécia) no mês de junho, a FIGE realizou um Congresso e Cursos, quando se decidiu que passaria a se chamar de *Fédération Internationale de Gymnastique Ling* ou FIGL.

1931 Em fevereiro, a FIGL publica o primeiro número de seu Boletim, que passou a constituir numa das primeiras revistas especializadas em Educação Física do mundo. Hoje este veículo técnico chama-se Revista Científica da FIEP no Brasil, mas em nível internacional preserva a denominação de BULLETIN FIEP (em quatro idiomas: Inglês, Francês, Espanhol e Português) com o ISSN 0256-6419, circulando em 114 países e editada no Brasil.

1935 Neste ano, o Major Joseph G. Thulin (Suécia) é eleito Presidente, permanecendo nesta posição até 1958. Mais adiante, na Assembléia Geral de Istambul, durante o Congresso Mundial de 2 – 9 de agosto de 1953, foi aprovada uma proposta de Thulin, passando a Federação a se chamar *Fédération Internationale d’Education Physique* – FIEP.

1949 A FIEP chega ao Brasil, por meio de professores brasileiros participantes da II Língua de Estocolmo – Suécia, 1949, com 1450 congressistas de 60 países. Nessa oportunidade, o presidente mundial Joseph G. Thulin, designou como Delegados da FIEP os Professores Alfredo Colombo (Rio de Janeiro e Leste do Brasil); Sylvio José Raso (Minas Gerais e Norte do Brasil); Antonio Boaventura da Silva (São Paulo e Oeste do Brasil); e Jacintho Francisco Targa (Rio Grande do Sul e região Sul do Brasil).

states, FIEP has a network of delegates in more than 100 countries today. Most of FIEP’s efforts are located in South America, especially in Brazil, where the International Magazine is edited and where the General Office manages FIEP’s site and network on the Internet. FIEP also supports and participates in the Prêmio Príncipe Faisal (Prince

1951 Visita do Presidente da FIEP Joseph G. Thulin ao Brasil, Uruguai, Argentina e Chile. Neste ano realizaram-se os primeiros cursos da FIEP no Brasil: Curso de Ginástica Sueca (Ministrante Prof. Johanson Curt – Suécia), em Santos - SP, com 300 participantes de diversos Estados, e em Porto Alegre - RS, na Associação de Especializados em Educação Física e Desportos daquele Estado.

1959 Criação do Comitê Brasileiro da FIEP, composto pelos professores Sylvio José Raso, Alfredo Colombo, Antonio Boaventura da Silva e Jacintho Francisco Targa.

1963 II Congresso Luso Brasileiro, Rio de Janeiro - RJ, conjugados com os II Jogos Luso Brasileiros, com patrocínio da FIEP e organizado pela Divisão de Educação Física do Ministério da Educação em colaboração com a Associação de Professores de Educação Física do Estado da Guanabara (antiga denominação do Estado do RJ).

Década de 1960 No final desta década, a importância da FIEP no cenário internacional estimulou a elaboração do Manifesto Mundial da Educação Física- FIEP, que foi lançado em 1970. Este Manifesto conceituou a Educação Física e norteou seus caminhos mundialmente, após a tradução em diversos idiomas, sendo muito difundido nas Escolas e Faculdades de Educação Física no Brasil.

1970 O brasileiro Jayr Jordão Ramos foi eleito Vice-Presidente da FIEP para a América Latina.

1976 Publicação do Boletim FIEP em português, produzido com o apoio do Departamento de Educação Física e Desportos – DED do Ministério da Educação, sob a coordenação de Herbert Dutra de Almeida, que circulou até 1988.

Década de 1970 Neste período, a FIEP no Brasil destacou-se pelas jornadas e cursos realizados: Vitória-ES com 400 participantes; Santos-SP com 571 participantes; Goiânia GO com 700 participantes; Salvador-BA com 350 participantes; Volta Redonda-RJ; Tramandaí-RS; Campo Grande-MS; São Paulo-SP.

1984 John C. Andrews (Inglaterra) é eleito presidente da FIEP, permanecendo na função até janeiro de 2000. Ele consolidou a FIEP como o organismo mundial ampliando o número de filiações; deu grande impulso à instituição na América Latina; criou o Prêmio Científico Príncipe Faisal, reforçando as relações com os Países Árabes.

1986 Têm início os eventos anuais “Congresso Internacional de Foz do Iguaçu – PR”, com uma participação em torno de 2000 a 3000 congressistas vindos de cerca de uma dezena de países em média, sempre com a presença do Presidente Mundial da FIEP, John Andrews. No Congresso Mundial da FIEP na Tunísia, Jacintho Francisco Targa, é eleito Vice Presidente da FIEP para a América Latina.

Década de 1990 Neste estágio, afirmaram-se os Congressos Internacionais em Foz do Iguaçu - PR como o maior congresso da FIEP. Surgiram outras iniciativas em Barretos-SP, com 4 eventos, média de 500 participantes; em Palmas-PR com 11 Seminários, 700 participantes; em São Paulo-SP com 4 Congressos, 750 participantes; em Fortaleza-CE, com 5 Congressos, 650 participantes; em Salvador-BA com 4 convenções; em Matão-SP com 2 encontros; em Erechim-RS com 4 seminários com 450 participantes em média; em Dourados-MS e em Maceió-AL, com 4 congressos.

1991 Realização do Congresso Mundial de Educação Física da FIEP, Foz do Iguaçu-PR durante o período de 7 – 12 de janeiro. Pela

Faisal’s Award) for the development of sports in the Arab countries, distributing US\$100,000 in prizes. FIEP’s most famous event in the whole world is the International Conference in Foz do Iguaçu – PR, an annual event that had 2,388 participants from 14 countries and 553 papers presented in 2003.

primeira vez, o Brasil foi sede deste evento da instituição. Registraram-se 1798 participantes de 16 países.

1995 Em Foz do Iguaçu - PR organiza-se o Congresso Mundial da FIEP, no período de 9 a 13 de janeiro, com 3063 participantes de 19 países. Em Córdoba – Argentina, a FIEP inicia a realização das Jornadas de Educação Física do Mercosul, coordenadas por Jorge Diaz Otanez.

1996 Os professores brasileiros Victor Matsudo e Sandra Matsudo, de SP, obtiveram o 2º lugar no Prêmio Príncipe Faisal, com cerimônia realizada no Marrocos no dia 3 de julho.

1999 Comemoração dos 50 anos da FIEP no Brasil, durante o 14º Congresso Internacional em Foz do Iguaçu, com 1539 participantes de 11 países. Na abertura do Congresso, o CONFEF – Conselho Federal de Educação Física deu posse aos seus conselheiros; Argentina, Chile e Uruguai também comemoraram os 50 anos da FIEP, em seus países.

2000 Realização do Congresso Mundial da FIEP em Foz do Iguaçu - PR (FIEP / 2000), no período de 9 - 13 de janeiro, com 1968 participantes de 18 países. Na Assembléia Geral Mundial da FIEP, Manoel José Gomes Tubino é eleito Presidente Mundial da FIEP, mandato 2000/2004. A diretoria passa a contar com outros dois brasileiros: Almir Adolfo Gruhn, de Foz do Iguaçu - PR (Secretário Mundial) e Paulo Ernesto Antonelli, de Palmas PR (Tesoureiro Mundial). Durante o evento foi lançado o Manifesto Mundial de Educação Física – FIEP 2000, que atualizou o manifesto de 1970 ampliando o conceito de Educação Física com base no postulado de um direito de todos. Criou-se a Seção Educação Olímpica, tendo como presidente Deanna L. Binder (Canadá). John C. Andrews foi nomeado Presidente de Honra da FIEP. Jorge Diaz Otanez, da Cidade de Córdoba, Argentina, é eleito Vice-Presidente da FIEP para a América Latina. O Congresso Científico Latino-Americano – FIEP/UNIMEP tem início em Piracicaba – SP com programação de ocorrência a cada dois anos.

2003 Realiza-se em Foz do Iguaçu/PR – Fórum da Educação Física dos Países do Mercosul, evento que acontece paralelamente ao Congresso da FIEP, numa promoção do CONFEF. Comemoração dos 80 anos da FIEP Mundial, durante o 18º Congresso Internacional de Foz do Iguaçu - PR, com 2388 participantes de 14 países. A Sessão Científica do evento recebeu 553 trabalhos.

2004 Realiza-se o 1º Congresso Brasileiro Científico da FIEP em Foz do Iguaçu, com apresentação de 863 trabalhos e 167 artigos para a Revista da FIEP.

Situação atual Atualmente a FIEP conta com uma rede de Delegados em mais de 100 países. No Brasil há Delegados e Representantes em todos os Estados, além do Presidente, o Secretário e o Tesoureiro da entidade maior. Na América do Sul e principalmente no Brasil, situa-se o maior esforço da FIEP na comparação internacional. A Revista Mundial da FIEP é editada no Brasil. A Delegacia Geral da FIEP no Brasil administra o Site da FIEP e a rede FIEP na Internet. A FIEP apóia e participa do Prêmio Príncipe Faisal, para o desenvolvimento do Esportes nos países Árabes, que tem uma premiação de US\$100,000 anuais.

Fontes Boletins da FIEP do Brasil e da Inglaterra; Relatórios dos Congressos Int. Ed. Física de Foz do Iguaçu; www.fiepbrasil.org; Gruhn, A. A., Livro FIEP no Brasil – 50 anos de História, 1999.

Países filiados à FIEP na América do Sul – delegados e vínculos, 2003

FIEP member countries in South America – delegates and links, 2003



Fonte / source: Profº Dr. Jorge Diaz OTANEZ
Delegado Nacional da FIEP na Argentina
Vice-Presidente da FIEP na América do Sul

Clubes Panathlon e Panathletismo

LUIZ BACCALÁ

Panathlon clubs and Panathletics

In the sports area, the Panathlon clubs, are equivalent to the Rotary or the Lions clubs. Brazil is today the second largest center of Panathlon clubs in the world, coming right after Italy, the headquarters country. This international movement can be found in 32 countries today. The first Brazilian Panathlon club was

Origens e Definições Em 1951, na cidade de Veneza, Itália, um grupo de associados do Rotary Club praticantes de atividades físicas e aficionados do esporte como meio de cultura, fundou o Panathlon Internacional, sob forma de clubes de serviço à comunidade. Este movimento voluntário, em 2002, congregava cerca de 376 clubes em 32 países e se mantinha todavia em sua proposta original de promover os valores do esporte como instrumento de formação e valorização da pessoa humana, como também de veículo de solidariedade entre grupos sociais. Assim organizado, o Panathlon Internacional se associou, ao longo de sua expansão, ao Comitê Olímpico Internacional, à UNESCO, à UNICEF e à AGFIS (entidade que agrega as federações internacionais de esporte).

A expressão *Panathlon* vem da língua grega antiga e significa “conjunto de todas as atividades atléticas”, correspondendo então ao lema do movimento *Ludis lungit*, “unidos pelo esporte” em latim. A organização básica do Panathlon Internacional é de uma sede com presidência, secretaria e conselho central (inclui realização de congressos), núcleo a partir do qual vinculam-se distritos (países e/ou regiões) e nestes, os clubes locais (cidades).

A consolidação das atividades do Panathlon Internacional acabou por redefinir seus propósitos iniciais em uma doutrina de responsabilidade social, hoje denominada de Panathletismo, cujos fundamentos principais consistem em atuar: (a) em favor da cultura do esporte através de congressos internacionais e publicações com artigos técnicos e analíticos; (b) pela preservação do espírito ético no esporte (sujeito a questionamentos depois que esta atividade tornou-se objeto de comércio e marketing); (c) em favor do fair-play; (d) pelo estímulo à amizade entre seus membros, quer em nível local, regional, nacional ou internacional.

Sendo um clube de serviços, o Panathlon materializa-se por uma reunião mensal de seus associados locais. Daí a sua única sede física situar-se na cidade de Rapallo, Riviera Italiana, na Ligúria. O Brasil, neste contexto de relações internacionais, está posicionado em segundo lugar depois da Itália, em número de clubes Panathlon em termos mundiais (cerca de 10% do total), sendo a presidência para as Américas, atualmente assumida, pelo brasileiro Henrique Nicolini. O capítulo brasileiro do Panathlon tem seus membros basicamente originados das lideranças de entidades esportivas – profissionais liberais, na maioria – e profissionais da Educação Física, esportes e atividades físicas de lazer e de saúde.

1974 Fundação do Panathlon Clube de São Paulo – SP, o primeiro do Brasil, tendo à frente Henrique Nicolini, professor de Educação Física e jornalista da “Gazeta Esportiva”, à época um jornal diário da cidade de São Paulo dedicado à promoção do esporte, além da função tradicional de mídia impressa.

1976 O panathletismo brasileiro apresentou neste ano um fluxo de grande expansão. Em junho, foi fundado o clube de Bauru; em novembro o de Juiz de Fora; e em dezembro o de Porto Alegre. No segmento de Juiz de Fora, a obra panathlética destacada e periódica tem sido a “Corrida da Saúde”, evento que reúne competidores de cerca de cem municípios do entorno geoeconômico do sul do Estado de MG.

1977 Com o início das atividades de mais dois clubes (Campinas em março e Presidente Prudente em dezembro), houve quorum estatutário para a instituição do XII Distrito do Panathlon Internacional.

Década de 1980 Criação e consolidação de clubes no interior do Estado de São Paulo, área do país em que tem se apoiado o movimento Panathlon com maiores empenhos. Neste período surgiram

founded in 1974, in the city of São Paulo, after the initiative of Henrique Nicolini, who is the current president of this international association for the Americas . The number of Panathlon clubs increased in the interior of the State of São Paulo during its first phase of expansion (1980s). The second phase showed that the

os clubes de Sorocaba, São José dos Campos, Taubaté, Santos, Jundiá, Jaboticabal, Mococa, Mogi das Cruzes. Fora do Estado de São Paulo organizaram-se clubes em Recife e Manaus.

Década de 1990 Consolidação dos meios de influência do Panathletismo no Brasil, representados por causas sociais tendo o esporte como vetor principal. Em termos operacionais, esta fase correspondeu à adoção de um tema por ano, em torno do qual se passou a definir o voluntariado tanto para ações do movimento como para parcerias institucionais de interesse local e regional. Esta estratégia originou-se das bases internacionais do Panathlon com as quais o Distrito XII conseguiu alcançar plena sintonia e maturidade no período em foco. Nesta década, a expansão nacional do movimento teve continuidade pelos Estados de RS, PR, PE e AM.

1991 Neste ano o Panathlon da cidade de São Paulo atuou decisivamente na preservação do status de Secretaria Municipal de Esportes local. Ou seja: um projeto de reforma administrativa da cidade de São Paulo pretendia considerar a Secretaria em pauta um simples desdobramento da Secretaria Municipal de Cultura. Ela seria transformada em um mero departamento, rebaixando o seu status anterior justificado por sete anos de existência e iniciativas de grande importância para a comunidade local. Neste contexto, o Panathlon Clube de São Paulo convidou, para um de seus convívios mensais, todos os vereadores da cidade, obtendo um quorum superior a 60 por cento dos integrantes da Câmara Municipal. Após as argumentações dos panathletas e autoridades presentes, obteve-se afinal a retirada da proposta pelo Executivo Municipal, confirmando-se assim a postura de intermediação do Panathlon.

1998 O II Congresso Pan-Americano do Panathlon Internacional foi realizado em outubro deste ano, em Recife. O tema foi “Direito e Esporte”. O Panathlon trouxe para o debate os autores e relatores da Lei “Pelé” (legislação básica de estrutura e funcionamento do esporte no Brasil), dando uma grande contribuição para o seu aperfeiçoamento. Fixou-se o movimento, assim sendo, como protagonista das principais discussões sobre temas esportivos de âmbito nacional.

2001 - 2003 Realizou-se, em 2001, o Congresso de Sorocaba que também constitui marco da presença do Panathlon no Brasil e de sua influência no Estado de SP. Uma das grandes frustrações da classe ligada à Educação Física era o fato desta disciplina, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, ser classificada apenas como uma atividade, deixando-se os Conselhos Regionais legislarem sobre o número de sessões semanais voltadas para a atividade física. A Educação Física havia perdido as prerrogativas de disciplina obrigatória que mantinha por mais de meio século.

O panathletismo brasileiro promoveu uma campanha e um movimento de opinião para sensibilizar as autoridades, quer nacionais, estaduais, ou municipais com o objetivo de reverter tal situação. Finalmente, conseguiu-se em 13 de março de 2003, a aprovação da Educação Física como matéria obrigatória no currículo das escolas públicas estaduais, através da sanção, pelo governador do Estado, da LEI nº 11.3661/03. O importante é que esta obrigatoriedade estende-se da primeira à oitava série e a todo o curso colegial. A inclusão da obrigatoriedade da Educação Física no antigo curso primário (primeira à quarta série) foi uma conquista histórica na Educação Física do Estado da São Paulo, um avanço na legislação.

Situação Atual Em 2003, os clubes Panathlon situam-se em cinco Estados brasileiros somando 43 unidades e cerca de 1000 membros,

movement spread out around many other regions, totaling 43 units in 2003, with around 1,000 members. Today the influence of the Panathlon clubs in Brazil is seen in the promotion of ethics in sports, in the campaigns of physical activity for health and in the preservation of the memory of sports.

constituindo assim, em conjunto com os clubes italianos, quase metade do esforço internacional do Panathletismo. No Brasil, praticamente todos os clubes Panathlon realizam e participam de fóruns, seminários e promovem cursos e conferências sobre temas esportivos, mas também procuram identificação local. Nestas condições, o Panathlon Clube de Santos promove palestras nos estabelecimentos de ensino, ressaltando os feitos esportivos dos atletas do passado.

Outro exemplo é do clube de São José dos Campos, que participou ativamente da elaboração e aprovação da legislação municipal que favorece o desenvolvimento do esporte amador da cidade, e hoje tem uma grande participação na concretização do projeto que cria o Museu de Esporte daquele município do Vale do Paraíba. Já em Mococa, o Panathlon estimulou a campanha para a construção de uma pista de tartan, hoje realidade.

Existem praças públicas com o nome “Panathlon” nas cidades de Sorocaba, Cosmópolis e Votorantim, com também marcos geodésicos do Panathlon nestas três cidades citadas e em São Paulo, São Bernardo do Campo, Santos, Porto Alegre, Jaboticabal, Ribeirão Preto e Bauru.

As atividades em comum dos clubes apoiam-se (a) no tema anual – como já posto em registro – (b) na promoção do Fair Play, somando esforços com o Movimento Olímpico Internacional (incluindo Academias Olímpicas Nacionais) e as Associações internacionais e continentais que se dedicam ao desenvolvimento da ética na prática esportiva em todos os seus níveis e desdobramentos, e (c) na preservação da memória do esporte. O tema de 2002 foi “Atividades Físicas para Pessoas Portadoras de Necessidades Especiais e para a Melhor Idade”, cuja parceria principal do Panathlon incidiu no Movimento “Agita SP”, o maior do Brasil em termos de promoção da saúde por meio de exercícios físicos e de grande penetração e prestígio internacional. No que concerne ao Fair Play, o Panathlon brasileiro adota a premiação como veículo de promoção. Estes são entregues diretamente a um grande evento ou conferidos individualmente a cada ano, para pessoas ou equipes. Os casos mais significativos de gestos de Fair-Play são inscritos na avaliação internacional realizada pelo Comitê Internacional de Fair-Play, órgão da UNESCO. Nesta análise mundial, o Brasil por duas vezes recebeu destaque.

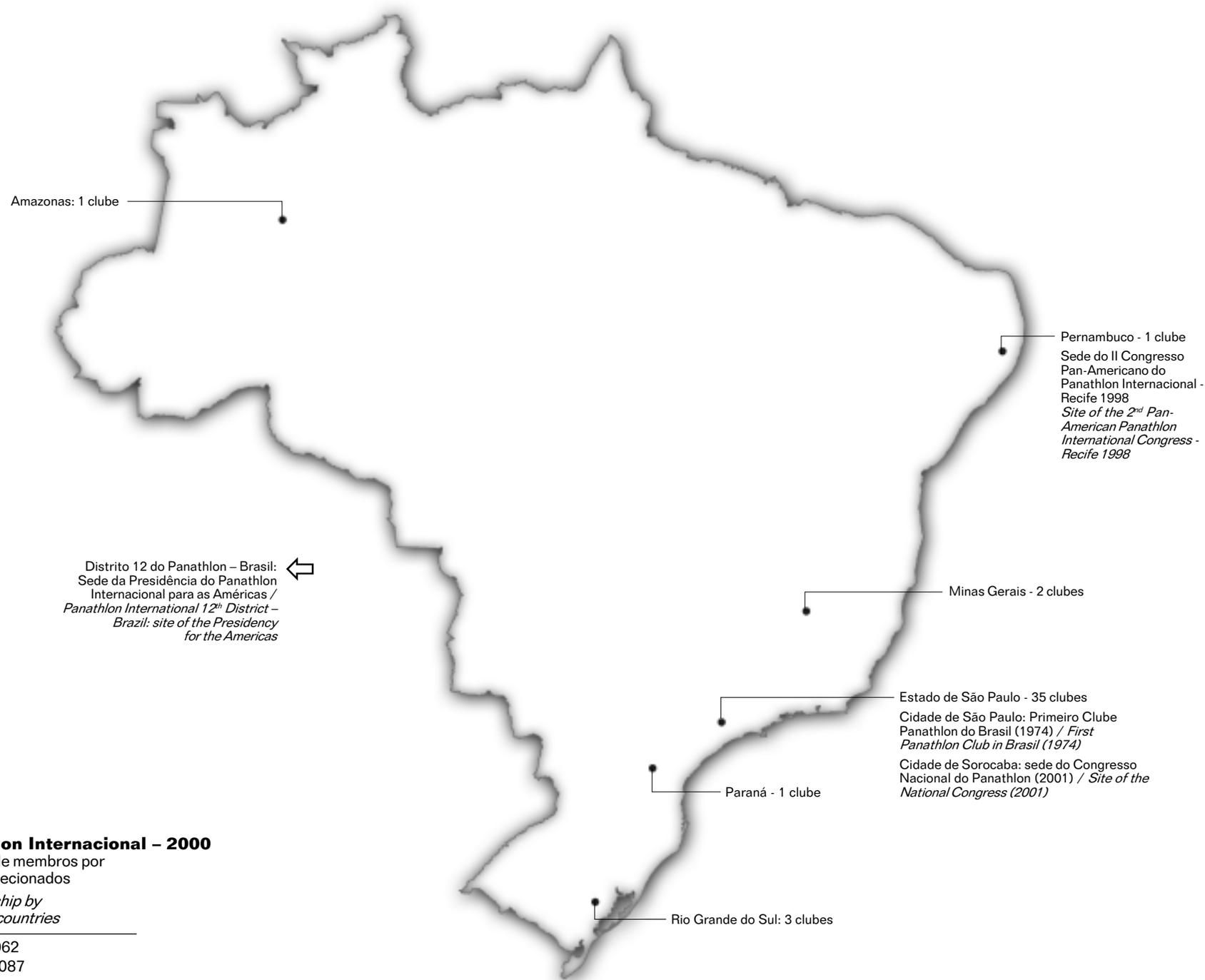
Quanto à preservação da memória, o Panathlon procura estimular o orgulho que cada comunidade deve ter pelo seu patrimônio esportivo, pelo seu capital humano, representado por atletas que tenham obtido êxito nos esportes de âmbito nacional ou internacional, defendendo entidades de seu Estado ou o país em competições mundiais. São exemplos, entre muitas iniciativas desta área, o “Dia Olímpico” realizado nos meses de junho pelo clube de São Paulo; e o “Um Atleta na História”, iniciativa do clube de Recife e outros trabalhos análogos efetuados pelos clubes de Juiz de Fora, Sorocaba, Porto Alegre e Mococa. Esta última cidade reúne, no dia 15 de novembro todos os esportistas da cidade que estejam residindo fora do município.

Em síntese, a atividade escolhida para caracterizar a ação de um clube Panathlon depende fundamentalmente da problemática local e das necessidades da área geográfica abrangida pela cidade.

Fontes Panathlon Internacional – 2000 / 2003, Rapallo, Italy, 2003; Folheto “25 Anos – Jubileu de Prata”, Panathlon Clube de São Paulo; www.panathlon.org

Clubes Panathlon em atividades no Brasil por estados, 2003

Panathlon clubs in Brazil per states, 2003



Panathlon Internacional - 2000

Número de membros por países selecionados

Membership by selected countries

Itália - 9062
 Brasil - 1087
 França - 132
 México - 151
 Áustria - 123
 Uruguai - 158
 Argentina - 111
 Espanha - 92
 Chile - 65
 Noruega - 45
 Hungria - 43
 Bélgica - 51

Total de membros: 12860
Total of members: 12860
 Total América do Sul: 1459
Total of South America: 1459

Rede de atividade física das Américas / Agita Mundo

VICTOR K. R. MATSUDO E SANDRA MAHECHA MATSUDO

The Physical Activity Network of the Americas / World Health Day

The Physical Activity Network of the Americas-PANA was created in 2000 to construct a 'network of national networks', integrating members of public and private institutions, nationally and internationally, to promote health and the quality of life through physical activity. The leading institutions of this initiative are: the Pan-American Health Organization-PAHO, the World Health Organization-WHO and the

Origens e Definições A Rede de Atividade Física das Américas-RAFA / *The Physical Activity Network of the Americas*-PANA foi criada em 2000 com o objetivo de construir uma “rede das Redes nacionais”, integrando membros das instituições públicas e privadas, nacional e internacionalmente, para promover a saúde e a qualidade de vida mediante a atividade física. Os membros da RAFA/PANA têm trabalhado para desenvolver, compartilhar e coordenar estratégias que fortaleçam os esforços para incrementar o conhecimento, os benefícios e o nível de atividade física na população das Américas. A rede inclui membros de instituições públicas e privadas que iniciaram ou desenvolvem programas de atividade física, assim como organizações nacionais e internacionais que podem recomendar e patrocinar as atividades dos membros. A Rede de Atividade Física das Américas foi inspirada pela combinação de fatores locais e internacionais. Agita São Paulo e outros programas baseados na comunidade nas Américas, demonstraram que a promoção da atividade física era oportuna e possível. Na frente internacional, a Organização Mundial de Saúde-OMS / *World Health Organization*-WHO expandiu seus esforços na promoção da saúde para a atividade física, começando com um encontro de planejamento em Genebra, em fevereiro de 1997. Este encontro foi seguido por encontro em Ottawa - Canadá em setembro de 1998 no qual foi proposta uma Rede de Políticas Nacionais de Vida Ativa. O conceito de começar uma rede regional nas Américas evoluiu simultaneamente com programas regionais e recomendações internacionais. Em 2002, a estrutura do Agita São Paulo – Agita Brasil, em cooperação com RAFA, serviu de base de experiência para a coordenação da realização do *World Health Day* – Agita Mundo, mobilizando países dos cinco continentes. O apoio científico da RAFA é provido pelo *Centers for Disease Control and Prevention*-CDC (EUA) e Centro de Estudo do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul – CELAFISCS (Brasil).

1998 – 1999 Durante o 21º e 22º Simpósios Internacionais de Ciências do Esporte realizados em São Paulo, promovidos pelo CELAFISCS (ver destaque adiante), no mês de outubro respectivos dos anos de 1998 e 1999, representantes de vários países das Américas discutiram e desenvolveram o primeiro documento oficial para promover atividade física nas Américas, chamado “Manifesto São Paulo para Promoção da Atividade Física nas Américas” (ver texto adiante). Desde então, o Manifesto, que tem versões em inglês, espanhol e português, tem servido como base da promoção da atividade física em toda a América.

2000 Representantes das Américas, instituições e organizações internacionais reuniram-se em São Paulo, durante o Simpósio Internacional de Ciências do Esporte em outubro deste ano. Durante o encontro, foi decidido que a RAFA seria oficialmente estabelecida como um meio de compartilhar informações e estratégias para promover a atividade física nas Américas. Foi acertado que a RAFA desenvolveria atividades, quantas fossem possíveis, em sinergia com os Programas de CARMEN, sigla correspondente aos Programas de Prevenção de Doenças Não Transmissíveis coordenado pela Organização Panamericana de Saúde-OPAS (sigla em inglês: PAHO), permitindo “uma melhor comunicação e intercâmbio de experiências e conhecimento entre os países”.

2001 No início do mês de maio, a coordenação do Agita São Paulo recebeu dois representantes da OMS – Dr. Derek Yach, Diretor Executivo da Divisão de Doenças não Comunicáveis e Saúde Mental e o Dr. Pekka Puskas, consultor da OMS para a Área de Promoção de Atividade Física, como também da equipe da Área Técnica de Alimentação e Nutrição do Ministério da Saúde. O objetivo da visita foi averiguar como a população do Estado de São Paulo estava sendo estimulada a adotar um estilo de vida

Programa Agita SP – Agita Brasil. RAFA's scientific support is provided by the Centers for Disease Control and Prevention-CDC (EUA) and by the Centro Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul – CELAFISCS (Brasil). The success of these Brazilian initiatives in the area of health promotion through physical activity, which started in 1997, have reached their highest point in 2002, when

fisicamente ativo. Na 54ª. Assembléia Mundial da Saúde, a 12 de maio do mesmo ano, a diretora geral da OMS – Drª Grollarlem Brundtland – considerando o sucesso do programa de base no Brasil, decidiu lançar como tema para o Dia Mundial da Saúde de 2002, a promoção da atividade física e a nutrição saudável. O slogan em língua portuguesa escolhido para a celebração foi “Agita Mundo”, inspirado no programa Agita São Paulo.

2001 Em setembro, proposto pela OMS, realizou-se em Genebra-Suíça o Primeiro Encontro Preparatório do Dia Mundial da Saúde (*World Health Day*-WHD), e contou com a presença e a participação do Dr. Victor Matsudo, Coordenador Geral do Programa Agita São Paulo e do Dr. José da Silva Guedes, Secretário de Estado da Saúde de São Paulo. O encontro, coordenado pelo Diretor do Departamento de Prevenção de Doenças Crônicas Não-Transmissíveis e Saúde Mental da OMS, Dr. Pekka Puskas, teve como principal objetivo discutir e escolher o tema para o Dia Mundial da Saúde, programado para ocorrer a 7 de abril de 2002. O tema escolhido foi: Atividade Física e sua interação com comportamentos saudáveis chaves, como a prática de uma alimentação saudável e o slogan confirmado foi Agita Mundo ou Agita World. Durante o evento foram apresentados os resultados conquistados pelo Programa e serviram de base para a definição das estratégias dos eventos a serem realizados globalmente em 2002.

2001 Durante o mês de outubro deste ano, no XXIV Simpósio Internacional de Ciências do Esporte (São Paulo-SP), foi realizada a reunião da Rede de Atividade Física das Américas-RAFA, contando com a presença dos representantes da OMS, Helen Green e Hamadi Benaziza. Foram discutidas as atividades que estavam programadas para o Dia Mundial da Saúde, 7 de abril de 2002, e enfatizou-se a necessidade de avaliar o nível de atuação de atividade física na América Latina. Participaram do workshop representantes do Agita Mundo da Inglaterra, Colômbia, Uruguai e Venezuela como também representantes da OMS. O Agita São Paulo, no mesmo mês, recebeu a visita do diretor da ONU, Adolf Oggi que externou o apoio do Secretário Geral Kofi Annan ao Agita Mundo.

2001 O Movimento *Muevete América* para a Celebração do Dia Mundial da Saúde, coordenado pela Organização Panamericana de Saúde – PAHO, ocorreu em novembro, promovendo o encontro de lideranças nacionais de 27 estados do Agita Brasil. No mesmo período ocorreu uma reunião com os comitês executivo e científico do Agita Mundo. A OMS promoveu, em Genebra, o encontro dos 12 Mega Países – países com mais de 100 milhões de habitantes – quando foi discutida a importância da dieta e da atividade física como fatores de risco para doenças crônicas não transmissíveis. Representaram o Brasil o Dr. Victor Matsudo, diretor do CELAFISCS e o Dr. Carlos Monteiro, da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo-USP.

2002 Em janeiro foi realizado o Encontro da Rede das Américas em Miami (CDC/PAHO), contando com o apoio integral do Agita Mundo. Durante o evento, o Dr. Victor Matsudo foi eleito *chairman* do Comitê Executivo e foi discutida a agenda para os dias 5, 6 e 7 de abril. Vários países relataram as atividades que estariam desenvolvendo em comemoração ao Dia Mundial da Saúde. Em fevereiro de 2002, representantes oficiais da OMS visitaram São Paulo para ultimar os preparativos das comemorações do Dia Mundial da Saúde e o Comitê Executivo reuniu-se para finalizar os preparativos para a rede de adesões ao evento mundial planejado.

2002 Em 5 de março deste ano ocorreu o lançamento oficial do Agita Mundo em São Paulo. Nesta reunião, realizada no Centro de Convenções Rebouças, foi apresentado o detalhamento dos

the WHO chose the Agita São Paulo initiative to coordinate the World Health Day of that year. In this event participated 1,120 promotions organized in Brazil, followed by 1,594 other events organized in countries of the five continents. The guidelines for the participating countries of the RAFA can be found in “The São Paulo Manifesto Promoting Physical Activity in the Americas”, at the end of this chapter.

megaeventos programados mundialmente. Na oportunidade, estiveram presentes o Secretário de Saúde do Estado de São Paulo, Dr. José da Silva Guedes, bem como as lideranças e parceiros da rede do Programa Agita São Paulo, da rede do Programa Agita Brasil, do Ministério da Saúde, COB e Organização Pan-Americana de Saúde.

2002 Durante o mês de abril foi lançado, pela Organização Panamericana de Saúde-OPAS, com a editoria do Dr. Sergio Meresman, o Manual de Coalizões em Saúde Pública, baseado na experiência do Agita São Paulo. No mesmo mês foi realizada a cerimônia de abertura do Agita Mundo, na Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas-APCD. O evento recebeu representantes e parceiros do Programa Agita São Paulo, Agita Brasil, Comitê Olímpico Brasileiro e Organização Pan-Americana de Saúde. Participaram da mesa diretora o Ministro da Saúde, Dr. Barjas Negri, o Ministro de Esportes e Turismo, Dr. Caio Luiz de Carvalho, o Governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin, o Secretário de Estado da Saúde de São Paulo, Dr. José da Silva Guedes e o Diretor Geral do Programa Agita São Paulo, Dr. Victor Matsudo. Durante a cerimônia, o Dr. Victor Matsudo apresentou a história e o impacto do programa Agita São Paulo em São Paulo, no Brasil e no Mundo e homenageou os 200 parceiros do programa, representados pelo Dr. Mário Albanese. A diretora geral da OMS, Dra. Gro Brundtland, abordou a importância da atividade física na promoção da saúde e visitou alguns dos projetos do Agita São Paulo na Zona Leste e no centro da cidade, além de nos municípios de Guarujá, Santo André e São Caetano do Sul.

2002 A Organização Pan-Americana da Saúde e a *American Association for World Health* outorgaram ao Programa Agita São Paulo, no dia 5 de abril, em Washington, o Prêmio do Dia Mundial da Saúde, por sua pioneira contribuição à promoção da saúde física no mundo. A Dra. Sandra Matsudo, representando o esforço do CELAFISCS, o apoio da Secretaria de Estado de Saúde de São Paulo e a ação de quase 200 instituições parceiras, recebeu o prêmio das mãos do Dr. George Alleyne, diretor da OPAS em Washington. Os representantes da OMS, Dr. Derek Yach e Dra. Chitra Subramanian visitaram as escolas estaduais participantes do projeto Parceiros do Futuro, da Secretaria de Estado da Saúde.

2002 No dia 7 de abril de 2002, Dia Mundial da Saúde- Agita Mundo – os representantes da OMS participaram de uma das maiores manifestações do Agita Mundo ocorrida em São Paulo-SP, no Parque do Ibirapuera, com um público estimado em mais de 25 mil pessoas. Nos demais municípios do Estado e do país ocorreram 1120 eventos similares e, em diferentes países do mundo, fizeram-se 1594 manifestações. A programação na cidade de São Paulo teve seu início nos portões principais do Parque do Ibirapuera, onde os participantes receberam adesivos, leques e viseiras e iniciaram a caminhada em direção à Praça da Paz. Ali foram desenvolvidas as demais atividades programadas, tais como danças de grupos representantes de diversos países. Atividades de alongamento, ginástica e artes marciais envolveram grupos de crianças, de terceira idade e demais frequentadores do Parque. A festividade foi encerrada com uma atividade especial com bexigas ao som da Escola de Samba Leandro de Itaquera.

2002 Em outras regiões do país e do mundo, diferentes ações deram conta de envolver e sensibilizar grande parte da população mundial tais como caminhadas, atividades culturais, gincanas, apresentações de dança, acrobacias, dança de pessoas portadoras de deficiências, artes marciais, concertos musicais, campeonatos esportivos, festivais de jogos, regata, travessia a nado, hipismo, palestras educacionais em vários segmentos, concursos de poesia,

pintura, concurso premiando as cidades mais ativas, concurso incentivando a perda de peso, encontros envolvendo profissionais da saúde, entrevistas sobre os benefícios do estilo de vida saudável nos meios de comunicação como rádios, televisão, teleconferências, bate papo via internet e jornais, ginástica laboral, feiras de saúde oferecendo exames à população, comemorações contando com a presença de autoridades governamentais e não governamentais, shows de paraquedismo, rallies, escaladas esportivas, passeios ciclísticos, debates e depoimentos sobre hábitos saudáveis, além de mutirões para limpeza e recuperação de espaços de lazer.

Situação Atual Em 2003, encontra-se em operação um pequeno comitê executivo coordenado pelo presidente do CELAFISCS, Dr. Victor Matsudo do Brasil. As pessoas do comitê executivo fo-

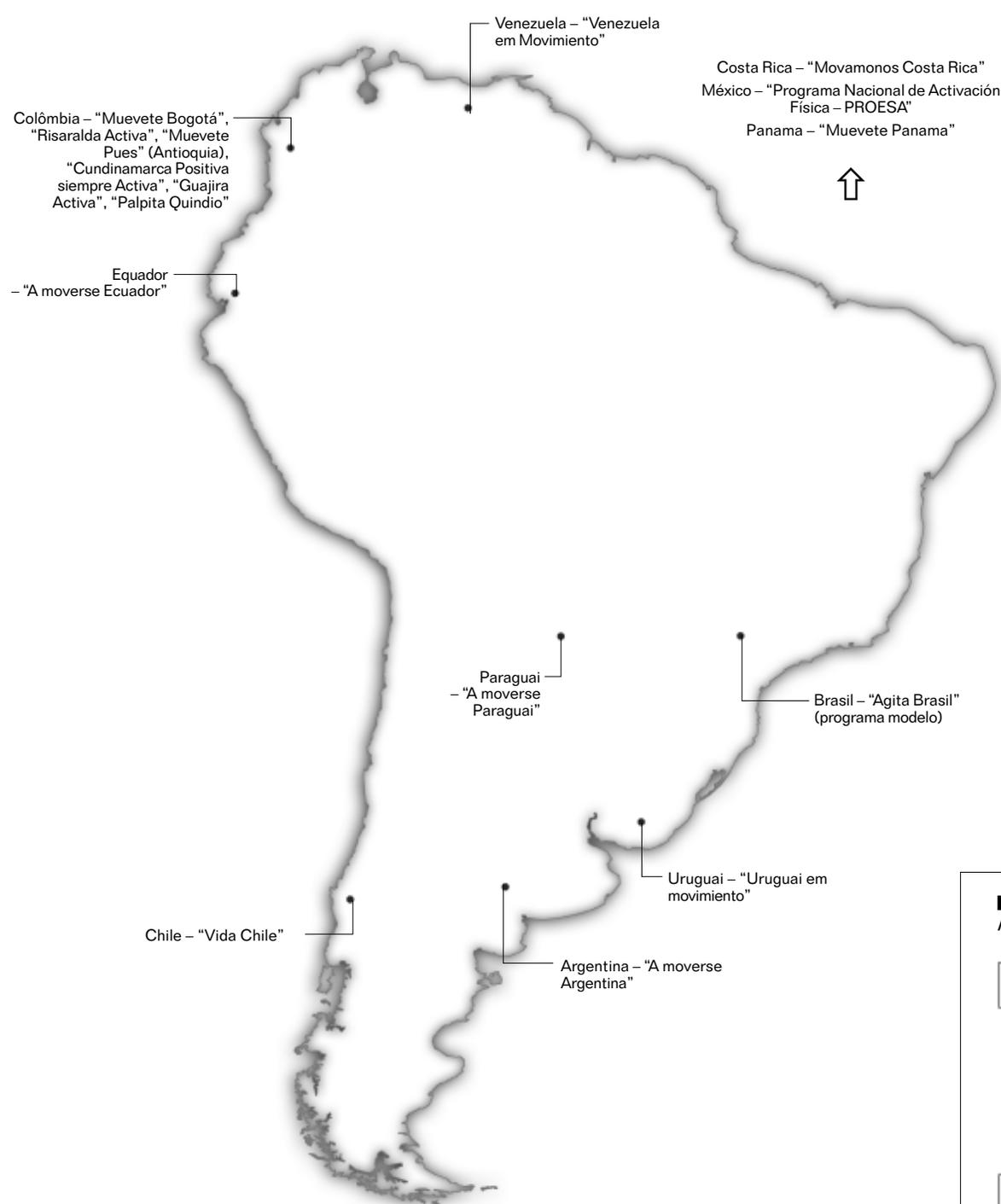
ram eleitas por unanimidade e representam países da América do Sul, do Norte e da Central, assim como dos países do Caribe de fala inglesa. Nestas condições, as atividades atuais da RAFA são as seguintes: coordenar o seguimento das atividades do Dia Mundial da Atividade Física (6 de abril); desenvolver o Estudo da Prevalência Internacional de Sedentarismo usando o Questionário Internacional de Atividade Física demonstrando a possibilidade de coletar dados internacionais comparáveis; implementar ou identificar a Home Page para RAFA e ligar este site às home pages chaves existentes; e desenvolver guias de vários aspectos da Rede: Secretaria permanente; Membros da RAFA; Voto; e Operação da rede. Atualmente, os membros incluem: Mr. Randy Adams (Health Canada); Dr. Jorge Franchella (Argentina); Dr. Margarita Claramunt-Garro (Costa Rica); Dr. Rocio Gamez (Colômbia); Dr.

Manuel Ramirez Zea (INCAP/PAHO/Guatemala); Arlene Nicholson (Jamaica); Mr. Jim Whitehead (ASCM, USA); Dr Michael Pratt, Dr. Becky Lankenau, and Ms. Andrea Neiman (CDC, USA); Dr. Enrique Jacoby, Dr. Lucimar Coser-Cannon, OPAS, USA); Dr. Pedro Alexander (Venezuela). Durante 2003, o comitê executivo está trabalhando para facilitar, disseminar e coordenar atividades e eventos da rede, assim como operacionalizar a própria rede.

Fontes PAHO 2nd Meeting Report of CARMEN/CINDI Working Group on Physical Activity, São Paulo, Brazil, 4-7 October 2000; Isto é Agita São Paulo, Governo do Estado de SP / CELAFISCS, 2002; www.celafiscs.com.br; DaCosta, L.P. & Miragaya, A. (Eds.) Worldwide Experiences and Trends in Sport for All, Meyer & Meyer Sport, Oxford, 2002.

Rede RAFA de filiações por programas / campanhas e por países

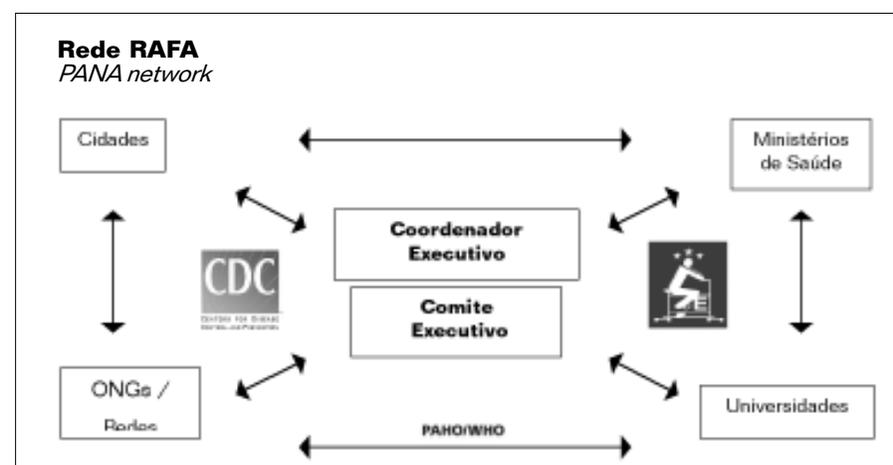
PANA network of affiliation per programs / campaigns and countries



Centro de Estudo do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul – CELAFISCS

Study Center of the Physical Fitness Laboratory of São Caetano do Sul – CELAFISCS

O CELAFISCS foi fundado em 1974, com o objetivo de promover a abordagem esportiva científica da prática da atividade física. Além da produção científica, um dos propósitos fundamentais foi formar e capacitar profissionais em Ciências do Esporte, que até 2003 totalizavam 160 capacitados com o curso básico. O CELAFISCS também definiu desde cedo sua linha mestra de investigação, que foi o estudo do impacto do exercício em crianças, adolescentes, atletas e indivíduos na terceira idade. Ao longo deste longo período, foram produzidos centenas de estudos nos mais diferentes enfoques. Dentre estes podemos destacar o Projeto Ilhabela, cujo objetivo principal é verificar a interrelação entre atividade física, aptidão física e níveis nutricionais. Um importante indicador de qualidade desta produção seria a freqüente participação de seus membros em eventos científicos internacionais, que possibilitaram visitas a diversos centros de pesquisas e o estabelecimento de convênios. Das várias participações no exterior, um trabalho recebeu atenção especial da comunidade científica internacional: o “Modelo biológico para o diagnóstico prognóstico e prescrição de atividade física” que recebeu o 1o. Prêmio em Medicina Esportiva dos Jogos Olímpicos de Barcelona em 1992. Recentemente o CELAFISCS recebeu também o Prêmio “Prince Faissal” concedido pela Federação Internacional de Educação Física-FIEP em 1995. Também naquele ano, um dos fundadores e atual presidente do CELAFISCS, Dr. Victor K. R Matsudo, foi agraciado com o prêmio “Philip Noel Baker Research”, oferecido pela ICSSPE ao melhor conjunto de contribuições à medicina do esporte no ano. Destacamos ainda como uma importante atividade realizada por este Centro de Estudos, os “Simpósios Internacionais de Ciências do Esporte” (27ª edição em 2003), evento que reúne um notável número de importantes pesquisadores do Brasil e do Exterior, realizado tradicionalmente em São Paulo, no mês de outubro. Além das dezenas de artigos publicados em periódicos nacionais e estrangeiros, o CELAFISCS editou dois livros e seis coletâneas. Atualmente, o CELAFISCS acompanha a tendência internacional de produzir estudos da relação entre Atividade Física e a Saúde, que resultou no Programa Agita São Paulo, reconhecido pela Organização Mundial de Saúde-OMS, no apoio a Rede RAFA/PANA e na condução do evento “Agita Mundo” em 2002, promovido pela OMS.



Manifesto de São Paulo para a promoção da atividade física nas Américas

The São Paulo Manifesto for the promotion of physical activity in the Americas

Versão em português

Este documento é uma *chamada à ação* endereçada aos profissionais relacionados à saúde e educação, formadores de opinião e dirigentes no setor público, iniciativa privada, terceiro setor (organizações não governamentais e associações voluntárias), para enfatizar aspirações por uma melhor qualidade e expectativa de vida, destacando a necessidade da inclusão da prática da atividade física no cotidiano das pessoas, da criança ao idoso, como direito do cidadão.

A consecução deste propósito será efetivada, prioritariamente, através da criação de uma rede de Instituições e Grupos cujo objetivo é a difusão, o intercâmbio e a implementação de ações visando a promoção da saúde. Neste contexto, é necessário uma mudança de estilo de vida, rompendo com o sedentarismo e assumindo uma postura de vida ativa, tanto nas atividades utilitárias como na vivência das experiências do lazer, privilegiando a abordagem lúdica na fixação de novos hábitos. Estes dois enfoques pressupõem uma cultura de vida ativa para as populações das Américas, em que pese os contrastes entre países.

Esta *chamada à ação* é o resultado de discussões e sugestões realizadas e compromissos firmados durante o XXI e o XXII Simpósios Internacionais de Ciências do Esporte em São Paulo (1998-1999). Estes eventos tiveram por objetivo divulgar orientações gerais para a promoção da atividade física na população, a partir de diretrizes internacionais e com a contextualização cultural, indispensáveis para o sucesso destas iniciativas.

O comportamento sedentário na vida moderna, em escala global, exige uma re-significação nas relações da pessoa consigo mesma, com o outro e com o meio ambiente, já que o sedentarismo é o inimigo número um da saúde pública, prejudicando a saúde das pessoas, podendo interferir negativamente no desenvolvimento de suas relações sócio-culturais e ecológicas.

A atividade física é definida como qualquer movimento corporal decorrente de contração muscular, com dispêndio energético acima do repouso; entendida como um comportamento humano complexo, voluntário e autônomo, com componentes e determinantes de ordem biológica e psico-sócio-cultural; e exemplificada por esportes, exercícios físicos, danças e determinadas experiências de lazer e atividades utilitárias.

Em termos epidemiológicos, evidências científicas recentes confirmam o papel decisivo da prática da atividade física regular, independentemente ou em conjunto com outras características do comportamento saudável, na prevenção e no controle de diversas doenças e na promoção da saúde e qualidade de vida em todos os grupos.

A partir dessas constatações, instituições, líderes nacionais e internacionais envolvidas com a saúde pública têm divulgado recomendações e diretrizes para a promoção de estilos de vida saudáveis, incluindo a prática de atividade física regular, em todo o ciclo vital.

A presente *chamada à ação* para a prática da atividade física regular, visando a promoção da saúde, é considerada como um exercício de cidadania, devendo constar como um dos itens prioritários na pauta dos agentes políticos locais ligados ao campo da saúde, educação e áreas correlatas.

Em princípio, as diretrizes gerais ora recomendadas partem de propostas internacionais, tais como:

- Respeitar a cultura e tradições de cada região, como também dar prioridade às novas intervenções locais, incluindo políticas governamentais de saúde, educação e esporte que favoreçam atividades físicas voluntárias e autônomas.
- Aumentar oportunidades para iniciação e manutenção de comportamentos ativos, ao longo do ciclo vital, sempre na perspectiva de auto-realização e modo de vida saudável e alegre.
- Buscar apoio institucional para as diferentes iniciativas, enfatizando a comunicação social e o estabelecimento de parcerias entre instituições.

- Considerar as aspirações locais e específicas de cada grupo alvo, procurando priorizar as pessoas desprivilegiadas, física e mentalmente, como também respeitar as diferenças sócio-culturais e econômicas, quando da realização de intervenções.

- Incentivar a pesquisa científica na área da promoção de saúde, por meio de atividades físicas, principalmente no âmbito da inclusão de grupos vulneráveis da sociedade e de mudança cultural dos grupos de risco definidos pelo sedentarismo.

- Como referência básica de intervenção, recomenda-se a prática de atividades físicas moderadas (ex: caminhar 4,5 km/h), preferencialmente todos os dias da semana, em uma única sessão diária de 30 min. ou acumulando 2 a 3 sessões de 10-15 min. respectivamente, ao longo do dia. A realização de atividades físicas mais vigorosas, dentro dos limites individuais, traz benefícios adicionais, melhorando a aptidão física.

- Dar a devida atenção às administrações locais de governo, enfatizando o ambiente escolar, tendo como grupo alvo as crianças e ou adolescentes, para a consolidação de um modo de vida saudável por meio da prática de atividades físicas e experiências de lazer.

- Criar meios de informação, esclarecimento e mobilização de líderes governamentais, políticos e empresariais no sentido de apoiar esta chamada à ação e as demais que se sucederão em diferentes regiões e países.

- Divulgar as experiências locais e nacionais de modo a criar modelos de intervenção e exemplos de manejo institucional a fim de se criar uma base educacional de longo prazo para as intervenções ora recomendadas.

- Focalizar, com absoluta prioridade, a constituição de redes de instituições, tanto para a propagação de aspirações e realizações práticas, como para a formação de alianças estratégicas visando a promoção de saúde por meio de atividades físicas.

- Materializar as redes por vias de políticas, estratégias, programas, capacitação de multiplicadores, ampla comunicação social e veiculação de exemplos bem sucedidos de intervenção.

Em resumo, a presente convocação de pessoas, grupos e instituições das Américas coloca em destaque a diferenciação de condições sociais, educacionais e de saúde, existentes em todos os países do continente e almeja alcançar uma vida mais saudável, como exercício de cidadania e inserção entre as necessidades básicas de nossas populações.

English version (summary)

This document is a calling to action addressed to professionals related to health and education, opinion makers and managers of the public sector, private entrepreneurship, and third sector (non governmental organizations and voluntary associations). It emphasizes better quality of life and longevity and highlights the necessity to include physical exercise in the daily routine of the individual, from children to the elderly, as a citizen's right.

This objective will be mainly accomplished through the creation of a network institution whose objectives are the diffusion, interchange and implementation of actions that aim at health promotion. Therefore, change in the lifestyle of individuals becomes a must: from a sedentary to an active lifestyle. That becomes even more important not only in the carrying out of daily and utilitarian activities but also during leisure through playful activities to stimulate the adoption of new active habits. These two aspects anticipate the active lifestyle as a new trait in the culture the population of the Americas in spite of contrasts of the various countries and cultures.

This call to action for the practice of regular physical activity that aims at health promotion is considered as an exercise of citizenship and should be one of the priority items of the agendas of local political agents within the health and education fields and related areas. The general guidelines recommended come from international proposals such as the following:

- *To respect the culture and traditions of each region and give priority to new local interventions including governmental health, education and sport policies that benefit volunteer and autonomous physical activity.*

- *To increase the number of opportunities for the initiation and maintenance of active behaviors during the life cycle always with the perspective of self-realization and within a healthier and happier life approach.*

- *To get institutional support for the different initiatives emphasizing the social communication and the establishment of cooperation with the institutions.*

- *To consider the local aspirations and the specificity of each target group, trying to give priority to the physically and mentally disabled when the interventions take place.*

- *To stimulate scientific research in the health promotion area through physical activities especially in relation to the inclusion of vulnerable social groups that present some risk due to their sedentary lifestyle.*

- *To practice physical activities at a moderate level as a basic reference for intervention (e.g. walking at a 4.5 km/h pace) preferably everyday in a unique daily 30-minute session or accumulate 2 to 3 daily sessions of 10-15 minutes each during the day. More vigorous physical activities within the individual's limits bring additional benefits that improve physical aptitude.*

- *To give proper attention to local government administrators who focus on school environment for target groups of children or adolescents so that there is consolidation of a healthier lifestyle through physical activity and leisure experiences.*

- *To generate information and mobilization means to clarify governmental, political, and enterprise leaders to support this call for action and the next that will eventually appear in different regions and countries.*

- *To promote local and national experiences creating intervention models and institutional management examples to create a long-term educational basis for the recommended interventions.*

- *To focus on the development of institution nets with absolute priority in order to divulge the aspirations, practical realizations, and the formation of strategic alliance to promote health through physical activity.*

- *To create nets by political means, strategies, programs, training of multipliers, broad social communication and propagation of successful intervention examples.*

Summing up, the present call of people, groups and institutions of the Americas highlights the differences of social, educational and health conditions that exist in every country of the continent and hopes that these peoples reach a healthier lifestyle through the practice of physical activity as their right to citizenship and as a means of inclusion in the basic daily life of these populations.

Organizações signatárias / Signatory organizations

Programa Agita Sao Paulo (Assessores Nacionais, Internacionais e Instituições Parceiras) – Brazil; CELAFISCS – Centro de Estudo do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul-Brasil; Secretaria de Estado da Saúde – São Paulo-Brasil; Organização Mundial da Saúde – Organização Panamericana de Saúde; Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos-CDC – Atlanta; Conselho Internacional de Ciências do Esporte e Educação Física-ICSSPE; Federação Internacional de Educação Física-FIEP; Ministério da Saúde-Brasil; Conselho Pan-americano de Ciências do Esporte; Confederação Sul-Americana de Medicina Desportiva.

Grupo de Editores do Manifesto / Manifesto text editors

Antonio Carlos Bramante, Lamartine Pereira Da Costa, Maria Beatriz Rocha Ferreira e Maria de Fátima da Silva Duarte



Jogos Estudantis Brasileiros-JEBs

IONARA THOMPSON

COLABORADORES: WALFRIDO JOSÉ AMARAL, CARLOS ALBERTO GARCIA E RENATO MEDEIROS DE MORAES

Brazilian School Games-JEBs

Although Brazilian sports competitions for university students at the national level started in the early 20th century, secondary students only had their national games in 1960s as the last stage of local school competitions (state and municipal). The Jogos Estudantis Brasileiros (Brazilian School Games – JEBs) were created in 1969 and, in the following years, took on proportions of national Olympic games with yearly events in many Brazilian cities

Origens As competições esportivas entre estudantes no Brasil em âmbito nacional tiveram início no alvorecer do século XX com relação aos universitários (ver capítulo sobre Jogos Universitários Brasileiros neste Atlas). Mas entre estabelecimentos do nível secundário, somente na década de 1960 houve jogos entre escolas em âmbito federal, como culminância de competições locais (estaduais e municipais). Em 1969, houve um ensaio de jogos nacionais além das competições vinculadas a universidades promovidas pela então existente Divisão de Educação Física do Ministério de Educação e Cultura – DED-MEC, tendo como diretor o Coronel Artur Orlando da Costa Ferreira e participação do Professor Félix D’Avila, então Inspetor Seccional de Educação Física de Niterói. Foi idealizada então uma competição de porte nacional entre estudantes dos 1º e 2º graus, que na Portaria nº 29, de 22 de maio de 1969, daquela Divisão de Educação Física, assumiu a denominação de Jogos Estudantis Brasileiros. Estes foram propostos para a realização anual em estados que aceitassem promovê-los e com a ajuda do DED-MEC. Cabe registrar que existiam à época algumas competições isoladas localizadas em estados ou grupos de municípios, como os Jogos Estudantis Paraenses – talvez os mais antigos do Brasil -, os Jogos da Primavera na Guanabara (hoje RJ), o Campeonato Colegial em São Paulo e no Rio Grande do Sul, e os Jogos Abertos do Interior em SP, talvez o de maior porte, inaugurados nos anos de 1930 e ainda hoje ativos.

Definições Os Jogos de Estudantes no Brasil são peculiares quando não são locais – ou seja, municipais ou inter-municipais – por assumirem proporções de mega-eventos ao estilo de competições internacionais, e por representarem municípios e cidades. Aparentemente esta tradição definiu-se depois de 1941 quando o Decreto Lei 3199, ato regulador do esporte nacional, separou os estudantes dos demais grupos de atletas e praticantes, criando uma categoria própria. Outro aspecto redefinido por estes Jogos foi a integração da juventude por meio do esporte. Em termos de desenrolar histórico, o envolvimento sempre crescente do número de atletas-estudantes, a melhoria técnica dos esportes olímpicos, o aparecimento de uma mentalidade entre a classe estudantil com relação à atividade física, a reciclagem de professores e técnicos, foram pontos principais propostos pelos Jogos Estudantis Brasileiros, promovidos pelo Departamento de Educação Física e Desportos do Ministério da Educação e Cultura e entidades a ele sucessoras.

Além de desestimular o regionalismo entre os dirigentes estaduais, que passaram a entender a competição não como uma oportunidade de medirem forças entre o Norte e Sul, Leste e Oeste, mas como forma de avaliar o seu próprio trabalho em suas regiões, os chamados JEBs constituíram uma renovação do esporte brasileiro. Isto porque tornaram-se uma forma de intercâmbio e interiorização do esporte a partir do município. Em resumo, os JEBs promoveram a melhoria crescente nos esportes individuais; aperfeiçoamento técnico das equipes coletivas; influência dos novos competidores, ampliando o campo dos recursos humanos, tendo como conseqüências importantes melhor seleção qualitativa e elevação do nível técnico das competições nacionais. Entre 1969 e 1975, foram realizados sete eventos com o nome de Jogos Estudantis Brasileiros. Em 1974, em Campinas-SP, além das modalidades esportivas, foi introduzida uma atividade cultural apresentando folclore de todos os Estados participantes. Cada Estado tinha que levar um grupo de folclore e fazer uma apresentação regionalizada.

bringing together an average of 5,000 participating athletes. The JEBs lasted until 1975, when names and organization were modified bringing them today to their 25th edition. It has been estimated that for the 2003 event around 1 million students of secondary level participated in municipal and state competitions for the selection of the 2,400 athletes that represented the 27 Brazilian states in the final competitions. Recent evaluations have revealed

Em uma segunda fase da evolução dos JEBs, seguindo a sistemática da Lei nº 6.251, de 8 de outubro de 1975, que instituiu norma sobre o 'Desporto Brasileiro', regulamentado pelo Decreto nº 80.228, de 25 de agosto de 1977, foram chamadas de 'Desporto Estudantil' todas as competições entre estudantes dos 1º, 2º e 3º graus. Assim, o Desporto Estudantil foi dividido em Universitário, para estudantes do 3º grau, e, Escolar, para estudantes dos 1º e 2º graus. Dessa forma, as competições que eram denominadas de Jogos Estudantis Brasileiros (1969 – 1975), passaram a ser chamados de Jogos Escolares Brasileiros (1976 em diante), mantendo-se entretanto a seqüência da numeração e os locais onde foram realizados e as respectivas modalidades esportivas. Mais recentemente, em 2003, à tradição dos JEBs foram incorporadas as Olimpíadas Colegiais e os Jogos da Juventude, eventos maiores de âmbito nacional na atualidade.

1969 A primeira edição dos JEBs foi realizada em Niterói-RJ, tendo como base um projeto idealizado pelo Professor Ary Façanha de Sá e pela Profa. Cecci Marlene de Mello. O Prof. Ary Façanha, com experiências em Jogos Olímpicos, apresentou ao Departamento de Educação Física e Desportos do Ministério da Educação e Cultura-DED-MEC, um projeto que mudaria a história esportiva do país por seus resultados subseqüentes. A primeira versão dos JEBs foi modesta e com poucos participantes. Compareceram apenas sete unidades da Federação, com 315 atletas-estudantes. O esporte estudantil não possuía então uma infra-estrutura que possibilitasse um evento maior, nem tão pouco uma meta a atingir. Neste evento pioneiro foram disputadas as seguintes modalidades esportivas, considerando as versões feminina (F) e masculina (M) e expressões da época: atletismo (FM), basquetebol (M), ginástica de conjunto (F), ginástica olímpica (M), natação (MF), e voleibol (M).

1970 O 2º JEBs foi realizado em Curitiba-PR. O número de estudantes participantes cresceu em mais de 100%, contando com 649 participantes, entre atletas e dirigentes. Foram disputadas as seguintes modalidades esportivas: atletismo (FM), basquetebol (M), ginástica de conjunto (F), ginástica olímpica (M), natação (MF) e voleibol (F).

1971 A proporção de crescimento foi maior ainda nesta terceira edição dos JEBs. Em Belo Horizonte, o número de participantes foi de 1.744. Foram disputadas as seguintes modalidades esportivas: atletismo (FM), basquetebol (F), ginástica olímpica (FM), handebol (FM), natação (FM), voleibol (FM). Neste ano, o MEC, em face ao crescimento do esporte escolar incluiu o handebol de sete entre as modalidades dos Jogos Estudantis e Jogos Universitários Brasileiros (JEBs e JUBs). Com isso o handebol disseminou-se em todo o território nacional, com vários estados dividindo a partir daí os títulos nacionais (ver capítulo 'Handebol' neste Atlas). Descobriu-se então a força de multiplicação e irradiação dos JEBs, que viria a se constatar em outras manifestações esportivas. No caso particular do handebol, como ilustração, nos JEBs de 1972, o Handebol teve a participação de aproximadamente 10 equipes femininas e 12 masculinas, já em 1973 nos IV JEBs em Maceió-AL surgiram cerca de 16 equipes femininas e 20 masculinas.

1972 Neste ano a sede dos Jogos Estudantis Brasileiros foi em Maceió. Foram envolvidos 2.913 atletas e dirigentes e foram disputadas as seguintes modalidades esportivas: atletismo (FM), basquetebol (FM), ginástica olímpica (FM), handebol (FM), judô (M), natação (FM), voleibol (FM) e xadrez (M).

that the success of the JEBs in the past and the their present legacy were due to the sense of continuous improvement of coaches, directors and athletes, added to regional self-esteem. This sense of actualization influenced Brazilian sport so positively as a whole at that time that today it is asking for the retrieval of its memory. This chapter's final section starts a historical review of the JEBs, and suggests points of departure for future studies.

1973 Os JEBs foram realizados em Brasília pela primeira vez e com uma participação espetacular de 25 unidades da Federação e 4.480 participantes, atingindo assim o mesmo porte de mega-eventos internacionais. Foram disputadas as seguintes modalidades esportivas: atletismo (FM), arco e flecha (MF) basquetebol (FM), esgrima (MF), ginástica rítmica moderna (F), ginástica olímpica (FM), handebol (FM), hipismo (M), judô (M), iatismo (M), natação (FM), pólo aquático (M), saltos ornamentais (FM), voleibol (M) e xadrez (M).

1974 Campinas-SP: os VI Jogos Estudantis Brasileiros envolveram mais de 5.000 pessoas, entre atletas, dirigentes e responsáveis pela administração. Foram disputadas as seguintes modalidades esportivas: atletismo (FM), arco e flecha (MF) basquetebol (FM), esgrima (FM), ginástica rítmica moderna (F), ginástica olímpica (FM), handebol (FM), hipismo (M), judô (M), iatismo (M), natação (FM), pólo aquático (M), saltos ornamentais (FM), voleibol (FM) e xadrez (M). Neste ano foi introduzida uma atividade cultural apresentando o folclore de todos os Estados participantes.

1975 Brasília-DF: na realização dos VII Jogos Estudantis Brasileiros, o DED-MEC conseguiu reunir mais atletas e dirigentes do que os Jogos Pan-americanos à época. Foram disputadas as seguintes modalidades esportivas: atletismo (FM), basquetebol (FM), ginástica olímpica (FM), handebol (FM), hipismo (M), judô (M), iatismo (M), natação (FM), pólo aquático (M), saltos ornamentais (FM), voleibol (FM) e xadrez (M).

1976 Porto Alegre-RS: disputadas as seguintes modalidades esportivas: atletismo (FM), arco e flecha (MF), basquetebol (FM), esgrima (FM), ginástica olímpica (FM), ginástica rítmica desportiva (F), handebol (FM), judô (M), natação (FM), pólo aquático (M), saltos ornamentais (FM), voleibol (FM) e xadrez (M). As competições que eram denominadas de Jogos Estudantis Brasileiros (1969 – 1975), passaram a ser chamados de Jogos Escolares Brasileiros (1976 em diante), mantendo-se entretanto a seqüência da numeração e os locais onde foram realizados e as respectivas modalidades desportivas.

1977 Brasília-DF: foram disputadas as seguintes modalidades esportivas: atletismo (FM), basquetebol (FM), ginástica olímpica (FM), handebol (FM), judô (M), natação (FM), pólo aquático (M), saltos ornamentais (FM), voleibol (F) e xadrez (M).

1978 Inaugura-se uma nova versão para os Jogos de alunos do 2º grau: acontece o I CEBs – Campeonatos Escolares Brasileiros. As competições foram realizadas em estados diferentes, usando-se quatro sedes ao invés de uma: Aracaju-SE, Curitiba-PR, João Pessoa-PB e Natal-RN. Foram disputadas as seguintes modalidades em Aracaju: basquetebol (FM), ginástica olímpica (FM), ginástica rítmica esportiva (F); em Curitiba: atletismo (FM); em João Pessoa: handebol (FM), natação (FM), pólo aquático (M), saltos ornamentais (FM) e em Natal: judô (M), voleibol (F) e xadrez (M).

1979 Brasília-DF, disputando-se as seguintes modalidades esportivas: atletismo (FM), basquetebol (FM), ginástica olímpica (FM), handebol (FM), hipismo (M), judô (M), natação (FM), pólo aquático (M), saltos ornamentais (FM), voleibol (FM) e xadrez (M). Com 1,86m e uma passada de 2,70m, Joaquim Cruz ingressou neste ano com muita disposição e, em julho, durante os Jogos Escolares Brasileiros-JEBs, marcou dois novos recordes sul-americanos de sua faixa etária: 1min49s8, nos 800m, e 3min56s1, nos 1.500m. Em 1979, nos JEBs em Brasília, foi incluída mais outra

atividade cultural: a exposição de artes, dela participando todos os estados que se encontravam em disputa.

1980 O II CEBs é realizado neste ano. Desta vez nas cidades de Aracajú, Belém, Belo Horizonte e Curitiba. Foram disputadas as seguintes modalidades em Aracaju: natação (FM), pólo aquático (M), saltos ornamentais (FM), voleibol (FM); em Belém: atletismo (FM); em Belo Horizonte: basquetebol (FM), ginástica rítmica (F), judô (M); em Curitiba: ginástica olímpica (M), handebol (FM), e xadrez (M).

1981 JEBs em Brasília, com as seguintes modalidades esportivas: atletismo (FM), basquetebol (FM), ginástica olímpica (FM), ginástica rítmica (F), handebol (FM), judô (M), natação (FM), pólo aquático (M), saltos ornamentais (FM), voleibol (FM) e xadrez (M).

1982 JEBs em Brasília com as modalidades esportivas: atletismo (FM), basquetebol (FM), ginástica olímpica (F), ginástica rítmica desportiva (F), handebol (FM), judô (M), natação (FM), pólo aquático (M), saltos ornamentais (FM), voleibol (FM) e xadrez (M).

1983 JEBs em Brasília com as modalidades esportivas: atletismo (FM), basquetebol (FM), ginástica olímpica (FM), ginástica rítmica desportiva (F), judô (M), natação (FM), pólo aquático (M), saltos ornamentais (FM), voleibol (FM) e xadrez (M).

1984-1986 JEBs em Brasília–DF, São Paulo–SP e Vitória–ES.

1987 JEBs em Campo Grande–MT. O destaque de memória deste evento foi o atleta Eronildes Nunes de Araújo que conquistou sua primeira medalha de ouro nos 400 m rasos nas provas de atletismo, com o tempo de 50"10. Foi sua primeira participação nos JEBs com o auxílio de seu primeiro treinador, Antonio Carlos Feijão.

1988 – 1994 Os JEBs aconteceram em cada ano sucessivamente neste período, nas seguintes cidades: São Luís–MA, Brasília–DF, Brasília–DF, Presidente Prudente–SP, Blumenau–SC, Recife–PE, e Foz do Iguaçu–PR.

1995 Neste ano, os Jogos da Juventude foram criados pelo Governo Federal, em substituição aos JEBs-Jogos Estudantis Brasileiros. Estes novos Jogos eram disputados por seleções estaduais, ao passo que os JEBs reuniam colégios em suas competições, representando os estados em cada modalidade. O objetivo dos Jogos da Juventude era de realizar competições entre as seleções estaduais numa disputa voltada para o alto rendimento. Os primeiros Jogos da Juventude foram realizados em João Pessoa-PB e não tiveram a participação do Comitê Olímpico Brasileiro-COB, embora o evento incentivasse o desenvolvimento dos jovens atletas, criando assim a base para o futuro do esporte de alto rendimento no Brasil.

1996 Os Jogos da Juventude aconteceram em Curitiba-PR, sendo o COB responsável pela administração técnica do evento, tornando-se assim parceiro do Governo Federal no novo empreendimento esportivo.

1997-1999 Jogos da Juventude em Goiânia-GO, Porto Alegre-RS e Recife-PE. Nesta última cidade aconteceu a quinta edição do evento com abertura no estádio Geraldão com desfile das delegações e apresentações artísticas e culturais. A organização foi do Ministério dos Esportes e Turismo e Comitê Olímpico Brasileiro com apoio da Secretaria de Turismo e Esportes do Estado de Pernambuco. O evento reuniu 2.483 atletas dos 27 estados brasileiros. Modalidades em disputa: atletismo, basquetebol, ginástica artística, ginástica rítmica, handebol, judô, tênis de mesa e voleibol. Com a pontuação independente para cada uma dessas modalidades foi concedido em cada edição o Troféu Eficiência para o estado que obteve o maior número de pontos na classificação final. O nado sincronizado e o pólo aquático foram apresentados apenas como esportes de exibição. Alguns atletas então revelados representaram o Brasil nas competições mais importantes do calendário esportivo internacional à época, como os Jogos Pan-Americanos e Jogos Olímpicos.

2000 Ano inicial da Olimpíada Colegial: com propósitos diferentes dos Jogos da Juventude, este evento dispôs seu foco na escola. Durante meses foram realizadas seletivas municipais e estaduais para se chegar à escola representante de um estado em cada esporte. A intenção explícita era de criar oportunidades de participação para alunos que não faziam parte das seleções de seus estados. O objetivo principal e formal das Olimpíadas era o de incentivar a participação em atividades esportivas escolares em todo o território nacional, promovendo uma ampla mobilização da juventude. O projeto da Olimpíada Colegial foi iniciado em janeiro de 2000, por ocasião da criação, pelo Ministro da Educação e pelo Presidente do COB, da Comissão Organizadora dos Jogos, composta por representantes dos Ministérios da Educação, do Esporte e Turismo, do COB e da Rede Globo de Televisão, em associação com Projeto Criança Esperança. Fizeram parte da primeira Olimpíada os esportes mais praticados nas escolas no país: atletismo, basquetebol, futsal, handebol e voleibol. Em termos de objetivos educacionais, o projeto propunha-se a agregar alunos das escolas das redes públicas e privadas de ensino do país, com base em princípios sócio-educativos de participação, cooperação, co-educação, co-responsabilidade e integração. Na sua feição operativa o evento atendia à responsabilidade do Estado de fomentar o esporte escolar, posto que somente atletas regularmente matriculados poderiam participar de todo o processo, desde as seletivas até a conclusão do evento. Adicionalmente a Olimpíada Colegial previa o intercâmbio entre atletas, técnicos e dirigentes de todo o país.

2001-2002 A Olimpíada Colegial teve continuidade assegurada neste ano, partindo para a concretização de um Calendário Esportivo Escolar Brasileiro, dividindo-se o evento em dois Jogos com faixas etárias distintas, equivalentes ao 1º e 2º grau do ensino básico: de 12 a 14 anos e de 15 a 17 anos. Com esta estrutura estimava-se a geração de cerca de 2.500 competições esportivas escolares estaduais, regionais e municipais que serviriam de base para o evento nacional.

2003 Olimpíada Colegial em Brasília–DF, correspondendo à 25ª edição dos jogos escolares brasileiros na tradição dos JEBs. Neste último estágio convivem dois jogos nacionais para estudantes, com características distintas: as Olimpíadas Colegiais e os Jogos da Juventude, ambos herdeiros diretos dos Jogos Escolares Brasileiros-JEBs. Neste ano os Jogos foram realizados em Brasília, de 28 de novembro a 7 de dezembro, tendo como inovação a participação de portadores de deficiências na modalidade de Atletismo. A organização do evento definiu junto ao Comitê Paraolímpico Brasileiro quais provas e tipos de deficiências participaram da disputa. Outra novidade desta edição foi a garantia da participação de todos os alunos nas modalidades coletivas, isto é, mesmo ficando na reserva, os atletas participavam em um determinado período de jogo. Modalidades: futsal, basquetebol, handebol, voleibol, atletismo, handebol, além de xadrez (no futsal apenas masculino). Participação: 27 unidades da federação e um total de 2.400 atletas, pertencentes a cerca de 300 escolas.

Situação atual Hoje há condições de se avaliar melhor o impacto dos JEBs. Embora menos perceptível no passado, os JEBs foram embrião das competições de alto nível, desempenhando um papel preponderante no quadro do desenvolvimento sócio-esportivo brasileiro. Foi celeiro de atletas como também promoveu técnicos, dirigentes e árbitros. Este resultado foi obtido por meio de encontros de aperfeiçoamento que culminavam na realização dos próprios Jogos, criando uma espécie de escola de pensamento e de unidade de ação de técnicos e dirigentes, com repercussões até hoje presentes. Daí ao terminarem, na década de 1990, os JEBs deixaram uma sensação de vazio com queda de qualidade logo pressentida por diferentes setores do esporte brasileiro, e que não foi recuperada pelas competições que viriam a substituir os JEBs nos anos seguintes. Segundo tem divulgado o Ministério do Esporte, os Jogos Escolares hoje – um recente desdobramento dos JEBs – considerando todo o processo de mobilização e seleção de participantes, que envolve as fases classificatórias municipal, regional e estadual -, reúne cerca de 1 milhão de alunos, sem contar as seletivas e jogos internos das escolas. Esta cifra por si só dá significado ao legado quantitativo dos JEBs e explica o seu sucesso na difusão do esporte em escala nacional. Na conformidade dos objetivos de resgate de memória do esporte nacional estipulado pelo presente Atlas, segue-se adiante uma resumida revisão histórica dos JEBs com a finalidade de promoção de novos estudos.

Fontes (1) Testemunhos orais: Félix D'Ávila, Ary Façanha de Sá, Rita Ribeiro de Aguiar; Arnaldo de Oliveira Souza Filho, Claudio Augusto Boschi, Elcio Guimarães Paulinelli, Januário Schimidt Andrade, Luiz Afonso Teixeira de Vasconcelos e Almeida, Nilton Agra e Otavio Augusto Anibal Catani Fanali; (2) Documentais: 'Os Jogos Estudantis Brasileiros'. Revista Brasileira de Educação Física, número 21, maio/junho, 1974, pp. 23-28; 'Os JEBs e o futuro'. Revista Brasileira de Educação Física, número 27, julho / setembro, 1975, p. 5; *Worldwide Trends in Youth Sport*, Ed Knop, P. et al. (eds). Chapter 'Brazil', DaCosta, L. P. Champaign-USA: Human Kinetics Publishers, 1996, pp. 16 – 26.

Educação Física e Jogos Escolares em Niterói-RJ, 1835 – 1943

Physical education and school games in Niterói-RJ, 1835 – 1943

MARIO RIBEIRO CANTARINO

A Escola Normal de Niterói data de 1835, sendo a mais antiga instituição de ensino, do gênero, na América do Sul, com o alunado de ambos os sexos. O programa de ginástica elementar, para os sexos masculino e feminino, tinha como base a higiene, a anatomia e a fisiologia. Em 1874, houve oposição das famílias quanto ao ensino da ginástica para as alunas. Entretanto, a Assembléia da Província foi contrária à sua eliminação. O professor de ginástica da Escola Normal de Niterói era o Capitão Ataliba Manoel Fernandes (1831-1887), mestre de equitação da Escola Militar e herói da Guerra do Paraguai (1864-1870). Considerado ele o "precursor da ginástica técnica no Brasil", seguia as linhas de Becquerel, Garcia, Fleury, Capitão d'Argy e outros. O curso primário nas escolas públicas do Estado do Rio

de Janeiro, inclusive em Niterói, em 1893, incluía a ginástica entre as suas disciplinas, lecionada, como as demais, pelos professores diplomados pela Escola Normal, que eram obrigados a ministrá-las todas. O Curso Normal era de três anos, com "cadeiras e aulas", sendo considerada a ginástica como aula. No período de 1930 a 1937, e deste ano até 1945, foram criados, nos Estados, os Serviços, Departamentos ou Inspetorias de Educação Física, como ocorreu no Estado do Rio de Janeiro, com a criação do Serviço de Educação Física, transformado em junho de 1939 em Divisão de Educação Física, subordinada ao Departamento de Educação, com sede em Niterói. Esses órgãos tinham, como competência, gerir a Educação Física Escolar no âmbito de seu Estado. Nos anos de 1930, as professoras primárias, tanto dos Municípios do interior como as da

Capital, no período de férias escolares, participavam de cursos de Educação Física, de pequena duração, efetuados pela Divisão de Educação Física, nas instalações do Liceu Nilo Peçanha e no campo do Niteroiense Futebol Clube. O Serviço e, posteriormente, a Divisão de Educação Física concorreram para o desenvolvimento da Educação Física, orientando e coordenando as atividades físicas e esportivas; promovendo desfiles escolares, mormente no "Dia da Raça", em cada mês de setembro; realizando demonstrações de ginástica e competições escolares e estudantis. As festividades de encerramento do "I Campeonato Colegial de Educação Física", foram realizadas na noite de 31 de agosto de 1943, no Estádio Caio Martins, em Niterói, com a presença do Ministro Capanema, do Interventor Amaral Peixoto, autoridades e grande público.

Resgatando a memória dos JEBs: pontos de partida
Brazilian School Games-JEBs: a historical review

O esporte estudantil não era diferente do esporte formal brasileiro. As grandes vitórias, os títulos, sem dúvida, eram distribuídos entre as seleções do eixo Rio-São Paulo-Minas e Rio Grande do Sul. Os primeiros JEBs também mostraram a superioridade técnica destes Estados. Entretanto o intercâmbio proporcionado pela competição deu oportunidade a que outros estados participantes conhecessem a melhor técnica e pudessem aspirar e mesmo disputar títulos com os estados considerados mais adiantados. Ao longo dos anos as competições dos JEBs tornaram o esporte mais competitivo em todos os estados. Talentos eram revelados tanto no Sul quanto no Norte e Nordeste do país. As medalhas e troféus faziam parte da bagagem de nortistas e nordestinos, numa distribuição que era a ideal, pois que almejava-se um Brasil com um esporte realmente forte em todo o seu território, podendo competir em igualdade de condições com o resto do mundo.

O melhor índice técnico do JEBs não veio só com o intercâmbio, mas, também, por atuação do próprio DED-MEC, seguindo o I PED – Plano de Educação Física e Desportos, e corrigindo as falhas do sistema apontadas pelo Diagnóstico da Educação Física e Desportos do Brasil de 1971. A melhoria das instalações esportivas em todo o país, a atualização constante de professores, o intercâmbio internacional, com a vinda de professores de outros países, e os estágios de atletas-estudantes e professores visitando a Alemanha, também tiveram uma participação notável para que as representações brasileiras em competições internacionais melhorassem seus resultados. A primeira grande conquista no campo internacional foi em 1973. Uma equipe de atletismo masculina, selecionada nos JEBs de Maceió, conquistou o título de campeã mundial estudantil na Grécia. No ano seguinte, aquele campeonato foi disputado em Florença, na Itália, com a participação de 19 países, e o Brasil conquistou o vice-campeonato, apesar de ter-se apresentado com uma equipe numericamente muito pequena.

Tanto no mundial de Florença como no Estágio Técnico da Alemanha, cujos participantes eram selecionados nos JEBs, as delegações nacionais foram compostas por atletas de todos os estados brasileiros, algo inusitado para a época. Desde a criação do JEBs, em 1969, entre as comissões do regulamento da competição, existia uma de estudos técnicos. No início – e isto perdurou até 1973, em Brasília –, esta comissão funcionou mais como um congresso técnico, em que delegados e chefes de delegações discutiam problemas de alojamentos, alimentação, sede para os próximos JEBs etc. A partir de Brasília, a Comissão

de Estudos Técnicos evoluiu como aconteceu também com os próprios Jogos Estudantis Brasileiros. Ou seja: a Comissão deixou de ser um encontro de dirigentes e passou a ser um encontro técnico, no qual os professores que acompanhavam as delegações participavam de palestras, de cursos sobre os esportes incluídos na programação, sobre Educação Física, administração esportiva, medicina esportiva e arbitragem. No ano de 1974, em Campinas, durante os VI JEBs, no período de 15 a 25 de julho, foram realizadas 60 palestras e cursos, inclusive com a participação de professores de outros países.

Neste ano de 1974 as atividades da Comissão de Estudos Técnicos foram assim distribuídas pelas modalidades esportivas: Atletismo – Palestras dos professores Ademir Pivesan, PR, Waldemar Montezano, MG, João de Oliveira, assessor do DED, e um encontro dos técnicos que participaram do estágio na Alemanha; Voleibol – Palestra do professor Celso Bandeira; Basquetebol – Seminário técnico dirigido pelo professor Wlamir Marques; Esgrima – Duas palestras do Capitão Maurício Lopes de Lima; Handebol – Doze palestras e cursos com a participação dos professores Roberto Lima Rosa, José Maria Teixeira e Jamil André, com exibições de filmes do último campeonato mundial; Pólo aquático – Duas palestras do professor João Gonçalves; Saltos ornamentais – Quatro aulas sobre cama elástica pelo professor alemão H. Riehle; Arco e Flecha – Dois cursos de arbitragem; Ginástica moderna – Curso técnico-pedagógico pela professora Daisy Barros; Ginástica olímpica (expressão da época) – Cursos com os professores alemães M. Nilsson, I. Kaukerei, H. Riehle e W. Lange; Medicina desportiva – Três palestras para os médicos acompanhantes das delegações, proferidas pela Dra. Maria Augusto D'al Molim Kiss, USP-SP; Administração desportiva – Três palestras do professor Manoel Gomes Tubino, UGF-RJ; Treinamento em circuito – Três palestras do professor Tomás Leite Ribeiro, do DED-RJ; Folclore – Três aulas da professora suíça Marianne Forster sobre danças estrangeiras.

Ainda em 1974, a Coordenação de Relações Públicas dos VI Jogos Estudantis Brasileiros aplicou um questionário à consideração dos chefes de delegações, permitindo uma ampla avaliação do trabalho de cada unidade participante, para que pudesse ter suas seleções na competição estudantil nacional. Entre outras perguntas, estava a da participação financeira de cada governo estadual, o que daria condições para avaliar o grau de interesse de cada região na atividade física e o número de atletas-estudantes envolvidos nos campeonatos regionais; havia também uma solicitação de sugestão para a próxima realização. A participação financeira de cada um foi diversificada. Alguns Estados possuíam

verbas orçamentárias para a organização das suas representações nos JEBs. Outros dependiam quase que exclusivamente do DED-MEC, mais por falta de recursos do que por desinteresse. Entretanto, a resposta à segunda pergunta – quantos atletas-estudantes foram envolvidos na fase estadual (Jogos Estudantis Estaduais) – mostrou que os Jogos Estudantis Brasileiros, embora fossem disputados pela elite de cada estado participante, eram uma competição de massa que não existia apenas nos meses de julho. Dados de 1974 apontam o envolvimento de 299.470 estudantes em seletivas regionais (até aquele JEBs), sem contar os atletas-estudantes de São Paulo, estado que declarou, na época, ser incalculável o número de participantes nas competições estaduais. Estes atletas-estudantes tiveram o privilégio de estar entre os 5.000 melhores atletas das suas categoria em todo o Brasil. Com o envolvimento de um número tão marcante de jovens, com a atualização técnica dos professores regionais, não só durante as competições por meio de estudos técnicos, mas por todo o trabalho realizado durante os anos de JEBs, surge uma explicação consistente sobre as razões do aparecimento de uma elite de atletas-estudantes que se tornou a grande elite do esporte nacional.

Em resumo, com os JEBs, o esporte estudantil brasileiro, que antes procurava nos clubes os atletas para suas competições, passou a mobilizar praticantes nas escolas e a formá-los, o que contribuiu decisivamente para a mudança da imagem olímpica do Brasil. Atletas iniciados nos JEBs se tornaram recordistas brasileiros, sul-americanos e integrantes das nossas seleções nos esportes coletivos. Os atletas-estudantes, fizeram diferença no contexto esportivo nacional e internacional. Alguns nomes que se tornaram conhecidos internacionalmente e que foram atletas-estudantes descobertos nos Jogos Escolares Brasileiros, podem ser citados: Esmeralda de Jesus Freitas de Minas Gerais, recordista mundial juvenil dos 100m rasos durante mais de 20 anos; Agberto Conceição Guimarães, do Pará, campeão dos 800 e 1500m, considerado ainda como atleta-estudantil o melhor resultado da América do Sul nos 800m; Marlene Gomes do Nascimento, de Roraima, campeã do salto em distância; Mara Furhmann, de Santa Catarina, campeã dos 1500m e recordista brasileira da categoria adulto. Entre os nadadores, a safra não foi menos talentosa que no atletismo: Djan Madruga, Flavia Nadalutti, Rosemary Ribeiro, Cristina Bassani Teixeira e Maria Elisa Guimarães, todos campeões dos JEBs, recordistas sul-americanos da categoria adulto (ainda como atletas-estudantes) e titulares da seleção nacional.

Jogos do estado de SP / São Paulo state Games

FÁBIO SABBA

Estado de SP-JOGOS ABERTOS DO INTERIOR 1936 – Primeiro evento realizado		
Ano	Número de Participantes	
	Municípios	Atletas
2002	163	6.587
2001	165	6.172
2000	128	5.235
1999	148	5.204
1998	122	4.744
1997	120	4.822

Estado de SP-JOGOS REGIONAIS 1950 – Primeiro evento realizado		
Ano	Número de Participantes	
	Municípios	Atletas
2002	413	34.820
2001	397	31.636
2000	366	29.596
1999	379	28.596
1998	342	27.121
1997	s/ dados	s/ dados

Estado de SP-JOGOS ESCOLARES 1941 – Primeiro evento realizado		
Ano	Número de Participantes	
	Municípios	Atletas
2002	527	222.011
2001	550	299.325
2000	563	297.705
1999	552	283.484
1998	554	245.653
1997	544	248.492

Jogos Olímpicos Latino-Americanos de 1922 – Rio de Janeiro

CESAR R. TORRES

1922 *Latin American Olympics – Rio de Janeiro*

In the late 1910s Baron Pierre de Coubertin, founder and then president of the International Olympic Committee-IOC, embarked on a campaign to expand participation in the Olympic Games, increase representation in the IOC, and encourage the establishment of National Olympic Committees across the world. Coubertin was especially interested in promoting his Olympic project in Latin America. To achieve its policy of globalization, Coubertin needed a partner with global outreach capacity and thus signed a cooperation agreement with the YMCA (Young Men’s Christian Associations), which by the early

1920s had working chapters in several Latin American countries. The first project that the IOC-YMCA partnership undertook was the 1922 Latin American Games, a series of sporting events organized in Rio de Janeiro as part of Brazil’s centennial celebrations. After many inconveniences, the Latin American Games were successfully organized between August and October of 1922 under the patronage of the IOC. The assistance of the YMCA was crucial to the Brazilian organizers in the planning and hosting of the international event. The significance of the Latin American Games is that they inaugurated the

IOC’s globalization policy. During the competitions, which the media commonly referred to as the Latin American Olympics, IOC delegates met with regional sport officials to form the Latin American Games Committee. The second meeting of this committee, scheduled for October 1923 in Buenos Aires, never happened. Even so, the Latin American Games helped in the organization of sport and in the expansion of the Olympic ideals within the region. However, the games also ignited power struggles that influenced and controlled the nascent but flourishing Latin American sport landscape.

Origens Seduzido pelo potencial educativo e simbólico do esporte e objetivando promover, entre outros valores, a amizade entre os povos e a paz universal, o Barão francês Pierre de Coubertin criou em Paris, em 1894, o Comitê Olímpico Internacional – COI. Após dois anos, Coubertin e seus colaboradores organizaram os primeiros Jogos Olímpicos da era moderna com caráter internacional, em Atenas. Apesar de inicialmente ser um movimento incerto e com adversidades, os Jogos Olímpicos foram gradativamente alcançando estabilidade e reconhecimento, principalmente na Europa e em vários países anglo-saxões. O êxito da organização dos Jogos Olímpicos permitiu que Coubertin concentrasse esforços na concretização do seu ideal de universalização olímpica. Para atingir este objetivo, no final da segunda década do século XX, o COI voltou seus esforços para o envolvimento internacional, com destaque para a indicação dos seus novos dirigentes, a participação de “novas” nações nos Jogos Olímpicos e o incentivo à criação de Comitês Olímpicos Nacionais por todo o planeta. A América Latina era uma das regiões onde Coubertin tinha especial interesse na difusão do projeto olímpico.

Devido ao fato da presença e da capacidade de ação do COI ser limitada naquela época, a sua política de universalização apresentava sérios problemas de implantação. Para desenvolvê-la o COI necessitava de um parceiro que acreditasse no valor do esporte como elemento educativo e que também tivesse uma estrutura abrangente, porém sem ser uma entidade que se tornasse concorrente com o COI no controle do esporte mundial. O parceiro que apresentava estas características era a Associação Cristã de Moços – ACM. Os primeiros contatos entre o COI e a ACM aconteceram no final da primeira guerra mundial e envolveram a participação de Coubertin e Elwood S. Brown, um norte-americano que era o diretor do Comitê Internacional da ACM. Aparentemente foi Brown quem sugeriu a Coubertin realizar os Jogos por regiões, considerando que já havia um planejamento da ACM em viabilizar este tipo de evento em diferentes partes do mundo, objetivando difundir o ideal olímpico. A proposta interessou ao COI e as primeiras conversações logo se concretizaram num acordo formal, estabelecido em 1920, no qual as duas instituições se comprometiam a colaborar mutuamente na difusão dos seus respectivos objetivos.

A primeira realização conjunta COI-ACM foi a organização dos Jogos Latino-americanos, acontecidos no Rio de Janeiro, em 1922. Os Jogos Latino-americanos foram compostos por um conjunto de diferentes eventos esportivos que faziam parte da comemoração do Centenário da Independência do Brasil. O consórcio COI-ACM desejava o reconhecimento oficial do evento por parte do COI, sendo este o primeiro dos jogos regionais com previsão de realização periódica em todo o mundo. Simultaneamente, os Jogos Latino-americanos de 1922 significariam a implantação efetiva da política de universalização do COI. Considerando que no início da segunda década do século XX, a ACM contava com sedes na Argentina, Brasil, Chile, Cuba, México, Peru, Porto Rico e Uruguai, e que os esportes se encontravam num período de grande expansão na região, Brown e seus colaboradores acreditavam que a organização dos Jogos Latino-americanos não apresentaria maiores dificuldades na sua realização. Entretanto, os dirigentes da ACM não consideraram que o sucesso do evento poderia ser influenciado pelas peculiaridades políticas e esportivas da região.

1919 – 1920 As primeiras propostas de comemoração do Centenário da Independência do Brasil, em setembro de 1922,

previam uma série de eventos esportivos de caráter nacional. Dentre várias propostas, havia a de Nestor Ascoli, uma figura proeminente da sociedade brasileira, em realizar “campeonatos brasileiros de Jogos Olímpicos”, a serem organizados pela Confederação Brasileira de Desportos – CBD. Aparentemente o Fluminense Football Club também manifestou interesse em organizar um evento deste tipo. Logo houve a sugestão, por parte de dirigentes brasileiros, de internacionalizar o evento, tudo indicando que a ACM foi a entidade responsável por viabilizar esta proposta. No início de 1920, alguns meses antes do acordo COI-ACM, Brown viajou à América do Sul para promover o projeto de cooperação na região e realizar os contatos preliminares para a realização do “Jogos Sul-americanos” de 1922. Na oportunidade de sua visita ao Brasil, Brown se encontrou com Epitácio Pessoa, então presidente da república, para esclarecê-lo sobre os Jogos e solicitar o seu apoio para a realização dos mesmos. Ainda no Rio de Janeiro, Brown escreveu à Coubertin informando sobre a sua grande perspectiva com a situação na América do Sul. Entretanto, talvez o fato mais importante tenha sido a sugestão de Brown, dada à CBD, para que o Brasil convidasse a Argentina, Chile, Peru e Uruguai para participar dos “Jogos Sul-americanos”. Posteriormente, o projeto de internacionalização dos Jogos teve um impulso decisivo em agosto de 1920, quando Roberto Trompowski Jr., chefe de missão da delegação brasileira participante dos Jogos Olímpicos da Antuérpia – 1920, ofereceu um banquete à Brown e Coubertin, tendo este, na oportunidade, anunciado em nome do COI, que oficializava os Jogos Internacionais de 1922 a realizar-se no Rio de Janeiro. Apesar do apoio, Coubertin ainda não acreditava plenamente na capacidade de realização dos Jogos pelos brasileiros, enquanto que Brown procurava convencê-lo de que os dirigentes da ACM na América do Sul seriam capazes de fazê-lo a contento.

1921 Os problemas não demoraram a surgir. Em maio, Jess T. Hopkins, secretário de Educação Física da Federação Sul-americana da ACM, escreveu à Coubertin informando que os preparativos para os jogos se desenvolviam lentamente. Logo no mês seguinte, Brown comunicou ao COI que os preparativos no Brasil seguiam de forma adequada, informando ainda que Cuba, México e Porto Rico também seriam convidados a participar dos jogos, inclusive propondo um novo título para o evento: “Jogos Latino-americanos”. A maior amplitude dos Jogos atendiam diretamente aos interesses de internacionalização pretendidos pelo COI, fato que provocou entusiasmo daquela entidade. Com o apoio do COI, a ACM renovou seus esforços para a realização dos Jogos Latino-americanos. Infelizmente uma grave crise econômica no país levou o governo brasileiro a rever as festividades comemorativas do Centenário da Independência. Logo foi aventada a possibilidade de reduzir a amplitude dos Jogos, retornando à idéia original de realizá-los somente a nível nacional. Devido à realidade do momento, o governo brasileiro não disponibilizou a verba prevista para a CBD, fato que provocou a paralisação na organização dos Jogos. As dificuldades geradas pela instabilidade econômica e os problemas internos da CBD colocavam em perigo a realização do evento. No final de 1921 o futuro dos Jogos Latino-americanos era incerto.

1922 A incerteza vivida no Brasil levou o COI e a ACM a questionarem a si próprios sobre o envolvimento do COI nos Jogos Latino-americanos. O COI considerava que se o evento acontecesse somente no nível nacional o seu apoio não seria necessário, fato

que para o Brasil era fundamental. Para resgatar os Jogos, a ACM apresentou uma proposta em que o Comitê Organizador da CBD deveria obter o reconhecimento oficial do governo brasileiro para o evento, devendo ser garantido o convite aos outros países e, ainda, que todas as dificuldades técnicas deveriam ser apresentadas aos delegados do COI, que não eram outros senão que os dirigentes da própria ACM. O prazo para aprovar a proposta era 30 de janeiro. Face à impossibilidade de cumprimento deste prazo, o Comitê Organizador solicitou a prorrogação até 15 de março, também não tendo sido respeitada esta data. A perspectiva de cancelamento dos Jogos fez com que a ACM intercedesse diretamente junto ao governo brasileiro. Em abril, Henry J. Sims, diretor de Educação Física da ACM do Rio de Janeiro, se reuniu com Carlos César de Oliveira Sampaio, prefeito da cidade do Rio de Janeiro, que lhe assegurou que o governo desejava a oficialização do COI e que tomaria todas as medidas necessárias para garantir tal apoio. Após uma reunião com as autoridades federais, Sampaio conseguiu a disponibilização dos fundos e das instalações necessárias para organizar os Jogos Latino-americanos. Em Junho o COI confirmou a oficialização dos Jogos e indicou o Conde belga Henri de Baillet-Latour, então vice-presidente daquele organismo, como o seu representante oficial junto ao evento.

O desenvolvimento dos Jogos Latino-americanos Não é fácil determinar quais foram os eventos esportivos incluídos nos Jogos Latino-americanos, denominados pela imprensa como Jogos Olímpicos Latino-americanos. O relatório do Comitê Organizador apresenta, sob o título “Jogos Atlético Latino-americanos”, os resultados das competições dos seguintes esportes: atletismo, basquetebol, boxe, esgrima, futebol, hipismo, natação, pólo aquático, remo, saltos ornamentais, tênis e tiro. Talvez o Comitê Organizador tenha utilizado esta denominação devido ao fato de ter sob a sua responsabilidade a realização de três eventos esportivos distintos, todos incluídos na programação dos festejos do Centenário da Independência: os Jogos Latino-americanos, os Jogos Militares Internacionais e os Campeonatos Esportivos Internacionais. O relatório da ACM também não deixa claro que esportes corresponderiam a qual dos três eventos. Nem os jornais da época auxiliam no esclarecimento sobre a distinção das competições. Independente da estrutura organizacional, após incontáveis desencontros, os seguintes países enviaram delegações ao Rio de Janeiro: Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai. Segundo dados da ACM foram inscritos aproximadamente 1.200 participantes nos três eventos dos Jogos, sendo 500 exclusivamente nos Jogos Latino-americanos, evento que aconteceu no período de 27 de Agosto a 15 de Outubro de 1922. O interesse despertado pelos eventos esportivos do Centenário pode ser comprovado pelo número significativo de espectadores, que segundo a ACM chegou a um total de 162.000 pessoas.

A cerimônia de abertura aconteceu no dia 13 de setembro de 1922, no estádio do Fluminense Football Club, local da maioria das competições. Estiveram presentes o presidente brasileiro, representantes esportivos e de governos de vários países, dentre eles Baillet-Latour e Brown. As competições transcorreram normalmente, apesar dos problemas de organização e de arbitragem, fatos que geraram protestos de várias delegações. Um fato a ser destacado é que durante os Jogos Latino-americanos os representantes do COI se reuniram com os dirigentes esportivos da região para criar o Comitê dos Jogos Latino-americanos,

objetivando a realização deste evento bienalmente. Este Comitê agendou a sua segunda reunião para 1923, em Buenos Aires, fato não concretizado. A motivação gerada pela realização dos Jogos Latino-americanos levou à fundação da Confederação Sul-americana de Ciclismo durante a realização destes Jogos. Segundo Baillet-Latour, muitas foram as conquistas administrativas dos Jogos Latino-americanos, fato que o motivou a continuar promovendo o ideal olímpico por toda a América Latina.

Interpretações do desenvolvimento Os Jogos Latino-americanos foi o primeiro projeto em conjunto que o COI e a ACM promoveram logo após o acordo oficial em que ambas as entidades se comprometiam a colaborar na difusão dos seus respectivos objetivos. Devido aos desentendimentos internos na CBD, além das dificuldades da economia brasileira à época, a ACM teve uma participação decisiva na organização dos Jogos Latino-americanos. Talvez o fato mais marcante dos Jogos Latino-americanos de 1922 tenha sido a inédita implementação da política de universalização do COI. Durante a sua presença no Brasil e após, quando da sua viagem pela América Latina, Baillet-Latour estabeleceu uma rede de contatos com os dirigentes esportivos da região, através da qual esperava difundir o trabalho e os objetivos do COI. Isto permitiu ao COI selecionar membros latino-americanos para integrar o seu quadro de representantes internacionais, que por sua vez incentivaram o desenvolvimento esportivo na região, motivando a participação nos Jogos Olímpicos e também na realização de Jogos Regionais. A realização dos

Jogos Latino-americanos também produziu efeitos negativos. A organização interna dos Jogos e a composição das delegações representantes dos países geraram polêmicas e lutas de poder entre as entidades que desejavam liderar o esporte a nível nacional. Era intenção de todas estas entidades receberem o privilégio do atendimento da ACM e do COI. Na implementação de suas políticas estas entidades não consideraram a dinâmica política, social e cultural da região, fato que favoreceu o confronto de interesses em vez de facilitar o entendimento e o estabelecimento de instituições estáveis e democráticas. Certamente o aspecto mais relevante dos Jogos Latino-americanos tenha sido a mobilização inédita que os mesmos possibilitaram ao esporte regional, levando a que todos os envolvidos questionassem o esporte que desejavam desenvolver, o que seriam capazes de construir e de alcançar, numa época em que a América Latina já não desejava somente aceitar as conquistas esportivas dos europeus. (Tradução do espanhol, da contribuição original para o Atlas do Esporte no Brasil: José Carlos Eustáquio dos Santos – Editor).

Fontes ARCHIVOS DEL COMITE OLIMPICO INTERNACIONAL, Lausana, Suiza; Ascoli, N. (1924) Projeto de Commemoração do Primeiro Centenario da Independencia do Brasil. Rio de Janeiro: Revista de Lingua Portuguesa; DaCosta, L. (2002) Olympic Globalization: Sport Geopolitics or IOC Power Politics? En: Olympic Studies. Ed. DaCosta, L. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho; De Franceschi Neto, M. (1999) Participação no Brasil no

Movimento Olímpico Internacional no Período de 1896 a 1925. Dissertação de Doutorado, Universidade Gama Filho; FEDERACION SUDAMERICANA DE ASOCIACIONES CRISTIANAS DE JOVENES (1927) Quince Años de Educación Física en las Asociaciones de América del Sur. Montevideo y Buenos Aires: Editorial Mundo Nuevo; Gregory, M. (1990) Rio de Janeiro 1922-1923. Exposição Internacional do Centenario do Brasil. En: Historical Dictionary of World's Fairs and Expositions, 1851-1988. Eds. Findling, J. and Pelle, K. New York: Greenwood; Johnson, E. (1979) The History of YMCA Physical Education. Chicago: Association Press; Latuorette, K. (1957) World Service. A History of the Foreign Service of the Young Men's Christian Associations of the United States and Canada. New York: Association Press; Muller, N. & Tuttas, R. (2000) The Role of the YMCA: Especially that of Elwood S. Brown, Secretary of Physical Education of the YMCA, in the World-Wide Expansion of the Olympic Movement During Pierre de Coubertin's Presidency. En: Bridging Three Centuries: Intellectual Crossroads and the Modern Olympic Movement. Eds. Wamsley, K., Martyn, S., MacDonald G. y Barney, R. London, Ontario: The University of Western Ontario; TORRES, C. (2001) Tribulations and Achievements: The Early History of Olympism in Argentina. En: The International Journal of the History of Sport, 18, 3; TORRES, C. (2002) A Time of Conflict: Argentine Sports and the 1924 Olympic Team. En: The Global Nexus Engaged: Past, Present, Future Interdisciplinary Olympic Studies. Eds. Wamsley, K., Barney, R., and Martyn, S. London, Ontario: International Center for Olympic Studies.

The IOC and Latin American Olympics-1922, Rio de Janeiro

LAMARTINE P. DACOSTA

In "Olympic Studies", Editora UGF, Rio de Janeiro, 2002, pp. 95-100

The Latin American Games, held in September 1922, were actually a South American sport event included in the International Exhibition of Rio de Janeiro of that year. As such, those Games may have their impact assessed through two sources of information from local archives: the programs of the 1922 Exhibition events filed in Rio's Historical and Geographic Institute (1) and the report from the Physical Education National Commission of Uruguay, published in the 'Uruguay Sport', its official magazine, in October 1922 (2). In both documents, the period which was given most emphasis goes from September 6 through September 16, 1922. By cross comparisons, it was acknowledged that Argentina, Brazil, Chile and Uruguay attended the event as representatives of the Latin American continent to compete for different types of sports such as athletics, boxing, tennis, fencing, swimming, springboard diving, water polo, equestrian, shooting and rowing. There was also a soccer competition associated with the Exhibition, not the Games, which included Paraguay among the other countries mentioned above.

The Fluminense Stadium, the largest sport facility found in Rio de Janeiro, was rebuilt in order to host the main competitions included in the Games' program. Besides this location, other privileged places, such as Botafogo Bay and Derby Club, held rowing and equestrian competitions, respectively. Other competitions were also held in the Brazilian Army premises, and there was a cross country competition all the way on Corcovado Hill – the city's most visited place – which anyone interested in could join. In all, in today's review this availability suggests that the Games were not marginal on account of the

Exhibition's structure, as often ascribed to Paris (1900) and Saint Louis (1904) similar jointly events. The attendees of the Games were invited by the then Brazilian Sports Confederation, including athletes and sport clubs according to the 'Uruguay Sport' (3). Through diplomatic channels, however, the Brazilian Government invited the Latin American governments, thus legitimating national representations. Therefore, the lack of international eligibility criteria for calling upon athletes in Latin America was compensated by a direct and explicit Governmental intervention. Out of the fifty events included in the Exhibition Program, ten were sports events, a figure only equal to that of receptions and balls, which shows the outstanding importance of the Games and other sport activities during the 1922 Independence Centennial Festivities of the host country. The Exhibition Executive Commission also appointed an 'Athletic Games Commission', as opposed to the other activities which were grouped by segments and whose hierarchy followed decisions from the management executive group.

In the following year, another issue of the 'Uruguay Sport' published the verbatim report written by the Count of Baillet-Latour, who had come to Rio de Janeiro as the IOC official representative for the Games (4). The Count, who would become the IOC President in 1925, begins his narrative by stating how honored he was for having substituted for the then president in his visit to Latin America, thus disclosing that it was Coubertin himself who would have come. Baillet-Latour, then, summarizes his impressions about the mission he was in charge of (5): "The Games in Rio, as a whole, were not perfect; however, the criticism made to them was extremely exaggerated... The Games in Rio were also responsible for giving

birth to a true wish to maintain the Latin American Games, considered to be the best way to prepare for the Olympic Games". Before what the report classifies as "the Steering Committees's lack of organization", it praises 'Dr. Trampowski', the Brazilian organizer of the Games who passed away during the event, as well as "Messrs. Jess Hopkins and F. Brow, Y.M.C.A Physical Education directors in Montevideo and Rio, respectively" (6). Even so, "despite the competency of the Centennial Festivities", Baillet-Latour presents a brief plan to "introduce the Olympic idea in Latin American peoples because although with very few exceptions, their ignorance was absolute... before trying to fix the deficiencies which were not taken into account by the Games". He thus suggests "the creation of a National Olympic Committee... and a Steering Committee for the Latin-American Games" as a complement for both national and international affiliations of each type of sport (7).

Sources (1) Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, "Programa de Comemoração e Regulamento Geral da Exposição de 1922", Arquivo – Centenário da Independência 1922, Rio de Janeiro; (2) Uruguay Sport, Juegos Atleticos Latino-Americanos a Efectuarse en Rio de Janeiro en Setiembre de 1922, Montevideo, octubre 1922 (identification of author and pages not available in this source); (3) Ibidem, first page of the magazine, under the title "Antecedentes de la Intervención del Uruguay en Ellos"; (4) Uruguay Sport, Informe Presentado por el Conde de Baillet-Latour sobre la Misión que se Cometiera el C.I.O. en América, Montevideo, agosto 1923, pp. 1-7; (5) Ibidem, pp. 1 – 2; (6) Ibidem, p. 1; (7) Ibidem, p. 2.

Brasil – futuras cidades Olímpicas: São Paulo

JOSÉ ROBERTO GNECCO

Brazil - future Olympic cities: São Paulo

The city of São Paulo, located in Southeastern Brazil, with a metropolitan area of 17 million people, is one of the largest urban concentrations of the world today. São Paulo started to grow very rapidly at the end of the 19th century as a result of European immigration, which adopted sports as a priority social activity. São Paulo's history, therefore, weaved its vocation not only in terms of

sports practices in communities but also in terms of large sports events that would reinforce the image of progress and grandiosity that came from its traditions. This chapter summarizes the international sports events that took place in São Paulo from the Pan-American Games of 1963 until the 2003 campaign for the candidacy to host the 2012 Olympic Games. The campaign finished

up producing a major legacy: the assertion of the objective to make the city of São Paulo an Olympic City in a near future in order to house mega multination events that might include Olympic Games. Detailed descriptions of the establishment of five rings for the practice of 36 sports disciplines using the articulation of São Paulo's various means of transportation are also provided.

Origens Tanto pelo tamanho da cidade, como pelos migrantes que nela se fixaram, São Paulo tem uma relação extremamente próxima com o esporte desde o final do século XIX. Os rios que serviram de transporte para os bandeirantes alargaram as fronteiras do país e proporcionaram o lazer e o esporte aos seus moradores; cidade de Charles Miller, disseminador do futebol; cidade onde foi cunhada a expressão “futebol de várzea”, ponto de encontro entre os rios e este futebol; cidade onde as modalidades foram sendo disseminadas através de seus clubes esportivos e sociais ao longo do século XX (ver ‘O lazer na cidade de São Paulo-SP’ neste Atlas). A partir de 1936 o Estado realiza anualmente as edições dos Jogos Abertos do Interior – competição entre os Municípios, atualmente com cerca de 8.000 atletas e 20 modalidades na fase final, realizando poucos meses antes os Jogos Regionais dentro das Regiões Administrativas do Estado. Nos anos de 1960, a ampliação do parque industrial no Estado possibilitou a existência de um grande universo de assalariados com tempo livre para a prática do Esporte, em nível de clubes e associações, assim como na disseminação do esporte-rendimento com grande envolvimento da cidade e região. O mesmo parque industrial criou a identidade cultural entre o paulista e o automóvel, visível no fato que São Paulo sediou 22 edições do Grande Prêmio Brasil de F-1 – a única etapa restante na América Latina. Em suma, nos últimos dez anos realizaram-se mais de 68 competições oficiais internacionais na categoria principal em 22 esportes olímpicos - dentre os 28 existentes (ver Tabela 1 adiante) –, entre outros eventos menores, promocionais, ou de esportes não-olímpicos. Houve um trajeto histórico, portanto, que teceu a vocação da cidade tanto para a prática esportiva comunitária quanto para a geração de grandes eventos esportivos que lhe reforçasse a imagem de progresso e grandiosidade vinda de suas tradições. Os marcos de memória dos eventos multiesportivos, de perfil internacional e cosmopolita da cidade foram os Jogos Pan-Americanos de 1963, os Jogos Sul-Americanos Brasil 2002 e a Postulação aos Jogos Olímpicos de 2012. Este último projeto, em particular, tem repercutido desde sua formulação como uma síntese do desenvolvimento esportivo da cidade desde o início do século XX, em confluência com as práticas comunitárias que também lhe deram origem e que se conjugaram para tornar a metrópole paulista uma cidade olímpica, como se pode apreciar pela ordem de fatos que se seguem.

1963 Os IV Jogos Pan-Americanos foram realizados em São Paulo entre 20 de abril a 05 de maio deste ano, num momento efervescente da história do Brasil, no período de retorno do regime parlamentarista ao presidencialista, e tendo como Presidente da Comissão Organizadora o Major Sylvio de Magalhães Padilha, também Diretor de Educação Física e Esportes do Estado-DEFE. À época, o presidente do Comitê Olímpico Brasileiro era o Almirante Atila Aché. A Vila Pan-Americana foi construída no futuro *campus* da Universidade de São Paulo-USP, no bairro do Butantã, sendo posterior legado como moradia dos estudantes – o CRUSP: o Conjunto Residencial da USP -, com seis edifícios, cada um com seis andares e cada andar com onze apartamentos para sete ocupantes; no total, 396 apartamentos para 2.772 pessoas. Após os Jogos, a área da Universidade começa a ser ocupada espontaneamente para lazer e esporte, contribuindo com a decisão da Reitoria de construir um Setor Esportivo, depois denominado Centro de Práticas Esportivas da USP-CEPEUSP. Os velejadores ficaram alojados no Clube de Campo de São Paulo e no Yacht Club Santo Amaro. A Cerimônia de Abertura dos Jogos aconteceu no Estádio Municipal do Pacaembu, com as arquibancadas lotadas e a presença do Governador Adhemar de Barros, do Prefeito Prestes Maia e do Presidente do Comitê Olímpico Internacional, Avery Brundage, dentre outras autoridades. O mesmo Estádio recebeu a Cerimônia de Encerramento. A classificação brasileira

foi a melhor até agora alcançada em Jogos Pan-Americanos, obtendo o segundo lugar dentre 21 Países com 1.771 atletas participantes; a Cidade hospedou cerca de 25.000 turistas durante os Jogos, dentre estrangeiros, de outros Estados ou do interior. As modalidades esportivas e os locais de competição dos IV Jogos Pan-Americanos São Paulo – Brasil constam da Tabela 2. Nesta listagem, os locais de competição descritos como Estádio do Pacaembu, Ginásio do Pacaembu e Piscina do Pacaembu compõem o complexo esportivo denominado Estádio Municipal do Pacaembu Paulo Machado de Carvalho; o Estádio do Bom Retiro é o Estádio Municipal de Beisebol Mie Nishi, muito utilizado pela colônia japonesa; no lugar do Velódromo do Ibirapuera hoje se localiza o Estádio de Atletismo, componente do Conjunto Desportivo Constâncio Vaz Guimarães do Governo do Estado, assim como o Ginásio do Ibirapuera; o Ginásio e a Piscina do antigo DEFE compõem o atual Conjunto Desportivo Baby Barionne do Governo do Estado; o Pentatlo Moderno foi realizado em Resende, Rio de Janeiro; os estandes da Força Pública do Estado são da atual Academia da Polícia Militar do Barro Branco; e a Prova das Nações do Hipismo foi realizada juntamente com a Cerimônia de Encerramento no Estádio do Pacaembu.

1971 O Brasil se candidata e obtém novamente o direito de sediar os Jogos Pan-Americanos em São Paulo no ano de 1975. O Centro de Práticas Esportivas da USP havia ficado pronto também com este objetivo e a Escola de Educação Física do Estado fora incorporada à USP em 1969. No entanto, devido ao surto de meningite e ao momento político do País, os Jogos são transferidos para a Cidade do México.

2001 A Secretaria de Esportes, Lazer e Recreação da Prefeitura Municipal estabeleceu neste ano, a partir de seu planejamento estratégico, como um de seus objetivos destacar a cidade de São Paulo como pólo de eventos esportivos de grande porte, numa estratégia de promoção turística, dinamização econômica, liderança política e reflexo na prática de atividade física, esporte e lazer de seus 10,5 milhões de habitantes. A Cidade sediou 214 feiras e eventos não-esportivos no ano seguinte, ou seja, 76% dos eventos realizados no Brasil. Possuindo cinco gigantescos pavilhões de feiras e congressos, faltava à cidade resgatar uma posição de liderança também nos eventos esportivos. Estes Jogos nunca haviam sido realizados no Brasil e em 1998 foram outorgados a Córdoba, Argentina, que abriu mão de sua realização ainda no ano de 2001 em função da crise por que passava o país. Seriam então realizados em Bogotá, Colômbia, mas após duas vezes adiados, decidiu-se por seu cancelamento, em abril de 2002. O Comitê Olímpico Brasileiro propôs à Organização Desportiva Sul-Americana-ODESUR realizar os Jogos distribuindo suas modalidades em quatro cidades brasileiras, conforme propostas das Confederações de modalidades esportivas: São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba e Belém. A Assembléia da ODESUR de 18 de abril de 2002 concedeu ao Brasil o direito de sediar o evento, com um período de preparação de apenas 3 meses para a recepção dos Jogos a serem iniciados em 1º de agosto e conclusos em 11 de agosto de 2002.

2002 Realização dos Jogos Sul-Americanos Brasil 2002 entre 1º e 11 de agosto. Em condições emergenciais, São Paulo recebeu o maior número de modalidades (11) do evento, em conjunto com outras forças do setor esportivo nacional. Como locais de hospedagem e alimentação foram escolhidos 4 hotéis de uma rede internacional, sendo o Comitê Organizador instalado num conjunto de escritórios no centro de convenções desta mesma rede. A Cerimônia de Abertura foi realizada no Ginásio Poliesportivo do Conjunto Desportivo Constâncio Vaz Guimarães, com a presença da Prefeita Marta Suplicy, do Presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, Carlos Arthur Nuzman, e do Presidente da Organização

Desportiva Sul-Americana, Coronel Antonio Rodriguez (Argentina), além dos Cônsules dos países participantes, dentre outras autoridades. Foi feito um trabalho de aproximação dos Consulados e das colônias dos países participantes junto ao Comitê Organizador dos Jogos, sendo que cada uma das colônias apresentou um evento cultural típico de seu país na abertura dos Jogos. A Cerimônia de Encerramento aconteceu no Ginásio do São Paulo Futebol Clube, juntamente com as finais de Patinação Artística. As delegações presentes aos Jogos em São Paulo contavam com cerca de 1.000 participantes, com atletas e oficiais de 14 Países. Na organização do evento estiveram envolvidas diretamente cerca de 500 pessoas. As modalidades esportivas e os locais de competição dos VII Jogos Sul-Americanos Brasil em São Paulo são encontrados na Tabela 3.

2002 Com a divulgação pelo Comitê Olímpico Brasileiro do cronograma de Postulação à Cidade Aspirante aos Jogos Olímpicos de 2012 - em fase nacional e preliminar à disputa internacional organizada pelo COI -, e em seguida à realização dos Jogos Sul-Americanos, a Prefeita Marta Suplicy da cidade de São Paulo criou um Grupo de Trabalho para organizar uma proposta de candidatura. Este dispositivo político, técnico e administrativo foi composto por 5 Secretários Municipais e respectiva equipe técnica composta pela Secretaria de Esportes, Lazer e Recreação, pela Secretaria de Planejamento Urbano, pela Secretaria de Transporte e pela Secretaria de Meio Ambiente e mais o Anhembi Turismo e Eventos, visando-se ao estudo de viabilidade técnica e operacional da Postulação Olímpica. Confirmada internamente a exequibilidade da candidatura de São Paulo, a Prefeita convidou o Governo do Estado ao desafio conjunto – que no estágio nacional teve o significado de concorrer com a cidade do Rio de Janeiro -, sendo prontamente aceito pelo Governador Geraldo Alckmin, o qual colocou as forças do Estado em total disponibilidade para o Projeto. Foi então instituído o Comitê de Postulação composto por 17 autoridades e técnicos municipais e estaduais, sendo esta a entidade coordenadora da proposta. As 27 federações olímpicas paulistas foram convidadas a colaborar e participar da empreitada. Foi criado um amplo Conselho Político da Postulação com 250 membros do setor público e sociedade civil, representando particularmente os setores esportivo, turístico, hoteleiro, imobiliário e financeiro. Duzentos especialistas foram envolvidos na elaboração e sistematização das informações, produzindo um Dossiê de Postulação com 536 páginas em 18 temas, mais 1.800 páginas de garantias institucionais, 88 páginas noutros documentos, 22 mapas, Caderno de Projetos Arquitetônicos e Urbanísticos com 400 páginas, 3 vídeos e diversas apresentações computadorizadas. Um resumo do Projeto é aqui exposto pelos itens que se seguem.

Locais de competição O plano diretor proposto para os Jogos Olímpicos de 2012 em São Paulo inseriu todas as instalações esportivas dentro da própria trama urbana desta metrópole. A proposta incidiu na criação de uma Cidade Olímpica, maximizando seu uso após os Jogos. Desta forma, maximizaria o Legado Olímpico para toda a população, sendo oferecido ao Movimento Olímpico a participação direta e a inserção no Espírito Olímpico de 17 milhões de pessoas. Somente uma cidade de porte metropolitano, com a dinâmica própria de país jovem e moderno, poderia oferecer esta oportunidade.

Os cinco núcleos Dentro de São Paulo Cidade Olímpica as instalações e vilas olímpicas, contudo, não se dispuseram de forma dispersa; elas se agruparam em cinco núcleos reservados para os Jogos, distribuídos principalmente ao longo dos rios Tietê e Pinheiros e do grande lago artificial de Guarapiranga, assinalando o vínculo existente entre Esporte, Espírito Olímpico e meio ambiente. Os cinco núcleos, reproduzindo os cinco anéis olímpicos: Núcleo Água Branca, Núcleo Anhembi, Núcleo USP/ Villa Lobos, Núcleo

Ibirapuera e Núcleo Guarapiranga. As competições em 33 modalidades foram concentradas nos cinco núcleos. No total, delimitaram-se 36 locais de competição para os Jogos Olímpicos de 2012 a serem realizados em São Paulo, sendo que destes, 25 instalações já existiam e seriam adequadas e modernizadas para o evento. Os núcleos Água Branca, Anhembi e USP/ Villa Lobos concentravam 18 locais de competição e 24 modalidades. O mapa incluso neste capítulo apresenta uma visão da situação desses núcleos no plano geral da cidade de São Paulo, conforme definida nos documentos de 2003.

Critérios de localização dos equipamentos Neste item de exigência, dizia o plano: "(1) A Família Olímpica, incluindo os membros da mídia, circularão sempre em veículos sobre pneus, por faixas reservadas em vias expressas, minimizando distâncias e, especialmente, tempo de transporte; (2) Os espectadores deverão chegar aos locais de eventos sempre em transporte público de massa sobre trilhos (metrô, trem urbano e metroléve), prevenendo-se, contudo, que metade das estações serão dotadas de estacionamentos para veículos e bicicletas; (3) Todas as instalações, inclusive as vilas e locais de treinamento terão uso pós-olímpico, estando integrados à vida urbana; (4) Utilizar ao máximo as instalações existentes, adequando-as; (5) Obedecer às diretrizes do Plano Diretor Estratégico da cidade, recentemente aprovado, revitalizando áreas decadentes e edifícios ociosos e inserindo os equipamentos novos e as vilas de hospedagem em Operações Urbanas; (6) Considerar a necessidade de grandes áreas para tarefas e equipamentos auxiliares ao lado das instalações esportivas; (7) Garantir a cobertura por fibras óticas e redes de comunicação de toda a área em que se distribuem os cinco núcleos; (8) Prever o acesso universal a todos as instalações e vilas de hospedagem, seja para a realização de competições Paraolímpicas, como para o uso pós-olímpico; (9) Atender aos projetos existentes de recuperação das águas das represas e dos rios urbanos, assim como aos projetos existentes para a expansão das redes de metrô e de trem urbano, antecipando sua implantação; (10) Cumprir com os requerimentos das Federações Internacionais e estar de acordo com as Entidades Brasileiras Dirigentes dos Esportes Olímpicos e Federações Paulistas de Esporte".

Nucleação e acessos Os núcleos seriam então atendidos pela rede de transporte de massa e pela rede de vias privativas da Família Olímpica (Comitês Olímpicos nacionais, federações Internacionais etc). Os tempos de percurso, entre as vilas de hospedagem e o centro de operações da mídia, e as diversas instalações poderiam ser extremamente reduzidos. Vinte e três instalações de competição estavam a menos de 10 minutos de carro da Vila Olímpica e oito, a 20 minutos. Todos os locais eram adjacentes às principais vias expressas da cidade, sendo servidos por metrô, a ser utilizado pelo público. As autovias marginais Tietê e Pinheiros foram consideradas em suas quatro pistas, sendo que cada pista tem de três a cinco faixas. Parte delas seria de uso

exclusivo da Família Olímpica. A circulação de atletas entre a Vila Olímpica e o Estádio de Atletismo ou um dos três ginásios, resumia-se a por cerca de 500 metros. E a área de treinamento e aquecimento de atletas situar-se-ia entre a Vila Olímpica e o Estádio. Em cada núcleo se localizariam diversas modalidades esportivas, permitindo ao público e aos atletas se locomoverem por trajetos curtos entre as instalações.

Instalações do Núcleo Água Branca Sede da Vila Olímpica, este Núcleo foi planejado para abrigar: Vila Olímpica; Estádio Olímpico; Ginásio Água Branca; Pavilhão Olímpico e a grande Praça das Bandeiras; Área de treinamento e aquecimento; Sede do COJO – Comitê de Organização dos Jogos Olímpicos - no Memorial da América Latina.

Instalações do Núcleo Anhembi A três quilômetros e cinco minutos da Vila Olímpica, localizado entre as pontes da Bandeira e Cruzeiro do Sul, de um e outro lado do rio Tietê, servido por metrô e próximo à estação rodoviária e à pista do aeroporto do Campo de Marte, abrangendo: Complexo Aquático; Ginásio Olímpico; Centro de Mídia; Centro de apoio logístico; Vila da Mídia.

Instalações do Núcleo USP/ Villa Lobos A oito quilômetros e dez minutos da Vila Olímpica, próximo da confluência do rio Pinheiros e do rio Tietê, situar-se-ia o núcleo para abrigar oito modalidades dos Jogos, além de incluir a Vila dos Juizes e o Acampamento da Juventude. Servindo ao local haveriam duas linhas de metrô e linha de trem urbano, incluindo em seu perímetro o grande *campus* da Universidade de São Paulo. Nele se planejou localizar: Complexo esportivo do tênis; Ginásio Villa Lobos; Centro de Práticas Desportivas da Universidade; Vila dos Juizes; Acampamento da Juventude.

Instalações do Núcleo Ibirapuera A nove quilômetros e nove minutos da Vila Olímpica, servidas por nova linha de metroléve, situadas no Conjunto Desportivo Constâncio Vaz Guimarães, localizando-se: Ginásio Geraldo José de Almeida; Estádio de Atletismo Ícaro de Castro Mello; Conjunto Aquático Caio Pompeu de Toledo.

Instalações do Núcleo Guarapiranga A 19 quilômetros e 20 minutos da Vila Olímpica, servidas por linha de metrô e sistema viário expresso, nesta área localizam-se: Clube Hípico de Santo Amaro; Teatro Credicard Hall; Pavilhão de exposições do Hotel Transamérica; Arenas ao longo da represa de Guarapiranga.

Tradição preservada Algumas modalidades estariam dispostas em outros locais pela sua própria natureza. É o caso das competições de Vela a se realizarem na nova marina a ser construída no canal de São Sebastião, sede de competições internacionais, entre São Sebastião e Ilhabela - motivo da tradição, sediando regatas Whitbread, Volvo Ocean Racing e outras – e para a qual se construiria uma pequena vila de velejadores em um ambiente

aprazível. É também o caso do slalom de Canoagem, a ser praticado em corredeira em construção na cidade de Jundiá, a 45 km da Vila Olímpica da Água Branca. E as provas de campo e montanha, o ciclismo mountain bike e o hipismo em concurso completo, ambas a serem praticadas no Parque Anhanguera, ao longo da rodovia de mesmo nome, a apenas 17,5 km da Vila Olímpica. Devido ao prestígio e tradição, algumas competições realizar-se-iam em municípios vizinhos: Handebol em São Bernardo, Futebol na Vila Belmiro, do Santos F.C. – estádio onde jogava Pelé -, e no estádio do Maracanã no Rio de Janeiro. Os jogos finais de Futebol, no entanto, foram localizados no estádio do Morumbi, na Cidade Olímpica, com acesso de metrô. Finalmente, o remo também estaria em área fora do centro expandido da cidade, porém em São Paulo, na proximidade do aeroporto, no Parque Ecológico do Tietê.

Estado de locais e obras Das 36 instalações de competição propostas para os Jogos Olímpicos de São Paulo-2012, 25 já existem, necessitando de alguma adaptação ou reforma, e 11 seriam construídas. A construção de novas instalações e as adaptações e reformas das instalações existentes cumpriram em estrito senso aos requerimentos técnicos do Comitê Olímpico Internacional e das Federações Internacionais relacionadas, estando alinhadas com os objetivos de informatização, acessibilidade a portadores de necessidades especiais e proteção ambiental dos futuros locais de competição. Os custos destes empreendimentos foram estimados em US\$648,9 milhões vindos de várias fontes de financiamento. Já os investimentos com construção e adaptações da Vila Olímpica foram contabilizados na fase de planejamento em US\$314,9 milhões, com todas as despesas em instalações físicas alcançando um total orçado em US\$1.139,6 milhões.

Situação atual A Postulação de São Paulo propiciou um legado de aprimoramento da articulação política da Prefeitura e do Estado em todas as áreas, de incremento da capacidade técnica das equipes envolvidas, de fortalecimento da liderança política no meio esportivo, de melhora da auto-estima da população paulista. Este legado – de contribuição maior que o próprio fenômeno do esporte-rendimento -, reflete-se hoje nos eventos esportivos do ano de 2004 com a realização dos Jogos Paraolímpicos do Brasil e dos Jogos Universitários Brasileiros, e na captação para 2005 do Fórum Mundial do Esporte, e para 2006, dos Jogos Internacionais de Polícia e Bombeiros para localização na cidade de São Paulo. Em síntese, a experiência da postulação terminou por produzir o seu legado maior: a consolidação do objetivo de reconduzir a cidade de São Paulo ao cenário esportivo e olímpico mundial.

Fontes Comitê De Postulação. Dossiê de cidade postulante aos Jogos Olímpicos 2012. São Paulo, 2003. 3v: 104p.+ 284p.+ 148p.; Comitê Olímpico Brasileiro (Org.) Relatório oficial dos VII Jogos Sul-Americanos Brasil 2002. Rio de Janeiro, 2002. 410p.; Comitê Organizador. Relatório dos IV Jogos Pan-Americanos São Paulo – Brasil 1963. São Paulo, 1963. 330p.

Tabela 1 / Table 1

Competições internacionais na cidade de São Paulo, 1992 – 2002⁽¹⁾
International competitions located in the city of São Paulo, 1992 – 2002 (1)

Esporte/ Sport	Competição / Competition	Anos / Years	
Atletismo	IAAF/MOBIL Grand Prix – São Paulo Internacional Meeting	94, 95	
	Maratona de São Paulo	92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 2000, 2001, 2002	
Badminton	IX Taça de São Paulo	94, 95, 96, 97, 98, 99, 2000, 2001, 2002	
	VI Sul Americano Adultos	98	
Basquetebol	Campeonato Mundial Interclubes Feminino Adulto "Golden Cup"	92, 93, 94, 95, 97	
	Campeonato Sul Americano Masculino Adulto	93	
	Campeonato Pan Americano Feminino Adulto – Copa das Américas	93, 97	
	Campeonato Sul Americano de Clubes Campeões Feminino Adulto	93, 94, 95, 96, 99	
	Campeonato Pan Americano de Clubes Campeões Feminino Adulto	95	
	Torneio Internacional Cidade de São Paulo Masculino Adulto	96, 97, 98	
	Copa das Américas de Clubes Campeões Masculino Adulto	96	
	Copa das Américas SUB 21 Masculino	2000	
	II Torneio Internacional de Beisebol Interclubes/Taça Luiz Simizi	2002	
Beisebol	Campeonato Mundial de Beisebol Infantil	2000	
	Campeonato Pan Americano de Beisebol	93	
	Torneio da Amizade Brasil-Japão	99	
	Campeonato Sul Americano de Beisebol	90	
	Torneio Internacional	95, 97, 98, 99, 2000	
Boxe	Campeonato Sul Americano de Velocidade	93	
	Festival Olímpico de Inverno	99	
Canoagem	Campeonato Sul Americano de Velocidade	93	
	Festival Olímpico de Inverno	99	
	Ciclismo	Copa América de Ciclismo	2000, 2001, 2002, 2003
		Torneio 9 de Julho	99, 2000, 2001, 2002
		Volta Internacional do Grande ABC	99, 2000, 2001, 2002
		Pan Americano de Ciclismo – Categoria Adulto	98
Pan Americano de Ciclismo – Categoria Junior		2000	
Esgrima	Campeonato Sul Americano Juvenil e Cadete	92, 97	
Futebol	Copa Libertadores da América	92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 2000, 01, 02, 03	
	Copa Conmebol	92, 93, 94, 95, 97 e 98	
	Copa Mercosul	98, 99, 2000	
	Torneio Mundial de Clubes/FIFA	2000	
Ginástica	Campeonato Pan Americano de Ginástica Olímpica (apoio)	92	
Handebol	Jogos Sul Americanos de Clubes Masculino	96, 97, 99	
	Jogos Pan Americanos de Seleções Masculino	2000	
	Jogos Sul Americanos de Seleções Masculino	2001	
	Jogos Sul Americanos de Clubes Masculino e Feminino	2002	
	VII Jogos Sul-Americanos Brasil	2002	
Hipismo	CSI-W-INDOOR	92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 2000, 2001, 2002	
	Copa das Américas CSI	96, 98	
	CSI-Agromen	97, 98, 99, 2000, 2001, 2002	
Levantamento de Peso	VII Jogos Sul-Americanos Brasil	2002	
Remo	Campeonato Sul-Americano	1993	
	Festival Olímpico de Inverno	1995	
Softbol	8º Campeonato Sul Americano de Softbol Feminino	2001	
	VII Jogos Sul-Americanos Brasil	2002	
Tênis	Copa Ericsson	97, 98, 99, 2000, 2001	
	Copa Davis	98	
	Challenger de São Paulo	2001, 2002, 2003	
	VII Jogos Sul-Americanos Brasil	2002	
	Tennis Cup	2001	
	Torneio Banana Bowl – Infanto-juvenil	92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 2000, 2001, 2002	
Tênis de Mesa	VII Jogos Sul-Americanos Brasil	2002	
	VIII e XIV Mundialito	1995, 2002	
Tiro Esportivo	Copa do Mundo de Tiro ao Prato	2001	
	Jogos Sul-Americanos de Tiro ao Prato	92	
	VII Jogos Sul-Americanos Brasil	2002	
Triatlo	Etapas Pré-Olímpicas	99, 2000, 2001, 2002	
	Internacional de Santos – evento promocional	98	
	Fast Triatlo	92	
Vela	Campeonato Sul Americano de Classe Lightning	93	
	Campeonato Mundial de Classe Lightning	93	
	Campeonato Mundial Jr. da Classe Snipe	97	
	Campeonato Hemisfério Sul da Classe Laser	2002	
Voleibol	World League Adulto Masculino – Etapas e Finais	93, 95, 96, 98, 99	
	XII Campeonato Mundial Adulto Feminino	94	
	I Copa Internacional de Clubes Feminino	95	
	III Copa América Adulto Masculino	2000	
	Torneio Classificatório Pré-Olímpico Adulto Masculino	2000	

⁽¹⁾Somente eventos oficiais na categoria principal em modalidades olímpicas / official events with Olympic sports

Tabela 2 / Table 2

Jogos Pan-Americanos de São Paulo-1963: localização das competições⁽¹⁾
Pan-American Games in São Paulo-1963: competitions venues

Modalidade / Sport	Local de Competição / Venues
Atletismo	Estádio do Pacaembu
Beisebol	Estádio do Bom Retiro
Basquetebol	Ginásio do Ibirapuera
Ciclismo	Velódromo do Ibirapuera e Autódromo de Interlagos
Esgrima	Clube Atlético Paulistano
Futebol	Estádio do Pacaembu
Ginástica	Tênis Clube Paulista
Hipismo	Clube Hípico de Santo Amaro, Sociedade Hípica Paulista, Jockey Clube e Estádio do Pacaembu
Judô	Ginásio do Pacaembu
Levantamento de Pesos	Ginásio do DEFE
Luta Livre	Ginásio do Pacaembu
Mergulhos	Sociedade Esportiva Palmeiras
Nado Sincronizado	Piscina do DEFE
Natação	Piscina do Pacaembu
Pentatlo Moderno	Academia Militar das Agulhas Negras
Pólo Aquático	Sociedade Esportiva Palmeiras
Pugilismo	Ginásio do Pacaembu
Remo	Raia de Jurubatuba (Via Anchieta)
Tênis	Esporte Clube Pinheiros e Sociedade Harmonia de Tênis
Tiro	Estandes da Força Pública do Estado e do Clube de Caça e Tiro
Vela	Represa de Guarapiranga (Yacht Club Santo Amaro e Clube de Campo)
Voleibol	Sociedade Esportiva Palmeiras e Clube Atlético Paulistano

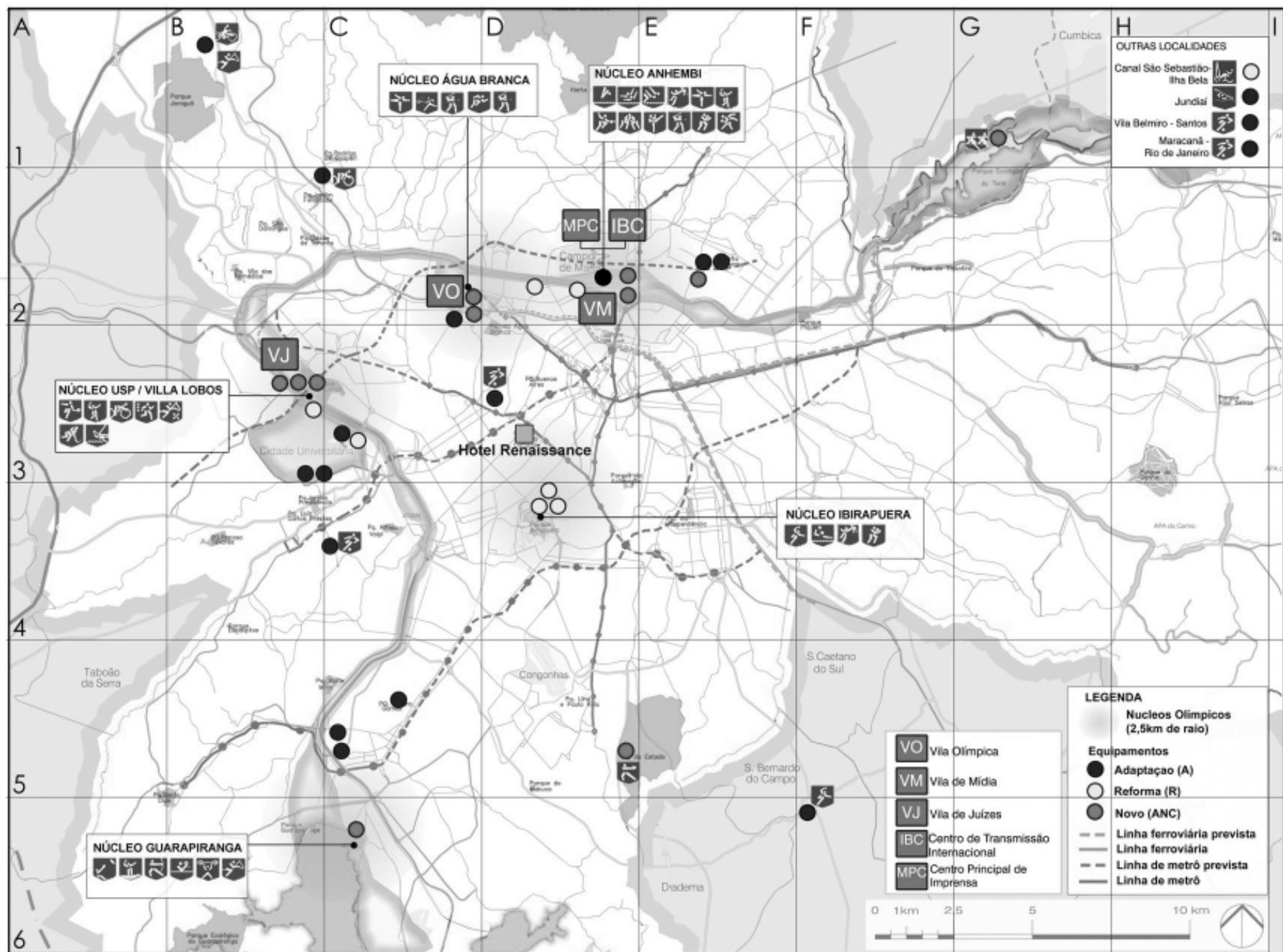
⁽¹⁾A modalidade Mergulhos hoje é denominada Saltos Ornamentais e o Pugilismo denomina-se Boxe.

Tabela 3 / Table 3

Jogos Sul-Americanos de São Paulo-2002: localização das competições
South American Games in São Paulo-2002: competitions venues

Modalidade / Sport	Local de Competição / Venues
Boliche	Fun Station, Shopping Anália Franco
Golfe	Paradise Resort Hotel, Mogi das Cruzes
Handebol	Ginásios da Prefeitura e IMES, São Bernardo do Campo
Karatê	Ginásio Poliesportivo no Conjunto Desportivo Constâncio Vaz Guimarães
Levantamento de Peso	Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa da Prefeitura de São Paulo
Patinação Artística	Ginásios do São Paulo Futebol Clube
Patinação Corrida	Pista construída no Sambódromo de São Paulo
Patinação Maratona	Avenida Pedro Álvares Cabral, entre o Parque Ibirapuera e a Assembleia Legislativa do Estado
Softbol	Estádio Municipal de Beisebol Mie Nishi
Tênis de Campo	Clube Espéria; com treinamento nas quadras do Estádio do Pacaembu e do Círculo Militar
Tênis de Mesa	Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa da Prefeitura de São Paulo
Tiro ao Prato	Centro Esportivo de Americana

Núcleos de localização de esportes olímpicos na cidade de São Paulo para 2012
Olympic sports circles location in the city of São Paulo for 2012



Brasil – futuras cidades Olímpicas: Rio de Janeiro. Sede dos Jogos Pan-Americanos 2007

FERNANDO TELLES RIBEIRO

Brazil – future Olympic cities: Rio de Janeiro. 2007 Pan American Games site

Rio de Janeiro is a large urban center where beaches and forests blend in a very agreeable climate to invite people to enjoy the great outdoors. No wonder it is called the Brazilian capital of sports practices. Besides this very rare combination of geographical factors, low rainfall indices between the months of April and September and mild temperatures make up excellent conditions for large events and tourist attractions. Rio de Janeiro has been a port of entry for sports innovations since the 1850s. This tradition has guaranteed the city national leadership in the sector and a recognized cosmopolitan profile of active leisure practices. Sports past and present have been happening side-by-side in Rio de Janeiro, where it is possible to see not only traditional sports and clubs that are more than a century old but also extreme sports, adventure sports and beach sports. Therefore, the candidacy of Rio de Janeiro to host the Olympic Games

represents the climax of the sports tradition of the city, which started almost two centuries ago. Today, there is a general interest in the candidacy aiming at the 2016 Olympic Games which will be conducted at the same level and under the same conditions of the other candidate cities. Rio de Janeiro has great chances to be chosen as host for the Olympic Games in years to come when Rio's infra-structure, sports legacy and traditions for large events may be taken into consideration and analyzed. The fact that the Pan-American Games will take place in Rio de Janeiro in 2007 can be considered as an advantage over the other opponent cities. This commitment has been directing the investments of Rio de Janeiro municipal government not only in terms of raising sports facilities for all Olympic disciplines but also in terms of providing efficient transportation, communications and tourism services and systems.

Larger economic viability has then been reached as the projects for both Games were combined by means of adapted facilities (see map). Rio de Janeiro's proposal to host the Olympic Games is examined in this chapter not only through categories of analysis originally designed by Vicente Ambrósio from Brazil (technological and managerial areas) and by Holger Preuss from Germany (economic viability and impacts of the Games on the cities) but also through environmental sustainability approaches and the Carioca experience with mega events. This chapter also displays the transformation process Rio de Janeiro has been going through according to the 'Olympic Rings' candidacy (see map). The Cariocas' high level of adherence (94%) to the project of transforming Rio de Janeiro into the Olympic city of the future is possibly a world record in terms of support to local sports development.

Origens e Definições O Rio de Janeiro é uma das mais exuberantes cidades do mundo, possibilitando aos seus visitantes compartilhar a natureza local como também participar de ofertas de atividades esportivas e culturais. Sendo um grande centro urbano que combina praias com montanhas e florestas, e com condições climáticas favoráveis à vida ao ar livre, o Rio de Janeiro é a capital das práticas esportivas no Brasil. Além desta rara combinação de geografia esportiva, temperaturas amenas e baixos índices pluviométricos entre os meses de abril e setembro ensejam excelentes condições para a realização de grandes eventos e atrações turísticas. A cidade possui sobretudo uma tradição de portão de entrada de inovações esportivas, iniciada em meados do século XIX, que lhe garante uma condição de liderança nacional no setor e um reconhecido perfil cosmopolita de práticas de lazer ativo. Em outras palavras, nesta cidade-símbolo do Brasil convivem passado e presente dos esportes, contrastando esportes tradicionais e clubes de mais de um século de história com esportes radicais, da natureza e de praia.

Ao se cogitar, portanto, do Rio de Janeiro como sede dos Jogos Olímpicos no futuro, cabe antecipar que se trataria da culminância do trajeto esportivo da cidade iniciado no século XIX. Releve-se que a tradicional época dos Jogos Olímpicos ocorre justamente no período em que a cidade apresenta as características mais propícias de conforto ambiental, tanto para atletas e espectadores como também para os que direta ou indiretamente estarão envolvidos na organização e nos serviços necessários à realização do evento. Esta rara composição de fatores que mantém legados esportivos e os projetam para o futuro com o suporte e motivação de um meio ambiente natural e favorável.

A cidade, de fato, já foi candidata a sediar os Jogos Olímpicos em várias ocasiões passadas. Na tentativa de 1998, objetivando sediar as Olimpíadas de 2004, não obteve êxito pela pouca experiência demonstrada pelos postulantes, sobretudo por se distanciarem indevidamente do Comitê Olímpico Brasileiro-COB, quando deveriam operar em conjunto. Mas a candidatura objetivando os Jogos Olímpicos de 2012, já se apresentou como uma disputa em igualdade de condições com outras principais cidades candidatas, embora não tenha alcançado a fase final de seleção. A escolha do Rio de Janeiro possui reais condições de se materializar em 2016, e adiante para Olimpíadas futuras, levando-se a criar uma candidatura permanente. Tal procedimento hoje se justifica com base na história esportiva da cidade e na sua infra-estrutura para a acolhida de grandes eventos. E como vantagem em relação às futuras cidades adversárias, o Rio de Janeiro será sede em 2007 dos Jogos Pan-Americanos, compromisso que tem orientado investimentos da Prefeitura Municipal do RJ em instalações esportivas para todas as modalidades olímpicas (e não olímpicas típicas dos Jogos Pan-Americanos) e na busca de eficiência da rede de transportes, das comunicações e dos serviços de turismo, gerando maior viabilidade econômica na organização de uma plataforma de mega eventos esportivos na cidade.

Ao longo dos últimos cem anos que marcam a restauração dos Jogos Olímpicos da era moderna, jamais uma cidade da América do Sul foi contemplada com a realização de Olimpíadas. Diversas razões podem

ser apontadas no passado, muitas até procedentes, tais como ausência de estabilidade econômica, precariedade de sistemas de comunicação e transporte, grande distância dos centros mais avançados, estrutura hoteleira limitada, organização esportiva pouco eficiente e algumas outras de caráter até mesmo preconceituoso. Estas limitações já foram enfrentadas pelo Rio de Janeiro em 1922, quando a cidade foi escolhida pelo Comitê Olímpico Internacional-COI para sediar os Jogos Olímpicos Sul-Americanos - opção regional experimentada pelo COI à época -, tendo sido afinal reconhecida a capacidade local no trato de eventos de grande porte (ver capítulo neste tema na presente seção deste Atlas). Outra desinformação corrente no exterior quanto ao Brasil, concerne à capacidade financeira do país desenvolver mega projetos geralmente considerada baixa a priori; porém os dados das Tabelas 1 e 2 revelam o oposto.

Hoje, as condições de 1922 podem ser reabilitadas pelo menos quanto à dívida do COI no uso da cidade em sua política de consolidação do Movimento Olímpico Internacional em suas origens. Além disso, o Brasil detém status de potência emergente na atualidade e se prepara para se tornar uma das cinco maiores economias do mundo até 2050. E, em termos de esporte, as estruturas físicas e organizacionais necessárias para suporte de mega-eventos já existem. O sistema bancário é dos mais avançados do planeta. O sistema de telecomunicações é de última geração e as redes de televisão têm liderança internacional. As taxas de crescimento da telefonia fixa e móvel já atingiram e vêm superando as mais otimistas previsões. A indústria do turismo se posiciona até mesmo como opção de maior segurança aos viajantes, pela ausência de ameaças ou atividades terroristas no país. E a engenharia nacional tem prestígio internacional na construção de obras de grande porte, sobretudo complexos hidroelétricos, metrô, aeroportos e rodovias.

Neste cenário, os Jogos Olímpicos se inserem naturalmente se determinado país ou cidade tem o esporte como opção preferencial, como acontece com o Rio de Janeiro desde antes da restauração das Olimpíadas há cem anos passados. Hoje, sediar os Jogos Olímpicos representa um excelente empreendimento político, econômico e social, portanto agregando valor às cidades de classe mundial. Não sem motivo, nove cidades se candidataram a sediar os Jogos em 2012 (Havana, Istambul, Leipzig, Londres, Madrid, Moscou, Nova York, Paris e Rio de Janeiro). E se a população local aceita os Jogos - condição já confirmada por pesquisas nas candidaturas para 2004 e 2012 -, a eleição de uma cidade como sede das Olimpíadas com sete anos de antecedência enseja uma expressiva mobilização: líderes e órgãos governamentais são sensibilizados como igualmente agentes econômicos e sócio-culturais, todos beneficiários do efeito do impacto positivo do evento, quer de modo tangível ou intangível. Projetos de cunho social são acelerados; abrem-se postos de emprego para milhares de pessoas; sistemas viários e de transporte são aperfeiçoados; as áreas de comunicações se desenvolvem; incrementa-se o potencial turístico durante e após os Jogos; e o país motiva-se para o grande evento. A própria experiência da candidatura já gera valores, incluindo retornos econômicos, o que projeta satisfatoriamente a candidatura do Rio de Janeiro para 2016 e adiante nos períodos de quatro anos que definem uma Olimpíada.

A partir das dificuldades encontradas nos Jogos de Atlanta-1996 e também por várias solicitações recebidas do Comitê Organizador de Sidney-2000, o COI decidiu ampliar suas ofertas a fim de melhor monitorar e garantir os preparativos para futuros Jogos Olímpicos. Assim, foi criado dentro do próprio COI o programa de transferência de conhecimento (*Transference of Knowledge-TOK*) e um novo órgão denominado de Coordenação dos Jogos Olímpicos. O escopo das atividades dessa última entidade consiste em trabalhar em conjunto com os Comitês Organizadores dos Jogos Olímpicos (COJO) das cidades candidatas, atuando no Plano Diretor para Preparação dos Jogos (*Master Plan for Games Preparation*) e também no próprio TOK. Assim sendo, em dezembro de 2001 foi estabelecida a *Olympic Games Knowledge Services-OGKS*, uma empresa ligada ao COI, que faz uso das informações do TOK para o fornecimento de serviços, adaptando-os às necessidades específicas da cidade contratante. Hoje, Atenas-2004 e Beijing-2008 são beneficiárias desse suporte técnico como também as futuras cidades-sede que se habilitam para tal junto ao COI. Há, por conseguinte, uma concepção de processo de desenvolvimento que faz interagir o evento com o legado de modo a criar cidades olímpicas, isto é, aquelas que sediam os Jogos e incorporam infra-estrutura física e memória cultural, modificando a identidade da própria cidade. Um passo inicial neste processo é a postulação para sediar os Jogos e a implementação de melhorias da cidade postulante, conforme indicam experiências desde a década de 1990 (DaCosta, 2002, pp. 69 – 89).

Por outro lado, o COI vem sistematicamente revisando seus enfoques estratégicos no que se refere a fatores econômicos e estruturais intervenientes na realização dos Jogos Olímpicos. Recomendações foram incorporadas à Carta Olímpica quanto aos aspectos de legado e sustentabilidade, enfatizando a importância do uso pós-evento das instalações como também da harmonia destas com o meio ambiente local. Ou seja: as instalações esportivas, devem ser conceituadas e projetadas não apenas visando os eventos olímpicos, mas sobretudo visando-se ao posterior uso intensivo da comunidade e nas mais favoráveis condições sociais, econômicas e ambientais. Resumindo-se, a instalação de uma cidade olímpica é um processo iniciado com uma candidatura para sede dos Jogos Olímpicos, que ao se tornar permanente demanda uma postura de sustentabilidade.

Sustentabilidade no esporte O esporte é sustentável quando atende às necessidades da atual comunidade olímpica e ao mesmo tempo contribui para a melhoria das futuras oportunidades para os praticantes de esportes e para a integridade do ambiente do qual ele (esporte) é beneficiário. A principal preocupação do planejador deve ser a de questionar se a decisão é "sustentável" econômica, ambiental e socialmente e, diante condições não-ideais, decidir pela menos danosa. Nos projetos de instalações esportivas, deve ser considerado grau mínimo de impacto no meio ambiente, baixos custos de manutenção e menor utilização de recursos. No projeto olímpico do Rio de Janeiro para 2012, houve descrição resumida dos benefícios da sustentabilidade com as seguintes abordagens: (a) Econômica: menor custo operacional para as instalações e menos resíduos com menor custo do tratamento; (b) Social: melhores condições de saúde, melhor compatibilidade entre as necessidades dos organizadores, operadores e usuários e os anseios da

comunidade local; (c) Ambiental: baixo impacto no meio-ambiente regional e local, reduzido consumo de recursos escassos, e regeneração da terra e melhoria ambiental.

Capacitação gerencial e tecnológica Os problemas de uso e pós uso das instalações em termos de implantação de uma cidade olímpica, solicitam capacitação tecnológica além de aportes financeiros para construção, adaptações e manutenção. E, neste caso, a posição de candidaturas de cidades brasileiras é confortável pois a Engenharia e Arquitetura nacionais gozam de respeito e prestígio internacional. Empresas brasileiras são convidadas a participar de concorrências internacionais nos quatro continentes e há desenvolvimento de obras no exterior por grandes firmas nacionais do setor. A Tabela 2 mostra alguns mega empreendimentos brasileiros que indicam capacidade instalada e *know-how* tecnológico que podem ser mobilizados para as obras e respectiva gestão dos Jogos Olímpicos. Esta demonstração é pertinente na medida em que há também tendências na Europa e nos EUA de atribuir ao Brasil falta de experiência e de conhecimento técnico no lidar com projetos complexos e de tecnologia avançada.

Desenvolvimento da cidade e impactos dos Jogos Em termos de observação dos impactos prováveis dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro, há que atentar para as mudanças positivas e negativas de sua estrutura urbana. Todas as cidades possuem infraestruturas diferenciadas. Ocasionalmente, mudanças ambientais (industrialização, imigração, guerras, etc.) ou “Festivais” (feiras mundiais, eventos da celebração, eventos esportivos) desencadeiam grandes impactos no desenvolvimento urbano. Dependendo de sua estrutura, algumas cidades podem acomodar grandes eventos esportivos sem a necessidade de mudanças. Por exemplo, Los Angeles foi capaz de sediar os Jogos Olímpicos de 1984 com um mínimo de investimento em sua infraestrutura. Por outro lado, Sheffield teve que implementar uma série de grandes investimentos a fim de abrigar a XVI Universiade em 1991. Eventos multi-esportivos como Olimpíadas e que são realizadas em uma única cidade, provocam reflexos de considerável magnitude e desenvolvem diferentes partes da cidade de modo simultâneo. Bons exemplos são Munique 1972 e Barcelona 1992: ambas as cidades foram renovadas por terem sediado os Jogos Olímpicos. Em síntese, dependendo do porte e do histórico urbano da cidade, a realização desses Jogos cria diferentes pressões de desenvolvimento. A Tabela 3 classifica os investimentos relacionados à reconstrução urbana através dos Jogos com múltiplas relações deles derivados. Suplementar a estes dados, há uma adendo a este capítulo sobre o tema da reconstrução urbana em que diferentes decisões sobre sediar ou não os Jogos Olímpicos são examinadas à luz das vantagens e desvantagens econômicas para uma determinada cidade.

No contexto de situações identificadas pela Tabela 3, os COJOs devido aos escassos meios disponíveis, só podem assumir os custos dos *overlays* das instalações esportivas, mas não os de novas construções. O maior dos projetos relacionados aos Jogos - a Vila Olímpica - só pode ser financiada por empreendedores públicos ou privados. Na maioria dos casos, a Vila é vendida após os Jogos Olímpicos como aconteceu em Munique, Montreal, Seul, Barcelona e Sydney. Dependendo do desenvolvimento populacional e da situação habitacional de uma cidade-sede, questiona-se se a construção de uma nova Vila é necessária ou se o simples aluguel de prédios residenciais de estudantes, como em 1984 e 1996, deve ser a opção preferida. Com excesso de moradias causado por decréscimo populacional em uma cidade, a escolha deve recair em aluguéis ou estruturas temporárias. Com a falta de moradias em uma cidade em expansão, como em Seul 1988, a construção de novas moradias é a melhor alternativa. Em Seul 1988 foi possível obter-se lucro através de venda das Vilas Olímpica e de Mídia por US 203.6 milhões, mesmo antes dos Jogos. Contudo, em Barcelona mesmo um ano após as Olimpíadas, 33% dos apartamentos não haviam sido vendidos. Por essa razão, é importante que uma cidade compare seu plano de desenvolvimento de longo prazo com as

exigências estruturais relacionadas às Olimpíadas antes de se habilitar a uma candidatura e assim visualizar suas potenciais fraquezas. Os Jogos Olímpicos geram receitas que são freqüentemente suficientes para cobrir os custos operacionais, mas muito pouco para os investimentos. A maior parte dos investimentos deve ser coberta por entidades públicas ou privadas. Contudo, se os Jogos Olímpicos forem capazes de facilitar o desenvolvimento municipal em desejável direção, a candidatura é justificável.

Em conclusão, a construção de instalações relacionadas aos Jogos deve se adaptar ao plano de desenvolvimento econômico e social da cidade. Se a estrutura necessária apenas para as Olimpíadas não se relaciona com os planos de desenvolvimento a longo-prazo da cidade, então esta estrutura pode ser composta de simples instalações mas também conter excesso de capacidade como em transporte público, acomodações para turistas ou arquibancadas nas instalações esportivas. Os investimentos se pagam por si próprios, mas os custos supervenientes só podem ser financiados se a capacidade expandida puder ser utilizada após os Jogos, do contrário ela também careceria de justificação política. É crítico se a estrutura relacionada à Olimpíada for excessivamente dispendiosa a ponto de afetar negativamente o desenvolvimento da cidade que é planejado independentemente das Olimpíadas. No caso em que se desenvolve uma estrutura que não seja necessária a longo prazo, não deverá haver candidatura para as Olimpíadas. O cenário é relevante para países em desenvolvimento ou recém-industrializados que pretendam se candidatar como sede dos Jogos Olímpicos.

Experiência de mega-eventos A partir da Copa do Mundo de Futebol de 1950 no Rio de Janeiro – quando se construiu o maior estádio do mundo – a cidade tem sediado número importante de eventos esportivos internacionais, como mostra a Tabela 4, com abrangência da década de 1990 e anos seguintes. Com base nesta experiência, o COB em articulação com a Prefeitura do RJ, esboçou como parte da estratégia do Brasil se tornar um centro de eventos em grande escala, a escolha do Rio para sediar um significativo número de competições esportivas internacionais nos próximos anos. Assim sendo, em 2006 terá lugar no RJ: XV Campeonato Mundial de Basquetebol Feminino - FIBA e o Campeonato Mundial de Pentatlo Moderno – UIPM; em 2007: XV Jogos Pan- Americanos, Campeonato Mundial de Judô e Campeonato Mundial de Canoagem Slalom –ICF. Estes acontecimentos esportivos serão alavancados como também reforçarão mega eventos tradicionais do RJ tais como: Festivais Internacionais de Música, incluindo o Rock in Rio na Barra da Tijuca, com cerca de 1.2 milhões de espectadores (350.000 por dia); Desfiles anuais de Escolas de Samba durante o Carnaval (fevereiro) que atrai cerca de 60.000 espectadores por dia, incluindo grande número de turistas; e Festa de Ano Novo (31 de dezembro) na Praia de Copacabana assistida por 2 milhões de pessoas.

Situação atual Além dos legados originados dos impactos positivos dos Jogos Pan-Americanos de 2007, a Cidade do Rio de Janeiro está transformando este evento em um símbolo de sua política de desenvolvimento sustentável com a promoção de uma cultura de valorização dos ecossistemas da cidade, despoluindo rios e lagoas, conservando água e energia e reciclando materiais. A cidade historicamente cresceu ao longo da costa e ao redor de maciços rochosos recobertos pela mata Atlântica. O seu remanescente florestal, preservado, cobre quase 30% da área do município - a maior floresta urbana do mundo. O ar do Rio é limpo, com poucas partículas em suspensão. O governo local tem planos de investir recursos significativos na ampliação do consumo de gás natural, melhorando ainda mais a qualidade do ar. Na cidade do Rio de Janeiro, praticamente todos os táxis e parte da frota de ônibus já usam esse combustível limpo. Há ainda os grandes projetos em andamento vindos do passado agora realimentados por novos objetivos: Programa Favela Bairro, Regeneração da Baía de Guanabara e Renovação da Barra. Outra abordagem atual concerne ao Transporte Público, que está sendo redirecionado para atender aos Jogos Pan-Americanos e aos

futuros Jogos Olímpicos e outros mega eventos, na perspectiva de uma década à frente dos dias presentes.

No estágio atual da transformação do Rio de Janeiro em uma Cidade Olímpica do futuro, iniciaram-se em março de 2004 as obras da Vila que hospedarão os participantes dos Jogos Pan-Americanos. Esta Vila Olímpica, - com capacidade para 15.360 pessoas – está localizada na Barra da Tijuca, bairro que constitui a região mais moderna da cidade. A Vila permitirá a acomodação dos atletas com todas as facilidades que a vida esportiva requer como conforto, cuidados de saúde, qualidade ambiental e isolamento. A Vila será construída numa área plana e totalmente isolada por um cinturão verde da flora nativa. Este conjunto habitacional será um lugar absolutamente seguro e tranquilo. A construção vai ser totalmente financiada pela iniciativa privada que, após a realização dos Jogos, comercializará as unidades habitacionais. As próximas construções incluirão as duas Vilas de Mídia que se localizarão junto à Vila Olímpica, também na Barra da Tijuca. As três vilas serão interligadas por grandes avenidas, sem cruzamentos, com tempo de trajeto entre elas de no máximo 10 minutos. Após os Jogos, as Vilas de Mídia serão vendidas também como condomínios residenciais.

As perspectivas futuras dos Jogos e da Cidade implicam em estimular o esporte como meio educacional, sendo esta diretriz uma exigência posta à cidade candidata pela avaliação do COI. Entretanto, o Rio de Janeiro já possui a tradição de estimular o desenvolvimento de novos esportistas, de fomentar a prática de esportes em áreas públicas e relacionar com especial interesse a vida escolar com a prática esportiva. Hoje, cerca de 10% da população escolar do ensino primário público do RJ, participa de atividades nas chamadas “Vilas Olímpicas” mantidas pela Prefeitura da cidade. Os Jogos Pan-Americanos de 2007 e os Jogos Olímpicos do futuro poderão ser instrumentos poderosos de difusão do esporte entre os jovens, sobretudo se combinados com preceitos de Educação Olímpica como se fez em Sydney e em Atenas. E se depender da vontade popular para a consecução dos objetivos aqui apresentados, então o projeto olímpico do Rio de Janeiro já deslançou com grandes vantagens: de 2000 pessoas entrevistadas pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública-IBOPE em amostra válida para todo o país em 2003, 83% aprovou a realização dos Jogos Rio-2012. Na mesma pesquisa válida para o RJ, 94% dos respondentes apoiaram a iniciativa, 72% afirmaram que comprariam entradas para os Jogos e 54% estavam dispostos a prestarem serviços como voluntários para o sucesso do empreendimento (Proposta de Aceitação da Candidatura, 2004 – COB / Prefeitura do Rio de Janeiro).

Fontes DaCosta, L.P. Olympic Studies, Editora UGF, Rio de Janeiro, 2002; David Chernushenko - presidente da Green & Gold Inc., Otawa, Canadá. *In* Conferência Internacional de Lausanne - Arquitetura e Eventos Esportivos, Museu Olímpico, 2002; Candidatura Olímpica do Rio de Janeiro, Proposta de Aceitação da Candidatura do Rio de Janeiro a Sede dos Jogos Olímpicos de 2012: Orçamento da Candidatura, Orçamento dos Jogos e contribuições governamentais, Potencial de Realização de Receitas do COJO - Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos, Instalações Esportivas, Meio Ambiente e Experiência; Tabela 3 - Orçamento de Mega Empreendimentos, Vicente Ambrósio, Marketing Olímpico, *in* Coletânea de Textos em Estudos Olímpicos, Turini, M. e DaCosta, L. (orgs) Editora UGF, Rio de Janeiro, 2002; Reconstrução Urbana Através dos Jogos, extraído de *Economics of the Olympics*, Holger Preuss (capítulo 7 - Investimentos), Johannes Gutenberg Universitat, Mainz, Germany; Regra Hare (Hare Rule): sugerida pelo inglês Thomas Hare há 150 anos (Shaumberg, pág. 428). Proposta de Aceitação da Candidatura - Experiência, Legados, Desafios Urbanos, Reestruturação Urbana e Educação e Esportes extraídos e adaptados de Rio 2012 Candidatura do Rio de Janeiro; Consulta a Press Releases do IOC - Movimento Olímpico – *Bidding*; Rio 2012 Candidatura do Rio de Janeiro-Proposta de Aceitação da Candidatura, janeiro de 2004.

Tabela 1 / Table 1

Orçamentos de mega eventos selecionados em comparação com Jogos Olímpicos recentes, 2003

Selected mega events budgets in comparison with recent Olympic Games, 2003

Fonte / source: Ambrósio, Vicente. Marketing Olímpico, in Coletânea de Estudos Olímpicos, Editora UGF, 2002

<i>Empreendimento / Enterprise</i>	Total (US\$ bilhões)	Índice	Prazo em anos (9)	Total anualizado (US\$ bilhões)	Índice anualizado
Defesa dos EUA – 2003 (1)	379,3	22.312	1	379,3	89.247
Guerra do Golfo (2)	61,0	3.588	1	61,0	14.353
Hidrelétrica de Itaipu – Brasil (3)	16,0 (8)	941	13	1,2	290
J. O. (a) de Sydney 2000 – Orçamento oficial inicial (4)	3,0	176	4	0,8	176
J. O. (a) de Sydney 2000 – Orçamento oficial final (4)	5,9	347	4	1,5	347
J. O. (a) de Atenas 2004 – Orçamento oficial inicial (5)	1,7	100	4	0,4	100
J. O. (a) de Beijing 2008 – Orçamento oficial inicial (6)	14,2	835	4	3,6	835
Copa do Mundo da Coreia-Japão 2002 – Estimativa final (a) (7)	7,2	424	4	1,8	424

(a) J.O. = Jogos Olímpicos – Os orçamentos incluem obras de infra-estrutura (ex.: construção de estádios, transporte, telecomunicações, etc.)

Fontes / sources:

- (1) U.S. DEPARTMENT OF DEFENSE- National Defense Budget – Estimates for FY 2003 – www.dtic.mil/comptroller/fy2003budget - Recuperado em 27/03/2002
- (2) THE ASSOCIATED PRESS – www.njpcgreens.org/warcost/html - Recuperado em 28/04/2002.
- (3) ITAIPU BINACIONAL - www.itaipu.gov.br - Recuperado em 27/03/2002
- (4) NEW SOUTH WALES, Audit Office - www.audit.nsw.gov.au/olympics99/olympics99.pdf - Recuperado em 28/04/2002.
- (5) COMMUNICATIONS, PRESS & MEDIA OFFICE. *Athens 2004 – Summary Progress Report – May 2001*. Athens: Athens 2004 S.A., 2001.
- (6) LOS ANGELES TIMES - www.latimes.com/sports/olympics/la-oly-021001ioc.story - Recuperado em 28/04/2002.
- (7) CNN - asia.cnn.com/2002/WORLD/worldcup/04/26/japan.cost.reut/e KOC - www.2002worldcupkorea.org/ENG/em.php - Ambos recuperados em 28/04/2002.
- (8) Dólares atualizados.
- (9) Período de duração do empreendimento. No caso dos Jogos Olímpicos e da Copa do Mundo é o intervalo entre o evento anterior e o evento citado

Tabela 2 / Table 2

Brasil - Mega eventos em construções e tecnologias avançadas, décadas de 1970 – 1990

Brazil – Mega-events in constructions and advanced technologies, 1970s – 1990s

Empreendimento Enterprise	Capacidade Capacity & size	Custo em US\$ bilhões Cost in USD billion
1 – Hidroelétricas	Capacidade instalada (Milhões de quilowatts)	
FURNAS –MG	8.0	11.2
CESP –SP	6.6	9.2
2 – Construção de Aeroportos	Área (km2)	
GALEÃO - RJ	14	0.32
GUARULHOS-SP	14	0,66
3 – Construção de Metrô	Extensão das linhas (km)	
SÃO PAULO	58.6	5,57
RIO DE JANEIRO	34.9	2.76

Urban reconstruction through Olympic Games

HOLGER PREUSS, UNIVERSITY OF MAINZ, GERMANY

Every city has a different infrastructure. Once in a while changes in the environment (industrialisation, immigration, wars, etc.) or “Festivals” (e.g. world exhibitions, royal events, sports events) trigger large impacts on urban development. These help form the history and structure of each city in different ways. Depending on its structure some cities can stage large sports events without a need of change. For example, Los Angeles was able to stage the Olympic Games in 1984 with minimal investments in its infrastructure (ESSEX/CHALKLEY 1998, 192). However, Sheffield had to implement major developments in order to host the XVI Universiade in 1991. Multi-sports-events, such as the Olympics which are staged in one city, cause a very intensive impact and develop different parts of a city simultaneously. Good examples are Munich 1972 and Barcelona 1992. They re-developed their city through staging the Olympic Games.

Depending on the size of the city and its urban history, upcoming Olympics create different developmental pressures. Thus far, it is obvious due to the scarce means available that an Organisation Committee of the Olympic Games-OCOG itself can only pay for the overlays of the sport facilities, but not for new construction. The biggest Games-related project, the construction of an Olympic village, can only be financed by public or private property developers. In most cases, the village is sold after the Olympics such as in Munich, Montreal, Seoul, Barcelona and Sydney (Montreal OCOG 1976; Woo 1988; McBeth Apr 7, 1988; Kim et al. 1989; Brunet 1993; Reth 1993; Medialdea 1993; Herzog 1993). Depending on the population development and the housing situation of a host city, the question arises whether the new construction of a village

is necessary or whether the renting of accommodation facilities such as students’ residence halls in 1984 and 1996 should be preferred. With a housing surplus caused by a decreasing population of a city, renting or temporary structures should be the choice. With a lack of housing facilities in expanding cities such as in Seoul 1988, the building of new houses is the better alternative. In Seoul 1988, it was possible to make a profit by selling the Olympic and the Media village for US\$ 203.6 million even before the Games (SEOUL OCOG 1988). However, in Barcelona, even a year after the Olympics, 33% of the apartments was not sold (RETH 1993). Therefore it is important that a city compares its existing long-term development plan with the necessary Olympic-related structural requirements before it starts to bid and exposes that weakness. The Olympic Games generate revenues, which are often enough to cover the operational costs, but only very few investments. Most investments must be covered by public or private entities. However, if the Olympics are able to expedite municipal development in a desired direction, a bid is justified.

Regarding the possibility of having three fields of references, field (A) represents the city development that is planned regardless of the Olympics. Field (B) the structure needed for the Olympics, which is anyhow planned for the development of the city. At least the construction of Games-related facilities should fit in the economic and social development plan. Field (C) represents the necessary structure that is only needed for the Olympics and does not fit the city’s long-term development plans. These can be single facilities, but also over-capacities in structures such as public transportation, tourist accommodation, or spectator stands of sport

facilities. Investments only pay for themselves and the related follow-up costs can only be financed if the expanded capacities can be used after the Olympics. Daume (1976, 155); interview with W. Tröger (Apr 20, 1998); Sheard (2001). Otherwise, they would also lack their political justification. It is crucial if field (C) is so expensive that field (A) and (B) are negatively affected. In case field (C) is too large and develops a structure, which is not needed in a long-term there should be no bid for the Olympics. This scenario is relevant for developing countries and newly industrialized countries that currently would like to bid for Olympic Games.

Olympics trigger only a one-time surge of development. Huge parts of the new structure will not be used for the original purpose any more after the end of the Olympics and Paralympics. The Olympic structure of field (B) develops the city and is socially and economically sustainable because it is needed anyhow. The field (C) structure has to be rebuilt. Either the structure was temporary and disappears after the Games or it has to be maintained. Then the city should try to pull in other sports events in order to have follow up impacts. By this the city risks to develop a structure that does not conform to that of the long-term development plan. That means the impact of city development proceeded in the wrong direction or something was developed which was not needed. Both create unnecessary costs and unused oversized facilities.

References mentioned in this summary are found in Economics of the Olympics, Holger Preuss, Walla Walla Press, Sydney 2000, chapter 7 – Investments.

Tabela 3 / Table 3

Relações dos investimentos nos Jogos Olímpicos com conseqüências esperadas

Relationship between Olympic Games' investments and expected consequences

Fonte / source : *Economics of the Olympics, Holger Preuss (Chapter 7), Mainz Universitat, 2001*

As Olimpíadas requerem	Isto conduz a investimentos em	E contempla a cidade com	O financiamento tende a ser
Vilas Olímpicas	Indústria de construção civil	Área habitacional adicional	Privado
Instalações esportivas	Oferta em lazer e entretenimento	Melhor qualidade de vida	Público ou dos COJO
IBC e MCP (1)	Prédio de escritórios e/ou Centros de Convenções	Centros de Convenção, escolas escritórios e prédios de administração	Público
Tecnologia em telecomunicações	Indústria de Construções	Modernização do sistema de cabos de fibra ótica, energia elétrica, internet e sistemas de telefonia móvel	Público
Sistema de Transportes	Transporte público, construção de estradas, expansão de aeroportos	Melhor qualidade de vida através de economia em tempo de deslocamento e efeitos ecológicos positivos (ar, poeira)	Privado
Boa qualidade do ar	Renovações/melhorias e criação de parques e zonas para pedestres	Melhor qualidade de vida através da melhoria das condições atmosféricas e implantação de áreas recreativas	Privado
Acomodações para turistas	Indústria de Turismo, indústria hoteleira e melhoramentos	Mais camas de hotel e incremento de atrações turísticas	Privado
	Esses investimentos conduzem a empregos no setor de construções e receita adicional em impostos e taxas	Geração de um interesse na cidade além de sua área geográfica (estabelecimento de indústria e comércio, opções de local de convenções e turismo) envolvendo postos de trabalho e ainda arrecadação de impostos e taxas	

(1) IBC: *International Broadcast Center* - Centro Internacional de Radiotransmissão e Televisão; MCP: *Main Press Center* - Centro Principal de Imprensa.

Tabela 4 / Table 4

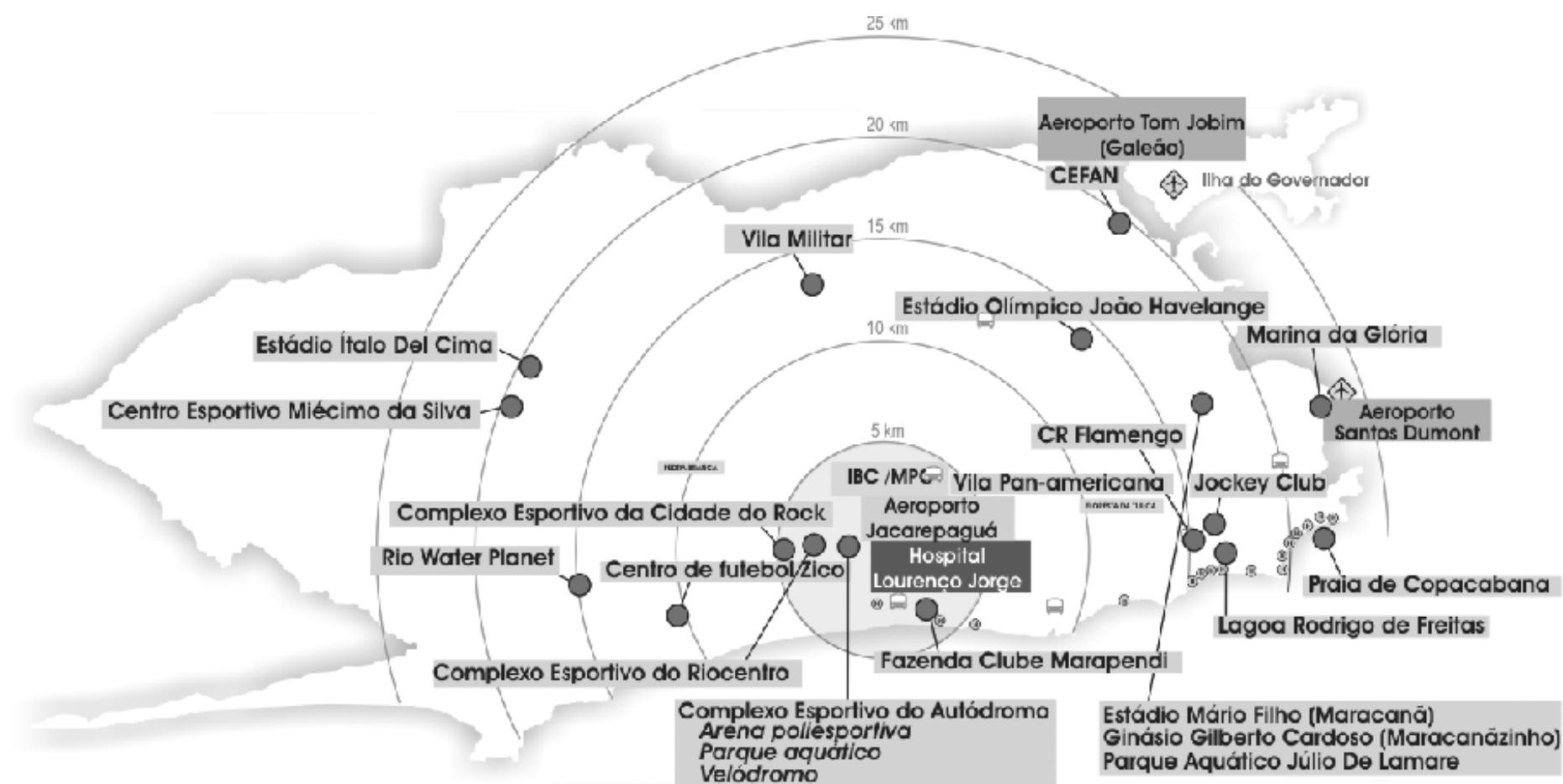
Eventos esportivos internacionais no Rio de Janeiro, 1993-2003

International sports events in Rio de Janeiro, 1993 - 2003

Eventos de competições	Ano
Campeonato Mundial - FIFA	2000
Copa Mundial de Natação -FINA	2002/2001/2000
Campeonato Mundial de Piscina Curta -FINA	1995
Liga Mundial de Pólo Aquático - FINA	2001
Torneio Mundial de Vôlei de Praia -FIVB	2003/2000/1999/98/97/96/95/94/93
Campeonato Mundial de Vôlei de Praia-FIBV	2003
Liga Mundial de Vôlei-FIVB	1999/98/97/96/95/94/93
Fórmula Mundial (Indy)	2000/1999/98/97/96-
Grand Prix de Atletismo-IAAF	2001/2000/1999/98/-97/96/95
Copa Davis-ITF	2002/2001/2000
Copa Mundial de Tênis de Mesa-ITTF	2000
Copa Mundial de Triatlo	2003/2002
Campeonato Mundial de Motor Bike	2003/2002/2001/2000/1999
Torneio Ciclístico do Rio de Janeiro	2003/2002
Meia-Maratona Internacional do Rio	2003/2002/2000/1999/98/97
VII Jogos Sul-Americanos	2002
Eventos de conferências e congressos Olímpicos	
Assembléia Geral da ANOC & Reunião da Executiva do IOC	2000
Reunião de Cúpula da América do Sul do Caribe e União Européia	1999
II Conferência Mundial de Esportes e Meio Ambiente - COI	1999
IV Feira Olímpica Mundial - COI	1998

Rio de Janeiro: instalações esportivas dos Jogos Pan-americanos-2007 adaptadas para o projeto da candidatura dos Jogos Olímpicos-2012

Rio de Janeiro: 2007 Pan-American Games facilities adapted to the 2012 Olympic Games bidding project



Anéis olímpicos: 31 instalações localizadas num raio de 26 km da Vila Olímpica

Olympic rings: 31 facilities located within 26 km from the Olympic Village

Nove instalações planejadas e destinadas aos Jogos Pan-Americanos

9 facilities for the Pan-Am Games

- 1 - Centro Aquático Nacional – Natação e Saltos.
- 2 - Arena Olímpica do Rio – Basquetebol.
- 3 - Velódromo da Barra – Ciclismo.
- 4 - Estádio João Havelange.
- 5 - Centro de Treinamento Olímpico – Tênis de Mesa e Taekwondo.
- 6 - Outeiro – Mountain Bike.
- 7 - Clube de Regatas do Flamengo/ Jockey Clube do Brasil – Pentatlo Moderno.
- 8 - Rio Water Planet – Canoagem e Slalom.
- 9 - Centro de Tiro Deodoro - Tiro

Dez instalações adicionais construídas para os Jogos Olímpicos

10 additional structures for the future Olympics

- Três estruturas permanentes: (Zona da Barra)
- Estádio Olímpico: Atletismo e Cerimônias de Abertura e Encerramento
 - Centro Nacional de Tênis: Tênis
 - Pavilhão de Ginástica do Rio Centro: Ginástica
- Uma instalação para Tiro ao arco: (Zona do Pão de Açúcar).
- Em dependência do Jockey Club do Brasil.
- Seis instalações temporárias: (Barra e Pão de Açúcar).
- a) Zona Barra:
 - Baseball;
 - Softball;
 - b) Zona Pão de Açúcar:
 - Hóquei sobre Grama;
 - Voleibol de Praia;
 - Triatlo;
 - Ciclismo de Rua.

Doze instalações existentes

12 existing facilities

- Zona Barra: Centro de Convenções Rio
- Pavilhão 2: Badminton – Esgrima
 - Pavilhão 3: Box
 - Pavilhão 4: Handebol – Judô – Lutas
 - Pavilhão 5: Levantamento de Peso

- Zona Pão de Açúcar:
- Marina da Glória – Vela
 - Estádio de Remo – Remo – Canoagem

- Zona Maracanã:
- Centro Aquático Julio Delamare – Pólo Aquático
 - Arena Maracanãzinho – Voleibol
 - Estádio Municipal do Maracanã – Futebol
 - Estádio São Januário – Futebol

- Zona Deodoro:
- Centro Equestre Deodoro – Hipismo
 - Estádio Moça Bonita – Futebol

Epílogo:
tendências sociais e econômicas



Cenário de tendências gerais dos esportes e atividades físicas no Brasil

LAMARTINE P. DaCOSTA

Colaboradores: Valéria Bitencourt (esportes outdoor), Leandro Nogueira (atividades físicas e saúde), Ana Maria Miragaya (atividades físicas), Victor Matsudo (IPAQ), Rosângela Noé (estatística) e Alexandre Carvalho (resultados esportivos)

Scenario of the general trends of sports and physical activities in Brazil

The method of analysis of scenarios is a description of a current situation and of the events linked to it which can suggest a future situation. It is a study of tendencies (present) and projections of alternative situations (future). This Atlas used two distinct methods (see Introduction chapter): (1) the data of the previous chapters and the contents of this scenario follow the main patterns of COMPASS – Compass European Network – Co-Ordinated Monitoring of Participation in Sports with some adaptations, and (2) IPAQ -

International Physical Activity Questionnaire, which has put 12 countries (including Brazil) together since 1998 around comparative experimentation of an instrument to gauge participation and intensity/frequency of physical activity, which has been internationally validated. It is important to observe that IPAQ focuses on physical activities for health while COMPASS has its propositions based on a definition of multiple approaches of sports and physical activities, as it has been adopted by Atlas of Sports in Brazil. Tables

1 – 8 summarize the data found in all chapters finally reaching the following profile of participation of the population in physical activities: sedentary = 11%; occasional = 26%; regulars = 51%, and very active = 12%. The 2003 research successfully reached 110,4 million people between 7 and 59 years of age (62.4%) out of the 172 million Brazilians. This large group of the Brazilian population is potentially inclined to sports consuming and has made up the basis for future public policies in terms of physical activities for health and for leisure.

Definições O método de análise de cenário é uma descrição de uma situação corrente e de eventos a ela vinculados que podem sugerir uma situação futura, consistindo então num estudo de tendências (presentes) e de projeções de situações alternativas (futuras). Um cenário é portanto um modelo simplificado de uma determinada situação social, econômica, empresarial, política etc, o qual é elaborado de modo a ser sensível a algumas poucas tendências dominantes. A melhor abordagem de cenário é a que desenvolve uma estrutura de relações (*framework*) a partir de uma determinada situação por meio de especialistas externos, em adição ao conhecimento local e específico produzido por pessoas com conhecimento prático do tema em exame na situação delimitada. Este procedimento é chamado tecnicamente de “abordagem de cima para baixo” (*top-down approach*), sendo proposto como um desenvolvimento interativo. Esta opção é flexível por definição e ocorre por revisões sucessivas dos dados do cenário e respectivas mudanças em sua composição e tendências, diante das mudanças de condições e de conhecimento adquirido. Em resumo, a análise de cenário é modular e flexível, ensejando exames e experimentações com dados e situações, sobretudo envolvendo fatos sócio-econômicos (Malafante, 2003). No presente Atlas (Banco de Dados e livro em 1ª. versão), a metodologia de mapeamento foi associada a procedimentos de atualização em módulos, próprio de um sistema de aperfeiçoamento contínuo de estimativas de baixa confiabilidade e de lacunas de informação quantitativa e qualitativa. Assim sendo, nesta seção os dados gerais do mapeamento estão organizados sob forma de cenário, objetivando-se a identificação de tendências predominantes na área das atividades físicas em escala nacional, com base em dados e estimativas geradas primariamente pelas instituições, gestores e especialistas dessas atividades.

Em se tratando do tema de esporte e atividades físicas há que se cogitar da experiência internacional quanto ao tratamento dos respectivos dados estatísticos, como primeiro passo para a elaboração de um cenário abrangente de tendências. De acordo com o estipulado pela metodologia do Atlas (ver o capítulo de “Introdução”), os dados dos capítulos anteriores e os conteúdos deste Cenário estão organizados seguindo os padrões principais da Rede Européia COMPASS (*Compass European Network – Co-ordinated Monitoring of Participation in Sports*) com algumas adaptações pertinentes. Esta entidade congrega hoje 10 países – havendo mais 25 em fase de reconhecimento – em projetos de harmonização de estatísticas da área esportiva, tanto recreativa como de competição. Esta adequação mútua entre países europeus tem sido proposta desde 1997 com a finalidade de comparar dados, metodologias e instrumentos de coleta de diferentes iniciativas, objetivando melhorar a qualidade de dados estatísticos em esportes e atividades físicas à luz de intercâmbio entre os países membros da Rede. Com efeito, dados nacionais comparáveis representam um objetivo relevante da estatística de atividades físicas em qualquer de suas abordagens. A proposta do Atlas, nestas condições, adotou também a proposta do COMPASS na qual projetos pilotos nacionais tem sido implementados com posterior análise comparativa entre eles a fim de se construir um modelo melhor de uso geral identificando-se as deficiências particulares (método do *Benchmarking*). Este modelo é submetido a aperfeiçoamentos sucessivos à medida que novos projetos pilotos são feitos e avaliados. Por seu turno, a proposta do Atlas no Brasil adicionou à sua ênfase nacional, enfoques estadual, local (clusters, por exemplo) e de modalidade esportiva, além desta primeira versão piloto aproveitar

dados e estimativas dos próprios contribuidores dos capítulos por não existir um sistema estatístico em esporte no país. Explica-se esta abrangência maior do Atlas pelo seu objetivo de levantar memória e inventário de cada área de prática, conhecimento e gestão, sendo as estatísticas apenas parte do processo.

A experiência de sete anos do COMPASS e de três rodadas de avaliação de projetos pilotos, segundo relato de Mussino (2002), confirmou o papel central da participação esportiva (número de adesões por modalidades / atividades em específico) num sistema modelo de estatísticas de esportes e atividades físicas. A razão desta assertiva refere-se ao fato de que a partir de dados de participação compõem-se abordagens sociais, econômicas, educacionais, de saúde, mercadológicas e outras. Outra consolidação hoje encontrada no modelo COMPASS concerne aos níveis de participação: praticante “muito ativo” com mais de ou igual a 120 participações/ano em atividades físicas; “regular” > 60 < 120 / ano; “irregular” > 12 < 60 / ano; “ocasionais” > 0 < 12 / ano; “não participante” = 0. Estes tipos de participação podem ser competitivas ou não, como também são dimensionadas por idade (jovens: de 6 a 16 anos; adultos: acima de 16 anos e até 75 anos) e gênero. Importa registrar que o modelo COMPASS em sua última versão de 2002 subdividiu os “não participantes” em duas novas categorias: os “não participantes em esporte e atividades físicas” referidos aos sedentários absolutos, e os “participantes em atividades físicas” que incluem pessoas ativas em caminhadas de baixa intensidade, uso de bicicleta como transporte e lazer, jardinagem, tarefas caseiras etc. Esta reclassificação representou um ajuste do COMPASS ao Projeto IPAQ (*International Physical Activity Questionnaire*) que reúne 12 países (incluindo o Brasil, sob coordenação do Dr. Victor Matsudo de SP) desde 1998 em torno de experimentações comparativas de um instrumento de medição de participação e intensidade / frequência em atividade física, que tenha validade internacional. Note-se que o IPAQ tem seu foco em atividades físicas para a saúde ao passo que o COMPASS tem suas proposições assentadas numa definição de múltiplas abordagens do esporte e atividades físicas, tal como assumido pelo Atlas brasileiro.

No modelo de 1ª. versão piloto do Atlas, as cinco categorias e duas subdivisões do COMPASS estão reduzidas a quatro alternativas apenas, considerando-se (a) as possibilidades e limitações de dados hoje disponíveis nas instituições nacionais e locais brasileiras; (b) ajustes progressivos aos padrões do COMPASS com modificações advindas do IPAQ, sendo este último um projeto já em andamento no Brasil. Com estes propósitos, o Atlas confirmou a tradição das instituições esportivas nacionais mantendo o “atleta registrado”, ocupando assim a classificação dos praticantes “muito ativos” do IPAQ, em adição a outros praticantes que eventualmente se possam admitir como próximos à frequência de 2 – 3 participações / semana indicada pelo COMPASS. As outras classificações aqui adotadas são “regular”, “ocasional” e “sedentário”, uma vez que pelo critério da exclusão, o não praticante absoluto condiciona a identificação do ocasional (mínima, isto é menos de 12 vezes / ano e eventual participação ao longo de 12 meses) e este do regular que se situa em posição intermediária: não é atleta nem excessivamente dedicado às atividades físicas, mas atuante sempre que possível.

Claro está que estes reajustes criam sobreposição entre classificações como também erros típicos de avaliações a priori, mas são soluções provisórias até que seja possível assumir progressivamente a metodologia do COMPASS. Outro argumento

favorável a esta classificação provisória e experimental, prende-se ao fato de que os níveis do IPAQ podem ser apropriados pelos correspondentes do Atlas – 2004. Ou seja: o muito ativo do IPAQ incorpora os atletas registrados e os não registrados – grupo freqüentemente maior do que os registrados nas condições brasileiras – do Atlas, como outrossim as classificações “ativo” e “insuficiente ativo” do IPAQ tornam-se respectivamente “regulares” e “ocasionais” neste Atlas piloto, por serem semelhantes em suas caracterizações. Nesta forma de correspondência, o sedentário é o mesmo para qualquer dos critérios ora em exame, mas não foi focalizado pelo Atlas-2004 por ser esta versão voltada sobretudo para a memória e inventário dos esportes e dos esportistas. De resto, a experiência do COMPASS quanto às delimitações de idade e de gênero somente será assimilada com o uso recomendado de levantamento por questionário padrão em amostragem de 5 mil respondentes, o que constitui um objetivo futuro a ser perseguido pelos órgãos de pesquisa do país e, por definição, pelo Atlas na conformidade de sua melhoria contínua.

Isto posto, para o presente capítulo foram elaboradas Tabelas de participação em esportes, relacionadas às modalidades primeiramente selecionadas pelo Atlas, acompanhando-se o Projeto COMPASS na sua opção por um grupo inicial de modalidades incluindo os esportes olímpicos. Em adição, ainda seguindo-se o COMPASS, há um segundo grupo de esportes que não se enquadram no grupo anterior mas que gozam de grande popularidade, possuindo entidades gestoras de filiação internacional e/ou nacional, ora denominados de não olímpicos. O terceiro grupo do COMPASS é constituído por atividades físicas de lazer e de saúde ao estilo de campanhas e promoções Esporte para Todos, como o Agita São Paulo / Agita Brasil, Dia do Desafio, Dia da Caminhada etc (ver capítulos correspondentes nesta publicação). Mas no Atlas brasileiro nesta sua primeira versão, o terceiro grupo foi composto com esportes radicais e de aventura complementado por esportes aéreos, de praia e de inverno (praticados no exterior no caso do Brasil), tanto por se ajustarem aos critérios do COMPASS como pelo impacto econômico que se pressupõe produzir hoje no país. Para facilitar a ordenação dos esportes deste terceiro grupo, usou-se a denominação provisória de “Esportes outdoor” capaz de abranger a diversidade do conjunto selecionado mantendo a coerência da tipologia original. As demais atividades, incluindo as de inclusão social (crianças, adolescentes, idosos, portadores de deficiência física etc.) – os quais no COMPASS pertencem ao grupo de não olímpicos –, foram no Atlas todos re-posicionados com esportes de inclusão social (listados na Tabela 4 que focaliza “Atividades complementares”) atendendo a uma classificação já corrente no Brasil.

Neste arranjo de apresentação quantitativa, as Tabelas referidas às atividades físicas do terceiro grupo reúnem dados obtidos em recentes pesquisas sobre atividades físicas no Brasil que geralmente seguem critérios IPAQ. Um ajuste final foi feito nas Tabelas do primeiro grupo de esportes, levando em consideração a vinculação institucional (clube, federação, órgão de governo etc.) dos praticantes conforme diretiva original do COMPASS. Para o Atlas – cuja prioridade na versão 2004 é a abordagem econômica dos esportes e atividades físicas em geral –, este vínculo foi denominado de “Dados complementares de gestão” com ênfase nos postos de emprego gerados por modalidade. Em termos de esportes outdoor, somente foi possível expor vínculos institucionais em determinados casos, pois em geral são referidos a modalidades de grande autonomia dos praticantes com um mínimo de intervenções de

entidades gestoras. Por seu lado, as atividades do terceiro grupo em seus levantamentos de origem não seguem as recomendações COMPASS no aspecto institucional, o que levou a se limitar as Tabelas desse grupo ao essencial na opção Atlas - 2004. As informações gerenciais, quando disponíveis, situam-se também nas tabelas por localização na coluna referida aos praticantes, focalizando gênero, clubes, especialidades e outras formas de caracterização individual e grupal. Ao final, na Tabela resumo do país e em cada grupo de esportes, o dado complementar de gestão focalizado foi o do emprego, por estar à frente do significado econômico dos esportes, deixando-se para futuras revisões do Atlas o cômputo e a análise dos demais itens identificados.

Em continuação aos Esportes outdoor e antecedendo a abordagem da participação em atividades físicas para lazer e saúde, foi inserida a já citada Tabela de "Atividades complementares", reunindo seções e temáticas do Atlas que não puderam ser classificadas nas demais abordagens deste capítulo, tais como trabalhadores, militares, grupos de inclusão social e outros. No geral, esta configuração atem-se às instituições esportivas e diversas atividades físicas que necessitam de enfoques particularizados, à vista de serem geradoras de emprego além de constituírem elementos de significado econômico, social e educacional. Entretanto, em muitos aspectos a quantificação de praticantes neste âmbito implica na possibilidade de contagem dupla e mesmo tripla, pois ao se levantar a participação em um determinado esporte há efetivas possibilidades que inclua participantes de diferentes instituições, as quais por sua vez também emitem suas contagens de participação em vista de possuírem clientelas próprias. Em face à sobreposição de diferentes contagens – típicas dos levantamentos esportivos por seus múltiplos enfoques – os levantamentos IPAQ feitos no Brasil serviram neste Cenário como base para se estimar as participações em termos finais. Este método é voltado para a população unicamente, e seus resultados por definição de amostragem estatística não implicam em abordar cada indivíduo por outra variável além do grau de participação em atividades físicas, o que teoricamente anula contagens múltiplas. Por isso, os dados IPAQ são confrontados na seqüência de Tabelas com os dados do Atlas, procurando-se um melhor tratamento destes últimos.

Em síntese, após o inventário representado por Tabelas de cada grupo de modalidades e de atividades complementares, encontra-se adiante uma apreciação sucinta de tendências gerais da população em âmbito nacional, seguindo-se o método de cenário e da abordagem de participação em esportes e atividades físicas. Os dados para elaboração das tabelas foram naturalmente retirados dos capítulos precedentes a este Cenário, exceto quando assinalado. As questões de erro provável originadas dos dados de baixa confiabilidade recolhidos pelo Atlas nesta sua primeira versão piloto como também gerados por interpretações enviesadas destes dados, são discutidos ao longo das apresentações de modo a encaminhar procedimentos futuros de aperfeiçoamento.

Tendências gerais das atividades físicas O uso das Tabelas 1 – 7 com respeito ao exame da participação em esportes e atividades físicas no Brasil, tendo em vista os objetivos deste Atlas, leva a considerar prioritariamente a abordagem de significados econômicos. Além desta apreciação, cabe elaborar interpretações de saúde e lazer, como também de esporte propriamente dito visando-se ao seu desenvolvimento. Sem embargo, o viés econômico do esporte tornou-se prioritário para os analistas em anos recentes pela crescente participação das atividades físicas no Produto Interno Bruto-PIB que nas nações avançadas já alcançava uma parcela estimada em cerca de 1,4 – 2,0 % no início da década de 1990 (Weber, 1995, p.23). Nestes mesmos países, no período indicado, o impacto do esporte era aproximadamente de 2% sobre o total da mão de obra empregada (Ibidem, p. 25). Hoje, 15 anos após a publicação destas estimativas, tornou-se corrente a versão de que o PIB das nações desenvolvidas teria a participação de 2 – 2,5% relacionado ao esporte (ver capítulo "Marketing esportivo" neste Atlas), por seus atuais e crescentes envolvimento com a área de lazer, turismo, entretenimento e indústrias correlatas. Nestas circunstâncias, são pouco conhecidas as repercussões adicionais sobre a geração de emprego destas novas associações do esporte por que na maioria das nações não há estatísticas sobre atividades físicas em suas particularidades de nível micro (Russel & Craig, 2003). Porém, o "Observatório do Esporte Andaluz" pertencente à Rede COMPASS estima para esta região da Espanha a proporção de empregos gerados pelo esporte em 2.1% sobre o total da mão de obra, no ano de 2000.

Em outras palavras, a empregabilidade do esporte em algumas nações está sendo contabilizada na área de serviços da economia, dificultando assim a identificação dos seus reais impactos. No Brasil, esta ocultação acontece a partir dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios-PNAD, realizada anualmente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, a qual se pauta pela classificação de atividades econômicas estipulada pelo próprio Instituto. O esporte, no caso, é inserido na PNAD pelo item de levantamento "Organizações esportivas" que abrange nomeadamente clube social, federação ou associação desportiva, estádio, piscina pública, etc. E, nesta delimitação, a PNAD de 2001 contabilizou 186.000 empregados, sendo 55,5% destes com carteira assinada e ainda incluindo 2.417 sem remuneração, isto é voluntários, provavelmente. Comparando-se este total com os levantamentos das Tabelas 1 – 4, há que se cogitar de uma redução relevante no tamanho do esporte por parte do IBGE pois somente no item "Profissionais" da Tabela 4 encontra-se uma soma de 308.729 graduados e não graduados em Educação Física em atividade no país (ver também capítulo "Recursos humanos e instalações esportivas" neste Atlas). Algo similar pode ser concebido com relação aos não remunerados em face à existência de 5.080 voluntários somente na Associação Cristã de Moços-ACM, ou seja, o dobro dos declarados para a PNAD também em perspectiva nacional. Mas, a redução maior incide no total de 14.324 atletas informados para o IBGE no levantamento de 2001, que se pode comprovar comparando-se com os 749.603 atletas registrados das contas finais do Atlas-2004. Isto porque atleta registrado no Brasil é uma avaliação menor por representar normalmente o pagamento de taxa e como tal é atualizada no mínimo possível pelos clubes, criando portanto levantamentos mais fidedignos quando mínimos. Se o dado final vindo das federações e confederações é correto por contingência indiscutível, não há como justificar uma cifra cerca de 50 vezes menor adotada pelo IBGE.

Uma explicação plausível sobre a origem desta deficiência no Brasil, encontra-se no Relatório de Avaliação do COMPASS referido a 2002 (Mussino, A., COMPASS Progress Report, 2002, pp. 3-4), em que se identifica como uma das tarefas principais dos países signatários do Projeto, a imposição de uma definição abrangente do esporte e referida a "todas as formas de atividade física". Estas se produzem tanto por "participação casual ou organizada" e como tais incorporam a ampla gama de atividades físicas hoje encontradas nas relações sociais e institucionais. Daí, o papel fundamental representado pelos dados de participação no esporte e atividades físicas nas estatísticas nacionais, conforme recomendação do COMPASS. Como o PNAD usa o critério de ramos de atividades (serviços de diversão, organizações culturais, serviços de comunicação, etc.), incluindo "organizações esportivas", instala-se uma definição estreita da atividade física subestimando-se então seu impacto na sociedade – sobretudo na área da saúde –, como também se bloqueia o conhecimento da participação esportiva diversificada com suas ramificações e geração de emprego.

Outra conseqüência deste reducionismo que envolve as atividades físicas no Brasil, prende-se ao cálculo da parcela representada pelo esporte no PIB nacional, o qual tem sido também ocultado pela carência de seus dados de entrada. Entretanto, o PIB do esporte brasileiro foi estimado por meios de dados indiretos por Istvan Kasznar, da Fundação Getúlio Vargas-RJ (ver "Marketing esportivo" neste Atlas), o que tem solicitado revisões mais aperfeiçoadas. E do mesmo modo do que ocorre com a participação esportiva, o conceito amplo de esporte e de atividade física necessita realimentar a metodologia de cálculo do PIB do esporte. Em 1997, na tentativa de Kasznar, o montante de 1,7% do PIB do país foi assumido, hoje indicando que mesmo sendo uma cifra provisória justificava-se sua adoção à época como ponto de partida para se acompanhar a contribuição do esporte na economia nacional. Atualmente, ao contrário do índice de emprego minimizado pela PNAD, este valor parece ser mais realista da situação mapeada pelas Tabelas antes aqui apresentadas. Para a Inglaterra, em 2001, o PIB do esporte estava em 2.6% (*Sport Participation in Europe* – COMPASS, 2001), uma cifra razoável para corresponder aos 1.7% do Brasil na comparação entre as economias dos dois países.

Entretanto, sob qualquer ponto de vista os números totalizados pela Tabela 1 são significativos pelo porte e podem constituir uma abordagem inicial para a re-interpretação do esporte como uma das áreas importantes da economia nacional em que pese a necessidade de validações futuras. Em primeira instância, a magnitude desses

totais cria indagações vis-à-vis o contraste com os dados até então sugeridos para se traduzir a importância do esporte e das atividades físicas no Brasil. De fato, a escala de 10,8 milhões de participantes regulares e de 74 milhões de ocasionais são inéditos para uma área até então habituada a ser compreendida apenas na escala de algumas centenas de milhares de atletas ditos registrados. Neste particular é preciso se fazer constar que participantes regulares e ocasionais são em princípio quantitativos sobrepostos (participação múltipla) que representam potencialidades no desenvolvimento esportivo tanto quanto níveis diferentes de consumo mercadológico. Portanto, para efeito de medição de praticantes efetivos de esporte para propósitos de saúde, educação e cultura da população, o dado a ser examinado é o vindo de censos – não disponíveis no Brasil na área em questão – ou de amostragens apoiadas por protocolo padrão como acontece no Projeto IPAQ. Ou seja: os grandes números de ocasionais, e às vezes de regulares, dimensionam valores econômicos pois representam unidades de consumo não importando se um mesmo "consumidor" atua em várias atividades, se muda constantemente de preferências, ou se é atendido por várias instituições. Já os valores obtidos pelo IPAQ representam pessoas sedentárias ou ativas em graus diferentes de preparo físico, que constituem percentuais de estratos de uma determinada população, refletindo seu estado de saúde em termos de forma física ou dedicação a esportes. Em resumo, os dados da Tabela 1 constituem entrada para estudos econômicos e de marketing mas devem ser observados com cautela se está em pauta, por exemplo, uma política de melhoria da saúde pública ou de desenvolvimento do esporte para a auto-estima nacional.

No Brasil, a experiência no lidar com participação múltipla é encontrada no SESI e no SESC, que distinguem "matrículas" ou "clientela" (participantes efetivos) de "participação" ou "atendimentos" (número de vezes que um participante atua num determinado período em diferentes opções de esporte). Particularizando-se esta rotina para o SESC nacional, no exercício de 2001 a clientela contabilizada foi 878.944 ao passo que os atendimentos alcançaram 15.786.167 ("Atividade Desenvolvimento Físico-Esportivo", SESC DN, Rio de Janeiro, 2003, p. 13). Estes dados poderiam ser examinados também à luz de um índice de diversificação, definido como o número médio de esportes praticado por cada pessoa praticante. Tal definição é adotada pelo COMPASS com a denominação de *diversification rate*, o qual para a Espanha (região da Andaluzia) é igual a 1.6, sendo este fator aplicado ao se lidar com múltiplos levantamentos de esportes numa determinada área geográfica. Naturalmente, o índice varia quando a clientela tem menos recursos para deslocamentos, atingindo um mínimo próximo a 1 em regiões pobres. Experimentalmente, adotou-se no Atlas-2004 um índice igual ao da Espanha por não existir pesquisas disponíveis no tema para as condições nacionais, e para reduzir as possibilidades de erro o qual ocorreria se nenhum fator de compensação fosse adotado.

A partir destas preliminares, cabe voltar à Tabela 1 e demais arranjos de dados, até chegar às Tabelas 6 a 8, as quais apresentam resultados de pesquisas sobre participação em atividades físicas de acordo com os modelos IPAQ. Verificando-se a Tabela 6, constata-se que os sedentários nas cidades selecionadas de todas as regiões brasileiras oscilam em percentuais >7,3<16,2 da amostra população local. Por seu turno, o grupo de ativos (soma de ocasionais, regulares e muito ativos) variam por valores > 83,8 <92,7; os ocasionais >20,0<33,4; os regulares > 43,4<62,7; e os muito ativos >5,8<8,3. Como não se observam excessivas diferenças entre as cidades investigadas em cada nível de participação em atividades físicas, pode se admitir a priori as seguintes médias para todo o país: sedentários = 11%; ocasionais = 26%; regulares = 51%; e muito ativos = 12%. A Tabela 7 aproxima-se destes quantitativos se os ocasionais forem incluídos entre os sedentários como foi feito em pesquisas de Curitiba, Pelotas e do estado de SP. Aliás, as investigações de Pelotas-RS e estado de SP, concentraram-se nas proporções 40% - 60% para respectivamente delimitar os grupos de sedentários e a população ativa. Esta conclusão tem validade dentro da delimitação em que os ocasionais são quase sedentários e que os regulares se confundem freqüentemente com os muito ativos. Levando estas proporções para a comparação internacional entre os filiados ao COMPASS (2002), encontra-se a Espanha que registra 37% de sedentários e 63% de ativos, portanto próximos aos números do Brasil. Contudo, a Espanha apresenta os índices mais baixos dos países do COMPASS, indicando por extrapolação que a posição brasileira é pouco confortável no plano internacional.

Assim sendo, a opção do Atlas-2004 para levantamento de tendências foi de manter as grandes categorias em ocasionais, regulares e muito ativos para efeito de perspectivas econômicas, e usar as proporções de sedentários e da população ativa para efeito de observações de impactos sobre a saúde pública (ver Cenário “Prática da atividade física e a epidemia de excesso de peso no Brasil” nesta seção). Esta diretiva é ora assumida por ser o Atlas um meio de levar o Brasil para a comunidade de estatísticas internacionais em atividades físicas, sendo então necessário ajustar-se aos padrões comparativos vigentes. Estabelecidas estas condições, o presente Cenário progrediu pela Tabela 8 que compara as duas metodologias e conclui (ver coluna “Motivos prováveis das diferenças entre metodologias”) que os critérios de classificação no Atlas podem ser confrontados com os do IPAQ para efeito de validação. Efetivamente, o total de participantes – excluindo, portanto, os sedentários – foram similares nas duas metodologias, concluindo-se então que há pontos de compatibilidade entre ambas. De resto, a comparação praticada sugere que o Atlas da edição 2004 subestimou em suas estimativas o grupo de ativos, necessitando melhoria nas classificações em suas futuras revisões.

Na perspectiva da economia do esporte e das atividades físicas, a mesma Tabela 8 oferece indicações de que a cifra de 84,0 milhões de participantes adultos entre 15 e 59 anos constitui uma base inicial para se estudar o mercado de consumo esportivo do país como também o montante de 94,4 milhões é um ponto de partida de intervenções visando-se à melhoria da saúde da população. A este último número deve se somar os participantes não atingidos pelas pesquisas IPAQ das Tabelas 6 a 8, isto é aqueles respectivos à faixa etária 7 – 14 anos. No censo de 2000, este grupo totalizava 26,8 milhões que o IBGE (ver site na Internet em “População”) projetou como igual a 25,9 milhões em 2003, diferença não relevante para o presente estudo. Aplicando-se o mesmo índice de ativos IPAQ da população adulta neste grupo de idade, ou seja 63%, alcança-se um montante de 16,0 milhões de crianças e adolescentes (mínimo por ser este grupo sempre mais ativo numa população). No total ter-se-á, então, 110,4 milhões de pessoas potencialmente inclinadas ao consumo esportivo e constituindo uma base de sustentação de políticas de saúde. Testando-se esta cifra no confronto de outra metodologia corrente e de alta receptividade, isto é o índice da Organização Mundial da Saúde-OMS para população ativa (acima de 150 minutos de atividades / semana), encontra-se um resultado de 24% de inativos na população brasileira de acordo com pesquisa de Szwarwald (2004), ou 128,9 milhões de pessoas ativas. Nestas condições, o valor de 110,4 milhões é uma cifra menor e mais segura para um processo de aperfeiçoamento progressivo. A partir desta estimativa global e dos caminhos percorridos para o seu alcance, há condições suficientes para criar um Cenário geral de tendências de esporte e atividades físicas no Brasil.

Tendências dominantes A participação esportiva no Brasil é de fato significativa em valores absolutos mas não tanto em importância relativa ao se clarificar pelo exame do perfil dos participantes em condições de prática. O grupo de ocasionais, por exemplo, é de recente consideração em estudos de participação esportiva por ser *quasi* sedentário, oscilando em preferências e, por vezes, sazonal. Em 1997, realizou-se em âmbito nacional a “Pesquisa de Padrões de Vida” com suporte do IBGE, na qual se definiu em 20% a população ativa do país, sendo 27,3% e 13,1% as cifras referidas aos sexos masculino e feminino respectivamente (ver Cenário sobre Prática da atividade física e obesidade, neste Atlas). Este baixo índice surgiu porque somente formas esportivas tradicionais faziam parte das solicitações do questionário. Assim, os homens revelaram preferências maiores pelo futebol, voleibol e basquetebol, enquanto as mulheres inclinaram-se para corrida, caminhada e ciclismo. Nos anos seguintes, as demais pesquisas no tema mudaram suas metodologias no sentido da incorporação de atividades físicas parcialmente esportivas e/ou não esportivas segundo a tradição – como ocorrido com o IPAQ – até alcançar a atual posição de 63% da população como ativa em termos nacionais, hoje se tornando convergente em resultados de investigação (ver Tabela 7).

Em termos de saúde pública, este critério de medição é justificável dado a que a população pobre brasileira apresenta altos índices de doenças provocados pela inatividade, em iguais condições com a população de renda média e elevada. Além de identificar as parcelas da população sedentária sujeita a altos riscos de doenças

cardiovasculares, obesidade etc, a medição mais ampla e variada da atividade física revela o *quasi* praticante e até mesmo o *quasi* atleta, tornando-se útil para a área esportiva e desta, conseqüentemente, para a área mercadológica em variada gama de produtos e serviços. A atividade de bicicleta, por exemplo, é identificada nos levantamentos IPAQ e seus sucedâneos (ver “Os Paulistas e a atividade física”, SESC-Datafolha, 2003), embora seja basicamente um meio de transporte no país. Este conceito amplo do esporte ao estilo do COMPASS em nível internacional e do Atlas no Brasil, abrange portanto com maior sensibilidade, a população mais vulnerável economicamente como se verifica no caso do uso de bicicletas, pois no país há cerca de 48 milhões destes veículos (ver capítulo “Ciclismo” neste Atlas) que repercutem na atividade física dos grupos de baixa renda (há 3,4 habitantes por bicicleta no Brasil). Adendo a este destaque são o futebol popular que possui por estimativa cerca de 30 milhões de participantes ocasionais e regulares (Tabela 1), e a pesca com 25 milhões de pescadores ocasionais (Tabela 2), cuja atividade artesanal no Brasil concilia trabalho e manutenção familiar com esporte. Estes três exemplos por si mesmos sugere que a escala obtida pelo total de 110,4 milhões de ativos é coerente com a realidade, embora não evidente e nem importante para aqueles que seguem a tradição esportiva de modo estrito. Importa ainda fazer constar que futebol ocasional e pesca ocasional são no Brasil expressões culturais além de esportivas, de aprendizagem determinada pela tradição entre indivíduos e comunidades, afastando-as das definições estreitas do esporte e de suas instituições formais e legais. Um comparação destas circunstâncias com as preferências esportivas dos EUA é significativa como se pode apreciar pela Tabela 9 na qual a pesca representava 15,0 % da população daquele país; no Brasil esta atividade se correta sua estimativa de 25 milhões de participantes (sobre uma população de 172 milhões em 2003) estaria sendo cultivada por 14,5% da população do país. A mesma Tabela 9 mostra que as preferências esportivas nos EUA incorporam atividades “culturais” sempre em grandes números, o que possivelmente está acontecendo também no Brasil pelo menos como tendência.

Outra justificativa de se adotar quantitativos de tal magnitude, mesmo a princípio se pressupondo que sejam de baixa confiabilidade no Brasil, relaciona-se ao fato deles indicarem predisposição às práticas físicas e ao consumo e com tal poderem ser manejados como dados preliminares e indicativos de tendências. Neste particular, uma fonte de informações a se ter como linha de conta é o *American Sport Data-ASD* que faz estudos de marketing usando a categorização “ocasionais x regulares x atletas” quanto à participação em esportes nos EUA. No golfe, por exemplo, o ASD estima em 7,5 milhões os praticantes ocasionais definindo-os entre aqueles que jogam até quatro partidas em um ano; os regulares (*frequent players*) jogam menos de 26 vezes / ano, totalizando 8,6 milhões; e os atletas no mesmo período anual jogam mais de 100 vezes e somam cerca de 1,9 milhões, ou 6 % do total dos jogadores igual a 29,4 milhões. Segundo a experiência do ASD, somente 20% do total de participantes do golfe – reunindo 5,8 milhões, os quais incluem todos os atletas e 45% dos regulares – tornam-se praticantes efetivos (*core participants*) e consumidores fieis de produtos e serviços relacionados a este esporte (*heavy users*). De uma pequena parcela de 2% saem os criadores de tendências (*trend setters*) por serem atletas de competição. Em outras palavras, os “consumidores” de golfe ascendem de um envolvimento superficial com o esporte e passam por vários estágios de consumo, mas são todos participantes do esporte. A boa prática de marketing nessa circunstâncias, é a de levar os ocasionais (mercado futuro) a se tornarem regulares, para maximizar vendas no mercado presente já se tendo uma idéia de suas dimensões máximas prováveis: 20% do total da clientela.

Outro exemplo do ASD aponta para os corredores de rua e parques (*joggers*) que nos EUA contam 34,9 milhões no total mas apenas entre 2 e 3 milhões são participantes muito ativos (*very active*), comprando de 4 a 5 pares de tênis / ano, viajando para participar de competições e assinado revistas especializadas. Neste esporte, portanto, o grupo de *core participants* é bem menor do que o esporte do golfe, situando-se em torno de 8,5% do total. Partindo-se deste exemplo empírico e de outros, o ASD identificou o tamanho típico do mercado de cada esporte selecionado para identificação do potencial de consumo e de prática fidelizada. Houve nesses estudos, inclusive, casos de regressão sucedidos às vezes por nova expansão, como nas atividades de academias de ginástica que decresceram

3,3% entre 1990 e 1999, voltando depois aos níveis anteriores (*American Sport Data*, 2003). Neste Atlas, a estimativa do número de corredores de rua (ver capítulo “Atletismo” desta edição) existentes no Brasil, foi exercitada com base nos seus 200.000 participantes competidores desta modalidade no país, um total já conhecido por somar todos os inscritos em competições dos calendários regionais e do nacional com competidores locais. Como na pesquisa internacional de DaCosta & Miragaya (2002) sobre “Esporte para Todos” com 36 países respondentes, extraiu-se a taxa média de 10% de praticantes estáveis (corresponde aos “muito ativos” do IPAQ) em atividades esportivas de lazer em relação à população total envolvida, inferiu-se que os participantes desta modalidade no Brasil seriam no mínimo dois milhões.

Neste contexto de aperfeiçoamento metodológico progressivo é então pertinente utilizar os dados das Tabelas 1 – 5 mesmo como provisórios. Com os devidos resguardos de futuras revisões, pode-se final e resumidamente confirmar como abordagem para o presente Cenário um total de 110,4 milhões de participantes, distribuídos em níveis diferenciados de adesão às atividades físicas cujas tendências são as que se seguem por categorias de análise.

(i) Participação – ocasionais e regulares

O número total de participantes no Brasil deve continuar a crescer porque se trata de um fenômeno internacional atingindo nações e populações de níveis diferenciados de renda e de tradições esportivas (DaCosta & Miragaya, 2002, pp. 757 – 785). Houve também no país nas últimas três décadas, respostas bastante positivas por parte de campanhas de estímulo à prática de esportes e exercícios físicos. Presumidamente, a divulgação em âmbito nacional dos conselhos de Kenneth Cooper sobre exercícios físicos e saúde desde 1970, a campanha “Mexa-se” da TV Globo em 1972 e a campanha “Esporte para Todos” (EPT) de 1977, confirmaram iniciativas similares mas menores e locais ocorridas desde a década de 1920, alcançando então uma escala da participação em massa: somente o impacto da campanha EPT foi de 5,3 milhões de participantes e 2777 municípios no citado ano de 1977 (ver neste Atlas o capítulo “Dia mundial da caminhada – Brasil”). Já na década de 1990 e início dos anos de 2000, os programas “Agita SP” e “Agita Brasil”, liderados pelo Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul – CELAFISCS de SP, e a campanha “Dia Mundial do Desafio” promovida pelo SESC-SP, assumiram cada um a escala de 30 milhões de participantes / ano, incluindo-se entre as maiores do mundo no seu gênero (ver capítulos correspondentes a estas promoções neste Atlas). Nos critérios atuais de estimativas de participação, pretende-se que estes números gigantescos tenham sido referidos a participantes ocasionais, assim lhes dando significados coerentes com os totais de participantes do país. Contudo, a simples continuidade destas promoções de nomes diferentes, propostas similares e resultados massivos nas últimas três décadas, reforça a hipótese de sua boa receptividade pela população brasileira, e, por extensão, do aumento da participação esportiva em escala nacional.

Esta projeção de crescimento todavia deve ser conservadora em face a que em outros países mais avançados, o nível de sedentários próximo a 10% da população total tem assinalado uma queda ou anulação no ritmo de expansão de ativos, e às vezes uma regressão (ver capítulo “Finlândia” em DaCosta & Miragaya, 2002, pp. 333 – 351). Por esta razão, as análises que sugerem conter a pressão na sociedade no sentido da generalização das atividades físicas tendem a se valorizar proximamente, como concluem Farinatti & Ferreira (2002) ao examinar resultados de campanhas em prol de exercícios físicos no Brasil. Em vista deste fato que tem se mostrado comum em países europeus, torna-se previsível que no Brasil as mudanças doravante incidirão mais na passagem dos ocasionais para o grupo de regulares, e destes para o de atletas ou “muito ativos”. Em termos factuais, esta previsão tem tido confirmações da parte do CELAFISCS quando das avaliações do Agita SP, realizadas por pesquisas de campo. A Figura 1 representa a transferência entre níveis de participação detectada na Região Metropolitana do estado de SP (maior concentração urbana do país) no período 2002 – 2003, em que o grupo de regulares aumentou 7,3% ao passo que o de ocasionais diminuiu 8,8%, com redução correspondente de 2,3% nos sedentários e aumento de 4,1% nos muito ativos. Havendo pesquisas de acompanhamento do Agita SP desde 1999 na mesma região, tem sido constatado que o ritmo de passagem de ocasionais para regulares e destes para muito ativos, é de 2% ao ano em

média, cifra que representa em seu total cerca de 700 mil pessoas / ano em relação à população do estado de SP (Comunicado institucional do Agita SP de 26/03/2004). Completando este quadro de desenvolvimento, a Figura 2 com dados do SESC-SP e Datafolha, mostra que no estado de SP a atividade física é hoje comum a todas as faixas etárias e a ambos os sexos, embora com práticas e opções distintas por classe de renda. Por seu turno, a Figura 3 mostra como as preferências esportivas estão se multiplicando no mesmo estado.

Esta melhoria tem probabilidade de estar acontecendo em todo o país, pois a pesquisa IPAQ do Instituto Nacional do Câncer não encontrou grandes diferenças de comportamento entre as populações das capitais estaduais (ver Tabela 6). E, se assim acontece com os grandes centros urbanos, as cidades do interior e as regiões rurais pouco devem influenciar nestes números (ver Cenário "Prática da atividade física e a epidemia de excesso de peso no Brasil" nesta seção) em razão de apresentarem habitualmente mais solicitações e oportunidades de atividades físicas do que as densas áreas citadinas, típicas no estímulo ao sedentarismo. Por outro lado, as diferenças regionais que marcam a maioria dos fatos sociais e econômicos do Brasil, não apresentam tantos hiatos no tema da participação em atividades físicas. Esta característica já se tornara evidente na "Pesquisa de Padrões de Vida" de 1997 do IBGE, e vinte anos antes na campanha EPT, podendo ter sua explicação na condição de que nas regiões de maior carência as pessoas são ativas por necessidades cotidianas como também nestas áreas vicejam práticas de várzea (sobretudo futebol), de festas populares e de praia, rios e lagos, pesca etc. Já nos esportes das Tabelas 1, 2 e 3, o exame dos capítulos respectivos do Atlas mostra nítida prevalência dos estados das regiões sudeste e sul, sobretudo do estado de SP, o que não acontece naturalmente com os esportes da Tabela 4, pertencentes a instituições que atendem o país como um todo.

Em termos de participação dos esportes dimensionados nas Tabelas 1 – 5, os dados IPAQ de maior validade estatística servem para dar sustentação às estimativas nos casos aplicáveis e até que seja possível introduzir nos censos do país quesitos relacionados aos hábitos esportivos da população. Por ora, os valores referidos à participação tem seguido critérios de estimativas baseados em vendas de materiais e equipamentos de uso típico em determinadas modalidades (camisas, bolas e chuteiras no futebol; raquetes no tênis; mesas do tênis de mesa etc); instalações esportivas (piscinas na natação, quadras no tênis, campos e estádios no futebol etc); profissionais registrados na modalidade por entidade dirigente (instrutores na capoeira, professores em academias de ginástica etc); e outras vias indiretas de medição. Em alguns casos, tem sido encontradas pesquisas de opinião e de consumo domiciliar (voleibol, natação, skate etc) e, em outros, há registros diversos dos quais se pode obter ou se inferir a participação, caso das entidades da Tabela 4 (sistemas nacionais esportivos privados ou governamentais, e outros complementares).

Porém, mesmo se propondo a utilizar meios indiretos na produção de estimativas, os autores do Atlas-2004 encontraram um baixo índice de respostas por parte de entidades e de dirigentes, confirmando a inexistência de uma cultura de informações para a gestão no esporte brasileiro. Nos esportes olímpicos (Tabela 1), por exemplo, somente 37% de suas entidades foram capazes de informar algo que levasse à estimativa do número de ocasionais, e mais sofrivelmente 55,5% deram indicações para identificar regulares, embora 92,6% tivessem meios de guarda de registro de atletas (fonte de recursos e tradição dos esportes federados no país). Na área não olímpica (Tabela 2), os registrados já não se mostraram tão importantes desde que houve apenas acesso a 26,6% nesta categoria, com melhoria de atenção para os regulares (36,8%) e uma tomada de posição razoável quanto aos ocasionais (47,6%). Os esporte outdoor (Tabela 3) – não pertencentes à tradição em sua absoluta maioria – possuem poucas entidades voltadas para o registro de atletas (17,3%), até mesmo por ser flexível e aberto o modo de gestão dessas modalidades. No caso dos esportes radicais e de aventura, dependentes quase sempre de equipamentos, rotinas de segurança ou técnicas apropriadas e específicas, praticantes ocasionais fazem menor sentido. Então, como resultado, no âmbito dos esportes radicais há uma convergência para participantes que atendem mais a definição de regulares, como se fez presente em 62,5% das entidades e líderes consultados. Regulares por definição são outrossim a quase

totalidade dos participantes das aqui denominadas "Atividades complementares" (Tabela 4).

Ao final, estas verificações revelaram uma lacuna importante de informações quantitativas, deixando subentendido que as somas de participantes efetivos de todas as áreas levantadas pelo Atlas (Tabela 5) estariam minimizadas, em oposição à percepção de que estes números estavam inflacionados em razão de seus tamanhos pouco familiares ou inéditos. Nos esportes e atividades físicas de praia (Tabela 3), por exemplo, há constantes e antigos indícios que acontecem em escala de milhões no país em suas extensas costas marítimas, mas não estão contabilizados no Atlas pela simples inexistência de estimativas, mesmo preliminares. Já no âmbito militar (Tabela 4) há números de grande porte relacionados a instalações esportivas porém não foi possível levantar o quantitativo de usuários. Em síntese, do exposto se conclui que nos próximos anos o câmbio mais significativo acontecerá no grupo de participantes regulares, não só por via da expansão de adesões mais estáveis às atividades físicas como também por efeito do possível aperfeiçoamento das estimativas sobre ocasionais. Este grupo, por sua vez, deve sofrer previsível redução sobretudo no modo de contagem, com o número total de participantes mantendo-se estável ou com leve crescimento.

(ii) Participação – muito ativos e atletas

O grupo de atletas, que abriga os participantes muito ativos quando é possível discerni-los, é o que possui números mais fidedignos como já aqui demonstrado. Contudo, a rotina de registro por parte das federações e confederações de esportes deixa de lado os participantes de base, algo prejudicial à renovação de atletas e como consequência, ao desenvolvimento de qualquer disciplina esportiva. Trata-se então de uma cifra fidedigna mas enganosa, pois esconde o essencial. Outro desvio provocado por este registro, acontece em muitos esportes radicais e outdoor em geral (Tabela 3) em que a distinção entre atletas e outras categorias de participação é mínima ou inexistente. Daí se categorizar como "registrado" na Tabela 3 apenas os participantes assim denominados por exceção e não como regra; os demais podem ser basicamente regulares se constituem atletas não registrados, ou ocasionais se não são assíduos em competições. Note-se que este problema de classificação pertence mais aos pesquisadores pois estes esportes operam de modo grupal e por vezes comunitário no Brasil, ensejando mínimas intervenções gerenciais. De um modo geral, pode-se entretanto assumir que cada esporte tem uma perspectiva peculiar no lidar com níveis de participação quer sejam olímpicos ou outros. Isto finalmente privilegia o atleta como um fator comum e de comparação, portanto indicador do estado da situação de qualquer modalidade, em que pese desvios na forma de identifica-lo.

O total de atletas registrados no Brasil em 2003 atingiu 731.603 segundo levantamento do Atlas diretamente nas entidades gestoras dos esportes olímpicos, não olímpicos e alguns outros do grupo aqui classificado como outdoor. De acordo com o critério COMPASS, este grupo é classificado como "muito ativo" (11% do total de participantes no Brasil), e segundo o *American Sport Data*, ele abrange os 2% dos formadores de tendências nos esportes de alta competição nos EUA. A diferença entre percentuais é que o primeiro refere-se a enfoques sócio-econômicos e o segundo, a preceitos de marketing. Assim, sendo ainda problemático o uso da cifra de 731 mil atletas para projeções do nível de "muito ativos" no Brasil por ser reducionista, quer parecer que o fator "2%" é mais indicativo para o presente estágio. Esta proposta ganha reforço pelo fato da *World Olympians Association* – vinculada ao Comitê Olímpico Internacional-COI e dedicada à criação de uma comunidade internacional de ex-atletas olímpicos – ter assumido esta proporção como de validade internacional diante de evidências empíricas que se repetem em diferentes países. Ou seja: para uma população de 172 milhões estimada para o Brasil de 2003, haveria 3,44 milhões de pessoas potencialmente capazes de se tornar atletas de alto nível, adotando-se o índice internacional. E mais: nesta comparação, o Brasil segundo este indicador e com seus atletas registrados estaria utilizando apenas um quinto de seu potencial, ou talvez um pouco menos de um terço, pressupondo-se que há efetivamente em ação nos clubes / federações o dobro dos registrados (no triathlon, por exemplo, constatou-se haver dois atletas não registrados para cada registrado).

Os cálculos de potencial atlético são aqui meramente exploratórios,

mas servem de ponto de partida para balizar tendências. Estas em perspectiva nacional, podem se fundamentar na comparação de dados do Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil do início da década de 1970 (DaCosta, 1971) com os correspondentes quantitativos coletados pelo Atlas-2004 em 2003. Em termos de número de atletas registrados em 1970 havia no Brasil um total de 533.485, representando 0,5% da população naquele ano, isto é 95,3 milhões de habitantes. Em 2003, a cifra de 731.603 era referente a 0,4% da população projetada pelo IBGE num total de 172 milhões de habitantes. Esta ligeira queda pode ser aparente em vista de que nos anos de 1970 o país estava em crescimento econômico acelerado e hoje em depressão, com possível reações de defesa das instituições esportivas quanto às suas despesas e por conseguinte redução de registros de atletas e de pagamento de taxas. Contudo, valores rebaixados à parte, a observação das parcelas que compõem o total de registros – ou seja, as entidades informantes por esporte – sugerem mudanças importantes.

O futebol, como maior exemplo, tinha 259.612 atletas registrados em 1970, passando a ter somente 11 mil em 2003. Possivelmente houve mudança de critério na forma de registro neste esporte, contudo considerando-se que o número de 1970 era quase metade de todos os atletas registrados no país, a expansão aconteceu em maior grau nos demais esportes. De fato, o futsal alcançou um total de 267 mil registros em 2003, tornando-se o esporte de maior porte por esta ordem de grandeza. A natação neste intervalo de 33 anos passou de 17.948 para 63.000, apresentando um crescimento de 351%; a vela expandiu-se 395%; o voleibol, 261%; e, de modo extraordinário, o handebol, com 2.610%. Mas, o basquetebol teve uma redução de 63,3%; o remo de 80,6%; e o levantamento de peso resumia-se a 120 registrados em 2003, depois de alcançar um total de 2.647 em 1970. Embora nestes exemplos haja uma certa coincidência de esportes que tiveram quedas em seus resultados em competições internacionais com esportes que revelaram queda no número de atletas registrados, a fraqueza do indicador torna mais adequado enfatizar a coincidência dos esportes que se destacam pelo crescimento em registro de atletas com aqueles que gozam de maior preferência popular.

De fato, as tendências discerníveis ainda privilegiam o futebol mas não de modo tão absoluto como há três décadas passadas. Conforme se pode observar nas Tabela 1, há 6 esportes olímpicos que contam com participantes ocasionais em escala de milhões de participantes: futebol (23 milhões), voleibol (15,3 milhões), tênis de mesa / ping pong (12 milhões), natação (11 milhões), atletismo e judô (2 milhões cada). Por outro lado, pala Tabela 2, lista-se na mesma escala de participantes ocasionais: pesca (25 milhões), futsal (10,5 milhões), capoeira (6 milhões) e peteca (1,2 milhões). Já a Tabela 3 permite contabilizar também com mais de um milhão de participantes ocasionais: surfe (2,4 milhões), bodyboard (2 milhões) e skate (2,7 milhões). Em outras palavras, destes 13 esportes de maior porte no Brasil, o futebol representa apenas 19,9% do total de participantes neles computados. Em consequência, diante do quadro de estimativas de 2003 já não se pode mais dizer que "o Brasil é o país do futebol", mas sim falar de um país que se tornou de múltiplas opções esportivas tal como está acontecendo em grande parte do mundo.

Estando em pauta tendências a discernir, é então conveniente recuperar a concepção de cultura esportiva a qual pelos números antes aqui discutidos, deve envolver cerca de dois terços da população, proporção próxima ao total de participantes (Tabelas 5 e 8). Esta interpretação oferece base para explicar o grande porte da participação ocasional e o avanço progressivo dos participantes regulares. Neste particular, as influências discerníveis pertencem à mídia que teria tido um papel fundamental na fixação dos benefícios das atividades físicas para saúde e para o lazer no Brasil, embora seu aproveitamento mercadológico não tenha sido na mesma proporção dos países avançados (ver capítulos sobre os temas de mídia e de marketing neste Atlas). Outro dado de entrada para validar a existência desta cultura esportiva refere-se ao porte de 100 milhões de torcedores de clubes de futebol – com extensão a outras modalidades – no país (ver capítulo sobre Futebol neste Atlas), não necessariamente participantes de atividades mas potencialmente inclinados à circulação entre ofertas e oportunidades esportivas. Assim disposto, uma tendência plausível de ser identificada, concerne ao avanço necessário da metodologia no trato dos dados sobre atividades físicas, que sob o enfoque de uma cultura esportiva deverá estar habilitada a operar com vários níveis e tipos de sobreposição de atividades e de expressões. Entre tantas

distinções a serem feitas, o enfoque cultural é importante para se esclarecer o fato do Brasil apresentar grandes números de participantes e resultados menos relevantes em competições internacionais. O viés da cultura esportiva poderá em última análise re-interpretar o tamanho destacado dos números coletados pelo Atlas, tendendo enfim a admitir que o Brasil é hoje um grande país de esportistas, mas ainda não de atletas.

(iii) Participação – impactos econômicos

Resumindo-se as tendências ora em delineamento, o total de 107,7 milhões de pessoas é o dado principal de entrada para se avaliar de modo exploratório a economia do esporte e atividades físicas no Brasil. Por extensão pode ser adotado provisoriamente o índice de Kasznar de 1,7% para o PIB do esporte nacional, até que surja uma medição mais aperfeiçoada metodologicamente. E, finalmente, a estimativa de 1,5 milhões de empregados (870 mil empregos diretos e 715 mil indiretos) como soma das respostas recolhidas dos autores do Atlas, que também pode dar sustentação temporária às análises requeridas pela economia do esporte no país. Deste três componentes, o emprego revela-se como o mais importante para as condições atuais de depressão econômica do país, porém para os levantamentos do Atlas constituiu um dos mais frágeis em fidedignidade. Em primeiro lugar pela dificuldade dos respondentes em discernir entre emprego direto e indireto (Rodeio, na Tabela 2, por exemplo); em segundo lugar, pelo emprego em alguns casos se apresentar como contingencial embora direto, criando dúvidas por parte dos informantes quanto a sua consideração ou não. Este foi o caso do golfe (Tabela 2) que passa por uma fase de grande expansão no país, produzindo obras de construção civil em escala importante mas com mão de obra instável. Assim, a estes impedimentos deve se somar a falta de tradição na área esportiva e das atividades físicas em lidar com o emprego como variável fundamental. De um modo geral, contudo, constatou-se que a esta área no Brasil concerne à mão de obra intensiva, ao se fazer comparações internacionais, como se verifica no capítulo “Academias de ginástica” neste Atlas.

A opção de se assumir os quantitativos de emprego neste capítulo mesmo com baixa confiabilidade, surgiu da visão de conjunto do Atlas-2004 que revela dimensões das práticas físicas no país com múltiplos desdobramento em outras áreas da sociedade. Sem embargo, o esporte, ao ganhar maior visibilidade, ressurgiu como um dos fatos sociais e econômicos de maior destaque do Brasil. A cifra de 870 mil empregos diretos, por exemplo, torna o setor esportivo de tamanho igual a 28,5% da construção civil do país, setor que emprega de 6,8 a 7% da mão de obra total (base: Censo de 2000 – IBGE) e que é responsável por múltiplas repercussões na economia nacional ao se expandir. Outro reforço à apropriação dos dados de emprego do Atlas, administrando racionalmente seus riscos, teve-se ao baixo percentual de respondentes: 11,1% dos esportes da Tabela 1 e 36,8% dos esportes da Tabela 2, os quais reuniram a maior parcela de participantes dos levantamentos do presente capítulo. Nas ausências de informação de emprego importa relevar a mídia esportiva, setor sabidamente empregador de vulto (ver “Diagnóstico” de 1971, pp. 331 - 342), que não compareceu ao quadro de levantamentos e estimativas do Atlas. Em síntese, as cifras aqui apresentadas podem estar abaixo da realidade, e sendo assim podem oferecer segurança preliminar de aplicação.

Os impactos econômicos das atividades de esporte, Educação Física e atividades físicas de lazer e de saúde no Brasil podem ser avaliados, finalmente, por seus efeitos, podendo-se observar porte e crescimento de seus componentes no contexto da economia nacional. Em resumo, a maior parte das variáveis econômicas relacionadas com atividades físicas tem se expandido

continuamente desde 1900, mesmo durante as crises do país. Nesta ordem de análise, a Figura 4 apresenta estágios de desenvolvimento econômico do Brasil, neles posicionando clubes e cursos superiores de Educação Física, variáveis selecionadas por refletirem a diversificação das atividades físicas. O desenvolvimento econômico do país segundo o IBGE – fonte original do formato da figura 4 – não foi importante nas duas primeiras décadas do século XX, porém deslançou entre 1920 e 1980 gerando um dos maiores crescimentos econômicos do mundo. Mas a partir da década de 1980, o país entrou em recessão nela permanecendo até os dias presentes. O comportamento dos clubes e da formação profissional neste último estágio mostrou-se sincrônico com o crescimento porém independente com relação à recessão, pois manteve expansão acelerada (neste caso com possível menor ímpeto nos clubes, conforme se verifica no capítulo “Clubes” deste Atlas). Este fato é particularmente comprovado na variável cursos superiores de Educação Física – privados em sua absoluta maioria – cujo crescimento foi vertiginoso nos anos de 1990 indicando haver demanda aquecida de profissionais nesta área (ver ‘Cenário de formação profissional’, nesta seção do Atlas).

Confirmando a visão macro da economia das atividades físicas com seu crescimento autônomo, a Figura 5 apresenta dados dos citados estudos de Kasznar por meio dos quais se pode acompanhar a expansão do PIB do país e do PIB do esporte entre 1996 e 2000, com este último tendo um ritmo seis vezes maior do que a economia como um todo. No nível micro, um exemplo notável da expansão ora em foco refere-se ao das academias de ginástica que totalizavam apenas mil unidades em 1971, e em 2003 alcançavam cerca de 20 mil unidades (Figura 6). Uma avaliação deste avanço incomum é obtido pelas comparações internacionais expostas pela Figuras 7 e 8, que revelam um número de unidades equivalente aos países líderes no setor mas um número bem menor de alunos/unidade. Isto sugere que se opera no Brasil com mão de obra intensiva em lugar de capital intensivo neste ramo de atividades, talvez como uma característica geral do setor que necessita ser comprovada futuramente.

De qualquer modo, o crescimento quase que exponencial das academias acompanha a formação profissional em grande escala, como também o aumento contínuo de vendas de equipamentos e instalações esportivas no país. Este é o caso das piscinas recreativas da Figura 9, que é levado à comparação internacional na Figura 10. Neste tipo de instalação todavia há dados sobre a distribuição regional do mercado como se expõe na Figura 11. E, sem surpresas, verifica-se que as vendas de piscinas recreativas se concentram nas regiões mais afluentes do Brasil (sudeste e sul). Mas o consumo esportivo pode ser observado em equipamentos para as classes de menor renda, como no caso das vendas de bicicletas para trabalho e lazer. Para esta comprovação, a Figura 12 contribui com dados de vendas de bicicletas no Brasil, os quais se mostram em crescimento ou estabilidade entre 1998 e 2002, período em que a maioria dos indicadores da economia nacional foram descendentes. Neste setor, entretanto, o mercado é naturalmente vigoroso nas áreas mais pobres do país como se observa na Figura 13, com a posição da região nordeste bem mais destacada do que na Figura 11. Em resumo, crescimento ascendente é uma característica dominante das variáveis relacionadas às atividades físicas no Brasil em anos recentes, como se pode verificar revisitando capítulos do Atlas que se referem às instalações esportivas, ao número de profissionais e à participação feminina no esporte nacional. Nesta última tendência há evidências a serem mencionadas em termos de alta competição (topo das carreiras atléticas) que seguem nas Figuras 14, 15 e 16. Mesmo os resultados de competições internacionais (ver Cenário respectivo nesta seção) que se mostram desfavoráveis ao Brasil na comparação entre países, revelam uma melhoria a partir da década

de 1990 em consonância com o estado geral das atividades físicas e esportes no Brasil.

O “Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil” do início da década de 1970, já realçava o estado de expansão acelerada das atividades físicas no país, na maioria dos setores levantados (DaCosta, 1971, pp. 331 – 359). Entre estes citava-se o setor de indústria de material, construção e instalações para práticas esportiva que havia crescido 135% entre 1964 e 1969. A julgar pelo incremento continuado e elevado das academias de ginástica e dos cursos de formação profissional (ver capítulos correspondentes nesta publicação) nas décadas seguintes, houve continuidade nesta tendência geral, explicado a escala elevada da participação em atividades físicas como seu produto final. Outra evidência deste crescimento ser sustentável trata da posição do país na comparação internacional com relação ao tamanho do mercado esportivo. Hoje, o Brasil situa-se em 5º. lugar no mundo com um porte estimado em US\$10,4 bilhões de vendas (ver capítulo “Marketing esportivo” neste Atlas), já tendo ocupado a quarta posição em meados da década de 1990. Considerando-se que a economia nacional passou de 8º. lugar para 14º. no mesmo tipo de comparação e no mesmo período, argumenta-se que o esporte brasileiro se manteve distante da crise econômica por seu dinamismo já maduro de quatro décadas.

Por corolário pode-se admitir então que a tendência de crescimento aqui apontada deve ter continuidade – embora desconhecendo-se seu ritmo –, uma previsão que ganha apoio com base: (1) no auto financiamento típico da maioria das atividades físicas e esportivas; (2) na auto estima das pessoas em estado de crise econômica e social que realimenta positivamente as práticas físicas e os esportes em geral; e (3) no baixo custo dos esportes de extração recente – essencialmente radicais e de aventura – que em geral dispensam gestão institucional e usam a natureza e o próprio espaço urbano como suporte das práticas. Com custos cobertos por usuários na maior parte dos casos e nos mais diferentes países (ver capítulo “Bélgica” em DaCosta & Miragaya, 2002, pp. 379-398), o esporte e essencialmente as atividades físicas de lazer e de saúde, geram emprego, bens e serviços com mínimos investimentos, criando auto sustentação e impactos em qualquer estado e nível da economia. Esta sustentabilidade é mais evidente em crises agudas, em razão do esporte dar abrigo à auto estima, à auto realização e ao voluntariado – em oposição à antiga teoria de “compensação” dos esportistas em condições de ameaças – como se tem observado em estados de guerra e violência (ver “Moçambique”, *Ibidem*, pp. 227–238). Sendo enfim, um investimento pulverizado em muitas fontes e geralmente de montante acessível à maior parte de uma determinada população, os governos em geral tendem a estimular o esporte desobrigando encargos fiscais e desobstruindo meios de práticas em vista do alto rendimento de seus impactos econômicos. No Brasil, a tendência de políticas públicas mais voltadas para estímulos e de aplicação de investimentos em áreas de alta sensibilidade e repercussão social deverá acontecer na medida que o país descobrir a si próprio em meio às suas práticas físicas e seus esportes do passado e do presente.

Fontes Mussino, A. COMPASS 2002 – Progress report. Roma: CONI, 2002; Weber, W. The Economic significance of sport. Schorndorf: Hofmann, 1995, pp. 14-26; Russel, S.J. & Craig, C., Monitoring Sport and P.A. Participation Internationally. Canadian Fitness & Lifestyle Research Institute / IPAQ Projet, 2003; World Olympians Association, em www.woolympians.com; Australian Bureau of Statistics. Participation in Sport and Physical Activities, Australia, 2003; National Sporting Goods Association www.nsga.org; Farinatti, P.T.V. & Ferreira, M.S. Educação Física Escolar, Promoção de Saúde e Aptidão Física: Prevenção Primária ou Modelo de Capacitação. *Motus Corporis*, vol.6, no. 1, maio 2002, pp. 75 – 101.

Tabela 1 / Table 1

Esporte olímpicos – Atletas, participantes e dados de gestão, 2003 (1)

Olympic sports – Athletes, participants and management data, 2003 (1)

Estimativas e dados provisórios sujeitos a revisões – Atlas, 1a. edição 2004

Preliminary estimates and data for continuous updating of the Atlas, 1st edition 2004

Esporte <i>Sport</i>	Atletas registrados ("muito ativos") e participantes regulares e ocasionais <i>Registered athletes ("very active") and participants – regular and occasional</i>	Dados complementares de gestão <i>(ver também dados das federações no capítulo do COB neste Atlas)</i> Management additional data <i>(see also data from federations in the chapter related to National Olympic Committee-COB)</i>
Remo	1.820 atletas registrados, sendo 246 do sexo feminino e 1.574 do sexo masculino; 5.500 remadores regulares; 53 clubes.	38 técnicos; 30 carpinteiros náuticos; 46 funcionários administrativos; 1.860 barcos de variados tipos em utilização.
Esportes Hípicos	8.857 atletas registrados em 2002 (7.035 de saltos; 1.185 de CCE; e 637 de adestramento).	187 Escolas de Equitação Clássica, Western e de Volteio; 550 competições em 2001; o ramo de serviços cresceu cerca de 8% ao ano durante os últimos sete anos. A Indústria do Cavallo possui cerca de 30 associações que controlam as raças de cavalos criadas no país. Os cavalos das raças criadas no Brasil totalizam cerca de 800 mil animais, gerando 130 mil empregos diretos e indiretos.
Ginástica Geral Ginástica Artística Ginástica Rítmica Aeróbica Trampolim Acrobática Esportiva	Ginástica Geral: 1.700 atletas registrados e 1.020 praticantes regulares, 150 grupos cadastrados; Artística: 1288 registrados (COB); 3.000 regulares; Rítmica: 1315 registrados (COB); Aeróbica: 500 regulares; Trampolim: 1074 registrados; Acrobática: 500 regulares.	Centro de Excelência de Artística em Curitiba-PR; Centro de Excelência de Rítmica em Londrina-PR.
Natação	63 mil registrados; 11 milhões ocasionais.	1480 piscinas de competição; 8.381 piscinas não residenciais; 1,3 milhões de piscinas residenciais; 46 mil empregos diretos e indiretos.
Pólo Aquático	3.410 registrados (COB).	25 piscinas equipadas para competição.
Pólo Aquático Feminino	200 registrados.	N/d
Saltos Ornamentais	610 registrados (COB) e 470 regulares; nove clubes.	N/d
Nado Sincronizado	890 registrados.	N/d
Natação Masters	12 mil regulares	250 equipes
Atletismo	25 mil registrados; 100 mil regulares (mínimo); 2 milhões ocasionais (mínimo); 500 clubes.	900 juizes certificados e 700 federados; 250 competições por ano; 25 pistas sintéticas oficiais e 610 de equipamento diversificado. Centro de Treinamento em organização.
Esgrema	900 registrados; 5.000 praticantes regulares; 30 clubes.	25 locais apropriados para competição; 25 profissionais com a titulação de Mestres D'Armas.
Futebol (2)	11 mil registrados; 23 milhões de ocasionais; 7 milhões regulares; 13 mil equipes amadoras; 2 mil atletas jogando no exterior.	300 estádios; 102 milhões de torcedores; 3,3 milhões de pares de chuteiras / ano para o futebol de campo e 5,6 milhões/ano para o futsal e o society; 6 mil bolas de couro; 32 milhões de camisetas; 150 mil empregos (mínimo); Centro de Treinamento em Teresópolis-RJ.
Futebol Feminino	206 registradas (somente SP, com 10% profissionais); 400 mil regulares.	N/d
Basquetebol masculino	24.117 registrados (COB).	N/d
Basquetebol Feminino	14.130 registrados (COB).	N/d
Vela	2.694 registrados.	144 mil embarcações (mínimo); 1.400 lojas náuticas; 641 marinas, garagens náuticas e clubes especializados; 107 empresas industriais de vela e motor (mínimo); 117 mil empregos diretos; US\$300 milhões / ano de venda e revenda de embarcações; 66 estações de rádio costeira; 4 bases de treinamento em São Paulo-SP, Rio de Janeiro-RJ, Porto Alegre-RS e Búzios-RJ (COB). Centro de Excelência em Saquarema-RJ.
Voleibol – masculino e feminino	85.125 registrados; 15,3 milhões ocasionais.	N/d
Vôlei de Praia Feminino e masculino	2.856 registrados.	N/d
Tênis	44.546 registrados; 689.905 ocasionais e regulares (3).	7.897 quadras; vendas de 110 mil raquetes/ano e 2,9 milhões de bolas/ano.
Handebol	55.011 registrados; 201.648 regulares (44% feminino); 7774 equipes.	N/d
Tênis de Mesa	14.796 registrados; 12 milhões de ocasionais (jogadores de ping pong, sendo 42% em SP); 115 clubes filiados.	186 técnicos; 431 juizes; R\$ 10 milhões / ano em venda de equipamentos e materiais relacionados ao esporte; Centro de Treinamento em Piracicaba-SP.
Ciclismo	2.690 registrados – estrada e pista (COB).	114 competições programadas pelas federações nos estados e territórios do Brasil: 65 de ciclismo e 49 de Mountain Bike; 4 velódromos; frota de 48 milhões de bicicletas para transporte e lazer (3,5 habitantes por bicicleta).
Mountain bike - MTB	1.489 registrados (COB); 400 regulares; 1.042 ocasionais (mínimo).	N/d
Bicicross - BMX	1.150 registrados; 5 mil regulares.	N/d
Boxe	5.800 registrados.	Centro de Excelência em Santo André-SP.
Judô	200.000 registrados e regulares (4); 2 milhões ocasionais.	4.000 academias (mínimo).
Tiro	2.340 registrados.	22 associações e federações em Tiro esportivo e 299 clubes com estande de treinamento / competição.
Tiro com arco	650 registrados (250 confederados), sendo 40% de mulheres e 60% de homens; 4.000 regulares (máximo).	N/d
Luta Olímpica	N/d	N/d
Beisebol	5 mil registrados; 20 mil regulares; 200 equipes; 2200 registrados no softbol (COB).	150 juizes; 120 clubes; Centro de Excelência em Ibiúna – SP.
Triathlon	1.574 registrados; 3.000 regulares; 15.000 ocasionais.	N/d
Levantamento de Peso	120 registrados (70% de homens – 30% de mulheres).	4 clubes; Centro de Treinamento em Viçosa-MG.
Badminton	1.445 registrados.	107 quadras demarcadas em ginásios poli-esportivos.
Hóquei	200 regulares.	6 clubes.
Taekwondo	5.876 registrados; 162.184 regulares (46.156 mulheres), sendo 6.269 faixas-pretas (393 mulheres).	N/d
Pentatlo Moderno	300 registrados e regulares (5).	N/d
Canoagem	2.055 registrados (1.715 do sexo masculino e 340 do sexo feminino); 100 mil regulares; 70 associações e clubes.	Centro de Treinamento em Piraju-SP.
Esportes de inverno I – Ski e snowboard	30 mil ocasionais de esportes de inverno; 350 registrados.	N/d
Esporte de Inverno II - Bobsled / Skeleton / Luge	(ocasionais computados no item anterior); 245 registrados (COB).	N/d
Totais Totals	395.329 atletas registrados (em 92,6 das entidades respondentes); 8.212.422 de regulares (idem 55,5%); 65.346.042 de ocasionais (idem 37,0%).	443.000 empregos diretos e indiretos (em 11,1% das entidades respondentes)

Fontes / sources: (1) Atlas do Esporte no Brasil 2003, capítulos respectivos a cada esporte, exceto quando assinalado com "COB", que significa dados fornecidos pelo Comitê Olímpico Brasileiro; sigla N/d = dados não disponíveis (2) Dados referentes aos praticantes ocasionais: "FGV – Plano de Modernização do Futebol Brasileiro – Relatório Sintético, julho de 2003"; nesta estimativa alcançou-se um total de 30 milhões de praticantes com base nas vendas de material de consumo da modalidade, porém havendo 7 milhões de praticantes em equipes e clubes (regulares, por definição) interpretou-se que os demais seriam ocasionais, ou seja 23 milhões. (3) Contabilizados todos como ocasionais para minimizar eventuais erros de estimativa. (4) Total considerado como de regulares por se desconhecer o número real de atletas entre os praticantes cadastrados. (5) Total relacionado a praticantes regulares.

Tabela 2 / Table 2

Esportes não olímpicos selecionados – Atletas, participantes e dados de gestão, 2003 (1)

Selected non Olympic sports – Athletes, participants and management data, 2003 (1)

Estimativas e dados provisórios sujeitos a revisões – Atlas, 1a. edição 2004

Preliminary estimates and data for continuous updating of the Atlas, 1st edition 2004

Esporte Sport	Atletas registrados (“muito ativos”) e praticantes regulares e ocasionais Registered athletes (“very active”) and participants – regular and occasional	Dados complementares de gestão Management additional data
Futsal	267.000 atletas registrados (107.881 em SP, sendo 5.000 mulheres); 3.000 equipes/clubes (580 em SP); 1.000 jogadores profissionais (além de 283 atuando no exterior); 10,5 milhões ocasionais.	27 federações.
Squash	500 registrados; 60 mil regulares.	1000 quadras; 8 federações.
Golfe	25 mil regulares (mínimo); 200 profissionais (equivale ao atleta registrado).	115 campos de golfe (64 oficiais); 150 torneios por ano no país; 8 federações; 90 mil empregos diretos (maioria na construção civil).
Xadrez	20.539 registrados; 165.000 regulares; 660.000 ocasionais.	
Turfe (2)	N/d	29 hipódromos; 7064 cavalos; 80 mil empregos diretos.
Boliche	56 mil ocasionais.	95 pistas (56 no estado de SP); 14 federações.
Montanhismo (3)	10 mil regulares; 100.000 ocasionais (ABEA)	50 clubes e associações filiados a 4 federações.
Halterofilismo (4)	N/d	N/d
Rugby	2.000 regulares; 5.000 ocasionais.	19 clubes; 13 universidades.
Automobilismo	5 000 registrados (pilotos);	16 federações; 12 autódromos; 23 kartódromos; 18 campeonatos oficiais; 70 mil empregos diretos.
Karatê	800 mil ocasionais.	2000 academias; 27 federações.
Jiu Jitsu Brasileiro	350.000 ocasionais e 18.000 registrados.	1.500 pontos de treinamento e formação (academias, clubes etc).
Kung Fu	230 mil ocasionais;	3580 academias; 23 federações; 24.700 empregos.
Capoeiragem	N/d (versão cultural)	N/d
Disco - Frisbee	200 regulares.	1 federação (SP).
Bocha	680 clubes filiados.	10 federações; 68 ligas.
Pesca	25 milhões ocasionais (atividade cultural, de trabalho e esportiva); 60 mil regulares	1 confederação; 35 mil empregos diretos (maioria no atendimento turístico).
Punhol / Faustbol	5 mil regulares.	100 equipes em quatro estados.
Luta de Braço	15 mil registrados.	22 federações e 7 centros de treinamento.
Tchoukball	N/d (projeto escolar no PR)	N/d
Culturismo e Musculação	2.700 regulares; 18.000 ocasionais.	24 federações; 17.000 academias.
Esporte universitário	(considerado nos esportes e atividades físicas, sem contagem própria)	N/d
Esportes e Jogos Tradicionais	N/d	N/d
Capoeira	6 milhões ocasionais (projeção de 170 participantes por local de prática).	35 mil locais de ensino e prática; 35 mil empregos; 24 federações e 96 ligas regionais.
Peteca	1,2 milhões ocasionais.	21 clubes filiados; 1 federação (MG); 1100 petecas produzidas/dia.
Rodeio (5)	N/d	140 arenas; 1300 festivais /ano; 26 milhões de público pagante; R\$6.5 bilhões em negócios/ano; 240 mil empregos diretos e indiretos (estimativa: 80 mil diretos).
Totais Totais	326.239 registrados (em 30,7% das entidades respondentes); 319.900 regulares (idem 36,8%); 44.919.000 ocasionais (idem 46,1%).	334.700 empregos diretos e indiretos (em 36,8% das entidades respondentes)

(1) Inclui esportes das 11^ª. (Esportes não olímpicos) e 3^ª. (Tradições) seções do Atlas, selecionados por constarem dos Jogos Pan-americanos, pelo porte de participação no país ou para servirem de exemplo de levantamento visando-se às futuras inclusões no Atlas em seu desdobramento em versões e módulos de atualização; sigla N/d = dados não disponíveis / *Sports included in the 11th and 3rd sections of this Atlas in addition to others selected from the Pan American Games program of sports, the importance in number of participants or aiming to provide examples of future updates of this Atlas; N/d = not available* / (2) Incluído pela tradição de ter sido o primeiro esporte organizado do país (não quantificável como atividade física, nem incluído no total de empregos) / *Sport selected by the tradition (not accounted in terms of physical activities or jobs)* / (3) Dados da / *Data from* / Associação Brasileira de Esportes de Aventura – ABEA; (4) Atividade esportiva e formativa que antecedeu o Culturismo e Musculação ainda sobrevivente; (5) Para estimativa do emprego direto foi utilizada a proporção de um direto para três indiretos. / *Direct jobs were estimated according to the proportion 1 x 2.*

Tabela 3 / Table 3

Esportes outdoor – Atletas e participantes regulares e ocasionais, 2003 (1)

Outdoor sports – Athletes and regular and occasional participants, 2003 (1)

Estimativas e dados provisórios sujeitos a revisões – Atlas, 1a. edição 2004

Preliminary estimates and data for continuous updating of the Atlas, 1st edition 2004

ÁGUA / WATER			
Esporte Sport	Registrados Registered athletes	Regulares e 'muito ativos' Regular and 'very active'	Ocasionais Occasional
Surfe		536	2.400.000
Bodyboarding		2.500	2.000.000
Mergulho/Pesca Sub		70.000	150.000
(Canoagem - contabilizado em esportes olímpicos)		(2.055)	(100.000)
Rafting		N/d	100.000
Wakeboard		2.000	45.000
Windsurfe/Prancha à Vela		5.000	30.000
Jet Ski		450	3.500
Kitesurfe		500	2.000
Acqua Ride/Boia Cross		700	N/d
Outrigger/Conoagem Oceânica		N/d	300
SubTotal (10 esportes – 100% respondentes)		81.686	4.730.800
TERRA / LAND			
Skate		1.500	2.700.000
Motociclismo	5.615	14.400	200.000
Bunguee Jump		N/d	50.000
Patins	3.480	4.524	20.000
Canoyng/Cascading		2.000	12.000
Trekking/Rally a Pé		7.000	100.000
(Bicross-BMX - contabilizado em esportes olímpicos)		(1.150)	(5.000)
Arvorismo/Verticália		N/d	5.000
(Mountain Bike - contabilizado em esportes olímpicos)	(1489)	(400)	(1042)
Bike-trial		50	200
(Montanhismo - contabilizado em esportes não olímpicos)		10.000)	N/d
Off Road veiculos 4x4 carro		689	100.000
Tiroleza		N/d	N/d
Rapel		N/d	N/d
Zorbing/Orbt Ball		N/d	N/d
Corrida de Aventura		(somente em SP) 800	22.000
Corrida de Orientação	1.870	6.400	10.000
(Triathlon - contabilizado em esportes olímpicos)	(1.574)	(3000)	(15.000)
Sub Total (14 esportes – 78,5% Respondentes)	10.965	37.363	3.219.200
AR / AIR			
Acrobacia aérea	320	0	0
Pára-quedismo	900	9.000	50.000
Balonismo		59	120
Ultraleve	3.200	9.000	N/d
Vôo à Vela (Planador)	450	1.200	N/d
Vôo Livre (Asa delta)		2.000	N/d
Vôo Livre (Parapente)		3.000	N/d
Aerodelismo		N/d	100.000
Sub Total (8 esportes – 100% 4.870 respondentes)		24.259	150.120
INVERNO / WINTER			
Ski Neve (contabilizado em esportes olímpicos, nas modalidades de competição)	0	0	30.000
Sub Total (1 esporte – 100% respondente)			(versão recreativa) 30.000
PRAIA / BEACH			
Beach Soccer		N/d	N/d
Futebol de Praia / Futebol de Areia		N/d	N/d
Vôlei de Praia		N/d	N/d
Futevôlei		N/d	N/d
Frescobol		N/d	N/d
Carrovelismo/Windicar		60	150
Maratona aquática (2)	6.000	1.500	N/d
Beach handebol		N/d	N/d
Basquete de praia		N/d	N/d
Futebol americano de praia / flag		3.300	6.000
Esqui aquatico		600	4.000
Sandboard	100	45	N/d
Skimboard		15	N/d
Tambaréu		2000	N/d
Sub Total (14 esportes - 50% respondentes)	6.100	5.520	10.000
Totais Totals	28.035 registrados (em 17,3% das entidades respondentes); 156.288 regulares (idem 50%); 8.140.120 ocasionais (62,5%); e 46.492 empregos diretos (3).		

(1) Dados da 12ª, 13ª e 14ª seções do Atlas exceto quando assinaladas outras fontes; sigla N/d = dados não disponíveis / *Data from 12th, 13th and 14th sections from this Atlas; also "regular" participants are often used instead of "registered"; N/d = not available* / Embora existam federações e associações estaduais e nacionais dos esportes radicais e de aventura no Brasil, há um menor grau de institucionalização destas modalidades na comparação com esporte olímpicos e não olímpicos, resultando em menor uso de "atletas registrados"; nestas condições optou-se pela reclassificação de atletas cadastrados e de outras denominações equivalentes em "regulares", exceto quando a expressão "registrado" constava formalmente; também os participantes "muito ativos" estão entre os regulares por não ser distinguíveis na maior parte dos esportes listados nesta Tabela. (2) Dados da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos-CBDA; a cifra de 1500 regulares refere-se a uma estimativa mínima das 1.500 equipes cadastradas pela CBDA, na proporção de um participante por cada equipe. (3) Total válido apenas para os esportes aéreos com 16.492 empregos diretos e para as atividades reconhecidas como "Esporte e turismo" (ver capítulo deste tema no presente Atlas), cuja estimativa de geração de empregos diretos é de 30.000 pessoas no mínimo; dados não disponíveis para os demais esportes / *Total of jobs referred only to air sports and tourism-sport activities; other sports not available*

Tabela 4 / Table 4

Atividades complementares- Participantes regulares, empregos e dados de gestão, 2003 (1)

Additional sports and activities – Regular participants, jobs and management data, 2003 (1)

Estimativas e dados provisórios sujeitos a revisões – Atlas, 1a. edição 2004

Preliminary estimates and data for continuous updating of the Atlas, 1st edition 2004

Atividades e instituições respondentes - Seção do Atlas <i>Activities and respondent institutions- Section of the Atlas</i>	Participantes regulares e empregos <i>Regular participants and jobs</i>	Dados complementares de gestão <i>Management additional data</i>
Sistemas Esportivos Nacionais - 6ª. seção		
ACM	186.000 participantes; 2.146 empregos	5.080 voluntários
SESI	1.672.498 participantes; 26.407 empregos	5.831 terceirizados e 2.163 estagiários
SESC	1.135.717 participantes; 7.500 empregos	
Militares – 7ª. seção	N/d	N/d
Infra-estrutura – 8ª. seção		
Clubes	200 mil empregos (inclui FENABB da 6ª. seção)	
Academias	3,2 milhões participantes; 140 mil empregos	20 mil academias (8.000 sem registro)
Profissionais	228.669 graduados em Educação Física e 80.060 não graduados, somando 308.729 empregos	1.200 profissionais com título de mestre e 300 com título de doutor; para 2005 haverá 1.400 mestres e 500 doutores (15ª. Seção)
Instalações	36.000 empregos (mínimo), excluindo professores e instrutores (estimativa de 1.2 empregos por instalação, como valor mínimo)	29.063 instalações (3.653 municípios respondentes)
Educação Física – 15ª. seção		
Dança	18.000 empregos e 300.000 participantes estimados (não contabilizado no total desta tabela)	
Yoga	400 mil participantes; 15.000 empregos	
Saúde, lazer e inclusão social - 17ª. seção	1.936.030 participantes crianças e adolescentes (estimativa mínima por incluir apenas capitais estaduais) e 137.649 participantes idosos (levantamento parcial); outros grupos desta seção: dados não disponíveis. Total: 2.073.679	11.626 professores e instrutores nos Projetos de Inclusão Social-PIS de crianças e adolescentes (não contabilizados por já existir item de 'Profissionais'); PIS de idosos: 65.634 participantes em ações governamentais e 72.015 em privadas.
Ciências do esporte – 18.a seção		
Laboratórios	7.440 empregos (mínimo)	2.000 estações de teste em academias, clínicas e hospitais; 43 laboratórios com 440 empregos (especialistas) em Fisiologia (inclui Rede CENESPE), biomecânica e anti-dopagem
Congressos	4.500 empregos temporários	58 eventos respondentes com 36.500 congressistas
Mega-eventos e promoções – 21ª Seção		
Feiras e exposições	5.000 empregos temporários	22 eventos respondentes com 400.000 visitantes
Totais	8.667.894 participantes regulares; 761.222 empregos	17.494 empregos temporários (inclui terceirizados e estagiários)

(1) Os participantes são nesta tabela considerados regulares em razão de estarem vinculados a instituições especializadas e sob condução profissional, sendo portanto previsível que o nível de participação esteja acima de 60 vezes por ano, ou seis vezes por mês; incluem-se neste caso os eventuais atletas e praticantes "muito ativos" de difícil distinção entre os regulares nas instituições listadas que não operam com filiações como no esporte federado; outra previsão é a da múltipla contagem da participantes regulares, a qual solicita a aplicação de um fator de compensação (ver Tabela 6); sigla N/d = dados não disponíveis.

Tabela 5 / Table 5

Brasil (Atlas / COMPASS) – Totais de participantes em esportes e atividades físicas, 2003
Empregos gerados por grupo de esportes e atividade complementares

Brazil (Atlas / COMPASS) – Total of participants on sports and physical activities, 2003

Jobs related to groups of sports and additional activities

Estimativas e dados provisórios sujeitos a revisões – Atlas, 1a. edição 2004

Preliminary estimates and data for continuous updating of the Atlas, 1st edition 2004

Esportes e atividades selecionadas – Atlas / COMPASS	Muito ativos (1) <i>Very active</i>	Regulares <i>Regular</i>	Ocasionais <i>Occasional</i>	Empregos <i>Jobs</i>
Esportes olímpicos	395.329	8.212.422	65.346.042	443.000
Esporte não olímpicos	326.239	319.900	44.919.000	334.700
Esportes outdoor	28.035	156.288	8.140.120	46.492
Atividades complementares	-	8.667.894	-	761.222 (2)
Totais de contagem acumulada	-	-	-	1.585.414
Totais com contagem múltipla	-	17.356.504	118.405.162	-
Totais efetivos (3)	749.603	10.847.815	74.003.125	870.000 (4)

(1) Os "muito ativos" nesta Tabela correspondem aos atletas registrados e não registrados das Tabelas anteriores. (2) Não inclui 17.494 empregos temporários identificados neste grupo de esportes. (3) Os totais efetivos dos participantes regulares e ocasionais são resultados obtidos da aplicação do fator de diversificação igual a 1.6 sobre os totais de participação sujeitos a contagem múltipla, usado na Espanha (Andalusia) para estimativas do Projeto COMPASS em 1999 (Fonte / source: Observatory of Andalusian Sport / COMPASS 1999 em www.uida.es/oda) / *The totals of regular and occasional participants were readjusted by means of the diversification rate of 1.6; this factor is defined as the average number of different sports practiced by each person practicing sports* (Fonte / source: Observatory of Andalusian Sport / COMPASS 1999, em / at www.uida.es/oda). (4) Total de empregos diretos estimado como parcela de 2% do total de empregos do país (Censo 2000 – IBGE), usando-se a média internacional; por diferença, obteve-se o total de 715.414 referido aos prováveis empregos indiretos (870.000 + 715.414 = 1.585.414).

Tabela 6 / Table 6

Brasil – Nível de atividade física (%) da população em capitais estaduais selecionadas, 2002 – 2003 (1)
Brazil – Level of physical activity of the population (%) per selected state capital, 2002 – 2003 (1)

Levantamento do Instituto Nacional do Câncer-INCA, com metodologia IPAQ
Survey developed by the National Institute of Cancer-INCA, with IPAQ methodology

Cidade – Estado City – State	Amostra – número de sujeitos Sample	Sedentário Sedentary	Insuficiente ativo Atlas : Ocasional Occasional	Ativo Atlas: Regular Regular	Muito ativo Very active
Manaus-AM	1.091	12,2	25,6	49,5	12,7
Belém-PA	858	8,2	20,0	62,7	9,1
Fortaleza-CE	1.380	16,2	25,8	47,0	10,9
Natal-RN	742	9,7	21,6	51,5	17,3
Recife-PE	931	11,4	29,4	47,5	11,7
Aracaju-SE	804	8,5	25,1	54,5	11,9
Campo Grande-MS	663	10,9	23,2	48,6	17,4
Distrito Federal	1.256	9,0	26,3	48,4	16,3
Belo Horizonte-MG	1.325	11,9	27,4	52,4	8,3
Vitória-ES	723	7,3	24,9	53,8	14,0
Rio de Janeiro-RJ	1.499	15,5	28,2	45,8	10,5
São Paulo-SP	1.151	11,0	24,4	50,9	13,7
Curitiba-PR	1.366	10,4	29,7	48,0	11,9
Florianópolis-SC	775	11,0	33,4	43,4	12,3
Porto Alegre-RS	777	8,1	22,3	54,3	15,3

(1) Dados obtidos por meio de pesquisa domiciliar usando-se o IPAQ reduzido/ *Data collected using short IPAQ (home interview)*; as expressões de nível de atividade física do IPAQ foram ajustadas aos critérios do Atlas – 1ª. Edição, 2004.

Tabela 7 / Table 7

Brasil – Nível de atividade física (%) da população por cidades, regiões e estados selecionadas, 2002 – 2003 (1)
Brazil – Population physical activity level (%) per selected cities, regions and states, 2002 – 2003 (1)

Levantamentos do Agita SP, UFP-RS e SESC-SP/Datafolha
Surveys developed by Agita SP, UFP-RS and SESC-SP/Datafolha

Cidade – Estado City – State	Amostra – número de sujeitos Sample	Sedentário Sedentary	Insuficiente ativo Atlas : Ocasional Occasional	Ativo Atlas: Regular Regular	Muito ativo Very active	Total grupo dos ativos Total active group
Região Metropolitana de SP, 2002 (2)	627	15,5	30,3	47,5	6,7	54,2
Região Metropolitana de SP, 2003 (2)	204	13,2	21,5	54,8	10,8	65,6
Curitiba-PR, 2002 (2)	400	35,5	-	-	-	64,5
Pelotas – RS, 2003 (3)	3.182	40,1	-	-	-	59,9
Estado de SP (Capital, Região Metropolitana, Litoral e Interior) (4)	908	40,0	-	-	-	60,0

(1) Dados obtidos por meio do IPAQ reduzido quanto ao Agita –SP e UFP-RS; o levantamento do SESC SP/Datafolha usou perfil de atividades próximo ao do IPAQ / *Data collected using short IPAQ except in SESC-SP as seen in (4)*; as expressões de nível de atividade física do IPAQ foram ajustada aos critérios do Atlas – 2004; os totais do grupo dos ativos são a soma de regulares e muito ativos. Fontes / *sources*: (2) Agita – SP, 2003; (3) Hella, P.C. *et al.*, Physical Inactivity: Prevalence and Associated Variables in Brazilian Adults. Journal of the American College of Sports Medicine, 2003, via www.acsm-msse.org; (4) SESC-SP/ Datafolha, Pesquisa “Os Paulistas e a Atividade Física”, 2003, usando perfil de atividades similar ao IPAQ / *Survey developed by SESC-SP with methodology similar to IPAQ, 2003.*

Tabela 8 / Table 8

Brasil – Comparações entre estimativas de participantes IPAQ e participantes Atlas – COMPASS, 2003 (1)

Brazil – Comparison between IPAQ participants and Atlas – COMPASS participants estimates, 2003 (1)

Níveis de participação <i>Participation levels</i>	Média da população definida pelo IPAQ (%)	Projeção de participantes - IPAQ em milhões (<i>in million</i>)	Participantes estimados Atlas - COMPASS em milhões (<i>in million</i>)	Diferenças entre estimativas	Motivos prováveis das diferenças entre metodologias
Metodologia <i>Methodology</i>	Respondentes por amostragem de domicílios	Parcelas da população >15 <59 anos do Censo de 2000 (2)	Estimativas e levantamentos das entidades respondentes	Confronto projeções <i>versus</i> dados levantados	Confronto das Tabelas e consultas à bibliografia no tema e às fontes do Atlas
Sedentários <i>Sedentary</i>	11%	10,38	n/d	n/d	O Atlas não tem por objeto levantar sedentários
Ocasionais <i>Occasional</i>	26%	24,54	74,00	+ 48,46	Parte dos regulares Tabela 3 foi classificada como "ocasionais" por haver dúvida situação efetiva dos primeiros
Regulares <i>Regular</i>	51%	48,14	10,84	- 37,30	Regulares subestimados passando para ocasionais
Muito ativos <i>Very active</i>	12%	11,32	0,74	- 10,58	Tradição esportes sobretudo focaliza atletas, considerar "muito ativos" como regulares
Totais	100 %	Sem sedentários: 84,00 Com sedentários: 94,38	85,58	+ 1,58	Métodos distintos mas com compatibilidades desde que de grandeza sem sedentários similar em ambos
Total de participantes ativos <i>Total of active participants</i>	63% (regulares e muito ativos)	59,46	11,58	- 47,88	Atlas / COMPASS está estimando muito por baixo regulares e muito ativos

(1)Referências:Tabelas 1 - 7; sigla N/d = dados não disponíveis / *References: Tables 1 - 7;N/d = not available*; (2) Diferença mínima da projeção deste estrato para 2003 segundo IBGE.

Tabela 9 / Table 9

Preferências esportivas nos EUA, 1997 – 2002 (1)

Participação mais de uma vez por ano em milhões

Sports participation in the U.S., 2002 vs 1997 (1) Participated more than once (in millions)

Esporte <i>Sport</i>	2002	1997	Mudança em % <i>Percent change</i>
Total U.S.	253.7	240.3	5.6%
Snowboarding	5.6	2.8	98.5%
Skateboarding	9.7	6.3	52.6%
Backpack/Wilderness Camp	15.5	12.0	29.1%
Muzzleloading	3.6	2.9	22.5%
Camping (vacation/overnite)	55.4	46.6	18.9%
Hunting with Firearms	19.5	17.0	14.4%
Running/Jogging	24.7	21.7	14.1%
Aerobic Exercising	29.0	26.3	10.6%
Baseball	15.6	14.1	10.4%
Hockey (ice)	2.1	1.9	8.3%
Golf	28.3	26.2	7.8%
Exercise Walking	82.2	76.3	7.7%
Hiking	30.5	28.4	7.7%
Canoeing	7.6	7.1	7.1%
Soccer	14.5	13.7	6.5%
Water Skiing	6.9	6.5	6.3%
Exercising with Equipment	50.2	47.9	4.9%
Target Shooting	18.9	18.5	2.5%
Fishing	44.2	44.7	-1.2%
Tennis	11.0	11.1	-1.2%
Bowling	43.9	44.8	-1.9%
Boating, Motor/Power	26.6	27.2	-2.0%
Billiards/Pool	35.3	36.0	-2.0%
Mountain Biking (off road)	7.8	8.1	-4.1%
Basketball	28.9	30.7	-5.6%
Swimming	54.7	59.5	-8.2%
Bicycle Riding	41.4	45.1	-8.3%
Football (tackle)	7.4	8.2	-10.0%
Archery (target)	4.2	4.8	-12.5%
Skiing (cross country)	2.2	2.5	-12.5%
Hunting w/Bow & Arrow	4.6	5.3	-13.1%
Football (touch)	10.3	11.9	-13.1%
Dart Throwing	18.5	21.4	-13.6%
Martial Arts	4.2	4.9	-14.4%
Skiing (alpine)	7.4	8.9	-16.5%
Softball	13.6	16.3	-16.6%
Roller Skating (in-line)	18.8	26.6	-29.0%
Volleyball	11.5	17.8	-35.8%

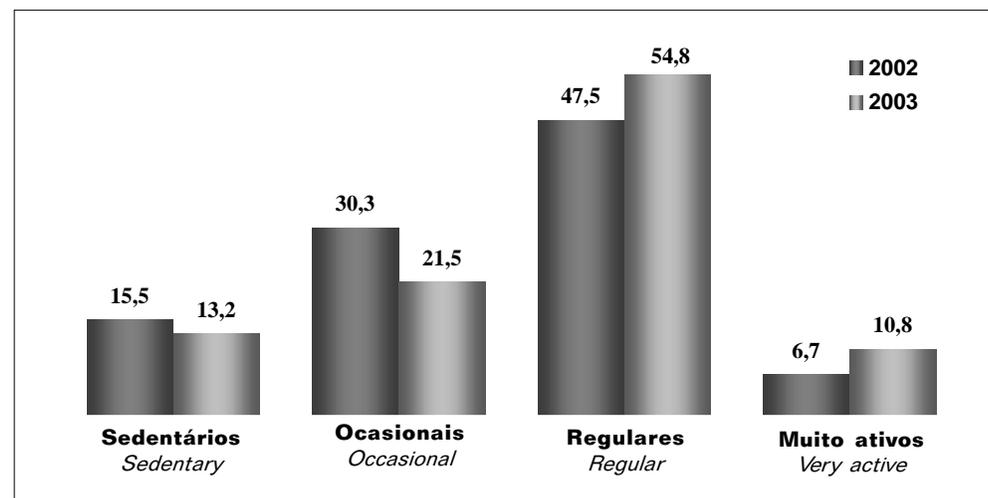
Fonte / *source*: National Sporting Goods Association, 2003.

(1) Participantes < 7 anos de idade / Seven years of age and older; População dos EUA em 2003= 293,5 milhões (Source: U.S. Census Bureau, Population Division).

Figura 1 / Figure 1

Mudanças na participação em atividades físicas – Região Metropolitana de SP, 2002 – 2003

Changes in the participation of SP population in physical activities – SP Metropolitan Area, 2002 – 2003



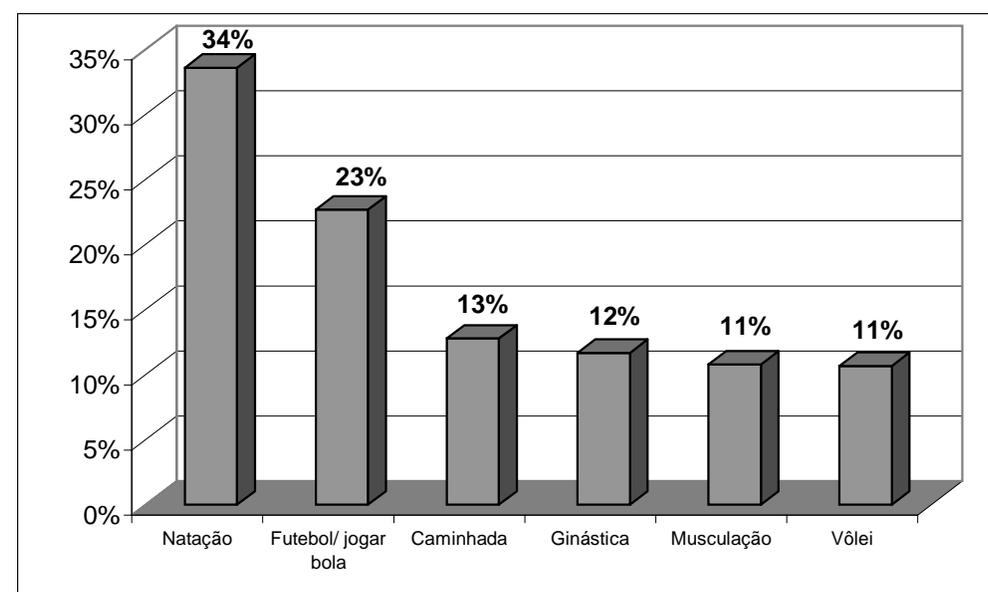
Fonte / source: Agita SP e IMES, 2003

Figura 3 / Figure 3

Preferências de práticas esportivas da população ativa do estado de SP, 2003

Preferred sports practices of São Paulo state active population, 2003

Pesquisa / Research SESC – SP e Datafolha, 2003



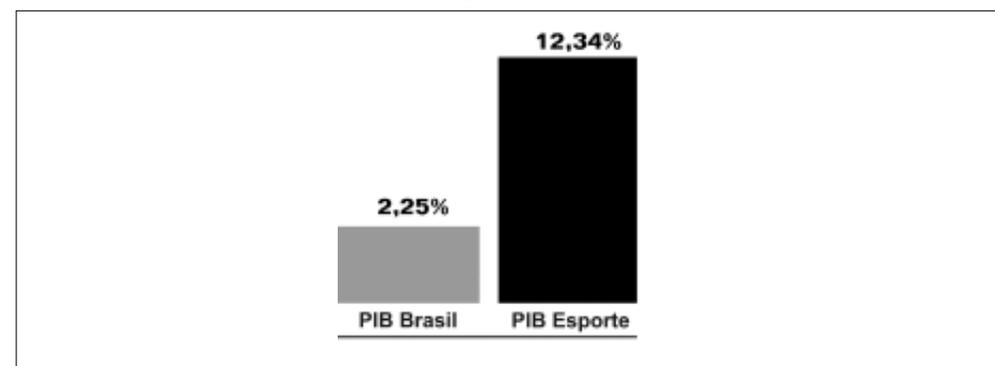
Fonte / source: SESC-SP / Datafolha, 2003

Figura 5 / Figure 5

Expansão do PIB do Brasil x PIB do esporte, 1996 – 2000

Increase of Brazil's GNP x sport's GNP, 1996 – 2000

Taxas de crescimento anual / Annual growth rates



Fonte / source: FGV / Kasznar, 2000

Figura 2 / Figure 2

Práticas comuns de atividades físicas (%) pela população do estado de SP⁽¹⁾

Common practices of physical activities (%) São Paulo state population⁽¹⁾

Pesquisa / Research SESC – SP e Datafolha, 2003

Idade / Age	Total	Masc.	Fem.	Idade / Age							A	B	C	D/E
				16-20	21-30	31-40	41-50	51-60	61+					
Caminhar para o trabalho	49	50	48	59	58	55	49	38	18	41	46	51	50	
Caminhar com tempo livre	65	68	62	62	57	69	65	69	74	56	68	64	66	
Subir e descer escadas	62	62	63	68	63	66	65	57	51	80	71	59	57	
Carregar Peso	43	44	42	41	50	51	41	36	23	47	43	42	44	
Empurrar Objetos Pesados	32	31	33	34	38	37	30	24	16	31	32	33	31	
Limpar a Casa	71	52	89	65	73	75	69	68	71	51	62	74	79	
Cuidar dos Jardins	32	37	28	19	27	32	38	48	36	40	28	36	28	
Passear com o Cachorro	18	21	16	22	20	24	11	14	14	37	24	17	12	
Lavar o Carro	25	37	14	35	23	27	25	28	14	42	41	25	8	
Ir de Bicicleta ao Trabalho	13	21	5	20	18	14	10	5	4	9	8	16	14	
Bicicleta no Tempo Livre	34	42	26	57	41	36	27	19	8	33	33	36	31	
Dançar	37	34	39	58	46	34	33	28	11	48	45	36	27	
Base	908	439	469	125	223	200	155	97	108	45	238	366	259	

⁽¹⁾Pesquisa por amostragem (n= 908) validada para a capital, região Metropolitana, litoral e interior; respondentes > 16 anos: 52% mulheres e 48% homens, 23% > 51 anos e mais; classes sociais: 40% da classe "C", 32% da classe A / B e 28% da classe D / E.

Figura 4 / Figure 4

Expansão (1900 – 1980) e depressão da economia brasileira (1980 – 2003)

Increase (1900 – 1980) and depression of the Brazilian economy (1980 – 2003)

Número de clubes esportivos e cursos de graduação em Educação Física, 1900 – 2003

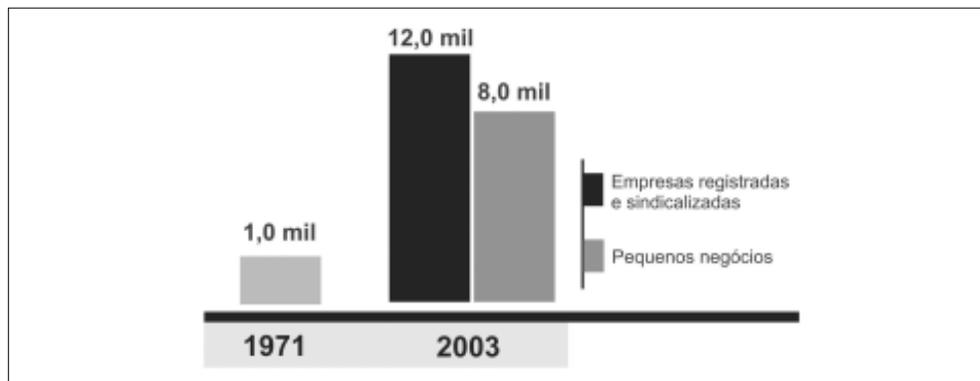
Number of sports clubs and of undergraduate programs in P. E., 1900 – 2003



Fontes / source: IBGE e INEP-MEC

Figura 6 / Figure 6

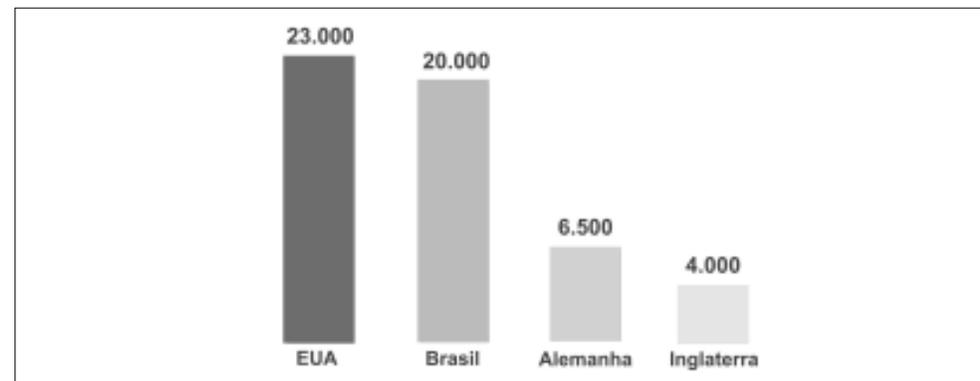
Expansão das academias de ginástica no Brasil, 1971 – 2003
Growth of health clubs in Brazil, 1971 – 2003



Fonte / source: Atlas (2004) Gilberto Bertevello / Diagnóstico EF e Desporto – MEC (1971)

Figura 7 / Figure 7

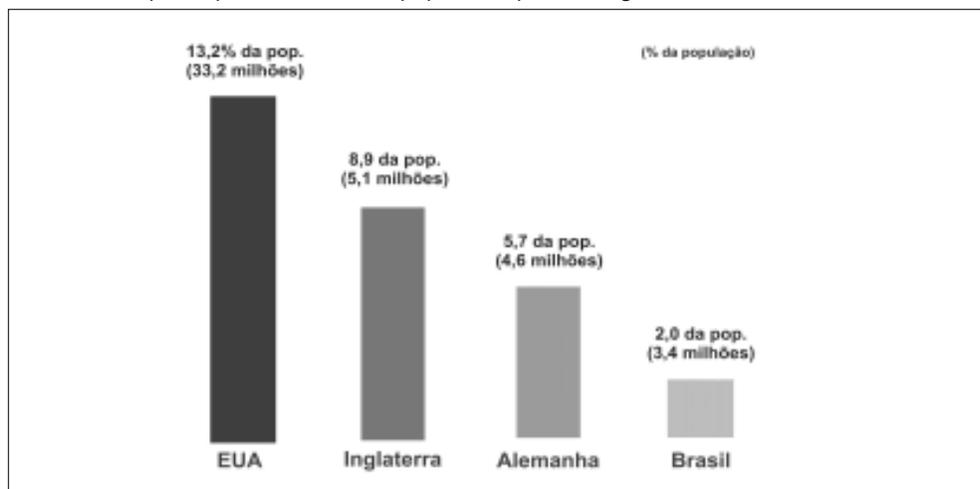
Número de Academias por países líderes, 2003
Number of Health clubs per leading countries, 2003



Fontes / sources: Atlas (2004) / IHRSA

Figura 8 / Figure 8

Academias: Número de alunos x percentual população por países líderes, 2002
Health clubs: participants x % of total population per leading countries, 2002

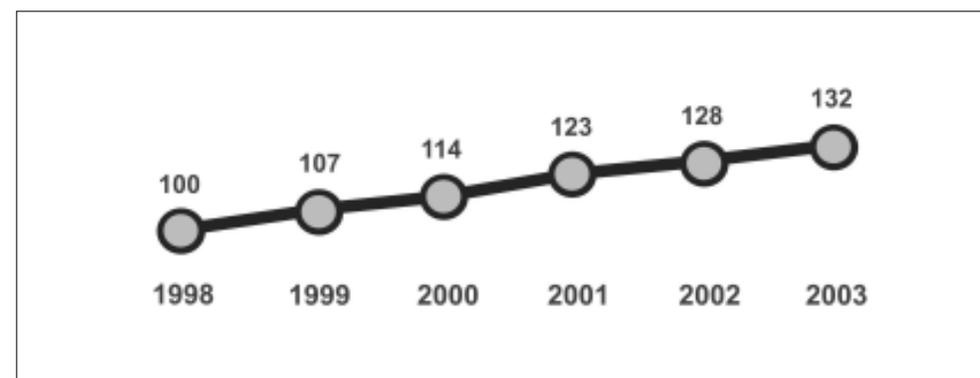


Fontes / sources: Atlas (2004) / IHRSA (2003)

Figura 9 / Figure 9

Expansão das piscinas recreativas no Brasil, 1998 – 2003 (1998 = 100)
Growth of recreational swimming pools in Brazil, 1998 – 2003 (1998 = 100)

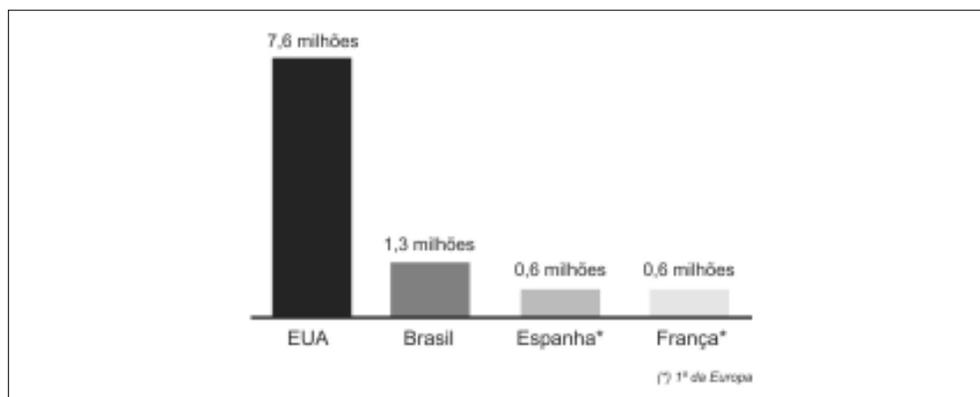
Número total em 2003 = 1,3 milhões / Total number in 2003 = 1,3 million



Fonte / source: ANAPP (2003)

Figura 10 / Figure 10

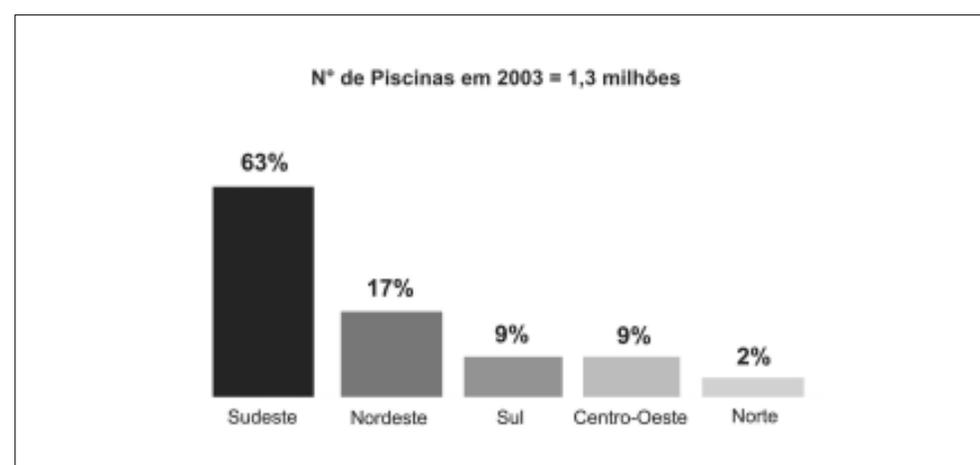
Número de piscinas recreativas por países líderes, 2003
Number of recreational swimming pools per leading countries, 2003



Fonte / source: ANAPP (2003)

Figura 11 / Figure 11

Percentual piscinas recreativas por região do Brasil, 2003
Brazil: percentage of recreational swimming pools per region, 2003



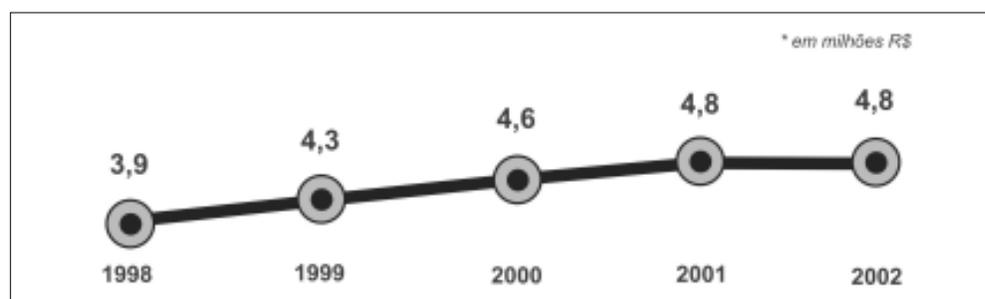
Fonte / source: ANAPP (2003)

Figura 12 / Figure 12

Crescimento de vendas de bicicletas para transporte e lazer no Brasil, 1998 – 2002

Growth of selling bicycles for transportation and leisure in Brazil, 1998 – 2002

Número total de bicicletas / Total number of bicycles / 2003 = 48 milhões / million

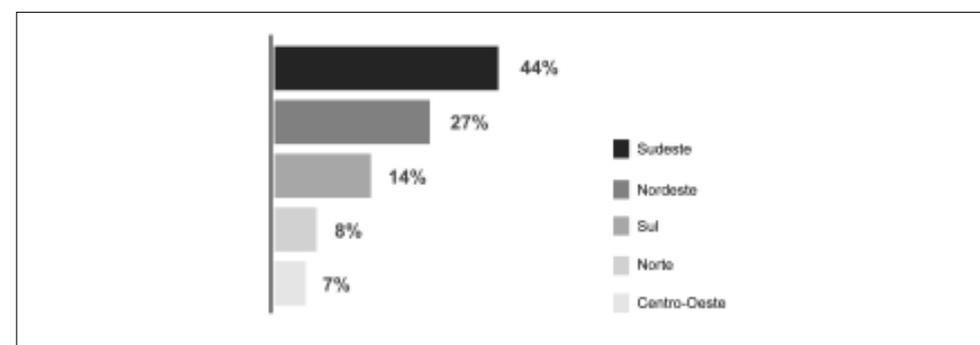


Fonte / source: ABRACICLO (2002)

Figura 13 / Figure 13

Percentual de bicicletas por região do Brasil x número total, 2003

Brazil: percentage of bicycles per region x total number, 2003



Fonte / source: ABRACICLO (2002)

Figura 14 / Figure 14

Brasil: participação feminina nos Jogos Olímpicos – até o 8º. lugar nos resultados, 1980 – 2000

Brazil: women participation in the Olympic Games – up to 8th place in competitions, 1980 – 2000

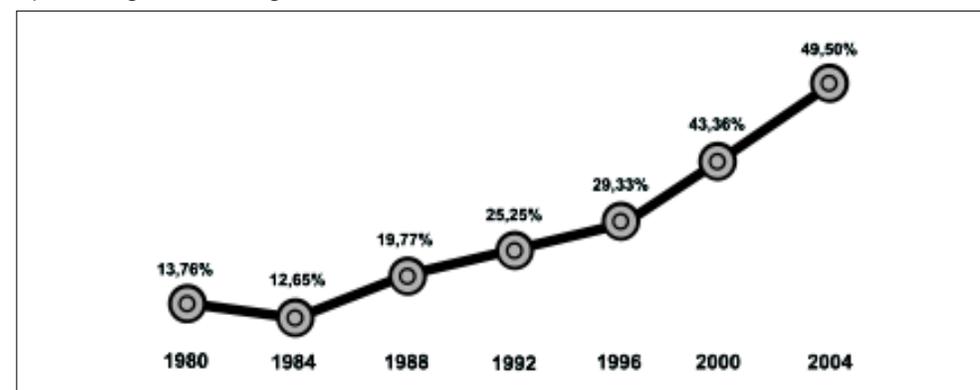


Fonte / source: Atlas (2004) Alexandre Carvalho

Figura 15 / Figure 15

Brasil: participação feminina nos Jogos Olímpicos – percentual na delegação, 1980 – 2004

Brazil: women participation in the Olympic Games – percentage of the delegation, 1980 – 2004

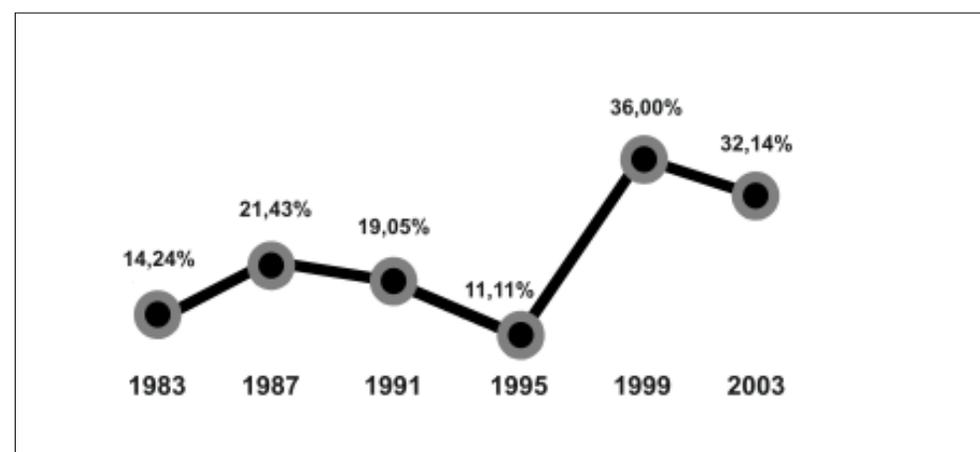


Fonte / source: Atlas (2004) Alexandre Carvalho

Figura 16 / Figure 16

Brasil: participação feminina nos Jogos Pan-americanos – percentual de vitórias em relação ao total, 1980 – 2000

Brazil: women participation in Pan American Games – percentage of winning places in relation to total, 1980 – 2000



Fonte / source: Atlas (2004) Alexandre Carvalho

Cenário da prática de atividades físicas e da epidemia de excesso de peso no Brasil

LUIZ ANTONIO DOS ANJOS E CRISTINA PINHEIRO MENDONÇA

Scenario of physical activities, obesity and overweight epidemic in Brazil

The data about the characteristics of physical activities of the Brazilian population are scarce because there is no national population study that has investigated all dimensions of physical activities (occupational, recreational, household and transportation activities). However, investigations of samples have indicated that the level of occupational physical activity has increased in light and moderate tasks between 1975 and 1997, following the technological advancement of the country (Figure 1). As leisure activities, transportation or household chores are

taken into consideration, other investigations that also used samples tend to show similar values of physical inactivity ($\approx 40\%$), which can be considered a public health problem (Figure 5). The data of some samples of the Brazilian population show that the prevalence of overweight/obesity increased between the decades of 1970 and 1990. As a result, there seems to be a tendency for the increase of the prevalence of overweight, evaluated by body mass index – BMI³ 25 kg.m², in the adult population (≥ 20 years), as data show that it doubled from 1975

to 1997 with the exception of southeastern women, who already had the highest BMI in 1975 (30%), increasing to 43% in 1989 and going down to 40% in 1997 (Figure 7). Similar pattern was also observed in the adolescent population – 10 to 20 years of age (Figure 8). Today's high index of physical inactivity in Brazil is not only the result of the new lifestyle adopted in the last three decades but also consequence of the obesity epidemic that has settled in the country during the same period.

Definições A atividade física, que por definição se entende como qualquer movimento proveniente de contração de musculatura esquelética, compreende uma gama de dimensões que incluem todas as atividades voluntárias, como as ocupacionais, de lazer, domésticas e de deslocamento. Os dados sobre as características de atividade física da população brasileira são escassos, uma vez que não existe estudo nacional de base populacional que tenha investigado todas as suas dimensões. Comparando-se o nível de atividade física ocupacional (NAFO), baseado nas informações sobre a ocupação principal, dos dados disponíveis da população brasileira residente no Nordeste (NE) e Sudeste (SE) investigados em três inquéritos domiciliares em amostra probabilística (Estudo Nacional de Despesa Familiar (ENDEF), realizado nos anos de 1974/75; Pesquisa Nacional sobre Saúde e Nutrição (PNSN) de 1989 e Pesquisa de Padrões de Vida (PPV) de 1997), pode-se verificar que a prevalência do NAFO leve e moderado aumentou, enquanto a do pesado declinou substancialmente (Figura 1).

De fato, entre os censos de 1970 e 1991, houve, entre os homens com mais de 10 anos de idade, tendência de aumento das atividades dos setores da indústria e serviços (setores em que o gasto energético é menor) e redução na agricultura e extração, atividades de maior gasto energético (Figura 2). Os setores que mais têm empregado mulheres são os de prestação de serviços, seguidos pelo agrícola e comércio, sendo que a prestação de serviços e o comércio corresponderiam em 1991 a aproximadamente 47% dos setores de ocupação das mulheres, seguido do setor social com 20%. A grande modificação na distribuição dos setores de ocupação até o censo de 1991 foi a redução do trabalho agrícola e o aumento das atividades sociais e do comércio. Em 1960, as mulheres ocupadas correspondiam a 16,5% da população ativa com mais de 10 anos, percentual que aumentou para 31,0% no censo de 1991, chegando a 43,6% em 2000. Por outro lado, houve redução nesse percentual para os homens de 77,2% em 1960 para aproximadamente 68% entre os 2 últimos censos. Os indicadores fazem crer que o aumento da participação feminina no mercado de trabalho foi mais acentuado, nas últimas décadas, para aquelas de estratos sócio-econômicos médio e alto, e em atividades que provavelmente poderiam ser consideradas como leves do ponto de vista do gasto energético, pois verifica-se um incremento nos anos de estudo e no rendimento médio do trabalho feminino. Infelizmente, os dados não permitem análises de tendências tanto nas atividades informais ou domésticas, já que não há séries históricas dessas informações nos censos.

Atividades não-ocupacionais Para atividades de lazer, transporte ou domésticas não houve, até o momento, pesquisa de base domiciliar e de abrangência nacional, que as tenha investigado com detalhe. Na PPV, 20% da população indicou a prática de exercício físico ou esporte (EF), havendo um grande diferencial entre homens (27,3%) e mulheres (13,1%). A frequência de prática de EF foi relativamente semelhante entre as regiões nordeste (NE=18,7) e sudeste (SE=20,9%), mas substancialmente menos mulheres do NE (8,9%) praticavam EF comparadas às do SE (15,9%). A faixa etária de 10 a 15 anos foi a de maior relato de prática de EF (Figura 3). Como esperado, os esportes coletivos de quadra/campo como o futebol/vôlei/basquete foram os mais frequentemente relatados para os homens e o grupo de corrida/caminhada/ciclismo o foram para as mulheres em todas as regiões (Figura 4). Apesar da limitação na pergunta sobre a prática de EF, esta foi a primeira pesquisa de base populacional em regiões brasileiras que obteve tal informação. Algumas outras informações sobre o nível de atividade física de regiões (ou cidades) no Brasil estão disponíveis (Figura 5). As comparações desses dados são difíceis porque a metodologia de coleta de dados e a população investigada, assim como a classificação de sedentarismo/inatividade física usada foram

diferentes entre os estudos. Apesar disso, os resultados tendem a mostrar valores semelhantes de inatividade física ($\approx 40\%$) o que pode ser considerado como um problema de saúde pública.

Mudanças na atividade física A aquisição de bens de consumo duráveis por parte da população pode contribuir para a consideração de três fatores ligados a mudanças no padrão de atividade física no sentido de redução do gasto energético: 1) diminuição do esforço com o trabalho doméstico pelo uso de equipamentos para a execução das tarefas mais árduas; 2) o crescente uso da televisão como principal meio de lazer; e 3) o uso de automóvel/veículo automotivo para o deslocamento. Deve-se ainda acrescentar que a televisão contribuiu para a delimitação do estilo de vida ocidental através da ampliação do incentivo ao consumo difundido pelo marketing. A observação da tendência do percentual de domicílios com alguns bens duráveis selecionados obtidos nos censos demográficos nacionais realizados nas últimas três décadas indica aumento vertiginoso de residências com televisões e geladeiras e um incremento bem menos acentuado de domicílios com automóveis (Figura 6). O percentual de domicílios com geladeira passou de 26% em 1970 para 83% em 2000. Já o percentual de domicílios com automóveis embora tenha mais do que triplicado, passando de 9% em 1970 para 32% em 2000, ainda não é tão significativo para o conjunto da população como se tornou a televisão que estava presente em 24,1% dos domicílios em 1970, tendo crescido para 56,1% em 1980 e saltado para 87,0% no último censo de 2000. Os deslocamentos diários das pessoas podem contribuir para um estilo de vida ativo ou não. No Brasil, como em muitos outros países, os meios de transporte mais utilizados ainda são os públicos/coletivos ou os não-motorizados, fazendo com que, teoricamente, haja dispêndio maior de energia, mas infelizmente não existem estimativas desse componente do gasto energético para a população brasileira.

Perfil nutricional da população brasileira A obesidade, situação caracterizada pelo acúmulo excessivo de gordura corporal, é consequência de balanço energético positivo e que pode acarretar repercussões à saúde com perda importante não só na qualidade como na quantidade de vida. Os dois aspectos mais apresentados como relacionados a um quadro de balanço energético positivo têm sido mudanças no consumo alimentar, com aumento do fornecimento de energia pela dieta, e redução da atividade física, configurando o que poderia ser chamado de estilo de vida ocidental contemporâneo. Os dados sobre o sobrepeso/obesidade na população brasileira vêm demonstrando crescimento na sua prevalência entre as décadas de 1970 e 1990. As análises comparativas entre os inquéritos antropométricos nacionais (ENDEF, PNSN e PPV) permitiram identificar a amplitude e gravidade do problema. A tendência encontrada para o sobrepeso, avaliado pelo índice de massa corporal – IMC³ 25 kg.m², na população adulta (≥ 20 anos), foi a de aumento na prevalência entre os três estudos, com esta chegando a ser o dobro em 1997 em relação a 1975, com exceção das mulheres no Sudeste (Figura 7), padrão semelhante ao observado para os adolescentes – 10 a 20 anos de idade (Figura 8). O processo de industrialização dos alimentos tem sido apontado como um dos principais responsáveis pelo crescimento energético da dieta da maioria das populações do Ocidente. No que diz respeito ao consumo alimentar da população brasileira, não há pesquisas de base populacional, em nível nacional, que permitam acompanhar as mudanças efetivamente ocorridas nas décadas de 1980 e 1990. Análises empreendidas a partir de dados de Pesquisas de Orçamentos Familiares (POF) realizadas pelo IBGE nos anos de 1988 e 1996 apontam tendência de crescimento na aquisição de alimentos ricos em lipídeos nas Regiões Norte e Nordeste e elevação dos carboidratos simples, acompanhada de redução na aquisição de

alimentos fonte de carboidratos complexos. Embora a concentração de renda no Brasil não permita falar em mercado homogêneo, nas duas últimas décadas houve um predomínio no consumo de alimentos industrializados comprados em supermercados em todas as classes de renda. As mudanças verificadas através das POFs indicam incremento na aquisição de produtos industrializados e redução de alimentos in natura por parte das famílias, pois as carnes, especialmente o frango, e os laticínios têm tido uma enorme ampliação na oferta de produtos processados e os refrigerantes constituem em si, a representação máxima da industrialização na área de alimentos e bebidas.

No setor industrial agro-alimentar brasileiro, mudanças começaram a ocorrer nos anos de 1970 e consolidaram-se nos anos de 1980 potencializando um mercado urbano e jovem, o que pode ser exemplificado pelo crescimento das despesas com alimentação fora de casa, principalmente em restaurantes do tipo de alimentação rápida (*fast food*) e com a alimentação em locais de trabalho ou em bares e restaurantes através de utilização de vale-refeição. Uma rede internacional de alimentação rápida tem propalado que o Brasil, hoje, situa-se entre os oito maiores mercados internacionais da corporação, com 570 restaurantes, cerca de 640 quiosques e 17 McCafés, tendo, em 2001, atendido 514 milhões de clientes – média de 1,4 milhões de clientes a cada dia. O Brasil está entre os cinco países que mais cresceram nos últimos anos entre todos os mercados da corporação no planeta. Ou seja: o crescimento em termos de número de lojas é exponencial desde a introdução da rede no país em 1979, particularmente a partir dos anos de 1990. A introdução desses hábitos importados, além de comprometer o padrão tradicional alimentar no país, faz com que este seja alterado com substituição de refeições. Essas modificações podem contribuir para a dificuldade na manutenção da massa corporal dentro de padrões considerados saudáveis. Aparentemente um padrão dietético que dependa principalmente de feijão com arroz está associado com risco menor, em adultos, de sobrepeso/obesidade em comparação a uma dieta em que a gordura e o açúcar sejam os principais componentes. Análise do banco de dados da folha de balanço alimentar do Brasil disponibilizado pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura-FAO indica que a quantidade de energia per capita disponível para consumo humano aumentou substancialmente nas últimas décadas no país, passando de aproximadamente 2.200 para 3.000 kcal/habitante/dia entre 1961 e 1999, ou seja, em torno de 188 kcal diárias de acréscimo por década, quantidade que na média, é bem superior ao necessário para a população brasileira.

Situação atual A redução do nível de atividade física e sua relação com a ascensão na prevalência do sobrepeso/obesidade refere-se hoje às mudanças na distribuição das ocupações por setores (exemplo: agricultura para indústria) e nos processos de trabalho com redução do esforço físico ocupacional; das alterações nas atividades de lazer, que passam de atividades de gasto acentuado, como práticas esportivas, para longas horas diante da televisão ou do computador e do uso crescente de equipamentos domésticos com redução do gasto energético da atividade. São vários os fatores associados à dieta que poderiam contribuir para o aumento do sobrepeso/obesidade dos brasileiros ao acarretar mudanças importantes nos padrões alimentares tradicionais: 1) migração interna; 2) alimentação fora de casa; 3) crescimento na oferta de refeições rápidas (*fast food*); 4) ampliação do uso de alimentos industrializados/processados.

Fonte Mendonça, C. P. & Anjos L. A. Aspectos das práticas alimentares e da atividade física como determinantes do crescimento do sobrepeso/obesidade no Brasil. Cadernos de Saúde Pública, 2004;20.

Figura 1 / Figure 1

Tendência (%) da intensidade da atividade física ocupacional e distribuição da população ocupada do Nordeste e Sudeste brasileiros em 3 inquéritos nacionais
Tendency (%) of the intensity of occupational physical activity and distribution of the working population of the Northeast and Southeast in 3 national surveys

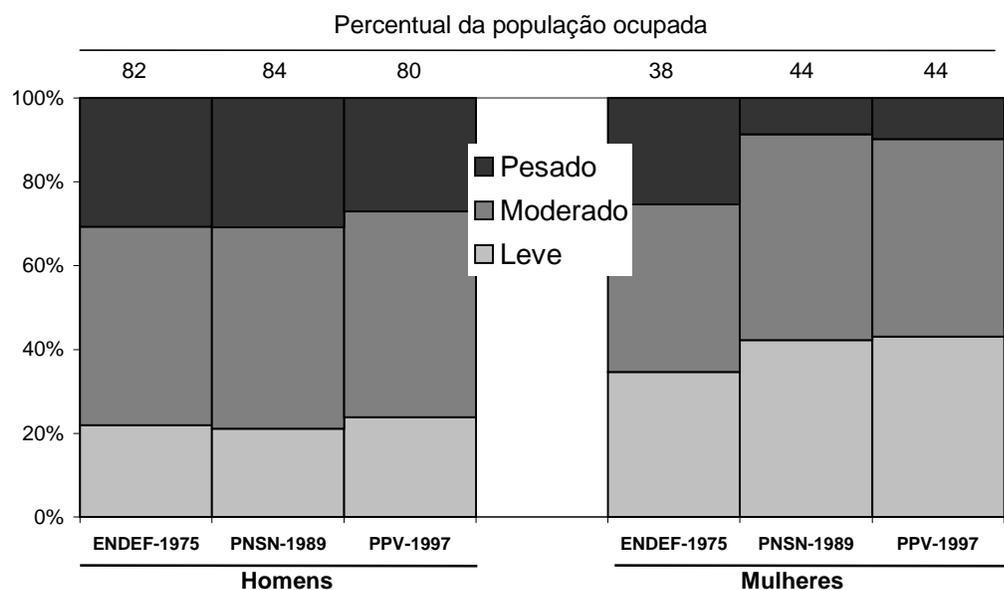


Figura 2 / Figure 2

Distribuição (%) das pessoas com 10 anos ou mais de idade ocupadas por setores de atividade do trabalho principal nos Censos Demográficos Brasileiros (1960 - 1991)

Distribution (%) of the people who are 10 years and older by sectors of main working activity according to the demographic data of Brazilian censuses (1960-1991)

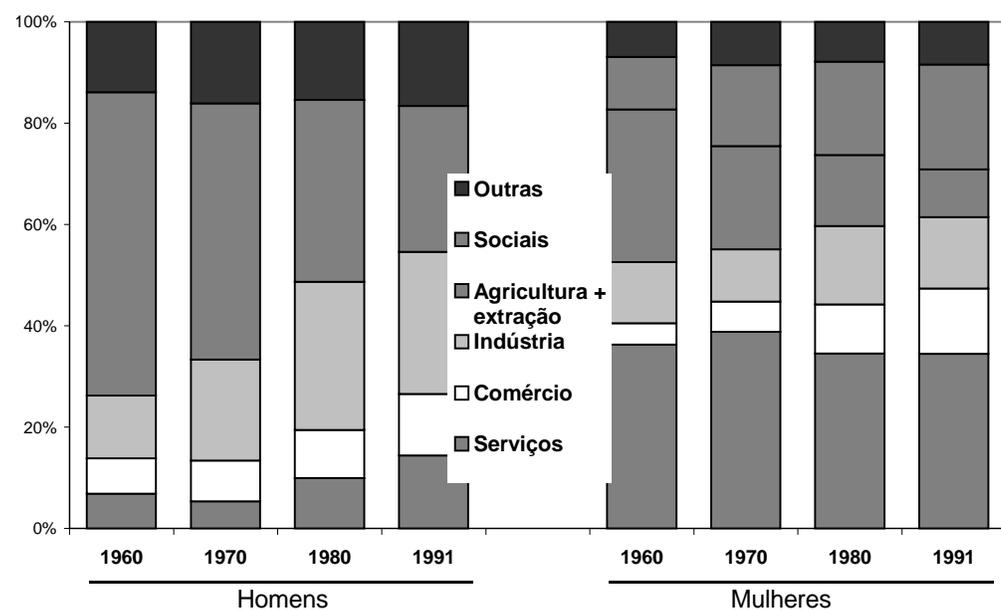


Figura 3 / Figure 3

Distribuição (%) de prática de exercício físico ou esporte na PPV segundo faixa etária

Distribution (%) of the practices of physical exercise or sports in the PPV according to age brackets

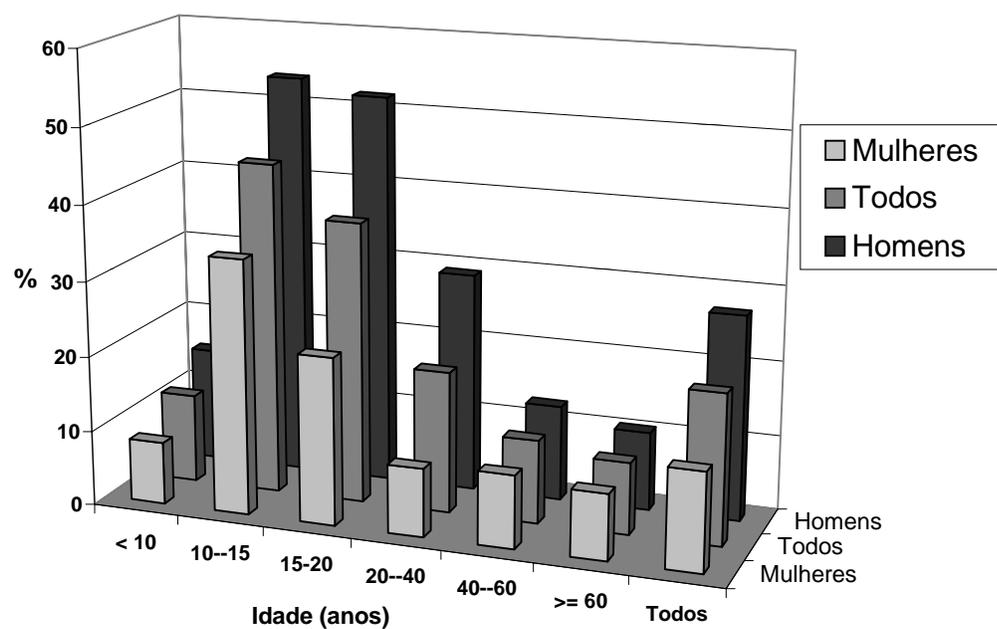


Figura 4 / Figure 4

Distribuição (%) de prática de modalidades de exercício físico ou esporte na PPV segundo regiões

Distribution (%) of the practice of different types of physical exercise or sport in the PPV according to the different regions

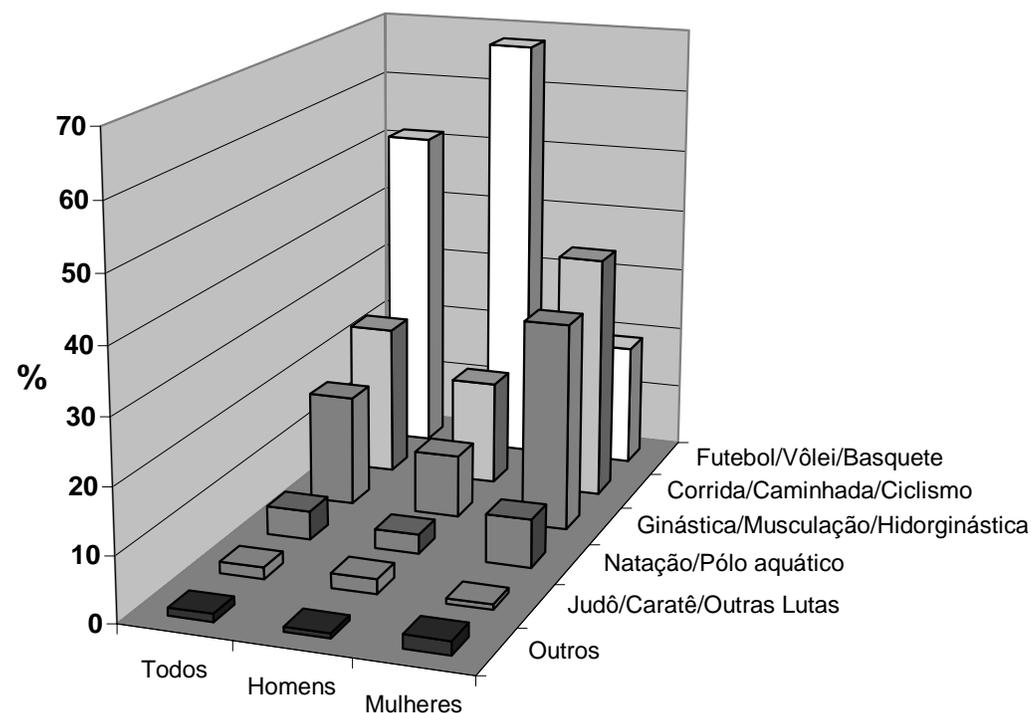


Figura 5 / Figure 5
Prevalência (%) de inatividade física em alguns estudos locais no Brasil
Prevalence (%) of physical inactivity in some local studies in Brazil

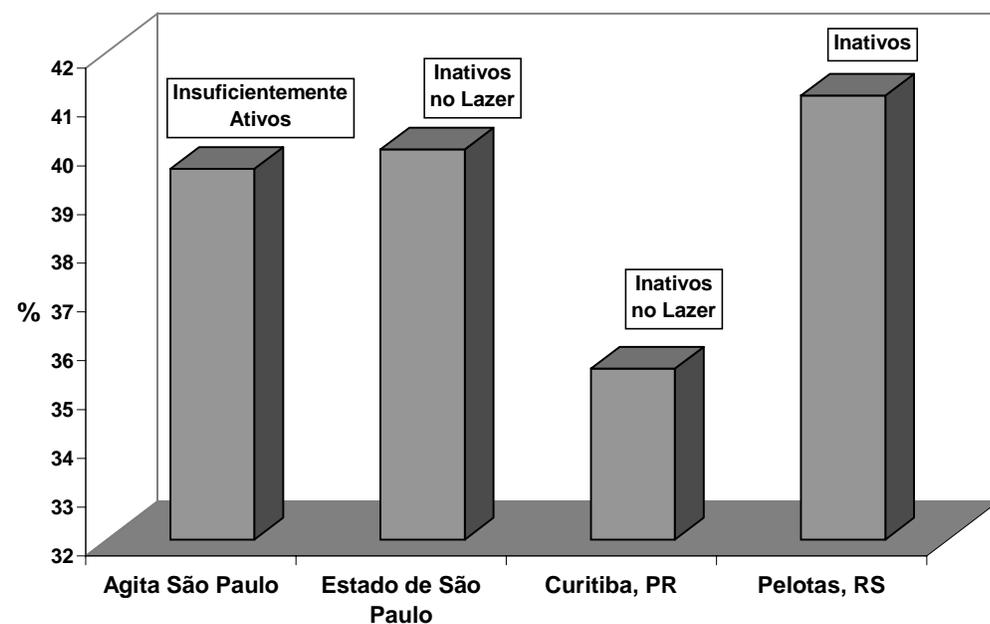


Figura 6 / Figure 6
Tendência na distribuição (%) de domicílios brasileiros com televisão, geladeira e automóvel nos Censos Demográficos Brasileiros (1970 - 2000)
Tendency in the distribution (%) of Brazilian households with television sets, refrigerators and automobiles according to the demographic data of Brazilian Censuses (1970-2000)

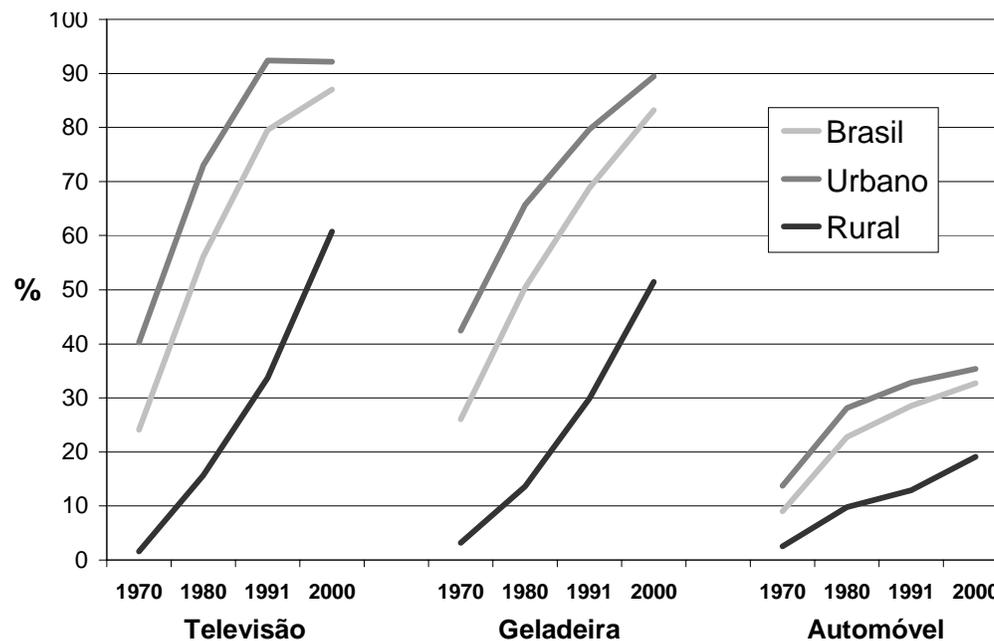


Figura 7 / Figure 7
Prevalência de sobrepeso (índice de massa corporal > 25 kg.m²) em adultos (idade ≥ 20 anos) brasileiros das Regiões Nordeste e Sudeste em três inquéritos: Estudo Nacional da Despesa Familiar (ENDEF - 1975), Pesquisa Nacional sobre Saúde e Nutrição (PNSN - 1989) e Pesquisa sobre Padrões de Vida (PPV - 1997)
Prevalence of overweight (body mass index > 25kg.m²) in Brazilian adults (age ≥ 20 years) of the Northeast and the Southeast in 3 surveys: National Study of Family Expenses (ENDEF - 1975), National Research about Health and Nutrition (PNSN-1989) and Research on Lifestyles (PPV - 1997)

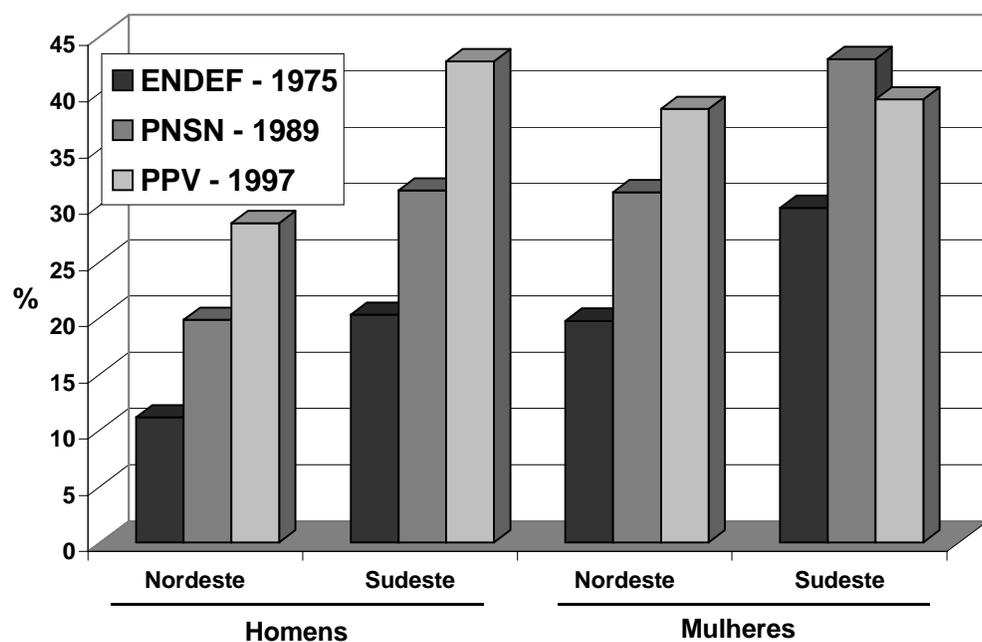
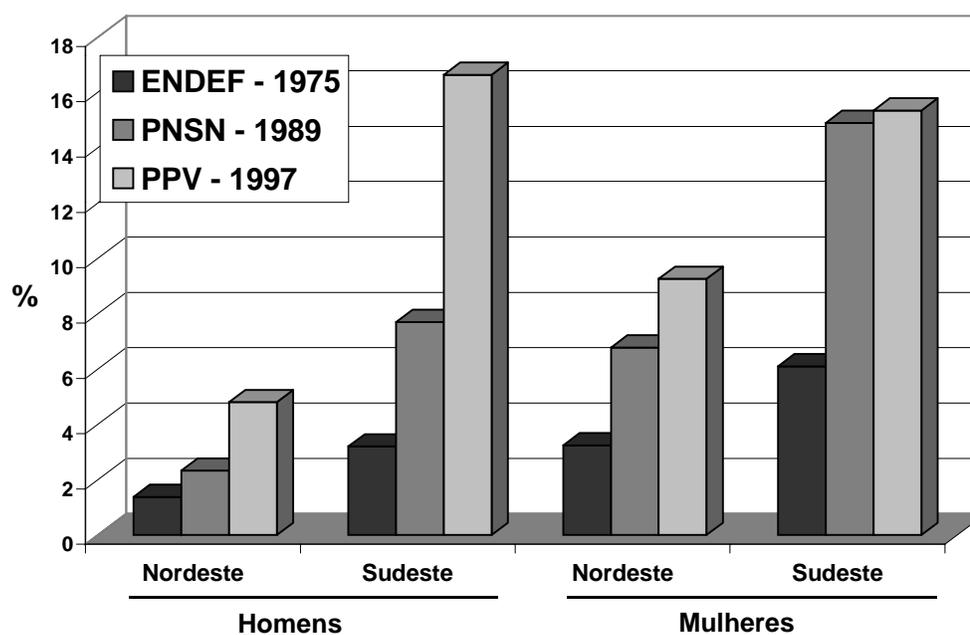


Figura 8 / Figure 8
Prevalência de risco de sobrepeso (índice de massa corporal > percentil 85 da população americana) em adolescentes (10 a 20 anos de idade) brasileiros das Regiões Nordeste e Sudeste em três inquéritos: Estudo Nacional da Despesa Familiar (ENDEF - 1975), Pesquisa Nacional sobre Saúde e Nutrição (PNSN - 1989) e Pesquisa sobre Padrões de Vida (PPV - 1997)
Prevalence of overweight risk (body mass index > percentile 85 of the American population) in Brazilian adolescents (10 to 20 years of age) of the Northeast and the Southeast in 3 surveys: National Study of Family Expenses (ENDEF - 1975), National Research about Health and Nutrition (PNSN-1989) and Research on Lifestyles (PPV - 1997)



Cenário internacional dos resultados esportivos – Situação do Brasil

ALEXANDRE MEDEIROS JORGE DE CARVALHO

International scenario of sport results – the Brazilian situation

Sports results of a country are generally considered an indication of the status of development of the sport itself and/or of the nation itself in international terms. In Brazil, one of the major standards for the distribution of resources that come from the lotteries managed by the federal government is the number of medals obtained and to conquer. This scenario displays an analysis of the sports performance of medal winner countries in order to revise validity and tendencies of the criterion of sports results in relation

to economic and social variables. The variables selected for the analysis were the most commonly used for the study and measurement of the potential of a country at macro level: gross national product (GNP), population, per capita income, and Human Development Index (see Tables 1 – 11). The conclusion was that all of the scenarios had some deviation, which suggests a multiple approach has to be used as the basis for comprehension of the relative positions of the country in international sport comparisons.

In the case of the Brazilian future situation, it was possible to observe that the number of Olympic medals tended to reflect primarily the results of policies specifically made up for the development of sports competitions, which a country, government or society decides to privilege more than others. These policies tend to become legitimate for various nations once they need their populations to develop self-esteem and to project their positive image internationally.

Definições Os resultados esportivos obtidos por um determinado país são geralmente considerados uma indicação do estado de desenvolvimento do esporte em si mesmo e/ou da própria nação em foco na comparação internacional. Este sentido de avaliação tem sido normalmente adotado pela mídia em diferentes países. Trata-se também de um critério definidor de políticas governamentais em geral: dos 16 países selecionados por Chalip, Johnson e Stachura (1996), num estudo comparativo internacional de políticas públicas do setor esportivo, o resultado de competições internacionais revelou-se dominante como meta dos diferentes tipos de intervenção. No capítulo referido ao Brasil – autoria de DaCosta, L.P. (1996, pp. 23-38) – cita-se a criação da Loteria Esportiva no início da década de 1970 como marco em que o esporte passa de uma atividade social subsidiada pelos diferentes Governos desde 1941, para um nexos explícito de desenvolvimento nacional. E neste particular, a representação externa do país foi enfatizada. Outro autor incluído na coletânea de Chalip et al., foi Foldesi, J.S. (1996, pp. 187 – 211), que examinou o caso da Hungria e concluiu que a propaganda política do país originada das vitórias no esporte superava todas as demais esferas relacionadas ao

desenvolvimento esportivo nacional. Na atualidade, o critério do resultado esportivo continua a se reforçar como se constata nos casos da Inglaterra e da França, cujas políticas relacionadas ao esporte tornaram paradigmáticos os resultados de competições internacionais (Collins, M.F., pp. 493 – 520, e Raynaud, J., 413 – 422; *In* DaCosta & Miragaya – eds, 2002). Em resumo, as fontes citadas relacionam a vitória esportiva com meios de obter auto-estima por parte das populações como também de projetar internacionalmente a imagem positiva dos países. No Brasil, o critério de distribuição de recursos financeiros provenientes da chamada Lei Agnelo-Piva (Lei nº 10.264 de 16/97/2001) – que estabelece que 2% da arrecadação bruta de todas as loterias federais do país sejam repassados ao esporte olímpico e (85%) e ao paraolímpico (15%) – foi definido pelo Comitê Olímpico Brasileiro tendo como uma das bases principais o número de medalhas alcançadas e a conquistar (ver “Prestação de Contas 2002 – Lei Agnelo / Piva”, COB, 2002). Assim estabelecido, objetiva-se a seguir um exame analítico do desempenho esportivo dos países medalhistas olímpicos, ora delimitados nos Jogos Olímpicos de Verão de 2000 e de Inverno de 2002, de modo a

revisar validade e tendências do critério do resultado esportivo em relação a variáveis econômicas e sociais. As variáveis escolhidas para a análise são as mais comuns usadas para se apreciar e medir o potencial em nível macro de um país, a saber: Produto Interno Bruto-PIB, população, renda per capita e Índice de Desenvolvimento Humano- IDH. Posteriormente, elabora-se uma série de simulações usando-se diferentes critérios de ponderação que hipoteticamente podem expressar o potencial de cada país em termos de resultados esportivos (obtenção de medalhas). Neste contexto, a situação do Brasil será tentativamente identificada, delineando-se assim um cenário de tendências gerais que possa oferecer bases de compreensão favoráveis ou desfavoráveis das posições relativas do país em comparações internacionais de resultados olímpicos. Estes exercícios são aqui desenvolvidos à vista de dois pressupostos principais: (1) o Comitê Olímpico Internacional não reconhece oficialmente qualquer tipo de ranking de países com relação a resultados nos Jogos Olímpicos; (2) há vários modos de dispor e interpretar tais tipos de resultados, o que sugere a adoção de uma abordagem em conjunto e comparativa a fim de evitar legitimações apressadas e arbitrarias de determinados critérios de avaliação.

Produto Interno Bruto / *Gross National Product*

O Produto Interno Bruto é a soma, expressa em US\$ (dólar americano), do valor monetário final de bens e serviços produzidos dentro do país. Mede sua capacidade produtiva: quanto mais alto o PIB, mais rica é uma nação. O problema desse método de cálculo é que, ao converter o PIB de um determinado país para o dólar, consideram-se taxas distintas de câmbio que denotam inflação local e variações cambiais de oscilações bruscas, principalmente em nações emergentes. Com isso, o PIB de alguns países fica artificialmente reduzido. Para contornar essas variações, existe um fator conversor chamado de Paridade de Poder de Compra (PPC). Ele permite saber a quantidade de moeda de um país necessária para adquirir o mesmo que um dólar norte-americano pode comprar nos Estados Unidos. É com base nessa relação que se estabelece o PIB-PPC. Assim, a China – que está em sétimo lugar na Tabela 1 – desponta atrás apenas dos EUA no PIB-PPC.

Em resumo, se o PIB mede a riqueza produzida por um país, então se presume que este indicador pode revelar o desenvolvimento do esporte, já que se pode também supor que um país com uma enorme riqueza possua mais possibilidades de formar melhores atletas do que países com menor disponibilidade de recursos. Assim, em princípio, considerando as 15 maiores economias do mundo, apenas Espanha, Brasil, México e Índia apresentaram um desempenho tímido nos Jogos Olímpicos, não chegando a 15 medalhas. Porém, ao se focalizar diferenças em lugar de semelhanças surgem notáveis contrastes: a Rússia, com o vigésimo PIB do mundo, foi o segundo melhor país na conquista de medalhas. Mais surpreendentes ainda foram os desempenhos de Romênia, Cuba e Ucrânia, que conseguiram um resultado melhor do que o Japão. Somando-se o PIB desses três países peculiares, não se chega a 100 bilhões de dólares, resultado que representa, no mínimo, 1/45 avos da economia japonesa. Porém, somando-se suas medalhas, chega-se a um total de 78 medalhas, 25 de ouro, quase quatro vezes o total japonês.

A Tabela 1 confirma o desfavorável desempenho de países com PIB relevante como Taiwan, Arábia Saudita, Turquia, Argentina, Bélgica, Dinamarca, Chile, Portugal, Indonésia, Irlanda, Israel, Colômbia e Kuwait. São países que possuem, no mínimo, o dobro da riqueza de Romênia, Cuba ou Ucrânia. Porém, são fracos em termos de resultados esportivos, o que sugere a existência de distorções no instrumento de medida.

Tabela 1 / Table 1

PIB x Resultados esportivos nos Jogos Olímpicos – Verão (2000) e Inverno (2002)

GNP vs. sports results in Olympic Games – Summer (2000) and Winter (2002)

País / Country	PIB / GNP US\$ billion	Total medalhas (ouro) Total of medals (gold)
1. Estados Unidos	9.800 bilhão	131 (50)
2. Japão	4.519	20 (5)
3. Alemanha	2.063	91 (25)
4. França	1.438	49 (17)
5. Reino Unido	1.400	31 (12)
6. Itália	1.163	46 (17)
7. China	1.062	67 (30)
8. Canadá	650	31 (9)
9. Espanha	595	13 (5)
10. Brasil	504 (2001)	12 (0)
11. México	497	6 (1)
12. Índia	455	1 (0)
13. Coreia Do Sul	421	32 (10)
14. Holanda	397	33 (15)
15. Austrália	388	60 (18)
16. Taiwan	288	5 (0)
17. Argentina	276	4 (0)
18. Suíça	274	20 (4)
19. Bélgica	251	5 (0)
20. Rússia	241	103 (38)

(Tabela 1 – continuação)

21. Suécia	240,7	18 (4)
22. Áustria	204	19 (4)
23. Turquia	202	5 (3)
24. Dinamarca	172	6 (2)
25. Polônia	162	16 (6)
26. Noruega	155	34 (15)
27. Arábia Saudita	150	2 (0)
28. Finlândia	130	11 (6)
29. África Do Sul	129	5 (0)
30. Grécia	126	13 (4)
31. Tailândia	121	3 (1)
32. Indonésia	120	6 (1)
33. Portugal	111	2 (0)
34. Irã	106	4 (3)
35. Israel	104	1 (0)
36. Irlanda	86	1 (0)
37. Colômbia	85	1 (1)
38. Chile	70	1 (0)
39. República Tcheca	54	10 (3)
40. Nova Zelândia	49,7	4 (1)
41. Argélia	48	5 (1)
42. Hungria	47	17 (8)
43. Romênia	37	26 (11)
44. Kuwait	35,7	1 (0)
45. Ucrânia	34,5	23 (3)
46. Marrocos	34	5 (0)
47. Nigéria	32,7	3 (0)
48. Vietnã	30,4	1 (0)
49. Bielorrússia	28,7	18 (3)
50. Croácia	20,2	6 (4)
51. Eslovênia	20	3 (2)
52. Uruguai	20	1 (0)
53. Eslováquia	20	5 (1)
54. Cazaquistão	18,8	7 (3)
55. Cuba	18,6	29 (11)
56. Sri-Lanka	16,4	1 (0)
57. Costa Rica	14,5	2 (0)
58. Bulgária	12,4	16 (5)
59. Lituânia	10,8	5 (2)
60. Quênia	10,6	7 (2)
61. Iugoslávia	10	3 (1)
62. Coreia Do Norte	9,9	4 (0)
63. Uzbequistão	8,8	4 (1)
64. Camarões	8,6	1 (1)
65. Islândia	8,5	1 (0)
66. Letônia	6,9	3 (1)
67. Jamaica	6,9	7 (0)
68. Etiópia	6,7	8 (4)
69. Catar	6,4	1 (0)
70. Trinidad E Tobago	6,4	2 (0)
71. Azerbaijão	5	3 (2)
72. Estônia	4,9	6 (2)
73. Bahamas	4,5	2 (1)
74. Macedônia	3,9	1 (0)
75. Moçambique	3,8	1 (1)
76. Geórgia	3,2	6 (0)
77. Barbados	2,5	1 (0)
78. Armênia	2	1 (0)
79. Moldávia	1,4	2 (0)
80. Quirguistão	1,3	1 (0)

Produto Interno Bruto com ajuste de variação de câmbio

Gross National Product with money exchange adjustment

Um exercício de ajustamento do PIB ao poder de compra para efeito de observação dos resultados esportivos foi produzido pela conhecida empresa de consultoria PriceWaterhouseCoopers com respeito à atuação dos países medalhistas nos Jogos Olímpicos de Sydney, 2000 (Kidane, 2001). O autor do estudo foi John Hawksworth, cujas conclusões indicaram que os países do antigo bloco soviético obtiveram resultados muito melhores aos que se esperava tendo em conta a capacidade econômica dos mesmos. A metodologia usada consistiu na elaboração de uma regressão logarítmica que associou uma escala de pontos (Ouro – 4 pontos; Prata – 2 pontos; Bronze – 1 ponto) ao PIB tendo em vista os níveis de câmbio utilizados para se obter a paridade do poder aquisitivo e de uma variável associada aos países do antigo bloco soviético. Segundo o autor, tais variáveis possuem um alto valor significativo no terreno das estatísticas e explicam cerca de 44 % dos resultados constatados ao nível da pontuação olímpica dos países (Tabela 2). Uma crítica deve ser feita com relação ao estudo acima: colocar a pontuação de medalhas com valores diferentes para cada uma pode ser um fator de distorção dos resultados. Nas competições esportivas, a diferença entre os medalhistas é mínima. Muitas vezes os árbitros se socorrem de meios tecnológicos para definirem um campeão por causa da igualdade que se encontra entre os competidores. No caso em pauta, considerar uma medalha de ouro valendo 4 pontos e uma de bronze valendo 1 é totalmente desapropriado. Conquistar 1 medalha de ouro frequentemente é mais fácil do que 4 de bronze.

Tabela 2 / Table 2

Medalhas dos Jogos Olímpicos de Sydney 2000 ajustadas ao PIB (*) Escala da pontuação: ouro – 4 pontos; prata – 2 pontos; bronze – 1 ponto

Adjustment of 2000 Sydney Olympic Games medals to GNP ()*

Index scores: gold – 4 points; silver – 2 points; bronze – 1 point

País Country	Pontuação efetiva Scores-effective	Pontuação ajustada Scores – adjusted	Diferença Difference	Diferença em % Difference in %
1. Etiópia	21	3.8	17.2	455
2. Austrália	131	27.5	103.5	377
3. Bahamas	6	1.5	4.5	288
4. Jamaica	11	3.2	7.8	244
5. Holanda	70	25.5	44.5	175
6. Cuba	73	27.2	45.8	168
7. Quênia	16	6.8	9.2	135
8. Grécia	31	14.8	16.2	110
9. Noruega	25	13.6	11.4	84
10. Alemanha	116	64.2	51.8	81
11. Coreia do Sul	61	34.2	26.8	79
12. Rússia	212	121.6	90.4	74
13. França	91	52.3	38.7	74
14. Suécia	29	17.7	11.3	63
15. Moçambique	4	2.5	1.5	61
16. Estados Unidos	239	149.9	89.1	59
17. Itália	81	51.1	29.9	58
18. Romênia	65	43.1	21.9	51
19. China	159	110.5	48.5	44
20. Reino Unido	71	50.8	20.2	40
21. Bulgária	34	25.0	9.0	36
22. Bielorrússia	29	23.0	6.0	26
23. Hungria	47	37.9	9.1	24
24. Dinamarca	15	14.7	0.3	2
25. Suíça	18	18.0	0.0	0
26. Ucrânia	42	46.0	- 4.0	- 9
27. Trinidad e Tobago	3	3.3	- 0.3	- 10
28. Finlândia	11	13.3	- 2.3	- 17
29. Barbados	1	1.2	- 0.2	- 19

(Tabela 2 – continuação)

30. Azerbaijão	9	11.5	- 2.5	- 21
31. Casaquistão	20	27.3	- 7.3	- 27
32. Nova Zelândia	7	10.1	- 3.1	- 30
33. Lituânia	11	16.0	- 5.0	- 31
34. Canadá	26	38.3	- 12.3	- 32
35. Espanha	23	35.5	- 12.5	- 35
36. Camarão	4	6.4	- 2.4	- 37
37. Argélia	9	15.6	- 6.6	- 42
38. Áustria	10	17.6	- 7.6	- 43
39. Estônia	6	10.7	- 4.7	- 44
40. Letônia	7	13.6	- 6.6	- 49
41. Irã	13	25.7	- 12.7	- 49
42. Turquia	13	26.1	- 13.1	- 50
43. Japão	41	82.9	- 41.9	- 51
44. Marrocos	6	12.4	- 6.4	- 52
45. Polônia	37	76.5	- 39.5	- 52
46. Nigéria	6	13.2	- 7.2	- 54
47. Eslováquia	11	27.1	- 16.1	- 59
48. Geórgia	6	15.5	- 9.5	- 61
49. Eslovênia	8	20.6	- 12.6	- 61
50. Islândia	1	2.6	- 1.6	- 61
51. Brasil	18	48.2	- 30.2	- 63
52. República Tcheca	17	46.6	- 29.6	- 64
53. Costa Rica	2	5.7	- 3.7	- 65
54. Bélgica	7	20.4	- 13.4	- 66
55. Indonésia	12	35.1	- 23.1	- 66
56. Uruguai	2	6.1	- 4.1	- 67
57. Coreia do Norte	5	15.5	- 10.5	- 68
58. Moldávia	3	9.6	- 6.6	- 69
59. África do Sul	7	23.1	- 16.1	- 70
60. Iugoslávia	7	24.1	- 17.1	- 71
61. Usbequistão	8	28.0	- 20.0	- 71
62. Armênia	1	3.5	- 2.5	- 72
63. México	11	41.5	- 30.5	- 73
64. Catar	1	4.1	- 3.1	- 76
65. Argentina	6	26.9	- 20.9	- 78
66. Croácia	5	22.5	- 17.5	- 78
67. Tailândia	6	27.2	- 21.2	- 78
68. Taiwan	6	28.3	- 22.3	- 79
69. Colômbia	4	22.4	- 18.4	- 82
70. Irlanda	2	11.3	- 9.3	- 82
71. Arábia Saudita	3	18.6	- 15.6	- 84
72. Kuwait	1	6.3	- 5.3	- 84
73. Vietnã	2	15.1	- 13.1	- 87
74. Portugal	2	15.7	- 13.7	- 87
75. Sri Lanka	1	8.3	- 7.3	- 88
76. Macedônia	1	10.5	- 9.5	- 90
77. Quirguistão	1	13.2	- 12.2	- 92
78. Israel	1	13.3	- 12.3	- 93
79. Chile	1	18.2	- 17.2	- 95
80. Índia	1	61.3	- 60.3	- 98

(*) Regressão logarítmica que associa a escala de pontos das medalhas ao PIB tendo em vista os níveis de câmbio utilizados para se obter a paridade do poder aquisitivo / *Logarithm regression related to medals vs. GNP adjusted to money exchange and purchase power*

População / Population

Na Tabela 3 foram relacionados os números de habitantes de cada país que conquistou medalha nos Jogos Olímpicos de Verão e de Inverno de 2000 e 2002, respectivamente. Potencialmente, o número de habitantes constitui um fator determinante do desempenho esportivo de um país. Trata-se apenas de uma simples relação estatística: quanto maior a população do país, maior a possibilidade de descoberta de talentos esportivos, e conseqüentemente, maior a possibilidade de um bom desempenho esportivo. Observam-se os casos de países como Cuba, Hungria, Bulgária e Noruega. São países com uma pequena população, mas que conseguem um excelente desempenho esportivo, ficando à frente de países com um número muito maior de habitantes, como Brasil, Indonésia e Índia. Entretanto, o potencial humano reduzido é um fator que impede que esses países aumentem consideravelmente seu número de medalhas. Por exemplo, Cuba está praticamente no limite de seu desempenho, não possui população suficiente para poder se expandir para os mais variados esportes, embora tenha demonstrado uma grande versatilidade, principalmente em esportes de combate. Outro exemplo clássico da influência do limite populacional ocorreu nas décadas de 1970 e de 1980. A então Alemanha Oriental desenvolveu um ousado programa esportivo que lhe possibilitou ultrapassar os Estados Unidos nos Jogos Olímpicos e se estabelecer como a segunda potência esportiva mundial. Com uma população de 17 milhões de habitantes, competiu no limite de suas possibilidades. Teve que concentrar sua força em esportes básicos, como atletismo, natação, canoagem, remo, ciclismo, ginástica, patinação de velocidade, tobogã, trenó e biatlo. Encontrava dificuldades para expandir seu domínio para outros esportes, embora tenha conseguido excelentes desempenhos também no boxe, no tiro ao alvo, no handebol, no voleibol, no judô e no levantamento de peso. Já a União Soviética, líder do esporte mundial naquela época, com uma população de 280 milhões de habitantes, conseguiu expandir seus desempenhos para praticamente todos os esportes, inclusive para os coletivos, em que foi a maior potência mundial. União Soviética e Alemanha Oriental, países que trabalhavam com 100% de suas possibilidades materiais voltadas para o esporte, são exemplos da grande dificuldade provocada pela diferença populacional. Em condições iguais, o fator população foi determinante no caso. Outra abordagem pertinente neste tema é que a importância do número de habitantes também pode ser relacionada com a renda per capita e com o Índice de Desenvolvimento Humano-IDH. Por exemplo, poder-se-ia dizer que o Brasil não possui uma renda per capita e um IDH tão altos como vários países. Porém, não se pode desprezar o fato de que o Brasil possui um grande número de habitantes e uma vasta diferença entre suas regiões. Assim, as regiões Sudeste e Sul apresentam um IDH e uma renda per capita muito superior àquelas apresentadas pelas regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste. Poderiam ser consideradas como países isolados, e com isso a potencialidade dessas regiões está acima da média nacional e chegando ao nível de países considerados desenvolvidos.

Tabela 3 / Table 3

População x medalhas nos Jogos Olímpicos - Verão (2000) e Inverno (2002)

GNP vs. medals in the Olympic Games – Summer (2000) and Winter (2002)

País / Country	População Population	Total de medalhas (ouro) Total of medals (gold)
1. China	1.284.211.000	67 (30)
2. Índia	1.047.000.000	1 (0)
3. Estados Unidos	287.602.000	131 (50)
4. Indonésia	211.023.000	6 (1)
5. Brasil	174.000.000	12 (0)
6. Rússia	144.536.000	104 (38)
7. Nigéria	130.000.000	3 (0)
8. Japão	127.347.000	20 (5)
9. México	101.000.000	6 (1)
10. Alemanha	82.506.000	91 (25)
11. Vietnã	80.200.000	1 (0)
12. Turquia	69.359.000	5 (3)
13. Etiópia	67.673.000	8 (4)
14. Irã	65.457.000	4 (3)
15. Tailândia	63.430.000	3 (1)
16. Reino Unido	60.178.000	31 (12)
17. França	59.440.000	49 (17)
18. Itália	57.988.000	46 (17)
19. Ucrânia	48.120.000	23 (3)

(Tabela 3 – continuação)

20. Coréia Do Sul	47.640.000	32 (10)
21. África Do Sul	45.172.000	5 (0)
22. Colômbia	41.000.000	1 (1)
23. Espanha	41.000.000	13 (5)
24. Polônia	38.644.000	16 (6)
25. Argentina	36.446.000	4 (0)
26. Argélia	31.261.000	5 (1)
27. Canadá	31.244.000	31 (9)
28. Quênia	31.139.000	7 (2)
29. Marrocos	29.630.000	5 (0)
30. Uzbequistão	25.484.000	4 (1)
31. Arábia Saudita	23.370.000	2 (0)
32. Taiwan	22.457.000	5 (0)
33. Coréia Do Norte	22.200.000	4 (0)
34. Romênia	21.667.000	26 (11)
35. Austrália	19.702.000	60 (18)
36. Sri-Lanka	18.870.000	1 (0)
37. Moçambique	18.083.000	1 (1)
38. Holanda	16.142.000	33 (15)
39. Camarões	15.803.000	1 (1)
40. Chile	15.082.000	1 (0)
41. Casaquistão	14.884.000	7 (3)
42. Cuba	11.267.000	29 (11)
43. Grécia	10.994.000	13 (4)
44. Iugoslávia	10.664.000	3 (1)
45. Portugal	10.380.000	2 (0)
46. Bélgica	10.280.000	5 (0)
47. República Tcheca	10.210.000	10 (3)
48. Hungria	10.162.000	17 (8)
49. Bielorrússia	9.933.000	18 (3)
50. Suécia	8.925.000	18 (4)
51. Azerbaijão	8.176.000	3 (2)
52. Áustria	8.077.000	19 (4)
53. Bulgária	7.890.000	16 (5)
54. Suíça	7.282.000	20 (4)
55. Israel	6.394.000	1 (0)
56. Eslováquia	5.383.000	5 (1)
57. Dinamarca	5.377.000	6 (2)
58. Finlândia	5.201.000	11(6)
59. Quirguistão	5.000.000	1 (0)
60. Geórgia	4.960.000	6 (0)
61. Noruega	4.537.000	34 (15)
62. Croácia	4.405.000	6 (4)
63. Costa Rica	3.960.000	2 (0)
64. Irlanda	3.926.000	1 (0)
65. Nova Zelândia	3.893.000	4 (1)
66. Lituânia	3.473.000	5 (2)
67. Moldávia	3.620.000	2 (0)
68. Uruguai	3.380.000	1 (0)
69. Armênia	3.008.000	1 (0)
70. Jamaica	2.630.000	7 (0)
71. Letônia	2.341.000	3 (1)
72. Kuwait	2.253.000	1 (0)
73. Macedônia	2.030.000	1 (0)
74. Eslovênia	1.948.000	3 (2)
75. Estônia	1.359.000	6 (2)
76. Trinidad E Tobago	1.304.000	2 (0)
77. Catar	606.000	1 (0)
78. Bahamas	309.000	2 (1)
79. Islândia	288.000	1 (0)
80. Barbados	270.000	1 (0)

Renda per capita / Per capita Income

Este índice representa quanto cada habitante receberia se o valor do Produto Nacional Bruto de um país fosse distribuído igualmente entre todos. Como tal, este fator de avaliação possui algumas peculiaridades uma vez que é considerado quando se analisam custos esportivos, como viagens, equipamentos, mão de obra etc que possuem um determinado preço no mercado internacional e necessitam ser importados. Entretanto, isso muda quando consideramos o custo interno do esporte em cada país. Por exemplo, a remuneração de um treinador em Cuba ou no Leste Europeu é bem menor do que a de um treinador nos Estados Unidos ou na Europa Ocidental. O custo de uma instalação esportiva que não necessite da importação de materiais é bem menor em países como Romênia, Cuba e Bulgária do que nos Estados Unidos, na Alemanha ou no Japão, por exemplo. Assim, o fator renda per capita perde seu significado dependendo do enfoque em que é utilizado. Na Tabela 4 pode-se discernir que entre os 20 países com maior renda per capita, Dinamarca, Islândia, Bélgica, Kuwait, Irlanda e Israel tiveram um fraco desempenho esportivo. Porém, deve-se observar que são países de reduzida população, uma variável exposta anteriormente e que se apresenta freqüentemente como limitadora de resultados esportivos. Considerem-se os casos de Rússia e China: países populosos, mas com baixíssima renda per capita, que estão respectivamente com o segundo e quarto melhores desempenhos.

Tabela 4 / Table 4

Renda per capita x medalhas nos Jogos Olímpicos - Verão (2000) e Inverno (2002)

Per Capita Income vs. medals in the Olympic Games – Summer (2000) and Winter (2002)

País / Country	Renda per capita em US\$ Per Capita Income in US\$	Total de medalhas (ouro) Total of medals (gold)
1. Suíça	38.140	20 (4)
2. Japão	35.620	20 (5)
3. Estados Unidos	35.040	131 (50)
4. Noruega	34.530	34 (15)
5. Dinamarca	32.280	6 (2)
6. Islândia	30.390	1 (0)
7. Suécia	27.140	18 (4)
8. Áustria	25.220	19 (4)
9. Finlândia	25.130	11 (6)
10. Alemanha	25.120	91 (25)
11. Holanda	24.970	33 (15)
12. Bélgica	24.540	5 (0)
13. Reino Unido	24.430	31 (12)
14. França	24.090	49 (17)
15. Irlanda	22.470	1 (0)
16. Canadá	21.130	31 (9)
17. Austrália	20.640	60 (18)
18. Itália	20.160	46 (17)
19. Kuwait	18.030	1 (0)
20. Israel	16.710	1 (0)
21. Espanha	15.080	13 (5)
22. Bahamas	14.960	2 (1)
23. Nova Zelândia	12.990	4 (1)
24. Taiwan	12.941	5 (0)
25. Grécia	11.960	13 (4)
26. Catar	11.600	1 (0)
27. Portugal	11.120	2 (0)
28. Eslovênia	10.050	3 (2)

(Tabela 4 – continuação)

29. Barbados	9.250	1 (0)
30. Coréia Do Sul	8.490	32 (10)
31. Argentina	7.460	4 (0)
32. Arábia Saudita	7.230	2 (0)
33. Uruguai	6.000	1 (0)
34. República Tcheca	5.250	10 (3)
35. México	5.070	6 (1)
36. Trinidad E Tobago	4.930	2 (0)
37. Hungria	4.710	17 (8)
38. Croácia	4.620	6 (4)
39. Chile	4.590	1 (0)
40. Polônia	4.190	16 (6)
41. Costa Rica	3.810	2 (0)
42. Eslováquia	3.700	5 (1)
43. Estônia	3.580	6 (2)
44. Turquia	3.100	5 (3)
45. África Do Sul	3.020	5 (0)
46. Lituânia	2.930	5 (2)
47. Letônia	2.920	3 (1)
48. Bielorrússia	2.870	18 (3)
49. Brasil	2.652	12 (0)
50. Jamaica	2.610	7 (0)
51. Colômbia	2.020	1 (1)
52. Tailândia	2.000	3 (1)
53. Macedônia	1.920	1 (0)
54. Cuba	1.700	29 (11)
55. Irã	1.680	4 (3)
56. Romênia	1.670	26 (11)
57. Rússia	1.660	104 (38)
58. Argélia	1.580	5 (1)
59. Bulgária	1.520	16 (5)
60. Cazaquistão	1.260	7 (3)
61. Marrocos	1.180	5 (0)
62. Iugoslávia	940	3 (1)
63. Sri-Lanka	850	1 (0)
64. China	800	67 (30)
65. Ucrânia	700	23 (3)
66. Geórgia	630	6 (0)
67. Azerbaijão	610	3 (2)
68. Camarões	580	1 (1)
69. Indonésia	570	6 (1)
70. Armênia	520	1 (0)
71. Coréia Do Norte	457	4 (0)
72. Índia	450	1 (0)
73. Moldávia	400	2 (0)
74. Vietnã	390	1 (0)
75. Uzbequistão	360	4 (1)
76. Quênia	350	7 (2)
77. Quirguistão	270	1 (0)
78. Nigéria	260	3 (0)
79. Moçambique	210	1 (1)
80. Etiópia	100	8 (4)

Índice de Desenvolvimento Humano-IDH

Human Development Index-HDI

O Índice de Desenvolvimento Humano mede o bem-estar da população em três aspectos: vida longa e saudável (expectativa de vida), conhecimento (escolaridade) e padrão de vida decente (Produto Interno Bruto per capita menos Paridade de Poder de Compra). Sua escala varia de 0 a 1: quanto mais próximo de 1, melhor a qualidade de vida. O IDH aparece com três casas decimais, mas possui, na verdade, 15 casas decimais, o que garante o desempate entre alguns países no ranking da qualidade de vida. A Tabela 5 oferece uma tomada geral de posição quanto ao IDH relacionado ao resultado esportivo, a fim de dar sustentação a análises feitas adiante, combinando diferentes indicadores de avaliação.

Tabela 5 / Table 5

IDH x medalhas nos Jogos Olímpicos – Verão (2000) e Inverno (2002)

HDI vs. medals in the Olympic Games – Summer (2000) and Winter (2002)

País / Country	IDH / HDI	Total de medalhas (ouro) Total of medals (gold)
1. Noruega	0.942	34 (15)
2. Suécia	0.941	18 (4)
3. Canadá	0.940	31 (9)
4. Bélgica	0.939	5 (0)
5. Austrália	0.939	60 (18)
6. Estados Unidos	0.939	131 (50)
7. Islândia	0.936	1 (0)
8. Holanda	0.935	33 (15)
9. Japão	0.933	20 (5)
10. Finlândia	0.930	11 (6)
11. Suíça	0.928	20 (4)
12. França	0.928	49 (17)
13. Reino Unido	0.928	31 (12)
14. Dinamarca	0.926	6 (2)
15. Áustria	0.926	19 (4)
16. Alemanha	0.925	91 (25)
17. Irlanda	0.925	1 (0)
18. Nova Zelândia	0.917	4 (1)
19. Itália	0.913	46 (17)
20. Espanha	0.913	13 (5)
21. Israel	0.896	1 (0)
22. Taiwan	0.888	5 (0)
23. Grécia	0.885	13 (4)
24. Coreia Do Sul	0.882	32 (10)
25. Portugal	0.880	2 (0)
26. Eslovênia	0.879	3 (2)
27. Barbados	0.871	1 (0)
28. República Tcheca	0.849	10 (3)
29. Argentina	0.844	4 (0)
30. Hungria	0.835	17 (8)
31. Eslováquia	0.835	5 (1)
32. Polônia	0.833	16 (6)
33. Chile	0.831	1 (0)

(Tabela 5 – continuação)

34. Uruguai	0.831	1 (0)
35. Bahamas	0.826	2 (1)
36. Estônia	0.826	6 (2)
37. Costa Rica	0.820	2 (0)
38. Kuwait	0.813	1 (0)
39. Croácia	0.809	6 (4)
40. Lituânia	0.808	5 (2)
41. Trinidad E Tobago	0.805	2 (0)
42. Catar	0.803	1 (0)
43. Letônia	0.800	3 (1)
44. México	0.796	6 (1)
45. Cuba	0.795	29 (11)
46. Bielorrússia	0.788	18 (3)
47. Rússia	0.781	103 (38)
48. Bulgária	0.779	16 (5)
49. Romênia	0.775	26 (11)
50. Macedônia	0.772	1 (0)
51. Colômbia	0.772	1 (1)
52. Tailândia	0.762	3 (1)
53. Arábia Saudita	0.759	2 (0)
54. Brasil	0.757	12 (0)
55. Armênia	0.754	1 (0)
56. Cazaquistão	0.750	7 (3)
57. Ucrânia	0.748	23 (3)
58. Geórgia	0.748	6 (0)
59. Turquia	0.742	5 (3)
60. Jamaica	0.742	7 (0)
61. Azerbaijão	0.741	3 (2)
62. Sri-Lanka	0.741	1 (0)
63. Uzbequistão	0.727	4 (1)
64. China	0.726	67 (30)
65. Irã	0.721	4 (3)
66. Quirguistão	0.712	1 (0)
67. Moldávia	0.701	2 (0)
68. Argélia	0.697	5 (1)
69. África Do Sul	0.695	5 (0)
70. Vietnã	0.688	1 (0)
71. Indonésia	0.684	6 (1)
72. Marrocos	0.602	5 (0)
73. Índia	0.577	1 (0)
74. Quênia	0.513	7 (2)
75. Camarões	0.512	1 (1)
76. Nigéria	0.462	3 (0)
77. Etiópia	0.327	8 (4)
78. Moçambique	0.322	1 (1)
79. Coreia Do Norte	-	4 (0)
80. Iugoslávia	-	3 (1)

Avaliação ponderada reunindo PIB, população (POP), renda per capita (RPC) e IDH

Weighed assessment joining GNP, population (POP), per capita income (RPC) and HDI (IDH)

Na Tabela 6 foram relacionados os países que conquistaram medalhas nos Jogos Olímpicos de Verão e de Inverno, respectivamente em 2000 e 2002. Os dados relativos ao Índice de Desenvolvimento Humano são de 2001, período mais adequado para se analisar o desempenho dos países nos últimos Jogos Olímpicos. O quadro foi elaborado a priori da seguinte forma: os países medalhistas foram relacionados nos quatro indicadores, sendo que a posição que ocuparam em cada um equivaleu a um número de pontos. Assim, os Estados Unidos como nação líder em PIB receberam um ponto neste item. Como terceiros colocados nos índices de população e renda per capita, receberam 3 pontos em cada um. Com o sexto melhor IDH, receberam 6 pontos. A pontuação foi somada, resultando num total de pontos. Esse total expressaria tentativamente o potencial esportivo à luz dos resultados olímpicos: quanto menor o número de pontos, no caso, colocações, maior o potencial do país. Neste exercício de cenário, os índices inicialmente tiveram o mesmo peso. Porém, surgiram situações inusitadas. Por exemplo, a Islândia, com 288.000 habitantes e com um PIB de 8,5 bilhões de dólares, ficou à frente da Índia, que possui uma população superior a 1 bilhão de habitantes e um PIB de 455 bilhões de dólares. Logicamente, diante desses números, a Índia possui um potencial muito maior do que a Islândia. Nestes termos, os índices de renda per capita e IDH acabam escondendo uma situação de fato, no caso o maior potencial da Índia. Esses dois últimos índices também possuem falhas no momento em que são analisados países como Brasil, México e Índia, que possuem uma grande população e um importante PIB, que podem ser concentrados em algumas regiões, colocando-as acima da média geral do país. Por exemplo, a renda per capita e o IDH do Estado de São Paulo é muito superior aos dos Estados das regiões norte, nordeste e centro-oeste. Porém, quando se considera o total brasileiro, essas regiões acabam influenciando para baixo os índices do Brasil. Igualmente, na primeira simulação ocorreram algumas distorções, como por exemplo: Portugal e Rússia com o mesmo potencial; o Brasil com um potencial inferior à Finlândia e Argentina; Casaquistão, Nigéria e Bulgária atrás de Barbados, que possui uma reduzidíssima população em relação a esses países, fator que inviabiliza a obtenção de atletas qualificados. Outra distorção foi a da Islândia colocar-se à frente de Índia, Irã, Ucrânia e Indonésia, países de elevada população e com riqueza respeitável. Estes resultados demonstram que os fatores renda per capita e IDH devem ser vistos com reservas quanto à avaliação de dimensões macro de um país. Diante destas constatações, foi adotado em segunda instância na construção da Tabela 6, o critério de peso dois para os índices PIB e população, e peso 1 para IDH e renda per capita. Os mesmos pesos foram aplicados na construção da Tabela 7 na qual a posição relativa aos resultados esportivos foi obtida utilizando-se o critério do maior número de medalhas, que compensa distorções, como a que classificou Moçambique, Colômbia e Camarões à frente do Brasil por possuírem apenas uma medalha de ouro contra 6 de prata e 6 de bronze.

Tabela 6 / Table 6

Avaliação em conjunto PIB, POP, RPC e IDH x medalhas nos Jogos Olímpicos – Verão (2000) e Inverno (2002)*

*Joint assessment of GNP, POP, RPC and IDH vs. medals in the Olympic Games – Summer (2000) and Winter (2002)**

País Country	Pontuação Scores	País Country	Pontuação Scores	País Country	Pontuação Scores
1. Estados Unidos	13	27. Israel	131	53. Costa Rica	198
2. Japão	21	28. Irlanda	132	54. Vietnã	203
3. França	47	29. China	136	55. Bahamas	208
3. Reino Unido	47	30. Turquia	138	55. Marrocos	208
5. Alemanha	49	31. Arábia Saudita	143	55. Nigéria	208
6. Canadá	54	32. Nova Zelândia	146	58. Casaquistão	211
7. Itália	61	33. República Tcheca	148	58. Lituânia	211
8. Holanda	71	34. Chile	150	60. Barbados	213
9. Austrália	72	34. Tailândia	150	61. Catar	214
10. Espanha	73	36. Hungria	157	62. Sri-Lanka	217
11. Suécia	80	36. Islândia	157	63. Bulgária	218
12. Bélgica	81	38. Índia	159	64. Trinidad e Tobago	223
13. Suíça	84	39. Colômbia	161	65. Estônia	226
14. Coreia do Sul	87	40. África do Sul	164	66. Letônia	227
15. Noruega	92	41. Irã	168	67. Usbequistão	231
16. Taiwan	94	42. Kuwait	173	68. Quênia	238
17. Áustria	97	43. Indonésia	176	68. Etiópia	238
18. México	99	44. Eslovênia	179	70. Camarões	246
19. Dinamarca	100	45. Eslováquia	182	71. Jamaica	247
20. Argentina	102	45. Romênia	182	72. Azerbaijão	250
21. Finlândia	105	47. Ucrânia	186	72. Macedônia	250
22. Brasil	118	48. Uruguai	187	74. Geórgia	260
23. Grécia	121	49. Croácia	189	75. Moçambique	269
23. Polônia	121	50. Bielorrússia	192	76. Armênia	272
25. Rússia	130	51. Argélia	193	77. Quirguistão	282
25. Portugal	130	52. Cuba	196	78. Moldávia	286

*Peso dois para os índices PIB e população, e peso 1 para IDH e renda per capita / *Weighed scores: GNP and population x 2; HDI and per capita income x 1.*

Tabela 7 / Table 7

Avaliação em conjunto PIB, POP, RPC e IDH x maior número de medalhas nos Jogos Olímpicos – Verão (2000) e Inverno (2002)*

*Joint assessment of GNP, POP, RPC and IDH vs. larger number of medals in the Olympic Games – Summer (2000) and Winter (2002)**

Ordenação de países por potencial olímpico

Order of countries by Olympic potential

País / Countries	PIB (x2)	POP (x2)	RPC (x1)	IDH (x1)	Pontuação Scores	Medalhas Medals
1. EUA	1 (2 pts)	3 (6 pts)	3	6	17	1
2. Japão	2 (4)	8 (16)	2	9	31	16
3. Alemanha	3 (6)	10 (20)	10	16	52	3
4. França	4 (8)	17 (34)	14	12	68	6
4. Reino Unido	5 (10)	16 (32)	13	13	68	11
6. Itália	6 (12)	18 (36)	18	19	85	7
7. Canadá	8 (16)	27 (54)	16	3	89	12
8. Espanha	9 (18)	23 (46)	21	20	105	24
9. México	11 (22)	9 (18)	35	44	119	37
10. Coreia do Sul	13 (26)	20 (40)	30	24	120	10
11. Austrália	15 (30)	35 (70)	17	5	122	5
12. Holanda	14 (28)	38 (76)	11	8	123	9
13. Brasil	10 (20)	5 (10)	49	54	133	26
14. Taiwan	16 (32)	32 (64)	24	22	142	45
15. Argentina	17 (34)	25 (50)	31	29	144	50
15. China	7 (14)	1 (2)	64	64	144	4
17. Bélgica	19 (38)	46 (92)	12	4	146	43
18. Suécia	21 (42)	50 (100)	7	2	151	19
19. Rússia	20 (40)	6 (12)	57	47	156	2
19. Suíça	18 (36)	54 (108)	1	11	156	17
21. Polônia	25 (50)	24 (48)	40	32	170	22
22. Áustria	22 (44)	52 (104)	8	15	171	18
23. Turquia	23 (46)	12 (24)	44	59	173	39
23. Índia	12 (24)	2 (4)	72	73	173	70
25. Noruega	26 (52)	61 (122)	4	1	179	8
26. Dinamarca	24 (48)	57 (114)	5	14	181	34
27. Finlândia	28 (56)	58 (116)	9	10	191	27
28. Grécia	30 (60)	43 (86)	25	23	194	25
29. Tailândia	31 (62)	15 (30)	52	52	196	56
30. Arábia Saudita	27 (54)	31 (62)	32	53	201	59
31. Portugal	33 (66)	45 (90)	27	25	208	62
32. Indonésia	32 (64)	4 (8)	69	71	212	36
33. África do Sul	29 (58)	21 (42)	45	69	214	43
34. Irã	34 (68)	14 (28)	55	65	216	47
35. Colômbia	37 (74)	22 (44)	51	51	220	64
36. Israel	35 (70)	55 (110)	20	21	221	70
37. Chile	38 (76)	40 (80)	39	33	228	70
38. Irlanda	36 (72)	64 (128)	15	17	232	67
39. República Tcheca	39 (78)	47 (94)	34	28	234	28
40. Hungria	42 (84)	48 (96)	37	30	247	21
41. Ucrânia	45 (90)	19 (38)	65	57	250	15
42. Nova Zelândia	40 (80)	65 (130)	23	18	251	49
43. Romênia	43 (86)	34 (68)	56	49	259	14
44. Argélia	41 (82)	26 (52)	58	68	260	42
45. Nigéria	47 (94)	7 (14)	78	76	262	57
45. Vietnã	48 (96)	11 (22)	74	70	262	67
47. Marrocos	46 (92)	29 (58)	61	72	283	45
48. Kuwait	44 (88)	72 (144)	19	38	289	70
49. Bielorrússia	49 (98)	49 (98)	48	46	290	20
50. Eslováquia	53 (106)	56 (112)	42	31	291	41
51. Cuba	55 (110)	42 (84)	54	45	293	13
52. Croácia	50 (100)	62 (124)	38	39	301	33
52. Islândia	65 (130)	79 (158)	6	7	301	70
54. Eslovênia	51 (102)	74 (148)	28	26	304	52
55. Casaquistão	54 (108)	41 (82)	60	56	306	30
56. Uruguai	52 (104)	68 (136)	33	34	307	67
57. Sri-Lanka	56 (112)	36 (72)	63	62	309	70
58. Costa Rica	57 (114)	63 (126)	41	37	318	62
59. Etiópia	68 (136)	13 (26)	80	77	319	29
60. Usbequistão	63 (126)	30 (60)	75	63	324	48
61. Quênia	60 (120)	28 (56)	76	74	326	31
62. Bulgária	58 (116)	53 (106)	59	48	329	23
63. Lituânia	59 (118)	66 (132)	46	40	336	40
64. Camarões	64 (128)	39 (78)	68	75	349	64
65. Bahamas	73 (146)	78 (156)	22	35	359	58
66. Catar	69 (138)	77 (154)	26	42	360	70
67. Letônia	66 (132)	71 (142)	47	43	364	54
68. Trinidad e Tobago	70 (140)	76 (152)	36	41	369	59
69. Barbados	77 (154)	80 (160)	29	27	370	70
70. Azerbaijão	71 (142)	51 (102)	67	61	372	52
71. Estônia	72 (144)	75 (150)	43	36	373	35
72. Moçambique	75 (150)	37 (74)	79	78	381	64
73. Jamaica	67 (134)	70 (140)	50	60	384	32
74. Geórgia	76 (152)	60 (120)	66	58	396	38
75. Macedônia	74 (148)	73 (146)	53	50	397	70
76. Armênia	78 (156)	69 (138)	70	55	419	70
77. Quirguistão	80 (160)	59 (118)	77	66	421	70
78. Moldávia	79 (158)	67 (134)	73	67	432	59

* Peso dois para os índices PIB e população, e peso 1 para IDH e renda per capita / *Weighed scores: GNP and population x 2; HDI and per capita income x 1.*

Índice de aproveitamento / *Index of effectiveness*

A Tabela 8 foi elaborada a fim de se estabelecer um índice de aproveitamento, ou seja: coloca-se o número da posição do país em potencial, subtraído do número da posição em medalhas. Por meio deste arranjo pode-se hipoteticamente chegar a três conclusões:

1. O resultado positivo significa que o país está acima do seu potencial, sugerindo capacidade efetiva de aplicação dos recursos na área esportiva em adição à vontade política quanto à obtenção de resultados favoráveis.
2. O resultado negativo significa que o país está abaixo do seu potencial, e que sua aplicação de recursos está insuficiente na área esportiva por deficiência administrativa e / ou por falta de vontade política.
3. O resultado nulo, ou seja, igual a zero, significa que o país está correspondendo exatamente ao seu potencial.

Assim sendo, a apreciação dos dados ordenados pela Tabela 8 indica correspondências com a Tabela 2 que apresenta constatações da empresa PriceWaterhouseCoopers, ou seja, o bom desempenho de países do antigo Bloco Socialista. Por outro lado, países subdesenvolvidos como Jamaica, Quênia e Etiópia tiveram um excelente resultado. Os Estados Unidos, em particular, conseguiram uma posição que seria a esperada deles como primeiros colocados no critério de pontuação elaborado, confirmando a expectativa com o primeiro lugar no quadro de medalhas. Alemanha, França, Itália e Polônia também corresponderam os resultados com seus potenciais. Rússia e China obtiveram resultados bem acima do que seria o potencial de cada um. O Brasil ficou atrás da Nigéria, mas conseguiu se colocar à frente de Japão e Espanha. Por outro lado, Argentina, Índia, Israel e Taiwan são exemplos de insuficiência na obtenção de resultado esportivo olímpico. Outra limitação a se considerar neste critério refere-se à escassez do número total de medalhas em disputa. Ocorre neste caso, que as grandes potências esportivas deixam cada vez menos espaço para as demais, reduzindo as possibilidades de se relevar nações de eficiência olímpica mas que estejam fora do conjunto de líderes. A recente dissolução da União Soviética tem adiado esta constatação por abrir mais espaço nas medalhas em disputas. Por outro lado, a crescente ênfase em Jogos continentais – Panamericanos, Asiáticos, Commonwealth etc – tem constituído um fator de distensão de uma oferta inelástica de medalhas.

A Tabela 8 adicionalmente oferece uma melhor compreensão do desempenho do Brasil em relação ao seu potencial, ao se comparar a posição do país em número total de medalhas com as posições referentes ao Produto Interno Bruto, à população, à renda per capita e ao IDH. O Brasil ocupa a 10ª colocação em termos de Produto Interno Bruto na lista dos países medalhistas nos Jogos Olímpicos de 2000 e 2002. Entretanto, ficou apenas com a 26ª posição em número de medalhas. Nesse caso o resultado se mostrou desfavorável em relação ao PIB. Já dentre todos os países medalhistas, o Brasil possui a quinta maior população do mundo. Porém, como ficou em apenas 26º lugar em número de medalhas. Seus resultados em relação ao número de habitantes também foram negativos. Quanto aos dois outros fatores, o IDH e a renda per capita, o desempenho do Brasil pode ser considerado favorável. Sua 26ª colocação em número de medalhas supera largamente sua posição no IDH (54º lugar entre os medalhistas) e em renda per capita (49º lugar).

Tabela 8 / Table 8

Índice de aproveitamento do potencial de resultados olímpicos, 2000 / 2002
Effectiveness index related to potential of Olympic results, 2000 / 2002

Países <i>Countries</i>	Colocação em potencial (CP) <i>Potential order (CP)</i>	Colocação em medalhas (CM) <i>Medals order (CM)</i>	Índice CP - CM <i>Index CP - CM</i>
1. Jamaica	73	32	73-32 = +41
2. Bulgária	62	23	62-23 = +39
3. Cuba	51	13	51-13 = +38
4. Estônia	71	35	71-35 = +36
4. Geórgia	74	38	74-38 = +36
6. Etiópia	59	29	59-29 = +30
6. Quênia	61	31	61-31 = +30
8. Bielorrússia	49	20	49-20 = +29
8. Romênia	43	14	43-14 = +29
10. Ucrânia	41	15	41-15 = +26
11. Casaquistão	55	30	55-30 = +25
12. Lituânia	63	40	63-40 = +23
13. Croácia	52	33	52-33 = +19
13. Hungria	40	21	40-21 = +19

(Tabela 8 – continuação)

13. Moldávia	78	59	78-59 = +19
16. Azerbaijão	70	52	70-52 = +18
17. Noruega	25	8	25-8 = +17
17. Rússia	19	2	19-2 = +17
19. Letônia	67	54	67-54 = +13
20. Usbequistão	60	48	60-48 = +12
21. China	15	4	15-4 = +11
21. República Tcheca	39	28	39-28 = +11
23. Eslováquia	50	41	50-41 = +9
23. Trinidad e Tobago	68	59	68-59 = +9
25. Moçambique	72	64	72-64 = +8
26. Bahamas	65	58	65-58 = +7
26. Quirguistão	77	70	77-70 = +7
28. Armênia	76	70	76-70 = +6
28. Austrália	11	5	11-5 = +6
30. Macedônia	75	70	75-70 = +5
31. Áustria	22	18	22-18 = +4
32. Grécia	28	25	28-25 = +3
32. Holanda	12	9	12-9 = +3
34. Argélia	44	42	44-42 = +2
34. Eslovênia	54	52	54-52 = +2
34. Marrocos	47	45	47-45 = +2
34. Suíça	19	17	19-17 = +2
38. Estados Unidos (EUA)	1	1	1-1 = 0
38. Alemanha	3	3	3-3 = 0
38. Camarões	64	64	64-64 = 0
38. Coreia do Sul	10	10	10-10 = 0
38. Finlândia	27	27	27-27 = 0
43. Barbados	69	70	69-70 = -1
43. Itália	6	7	6-7 = -1
43. Polônia	21	22	21-22 = -1
43. Suécia	18	19	18-19 = -1
47. França	4	6	4-6 = -2
48. Catar	66	70	66-70 = -4
48. Costa Rica	58	62	58-62 = -4
48. Indonésia	32	36	32-36 = -4
51. Canadá	7	12	7-12 = -5
52. Nova Zelândia	42	49	42-49 = -7
52. Reino Unido	4	11	4-11 = -7
54. Dinamarca	26	34	26-34 = -8
55. África do Sul	33	43	33-43 = -10
56. Uruguai	56	67	56-67 = -11
57. Nigéria	45	57	45-57 = -12
58. Brasil	13	26	13-26 = -13
58. Irã	34	47	34-47 = -13
58. Sri-Lanka	57	70	57-70 = -13
61. Japão	2	16	2-16 = -14
62. Espanha	8	24	8-24 = -16
62. Turquia	23	39	23-39 = -16
64. Islândia	52	70	52-70 = -18
65. Kuwait	48	70	48-70 = -22
65. Vietnã	45	67	45-67 = -22
67. Bélgica	17	43	17-43 = -26
68. Tailândia	29	56	29-56 = -27
69. México	9	37	9-37 = -28
70. Arábia Saudita	30	59	30-59 = -29
70. Colômbia	35	64	35-64 = -29
70. Irlanda	38	67	38-67 = -29
73. Portugal	31	62	31-62 = -31
73. Taiwan	14	45	14-45 = -31
75. Chile	37	70	37-70 = -33
76. Israel	36	70	36-70 = -34
77. Argentina	15	50	15-50 = -35

Classificação ponderada

Weighed scores of classification

Um exercício digno de atenção foi feito pelo jornal "Folha de São Paulo" da cidade de São Paulo-SP (02/10/2000), ao publicar tabelas classificando os países medalhistas em Sydney primeiramente pelo critério de medalhas de ouro, em seguida pelo critério do total de medalhas. Para isso, usou-se uma classificação ponderada, em que 4 pontos são dados à medalha de ouro, 2 à medalha de prata e apenas 1 à medalha de bronze. Em uma outra classificação, elencou os países de acordo com sua produtividade, dividindo o número de atletas presentes pelo número de medalhas conquistadas. Por fim, apresentou uma classificação considerando a relação do número de habitantes por número de medalhas. Uma crítica já antes aqui esposada quanto a uma medalha de ouro valer 4 pontos contra apenas 1 de uma de bronze desfigura amplamente a possibilidade de se medir a força de um país: obter 4 medalhas de bronze exige alguma estrutura esportiva, enquanto uma medalha de ouro pode ser reflexo de algum atleta isolado. Mesmo assim, o critério da classificação ponderada possui alguma significação, pois consegue, ainda que de forma limitada, levar em conta o total de medalhas obtidas. Por exemplo, os oito maiores medalhistas dos Jogos de Sydney ficaram com as oito primeiras posições na classificação ponderada. A Etiópia, 26ª colocada em número de medalhas, sobe apenas para 24º lugar. O Brasil, 21º em número de medalhas, cai para 26º lugar. Porém, no deficiente critério de medalhas de ouro, o Brasil fica apenas com a 52ª colocação. Neste propósito, cabe citar Tubino (2000), que se referindo aos Jogos Olímpicos de Sydney-2000, afirmou que o critério de medalhas de ouro passou a ser adotado pela imprensa depois que a União Soviética passou a conquistar mais medalhas do que os Estados Unidos. Antes, prevalecia um critério mais complexo, que considerava as 10 ou 8 primeiras colocações.

Tabela 9 / Table 9

Classificação ponderada de resultados olímpicos, 2000 / 2002

Weighed scores of classification related to Olympic results, 2000 / 2002

País / Country	Pontuação / Scores	País / Country	Pontuação / Scores
1. Eua	239 (241)*	40. Argélia	9
2. Rússia	212	42. Eslovênia	8
3. China	183	42. Uzbequistão	8
4. Austrália	131	44. Letônia	7
5. Alemanha	116 (112)*	44. Iugoslávia	7
6. França	91	44. Nova Zelândia	7
7. Itália	81	44. Bélgica	7
8. Cuba	73	44. África Do Sul	7
9. Reino Unido	71	49. Bahamas	6
10. Holanda	70	49. Estônia	6
11. Romênia	65	49. Tailândia	6
12. Coreia Do Sul	61 (62)*	49. Nigéria	6
13. Hungria	47	49. Argentina	6
14. Ucrânia	42	49. Marrocos	6
15. Japão	41	49. Taiwan	6
16. Polônia	37	49. Geórgia	6
17. Bulgária	34	57. Croácia	5
18. Grécia	31	57. Coreia do Norte	5
19. Suécia	29	59. Camarões	4
19. Bielorrússia	29	59. Colômbia	4
21. Canadá	26	59. Moçambique	4
22. Noruega	25	62. Arábia Saudita	3
23. Espanha	23	62. Moldávia	3
24. Etiópia	21	62. Trinidad e Tobago	3
25. Cazaquistão	20	65. Irlanda	2
26. Brasil	18	65. Uruguai	2
26. Suíça	18	65. Vietnã	2
28. República Tcheca	17	65. Costa Rica	2
29. Quênia	16	65. Portugal	2
30. Dinamarca	15	70. Armênia	1
31. Irã	13	70. Barbados	1
31. Turquia	13 (14)*	70. Chile	1
33. Indonésia	12	70. Índia	1
34. Finlândia	11	70. Islândia	1
34. Lituânia	11	70. Israel	1
34. Eslováquia	11	70. Quirguistão	1
34. México	11	70. Kuwait	1
34. Jamaica	11	70. Catar	1
39. Áustria	10	70. Sri Lanka	1
40. Azerbaijão	9	70. Macedônia	1

* Os números em parênteses são a efetiva pontuação conseguida pelos países após a revisão do resultado da categoria até 76 kg na Luta Livre; o jornal Folha de São Paulo organizou as tabelas antes da revisão dos resultados / *The original Tables were adjusted after the revision of results in Olympic Wrestling*

Ranking de produtividade atletas x medalhas

Productivity ranking of athletes vs. medals

Na tabela 10, o critério utilizado foi dividir o número de componentes, ou seja, de atletas, de cada delegação, pelo número de medalhas conquistadas. Teoricamente, obteve-se um índice de produtividade, ou seja, "x" atletas por medalha: que apresentou menor índice foi o que apresentou melhor produtividade. Com relação a este critério, o Brasil ficou em 51º lugar com uma média de uma medalha para cada 17.1 atletas. Entre os cinco primeiros colocados, a ordem foi China, Rússia, EUA, Alemanha e Austrália. Esta última participou com uma grande delegação em virtude de ter sido o país sede. Naturalmente seu 28º lugar acabou sendo consequência deste fato. Convém lembrar que o número de competidores de uma delegação não é arbitrário: é determinado através das competições pré-olímpicas e também de índices classificatórios pré-estabelecidos, como ocorre na Natação e no Atletismo, por exemplo. Assim, um país com uma reduzida delegação e que obtém algumas medalhas não significa que seja uma força, pois conseguiu se classificar em poucos esportes e por isso se apresentou com poucos atletas. Nesse caso se enquadram a Etiópia e Moçambique, que só disputam o Atletismo e ainda em provas restritas. Naturalmente, quando obtêm uma medalha acabam apresentando elevado nível de produtividade. É significativo notar que este critério mescla países com um total maior de medalhas, como Rússia, Estados Unidos e China, e com poucas medalhas, como Moçambique, Etiópia, Costa Rica, Vietnã, entre os primeiros colocados.

Tabela 10 / Table 10

Ranking de produtividade atletas x medalhas – resultados olímpicos, 2000 / 2002

Productivity ranking of athletes vs. medals – Olympic results, 2000 / 2002

País / Country	Índice / Score	País / Country	Índice / Score
1. Costa Rica	3.5	41. Polônia	13.8
2. Etiópia	3.8	41. Bélgica	13.8
3. China	4.8	43. Bahamas	14.0
4. Rússia	5.2	44. Turquia	14.7
5. Moçambique	6.0	45. Japão	14.9
5. Romênia	6.0	46. Uruguai	15.0
5. Geórgia	6.0	46. Letônia	15.0
8. Eua	6.2	48. República Tcheca	16.0
9. Vietnã	7.0	49. Dinamarca	16.3
10. Bulgária	7.3	50. Moldávia	17.0
11. Jamaica	7.6	51. Brasil	17.1
11. Alemanha	7.6	52. Barbados	18.0
13. Coreia Do Norte	7.7	53. Finlândia	18.5
14. Indonésia	8.0	54. Cazaquistão	18.7
15. Bielorrússia	8.1	55. Sri-Lanka	19.0
16. Cuba	8.3	56. Uzbequistão	19.2
16. Quênia	8.3	57. Tailândia	19.7
18. França	9.1	58. Islândia	20.0
19. Irã	9.2	59. Canadá	22.0
20. Argélia	9.4	60. Eslováquia	22.4
21. Holanda	9.6	61. África Do Sul	26.0
22. Noruega	10.0	62. Armênia	27.0
22. Macedônia	10.0	63. Catar	28.0
24. Coreia Do Sul	10.1	64. Nigéria	30.3
25. Azerbaijão	10.3	65. Áustria	31.0
26. Ucrânia	10.4	66. Espanha	31.7
27. Estônia	10.6	67. Kuwait	32.0
28. Austrália	10.8	68. Argentina	36.2
29. Taiwan	11.2	69. Iugoslávia	37.3
30. Hungria	11.3	70. Nova Zelândia	37.5
31. Itália	11.4	71. Camarões	38.0
32. Reino Unido	11.5	72. Eslovênia	39.0
32. Trinidad E Tobago	11.5	73. Israel	40.0
32. Arábia Saudita	11.5	73. Portugal	40.0
35. Grécia	11.8	75. Colômbia	46.0
36. Suíça	11.9	76. Croácia	48.0
37. Marrocos	12.2	77. Quirguistão	49.0
38. Lituânia	12.4	78. Chile	52.0
39. Suécia	12.9	79. Índia	72.0
40. México	13.2	79. Irlanda	72.0

Competitividade global entre nações x competitividade esportiva olímpica

Global Competitiveness between nations vs. Competitiveness in Olympic sports

O Relatório Global de Competitividade 2003-2004 – Fórum Econômico Mundial elaborou questionários a executivos de 102 países objetivando quantificar o impacto de determinados fatores considerados chaves na criação de condições para o crescimento sustentável de um país. Entre eles incluem-se taxa de juros (100), crime organizado (82), inflação, superávit/déficit governamental, política macroeconômica (75), qualidade das instituições, situação da tecnologia e infra-estrutura (números entre parênteses representam a ordem de colocação do Brasil nas respectivas áreas). O exercício diante deste tipo de abordagem é o de observar possíveis correlações entre a competitividade definida pelo Fórum Econômico Mundial-FEM e os resultados olímpicos. A Tabela 11 apresenta países que obtiveram medalhas nos Jogos Olímpicos de Verão em 2000 e de Inverno em 2002, ordenados pelo índice FEM. Observando-se este ranking à luz da ordenação de medalhas 2000-2002, nota-se que em relação a alguns países há uma certa correspondência entre a competitividade de natureza econômico-social e a obtenção de resultados olímpicos. Porém, com relação a outros não há qualquer relação, donde se conclui que a competitividade esportiva é distinta da competitividade macro admitida pelo FEM. A comprovação destas assertivas resulta da apreciação de cada país isoladamente. Os Estados Unidos, a Austrália e a Alemanha estão em segundo (2), décimo (10) e décimo terceiro (13) respectivamente. Já em resultados, estão em primeiro (EUA), quinto (Austrália) e terceiro (Alemanha), lugares considerando-se a soma de medalhas nos Jogos de Verão (2000) e de Inverno (2002). Portanto, admitindo-se que há uma certa aproximação entre os dois modos de competitividade, o deslocamento da análise para duas potências olímpicas mundiais, Rússia e China, que ficaram respectivamente em 70º e 44º lugares FEM, elimina tal pressuposto. Isto porque em termos de resultados esportivos, a Rússia ocupou no período estudado a segunda colocação enquanto a China ficou com a quarta.

Outros exemplos são a França (26) e a Itália (41), que em termos de resultados olímpicos se apresentaram em 6º e 7º lugares respectivamente. Algo similar ocorre com a Romênia (75) e a Ucrânia (84), respectivamente em 14º e 15º lugares em termos de resultados olímpicos esportivos. O Brasil ocupa a 54ª colocação segundo o estudo do FEM. Porém, em termos de resultados olímpicos é o 26º colocado. Neste caso seria oportuno tentar estabelecer uma relação com a baixa competitividade do país e sua fraca atuação em termos de resultados. Porém, deve-se levar em conta o fator riqueza (PIB) e população, pois se poderia chegar à conclusão de que estando em 54º lugar em competitividade e obtendo a 26ª colocação em número de medalhas, o desempenho do país seria favorável. Esta hipótese se dilui ao se analisar os dados de Produto Interno Bruto em conjunto com a população. Também se deve levar em conta que este tipo de estudo, considerando países de reduzida população, provoca distorções se quisermos comparar com outros países bem mais populosos. A Islândia, por exemplo, possui alto índice de competitividade, mas é escassa em número de habitantes; o mesmo se pode afirmar de Malta e Luxemburgo.

Tabela 11 / Table 11

Ordem de competitividade internacional segundo o Fórum Econômico Mundial, 2003

International competitiveness order according to the World Economic Forum, 2003

País / Country	Posição / Position	País / Country	Posição / Position	País / Country	Posição / Position
Finlândia	1	Grécia	35	Tanzânia	69
EUA	2	Botswana	36	Rússia	70
Suécia	3	Letônia	37	Gana	71
Dinamarca	4	Tunísia	38	Indonésia	72
Taiwan	5	República Tcheca	39	Paquistão	73
Cingapura	6	Lituânia	40	Argélia	74
Suíça	7	Itália	41	Romênia	75
Islândia	8	África do Sul	42	Malawi	76
Noruega	9	Eslováquia	43	Sérvia	77
Austrália	10	China	44	Argentina	78
Japão	11	Polônia	45	Senegal	79
Holanda	12	Mauritius	46	Uganda	80
Alemanha	13	México	47	Macedônia	81
Nova Zelândia	14	El Salvador	48	Venezuela	82
Reino Unido	15	Trinidad e Tobago	49	Quênia	83
Canadá	16	Uruguai	50	Ucrânia	84
Áustria	17	Costa Rica	51	Bolívia	85
Coreia do Sul	18	Namíbia	52	Equador	86
Malta	19	Croácia	53	Nigéria	87
Israel	20	Brasil	54	Zâmbia	88
Luxemburgo	21	Gâmbia	55	Guatemala	89
Estônia	22	Índia	56	Nicarágua	90
Espanha	23	Peru	57	Camarões	91
Hong-Kong	24	Egito	58	Etiópia	92
Portugal	25	Panamá	59	Moçambique	93
França	26	Vietnã	60	Honduras	94
Bélgica	27	Marrocos	61	Paraguai	95
Chile	28	República Dominicana	62	Madagascar	96
Malásia	29	Colômbia	63	Zimbábwe	97
Irlanda	30	Bulgária	64	Bangladesh	98
Eslovênia	31	Turquia	65	Mali	99
Tailândia	32	Filipinas	66	Angola	100
Hungria	33	Jamaica	67	Tchad	101
Jordânia	34	Sri-Lanka	68	Haiti	102

Tendências do cenário internacional dos resultados esportivos

Trends of the International scenario of sports results

O pressuposto da adoção de uma abordagem em conjunto e comparativa a fim de evitar legitimações arbitrárias de determinados critérios de avaliação de resultados esportivos tem ampla confirmação ao se compararem as análises anteriores, que se apóiam na vertente olímpica, a de maior influência no esporte dos dias presentes. Simplesmente, nenhum dos exercícios cenarizados ficou isento de desvios, o que sugere o uso indispensável de abordagem múltipla como base de compreensão das posições relativas do país em comparações internacionais esportivas. Outra evidência consolidada refere-se à peculiaridade do projeto esportivo nacional, cujo sentido de competitividade é sobremodo distinto da competitividade econômica e social em perspectivas internacionais (ver análises concernentes à Tabela 11). Ou seja: o projeto esportivo vale por si mesmo e como tal tem valor relativo em cada país. Mais especificamente, as tendências discerníveis – nas quais o Brasil poderá se posicionar ou se inserir no presente e no futuro – são:

1. A contagem das medalhas olímpicas permanece como uma importante referência para a tradição esportiva, mas não é adequado afirmar a existência de uma correlação direta entre o total de vitórias obtidas pelos países e seus respectivos indicadores nacionais de produto interno bruto, população, renda per capita, poder de paridade de compra ou índice de desenvolvimento humano.

2. Os ideais do esporte guardam proximidade com princípios ligados ao desenvolvimento humano, porém o êxito nas disputas olímpicas não é atestado de um maior índice de desenvolvimento humano.

3. O número de medalhas olímpicas tende a refletir primordialmente o resultado de políticas especificamente voltadas para o desenvolvimento do esporte competitivo, que um país, governo ou sociedade decide privilegiar mais do que outras. Estas políticas tendem a se legitimar por meio da necessidade de determinadas nações no sentido de obter auto-estima por parte de suas populações como também de projetar internacionalmente a imagem positiva do país.

4. A tentativa que visa a associar a conquista de medalhas olímpicas com indicadores nacionais pode estimular reflexões desafiadoras com respeito do valor atribuído às vitórias olímpicas e à democratização do esporte em um contexto de desenvolvimento social.

Fontes Chalip, L., Johnson, A. & Stachura, L. National Sports Policies. Greenwood Press, London, 1996; DaCosta, L.P. & Miragaya, A.M. Worldwide Experiences and Trends in Sport for All. Meyer & Meyer Sport, Aachen, 2002; Kidane, F. Report on Sydney Olympic Games. Olympic Review, no. XXVII, Dec. 2000/ Jan. 2001, pp. 27 – 28; ALMANAQUE ABRIL-2003; Manoel Gomes Tubino (2000).

Cenário de bases geográficas do esporte e atividades físicas no Brasil

GILMAR MASCARENHAS

Scenario of geographic bases of sports and physical activities in Brazil

The geographic bases of sports are essentially the study of the spatial dimension of physical activities either of competition, leisure or health, which demand appropriate locations according to tradition, needs, principles and aspirations of each type of practice, taking into consideration physical and human conditioning agents that manage the distribution of the social practices and their interaction with the environment (see chapter 'Geography of Sports' in this Atlas). This Scenario examines the data exposed in this Atlas through a summarized analysis of previous chapters that contain basic geographic data organized according to the following topics: (1) nature and environmentalism; (2) occupation of the

territory and spatial dynamics; (3) demographic aspects, and (4) urbanization and infra-structure. This appraisal has been developed according to general tendencies considering the perspective of future urban and regional planning with sports zoning, defining areas with their potentialities and specific needs. Brazil is here shown as a country with very large sports potential, explored in large scale mostly for recreation. The long coast (8,500km) and the fact that Brazil is a tropical country (only Australia and perhaps the U.S. might have more coast extension than Brazil in terms of everlasting social utilization) permit full development of power boating, sailing, beach sports, sea sports, and air sports. The low

demographic density and the diversity of morphological, climatic and botanical environments offer a variety of natural resources with many different options for extreme and adventure sports. Sports are also very closely associated to the main cities of the country that have harbors. The ethnic composition of the Brazilian population reveals a unique experience in terms of miscegenation and contribution of various cultures, which can be observed in the plurality of practices at the recreational and sports levels. As a result, the continuous urban growth and the multiplying sports facilities tend to favor the expansion of sporting, physical and recreational practices in Brazil.

Definições A definição das bases geográficas do esporte e atividades físicas consiste essencialmente no estudo de suas dimensões espaciais quer de competição, lazer ou saúde, que requerem localização apropriada de acordo com tradições, necessidades, princípios e aspirações de cada tipo de prática, como também o exame dos condicionantes físicos e humanos que regem a distribuição das práticas sociais e sua interação com o meio (ver capítulo “Geografia do Esporte” neste Atlas). Assim sendo, este Cenário está proposto para examinar os dados em exposição neste Atlas segundo um quadro básico de análise geográfica. Esta disposição preliminar consiste na análise resumida dos capítulos anteriores desta obra, seguindo os seguintes tópicos: (1) Quadro natural e ecologismo; (2) Ocupação do Território e dinâmica espacial; (3) Aspectos demográficos; e (4) Urbanização e Infra-estrutura. Esta apreciação, em síntese, está elaborada por tendências gerais na perspectiva de futuros planejamentos urbano e regional com zoneamento esportivo, definindo áreas com suas potencialidades e carências específicas.

1 – Quadro natural e ecologismo

1.1 – Ao contrário da maioria dos países desenvolvidos (com exceção da Austrália e outras regiões), o Brasil conta com o fator tropicalidade a favorecer amplamente as práticas ao ar livre, prevalecendo amenidades climáticas o ano inteiro. Considerando-se que poucas modalidades esportivas dependem de situações *indoor* no país, o Brasil se apresenta como país de vasto potencial esportivo, apenas explorado em larga escala como recreação. Campos de futebol se disseminam por todo o espaço habitado, mesmo nas mais remotas localidades, e é elevado o uso de bicicletas no país. A tropicalidade favorece mesmo a natação, modalidade e prática recreativa na qual o Brasil se destaca mundialmente em performance e amplitude de praticantes: apenas os EUA possuem maior número de piscinas. No Atlas, estas caracterizações são constatadas basicamente nos capítulos da 12^a, 13^a e 14^a seções nas quais se apresentam respectivamente esportes radicais e de aventura, esportes de praia e esporte aéreos. Os capítulos “Natação” e “Ciclismo” mapeiam as piscinas recreativas e o consumo de bicicletas no Brasil.

1.2 – O vasto litoral (8.500 quilômetros), conjugado à tropicalidade (apenas a Austrália e quiçá os EUA superam o Brasil em extensão costeira de utilização social perene), permite o pleno desenvolvimento dos esportes náuticos a motor, vela, de praia, mar e ar em toda a sua extensão. O Brasil se destaca mundialmente nos exemplos do vôlei de praia, no surf e no *beach soccer*; tem projeção em bodyboard e jet ski; e modalidades muito recentes como *outrigger* (canoagem oceânica) se encontram em plena expansão. Os esportes náuticos empregam 117 mil pessoas no Brasil, e estão entre os líderes mundiais destas modalidades segundo se verifica no capítulo “Vela” deste Atlas. Já no capítulo “Esporte de praia” descreve-se a existência de uma “cultura de praia” no Brasil, que se expressa basicamente por meio de esportes e atividades físicas recreativas em suas essências.

1.3 – A diversidade de meios morfo-climático-botânicos, associada à baixa densidade demográfica, oferece uma variedade de recursos naturais e paisagísticos, com várias opções/vocações de uso em modalidades radicais e de aventura, como o *off-road* (o Rally Internacional dos Sertões e nossos pilotos têm projeção internacional), o *trekking* e práticas afins (desfrutando do relevo suavemente ondulado e da vastidão de espaços verdes), o rapel etc., todos em

plena expansão de participantes e com boas perspectivas mercadológicas. O “Cenário geral de esportes e atividades físicas de saúde e de lazer” neste Atlas confirma as vantagens geográficas do país quanto a tais modalidades, pois totalizam mais de oito milhões de praticantes (ocasionais e regulares), representando cerca de 5% da população brasileira de todas as faixas etárias.

1.4 – O grande volume de águas fluviais, associado ao relevo, propicia a larga existência de corredeiras, ideais para esportes de aventura conjugados ao turismo ecológico, como *rafting*, *bóia cross* e *acqua ride* (criado no Brasil), todos com grande expansão recente. Notar que o mapa de opções de turismo esportivo situa-se entre os de maior cobertura territorial entre todos os mapas apresentados neste Atlas. Já os rios apreciados isoladamente favorecem a pesca artesanal – que se confunde com a esportiva no Brasil – propiciando a existência de 25 milhões de pescadores ocasionais no Brasil. Além deste uso esportivo-utilitário, em alguns rios de grande porte do Pará e do Maranhão, deu-se início à prática do “surfe da pororoca” como inovação local e produto da variedade fluvial brasileira.

1.5 – O ecologismo, em âmbito mundial, apresenta grande crescimento nas últimas décadas, e vem suscitando a adesão maciça aos esportes de aventura, em busca do contato direto com a natureza em estado preservado. Todavia, considerando-se no Brasil a vulnerabilidade do meio ambiente, o insatisfatório grau de consciência ecológica e sobretudo a “incerteza territorial” destas novas práticas a dificultar sobejamente seu monitoramento, sua expansão coloca em risco a natureza, não obstante os esforços recentes das organizações em evitá-lo. Esta feição negativa de certos esportes ganha importância no Brasil pela adesão manifesta aos rallies automobilísticos (ver Capítulos “Automobilismo” e “Off road” neste Atlas) conhecidos como anti-ecológicos, mas com compensações relacionadas aos esportes “amigos da natureza” como a vela e os radicais que não usam impulso a motor (ver Da Costa, Environment and Sport, University of Porto-IOC, 1997).

2 – Ocupação do Território e Dinâmica Espacial

2.1 – O processo de colonização, face à imensidão do território, a precariedade de recursos e a natureza agro-exportadora da empresa colonial, imprimiu ao Brasil um caráter de elevada maritimidade, sendo os portos as principais cidades do país. Por eles penetravam as ordens e modismos metropolitanos, dentre eles as inovações esportivas, no final do século XIX. Os *clusters* de Belém, São Luiz, Rio Grande-Pelotas, Rio de Janeiro, Niterói e Santos, atestam a importância dos portos no processo de adoção da prática esportiva, como se pode verificar nos capítulos correspondentes a estes pólos de desenvolvimento esportivo (5^a Seção do Atlas).

2.2 – A precariedade da rede de comunicações no interior do vasto território, conformando ao longo de séculos de colonização a tradicional “economia de arquipélago”, manteve grandes áreas sob isolamento e gerou assim um certo regionalismo no Brasil. Este quadro propiciou a formação de culturas regionais por vezes persistentes, com seu universo particular de práticas lúdicas: a vaquejada, que não se rendeu ao moderno rodeio em toda a metade norte do país (ver “Rodeio” neste Atlas); a herança da lida com cavalos na Campanha Gaúcha, que faz ainda hoje o RS o estado com maior número de hipódromos no Brasil, conforme descrito em “Turfe”, neste Atlas.

2.3 – As conexões internacionais do território brasileiro – sobretudo através do imperialismo inglês, que favoreceu o contato com diversas

modalidades esportivas pioneiras e de grande apelo popular à época (turfe, remo, ciclismo e futebol) – , seja através de investimentos britânicos no Brasil (ferrovias, fábricas, minas, infra-estrutura urbana), ou pelos imigrantes alemães, italianos, japoneses etc.. Também contribuiu o envio de jovens aristocráticos a estudar na Europa, portadores no retorno ao Brasil das últimas e bem-vindas “novidades da civilização” (ver “Cluster de São Luiz do Maranhão” no Atlas). Por fim, a presença de missionários religiosos, como maristas e jesuítas, cuja pedagogia incluía a prática esportiva, com atuação decisiva em pequenas localidades, não atingidas pela influência britânica. A 8^a seção, que trata de clubes esportivos neste Atlas levanta a memória da influência inglesa no esporte brasileiro, como também de diversos grupos de imigrantes. A presença religiosa tem registros de memória em “Religião e esporte” da 18^a. Seção.

2.4 – A política de integração do território nacional, apoiada pela burguesia industrial e efetivamente empreendida a partir do Estado Novo (1937-1945), permitiu a difusão por todo o território brasileiro de modalidades que se tornaram esportes nacionais, como o futebol, que antes havia encontrado resistências (ver 15^a Seção). A partir da década de 1930 com a difusão do rádio, e nas décadas seguintes (1960 e 1970) com a TV, os modernos meios de comunicação possibilitaram em âmbito nacional a adoção de diversas práticas esportivas (ver “Esporte e Mídia”), mesmo as de origem recente, como o *bicicross*, ou tradicionalmente reprimidas, como a capoeira.

3 – Aspectos demográficos

3.1 – A composição étnica da população brasileira revela uma experiência singular de miscigenação e aporte de contribuições culturais diversas. No plano lúdico e esportivo, esta característica se expressa na pluralidade de práticas, e explica por exemplo a área de incidência da bocha como jogo comunitário na vasta região que recebeu imigração italiana; o fato da região sul manter a maioria das associações esportivas (clubes) como herança da contribuição alemã, também responsável pelos clubes de tiro; a presença de jogos de origem indígena como a peteca, e tantos outros (ver capítulos da 3^a a 8^a seções, e em especial os clusters esportivos mapeados na 5^a seção).

3.2 – A concentração demográfica persistente no Centro-Sul e litoral nordestino faz deste trecho o predominante em praticamente todos os mapas deste Atlas. Todavia, os movimentos populacionais se dirigem para o Norte e Centro-Oeste, sugerindo uma tendência, lenta e gradual, de expansão de práticas esportivas e de atividades físicas nesta direção (ver os Cenários da presente seção). O mesmo se aplica a cidades com grande crescimento demográfico atual, como Florianópolis (ver capítulo correspondente em “Clubes” da 5^a seção), cuja participação no panorama esportivo nacional vem aumentando sensivelmente.

3.3 – A estrutura da população brasileira aponta uma transição veloz na pirâmide etária. O envelhecimento gradual sugere, para as próximas décadas, mudanças substanciais de atitude na sociedade. Atividades saudáveis como natação, corridas a pé e caminhadas provavelmente seguirão sua expansão. Modalidades importantes do esporte de alta competição, que dependem do vigor da mocidade, como o futebol e o atletismo, verão muito reduzida sua taxa de adesão e conseqüentemente sua base de recrutamento de novos talentos. Estas previsões têm tendências factuais como se pode examinar neste Atlas, no já citado “Cenário Geral de Esportes e Atividades Físicas de Saúde e de Lazer”.

4 – Urbanização e Infra-estrutura

4.1 – A plena urbanização é um fenômeno recente no Brasil, país de tradição agrária, em que até meados do século XIX os esportes tinham pouca penetração na sociedade. Sendo as cidades um ambiente de encontro social e difusão de inovações, o alto índice de urbanização favorece a adoção de novos esportes, contribuindo para a recente pluralidade de práticas, que tipifica hoje a população brasileira, como se identifica em “Cenário Geral de Esportes e Atividades Físicas de Saúde e de Lazer”. Com raras exceções, lazer e esportes modernos aportaram no Brasil pelas cidades, e se difundiram pela rede urbana (ver “Clusters” na 5ª seção).

4.2 – A cidade, por seu amplo mercado consumidor, permite a concentração de infra-estrutura e facilidades para a prática físico-esportiva (os equipamentos, instalações, escolas, academias, associações diversas, parques etc.) e a eventual formação de *clusters*, como em Rio Claro, Franca (capítulo “Basquetebol”), Juiz de Fora e muitos outros. Com a perspectiva de continuidade de crescimento urbano, e sobretudo de ampliação de instalações esportivas, instituições de ensino etc., a tendência natural é a da continuidade na expansão da prática esportiva e físico-recreativa no Brasil.

4.3 – A natureza caótica da urbanização brasileira e os interesses imobiliários suscitam na classe média a auto-segregação, e com

ela a expansão de práticas esportivas menos populares como o *squash* e o boliche, que se concentram justamente em São Paulo e interior paulista (áreas afluentes), enquanto o ciclismo tradicional apresenta retração, associável ao sentimento de agorafobia. Promove também o grande crescimento de modalidades de aventura realizadas fora da cidade indesejada, junto à natureza. A expansão do uso do automóvel vem reduzindo a disponibilidade de espaços francos, comprometendo práticas populares, como o tradicional futebol varzeano, enquanto o futsal se expandiu de modo incomum nas últimas décadas, no bojo do crescimento das atividades *indoor* (ver “Clubes do Brasil” da 8ª seção e “Futsal” da 11ª seção).

Coubertin – historian, geographer and politician

Lamartine DaCosta

In “Olympic Studies”, 2002, pp. 91 - 105

Amateur Athletic Foundation of Los Angeles (www.aafla.org/search/search.htm)

In 1911, Pierre de Coubertin, the restorer of the Modern Olympic Games, proposed a “géographie sportive qui peut differer parfois d’avec la géographie politique” (1). In more precise terms, Coubertin’s sport geography was contextualized in the “all games, all nations” doctrine, in which sports practiced by different cultures prevail over national boundaries (2). Coubertin’s perspective, therefore, approached a more recent interpretation of geography related to sport, in which sport sociologists and historians consider both space and location as focal points of their studies in addition to agglutinative role of politics (3). Assuming that this notion of “place” is similar to Coubertin’s sport geography, we might otherwise presuppose that the initial idea of Olympism had some undeniable influences from the history of sport, as Coubertin himself emphasized in his 1915 writings (4). When Coubertin, the historian, adopted a geographer’s point of view, cultural singularities from a certain region or country were explored through sport.

From Coubertin’s extensive published work, therefore, Bouloungne *et al.* (1998) listed forty articles on history and world perspectives, related to countries such as Ethiopia, Bulgaria, Australia, South Africa, Finland, Russia, etc. (5) Also in this group, regions such as Europe, Oceania, Africa, Mediterranean, Arab world, German empire, Hispanic world and South America were included, the latter deserving from Coubertin a 27-page-brochure called “A travers l’Histoire Sud-Américaine” (Plon-Nourrit, Paris, 1916) (6). In this context, we might as well forward the assumption that Coubertin was strategically and culturally interested in South America, which may be seen by the insertions found in his writings when considering IOC’s continental relationships. To begin with, this is what Coubertin states in his opening speech at the International Olympic Committee Annual Session, held in Rome on April 6th, 1923 (7): “On the other hand, one of us had been granted the honor to preside the first celebration of the Latin American Games, in Rio de Janeiro, September 1922. The Olympic Embassy spent six months working on it, going from La Plata to Mexico, from the Andes to Cuba, and this has brought to us the best of superb perspectives through which such a universality of the Games is confirmed – and this is what I consider as one of the most promising guarantees in terms of the future.”

Coubertin’s auspicious comments are based on the then effective IOC policy that would make the Olympic movement become universal through Regional Games. But he also continued to pay individually attention to affiliate countries as formalized by Coubertin himself in an article he wrote for the ‘Revue

Olympique’ (IOC official magazine) in January 1913. In this article he evaluates the Olympic movement after the Olympic Games held in Stockholm in 1912 (8). In another article, ‘Le Projet de Olympie Moderne et l’Avenir de Lausanne’, a brochure from 1918, Coubertin includes the South American continent as part of his expansion plans, naming it as ‘Les Etats de Amerique du Sud’ (9). The same designation may be found in ‘L’Amateurisme au Congrès de Prague’, a 1925 writing which makes a cultural distinction between the ‘Latin’ sport and the one practiced by those countries which have had an English influence (10).

Aside from the controversy between ‘Latin America’ and ‘South America’, the Baron was often somehow connected with that continent either by celebrating people or judging values, as it may be seen in the following notes: in 1894 he refers to ‘Dr. Zubiatur’ as being the representative of ‘South America’ among the 79 delegates from 13 countries responsible for the IOC creation (11); in 1905 he pays a homage to Santos Dumont, who had Brazilian nationality, for the first Olympic Certificate granted to Olympic sport personalities (12); in 1904, writing about a shooting competition held in Lyon, France, he makes an apologia for one of the participant countries: ‘Très sportive l’Argentine’ (13); in 1909, as far as how the Olympism is promoted, he mentions Mexico and Argentina, praising their ‘intelligent ecletism’ (14); in 1912 he emphasizes the good perspectives presented when Chile joined the Olympic movement, stating that ‘Du Chile on ne peut dire encore qu’une chose, c’est que la question l’agite’ (15).

Those expressive comments, very typical of Coubertin’s ‘sprit de finesse’, achieved their highest level during the 1914 Congress in Paris, when the five entwined rings in five different colors were presented as the Symbol of the Movement. On this occasion, after he had presented the Olympic rings, Coubertin talked over some geographical distribution which revealed his universal purposes (16): “The blue and yellow from Sweden, the blue and white from Greece, the three-colored French, British, American, German, Belgian, Italian, Hungarian, the yellow and red from Spain, close to the innovations from Brazil and Australia and close to the old Japan and the young China. This is indeed an international badge”.

Not surprisingly, the Latin American Games was held in Rio de Janeiro, Brazil, September 1922, as a South American sport event included in the International Exhibition of Rio de Janeiro of that year (see “1922 Latin American Olympics. Rio de Janeiro” in this Atlas). In the following year, an issue of the magazine ‘Uruguay Sport’, from Montevideo, published the verbatim report written by the Count of Baillet-Latour, who had come to Rio de Janeiro as the IOC official representative for the Games (17). The Count, who

would become the IOC President in 1925, begins his narrative by stating how honored he was for having substituted for the then president in his visit to Latin America, thus disclosing that it was Coubertin himself who would have come. Baillet-Latour, then, summarizes his impressions about the mission he was in charge of (18): “The Games in Rio, as a whole, were not perfect; however, the criticism made to them was extremely exaggerated... The Games in Rio were also responsible for giving birth to a true wish to maintain the Latin American Games, considered to be the best way to prepare for the Olympic Games”.

The IOC representative also announced the call of a Congress in Buenos Aires, which would still be held in 1923, to reinforce a deal with respect to the Latin-American Games consolidation, including “Argentina, Bolivia, Brazil, Chile, Paraguay, Peru and Uruguay”, and bringing forward Peru’s surely and Bolivia’s possible inclusions. The Games would take place every four years “sponsored by the IOC” and directed by the “Sports Confederation of the country where the Games will be held”. Among other guidelines (the plan was unfolded into Articles), there would be a “technical counselor appointed by the IOC... and elected by the YMCA Physical Education Directors”. This confirms the narrator’s excellent impression of the latter international organization both during the Games in Rio and the physical education developed in Montevideo (directed by the YMCA in South America), this one “being superior to those of almost all countries in the world” (19).

Fontes e notas (1) Coubertin, P., *Géographie Sportive*, Revue Olympique, avril 1911, pp. 51 - 52. In Mueller, N. (ed), Pierre de Coubertin. Textes Choisis, Tome II - Olympisme. Weidmann, Zurich, 1986, p. 452; (2) Coubertin in this text emphasized that even the IOC had no authority to surpass the fundamental rule of “all games, all nations”; (3) Perhaps the best known text in this respect is the John Bale’s volume “Sport, Space and the City”, Blackburn Press, London, 1993; (4) See Bouloungne, Y., et al., *Mieux Connaître... Pierre de Coubertin*. Comité Français Pierre de Coubertin, Paris, 1998, p. 12; (5) *Ibidem*, p. 4; (6) Besides Bouloungne’s list, a reference on this brochure is found in Textes Choisis - Tome III, Op. Cit., p. 808; (7) Textes Choisis - Tome II, Op. Cit., p. 400; (8) *Ibidem*, p. 663; (9) *Ibidem*, p. 740; (10) *Ibidem*, p. 589; (11) *Ibidem*, p. 327; (12) *Ibidem*, p. 210; (13) *Ibidem*, p. 658; (14) *Ibidem*, p. 209; (15) *Ibidem*, p. 664; (16) *Ibidem*, p. 460; (17) Uruguay Sport, Informe Presentado por el Conde de Baillet-Latour sobre la Misión que se Cometiera el C.I.O. en América, Montevideo, agosto 1923, pp. 1-7; (18) *Ibidem*, pp. 1-2; (19) *Ibidem*, pp. 3-4.

Cenário da indústria do esporte e do marketing de eventos

VALÉRIA BITENCOURT
COLABORADOR: LAMARTINE DA COSTA

Scenario of the Brazilian sports industry and event marketing

The sport industry is defined by the productive chain of the market for sports products, fitness and physical activities of health and leisure. Event marketing becomes part of the marketing mix, by promoting and perfecting both the organization and the accomplishment of sports events. This chapter constructs a scenario of various approaches of the sports industry and marketing for events to study how they are used in Brazil and which main tendencies have been developed. The following

aspects are then analyzed: (1) consumer market of sports items; (2) sports marketing from the perspective of specific sports characteristics, which changes the four P's of traditional marketing; (3) the key position of the company's social responsibility in sports business; (4) media and sports, and (5) tourism and sports. As the analyses were completed, it was observed that today's tendencies favoring the sport industry and the sports marketing in Brazil have veiled negative aspects that had

already been detected and which have not yet been clearly explained. Sports marketing in Brazil grew at 30% a year between 2000 and 2002, managed by approximately 40 specialized companies, mostly (80%) small and medium-sized companies. The scenario then indicates that the private initiative in Brazil still does not clearly perceive the link between trademarks, sponsorship of sports teams and the resulting commercial and financial revenues.

Definições A chamada “indústria do esporte” faz unir partes específicas da cadeia produtiva de um país para atender ao “mercado no qual os produtos oferecidos aos compradores relacionam-se a esporte, fitness, recreação/lazer e podem incluir atividades, bens, serviços, pessoas, lugares ou idéias” (Pitts e Stotlar, 2002). Partindo-se desta concepção torna-se possível estimar a parcela do Produto Interno Bruto (PIB) correspondente a esta “indústria” que no Brasil alcançou 1,7% em 1996. Este “PIB do esporte” teve um crescimento de 12,34% no período 1996 – 2000, bem superior portanto ao crescimento do PIB da nação como um todo, calculado em 2,25% no mesmo período (Kasznar, I.K. & Graça, A., 2002). Por sua vez, o marketing de eventos é uma atividade multidisciplinar e sua operacionalização envolve todos os setores da economia e profissionais de diversas áreas do conhecimento. Estruturalmente os eventos podem ser realizados em locais fechados (*indoor*) ou abertos (*outdoor*) e configurados como de grande, médio ou pequeno porte (massa, segmento e nicho). O marketing de eventos tem como funcionalidade envolver os diferentes públicos (alvos) à temática do esporte (modalidades esportivas) e das atividades físicas em geral. Em resumo, o marketing de eventos integra-se ao composto do marketing (*marketing mix*), fazendo com que os eventos esportivos abranjam três segmentos básicos – corporativos/negócios, alta competição/espetáculo e atividades físicas/lazer. Em termos de uso das definições de indústria do esporte e do marketing de eventos, há uma falta de delimitação precisa quanto à sua aplicação nas práticas esportivas, o que tem levado a se apreciar ambas por meio de exemplos fragmentados. Estando em pauta o método de cenário - que implica em seleção de variáveis e focos, buscando-se aspectos dominantes de uma determinada situação -, o presente capítulo consiste em se destacar abordagens variadas da indústria do esporte e do marketing de eventos de modo a contextualizar suas aplicações no Brasil e observar suas tendências principais.

Vendas de artigos esportivos No setor de varejo, as lojas de artigos esportivos vêm registrando crescimento na ordem de 10% em 2001, 2002 e 2003, segundo a Associação Brasileira de Lojistas e Material de Equipamentos-ABRALEME, sediada em São Paulo. Esta entidade de classe destaca uma nova tendência apontando o crescimento de adeptos no golfe (30%), handebol (20%), tênis (15%), e squash (15%). Em 2002 a receita do setor de esportes, incluídos indústria e comércio atacadista, atingiu R\$ 42 bilhões, sendo o futebol responsável por 30% das vendas. Neste ano, o comércio de material esportivo possuía 5.500 lojas especializadas no país, cujas vendas incluíam 50% de calçados, 20% de bolas, 18% de confecções e 12% de acessórios. A Zona Livre Sports (SP), empresa distribuidora de material esportivo, reúne 4 mil clientes ativos e distribui 2.600 linhas de produtos esportivos com mais de 35 mil itens. Em resumo, a indústria do esporte observada pelo seu lado de vendas aparenta ter vigor suficiente para superar crises econômicas, desde que o período em exame foi de depressão nos negócios em geral.

Diferencial do Marketing Esportivo Uma base teórica do marketing esportivo é estabelecida por Philip Kotler (1999), autor-chave do marketing como área de conhecimento, ao anunciar que “embora a mentalidade e o processo de marketing sejam universais, cada ramo de negócios e cada mercado possuem características específicas”. Efetivamente, o que era restrito somente ao esporte de alta competição – práticas organizadas com atletas de alto nível - até aproximadamente três décadas, passou a se configurar com estratégia de comunicação de impacto, fundindo-se a outros conceitos de marketing como o social, ecológico, promocional, relacionamento, comunitário, turístico etc. Como se transcreve de Afif (2000), a “emoção faz do marketing esportivo diferente....se você associa sua marca a

grandes atletas, está colocando isso no coração das pessoas.... O esporte é o elemento, com exceção da música, que mais toca a emoção do ser humano”. Esta carga emotiva é traduzida em atitudes pró-ativas que não se limitam com o tempo de duração dos eventos. Em outras palavras, é corrente entre os especialistas que o marketing esportivo tem como principal atributo a possibilidade de interação com o público num momento de descontração e emoção. No Brasil, para Melo Neto (1995) e Oliveira e Pozzi (1996), a associação da marca dos patrocinadores dos eventos esportivos é transferida para o público/consumidor relacionando os fatores emocionais do esporte e, através de associações, elevam o prestígio e credibilidade das marcas/patrocinadores. Ressaltando ainda o diferencial dos investimentos, estes autores concordam que estas associações são capazes até mesmo de mudar comportamentos dos consumidores em relação à marca. Assim, ainda se tratando do Brasil, Bitencourt (2004) tem sugerido fazer ajustes aos princípios do marketing visando-se ao atendimento de características do esporte como se adotar um quinto “P”, de “prazer” em adição aos quatro tradicionais “produto”, “preço”, “praça” e “promoção” do marketing mais abrangente. Outro ajuste necessário, prende-se à incorporação da “catarse” aos tradicionais “cliente”, “custo”, “conveniência” e “comunicação”. Entende-se “catarse”, para este novo roteiro de planejamento operacional, como o êxtase das multidões diante das performances atléticas e do espetáculo participativo que o esporte produz entre as pessoas. O “prazer”, naturalmente, distingue o esporte de outras ofertas por integrar o “consumidor” (praticante e/ou assistente) no “produto”, isto é na atividade. A conjugação do prazer com a catarse é uma proposta que tende a posicionar o marketing esportivo além das simples relações de vendas e promoções como também inclui os consumidores de esporte na lembrança do produto (*share of mind*), dando-lhe uma condição de vantagem única no composto mercadológico.

Esporte e responsabilidade social O marketing esportivo é potencialmente capaz de formar e transformar hábitos e criar atitudes saudáveis por meio do esporte, especialmente em se tratando de eventos de grande participação. Impulsionados pelo “conceito de gestão consciente que passa a permear as ações empresariais” (Instituto Ethos, 2003) e o surgimento/fortalecimento das ONGs nas últimas décadas, os eventos esportivos naturalmente têm acompanhado a tendência de promover simultaneamente ações sociais e ecológicas (ver neste Atlas o capítulo “Esporte e Inclusão Social – História e Conceitos”). Utilizando o poder de integração do esporte e a imagem de atletas/ídolos, formadores de opinião, os eventos maximizam campanhas em temas tais como anti-drogas e violência, câncer de mama e a valorização do meio ambiente. Um exemplo de grande impacto desta tendência em termos internacionais foi o dos Jogos Olímpicos de Sydney 2000, que entrou na história do esporte como a “Olimpiada Ecológica”. Tal fato é observado também no valor agregado a outros (ou todos) os eventos, sejam eles de cunho esportivo-social ou cultural. Neste contexto, há de se ter em conta a possibilidade da responsabilidade social neste início do século XXI estar tendendo a assumir um papel central no diferencial competitivo. Em termos favoráveis na relação de troca, as ações institucionais e mercadológicas da indústria do esporte e do lazer sugerem estar se inclinando para a adoção da linguagem do esporte - geralmente voltada para a agregação de pessoas e para a dramaticidade - com fins utilitários, priorizando simultaneamente valores sociais e econômicos.

Mídia e esporte A mídia hoje tem sido apontada como o quarto setor da economia além de apresentar fortes vínculos com o esporte em qualquer país. Sendo notória a mobilização mundial em torno dos grandes espetáculos esportivos traduzidos pelas Copas do

Mundo de Futebol, Jogos Olímpicos etc., não é surpreendente que os mega-eventos esportivos gerem investimentos de grande porte e que deles surjam inúmeras atividades paralelas. Se para o mercado global estes eventos envolvem altas cifras, as ações regionais de cada país também beneficiam produtores de pequeno e médio porte, ampliando, assim, a cadeia de valor em vários segmentos. A mídia, no caso, representa o fator de difusão de vários setores produtivos, sendo causa e efeito de expansão de relações econômicas. No Brasil, além da criação de programas e jornais com formatos específicos, a exemplo do Esporte Espetacular (TV Globo) e Jornal O Lance (O Dia), a entrada dos canais de TV a cabo (ESPN e SPORTV) também ratifica o cenário favorável para este tipo de atividade (ver capítulo “Esporte e mídia” neste Atlas). Para atender a demanda, as assessorias de imprensa passam a funcionar como assessoria de comunicação envolvendo-se diretamente em todo o processo operacional de eventos. Um exemplo sintomático é a empresa ZDL (SP), com 18 anos de mercado, que aponta números na ordem de US\$ 700 milhões de retorno em mídia, 190.000 reportagens publicadas, 100.000 fotos, mais de 1.000 horas de televisão e 900 eventos assistidos (www.zdl.com.br, 2003). Neste contexto, cabe ressaltar o advento da Internet, como potência de comunicação interativa. Embora ainda restrita a poucas camadas sociais no país, a Internet agrega valor pelo seu baixo custo, agilidade na operacionalização e divulgação dos eventos. Ratificando esta força, hoje somente no site de busca Google, encontram-se disponíveis 664 mil informações (páginas Brasil) apenas com a palavra esporte. Em resumo, uma tendência evidente do esporte e das atividades físicas, no Brasil e no exterior, refere-se ao estreitamento crescente dos seus vínculos com a mídia, repercutindo conseqüentemente na indústria do esporte e no marketing de eventos.

Esporte, economia e turismo Além da valorização da imagem institucional das cidades-sede, os eventos esportivos no Brasil e em várias partes do mundo auxiliam na captação do turismo interno e externo (ver capítulo “Turismo e esporte” neste Atlas). Mas, há de se considerar ainda os produtos esportivos e a abertura de postos de trabalho diretos e indiretos oportunizados pelas realizações de eventos como grande impacto na economia. A corrida de Fórmula 1 em São Paulo-SP envolve investimentos de R\$ 60 milhões, 150 empresas, 8 mil empregos diretos, mobilizando um público de 62 mil pessoas e aproximadamente 600 milhões de telespectadores em escala mundial (www.esporte.org.br, 2003). A empresa Latin Sports, organizadora do Ironman Brasil Telecom, aponta que este evento em 2003, produziu um impacto econômico de R\$ 6 milhões em Florianópolis. Para 2004, este número tende a crescer para R\$ 10 milhões gerados pelo turismo, envolvendo cerca de 790 atletas de destaque de 35 países e 200 pessoas no quadro de organização (ver capítulo “Triatlo” neste Atlas). Nos eventos de negócios/corporativos tem se notabilizada, entre outros, a crescente evolução da *Adventure Sports Fair* (Feira de Esportes de Aventura) de SP, estado que, como pólo industrial do país, movimenta o maior número feiras e congressos (ver capítulo referido a estes dois temas neste Atlas). E, como principal cidade turística do país, o Rio de Janeiro tem se destacado na área de eventos esportivos e promocionais ao ar livre que aglutina participantes, assistentes e torcedores de todas as faixas etárias e classes sociais em espaços públicos, como o Latin X Games (ESPN), Campeonatos Mundiais de Vôlei de Praia e Beach Soccer (Octagon Koch Tavares). Também se destaca no estado do RJ a indústria do entretenimento que, em 2002, totalizou R\$216 bilhões, representando 10% do PIB do estado (www.centrodeconvencoes.com.br, Centro de Informações e Dados do RJ-CIDE).

Em outras partes do país, como no caso do complexo hoteleiro de Costa de Sauípe, no estado da BA, há iniciativas de esporte-turismo que merecem destaque. A Sauípe SA, em pouco mais de um ano de operação, já se consolidou como destino turístico no Brasil. Segundo dados divulgados pela empresa administradora do empreendimento, o *resort* já recebeu mais de 480 mil hóspedes, com meio milhão de pernites - taxa média anual de ocupação de 51 % -, atingindo um faturamento durante o ano de 2001 de R\$ 115 milhões, quando a previsão era de R\$ 90 milhões – com base em um investimento de R\$ 340 milhões. Para o diretor Presidente da Sauípe SA, Thomas Humpert, “parte desse bom resultado deve-se aos eventos esportivos realizados durante o ano - a exemplo do Brasil Open de Tênis, que geraram uma visibilidade e ocupação não prevista nas projeções” (www.anuarioarquitectura.com.br, 2003). Em 2002, este evento, administrado pela Octagon Koch Tavares também na Costa de Sauípe, recebe o prêmio pela ATP (Associação dos Tenistas Profissionais) com o *Awards of Excellence*, referente a categoria “facilidades” oferecidas para a realização do evento, após análise dos itens: construção das instalações temporárias no complexo turístico de Costa do Sauípe como o estádio central com capacidade para 5 mil pessoas; as estruturas nas quadras secundárias; o suporte para atendimento médico e realização de exames antidoping; área para jogadores com sala de ginástica; e restaurantes para staff e centro de hospitalidade para recepção VIP de convidados, entre outros (www.octagonkochtavares.com.br, 2003).

Uma interpretação hoje corrente destes fatos esportivos que tem alavancado o turismo refere-se ao viés do entretenimento, de inequívoca importância nas oportunidades de negócios. No Brasil, a julgar por Luiz Gonzaga Trigo (2001), utilizando-se como meio o esporte, tanto o turismo, a cultura ou a educação, atrai o consumo e gera novos negócios: “É preciso informar e divertir, criar estilos de vida, gerar novas experiências para o consumidor”, recomenda este especialista em turismo. Incorporando um novo paradigma do esporte, valorizado na atualidade pelo poder de gerar novas experiências, a indústria do ecoturismo é um bom exemplo a citar já que apresenta uma “curva de crescimento na ordem de 20% ao ano no mundo e, nos últimos 15 anos, recebeu 90% a mais de investimentos” (Trigo, *Ibidem*). Neste particular, a Organização Mundial de Turismo estima que cerca de meio milhão de pessoas pratiquem o ecoturismo no Brasil (www.investurismo.com.br, 2003). O Plano Nacional de Turismo de 2003 considera a relevância deste setor para a retomada do crescimento e geração de empregos, tendo como meta a geração de 1,2 milhões de empregos, 9 milhões anuais de turistas estrangeiros e US\$ 8 bilhões/ano em divisas até 2007. Informações da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis destacam a implantação pela iniciativa privada, de projetos turísticos (hotéis, *resorts*, pousadas) na ordem de US\$ 6 bilhões que acarretarão 140 mil empregos diretos e 420 indiretos. Entretanto, se estas metas são comparadas com as cifras internacionais divulgadas pelo World Travel and Tourism Council-WTTC, chegar-se-á à conclusão de que ainda há muito espaço para crescimento do turismo no Brasil, uma vez que o setor possui US\$ 4 trilhões de faturamento; US\$ 700 bilhões em impostos; 10% do PIB mundial; 10% (275 milhões) de empregos gerados no mundo; 700 mil viagens internacionais – 80% de curta distância; e 4% de crescimento médio anual, sendo que 20% no ecoturismo.

Aceitando-se como válida a correlação do esporte com o turismo nos dias atuais, e também o efeito de eventos nos impactos gerados pelo esporte, torna-se possível identificar tendências da participação da indústria do esporte no Brasil nas projeções exercitadas quanto ao turismo e aos eventos em geral. Por exemplo, uma pesquisa publicada em 2002 pela Consultoria Turística Integrada-CTI e promovida pelo Fórum Brasileiro dos Conventions & Visitors Bureaus, em parceria com o SEBRAE e apoio da EMBRATUR revelou

dados por via do Primeiro Dimensionamento Econômico da Indústria de Eventos, os quais tiveram como base o ano de 2001 e uma abrangência de todas as regiões do país. Em resumo, foram realizados no Brasil em um ano e em diferentes segmentos de atividades 327 mil eventos em 1.780 espaços. Estes acontecimentos mobilizaram cerca de 79,9 milhões de pessoas participantes, gerando R\$ 37 bilhões de receita e R\$ 4,2 bilhões de impostos, ao final representando 3,1% do PIB. Em consequência, o setor de eventos mobilizava segundo os dados vindos a público, cerca de 3 milhões de empregos diretos, terceirizados e indiretos. Estes postos de trabalho correspondem aproximadamente ao dobro do total relacionado ao esporte e atividades físicas, segundo o “Cenário de tendências gerais do esporte e das atividades físicas no Brasil” deste Atlas. Entretanto, a pesquisa referiu-se apenas aos espaços *indoor* ao levar em consideração o esporte levantou os estádios e clubes como espaços de eventos, omitindo as alternativas *outdoor*, que certamente abrigam a maior parte das atividades físicas. Mesmo com este reducionismo, os eventos esportivos alcançaram 4,4% do total estimado de eventos, os quais deveriam ser acrescidos daqueles que estão contados primariamente como congressos, feiras, reuniões etc., mas que pertencem efetivamente ao esporte e atividades afins quando se manifestam por eventos *indoor*. Deixando de lado as contagens múltiplas – inevitáveis neste tipo de pesquisa, sobretudo em se tratando de eventos esportivos e de atividades físicas – e a eliminação das versões *outdoor* dos eventos, supõe-se que o esporte tenda a aumentar sua fatia no total de eventos no país na medida do seu reconhecimento como “ponta de lança” do turismo, como tem acontecido com o ecoturismo (ver capítulo “Turismo e esporte” nesta publicação). A Tabela 1 e a Figura 1 adiante posicionam o esporte entre as alternativas de espaços de eventos, permitindo-se admitir que este tipo de atividade pode se sobrepor aos demais, mas não ao contrário, pois clubes e estádios não constituem espaços habituais de eventos a não ser esportivos.

Situação atual As abordagens ora apresentadas mostram-se sobrepostas, confundindo a indústria esportiva com o marketing de eventos. Além disso, as atuais tendências favoráveis à indústria do esporte e ao marketing esportivo no Brasil obscurecem pontos negativos antes detectados e até hoje sem respostas claras. Em princípio, cabe enfatizar que o sucesso da indústria do esporte não está mais restrito a atletas de alto rendimento e suas entidades representativas. Se ambos são os promotores desta indústria é através da realização de eventos oficiais (das federações, confederações e entidades internacionais de cada modalidade) e promocionais que se amplificam os canais de comunicação com os consumidores. Já no ano de 1997, estudos do BNDES destacavam a difícil situação das confederações esportivas que dependiam basicamente de patrocínio para desenvolvimento de suas atividades e apoio às federações esportivas. Atualmente, embora algumas entidades, já demonstrem níveis mais avançados de administração, a maioria delas parece ainda não ter encontrado um modelo de gestão que comporte a formulação de um calendário anual de eventos, o que acaba inibindo/dificultando os investimentos empresariais. Analisando sobre outro prisma, a volatilidade dos patrocinadores e incertezas da continuidade dos mesmos, também contribui para a não-solidificação deste calendário.

Contudo, atuando como protagonistas e/ou co-gestores deste processo, têm surgido no mercado interno agências especializadas. E por esta via de negócios o marketing esportivo cresce 30% ao ano (período 2000 – 2002), sendo gerido por aproximadamente 40 empresas especializadas, sendo 80% de pequeno e médio porte. (Comércio Indústria & Serviço- www.dci.com.br, fonte Traffic, 2002). Dentre as agências de destacam-se, entre outras, Octagon Koch Tavares, TopSports Ventures, Brunoro Sports, Latin Sports, Arena Sports, Traffic Marketing Esportivo, Galeria Esportes e LG Ventura.

Neste âmbito, se números aparentemente superlativos ressaltam os investimentos em patrocínio no Brasil, há concordância entre especialistas que o esporte nacional ainda é pouco explorado: uma pesquisa realizada, em 2002, pela Top Sports Venture (RJ) retrata que os R\$ 328 milhões investidos sob a forma de patrocínio no país, representam apenas 1.3% em relação a este tipo de investimento ao nível mundial (Jornal Valor, 2002). A Tabela 2 adiante detalha este montante de investimento por esportes receptores principais em 2002, cabendo esclarecer que o valor dos patrocínios da Seleção Brasileira de futebol corresponde a quase 40% do total aplicado na modalidade futebol; o segundo lugar do Vôlei é garantido pelo acordo com o Banco do Brasil, que basicamente sustenta o vôlei de praia, as seleções e os principais atletas; e não menos importante, o patrocínio de tênis é claramente impactado pelo fenômeno Guga e pela criação de torneios no Brasil (ver capítulo “Tênis” neste Atlas).

Uma síntese dos progressos e retrocessos do marketing esportivo como frente avançada da indústria do esporte encontra-se na situação dos grandes clubes esportivos do país sobre os quais comenta Afif (2000) que “a gestão profissional é um caminho inevitável para os clubes brasileiros, até por uma questão de sobrevivência”. E nesta perspectiva encontra-se em documento oficial do Ministério do Esporte e Turismo (2002) que “ainda é turva a percepção da iniciativa privada acerca do retorno comercial e financeiro de vincular a sua marca ao apoio de equipes esportivas”, acrescentando que tal argumento estende-se a todas as dimensões da indústria do esporte: “Se compararmos os mercados de licenciamento- royalties, entre os EUA e o Brasil, veremos que dos US\$ 1.4 bilhões gerados no mercado americano, US\$ 700 milhões (50%) são provenientes do setor de esportes, enquanto no Brasil dos US\$ 100 milhões gerados, apenas US\$ 6 milhões se referem ao esporte. (Redibra, Braga & Associados apud Relatório Anual de Avaliação- PPA Exercício 2002 - Ministério do Esporte e Turismo). Ou seja, muito se fala sobre a falta de investimentos do setor privado, mas a carência de dados mais concretos de pesquisa e profissionalização do esporte faz gravitar num cenário de suposições/previsões que certamente não sustentam o composto mercadológico em qualquer área. De certo, a classe esportiva deve assumir a posição de novata na área de conhecimento do marketing esportivo. Mas, mesmo assim, há questões a investigar para que se possa dar passos significativos e nortear o esporte nacional: os poucos recursos de incentivos governamentais disponíveis, como a Lei Agnelo-Piva, e a desacelerada resposta do meio acadêmico na geração de profissionais estariam hoje atendendo a demanda da indústria do esporte, do turismo e do lazer? Por outro lado, estariam as entidades representativas do esporte e do turismo estruturadas para assumir o papel de co-gestores deste processo?

Fontes Pitts, Brenda G. e Stotlar, David K. Fundamentos do Marketing Esportivo. São Paulo: Porte Editora, 2002; Kasznar, I.K. & Graça, A. S. O esporte como indústria. Rio de Janeiro: Confederação Brasileira de Voleibol, 2002; Associação Brasileira de Lojistas e Material de Equipamentos Esportivo-ABRALEME (www.abraleme.com.br); Kotler, Philip. Marketing para o Século XXI: como criar, conquistar e dominar mercados. São Paulo: Futura, 1999; Bitencourt, Valéria. Organização de Eventos e o 5º P do Marketing Esportivo, 2004 (no prelo); site do Instituto Ethos na Internet (Brasil, 2003); Afif, Antonio. A Bola da Vez: O Marketing Esportivo como Estratégia de Sucesso. São Paulo: Editora Infinito, 2000; Trigo, Luiz Gonzaga. Entretenimento, uma crítica aberta. São Paulo: Editora Senac, 2001; Folha Turismo, 27/08/2001; Jornal Estado de SP, 19/05/2002; www.zonalivre.com.br; www.lojistas.org.br; www.abraleme.com.br; www.brunoro.com.br; www.topsports.com.br; www.arenasports.com.br; www.octagonkochtavares.com.br; www.marketingesportivo.com.br; www.sportsmagazine.com.br/; www.esporte.org.br; TopSports Ventures, 2002 (www.topsports.com.br).

I Dimensionamento Econômico da Indústria de Eventos no Brasil, 2001/2002
Fórum Brasileiro Convention & Visitors Bureaux e SEBRAE apoio EMBRATUR

Pesquisa: CTI – Consultoria Turística Integrada, 2002

Research on the economic dimensions of event marketing in Brazil, 2002

Fontes / sources: www.brasiliaconvention.com.br e ASN – Agência Sebrae de Notícias

A pesquisa foi realizada, de janeiro a novembro de 2001, junto a 400 empresas organizadoras de eventos em 120 cidades. Os números mostram que a região Sudeste sedia a maior parte dos eventos (52%). Em segundo lugar vem a região Sul, com 19%, seguida do Nordeste, com 18%. Em quarto lugar vem o Centro-Oeste, com 9% e, por último, a região Norte, com 2%. O Estado de São Paulo é o líder nacional como preferido para sediar eventos, com 126 mil promoções, com 28,3 milhões de participantes. Abriga mais de um terço dos eventos realizados no país. Em seguida, vem o Estado do Paraná, com 23 mil eventos, seguido pelo Rio de Janeiro, com 22 mil eventos, e por Minas Gerais, com 21 mil. Essa ordem modifica quando é levado em consideração o número de participantes nos eventos. O Rio fica em segundo lugar, com 14,8 milhões de pessoas. Minas Gerais vem em seguida com 8,4 milhões de pessoas. E o Paraná fica com 6,9 milhões de participantes. Brasília, a capital do país, abriga 7.293 eventos, e é superada por Goiânia, com 7.920 e por cidades turísticas do Nordeste, como Recife, com 8.604, e Salvador, com 8.684.

Tabela 1 / Table 1

Tipos de eventos e distribuição por regiões do Brasil, 2001 (1)

Types of events per regions in Brazil, 2001(1)

Classificação	Centro Oeste		Nordeste		Norte		Sudeste		Sul		Brasil	
Reuniões	84	21.16	162	23.22	45	26.47	402	21.32	221	20.36	914	21,7
Convenções	78	19.65	135	19.23	37	21.76	351	18.66	177	16.36	778	18,5
Eventos Socioculturais	80	20.15	126	17.95	31	18.24	362	19.30	188	17.38	784	18,6
Congressos	66	16.62	125	17.81	28	16.47	300	16.00	157	14.70	679	16,1
Exposições/Leilões	31	7.81	50	7.12	13	7.65	157	8.35	96	8.87	346	8,2
Feiras Comerciais	27	6.80	44	6.27	8	4.71	153	8.13	77	7.12	309	7,3
Eventos Esportivos	13	3.27	22	3.13	3	1.76	90	4.78	61	5.64	186	4,4
Eventos Mistos	8	2.02	30	4.27	2	1.18	40	2.13	64	5.91	139	3,3
Outros Tipos	7	1.76	4	0.57	3	1.76	22	1.17	37	3.42	73	1,7
TOTAL (1)	394	100	698	100	170	100	1.873	100	1.073	100	4.208	100

Fonte / source: Pesquisa FBC&VB/SEBRAE/CTI – Novembro 2001; (1) Respostas Múltiplas / Multiple answers

Tabela 1 / Table 1

Investimentos em patrocínio por esportes principais no Brasil, 2002

Sponsorship investments per major sport disciplines, 2002

Em % do total de investimentos
% of total investments / R\$1.000,00

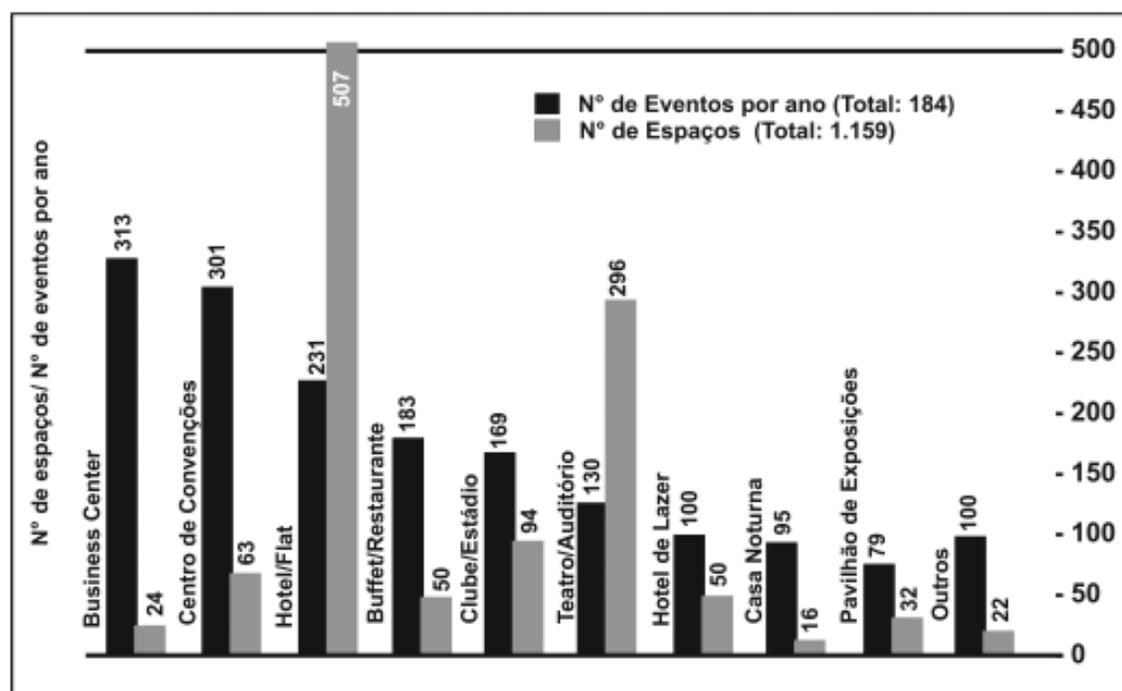
Futebol 63%	205.300
Patrocínio times	82.630
Publicidade em estádio	38.000
Atletas	1.920
Seleção	81.000
Eventos	1.750
Vôlei - 15%	49.000
Superliga	22.200
Vôlei de Praia	6.300
Atletas	4.800
Outros	1.000
Basquete - 5%	16.496
Liga / Seleção	15.596
Atletas	900
Futsal - 2%	5.626
Atletas	420
Esporte Motor - 1%	3.872
Atletas	720
Eventos	3.152
Tênis - 2%	7.900
Atletas	3300
Eventos	4600
Outros 12%	40.266
Total	328.460

Fonte / source: TopSports Ventures, 2002

Figura 1 / Figure 1

Número médio de eventos por ano, segundo a tipologia de espaços para eventos, 2001

Average of events per year, according to the typology of spaces for events, 2001



Fonte: Pesquisa FBC&VB/SEBRAE/CTI – Novembro de 2001

Cenário de tendências econômicas dos esportes e atividades físicas no Brasil

JOSE ANTONIO BARROS ALVES

Scenario of economic trends of sports and physical activities in Brazil

The economic scenario of sports in Brazil starts from the evidence that, in spite of 20 years of economic recession, physical activities have been expanding not only in terms of increasing participation of new adherents but also in terms of diversification of activities. In this vigorous growth, the consumer of physical activities and sports plays

the leading role, regulating the chain of sport services and industry. However, from the economic viewpoint, considering the role played by companies and the government, there are several obstacles that hamper a better development for physical activities in general, among which: (1) lack of information or knowledge about the impact of the sports on

society, and (2) shortage of skillful managers to deal with sports and recreational activities. This chapter displays tendencies of investment and public policies, pointing out at the end that once the economic size of sports in the country is defined, it will be possible to develop another solid foundation that will contribute to the development of the country.

Definições Atendendo aos padrões do presente Atlas, o método de análise de cenário é uma descrição de uma situação corrente e de eventos a ela vinculados que podem sugerir uma situação futura. O cenário consiste então num estudo de tendências e de projeções de situações alternativas, o qual é elaborado de modo a ser sensível a algumas poucas tendências dominantes. Das informações coletadas nos diferentes capítulos desta obra, como também se considerando o Cenário de tendências gerais dos esportes e atividades físicas, que abre esta seção do Atlas, podem-se traçar algumas tendências econômicas deste setor no Brasil. Em parte esta tarefa já foi abordada no tópico "(iii) Participação – impactos econômicos" do citado Cenário nº 1, no qual já existem algumas indicações sobre o estado da economia do esporte no Brasil. A partir destas informações preliminares inferem-se tendências de maior evidência, como se segue.

Crescimento do setor O esporte e a atividade física no Brasil, apesar de 20 anos de recessão econômica no país, vivem um processo de expansão de suas fronteiras seja em termos de participação, seja em termos de diversificação de oferta de atividades.

Conforme foi identificado pelo Cenário geral, a expansão das academias voltadas às atividades físicas, dos cursos de graduação em Educação Física, dos números de instalações esportivas, e diversos outros fatores que envolvem o esporte, representa um crescimento muito acima da economia do País como um todo. Este crescimento tem algumas explicações correntes:

(i) A notável velocidade de transformação do Brasil rural para o Brasil urbano, que situa hoje cerca de 81% da população nas grandes cidades (Fonte: IBGE). Isto cria uma necessidade por espaços públicos, em maior número e de maior tamanho, para a prática do esporte e da atividade física através de atividades orientadas e com a organização de uma série de projetos e eventos por parte do poder público; em poucas palavras, a maior densidade urbana gera mais investimentos em esporte por parte do poder público;

(ii) A conscientização por parte da população da importância da atividade física para uma melhor qualidade de vida, que apesar de isto não ser uniforme em todas as camadas da população, já é significativo o número de pessoas que praticam algum tipo de atividade física e esporte, visando a manutenção da saúde, o lazer, entre outros benefícios;

(iii) A importância ganha pelo esporte no mercado promocional, desde que o esporte está se tornando um dos mais efetivos meios de promoção de marcas e produtos em todo mundo e não seria diferente no Brasil, e, por consequência, ganhando grandes e nobres de espaços na mídia, em que se tornou um conteúdo valioso;

(iv) O entendimento, pelas autoridades, de que o esporte tem importância social, política e, obviamente, eleitoral muito significativa. O esporte pode ser o diferencial de uma administração ou de uma campanha, exemplos não faltam, inclusive com a aprovação de leis de financiamento do esporte (Lei Agnelo/Piva, Leis de Incentivo ao Esporte dos Estados Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, entre outros e de vários municípios);

(v) O histórico empreendedorismo existente no esporte nacional que resultou nos milhares de clubes esportivos e academias voltadas para atividades físicas presentes em todo Brasil. Estas instituições são iniciativas individuais e coletivas que colocam o país entre as nações do mundo com grande número de instituições esportivas. Em 2003, o Brasil contava com aproximadamente 20.000 academias, contra 23.500 na EUA, 6.500 na Alemanha e 4.000 na Espanha (ver capítulo "Academias" neste Atlas). O futebol brasileiro tem aproximadamente 800 (oitocentos) clubes profissionais contra cerca de aproximadamente 500 (quinhentos) de toda Europa (Fonte: CBF e UEFA). Números como estes se repetem em várias áreas ligadas ao setor;

(vi) A figura do consumidor de esporte, que produz a mais marcante das explicações ligadas ao vertiginoso crescimento da atividade física

e do esporte no Brasil e por consequência da atividade econômica ligada ao setor. Segundo dados coletados por este Atlas o PIB do Esporte no Brasil teria crescido 12,34% entre 1996 e 2000, contra 2,25% de toda economia brasileira e este ator da economia esportiva é sem dúvida um dos maiores responsáveis por isto. Porém, esta enigmática figura em princípio não pode ser chamado de esportista pura e simplesmente: ele ou ela é na verdade um/a consumidor/a de serviços (frequentador de academias, clubes, estádios, programas e canais de TV e rádio especializados, entre outros serviços) e um/a comprador/a de mercadorias ligadas ao esporte (material esportivo, moda esportiva, calçado esportivo, equipamentos – bicicletas, esteiras ergométricas, aparelhos de ginástica, entre outras coisas). Trata-se, em resumo, de um fiel consumidor dos produtos ligados direta e indiretamente ao negócio esportivo. Ele ou ela pode ser encontrado/a em clubes, academias, parques públicos, ruas, ciclovias e também em shopping, lojas de material esportivo e outros templos de consumo.

O consumidor de atividades físicas e do esporte é a figura central de todo o processo de crescimento. É ele quem demanda as políticas públicas, as inovações tecnológicas e metodológicas das academias, as melhorias nos equipamentos e instalações dos clubes esportivos, a modernização e permanente renovação da moda esportiva (vestuário, calçado, etc); e é ele quem determina o tamanho e conteúdo da mídia, da publicidade e propaganda ligada ao setor.

Estabelecendo contrapontos Aceitando-se que o esporte e as atividades físicas no Brasil já possuem um peso social, político e econômico considerável no Brasil, é pertinente admitir a existência de vários problemas, do ponto de vista econômico, que dificultam o desenvolvimento da atividade física e do esporte no Brasil, podendo-se citar entre os mais evidentes reinterpretados dos diversos capítulos da presente obra e do conhecimento corrente:

(a) Um desequilíbrio de investimento entre as várias formas de manifestação do esporte (o alto rendimento leva quase todos os recursos de origem pública e de patrocinadores privados investidos ou destinados ao esporte no Brasil);

(b) A falta de incentivo e de visão para que as empresas privadas invistam no esporte, como meio de promoção e como área de negócios;

(c) Os gestores de esporte na sua grande maioria não são qualificados ou preparados para exercer suas funções;

(d) O desconhecimento da cadeia produtiva do esporte e por consequência da força econômica do esporte e de sua capacidade de gerar emprego e renda no país;

(e) A inexistência de qualquer tipo de incentivo, financiamento e segurança para o empreendedor esportivo no Brasil. Atualmente os clubes em geral enfrentam graves problemas financeiros, oriundos não apenas de administrações no mínimo desastrosas, mas também de decisões políticas e legislativas confusas, contraditórias e instáveis. O marco legal do esporte brasileiro não é sólido e o pouco que existe é considerado instável e impreciso pelos investidores internacionais. As academias, apesar de prestarem um serviço de grande valor social e poderem ser consideradas como propagadoras de hábitos saudáveis e recomendados a todos, sendo por tanto instituições de prevenção de problemas de saúde, são tratadas como empresas comuns, igualadas a salões de beleza e bares. As academias, com o reconhecimento pelo Conselho Federal de Saúde de que os Profissionais de Educação Física são profissionais de saúde (Resolução N°218 do Conselho Nacional de Saúde, de 6 de março de 1997), poderiam ser enquadradas como estabelecimentos de saúde preventiva, e assim terem um tratamento fiscal diferenciado. Seus frequentadores poderiam, através de cálculos atuários simples, obterem descontos em seus planos de saúde e seguros pessoais. Isto provavelmente aumentaria a frequência e uma diminuição da rotatividade de alunos que este tipo de negócio enfrenta.

(f) A falta de estudos sobre o consumidor do esporte. Apesar de ser a figura central e a máquina motriz de todo movimento econômico do esporte, seja como praticante, seja como consumidor, seja como assistente e torcedor, o consumidor do esporte é muito pouco ouvido. Em todas as vezes que foram ouvidos, e não foram muitas, mostraram novas e interessantes oportunidades de negócios e grandes ameaças existentes para as instituições esportivas que realizaram tais pesquisas. Alguns exemplos interessantes são o do Clube Atlético Paranaense, o SESI-RJ, o SESC em vários estados e muitas outras instituições da área que já mostraram uma sensibilidade mais apurada quanto ao seu cliente.

Tendências dos investimentos Realizando uma pequena análise destes itens, pode-se observar que no primeiro item sob o ponto de vista da captação de recursos, o esporte de alto rendimento é altamente atrativo para produtos e empresas em busca de promoção, mas também existe uma concentração de recursos públicos nesta manifestação do esporte. Isto parece ser consequência de uma maior organização e apelo que esta atividade possuiu junto ao poder público. Quanto ao segundo item levantado, as poucas empresas que fazendo investimentos de forma contínua no esporte no Brasil são as estatais. A partir de 1991 as estatais passaram a investir no esporte. Estes investimentos procuram atingir dois objetivos básicos: em primeiro lugar o de apoiar o desenvolvimento do esporte e das representações nacionais (seleções) de várias modalidades e em segundo lugar o de utilizar o esporte para alavancar negócios e projetos de cada uma delas. Este investimento, entre os anos de 2000/2003, foi da ordem de aproximadamente R\$ 270.000.000,00 (duzentos e setenta milhões de reais), segundo dados do Tribunal de Contas da União, sendo estes de fundamental importância para melhoria do esporte de alto rendimento no Brasil e explicitando uma política de governamental na área esportiva.

Tendências das políticas públicas Um passo importante para o desenvolvimento do esporte foi a série de legislações sobre esporte que a partir da Lei Zico (1993) até a Lei Agnelo/Piva, reordenaram a organização do esporte no Brasil e, no nosso caso, principalmente, preocuparam com o financiamento da prática do esporte no país. Essa legislação foi acompanhada pela criação de instâncias governamentais no nível federal, estadual e municipal que acabaram em 2003 possibilitando a criação do Ministério do Esporte, órgão responsável pela elaboração e implementação de em políticas públicas nacionais da área. Como se pode notar, a institucionalização do esporte é no Brasil um processo muito recente, isto explica em parte a pouca quantidade de gestores esportivos especializados e preparados. Tal processo repete-se na área privada e no terceiro setor, pois também só agora o esporte está sendo administrado profissionalmente e esta transformação não é algo simples e rápido.

Tendências econômicas O desconhecimento da cadeia produtiva do esporte gera uma série de problemas relacionados com as empresas brasileiras que tem seus produtos e serviços ligados diretamente ou indiretamente ao esporte. A partir deste mapeamento podem ser conhecidos os níveis de nacionalização desta cadeia, a criação de processos de transferência de know-how, através da criação de parcerias entre empresas nacionais e internacionais e de leis de incentivo a produção de similares de nacionais de equipamentos esportivos e de serviços relacionados ao esporte. No que se refere ao empreendedor esportivo e ao consumidor do esporte, existe uma grande lacuna de informações precisas que devem ser preenchidas por estudos mais aprofundados e debates mais efetivos para, no caso das instituições esportivas, encontrar uma saída legal e possível visando equacionar as dívidas existentes e construir um marco legal que possibilite a estabilidade e segurança dos investidores esportivos nacionais e internacionais. Para as instituições que desenvolvem atividades físicas é de

fundamental importância envolvê-las no sistema de prevenção da saúde, criar um novo tipo de enquadramento fiscal e possibilitar as pequenas empresas da área o acesso a linhas de crédito especiais.

O consumidor esportivo deve ser estudado e pesquisado como um tipo muito especial de consumidor. Por exemplo, um jogador sazonal de tênis, consome muitos produtos específicos para sua atividade (raquetes, bolas, etc) e produtos de uso geral para os praticantes de esporte (vestuário, calçados, etc), além disto ele demanda serviços técnicos (professores, treinadores, boleiros, etc) e gerais (manutenção da quadra, iluminação, atividades de apoio, etc.). Como vemos, em cada esporte vamos encontrar um consumidor único e diferenciado. É dele que vem grande parte dos recursos que a atividade física e o esporte movimentam. E isto se repete também no consumidor de esporte não-praticante ou praticante ocasional. Trata-se ainda de figura pouco definida, mas é ela de fundamental importância no contexto econômico do esporte. Este indivíduo apesar de não praticar esportes e atividades físicas em níveis adequados quer se manter na moda. Ele e ela demandam vestuário e calçados esportivos (esportivos com marcas famosas e destinados à prática esportiva), objetos esportivos (símbolos, bandeiras, faixas, lembranças, etc.), programas esportivos na mídia, espetáculos esportivos e vários outros itens. Portanto, deve-se observar que o mercado consumidor de esporte não é apenas formado pelo praticante regular de esportes e atividades físicas, mas sim de um conjunto de consumidores com variados interesses e motivações, amplo e que envolve vários grupos sociais e econômicos que não só os esportistas no sentido estrito da expressão.

Um novo cenário Vários projetos estão sendo propostos em todo país para a criação de fontes de receitas para o esporte. Os debates e propostas estão a todo o momento sendo levantados. Existe uma urgência e uma certa premência em busca de soluções. Clubes, federações, atletas, programas públicos e privados de esporte e os consumidores de esporte entre outros aguardam ansiosos por propostas e soluções para a permanente falta de recurso que muito prejudica o desenvolvimento do esporte no Brasil. Recentemente, no início de 2004, o Governo Federal começou a reunir estas idéias e propostas e as colocou em debate. Para isto o Ministério do Esporte-ME convocou a 1ª Conferência Nacional de Esportes, da qual a partir de idéias e propostas vindas dos Municípios, debatidas nos Estados, foram tiradas várias linhas de ação para o esporte nacional.

A principal delas foi a criação do Sistema Nacional de Esportes. Previsto na Lei Pelé, sob o nome de Sistema Brasileiro do Desporto, e nunca implementado. Este ganhou na 1ª Conferência Nacional do Esporte uma designação mais ampla: Sistema Nacional de Esporte e Lazer, onde três eixos foram considerados fundamentais: uma Política Nacional de Recurso Humanos para o Esporte; uma Política Nacional de Financiamento do Esporte; e um Sistema de Controle Social sobre estas políticas. Levando em consideração nosso tema, iremos listar e analisar fontes e diretrizes do financiamento do esporte nacional saídos desta Conferência, que foi sem dúvida marcante no processo de evolução do esporte brasileiro. Foram consideradas como fontes de financiamento do esporte:

(1) Recursos Públicos Diretos da União, dos Estados e Municípios: neste aspecto foi indicada a vinculação orçamentária mínima, através de emenda constitucional, de 1% nos três níveis governamentais. Isto apenas no nível federal significa multiplicar o atual orçamento por 50 (cinquenta), pois o atual orçamento do ME é equivalente a 0,02% do Orçamento da União. Fazendo uma conta em números gerais, relativos 2002, quando PIB Nacional atingiu a marca de 1.321.490.000.000,00 (um trilhão, trezentos e vinte e um bilhões, quatrocentos e noventa milhões de reais) e a carga tributária atingiu a marca de 35,86, significando uma quantia de R\$ 473.844.000.000,00 (quatrocentos e setenta e três bilhões oitocentos e quarenta e quatro milhões de reais). Este 1% significará aproximadamente R\$ 4.738.440.000,00 (quatro bilhões, setecentos e trinta e oito milhões, quatrocentos e quarenta mil reais) para o esporte brasileiro.

(2) Recursos Públicos de órgãos e instituições da administração indireta das esferas dos Municípios, dos Estados e da União: são os recursos das estatais que conforme mencionado anteriormente, por iniciativa própria, investiram entre os anos de 2000/2003 aproximadamente R\$ 270.000.000,00 (duzentos e setenta milhões de reais), existindo uma orientação central, que parece estar sendo implementada pela Secretaria de Comunicações e Propaganda de Presidência da República, da aplicação destes recursos, os resultados podem gerar melhores resultados para o esporte e para empresas. Deve-se observar que foi indicada a extensão deste processo para as outras esferas de poder a responsabilidade deste investimento, que, no momento, está restrito as empresas da União.

(3) Recursos provenientes da vinculação de parte das receitas de impostos e taxas nas esferas de Municípios, Estados e União: esta proposta vincula algumas fontes de receitas dos três níveis, isto é, a União, os Estados e os Municípios devem vincular parte de alguns impostos e taxas para esporte, independente da vinculação orçamentária prevista no primeiro ponto.

(4) Recursos provenientes de medidas de incentivo fiscal: aprovação de uma lei federal de incentivo fiscal para o esporte, acompanhada de leis estaduais e municipais de mesma natureza, pode ser um dos passos mais importantes neste processo. Esta lei deve ser debatida com todo o universo das entidades esportivas e profissionais.

(5) Recursos provenientes da vinculação de parte das receitas de concursos de prognósticos, loterias e outras modalidades de apostas: a regulamentação dos concursos de prognósticos, loterias e outras modalidades de apostas é fator de fundamental importância para o financiamento do esporte, principalmente para entidades locais de gestão (federações) e prática esportiva (clubes e associações esportivas). No mundo existem vários exemplos de como isto pode ser feito e como fraudes e outros problemas foram evitados. O jogo é um atrativo turístico e uma grande fonte renda para trabalhos sociais, desde que legalizado, regulamentado e fiscalizado.

(6) Recursos provenientes de Fundos e outras medidas de fomento ao esporte e ao lazer: vários são fundos que podem ser utilizados para financiar o desenvolvimento do esporte. Um bom exemplo é o Fundo do CONANDA, voltado para o desenvolvimento de atividades voltadas para crianças e adolescentes, que prevê sua utilização também em atividades esportivas. O FAT também pode ser utilizado para desenvolvimento e treinamento de pessoal, sendo assim um conjunto de recursos pode ser somados aos recursos do esporte brasileiro.

(7) Recursos provenientes de linhas de crédito e incentivos a toda a cadeia produtiva vinculada ao segmento: o incentivo à indústria nacional voltada ao esporte e as empresas de serviço que atuam na área são de fundamental importância para o desenvolvimento do esporte no país. Este processo de financiamento deve ser precedido de um estudo da cadeia produtiva do esporte nacional, com intuito de levantar seu tamanho e o seu nível de nacionalização, isto é, deve-se determinar qual o PIB do esporte no Brasil e quais são os produtos e empresas que podem receber incentivos para que passem a ser produzidos localmente e começam a gerar empregos e renda no país.

Em síntese, a definição das fontes de receitas ou a indicação de onde devem vir os recursos para a atividade física e o esporte no Brasil é um fator básico para o crescimento do setor. Nestes termos, a Conferência criou Diretrizes para a aplicação destes recursos. Elas foram definidas na parte do documento final da Conferência intitulado: "Diretrizes de aplicação dos recursos destinados ao financiamento do Sistema Nacional do Esporte e do Lazer", as quais são descritas a seguir: (A) Assegurar a permanência e continuidade do financiamento; (B) Atender as três esferas: Municípios, Estados e União a partir das competências de cada um; (C) Atender ao conjunto das entidades do esporte nacionais e estaduais, os atletas e a população atendida no âmbito do Sistema Nacional do Esporte; (D) Assegurar a implementação das políticas que visem a inclusão social e ao atendimento às pessoas com deficiências e com necessidades especiais; (E) Atender à infraestrutura e aos equipamentos necessários à implementação das políticas e programas; (F) Atender à capacitação dos recursos humanos já inseridos no segmento e à formação de novos recursos humanos qualificados; (G) Atender ao fomento e desenvolvimento científico e tecnológico; (H) Contemplar a multiplicidade experiências e especialidades regionais de todo o território nacional e a equidade na aplicação dos recursos (Fonte: Texto Básico aprovado na 1ª Conferência Nacional de Esportes).

Estas diretrizes procuram criar parâmetros para os recursos que serão investimentos no esporte, Estes parâmetros são: o da continuidade do financiamento, evitando-se assim sazonalidade típica que persegue os recursos do esporte no Brasil; o envolvimento de todas as esferas governamentais neste processo; procurar uma distribuição mais equitativa dos recursos, englobando todas as manifestações do fenômeno esportivo, a criação e manutenção da infra-estrutura, o desenvolvimento dos recursos humanos necessários e o investimento em pesquisas científica e tecnológica ligadas à área. Implementadas estas Fontes de Recursos e as Diretrizes, será criado um passo importante para o desenvolvimento da atividade física e para o esporte no Brasil. Sua implementação deverá gerar uma transformação no setor, em razão de não só existirem mais recursos, como passam a existir normas (as diretrizes)

para a utilização destes recursos. No entanto, existe uma lacuna, compreensível neste momento e que foi gerada por uma necessidade atual do processo de desenvolvimento da atividade física e do esporte. A pouca atenção dada neste fórum sobre as formas de incentivar o consumo esportivo e direcionar estes recursos para o desenvolvimento do setor, criando assim um círculo virtuoso para o esporte brasileiro. Para se chegar em um modelo deste tipo é necessário primeiro garantir a Premissa Constitucional que diz que todos têm direito ao esporte, e que isto é um dever do Estado. A 1ª Conferência Nacional de Esporte partiu nesta direção: após garantir esta premissa, será chegada a hora de buscar o mercado para a sustentação do processo e sua ampliação e isto ocorrerá a partir do entendimento de quem é o consumidor esportivo no Brasil e quais são os seus desejos e interesses.

Tendências de desenvolvimento do esporte sob ponto de vista econômico A junção destes dados e análises permitem projetar algumas tendências do campo econômico do desenvolvimento da atividade física e do esporte do Brasil:

(I) Deverá haver nos próximos anos um significativo aumento dos recursos públicos destinados ao esporte no Brasil. Isto se dará em consequência de uma maior vinculação dos orçamentos públicos, da criação de leis de incentivo fiscal para o esporte nos três níveis governamentais, pela captação de recursos provenientes de Fundos públicos específicos (CONANDA, FAT, etc);

(II) Deverá acontecer uma distribuição mais equitativa do investimento público nas várias formas de manifestação da atividade física e esportiva no Brasil;

(III) Haverá uma maior participação das empresas privadas no financiamento do esporte, através de patrocínios e até mesmo como forma de investimento alternativo, em razão não só de futuras leis de incentivo fiscal, como também pelo apelo que o esporte passou a ter no mercado publicitário;

(IV) Acontecerá um aumento da demanda por atividades e físicas e esportivas por parte da população, em razão de uma maior conscientização por atividades físicas e esportivas, isto irá gerar um aumento da demanda por produtos e serviços ligados a estas atividades, e por consequência passam a gerar mais empregos e receitas no esporte;

(V) Uma maior nacionalização na produção de equipamentos e materiais esportivos em razão do aumento da demanda por estes itens gerada pelo aumento da prática de atividades físicas e esportivas. Este processo pode e deve ser acompanhado por políticas públicas de incentivo às empresas nacionais ligadas a área;

(VI) Um aumento na participação do esporte em toda mídia por consequência da valorização social, mercadológica e política das atividades físicas e esportivas no Brasil;

(VII) O consumidor de esportes será "descoberto" no Brasil a partir de estudos e pesquisas que já começam a mostrar importantes características deste consumidor especial. Será "descoberto" que ele é motor do processo de desenvolvimento da atividade física e esportiva no Brasil.

Situação atual Estas tendências antes aqui arroladas estão hoje se manifestando por necessidades evidentes. A primeira delas implica em priorizar estudos e investigações sobre o mercado esportivo brasileiro e todos os seus componentes, com especial atenção para o consumidor do esporte, em suas várias facetas (praticante, comprador, assistente, etc.), sob pena de a atividade física e esportiva não aproveitar o momento especial que este mercado tem agora e pelas próximas décadas. Afinal, o século atual é do movimento orientado e esportivo, e é através dele que a humanidade manterá sua saúde e sua integridade corporal. A segunda incide em uma maior profissionalização da gestão das entidades esportivas, públicas e privadas, seja na parte técnica, seja na parte de gerenciamento. Isto consequentemente vai demandar a necessidade de uma melhor formação dos profissionais envolvidos na área, com destaque para a formação de gerentes capacitados especificamente para a área. A terceira refere-se à realização de pesquisas e estudos mais profundos na área da gestão e da economia do esporte no Brasil, destacando-se os seguintes assuntos: cálculo do PIB do esporte no Brasil; cadeia produtiva das atividades físicas e esportivas terá de ser mapeada e avaliada; modelos de gestão das entidades públicas e privadas deverão ser reformulados para este novo mundo esportivo, mais profissional e menos intuitivo. Em síntese, as possibilidades aqui aventadas têm sentido projetivo num cenário bem simplificado em suas tendências principais. Em outras palavras, definindo-se o tamanho econômico do esporte no Brasil criar-se-á mais uma base para orientação do desenvolvimento do país.

Cenário de tendências de emprego na área de esportes e atividades físicas

RODRIGO FORTINI BOSCHI

Scenario of employment trends in sports and physical activities

Brazil has today 1,585,414 jobs directly and indirectly linked to sports and physical activities, which represents 2,42% of the employed population in the country. In 2003 there were 57.1 very active or active individuals for each qualified physical education professional. However, as the percentage of regularly active individuals can increase

(the occasionally active individuals become regularly active as research shows) around 2% a year, it is possible to project that the number of new regular or very active participants would go up to 338,013 a year, producing more intensive demand in terms of qualified professionals in physical education. This characteristic of intensive

and qualified labor plus the fact that sports practices are in great part self-financing (the individuals themselves who are responsible for most of the necessary investments and expenses) make the area of sports and physical activities very attractive for public policies that stimulate the job market expansion.

Definições Neste Atlas, um cenário descritivo trata de uma situação presente que pode projetar uma situação futura. A partir das informações constantes no “Cenário de tendências gerais dos esportes e atividades físicas” (doravante “Cenário geral”), desta publicação, podem-se traçar algumas tendências de geração de emprego visando-se ao estabelecimento de ponto de partida para novos estudos, já que tais pesquisas de impactos são ainda novidade no Brasil. Metodologias e critérios internacionalmente consagrados já foram citados e aplicados ao longo do presente mapeamento. Mas em se tratando de lugares de trabalho gerado pela área esportiva e de atividades físicas, o conhecimento gerado no Atlas ainda é rudimentar, o que aconselha a se fazer mais interpretações pontuais do que mensuração e projeção do emprego.

Esporte como mão de obra intensiva Segundo estimativas do Cenário geral, existem 1.585.414 empregos ligados direta ou indiretamente ao esporte, o que representa 2,42% da população empregada no Brasil. Tendo em vista que, segundo a mesma fonte, o esporte movimentava 1,7% do PIB nacional, pode-se então interpretar que esta é uma atividade econômica intensiva em mão-de-obra. Afinal, sua participação no emprego nacional é 42,4% maior que o correspondente no PIB nacional. Infere-se, então, que políticas visando queda na taxa de desemprego que incluem a área de esporte e atividades físicas têm boas chances de serem eficientes no Brasil. Outro dado que corrobora a visão de eficiência é que há 870.000 empregos diretos e para cada um deles, o esporte gera 0,82 emprego indireto, ou seja, gera-se quase um outro em alguma área correlata. O esporte é, portanto, um forte multiplicador de empregos para outros setores da economia. Na prática há múltiplas evidências desta repercussão quando se aprecia a diversidade de profissionais de outras áreas que são necessários para gerar a atividade esportiva: jardineiros, faxineiros, marceneiros, costureiros, zeladores, operários da construção civil, hotelaria, indústria de vários ramos etc.

Confirmações deste fato têm ocorrido em outros países: na Suíça, por exemplo, um levantamento de Augsburg (2000) numa amostra de 1.481 clubes identificou cerca de 24.000 postos de trabalho de tempo integral, equivalente a um impacto na economia de 1,5 bilhões de Francos Suíços / ano. Estes clubes ofereciam práticas relacionadas a 87 diferentes modalidades esportivas, além de serviços de apoio como rouparia, lojas, atendimento, secretaria etc. Como parcela importante destes postos de trabalho é ocupada por voluntários ou por assalariados de tempo parcial, o custeio das atividades é relativamente baixo e, portanto, eficiente em relação aos resultados sociais e econômicos. Destes dados pode-se aqui então inferir que o esporte em geral opera com mão de obra intensiva e barata por sua natureza peculiar de ter suportes no voluntariado. E como tal, o investimento para por em marcha atividades esportivas é baixo em face aos seus resultados econômicos, sinalizando opções de políticas públicas de emprego de elevada rentabilidade pelo efeito global. Entretanto, embora a capacidade multiplicadora do emprego seja alta no contexto esportivo brasileiro, é importante observar que cada trabalhador (direto ou indireto) “atende” a 57,1 praticantes de atividade física. Se considerarmos apenas os empregos diretos, temos que cada trabalhador do setor esportivo é responsável por 105,1 praticantes. Isso ocorre porque grande parte dos praticantes é autônoma, ou seja, fazem atividade física por conta própria. Tal característica inibe os empregos diretos, mas não

os indiretos, pois os praticantes autônomos compram equipamentos esportivos da mesma forma.

Mão de obra qualificada O cenário descrito acima nos indica que ainda há mercado para os profissionais do esporte. Mas será que o mercado de profissionais qualificados também é vasto? Para responder a esta indagação, pode-se fazer dois cortes nos dados disponibilizados pelo Cenário geral: trabalhar com profissionais qualificados e com praticantes muito ativos ou regulares. Profissionais qualificados são aqueles considerados como graduados e provisionados, registrados ou não, no critério do Conselho Federal de Educação Física (ver capítulo ‘Recursos humanos, instalações esportivas e organizações de base’ neste Atlas). Quanto aos praticantes, excluiremos os ocasionais por apresentarem até 11 participações por ano em atividades físicas, não demandando portanto mão de obra qualificada. Usando os critérios descritos acima, pressupõe-se que cada profissional qualificado é responsável por 57,1 praticantes muito ativos ou regulares. Dois aspectos influenciarão este índice: o alto crescimento de cursos de Educação Física (55,4% dos cursos têm menos de 5 anos de atividade) e o crescimento da prática esportiva no Brasil. A questão é: o crescimento dos profissionais qualificados e da prática esportiva está sendo feito de forma a manter o equilíbrio no mercado de trabalho?

Cenário futuro Supondo-se que a média atual de 57,1 praticantes muito ativos ou regulares por profissional qualificado esteja próxima do equilíbrio do mercado de trabalho, ou seja, não haveria excesso nem escassez de mão de obra. Hoje, existem 194,4 estudantes de Educação Física matriculados por faculdade, gerando uma média de 24,3 alunos por semestre. Como há 397 cursos de Educação Física em atividade no país, a projeção é de 19.294,2 novos profissionais por ano. Para se ter uma noção da pressão que isso representa sobre o mercado de trabalho de profissionais qualificados no esporte, basta ponderar que caso não surjam novas faculdades ou escolas de Educação Física, o número de profissionais graduados (oferta de mão de obra) dobrará em pouco menos de doze anos e meio. Por outro lado, dados do Agita SP constantes no Cenário geral apontam para uma migração de praticantes ocasionais para regulares na ordem de 2% ao ano. Esta taxa foi validada para o estado de São Paulo, porém se adotada para o Brasil haverá por hipótese, um aumento de 338.013,7 novos praticantes regulares ou muito ativos por ano. A tendência previsível no caso, é que parte dos praticantes regulares migre para a faixa dos muito ativos, produzindo um efeito de demanda mais intensiva em mão obra qualificada em Educação Física. Entretanto, outras hipóteses não foram consideradas neste exercício de projeções dando-lhe então validade limitada e provisória.

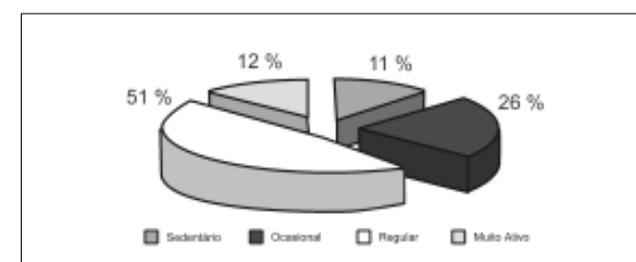
Confrontando os dados de crescimento de profissionais de Educação Física qualificados com dados de crescimento da prática esportiva, torna-se perceptível que para cada novo profissional, há 17,5 novos praticantes regulares. A análise desses dados deve ser feita sob duas óticas, sendo a primeira pessimista: o índice de 17,5 novos praticantes regulares para novo profissional qualificado está abaixo do equilíbrio, produzindo-se nos próximos anos, portanto, um excesso de oferta de profissionais qualificados. A segunda é otimista: o número de praticantes muito ativos também tende a aumentar, pois regulares migrarão para esta faixa de

atividade física. Como os praticantes muito ativos demandam mais mão de obra qualificada, cada profissional atenderá menos praticantes, mas tal atendimento será mais intenso. Ademais, o crescimento da atividade esportiva vivenciado pela sociedade brasileira goza de pouco incentivo. Certamente políticas públicas que visem incentivar a prática esportiva serão capazes de absorver parte dos novos profissionais de Educação Física, gerando mais empregos indiretos e afetando positivamente estatísticas de saúde, educação e segurança.

Do ponto de vista econômico, vale ressaltar que a prática esportiva é em grande parte auto-financeável, ou seja, o próprio praticante se responsabiliza pela maior parte do investimento necessário (compra tênis, roupa, paga clubes e academias etc.), gerando mais empregos sem muitos investimentos públicos. Portanto, programas e políticas públicas que incentivem a prática esportiva são formas baratas de combater ao desemprego. E como já foi salientado, o combate ao desemprego se dá não apenas no setor esportivo, mas em atividades correlacionadas, como indústria têxtil e construção civil. Em resumo, a área esportiva por suas características gerais solicita menos agravos e mais incentivos fiscais do que intervenções diretas governamentais cujos custos são repassados para a sociedade sob forma de despesas do setor público. Um reforço a esta conclusão encontra-se em dados da revista Exame (2004), ao mostrar que 57% dos empregos do setor “Atividades Recreativas e Culturais” estão na informalidade. Muito embora este valor seja acima da média da economia brasileira (42% dos empregos são informais), ele é inferior a de outros setores da economia como “Agricultura e Pecuária” (90% informal), “Construção” (71% informal) e “Vestuário e Acessórios” (62% informal). Estes setores são aqui citados porque eles historicamente são contemplados no Brasil com políticas de incentivo sob o argumento de “alavancarem” outras áreas da economia, ou seja, de terem um alto efeito multiplicador. O ponto é que o setor em que o esporte está inserido, além de também ter um alto efeito multiplicador para outros setores da economia e ser uma atividade auto-financeável, também gera mais receita para o Estado, pois é menos informal que as atividades supra citadas.

Fontes Augsburg, W. *The Swiss Olympic Association. International Symposium Volunteers, Global Society and the Olympic Movement.* Documents of the Olympic Museum, Lausanne, 2000, pp. 235 – 238; Revista Exame, edição n° 819, 2004.

Brasil – Perfil de participação em esportes, 2003 Brazil – Participation in sports profile, 2003



Cenário da formação profissional em Educação Física, esportes e atividades físicas no Brasil

JOÃO BATISTA ANDREOTTI GOMES TOJAL

Scenario of professional training in physical education, sports and physical activities in Brazil

The number of institutions devoted to the undergraduate training of professionals in physical education and sports in Brazil is one of the largest in the world: 279 Instituições de Ensino Superior (Undergraduate Schools– IES) with 397 undergraduate programs, with at least 77,000 registered undergraduate students according to 60% of the institutions that participated in the 2003 survey run by the Conselhos Regionais de Educação Física (Regional Councils

of Physical Education-Crefs). The survey that encompassed the different Brazilian regions included the following items: IES administrative linkage (whether public – federal, state or municipal – or private institution) with the respective locations, startup year and numbers of students, and number of graduated and working professionals (see Tables below). A summary of the number sports facilities of the whole country was included at the end after

information collected in 3,659 out of 5,510 Brazilian municipalities. The data reveal that the offer of professional training in physical education, sports and physical activities in Brazil has been growing as new jobs start to open. The number of IES has continually been increasing in a large scale within the last two decades with no signs of saturation. This suggests that a new stage might be settling in: the emphasis will be shifting from quantity to quality.

Origens e definições A preparação de profissionais em Educação Física no Brasil, através do sistema de ensino superior, teve início na década de 1930 com a abertura de cursos, em São Paulo, Vitória e Rio de Janeiro. Antes deste estágio a formação ocorrera em diferentes formas, por várias instituições e/ ou por mera improvisação de instrutores (ver capítulo "Graduação em Educação Física" neste Atlas). Pelo diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil, desenvolvido em 1971, segundo DaCosta, (1971), o crescimento dessa preparação a partir desse início, deu-se num ritmo de 3 a 4 (três a quatro) Instituições de Ensino Superior – IES de Educação Física, por década, mas contudo, houve alteração significativa a partir de 1968, uma vez que nos quatro anos seguintes foram implantadas mais trinta e uma IES privadas no país. Segundo esse mesmo autor, já em finais dos anos da década 1990, próximos à virada do século, e por estimativa, contabilizava-se cerca de 160 (cento e sessenta) IES, cobrindo todos os Estados da União, ou seja, existiam 200% IES a mais do que as 56 (cinquenta e seis) IES identificadas pelo diagnóstico de 1971. Constata-se, portanto, que existia à época uma tendência de crescimento vertiginoso no número de IES em Educação Física, certamente motivada pelo crescimento dos postos de trabalho, principalmente junto às academias de lutas, danças, ginástica, halterofilismo e de diferentes modalidades esportivas, serviços esses freqüentados por uma clientela que tem seguido modismos e indicações para a busca de uma melhor qualidade de vida ativa, e cujo universo de empregos tem representado ou contribuído para a absorção de 60 a 70% (estimativas de SP e RJ) dos profissionais que ingressam no mercado de trabalho a cada ano (ver capítulo "Academias").

-Tendências da formação profissional Os quadros gerais apresentados pelo capítulo deste Atlas referido às Instituições de Ensino Superior-IES de Educação Física demonstram a situação atual da preparação profissional em Educação Física no Brasil em termos quantitativos. Em finais da década de 1990, existia no país um total de 215 IES que ofereciam a preparação de profissionais na área, o que já em números gerais do país representava um acréscimo de 191,9% em relação às encontradas na década de 1980. Constata-se, portanto, que o crescimento inusitado antes identificado repetiu-se neste período. Os dados coletados para a organização deste Atlas indicam que essa tendência de crescimento foi ainda maior depois do início da presente década. Assim, ao se constatar que 46,13% das IES foram implantadas nos últimos três anos e, portanto, ainda não apresentavam formados ou mesmo formandos por ocasião do levantamento implica na diminuição da média de egressos nos últimos cinco anos. Por outro lado, um número considerável de cursos foi implementado nos últimos dez anos em todas as regiões do país, o que faz com que o número de formados em 2002, seja superior a média dos últimos cinco anos. Também deve ser destacado que os dados referentes ao número de IES representam a tendência efetiva existente. Contudo, os demais dados sobre número de formados e formandos pode apresentar certa distorção em todas as regiões, uma vez que algumas IES deixaram de fornecer esses dados. Situação que foge da tendência geral que se vem observando nesse segmento ocorre na região Nordeste, mais precisamente no Estado do Piauí, uma vez que dos 29 cursos, a Universidade Estadual do Piauí possui 26 núcleos de Graduação em diferentes cidades do interior e leva o Ensino Superior às áreas onde existe concentração

de demanda. O número de vagas é limitado e o Curso se encerra quando da conclusão curricular. Portanto, todos os 26 Cursos graduam apenas uma turma e são extintos ao final.

Em síntese, o cenário da formação profissional em Educação Física, esportes e atividades físicas no Brasil, aparentemente vem se desenvolvendo de modo correspondente à abertura de novos postos de trabalho neste setor, pois a expansão de grande porte das IES tem tido continuidade pelo menos há duas décadas sem sinais de saturação. Portanto, a situação observada quanto ao grande crescimento do segmento profissional de Educação Física, esportes e lazer insere em si mesma uma demanda de melhor qualidade na formação. Este foco na qualidade está ocorrendo em outras áreas do Ensino Superior no Brasil e deve se repetir com maior clareza nos próximos anos no segmento de atividades físicas. Cabe lembrar nestas condições que uma orientação segura e uma adequada intervenção profissional somente é viável quando prestada por profissionais graduados e habilitados. A partir deste requisito de desenvolvimento, tornam-se previsíveis a identificação e o estabelecimento de focos de especialização profissionais a serem implementados e competentemente desenvolvidos através da efetivação de estudos, pesquisas e cursos visando preparar esse contingente de profissionais para a resolução qualificada, competente, compromissada e ética dos problemas emergentes de toda a população nacional.

Fonte DaCosta, L.P., Diagnóstico da Educação Física e Desportos no Brasil. Ministério do Planejamento e Coordenação Geral e Ministério da Educação e Cultura / Editora FENAME, Brasília, 1971.

Dados gerais sobre IES, cursos, formandos e profissionais em Educação Física no Brasil, 2003

Mapping undergraduate schools (IES), undergraduate programs (cursos), undergraduate students and working professionals of P.E. in Brazil, 2003

Número de IES / Cursos – Brasil

Classificação / classification	Nº IES / number of IES	Nº Cursos
Federal	32	47
Estadual	26	71
Municipal	14	14
Privadas / private	207	265
Total de IES	279	397

Fonte / source: INEP / Sistema CONFEF/CREF's

Localização IES / Cursos – Brasil

Localização / location	Número / number of IES	Nº Cursos
Capital	94	111
Interior	200	286

Fonte / source: INEP / Sistema CONFEF/CREF's

Ano de início de funcionamento dos cursos no Brasil

Startup year of IES in Brazil

Total IES até 3 anos / less than 3 years	177
Total IES de 3 a 5 anos / less than 5 years	34
Total IES de 5 a 10 anos / less than 10 years	53
Total IES de 10 a 20 anos / less than 20 years	31
Total IES com mais de 20 anos / more than 20 years	96

Alunos e formandos em Educação Física, 2003 (1)

Number of undergraduate and graduating students in P.E., 2003

IES respondentes – Brasil / respondent IES in Brazil – 242 instituições

Média anual de formandos nos 5 últimos anos College graduates per year – average of last 5 years	5.156,06
Número de formandos em 2002 Number of graduates in 2002	8.924
Total de matriculados no 1º semestre de 2003 em todos os períodos Enrollment - first semester of 2003	77.165
Número de vagas oferecidas no 1º semestre de 2003 para 1º período Number of student openings -- first semester of 2003	31.637

(1) 59,90% das IES consultadas na região forneceram dados solicitados

Fonte / source: Sistema CONFEF/CREF's

Número de profissionais – Brasil / Number of professionals – Brazil, 2003

Base de informações / Data base: Sistema CONFEF/CREF

Status	Graduado / graduate	Provisionado / not graduated	Total
Registrados no Cref / Registered in Cref	70.052	25.955	96.007
Não registrados / not registered.(1)	158.617	53.993	212.610
Total	228.669	79.948	308.617

(1) Soma de estimativas estaduais feitas de acordo com critérios locais dos CREFs